trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

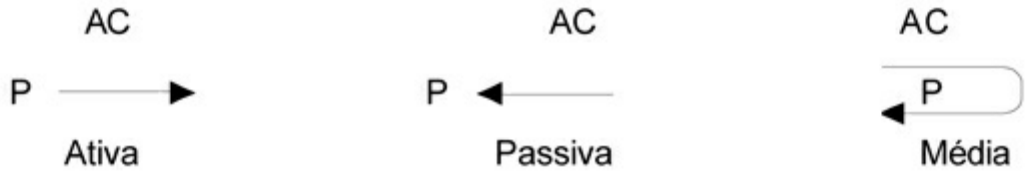

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

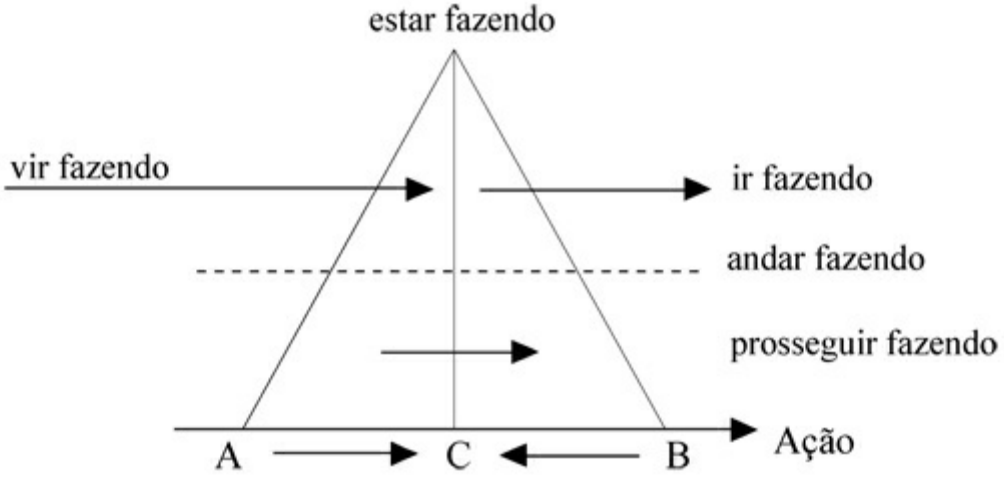

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

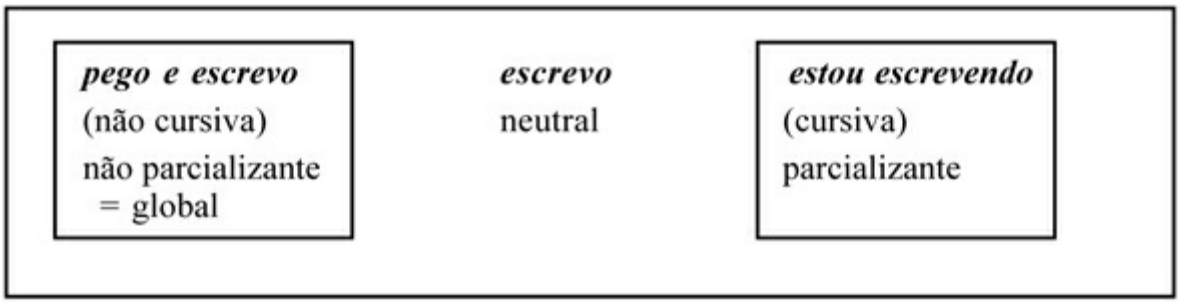

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

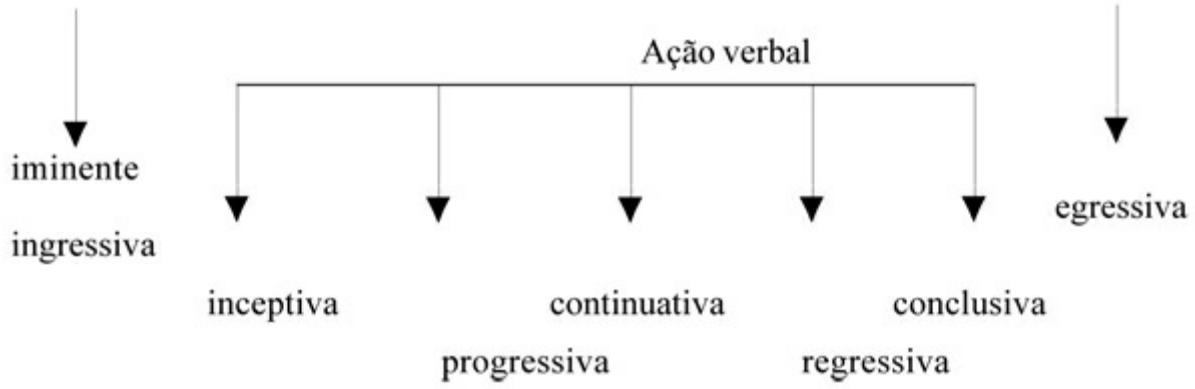

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

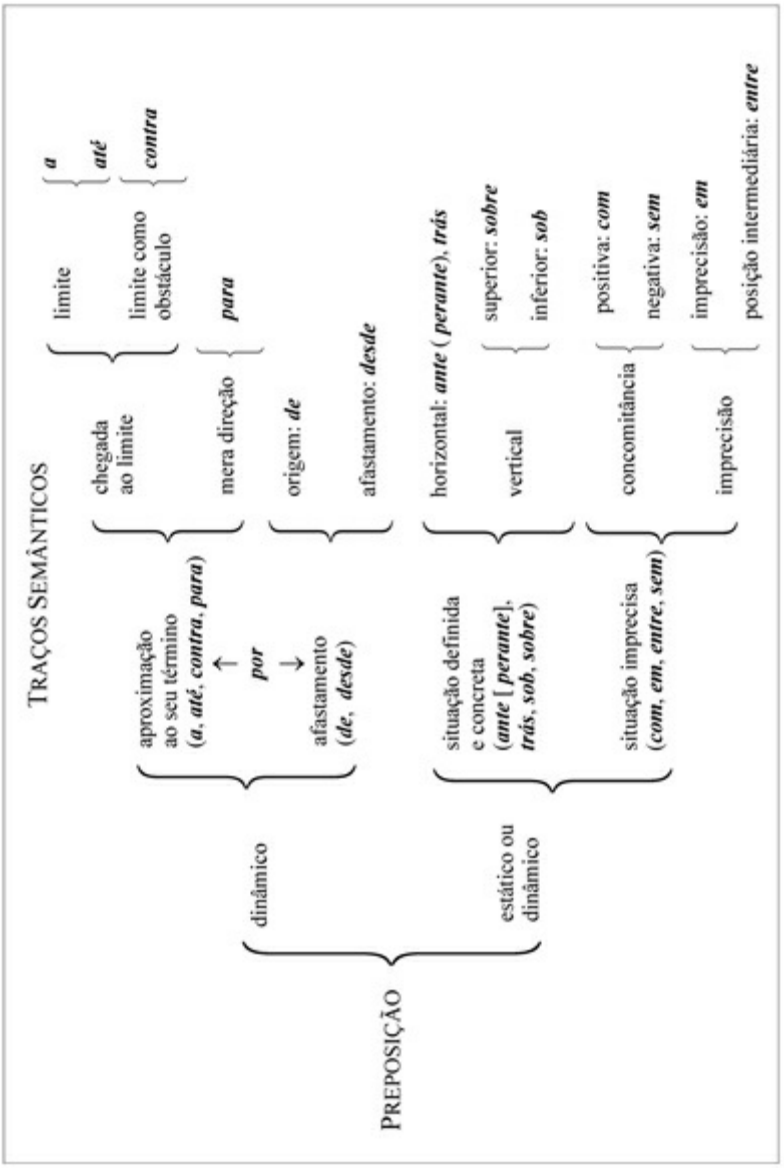

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

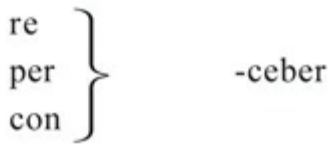

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

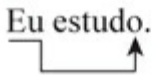

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

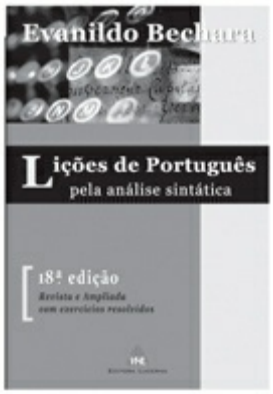

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

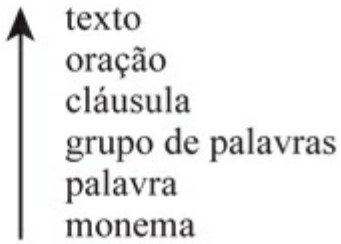

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

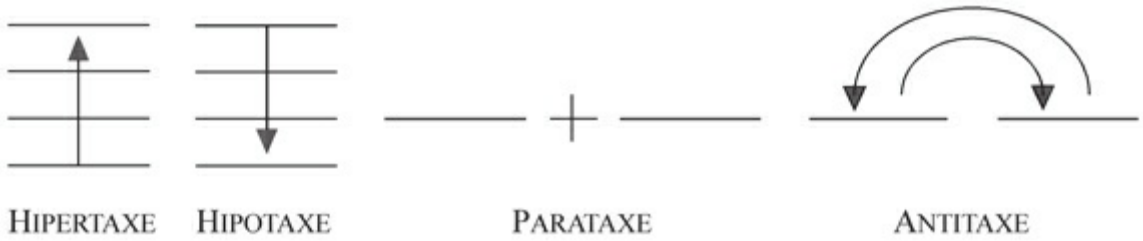

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

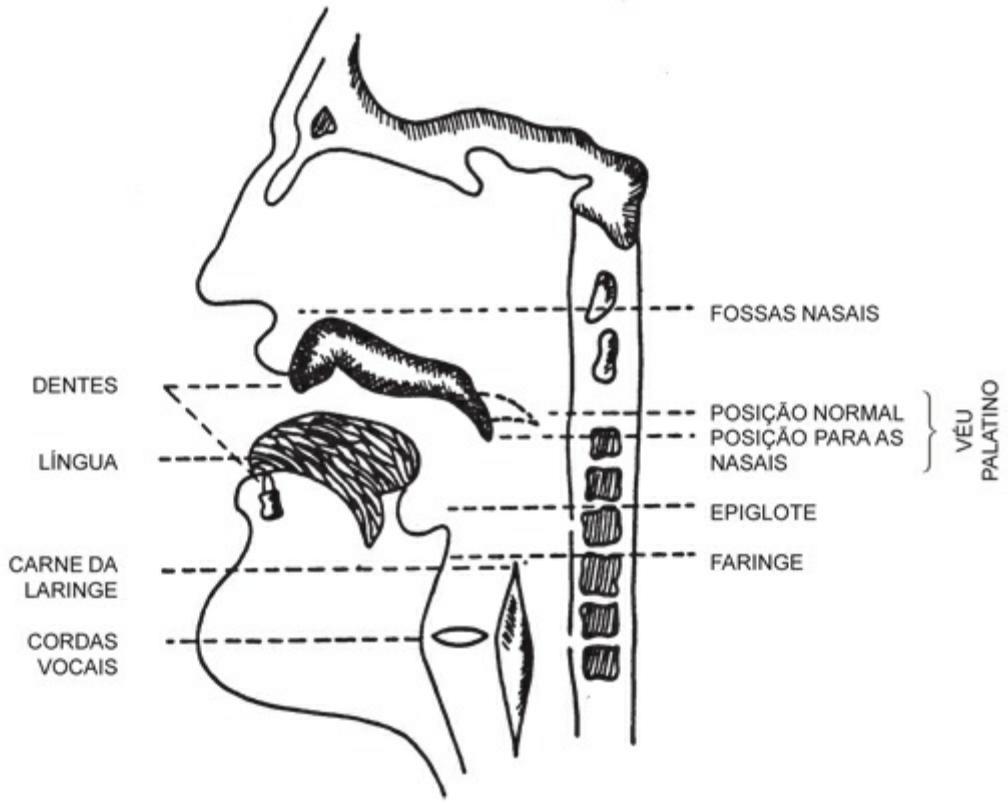

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

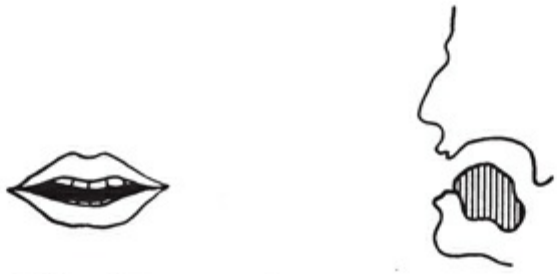

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

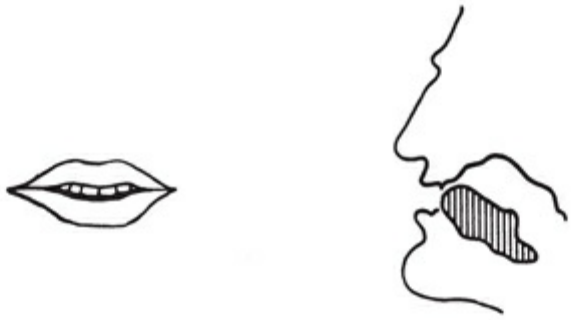

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

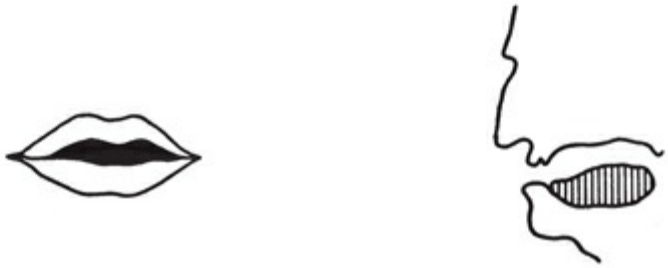

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

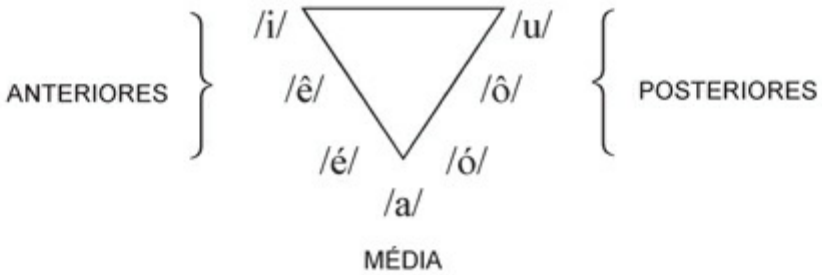

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

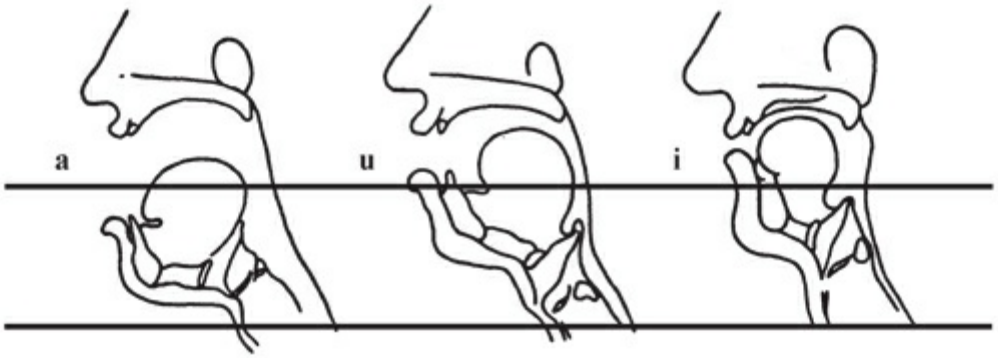

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

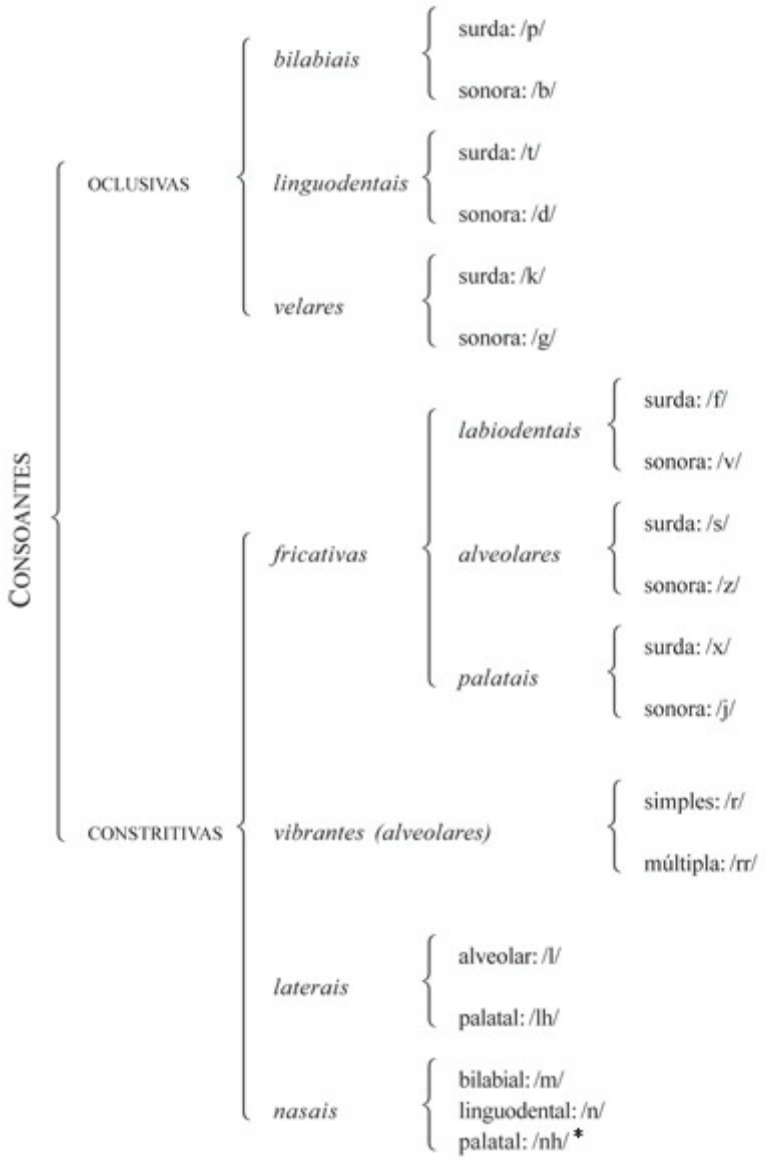

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

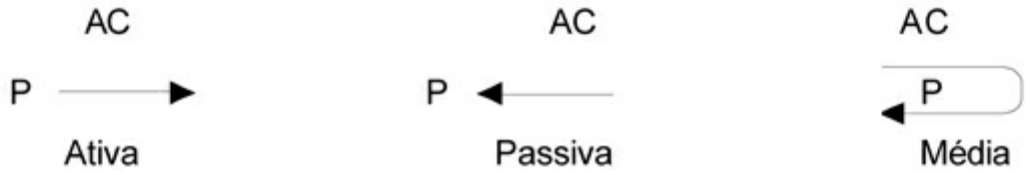

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

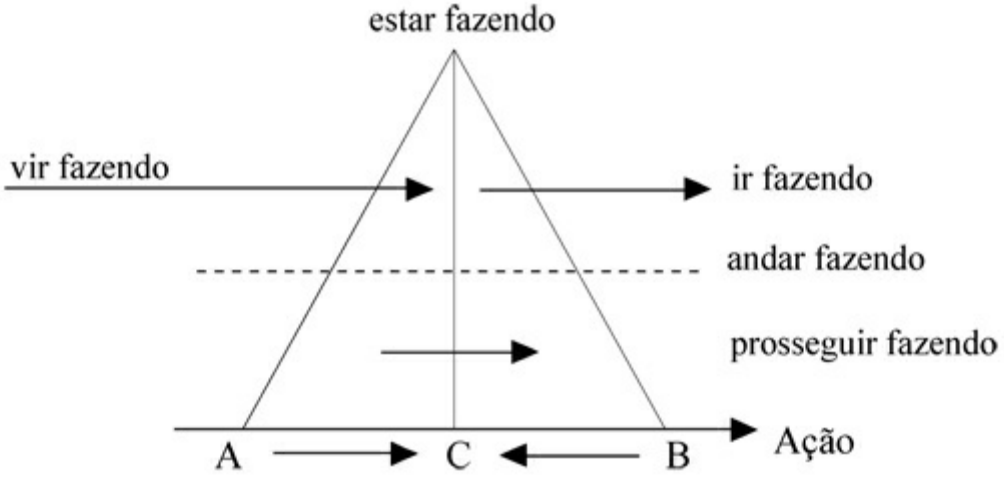

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

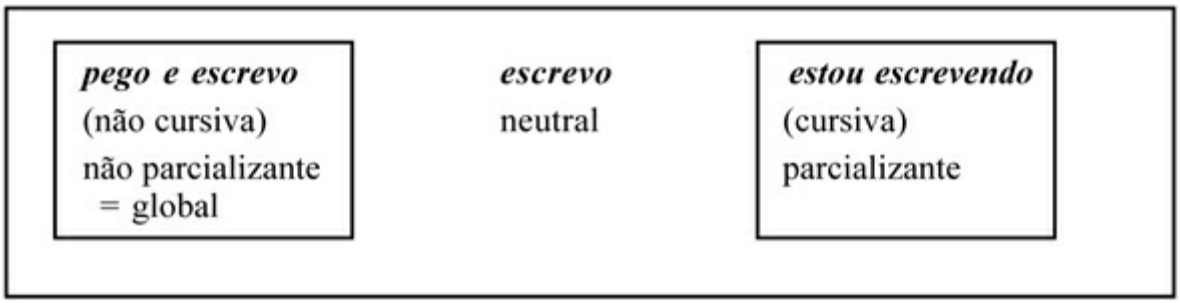

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

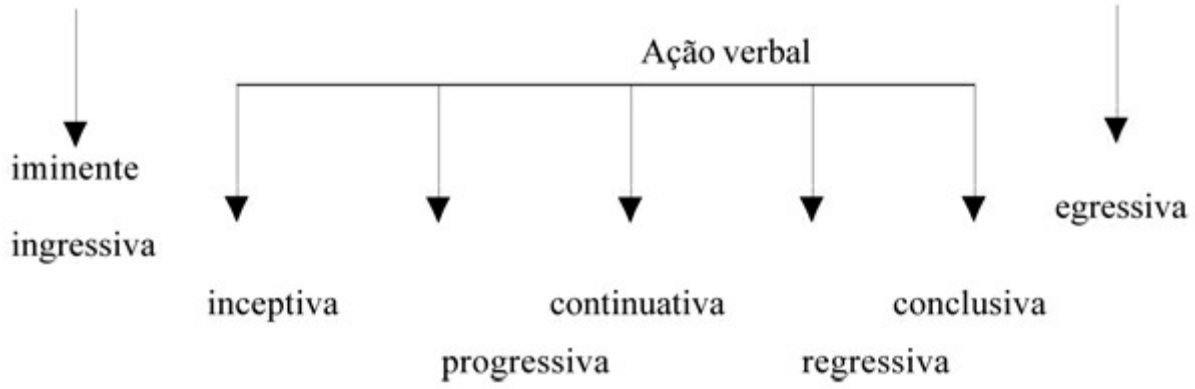

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

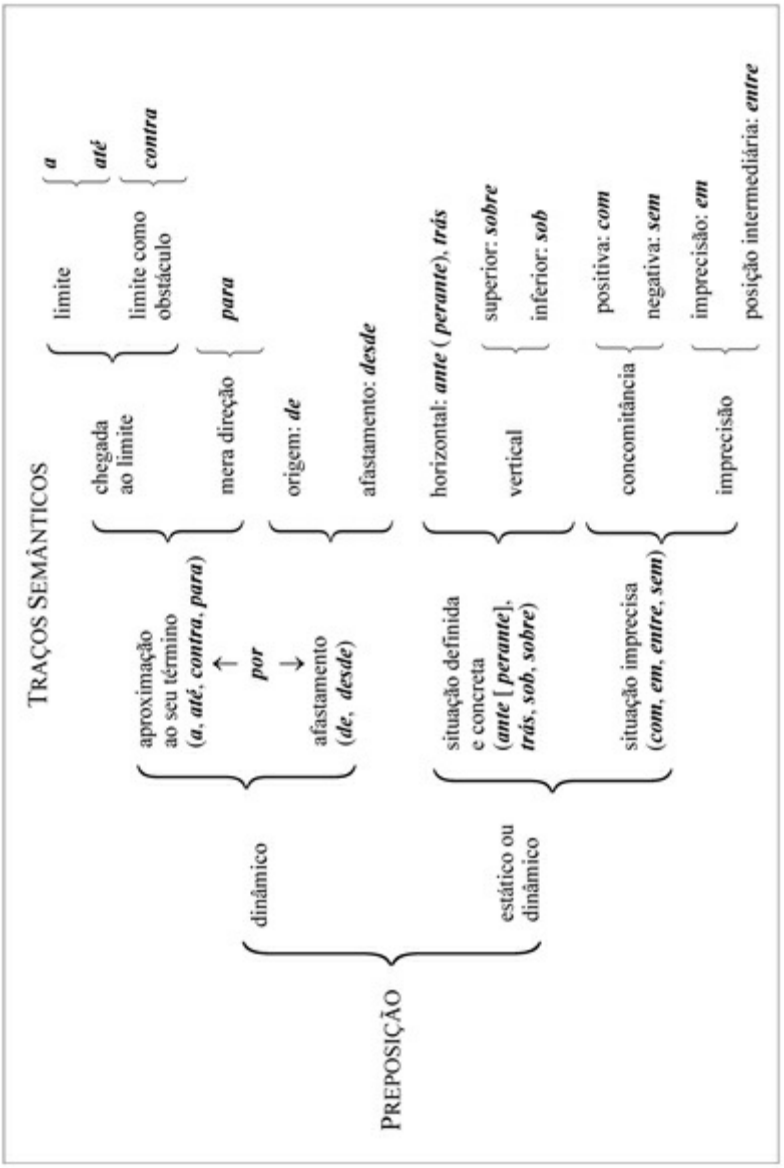

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

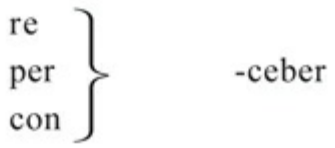

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

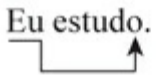

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

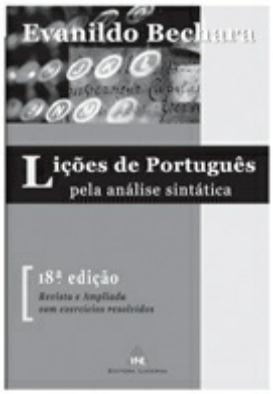

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

MODERNA GRAMÁTICA Portuguesa

COMPANhIA EDITORA NACIONAl

#

ÍNDICE

INTRODUÇÃO
Que é uma líNgua, ?
A língua. é um fenómeno cultural .
Modalidades de uma língua: língua falada e língua escrita .....
Língua geral e língua regional
Objeto da Gramática
DivisÃo da Gramática
Partes da Gramática
Objeto da Estilística
FONÉTICA E FONÉMICA
A) ProduçÃo dos fonemas e sua classificaçÃo
1 - Fonética descritiva
Fonemas.....
Fonemas não são letras
Fonética e fonémica. ...
Aparelho fonador .....
Como se produzem os fonemas .....
Fonemas surdos e sonoros .....
Vogais e consoantes
Classificação das vogais
Elevação da língua: quinto critério para a classificação das vogais 35
~à-is Encontros vocálicos: ditongos, tritongos, hiatos 36
Classificação das consoantes
En~ontro consonantal
Diiràfo
Letra diacrítica
Apêndice:
Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido: colisão, eco, hiato, cacofonia .....

B) Ortoepia I
Vogais .....
Consoantes .....
Ligação dos vocábulos.....
...

C) Prosódia

Prosódia ...
Sílaba .....
Quantidade
Acentuação
Acento de intensidade ...
Posição do acento tÔnico
Acento de intensidade e sentido do vocábulo .....
Acento principal e acento secundário

.....
Acento de insistência e emocional 1
Acento de intensidade na frase .....
Vocábulos tônitoà'~e átonos: os clíticos
.....
Conseqüências da próclise
.....
Vocábulos que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica . .
.
Vocábulos que admitem dupla prosódia .....

D) Ortografia

o alfabeto .....
K, w, Y .....
H .....
Consoantes mudas

se .....
Letras dobradas
.....
Vogais nasais .....
Ditongos .....
Hiatos .....
Parónimos e vocábulos de grafia. dupla .....
Nomes próprios
Apóstrofo .....
Hífen .....
Divisão silábica
Emprego das iniciais maiúsculas
.....
Sinais de pontuação
Regras de acentuação
Acento diferencial .. -
11 - MORFOLOGIA
A) Classes de vocábulos
1 - Substantivo
Concretos e abstratos
Próp)rios e comuns ..
2 - Adjetivo
Adjetivo 88
Adjetivo explicativo e restritivo 88
Substantivação do adjetivo 88
Flexões do.....adjetivo ..... em de
nomes próprios a comuns 74
Substantivo coletivo . , ...
Formação do plural do substantivo
Género do substantivo .....
Grau.....
. .....
3 - Artigo
Artigo 94
Espécies de artigo

4 - Pronome

Classificação dos pronomes

Pronomes pessoais
Pronomes possessivos
Pronomes demonstrativos
Pronomes indefinidos
Pronomes interrogativos
Pronomes relativos

5 - Numeral

Numeral
Espécies de numeral

6 - Verbo

Verbo .....
Pessoas do verbo
Tempos do verbo
Modos do verbo
Vozes do verbo
Voz passiva e passividade
Formas nominais do verbo
Conjugar um verbo
Verbos regulares, irregulares e anómalos
Verbos defectivos e abundantes ..
Locução verbal: verbos auxiliares
Auxiliares causativos e sensitivos
Elementos estruturais do verbo: os sufixos e desinências verbais
Tempos primitivos e derivados ..
A sílaba tMica dos verbos: formas rizotânicas e arrizotônicas ....
Alterriância vocálica ou metafonia.
Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão .....
Variações gráficas na conjugação .....
Erros freqüentes na conjugação de alguns verbos .....
Paradigma dos verbos regulares .....
Conjugação de verbos auxiliares comuns .....
Conjugação composta 134
Conjugação do verbo pôr 136
Conjugação de um verbo composto na voz passiva: ser amado 138
Conjugação de um verbo na voz reflexiva: apiedar-se 139
Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono: tipo pô-lo 142
Conjugação dos verbos irregulares .144
1a conjugação .....
2.a conjugação .....
3.a conjugação .....

7 - Advérbio e os denotativos

Advérbio .....
Locução adverbial .....
Circunstáncias adverbiais .....
Os vocábulos denotativos .....
Advérbios de base nominal e pronominal .....
Gradação dos advérbios

8 - Preposição
Preposição .....
Locução prepositiva .....

Acúmulo de preposições .....
Combinação e contração de preposição com outras palavras .....
A preposição e sua posição .....
Principais preposições e locuções prepositivas .....

9 - Conjunção
Conjunção .....
Tipos de conjunção .....
Locução conjuntiva .....
Conjunções coordenativas .....
Conjunções subordinativas .....
Que excessivo .....
Conjunções e expressões enfáticas .....
#
10 - Interjeição
Interjeição
Locução interjetiva .

B) 1 - Estrutura dos vocábulos
Vocábulo e morfema. .....
os elementos mórficos
Radical ....
Desinéncias nominais e verbais .....
Tema e vogal temática .....
Afixos: prefixos e sufixos ....
Vogais e consoantes de ligação
justaposição .....
Aglutinação ...
Conceito de raiz ou radical primário
.....
Palavras cognatas .....
Constituintes imediatos .
Variantes dos elementos mórficos .....
Neutralização nos elementos mórficos
Subtração nos elementos mórficos ....
Acumulação nos elementos mórficos; ...
Fusão nos elementos mórficos .....
Suplementação nos elementos mórficos
A intensidade, a quantidade e o timbre e os elementos mórficos .....
2 - Formação de palavras
Palavras indivisíveis e divisíveis
.....
Palavras divisíveis simples e compostas .
Processos principais de formação de palavras: composição e derivação
Derivação .....
sufixos ....
Prefixos
.....
Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos
Derivação parassintética
.....
Outros processos de formação de palavras: formação regressiva,
abreviaOo,
reduplicação e conversão ....
Hibridismo
.....
Radicais gregos mais usados em português .....

Famílias etimológicas de radical latino
.....

III - SINTAXE

A) Noções gerais
Que é oração 194
Entoação oracional 194
A importância da situação e do contexto 196

Constituição das orações .
Estruturação sintática: objeto da sintaxe .....
A oração na língua falada e na língua escrita .....
Sintaxe e estilo: necessidade sintática e possibilidade estilística
.....
Tipos de oração .....
B) O período simples .....

C) Núcleo

1 - Termos essenciais da oração
Sujeito .....
Predicado .....
Omissão do sujeito ou do predicado .....
Sujeito indeterminado .....
Orações sem sujeito .....
Os principais verbos impessoais .....

- Tipos de predicado: verbal, nominal e verbo-nominal
Predicativo .....
Verbos de ligação .....

3 - Constituição do predicado verbal
Verbo intransitivo .....
Verbo transitivo .....
Espécie de complementos verbais .....
Sentidos do objeto direto .....
Sentidos do objeto indireto .....
A preposição como posvérbio .....
Objeto direto preposicionado .....
Objeto direto interno .....
Concorrência de complementis diferentes .....

4 - Complementos nominais
a) Substantivos .....
b) Adjetivos .....

5 - Adjunto: seus tipos .....
Adjunto adnominal .....
Adjunto adverbial , ...
Advérbios de base nominal ou pronominal 212

6 - Agente da passiva *

7 - Aposto: seus tipos
Aposto .....
Aposto em referência a uma oração inteira .....

Aposto circunstancial .....

8 - Vocativo .....

D) O período composto

1 - Orações independentes e dependentes

Oração independente .....
Oração dependente .....

2 - Oração principal .....

Mais de uma oração principal ....
Oração principal não é a 1.a oração .....
Oração principal nem sempre é a do sentido principal .....
Tipos de orações independentes: coordenadas e intercaladas
As orações dependentes são subordinadas .....
Coordenação .....
Subordinação .....
Classificação das orações quanto à ligação entre si .....

3 - Interrogação direta e indireta ....

orações coordenadas conectivas .....

5 ~ Orações intercaladas .....

6 - Orações subordinadas

Substantivas: Funções sintáticas exercidas pelas substantivas .....
Características das orações substantivas .....
Adjetivas: Função sintática exercida pelas adjetivas .....
Adjetivas restritivas e explicativas .....
Outros sentidos das orações adjetivas .....
Adverbiais: Função sintática exercida pelas adverbiais .....

7 - Orações reduzidas

Que é oração reduzida .....
Orações reduzidas independentes .....

Orações reduzidas dependenter
a) Substantivas .....
b) Adjetivas ., ...
c) Adverbiais .....
Orações reduzidas fixas .....
Orações reduzidas do tipo: Deixei-o entrar .....
Quando o infinitivo não constitui oração reduzida .....
Quando o gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

APÉNDICE:

Particularidades de estruturação sintática oracional .....

E) Sintaxe de classes de ~as

1 - Emprego do artigo
Emprego do artigo definido
Emprego do artigo indefinido
Artigo partitivo, ...

2 - Emprego do pronome
Pronome pessoal: empregos e particularidades .....
Ele como objeto direto .....
Fun" e empregos do pronome se .....
Combinação de pronomes átonos .....
Função do pronome átono em Dou-me ao trabalho .....
Pronome possessivo: seu e dele para evitar confusão .....
Posição do pronome possessivo .....
Possessivo para indicar aproximação ..
Valores afetivos do possessivo .....
Emprego do pessoal pelo possessivo
Possessivo expresso por uma locução
Possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido
.....
Repetição do possessivo ...
Substituição do possessivo pelo artigo definido .....
Possessivo e as expressões de tratamento do tipo: Vossa Excelência
. .
Pronome demonstrativo .....
Demonstrativos referidos à noção de espaço .....
Demonstrativos referidos à noção de tempo .....
Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras .....
Reforços de demonstrativos .....
Outros demonstrativos e seus empregos .....
Posição dos demonstrativos .....
Pronome indefinido: empregos e particularidades ....
Pronome relativo: empregos e particularidades .....

3 - Emprego.do, verbo
Emprego de tempos e modos:
Indicativo, ...
Subjuntivo .....
Imperativo .: -.* --- * *
Emprego das formas nominais ....
Emprego do infinitivo (flexionado e sem flexão) .....
APÊNDICE:
Passagem da voz ativa para passiva e vice-versa

4 - Emprego de preposições
1) . A .....
Emprego do à acentuado (crase)
2) Até
3) Com
4) Contra
5) De ...
6) Em ...
7) Entre .....

8) Para .....
9) Por (e per) .

9 - r-ordincia

Concordância: considerações rais 295

Concordância nominal:

A - Concordância de vocábulo para vocábulo 296
B - Concordância de vocábulo para sentido 298
C - Outros casos de concordância:

1) um e outro, nem um nem outro
2) mesmo, próprio, só
3) leso . .
4) anexo
5) meio
6) possível .....
7) a olhos vistos
8) é necessdrio paciência
9) alguma coisa boa ou alguma coisa de bom
10) um pouco de luz e uma pouca de luz
11) Concordância do pronome
12) Nós por eu, vós por tu
131 Alternância entre adietivo e advérbio

14) Particípios que passaram a preposição e advérbio
15) Concordância com numeral .....

Concordincia. verbal:

A - Concordância de vocábulo para vocábulo
B ~ Concordância de vocábulo para sentido
C - Outros casos de concordância:
#
1) com pronomes pessoais .....
2) sujeito ligado por série aditiva enfática
3) sujeito ligado por com
4) sujeito ligado por nem
5) sujeito ligado por ou
6) a maioria dos homens

11) pronomes relativos .....
12) verbos impessoais .....
13) dar aplicado a horas .....
14) alugam-se casas .....
15) concordância na locução verbal .....
16) não... senéio .....
17) concordância com títulos no plural .....
18) concordância no aposto .....

6 - Regência .....

1) Isto é para eu fazer .....
2) pedir Para .....
3) Está na hora da onça beber água .....

4) Migrações de preposições .....
5) Complementos de termos de regências diferentes .....
6) Emprego de relativos precedidos de preposição .....
7) Relação de regências de alguns verbos e nomes .....

7 - Colocação: ordem direta e inversa .....

Colocação dos termos na oração e das orações no período .....
Colocação de pronomes átonos .....
Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil .....

APêNDICE:

I -

Figuras de sintaxe
1) Elipse
2) Pleonasmo, ...
3) Anacoluto .....
4) Antecipação .....
5) Braquilogia .....
6) Haplologia sintática .....
7) Contaminação sintática .....
8) Expressão expletiva ou de realce .....

Vícios e anomalias de linguagem .....

1) Solecismo .....
2) Barbarismo .....
Idiotismo .....

IV - PONTUAçãO

Ponto de exclamação .....*
Reticências
.....
Aspas .....
Travessão .....
Vírgula .....
Ponto e vírgula .....
Ponto .....
Ponto parágrafo .....
Asterisco .....
Alínea .....

V - SEMANTICA

Semântica .....
Espécies de alteração semântica .....
Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos .....

VI - NOÇõES ELEMENTARES DE ESTILíSTICA

A nova Estilística .....
Estilística e Retórica .....
Análise literária e análise estilística .....
Traços estilísticos .....

Traço estilístico e erro gramatical
.....
Campo da Estilística .

VII - NOÇõES ELEMENTARES DE VERSIFICAÇÃO

Poesia e prosa
Enjambement
Versificação regular eÁrregular
Ritmo poético
1) Número fixo de sílabas:
Como se contam as sílabas de um verso 353
Versos agudos, graves e esdrúxulos ...353
Fenômenos correntes na leitura dos versos: sinérese, diérese, elisão,
crase e ectlipse
o ritmo e a pontuação do verso
Expedientes mais raros na contagem (Ias sílabas
2) Número fixo de sílabas e pausas

Versos de uma a doze sílabas .....

3) Rima: perfeita e imperfeita .....
Rimas consoantes e toantes .....
Disposição das rimas .....

4) Aliteração ...
5) Encadeamento
6) Paralelismo
7) Estrofação
8) Verso livre
9) Recitação .....

Exemplos de análise estilística .....
1) Um soneto de Antônio Nobre .....
2) Um soneto de Machado de Assis .....

APêNDICE

Prefácio

AO ESCREVER ESTA Moderna Gramática Portuguesa foi nosso intuito
i . levar ao magistério brasileiro num compêndio escolar escrito em estilo
simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem
alcançaram,no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com
uma tradição secular: isto explica por que esta Moderna Gramática traz
uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico
A nossa preocupação não residiu aí mas na doutrina. Encontrarão os
colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e
aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos im r-
tantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas

por que
a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas,
sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que
fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este
livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda
não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do
progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta Moderna
Gramática sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística.
Isto nos permitiu, na última, tratar da análise literária, que entre nós
passa às vezes confundida com análise estilística ressaltamos os objetivos
desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam
num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético
do,aluno Na arte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação,
pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos
que a lingüística americana tem feito sobre tão im. rtante ca ítulo
Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se
encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desres
peito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.
#

A orientação científica por que se norteia esta nossa Moderna Gramática não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los)
que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da
disciplina. Devemos-lhes o que de melhor os leitores encontrarem neste
livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos,
entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje,
aquele que para nós nos é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa
formação lingüística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e
admiradores comemoram o 1.o centenário de seu nascimento, não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda

amizade e gratidão.

INTRODUÇÃO

Que é uma língua

Entende-se por língua ou idioma o sistema de símbolos vocais arbitrários com que um grupo social se entende.

Uma língua pode ser instrumento particular de um povo único, como acontece com o chinês, o romeno, ou comum a mais de uma nação. Este é o caso do português, que serve a Portugal, ao Brasil e colônias ultramarinas lusas.

Este fato se explica historicamente pelos capítulos de expansão e colonização dos povos. Falamos o português como língua oficial porque, ao lado de outras instituições culturais, os portugueses no-la deixaram como traço da civilização que aqui fundaram depois de 1500.

A língua é um jen&n~ cultural

A língua não existe em si mesma: fora do homem é uma abstração, e no homem é o resultado de um património cultural que a sociedade a que pertence lhe transmite. "É evidente - ensina-nos Sapir - que, até certo ponto, o indivíduo humapO está predestinado a falar, mas em virtude da circunstância de não ter nascido meramente na natureza, e sim no regaço de uma sociedade, cujo escopo racional é chamá-lo para as suas tradições" (1).

Modalidades de uma língua

Uma língua de civilização apresenta as seguintes modalidades:

a) língua falada: instrumento de comunicação cotidiana, que, sem preocupação artística, tem a seu dispor os múltiplos recursos lingüísticos

(1) E. SAPiR, A Linguagem (trad. brasileira de J. MATOSO CAMARA jr.). 17-18.

#

da entoação e extralingüísticos da mímica, englobados na "situação" em que se acham falante e ouvinte;

b) língua escrita: instrumento de comunicação menos freqüente em que o escritor tem de suprir os recursos que estão à disposição da língua falada. Foge, por isso, muitas vezes às expressões comuns da

linguagem
ordinária para fins estéticos e expressivos. Na língua escrita a "situação"
tem de ser criada através da ordenação especial das idéias. "Isto é o que,
segundo Bally, dá à língua escrita sua fisionomia particular: e assim se
explica por que não é e por que não será jamais idêntica à língua falada.
Pode-se dela aproximar, pode copiá-la, porém essa cópia é sempre uma
transposição ou uma deformação. Sentidos particulares dados a vocábulos
vagos, criação de vocábulos novos, conservação de outros que estão a ponto
de morrer, ressurreição de vocábulos já há muito tempo fora de circulação,
fenômenos semelhantes no tratamento da sintaxe e da construção das ora-
ções, etc., etc... Exagerando um pouco, poder-se-ia dizer que a língua es-
crita é "acrônica": longe de dar uma idéia do estado contemporâneo de um
idioma, combina, num amálgama, um pouco heteródito, os diversos está-
gios por que passou o idioma"(').

Os escritores modernos - uns com certo exagero - têm procurado
diminuir a distância entre a língua falada e a escrita.

O ponto culminante deste afastamento é a língua literária, que é
um aspecto da língua escrita, mas que com esta não se confunde. É o
instrumento de que se utilizam os escritores nas suas obras; exige um
cultivo especial e um ideal superior de expressão, além de estar sujeita
aos preceitos das modas dominantes.

Falar com termos da língua escrita, mormente do seu aspecto lite-
rário, no trato normal de todos os dias, provoca um defeito de adequação
lingüística a que se- dá o nome de preciosismo.

Língua geral e língua regional

A língua espalhada por grande extensão de terra pode apresentar par-
ticularidades cujo conjunto caracteriza a língua regional, e os traços lin-
güísticos que aí ocorrem recebem o nome de regionalismos.

Objeto da Gramática

Mas dentro da diversidade das línguas ou falares regionais se sobrepõe
um uso comum a toda a área geográfica, fixada pela escola e utilizada
pelas pessoas cultas: é isto o que constitui a língua geral, língua padrão
ou oficial do país.

(1) Ch. BALLY, Le Langage et la Vie, 112.

#

r-

a
o

Cabe à Gramática registrar os fatos da língua geral ou padrão, esta-
belecendo os preceitos de como se fala e escreve bem ou de como se pode
falar e escrever bem uma língua.

Daí ser a Gramática, ao mesmo tempo, uma ciência e uma arte.

Assim sendo, o gramático não é um legislador do idioma nem tam-
pouco o tirano que defende uma imutabilidade- do sistema expressivo.
Cabe-lhe ordenar os fatos lingüísticos da língua padrão na sua época, para
servirem às pessoas que começam a aprender o idioma também na sua
época.

Divisão da Gramatica

A Gramática pode estudar: a) uma época determinada, b) uma
seqüência de fases evolutivas de um idioma ou c) de vários idiomas.

A que interessa mais de perto à comunidade social, pela sua utili-
zação imediata de código de bem falar, é a que estuda apenas a fase con-
temporánea do idioma, por isso chamada gramática expositiva, normativa
ou tão-somente grámatica.

A Gramática que se preocupa com os aspectos b) e c) formam o
que chamamos, respectivamente, Gramática Histórica e Gramática Com-
parada, e divergem da Gramática anterior porque são apenas obra de
ciência.

Partes da Gramatica

A Gramática estuda:

a) os sons da fala: Fonética e Fonêmica
b) as formas: Morfologia
c) as construções: Sintaxe
d) os sentidos e suas alterações: Semdntica(l).

Objeto da Estilística

Estilística é um campo novo dos estudos de linguagem que procura
investigar o sistema expressivo que o idioma põe a serviço do falante e
sua eficiência estética.

Todos estes ramos do estudo e da pesquisa dos fatos da linguagem
fazem parte de uma disciplina maior conhecida pelo nome de Ciência
da Linguagem ou Lingüística.

(1) A Nomenclatura oficial põe de lado a Fonémica, a SemMica e a.Esfilística.

#

#

1 - Fonetica e fonêmica

, A) Produção dos fonemas e sua classificação

I -

F ÊTICA DESCRI IVA

Fonemas. - Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras. - Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir fonema com letra. Fonema é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto letra é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de repre-sentá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma ortografia ideal. Temos, como veremos mais adiante, sete vogais orais tônicas, mas apenas cinco símbolos gráficos (letras): a, e i, o, u. Quando queremos distinguir um e tônico aberto de um e tônico fechado - pois são dois fonemas distintos - geralmente utilizamos sinais subsidiá-rios: o acento agudo (fé) ou o circunflexo (vê). Há letras que se escre-vem, por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não repre-sentam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do h em homem ou oh ! Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de cantavam, ouvimos um ditongo em -am cuja semivogal não vem assinalada /cantávãw/. A escrita, graças ao seu conven-

cionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte

indicaremos o e aberto e e fechado da seguinte maneira: /é/, /é/.

Fonética e Fonèmica. - Na atividade lingüística, o importante para os falantes é o som, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-
#

somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o SOM que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro som, permite a comunicação lingüística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o 1t1 da série ta-te-ti-to-tu; a fonêmica não leva em conta as variações (que se chamam alofones), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da inte-gridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /1/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à analise fonêmica, que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonernas quando se não puder fazer a oposição mal/mau. Como bem ensina Matoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, indi-vidualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixe~ em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articula-tória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possi-bilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa~variar ampla-mente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiari-dades do sujeito falante" (1).

Fonêmica não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experi-mental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas(2).

Aparelho fonador. - Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgãos do aparelho respira-tório e da parte superior do aparelho digestivo. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e

nervos:
os brônquios, a traquéia, a laringe (com as cordas vocais), a faringe, as fossas nasais e a boca com a língua (dividida em ápice, dorso e raiz), as bochechas o palato duro (ou céu da boca), o palato mole (ou véu palatino) com a úvula ou campainha, os dentes (mormente os anteriores) com os alvéolos, e os lábios.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à corrente de ar que sai dos pulmões. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de cliques. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

(1) Para o Estudo da Fonémica Portuguesa, 44-45.
(2) B. MALMBERG, La Phonétique, 116.

P-1
#

APARELHO FONADOR

DENTES Irl

CARNE DA
LARINGE

CORDAS

VOCAIS

_M_
AD

---FOSSAS NASAIS

POSIÇÃO NORMAL
POSIÇÃO PARA 1,9
NASAIS e

--- EPIGLOTE

Como se produzem os fonemas. - A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela traquéia e chega à sua parte superior que se chama laringe, conhecida vulgarmente como pomo-de-adão. Na laringe se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as cordas vocais, por cujo estreito intervalo, denominado glote, a corrente de ar tem de passar para ganhar a faringe, e daí ou totalmente pela boca (fonemas orais), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (fonemas nasais), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

Fonemas surdos e sonoros. - Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado surdo: /s/, /f/, /x/, /t/ /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como IzI, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no porno-de-adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de

#

vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das

C(

cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, om o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes. - A voz humana se compõe de tons (sons musicais) e ruídos, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (=

tons)
e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto
é, sem vibrações regulares (correspondem. às consoantes surdas), ou ruídos
combinados com um tom laringeo (consoantes sonoras)(').

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à salda da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituaçáo deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal(2).

Na língua portuguesa a base da silaba ou o elemento siliibico é a vogal; os elementos assiliibicos aio a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais. - Classificam-se as vogais, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;
b) quanto à intensidade;
c) quanto ao timbre;
d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃo as vogais podem ser média, anteriores e posteriores.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase ol repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e cons. titui a vogal média. Se daí passarmos à série /é/ - /é/ - /i/, notarem

(1) B. MALMBERG, La Phonétique, 20.
(2) L. ROUDET, Éléments de Phonétique GMérale, 75-76.

#

1 como em vi

VOGAIS ANTERIORES

POSIÇÃO DOS LÁBIOS

E (aberto) como em é

E (fechado) como em dê

POSIÇÃO DA ÚNGUA

(*) Extraído dos Elementos de Língua Pdiría de J. MAT050 CÂMARA JR.

#

VOGAIS POSTERIORES(*)

POSIÇÃO DOS LÁBIOS

O (aberto) como em pá

O (fechado) como em avô

- U como em tu

(0) J- MAT060 CAMARA JR., ibid.

POSIÇÃO DA LíNGUA

#

1

que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar,

ANTERIORES

que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o

que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ - /é/ - /i/ constitui as vogais anteriores.

Se passarmos da vogal média /a/ para a série /6/ - /ô/ - /u/, notaremos

o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /6/ - /ô/ - /u/ forma as vogais posteriores.

P/ lu/

/a/
MÉDIA

- POSTERIORES

b) Quanto à INTENSIDADE as. vogais podem ser tônicas ou átonas, Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: avó, paga, tímido.

Vogal átona é a inacentuada: avó, paga, tímido. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): avó, pagar, ou depois (postô-

nicas): tímido.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, à de ande intensidade a u recebe o nome de vogal subtônica:

~. ' ~r, b, ~ -1
polidamente, cegamente, louvar-te-tei.

c) quanto ao TIMBRE as vogais podem ser abertas, fechadas e reduzidas. Timbre é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de resso-

A gravura mostra a posiçlo das vogais /a/, /u/ e 11/. Note-se o fecha mento do canal bucal na articulaçlo do /u/ e do /i/ com movimento da cpiglote e elevaçAo da língua em direção ao palato (E. ~iL, Wie wir h 1

sprec en, 5).
#

nância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto a língua se acha baixa: /a/ tônico, /é/, /6/. Na vogal de timbre fechado a língua se eleva: /é/, /6/, /i/, /u/- A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e

fechada. A
distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas;
nas átonas desaparece a diferença entre /6/ e /Ô/, /é/ e /é/, e o /a/
reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender com-
parando-se os dois tipos em casa, onde o primeiro é aberto e o segundo,
reduzido. Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas e e o se
enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/('). Assim temos sete
vogais tônicas orais (/a/, /é/, /é/, /i/, /6/, /6/, /u/), cinco vogais átonas
orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/,
/u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: antigo, sentar, lim-
peza, combate, fundar(2).

OBSERVA~ftl:

1.a)Não temos no Brasil o a fechado oral tônico dos portugueses como em cada,
para, mas.

2.a)Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas
(estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL as vogais podem
ser orais e nasais. São orais aquelas cuja ressonância se produz na boca.
Há sete vogais tônicas orais (/à/, /é/, /é/, /i/, /6/, /ô/, /u/), cinco orais
átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /é/, jó/ e /Ô/ (/a/, /e/,
/i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /0). São nasais as vogais que,
em sua produção, ressoam nas fossas nasais. Há cinco vogais nasais (/à/,
/é/, /!/, /õ/, /ú/): lã, canto, campina, vento, ventania, límpido, vizinhan-
ça, conde, condessa, tunda, pronunciamos.
Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as
átonas reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as
vogais seguidas de m, n e principalmente nh: cama, cana, banha, cena, fina, homem,
Antônio, úmido, unha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -amos
e -emos do presente e do pretérito do indicativo: agora cantamos, ontem cantamos;
agora lemos, ontem lemos.

(1) Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo quasi -+ quase; tribu -+ tribo. Mu.
dou-se a letra, mas não o fonema.

(2) Na realidade as reduzidas não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o me-
lhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos na realidade é mu.
dança ou troca de fonema.

#

ABERTAS	FECHADAS		RED
orais	orais	nasais	ora
11) A: pá, caveira, cúlido, pia- cidamente			-
2) E:fé,tela,pérola,cafezal			
	vê, negro, péssego avó, povo, lóbrego, glo- binho		
4) 1: .....li, vida, lí- rico			
5) U: .....luz, tudo, lúgubre			
3) O: pó, voto, glóbulo, for- tezinho			
roma, can- to, lâmpada lembro, vento ponto, tõm- bola			
fim, tinta, límpido fundo, cum- pro			
casa			
verde			
globinho			
lápis, júri			
vírus			

nasais

ímã, canti-
nho
engolir

comprida,
continua

tinteiro

álbum

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais.
-
A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 - vogal baixa: /a/;
2 - vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /61 e /é/, /6/; 3
-
vogais altas: JiI, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

OR A IS(')

u /
#

6/
6
a

Altas

Médias

Baixa

NASAIS

/ a /

1 1 1 11 Altas
é 6 Médias
Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais teremos de por num mesmo plano fonemas diferentes, como 151 e li!/, /E/ e /!/, o que não é correto.
~5, - -
l~i (1) Cf. J. MAT~ CAmAxA, Curso da Língua Pátria, 11, 121.

#

QUADRO DA CLASSIFICAÇAO DAS VOGAIS

VOGAIS

anteriores: /é/, /é/, /i/
1) quanto à zona de articulação média: /a/
posteriores: /6/, /6/, /u/
abertas: /a/, /é/, /61
2) quanto ao timbre fechadas: /é/, /ôl, /i/, lu/
reduzidas: /a/, /i/, lu/

orais: /a/, /é/, /é/, /i/, /61, /6/,

4) quanto à intensidade .

5) quanto à elevação da lingua .. {

3) quanto ao papel das cavidades
bucal e nasal .....

/u/
nasais: /âl, /é/, /!/, /õ/, Iral
tônicas
átonas
baixa /a/
médias: /é/, /6/, /é/, /ôl
altas /i/, /u/

Semivoga,is. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. - Chamam-se semivogais as vogais i e u (orais ou nasais)(') quando assi-
lábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos ditongos, tritongos e hiatos. Representamos as
semivogais i (e) por /y/ e u (o) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal ou vice-versa, na mesma sílaba: pai., mãe, água, cárie, mágoa, rei.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados
são vogais: pAi, mÃe, ágUA, cáriE, MágOA, rEi.

Os ditongos podem ser:
a) crescentes e decrescentes
b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: agua cárie, mágoa.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: pai, mae, rei.

Como as vogais, os ditongos são orais (pai, água, cárie, mágoa, rei ou nasais (mãe).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser abertos (pai, céu, rói, idéia) ou fechados (meu, doido, veia).

Nos ditongos nasais são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: mãe.

(1) Em lugar de i ou u, em certos casos, se pode grafar a semivogal e ou o, respectiva. mente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente.

#

L-
~s
LS

21,

in
35
ía,
ai
ci)
ser
:)ca

tiva-

Principais ditongos crescentes:

Orais

Nasais

1) Jya/: glória, pátria, diabo, área, nívea
2) /ye/ (=yi): cárie, calvície
3) /yéJ: dieta
4) Jyo/: vário, médio, áureo, níveo
5) 1 yól: mandioca
6) /y6/: piolho
7) /wa/: água, quase, dual, mágoa, nódoa
8) lwil: lingüiça, tênue
9) Jwó/: qüiproquó
10) /wô/: aquoso
11) /wo/ (= uu): oblíquo
12) /wé/: coelho
13) /wé/: eqüestre. goela
14) /yu/: miúdo (4)

1) /yâJ: criança
2) /wâ/: quando
3) /wê/: freqüente, qüinqüénio, depoente
4) /w11: argüindo, qüinqüênio, moinho

Os principais ditongos decrescentes são:
1) Jay1: pa4 baixo, traidor
2) Jay/ (a fechado e, às vezes, nasalado): faina, paina, andaime
3) /aw/: pau, cacaus, ao
4) JéyJ: réis, coronéis
5) /éy/: lei, jeito, fiquei
6) /éw/: céu, chapéu
7) /éw/: leu, cometeu
8) /iwJ: viu, partiu
9) /óyJ: herói, anzóis
10) JôyJ! boi, foice
11) low/: vou, roubo, estouro
12) JUY1: fui, azuis

Nasais

1) /ãy/: alemães, cãibra
2) 11w/: pão, amaram (= amárão)
3) 1"1: bem (= bêi), ontem (= ontêi)

(9) Em muitos destes casos pode ser discutivel a existência de ditongos crescentes "por mer indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos me observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que
#

a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma entretanto conservar sonoridade bastante sensível"
(5. ALI, Gr4M. SOC., 17).

37
#

4) /õyj: põe, sen6es
5) lúy/: mui (= míli), muito (= milito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes Ey, dy (Cf. SOUSA, Trechos, 320, 18, onde vãs rima com mães) e Jw, a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição hem! ou hein t, sendo que, a rigor, a primeira grafia é mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser orais e nasais.

ORAIS

1) /wayj: quais, paraguaio
2) /wey1: enxagüei, averigüeis
3) /wiwl: delinqüiu
4) lwowl. apaziguou

OBsnvAçXo: Nos tritongos nasais l~I e lwélyl a última semivogal pode não vir
,representada graficamente: minguam, enxágüem.

NASAIS

1) /wâwl: minguam, saguão, quão
2) /wéy/: delinqüem, enxágüem
3) jwóyj: saguões

HiATo é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: salda, caatinga, moinho.

Em português, como em muitas outras Unguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇõES:

1.a) Desenvolvem-se um jy/ semivogal (chamado em gramática iode) ou jw/ semi.
vogal (chamado vau) nos encontros formados por ditongo decrescente Seguido
de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua
tuxau-ua; goiaba = goi-iaba.

2.a) "NOS hiatos cuja primeira vogal for u e cuja segunda vogal for final de vo-
cábulo (seguida ou não de s gráfico), o desenvolvimento do vau variará de
acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais"(¹):
nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.a) "Os encontros ia, ie, io, ua, ue, uo finais, átonos, ~idos, ou não, de s, classifi-
cam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões
existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie;
pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo" (2).

4.a) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma
. semivogal, como no caso de goiaba, jóia, etc. Outros consideram dois ditongos.
goi-ia-ba, jói-ia.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a diérese e a sinérese.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando,

assim, o ditongo num hiato: trai-çéio = tra-i-çéio; vai-da-de = va-i-da-de;
cai = ca-i.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a - um ditongo crescente: su-a-ve = sua-ve; pi-e-do-so = pie-do-so; lu-ar = luar.

(1) Normas Para a Língua Falada no Teatro, 485-63.
(2) Nomenclatura Gramatical Brasileira, 16.

#zzz

A sinérese é fenÔmeno bem mais freqüente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século xvi, se nota acentuada predominância: do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a idéia de grandeza, etc. No seguinte verso de Machado de Assis auréola com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal indicado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante auréola de

Classificação das consoantes. - De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira classificam-se as consoantes de acordo com quatro

a) quanto ao modo de articulação;
b) quanto à zona de articulação;
c) quanto ao papel das cordas vocais;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal

a) quanto ao MODO DE ARTICULAçÃo as consoantes podem ser oclusivas e constritivas, e estas se subdividem em fricativas, laterais, vibrantes e nasais. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos, ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem completamente a saída do ar, ou permitem parcialmente que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são oclusivas; no segundo, constritivas. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, IsI, IzI, lx/, /j/. São constritivas laterais

quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: 11/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expíratória: /r/ (simples) e /rrj (múl- tipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a línguodental /n/ e a palatal Inh/.

b) quanto à ZONA DE ARTicuLAçÃo as consoantes podem ser

1) bilabiais (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.
2) labiodentais (lábio inferior e arcada dentária superior): /fl, /v/.
3) linguodentais (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/
4) alveolares (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /1/

5) palatais (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/. 11h1, jnh/

6) velares (raiz da língua contra o véu do paladar): 1k1, /g
#

OBSERVAÇõES:

1.a) 0 /11 inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a u. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.a) O Irrj alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua.

3.a) As linguodentais /tj e /d/ seguidas de i podem palatalizar-se: tinta e digw podem soar jtxintaj e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, ffi, /ti, /s/, /xl, /k/.
Sonoras: /b/, /v/, jdj, Izi, /j/, /gj, /m/, /n/, jnh/, /I/, /lh/,

/r/, jrr/.
São sonoras as consoantes vibrantes, nasais e o]li lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL as consoantes podem ser orais e nasais. São nasais /m/, /n/, inh/.
As outras são orais.

QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

surda: /p/
sonora: 1b1

OCLUSIVAS d t surda: /t/
ingito en ais-sonora: /d/
surda: 1k1
sonora: 1g1

bilabiais

velares

CONSOANTES -

fricativas

CONSTRITIVAS

vibrantes (alveolares)

labiodent4is

alveolares

palatais

alveolar: /I/
palatal: /lh/

bilabial: /m/
linguodental: /n/
palatal: /nh/(l)

surda: jf/
sonora: /v1
surda: /s/
sonora, jz1
surda: /x/
sonora: J1
simples: /r/
múltipla: Irrj

(1) Para fugir a uma oposição errónea surdalsonoralnasal, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as nasais entre as constritivas. i-lá autores que fazem das nasais uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

#

40
#

Encontro consonantal. - Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consoninticos pertencentes a uma sílaba ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por 1 ou r: li-vro, blu-sa, pro-sa, cla-mor; rit-mo, pacto, af-ta, ad-mi-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra x: anexo, fixo.

1

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos

1

4,

existentes em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da
bs: ab-so-lu-to
q: sec-ção
dm: ad-mi-tir
gn: dig-no
mn: mne-mô-ni-co

ft. af-ta
pn: pneu. pneu-mA-ti-co
Ps: psiu
Pt: ap-to
tm: ist-mo
tn: 6t-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia des-t, preocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado e não adivogado ou adevogado
absoluto e não abissoluto
admirar e não adimirar
alta e não dfita
ritmo e não rítinto

pneu e não Peneu
indigno e não indíguino

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar e não advinha r '
subentender e não subtender

Dígrafo. - Não se há de confundir dígrafo com encontro consonantal. Dígrafo é o emprego de duas letras para a representação gráfica de uni só fonema: passo (cf. paço), CHá (cf. xá), maNHã, paLHa, ENviar, MANdar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais('). Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de rr e ss, sc, sç, xc:

ch: chá
lh: malha
nh: banha
sc: nascer
sç: nasça

(1) Destas últimas não cogita a NGB.

xc: exceto
rr: carro
ss: passo
qu: quero
#

gu: guerra

#

Para as vogais nasais :

am ou an.- campo, canto
em ou en: tempo, vento
im ou in: limbo, lindo
om ou on: ombro, onda
um ou un: tumba, tunda

Letra diacrítica. - É aquela que se junta a outra para lhe dar um valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são h, r, s, c, ç, u para os dígrafos consonantais e m, e

n para
os dígrafos vocálicos: cHá, carRol Passo, quero, campo, ONda.

OBsERvAçXo: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:
1.a) Não há ditongo em qUero;
2.a) M e n não são fonemas consonánticos nasais em caMpo, oNda, etc.;
3.2) Qu e gu se classificam como 1k1 e /gl, respectivamente.

2 - FONÉTICA EXPRESSIVA

Os fonemas com objetivos simbólicos

Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.
É deste emprego que surgem as aliterações, as onomatopéias e os vocábulos expressivos.

Aliteração é a repetição de fonema igual ou parecido para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente expressar.
O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).
"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas b, r e d).

Onomatopéia é o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.
São freqüentes as onomatopéias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O tique-taque do relógio, o marulho das ondas, o zunzuna-r da abelha, o arrulhar dos pombos.

Vocábulo expressivo é o que não imita um ruído, mas sugere a idéia do ser que se quer designar: romper, Jagarelar, tremeluzir, jururu.

#

O TO

AP DICE

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao Ouvido. -
Muitas vezes certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável

que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível.

Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lé nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonemas que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a colisão, o eco, o hiato, e a cacofonia.

i , R
-i

Colisão é o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

"Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já" (CASIMIRO DE ABREU, Obras, 73).

Eco é a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo ídéntico:

"Estas palavras subordinam frases em que se exprime condição necessária à real!-
zaoo ou não realização da açáo principal".

Hiato. - O hiato de vogais tônicas toma-se desagradável principal-mente quando formado pela sucessão de palavras:
Hoje há aula.

?1 Cacofonia ou cacófato é o encontro de sílabas de duas ou mais pa-k
lavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo tin relação ao contexto:

1

*Ora veja como ela está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das
(CAMILO CASTELO BRANCO, A Queda de um Anjo, 102).

È oportuna a lição de Said Ali:

Ç"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofónia, resultante da junção da sílaba
li Ç de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga,
nor importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo
formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é
ia que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes,
ia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite,
semelhantes combina~ de palavras, assim como quaisquer outras
nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos

na
tanto, a me
Meibulo, sendo
~ediável, po
~ a cacofon
e que puder,
e
!~:a=e possam
jutt08% (Gramática Secundária, 306-7.)

4) Ortoepia

Ortoepia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos V,
#

Nnemas.

43
#

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da frase, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais. - Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em -amos e -emos do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.a e 2.a conjugações.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de m, n e principalmente nh: cama, cana, banha, cena, fina, Antônio, unha

OBsERvAçÃo: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários out,os cábulos: emitir, emisÁrio, eminente, energia, enaltecer, Enaldo, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de m, n ou nh: mata, nata, companhia, milho. Assim não tem cabimento a pronúncia nasalada do mas /más/. Entretanto, mui e muito se proferem Jmúi/, /múito/.

d) Soam igualmente o a artigo, a preposição, a pronome e o a resultante de crase. Não se alonga o à, salvo, muito excepcionalmente, se

houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (Normas, 481).

e) São reduzidas as vogais e e o átonas finais, que soam lil e respectivamente: frente, carro.

f) São oscilantes /e/, /i/, /é/, /1/, /o/, /iu/, /ó/, /ú/ reduzidos pre-tônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gra-duação de freqüência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (Normas, 482): pedir: /pedir/ ou /pidir/; -estudo: /estudu/ ou /istudu/; sentir: /sentir/ ou /sintir/; costura: /costura/ ou /custura/; compadre: /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições com e por, que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pro. nunciadas /kú/ e lpur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de entre: embriogenia, hendíade, hexágono, entremei . O(1).

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir dois vocábulos de sentido diferente: eminente / iminente; emigrar / 'migrar; descrição / discrição.

(1) ANTzNoa NASCENTES, Idioma Nacional, 14.

#

h) O u depois de g ou q ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia). Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do g: agüentar, ambigüidade, apaziguar, argüição, argüir, bilíngüe, consangüíneo, contigüidade, ensan-güentado, exigüidade, lingüeta, lingüista, redargüir, sagüi ou sagüim

ungüento, ungÜiforme

Não se deve proferir o u depois do g em: distinguir, exangue, extin-guir, langue, pingue (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: antigüidade ou antiguidade; sangüíneo ou sanguíneo; sangüinário ou sanguinário; sangüinoso ou sanguinoso.

Profere-se o u depois do q em: aqui ' cola, conseqüência, delinqüência

delinqüir, eqüestre, eqüevo, eqüidistante, eqüino (= cavalar), eqüitativo
eqüipolente (também equipolente), freqüência, iniqüidade, loqüela, obli

qüidade, qüercina, qui . ngentésimo,
Tarqüínio, tranqüilo, ubiqüidade.
Não se profere o u, depois do

qüinqüênio, qüiproquó, seqüência

equilíbrio, equinócio, equipar, equiparar, equitação., equ oco, extorquir,
inquérito, inquirir, liquidificador, sequioso, quérulo, questão, quibebe.
É facultativo pronunciá-lo em: antiqüíssimo ou antiquíssimo; equi-
dade ou equidade; eqüivalente ou equivalente; eqüivaler ou equivaler;
liquidação ou liqüidação; liqüidar ou liquidar; líqüido ou líquido; retor-
qüir ou retorquir.
Diz-se quatorze ou catorze, sendo a primeira mais generalizada entre

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Re-
comendamos timbre aberto para o e em: acerbo, Aulete, anelo, badejo,
caterva, cetro, cerne, cervo, coeso, coevo, coleta, cogumelo, confesso, duelo,

destra, espectro, eqüevo, flagelo, ileso, indefesso, medievo,
paredro, prelo, primevo, relho, septo, servo, Tejo, terso.

elmo, obsoleto,

É fechado em: acervo, adrede, alameda, amuleto, anacoreta, bofete,
caminhoneta, cerebelo, cateto, cerda, corbelha, devesa, defeso, escaravelho,
efebo, fechar (e suas formas fecho, fechas, feche, etc.), ginete, grumete,
indefeso, interesse (s.), ledo, lerdo, lampejo, labareda, magneto, pa-
limpsesto, panfleto, pez, quibebe, reses, retreta, Roquete, sobejo, veneta
vereda, vinheta, versalete, vespa, vedeta, verbete, xerez, xepa. As autori-
dades recomendam o timbre fechado em pese (na expressão em que pese
a) e colmeia (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre

Tem timbre aberto o o tônico de: canoro, coldre, (de) envolta, dolo
'. forum, hissope, imoto, inodoro, manopla, molho, piloro, probo, suor
1

Tem timbre fechado o o tônico de: aboio, alforje, algoz, boda, bodas
cochicholo, chope, cachopa, choldra, corça, desporto, filantropo, loa, lorpa

Mausolo, misantropo, odre, serôdio, teor, torpe.
#

i) Quanto aos ditongos, cumpre notar: ai, ei e ou devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do ou u, nem os eliminando, como o faz o povo: caixa, queijo, ouro.

Soa como ditongo nasal ão a sílaba átona final -am: amam.

Soam como ditongo nasal 6 as sílabas -em, -ém, -en, -ens de muitos vocábulos: bem, vem; vintém, ninguém; vens, homens; armazéns, parabéns.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um i, as vogais tônicas finais seguidas de -z ou -s. Assim não fazemos a diferença entre pás., paz e país; más e mais; rapaz e jamais; vãs e mães. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações,

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem téíy), entre os bra- sileiros, a rima tem e mãe aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

"O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces duma mãe." (Obras, ed. S. DA SILVEiRA, 73)

1) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um i ou u semi- vogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia prai-ia; tuxaua tuxau-ua; goiaba goi- iaba; bóiem bói-icm (cf. Normas, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja i ou u tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocá- bulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculia- ridades individuais" (Normas, 485-6): via: vi-a ou vi-ia; lu-a: lu-a ou lu-ua.

Consoantes. - Soam levemente as consoantes b, c, d, g, s, t quando finais de vocábulos- sob, Moab, Isaac, Cid, Uf, Gog, fórceps, Garrett.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -ar, -er, -en, -ex e -on devem guardar sua integridade em pronúncia: atj6far, esfíncter, índex, cólon,

O 1 final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazè-lo igual a u: nacional.

Na palavra sublinhar e derivados o 1 deve ser pronunciado separa

mente do b.

O -r múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao mai recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carre. gado ainda), embora as Normas não a recomendem na pronúncia cui. dada: mar, avermelhar. Nas palavras ab-rupto, ab-rogar, ad-rogar, su rogar, e derivados, o r deve ser pronunciado múltiplo -e separado, isto sem fazer grupo com a consoante anterior.

O m final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nas zando o e anterior, no vocábulo totem, admitindo a grafia tóteme.

#

bem-amado e bem-aventurado, nasaliza o e anterior, e não se liga ao a seguinte.

As linguodentais d e t, seguidas de i, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): dia, tia.

O s soa aproximadamente como se fora i, inas sem exagero, antes de b, d, g, i, 1, m, r e v: desjejum, deslizar, esmo, asno, esbarrar, esdrúxulo, engastar, desregrar, desvão. Como bem acentua o Prof. Antenor Nascen- tes(‘), em outros pontos do país o s, nestes casos, soa aproximadamente como /Z/.

Antes de c, f, p, q, t, x e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o s tem som próximo de /x/: descampado, esfregar, respeito, esquivo, deste, desxadrezar. Em outros pontos do país, segundo o mestre anteriormente citado, o s nestas circunstáncias é sibilante, como na palavra selva.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo trans (transatlântico, transação, transitivo, etc.) e na palavra obséquio e deri- vados. Em transe (que se grafa também trance), subsídio, subsidiar, subsistir, subsistência e outros da mesma família, o s pode soar como sibilante (como em selva) ou como jzj. Se o elemento a que se prefixa trans- começa por s, não se up ica esta consoante, que será proferi a como sibilante: Transilvânia e derivados, transiberiano. No final - simo (de vigésimo, trigésimo, etc.) soa como jzj.

Escrevendo-se aritmética (com t), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar arimética.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em xarope; 2) frica- tivo alveolar sonoro como em exame; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em auxílio; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em anexo e hexámetro.

X soa /z/ nas palavras: exação, exagero, exalar, exaltar, exame, exangue, exarar, exasperar, exato, exautorar, executar, exegese, exegeta, exemplo, exéquias, exeqüível, exercer, exercício, exército, exaurir, exibir, exigir, exilar, exílio, exímio, existir, êxito, éxodo, exógeno, exonerar, exo-
w, exorbitar, exorcismo, exórdio, exornar, exótico, exuberar, exuberante, exultar, exumar, inexordvel.

Soa como /s/ em: auxílio, máxima, Maximiliano, Maximino, máximo, Ípróximo, sintaxe, trouxe, trouxeram, trouxer.

Soa como jks/ ou /kz/, conforme o caso, em: afluxo, anexo, axila, Áxis, axiômetro, complexo, convexo, crucifixo, doxologia, fixo, flexão, fluxo, hexãmetro (também soa como /z/), hexaedro, hexágono (também wa como ffi), hexassílabo, índex, intoxicar, léxico, maxilar, nexo, máxime, ~Mix, ortodoxo, óxido, prolixo, oxigênio, paradoxo, reflexo, sexagendrio, 1 , sexagésimo, sexo, silex, tórax, tóxico.

Nr (1) Idioma Nacional, 27.
Í

47
#

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: apoplexia, axioma e defluxo.

Vale por /s/ no final de: cálix, Félix, fênix e na locução adverbial a flux.

O z em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: luz, conduz.

Entre os casos particulares, são de notar:

· ch em Anchieta e derivados soa chiado;
· cz de czar (que também pode se escrever tzar) deve ser proferido como /ts/; o lh de Alhambra não constitui dígrafo como em malha; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o h;
o w do nome Darwin e dos derivados (darwinismo, darwinista, etc.) soa como /ul.

Sc e xc soam como /s/ em palavras como nascer, descer, crescer, exce-lência, exceto, excelso.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores foné-ticos próprios, sem intercalação de e ou i: pseudônimo, pneumático, mnemônico apto, elipse, absoluto, admissão, adjetivo, ritmo, afta, indigno, recepção, advogado, accessível (ao lado de acessível), secção (ao

lado
de seção).

Ligação dos vocábulos. - Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na seqüência dos vocábulos com que nos comunicamos com os nossos semelhantes, desde que uma pausa não os separe.

a) VOGAIS OU DITONGOS FINAIS DE VOCÁBULO COM VOCAIS OU DITONGOS INICIAIS DE VOCÁBULO.

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo Seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, nbrInalmente se respeita o hiato interverbal: ali há, lá houve, li ontem.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for i ou e ou u ou o:

segui aquela; já ouvi; lá ironizei; vê umedecer.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongaçáo quando daí resultar uma seqüência de sílabas tônicas: boné usado, 1d iremos.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: essa hora, terreno árido.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indic

#

aqui pelo mácronou a ditongação, se a vogal átona final for i, e ou U, o:

terra árida: ter/ra/á/rida ou ter/rã/ri/da
esse ano: es/se/a/no ou es/sea/no.

OBSERVAÇXO: Chama-se crase a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: Elisão é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contacto com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for a e a inicial for a ou à:

hiato. ca/sa/a/ma/rella

casa amarela { clrlase:' ca/sã/ma/re/la
elisào: ca/sa/ma/re/la

hiato: calsa/ari/te/rijor
casa anterior { crase: ca/sãn/te/ri/or
elisão: calsanIte/ri/or

2)haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for a e a vogal inicial e, 2, O, 6:

roda esportiva hiato: ro/dales/porIti/va
{ eliséio: roldes/por/tilva
porta entreaberta hiato: por/ ta/en/ trea/ber/ ta
{ elisào: por/tenltrea/ber/ta

haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for a e a inicial
i (e), í (é), v (o), u (õ):
hiato: cer/ta/ilda/de
certa idade ditongo: cer/tai/dalde
{ elisão: cer/ti/da/de
hiato: cerlta/in/di/fe/ren/ça
certa indiferença ditongo: cer/tain/di/fe/ren/ça
elisdo: cerltin/di/fe/renlça

4)haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for i (e) e a inicial qualquer uma, exceto i (e):

júri arnik-;v hiato: Ju/rija/milgo
ditongo: ju/ria/milgo

livre arbítrio hiato: li/vre/arlbí/ trio
{ ditongo: li/vriar/bí/ trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for inicial i (e) ou i (é):

hiato- lilvre/imfpren/sa
livre imprensa cr se: li/vrln/pren/sa
{ cissão': lilvrinlprenlsa

i (e) e a

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for u (o u):

hiato: sari/to/Aríltó/nio
Santo Antônio ditongo: sanltoanltôlnio

elisdo: san/tan/tólnio
medo horrível hiato: meldolhorIrílvel
{ ditongo: me/duorIrílvel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for u (o) e a inicial u:

OBSERVA96ES:

umano {hiato: ve/lholhulma/no
velho h crase: ve/lhú/ma/no
elisão: ve/lhulma/no
hiato: a/vilso/urlgenlte
1
aviso urgente { crase: alvilsúr/gen/te
elisão: alvi/surIgen/te

1.a)Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por di-
tongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo.

hiato., jei/to/ai/ro/so
jeito airoso (cf. 6) tritongo: jei/tuailrolso
{ elisgo: jei/tai/ro/so

2.a)A preposição para pode reduzir-se a pra (e não p'ra), hoje usada até entre
literatos. Esta forma quando seguida do artigo ou pronome o, a, os, as e com
ele combinada, é grafada respectivamente pro, pra (para a), Pros, pras.
3.11) Pelo se reduz a pio (mais comum em Portugal), forma que, combina a com o
artigo ou pronome o, a, os, as, é grafada pio, pia, pios, pias. Entre portu- 1
gueses ouve-se ainda pro e pros com o aberto.
4.a)A preposição com pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com o, a,
os, as, dando origem às formas co, ca, cos, cas, empregadas mais com freqüência
na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama ectlipse.

b) CONSOANTE FINAL DE VOCÁBULO COM FONEMA INICIAL DE VOCÁBULO.

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semi-
vogal), sem pausa intermediária, deve ser Proferida como se fosse inter-
vocdlica, isto é, liga-se a uma vogal obedecendo às normas id estabelecidas:

"De um sentir aventurado"

"É talvez a voz mimosa"
1---,

"Gentil infante, engraçado"

"Que dás honra e valor"
1_~

50
#

A consoante final b (em sob, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um i ou e intermédio:

Sob luzes d'esperança
Sob fúria.

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou senEvogal), pode o b final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de i ou e (redu-zido), o que é mais comum entre nós:

Sob os céus (ao-bos-céw ou ao-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com 1 ou r), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível ldbia (in-cri-vel-lá-bia)
Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O s final soa aproximadamente como se fora J/, mas sem exagero, era ligação com vocábulo iniciado por b, d, g, i, 1, m, n, r, v e z, ouvindo-se os dois fonemas:

os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ventos, os zumbidos.

O s final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por c., p, q, s, t, x e ch, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes x e z finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (z = j), faz calor (z = x).

O n final de vocábulo, como cánon, íon, cíclotron, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações

com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: cdnon bíblico.
Seguido de vogal (ou setnivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba: cânon antigo.
't O m final de bem-aventurado, bem-amado e semelhantes nasaliza a ~, vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.
Quando o artigo indefinido ou numeral uma é seguido de vocábulo começando por m não se deve proferir o m, soando, portanto, úa, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma u'a):

uma mensagem, uma mão.
#

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entoação dos fonemas.
A preocupaçãj maior da prosódia é o conhecimento da sílaba predominante, chamada tônica.

Sílaba. - Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.
Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.
Quanto à sua constituição, a sílaba pode ser simples ou composta, e esta última aberta (ou livre) ou fechada (ou travada).
Diz-se que a sílaba é simples quando é constituída apenas por uma vogal: e, há.
Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: ar (vogal + consoante), lei (consoante + vogal + semivogal), vi (consoante + vogal), ou (vogal + semivogal), mas (consoante + vogal + consoante).
A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: vi; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque nasalidade vale por um travamento de sílaba: ar, lei, ou, mas, um.
Quanto ao número de sílabas dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): é, há, mar, de, dê;
b) dissílabos (se têm duas sílabas): casa, amor, darás, voce;
c) trissílabos (se têm três sílabas): cadeira, átomo, rápido, cômodo;
d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): fonética, satisfeito, camaradagem, inconvenientemente.

Quanto à posição, a sílaba pode ser inicial, medial e final, conforme apareça no início, no interior ou no, final do vocábulo:

10 né ti ca
inicial niedial niedial final

Quantidade. - Quantidade é a duração da vogal e da'consoante. Dátinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal ---que se denomina braquia ou brdquia, e a longa com o sinal - chamado mácron: à (a breve), à (a longo).

Há línguas onde a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, rosã (com a breve) não tem o mesmo sentido e ap i- cação gramatical de rosã (com a longo), distinguindo-se, pela quantidade,

#

1,

1 i:

à

i t

o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xíp e xíp (que se escrevem ship e sheep) significam, respectivamente, navio e carneiro"(').

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais.

Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilís- ticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

"Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas maripo- sinhas tontas... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o amor, o amoor, o 1 amooor é tudo na vida, e adeus" (MONTEnto LOBATO, Cidades Mortas, 147).

BARbaridade!

Acentuação é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina acento. Diz-se que o acento é de intensidade (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o

relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é musical (acento de altura ou tom), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de_ acento de intensidade; o latim e o grego, por outro lado, possuem acento musical.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo conside,~ado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade. - Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade. Em sólida, barro, poderoso, material, há uma sílaba que se sobressai às demais e, por isso, se chama tônica: sólida, barro, poderoso, material. As outras sílabas se dizem átonas e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

Po -
átona
pretônica

de - ro so
átona tônica átona
pretônica postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o acento tônico do vocábulo (acento da palavra ou acento vocabular).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas subtônicas que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba tônica, fazendo que se desenvolva um novo acento de menor intensidade - acento secundário -. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico. - Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

(1) SAID ALI, Gram. Sec., 15.

#

a) oxítonos: o acento tônico recai na última sílaba: material, princ~
b) paroxítonos: o acento recai na penúltima sílaba: barro, Poderoso, Pedro;
C) proparoxítonos: o acento tônico recai na antepenúltima sílaba: sólida, felicíssimo.

OBURVAÇõES: Em estu~amo-lo o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que fd-lo é paroxítono e admiras-te, proparoxftono (cf. pág. 55).

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os seguei Por isso, são chamados cliticos (que se inclinam), e serão proclíticos se se inclinam para o vocábulo seguinte (o homem, eu sei, vai ver, mar alto, não viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-me, dou-a, fiz-lhe).

Os cliticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem átonos. Os monossilábicos de individuali a e fonética se chamam t6nicos.

Alguns dissílabos podem ser também clíficos ou átonos: para (reduzido a pra) ver, quero Crer, quero porque quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossilabos e de alguns dissílabos depende sempre do acento da frase (cf. pág. 55).

Acento de intensidade e sentido do vocábulo. - O acento de intensidade desempenha importante papel lingüístico, decisivo para a significação do vocábulo. Assim, sábia é adjetivo sinônimo de erudita; sabia é forma do pret. imperfeito do indicativo do verbo saber; sabiá é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário. - Em rapidamente a sílaba ra possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba men, e se ouve mais distintamente do que as átonas existentes na palavra. Dizemos que a sílaba men contém o acento principal e ra o acento secundário da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, subt6nica.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: RÁpido - rapidamente.

Acento de insãténcia e emocional. - O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra, insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

"Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mie: - Mentira 1... Mentiiiiira!... Mentiiiiiiiiiira! - bem cada um para seu lado" (HUMBERTO DE CAMPOS, Sombras que Sofrem, 32).

"encasqueta-se-lhes na cabeça que o amor, o amoor, o amooor é tudo na vida e adeus" (MoNmuRo LoBATo, Cidades Mortas, 147).

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

maravilhosa, formidável, inteligente, miserável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno dó recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" (1).

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

São fatos subjetivos e não objetivos.
Os problemas de importação e de exportação.
Com dinheiro ou sem dinheiro.

Acento de intensidade na frase. - Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia; mas na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou frásico, pertencente a cada grupo de força.

Chama-se grupo de força à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: A casa de Pedrol é muito grande. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as

palavras a e de se incorporam a casa e Pedro, ficando o conjunto subor-
dinado a um acento principal na sílaba inicial de Pedro, e um acento
secundário na sílaba inicial de casa. No segundo grupo de força, as pala-
vras é e muito se incorporam foneticamente a grande, ficando o conjunto
subordinado a um acento principal na sílaba inicial de grande e outro
secundário, mais fraco, na sílaba inicial de muito.

(1) AMments de Phondtique Gdnirale~ 252.

#

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de
força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois
grupos sucessivos(').

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas profe-
ridas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme
o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto
à qual chamamos ritmo. Prosa e verso possuem ritmo. No verso o ritmo
é essencial e específico; na prosa apresenta-se livre, variando pela iniciativa
de quem fala ou escreve (2).

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos. - Nestes grupos de força
certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os
segue ou que os precede. Dizemos que tais vocábulos são clíticos (que se
inclinam) ou átonos (porque se acham destituídos de seu acento voca-
bulgr). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individua-
lidade fonética é chamado tônico. Ao conjunto se dá o nome de vocábulo
fonético: o rei lurrey/; deve estar Idevistarj.

Os clíticos se dizem proclíticos se precedem o vocábulo tônico a que
se incorporam para constituir o grupo de força:

o reill ele dissell bom livro11 deve estar

Dizem-se enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-me // ei-lo // falar-lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes
de vocábulos:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição):
o homem // um homem do livro
2) certos numerais: um livro três vezes // cem homens // etc.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interroga-
tivos): este livro 11 meu livro 11 cada dia // que fazer?
4) pronomes pessoais antepostos: ele vem 111 eu disse
5) pronomes relativos
6) verbos auxiliares
7) certos advérbios (já vi, não posso, etc.)
8) certas preposições (a, de, em, com, por, sem, sob, para)
9) certas conjunções: e, nem, ou, mas, que, se, como, etc.

São enclíticas as formas pronominais me, te, se, nos, vos, o, a, os, as,
lhe, lhes, quando pospostas ao vocábulo tônico.

(1) NAvARiRo TomÁs, Manual de Pronunciacidn EspatIola, 29, n. 1.
(2) Na língua portuguesa moderna predomina a seqüência progressiva, que consiste em
apresentar, de preferéncia, a OeclaraçAo no fim (o predicado), o determinado antes do deer.
minante, o que se torna cÔmodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

#

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua
posição no grupo de força a que pertence. Em o arco desaparece, o subi-
tantivo arco é tônico; em o arco-íris('), passou a átono proclítico.
Em grande homem, alto mar, os adjetivos são átonos; em homem
grande, mar alto, já são os substantivos que se atonizam. Em eu lhe disse,
os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em disse-lhe eu, o pro-
nome eu conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são
devidos a fenômenos de fonética sintática.

Conseqüências da próclise. - Os vocábulos átonos proclíticos, per-
dendo o seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte,
resistem menos à pressa com que são proferidos. e acabam por sofrer
reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de pró-
clise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a
semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba

nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

"E à noite, quando o céu é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, - tuas ondas correm."

Boa (ou boas), em próclise, transforma a vogal o em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

"Outros suas terras em boa paz regeram
Armando-as com boas leis, e bons Preceitos." (ANTÔNio ~UtA, Poemas);

"bas noite nhozinho" (CARDOSO, Maleita, 281) (2).

b) desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílado;
para > pra: Isto é pra mim.

C) desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) santo > são (diante dos nomes começados por consoante), São Paulo, São Pedro;
2) cento > cem: cem páginas;
3) grande > grã, grão: Grã-Bretanha, grão-vizir;
4) tanto > tão: tio grande;
5) quanto > quão: quão belo.

d) outras reduções como senhor > seu: seu João.

Vocábulos que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

- Silabada é o erro na acentuação tônica de um vocábulo.

(1) Por isso, nos compostos, para determinaçâo da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Dessarte, é oxitono couve-flor e paroxItono arco-íris.

(2) Exemplos extraidos de SOUSA DA SILVEIRA, Fonética Sintática, 97-98.

#

Numerosos vocábulos existem que oferecem dúvida quanto à posição da sílaba tônica.

São oxítonos:

São paroxítonos:

alanos
alcácer, alcáçar
algaravia
âmbar
Andronico
arcediago
arrátel
avaro
avito

aziago
azimute
barbaria
batavo
cânon
caracteres
cenobita
clímax
croniossomo
decano
edito (lei, decreto)

alo6s
Cister
harkm
Gibraltar
masseter
faz-se mister (=necessário)
Monroe

erudito
esquilo
estalido
exegese
filantropo
flébil
fluido (ui ditongo)
fórceps
fortuito (ui ditongo)
gólflo
gratuito (ui ditongo)
gúmex
hissope
hosana
Hungria
ibero
impío (cruel)
inaudito
índex
látex

Nobel
novel
recém
refém
ruim
sutil
ureter

Madagáscar (também
#

oxítono)

maquinaria
matula (súcia; famel)
misantropo
necropsia
néctar
nenúfar
Normandia
onagro
opimo
pegada
policromo
pudico
quiromancia
refrega
sótIO
subida honra
tulipa

São proparoxítonos (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo
crescente):

acônito	Androcies	barbárie
ádvena	andrógino	bátega
acródromo	anélito	bávaro
aerólito	anémona	bígamo
ágape	anódino	bímano
álacre	antídoto	boémia
álcali	antifona	bólido
álcool	antífrase	bràmane
alclone	ápode	cáfila
alcoólatra	areópago	cérbero
alibi (latinismo)		aríeteCleópatra.
alvíssaras	arquétipo	condómino
âmago	autóctone	cotilêdone
amálgama	ávido	crástino
ambrósia	azáfama	crisântemo
anátema	azêrnola	Dámocles

#

escâncaras (às
estratégia
etfope
éxodo
fac-símile
fagócito
faràndula
férula
fíbula.
gárrulo
grandíloquo

acróbata
alópata
anídrido
hieróglifo
nefelíbata.
Oceánia
ortoépia
projétil
réptil
reseda (é)
sóror
Dário
Gándavo
homília
geodésia
zángão

acrobata
alopata
anidrido
hieroglifo,
nefelibata
Oceania
ortoepia
projetil
reptil
resedi
soror
Dario
Gandavo
homilia
geodesia
zanglo

pântano
páramo,
Pégaso
périplo
pléiade (-a)
prístino
prófugo
pródromo
protótipo
quadrúmano
réquiem
resffilego (s.)
revérbero,

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e três letras:

2) Além dessas letras há três que só se podem usar em casos especiais: k, w, y.

3) O h é substituído por qu antes de e e i e por e antes de outra qualquer

#

4) Emprega-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: K. = potássio; Kr. = criptônio; kg = quilograma; km = quilômetro; Àw = quilowatt; kwh = quilowatt-hora, etc.

5) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: frankliniano, kantismo, kleperiano, perkinismo, etc.

6) O w substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por u ou v, conforme o seu valor fonético: sanduíche, talvegue, visigodo, etc.

7) Como símbolo e abreviatura, usa-se em kw = quilowatt; W = oeste ou tungstênio; w = watt; ws = watt-segundo, etc.

8) Nos derivados vernáculos de nomes próprios estrangeiros, cumpre adotar as formas que estão em harmonia com a primitiva: darwinismo, wagneriano, zwinglianista, etc.

9) o y, que é substituído pelo i, ainda se emprega em abreviaturas e como símbolo de alguns termos técnicos e científicos: Y. = ítrio; yd = jarda, etc.

10) Nos derivados de nomes próprios estrangeiros, devem usar-se as formas que se acham de conformidade com a primitiva: byroniano, maynardina, taylorista, etc.

III - H

11) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras e no fim de algumas interjeições: haver, hélice, hidrogênio, hóstia, humildade; hão, hem ? puh !; etc.

12) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do ch, do lh e do nh, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com h inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: chave, malho, rebanho; anti-higiênico, contra-haste, pré-histórico, sobre-humano, etc.

OBSERVAÇÃO: Nos compostos sem hífen, elimina-se o h do segundo elemento: anarmônico, biebdomaddrio, coonestar, desarmonia, exausto, inabilitar, lobisomem, reaver, etc.

13) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o h no último elemento, quando há pronome intercalado: amá-lo-ei, dir-se-ia, etc.

14) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: arpeio (substantivo), ombro, ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos e nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, andorinha, erva, feld, inverno, etc.

15) Não se escreve h depois de c (salvo o disposto em o n.O 12) nem depois de P, r e t: o ph é substituído por f, o ch (gutural) por qu antes de e ou i e por c antes de outra qualquer letra: corografia, cristão; querubim, química; farmácia, fósforo; retórica, ruibarbo; teatro, turíbulo; etc.

IV - Consoantes mudas

16) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: asma, assinatura, ciência, diretor, gindsio, inibir, inovação, ofício, ótimo, salmo, e não asthma, assignatura, sciencia, directorÁ gymnasio, inhibir, innovação, officio, optimo, psalmo.

OBsERvAÇKO: Escreve-se, porém, o s em palavras como descer, florescer, nascer, etc., e o x em vocábulos como exceto, excerto, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

17) Em sendo mudo o P no grupo mpc ou mpt, escreve-se nc ou nt: assuncionis assuntà, presunção, prontificar, etc.

#

18) Devem-se registrar os vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, pondo-se em primeiro lugar o de uso mais generalizado, e em seguida o outro.

Assim, serão consignados, além de outros, estes: aspecto e aspeto, característico e caraterístico, circunspecto e circunspeto, conectivo e conetivo, contacto e contato, corrupção e corrução, corruptela e corrutela, dactilografia e datilografia, espectro e espetro, excepcional e excecional, expectativa e expetativa, infecção e infeção, optimismo e otimismo, respectivo e respetivo, secção e seção, sinóptico e

sinótico, sucção
e stição, sumptuoso e suntuoso, tacto e tato, tecto e teto.

V - S C

19) Elimina-se o s do grupo inicial sc: celerado, cena, cenografia, ciência, cientista,
cindir, cintilar, ciografia, cisão, etc.
20) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua,
são escritos sem o s antes do e: anticientífico, contracenar, encenação, etc.; mas,
quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o s: consciência, cônscio,
imprescindível, insciente, ínscio, multisciente, néscio, presciência, prescindir, proscénio,
rescindir, rescisão, etc.

VI - Letras dobradas

21) Escrevem-se rr e ss quando, entre vogais, representam os sons simples do r
e s iniciais; e cc ou cç quando o primeiro soa distintamente do segundo: carro, farra,
massa, passo; convicção, occipital, etc.
22) Duplicam-se o r e o s todas as vezes que a um elemento de composição ter-
minado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma
daquelas letras: albirrosado, arritmia, altíssono, derrogar, prerrogativa, pressentir, res-
sentimento, sacrossanto, etc.

VII - Vogais nasais

23) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por ti (às), im (ins),
om (ons), um (uns): ali, cás, flautim, folhetins, semitom, tons, tutum, zunzuns, etc.
24) O ê1 pode figurar na sílaba tônica, pretónica ou átona: gaM, cristãmente, maçá,
drfã, romanzeira, etc.
25) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por
m antes do b e p, e por n antes de outra qualquer consoante: ambos, campo; contudo,
enfim, enquanto, homenzinho, nuvenzinha, vintenzinho, etc.

VIII - Ditongos

26) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva i ou u: aipo, cai, cauto,
degraus, dei, fazeis, idéia, mausoléu, neurose, retorqüiu, rói, sois, sou, 50u10, uivo,
usufrui, etc.
OBSERVAÇKO: Escrevem-se com i, e não com e, a forma verbal fui, a 2.a e 3.a pessoa do

singular do presente do indicativo e a 2.a do singular do imperativo dos verbos terminados
em uir: aflui, fruis, retribuis, etc.

27) O ditongo ou alterna, em numerosos vocábulos, com oi: balouçar e baloiçar,
calouro e caloiro, dourar e doirar, etc. Cumpre registrar em primeiro lugar a forma
que mais se usa, e em seguida a variante.

61
#

28) Escrevem-se assim os ditongos nasais: de, ai, tio, am, em, en (8), 6e, Ui (Pro.
ferido ili): mie, pêles, cílibra, acórtíflo, irmdo, ledozinho, amam, bem; bens, devem,
põe, repões, muito, etc.

CIBURVAÇõES:

1.a) Dispensa-se o til do ditongo nasal ui em mui e muito.

2.a) Com o ditongo nasal do se escrevem os monossílabos, tónicos ou não, e os polissílabos
oxítonos: cão, dão, grdo, ndo, quão, são, tdo; alcordo, capitão, cristdo, então, irmão,
sendo, sentirão, servirão, viverão, etc.

3.a) Também se escrevem com o ditongo do os substantivos e adjetivos paroxítonos, acen-
tuando-se, porém, a sílaba tónica: órfão, órgão, sótáo, etc.

4.a) Nas formas verbais anoxítonas se escreve qm: amaram, deveram, partiram, puseram, etc.

5.a) Com o ditongo nasal de se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os
anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo di: capitães, mdes, pdezinhos; clibo,
zdibo, etc.

6.a) O ditongo nasal éi(s) escreve-se em ou en(s), assim nos monossílabos como nos polis.
sílabos de qualquer categoria gramatical: bem, cem, convém, convéns, mantém, manténs,
nem, sem, virgem, virgens, voragem, voragens, etc.

29) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como
ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma; ea (áurea), co (cetáceo), ia (colônia),
ie (espécie), io (exímio), oa (nódoa), ua (contínua), ue (tênue), uo (tríduo), etc.

IX - Hiatos

30) A La, 2.a, 3.a pessoa do singular do presente do conjuntivo e a 3.a pessoa do

singular do imperativo dos verbos em oar escrevem-se com oe e não oi: abençoe,
amaldiçoes, perdoe, etc.

31) As três pessoas do singular do presente do conjuntivo e a &a do singular
do imperativo dos verbos em uar escrevem-se com ue, e não ui: cultue, habitues,
preceitue, etc.

X - Parênimos e vocábulos de grafla dupla

32) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parõnimos e os de
grafia dupla que se escrevem com e ou com i, com o ou com u, com c ou q, com ch
ou x, com g ou i, com s, ss ou c, ç, com s ou x, com s ou z e com os diveisos
valores do x.

33) Deve-se registrar a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo
e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros,
nem sempre idêntica à lusitana. E quando há dois vocábulos diferentes, v. g., ura
escrito com e e outro escrito com i, é necessário que ambos sejam acompanhados da
sua definição ou do seu significado mais vulgar, salvo se forem de categorias grama.
ticais diferentes, porque, neste caso, serão acompanhados da indicação dessas categorias.
Ex.: censório, adj. Cf. Sensório, adj. e s.m.

Assim, pois, devem w inscritos vocábulos como: antecipar, criador, criança, criar,
diminuir, discriciondrio, dividir, filintiano, filipino, idade, igreja, igual, imiscuir-se,
invés, militar, ministro, pior, quase, quepe, tigela, tijolo, vizinho, etc.

34) Palavras como cardeal e cardial, desfear e desfiar, descrição e discrição, destinto
e distinto, meado e miado, recrear e recriar, se e si serão consignadas com o necessário
esclarecimento e a devida remissão. Por exemplo: descrição, 9.f.: ação de descrever.
Cf. discrição. Discrição, s.f.: qualidade do que é discreto. Cf. descrição.

35) Os verbos mais usados -em ear e iar serão seguidos das formas do presente
do indicativo, no todo ou em parte.

#

36) De acordo com o critério exposto, far-se-á rigorosa distinção entre os vocábulos que se escrevem:

a) com o ou com u: frdgua, lugar, mágoa, manuelino, polir, tribo, urdir, veio (v. ou substantivo), etc.

b) com c ou q: quatorze (seguido de catorze), cinqüenta, quociente (seguido de cociente), etc.

C) com ch ou x: anexim, bucha, cambaxirra, charque, chimarrão, coxia, estrebuchar, faxina, flecha, tachar (notar; censurar), taxar (determinar a taxa; regular), xícara, etc.

d) com g ou i: estrangeiro, jenipapo, genitivo, gíria, jeira, jeito, jibóia, firau, laranjeira, lojista, majestade, viagem (subst.), viajem (do verbo viajar), etc.

C) com s, is ou c, ç: dnsía, anticéptico, boça (cabo de navio), bossa (protuberância; aptidão), bolçar (vomitar), bolsar (fazer bolsos), caçula, censual (relativo a censo), sensual (lascivo), etc.

OtazavAçÃo: Não se emprega ç em início de palavras.

com s ou x: espectador (testemunha), expectador (pessoa que tem esperança), experto (perito; experimentado), esperto (ativo; acordado), esplêndido, esplendor, extremoso, flux (na locução a flux), justafluvial, justapor, misto, etc.

g) com s ou z: alazdo, alcaçuz (planta), alisar (tornar liso), alizar (s.m.), anestesiar, autorizar, bazar, blusa, brasileiro, buzina, colíseu, comezinho, cortês, dissensão, empresa, esfuziar, esvaziamento, frenesi (seguido de frenesim), garcês, guizo (9.m.), improvisar, irisar (dar as cores do íris a), irizar (atacar [o iriz] o cafezeiro), lambuzar, luzidio, mazorca, narcísar-se, obséquio, pezunho, prioresa, rizotônico, sacerdotisa, sazão, tapiz, trdnsito, xadrez, etc.

OISILAVAÇUS:

La) E sonoro o s de obséquio e seus derivados, bem como o do prefixo trans, em se lhe "Indo vogal, pelo que se deverá indicar a sua pronúncia entre parénteses; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por s, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: obsequiar (ze), transocednico (zo), transecular (se), transubstanciação (su); etc.

2.a) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do

vocábulo, emprega-se o s
em lugar do z: asteca, endes, mesquita, etc.

37) O x continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em
que pode ser mudo, qual em exceto, excerto, etc. Tem, pois, o som de:
IP) ch, no princípio e no interior de muitas palavras: xàirel, xerife, xícara, ameixa;
enxoval, peixe, etc.
OssiavAçÁo: Quando tem esse valor, não será indicada a sua pronúncia entre parénteses.

Í 2.0) cs, no meio e no fim de várias palavras: anexo, complexidade, convexo, bórax,
Utex, sílex, etc.
~I V) z, quando ocorre no prefixo exo ou ex seguido de vogal: exame, êxito, êxodo,
1 exosmose, exotérmico, etc.
~ V) ss: aproximar, auxiliar, máximo, proximidade, sintaxe, etc.
5,0) s final de sílaba: contexto, fénix, pretextar, sexto, textual, etc.
~i

38) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o s em vez do x,
1
'. quando não o precede a vogal e: justafluvial, justaposiç&o, misto, sistino, etc.

63
#

XI - Nomes próprios

39) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo
portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os
nomes comuns.
40) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assina-
tura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quais-
quer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.
41) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas
de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as
normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os
princípios estabelecidos nestas Instruções.
42) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração

alguma na sua
grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso dititurno dos brasileiros. Sirva de
exemplo o topônimo Bahia, que conservará esta forma quando se aplicar em referência
ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do
vocabulário comum.

XIII - Apóstrofo

44) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.0) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação:
c'roa, esp'rança, ofrecer, 'star, etc.

2.0) Reproduzir certas pronúncias populares: 'td, 'teve, etc.

3.0) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas
ligadas pela preposição de: copo-d'água (planta, lanclic), galinha-d'água, méie-
d'água, olho-d'água, pau-d'água (árvore, ébrio), pau-d'alho, pau-d'arco, etc.

OBsEitvAçÃo: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se.use dele
em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições de e em com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos,
indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: dei (em aqui-dei-rei); dum, duma (a par
de de um, de uma), num, numa (a par de em um, em uma); dalgum, dalguma (a par de
de algum, de alguma), nalgum, nalguma (a par de em algum, em alguma); dalguém, nal-
guém (a par de de alguém, em alguém); doutrem, noutrem (a par de de outrem, etn
outrem); dalgo, dalgures (a par de de algo, de algures); daquém, dalém, dacolá (a par de
de aquém, de além, de acolá); doutro, noutro (a, par de de outro, em outro); dele, dela,
nele, nela; deste, desta, neste, nesta, daquele, daquela, naquele, naquela; disto, nisto, da.
quilo, naquilo; daqui, daí, dacolá, donde, dantes, dentre; doutrora (a par de de outrora),
noutrora; doravante (a par de de ora avante); etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; mo, ma, mos, mas, to, ta, tos, tas, lho, lha,
lhos, lhas, no-lo, no-los, no-las, vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las.

C) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e sernáriticas: dessarte,
destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: co, coa, ca, cos, cas, com
(= com o, com a, com os, com as), pio, pia, pios, pias (= pelo, pela, pelos, pelas),
Pra (= para), pro, pra, pros, pras (= para o, para a, para os,

para as), etc.

XIV - Hífen

45) Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que
mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas %W
mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria
porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido.

64
#

) Dentro desse princípio, deve-se empr ar o hífen nos se intes casos

1,0)Nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não
conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui
uma unidade semântica: água-marinha, arco-íris, galinha-d'água, couve-flor,

pára-choque, porta-chapéus, etc.

1.a) Incluem-se nesta norma os compostos em que figuram elementos foneticamente redu
1 1 L -ado su-sue

zidos: be -Prazer, i-sues e, ma pe ste, etc.

2.a)0 antigo artigo el, sem embargo de haver perdido o seu primitivo sentido e não ter
vida à parte na língua, une-se por hífen ao substantivo rei, por ter este elemento

evidéncia semântica

3.a)Quando se perde a noção do composto, quase sempre em razão de um dos elementos
não ter vida própria na língua, não se escreve com hífen, mas aglutinadamente:
abrolhos, bancarrota, fidalgo, vinagre, etc.
4.a) Como as locuções não têm unidade de sentido, os seus elementos não devem ser unidos
por hífen, seja qual for a categoria gramatical a que elas pertençam. Assim, escre , ve-sc,
v.g., vós outros (locução pronominal), a desoras (locução adverbial), a fim de (lo-
cuçáo prepositiva), contanto que (locução conjuntiva), porque essas combinações voca-
bulares não são verdadeiros compostos, não formam perfeitas

unidades semânticas.
Quando, porém, as locuções se tornam unidades fonéticas, devem ser escritas numa só
palavra: acerca (adv.), afinal, apesar, debaixo, decerto, defronte, depressa, devagar,

5-a

As formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos e os vocábulos compostos
cujos elementos são ligados por hífen conservam seus acentos gráficos: amá-lo-d, amá-
reis-me amásseis-vos, devê-lo-ia, fd-la-emos, pó-las-íamos,

2,0)Nas formas verbais com pronomes encliticos ou mesocliticos: ama-lo (amas e lo),
amá-lo (amar e lo), dê-se-lhe, fá-lo-d, oferecê-la-ia, repô-lo-eis, serenou-se-te, traz-me

3.0)Nos vocábulos formados pelos prefixos que representam formas adjetivas, com
anglo, greco, histórico, ínfero, latino, lusitano, luso, póstero, súpero, etc.: anglO
brasileiro, greco-romano, histórico-geogrófico, ínfero-anterior, latino-americano
lusitano-castelhano, luso- brasileiro, póstero-palatal, stipero-posterior, etc.
OBSERVAÇÃO: Ainda que esses elementos prefixais sejam reduções de adjetivos, não perden
sua individualidade morfológica, e r Isso devem unir-se por hífen, como sucede com

austro (= austríaco), dólico (= dolicocéfalo), euro (= europeu), telégrafo (= telegráfico), etc-
austro-húngaro, dólico-louro, euro-africano, telégrafo-postal, etc.(1)

V)Nos vocábulos formados por sufixos que representam formas adjetivas, como açtc,
guaçu e mirim, quando o exige a pronúncia e quando o primeiro elemento acaba
em vogal t da aficamente: andd-açu amoré-guaçu anaid-mirim, capim-açu,
etc.

a)auto, contra, extra, infra, intra, neo, proto, pseudo, semi e ultra, quando se
lhes seguem palavras começadas por vogal, h, r oualmirante, extra-oficial, infra-hepático, intra-ocular, neo-republicarto, proto-revo-
.~ 7

(1) Mas, no próprio texto do PVOLP, encontramos contradições a êste principio, como:
#

OBSERVAÇÃO: A única exceçào a esta regra é a palavra extraordindrio, que já está consagrada pelo uso.

b) ante, anti, arqui e sobre, quando seguidos de palavras iniciadas por h, r ou s: ante-histórico, anti-higiênico, arqui-rabino, sobre-saia, etc.

C) supra, quando se lhe segue palavra encetada por vogal, r ou s: supra-axilar, supra-renal, supra-seráível, etc.

d) super, quando seguido de palavra principiada por h ou r: super-homem, super-requintado, etc.

C) ab, ad, ob, sob e sub, quando seguidos de elementos iniciados por r: ab-rogar, ad-renal, ob-reptício, sob-roda, sub-reino, etc.

f) pan e mal, quando se lhes segue palavra começada por vogal ou h: pan-asidtico, pan-helenismo, mal-educado, mal-humorado, etc.

g) bem, quando a palavra que lhe segue tem vida autônoma na língua ou quando a pronúncia o requer: bem-ditoso, bem-aventurança, etc.

h) sem, sota, soto, vice, vizo, ex (com o sentido de cessamento ou estado anterior), etc.: sem-cerimônia, sota-piloto, soto-ministro, vice-reitor, vizo-rei, ex-diretor, etc.

i) pós, pré e pró, que têm acento próprio, por causa da evidência dos seus signi-ficados e da sua pronunciaçáo, ao contrário dos seus homógrafos inacentuados, que, por diversificados foneticamente, se aglutinam com o segundo elemento: pós-meridiano, pré-escolar, pró-britdnica; mas pospor, preanunciar, procônsul, etc.

XV - Divisão silábica

47) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

48) Fundadas neste princípio `geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

La) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: cni-do-se, dze-ta, gno-ma, mne-mô-ni-ca, pneu-mii-ti-co, etc.

2.a) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a con-soante não seguida de vogal: ab-di-car, ac-ne, bet-sa-mi-ta, daf-ne, drac-ma, ét-ni-co, nup-ci-al, ob-fir-mar, op-ção, sig-ma-tis-mo, sub-por, sub-ju-gar, etc.

3.a) Não se separam os elementos dos grupos consortânticos iniciais de sílabas nem

os dos digramas ch, ffi, nh: a-blu-çdo, a-bra-sar, a-che-gar, fi-lho, ma-nhLI, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonAncias bi e br: nalguns casos o 1 e o r se pronunciam separadamente, e a Isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes di, a não ser no tempo onomatopéico dlim, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divislo silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: ,sub-lin-gual, jub-rogi~r, ad-le-gaçdo, etc.

4.a) O sc no interior do vocábulo biparte-se, ficando o s numa sílaba, e o e na silaba, imediata: a-do-les-cen-te, con-va-les-cer, des-cer, ins-ci-ente, pres-cin-dir, res-ci-são, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o s que precede consoantes: abs-tra-ir, ads-cre-ver, ins-cri-çáo, ins-pe-tor, inç-tru-ir, in-ters-d-cio, pers-pi-car, subi-cre-ver, subi-ta-be-Le-cer, etc.

5.a) O s dos prefixos bis, cis, des, dis, trans e o x do prefixo ex não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: bis-ne-to, cis-pla-ti-no, des-li-gar, dis-tra-çtlo, trans-por-tar, ex-tra-ir; bi-sa-vô, ci-san-di-no, de-ses-pe-rar, di-sen-té-ri-co, tran-sa-tlân-ti-co, e-xér-ci-to, etc.

#

6.a) As vogais idênticas e as letras cc, cç, rY e ss separam-se ficando uma na sílaba seguinte: ca-a-tin-ga, co-or-de-nar, du-ún-vi-ro, fri-ís-simo, ge-e-na, in-te-lec-ção, oc-ci-pi-tal, pror-ro-gar, res-sur-gir, etc. .

OMERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: a-ta-ti-de, cai-ais, ca-t-eis, ca-ir, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-iu, flu-ir, gra-ti-na, je-su-í-ta, te-ai, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, ia-ú-de, vi-ví-eis, vo-ar, etc.

7.a) Não se separam as vogais dos ditongos - crescentes e decrescentes - nem as dos tritongos: ai-ro-so, a-ni-mais, ati-ro-ra, a-ve-ri-güeis, ca-iti, cru-éis, en-iei-tar, fo-ga-réu, lu-giu, gló-ria, guai-ar, i-guais, ia-mais, jói-as, ó-dio, quais, sd-

bio, sa-guêlo, £a-gu6es,
sti-bor-nou, ta-fuis, vd-rio, etc.
OBSERVAÇAO: Não se separa do u precedido de g ou q a vogal que o segue, acompanhada,
ou não, de consoante: am-bí-guo, e-qui-va-ler, guer-ra, u-bí-quo, etc.

XVI - Emprego das iniciais maiúsculas

49) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.0) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira:
"Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

"Auriverde pendão de minha terra
que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da Esperança..." (CAsTRo ALvEs)

OnaravAçÁo: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula
quando a pontuação o permite, como se vê em CAsTiLHo:

"Aqui, sim, no meu cantinho,
vendo rir-me o candeeiro,
gozo o bem de estar sozinho
o esquecer o mundo inteird'.

no princípio de cada verso,

2.0) Nos substantivos próprios de qualquer espécie - antropôrtimos, topôninos,
patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas
e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas,
etc.: José, Maria, Macedo, Freitas, Brasil, América, Guanabara, Tieté, AtIdrítico, Anto-
ninos, Afonsinhos, Conquistador, Magndnimo, Coração de Leão, Sem Pavor, Deus, Jeovd,
Alá Assunção, Ressurreição, júpiter, Baco, Cérbero, Via Ldctea, Canopo, Vênus, etc.

OBSERVAÇóES:
1.a)As formas onomásticas que entram na composição de palavras do vocabulário comum
escrevem-se com Inicial minúscula quando constituem, com os elementos a que se
ligam por hífen, uma unidade semAntica: quando não constituem unidade semântica
devem ser escritas sem hífen e com Inicial maiúscula: dgua-de-coldnia, jogo-de-barro,
maria-rosa (palmeira), etc.; além Andes, aquém Atidntico, etc.
2.a)Os nomes de povos escrevem-se com Inicial minúscula, não só quando designam habi-
tantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando

representam coletivamente uma nação*. amazonenses, baianos, estremenhos, fluminenses, guarapuavamos, jequicenses, Paulistas, pontalenses, romenos, russos, suíços, uruguaios, venezucianos, etc.

3.0) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: Héjira, Idade Média, Quinhentos (o século xvi), Seiscentos (o século xvii), etc.

OBSERVAÇAO: os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro.

#

4.0) Nos nomes de vias e lugares públicos: Avenida de Rio Branco, Beco do Carmo, Largo da Carioca, Praia do Flamengo, Praça da Bandeira, Rua Larga, Rua do Ouvidor, Terreiro de São Francisco, Travessa do Comércio, etc.

5.0) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: Igreja (Católica, Apostólica, Romana), Nação, Estado, Pátria, Raça, etc.

OBSFRVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são emprega-dos em sentido geral ou indeterminado.

6.0) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: Agricultura, Arquitetura, Educação Física, Filologia Portuguesa, Direito, Medicina, Engenharia, História do Brasil, Geografia, Matemática, Pintura, Arte, Ciência, Cultura, etc.

OBsERvAçÃo: Os nomes idioma, idioma pUrio, língua, língua portuguesa, vernáculo e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.0) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Patriarca, Vigário, Vigário-Geral, Presidente da República, Ministro da Educação, Governador do Estado, Embaixador, Almirantado, Secretário de Estado, etc.

8.0) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabeleci-

mentos públicos ou particulares: Diretoria Geral do Ensino, Inspetoria do Ensino Superior, Ministério das Relações Exteriores, Academia Paranaense de Letras, Círculo de Estudos "Bandeirantes", Presidência da República, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tesouro do Estado, Departamento Administrativo do Serviço Público, Banco do Brasil, Imprensa Nacional, Teatro de Silo José, Tipografia Rolandiana, etc.

9.0) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: Imitação de Cristo, Horas Marianas, Correio da Manhã, Revista Filológica, Transfiguração (de Rafael), Norma (de Bellini), Guarani (de Carlos Gomes), O Espírito das Leis (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: Queda do Império, O Crepúsculo dos Deuses, Histórias sem Data, A Mão e a Luva, Festas e Tradições Populares do Brasil, etc.

1OP) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: Centenário da Independência do Brasil, Descobrimento da América, Questão Religiosa, Reforma Ortográfica, Acordo Luso-Brasileiro, Exposição Nacional, Festa das Mies, Dia do Município, Glorificação da Língua Portuguesa, etc.

OBSERVAÇAO: os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: carnaval, entrudo, saturnais, etc.

11.0) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Comércio, Ginásio do Estado, Colégio de Pedro II, Instituto de Educação, Grupo Escolar de Machado de Assis, etc.

12.0) Nos nomes comuns, quando personificad" ou individuados, e de seres morais ou fictícios: A Capital da República, a Transbrasiliana, moro na Capital, o Natal de Jesus, o Poeta (Caniões), a ciência da Antiguidade, os habitantes da Península, a Bondade, a Virtude, o Amor, a Ira, o Medo, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga, etc,

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: A Lei de 13 de maio, o

Decreto n.O 20.108, a Portaria de 15 de junho, o Regulamento n.* 737, o Acórdão de 3 de agosto, etc.

13.0) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: Os povos do Oriente; o falar do Norte é diferente do falar do Sul; a guerra do Ocidente, etc.

68
#

OBSERVAÇÃO! Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando disignam direções ou limites geográficos: Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste.

14.0) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: D. (Dom ou Dona), Sr. (Senhor), Sr.a (Senhora), DD. ou Dig.mo (Digníssimo), MM. ou M.--- (Meritíssimo), Rev.", (Reverendíssimo), V. Rev.a (Vossa Reverência), S.E. (Sua Eminência), V. M. (Vossa Majestade), V. A. (Vossa Alteza), V. S." (Vossa Senhoria), V. Ex1. (Vossa Excelência), V. Ex.a Rev.--- (Vossa Excelência Reverendíssima), V. Ex.--- (Vossas Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: D. Abade, Ex.--- Sr.a Diretora, Sr. Almirante, Sr. Capitão -de-Mar-e-Guerra, MM. juiz de Direito, Ex.--- e Rev.--- Sr. Arcebispo Primaz, Magnífico Reitor, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Eminentíssimo Senhor Cardeal, Sua Majestade Imperial, Sua Alteza Real, etc.

15.0) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: meu bom Amigo, caro Colega, meu prezado Mestre, estimado Professor, meu querido Pai, minha amordvel Mie, meu bom Padre, minha distinta Diretora, caro Dr., prezado Capitão, etc.

XVJI - Sinais de pontuação

50) ASPAS. - Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação

depois delas, se
encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo
o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

"Aí temos a lei", dizia o Florentino. "Mas quem as há de segurar? Ninguém." (Rui BARBOSA.)

"Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume 1"
"Por que não nasci eu um simples vaga-lume?" (MACHADO DE Assis.)

51) PARÊNMES. - Quando uma pausa coincide com o início da construção paren-
tética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando
a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a com-
petente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco,
este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão
carnal, quanto se cuida." (Rui BARBOSA.)

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem
inventado para a divulgação do pensamento." (Carta inserta nos Anais da
Biblioteca Nacional, vol. 1)". (CARLOS DE LAET.)

52) TRAVESSÃO. - Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou
grupos de palavras que formam, pelo assim dizer, uma cadeia na frase: O trajeto
Maud-Cascadura; a estrada de ferro Rio-Petrópolis; a linha aérea Brasil-A rgen tina;
o percurso Barcas-Tijuca, etc.

53) PONTO FINAL. - Quando o período, oração ou frase'termina por abreviatura,
não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide
com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras

indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se
representam, v.g.: V.Sa; II.---;Ex.a, etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro.)

Aprovadas unanimemente na sessão de 12 de agosto de 1943.

JOSk CARLOS DE MACIDO SOARES
Presidente da Academia Brasileira de Letras

(Das Instruç5es para a Organizaçáo do
Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional)

Regras de acentuação

A - Monossilabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em,
a) - a, - as: já, lá, vás
b) - e, - es: fé, lê, pés
c) - o, - os: pó, dá, pós, sós

B - Vocábulos de mais de uma sílaba

OXíTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:
a) - a, - as: caid, vatapd, ananás, caraids
b) - e, - es: você, café, pontapés
c) - o, - os: cipó, jiló, avó, carijós
d) - em, - ens: também, ninguém, vinténs, armazéns
Daí, sem acento: aquí, caqui, poti, caiu, urubus.

2 - PAROXíTONOS (OU graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paraxíltonos terminados em:
a) - i, - is: júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis
b) - us: vênus, vírus, bônus

OBSERVAÇÃO: Não há nome paroxítono terminado em -tt: o único existente até
há pouco era tribu, que hoje se escreve com o: tribo, tribos.

c) - r: caeáter, revólver, éter
d) - 1: útil, amável, nível, têxtil (não téxtil)
e) - x: tórax, Iênix, ônix
1) - n: éden, hífen (mas: edens, hifens, sem acento)

70
#

g) - um, uns: médium, álbuns
h) - ão, ãos: órgão, órfão, órgãos, órfãos
i) - à, - às: órfa, ímã, órfãs, ímãs
j) - ps: bíceps, fórceps

3 - PROPAROXíTONOS (ou esdrúxulos)

Lev-am acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: cálido, tépido, cátedra, sólido, límpido, cômodo.

4 - CASOS ESPECIAISa) São sempre acentuados os ditongos abertos éi, éu, ói

idéia, Galiléia, hebréia, Coréia
céu, véu
dói, herói, constrói, apóio

Não se acentuam os encontros vocálicos fechados, com exceção de ôo:

pessoa, patroa, coroa, boa, canoa
teu, judeu, camafeu
vôo, enjôo, perdôo, corôo

b)Levam acento agudo o i e u, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com r, 1, m, n, z ou não estejam seguidos de nh
saúde., viúva, saída, caído, faísca, aí, Grajaú
raíz (mas, raízes), paul, ruim, ruins, rainha, moinho

c) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos iu e ui

caeu, retribuiu, tafuis, pauis

d) A 3.a pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte manei

3.a Pess. sing.

1) termina em - em (monossílabos):
ele tem - eles têm; ele vem - eles vêm
2) termina em - ém

3.a pess. plural
- IM %

- éM
ele contém - eles contém; ele convém - eles convê

3)termina em - é (crê, lê, dê, vê e derivados):
ele crê - eles crêem;

- éeM
ele revê - eles revêem
#

e)Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer descrescente ou crescente:
ágeis, devêreis, jóquei, túneis, área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, tênue

Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em a, e, o tônicos, seguida de lo, Ia, los, Ias :

fá-lo, fá-los, movê-lo-ia, sabê-lo-emos, trá-lo-ds.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: arná-lo-leis, pô-lo-ás, fá-lo-famos.

g) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em -r e -i: inter-helênico, super-homem, semi-histórico.

h) Leva trema o u dos grupos gue, gui, que, qui quando for pronunciado e átono: agüentar, argüição, eloqüência, tranqüilo, freqüência.

OBSERVA~&S:

1.~) Se o u for pronunciado e tônico leva, nestes grupos, acento agudo:
argúi, argúis, averigúe, averigúes, obliqúe, obliqúes.

2.a) Se o u átono já levar trema, dispensar-se-á nos verbos, o acento agudo:

a) na vogal tônica seguinte:
Pres. ind.: arguo, argúis, argúi, argüimos, argüis, argúem
Pret. perf.: argüi, argüiste, argüiu, etc.

b) na vogal tônica dos verbos terminados em -qüe, -qües, -qüem: apropinqüe, apropinqües, delinqüem.

Sem razão, nosso sistema ortográfico manda-nos acentuar a sílaba tônica dos verbos terminados em -güe, -gües, -güem, como se houvesse outro modo de proferir tais palavras:

enxágüe, enxágües, enxágüem

i) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.a pess. s. do pretérito perfeito pôde, para distinguir-se de pode, forma da mesma pessoa do presente do indicativo.

#

Il - Morfologia

A) Classes de vocábulos

1 - SUBSTANTIVO

Substantivo é o nome com que designamos seres em geral - pessoas,

animais e coisas.

Concretos e abstratos. - Os substantivos se dividem em concretos e abstratos. Os concretos são próprios e comuns.

Substantivo CONCRETO é o que designa ser de existência independente:
casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe.

Substantivo ABSTRATO é o que designa ser de existência dependente:
prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (beijo, trabalho, saída, can-saço), estado e qualidade (prazer, beleza), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns. - Substantivo PRóPRIO é o que designa individualmente os seres, sem referência a suas qualidades:

Pedro, Brasil, Rui Barbosa.

Substantivo comum é o que designa o ser como pertencente a uma classe com o mesmo conjunto de qualidades:
casa, mas, sol, automóvel.

Não é qualquer coisa que pode receber o nome de casa, mar, sol ou automóvel. É necessário que observemos nesses seres certas características

#

para que sejam assim designados. já nos substantivos próprios não se dá atenção a essas qualidades. O nome Pedro, ou Brasil, ou Rui Barbosa, nada nos dizem a respeito dos seres designados; são apenas distintivos individuais que, só por coincidência, se podem aplicar a outras pessoas ou lugares.

Passagem de nomes próprios a comuns. - Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhe qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o des-gaste do valor individualizante do seu nome próprio, que por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no judas não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a

encarnação mesma do traidor, do amigo falso, em expressões do tipo: Fulano é um judas.

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: dom-joão (homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), tartufo (homem hipócrita; devoto falso), cicerone (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), benjamim (filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), áfrica (façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes, e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: estradivários (= violino de Stradivárius), guilhotina (de J. Inácio Guillotin), macadame (do engenheiro Mac Adam), sanduíche (do conde de Sandwich), havana (charuto; em Portugal havano), champanha (da região francesa Champagne), cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Substantivo coletivo. - É o que se aplica aos seres considerados em conjunto: congregação, turma, exército, multidão, povo, rebanho, lataria.

São coletivos usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcatéia, bando, caterva, corja, horda, fardndula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba de ladrões, desordeiros, de assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido de cônegos de uma catedral.

Caravana de viajantes.

Claque, torcida de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela de clientes, de advogados, de médicos, etc.

#

Comitiva, cortejo, séquito ou séqüito, acompanhamento de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem de religiosos.

Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia de párocos ou de

outros padres.
Coro, conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação de marinheiros.
Falange de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta de credores, de médicos.
Pessoal de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou plêiada de poetas, artistas, talentos.
Ronda de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma de estudantes, trabalhadores, médicos.

. b) GRUPO DE ANIMAIS:

Alcatéia de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada de aves, pardais.
Ufila de camelos.
Cardume, boana, corso (6), manta de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço de abelhas.
Correição, cordão de formigas.
Fato, rebanho de cabras.
Fauna, conjunto de animais próprios de uma região.
Gado, conjunto de animais criados nas fazendas.
junta, abesana, cingel, jugo, jugada de bois.
Lote de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, avidrio, rebanho de ovelhas.
Manada de cavalos, porcos, éguas.
Matilha de cães.
Ninhada, rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga de gafanhotos, maribondos, percevejos.
Piara, vara de porcos.
Récova, récua de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba de bois, ovelhas.

. c) GRUPO DE COISAS:

Acervo, chorrilho, enfiada de asneiras, de tolices. Acervo também se aplica aos bens
materiais: É grande o acervo da Biblioteca Nacional.
literários
Antologia, analecto, crestomatia, coletdnea, florilégio, seleta de trechos
ou científicos.
Aparelho, baixela, serviço de chá, café, jantar.
Arquipélago, grupo de ilhas.
Armada, esquadra, frota de navios de guerra.
Bateria, fileira de peças de artilharia.

#

Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (é), festão de flores.
Cacho de uvas, de bananas.
Cancioneiro de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de

cantor em
enfessões como cancioneiros rom nticos.
Carrada de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada de balas, de pedras, de setas.
Coleção de selos, de quadros, de medalhas, de moedas, de livros.
Constelação de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série de montes, de montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia de cabos de um navio.
Feixe, lia, molho (6) de lenha, de capim.
Fila, fileira, linha de cadeiras.
Flora, conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria de quadros, de estátuas.
Gavela ou gabela, paveia, feixe de espigas.
Herbdrio, coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário de hinos.
Instrumental de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de
cirurgia.
Mobília, mobiliário de móveis.
Monte, montão de pedras, de palha, de lixo.
Penca de bananas, de laranjas, de chaves.
Pilha, ruma de livros, de malas, de tábuas.
Réstia de cebolas, de alhos.
Seqüência, série de cartas do mesmo naipe.
Troféu de bandeiras.

OBs. Para outros coletivos consulte-se o dicionário.

Formação do plural dos substantivos

Em português há dois números gramaticais: singular e plural. O singular indica o objeto ou coleção em si; o plural denota-os indicando mais
de um.

a) Formação do plural com acréscimo de s.

Forma-se o plural acrescentando-se s aos nomes terminados por-
1 - vogal ou ditongo oral: livro, livros; lei, leis,, caid, cajás;
2 - ditongos nasais ãe e ão (átono): mãe, mães; bênção, bênçãos;
3 - vogal nasal i: ímã, ímãs, irmã, irmãs;
4 - m (grafando-se ns): dom, dons.
OBSERVAÇÃO: Totem, também grafado tóteme, tem os plurais totens e tótemes
(cf. pág. 46).

b) Formação do plural com acréscimo de es.

Acrescenta-se es para formar o plural dos nomes terminados por:

1 - s (em sílaba tônica): ás, ases; freguês, fregueses.
Cós serve para os dois números e ainda possui o plural coses.
2 - z (em sílaba tônica): luz, luzes; giz, gizes.
3 - r: cor, cores; elixir, elixires; revólver, revólveres.

c) Plural dos nomes terminados em n.

Acrescenta-se e ou es. Melhor fora dar-lhes uma feição mais de acordo com a nossa língua. Damos uma pequena lista, pondo entre parênteses a forma que deve substituir a irregular terminada em -n :

abdômen (abdome): abdomens ou abdômenes.
certâmen (certame): certamens ou certâmenes.
dólmen (dolmem): dolmens ou dálmenes.
espécimen (espécime): espécimens ou especímenes.
germen (germe): germens ou gérmenes.
hífen (hifem): hífens ou hífenes.
pólen (polem): polens ou pólenes.
regimen (regime): regimens ou regímenes.
Cdnon, melhor grafado, cdnone, faz c~nes.
éden (melhor seria, edem, mas não registrada no PVOLP) passa a edens.

NoTA.Recorde-se que apenas são acentuados os paroxítonos terminados em -n e não os em -ns. Daí: hífen mas hífens (sem acento agudo).

d) Plural dos nomes terminados em ão.

Repartem-se estes nomes por três formas de plurais:

1) ões (a maioria deles):

coração, corações; questão, questões; melão, melões; razão, razões.

2) ães:
cio, cães; capelão, capelães; alemão, alemães; capitão, capitães; escrivão, escrivães; tabelião, tabeliães; pão, pães; maçapão, maçapães; mata-cão, mata-cães; catalão, catalães.

3) ãos:

chão, chãos; cidadão, cidadãos; cristão, cristãos; desvão, desváos; grão, grãos; irmão, irmãos; mão, mãos; pagão, pagãos e os paroxítonos apontados em a) 2.

#

Muitos nomes apresentam dois e até três plurais:
aldeão aldeãos aldeões aldeães

ancião	anciâos	auciões .	anciães	
charlatão			charlatÁles	charlatães
corrimão		corrimãos	corrimões	
cortesão		cortesãos	cortesões	
deão	deâos	deões	deâes	
ermitáo	ermitâos	ermitões	ermitães	
furo	fulos	fuões		
guardilo			guardiões	guardiães
refrão	refrãos		refrães	
sacristão		sacristãos		sacristães
truão		truões	truács	
vilão	vilãos	vilões	viláes	
vulcão	vulcãos	vulcões		

e) Plural dos nomes terminados em ai, ol, ul.

Trocam o 1 por is :

carnaval, carnavais; lençol, lençóis; álcool, álcoois; paul, pauis (a-ú).

Notem-se os casos particulares:
1 - cônsul e mal fazem cônsules e males.
2 - cal e aval fazem cales (=cano) e cais, avales (mais comum em Portugal), avais.
3 - real (= moeda) faz réis.

Plural dos nomes terminados em il.

Os terminados em 41 átono fazem o plural trocando iI por -eis:
Fóssil, fósseis.

Se o 41 for tônico, trocam o 1 por s:
funil, funis.
Réptil e projétil, como paroxítonos, fazem répteis e projéteis; como oxítonos, reptil e
projetil fazem reptis e projetis.

g) Plural dos nomes terminados em el.

tônico:

Fazem o plural em -eis se o final do singular for átono e -éis se for ~

nível, níveis, móvel, móveis.
papel, papéis; coronel, coronéis.
Mel faz meles ou méis; fel faz feles ou féis.

h) Plural dos nomes terminados em x (= ce)

Os terminados em -x com o valor do ce (final com que podem tam.
Um ser grafados) fazem o plural em -ces:

cdlix (ou cólice), Álices; apêndix (ou apêndice), apêndices.

#

Palavras que não variam no plural., - Não variam no plural os nomes terminados em: a) s (em sílaba átona; palavras sigmáticas): o pires, os pires; o lápis, os lápis.

Simples faz símpleces ou, o que é mais comum, não varia. Cais e xis são invariáveis, o cais, os cais; o xis, os xis;

b) x (com o valor de cs): o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.

OBUIRVAÇõEs: Alguns vocábulos com x = c$ possuem a variante em -ce: índex ou índice; ápex ou ápice; códex ou códice. Seus plurais elo respectivamente índices, códices, dpices. Aliás, elo preferíveis as grafias índice, dpice e códice, no singular.

Plurais com alteração de o fechado para o aberto (metafonia). - Muitas palavras com o fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para o aberto:

miolo - miolos.

Dentre as que apresentam

esta mudança (chamada vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho
antolho
caroço
choco
corcovo
coro
corpo
corvo
despojo
destroço
escolho
esforço

fogo
forno
foro
fosso
imposto
jogo
Miolo
mirolho
olho
osso
ovo

POÇO

Continuam com o fechado no plural

porco
porto
posto
povo
reforço
rogo
sobrolho
socorro
tijolo
torto
troco
troço

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro

#

almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro
bota	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gOzo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

metafonia) na

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família: os Diogos, os Mimosos, os Raposos, os Portos.

#

Plurais com deslocação do acento tônico. - Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter
espécimen
júnior
júpiter
Lúcifer

sênior

caracteres
especímenes
juniores
jupíteres
Lucíferes
seniores

O plural sorores é de soror, oxítono, que se estende a sóror.

Alterações de sentido entre o singular e o plural. - Normalmente, o plural guarda o mesmo sentido do singular. Isto não acontece, porém, em algumas palavras:

bem (o que é bom) bens (propriedades)
féria (produto do trabalho diário) férias (dias de descanso)

"Onde não se preza a honra se desprezam as honras" (MARQUÊS DE MARICÁ).

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal: os pais (pai e mãe), os irmãos (irmão e irmã), os reis (rei e rainha).

Palavras só usadas no plural. - Eis as principais:

afazeres
alvísSaras
anais
arredores
avós (antepassados)
belas-artes, belas-letras
confins

endoenças
exéquias
férias
núpcias
trevas
víveres
nomes de naipes: copas,
ouros, espadas, paus

Plural dos nomes de letras. - Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os efes e erres
Coloquemos os pingos nos is

N.B. Xis serve para singular e plural. Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: ff, rr, ii.

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados

Unidos da
América, ainda U.S.A.).

Plural dos nomes terminados em -zinho. - Põem-se no plural os dois elementos e suPrime-se o s do substantivo:

#

#

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçUzinho = coraçjo + zinho
coraçoezinhos
florzinha = flor + zinha
florezinhas

Plural das palavras substantivadas. - Qualquer palavra pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo:

o sim, o não, o quê, o pró, o contra

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os sins, os nios, os quês, os prós, os contras.

Enqua ram-se neste caso os nomes que exprimem número:

Na sua caderneta há três setes e dois oitos.

Fazem exceção os terminados em -s (dois, três, seis), -z (dez) e mil, que são invariáveis.

Quatro seis e cinco dez.

Plural dos nomes compostos. - Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são freqüentes. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A - SOMENTE O úLTIMO ELEMENTO VARIA:

a) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo - fidalgos
girassol -girassóis
madressilva - madressilvas
pontapé - pontapés

b) nos compostos com as formas adjetivas grão, grã e bel:

grão-prior - gràо-priores

gra-cruz - grá-cruzes
bel-prazer - bel-prazeres,

c) nos compostos formados de verbo ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor -furta-cores
beija-flor -beija-flores
abaixo-assinado - abaixo-assinados
alto-falante - alto-falantes
vice-rei - vice-reis
ex-diretor -ex-diretores
ave-maria - ave-marias

#

d) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.0 elemento uma preposição:

bem-te-vi - bem-te-vis

e) nos compostos cujos elementos denotam sons de coisas:

reco-reco - reco-recos
tique-taque -tique-taques

B - SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

a) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

pé-de-moIeque - pés-de-moleque
ferro-de-abrir-lata - ferros-de-abrir-lata
mula-sem-cabeça - muIas-sem-cabeça
cavalos-vapor (=de, a vapor) - cavalos-vapor

b) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a idéia de fim, semelhança:

navio-escola - navios-escola (= para escola)
salário-família - salários-familia
manga-rosa - mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi - peíxes-boi

C - AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

Nos compostos de dois substantivos, de um substantivo e um adjetivo ou de um adjetivo e um substantivo:

carta-bilhete
guarda-civil
guarda-mor
amor-perfeito

cabra-cega
gentil-homem
segunda-feira

D - FicAm INVARIAVEIS:

a) as frases substantivas:

cartas-bilhetes
guardas-civis
guardas-mores
amores-perfeitos
cabras-cegas
gentio-homens
segundas-feiras

* estou-fraca (ave) - as estou-fraca
* náo-sei-que-diga - os nâo-sei-que-diga
* disse-me-disse - os disse-me-disse
* bumba-meu-boi - os bumba-meu-boi

b) nos compostos de verboe palavra invariável:

os ganha-pouco
os pisa-mansinho
os cola-tudo

· paha-pouco
· pisa-mansinho
· cola-tudo

#

c) nos compostos de verbos de sentido oposto:

· leva-e-traz - os leva-e-traz
· vai-volta - os vai-volta

E - ADMITEM MAIS DE UM PLURAL:

fruta-pjo: frutas-plo, fruta-pies
guarda-marinha: guardas-marinha ou guardas-marinhas(l)
padre-nosso: padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge: ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto: salvos-condutos ou salvo-condutos

Gênero do substantivo. - A nossa língua conhece dois géneros: o masculino e o feminino.

São masculinos os nomes a que se pode antepor a palavra o:
o linho, o sol, o raio, o prazer, o filho, o beijo

São femininos os nomes a que se pode

antepor a palavra a:
a flor, a casa, a mosca, a nuvem, a mãe

Formação do feminino

Podemos distinguir, na indicação do sexo feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo na terminação:

1 - os terminados em -o mudam o -o em -a:

filho filha
aluno aluna

menino -menina
gato - gata

2 - os em -ão mudam a terminação, uns em 4, outros em -oa e outros em -ona (se denotam seres aumentados):

anão - anã
cidadão - cidadã
irmão - irmã

ermitio - ermitoa
hortelão - horteloa
leão - leoa

chorão - chorona
pedinchão - pedinchona
valentão - valentona

3 - os em -or formam geralmente o feminino com acréscimo de a

doutor - doutora
professor - professora

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -eira: arrumadeira, lavadeira, faladeira (a par de faladora).

(1) Rejeita-ac, sem razão, o plural guarda-marinhas.

#

variam:

Variam:

4 - os em -e uns ficam invariáveis, outros mudam o -e em -a, Não

amante, cliente, constituinte, doente, habitante, inocente, ouvinte, servente, etc.*

alfaiate - alfaiata
infante - infanta (também aparece invariável)
governante - gover
i
presidente - presid, =a também aparece invariável
parente - parenta
monge - monja

5 - os em -és., -1, -z acrescentam a :

freguês - freguesa
português - portuguesa
juiz - juiza

6 - indicam o sexo feminino
-essa, -isa :

abade - abadessa
alcaide - alcaidessa (ou alcaidina)
barão - baronesa
bispo - episcopisa
conde - condessa
cônego canonisa
cônsul consulesa
diácuno - diaconisa
doge - dogesa, dogaresa, dogaressa
druida - druidesa, druidisa (em
O. Bilac)

zagal - zagala
oficial - oficiala

vocábulos derivados por meio de -esa,

duque - duquesa
etíope - etiopisa
jogral - jogralesa
papa papisa.
píton. pitonisa
poeta - poetisa
príncipe - princesa
prior - priora, prioresa
profeta - profetisa
sacerdote - sacerdotisa
visconde - viscondessa

7 - não se enquadram nos casos precedentes:

ateu - atéia
ator - atriz
avô - avó
capiau - capioa
condestável. - condestabeleza
confrade - confreira
czar /pron. tçar/ - czarina(l)
dom - dona
egeu - egéia

#

embaixador - embaixatriz
europeu - européia
felá - felaína
filisteu - filistéia-
frade - freira
galo - galinha

(1) Também grafado: txar - uarina.

giganteu - gigantéia
grou. - grua
guri - guria
ilhéu - ilhoa
imperador - imperatriz
judeu - judia
landgrave - landgravina
marajá - marani
mandarini - mandarina
maestro - maestrina
peru - perua
pierr6 - pierrete
pigmeu - pigméia
raja ou rajá - râni ou rani
rapaz - rapariga

#

I

rei rainha
réu ré
sandeu - sandia
silfo - sílfide

sultão - sultana
tabaréu, - tabaroa,
herói - heroína

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 - Nomes de pessoas:

cavaleiro - amazona
cavalheiro - dama
compadre - comadre
frei - sóror, soror, sor

genro - nora
homem - mulher
marido - mulher

2 - Nomes de animais:

bode -cabra
boi - vaca
burro - besta
cão - cadela

c) feminino com auxílio de outra palavra

padrasto - madrasta
padre - madre
padrinho - madrinha
pai - mãe
patriarca - matriarca
rico-homem - rica-dona

carneiro - ovelha
cavalo égua
veado veada, cerva (é)
zangão, zárigão - abelha

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de o (para o masculino) e a (para o feminino):

- estudante - a estudante
- camarada - a camarada
- mártir - a mártir

de dois:

Os nomes terminados em -ista e muitos terminados em -e são comuns

o capitalista - a capitalista; o doente - a doente.

Também nomes próprios terminados em -i (antigamente ainda -Y) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

#

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja (fi-tinção de sexo empregamos as palavras macho e fêmea:

cobra macho; jacaré fêmea

85
#

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré.

Estes nomes de animais se chamam epicenos.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres:
o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, o ente, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta. - São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, por subentendermos estas denominações:
O (rio) Amazonas, o (oceano) Atidntico, o (vento) bóreas, o (lago) Lddoga, o (mês) abril.

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidades, ilhas:
A bela (cidade) Petrópolis. A movimentada (ilha) Governador.
Nas denomina" de navios depende do termo subentendido: o (transafláritico) Argentina, a (corveta) Belmonte, etc.

Notem-se os seguintes géneros:
o (vinho) champanha (e não a champanha!), o (vinho) madeira, o (charuto) havana, o (café) moca, o (gato) angord, o (cão) terra-nova.

Mudança de sentido na mudança de gênero. - Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:
· cabeça (parte do corpo) o cabeça (o chefe)
· capital (cidade principal) o capital (dinheiro, bens)
· língua (órgão muscular; idioma) - o língua · lotaçdo (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) - o lotação (forma abreviada de aut· moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) - O Moral (conjunto de nossas faculdades morais; ánimo)
· rádio (a estação) - o rádio (o aparelho)
· voga (moda; popularidade) - o voga (o remador)

Gêneros que podem oferecer dúvida:
a) São masculinos:
Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse,

formicida, grama (uni-
dade de peso), jãngal, jângala, lança-perfume, milhar, pijama, proclama, saca-rolhas,
sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material--- em
oposição às funções psíquicas).

86
#

11 b) São femininos:

Aguardente, análise, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira
e vírgula), dinamite, elipse, faringe, fruta-pâo, gesta (= façanha), libido, polé, preá,
síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em -gem (exceção e personagem que
pode ser masc. ou feminino).

c) São indiferentemente masculinos ou femininos:

Ágape, avestruz, caudal, crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou
lhama, laringe, ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, tapa,
trama (intriga), víspora.

Masculinos com mais de um feminino. - Além dos já apontados no
decorrer da lição, lembraremos ainda os mais usuais:

1 aldeão - aldeã, aldeoa
deus deusa, déia (poét.)
diabo diaba, diabra, diáboa
elefante - elefanta, elefoa, aliá
javali javalina, gíronda
ladrão ladra, ladrona, ladroa
melro méiroa, melra

motor motora, motriz (adj.)
pardal pardoca, pardaloca. pardaleja
parvo párvoa, parva
polonês - polonesa, polaca
varão - varoa, virago, matrona
vilão - vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações e os vocábulos tomados materialmente são considerados
como do número singular e do género masculino-. É bom que estudes; o sim; o não.

Grau do substantivo. - Os substantivos apresentam-se com a sua

significação aumentada ou diminuída:

homem - homenzarrão - homenzinho

A M3 estabelece dois graus de significação do substantivo:
a) aumentatívo: homenzarrão
b) diminutivo(l): homenzinho

A indicação gradual do substantivo se realiza por dois processos:

a) sintético - consiste no acréscimo de um final especial chamado sufixo aumentativo ou diminutivo: homenzarrão, homenzinho;
b) analítico - consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: homem grande, homem pequeno.

Aumentativos e diminutivos afetivos. - Fora da idéia de tamanho, as formas aumentatívas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa critica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas:

poetastro,-p.oliticalho, livreco, padreco, coisinha

) Evite-se cuidadosamente o erro diminuitivo (com i).

#

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.
A idéia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas:

paizinho, mãezinha, queridinha.

2 - ADJETIVO

Adjetivo é a expressão modificadora que denota qualidade, condição ou estado de um ser:

"Oceano terrível, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num pólo e noutro pólo" (G. DIAS).

Locução adjetiva - é a expressão formada de preposição + substantivo com valor de um adjetivo:

Homem de coragem = homem corajoso
Livro sem capa = livro desencapado
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, sem luar" (G. DIAS).
Homem de cor

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de sentido per-

feitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma.

Adjetivo explicativo e restritivo (1). - O adjetivo pode ser explica-
tivo ou restritivo.

EXPLICATIVO é o que designa uma qualidade, condição ou estado essencial ao ser:

Homem mortal - Água mole - Gelo frio

RESTRITIVO o que designa qualidade, condição ou estado acidental ao ser:

Homem bom - Água morna - Gelo pequeno

Substantivação do adjetivo. - Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros adjetivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar" (G. DIAS).

(1) A NGB não divide os adjetivos em explicativos e restritivos, fizemo-lo aqui porque esta distinção é necessária para casos de pontuação, de sintaxe e de estilística (cf. págo. 228-229).

#

Flexões do adjetivo. - Como o substantivo, o adjetivo pode variar em número, gênero e grau.

Número do adjetivo. - O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere:

aluno estudioso, alunos estudiosos.

O adjetivo portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o singular e o plural.

, Formação do plural dos adjetivos

Aos adjetivos se aplicam as mesmas regras de plural dos substantivos.

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia:

amizades luso- b rasileiras, reuniões lítero-musicais.

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, surdo-mudo, verde-claro, verde-escuro, verde-gaio: surdos-mudos, verdes-claros, verdes-escuros, verdes-gaios.

Gênero do adjetivo. - O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns, ao subs-tantivo: masculino e feminino.

Formação do feminino dos adjetivos. - Os adjetivos uniformes são s que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos femininos. Geralmente
e -z:

povo lusíada
breve exame
trabalho útil
objeto ruim
estabelecimento
homem audaz
conto simples

estes uniformes terminam em -a, -e, -1, -m, -r,

- nação lusiada
- breve prova
- ação útil
- coisa ruim
modelar - escola modelar
- mulher audaz
- história simples

Exceções principais: andaluz, andaluza; bom, boa; chim, china; espanhol, espanhola.

Quanto aos biformes, isto é, que têm uma forma para o masculino e tra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesmas regras que ntamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos ncipais:

#

a) Os terminados em -és -or, e -u acrescentam no feminino um a, na maioria das vezes.
chinês, chinesa; lutador, lutadora; cru, crua.
Exceções: 1) cortês, descortês, montés e pedrês são invariáveis; 2) incolor, multicor, sensabor, melhor, menor, pior e outros são invariáveis. Outros em -

dor ou -tor apresen-
tam-se em -triz: motor, motriz (a par de motora, conforme vimos nos substantivos);
outros terminam em -eira: trabalhador, trabalhadeira (a par de trabalhadora). Supe-
riora (de convento) usa-se como substantivo. 3) hindu é invariável; mau fab) Os terminados em -eu passam, no feminino, a -dia:

europeu, européia; ateu, atéia.

Exceções: judeu, judia; sandeu, sandia

tabaréu faz tabaroa; réu faz ré.

c) Alguns adjetivos também, no feminino, mudam a vogal tônica fechada o para aberta:

laborioso, laboriosa; disposto, disposta.

Grau do a efivo. - Há três graus na qualidade expressa pelo adjetivo: positivo, comparativo e superlativo* PosiTivo enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é cuidadoso.

* comPARATivo compara qualidade entre dois ou mais seres esta-
belecendo:
a) uma igualdade:

b) uma superioridade:

c) uma inferioridade:

o rapaz é tão cuidadoso quanto (ou como) os outros.

à rapaz é mais cuidadoso que (ou do que) os outros.

o rapaz é menos cuidoso que (ou do que) os outros.

O SUPERLATIvO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em rela.
ção a outros seres:
Q rapaz d o mais cuidadoso dos (ou dentre os) pretendentes ao emprego.

o rapaz d o menos cuidadoso dos pretendentes.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é muito cuidadoso.
O rapaz é cuidadosíssimo.

#

No primeiro caso, a qualidade é ressaltada em relação ou comparação

com os outros pretendentes. Diz-se que o superlativo é relativo.
Forma-se o superlativo relativo com a intercalação do adjetivo nas fórmulas o mais ... de (ou dentre), o menos ... de (ou dentre).
No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relacão

com outros seres. Diz-se que o superlativo é absoluto ou intensivo
O superlativo absoluto pode ser analitico ou sintético.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (muito, extremamente, extraordinariamente, etc.) ao adjetivo: muito cuidadoso.
O sintético é obtido por meio do sufixo -issimo (ou outro de valor

intensivo) acrescido ao adjetivo no grau positivo: cuidadosíssimo.
Quanto ao sentido, cuidadosíssimo diz mais, é mais enfdtico do que

muito cuidadoso. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo
absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra inten-

O meio termo entre estes dois superlativos (muito cuidadoso - cuida-

dosíssimo) é obtido com a fórmula mais do que cuidadoso:

"Estas e outras argüições, complicadas com os procedimentos mais do que dspero
da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de

todo o ânimo das populações_" (R. DA SiLvA, Hist. Port, IV, 75-6).

Alterações gráficas no superlativo absoluto. - Ao receber o sufixo

intensivo, o adjetivo no grau positivo pode sofrer certas modificações

cuidadosacuidadosissima
elegante - elegantíssimo
cuidadoso - cuidadosissim

b) os terminados em -vel mudam este final para -bil:

c) os terminados em -m e -jo passam respectivamente a -n e a?

A ra estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às form
#

acre - acérrimo
amargo amaríssimo
amigo amicíssimo
antigo antiqüíssimo
áspero aspérrimo

benéfico - beneficentíssimo
benévolo - benevolentíssimo
célebre - celebérrimo
célere - celérrimo
cristão - cristianíssimo
cruel - crudelíssimo
difícil dificílimo
doce dulcíssimo
fiel fidelíssimo
frio frigidíssimo
geral generalíssimo
honorífico - honorificentíssimo
humilde humílimo
incrível incredibilíssimo
inimigo inimicíssimo
íntegro integérrimo
livre - libérrimo
magnífico - magnificentíssimo,

magro - macérrimo
malédico - maledicentíssimo
maléfico maleficentissimo,
malévolo malevolentíssimo
mísero - misérrimo
miúdo minutíssimo
negro nigérrimo
nobre - nobilíssimo
parco - parcíssimo,
pessoal - personalíssimo
pobre - paupérrimo
pródigo prodigalíssimo
provável probabilíssimo
público publicíssimo
sábio - sapientíssimo
sagrado sacratíssimo
salubre salubérrimo
são - saníssimo
simples - simplicíssimo
soberbo - superbíssimo
tenaz tenacíssimo
tétrico tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo no grau positivo acrescido da terminação -íssimo:

agílimo - agilíssimo
antiqüíssimo antiguíssimo
crudelíssimo cruelíssimo
dulcissimo - docissimo
facílimo - facilíssimo

humílimohumildíssimo
Inacérrimo magríssimo
nigérrimonegríssimo
paupérrimo - pobríssimo

OBs.: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em -io não

precedido de
e que, na forma sintética, apresentam dois is

sério - seriíssimo
precdrio - precariíssimo
#

frio - friíssimo
necessário - necessariÍssimo

Tendem a fixar-se as formas populares seríssinio (coisa seríssinza),
necessaríssimo e semelhantes, com Um i apenas

Comparativos e superlativos irregulares. - Afastam-se dos demais na ~
sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

Positivo	Comparativo de superioridade	Superlativo absoluto	Superlativo relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

(*) "A falsa noticia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa conseqüènciа de mover
o Governo a aliviar-lhe à situaçáo material, que era prerarissima- (M. BANDEIRA, Poesia e
Prosa, ed. Aguilar, 11, 778).

92

a

c

V:
Q

tig

a(
#

Não se diz mais bom nem mais grande em vez de melhor e maior
mas podem ocorrer mais pequeno, o mais pequeno, mais mau, por meno1~.

o menor, pior.

Ao lado dos superlativos o maior, o menor, figuram ainda o máximo e o mínimo que se aplicam a idéias abstratas e aparecem ainda em expres-
sões científicas, como a temperatura máxima, a temperatura mínima, má-
ximo divisor comum, mínimo múltiplo comum, nota máxima, nota mi níma.

Em lugar de mais alto e mais baixo usam-se os comparativos superior e inferior; por o mais alto e o mais baixo, podemos empregar os super-
lativos o supremo ou o sumo, e o ínfimo.

Comparando-se duas qualidades, ou ações, empregam-se mais bom, inais mau, mais grande e mais pequeno em vez de melhor, pior, maior, menor:

É mais bom do que mau (e não: é melhor do que mau)
A escola é mais grande do que pequena
Escreveu mais bem do que mal
Ele é mais bom do que inteligente.

Por fim, assinalemos que depois dos comparativos em -or (superior, inferior, anterior, posterior, ulterior) se usa a preposição a

Superior A ti, inferior AO livro, anterior A nós

Repetição de adjetivo com valor superlativo. - Na linguagem colo-quial pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está belo belo (= belíssimo)
Ela era linda linda (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a idéia superlativa expressa pela repetição do adjetivo.
Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo. - Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a idéia superlativa:

Pobre como já (= paupérrimo), feio como a necessidade (feiíssimo), claro como
água, escuro como breu, esperto como ele só, malandro como ninguém.

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: podre de rico, feio a mais não poder, grande a valer.

Adjetivos diminutivos. - As formas diminutivas de adjetivos podem adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, garoto bonitinho; "É bem feiozinho, benza-o Deus, o tal teu
amigo 1" (A. DF. AzFwDo).

I
#

3 - ARTIGO

Artigo é a palavra que se antepõe aos substantivos que designam seres determinados (o, a, os,, as) ou indeterminados (um, uma, uns, umas).

Daí a divisão dos artigos em definidos (que são o, a, os, as) e inde-
finidos (um, uma, uns, umas):

quero o livro.
Quero um livro.

No primeiro caso, o substantivo designa um livro determinado e conhecido, inconfundível para a pessoa que fala ou escreve.

No segundo, o substantivo designa um livro qualquer dentre outros,

Precedido, de artigo definido pode também o substantivo exprimir a espécie inteira:

o homem é mortal.

Não se trata aqui de um homem determinado, mas, sim, uma refe-
rência ao ser humano em geral.

Nem sempre se evidencia a oposição entre o, a, os, as e um, uma, uns,
umas, porque os artigos aparecem em construções dos mais variados valores.

4 - PRONOME

Pronome é a expressão que designa os seres sem dar-lhes nome nem qualidade, indicando-os apenas como pessoa do discurso.

Pessoas do Ocurso. - Três são as pessoas do discurso: a que fala (1.a pessoa), a ~~m que se fala (2.a pessoa) e a pessoa ou coisa de que se
fala (3.a pessoa).

Classificação dos pronomes. - Os pronomes podem ser: pessoais, ',
i
possessivos, demonstrativos (abarcando o artigo definido), indefinidos (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO, e PRONOME, ADJETIVO. - O pronome pode apa-
recer em referência a substantivo claro ou oculto:

Meu livro é melhor que o teu.

Meu e teu são pronomes porque dão idéia de posse em relação à pessoa
do discurso: meu (1.a pessoa, a que fala), teu (2.a pessoa, a com que se
fala). Ambos os pronomes estão em referência ao substantivo livro que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro

ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função,,,

adjetiva de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso
anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Dar o seu a seu dono
(onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).
já em: Isto é melhor que aquilo, os pronomes isto e aquilo não se
referem a nenhum substantivo, mas fazem as vezes dele. São, por isso,
, pronomes substantivos.
1
Há pronomes que são apenas substantivos ou adjetivos, enquanto
i~ outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais. - Os pronomes pessoais designam as três pessoas
~ do discurso:

1.a pessoa: eu (singular), nós (plural),
2.a pessoa: tu (singular), vós (plural) e
3.a pessoa: ele, ela (singular), eles, elas (plural).

O plural nós indica eu mais outra ou outras pessoas, e não eu + eu.
As formas eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas, que funcionam como
,; sujeito, se dizem retas. A cada um destes pronomes pessoais retos, corres-
,, ponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e
11 pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das
, formas átonas, as tõnicas vêm sempre presas a preposição:

PRONOMES PESSOAIS ~3	PRONOMES PESSOAIS OBLfQUOS	
	átonos (sem prepos.)	tônicos (c/prep.)
Singular: 1.a pessoa:	eu	me mim
2.a pessoa : tu	te	ti
k 3.a pessoa: ele,	ela	lhe, o, a, se ele, ela, si
Plural :	1.a pessoa: nós	nos nós
2.a pessoa: vós	vos	vós
		eles, OW, si
3.a pessoa: eles, elas		lhes, os, as, se

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

~*Queixamo-nos da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça?' (Marquês de-
MAJUCÁ).
`A melhor companhia acha-se em uma escolhida livraria" (IDEM).

!Ixemplos de pronomes oblíquos tônicos:

_*Os nossos maiores inimigos existem dentro de nós mesmos: são os nonos , vícios
paixbu" (IDEM).
.ÀA& virtudes se harmonizam, os vícios discordam entre si" (wEm).

Se a preposição é com, dizemos comigo, contigo, consigo, conosco,
e não: com mi, com ti, etc. Empregam-se, entretanto, com nós
com vós quando estes pronomes tônicos vêm seguidos de mesmos, pró-
~,rios, todos, outros ou oraçao adjetiva.

95
#

PRONOME -OBLíQUO REFLEXIVO. - É o pronome oblíquo da mesma pes-

soa do pronome reto, significando a i esmo a ti mesmo etc.:

PRONOME OBLíQUO RECíPROCO. - É representado pelos pronomes nos

vos, se quando traduzem a idéia de u ao outro recibrocamente

PRONOME DE TRATAMENTO - Existem ainda formas de tratamento
indireto de 2.a pessoa que levam o verbo para a 3.a pessoa. São os cha

A estes I)ronomes de tratamento r)ertencem as formas de reverência

que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou quali-

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques
Vossa Eminência (V. Em.a, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.a, para altas patentes militares, ministros, Presidente da Repú-

blica, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)
Vossa Magnificência (para reitores de universidade)
Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Onipotência (para Deus - não se usa abreviadamente)'
Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, Dara os sace otes)

Vossa Senhoria (V. s.a, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de

1.a) Emprega-se vossa Alteza (e demais) quando 2.a pessoa, isto é, em relação
a quem falamos, emprega-se Sua Alteza (e demais) quando 3.a pessoa, isto é, em
A A- 4r_ 1

2.a) Você, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência.Foss
Mercê. Caindo o pronome vós em desuso, só usado nas orações e estilo solene, em

3.a) O substantivo gente, precedido do artigo a e em referência a um grupo d
pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprev
fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.a pessoa d(

"È verdade que a gente, às vezes, tem cí as suas birras" (ALEXANDRE HERCULANO
#

Pronomes possessivos. - São os que indicam a posse em referência
às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.a pessoa:	meti	minha	meus minhas
	2.a pessoa :	teu	tua	teus tuas
	3.a pessoa:	seu	sua	seus suas
PLURAL:	1.a pessoa:	nosso	nossa	?IOSSOS nossas
	2.a pessoa:	vosso	vossa	vossos vossas
	3.2 pessoa:	seu	sua	SeUs suas

Pronomes demonstrativos. - São os que indicam a posição dos seres
em relação às três pessoas do discurso.
Esta localização pode ser no tempo, no espaço ou no discurso:
1.a pessoa este, esta, isto
2.a pessoa esse, essa, isso
3.a pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; esse livro é o
que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala;
aquele livro é o que se acha distante da 1.a e da 2.a pessoa.
Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demons-
. trativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disci-
plina da gramática.
São ainda pronomes demonstrativos o, mesmo, próprio, semelhante
e tal.
O (com as variações a, os, as) equivale a isto, isso, aquilo, aquele,
aquela, aqueles, aquelas.

Não sei o que dizes.
o que me pedes é impossível.
"Sigam-me os que forem brasileiros".

Não o consentirei jamais.

O pronome o, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo, como adjunto, recebe o nome de artigo defi-
nido. Assim é que a gramática, no exemplo seguinte, considera o primeiro
os artigo definido e o segundo pronome demonstrativo:
"Os homens de extraordinários talentos são ordinariamente os de menor juízo" (Marquês
de MARICÁ).

Mesmo, próprio, semelhante e tal têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e idéias já expressas anterior-
,mente, e valem por esse, essa, aquele, aquela, isso, aquilo:
"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a mesma
coisa" (M. DE Assis, D. Casmurro, 87).
*Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras tais promessas
são como a moeda fiduciária..." (IDEM, ibid, 202).
É proibido dizeres semelhantes coisas.

97
#

Mesmo e próprio aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela mesma quis ver o problema.
Nós próprios o dissemos.
"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando, convindo à construção ou reconstrução
de mim mesmo" (M. DE Assis, ibid., 203).

Pronomes indefinidos. - São os que se aplicam à 3.a pessoa quando tem sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.
. Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariá-veis: alguém, ninguém, tudo, nada, algo, outrem.
"Ninguém mais a voz sentida
Do Trovador escutoul" (G. Dus).

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis, com exceção de cada: nenhum, outro (também isolado), um (também isolado), certo, qualquer (só variável em número: quaisquer), algum, cada:
"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. Algumas trazem poucas emendas
ou nenhumas" (M. DE Assis, Vdrias Histórias, 274).
"A vida a uns, a morte confere celebridades a outros (Marquês de M~CA).

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variá-

veis com exceção de mais e menos: muito, mais, menos, pouco, todo, algum, tanto, quanto, vdrios, diversos:

Mais amores e menos confiança (nunca menas!).
Com pouco dinheiro compraram diversos presentes.
Isto é o menos que se pode exigir.
Muito lhe devo.
Erraste por pouco.
Quantos não en ram neste caso 1

IOBsERY,kçXo: O pronome indefinido um pode ser usado como substantivo, prin-
èipalmente nas locuç5es do tipo cada um, qualquer um. Como adjetivo recebe o nome
de artigo indefinido.

As duplas quem... quem, qual... qual, este... este, um... outro com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"Qual se abisma nas 16bregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
com esperanças mil nas idéias acesas" (BOCAGE).

Isto é: um se abisma. . . outro discorre.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora certa (adjetivo), mas em certas
horas (pron. indefinido).
Algum livro (= certo livro). Livro algum (= nenhum livro).

#

Em outras épocas algum podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco algum tomamos" (CAMUs, Lustadas, V, 69).
Refresco algum = algum refresco.
"Vós a quem somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo" (imm, ibid., VII, 2).
Algum perigo = nenhum perigo.

LocuçÃo PRONOMINAL INDEFINIDA. - É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: cada um, cada qual, qualquer um, quem quer, quem quer que, o que quer que, seja quem for, seja qual for, quanto quer que, o mais, alguma coisa.

"As verdades não parecem as mesmas a todos, cada um as vê em ponto diverso
de perspectiva" (Marquês de MARICÁ).

Pronomes interrogativos. - São os pronomes indefinidos quem, que, qual e quanto, que se empregam nas perguntas:

Quem veio aqui?
"Que cabeça, senhora?"
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de que pode-se usar a forma enfática o que:
"Agora por isso, o que será feito de frei Timóteo?1 Era naquele tempo um frade guapo e alentado 1 O que será feito dele?" (A. HERcuLANo, Lendas e Narrativas, II, 135)_

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. Que refere-se a "' pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de que coisa?) , , ou pronome adjetivo (com o valor de que espécie?) Qual e também que, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em qual livraria compraremos o presente?
Em que livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão qual dos, qual das:
Em qual dos livros encontraste o exemplo ?
OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e 1 por isso costumam ser chamados indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas excia- llmçõc, e neste caso o que adquire sentido francamente intensivo: Que susto levei 1 ~(Compare-se com: "Que cabeça, senhora?").

Diz-se interrogação direta a pergunta que termina por ponto de inter- Jogação e se caracteriza pela entoação ascendente: Quem veio aqui?

#

Interrogação indireta é a pergunta que: a) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; b) é proferida com entoação normal descendente; c) não termina por ponto de interrogação; d) vem ,depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (perguntar, inda- gar, não saber, ignorar, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos prono-

mes interrogativos já citados:

Ignoro que cabeça, senhora.
Indagaram-me que compraste.
Perguntei-te por que vieste aqui.
Não sei qual autor desconhece.
Desconheço qual consideras melhor.
Indagaram quantos vieram.

Pronomes relativos. - São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês que por último compra o jornal.
(0 que se refere à palavra freguês.)

Os pronomes relativos são: qual, o qual (a qual, os quais, as quais), cujo (cuja, cujos, cujas), que, quanto (quanta, quantos, quantas), onde.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. Que e o qual se referem a pessoas ou coisas. Que e quem funcionam como pronomes substantivos. O qual aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de quem falas não vieram.
O ônibus que esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas que faltaram.
Este é o assunto sobre o qual falará o professor.
Não vi o menino, o qual menino os colegas procuram.
A casa onde moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o homem cuja casa comprei
(a casa do homem).

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (tudo, todo, todos, todas, tanto):

Esqueça-se de tudo quanto lhe disse.

#

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE. - Os pronomes relativos quem e onde podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.
Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.
Moro onde mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem relativos indefinidos.

Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto.

Interpretando quem como a pessoa que, onde como o lugar em que, assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = a pessoa que tudo quer tudo perde.

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos na pág. 221.

5 - NUMERAL

Numeral é a palavra que denota nome de número.

"A vida tem uma só entrada: a saída é por cem portas"
(Marquês de MARICÁ).

Tipos de numeral. - Dividem-se os numerais em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionórios.

Cardinais são osque exprimem a quantidade em si mesma ou a quantidade certa dos seres. Respondem à pergunta quantos? quantas?.-

um, dois, três, quatro, cinco, etc.

OBSERVAÇÃO: Em vez de dois, duas, podemos empregar o numeral dual ambos, ambas, se os seres são nossos conhecidos ou já foram expressos anteriormente:

Ambas as casas já foram alugadas.

Ordinais são os que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, etc.

OBSERVAÇÃO: Oltimo, penúltimo, antepenúltimo, anterior, posterior, derradeiro, antero-posterior e outros que tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos.

Multiplicativos são os que exprimem a multiplicidade dos seres. Os, mais usados são:

duplo ou dobro, triplo ou tríplice, quádruplo, quintuplo, sêxtuplo, séptuplo, óctuplo, nônuplo, décuplo, cêntuplo.

#

Fraciondrios são os que indicam frações dos seres:

avos.

OBURVAÇõFJ:
1.a) Emprega-se ainda conto, em lugar de milhílo, na expressão conto de réis.
2.a) Podem ser grafados com li ou [h os seguintes cardinais: bililo (ou bilháo),
trililo, quatrilião, quintililo, sextililo, setililo, octililo. As formas com lh alo mais
_freqüentes.

meio, terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, vigésimo, centésimo,
milésimo, milionésimo, empregados como equivalentes de metade, terça parte, quarta
parte, etc.

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra

onze avos, treze avos,

Lista dos principais ordinais com o

primeiro
segundo
terceiro
quarto
quinto
sexto
aétimo
I
oitavo
nono
décimo
undécimo ou décimo primeiro -
duodécimo ou décimo segundo -
décimo terceiro
décimo quarto
Vigésimo
vigésimo primeiro
trigésimo
quadragésimo
qüinquag ' ésimo
sexagésimo
septuagésimo, setuagésimo
octogésimo
nonagésimo
centésimo
ducentésimo
trecentésimo
quadringentésimo
qüingent4simo

seiscentésimo, sexcentésimo
septingentésimo, setingentésimo
octingentésimo
nongentésimo, noningentésimo
milésimo
dez milésimos
cem milésimos
milionésimo
bilionésimo

quinze avos, etc.

cardinal correspondente:

um
dois
três
#

quatro
cinco
seis
sete
oito
nove
dez
onze
doze (e não douze 1)
treze
quatorze, catorze
vinte
vinte e um
trinta
quarenta
cinqüenta
sessenta
setenta
oitenta
noventa
cem
duzentos
trezentos
quatrocentos
quinhentos
seiscentos
setecentos
oitocentos
novecentos
mil
dez mil
cem mil
um milhão
um bilhão

. 3.a) A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.2 - a duas milésima trecentésima quadragé- sima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniverário.

6 - VERBO

Verbo é a palavra que, exprimindo ação ou apresentando estado ou mudança de um estado a outro, pode fazer indicação de pessoa, número, tempo, modo e voz.

Caetaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.a pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo. - Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, Para o singular e o pluxal-

1.a pessoa do singular:
" pessoa do singular:
3.a pessoa do singular:

eu canto
tu cantas
ele canta

La pessoa do plural: nós cantamos
2.a pessoa do plural: vós cantais
3.a pessoa do plural: eles cantam

Os tempos do verbo. - São:

a) PREsENTE - em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos:

eu canto;

I

b) PRETÉRrro - em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito: cantava (imperfeito), cantei (perfeito) e cantara (mais-que-perfeito);

C) FUTURO - em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em futuro do presente e futuro do pretérito4
cantarei (futuro do presente),
cantaria (futuro do pretérito).

Os modos do verbo. - São:

a) INDICATIVO - em referência a fatos reais:
canto, cantei, cantarei

103
#

b) SUBJUNTIVO - em referência a fatos duvidosos, prováveis, possi-
veis, etc.

talvez cante, se cantasse

C) IMPERATIVO -
etc.:

exprime ordem, pedido, convite, conselho, súplica,

cantai.

As vozes do verbo. - São:

a) ATIVA : forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere pratica a ação. A pessoa diz-se neste caso, agente da ação verbal:
eu escrevo a carta, tu visitaste o primo, nós plantaremos a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa recebe a ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se paciente da ação verbal:
A carta é escrita por mim, o primo foi visitado por ti, a árvore será plantada por nós.

A passiva pode ser analítica (formada com um dos verbos ser, estar, ficar seguido de particípio) ou pronominal (formada com verbo acom-panhado do pronome oblíquo se, que se chama, no caso, pronome apassivador):

A casa foi alugada (passiva analítica).
Aluga-se a casa (passiva pronominal).

A passiva analítica difere da passiva pronominal em dois pontos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a prono-minal só se constrói na 3.a pessoa:
Eu fui visitado pelos meus parentes.

Nós foinos visitados pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a pronominal, no português moderno, a dispensa obri-
gatoriamente:

Eu fui visitado pelos parentes.

Aluga-se a casa (não se diz aluga-se a casa pelo proprietário).

OBSERVAÇÃO: Em construções do tipo batizei-me, chamas-te José, há professores que vêem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.a e 2.a pessoa. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando 11 uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido- (j. MATOSO CÂMARA, Diciondrio, 36).

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a pessoa é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal, formada de verbo seguido de pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu me visto, tu te feriste, ele se enfeita,

#

O verbo empregado na forma reflexiva diz-se pronominal.

OBSERVAÇõES:

1.a) Com verbos como atrever-se, indignar-se, queixar-se, ufanar-se, admirar-se, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como ir-se, partir-se, e outros como servir-se, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à frase, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, pronome de realce.

2.a) A voz reflexiva, no plural, pode assumir sentido de reciprocidade:

Eles se odeiam (isto é, um odeia o outro).

Voz passiva e passividade. - É preciso não confundir voz passiva e passividade. Voz é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele foi visitado pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto nem sempre a passividade corresponde a voz passiva(').

Formas nominais do verbo. - Assim se chamam o infinitivo, o particípio e o gerúndio, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (recordar é viver = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (homem sabido) e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (amanhecendo, sairemos = logo pela manhã sairemos; água fervendo = água fervente). Nesta função adjetiva o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego.

As formas nominais do verbo, Lom exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por formas infinitas.

Possuem desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes.

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem indicação da pessoa do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão
Cantar

Infinito flexionado
Cantar eu
Cantares tu
Cantar ele
Cantarmos nós
Cantardes vós
Cantarem eles

(1) Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo osso duro de roer. Houve aqui, se interpretarmos roer = de ser roído, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo do infinitivo, veja-se página 244.

#

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -r: para o infinitivo: canta-r, vende-r, parti-r.

b) -do: para o particípio: canta-do, vendi-do (cf. pág. 113),

parti-do-
c) -ndo: para o gerúndio: canta-ntio, vende-ndo, parti-ndo.

OBsERvAçXo: O verbo vir (e derivados) forma também o seu particípio com a desinéncia -do; mas, pelo desaparecimento da vogal temática i, apresenta-se igual ao gerúndio: vindo (por vin-i-do) e vindo (vi-ndo).

Conjugar um verbo. - É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.a conjugação - vogal temática a: amar, falar, tirar.
2.a conjugação - vogal temática e: temer, vender, varrer.
3.a conjugação - vogal temática i: partir, ferir, servir.

O~AÇÃo: Não existe a 4.a conjugação; por é um verbo da 2.a conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo.

Verbos regulares, irregulares e anômalos. - Díz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: cantar, vender, partir. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações -ar, -er, -ir:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, ferir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta variação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:
ouvir - ouço; dizer - digo; perder - perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: estou (veja-se canto), estás (veja-se cantas, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em fracos e fortes. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: sentir - senti; perder - perdi.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: caber - coube; fazer - fiz.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo
Sentir
Sentires
Sentir
Sentirmos
Sentirdes
Sentirem

Futuro do Subjuntivo
Sentir
Sentires
Sentir
Sentirmos
Sentirdes
Sentirem
#

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinito flexionado
Caber
Caberes
Caber, etc.

Futuro. do Subjuntivo

Couber
Couberes
Couber, etc.

OBsnvAçÃo: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar o som, têm de sofrer variação de grafia:
carregar - carrego - carreguei - carregues
ficar - fico - fiquei - fique

Não há portanto os irregulares gráficos.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: ser (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos sedère e êsse) e ir (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos ire, vadère e ésse).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alteraçoes que o não podem enquadrar em classificação alguma: dar, estar, ter, haver, ser, poder, ir, vir, ver, caber, dizer, saber, por, etc.

Verbos defectivos e abundantes. - DEFEc:rivo é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: colorir, precaver-se, reaver, etc.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não 1 se assenta em bases lógicas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.a pessoa do singular do verbo colorir (coloro), não se mostra

igualmente exigente com a 1.a pess. do singular do verbo colorar. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a '1 amática diz não ser usada.

~ Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. .Suprimos, quando necessário, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu recupero (para reaver); eu redimo (para remir).

x~ Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem a ou o :

i banir, brandir, carpir, colorir, delir, explodir, fremer (ou fremir), haurir, ruir, exaurir, abolir, demolir, puir, delinqüir, fulgir, feder, aturdir, bramir, jungir, esculpir, extorquir, impingir, pruir, retorquir, soer, espargir.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negat., e no imperat. afirmat. só apresentam as segundas pessoas do sing. e pl.

f

I

#

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem i :

adir, aguerrir, emolir, empedernir, esbaforir, espavorir, exinanir, falir, fornir, remir, ressequir, revelir, vagir, florir, renhir, garrir, inanir, ressarcir, transir, combalir.

c) oferecem particularidades especiais:

precaver (-se) e reaver. No pres. ind. só. têm as primeiras pessoas do plural : precavemos, precaveis; reavemos, reaveis. Imperativo: precavei, reavei. Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante conjugam-se normalmente.

2 - adequar, antiquar : cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 - grassar e rever (=destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

derno são:

OBSERVAÇõES:

1.a) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados inte-
gralmente: agir, advir, compelir, desmedir-se, discernir, embair, emergir, imergir, fruir,
polir, prazer, submergir. Ressarcir (cf. b) e refulgir (que alguns gramáticos só mandam
conjugar nas formas em que o radical é seguido de e ou i) tendem a ser empregados
como verbos completos.

2.a) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem lias terceiras
pess. do sing. e plural, em virtude de sua significação, e são arrolados como defectivos.

3.a) Também são considerados defectivos os verbos impessoais (pois não se referem
a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: Chove muito, Relampeja.
Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conju-
gam-se em quaisquer pessoas: Chovam as bênçaos do céu.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual
valor e função: havemos e hemos; constrói e construi; pagado e pago;
nascido, nato, nado (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português mo-

a) comprazer e descomprazer:

Pret. perf. ind. : comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste,
comprouve, etc.
M.-q-perf. ind. : comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprou-
veras, comprouvera, etc.

Imperf. subj. - comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprou-
vesses, comprouvesse, etc.
Fut. subj. : comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouvews,
comprouver, etc.

#

b) construir e seu grupo:

Pres. ind. : construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos,
construis, construem (ou constroem).
Imper. afirm. : construi tu (ou constrói).
Assim se conjugam desconstruir, destruir, estruir, reconstruir.

c) entupir e desentupir:
Pres. ind. : entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis,
entupera (ou entopem).
Imper. afirm. : entupe (ou entope), entupi.
OBSERVAÇÃO: O o das formas abundantes é de timbre aberto.

d) haver:
Pres. ind. : hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Imper. afirm. : há, havei.

e) ir:
Pres. ind. : vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) querer e requerer:
Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem, requeiro,
requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Quere e requere são formas que só têm curso em Portugal; quere é criação recente
(séc. xix-xx, sem adoção geral) e requere é forma já antiga na língua, sendo requer
de data recente.

g) valer:
Pres. ind. : valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Val é forma antiga e ainda hoje corrente, maxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em -zer, -zir.
Podem perder o -e na 2.a pessoa sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz).
São freqüentíssimos os exemplos literários com os verbos dizer, fazer, trazer e traduzir.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até
três) particípios: um regular, terminado em -ado (1.a conjugação) ou -ido
(2.a e 3.a conjugação, cf. pág. 113), e outro irregular, proveniente do
latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo. Eis uma relação
dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem
com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo Particípio regularParticípio irregular

aceitar aceitado (a., p.)aceito (p.), aceite (p.)
assentar assentado (a., p)assento (p.), assente (p.)
entregar entregado (a., p.)entregue (p.)
enxugar enxugado (a., p.) enxuto (p.)

#

expressar expressado (a., p.)expresso (p.)
expulsar expulsado (a., p.)-pulso (P.)
fartar fartado (a., p.)farto (P.)
findar findado (a., p.)findo (P.)
ganhar ganhado (a., p.)ganho (a., p.)
gastar gastado (a.) gasto (a., p.)
isentar isentado (a.) isento (p.)
juntar juntado (a., P.)junto (a., P.)
limpar limpado (a., P.)limpo (a., p.)
matar matado (a.) morto (a., P.)
pagar pagado (a.) pago (a., p.)
salvar salvado (a., P.)salvo (a., P.)
acender acendido (a., p.)aceso (P.)
desenvolver desenvolvido (a., P.)desenvolto (a., p.)
eleger elegido (a.) eleito (a., P.)
envolver envolvido (a., p.)envolto (a., p.)
prender prendido (a., p.)preso (p.)
suspender suspendido (a., p.)suspenso (p.)
desabrir desabrido desaberto
erigir erigido (a., p.)erecto (p.)
exprimir exprimido (a., P.)expresso (a., p.)
extinguir extinguido (a., p.)extinto (p.)
frigir frigido (a.) frito (a., p.)
imprimir imprimido (a., P.)impresso (a., p.)
inserir inserido (a., p.)inserto (a., p.)
tingir tingido (a., p.)tinto (p.)

OBSERVAC16ES :

1.a) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares ter e haver, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares ser, estar e ficar, na voz passiva.

Nós temos aceitado os documentos.

Os documentos têm sido aceitos por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares ter ou haver) ou passiva (auxiliares ser, estar, ficar), conforme se assinalou entre parénteses.

2.a) Há una poucos particípios irregulares terminados em -e, era geral de intro-
dução recente no idioma: entregue (o mais antigo), aceite, assente,

empregue (em
Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares. - Chama-se locuçjo verbal a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal: hei de estudar, estou estudando, tenho estudado. Muitas vezes o auxiliar em. presta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados aspectos do verbo.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinito pode aparecer ou não uma preposição (de, em, por, a, para). Na locução verbal é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: have-remos de fazer, estavam por sair, iam trabalhando, tinham visto.

palavras são compostas. Estes radicais podem ser livres, isto é, usados independentemente na língua (como guarda-chuva) Ou Presos, isto é, não são usados isoladamente (como agrícola ~ agr + i +cola, lanigero lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo guarda-chuva, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que couve-flor é oxítono e guarda-chuva é paroxí-tono)('). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por jus-taposição.

Chamamos aglutinação o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais subordinados a um só acento tônico: planalto, fidalgo, lanigero, agrícola.

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: lobis - (comparar - lobo, em lobisomem); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: Planalto, onde plan- é o radical de plano (o com-posto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: vinicultura (vip-,

mas
vinh- em vinha "árvore da uva")- 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a agr corresponde, em palavra isolada, campo) (2).

* A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: monocórdio (instrumento de uma só corda);
2) com o elemento radical alterado; ex.: vinagre (um vinho que é acre);
3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: agrícola (ao elemento de composição cola corresponde a idéia de habitar ou cultivar)"(8).

Conceito de raiz ou radical primário. - Chama-se raiz, em gramá. tica descritiva, ao radical primário ou irredutivel a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como desregularizar(4), facilmente pode- mos surpreender diversos graus de radical; o primeiro, destacando-se- lhe a vogal temática e a desinência de infinito, é desregulariz- (que aparece em desregularização); este radical pode ser reduzido, por destaques suces-

(1) Cf. pág. 57 n. 1.
(2) J. MAToso CA~A Jr., Teoria da ~liso Léxica, 95.
(3) Cf. J. MAToso CAmAxA Jr., Teoria da Andlise Léxica, 95.
(4) U J. MAToso CUARA Jr., Diciondrio de Fatos Gramaticais , 177. Para estudos mais adia~tados veja-se SAussuRz, Cours de Linguistique Générale, 253 e E. NmA, Morphology (cap. de introduçáo).

sivos, a: regulariz (sem o prefixo) > regular (sem a desinéncia) > regul (cf. o latim regúla) > reg (que aparece em reger, régua). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se primário e coincide, em relação à língua atual, com a raiz. Regul- é um radical secundário (ou do 2.0 grau), como regular- um radical terciário (ou do 3.0 grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz' do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há

freqüentes divergências
entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que
enquanto para a histórica não há raiz ed- em comer (do latim comedere, de edere
comer), a descritiva a estabelece em com- (cf. com-ida, com-flão, com-flança).

A raiz ou radical primário pode apresentar variação ou variações;
assim, a raiz reg- se altera em regr- (em regra, regrar, desregrar).

Palavras cognatas. - Chamam-se cognatas as palavras que pertencem
a uma família de raiz e significação comuns: corpo, corporal, incorporar,
corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir (em foges, temos a raiz alterada),
fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.

Constituintes imediatos. - Em análise mórfica é importante ter em
conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam con-
fusões no plano descritivo da classificação morfológica e se estabeleçam
as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma
como descobrimento não iremos enquadrá-la no grupo das palavras cha-
madas parassintéticas (considerando des + cobri + mento); trata-se de um
derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário
descobri- e o sufixo ment (o). Em arduamente desprezaremos a desinência
de feminino -a- (válida no vocábulo árdua) e analisaremos os constituintes
imediatos: ardua+mente, sendo ardua- o radical secundário. Também
em desrespeitosamente os constituintes imediatos são desrespeitosa (por
destaques sucessivos > respeitosa > respeit > speit, este último radical
primário ou raiz). Em cantorezinhos temos os constituintes imediatos
cantor (es) e zinho (s), depois cantor e finalmente cant-or. Nessa grada-
ção de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que
há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos
constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, se-
guidos de elementos internos característicos do processo de transformação
dos vocábulos. Em nosso último exemplo, os externos de natureza fle-
xional são r?,resentados pelas desinências de plural: cantor (es) e zinho(s),
enquai elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos
de cantor-zinho (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente
em cant-or (derivação sufixal).

Variantes dos elementos mórficos. - É comum a variante de deter-
minado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em reger (reg-) e regra

(regr-) ou fazer (faz-) e fiz; a desinência modo-temporal do pretérito im-
perfeito -va- (na 1.a conjugação) ou -a- (na 2.a e 3.a conj.) passa a -ve-

ou -e-, respectivamente, na 2.a pessoa do plural, pelo contato do i de is da
desinência pessoal (amavas, amáveis, vendias, vendíeis; partias, partíeis)'.

A forma livre caber (em descaber) apresenta, por exemplo, uma
variante mórfica presa -ceber (em receber; perceber, etc).

Tais variantes se chamam alomorfes.

Neutralização nos elementos mórficos. - já vimos que os elementos
mórficos são dotados de significação externa (como o radical) ou interna
puramente de noção gramatical (como o sufixo ou a desinência). Cha-
ma-se neutralização ao desaparecimento, na palavra, de uma indicação que
anula a oposição entre ela e dada palavra de outra classe ou a aproximação
entre dada palavra e o seu paradigma. A neutralização pode ocorrer, prin-
cipalmente, por homonímia ou por desaparecimento do elemento mórfico.
Exemplo de homonímia: a) a vogal temática da 2.a conj. é, como vimos
na página 113, e; esta vogal, entretanto, passa a i no pret. imperfeito e no
particípio, o que anula a oposição com a 3.a conj., porque ficam iguais
nestas formas: vendia, partia; vendido, partido; b) por outro lado a vogal
temática da 3.a conj. (i) passa a e quando átona, isto é, 2.a e 3.a pessoa
singular e 3.a pessoa do plural do pres. ind. e 2.a pessoa sing. imperativo,
anulando a oposição entre a 2.a e 3.a conjugações: partes, vendes; parte,
vende; pai-tem, vendem; parte tu, vende tu. Também em falaram a análise
mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.a pessoa pl. do pret. perf.
ind. (fal-a-ram), ou do pret. m-q.-perf. (fal-a-ra-m).

Exemplos de desaparecimento: a) pelo queda da vogal temática do
verbo vir (i), anula-se a oposição entre o gerúndio e o particípio (cf. pag.
185): vindo (gen), vindo (part.); b) pela queda da vogal temática no
infinitivo por, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.a conj., che-
gando, durante muito tempo, a constituir pretexto para falsa 4.a conj. em

português. Cf. pág. 106.

Em pires, como nos paroxítonos com s no final, há neutralização do número, cuja depreensão só é permitida pelo contexto.

Subtração nos elementos mórficos. - Até aqui temos visto a indicação de uma noção gramatical através de uma adição de determinado elemento mórfico: livros (onde s é desinência de plural), amas (onde s é desinência de 2.a pess. sing.).

Mas a indicação pode nascer da subtração de determinado elemento mórfico. Assim dizemos que livro é singular (uma noção gramatical) embora não haja desinência especial; é a oposição com o plural livros que nos leva a classificar livro como singular. Também a forma verbal ama pertence à 1.a ou 3.a pess. sing., pela comparação com amas ou qualquer outra pessoa do plural.

Dizemos então que o elemento mórfico é subtrativo ou zero(').

(1) Cf. E. NIDA, Morphology, e J. MATOSO CÂMARA JR., Princípios de Lingüística Geral, 75 e 90.

I

#

Acumulação nos elementos mórficos. - Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (elemento mórfico subtrativo). As desinências de pessoas especiais para o pret. perfeito (-i, -ste, -u, -stes, -ram) - cf. pág. 114, acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existir nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que cantei, vendi e parti, por exemplo, estão na 1.a pess. sing. (função essencial da desinência i) do pret. perf. ind. (função acumulativa da referida desinência).

Fusão nos elementos mórficos. - Os elementos mórficos podem combinar-se por justaposição ou por fusão. Em livros juntou-se ao radical primário a desinência de número -s-, justaposta. No plural canais (canal + es) ou funis (funil + es) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No pri-

meiro exemplo (cana-i-s) a fusão deu origem a um ditongo, enquanto no segundo (funis) favoreceu uma crase (funil + es = funi (l)es > funiis > funis). Na 1.a pess. sing. e 2.a pess. pl. do pret. perf. da 3.a conjug. há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: parti (< partii), partis (< partiis).

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justa-postos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em relógio uma palavra simples, cujo radical é relog-; a histórica remonta aos dois radicais hora lógio (isto é, máquina que "diz a hora") (1).

O sufixo adverbial -mente foi primitivamente um substantivo de for-ma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: boa mente, clara mente; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de um vocábulo como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (trabalharei) e do pretérito (trabalharia), pois se uniram ao infinito (trabalhar) o pre-sente e o pret. imperfeito do verbo haver (dar hei, dar hia, por havia).

Passando as formas do verbo haver a constituir parte da desinência modo-temporal (trabalharei desdobra-se em trabalh-a-re-i, trabalharia em trabalh-a-ria, cf. pág. 114), a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como tempo simples.

Suplementação nos elementos mórficos. - O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou alternância supletiva), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de

(1) J. MATOSO CAMARA Jr., Teoria da Análise Léxica, 95.

radical diferente. O nosso verbo ser é anômalo (cf. Pág. 107) porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: esse e sedére; também ir está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos

vadére
e esse.

A intensidade, a quantidade e o timbre e os elementos mórficos. - Muitas vezes, em lugar de uma forma lingüística, a intensidade, a quanti-
dade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. já vimos, na pág. 54, como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o
adjetivo, o verbo e o substantivo em sábia, sabia e sabiá.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no signi-
ficado da palavra (cf. pág. 55):

"Idiota 1 Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre 1
Idiota 1 Idioota 1... Idi~ota...- (M. LOBATO, Cidades Mortas, 219).

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo -ra- (variante -re, cf.
pág- 113) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, Porque
aquela é átona e esta é tônica: cantara (cant-a-ra) e cantará (cant-a-rá),
cantaras (cant-a-ra-s) e cantarás (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre concorre com a desinéncia da palavra para
caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: caroço (singular
com o tônico fechado) --> caroços (plural com o tônico aberto).

ovo -> ovos; firo --> feres. Em avdlavó a mudança de timbre foi o único ele-
mento empregado para distinguir o gènero. Em Portugal, em geral, é o timbre aberto
ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.a pess. plur. do presente do ind. e do
pret. perfeito dos verbos da 1.a e 2.a conjugações: levamos (à) (presente) , levamos (à)
(pretérito), devemos (é) (presente), devemos (é) (pretérito). No Brasil não fazemos
em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo de advérbio adequado.

B) 2 - Formação de palavras

Palavras indivisíveis e divisíveis. - INDIVISNEL é a palavra que só
possui como elemento mórfico o radical: mar, sol, ar, é, hoje, lápis, livro.

DIVISíVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em
outro ou outros elementos mórficos:

mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalUvamos (trabalh-d-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas. - Diz-se SIMPLEs a palavra,
divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a
compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam

ao radical a idéia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de sentido que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em primitivas e derivadas.

#

Primitiva é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa:

livro, belo, barcDerivada é a palavra simples que resulta de outra fundamental:

livraria, embelezar, barquinho.

ComposTA é a palavra que possui mais de um radical:

guarda-chuva, lanigero, planalto, fidalgo.

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as com. postas podem ser acrescidas de desinéncias, que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que, nos nomes e pronomes, traduz as noções de género e número e, nos verbos, número, pessoa, tempo e modo:

a) primitivas flexionadas: livros, meninas
b) derivadas flexionadas: livrarias, meninadas
c) compostas flexionadas: couves-flores, guarda-livros, fidalgas

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos (cf. pág. 171). Analisando, por exemplo, fidalgotes, estabeleceremos que a palavra é primeiramente formada de fidalgote + desinéncia do plural s, através de fidalg(o) + sufixo diminutivo -ote e finalmente da locução filho de algo.

Proceam de formação de palavras. - Dois são os principais processos de formação de palavras em português:

a) composição
b) derivação

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova composta por meio de duas ou mais outras cujas significação depende das qIje encerram as suas componentes.

1) Substantivo + substantivo:

a) C~ENAÇÃO: 1 - (quando o determinante precede): mãe-pdtria, papel-moeda;

2 - (quando o determinante vem depois): peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor,

b) SUBORDINAÇÃO: arco-íris, estrada de ferro, pdo-de-ló.

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):
aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:
surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

#

4) Pronome + substantivo:
Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral + substantivo (inclusive numeral latino):
onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquícentenário
(sesqui = um e meio).

6) Advérbio (bem, mal, sempre) + substantivo, adjetivo ou verbo:
benquerença, benquisto, bem.querer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação),
malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo.
lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passa-tempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:
vaivém, leva-e-traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma frase inteira pode condensar-se numa classe de palavra:
um Deus-nos-acuda, mais vale um toma que dois te darei, os disse-me-disse.

Como já vimos na pág. 170, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) justaposição: guarda-roupa, mãe-pátria, vaivém.
b) aglutinação: planalto, auriverde, fidalgo.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois, procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis"(').

Derivação. - Derivação consiste em~ formar palavras de outra primitiva por meio de afixos.

Os afixos; se dividem, em português, em prefixos (se vêm antes do radical) ou sufixos (se vêm depois). Daí a divisão em derivação prefixal e sufixal.

DERivAçÃo SUFIXAL: livraria, livrinho, livresco.

DERIVAÇÁO PREFIXAL: reter, deter, conter.

OBsERvAçÃo: Como vimos na pág. 169, os prefixos assumem um valor significativo que empresta ao radical um novo sentido, patenteando, assim, a sua natureza de ele. mento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

(1) J. MATOSO CÂmARA Jr., Teoria da Andlise Léxica, 94.

#

Sufixos. - Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às idéias pejorativas: poetastro, mulheraça. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: mãezinha, pai-zinho, maninho. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns.

I - Principais sufixos formadores de substantivos.

1) Para a formação de nomes de agente:

-dor, -tor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor
-nte estudante, requerente, ouvinte
-ista dentista, jornalista
-eira, -eiro : lavadeira, padeiro
-dria, -drio : bibliotecária, secretário

2) Para a formação de nomes de ação ou resultado de ação; estado; qualidade:

a) Derivados de verbo:

-ção, -são : coroação, perdição, compreensão
-mento : casamento, descobrimento
-ura, -dura, -tura : feitura, mordedura, formatura
-ança (-dncia), -ença (-ência): mudança, esperança. parecença, abundância

b) Derivados de substantivo:

-ada laçada, braçada

-ura cintura

c) Derivados de adjetivos :
-ismo : charlatanismo, civismo
-tude, -dão: amplitude, amplidão, solidão
-ura : doçura, brancura
-e.-a, -ez: beleza, viuvez

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-douro, -doura: bebedouro, manjedoura _or corredor
-tério : necrotério 41 covil
-tório : dormitório 1
4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-aria, -ario, -cria : cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-al: laranjal, cipoal
-edo : arvoredo
-io: mulherio
-ame, -ume, -um: velame, ers-um, mulherum, hornum, negrume
-agem : folhagem
-ada boiada
-aço chumaço

177
#

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz
a coisa denotada pela palavra primitiva:

-drio : relicário, herbanário
-eiro, -eira : açucareiro, chocolateira
-aria : livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-ano, -Jo, -eu: pernambucano, coimbrâo, liebreu, caldeu.
-ense, -és: cearense, (português -enho: estremenho)
-ista : paulista
-ol: espanhol
-oto: minhoto (6)
-ato: maiato (natural de Maia)
-ino: platino, bragantino
-eiro : brasileiro
-eta : lisboeta

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que
alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela pala-
vra primitiva:

-ismo: cristianismo, classicismo

-ista : socialista, espiritista
-ano: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências:

-ite: emprega-se para as inflamações. pleurite, rinite, bronquite.
-ema: é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva": fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma).
-oso e -ico: distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metalóide empregado; ex.: cloreto mercuroso, cloreto mercúrico. Ato, -eto, -ito formam nomes de s.-.is: cIorato, cloreto, clorito. Ex.: clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical sulf: sulfeto, sulfito, e não sulfur, que é forma latina. Ex.: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical fosf, para os de flúor flu: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas carbonato, bem derivada, e carbureto (em vez de carboneto), que denota influência francesa. Ex.: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio. Énio caracteriza carbonetos de hidrogénio, ex : : acetilênio, etilênio, metilênio, etc. Ilio aparece em certos compostos chamados radicais químicos, como amílio, metílio, etc. Ina se encontra em alcaIóides e álcalis artificiais, ex.: atropina, alcalóide da beIadona; cafeína, do café; cocaína, da coca; codeína, da papoula; conicina, da cicuta; estricnina, da noz-vômica; morfina, da papoula; nicotina, do fumo; quinina, da quina; teína, da árvore do chá, etc.: anilina, alizarina, etc. Io aparece em corpos simples, ex.: silício, telúrio, selénio, sódio, potássio, etc. O1 se encontra em derivados de hidrocarbonetos, ex.: fenoI, naftol, etc. A mineralogia e a geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares: -ita para espécies minerais, ex.: pirita; -ito para as rochas, ex.: granito e -ite para fósseis, ex.: amonite(l).
-oma designa tumor: epitelioma

(1) ANTzNoR NASCZNTZS, O Idioma Nacional, 3.a ed., 123-124.

#

II - Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos:

1) Aumentativos:

-do, -zão : cadeiráo, homenzão
-arro, -arrão, -zarrão : naviarra, bebarro, santarrão, coparráo, homenzarrão
-eirílo : vozeirão
-aço, -aça : ricaço, barcaça, copaço
-astro : poetastro, politicastro
-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalháo
-anzil : corpanzil
-dzio : copázio
-uça: dentuça
-eima: guleima, guloseima, boleima
-anca: bicanca
-asco : penhasco
-az: fatacaz
-ola : beiçola
-orra : cabeçorra
-eirílo: chapeirlo, toleirão

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, -zim : livrinho, florzinha, espadim, valzim (1)
-ito, xito : copito, amorzito
-ico: namorico, veranico
-isco : chuvisco, petisco
-eta, -ete, -eto : saleta, diabrete, livreto
-eco : livreco, padreco
-ota, -ote, -oto : ilhota, caixote, perdigoto
.ejo: lugarejo, animalejo
-acho : riacho, fogacho
-ela : magricela
-iola : arteríola
-ola : camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa
longa de dormir), rapazola (cf. -íola)
-ucho: gorducho, papelucho
-ebre : casebre
-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo
-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha : ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho
-aça, -aço, -iça, -iço : fumaça, caniço, nabiça
-el: cordel

(1) Se o vocábulo é masculino e termina em -a, este a reaparece quando se lhe acres-
centa o sufixo -inho. O mesmo acontece se é feminino em -o ou singular em -3: Jarbas -.> Jar-
binhas; Carmo (Jolo do) --> Carminho; o Maia -+ o Mainha. (Nota que me foi fornecida por
Martinz de Aguiar.)

#

III - Principais sufixos para forinar adjetivos:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio
-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil
-ento, -(1)ento: cruento, corpulento
-oso: bondoso, primoroso
-onho: medonho, risonho
-az: mordaz, voraz
-udo: barrigudo, cabeçudo
4cio : acomodatícío
-drio, -eiro : diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno terreno
-ico público
-engo : mulherengo, avoengo
-al, -ar: anual, escolar
-aico : prosaico
-estre : campestre
-este : celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório : expiatório, satisfatório
-ivo : afirmativo, lucrativo
-eícea,, -úceo (em família de plantas) : liliáceas, papilonáceos

IV - Principais sufixos para foi-mar verbos:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant (ar): quebrantar
-it (ar): periclitar, debilitar
-iz (ar): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos freqüentativos):

-aç (ar): espicaçar, adelgaçar
ej (ar): mercadejar, voejar

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

it(ar): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta idéia por se formarem de nomes dimi-
nutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar =
cuspinhar.

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou

qualidade (verbos incoativos):

ec(er): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer
esc (er): florescer

180
#

V - Sufixo para formar advérbio:

-mente (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):
claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente,
primeiramente.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -és e alguns terminados em -or, porque
110 português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam
110 feminino: portuguesmente, superiormente.
Os advérbios em -mente podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido
(10 adjetivo de que se forma(l):
1) exprimem uma idéia de qualidade: claramente, sinceramente, simplesmente,
horrivelmente;
2) exprimem uma idéia de quantidade ou medida: copiosamente, imensamente,
enormemente;
3) exprimem uma idéia de relação de dois seres independente um do outro; entre
as idéias de relação citamos as de tempo e lugar: primeiramente, anteriormente,
atualmente.

Prefixos. - Os principais prefixos que ocorrem em português são de
procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem
a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo
sentido de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinôni-
mas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm
esferas semânticas diferentes.
Assim é que transformação e metamorfose, circunferência e periferia,
composição e síntese são sinônimos, a rigor, mas não se aplicam indistin-
tamente: transformação, por exemplo, é de emprego mais amplo que me-
tamorfose.

PREFIXOS E ELEMENTOS LATINOS

abs, ab (afastamento, separação): abstrair, abuso
ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o a sem significação de certas palavras como alevantar, assentar, atambor
ante (anteriormente, procedência - no tempo ou no espaço): ante-sala, antelóquio, antegozar, antevéspera
ambi (duplicidade): ambigüidade, auibidestro
bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo
circum, circu (em roda de): circunferência, circulação
áç (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônirao de trans: transatlântico - cisatlântico.
com, con-, co- (companhia, sociedade, concomitincia): compadre, companheiro, condutor, colaborar

(1) H. NILSSON-EHLF, Les Adverbes en -tnepit compliments Wun verbe, 17-18.

#

contra (oposição, situação fronteira; o a final pode passar a o diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em contradança não ocorre o prefixo contra; o vocábulo nos veio do francês contredanse, do inglês country-dance (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem uns com os outros (daí o francês contre).
de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com des-: decair - descair
de(s)-, di(s)- (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, separação, abla O, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), demudar (= mudar muito)
es-, e-, ex- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar
OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com des-: escampado - descampado; esguedelhar - desguedelhar; esmaiar - desmaiar; estripar e destripar

em-, en-; e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guar-
necimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir
extra- (fora de, além de; superioridade; o a final passa, às vezes, a o): extradição,
extralegal, extrafino, extroverter
im-, in-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal,
ignorância, imigrar
intra- (posição interior, movimento para dentro; o a final passa, às vezes, a o):
intramuscular, introverter, introduzir
inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio
ob-, o- (posição em frente): obstar, opor
per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar,
persentir (sentir profundamente)
pos- (posição posterior, no tempo e no espaço): postónico, pós-escrito
pre- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio
pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção
re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, res-
saudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)
retro- (para trás): retroceder, retroagir
semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semiliárbaro, semivogal
so., sob-, sub-, sus-, su- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função;
inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor
sobre-, super-, supra- (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno;
em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado
soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): sotopor, sotomestre, sota-voga,
trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, intensidade): transportar, traduzir,
transladar, trespassar, tresler, tresgastar
OBSMVAÇõES:
1.a) Não se há de confundir três (numeral) com tres (de trans): tresdobrar
(triplicar);
2.a) Às vezes trans é empregado como antónimo de cis: transalpino e transandino,
por exemplo, opõem-se a cisalpino e cisandino;
3.a) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo:
transpassar, traspassar, trespassar.
ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino
vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função):

vice-presidente,
visconde

i

I

I

f

I
#

PREFIXOS E ELEMENTOS GREGOS

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição):
afônico, anemia, anônimo, anóxia, amoral
ana (inversão, mudança, reduplicaçâo): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia
anfi (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro
anti (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, anti-aéreo
apo (afastamento): apologia, apocalipse
arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário,
arcediago
cata (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico
di (duplicidade): dilema, dissílabo, ditongo
did (através de): diálogo, diagrama

OBsERvAçÃo: Pensando-se que didIogo é conversa de dois, tem-se empregado erra-
damente triálogo para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria
ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora): eczema, exegese, êxodo, exó-
geno, ectoderma
en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse
endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa
epi (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão em duas partes): hemiciclo, hemisfério
hiper (excesso): hipérbole, hipérbato
hipo (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
meta (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
para (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade):

parábola, paradigma, para-
lela, paramnésia
peri (em torno de): perímetro, período, periscópio
pro (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
pros (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
poli- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sin-, sim-, (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito a distância): telégrafo, telepatia, teleguiado.

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos.

LATINOS

des, in : desleal, infeliz
contra: contrapor
ambi: ambigüidade
a b : abuso
bi (s): bilabial
trans: transparente, transformação

183

GREGOS

a, an: amoral, anemia
anti : antipatia
anfi: anfibologia
apo : apogeu
di: dissilabo
did, meta: diáfano, metamorfose
#

in . ingressar
intra : intramuscular

ex : exportar
super, supra : superfície, supralingual,
superlotar
bene benefício
semi semicírculo
sub: subterrâneo
*ad : adjetivo
circum : círcunfêrencia
de: depenar
CUM : composição

en : enc6falo
endo. endovenoso
ec, ex : ~xoto

epi, hiper: cpiderme, hipertrofia

eu : eufonía
hemi hemisfério
hipo hipótese
para paralelo
peri periferia
cata catarata
sin : síntese

Derivação parassintética. - Chama-se derivação parassintética aquela que consiste em formar vocábulos com o auxílio simultâneo de prefixo e sufixo: anoitecer, endurecer, empobrecer, enriquecer.

Este processo é normalmente formador de verbos que saem de substantivos (anoitecer) ou de adjetivos (endurecer).

Os prefixos que em geral entram nos parassintéticos são es-, em- e a-.

Com em- predomina a idéia de "Passar de um estado a outro": enriquecer (passar a rico).

O princípio dos constituintes imediatos (cf. pág. 171) facilmente estabelece a inexistência de parassintéticos em formas como deslealdade, descobrimento ou injustiça. A NGB não agasalhou os parassintéticos.

Outros processos de formação de palavras. - Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: formação regressiva, abreviação, reduplicação e conversão.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva, que consiste em criar palavras por analogia, através de subtração de algum sufixo' dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes; de atrasar tiramos atraso, de embarcar, embarque; de pescar, pesca; de gritar, grito.

Assim também os vocábulos rosmaninho e sarampão foram tomados, respectivamente, como-diminutívo e aumentativo, e daí se tiraram as formas regressivas rosmano e sarampo, como falsos primitivos.

O Prof. Saíd Ali distribui os vocábulos de formação regressiva em quatro grupos:

"1.0) Masculino em -o: atraso, assento, emprego, vôo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2~0) Masculino em -e: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.0) Feminino em -a: amarra, pesca, sobra, súplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.0) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça"(1).

(1) Gram. Ser., 163.

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 - ter, haver (raramente) e ser (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados compostos, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Indicativo

Temos nove formas compostas:

a) pretérito perfeito composto: tenho ou hei cantado, vendido, partido;
b) pretérito maís-que-perfeito: tinha ou havia cantado, vendido, partido;
c) futuro do presente composto: terei ou haverei cantado, vendido, partido;
d) futuro do pretérito composto: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

Subjuntivo
e) Pretérito Perfeito: tenha ou haja cantado, vendido, partido;
f) Pretérito mais-que-perfeito : tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;
g) futuro composto: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

h) infinitivo composto: ter ou haver cantado, vendido, partido;
i) gerúndio composto: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo ser só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros eram partidos caminho de Zamora" (A. F. de Castilho, Quadros Históricos, 1, 101). Era chegada a ocasião da fuga. Sio passados três meses.

2 - ser, estar, ficar se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): é amado, está prejudicada, ficaram rodeados.

3 - os auxiliares acurativos se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do

momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral
-de tempo presente, passado e futuro:

a) início de açjo: começar a escrever, por-se a escrever, etc.;
b) iminência de açjo: estar para (por) escrever, etc.;
c) desenvolvimento gradual da ação; duraçjo: estar a escrever, andar escrevendo, vir escrevendo, ir escrevendo, etc.

OBSERVAÇÃO: No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (estar escrevendo),
-enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (estar a escrever).

III
#

d) repetição de ação: tornar a escrever, costumar escrever (repetição habitual), etc.;
e) término de ação: acabar de escrever, cessar de escrever, deixar de escrever, parar de escrever, vir de escrever, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por voltar de (ou chegar) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que vêm de descobrir o novo mundo" (CAmõEs, Lusíadas, lX, 40). Depois passou a significar acabar de + infinítivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, vinha de perder meu pai" (CAmiLo apud H. GRAÇA, Factos da Linguagem, 462).

4 - os auxiliares modais se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: haver de escrever, ter de escrever, dever escrever, precisar (de) escrever, etc.

OBSERVAÇÃO: Em vez de ter ou haver de + infinitivo, usa-se ainda, mais moderamente, ter ou haver que + infinitivo: Tenho que estudar. Neste caso, que, como introdutor de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição.
Não se confunda este que preposição com o que pron. relativo em construçóes do tipo. nada tinha que dizer, tenho muito que fazer, etc. Para esta última linguagem, ver o que se disse na pág. 245.

b) Possibilidade ou

capacidade: poder escrever, etc.

c) vontade ou desejo: querer escrever, desejar escrever, odiar escrever, abominar escrever, etc.

d) tentativa ou esforço: buscar escrever, pretender escrever, tentar escrever, ousar escrever, atrever-se a escrever, etc.

e) consecução: conseguir escrever, lograr escrever, etc.

f) aparência, dúvida: parecer escrever, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): ir escrever, etc.

h) resultado: vir a escrever, chegar a escrever, etc.

Vir a + infini , tivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: Isto vem a traduzir a mesma idéia (= isto por fim traduz a mesma idéia). Vir a ser pode ainda ser sinônimo de tornar-se: Ele veio a ser famoso.

NorrA FINAL - Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase: queríamos colher rosas, os verbos queríamos colher constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo rosas o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é colher rosas e a declaração principal se contém incompletamente em queríamos" (JosÉ OITICICA, Manual de Análise, 202-203).

#

Auxiliares causativos e sensitivos. - Assim se chamam os verbos deixar, mandar, fazer e sinônimos (causativos) e ver, ouvir, olhar, sentir e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sinteticamente como tal.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais. - Ao

radical do verbo, que é o elemento que encerra a sua significação, se jun-
tam as formas mínimas chamadas desinências para constituir as flexões do
verbo, indicadoras da pessoa e número, do tempo e modo.

Chama-se vogal temática aquela indicadora da conjugação:

1.a a : cant-a-r
2.a . : vend-e-r
3.a i: part-iA vogal temática presa ao radical constitui o tema:

canta-r, vende-r, parti-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por
exemplo, a 1.a pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo.

As vogais e e a em cant-e, vend-a, paft-a são desinências temporais (veja
abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o a passa a e no
pret. perf. do ind. da 1.a conj. em contato com i, e passa a o em contato
com u; cant-ar, cant-e-i, cant-o-u; o e passa a i no pret. imperfeito do ind.
e particípio da 2.a conjugação: vend-e-r, vend-i-a, vend-i-do. A vogal temá-
tica i da 3.a conjugação passa a e quando átono, no pres. ind. (2.a e 3.a
sing. e 3.a plural) e imperativo (2.a p.): part-e-s, part-e, part-e-m, part-e.,
se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o i da desinência is da 2.a
pessoa do plural: partis por part-i-is.

O tema é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a
desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados:
salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (Cf. pág. 180).

As desinências modo-temporais são:

a)va(ve) caracteriza o imperfeito do indicativo da 1.a conjugação:
canta-va (1);
b)-a- (e), variação do anterior, caracteriza o imperfeito do indicativo
da 2.a e 3.a
conjugação: devi-a, parti-a;
C)-ra- (re) átono caracteriza o mais-que-perfeito do indicativo:
canta-ra, vende-ra, parti-ra; cantá-reis;
d) -sse caracteriza o imperfeito do subjuntivo: canta-sse, vende-sse,
parti-sse;

(1) Pomos entre parènteses a variante do morferna ou alomorfe. (V. pág. 210).

#

e)-ra- (re) tônico caracteriza o futuro do presente: canta-re-i, canta-rá-s, canta-rã-o, deve-re-i; parti-re-i;

f)-ria- (rie) caracteriza o futuro do pretérito: canta-ria, deve-ria, parti-ria;

9) -e- caracteriza o presente do subjuntivo da 1.a conjugação: cant-e;

h) -a- caracteriza o presente do subjuntivo da 2.a e 3.a conjug.: vend-a, part-a;

i) -r- caracteriza o futuro do subjuntivo: canta-r, vende-r, parti-r.

OBSERVAÇõES:

1.a) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinéncias e vogal temática.

2.a) As características temporais terminadas em -a (imperf., m.-q.-Perf. do ind.
e futuro apresentam esta vogal alterada em e na 2.a pessoa do plural, graças ao contato
com a desinéncia pessoal -is que provoca a ditongação eis: eu cantava, vós cantílveis;
eu devia, vós devíeis; eu partia, vós pardeis; eu cantara, vós cantáreis; eu cantaria, vós
cantaríeis). O mesmo ocorre com a 1.a pess. do fut. do presente: cant-a-re-i.

3.a) As desinências pessoais (d. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumu-
lação, para caracterizar o tempo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

PLURAL

1.a Pessoa: -, -o (só no pres. ind.), -i (96 no pret. perf. do ind. e futuro do presente) (1)

SINGULAR 2.a pessoa: -5, -es (96 no fut. do subj. e inf. flex.), -ste (só no pret. perf. do ind.)

3.a pessoa: -, -u (só no pret. perf. do ind.)

1.8 pessoa: -mos

2.a pessoa: -is -des (só no fut. do subj., ínf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -stes (só no pret. perfeito do ind.), -i (no imperativo)

3.a pessoa: -m (indica que a vogal precedente é natal), -em (só no futuro do subj. e inf. flex.), -ram (só no pret. perfeito do indicativo)

Observaçjes sobre as desinIncias número-pessoais.

1.a pessoa do singular: geralmente falta a desinéncia de 1.a pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a

desinéncia -o:
cant-o, vend-o, part-o
No pretério perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinéncia -i :

cante-i, vend-i, part-i
canta-re-i, vende-re-i, parti-re-i

2.a pessoa do singular: a desinéncia é -s; no futuro do subjuntivo e infinitivo aparece -es e no pretérito perfeito do indicativo -ste :

cant-a-s, cant-a-r-es, cant-a-ste.
vend-e-s, vend-e-r-es, vend-e-ste.
part-e-s, part-i-r-es, part-i-ste.

(1) O travessia Indica ausência de desinéncia.

#

3.a pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.a pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -u :

cant-o-u, vend-e-u, part-i-u

1.2 pessoa do plural: a desinéncia é sempre -mos:

cant-a-mos, vend-e-mos, part-i-mos

2.a pessoa do plural: a desinéncia é -is; aparece -des no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, por, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -stes e o imperativo -i (na 3.a conj. há crase com a vogal temática):

cant-a-is, vend-e-is, part-is
cant-a-r-des, vend-e-r-des, part-i-r-des
cant-a-stes, vend-e-stes, part-i-stes
cant-a-i, vend-e-i, part-i.

3.a pessoa do plural: a desinéncia é -m, que nasaliza a vogal precedente; no futuro do subjuntivo e infinitivo aparece em; o pret. perfeito do indicativo apresenta -ram :

cant-a-m, vend-e-m, part-e-m
cant-a-r-em, vend-e-r-em, part-i-r-em
cant-a-ram, vend-e-ram, part-i-ram

OBsERvAçXo: No futuro do presente dá-se uma ditongação; a

nasalidade é indicada
por til e se sobrepóe à característica temporal:
cant-a-rão, vend-e-rIto, part-i-Mo

Tempos primitivos e derivados. - No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas primitivas.

1 - Praticamente do radical da 1.a pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por e, nos verbos da 1.a conjugação, e por a nos verbos da 2.a e 3.a conjugações:

Presente do indicativo	Presente do subjuntivo
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções :

ser	sou	seja	ir	vou	vá
dar	dou	dê	querer	quero	queira
estar	estou	esteja	saber	sei	saiba
haver	hei	haja			

#

2 - Praticamente da 2.a pessoa do singular e plural do presente do índicativo saem a 2.a pessoa do singular e plural do imperativo, bastando

OBSERVAÇÃO: Os verbos em -zer ou -zir podem perder, tia 2.-a

pessoa do singula

ainda o e final, quando o z não é precedido de consoante: faze (ou faz) tu, traduz

O imperativo em português só tem formas apenas para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.a pessoa do singular. As terceiras pessoas do imperativo se referem a você, vocês e não a eles. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se

as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

3 - Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamen
acha suprimindo a desinência pessoal da 1.a pessoa do plural ou 2.a

se
p. do singular) saem

a) o mais-que-perfeito do
indicativo, com o acréscimo de -ra (re): ra

ra-s, ra, ra-mos; re-is; ra-m;
b) o imperfeito do
subjuntivo, com o acréscimo de -sse: sse, sse-s, sse,
sse-mos, sse-is, sse-m;
c) o futuro do subjuntivo, com o
r-des, r-em.

acréscimo de -r: r, r-es, r, i--mos,

Tepna do Pret. Perf. M.-q.-Perf. ind. Imperf, subi, Fut.
subi.

vi (-mos) % ira	visse	vir	
N ie (-mos)	N iera	N iesse vier	
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse puser	
fo (-mos) fora	fosse	for	

4 - Do infinitivo não flexionado se formam:

a) o f uturo do presente,
com o acréscimo ao tenia de ra (re) tônico:
re-i, rá-s, rã, re-mos, re-is, rã-o

116
#

b) o futuro do pretérito, com o acréscimo de -ria (rie): ria, ria-s, -
ria,
ria-mos, ríe-is, ria-m.

Infinitivo

cantar

Futuro do presente

cantarei
cantarás
cantará
cantaremos
cantareis
cantarão

Futuro do pretério

cantaria
cantarias
cantaria
cantaríamos
cantaríeis
cantariam

Exceções: dizer, fazer, trazer, que fazem direi, farei, trarei, diria, faria, traria.

c) O imperfeito do indicativo, com o acréscimo de -va (ve), na 1.a conj., e -a(e), na 2.a e 3.a: cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-i-a, vend-i-a-s, vend-i-a, vend-f-a-mos, vend-í-e-is, vend-i-a-m
part-i-a, part-i-a-s, part-i-a, part-í-a-mos, part-í-e-is, part-i-a-m.

A parte, temos:

a) ser (era, eras, etc.)
b) ter (tinha, tinhas, etc.)
c) vir (vinha, vinhas, etc.)
d) por (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotónicas. - RiZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito.

radical:

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do

queremos, cantais, direi, vendido.

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônícas.
São normalmente rizotônicas: a) as três pessoas do singular e a 3.a do plural do presente do indicativo a do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; b) os particípios irregulares; c) a 1.a pessoa e 3.a singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: coube, fiz, fez.
Nos verbos defectivos em geral faltam as formas rizotônicas.
Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.2 do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: frutifico, vociferas, sentencia, trafegam.
Exceções:

a) resfolegar e tresfolegar fazem ~esffilego, resfólegas, resfólega, res-

fólegam, etc. Existem ainda as formas reduzidas resfolgar e tres-
folgar, de acentuação regular: resfolgo, tresfolgo, etc.

#

#

b)mobiliar faz mobilio, mobílias, mobília, mobiliamos, mibiliais,
mobiliam; mobilie, mobilies, mobilie, etc. Existem ainda as formas
mobilar (1) e mobilhar que se conjugam de acordo com a regra
geral: mobilo, mobilas; mobilho, mobilhas, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia
encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas
para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha 'Inobilada', que é
palavra que eu detesto) com uma cama-de-vento, uma cadeira e um lava-
tório de ferro" (MANUEL BANDEIRA) (2).

Alternincia vocálica ou metafonia. - Assim se chama a mudança
de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotô-
nica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, fervem (o e tónico é fechado na La pess.
do sing. e na 1.a e 2.a pess. do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.a conjugaçao:

aberta:

a) a vogal a, não seguida de m, n ou nh, vassa a ser proferida bem

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam
chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, ch am

b) ao e fechado corresponde e aberto, exceto quando não vem se-
guido de m, n, nh, i, x, ch, Ih

levar. levo, levas, leva, levamos, levais, levam
remar: remo, remas, rema, remamos, remais, r am
alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam
Pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham
aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham
Exceções: invejar (tem e aberto); chegar, ensebar não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de causar tristeza, desprezar, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como levar. Os gramáticos recomendam-no com e fechado: pesa, pesam; pese, pesem, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

(1) No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira:
"Este lusitanismo está sendo Introduzido por certos revisores à revelia doe autora; ;já me enxer
taram a antipática palavra numa traduç&o minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais
a escreverei: escreverei sempre 'mobiliada- (Poesia e Prosa, ed, Aguilar, li, 441),
(2) Poesia e Prosa, 11, 459-460, ed. Aguilar.

#

c) a vogal o passa a o aberto quando não seguida de m, n, nh ou o verbo não termina por -oar:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam
sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham
Perdoar: perdôo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.a conjugação:

a) as vogais tônicas e e o soam com timbre aberto na 2.a e 3.a pessoa
do singular e na 3.a do plural do pres. do ind. e na 2.a pess. sing. do
imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de m, n ou nh:

dever: devo (é), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)
roer: rói, roei (6)
volver: volvo (6), volves (6), volve (6), volvemos, volveis, volvem (6)
temer: temo (é), temes (é), teme (é), tememos, temeis, temem.
comer: como (6), comes (6), come (6), etc.

Exceções: querer e poder têm a vogal tônica aberta na 1.a pess. do sing.

Na 3.a conjugação:

a) a vogal e, última do radical, sofre alternáricias diversas quando

nela recai o acento tônico:

1 - passa a i na 1.a pess. do sing. do indic., e em todo o presente do subj. e e aberto na 2.a e 3.a pess. sing. e 3.a do plural do pres. do indic. e 2.a pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, con-~ir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:
vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBszRvAçÃo: Se o e for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.a pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a i: sentir: sinto, sentes, sente, etc.

2 - passa a i nas três pessoas do singular e terceira do plural do pres. ind., em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.a pess. pl.:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defec-tivo; cf. 108).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem
Pres. subi.: agrida, agridas, agrida, etc.
1-P. afirmat.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

#

3 - os verbos medir, pedir, despedir, impedir e derivados têm e i aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.a do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afir-mativo, exceto, neste, na 2.a pessoa do plural:
Medir - pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam.

4 - Os verbos aspergir, emergir, imergir e submergir têm e tônico fechado na 1.a pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm e aberto na 2.a e 3.a do singular e 3.a do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (é), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal o sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 - Passa a u na 1.8 pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.a pess. do singular e plural; e pa a o aberto na 2.a e 3.a sing. e 3.a do plural do, pres. ind. e 2.a do singu do imperativo:

dormir: pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam cobrir, descobrir, encobrir, recobrir, tossir. Dormir e tossir são regulares no particípio: dormido, tossido.

Para a conjugação de engolir e desengolir que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 - Passa a u nas três pessoas do sing. e 3.11 do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.a pessoa do plural: 1
1

sortir: pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirm.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam despolir e polir (cf. pág. 108). Antiga- mente seguiam este paradigma cortir e ordir, hoje grafados curtir e urdir e de conjugação regular.

c) a vogal u da penúltima sílaba do radical passa a o aberto na VL e 3.a pess. do singular e 3.a do plural do presente do indicativo e na 2.a pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir: pres. ind.: acudol acodes (6), acode (6), acudimos, acudis, acodem (6) pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (6), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam bulir, cuspir, escapulir, fugir, sacudir. Consumir e sumir têm o o fechado por estar seguido de m.

OBSERVAq6ES:

1.a) Assumir, presumir, reassumir, resumir, são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.

2.a) os verbos em -uir não apresentam alternAncias vocálicas no radical; a 2.a e 3.a pessoa do singular do presente do indicativo têm is e i em lugar de es e e, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam anuir, argüir, atribuir, constituir, destituir, diluir, diminuir, estatuir, imbuir, influir, instituir, instruir, puir (defectivo), restituir, redargüir, ruir.

3.a) Construir, desentupir, destruir, entupir (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alterriância. do u em o aberto na 2.a e 3.a pessoa do sing. e 3.a do plural do presente do indicativo e na 2.a pessoa do sing. do imperativo afirmativo.

Entupir e desentupir só se afastam do grupo porque apresentam es e e na 2.a e 3.a pessoa do sing. do pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupern (ou entopem).

construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construis, construem (ou constroem).

Estes verbos são portanto abundantes. Obstruir é, entretanto, conjugado apenas como constituir. Cf. obs. 2.a

4.a) Engolir, ainda que se escreva com o, segue o paradigma de acudir; para o Vocabulário de nossa Academia: engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.

Melhor fora, porém, conjugá-lo com o nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal i do radical do verbo frigir passa a e aberto na 2.a e 3.a pess. sing. e na 3.a do plural do pres. do indicativo e na 2.a pess. sing. do imperativo afirra.:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.
Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão.

a) aguar, desaguar, enxaguar, minguar, apropinqua~, conjugam-se com o seguinte modelo:

pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.
pres. subi.: ágüe, ágües, ágüe, agüemos, agüeis, ágüem.

OBSERVAÇÃO: Para o emprego do trema em apropinquar recorde-se o que se disse na pág. 72.

b) apaziguar, averiguar, obliquar, santiguar, conjugam-se pelo seguinte modelopres. ind.: apaziguo (ú), apaziguas (ú), apazigua (ú), apaziguamos, apaziguais, apaziguam, (ú).
pres. subi.: apazigúe, apazigúes, apazigúe, apazigüemos, apazigüeis, apazigúem.

121
#

c) Magoar, conjuga-se:

pres. ind.: magôo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam.
pres. subi.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoezn.

d) Mobiliar, conjuga-se:

pres. ind.: mobilio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobilia!&, mobiliam.
pres. subj.: mobilie, mobilies, mobilie, mobiliemos, mobilieis, mobiliem.

OBSERVAÇÃO: A variante mobilar apresenta-se regularmente: mobilo, mobila, etc.

e) Resfolegar, conjuga-se:

pres. ind.: resfôlego, resfélegas, resfôlega, resfolegamos, resfolegais, resfélegam.
pres. subi.: resfélegue, resfélegues, resfélegue, resfoleguemos, resfolegueís, resfôleguem.

OBSERVAÇõES:

La) A forma contrata de resfolegar é resfolgar, que se apresenta regularmente:
resfolgO, resfolgas, resfolga, etc.

2.a) o substantivo é resfôlego, proparmítono.

f) Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, pugnar, impugnar, ritmar, -raptar, conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí) obsto (6) opto (6) impugno (ú)

ritmo (1)
indignas-te (dí) obstas (6) optas (6) impugnas (ú)
ritmas (i)
indigna-se (dí) obsta (6) opta (6) impugna (ú)
ritma (i)
indignamo-nos obstamos optamos impugnamos
ritmamos
indignais-vos obstais . optais impugnais ritmais
indignam-se (dí) obstam (6) optam (6) impugnam(d) ritmam (i)
rapto (rã), raptas (rã), rapta (rã). raptamos, raptais, raptam (rã)

g) Obviar, conjuga-se:
pres. ind.. obvio (f), obvias (i), obvia (f), obviamos, obvials,
obviam(f).

h) apiedar e moscar, conjugam-se:
apiedar - pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais,
apiedam.

O Vocabulário Oficial confunde o antigo apiadar e apiedar numa
conjugação que não aconselhamos:
pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apíadam. (isto
é, a nas formas
rizotônicas e e nas arrizotónicas).

A mesma confusão existe, no Vocabt,lário Oficial, com moscar e
muscar (sumir-se).
pres. ind.: musco, muscas. musca, mostamos, moscais, muscam (isto é, u
nas formas
rizotónicas e o nas arrízotónícaá).

#

Mais certo seria conjugarmos regularmente moscar:

pres. ind.: mosco, moscas, mosca, 1n09camos, moscais, moscam; e
muscar:
pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam. .

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco
usados moscar e muscar.

i) Verbos com os ditongos fechados ou e ei : roubar e inteirar.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas o e e, respectivamente:

Roubar

roubo (e não róbo, etc.)
roubas
rouba
roubamos

roubais
roubam

Inteirar

inteiro (e não intéro, etc.)
inteiras
inteira
inteiramos
inteirais
inteiram

i) Verbos com os ditongos fechados eu e oi : tipos endeusar e noivar.
Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o e ou o o passem a timbre aberto: endeuso, endeusas, endeusa, etc.; noivo, noivas, noiva, etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo apoiar tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto, o que justifica as formas apóio, apóias, etc.

k) Verbos com o hiato au.. ai e iu: tipos saudar, embainhar e amiudar. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	embainhar	amiudar
saúdo	embaínho	amiúdo
saúdas	embaínhas	amiúdas
saúda	embaínha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhaís	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBsERvAçXo: Arraigar (com hiato) passou desde cedo a arraigar (com ditongo, ar-rai-gar) e daí a arreigar. As formas com ditongo alo mais freqüentes, embora modernamente se tenha restabelecido arraigar com hiato. Saudar proferido com ditongo (saudo, saudas, etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -zer, -zir: tipos fazer e traduzir. - Perdem o e final na 3.a pessoa sing. do presente do indicativo e 2.a pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o z não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, cerzir: cirzo, cirzes, cirze, etc.

#

Variações gráficas na conjugação. - Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 - os verbos terminados em -car e -gar mudam o c ou g em qu ou gu, quando tais consoantes são seguidas de e :
pecar: peco, peques; cegar: cego, cegues.

2 - os verbos terminados em -cer ou -cir têm c cedilhado antes de a ou o:
conhecer: conheço, conheces, conhece; ressarcir: ressarço, ressarces.

a ou o:

de a ou o:

3 - os verbos terminados em -çar perdem a cedilha antes do e
começar: Começo, comeces.

4 - os verbos terminados em -ger ou -gir mudam o g em i antes de

eleger: elejo, eleges; fugir: fujo, foges.

5 - os verbos terminados em -guer ou -guir perdem o u antes

erguer: ergo, ergues, erga.
conseguir: consigo, consegues, consiga.

A vogal e passa a ser grafada i quando entra num ditongo oral (verbos em -uir): atribuo, atribuis, atribui.

VERBos iEm -ear E -iar. - Os verbos em -ear trocam o e por ei nas

Estas variaçjes gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

formas rizotônicas:
Nomear: pres. ind.: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam.
pres. subj,: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem.
imper. afirm.: nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem.

Os verbos em -iar são conjugados regularmente:
Premiar: pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam
pres. subj., premie, premies, premie, etc.
imper. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em iar se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -ear (mARio é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: medeio, medeias, medeia, mediamos, mediais, medeiam

ansiar: anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam

remediar: remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam

incendiar: incendeio, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam

odiar: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

#

OBSERVAÇõES:

La) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -ear e -iar pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -iar, deveriam seguir o modelo de premiar, mas se acostam ao de nomear: além do próprio premiar, agenciar, comerciar, licenciar, negociar, penitenciar, obsequiar, presenciar, providenciar, reverenciar, sentenciar, vangloriar, vitoriar, evi- denciar, gloriar, diligenciar, e outros.

2.a) Hoje não fazemos distinção entre crear (tirar do nada, dar existência) e criar (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas criar para ambos os casos, que se conjuga como Premiar. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de crear, conjugado como nomear.

3.a) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: afear e afiar, arrear e arriar, estrear e estriar; vadear e vadiar, etc.

Quando grafar -ear ou -iar. - Grafam-se com -ear os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -é, -eio, -eia, -éia :

pé - apear
passeio - passear
Exceção: fé - fiar

ceia cear
idéia idear

b) consoante ou pelas vogais átonas -a, -e -o precedidas de consoante:

mar - marear
casa - casear

Exceções: amplo - ampliar
breve - abreviar
finança - financiar
graça - agraciar

pente - pentear
branco - branquear
lume - alumiar
sede - sediar
êxtase - extasiar

1ncluem-se entre os verbos em -ear: atear, bambolear, bruxulear, cecear, derrear, favonear, pavonear, semear, vadear.

Grafam-se com -ar os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -io, -ia:

alívio - aliviar
sócio associar
óbvio obviar

b) -tincia, -ênci&., -ença:
distância distanciar
diligência diligenciar

saciar.

delícia - deliciar
polícia - policiar
assovio - assoviar

presença - presenciar
sentença - sentenciar

#

Incluem-se no rol dos verbos em -iar: anuviar, apreciar, depreciar,

OBSMVAÇÃO: Muitas vezes~ o final -car ou -iar se pode alternar com o simples
-ar: azular ou azulear; bajar ou bagear (produzir vagens); diferenciar ou diferençar;
balançar ou balancear, etc.

#

Erros freqüentes na conjugação de alguns verbos

a) Vir e seus derivados

No presente do indicativo temos: venho, vens, vem, vimos (e não viemos), vindes, vêm.

No pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: vindo (vi-rido) e vindo (vin-i-do).

Notem-se estes erros comuns nos derivados de vir, no pret. perf. ind.:

Os guardas interviram na discussão (por intervieram).

A professora interviu no caso (por interveio).

O futuro do subjuntivo é vier: Quando eu vier... (e não vir).

b) Ver e seus derivados

Prover não se conjuga como ver no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveul PrO~051 provestes, proveram.

m.-q.-Perf. ind.: provera, prover^ provera, provéramos, provêrcis, proveram.

imperj. subj.: provesse, provesses, provesse, provéssemos, provêsseis, provessem.

fut. subi.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

particípio: provido.

Rever é conjugado por ver; por isso está errada a flexão em:

A aluna reveu (em vez de reviu) a prova.

Antever é conjugado como ver e, por isso, enganou-se o nosso Casi-

miro de Abreu ao escrever:

"Quem antevera (com e) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" (Obras, 34, ed. S. DA SILVEIRA).

O futuro do subjuntivo é vir:

Quando eu vier à cidade e vir oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se. 1

É verbo defectivo que nada tem com ver ou vir; por isso evite-se dizer

Eu me precavejo ou Eu me precavenho.
Precavefam-se ou Precavenham-se.

Para sua conjugação, veja-se pág. 108.

d) Reaver.

É verbo defectivo, derivado de haver, que à se conjuga nas formas em que este possui -v-. Não se deve dizer:

Eu reavejo ou Eu reavenho.

Cuidado especial merece também o pret. perf.: reouve, reouveste, reouveram.

#

Por isso evitem-se empregos. como: eu reavi, ele reaveu, etc. Cf. Pág. 1 OS.

e) Ter e seus derivados

Deter, derivado de ter, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial deteu (por deteve!) o criminoso.

f) Por e seus derivados.

Opor é derivado de por e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando opor em vez de opuser :

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição opor virtudes" (Colombo, 11, 154 apud S. SiLvEraA, Obras de Casimiro de Abreu, 34).

g) Estar e seus derivados.

Sobrestar é derivado de estar e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo ter, como se fosse sobrester. Assim n~O está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, sobrestenho o passo- (Poesias, 4.a série, apud S. SILVEIRA, ibid.).

h) Haver-se e avir-se.

Estes verbos têm empregos diferentes. Haver-se significa:

1) proceder, portar-se :

"Ele, porém, houve-se com a maior delicadeza" (M. DE Assis, Brds Cubas, 364).

2) ser chamado a ordem, entrar em disputa com alguém, conciliar, (ha ver-se com alguém), e aparece nas ameaças:

Ele tem de se haver comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo se haverd" (MARTINS PENA, Comédias, 139 apud S. SiLvEmA, Liç6es, 361).

Avir-se é sinÔnimo de haver-se, no sentido 2), isto é, significa entrar-em acordo com, conciliar:

"Lá se avenham os sorveteiros com Boileau" (FILINTo EUSIO, Obras, V, 46 apud R. BAR~, Réplica, 391 nota).

Desavir-se é o contrário de avir-se:

Os amigos 9e destivieram (e não se desouveram!) por muito pouco.

Erra-se freqüentes vezes empregando-se, nas ameaças, avir-se por haver-se :

Ele tem de se avir comigo (em lugar de se haver).

#

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 - Conjugação simples

I -a - Canta, 2-a - Vend-e-r 3.a - Part-ir

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o	
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s	
Cant-a	Vend-e	Part-e	
Cant-a-mos		Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is	
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m	

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-i-a		
Cant-a-va-s		Vend-i-a-s	Part-i-a-s
Cant-a-va	Vend-i-a	Part-i-a	
Cant-A-va-mos		Vend-f-a-mos	Part-i-a-mos
Cant-A-ve-is		Vend-i-e-is	Part-f-e-is
Cant-a-va-m		Vend-i-a-m	Part-i-a-m

Cant-e-i
Cant-a-ste
Cant-o-u
Cant-a-mos
Cant-a-stes
Cant-a-ram

Cant-a-ra
Cant-a-ra-s
Cant-a-ra
Cant-i-ra-mos Cant-i-re-is
Cant-a-ra-m

Cant-a-re-i
Cant-a-rd-s
Cant-a-rA
Cant-a-re-mos
Cant-a-re-is
Cant-a-rA-o

Pretérito perfeito

Vend-i
Vend-e-ste
Vend-e-u
Vend-e-mos
Vend-e-stes
Vend-e-ram

Pretérito mais-que-perfeito

Vend-e-ra
Vend-e-ra-s
VVend-e-ra
 end-6-ra-mos
Vend-&re-is
Vend-e-ra-m
#

Futuro do presente

Vend-e-re-i
Vend-e-rA-s
Vend-e-ri
Vend-e-re-mos
Vend-e-re-is
Vend-e-ra-o

128,

Part-i
Part-i-ste
Part-i-u
Part-i-mos
Part-i-stes
Part-i-ram

Part-i-ra
Part-i-ra-s
Part-i-ra
Part-i-ra-mos
Part-i-re-is
Part-i-ra-m

Part-i-re-i
Part-i-rA-s
Part-i-rA
Part-i-re-mos
Part-i-re-is
Part-i-ri-o
#

Futuro do pretérito

Cant-a-ria
Cant-a-ria-s
Cant-a-ria
Cant-a-ria-mos
Cant-a-rie-is
Cant-a-ria-m

Cant-e
Cant-e-s
Cant-e
Cant-e-mos
Cant-e-is
Cant-e-m

Cant-a-sse
Cant-a-sse-s
Cant-a-sse
Cant-A-sse-mos
Cant-;i-sse-is
Cant-a-sse-m

Cant-a-r
Cant-a-r-es
Cant-a-r
Cant-a-r-mos
Cant-a-r-des
Cant-a-r-em

Cant-a tu
Cant-e você
Cant-e-mos nós
Cant-a-i vós
Cant-e-m vocés

Vend-e-ria
Vend-e-ria-s
Vend-e-ria
Vend-e-ria-mos
Vend-e-rie-is
Vend-e-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Premente

Vend-a
Vend-a-s
Vend-a
Vend-a-mos
Vend-a-is
Vend-a-m

Pretérito imperfeito

Vend-e-sse
Vend-e-sse-s
Vend-e-sse
Vend4-sse-mos
Vend-ê-sse-is
Vend-e-sse-m

Futuro

Vend-e-r
#

Vend-e-r-es
Vend-e-r
Vend-e-r-mos
Vend-e-r-des
Vend-e-r-em

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Vend-e tu
Vend-a você
Vend-a-mos nós
Vend-e-i vós
Vend-a-m vocês;

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós
Não cant.e.m vocês	Não vend-a-m vocês

Part-i-ria
Plart-i-ria-s
Part-i-ria
Part-i-ria-mos
Part-i-rie-is
Part-i-ria-m

Part-a
Part-a-s
Part-a Part-a-mos
Part-a-is
Part-a-m

Part-i-ssc
Part-i-sse-s
Plart-i-sse
Part-f-sse-mos
Part-i-sse-is
Part-i-sse-m

Part-i-r
Part-i-r-es
Part-i-r
Part-i-r-mos
Part-i-r-des
Part-i-r-em

Part-e tu
Part-a você
Part-a-mos nós
Part-i vós
Part-a-m vocês

Não part-a-s tu
Não part-a você
Não part-a-mos nós
Não part-a-is vós
Não part-am vocês,
#

FoRMAS NOMINAIS

I Infinitivo

Ndo flex
Cant-a-r Vend-e-r

Flexionado

Part-i-r

Cant-a-r	Vend-e.r	Part-i-r	
Cant-a-r-es		Vend-e-r-es	Part-i-r-es
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r	
Cant-a-r-mos		Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des		Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-r-em		Vend-e-r-em	Part-i-r-em

Gerfindio

Cant-a-ndo Vend-e-ndo

Particípio

Part-i-ndo

Cant-a-do Vend-i-do Part-i-do

2 - Conjugação composta(')

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado Tenho vendido Tenho partido
Tens cantado Tens vendido Tens partido
Tem cantado Tem vendido Tem partido
Temos cantado Temos vendido Temos partido
Tendes cantado Tendes vendido Tendes partido
Têm cantado Tém vendido Tém partido

Pretério mais-que-perfeito c

Tinha cantado Tinha partido
Tinhas cantado Tinhas partido
Tinha cantado Tinha partido
Tínhamos cantado Tínhamos partido
Tínheis cantado Tínheis partido
Tinham cantado Tinham partido

Terei cantado
Terás cantado
Terá cantado
Teremos cantado
TereU cantado
Terão cantado

Tinha vendido
Tinhas vendido
Tinha vendido
Tínhamos vendido
Tínheís vendido
Tinham vendido

Futuro do presezáte composto
Terei veudido
Terás vendido
Terá vendido
#

Teremos vendido
Tereis vendido
Terão vendido

Terei partido
Terás partido
Terá partido
Teremos partido
Terei& partido
Terão partido

(1) Sobre o emprego dos auxiliares ter e haver na conjugaçáo composta, veja-se a pág. 111.

1.30
#

Teria cantado
Terias cantado
Teria cantado
Teríamos cantado
Terícis cantado
Teriam cantado

Tenha cantado
Tenhas cantado
Tenha cantado
Tenhamos cantado
Tenhais cantado
Tenham cantado

Tivesse cantado
Tivesses cantado
Tivesse cantado
Tivéssemos cantado
Tivésseis cantado
Tivessem cantado

Tiver cantado
Tiveres cantado
Tiver cantado
Tivermos cantado
Tiverdes cantado
Tiverem cantado

Ter cantado

Ter cantado
Teres cantado
Ter cantado
Termos cantado
Terdes cantado
Terem cantado

Tendo cantado

Futuro do pretérito composto
Teria vendido
Terias vendido
Teria vendido
Teríamos vendido
Terleis vendido
Teriam vendido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito
Tenha vendido
Tenhas vendido
Tenha vendido
Tenhamos vendido
Tenhais; vendido
Tenham vendido

Pretérito mais-que-perfeito,
Tivesse vendido
Tivesses vendido
Tivesse vendido
Tivéssemos vendido
Tivésseis vendido
Tivessem vendido

Futuro composto
#

Tiver vendido
Tiveres vendido
Tiver vendido
Tivermos vendido
Tiverdes vendido
Tiverem vendido

F~AS NOMINAIS

Inflnitivo

Não flexionado composto
Ter vendido

Flexionado composto
Ter vendido
Teres vendido
Ter vendido
Termos vendido
Terdes vendido
Terem vendido

Gerúndio composto
Tendo vendido

131

Teria partido
Terias partido
Teria partido
Teríamos partido
Terfeis, partido

Teriam partido

Tenha partido
Tenhas partido
Tenha partido
Tenhamos partido
Tenhais partido
Tenham partido

Tivesse partido
Tivesses partido
Tivesse partido
Tivéssemos partido
Tivésseis partido
Tivessem partido

Tiver partido
Tiveres partido
Tiver partido
Tivermos partido
Tiverdes partido
Tiverem partido

Ter partido

Ter partido
Teres partido
Ter partido
Termos partido
Terdes partido
Terem partido

Tendo partido
#

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 - Conjugação simples

Ser	Estar	Ter	Haver

MODO INDICATIVO

Presente

Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm (1)	Hão

Pretérito imperfeito

Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Êreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam

Pretérito perfeito

Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Pretérito mais-que-perfeito

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

(1) O Vocabulário Oficial só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo - te-em -, como dizem crêem, lêem, vêem. Ocorre o mesmo com vê- (de vir). Note-se, de passagem, que os dissílabos crêem, dêem, lêem são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram; crem, dem, lem, vem.

#

Futuro do'pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Serfeis	Estarícis	Terícis	Haveríeis

Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse	
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses	
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse	
Fôssemos	Estivéssemos		Tivéssemos	Houvéssemos
Fósseis	Estivésseis		Tivésseis	Houvésseis
Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem	

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu ,	Tem tu (1)	Há tu	
Seja você	Esteja você		Tenha você	Haja você
Sejamos nós		Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós	
Sejam vocês		Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocés	Não tenham vocês	Não hajam vocês

(1) Com m final, e não com n.

#

FoRmAs NomINAIS

Infinitivo nlio flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes;	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerfindio

Sendo	Tendo	Estando	Havendo

Participio

Sido	Estado	Tido	Havido

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho (ou hei)
Tens (ou hás)
Tem (ou há) sido, estado, tido, havido
femos (ou havemos)
Tendes (ou haveis)
Têm (ou hão)

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha (ou havia)
Tinhas (ou havias)
Tinha (ou havia)
Tínhamos (ou havia tos) sido, estado, tido, havido
m
Tínheis (ou havíels)
Tinham (ou haviam)

Terei
Terás
Terá
Teremos
Tereis
Terão

Futuro do presente composto

(ou haverei)
(ou haverás)

(ou haverá) sido, estado, tido, havido
(ou hav os
(ou haver=
(ou haverão)

134
#

Teria
Terias
Teria
Teríamos
Terícis
Teriam

Futuro do pretérito composto

(ou haveria)
(ou haverias)
(ou haveria) sido, estado, tido, havido
(ou haveríamos)
(ou haverfeis)
(ou haveriam)

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha (ou haja)
Tenhas (ou hajas)
Tenha (ou haja) sido, estado, tido, havido
Tenhamos (ou hajamos)
Tenhais (ou hajais)
Tenham (ou hajam)

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse (ou houvesse)
Tivesses (ou houvesses)
Tívesse (ou houvesse)sido, estado, tido, havido
Tivéssemos (ou houvéssemos)~
Tivêsseis (ou houvésseis)
Tivessem (ou houvessem)

Tiver
Tiveres
Tiver

Tivermos
Tiverdes
Tiverem

Ter (ou haver)

Ter
Teres
Ter
Termos
Terdes;
Terem

Tendo

Futuro composto
(ou houver)
(ou houveres)
(ou houver) sido, estado, tido, havido
(ou houvermos)
(ou houverdes)
(ou houverem)

FoitMAS NOMINAIS

Infinitivo alo flexionado composto

#

sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto
(ou haver)
(ou haveres)
(ou haver) sido, estado, tido, havido
(ou havermos)
(ou haverdes)
(ou haverem)

Gcrdndio

(ou havendo) sido, estado, tido, havido

135
#

1 - Conjugação simples

Presente

Ponho
Pões
Põe
Pomos
Pondes,
Põem

Pretérito mais-que-perf.

Pusera
Puseras
Pusera
Puséramos
Puséreis
Puseram

Presente

Ponha
Ponhas
Ponha
Ponhamos
Ponhais
Ponham

Afirmativo

Põe tu
Ponha você
Ponhamos nós
Ponde vós
Ponham vocês

Infinitivo, não flexionado

Por

Gerfindio

Pondo

Conjugação do verbo por

MODO INDICATIVO

Pretérito imperfeito
   Punha
   Punhas
   Punha
   Púnhamos
   Púnheis
   Punham

Futuro do pretérito

Poria

Porias
Poria
Poríamos
Poríeis
Poriam

#

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito imperfeito

Pusesse
Pusesses
Pusesse
Puséssemos
Pusésseis
Pusessem

MODO IMPERATIVO

Negativo
Não ponhas tu
Não ponha você
Não ponhamos nós
Não ponhais vós
Não ponham vocês

FoRmAs NomINALS

Infinitivo, flexionado,

Por
Pores
Por
Pormos
Pordes
Porem

Particípio
Posto

Pretérito perfeito

Pus
Puseste
Pôs
Pusemos
Pusestes
Puseram

Porei
Porás
Porá
Poremos
Poreis
Porão

Futuro

Puser
Puseres
Puser
Pusermos
Puserdes
Puserem

Futuro do presente
#

2 - Conjugação composta

Pretérito nerfeito compost

Tenho
Tens
Tem
Temos
Tendes
Têm

posto
posto
posto
posto
posto
nnsto

Futuro do Presente composto

Terei
Terás
Terá
Teremos
Tereis
Terão

Pretérito perfei

Tenha
Tenhas
Tenha
Tenhamos
Tenhais

Tenham

Ter

posto

posto
posto
post
posto
post
nnst

finitivo não flexionado

MODO INDICATIV(:

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha
Tinhas
Tinha
Tínhamos
Tínheis
Tinham

Futuro do pretérito composto

posto
posto
posto
posto
#

posto
nosto

Teria
Terias
Teria
Teríamos
Terleis
Teriam

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito maiç-nue-nerf

Tivesse
Tivesses
Tivesse
Tivéssemos
Tivésseis

Tivessem

posto
posto
posto
posto
posto
nosto

FoRMAs NomINAIS

Tiver
Tiveres
Tiver
Tivermos
Tiverdes
Tiverem

Infinitivo flexionad

Ter
Teres
Ter
Termos
Terdes
Terem

Gerfindio comnost

Tendo

13

nost(

posto
posto
posto
posto
posto
nosto

posto
posto
posto
posto
posto
#

sto

posto
posto

posto
posto
posto
posto

Futur

posto
posto
posto
posto
posto
Dosto
#

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: ser amado

MODO INDICATIVO

Presente Pretérito Imperfeito Pretérito perf. simples

Sou amado Era amado Fui amado
És amado Eras amado Foste amado
É amado Erá amado Foi amado
somos amados Éramos amados Fomos amados
Sois amados Êreis amados Fostes amados
São amados Eram amados Foram amados

pretérito perfeito composto

Tenho sido amado
Tens sido amado
Tem sido amado
Temos sido amados
Tendes sido amados
Têm sido amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Pretérito mais-que-perfeito, simples

Fora amado
Foras amado
Fora amado
Fôramos amados
Fóreis amados
Foram amados

Futuro do presente simples

Tinha sido amado Serei amado
Tinhas sido amado Serás amado

Tinha sido amado Será amado
Tínhamos sido amados Seremos amados
Tínheis sido amados Sereis amados
Tinham sido amados Serão amados

Futuro do presente composto

Futuro do pretérito simples

Terei sido amado Seria amado
Terás sido amado Serias amado
Terá sido amado Seria amado
Teremos sido amados Seríamos amados
Tereis sido amados Serf eis amados
Terão sido amados Seriam amados

Futuro do pretérito composto

Teria sido amado
Terias sido amado
Teria sido amado
Teríamos sido amados
Teríeis sido amados
Teriam sido amados

#

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja amado
Sejas amado
Seja amado
Sejamos amados
Sejais amados
Sejam amados

Pretérito mais-que-perfeito,,
Tivesse sido amado
Tivesses sido amado
Tivesse sido amado
Tivéssemos sido amados
Tivésseis sido amados
Tivessem sido amados

Infinitivo n1o flexionado

Ser amado

Infinitivo flexionado

Ser amado
Seres amado
Ser amado
Sermos amados
Serdes amados
Serem amados

Gerfindio,

Sendo amado

Fosse
Fossa
Fosse
Fôssemos
Fósseis
Fosam

OBs£RvAçõFs sobre a voz passiva:

Pretérito imperfeito

amado
amado
amado
amados
amados
amados

Futuro

For amado
Fores amado
For amado
Formos amados
Fordes amados
Forem amados

FORMAs NomINAIS

Pretérito perf
#

Tenha sido
Tenhas sido
Tenha sido
Tenhamos sido
Tenhais sido
Tenham sido

amado
amado
amado

amados
amados
amados

Futuro composto

Tiver sido
Tiveres sido
Tiver sido
Tiv os sido
Tiverdes sido
Tiverem sido

amado
amado
amado
amados
amados
amados

Infinitivo não flexionado, composto

Ter sido amado

Infinitivo flexionado composto

Ter sido
Teres sido
Ter sido
Termos sido
Terdes sido
Terem sido

amado
amado
amado
amados
amados
amados

Gerúndio composto

Tendo sido amado

La) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referéncia é feita a
ser do gênero feminino:

Ele é amado. Ela é amada.

2.a) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:
Voz ativa - Ela tem estudado. Elai têm estudado.
Voz passiva - Ela é amada. Elas são amadas.

3.a) Na voz passiva não, se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo na voz reflexiva: 1 dar-se. - já vimos

#

apie

que o verbo está na voz reflexiva quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu me visto. Nós nos arrependemos. Eles se foram.

#

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) prócUse: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesócUse: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) ênclise: se o vocábulo átono vem depois: queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE. - Se o pronome for enclítico na voz reflexiva só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o s final da 1.a pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
quelXa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se.

Nas outras posições, o verbo ficará

intacto:

Nós nos queixamos.Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente Pretérito imperfeitoPretérito perfeito

apiedo-me apiedava-me apiedei-me
apiedas-te apiedavas-te apiedaste-te
apieda-se apiedava-se apiedou-se
apiedamo-nos apiedávamo-nos apiedamo-nos
apiedais-vos apiedáveis-vos apiedastes-vos
apiedam-se apiedavam-se apiedaram-se

Pretérito perfeito composto

tenho-me apiedado (1)
tens-te apiedado
tem-se apiedado
temo-nos apiedado
tendes-vos apiedado
têm-se apiedado

(1) Nunca se use pronome átono posposto a

Pretérito mais-que-perfeito

apiedara-me
apiedaras-te
apiedara-se
apieddramo-nos
apiedAreis-vos
apiedaram-se

particípio.
#

#

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me apiedado
tinhas-te apiedado
tinha-se apiedado
tínhamo-nos apiedado
tínheis-vos apiedado
tinham-se apiedado

Futuro do presente composto

ter-me-ei apiedado
ter-te-ás apiedado
ter-se-á apiedado
ter-nos-emos apiedado

ter-vos-eis apiedado
ter-se-âo apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei (2)
apiedar-te-ds
apiedar-se-d
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-do

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-famos
apiedar-vos-ieis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia apiedado
ter-te-ias apiedado
ter-se-ia apiedado
ter-nos-íamos apiedado
ter-vos-feis apiedado
ter-se-iam apiedado

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome
apiedes-te	apiedasses-te	posposto a verbo
apiede-se	apiedasse-se	nesta formal
apiedemo-nos		apiedássemo-nos
apiedeis-vos		apiedásseis-vos
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito

tivesse-me apiedado
tivesses-te apiedado
tivesse-se apiedado
tivésserno-nos apiedado
tivésseis-vos apiedado
tivessem-se apiedado

#

Futuro composto

Não se usa pronome posposto a
verbo nestas formas 1

(1) Nunca se use pronome átono posposto a particípio.
(2) Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito: usar-se-á
a anteposiçáo ou a interposiçào, como veremos depois.

141
#

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

apieda-te tu
apiede-se você
apiedemo-nos nós
apiedai-vos vós
apiedem-se vocês

Infinitivo não flexionado simples

apiedar-me',
apiedar-te
apiedar-se
apiedar-nos
apiedar-vos
apiedar-se

Infinito flexionado simples

apiedar-me
apiedares-te
apiedar-se
apiedarmo-nos
apiedardes-vos
apiedarem-se

Gerikidio simples

. Negativo

Não se usa pronome posposto
a verbo nesta forma 1

FoRmAs NoMINAIS

Infinitívo não flexionado composto

apiedado

apiedado
apiedado
apiedado
apiedado
apiedado

Infinito flexionado composto

ter-me apiedado
teres-te apiedado
ter-se apiedado
termo-nos apiedado
terdes-vos apiedado
terem-se apiedado

Gerúndio composto

apiedando-me	tendo-meapiedado
apiedando-te	tendo-teapiedado
apiedando-se	tendo-seapiedado
apiedando-nos	tendo-nosapiedado
apiedando-vos	tendo-vosapiedado
apiedando-se	tendo-seapiedado

Particípio

#

Não se usa pronome posposto a verbo nesta formal

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser voz reflexiva): tipo pô-lo. - O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto:
Eu o vi. Nós te admiramos. Ela o chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos o, a, os, as estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

142
#

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal, oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-o, ponha-a, ponho-os, ponho-as;

b) se o verbo terminar por r, s ou z, desaparecem estas consoantes e
os pronomes assumem as formas 10.. Ia, Ios, Ias:

por o = pd-lo; póes o = p6e-lo; diz o = di-lo; deixar~o ia = deixd-lo-ia.

OBSERVAq6ES:

La) Recorde-se a acentuação dos oxItonos estudada na pág. 170.
1.a) Se o verbo termina por ns, o n passará a m: tens o = tem-lo.

c) se o verbo terminar por som nasal (m ou silaba com til), os pronomes assumem as formas no, na, nos, nas:
p6e + o = PU-no, viram + a = viram-na.

NoTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pro-
nomes e no verbo: Ele o p6e ali. Eu o fiz.

OBoavAçÃo: Alguns autores chamam pronominais reflexos aos verbos na voz
reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

pd_10
(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
ponho-o	punha-o	pu-lo,
pôe-lo	punha-lo	puseste-o
poe-no	punha-o	pô-10
PC)MO-10	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no

Pret. ma"ue-perf.

pusera-o
pusera-lo
puserz-o
pus6ramo-lo
pusérei-10
puseram-no

Futuro do presente

p6-lo-ei (1)
P6-10-"
P6.10-A
p6-lo-emos
p6-lo-eis
P6-1040

(1) Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há

Futuro do pretérito

p6-lo-ia
P6-10-ias
p6-lo-ia
#

p6-lo-famos
pb-lo-feis
p6-lo-iam.

formas verbais com dois acentos.
#

MODO SUBJUNTIVO

NoTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome
ponha-lo	pusesse-lo	posposto a verbo
ponha-o	pusesse-o	nesta forma 1
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	
ponham-no	pusessem-no	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

põe-no tu (1)
ponha-o você
ponhamo-lo nós
ponde-o vós (1)
ponham-no vocês

Infinitivo Gerfindio

Negativo
Não se usa pronome
posposto a verbo
nesta formal

FORMAs NomINATS

Particípio

pô-10	pondo-o	Não se usa com pro-

nome posposto.

Conjugação dos verbos irregulares. - Na seguinte relação de verbos apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que fre-
qüentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas
regulares.

].a CONJUGAqXO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subi.: dê, dês, dê, demos, deis, dêem.
Pret. imperf. subi.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subi.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.
Por este modelo conjuga-se desclar; circundar é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.
Por este conjugam-se: sobestar. e sobrestar. São regulares os seus derivados
constar, prestar, obstar.

(1) Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmatívo.

2.a CONJUGA~AO:

Caber

Pres. ind. : caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf. ind. : coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pret. imp. subi. : coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subi.: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver prazer.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (cf. nota da pág. 132).
Pret. perf. ind. : cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subi. : creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. imp, subi. : cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subi. crer, creres, CrCr, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo Crê, crede.
Part.: crido.

Por este conjuga-se descrer.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Pres. subi.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subi.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subi.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part. : dito.

Por este se conjugam bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer.

Fazer

Pres. ind. : faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind. : fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind. : fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres. : farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret. : faria, farias, faria, faríamos, farfeis, fariam.
Pres. subi.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subi.: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.

I

Fut. subi.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faze, fazei (cf. 116, obs.).
Part. : feito.

Por este se conjugam afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer,

perfazer, rarefazer,
refazer, satisfazer.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind. : jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind. : jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.
As outras formas - pois é totalmente conjugado - são regulares. Por este se modela adiazer.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (cf. nota da pág. 132).
Pret. perf. ind. : E, leste, leu, lemos, lestes, leram.
M.-q.-Perf. ind. : lera, leras, lera, lêramos, lêrcis, leram.
Pres. subi. : leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pret. imp. subi. : lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Fut. subi. : ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.
Por este se conjugam reler e tresler.

Perder

Pres. ind. : perco (é), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pres. subi. : perca (é), percas (é), perca (é), percamos (é), percais (é), percam (é).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf. ind. : pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Pres. subi. : possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Fut. subi. : puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Prazer

(Pouco usado na 1.a e 2.a pessoa)

Pres. ind. : praz, prazem.
Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.
M.-q.-Perf. ind.: prouvera, prouveram.
Pret. imp. subi.: prouVCSSe, prouvessem.
Fut. subi.: prouver, prouverem.
Por este se conjugam aPrazer, desprazer, desaprazer, verbos que se apresentam em todas as pessoas. Comprazer e descomprazer são verbos completos e se modelam por prazer, no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente. Veja-se a pág. 108.

#

Querer

Pres. ind. : quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pret- Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
M.-q.-Perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Pres. subi.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Pret. imp. subi.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Fut. subi.: quiser, quiseres, quiser, quisei os, quiserdes, quiserem.
Part.: querido (a forma quisto só se usa em benquisto e malquisto).

A moderna forma quere, 3.a pessoa do singular, em lugar de quer, só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo querer no imperativo; há exemplos de querei nos Sermões do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (o, a, os, as) posposto à 3.a pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se qué-lo ou quere-o: "Qué-lo o teu povo" (A. HERCULANO, Lendas e Narr., 1, 79).

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-Perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subi.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subi.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subi.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requere, requerei.
Part. : requerido.

A 3.a pessoa do singular do presente do indicativo requer é modernamente mais usada que requere.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. Perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

M.-q.-Perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subi.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subi.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subi.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe,, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

147

I
#

M.-q.-Perf. ind. : trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeran
Futuro do pres. : trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret. : traria, trarias, traria, traríamos, trarícis, trariam.
Pres. subi. : traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. sub ' i.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo : traze, trazei (cf. 116, Obs.).

Valer

Pres. ind. : valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subi. : valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Val, por vale, é forma corrente entre os portugueses.
Como valer conjugam-se desvaler e equiivaler.

Ver

Pres. ind. vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (cf. nota da pág. 161).
Pret. imp. ind. : via, vias, via, víamos, vícis, viam.
Pret. perf. ind. : vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-Perf. ind. : vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subi. veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subi. : visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subi. vir, viros, vir, virmos, virdes, virem.

Part. : visto.
Assim se conjugam antever, entrever, prever e rever. Prover e desprover mode-
Iam-se por ver, exceto no pretérito perfeito do indicativo e derivados, e particípio,
quando se conjugam regularmente.
Pret. perf. ind, : provi, provCSte, proveu, provemos, provestes, proveram.
M.-q.-perf. ind,: provera, provetas, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Fut. subi. : prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Part. : provido.

3.a CONJUGA~AO :

Acudir

Pres. ind. : acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf. ind. : acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Pret. imp. subi. : acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.
Imperativo : acode, acudi.

Assim se conjugam bulir, construir, cuspir, destruir, engolir(l), entupir, escapulir,

lugir(2), sacudir, subir, sumir(3).

(1) Para seguir este modelo, melhor seria escrever engulir (com u)' A forma engolir
o\ nos leva naturalmente à se uinte conjugação que o Vocabulário Oficial não registra:

cpigulo, engoles, engole, engolimos (com o), engolis (com o), engolem.

(2) Leve-se em consideraçâo a mudança de g para j antes de o e a: fujo, foges, foge, etc

(3) Conjugam-se, porém, regularmente assumir, presumir, reassumir, resumir.

#

Construir, destruir e entupir, como verbos abundantes (cf. 109), apresentam como
formas menos usadas, construis, construi, destrui, entupes, entupe.
Os demais verbos em udir (aludir, cludir, iludir) são regulares.

Cobrir

Pres. ind. : cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Pres. subi.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocés.

Por este se conjugam descobrir, dormir (regular no part.: dormido), encobrir, recobrir e tossir (regular no part.: tossido).

Cair

Pres. ind. : caio, cais, cai, caímos, cais, caem.
P,et. imp. ind.: caía, caías, caia, caíamos, caíeis, caíam.
Pret. Perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram,
M.-q--perf. ind. : caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.
Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.
Fut. pret. : cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairleis, cairiam.
Pres. subi. : caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.
Pret. imp. subi. : caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.
Fut. subi. : cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair (para este último cf. pág. 108, Obs. 1.a).
Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse na pág. 71.

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.
Pres. subi.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.
Part. : frigido e frito.

Atente-se para a troca de g por i antes de a e o.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.
Pret. imp. ind. ia, ias, ia, íamos, ícis, iam.
Pret. perf. ind. fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
M.-q.-perf. ind. fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fu t. pres. irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. pret. iria, irias, iria, iríamos, irícis, iriam.
Pres. subi.: vá, vás, .,à, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subi. : fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subi. : for, fores, for, formos, fordes, forem.

I

I

i
'K
#

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subi.: meça, meças, Meça, meçamos, meçais, meçam

Pedir serve hoje de modelo para desimpedir, despedir, expedir e impedir (que

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, Mentis, mentem.
Pres. subi.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.

Por este verbo se conjugam consentir, desmentir, persentir (sentir profundamente),

pressentir (prever), ressentir, senti

Pres. ind.: OUÇO, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subi.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam

Pret. Perf. : poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram
Pres. subi.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.

Por este verbo se conjugam despolir e sortir (= abastecer, prover, misturcombinar). Surtir (com u) é regular. surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem(l).
enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente
o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem

(1) Significa originar, produzir efeito. Como surtir são também regulares curtir (pouc
a

usado na 1. pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e urdir.
#

Pret. Perf. ind. : progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes,
progrediram.
Pres. subi.: progrida, progridas, progrida, progridamos,

progridais, progridam.

Por este verbo se conjugam agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir.

Remir, hoje mais usado como defectivo (cf. pág. 108), seguia outrora o modelo de progredir: rimo, rimes, rime, remimos, remis, rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" (A. HERCULANo, Fragmentos, 149).

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. imperf. ind.: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.
Pret. Perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Part. : rido.

Segue este modelo o verbo sorrir.

Servir

Pres. ind. : sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.
Pres. subi.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.
Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (é), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).
Pres. subi. :
submerjam. (é).
Imperativo :

Seguem este

submerja (ê), submerjas (e), submerja (6), submerjamos, submerjais,

submerge (é), submerja (é), submerjamos, submergi, submerjam(ê
modelo aspergir, emergir, imergir.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pret. perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.
Pres. subi.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Fut. subi.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Gerúndio: vindo.
Part.: vindo (cf. pág, 172).

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

151
#

Advérbio. - Advérbio é a expressão modificadora que denota circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.

Aqui tudo vai bem (lugar e modo).
Hoje não irei lá (tempo, negação e lugar)
O aluno talvez não tenha redigido muito

O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou prono

minal e se refere geralmente ao verbo
advérbio ou a uma declaração inteira:
Tosé escreve bem (advérbio em referência ao v--¥,^

ou ainda a um adjetivo, a um

José é muito bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo bom)
José escreve muito bem (advérbio em referência ao advérbio bem).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou;
advérbio deste tipo geralmente exprime um juizo pessoal de quem fala).

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos

advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes(')

Locução adverbial. - É o grupo geralmente constituído de sição + substantivo que tem o valor e o emprego de advérbio:
com efeito, de graça, às vezes, em silêncio, por prazer, sem dúvida, ete.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até

na verdade, de nenhum modo, em breve (subentende-se tempo), à direita (ao lado

Freqüentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo

Espingarda ao ombro (por de espingarda ao ombro), juntou-se ao grupo de pessoas

Circunstâncias adverbiais. - As principais circunstâncias expressas

por advérbio ou locurão adverbial sã-
#

1~

6) conformidade : Fez a casa conforme
7) dúvida : Talvez melhore o tempo.
8) fim. Preparou-se para o baile.
9) instrumento: Escrever com lápis.
10) intensidade: Andou mais depressa.
11) lugar: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.
12) modo: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.
13) referência: "O que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegantеN, míngua-nos em fama de enérgicos e previdentes colonizadores" (LATINO COE.LHO, Ant. Nac., 218).
14) tempo: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumpri- mentaram. jamais mentiu.
15) afirmação: Sim, eles virão. Realmente -,-irão.
16) negação: Não lerá sem óculos.

a planta.
Acaso encontrou o livro.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical põe os denotadores; de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce, etc. à parte, sem nome especial:

1 -inclusio: também, até, mesmo, etc.: .&té o professor riu-se. Ninguém veio, mesmo o irmão.
2 -exclusão : só, somente, -salvo, senão, apenas, etc.: Só Deus é imortal. Apenas o livro foi vendido.
3 - situação: Mas que felicidade. Então duvida que se falasse latim;è Pois não é que ele veio?
4 - retificação: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.: Comprei cinco, aliás, seis livros. Correu, isto é, voou até nossa casa.
5 - designação: Eis o homem.
6 - realce: Nós é que somos brasileiros.
7 -expletivo: lá, só, ora, que: Eu sei lá! Vejam só que coisa 1 Oh 1 que saudade que tenho. Ora decidamos logo o negócio.

8 -explicação : a saber, por exemplo, isto é, etc.: Eram três irmãos, a saber:
Pedro, Antônio e Gilberto.

Advérbios de base nominal e pronominal. - O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronorninais.

Entre os nominais se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do sufixo mente: rapidamente (= de modo rápido).

OBSERVAÇÃO 1.a: Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em és e or, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se portuguesmente (e não portuguesamente); superiormente (e não superioramente).

OBSERVAçÃo 2.a: Numa série de advérbios, em geral só se usa a forma em - mente no fim: Estuda atenta e resolutamente. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:
"Depois, ainda falou gravemente e longamente sobre a promessa que fizera" (M. DF Assis apud S. SILVEIRA, Liç6es, õ480).

153
#

2) relativos: onde (em que), quando (em que), como (por que)
li. ---

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem de ligar a oração a que pertencem com a outra oração. Nas idéias de lugar em-

pregamos onde, em vez de em que, no qual (e flexões

Precedido das preposições a ou de, grafa-se aonde e dond

O sítio aonde vais é pequeno.
É bom o colégio donde saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente (cf. pág.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas (cf. pág. 222) em referência ao lugar, tempo,

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.
Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os ravazes

Como fizeram o trabalho?(1). Perguntei-lhes como fizeram o trabalh

OBsERvAçXo: O Vocabulário Oficial preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo por que, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de porque conjunção. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo porque numa só palavra. Quanto à origçm, por que e porque se identificam: porque (e o mesmo vale para quando e como) não se enquadra apenas como conjunção; porque, quando e como são, em verdade "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm conco-

Gradação dos advérbios. - Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem sofrer flexão gradual, empregando-se no comparativo e superlativo de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

a) inferioridade: Falou menos alto que (ou do que) o irmão
b) igualdade: Falou tão alto quanto (ou como) o irmão.

1) analítico: Falou mais alto que (ou do que) o irmão.
2) sintético: Falou melhor (ou Pior)

que (ou do que) o irmão.

Como chovel Vela como chove.
(2) MmaiNz Dz AGUIAR, Notas e Estudos, 197.
#

a) sintético: Falou Pessimamente, altissimo, baixíssimo,
2 - SuPERLATivo dificílimo.
ABSOLUTO h) analítico: Falou muito ruim, muito alto, extremamente
baixo, consideravelmente difícil, o mais depressa possível
(indica o limite da possibilidade).
3 - DiMINUTIVO COM VALOR DE SUP~TIVO. - Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio através de sua forma diminutiva.
Andar devagarzinho (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava cedinho e só voltava à noitinha.
Saiu agorinha.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá depressinha apanhar o meu chapéu.
Ê bom que estudes devagarinho.

O~AçÃo: Em lugar de mais bem e mais mal empregam-se melhor, pior:
"Ninguém conhece melhor os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" (Marquês de MARicÁ).

Usa-se, entretanto, de mais bem e mais mal junto a adjetivos:

"Os esquadrões mais bem encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugítivoV (A. HERcuLANo, Eurico, 224).
"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas mais bem tem-peradas..." (id, ibid, 108).

8 - PREPOSI(;A0

Preposiçjo é a expressão que, posta entre duas outras, estabelece uma subordinação da segunda à primeira:

Casa de Pedro (marca uma relação de posse).
Mesa de mármore (marca uma relação de matéria de que uma coisa é feita).
Passou por aqui (marca uma relação de lugar por onde).

Casa, mesa e passou são subordinantes ou antecedentes; Pedro, mdr-more e aqui são subordinados ou conseqüentes. O subordinante é repre-sentado por substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

Livro de histórias
17til a todos
Alguns de vós
Necessito de ajuda
Referentemente ao assunto
Ai de mim 1

#

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no

infi-
nitivo) ou advérbio:

Casa de Pedro
Pulou de contente
Gosta de estudar
Ficou por aqui
'rem que fazer isso.

Locução prepositiva é o grupo de palavras com valor e e-"prego de uma preposição. Er~ geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição de, a ou com

O garoto escondeu-se atrás do móvel
Não saímos por causa da chuva
· colégio ficava em frente a casa
· ofício foi redigido de acordo con? o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como de per (na locução de per si), até a e para com:
Foi até ao colégio
Mostrava-se bom para com todos.

Preposições essenciais e acidentais. - Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem treposições essenciais:
a, de, com, por, para, sem, sob, entre, etc.
SãO ACIDENTAIS as palavras que, perdendo aí seu valor e emprego pri-
mitivos, passaram a funcionar como preposições:

durante, como, conforme, feito, exceto, salvo, visto, segundo, mediante,
tirante, fora, afora, etc.

Só as preposições ESSENCIAIS se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem mim não fariam isso
Exceto eu, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições. - Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às idéias1 guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou por sobre o mar

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepo-
sitiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais freqüência as preposições: de, para e por com entre, sob e sobre.
"De uma vez olhou por entre duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." (CAmmo, A Queda dum Anjo, 175).
"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão de sobre os projetos dcpredadores" (ID., ibid,),

Combinação e contração com outras palavras. - Diz-se que há combinação quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição a combina-se com o artigo definido masculino: a + o = ao; a + os = aos.

Diz-se que há contração quando, lia ligação com outra palavra, a pre-
posição sofre redução. As preposições que se contraem são: (1).

A

De

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:
a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de crase)

2) com o pronome demonstrativo:
a + aquela = aquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

1) com o artigo definido masculino e feminino:
de+o=do;de +a = da;de+os = dos; de+ as =das

2) com o artigo indefinido:
de + um dum; de + uns = duns
de + uma duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:
de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
(te + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:
de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:
de + outro doutro; de + outros doutros
de + outra doutra; de + outras doutras, etc.

(1) Pode-se também considerar contração apenas o caso de crase; nos outros diremos que
houve combinação. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade o termo combinação

é muito amplo para ficar assim restringido.

157
#

aquele = naquele; em + aquelanaquela; em + aqueles = naqu
-em + aquelas = naquelas; em + aquilo naquilo

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + Ia = pela; per + Ias = ela

Para (pra) - com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra;
ara

Co(m) - com artigo definido:

co (m) + o = co; co, (m) + os = cos; co (m) + a = coa; co, (m) + as =
coas

A preposição e sua posição. - Em vez de vir entre o termo subor-

dinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de
outra dis-
posição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

(subordinado) (subordina
Os primos estudaram com José
(subordinante)(subordinado)
Com Fosé os ibrimos estudaram
#

Principais preposições e locuções prepositivas;

a	dentro	para com
abaixo de	dentro de	como
debaixo de	por dentro de	conforme
em baixo de	dentro em	de conformidade com
por baixo de	durante	consoante
acerca de, cerca de		emna conta de
acima de	em favor de	contra
de cima de	em lugar de	de
em cima de	em prol de	de acordo com
por cima de	em troco de	dentre
a fim de	em vez de	desde, dês
ante	entre	por
antes de	exceto	por meio de
através de	fora de	per
ao lado de	a frente de	quanto a, enquanto a

ao longo de	em frente de	em razão de
a par com	junto a	segundo
após	junto de	sem
após de	para	sem embargo de
à roda de	mediante	sob
ao redor de	até a	sobre
a respeito de	atrás de	trás
até	detrás de	diante de
defronte de	por detrás	depor diante de
por defronte de		com

9 - CONJUN4~XO

Conjunção é a expressão que liga orações ou, dentro da mesm2D oração, palavras que tenham o mesmo valor ou funçãoa) "O velho teme o futuro e se abriga no passado" (Marquês de MAIucÁ).
(liga orações)
b) "O nascimento desiguala, mas a morte iguala a todo0 (ID.).
(liga orações)
C) "O arrependimento é ineficaz quando as reincidências são consecutivas" (ID.)
(liga orações)
d) "Muitos homens são louvados porque são mal conhecido0 (ID.).
(liga orações)
e)"Uma velhice alegre e vigorosa é de ordindrio a recompensa da mocidadír virtuosa" (ID.).

(liga palavras)
As sociedades humanas deixam de existir ou se dissolvem ~ os vício$
(liga orações) (liga orações)
e crimes sobrepujam as virtudes" (ID.).
(liga palavras)

Tipos de conjunção. - Dividem-se as conjunções em coordenativas e subordinativas.

159
#

I

CÁ)ORDENATIVAS são as conjunções que ligam palavras ou orações do mesmo valor ou função. Nos exemplos acima são conjunções coordenativas: e, mas, ou. Em a), b) e f) as conjunções coordenativas e, mas e ou ligam duas orações independentes (cf. pág. 216); em e) e f) as conjunções coordenativas ligam duas palavras do mesmo valor e função (os adjetivos alegre e vigorosa e os substantivos vícios e crimes).

SUBORDINATIVAS são as conjunções que ligam uma oração a outra dita principal, estabelecendo entre elas uma relação de dependência (cf. pág. 216). Nos exemplos acima, as conjunções subordinativas quando e porque iniciam oração que se aclia subordinada à principal para indicar, a respeito desta, uma circunstância de tempo (quando) ou de causa (porque).

OBamvAçÃo: Duas ou mais orações subordinadas podem estar coordenadas entre si desde que tenham o mesmo valor e função: Estudou porque queria e porque os pais lhe pediam (cf. pág. 219).

Locução conjuntiva - é um grupo de palavras com valor e emprego de uma conjunção: para que, a fim de que, tanto que, por isso, por isso que, etc.

Conjunções coordenativas. - As conjunções coordenativas podem ser:

a) ADiTivAs: quando estabelecem a ligação de palavras ou orações sem outra idéia subsidiária: e e nem (e não):

"Um concerto de notas graves saudava o por do sol e confundia-se com o rumor (Ia cascata (José im ALENCAR).
"Não empresteis o vosso nem o alheio, não tereis cuidados nem receio" (Marquês de MARICÁ).

b) ADVERSATIVAS: quando ligam palavras ou orações que estabelecem oposição, contraste, compensação, ressalva:

mas, porém, contudo, todavia, entretanto, senão, etc.

"Acabou-se o tempo das ressurreições, mas continua o das insurreições" (ID.)
"E agora as entregais desta maneira não a pastores, senão a lobos" (VIEIRA apud A. NAscENTEs, Dificuldades de Andlise SinUtica, 7).

c) ALTERNATIVAS: quando ligam expressões e orações que ou estabelecem uma separação ou exclusão da palavra ou oração a que se ligam: ou, ou.. . ou, já ... id, ora. .. ora, etc.

"Quando a cólera ou o amor nos visita, a razão se despede- (ID.).

d) CONCLUSIVAS: quando ligam orações que encerram uma conclusão: logo, pois (no meio ou no fim da oração), portanto, por isso, etc.:

Estudou, logo será recompensado.

#

e) EXPLICATIVAS: quando começam oração que explica a razão de ser do que se diz na oração a que se ligam: pois (no início da oração), que (porque), porque, porquanto:

Venha, porque desejo conversar com você.

Fazia tudo para ser agradável, pois não deixava uma pergunta sem resposta.

As explicatívas que e porque aparecem normalmente depois de orações optativas e imperativas.

OBSERVAÇõES:

1.a) As explicativas não passam de causais coordenativas, que nem sempre se separam claramente das causais subordinativas que veremos adiante. "Em certas línguas distingue-se a causal subordinativa da causal coordenativa pela diversidade de partícula (em francês parce que, car; em inglês because, for; em alemão weil, denn); em português, empregando-se porque ou que para um e outro caso, conhece-se a diferença pela pausa. A causal subordinativa separa-se da oração principal por uma pausa muito fraca (que se representa, quando muito, por uma vírgula). A causal coordenativa separa-se da proposição anterior por uma pausa mais forte (que se figura por vírgula, ponto e vírgula, e até por ponto final)". (SAIo ALI, Gramática Secundária, 203).

2.a) Cumpre não confundir as conjunções explicativas; com as partículas e locuções explicativas do tipo de a saber, isto é, por exemplo, que, por não se enquadrarem nas classes de palavras estabelecidas pela gramática tradicional, constituem um grupo à parte, estudado na pág. 153.

Conjunções subordinativas. - As conjunções subordinativas; compreendem dois grupos: as integrantes e as adverbiais.

As INTEGRANTES são que (nas declarações de fatos certos) e se (nas declarações de fatos incertos e dubitativos), e servem para iniciar orações como sujeito, objeto, predicativo, complemento nominal, ou aposto, conforme veremos na sintaxe.

Desejo que tudo vá bem. Não sei se tudo vai bem.

AS ADVERBIAIS iniciam orações que exprimem uma circunstância adverbial de outra oração dita principal e se subdividem em:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o a razão do pensamento na oração principal:

que (= porque), porque, como (= porque, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), visto que, visto como, já que, uma vez que (com o verbo no indicativo), desde que (com o verbo no indicativo), etc.

"A memória dos velhos é menos pronta porque o seu arquivo é muito extenso" (Marquês de MARicÁ).

"Como ia de olhos fechados, não via o caminho" (M. DF. Assis, Memórias Pós-tumas, 19).

"Desde que se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" (R. BARBOSA, Parecer, 1, 25, 2.a ed.).

#

IOBSERVA96ES :

1.a) já se condenou injustamente o emprego de desde que em sentido causal, só o aceitando com idéia temporal (assim que) ou condicional.

2.a) Evite-se o emprego de de vez que por não ser locução legitima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser assimilativa ou quantitativa. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida"('). As conjun-ções comparativas assimilativas são como ou qual, podendo estar em corre-lação com assim ou tal postos na oração principal, ou ainda aparecer .assim como :

"O medo é a arma dos fracos, como a bravura a dos fortes" (Marquês de MAiUCÁ).

"A ignorância, qual outro Factonte, ousa muito e se precipita como ele" (ID.).

"O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" (ID.).

i

A comparação quantitativa "consiste em comparar, na sua quantidade i ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" (J. M. Cámara, ibid.).

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) Igualdade - introduzida por como ou quanto em correlação com o advérbio tanto ou tio da oração principal:

"Nenhum homem é tão bom como o seu partido o apregoa, nem tão mau como o contrário o representa" (Marquês de MAiucA).

"Nada incomoda tanto aos homens maus como a luz, a conadéncia e a razão" (ID.).

,b) Superioridade - introduzida por que ou do que em correlação com o advérbio mais da oração principal:

-0 orgulho do saber é talvez mais odioso que o do poder" (ID.).

-,0 homem bom espera mais do que teme, o mau receia mais do que espera" (ID.).

c) Inferioridade - introduzida por que ou do que, em correlação com o advérbio menos da oração principal:

"Tempos há em que é menos perigoso mentir que dizer verdades" (ID.).

3) CONCESS1VAS: quando iniciam oração que exprime que um obstá-culo - real ou suposto - não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: ainda que, embora, posto que, se bem que, conquanto, apesar de que, etc.:

"Ainda que perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a .nossa indulgéncia" (ID.). i:

(1) MAToso CAmARA, Gramdtica, 11, 48.

#

4) CONDICIONAIS (e hipotéticas): quando iniciam oração que em geral exprime: a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal; b) um fato - real ou suposto - em contradição com o que se exprime na principal. Este modo de dizer é freqüente nas argumentações. As principais conjunções, condicionais (e hipotéticas) são: se, caso, sem que, uma vez que (com o verbo no subjuntivo), desde que (com o verbo no subjuntivo), dado que,

sem que, contanto que, etc.:

"Se os'homens não tivessem alguma cousa de loucos, seriam incapazes de he-
roísmo" (ID.).
"Se as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam mais
instruídos" (ID.).

5) CONFORMATIVAS: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: como, conforme, segundo, consoante :

"Tranqüilizei-a como pude" (M. DE Assis, Memórias Póstumas, 174).
Fez os exercícios conforme o professor determinou.

6) CONSECUTIVAS: quando iniciam oração que exprime o efeito ou conseqüência do fato expresso na oração principal. A conjunção conse-
cutiva é que, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como
tal, tanto, tio, tamanho, posta na oração principal. Estes termos intensivos
podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem tanto dos seus validos, que estes em breve tempo se enfadam
* os atraiçoam" (Marquês de MARICA).
"Os vícios são tão feios que, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar
* sua fealdade" (ID.).
"Vive de maneira que ao morrer não te lastimes de haver vivido" (ID.). rato é,
vive de tal maneira que (que em conseqüência ...).

É ainda conjunção consecutiva o que depois de oração negativa para denotar que a conseqüência se dá a todo transe, se repete sempre que ocorrer o fato anterior (o verbo da consecutiva está no subjuntivo):
,

Não brinca que não acabe chorando.
OBSERVAÇÃO: Muitos gramáticos dão este que como conjunção condicional.

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo,
a finalidade da declaração expressa na oração principal: para que, a fim
de que, que (para que), porque (para que):

"Levamos ao Japão o nosso nome, para que outros mais felizes implantassein
naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" (L. CoELHO,
Ant. Nac, 219).

8) MODAIS: quando iniciam oraçao que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: sem que:

Fez o trabalho sem que cometesse erros graves.

OBsERvAçÃo: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de por o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: à medida que, à proporção que, ao passo que, (tanto mais) ... quanto mais, (tanto mais) ... quanto menos, (tanto menos) ... quanto mais, (tanto mais) ... menos, etc.:

"O anão quanto mais alto sobe, mais pequeno se afigura" (Marquês de MARICÁ).
Progredia à medida que se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oraçao que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e locuções conjuntivas temporais são:

a) para o tempo anterior: antes que, primeiro que:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças"...
(Rui BARBOSA, Ant. Nac., 126).

la)para o tempo posterior (de modo indeterminado) : depois que, quando:

quando disse isso, ninguém acreditou.

c)para o tempo posterior imediato: logo que, tanto que (hoje raro), assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que :

Logo que saíram, o ambiente melhorou.
"Apenas o tigre moribundo sentiu o odor da criança, fez uma contorção violenta, e quis soltar iam urro" (J. DE ALENCAR).

d)para o tempo freqüentativo (repetido): quando (com o verbo no presente), todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que :

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geraP (Marquês de MARICÁ).

CaBsERvAçÃo: Evíte-se o erro de preceder com em o que da locução todas as vezes que (dizendo: todas as vezes em que).

i
#

e)para o tempo concomitante: enquanto, (no) entretanto que (hoje raro):

Dormiu enquanto estava no cinema.
OBSERVAÇÃ(: Entretanto ou no entretanto são advérbios de tempo, com o sentido de nesse ínterim, nesse tempo, nesse intervalo:
"O aperto dos sitiados aumentava entretanto de dia para dia" (REBELO DA SILIVA, História de Portugal, IV, 208).
Mais modernamente entretanto passou a valer por uma conjunção adversativa, e por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação no (no entretanto). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: até que
Passeou até que se sentisse esgotado.

É conjunção temporal o que que se segue a expressões de tempo: agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, etc.
Agora que tudo aca~ou, posso pensar mais tranqüilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de depois que, id que, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:
Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranqüilamente.

Que excessivo. - Sob o modelo das locuções conjuntivas finalizadas por que, desenvolveu-se o costume de acrescentar esta partícula junto a palavra que só por si funciona como conectivo: enquanto que, apenas que, embora que, mal que, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:
porque a ~ ciência- é mais lenta e a imaginação mais vaga,

enquanto que
o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" (M. DF, Assis, Memórias Póstumas, 24).

Aparece ainda o que excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele (lia que o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas. - As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

n4o só ... mas (também)
não só ... mas (ainda)
não só ... sendo (também)
nélo só ... que também, etc.:

Ndo só se aplica ao português mas ainda ao latim.

165
#

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:
Ou estudas ou brincas.
já dizes sim, já dizes não.
Ora vem aqui, ora vai ali.
A série nem... nem adquire sentido aditivo negativo.
Nem estudou nem tirou boas notas (não estudou e não tirou...

Quer ... quer e ou ... ou, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem denotar a concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:
Quer estudes quer não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação em que essas orações se acham com a circunstincia ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:
"Como os sábios não adulam os povos, também estes os não promovem" (Marquês de MARICÁ).
"Quando os homens se desigualam, então se harmonizam" (ID.).
Embora não me digam a verdade, ainda assim perguntarei mais vezes.
"Acabemos, pois, de despertar deste mortal letargo" (EPIFANIo DIA9, Gramática Elementar, 119).

"Estudemos portanto, e não nos deixemos dominar pela preguiça" (RrBEiRo Dz VAwoN~s, Gram. Portuguesa, 251).

OBSERVAÇÃO FINAL: Maximino Maciel, levando em conta o valor adverbial de muitas palavras que em geral são apontadas como conjunção, reduziu o grupo desta última classe a. e, ou, mas. (Cf. Gramática Descritiva, 153).

10 - INTERJEI(;,&O

Interjeiçjo é a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Eis as nossas principais interjeições:

1) de exclamação: viva !
2) de admiração: ah ! oh
3) de alívio: ah! ch!
4) de animação: coragem! eia! sus!
5) de apelo ou chamamento: ó! olá! aló! psit! Psiu!
6) de aplauso: bem! bravo!
7) de desejo ou ansiedade: oh! oxalá! tomara!
8) de dor física: ai! ui!
9) de dor moral: oh!
1.0) de dúvida, suspeita, admiração: hum! hem! (também hein)
11) de impaciência : arre ! irra ! apre ! puxa ! (melhor será, não registrado oficialmente, pucha)

I
#

12) de imposição de siléncio: caluda! Psiu! (demorado)
13) de repetição: bis!
14) de satisfação: upa! oba! opa!
15) de zombaria: liau!

Locução interjetiva - é um grupo de palavras com valor de interjeição: ai de mim; ora bolas; com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstáncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

Oh 1 que doce harmonia traz-me a brisa (CAxmo ALvEs, apud. J. MAToso C~ JR., Gramática, 1, 65).

B) 1 - Estrutura dos vocábulos

Vocábulo e morfema

Vocdbulo é a menor forma livre da enunciação, constituído de um ou mais morfernas.

Chama-se morfema a menor unidade de significação que constitui o elemento ou os elementos integrantes do vocábulo. Os morfernas podem ser livres e presos, conforme se usam independente ou dependentemente na enunciação. Os morfernas apresentam: a) uma significação externa, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação interna (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a significação e b) a forma fonética. É importante observarmos que uma só forma fonética pode representar mais de um morfema: assim -s representa o plural era as casas e a 2.a pessoa singular em cantas.

Por outro lado, um só morferna pode ter realizações fonéticas diferentes em virtude do ambiente fonético do contexto em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra -s para indicar o plural em português se realiza como jx/ diante de consoante surda (os cães), como /j/ diante de consoante sonora (os gatos) e como /z/ diante de vogal (os homens) (1).

(1) O estudo das diversas realizaç5es fonéticas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em língilátIca descritiva, o nome de morfofonémica ou morfonémica.

#

Os elementos mórficos. - Em português, os vocábulos se poderr

a) mar, sol, ar, é, hoje, lápis;
b) aluno alunas trabalhávamos

c) casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar,

Em a) os vocábulos não se podem reduzir a formas menores, porque só possuem um elemento mórfico chamado radical. Radical é o núcleo

do vocábulo onde repousa a significação externa da palavra.

já nos vocábulos do grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. Aluno pode desmembrar-se em alun e o (1). O primeiro

elemento
(radical) encerra a significação do vocábulo, cabendo ao final o rela
cioná-lo ao niorfema do gênero masculino. Em alunas o radical é alun, e
as encerra dois elementos de significação interna: 1) -a (indicador dc

Em trabalhd

gênero feminino) e 2) -s (indicador do número plural).
vamos o radical é trabalh- e os elementos mórficos de significação intern2

são: 1) -va (que caracteriza o pret. iniperf. do indicativo dos verbos da
1.a conjugação) e 2) -mos (que caracteriza a 1.a pessoa do plural).
Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões
gramaticais, chamam-se desinências e se dividem em nominais e verbais.
As desinências nos nomes e em certos pronomes denotam as flexões

de gênero e número; nos verbos: número, pessoa, tempo e modo.

Muitas vezes o radical não se prende diretamente às desinências; com
pleta-o uma vogal para constituir o tema do vocábulo e por isso se chamE

Tema é_ portanto, o radical acrescido da vogal temática e qu
constitui a parte do vocábulo pronta para receber a desinência ou sufixo

Nos nomes a vogal temática (a, o, e) quase sempre coincide com a

desinências de gênero. A vogal temática o ou e se acha representada, às
vezes, por uma semivogal de um ditongo: PãO, PãES. Não têm vogal
temática os nomes terminados em consoante ou vogal tônica, e por isso se
dizem ATEMÁTICOS: ma- fé Neste caso o tema coincide com o radical

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (à, é, 6, é, 6) resulta da crase d
da vogal do radical com a temática: fé<fee<fide (m). Em análise mórfica for

(1) Livro se desdobra em livr- e -o, porém o nIo se opõe, aqui, ao feminino -a, cow
existe em alun-o/alun-a. Só pela oposição é que se caracteriza o morfema. Este processo de com
#

Em regra isto se dá com muitos substantivos tirados de verbos.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: extra por extraordinário ou extrafino.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sen- tido ou adquire matiz especial em relação àquela donde procede. Foto- grafia e foto são sinônimos porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. Foto, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo fotografia.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada duplicação silábica, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

normal:

tique-taque, reco-reco, Pingue-pongue (que provavelmente representa o chinês Ping- Pang, através do inglês ping-pong, segundo SAPIR, A Linguagem, 82). Este é o processo geralmente usado para formar as onornatopéias (cf. pág. 42).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua função

Terrível palavra é um não. Nio consegui descobrir o pwquê da questio. Ele é o benjamim da família. Isto prova a não-existência do erro.

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem de uma parte de um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra - isolada: Ele tem certas fobias (fobia é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: fotofobia, xenofobia, hidrofobia, etc.). Estamos no século dos ismos e das logias.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome inexpressivo de derivação imprópria.

-Hibridismo. - Chama-se hibridismo à formação de vocábulos com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos consti- tuídos da combinação de elemento grego com outro latino ou románico: sociologia (latino e grego), auto-sugestão (grego e português), televisão (grego e português), burocracia (francês bureau e grego), automóvel (grego e português), decímetro (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos es- trangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma como se fossem elementos nativos. Assim é que fobia, mania, filo, tele,

macro,
micro, neo, pseudo, auto e sufixos como ismo, ista, ico se juntam a elementos de qualquer procedência: germanófilo, russófilo, germanofobia,

#

russofobia, retratamania, teleguiado, microônibus, neovencedor, pseudoven-
cedor, autocrítica, auto-retrato, caiporismo, governista. (*)

- Radicais gregos'mais usados em português. - Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiqüíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. xvi a xviii o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de vocábulos gregos. Na adaptação dos termos gregos para o latim geralmente se procedia da seguinte maneira: k, ai, ei, oi, ou, u, r (aspirado) gregos eram translite-
rados para latim, respectivamente em c, ae, i, oe, u, y e rh, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere calidoscópio a caleidoscópio (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se dêictico e não díctico. Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estran-
geiro, mormente de França, através da nomenclatura científica comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há corri-
gi-las, formas errôneas como quilômetro (por quiliômetro), hectâmetro (por hecatômetro).

Outras vezes não se leva em conta o sentido rigoroso do termo grego. Assim se aplica algos à dor física em vez da moral e se diz cefalalgia (dor de cabeça), odontalgia (dor de dente), nevralgia (dor de um nervo); tam-
bém empregando-se geo para indicar terra como elemento, em vez de argila (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz geófago (= comedor de terra) por argilófago. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Dessarte dtomo, que significa indivisível, o que não se pode

inais dividir, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; oxigênio quer dizer
gerador de deidos, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como
são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser em-
pregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de esqueci-
mento etimológico em que o sentimento moderno não dá conta do sentido
de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, ortografia
correta (ortos = correta), caligrafia bonita (calos = belo). Os bem
falantes reagem contra muitos esquecimentos como hemorragia de sangue,
decapitar a cabeça, exultar de alegria, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são

aer, aer-os (ar): acronauta, aerostato, aéreo
angel-os - aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ag-o, agog-os (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo

(1) O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas
inovações vocabulares.

#

ag-ón, -on-os (combate): agonia, antagonista
agr-os (campo): agronomia
eti-a - aiti-a (causa): etiologia
acr-os - akr-os (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
alg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
anem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ant-os - anth-os (flor): antologia
antrop-os - anthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aios - arch-aios (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arch-ê (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-os (chefe que comanda): monarca
aritm-os - ariffim-os (número): aritmética, logaritmo
arct-os (urso): ártico, antártico, Ç'o nome drtico refere-se às constelações Grande Ursa
e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", SAiD AU, Gram
Sec., 167)
aster, ast(c)r-os (estrela): asteróide, astronomia
aut-os (si mesmo): autógrafo, autonomia
bal-o - ba11-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo.
bar-is - bar-ys, bar-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-ion (livro): bibliófilo, biblioteca
bi-os (vida): biografia, anfíbio
cir, quir-os - cheir, cheir-os (mão):
col-e - chol-e (bílis): melancolia
cor-os, corea - chor-os (côro): coréia (dança em coro), coreografia
cron-os chron-os (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cro'm-a chrom-a (cor): cromolitografia
cris-OS chrys-os (ouro): crisóstorno, crisálida, crisântemo

quil-os chilios (mil): quilograma
quil-os chylos (suco): quilífero
dactil-os - daktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
dem-os (povo): democracia, epidemia
derm-a (pele): epiderme, paquiderme
do-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dox-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
dra-ma, -atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
drom-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dinam-is - dynam-is (força): dinâmica, dinamómetro
edr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os - eid-os (forma), donde procede dide (que se assemelha a): elipsóide
ic-on - eik-on, -on-os (iffiagem): Icono, iconoclasta.
electra - eleUr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletr6metro
erg-on (obra, trabalho), daí os sufixos urgo, -urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
ep2ter-a (entranhas): enterite, disenteria
etn-os - ethn-os (raça, nação): étnico, etnografia
gam-os (casamento), daí gamo (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo

quiróptero, cirurgia, quiromancia

187
#

gaster, gast(e)-ros (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
ge (terra): geografia, geologia
genes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gen-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
gloss-a ou glott-a (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ia (ângulo): pollgono, diagonal
gon-os (formação, geração): cosmogonia, teogonia.
graf-o, gram-o - graph-o (escrever), e daí graph-ia (descrição), graph-o (que escreve),
gramm-a (o que está escrito): geografia, telégrafo, telegrama
hem-a - haim-a, -atos (sangue): anemia
here-o - haire-o (tomar, escolher): heresia, herético
helio (sol): helioscópio, heliotrópio
hemer-a (dia): eférnero, efemérides
heter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
hier-os (sagrado): hierarquia, hieróglifo
hip-os - hipp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hol-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-os (semelhante): homogêneo, homônimo
hor-a (hora): horóscopo
hid-or - hyd-or, -atos (água), dai hydor, hydro, como elemento de composição:
hidrogênio, hidrografia
ict-io - icht-yo, -yos (peixe): ictiologia, ictiófago
idi-os (próprio, particular): idioma, idiotismo

isos (semelhante). isócrono, isotérmico
cac-os - kak-os (mau): cacofonia, cacografia
cai-os - kal-os (belo), kallos (beleza): caligrafia
card-ia - kard-ia (coração): cardíaco, pericárdio
carp-os - harp-os (fruto). pericarpo, endocarpo
cejal-e hephal-e (cabeça): cefalalgia, encéfalo
cosm-os Aosm-os (mundo). cosmografia, cosmopolita
crat-os krat-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os kykl-os (círculo): herniciclo, bicicleta
leg-o (dizer, escolher). ecletismo
lamban-o (tomar), daí leps-is (ação de tomar), lemma (coisa tomada): epilepsia, lema,
dilema
log-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
maqu-c - mach-e (combate): logomaquia
macr-os - makr-os (grande): macróbio
man-ia (mania, gosto apaixonado por): bibliornania, monomania
manci-a - mantei-a (adivinhação): cartomancia, quiromancia
martir, ri-os - martyr, yr-os (testemunho): mártir, martirólogo
megas, megal-os (grande): megalomania
mel-as, -an-os (negro): melancolia, melanésia
mel-os (música, canto): melodia, melodrama
mes-OS (meio): Mesopotâmia
meter, metr-os (mãe), metrópole

metr-on (medida): barômetro, termômetro
micr-os - mikr-os (pequeno): micróbio, microscópio
mis-os (ódio): misantropo
mnem-e (memória): amnésia, mnemotécnica
mon-os (só): monólogo, monólito
morf-e - morph-e (forma): morfologia
mit-os - myth-os (fábula, mito): mitologia
miri-a - myri-a em vez de myri-o (dez mil): miriápode
necr-os - nekr-os (morte): necrópole, necrologia
ne-os (novo): neologismo, neófito
nes-os (ilha): micronésia, melanésia
neur-on (nervos): nevralgia, neurastenia
nom-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
od-e (canto): paródia
od-os (caminho, via): éxodo, método, período
odon, -ont-os (dente): odontologia
onom-a, -atos (nome): pseudônimo, sinônimo
of-is, of-id oph-is, oph-id-os (serpente): ofídio
oftalm-os ophtaim-os (olho): oftalmia, oftalmoscópio
ops, op-os (vista): ops-is (ação de ver), opt-ik-os (que se refere a visão): miopia,
autópsia

oram-a (vista): cosmorama, panorama
ornis, ornit-os - ornis, ornith-os (ave): ornitologia
or-os (montanha): orografia
ort-os - orth-os (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ost-eon (osso): osteologia, periósteo
ox-is - ox-ys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
pes, ped-os - pais, paid-os (criança, menino): pedagogia
pale-os - palai-os (antigo): paleontologia, paIeografia
pan, pant-os (todos): panorama, panéplia, panteísmo, pantógrafo
pat-os path-os (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o phag-o (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o - phain-o (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi - phemi (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fer-o, for-os - pher-o (levar, trazer), phor-os (que traz): fósforo, semáforo
fil-os - phil-os (amigo): filarmonia, filantropo
fobe-o, fob-os - phobe-o (temer, fazer fugir), daí phob-os: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fos, fot-os - phos, phot-os (luz): fósforo, fotografia
plut-os - plout-os (riqueza): plutocracia
fon-e - phon-e (voz): cacofonia, telefone
pol-is (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pol-is - pol-ys (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia
pos, pod-os - pous, pod-os (pé): antípoda, miriápode
prot-os (primário): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
pseud-os (falsidade, mentira): pseudônimo

189
#

psiqu-e - psych-e (alma): psicologia, metempsicose
pter-on (asa): quiróptero, coleóptero
pir, pir-os - Pyr, Pyr-os (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
re-o - rhe-o (correr, fluir): catarro, diarréia
sisin-os - seisrn-os, daí sism (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o - shopeo (examinar), daí scópio (que faz ver): telescópio, microscópio
sof-os - soph-os (sábio): filósofo
estat-os - stat-os (que se mantém): aeróstato, hidrostática
estere-o - stere-o (sólido): estereotipo, estereotomia
estref-o - streph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
taf-os - taphos (ffimulo): epitáfio, cenotáfio
tauto por to auto (o mesmo): tautologia
tecn-e - techn-e (arte): politécnico
teras, terat-os (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tele (longe): telégrafo, telefone, telescópio
te-os - the-os (deus): teologia, teocracia, politeísmo
term-os - therm-os (quente): termômetro
tes-is - thes-is (ação de por, ter): antítese, síntese

tom-e (cortadura, secção): tomo, átomo, estereotomia
top-os (lugar): tópico, topografia, atopia
trauin-a, -atos (ferimentos): traumático
tip-os - typ-os (tipo, caráter): tipografia, arquétipo
zo-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino. - Chama-se família etimo-
lógica a uma série de vocábulos cognatos. Cabem aqui as judiciosas obser-
vações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir
palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo
como pedreiro, pedraria, pedregulho ou fechamento, laranjal, bananeira,
que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que
se filiam respectivamente a pedra, fechar, laranja, banana. São entretanto
numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o
termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber
a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que
surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato
encarado à luz da pesquisa científica" (1).

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma livre de
uma forma presa (cf. pág. 167). Receber, por exemplo, é considerada
como derivada prefixal, embora -ceber não tenha curso independente na
língua, porque é uma forma presa de caber, que aparece numa série de
palavras portuguesas:

re I
per -ceber
con

(1) Gramática Histórica, 11, 3.

#

0 mesmo ocorre com ~resistir, cuja forma presa -sistir é elemento
a série:

co um a Um

re
per
con-sistir
de
sub

já o mesmo critério não se aplica a outros vocábulos como esquecer

iludir e inteligência, que passaram a funcionar, para o sentimento dos

que falam português, como vocábulos primitivos.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino.

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro.
ango, angis, anxi, angere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

cado, cadis, cecidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso.

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar.

Há numerosos derivados em cida, cídio, cuja significação é matar:

J7atricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida,

fatricídio, homicídio, suicídio, etc.

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente,

mancebo.

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício.

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se.
colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola,

inquilino, cu tura (agr -, av -, ort-, p c -, r ., v n -, e c.).
cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar.

dica, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico,

maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina,

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, ducere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil,

Droduzir, tradução, viaduto.

Deste radical há numerosos derivados em duzir (a-, con-, de-, intro-, pro-, re-

se., tra-, etc.).
#

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir.

191
#

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer,

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio,

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (con-, di-,

in- re. 1 confuso difuso profuso.

gero, geris, gessi, gestum, gerere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio,

jacio, jacis, jeci, jactum, jacere (lançar): abjecto, jacto, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio.
lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente

loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloqüência, locução, prolóquio
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter,

moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, demover, comoção,

nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento.

nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo.

patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passiv

plico, plicas, plicavi ou plicui, plicatum ou plictum, plicare
aplicar, ch ar, cúmplice, explicar, implícito, réplica.

(fazer pregas, dobrar):

Pono, Ponis, Posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição

quaero, quaerj . s, quaesívi ou quaesai, quaesitum, quaerere (procurar): adquirir, inquirir

rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto.

rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura

c ' 1 , sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador,

solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução,

'p"i" specis, spexi , spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto,

sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância.
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estra

(I) Fero é defectivo, apresentando forma do radical de tollo (tuli, latum); assim, não
cognatos aferir e ablativo. Ao primeiro se associam conferência, fértil, oferece; ao segundo,
-lado e relaxado Esta observaeâo se estende a qualquer forma latina que ap ntar seme-
#

sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir,

consumir, sumi-
dade, sumário.
tango, tangis, tetigi, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contacto,
, atingir.

tendo, tendis, tetendi, tensum ou tentum, tendere (estender): atender, distenso, con-

tente tenso nretensáo

teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor,

detento.

torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tor-
tuoso, distorção.

video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previ-
dência.

volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

193
#

A) Noções Gerais

111 - Sintaxe

Que é oração

- Oração é a unidade do discurso.

A oração encerra a menor unidade de sentido do discurso com propósitos definidos, utilizando os elementos de que a língua dispõe de acordo com determinados modelos convencionais de estruturação oracional

1
Entoação oracional. - Em português, como em numerosas outras línguas, as orações se caracterizam pela entoação, isto é, pela maneira com que são proferidas dentro de certa cadência melódica. A parte final de uma oração é sempre marcada por algum dos tipos de entoação. Depois da entoação final fazemos em geral uma pausa de longa ou curta duração, conforme o que temos em mente expressar.

Simples vocábulos como joão, Absurdo!, W, Sim, constituem orações completas desde que ocorram entre duas pausas, e formam unidades de sentido se ocorrerem entre dois siléncios.

Dentro da entoação final podemos estabelecer algumas diferenças fonêmicas, isto quer dizer diferenças que repercutem no sentido que as orações encerram:

a) ENTOAÇÃO ASSERTIVA: João estuda.

Aqui a linha melódica marca uma subida da voz até a parte que recebe o acento frásico (cf. pág. 55) e daí acusa uma descida até a parte final. A linha melódica apresenta, portanto, uma parte ascendente e outra

(1) Fizemos estudos minuciosos da análise sintática e de sua ímportIncia na sintaxe em nosso livro Lições de Português pela Analise Sintíltica (4.a ed., 1966), para o qual remetemos o leitor estudioso.

#

lw~

descendente. A entoação assertiva, característica da oração declarativa,

simbolizada por [.] (1).

b) ENTOAÇÃO INTERROGATIVA: João estuda? Quem veio aqui?

A linha melódica na interrogação só tem a parte ascendente. Distinguimos a interrogação geral ou de sim ou não, feita em relação ao conteúdo de toda a oração (João estuda ?) da interrogação parcial, feita em relação a um termo da oração (Quem veio aqui ?). Na primeira a resposta se resume ou se pode resumir em sim ou não e a parte ascendente da entoação é mais acentuada; na segunda, a pergunta é feita, em geral, por vocábulos especiais de interrogação e a resposta é dada por vocábulo ou reunião de vocábulos. Simbolizamos a entoação da interrogativa geral com [?] e da interrogativa parcial com [g]. Percebe-se a diferença de sentido em orações do tipo: Quem viu o filme ? Com a entoação da interrogativa

parcial [?] indaga-se pela pessoa que viu o filme; a entoação da interro-

gativa geral [é] significa "é sobre este assunto que se pergunta ?"

c) ENTOAÇÃO EXCLAMATIVA: João estuda !

A linha melódica na exclamação só tem também a parte ascendente. Ela traduz um enunciado expresso com acentuado predomínio emocional para comunicar, acompanhada ou não de mímica, dor, alegria, espanto, surpresa, cólera, súplica, entusiasmo, desdém, elogio, gracejo. A entoação exclamativa também é empregada para exigir a presença ou a atenção de alguém (João 1 Menino) ou para traduzir ordens e pedidos (Corra 1

Salte 1). A entoação exclamativa pode combinar-se com os tipos enuncia-
dos anteriormente. Compare-se a resposta João (da pergunta parcial: Quem estuda 1) com João para chamar ou atrair a atenção e com João ? !

quando a pergunta envolve um sentimento de surpresa. Simbolizamos a

entoação exclamativa com [11 (2).

d) ENTOAÇÃO SUSPENSIVA OU PAUSAM Ele, o irmão mais velho, tomou

conta da fa ília

Consiste a entoação suspensiva ou pausal em elevar a voz antes da pausa final dentro da oração. Difere das entoações finais pelo fato de mostrar que o enunciado não termina no lugar em que, em outras circuns-
tâncias, a estrutura oracional. poderia marcar o fim de unia oração. Sim-
bolizamos a entoação suspensiva com [J. Note-se o contraste de sentido pela entoação distinta que se dá ao trecho: O homem que vinha a cavalo parou defronte da casa. Se proferimos: O homem , que vinha a cavalo , parou defronte da casa, trata-se de um só homem na narração. Se profe-
rimos: O homem que vinha a cavalo parou defronte da casa (sem entoação suspensiva), pressupõe-se que na narração há mais de um homem.

(1) Tomamos a lição a BLWMFXZLD, Language, 114-115.

(2) J. MATOSO CÂMARA jr., Princípios de Lingüística Geral, 3^ 106.

#

A importância da situação e do contexto. - No intercâmbio de nossos pensamentos desempenham relevante papel a situação e o

contexto.

Entende-se por SITUAÇÃO o ambiente físico e social onde se fala; CONTEXTO é o ambiente lingüístico onde se acha a oração(').

Situação e contexto são estímulos decisivos para a melhor aproximação entre falante e ouvinte ou escritor e leitor. Através destes estímulos falante e ouvinte se identificam numa situação espacial e temporal, e a atividade lingüística atinge seu objetivo com um simples vocábulo ou fragmento de oração.

Constituição das orações. - A oração pode ser constituída por uma seqüência de vocábulos ou por um só vocábulo:

a) João estuda
b) Passeamos
C) Sim. João
d) Fogo! Parada de ônibus

No primeiro caso temos uma oração que encerra- nos seus limites os dois termos essenciais de que se compõe: sujeito: - ou o ser de quem se declara alguma coisa - e a predicado - aquilo que se declara na oração.

O segundo exemplo nos evidencia que não é necessária a representação do sujeito por vocábulo especial, uma vez que pode ser depreendido da desinéncia do verbo -mos : nós passeamos.

No terceiro caso, temos uma oração cujo enunciado se relaciona com um contexto exterior, sem o que seriam simplesmente absurdos, Explicam-se, por exemplo, como resposta às perguntas Você passeou ? e Quem veio aqui?

No quarto caso temos orações cujo enunciado se relaciona com situação em que se acha o falante, e assim, contém um elemento extralírtgüístico; fora desta situação os enunciados também seriam absurdos.

A língua portuguesa conhece todas as constituições de orações acima indicadas. As constituições favoritas da estrutura oracional em português apresentam a seqüência de sujeito e predicado, podendo o primeiro vir incluído na desinência verbal (tipo: passeamos).

Chamam-se construções menores as do caso c) e d).

(1) SOUSA DA SILVEIRA (Obras de Casimira de Abreu, 2.a ed., 188), comentando a substituição de um Quando? (só interrogativo) por um Quando11 (Interrogativo-exclamativo), diz:

"Fizeram mal, entre outros motivos, porque prejudicaram um pouco a beleza desta poesia, que é um mimo. Nas três primeiras estrofes a moça responde afirmativamente às perguntas do poeta; mas na quarta, em que ele começa a tornar-se indiscreto, ela replica-lhe com um "ora 1" numa espécie de muxoxo, como a mandá-lo calar-se. Ele, porém, continua, e com maior indiscriçáo. Então ela, fazendo-se alheia ao casa, Mponde-lhe com uma pergunta, acompanhada de espanto e com suspensão da frase, o que tudo explica a múltipla pontuação da edição de 1859, isto é, o ponto de interrogação, o de exclamação e os de reticência.

"Quando?" equivale sim-
plesmente a "quando foi isso?, ao passo que "Quando? I..." quer dizer, mais ou menos:
"Quando foi toda essa história que desconheço, e até me espanta que você me pergunte
semelhante coisa ?"

#

Estruturação sintática: objeto da sintaxe. - Ao elaborar orações
conta o falante com a liberdade de escolher os vocábulos; mas não pode
criar a estrutura em que eles se combinam na comunicação de suas idéias.
As'estruturas oracionais obedecem a certos modelos formais que podem
não ser coincidentes de uma língua para outra e que constituem os padrões

estruturais

As estruturas oracionais ou construções sintáticas apresentam seus

rocessos característicos u,- são*

a) associação dos vocábulos de acordo com a sua função sintática;
b) concordância dos vocábulos de acordo com certos princípios fixa-

dos na língua;

c) ordem dos vocábulos de acordo com sua função sintática.

Assim na oração Os bons alunos dão alegria aos pais temos os bons
alunos exercendo a função de sujeito (de acordo com a), o que lhe
garante, como posição normal, o lugar inicial no contexto (de acordo
com c) e, por ser constituído por um núcleo masculino e no plural
(alunos), determina que nesse número e genero estejam seus adjuntos
(os e bons) e no plural o verbo da oração (dão), estando os d,ois últimos
casos de acordo com o b).

A sintaxe é o estudo dos padrões estruturais de uma língua determi-
nados pelas relações recíprocas na oração e das orações no discurso. Pode
ainda ocupar-se a sintaxe do emprego dos vocábulos. NGB divide a sintaxe

e :

a) de concorddncia nominal
~ verbal

b) de regência nominal

~ verbA

c) de colocação

No presente livro adotaremos o seguinte esquema ara o estudo da

sintaxe portuguesa:

SINTAXE '

1) das ORAÇõES

estuda as relações recí- procas *e o emprego das orações no discurso 1

simples
compostas

2) dos vocABuLos

estuda as relações recí- procas e o emprego dos vocábulos considerados como partes das ora- ções

197

a) substantivo
b) adjetivo
C) numeral
#

d) pronome
e) artigo
f) verbo
g) advérbio
h) preposição
i) conjunção
#

A oração na língua falada e na língua escrita. - A oração na língua falada conta com numerosos recursos para alcançar seu objetivo de uni- dade de comunicação. Entram em seu auxílio não só elementos lingüís- ticos de que dispõe o idioma, mas ainda os recursos extralingüísticos elocucionaií (os sons inarticulados como o muxoxo, o riso, o suspiro) ou não-elocucionais (isto é, à margem da língua, como a mímica).

Na língua escrita entram em jogo outros fatores. Em primeiro lugar' desaparece o recurso da entoação que, como diz Matoso Câmara, "tem de

ser deduzida do texto pelo leitor (no qual se transforma o ouvinte), mediante uma técnica especial, que é a arte da leitura. Em segundo lugar, esse leitor encontra-se, ao contrário do ouvinte no intercâmbio falado, muito distante no tempo e no espaço, e não é em regra um indivíduo determinado e conhecido pelo EscRiToR (em que se transformou o falante). Finalmente, não envolve ao discurso uma situação concreta e bem definida" (1).

Sintaxe e estilo: necessidade sintática e possibilidade estilística. - É importante distinguir uma necessidade sintática, ditada pelas relações recíprocas dos vocábulos na oração, da possibilidade estilistica que permite ao falante ou escritor uma escolha dentre dois ou mais elementos de expressão que a língua lhe oferece, para atingir melhor expressividade.

Esta escolha pessoal tira à oração seu mero valor representativo para transformá-la num "apelo à atividade e comunhão social, ou, então, liberação psíquica" (2). Saímos, assim, do terreno da sintaxe e entramos no domínio do estilo.

Pode-se definir estilo como "um conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo" (3), isto é, estabelece o contraste entre o intelectivo e o emocional, mais do que o contraste entre o coletivo e o individual (cf. pág. 347).

Tipos de oração. - A oração pode encerrar:

a) a declaração do que observamos ou pensamos (oração declarativa com entoação assertiva):

o dia está agradável
Amanha iremos à praia
João ainda não chegou.

b) a pergunta sobre o que desejamos saber (oração interrogativa com entoação interrogativa) -

o dia está agradável?
Quem sairá hoje?

(1) J. MATOSO CÂm~ jr., Princípios de Lingüística Geral, 3, 200.
(2) J. MAToso CAmAaA jr., ibid., 204.
(3) Imu, curso na cA&c.

#

r-

I

c)a ordem, a súplica, o preceito, o desejo, o pedido para que algo aconteça ou deixe de acontecer (oração imperativa com entoação

exclamativa):

Sé Jorte.
Venha aquil

Bons ventos o levem

Queira Deus 1

d) o nosso estado emotivo de dor, alegria, espanto, surpresa, elogio,

desdém Iorarão exclamativa com entoa ão exclamativaN:

Que susto levei 1
Que lindo dia 1
Como chove 1

OBSERVAÇÃO: Como vimos, a oração exclamativa pode combinar-se com os tipos
anteriores para indicar um predomínio emocional com que elo enunciadas. Daí poder

aparecer o ponto de interro ção sq ido do de exclamação:

Eles vão ficar zana2dos ?

As orações exclamativas são normalmente introduzidas por pronomes

ou advérbios de sentido intensivo

B) O bert'Odo SiMbles

Chama-se período o conjunto oracional cuja enunciação termina por

silêncio ou pausa mais apreciável, indicada normalmente na escrita por

nto

O período se diz simples quando constituído por uma só oração
Nesta circunstància, a NGB chama-lhe oração absoluta.

Período composto é aquele que encerra mais de uma oração

C) Núcleo

panha.

I

Dá-se o nome de núcleo de uma função sintática à sua expressão prin-
cipal despojada do complemento que exige ou do adjunto que a acom-

1 - ERMOS ESSE CIAIS A RAÇÃ

As orações de estrutura favorita em português se compõem de dois

termos essenciais: sujeito e predicado.

Sujeito é o termo da oração que denota a pessoa ou coisa de que

afirmamos ou neiramos uma ação, estado ou ou idade.
#

#

Predicado é tudo o que se declara na oração, ordinariamente em referência ao sujeito.

SUJErro

Marcela
Este carro
O artista
O pai
Virgilia
Pedro e Paulo

PREDICADO

suspirou com tristeza
não anda?
fora aplaudido
está alegre
era religiosa
saíram (1)

Omissão do sujeito ou do predicado. - Nem sempre se pede o aparecimento obrigatório dos termos da oração que exprimem o sujeito ou o predicato: Trabalhamos.

O sujeito nós está implícito no verbo, indicado pelo morfema -mos, desinência de 1.a pessoa do plural.

O vocábulo João (em resposta à pergunta quem veio aqui 1) constitui uma oração cujo predicado (veio) se depreende pelo contexto anterior constituído pela pergunta que ocasionou a resposta João.

Chama-se elipse à omissão de um elemento lingüístico. Em trabalha-

mos e João, nos exemplos apontados, dizemos, respectivamente, que o sujeito e predicado são elíticos ou ocultos.

S~jeito indeterminado. - Sujeito indeterininado é o que não se nomeia ou por não se querer ou por não se saber fazè-lo.

A língua portugúesa moderna indetermina o sujeito de duas maneiras diferentes:

a) pondo o verbo da oração (ou o auxiliar, se houver locução verbal) na 3.a pessoa do singular ou, mais freqüentemente, do plural, sem referência a pessoa determinada:

Diz que eles vão bem (diz = dizem)
Dizem que eles vão bem
Estão chamando o vizinho

b) empregando o pronome se junto a verbo de modo que a oração passe a equivaler a outra que tem por sujeito alguém, a gente ou expressão sinônima:

Vive-se bem aqui
Precísa-se de bons empregados

(1) Diz-se sujeito simples o constituído de um só núcleo: Pedro saiu.

Composto é o constituído por mais de um núcleo, ligado por conjunção:

Pedro e P4UIO MOM.

200

von
#

70~_

O pronome se nesta aplicação sintática recebe o nome de índice de indeterminação do sujeito.

OBSERVAÇÃO: Cumpre não confundir sujeito oculto com sujeito indeterminado.

Orações sem sujeito. - Há orações que encerram apenas a declaração contida no Predicado, sem que se cogite de atribuí-la a nenhum sujeito:

Chove
Faz calor
Há bons livros na sua biblioteca

Em tais casos dizemos que se trata de orações sem sujeito e o verbo que nelas entra se chama impessoal.

Os principais verbos impessoais. - São:

a) os que denotam fenômeno da Natureza: chover, trovejar, nevar,

relampejar, anoitecer, fazer (frio, calor) e semelhantes:

b)o verbo haver nas orações que denotam ou não existência de pessoa ou coisa.
Há livros sobre a mesa (equivalente a existem livros sobre a mesa).

c) o verbo ser nas indicações de tempo como: Era à sobremesa.
Era uma hora e meia.

Na indicação de existência, como em era um rei, era um rei e uma rainha, pode-se considerar o verbo ser como tendo sujeito (um rei, um rei e uma rainha) ou como impessoal. A opinião mais generalizada é a primeira, razão por que o verbo vai ao plural em eram um rei e uma rainha.
Para o problema da concordáricia neste caso, veja-se a pág. 306.

OBSERVAÇõES:

1.a) É preciso não confundir as orações de verbo impessoal com as que encerram um verbo em cujo contexto não está seu sujeito que se depreende pelo contexto anterior: "Se a regra do professor Carneiro acerta, errei eu, não tem dúvida" (Rui BARBOSA, Réplica, 331). O sujeito, o pronome isto ou equivalente, refere-se ao fato de a pessoa errar. Trata-se apenas de um Sujeito elítico.

2.a) Há mestres que põem ainda entre os impessoais os seguintes verbos:
a) Haver, fazer nas idéias de tempo:
Há cinco anos. Faz três dias que não o vejo (cf. pág. 234).
b) verbo acompanhado do pron. se como índice de indeterininaçáo do sujeito:
Vive-se bem aqui. Precisa-se de bons empregados.

3,a) Na linguagem familiar do Brasil é freqüente o emprego do verbo ter como impessoal, à maneira de haver:
Há bons livros na biblioteca
Tem bons livros na biblioteca

#

Em tal construção parece ter-se originado uma mudança na formulação da frase A biblioteca tem bons livros, auxiliada por vários outros casos em que haver e ter têm aplicações comuns. A gramática normativa, entretanto, pede se evite este emprego de ter impessoal. Em linguagem coloquial escritores modernos já agasalharam esta construção:

"Na Rua Toneleiros tem um bosque, que se chama, que se chama, solidã~" (MANUEL
BANDEIRA, Poesia e Prosa, lI, 419).

2 - TIPOS DE PREDICADO: VERBAL, NOMINAL E VERBO-NOMINAL. O PREDICATIVO

Tipos de predicado. - O predicado declara

a) uma ação que, se referida ao sujeito, o apresenta como agente ou paciente:

agente O aluno brinca
{ Machado de Assis escreveu belos livros
paciente Belos livros foram escritos por Machado de Assis
{ Os maus alunos foram castigados

b) uma qualidade, estado ou condição:

O aluno é brincaffido.
Machado de Assis foi um escritor.
A aluna esteve quieta.
os circunstantes ficaram atõnitos com a cena,
O primo parece adoentado.
Este livro é o meu.

Quando o predicado exprime uma ação que o sujeito pratica ou sofre, o verbo constitui o seu elemento principal. Dai chamar-se verbal a este tipo de predicado.

Quando o predicado exprime uma qualidade, estado ou condição, o seu elemento principal é um nome (adjetivo ou substantivo) que se refere a outro nome sujeito, podendo ser um ou ambos os termos representados por pronome. A este tipo de predicado chama-se nominal. O nome que, no predicado nominal, constitui o elemento principal. se diz predicativo.

O aluno é brincalhélo.
Sujeito - o aluno
Predícado nominal - é brincaffigo
Predicativo - brincalhão.
#

Pode ocorrer na declaração a fusão do predicado verbal com o no m na, sto é, ao a a ação se enunc: a também um estado, qualidad(

Nos exemplos dados emincia-se uma ação (assistiram, chegou, nomearam) e um estado, qualidade ou condição que se dá concomitante à ação verbal (alegres, atrasado) ou como conseqüência dela (secretário dá

Este tipo de predicado misto recebe o nome de verbo-nominal.

No predicado verbo-nominal o edicativo de referir-se -o---ei-

Excepcionalmente o verbo chamar pode pedir predicativo de objeto

OBSERVAÇÃO: Ainda assim EPIFANio DiAs. RIREIRO DE VASCONCELOS C MAItTINZ DE

Verbos de ligação. - Chama-se de ligação o verbo que entra no predicado nominal. Seu ofício é apresentar do sujeito um estado, quali-

Todos ficaram adoentados.
Maria tomou-se estudiosa.
Elas acabaram cansadas.
Pedro caiu doente.
* cliente fez-se médico.
* crisálida virou borboleta
* inocente converteu-se em culpado
#

d) continuidade de estado:

e) aparência:

Nós continuamos livres.
Maria permanece satisfeita.

· mestra parecia zangada (= parecer estar).
· roupa parece velha (= parecer ser).

OBSERVAÇõES SOBRE PREDicATivo: Não raro a função predicativa pode ser exercida por expressões formadas da preposição de + substantivo ou pronome, como acontece nos seguintes casos(l):

a) Ele é dos nossos amigos (abreviadamente: ele é dos nossos);

b) Este homem é de baixa condição, esta mesa é de mdrmore, onde a preposição indica procedência ou matéria de que uma coisa é feita;

C) Sou de parecer, isto não é da sua competência, onde se pode ver uma filiação ao genitivo predicativo do latim (aliquid est mei judicii, apud MADVIG-ENFÂNio, Gram. Latina, õ281, obs.);

d) Isto não é de ser humano, isto é muito dele, esta é bem dele, para exprimir "o que é próprio de alguém ou de alguma coisa". Prende-se ao genitivo latino com esse: Cuius vis hominis est errare nullius, nisi insipientis, in errore perseverare (CícERo apud MADVIG-ENFÂNio, Gram. Latina, õ282). Não há, portanto, necessidade

de se recorrer a elipses.

NOTA. Em isto é bem, a par de isto é bom, o advérbio não exerce função de predicativo, uma vez que o verbo ser é verbo nocional, e não de ligação. Representa a construção latina bene est por bonum est (cf. italiano é bene, francês c'est bien).

3 - CONSTITUIÇÃO DO PREDICADO VERBAL
(Verbo intransitivo e transitivo. Complementos verbais)

O verbo que constitui o elemento principal do predicado verbal pode ser intransitivo ou transitivo.

Intransitivo é o verbo que não precisa de complemento para integrar o seu sentido, isto é, c! verbo que se basta a si mesmo:

Os homens trabalham.
As lavadeiras cantam.
* criança adormeceu.
* rio desce vagarosamente.

Transitivo é o verbo que necessita de complemento que integre sua predicação:

Os alunos leram belas poesias.
Estas censuras não têm grande valor.
Falava aos colegas.
As crianças obedecem aos Pais.
Lembrei-me da encomenda.
Queixou-se da chuva.

(1) Cf. MEYzR-LDEKE, Grammaire, 111, 449-450.

#

Os verbos transitivos se dividem em diretos e indiretos. Dizem-se DIRETOS os que têm complementos não iniciados por preposição necessária:

Estas censuras não têm grande valor.
Os alunos leram belas poesias.

Transitivos INDIRETOS são os verbos que se acompanham de complemento iniciado por preposição necessária. Se falta a preposição nesses casos pode prejudicar-se o sentido ou a correção do contexto:

Falavas aos colegas.
As crianças obedecem aos Pais.
Lembrei-me da encomenda.
Queixou-se da chuva.

A classificação do verbo depende da situação em que se acha empregado na oração. Muitos verbos, de acordo com os vários sentidos

que
podem assumir, ora entram no grupo dos verbos de ligação, ora são intransitivos, ora são transitivos diretos ou indiretos:
Ele passou a presidente (verbo de ligação).
* caçula passou o mais velho (transitivo direto).
* chuva passoid- (intransitivo).
Maria passo"s novidades às colegas (transitivo acompanhado de dois complementos).

Assim não podemos, a rigor, falar em verbos intransitivos ou transi-
tivos, mas em emprego intransitiVO ou transitivo dos mesmos verbos.

OBSERVAÇõES :
1.a) Verbos há que mudam a construção de acordo com o sentido em que
aparecem empregados: assistir o doente (= socorrer) e assistir ao filme (presenciar),
querer o livro (= desejar) e querer a alguém (= estimar).
2,a) Verbos há que admitem mais de uma construção sem que se altere a sua
significação geral: presidir a cerimônia ou presidir à cerimônia, crer isso ou crer
nisso, consentir isso ou consentir nisso, ajudar alguém ou ajudar a alguém, servir
alguém ou servir a alguém.

Espécies de complementos verbais. - Os complementos dos verbos
transitivos diretos recebem o nome de objeto direto (isto é, complemento
não encabeçado por preposição necessária):

Os alunos leram belas poesias.

Sujeito: os alunos
Predicado verbal: leram belas poesias
Objeto direto: belas poesias.

Em lugar do nome que funciona como objeto direto se podem usar
os pronomes oblíquos: o, a, os, as:
Os alunos leram-nas
Estas censuras não o têm

#

Os complementos dos verbos transitivos indiretos recebem o nome
de objeto indireto (isto é, complemento encabeçado por preposição
necessária):

Falavas aos colegas,
As crianças obedecem aos pais.
Lembrei-me da encomenda,

Queixou-se da chuva.

Falavas aos colegas
Sujeito: tu (oculto)
Predicado verbal: falavas aos colegas
Objeto indireto: aos colegas

Em lugar do nome, geralmente precedido das preposições a ou para, que funciona como objeto indireto, se podem usar muitas vezes os pronomes oblíquos lhe, lhes:

Falavas-lhes.
As crianças jhes obedecem.

Este é o único caso em que o objeto indireto nunca vem encabeçado por preposição.

OBSERVAÇÃO: A NGB, a bem da simplicidade, reúne sob a denominação única de objeto indireto complementos verbais preposicionados de nature7as bem diversas: o objeto indireto propriamente dito, em geral encabeçado pelas preposições a ou para (escrevi aos pais), o complemento partitivo, em geral encabeçado pela preposição de (lembrar-se de alguma coisa) e o complemento de relação, também encabeçado, em geral, pela preposição de (ameaçar alguém de alguma coisa). Isto nos leva a compreender a presença de dois objetos indiretos numa mesma oração como:

Queixa-se dos maus tratos ao diretor (1)

exprime:

a)- a pessoa ou coisa que recebe a ação verbal:
o soldado prendeu o ladrão

Sentidos do objeto direto. - Quanto ao sentido, o objeto direto

b) o produto da ação:
o poeta compôs um belissimo soneto

c)a pessoa ou coisa para onde se dirige um sentimento, sem que o objeto seja forçosamente afetado pelo dito sentimento:
Otelo ama a Iago, e lago odeia a Otelo(2)

(1) Autores há que consideram objeto indireto apenas o complemento que pode ser representado por lho; aos outros precedidos de preposiÇâo, complemento* de verbos, chamam complemento relativo. Cf. RocHA UmA, GramíÍtica Normativa.
(2) M. SAm ALI, Gr4MdtiCa HistóriCa, 1, 183.

2W
#

d) com os verbos de movimento, o espaço percorrido ou o objetivo final:
("4ndei longes terras" - G. DiAs -, atravessar o rio, correr os lugares sacros,
subir a escada, descer a montanha, navegar rio abaixo, etc.) ou o tempo decorrido
(viver bons momentos, passar o dia no campo, dormir a noite inteira, etc.).

Sentidos do objeto indireto. - O objeto indireto pode expri
a) a pessoa ou coisa que recebe a ação verbal.

Escrever aos pais

b) a pessoa ou coisa em cujo proveito ou prejuízo se pratica a ação:
Trabalha para o bem'geral da família

c) a pessoa ou coisa que, vivamente interessada na ação expressa pelo verbo, procura captar simpatia ou benevolência de outrem (dativo ético):

Prendam-me esse homem
Não me venham com essas histórias

d) a pessoa possuidora:

Conheci-lhe o pai (lhe: objeto indireto de posse)
Tomou o pulso ao doente

e) a pessoa a quem pertence uma opinião (o que pode ocorrer com os verbos de ligação):
Para nós ele está errado (para nós: objeto indireto de opinião)
Antônio pareceu-me tristonho

OBsERvAçÃo: Poder-se-ia ainda acrescentar a classe dos verbos transitivos adverbiados que pedem como complemento uma expressão adverbial como: Irei à cidade
ou voltei do trabalho. A NGB não agasalhou, entretanto, este tipo de complemento,
considerando-o, como veremos adiante, mero adjunto adverbial.

A preposição como posvérbio. - Muitas vezes aparece depois de
certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo
matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada
Arrancar da espada (acentua a idéia de uso do objeto e a retirada total da
bainha ou cinta).

Cumprir o dever

Cumprir com o dever (acentua a idéia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele viesse

Fiz com que ele viesse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

207

#

I

À preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de posvérbio (1).

OBSERVAÇÃO: Em Perguntar por alguém a preposição é um posvérbio denotando curiosidade, interesse (A. Nascentes).

Objeto direto preposicionado. - Não raro o objeto aparece iniciado de preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, por este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto pre-posicionado nos seguintes principais casos:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende a nós, nem nós a ele" (CAMõES, Os Lusíadas, V, 28).

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser per-sonificado a quem a ação verbal se dirige ou aproveita:

Amar a Deus sobre todas as coisas
Consolou aos amigos

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) inverÃo (o objeto direto vem antes do sujeito): A Abel matou Caim.

2) comparação: "Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que

prezava Calisto como a filho" (CAMILO, Queda de um Anjo, 80, ed. Pedro, Pinto).

OBsERvAçÃo: Sem preposição poder-se-ia interpretar filho como sujeito: como filho preza.

d) na expressão de reciprocidade: um ao outro, uns aos outros:

Conhecem-se uns aos outros

e) com os pronome relativo quem :

Conheci a pessoa a quem admiras

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

`Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e aos leais" (A. HERCULANO, O Bobo, 102).

(1) A. NASCENTES, O Problema da Regéncia, 17.

#

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" (R. LOBO, Ant. Nacional, 278).

Objeto direto interno. - Chama-se objeto direto interno ao complemento que, acompanhado de uma expressão qualificativa, serve para repetir a idéia contida no verbo, que é geralmente intransitivo:

"Morrerá morte infame de peão criminoso" (A. HERCULANO, O Bobo, 248).

O complemento pode não ser do mesmo radical do verbo, mas há de pertencer à mesma esfera de significação:

"lidei cruas guerras" (G. DIAS, I-Juca-Pirama).
Dormir o sono da eternidade
Chorar lágrimas de crocodilo

Concorrência de complementos diferentes. - Um verbo transitivo pode acompanhar-se de dois objetos, podendo daí surgir as três seguintes principais possibilidades:

1) objeto indireto de pessoa (com a ou para) e objeto direto de coisa:

"Eu sou aquele a quem padre Antônio de Azevedo ensinou princípios de solfa, e as declinações da arte francesa" (CAMILO, O Bem e o Mal, 37, ed. M. Casassanta).

Pertencem a este, entre outros, os seguintes verbos:

aconselhar, agradecer, ãludir, anunciar, assegurar, atribuir, avisar, ceder, conceder, confiar, consentir, dar, declarar, dedicar, dever, dizer, doar, encobrir, entregar, explicar, expor, extorquir, fiar, furtar, impedir, imputar, informar, ministrar, mostrar, negar, ocultar, oferecer, ordenar, pagar, pedir, perdoar, perguntar, permitir, preferir, proibir, prometer, propor, requisitar, responder, revelar, rogar, roubar, sacrificar (dar em sacrifício), subtrair, sugerir, tirar, tomar, tributar.

e os que exprimem percepção dos nossos sentidos ou do espírito, como ver, ouvir, conhecer, etc.:

Ouviu-o a um parente próximo.

2) objeto direto de pessoa e um complemento de relação (a que a NGB chama objeto indireto):

"D. Miguel de Almeida e D. Antão de Almada, informando-o de tudo, pediram-lhe a sua cooperação". (R. DA SILVA, História de Portugal, IV, 127).

Pertencem a este grupo os seguintes principais verbos:

aconselhar, acusar, ameaçar, avisar, bendizer, certificar, convencer, culpar, desculpar, informar, louvar, maldizer, persuadir, prevenir.

#

3) objeto indireto de pessoa (com a ou para) e complemento de relação (a que a NGB chama objeto indireto):

Queixou-se dos maus tratos (complemento de relação) ao diretor (obj. indireto).

Desculpou-se do ocorrido aos (ou com os) amigos.

OBSERVAÇõES :

1.a) Alguns verbos podem admitir duas ou mais construçoes sem que se altere fundamentalmente a sua significação geral: ensinar alguma coisa a

alguém ou ensinar
alguém a fazer alguma coisa; avisar alguma coisa a alguém ou avisar alguém de
alguma coisa; aconselhar alguma coisa a alguém ou aconselhar alguém a fazer alguma
coisa; informar alguma coisa a alguém ou informar alguém de alguma coisa; per-
guntar alguma coisa a alguém ou perguntar alguém sobre alguma coisa.

2.a) Em virtude do cruzamento de diferentes construções podem aparecer dois
objetos diretos (hoje raramente) ou indiretos: rogar alguém que faça alguma coisa,
ensinar a alguém a ler, lembrar a alguém de alguma coisa, esquecer a alguém de
alguma coisa, etc.

4

- COMPLEMENTOS NOMINAIS

Não apenas verbos, mas substantivos e adjetivos podem necessitar de complementos:

a) Substantivos:

b) Adjetivos:

O jovem demonstrava inclinaçâo pela ciência.
Nossa prima tinha desconfiança de tudo.
É digno de louvor o amor à pátria.

Os conhecimentos são úteis a todos.
Essas palavras eram impróprias ao local.
Os meninos estavam desejosos de vitória.

Tais termos da oração recebem o nome de complementos nominais e designam a pessoa ou coisa como o eto da ação ou sentimento que os substantivos ou a etivos significam.

OBsERvAçXo: Incluem-se entre os complementos nominais os que servem de
completar os advérbios de base nominal:
Referentemente ao assunto, tudo vai bem.

5 - ADJUNTO: SEUS TIPOS

Adjunto: seus tipos. - É um termo oracional de natureza acessória que especifica ou individua um nome ou pronome ou exprime uma cir-
cunstância adverbial. Dividem-se, portanto, os adjuntos em adnominais e
adverbiais.

I

Adjunto adriominal. - É uma expressão que especifica ou individua um nome ou pronome:

"A inexperiência da mocidade ocasiona a sua originalidade" (Marquês de MARICÁ

Adjuntos adnominais de inexperiência (termo fundamental ou núcleo do sujeito): a e da mocidade.

Adjuntos adnominais de originalidade (termo fundamental ou núcleo do objeto direto): a e sua.

O adjunto adnominal é expresso por:

a) adjetivo ou locução adjetiva:

Homem ajuizado
Homem de juizo
Homem sem juízo

"A vida humana sem religido é viagem sem roteiro" (Marquês de MARICÁ).

b) pronomes adjuntos:

Meu livro
Este caderno
Nenhum erro
Cada semana
O homem cujos defeitos conheço...
Que coisa fizeste?'

c) artigo (definido ou indefinido):

d) numeral

O livro
Um livro

Dois dias
Primeira fila

e) locuções adjetivas que exprimem, além de qualidade (como no item a), posse e especificação:

Inexperiência da mocidade
Álbum de retratos

OBsERvAçXo: Às vezes, principalmente depois de expressões de sentimentos (como bom, triste, feliz, infeliz, coitado, etc.), o adjunto adnominal se liga ao substantivo por meio da preposição de.- "A aldeia em que o bom do clérigo pastoreava o seu rebaiiiio..." (A. HERCULANo, Lendas e Narrativas, 11, 115).

Adjunto adverbial. - É uma expressão que denota uma circunstância adverbial em referência ao verbo, adjetivo ou outro advérbio:

"Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores" (M. MAIUcÁ, Máximas).

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece de faminta" (IDEm).

—

"As pessoas mais devotas são de ordinário as menos religiosas" (IDEm).

"É necessário subir muito alto para bem descortinar as ilusões e angústias da ambição, poder e soberania" (IDEm).

Nunca: adjunto adverbial de tempo, em referência ao verbo arrancar.
Sem dores.- adj. adv. de modo, em referência ao verbo arrancar.
De faminto : adj. adv. de causa, em referência ao verbo perecer.
Mais : adj. adv. de intensidade, em referência ao adjetivo devotas.
Menos : adj. adv. de intensidade, em referência ao adjetivo religiosas.
De ordinário : adj. adv. de tempo, em referência ao verbo ser.
Alto : adj. adv. de modo, em referência ao verbo subir.
Muito : adj. adv. de intensidade, em referência ao advérbio alto.
Bem: -adj. adv. de modo, em referência ao verbo descortinar.

O adjunto adverbial é expresso
a) advérbio:

b) locução adverbial:

Nunca se arrancam
As pessoas mais devotas
Subir muito alto

Arrancam-se sem dores
São de ordinário

OBSERVAÇÃO: Em construção do tipo perece de faminto, onde a preposição pre-ctile ao adjetivo, houve na realidade omissão de um verbo de ligação (ser, estar, ficar, etc): perecer de ficar faminto.

As principais circunstáncias adverbiais já foram assinaladas na mor-fologia, no capítulo do advérbio. '1

Advérbios de base nominal ou pronominal. - Os advérbios de base nominal podem desempenhar na oração papéis sintáticos próprios de nomes e pronomes. Assim hoje (que se prende ao substantivo dia) apa-rece nitidamente como sujeito em:

Hoje é segunda-feira

Aqui, de base pronominal, com o valor de este,lugar, funciona como sujeito em:

Aqui é ótimo para a saúde.

OBSERVAÇÃO FINAL: já lembramos, na pág, 207, que deveríamos distinguir os advérbios que funcionam como complemento dos que funcionam como adjunto, porque aqueles são essenciais e estes acidentais à estruturação oracional. Em Ir a Silo Paulo ou Voltar do trabalho, as circunstâncias adverbiais elo necessárias à prediCação do verbo e melhor se classificariam como complementos adverbiais. E o fato mais se alicerça quando se comparam estes exemplos com A ida a Sgo Paulo ou A volta do trabalho, em que a São Paulo e do trabalho são complementos nominais. A NGB, talvez presa ao sentido, não levou em conta o papel sintático das expressões adverbiais nos exemplos aludidos. Para ela, em ambos os casos há adjuntos adverbiais.

#

6 - AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva. - Na voz passiva o termo que exprime queir pratica a ação sobre o sujeito se diz, em sintaxe, agente da passiva (cf. pág. 104), iniciado pelas preposições de e per (por):

* livro foi escrito pelos alunos.
* notícia foi sabida de todos.

já assinalamos que só a passiva analítica comporta o aparecimento do agente da passiva.

O agente da passiva, de natureza adverbial, corresponde, na voz ativa, ao sujeito:

O livro foi escrito pelos alunos.
Os alunos escreveram o livro.

7 - APOSTO: SEUS TIPOS

Aposto. - É um termo oracional de natureza substantiva ou pronominal que se refere a uma expressão de natureza substantiva ou pronominal para melhor explicá-la, ou para servir-lhe de equivalente, resumo ou identificação: 4

"Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre de Avis, vosso antigo capitio"
(A. HERCULANo, Lendas e Narrativas, 1, 266).

Marca-se uma equivalência mais explícita entre o atual Mestre de Avis e o vosso antigo capitão (aposto explicativo).

Serve ainda o oposto para:

a) enumerar (aposto enumerativo):

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: a neutralidade e a apostasia" (M. de MARicÁ, MUimas).

Nada impedia seus planos: tristezas, dores, dificuldades.

O aposto explicativo e o enumerativo podem vir encabeçados pelas expressões a saber, por exemplo, isto é, verbi gratia (abreviatura v.g., por exemplo), convém a saber (ou a saber):

Duas coisas o incomodavam, a saber: o barulho da rua e o frio intenso.

b) recapitular (aposto recapitulativo):

Tristezas, dores, dificuldades, nada impedia seus planos.

O aposto recapitulativo é normalmente representado por um nome indefinido como tudo, nada, ninguém, qualquer, etc.

21)
#

c) marcar uma distribuição (aposto distributivo):

Eram dois bons alunos, um em matemática e o outro em português.

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, aquele prosa e este na poesia.

d) marcar uma especificação (aposto especificativo), onde a um nome próprio se junta um nome comum que indica a espécie a que aquele pertence:

Rio Amazonas
Montes Pireneus
O poeta Castro Alves
Tecidos Aurora
Lojas Paulistas
Cervejaria Brahma

O aposto especificativo pode ligar-se ao nome a que se da preposição de:

Praça da República
Serra da Mantiqueira
o nome de pátria
A cidade de Lisboa

refere através

Como bem lembra Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos de definitivo, em outros a aposição.
Diz-se por exemplo: o nome de Augusto, mas, a palavra Augusto; a cidade de Lisboa, mas: o rio Teio" (1).

OBSERVAÇÃO: Muitos autores não consideram como aposto a expressão encabe-
çada por preposição, como nos exemplos indicados, dando-a como adjunto adnominal.
Ambas as análises são aceitáveis, mas nos inclinamos para a aposição.

Aposto em referência a uma oração inteira. - O aposto não se refere apenas a um termo de uma oração, mas ao conjunto de idéias expressas numa oração inteira:

Ele falou em altas vozes, sinal do seu descontentamento.

De ordinário usa-se como aposto de uma oração inteira o pronome demonstrativo o ou um substantivo como coisa, motivo, fato, acompanhado de uma expressão modificadora:

Todos resolveram silenciar, o que muito me contrariou.
Passeamos muito, coisa que nos deixou exaustos.
Conseguimos a primeira colocação, fato digno de aplauso.

(1) Grarndtica Portuguesa Elementar, 5 154, obs. 1.a

#

Aposto circunstancial. ~ Chama-se aposto circunstancial aquele que

designa "o tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou coasa" (1), na época da ação

O aposto circunstancial vem imediatamente preso ao nome a que per tence ou r meio de uma preposição ou expressão de valor adverbial

"Aos quinze ou dezesseis anos casou com um alfaiate que morreu algum tempo depois, deixando-lhe uma filha. Viúva e moça, ficaram a seu cargo a filha, co dois anos, a mãe, cansada de trabalhar" (M. DE -Assis, Memórias Póstumas, 200).

r ,
não se trata de preposição essencial, muitos preferem ver orações de

estruturas
reduzidas subentendendo o que lhes falta: quando era presidente, nunca fugiu aos

,Nssim se denomina o termo da oração através do qual chamamo pomos em evidência o ser a que nos dirigimos:

As alegrias duram pouco, meu bom irm4o
Montanhas, vede que belo amanheceri

O vocativo pode vir precedido de interjeição (normalmente ó) e se

caracteriza sempre pela entoação exclamativa:

Para maior ênfase da pessoa a quem nos dirigimos usamos do vocativo senhor (senhora), depois de uma afirmação ou negação. Note-se que não há pausa entre o advérbio e o vocativo (ainda que haja vírgula) 'se o
#

D) O período composto

1 - ORAÇõES INDEPENDENTES
E DEPENDENTES

Quanto às suas relações sintáticas dentro do período composto, as orações podem ser independentes e dependentes.

Oração independente é aquela que não exerce função sintática de outra a que se liga:
Preparamo-nos para a viagem e partimos.

O período é composto porque encerra duas orações:
1.a) Preparamo-nos para a viagem
2.a) e partimos.

Tais orações se dizem independentes porque uma não exerce funçao sintática de outra; ambas reúnem em si todas as funções de que necessitam
para se constituírem por si sós unidades do discurso.

Oração dependente é aquela que exerce função sintática de outra e vale por um substantivo, adjetivo ou advérbio. A dependente é um termo sintático que tem a forma de oração.
É bom que tomemos as precauções.
Antônio deseja que compareças à festa.
· Brasil Precisa de que o amemos.
· livro que comprei é importante.
Saiu cedo porque o serviço era muito.

Em todos os exemplos acima temos períodos compostos com duas orações onde a 2.a é dependente da 1.a porque exerce uma função sintática desta:
que tomemos as precauções é sujeito de é bom;

que compareças à festa é objeto direto de Antônio deseja;
de que o amemos é objeto indireto de O Brasil Precisa;
que comprei é adjunto adnominai de livro, que pertence à oração o livro é importante;
porque o serviço era muito é adjunto adverbial de causa de saiu cedo.

2 - ORAI~XO PRINCIPAL

Chama-se oração principal aquela que pede uma dependente. Nos aludidos trechos são orações principais:
é bom; Antônio deseja; O Brasil Precisa; O livro é importante; saiu cedo.

#

Nem sempre a oração principal vem antes de sua dependente:
Porque o serviço era muito, saiu cedo.

Mais de uma oração principal. - Num período pode haver mais de uma oração principal:
Não sei se José disse que eu empresíara o livro.

A 1.a oração não sei é principal em relação à 2.a se José disse, porque esta é seu objeto direto. Por sua vez a 2.a oração é principal em relação à 3.a que eu emprestara o livro, que funciona como seu objeto direto.
Assim sendo, a 2.21 oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático:
dependente em relação à 1.a e principal em relação à 3.a
Não havendo denominação especial para estes casos, poderemos dizer principal de 1.a categoria (ou grau), de 2.a categoria (ou grau), etc. (1).

Oração principal não é a 1.a oração. - já assinalamos que a oração principal pode vir depois de sua dependente:
Porque o sei-viço era muito, saiu cedo.

No período:

Saiu cedo, mas voltou tarde porque choveu

as duas primeiras orações (saiu cedo e mas voltou tarde) são independen-tes entre si, mas a 2.a se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: é independente em relação à 1.a e principal em relação à 3.a, porque esta é o seu adjunto adverbial de causa (note-se que a chuva foi a causa de voltar tarde, e não de sair cedo).

Oração principal nem sempre é a de sentido principal. - A oração principal é determinada pela relação sintática da oração dentro do período, não importando se o sentido que encerra é ou não aquele de que dependem as outras orações.

No período:

Se não chover, chegarei cedo

a oração chegarei cedo é principal e se não chover é dependente porque esta exerce a função de adjunto adverbial de condição daquela. Se o nosso ponto de referência deixasse de ser a relação sintática (objeto de estudo da sintaxe) para ser o sentido, a oração se não chover passaria a ser aquela de que dependeria a declaração chegarei cedo.

Isto nos patenteia que a determinação da oraçao principal não envolve a preocupação de apontar o sentido principal. Oração principal

(1) A expressão 1.a categoria já ocorre eni FAUSTO BARRETO (Antologia Nacional, introdução) desde 1887.

#

não é a que encerra o sentido principal, mas a que tem um dos seus termos sob forma de oração.

Tipos de orações independentes. - Há dois tipos de orações independentes: as coordenadas e as intercaladas.

SãO COORDENADAs as orações independentes que formam uma sequèn_ cia, relacionadas pelo sentido:

Passavam os soldados e agitavam-se as bandeiras.
Correu, mas não chegou a tempo.

SãO INTERCAL~ as orações independentes que, não pertencendo à seqüência, aí aparecem como elemento adicional que o falante julga ser esclarecedor:

Machado de Assis - este escritor é um dos mais importantes de nossa literatura - era de origem humilde.
Meu pai - Deus o guarde - mostrou-me o caminho do bem.

As orações intercaladas este escritor é um dos mais importantes de nossa literatura e Deus o guarde são meros acréscimos que o falante houve por bem juntar; na realidade, só importava dizer Machado de Assim era de origem humilde e meu pai mostrou-me o caminho do bem.

As orações dependentes são subordinadas. - As orações dependentes se dizem subordinadas porque, exercendo uma função sintática da principal, são uma pertença desta na seqüência oracional.

Coordenação. - Chama-se coordenação a seqüência de orações em que uma não exerce função sintática da outra.

A coordenação pode ser feita não só entre as orações independentes (coordenadas e intercaladas) mas ainda entre as dependentes (subordinadas) que não exercem função sintática entre si:

Ouve e obedece aos teus superiores
que estudes
Espero e
{ que venças na vida

No primeiro exemplo há duas orações independentes que se coordenam; no segundo, encontra-se uma principal (espero) que tem como obI . eto direto as orações dependentes que estudes e que venças na vida.

Como se trata de orações que não exercem função sintática entre si, podem-se coordenar.

Ocorre a coordenação entre orações subordinadas quando estas exercem a mesma função sintática de uma principal.

OBURVAÇIO: A maioria dos tratadistas tem colocado em pontos opostos coorde-
naçdo e subordinação, mas um exame detido nos patenteia que a oposição que se

#

deve estabelecer não é entre orações coordenadas e subordinadas, mas entre orações
independentes e dependentes. A coordenação é um processo de estruturação de
orações do mesmo valor sintático, quer sejam independentes (onde a equivalência é
permanente) ou dependentes (onde a equivalência se dá quando exercem idêntica
função sintática). Infelizmente a NGB, embora reconhecendo que "coordenadas entre
si podem estar quer principais, quer independentes, quer subordinadas% não rompeu

de uma vez Dor todas com a tradicional oposição que aqui pomos de lado.

Subordinação. - Chama-se subordinação à seqüência de orações em

Na seqüência subordinativa uma oração dependente pode ser termo

A ora ão se todos disseram é de endente da principal sei (é seu

o brin-

objeto direto) e principal de 2.a categoria de que não queria

quedo (objeto direto do verbo disseram).

Classificação das orações quanto à ligação entre si. - Além da clas-
sificação das oraçõ~s quanto às relações em que se acham dentro do
período, elas podem ainda ser divididas quanto à ligação em conectivas

SãO CONECnVAs as orações que, numa série coordenativa ou subord
dinativa, se acham ligadas à anterior por palavras especiais de conexão

Os conectivos são as conjunções Coordenativas (para a série coorde-
nativa), as conjunções subordinativas, os pronomes e advérbios relativos

"O juízo força a fortuna à obediência, ou escusa os seus serviços" (ID.

Não só estuda português mas ainda se aplica à matemática (coordenação enfática)

"Não admira que o juizo seja censurado, quando a loucura já foi elogiada" QY

"Divertimo-nos com os doidos na hipótese de que não o somos" (D).).

"A memória dos velhos é menos pronta porque o seu arquivo é muito extenso" (Im)
#

"Nenhum homem é tão bom como o seu partido o apregoa, nem tão mau como
o contrário o representa" (ID.).
"Ain4a que perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a
nossa indulgência (ID.).
"Se as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os
mais instruídos" (ID.).
" Faz dó ver um homem tão Valente assim morto como se mata qualquer poltrão"...
(CAmiLo, O Bem e o Mal, 191).
"Para que os bens sejam mais duráveis, são os males que deles nos ensinam a
usar" (ID.).
"Quando saímos de nossa esfera, ordinariamente nos perdemos na dos outros".
"Não podemos fitar os olhos no solo, nem o pensamento em Deus, sem

que fiquem
deslumbrados" (ID.).
"O luxo, assim como o fogo, tanto brilha quanto consome" (ID.).

2 - Através de pronomes e advérbios relativos:
" Ninguém duvida tanto como aquele que mais sabe" (ID.).
"Homens há como as serpentes que envenenam aqueles a quem mordem" (ID.).
"Depois da missa, o pastor acompanha os seus a Vila Cova, onde passava o dia"
(CAmiLO, O Bem e o Mal, 42).

O

SãO JUSTAPOSTAs as oraçoes que, numa série, não se ligam à anterior por palavras especiais de conexão:

"É bem feiozinho, benza-o Deus, o tal teu amigo- (ALUISIO DE AZEVEDO).
"O amor cega a muitos, a fortuna deslumbra a todos" (M. DE MARICÁ).
"AS nações não morrem de velhas, as revoluções as remoçam" (ID.).
"Tratai bem ao vilão, êle i-os maltrata; tratai-o mal, então vos acata" (li).).
"Louvemos a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" (ID.).
"Quem não espera na vida futura, desespera no presente" (ID.).
"Não venios os defeitos de quem amamos, nem os primores dos que aborre-
CCIDOS" (ID.).
"A ordem pública periga onde se não castiga" (ID.).
"Sabeinos qual foi o nosso princípio, ninguém sabe qual será o seu fim" (ID.).
"Não sabemos quanto valemos e de que somos capazes: as ocasiões e circuns-
táncias no-lo fazem conhecer" (ID.).

Tivesse-me falado, tudo se arranjaria.
Não o vejo, há cinco semanas.
Espero sejas feliz.

A oração justaposta se separa da anterior ou se caracteriza:

a) por sinal de pontuação adequado, geralmente vírgula, como ocorre nos exemplos 1, 2, 3 e 4;
b) por palavras de natureza pronominal ou adverbial intimamente relacionadas com os relativos, mas sem referências a antecedentes, como sucede nos exemplos 5, 6, 7 e S.

#

c) por palavra de natureza pronominal ou adverbial, de sentido indefinido, que inicia uma interrogação indireta, como se verifica nos exem-

plos 9 e 10;

d) pelo contexto e entoação descendente, com o verbo no passado (geralmente no subjuntivo), conforme o exemplo 11;

e) pela oração subordinada adverbial temporal posposta à principal que encerra os verbos haver e fazer, de acordo com o exemplo 12;

f) pela omissão do conectivo subordinativo, como no exemplo 13.

OBSERVA96ES :

1.a) Pelos exemplos aduzidos, vê-se que justaposição é um processo de ligação de orações, e não uma natureza sintática que se pode por ao lado da coordenação e subordinação, como imaginou o Prof. José Oiticica. Por outro lado, a justaposição ocorre entre orações independentes e dependentes, entre coordenadas e subordinadas, o que não nos permite aceitar a lição da NGB que só considera sindéticas (em nossa nomenclatura corresponde a conectivas) e assindéticas (em nossa nomenclatura, a justapostas) as coordenadas. Vimos que há também subordinadas sindéticas e assindéticas. Do ponto de vista de conexão interoracional se equivalem os seguintes exemplos, independentes de sua natureza sintática:

Vim, vi, venci
Tivesse dinheiro, eu viajaria
Não o vejo há cinco semanas
Espero sejas feliz

2.a) De caso pensado separamos dos exemplos acima aqueles em que temos palavras de natureza pronominal ou adverbial sem antecedente ou nas interrogações indiretas, porque há mestres que vêem aí pronomes e advérbios relativos, bastando, para isso, subentender uni antecedente adequado. Assim sendo, para tais estudiosos não estamos diante de justaposição ou assindetismo. Não aceitamos esse modo de ver as coisas porque, embora as estruturas apresentem paralelismo de sentido, não são idênticas quanto à natureza sintdtica. Por outro lado, a adaptação para efeito de análise pode mudar o plano morfológico do vocábulo.

EM: A Pessoa Para quem te diriges deve resolver o problema, QuEm é pron. relativo (cujo antecedente é pessoa) e funciona como adjunto adverbial de dirigir-se, razão por que se rege da preposição para. já no exemplo do M. DE MARicÁ: "A vida é sempre curta para quem esperdiça e não aproveita o tempo",

quem é pronome
indefinido e funciona como sujeito de esperdiça e nélo aproveita; a preposição para
não pertence à função sintática do quem, que não rege (pois é sujeito dos dois verbos),
mas à função sintática desempenhada por toda a oração iniciada pelo quem (objeto
indireto de opinião ou complemento nominal de curta, funções ambas que pedem a
preposição).

Transformar o pronome indefinido do exemplo acima em pronome relativo não
contraria o esquema semAntico, mas tira à nossa língua a possibilidade de apresentar
um pronome indefinido em missão quase-conexiva.

A crítica se estende à interrogação indireta, com a agravante de compêndios que
aceitavam as orações como substantivas terem dado porque, onde, como e quando
como conjunção integrante, criando, dessarte, um problema para uma classe de vo-
cábulos que não exerce função sintática, porque essas novas conjunções integrantes
serão adjuntos adverbiais dentro da oração a que pertencem.

#

Em língua portuguesa podemos, portanto, proceder à análise adotando qualquer
dos dois critérios, isto é, as orações serão substantivas (sem subentender antecedente)
ou adjetivas (subentendendo antecedente). Pelas razões expostas, adotamos o primeiro

3.a) Sobre o paralefismo de sentido em estruturas sintáticas de natureza diferente
são dignas de repetição as palavras de Mário Barreto: " ... cumpre-
nos fazer notar
que essas duas formas diferentes (coordenação e subordinação) para os olhos ou para
o ouvido são equivalentes muitas vezes quanto ao sentido, e que uma frase de coorde
nação tem, não raro, no fundo uma contextura tão firme como se fosse formada de
membros estreitamente ligados por conjunções e pronomes relativos, que são os
-conectivos mais importantes com que ligamos asserções separadas, fazendo período do
que, sem eles, seria livre agregação de frases. Façamos notar enfim que predomina
em ou outro desses dois processos, conforme a índole do gênero literário, do assunto

.do escritor. Mostre-se aos alunos que se pode construir (1.0 grau): "O dia está
bonito; não temos que fazer; vamos passear", ou (2.0 grau): "O dia está bonito e
não temos que fazer; vamos, pois, passear". Enfim (3.0 grau, subordinação e período)
"porque o dia está bonito e porque nada temos que fazer, vamos passear". Outros
--- 1_

"O exército compunha-se de cem mil combatentes e ia comandado pelo rei" = "O
exército que ia comandado pelo rei, compunha-se de cem mil combatentes". "Era
inocente e condenaram-no" = "Condenaram-no, ainda que era inocente". "Meu
amigo tinha tido febre; não estava de todo restabelecido; tinha o rosto pálido e
triste" ou "meu amigo, que tinha tido uma febre de que não estava plenamente resta
belecido, tinha o aspecto triste"; ou, já que dispomos de não pequena variedade de
modos, "ele tinha o aspecto triste, porque havia tido" etc.; ou "o meu amigo, não
se tendo restabelecido de uma recente febre, tinha triste aspecto" e assim por diante
Os vários modos de exposição são expedientes para chamar mais especial atenção a
um ou outro aspecto de um fato e de suas causas; são antes um ornamento do que
um meio substancial da fala, e servem a um intento estilístico" (Factos da Língua

QUADRO SINOTICO DE CLASSIFICACAO DE ORACOV

subordinação ~

3 - INTERROGAÇÃO DIRETA E INDIRETA

já vimos (pág. 195) que a interrogação pode ser parcíal ou total
conforme pergunte por algum termo da oração que não seja o predicado,

Agora cabe-nos acrescentar que a interrogação pode ser estruturada
#

Chama-se interrogação direta aquela que é representada por uma
oração independente caracterizada por entoação interrogativa (isto é, tem
ascendente a sua parte final) e começada, se for parcial, por um vocábulo
interrogativo:

Que pensas disso?

Onde é a festa?
já saiu pela manhã?
Conseguiram resolver todos os problemas?

Chama-se interrogação indireta aquela que, não pedindo resposta imediata, é representada por uma oração dependente destituída de entoação interrogativa, começada pelos pronomes ou advérbios interrogativos quem, qual, que, quanto, como, porque, onde e quando, ou pela conjunção integrante se :

Quero saber que pensas disso
Pergunto-lhe onde é a festa
Diga-me quando José saiu
Mostrei-te como conseguiram resolver todos os Problemas
Indagamos-lhe quem foi o responsável pelos prejuízos
Desconheço se foram felizes nas provas

OBSERVAÇõES:

1.a) Com exceção da conjunção se, as orações subordinadas na interrogação indireta não se ligam à sua principal por vocábulo especial de conexão, o que nos levou a colocá-las no grupo das justapostas (cf. 220-

2.a) "Sendo as expressões como, quanto, quão, que aplicadas tanto em frases interrogativas como em frases exclamativas, casos há que se devem interpretar como exclamações indiretas: Olha como ela chora. Bem sabes quanto me custa. Olha que infinidade de moedas, etc. (SAID Am, Gram. Sec., 182).

4 - ORAÇOES COORDENADAS CONECTIVAS

Tipos de orações coordenadas conectivas. - As orações conectivas se-caracterizam pelas conjunções coordenativas (cf. pág. 160) que as intro--duzem e podem ser:

a) ADITIVAS:

"A nossa vaidade atraiçoa e revela freqüentes vezes a nossa incapacidade" (M. de MARICÁ).

"A misantropia não é nem pode ser vício ou defeito da gente moça" (ID.).

b) ADVERSATIVAS:

"O estudo confere ciência, mas a medítqtlo, originalidade" (ID.).
"Na montanha goza-se mais, porém o vale é mais abrigado" (ID.).

#

c) ALTERNATIVAS:

"A mulher douta ordinariamente ou é feia, ou nienos casta" (ID.).
"A imaginação ora aterra, ora diverte a razão para melhor a domiiiai" (ID.).

d) CONCLUSIVAS:

e) EXPLICATIVAS:

O dia está agradável, por isso devemos aproveitá-lo.
José zangou-se comigo, portanto ndo o cumprimentei.

Estude, que todos passarão a apreciá-lo.
Desapareceu, pois não o encontrei em nenhum lugar.

"Os criados inocentes e impecáveis nesta matéria - por isso que zelavam a fidalguia de seu amo contra o plebeísmo do sobrinho de mestre Antônio - juraram de espreitar os passos de Casimiro. . . " (CAMILO, O Bem e o Mal, ed. Casassanta, 85) (*).

5 - ORAÇõES INTERCALADAS

O que denotam as orações intercaladas. - As orações intercaladas - como simples elementos adicionais de esclarecimento - não vêm em geral introduzidas por conjunção (as que aparecem possuem mero valor éstilístico intensivo) e podem denotar:

a) ADVERTÊNCIA: quando esclarece um ponto que o falante julga indispensável:

Tudo - nesse tudo etí incluo as maiores esperanças - foi em vão.

b) CiTAçõEs: quando encerra a pessoa que Profere a declaração a que nos referimos:

Vá embora! - exclamou o Policial.
Não peço nada a ninguém - atalhou o iringo.

c) DESEJO: quando traduz um desejo (bom ou mau) do falante:

"É bem feiozinho, benza-o Deus, o tal teu amigol" (ALUISIO DE AZEVEDO)'
O teu primo - raios o partam! - pôs-me de cabelos brancos.

d) ESCUSA: quando o falante aprot?eita a ocasião para se desculpar:

"Pouco depois retirou-se; eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômeno de ventriloquismo cerebral (perdoem-me os filólogos essa frase bdrbara) murmurei comigo..." (M. DE Assis, Brás Cubas, 325).

(9) A rigor melhor seria evitar a bipartiçáo em coordenadas

expIlcativas e subordinadaç
causais - com que e porque ~, uma vez que alo muito frágeis os critérios usados para tal
distinção. Cf. nossas Lições de Português, 4.a ed., pág. 134, nota.

#

e) OPINIÃO: quando o falante aproveita o ensejo para opinar:
João - como era bom! - gostava de nos levar a passeios.
A poesia - diga-se antes a asnice - ocupava dez repletas páginas de papel.

PERMISSÃO: quando o falante se serve da oportunidade para solicitar algo:
"Meu espírito (permita-me aqui uma comparação de criança), meu espírito era
naquela ocasião uma espécie de peteca" (M. DE Assis, Ibid., 282).

g)RESSALVA: quando o falante aproveita a ocasião para fazer uma ressalva:
Os livros, pode-se bem dizer, são o alimento do espírito.
"Cobiça de cátedras e borlas que, diga-se de passagem, Jesus Cristo repreendeu
severamente aos fariseus". (CAMiLO, Boêmia do Espírito, 300).
"Daqui a um crime distava apenas breve espaço, e ela o transpôs, ao que parece"
(A. HERCULANO, Fragmentos, 123).
Ele, que eu saiba, nunca veio aqui(l).

6 - ORAÇOES SUBORDINADAS

Substantivas

Funções sintáticas exercidas pelas substantivas. - As orações subor-
dinadas substantivas são aquelas que exercem, em relação à sua principal,
as funções sintáticas específicas de um substantivo, que são:

a) SujEiTo
(a oração se diz sub-
jetiva)

b) OBJETO DIRETO
(a oração se diz obje-
1~ tiva direta) í

Não se sabe se tudo vai
bem
1 - Conectivas(2) É bom que estudes
Cumpre que venhamos

cedo

Quem tudo quer tudo
2 - justapostas perde.
Não se descobriu quem
{ veio aqui

ConectivasEsperamos que nos ajudem
{ Desconhecemos se vieram

2 - justapostas

Não sabia como fazer o
problema
Ele procurava quem o pu-
desse ajudar

(1) Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituaçAo de oração intercalada,
desprezando minúcias de dassificaçâo.
(2) As subordinadas substantivas conectivas se introduzem pelas conjunçMs integrantes.

225
#

C) OBJETO INDIRETO
(objetiva indireta)

' I - Conectivas f

2 - Justapostas

d) PREDICATIVO 1 - Conectivas
(a oração se diz pre-
dicativa){ 2 - Justapostas

C) COMPLEMENTO NOMINAL
(oração completiva no.
minal)

Precisas de que te Protejam
Esquecem-se de que tinham
feito mal o serviço

Precisas de quem te pro-
teja
Deu-se o prêmio a quantos
o mereciam

A verdade é que todos
saíram

I - Conectivas

[2 - Justapostas

Ele era quem menos re.
clamava

Estava receoso de que tudo
acabasse mal
Tinha medo de que fugís.
{ semos

Estava receoso de quem o
prendesse
Tinha necessidade de quan-
tos dele se aproximavam

1)APosTO (a oração é sempre justaposta; em virtude de uma contaminação sintática,
pode trazer uma conjunção expletiva (U. pág. 332).

~orardo apositiva):

· sua resposta foi esta: nio me agrada muito.
· sua resposta foi esta: que nio me agrada muito.

Características das orações substantivas:

1.a) Não trazem, no seu início, preposição necessária as subjetivas,
objetivas diretas, predicativas e apositivas. Vêm iniciadas por preposição
necessária (que se pode omitir) as objetivas indiretas e completivas
nominais.

2.a) A oração subjetiva tem o verbo de sua principal na 3.a pessoa
do singular e num destes três casos:

a) Verbo na voz passiva

1) PRONOMINAL (verbo + pronome se): Sabe-se que tudo vai bem.
2) ANAUTICA (Ser, estar, ficar + particípio): Ficou provado que tudo vai bem.
#

substantivo
b) Verbo ser, estar, ficar + ou
{ 'adjetivo
É verdade que resolvemos o contrário.
Foi bom que compreendessem a situação.
Estd claro que concordarei.
Ficou certo que me avisaria.

c)Verbo do tipo de parece, consta, urge, ocorre, corre, importa, convém, cumpre, dói, punge, acontece, etc.
Parece que tudo acabará bem.
Urge que insistas no caso.
Convém que saiamos cedo.

3.a) A oração predicativa aparece depois do verbo ser, completando-o:
A verdade é que resolvemos o contrário.

OBSERVAÇÃO: Por uma pessoalização do verbo parecer (cf. acima, 2.a. c), a predi-
cativa vem como complemento deste verbo no seguinte exemplo do M. de MAItMA:
"Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando parecemos que mais nos ocupamos
dos outros".

4.8) A oração completiva nominal, como o nome indica, é comple-
mento de substantivo ou adjetivo, enquanto a objetiva indireta é com-
plemento de verbo :

substantivo,,,. completiva nominal
adjetivo - + preposição + oração <
verbo-~-~

Adjetivas

objetiva indireta

Função sintática exercida pelas adjetivas. - As orações subordinadas
adjetivas são aquelas que exercem a função sintática de adjunto adnominal
de um termo da sua principal:

1) Conectivas (as adjetivas conectivas se introduzem por pronome
ou advérbio relativo com antecedente):
"Velhos há que bem merecem ser comparados aos vulcões extintos" (M. DE MARICA).
"Há muita gente para quem o receio dos, males futuros é mais tormentoso que o
sofrimento dos males presentes" (ID.).

2) justapostas (cf. pág. 219):
"Não vemos os defeitos de quem amamos, nem os primores dos que alÁrre-
CCMOS" (ID.).

"Não se pode formar bom conceito de quem nêlo tem boa opinião de pessoa algitma" (ID.).

227
#

Adjetivas ~estritivas e explicativas(i). - As orações adjetivas podem ser restritivas ou explicativas. Chamam-se restritivas as que servem para delimitar ou definir melhor o seu antecedente, o qual, sem o concurso da oração adjetiva, pode ou não fazer sentido ou dizer coisa diferente do que se tem em mente:

-É triste a condição de um velho que só se faz recomendável pela sua longe- ,,i(lade" (ID.).

A adjetiva se diz explicativa quando encerra uma simples explicação ou pormenor do antecedente, uma informação adicional de um ser que se acha suficientemente definido, podendo ser omitida sem prejuízo:

Iracema, que é um romance, foi escrito por José de Alencar.

Difere ainda a adjetiva restritiva da explicativa, porque a primeira empresta ao antecedente um sentido particular (trata-se de um dentro de uma série) e a segunda um sentido universal (trata-se de um só). Assim, no seguinte passo do M. de Maricá:

"A desgraça, que humilha a uns, exalta o orgulho de outros",

trata o autor da desgraça de um modo geral, sendo a oração que humilha a uns adjetiva explicativa. Se, por outro lado, estivesse escrito:

A desgraça que humilha a uns exalta o orgulho de outros,

tratar-se-ia de mais de uma desgraça, e se fazia referência somente àquela que humilha a uns.

Acentua o aspecto de oração explicativa a maior pausa que se faz ao proferi-la; trata-se da entoação suspensiva ou pausal de que nos ocupa- mos na pág. 195. A explicativa acima seria lida da seguinte maneira:

A desgraça, que humilha a uns, exalta o orgulho de outros.

A forte pausa, neste caso, é representada na escrita pondo-se a oração

explicativa entre vírgulas.

A adjetiva restritiva, para denotar que o seu antecedente se apresenta como pertencente a uma classe, ocorre com freqüência depois de um super-lativo ou de palavra de sentido restrito como todo, algum, nenhum, o, aquele, etc.:

"O perdão conferido aos maus torna cúmplices os que lho deram" (ID.).
"Ninguém duvida tanto como aquele que mais sabe" (ID.).

(1) Com razão, a Nomenclatura distingue estes dois tipos de orações adjetivas, fato que nos interessa para problemas de equivaléncia estilística e de pontuação. A distinção ainda é útil no estudo de línguas estrangeiras que empregam relativos diferentes para uni e outro caso.
Em ínglés, o relativo that caracteriza a restrítiva, enquanto who (whom) aparece na explícativa.
Cf. ONtoNs, Advanced English Syntax.

#

Por fim, cabe lembrar que a adjetiva explicativa que é constituída de predicado nominal, se pode transformar num aposto explicativo:

· primavera, que é a estação das flores, prometé chegar radiosa.
· primavera, a estação das flores, promete chegar radiosa(l).

Outros sentidos da oração adjetiva. - A oração adjetiva não denota apenas uma qualificação do antecedente, mas ainda pode adquirir sentido de fim, condição, causa, conseqüência, concessão ou sentido adversativo :

1 "O general mandou parlamentares que pedissem tréguas" (ANTENOR NASCENTES, Dificuldades de Análise Sintática, 26).

"Tu que és bom, deves ajudar-me nesta campanha (que és bom = porque és bom).

"Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido
Que rodeando a funda o desengana
Quanto mais pode a Fé que a força humana" (CAMõES, Os Lusíadas, 111, 111.

Diz Epifânio Dias no comentário: oração adjetiva "tem sentido adversativo").

Adverbiais

Função sintática exercida pelas adverbiais. - As orações subordi-

nadas adverbiais são aquelas que exercem a função sintática de adjunto adverbial.

Quanto à ligação as orações adverbiais podem ser, como vimos, justa-postas ou conectivas, sendo que estas últimas se introduzem Pelas con-junções subordinativas adverbiais (cf. pág. 161).

De acordo com a circunstância que exprimem temos orações adverbiais:

a) de AGENTE DA PASSIVA (justaposta):

Foi enganado por quem menos esperava (2).

b) CAUSAIS:

"A memória dos velhos é menos pronta porque o seu arquivo é muito extenso" (M. de MAIUCÁ).

"Como os sábios não adulam os povos, também estes os não promovem" (ID.).

(1) A característica essencial da adjetiva restritiva é o apresentar o antecedente como pertencendo a uma classe (sentido particularizante), enquanto a da explicativa é apresentar o antecedente num sentido universal. Assim sendo, não se pode dizer, como o fazem muitos autores, que a restritiva é "a que exprime qualidade acidental do ser-, e a explicativa "exprime qualidade própria inerente do ser". Nos exemplos:

· desgraça, que humilha a uns, exalta o orgulho de outros
· desgraça que humilha a uns exalta o orgulho de outros

evidencia-se a precariedade da lição que criticamos.

(2) Não consta da NGB.

#

C) COMPARATIVAS

f A) assimilativas

1 - de igualdade
B) quantitativas 2 - de superioridade
{ 3 - de inferioridade

A) AssiMILATIVA: "Os governos tendem à monarquia como os corpos gravitam para o centro da teir " (ID.).

"O homem prudente se humilha pela experiência, como as espigas se curvam por maduras" (ID.).

11) QUANTITATIVAS:

1 - de igualdade: "Nenhum homem é tão bom como o seu partido o apregoa, nem tão mau como o contrdrio o representa" (ID.).

"Somos tão vários nas nossas opiniões, quanto são vdrias as circunstdncias em que nos achamos" (ID.).

2 - de superioridade: É mais útil algumas vezes a extirpação de um erro, que a descoberta de muitas verdades" (ID.).

"Dâo-se os conselhos com melhor vontade do que geralmente se aceitam".

3 - de inferioridade: "A sabedoria humana bem ponderada vale sempre menos do que custa" (ID.).

OBSERVAÇõES :

1.a) na locução outro que tal (e flexões), como bem viu Júlio Moreira (Estudos, 1, 2, 51-56), o que representa o advérbio latino acque, a modificar e reforçar o vocábulo tal, constituindo uma expressão mais enfática do que outro tal, outro tão bom como ele (em bom ou mau sentido):

"que nin é fugisse de suas casas, nem viesse para a rua fazer assuada, alga-
ul U in
zarras, OU ou ras que tais manifestações de desordem e descontentamento" (CAMILO, Carlota Angela, 142).

2.a) É freqüente o*emprego da locução elíptica ser como alguém ou algo, não se precisando fazer de como o introdutor de uma oração comparativa: "... mil anos diante de Deus são como o dia de ontem que passoW (Pe. MANUEL BERNARDES).

3.a) A comparativa hipotética se traduz por como se, que também se pode des-dobrar em duas orações: Estudou como se fôsse passar.

d) CONCESSIVAS:

1 - Conectivas:

,,o extraordinário também é natural, ainda que raro ou menos freqüente" (M. de MAiucÁ).

"Por mais sagaz que seja o nosso amor-próprio, a lisonja quase sempre o engana" (ID.).

OBsERvAçÃo: O professor MARTINz DE AGULAR é de opinião que o que, neste último caso de concessiva intensiva (cf. pág. 162), seja pronome relativo em referéncia ao adjetivo (sagaz) e a oração (adjetiva, agora) é constituída por que seja.

"Talvez cinco beijos; mas dez que fossem não queria dizer coisa

nenhuma"
(M. DE Assis, Brás Cubas, 128).
"Se fizeres terceira edição, deves purificá-la das palavras mesmo como advérbio ,
posto que tenhas um exemplo em Cambes e outro em D. Francisco Manuel de Melo
(CAMILO, Correspondência Epistolar, 11, 167).

#

- justapostas: (têm o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito
ou são caracterizadas por expressões do tipo digam o que qu s
o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça a, que acontecer, venha

"Se os homens não tivessem alguma cousa de loucos seriam incapazes de heroismo

"O arrependimento, se não re-bara o feitio, previne a reincidência" (ID.).

"A agrura das montanhas e a profundeza dos vales das Astúrias demorarão os
inimigos quando eu haja de perecer e não puder embargar-lhes os passos" (HERCULANO,
Eurico, 215 apud EPIFÂNIO, Sint. hist. õ 397, que ensina: "as orações de quando são
propriamente condicionais, quando a oração subordinante diz o que há de, ou havia
de acontecer em um caso (indicado na oração de quando), cuja realidade não é

Sem que eu volte para 10 (G. DIAS, Obras poéticas, 1, 22. ed. M. BANDEIRA

Com se é que denotamos enfaticamente a hipótese de caráter

"Acabei de conhecer quão mal entendido é o vosso escrúpulo e o vosso temor
se é que o tendes" (A. VIEIRA, Sermões, VII, 65 apud EPIFÂNIO, loc. cit., õ 37, a)

2 - Justapostas (têm 6 verbo no tempo passado: m.-q.- perfeito do

ind. ou imperf. do subjuntivo, geralmente com sujeito posposto)

"Eu quisesse, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" (J. GUIMARÃES ROSA

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem
encerrar as idéias de hipótese, eventualidade, concessão, tempo s q
muitas vezes se tracem demarcações rigorosas entre esses vários

campos do

(1) Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas a maneira de estruturaçáo
o contexto e a entonaçâo descendente. Devo esta observaçâo ao sintaticista alemão Moritz Re-
#

f) CONFORMATIVAS:

11 E começou (D.Plácida) a rir, a desdizer-se, a chamar-se tola, "cheia de fi-
dúcias", como lhe dizia a mie" (M. DE Assis, Brds Cubas, 202).
Fez a redação conforme exigiu o professor.
Viajou conforme o pai determinou.

g) CON~ECUTIVAS:

"Os vícios são tão feios que, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimular
a sua fealdade" (M. de MARICÁ).
"Vive de maneira que ao morrer não te lastimes de haver vivido" (W.).
"Há segredos, de natureza tal, que é imperdodvel imprudência o descobri-los" (ID.).
"Devemos regular a nossa vida de modo que possamos esperar e não recear
depois da nossa morte" (h).).

Através de expressões; como de tal maneira, de tal forma, de tal modo,
de tal sorte, postas na oração principal, a consecutiva passa a denotar que
se deve a conseqüência ao modo pela qual é praticada a ação anterior.

Estando completo o sentido da primeira oração, empregamos as ex-
pressões acima (destituídas de tal) como locuções conjuntivas, sem pausa
entre o substantivo e o que, para introduzirem uma consecutiva atenuada,
quase coordenada conclusiva:

Você estudou bem, de modo que pôde responder às perguntas (de
modo que passou a constituir um todo, pertencente à segunda oração).

OBSERVAÇÃO: Constitui erro por no plural o substantivo de de modo que, de
maneira que:

Estudou de maneiras que conseguiu aprovação.

h) FINAIS:

I - Conectivas:

"Fiz-lhe sinal que se calasse" (M. nE Assis, Brds Cubas, 309).
"Garcia Bermudes antes... de ter disposto tudo para que nenhum dos cavaleiros que deviam assistir ao banquete pudesse afastar-se do castelo..." (A. HERCULANO, O Bobo, 158).
"... alumiai meus olhos com vossa luz divina, porque (= para que) sempre veja e entenda as verdades da sabedoria de vossa Cruz" (T. DE JEsus, Trabalhos, 11, 201).
"Deixai-me só - disse frei Jacinto - e convidai o abade a que me socorra com os sacramentos" (CAMiLO, A Bruxa de Monte-Córdova, 164).

Pode haver um liame estreito entre a oração consecutiva e a final quando a conseqüência denota um efeito ou resultado intencional:

Chegou cedo ao serviço de maneira que pudesse ser elogiado pelo patrão.

232
#

A idéia de finalidade é responsável pelo aparecimento da preposição a em locuções modernas do tipo de modo a que, de maneira a que e semelhantes:

Chegou cedo ao serviço de maneira a que pudesse ser elogiado pelo patrão (~).

2 - Justapostas:

Cala te já, minha fijha
. Ninguém te oiça mais falar" (= para que ninguém te oiça; GARRETT, Roman cetro 1 XI, 83).
"Senhor, que estás no céu, e vês as almas,
Que cuidam, que propoem, que determinam,
Alumia minha alma, não se cegue (= para que não...
No perigo, em que está" (ANTÔNio FERREiRA, CASTRO, vv. 770-773, apud S. SILVEIRA, Lições, õ 485-a).
"Mudemos, porém, de tecla, não vá alguém julgar-me para que não vá) candidato a revisor de gralhas" (CÂNDIDO DE FicUEIREDO, Combate sem Sangue, 231 apud M. BARRETO, Oltimos Estudos, 321).

Esta construoo de não + subjuntivo para denotar finalidade se aproxima da latina ne por ut ne, quando se quer exprimir a cautela, a precaução, o cuidado, a restrição:

"Hoc sustinete, maius ne venial, malum" (FEDito, 1, 2, apud M. BAPRETO, ibid.,
= sportai este mal para que não venha outro maior).

i) LocATivAs: Gustapostas, iniciadas por onde, quem, quanto sem referência a antecedente):

"Os meninos sobejam onde estilo, e faltam onde nélo se acham" (M. DE MAitiCÁ).
"Não pode haver reflexão onde tudo é distração" (ID.).
"Onde o luxo cresce, a probidade afraca e desfalece" (ID.).
Afastava-se de quem o recriminasse (2).

i) MODAIS:

"De um relance. leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas extdticas
se movessem nas órbitas" (J. DE ALENCAR, Sertanejo, 157, ed. Melhoramentos) (2).

1) PROPORCIONAIS:

"O anão, quanto mais alto sobe, mais pequeno se afigura" (M. DE MARICÁ).
"Tanto cresce o poder dos homens, quanto aumenta o seu saber" (ID.).
"Quanto menor é o juizo dos povos, tanto maior deve ser o dos que os go-
vernam" (ID.).

(1) M. BAaazTo (Novos Estudos, 2, 340) acredita que tenha havido uma contaminaçáo
sintática de "de modo que" com "de modo a". Creio, entretanto, que bastou, para o caso, o
matiz de finalidade que envolveu a locução.
(2) Não consta da NGB.

#

"O instinto nos homens enfraquece à medida que a sua T4Z90 Cresce, vigora e
se desenvolve" (ID.):
"Os seus ditos satíricos, ao passo que suscitavam a hilaridade dos cortesões, faziam
sempre uma vítima" (A. HERCULANO, o Bobo, 29).

m) TEmpoitms:

1) Conectivas:
"Há muitos homens que parecem dignos de grandes empregos enquanto os não
OCUP4M" (M. DE MARICÁ).

"Calculamos sempre mal quando prescindimos das circunstdncias" (ID.).

"Enquanto assim pensava, íamos devorando caminho, e a planície voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou..." (M. DE Assis, Brás Cubas, 20).

"Os senhores e cavaleiros, apenas a rainha Partira, se haviam espalhado pela sala do banquete e pela sala d'armas" (A. HERCULANO, O Bobo, 161).

"Tanto que desapareceram, ele abriu às apalpadelas a porta exterior da sua pocilga ... " (ID., ibid., 201).

"Eis senão quando entra o patrão, com aqueles modos decididos..." (A. ARINOS, Pelo Sertão, 3.a ed., 183).

2) Justapostas:

"ao pé de uma destas colunas, no lado,oposto da sala três personagens falavam também havia largo tempo..." (A. HERCULANO, ibid, 42).

Não o vejo faz seis meses.

OBSERVAÇÃO: Por um processo de grama tica lização, há autores que consideram a justaposta como simples adjunto adverbial, sem formar oração à parte (A. NASCENTES).

Transposta para o início do período a oração que expressa a idéia temporal, aparece um que que tem tido interpretação vária:

"Muito havia já que era noite..." (A. HERCULANO, ibid., 154).

Faz seis meses que não o vejo.

De três maneiras podemos analisar a 2.a oração:

a) considerar o que conjunção temporal e, portanto, adverbial a oração (é a opinião mais generalizada);

b) considerar que os verbos haver e fazer não estão empregados impessoal-mente, sendo o que conjunção integrante e, portanto, substantiva sub-jetiva a oração por ele introduzida (o fato [não o ver] faz [= completa, tem] seis meses); esta análise não se enquadra tão bem em relação ao verbo haver pelo inusitado de semelhante construção em nosso idioma (é a opinião de Maximino Maciel, Mário Barreto, Martinz de Aguiar, Cândido jucá Filho);

c) considerar o que expletivo, memorativo, dentro da oração principal, da circunstância temporal da oração anterior; continua a haver justaposi-ção (é a opinião de Sílvio Elia, e a que julgo boa).

#

Os adeptos da explicação a) e b) acreditam na pura elipse do que subordinativo em construções como não o veio faz seis meses.

OBSERVAq6ES:

1.a) Realça-se a idéia temporal do verbo haver através da prep. de em linguagens do tipo: "... eu afirmo que o Sr. Camilo Castelo Branco sabe, sabe muito bem, porque de hd muito tempo lhe são familiares livros..." (OLIVFMU MARTINS apud CAMILO CA~ BRANco, Boêmia do Espírito, 38).

2.4) Empregam-se como substantivos hd muito, hd pouco, hd tantos anos, etc., que precedidas da preposição de, valem como locução adjetiva, (adjunto adnominal): "Eu conhecia dos escritores de hd vinte e cinco anos a opulência_" (CAMILO, Boêmia do Espírito, 8); "Vim para conversar com os fantasmas dos meus amigos e comensais de hd trinta anos" (ID., ibid, 17).

3.2) Em lugar de quando foi a vez dele diz-se também, modernamente, quando foi da vez dele ou, abreviadamente, quando da vez dele. Ocorre ainda a quando de (a quando da vez dele).

4.a) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir que conjunção com que pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos hoje se prefere em que ao simples que da linguagem antiga" (SAm ALI, GiPamíÍtica Secunddria, 197). Dá-se a alternAncia que 1 em que quando o substantivo, que se considera como antecedente vem precedido da preposição em. Assim se prefere dizer ao mesmo tempo que, a tempo que, ao tempo que, mas no tempo que (ou em que), no dia que (ou em que), etc. Tem-se em- pregado abusivamente em que em construções onde a tradição do idioma só emprega que, como: todas as vezes em que (prefira-se todas as vezes que) ou em todas as vezes em que (ou apenas que).

5.a) Por vezes, nas asserções gerais, a oração iniciada por quando muito se aproxima pelo sentido da introduzida pela condicional se. "Não se é pobre, quando se tem saúde" (EPIFÂNIO, Sint. Hist., õ397-b).

7 - ORAÇOES REDUZIDAS

Que é oração reduzida. - Chama-se oração reduzida aquela que tem o seu verbo numa forma nominal, isto é, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

"A mocidade se expande para conhecer o mundo e os homens (= para que conheça...), a velhice se contrai por havê-los conhecido (= porque os conheceram)" (M. DE MARICÁ).

"Ganhamos freqüentes vezes perdoando oportunamente" (ID.).

"Varrida a testada a Latino Coelho da mazela que lhe irrogou o mestre, ainda menos me custará tirar da minha a assacadilha, que me pôs (R. BARMA, Réplica, 101).

OBSERVAÇõES :

1.a) A oração reduzida não vem introduzida por conectivo; mas é preciso 'acentuar que não é a falta dele que a caracteriza como tal. Orações há desprovidas de conectivo que não são reduzidas. É a forma nominal do verbo que nos indica ser reduzida a oração.

#

2.a) Havendo locução verbal, é o auxiliar que indica se estamos ou não diante de uma reduzida, e qual o seu tipo. Dessarte, não constituem orações reduzidas os seguintes exemplos: estamos viajando, precisamos viajar, tem viajado, porque o auxiliar não se acha representado por uma forma nominal. Por outro lado, tendo de viajar é uma reduzida de gerúndio, acabado de fazer é de particípio e estando sofrendo é de gerúndio.

De modo geral, toda oração reduzida pode ser desdobrada numa correspondente de verbo na forma finita e introduzida por conectivo:

Ao terminar a aula, sairemos = logo que a aula termine, sairemos.

O emprego de reduzidas, por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, constitui um dos recursos para emprestar ao discurso elegáricia e eficiência.

As orações reduzidas podem ser independentes (coordenadas) ou dependentes (subordinadas), sendo inais freqüentes as deste último grupo.

Orações reduzidas independentes (coordenadas). - As orações reduzidas independentes (coordenadas) apresentam o seu verbo:

a) no infinitivo precedido da preposição sobre, ou da loc. além de quando exprimem adição enfática:

"É que as toucas e lencinhos pudibundos, sobre não serem enfeites mui sedutores, algumas vezes tornam a virtude rançosa..." (CAM1LO, A Queda dum Anjo, 111).

b) no gerúndio, quando, exprimindo um fato imediato, equivalem a uma oração desenvolvida introduzida pela conjunção e :

"Recebeu a jóia, entregando-a (= e entregou-a) depois à esposa" (SA11) ALI, Gram. Sec., 247).

Orações reduzidas dependentes

A) SUBSTANTIVAS:

Têm normalmente o verbo (principal ou auxiliar) no infinitivo:

a) Subjetiva:

"Não é dado ao saber humano conhecer toda a extensão da sua ignorância- (M. DE MARICÁ).

"Agora mesmo, custava-me responder alguma coisa, mas enfim conteilhe o motivo da minha ausência" (M. DE Assis, Brás Cubas, 208).

b) Objetiva dirçta:

"Atores por breve tempo no teatro deste mundo, os homens fazem rir e chorar a muita gente" (li).).

#

c) Objetiva indireta:

"A felicidade do velho achacado é negativa, consiste em não sofrel` (ID.).

d) Predicativa:

"A maior loucura política é ampliar a liberdade a quem não tem suficiente capacidade para usar dela" (ID.).

e) Apositiva:

"Dois meios havia em seguir esta empresa: ou atacar com a armada por mar, ou

marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade" (A. HERCULANO, Fragmentos, 69).

f) Completiva nominal:
"Os imprudentes e estouvados ofendem a muita gente, sem intenção nem pro-
pósito de ofender a pessoa alguma" (ID.).

OBSERVAÇõES :
J.a) Por vezes a oração reduzida substantiva subjetiva ou objetiva direta tem o
seu infinitivo precedido de preposição expletiva: "Desaire real seria de a deixar
sem prêmio" (A. GARRETT, Cam6es, 122); "Custou-lhe muito a aceitar a casa" (M.
DE Assis, Brás Cubas, -94); Mostrou-se pesarosa de o encontrar, e prometeu de voltar
hoje às três horas" (CAmim), A Queda dum Anjo, 118); "A civilidade ensina a
dissimular para não ofender" (M. DE MARicÁ).
2.2) A oração substantiva reduzida de infinitivo pode vir precedida de artigo
ou pronome demonstrativo, mormente se a oração funciona como sujeito, objeto ou
predicativo, quando se deseja ressaltar a ação expressa pelo infinitivo: "Custa mais
trabalho a muitos o tornar-se desgraçados do que a outros fazer-se afortunados" (M.
DE MARICÁ).
3.a) "No port. moderno, em lugar de se dizer simplesmente, v.g.: O estar todo
o estrangeiro exposto a ser preso, basta para provar que...,*é corrente empregar-se
uma perífrase com fato, circunstdncia, e dizer-se: O fato de estar todo o estran-
geiro, etc. (em francês, onde não há orações infinitivas, tem de ser necessariamente:
le fait que tout étranger était exposé à être arrété suffit à prouver que). Tal prática,
bem que possa ser taxada de galicismo, serve, às vezes, de evitar durezas de estilo"
(EMÂNIO, Sint. Histórica, õ363).

B) ADJETIVAS:

Têm o verbo (principal ou auxiliar) no:

1) Infinitivo
"O orador ilhavo não era homem de se dar assim por derrotado" (A. GARRET-r
apud EPIFÂNIO, Sint. Hist., õ308).
"Nossa teoria fora a primeira a cair por terra..." (A. HERCULANO, OpúSCUIOS,
IX, 70).

OBSERVAÇõES :
1.a) Constitui imitação do francês empregar-se em sentido

qualitativo um infi-
nitivo precedido das preposições a ou para (por exemplo livros a consultar, roupa
para consertar), em lugar de uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo. A
construção aparece, embora sem freqüência, em bons escritores modernos: "Qual é
a ilação a deduzir destas considerações e destes fatos?" (HERCULANO apud EPIFÀNIO,
Sint. Hist., õ 304).

#

2) Certindio, indicando de um substantivo ou pronome:

a) uma atividade passageira, dentro de curto período e em determinada situação:

"... cujos brados dos selvagens da guerra começavam a soar ao longe como um
trovão ribombando no vale" (A. HERcuLANo, O Bobo, 218).
"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça,
trajando garridamente um vestido fino" (M. DE Assis, Brás Cubas, 260).
Água fervendo

Vale o gertindio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada
pela preposição a + infinitivo: água a ferver.

b) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas (Said Ali):

"O livro V, compreendendo as leis penais..." (LATINO COELHO, História Politica
e Militar de Portugal, 1, 288).
"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, proibindo a entrada das meias de seda que
não fossem pretas, e decreto de 2 de agosto de 1786, suscitando a observância e
ampliando o cap. W' (ID., ibid., 298).
"Algumas histórias, digo, comédias havia com este nome contendo argumentos
mal . s sólido0 (FRANCISCO JOSÉ FREIRE apud SAM ALI, Gramática Histórica, 11, 1,552).

OBSMVAÇÃO: Autores há (Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos,
Mário Barreto, entre outros) que condenam o emprego do gerúndio em oração adjetiva,
e propõem sua substituição por uma oração iniciada pelo relativo ou por preposição

adequada:

Livro contendo gravuras
Livro que contém gravuras
Livros (com, de) gravuras

Outros mestres (Said Ali, Otoniel Mota, E. Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros) não vêem erro em tal emprego, mas uma extensão natural do gerúndio que passou a acumular as funções do particípio presente, que desapareceu do nosso quadro verbal.

3) Particípio

"D. Afonso Henriques, ajudado por uma armada de cruzados, conquistou Lisboa-
(A. COELHO, Noções Elementares de Gramática Portuguesa, 121).

OBsERvAçÃo: Em muitos casos se pode considerar o particípio por mero adjetis-o, simplificando assim a análise. É deste parecer Adolfo Coelho que nos ensina: "O& particípios passivos só constituem proposição quando não estão ligados a um subs-tantivo (ou expressão equivalente) duma proposição que tem verbo próprio, e têm portanto sujeito próprio: no caso contrário são simples atributos (adjuntos adno-minais), como nos exemplos seguintes: As obras escritas por Camões são o maior tesouro dos portugueses. D. Afonso Henriques, ajudado por uma armada de cruzados, conquistou Lisboa" (ibid.).

C) ADVERBIAIS:

de, etc.:

Têm o verbo (principal ou auxiliar) no:

1) Infinitivo (caso em que normalmente se emprega precedido de pre-posição adequada):

a) Causais: com as preposições e locuções prepositivas com, em, por, visto, à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo

"Porém, deixando o coração cativo,
Com fazer-te (= porque te fizeste) a meus rogos sempre humano" (S. RITA
DuRÃo, Caramuru, c. VI).
"Há povos que são felizes em não ter (= porque não têm) mais que um só
tirano" (M. DE MARICÁ).
"Trazia a carta comigo, já bastante amarrotada, talvez por havê-la lido a muitas
outras pessoas" (M. DE Assis, Brds Cubas, 86-7).

b) Concessivas: com as preposições e locuções prepositivas com, sem
(negando a causa ou a conseqüência), malgrado, apesar de, não obstante,
sem embargo de:
"O silêncio, com ser (= embora seja) mudo, não deixa de ser por vezes um
grande impostor" (M. DE MARICÁ).
"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiava sem
o entender (= embora o não entendesse)_" (L. COELHo apud Antologia Na-
cional, 215).

c) Condicionais (e hipotéticas): com as preposições a, sem:
"Urn tomo houvéramos de encher, a querermos (= se quiséssemos) miudar
exemplificar todas as variedades de composição métrica dos nossos dias" (A. F. DE
CASTILHo, Tratado de Metrificação, 146).
Não sairá sem apresentar os documentos em ordem.

d) Consecutivas: com as preposições de, a :
É feio de meter medo.
"O mancebo desprezava o perigo, e, pago até da morte pelos sorrisos que seus
olhos furtavam de longe, levou o arrojo a arrepiar a testa do toiro com a ponta da
lança- (R. DA SiLvA apud Antologia Nacional, 207).
OBSERVAÇÃO: Constitui novidade de sintaxe, talvez com influxo do francês e,
por isso, condenada pelos gramáticos, o emprego do infinitivo precedido da prepo-
:sição a para exprimir que a oração consecutiva encerra efeito ou resultado esperado,
à qual se associa uma idéia subsidiária de fim: Falou de modo a ser ouvido Por
todos. (Cf. Pág. 232.)

e) Finais: com as preposições e locuções prepositivas a, de, para, por
(hoje mais rara, fixada em por assim dizer e semelhantes), em, a fim de,
,com o fim de:

A dizer verdade, não sei como explicar o caso.
Pouco me deram a comer.

"... porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber"
(A. ViEiRA, Serm6es, VIII, 270).
"O sábio deve calar-se para não ser malcriado, o ignorante para não ser despre-
zado" (M. DE MARicÁ).
"Fazei Por merecer os altos empregos, honras e dignidades: elas virão buscar-vos,
ou sabereis escusá-las" (ID.).
"Punham os sarracenos todas as suas diligências em queimá-la..." (A. HERCULANO,
Hist, de Portugal, 111, 179-180).
"Dois meios havia em seguir esta empresa" (lD., Fragmentos, 69).

OBsEavAçÃo: O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição mor-
mente depois dos verbos de movimento (muitas das vezes estes verbos passam a
auxiliares indicando intento futuro): "Diz-se que ele era dos doze que foram a
Inglaterra pelejar (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas" (ID., 92).

f) Locativas: com a preposição em :

"Filha, no muito possuir não é que anda posta a felicidade, mas sim no esperar
e amar muito" (A. F. DE CAsTiLHo apud. Seleta Nacional, 1, 37).

OBsERvAçÃo: Este caso pode enquadrar-se no que se diz na pág. 244.a.

g) orações de meio e instrumento: com as preposições de, com :

"E Machado de Assis acaba o conto instalando o seu desencanto dos homens na
alma de oficial, com dizer que ele foi mandado a Calcutá..." (M. BANDEIRA, Poesia
e Prosa, 11, 360).
"Eu não sou, minha Nice, pegureiro,
Que vive de guardar alheio gado" (T. A, GONZAGA, Poesias, ed. R. Lapa, 1, 15) (1),

h) Modais: com as preposições sem, a.

"Vivemos com loucos e entre loucos: é feliz ou muito hábil quem pode tratar
com eles sem os ofender nem ser ofendido" (M. DE MARicÁ).
"Ele esteve alguns instantes de pé a olhar para mim" (M. DE Assis,

Brás Cubas,
86)(1).

i) Temporais: com as preposições e locuções prepositivas:

1) tempo anterior: antes de :
"Os velhos devem supor-se mortos antes de morrer para assim alcançarem mais
longa vida" (ID.).

2) tempo corícomitante: a (com o infinitivo precedido de artigo):
"Ao ouvir esta última palavra recuei um pouco, tomado de susto" (M. DE Assis,
Brás Cubas, 21).

3) tempo posterior: depois de, após:
"A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa"
(ID., ibid., 99),

(1) Não consta da NGB.

#

-19 r

ou da Belmonte, Prestes a soçobrar" (OURO PRETO apud Antologia Nacional, 84).

4) tempo futuro próximo: perto de, prestes a :

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba

5) duração, prazo: até:

"Erramos, aprendemos e somos enganados até morrer, por maior que seja a
nossa idade, experiência e sapiência" (M. DE MARICÁ).

2) Gertindio

a) Causais:

"Vivemos no seio de Deus que, sendo (= porque é) imenso, nos compreende
todos" (M. DE MARICÁ).

b) Consecutivas:

"Isto acendeu por 'tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem

ordem de peleja, deram no arraial do infante, rompendo-o por muitas partes" (A. HERCULANO, Fragmentos, 97).

c) Concessivas:

"E quem são estes? são aqueles que sendo (= embora sejam) tanto mais do que eram, e tendo (= embora tenham) mais do que tinham e estando (= embora estejam) tanto mais levantados do que estavam, ainda se queixam e se chamam mal despachados" (A. VIEIRA, Sermões, 1, 303).

d) Condicionais:

"Partilhamos o louvor que damos, sendo (= se é) justo e merecido" (M. DE MARICÁ)

e) orações que denotam modo, meio, instrumento:

"O amor, como o menino, começa brincando e acaba chorando" (M. DE MARICÁ)
"Os viciosos amam os seus inimigos, amando os seus próprios vícios" (ID.).

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem não considerar o gerúndio como oração à parte quando, indicando modo. meio ou instrumento, aparece sem complemento como no primeiro exemplo acima.

f) Temporais:

"As nações como as pessoas arremedando as outras, se desfiguram a si próprias" (M. DE MARICÁ).
"Navegando no arquipélago proceloso da vida não devemos perder de vista o porto do novo destino" (ID.).
Fala dormindo (o gerúndio aqui denota concomitância, coexistência de aç(ws enquanto dorme).

OBSERVAÇÃO: O gerúndio pode aparecer precedido da preposição em quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso o português moderno determina que

o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que

costuma acon-
tecer; "Boa é a lei, quando executada com retidão. Isto é: boa será, em havendo
no executor a virtude..." (Rui BARwsA, Oraçdo aos Moços, ed. A. G. KURY, 53); "Não
imiteis os que, em se lhes oferecendo o mais leve pretexto, a si mesmos põem sus-
peições rebuscadas_" (ID., ibid, 64).

3) Particípio

a) Causais:
"Ocupado (Afonso de Albuquerque) com as guerras da índia e de Ormuz
porque se ocupara...), não curou por muito tempo de ir castigar a traição dos
malaios..." (A. HERCULANO, Fragmentos, 105).

b) Condicionais:
"Entramos em uma batalha, onde vencidos (= se formos vencidos), honraremos
nosso Deus com o sangue" (FREiRE, 221, apud. EMÂNio DIAs, Gramática Elementar,
õ 241, 1).

OBSERVAÇÃO: Pode-se aqui ainda pensar num aposto circunstancial (cf. pág. 215).

c) Concessivas:
"Fundada com mui Pouco poder (= embora fosse fundada), esta cidade tinha
ganhado dentro em 90 anos aquele grande esplendor" (A. HERCULANO, Fragmentos, 107).

d) Temporais:
"Abandonada esta, fortificaram-na logo os mouros com dobradas trincheiras_"
(ID., ibid., 112).

OBsERvAçÃo: O particípio empregado na idéia de tempo pode vir seguido do
pron. relativo que e duma forma adequada do verbo ser: "Acabado que foi o prazo
destinado pelo tirano..." (M. BERNARDEs apud. S. ALi, Gramática Secundária, 196).

Orações reduzidas fixas. - Há certas orações reduzidas para as quais
a nossa língua não apresenta as equivalentes sob forma desenvolvida:

a) Orações que contêm certos verbos seguidos de sujeito oracional:

Coube-nos ornamentar o salgo (e não que ornamentássemos) (1).
Valeu-nos estarem perto alguns amigos (e não: que estivessem perto).
Impediu-nos a viagem vindo ordem de voltarmos (e não: que tivesse vindo)(1).

b) Orações que contêm os verbos agradecer, perdoar e o impessoal haver na expressão não há valer-lhe (e similares) seguidos de objeto direto oracional:

Perdoou-lhes o haverem-no ofendido (EMÂNto DIAs, Gramática Elementar, 226, b).

"E lá se vão: não há mais (= não é possível) conté-los ou alcançd-los" (E. DA CUNHA, Os sertões, 128).

(1) ExempIos extraídos de Jos* orricicA, Curso do iNir.

#

F

c) Orações cordenadas de sentido aditivo enfático através de sobre o

"É porque as toucas e lencinhos pudibundos, sobre não serem enfeites mui sedu tores, algumas vezes tornam a virtude rançosa..." (CAmiLo, A Queda dum Anjo, 111).

d) Orações que exprimem circunstáricias para cuja expressão não existem

conjunções subordinativas, como as que denotam:

"A filha estava com catorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia n não ser namorar os capadácios..." (M. DE Assis, Brds Cubas, 201

2 - Exclusão (longe de, em lugar de, em vez de + infinitivo)

"Note-se que, longo de termos horror ao método, era nosso costume convidá-lo

na pessoa de D. Plácida, a sentar-se conosco à mesa" (ID., ibid, 199).

3 - Meio ou instrumento (com verbo no infinitivo ou gerúndio):

"Salvóu-o o senado, segurando-lhe a pessoa até poder sair a bordo de uma holandesa a 21 de maio" (R. DA SiLvA, História de Portugal, IV, 244)

OBSERVAÇÃO: Entram no rol das reduzidas fixas certas subordinadas modais d gerúndio que não costumam aparecer com verbos em forma finita: "Os povos desen

ganam-se como as pessoas: sofrendo, perdendo e pagando" (M. DE

MARICÁ)

Orações reduzidas do tipo: Deixei-o entrar. - Com os auxiliares

causativos (deixar, mandar, fazer e sinônimos) e sensitivos ver, ouvi
olhar, sentir e sinônimos), seguidos de infinitivo, constroem-se oraçoe
substantivas reduzidas que normalmente exercem a função de sujeito oi

a oração prinCiDal é deixei, e a subordinada o entrar funciona como objeto

uando tais reduzidas ocorrem, seu sujeito é expresso por ronome

pessoal átono: o é sujeito de entrar: que ELE entrasse:

Fez-nos falar (fez que nós falássemos).
Viu-me chegar (viu que eu chegava).

Aa lado de o como sujeito de infinitivo nestes casos empregamos lhe

I

quando o infinitivo vem acomparíliado de objeto direto

Se o objeto direto é constituído Dor prortome pessoal, o normal é

de lhe como suieito, nestes casos:
#

É raro um exemplo como o seguinte de Alexandre Herculano:
"... a tia Domingas ouviu-o chamá-la de novo, mansamente" (Fragmentos, 76):
a tia Domingas ouviu que ele (= o) a (= Ia) chamava de novo.

Se o infinitivo é pronominal, o normal é aparecer o, e não lhe, como
seu sujeito:
.... o Sabiá... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o
solo o não comprimia c o deixava espraiar-se pelos pauis e juncais..." (ALEXANDRE
HERCULANo apud Fragmentos, 76-77).

OBSERVAÇõES:
1.2).0 infinitivo preso a deixar, mandar, fazer pode adquirir sentido passivo e,
neste caso, aparecerá seu agente encabeçado pelas preposições por ou de: "D. João
de Castro, sem deixar-se vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveu
enviar o socorro (FREME, 133, apud ENFÂNto, DIAS, Sintaxe Histórica, 289, a, obs. 2.a).

2.a) Se o infinitivo é,verbo pronominal, o pronome átono pode omitir-se ou não-. Eu os vi afastar ou afastar-se daqui.

3.a) Pode-se repetir pleonasticamente o pronome sujeito de ítifinitivo por uma expressão constituída por nome, precedida ou não de preposição: "Deixai-o ir, ao velho fidalgo" (H. DA SILVA, Contos e Lendas, 185).

Quando o infinitívo não constituí oração reduzida

a) Quando, sem referência a qualquer sujeito, exprime a ação de modo vago, à maneira de substantivo:

"Reformar, e não inovar, é o voto do legislador prudente" (M. DE MARICÁ).

b) Quando é componente de locução verbal:

"A sabedoria é reputada geralmente pobre, porque se não podem. ver os seus tesouros" (ID.).

c) Quando precedido de preposição e em referência a substantivo, o infi- nitivo tem sentido qualificativo, o que sucede:

1 - quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, criado de servir;

2 - quando entra em expressão equivalente a um adjetivo terminado em -vel :

"Nesta seção tratei das escolas e gerais públicas, dos mestres régios, de nossa legislação nesta parte, e do que nela me parece de conservar (= conservável) ou de emendar (= emendável)" (GARRETT, Educação, 27),

d)Quando, precedido de proposição depois de certos adjetivos (fácil, difícil, bom, etc.), o infinítivo tem sentido limitativo (com valor ativo ou passivo):

Osso duro de roer ~

ativo = de alguém roer
passivo = de ser roído por alguém
#

e) Quando vale por um imperativo:

Direita, volver
"Fartar, rapazes" (A. HERCULANO, Fragmentos, 98).

f) Quando, nas exclamações, o

infinitivo exprime estranheza:
"Tu, Hermengarda, recordares-te? !" (ID., Eurico, 47)

g) Quando entra em orações substantivas interrogativas; diretas ou indiretas e adjetivas:

Que fazer 1
Não sei que fazer.
Nada tenho que dizer(l).

h) Quando ocorre o infinitivo de narração, isto é, aquele que numa narração animada considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:
"Os santos a persuadir-me humildade e meter-se debaixo dos pés de todos, e eu que mostre brios e ufanias?" (Fr. Luís DE SousA, V. do Arcebispo, 1, 142).

Quando o gerúndio e o particípio
não constituem oração reduzida

a) Quando fazem parte de uma locução verbal:
Os parentes vão passando bem de saúde.
As leituras foram recapituladas pelos alunos.

b) Quando o particípio aparece em função qualificadora, à maneira de adjetivo:
"Um dia como (quando) trabalhava nos campos, triste e abatido pelos seus receios, viu alguns pássaros- (A. F. DE CASTILHo apud Seleta Nacional, 1, 34).

APÊNDICE

Particularidades de estruturação sintática oracional

1) É costume transpor para a oração principal, na aparência de objeto direto, o termo que havia de ser o sujeito da oração subordinada substantiva:

"Depois foi ver as mós se tinham grão" = se as mós tinham grão (R. DA SILVA apud M. BARRETO, Novos Estudos, 222); "NãO sei este desconcerto do mundo onde há de ir ter" = onde há de ir ter este desconcerto do mundo (B. RIBEIRO apud. M. BARRETO, ibid.); "Olha tuas tias e minhas irmãs velhas como estão novas" = como enfio novas tuas tias e minhas irmãs (CAmiLO apud M. B., ibid.).

(1) Sobre a origem desta construção, sem se precisar recorrer a elipse de verbo auxiliar adequado, veja-se o que dissemos em Liç6es de Português, 7.a ed., 209-210, nota.

2) Depois de ver, ouvir, sentir, encontrar e sinônimos e eis pode apa-
recer oração adjetiva em vez de uma substantiva (iniciada por que ou
reduzida de infinitivo), considerando-se como objeto direto daqueles ver-
bos o termo que havia de ser sujeito da substantiva:

"Subitamente a chuva fustigou as janelas: o primeiro bofar de vento fez ramalhar
as árvores, meias calvas; e senti-o que se abismava das arcarias de pedra" = senti que
ele se abísmava ou senti-o abismar-se (A. HERCULANo, apud Fragmentos, 172).
Ei-lo que vem = eis que ele vem.

3) Pode ocorrer, às vezes, que o pronome relativo inicie, " ao mesmo
tempo, duas orações, uma subordinada à outra, dando o caráter de relativo
à subordinante, mas pertencendo como sujeito ou determinação (objeto)
à subordinada:

Este é o livro que lhe aconselhei que comprasse (ENFÂNio DIAS, Sintaxe His-
tórica, õ 367).

O pronome relativo que inicia a oração que lhe aconselhei, mas não
exerce nela função sintática; pertence à oração substantiva que comprasse,
da qual é o objeto direto: a oração do que relativo seria que que comprasse
(duplamente subordinada). Pode-se ainda usar um infinitivo na oração
substantiva:

Este é o livro que lhe aconselhei comprar.

No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quan-
do a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de
ordinário, com o pronome o qual, e então coloca-se este pronome depois
da expressão por ele determinada:

É problema para resolver o qual são necessárias duas condições.

"O jugo da obediência, para lhes impor o qual muitas vezes faltava a força" (HERc.,
História de Portugal, 1, 242).

Todavia evita-se esta construção quanto possível, e diz-se por ex.:

"É problema para cuja resolução são necessárias duas condições" (E. DIAS, ibid.).

4) Depois de verbos como pensar, dizer, indagar, perguntar e equivalentes é comum aparecer oração adjetiva quando se poderia empregar uma oração substantiva:

Indagou os estragos que a briga fizera (ao lado de: indagou que estragos a briga fizera).
Não percebo o que dizer (ao lado de: não percebo que dizer).

5) Construções do tipo temer, não temer com que, em linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções com infinitivo de intensidade, se mostram rebeldes a uma análise dentro dos moldes tradicionais.

#

r

6) As orações quer principais quer subordinadas podem ter um advérbio que mostre a relação ' em que essas orações se acham com o pensamento expresso anteriormente:

Estudemos, Portanto, e não nos deixemos dominar pela preguiça (RIBEIRO DE VASCONCELos, GramdUca, 251).

E) Sintaxe de classes de palavras

1 - EMPREGO DO ARTIGO

Emprego do artigo definido. - De largo uso no idioma, o artigo assume sentido especiaIíssimo:

a) junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):
O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.
OBSERVAÇÃO: o uso mais freqüente, na linguagem culta, dispensa o artigo juntá a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: o Camões, o Tasso, o Vieira. Por influência do italiano, tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas
* personagens célebres: o Dante, o Torquato, Dizemos, indiferentemente, Cristo ou
* Cristo (ou ainda o Cristo Jesus).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, prin
cipalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:
a Suécia, o Atlântico, o Amazonas, os Andes, a Groenlândia.

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes estados: Alagoas, Coitís, Mato Grosso, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Pernambuco e Sergipe.

NOTA: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: São Paulo, Belo Horizonte.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: a Bahia, o Rio de janeiro, o Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe el-Kahira (a Vitoriosa), dizemos com artigo o Cairo.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: o Recife. Modernamente, pode dispensá-lo. Aracaiu, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, a Redentora; D. Manuel, o Venturoso; mas: Frederico Barba-roxa.

#

d) Aparecem em certos títulos: o professor João Ribeiro, o historiador Tito Lívio, o doutor Sousa.

OBSERVAÇÃO: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro 1, Henrique VIII, Com o numeral anteposto:

"Vede o primeiro Afonso...
O quarto e quinto Afonso, e o terceiro- (CAm., Lus,, 1, 13).

e) São omitidos nos títulos de Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Senhoria e outras denominações, além das formas abreviadas dom, frei, são e as de origem estrangeira, como Lord, Madame, Sir e o latinismo sóror ou soror (oxítono): Vossa Alteza passeia. Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco. Soror (ou Sor) Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JoÃo RiBEiRo: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: sua Excelência o deputado, Sua Alteza o príncipe, Sua Santidade o Papa. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos

elegantes, como: a excelência do Sr. deputado, a alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" (Gram., curso superior, 1930, págs. 266-7). E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FiRmINIO CosTA, dos quais lembramos:

... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, a Jerusalém Libertada, Os Lusíadas, A Tempestade.

g) São omitidos antes da palavra casa, designando residência ou família, nas expressões do tipo: fui a casa, estou em casa, venho de casa, passei por casa, todos de casa.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo casa acompanhar-se de artigo:

Da (ou de) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo terra, em oposição a boi-do (que também dispensa artigo):

Iam de bordo a terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra paldcio, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava em palácio" (CAMILO, Queda dum Anjo, 144).

j) Aparece junto ao termo. denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de cada):

Maçãs de poucos cruzeiros o quilo.

#

1) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do estio, à hora incerta * saudosa..." (HutcuLANo, Fragmentos, 154).

OBSERVAÇÃO: Se o nome de estação vier precedido de de, significando

próprio de,
* artigo é dispensado:

Numa manhã de primavera.

NoTA - Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo:
Meu irmão faz anos em março.

m) Nas indicações de tempo com a expressão uma hora, significando uma a primeira hora, o emprego do artigo é facultativo:
Era perto da uma hora ou Era perto de uma hora.
A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros.

n) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou o meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era a minha.
Fazer das suas. "Vês, peralta? é assim que um moço deve zelar o nome dos seus? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" (M. DE Assis, Memórias, 57).

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como de seu, de seu natural, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" - a primeira - e "qualidades naturais" - a última:
"Nunca tive de meu outro bem maior que não desejar os alheios" (F. R. LoBO).
"Bernardes era como estas formosas de seu natural que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" (A. F. CASTILHO).

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de alguns :
Os Lusíadas têm suas dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com freqüência, o possessivo vem normalmente sem artigo:
Às oito toma seu café.
"Rezava suas horas pela manhã cedo, e sempre só, se não era quando nesse dia havia de pregar, porque então se ajudava de um capelão; às oito dizia sua missa..."
(Fr. L. DE SousA, Arcebispo, 1, 75, ed. 1818).

o) Não se repete o artigo em frases como:
O homem mais virtuoso do lugar.
Estaria errado: O homem o mais virtuoso do lugar.

NoTA - É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssinia que consiste em acrescentar, depois do substantivo deter-

#

minado por adjetivo, o conjunto o mais, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. As vezes, exprimem-se tais idéias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de o mais, elementos de valor concessivo como ainda, mesmo, até, posto que.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por o mais) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

o Prof. MARTINZ DE AGUIAR (Notas de Português, 309-324) estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o subs-tantivo, sem o acréscimo de o mais, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludi-velmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de o - o, quer de um ~ o. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno Perfeito é tudo, rosto de um contorno não é nada" (Ibid., 324).

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de virgula antes de o mais (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno? (Pe. AGOSTINHO DE MACEDO).

---0método, que as ciências as mais exatas seguem nas suas operações (JERÔNIMO BARBOSA).

"O a, este som o mais claro de todos" (CAsTiLHo ANTóNIO).

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,

Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" (PoRTo-ALEGRE).
"Desde a quadra a mais antiga
De que rezam os pergaminhos" (F. VARFLA).

Os poetas quiseram apenas dizer as frutas mais divinas, a quadra mais antiga.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de o mais é menos enfático (homem o mais alto), e se valoriza através de uma inversão (o mais alto homem)." Cf. AGUIAR, ibid., 319-320.

P)junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz a cabeça embranquiçada pelas preocupações.
Tem o rosto sereno, mas as mãos trêmulas.
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não 1 quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir pai nem mãe. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro a mãe e o pai a acolha?" (CASTILHO, AS Sabichonas, 17).

#

q)A palavra todo, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os sentidos de inteiro, total e cada, qualquer.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de o, a, os, as.

Na língua moderna, todo o corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: de todo o coração, com todo o gosto, com todo o amor, com todo o carinho, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por todo, ainda sendo este último empregado com o sentido de qualquer:

Todo o próximo tem direito natural (M. BERNARDES).

Com as designações geográficas o emprego de todo o e todo depende de o nome exigir a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo, numerosas expressões em que entra a palavra todo:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a

toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora,
a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, todos não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.
Todas as famílias estavam no recinto.
Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo todos, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.
Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, a todas seis.

r) Aparece o artigo nas enumerações onde há contraste ou ênfase

Ficou entre a vida e a morte.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos o campo agricultado, o lar doméstico, o templo da oração e o cemitério do repouso e da saudade" (HERCULANO, Eurico, 1864, pág. 5).

"Notaram todos que a tarde e a noite daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" (CAMILO, O Bem, 191, ed. Casassanta).

#

s) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"Velhice - Amigo, diz-me um amigo.
Sabe que a boa idade é a última idade" (ALBERTO DE OLIVEMA).
Rio, 10 de maio de 1956.

t) Costuma-se dispensar o artigo depois de cheirar a, saber a (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto cheira a jasmim. Isto sabe a vinho.

u) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma lo, Ia.

!'Tenho ouvido os quinhentistas a Ia moda, e os galiparlas" (CAMILO, Queda dum Anjo, 61).

Assim encontramos: a Ia fé, a Ia par,,a Ia mar, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão el-rei, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Emprego do artigo indefinido. - O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido; registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o- indefinido para aclarar melhor as características de um subs- tantivo enunciado anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, um sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, um pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com que conse- cutivo, como se no contexto houvesse um tal:

o instrumento é de uma precisão admirável.
Ele é um herói 1 (compare com: Ele é herói 1)
Falou de uma maneira, que pôs o medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou uma meia hora (aproximadamente).
Terá uns vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (certo, tal, outro, etc.), dis- pensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de certa hora não o encontramos em casa (e não uma certa hora).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas conseqüência&, que se vão descrever, com um certo pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" (CAmiLo, Carlota Angela, 223).

#

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do inde- finido que por simples e servil imitação do francês(′), um aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) Um ocorre como correlativo de outro em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o outro ao cinema.

O11512VAÇÃO: Calando-se o substanéivo também junto de um, ainda dispensamos
a anteposiçáo do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do
que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:
Um ia ao teatro e o outro ao cinema (o um ... o outro, no português antigo,
Pun ... Pautre, el uno ... el otro).

Note-se a expressão um como, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde um concorda com o substantivo seguinte:

Fez um como discurso. Proferiu uma como prática.

A respeito de uma pronunciado úa, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo. - A língua portuguesa de outros tempos empregava do, dos, da, das, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos
nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

"Comerás do leite, ouvirás dos contos e partirás quando quiseres" (R. LoBo).

É o que a gramática denomina artigo Partitivo. Modernamente, o partitivo não ocorre com a freqüência de outrora e, pode-se dizer, quase
se acha banido do uso geral, salvo pouquissimas expressões em que ele se
manteve, mormente nas idéias de comer e beber.

2 - EMPREGO DO PRONOME

Pronome pessoal

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por eu, tu, nós e vós :
"Não me lembra o que lhe disse" (M. DE Assis, Brds Cubas, 65).

(1) Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo

ao que eu faço e mando..." (Id., Várias Histórias, 230).

"Há entre nós um abismo: tu o abriste; eu precipitei-me nele" (A. HERCULANO, Eurico, 295).

Estando perfeitamente conhecido pela situação lingüística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de uma repetição de uma parte da oração, destinada a reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. Tenho; e é indispensável" (Lendas e Narrativas, 11, 261),

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vitima, só te encontrarem a ti?" (A. H~LANo, O Bobo, 277).

b) o complemento expresso por um nome pelq pronome átono conveniente ou vice-versa (neste último caso, a expressão funciona como aposto):

"Ao avarento não lhe peço nada... Ao ingrato, ou o não sirvo, porque (= para que) me não magoe" (R. LOBO, O Pastor Peregrino, 26).

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém as habita, essas choupanas execrandas..." (CAMiLo, A Morgada de Romariz, 43).

Usa-se o pronome o (os) em referência a nomes de géneros diferentes:

. "A generosidade, o esforço e o amor, ensinaste-os tu em toda a sua sublimidade" (A. HERCULANO, Eurico, 35).

Ele como objeto direto. - O pronome ele, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de todo ou só (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os nomes demonstrativos. Todos eles conserva o português" (PACHECO e LAMEIRA, Gramática Portuguesa, 2.a ed., 398, apud S. DA SILVFIRA, Revista de Cultura, Notas Soltas de Linguagem, no 31); "Subiu 1 - e viu com

seus olhos ~
Ela a rir-se que dançava..." (G. DIAs apud S. SiLvEtRA, ibid.); "Olha ele I" (E. DF,
QUEIR6S, ibid.).

Funções e empregos do pronome se, - O pronome se exerce três funções sintáticas:
#

1) sujeito de infinitivo (com auxiliares causativos, mormente deixar):

Deixou-se ficar à janela.

2) objeto direto (com verbo transitivo direto na voz reflexiva):

Ele se feriu.
Eles se cumprimentam.

3)objeto indireto (com verbo transitivo indireto na voz reflexiva, ou com
verbo acompanhado de dois complementos):

Elas se correspondem freqüentemente.
Ele se arroga esta liberdade.

A construção reflexiva teve um destino importante em nossa língua; a evolução do reflexivo --> passivo --> indeterminador foi traçada pelo filólogo patrício Martinz de Aguiar:

"1.0 (CASO) Pronome reflexivo. - A função inicial e própria do pronome se é, como em latim, a de reflexivo, isto é: faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou. Ex.: O homem cortou-se. Indica pois, ao mesmo tempo, atividade e passividade. O homem cortou, mas foi cortado, pois a si próprio é que cortou. Se penetrarmos bem na inteli-gência das diversas frases reflexivas, veremos que a passividade chama mais a nossa atenção, impressiona mais a nossa sensibilidade do que a atividade. Quando temos notícia de que alguém se suicidou, o primeiro quadro que se nos apresenta ao espírito é o do indivíduo pálido, inerte, sem vida. Daí poder o pronome se vir a funcionar como:

2.0 (CASO) Pronome apassivador. - É o segundo estádio de evolução. Sendo reflexivo, o pronome indica, como vimos, atividade e passividade, e esta nos impressiona mais do que aquela, pelo que pode chegar a ser

índice de passividade. Ex.: Vendem-se casas. Fritam-se ovos.

3.0 (CASO) Pronome indeterminador do agente. - Como no segundo caso o agente nunca foi expresso na linguagem comum, tendo-se tornado obsoleto o seu emprego até na linguagem literária, o pronome se acabou por assumir a função de indeterminador do agente. Ex.: Estuda-se. Dança-se.

4.o (CASO) Pronome indeterminador do sujeito de verbos intransitivos. Como, no terceiro caso, não se dá objeto aos verbos, apesar de transi- tivos, e como o agente oculto, se presente, seria o sujeito, o pronome se pode vir a indeterminar o sujeito de verbos intransitivos. Ex.: Dorme-se. Acorda-se.

OBsERvAçÃo: O 3.0 e 4.0 casos são idênticos na prática; mas, no terreno científico, é imprescindível separá-los, pois servem para demonstrar, à luz da lingüística psico-

#

lógica, a contagião sucessiva de funções do pronome. Os mesmos casos matam de vez a questão chinesa de saber se o pronome se pode ou não ser sujeito. Não o é nunca, não pelas razões dadas nas gramáticas, mas porque assim o demonstra o estudo da sua evolução.

5.0 (cAso) Pronome indeterminador do sujeito de qualquer verbo. - Como no caso anterior o pronome se indetermina o sujeito dos verbos intransitivos, pode, por extensão, indeterminar o sujeito de qualquer verbo, transitivo, intransitivo ou atributivo (isto é, de ligação). Ex.: Está-se bem aqui. Quando se é bom. Vende-se casas. Frita-se ovos. "A Bernardes admira-se e ama-se".

OBSIERVAÇõES FINAIS, Vende-se casas e frita-se ovos são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere vendem-se, fritam-se. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estádios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levan-

taram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influéncia neste particular exerceu em nós. . . " (1).

Pode ainda o pronome se juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: ir-se, partir-se, sentar-se, sorrir-se.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o se como parte integrande do verbo, sem classi-ficação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao se pronome de realce ou expletivo.

Combinação de pronomes átonos. - Ocorrem em português as se-guintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar:

mo = me + o; ma = me + a; mos = me + os; mas = me + as; to = te + o; ta= te+a; tos=te+os; tas=te+as; lho=lhe+o; lha = lhe+ a; lhos = lhe + os; lhas = lhe + as; no-lo = nos + o; no-la = nos + a; no-los = nos + os; no-las = nos + as;,vo-lo = vos + o; vo-la = vos + a; vo-los = vos + os; vo-las = vos + as; lho = lhes + o; lha = lhes + a, lhos = lhes + os; lhas = lhes + as.

se me -Se-me
se te -Se-te
se lhe -se-lhe

se nos -se-nos
se vos -Se-vos
se lhes -se-lhes

(1) Notas o Estudos de Português, 181-183. Na transcrição, adaptei a grafia do autor ao sistema oficial vigente,

#

'Se dizeis isso pela que me destes, tirai-ma: que não vo-la pedi eu" (A. HERCULANO, Lendas e Narrativas, 1, 267).

"E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e

afundando os
veleiros, o banditismo franco impôs-se-lhes como derivativo à vida desmandada" (E.
DA CUNHA, Os Sert6es, 218).

OBMVAÇõES:

1.a) A rigor, na combinação só entra a forma lhe, que, na língua antiga, servia
tanto ao singular como ao plural.

2.a) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome
átono objetivo indireto pela forma t6nica equivalente, precedida da preposição a.
Enquanto dizemos hoje a mim te mostras ou te mostras a mim, a língua de outros
tempos consentia em tais dizeres:
"Porque assi te me mostras odiosa?" (J. CoRTE-REAL, Naufrdgio de Sepúlveda,
apud S. SILVEIRA, Lições de Portugués, õ 271).

3.a) A língua padrão rejeita a combinação se o (e flexões) apesar de uns poucos
exemplos na pena de literatos:
"Parece um rio quando se o vê escorrer mansamente por entre as terras pró-
XiMaS..." (LIMA BARRETO, Vida e Morte de Gonzaga de Sã, 49, apud S. SILVEIRA,
Revista de Cultura, n.O 198, pág- 268).

Foge-se ao erro de duas maneiras principais:
a) cala-se o pronome objetivo direto: Ndo se quer.
b) substitui-se o pronome o (e flexões) pelo sujeito ele (e flexões):
Não se quer ele.

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome
o (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

"Temo que se me argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de
Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena" (M. DE Assis, Histórias
sem Data, 29, apud S. SiLvEiRA, ibid.).
"Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não se lha
dá até em tempo de guerra?" (CASTILHO, Felicidade pela Agricultura, lI, 106
apud S. SILVEIRA, ibid.).

4.EL) A língua padrão admite pode-se compô.lo ou pode-se compor, quando não
há locução verbal:

Pode-se de algum modo ligá-lo a Schopenhauer.'.. (JOÃo RIBEIRO, Fabordão,

19). JúLIO ~EIRA (Estudo da Lingua Portuguésa, 11, 30-31) diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

Função do pronome átono em Dou-me ao trabalho. - Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: dou-me (obj. direto) ao trabalho (obj. indireto) de fazer.

Em francês e espanh , ol, esse pronome aparece como objeto indireto: je me donne Ia peine de le faire; me doy el trabaio de hacerlo.

#

Pronome possessivo

Seu e dele para evitar confusão. - Em algumas ocasiões, o possessivo seu pode dar lugar a dúvida a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de seu, sua, seus, suas, pelas formas dele, dela, deles, delas, de você, do senhor, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo seu não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto dele, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu dele.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importAncia que lisonjeasse o coração dele". (M. M Assis, Contos Fluminenses, 24).

Se o autor usasse o possessivo seu, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar dele a seu

José, Pedro levou o seu chapéu dele,

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, sua honra dele era por peito à defesa da opressa..." (CAMILO, Queda dum Anjo, 109).

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a feinina toca o requinte da depravaçao, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equdnimos; porém, o móbil dos crimes seus dela é outro" (o que vern sublinhado é transcrição de CAmiw, ibid., 86).

Os pronomes pessoais átonos ine, te, se, nos, vos, lhe, lhes, podem seu usados com sentido possessivo:

Tomou-me o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática lhe .. . dele :

"D. Adelaide ficou embaçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e edu. cadu como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que lhe fez no espírito dela o desprop69ito de Calisto" (CAmiLo, Queda dum Anjo, 104).

Foge-se ainda à confusão empregando-se o adjetivo próprio :

"Andrade contentou-se com o seu próprio sufrágio" (M. DE Assis, C. Fluni. 19).

258

#

r

Posição do pronome possessivo. - De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

o meu livro. Tuas preocupações. Nossos deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-mel
"Esta é a ditosa pátria minha amada" (CAMõEs, Lus.).
"Formosa filha minha, não temais" (ID., ibid.).

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho meu, ela não tem. Filho meu não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo (1).

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. Saudades minhas são saudades
que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas recordações suas, disse D. Antônia" (M.
DF. Assis, C. Flum., 2, 17).

Notamos o mesmo em suas cartas e cartas suas.

Recebi suas cartas (isto é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa
a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é., enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de notícias suas, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande notícias suas" (E. DA CUNHA).

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade sua e minha" (CAm., Lus., 111, 127). Entenda-se: a piedade
delas (das criancinhas) e de mim.

Possessivo para indicar idéia de aproximação. - junto a números
o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha meus quinze anos (aproximadamente).
Era já homem de seus quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adje-
tiNo bom:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida.
Tinha uns bons sessenta anos" (M. DE Assis, C. Flum., 2.a ed., 53).

(1) Diz-se que o Possessivo tem sentido objetivo quando designa o ser que é alvo de uma
ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem sentido subjetivo. É muitas vezes difícil
distinguirmos os dois casos.

#

Valores afetivos do ossessivo - O possessivo como temos visto nã
se limita a exprimir apenas a idéia de posse. Adquire variados matizes d(

Assim, o possessivo pode apenas indicar a cousa que nos interessa, po
nos estarmos referindo, como ele, a causa que nos diz respeito, ou por qu(

O nosso herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer.
Trabalho todo dia minhas oito horas (cf. JoÃo RiBEmo, Aut. Contemporâneos, pág. 206).

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo par

traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:
Meu prezado amigo. Minha senhora, esta, é a mercadoria que lhe serv
Meus senhores e minhas senhorasl Meu Dresidente, todos o esDeram.

Meu coronel, os soldados estão prontos 1 Meu tolo, não vês que estou brincando?

"Qual cansadas, seu Antoninho 1" (LIMA BARRETO)
"Ande, seu diplomático, continue" (M. Dz Assis).

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.11
pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento

Difere a forma seu~ (admite ainda as variantes seo, só) do termo

nobre, senhor, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena senhor, conforme

"Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o senhor. Está

Um fingido respeito ou cortesia - bem entendido aliás pelos presentes

Pela forma abreviada seu modelou-se o feminino su

"E ri-se você, sua atrevida?f - exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua

Emprego do pessoal pelo possessivo. - Embora de pouca freqüência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição de. Neste caso está a expressão ao pé de + pronome

"Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias
de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao pé de mim, e contax-vos-ei a

história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia (HERc., Lendas, 11, 7).

"Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a
modista ao pé de si, para não andar atrás dela" (M. DE Assis, Várias Histórias, 31).
#

Possessivo expresso por uma locução. - Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo ter, haver ou sinônimo:

"De um Rei que temos, alto e sublimado" (CAM., Lus., 11, 80). Isto é: de um Rei nosso.

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido. - Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido expresso ou sugerido pelo sentido da frase, emprega-se o pronome de 3.a pessoa:

"É verdade que a gente, às vezes, tem cá as suas birras - disse ele, com certo ar que queria ser no e saía parvo" (HERC., Len as, 11, 158).

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se o possessivo de 1.a pessoa do plural:

A gente compreende como estas cousas acontecem em nossas vidas (Cf. CAMILO, Queda).

Repetição do possessivo. - Numa série de substantivos, pode-se usar o possçssivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

"A prova da sua perspicácia e diligência estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" (HERc., Lendas, 1, 187).

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (eu e tu):

"O teu amor era como o íris do céu: era a minha paz, a minha alegria, a minha esperança (ID., ibid., 190).

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

"Foi a tua dignidade real, a tua justiça, o teu nome que eu quis salvar da tua própria brandura" (ID., ibid., 191).

Omite-se o possessivo na série sem ênfase ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente:

... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o seu gênio

e hábitos
aldeãos" (CAmiLo, Queda dum Anjo, 107).

Se. se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é teu orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e teu ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida,

#

Substituição do possessivo pelo artigo definido. - Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a idéia de posse se patenteia pelo sentido total da oração. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases-feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou o rosto celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu as mílos suplicantes, com um gesto de profunda an-gústia" (HERc., Lendas, 1, 190).

aqui parou (Calisto Elói), e cruzando os braços, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" (CAMILO, Queda dum Anjo, 110).

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola do capote à altura das bossas parietais..." (ID., ibid.).

Ele perdeu o juizo. Tem a vida por um fio. Recuperou a memória.

OBSERVAÇÃO: Dispensa-se o artigo definido nas expressões Nosso Senhor, Nossa Senhora, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: vossa excelência reverendissima, sua majestade, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo Vossa Excelência.

- Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de vossa excelência, vossa reverendíssima, vossa majestade, vossa senhoria, onde aparece a forma possessiva de 2.a pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos seu, sua, isto é, com possessivo de 3.a

pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os seus propósitos (e não: todos vossos propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos xiv e xv e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de seu, sua, vosso, vossa. A luta durou até aproximadamente o séc. xvii, quando as formas de 3.a pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. xviii para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas.como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da História de Portugal, tratando do período de D. João 1 (1385-1433), no Monge de Cister (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto sabia da, evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

I
#

Pronome demonstrativo

A posição índicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais)(') ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço. - Este (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.a pessoa, isto é, daquela que fala:

Este livro é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
Esta casa é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.a pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

Esse livro é o livro que nono interlocutor traz.
Essa casa é a cata onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, este se refere ao lugar donde se escreve, e esse denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com este, esta :

"Manaus, 13-1-1905
Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, - escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre este singularíssimo clima da Arnazônia..." (E. DA CUNHA).
Escrevo-te estas linhas para dar-te notícia desta nossa cidade e pedir-te as novas dessa região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.a pessoa, usa-se de esse

"Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul V' (C. Dz ABazu),

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou cousa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige este:
"Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com este homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te des-preze como já te desprezou" (CAMILO, Queda dum Anjo, 152).

Tal circunstância deve ter contribuído para Q emprego de este como indicador de personagens que o escritor traz à baila.
"Este Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." (ID., ibid., 149).

1
(1) Sabemos que o termo ddictico não representa a boa forma portuguesa de adaptação do vocábulo grego, conforme nos mostrou o Prof. CANDIDO JUCÁ (filho), In Categoria, 35 e os.
Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado.

#

19 r

Por outro lado, cabe a esse a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

"Vês África, dos bens do mundo avara,

Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quase infinita" (C~Es, Lus. X, 92 apud SAm ALI).

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo. - Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é este (e flexões):

Neste dia no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é esse (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de este, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem esta noite poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio destes quinze dias, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" (CAmiLo, Cem Cartas, 56).

A indicação temporal de este e esse dispensa outra expressão adverbial, se circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava esse movimento de pelo" (M. LoBATo). Esse movimento vale por: o movimento que se fez naquele momento.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras. - No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar ou ao que vai narrar, emprega este (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. Este pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende

mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" (CAMILO, Queda dum Anjo, 93).

#

"Se não existisse Ifigénia... acudiu Calisto. já este nome (i. é: o nome que proferi) me soava docemente quando na minha mocidade, pela angústia da filha de Agamenáo, cujo sacrifício o oráculo de Áulida demandava.

- Ali, também eu reconheço essas angústias (i. é: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" (ID., ibid, 135).

"... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

Essas lisonjas - volveu ela sorrindo - aprendeu-as no seus livros velhos, primo Calisto?" (ID., ibid., 136).

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é esse (e flexões). No trecho, essas lisonjas são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso. Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.a. pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico este (e flexões) em lugar do dêictico esse (e flexões):

- "Então que te disse ele ?...
- Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.
- Viu-me a passear com nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que esta (a que me refiro) senhora era minha amante" (CAmiLo, ibid., 157).

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer ajuntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, compa-ração, ou característica) acompanhado do demonstrativo esse (e

flexões):

"O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" (M. DE Assis, Brás Cubas, 81 apud SousA DA SILVEIRA).

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutIP (ID., ibid., 83 apud S. DA SILVEiRA, Lições, 307).

Reforços de demonstrativos. - A necessidade de avivar a situação dos objetivos e pessoas de que fala, leva o falante a reforçar os demons- trativos com os advérbios aqui, aí, ali, acolá : este aqui, esse aí, aquele ali ou acolá.

Em tais situações, aqui, aí, ali, acolá etc., perdem seu valor restrito de advérbio e passam a funcionar como elementos reforçadores intimamente relacionados com a natureza dos pronomes, pois fazem notável referência às pessoas gramaticais:

Eu cá tenho minhas dúvidas. Ele ld diz o que pensa.

#

Também desempenham o papel de reforço enfático mesmo e próprio, presos a substantivos ou pronomes, com o valor de em pessoa (em sentido próprio ou figurado):

Eu Próprio assisti à desagradável cena. Ela mesma foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, mesmo e próprio entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece muito:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu" (Vdrias Histórias, 230).

Outros demonstrativos e seus empregos. - já vimos que mesmo e próprio denotando identidade e com o valor de em pessoa são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstruçAo de mim mesmo" (M. DE Assis, D. Casmurro, 203).

"De resto, naquele mesmo tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" (ID., ibid., 225).

"Veja os algarismos: não há dois que façam o mesmo offcio" (ID., ibid., 267).

Pode ainda o demonstrativo mesmo assumir o valor de próprio, até:
"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o mesmo Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" (VIEIRA, Sermões, XI, 150).
"Os mesmos animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" (ViEmA apud. EPIPANIO, Sintaxe, õ 86-a).

Mesmo, semelhante e tal têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:
"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a mesma cousa" (M. DE Assis, D. Casmurro, 87).
"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cáridides e verdadeiras tais promessas são como a moeda fiduciária, - ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" (ID., ibid, 202 - F. TÁvoRA, O Cabeleira, 56).
Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei semelhantes prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e outro são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstãncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:
"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em tal dia, a tal hora, por tais e tais meios" U. OITICICA, Manual de Andlise, 40).

Outro se emprega com o valor de um segundo, mais um (no sentido de diferente.. como mesmo no de igual, é adjetivo):
Ele me tratou mal e eu fiz outro tanto (tanto, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

F,
#

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificarem tal e outro como indefinidos.
Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece mesmo junto aos advérbios pronominais: agora mesmo, ai mesmo, aqui mesmo, já mesmo, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como erróneo de mesmo como advérbio, veja-se, mais adUm pode ter, em certas expressões, o valor de mesmo:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em um lugar"

(isto é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar) (CAM6ES, apud J. Mo¥tEiRA).

Honra e proveito não cabem num saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias 1 Aquela Maria tem cada idéia 1 (Brds Cubas, 36).

Posição dos demonstrativos. - Em situações normais, onde não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na Summa Theologica de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade_" (M. DE Assis apud S. SILVEIRA, Liç6es, 306).

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressáo que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar esse que, só por si, fazia recuar os inimigos" (HERCULANo, apud. S. SILVEIRA).

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: que dia este!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos. latinos: idem e ipse. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as mesmas coisas. Referiu-se ao mesmo casal. Falou a este mesmo homem.

Idêntico a ipse, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a próprio, em pessoa (em sentido pr6prio ou figurado)(1):

Ela mesma se condenou.

(1) A respeito do ipio latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso mesmo: "Pour des raleons historiquem, on a Pliabitude de ranger ipie parmi les pronome démonstratite, biem que, si Von tient au mens, on puisse pluc légitfmement le qualifier Wintensif" (Prdcis de Syntaxe Latine, S 186).

Em ambos os sentidos, mesmo pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a ante-posição, quando o demonstrativo assume o valor de idem, isto é, indica identidade.

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos, tratados neste lugar, dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos. - O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

Todos os homens são bons. Cada livro deve estar no lugar próprio. Qualquer falta merece ser punida.
Livro algum será retirado sem autorização. Nenhum erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

Certas folhas ficaram em branco. Daí surgirão outros enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) A Igum

Anteposto ao substantivo, tem valor positivo: Recebeu algum recado importante.
Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo nenhum. Ocorre com maior freqüência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (não, nada, sem, nem) :

Não vimos sinal algum de perigo.
"Nunca juizo algum alto e profundo
Nem cftara sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória
Mas contigo se acabe o nome e glória"

OBSERVAÇÃO: Em linguagens de outras

valor positivo:
"Desta gente refresco algum tomamos
E do rio fresca água; mas contudo
Nenhum sinal aqui da índia achamos" (CAM., Lus, V, 69.).
Entenda-se: tomamos algum refresco (isto é: mantimentos).

(CAM., Lus., IV, 102).

épocas, podia algum posposto assumir

#

"Palavra alguma arábia se conhece
Entre a linguagem sua que falavam" (ID., ibid., V, 76).
Isto é: reconhece-se uma ou outra palavra árabe.
Podia ocorrer algum anteposto com significação negativa:
"Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo" (CAM., Lus., VII, 2).
Entenda-se: nenhum perigo, perigo algum.
Finalmente, podia ainda haver a posposição da palavra negativa ao substantivo
seguido de algum:
"Assim fomos abrindo aqueles mares
Que geração alguma não abriu" (CAM., Lus, V, 2).

b) Cada

junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:
"Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade" (Luís GUIMARÃES JúNIOR).
Cada século possui seus homens importantes.
Faz prova em cada trinta dias.

É condenado o emprego de cada em lugar de cada um nas referências a nomes expressos anteriormente:
Os livros custam trinta cruzeiros cada (por cada um).

Cada não sofre variação, mas a concordáncia do verbo com o sujeito se processa normalmente:
"Convém notar o tríduo das Lemúrias
Não corre a flux: cada dois dias levam
entre si um profano intercalado" (CAsTiLHo, Fastos, 111, 57. Exemplo colhido em F. CosTA, Léxico, 53).
OBsERvAçÃo: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão por cada, que, segundo a crítica, lembraria porcada (vara de porcos). Rui (Réplica, 126, ed. da Imprensa Nacional) defendeu brilhantemente o falso cac6fato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de cada, como no seguinte exemplo:

'. Então é cada temporal, que até parece que os montes estremecem" (EÇA, A Cidade e as Serras, 288, apud. Liç6es de Português, õ 388).

Conta cada história 1

c) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata, podia ter certas vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" (M. DE Assis, Brds Cubas, 306).

#

Havendo ênfase, poderá aparecer um certo, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De um certo usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar um certo número d'exiOncia..." (Fragmentos, 162).

"Passado todo este tempo os escravos de um certo Adécio, que herdara o domínio daquela montanha..." (ibid, 215).

Posposto ao substantivo, certo fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado% "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho certos amigos que não são amigos certos.

Note-se, com o Diciontírio Contempordneo, que certo atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de certa reputação de talento,
A ópera tem uma certa novidade.

Nesta significação atenuativa, certo, equivalente a algum (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

Nota - No português de outras épocas a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes certo intento" (isto é: intento certo) - (CAM6ES, Lus, 1, 24).
"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra certa escala (i.é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos" (ID., ibid, 1, 54).
"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele certa confiança, (i. é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia" (ibid, VIII, 76).

d) Nenhum

algum:

Reforça a negativa não, podendo ser substituído pelo indefinido,

Não tínhamos nenhuma dívida até aquele momento.

#

Sem ênfase, nenhum vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:
"Que é lá? redargüi; não cedi cousa nenhuma, nem cedo" (M. DE Assis, Brás Cubas, 134).

Referindo-se o nome no plural, nenhum se flexiona:
"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão nenhuns feitiços..." (REBELO DA SILVA, Contos e Lendas, 3.a ed., 195).

Em certas frases de formas afirmativas, nenhum pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de qualquer:
Mais do que nenhum homem, ele trabalhava para a tranqüilidade.

Enquanto nenhum é um termo que generaliza a negação, nem um se refere à unidade:

Não tenho nenhum livro.
Não tenho nem um livro, quanto mais dois.

Pronome relativo

Usa-se o qual (e flexões) em lugar de que, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, o qual nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de que o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o paiol e o paiol ficou a deitar fora" (C. NETO, Apólogos, 12).

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente era exemplos como o seguinte:

No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia que deixara as abominações do século pela soledade do deserto (JoÃo Rimuto, Floresta de Exemplos, 2, 219).

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Em geral substitui-se que por o (a) qual depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Empregamos sem que ou sem o qual, a que ou ao qual, de que ou do qual, mas dizemos com mais freqüência apesar do qual, conforme o qual, perante o qual, etc. O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como o qual) em lugar de um átono (como que).

#

Com freqüência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, pelo que (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" (A. HERCULANO, Fragmentos, 69).

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, ao que (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" (ID., ibid., 91).

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta, do que (o de que) imediatamente acabou (ID., ibid, 97).

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, os a quem tenho agravado, os com quem houver sido injusto, violento, intolerante_" (R. BARWSA, Oração aos Moços, 23).

Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples conectivo oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado relativo universal que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento lingüístico extremamente prático" (1):

Ali vai o homem que eu falei com ele
por
Ali vai o homem com quem eu falei

Costuma-se empregar ainda que ou quem seguido de pronome pessoal oblíquo (que ou quem... lhe) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (= o a quem dói a fazenda) (MANUEL BERNARDES, 1, 70).

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as lusitdnicas fadigas
Que eu já de muito longe favoreço" (CAmõEs, Lustadas, 11, 171).

O pronome relativo se refere a lusitanos, idéia contida no adjetivo lusitMicas.

. "Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo - belo à nossa maneira, que não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" (M. DE Assis, apud S. DA SILVEIRA, Revista de Filologia e de História, 1, 28). Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal nós que se depreende do pronome possessivo nossa.

(1) K. NyRoP, Gra~aire Ristorique de Ia Langue Française, V, pág. 330.

#

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) que to dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flores" (CAsimiao DE ABREU, Obras, ed. S. DA SILVEIRA, õ 29).

"... o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" (A. GARKET, apud S. DA SILVEIRA, ibid.).

Também não é para imitar o emprego de cujo (e flexões) significando o qual (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma cortio Filinto Elísio se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade.

3 - EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) Indicativo. - É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente - O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" (M. DE Assis, Brds Cubas, 56).

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal:

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" (M. DE MARICÁ).

Emprega-se o presente:

a) pelo pretérito, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, bates-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, procuras entrar. Um peso imprevisto detém o esforço do teu braço. Insistes. Entras. E recuas,

os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" (HumBERTo Dz CA~ Sombras que Sofrem, 16-17).

i
#

b) pelo futuro do indicativo para indicar com ênfase uma decisão-
Amanhã eu vou à cidade.

c) pelo pretérito imperfeito do subjuntivo:
Se respondo mal ele se zangaria,

d) pelo futuro do subjuntivo:
Se queres a paz prepara-te para a guerra.

OBsERvAçÃo: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo estar seguido de infinitivo precedido de a ou gerúndio.

Estava { a falarsobre tal assunto.
falando {

Pretérito imperfeito - Emprega-se quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia coxeava um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" (M. DE Assis, Brás Cubas, 193).

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia:

" Queria viver para o seu filho. ~ É como ele explicava o desejo da vida" (CAmun CAsTELo ~co, A Neta do Arcediago, 22).

Sr. Manuel, eu desejava telefonar.,

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico:

---Seme desprezasse, morreria, matava-me" (C. C. BitANco, ibid, 19).

Pretérito perfeito - "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito pelo contrário fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado"(''):

"Marcela teve primeiro um silêncio indignado; depois fez um gesto

magnífico:
tentou atirar o colar à rua. Eu retive-lhe o braço; pedi-lho muito que não me
fizesse tal desfeita, que ficasse com a jóia. Sorriu e ficou" (M. Dz Assis, Brds Cubas, 57)).

O pretérito composto (tenho trabalhado) exprime:

ti) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

"Não me tens dito nada das tuas ocupações nessa casal, (CAmiLo, Correspondência
Epistolar, 11, 133).

(I) M. SAm ALI, Gram. Histdrica, 11, 103.

I

I

274
#

b) fato consumado:

I

Tenho dito (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) - Denota uma ação atiterior a outra já passada:

"No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por
motivos graves abraçara a profissão marítima..." (M. DE Assis, ibid., 66-67).

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais aparece o pretérito perfeito onde se
esperaria o mais-que-perfeito:
"Logo que se retirou o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos"
(EÈ,jFÂNio DIAs, Gramática Elementar, õ208).
"Ao revés encontra-se em oraç5es subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo
a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um
pretérito, v.g. Os antiquários; dizem (= deixaram escrito) que ele vivera neste
reinado" (ID., ibid.).

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do

pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como
traço estilístico de linguagem solene:
"dizendo: Mais servira (= serviria), se não fora (= fosse) para tão longo amor
tão curta a vida" (CAmõEs, Rimas, 147).
"Que fora (= seria) a vida, se nela não houvera (= houvesse) lágrimas?" (A.
HERCULANO, Eurico, 32).

Futuro - O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que
ainda se vai realizar:
"Os homens nos Parecerão sempre injustos enquanto o forem as pretensbes do
nosso amor próprio" (M. DE MAiucÁ).
"Sem a crença em uma vida futura, a presente seria inexplicável" (ID.).

I

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do presente, incerteza ou idéia aproximada, simples possibi-
lidade ou asseveração modesta:

"O mal não será a especiaria do benir (ID.).
Ele terá seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações,
· futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega
· verbo no presente ou no pretérito"(').

b) em lugar do imperativo, uma ordem ou recomendação, principalmente
nas prescrições e recomendações morais:
Defenderás os teus direitos
Não furtarás

(1) SAiD AU, Gramdtica Secunddria, 225.

#

"Nas orações condicionais de se, nas temporais de quando e enquanto, nas con-
formativas (de segundo e conforme, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção%
o futuro indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) - o qual só
nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim
diz-se: se veio, se vi, mas: se vir, quando veio, quando vi, mas:

quando vir, aquele
que vê, aquele que viu, mas: aquele que vir" (EPIFÂNio DiAs, Gramdtica Elementar,
õ 209-a, obs.).

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana seria incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam"
(M. DE MARICÁ).
"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, morreríamos tísicos de amor
e admiração por DeuC (ID.).

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu teria ficado satisfeito com as tuas cartas (R. DE VA~CELOS).
Nós pretenderíamos saber a verdade.
Seria isso verdadeiro?

Emprega-se o auxiliar tivera (ou houvera) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:
Estudaria (ou teria estudado), se tivera (= tivesse) sabido da prova.

2) Subjuntivo. - O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas
(nestas últimas com exceção da 2.a pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio talvez e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o levem.
"Não e-Prestes, não disputes, não maldigas e não terás de arrepender-te" (M.
DE MARICÁ).
"Não desenganemos os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" (ID.).
"Louvemos a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" (ID.).
"Talvez a estas horas desejem dizer-te peccavi! Talvez chorem com lágrimas
de sangue" (A. HERcuLANo, Monge de Cister, 1, 58).
"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que possamos estribar-nos para
relatar tais sucessos" (Im, História de Portugal, 1, 451).

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com talvez: "Magistrado ou guerreiro,
de justo ou generoso se gaba: - e as turbas talvez o aplaudem e celebram seu nome"
(ID., Fragmentos, 180). Parece que o indicativo deixa antever a certeza de que o

de que se duvida se pode bem realizar.

276
#

Nas orações subordinadas substantivas ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:
"Prouvera a Deus, venerável Crimilde - tornou o qüingentário - que nos fosse lícito desamparar estes muros" (A. HERCULANO, EUriCO, 146).
"Proibi-te que o revelasses" (ID., Monge de Cister, 1, 294).
Espero que estudes e que sejas feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por ser, estar, ficar + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:
Cumpre que venhas cedo
Convém que não nos demoremos
É bom que compreenda logo o problema

C) depois dos verbos duvidar, suspeitar, desconfiar e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou des- confiança reais:
"... me vinham à mente suspeitas de que ela fosse um anjo transviado do céu..." (A. HERCULANO, Monge de Cister, 11, 321).
"A luz... que suspeitdvamos Procedesse de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." (ID., ibid., 333).

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acreditar, o normal é aparecer o indicativo:
"Suspeitava-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" (ID ibid., 364).

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:
a) fim:
"Ando à cata de um criado que seja económico e fiel" (RIBEIRO DE VASCONCELOS).

b) conseqüência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, com):
"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" (CAMõEs, Lusíadas, 11, 4).

c) uma conjectura e não uma realidade:
Compare-se:
O cidadão que ama sua pátria engrandece-a (realidade)
O cidadão que amo sua pátria engrandece-a (conjectura)

#

depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a idéia expressa por esse predicado ou interrogação:

Não há homem algum que possa gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que seja completamente feliz?(1)

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de não porque, não (ou nem), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:
"Deitei-me ontem mais cedo, não porque tivesse sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" (R. DE VASCONCELOS, Gramdtica Portuguesa, 274).

b) nas concessivas de ainda que, embora, conquanto, posto que, se bem que, por muito que, por pouco que (e semelhantes), não havendo entretanto, completo rigor a respeito:
"Ainda que perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgéncia" (M. DE MARICÁ).
"Por mais sagaz que seja o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" (ID.).

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer ... quer) e as concessivas justapostas do tipo de fosse ele o culpado, ainda assim lhe perdoaria.

c) nas condições de se, contanto que, sem que, a não ser que, suposto que, caso, dado que, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética como se:
"Se as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" (M. DE MARICÁ).
"E moviam os lábios, como se tentassem falar" (A. HERCULANO, Eurico, 26).

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:
"Não há momento que perder, se queremos salvar-nos" (ID., íbíd., 253),

d)nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que possamos esperar e não recear depois de nossa morte" (M. DE MARICÁ).

"Não subais tão alto que a queda seja mortal" (ID.).

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que caiam do mais alto e sejam esmagados" (U).).

(1) RIBEIRO DE VASCONCELOS, GramMica Portuguesa, 274-5

I

I

#

I

I

nas temporais de antes que, assim que, até enquanto, depois que, logo u, uando ocorrem nas newarões ou nas indicacões de simDles con-

cepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto salviíssemos a irmã de Pelágio" (A. HEacuLANo, Eurico, 215).

Casos -Particulares

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa quem diria constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele era capaz disso.
Oucra diria aue ele fosse cal)az disso

2) com os indefinidos do tipo o que quer que é mais comum o em

prego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que fosse

A. Herculano vacilou entre o emprego de fosse (ed. de 1876) e era

(ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que era de

admirarão e de terror involuntário" (Eurico, 265, ed. 1864).

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por que, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu saiba, expressão mais suave" (1).

3) Imperativo. - Cumpre apenas acrescentar ao que disse na pág. 11 ue o infinitivo pode substituir o imrwrativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: Fartar, rapazes" (A. HERcuLANo, Fragmentos, 98).

OBuavAclo: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama com-plexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situação que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios mais expressivos. São questões que fogem ao Âmbito da Gramática e constituem

preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais. - A respeito das formas nominais,

cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

(1) EPIFANio DIAs, GramMica Portuguesa Elementar, 128.

#

Emprego do inf initivo (flexionado e sem flexão).

1 - Infinítivo pertencente a uma locuçjo verbal :

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locu-ção verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, Puseram-se a rir" (A. DE AzEvEDo, apud Ant. Nacional, 138).

"Pois, se ousais levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façaís" (A. HEacuLANo, ibid., 196).

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe

por miúdo como haviam de morrer seu marido, seus filhos e o marido de sua filha"
(CAmiLo, ibid, 221).

Encontram-se exemplos que se afastam desse critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" (G. DIAS, Poesias, 11, 31, ed. M. BANDEIRA).

... dentro dos mesmos limites atuais podem as cristandades nascerem ou anula-
rem-se, crescerem ou diminuirem em certos pontos dessem vastos territórios" (A.
HERcuLANo, Fragmentos, 173).

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois :

"Queres ser mau filho, deixares uma nódoa dInfímia na tua linhagem" (A.
HERcuLANo, ibid., 174).

2 - Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos :

Com os causativos deixar, mandar, fazer (e sinônimos) a nonna é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu sujeito:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e mandou-lhes erguer de novo os
marcos onde eles os haviam posto" (A. HERcuLANO, apud Fragmentos, 64).
"Fazei-os parar" (ID., ibid., 75).
"Deixai vir a mim as criancinhas".
Mas flexionado em: "e deixou fugirem-lhe duas lágrimas pelas faces" (ID., ibid.,
155)(1).

(1) A flexio se apresenta geralmente quando o Infinitivo vem acompanhado de um
pronome pessoal oblíquo átono.

i
#

Com os sensitivos ver, ouvir, olhar. sentir (e sinônimos) o normal

é
empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão
rígido:
"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, ouviu ramalhar as árvores" (ID.,
ibid, 101).
" ... o terror fazia-lhes crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples. . . "
(ID., ibid, 172),

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:
"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com
os do infante, e ele próprio os ouvia chamarem-lhe traidor e hipócrita" (ID., ibid., 96).
"Creio que comi: senti renovarem-se-me as forças" (lu., ibid., 172).

OBURVAÇõES:
La) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que
pertence ao infinitivo: "Deixei-o embrenhar (por embrenhar-se) e transpus o rio
após ele" (ID., ibid., 77); "O faquir deixou-o afastar (por afastar-se)" (ID., ibid,);
"Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas sentiu alongar-se a estrupiada dos
cavalheiros_" (ID., O Bobo, 265-6, ed. 1878); "E o eremita viu-a, ave pernalta e
branca, bambolear-se em vôo, ir chegando, passar-se para cima do leito, aconchegar-se
ao pobre homem..." U0X0 RIBEMO, Floresta de Exemplos, 327). Por isso não cabe
razão a MÁmo B~To (Através do Diciondrio,9.51 da 3.R ed.) quando condena,
nestes casos, o aparecimento do pronome átono.
2.a) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado por se calar o auxiliar:
'~viu alvejar os turbantes, e, depois surgirem rostos tostados, e, depois, reluzirem armas---
(A. HF.ReuLANo, Eurico, 257).

3 - Infinitivo fora da locução verbal :

Fora da locução verbal, ---aescolha da forma infinitiva depende de
cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em
evidência o agente do verbo"(').
O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com
especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na
pessoa do sujeito:

para vencer na vida
Estudamos { para vencermos na vida

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.0)"sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo, sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);
sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

(1) SAw AM, Gratndtica Secunddria, 246.

#

3.0)quando o autor intencionalmente pôs em relevo a pessoa a que o verbo se refere"(¹):

Estudamos para nós vencermos na vida
"Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje" (A. HERcuLANo, apud. Antologia Nacional, 195).
,,É permitido aos versistas poetarem em prosa" (CAmmo, A Queda dum Anío, 60).

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA A PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não do indireto. Dai a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo assistir, nesta acepção, só se constrói com objeto indireto: Todos assistiram à missa.
À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi apelada.
aludir: Todas as faltas foram aludidas.
obedecer: Os regulamentos não são obedecidos.
pagar: As pensionistas foram pagas ontem.
perdoar: Os erros devem ser perdoados.
responder: Os bilhetes seriam respondidos hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.0) o sujeito da ativa, se

houver, passa a agente da passiva;

2.0) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.11) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo
1 tempo e modo;

4.0) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1

A tiva
Eu 11 o livro

Passiva
o livro foi lido por mim

Exemplo 2: (com pronome oblíquo)
Nós o ajudamos ontem - Ele, ontem, foi ajudado por nós.

(1) SAm ALI, Dificuldades da Lingua Portuguesa, 5.a ed., 72.

#

Exemplo 3: (com sujeito indeterminado)

Enganar-me-lo ~ Eu serei enganado.

Exemplo 4: (com tempo composto)
Eles têm cometido erros - Erros tèm sido cometidos por eles.
Exemplo 5 :(com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal)
Vendem casas - Vendem-se casas
Vendem esta casa - Vende-se esta casa.

4 - EMPREGO DE PREPOSIÇOES

1) A

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais repre-
sentados por nomes ou pronomes oblíquos tônicos:
"Perdoamos mais vezes aos nossos inimigos por fraqueza, que por virtude" (M.
DE MARICÁ).
"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário aos nossos interesses
"A força é hostil a si própria, quando a inteligéncia a não dirige" (ID.).

b) Introduz objetos diretos nos casos apontados na pág. 208.
"O mundo intelectual deleita a poucos, o material agrada a todos" (ID.).
"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece a si
Pl'ópl'iO" (ID.).

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:
"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem dar
a entender que o fazem por exceção de regra" (ID.).

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração-a conti-
nuação ou o termo de movimento ou extensão da idéia contida no verbo
prin cipal. Os principais são:
abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arro-
jar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também
com de e por), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com para),
decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se,
obrigar, por-se, principiar, resolver, vir.

d) Prende infiditivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e
geriândios de sentido progressivo:
"Anda visitando os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos 1 respondeu Virgília com
um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: - Ando a ver se ponho os vadios para
a rua" (M. DY, Assis, apud, S. SILVEIRA, Lições, 309).

#

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.
"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia ilada,
a não ser namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" (M. DF, Assis, Brds
Cubas, 201).

1) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva sub-
jetiva do verbo custar (cf. pág. 236):

"Custou-lhe muito a aceitar a casa" (M. DE Assis, ibid., 194).

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil" (ID., ibid., 151).

OBsERvAçÃo: Com os advérbios aqui, ld, cd e semelhantes não se emprega pre-
posição: "Vem cá, Eugénia, disse ela..." (ID., ibid., 96).

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes.
- A que horas?" (ID., ibid, 172).

3) fim ou destino:

cional, 145).

.. apresentaram-se a falar ao imperador" (R. POMPÉIA, apud Antologia Na-

Tocar à. missa (= para assistir à missa).

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever.a lápis,
viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos limpar, enxugar, assoar indicamos de preferência o instrumento com em, e os portugueses com a :

9impar as lágrimas no lenço",- "limpar as lágrimas ao lenço".

5) lugar, aproximação, contigüidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar à Porta da alcova..." (M. DE Assis, Brás Cubas, 14).
Estar à janela, ficar à mesa, ao Portão, ao sol.

6) semelhança, conformidade:

---Nãosai a nós, que gostamos da paz,.." (M. DF. Assis, apud S. DA SILVEIRA,
Lições, 310).
"Desta vez falou ao modo bíblico" (ID., ibid.)
Quem puxa aos seus não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:
um a um, mês a mês, pouco a pouco
OtisERvAçÃo: Diz-se Pouco a pouco, pouco e pouco, a pouco e pouco.
"Pouco a pouco muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para
%uas honras e solares" (A. HERCULANO, O Bobo, 21).

8) preço: A como estão as maçãs? A cem cruzeiros o quilo.
9) foi~ma numerosas locuções adverbiais: à pressa, às pressas, às claras,
às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do à acentuado. - Emprega-se o acento grave no a para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos.

1.0) quando representa a construção da preposição a com o artigo e pronome a ou o início de aquele (s), aquela (s), aquilo, fenômeno que em gramática descritiva se chama crase: Fui à cidade.
O verbo ir pede a preposição a; o substantivo cidade pede o artigo feminino a: Fui a a cidade.

2.0) quando representa a pura preposição a que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial: à força, à míngua,
à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde,
etc. (1).

Ocorre a crase nos seguintes casos pria) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:
Fui à cidade.
Dirigia-se à Bahia e depois a Paris.

Para sabérmos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições de, em por. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos
necessidade de usar, respectivamente da, na, pela, o artigo será obrigatório:
.....Venho da Gávea
Fui à Gávea Moro na Gávea
.....Passo pela Gávea
.....Venho de Copacabana
Fui a CopacabanaMoro em Copacabana
{ Passo por Copacabana

OBSERVAÇõES:
1.a) o nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando adjetivo ou locução adjetiva:
Fui à Copacabana Venho da Copacabana de minha infância
Moro na Copacabaria de minha infância
de minha infância { Passa pela Copacabana de minha infância
Assim se diz: Irei à casa paterna

(1) Cf. SAID ALI, Meios de Expressdo e Alterardes Setndfiticas, 11-23, 2A ed.

acompanhado dc
#

2.a) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de de ou da, em ou tia,
por ou pela, será também facultativo o emprego do a acentuado:

Venho da França
{ de
Moro em França
{ na
Passo pela França
{ por

Fui à França
{ a

b) diante dos demonstrativos a, aquele, aquela, aquilo :
à
Referiu-se àquele que estava do seu lado
àquela
{ àquilo {

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:
Dirigiu-se ãquela casa e não à sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural: às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:
a) diante de palavras de sentido indefinido:

uma
certa
Falou a qualquer pessoa
cada
toda

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral uma: Irei vè-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos que (quando o a anterior for uma preposição), quem, cuja :
Está aí a pessoa 4 que fizeste alusão.
O autor a cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança a quem disseste a notícia.

c) diante de verbo:

Ficou a ver navios
Livro a sair em Lreve

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.a, V. S.a, V. M., etc.

Não disseram a ela e a você toda a verdade.
Requeiro a V. Ex.a com razão.

#

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição: frente a frente, cara a cara, face a face, gota a f) diante da palavra casa quando desacompanhada de adjunto:

irei a casa logo mais

A crase é facultativa nos seguintes casos principais :

a) antes de pronome possessivo com su~stantivo claro:

Dirigiu-se à minha casa, e não à sua
{ a

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao a acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas à Angela
{ a

c) antes da palavra casa quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei ~ à
, a

I

casa de meus pais

OBSERVAÇÃO FINAL: É preciso não identificar crase e craseado com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura a era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar a craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2) Até

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido), pode vir ou

não
seguida da preposição a :

Caminharam até a escola
{à

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se até às lágrimas, e 1 diste com mu,
entranhado afeto" (CAMILO, A Queda dum Anjo, 67).
" ... e prometem ser-lhe amparo até ao fim" (ID., ibid., 77).
"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi até a um canto da sala..." (LIMA
BARRETO, apud S. DA SILVEIRA, Lições, õ 496).

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão até que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de inclusive, também,

#

mesmo, ainda. A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou até mim e disse toda a verdade.
Até eu recebi o castigo.

3) Com

Aparece nas circunstáncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente
seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam com os maus sancionam a própria ruína" (M. DE
MARICA).
"Nunca agradecemos com tanto fervor como quando esperamos um novo favor- (ID.).
"A economia com o trabalho é uma preciosa mina de ouro" (ID.).
"Somos atletas na vida; lutamos com as paixões dos outros homens e com as
nossas" (ID.).
"Queremos gover , nos perfeitos com homens imperfeitos: disparate" (ID.).
"O silêncio com ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" (li).).
"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou com (= tem-
poral) a existência da sociedade" (A. HERCULANO, Fragmentos, 144).

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (obj. indireto e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre com a abonação do nosso amor próprio" (M. DE MARICÁ).

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece a si próprio" (ID.).

4) Contra

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava contra tudo e contra todos.
Remar contra a maré.
Votar contra alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo apertar (estreitar e sinônimos) apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"Apertei contra o coração o punho da espada" (A. HERCULANO, M. de Cister, 1, 37); "E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a estreitou contra o peito..." (ID., O Bobo, 144).

Também se considera como galicismo contra no sentido de em troca de : Dar a mercadoria contra recibo (por mediante recibo).

#

5) De

a) Introduz complemento de verbos (obj. indireto) e nomes (compl. nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se dos velhacos, e não podem t0]Crar O,5 t0105" (M. DE MARICÁ).

---0temor da morte é a sentinela da vida" (ID.).

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém da falsa defi-niçt7o, ou das noç6es falazes que temos do bem e do mal" (ID.).

"A doçura e beleza das mulheres parecem inculcar que são anjos e serafins que

(lesceram dos céus e se humanaram. na terra" (ID.).
"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece da vida doméstica
e de todos aqueles lugares não vistos da multidão" (A. HERCULANo, Fragmentos, 143).

OBsEavAçÃo: Modernamente o agente da passiva se rege mais de por.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:
"A credulidade e confiança de muitos tolos faz o triunfo de poucos velhacw~ (M.
D1,. MARICÁ).

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

I

.. .. ela só lhe aceitava sem relutância os mimos de escasso preço, como a cruz
de ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" (M. DF, Assis, Brds Cubas, 54).

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece de faminto" (M. DE MARICÁ).
Cantar de alegria, morrer de medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se de um homem que tem juizo é o maior elogio que se lhe pode faze
(11. DE MARICÁ). 1

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive de ficções, como o corpo se nutre de alimentos" (ID.).

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão do que

São mais de três horas.

I

i) Indica a posição, o lugar:
"Sucede freqüentes vezes admirarmos de longe o que de perto desprezamos" (M.

DE MARICÁ).

j) Indica uma coisa contida na outra:
Copo de leite (= o leite que o copo contém), copo d'água.

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: copo com leite, com água.

1) Indica o fim, principalmente com infinitivo
Dá-me de beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:
De noite todos os gatos são pardos.

n) ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:
"O homem de juizo aproveita, o tolo desaproveita, a experiência própria" (ID.).
Rua do Ouvidor.
OBSERVAÇÃO: Nas denominações de ruas, escolas, teatros e casas comerciais e em circunstâncias que tais se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro li (mas Rua do Ouvidor).

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:
A maioria dos homens, um terço dos soldados, um punhado de bravos; um pouco (ou uma pouca) de água.
OBsERvAçÃo: Depois dos comparativos maior, menor, etc. pode ser substituído por entre: O maior de todos (= entre todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:
"Muitos figuram de Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres"
(M. DE MARICÁ).

OBSERVAÇõES:
La) Note-se a fórmula é de com o sentido de é próprio de: "É da natureza hu-
mana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar
para eles, instruí-los e governá-los" (ID.).
2.a) Em construção do tipo acusar de negligente, presumir de formosa, "explicam-se
:geralmente pela omissão de um verbo atributivo (ser, estar, etc.) ou pela fusão da
,construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" (M. BARRETo, De
-Gramática, 2.a ed., 297). Acusar de negligente = acusar de ser negligente, acusar de
:sua negligência.

i

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos

a) em construções de tipo:
A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não foi de vir).

W_
#

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a idéia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" (1):

Aumentar um centímetro (e não aumentar de um).
Este número excede aquele duas dezenas (e não excede de duas dezenas).
Mais novo alguns meses (e não mais novo de alguns meses).

c) depois do verbo consistir: a prova consiste em duas páginas mimeografadas (e não consiste de duas).

NOTA FINAL: os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão de resto (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raizes no latim de reliquo.

6) Em

Denota:

1) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades em nós mesmos que no ar, na terra e nos mares"
(M. DE MARICÁ).

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por em: "Pulsa-lhe (1= nele) aquele afeto verdadeiro" (M. DE Assis). Não me toque. Bateu-nos. Mexeu-lhe.

2) tempo, duração, prazo:

"Os homens em todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam"
(M. DE MAIUCÁ).

OBSERVAÇÃO: Precedendo um gerúndio, a preposição em aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese: "Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" (R. BARBOSA).

3) modo, meio:

Foi em pessoa receber os convidados.
Pagava em cheque tudo o que comprava.

4) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juizo converte a desgraça em ventura, o tolo muda a fortuna em miséria" (ID.).

5) preço, avaliação:

A casa foi avaliada em milhares de cruzeiros,

(1) EipiFANio DiAs, GramdUca Elementar, 5 152, JúLIO MOREIRA, Estudos 11, 46-47.

#

6) fim, destinação:

Vir em auxílio. Tomar em penhor. Pedir em casamento.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposiçã

em como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão em questão, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e cor

infinitivo)

9) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio

Saltar em terra. Entrar em casa. De grão em grão. Dar em doido (= chega

OB.svi- Xo: A língua Dadráo não aceita este emprego com os verbos vir, chegar

preferindo a preposição a: Ir à cidade; chegar ao colégio.

10) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação

mergulhando. ~ ." (C. NETo apud. S. DA SiLvFiRA, Liç6es, õ506-7

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentid(

,,Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era

dest i âo da dor" (M. DE Assis, Brds Cubas, 301

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo

só e ode dizer entre mim e ti., entre ele e mim, entre você e mim, etc.
"'>-- -e vens is nedir-me adoraçóes quando entre mim e ti está a cruz ensan-

As pessoas cultas evitam exemplos como entre eu e tu, entre eu e êles
entre eles e eu e semelhantes. Deste último, em que o pronome reto não
vem junto da preposição entre ocorrem alguns exemplos literários que a

"Odeio toda a gente/ com tantas veras d'alma e tão profundamente/, que me
ufano de ouvir que entre eles e eu existe/ separação formal" (A. F. DE CASTILHO,
#

8) Para

Denota:

1) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é pra-
ticada (objeto indireto ou complemento nominal):
"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos para nós mesmos"
(M. DE MARICA).
"A preguiça nos maus é salutar para os bons" (ID.).

2) a pessoa a que se atribui uma opinião (objeto indireto):
"O pedir para quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" (ID.).

3) fim, destinação:
"a filha deu-me recomenda" para Capitu e para minha mãe" (M. DE Assis apud
S. DA SiLvEiRA, Liç6es, 509-b).

4) fim:

"O ambicioso, para ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" (ID.).

5) termo de movimento, direção para um lugar com a idéia acessória de demora ou destino:

Foi para Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apeiias o lugar onde em construções do tipo: Ele agora para o Norte.

6) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz para as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." (CAmux), apud J. MoREiRA, Estudos, 11, 49).

Vou aí para as seis horas

9) Por (e Per)

Denota:

1) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões' que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" (M. DF. Assis, Brds Cubas, 190).

2) meio:

Puxar pelo paletó, rezar pelo livro, segurar pelos cabelos, levar pela mão, ler pelo rascunho, contar pelos dedos, enviar pelo correio.

3) modo:

Repetir por ordem, estudar por vontade.

-Louvamos Por grosso, mas censuramos por miúdo" (M. DE MARICÁ).

293

#

4) distribuição:

Várias vezes por dia.

5) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir pelos pobres, repartir pelos amigos, dividir por três a herança.

6) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato por lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale por cinco brasileiras" (M. DE Assis, Brás Cubas, 183).

7) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que pelo amor se perpetua" (M. Dz MAiucÁ).
"Muitos se abstêm por acanhados do que outros fogem por virtuosos" (ID.).

8) nos juramentos e petições designando a pessoa ou cousa invocada para
firmar o juramento e para interceder.

jurar pela sua honra, pedir pela saúde de alguém (ENFÂNio DIAS, Gramática Ele-
mentar, õ 163-b).

9) em favor de, em prol de:

Morrer pela pátria, lutar pela liberdade.

10) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, por noite de luar e serena sobre uma fraga ma-
rinha, não sente irem-se-lhe os olhos ... ?" (A HERCULANo, Fragmentos, 159).

11) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas pelo coração do que os homens Pela razão"
(M. DE MARICA).

12)depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de
disposição de ânimo para com alguma coisa-

"A paixão pelo jogo pressupõe ordinariamente pouco amor pelas letras" (M. DE
MARICÁ).

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com por,
nestes casos, porque, no português contemporáneo, o uso de de se especializou no
sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, amor de Deus era
tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos
consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de amor pelas letras díz-se também correta-
mente amor às letras. Quando nos casos de genítívo objetivo e, 5correr ambigüidade
OSCI
com o emprego da preposiçlo de, costuma-se substituir esr%reop çáo por contra
(se o nome designa sentimento hostil) ou para com (se o sentimento é benévolo):
Guerra contra os inimigos e respeito para com todos.

W_
#

13) fim (em vez de para):

Iorcejava por obter-lhe a benevoléncia, depois a confiança" (M. DF Assis, Brás Cubas, 194).

14) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

ele virá.

Ter alguém por sábio. Enviar alguém por embaixador. Tenho por certo que

5 - CONCORDANCIA

Considerações gerais. Chama-se concordância ao fenômeno gramatical que consiste em o vocábulo determinante se adaptar ao gênero, número ou pessoa do vocábulo determinado.

A concordância pode ser nominal ou verbal. - Diz-se concordância nominal a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (vocábulos determinantes) e o substantivo ou pronome (vocábulos determinados) a que se referem:

"O capitão rosnou alguma cousa, deu dous passos, meteu a mão no bolso, sacou um pedaço de papel, muito amarrotado; depois, à luz de uma lanterna, leu uma ode horaciana sobre a liberdade da vida marítima,, (M. DE Assis, Brds Cubas, 65).

Diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que era, falavam, olhavam, gesticulavam, ao tempo que ela olhava só, ora fixa, ora móbil, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque deixava cair as pálpebras" (ID., ibid, 183).

"Chegando à rua, arrependi-me de ter saído" (ID., ibid.).

"Eram 2 de novembro de 1512" (A. HERCULANO, Fragmentos, 124).

A concordância pode ser estabelecida de vocábulo para vocábulo ou de vocábulo para sentido. A concordância de vocábulo para vocábulo

será
total ou parcial (também chamada atrativa), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo dos vocábulos determinados numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me ofereciam vida e honra a troco de perpétua infâmia"
(A. HERCULANO, EUriCO, 147).

O verbo ofereciam concorda com a totalidade do sujeito composto: vida e honra.

"porque entre ele e Suintila... estd o céti e o inferno" (ID., ibid., 143).

295
#

Jk

I

I i ~

O verbo está concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o céu e o inferno.
... via-se em todas as faces pintado o espantoso e o terror" (ID., Fragmentos, 124).

O verbo via e o adjetivo pintado concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série o espanto e o terror.
"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam, apagou em
nossa alma o selo da cruz" (ID., ibid., 143).

O verbo apagou concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (o sentir daqueles) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto
ao verbo.
A concordância de vocábulo para sentido se diz ainda concordância "ad sensum" ou silepse :
"A plebe vociferava as mais afrontosas; injúrias contra D. Leonor: e se chegassem
a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" (ID., ibid, 41).

O verbo vociferava concorda com o sujeito plebe que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu sentido de plural, levar ao plural o verbo chegassem.
"Era gente colectícia, muitos, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco
habituados a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" (ID., apud

Fragmentos, 51).

O termo gente, de sentido coletivo, é o responsável pela flexão mas-
culina de muitos e habituados, por se levar em conta a idéia de soldados
contida no vocábulo gente.

Concordância nominal
A - Concordância de vocábulo para vocábulo

a) Há um só vocábulo determinado.

O vocábulo determinante irá para o gênero e número do vocábulo
determinado:
"Aflige-nos a glória alheia contestada com a nossa insignificância" (M. DE MARICÁ).
"Os bons exemplos dos pais são as melhores lições e a melhor herança para os
filhos" (ID.).
"Eu amo a noite solitária e muda" (G. DIAS, Obras Poéticas, 1, 314).
Eu estou quite. Nós estamos quites.

b) Há mais de um vocábulo determinado.

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.0) Se os vocábulos determinados forem do mesmo gênero, o vocábulo
determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou concor-

Male
#

r-

dará, principalmente se vier anteposto, em gênero e número com o
mais próximo:

Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca desmentidos" (R. DA
SILVA, Contos e Lendas, 124).
"O tom e gesto caricioso, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo-
(CAMILO, Queda dum Anjo, 158).
"e os nossos Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." (0. MENDES, Firgílio
Brasileiro, 72) (1).

OBSF.RVAÇõES:

1.a) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira (Gramática Expositiva,

õ427, 3, nota) aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre cujos índice e polegar pendia o pergaminho_" (A. HERCULANO, M. de Cister, 11, 24) e "... pelas exigências cada vez maiores destas devoradas e insacidveis fome e sede de leitura" (A. F. DE CAsTiLHo, Fastos, 1, 315).

2.a.) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os irmãos Pedro e Paulo. Os apóstolos Barnabé e Paulo.

2.0) Se os vocábulos determinados forem de gêneros diferentes, o vocábulo determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com o mais próximo:

"Vinha todo coberto de negro: negros o elmo, a couraça e o saio" (A. HERCULANO, rurico, 107).

"Como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais antigos" (ID., ibid., 86).

"Caiada a natureza, a terra e os homens" (G. DIAS, Obras Poéticas, 1, 315).

OBSERVAÇÃO: Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de vocábulos determinados de gêneros diferentes ~ida de vocábulo determinante no masculino plural, venha o determinado masculino em último lugar.

c) Há um só vocábulo determinado e mais de um determinante.

O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: As literaturas brasileira e portuguesa ou A literatura brasileira e portuguesa ou A literatura brasileira e a portuguesa.

" e os cronistas tudense e toledano fazem começada a luta dos dous reis depois daquele consórcio" (A. HERCULANO, H. de Portugal, 111, 86).

"Li um anúncio, convidando mestra de línguas inglesa e francesa para o colégio" (CAMILO, A Queda dum Anjo, 128).

(1) Comenta com razão SouSA DA SILVEM (Trechos Seletos, 251 da 4.a ed.): "O possessivo no plural, determinando dolo substantivos do singular, e evitando assim o Impreciso de "o nosso Basílio e Durgio" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão". Cf.: "Os mesmos Pitt e Napolelo, apesar de precom, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. oz Aim, Papéis Avulsos, 88).

B - Concordância de vocábulo para sentido.

O vocábulo determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a forma do vocábulo determinado para levar em consideração, apenas, o sentido em que este se aplica: o (vinho) champanha, o (rio) Amazonas.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) as expressões de tratamento do tipo de V. Ex.a, V. S.a, etc.:
V. Ex.a é atencioso (referindo-se a homem)
{ atenciosa (referindo-se a mulher)

2) a expressão a gente aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:
"Pergunta a gente a si próprio (refere-se a pessoa de sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" (PINHEIRO CHAGAS apud MÃmo BAwaTo, Vitimos Estudos, 413) (1).

3) o termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:
"Acocorada em torno, nus, a negralhada miúda, de dois a oito anos" (H. DE CAMPOS, Memórias, 84).

Note-se que acocorada e miúda concordam com a forma gramatical de negralhada, enquanto nus o faz levando em conta o seu sentido grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) o vocábulo determinado aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquele no plural:
"Não compres livro somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" UOÃO RIBEIRO, Gramática Portuguesa, 321).
"Mas não nos constou em que ano começou nem quantos esteve com ele" (FR. LUIS DE SOUSA apud JoÃo RIBELRO, ibid.) (2).

C - Outros casos de concordância nominal.

1) Um e outro, nem um nem outro. - Com um e outro, nem um nem outro põe-se no singular o determinado (substantivo), e no plural ou singular o verbo da oração, quando estas expressões aparecem como sujeito:

(1) Está correto neste caso também o emprego da concordáricia com a forma gramatical
do vocábulo determinado: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é
a gente ser sincera" (CAmmo apud M. BARRETO, ibid., 411).
(2) Pode ocorrer a aparente discordáricia entre um nome e um pronome: "Luís escreveu
uma ode admirável como sabia escrevé-las" (JoÃo RiBirao).

#

Ir"-

"Parou um momento e, olhando para um e outro lado, endireitou a carreira

IA. HERCULANO, Eurico, 107).

---Masuma e outra cousa duraram apenas rápido instante" (ID., ibid., 218).

Com nem um nem outro é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

em um ne outro livro merece ser lido.

Se as expressões um e outro, nem um nem outro se aplicarem a nomes

de géneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:
"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com
rainha, que tão fatais foram para um e outro" (A. HERCULANO, Fragmentos, 35).
"Renousavam bem Derto um do outro a matéria e o espírito" (ID., Eurico, 44)

2) Mesmo, próprio, só. C d om. o vocábulo determinado
em gênero e número: ,

Ele mesmo disse a verdade. Ela mesma disse a verdade.

Elas próprias foram ao local

xTA- não estamos sós

"Eles sós se encaminham para essa parte...

" (A. HERCULANO, EUriCO, 153).

Em língua literária, ocorre o adjetivo só variável onde no colóquio se

prefere usar do advérbio só, portanto invariável:

.1 iJA A . - -*- lutar no seu rosto com

as rosas da mocidade" (A. F. GASTILHO, Revista Lisbonense, rt.0 24).

Mesmo, além de se empregar na idéia de identidade (= em pessoa)

aparece ainda como sinônimo de próprio, até :

"ao mesmo demônio se deve fazer Justiça, quando ele a tiver" (Pe. ANTóNIO VIEIRA

apud EPIFÂNto DIAS, Sintaxe Histórica, õ 86-a).

agora (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) tacilitaram. o aparec me .. o
moderno do vocábulo como advérbio, modo de dizer que os puristas con-

P -1
"... vaidosos de seus apelidos, mas
de imitarem seus avoengos" (CAMILO, O

3) Leso. - É adjetivo, e não forma do verbo lesar, em construçõe
de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de

concordar com o seu determinado em gênero e número:

---o - a substância não fosse Já um crime de leso-gosto e lesa-seriedade ainda

por cima as pernas saíam sobre as botas" (CAMILO, Queda dum Anjo, 83)

(1) O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira
ediçáo deves purificá-la das palavras mesmo como advérbio, posto que tenhas um exemplo em
CAmórs e tros em D. FRANCISCO MANUEL DE MELO" (Correspondéncia Ia11 167
#

#

4 Anexo. - Anexo, como adjetivo, concorda com o vocál)ulo deter-
mião em gênero e número:

Correm anexos aos processos vários documentos.

Vai anexa a declaração solicitada.

5) Meio. - Como numeral, concorda em gênero e número com o vocábulo determinado claro ou oculto:

"Para aquilatar a importáncia do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e meio milhões de quilômetros quadrados de superfície ... " (AFONso ARINOS, História e Paisagens, 102).

Era meio-dia e meia (i. é: e meia hora).

6) Possível. - Com o mais possível, o menos possível, o melhor possivel, o pior possível, quanto possível, o adjetivo possível fica invariável, ainda que se afaste do vocábulo Mais :

Paisagens o mais possível belas.
Paisagens o mais belas possível.
Paisagens quanto possível belas.

Com o plural os mais, os menos, os piores, os melhores, o adjetivo possível vai ao plural:

Paisagens as mais belas possíveis.

Estão erradas concordâncias como

paisagens as mais belas possível.

Fora destes giros, a concordância de possível se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos Possivei0 (A. HERCULANO, Fragmentos, 160).

7) A olhos vistos. - É tradicional o emprego da expressão a olhos vistos no sentido de claramente, visivelmente, em referência a nomes femi- ninos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava a olhos vistos" (M. DF, Assis, Papéis Avulsos, 13, apud. Tradições Cldssicas, 370).

Mais rara, porém correta, é a concordância de visto com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam a olhos vistas de dia para dia" (CASTILHo apud C. RiBEixo, Serões Gramaticais, 554).
"O barão desmedrara a olhos visto" (CAmiLo, apud JoÃo CuRioso, Camilo, 32).

#

lpp~

i

8) É necessário paciência. - Com as expressões do tipo é necessário, é bom, é preciso, o adjetivo pode ficar invariável qualquer que seja o gênero e o número do vocábulo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral:

É necessário paciência.

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" (G. DIAS apud S. SILVEIRA, Lições de Português, 254).

9) Alguma coisa boa ou alguma coisa de bom. - Em alguma coisa boa o adjetivo concorda com o vocábulo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também alguma cousa extraordinária" (A. HERCULANO aputi M. BARRETO, Factos, 144).

Em alguma coisa de bom não concorda com coisa, sendo empregado neutralmente (como algo de novo, nada de extraordinário, etc.).

Por atração pode-se fazer a concordància do adjetivo com o vocábulo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de sedutora ?" (CAMiLo apud, M. BARRETO, Op. laud., 146).

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de engenhosa" (ID., ibid.).

10) Um pouco de luz e uma pouca de luz. - Ao lado da construção normal um pouco de água pode ocorrer a concordáncia atrativa uma pouca de luz, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: pouco de luz + pouca luz (1):

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida uma pouca de terra. . (A. HFRCULANO, Eurico, 154).

11) Concordância do pronome. - O pronome, como vocábulo determinante, concorda em gênero e número com o vocábulo determinado.

Emprega-se o pronome oblíquo os em referência a nomes de diferentes

géneros:
"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-os tu em toda a sua sublimidade"
(A. HERCULANO, ibid., 35).

12) Nós por eu, vós por tu. - Empregando-se vás em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:
-Sois injusto comigo" (A. HERCULANO apud EMÂNio DIAS, Sint. Hist, õ14-b).

(1) Dá-se ao fenómeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. pág. 331.

#

1, , 1

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome nós, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos breve que prolixo.
"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação
histórica, hesitávamos perplexos" (A. HERCULANO, ibid.).

13) Alternância entre adjetivo e advérbio. - Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (vari"Vamos a falar sérias"(CAMiLo apud. M. BARRETo, Novos Estudos, 265) (adjetivo).
Vamos a falar sério (advérbio).
"Os momentos custam caros" (R. DA SILVA, ibid.) (adjetivo).
Os momentos custam caro (advérbio).
"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase soli-
táría e meia arruinada Cartéia" (A. HERCULANO, EUriCO, 12).

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando o vocábulo determinado está no feminino ou no plural, onde a flexão nos
leva a melhor interpretar o termo como adjetivo.
Notemos, por fim, que alerta é rigorosamente um advérbio e, assim, não se deve flexionar:

Estamos todos alei-ta.

Há uma tendência para se usar deste vocábulo como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática.

14) Particípios que passaram a preposição e advérbios. - Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio
(como, por exemplo, exceto, salvo, mediante, nio obstante, tirante,

etc.)
e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

,, Os tribunais, salvas exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sis-
tema" (R. DA SILVA, História de Portugal, IV, 67).

"A iazão desta diferença é que a mulher (salva a hipótese do cap. ci e outras)
entrega-se por amor. . . " (M. DE Assis, Brás Cubas, 327).

Como bem pondera Epifánio Dias, flexionar tais vocábulos
"é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" (Sint.
histórica, % 220-a).

15) A concordância com numerais. - Quando se empregam os car-
dinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página um. Figura vinte e um.

OBsER%AçÃo: Na linguagem jurídica diz-se: A folhas vinte e uma. A folhas
quarenta e duas.

r"
#

CotirnrdAncia verbal

A - Concordíncia de vocábulo para vocábulo

a) Há um só sujeito

que seja um coletivo:

1) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda

"A vida tem uma só entrada: a saída é por cem portaC (M. DE MARICÁ)

2) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados sdo com dor comemorados" (ID.).

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o corrompem" (ID.).

"Povo sem lealdade não alcança estabilidade" (ID.).

b) Hd mais de um sujeiu

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural,

qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito:

*'... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupçâo dos costu
liaviam feito incríveis progressos" (A. HEILCULANo, Eurico, 21).

"Repeti-as, porque se me ofereciam vida e honras a troco de perpétua infância"

(ID., ibid., 144).

i ORSERVACUS:

1 a) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, principalmente se
sujeito vem depois do verbo: "O romeiro é livre como a ave do céu: respeitam-no o
besteiro e o homem d'armas: dá-lhe abrigo o vilão sob o seu colmo, o abade no

2.a) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos
verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando a autoridade paterna c materna fossem delegadas..." (A. GARRETT,

3.a) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão
de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da
oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra
em si): Meillet-Ernout dizem (ou diz) no seu Dictionnaire Etymologique - que a

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que
se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua
moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente
#

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo
e se quiser acentuar a idéia de"plural do coletivo, não repugnam à sensi-
bilidade do escritor exemplos como os seguintes:

"Começou então o povo a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o arrastaram
até o meio do rossio e ali o assassinaram, e queimaram, com incrível presteza" (A. HER-
CULANo, Fragmentos, 83).
"Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem

participar-lhe
dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se a gente vai a rejeitar as relações das famílias,
justa ou injustamente abocanhadas pela maledicéncia, a poucos passos não temos quem
nos receba" (CAMILO, A Queda dum Anjo, 64).

C - Outros casos de concordância verbal.

1) Sujeito constituído por pronomes pessoais.

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais
em que entra eu ou nós, o verbo irá para a 1.a pessoa do plural:

"vínhamos da missa,ela, o pai e eu" (M. nF, Assis, Brds Cubas, 309).

Se na série entra tu ou vós e nenhum pronome de 1,a pessoa, o verbo
irá normalmente para a 2.a pessoa do plural:

"E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e
tereis (i. é, tu e ele) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus. . . "
(CAMILO, Carlota Angela, J9).

OBSERVAÇÃO: ou porque avulta como idéia principal o último sujeito ou porque,
tia língua moderna, vai deiaparecendo o tratamento vós, pode, nestes casos, o verbo
aparecer na 3.a pessoa do plural:

"quando tu e os outros velhacos da tua laia lhe estorroaram na cara lixo e terra.. .
(A. HERCULANO, Monge de Cister, 1, 152, apud S. ALI, Gram. Histórica, 11, 69).

2) Sujeito ligado por série aditiva enfática.

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva
enfática (não só... mas, tanto ... quanto, não só... como, etc.), o verbo
concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum
quando o verbo vem antes do sujeito):
"Tanto o lidador como o abade haviam
com toda a precaução" (A. HERCULANO, O Bobo, 184).

3) Sujeito ligado por com.

seguido para o sítio que ele parecia buscar

Se o sujeito no singular é seguido de outro no singular ou no plural
através da preposição com, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural
para realçar a participaçjo simultdnea na açjo :

Ir-

"El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, estava fora da cidade, por causa
peste em que então Lisboa ardia" (A. HERCULANO, Fragmentos, 84).
"Estas exDlica~ não evitaram nue o desembar dor --

1 O5"us
prognosticassein o derrancamento, do morkado da Agra..." (CAMILO, A Queda dum
Avio, 108).

Em lugar de com pode aparecer outra expressão de sentido aditiv
"Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da
Silva Peixoto, coadjuvado pele foliculdrio José Acúrsio das Neves, levantaram-se
prorromperam em "vivas"... (CAMILo apud. M. ~RETO, Novos Estudos, 206).

4) Sujeito ligado por nem. .. nem.

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa nem ... nem
1.--- ^ 11 1

--- o norma mente ao niural e, as vezes ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual nem o cansaço de trabalhosa jornada,
nem o hábito dos cômodos do mundo puderam impedir..." (A. HERCULANO, Eurico, 136).
... "nem Deus, nem o mundo lhes dará a mínima recompensa" (ID., Fragmen-
tos, 16).

5) Sujeito ligado por ou.

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção
indicar:

a) exclusão:

"a quem a doença ou a idade impossibilitou de ganharem o sustento " (A
HERCULANO, Fragmentos, 16).

b) retificação de mímero gramatical

Xantares é o nome que o autor ou autores do Cancioneiro chama

dos Nobres dão a cada um dos poemetos.

c) identidade ou eauivalência :

" (ID., O Bobo, 131)

O professor ou o nosso segundo pai merece o respeito da pátria

Se a idéia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série o sujeito composto, o verbo irá para o plural:

"A nulidade ou a validade do contrato... eram assunto de direito civil" HERCULANO, apud Fragmentos, 20).

6) Sujeito representado por expressão como a maioria dos homens.

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de a maioria de, a maior parte de, grande parte de, parte de e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

11 a maior parte deles recusou segui-lo com temor do poder da regente" (A, HERCULANO, Fragmentos, 38).
#

7) A concorddncia do verbo ser.

a) Se o sujeito é constituído por um dos pronomes isto, isso, aquilo, tudo e o verbo da oração é ser seguido de predicativo no plural, o verbo vai para o singular ou plural, sendo este último caso o mais freqüente-

"A pátria não é ninguém: sgo todos" (RUI BARWSA, Discurso no Colégio Anchieta, 11).
"Justiça é tudo, justiça é as virtudes todas" (A. GAR=, Educação, 45).

b) Se o sujeito denota pessoa, o verbo ser concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do predicativo:

Ela era as preocupações do pai.

c) Se o sujeito da oração que denota identificação é expresso por substantivo e o verbo é ser seguido de pronome pessoal, o verbo concorda em número e pessoa com este último-

Os responsáveis somos nós.

d) Nas orações interrogativas iniciadas pelos pronomes quem, que, o que, o verbo ser concorda com o nome ou pronome que vier depois:

O que são comédias P (CAMJLO, A Queda dum Anjo, 40).
Quem eram os convidados?

e) Nas orações em que aparecem expressões como é muito, é pouco, é mais de, é tanto seguidas de determinação de preço, medida ou quanti-
dade, o verbo ser é empregado no singular:

Três mil cruzeiros é pouco pelo serviço.

õ 473).

f) Nas orações que exprimem horas, datas, distáricias, o verbo ser concorda com a expressão numérica:

"Eram quatro de agosto, quando se encontraram" (A. HERCULANo, FragmenIns. 70).
Da cidade à ilha são vinte quilômetros.
"Eram as horas da treva profunda" (ID., Eurico, 52).

Com a expressão perto de se encontra às vezes o singular-
"Era perto de duas horaV (M. DE Assis, apud S. SILVEMA, Liç6es de Português,

g) Na expressão era uma vez um rei, que introduz narrações, pode-%-e
considerar o verbo como intransitivo (com sujeito um rei), ou como transitivo direto sem sujeito (= havia uma vez um rei). No primeiro caso, o verbo concorda com o sujeito se não houver a expressão uma vez :

M as:

Era um rei.
Eram um rei e uma rainha.

Era uma vez um rei e uma rainha.

T

8) A concorddncia com mais de um.

Depois de mais de um o verbo é em geral empregado no singular

"... mais de um poeta tem derramado..." (A. HERCULANO, Fragmentos, 155)

"Mais de um coração de guerreiro batia apressado_" (ID., ibid, 169).
"Sei que há mais de um que não se envergonharam dela" (ID., ibid.).

Nas orações exclamativas com que de (= que quantidade de) seg de substantivo no Dlural o verbo vai ao plural:

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos, etc.), o verbo con

corda com a expressão Partitiva introduzida Dor de ou dentre :

"Quais dentre vós... sois neste mundo sós e não tendes quem na morte regu com lágrimas a terra que vos cobrir? Quais de vós sois, como eu, desterrados no meio

do gênero humano? (A. HERCULANO, Eurico, 188-9).

"quantos dentre vós estudam conscienciosamente o passado?" UOSÉ DE ALENCAR

a) Se o sujeito da oraçãoé,o pronome relativo que, o verbo concorda com o antecedente, desde aue este não funcione como nredicativo de

"Não gastava ele as horas que lhe sobeia m do ercício do seu laborioso minis.

tério numa obra do senhor?" (A. HERCULANO, Eurico

18).

"Ô tu, que tens de humano o gesto e o peito" (CAMõEs, Lusiadas, 111, 127).

b) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordat com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.a pessoa (se não se quer insistir na Intima relação entre o

I

"já que não me é dado buscar-te, serás tu que virds lançar-te nos braços do te

"Sou eu o primeiro que não sei classificar este livro" (ID., ibid., 311).

'Irarnos dois sócios, que entra m no comércio da vida com diferente canítal'

~(M. uE Assis, apud S. SILVFiRA, Liç6es de Português, õ461)
#

c) É de rigor a concordància do verbo com o sujeito de ser nas expres-
sões de tipo sou eu que, és tu que, foste tu que, etc. (era prática da língua
até fins do séc. xviu usar um pronome demonstrativo como antecedente
do relativo : sou eu o que, etc.):

"Não fui eu que o assassinei" (A. HERCULANO, apud SAID ALI, (.ram. Histórica,
11, 75).

"Foste tu que me buscaste" (ID., íbid.).

d) Se ocorrer o pronome quem, o verbo da oração subordinada vai
para a 3.a pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo,
ou concorda com este antecedente(¹):

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados quem fazia o serviço dos
seus poemas" (A. HERCULANO, apud SAiD ALI, ibid., 77).

"És tu quem dás rumor à quieta noite,
És tu quem dás frescor à mansa brisa,
Quem dds fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe rouquejas" (G. DiAs, apud SAiD ALI, ibid.).

e) Em linguagem do tipo um dos.. . que, o verbo da oração adjetiva
pode ficar no singular (concordando com um) ou no plural (concordando
com o termo no plural), prática, aliás, mais freqüente.

"Este era um dos que mais se doíam do procedimento de D. Leonor" (A. HERCULANO,
Fragmentos, 37).

"Um dos nossos escritores modernos que mais abusou do talento, e que mais
portentos auferiu do sistema..." (ID., ibid, 46).

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo um.
Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das
tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do
número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" (E.
CARNEIRO RIBEIRO, Redação do Projeto 763, ed. 19055).

12) A concorddncia com os verbos impessoais.

singular:

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.a pessoa do

Há vários nomes aqui.
Deve haver cinco premiados.
Não o vejo hd três meses.
Não o vejo faz três meses.

OBSEMAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos

no plural
não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que alumiados da graça do Espírito
Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" (FILINTO EUSIO, Vida e Feitos dTI-Rei
D. Manuel, 1, 20).
"Houveram coisas terríveis" (CAMiLo, apud. JoÃo CURIOSO, Camilo, 1, 98.)

(1) Sobre esta última possibilidade comenta SAro ALI: "À força de combater-se unia con-
cordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa
fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de quem com
verbo em 1.& e 2.4 pessoa, vigorando todavia a antiga concordáricia desde que se empregue
que em lugar de quem" (op. laud.).

#

num&ica:

13) A concordância com dar (e sinônimos) aplicado a horas.

Se aparece o sujeito relógio, com ele concorda o verbo da oração:

O relógio deu duas horas.

Não havendo o sujeito relógio, o verbo concorda com a expressão

No relógio deram duas horas.

14) A concordância com o verbo na passiva pronominal.

A língua padrão exige que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito (Cf. pág. 104):

Alugam-se casas.
Vendem-se apartamentos.
Fazem-se chaves.

15) A concordância na locução verbal.

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me podem vir com duas objeçôes que geralmente se costumam faze?."
(Colóquios Aldeões, apud M. BARRETo, Novos Estudos, 215).

Se se considera costumar' fazer como dois verbos principais sem que

haja locução verbal, o costumar terá como sujeito a 2.a oração que, con-
siderada materialmente, vale como substantivo do número singular (cf.
pág. 112, nota final):

"Não se costuma Punir os erros dos súditos sobre,a efígie venerável dos monarcas"
(R. DA SILVA, apud M. BARRETO, ibid.).

: . Assim se poderá dizer:

As estrelas parecem brilhar (loc. verbal)
{ parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em as estrelas parecem brilharem temos a contaminação sintática das
duas construções.

Com poder e dever seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada
é considerar a presença de uma loc. verbal:

"Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a con-
cordância não pode ser arbitrária. Ex.: Quer-se inverter as leis, e nunca querem-se
inverter as leis. Neste caso é evidente que o único sujeito possível. é inverter" (Jolo
RIBEiRo, Gramática Portuguesa, 322).

#

J

16) A concordância com a expressão não (nunca) ... senão.

O verbo concorda com o termo que se segue a senão :

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se viam senão
cadáveres" (A. HERCULANo, Fragmentos, 117).

O mesmo ocorre com não (nunca) ... que (do que): Não se viam
mais que cadáveres.

17) A concorddneia com títulos no plural.

Geralmente se usa o verbo no Plural:

"Por isso, as Cartas Persas anunciam o Espírito das Leis" (M. BARRETO, trad. (ias
Cartas Persas, XII).

Com o verbo ser e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as Cartas Persas é um livro genial..." (ID., ibid.).

18) A concordância no aposto.

Quando ocorre o aposto resumitivO, através de tudo (nada, ninguém, etc.) o verbo concorda com este, e não com o sujeito-

Alegrias, tristezas, saudades, nada o fazia chorar.

6 - REGÊNCIA

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

1) Isto é para eu fazer. - Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas uni infinitivo, usam-se as formas retas eu e tu, e não mim e ti

Isto é para mim (a preposição introduz o pronome).
Isto é para eu fazer (a preposição introduz o infinitivo: isto é, para que eu faça).

2) Pedir para. - O verbo pedir pede objeto direto de coisa pedida e indireto de pessoa a quem se pede-

Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto)

Se o objeto direto é licença (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

Pediu-lhe licença para sair (ou para que saísse)

#

Este objeto direto licença pode calar-se, mas o sujeito de pedir s mesmo do verbo da subordinada:

A linguagem coloquial aproximou as idéias de pedir que algo aconteça (oração objetiva direta) e trabalhar para que algo aconteça (oração adver-

bial final), passando a usar a Dreposição Para a introduzir a

seria objeto direto do verbo Pedir:

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo

modo
de expressão traz também uma ambigüidade, porque se fica sem saber qual

é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Ern:

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interDreta a oracão subordinada como obietiva direta: Antônio tiediu

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco pelo que vimos na página 237) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o para como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o

3) Está na hora da onça beber ágtw. - A possibilidade de se por o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição de e o artigo a) que a tradição do idioma contrai em da, surgindo assim

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de se reger de preposição um sujeito. Na realidade não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumaram vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar #

ambas as construções, de a onça beber água e da onça beber água. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

" - . . só voltou depois do infante estar proclamado regedor" (A. HERCULANO, Fragmentos, 44); "Sabia-o, senhor, antes do caso suceder" (Itt., Lendas e Narrativas, 1, 267): "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, apesar das couves serem uma das espécies de legumes" (R. BARBOSA, apud PEDRo A. PINTO); "Pelo fato do verbo restituir, numa das suas acepçães, e entregar, em certos casos, terem..." (E.

CARNEIRO RiBEiRo, Redação do Projeto do Código Civil, 579); "tio caso do infinitivo trater compl. direto" (EPIFÂNi<) DIAS, Sint. Histór., õ289-b),

Que não se trata de um erro tipográfico, mas de um fato da língua, prova-o o seguinte fato: a contração constitui a norma na História de Portugal, de Rebelo da Silva; na pág. 87 do vol iv, entretanto, escreveu:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão depois de ele declarado e irremedidvel".

Na página de erratas, contudo, declara textualmente- "Onde se lê: depois de ele leia-se depois dele (d'elle no original)".

Menos felizes são as pretensas correções que Rebelo Gonçalves (1) propõe para:

"devido ao avião se ter atrasado", "pro menino ver", que se devem substituir, segundo ele, por: "devido a o avião", "pra o menino".

4) Migrações de preposição. - Com muita freqüência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o cm que pensar

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, os a quem tenho agravado, os com quem hotiver sido injusto, violento, intolerante_" (Oração aos Moços, 23); "e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver o a que era destinada_" (ibid, 36).

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano nos dá testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, pelo que (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" (Fragmentos, 69); "... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, ao que (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" (ibid., 91).

(1) Tratado de ortografia Portuguesa, 286.287.

É interessante a posição da preposição de a introduzir o predicativo

"O aue Drecisamos é de bracos valorosos e de peitos resolutos" (REBELO DA SI A

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo é Dossível haver O Dleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo

a que rigorosamente se prende e antes de de braços :

"O de que me não penitencio, é do esmero, bem ou mal sucedido, que pus en dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da cárnara o projeto" (R. BAPBOSA Réplica, apud M. BARRETO, Através do diciondrio, &a ed., 235 e ss.).

5) Complementos de termos de regência& diferentes. - O rigor gra matical exige que não se dê complemento comum a termos de regênciE de natureza diferente. Assim não podemos dizer, consoante este preceito

porque entrar pede a preposição em e sair a preposição de

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abre- viadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agra- dável concisão que o giro gramaticalmente lógico nem sempre conhede:

"Tenho-o visto ~ntrar e sair do Colégio de S. Paulo" (A. HERCULANO, Monge de Cister, 1, 154); "._ que se deduz daí a favor ou contra o direito de propriedade

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mai preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo

1

Para tais autores devemos dizer: com vantagens ou sem elas, antes da luta e de-bois dela, ou repetindo-se o substantivo como z M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, antes da luta e durante a luta, continuavam a repercutir

Salvo as situações de ênfase, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática

insiste em condenar, ainda que tenha o peso de ilustre sabedor como

6) Emprego de relativos precedidos de preposição. - O pronome

relativo exerce função sintática na oração a que pertence
#

a) Sujeito : O livro que está em cima da mesa é meu.
b) Obj. direto . O livro que eu li encerra uma bonita história.
c) Predicativo : Somos o que somos.

d) Objeto indireto: O livro de que precisamos esgotou-se.

e) Adjunto adverbial: O livro por que aprendeste a ler é antigo.
A casa em que moro é espaçosa.
O filme a que assististe saiu do cartaz.

f) Agente da passiva : Este é o autor por que a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto
as três últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o
emprego
do relativo universal (cf. pág. 272).

7) Relação de regências de alguns verbos e nomes(''):

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver de
abster-se de
abundar em
abusar de
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar a
acordar com
acusar de
adaptar a
adequado a
aderir a
admirar-se de, com, por
afastar' de
afável com, para com
afixar a
agradar a

agradável a
agradecer a

agregar-se a
ajudar a (e trans. direto)
ajuntar a, -se com
alhear-se de
alheio a
alimentar com, de
almejar por, (trans. di-
reto)
aludir a
amante de
ameaçar com
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso COMI para com
análogo a
anelar por
ansiar por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar de
apegar-se a
apelar para

(1) Gulamo-nos Pela relaçao que se encontra era ANTZNOIL 111, 35 e as.

aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
#

aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar a
aprender a
apressar-se a, em, por
aproveitar-se de
apto para, a
argüir de
arrancar (trans. direto)
aproximar-se a, de
arrepender-se de

arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar)
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar com
assistir a (= presenciar)
assustar-se com

~Ta, Idioma Nacional,
#

atrever-se a, em
atribuir a
aumentar
ausentar-se de
autorizar a
avaliar em
avaro de

ao lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar de
cobrir de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir com
coincidir com

coligar-se com
combater contra, por
combinar com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer a
compadecer-se de
comparar a, com
comparecer a
compatível com
compelir a
competir com, a

compor-se de
comprazer a, (-se) en
com
compreensível a
comprometer-se
comprovar com
comum a, de
comungar com
comunicar a
comutar em
concentrar em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com

conferenciar com
confessar a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com,
conforme com, a
confrontar com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. dir
considerar como

#

conspirar a, contra,
para
constante em
contagiar-se. com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de

O alemáo tem dois verbos diferentes: rufen e heissen. já é muito corrente no Brasil a cons
truçâo chamar de com obj. dir., contaminada de Outra$ como acusar, argüir dC (A
#

contribuir para, com
convalescer de
conversar comQ)

convencer-se de
converter em, a
convidar a, para
convir a, com, em
convocar a, para
cooperar com, para

Dar a, em, com, por
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar a, para
declinar de
dedicar a
dedignar-se de
deduzir de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar (tr. direto). a,
em
deparar com, (tr. direto)
depender de
dependurar de
depressivo de
derivar de
desafiar para, (tr. direto)
desagradar a
desagradável a
desalojar de
desapegar-se de
desapossar de
desapropriar de
desatar de, era
desatento a
desavir-se com
descansar com
descansar de
descartar-se de
descender de

Eleger por, em, como
embaraçar-se com
embeber de, em

coroar de, com
corresponder
com
corrigir-se de
cotejar com
crer em, a, (tr.
cristalizar em
cruel com, para
cuidadoso com

D

a, (-se)

direto)

com

descer de, a
#

desconfiar de
descontar de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar de
desesperar de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar de
desprender de
desquitar-se de
destituir de
deter-se em, com
determinar-se a
dever (tr. direto); de (3)
devoto de
diferenciar de
diferente de

embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em

cuidar de, em, (tr. di-
reto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a(2)
curar-se de
curioso de
curtir-se em

difícil de
dignar-se de, a
digno de
diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar em
dispensar de, a
dispor de, -se a, para
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir de
distar de
distinguir de
distrair-se com
distribuir a, por, com,
entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
#

divorciar-se de-
doce a
dócil a
doente de
doer-se de
dotado de
dotar com, em
doutor em
duro de
duvidar de

embriagar-se de, com
embutir em
emendar-se de

(1) Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de namorar, tratar intimamente.
(2) Ou cumprir simplesmente.
(3) Sem a preposiçáo expríme obrígaçáo; com de, probabilidade. Ex.: roce deve ter
capricho. Ela deve de ter cerca de quinze anos.

#

I P_

Fácil de
falar de, em, com, a,
sobre
faltar com, a
-falto de
fartar com, de
fatigar-se de, com
favorável a
fechar (-se) a
fecundo em

Gabar-se de
galardoar com
ganhar de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de

Hábil em habituado a
habilitar com, para haver-se com
habituar-se a herdar de

empapar de, em, com
empenhar-se por, em,
com
empregar-se com
emular com
êmulo de
encarar COM
encarregar de
encarniçar-se com,
contra
encharcar-se em
encher de
encomendar a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra

feder a
felicitar por
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em

firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

gostar de
gostoso a
gozar de
#

graduar-se em
grande de
grato a

317

enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer (sem de!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler a
eriçado de
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar de
esmerar-se em
espantar-se com, de

especular com, em
esperar de, em
espraiar-se em
esquecer-se de
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular a, com

estranho a
estreito de
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder a, em
exceptuar de
excitar a
excluir de
exercitar-se em
exortar a
expor a
extrair de
exigir de, a
eximir de
exonerar de
extorquir a, de

forrar de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear de, a
#

frouxo de
fugir de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar a

gravar com
o a
r.v,.0.' de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

horror a
hostil a
humilhar-se a
#

I

Ida a
idêntico a
idóneo para

imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir de
impelir a
impenetrável a
impetrar de
implicar com
impor a
importar a (impessoal),
de (país), em (quan-
tia (1)
impossibilitar para
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar a
inábil para
inabi)itar para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidír em
incitar a
inclinar a, para
incluir em
incompatível com
incompreensível a
inconseqüente com

inconstante em
incorporar a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar em
incumbir de
indébito a
indeciso em
indenizar de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor contra, (-se)
com
indócil a
indulgente para, para
com
indultar de
induzir a, em
inerente a
ínexorável a
infatigável em
,infeccionar em

inferior a
inferior de
infestar de
infiel a
#

inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar sobre, de, (-se),
de
ingerir em
ingrato com, para com

inibir de
iniciar em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir em
insinuar em
insípido a
insistir sobre, em
instar por, a
instruir de
inteirar-se de
intercalar entre,
interceder por
interessar-se por
intermédio a
internar-se em
interpolar entre, com
interpor entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para
com
intrometer-se em
inundar de, em
inútil para
investir contra, com
irmanar com
isentar de

jactar-se de juncar de juntar a, com
jubilar em jungir a justificar de

L

Lamentar-se de
lançar em, (-se) sobre
lastimar-se de
leal a
lembrar-se de
lento em
levar em, a, por
liberal com

libertar de
lidar com
ligar a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar em, a, (-se) de
limpo de
lisonjear-se de
#

(1) No sentido de produzir, acarretar é transitivo direto.

litigiar com, contra
livrar de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra
#

menor de
merecer de
mergulhar em
mesclar em
meter-se a, em
ministrar a
misericordioso com
para com
moderar-se em

Obedecer a
obediente a
oblíquo a

obrigar a
obsequioso con
obstar a
obstinar-se em

Pactuar com
padecer de
pagar a, de,
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com

pender de,
pendurar de,
penetrado de
pensar em
perdoar a
perfumar com
perguntar a, por
perito em
permutar com, po
pernicioso a
perpendicular
perseverar em
persistir em
persuadir de

molestar com
molesto a
morador em (1)
moreno de
morrer de, por
mortificar-se com
motejar de
mudar de; mudar-se

opor (-se) a
oposto a
oprimir com
optar por, entr
orar por
orgulhoso com, para

pesar de (impe~),, a
piedade de
pleitear com, contra
pobre de
poderoso para, em,

(2) 1 coloquial o uso da preposiçáo com, Influenciado talvez pela rcgência de draur.
(3) Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei o médico.
#

pos~.crior a
povoar de
prático em
precaver-se contra, de
preceder em
precisar de
preeminência sobre
preferir a (1)
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear com
preservar de
prestar a, para
prestes a, para

presto a, para
presumir de
prevalecer sobre
prevenir de, para,
contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a,
em (2)
privar de, com
proceder a, com
processar por
pródigo de, em
professar em
proibir a
promover a
pronto para, em
propender para

Q

propício a
propinquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir em
protestar contra
provar de
proveitoso a
prover a, de
provocar a
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar (trans. direto), de,
por

Quadrar com
qualificar de
quebrado

quebrantar-se comquerer (tr. direto), a(s)
queixar-se a, dequerido de, por
querelar contra

R

Radicar-se em
ralhar com
rebaixar de, (-se) a
rebelde a
#

rebentar de
recair em, sobre
reclamar contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar a
redundar em
reduzir a (não em)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em

regalar-se com
regar de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar a
remover de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar contra
reptar para
requerer a
resguardar-se de
residir em

resignar-se a, com

resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder a, para
revestir de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar Cor
romper com

(1) il erróneo o emprego do advérbio antes ou mais com este verbo porque a noçao de preferéncia ou excelência já está contida no prefixo. 11 também erróneo o uso da conjunçAo
#

comparativa que (ou do que). Deve dizer-se prefiro isto àquilo, prefiro o teatro ao cinema.
(2) O uso de a é considerado errado com exagero, por ser francesismo.
(3) No sentido de estimar, querer bem.

#

:acudir de
afar-se de
air de, (-se) com
alpicar de
salvar de
sanar de
são de
:arar de
atisfazer a, (-se) com
seco de
edento de, por

:eguro de, em
segregar de
emelhante a
emelhar a
ensível a
:entir-se de
s arar de

Tachar de
tapar com
tapizar de
tardar em
tardo a
tauxiado d
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar com
terminar em, po
terno de
timbrar em, de

servir a, (trans. direto)
(-se) de, para
severo com, para com
em
sindicar de
singularizar-se por
sito em (1)
soberbo com
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar em
sobressair em,
sobressaltar-se
sóbrio de, em
socorrer (-se) de, com

traduzir em, para, de
traficar com, em
traidor a, de
transbordar de
transferir a
transfigurar-se em
transformar em

subrogar em
subsistir com
substabelecer em
substituir por
subtrair de, (-se)
suceder a

surpreender-se com
#

suspeitar de
suspeito a, de
suspender de
sustentar-se de, com

travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar a
triste de, com
triunfar de
trocar Dor, de
#

Vacilar em
valer-se de, valer a, (C.
direto)
vangloriar-se de, por
variar de, em
vazar em
vazio de

V

vedar a
velar por, em, (C. direto)
versado em
verter de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com, em
vigiar por

Z

Zan~ com zelar por zombar de

7- COLOCA4gAO

vincular a
vingar-se de, em
visar (= pretender)
a, (trans. direto)
visível a
vizinho a, de
voltar de, a

Sintaxe de colocação ou de ordem é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A colocação, dentro de um idioma, z)bedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, que de ordem psicológica e esti-
lística. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entoação oracional.

"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascen-
dente, em que se anuncia o termo menos importante e depois, com acentuação mais
forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" (SAiD ALI, GramMica
Secundária, 270).

Isto nos leva a uma ordem considerada direta, usual ou habitual, que
,consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e em
zséguida os seus complementos.

A ordem que saia do esquema svc: (sujeito - verbo complemento)
se iaiz inversa ou ocasional.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como
afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança
mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oraciOna.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a
atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o
efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem ireta
também pode assumir valor estilistico para traduzir situações do cam
da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar ti u
dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes
florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do ocaso,
,deslizando pela verde alcatifa, enTolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre
.a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas.

~Q
#

e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho
da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamaria
a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o por do sol, e confundia o rumor

da cascata,
que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influéncia da tarde.

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativo antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os numerais (com exceção dos ordi-

nais e cardinais com valor de ordinais) se antepõem:
O livro, um livro, este livro, meu livro, cada livro, três livros;

b) a preposição vem antes de um regime nominal ou pronominal

e) o adjetivo monossilábico modificador cede o nome de maio

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo--

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido pró

uma significação figurada: grande homem

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" (M

Colocação dos termos na oração e das orações no período. - A.

norma sintática do português registra os se intes casos:

1.0) Põe-se de ordinário o sujeito de is do verbo na passiva pronominal

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que a nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença entre Abriu-se a porta (voz passiva) e A porta abriu-se
#

2.11) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.
Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.0) 0 verbo vem no início das orações que indicam existéncia (ser, existir, haver, fazer), tempo, peso, medida:

Era uma vez um principe.
Exi,.tiam várias razões.

Houve discussão.
Faz três anos que não o vejo.
São várias horas de distância.
Faltam dois dias para a festa.

4.0)0 verbo vem no início das subordinadas condicionais e concessivas sem conectivo:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.
Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.0)Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

- 6.0)

Suma-se - ordenou o policial.

Nas interrogações introduzidas, por pronomes e advérbios (quem, que, o que.. quanto, qual, como, quando, onde, por que), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (quem sujeito)
De quem falava você quando chegamos?
Como foi ele parar nessa encrenca ?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou o vocábulo interrogativo no fim da oração:

De quem você falava?
Ele comprou o quê ?

OBSUVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se por o sujeito antes do verbo em construção do tipo: O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu P

7.0)Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é freqüente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale 1
Viva o rei 1 (construção fixa)

#

8.0) A oração subordinada subietiva vem normalmente depois do

Ficou patente que o progresso começara
É aconselhável nue não se retirem aLyora.

9.0) A oração subordinada adverbial causal iniciada por como vem em

10.0) Numa seqüência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que

funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

11.0) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do

"Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontánea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no Verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tomarem a linguagem obscura

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo o é questão de fonética sintática. - Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" voca- bular do nao, do quê, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético. Abriram-se com isso os hori- zontes, estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gra- mática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva

#

em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a idéia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque

-a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; dai resulta que a colocação prono-

minal em nosso falar espontâneo n11o coincide perfeitamente com a do falar dos por-
tuguese0 (SAw ALI, ibid, 279).

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a ènclise, prócUse e mesócUse.

ÊNCLISE é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocá-bulo tônico a que se liga:

Deu-me a notícPRócLisE é a anteposição ao vocábulo tônico:
Não me deu a notiMEsócLisE é a interposição ao vocábulo tônico:
Dar-me-ás a notícia.

Critérios para a c010caÇSO dos pronomes pessoais átonos e do de. monstrativo o.

A - Em RELAÇÃO A UM Só VERBO.

1.0) Não se inicia período por pronome átono:

"Sentei-me, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" (M. Dz Assis, Brás
Cubas, 125).
"Náol vos digo eut" (A. HERCULANO, Antologia Nacional, 197).
"Querendo parecer originais, nos tornamos ridículos ou extravagantes" (M. Dz
MAWCÁ).

OBSERVAÇõES:
1.a) Preso a critério da oração (e não período, como aqui fizemos), Rui BARBOSA
(Réplica n.0 60) tem por errônea a colocação em. "Se a simulação for absoluta, sem
que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e
for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, - se julgará o ato inexis-
tente". Os que adotarem o critério de oração, só aceitam a posição inicial do pronome
átono na intercalada de citação, como ocorre no -xemplo de Herculano acima transcrito.
2~a) Em expressões cristalizadas de cunho opular aparece o pronome no início
do período: "T'esconjuro!... sai, diabo!..." (M. DE Assis, ibid., 97),

2.0)Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em
oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro" (M. DE Assis, Brds Cubas, 79).

"Se a visse, iria logo pedi-la ao paP (ID., ibid, 87).

"Tu que me lés, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje... ?" (ID., ibid., 91).

OBsEavAçÃo: Quando se trata de oraç5es subordinadas coordenadas entre si às vezes ocorre a énclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam vocábulos ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, disse-lhe entre outros carinhos..." (M. DE Assis, apud M. BARRETo, últimos Estudos, 197). Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.0) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vir-gula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não me parece; acho os versos perfeitos" (M. DE Assis, Brds Cubas, 69).

Sempre me recebiam bem.

Ninguém lhe disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-me a mão com um gesto comovido" (ID., ibid, 86).

4.0) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro recordar-se-d ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico. (A. HERCULANO, EUriCO, 60).

"Os infiéis... contentar-se-do, talvez, com as riquezas..." (ID., ibid., 146).

5.0) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos lhe dá?" (M. DE Assis, ibid, 97).

"Quem me explicará a razão dessa diferença?" (ID., ibid., 158).

Como te perseguem1

B - EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + ou

infinitivo: quero falar

gertindio: estou falando

327
#

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono
poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:
Eu lhe quero falar.
Eu lhe estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-lhe falar.
Eu estou-lhe falando.
Eu quero falar-lhe.
Eu estou falando-lhe (mais raro).

OBSERVAÇõES:

1.a) Com mais freqüência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada Ou escrita,
o pronome átono proclitico ao verbo principal, sem hífen-
Eu quero lhe falar.
Eu estou lhe falando.
A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar
o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: ComeÇOU a lhe
falar ou a falar-lhe.

2.a) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.0 e 3.1) anteriormente
formulados:

Eu não quero falar-lhe.
Espero que não queira falar-lhe.

b) Auxiliar + particípio: tenho falado...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

i) ~rOclítico ao auxiliart~

Eu lhe tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):
Eu tenho-lhe falado.

casos-

jamais se pospõe pronome átono a particípio. `Entre brasileiros tam-
bém ocorre a próclise ao particípio, no que a Gramática não concorda:
Eu tenho lhe falado.

Posições fixas. - A tradição fixou a pródise ainda nos seguintes

1) com o gerúndio precedido da preposição em:
"Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à
saída" (R. B- ARBOSA, OraçÍlo aos Moços, 30).

#

a,

r
he

nte

vir:

tam-
rda-

intes

adir i

2) nas orações exclamativas; e optativas, com o verbo no subjusujeito anteposto ao verbo:
Bons ventos o levem 1
Deus te ajude 1

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil. - Nos
princípios anteriormente comentados vimos certas tendências brasileiras
que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa
que está a um critério de autoridade que a lingüística moderna pede seja
revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como ele vem-me ver, geral em Portugal, literária no Brasil, o fato lógico deslocou o pronome me do verbo vem, para adjudicá-lo ao verbo ver, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer vem-me ver (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer vem me-ver (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz vem ver-me e trouxe conseqüências imprevistas:

1.a) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles haviam se-corrompido (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.a) Pôde-se por o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, poderia se-reduzir. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3~a) Em frases como vamos nos-encontrar, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafónicas, podendo-se então dizer vamo-nos encontrar" (Notas de Português de Filinto e Odorico, 408-409).

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período. Este fenômeno, válido para a lingüística, só por comodidade e inadvertência se tem dado como um "erro" de gramática.

APÊNDICE

1 - FIGURAS DE SINTAXE

Fen6menos de sintaxe mais importantes

1) Elipse. - Chama-se elipse a omissão de um termo facilmente subentendido. Entre as elipses que ocorrem com mais freqüência estão:

a)a do pronome sujeito de 1.a e 2.a pessoas do singular e plural: a presença de tais pronomes só se dá em casos de ênfase ou de contraste com outro sujeito:

Mas:

Sairei depois do almoço.
Fostes enganados.

Eu sairei, mas ele não.

b)a da preposição em algumas círcunstáricias adverbiais de modo, preço, tempo, lugar, peso:

As visitas, pés sujos, entraram no salio.
O barco custou vinte mil cruzeiros.
Domingo irás à festa.
Conhecem-no uma légua em redondo.
O doente só pesava quarenta quilos.

c)a da preposição antes do conectivo que introduz as orações objetivas indiretas e completivas nominais:

Preciso (de) que venhas aqui.
Estou necessitado (de) que venhas aqui.

d)a da conjunção integrante, mormente como introdutor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (que) se faça tudo rapidamente.
Espero (que) sejam felizes.

e) a do verbo dizer (e semelhante) nos diálogos:

E ela: ~ Você está zangado comigo ?

* 2) Pleonasmo. - É a repetição de um termo já expresso ou de uma idéia já sugerida:

Ao pobre não lhe devo (pleon. do obj. ind.).
Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o uso, e não a lógica.

Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: Subir para cima ou Descer para baixo, não nos repugnam construções como O leite está saindo por fora ou Palavra de rei não volta atrás.

3) Anacoluto. - É a quebra da estruturação lógica da oração:

"Eu que era branca e linda, eis-me medonha e escura" (M. BANDEIRA, apud S. DA

SiLvrixA, Liç6es de Português, õ536).
Mesulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar
o pensamento em que as idéias se sucedem rápidas e tumuttuárias, É a precipitação

d
d
p
#

de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega
direitamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se
pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se a saída em outra direção" (1).

O anacoffito, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas
que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

4) Antecipação. - É a colocação de uma expressão fora do lugar
que logicamente lhe compete:

O tempo parece que vai piorar.
Por
Parece que o tempo vai piorar.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram
anacolutos.

5) Braquilogia. - É o emprego de uma expressão mais curta equi-
valente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa.

Estudou como estudaria se fosse passar.
por
Estudou como se fosse passar.

6) Haplologia sintática. - É a omissão de uma palavra por estar
em contacto com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual
ou parecida:
"Antes Deus quer
Que se perdoe um mau, que um bom padeça" (A. FERREiRA, apud S. SILVEIRA,
Fonética SintíÍtica).

Isto é:

padeça.

antes Deus quer que se perdoe a um mau que (do que) (quer) que um bom

7) Contaminação sintática. - "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" (2).

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de Fiz com Pedro que viesse e Fiz que Pedro viesse).

Caminhar por entre mares
(fusão de caminhar por mares e caminhar entre mares).

As estrelas parecem brilharem
(fusão de as estrelas parecem brilhar com parece que as estrelas brilham).

(1) SAm ALi, Meios de Expreislo e Alterq6es Seindnticas, 38.
(2) EpiFANio DiAs, Sintaxe Histórica Portuguesa, 5 482.
#

8) Expressão expletiva ou de realce. - É a que não exerce função gramatical:

Nós é que sabemos viver.
Aqui é onde a ilusão se acaba.
Oh! que saudades que tenho!

É preciso distinguir o é que expletivo do é que que indica:

a) é + que (conj. integrante):
A verdade é que saíram.

b) é (verbo vicário) + que (conj. integr.)-
"Que quer dizer este nome? JO que as almas..." (M. BEaNARDEs, apud J. OrricicA, Manual de Andlise). É que = quer dizer que.

c) é (vicário) + que (conj. causal):
Por que veio? A que teve medo (é que = veio porque).

d) éque=éo que
Este livro é que temos ontem (= é o que lemos ontem).

e) há um é qu# que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito, (== é verdade, é certo que):
"Ou é que o digesto não vale para os que o estudaram?" (A. HERcuLANo, M. de Cister, 11, 35).

Modernamente se usa muito desta linguagem em será que:
Ou será que eu estou errado P

2 - VICIOS E ANOMALIAS DE LINGUAGEM

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) Solecismo. - É o erro de gramática:
Eu lhe abracei (por o).
A gente vamos (por vai).
Tu fostes (por foste).
Aluga-se casas (por alugam).
Vendas à prazo (por a).
Sgada, rúbrica (por pegada, rubrica).

2) Barbarismo. - É o emprego de vocábulos, expressões e construções alheias ao idioma. Os estrangeirismos que entram no idioma por um pro-

d;
C1

p
ti

é
r
#

cesso natural de assimilação de cultura, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contactos de povos. Este tipo de patriotismo lingüístico (Leo Spitzer lhe dava pejora-tivamente o nome de patriotite) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da indepen dência(l). Entre nós o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Juno quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela des necessária por se encontrarem no vernáculo vocábulos e giros equivalentes

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizeF que

não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais
da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão é que, o infinitivo flexio

Sobre o conceito deidiotismo nunca é demais relembrar a li ão d
Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos

como construção particular de uma língua, estranha, portanto, às outra.,
línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos o
seus segredos e modos especiais de falar (2).

Assim o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só existE
em português (na realidade outras línguas o conhecem, como algun
dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente d2
que tem em português, como em húngaro), mas porque a sua flexãc

contraria o conceito de forma infinita (i. é, não flexionada)
#

IV - Pontuação

A linguagem escrita lança mão de certos sinais para indicar

a) a intensidade
b) a entoação
c) as pausas

Sinais que indicam a intensidade. - Os primeiros são representados
pelos acentos (agudo, grave e circunflexo), que mereceram a nossa atenção
na parte inicial deste livro.

Sinais que indicam a entoação. - São os seguintes os sinais que indi-
cam a entoação:

a) dois pontos (:)
b) ponto de interrogação
C) ponto de exclamação
d) reticências (...)
e) aspas ç' ")
f) parênteses ( )
g) travessão (-)
h) ponto final

Dois Pontos. - Usam-se os dois pontos na:

1) enumeração, exemplificação, notícia subsidiária(''):
Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

-que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos
teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado" (M. DE Assis.
Brás Cubas, 184),
"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate" (M. DE MAxicÁ).

(1) A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese
de pensamento difícil de ter acompanhada, certas noticiam.

#

Damião desconfia alguma coisa" (ID., ibid, 174).

2) nas expressões que se seguem aos verbos dizer, retrucar, responder (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim jul-

gamos, de outra pessoa:

"Não me auis dizer o que era: mas, como eu instasse muito: - Creio que o

3) nas expressões que, enunciadas com entoação especial, exprimem causa,

explicação ou conseqüência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" (ID., ibid., 71

4) nas expressões que apresentam uma quebra da seqüência das idéias:

" cudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

Não 1 Bradei eu& não hás de entrar não ero Ia a lan ar-lhe as mãos

era tarde; ela entrara e fechara-se" (ID., ibid., 59).

Ponto de interrogação. - Põe-se no fim da oração enunciada com

entoação interrogativa:

- "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" (ID., ibid., 50)

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entoação especial
dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue (

ponto de interrogação da pergunta de
Destes dois tipos tratamos na pág. 195.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação

para indicar o estado de dúvida do versonazem diante do fato:

- "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais

Ponto de exclamacão. - Põe-se no fim da oracão enunciada com

"Que gentil que estava a espanholat" (M. DE Assis, ibid., 50).
"Mas, na morte, que diferençal que liberdadel" (ID., ibid., 81

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

(1) Em português, em geral se despreza o cómodo expediente do espanhol de indicar a
interrogaç1o no início da oração. com o sinal invertido: do José chegou? Alguns escritores
#

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração
com o aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação.
"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do
Homo sapiens...
- ?I
- Sim. Eles nornear-se-ão Homo sapiens apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-lo
como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança,
- ? 11" (M. LoBATo, ibid, 204),

Reticências. - Denotam interrupção do pensamento (ou porque se
quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de
tempo intervalar ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra) ou
hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no
rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." (ID., ibid, 121).
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e
aqui parece uma parnonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" (ID., ibU, 120).
- "Moro na rua...

- Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" (ID., ibid., 169).

Numa citação as reticências podem ser colocadas no início, no meio ou no fim, para indicar supressão no trecho transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costu-
ma-se.usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Aspas. - Ao que o Vocabulário Oficial (pág. 69) diz a respeito das aspas, acrescentaremos apenas que também são empregadas para dar a certa expressão um sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial), para ressaltar uma expressão dentro do
contexto ou para apontar um vocábulo como estrangeirismo ou gíria:

OBs.: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos
textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente.

- "Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer.
Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

- "Deus"...

- Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé" (M. LoBATO, Cidades
Mortas, 223).

"Você já reparou, Miloca, na "ganja" da Sinhazinha? disse uma sirigaita de "beleza"
na testa" (ID., ibíd, 102).

Travessão. - Ao que se disse à pág. 69, acrescente-se que o travessão
pode substituir os parênteses (pág. 69) para assinalar uma expressão inter-
calada:

" ... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes - do último baile, da discussão das
câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" (M. DE Assis,
ibid, 138-9).

r
#

Pode denotar ainda uma pausa mais forte:

... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar - solidariedade do abor-
recimento humano" (ID., ibid, 126).

Sinais que indicam a pausa

Vírgula. - Emprega-se a vírgula,

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa):

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" (M. DE Assis, ibid., 48).

- "Ah 1 brejeiro 1 Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" (ID., ibid., 93).

b) para separar orações coordenadas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção e (que tiveram sujeitos diferentes):

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quantas podia obter" (ID., ibid., 53).

"No fim de meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" (ID., ibid., 163).

c) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora infiro de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." (ID., ibid, 238).

d) para separar, em geral, os pleonasmos e as repetições:

"Ex.: "Nunca, nunca, meu amor P' (ID., ibid., 55).

e) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária, na redação oficial usam-se dois pontos.

para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves, - eu, que valia mais, muito mais do que ele, - ... ibid., 137).

11 (ID.,

g) para separar em geral, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstáricias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros ... 11 (A. HERCULANO, Eurico, 210).

h) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" (M. DE Assis, ibid, 183).

337
#

í) ^para separar em geral adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal-
"Eu mesmo, até entIo, tinha-vos em má conta..." (ID., ibid, 185).
"Mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício...
ibid., 183).

para separar, nas datas, o nome do lugar:
PJo de janeiro, 8 de agosto de 1961.
para separar as particulaâ e expressões de explicação, correção, conti-
nuação, conclusão, concessão:
--c, ngo obstanto, havia certa lógica, certa dedução" (ID., ibid., 89).
Sairá amanhã, alids, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções adversativas (porém, todavia, contudo, en-
tretanto) e as explícativos (logo, pois, portanto):

"A proposta, porém, desdizia tanto das minhas sensaçóes últimas..." (lo., ibid., 87).

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:
Ele sai agora: eu, logo mais.

Ponto e vírgula. - Representa uma pausa mais forte que a vírgula
e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existem vírgulas, para enunciar pausa mais
forte:
"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e traveí-lhe da mão; D. Plácida
foi à janela" (M. Dz Assis, ibid, 211).

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:
"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" (ID.,
ibid., 210).

c)na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou
outro documento.

Ponto. - o ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta e a exclainativa.

Ponto parágrafo. - Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distància da margem com que começamos o escrito.

338
#

a

ais

(ID.,
ou

aior
de

em
assa
nto
ncia

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (õ).

APÉNDICE: Asterisco('). - O asterisco(*) é colocado depois e em cima de um vocábulo do trecho para se fazer uma citação ou comentário qual-quer sobre o vocábulo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima do vocábulo o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao lingüista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o Dr.*, B.*#, L.***

Alínea. - Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente

vem indicada por número ou letra seguido de um traço curvo, semelhante
ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) próprios
b) comuns.

(1) Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para asterístico. Asterisco quer dizer estrá.
linha, nome devido à sua forma.

#

V - Semantica

Semdntica é o estudo da significação dos vocábulos e das transforma-
ções de sentido por que estes mesmos vocábulos passam.
No decorrer de sua história nem sempre o vocábulo guarda seu
sentido etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos o sentido
ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semántica" e assume valores
novos.

"A língua - disse bem MoRiTz REcuLA (1) ~, expressão consciente de impressões
exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. Os vocábulos mudam
de sentido ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob
cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas".

A significação dos vocábulos está intimamente relacionada com o
mundo das idéias e dos sentimentos; "entre as: idéias, entre os pensamentos
não há separação absoluta, por isso que as associações se estabelecem, sem
cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito
achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou
de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma
folha de árvore; pôde-se assim dizer com propriedade e clareza: uma folha
de estanho, de ouro, de papel, etc. Outra associação, posterior à prece-
dente, deu ao vocábulo folha o sentido bem elástico de jornal: uma folha
diária. É que se imprimem as noticias de cada dia em folhas de papel.
O vocábulo coração serviu para exprimir tanto a parte interior de um

legume ou fruta (coração da melancia), ou a essência de um assunto: está no coração da questão, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: este homem não tem coração, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, imagem; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" (2).

(1) Grammaire Franfaise Explicative, 1957, 26.
(2) A. GR*rOIRE, Petit Traiti de Linguistique, 1923, 93-94 (com leves adapta0es para o portugues).

#

Entre as causas que provocam a mudança de significação dos vocábulos, as principais são:

a) Metáfora (translação de sentido por comparação mental):

cabelos de neve (= brancos como a neve), pesar as raz6es, negros pressentimentos doces sonhos, passos religiosos (AquILINo RIBEIRO - jardim de Tormenta, 17, nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem), boca do estômago, dentes do garfo, costas da cadeira, braços do sofá, pés da mesa, gastar rios de dinheiro, vale de lilgrimas, o sol da liberdade, os dias correm, a noite caiu.

b) Metonímia (translação de sentido pela proximidade de idéias):

1) causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido: um Rafael (por um quadro de Rafael), as pdlidas doenças (por doenças que produzem palidez), ganhar a vida (por meios que permitam viver), ler Machado de Assis (i.é, um livro escrito por M. de A.).

2) o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar: a posteridade (i.é, as pessoas do futuro), a nação (i.é, os componentes da nação).

3) o continente pelo conteúdo ou vice-versa: passe-me a farinha (Lé, a farinheira), comi dois pratos (i.é, a porção da comida

que dois pratos continham).

4) o todo pela parte ou vice-versa:
diz a EscriPtura (i. é, um versículo da Escritura), encontrar um teto amigo (i. é, uma
casa).
5) a matéria pelo objeto:
um níquel (i.é, moeda de níquel), uma prata (i.é, moeda de prata).

6) o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:
jérsei (= tecido da cidade jersey), gaza (= tecido da cidade de Gaza), havana (= cha-
rutos); greve (as reuniões feitas na Place de Ia Grève).

7) o abstrato pelo concreto:
A virtude vence o crime (i. é, as pessoas virtuosas vencem os criminosos); praticar
a caridade (= atos de caridade).

8) o sinal pela coisa significada ou vice-versa:
o trono (= o rei), o rei (= a realeza)

c) Braquilogia ou abreviação (as diversas acepções de um vocábulo de-
vidas à elipse do determinante):

dou-lhe a minha palavra (i.é, palavra de honra), vamos à cidade (i.é, ao centro da
cidade), um possesso (i.é, pessoa possuída do dem6nio).

d) Eufemismo (translação de sentido pela suavização da idéia):

1) para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta
a melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas,
desocupar o beco, bater as botas, etc. (estes populares).

2) para a bebida:

abrideira, dgua-que-gato (passarinho) -não-bebe, janudria.

O tabu lingüístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufe-
místicas. O medo de proferir palavras como diabo, demônio, satands, nos
leva a usar desfigurações voluntárias como diacho, diogo, demo,

satã(').

e) Alterações semânticas por influéncia de um fato de civilização

tonto (= louco), particípio do verbo tondere, por tonso, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos(2).
pagito (= indivíduo que não foi batizado) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: paganus, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a christianus (cf. E. GAMILLSCHEG, Franzõsische Bedeutungslehre, 1951, 134).
cor(saber, guardar, ter de - = de memória) relembra-nos a época em que a anatomia grega fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.
judiar (= zombar, atormentar) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra judas (= homem mal vestido) é uma aplicação do nome próprio Judas a quem o povo atribui qualidades negativas.
calabrear (= misturar; confundir; mudar para pior; alterar vinhos) documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, Boletim de Filologia (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de sentido de alguns vocábulos:

vilão (saído do latim villa = quinta, aldeia), de "camponès" passou a designar "homem grosseiro% "perverso", "infame".

De vez em quando surgem pessoas que querem ver expurgados dos dicionários certos vocábulos depreciativos de povo (como judiar e outros).
É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo, não entra nas minúcias históricas do pesquisador.

(1) R. F. MANsua ~os, Tabus Língüístícos, 1956, 76 e ss.
(2) Recente etimologia proposta pelo sueco GeNNA& TILANDER. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo 1, junho de 1961, 142-144.

f) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante - culto ou inculto - revela em aproximar um vocábulo de um determinado sentido.

Às vezes o vocábulo recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. Famigerado, por exemplo, que significa célebre, notável, influenciado pela idéia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último sentido. Intemerato (= sem mancha, puro), graças a temer, é considerado como sinônimo de intimorato; inconteste (= sem testemunho) passa a sinônimo de incontestável; falaz (= falso, enganador) é aproximado de falador.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do sentido;
fl) Enobrecimento do sentido;
C) Enfraquecimento do sentido.

A - Extemão do sentido

prédio (== propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.
espraiar (= jogar algo à praia) alargou o sentido como sinônimo de "estender-se por larga área".
embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".
aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 - Restrição ou especialização do sentido

a) fortuna (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.
sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.
carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.
britar significa "quebrar qualquer coisa", restringiu hoje o seu sentido para "quebrar pedras".

b) abreviação ou condensação: um havana (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

#

homem.

2 - Plenitude do sentido

Um milhão de cruzeiros já é uma quantia; José mostrou-se um

B - Enobrecimento do sentido

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje distin-
guido, ilustre.
marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto elevado do
Exército.
pedagogo era o escravo que conduzia as crianças à escola: significou depois
o professor.

3 - Degradação do sentido

vilão (cf. acima).
libertino (==escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem
pudor.
libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.

C - Enfraquecimento do sentido

O emprego contínuo de um vocábulo provoca a diminuição de sua
energia semântica, mormente nas expressões afetivas. Bajular era levar
alguém às costas, o que enfatizava a idéia de servidão que tinha o vocábulo
no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura
de outros aspectos semanticos

1) Polissemia. - É o fato de ter um vocábulo mais de uma signi-
ficação:
Pensar ("pensar um assunto" e "pensar um ferimento"), manga Çm. de paletó", o
fruto, forma do verbo mangar).

A polissemia é a base de muitos jogos de palavras e de qüiproquós:
- "A quem dói o dente deve doer a dentuça."
- "Homem de quem vos queixais?" (F. MANUEL DE MELLO, Feira de Anexins).

2) Homonímia. - É o fato de haver vocábulos que se pronunciam
da mesma maneira, mas que têm sentidos diferentes. Podem ter ou não a

I

t

I
#

mesma grafia. Os que se pronunciam da mesma maneira são homófonos, e os que se grafam igualmente dizem-se homógrafos:

Lima a) fruto
{ b) ferramenta
Nora a) a mulher do filho em relação aos pais dele
b) aparelho para tirar água dos poços, rios, etc.
Coser : costurar
Cozer: cozinhar

Espiar: olhar
Expiar: pagar uma pena
seção, secção: divisão; repartição; parte de um todo
sessão : reunião
cessão : ato de ceder

3) Sinonímia. - É o fato de haver mais de um vocáb o co a mesma ou quase a mesma significação:

casa, lar, morada, residência, mansão.

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular) eles assumem sen-
tidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sino-
nímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a di-
versos domínios: o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (fenecer / morrer); a maior ou menor intensidade de significação
(chamar / clamar / bradar / berrar); o aspecto cultural (escutar / auscul-
tar) e tantas outras.

4) Antonímia. - É o fato de haver vocábulos com sentidos op~s~to~s.

. vida /1 morte crente / descrente

Um mesmo vocábulo pode assumir um sentido favorável e outro desfavorável. Este fato se dá com muita freqüência com as "voces mediae"
que exprimem, conforme o caso, uma alegria ou tristeza, um benefício ou prejuízo, etc.: fortuna (boa ou má), sucesso (bom ou mau), augúrio,
sorte interesse (1).

Às vezes ocorre a antonímia porque o vocábulo apresenta valor ativo e passivo:

alugar a) dar de aluguel
{ b) receber de aluguel

(1) Cf. K. NyRop, Grammaire Historique de [a Langue Franfaise, V (S4mantique), 43.

#

emprestar 4) dar de empréstimo
b) receber de empréstimo
hóspede a) quem recebe a hospedagem
b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)
esmolar a) dar esmolas
b) receber esmolas

5) Paronímia. - É o fato de haver vocábulos parecidos na forma e diferentes no sentido.

Os parônimos dão margem a freqüentes erros de impropriedade vocabular.

Iminente: pendente, próximo
para acontecer
Eminente : ilustre
Ratificar: confirmar
Retificar: corrigir
Descrição : ato de descreDiscrição : qualidade de quem
é discreto

Proscrever : proibir
Prescrever: aconselhar

Tráfego : trAnsito
Tráfico. comércio

Infringir : transgredir, violentar
Infligir: aplicar pena, castigo

Intimorato: destemido, intrépido
Intemerato: puro, imaculado
#

e
O-

tar

ido

VI - Noções elementares de estilistica

A nova Estilistica. - A nova Estilistica, ou simplesmente Estilistica, é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o estilo.

Que é estilo na conceituação moderna - Entende-se por estilo o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo(').

Estifistica e Gramática. - A compreensão deste conceito de estilo se fundamenta na lição de Ch. Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o individual e o coletivo, mas o contraste entre o emocional e o intelectivo. É neste sentido que diferem Estilistica (que estuda a língua afetiva) e Gramtítica (que trabalha no campo da língua intelectiva).

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das idéias e sentimentos.

Estilística e a Retórica. - Tem-se apresentado a Estilística também como a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradi- cional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas consi- derações de Amado Alonso (2) " ... a estilística não pretende petulante- mente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com

(1) J- MATOSO CÂMARA Jr., Noçjes de Estilística (palestra patrocinada PCIa CA£c, 1960, ainda inédita).

(2) Matéria y Forma en Poesia, 103-104.

#

o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais,

enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mes-
ma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica
tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado.
E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da
obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre
estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos,
apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram
as fontes de um autor ou de uma obra, ou - o que vale o mesmo - a
origem das idéias dominantes em um período literário. Porém realizou-se
isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o ponto de
chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e
a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes ? Para
usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece
em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estílistíca se pergunta:
como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências,
qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram
vida nova ? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicignal
estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o
artista fez com ele".

Análise literária e análise estilística. - Da lição de Amado Alonso
se patenteia que não se há de confundir análise literária com análise
estilistica, pois que, trabalhando num mesmo trecho, têm preocupações
diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à auto-
rídade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa,
o que deve ser objeto da tarefa do professor de língua é a análise estilística
(ainda que elementar, como reza a letra deste mesmo programa), e não
· análise literária, que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se
· língua portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou
não, ressaltar o sistema expressivo e sua eficácia estética no idioma ou
nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples
falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilís-
ticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com
razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há
gotinhas estilisticas da mesma natureza que todo o mundo expressional
de um Shakespeare.

Traços estilísticos. - O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de traços estilísticos. São numerosos os traços estilísticos - e há um avultado número deles cujo valor ainda está pata ser analisado - em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma particularidade lingüística se nos apresenta como traço estilístico. 'Já sabemos - ensina-nos J. Matoso

#

Câmara jr. (1) - que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem neces-sariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publi-quei há tempos na Revista do Livro sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no Quincas Borba, que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "'coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "êle pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de nada depois do verbo sem se completar com um não antes do verbo, é uma maneira anômala dei expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico-não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto ? - nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de nada nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco mercê do tratamento de nada não como mera partícula negativa, mas como um

substantivo negativo - o oposto de alguma coisa : a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de nada, que é, pois, um emprego esti-lístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposiçao simples a, exibia um uso pessoal da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim

devia
escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um
traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos
como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade
excepcional".

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas
das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos,
metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstân-
cias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos.

Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há
anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida jóia de Machado de Assis,
que é o soneto à Carolina:

"que eu, se tenho nos olhos mal-feridos
pensamentos de vida formulados,
são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um
eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do
esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior
necessária para estruturar logicamente todo o tumulto de idéias que lhe
vai Walina.

(1) Na palestra citada.

#

Em suma a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma
língua, para a educação do sentimento estético,.,.

Traço estilístico e erro gramatical. - Não se há de entender que-
o estilo seja sempre uma deformação da norma lingüística. Isto nos leva
à distinção entre traço estilístico e erro gramatical.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical
vigente, mas se impõe pela sua intenção estética.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística. - O estudo da Estilística abarca, semelhante
à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Ch.
Bally: "Todos os fenômenos lingüísticos, desde os sons até as

combinações
sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da
língua estudada. Todos os fatos lingüísticos, sejam quais forem, podem
manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensi-
bílidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o
é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pre-
tendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a lin-
guagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem
que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz
é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que propor-
ção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão"(').

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
1) fônica
2) morfológica
3) sintática
4) semântica.

A ESTILíSTICA FÔNICA procura indagar o emprego do valor expressivo
dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo, É a fonética
expressiva de que falamos na parte inicial deste livro.

A ESTIUSTICA MORFOLóGICA sonda o uso expressivo das formas grama-
ficais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) o plural de convite: põe-se o verbo no plural como que se quisesse
incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável.
É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:
Olha, filhinha, vamos tomar o remedinho.

2) o plural de modéstia: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:
Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino
do idioma.

(1) L6 Langage et Ia Fie, 100.

#

-1 r

3) o emprego expressivo dos sufixos. (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, Padreco, Politicalha.

4) o emprego de tempos e modos verbais, como, por exemplo:
a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:
Amanhã eu vou ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:
Eu queria um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador quero).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:
Ai César invade a Gália.

5) a mudança de tratamento, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto última Folha, Casimiro de Abreu chama a Deus por Meu Pai e ora o trata por tu, ora por vós. É que em Meu Pai o poeta vê Deus como seu Intimo, ligado a êle tão intimamente que lhe cabe o tratamento tu. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por vós.

A ESTILISTICA SINTÁTICA procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;

2) na concordincia, como, por exemplo, na atraçjo, na silepse, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;

3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.

4) no emprego expressivo das chamadas figuras de sintaxe.

A ESTILíSTICA SEMÂNTICA pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certos vocábulos
Você é um abacaxi.
Aquele aluno é um monstro.
Ele tem uns bons sessenta anos.

2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou tropos (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

#

VII - Noções elementares de versificação

Poesia e prosa. - Em sentido formal, chama-se poesia à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é a unidade rítmica em cujos limites se acham as unidades de sentido de que se compõe o poema.

Enjambement. - Do ponto de vista gráfico, recebe ainda o nome de verso cada linha de que,consta o poema. Este último critério é falho, porque nem sempre a unidade de sentido (unidade sintática) coincide com os limites de uma linha de poema, nascendo a obrigatoriedade de se ligar o verso ao verso seguinte, não se deixando, entretanto, de fazer a pausa natural que separa um verso do outro. Este fenômeno recebe o nome francês enjambement (que significa cavalgamento):

"Sonho profundo, 6 Sonho doloroso,
Doloroso e profundo Sentímentol
Vai, vai nas harpas trêmulas do vento
Chorar o teu mistério tenebroso" (CRUZ E SOUSA, Obras poéticas, 11, 63).

Versificação é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expe- dientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir versificação com poesia. A poesia é uni dom : nasce-se poeta. A versifícação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis verse- jadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" (1).

(1) BRUNEAU-HRULLUY, Grammaire Frangaise, 431.

#

O ritmo poético, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão percep- tivel do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se cons- titui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é regular; quando isto não ocorre, a versificação é irregular ou livre.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade, que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podém combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;
2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);
3) cesura;
4) rima;
5) aliteraçáo;
6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um metro poético e o seu estudo recebe o nome de métrica.

1 - NúMERO FIXO DE SILABAS

Como se contam as sílabas de um verso. - Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: - esperança 1" (CASIMIRO DE ABREU, Obras, 97)

há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o a final de toda, liga a consoante d a um, omite também o o final de hino e junta o n à sílaba inicial de esperança:

A /to/ d(a)um /hi/ n(o):-es /pe/ ran/ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: versos agudos, graves e es. drúxulos. - Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação

divulgada por Antônio Feliciano de Castilho, no século xix, só leva em
conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais.
Daí a divisão dos versos em agudos, graves ou esdrúxulos, conforme ter-
minarem, respectivamente, por vocábulos oxitonos, paroxítonos, como nos
seguintes versos, todos de dez sílabas.

"O padre não falou - mostrou-lhe o céu P' (C. Dr ABmu, Obras, 137) Agudo.
"Eu vi-a lacrimosa sobre as pe~ras" (ID., ibid., 106) Grave.
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo V' (ID., ibid.) Endrúxulo.

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo quando
for tônica poremos nele um acento tônico: ~, (1).

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos. - Na leitura
dos versos proferimos os vocábulos com as junções e as pausas que o falar
de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fen(nnenos
fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versi-
ficatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5)
ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (intraverbais ou
internos) e outros pela junção de dois vocábulos (interverbais ou
externos).

SINÉRESE ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba
em virtude de uma das vogais passar a semivogal.
Na língua portuguesa moderna são passíveis de sinérese interna: "I)
,quaisquer encontros vocálicos átonos; 2) os encontros de uma vogal átona
:seguida de uma vogal tônica mais aberta, 3) os encontros de uma vogal
ltônica, seguida de uma vogal átona mais fechada. Em 1) tem-se como
iresultado um ditongo crescente, ou decrescente conforme o caso: trai-dor,
-cruel-da-de, poe-si-a. Em 2) o resultado é um ditongo crescente: fiel, cruel,
iuar, feitos monossílabos; co-roa-da, feito trissílabo. - Em. 3) aparece um
ditongo decrescente: caos, num monossílabo" (2).
A sinérese externa pode ocorrer quando, em vocábulos, contíguos, um
termina por vogal átona e o seguinte começa por vogal também átona:

"Lá,lno llpílran/ga Ido/ Bralsil /o/ MarIte".
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A sinérese dos tipos 2) e 3) vistos acima, quando produz

monossílabos,
resulta de, no grupo de força, o vocábulo passar a átono.

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato.

(1) O emprego antigo e ainda corrente do mdcron (-) para as tónicas e da braquia
(%i) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e Intensidade.
(2) J. MATOSO CÂMARA Jr., DiciondriO de Fátos Gramaticais, 191-2

#

(no caso de sé-lo usa-se o apóstrofo):

a

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pelsal-me es/ta/ bri/lhanjte aujré/ o/Ia /de /nulme..." (M. DE Assis).
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo auréola (au-ré-o-la) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tinha o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

ELISÃO ou sinalefa é a supressão de vogal átona final de um vocábulo em virtude de o contíguo começar também por vogal.
A elisão da vogal átona final pode ou não ser indicada graficamente

Mas se forçose Vé deixar a pátria" (C. DE ABREU, ibid., 125).
"Mais rico e belo que os vergéis do sul (ID., ibid., 124).

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.
Muitas vezes podemos ficar na escolha entre a existência de uma sinérese ou de uma elisão, sabendo-se, entretanto, que, no Brasil, esta é menos freqüente que aquela.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-sç Sm mágoas" (C. DE ABREU, ibid, 125).
"Durante a noite quando o. orvalho desce" (ID., ibid, 144).

ECTLIPSE é a supressão da ressonáricia nasal de uma vogal final de

vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua(').

ocorre com mais freqüência a ectlipse no final -em e na preposição com. Neste último caso é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão, considerado o vocábulo no seu sentido mais geral (o Vocabulário oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" (C. DE ABREu, 116).

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou dimi-nuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos

(1) "Sem Imo, a sinérese é anómala, porque a ressonáncia nasal corresponde a um tra-vamento da silaba e só as silabas terminadas por vogal são propriamente livits e se prestam à crase ou sinércee" (J. MAToso CA~A jr., Diciondrio de Fatos Gramaticais, 85).

#

do quadro que o artista deseja por diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das idéias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuaÇSo do verso. - já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de uma linha do mesmo, o que nos mostra o erro daqueles que lêem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles. Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir. Em:

"Meus Amigos, Adeus - Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" (G. DIAS, Obras, 1, 213),

se lê com breve pausa no fim dos versos 1, 2; 4, 5 (enjambement).

Às vezes se podem ligar fonemas de vocábulos separados por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja

indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" (C. DE ABREu, Obras, 279), lido:

E/ eu/ fi/tan/do-a alben/ço/a/va a /vi/da
1 2 3 4 5 o 7 8 9 10

"Ama-se a vida - a mocidade é crença". (ID., ibid., 144).

Expedientes mais raros na contagem das sílabas. - Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apre- sentarem mais curtos do que deviam :

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" (C. DE ABREU, Obras, 83), que será lido:

Cho/rar/ a/ virlgeml for/mo/
1 2 3 4 5 6 7
sal mor/ta/ na/ flor/ dos /alnos
1 2 3 4 5 o 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tIo fraco" (G. DIAS, Obras, 1, 68).

"O' céu era azul, / tão meigo e tão brando" (ID., ibid., 45).

são versos de onze sílabas aos qua~is a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por um sílaba'métrica.

#

c) a dissolução de um encontro consonántico pela intercalação de uma vogal (/ i / ou / e /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pro- núncia brasileira corrente:

"Ninguém mais observa o tratado" (C. DIAs, Tabira) - Observa deve ser lido com quatro sílabas.

"Contudo os olhos Wignóbil pranto" (ID., Ijuca-Pirama) - ignóbil deve ser lido também com quatro sílabas.

2 - NúMERO FIXO DE SILABAS E PAUSAS

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias intitulado "Minha Vida e Meus Amores" ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Tema voz lhe escutei: - Sonhei contigo 1 -
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei - talvez 1 ~ e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílabas, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela
Amar-me 1 - Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
já farta da vida,
Que amor não doirou (M. BANDEIRA, Poesia e Prosa, 11, 127).

Na poesia A Tempestade, G. DIAS varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" (M. BANDEIRA, ed. das Obras de G. DIAS, 11, 235).

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empre-

gam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -sílabo: mono- (um só), dis- (dois), tri- (três), tetra- (quatro), Penta- (cinco), hexa- (seis), hepta- (sete), octo- (oito), enea- (nove), deca- (dez), hendeca- (onze), dodeca- (doze): monossílabo, dissílabo, trissílabo,

tetras-
sílabo (também chamado quadrissílabo), pentassílabo (também.dito redondilha maior ou só redondilha), octossílabo, eneassílabo, decassílabo (também chamado heróico), hendecassílabo (também chamado de arte maior) e dodecassílabo (ou também alexandrino, nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o Poema de Alexandre, composto no sec. xii, por Alexandre de Bernay e Lambert Licors).

Cesura. - Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada cesura, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes conhecidas pelo nome de hemistíquios. A cesura pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Versos de uma a doze sílabas. - Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) MONOSSLABOS (rarissimos):

"quebra
quefina
reina

dança

sangue
goema..."

b) DissfLABos

c) TRISSILABOS:

(MÁRIO M ANDitADE apud M. BANDEARA, Versificação, 3242).

"Um raio

Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" (G. DIAS, 11, 229)..

"Vem a aurora

Pressurosa,
Cor-de-rosa,
Que se cora
De carmim" (ID., ibid.).

I r
#

d) TETRASSíLABOS - apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

"O sol desponta" (ID., ibid., 230).

2 - ,~ ,~ ,~ \:~Á
"Que entre verdores" (ID., ibid.).

3 - k~/ ,~ ,~ \::~
"Lá no horizonte" (ID., ibid.).

4 - _~ ,~ \::~ \::~
"Salomé vinha" (apud M. BANDEIRA in'Versificaçtlo da Língua Portuguesa in
Enciclopédia Delta-Larousse, IV, 3242).

C) PENTASSíLABOS - apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

:~, "-Á ".Á ,~ ç~,
"Gados que pasceis" (CAMõEs apud SAID ALI, Versificação Portuguesa, 30).

2 - \-" ~~Á ,~ ,-Á x~í
"Um ponto aparece" (G. DIAS, ibid.).

3 - ,~ -,.Á \~/ %,~ \::~
"Não sou eu tão tola" (J. DE DEus apud SAm ALI, ibid.).

f) HEXASSILABOS - apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 -- -., ~, ~Á \~, .-i \:~,
"Não solta a voz canora" (G. DIAS, ibid.).

,-, "-Á ~,
"Que um canto d'inspirado" (ID., ibid.).

,~ ~.-Á ç~Á \..Á \-./ \::~
"Como é fundo o sentir" (C. DE ABREu apud SAm ALI, ibid, 33).

4 - ,~ _~ k~Á k-,i \,-Á \~i
"Pois permite e consente" (CAmõEs apud SAm ALI, ibid, 32).

5 - ç~, ".Á ,~ ~~Á -., ,~Á
"Tu já mataste a sede,
M~te-me a sede a,mim" (J. DE DEUS apud SAm ALI, ibid.).
o - ~-Á _~ .~ \~, .~ \~, -

"E à luz do luar incerto" (A. DE GUIMARÃEs apud J. MAToso CAmA", Gramd-
tica, 11, 149).

359
#

g) HEPTASSíLABOS - são os verbos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

"Cresce a chuva, os rios crescern" (G. DIAS, ibid.).

2 - ~Á ,~ ,~ ç~ \,~ k-.,, ç~
"Fogem do vento que ruge" (ID., ibid.).

3 -

"Ardendo na usada sanha" (ID., ibid.).

4 ,-Á ,~ k~Á ,~ ~~ ~,~ \~
"Como ovelhas assustadas" (Ia, ibid.).

5 - ,~ "-Á ~~, _~ ,~Á ,~ ~
"Que da praia arreda o mar" (ID., ibid.).

6 - ~~ k~ ,-Á \::~ X_~ ~-Á \,~
"É já torrente bravia" (ID., ibid.).

7 - \,~ ,~ ~Á \,~ - ,~ \,~ ,~
"Grossos troncos a boiar"

"Aqui nestas redondezas" (V. DE CARVALHo apud J. MATOSO CÂMARA, ibid., 148).

) OCTOSSíLABO - apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" (R. CORREIA apud SAiD ALI, ibid., 39).

2 - \,~ ,~ ~~ ~,~ \~j \,À ç:~
"Sabes tu de um poeta enorme" (M. DE Ases apud SAID ALI, ibid., 40).

"Roxas, brancas, rajadas, pretas" (ID., ibid.).

,--, ~~i
"Deixando a palhoça singela" (ID., ibid.).

5 -

- \-Á 1,.~ \..J \,~ k-1
"São Bom Jesus de MatozinhoV (A. DE GUIMARÃEs apud J. MATOSO CÁ

ibid, 150).

6 - ~-, \,~ ~.~ ,~ ,~ -., ,i ç~,
"Querem vè-lo no seu altar" (ID., ibid.).

7 - \-" \,~ \,~ -i \~'-/ ~~ ,~ \~i
"Para. ficar perto dos ninhos" (ID., ibid.).

8 - k~Á ',-Á \,~ k~i \.~ <~ \.i \~i
11 11

Alto, porém, tão alto soa (R. ConEIA apud SAiD ALI, ibid., 40).

360
#

i) ENEASSíLABOS - apresentam os seguintes movimentos rítmicos. principais:

1 - _, ,~ \~, _i _, ~, _, \,~ ~~Á
"E no túrgido ocaso se avista" (G. DIAS, op. laud.).

"Além, nos mares tremulamente" (R. CORREIA apud J. MATOS0 CÂMARA JR.).

'Ma cor de uma menina sem vida" (A. GUIMA~ apud J. MATOSO CÂMARA, ibid, 152).

3 -

4 - k:~i ,~ k~ ~~ \,~ k~ \-" ~,~ Ç~,
"Pobres de pobres são pobrezinhoV (G. JUNquEiRo apud SAID ALI, ibid., 42).

"Dei-me ao relento, num mar de lua" (R. CORUJA apud SAID ALI, ibid.).

6 - ,~ ~, _Á \~, _, _, \::~ ,~ :~,
"Também outrora num mar de lua" (ID., ibid.).

7 - ~~Á \,~ ,~ ,-Á ç~/ ,.J ,~ \,-Á k~,
"Pobre lua nova, tão pequena" (A. GUIMARÃEs apud J. MATOS0 CÂMARA, ibid.).

j) DEcAssíLABos - apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 - ~.~ ~._Á \.~ \~Á \-" ".Á \.~ -/., k_~ \~Á
---Umsom longínquo cavernoso e ouco" (G. DIAS, ibid.).

2 - ,~ ".Á ~ \,~ \,~ \:~, ~,~ \-" _Á ~~Á
"Eis outro inda mais perto, iná mais rouco" (ID., ibid.).

_, ~~Á ,~ <~ _, \~, .~ ,~ ~_, Ç~,
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" (ID., ibid.).

"Rasga-se o negro bojo carregado" (ID., ibid.).

"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" (ID., ibid.).

,_, .~ ~Á "-Á _, \~Á ,-, ,~ _, ~,
'.'Das ruínas completa o grande estrago" (ID., iNd.).

,,~ ,~ ,~ _, ,~, ~ .-, \~, ~.~ c,,
"O sonho passou. Traz magoado o rim" (M. BANDEIRA, Versificação, 3243).

,~Á ~.Á \,~ ,~ ~, ,~ ~~Á .~ ,~ -,Á
"Magoada a cabeça exposta à umidade" (ID., ibid.).

,,~ .., _, \:~, _, \.~ \~, .~ ~_, ç:~
"Doce repouso de minha lembrança" (CAmõEs apud M. BANDEIRA, ibid.).

#

1) HENDECASSíLABOS - apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 - ~_i 1~, ~_À ,~ ç~, .~ ,.i ~, ~ _, \:~,
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 - \~i _Á ,-Á _i k~i \,i %,~ ,~ k:~i \.-Á .~
"Ai 1 há quantos anos que eu parti chorando" (G. JUNQUEIRO, OS UMPICS, 117).

,.i _Á ".Á _, ,~ ~~Á
"Deste meu saudoso, carinhoso lar I..." (ID., ibid.).

4 - _i _i ç/~ \-i \~/ \,~ ~_Á \,~ \~ _, \~Á
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quandol..." (ID., ibid.).

m) DODECASSíLABOS - apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 - -i \,~ Ç'_i ,,, "-Á ç:~ 1 \-., _, ~ _Á _, \~i
'Já não fala Tupi no ulular da procela" (0. BILAc apud SAio ALI, ibid., 56).

2 - , , \~_'
--- -,,, \.~ \:~/ ,~ <~ 1 _, k::~ \~ _~ \.J k~I
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" (ID., ibid.).

3 - ,_i ,~ \::~ _, ,~ ~~ 1 ,-Á ~~J ,-Á 6 ,J ç~,
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" (ID., ibid.).

4 - \,_Á ~~J ,~ ç~, ,~ k::~ 1 \,Á _, \::~ _J _~ Ç'
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" (ID., ibid.).

,5 - \~Á _, \-" \~, _, \~, 1 <~, ,~ \,.i ç~, ~ ~i
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" (ID., ibid.).

6 - \~Á _Á _À ,~ _, \~i 1 ,~ \::~ ,J ç~/ k_, \~Á
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" (C. ALvFs. Obras, 1, 115).

7 - ~~i \._, \~,, ,~i _Á ~~, 1 ,-Á \,.Á \~/ ,~ k_, %~'J
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" (BiLAc apud SAID ALI, ibid.).

- 1---,1~, 1---,1~, 1---,1~, 1 1~Á 1---,1,Á 1~, 1---,1~,
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" (Io., ibid.).

9 - \.-, ,~ \::~ -i k_~ \~, 1 \~, ,i _, ç:~ _, ~~Á "Vês com olhos do céu cousas que alo do mundo" (M. Dz Assis, ibid.).

10 - :~, ,~ _, ~, 1 :-', _, \~, \-., \.~ ~,
"Essa que ora nos céus anjos chamarn Leonora" (h)., ibid.).

11 - 1~, 1---,1~, 1---,1-1 1~, 1 \~,

"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (ID.. ibid.).

12 - ~~ ,~ \~ ,~ \,_Á \~À 1 _~ \~Á _i ~~ \,~
"Berço em que'se emplumou o meu primeiro idílio" (BiLAc. ibid.).

13 - \~í ,_Á k~Á ,~ ,..Á \~Á 1 .~ ,~ ~~ ,J ',-Á <~
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. JUNQUEMO, ibid.).

362
#

"A lei orgànica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.0) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.0 hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um h; 2.0) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essenciall têm abolido a tirania da cesura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos"(').

3 - RIMA: PERFEITA E IMPERFEITA(2)

Chama-se rima a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao

fim dos vocábulos, a partir da sua última vogal tônica.

Interna é a rima que se faz com o último vocábulo de um verso e um vocábulo no interior do verso seguinte. Em Aventura Meridiana (Os Amores de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quar-
tetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.0 verso com a 2.a
sílaba do 2.0; o 2.0 com o 4.0; o 3.0 com a 2.a sílaba do 4.0; finalmente
variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra 1 Intenso meio dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser perfeita ou imperfeita. Diz-se perfeita quando é com
pleta a identidade dos sons finais:

"É& engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa, em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. DiAs, Obras, 59).

Diz-se imperfeita aquela em que a identidade de sons finais não completa. Ocorre a rima imperfeita quando:

(1) O. BILAC - G. PAssos, Tratado de Versificação, 68-69.
(2) Os versos que não rimam chamam-se soltos ou brancos.

#

a) se rima uma vogal de timbre aberto com outra de timbre fechado:

"Bailando no arj gemia inquieto vaga-lume:
- "Quem me dera que fosse aquela loura estrela
Que arde no eterno azul, como eterna vela!"

Muitas vezes a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme
a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas
as que se fazem entre certas vogais e ditongos (desejos com beijos; luz com
azuis; atroz com heróis; vãs com mães; espirais com Satanás; bondoso~ com

repouso). Em Portugal é perfeita a rima entre mãe e também (ou tem, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

Rimas consoantes e toantes. - A rima se diz consoante quando tem os mesmos sons a partir da última vogal tônica do verso, vaga-lume /

Toante é a rima feita apenas com a vogal tônica do verso

Disposição das rimas. - Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser emparelhadas, alternadas (ou cruzadas), opostas

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão

Assim no exemi)lo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra

a distribuição das rimas é representada pelo esquema abab (OU ABAB) onde a indica a rima -erra (terra / encerra) e b a rima -aro (amparo

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é
#

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento

E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,

Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" (0. BILAc, Avatar).

ALTERNADAS (ou cruzadas) são as que se alternam, fazendo que o 1.0 verso rime com o 3.0 (e os demais ímpares) e o 2.0 com o 4.0 (e os demais

pares). Correspondem ao esquema abab:

"Ora (direis) ouvir estrelas1 Certo

Perdeste o sensol" E eu vos direi, no entanto

Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." (0. BILAC)

OposTAs (ou enlaçadas) são as que se verificam em versos entre os quais medeiam dois outros versos também rimados. Correspondem ao

esquema abba:
i

"Vai-se a primeira pomba despertada.

Vai-se outra mais.. Màs outra.. E enfim dezenas

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas mis-

constância vivacidade e sono-

"É meia noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que pass

Onde ela está? Longe ou perto
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh ! minh'amante onde estás;.

Aliteração é o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas en vocábulos simetricamente dispostos. A aliteração nasce, em geral, de un

"A juruti suspira sobre as folhas secas" (C DE ABREU)
"É a perda dura dum futuro inteiro" (ID.).
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violoes, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vás, vulcanizadas" (CRUZ E SOUSA).
#

5 - ENCADEAMENTO

Encadeamento consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, vocábulos, expressões ou um verso inteiro.
Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é freqüente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este motivo escondido existe.
Não vejo, esta tristeza, da saudade da que é sempre a Ausente
Nem da sua graça desaparecida_" (repetição de fonema)
"Pensei em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma

No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 - PARALELISMO

Paralelismo é a repetição de idéias através de expressões aproximadas:

"O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"EI-Rei Dom João Segundo 1"

"De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que veio e ouço?"
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"Quem vem poder o que eu só posso,
Que moro onde nunca ninguém me vime
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e diste,
"EI-Rei Dom João Segundo 1" (F. PENCIA).

7 - ESTROFAryXO

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma estrofe.

I
#

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qual-
-quer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, por, no início,
letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser simples, compostas e livres.

SimpLu são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

ComposTAs são as aue encerram versos de diferentes medidas.

1~ são as que admitem versos de qualquer medida.
As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem
-respectivamente os seguintes nomes especiais: dísticos, tercetos,

quadras
,(ou auartetos), quintilhas, sextilhas, oitavas e décimas. As estrofes de sete

,e nove versos não têm nome especial.

8 - VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente versos livres é uma série irregular -de versos que tomados em separado são regulares"(').

i
O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuicão das sílabas átonas e

tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o
1 verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso
i
metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem
de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no
recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que
de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e
Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois
distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão-somente às pausas do
pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso
de catastrófico: trazendo Dara a nossa líneua o verso livre, deu a todo o

mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema"

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa,
exige uma gesticulação adequada, sem exagerós, um jogo fisionômico a ro-
giado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura.
o caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a
#

APÊNDICE

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTIÚSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. MAT~ CÂMARA JR., e outro pelo não menos distinto estudioso português, JACINTO DO PRADO, COELHO. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de AUGUSTO MEYER, OTHON MOAcYR GARCIA e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) Um soneto de António Nobre

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas lingüísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que * eu do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem * impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há critica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

~ Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, como exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o Só, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física, torná-lo-ia, porventura,* mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão

perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa

I
#

as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bendizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele.

O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas 'não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o púdico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim 1

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância 1

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhort elas não voltam mais...

Da leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infincia é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, "um púdico jasmim", para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume; a brancura da alma. O

#

adjetivo "pudico" estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloqüência rornáritica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas, Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

"Nomear um objeto - escrevia Mallarmé em 1891 - é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações". Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadram à poesia de Antônio Nobre;

no-
tamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infincia por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero.

Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os pre-núncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, 'porque tinha medo do frio do jazigo", depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte-

Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
Um berço que dormia era um caMo pra cova:
Via a Foice no Céu quando era Lua-Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontáneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio

#

disse uma vez: "A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento". Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco dáridi, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra "lua" tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso 1ua% nos versos de Nobre Ç... aves. na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas ador-mecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia hu-milde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.

Elas, porém, Senhor 1 elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor 1"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tomar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
o travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz 1 Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

JACINTO DO PRAW COELHO (A Educação do Sentimento Poético, páge, 65-71).

#

2) Um soneto de Machado de Assi

A CAROLINA

... O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, lingüística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem' clássica (1), a já citada locução de "pensamentos

idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em -ados e -idos, onde se alinham fácil e espontaneamente particípios da 1.a conjugação e da 2.a.e 3.a :

Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a Iorma interna", Sto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de idéias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus (2) onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatóríos, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos -

tudo que há a confessar me obriga

- acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

(1) Waio BAnaTo, Novos Estudos da Língua Portuguesa, Rio, 1921, p. 364.

(2) Obras PodUcas de Bocage, ed. Tavares Cardoso e IrrnAo, Lisboa, 1902, vol. 1, 234.

#

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado 'soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare) (1) onde a três

estrofes
de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela idéia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

õ virgens que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
* sol que venha aureolando o mar,
* fartura da seara reluzente,
* vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai
õ suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai 1(2)

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma intérna na base das considerações acima feitas.

Não temos al, em verdade, um desdobramento de idéias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

o poeta combina pensamentos cognatos e paralelos, um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as idéias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

(1) Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar ENID H~ta, The Meters of EngUM Poetry, London, 1954; P. 186. es.

(2) ANTóNio Noeitz, Só, 3.a ed. (Aillaud e Bertrand), 1913, pág. 120.

#

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

Trago-te flores, restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

Que, se eu tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária% porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulatívo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo separados.

Há a intenção de provocar a perplexidade a posteriori do leitor, cuja atenção desliza até separados e depois de aceitar essa idéia self-evident, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo mortos, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o im-pacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um que de valor causal.

Temos, assim, - não um desdobramento que regularmente vai ascen-dendo para uma idéia ápice -, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena jóia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

JOAQUIM MATOSO CÂMARA jR. (Revista do Livro, nP 5, págs. 71-73).

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar da *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento, não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

> "As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."
>
> (João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros

documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto d a *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e

psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

> Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

"Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].

"Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa da modalidade americana* – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o

entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo

saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação

relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua latina*, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum*

'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural, entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na

constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de*

língua", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "-*ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "-*mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No

estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* ou *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra

registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

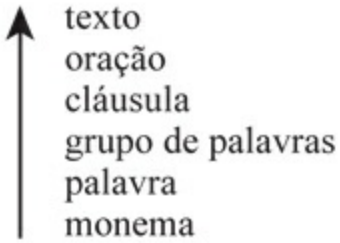

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa / casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é o "pluralizador" e *casa-* o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou *hipotaxe*), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

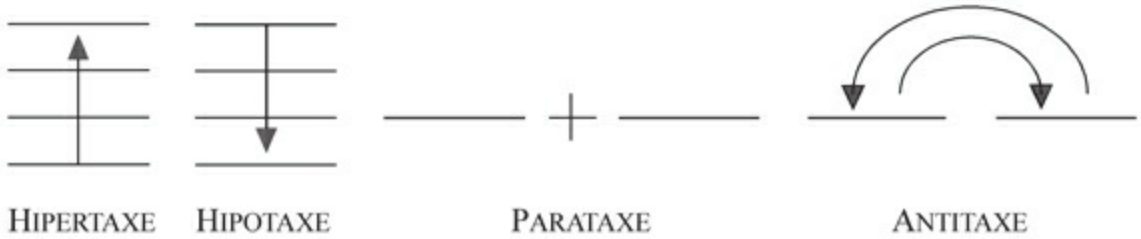

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade

correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

Em *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da

combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

I – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou

qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*) , *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que

desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de

ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e 'aquele que recebe a hospedagem'; *nora* 'esposa de filho em relação aos pais dele', e *nora* 'aparelho para tirar água de poço, cisterna'.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado 'dinheiro' há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo,

os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou "família" procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de "parentesco".

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença

articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

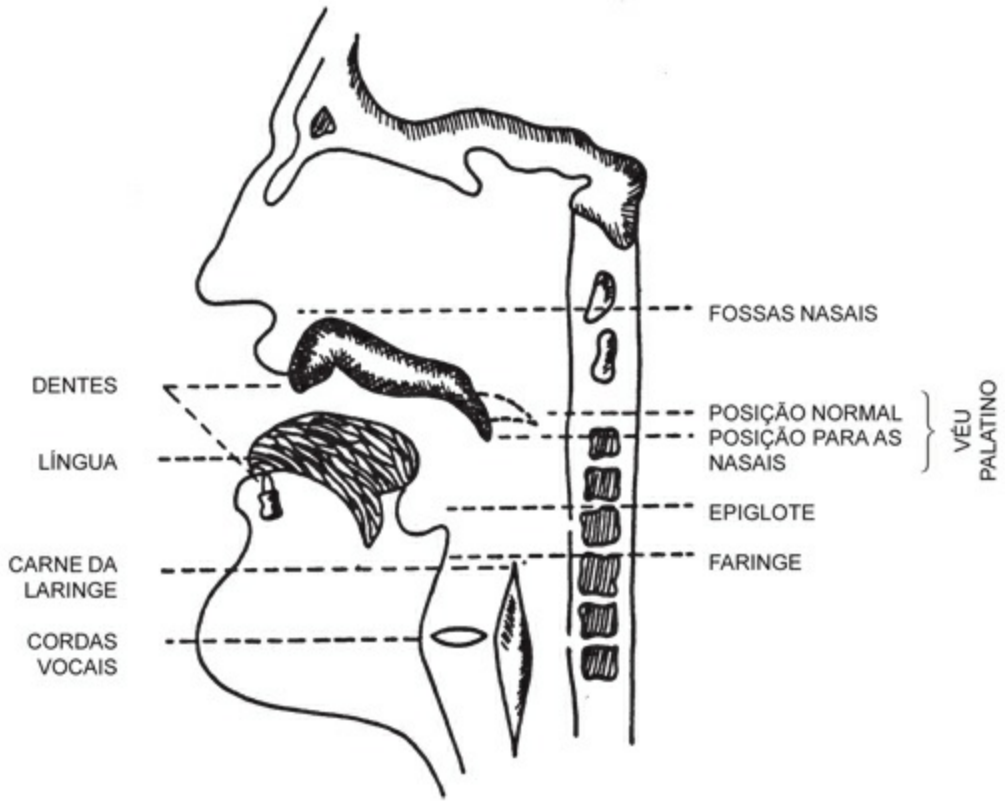

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula* ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são

conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua

função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

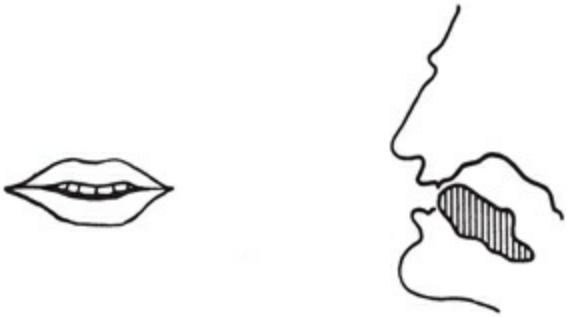

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

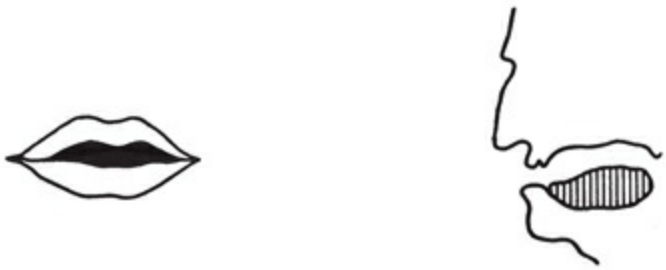

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

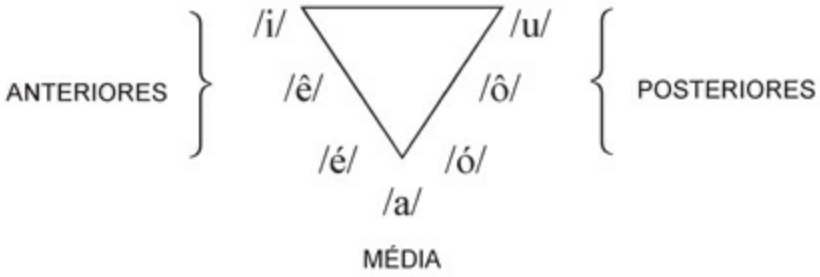

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual recebe o

nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

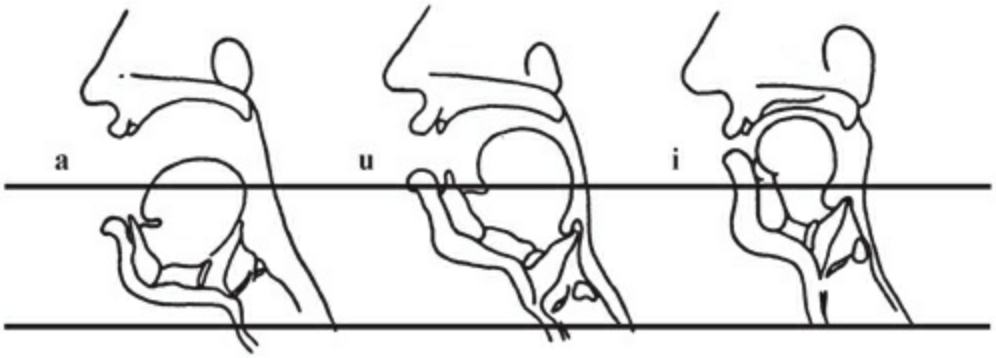

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS

1) *quanto à zona de articulação*
- anteriores: /é/, /ê/, /i/
- média: /a/
- posteriores: /ó/, /ô/, /u/

2) *quanto ao timbre* .....
- abertas: /a/, /é/, /ó/
- fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/
- reduzidas: /a/, /i/, /u/

3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal* .....
- orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/
- nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/

4) *quanto à intensidade* .....
- tônicas
- átonas

5) *quanto à elevação da língua*
- baixa: /a/
- médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/
- altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* $\underset{ay}{\smile}$ *idade*, *inculta* $\underset{ey}{\smile}$ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, ide*i*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*

2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*

3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra
2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)
3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais	*Nasais*
1) /way/: q*uais*, parag*uaio*	1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*
2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s	2) /w*ẽ*y/: delinq*uem*, enxág*uem*
3) /wiw/: delinq*uiu*	3) /wõy/: sag*uõe*s
4) /wow/: apazig*uou*	

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /w*ẽ*y/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção = tra-i-ção*; *vai-da-de = va-i-da-de*; *cai = ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente: *su-a-ve = sua-ve*; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis

auréola com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

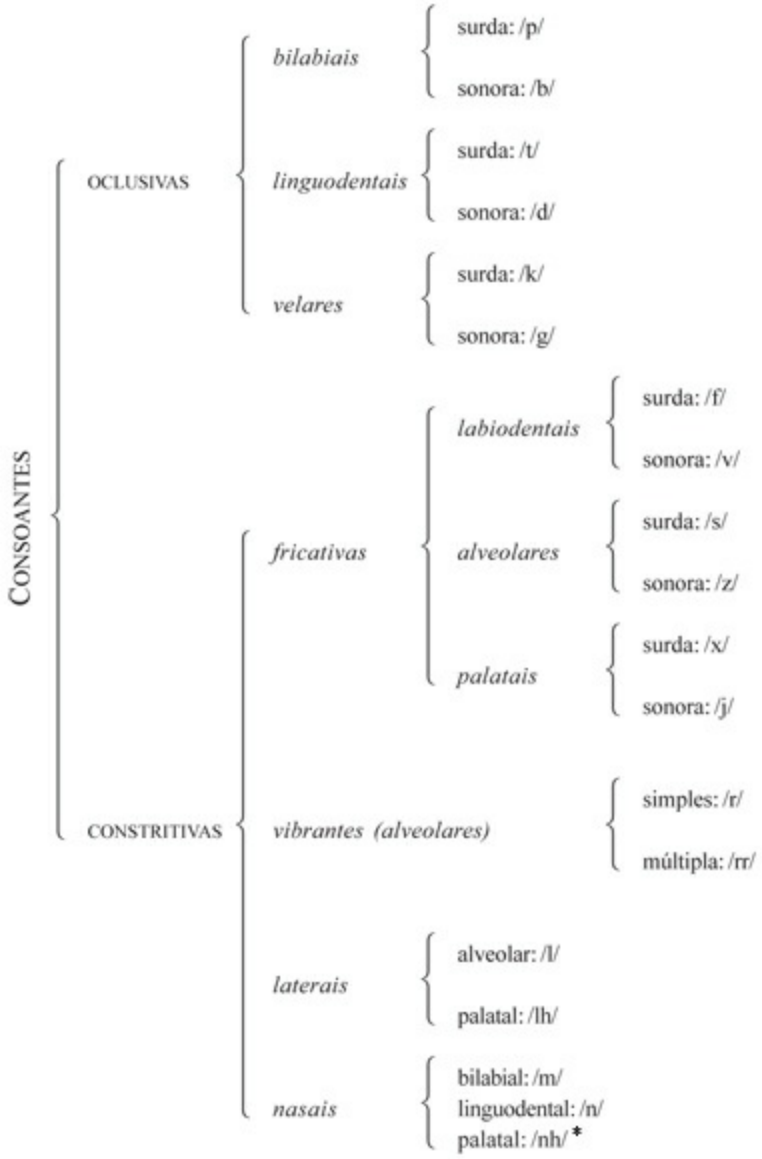

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da *ft*: af-ta

bs: ab-so-lu-to *pn*: pneu, pneu-má-ti-co

cç: sec-ção *ps*: psiu
dm: ad-mi-tir *pt*: ap-to
gn: dig-no *tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co *tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado e não *adivogado* ou *adevogado*
absoluto e não *abissoluto*
admirar e não *adimirar*
afta e não *áfita*
ritmo e não *rítimo*
pneu e não *pineu* / *peneu*
indigno e não *indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar e não *advinhar*
subentender e não *subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*: campo, canto
em ou *en*: tempo, vento
im ou *in*: limbo, lindo
om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – Fonética Expressiva ou Fonoestilística

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

APÊNDICE

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

"*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
Meu Deus! não seja já" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

"Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]

"A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

"Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

Hoje há aula.

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

"Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].

herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente / iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*,

quibebe.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço* ('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final *-am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas *-em*, *-ém*, *-en*, *-ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de *-z* ou *-s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados

por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* ou *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas *-ar*, *-er*, *-en*, *-ex*, *-on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante

(como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans*- começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final -*simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo

tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da
esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sā / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sān / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano	*hiato*:	ve / lho / hu / ma / no
	crase:	ve / lhū / ma / no
	elisão:	ve / lhu / ma / no
aviso urgente	*hiato*:	a / vi / so / ur / gen / te
	crase:	a / vi / sūr / gen / te
	elisão:	a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)	*hiato*:	jei / to / ai / ro / so
	tritongo:	jei / tuai / ro / so
	elisão:	jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir⌣aventurado*"

"*É talvez⌣a voz mimosa*"

"*Gentil⌣infante, engraçado*"

"*Que dás⌣honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo

iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*,

ou, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo /	*né* /	*ti* /	*ca*
inicial	medial	medial	final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é

substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra, insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as

palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o⋃rei // ele⋃disse // bom⋃livro // deve⋃estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-⋃me // ei-⋃lo // falar-⋃lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em

disse-lhe eu, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;

2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;

3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;

4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;

5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*, *ontem*, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*,

occipital, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar*

escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*,

plos, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar* , etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-*

entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*) , *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima, por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*,

comum de dois, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

Observações:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar.*

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

Observação: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

Observação: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação),

sota-, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-trossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*,

estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a+a*), *às* (de *a+as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às quais*.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: s*ub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

"Auriverde pendão de minha terra
que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da Carioca*, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar do Norte é diferente do falar do Sul*; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D.* (Dom ou Dona), *Sr.* (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD.* ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM.* ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E.* (Sua Eminência), *V.M.* (Vossa Majestade), *V.A.* (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) Oxítonos (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) Paroxítonos (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;
b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

Observação: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;
d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);
e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;
f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);
g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;
h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;
i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;
j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;
k) – on(s): *rádon, rádons*.

Observação: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) Proparoxítonos (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) Casos especiais

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*): *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em *-n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue.*

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*]; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*]; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*); *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras

lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.19 Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas

podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.20

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.21

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

Substantivo comum é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes

individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*), *champanha* (da região francesa Champagne), *cambraia* (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) Conjunto de pessoas:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.

Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.

Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.

Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.

Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.

Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.

Junta: de credores, de médicos.

Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.

Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.

Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.

Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:

Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.

Bando, revoada: de aves, pardais.

Cáfila: de camelos.

Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.
Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.

Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata*.23

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular

se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor → cores*; *elixir → elixires*; *revólver → revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen → *abdomene → abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome → abdomes*; *pólen → polem → polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões.*

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão.*

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães

capelão → capelães

alemão → alemães

capitão → capitães

mata-cão → mata-cães

escrivão → escrivães

tabelião → tabeliães

pão → pães

maçapão → maçapães

catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães

ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural

normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices.*

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis.*

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**27

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto

escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro
boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes

júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)
féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)
"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].
" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → corpora, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → campi (o campus, os campi)

Entre os gregos cabe citar:

tópos → tópoi, *lógos → lógoi*, *ónoma → onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → ladies; *penny → pennies* ou *pence*;

dandy → dandies; *sportman → sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv → leitmotiven*; *blitz → blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto → os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo -*zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha
florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos -*inho* (-*ito,* etc.), -*zinho* (-*zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto -*s* e -*z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório -*zinho* (-*zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com -*zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em -*s* ou -*z*, o emprego normal é com -*inho* (-*ito*, etc.), repudiando-se -*zinho* (-*zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em -*s*). A regra que obriga o -*z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de

Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges.*

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os

nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ô*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a*

formiga, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos (artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o* / *a* ***estudante***, *este* / *esta* ***consorte***, *reconhecido* / *reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea* = *plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são

unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais -*esa*, -*essa*, -*isa*, -*triz*, -*ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa

(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,

dogaressa

druida – druidesa, druidisa

(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz

(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina

(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

cavalheiro – dama

confrade – confreira

marido – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

compadre – comadre
frade – freira
frei – sóror, soror, sor
genro – nora
homem – mulher
padrinho – madrinha
pai – mãe
patriarca – matriarca
rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra
boi – vaca
burro – besta
cão – cadela
carneiro – ovelha
cavalo – égua
veado – veada, cerva (é)
zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em -*gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos

e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João*** *é oxítono,* ***re****-é um prefixo, o* ***hoje*** *e o* ***amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o* ***não*** ou *o* ***ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O* ***dlim-dlão*** *dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*) , *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de

outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*) , *Leida* (*Leyden*) , *Nimega* (*Nijmegen*) , *Nova Iorque* (*New York*) , *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou, como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):33

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*, *luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	– nação *lusíada*
breve exame	– *breve* prova
trabalho *útil*	– ação *útil*
objeto *ruim*	– coisa *ruim*

estabelecimento *modelar*	– escola *modelar*
homem *audaz*	– mulher *audaz*
conto *simples*	– história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

"Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].

"Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
áspero – aspérrimo
benéfico – beneficentíssimo
benévolo – benevolentíssimo
célebre – celebérrimo
célere – celérrimo
cristão – cristianíssimo
cruel – crudelíssimo
difícil – dificílimo
doce – dulcíssimo
fiel – fidelíssimo
frio – frigidíssimo
geral – generalíssimo
honorífico – honorificentíssimo
humilde – humílimo
incrível – incredibilíssimo
inimigo – inimicíssimo
íntegro – integérrimo
livre – libérrimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo
maléfico – maleficentíssimo
mísero – misérrimo
miúdo – minutíssimo
negro – nigérrimo
nobre – nobilíssimo
parco – parcíssimo
pessoal – personalíssimo
pobre – paupérrimo
pródigo – prodigalíssimo
público – publicíssimo
provável – probabilíssimo
sábio – sapientíssimo
sagrado – sacratíssimo
salubre – salubérrimo
soberbo – superbíssimo
simples – simplicíssimo
tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo
antiquíssimo – antiguíssimo
crudelíssimo – cruelíssimo
dulcíssimo – docíssimo
facílimo – facilíssimo
humílimo – humildíssimo, humilíssimo
macérrimo – magríssimo
nigérrimo – negríssimo
parcíssimo – parquíssimo
paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto*

e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

É mais bom do que mau (e não: *é melhor do que mau*).
A escola é mais grande do que pequena.
Escreveu mais bem do que mal.
Ele é mais bom do que inteligente.

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).
Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém*.

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade,

comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas

empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora*

portuguesa.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,

Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o *-o*, *-a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.
Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso,

por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO e PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

Meu livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com mi*, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

PRONOME OBLÍQUO REFLEXIVO – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

PRONOME OBLÍQUO RECÍPROCO – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

FORMAS DE TRATAMENTO – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou

formas pronominais de tratamento: 41

você, vocês (no tratamento familiar)
o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)
Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)
Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)
Vossa Magnificência (para reitores de universidade)
Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)
Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)
Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)
Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)
Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que

fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*, *aquilo*:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro*

(também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,

Qual em suaves júbilos discorre,

Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).

Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].

Refresco algum = algum refresco

"Vós a quem não somente *algum* perigo

Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].

Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?

Que cabeça, senhora?

Que compraste?

Qual autor desconhece?

Qual consideras melhor?

Quantos vieram?

Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?

Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados *indefinidos interrogativos*. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.

Indagaram-me *que* compraste.

Perguntei-te por *que* vieste aqui.

Não sei *qual* autor desconhece.

Desconheço *qual* consideras melhor.

Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.

O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função

sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*), *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.

O ônibus *que* esperamos está atrasado.

Não são poucas as alunas *que* faltaram.

Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.

Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.

A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.
Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*: entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].

"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. A Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. A B Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não

pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

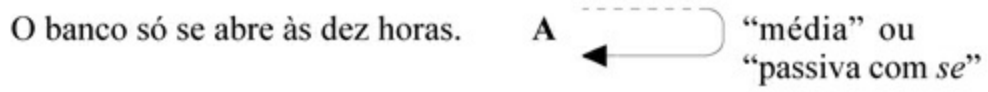

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

*Ele **se** chama João.*

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez.*

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].

> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]

Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe* houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe* ... *dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

"Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

"Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

"E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].
>
> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

> "... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

> Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

> *Teu* perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à

própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

Este livro é o livro que possuo ou tenho entre mãos.

Esta casa é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

Esse livro é o livro que nosso interlocutor traz.

Essa casa é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

"Manaus, 13-1-1905

Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].

Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

"Quero ver *esse* céu da minha terra

Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

"Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

"*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

"Vês África, dos bens do mundo avara,

.....

Olha *essa* terra toda, que se habita

Dessa gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a

substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.

Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.

"Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

Todos os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.

Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

Certas folhas ficaram em branco.

Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

Terás *algo* para contar-me?

Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

A situação está ***algo*** *perigosa*.

Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].

A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").

A *toda a* falta... (*toda* = "cada").

Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").

Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").

O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").

O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")

Todo pobre receberá esmola.

Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*,

toda parte, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

> "(...) *Todo o que* sofre,
> *Todo o que* espera e crê, *todo o* que almeja
> Perscrutar o futuro, se coloca
> Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o homem todo*, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

> *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo.
> *Todas as revisões* são passíveis de enganos.
> *Os alunos todos* disseram sim.
> *Todos estes casos* foram examinados.
> *Todas elas* responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

> "Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].
> *Todas as quatro* razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

> "Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].
> (isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

> "Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"
> [CBr.6, 93].
> "Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"
> [CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a

palavra a que se refere:

*O professor é **todo** ouvidos.* *Ela é **toda** ouvidos.*

*Ele está **todo** preocupado.* *Ela está **toda** preocupada.*

*Acabamos de ver as crianças **todas** chorosas.*52

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico

da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

> "A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].
>
> "... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
>
> "... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

> "É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

> Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).
>
> Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

> Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

> Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

> "Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"
>
> (= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].
>
> Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).
>
> Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

> "Bem vês as *lusitânicas* fadigas
>
> *Que* eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

> "Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I,

28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).
Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).
Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).
O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).
A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).
A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o quatro*, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

Observação: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor que a segunda: *quatrocentos* (4 x

cem), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

Observações:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número

indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

"Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois
terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito

nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil
dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – *A distinção de verbos nocionais e relacionais*

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – *Categorias verbais segundo Roman Jakobson*

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – *cantas* – *canta*
vejo – *vês* – *vê*
parto – *partes* – *parte*

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – *cantamos*,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – *cante*

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – *canteis*

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: “pessoa” (1.ª e 2.ª), “número” (singular e plural) e “modo” (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a “pessoa” do “número” nem o “tempo” do “modo”; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o “tempo” e o “aspecto”, como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* (“*designadores*” na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* (“*conectores*”, para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou escutado* encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o “eu”, porque “eu” é sempre a pessoa que fala, uma categoria “definida pelo discurso”.

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito / a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

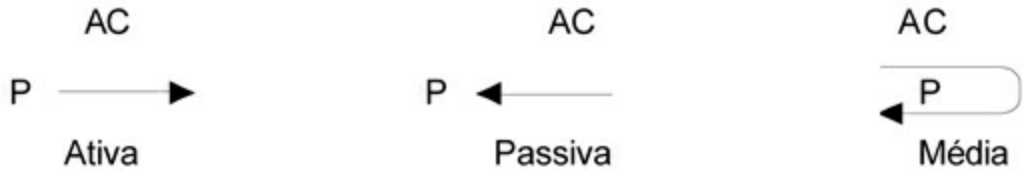

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde

se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente nível atual

Imperfeito nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*, na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

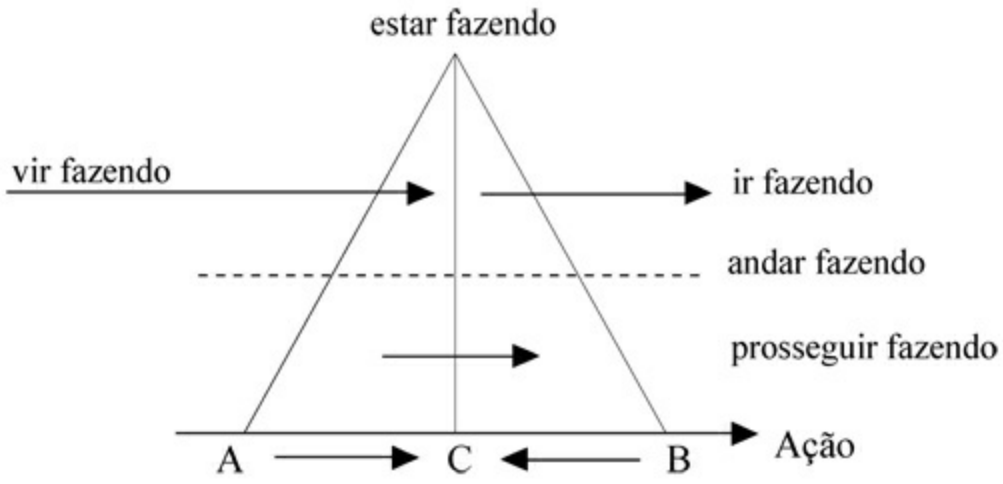

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral
	(não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido",

“terminantemente”, pois pode ocorrer a determinação expressa como “não cursiva” ou ainda como “não parcializante”, como “redundante”.

De forma esquemática, temos:

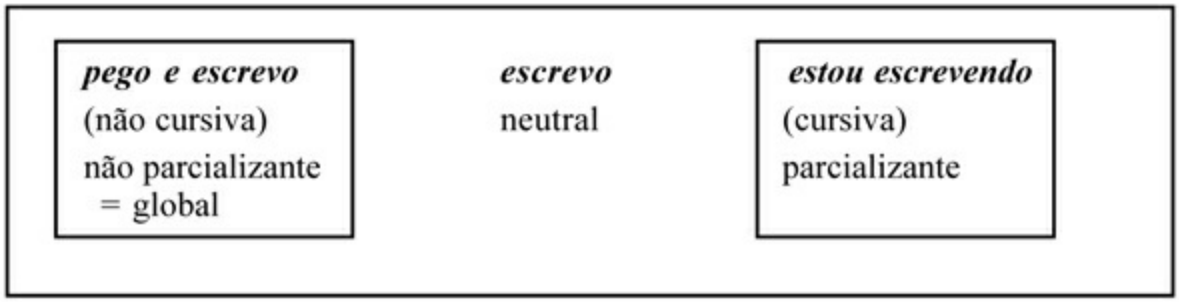

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes “fases”:

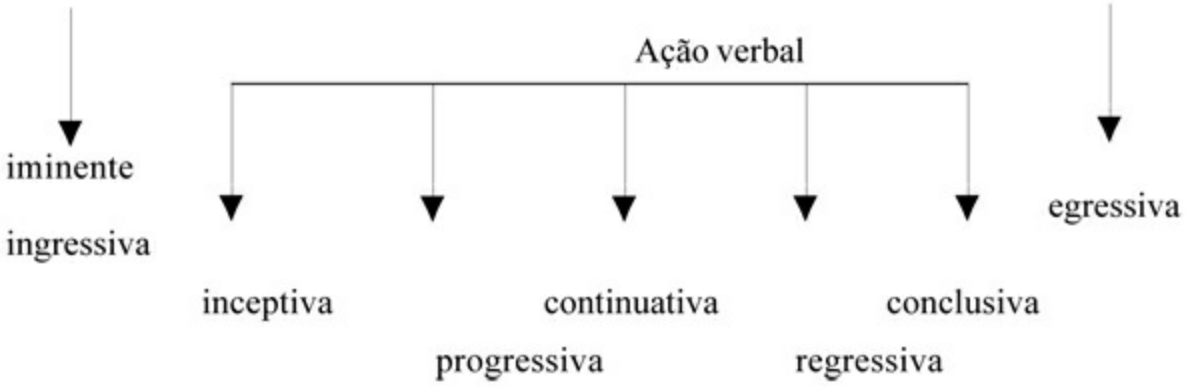

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

- o nível temporal
- a perspectiva primária e secundária
- a visão
- a fase
- o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

- a duração
- a repetição
- a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou

podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*
2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.
Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.
Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.
Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por *viger*).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.57

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*, *discernir*,

embair, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os

exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)
suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto

erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*, *precisar* (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e***

passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa:	Ø, *-o* (só no pres. ind.), *-i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa:	*-s*, *-ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa:	Ø, *-u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa:	*-mos*
	2.ª pessoa:	*-is*, *-des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), *-stes* (só no pret. perfeito do ind.), *-i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa:	*-m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (*-ste*, singular, e *-stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a *-stes* (singular) e *-steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência *-o*:

cant-*o*, vend-*o*, part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência *-i*:

cante-*i*, vend-*i*, part-*i*

canta-re-*i*, vende-re-*i*, parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é *-s*; no pretérito perfeito do indicativo *-ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*, canta-re-*s*, canta-*ste*, canta tu.

vende-*s*, vende-re-*s*, vende-*ste*, vende tu.

parte-*s*, parti-re-*s*, parti-*ste*, parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta *-u*:

canto-*u*, vende-*u*, parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre *-mos*:

canta-*mos*, vende-*mos*, parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é *-is*; aparece *-des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta *-stes*, e o imperativo *-i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja
ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.ªs pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m

vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m

part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)

b) *ter* (tinha, tinhas, etc)

c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)

d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda

as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e* fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por *-oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do

plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

Observações:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)
Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam
Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
OBSERVAÇÃO: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam
Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
OBSERVAÇÕES:
1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.
2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)
indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:
Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu

traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu

Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga

conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear

passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em -*iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final -*ear* ou -*iar* se pode alternar com o simples -*ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).
A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].
O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.
Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui -*v*-. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*, *reouvestes*, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.
Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.
"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir*

comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r***	2.ª – ***Vend-e-r***	3.ª – ***Part-i-r***
	MODO INDICATIVO	
	Presente	
Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m
	Pretérito imperfeito	
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m
	Pretérito perfeito	
Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m
	Pretérito mais-que-perfeito	
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra

Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá
Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

2 – Conjugação composta[61]

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido

Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes

Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Pretérito mais-que-perfeito

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse

Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis
Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres

Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos

Ponhais	Pusésseis	Puserdes
Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto

Terá	posto	Teria	posto
Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto		Futuro do presente
tinha-me	apiedado	apiedar-me-ei [2]

tinhas-te	apiedado	apiedar-te-ás
tinha-se	apiedado	apiedar-se-á
tínhamo-nos	*apiedado*	apiedar-nos-emos
tínheis-vos	apiedado	apiedar-vos-eis
tinham-se	apiedado	apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivesses-te	apiedado	
tivesse-se	apiedado	
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	Infinitivo não flexionado composto	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	
ponham-no	pusessem-no	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
	Não se usa pronome posposto a verbo nesta

põe-no tu [2]	forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

Formas Nominais

Infinitivo	Gerúndio	Particípio
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª Conjugação:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar.* São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª Conjugação

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

(...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.

Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.

Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Imperativo: requer(e), requerei.

Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.
Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.
Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Gerúndio: indo.

Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.

Assim se conjugam *desmedir e pedir.*

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.

Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.

Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir.*

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.

Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.

Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.

Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.

Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.

Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.

Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.

Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.

Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.

Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.

Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.

Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis, rimem.

> "Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).
Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).
Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.
Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.
Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Gerúndio: vindo.
Part.: vindo.
Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

Observações:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

"Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

"Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

Tenho dito (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

"No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..."

[MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

"Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].

"Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

"dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].

"Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

"Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].

"Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

"O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].

Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

Defenderás os teus direitos.

Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas

imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem*.

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.

Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo

para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se ao pobre homem..." [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

"*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas" [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo" [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

"As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*" [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) "sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere" [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

"Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje" [AH *apud* FB.1, 195].

"É permitido aos versistas *poetarem* em prosa" [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar:	A sentença não foi *apelada*.
aludir:	Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer:	Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar:	As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar:	Os pecadores devem ser *perdoados*.
responder:	Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora

escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que

abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial, quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.
2) *causa*: Morrer de fome.
3) *companhia*: Sair com os amigos.
4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.
5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.
6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.
7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.
8) *fim*: Preparou-se para o baile.
9) *instrumento*: Escrever com lápis.
10) *intensidade*: Andou mais depressa.
11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.
12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.
13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].
14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.
15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e

como são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português.

3 – DIMINUTIVO COM VALOR DE SUPERLATIVO – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

OBSERVAÇÃO: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – PREPOSIÇÃO

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história

útil a todos

alguns de vocês

necessito de ajuda

referentemente ao assunto

ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*), "oposição" (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de "copresença"; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no "estado de coisas" designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é "cortar", "pão", "faca", entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de "cortar o pão", mas foi o "instrumento" utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da "copresença", o sentido de "companhia", pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve "presente", mas representou o "modo" de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa "instrumento", prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

> Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de "ajuda", ou "companhia", por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos "significados" das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço "dinamicidade" (física ou figurada) e outro em que os traços de noções "estáticas" e "dinâmicas" são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*); *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) "chegada ao limite" (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de "limite como obstáculo" ou "confrontamento"); *b*) "mera direção" (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) "origem" (*de*); *b*) "mero afastamento" (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) "situação horizontal" (*ante*, *trás*); *b*) "situação vertical" (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) "copresença", distribuída em "positiva" (*com*) e "negativa" (*sem*); *b*) em que a noção de "limite", dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções

adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

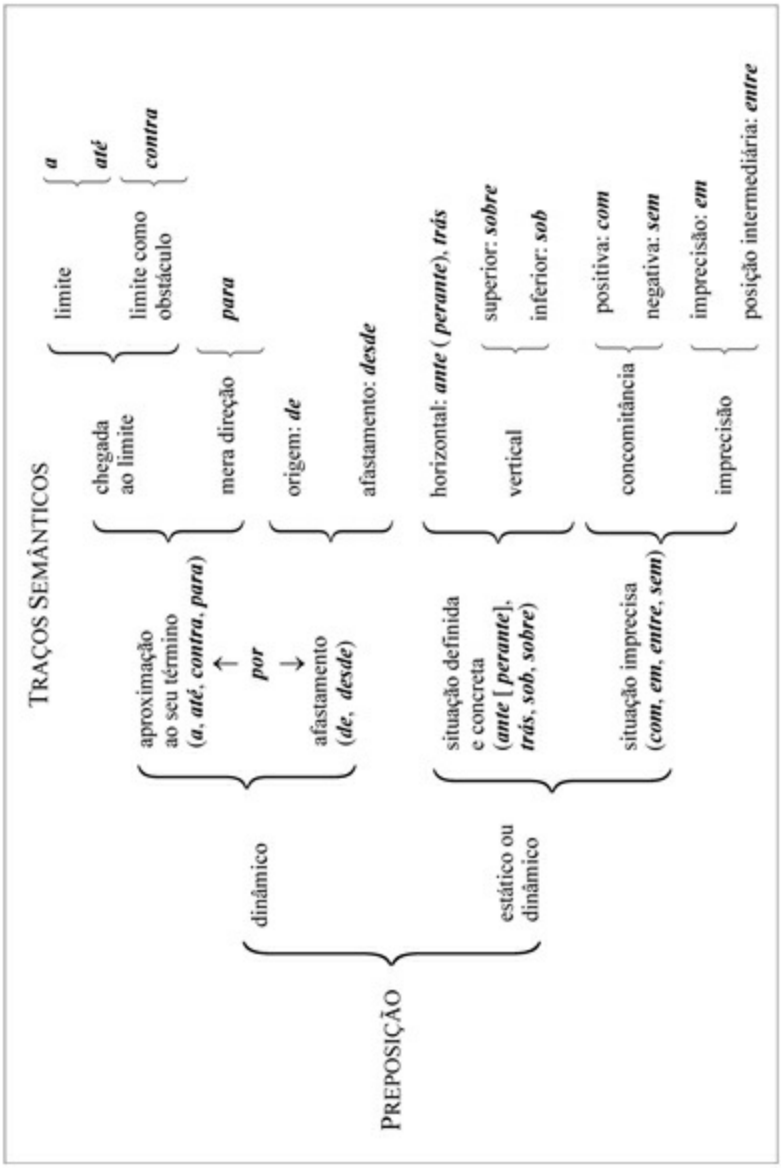

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

"Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

"Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

de Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)

"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a
abaixo de
acerca de, cerca de
acima de
a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de
de acordo com
debaixo de
de cima de
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
exceto
fora de
junto a
junto de
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

EMPREGO DA PREPOSIÇÃO

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea
- Venho *da* Gávea
- Moro *na* Gávea
- Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana
- Venho *de* Copacabana
- Moro *em* Copacabana
- Passo *por* Copacabana

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância
- Venho *da* Copacabana de minha infância.
- Moro *na* Copacabana de minha infância.
- Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui
- *à*
- *a*

França
- Venho
  - *da* França
  - *de*
- Moro
  - *na* França
  - *em*
- Passo
  - *pela* França
  - *por*

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se
- à
- *àquele*
- *àquela*
- *àquilo*

que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.

O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.

Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.

Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.

Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1, 190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.[77]

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.
Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de tudo,* ***fossem*** *as discordâncias ligeiras,* ***fossem*** *as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso

de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo

capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].

Esperamos [*que cheguem cedo*].

A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].

Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].

Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].

[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.

Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].

Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*) *dias* (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do

transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*), *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) CONCESSIVAS: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) CONDICIONAIS (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) CONFORMATIVAS: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) CONSECUTIVAS: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de

entrar em conta com suas forças...” [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

“Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral” [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

“O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia” [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*, etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das “locuções” conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

“... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos” [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)

não só... mas (*ainda*)

não só... senão (*também*)

não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.

Já dizes sim *já* dizes não.

Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].

"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].

Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.

"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*
8) de dor física: *ai!*, *ui!*
9) de dor moral: *oh!*
10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)
11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)
12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)
13) de repetição: *bis!*
14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*
15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora bolas, com todos os diabos*.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

"*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou *aluga-se*.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema *-va-* que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o *-v-* para a primeira ou o *-r-* para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão *-va-* e *-ra-*, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta + eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta + aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade + oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)

5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:
1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical
2) *supressivos*:
   a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;
   b) supressão do segmento final
   c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases
3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:
1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical
2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).[79]

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:
a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*
b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*
c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*
d) *reter, conter, deter;*
e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação

interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*E*s*. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de

instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*) , *depenar* (cf. preposição *de*) , *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*) , *sobrepor* (cf. prep. *sobre*) , *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e

-*aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô* → *avó, novo* → *nova; novo* → *novos; fiz* → *fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô* → *avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito

do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter* → *tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer* → *disse* (eu/ele); *poder* → *pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver* → *houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo* → *móveis novos* em oposição a *a casa nova* → *a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la*) > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar* → **mare* → pl.: *mares*.

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação

morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es-*, *a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à

palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*), *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* de *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um derivado com o sufixo de grau *-inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª

conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)
am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico → narcotizar; prioridade → priorizar; maldade → maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança*

(criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero,

tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por *justaposição* ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse*.

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e

acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego 'junção', 'conexão', 'coleção de coisas juntas'), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* ('transação comercial vantajosa'), *pé de chinelo* ('diz-se da pessoa de poucos recursos'), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do

conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou

complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que, nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por

exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic -, - ífer -, - duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-estre: silvestre, campestre

-ato: orfanato

-aço, -aça: vidraça

-cínio: patrocínio (não confundir com o radical *-cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-ismo: charlatanismo, civismo

-tude, *-dão:* amplitude, amplidão, solidão

-ura: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre *-or*: *verdor*, *amargor*)

-eza, -ez: beleza, viuvez

-ácia: audácia, falácia

-dade: dignidade

-mônia: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-douro, -doura: bebedouro, manjedoura
-tério: necrotério
-tório: dormitório
-aria, -eria: livraria, tesouraria, sorveteria
-edo: arvoredo
-bulo: turíbulo
-or: corredor
-il: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-anco: barranco
-cro: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-aria, -ário, -eria: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-al: laranjal, cipoal
-edo: arvoredo
-eira: doenceira, desgraceira
-io: mulherio
-ama, -ame, -ume, -um: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-agem: folhagem
-ada: boiada
-aço: chumaço
-alha: parentalha
-ardo: moscardo
-ana, -aina (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-ário: relicário, herbanário
-eiro, -eira: açucareiro, chocolateira
-aria: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-aco: austríaco
-ano,-ão: pernambucano, coimbrão
-ense, -ês: cearense, português
-enho: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-eno: madrileno, chileno
-eu, -éu: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)
-engo: *flamengo*
-ico: brasílico
OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo *-io*.
-ista: paulista
-ol: espanhol
-oto: minhoto (ô)
-ato: maiato (natural de Maia)
-ino: platino, bragantino
-eiro: brasileiro
-eta: lisboeta
-aico: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação

relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

Observações:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-*arro, -arrão, -zarrão, arraz* (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-*eirão*: vozeirão

-*aço, -aça*: ricaço, barcaça, copaço

-*astro*: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-*alho, -alha, -alhão*: politicalho, muralha, grandalhão

-*ama*: ourama, poeirama

-*anzil*: corpanzil

-*ázio*: copázio

-*uça*: dentuça

-*eima*: guleima, guloseima, boleima

-*anca*: bicanca

-*asco*: penhasco

-*az*: fatacaz, famanaz, famaraz

-*ola*: beiçola

-*orra*: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho.*

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo

-ício, -iço: acomodatício, enfermiço

-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro

-ano: humano

-asco: pardavasco

-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco

-ático: problemático, aromático

-eno: terreno

-áceo: rosáceo, galináceo

-acho: verdacho

-aco: demoníaco

-ado: barbado

-ardo: felizardo

-al: vital, *boçal*

-âneo, -anho: sucedâneo, estranho

-átil: portátil, volátil

-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])

-bundo: furibundo

-undo, -ondo: fecundo, redondo

-eo: róseo

-timo: marítimo

-urno: diurno

-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público

-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)

-al, -ar: anual, escolar

-aico: prosaico

-estre: campestre

-este: celeste

-douro: vindouro, imorredouro

-tório: expiatório, satisfatório

-ivo: afirmativo, lucrativo

-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos

-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar

-it(*ar*): periclitar, debilitar

-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-ej(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre *-ear* / *-ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-it(ar): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-ec(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-esc(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia *-escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com *-sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-mente (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em *-ês* e alguns terminados em *-or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em *-mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada, trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*..." [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar ('cortar em dois'), disjungir ('separar duas coisas que estavam juntas'), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

Observação: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

Observação: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

Observações:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade.*

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* ('reduzir a cinzas'), *inflamável* ('que se transforma em chama', 'que se transforma em fogo'), etc.

3.ª) "Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões" [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino
un, uni (unidade): uniforme
vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde95

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral
aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora
anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro
antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo
apó (afastamento): apologia, apocalipse
arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago
catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico
di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo
diá, di (através de): diálogo, diagrama
OBSERVAÇÃO: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.
dis (dificuldade): dispepsia, disenteria
ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma
en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse
endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa
ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfí*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo

intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo*.

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª

pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer + professor → sofressor*; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre *-izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*96

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*) , *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].

astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca
bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cianídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo

giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito): geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama

méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio
mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia

fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia
poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia

tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — *the-ós* (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — *thermós* (calor): termômetro
tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

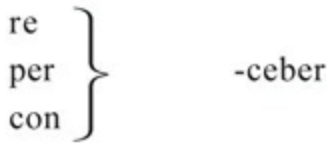

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a

funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.
ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino
ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo
alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro
ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto
audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência
bellum, i (pugna, combate): belonave
bos, bovis (boi): bovino
cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso
caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.
candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer
cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio
capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo
caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício
caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se
cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder
cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir
clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador
clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza
colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)
cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar
dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência
do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito
doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil
duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida
duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto
Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).
edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)
eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir
facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98
frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário
fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso
gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro
gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital
iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente
gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito
lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio
lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente
lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo

("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem "equivalências de orações"(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras

morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, "bom-mau", "casa – casinha", "morrer – mortal" são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; "jovem" implica "velho" e "velho" implica "jovem", mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de "direção única". Assim "casa" - "casinha", "morrer" - "mortal", "trabalhar" - "trabalhador" são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo "casa" é independente do conteúdo "casinha", mas a definição do conteúdo "casinha" inclui necessariamente o conteúdo "casa".

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de "assento", estudado pelo citado Pottier, em que "assento" é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1; MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: 'objeto construído para a gente se sentar'

s2: ‘com encosto’
s3: ‘para uma pessoa’
s4: ‘com braços’
s5: ‘com pés’
s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos, mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema “ser humano”, já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: “seres vivos”, “coisas” e, dentro da classe “seres vivos”, por exemplo, “seres humanos”, “seres não humanos”, etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como “positivo”, “negativo” que justificam coordenações

aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de

vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto, mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

> *cabelos de* ***neve****,* ***pesar*** *as razões,* ***negros*** *pressentimentos,* ***doces*** *sonhos, passos* ***religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca*** *do estômago*, ***dentes*** *do garfo*, ***costas*** *da cadeira*, ***braços*** *do sofá*, ***pés*** *da mesa*, ***gastar rios*** *de dinheiro*, ***vale*** *de lágrimas*, *o* ***sol*** *da liberdade*, *os dias* ***correm***, *a noite* ***caiu****.*

Observação: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

*o **trono*** (= *o rei*), *o **rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

*dou-lhe a minha **palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à **cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um **possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a **ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da **Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf.

EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo, não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.

valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto
um ferimento

ponto { em geometria: um ponto no espaço
em gramática: sinal de pontuação
em teatro: auxiliar de atores
em táxi: ponto de táxi
em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria")
o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente*.

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios: o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel
b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo
b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem
b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas
b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado: Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

{ *proscrever*: proibir
prescrever: aconselhar

{ *tráfego*: trânsito
tráfico: comércio

{ *ratificar*: confirmar
retificar: corrigir

{ *infringir*: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

{ *descrição*: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

{ *intimorato*: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

{ *iminente*: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da

maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.
8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda.*);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo.*);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe

o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período*.

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

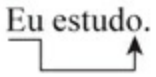

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.
Aqueles *dois* erros eram graves.
Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.
Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na

referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou

complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.
José *acordou* cedo.
As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).
Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).
O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu
Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'
Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'
Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.
Não encontramos *os responsáveis*.
O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos

decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.
Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS.*

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA.*

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante.* / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo* + *complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo

na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma

de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:109

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um

verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.
Casa de ferreiro, espeto de pau.
Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).
O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).
O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.
Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.
João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

*São dez horas? – *Elas são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam ‘chamar’ e ‘ter na conta de’: *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim*. / Ela estudou *assim*.

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim*.

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, “os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua” [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o “tempo, hipótese,

concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

> 'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.
> Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].
> (isto é, "como dourada borboleta)
> "*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].
> (isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

> *Em* rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.
> *Audaz* D. *Quixote* ele entrou na discussão.
> *Quando Presidente* esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores* , apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por

que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar
Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores* , o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade percebida, pode ser substituída pela de relativo:

Ouço o vento que sopra.
Vejo as árvores que crescem.
"Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

"... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

Os exercícios foram feitos *por José*.
O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

Os exercícios foram feitos.
O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes

[PD.1, 46]:

O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.

Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval.*

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

Ela é estimada *de todos.*

O professor não foi esquecido *dos alunos.*

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio de*, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que/quem*,

verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.

É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito + predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas –

conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.
Pedro trabalhou *das três às cinco*.
Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.

Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).
Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.
O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso

de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito* + *adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).
Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).
Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.
Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.
Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco { *de história.* / *em moral.* / *sobre tais fatos.* / *acerca do caso.* / *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana.*
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado.*
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela.*

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.
Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega.*

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes

da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as

seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*

a prisão *do criminoso pela polícia*

a remessa *dos livros*

a resposta *ao crítico*

o assalto *pelo batalhão*

a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto*

pelo batalhão, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência

concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*
A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*
Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*
O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*
Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*
Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo*** *de vitória* ↔ *desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso*** *de vitória* ↔ *desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente*** *ao assunto* ↔ *referente* [adjetivo] *ao assunto* ↔ *referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*
a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*
a tia *do Daniel*
o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*
a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*
o *rosto* da *criança*
a *face* do *problema*
o *galho* da *árvore*
o *cérebro* da *equipe*
o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*
(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante

O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.

O professor *Machado* honrou o magistério.

Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.

Meu *primo* José morou na Itália.

"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]

Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.

Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.

Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.

Eu *Anibal* peço a paz [MMa].

Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro II, imperador do Brasil*; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*

Praça *da República*

Ilha *de Marajó*

Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre*

rapaz, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc.[FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei* / *rei menino*, *filósofo rei* / *rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*,

ter nome e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!
"*Senhor Deus*, *que após a noite*
Mandas a luz do arrebol,
Que vestes a esfarrapada
Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que

funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação

tradicional de *orações compostas* ou *período composto*. Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* o u *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo *cidade*, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental

marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

	quanto	
	por que	
	como	
Não sabemos	quando	comprou
	onde	
	que	
	qual	

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio* → *o sábio* → *o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*,

passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = por doença

em cima da mesa = sobre a mesa

graças à ajuda = *com* a ajuda

debaixo da escada = *sob* a escada

dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*

Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é*.

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.

Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.
Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*
Predicado: *lê muitos livros*
Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela

conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

> O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116

Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.

"Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.

"É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)

O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

"Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou,*

retrucou ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

> Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:
> — *Lavou as orelhas hoje?*
> — Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.
> — Perguntei se lavou as orelhas.
> — Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

N o DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

> Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

> José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

> José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima de *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

> José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

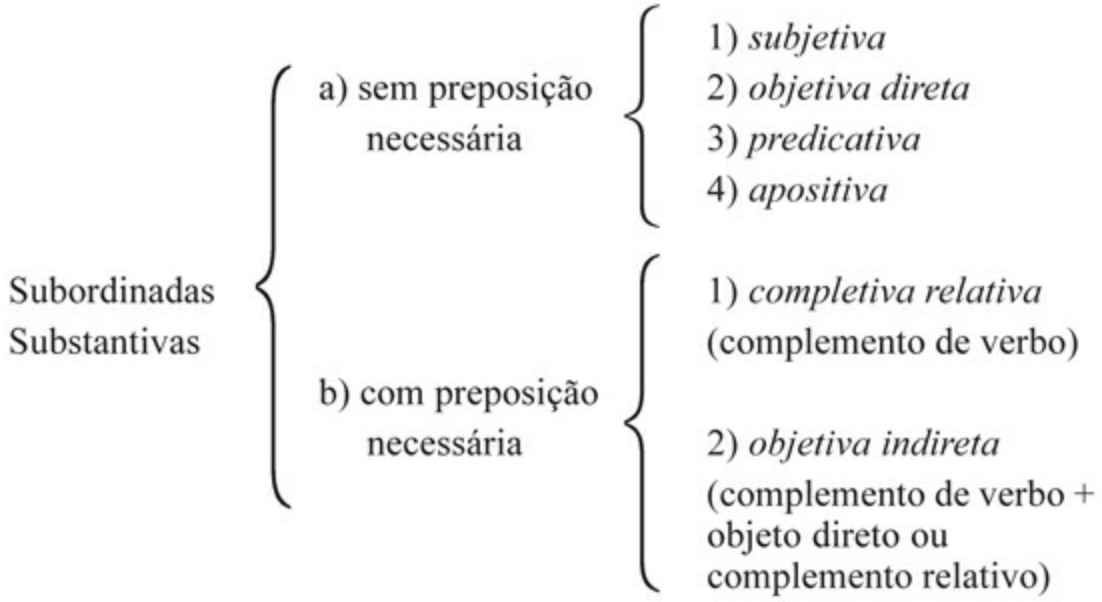

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

"Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],

isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

"...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],

onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim*, *dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

É verdade que *sairemos cedo*.

Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem*.

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância*.

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do*

que, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha;*

gaveta cuja chave se perdeu.

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe

claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado

especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

"De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
Predicado: *são os que menos a merecem*
Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

Sujeito: *os que*
Predicado: *reclamam mais liberdade*
Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

Sujeito: *os que*
Predicado: *menos a merecem*
Obj. direto: *a*

Em

José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que = e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

> "Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].
>
> *Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda*.
>
> "A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

> "Bem vês as *lusitânicas* fadigas
>
> *Que* eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

> "Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa*. Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

> Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*
>
> (subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

> Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*
>
> *Como está chovendo*, transferiremos o passeio.
>
> *Desde que assim quiseram*, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id*.).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo.*

Preferia estudar *do que não fazer nada.*

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade.*

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias de *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada

de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas de *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não + subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mais* estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*

Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].
"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.
Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.
Não *fora* a escuridão, veria o perigo.
"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.
Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.
Chegaram àquela cidade *havia pouco.*
Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].
"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz*.

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar,*

que o acompanhe à sala ou ao gabinete" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

"conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

"Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

Estuda agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

quando o verão chegar = ao chegar o verão

quando o verão chegar = chegando o verão

quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o verão* são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido

muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida*

infinitiva).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.
se chover: *subordinada adverbial condicional.*
Logo:
chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.
quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*
Logo:
acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana.*

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a + infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II..." [LCo.1, I, 298].

"Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos" [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], "não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever".

c) *particípio:*

"Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas" [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a "conjunções" subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

"Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor..." [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

"Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade" [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno.*

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo.*

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber*.135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

OBSERVAÇÃO: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o

português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1*,* 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2*,* § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo *ser*:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer*.

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id*.]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid*.). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.
Ouço *soprar* o vento.
Eu a vi *sair* de casa.
Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.
Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.
Vês abrir a porta? Vejo-*o*.
Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.
Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.
O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o*... *o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76],

isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI **em vez de** AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer*.

Em:

"Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

Pediu para que Pedro *saísse*

ou

Pediu para Pedro *sair*.

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

Ele pedia-lhe para sair

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu

objeto direto:

Disse para que ele fosse embora

ou

Disse para ele ir embora.

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

"A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].

Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].

Findo o susto, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].

Acabada a festa, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

"*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].

"Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

"A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

Isto posto, resolvemos voltar

ou

Posto isto, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias*.

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a

combinação:

> "Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

> "Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

> "A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

> "*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

> Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

> *Esforcei-me por convencê-lo* (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

> "A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

> "... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

> "O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

> "Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por *interjeição*. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim...
[MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais

(*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o

céu e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

Observações:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

Observações:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta
a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o

verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo*, *apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas

Paisagens o mais belas *possível*

Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].

Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

1 1) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de

claramente, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].

"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa* ou *alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].
"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id.*, *ibid.*].
Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].
A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o

abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

"Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].

"Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) Sujeito constituído por pronomes pessoais

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

"*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

"E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

"quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

"Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

"El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].

"Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].

"Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada
- - - - - - - - - - - - - - -
Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,
És tu quem me dás frescor à mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"
[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.
Deve haver cinco premiados.
Não o vejo *há* três meses.
Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais*

que):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não... mais que* pode-se usar *mais não... que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um

substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.

Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.

(...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).

Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).

Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

Pediu para que Antônio saísse

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de

rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o grande romancista hospitalizado* (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer, consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id*., *ibid*.)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para
bastar a

batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com
comparecer a
compatível com

compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a
continuar em, com
contrapor a

contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a
desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de

desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de
diligente em, para
discordar de
discrepar em

disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra
encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a

encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em
esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para

estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em
forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a

frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a
idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a

impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com
indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em

infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com
irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de

jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra
maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre

medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a
obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em

obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por
pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em

pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em
propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por

protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a
redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por

reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com

salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em
subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a

suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em
transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a

triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de
voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:

a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:

homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:

o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:

Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:

Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:

Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):

Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por
a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

> "A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande
"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].
E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-se a porta* (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.
Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe
Existiam várias razões
Houve discussão
Faz três anos que não o vejo
São várias horas de distância
Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.
Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)
"A do rei potente mimosa filha
Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes, estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

"*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

ÊNCLISE é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

Deu-*me* a notícia.

PRÓCLISE é a anteposição ao vocábulo tônico:

Não *me* deu a notícia.

MESÓCLISE é a interposição ao vocábulo tônico:

Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – EM RELAÇÃO A UM SÓ VERBO

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

"Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].

"Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].

"Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!*..." [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – Em relação a uma locução verbal

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

Observações:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do

"acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*), *desde ab initio*, *tornar a repetir*, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

"Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"

[MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

A pessoa que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.

A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

O tempo parece que vai piorar

por

Parece que o tempo vai piorar.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

Dizem que o irapuru quando desata
A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
O passaredo, rápido a segui-lo
Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de

estruturação mais complexa:

Estudou como estudaria se fosse passar

por

Estudou como se fosse passar

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*, derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse

(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares

(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem

(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta

(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.

Fizemos com que Pedro chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

Nós *é que* sabemos viver

Aqui *é onde a* ilusão se acaba.

Oh! Que saudades *que* tenho!

Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões

adverbiais:

Eu não sei *quando que* ele vem.

Enquanto que isso acontecia, não vinha nenhum socorro.

Desde cedo que esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*,

"empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto

praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):

aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)

adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)
corso (= cortejo, desfile)
diletante

dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].
17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos* / livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 "A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de "impessoal". Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de "*on*" (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu'un *vous* aborde, port. "não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*") [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

"Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= "eu", "a gente", impessoalizador) não sabe o que fazer". "*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais "aquela moça", e sim "aquela senhora" (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem

ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA:

TEXTOS DE APOIO

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado Embaixador Celso Amorim
Secretário-Geral Embaixador Antonio de Aguiar Patriota

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente Embaixador Jeronimo Moscardo

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br

EVANILDO BECHARA

Estudo da Língua Portuguesa: textos de apoio

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília, 2010

Copyright © Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@itamaraty.gov.br

Capa:
Erika Silva Nascimento

Equipe Técnica:
Maria Marta Cezar Lopes
Cíntia Rejane Sousa Araújo Gonçalves
Erika Silva Nascimento
Fabio Fonseca Rodrigues
Júlia Lima Thomaz de Godoy
Juliana Corrêa de Freitas

Programação Visual e Diagramação:
Juliana Orem e Maria Loureiro

Impresso no Brasil 2010

E 8 5 Estudo da língua portuguesa: textos de apoio. – Brasília : FUNAG, 2010.
420p. : il.

ISBN: 978-85-7631-215-4

1. Língua portuguesa – Estudo. 2. Língua portuguesa – História.

CDU: 811.134.3

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei n° 10.994, de 14/12/2004.

Sumário

Prefácio, 7

Epígrafe, 9

I – Fundamentos históricos

Origem e evolução da Língua Portuguesa (José Leite de Vasconcelos), 13
História resumida da Língua Portuguesa (M. Said Ali), 19
Da latinidade à lusofonia, 25
Por que se aprende latim, 45
José de Alencar e a língua do Brasil, 51
Português ou brasileiro?, 67
A denominação do idioma nacional do Brasil (A. F. de Sousa da Silveira), 71
A língua dos modernistas: Revolução ou Tradição?, 77
A Língua Portuguesa e a sua contribuição, 93

II – Meios de expressão

As línguas e seus usos caprichosos, 105
Os escritores e a gramática, 111
A polidez e as línguas, 121
Poluição linguística, 131
As palavras têm seu destino, 139

Na esteira da unidade: Moscou ou Moscovo?, 147
A norma ortoépica, 155
Gandavo ou Gândavo?, 163
Brasileirismos: Eu vi ele (Sílvio Elia), 169
Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?, 181
Dequeísmo: um *de* intruso, 193
O infinitivo: Será um quebra-cabeça?, 197
A concordância com *um dos que* na tradição gramatical do português, 201
Sobre a sintaxe dos demonstrativos, 209
O emprego da maiúscula (H. Meier), 227
O purismo e o progresso da Língua Portuguesa (M. Said Ali), 239
Estrangeirismos – Aquisições Novas – estrangeirismos (M. Said Ali), 261
O pior dos estrangeirismos, 265
A gramática dos termos estrangeiros no português, 269
A dimensão do texto e o ponto e vírgula, 275

III – Questões metodológicas

O valor da gramática (Antonino Pagliaro), 281
A gramática no atual contexto das disciplinas linguísticas, 283
Língua comum e língua escrita (Antonino Pagliaro), 289
A língua literária (J. Mattoso Câmara Jr.), 291
A língua literária (Eugenio Coseriu), 301
Que se entende por correção de linguagem?, 305
Duas afirmações muito complexas, 329
A língua de uso, 337
Linguagem e educação linguística, 345
Em defesa da Língua Portuguesa, 349
Má ideologia na linguagem?, 353
A boa estimação dos clássicos (João Ribeiro), 365
Imexível – Uma injustiça a ser reparada, 367
Novos horizontes no estudo do léxico, 371
Correção e norma linguística (J. G. Herculano de Carvalho), 385
A língua exemplar, 397
A ABL e a reforma ortográfica, 403

Bibliografia, 411

Prefácio

A educação linguística no idioma materno de um candidato ao Instituto Rio Branco difere consideravelmente, em nossa opinião, daquela que se há de exigir de outras atividades de nível superior. O candidato ao Instituto Rio Branco, neste plano de conhecimento, desempenha papel que fica entre a atividade do escritor e o conhecimento do especialista de assuntos linguísticos. A atividade de escritor lhe exige o conhecimento cabal das potencialidades do idioma materno que lhe facilite uma expressão inteira e inconfundível de seus pensamentos e opiniões.

A excelente formação secundária e universitária com que chegam os candidatos ao Instituto Rio Branco já os colocou em condições idiomáticas de discorrer com preparo intelectual e dentro das normas discursivas de coerência e coesão desejadas em textos a que se terão de submeter em trabalhos orais e escritos. Por isso, a nossa proposta de agora é percorrer outro caminho que lhes ofereça adequado, seguro e reflexivo conhecimento do idioma, da sua rica tradição literária e das suas riquíssimas normas de funcionamento.

O conhecimento técnico, que não se há de confundir com o do linguista de profissão, irá prepará-lo para os momentos em que seja convidado a opinar sobre questões idiomáticas que estão afetas à atividade do Ministério das Relações Exteriores dentro e fora do país, bem como emitir juízos de valor que se alicercem em bases científicas, e não em impressões livrescas, ou em meras conjeturas de falante nativo.

Para atender a esta dupla função de escritor e de especialista em questões relativas à natureza das atividades linguísticas, reunimos um conjunto de páginas em que emitimos reflexões sobre temas variados que entendemos pertinentes ao propósito deste livro. Foram elas objeto de artigos da coluna "Na ponta da língua", vindos à luz no seminário carioca *O Mundo Português*. Enriquecendo estas páginas juntamos outras assinadas por grandes figuras nacionais e estrangeiras de reconhecida competência na área dos estudos linguísticos. São reflexões e lições de natureza diferente, repartidas nas três séries *Fundamentos históricos, Meios de expressão* e *Questões metodológicas*, mas que se acham fortemente interligadas.

A primeira série envolve o percurso histórico de nosso idioma desde suas atividades iniciais como manifestação escrita, juntando-lhe alguns aspectos particulares relativos à mesma temática.

A segunda série de artigos apresenta ao jovem candidato questões que dizem respeito aos meios e recursos de expressão que traduzem a potencialidade discursiva do idioma no uso dos meios que estão disponíveis a um artista consciente dessas riquezas linguísticas em todos os domínios do idioma: fonéticos, fonológicos, gramaticais, léxicos semânticos, estéticos, estilísticos e pragmáticos.

A terceira série de artigos introduz o candidato em questões de natureza técnica, apresentando-lhe problemas e discussões de que precisa tomar conhecimento e para refletir sobre eles, no momento em que o Ministério das Relações Exteriores tenha de emitir parecer em assuntos do idioma, em assuntos fronteiriços à teoria linguística nas suas diversas áreas de investigação ou normatização.

Esperamos que a leitura reflexiva de tais textos contribua para a adequada formação linguístico-idiomática daqueles que, no Instituto Rio Branco, se preparam para os encargos e altas funções que no futuro o Ministério das Relações Exteriores tenha de a eles recorrer.

Evanildo Bechara
Rio de Janeiro, 30 de maio de 2009

Epígrafe

Quem percorre uma estrada não tem, em geral, a preocupação de conhecer a história geológica das pedras que compõem a calçada que a pavimenta; sucede que procedemos da mesma maneira para o caminho das palavras, atentos apenas à sua função, isto é, aos significados que exprimem. Mas quem possui o interesse desperto e um ouvido apurado consegue uma vez por outra apreender, por detrás da forma e do valor semântico atuais, outros momentos distantes, mais ou menos escondidos, que conferem uma razão àquela forma e àquele valor.

O sinal fônico que hoje aparece indissoluvelmente ligado ao seu significado pela própria necessidade do sistema de que faz parte, tem nas suas raízes mais profundas um momento criador que é muitas vezes um momento de poesia. Desse momento emanou a necessidade interior, não natural, mas humana e intencional que ainda liga significante e significado. Cada sinal é portador do saber e este saber tem quase o caráter de uma hipótese que perenemente se renova, baseando-se numa garantia dada pelo consenso universal. Por isso mesmo tal fato está relacionado com a evolução da consciência da comunidade que objetiva as próprias experiências naquele conjunto de saberes.

Em consequência disso, a língua, até na sua estrutura atual, não é mais que uma teia de inovações, de atos criadores, exteriores à nossa consciência, porque o sistema é completo em si e suficiente para preencher as finalidades

da expressão. Mas quem volta a descobrir um desses momentos de criação, que constituíram aquela estrutura, faz emergir da névoa do tempo um elemento da construção aérea, sobre a qual a humanidade caminha. O raio que de vez em quando se desprende de um fragmento de poucas sílabas é um fio de luz que se estende entre nós e a pré-história.

(Antonino Pagliaro, *A Vida do Sinal,* págs. 44-45)

I — FUNDAMENTOS HISTÓRICOS

Origem e evolução da Língua Portuguesa

José Leite de Vasconcelos

Latim vulgar em geral. — Línguas românicas. — Latim vulgar ibérico. — Latim bárbaro. — Épocas da língua portuguesa. — Onde pode estudar-se o português antigo. — Geografia da nossa língua. — Dialetos.

A língua portuguesa tem origem no latim vulgar trazido pelos romanos para a Lusitânia, e cá modificado; ou mais propriamente, é uma evolução desse latim. Os romanos vieram para a Península no século III a. C.; os mais antigos testemunhos históricos da luta deles com os lusitanos datam do ano de 193 a. C., e essa luta continuou até à conquista definitiva da Lusitânia no tempo de Augusto.

Outras línguas se desenvolveram do latim vulgar no *orbis Romanus*. O conjunto de todas forma a *família românica* ou *neolatina*. Os principais membros da família românica são: *português, espanhol, francês, provençal, italiano* e *romeno*, — todos eles providos de abundante literatura. Mas além destes podem contar-se outros, que, se não apresentam tão rico pecúlio literário como os antecedentes, apresentam, contudo, caracteres glotológicos que lhes dão individualidade: *o ladino*, falado em parte da Áustria, da Suíça, e do Norte da Itália; *o sardo*, falado na Sardenha. Há também quem conte como tal um grupo glótico (sueste da França; Val Soana e Vale d'Aosta; e Suíça Ocidental) que participa do francês e do provençal, e por isso se chama *franco-provençal.* Igualmente podemos considerar idioma românico distinto

o *dálmata* ou *dalmático*, falado outrora nas costas da Dalmácia, e hoje extinto. Concomitantemente com estes idiomas há ainda mais, que estão para com eles na relação de intermédios, de codialetos, de dialetos, de subdialetos, — por exemplo, o gascão, o catalão, o valão, o leonês para não falar na imensa variedade de romances crioulos que se desenvolveram na África, Ásia, América e Oceania.

O *latim vulgar*, na essência, não era diferente do *latim literário*, ou latim propriamente dito: o que não quer dizer que os escritores escrevessem exatamente a língua do povo. Deve entender-se que em todas as nações onde se cultivam as letras, as pessoas cultas podem servir-se de expressões, distinguir sons, e usar vocábulos, diversos dos das pessoas incultas. No *orbis Romanus* os literatos diziam, por exemplo, em língua apurada, *parca*, *minae*, *felix*; o povo dizia *fata*, *minacia*, *cattus*. Concorrentemente com *amabo* desenvolveu-se na linguagem popular a perífrase *amare habeo*, donde veio o português *amarei.* A gente culta pronunciou *homo*, com *h*, até certa época; a gente plebeia, desde muito cedo, omitiu o *h*, e fez *omo*. Em vez do *Petri domus* das classes elevadas, ouvia-se *casa de Petro* nas classes baixas. E assim por diante. — Dão-nos principalmente notícia do latim vulgar: as inscrições, quando gravadas por artífices pouco peritos, ou quando representam vocábulos locais; os gramáticos, quando combatem e exemplificam o que eles chamam *falar vicioso*; certos narradores, e poetas dramáticos, quando, para produzirem efeito cômico, fazem que os seus personagens falem a língua cotidiana; alguns autores da época da decadência literária.

Da propagação do latim na Península Ibérica temos duas provas diretas, além da que resulta do conhecimento geral da História: 1) um texto do geógrafo grego Estrabão (no séc. I da era cristã), que reza assim: os *Turdetanos*, e *mormente* os *ribeirinhos do Bétis, adotaram de todo os costumes romanos, e até nem já se lembram da própria língua*; 2) milhares de inscrições latinas encontradas tanto na Espanha como em Portugal, e coligidas pela maior parte no vol. II do *Corpus* da Academia de Berlim e seus suplementos. Todavia houve um rincão da Ibéria que resistiu à romanização, e onde se conservou até hoje uma língua pré-romana: as Vascongadas. Esta língua, chamada *vasconço* ou *basco*, ultrapassa a Península, pois se fala em França, num território confinante com aquelas províncias espanholas.

Do latim vulgar da Península trata em parte um opúsculo de L. Carnoy, *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, 1ª parte (Vocalismo): 1902. O

título diz *Espagne*, mas entenda-se *Hispaníe*, porque o opúsculo tanto se refere à Espanha como a Portugal.

Não devemos confundir *latim vulgar* com *latim bárbaro*. Aquele é língua viva, que a pouco e pouco se modificou, estando hoje representado pelas línguas românicas ou *romanço*; este é o latim dos escrivães da idade média, latim não só estropiado, mas mesclado de palavras e expressões da língua falada. Pelo que toca a Portugal, possuímos textos em latim bárbaro, do séc. IX em diante. Antes de começar a usar-se o português nos documentos (contratos, testamentos, etc.), eles escreviam-se neste latim. Falava-se uma língua (romanço), e escrevia-se outra (latim bárbaro). Há muitos documentos em latim bárbaro nos *Portugaliae Monumenta Historica*, — publicação da Academia Real das Ciências de Lisboa; os mais antigos provêm de cartórios conventuais da Beira e do Minho.

As palavras e expressões portuguesas que transparecem nos documentos latino-barbáricos constituem o que costumo chamar *português proto-histórico*, que é a primeira fase do *português arcaico*. Esta primeira fase pode dizer-se que durou até o séc. XII, pois em tal época principiou a escrever-se a nossa língua, ou pelo menos é de então que datam os mais antigos documentos portugueses que possuímos. Do séc. XII aos meados do XVI, a língua diferença-se bastante da atual: é a *língua arcaica* propriamente dita.

Distinguiremos, pois, os seguintes períodos do português: 1) *arcaico* ou *antigo*, do séc. IX, e mais particularmente do séc. XII, aos meados do séc. XVI; 2) *moderno*, do séc. XVI ao séc. XX. Nestas duas classes há ainda subdivisões.

O português antigo, à parte certas peculiaridades dialetais, está intimamente correlacionado com o idioma da Galiza, ou galego; às fases primeiras de ambos costuma até chamar-se *galeco-português* ou *português-galego*. Ao mesmo tempo que o latim vulgar se transformava em português-galego na Lusitânia do Norte (tomo a expressão *Norte* em sentido lato), devia também produzir no resto da Lusitânia um idioma românico que por ora não sabemos ao certo em que relação estava com aquele: se lhe era igual, ou se diferia dele, muito ou pouco. Este idioma conservar-se-ia naturalmente no tempo dos árabes (do séc. VIII ao XIII), porque eles eram tolerantes. Após as conquistas de D. Afonso Henriques (dos meados do séc. XII em diante), o português do Norte, ou português arcaico, propagou-se no Sul e absorveu o romanço aí falado, ou identificou-se com ele; excetua-se, já se

vê, o que de tal romanço possa estar hoje representado no onomástico da Estremadura, Alentejo e Algarve, e na linguagem corrente dos povos das mesmas províncias. Do lado da Espanha aconteceriam naturalmente fatos análogos.

Dispomos de abundantes elementos para o estudo do português antigo. Em primeiro lugar atrai as nossas vistas a Livraria de mão dos monges de Alcobaça, hoje incorporada quase toda na Biblioteca Nacional e na Torre do Tombo; alguns manuscritos estão já publicados, por exemplo, nos *Inéditos*, de Fr. Fortunato do S. Boaventura, na *Romania*, na *Revista Lusitana*, e num opúsculo de Vasconcelos Abreu. Que útil seria que um funcionário da Biblioteca ou da Torre, ou um estudante de Filologia, desse a lume, segundo os preceitos da ciência moderna, novo catálogo desta Livraria de mão, e indicasse tanto quanto possível, as fontes e a história de cada códice! O mosteiro de Alcobaça jazia em risonha nesga da Estremadura, onde a fresquidão dos ribeiros pleiteia primazias com o viço dos arvoredos e a fertilidade dos campos: se por isso foi mansão paradisíaca de repouso carnal e espiritual, não menos foi também foco de estudos literários na idade média, e em tempos subsequentes: os venturosos Bernardos, no remanso da clausura, liam e copiavam pergaminhos antigos, traduziam-nos por vezes em vernáculo, e entregavam-se ao cultivo da Gramática e da História, — lembrados talvez do preceito de Plínio o Moço: *quatenus nobis denegatur diu vivere, relinquamus aliquid quo nos vixisse testemur*[1]. Quer a Biblioteca Nacional, quer a Torre do Tombo estão senhoras de muitas mais riquezas manuscritas. Bens análogos, embora não tão vastos, se encontram noutras bibliotecas e arquivos. Vários textos andam publicados em coleções, por exemplo (além dos citados *Inéditos*): nas *Dissertações*, de J. Pedro Ribeiro, nos *Documentos inéditos dos séculos XII a XVI*, de Oliveira Guimarães, nos *Documentos históricos da cidade de Évora*, de G. Pereira, nos *Portugaliae monumenta historica*, e que há pouco me referi, no *Archivo Historico Português*, de Braamcamp Freire, na *Revista Lusitana*, n' *O Archeologo Português*. Há também publicações avulsas (de Sousa Viterbo, Brito Rebelo, Pedro d'Azevedo e de outros). São dignos de nota, como grandes monumentos literários: os Cancioneiros (da Vaticana, de Colocci-Brancuti, da Ajuda, de Resende); o *Leal Conselheiro*, de el-rei D. Duarte, cujo

[1] Isto é: "Pois que não nos é outorgado viver muito tempo, deixemos alguma coisa com que provemos que fomos vivos".

manuscrito se conserva na Biblioteca Nacional de Paris; a *Demanda do Santo Graal*, romance de cavalaria, cujo manuscrito, na maior parte inédito, se conserva na Biblioteca Palatina de Viena d'Áustria; as Obras de Gil Vicente e de Sá de Miranda; as Crônicas. Infelizmente nem tudo está publicado, ou nem tudo o está bem. Pelo seu valor científico merecem, porém, toda a estima as edições dos Cancioneiros, por Kausler, Monaci, Molteni, D. Carolina Michaëlis, das Obras de S. de Miranda por D. Carolina Michaëlis, e das de Cristóvão Falcão por Epiphânio Dias. A *Demanda do Santo Graal* começou a ser impressa no seu conjunto por C. Reinhardstoettner em 1877, mas parou no começo. O *Cancioneiro de D. Dinis*, publicado por H. Lang em 1894 com aparato filológico, perdeu do seu valor primitivo, depois da crítica extensa e substanciosa que lhe fez a sábia glotóloga há pouco mencionada, e das finas observações de Mussafia *Sull'antica metrica portoghese*, Viena, 1895. Em Portugal, geralmente, quando se edita uma obra antiga, obedece-se a preconceitos pueris: altera-se o texto dela, e resulta disso um monstro, que não representa a língua antiga nem a moderna, e só serve para iludir os incautos.

O português é falado em grande área: no continente e ilhas adjacentes, em algumas partes da raia espanhola, no Brasil, nas nossas colônias, e em várias outras regiões da Ásia, da África, etc. Também outrora foi falado em cidades da Itália, da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Holanda por judeus de origem portuguesa. Ocupei-me deste assunto na minha *Esquisse d'une Dialectologie portugaise*, Paris, 1901, pág. 15 ss., num capítulo consagrado à geografia da nossa língua.

Em tão grande extensão territorial não pode esperar-se que exista uniformidade idiomática. De fato, no continente há variações dialetais do Norte para o Sul: o minhoto, o trasmontano, o beirão falam de um modo, ou de muitos modos; os meridionais (estremenhos, alentejanos, algarvios) falam de outro, ou outros. Nas Ilhas (Açores e Madeira), para onde o português foi levado pelos marinheiros e colonizadores, do século XV para cá, notam-se variações análogas. Com a propagação da nossa língua nas longínquas regiões de além-mar, ela cindiu-se muito desvairadamente: aqui ouvimos o falar brasileiro; ali os romances crioulos da costa e arquipélagos d'África; mais além os de Ceilão, da Índia, o do Extremo Oriente. Grande povo, que assim deixou a sua alma *por o mundo em pedaços repartida*! Vigorosa língua, que no decurso dos cinco séculos tem resistido, mais ou menos, ao embate de outras, e servido para exprimir as crenças, as paixões, as ideias das mais desencontradas nações da terra! — Conjunto com o português propriamente

dito, temos o já referido idioma da Galiza, e, além disso, em relação genética um pouco mais remota, o mirandês, o guadramilês e o riodonorês, falados na raia trasmontana. De todos estes quatro idiomas o mais importante, e o que apresenta literatura mais antiga, pois ascende à idade média, é o galego. No que toca às diferenciações dialetais do português, devo dizer que elas não são muito grandes, excluindo os dialetos crioulos. Um habitante do Barroso entende no geral, um ilhéu ou um brasileiro, mas nenhum deles entenderá um indígena de Cabo Verde.

(José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, 2ª ed. Lisboa, págs. 11-21)

História resumida da Língua Portuguesa

M. Said Ali

Do latim procedem os diversos idiomas chamados românicos, romances ou neolatinos. O domínio destes idiomas abrange na Europa, a partir de este para oeste, a Romênia, como região isolada, a Itália (compreendendo a borda do Adriático com o Trieste e toda a Dalmácia), parte da Suíça, a França com parte da Bélgica e finalmente a Península Ibérica. Para o linguista todo este domínio constitui a Romênia.

Os idiomas neolatinos não ficaram localizados somente na Europa. Com a colonização que alguns povos fizeram em certos pontos remotos da África e da Ásia e em grande extensão do continente americano, passaram a ser faladas as respectivas línguas também nestoutras partes do mundo. Assim veio o português ao Brasil, e o espanhol à América espanhola.

Não há rigoroso acordo entre os homens de ciência sobre a classificação dos diversos falares da Romênia; mas está assentado hoje que não deve prevalecer somente a divisão política, nem se deve atender só ao desenvolvimento literário. Nas diversas regiões onde imperam as línguas literárias, há dialetos muito notáveis que a ciência não pode desprezar. De alguns deles o estudo está apenas no início, e isto dificulta sobremodo a classificação.

Segundo Meyer-Lübke, dividem-se as línguas românicas em: romeno, dalmático, rético, italiano, sardo, provençal, francês, espanhol e português. Cada um destes idiomas compreende por sua vez uma série de dialetos.

Todas estas línguas e dialetos originaram-se do latim; não do latim literário, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da linguagem viva, do latim falado.

Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de acomodar-se a antigos hábitos de pronúncia dos povos que o adotaram, hábitos em que os povos diferiam uns dos outros. E as modificações se davam não somente porque os órgãos de fonação, habituados aos sons indígenas, sentiam dificuldades em reproduzir sons estranhos, mas também porque o ouvido percebia mal certos sons que lhe não eram familiares.

Entre dialeto e língua não há diferença essencial senão a circunstância de ser a língua aquele dialeto que, entre outros muitos usados no mesmo país, se preferiu empregar como linguagem de chancelaria, servindo para a escritura de todos os documentos oficiais. O dialeto, que se adotou na corte dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim a linguagem usada nas produções literárias.

Ao cabo de algum tempo a língua assim constituída emancipa-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem. Dá-se-lhe um caráter de uniformidade, submetendo-a a regras de bom gosto e a normas gramaticais mais fixas; introduzem-se nela expressões novas, que em grande parte se vão buscar ao latim. De popular que era, o antigo dialeto, agora língua oficial, adquire feição erudita e nobre, desprezando, por plebeias, certas maneiras de dizer que pareciam mal em boca de gente de educação mais fina.

As inovações, tomadas ao latim ou a outro idioma, pronunciavam-se com terminações e formas similares às que já andavam em voga. Fazia-se sentir a ação da analogia. Mas já agora os homens, ao reproduzirem sons estranhos, tinham mais facilidade do que na época em que pela vez primeira aprenderam o latim e o substituíram ao falar nativo. Vocábulos que então penetram no idioma, os chamados vocábulos de origem erudita ou culta, não estão sujeitos às mesmas alterações fonéticas de outrora.

Em Portugal foi entre os dialetos falados no norte do país que se tomou aquele que constituiu a língua portuguesa. Parece ter sido o de Entre Douro e Minho, quer dizer, o interamnense, ou talvez o galécio-português, isto é, o idioma falado nas margens do Minho.

Os mais antigos documentos escritos em português que se conhecem, datam do século XII. Vê-se por eles que o idioma se formou em época muito mais antiga, pois a linguagem nos aparece já bem caracterizada e mais

semelhante ao falar de hoje do que ao latim. Essa antiguidade do idioma se confirma por alguns vestígios de português que se encontram em documentos de latim bárbaro do século IX.

Tomado o século XII como início do português histórico, distinguiremos na evolução do idioma dois períodos principais: o do português antigo, que é a linguagem escrita usada até fins do século XV e ainda nos primeiros anos do século seguinte; e o do português moderno, que é a linguagem empregada dessa época em diante.

O português antigo legou-nos, além dos textos de leis, forais, ordenações, etc., os Cancioneiros, a história do Santo Graal, a de S. Amaro, a lenda de S. Barlaão e S. Josafate, o livro de Esopo, o *Livro da Corte Imperial*, o da *Virtuosa Benfeitoria*, o *Livro da Montaria*, de D. João I, o *Leal Conselheiro* e *Arte de Cavalgar*, de D. Duarte, a *Crônica dos Frades Menores*, as Crônicas de Fernão Lopes, Zurara e Rui de Pina e várias outras obras. Alguns textos têm sido publicados ultimamente e há outros ainda por publicar.

Mostram esses diferentes escritos não ser o vocabulário português de exclusiva procedência latina. Outros povos que depois dos romanos dominaram a península ibérica deviam deixar vestígios de sua passagem. Nota-se principalmente no português antigo a adoção de vários termos de origem árabe.

O português moderno subdivide-se nas fases quinhentista, seiscentista e hodierna, podendo-se admitir como transição entre estas duas últimas a fase setecentista.

São notáveis, sobretudo, os escritores quinhentistas por terem ousado romper com a velha tradição, pondo a linguagem escrita mais de acordo com o falar corrente, que nessa época se achava bastante diferenciado do falar de dois ou três séculos atrás. Modernizaram a linguagem e tornaram-na também mais elegante.

Publicaram-se em português quinhentista alguns romances de cavalaria, como a *História do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, e o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Morais; mas a época foi, sobretudo, fecunda no gênero propriamente poético e em narrações e descrições relativas às conquistas de ultramar. Sá de Miranda e Antônio Ferreira escrevem poesias e fundam o teatro português. São seus contemporâneos muitos outros escritores igualmente ilustres. A todos, porém, excedeu Luís de Camões com o imortal poema dos *Lusíadas*, publicado em 1572.

Camões não foi propriamente o criador do português moderno porque essa nova linguagem escrita já vinha empregada por outros escritores. Libertou-a, sim, de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias.

Entre as obras em prosa da era quinhentista cabe o primeiro lugar, quer pela excelente linguagem, quer pelos vastos conhecimentos do autor, às *Décadas* de João de Barros publicadas entre 1552 e 1563, em cujas narrações se inspirou por vezes o autor dos *Lusíadas*. Diogo de Couto foi digno continuador das *Décadas*.

Historiadores contemporâneos de João de Barros foram: Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Gois, Gaspar Correia e outros.

No gênero viagens sobressaem, entre outras obras, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e a *Etiópia Oriental* de Fr. João dos Santos. As cousas novas e curiosas do Brasil descrevem-nas minuciosamente Magalhães de Gandavo, Gabriel Soares de Sousa e Frei Vicente do Salvador, este já em princípios do século XVII.

Nas descrições dos países de ultramar se revela enriquecimento do vocabulário português, de um lado com termos asiáticos e africanos, de outro lado com expressões das línguas brasílicas.

Lugar à parte ocupam na literatura quinhentista as comédias, autos e farsas. São de valia inapreciável para o conhecimento da linguagem popular da época. Avultam entre as produções deste gênero os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado e de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos e o tesouro riquíssimo das obras de Gil Vicente.

A era seiscentista caracteriza-se sobretudo pelas obras moralistas, sermões, histórias da vida e milagres de santos, etc. Esta orientação literária não é inteiramente nova; teve também seus representantes no século anterior em escritores como Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arrais, João de Lucena e outros. Por fins do século XVI e primeiros anos do século XVII viveram e escreveram Frei Luís de Sousa e Rodrigues Lobo. As histórias da literatura portuguesa costumam incluí-los na época seiscentista. Usam estes escritores ainda de certas expressões próprias da época

precedente e devem ser considerados, na historia da linguagem, como representantes do período de transição.

O vulto mais notável de toda a nova época é sem dúvida o padre Antônio Vieira, em cujos sermões encontram os estudiosos abundante material para as investigações de língua portuguesa.

Singulariza-se pela elegância de estilo e facilidade em cultivar diversos gêneros literários o polígrafo D. Francisco Manuel de Melo.

Mais moderno que estes dois escritores é o padre Manoel Bernardes, autor da *Nova Floresta*, de *Luz* e *Calor e* outras obras.

Em poesia deu-nos a época seiscentista a *Ulisseia* de Gabriel Pereira de Castro e a *Ulissipo* de Sousa de Macedo, poemas modelados sobre os *Lusíadas.*

À produção literária em língua portuguesa do século XVII costuma-se chamar escola gongórica. Há exagero nesse qualificativo. Aplicável embora a certas obras de ficção, que hoje se acham na maior parte esquecidas, não se pode entretanto afirmar que revelem a mesma decadência de linguagem os escritos de um Vieira, de um Bernardes, de um Francisco Manuel de Melo, ou de um Frei Luís de Sousa ou Rodrigues Lobo, autores mais antigos, porém computados na mesma escola. Encontram-se em alguns por vezes trechos cuja linguagem hoje nos parece amaneirada. Explicam-se essas singularidades, nomeadamente nos sermões, pela argumentação própria da escolástica de que se serviam os seus autores. Em exposições meramente narrativas ou descritivas usam todavia de linguagem simples, natural e elegante, como a que empregavam os quinhentistas.

O século XVIII é o das academias literárias. Floresce a poesia tanto em Portugal como no Brasil. Mal se notam modificações na gramática e contextura da linguagem. Mas a atenção dos homens de letras vai-se dirigindo para França, centro de grande movimento intelectual como de revolução política. A cultura francesa e a língua francesa passam a ser, em Portugal como em outras partes da Europa, a principal fonte de informação e inspiração para a literatura, a filosofia, as instituições políticas e sociais. E assim penetram no idioma português vocábulos criados no estrangeiro e postos em voga pelas necessidades da civilização moderna. Reagem os puristas contra a onda de galicismos que, segundo imaginam, ameaça demolir tudo quanto é vernáculo. Consegue-se abafar várias expressões supérfluas; aquelas que satisfazem as necessidades reais, que exprimem com clareza e precisão ideias novas, incorporam-se definitivamente ao idioma.

O enriquecimento do vocabulário com expressões e processos devidos ao estrangeiro perdura no português moderno. Perdura também a reação purista, implacável em alguns casos, e complacente em muitos outros.

(M. Said Ali, *Grammatica Histórica da Língua Portuguesa*, 2ª Ed. Comp. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1931, págs. 1-6)

Da latinidade à lusofonia

Um dos caminhos menos formais de se entrar na história da língua portuguesa como veículo da Lusofonia, sem empanar o rigor do método histórico e linguístico-filológico da disciplina científica, é penetrar na mensagem extraordinariamente feliz contida no soneto de Olavo Bilac em honra e ufania do nosso idioma:

Língua portuguesa

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Outro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascavalhos vela...

Amo-te, assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma

De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "Meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!
(*Poesias*, 286)

Flor do Lácio

Cabe primeira referência à "flor do Lácio", mediante a qual nosso poeta alude à origem latina do português. O Lácio era uma pequena e desvalida região às margens do rio Tibre, povoada por humildes pastores que lutavam para vencer as dificuldades oferecidas por uma terra pantanosa e insalubre. Esta condição de comunidade rural vai deixar marcas profundas no léxico do latim, como veremos mais adiante.

Nessa época a Península Itálica agasalhava povos das mais variadas origens, indo-européias, como o osco e o umbro, e não indo-europeias, como os etruscos.

O latim era um modesto dialeto de pastores que fundaram Roma e que viviam numa pequena região do Lácio, às margens do rio Tibre, cercado pelos dialetos itálicos e pelo etrusco. Estes pastores tiveram de lutar para vencer dificuldades advindas de uma terra insalubre e pantanosa e, a pouco e pouco, foram dominando as comunidades vizinhas e se preparando para o grande destino que desempenhariam no futuro do mundo ocidental. Mas antes de chegar a este apanágio, veículo dos encantadores discursos de Cícero, da heroicidade descrita por Virgílio, dos tons plangentes de um Horácio ou das juras amorosas de um Catulo, o latim era um modesto veículo do conteúdo de pensamento de humildes pastores, condição refletida no seu vocabulário ligado à terra e a fertilidade do solo. Marouzeau, latinista francês dos melhores, nos apresenta vários exemplos disto: *arbor felix* ('árvore feliz') é aquela que produz frutos: a honestidade do homem se chama *homo frugi* ('de boa produção') passando ao significado moral de probidade; ou então é comparado ao animal de bom preço que se destaca do rebanho: *homo egregius*; a decadência do homem é comparada ao fruto que cai: *homo caducus* (de *cadere* 'cair'); ao ato de enganar-se dizia-se *delirare*, que significava originariamente sair do rego, do sulco, que em latim se chamava

lira (*delirare*, semente que caiu fora da lira); ao que se debate pelo direito ao mesmo canal de irrigação é o *rivalis* (= port. *rival*, derivado do latim *rivus*, 'rio'). Até palavras que servem à prática da vida literária têm origem rural; é o caso, por exemplo, de *escrever*, latim *scribere*, que significa 'gravar', " 'fazer uma incisão'; o ato de *falar*, *o discurso*, se dizia *sermo*, de *serere* 'entrançar'; *ler* se dizia em latim *legere*, que significava 'colher'.

Mas às vezes a explicação exige análise mais profunda. É o caso de se dar como exemplo de palavra da língua comum de origem da atividade rural o termo *pecus* 'gado' que dá o derivado *pecunia* com o significado de 'dinheiro'. É um dos exemplos de Marouzeau, que se vê repetido noutras ocasiões. Ora, Émile Benveniste, um dos maiores linguístas deste século XX, mostrou à saciedade que *pecus* significou originariamente 'o conjunto da posse móvel privada, tanto homens quanto animais', 'riqueza móvel', e que, só por especialização de significado, *pecus* passou a designar o 'gado'. Todos os autores da latinidade antiga e clássica não autorizam o estabelecimento de um elo entre *pecunia* e *pecus* 'rebanho, gado'; *pecunia* significa sempre 'fortuna, dinheiro', numa prova evidente de que o primitivo *pecus* significa 'posse móvel'. O mesmo se há de dizer de *peculium* posse ou economia do escravo, evidenciando que o significado do primitivo *pecus* não se refere especialmente a 'gado'. É, portanto, uma lição que deve ser alterada nos manuais de semântica histórica.

Última flor do Lácio

Se já estamos em condições de entender por que Bilac chamou o português "flor do Lácio", ainda não conseguimos entender a motivação que levou o poeta a classificá-lo "última" flor do Lácio. Sem sombra de dúvida, não havia no adjetivo a alusão à condição qualitativa a que no grupo das línguas românicas é das menos estudadas. Esta solução não seria de todo impossível, se nos reportássemos a que o poeta, em versos abaixo, não deixa de salientar ser a nossa língua "desconhecida e obscura" ou, mais adiante, "ó rude e doloroso (= que acompanha a dor) idioma". Bilac era um apaixonado da língua portuguesa, considerada por ele talvez o traço mais fundo da identidade nacional, e, numa conferência proferida no Centro de Letras, em Curitiba, em 1916, repetia uma afirmação do nosso primeiro gramático, Fernão de Oliveira, em 1536, que dizia que "os homens fazem a língua, e não a língua os homens": "O povo, depositário, conservador e reformador da língua

nacional, é o verdadeiro exército da sua defesa: mas a organização das forças protetoras depende de nós: artífices da palavra, devemos ser os primeiros defensores, a guarnição das fronteiras da nossa literatura, que é toda a nossa civilização" (*Últimas Conferências e Discursos*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1927, pág. 208).

Outra solução, a nosso ver mais plausível, é que se pode atribuir ao adjetivo "última" o significado locativo: situada a antiga província Lusitânia na parte mais ocidental não só da Península Ibérica, mas também no orbe romano ocidental, era natural que lá tivessem chegado por último os generais, os soldados, os colonos, os comerciantes e toda a sorte de integrantes da sociedade romana, para lançar as raízes de sua civilização.

Se esta foi a verdadeira motivação pretendida pelo poeta, não lhe dá razão a história da expansão romana, e Bilac, a confirmar a hipótese, imaginou a expansão atravessando o rio Pó ou Ádige e caminhando em direção do Norte, penetrando na atual Suíça pelos Alpes, chegando ao sul da França, atravessando os Pireneus e, internando-se pela atual Espanha, rumou em direção à região mais ocidental da península para acabar no atual Portugal.

Este trajeto jamais estaria na estratégia de um general romano, já que por aí encontraria dois inimigos então quase invencíveis: o terreno extremamente montanhoso dos Alpes, que prejudicaria a caminhada dos soldados e dos artefatos de guerra provenientes de Roma. O exército romano só iria beneficiar-se desses recursos depois do contato com os gauleses, hábeis na engenharia de estradas e de carros. Não é sem razão que o léxico do latim acusa numerosos empréstimos aos gauleses nessa área de atividade: *carrus*, *benna carpentum*, *petorritum*, *ploxenum*, todos denominações de diversos tipos de viaturas, além de *cant(h)us* 'roda'.

O outro inimigo, que nos tempos modernos, em outros sítios, derrotou o exército de Napoleão e parte do de Hitler, seria o frio. No Norte da Península Apenina estão os Alpes italianos e suíços que descoroçoariam qualquer investida militar. Destarte, temos de voltar à verdadeira orientação da expansão romana até chegar à Península Ibérica.

Apesar das circunstâncias inóspitas do terreno às margens do Tibre, o Lácio gozava de feliz situação geográfica, pois, instalada numa região de intensas rotas de tráfego comercial, permitia a comunicação entre a Itália do Norte e a do Sul. Depois de um período de submissão aos etruscos, submissão que, do ponto de vista de progresso material lhes foi proveitosa, uma vez que a dinastia dos Tarquíneos deu novo alento à região e fundou a cidade de

Roma, nome que, ao que parece, é de origem etrusca, e, além de exercer sobre os latinos influência na religião e no campo das artes divinatórias, foi por intermédio dos etruscos que o alfabeto latino, de origem mais próxima grega, chegou aos romanos.

Pela razão antes exposta, a expansão territorial dos romanos caminhou rumo ao Sul, depois de lutar e subjugar as comunidades mais próximas a Roma. Estas vitórias sobre as populações às margens do Mediterrâneo levaram os romanos a defrontar-se com os cartagineses, habitantes de Cartago, região ao Norte da África, e senhores quase absolutos do comércio marítimo mediterrâneo. Foram duras lutas, ora vencidas, ora perdidas, que acabaram por dar a vitória final aos generais de Roma, durante a terceira guerra púnica, no séc. II a.C.; estava assim aberto o caminho para a conquista do sul da Península Ibérica, pela atual Espanha. O Mediterrâneo bem mereceu dos romanos o título de *mare nostrum*.

Assim, o latim penetrou como língua do conquistador na *Hispania*, no ano 197 a. C., e daí em diante outras regiões passaram a engrossar o império romano, a tal ponto que a História não conheceu outro povo de tão larga e profunda dominação: *Illyricum*, em 167; *África e Achaia* (nome da Grécia), em 146; *Ásia* (isto é, Ásia Menor), em 129; *Gallia Narbonensis* (isto é, a antiga *Provença*, nome originado de 'província', por ser a província por excelência), em 118; *Gallia Cisalpina*, em 81; *Gallia Transalpina*, em 51, depois da campanha de Júlio César, a respeito da qual escreveu *o De bello Gallico*; *Aegyptus*, em 30; *Rhaetia* e *Noricum*, em 15; *Pannonia*, em 10 d.C.; *Cappadocia*, em 17; *Britannia*, em 43 e finalmente a *Dacia* (região onde hoje se situa a Romênia), em 107.

Por este quadro, vê-se que a atual língua portuguesa, de procedência originariamente galega, não poderia ser, com toda a certeza, a "última" flor do Lácio, embora a romanização da Península Ibérica tivesse levado dois séculos para completar-se definitivamente.

Cabe lembrar, para concluir este comentário, que algumas províncias conquistadas, especialmente as mais longínquas e as de menor interesse comercial ou estratégico, nunca foram totalmente romanizadas, enquanto outras, como a Britannia (= Inglaterra), conheceram um domínio muito curto, mas de penetrante influência cultural. Assim, chegamos a poder afirmar que a língua portuguesa foi das primeiras a se formar no quadro das línguas românicas. Como afirmou o notável romanista Gustav Gröber, o início de cada língua românica teve lugar no momento que o

latim foi transplantado para as regiões conquistadas e aí entrou um contato com o substrato cultural de diferentes povos e, ora mais rígidos, ora mais lassos, os cordões ligados ao poder central de Roma, os conquistadores se foram diferençando do primitivo latim.

Esta presença muito cedo do latim na Península Ibérica é responsável por certas características linguísticas arcaicas do chamado latim hispânico, de que resultaram o galego-português e o espanhol, quer na fonologia, quer na gramática (morfologia e sintaxe), quer no léxico. Assim nesse latim hispânico ocorrem os seguintes fatos, desconhecidos de outras línguas românicas:

a) a sobrevivência do pronome relativo *cujus*, genitivo de *qui*, *quae*, *quod*: português *cujo*, espanhol *cuyo*;

b) a sobrevivência do série tríplice dos pronomes demonstrativos *iste*, *ipse*, *ille* [na forma reforçada (accu + ille) port. *este*, *esse, aquele*; espanhol *este*, *esse*, *aquel*];

c) a conservação do mais-que-perfeito em *ra* (*amara*) e do imperfeito do subjuntivo em "*sse* (*amasse*);

d) a evolução fonológica de *mb* passando a *m*; espanhol: *palumba* dando *paloma*.

No léxico, a exemplificação ainda é mais representativa, porque o português e o espanhol em geral conservam a palavra mais antiga, enquanto o italiano e o francês adotam a palavra mais recente no latim.

Esta diferenciação toca num ponto de linguística geral de que teremos ocasião de falar, quando comentarmos distinções entre o português de Portugal e o português do Brasil: as regiões geograficamente periféricas ou marginais e as regiões centrais em relação ao centro cultural. Portugal e Espanha, bem como a Romênia, pertencem a áreas periféricas, enquanto Itália e França são áreas centrais relativamente a Roma; as primeiras são áreas conservadoras e as segundas inovadoras, e, em parte, isto se explica porque muitas inovações não tiveram a força de expansão para chegar ou implantar-se nas áreas mais afastadas ou periféricas. Vejam-se os seguintes exemplos, sabendo-se que as áreas conservadoras usam as palavras mais antigas no latim:

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês	Romeno
FORMOSUS/BELLUS	formoso	hermoso	bello	beau	Frumos

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês	Romeno
PLECARE/ARRIPARE	chegar	llegar	arrivare	arriver	a pleca

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês	Romeno
MAGIS/PLUS	mais	más	più	plus	Mai

Latim	Português	Espanhol	Italiano	Francês	Romeno
RIVUS/FLUMEN	rio	río	fiume	Fleuve	rîu

Inculta e Bela

O adjetivo *inculta* referente à "flor do Lácio" prende-se à fase inicial da Filologia ou Linguística Românica, que chamava ao latim fonte das línguas românicas, isto é, suas continuadoras ininterruptas no tempo e no espaço (português, galego, espanhol, occitânico, catalão, francês, franco-provençal, italiano, sardo, reto-românico, dalmático e romeno), *latim vulgar*; e o caracterizava como a modalidade popular falada pelas camadas sociais que não tinham acesso à escolaridade e, por isso mesmo, falavam muito diferentemente do latim escrito e literário, chamado *latim clássico*.

Daí o nosso poeta não só estigmatizá-lo como "rude", mas ainda "desconhecida e obscura", já nas suas relações genealógicas com a língua portuguesa.

Hoje esta concepção de latim vulgar muito se modificou, principalmente pela visão de que uma língua histórica se constitui de um conglomerado de línguas dentro de si, aquilo a que os linguistas costumam chamar um "diassistema", isto é, um conjunto complexo e variado de tradições linguísticas, repartidas entre variedades *diatópicas* (regionais ou locais, os dialetos), *diastráticas* (sociais ou socioletos) e *diafásicas* (estilísticas).

Destarte, o latim, como língua de sociedade e do império romano, apresentava-se também polifacetado, de modo que o percurso do latim às línguas românicas não se pode atribuir, exclusiva ou preponderantemente, a

determinada modalidade "popular" ou a qualquer outra, pois já apareceu tese de que elas "provinham" do latim clássico. Neste processo histórico, com maior ou menor participação, esse latim fonte das línguas românicas é um depositário de isoglossas comuns oriundas de elementos populares, literários, da classe média e do latim dos cristãos, de elementos rústicos e itálicos, quer da atividade falada, quer da língua escrita.

Por isso, podemos dizer que Bilac, até certo ponto, na sua intuição de poeta (que, pelo visto, não é só um fingidor, mas um futurólogo...), se antecipou à concepção diassistêmica de linguistas hodiernos, pois não deixou de pressentir, na pretensa uniformidade do latim vulgar, a presença da multiformidade do latim *tout court*, do latim sem adjetivos, conjunto de isoglossas que se depreende vivo em qualquer momento histórico por que se queira estudar e descrever o latim.

Parece ser dentro desta nova visão de teoria linguística que Bilac aproxima "sem contradição!" ... inculta e bela.

És, a um tempo, esplendor e sepultura:

Ouro nativo, que na ganga impura

A bruta mina entre os cascalhos vela (= cobre com um véu para ocultar o ouro nativo).

Antes de prosseguir na exegese do soneto, paremos para apreciar a adequação e a justeza do léxico de Bilac; ao comparar o português com o ouro *in natura* ("ouro nativo"), reporta-se ao vocabulário especial ou técnico da mineralogia: "ganga", dizem os dicionaristas, é o "resíduo, em geral não aproveitável, de uma jazida filoniana, o qual pode, no entanto, em certos casos, conter substâncias economicamente úteis". Daí, nada mais normal do que se lhe aplicar a adjetivação "impura" e a referência a "cascalhos". A noção técnica de jazida filoniana do verbete dicionarístico está representada em a "bruta mina", em que "bruta", com significado de 'tal como é encontrada na natureza', retoma a noção de "nativo" em "ouro nativo", já que "nativo" significa, 'o que é natural'.

Cabe aqui uma curiosidade para os que conhecem pouco a atividade literária e cultural de Olavo Bilac: o exímio poeta e excelente prosador preparou um dicionário analógico que, parece, chegou a ser entregue ao livreiro Francisco Alves, obra ainda hoje inédita, em posse da editora. Ainda a relação das obras do autor que aparece na edição das *Últimas Conferências e Discursos* (1927) arrola o *Dicionário Analógico*, com a informação: "no prelo".

O poeta, no 2º quarteto do soneto, já vai falar da língua portuguesa literariamente constituída, deixando um vazio, entre o 1º quarteto (a latinidade do português) e o 2º, vazio que procuraremos preencher nas linhas que se seguem.

Estabelecida a origem latina do idioma, cumpre lembrar que, chegados os romanos à Península Ibérica no séc. III a. C., só no I a. C. estava a região romanizada. Ao lá chegarem, encontraram os conquistadores povos que já habitavam a península, povos de que não temos seguras notícias nem vestígios que não ofereçam muitas dúvidas. Fala-se numa base indígena de povos da cultura chamada capsense, bem como se aponta como possível um substrato mediterrâneo.

Menéndez Pidal, linguista espanhol do mais alto valor, acreditava na existência de um povo de raiz lígure ou que, para Serafim da Silva Neto, o mais competente filólogo brasileiro da história do português, conviria chamar "umbro-ilírio", que habitava o Norte de Portugal, Galiza, Astúrias e a parte ocidental de León, do qual temos alguns vestígios concretos, entre os quais lembraremos os sufixos "asco", "antia", "entia", "ace", "ice", "oce".

Ainda antes dos romanos, no séc. VIII a. C., penetram nessa região os celtas, povo de origem indo-européia. De nível cultural superior aos primitivos habitantes, devem ter-lhes exercido salutar influência, sem deixar de haver contribuições recíprocas, como sempre ocorre nesses convívios de culturas. As notícias desses povos que chegaram até nós procedem de historiadores greco-romanos, que descrevem esses habitantes como homens que viviam em constantes lutas tribais, dormiam no chão, e se alimentavam principalmente de bolotas ou frutos do carvalho e carne de ovelha preparada com manteiga, enquanto as mulheres se entregavam aos afazeres domésticos e ao trabalho agrícola. É nesses historiadores que encontramos a notícia de um produto usado no cozimento da comida até então desconhecido para eles: a manteiga. Realmente só no português e no espanhol (*mantequilla*) existe a palavra *manteiga*; nas demais línguas românicas, exceto o romeno, prevalecem os remanescentes do grego *bútyrum*, *butúrum*, *butírum*: italiano, *burro*, francês *beurre*, occitânico *burre*, reto-românico *bütír*.

Já vimos que a romanização militar, política e administrativa trouxe à região e a seus habitantes muitos benefícios, por estarem os romanos num grau de civilização bem superior, o que, como é óbvio, facilitou também a romanização linguística. Saídos de seus sítios montanhosos, logo se misturaram ao sistema de vida dos romanos, assimilando não só novos padrões de vida,

mas conhecendo novas técnicas de agricultura, de engenharia e de indústria; entre outros benefícios, as rivalidades tribais foram a pouco e pouco desaparecendo. Jovens incorporavam-se ao exército e, com as legiões, saíam para conhecer novos aspectos da sociedade romana em outras colônias conquistadas, contacto facilitado pela extraordinária rede de estradas abertas pelos romanos.

Fator assaz importante de congregação foi o Cristianismo, cuja época de introdução na península não está de todo fixada, mas sabemos que na metade do séc. III a Hispania já se achava fortemente evangelizada. Esta influência se reflete na visão moral do mundo, na severidade dos costumes e até no respeito às normas estabelecidas, como foi o caso de adotarem a determinação da Igreja de fugirem dos cultos e divindades pagãs, substituindo-as pelos preceitos cristãos. Explica-se assim o fato de o galego-português ser o único a adotar as denominações cristãs dos dias de semana na base de *feria* (*segunda-feira*, *terça-feira*, etc.), em vez das denominações pagãs *lunes* (*lundi*, *lunedi*, etc.), como permaneceu nas demais línguas românicas, inclusive no espanhol.

No séc. V os germânicos penetram na península, sendo a região da Gallaecia invadida pelo suevos, depois derrotados pelos visigodos, povos que já anteriormente tinham tido contacto com os romanos, razão por que a língua da região não sofreu grande influência da língua dos conquistadores, exceção feita ao léxico, parte do qual chegou já introduzido no latim.

No séc. VIII, em 711, é a vez de os árabes invadirem a península, provocando a quebra da hegemonia visigótica, e a região, que de há muito vinha conhecendo certa independência política, cultural e linguística de Roma, acentuou esta independência, o que favoreceu a progressiva diferenciação não só do latim hispânico da região, mas também de seus vizinhos do Oriente.

Esta é a língua do antigo reino da Galiza, que se estende pelo que é hoje a Galiza e a Galiza do Sul, chamada condado de Portugal. Tal situação iria propiciar a que o galego constituísse uma das primeiras línguas literárias da Península.

Como a língua acompanha os acontecimentos históricos do povo que a fala, o idioma da região vai experimentar os passos políticos que a Galiza conheceu nos fins do séc. XI: em 1090 o rei Afonso VI concede a Raimundo de Borgonha, que chegara à Península com os cavaleiros católicos, militares procedentes do centro da atual França, com a tarefa de reforçar a Reconquista do território invadido pelos árabes, a mão de sua filha

primogênita D. Urraca e, como presente, concede-lhe o título de conde e oferece-lhe o governo da atual Galiza, incluídos os territórios entre o Minho e o Mondego, e logo depois, em 1093, não podendo impor a ordem em tão vasto território, é constituído o condado portucalense no espaço geográfico que se situa entre os rios Minho e Douro, que foi oferecido a seu primo Henrique de Borgonha, casado com D. Teresa, filha natural do rei Afonso VI.

Já em 1128 constitui-se a nação portuguesa, independente da coroa integrada por Galiza, Leão e Castela e em 1139 ou 1140, Afonso Henriques, filho de Henrique de Borgonha e D. Teresa, se proclama rei de Portugal.

Os limites políticos da região, definidos por estes acontecimentos históricos, não correspondem, a princípio, aos limites linguísticos, prevalecendo entre Galiza e Portugal características idiomáticas comuns. Avançando cada vez para a Sul, empenhada na reconquista das cidades tomadas pelos árabes, a corte portuguesa instala-se em Coimbra, depois em Santarém e já no tempo de Afonso III, aclamado rei em 1248, reinado que durou até 1279, com excelente administração e proveito para Portugal. Lisboa começa a figurar como capital do reino.

Este espraiar-se em direção ao Sul foi favorecendo uma paulatina desgaleguização da fala dos conquistadores, ao lado de uma mútua adaptação linguística destes aos usos da extensa população moçárabe, isto é, cristãos que, não se refugiando ao Norte durante as conquistas árabes, permaneceram, entre os infiéis, praticando o seu latim hispânico romano-gótico e seus primitivos costumes e suas crenças.

Assim, não foi o falar do Norte de Portugal, trazido pelos conquistadores cristãos, que serviu de base à constituição do que hoje se chama língua histórica portuguesa, mas sim, como já defendiam os linguistas Francisco Adolfo Coelho e José Leite de Vasconcelos, se forjou no centro e no sul com a província da Estremadura como limite meridional. Um dos testemunhos, entre outros, deste fato histórico na prática linguística desta língua comum está no desaparecimento, na língua comum, do fonema nortenho /tx/ ouvido em palavras como *chave*, *chapéu*, *chover*, substituído por /*x*/; das consoantes africanas /ts/ e /dz/ ouvidas em *cervo* e *prazer*, simplificadas em /ss/ e /z/; do *s* implosivo ouve-se como /x/ diante de consoante surda (*os cães*) ou como /*j*/ diante de consoante sonora (*os gatos*), conforme hoje se profere o "chiamento" em Lisboa e no Rio de Janeiro, por exemplo; dos destinos dos ditongos nasais com a perda do "n" intervocálico.

Se do lado da desgaleguização do português ocorreram estes e outros fenômenos, do lado do galego outros fenômenos iriam contribuir para maior afastamento da relativa unidade originária como, por exemplo, a dessonorização das consoantes (*genro* > *xenro*) não penetrou na região do Minho.

Em resumidas considerações, podemos concluir com a lição de excelentes linguistas galegos e lusitanos, que a nossa língua, no decorrer de um período cujos limites não se podem com precisão fixar, nasce do galego do sul ou da região portucalense, que se desgaleguizou na sua caminhada para o sul, ao influxo também da situação linguística moçárabe. A unidade primitiva galego-portuguesa está presente na perspectiva dos primeiros romanistas que estudaram conjuntamente as línguas românicas ou neolatinas; é o caso de Frederico Diez, fundador da Filologia Românica em 1836, que assim se expressa, na tradução francesa de sua *Gramática das Línguas Românicas*: "le portugais et le galicien (...) sont une seule et même langue, comme des savants indigènes eux-mêmes l'on reconnu et demonstré avec des chartes rédigées dans les deux pays" (vol. I, pág. 91).

Em 1105, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense e em 1139 Afonso Henriques se proclamou o primeiro rei de Portugal, como já dissemos.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII; mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o Testamento de Afonso II e a Notícia de torto. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Daí a 2ª quadra de Bilac, completada pelos dois tercetos:
Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho"!

E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca dantes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente do Atlântico e do Índico, foram, segundo uma afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre:

1415: expedição a Ceuta sob o comando do próprio rei
1425-1436: Madeira e Açores
1444: Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446: Guiné
1483-1486: Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498: Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500: Brasil
1511: Malaca e Malucas
1515: Ormuz
1518: Colombo
1536: Damão
1547: Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomando o século XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou português histórico, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso se deve a vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte e, finalmente, constituir elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado

latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo de 22.

Adotamos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) português arcaico: séc. XIII ao final do séc. XIV;

b) português arcaico médio: 1ª metade do séc. XV à 1ª metade do séc. XVI;

c) português moderno: 2ª metade do séc. XVI ao final do séc. XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII);

d) português contemporâneo: séc. XVIII aos nossos dias.

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos e de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (*Ajuda*, *Vaticana* e *Biblioteca Nacional*, antigo Colocci-Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves, Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal, Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de Bem Cavalgas toda Sela* de D. Duarte, as *Crônicas* de Fernão Lopes (D. João I, D. Pedro, D. Fernando), de Zurara (*Crônica dos Feitos de Guiné, Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônicas dos Frades Menores,* as *Crônicas de Rui de Pina*, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo de Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amado Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus, a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, as obras de Pero Magalhães de Gandavo; mas, a todos, excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a

frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" (M. Said Ali).

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista, às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No século XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa suave de Manuel Bernardes e os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culmina na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo fixado no decorrer do séc. XVIII chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Expansão da língua portuguesa e o Brasil

Como vimos no 1º terceto, o poeta alude aos novos domínios a que chegara a língua portuguesa, levada pelos capitães, pela marujada, pela soldadesca e, depois, pelas famílias portuguesas e religiosos que nas regiões

conquistadas lançaram as raízes da fé católica e da civilização lusitana. Na África, o português comum europeu estendeu-se aos centros de civilização europeia portuguesa de Angola e Moçambique, do arquipélago de Cabo Verde, e das ilhas de São Tomé e Príncipe; na Índia, a Diu, Damão e Goa; na China a Macau; na Malásia, a parte da ilha de Timor e, na América do Sul, ao Brasil. Hoje, as cinco repúblicas africanas adotaram o português como língua oficial, a par de seus vários dialetos nacionais, e o Brasil o tem como língua nacional.

Em Portugal, pelas regiões históricas e políticas de que já falamos, encontra-se uma grande divisão dialetal entre o Norte e o Sul, que admite diferenças regionais menores, e uma zona de transição entre estes dois espaços linguísticos na área do Centro, constituída pela Beira.

No Brasil, a classificação dialetal que parece melhor refletir a nossa diferenciação diatópica é a proposta por Antenor Nascente, segundo a qual o país está dividido em duas grandes áreas: a do Norte e a do Sul, cuja linha demarcatória está, a partir do litoral, entre Espírito Santo e Bahia, com prolongamento até as cidades de Mato Grosso, depois de cortar os Estados de Minas Gerais e Goiás.

Para Nascentes estes espaços apresentam dois traços diferenciadores fundamentais:

a) a abertura das vogais pretônicas no Norte em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios terminados em "*mente*: *lèvar* / *levar*.

b) a cadência do ritmo frasal, "cantada" no Norte, e normal ou descansada no Sul.

Estes espaços admitem subfalares; no Norte: o amazônico e o nordestino, e no Sul: o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista.

Este ritmo vocabular e frasal ainda atual no Brasil, sem que as vogais átonas sejam absorvidas ou "engolidas" como fazem, em geral, os portugueses, é a marca registrada da língua dos nossos colonizadores no século XVI. Fernão de Oliveira, autor da primeira gramática do português, dá-nos disto testemunho: "e outras nações cortam vozes apressando-se mais em se falar, mas nós falamos com grande repouso como homens assentados".

Além do testemunho de Oliveira, temos os dos poetas e, entre estes, especialmente lembremos Luís de Camões; os versos de *Os Lusíadas* lidos

pelo poeta como de dez sílabas métricas, também o são na pronúncia geral do Brasil e, não sem razão, o saudoso linguista e filólogo patrício Sílvio Elia considerava Camões o primeiro poeta brasileiro.

A um português de hoje, os mesmos versos poderão parecer metricamente mal elaborados; era o que pensava Antônio Feliciano de Castilho ao ler Camões com pronúncia lusitana do século XIX.

Esta identidade relativa entre a observação de Fernão de Oliveira sobre o ritmo cadenciado do português do séc. XVI e a pronúncia normal brasileira que evita a síncope das vogais e sugere ao ouvinte uma pronúncia mais lenta se explica pelo conservadorismo da língua transplantada: o português do Brasil não conheceu as mudanças que o português europeu experimentou depois do séc. XVI: a intensificação da sílaba tônica que favoreceu a queda de vogais átonas; a mudança de *e* fechado a *a* fechado em contacto com fonema palatal: *beijo* / *bâijo*, *espelho* / *espâlho*, *bem* / *bãi* (rimando *mãe* com *também*).

Chegando ao Brasil em 1500 com nossos descobridores, praticamente só em 1534 foi introduzida a língua portuguesa com o início efetivo da colonização, com o regime das capitanias hereditárias. Conclui-se que a língua que chegou ao Brasil pertence à fase de transição entre a arcaica e a moderna, já alicerçada literariamente.

Veio depois a contribuição das línguas africanas em suas duas principais correntes para o Brasil: ao Norte, de procedência sudanesa, e ao Sul, de procedência banto; temos, assim, no Norte, na Bahia, a língua nagô ou iorubá; no Sul, no Rio de Janeiro e Minas Gerais, o quimbundo.

A pouco e pouco, à medida que se ia impondo, pela cultura superior dos europeus, o desenvolvimento e progresso da colônia e do país independente, a língua portuguesa foi predominando sobre a "língua geral" de base indígena e dos falares africanos, a partir da segunda metade do século XVIII. É bem verdade que no século XVI tínhamos tido no Brasil um Bento Teixeira em Pernambuco, um Frei Vicente do Salvador e um Gregório de Matos na Bahia, e um Padre Antônio Vieira, todos pela ação benfazeja dos colégios religiosos.

Cremos que a consciência do português como língua nacional e língua materna, como disse bem o historiador José Honório Rodrigues citado por Sílvio Elia, está patente no trabalho do povo:

"O espantoso no Brasil é que a conquista da unidade linguística não é obra da educação, mas do esforço do povo sem nenhuma ajuda oficial".

A lusofonia e seu futuro

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da lusofonia, acompanhados dos intelectuais, religiosos, políticos, cientistas e do povo em geral em todos os substratos sociais, souberam garantir este patrimônio linguísticos de tanta história e de rica tradição.

Em Portugal brilham os gênios dos Herculanos, dos Castilhos, dos Garrettes, dos Camilos, dos Eças, dos Aquilinos, dos Pessoas, das Florbelas. No Brasil, as luzes dos Machados, dos Alencares, dos Azevedos, dos Ruis, dos Correias, dos Alves, dos Casimiros, dos Oliveiras, dos Bilaques, dos Andrades, dos Bandeiras, dos Veríssimos, das Clarices, das Cecílias. Em Cabo Verde os Jorges Barbosas, os Lopes, os Fonsecas, os Mirandas, os Virgínios. Em Guiné, São Tomé, Angola e Moçambique brilham os talentos dos Soromenhos, dos Ribas, dos Milheiros, os Antônios de Assis, os Bessas, os Osórios, as Lílias, os Antônios, os Galvões, os Mendes, as Noêmias, as Costas Alegres, os Tenreiros, os Duartes. Na Índia Portuguesa, os Fredericos Gonçalves, os Gomes, os Barretos, os Leais, os Aires, os Costas.

Patrimônio de todos e elo fraterno da lusofonia de mais de 230 milhões de falantes " a que, na opinião de Rodrigues Lapa, se podem juntar os galegos espalhados por todos os continentes, continuemos os votos de Antônio Ferreira, no século XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Bibliografia para leituras posteriores

Atas do Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo. Lisboa, ICALPE, 1985.

CASTRO, Ivo. *Introdução à História do Português*, 2ª ed. Lisboa, Edições Colibri, 2008.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Estudos de Dialectologia* Portuguesa. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983.

CUNHA, Celso. *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

ELIA, Sílvio. *A Língua Portuguesa no Mundo*. São Paulo, Ática, 1989.

ELIA, Sílvio. *Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil.* Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

HOUAISS, Antônio. *O Português no Brasil.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

MELO, Gladstone Chaves de. *A Língua do Brasil.* 4ª ed., Rio de Janeiro, Padrão Editora, 1986.

MORAIS " BARBOSA, Jorge. *A Língua Portuguesa no Mundo*. 2ª ed., Lisboa, Agência Geral de Ultramar, 1969.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras*. São Paulo, Loyola, 1986.

RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

SPINA, Segismundo. Org. *História da Língua Portuguesa* (séc. XVI e XVII). São Paulo, Ática, 1987. 2ª ed. Cotia, Ateliê Editoral, 2008.

Por que se aprende latim

Radiante, como ouvinte, já tive oportunidade de referir-me a uma ideia muito divulgada, segundo a qual uma pessoa para saber um dedo de português precisa saber dois dedos de latim. A ideia deve ter aumentado os foros de verdade quando, no século XIX, foi inaugurado o método histórico-comparativo, com aqueles estudiosos que defendiam a tese de que o presente de uma língua se explica pelo seu passado. Assim, o ensinamento entrou até nos cursos elementares de língua portuguesa. Exemplo corriqueiro disso estava na explicação aos alunos por que o verbo *pôr*, não terminando em *-er* como *vender*, deveria pertencer à segunda conjugação: o verbo *pôr* procede de *poer* e este do latim *ponere*.

Mas nem tudo na história da língua é evolução; há também inovações, fenômenos que não seguem o curso "normal" da história. É o caso do verbo *cair*, definitivamente da 3ª conjugação no português moderno (a partir do séc. XVI), mas que anteriormente pertencia à 2ª conjugação: *caer* do latim *cadere*. Prova da pertença ao antigo grupo representam os empréstimos tirados diretamente do latim, como *cadente* (estrela cadente).

Por este modo histórico, pelo qual o presente é explicado pelo passado, era natural que a língua-fonte para o português fosse o latim. Daí a afirmação de que para se saber um dedo de português seriam necessários dois dedos de latim. Mas já acentuei, estribado no ensinamento de Meyer-Lübke, que a sintaxe românica, e é aí o domínio da língua portuguesa onde mais pululam os

desvios da norma padrão, que a sintaxe românica moderna está mais proximamente relacionada, em muitos aspectos, com o alto alemão moderno ou com o grego moderno do que com o latim antigo. É na morfologia que se revela em toda a sua força a íntima relação histórica entre o latim e as línguas românicas como sua continuação ininterrupta no tempo e no espaço.

Outros defensores há da presença do latim num curso de humanidade apoiados na convicção de que o latim é o porta-voz do pensamento grego. Acerca dessa razão se pronunciou um linguista e um helenista moderno de autoridade reconhecida, o suíço Charles Bally (pronuncie-se *baií* este nome; *balí* é a pronúncia da famosa casa de calçados). Num dos capítulos de seu livro *Le langage et la vie*, sob o título "Por que se aprende latim?", tece o seguinte comentário sobre ser o latim porta-voz do pensamento grego:

"Mas já sabemos a deformação que sofreu o gênio helênico ao passar pelos cérebres romanos. Além disso, graças aos autores latinos tivemos durante muito tempo uma imagem falsa da Grécia, e inclusive hoje (escrevia o mestre genebrino em 1935) a ideia que fazem as pessoas daquela cultura não passa de uma caricatura. Todo este mal procede de que Roma conheceu uma Grécia que já se sobrevivia a si mesma. A literatura latina familiarizou-nos com uma mitologia grega sem religião; no que toca à filosofia, não conheceram os romanos na realidade mais do que as escolas posteriores a Platão e Aristóteles, e delas extraíram apenas uma moral utilitária e simplista; toda a eloquência estudada pelos romanos estava viciada pela retórica. Que sabemos da tragédia com auxílio dos escritores romanos? Mais vale não pensar em Sêneca. Imitaram a Comédia Nova, reflexo trivial de uma vida apoucada, e desconheram Aristófanes. Mais, acima de tudo, tornaram-se presas dos alexandrinos, dos *docti poetae*, que nos ensinaram a separar a arte da vida, que reduziram a língua escrita a uma língua de mandarins e que reduziram os grandes afrescos da Grécia heróica a vinhetas de cartão postão (Polifemo e Galateia!). É o latim responsável pela invasão do alexandrismo como uma epidemia nas literaturas do Ocidente; em francês, seu predomínio foi de tal monta, que quase todos os poetas que quiseram contemplar de frente a Grécia, viram-na (inclusive Chénier!) através de Teócrito e da Antologia Palatina. (p. 239 da trad. espanhola de Amado Alonso).

Sabemos que é por associações que se estabelecem natural e espontaneamente as unidades linguísticas, que uma língua funciona. E estabelecer, durante o aprendizado, correlações dessas associações e oposições entre a língua materna e uma ou mais línguas outras repercute no

aprofundado conhecimento e interpretação da língua materna. Se tais benefícios se extraem do aprendizado de qualquer língua estrangeira, por que se aprende o latim? É o que veremos a seguir.

Se uma língua funciona por meio de um complexo e incessante jogo de aproximações e oposições, a comparação do jogo da língua materna com o jogo com que procede uma língua estrangeira, qualquer que seja, é atividade que beneficia pôr em evidência o mecanismo e as normas que regem este jogo. Desse benefício resulta naturalmente uma melhor compreensão e conhecimento de cada língua em particular. É justamente nesse relacionamento interidiomático que a chamada linguística contrastiva põe toda a sua atenção; daí o ensino, ou pelo menos, técnicas de ensino diferenciadas quando, por exemplo, um falante nativo de português vai aprender espanhol, inglês ou alemão. A atenção dada, para citar um só caso, ao emprego do artigo definido em inglês, indiferenciado nas flexões de gênero e número e ostentando, no espanhol, uma variante *la* / *el* conforme o nome feminino seguinte comece por *a* tônico, e uma forma de neutro *lo* nas "substantivações" de adjetivo; no artigo em alemão já vamos encontrar, no singular, oposições para o masculino, feminino e neutro (*der, die*, *das*) e, no plural, *die* para os três gêneros, formas em nominativo (acompanhantes do sujeito), pois há outras diferenciadas para o acusativo, para o dativo e para o genitivo, quer no singular, quer no plural.

Dessarte, a comparação entre a língua materna e uma estrangeira será sempre uma atividade enriquecedora, quer se trate de aspectos fonéticos e fonológicos, quer se trate de aspectos gramaticais (morfologia e sintaxe), quer se trate de aspectos léxicos. O estudo comparativo do português com uma língua moderna estrangeira (o espanhol "nossa segunda língua de direito no panorama geográfico" cultural, ou o inglês, o francês, o italiano e o alemão, pelos aspectos culturais e tecnológicos) mostraria vantagens mais imediatistas do que o estudo de nossa língua comparada com o latim. Então, por que a tradição escolar tem insistido no latim? Em geral, como já acentuei, a força do argumento pró-latim residia na história, no fato de o português, como as demais línguas românicas, ser a continuação (melhor do que dizer que elas *derivam*) do latim. Está claro que há pontos de contacto principalmente na morfologia e no léxico; mas na sintaxe, vimos que essa relação é muito mais frouxa e, portanto, com menores evidências de que o ajutório justifique a escolha. Esta tese mais se explica pela defesa da presença do latim no currículo escolar do que pela ajuda que oferece ao idioma de Machado de Assis e de Camões. Longe de colocar o latim na posição subalterna de mero auxiliar do

português, que, uma vez este aprendido, voltará aquele a ocupar a situação de humilde muleta, recurso didático-pedagógico de curtas metodologias educacionais.

Se a tese da "filiação" histórica não prevalece na medida que a imponha, por que então se há de aprender latim? A resposta, que naturalmente não será a única, mas é científica e didaticamente correta e válida, está dada pelo mesmo linguista e pedagogo genebrino Charles Bally no capítulo do livro a que me referi no artigo anterior:

"Não há nisso nada de misterioso; o latim, por motivos muito simples, nos obriga a pensar 'de outra maneira'. Está o latim construído sobre plano diferente das nossas línguas modernas: graças às suas flexões, as palavras conservam a individualidade no seio da frase; a construção livre faz da própria frase um organismo original; e como, além disso, e, sobretudo, o vocabulário recorta conceitos por padrões diferentes dos nossos, é necessário analisar a fundo e reconstruir os pensamentos mais simples, sem que nunca se possam utilizar as mecânicas correspondentes de língua para língua que lhes tiram aos idiomas modernos uma parte de seu valor educativo. E isto não para aí: mal sabemos sobre o latim falado (exceto um pouco graças a Plauto, Terêncio, e que pouco!), modalidade que sem dúvida deveu estar suficientemente homogênea entre as diversidades do latim literário. Todo nosso esforço se volta para as obras; todavia, cada autor tem sua individualidade: não há dois que se possam explicar completamente um pelo outro. Ao passar de Cícero para Tácito necessitamos mudar de gramática e de léxico; Virgílio e Horácio, ainda que contemporâneos, escrevem duas línguas diversas. Por todas estas razões o latim constitui um maravilhoso instrumento para aquisição de flexibilidade; familiariza o espírito com o imprevisto, dá- lhe o sentimento do acidental, do contingente, ao passo que a formação científica lhe põe diante o convívio " também necessário " com a lei. Já não se disse que as matemáticas e uma língua antiga bastariam para preparar harmonicamente um espírito?"

Vale a pena confrontar essas considerações de Bally com as do filósofo português Álvaro Ribeiro, o qual, não tocando propriamente no valor educativo do latim, fala do ensino da *gramática*, da *retórica* e da *dialética*, aproximando-as, numa adequada correlação, com a *linguística*, a *estilística* e a *lógica*, respectivamente:

"A matemática, por maior importância que lhe atribuam os pedagogistas que seguem Augusto Comte, está longe de ter o valor educativo que os discípulos de Aristóteles sempre viram na lógica. A tradição aristotélica afirma

a superioridade das disciplinas de letras sobre as ciências e, se não preconiza já o ensino da *gramática*, da *retórica* e da *dialética* nos termos em que foi ministrado pelos medievais e pelos modernos, verifica e confirma que, sem estudo intenso da *linguística*, da *estilística* e da *lógica*, não pode haver concreta e gradativa ascensão da inteligência para o universal. O estudante que cedo ficar habilitado a escrever com palavras suas o que lhe foi dado observar e experimentar, e a distinguir, racionalmente, entre o método e o erro, fará apenas leitura servil dos compêndios, ou livros de texto, perante maior ou menor vigilância do professor.

A matemática é a linguagem do abstrato universalismo, e um povo que queira ser livre e constituído por homens livres, tem de preservar antes de mais nada as características do idioma que lhe é próprio, para transmitir, aperfeiçoada, a língua nacional às seguintes gerações. Tem, pelo estudo da estilística, de conhecer as formas peculiares da sua mentalidade, e o respectivo valor não só para a expressão científica, mas também para a representação e a imaginação literárias, políticas e religiosas. Tem, pelo estudo da lógica, de articular as categorias universais para conhecer, lucidamente, a sua situação histórica, e relacioná-la com o mais alto grau de educação da humanidade." (Álvaro Ribeiro, *Apologia e Filosofia*, Lisboa, Guimarães Editores, p.68-69).

E aí sempre voltamos aos gregos. E por falar nisto, termino com as considerações do mesmo Bally acerca da língua grega e sua posição no quadro curricular de Letras de que nós todos vínhamos falando:

"Tudo isto está muito bem, só que... não é o latim o único que apresenta essa grande vantagem de ser 'o outro'; o grego no-la oferece multiplicada. Está o grego isolado no meio das línguas indo-europeias, não tem contato com o francês (ou com o português) senão pelas palavras técnicas; o pensamento que expressa é original até a medula, em vez de ser um perpétuo reflexo. Se é a visão do diferente aquilo que abre e amplia horizontes, o grego é o ideal, o latim o sucedâneo. E é aqui onde repousa o lado trágico da crise das humanidades: para fugir ao menor dos males, abre-se mão de uma das línguas clássicas, e se acorda tacitamente em sacrificar aquela que mais nos consolaria da perda da outra" (Op. cit., pág. 241)

Enveredar por este campo e discutir a posição do grego da formação do espírito, isto é já uma outra história...

José de Alencar e a língua do Brasil

Alencar foi um embevecido da sua terra e um crente contumaz no destino do Brasil. A fidelidade com que procurou transmitir essas crenças ao seu magistério de político e de escritor recompensou-lhe negativamente os esforços, porque, em ambas as missões, praticou a crítica honesta e construtiva e teve como troco os maus críticos, aqueles de que fala em *Bênção paterna*, nos *Sonhos d'ouro*: "Os críticos, deixa-me prevenir-te, são uma casta de gente, que tem a seu cargo desdizer de tudo neste mundo. O dogma da seita é a contrariedade. Como os antigos sofistas, e os reitores da Meia Idade, seus avoengos, deleitam-se em negar a verdade.

Ao meio-dia contestam o sol; à meia-noite impugnam a escuridão. Como Heráclito, choram quando o mundo ri, ou zombam com Demócrito quando a sociedade se lamenta. Dão-se ares de senado romano, com o afã de levantar uns e abaixar outros: PARCERE SUBJECTIS ET DEBELLARE SUPERBOS, como disse Virgílio". (I,492)[2]

Alencar acreditava e praticava outro tipo de crítica; nessas águas, abalançou-se a expor suas opiniões quanto aos problemas do ofício de escritor, do seu gosto literário e do posicionamento diante do romance brasileiro nas

[2] As citações de José de Alencar são feitas segundo *Obra completa* da Aguilar Editora, quatro volumes, 1965. A tradução do texto latino é: *Poupar os fracos e abater os soberbos*.

Cartas sobre a Confederação dos Tamoios. E aí fez crítica à linguagem de Gonçalves de Magalhães: "Há no seu poema um grande abuso de hiatos, e um desalinho de frase, que muitas vezes ofende a eufonia e doçura de nossa língua; tendo encontrado nos seus versos defeitos de estilo e dicção, que um simples escritor de prosa tem todo o cuidado de evitar para não quebrar a harmonia das palavras.

Abra o poema e verá elipses repetidas, sobretudo na conjunção (sic) *com*; o que não só denota fracos recursos de metrificação, como torna o verso pouco sonoro e cadenciado" (IV, 867).

Que a crítica não era meramente impressionista, mas alicerçada em estudo, prova-o a continuação de seus argumentos.

"Que Dante na sua *Divina Comédia*, criando ao mesmo tempo um poema e uma nova língua, recorresse a esses expedientes; que alguns antigos poetas portugueses, obrigados pela rima, usassem desse meio de encurtar palavras, compreende-se. Mas em verso solto, e em verso escrito na língua portuguesa tão rica, é inadmissível esse abuso; um poeta brasileiro, um verdadeiro poeta, não tem licença para estropiar as palavras, e fazer delas vocábulos inintelegíveis, enfileirados em linhas de onze sílabas".

Além de outras impropriedades de expressão, particularmente comparações em que poderia Magalhães ter posto em evidência a exuberante natureza americana, Alencar critica a frase "o índio desliza a vida" "como uma inovação que não julgo bem cabida por ser contra a etimologia da palavra, e por haver na língua portuguesa muitas expressões apropriadas. Filinto Elísio inventou na tradução dos *Mártires* o seu verbo onomatopaico *ciciar* para exprimir o som do vento nas folhas dos canaviais; empregou muitos neologismos, mas não se animou a alterar completamente a significação de uma palavra consagrada pelo uso e costume" (IV, 915).

Não poderia faltar a alusão ao galicismo desnecessário maculando a pureza da linguagem: "Em uma das cartas apontei como galicismo o verbo *gostar* no sentido de *beber*, o que na minha opinião é uma frase inteiramente francesa. (...) Ora haverá alguém, por pouco entendido que seja na construção da frase portuguesa, que julgue castiça e pura esta tradução de *goúter*, por *gostar* em lugar de *beber*? O latim tem, é verdade, o verbo *gustare*, donde se derivou o termo *gostar*, mas a significação da palavra tanto latina, como portuguesa não é a mesma que lhe deu o Sr. Magalhães no lugar citado" (IV, 919).

A citação se mostra longa, mas é importante para fixar um ponto que, segundo me parece, não foi até aqui posto em evidência pelos estudiosos de

Alencar. Os aspectos de linguagem apontados pelo autor de *Iracema*, além dos outros que o amor à síntese não me permite lembrar, como imperfeições no poema de Gonçalves Magalhães, foram os que seus críticos lhe devolveram, em geral injustamente. Assinalar falhas de gramática, de estilo e de metrificação n'*A Confederação dos Tamoios* era o mesmo que atrair para si a sanha de poderosos inimigos que o não deixariam mais em paz, à cata dos mesmos erros de gramática e de estilo.

Confessa-nos Alencar:

"Tentando uma vez a árdua missão do crítico, impus-me como um dever de lealdade não fazer censura sem firmá-la com o exemplo do texto. Destarte, a contestação era possível ao autor e a seus amigos; e ela apareceu. Quisera sofrer a pena de Talião, e ser criticado pela mesma forma por que outrora critiquei *A Confederação dos Tamoios*.

Desta crítica ainda não a tive; pois eu não posso rebaixar-lhe o nome até uma coleção de impertinências que veio a lume há cerca de dois anos, à custa do erário, e nunca me dei ao trabalho de ler, tendo apenas a notícia que os oficiosos nunca deixam transmitir (...).

Entendeu-se nas altas regiões que era boa política vingar no autor os crimes do deputado".

Mesmo por entre elogios ao seu *engenho e conceber inesgotável,*[3] não faltavam as referências vagas ao pouco conhecimento da língua materna.

A diferença das críticas de Alencar, nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, consistia em que seus críticos não eram, em geral, explícitos quanto aos erros e imperfeições de linguagem que viam nas obras do escritor cearense. É o próprio Alencar que reclama, em 1865, dessas imputações sem maiores esclarecimentos.

"Quando saiu à estampa a *Lucíola*, no meio do silêncio profundo com que a acolheu a imprensa da Corte, apareceram em uma publicação semanal algumas poucas linhas que davam a notícia do aparecimento do livro, e ao mesmo tempo a de estar ele eivado de galicismos. O crítico não apontava porém uma palavra ou frase das que tinham incorrido em sua censura clássica.

---

[3] Antônio Henriques Leal. Lembraremo-nos de que o poema de Gonçalves de Magalhães teve o agasalho do Imperador Pedro II, que chegou a defendê-lo pessoalmente das críticas de Alencar. Mas tudo em vão. Até Herculano, consultado pelo Imperador, demonstrou não ter gostado d'A *Confederação dos Tamoios*.

Passou. Veio ano depois a *Diva*. Essa, creio que por vir pudicamente vestida, e não fraldada à antiga em simples túnica, foi acolhida em geral com certa deferência e cortesia. Da parte de um escritor distinto e amigo, o Dr. Múzio, chegou a receber finezas próprias de um cavaleiro a uma dama; entretanto não se pôde ele esquivar de lhe dizer com delicadeza que tinha ressaibos das modas parisienses. Segunda vez a censura de galicismo, e dessa vez um crítico excessivamente generoso, que, se alguma preocupação nutria, era toda em favor do autor do livro. Desejei tirar a limpo a questão, que por certo havia de interessar a todos que se ocupam das letras pátrias. O distinto escritor, solicitado em amizade, capitularia os pontos de censura. Se em minha consciência os achasse verdadeiros, seria pronto em corrigir meus erros; senão, produziria a defesa, e não fora condenado sem audiência. Muitas e várias razões me arredaram então daquele propósito; a atualidade da questão passou; eu correria o risco de não ser lido saindo a público para discutir a crítica antiga de uma obra talvez já submergida pela constante aluvião de fatos que ocupam o espírito público. Ao dar à estampa esta segunda edição da *Diva*, pareceu-me azado o momento para escrever as observações que aí ficam, pelas quais deseja o autor ser julgado em matéria de estilo quando publique algum outro volume. Não basta acoimarem sua frase de galicismo; será conveniente que a designem e expendam as razões e fundamentos da censura. Compromete-se o autor, em retribuição desse favor da crítica, a rejeitar de sua obra como erro toda aquela palavra ou frase que se não recomende pela sua utilidade ou beleza, a par da sua afinidade com a língua portuguesa e de sua correspondência com os usos e costumes da atualidade; porque são estas condições que constituem o verdadeiro *classismo*, e não o simples fato de achar-se a locução escrita em alguns dos velhos autores portugueses". (I, 401)

Este culto à língua como instrumento e veículo eficiente da obra literária era uma constante preocupação de Alencar, e essas palavras escritas em agosto de 1865 ratificam as de agosto de 1856, nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*:

"Assim pois, todo o homem, orador, escritor, ou poeta, todo o homem que usa a palavra, não como um meio de comunicar as suas ideias, mas como instrumento de trabalho; todo aquele que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquele que faz da linguagem não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento de sua atividade. (...). O mestre, o magistrado, o padre, o historiador, no exercício

do seu respeitável sacerdócio da inteligência, da justiça, da religião e da humanidade, devem fazer da palavra uma ciência; mas o poeta e o orador devem ser artistas, e estudar no vocabulário humano todos os seus segredos mais íntimos, como o músico que estuda as mais ligeiras vibrações das cordas do seu instrumento, como o pintor que estuda todos os efeitos da luz nos claros e escuros" (IV, 889-890).

Se percorrermos as críticas feitas à língua em que Alencar escreveu seus livros, notaremos que os vícios apontados nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios* procuram também ser imputados ao notável cearense. Só que eles em geral aparecem sem o tratamento demorado, sem a explicação do fato e, quase sempre, desprovidos de razão. Não é este o momento próprio de fazê-lo, de rastrear os erros de língua " reais e supostos " que foram atribuídos a Alencar nas condenações de Antônio Henriques Leal (nas *Locubrações*), de José Feliciano de Castilho, o Lúcio Quinto Cincinato, e Franklin Távora, o Semprônio (nas *Questões do Dia*), pois que sobre muitos desses erros já se manifestaram, em defesa do escritor brasileiro, o próprio Alencar, Batista Caetano (nos *Rascunhos sobre a Gramática da Língua Portuguesa* " Rio, 1881), José Oiticica (1944), Gladstone Chaves de Melo (1948), Cândido Jucá (filho) (1949), Cavalcante Proença (1959), para só citar os mais importantes estudos no tocante às questões de fatos de língua.

Estes livros apenas abrem o grande campo de pesquisa na obra alencariana, não só quanto ao aproveitamento do filão clássico português mas ainda no que diz respeito ao trabalho artesanal com que o escritor pretendeu enriquecer a língua literária em uso no Brasil de sua época.

Longe de nós o intuito de apresentar Alencar como linguista seguro ou gramático competente; mas a verdade é que estudou os bons autores da época, penetrou-lhes o pensamento e extraiu deles uma série de conclusões pertinentes para as concepções sobre linguagem, língua, gramática, estilo, metrificação e, principalmente, sobre a missão consolidadora do bom escritor, capaz de promover e acelerar a simbiose da verdadeira tradição clássica e das reais necessidades de progresso linguístico. Nesta obra, o escritor cearense joeira com inteligência os arcaísmos, promove com bom senso os neologismos e estrangeirismos e extrai com originalidade novas expressões da antiga prata da casa.

Um estudo atento dos procedimentos artesanais de Alencar revelar-nos-ia que, de modo geral, suas inovações têm eco nas propostas dos escritores que, antes dele, tinham a mesma consciência do papel de literato. Muitos dos

seus pretensos erros se prendem a procedimentos linguísticos renascentistas e arcadistas buscados por outros escritores preocupados com a riqueza do idioma, como Filinto Elísio.

Destarte, podemos afirmar que as várias vezes em que Alencar se pronunciou sobre seus conhecimentos e preocupações com o idioma, traduzem uma realidade facilmente comprovada através das páginas de sua extensa produção política e literária.

Por isso, são profundamente injustas acusações como a de Henriques Leal acerca do nosso romancista:

"É pena que talento tão superior não se aplique ao estudo da língua, com mais interesse e sem prevenções. Porém, quanto a sua linguagem e estilo são descuidados e por vezes desiguais e frouxos".

Alencar, em carta aos redatores da revista *Lusa*, datada de 20 de novembro de 1874, pronuncia-se desta maneira:

"Nós os brasileiros temos descurado inteiramente o máximo assunto da nacionalidade de nossa literatura; e por uma timidez censurável nos deixamos governar pela férula do pedagogismo português que pretende o monopólio da ciência e polimentos da nossa língua (...) Somos nós, é o Brasil quem deve fazer a lei sobre a sua língua, o seu gosto, a sua arte e a sua literatura. Essa autonomia, *que não exclui a lição dos mestres antigos e modernos*, é não só um direito, mas sim um dever. É a tecla em que anos mais tarde bateria M. de Assis".

Antes de mais nada, cabe aqui lembrar uma série de antecipações pelas quais Alencar procurou justificar alguns dos seus usos linguísticos e que, posteriormente, os estudos superiores vieram confirmar como situados num caminho científico.

Assim, antes que os linguísticas viessem esclarecer a importância da entoação frasal, do ritmo, como elemento importante para a disposição dos termos oracionais, no caso de Alencar, para a posição do pronome pessoal oblíquo átono nas imediações do verbo, o escritor cearense já tinha trazido à baila o problema no *Pós-escrito de Iracema*, em 1870, ao pronunciar-se nestes termos: "Há casos em que a eufonia pede a anteposição do pronome, como *se recolhem só* para evitar o sibilo desagradável de *se só*. Outras vezes não é a cacofonia, mas o acento tônico que determina a colocação da partícula, conforme o ritmo da frase exige o repouso antes e depois. Nesta frase, por exemplo: *Tu não me sabes querer*, o rigor da ordem gramatical exigiria *tu não sabes*

querer- me; mas a frase não seria tão cadente e expressiva (III, 316-317).

Em língua portuguesa, a estreita relação entre o ritmo frasal e colocação dos termos oracionais só viria a ser pela primeira vez enunciada na obra pioneira de Said Ali, em artigos publicados na *Revista Brasileira*, em 1895 (vinte e cinco anos depois) e a seguir, enriquecidos, numa das mais profundas obras que já se escreveram sobre nosso idioma, *Dificuldade da Língua Portuguesa*. Com base em então recentes livros europeus sobre entoação frasal, mestre Said Ali concluiu suas pesquisas de colocação de pronomes com essas ponderações que poderiam ser tranquilamente assinadas por Alencar, pois que ele já as tinha intuído de maneira menos técnica, mas na mesma linha de pensamento:

"A nossa maneira fantasista (como alguns lhe chamam) de colocar os pronomes, forçosamente diversa da de Portugal, não é errônea, salvo se a gramática, depois de anunciar que observa e registra fatos, depois de reconhecer que os fenômenos linguísticos têm o seu histórico, a sua evolução, ainda se julga com o direito de atirar, ciosa e receosa da mutabilidade, por cima de nosso idioma, a túnica de Néssus das regras arbitrárias e inflexíveis.

As línguas alteram-se com a mudança de meio; e o nosso modo de falar diverge e há de divergir, em muitos pontos, da linguagem lusitana. Muitas são as diferenças atuais, que passam despercebidas por não haver um estudo feito neste sentido. Não é o caso para eternamente nos julgarmos inferiores aos nossos "maiores". De raciocínio em raciocínio chegaríamos ao absurdo de considerar extraordinário conhecedor da nossa língua, e mais profundo do que o mais culto brasileiro, o camponês analfabeto que, tendo tido a fortuna de nascer na Beira ou em Trás-os-Montes, pronuncia átonos os pronomes e, consequentemente, os coloca bem à portuguesa.

"A verdadeira conclusão científica não pode ser senão esta: em Portugal é certa a colocação peculiar dos pronomes por ser de uso geral; no Brasil também é certo o nosso modo de empregar os pronomes por ser igualmente de uso geral".

Como é diferente esta maneira de ver o problema da colocação de pronomes átonos das ideias que aparecem ainda na polêmica Rui-Carneiro Ribeiro, em 1902, e que, passando por Cândido de Figueiredo, até hoje veiculam em artigos e compêndios destinados a ensinar a nossa língua! Depois de cem anos, Alencar se nos afigura de uma atualidade que impressiona.

Outro ponto em que o escritor cearense nos espanta pela visão correta e antecipadora é no que diz respeito ao galicismo e ao estrangeirismo em geral. Nas cartas sobre *A Confederação dos Tamoios* reclamou do galicismo inútil, tradução servil do francês em detrimento do correspondente vernáculo, ainda que expressivo.

Esse o galicismo a ser evitado; mas existe aquele saído do empréstimo cultural, do contato de povos, do centro irradiador de progresso. Esse merece o agasalho do escritor e pode vir a receber o beneplácito do povo e consubstanciar-se no uso. Por isso, comenta acertadamente Alencar, em 1874, nas páginas da *Questão Filológica*:

"Quando Virgílio escreveu seus imortais poemas, imitou dos gregos muitas locuções elegantes, como atualmente fazemos, eu e alguns escritores brasileiros, dos escritores da França, que é nossa Ática moderna.

Entre inúmeras recordo-me das seguintes que vi anotadas por Servius*: Navigat equor*" Eneida I, v. 71, *Terram, mare, sidera juro*, XII, v. 197; *Intonuere poli* " I, v. 94; *Tytida debuit ponere* " I, v. 101. Todas estas frases são puros grecismos, que arrepiaram a pele não só aos gramatistas, como aos gramáticos do tempo. Mais tarde porém, com a voga do poema, tornaram-se latinismos, e contaram-se entre as flores mais graciosas da poesia romana" (IV, 943).

Na *Bênção Paterna*, introdutória aos *Sonhos d'Ouro*, em 1872, ressaltava a relação entre o cosmopolitismo da sociedade carioca emergente e os empréstimos culturais de toda sorte, ainda os linguísticos:

"Nos grandes focos, especialmente na Corte, a sociedade tem a fisionomia indecisa, vaga e múltipla, tão natural à idade da adolescência. É o efeito da transição que se opera; e também do amálgama de elementos diversos.

A importação contínua de ideias e costumes estranhos, que dia por dia nos trazem todos os povos do mundo, devem por força de comover uma sociedade nascente, naturalmente inclinada a receber o influxo de mais adiantada civilização.

Os povos têm, na virilidade, um eu próprio, que resiste ao prurido da imitação; por isso na Europa, sem embargo da influência que sucessivamente exerceram algumas nações, destacam-se ali os caracteres bem acentuados de cada raça e de cada família.

Não assim os povos não feitos; estes tendem como a criança ao arremedo; copiam tudo, aceitam o bom e o mau, o belo e o ridículo, para formarem o amálgama indigesto, limo de que deve sair mais tarde uma individualidade robusta.

Palheta, onde o pintor deita laivos de cores diferentes, que juntas e mescladas entre si dão uma nova tinta de tons mais delicados, tal é a nossa sociedade atualmente. Notam-se aí, através do gênio brasileiro, umas vezes embebendo-se dele, outras invadindo-o, traços de várias nacionalidades adventícias; é a inglesa, a italiana, a espanhola, a americana, porém especialmente a portuguesa e francesa, que todas flutuam, e a pouco e pouco vão diluindo-se para infundir-se n'alma da pátria adotiva, e formar a nova e grande nacionalidade brasileira (...).

Tachar-se estes livros (*Lucíola*, *Diva*, *A Pata da Gazela* e *Sonhos d'Ouro*) de confeição estrangeira, é, relevem os críticos, não conhecer a fisionomia da sociedade fluminense, que aí está a faceirar-se pelas salas e ruas com atavios parisienses, falando a algemia universal, que é a língua do progresso, jargão erriçado de termos franceses, ingleses, italianos e agora também alemães" (I, 496).

Ver a importação de termos estrangeiros por esse prisma científico, por essa larga compreensão dos contactos culturais entre os povos, é, sem dúvida nenhuma, uma posição de um verdadeiro linguista, posição que até hoje não assumem muitos dos que estudam a língua, que a querem encarcerada nos angustos limites de uma pretendida pureza idiomática.

Ainda na polêmica que travou com Joaquim Nabuco em 1875, insiste neste ponto:

"Notou ainda o crítico a palavra grog, de origem inglesa, por mim aportuguesada em *grogue*. Podia notar outras como *tílburi*, *piquenique*, *lanche*; ou *crochete* e *champanhe*, do francês. Desde que termos estrangeiros são introduzidos em um país pela necessidade e tornam-se indispensáveis nas relações civis, a língua, que os recebe em seu vocabulário, reage por uma lei natural sobre a composição etimológica para imprimir-lhe o seu próprio caráter morfológico.

A pronúncia e a ortografia alteram-se, em alguns casos profundamente; mas sempre conforme leis fonéticas, estudadas por Jacob Grimm e seus continuadores.

Em português nós já temos de outros tempos, *redingote* de *ridingcoat*; j*aqueta* de *jacket* inglês ou *jaquette* francês; *pichelingue*, e *escolteto*, do flamengo *Flessing* e *schsout*, *dessér*, *trumó,* do francês *dessert* e *trumeau* e muitos outros.

As línguas estrangeiras também por sua vez corrompem ou antes sujeitam ao seu molde os nossos vocábulos brasileiros. Assim os franceses mudaram

goiaba em *goiave*, *caju* em *acajou*, *mandioca* em *manioc*; e o mesmo acontece com os outros povos acerca de várias palavras americanas" (p.195-196 ed. de Afrânio Coutinho).

Tanto assim, que, em 1914, Said Ali escolhia para tema de conferência proferida na Biblioteca Nacional esses contactos culturais que, aparentemente, maculam o purismo. O título da conferência " *O purismo e o progresso da língua portuguesa* " reflete a identidade de conceitos entre o escritor e o linguista.

O que se nos afigura curiosíssima é a maneira como Alencar explica a tenaz perseguição que os portugueses movem ao galicismo. Um curioso da ciência da linguagem fatalmente ligaria o ato a uma preocupação do purismo; mas o escritor cearense vê a coisa como um técnico de raríssima perspicácia, relacionando o fenômeno a questões políticas que extravasam nos domínios da língua. Assim, o escritor patrício no *Pós-escrito de Iracema*, em 1870, prendia a antipatia dos portugueses aos galicismos a um reflexo de repulsa à invasão francesa:

"Há quem tache essa sobriedade no uso do artigo definido de *galicismo*, não se lembrando que o latim, donde provém nossa língua, não tinha aquela partícula, e, portanto, a omissão dela no estilo é antes um latinismo. Mas a mania do classismo, que outro nome não lhe cabe, repele a mínima afinidade entre duas línguas irmãs, saídas da mesma origem. Temos nós a culpa do ódio que semearam em Portugal os exércitos de Napoleão?".

Isto se Alencar, em 1870, antecipa as palavras do notável linguista francês Michel Bréal que no seu *Essai de sémantique*, de 1897, nos ensina:

"Quando se buscam as raízes dessas repulsas que os espíritos nobres nutrem pelas palavras estrangeiras, vê-se que elas são devidas a associações de ideias, a recordações históricas, a intenções políticas, com que a linguística tem muito pouco a ver. Aos puristas alemães a presença das palavras francesas fá-los lembrar uma época de imitação que gostariam fosse esquecida de sua história. Os filólogos helênicos que proscreveram as palavras turcas do vocabulário continuam, a seu modo, a guerra da independência. Os tchecos que levam o seu ardor ao ponto de querer traduzir os nomes próprios alemães, para não deixar rastro de um língua que suportaram por muito tempo, associam ao seu intento de expurgo a esperança de uma próxima autonomia. O "purismo", em casos assim, serve de etiqueta a aspirações e ressentimentos que podem ser em si legítimos, mas não nos deve permitir ilusões sobre a verdadeira razão dessa campanha linguística" (3ª ed. 1904, p.265-6).

Está por se fazer um estudo sério das leituras dos livros de linguística feitas por Alencar, e do reflexo delas nas opiniões e conceitos emitidos em seus livros. A concordância entre o cearense e a lição de Bréal deveria ocupar um lugar de relevo nessa pesquisa, porquanto nenhum dos autores portugueses e brasileiros que trataram da debatidíssima questão do galicismo se referiu, que saibamos, a essa repulsa lexical como contrapartida de recordações históricas ou intenções políticas.

Intimamente ligado ao problema do galicismo está o conceito de clássico e da variação linguística através do tempo, do espaço e das classes sociais e, neste capítulo, Alencar tece considerações judiciosíssimas, e revela luminosas intuições, fazendo-nos lembrar o que dele disse, em 1883, Capistrano de Abreu no tocante aos assuntos de história:

"Ninguém melhor que ele teve a intuição da vida colonial; e há páginas do *Guarani* e das *Minas de Prata* que valem por longas monografias" (Centro Literário e Científico José de Alencar, p.6).

Pedimos ao já paciente leitor que medite nas seguintes considerações:

"Língua viva imutável, língua que, chegada a um tipo de perfeição modelar, cesse de modificar-se e absorver elementos estranhos ao seu passado, é cousa que não há nem nunca houve. A linguagem é a expressão de nossa inteligência. E a inteligência humana não se petrifica; pode volver olhar saudoso para a sabedoria de alguma era remota; porém esta, com todo o seu esplendor, não lhe produz desmaio, nem a paralisa. Se tal calamidade houvesse, o intelecto se atrofiaria e da maior parte das línguas modernas já não restariam mais que ruínas."

Estas palavras são de Said Ali, na conferência já citada; mas poderiam ser firmadas por José de Alencar, porque não era outra sua concepção sobre o equilíbrio instável das línguas vivas. Eis o que escreve no Pós-escrito de *Diva*, em l 865:

"O autor deste volume e do que o precedeu com o título de *Lucíola* sente a necessidade de confessar um pecado seu: gosta do progresso em tudo, até mesmo na língua que fala. Entende que sendo a língua instrumento do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve. Fora realmente extravagante que um povo adotando novas ideias e costumes, mudando os hábitos e tendências, persistisse em conservar rigorosamente aquele modo de dizer que tinham seus maiores (note-se que é justamente este vocábulo aquele por que Said Ali se referiu à tradição portuguesa, no estudo lembrado!). Assim, não obstante os clamores da gente retrógrada,

que a pretexto de classismo aparece em todos os tempos e entre todos os povos, defendendo o passado contra o presente; não obstante a força incontestável dos velhos hábitos, a língua rompe as cadeias que lhe querem impor, e vai se enriquecendo já de novas palavras, já de outros modos diversos de locução. É sem dúvida deplorável que a exageração dessa regra chegue ao ponto de eliminar as balizas tão claras das diversas línguas. Entre nós sobretudo naturaliza-se quanta palavra inútil e feia ocorre ao pensamento tacanho dos que ignoram o idioma vernáculo, ou têm por mais elegante exprimirem-se no jargão estrangeirado, em voga entre os peralvilhos. Esse ridículo abuso porém não deverá levar ao excesso os doutos e versados na língua. Entre os dous extremos de uma enxertia sem escolha e de uma absoluta isenção está o meio-termo, que é a lei do bom escritor e o verdadeiro classismo do estilo" (I, 399).

E prossegue Alencar sobre a variabilidade da linguagem:

"A língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo (...). Não é obrigando-a a estacionar que hão de manter e polir as qualidades que porventura ornem uma língua qualquer; mas sim fazendo que acompanhe o progresso das ideias e se molde às novas tendências do espírito, sem contudo perverter a sua índole e abastardar-se. Criar termos necessários para exprimir os inventos recentes, assimilar-se aqueles que, embora oriundos de línguas diversas, sejam indispensáveis, e sobretudo explorar as próprias fontes, veios preciosos onde talvez ficaram esquecidas muitas pedras finas, essa é a missão das línguas cultas e seu verdadeiro classismo. Quanto à frase ou estilo, também se não pode imobilizar quando o espírito de que é ela a expressão, varia com os séculos de aspirações e de hábitos. Sem o arremedo vil da locução alheia e a imitação torpe dos idiotismos estrangeiros, devem as línguas aceitar algumas novas maneiras de dizer, graciosas e elegantes, que não repugnem ao seu gênio e organismo. Deste modo não somente se vão substituindo aquelas dicções que por antigas e desusadas caducam, como se estimula o gosto literário, variando a expressão que afinal de tanto repetida se tornaria monótona. De resto, essa é a lei indeclinável de toda a concepção" (I, 399-400).

Pelas citações que acabamos de ler, vemos claramente que Alencar estava plenamente convencido de que não se pode separar a língua dos homens que a falam, de modo que os idiomas encarnam, acompanham e refletem os destinos das nações a que servem. Assim sendo, transplantada para o Brasil, a língua portuguesa tinha de inelutavelmente diferençar-se da língua praticada

em Portugal. Mudado o ambiente físico, a serviço de novas ideias e aspirações, o português do Brasil se afastava do de Portugal em vários aspectos, sem que disso pudessem dar conta os falantes d'aquém e d'além - mar. Em 1872, na *Bênção Paterna* de *Sonhos d'Ouro*, seguindo as pegadas da linguística biológica do seu tempo, Alencar teve a oportunidade de ressaltar, com todo o exagero da teoria, a influência do meio sobre as transformações das línguas:

"Estando provado pelas mais sábias e profundas investigações começadas por Jacob Grimm, e ultimamente desenvolvidas por Max Müller, a respeito da apofonia, que a transformação mecânica das línguas se opera pela modificação dos órgãos da fala, pergunto eu, e não se riam, que é mui séria a questão: O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspera?" (I, 498).

Para podermos fechar o círculo dentro do qual repousavam as ideias de Alencar sobre os fatos de gramática e estilo da língua portuguesa, falta- nos contemplar o seu conceito entre língua literária escrita e língua falada. Eis como a tal respeito pensava o escritor cearense:

"A linguagem literária " diz-nos em 1865, no Pós-escrito de *Diva* " escolhida, limada e grave, não é por certo a linguagem cediça e comum, que se fala diariamente e basta para a rápida permuta das ideias: a primeira é uma arte, a segunda é simples mister. Mas essa diferença se dá unicamente na forma e expressão; na substância a linguagem há de ser a mesma, para que o escritor possa exprimir as ideias de seu tempo, e o público possa compreender o livro que se lhe oferece" (I, 400).

Neste trecho Alencar intuiu o que, nos dias de hoje, um linguista universalmente conhecido, Eugenio Coseriu, distingue em *sistema* e *norma*. O *sistema* encerra o conjunto de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos livres e caminhos fechados. A *norma*, por sua vez, é um conjunto de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais e varia consoante a comunidade.

Assim, Alencar percebe uma *norma* literária ("linguagem literária") ao lado de uma *norma* coloquial ("linguagem cediça e comum"), mas ambas pertencem ao mesmo sistema funcional ("na substância a linguagem há de ser a mesma").[4]

---

[4] Eugenio Coseriu, *Teoría del lenguaje*, p. 98,

Ainda na mesma trilha, já agora ressaltando o trabalho artesanal do artista da palavra em contribuir para a formação de uma língua literária, revela-nos Alencar em 1872, na *Bênção Paterna* de *Sonhos d'Ouro*:

"Sobretudo compreendem os críticos a missão dos poetas, escritores e artistas, nesse período especial e ambíguo da formação de uma nacionalidade. São estes os operários incumbidos de polir o talhe e as feições da individualidade que se vai esboçando no viver do povo. Palavra que inventa a multidão, inovação que adota o uso, caprichos que surgem no espírito do idiota inspirado: tudo isto lança o poeta no seu cadinho, para escoimá-lo das fezes que porventura lhe ficaram do chão onde esteve, e apurar o ouro fino. E de quanta valia não é o modesto serviço de desbastar o idioma novo das impurezas que lhe ficaram na refusão do idioma velho com outras línguas? Ele prepara a matéria, bronze ou mármore, para os grandes escultores da palavra que erigem os monumentos literários da pátria. Nas literaturas-mães, Homero foi precedido pelos rapsodos, Ossian pelos bardos, Dante pelos trovadores. Nas literaturas derivadas, de segunda formação, Virgílio e Horácio tiveram por precursores Enio e Lucrécio; Shakespeare e Milton vieram depois de Surrey e Thomas Moore; Corneille, Racine e Molière depois de Malherbe e Ronsard; Cervantes, Ercilla e Lope de Vega depois de Gonzalo de Berceo, Inigo de Mendoza e outros. Assim foi por toda a parte; assim há de ser no Brasil. Vamos pois, nós, os obreiros da fancaria, desbravando o campo, embora apupados pelos literatos de rabicho. Tempo virá em que surjam os grandes escritores para imprimir em nossa poesia o cunho do gênio brasileiro, e arrancando-lhe os andrajos coloniais de que andam por aí a vestir a bela estátua americana, a mostrem ao mundo em sua majestosa nudez: *naked majesty*" (I, 497).

Com os elementos até aqui reunidos, extratados da vasta e coerente obra do nosso romancista maior, é hora de situá-lo em relação à língua do Brasil, para nos cingirmos ao tema proposto.

Sem sombra de dúvida Alencar pretendia ser um desses obreiros da fancaria que, manipulando a matéria-prima primitiva, iriam ajudar a transformá-la na condigna roupagem da novel terra americana. Estaria o escritor cearence imbuído da missão que, no século XVI, coube a Camões: rejuvenescer a língua para o grande destino que lhe abriu o *classismo* português.

Já mestre Mattoso Câmara havia entendido bem esta missão do escritor cearense:

"O grande romancista o que na realidade pretendia era elaborar uma língua escrita literária na base da nossa fala corrente, da mesma sorte que o francês clássico, o italiano de Dante, o português de Camões se cristalizaram pela lenta elaboração do romance vulgar (...) Por isso, o *Guarani*, a *Iracema*, ou ainda *O Gaúcho*, a *Diva* e assim por diante, são prosa artística, firmemente plantada numa linguagem que quer ser língua escrita, e não oral; os elementos linguísticos vulgares entram aí como os motivos rítmicos folclóricos da Polônia na música de Chopin ou os costumes populares num quadro de gênero de Teniers. O nativismo linguístico em nada impede aproximarmos o estilo de Alencar do daqueles escritores que mais se destacaram pelo distanciamento da linguagem coloquial, como em francês Flaubert ou em inglês Meredith, de sorte que em espírito, embora não em execução factual, *O Guarani* ou *O Gaúcho* não deixam de ter a sua afinidade estilística com *Salambo* ou *Diana of Crossways*" (*Ensaios Machadianos*, p. 93-4).

A natureza de escritor romântico leva-o a alicerçar a pretendida língua literária brasileira na mais pura e lídima tradição clássica portuguesa, especialmente nos escritores modelares a partir do século XVIII. Esse era o filão inicial a cuja contribuição se somavam as criações novas, um estudado sistema de *liberdades* e *imposições* (na concepção proposta por Coseriu) e a contribuição estrangeira, particularmente vinda da França, a nova Ática do seu tempo.

Daí caber muita razão a Cândido Jucá (filho) quando classifica *Iracema* uma obra clássica.

O seu *estilo aristocrático*, como também lembrou com justeza Gladstone Chaves de Melo, estava longe de concretizar o ideal de Macedo Soares que proclamava: "Já é tempo dos brasileiros escreverem como se fala no Brasil e não como se escreve em Portugal" (*Dic. Brasileiro* p. 3).

Seu acentuado nativismo fê-lo defender-se com frequentes alusões às particularidades e diferenciações da língua portuguesa do Brasil, mas a verdade é que essas referências ficaram apenas na plataforma de sua campanha.

Machado de Assis, seu contemporâneo e partícipe com ele das culminâncias da literatura nacional, tinha muita razão quando a respeito do romancista declarou:

"Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das cousas. O mais francês dos trágicos franceses é Racine, que só fez falar a

antigos. Schiller é sempre alemão, quando recompõe Filipe II e Joana d'Arc" (*Páginas Recolhidas*, p. 129).

Alencar, para o trabalho artesanal de enriquecimento em prol de uma língua literária brasileira, extratou o filão clássico português, da mesma forma que Mário de Andrade, um século e meio depois, iria extratar o filão popular brasileiro, com igual propósito e intenção. São, aliás, muitas as coincidências que se podem estabelecer entre os dois escritores, a começar do intento de comporem uma gramática para justificar suas escolhas, liberdades e imposições.

Muito se tem escrito sobre Alencar e pouco se tem feito em favor da riquíssima obra que nos legou. O pagamento desta dívida deveria começar por um trabalho editorial sério, filologicamente assentado, de modo que restituíssemos ao escritor cearense a fidelidade textual em que vazou suas composições.

Nesta hora em que a nação brasileira rasga horizontes e se espraia pelo mundo nas asas promissoras da lusofonia, a lição de José de Alencar se impõe como um modelo a seguir no afã com que estudou, defendeu e ilustrou a língua portuguesa do Brasil.[5]

[5] Gladstone Chaves de Melo e Maximiano de Carvalho e Silva, entre outros, têm-nos dado os primeiros frutos dessa longa e impreterível jornada, com suas edições críticas e cuidadas.

Português ou brasileiro?

Com este título, professor e autor de livros insiste numa ideia ou projeto que se vai firmando em alguns centros universitários do país, com visível resultado negativo na formação de mestres a quem, em sala de aula do curso fundamental ou médio, está entregue a educação linguística de nossos jovens.

Que as línguas estão sujeitas a diversos fatores de mudança que atuam no tempo, no espaço e nas classes sociais é uma lição dos linguistas do século XIX e que corre como afirmação pacífica de então até nossos dias.

Resultado imediato desta lição que também hoje se aceita é que uma língua encerra diversas "línguas" dentro de si, que o grupo social mais ou menos homogeiniza numa realidade chamada *língua comum*, à qual se aplica o nome atribuído à língua histórica: *língua portuguesa, língua inglesa, língua espanhola, língua latina* e, assim por diante.

A extrema plasticidade de uma língua histórica, espraiada em subsistemas de *línguas funcionais* (aquelas que efetivamente funcionam no discurso), que não obscurecem a unidade superior do português, do inglês, do espanhol ou do latim, a extrema plasticidade — dizíamos — não deve desvirtuar a descrição e a análise do pesquisador, principalmente daquele que de suas observações pretende distinguir uma língua histórica de outra língua histórica.

Já aprendemos, nesse deslinde, a distinguir muitas vezes *sincronia* e *diacronia*; mas falta percorrer um longo caminho de distinções para delimitar e trabalhar uma língua funcional dentro da língua histórica, distinção que está

ausente na essência da falsa constatação de que a língua que falamos aqui, nesta banda do Atlântico, já não é o português, mas o brasileiro.

Além da citada distinção entre *sincronia* e *diacronia*, para que o investigador se ponha em trilha segura, há de separar *linguagem* de *metalinguagem*, *arquitetura* de *estrutura* ou, como já aludimos, *língua histórica* de *língua funcional*. Isto sem pôr de lado as variedades *diatópicas* (de lugares), *diastráticas* (de estratos sociais) e *diafásicas* (de estilo).

Como se situará o defensor do pretenso *brasileiro* diante das diferenças diastráticas entre o francês comum e o francês popular, ou o inglês comum e o inglês popular? Por acaso, as diferenças aí registradas serão menos patentes do que as que assinala entre o português e o brasileiro?

Muitos estudiosos que abraçam a tese do brasileiro comparam realidades distintas, isto é, o conjunto de normas consideradas "certas" e "boas" do lusitano escrito com "a língua realmente falada pelos brasileiros, inclusive pelos classificados de cultos".

Erram, assim, no objeto de estudo.

Em certo sentido, voltam esses estudiosos à tese, sem nenhum fundamento teórico, de Monteiro Lobato, que argumentava, pouco depois de iniciado o século passado: assim como o português saiu dos erros do latim, o brasileiro sairá dos erros do português.

Com o peso da competência de um dos mais importantes linguistas do séc. XX, ensina-nos Antonino Pagliaro (*A Vida do Sinal*. Trad. de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Gulbenkian, págs. 143-144).

"Importa-nos agora pôr relevo que a língua comum é a expressão de uma consciência unitária comum, que pode ser cultural em sentido lato, como acontecia na Itália do século XIV ou na Alemanha de Lutero, e pode ser política, como é o caso das atuais línguas nacionais; temos sempre um fator volitivo que leva as comunidades a superar as diferenças mais ou menos profundas dos falares locais, para aderir pela expressão a uma solidariedade diferente e mais vasta. Por outras palavras, quem, deixando de parte o dialeto nativo, passa a falar a língua comum, exprime através desse seu ato a adesão volitiva a um mundo mais vasto, determinado cultural ou politicamente, ou então, como acontece nos estados nacionais modernos, pelas duas formas.

Desta consciência linguística mais clara resulta que a língua comum nunca atinge a plenitude afetiva, traduzida por subentendidos, alusões ou matizes estilísticos, que temos nos falares locais e nas chamadas línguas especiais, principalmente nas gírias. Pelo uso da língua comum, o falante arranca-se, em

certo sentido, à fase naturalística da expressão, ligada a um ambiente, mais ou menos restrito, como a família, o bairro, a cidade ou a região, para se elevar conscientemente a um plano mais vasto, onde o fator intelectual tem muito mais valor que o fator afetivo."

Este fosso natural entre língua popular, entre língua escrita tensa e falada distensa, é vista como uma fase intermediária da verdadeira língua brasileira que se imporá no futuro. A fase triunfal desse processo acabará de vez com esse incômodo (incômodo porque esvanece nossa cidadania) grau de compreensão e intercomunicação que hoje ainda existe entre Brasil e Portugal, para não falar nos outros domínios da Lusofonia.

Diante desse argumento, a ciência linguística tem de cruzar os braços e dar a vez aos futurólogos da linguagem; os objetos históricos passariam a pertencer ao domínio de uma ciência profética.

A Denominação do idioma nacional do Brasil

A. F. de Sousa da Silveira

"Sr. Ministro:

A Comissão, designada por V. Ex.ª, com a aprovação do Sr. Presidente da República, para cumprir a determinação contida no art. 35° do Ato das Disposições Transitórias, apenso à Constituição dos Estados Unidos do Brasil promulgada em 18 de setembro do corrente ano, tem a honra de trazer ao conhecimento de V. Ex.ª o resultado dos seus trabalhos.

Breve Retrospecto Histórico

Descoberto o Brasil pelos portugueses em 1500, tomada posse da terra em nome do Rei de Portugal, e iniciada anos depois a colonização, a língua portuguesa foi trazida para cá, e pouco a pouco se foi propagando.

Encontrou-se, como era natural, com a língua dos índios; e, durante algum tempo, foi mesmo o tupi falado em maior proporção do que o português.

Não tardou, porém, que se verificasse um princípio linguístico que se tem reconhecido como verdadeiro: postas em contato duas línguas, uma instrumento de uma civilização muito superior à civilização a que a outra serve, esta cede o seu terreno à primeira. Assim, o português, expressão de uma civilização mais adiantada, triunfou sobre o tupi.

Desde os primeiros tempos da nossa história, já apareciam, escritas *em português*, obras relativas ao Brasil; e toda a nossa literatura, de então para cá, tem sido vazada em língua portuguesa.

Os nossos mais altos escritores, uns com maior, outros com menor apuro estilístico, estes aproximando-se mais, aqueles menos, do padrão ideal da língua literária, todos escreveram em português. Assim o fizeram José Bonifácio, João Francisco Lisboa, Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela, Gonçalves de Magalhães, Porto-Alegre, Manuel António de Almeida, Alencar, Macedo, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Rui Barbosa, Taunay, Afonso Arinos, Euclides da Cunha, Raul Pompeia, João Ribeiro, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho, etc., etc.

A própria literatura nossa regional exprime-se numa língua que, apesar de tudo, não deixa de ser a portuguesa; e o falar dialetal da nossa gente inculta é, na essência, língua portuguesa.

Alguns dos grandes escritores brasileiros, como Rui Barbosa, João Ribeiro e Raimundo Correia, que, no princípio da sua carreira literária, embora escrevessem em português, se afastavam um pouco do bom tipo linguístico, esforçaram-se depois por acompanhá-lo de mais perto, e conseguiram tornar-se modelos da mais formosa vernaculidade.

É a língua portuguesa aquela em que nós, brasileiros, pensamos; em que monologamos; em que conversamos; que usamos no lar, na rua, na escola, no teatro, na imprensa, na tribuna; com que nos interpela, na praça pública, o transeunte desconhecido que nos pede uma informação; é, por assim dizer, a nossa língua de todos os momentos e de todos os lugares.

Considerações Linguísticas

É inteiramente falso dizer-se que, assim como do latim vulgar transplantado para o Ocidente da Península Ibérica resultou o idioma português, assim do português trazido para o Brasil resultou a língua brasileira.

Proceder desse modo é comparar fatos diversos, e a conclusão a que se chega percorrendo semelhante caminho, será, forçosamente, errada.

O latim vulgar levado para o Ocidente da Península Ibérica e adotado por língua própria pelas populações que lá habitavam —, de civilização inferior à dos romanos —, esteve longo tempo sem escrever-se; e, depois da queda do Império Romano do Ocidente, ficou entregue à ação das forças naturais de evolução e diferenciação; quando, mais tarde, foi adotado como língua escrita, estava muitíssimo diversificado do padrão latino da língua clássica,

conservado nas obras dos grandes escritores romanos e imitado pelos escritores do baixo latim.

Comparado esse latim vulgar evolvido com o antigo latim dos documentos, literários ou não, ele apresenta diferenças de estrutura fonética, de morfologia e de sintaxe, que constituem características suficientes para torná-lo uma nova língua, independente do latim, embora dele derivada.

Com o português transplantado para o Brasil outros, bem outros são os fatos. Nunca ficou em abandono igual ao do latim vulgar na Península Ibérica; ao contrário, esteve sempre em contato com o da Metrópole, onde a literatura atingiu alto cume no século XVI e continuou no seu desenvolvimento florescente até os nossos dias. Frei Vicente do Salvador, nascido no Brasil, escrevia em português a sua *História do Brasil*; o Padre Antônio Vieira pregava no Brasil muitos dos seus *Sermões*; Morais, nascido no Brasil, compunha o seu *Dicionário da Língua Portuguesa*; brasileiros iam a Portugal e formavam-se na Universidade de Coimbra; D. João VI, com a sua corte, veio para o Rio de Janeiro e aqui permaneceu por mais de uma década. Os nossos grandes poetas épicos Santa Rita Durão e Basílio da Gama; outros ilustres poetas nossos, como Cláudio Manuel, Alvarenga Peixoto, etc., escreviam em excelente língua portuguesa, com os olhos sempre voltados para os monumentos literários de Portugal.

Os estudos linguísticos, sérios e imparciais, aplicados ao Brasil, fazem-nos concluir que a nossa língua nacional é a língua portuguesa, com pronúncia nossa, algumas leves divergências sintáticas em relação ao idioma atual de além-mar, e o vocabulário enriquecido por elementos indígenas e africanos e pelas criações e adoções realizadas em nosso meio.

Ainda mais: esses estudos, à proporção que se ampliam e se aprofundam, reduzem a lista dos brasileirismos, mostrando que alguns deles existem em dialetos portugueses (parecendo que de Portugal nos vieram) e que, se outros podem ser admitidos como inovações nossas, podem também considerar-se relíquias brasileiras de arcaísmos portugueses.

As palavras brasileiras são iguais às portuguesas na sua composição fonética, apenas diferindo na pronúncia; os nomes de números são os mesmos em Portugal e no Brasil; as conjugações são as mesmas, num e noutro país; as mesmas são também as palavras gramaticais: os pronomes (pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos, indefinidos), os artigos, os advérbios (de tempo, modo, quantidade, lugar, afirmação, negação), as preposições e as conjunções. Em geral é o mesmo o gênero gramatical, cá e

lá; são as mesmas as regras de formação do plural, o mesmo o sistema de graus de substantivos e adjetivos; os mesmos os preceitos de concordância nominal e verbal; quase na totalidade dos casos é a mesma a regência dos complementos dos nomes e dos verbos; o mesmo o emprego de modos e tempos, e a mesma a estrutura geral do período quanto à sucessão das orações e à ligação de umas com outras.

Lemos e compreendemos tão bem uma página de Eça de Queirós, quanto uma de Machado de Assis; e, quando, em escritos de autor brasileiro ou português, desconhecemos o significado de qualquer palavra, recorremos, salvo tratando-se de algum termo muito restritamente regionalista, a um dicionário da *Língua Portuguesa*; nunca o brasileiro, para ler, compreendendo, um jornal ou livro português, precisou de aprender previamente a língua de Portugal como se aprende uma língua estrangeira; não há dicionário *português-brasileiro*, nem *brasileiro-português*, como há, por exemplo, dicionário português-espanhol e espanhol-português; a gramática da língua nacional do Brasil é a mesma gramática portuguesa.

Afirmações idênticas a essas que acabamos de fazer, não teriam lugar se comparássemos o português com o espanhol, não obstante serem línguas românicas parecidíssimas uma com a outra: é que espanhol e português são línguas diversas, ao passo que é *a mesma língua* a que se fala e escreve no Brasil e a que se fala e escreve em Portugal.

Quando os linguistas tratam da geografia das línguas românicas, incluem a língua do Brasil no domínio do português; e nas estatísticas relativas ao número de pessoas que falam as grandes línguas do globo, o povo brasileiro figura entre os de língua portuguesa.

Conclusão

À vista do que fica exposto, a Comissão reconhece e proclama esta verdade: o idioma nacional do Brasil é a *Língua Portuguesa*.

E, em consequência, opina que a denominação do idioma nacional do Brasil continue a ser: *Língua Portuguesa*.

Essa denominação, além de corresponder à verdade dos fatos, tem a vantagem de lembrar, em duas palavras — *Língua Portuguesa* —, a história da nossa origem e a base fundamental de nossa formação de povo civilizado.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1946

SOUSA DA SILVEIRA, relator

Gustavo Capanema
Gilberto Freyre
Levi Carneiro
Pedro Calmon
Cláudio de Sousa
Azevedo Amaral
Augusto Magno
Júlia Nogueira
Hebert Moses

A língua dos modernistas: Revolução ou Tradição?

Passados setenta anos da onda modernista que assolou as letras brasileiras durante a Semana de Arte Moderna, em 1922, e depois dela, vale a pena refletir um pouco sobre tal movimento e insistir em alguns pontos de linguagem que certos ufanistas apressados apontam como fatos vitoriosos na língua literária contemporânea do Brasil e, por isso mesmo, justificativos, dizem, de uma revisão nas normas erigidas na gramática tradicional.

Para orientar-nos nesta seara já contamos com algumas pesquisas sérias realizadas num grande *corpus* de autores modernos brasileiros, dentre os quais se impõem os trabalhos de Luís Carlos Lessa e Raimundo Barbadinho Neto[6]. Curiosamente estes dois autores, independentemente, partiram da ideia de escrever uma gramática da feição brasileira da língua e, ao levantarem os problemas, chegaram à conclusão, implícita em Lessa e explícita em Barbadinho, de que, no fim de contas, como bem escreveu a nossa Raquel de Queirós em comentário a livro deste último estudioso: "O fato constatado, provado por Barbadinho em milhares de exemplos, é que nós somos muito mais comportados do que se assoalha por aí, estamos naquele meio onde se situa a virtude. Nem tanta obediência que nos tolha a espontaneidade, nem tanta derrubada que nos deixe a tropeçar atrapalhados nos cacos da língua velha."

---

[6] Nota: Consulte-se com muito proveito o artigo do mestre Sílvio Elia: "A Contribuição Linguística do Modernismo", nos *Ensaios de Filologia e Linguística*.

Com outras palavras, numa época em que alguns modernistas não tinham nascido, enquanto outros mal saíam das fraldas, mestre João Ribeiro, com toda a sua inclinação da modernidade, comentava o depois dessa rebeldia inicial própria dos jovens:

"Mas vencida essa crise de crescimento, se não se quer ser infante toda a vida, não há outro endereço mais que o do amor e respeito aos modelos eternos da linguagem.

O mais moderno e o mais livre de todos os escritores portugueses, Eça de Queirós, consagrou os últimos restos da vida a limar e a castigar o seu formoso e suave estilo, restituindo-o, quanto pôde, à nobreza antiga da língua. É que o espírito, na morte, se reintegra e continua eterno na sua própria espécie, e só o corpo se contenta com volver e perder-se em outras fermentações e outras tantas modas e mutações da vida universal" (*Páginas de Estética*, 1905, pág. 121).

Está claro que havia por parte de modernistas uma intenção antiacadêmica, refletida em declarações contundentes de escritores como Mário de Andrade, que creditava ao movimento o mérito de promover "uma reacomodação da linguagem escrita à falada (já agora com todas as probabilidades de permanência) muito mais eficaz que a dos românticos" ("Modernismo", in *O Empalhador de Passarinho*, p. 189).

Do ponto de vista linguístico, que é o que agora mais de perto nos interessa, cabe fazer um retrospecto daqueles fatos que se têm considerado geralmente como divisor de águas entre a tradição e a revolução, a tradição e a modernidade, para distinguirmos, se os houver, aqueles que vieram para ficar na moderna literatura brasileira.

Abro aqui um parêntese para repisar um fato de muitos conhecido: todo movimento inovador, qualquer que seja a natureza, tem sempre seu lado iconoclasta, isto é, pretende derrubar conceitos e preconceitos arraigados por uma tradição, substituindo-os por novos parâmetros, que o tempo se encarregará de minimizar ou apodrecer. Felizmente, o radicalismo no domínio das letras parece ser menos ortodoxo que o que se dá no domínio dos ideais políticos. Estou a lembrar-me do que nos afirma ninguém mais autorizado a essa crítica do que Stalin. Respondendo a questão formulada por companheiros de partido sobre a necessidade de se alterar a língua russa para que pudesse, depois da revolução de 1917, servir de expressão a uma nova ideologia política, declarou que tal medida não se impunha por errônea e contrária aos preceitos filosóficos do movimento, e que, por isso, a língua

do comunismo deveria continuar sendo a mesma que utilizara Puchkin, morto em 1837, na sua obra literária, tanto na prosa quanto na poesia.

Antes de entrar nos fatos de língua propriamente ditos, vale recordar que a "reacomodação da linguagem escrita à falada", citada por Mário de Andrade no trecho acima, não foi apanágio dos modernistas, uma vez que, pelo menos na prosa, essa aproximação já estava praticada por escritores da marca de um Joaquim Manuel Macedo, um Aluísio de Azevedo, um Manuel Antônio de Almeida, um Lima Barreto, para não falar em Machado de Assis, de quem Sousa da Silveira disse "grande escritor, que soube ser ao mesmo tempo clássico, moderno e brasileiro".

Adotarei aqui, por mais apropriado ao interesse destas observações, a orientação que seguiu o Prof. Raimundo Barbadinho nos seus trabalhos sobre a norma literária do modernismo brasileiro, isto é, fixar-me-ei naqueles fatos linguísticos que são geralmente arrolados como um divisor de águas que demarca a tradição e a inovação. Do levantamento que se vai fazer a seguir, patenteia-se a verdade desta afirmação tantas vezes repetida pelo Prof. Barbadinho em referência à norma literária dos nossos modernistas: "mais rebeldia nos gestos que nas obras".

O primeiro assunto que é trazido à baila nas discussões para mostrar o atraso das normas registradas nas gramáticas escritas no Brasil em relação aos usos dos modernistas é, sem sombra de dúvida, o da colocação do pronome átono a começar período, do tipo: *Me diga, Te empresto, Se fala*, etc. Ora, a exaustiva pesquisa nos modernistas levada a efeito pelo Prof. Barbadinho revela-nos o contrário da afirmação generalizada, segundo a qual esta prática virou regra na língua literária desses escritores. Assim é que no livro de Oswald de Andrade *Memórias Sentimentais de João Miramar* que, segundo o autor, estava fadado a ser "o primeiro cadinho da nossa nova prosa", só aparece um único exemplo, contra dezesseis de acordo com a tradição. E vale a pena ressaltar que mesmo esse único não é da responsabilidade do autor, e sim do personagem.

A mesma ausência de pronome átono a iniciar período ocorre em *Chuva de Pedra*, "o primeiro livro modernista" de Menotti del Picchia e em *Epigramas Irônicos e Sentimentais,* de Ronald de Carvalho.

O caso de Manuel Bandeira é bem interessante: em *Libertinagem*, dos onze exemplos registrados, há seis casos do pronome átono colocado no início do período, contra cinco em obediência à tradição. Mas nas três obras

posteriores (*Estrela da Manhã, Lira dos Cinquent'Anos* e *Belo Belo*) este uso inicial do pronome é tão pequeno, que salta aos olhos.

Isolado de seus companheiros é o exemplo de Mário de Andrade, que usou e abusou da posição inicial do pronome átono. No seu afã de sistematização, pretendeu estender essa possibilidade que realmente ocorre com *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos* a *o* e *a*. Manuel Bandeira, em cartas e artigos, censurou esse critério do amigo, critério que "em matéria de linguagem tem sido sempre o responsável por tantas regrinhas cerebrinas que, afinal, acabaram criando este abusivo regime gramatical contra o qual reagiremos" ("Mário de Andrade e a questão da língua", *in Poesia e Prosa*, II, pág. 1214). Continua no mesmo artigo M. Bandeira:

"Considero perfeitamente legítimo o emprego da variação *me* no princípio de qualquer período (...) Considero, porém, erro iniciar o período pelas formas oblíquas *o*, *a*, *os*, *as*, ou *se*" com o futuro e o condicional, por não se basearem estes casos em fatos da língua falada, popular ou culta: o povo não diz *O vi*, diz (e muita gente boa também) *Vi ele*, forma que Mário só admitiu quando o pronome é sujeito de um infinitivo seguinte (*Vi ele fazer*): ninguém, nem povo nem pessoa culta, diz *Se diria*. Discuti muito esses dois pontos com o meu amigo, sem que nenhum de nós lograsse convencer o outro" (Ibid., 1213).

Por maior que seja o prestígio de Mário de Andrade e a influência que pudesse exercer nos escritores que o cercavam e nos jovens que, direta ou indiretamente, iriam com ele no futuro acertar o passo, não se pode confundir a língua do combatente mestre paulista com a língua literária do modernismo brasileiro.

Ainda no terreno dos pronomes pessoais, outro uso que também tem sido apontado como divisor de águas é o referido na transcrição de Manuel Bandeira, isto é, o emprego de *ele* em lugar do tradicional *o* como complemento dos verbos transitivos diretos: *Vi ele* por *Vi-o*.

Quem estuda historicamente a nossa língua, sabe que este emprego era conhecido, em épocas passadas, da norma literária. Aliás, um repasse nas ocorrências registradas nas línguas românicas, sem exceção, oferece-nos um quadro que patenteia que os empregos das formas retas e oblíquas dos pronomes, bem como, nestas últimas, das formas átonas e tônicas, não se davam nem se dão com a regularidade e a precisão com que hoje muitos estudiosos gostariam de que ocorressem. A posição de tonicidade e atonicidade dos pronomes, e ainda a relativa distância que estes podem manter

do verbo da oração, permitem trocas de formas corretas e correntes em todos os períodos da língua, com correspondência em outros idiomas da família.

É o caso do emprego obrigatório da forma de sujeito do pronome quando, coordenado a um substantivo, funcionam ambos como complemento verbal: "Tendo como base o homem, e, mais ainda, eu como espelho, como posso confiar num sistema diretivo para a comunhão dos povos?" (Adalgisa Nery *apud* Barbadinho, *Sobre a Norma Literária do Modernismo*, reimpressão, 18).

O exemplo da nossa escritora é similar a este da novela da italiana Gemma Ferruggia: *Il fascino* (1897) "(...) ci aveva molto turbate, Flaminia ed *io*" (p. 176) ou a este das *Novelas* (p. 61) da espanhola que se escondia debaixo do pseudônimo de Fernán Caballero: "(...) por lo que toca al tío A. *y yo*", ambos citados na preciosa *Sintaxe das Línguas Românicas*, de Meyer-Lübke.

É ainda o caso do emprego de pronome reto em função de complemento verbal quando reforçado por *todo*, *mesmo*, *próprio* ou numeral: *Vi todos eles*, ao lado de *Vi-os todos*: "dei um pulo desesperado / e o leão comeu *nós* dois (Carlos Drummond de Andrade *apud* Barbadinho, *Sobre a Norma*, 18).

Mas convido o paciente leitor a retornar ao início do comentário relativo ao emprego de *ele* como objeto direto, entre os modernistas. As pesquisas de Barbadinho e Lessa mostram que, apesar de corrente, está longe de ser absoluto esse uso e até se dá o fato seguinte: à medida que se sucederam as obras de modernistas e se sucedem as dos contemporâneos, esse uso vai diminuindo a olhos vistos. Nos dias de hoje, vê-se isso claramente nas produções, por exemplo, de um Rubem Fonseca, cujo amadurecimento na arte narrativa vem marcado também por um apuro das construções dentro da boa tradição gramatical.

Curioso é que a reportagem televisiva, felizmente não generalizada, no afã de seguir a todo custo a onda novidadeira que assola os jovens países cuja infância não teve ainda tempo de consolidar um padrão de cultura, emprega às vezes um *ele* por *o* em situações que não reproduzem o falar espontâneo brasileiro e, por isso mesmo, chocam os ouvidos e a sensibilidade do falante nativo.

No uso de *ele* por *o*, cabe, por fim, registrar que, como bem assinalou atrás Manuel Bandeira, Mário de Andrade só acabou admitindo a prática

"quando o pronome é sujeito de um infinitivo seguinte" ("Vi ele fazer"). (Ibid., 1213).

Sabemos todos o quanto Manuel Bandeira e Mário de Andrade discutiram questões de linguagem a serem adotadas no texto literário. A correspondência mantida entre eles, hoje só conhecida praticamente a parte ativa do escritor paulista, é um rico manancial de observações úteis a quantos se interessam por língua portuguesa.

Consoante o testemunho de Bandeira, lembrado aqui, Mário só acabou admitindo o uso de *ele* por *o*, ou, generalizando, o emprego do pronome de forma subjetiva pelo de forma objetiva (por isso, também, *eu* por *me*, em expressões do tipo *deixe eu entrar* por *deixe-me entrar*), quando o pronome é sujeito de um infinitivo.

Tal prática é outra construção que, segundo alguns, se consagrou entre modernistas e que, portanto, deve ser incluída no rol das novidades a que se deve curvar a gramática que registra a norma padrão. Todavia não é esta a conclusão a que chegaram as pesquisas dos estudiosos que se debruçaram nos textos dos modernistas. Raimundo Barbadinho ensina que das formas *deixe eu ver* e *deixe-me ver* os nossos modernistas "sem sombra de dúvida, se decidiram em benefício da última das duas" (*Sobre a Norma Literária do Modernismo*, p. 15).

E, em relação ao escritor paulista citado, acrescenta:

"Mário, quando sem preocupação de ostentar acintosamente os *brasileirismos violentos,* não constitui exceção." (Ibid., p. 16).

O emprego do pronome oblíquo tônico como sujeito de verbo no infinitivo (*O livro é para mim ler* por *para eu ler*) é plebeísmo assinalado há tempos nos compêndios gramaticais de língua portuguesa. O nosso extraordinário lexicógrafo Morais, nascido no Rio de Janeiro, em sua *Gramática*, escrita em 1802, já assinalava que o correto era, nestas construções, o emprego de *eu* e *tu* em vez de *mim* e *ti*, respectivamente.

Esta construção *para mim fazer*, que estava, entre brasileiros, restrita a classes culturalmente menos favorecidas, hoje se vai alastrando entre crianças pertencentes a famílias mais escolarizadas, talvez por estarem em convivência mais demorada com pessoas de nenhuma ou pouca escolaridade.

Cumpre alertar para que não se confunda esta construção vitanda com outra, aparentemente similar, em que o pronome pessoal está regido de preposição e, por isso, deve assumir a forma oblíqua tônica (*mim*, e não *eu*). Tome-se esta frase: *Para mim ler esses relatórios é muito cansativo*.

Vê-se que o *mim* não funciona como sujeito do infinitivo *ler*; este *para mim* pode ser lido com pausa, separado de *ler*, e esta pausa pode ser assinalada por vírgula: *Para mim*, *ler esses relatórios é muito cansativo.*

A independência sintática em relação a *ler*, além da pausa, pode ser indicada pelo deslocamento do sintagma *para mim*, afastando-se do infinitivo: *Ler esses relatórios para mim é muito cansativo* / *Ler esses relatórios é muito cansativo para mim*.

O Prof. Barbadinho lembra este exemplo de Raquel de Queirós, que está nas mesmas condições de nosso exemplo, onde não fere a gramática o emprego de *para mim*:

"No momento era impossível *para mim* viajar porque não havia mais navio e em avião não se conseguia lugar" (*Dora, Doralina*, p. 192), acerca do qual ensina corretamente o autor de *Sobre a Norma Literária do Modernismo*:

"(...) observe-se que o sujeito deste infinitivo é *viajar*, e que *para mim* se integra na oração é *impossível para mim*" (p. 21).

Mas o que nos interessa aqui é saber do grau de aceitação desta prática na língua literária contemporânea. E aí a pesquisa revela-nos que se trata de uso extremamente reduzido, frequência que fica ainda mais diminuída quando se patenteia que, em muitas ocasiões, a construção não ocorre no discurso do autor, mas de seus personagens.

É, portanto, mais um uso moderno que não ganhou foros de cidade para ser agasalhado pela gramática normativa.

Os que insistem na renovação das normas da língua escrita contemporânea apontam como um dos mais fortes alicerces do divisor de águas que separa a tradição da inovação, o emprego de *lhe* por *o* junto a verbos transitivos diretos, como ocorre nas construções "Eu *lhe* vejo", "Nós *lhe* estimamos", "José *lhe* convidou para a festa" e similares.

É costume dizer-se que em tais frases se faz uso do pronome *lhe* "como objeto direto". Na realidade, o assunto está a exigir maior reflexão.

Casos como os acima lembrados não podem, a rigor, confundir-se com construções verbais que, através do tempo, experimentaram mudança na natureza do complemento verbal objetivo. É fato corriqueiro, e as sintaxes históricas o assinalam, que muitos verbos mudaram a natureza do complemento objetivo, isto é, verbos que se construíam com objeto direto passaram a fazê-lo com objeto indireto, e vice-versa, sem nenhuma alteração semântica.

Por exemplo, no português antigo era mais frequente o emprego dos verbos *perguntar* e *rogar* acompanhados do pronome *o* para referir- se à

pessoa a quem se fazia uma pergunta ou se rogava, e sem preposição o complemento que enunciava aquilo que se desejava saber ou solicitar. Said Ali (*Gramática Histórica*) lembra os seguintes exemplos extraídos da *Demanda do Santo Graal* (séc. XIV), dentre outros: Perguntaram-*na* que demandava (p. 1 da ed. de Reinhardtstoener); Pergunto-o se era chegado (p. 35); Pergunto-*o* que hom era (p. 37). Rogarom-*no* por deos que lhe disesse daquele sonho (p. 109).

Se nos restringirmos a Camões, podemos ver um mesmo verbo com complemento objetivo direto ou indireto, sem que se lhe altere a significação. Os verbos *perdoar* e *socorrer* estão neste caso; apenas em *Os Lusíadas* vale lembrar que a preferência recai no objeto indireto com *perdoar* e direto com *socorrer*:

Queria perdoar-*lhe* o Rei benigno (III, 130)
(Que desta sorte o quis) *lhe* não perdoam (III, 130)
Levemente *o* perdoa, e foi servido (X, 49)
Que a socorrê-*la* vinha diligente (III, 65)
Vai socorrer o filho, e assi ajuntados (III, 81)
Foi o soberbo Afonso a socorrê-*la* (III, 99)
Este que socorrer *lhe* não queria (VI, 48)

No português moderno, prevaleceu, para *perdoar*, o objeto indireto *lhe* para pessoa e objeto direto da coisa perdoada: Eu *lhe* perdoei a insolência. Perdoei-*lha*.

Não havendo duplo complemento verbal, a pessoa perdoada pode continuar a ser expressa na forma de objeto indireto (*lhe*), ou então de objeto direto (*o*): O ofendido *lhe* perdoou / O ofendido *o* perdoou.

Já o verbo *socorrer* fixou modernamente o seu complemento na forma de objeto direto: As autoridades *as* socorreram.

O fenômeno da mudança de complemento ou da prática indiferente de *o* ou *lhe* com o mesmo verbo numa só época e num só escritor não se dá apenas no português; no mundo românico ou fora dele, repete-se a possibilidade.

Todavia, no caso de "Eu *lhe* vejo", "Nós *lhe* estimamos", "José *lhe* convidou para a festa", não houve mudança na natureza do complemento, e a prova disto se patenteia com a permuta do complemento pronominal por forma nominal, isto é, por um substantivo: "Eu vejo *o vizinho*", "Nós

estimamos *o vizinho*", "José convidou *o vizinho* para a festa", todos os complementos constituídos por sintagmas não preposicionados.

Não estamos, pois, diante de mudança de regime verbal, mas de uma nova oposição entre *o* e *lhe*, não mais assentada na oposição complemento objetivo direto x complemento objetivo indireto. Trata-se, aqui, de uma novidade na distribuição de *lhe,* aplicado agora à *pessoa com quem se fala*; nos registros popular e informal, esse *o* (*a*) é desbancado por *ele* (*ela*).

Falando com o ouvinte, diz-se nesses registros:

Então, ontem *lhe* vi na praia.
Pedro, José *lhe* convidou para o baile?
Mas em referência à pessoa de quem se fala, não se emprega *lhe*:
" Pedro, você tem visto o José?
" Não; há muito não *lhe* vejo.

Esse *lhe*, na qualidade de pronome interlocutório, em oposição a o (ou ele), não assume um compromisso imediato com a transitividade verbal, e, por isso mesmo, aparece tanto junto a transitivos indiretos (*eu lhe escrevo, eu lhe falo*) quanto a diretos (*eu lhe vejo, eu lhe abraço, eu lhe convido*).

Em que circunstâncias, quando e onde nasce esta novidade na sintaxe do português são questões que estão a exigir análise mais minuciosa. Além da possível influência de construções verbais com alternância de *o/lhe*, conhecidas de todos os períodos da língua, aponta-se, como lembra Antenor Nascentes (*O Linguajar Carioca*, 2ª ed., p. 128), a analogia com os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos*, já que todos podem funcionar na frase como objeto direto ou indireto. O mesmo mestre acrescenta que:

"Desaparecidos *o, a, os, as*, ficou a forma *lhe* dona do campo, sem se precisar apelar para a conservação da dupla sintaxe."

Todavia, faltam estudos sobre esse "desaparecimento" de *o, a, os, as*; por outro lado, é assaz complexo falar-se em "desaparecimento" dessas formas, quando elas apresentam, vivas e fortes, as parcerias *ele*(*s*), *ela*(*s*), na função de objeto direto.

No tocante à expansão territorial desse *lhe*, já a *Gramática,* de Antônio Morais Silva declarara:

"Eu *lhe* amo, *lhe* adoro, são erros das Colônias", domínio geográfico que também precisa ser fixado com maior precisão.

A verdade, porém, é que no Brasil é praxe difundidíssima entre pessoas de pouca e média cultura e corre avassaladora na fala espontânea de toda a sociedade.

Está claro que tal uso não passaria despercebido aos modernistas, que utilizariam a sintaxe, mas com uma parcimônia digna de relevo. As pesquisas do Prof. Barbadinho documentam esta parcimônia, "válida ainda com respeito àqueles escritores que se mantiveram insuperáveis em sua fidelidade à linguagem popular, preservada na tradição oral, em toda a sua pureza" (*Sobre a Norma*, p. 19).

Este mesmo pesquisador chega a criticar a afirmação de Cavalcanti Proença que, estudando a língua e o estilo de José Lins do Rego, afirmara: só excepcionalmente o e variações aparecem; o *lhe* é regra em *O Moleque Ricardo*.

Reexaminando o mesmo romance, Barbadinho chega à conclusão contrária, pois dos noventa pronomes complementos, vinte só atestam o emprego de *lhe* nesta construção, contra setenta em consonância com o uso padrão.

Pelo exposto e se no estabelecimento das normas de uma gramática deve o autor estar atento ao testemunho do *corpus* pesquisado, pode-se afirmar que nada há que alterar no tocante ao que está estabelecido, na língua escrita padrão contemporânea, para o emprego de *o, a, os, as* como objeto direto e de *lhe* como objeto indireto entre os complementos do verbo.

Um fato linguístico de que os reformadores da tradição espelhada nas gramáticas normativas fazem estrondosa propaganda é o uso da preposição *em* por *a* depois dos verbos do movimento.

Na realidade é este um terreno assaz delicado de nossa sintaxe ou, para falar com mais propriedade, da sintaxe românica, pois que, ao lado de normas que se foram fixando através do tempo com validade para a língua literária, não se devem perder de vista certas derivas de data latina que refletiam entrelaçamentos, principalmente, das noções de repouso e ponto de partida. Acresça-se a isto a possibilidade de certos empregos estilísticos de que se servem os escritores na hora em que o sistema, dando ensejo a esses entrelaçamentos nocionais, lhes permite variar a expressão e estabelecer sutis matizes semânticos.

Acerca desses entrelaçamentos é de uma extraordinária riqueza de dados, numa exposição cristalina, o parágrafo 433 (da versão francesa) da *Sintaxe das Línguas Românicas,* do suíço-alemão Meyer-Lübke. Os dois maiores

sintaticistas da língua portuguesa não desdenharam, em suas descrições, a ação desses entrelaçamentos de noções contíguas. Epifânio Dias, na preciosa *Sintaxe Histórica Portuguesa* §183, b), referindo-se à possibilidade de a preposição *em* poder indicar o termo do movimento (no sentido próprio e no translato) depois de "verbos e locuções (*entrar*), os verbos que exprimem a ideia de *deixar entrar* ou *fazer entrar*, v. g. *admitir, receber, deitar* (por exemplo: *vinho* em um *copo*), *lançar*, *meter*; a loc. *dar com algo*, v. g. *em terra* (...) *saltar em terra*", e rejeitando, nestes casos, a simples explicação por meio da continuidade ininterrupta da preposição latina *in* com acusativo ensina:

"Designa-se (o termo movimento) não como tal, mas como lugar onde, sendo que se considera prolepticamente, não o movimento, a que se referem aqueles verbos e locuções, mas o estado que se segue àquele movimento."

Esta lição de Epifânio corre paralela à de Meyer-Lübke, num passado parágrafo referido acima:

"Tout ce qu'on pourrait dire, c'est que, chez les Romains, quand il s'agissait d' indiquer le lieu vers lequel tendait un mouvement, l'arrivée et le repos qui la suivait dans ce lieu se seraient représentés à leur esprit avec plus de vivacité que le mouvement exprimé par le verbe luimême".

Também Said Ali relaciona certos usos da preposição *em* com a noção de movimento e chega a declarar:

"Menos conspícuo é o emprego de *em* com acepção diretiva; mas é justamente esta tão importante que sem o seu conhecimento não saberíamos explicar a presença de *em* em bom número de locuções (*Gramática Histórica*, 2ª ed., I, p. 244).

Depois desta pequena digressão onde se põem de relevo fatores históricos e estilísticos, percebe-se melhor a visão redutora que atribui a *em* com verbos de movimento uma "característica" do português do Brasil, especialmente um uso dos nossos modernistas.

A meu ver, no momento em que surgiram os entrelaçamentos de noções que circunscrevem a área dos verbos de movimento, faltou a Portugal, como judiciosamente comenta Said Ali, "em tempo oportuno, academia ou estudioso dado ao exame da questão deste gênero, que arbitrasse normas seguras para futuros escritores" (*Investigações Filológicas*, p. 79).

Por outro lado, sabemos que na elaboração da língua literária portuguesa, e não é fenômeno isolado, exerceu papel fundamental na hora da escolha o peso da autoridade do latim clássico, o que naturalmente fez prevalecer o

emprego de *a* sobre suas rivais mais próximas para as noções aqui estudadas: *em* e *para*. Mas os escritores portugueses da fase dessa elaboração da língua literária, especialmente os prosadores (séculos XVI e XVII), não chegaram a construir um corpo homogêneo que se impusesse idiomaticamente à geração subsequente. Só no século XVIII e no XIX se começou a elaborar, colhendo daqui e dacolá, nem sempre com felicidade e exatidão, a pauta normativa que, acrescida pelo trabalho de investigadores cientificamente mais bem aparelhados, se incorporou aos compêndios dos nossos dias, sem que ainda tenha chegado à exaustão a que tanto aspiram os escritores hodiernos.

É o caso do emprego da preposição *em* com verbos de movimento, dentro da sistematização que a tudo aplicava Mário de Andrade, de que nos fala Manuel Bandeira. Lendo o escritor paulista, de vez em quando topamos com determinados usos da preposição *em* que prejudicam a inteligência perfeita do texto ou cria nele uma ambiguidade. Só se explica pelo seu constante "forçar a nota para focalizar o problema" com a construção do tipo, lembrada por Bandeira:

Manhãzinha.
A italiana vem na praia do ribeiro.
"Interpreto " diz este abalizado crítico " que o que se quis dizer no poema é que a italiana veio à praia do Ribeirão para lavar a roupa. Podemos dizer *na praia* ou *à praia*, mas imagino que se Mário não andasse preocupado com a sistematização, teria escrito naturalmente *à praia*, construção que imediatamente excluía a possível interpretação de que a italiana vinha pela praia, ao longo da praia" (*Poesia e Prosa*, II, p. 1215).

Apesar da frequência de alguns usos de *em* onde a norma literária insistiria no emprego de *a* (*ir na cidade, chegar na cidade*), a verdade é que não se pode afirmar que estas mesmas predileções têm valor geral. Em Mário de Andrade há a presença, aqui e ali, de construções do tipo *chegar à cidade*, embora seja mais rara *ir à cidade*. Lembra Barbadinho (Ibid., 62) que em *Losango Cáqui* e em *Clã do Jabuti* não se encontra nenhum exemplo de *a*, nestas circunstâncias; mas já em *Remate de Males* e *Lira Paulistana* "as duas sintaxes se equilibram". Em *O Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, dos noventa e sete casos existentes, cinquenta e três testemunham a presença de *a* contra quarenta e quatro de *em*. Em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade, só se registram ocorrências com *a*,

enquanto em *Mar Morto*, de Jorge Amado, se encontram trinta e seis usos de *a* e doze exemplos de *em*.

Tudo isto sem levar em conta construções fixas de lugar translato do tipo *chegar à conclusão, chegar ao fim, chegado à bebida, ir ao que importa, ir ao jogo, ir à vida, ir à luta* e tantíssimas outras.

O último bastião, *last, not least*, contra o qual irromperam os defensores da "modernização" da gramática normativa com validade para a língua escrita culta, é o emprego do verbo *ter* pelo *haver*, com significado existencial. É este outro caso de sintaxe do português que merece ser estudado no âmbito românico, já que o embate entre *ter* e *haver* pela sobrevivência é um episódio de que o português não tem exclusividade, estando o fio condutor já no latim.

O Prof. Sousa da Silveira ("Ter usado impessoalmente", na *Miscelânea Said Ali*), em artigo de 1938, procurou mostrar alguns fatos linguísticos que apontavam para a expansão de *ter* sobre *haver*. Realmente cedo *ter* começou a desbancar *haver* em muitos papéis: a) em expressões do tipo *esta terra há nome* para esta *terra tem nome* (hoje *esta terra nomeia-se*, *chama-se*, "é conhecida pelo nome" *de*, etc.); b) na constituição de tempos compostos do tipo de *hei feito* (*tenho feito*).

Por outro lado, dispunha a língua de certas expressões paralelas em que ter aproximava de *haver* e *existir*, à semelhança de *há animais na floresta e a floresta tem animais* ou de *não há dúvida, não existe dúvida, não tem dúvida*. *Nas Dificuldades da Língua Portuguesa* Said Ali incluiu excelente artigo sobre *haver* e *ter* onde muitos de seus empregos intercambiáveis são eruditamente estudados, e apontados alguns momentos da luta pela sobrevivência travada entre estes dois verbos.

Contava ainda a língua de outros tempos, fato que se colhe com frequência nas narrações de cronistas dos séculos XVI e XVII, com o emprego do verbo *ter* com sujeito próprio, mas do qual se afastava com tal distância que ou era deduzido pelo contexto, ou que o leitor moderno dele só com muita atenção dava conta. Alguns estudiosos chegam a não perceber esse fato e apontam exemplos do tipo como se fossem testemunhos do *ter*, já em função existencial. Citarei inicialmente, como exemplificação mais evidente, este passo de um missionário português que chegou ao Brasil em 1583, Fernão Cardim:

"Todo este gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficão nelas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como ficão no ar, e não *tem* outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno *tem* fogo debaixo"

(*Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Rio de Janeiro, J. Leite, 1925, p. 166).

No trecho seguinte a dedução do sujeito já se faz mais caprichosa:

"Os Ilhéus distam da Bahia 30 léguas: é capitania do senhorio, sc. de Francisco Giraldes: é vila intitulada de S. Jorge; terá 50 vizinhos com seu vigário; tem três engenhos de açúcar: é terra abastada de mantimentos, criações de vacas, porcos, galinhas e algodões: não *tem* aldeias de índios, estão muito apertados dos Guaimures, e com eles em contínua guerra; não se estendem pelo sertão a dentro mais de meia até uma légua, e pela costa, de cada parte, duas ou três léguas.

Os nossos têm aqui casa, aonde residem de ordinário seis; tem quatro cubículos de sobrado bem acomodados, igreja e oficinas; está situada em lugar alto sobre o mar: *tem* sua cerca aprazível, com coqueiros (...)"(p. 296).

Vitorioso o uso de *ter* existencial na língua falada espontânea, tentaram os modernistas transplantá-lo para a língua escrita culta, debaixo da responsabilidade da língua do narrador. Antes dos modernistas, tal emprego do verbo *ter* como traço idiomático de personagem não constituía a novidade entre nós, ao lado de outros fatos linguísticos que os escritores deixavam consignados em suas páginas. Assim é que Machado de Assis põe na boca de Prudêncio dois desses fatos: o *ele* como objeto direto e a preposição *em* com o verbo *ir*:

"É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei *ele* na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo *na* cidade, e ele deixou a quitanda para ir *na* venda beber" (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 191 da 4ª ed.).

Sob a responsabilidade do narrador ocorrem entre os modernistas numerosos exemplos de *ter* e *haver*. O fato é tão corriqueiro, que dispensa documentação; todavia, tem toda validade a seguinte afirmação de Barbadinho:

"Não se pode negar que esse emprego do verbo não tenha terminado vitorioso, mas daí a se dizer que tenha chegado a suplantar o velho uso canônico (que ainda hoje impera soberano, como passaremos a ver) soaria falso (Ibid., 38).

Passa o mesmo estudioso da língua dos nossos modernistas à documentação: em *Jubiabá*, de Jorge Amado, encontram-se oitenta e cinco ocorrências de *haver* contra trinta e uma de *ter*; Raquel de Queirós, em *O Brasileiro Perplexo*, emprega sessenta e oito vezes *haver* e vinte e quatro *ter*; Drummond, em *Alguma Poesia*, apresenta dezesseis exemplos de *haver*

para onze de *ter*, enquanto em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, Oswald de Andrade utiliza oito casos de *haver* e três de *ter*.

Só Mário de Andrade é que com muito mais frequência prefere *ter* a *haver*; mas curiosamente nas anotações à *Gramática Secundária*, de Said Ali, põe lado a lado os dois verbos com valor existencial.

Diante da afirmação, na *Gramática Secundária*, acerca de verbos impessoais (p. 121): "O verbo *haver* usado com o sentido de *existir* é impessoal", acrescenta Mário: "Os verbos *ter* e *haver* usados com sentido de *existir* são impessoais" (*A Gramatiquinha*, ed. Edith Pimentel Pinto, p. 166).

Em Mário de Andrade o verbo *ter* jamais desbancou totalmente o verbo *haver*. Num conto redigido em 1943, *Nelson*, inserido em *Contos Novos*, o autor joga com os dois verbos sem que possa estabelecer um critério seguro para explicar a presença de um ou do outro. Esta ambivalência chega a permitir a coexistência no seguinte trecho:

"Olhou em torno e não *tinha* ninguém. Certificou-se ainda si ninguém o perseguia, mas positivamente não *havia* pessoa alguma na rua morta, era já bem mais de uma hora da manhã" (p. 146-147, ed. Martins).

De tudo o que se viu até aqui conclui-se que vários aspectos da norma gramatical que o modernismo brasileiro, especialmente pelo peso carismático de Mário de Andrade, tentou remodelar e até desbancar, persistiram depois da onda iconoclasta, e que, por isso mesmo, as novas normas não alcançaram a vitalidade que lhes desse foros de cidadania. Nem as realidades da língua falada por si sós se entronizam na língua escrita, como supunha o notável escritor paulista, nem as línguas se inovam partindo necessariamente de erros que nela se cometem.

A técnica histórica do falar própria de uma comunidade linguística, que se reflete, na exposição da gramática normativa, paira acima das revoluções efêmeras das modas e modismos, por mais geniais que sejam os seus criadores.

A Língua Portuguesa e a sua contribuição

Já nos é por demais sabido que o contacto de grupos sociais favorece o aparecimento de contribuições mútuas em todas as atividades que tais grupos exercem, seja no intercâmbio de objetos materiais ou culturais. Páginas do maior interesse e curiosidade escreveram navegantes, viajantes e aventureiros portugueses ao narrarem novos costumes de povos com que entravam em contacto na expansão da Fé e do Império por todas as partes das terras conhecidas e, como diz Camões, o gênio lusitano "se mais mundo houvera lá chegara".

Entre informações desta natureza, vale registrar o comentário de Fernão Mendes Pinto sobre o fato de os chineses comerem com o auxílio de dois pauzinhos, enquanto, por sua parte, riam dos portugueses e dos demais europeus, que levavam a comida à boca com as mãos. Isto porque o garfo, na Europa, só foi introduzido nessa função, pela corte francesa, no século XVI, mesmo assim com alguma crítica, como nos ensina Said Ali, num informativo artigo intitulado "Refeições", saído na *Revista de Cultura*, do Cônego Fontes, em 1933, e mais tarde incluído no livro *Investigações Filológicas* (Grifo/MEC, 1975). Registre-se que o uso do garfo era proibido nos conventos, como prática pecaminosa.

As navegações e o comércio portugueses foram responsáveis pela divulgação, no mundo europeu, de muitas práticas correntes entre gentes estranhas de África e Ásia. Os historiadores e sociólogos, entre outros

investigadores, têm ressaltado o papel dessa atividade na introdução ou reintrodução na Europa, entre os séculos XV e XVII, de numerosas novidades, como o gosto pelo açúcar, pelo chá, pelo pudim de arroz, pela pimenta, pela canela, como pelo uso da sombrinha, do chapéu de sol, da porcelana e do azulejo árabe, da varanda à moda das Índias Orientais, das telhas convexas, das cornijas arredondadas, das casas de verão em forma de pagode, dos jardins e leques chineses, dos tapetes e perfumes orientais e até, do Oriente para o europeu do Norte, o hábito do banho diário. O leitor interessado nessas contribuições pode consultar o livro de Gilberto Freyre *Interpretação do Brasil* (tradução de Olívio Montenegro, José Olympio, 1947), de onde extraímos toda esta rica informação.

É muito natural que esses contactos de cultura e civilização constituem o grande corredor que facilita os empréstimos linguísticos, de que hoje tanto se preocupam políticos, intelectuais, professores e a imprensa em geral, entre nós. Como já dizia o notável linguista francês, cujas lições têm ainda a força da oportunidade, Michel Bréal, no final do século XIX:

"Uma nação que recebe com simpatia as ideias de fora não deve temer acolher os nomes com que estas mesmas ideias costumam ser designadas. O que se deve condenar é o abuso; e o abuso consiste em utilizar com nomes estrangeiros o que já possuímos. Também constitui abuso empregar as palavras estrangeiras em todas as ocasiões e diante de qualquer auditório". (*Essai de sémantique*, 1ª ed., 1897, pág. 290)

E mais adiante, numa advertência que tem sido desprezada nas discussões de hoje, que misturam diferentes naturezas de vocabulário:

"Não há, pois, solução uniforme para o problema das palavras estrangeiras; as Sociedades que se dedicam a depurar o idioma não podem pensar legitimamente senão na língua da conversação e da literatura. Desde que levem mais longe suas pretensões, aí já só fazem obra inútil e perturbadora". (Id., ibid., pág. 291)

Mas retornando ao ponto inicial do nosso tema, o propósito deste artigo é lembrar ou relembrar que o português não só agasalha termos de outras línguas; também nossa língua, por intermédio de seus falantes, tem levado para outros povos palavras vernáculas ou, então, ajudou a difundir, nas línguas europeias, palavras recebidas das regiões por onde passaram navegadores, viajantes ou aventureiros lusitanos.

Num capítulo de suas *Palestras Filolójicas* (com jota, como escrevia), Gonçalves Viana arrola uma série de palavras portuguesas entradas no japonês:

améndoa, *alféloa* (daí o nosso *felô*), *bálsamo*, *padre*, *bateira*, *veludo*, *abóbora*, *bolo*, *canário*, *capitão*, *capa*, *calção*, *charamela*, (vinho) *tinto*, *confeito*, *copo*, *compra*, *frasco*, *irmão* (frade), *jibão*, *marmelo*, *pão*, *cristão*, *lanceta*, *raxa*, *sabão*, *açafrão*, *senhor*. (2ª ed., Lisboa, 1931, págs. 192-193)

Claro está que tais palavras não aparecem em japonês com a roupagem fônica do português, o que logo explica aparentes enganos na ordenação da lista alfabética acima; por exemplo, *padre* é em japonês *báteren*, *veludo* é *birodo*, *abóbora* é *bóbura*, *tinto* é *chíntu*, *cristão* é *quirixtan*, l*anceta* é *ranseta*, *açafrão* é *safuran*.

Explicam-se tais diferenças porque não há em japonês os sons correspondentes aos grafemas portugueses *l* e *v*, representados, respectivamente, naquele idioma, por *r* brando e *b*. O grafema *f* somente aparece antes de *u*; a sílaba *ti* passa a *chi* (txi), e *tu* a *tsu*. Tudo isto conforme a lição de Gonçalves Viana, cujas obras importantíssimas tanto no domínio da fonética quanto no da lexicologia e ortografia estão hoje injustamente esquecidas.

Entre as contribuições que o competente filólogo português radicado no Brasil Conde Pinheiro Domingues — de nome completo Eduardo José Pinheiro Domingues —, falecido em 1947, está uma série de eruditos artigos sob o título "O português em outras línguas", publicados na *Revista Filológica* (ano II, n° 3, fev. de 1941), do Rio de Janeiro.

Nos referidos artigos, Pinheiro Domingues não apenas relaciona termos de origem portuguesa, mas também palavras de outras procedências, especialmente orientais, que os navegadores, viajantes e comerciantes lusitanos se encarregaram de transmitir às línguas da Europa, durante o período da expansão de Portugal por aquelas terras.

Começa por tratar da palavra *lânchara*, denominação de um tipo de embarcação asiática, que já vem dicionarizada desde Bluteau, no séc. XVIII. O termo está documentado com exemplo de 1515 no precioso *Glossário luso-asiático,* do Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, como "pequena, rasa e ligeira embarcação de remos, na Malásia".

Do português a palavra passou para o francês *lanchar*, *lanchare*, para o italiano *lancara*, *lanchara*, para o inglês *lanchara*, para o neerlandês *lanchare*. Posteriormente, o conhecido historiador italiano G. Pietro Maffei latinizou-a em *lanciara*.

A história da palavra estava assim delineada e documentada, quando o competente filólogo e linguista húngaro, depois radicado em Nimega (Holanda)

Benedek Elemér Vidos, no livro altamente importante *Storia delle parole marinaresche italiane passate in francese* (Florença, 1939), defende a tese de que o responsável pela transmissão às línguas da Europa, especialmente o francês, fora o italiano, e não o português, baseado na ocorrência em Maffei. Pinheiro Domingues rebate corretamente a lição, esclarecendo que a documentação concede o privilégio à nossa língua, já que, como vimos, o aparecimento aí é de 1515, enquanto em italiano, em Maffei, é de 1588, depois de ter encontrado o termo em João de Barros e Fernão Lopes de Castanhedas, latinizando o português *lanchara* em *lanciara*.

No segundo artigo, Pinheiro Domingues, apoiado no dicionário etimológico francês de Albert Dauzat, muito rico, aliás, no registro de formas de seu idioma tomadas ao português, estuda a controvertida história de *abricó*, na forma primitiva *abricoque*. Está, em geral, assentada para P. Domingues a lição de Rebelo Gonçalves, segundo a qual "do latim *praecocia*" (plural neutro do adj. *praecox*,- cis), veio o plural grego *praekókia*, donde o singular *praekókion*; de este se originou, por sua vez, o ár[abe] *al-barcoc*, produtor das formas das línguas peninsulares (port. *albricoque*, esp. *albarcoque*)". (*A Língua Portuguesa*, vol. I, págs. 151-153). *Persica praecocia*, em latim, denomina os pêssegos precoces, como se viam os atuais abricós, variedades de damascos.

Sendo a forma portuguesa *albricoque* a mais próxima do árabe *albirqûq*, ao lado do catalão *albercoc*, é provável que daí tenha dimanado o termo para as demais línguas da Europa. Surgiram formas sem a aglutinação do artigo árabe (como o catalão *bercoc*), ou com o artigo, como no português. A forma *albaricoque* se explica pela inserção do — a — para desfazer o grupo consonantal de *albricoque* (a este fenômeno chama-se em gramática *anaptixe* [x = cs] ou *suarabácti*).

Do português *albricoque* ou do catalão *albercoc* sai o francês, primeiro *aubercot*, depois *abricot*, que passou ao inglês *apricot*; do seu plural veio o alemão *Aprikose* e daí o russo *apricos*, pelo neerlandês *aprikoos*. A futura investigação para a elaboração do imprescindível dicionário histórico da língua portuguesa irá trazer mais luzes sobre a prioridade ou não do português para a difusão do nome do fruto pelo mundo afora.

Faltou-nos dizer, aproveitando a história de *abricó* em português, saído do francês *abricot*, e este provavelmente do português *albricoque*, que *abricó* é um bom exemplo de palavra de *torna-viagem*. Assim se denominam as palavras que uma língua fornece a outra, e que, mais tarde, é emprestada

para a língua de origem, muitas vezes transformadas na vestimenta e no significado. Bom exemplo disto é a palavra *feitiço*, que, proferida como palatal a consoante da última sílaba em dialeto português crioulo da costa africana, passou para o francês *fétiche*. Mais tarde, a forma francesa retorna ao português sob a vestimenta estrangeira *fetiche*, daí *fetichismo*, alterada no significante material e no significado.

A expressão "palavra de torna-viagem" quase sempre não é lembrada — como o fenômeno, naturalmente — nos estudos de história de palavras.

Acaju e *Caju*

Outra contribuição de nossa língua a diversos idiomas é *acaju* ou *caju*, lembrada nos referidos artigos do Conde Pinheiro Domingues.

Representa a palavra tupi *aka'yu* (pronunciada *acadju*), fonte das formas portuguesas *acaju* e *caju*, tupinismo que os portugueses levaram do Brasil para línguas da Europa e da Ásia.

Segundo a lição de Antônio Geraldo da Cunha, no seu importantíssimo *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, "são expressivas, amplas e minuciosas as descrições do caju nos textos dos séc. XVI e XVII. De par com as referências muito elogiosas à fruta propriamente dita [isto é, ao pedúnculo comestível do fruto do cajueiro], há numerosas alusões à sua castanha e, bem assim, ao emprego da madeira do cajueiro em tinturaria. Do óleo extraído dessa madeira fabricavam-se tintas de boa qualidade, com a qual se tingiam tecidos, envernizavam-se móveis, etc. Os móveis de mogno envernizados com a tinta do cajueiro, segundo técnica já referida em textos franceses do séc. XVII, passaram a ser conhecidos como móveis de *acaju*" (p. 86)

Na designação do próprio mogno (*Swietenia mahagoni*), por metonímia, a forma francesa *acaïu* está datada desde 1640; em 1557 já aparece no livro de A. Thévet *Les singularités de la France antarctique.*

A datação mais antiga em português de *caju* é do ano 1576, e o termo aparece no *Tratado da Província do Brasil*, de Pero Magalhães de Gandavo.

Além do francês *cajou* ou *acajou*, penetrou o tupinismo no italiano *acagiù*, *cagiù*, no espanhol *caiu*; no inglês *acajou*, *cashew* (resultante da transcrição fonética de *caju*), no alemão *Akajou*; no concani *kázu*; no malaio *káju*, *gájus*, entre outros idiomas.

Alcatraz e *Albatroz*

Só um mergulho na história destas duas palavras pode explicar-nos os íntimos laços que as unem.

Alcatraz é, com toda possibilidade, o representante do árabe *gattâs*, a que se prefixa o artigo *al* e em que se insere, por acréscimo (epêntese), a consoante *-r-*, como, na lição de Pinheiro Domingues, aconteceu com *alcatruz*, *aldrava*, *alicerce*, *Gibraltar*, etc.

Por falar em *alcatraz*, durante muito tempo se pensou fossem os dois termos oriundos de uma mesma fonte. Todavia, uma pesquisa realizada por J. J. Hess von Wyss, trazida ao domínio dos estudos linguísticos pelo romanista alemão Arnald Steiger, no seu prestimoso livro *Contribución a la fonética del hispano-árabe y de los arabismos en el iberorrománico y el siciliano*, Madrid, 1932, que mostrou que o *gattâs* árabe é uma espécie de águia de mar, o que o faz semanticamente aceitável aproximar-se do nosso *alcatraz*, designativo de uma espécie de pelicano, o mergulhão. A única dificuldade, segundo o grande etimólogo Corominas, no seu *Diccionario crítico etímológico castellano e hispánico* (I, 133), é explicar a mudança do *g* em *c*, já que as formas com g só aparecem no inglês *algatross* (séc. XVI) e, talvez daí, no francês *algatroz* (1701), portanto testemunhos secundários. A mudança pode, talvez, ser explicada pela aproximação, por etimologia popular, com o português *alcatruz*, espanhol *arcaduz*, porque, na sugestão do arabista francês Devic, o pelicano também tem o costume de carregar água no seu volumoso papo. Para que o leitor entenda a aproximação suposta por Devic, cabe lembrar que *alcatruz* é um termo de procedência grega (*xádos*), oriundo do hebraico, e introduzido no árabe *al-xadus*, que designa antigo vaso para líquidos, e do grego, pelo latim *cadu*, está representado no português *cado*.

O termo árabe passou ao português e ao espanhol, e da Península Ibérica emigrou para o italiano antigo *alcatrazzo*, francês *alcatras* e ao inglês adulterado em *albatross*, o qual se aplicou a outra ave, por ser de cor branca (cf. latim *albus* 'branco', 'alvo').

É este inglês *albatross*, formação corrompida de *alcatraz*, que passa a ser a fonte do francês *albatros*, que, por sua vez, será o responsável pelo espanhol *albatros* e pelo português *albatroz*.

Assim sendo, o espanhol *albatros* e o português albatroz são palavras de torna-viagem, porque emprestaram, inicialmente, a sua prata da casa procedente do árabe *algattâs* (*alcaduz* e *alcatraz*) ao inglês, e daqui a receberam indiretamente de volta sob a forma de *albatross*, pelo francês *albatros*. Curiosa e interessante é a vida das palavras.

Se o leitor atento tiver a curiosidade de abrir o dicionário português, saberá que nossa língua conta com outra palavra *alcatraz*, que nada tem que ver com

a denominação do nosso pelicano, pois significa 'aquele que conserta ossos deslocados'. Trata-se de outro termo árabe *al-gatrât* por *al-gatarât*, cujo plural significa 'pedaços' ou 'peças' de qualquer coisa. Sob a forma *alcatra* especializou-se no significado de 'peças de carne da rês situada onde termina o fio do lombo e em que se pegam os rins'. Sinônimo de *alcatraz* na acepção de 'consertador de ossos deslocados' é outro termo árabe *algebrista*, de *álgebra*, lembrado por Pinheiro Domingues. Destarte, não estranhe o leitor se se lhe deparar o livro de Antônio Francisco da Costa (Lisboa, 1764) *Algebrista perfeito, ou modo de praticar examente as operações de álgebra tocantes à cura das deslocações e fraturas do corpo humano.*

Albino

Eis aqui outra palavra que Dauzat, no seu Dicionário etimológico francês, conforme assinala Pinheiro Domingues, diz ter sido introduzida no idioma de Racine por via portuguesa, a partir do séc. XVIII, precisamente atestado em 1763, em texto de Voltaire.

O termo aparecia na expressão *negros albinos* com a qual os portugueses se referiam aos negros brancos da costa africana. O filólogo Clédat, autor de prestimosas obras sobre o francês e o latim, registra, no seu Dicionário etimológico, que do adjetivo latino *albus* 'branco' (fosco) se tirou o novo adjetivo *albino*, o qual, aplicado quase invariavelmente no plural na citada expressão, acabou fixando, no francês, a forma *albinos* como se fora singular: *un albinos*, em vez de *un albino*.

O excelente *Dictionnaire gênérale* de Hatzfeld e Darmesteter aponta a data de 1771, mas já vimos o recuo para 1763; Pinheiro Domingues cita-nos textos franceses bem mais antigos, a partir de 1666.

Há etimólogos que conferem a honra da fonte de *albino* ao espanhol, mas a maioria dos estudiosos tende a atribuí-la à nossa língua. A verdade é que nos textos espanhóis antigos o que predomina é o emprego de *blanco* ou *albo*; a datação mais recuada de *albino* em espanhol que Pinheiro Domingues encontrou é de 1609 e pertence à crônica da *Conquista de las Islas Malucas*, do licenciado Bartolomé Leonardo. Só estudos posteriores esclarecerão o debate; mais uma vez se impõe a elaboração de um dicionário histórico português, que dirimirá dúvidas como esta.

Como sinônimos de *albino* nesta acepção temos os termos *aça*, de provável origem bântica, e o tupinismo *sarará*.

Como cognome, já havia em latim *Albinus*, derivado de outro cognome *Albus* que, na língua comum, como vimos, significava 'alvo', 'branco'.

Anil

Anil, como designativo da cor azul-escuro, nos veio do árabe *annil*, que o recebeu do sânscrito por intermédio do persa. É termo que vive no português, na lição de Pinheiro Domingues, "desde os primórdios da língua", exemplificado em texto de 1179, inserido nos *Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines*, vol. I, pág. 407.

Do português passou às demais línguas. A *anil* prende-se, naturalmente, *anilina*.

Nosso idioma conta com outro *anil*, que não tem, nem pela origem nem pelo significado, parentesco com o árabe *anil*. Este segundo *anil* prende-se ao latim *anile*, derivado de *anus* 'mulher velha', com o significado de velho, senil, já entrado em desuso modernamente.

Areca

Denomina-se *areca* um gênero de palmeira asiática, comumente cultivada em parques e jardins, e dela se extrai a goma, o palmito, o córtex, material com que se fabricam fibras para cordas, e o coco, que entra numa mistura para mastigação, chamada *bétele*. Sobre tudo isto nos informa o rico *Dicionário* de Aurélio Buarque de Holanda.

O termo *areca* provém de uma língua indígena do sul da Índia, na costa do Malabar, do malaiala *arekka*, talvez deturpação de *adakka* ou *adekka*. Chegando ao Oriente, os portugueses não só conheceram a palavra, mas a transmitiram ao espanhol *areca*, italiano *arecca*, inglês *areca*, alemão *Arekapalme*, *Arekanuss*, entre outros idiomas.

Auto da fé

Auto da fé, hoje mais comumente *auto de fé* e, no início, *auto da inquisição*, é outra expressão que Pinheiro Domingues arrola entre as contribuições da língua portuguesa a outros idiomas.

Estabelecida definitivamente a Inquisição do Estado em Portugal pela Bula do Papa Paulo III, aos 23 de maio de 1536, o primeiro *auto da fé* realizou-se em Lisboa, na Ribeira Velha, em setembro de 1540, segundo João Lúcio de Azevedo, citado por Pinheiro Domingues.

Entendia-se por auto de fé o ato final a que chegavam os processos da Inquisição pelos quais os réus eram condenados pelo crime de heresia ou erros equivalentes.

Do português passou para o francês *auto-da-fé*, espanhol *auto de la fé* (mais antigo do que *auto de fé*), catalão *acte de fe*, italiano *auto da fé*, romeno *autodafeu*, inglês *auto-da-fé*, alemão *Autodafé*.

A forma *auto* prende-se ao latim *actu-* graças à normal vocalização da consoante *–c* em *u* do grupo ct, em palavras de proveniência culta, quando precedido de vogal: *actu® auto*, como o arcaico *tractu® trauto.*

Bailadeira

É outra palavra arrolada por Pinheiro Domingues dentre aquelas que os portugueses emprestaram a outras línguas. Está evidente ao leitor que o termo designa a bailarina, e tem seu emprego registrado em textos do século XVI. Rodolfo Dalgado, no seu precioso *Glossário*, só consigna a palavra como designativo de 'mulher que na Índia dança por profissão', e é neste significado que *bailadeira* passou a outras línguas: francês *bayadère*, espanhol e catalão *bayadera*, italiano *baiadera*. Do empréstimo francês recebem o termo o inglês *bayadere*, o alemão *Bajadere*, o romeno *baiadera*, o sueco *bajadär*, entre outros.

Curioso é que sob a forma francesa *bayadère* ou *bayadera* a palavra se insinuou em escritores de língua portuguesa do séc. XIX, como exemplo de torna-viagem, à semelhança do que ocorrera com *fetichismo*.

Ao lado do culto *bailadeira*, correu também a forma popular *balhadeira*, que talvez justifique melhor, segundo Gonçalves Viana (*Palestras Filológicas*, pág. 23), o francês *bayadère*.

De *balhar*, do latim **balleare* por *ballare*, proveio *balhadeira*, como de *bailler* tivemos *bailhadeira*, e de *bailar bailadeira*. Citado por Pinheiro Domingues, ensina Padre Augusto Magne: "de *balhar* que considera mais antigo, com epêntese de " *i* " resultou *bailhar,* e de *bailhar*, por dissimilação, teria vindo *bailar* que na linguagem culta suplantou *balhar*."

Portugal

Portugal, não para designar o país, mas um tipo de laranja doce, é o último termo da lista de Pinheiro Domingues, que vimos resenhando. Está claro que o número de empréstimos portugueses, direta ou indiretamente a outras línguas, é bem maior. Ficamos nestes aqui consignados em homenagem ao grande estudioso que foi o professor português Conde Pinheiro Domingues que, palavras suas, obrigado "a abrir o guarda-chuva do exílio para escapar às tempestades demagógicas que fustigavam" o seu país, escolheu por último a nossa terra, a cidade do Rio de Janeiro, e, entre nós, batalhando como professor de curso secundário, erigiu uma obra de lexicologia e de lexicografia, principalmente, que só por injustiça do destino ficará esparsa por jornais e revistas.

Mas tornemos ao nosso tema. A palavra *laranja* é, como ele ensina, de imediata origem árabe clássico *naranj*, árabe granadino *naránja*, e estas

formas do persa *naräng*. Talvez originalmente a laranjeira seja da Cochinchina. Era cultivada na Europa a laranjeira azeda; desconhece-se quando chegou a Portugal a laranjeira doce, chamada também da China, embora saibamos que era aí vulgar no tempo de Vasco da Gama. Foram exatamente essas laranjeiras doces da China que os portugueses transplantaram para sua pátria e daí comerciaram no resto da Europa.

Assim como a laranja, deve-se aos árabes, entre muitas, a introdução, em outros países, da cana-de-açúcar, do arroz e a criação do bicho-da-seda.

Não é de admirar, portanto, que tal espécie de laranja passasse a ser conhecida nesses países por *portugal*: italiano *portogallo*, sardo *portugallu*, romeno *portoca*l, grego moderno *portokálli*, albanês *portokal*, árabe do Egito *burtugâna.*

II — MEIOS DE EXPRESSÃO

As línguas e seus usos caprichosos

Interessado no estudo comparativo das línguas, o estudioso alemão Mario Wandruszka procura nelas sondar o espírito (alemão *Geist*) que as orienta, como no saboroso livrinho *O Espírito da Língua Francesa* (*Der Geist der französischen Sprache*), publicado pela Rowohlt em 1959 e que já em 1969, data da edição que possuo, chegara a trinta e oito mil exemplares saídos.

Perseguindo, mais ampliada nos objetivos, esta mesma trilha, partiu para estudos de comparação interlinguística, e entre numerosas obras (na década de 70 estavam em oitenta!), elaborou uma extraordinariamente rica de fatos dessa natureza, que mereceu, em 1976, tradução para o espanhol, em dois volumes, vinda à luz com o prestígio da Editorial Gredos, de Madrid, hoje o mais importante repositório de estudos linguísticos, filológicos e literários da Espanha. Nesta obra, que na tradução se intitulou *Nuestros Idiomas Comparables e Incomparables* (no original *Sprachen-vergleichbar und unvergleichlich*), tomou Wandruszka seis idiomas (alemão, inglês, francês, italiano, português e espanhol) e, partindo de um texto originalmente produzido num deles, comparou com suas traduções nas cinco outras línguas, auscultando-lhes as particularidades que as aproximam e as separam. Para que os leitores possam ter ideia da utilidade desses dois volumes para o estudioso da linguagem, para o estudioso de um ou mais desses idiomas, para os tradutores e até para os curiosos não profissionais que buscam conhecer as esquisitices (no bom e no mau sentido) das línguas (inclusive da materna), passarei a

respigar de um capítulo escolhido para atender ao propósito não especificamente erudito desta nossa obra, algumas informações de ordem lexical que suponho de interesse para o leitor comum.

Comecemos pelos exemplos mais fáceis. O espanhol distingue *el pescado* "alimento humano" de *el pez* "o peixe", talvez porque haja no idioma uma homofonia incômoda: *el pez* "o peixe" (do latim *piscem*) e *la pez* "o piche" (do latim *picem*), de modo que comer pez daria motivos a provocadoras elucubrações por parte de pessoas maldosas.

Para a noção de "veneno" contam as línguas românicas com duas palavras de procedência latina: *venenum* "bebida", "bebida venenosa" e *potio* "bebida", "poção", além de uma terceira, da linguagem técnica greco-latina, *toxicum*. O italiano decidiu-se por *veleno*, enquanto o francês, embora como termo específico do veneno de cobra e de animal semelhante use *venin*, optou por *poison*. O espanhol e o português agasalharam *veneno*, ainda que conheçam, respectivamente, *ponzoña* e *peçonha*, esta última resultante de uma dissimilação do primeiro *o* em *e*. O inglês recebeu do francês seu *poison*, mas também pode empregar, com mais raridade, *venin*.

Dispondo o idioma de dois vocábulos, quase sempre se estabelecem entre eles sutilezas de sentido ou marcas estilísticas. Assim o precioso *Dicionário de Sinônimos*, de Antenor Nascentes, comenta esta possibilidade em relação a *veneno* e *peçonha* em português, empregadas metaforicamente:

"Em sentido moral, cabe ainda uma diferença entre *veneno* e *peçonha*. A peçonha aparece a descoberto, perverte imediatamente os costumes; o veneno é oculto, produz indiretamente os seus efeitos" (p. 329 da 3ª ed.).

O derivado adjetivo do francês *venin* apresenta-se sob duas roupagens: *venimeux* e *vénéneux*, estabelecendo, com o passar dos tempos, uma diferenciação semântica surpreendente. Diz-se *venimeux* de animais (e se usado em sentido figurado), enquanto *vénéneux* se aplica a plantas, quando, com base na distribuição acima estabelecida entre *poison* e *venin*, se esperaria, em seu lugar, *poisonneux* em alusão a portadores de veneno não animais: *ce serpent venimeux/la plante vénéneuse*.

Do latim *civitas* procede o filão fundamental das correspondentes românicas para a noção de cidade: port. "cidade", esp. *ciudad*, it. *città*, fr. *cité*. Ao lado de *civitas*, apareceu o concorrente *villa* que, da ideia de "casa de campo", passou, na Idade Média, a significar "cidade". Enquanto em português *vila* é entendida como menor que *cidade*, em espanhol não se opunha a *ciudad*, mas hoje só aparece em algumas fórmulas fixas com

esse valor. Já no francês *ville* acabou ocupando o primeiro lugar e *cité* passou a segundo. Na norma culta francesa, *cité* só se aplica a cidade antiga e de tradição, mormente se fundada por gregos ou romanos, ou ao antigo núcleo de uma *ville* moderna como Paris, ou ainda em referências a cidades modernas quando se alude à comunidade de vida: *la Cité universitaire*, para a qual, como lembra Wandruszka, falta uma palavra alemã apropriada, já que nem *Universitätstadt* ("cidade com universidade"), nem *Universitatsviertel* ("bairro da universidade"), nem *Universitatssiedlung* ("aglomeração universitária") traduzem o que pela expressão entendem os franceses.

Os ingleses também distinguem as noções com duas palavras: *city* e *town*, enquanto os alemães só dispõem de uma; se pretendem penetrar nas diferenças assinaladas pelos pares franceses e ingleses, têm de socorrer-se de adjetivos ou da composição: *Grosßstadt* "cidade grande", *Stadtkern* "núcleo da cidade", *Geschaftsviertel* "bairro comercial".

Enquanto os portugueses e outros povos reconhecidamente desbravadores de mares e que têm com estes seu destino indelevelmente ligado, contam com uma só palavra corrente para designar o "mar" (port. e esp. *mar*, inglês *sea*, por exemplo), os alemães ostentam dois vocábulos: *das Meer* e *die See*.

Destes dois vocábulos alemães, *Meer* é o mais geralmente usado, porque *See* tem a perturbar o seu emprego um incômodo homófono *See* com o significado de "lago". Isoladamente, distingue-se um do outro com a diferenciação de gênero: *die See*, feminino, é o "mar", ao passo que *der See*, masculino, é o "lago". O inconveniente torna-se mais patente quando se está diante de palavras compostas, já que se relacionam sem distinção externa umas vezes com o mar, outras com o lago.

Embora sinônimos, Wandruszka assinala diferenças de emprego, às vezes puramente de natureza estilística como ocorre na prosa de Thomas Mann. Em geral, parece que *die See* denota uma carga de familiaridade. Mas também, seguindo as pegadas do inglês (*sea*), *die See* pode aplicar-se a qualquer mar, por mais distante que esteja: *Südesee* "Mar do Sul". Já nos compostos passam a competir lado a lado com *Meer*: *Seebär* "lobo do mar" junto a *Meeresgrund* "fundo do mar".

Para a noção de corrente d'água, distinguiram os romanos, conforme o caudal, *rivus, fluvius, flumen* e *amnis*. As línguas românicas fizeram suas escolhas neste elenco lexical: o português, o espanhol e o italiano contentaram-

se com um só termo: *o rio* e *el río*, nos dois primeiros, e *il fiume* na língua de Dante.

Se o português, o espanhol e o italiano precisarem aludir ao caudal mais ou menos intenso, farão uso de sufixos e adjetivos adequados: port. *riacho*, *riachinho*, *riachão*, *riozinho*; esp. *riachuelo*; it. *fiumicino*, *fiumicello*, etc., além de adjetivos como *grande*, *pequeno* rio, etc.

Em contrapartida, o francês ficou com *fluvius* (*le fleuve*) e foi tomar outra palavra latina (*ripariu*) para o mesmo conceito: *la rivière*. Parece que a distinção semântica no uso dos dois termos repousa no fato de que um curso d'água desemboca no mar, enquanto o outro não. Segundo o mesmo autor, estas características, válidas para a língua da burocracia e dos compêndios escolares, justificam que *Le Petit Larousse* (1965) ensine: "Missouri (le), grande rivière de États-Unis, qui se jette dans le Mississipi..." e que "Orb, fleuve de France, qui naît dans les Cévennes, arrose Béziers et finit dans le Méditerranée".

Assim como se deu com o caso das denominações para "mar", o alemão dispõe de dois termos para o conceito de "rio": *Fluss* e *Strom*, dos quais se serve para distinguir o tamanho " *Strom*, em geral, se aplica a um rio maior " e certa oposição estilística, já que do último se acerca certo matiz de estilo solene. Todavia, um escritor pode referir-se a um rio como o Reno tanto por meio de *Strom* como de *Fluss*.

O inglês também tem à sua disposição dois termos para designar "rio": *the river* e *the stream*, mas neste idioma a distribuição semântica deles é diferente do alemão: *river* é a palavra mais geral, usada para um rio de grande extensão como o Mississipi, enquanto *stream* " paralelo materialmente ao alemão *Strom* " pode aplicar-se a um arroio muito pequeno. Isto permite que de *stream* se tenha um diminutivo: *a little stream, a streamlet.*

Para encerrar este capítulo do polimorfismo linguístico, isto é, o excesso assistemático de formas, ponho mais um exemplo aludido por Wandruszka. Para a ideia de "céu" tanto em referência ao céu estrelado da natureza como ao céu de religião, o latim e o alemão dispõem de um só vocábulo: *caelum* e *Himmel*, respectivamente.

Já o inglês tem à sua disposição um termo anglo-saxão " *heaven*, e outro que tomou de empréstimo aos viquingues dinamarqueses, *sky* "nuvem", "céu". Mas esta distribuição sofreu alterações no inglês. A partir do século XVII e pela influência do puritanismo, *heaven* começou a aplicar-se cada vez mais ao conceito religioso, enquanto *sky* passou a reservar-se ao céu da natureza.

Só aos poetas, sonhadores inveterados, lhes é permitido aplicar a este último conceito, ao lado de *sky*, o termo *heaven*.

Por estes exemplos, percebe-se facilmente que se das línguas se pode abstrair uma concepção de sistema, por outro lado não deixam de refletir a complexa e intrincada estrada da cultura, em sentido latíssimo, do Homem, da sua cosmovisão, da maneira de refletir e sentir o mundo e as coisas que o cercam desde sempre. É neste particular que os idiomas, como no título do livro de Wandruszka, podem ser comparáveis e incomparáveis.

Os escritores e a gramática

Humberto de Campos — escritor tão injustamente hoje esquecido, como ocorre com tantas outras figuras literárias — conta-nos num dos seus livros que Medeiros e Albuquerque, então diretor de instrução pública no Rio de Janeiro, estando em busca de um professor de língua portuguesa que não soubesse gramática, comentou o fato com Machado de Assis, ao que este retrucou:

"— Se é alguém que não conheça gramática, eu sirvo para o cargo."

Afirmações desse tipo têm servido a certos inimigos do ensino da gramática para defender a tese da inutilidade da disciplina na tarefa de desenvolver na criança e no adolescente as condições e os saberes indispensáveis à sua adequada e competente expressão oral e escrita. Todavia, não nos devemos deixar levar — muito menos tirar conclusões apressadas e, por isso, mesmo, levianas — por declarações dessa natureza, antes blagues do que testemunho da verdade. Escritores que assim se pronunciam são, quase sempre, donos de rico e pujante saber idiomático, fruto de muita leitura e de acurado estudo nos clássicos de sua eleição, nacionais e estrangeiros, antigos e modernos, sem dispensar a consulta permanente aos dicionários e às gramáticas.

Tomemos dois exemplos da literatura brasileira. O primeiro deles é o próprio autor da pilhéria a Medeiros e Albuquerque; Machado de Assis lia e anotava desde tenra idade os clássicos portugueses, que compulsava nas

visitas ao Real Gabinete Português de Leitura, anotações que foram recolhidas por Mário de Alencar e começadas a publicar em dois números da *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Afora isto, desfrutava das tertúlias literárias e filológicas com Ramos Paz — benemérito do Real Gabinete — e de Manuel de Melo, conhecedor profundíssimo de nosso idioma, que, embora diletante, mereceu do filólogo italiano, professor da Universidade de Nápoles, Francesco dOvidio, o seguinte elogio, ao saber da sua morte, ocorrida na Itália; "dilettante scrupoloso e coltissimo, che in nulla differiva da um dotto di professione". A pureza e o equilíbrio com que Machado de Assis trabalhava a língua portuguesa mereceram de Rui Barbosa o título de mestre supremo do estilo, e de Sousa da Silveira "acho, não só pela excelência da concepção mas também pela forma, um dos mais notáveis artistas da nossa língua e o nosso maior prosador, feita a comparação com mortos e vivos".

O segundo, mais perto de nós no tempo, é Graciliano Ramos, dono de uma forma linguística exemplar, sempre preocupado em ler gramáticas, consoante se comprova em passagens de sua correspondência.

A leitura de muitos escritores revela, pelo contrário, constante preocupação não só com a língua exemplar, mas ainda com certas incursões no domínio técnico da investigação linguística, qual seja, a preocupação com o uso do termo próprio, a exatidão semântica, a construção sintática ou a estrutura morfológica, sem esquecer o complexo domínio da origem da palavra, dos meandros da etimologia.

É curioso observar que muitas dessas preocupações ocorrem não só ao homem culto, mas ainda ao falante de poucas luzes, desde que tenha aguçada a intuição de falante nativo. Este fenômeno, aliás, constitui um domínio muito estudado na investigação linguística, domínio conhecido pela expressão pouco feliz etimologia popular, a que outros autores, como o linguista inglês John Orr, preferem denominar *etimologia associativa*. Exemplo anedótico disto é que me contou, certa feita, Pedro Augusto Pinto, que dividia sua atividade de professor catedrático da antiga Faculdade Nacional de Medicina com a de apaixonado estudioso da língua portuguesa, com vários livros importantes nessa seara. Dois homens modestos conversavam, às vésperas do dia de finados, quando o primeiro adiantou: *Amanhã vou ao cementério*, ao que o segundo corrigiu:

Cementério não, sumitério. Cementério, confirma o primeiro, e argumentou: *Porque lá se fica pra semente*. O segundo rematou: *É sumitério*, *porque lá a gente sume"* .

Saindo do anedótico, as línguas apresentam interessantes exemplos de etimologia popular nascidos de palavras, quando o ouvido aproxima o que na realidade está longe de aproximar-se. Brunot, citado por Mário Barreto (*Novos Estudos*, 2ª ed., p. 314), lembra os casos de "la lanterne à la Sainte-Hélène (em vez de à l'acétylène) e "les horizons fúnebres" (por "les oraisons"). A proximidade semântico-fonética de *vagabundo* com *vagamundo* é exemplo frisante de etimologia popular.

Essas relações semânticas e fonéticas eram praticamente a base das explicações etimológicas correntes antes de tornar-se a etimologia disciplina científica com o advento da moderna linguística. Está claro que muitas vezes, intuitivamente, as explicações de ontem coincidem com as que ocorrem em Camões, que tira, por exemplo, o nome do fruto *amora* do substantivo *amor:* "As amoras que o nome têm de amores" (*Lusíadas*, IX, 58).

(MP — 24/10/1996)

A verdade é que, por mil maneiras, os escritores se inteiram dos princípios gramaticais que presidem aos atos linguísticos, quer na leitura atenta de livros que versam sobre a matéria, quer pelo diuturno contato com bons autores.

É bem verdade que raramente um literato no começo de sua produção é dono dos segredos da língua; esta é uma aprendizagem que se inicia muito cedo e dura a vida inteira. Daí ser frequente encontrarem-se desvios da norma exemplar nos seus primeiros escritos e até em textos produzidos bem mais adiante. Machado de Assis, Camilo Castelo Branco e Rui Barbosa, entre outros, tiveram de pagar esse tributo. Por exemplo, Machado de Assis, ainda nos *Contos Fluminenses* usava o verbo *fazer* no plural em construções do tipo *fazem dois anos*. Ele e Camilo perpetraram o verbo *haver* no plural em frases do tipo *haviam pessoas*, *houveram fatos*. Mais tarde deram pelo engano, ou foram alertados, passaram a acertar o passo e a construção pela tradição culta da escrita.

De Rui Barbosa o seu antigo professor Ernesto Carneiro Ribeiro levantou alguns deslizes de que depois o autor da *Réplica* se corrigiu.

Mas o que pretendemos deixar patente nestes artigos é que os grandes mestres da língua não só tinham da língua um saber de experiência feito; procuravam, sempre que as circunstâncias textuais se apresentavam, refletir sobre seu conhecimento intuitivo que os faz de falante nativo a linguista, à medida que não só usam conscientemente determinados modos de dizer em vez de outros, mas também são capazes de dar razão de sua escolha e de sua rejeição.

Todos nós sabemos que a tradição exemplar escrita recomenda não começar período por pronome átono. O Padre Antônio Vieira, como sabemos, grande mestre da língua, também conhecia esse preceito e sempre o praticou. Mas numa de suas cartas, emprega *Me avisam que*... Logo se tentou atribuir a colocação inicial do pronome à influência do falar espontâneo brasileiro, já que Vieira viveu a maior parte de sua vida no Brasil. A explicação talvez seja outra. Vieira sabia que em italiano, como em espanhol, o pronome átono podia e pode corretamente ocupar a posição inicial de frase. Como escrevia de Roma e queria, nas entrelinhas da carta, dizer, sem se comprometer nem denunciar, que o aviso lhe chegara de fonte italiana, serviu-se inteligentemente de uma artimanha de linguagem, como se quisesse registrar com exemplificação o conhecido provérbio "para bom entendedor meia palavra basta". Esta explicação, deu-a Said Ali numa carta a Capistrano de Abreu, e particularmente acredito que com muita razão e perspicácia.

Às vezes, a inovação não é entendida em seus propósitos de intenção expressiva, e o criador pode merecer a crítica até dos gramáticos. Exemplo interessante nos dá Filinto Elísio, nome literário de Padre Francisco Manuel do Nascimento. Aqui e ali se leem recriminações por não ter conjugado corretamente num ou noutro texto — em prosa ou em verso — um verbo irregular. Como *entretera*, em vez do canônico *entretivera*, *obtera* por *obtivera*, *suster* por *sustivera*. Como Filinto em geral tinha o cuidado de avisar ao leitor, em notas de rodapé, em que consistia a inovação linguística utilizada em suas composições, temos hoje elemento para dizer que tal forma não nasceu de um erro de conjugação, como alguns autores apontaram, mas de um deliberado recurso erudito. Todos conhecemos a profunda raiz clássica do escritor e da grande influência que nele exerceu Horácio; sabemos também que a língua do Lácio apresentava formas plenas e sincopadas do perfeito latino em -vi, de tanta fortuna estas últimas no próprio latim e nas suas continuações românicas, português inclusive: *deleverant*/*deleram*; *audivisti* / *audisti, audivissem* / *audissem*; *amavisti* / *amasti*, e tantas outras. O gramático Prisciano se serve de Horácio para documentar o fato em latim.

Com base em variantes que o português conhece (*havemos* / *hemos*; *haveis* / *heis*), Filinto conscientemente inovou tais formas que considerava sincopadas, com justificação deste jaez, extraídas de suas notas:

"*obtera* por *obtivera*. Mil exemplos citaria (a ser preciso) de clássicos latinos e lusos que abonam esta licença poética". (*Obras completas*, vol. 111, p. 431 da ed. de 1817-1819).

Inovação que não teve guarida na posterior tradição literária, mas que não se trata de ignorância gramatical. Mais feliz foi Filinto como criador de neologismos; entre estes, *pubescer*, *reboar*, *tremeluzir*.

Muitas vezes, ao tentar extrair da língua as potencialidades que possui, ou para caracterizar personagens e fatos, ou para dar um toque de erudição ao seu texto, o escritor pode levar o gramático, o filólogo ou o linguista a caminhos equivocados. Vejamos alguns exemplos curiosos dessas falsas pistas.

Antônio Dinis da Cruz e Silva, escritor que nasceu em Lisboa em 1731 e morto em 1802, que esteve no Brasil para julgar os réus da Inconfidência Mineira, deixou-nos, além de composições líricas, o poema herói-cômico intitulado o *Hissope*, em oito cantos, cujo tema é a discórdia entre o deão de Elvas e o Bispo. Segundo a praxe, ao entrar na sé, o prelado era recebido pelo deão que lhe entregava o hissope para proceder às aspersões do ritual; tendo, como diz o poeta, esfriado entre eles a amizade, recusou-se o deão a seguir o rito, surgindo o conflito que é narrado com graça e elegância por Cruz e Silva, que aproveita o ensejo para fazer uma sátira da vida portuguesa, sobretudo no que diz respeito aos aspectos religioso, social e cultural. Entre os ingredientes da sátira, estão as alusões a uma balofa erudição filológica e à luta contra a moda do galicismo na vida burguesa e literária da época.

Para que o leitor se enteire do processo linguístico utilizado por Cruz e Silva na passagem que vamos aqui analisar, cumpre lembrar-se que, na língua antiga, não se flexionavam em gênero os nomes terminados em -ês, -or, e -ol: para o que hoje fazemos uso de *portuguesa*, *senhora* e *espanhola*, os antigos empregavam *português* (nação português), *senhor* (minha senhor) e *espanhol* (gente espanhol), respectivamente. Só a partir do século XVI, para os adjetivos com tais terminações, passou a língua culta a adotar as flexões hoje correntes, naturalmente com esse ou aquele vestígio da antiga prática; é o que ocorre, por exemplo, com os adjetivos em *-ês* quando passam a funcionar como advérbios, acrescidos que são do sufixo *-mente*, que deriva do substantivo feminino *mente*, o que obriga o adjetivo a flexionar-se no feminino, quando tem essa possibilidade. É o caso de *redondo*, *redonda*, *redondamente*; *rico*, *rica*, *ricamente*. Como os nomes em *-ês*, *-or* eram invariáveis, o que temos hoje é *portuguesmente* (e não *portuguesamente*), *francesmente* (e não *francesamente*), *superiormente* (e não *superioramente*), etc.

Feita esta advertência relativa a um fato da história do português que agora nos interessa, podemos prosseguir, aduzindo que Cruz e Silva põe na boca do padre Mestre essas palavras:

"É a nossa *português* casta linguagem", quando na época do poeta o normal seria: *a nossa portuguesa casta linguagem* ou, na ordem direta, "*a nossa casta linguagem portuguesa*".

Ao toparem com essa passagem, vários estudiosos passaram a ensinar mais ou menos o seguinte, como fez João Ribeiro: os adjetivos em -*ês*, não tinham feminino, como ainda *cortês*, *montês*. Ainda no século XVIII escreveu Dinis: "A nossa português casta linguagem" (*Gramática portuguesa*, 21a ed., 1930, p. 239).

Ora, isto significa um falseamento da história do português, porque a flexão *portuguesa* já era conhecida e, pode-se dizer, concretizada, principalmente nas obras cujas temáticas não levassem ao autor utilizar linguagem mais arcaizante. Neste particular é oportuno lembrarmos aqui o caso de João de Barros, o notável polígrafo do século XVI e um dos grandes artífices da modernização do idioma, antes que Camões, como ensina Said Ali, pudesse burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo (*Gramática histórica*, 2 ed., p. 4).

João de Barros, dizíamos, oferece-nos uma interessante particularidade acerca dessa flexão; nas *Décadas* da Asia, levado naturalmente pela natureza do discurso histórico, usa *português* sem flexão; na *Gramática* (vale a pena aproveitar a oportunidade para lembrar que João de Barros é o autor da segunda gramática de nossa língua, datada de 1540; a primeira foi escrita por Fernão d'Oliveira, em 1536) só usa de *portuguesa*.

Na verdade, do que se trata aqui é da utilização de recurso estilístico, pelo qual o autor revive um arcaísmo, um fato de língua que na sua época estava esquecido e inusitado, para caracterizar seu personagem como adepto daquilo a que anteriormente chamamos balofa erudição filológica; de um purista avesso às ondas da moda e do modernismo a que as línguas — que acompanham o destino dos homens que as falam — estão naturalmente sujeitas.

O trecho da fala do padre Mestre em que a nossa passagem está inserida, mostra bem a intenção estilística de Cruz e Silva em reviver o arcaísmo na fala de seu personagem, no momento em que condenava a presença de expressões francesas a macular o idioma pátrio:

"Desta andária, senhor, deste descoco,
Que entre nós, sem limite, vai grassando,
Quem mais sente as terríveis consequências
É a nossa português casta linguagem
Que em tantas traduções corre envasada
(Traduções que merecem ser queimadas!)
Em miI termos e frases galícanas!"
(V. p. 177 da ed. de 1879)

Faltou aos estudiosos lembrar que *português* por *portuguesa* só aparece no *Hissope* nesta passagem; nos demais lugares do poema ocorre apenas *portuguesa*; flexionando no feminino. O artifício estilístico do poeta não foi percebido pelos autores da gramática.

Os exemplos poderiam ser aqui centuplicados, mas temos de pôr um ponto final nestas nossas alusões ao trabalho gramatical dos escritores para extrair da língua novas e inéditas possibilidades de expressão. Vamos concluir com interessante atividade do laboratório poético (poético tomado aqui no sentido grego de "criativo") do Padre Antônio Vieira, de quem, com muita justeza, disse Carlos de Laet ser escritor que "oferece alto campo de estudo aos amadores da vernaculidade". Todos nós que tivemos o prazer de ler os sermões desse notável estilista nos acostumamos a apreciar não só suas galas de linguagem, mas ainda seus inconfundíveis jogos de palavras. Soam ainda aos nossos ouvidos as leituras ginasianas da época em que em sala de aula se ensinava e se aprendia a língua, e não o jargão metalinguístico da teoria gramatical, um *nomenclator* que pode ser útil, mas que pouco diz da descrição e do funcionamento da língua, muito frequentemente se pensa que, oferecendo essa nomenclatura, se está ensinando a língua, como ocorre hoje com o *Help* apresentado aos leitores de conceituado jornal carioca. Como dizíamos, ainda soa aos nossos ouvidos o jogo de palavras que Vieira trabalhou, aludindo a informação de São Francisco Xavier sobre as coisas da Índia, na página acerca do verbo *rapio* (roubar), conjugado outrora com a mesma perfeição e prodigalidade com que hoje o vemos entre nós, e entre outros:

"Conjugam por todos os modos o verbo *rapio*, porque furtam por todos os modos da arte, não falando em outros novos e esquisitos, que não conheceu Donato nem Despautério (...). Estes mesmos modos conjugam por todas as *pessoas*, porque a primeira pessoa do verbo é a sua; as segundas, os seus criados; e as terceiras, quantas para isso têm indústria e consciência. Furtam

juntamente por todos os *tempos*; porque do presente, que é o seu tempo, colhem quanto dá de si o triênio, e, para incluírem no presente o pretérito e o futuro (...)"

Mas voltemos às coisas da linguagem e ao procedimento do nosso Vieira. Querendo o escritor, no Sermão da 5ª Dominga da Quaresma, pregado na Catedral de Lisboa, em 1651, mostrar que há duas maneiras de *crer*, estabeleceu uma distinção entre *crer em* e *crer a*, já que na palavra de Cristo ora ocorre, falando aos discípulos, "*Creditis in Deum et in me credite*", ora aos judeus *Si mihi non vultis credere, operibus credite*. E diz Vieira:

"De maneira que há crer em Cristo e crer a Cristo e uma crença é muito diferente da outra; crer a Cristo é crê-lo a ele" (Sermões, vol. 11, p. 244 da ed. de 1682).

Com isso, queria Vieira dizer que a verdadeira fé soma dois compromissos: um, *crer* em *Deus*, que advém de um movimento de fora para dentro, a dizer-se cristão; o outro de dentro de nós para o nosso Deus, *crer* a *Deus*, crer o que diz e observar-lhe a lei.

"Todos os que andais cansados (que sois todos) vinde a mim (diz Cristo) e eu vos aliviarei: Tomai sobre vós o julgo da minha lei e achareis o descanso. Credes que são estas palavras de Cristo? Sim. Agora respondei-me. É certo que todos desejais o descanso; é certo que todos o buscais com grande trabalho, por diversos caminhos, e que o não achais: pois porque o não buscais na observância da Lei de Cristo? (...) Mas a verdade é (e vós o sabeis muito bem) que a razão porque não buscais o descanso na Lei de Cristo é porque não a tendes por descansada, senão muito trabalhosa, dizendo Cristo que só ela vos pode aliviar do trabalho? Vos tende-la por cansada, dizendo Cristo que só nela está o descanso? Logo credes o que vós imaginais, e não o que Cristo diz: credes em Cristo, mas não credes a Cristo (p. 252).

O que imaginamos está em nós; já a parte que exige um movimento nosso para chegarmos à observância do que diz o Senhor, que é a sua Lei, exige de nós o esforço de ir ao seu encontro, um movimento a que quase sempre não estamos dispostos a atender. E a parte ativa da fé.

Vieira acentuou e marcou linguisticamente os dois aspectos da fé, um passivo e outro ativo, um sem movimento para a observância da Lei e outro com esse movimento, pela utilização do significado normal das preposições *em* (repouso/ausência de movimento): *crer em Cristo* (é acreditar na existência do descanso) e *crer a Cristo* (é buscar esse descanso pela observância da Lei de Deus).

E, curiosamente, Vieira soube distinguir as expressões em latim e português; se em português a oposição residia no emprego das preposições em/a, em latim a oposição estava, respectivamente no emprego do dativo (credo *Deo*) e no emprego do acusativo "regido" da preposição in (credo *in Deum*). É o Vieira fazendo gramática em português e em latim, a serviço da sua intenção estilística. É a língua dos Mestres da língua.

A polidez e as línguas

Entre os aspectos importantes de que quase não se cogita num curso de língua portuguesa dentro e fora da escola, está a aquisição de um conjunto de usos idiomáticos que exprimam não só ideias ou estados psíquicos de pessoa para pessoa, mas também o grau de civilidade desses indivíduos. Se a linguagem nos distingue dos outros animais como humanos, essa polidez na linguagem aponta para o grau de nossa educação.

Há sociedades que cultivam mais do que outras essa preocupação de polidez linguística no trato entre pessoas: a França e a Itália, por exemplo, sempre se orgulharam de cultivar formas polidas, e não só gramaticalmente corretas, embora de uns tempos a esta parte se ouçam queixas nesses países de que se acentua uma perda ou certo esmorecimento dessa verdadeira ufania do espírito culto francês e italiano. A crise de cultura e, como consequência, o relaxamento de certas normas de educação e cortesia, a par de um movimento salutar de diminuição das distâncias entre classes sociais (sem a danosa confusão de liberdade com libertinagem), têm contribuído para reduzir as construções de linguagem que, sobre a função própria da intercomunicação humana, traduza o grau e o nível de educação dos falantes e o respeito que nutrem entre si.

Algumas dessas construções têm longa história, como é o caso, por exemplo, do uso dos pronomes plurais *vós* e *nós* na referência a uma só pessoa. A forma da 2ª pessoa do plural desbancava a esperada forma do

singular para exprimir o respeito a interlocutor importante, de alta classe social, de modo que *tu* ficava restrito às situações de intimidade. São os chamados plurais de modéstia e majestade. Esta prática já vinha do latim: das línguas românicas só o romeno não apresenta este emprego. De igual maneira temos o inglês *you* (= "vós"), que eliminou hoje totalmente o singular *thou* (= "tu").

Todo falante de língua portuguesa deve conhecer a conotação de modéstia que pode ter o emprego de *nós* por *eu* em certas situações do convívio social: é o autor de livro que não se quer mostrar excessivamente egoísta, e diz: "Ao escrevermos esta obra"; é o dono da casa que, junto de seus convidados, fala de "nosso apartamento" em vez de "meu apartamento".

Como sinal de nobreza e cortesia é que nasceram formas de tratamento do tipo *vossa excelência*, *vossa senhoria*, *vossa magnificência*, *o senhor*, *a senhora* e congêneres. O uso e abuso de *vossa mercê*, sabemos todos, foram desgastando foneticamente a expressão de tal modo que, fazendo-se abstração de formas intermediárias, daqui saiu o trivialíssimo *você*. Para a língua portuguesa já contamos com boa soma de estudos devidos a nacionais e estrangeiros em que os pronomes e fórmulas de tratamento de respeito e intimidade, usados segundo a importância do interlocutor, as situações sociais, as idades e as intenções estilísticas, têm sido historiados e descritos com muita propriedade.

Ainda neste capítulo do emprego dos pronomes, cabe lembrar o caso da ordem deles, quando se precisa explicitar as pessoas do discurso. Ao lado da forma natural e estilisticamente neutra da disposição *eu e tu*, *eu e você*, *eu e ele*, em que se nomeia primeiro o pronome designativo do falante e depois aquele referido ao interlocutor, pode-se, como sinal de polidez e respeito, inverter a ordem e dizer *tu e eu*, *você e eu*, *ele e eu*. Alguns puristas, sem mais detido exame, viram nesta inversão das pessoas do discurso imitação francesa e, por isso, condenaram o procedimento. Aliás, poderiam também pensar numa imitação do espanhol, já que franceses e espanhóis costumam assim deslocar tais pronomes quando desejam imprimir à expressão um toque de sua educação e apreço à pessoa a quem se dirigem. A verdade, porém, é que conhecedores profundos de nossa sintaxe, Mário Barreto, por exemplo, ensinam que é indiferente dizer, quanto à vernaculidade, *eu e tu* ou *tu e eu*, *eu e ele* ou *ele e eu*.

Sabemos todos que a gramática exige a concordância do verbo na 1ª pessoa do plural quando o sujeito composto da frase é constituído por pronome

de 1ª pessoa e por pronome de 2ª ou 3ª pessoas, ou ainda por substantivos ou fórmulas de tratamento aplicados à pessoa a que nos dirigimos: *eu e tu trabalhamos*, *eu e ele saímos cedo*, *eu e meu irmão o visitamos*, *eu e o senhor estudamos português*.

Extrapolando a norma gramatical, a intenção de marcar o traço da polidez tem levado alguns escritores (que sempre timbraram em exprimir-se com muito respeito à vernaculidade) a substituir a regra da primazia da 1ª pessoa pelo privilegiamento da 3ª pessoa; nestes casos, não ocorrerá o pronome tu, principalmente se o predicado ou parte dele antecede o sujeito. Mário Barreto (*De Gramática e de Linguagem*, I, 15 1-2) cita os seguintes exemplos: "... e s. exc.a respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem o barão do Rio Branco e eu" (Rui Barbosa). "Dize-lhe que não há sobre a terra um lugar onde caibam ele, eu e o meu ódio" (Alexandre Herculano). Lembra ainda nosso ilustre sintaticista este do espanhol: "Admiradas quedaran tu madre y yo!"(Cervantes).

Liberto do princípio gramatical, Mário Barreto considera tal concordância uma liberdade ou uma licença, nunca um erro. Acredito que, no exemplo de Rui, a intenção de expressar a modéstia teria ficado a meio caminho se o verbo fosse posto na 1ª do plural (anuirmos), como, segundo o testemunho de Cândido Jucá (filho), emendou nas provas tipográficas do passo referido o nosso Rui Barbosa.

Não fiz referência ao fato no momento próprio, mas cabe agora lembrar que, usando *nós* por *eu* ou *vós* por *tu*, o adjetivo a eles referido pode ficar no singular, para indicar que se trata de referência a uma só pessoa: Antes sejamos BREVE que PROLIXO, diz o conselho.

A 3ª pessoa é também um artifício usado na língua para traduzir aquilo a que chama Rodrigues Lapa modéstia cerimoniosa, e ocorre, por exemplo, nos requerimentos a autoridades competentes: *Fulano de tal... pede*, em vez de: *Eu, Fulano de tal, peço*.

Os títulos devidos a pessoas por que nutrimos respeito e consideração fazem parte das normas de etiqueta da linguagem: *Sr. José, Madame Aurora, D. Eugênio Sales*. Acerca deste último, *Dom* (abreviado *D.*), cabe lembrar que a boa tradição da norma do idioma é empregá-lo junto ao nome batismal (*D. Eugênio*), e não junto ao nome de família sozinho, como às vezes se usa: *D. Sales, D. Silva*, etc.

Se a pessoa tem título, menciona-se este, acompanhado ou não de *Senhor*: *O Sr. Doutor sai hoje?* ou *O Doutor sai hoje?*

Já que estamos no terreno do bom emprego de fórmulas de tratamento, creio serem oportunas duas observações. A primeira diz respeito ao uso de *V. Ex.ª*, *Vossa Revm.ª*., *Vossa Santidade*, etc., e *S. Ex.ª*, *S. Revm.ª*, *Sua Santidade*, etc.; a forma com *vossa* aplica-se à 2ª pessoa, isto é, àquela a que nos dirigimos: *V. Ex.ª permitiu*... A forma com *sua* refere-se à 3ª, àquela de quem falamos: *Digo-lhe que Sua Santidade não falará no próximo domingo*.

A outra observação é para lembrar que estas fórmulas de tratamento, apesar de integradas pelo pronome *vossa*, levam desde muito o verbo à 3ª pessoa do singular; *V. Ex.ª sabe, diz, determina*, etc. Digo desde muito, porque, no início, enquanto fórmulas de tratamento respeitoso como *Vossa Mercê, Vossa Majestade, Vossa Alteza*, não se tinham totalmente fixado, o uso misturava-as com os cerimoniosos *vós*, *vosso*. Só a partir do século XVII tais expressões desbancam o concorrente *vós* e possessivos correspondentes. Não levando em conta este histórico dentro da norma idiomática, um ou outro gramático tem, sem razão, defendido o emprego, nos dias de hoje, do verbo na 2ª pessoa do plural e do uso dos possessivos pertinentes; numa atitude oposta, um ou outro estudioso tem condenado o uso da norma vigente até o século XVII em obras históricas de escritores modernos que, versando episódios anteriores àquela época, procuram trazer a seus romances, entre outros elementos decorativos, a linguagem dos tempos de antanho. Alexandre Herculano, por exemplo, tão seguro historiador e tão profundo conhecedor do idioma, é dos que se têm recorrido a este estratagema estilístico e têm sido, pelas razões expostas, injustamente repreendido. Tal emprego é ainda um recurso para fugir ao anacronismo.

Pondo de lado os pronomes pessoais e fórmulas de tratamento respeitoso, passaremos a ver a polidez refletida em outros modos de expressão. As condições de vida moderna e a diminuição das distâncias sociais promovida pela educação política têm procurado dourar a pílula da ordem e do comando de superior a inferior, de mais velho a mais jovem, ou, no trato cotidiano, nas mais variadas circunstâncias e situações que aproximam as pessoas. O imperativo categórico ou exortativo da gramática, aquele que se usa para exigir o cumprimento das ordens, não bem condiz com este movimento de respeito mútuo procurado pelo falante, pois a ordem (agora mais um pedido ou uma súplica, um desejo) é expressa por entoação ascendente ou elevação do tom de voz. Naturalmente, a princípio, procurou-se amenizar a situação

com o expediente de ser enunciado o pedido em tom de voz amena, com a curva entonacional descendente. Já era uma tentativa de solução.

O estratagema utilizado deveria, todavia, encontrar sérios obstáculos porque se restringia à língua falada, já que não se tinha como registrar na escrita a mudança da curva melódica da frase; por outro lado, continuava-se com o emprego de mesmo modo verbal. Era necessário buscar novos meios de expressão.

O movimento seguinte neste sentido foi a utilização de expressões que traduzissem com mais eficácia a polidez, juntando-se, para tanto, ao imperativo, fórmula como *por favor*, *por obséquio*, etc.: *Entregue-me isto, por favor*. Ou então frases com falsas interrogações, já que não se espera nenhuma resposta imediata: *Quer fazer o favor (a gentileza, o obséquio) de entregar este livro ao porteiro?*

Cabe lembrar que a entoação como sinal e expressão de polidez não fica restrita ao uso do imperativo, mas se estende a outros elementos de unidades linguísticas.

Outra manha de linguagem para atenuar as situações de ordem ou comando é o uso do plural do verbo como se o falante quisesse associar-se à ação que deseja que o seu interlocutor execute: *Levemos o livro ao porteiro*. Tal expediente é aproveitamento do chamado plural de convite, que muitas línguas conhecem. Assim, a mãe que, insistindo em dar o remédio que o filhinho rejeita, induz a criança a fazê-lo com a seguinte falsa associação: *Vamos tomar o remedinho*. É tão interessante este uso, que a mãe pode dizer: *Vamos tomar o remedinho e depois vamos passear*, onde a efetiva companhia só se dará em relação ao passeio. O remédio a criança tomará sozinha.

Por este caso, vemos que, mesmo entre pessoas que não guardam cerimônia entre si, a polidez pode refletir-se na linguagem. De modo que, é frequente entre amigos o imperativo ser substituído pelo presente do indicativo: *Tu vens comigo hoje ao cinema*. *Não te esqueces do meu pedido.*

Suaviza-se a expressão do tipo *Eu quero telefonar* ou *Eu preciso sair* substituindo-se o presente pelo imperfeito: *Eu queria telefonar* ou *Eu precisava sair*. Muitas vezes o interlocutor por fingida brincadeira ou por não descodificar corretamente o uso do imperfeito, replica: *Então já não quer? Não quer mais?*

A pergunta com vista a obter informações de outrem, mesmo nos casos em que a função precípua do nosso interlocutor seja atender a esses pedidos

de informação, vem, entre pessoas educadas, acompanhada de variadas expressões de polidez: *Que horas são, por favor? Quer fazer o favor (a gentileza, o obséquio) de me dizer as horas? Poderia dizer-me as horas, por favor?* E assim por diante. Em tais situações, o francês usa *s'il vous plaît*. Só entre pessoas de intimidade é que se dispensam tais fórmulas: *Que horas são?* Fora deste caso, a não utilização dessas expressões é sinal de pouca civilidade e atenção às boas normas da convivência social.

Muitas vezes, o interlocutor não entende a pergunta que lhe foi dirigida, e aí é necessário solicitar à pessoa que a repita. Familiarmente, basta um *quê*? um *como*? ou mesmo um *hein*? (*hem*?) ou um *hã*? Menos familiarmente, *como disse*? Todavia, se não houver intimidade e se quiser o interlocutor ser mais gentil, põe a língua à sua disposição algumas maneiras para expressar a polidez. Além de *Queira repetir por favor* (*faz favor*) ou *Não entendi, desculpe-me,* podemos empregar, como, por exemplo, fazem os espanhóis e franceses, *Perdão*. Em francês, em tais situações, é sinal de vulgaridade o emprego de *Quoi*? Traduz-se aí a polidez por meio de *plaît-il* (e não *s'il vous plaît*?), *comment [dites-vous]?*

Nas fórmulas de agradecimento, usa-se de *[muito] obrigado*, por *[muito] agradecido*, onde os adjetivos *obrigado* e *agradecido* devem concordar, como é de regra, com a pessoa a que se referem, isto é, se homem, *obrigado*, *agradecido*, se mulher, *obrigada*, *agradecida*: José respondendo: *Muito obrigado*! Maria: *Muito obrigada*! Na língua coloquial e popular empregam-se esses adjetivos sem flexão de gênero, isto é, Maria agradecendo, *Muito obrigado*! Uma vez por outra ouço a homens: *Muito obrigada*! ou *Obrigadinha*!

Embora não seja caso de polidez, é oportuno neste momento lembrar que no oferecimento que se faz a alguém mediante a expressão *Está servido*, emprega-se entre nós sem flexão também a forma adjetiva *servido*: *José, você está servido*? (em geral mostrando o que se está a comer ou beber), *Maria, está você servido*? ou, simplesmente, em ambos os casos, *Servido*? Acontece que *servido* há de concordar com a pessoa ou pessoas a que estamos oferecendo algo: *José, servido*? *Maria, servida*? *Vocês aí, estão servidos*?

Nas respostas afirmativas ou negativas, manda a etiqueta que, entre pessoas de cerimônia, não se use simplesmente *Sim* ou *Não*; cumpre dizer *Sim, senhor (senhora)* ou *Não, senhor (senhora)*, fórmulas que têm os dois

elementos tão solidários entre si, que não se faz pausa entre o *sim* (ou o *não*) e o vocativo *senhor* (*senhora*), apesar de haver obrigatoriamente a vírgula.

Nas situações de desmentidos, em que se contraria o dito ou o pensado pelo nosso interlocutor, as manhas de linguagem para não ofender o semelhante são também variadas. Já o nosso Padre Antônio Vieira, trezentos anos atrás, nos dizia mais ou menos isso, pois cito de memória e modernizando-o, que o *não* (no seu texto escrito *non*, o que facilita o entendimento de parte de sua argumentação) é uma palavra terrível, não tem direito nem avesso, e por qualquer lado que o tomemos, sempre nos será desagradável, sempre nos magoará. Assim é que estamos constantemente a suavizar nossa opinião contrária: um dos recursos utilizados consiste em substituir a negação por uma interrogação: em vez de *Você não está com a razão* dizemos *Estará você com a razão? Pensa você mesmo assim?*

É no léxico, no uso de palavras que procuram atenuar certos conceitos e opiniões, que a polidez nas línguas é mais evidente, é moeda corrente em todos os estratos sociais. São os *eufemismos* que têm também sua contrapartida, os *disfemismos*. Chamam-se *eufemismos* os vocábulos e expressões que procuram atenuar o impacto negativo que provocam entre pessoas certas alusões a doenças, defeitos, ofensas, superstições e outras noções que ferem a decência ou machucam a sensibilidade. Está claro que não entram só aqui as razões de cortesia, mas ainda o respeito a crenças religiosas e superstições. Muitos desses eufemismos têm origem em tabus linguístícos, de modo que se torna muitas vezes difícil fazer entre eles nítida e rigorosa separação. Os eufemismos e disfemismos se acham hoje bem estudados, na área da língua portuguesa, por mestres que escreveram trabalhos notáveis, como são, entre muitas outras, as obras de João da Silva Correia, Delmira Maçãs e Heinz Kröll (todos com especial atenção para Portugal) e Mansur Guérios e Silveira Bueno, mais particularmente para o Brasil. A cortesia está presente na designação de algumas profissões e ocupações como, por exemplo, o antigo *boticário* é substituído por *farmacêutico*; a *empregada* (*doméstica*) ou *criada* passa a *secretária* ou *mulher a dias*; a alusão a *dona de casa* passa a p*rendas domésticas*; o *calista* muda-se em *pedicuro* (*pedicure*), o *salão de barbeiro* (depois *cabeleireiro*) em *salão de beleza* ou, estrangeiramente, *coiffeur* ou *hair-dresser*); os *lixeiros* são hoje os *homens da limpeza*. Modernamente os programas de respeito e amparo aos velhos se dizem programas ao *idoso* ou à *terceira idade*. Também certos males têm substitutos eufêmicos: a *tuberculose* é referida como *tísica*, *doença*

do peito, *fraqueza*, *doença dos pulmões*; da *epilepsia* diz-se *mal santo* ou *sagrado* (por se supor de origem sobrenatural); as doenças venéreas são conhecidas como *doenças feias*, *doenças do mundo*, *mal do mundo*, *mal francês* ou *gálico* (por se considerar proveniente da França). A *morte* e o *diabo* contam com numerosos eufemismos pelas razões óbvias; encheria aqui o espaço com denominações para *morrer*, desde as de caráter literário e religioso, como *finar-se*, *ir desta para melhor*, *passar ao reino de Deus*, até as populares *ir para a cidade dos pés juntos*, *esticar as canelas* ou *vestir pijama de madeira*, sem contar irreverências que o sentimento de respeito e cortesia aos leitores e às boas normas me impedem de lembrar. É de leitura proveitosa o livro do amigo Heinz Kröll *O Eufemismo e o Disfemismo no Português Moderno*, publicado pela Biblioteca Breve, do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, superiormente dirigido pelo Dr. Fernando Cristóvão, e o do amigo de saudosa memória Mansur Guérios, intitulado *Tabus Linguísticos*, trazidos à luz, em 2ª edição, pela Companhia Editora Nacional e pela Universidade Federal do Paraná.

Uma das fontes dos estratagemas de linguagem com vista a imprimir respeito e cortesia às expressões eram, sem dúvida, os laços de atenção que interligavam os membros da família e, num campo mais vasto, da comunidade; hoje estes laços estão mais frouxos, quando não, infelizmente, deteriorados, especialmente nos grandes centros urbanos. O justo movimento de emancipação das mulheres e a busca do nivelamento delas aos homens trouxeram a queda de alguns traços distintivos entre os dois sexos: a aparência física, os trajes, os adereços e, como não poderia deixar de ser, a linguagem. Os termos grosseiros (antigamente, pelo menos em público, privativos do homem) ganharam foros de cidadania entre as mulheres, e os palavrões correm soltos dos velhos às crianças no recesso do lar, na via pública, nas áreas de lazer de luxuosos condomínios, na escola. A onda contra a censura (mesmo nos casos em que o bom senso a recomendaria) levou ao cinema, ao teatro e já agora à novela de todos os horários, os termos chulos. Sabemos que as palavras, como as coisas, se desgastam pelo uso; a frequência que se registra hoje do emprego dessas expressões grosseiras poderá levar a língua portuguesa a uma lacuna no seu repositório de termos chulos, e aí essas pessoas que não passam sem eles, ficarão em dificuldades para se maltratarem e se xingarem mutuamente, pois os palavrões estarão tão desgastados, que não se sentirá neles a antiga maledicência que transmitiam. Aliás, isto já está acontecendo. Os atuais dicionários do palavrão se constituirão em peças de

museu e de investigação linguística como hoje acontece com os glossários e elucidários da língua arcaica. Se não houver um repensar na educação em sentido amplo, falantes de português terão de expressar unicamente seus xingamentos por meio de gestos, como fazem hoje para um ou outro mau pensamento em relação a seu próximo. Eles se terão aproximado ainda mais dos macacos: *Asinus asinum fricat*, para dar ao tema um sabor de sabedoria clássica.

Poluição linguística

Carlos de Laet, professor de Português, escritor exímio, jornalista fecundo e polemista vigoroso, escreveu, certa vez, uma crônica em que denunciava o mau emprego de grandes inventos. Entre eles, estava a imprensa, destinada, no sonho de Gutenberg, a ser a trombeta da justiça e das demais boas causas, mas que se tinha transformado, na mão dos homens, em veículo de jogos escusos e da potoca.

A crônica vem-me à lembrança quando ouço e leio o mau emprego da Linguística por leitores apressados de grandes mestres, quando aqueles transpõem o objeto e método da nobre e indispensável disciplina para a sala de aula, para a seara de trabalho do professor de Língua Portuguesa.

Muitos linguistas têm chamado a atenção para o fato de que os modelos teóricos levantados para o estudo e descrição científica das línguas não pretendem, primordialmente, modificar o trabalho do professor de línguas; mas até adiantam, como o fez Chomsky numa de suas comunicações a congresso de especialistas, que não acreditam na plena eficácia desses modelos teóricos, quando aplicados a fins pedagógicos. Está claro — e ninguém põe em dúvida o fato — que o aperfeiçoamento científico da teoria linguística pode ter repercussão benéfica em determinados aspectos do ensino das línguas; mas isto está longe de significar que o linguista vai assumir o papel de professor de língua, ou que este se vai transformar naquele.

Mattoso Câmara Jr., que introduziu no Brasil a Linguística, faz a respeito destas diferentes tarefas, considerações judiciosas, que cumpre recordar:

"A gramática descritiva, tal como vimos encarando, faz parte da linguística pura. Ora, como toda ciência pura e desinteressada, a linguística tem ao seu lado uma disciplina normativa, que faz parte do que podemos chamar a linguística aplicada a um fim de comportamento social. Há assim, por exemplo, os preceitos práticos da higiene, que é independente da biologia. Ao lado da sociologia, há o direito, que prescreve regras de conduta nas relações entre os membros de uma sociedade.

A língua tem de ser ensinada na escola, e, como anota o linguista francês Ernest Tonnelat, o ensino escolar tem de assentar necessariamente numa regulamentação imperativa.

Assim, a gramática normativa tem o seu lugar e não se anula diante da gramática descritiva. Mas é um lugar à parte, imposto por injunções de ordem prática dentro da sociedade. É um erro profundamente perturbador misturar as duas disciplinas e, pior ainda, fazer linguística sincrônica com preocupações normativas". (*Estrutura da Língua Portuguesa*, 1970, p. 5).

Reclamam, com razão, os críticos da gramática normativa, que os exemplos de suas recomendações de bem falar e escrever se baseiam, muitas vezes, na produção literária de Camões, de Vieira, de Frei Luís de Sousa... e até de Machado de Assis. A verdade, todavia, é que tais exemplos de autores quinhentistas e seiscentistas abonam fatos da língua correntes ainda hoje: são questões de gênero e número, concordância nominal e verbal, certas regências verbais e nominais, que não se modificaram neste longo espaço de tempo do século XVI aos nossos dias. Mas como tais autores usavam, por outro lado, construções e formas hoje obsoletas, não é de boa orientação metodológica sincrônica tomá-los por modelos, ainda que sejam para fatos vigentes hoje.

Já em relação a Machado de Assis, que escreveu no português contemporâneo (séculos XIX e XX), o repúdio ainda é mais inconcebível, quando se diz que as regras de gramática normativa não se podem nortear pelo uso da língua artificial e imposta. Que língua ou que variedade de língua se há de considerar como modelo? Aí as opiniões se dividem: os populistas ou igualitários defendem o liberalismo linguístico, que faz da língua falada a modalidade natural e espontânea; os que acreditam na necessidade de uma feição mais cuidada como veículo de cultura defendem uma modalidade neutra — não sofisticada como a língua literária. É nesse momento que surge a

proposta de substituir a língua literária pelo que entendem como língua da imprensa.

Os que querem alijar da documentação dos fatos linguísticos a língua literária — por artificial e imposta —, apontam por modelo ideal na sala de aula de Língua Portuguesa (local de que foram banidas as antologias literárias, substituídas por artigos de jornais) crônicas do dia a dia, estas quase sempre envolvendo situações de humor para despertar nos alunos o gosto pela leitura e o conhecimento adequado do uso vivo do idioma.

Esta prática de valorizar a língua natural e espontânea não data de hoje, bem como a ojeriza da presença da aula de gramática na sala e nos compêndios escolares. A par desta orientação, surgiu a tal da aula de criatividade, do respeito da produção criativa da criança e do adolescente, e, nos seus corolários pedagógicos, a decisão de que a redação do aluno é intocável. Qualquer correção por parte do professor é considerada intervenção indébita, um atentado à liberdade linguística do educando. Com honrosas exceções, pois felizmente sempre as há, a aula de língua portuguesa se transformou na presença, em sala e no discurso do alunado, dos usos das variantes familiar, coloquial e popular; em poucas palavras, a aula se transformou no que chamo mesmice idiomática.

É bem verdade que antes, durante e depois dessas inovações, havia muito excesso, por parte de alguns professores que transformavam a aula de português numa aula de teoria gramatical ou num museu de recomendações puristas agasalhadas pela prática de clássicos de um passado remoto. Da primeira atividade já se queixava o professor Said Ali num prefácio, datado de 1898, à *Sintaxe da Língua Portuguesa*, de Leopoldo da Silva Pereira:

"Sentem (os tais professores) o indomável prurido de transmitir as novidades científicas, quaisquer que sejam, a todos os que os ouvem; e como é reduzido o número dos adultos dispostos a deliciar-se com a audição dessas áridas doutrinas, procuraram as suas vítimas nos meninos que, como alunos, têm o dever de prestar atenção aos mestres, nessas plantas tenrinhas que com um excesso de adubo científico definham em vez de se desenvolverem".

O resultado dessas incursões pedagógicas e doutrinárias, somando-se ao descaso das autoridades competentes e da sociedade como um todo aos problemas da Educação e da Cultura, vê-se hoje no uso lastimável e gaguejante do idioma nas escolas de 1.° e 2.° graus e na de nível superior, continuando na prática dos egressos dessas instituições.

A dicção desleixada dos locutores e artistas, o pobre português ruim que vai das letras de nossa música popular às petições de nossos advogados, aos pronunciamentos de nossos políticos, aos cartazes oficiais e privados e aos anúncios de nossa cadeia de televisão, denunciam o desprezo e a má preparação da língua materna. O capricho em falar bem a língua dos outros corre paralelo ao descaso ao uso da língua portuguesa:

A decência linguística nesse contexto é traço de servilismo e colonialismo, contra o que muitos desses falantes deblateram em praça pública.

Anualmente, professores que examinam nos vestibulares ao ingresso das universidades, colhem as "pérolas" escritas por candidatos que a escola considerou aptos para a luta encarniçada em busca de um posto na sociedade, pérolas que fazem rir (em vez de chorar) quando exibidas pela imprensa. Recentemente (*O Globo* de 24 de março), tivemos conhecimento de algumas dessas "pérolas" recolhidas: de grafias do tipo de *falças promeças*, *reflecções passíficas* a asnáticas mensagens que nada dizem com muitas palavras: "Sempre ou quase sempre a TV está mais perto de nosco"...

Enquanto isso rola (rolar é o verbo da e para a galera da televisão numa prova de apelação linguística), ficamos à espera de medidas eficazes em prol da Educação e da Cultura, uma vez que nos incomodam e preparam dias funestos ao futuro de nossa sociedade a educação e a cultura que "rolam" por aí.

Perguntou-me certo aluno, durante uma aula, por que havia tantas discordâncias entre os gramáticos e por que eles não se reuniam para acertar as divergências, trazendo com isso alegria e tranquilidade a todos. Respondi-lhe que era necessário distinguir, no caso em tela, discordâncias e discordâncias, isto é, se estas se situam no plano dos fatos da língua ou se circunscrevem ao plano da teoria gramatical, vale dizer, à utilização de modelo teórico de que se serve o pesquisador para descrever os mesmos fatos gramaticais.

Se fizermos tal distinção, vamos ver que as discordâncias praticamente inexistem no primeiro plano, isto é, todas as gramáticas concordam que, na língua padrão ou de cultura, o verbo *assistir*, empregado com o significado de "estar presente", se acompanha da preposição *a* (Assistiu-se ao espetáculo, e não Assistiu-se o espetáculo); que o presente do indicativo do verbo *vir*, na 1ª pessoa do plural, é *vimos* (e não *viemos*); que o plural de *cidadão* é *cidadãos* (e não *cidadões*); que o verbo *haver* não se pluraliza empregado em frases do tipo *Houve enganos*, *Havia enganos* (e não *houveram* e

haviam, respectivamente); que o verbo fica no singular em frase do tipo *Precisa-se de empregados* (e não precisam-se de...); que há uma excrescência no emprego da preposição *de* em predicados do tipo *Acho de que o problema tem solução* por *Acho que...*

Já começarão as divergências quando, por exemplo, a questão é saber se a prefixação é um processo de derivação ou de composição, ou se o se é sujeito em frase do tipo *Vive-se* ou *É-se feliz*, ou se estamos diante de predicado verbal ou verbo-nominal em frases do tipo *Encontraram a porta aberta*, ou se *cercado* é adjetivo ou verbo no particípio em frases do tipo *A fazenda está cercada*, ou ainda, na conceituação de *vogal*, *sílaba*, *frase*, etc., etc.

Mas estas últimas divergências não são de fatos de língua portuguesa, mas de teoria lingüística, de posição ou modelo teórico do especialista. Neste caso, como há diversas correntes e diversos modelos de descrição das línguas concretizadas nos fatos de língua ou nos atos de fala, é perfeitamente válida a existência de diferentes e, portanto, de divergentes soluções e classificações no plano teórico.

O que tem ocorrido, cada vez com mais frequência, é que onde as pessoas têm de aprender os fatos da língua na sua modalidade culta — na escola de 1.º e 2.° graus — não o fazem ou o fazem de maneira insuficiente e, quando procuram nos cursos de Letras aprender o que não aprenderam na escola, veem-se envolvidas com a teoria gramatical. Como não têm conhecimento dos fatos da língua, vão aprender a teorizar o quê? Limitam-se a repetir, sem compreender a essência dos fenômenos, os modelos oferecidos em aula, e saem da Universidade sem o conhecimento suficiente da língua para praticá-la e ensiná-la aos alunos de 1.° e 2.° graus. Há os que têm consciência de sua fragilidade na matéria que lecionam ou vão lecionar, e encontram maneiras de recuperar-se; mas há os que se escondem sob um dos dois disfarces: não ensino gramática porque a linguística mostrou que ela está toda ou quase toda errada, ou todas essas regras já eram, são coisas que hoje não mais se usa (usam mesmo o verbo no singular, porque o que hoje se diz e escreve é *aluga-se casas*, e não *alugam-se casas*, explicam). Dos dois disfarces extraem o seguinte lema de comunicação: "o que importa é que me entendam".

E o mal não é exclusivamente do brasileiro; em livro recentemente publicado em Portugal, o incansável e competente José Pedro Machado (*Ensaios literários e linguísticos*, Lisboa, Editorial Notícias, 1995, p. 221) repete a opinião de falantes a quem se cobra uma língua decente: "Temos

mais em que pensar!", "Há lá tempo para ir atrás disso!", "Isso não interessa!", "O que importa é que entendam o que quero dizer, o resto é paisagem!".

Carta do leitor no Rio profligava há dias dois atentados à gramática na exortação nacional da UNE: *Se liga 16!* Da mesma forma que em Portugal se ouviu e leu muito o "peço-vos que vão votar".

Silva Ramos, professor que ilustrou a cátedra do Colégio Pedro 11, em artigo que deveria ser lido e meditado pelos que ensinam a língua portuguesa, tocava neste mesmo ponto, e dizia do alto do seu saber:

"Toda nação tem o seu código de bem falar e escrever em que se instruem os naturais até aos quinze ou aos dezesseis anos, e cada qual procura exprimir-se de acordo com ele, abandonando os problemas da língua aos filólogos e aos gramáticos a quem compete destrinçá-los.

Entre nós, que sucede? Os estudantes de português e muitos dos que escrevem para o público descuram inteiramente da gramática elementar, para se interessarem pelas questões transcendentes: a função do reflexivo *se*, se ele pode ou não figurar como sujeito, o emprego do infinitivo pessoal e do impessoal, qual o sujeito do verbo *haver* impessoal e outras que tais cousas abstrusas que nada adiantam na prática.

Que resulta daí? E que, por ignorarem os verbos, não reparam, por exemplo, em que os compostos de *ter, pôr* e *vir* acompanham as irregularidades dos simples, pelo que é comum encontrarem-se frases como estas: "quem se *deter* a observar os fatos", "*entretia-se* a atirar pedras por cima do muro", quem *supor* que faltamos à verdade vá lá ver", "poderá adquirir terrenos onde lhe *convir*" (Em ar de conversa apud Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, Rio, Briguiet, 7.a ed., 1963, p. 151-152).

Embora a linguagem seja marca tão inerente ao homem, que cientistas o classificam por ela (o homem é o animal que fala), é surpreendente o desconhecimento que ele revela, da natureza desse admirável instrumento de comunicação com seus semelhantes. Uma prova disto se patenteia quando pedagogos e autoridades do ensino resolvem, imbuídos dos melhores propósitos, combater a decadência da língua por meio de medidas que a experiência repetida tem mostrado serem ineficazes. A língua portuguesa está empobrecida; é preciso revitalizá-la. A língua portuguesa está em franca decadência, e coisas que tais, são afirmações que se ouvem, reclamações que se praguejam, refletidas no mau uso do idioma por parte de alunos, de universitários das mais variadas categorias, do pessoal de imprensa e de quantos têm, por sua formação, o dever e a necessidade de bem se sair da empresa.

Partindo do pressuposto de que o combalido idioma tem existência independente do homem que dele se serve, apontam remédios que, adotados, se têm mostrado ineficientes. Uma proposta muito comum é oferecer ao alunado mais aulas semanais de língua portuguesa, saturando a já inchada carga horária. Tem-se adotado tal expediente sem que se tenham obtido os resultados que dele se esperavam.

Outra tentativa é o esforço de se reintroduzir o latim no curso de 1.º e 2.° graus, sob a conhecida alegação de que para se saber um dedo de português é preciso conhecer dois dedos de latim. A proposta tem dois vícios evidentes. O primeiro é que se isso fora verdadeiro, poucos escritores em Portugal e no Brasil teriam podido oferecer-nos as jóias de seu talento literário, exatamente por não saberem patavina de latim. O segundo é reduzir uma língua rica e importante como o latim, à triste condição de ancila do português, de muleta para sustentar a ignorância da língua materna. O latim tem características de valor cultural e linguístico que o impõem como disciplina de prol num curso de humanidades, e países não românicos — como a Alemanha, a Inglaterra, a Finlândia e a Rússia — fazem dele matéria indispensável no currículo que seus jovens estudantes têm de cumprir.

Linguisticamente, já o disse do alto de sua competência Meyer-Lübke, a sintaxe das línguas neolatinas modernas e — aí é o campo onde reside a maioria do despreparo da turma — está mais próxima, em muitos aspectos, do alto alemão moderno ou do grego moderno do que do latim antigo, sendo, assim, reduzido o papel de ajutório da língua de Cícero à língua de Camões e de Machado de Assis.

Outros especialistas optam por introduzir no currículo lógica ou filosofia, na esperança de que tais disciplinas organizem melhor o pensamento dos jovens e, por consequência, disciplinem a estruturação frasal do seu discurso falado ou escrito.

E também desses expedientes não se obtiveram os resultados desejados, e a razão disso é que a nossa sociedade, nas suas diversas agências de cultura — a escola, a literatura, a imprensa, o teatro, a televisão e o rádio —, com poucas e honrosas exceções, não tem dado a devida importância ao código de bem falar, de que se preocupa toda sociedade culta ou que aspira a ser culta.

A língua não está combalida por si mesma; quem está combalida é a cultura dos que a falam e a escrevem; a língua, refletindo-os, denuncia esse estado de indigência.

Já o pedagogo e polígrafo morávio (Tcheco-Eslováquia) Comênio, (1592-1670), considerado o pai da moderna pedagogia, comentava: A culpa não é das línguas, mas dos homens, se alguma língua se revela obscura, mutilada e imperfeita para significar aquilo que é necessário (...). Não faltaria, portanto, nada a nenhuma língua, se aos homens não faltasse o engenho (*Didática Magna,* 432-433 da trad. port.).

Se se quiser mudar ao que hoje se assiste, há de se adotar o sistema a que um meu amigo, prof. Pedro Luís González Pastor, da Universidade Nacional de San Agustín, de Arequipa (Peru), chama glossocentrismo, segundo o qual todo professor de qualquer disciplina do currículo seja um mestre também cioso pelo bom desempenho linguístico dos seus alunos, não ficando exclusivamente esta tarefa a cargo do professor de língua e de literatura de língua portuguesa. Nessa tarefa glossocêntrica também há de empenhar-se a sociedade como um todo por meio de suas múltiplas agências de cultura, quais sejam a televisão, o rádio, a imprensa, o teatro, o cinema e... a literatura. Está claro que com isto não se propõe a volta do *magister dixit*, o império do purista aprisionado nos ditames dos clássicos quinhentistas e seiscentistas, dos Vaugelas que defendem a petrificação e imobilização das formas linguísticas. O que se pretende é a conscientização de que todo falante, nos momentos de utilização da língua de cultura, saiba fazê-lo com coerência na formalização ao propósito expressivo do seu texto.

Em última análise, o que se quer, como bem disse Pedro Salinas, "é despertar (na pessoa) sua sensibilidade para o idioma, abrir-lhe os olhos às potencialidades que nele existem, persuadi-lo, pelo estudo exemplar, de que será mais pessoa e melhor pessoa se usa com maior exatidão e finura esse prodigioso instrumento de expressar seu ser e conviver com seus semelhantes" (*La Responsabilidad del Escritor*, p. 56-57).

As palavras têm seu destino

A célebre frase de um verso incompleto do poeta latino Terenciano Mauro (nascimento e morte em datas desconhecidas, mas durante ou logo depois do séc. 111 d.C.), referida aos livros, *Habent sua fata libelli* (Os livros têm seu destino), pode perfeita e rigorosamente aplicar-se às palavras, no seu percurso nos livros, nos dicionários, na leitura e interpretação das pessoas, na transmissão oral: *Habent sua fata vocabula*.

São conhecidas histórias de palavras que nasceram da má leitura de textos antigos; algumas dessas invenções tiveram vida efêmera. E o caso de *canto de ledino*, que aparece na écloga de Cristóvão Falcão, na edição de Birckman, e que levou Teófilo Braga a acreditar que na literatura portuguesa houvesse um gênero de *cantos de ledino*, o que nunca existiu. Com esta denominação, o gênero foi agasalhado por mestres de saber profundo, como D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e por Francisco Adolfo Coelho, que logo estendeu a denominação aos cânticos de romaria, além de ilustres estrangeiros, como Emesto Monaci, Ugo Canello e Menéndez y Pelayo, entre outros.

Quem deu pelo erro de leitura de *canto de ledino* foi Epifânio Dias na sua edição das *Obras de Christóvão Falcão* (Porto, Magalhães & Moniz, 1893). Mostrou que se deveria ler *canto dele dino* (= digno dele), lição que logo abraçou D. Carolina no Quadro da Literatura Portuguesa, que escreveu para o *Grundriss*, de Gröber (cf. *Revista Lusitana*, vol. 111, Porto, 1895, pág. 355 n.1).

Outras vezes é o erro de revisão que desorienta o leitor. Conhecemos, em nossos estudos de língua, dois ou três casos bem reveladores. O primeiro ocorreu numa obra do filólogo Otoniel Mota sobre o pronome *se*, na qual procura discordar da interpretação oferecida por Said Ali, em artigo publicado no fim do século passado e, a partir de 1908, recolhido nas *Dificuldades da Língua Portuguesa*, uma das obras mais profundas e penetrantes que se escreveram acerca do nosso idioma.

O opúsculo de Otoniel Mota, publicado em 1905 e com 52 páginas, com o título *Ensaio Lingüístico*, faz finca-pé em alguns exemplos clássicos onde ocorre o pronome *se*, e aí cita o de Castilho, que aparece na bela introdução aos dois volumes da Livraria Clássica dedicados ao Padre Manuel Bernardes: Por tudo isto se admira Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se (assim citado por O. Mota).

Said AIi respondeu ao opúsculo de Otoniel Mota com uma breve nota de rodapé de página, balançando a teoria difundida pelo seu opositor pelo simples fato de estar o exemplo mal transcrito:

"E o mais bonito de tudo é que Otoniel Mota está equivocado: o primeiro membro também tem a preposição *a*. O trecho devia ser citado assim: "Por tudo isto se admira a Vieira (*e não se admira Vieira*); a Bernardes admira-se e ama-se" (...) Logo, quanto à elucidação que nos havia sido dada, ficará naturalmente o dito por não dito" (*Dificuldades*, 5.a ed., pág. 95 n. 2).

Laudelino Freire foi um extremado cultor do vernáculo que, além de obras de sua própria oficina, se notabilizou pelo carinho e dedicação com que manteve, por vários anos, a *Revista de Língua Portuguesa*, a publicação de maior vitalidade no gênero, saída no Rio de Janeiro. A esta *Revista* veio juntar-se a *Estante Clássica*, também com uma dezena ou mais de números relativos a excelentes escritores brasileiros e portugueses, todos eles acompanhados de introdução e notas a cargo dos melhores especialistas, alguns dos quais de rara produção no Brasil, como José Joaquim Nunes e Júlio Moreira.

Não contente com tantas iniciativas em prol do estudo e difusão do idioma, foi responsável, em 1922, por uma edição fotografada da 2ª edição de 1813 de um tesouro da lexicografia portuguesa, o *Dicionário* de Antônio de Morais Silva, esgotadíssimo e indispensável instrumento para leitura dos clássicos.

Com seu nome ocorre ainda um excelente *Dicionário*, do qual não foi exclusivo responsável. Começou com a colaboração de vários especialistas (João Guimarães, Artur de Almeida Torres, Modesto de Abreu, Alírio

Réveilleau, Agenor Macedo, entre outros), como obra de equipe, acabou tendo por principal colaborador até o fim da publicação o professor paulista João Luiz de Campos, especialmente depois da morte de Laudelino Freire, quando já estavam concluídos os materiais relativos à letras A e B.

Apesar desse convívio e experiência das leituras filológicas, Laudelino não era um especialista no rigor do termo.

O seu preparo de vemaculista não lhe evitou várias lições que logo mereceram crítica de estudiosos. É aí que entra o opúsculo do Conde Pinheiro Domingues, lexicógrafo dotado do conhecimento de várias línguas, leitor de uma vasta gama de autores clássicos e pré-clássicos de todos os gêneros literários e dono de uma biblioteca especializada em lexicologia e lexicografia que faziam inveja a qualquer pesquisador europeu ou americano. O Conde Pinheiro Domingues, que ainda menino e moço chegamos a conhecer pessoalmente, estava, como ninguém entre nós àquela quadra, preparado para levantar os primeiros alicerces do nosso imprescindível dicionário histórico, ainda hoje não trazido à luz, infelizmente. Com seu falecimento, em dezembro de 1947, ficaram seus estudos esparsos em revistas, jornais e opúsculos, quase sempre escondidos sob a capa de pseudônimos. Ainda acalentamos o sonho de publicá-los em honra de tão excelente cultor de nossas lexicografia, que reunia ainda — e o dizia com orgulho — a honra de ter sido aluno de Epifânio Dias.

Com esta bagagem de informações técnicas não lhe foi difícil encontrar senões na série em que Laudelino, à medida que ia lendo e relendo os livros de Camilo, lhes apunha comentários, *maxime* de vocabulário. E, num desses tópicos, ao Laudelino defrontou-se-lhe uma palavra que lhe era desconhecida. Dele e dos léxicos todos compulsados pelo comentarista, que logo se imaginou diante de um hápax, isto é, de uma palavra que ocorreu uma única vez em obra de qualquer gênero. Era, realmente,

Veio o Conde e mostrou-lhe que infelizmente não se tratava de um hápax, e sim de um erro de impressão, por azar do pesquisador, corrigido na Errata, ao final do livro consultado.

Falávamos de más leituras de palavras que têm levado estudiosos a falsos caminhos. Casos destes ocorreram com mestres de larga experiência e valor, entre os quais lembramos agora João Ribeiro, num dos capítulos desse livro encantador, de leitura saborosa, repleto de lições admiráveis, intitulado *Curiosidades Verbais* em 1ª edição pela Melhoramentos (1927), em 2ª

edição, pela Livraria S. José, do saudoso Carlos Ribeiro, com prefácio do não menos saudoso M. Cavalcanti Proença, e em 3ª ed. pela ABL.

Trata-se do cap. 38 em que procura explicar a palavra *granadeces* que aparece numa *Cantiga de Santa Maria* escrita pelo rei-trovador Afonso X, *o sábio, do século* XIII. Comenta João Ribeiro, lendo o texto da edição parcial preparada e anotada pelo erudito Padre Augusto Magne, que o passo:

"(...) *provezendo*

Tas santas granadeces",

que o editor interpreta "aumentando as tuas santas excelências", pode ter outra explicação, já que não diz" donde ela se formou". E continua sua lição:

"A palavra 'granadece' deriva de "granado" por sua vez derivada de grano = grão. Uma messe granada era a messe já em grão e, portanto valorizada, de grande preço. A granadece é a preciosidade e excelência ou perfeição. (pág. 140 da 1ª edição).

Depois de citar exemplos de "granado" no livro de *Buen Amor*, do Arcipreste de Hita, do século XIV, conclui:

"Uma cousa "granada" é a que atingiu o seu máximo valor. E daí natural significação que se deve dar às "granadeces" da Virgem Santa, isto é, o preço, "Paramount", de suas excelências e virtudes.

E para finalizar:

"O intuito dessa anotação é o de apenas ajuntar mais um caso semântico em que a ideia de valor, preço e riqueza deriva dos rebanhos e dos campos. Foi dessa origem bucólica que nasceu a moeda universal. (Ibidem, 141).

Ocorre que as pesquisas filológicas e de crítica textual vieram possibilitar-nos o conhecimento de uma fixação textual mais rigorosa e uma das palavras mal grafadas na antiga edição de Leopoldo de Cueto, marquês de Valmar (2 vols., Madri, *Real Academia Española*, 1889), segundo o moderno editor Walter Mettmann (Coimbra, publicada nos *Acta Universitatis Conimbrigensis*, 4 vols., 1959-1972), é *granadeces*, em vez de *grãadeces*, visivelmente filiado a *grande* e não a *grão* (grano), como supunha nosso João Ribeiro, com que vai por terra toda sua explicação por metáfora. Deveu-se o desvio do nosso erudito filólogo à má transcrição promovida pela edição de Valmar.

Aliás, a má transcrição da nasalidade nas vogais em textos medievais portugueses levou a falsas explicações o erudito filólogo alemão Oskar Nobiling. Este mestre por motivos de saúde, se transferiu para o Brasil, em

busca de melhores ares e, em São Paulo, honrou nosso magistério público como catedrático de língua alemã, escrevendo e adaptando entre nós livros didáticos de seu idioma e de inglês.

Nobiling nasceu em Hamburgo, a 30 de março de 1865 e faleceu, prematuramente em Bonn aos 19 de setembro de 19 12, quando mais se esperava de seu profundo conhecimento de línguas românicas, com especial atenção para a literatura medieval portuguesa, campo em que produziu estudos do mais alto valor. Era, portanto alemão, e não suíço, como por vezes aparece nas raras referências biográficas em português.

Em 1907, concorre à cátedra de Filologia Românica da Universidade de Bonn, com a tese *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, trovador do século XI1I, escolhidas e anotadas (Erlangen), cátedra conquistada por W. Meyer-Lübke. No mesmo ano e na mesma cidade alemã saem *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, edição crítica, trabalho ainda hoje modelar.

Seu famoso estudo sobre as nossas vogais nasais publicado em alemão em 1903 e traduzido pelas professoras Dinah Maria Isensee Callou e Maria Helena Duarte Marques, na revista *Littera* (n.° 12, out.-dez. de 1974), que dirigimos durante a década de 70, baseara-se na edição preparada pelo orientalista português Guilherme Vasconcelos Abreu (1842-1907). Neste trabalho o editor moderniza e altera a lição dos fatos lingüísticos, entre eles, o final do latim *onem* aparece no manuscrito ora como *am* ora *-ã* (*confissam*, *coraçã*), *Iição* que V. Abreu com base no étimo latino, sistematiza em -õ (*confusõ*, *coraçõ*), o que levou Nobiling a enganos, prejudicando suas conclusões.

Chamamos a atenção do nosso leitor para o caso de palavras que nasceram de má leitura de textos e que, empregadas por pessoas de projeção cultural, acabaram ganhando foros de cidade e entronizadas definitivamente no léxico da língua e nos seus dicionários. E o caso das chamadas *palavras-fastasmas*, "ghost words". Um exemplo clássico é o latim científico *collimare*, que nunca existiu no idioma de Virgílio, até que, provavelmente por falsa leitura de antigas edições de Cícero e Aulo Gélio, o autêntico *colliniare* ou *collineare*, 'alinhar', 'pôr numa mesma linha', foi lido *collimare*. Adotado por Kepler, com aplicação a instrumentos ópticos e tipográficos, e pelos astrônomos do séc. XVII, passou ao italiano que, com quase toda certeza, serviu de fonte de empréstimo às línguas cultas da Europa, inclusive o português, aqui a partir da 2ª metade do séc. XIX.

Originariamente, *colimar* significa observar com instrumento adequado, e depois, por extensão, mirar, visar, como se lê no *Dicionário Etimológico* do saudoso A.G. Cunha.

Outro exemplo interessante — e este mais complicado — é o que registra a história do nome da conhecida planta ornamental *tulipa*, da família das liliáceas. Sem conhecer os pormenores da história, quem poderia sonhar que *tulipa* e *turbante*, este designativo de um tipo de cobertura da cabeça, estivessem tão umbilicalmente associados.

Tudo começou quando um gentil-homem da então região francesa de Flandres, hoje pertencente à Bélgica — Ogier-Ghislain de Busbecq (1522-1592), diplomata, escritor e naturalista, sendo embaixador do imperador Fernando I na Turquia, introduziu na Europa várias plantas do Oriente: além da tulipa, o lilá e a castanha da India. Da tulipa, nas *Legationis Turcicae epistolae* Iv, atribui-lhe a origem turca ("corum [florum] quos Turcae tulipan vocant"). Ora, a tulipa em turco chama-se lâle, enquanto a palavra *tülbent*, de origem persa, indica a conhecida cobertura da cabeça, palavra que já tinha entrado na Europa, mormente na Itália, desde o séc. XV, com a forma *turbante*.

Para Gonçalves Viana o correto seria *túlipa*, proparoxítono, e assim adota a lição nos seus *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa e Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa*. É praticamente a lição generalizada nos léxicos portugueses, e, quando, por exceção, alguns registram *tulipa*, paroxítono, logo remetem a *tulipa* como a preferida. Outra não foi a acolhida no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências de Lisboa (Imprensa Nacional, 1940).

Entre nós, no Brasil, o corrente é *túlipa*, paroxítono: o recente *Vocabulário Ortográfico* da Academia Brasileira de Letras agasalha *tulipa*, e registra *túlipa*, como variante prosódica.

Mas cabe agora perguntar em que se estriba a lição recomendada por Gonçalves Viana, *tulipa*. A explicação prende-se à hipótese de que da Holanda, onde a flor recebe o nome *tulp* (pronuncia-se *tölp*), partiu para o resto da Europa e aparece, nos escritos científicos, sob a forma alatinada tulipa que, para Viana, se há de ler *túlipa*, com o acento na primeira sílaba, visto que entre o *l* e o *p* não há vogal, e a flor predileta dos holandeses de lá é que veio, com o nome que lhe eles deram e os mais povos imitam (*Apostilas*, 11, 511).

Esta hipótese da precedência holandesa está por ser comprovada; vimos que a forma *tulpe* aparece documentada em léxico do séc. XVII, enquanto

as primeiras datações na Europa remontam a 1554, nos jardins de Viena de Áustria.

Por outro lado, é curioso observar que Viana tinha diante dos olhos, pois traduziu do holandês para o português e a inseriu nas *Apostilas*, a lição de um filólogo e historiador do porte do holandês Reinhart Dozy (pronuncie dôzi) (1820-1883) sobre *turbante* e *tulipa*: "Tulbant, Tulp — A primeira palavra é o persa *dulbant*, ou o turco *tôlband*. Kiliann dá-o em duas formas, convém a saber, como *turbante*, e como *tulipa* [tulp]. Como nome da flor, tanto ele como Dodoneu só conhecem *tulipa*; em italiano chama-se *tulipano*, e é a mesma palavra que *turbante* [tulband]; os europeus deram-lhe este nome, porque ela, o que também diz Dodoneu (*Cruydt Boek* [livro das plantasl, p. 388b), se parece um tanto com um turbante quando está aberta de todo. Os persas e os turcos chamam a flor lâleh [- lãlehl (11, 511).

Vimos, no trecho citado, três autoridades holandesas, acostumadas a discussões gramaticais — como é, pelo menos, o caso de Dozy, coautor com Engelmann do famoso e prestante *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe* (a 2ª ed., Leyde, E. J. Brill, 1869) —, e em nenhuma há referência a dar à Holanda a primazia de ser o centro difusor da *tulipa* na Europa, nem a discutir a sílaba tônica divergente em *turbante* e *túlipa*, presos a uma única origem oriental. Parece, pois, que o holandês *tulp* só modernamente teria influído, em Portugal, por influência erudita, na pronúncia proparoxítona de *tulipa*, esta sim forma tradicional que marcha, ao lado da espanhola *tulipa*, com a sua fonte francesa *tulipe*.

Esta interferência erudita, contrariando o curso da história, tem contaminado muitos nomes, comuns e próprios; a nosso ver, parece ter acontecido isto com o autor da nossa primeira história do Brasil, Pero de Magalhães de Gandavo, hoje alterado para Gândavo, fato de que falaremos neste livro.

A história do léxico português precisa do concurso dos pesquisadores modernos para sair do atraso em que se encontra, só não maior porque tem merecido a atenção de estudiosos portugueses, brasileiros e estrangeiros.

Mas há muito para se fazer ainda.

A atenção maior de excelentes pesquisadores universitários tem- se voltado para a língua falada, fugaz e indomada, repleta de entornos alheios ao domínio propriamente lingüístico. Enquanto isso, a língua escrita, que, pela sua relativa fixidez, propicia o diálogo permanente de gerações, fica em segundo plano, quando não esquecida.

Nos países de forte rede educacional e cultural, que já contam com excelentes repositórios lexicais, gramaticais e históricos, a devoção da língua falada é um complemento necessário da pesquisa. A língua portuguesa ainda não goza deste privilégio, de modo que a situação atual se mostra danosa ao patrimônio idiomático, tanto no plano sincrônico (do funcionamento), quanto no diacrônico (da mudança).

A toda hora, temos acréscimos e alterações no domínio do nosso léxico; há semanas, lendo a *Revista Lusitana* (1887-1943), vol. IX de 1906, pág. 384, topamos a lição do Rev. Cunha Brito, segundo a qual o que se depreende da lição dos pergaminhos de Ponte é o termo *armuzello*, e não *armazello*, como está no *Elucidário* de Viterbo, e daí transmitido ao Morais, ao Fonseca & Roquete, grafado *armasello,* e ao *Dicionário* de Cândido de Figueiredo, sob a forma *armaselo*. *O Morais*, em 12 volumes, e o *Vocabulário* da ABL registram *armuzelo* e *armazelo*. A forma nascida de erro de leitura, armazelo, uma palavra- fantasma, deve ser eliminada do nosso léxico, como o declara Leite de Vasconcelos (ibid., 385).

Na esteira da unidade: Moscou ou Moscovo?

Vou desde logo informando ao meu caro leitor que o propósito destas linhas não é dar uma resposta à questão proposta no título acima, porém tão somente discutir alguns pontos em torno da necessária unidade numa seção do léxico português compreendida pelos nomes próprios geográficos e por terminologias científicas e técnicas. Vou também desde logo informando sobre uma distinção àqueles leitores que sempre veem com má vontade esses esforços de unificação de certos aspectos possíveis da língua que falamos e escrevemos, indivíduos que fecham os olhos à consciência da maioria dos utentes de que usamos, na essência, de um só idioma. Discutir, para todos os recantos onde *floresce, fala, canta, ouve-se e vive a portuguesa língua, senhora de si, soberba e altiva*, se vale a pena unificar o nome da cidade russa " se *Moscou*, como ocorre no Brasil, ou se *Moscovo*, como se diz modernamente em Portugal " não é o mesmo que discutir se devemos eleger um dos dois ou o *trem* brasileiro ou o *comboio* português ou, ainda, na mesma linha dos veículos, se o ônibus brasileiro ou o autocarro português.

Estes últimos nomes pertencem à seção do léxico constituído pelas *palavras usuais*, tecnicamente chamadas palavras *lexemáticas*, dotadas de uma função *léxica* propriamente dita, de estruturação primária da experiência por meio das "palavras". Estes termos, ao contrário dos que pertencem à seção aqui em causa, se organizam mais ou menos homogeneamente, e por isso mesmo se opõem lexematicamente e ainda, também por isso, têm a

possibilidade de admitir uma descrição semântica estrutural homogênea e coerente, à semelhança das descrições feitas para a fonologia e para a gramática. Como esta seção não se destina a técnicos, ponho aqui um exemplo dessa configuração estrutural das palavras lexemáticas, com o simples propósito de ser mais bem entendido. *Trem* e *ônibus* (poderia ser também *comboio* e *autocarro*) são unidades do campo léxico *meios de transporte por veículo* que inclui, entre os terrestres, *automóvel, carro, bicicleta, motocicleta, carrinha, camionete (-a), papa-Fila, frescão, furgão*, etc., etc., que se opõem semanticamente entre si por traços distintivos (*por impulsão motora, sem impulsão motora; para uso individual, para uso coletivo; com ar condicionado, sem ar condicionado; para transporte de pessoas, para transporte de animais*, etc.), isto sem contar os meios de transporte por veículos aéreos (*avião, balão, dirigível, zepelim, espaçonave, foguete, ultraleve*, etc.), por veículos marítimos (*navio, caravela, barco, barca, cargueiro, submarino, batiscafo, gaiola, veleiro, lancha, prancha, windsurfe*, etc.), e por veículos anfíbios (*aerobarco, tanque anfíbio*, etc.).

De nada disto ou de quase nada disto participam os nomes próprios de pessoas, os nomes próprios geográficos, os termos das nomenclaturas técnicas e científicas, embora gozem alguns desses do privilégio de outros fenômenos léxicos, como, por exemplo, a derivação (*Brasil* " *brasileiro* " *abrasileirar* " *abrasileiramentos*, etc.).

Toda esta digressão que, espero, não tenha cansado o leitor benévolo, tenta evitar que se façam grosseiras confusões como têm ocorrido com o problema do acordo ortográfico.

O assunto posto hoje em discussão é assaz complexo e demanda não só a interveniência dos filólogos e linguistas, mas também dos geógrafos e historiadores. Não é, pois, sem razão, que estudiosos nacionais e estrangeiros se tenham debruçado sobre a matéria, já que o problema é, como sabemos, comum às outras línguas de civilização. No que toca à língua portuguesa, quanto a nomes próprios e geográficos, tem prevalecido, de modo geral, uma antiga proposta do notável foneticista lusitano Gonçalves Viana, proposta exarada num livro precioso, *Ortografia Nacional* (Lisboa, 1904).

"A maior parte da antiga nomenclatura que usaram os nossos escritores desde o século XV, e mesmo antes até o princípio do século passado, vai caindo em desuso ou sendo menosprezada, não se tendo na devida conta que esse vocabulário e as formas genuinamente portuguesas de nomes próprios de mares, de rios, de terras, de povoações, de quaisquer localidades enfim,

fazem parte essencial do léxico nacional, tão essencial como as demais dições da língua pátria. A maioria, senão todos os compêndios empregados no ensino geográfico, vêm inçados de denominações estrangeiras ou estrangeiradas, mal formadas umas, falsas outras, ilegíveis muitas delas, e não poucas inúteis por já existirem na língua outras, ou melhor autorizadas por bons escritores nossos, ou mais conformes com a índole e particularidades de pronúncia do idioma que falamos e sua ortografia tradicional, cujas feições típicas são característico nacional de tamanha valia como outro qualquer dos que nos diferenciam dos demais povos.

É de necessidade que se restabeleça nos compêndios de geografia, de qualquer grau, a nomenclatura portuguesa empregada pelos escritores do período áureo da nossa literatura, e outros posteriores ao período de fixação de formas da língua portuguesa, modificando-se-lhes apenas as feições ortográficas que sejam evidentemente reconhecidas como arcaicas ou errôneas; com a maior prudência, porém, para que da modificação não resulte alteração na pronúncia portuguesa de tais denominações" (p. 227).

Da leitura atenta do texto de Gonçalves Viana extraem-se quatro princípios que, segundo ele, norteiam ou devem nortear a adoção dos termos geográficos no português: a) a equivalência das unidades léxicas, isto é, tais termos estão no mesmo nível de importância daqueles lexemas que se denominam *palavras essenciais*; b) a necessidade de se pugnar pela adoção de termos que se identifiquem fonética e morfologicamente com as características linguísticas do português; c) a conveniência, para atendimento do item anterior, de restaurar aquelas formas empregadas "pelos escritores do período áureo da nossa literatura"; d) a oportunidade de modificar "as feições ortográficas que sejam evidentemente reconhecidas como arcaicas ou errôneas".

Está claro, como bem acentua G. Viana, que os dois tipos de termos "fazem parte essencial do léxico nacional", mas, como tentei mostrar, não do mesmo modo. Acompanhando o progresso dos estudos linguísticos, o primeiro princípio evocado pelo mestre lusitano está hoje ultrapassado, à medida que, para a descrição lexical e semântica do idioma, não se podem pôr no mesmo nível *Moscou* (ou *Moscovo*) e *trem* (ou *comboio*) resultando daí uma série de consequências de orientação no estudo e descrição da lexicologia, uma das quais vai bolir com o segundo princípio, isto é, com a questão da chamada pureza de linguagem relativamente às duas classes de palavras aqui mencionadas. Vale a pena, neste particular, reviver aqui as palavras muito

oportunas, apesar de antigas, contidas num documento do Congresso de Geógrafos de 1893 e lembradas por outro mestre da língua, Said Ali, e professor de geografia: "As relações sempre crescentes e o intercâmbio intelectual entre as nações obrigam-nos a considerar os nomes geográficos não já como fazendo parte da língua da pessoa que fala ou escreve, mas como propriedade internacional da humanidade. A sua escrita e pronúncia, excetuadas algumas poucas formas tradicionais, não mais devem oscilar de nação para nação, mas fixar-se pelo menos em sua forma principal, ainda quando formas secundárias em muitos casos continuem a existir (Köppen, *Die Schreibung geographischer Namem* apud S. Ali, *Dificuldades*. 5ª ed., p. 164-165).

É muito válido o terceiro princípio, o do atendimento a formas postas a correr pelos escritores portugueses do século XV e XVI e aceitas por outras nações, acomodando-as à índole dos seus idiomas. Neste sentido, a proposta de G. Viana vige vitoriosa no seio da comunidade científica portuguesa e repercute em trabalhos específicos sobre nomenclatura geográfica, segundo se pode patentear no apelo candente de Fortunato de Almeida: "Há muito se introduziram na nomenclatura geográfica estrangeirismos, que, além de contrários ao gênio e tradições da língua portuguesa, tendem a apagar a lembrança da nossa epopeia marítima e militar. Em suas viagens através de todos os mares e pelo interior de tantas terras, conheceram os nossos antepassados ou deram por seu arbítrio nomes de terras, que aos demais povos civilizados ensinaram com a narrativa de feitos gloriosos. Acomodaram esses povos à índole das respectivas línguas a nomenclatura geográfica dos nossos navegadores e viajantes; mas quis a nossa desfortuna que, esquecidas as tradições da história nacional, fossem portugueses mendigar a línguas estranhas, corrupto e avariado, aquilo que da nossa os outros tinham aprendido. Prover de remédio a mal tão deplorável é obra de há muito reclamada por quantos conservem amor à língua e às tradições nacionais; mas tal reforma se não fez ainda, antes novos obstáculos se lhe têm levantado, como se para a dificultar não bastassem as intrusões da moda inveteradas pela ignorância" (*Nomenclatura Geográfica. Subsídios para a Restauração da Toponímia em Língua Portuguesa*, p. 5 da 2ª ed., Coimbra, 1928).

Um só exemplo justifica a reclamação de Fortunato de Almeida: deram os antigos portugueses o nome de *Suaquém* (antigamente *Çuaquém*) a uma cidade da Núbia, na costa do Mar Vermelho. Ora bem, os franceses, acomodando-o à sua língua para pronunciá-lo aproximadamente como faziam

os lusitanos, grafaram-no *Souakim* ou *Souakin*. Que fez o autor do *Atlas Escolar Português*, obra realizada por ordem do governo português de então? Passou a grafar o nome da cidade *Suakim*, com visível influência francesa, *Risum teneatis*, remata justamente F. de Almeida.

Exame acurado merece a contribuição dos clássicos. Há nela uma multidão de nomes geográficos facilmente identificados; outros há cuja identificação não se pode reconhecer nos mapas modernos, mesmo nos mais completos. Entre os identificáveis, existem também formas que os clássicos adaptaram mal, o que constitui um pecado venial em escritores que não eram linguistas, numa época em que as ciências da linguagem não contavam com os recursos e métodos dos nossos dias. Said Ali, num capítulo muito lúcido das *Dificuldades da Língua Portuguesa*, intitulado "Nomes próprios geográficos", aponta alguns exemplos para demonstrar que os nossos antepassados, quando nacionalizavam tais nomes, "eram não raro desajeitados e mais ignorantes do que somos hoje" (p. 155). É o caso que fizeram com um termo germânico que entra em muitas denominações do português representado por *-terra*, *-anda*, *- lândia*. Comenta Said Ali que só acertaram quando fizeram de *England Inglaterra*, e ainda aqui "a glória de descobrir a tradução não cabe diretamente aos lusitanos, senão aos normandos conquistadores daquele país" (p. 155). Assim, ao lado do já citado *Inglaterra*, temos incoerentemente *Irlanda*, *Islanda* (hoje *Islândia*) e *Holanda*.

No já citado artigo "Nomes próprios geográficos", inserido nas *Dificuldades da Língua Portuguesa*, mestre Said Ali, na qualidade de linguista e de professor de geografia, defende a tese de que só "as corruptelas e aportuguesamentos que se insinuaram na língua, nela se implantaram e ainda hoje persistem consagradas pelo uso geral é que lograrão viver para o futuro. Isto, referido particularmente aos nomes das localidades, mostra bem quais sejam as exceções à seguinte regra internacional: Os nomes próprios geográficos das nações que, na sua escritura, empregam os caracteres latinos (quer os redondos, quer os chamados góticos) serão escritos com a ortografia de seus países de origem. Assim, escrevemos *Londres* (e não *London*), mas *Wight*, *Windsor*, *Liverpool*; *Florença* (e não *Firenze*), *Milão* (e não *Milano*), mas *Fiesoli*, *Civitàvecchia*, *Chioggia*; *Marselha*, mas *Toulon*, *St. Etienne*; *Viena* (e não *Wien*), mas *Königgrátz*, *Reichenberg*" (p. 161).

Está claro que neste princípio internacional se incluem também os nomes geográficos de origem grega, porque, como sabemos, são nomes que se transcrevem, segundo certos princípios, por meio de caracteres latinos.

Também é certo que as dificuldades, neste campo, não terminam aqui, uma vez que temos de adaptar nomes originários de línguas com que povos latinos pouco lidam. Said Ali lembra o caso de localidades escandinavas escritas com certas letras inexistentes em nosso alfabeto e que, por isso somos levados a errôneas pronúncias; mas, segundo ele, são situações provisórias que serão melhoradas "quando melhor soubermos tornar acessíveis aos estudantes de geografia as particularidades de escrita e pronúncia dessas interessantes línguas com que atualmente pouco lidamos" (p. 161).

A situação fica mais complicada quando os nomes de localidades pertencem a língua que não utiliza caracteres latinos. É o que ocorre com os nomes russos ou com aqueles originários da Ásia e da África. Neste caso, o princípio internacional é tomar por base a pronúncia local ou da língua oficial do respectivo Estado, adaptando-os aos princípios e possibilidades de transcrição permitidas pelo nosso sistema ortográfico, excetuados aqueles nomes impostos por um aportuguesamento de longa data. Este princípio praticado pelo português também é seguido pelas línguas européias de cultura do mundo moderno, principalmente pelo inglês, francês, alemão e italiano.

Neste ponto, Said Ali discorda de algumas propostas muito pessoais de Gonçalves Viana. Vai aqui um exemplo. O mestre brasileiro acreditava que se poria fim a uma diversidade de grafia adotando-se a proposta uniformizadora de Richthofen que consistia no emprego de sh e tsh para representar os fonemas /x/ e /ts/ que os alemães escrevem *sch* e *tsch* (ing. *sh* e *ch*; francês *ch* e *tch*). O mestre lusitano, apoiando-se num arcaísmo de pronúncia portuguesa, hoje vivo dialetalmente, preconizava o emprego, respectivamente, de *x* e *ch*. Se adotássemos a proposta de Richthofen, todas as nações que se servem do nosso alfabeto, escreveriam sem exceção *Shanghai* e *Tshungking*; se adotássemos a recomendação de Gonçalves Viana, cada país insistiria "em puxar brasa à sua sardinha e, substituindo as três primeiras letras do primeiro nome e as quatro primeiras do segundo, o francês escreverá *Cha-Tchu-* (ou *Tchou*); o ital . em *Scia-, Ciu*; o português finalmente *Xa-. Chu-*. Isto sem contar a multiplicidade de operações a que *ipso facto* fica sujeita a parte restante daqueles nomes" (p. 163).

E remata com muito bom senso Said Ali:

"É certo que as línguas européias, regulando-se cada qual pela ortografia que lhe é própria, pela cartilha 'de casa', vêm facilitar aos meninos de escola dos países respectivos a pronúncia desses nomes do Extremo-Oriente e outros. Longe de mim negar igual direito à língua portuguesa; mas neste caso

competia-nos atender ao que se ensina em questão por *ch* e *tch* ou então por *x* e *tx*, e não como quer Gonçalves Viana (...) Em verdade não acredito que uma criança, ao ler a palavra *Chad*, jamais pronuncie *Tchad*, se não lhe ensinaram a dizer *Tchina*, *tchá*, *tchuva* por *China*, *chá*, *chuva*" (*Ibid*.).

Gonçalves Viana e Said Ali, por caminhos diferentes, procuraram ser fiéis a duas pronúncias diferentes de vocábulos cujas sílabas iniciais têm significados diferentes; passados tantos anos, o nosso progresso, se o houve, consistiu em baralhar a semântica numa uniformização ortográfica: o, aliás excelente, *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa* (Coimbra, 1947), de outro mestre insigne, Rebelo Gonçalves, escreve assim os dois vocábulos do nosso exemplo acima: *Xangai* e *Xunquim* (p. 23 e 24).

A norma ortoépica

Uma importante atividade de sala de aula para a integral educação linguística dos alunos é a leitura em voz alta, durante a qual tem o professor, além de outras, a oportunidade de fixar algumas normas ortoépicas. Entende-se por ortoépia, também ortoepia, parte da gramática normativa que ensina a melhor articulação de fonemas vocálicos e consonânticos de palavras isoladas ou quando estas devem ser proferidas agrupadamente. Em alguns compêndios, a tarefa da ortoépia se estende a assinalar corretamente a sílaba tônica das palavras — como, por exemplo, *rubrica* e não *rúbrica*, *gratuito* (com ditongo) e não *gratuíto* (com hiato), *recém* e não *recem* (como paroxítono) —, seção gramatical que outros compêndios preferem separar da ortoépia e à qual denominam prosódia. Como todo o ensino da gramática normativa, a preocupação de ministrar o adequado conhecimento da norma ortoépica vigente entre as pessoas muitas vezes começa nos primeiros anos escolares e prossegue pela vida fora.

Um dos cuidados iniciais que tem o professor é o de afastar do aluno a ideia errada de que deve ler o português como se grafa, pecado que o leva a uma afetada e defeituosa pronúncia alfabética que se contrapõe ao uso das pessoas cultas. E o caso de se pronunciar *canto alegre* com /o/ e /el finais fechados, quando, nesta posição de átonos finais se dá a neutralização da oposição /o/ — /u/ e /e/ — /iJ, respectivamente. O menor inconveniente — ensina-nos Mattoso Câmara Jr., tantas vezes justamente lembrado neste livro

— é passarmos a ter duas pronúncias para a mesma palavra, conforme a usamos numa conversação espontânea ou numa exposição formalizada. Daí decorre, como inconveniente maior, uma impressão de atitude forçada, que perturba a atmosfera de contato espontâneo entre o expositor e os ouvintes. Além disso, desvia-se a atenção destes para a excentricidade da pronúncia. Finalmente, a palavra pode tomar-se até menos imediatamente apreensível (*Manual de Expressão Oral e Escrita,* 5 ed., p.31-32).

Nesta mesma obra já vimos estar o nosso sistema ortográfico assentado na realidade da pronúncia e na conservação de traços etimológicos, isto é, de traços que atendem à história da palavra no seu percurso do passado até o presente. Ocorre que nem sempre esse atendimento a princípios etimológicos se faz dentro do rigor científico, e aí aparecem na escrita certas letras com pretensa atenção à origem, mas que são de todo inoportunas por errôneas. Essas intromissões indevidas na grafia de palavras acabou por influenciar a má pronúncia, porque o falante profere essa letra erradamente entronizada. Um bom exemplo deste caso em português — e o fato ocorre em muitas línguas — é o que se deu com *fleugma,* oriundo diretamente do latim *flegma* e este do grego *phlégma.* Pelos princípios gerais que caracterizam a continuação dos vocábulos latinos no português, temos os vemáculos *freuma* e *freima*, com vocalização do *g* em *u* ou *i* e a passagem do *fl*, inicial latino, a *fr*. Por influência erudita, na língua padrão, *freuma* foi desbancado por *fleuma*. Veio a corrente etimologizante e introduziu erradamente o *g* latino que já estava representado no *u* de fleuma, originando-se daí a grafia fleugma, que levaria o falante a proferir o descabido *g*. Os dicionários correntes agasalham as formas *fleuma* e *flegma*, *fleumático* e *flegmático*, mas a verdade é que, ainda hoje, podemos repetir o registro de Júlio Moreira, feito há mais de oitenta anos: "Mas o que é mais grave é que essa letra adventícia (falava do *g* da forrna fleugma) está sendo geralmente pronunciada, tendendo tal pronúncia a generalizar-se cada vez mais (*Estudos da Língua Portuguesa,* 11, 129).

A preocupação etimologizante restabeleceu o grupo latino *sc* que aparece em grafias como *nascer*, *crescer*, *Renascimento*, em que se representam o fonema /s/ inicial grafado com *c* em *cinema* e com *s* em *seda*. *Nascer* era escrito, antes da injeção de latim, *nacer*. Desconhecendo esta intenção meramente gráfica de aproximar o português do latim, muita gente pensa estar falando melhor fazendo soar o *s* do grupo *sc* em *nascer* e outras que tais.

Sabemos todos que a homonímia, isto é, a coincidência formal de duas ou mais palavras de diferentes origens e significados, é um obstáculo a distinção

de vocábulos, distinção que se faz por meio de oposições fonológicas. O fenômeno pode prejudicar, muitas vezes, a mensagem, o que leva o falante a servir-se de expedientes lingüísticos vários para garantir a transmissão fidedigna de suas ideias e sentimentos. Vejamos alguns exemplos de tais expedientes.

Na pronúncia normal brasileira, os finais vocálicos seguidos de s ou z deixam ouvir um /i/ adventício; proferem-se exatamente da mesma maneira *pás*, *paz* e *pais* (Tenho duas pás, A paz e a guerra, Há pais que sabem educar). Estariam neste caso a conjunção *mas* e o pronome e advérbio *mais*; todavia, para evitar más grafias (além daquelas que o contexto pode ajudar a elucidar, como no caso das duas últimas palavras antes deste parêntese: *más grafias*/*mais grafias*), professoras primárias do Rio de Janeiro adotaram primeiro a pronúncia com um *a* abafado — na tentativa de aproximá-la ao hábito lusitano — e depois com *a* nasalado, já que o primeiro expediente esbarrava com a inexistência daquele *a* entre brasileiros. Surgiu assim a pronúncia carioca /mãs/ que, pelo prestígio cultural do Rio de Janeiro (prestígio hoje tão ameaçado!), se difundiu aqui e acolá fora do estado.

Outro caso de fuga à incômoda homonímia é o que ocorre com a 1ª pessoa do plural do presente e do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da conjugação; *cantamos* (presente) e *cantamos* (pret. perfeito). Aqui o falante utiliza o expediente da oposição de timbre, pronunciando fechado o *a* tônico do presente e aberto o mesmo *a* do pretérito. Chegou-se até a representar na escrita, por meio de acento agudo diferencial, o *a* aberto tônico do pretérito: *cantamos* (pres.) e *cantámos* (pret.). Em Portugal o fenômeno teve maior repercussão entre os falantes do que no Brasil. Tal procedimento fonético esbarrava na proximidade de consoante nasal, que tende a fechar a vogal anterior.

Na verdade, a solução para fugir à homonímia parava a meio caminho: a coincidência fonética também ocorria na mesma pessoa dos verbos da 2ª e da 3ª conjugações: *vendemos* (pres.) e *vendemos* (pret.), *partimos* (pres.) e *partimos* (pret.) e na 2ª conjugação ainda se poderia socorrer à oposição de timbre, mas isto seria impossível na 3ª conjugação, porque o sistema fonológico do português não opõe /i/ fechado a um /i/ aberto, como temos em *sede* (Tenho sede) e *sede* (A sede do Governo está em Brasília).

Entre os casos em que o falante lança mão de expediente fonético para desfazer possível dúvida na recepção da mensagem está a pronúncia mais demorada — em algumas pessoas até ocorre exagerada demora que

artificializa o enunciado — do *a* acentuado em expressões do tipo Recebeu o inimigo *à* bala para distingui-la de Recebeu o inimigo *a* bala, frase em que se acha posposto o sujeito (o inimigo) ao predicado (recebeu a bala), isto é: o inimigo recebeu a bala, foi ferida por ela.

Ensinam judiciosamente as *Normas para a Língua Falada no Teatro* que não se deve proferir alongado o *à*, salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência de crase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade ou ênfase (p. 48 1 dos *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*).

Sabemos que nossa língua apresenta oscilação de pronúncia nas vogais átonas, oscilação que, conforme lembram as citadas *Normas*, corresponde a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social e/ou de tensão psíquica do indivíduo falante (p. 482):: pedir: /pedir/ - /pidir; costura: /costura - /custura. Todavia, na linguagem cuidada, evita- se a oscilação de que estamos falando, quando se precisa distinguir dois vocábulos de estrutura fonológica semelhante (parônimos), conforme temos em *eminente* (superior, elevado) e *iminente* (próximo a ocorrer); *descrição* (ação ou efeito de descrever) e *discrição* (qualidade do que é discreto). Este último par merece atenção, porque, por influência de discreto (com *e*), há uma tendência de se pronunciar e escrever *discreção* em vez de *discrição* (Ela procedeu com *discrição*).

O Acordo Ortográfico elimina o uso do trema no *u* das sequências *que*, *qui*, *gue, gui*, quando for a vogal pronunciada e átona. Escrevemos hoje sequência (segundo vimos há pouco), quinquênio, lingueta e linguística; pelo Acordo não mais usaremos o trema nestas palavras. Muitas vozes se levantaram chamando a atenção para a função didática do trema nestas circunstâncias, pois a sua presença orienta o falante na direção da boa pronúncia. Entretanto essa função norteadora da acentuação nas palavras é de importância muito relativa, já que ouvimos constantemente proferido o *u* em casos onde não deveria sê-lo e, por isso, as regras ortográficas exigem a não presença do trema. Ouvimos sem razão, o *u* em palavras como *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equinócio*, *extorquir*, *inquérito*, *questionar*, *questionário* e tantas outras. Há exemplos em que o peso do uso já agasalhou pronúncias antes viciosas; é o que se deu com o *u* de *distinguir* e *extinguir*. Que o *u* aqui é mera letra diacrítica para indicar na escrita a articulação dorsovelar do /gl, como temos em *guerra* e *guelra* —

e, portanto, não deveria ser proferido —, basta verificar que na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo ele não aparece; *distingo*, *extingo* (nunca distinguo ou extinguo!). Se se tratasse de fonema — unidade sonora distintiva de vocábulos —, e não de letra diacrítica, seria proferido nessa mesma pessoa verbal, conforme ocorre com arguir (por isso leva trema), em cuja conjugação se ouve o *u* em todas as pessoas: *arguo* (nunca *argo* como distingo!), *arguis*, etc.

Daquele que se quer exprimir segundo a tradição das pessoas escolarizadas merecerá particular cuidado o timbre aberto ou fechado da vogal tônica de muitas palavras que, em obediência a regras de acentuação gráfica, não aparecem com acento agudo ou circunflexo para guiar o falante na direção da boa pronúncia. Damos a seguir pequena lista desses casos, aconselhando ao leitor estudioso que consulte o dicionário quando lhe for desconhecido o significado da palavra; aqui só assinalaremos o significado quando se tratar de parônimos.

São normalmente proferidas com *e* tônico aberto: acerbo, anelo, cerce, cerdo, cerne, cervo, cetro, coevo, coleta, confesso, doesto, duelo, dzeta, equevo, espectro, eta (a letra e no alfabeto grego),flagelo, incesto, infesto, indefesso, herma, medievo, paredro, prelo, primevo, relho, revelho (na expressão velho e relho), septo, sesta, sestro, servo, terso, vedete. Alguns gramáticos e dicionaristas incluem neste grupo acervo, coeso, ileso e obsoleto, enquanto outros mandam proferi-las também com *e* tônico fechado.

Já devem soar com *e* tônico fechado adrede, amuleto, cateto, cepa, cerda, cerebelo, corbelha, destra, defeso, dueto, efebo, escaravelho, eta (interjeição), extra, fechar (assim também fecho, fechas, etc.), ginete, grumete, gueto, indefeso, indez, interesse (substantivo), jaez, labareda, lampejo, ledo, mancebo, maneta, panfleto, parelha, pega (ave), (a)petrechos, pez, quibebe, relho (açoite), remedo, requebro (s.), reses (p1. de rês), retreta, retrete, sobejo, soberba, solfejo, tez, tornozelo, varejo, vedeta, veneta, verbete, verga, versalete, vesgo, vespa, vezo, vinhedo, vinheta, xepa, xerez, xerga. Colmeia, pesar (causar mágoa, na locução *em que pese a*), lerdo, marneto, palimpsesto e topete podem ser proferidos com e fechado ou aberto, sendo este último timbre o mais comum.

A consulta a estas listas deve causar surpresas e até perplexidade tendo em vista certas práticas do leitor atento. Não se pense que não há princípios ministrados pela língua para a razão deste ou daquele timbre. A seguir falaremos de alguns desses princípios.

Também merece atenção a diversidade de timbre do *o* tônico de muitas palavras, se se deve proferir aberto, como em *porta*, ou fechado, como em *porto*.

Os gramáticos e dicionaristas recomendam timbre aberto nos seguintes vocábulos: amorfo, canoro, coldre, consolo (móvel), envolta (na loc. de envolta), dolo, forum (foro), hissope, imoto, inodoro, loto (planta), manopla, meteoro, molho (feixe), noto (vento sul), opa (capa), ova, piloro, poro, probo, sinagoga, soba, suor, troço (coisa), trombose, tropo.

Deve ser proferida com timbre fechado a vogal tônica de: aboio, alcova, alforje, algoz, apodo, aposto, boda e bodas (festividade de casamento), ciclope, cochicholo, chope, cachopa, chofre, choldra, controle, corça, corcovo, desporto, escolha, filantropo, foro (jurisdição, alçada), loa, logro, lorpa, loto (jogo de azar), malogro, mariposa, mausolo, mirolho, misantropo, moloso, odre, perdigoto, poldro, popa, pose, potro, restolho, salobro, serôdio, teor, torpe, torso, troço (parte), trolha, volvo, zarolho, zorra.

Particular cuidado hão de merecer os plurais de palavras com o tônico fechado cuja vogal muda para timbre aberto quando flexionadas: *olho — olhos*, *fogo —fogos*.

Sob a influência destes casos, o falante estende a metafonia, isto é, essa mudança de timbre, a palavras que não conhecem o fenômeno e, por isso, devem continuar sendo proferidas com a vogal tônica fechada no plural. As boas gramáticas escolares listam os vocábulos mais correntes em que se dá ou não a metafonia. Da relação daqueles que na norma geral brasileira não mudam o timbre no plural convém lembrar os seguintes: acordo, adorno, almoço, bojo, bolo, bolso, caolho, contorno, esboço, esposo, forro, globo, jorro, logro, rolo, sogro, soldo, sopro, soro, toco, toldo, topo, torno, transtorno.

Na fala despreocupada, nota-se a tendência para reduzir os ditongos *ai*, *ei*, ou *a* simples vogais quando antes de consoante, à medida que neles não se articulam as semivogais *i* e *u*. Um vocábulo como *caixa* passa a ser proferido /kaxa/, *queijo* ouve-se /keju/ e *ouro* /oru. As vezes *ei* passa a valer *e* aberto em formas verbais: é o que ocorre com *inteirar* conjugado *intero*, *interas*, etc., em vez de inteiro, *inteiras*, etc. Na pronúncia cuidada deve-se respeitar a integridade do ditongo, não se proferindo, todavia, com exagero as semivogais *i* e *u*. Em Portugal, o fenômeno também ocorre com o ditongo *ao* /aw/, combinação da preposição com o artigo, reduzido a /*ol* aberto.

No tocante às consoantes, especial cuidado hão de merecer as situadas em finais de sílaba e de palavra. Devem soar levemente em palavras do tipo *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett* (e não /garré/).

Nos vocábulos eruditos (note o leitor que este adjetivo é paroxítono), devem ser proferidos na sua integridade os finais átonos *-ar*, *-er*, *-en*, *-ex* e *-on*: alfôjar, esfíncter, índex, cólon, númen (também grafado *nume*), regímen (também grafado *regime*), certâmen (também grafado *certame*).

R, *l* e *s* finais devem ser articulados corretamente na pronúncia cuidada. O *r* deve manter-se com seu valor de vibrante simples, principalmente nas ligações com o vocábulo seguinte começado por vogal, semivogal ou *h*. Num sintagma como *qualquer um* evite-se o seu total ensurdecimento: /kwawkéi onde a semivogal é representada por *w*. Evite-se também a articulação do *r* como vibrante múltipla ligada à vogal seguinte: /kwalkeRi , à semelhança dos que pronunciam *por isso* /puRiço/ ou ainda como o personagem humorístico da escolinha do Prof. Raimundo ao proferir *por aqui* /poRaki.

O *l* final deve ligar-se à vogal ou semivogal da palavra seguinte como se profere em posição inicial de sílaba (sala), evitando-se a prática frequente de pronunciar *qual é*, *mil homens*, *Sul América* em que o *l* soa como consoante lateral linguoalvelar relaxada, isto é, /kwawé/, /miw õm½ys/, /suw amérika/, em vez /sulamérika/.

Atente o leitor para os diversos valores do *x* em vocábulos como luxo (= ch), *próximo* (= ss), *exato* (= z) e *tóxico* (= cs ou ks). Soa como *x* de *luxo* nos seguintes principais casos: anexim, atarraxar, bexiga, borocoxô, broxa, bruxa, buxo (espécie de arbusto), coxa, coxia, coxilha, enxada, enxame, enxárcia, enxerga, enxerir, enxoval, enxotar, enxúndia, guaxe, guaxo, gueixa, haxixe, laxativo, lixívia, lixo, luxar, luxúria, maxixe, mexicano, mexilhão, mixaria, mixórdia, muxoxo, oxalá, paxá, pexote, seixo, taxa imposto, vexame, xiquexique, xisto.

Como *x* de próximo temos: auxílio, máxima, máximo, Maximiliano, Maximino, sintaxe, trouxe.

Vale por /ksi ou /kz/, conforme o caso em: afluxo, anexo, apoplexia, axila, áxis, axiômetro, bauxita (embora comum o valor de /ch/), complexo, convexo, crucifixo, doxologia, filoxera, fixo, flexão, fluxo, hexâmetro (também vale por /z/), índex, intoxicar, léxico, maxilar, nexo, máxime, ônix, ortodoxo, óxido, prolixo, oxigênio, paradoxo, reflexo, sexagenário, sexagésimo, sexo, sílex, tórax, tóxico. Axioma e defluxo têm o x com valor de /ssl ou /ks/.

Tem o *x* como em *exato*: exação, exagero, exalar, exaltar, exame, exangue, exarar, exasperar, exautorar, executar, êxedra, exegese (paroxítono!), exegeta (também paroxítono!), exemplo, exéquias, exequível, exercer, exercício, exército, exaurir, exibir, exilar, exílio, exímio, êxito, êxodo, exógeno, exonerar,

exorar, exorbitar, exorcismo, exórdio, exornar, exótico, exuberante, exultar, exumar, inexorável.

Em posição final de sílaba soa como *s*/: cálix, Félix, fênix, coccix /kóksis/ a flux - locução ortoépica /cs/ e não /is/.

Os grupos consonantais em que a segunda consoante não é *l* ou *r* (como em *plano* e *prumo*), devem ser proferidas sem que se ouça a intercalação de um *i* ou *e* a desfazer tais grupos: advogado (e não /adevogado/ ou/ adivogado), admitir, absoluto, apto, pneu. Este hábito muito comum na fala distensa apresenta às vezes correções às avessas; assim, por se atentar para o fato de que se deve pronunciar e escrever *admissão* (e não adimissão), *pneu* (e não peneu), muita gente diz e grafa *advinhar* em lugar do correto *adivinhar*, *etmologia* por *etimologia*, *subtender* por *subentender*.

A grafia do antigo nome do soberano da Rússia *czar* (também escrito *tzar*) deve ter o *cz* inicial pronunciado como /ts/. Também o *ch* de *Anchieta* vale como o *x* de *anexim*, e não como /k/, e o *lh* do árabe *Alhambra* soa como /l/ e não à semelhança do *lh* de *bolha*. O *-m* final de *bem* no composto *bem-aventurado* não deve ligar-se ao *a* inicial de *aventurado* com o valor de *m* da palavra *mala*.

Gandavo ou Gândavo?

Em páginas atrás, falando de *túlipa*, tocamos de leve no problema da pronúncia do sobrenome *Gandavo* do gramático e historiador português do século XVI, Pero de Magalhães de Gandavo, hoje quase desbancado pelo concorrente proparoxítono Gândavo.

Em 1946, Pero de Magalhães volta a suscitar a atenção do público estudioso, não porque um historiador viesse trazer novos subsídios de interpretação a seu *Tratado da Terra do Brasil ou História da Província Santa Cruz* (Lisboa, 1576) ou um filólogo focalizasse aspectos de seus opúsculos gramaticais. A razão era tão – somente a questão de pôr em dúvida o tradicional uso de se proferir como paroxítono — *Gandavo* — o último elemento aposto ao nome próprio daquele que Barbosa Machado considera "insigne humanista e excelente latino", natural de Braga e dos primeiros apaixonados do Brasil.

O problema foi levantado pelo competente estudioso da toponímia e antroponímia portuguesa, o Dr. Joaquim da Silveira, que, em nota inserida na revista *Brasília* (Coimbra, 1945, vol 111 p. 525-528), defendia a tese de que a verdadeira pronúncia seria *Gândavo*, proparoxítono, e não *Gandavo*.

Tal gentílico, que tem como base *Gand* ou *Ganda*, se explica porque o autor descendia de flamengo, provavelmente pelo lado paterno: *Gandavo*, correspondente ao francês *Gantois*, designaria o morador ou filho de *Gand*, segundo Capistrano de Abreu que, na Introdução dos

opúsculos históricos publicados pela Academia Brasileira de Letras, lhe estudou a vida e a obra.

Joaquim da Silveira alicerça sua proposta em dois argumentos que considera decisivos. O primeiro deles é o testemunho do célebre bibliógrafo espanhol Nicolau Antônio (1617-1684), que viveu "um pouco depois" do nosso historiador e gramático, que, embora registre "o apelido deste sem qualquer sinal diacrítico no texto da sua *Biblioteca Hispana*, tomo 11, pág. 168 (Roma, 1695), é certo que, na parte final desse mesmo tomo, quer no *Index cognominum*, pág. 391, quer no *lndex patriarum*, pág. 458, quer ainda no *Index ultima materiarum — Historica*, pág 629, o acentua expressamente e sempre *Gàndavo*, como acentua igualmente *Gàndara*, *Gàlvez*, etc. (Brasília, p. 527).

Continuando, o mesmo estudioso conclui:

"Este uso proposital e insólito, em obra latina, de um acento não conhecido em latim, e a sua repetição três vezes, pelo menos, manifesta o empenho do autor em evitar silabadas, e denuncia claramente que Nicolau Antônio estava bem ciente do que fazia marcando de esdrúxulo aquele vocábulo" (*Id*., *Ibid*.).

A outra prova vem da lição do lexicógrafo J. Facciolati:

"Em segundo lugar, o topônimo latino *Gandavum*, base do apelido, tinha, segundo os latinistas, a segunda sílaba breve e, portanto, o acento tônico recaía sobre a primeira, o que de resto é corroborado até pela forma curta medieval *Ganda*, que não pode ter outra acentuação, e pelas modernas *Gent* e *Gand*, que lhe sucederam, citadas na nota anterior. Essa quantidade breve de 2ª sílaba vejo-a, marcada no conceituado *Calepinus Septem Linguarum*, de J. Facciolati, segundo a cuidada edição de Veneza de 1778, dirigida por J. B. Galliccioli, onde se lê: *Gandãvum*, nº 2, ante Ganda, olim Clarinea: *Gant*, inc[olis] Ghent, urbs maxima Belgii, Flandriae caput..." (*Id*., *ibid*., 527-528).

Diante de tais provas, arremata Joaquim da Silveira:

Em face destes dados, e salvo melhor documentação em contrário, entendo, pois, que a prosódia verdadeira do apelido discutido é *Gândavo*, e não *Gandavo* (*Id*., *Ibid*., p. 528).

A proposta do estudioso português mereceu o aplauso de quantos vieram posteriormente a tratar de Pero de Magalhães, quer em enciclopédias, quer em trabalhos de natureza histórica, literária ou linguística, assinados por notáveis especialistas nestas áreas da ciência. Recentemente, foi agasalhada pelo *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa*, preparado pela

Academia Brasileira de Letras, como antes já tivera sido adotada pelo *Tratado de Ortografia*, da lavra de Rebelo Gonçalves (Coimbra, 1947). Por ser anterior ao artigo de Joaquim da Silveira, o *Vocabulário Ortográfico* (Imprensa Nacional de Lisboa, 1940), da Academia das Ciência de Lisboa, registra *Gandavo* como paroxítono, prova evidente da pronúncia então geral nos domínios da língua portuguesa. Entretanto, a proposta deixou alguns pontos no ar, pontos que o presente artigo pretende trazer à baila e discutir mais amiudamente. São pontos que descuram a história cultural e linguística mesma do topônimo e do etnônimo, o processo de formação da palavra e, assim, os elementos linguísticos que a constituem, dentro da língua portuguesa. Em primeiro lugar, há de se indagar por quê, diante de tais contundentes provas, passaram grandes e competentíssimos mestres da história, da literatura e da linguística a proferir o apelido como paroxítono. Causa estranheza que, tratado e estudado por tantas autoridades nacionais e estrangeiras, venha um bibliófilo espanhol, ainda que ilustre na sua especialidade, atestar e corrigir a pronúncia vigente do nome do nosso latinista. Estranheza ainda maior causa-nos verificar que o próprio *Gandavo*, autor de um opúsculo sobre ortografia (Lisboa, 1574), não aludir à prosódia do seu nome; igual ausência se registra nos numerosos ortógrafos dos séculos XVIII e XIX, a partir de Madureira Feijó (1734), que não se cansaram em corrigir a pronúncia de nomes próprios e comuns, e nem um deles se deteve em mudar *Gandavo* para *Gândavo*. No Brasil, Capistrano de Abreu não pronunciava de outra maneira. Em Portugal, José Leite de Vasconcelos, nos livros em que já marcava com acento diacrítico os proparoxítonos, nunca procedeu diferentemente. William Dwight Whitney, linguista geral e indo-europeísta consagrado, ao dirigir *The Century Dictionary of English*, reservou o décimo e último volume da obra ao registro dos nomes próprios em geral e aí seu colaborador, Benjamin E. Smith, inclui o nome do humanista português, assinalando, entre parêntese, como paroxítono o apelido *Gandavo*. Por fim, o filólogo brasileiro de muito mérito que foi Cândido Jucá (filho) registra *Gandavo* paroxítono, pronúncia recomendável, no seu prestante *Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*. Esta é também a opção de um notável especialista português da historiografia gramatical e lexicográfica, Telmo Verdelho, no erudito, *As Origens da Gramaticografia e Lexicografia Latino-Portuguesas* (Aveiro, INIC, 1995). Assim também sempre o ouvimos proferir Said Ali, que nos iniciou na leitura de Capistrano de Abreu e do humanista português.

Se não bastasse o peso da tradição, juiz da exemplaridade da linguagem, ainda que de tradição mais recente — partindo do pressuposto da aceitação das provas trazidas por Joaquim da Silveira —, vale a pena começar nossa tese pelo latim, já que aí repousa, a nosso ver, o argumento mais forte e cientificamente mais decisivo da proposta inovadora do estudioso português.

Antes de mais nada, vale só como artifício retórico da discussão afirmar Joaquim da Silveira que, nessa língua, tinha o topônimo *Gandavum* "segundo os latinistas, a segunda sílaba breve". Se não estamos em erro, esse registro trazido como prova, só o encontrou Silveira no citado léxico, aliás difundidíssimo outrora. E, assim mesmo, nem todas as edições do Calepinus trazem a lição evocada por J. da Silveira. Cremos que se houvesse mais registros em outros dicionários, eles seriam trazidos em favor da tese inovadora. Na realidade, não os topamos em nenhum dicionário latino de prestígio, pondo nesse rol os antigos e os modernos. Nem mesmo no *Lexicon totius latinitatis*, de Egídio Forcellini, discípulo de Jacob Facciolati, considerado ainda hoje fundamental repertório da lexicografia latina, o topônimo é contemplado. Os dicionários mais modernos que estendem sua documentação ao latim medieval, como o *Lexicon latinitatis medii aevi*, publicado sob a direção de Albert Blaise (Turnholti, 1975), registram o topônimo sem nenhuma indicação quanto à sua prosódia. Assim também a obra de indispensável consulta de Ernst Fôrsternann, *Altdeustsches Namenbuch*, citada por Joaquim da Silveira. Aí vem assinalado o exemplo mais antigo do topônimo, colhido na Vita S. Amandi, do século XII, inserida nos *Acta Sanctorum*, editados por Mabillon.

É patente que o topônimo tem como base *Gand* ou *Ganda*, mas como explicar o final? O pretenso sufixo *-(a)vus* não existia para formação dos gentílicos nem em latim, nem no flamengo e holandês, nem nas línguas românicas. No latim e nas suas continuações neolatinas o sufixo por excelência é *-ensis*, como registra o Lexicon, de Blaise:

Gandavensis, correspondente ao português *Gandense*. Aliás, pelo testemunho do referido *Lexicon*, *Gandavum* poderia valer pelo simples *Gand*, donde sairia o gentílico *Gandavensis*. Não tem peso científico nem se baseia na prática dos procedimentos de formação de palavras por meio de sufixos defender a pronúncia proparoxítona, estribando-se na sílaba tônica do primitivo *Ganda*; basta atentar para *Roma -romanus*.

Não sendo o nosso topônimo formado de *Gand*(a) mais sufixo, onde encontraria sua fonte originária? Pensamos que tal forma se explica

por analogia com *Batavo*, esse sim com boa tradição em latim, quer na forma substantiva plural *Batavi*, quer na adjetiva *Batavus*, correntes em César, Marcial, Tácito e tantos outros escritores. Não seria a primeira vez que se tomava parte da base como se fora morfema sufixal; em português, por exemplo, já se pensou depreender o sufixo formador de gentílicos *-io* em *algarvio*, favorecendo a pronúncia errada *algárvio*. Na realidade, a palavra é o árabe *algarbî*. Leite de Vasconcelos, referindo- se a Gandavo (*Opúsculos*, 111, *Onomasiologia*, p. 103), alude a um trabalho de certo Victor Tourneur, funcionário da Biblioteca Real da Bélgica, acerca da história e etimologia do nome Gand, que mencionava no século VII o pagus *Gandavus*, *-um*, com o sufixo *-avu*. Infelizmente o notável mestre da filologia portuguesa não aprofundou a discussão do nome e do pretenso sufixo. A verdade, porém é que na extensa obra que escreveu sobre onomasiologia, antroponímia e toponímia, jamais registrou um sufixo *-(a)vu*. Chegou a discutir a pronúncia do topônimo *ílhavo*, proparoxítono, do latim *lliabum*, onde poderia ter aproveitado a ocasião para aludir ao caso, já que tratava da questão de se dever proferir *Ílhavo* ou *Ilhavo*.

Na hora de trazer para o nome a lembrança de suas origens flamengas, não seria outra a decisão em favor da pronúncia paroxítona da parte de um insigne humanista e excelente latino, nas palavras de Barbosa Machado, com a utilização do termo *Gandavo*.

Além das raízes tradicionais latinas, a região Batavia ocupava destacado lugar na área política, econômica e cultural, além de geograficamente vizinha, o que a colocava em condições de servir de modelo a um neologismo como *Gandavum*, na época em que este foi criado, aliás, diga-se de passagem, muitíssimo antes do nascimento do ilustre português. E no padrão prosódico de *Bativi* e *Batavus*, só poderíamos ter *Gandavum* como paroxítono em latim medieval e eclesiástico e *Gandavo* em português, portanto. É difícil explicar a razão que levou Facciolati a optar pelo registro inédito — insistimos nisso, caso não seja uma gralha tipográfica — do topônimo com sílaba medial breve; de qualquer maneira a lição do lexicógrafo não recebeu o beneplácito do uso até que viesse à luz a nota de Joaquim da Silveira, mais de um século e meio depois.

No que toca ao testemunho do bibliógrafo espanhol Nicolau Antônio nos índices que rematam sua *Biblioteca Hispana Nova*, cabe lembrar que a 1ª edição de 1696, citada pelo estudioso português, teve 2. ed. saída em

1788, em dois tomos, com acréscimos e numerosas correções a cargo de Francisco Pérez Bayer.

Na 2ª a edição aparece Gàndavo nos lugares indicados por Joaquim da Silveira, só que, primeiro, é preciso verificar se a novidade da prosódia pertence mesmo a Nicolau Antônio. Assentada a responsabilidade do bibliógrafo espanhol, é tal a proliferação de acentos diacríticos nessa 2. edição da *Biblioteca Hispana Nova*, que não se percebe a existência de critério orientador de tal procedimentos. É, portanto, pesquisa que fica em aberto para posteriores aprofundamentos.

Os argumentos colhidos por Joaquim da Silva para fundamentação da sua proposta não têm, cremos nós, a força que dispense a análise e discussão dos aspectos linguísticos trazidos aqui à baila. Por esses aspectos intrínsecos ao problema é que continuamos a pensar que se deva retornar ao testemunho da tradição e continuar pronunciando *Gandavo* o nome daquele que, segundo Camões, seu amigo, exaltou a Terra Santa Cruz, pouco sabida.

Brasileirismos: Eu vi ele

Sílvio Elia

Na série anterior[7], ocupamo-nos com a construção *Eu lhe vi*, desviante do padrão culto.

Com o presente artigo, começaremos a analisar a sintaxe *eu vi ele* também infratora da linguagem formal, mas de uso corrente na fala coloquial brasileira, a ponto de ser usada nos diálogos entre personagens de novelas de televisão, ainda quando entre pessoas educadas. Estas duas formas frásicas, *Eu lhe vi* e *Eu vi ele* estão, aliás, associadas em suas causas estruturais; ambas decorrem do enfraquecimento e até desaparecimento do pronome pessoal objetivo direto *o*(s) *a*(s) em nosso falar quotidiano. Duas causas concorreram para essa obsolescência: uma de ordem fonética, outra semântica.

Foneticamente, lidamos com uma partícula átona, sem força expressiva, dominada pelo acento tônico da palavra que lhe é contígua (de onde ser ela enclítica ou proclítica) e sujeita a alterações fônicas, como assimilações. Assim é que, sendo enclítica, apresenta três formas: *o*, *lo*, *no*. A forma *o* ocorre quando na conjugação a pessoa verbal, de que é complemento, termina em vogal ou ditongo oral: *ama-o*, *amei-o*; a *forma-lo*, ocorre se a pessoa verbal finaliza em *r*, *s*, ou *z*, *amá-lo*, *amamo-lo*, *fê-lo*; a forma *no* aparece no caso da pessoa verbal concluir em fonema nasal, marcado graficamente por *m* ou

[7] S. Elia refere-se à série de artigos inseridos em *Na ponta da língua 4*, a partir da pág. 183.

til, *amaram-no*, *veem-no*, *põe-no*. Nos futuros, como se sabe, não há hipótese de ênclise.

Do ponto de vista semântico, o pronome *o* é ambíguo; tanto pode referir-se à pessoa com quem se fala como à de quem se fala. Assim, numa frase como *Eu o vi ontem na praia*, o sentido pode ser o de: Eu vi você ou o de Eu vi a ele; só o contexto desfará a equivocidade.

Todas essas causas ocorreram para a vulnerabilidade do pronome, que, afinal, entrou em estado pré-agônico.

Poder-se-á, contudo, indagar da razão por que essas mesmas causas não atuaram em Portugal, onde *o*(s) *a*(s) continuam gozando de boa saúde. Temos então de voltar-nos para os fatores histórico-culturais; no caso, contato com línguas estrutural e socialmente diferenciadas.

No Brasil foi longo e constante o contato entre o português de um lado e o africano e o tupi-guarani, de outro.

O africano sob a forma de quimbundo e nagô, as duas línguas afro-negras mais difundidas entre nós; o tupi, falado ao longo da costa, com a gramaticalização em língua geral, instrumento destinado à catequese.

Essas línguas exóticas não eram, como o português, línguas de flexão: desconheciam, p. exemplo, qualquer regime sintático de desinências casuais. A tendência era, pois, para o analitismo, a qual já vigorava na passagem do latim clássico a vulgar.

Consiste na substituição da flexão casual por um sintagma formado de palavra nocional regida de partícula de valor funcional. Assim é que vão as preposições assumindo as funções dos casos. Portanto, em lugar de *pars libri*, gen. "parte do livro", *pars de libro*, de *venire Romam*, *acus*... "chegar a Roma", *venire ad Romam,* de *pugnare gladio*, *abl... pugnare cum gladio*, "lutar com espada".

O mesmo se deu com as formas casuais dos pronomes pessoais[8]. Em vez de o acusativo, entrou *ele*, nominativo, para designar a pessoa com quem se fala, e *lhe*, dativo, para a pessoa de quem se fala. O genitivo, em vez de flexão, como em latim, passou a ser regido pela preposição *de*, mesmo na língua culta: *o livro dele*. O ablativo também é substituído por pronome regido de diferentes preposições, conforme a circunstância que se quer expressar, tal como na língua culta: com ele, sem ele, por ele, etc. Temos, pois, na língua

[8] Nominativo, por caso reto; acusativo, por objeto direto; dativo, por objeto indireto, etc., são nomes que usamos por convenientes à concisão, seguindo, aliás, tradicional critério.

popular e coloquial distensa: suj. *ele*, obj dir. *ele* ou *lhe*; os demais complementos ou adjuntos como na língua culta.

Note-se que essa tendência para analitismo já vinha do indo-europeu e se acentuou no latim vulgar, o que mostra que estava sendo ela refreada pelas classes cultivadas. A mesma tendência continua na passagem do latim vulgar para as línguas românicas, fase em que o latim vulgar entrou em contato com várias línguas indo-europeias ou não, de substrato, superstrato ou adstrato. Esses contatos não podem deixar de ter influído na deriva dessas línguas, que se geraram no dia a dia da fala popular, numa época em que a língua escrita era privilégio de estrita minoria, dado que só veio a difundir-se e popularizar-se com a invenção da imprensa. Não é sem razão, portanto, que se tem falado numa crioulização do latim em sua progressão para a fragmentação românica.

Usei agora de um termo, crioulização, e creio conveniente um parêntese para melhor explicá-lo.

Trata-se evidentemente de um derivado de *crioulo*. *Crioulo*, entre nós, é designativo de pessoas de pele escura, mas não é o seu sentido originário, nem técnico. A palavra, de origem portuguesa, passou para outras línguas de cultura: esp. *criollo*, fr. *creóle*, it. *creolo*, al. *kreolische*. Tratava-se, na verdade, de um adjetivo (língua crioula), mas que pode substantivar-se na forma masculina: o *crioulo* do Haiti. O radical é evidentemente do verbo *criar*, o sufixo é que traz dificuldade.

O sentido inicial é de descendente de colonizador ou não nascido e criado na colônia. Mais remotamente é uma cria do senhor. Entre os escravos negros, surgiu mesmo uma distinção entre escravos já vivendo aculturados em terras brasílicas, os *latinos*, e os escravos recém-chegados, os *boçais*, que tinham muito que aprender. Os primeiros eram os crioulos, designação que, no Brasil passou a abranger somente os negros. Na América espanhola, porém, *criollo* não perdeu o sentido original. De modo que, na Hispano América, há *criollos*, brancos e negros.

Nas páginas anteriores começamos a ocupar-nos com o desvio do padrão culto do idioma corrente entre nós no falar coloquial brasileiro, mesmo entre as pessoas cultas, consistente em usar a forma reta (nominativa, subjetiva) do pronome pessoal da 3ª pess., ou seja *ele*/*ela*, em lugar da forma oblíqua (acusativa, objetiva) *o*/*a*. Quer dizer *eu vi ele* por *eu o vi*. A questão é a seguinte: como surgiu esse desvio entre nós e por que se propagou tanto?

Quanto ao primeiro quesito, há duas respostas. A primeira diz que se trata de uma forma arcaica que se perdeu em Portugal, mas que continuou no Brasil. Esta é a posição de mestre Sousa de Silveira e podemos lê-la nestas linhas de seu sempre atual *Trechos Seletos*, que cito pela 5aed 1942: 50-51:

"Anda, também rotulado de brasileirismo o emprego, que em nossa língua se faz, dos pronomes *ele*(s), *ela*(s) como complemento direto. Entretanto, é sintaxe do português arcaico. Vejam-se os exemplos aduzidos em I, 57, e mais estes tirados de Epifânio, *Sintaxe Histórica*, pág. 64, onde vêm ainda outros.

Os exemplos aduzidos são os seguintes: Perdi ela que foi arr (= a rem) milhor (D. Af.° Sanches, Vat. 21) e desque vi ela (Vasco Rodrigues de Calvelo, Vat. 585).

A Profª. Clarinda de Azevedo Maia, da Universidade de Coimbra, em sua magistral *História do Galego — Português*, 1986, ocupa-se igualmente com o problema. Observa que, em textos arcaicos, se encontra documentado o uso de formas tônicas dos pronomes pessoais oblíquos das primeira e segunda pessoas como objetos diretos, portanto, não regidos de preposição, como é de rigor no ptg. mod. (a mim, de mim, por mim, sem mim, etc.). Ex. e devedes vós mi amar bem. Então acrescenta:

"Paralelamente, as formas de terceira pessoa *ele*, *ela* são também usadas na função de complemento direto: damos ella a vós que lavredes ella (1287 O 57)".

Seguem-se mais exemplos, e a Profª. Clarinda assim os comenta:

"Quase todos os exemplos recolhidos são do século XIII e, esporadicamente do século seguinte, e não parece descobrir-se neles qualquer valor enfático. Esse valor também não parece estar presente nalguns dos exemplos já conhecidos do antigo galego-português. Creio que não podem separar-se estes exemplos da fase antiga da língua de uma construção paralela existente no português do Brasil. Não me parece que se trate de uma inovação brasileira" [o sublinhado é meu].

A profª. Azevedo Maia refere-se a uma explicação de natureza estrutural proposta pelo Prof. Mattoso Câmara no artigo "Ele *comme un accusatif* dans le portugais du Brésil", integrante da *Miscelánea Homenaje a* André Martinet I, Canarias, 1957.

Mattoso Câmara Jr. foi o introdutor, em nosso país, do método estrutural na análise dos fenômenos da linguagem, que aplicou em suas descrições gramaticais da língua portuguesa. Neste artigo inserto em Homenaje Martinet, dá MC Jr. mais um exemplo de sua posição estruturalista.

Mattoso Câmara não aceita que se trate simplesmente de uso arcaico sobrevivente no português do Brasil, como sugere Sousa da Silveira. E assim argumenta (o texto original está em francês):

"Vários filólogos concluíram portanto [em face dos exemplos arcaicos, que o que temos no Brasil é uma sobrevivência dessa antiga construção, que se pode considerar desaparecida do português europeu. É preciso no entanto notar que a construção que criou raízes no Brasil se restringe à forma *ele* e seria necessário explicar por que não se encontra o mesmo uso com *mim* e *ti*. Aliás o antigo português não apresenta senão exemplos esporádicos devidos à ênfase, ao passo que, no Brasil, o que existe é uma sintaxe espontânea e constante." (p. 40)

Diga-se de passagem que a Prof.a Clarinda refutajudiciosamente a ênfase alegada pelo professor brasileiro, uma vez que nada nos textos aduzidos faz pressupor tal recurso enfatizante.

Recusando a perspectiva diacrônica, Câmara Jr. volta-se sincronicamente para a estrutura gramatical. Eis como se manifesta:

"Se se trata de uma extensão do emprego de *ele*, cumpre situar essa forma no conjunto da estrutura gramatical em que se coloca, em vez de separar parcialmente uma construção especial, supondo-a a sobrevivência do passado, uma evolução fonética inteiramente mecânica, ou uma extensão analógica, segundo o antigo método neogramatical." (40-4 1)

E, pode-se dizer, assim marca a sua posição em face do problema:

"Creio que, partindo da estrutura gramatical do português, pode- se reformular o problema, dando-lhe nova solução, que não se acrescenta às três outras [apresentadas anteriormente, de Sousa da Silveira, Paiva Boléo e Mário Marroquim, mas as ultrapassa, ao colocar-se sobre um outro plano de interpretação." (p. 41)

Nas páginas anteriores, vimos que o saudoso professor Mattoso Câmara Jr., no trabalho incerto na *Miscelanea Homenaje a André Martinet* (I, 1957), ocupou-se com o uso de "*Ele* comme un accusatif dans le portugais du Brésil", ou seja, como está acima, *Eu vi ele"* por *Eu o vi*.

Rejeita o ilustre mestre as explicações já aduzidas por Paiva Boléo (o ponto de partida seriam construções do tipo *eu vi a ele*), Sousa da Silveira (sobrevivência de um arcaísmo), Mário Marroquim (ambiguidade de interpretação da função de *ele* em frases como mandou *ele* fazer: *ele* sujeito de *fazer* ou objeto de *mandou*?), por julgá-las fruto do "antigo método dos neogramáticos". O novo método seria estrutural, sincrônico e não diacrônico, que então começava a difundir-se entre nós e do qual foi MC pioneiro.

Na perspectiva teórica adotada por MC, o que se impunha era "considerar essa forma no conjunto da estrutura (atenção para o termo!) gramatical onde está colocada".

Assim procedendo, vai MC desbastando aos poucos o terreno onde se emaranha o problema.

Em primeiro lugar adverte: não se trata da extensão do uso de *ele*, forma subjetiva, a *ele*, forma objetiva. MC quer dizer que não se trata simplesmente da substituição de uma forma pronominal por outra, mas da aquisição por *ele*, de um novo estatuto gramatical. E o que explica nas linhas a seguir: "(trata-se) de uma forma invariável do ponto de vista sintático, exatamente como acontece com os nomes e pronomes demonstrativos". Com o que estamos de acordo. *Ele* sai do sistema pronominal. Por assim dizer volta à sua antiga condição de pronome não pessoal, pois não passa de continuação do *ille* latino "aquele".

Recorde-se que em latim não havia pronome pessoal da 3ª pessoa, a não ser com o valor reflexivo: *sui, sibi*, *se*. Em seu lugar, conforme as circunstâncias do discurso, usava-se *hic*, *iste*, *ille*, *ipse*. As línguas românicas reduziram essas formas a uma só *ille*, que passou a gozar do estatuto de pron. pessoal: ptg. *ele*, esp. *él, fr. il, it. egli*. O sardo, língua da Sardenha, recorreu a i*pse*: *isse*. São essas as formas subjetivas, isto é, que funcionam como sujeito do verbo. O complemento verbal, dito objeto direto, provém do caso acusativo latino *illum* (*m*): pgt. *o* (*lo*, *no*, por assimilações, com em *amá-lo*, *amam-no*), esp. *lo, fr. le*, *it. lo*. Portanto corretamente "Ele me viu", "Eu o vi". Esta última forma é que passa no port. do Brasil a ser substituída pela forma reta ou subjetiva como em *Eu vi ele*, ao passo que, em Portugal, se continua *Eu o vi*. "A inovação brasileira é, em última análise", diz Mattoso Câmara Jr., "uma inovação de estrutura, que dissocia o pronome da terceira pessoa do sistema casual dos pronomes pessoais".

Em segundo lugar, observa, com toda a razão, que "o pronome da terceira pessoa está ligado aos nomes, de que é um substituto; ao contrário, os pronomes da primeira e segunda pessoa não se referem a um nome e sim diretamente às pessoas do discurso". Quer dizer, o referente (= a entidade em lugar da qual está o pronome) não se situa dentro do discurso e sim no mundo exterior; por seu turno, o pronome da terceira pessoa tem por referente um outro termo da oração: o referente é interno e não externo. Para usar de nomenclatura gramatical, os pronomes da 1ª e 2ª pessoas são *dêiticos* (apontam para algo do mundo exterior) enquanto os da 3a são *anafóricos*

(remetem para outro termo da frase). Cfr. *Tu és rei (tu*, um ser do mundo exterior que está em minha presença); com Pedro chegou atrasado e com ele vinha um menino (*ele = Pedro*, palavra situada na oração anterior).

Já o mestre francês da Linguística indo-europeia, Emile Benveniste, em artigo de 1956, publicado em *For Roman Jakobson* (e republicado em *Problèmes de Linguistique Générale* I (1966), havia acentuado a diferença profunda, embora em outro quadro teórico, entre os pronomes ditos "pessoais" da 1ª e 2ª pessoas de um lado e os pronomes da chamada 3ª pessoa de outro. Disse então o seguinte já a concluir o seu estudo: "na classe formal dos pronomes, os chamados de terceira pessoa são inteiramente diferentes de *eu* e *tu*, quer por sua função, quer por sua natureza".

MC dá ainda uma terceira razão para o recuo da forma dita oblíqua *o*, *a*, em face da usurpadora *ele*, *ela*: a tendência do pronome regime átono junto ao verbo para ocupar sempre a posição proclftica na fala oral brasileira. Seria o caso, p. ex., de *Me dá o livro* em vez de *Dá-me o livro*. Ou ainda *Pedro o viu* por *Pedro viu-o*. Parece-me um tanto radical o advérbio *sempre* (*toujours*) empregado por MC. De uma crônica de Raquel de Queiroz, incluída na *Seleta* da José Olympio, organização de Paulo Rónai, intitulada "O Amistoso", retiro, um tanto ao acaso, os seguintes exemplos, sempre de orações simples ou coordenadas: *Juiz, jogadores, cartolas reúnem-se um pouco de lado, Xaveco dá-lhe uma carga, Fecha-se o tempo, o juiz retira-se, os paredros recolhem-se, E o diabo do louro tornou-se proprietário do balão, Xaveco derruba-o, avança no crioulo, larga-lhe o salto da chuteira por cima do dedão.*

Sem dúvida, MC fala em "linguagem oral". Mas escolhi um autor contemporâneo, que não se furta ao influxo da oralidade em seus textos, e que está a versar um tema de sabor popular. Demais, linguagem oral não quer dizer necessariamente linguagem popular.

Essa próclise, que MC qualifica de sistemática, vê o mestre patrício decorrer da intensificação da primeira consoante de um vocábulo fonético, que funcionaria como um corte (*tranche*) da cadeia falada.

Estamos expondo a posição do Prof. Mattoso Câmara Jr. a respeito do tema em pauta, ou seja, o uso da forma reta ou subjetiva *ele* (também ocorre regida de preposição) na função de objeto direto, em lugar da forma oblíqua *o* (e, naturalmente, de suas flexões, conforme o caso), que é a que prescreve a norma padrão culta.

Depois de rejeitar as explicações de Paiva Boléo, Sousa da Silveira e Mário Marroquim, por julgá-las ainda praticadas "selon l'ancienne méthode

des néogrammairiens" (o texto está em francês), ensaia MC uma explicação segundo o método estruturalista, uma vez que se faz preciso estudar essa forma no conjunto da estrutura gramatical onde se acha.

Vejamos como o ilustre e saudoso mestre patrício vai desdobrando seu pensamento, no contexto de suas próprias palavras.

Deve-se de início deixar claro que não se trata do emprego do caso sujeito na função acusativa, mas de uma forma invariável do ponto de vista sintático, tal como se dá com os nomes e os demonstrativos. Isto é, ele passa a ser, em resumo, uma forma nominal e não pronominal.

Interessa saber por que tal fenômeno se verificou no Brasil e não em Portugal; eis o nó da questão. Para MC a inovação brasileira, em última análise, é uma inovação de estrutura, que dissociou o pronome da terceira pessoa do sistema casual dos pronomes pessoais. Vejamos como.

Houve em primeiro lugar um fato fonético consistente em dois traços fonéticos entrelaçados. O primeiro seria a tendência do pronome regime átono, ao lado do verbo, a ser sempre (toujours) proclítico na linguagem oral do Brasil. Com texto de Rachel de Queiroz, procuramos mostrar ser radical essa afirmação do saudoso mestre. MC, contudo, apelando para o segundo traço fonético supracitado, pensa ter encontrado a razão de ser dessa próclise sistemática. Tratar-se-ia da intensificação da primeira consoante de um vocábulo fonético, que funcionaria como um corte (tranche) na cadeia falada. Seria o caso, p. ex., dos pronomes me, *te*, *se*, não, porém, do pronome *o*, vocábulo sem qualquer consoante inicial, a não ser nas formas *lo*, *no*, aliás, sempre enclíticas. Claro que essa fácil objeção não escaparia à competência de MC, que, ao contrário, vale-se desse fato para apoiar a sua tese.

É que, como vimos, para MC, 1.°: há, no Brasil, uma tendência, na língua oral, para a posição proclítica do pronome pessoal átono complemento do verbo; 2.°: essa tendência parece (semble) decorrer da intensificação da consoante inicial de um vocábulo fonético; 3.°: o pronome acusativo *o* não possui essa consoante, logo não está capacitado para ocupar a posição proclítica. Há, pois, que buscar-lhe um substituto.

Essa explicação não me parece conveniente. Por que a alegada intensificação fonética da consoante inicial do pronome átono não teria agido também em Portugal? É que, responde MC, Em Portugal a situação é inteiramente outra, porque lá a pronúncia tende a incorporar os vocábulos accessórios à palavra principal, fazendo deles uma espécie de sufixos num vocábulo morficamente complexo. E acrescenta: A partícula pronominal átona

enclítica é então, por assim dizer, um sufixo a mais, ao lado dos sufixos temporais e modais.

Cremos que é sempre assim. Em seu pequeno e valioso trabalho, *A língua escrita no Brasil*, arrola a saudosa professora Edith Pimentel Pinto algumas irregularidades da língua popular escrita no tocante à separação de palavras. E aí ocorrem *conhecernos*, *entereseime*, *mandeme*, pronomes enclíticos sufixados. Demais, se há uma forte tendência para a próclise do pronome átono na fala do brasileiro, por que a ela escaparia o pronome *o*? Falta-lhe o apoio da consoante inicial? Não seria melhor então dizer que, entre nós, tanto vigora a ênclise quanto a próclise, mas que se evita o *o* em posição proclítica? Contudo, do ponto de vista da clareza de expressão, o que seria de esperar do falante brasileiro: *Eu o vi* ou *Eu vi-o*? Demais, a aludida preferência pela próclise não é assim tão acentuada. Recordemos que na fastidiosa questão da colocação na frase dos pronomes pessoais átonos, muitos dos erros atribuídos a brasileiros estavam na posição do pronome: *que viu-me*, *onde eclipsou-se*, *quando lembrou-se*, *não enganou-se*, etc.

A essas razões estruturais de ordem fonética incorpora MC mais uma, agora de outra natureza (Sur un autre plan): as formas do tratamento. Por causa das condições sociais específicas do Brasil diz, a direção ao interlocutor faz-se sempre (toujours) por meio da terceira pessoa, o que, como se sabe, não é o que ocorre em Portugal nem em certas partes do Brasil. Eis o que explicaria também (o grifo é nosso), com o desaparecimento de *o*, a sua substituição por *ele* e *lhe*, distribuídos sintaticamente.

Confessamos julgar insuficiente e insatisfatória a explicação do notável mestre brasileiro Mattoso Câmara Jr., que fez o Brasil ingressar exemplarmente no âmbito internacional dos estudos lingüísticos. Mas o que veio em sua tentativa de aplicação do método estruturalista na análise de um fenômeno da sintaxe da língua portuguesa do Brasil é a ultrapassada pretensão do Estruturalismo em se constituir no método exclusivo da ciência da linguagem, em sucessão ao velho método histórico-comparativo (l'ancienne méthode des néogrammairiens). O Estruturalismo é legítimo na descrição das línguas, sincronia, e mesmo em algumas de suas incursões diacrônicas (os pontos débeis do sistema, as casas vazias). Mas a explicação do vir a ser das línguas tem de beber em outras fontes. As línguas, como salientou Weisgerber, são um intermundo, situam-se entre a natura e a cultura, o homem e a história. Para entender as línguas, é preciso sair das línguas. Daí as interdisciplinas: Psicolingüística, Sociolingüística, Etnolinguística. Aliás os próprios

neogramáticos tiveram de render-se à evidência. O recurso às leis fonéticas, à analogia, aos empréstimos já não bastava. Adstratos, substratos, superstratos, tudo isso existe. E não é fado.

Não se há, porém, de recusar *in totum* a interpretação do mestre patrício. Cabe reter o ponto em que MC adverte que não se trata simplesmente da extensão da forma subjetiva *ele*, sujeito da oração, à forma objetiva *o*, complemento da ação verbal, e sim da criação "de uma forma invariável do ponto de vista sintático, tal como se dá com os nomes e os demonstrativos". Por outras palavras, "ele passa a ser... uma forma nominal e não pronominal". Na verdade, *ele* não se dissociou inteiramente do seu caráter pronominal, e o próprio MC falara anteriormente em nome e demonstrativos. E que de sua natureza pronominal *ele* manteve os seguintes caracteres: a) é um nome de sentido geral, pois pode ser empregado em "substituição" a um substantivo designativo de pessoa, animal ou coisas, existente no contexto em que se integra; b) tem caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo precedente, o contexto. Mas também um nome, pois goza de inteira liberdade sintática. Podendo ser *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto* (a ele), adjunto adverbial (*com ele*, *por ele*, *contra ele*, etc.). Resta saber como se deu essa inovação no português do Brasil. Para MC, tal inovação "em última análise é uma inovação de estrutura". Procuramos avaliar o teor da explicação estruturalista ensaiada por MC, que, aliás, nos pareceu insatisfatória. MC trouxe em seu apoio dois argumentos: um de natureza fonética, outro que talvez se queira sintática: as formas de tratamento. Mas, nesse ponto, o próprio MC teve de arrimar-se às "condições sociais específicas do Brasil", isto é, teve de extrapolar das relações internas para externas, fantasma, como se sabe, que o Estruturalismo luta por exorcizar. E, a nosso ver, é aí que se encontra o fulcro do problema.

Evidentemente que as condições histórico-sociais do Brasil Colônia eram bem diferentes das da Metrópole europeia. Aqui, numericamente, predominavam os indígenas, cujo falar tupi se espalhava pelo litoral e acabou sendo gramaticalizado pelos jesuítas com o nome de "língua geral". Os africanos, expatriados, vieram para o Brasil em Ievas sucessivas e, com eles, entraram no país os seus falares tribais, quimbundo ou nagô, os mais vulgarizados. Trata-se de línguas "exóticas" em relação ao português, pertencente a outra família, o tronco indo-europeu. No contato com os brancos, os negros (principalmente estes, que conviviam com os senhores e as sinhazinhas nas casas-grandes, no eito e mesmo nas senzalas) procuravam

entender-se simplificando a fala, particularmente a partir dos brancos, suprindo-se as flexões, pondo a estrutura frasal em ordem direta fixa, evitando subordinações. Mais ou menos como se faz com as crianças que começam a aprender a falar, o que levou certos linguistas a usarem a expressão *baby-talk*, que já foi acoimada de "racista". Surgem assim os chamados falares coloridos, onde, diga-se de passagem, a forma crioulo tem como radical o verbo *criar* e, pois, nenhuma relação possui na origem com a cor da pele humana. Os falares crioulos têm por base uma língua europeia simplificada na boca de aloglotas, que procuram adaptá-las às estruturas de seus falares nativos. Há, portanto, crioulos portugueses, espanhóis, franceses, ingleses. Não sendo essas línguas "exóticas" do tipo flexional, caso das indígenas e africanas, é natural que os seus falantes tenham procurado substituir as flexões por vocábulos gramaticais, tal como fizeram com o latim os povos dominados pelos romanos. Assim, os povos subjugados em vez de *lupi* diziam *de lupo*, no lugar de *lupo* ouvia-se *ad lupo*, multiplicaram-se as preposições para indicar circunstâncias: *cum lupo*, *ab lupo*, *contra lupo*, etc. Portanto, em vez de l*upos*, *lupum*, *lupi, lupo*, uma só forma invariável do ponto de vista sintático, para falar com Mattoso Câmara Jr. Foi o que se deu com *ele* no Brasil, ao passar do sistema pronominal para o nominal. Concluímos, assim, que o brasileirismo *eu vi ele* é um caso de crioulização e um exemplo típico de que não se pode excluir das explicações linguísticas o fator histórico-social.

Está na hora da onça (ou de a onça) beber água?

Vou hoje começar a tecer aqui algumas considerações acerca de uma construção que, pelo menos no Brasil, vai ganhando dia a dia na imprensa maior incremento e que na língua escrita de Portugal já tem, segundo percebo, vitória absoluta.

A construção a que me refiro é uma das que estão exemplificadas no título do presente capítulo: *Está na hora de a onça beber água*. Percebe-se que o que distingue uma da outra é que, na primeira, a preposição *de* se contrai com o artigo que precede o substantivo *onça* (da onça), enquanto, na segunda, não ocorre tal fenômeno (de a onça).

Em que consiste a dúvida e qual a razão que se aponta para que uma seja preterida pela outra? Para responder a esta pergunta, necessário é que se façam alguns comentários preliminares. Por outro lado, há aspectos outros da questão que ultrapassam o limite do juízo certo e errado, e sobre os quais falarei mais adiante.

Em primeiro lugar, sabemos que, no português moderno (do século XVIII para cá), as orações que se estruturam em tomo de um só verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio têm o seu sujeito posposto a este verbo, (a gramática tradicional chama reduzidas a tais orações).

E hora *de saírem os meninos (os meninos* é sujeito*)*.

Acabando a aula, iremos ao café (a aula é sujeito*)*.

Terminada a palestra, cumprimentaram o conferencista (*a palestra* é sujeito).

Ocorrendo o gerúndio ou o particípio (veja-se mais um exemplo...) a regra geral, no português moderno, é a posposição. Por isso, não se há de dizer nem escrever:

A aula acabando, iremos ao café.

A palestra terminada, cumprimentaram o conferencista.

Nas orações em que o sujeito está representado por *isso*, *isto*, a*quilo*, *o que*, pode este vir anteposto ou posposto ao particípio:

Posto isto ou *isto posto.*

Se o gerúndio vier precedido da preposição *em* (construção hoje rara), a colocação do sujeito anteposto ao verbo é a mais freqüente:

Em se vendo isto, percebe-se o engano.

Se se trata de infinitivo, a posição do sujeito torna-se livre; tanto está correta a posposição quanto a anteposição:

E hora de *saírem os meninos*.

E hora de *os meninos saírem*.

Sabemos desde os primeiros anos dos bancos escolares que, quando se encontra na cadeia da frase a preposição *de* com o artigo definido ou pronome iniciado por vogal, se dá a contração:

O livro *de o* menino / O livro *do* menino.

A casa *de ele* / A casa *dele*.

Já com os artigos indefinidos e com substantivos e certos pronomes iniciados por vogal esta contração é facultativa:

O livro *de um menino* / O livro *dum menino*.

E revista de *outros tempos* / E revista *doutros tempos*.

Tais contrações representam um caso de morfofonologia (estudo dos morfemas e do modo como se relacionam na sequência fonética) ou de fonética sintática.

Voltando ao caso das orações construídas em tomo de um infinitivo, teremos:

E hora de saírem os alunos
E hora de os alunos saírem

Ora, como se vê, a anteposição do sujeito aproxima a preposição *de* (que subordina o infinitivo) do artigo, e tal aproximação facilita ou conduz à contração, pelo mesmo fenômeno da morfofonologia:

E hora *de os* alunos saírem.
E hora *dos* alunos saírem.

E aí começa a repreensão de gramáticos, lembrando, em sua tese, que o *sujeito não pode ser regido de preposição*. O nó da questão é discutir se a simples contração é fenômeno suficiente para caracterizar a *regência*, isto é, a subordinação sintática de um termo subordinante ao termo subordinado. Vejamos as frases:

Este livro é para mim.
Este livro é para eu ler

Em ambos temos a preposição *para* seguida de um pronome pessoal: *mim* e *eu*, que, pelas regras morfofonológicas do português, não se contrai nem com a forma *eu* e muito menos com a forma *mim*; todavia, na primeira frase a preposição rege (subordina) o pronome e, por isso mesmo, ele se apresenta na forma objetiva tônica *mim*. Já na segunda frase, a preposição não rege (não subordina) o pronome e, por isso mesmo, ele se apresenta na forma subjetiva *eu*. Daí todos os gramáticos, com razão, condenarem a construção que resulta de uma falsa regência (subordinação) da preposição *para* em relação ao pronome: *Este livro é para mim ler.*

Vejamos agora estes dois exemplos: A professora gosta de uma aluna (sem contração); A professora gosta duma aluna (com contração), em que temos a preposição subordinando um sintagma introduzido pelo artigo indefinido *um*, independentemente de haver ou não contração.

Por tudo isso que acabo de explicitar, deve ficar claro que regência é um fenômeno sintático, enquanto contração é um fenômeno morfofonológico.

Um não implica o outro. Se isto ficou entendido, ficará mais claro verificar que, se houvesse um caso de regência nas duas frases de infinitivo tomadas como exemplos, tanto ocorreria com a ausência de contração, quanto com sua presença. Para provar a existência de um sintagma preposicionado, podemos contar com o teste da não separação da preposição que rege o termo subordinado.

Assim em: A professora gosta *de uma aluna*, o sintagma preposicional *de uma aluna* desloca-se como um todo inseparável: De uma aluna gosta a professora ou Gosta de uma aluna a professora e não, com o mesmo significado, Gosta de a professora uma aluna.

Já nos exemplos com infinitivo, por condições históricas especiais, a preposição *de* pode não acompanhar os alunos porque com este sintagma, funcionando como sujeito, não forma um sintagma preposicionado:

E hora de saírem os alunos.

Mais adiante iremos ver que essas condições históricas especiais que permitem a inversão atuam não só no português, mas nas línguas irmãs e, por isso, têm merecido particular atenção nos compêndios de sintaxe românica.

Um estudo que merece ser feito na sintaxe portuguesa é tentar descobrir qual o primeiro gramático que não só registrou este fato sintático, mas também que considerou errônea a contração da preposição com o sujeito do infinitivo começado por vogal ou *h*, ou, então, com algum determinante desse sujeito.

Pelo que até onde pude investigar, a mais antiga fonte desta lição que conheço é a *Nova Gramática Analítica da Língua Portuguesa*, saída em 1881 (uma *Pequena Gramática* já viera à luz em 1865) e escrita pelo suíço Adrien Olivier Grivet, que viera estabelecer-se no Rio de Janeiro como professor. O forte desta obra é a parte dedicada à sintaxe, quase toda alicerçada no uso que da língua portuguesa fez o exímio Padre Antônio Vieira. Assinalar este último fato creio ser importante para a nossa questão, porque o grande orador tinha predileção por não proceder à contração no caso de que ora estou tratando, embora esporadicamente também se servisse da outra construção. Vejamos a lição de Grivet:

"Se (...) a índole da língua autoriza que um termo não anexo, e sim de todo independente, como um sujeito ou um complemento direto, possa intrometer-se por acaso entre a preposição e seu regime, a razão não admite que, com ele, a mesma preposição forme contração, porque daí resultariam dois absurdos: o sujeito ou o complemento direto assim agarrado pela preposição não seria mais nem sujeito, nem complemento direto, e sim regime

da mesma preposição; e o regime próprio da preposição, desamparado de sua relação, não teria mais função nenhuma: o que tudo destruiria a sintaxe pela base" (p. 385).

Apesar dessa argumentação de ordem puramente lógica, em que confunde uma alteração de regência sintática (do tipo *Isto é para mim fazer*) com o caso em questão, Grivet diz que bons clássicos praticaram a contração, inclusive o Padre Vieira; mas justifica os exemplos como meros descuidos, ou se não foram antes o resultado de uma distração de compositor tipógrafo, ou o da infidelidade de um primeiro copista presumido (ibid.). Está claro que a justificativa não atende à realidade dos fatos e, como veremos adiante, o fenômeno é comum a outras línguas do grupo românico.

A constância desta sintaxe em Vieira nos leva a considerar errônea a citação que do orador faz uma gramática repleta de boas informações, a escrita por Eduardo Carlos Pereira: "O sujeito não pode estar subordinado a outra palavra, e por isso não pode ser regido da preposição. Não se dirá: E tempo deles irem embora, mas: E tempo de eles irem embora ou de irem eles (...) São, portanto, condenáveis as seguintes construções: Em vez dos ladrões levarem os reis ao inferno... (A.V.). E tempo dos patriotas erguerem-se. A preposição rege o verbo e não o sujeito. Dir-se-á, pois: E tempo de os patriotas erguerem-se, ou, melhor: E tempo de se erguerem os patriotas" (Gramática Expositiva, 22 ed., 1927, § 457).

Pondo de lado a afirmação de ser melhor a construção É tempo de se erguerem os patriotas, em que, segundo suponho, fica ambíguo o entendimento da frase anterior, a verdade é que o exemplo de Vieira não é como está transcrito na lição do citado gramático. A frase, que aparece no Sermão do Bom Ladrão, pregado em Lisboa em 1655, assim ocorre na página 352 do volume 111 dos Sermões, edição de 1683: (...) em vez de os ladrões levarem os Reis ao Inferno, sintaxe repetida na página 354 (...) que em lugar de os ladrões levarem consigo.

Quanto à fonte em que foi beber a lição Eduardo Carlos Pereira, ela está patente no parágrafo 458, onde textualmente cita Grivet.

Se uma ou outra gramática trata desta construção, a verdade é que a maioria dela não se ocupa, e o curioso é que nossos melhores sintaticistas (Said Ali, Epifânio, Mário Barreto) puseram de lado a questão. Desde a 1ª edição das *Lições de Português* (1960) e da *Moderna Gramática Portuguesa* (196 1), venho insistindo em que não se trata de um caso de regência, mas sim de um caso de fonética sintática ou, como já disse, de morfofonologia. Citava aí que

já havia registrado a contração como correta o Padre Pedro Adrião, do Seminário de Olinda (Pernambuco), na sua preciosa e informativa obra *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, editada em Porto Alegre, em 1945, embora o autor continue a dar o fato como se de regência fosse: "O sujeito de uma oração subordinada infinitiva preposicional pode ser regido de preposição: São horas do professor chegar. E verdade que alguns gramáticos têm condenado construções como esta, mandando que se evite a contração e se diga: São horas de o professor chegar Baseiam-se em exemplos clássicos, que viram, em que a preposição vem separada. Devido a esta condenação dos gramáticos, muitos escritores modernos se mostram medrosos em fazer a contração. Mas nem por isto esta contração, mais natural, mais elegante, mais eufônica, mais usual na conversação, deixa de ser consagrada pelo uso dos escritores clássicos, não só antigos como modernos" (p. 259, § 691).

E seguem-se exemplos dos mais conceituados escritores do século XVI aos nossos dias, portugueses e brasileiros.

Outra voz autorizadíssima é a de Sousa da Silveira que no livro *Fonética Sintática*, de 1952: Uma elisão, por assim dizer, obrigatória é a da preposição *de* com o artigo definido ou com o pronome *ele*: do, da, dos, das, dele, dela, deles, delas. Ainda quando a preposição *de* não está regendo o pronome, nem o substantivo a que se prende o artigo definido, mas sim um infinitivo, a elisão pode observar-se: Ora julga se é razão / das minhas lágrimas serem menos daquestas que são (Crisfal, vv. 733-735, p. 7 da 2.a ed., 1971).

Seguem-se exemplos de Heitor Pinto, Tomé de Jesus e Alexandre Herculano, concluindo o mestre: "Atualmente se tem estabelecido como regra ortográfica não se praticar a elisão no caso de que acabamos de falar, isto é, quando a preposição *de* rege o infinitivo, e não o pronome *ele* ou o substantivo a que se prende o artigo. Em obediência a essa regra, teremos de escrever como o fez Alexandre Herculano, não no trecho citado acima das Lendas e Narrativas, mas nesta passagem de A Cruz Mutilada (Poes., 1 22): Porém (...) / Antes de o sol se pôr (ibid.).

Se os escritores não nos cansam de dar testemunhos de que ambas as construções estão corretas e vigentes na língua desde os mais recuados tempos, notáveis gramáticos, filólogos ou Iinguistas não fugiram à forma com contração: Depois do presente Estudo ter sido enviado à redação do Boletim, li uma obra análoga (...) (F. Adolfo Coelho, *Cultura e Analfabetismo*, 1916, p. 81n.); Antes dos romanos começarem a conquista da Hispânia (...) (Idem, *A Língua Portuguesa*, ¡ 3 ed., 1896, p. 87); (...) apesar de numerosos

erros, da impossibilidade do autor se elevar no seu tempo a uma verdadeira teoria da história da língua (...) (Idem, ibid., p. 164); Pelo fato do verbo *restituir*, numa de suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem, como diz o Dr. Rui Barbosa, o mesmo sentido (...) (Ernesto Cameiro Ribeiro, *Redação*, 579 apud P. A. Pinto, revista Colaboração, n° 5, p. 20); (...) no caso do infinitivo trazer complemento direto; (Epifânio Dias, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 289, b), Obs.).

E interessante uma observação sobre a prática ou não da contração entre os modernistas brasileiros. Os dois melhores estudiosos do assunto entre nós, Raimundo Barbadinho Neto e Luiz Carlos Lessa, ao tratarem do assunto, mostram que poetas e prosadores nossos usaram das duas construções. Lessa (*O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*, ja ed., p. 149-152) transcreve numerosos exemplos com a contração; Barbadinho (*Sobre a Norma Literária do Modernismo*, ia ed., 1977, p. 43-44) mostra que os exemplos da sintaxe sem contração podem ser colhidos à mão cheia. De tudo isto se conclui que ambos os modos de dizer são igualmente corretos, fartamente documentados em nossa tradição literária e aceitos por estudiosos do idioma. Vamos, agora, entrar num outro aspecto da questão, até aqui não ventilado, que é o aspecto da expressividade que envolve estes dois modos de dizer.

Na sua estimulante *Estilística da Língua Portuguesa*, o filólogo português M. Rodrigues Lapa, tratando de usos da preposição, justifica o uso sem contração da partícula com o termo que a segue, por motivos expressivos e não, propriamente, por motivos de ordem gramatical:

"Quando se segue um artigo ou pronome começado por vogal, a preposição (Lapa referia-se a *de*) funde-se com eles, perdendo o *e* e formando uma só palavra: *do*, *duma*, *daquele*, *dalgum*, etc. Os escritores porém acham que, neste processo de aglutinação, a partícula perde um pouco do seu valor expressivo. Comparemos as duas formas:

1. Seu pai morreu duma apoplexia.

2. Seu pai morreu de uma apoplexia, (...) sentimos, realmente, que a ideia de causalidade sobressai com mais viveza na segunda forma, em que a preposição aparece por inteiro. Outras vezes, os escritores evitam essas elisões um pouco brutais, com um propósito de clareza, como se mostra neste passo de Eça de Queirós: —E eu venho ajudá-lo, primo! — disse ela animada pelo seu próprio riso, pela alegria de aquele homem a seu lado. O autor não alude

à alegria do homem — nesse caso teria escrito *daquele homem*; quer exprimir a alegria dela, por tê-lo a seu lado, nessa visão de sonho. Por isso manteve intacta a preposição" (p. 218-219 da 3 ed. brasileira, 1959).

E a seguir toca no problema de que estamos tratando, quando aparece o infinitivo:

"É por este mesmo princípio que as gramáticas *aconselham* (o grifo é meu) a não fazer elisão antes do verbo no infinitivo. Assim, deverá escrever-se: depois de o Governo ter caído e não depois do Governo ter caído."

"Como se vê, pela argumentação de Rodrigues Lapa, saímos do domínio da gramática (reger o sujeito de preposição) para entrar no domínio da estilística, isto é, dos recursos e efeitos expressivos. No domínio da gramática, estaríamos, no caso, diante da dicotomia do juízo certo x errado em relação direta com a atividade na língua portuguesa (trata-se do plano histórico a que alude Coseriu); no domínio da expressividade, diante da dicotomia de juízo adequado x inadequado em relação direta à atividade do discurso que executo (trata-se do plano do discurso de Coseriu). Enquanto aos saberes, isto é, à competência do falante, o primeiro, o da língua, é o saber idiomático; o segundo, o do texto, é o saber expressivo.

Lapa, falando da contração da preposição, diz que esta pode ficar como que disfarçada e, assim, perder ou esmaecer o seu significado. Curiosamente ele faz referência a um fenômeno que já havia sido apontado, há mais de cem anos, pelo velho e sempre lido com proveito Frederico Diez, lingüista e filólogo alemão que fundou a disciplina Filologia Românica, em 1836, ao aparecer o 1° volume da sua *Gramática das Línguas Românicas* (1836-1843). Para os que não a conhecem, a Filologia Românica é uma disciplina histórica e comparativa que procede ao estudo erudito dos temas lingüísticos e literários em tomo das línguas românicas (continuadoras interruptas do latim no tempo e no espaço) e de suas literaturas.

Pois bem, Diez, tratando, no final do 3° volume da sua *Gramática* dedicado à Sintaxe, das possibilidades de separação, nas línguas românicas, da preposição em respeito ao infinitivo, colocando-se entre eles outros termos da oração, lembra que o fenômeno acaba disfarçado ou mascarado (unkenntlich) pela contração da preposição com o artigo (p. 1102 da 5ª ed. alemã, de 1882).

Também a *Gramática das Línguas Românicas* (1890- 1899) de W. Meyer-Lübke trata, no seu 3.° volume dedicado à Sintaxe, destas mesmas inversões e, no § 744 (trad. fr.) cita este exemplo de Júlio Dinis:

Chegou a ocasião da Sra. Teresa julgar ter obtido uma grande alavanca (Pupilas, 1 1 6).

Vê-se, portanto, que os dois grandes romanistas examinaram o problema pelo seu aspecto maior, a questão da ordem dos termos na frase e nem de longe enquadraram a contração da preposição com outro elemento como se fora caso de regência verbal.

A necessidade de garantir o significado da preposição, de que nos fala Rodrigues Lapa, serve também para explicar a lição dos que aconselham evitar a contração também quando a preposição vem precedida por advérbio. E a lição — e creio ser o mais contundente dos poucos defensores do fato gramatical — do notável filólogo Rebelo Gonçalves, mestre de Filologia Clássica e Portuguesa. Tratando dos casos em que não é lícito o uso do apóstrofo, inclui o seguinte (limitar-me-ei a um só de cada série dos exemplos aludidos pelo filólogo português):

"Nas combinações da preposição *de* com as formas articulares ou pronominais *o*, *a*, *os*, *as*, e com quaisquer pronomes ou advérbios iniciados por vogal, quando aquela preposição rege uma construção de infinitivo. Nestes casos não só a forma prepositiva jamais se representa por *d* (do, dele, daqui etc.), como também se não funde graficamente com a palavra imediata (do, dele, daqui, etc.): uma e outra se escrevem separadas, sem prejuízo de se combinarem na pronúncia:

São horas de o meu pai voltar; Está desejoso de o ver; Orgulho de ele ser português; Já é tempo de este aparecer (...); Arrepende-se de aqui estar, de aí morar, de ali residir, de acolá viver (*Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, Coimbra, 1947, p. 285-286).

Depois de referir que a regra acima se aplica também às locuções prepositivas com *de* (a fim de o meu pai saber antes; de ele chegar; apesar de os não ver; a ponto de o rei saber; depois de as haver encontrado; em virtude de isto ser impossível; por causa de ali morares), continua sua lição:

"Assim como a preposição *de*, quando rege infinitivo, jamais se funde na escrita com uma forma de artigo, pronome ou advérbio iniciado por vogal, assim também outras formas prepositivas, se têm igual regência, devem ficar graficamente distintas de flexões de artigo ou pronome com as quais, noutras circunstâncias, se fundiriam. Estão neste caso *a* e *pra*

(redução de *para*): devido a o avião se ter atrasado (devido a o, e não devido ao, apesar de a o soar ao); pra o menino ver (pra o, e não pro, a despeito da pronúncia); pra o ver, pra a ver, pra os ver (pra o, pra a, pra os, pra as, e não *prò, prà, pròs, pràs*, embora assim se leia)" (obra cit., 286-287).

Tais ensinamentos de Rebelo Gonçalves ensejam alguns comentários a seguir.

A leitura atenta da lição de Rebelo Gonçalves nos dá oportunidade de tocar em alguns pontos importantes. Em primeiro lugar, percebe-se que nem todas as preposições combináveis com artigo ou com palavra começada por vogal apresentam a mesma naturalidade quando se trata do fenômeno da contração que vimos estudando. Repare-se, por exemplo, nas frases abaixo (o asterisco indica a construção não usual):

São horas de o meu pai chegar/ do meu pai chegar

Confio em o pai chegar a tempo/ *no pai chegar a tempo.

Outro ponto em que os casos de contração parecem diferir é o relativo a se se trata da presença do sujeito ou da presença do objeto direto (termo sintático não precedido ou regido de preposição necessária). Vejam-se os exemplos:

Estou desejoso de o ver/ *Estou desejoso do ver.

Estou aqui para (pra) o ver/ *estou aqui pro ver.

Vale a pena abrir aqui um parêntese para comentar um uso considerado correto em outros tempos da língua, mas que contraria um princípio de gramática, que consiste em não reger o objeto direto de preposição.

Esta construção, considerada "clássica" até muito perto de nós, foi seguida por escritores contemporâneos que timbravam em imitar os clássicos de outras épocas, fazendo correr construções, como a que agora vou comentar, já consideradas antiquadas. Rui Barbosa, por exemplo, escreveu: "*Mas ninguém tem forcejado mais do que eu pela realizar*", em que o objeto direto do verbo *realizar* se combina com a preposição que rege o infinitivo; hoje preferimos pospor o objeto direto ao verbo:

"ninguém tem forcejado (...) para realizá-la."

Apesar da defesa que da construção de Rui Barbosa fez o nosso competente sintaticista Mário Barreto em *Novos Estudos de Língua Portuguesa* (2 ed., p. 111-125), o certo é que o sentimento Iinguístico do falante moderno coincide com o comentário exarado por outro grande sintaticista, Said Ali:

A contração de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o*, *a*, *os*, *as*, pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre — o que é muitíssimo raro — em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado.

Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto (*Revista Americana*, 11, 4, p. 160).

Esta contração da preposição com o pronome complemento objeto direto patenteia o caso de mascaramento ou disfarce de que nos falou, conforme referi antes, Rodrigues Lapa, que cita este exemplo de Monteiro Lobato: Mas, pela não termos hoje, é absurdo negarmo-nos direito à fisionomia (*Ideias de Jeca Tatu*, 7 ed., 39 in *Estilística*, p. 213).

Outro ponto da lição de Rebelo Gonçalves digno de evidência é o referir-se o ilustre filólogo a uma prática exclusivamente de ordem ortográfica — como se tivéssemos uma sintaxe só para olhos —, já que o ouvido acusaria a existência da contração (leiam-se as suas palavras:

"Sem prejuízo de se combinarem na pronúncia; apesar de *a o* soar *ao*; a despeito da pronúncia; *pra o* (...), e não *prò* (...), embora assim se leia, isto é, como se tivéssemos, paralelamente à sintaxe para os olhos, uma sintaxe para o ouvido."

Talvez por isso, Sousa da Silveira, ao tratar do tema, tivesse aludido a uma regra ortográfica, embora não fizesse distinção a uma prática para os olhos (puramente ortográfica) e outra para o ouvido.

Já o notável foneticista Gonçalves Viana, na *Ortografia Nacional* (Lisboa, 1904), defendendo o uso restrito do apóstrofo em português (mais frequente no francês), aludia ao fato de poder o falante praticar a contração que a grafia não registrava:

"Por outro lado, é sempre melhor que a ligação facultativa das partículas com os nomes se não indique, pois é lícito proferir, por exemplo, a locução *anel de ouro* quer como *anel douro*, quer como *anel di ouro*" (p. 204).

Depois de todas estas considerações, é fácil chegarmos à conclusão de que, sob o enfoque da gramática, tanto está certo dizer e escrever *está na hora da onça beber água* como também *está na hora de a onça beber água*. Em virtude de estar esta última construção corroborada por uma longa tradição escrita e por se levar em conta certo raciocínio de natureza gramatical, tem sido eleita como exemplar (note-se que exemplar aqui não tem o significado de correta e, muito menos, de mais correta), e, por isso, tem angariado adeptos onde se escreve o português padrão.

Esta eleição é devida também às últimas propostas de reformas ortográficas, principalmente emanadas de Portugal, creio que a partir da década de 40, pois têm repetido a rejeição à forma contrata. As reformas de responsabilidade do Brasil têm silenciado este fato de linguagem, talvez por julgá-lo exclusivo do domínio da gramática, e não da ortografia. O Novo Acordo reinaugura a recomendação a brasileiros, e a verdade é que, desde que começaram as discussões sobre ele, se nota um incremento de sua prática na imprensa brasileira.

A nova recomendação só tem um ponto fraco para sua total aceitabilidade: contraria hábitos de fonética arraigados, e o próprio Rebelo Gonçalves o reconhece, quando afirma que a ortografia deve rejeitar a contração (de a onça beber água, e não da onça beber água), embora assim se leia. Numa última palavra, restringe a lição exclusivamente ao seu aspecto ortográfico, em conformidade com o que já havia depreendido nosso ilustre mestre Sousa da Silveira.

A escolha consciente de uma ou de outra forma dependerá muitas vezes, do ritmo, da eufonia e harmonia auditiva do boleio da frase, da necessidade ou não de se enfatizar o significado da preposição, no desejo e no direito do falante ou do escritor de extrair todas as virtualidades que a língua portuguesa põe à sua disposição para exteriorizar ideias, pensamentos, sentimentos e emoções.

Dequeísmo: um de Intruso

O leitor estranhará com toda razão o termo *dequeísmo*, que prima por ausência nos dicionários portugueses. Trata-se de um neologismo que está penetrando nos estudos de língua portuguesa, graças à influência do espanhol, idioma em que a novidade terminológica nasceu.

Entende-se por *dequeísmo* o emprego da preposição *de* junto à conjunção *que* em orações subordinadas substantivas em contextos do tipo *Creio de que você tem razão*; *Reconheço de que chegaremos tarde.*

Parece que o fato sintático começou a ser detectado e investigado no espanhol; *me dijeran de que saliese*; *temo de que lo hagan mal*. Neste domínio linguístico a novidade ocorre não só no espanhol da América Latina; apresentam o mesmo *de* intruso dos exemplos citados acima para o português. A investigação do fenômeno em espanhol já vai muito adiantada; no português, os estudos apenas iniciaram, mas o que já se pode dizer é que o fato sintático tem características formais muito semelhantes nos dois idiomas, que este *de* intruso não admite ordinariamente ser substituído por outra preposição e que ocorre em geral depois dos mesmos verbos: *acreditar*, *achar*, *admitir*, *afirmar*, *compreender*, *concluir*, *conhecer*, *crer*, *decidir*, *dizer*, *garantir*, *reconhecer,* e outros que envolvem a mesma área semântica ou aproximada.

Recentemente (1995) saiu da autoria da Professora Maria Cecflia Mollica o livro (De) *que falamos?,* editado pelo Tempo Brasileiro, em que podemos acompanhar detidamente os passos da pesquisa para o espanhol e para o

português. Entre os dados da investigação para o espanhol que se podem, com certa dose de intuição, estender ao português, citem-se os seguintes: a) nascido o fenômeno em um número limitado de verbos, acabou "contaminando", por analogia, verbos da mesma área semântica, vizinha ou mais remota; b) tem maior incidência em falantes de nível médio e até alto, especialmente na fala de locutores e políticos; c) há por parte da escola e de falantes que dominam a língua culta, de cultura, forte reação contra o *dequeísmo*, considerando-o uma novidade que nasceu por falta de conhecimento do idioma e que deve ser cuidadosamente evitado.

Tem preocupado os investigadores do espanhol e do português explicar por que nasceu a novidade. Apontam-se razões de *ultracorreção*, isto é, o equívoco nascido do desejo de falar correto; cruzamento de estruturas nominais e verbais, isto é, uma construção do tipo de *a crença de que*, *o reconhecimento de que* ter estimulado a construção *creio de que* ou *reconheço de que,* depois estendida a verbos que não apresentam a paralela construção nominal (com substantivo ou adjetivo); a instabilidade da norma entre pessoas emergentes de limitada convivência com o emprego e omissão de preposição; a atenuação de sentido, isto é, com *de* o falante pretende, distanciando-se, atenuar uma declaração para só parcialmente ser responsável por ela, razão pela qual, como diz Erica García citada por Maria Cecília Mollica, "el dequeísmo prolifere sobre todo en boca de políticos y periodistas". (p.29).

Outro ponto que preocupa os investigadores do espanhol e do português é saber se o emprego do *de* intruso em construções do tipo *creio de que* e *reconheço de que* é antigo ou recente nesses idiomas. A meu ver, tanto para o espanhol quanto para o português, as conclusões não são verdadeiras, porque, de modo geral, tais autores põem sob o mesmo prisma de análise duas construções sintaticamente bem diferentes: aquelas em que entra um *que* "introdutor" de oração chamada subordinada objetiva indireta e completiva nominal, em que a preposição pode vir expressa ou omitida mesmo na norma culta (*Preciso de que me ajude*/*Preciso que me ajude*; *Estava certo de que vira alguém*/*Estava certo que vira alguém*) e aquela em que entra um *que* em oração subordinada objetiva direta (*Creio que você tem razão*; *reconheço que chegaremos tarde*).

Atribuindo os conceitos de *queísmo* (sem preposição) e *dequeísmo* (com preposição) junto ao *que* a ambos os tipos de construção acima referidos, concluem que o dequeísmo (*creio de que*, *reconheço de que*) é antigo na

língua é só a ausência de preposição junto ao *que* das subordinadas objetivas indiretas e completivas nominais, ausência que até pouco tempo alguns gramáticos rotulavam, aliás, sem razão, como prática errônea, apesar da lição dos textos escritos e da consequente aceitação pelos nossos melhores sintaticistas e gramáticos.

Não distinguir estes dois tipos de construção fez que não se levasse em conta um dado importante: no caso das orações ditas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição pode ser qualquer uma, dependendo da regência dos termos subordinados, enquanto no caso do *dequeísmo* propriamente dito (*creio de que*, *reconheço de que*), a preposição que aparece é sempre *de*.

Assim é que passados por um crivo os exemplos aduzidos (nem sempre de fácil localização, porque é imprecisa a citação) como testemunhos de *dequeísmo* no português do século XIII até o XIX, inclusive, mostram claramente que não o são.

"Estas cousas *de que* dicemos (...)" (Livro de Linhagens), por exemplo, documenta o verbo *dizer* seguido da normal preposição *de* na acepção de 'pronunciar-se a respeito de alguém ou alguma coisa'.

"Grandes senhores foram liados contra el Rey *de que* se muyto temiam" (Rui de Pina), o *que* é pronome relativo — e não conjunção — precedido da preposição *de*, com a qual se constrói o verbo *temer-se* (contra el Rei do qual muito se temiam).

"(...) prezando-se *de que* ninguém melhor que elle ignorava". (I) documenta o emprego normal da preposição *de* introduzindo o complemento do verbo *prezar-se*; portanto, outra vez não ocorre aqui o fenômeno de *dequeísmo*.

Para finalizar, cumpre deixar claro que a novidade do *de* intruso deve ser cuidadosamente evitada por aqueles que desejam expressar-se, falando ou escrevendo, na língua padrão portuguesa. Esta é também a recomendação das melhores autoridades em língua espanhola.

Cabe, ainda, lembrar que o repúdio ou a crítica ao dequeísmo não se circunscreve apenas aos textos normativos ou ao âmbito da aula de português. A Professora Mollica cita duas menções na imprensa brasileira, das quais reproduzo apenas a primeira:

"Abreu Sodré (hoje chanceler) ganha a convenção da Arena e se transforma em virtual governador de São Paulo, em eleições indiretas. O jornalista Ruy Mesquita, editor do *Jornal da Tarde* amigo de infância de

Sodré, lamenta: seu candidato era o banqueiro Gastão Vidigal. Por que não Sodré, que era seu amigo? *O Sodré não pode*, diz Ruy. *Ele fala* "Creio *de que*" . O rádio na mesa de Ruy Mesquita anuncia a vitória de Sodré e o repórter vai ouvi-lo. Sodré desfecha: "*Acredito de que* (...) (Folha de São Paulo, coluna Contraponto, em 17 de janeiro de 1988).

O Infinitivo: será um quebra-cabeça?

Entre os aparentes quebra-cabeças do nosso idioma figura quase sempre o emprego do infinitivo flexionado ou sem flexão ou, como se dizia antigamente com menos propriedade, o emprego do infinitivo pessoal ou impessoal.

Está claro que vamos tratar aqui daqueles casos gerais, cuja transgressão constitui falha de gramática ou fuga a usos mais frequentes. Só muito raramente aludiremos a empregos estilísticos que, sobre aquelas normas que pertencem à função representativa da linguagem, visam a traduzir sentimentos e emoções do escritor ou falante. Tais recursos se aprendem no diuturno contato com os mestres da língua, com aqueles que fazem do seu texto um permanente laboratório do uso idiomático e de variações estilísticas.

Quem não tem o domínio da língua supõe que ao infinitivo compete a trivial e obrigatória concordância que se dá com as formas finitas, isto é, o verbo tem de estar em permanente relação com seu sujeito. Engana-se quem assim procede. A leitura dos bons autores e o trato com os bem falantes, (hoje tão raros entre nós) demonstram-nos que neles o normal é o infinitivo sem flexão. É justamente quem não tem o domínio do idioma e, por isso, imagina que a flexão se impõe em todos os casos, que mais foge a esta regra salutar.

Por fim, só faremos referência àqueles casos que constituem ou podem constituir dificuldades ao falante nativo que, sem estudo especial (só com o sentimento idiomático) distingue empregos do tipo *convém sair cedo* e *convém sairmos cedo*.

Depois de muita tinta derramada e pouca orientação, o assunto começou a seguir a trilha certa graças a um estudo do Mestre Said Ali, escrito ainda no final do século retrasado e que guarda hoje toda a sua validade.

O primeiro cuidado de quem quiser conhecer os empregos normais do infinitivo, será verificar se esta forma verbal está sozinha na oração ou se faz parte de uma locução verbal, conforme se dá nos dois exemplos a seguir:

Estudas para *vencer* na vida.
Estudas *para poder vencer* na vida.

Se se trata do primeiro caso, isto é, de infinitivo sozinho na oração (1° exemplo), a tradição culta da língua fixou o seguinte critério de ordem geral, isto é, sem levar em conta a intenção afetiva da ênfase ou reforço:

Não haverá flexão se o sujeito do infinitivo não estiver expresso na oração por meio de substantivo ou pronome, quer igual ao de outro verbo existente na frase, quer diferente:

Estudamos para vencer na vida (repare-se que o sujeito de *vencer* (*nós*) não está expresso).

Eu e meu irmão estudamos para vencer na vida. Os bons exemplos dos pais ajudam os filhos a vencer na vida (repare-se aqui o sujeito de *vencer* é *os filhos* que, na oração anterior funciona como objeto direto do verbo *ajudam*, e este tem como sujeito *os bons exemplos dos pais*).

Se explicitarmos o sujeito do infinitivo, a flexão se tornará obrigatória:

É importante terem os filhos os bons exemplos dos pais.

Se o infinitivo não estiver sozinho na oração a que pertence, caberá a flexão apenas ao verbo anterior.

Temos de *pensar* nas soluções.

Querem *ter* tudo em ordem.

É um dos pecadilhos de quem não conhece o gênio da língua flexionar o infinitivo em tais casos, mesmo quando os dois verbos se acham separados pelo sujeito ou algumas palavras. Deve-se evitar o que o Mestre José Oiticica chamava *pleonasmo flexional*:

Devem os senhores passageiros respeitar os avisos (e não *respeitarem*).

Se se calar o verbo auxiliar na segunda locução, pode-se flexionar o infinitivo desta última, se houver o perigo de tornar-se obscuro o sentido da frase ou se houver intenção de animar a pessoa a quem se refere a ação verbal, como ocorreu neste exemplo:

"QUERES SER mau filho, DEIXARES uma nódoa d'infância na tua linhagem" (A. Herculano, *Fragmentos* ed. A. Leite, 173).

A não flexão do infinitivo nestes casos ocorre obrigatoriamente com os chamados verbos *causativos* (*deixar, mandar, fazer* e sinônimos), quando não temos uma locução verbal real, já que o verbo causativo integra oração à parte:

Deixai VIR a mim as criancinhas (= deixai que as criancinhas venham a mim).

A tentação de flexionar o infinitivo se torna mais forte quando o sujeito deste separa os dois verbos, como no caso abaixo, colhido num matutino carioca:

"A autoridade deixa os carros PASSAREM em grande velocidade".

A praxe é deixar o infinitivo sem flexão:

A autoridade deixa os carros PASSAR...

Sem o mesmo rigor que se dá com os verbos causativos, aparece, em geral, sem flexão o infinitivo precedido de verbo chamado *sensitivo* (*ver, ouvir, olhar, sentir* e sinônimos):

Ouvi CANTAR os galos.

*Vimos as crianças BRINCAR (*ou *BRINCAREM).*

Incluem-se no caso das locuções as construções em que o infinitivo aparece depois de verbo que designa o tempo ou modo da ação que expressa:

Começamos a brincar.

Puseram-se a estudar.

Gostas de estudar.
Pretendes estudar.

Também não se flexiona o infinitivo que serve de complemento a substantivos e adjetivos:

Eles não têm intenção de FAZER isso.
Todas estas figuras são fáceis de DESENHAR.

A concordância com *um dos que* na tradição gramatical do português

O constante drama que no enunciado, se estabelece entre o plano formal e o plano semântico nem sempre tem permitido que as línguas traduzam com certo rigor e normalidade as relações gramaticais com que os termos sintáticos se regimentam e ordenam nas orações.

O fenômeno da concordância — quer nominal (entre adjuntos e seus núcleos substantivo e pronome), quer verbal (entre o verbo e o sujeito) — espelha bem, em muitíssimos casos, a perplexidade do falante diante de certos casos que se lhe deparam frequentemente. Jovem ainda, ouvi de um excelente professor de sala de aula, investigador conceituado dos fatos de nossa língua — o competente José Oiticica, catedrático do Colégio Pedro II — que, em matéria de concordância, o português apresenta casos lógicos e ilógicos: os lógicos não precisão ser ensinados, porque neles ninguém erra; os ilógicos ou duvidosos (por contrariarem princípios da gramática), procedam como quiserem, porque, qualquer que seja a opção, estará sempre certa.

Está claro que para um espírito lúcido e retilíneo como o do Prof. Oiticica, vai na afirmação um pouco de espirituosidade; todavia, diante de alguns casos, a lembrança do velho e saudoso Mestre facilmente nos acode.

Um desses casos muito discutidos entre os gramáticos e que motivam o suplício de candidatos a concurso diante da opção intransigente de bancas examinadoras é o que diz respeito à concordância do verbo — no singular?

no plural? — referido à expressão *um dos que* em contextos do tipo: *Ela foi uma das que mais brilhou ou brilharam no curso*.

Como o capítulo da sintaxe é o que só bem recentemente, na gramaticografia de língua portuguesa, vem recebendo atenção especial (as mais antigas nem traziam capítulo sobre este domínio), nem todas tratam do problema. Por exemplo, não se discute o fato na excelente, para a época, *Gramática* de Júlio Ribeiro, cuja 1ª edição data de 1881, mas que tem na 2ª de 1885 a melhor versão. Também não se registra a concordância nas gramáticas saídas em 1887, para atender à reforma de ensino de línguas (*Noções de Gramática Portuguesa* de Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade; *Gramática Descritiva* de Maximino Maciel; *Gramática Portuguesa* de Alfredo Gomes). Vai fazer exceção a *Gramática Portuguesa* de João Ribeiro, pelo menos nas edições mais modernas, já que não tenho acesso, no momento, às primeiras edições, a partir de 1887. Aí o nosso estudioso recomenda que o verbo da segunda proposição deve estar no plural:

Eu sou dos que *entendem*...
Sou um dos que *pensam*. (pág. 230 da 22 edição de 1933)

Mas continua sua lição:

"Deve-se, pois, considerar excepcionais (ainda que não faltem exemplos entre os antigos) todas as construções como a de Júlio Dinis (*Pup*. 3°):

O reitor foi um dos que mais se importou com a preocupação do homem (Ibid.)

E depois de transcrever exemplos de Bernardes e Fernão Lopes, remetidos pelo colaborador assíduo Firmino Costa, conclui:

"Entretanto, esses exemplos já se não conformam com o uso moderno mais geral. (Ibid.)

Na sua *Gramática Portuguesa* (Belo Horizonte, 1920) Firmino Costa, embora reconheça que se encontre "nos clássicos a concordância no singular", ensina-nos:

"Entre as duas construções, *um dos que mais lutaram e um dos que mais lutou*, a primeira parece ser a única aceitável". (pág. 227)

As mais ou menos leves insinuações registradas pelos gramáticos de ontem e de hoje em favor do uso do verbo no plural — apesar dos exemplos em contrário correntes em bons escritores de todos os tempos — contrastam

com o parecer peremptório de Epifânio Dias na sua *Sintaxe Histórica*, publicada postumamente em 1918:

"Obs. Em expressões como: *um dos que mais trabalharam é erro* (o grifo é meu) concordar o predicado da oração relativa com a palavra *um* e dizer: *um dos que mais trabalhou*. Este *erro* (o grifo continua sendo meu) cometeu Fr. Luís de Sousa, quando disse: *Esta cidade foi uma das que mais se corrompeu da heregia* (V do Arc. I, 191) (23 da pág. 36 da 2 edição, 1933, da *Sintaxe Histórica*).

E não contente com a condenação, acalmou os ânimos aos que, por ventura, lembrassem o testemunho dos clássicos, advertindo-os em nota de rodapé:

"Foi escolhido este passo de Fr. Luís de Sousa, justamente para mostrar que as regras da gramática são às vezes, por descuido, violadas por aqueles que melhor conhecem a língua pátria".

Pelas condições muito especiais por que a *Sintaxe* de Epifânio Dias foi publicada, com o notável filólogo preso ao leito por um adiantado mal de Parkinson, tendo podido corrigir apenas as 32 primeiras páginas impressas, fica-nos difícil saber se modificaria ou ampliaria a lição, caso tivesse saúde para proceder a uma revisão a que todo autor aspira. Digo isto porque em alguns de meus trabalhos tenho mostrado que, em certos passos, a lição da *Sintaxe* se mostra menos completa do que as informações exaradas em publicações cuja redação se mostra, na confecção, mais moderna do que a dela, como a *Gramática Portuguesa Elementar* ou a edição de *Os Lusíadas*. Em mais de uma oportunidade, tenho apontado a necessidade de se proceder a uma edição crítica deste extraordinário repositório de fatos sintáticos do português.

Lembra-me este comentário pelo fato de Epifânio, na sintaxe francesa que preparou com von Hafe na elaboração da *Gramática Francesa* (1ª ed., Porto, 1875), ter chamado a atenção para o fenômeno da *atração*, responsável pela justificativa do emprego do verbo no singular em construções da língua de Flaubert análogas às do português.

As sucessivas edições desse precioso livro de von Hafe e Epifânio registram melhorias e aprofundamentos na redação, mormente na parte de sintaxe, que é aquela para a qual me tenho voltado com mais apuro. No que toca a este caso de concordância de que venho falando, desde a 1ª ed. (1875, § 126) até, pelo menos, a 5ª, sem data (102) da *Gramática Francesa*, é esta a redação:

"Quando o pronome relativo *qui* se refere à palavra *un*, *une*, determinada por um complemento partitivo do plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural. Vai para o singular, quando atribuímos a ação do verbo a *un*, *une*; e para o plural, quando a atribuímos às pessoas ou cousas designadas pelo complemento partitivo:

Voici, messíeurs, une des actions de sa vie, qui *est* si belle et si extraordinaire que je ne puis me résoudre à la passer sous silence (Fléchier). L'exorde de l'oraison funèbre de Turenne est un des morceaux les plus finis qui *soient sortis* de la plume de Fléchier (La Harpe).

A lição e os exemplos estão fiéis à fonte em que se fundamentou Epifânio e a que (à versão francesa) ele mesmo referiu no Prefácio: a *Nouvelle grammaire française basée sur le latin* de Karl Ploetz, fiel também ela mesma ao original alemão *Syntax und Formenlehre der neufranzösischen Sprache* (minha edição é de Berlim, 1890).

Já na 9ª edição da *Gramática Francesa* também sem data (103, Obs. 2 e alínea b), Epifânio trata o problema com outra amplitude, afastando-se de Ploetz e visivelmente influenciado pela leitura do capítulo 34 das reveladoras *Contribuições à Gramática Francesa* (*Vermischte Beiträge zur französischen Grammatik*), de Adolfo Tobler, começadas a publicar na famosa revista de Gustavo Gröber entre 1877 e 1884, e saídas em volume, em cinco séries (1ª ed., 1 886; 2ª ed., Berlim e Leipzig, 1901-1912):

"Obs. 2. — Às vezes uma oração relativa pode referir-se igualmente bem a um pronome ou a um substantivo que esteja ligado ao pronome, podendo assim ser dupla a forma da oração relativa, v. gr. jen crois un homme comme vous *qui a pu*, par ses yeux, ou *qui avez pu*, par *ses yeux*, voir ces faits.

Todavia, quando o numeral *un*, *une* traz um complemento partitivo do plural determinado por uma oração relativa, o verbo da oração relativa pode concordar ou com o complemento partitivo, ou, por atração, com o numeral: L'astronomie est une des sciences qui font ou qui fait le plus d'honneur à l'esprit humain (Acad.). No francês moderno a segunda espécie de concordância vai-se tornando cada vez menos frequente".

A seguir vêm os exemplos, um de La Harpe, repetido das edições anteriores, e outro novo de Voltaire: Cest une des piéces de Plaute qui a eu (Epifânio traduz tiveram, como que insistindo na sua lição da *Sintaxe Histórica*) le plus de succès.

M. Said Ali, na 2ª parte da sua *Gramática Histórica* (Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico, 2 ed., 1930, pág. 79), trata do assunto nestes termos:

"O verbo, na oração relativa, posto no singular em concordância, não com o termo no plural que lhe serve de antecedente, mas com o termo seletivo *um*, ocorre também por vezes na linguagem literária, quando a oração começa por *um dos.... que*".

Seguem-se exemplos do verbo no singular extraídos das obras de Damião de Góis, Antônio Vieira, Simão de Vasconcelos e Manuel Bernardes. Finaliza a lição comentando:

O fenômeno do emprego do verbo no singular em vez do plural na oração relativa observa-se também em grego, em latim, em inglês, em alemão, em espanhol, em francês. A Tobler cita Boileau M. de Soubise est un de ceux qui s y est le plus signalé e da Academia Francesa L'astronomie est une des sciences qui fait le plus d honneur à l'esprit humain. Explica o mesmo linguista o fato como uma atração ou assimilação progressiva.

Ainda sob a influência dos comentários exarados no capítulo de Tobler é que Epifânio, na 9ª ed., alude ao fato de que a concordância do verbo da oração relativa no singular se vai "tornando cada vez menos frequente". A história da sintaxe francesa contemporânea não comprovou essa previsão; de modo que, atendendo à referência a um (*uma*) ou à expressão partitiva, se poderá empregar, respectivamente, o singular ou o plural. Com muita prudência e bom senso pedagógico o "arrêté" de 1901, lembrado pela *Grammaire Larousse du français contemporain* (552), recomenda:

"C'est une délicatesse de langage qu'on n'essayera pas d'introduire dans les exercices élémentaires ni dans les examens".

Ernesto Carneiro Ribeiro, nos seus *Serões Granaticais* (1ª ed. 1880; 2a ed. 1915, que utilizo), também ensina que, nas construções em apreço, se põe o verbo "no singular ou plural, segundo a ação por ele exprimido é afirmada de um só ou de muitos indivíduos". (pág. 615)

Segue a surrada explicação por elipse, sempre cômoda, mas quase sempre a menos boa, e, à maneira de Bescherelle Ainé e Littré (este já condenado por Tobler, no capítulo antes citado), propõe que a "frase *foi uma de suas ações que mais me maravilhou* resolve-se na seguinte: *foi a ação que mais me maravilhou dentre as suas ações*", frase que não ocorreria a nenhum falante nativo do português.

Carneiro Ribeiro, entretanto, chama-nos a atenção para um caso em que, na construção *um dos que*, se impõe o singular:

"Bem é de notar que nessas espécies de construções se erra muitas vezes, empregando-se o plural. Assim, nas frases: *foi um de teus filhos que jantou ontem comigo; é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro*, será incorreto o emprego de número plural: o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso. Enunciando assim o pensamento, intento dizer, na primeira frase, que não foram todos os teus filhos que jantaram comigo: a ação de *jantar* afirmo-a tão somente de um deles, como a ação do verbo *representar-se*, na segunda, se não entende de todas as tragédias de Racine, senão de uma só, da que se diz ser levada hoje à cena, ser hoje representada. (Ibid. 615)

Apesar de termos todos estes testemunhos oferecidos pela língua na prática de seus melhores escritores através de todas as épocas, e pela observação de estudiosos ilustres, extrapolam de sua seara aqueles que, por opção pessoal ou por excesso de uma ótica logicista, querem pôr travas aos recursos expressivos que o idioma oferece aos utentes.

Nisto se incluem mestres de reconhecida competência, como Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia Portuguesa*, 2ª ed., 1926, pág. 378), que num breve comentário condenatório a *um dos homens que lá esteve*, em vez de *estiveram* ("porque o sujeito do predicado da segunda oração é *que*, referido ao plural *homens*"), apesar de citar a *Gramática Francesa* de von Hafe e Epifânio, aludindo ao fenômeno da *atração* e aos exemplos aduzidos por Rui Barbosa, com o verbo no singular.

Nesta trilha, não considerando erro mas construção vitanda, estão ainda dois autores portugueses modernos de um livro extremamente útil

— João Andrade Peres e Telmo Moia — que classificam a construção com o singular "anormal no plano sintático e ilógica no plano semântico" (*Áreas Críticas da Língua Portuguesa* (Lisboa, Caminho, 1995, pág. 496), partindo da relação sintático-semântico que supõem existente entre *Um dos advogados que estavam na sala saiu* com *Um deles saiu e* com *Um de entre os advogados que estavam na sala saiu*, mas que, salvo melhor juízo, só guardam equivalência na designação, e não no plano sintático e semântico.

Os escritores apontam-nos o caminho a seguir, enquanto certos estudiosos fecham os olhos à lição. Repare-se neste exemplo de Alexandre Herculano, citado por Arlindo Leite nos *Fragmentos Literários* (Rio de Janeiro, Sauer, 1927, vol. I, pág. 47), no qual o escritor joga com o emprego

no plural e no singular, conforme, além da expressão gramatical, assinala seu intuito de generalizar a referência do verbo mediante o plural, e particularizá-la a um só sujeito, mediante o singular:

"Um dos escritores franceses deste século que mais profundamente estudaram o mecanismo da sociedade feudal, e que em dotes de historiador dificilmente encontrou êmulos entre os seus compatrícios, Guizot, entende também que a sociedade feudal se caracteriza por três fatos essenciais... (*Opúsculos*, V, 213 ed. de 1881)

Diante do exposto, se não quisermos dobrar a língua ao gosto de opções pessoais ou a preceitos formulados sem a necessária imparcialidade do pesquisador, ou ainda a uma uniformização redutora das potencialidades idiomáticas do português, teremos de concluir com a seguinte lição:

Quando o pronome relativo que entra na construção *um* (*uma*) *dos* (*das*) *que*, há dois caminhos para a flexão numérica do verbo da oração relativa: um marcado, pelo qual se põe o verbo no singular, por atribuirmos a ação do verbo ao seletivo *um* (*uma*), ou por ênfase sobre si, ou porque, pelo sentido do discurso, a referência só ao seletivo diz respeito; outro, não marcado, pelo qual se põe o verbo no plural, por atribuirmos a ação às pessoas ou coisas designadas, sem interesse estilístico ou comunicativo de chamar especial atenção para o seletivo *um* (*uma*).

Em outras palavras, a forma não marcada, como sempre, abarca e inclui a forma dita marcada. Assim, entre *dia* e *noite*, *dia* é a não marcada, enquanto *noite* é a marcada, pois só se aplica à determinada porção das 24 horas. Daí, *dia* poder incluir o espaço de duração da *noite*, quando dizemos *Passei três dias em Teresópolis* (isto é, os espaços do dia e da noite). O fato não se restringe ao léxico, mas ocorre no domínio da gramática; assim masculino é forma não marcada, pois refere-se ao gênero humano em geral (que inclui homens e mulheres). Já o feminino é a marcada, referida apenas a uma classe dos humanos, às mulheres. Daí *tios*, por exemplo, abarcar *tio* e *tia*, mas *tia* não inclui *tio*. Isto explica por que, ao dizermos *meus tios*, podemos estar fazendo referência *ao meu tio e à minha tia*, ou a mais de um tio homem. Assim também, quando um adjetivo biforme há de atribuir-se a pessoas ou coisas de gêneros gramaticais diferentes, normalmente a forma a incluir ambos é a masculina: mulheres e homens probos, homens e mulheres probos; aragem e vento frescos, vento e aragem frescos.

Já se pensou, menos bem, que o emprego do masculino nestes casos era um traço do machismo dos gramáticos. Nihil sine ratione faciendum est (Nada se faz sem nenhuma razão), como já dizia o romano Sêneca.

Sobre a sintaxe dos demonstrativos

Dentre os fatos da sintaxe da língua portuguesa contemporânea, o comportamento dos demonstrativos é dos que mais excitam a argúcia do pesquisador, graças à multiplicidade de emprego que oferecem, quer no aspecto puramente acadêmico da gramática, quer nos sutis empregos estilísticos que deles fazem os escritores brasileiros e portugueses.

Tem-se tornado lugar-comum em muitos estudos que se ocuparam do assunto a declaração de que a nossa língua tenderá a uma simplificação da sua distribuição tripartida *este*/*esse*/*aquele*, em benefício de uma oposição bimembre *este-esse*/*aquele*.

As profecias nesse sentido não são, entretanto coincidentes; para uns, depois de desaparecer a oposição gramatical entre *este* e *esse* — que se tornarão então intercambiáveis —, ocorrerá a preferência de *esse*, que, agora, se oporá à forma *aquele*. Para o notável mestre e perspicaz observador dos fatos de linguagem, Prof. Antenor Nascentes, ainda hoje *este* e *esse* lutam entre si para um deles ser desbancado, mas "talvez o que vença seja *este*, por ser de primeira pessoa a indicar maior proximidade do que *esse* e o português ficará como muitas outras línguas que apenas dispõem de dois demonstrativos e se dão muito bem com tal uso"[9].

---

[9] Este, esse (*Miscelânea Filológica em Honra à Memória do Professor Clóvis Monteiro*), 1965, 5.

Mattoso Câmara, em artigo saído postumamente na *Festschrift fur Harri Meier* (págs. 327-331)[10], retoma o assunto e apresenta interessantes sugestões para a explicação das causas que motivaram, no uso oral espontâneo, a equiva1ência intrínseca entre as duas formas demonstrativas. Para o inesquecível mestre, com apoio na lição de Nascentes, apagou-se a "distinção entre o campo mostrativo do falante e o do ouvinte" para se criar "uma diferenciação dicotômica entre *perto* e *longe*". Partindo da distribuição entre emprego "dêitico" e emprego "anafórico" dos demonstrativos, acentua que neste último não vigora o sistema tripartido, onde existe apenas a oposição entre *este* e *aquele*, "com o aparecimento de *esse* também, para o ponto próximo, como variante livre" (pág. 328), conforme o testemunho da tradição escrita. Além desta causa *sintática* (interferência do emprego anafórico no emprego dêitico), Mattoso Câmara aponta mais duas: a contaminação decorrente da "estreita semelhança fonética que há entre os demonstrativos *este* e *esse*", ao contrário do que ocorre com a série de locativos paralelos, *aqui* — *aí* — *ali*, que apresentam um distinção fonológica bem marcada [k] — zero — [1] mediados pelas mesmas vogais; a terceira causa é de ordem semântica, "que importa ao contrário numa criação e estabelece uma evolução positiva", pois, envolvendo uma reformulação no âmbito das categorias gramaticais, se acusa "na deriva para a substituição de um sistema demonstrativo complexo, herdado do latim, por outro mais simples em harmonia com o que já predomina na área linguística ocidental" (pág. 330). Como (ainda oportunamente lembra o mesmo mestre) uma língua reluta em regra em abandonar qualquer das suas riquezas expressionais, mesmo quando de maneira geral já se afigura excessiva" (pág. 331), evita-se, em muitas circunstâncias, o prejuízo expressional da neutralização de sentido entre *este* e *esse*, através da adjunção do locativo adequado (*esse aqui*/*este aqui*; *esse aí*/*este aí*, ao lado de *aquele* [*ali*]), artifício que vem recriar o sistema tripartido entre os demonstrativos. Por fim, conclui Mattoso Câmara que este estado de coisas acabará por fixar, no jogo da variação livre, uma das formas, que, no uso oral do Brasil, será provavelmente *esse*.

Respostas concretas a tais considerações, bem como um melhor conhecimento dos fenômenos por que tem passado a sintaxe dos demonstrativos ao Iongo da história da língua portuguesa, dependerão de estudos comparativos das diversas épocas e, numa época, dos escritores mais representativos do idioma, nas suas variedades de registro.

[10] Joaquim Mattoso Câmara Jr., Uma evolução em marcha, a relação entre *este* e *esse*, *Sprache und Geschichte* -. *Festschriftfur Harri Meier*, Wilhelm Fink Verlag, Munchen, 1971.

Do exame de textos escritos — ainda daqueles vazados num registro coloquial para atingir com eficiência, um público numeroso e heterogêneo —, pode-se chegar facilmente à conclusão de que a época dessa pretendida simplificação no sistema gramatical do português ainda está muito longe, pois que tais textos refletem uma consciência viva das oposições estabelecidas pela gramática entre os demonstrativos *este*/*esse*/*aquele*.

Alguns desvios da norma estabelecida em tais casos se devem mais a que o observador segue caminho diferente da perspectiva sob a qual o escritor encara a realidade linguística. E esses voos do escritor ainda estão nos domínios bem definidos da gramática: vale dizer, ainda constituem normas de gramática, e não de usos estilísticos, ao sabor do momento criador do artista.

No presente estudo, é nossa intenção depreender as linhas gerais da sintaxe dos demonstrativos *este* e *esse* mediante o exame de 70 crônicas enfeixadas no livro *A Mulher do Vizinho*[11], de Fernando Sabino, excelente representante do uso da linguagem coloquial escrita do português do Brasil.

Dentre as centenas de exemplos que se distribuem pelas duzentas e poucas páginas do livro, raríssimas são as vezes que Fernando Sabino deixa de refletir a lição geral da gramática normativa: *este* alude às noções do âmbito do falante (uso dêitico) ou do que este disse ou vai dizer no contexto (uso anafórico); *esse* refere-se às noções do âmbito do ouvinte (uso dêitico) ou do que este vai ou acaba de dizer (uso anafórico). Daí partem usos secundários perfeitamente regulares e que constituem normas de que o escritor só poucas vezes se afasta.

Assim é que por meio de *este* o escritor traduz:

a) os seus pertences:

"Levo também este *cinzeiro*. E este *tapete*, aqui em casa ele não tem serventia. E *esta* outra fotografia, ela pode fazer falta lá".

"Esta cadeira foi presente de Hélio Pellegrino, que também me acompanha desde a infância".

"— O senhor? Em que lhe posso ser útil?
— Dar entrada *nestes* papéis — disse o homem com truculência."

"Vamos experimentar *esta* aqui, na minha opinião é a melhor."

[11] Fernando Sabino, *A Mulher do Vizinho*, Rio de Janeiro, 1962.

b) os objetos e coisas que, não pertencendo à 1ª pessoa, se circunscrevem ao seu âmbito ou porque estão consigo, ou na sua vizinhança, ou são de sua responsabilidade, ou, ainda, em se tratando de veículos em que viaja:

"O funcionário começou a examinar meticulosamente os papéis, com um sorriso de quem diz: Já lhe mostro... "Já lhe mostro... e mostrou mesmo:

— Olhe aqui; falta reconhecer a firma *deste* documento".

"Imediatamente o convocamos para nossa mesa, e veio, olhos de vaca mansa, trazendo seu cálice. Para ele tanto fazia sentar-se *nesta* como naquela, ora dane-se! Estava apaixonado".

"Já de pé na calçada, vacila entre as duas ruas que se oferecem (...)
— Se for por *esta* rua, chego atrasado, mas por *esta* outra, com tanto calor...".

"e outras emoções de juventude ainda mais puras, que *estas* ladeiras testemunharam...".

"E sempre há um amigo para lhe dizer: você está precisando de mandar lubrificar *este* carro.

c) o lugar onde se encontra ou mora;

"... o que significa que os terroristas *desta* praça não devem mais contar comigo".

"apenas um local onde possa acender diariamente o forno (no sentido figurado, apresso-me a tranqüilizar o condomínio) *desta* padaria literária (...);
o menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto, emburrado: a gente também não tem nenhum direito *nesta casa* — pensava.
Que diabo também, *nesta* casa tudo é proibido! — gritou, lá do quarto, e ficou esperando a reação da mãe.

d) o tempo mais ou menos longo que abrange o momento em que fala;

Espero que ele me assista *nesta* grave emergência.
Pelo que não ousaria, a *esta* altura da minha vida, iniciar-me na profissão a que o dito diploma presumivelmente me habilita.
Ele precisa de táxi. A *esta* hora....
Prometeu o laudo para *esta* semana sem falta.
tuac? iç
Padre, como é que eu saio *desta*?.
Leonora chegou-se para mim, a carinha mais linda *deste* mundo:
— Engoli uma tampa de coca-cola.
Levantei as mãos para o céu: mais *esta* agora!.

e) o que vai anunciar no contexto:

E logo abaixo, *esta* única frase — categórica, definitiva:
— O convidado não existe.
Mas de minha parte fiz o que pude e o que quer que seja — equívoco, brincadeira, distração — continua sendo para mim apenas *este* grave acontecimento que vem a ser um homem buscando comunicação.
Este era o recado:
— O barbeiro manda avisar que não foi fazer a barba do Marechal.

f) o que anunciou no contexto:

Estranhos clientes *estes*, que entram pela janela, pelas paredes, pelo teto, trazidos pelas vozes de antigamente (...).

Vem-me a ideia de que, pobres coisas que sejam, com *este* mesmo carreto é que subirei um dia para dar conta do que fiz e deixei de fazer cá na Terra.

Que gente mais lacônica, *estes* meus personagens.

O falante ou escritor não restringe a *estes* casos a conspicuidade com que observa o âmbito da 1ª pessoa do discurso; antes, não a perde de vista e a encarece todas as vezes que estabelece uma relação entre ela e os seres objetos de sua atenção. Os casos que aparentemente destoam do quadro apresentado acima aí encontram sua explicação, como passaremos a examinar.

A pessoa que fala refere-se às outras por meio do pronome *esse*, conforme a lição tradicional da gramática, à qual aludiremos mais adiante. Entretanto, tal demonstrativo pode ser substituído por *este*, se os seres referidos se encontram aprisionados pelas mãos da pessoa que fala. Na crônica A culpa da sociedade, um senhor que surpreende um negro tentando abrir a bolsa de uma senhora, e o detém nas mãos, não se refere ao ladrão a não ser usando o demonstrativo *este*:

Imagine o senhor — e o gordo acusador voltou-se para mim — que *este* porcaria estava num ônibus ao lado de uma senhora, e mete a mão na bolsa dela para furtar dinheiro.

— Psiu! O Souto! Que diabo você está fazendo aí?

O acusador do preto voltou-se vivamente ao chamado:

— Ah, Dr. Faria! Quanto prazer... Imagine o Senhor... Eu... *Este* homem aqui...

Acabou largando o braço do preto e se aproximou do carro.

Outra circunstância curiosa pode determinar o emprego de *este* por *esse*, em alusão a pessoas a que nos referimos; é quando elas nos estão intimamente ligadas por laços afetivos, a ponto de o que lhes ocorrer, refletir de modo tão direto em nós, como se fôssemos também sujeitos à ação expressa pelo verbo.

Na crônica O melhor amigo, uma criança que recolhe na rua um cachorrinho e o leva para casa, defronta-se com a opinião contrária da mãe, que o obriga a se desfazer do animal. Contrariado, reclama o menino:

Um dia ainda faço um estrago louco. Meu único amigo enxotado *desta* maneira!

Situações deste tipo devem ter favorecido o emprego de *este* por *esse* nas referências às pessoas ou coisas que interessam mais de perto ou que nos impressionam mais vivamente. Estão neste caso os seguintes exemplos:

"*Este* menino, meu Deus".

"Se ainda fosse *destes* carrinhos brasileiros — você sabe o apelido deles".

Nas referências a objetos distantes de nós, mas cujo tamanho indicamos por gestos com auxílio de nossas mãos, Fernando Sabino emprega sempre *este*:

"No Serviço de Seleções perguntaram a Oscar quantos quilos de esterco de vaca ele transportava. Oscar não soube dizer: um punhado, um saquinho *deste* tamanho, mostrou, erguendo as mãos"

Sem indicação expressa do gesto:

"E os cravos na sola, *deste* tamanho! De meter medo nas bolas altas...".

Onde de maneira nenhuma se poderia ter a expressão indicada por gesto, o escritor emprega *esse*:

"Um menino *desse* tamanho, que é que outros hão de dizer?".

Ainda na referência conspícua da 1ª pessoa, está o emprego de *este* para indicar que a declaração feita por uma pessoa é tão do nosso agrado, que passamos a adotá-la como própria:

"Já imaginou quanto sangue desperdiçado por aí nos que morrem?
— Isso mesmo. E nos que não morrem! *Esta* eu gostei. Está se vendo que o senhor é moço distinto".

Fernando Sabino também emprega *este* para exprimir que o enunciado pelo interlocutor é também do nosso conhecimento:

"— Como não? Minha memória ainda funciona, para nomes então, principalmente. Ora, pois. É Levindo não sei o quê...
— Não será Benvindo?
— Isso! Benvindo... Benvindo Lopes, se não me engano.
— *Este* nome não me é estranho — limitei-me a murmurar".

Se em vez de *este*, tivermos de empregar o pronome *isto*, repetem-se as observações feitas acima:

a) em referência ao que está próximo da pessoa que fala:

"Consultei o tio, baixinho: o que é que você acha? Ele foi buscar uma tampa de garrfa, separou a cortiça do metal:

— O que é que você engoliu: *isto*... ou *isto*?
— *Isto* — e ela apontou com firmeza a parte de metal".

b) ao que vai anunciar no contexto:

"Havia uma folha onde estava escrito, em letras desenhadas, cheias de bordados caprichosos, apenas *isto*:
O convidado — Conto".

c) ao que anunciou no contexto:

"O nome do falecido era Benvindo. *Isto*! Benvindo Lopes. Marido de minha cozinheira".

Na referência conspícua da 1ª pessoa, emprega-se *isto* para indicar que a declaração feita por uma pessoa é tão nossa, que passamos a adotá-la como própria, talqualmente já vimos com o pronome *este*:

"— Mas ali fora está escrito Leiteria!
— Ah, *isto* está sim senhor".

Há uma circunstância para a qual não podemos depreender a preferência de Fernando Sabino, pois que, dos dois exemplos que ocorrem, um aparece com *isto* e outro com *isso*, sem que se descubram intenções estilísticas que justifiquem o emprego diversificado. Trata-se do caso em que se faz alusão a fato da competência do falante, mas que este tem de examinar para descobrir o que será. Aparece *isto* no seguinte passo:

"Batemos para o Pronto Socorro da cidade. Outro médico nos atendeu com solicitude:
— Vamos já ver *isto*".

E *isso* em:

"— Que aconteceu com você, meu velho? — e o médico ajudou-o a levantar-se.
— Nada...

— Vamos ver *isso* direito. Venha até aqui no meu consultório".

Assim como ocorreu com *este*, Fernando Sabino se conforma ao uso da tradição literária nos empregos principais do pronome *esse*, em relação ao âmbito do ouvinte ou de quem fala, que indica;

a) os seus pertences, em sentido próprio ou figurado:

"— O que é que o senhor está levando aí *nesse* saco?".

"— E tem os outros dois carros, que naturalmente vão pleitear parte *desse* seguro também".

"— E o senhor, depois de beber o seu bom vinho de missa, me passa trinta anos acreditando *nessa* asneira".

"— Como será, afinal, o diálogo para o teatro? — me pergunto, perdido já *nessa* seara onde não me devia ter metido".

b) os objetos e coisas que, não pertencendo à 2ª pessoa, se circunscrevem no seu âmbito, em sentido próprio ou figurado, indicando também serem afastados ou desconhecidos da pessoa que fala:

"A menos que eu é que esteja usando o nome *desse* outro para te fazer de assunto".

"Se passar um ônibus jeitoso eu tomo. Eis que aparece um: não é jeitoso. Vem em disparada, quase atropela, para deter-se ao sinal que lhe fez. Não, não entro; *esse* é dos doidos, que saem alucinados por ai".

"Ainda bem não se sentara, já se arrependia; é um absurdo. São desvairados *esses* motoristas, como é que deixam gente assim tirar carteira?".

c) o lugar onde se encontra, vai, ou mora, ou simplesmente o lugar afastado da pessoa que fala:

"*Nesse* lugar que você vai toda noite".

"Quando o poeta Emílio Moura aparece pelo Rio, não deixo de acompanhá-lo a uma *dessas* casas...".

d) o tempo mais ou menos longo que está distante do momento em que se fala:

"Depois, passada a fase propriamente lúdica, o aparelho aqui ficou esquecido durante todo *esse* tempo...".

e) a situação ou momento por que passa o nosso interlocutor ou as pessoas em geral, exceto a de que se fala:

"Além do mais, é um inferno tentar receber *nessas* situações".

"Ele saiu e seus olhos prometiam vingança. A mãe chegou a se preocupar: menino *nessa* idade, uma injustiça praticada a eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, *essa* coisa toda".

"Encontrei o Sampaio aguardando alguma desistência. Sempre encontro o Sampaio *nessas* ocasiões".

"— Da ativa, Motinha. Sai *dessa*".

f) o momento que ainda virá (em geral, com certa brevidade);

"— Não tenha susto, vou providenciar.
— Quando?
— Qualquer dia *desses*".
— "Qualquer dia *desses* você aparece lá em casa para experimentar. Uma delícia".

g) o que vai dizer ou o que disse no contexto:

"Então ele me sai com *essa*: — Estou vendo se arranjo minha situação, queria que você ajudasse".

Como ocorre com *este*, o pronome *esse* também conhece empregos secundários que derivam diretamente da linha de perspectiva com que se estabelecem relações entre a 1a e 2a pessoa do discurso. Fernando Sabino mais uma vez apresenta uma coerência cristalina nesses usos dos demonstrativos, patenteando que está muito clara e opositiva a missão linguística dessas formas gramaticais.

Se o emprego de *este* por *esse* (ou *isto* por *isso*) aproxima, aviva e enfatiza os seres que se acham mais distantes — como vimos anteriormente — o uso de *esse* por *este* serve para envolver objetos e pessoas próximas (uso dêitico) ou referidas (uso anafórico) numa esfera de incerteza, dúvida, desprezo, ironia, ou então para traduzir certo desejo de não enfatizar a idéia:

"O homem respirou fundo e acrescentou, irritado:

— Como é que o senhor quer que eu ainda tenha fé *nessa* espécie de gente?"

"Agora estou aqui pensando no que diabo *esse* Camilo queria comigo. Eu devia ter perguntado".

"Que diabo, *esse* sujeito vive com a Turquia na cabeça — pensou".

"Estou sem água há alguns dias — depois de ter acreditado que *essa* agonia se acabara para sempre".

"Abro a torneira. Um, dois, três, quatro pingos — uma síntese do banho que eu tomaria, e pronto: a água se acabou (...). Não creio que *esse* banho me inspire reflexão mais inteligente".

"Não, o aparelho não teria para mim nem *essa* utilidade".

Foge desta linha um único exemplo que ocorre na conversa de dois bêbados, onde se esperaria o demonstrativo enfático *esta;* aqui a ênfase, esvaziada pelo emprego de *essa* por *esta*, foi compensada pela repetição:

"... Eta conversinha boa, *essa* conversa de família. Danada de boa".

Talvez esteja aqui, neste conjunto de material recolhido, um dos poucos casos onde se verifica a preferência de *esse* sobre *este*, de que nos falou Mattoso Câmara no início deste artigo.

Patenteia-se ainda essa penumbra em que o demonstrativo envolve os seres, quando o falante ou narrador, identificando uma pessoa ou coisa a que aludira de modo vago ou indeterminado, emprega *esse*:

"Enquanto isso acontecia, alguém sussurrava aos ouvidos do preto:
— Aproveita agora, foge.

Esse alguém era eu".

"*Essa* outra conversa, entrecortada de risadas, foi um aniversário que já não celebro mais. E *esse* diálogo improvisado numa noite de alegria faz ridículo o que na época nos pareceu irresistivelmente engraçado, porque a alegria daquela noite se perdeu".

Muito próxima desta noção é a referência, com *esse*, a pertenças ou alusões do falante ou narrador às quais empresta um valor diminuto ou certa dose de depreciação, conforme nos atestam os seguintes passos:

"Antes que seja tarde: acabo desperdiçando *esse* sangue meu por aí, em algum desastre". — Note-se o esforço do demonstrativo esmaecido (*esse* por *este*) com o possessivo *meu*, realçado, agora, pela posposição ao substantivo que modifica.

"E é já. *Esse* negócio tem de ser assim: a gente sente vontade de fazer uma coisa, pois então faz e acabou-se".

"Volta para pegar o guarda-chuva — um homem prevenido vale por dois: pode ser que chova. Já no elevador, resolve mudar de ideia; mas também pode ser que não chova. Carregar *esse* trambolho! Torna a subir, larga em casa o guarda-chuva".

"Você não se incomoda se eu levar *esse* resto para acabar no quarto?"

É dada a preferência ao emprego de *esse* quando, embora tenha havido uma alusão anterior por parte da pessoa que fala, a referência é feita a ideias no âmbito daquele com quem ou de quem se fala:

"A mãe chegou a se preocupar: meninos *nessa* idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, *essa* coisa toda...".

"Nunca *essa* eventualidade se dera, na longa sequência de riscos e tropeços que a política lhe proporcionara. No entanto, ali estava, agora, apanhado de surpresa, sob a mira de um revólver".

Por fim, note-se o seguinte curioso exemplo de *esse* por *este* para exprimir que, embora se trate de uma pertença em potencial da 1ª pessoa, esta ainda não conseguiu achá-la ou concretizá-la. Cabe ao *esse* exprimir a aura da incerteza que envolve a coisa a ser possuída:

"Estou com *essa* história na cabeça há mais de cinco anos. Hoje tenho a impressão de que ela sai. Chegou a hora".

Repete-se com *isso*, em relação a *esse*, o mesmo paralelismo que vimos entre *isto* e *este*. Mais uma vez fica ressaltado que o emprego dos demonstrativos, mesmo na língua escrita coloquial, não corre "ao sabor da inspiração do momento".

Isso, segundo o rico material colhido no livro de Fernando Sabino, serve para aludir:

a) aos seres que, em sentido próprio ou figurado, são considerados pertenças da pessoa com que ou de que se fala:

"— Me dá *isso* aqui...".
"— Tudo *isso* sob seu controle, Ministro?".
"— Está em suas mãos arranjar *isso* para mim".
"— De tudo que ficou gravado nela, mesmo de uma voz de criança chamando pelo pai ou de uma voz de mulher dizendo desliga *isso* aí e vamos jantar, colho apenas uma lição".

b) ao que diz o nosso interlocutor:

"Isso não quer dizer que eu não consiga a isenção".
"— Não sei. Tem um doutor aí cuidando *disso"*.
"A telefonista volta a afirmar que a ligação era para mim mesmo, quanto a *isso* não havia a menor dúvida".

"I*sso* acontece — sorriu o médico:
— Até com gente grande".

"Conta direitinho *isso*, filho de Deus";

c) ao que alude o narrador acerca de declarações feitas pelos seus personagens:

"Tudo *isso* com voz pausada, reclinado para trás, sob o olhar de aprovação do escrivão a um canto".

"Pôs-se imediatamente a inventar novas repartições, serviços *disso* e daquilo — tudo fictício, irreal, imaginário...".

d) ao lugar próprio ou figurado, onde se encontra, vai ou mora pessoa que ou de que se fala, ou simplesmente ao afastamento em relação à 1ª pessoa:

"Beco dos Perdões, o senhor disse? Onde fica *isso*?.

e) ao tempo, mais ou menos longe, referido, pelo narrador, durante o qual decorreu a ação entre seus personagens;

"Enquanto *isso*, alguém sussurrava aos ouvidos do preto".

Intimamente relacionado à última alínea a) aqui exposta é o tom de desprezo, de pouco caso e até de repugnância que envolve o emprego do pronome *isso* nas alusões e pertenças no âmbito da 2ª pessoa. Expressionalmente, este tom se configura pelo uso de *isso* em vez de e*sse* + substantivo, além do recurso da entoação afetiva.

Este sentimento de linguagem corre vivo no idioma e dele dá larga exemplificação o livro de Fernando Sabino escolhido para pesquisa.

"— Olha aí, mamãe: é um filhote...
Seus olhos súplices aguardavam a decisão.
— Um filhote? Onde é que você arranjou *isso*?
— Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mamãe?
Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de *isso*".

Assim como pode ocorrer o emprego de *esse* por *este*, assim também se registra a prática inversa entre *isso* e *isto*, exatamente guardado o paralelismo a que já tivemos a oportunidade de nos referir. De um modo geral, a tônica é envolver a alusão demonstrativa numa atmosfera de pouca vivacidade, de pouca ênfase, de ironia e depreciação, conforme nos testemunham os seguintes trechos:

"No meu tempo de menino eu ia à missa. Mas deixei de ir por causa de um episódio no colégio interno, há mais de trinta anos. Colégio de padre — *isso* explica tudo, o senhor não acha? Ele achou que não explicava nada e pediu ao homem que contasse".

"— O senhor se machucou?
— Não foi nada.
— *Isso* acontece...".

"Então é ir chegando assim sem mais nem menos e fazendo o que bem entende, como se *isso* aqui fosse a casa da sogra?".

"Você vê, meu filho, o que nos acontece; estou aqui só porque mandei a minha sogra conversar com São Pedro. Ela vivia me enchendo, fui um santo em aguentar tanto tempo. Um dia não pude mais, esmigalhei o tampo da velha com um tijolo. Por causa *disso* me prenderam".

"— Tem aí fora um vagabundo que veio trazer *isso* e está esperando a resposta".

"— Mas tem ali o retrato de um candidato dependurado na parede,

que história é *essa*?
— Aonde, ali? Vê, gente: penduraram *isso* aí...".

Talvez intimamente ligado a este esvaziamento do sentimento da dêixis está o caso em que se emprega *esse* para aludir ao que o falante se referiu mas que concebe, por modéstia ou não, o fato como também do conhecimento do ouvinte:

"Sardinha é a do Báltico. É a melhor do mundo, você sabe *disso"*.
— Note-se que a interrogação — tida talvez por indelicadeza — se transforma aqui numa declaração positiva.

"Pois olha, vou lhe contar: conheci o barbeiro de um Presidente que pegou uma boa nomeação e hoje está nos melhores colégios... E o que todos fazem. *Isso* é que eu chamo de consideração".

Contrasta com a riqueza e variedade de aplicações dos demonstrativos *estelesse*, *isto*/*isso*, a fixidez de numerosas frases feitas na base dos referidos pronomes. Impassíveis às múltiplas perspectivas gramaticais, semânticas e estilísticas dos demonstrativos, esses clichês vêm resigna- da e coerentemente vencendo, através dos tempos, a onda inovadora que perpassa por todos os níveis da língua e nos dão uma das maiores demonstrações de estabilidade numa seara tão convidativa e propícia a mudanças.

A linguagem coloquial e espontânea de Fernando Sabino guarda ciosamente esses clichês conforme nos revela o exame atento de suas setenta crônicas.

Curioso é observar que, por vezes, o demonstrativo que entra nessas frases cristalizadas destoa de sua aplicação como forma independente; mas nem por isso o choque de empregos influi no sentido de uma uniformização, como seria natural esperar.

Também digno de nossa atenção é verificarmos, nessas frases, a avassaladora presença de *isso* sobre *isto*. Das doze construções encontradas em nossa pesquisa no livro de Fernando Sabino, só uma ostenta *isto*: a expressão explicativa *isto* é. Outra — *essa é boa* —, se não houve erro tipográfico, nos oferece quatro exemplos com *essa* contra um só de *esta*.

Quanto ao resto, só colhemos *isso mesmo, é isso mesmo, não é isso menino*?, *por isso, nem por isso, ficar tudo por isso mesmo, isso*, concordativo, pois foi *isso*, *ora essa*, *ora essa é (era) (muito) boa.*

O objetivo destas nossas linhas foi tão somente chamar a atenção para alguns aspectos do interessante problema da sintaxe dos demonstrativos na língua coloquial escrita do Brasil. Uma visão geral histórica e sincrônica do problema, assim como os diversos matizes semânticos e estilísticos de que se podem revestir tais pronomes, estão a exigir exames mais acurados, baseados numa documentação bem mais extensa e variada, abarcando o português do Brasil e de Portugal.

Emprego da maiúscula

Harri Meier

A Regulamentação Ortográfica

Analisadas as tendências expressivas que podem levar ao emprego da maiúscula, e assentes as diferentes funções sintático-métricas e semânticas que se lhe podem atribuir, prestemos um momento de atenção à sua fixação na ortografia oficial. A maior parte das línguas europeias, como já se disse, parte neste caso de princípios idênticos. Mas dentro desta igualdade de princípios, há notáveis divergências de aplicação entre os diferentes idiomas e importantes diferenças estilísticas dentro de cada um deles. O Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1945 dedica nove das suas 51 Bases (XXXIX-XLVII) ao nosso problema. A importância que ele dá à questão, assim como a extensão que concede à letra grande, coloca o português num plano especial quando comparado com as línguas irmãs. Uma pronunciada tendência de hierarquização que o português apresenta também noutros domínios linguísticos (por ex. na riqueza das suas fórmulas de tratamento) e um forte elemento retórico e alegorizante são os motivos que deram aqui um incremento particular à letra grande. Corresponde a estas características o conservantismo com que se continua a influência renascentista e classicista, e a facilidade com que se admitem certas influências estrangeiras. O emprego da maiúscula nos nomes das estações e dos meses, dos pontos cardeais, dos astros *Sol, Terra, Lua,* dos numerosos tratamentos, nas formas enaltecedoras

(*"sua Ex.ma Família", o Poeta*) e enfático-alegóricas (*a Justiça, a Paz*), se tem alguns paralelos na escrita corrente de outros idiomas modernos, não se costuma encontrar nestes tão concentrado como no português. Deve-se talvez a influências estrangeiras a adoção do uso inglês na escrita dos títulos de livros (Base XLIV) que acrescenta à possibilidade de os marcar por aspas ou pela letra itálica, a obrigação de as grafar com maiúscula.

A linha média que geralmente apresentam as fixações ortográficas, entre várias correntes extremas, oferece no caso do português algumas particularidades que merecem ser mencionadas.

Nos etnônimos, exige-se a maiúscula quando se trata das populações em conjunto, seja que a coletividade se exprima no plural ou no singular (*os Portugueses,* "*o Português* gosta de bacalhau" = "os Portugueses"), ao passo que precisamente as individualizações requerem a minúscula (*muitos americanos, quaisquer portugueses, o brasileiro*). Com este preceito, o português ocupa uma posição intermédia entre o espanhol dum lado e o inglês, francês, etc., doutro. A distinção dever-se-ia ao fato de se tratar do nome próprio quando se prescreve o emprego da maiúscula, do apelativo ("nome comum") quando se exige a maiúscula ([12]). Parece-nos mais provável explicar esta distinção do Acordo como uma gramaticalização de maiúsculas originariamente realçadoras, ou como um compromisso entre diferentes tendências internacionais.

Dentro das características gerais acima indicadas (hierarquização, alegorização, estilo retórico), destacam-se na regulamentação moderna certos grupos de ideias e valores especialmente salientados pela letra grande: cremos entrever uma peculiar valorização das instituições humanas (*o Governo, os Franciscanos*, "licenciou-se *em Medicina*"), um especial realce dos valores e sentimentos patrióticos (*o País*, *a Nação* = "*Portugal*"; *a Raça, o Povo* = "os Portugueses"; *a Língua, o Idioma* = "a nossa língua-mãe") e religiosos (*a Fé, a Lei, a Religião* = "... cristã"), uma larga sobrevivência e renovação do Panteão de alegorias neoclássicas e positivistas no estilo elevado e enfático (a *Arte, a Beleza, a Ciência, a Cultura, a Razão...*). Todos estes empregos se encontram também fora do português, mas costumam lá ser limitados a ambientes da língua escrita mais restritos.

Se o Acordo se abre largamente à preferência pela maiúscula que parece condiz com o uso geral, procura defender por outra parte o terreno que compete aos apelativos (= "nomes comuns") na sua forma normal, de todos os dias, que é a minúscula. Limita os topônimos, os nomes institucionais, os

títulos hierárquicos ao elemento identificador (*baía Branca, o cabo das Tormentas, a serra da Estrela, monte Branco,* – mas *Monte Redondo; condado de Barcelona, o estado do Vaticano; o rei da Dinamarca, o presidente da República, o papa*), sempre que não fazem parte de títulos de livros, nomes de rua, tratamentos epistolares ou abreviaturas. E integra nos nomes comuns antigos antropônimos ou mitônimos em que o valor figurado costuma preponderar hoje sobre o onomástico (*um adônis, a dulcineia de..., hércules, mecenas, quixote, vênus*), assim como os apelativos derivados de topônimos (*o madeira* "vinho da Madeira"; *uma áfrica* "*façanha*").

Compreende-se que estas indicações gerais do Acordo e dos seus comentaristas, com as suas distinções em parte sutis e a margem de liberdade que em muitos casos admitem, possam levar frequentemente a resultados divergentes na aplicação prática. O terreno concedido ao intuito de matizar a expressão ([13]) e de marcar certas convicções e sentimentos pessoais ([14]), é facilmente ocupado por vacilações arbitrárias ou por tendências para uma mais rígida uniformização. Quanto a oscilações mais ou menos fortuitas, qualquer número de jornal oferece-nos exemplos semelhantes aos que seguem, colhidos em edições do mesmo diário e do mesmo dia:

"dirigiu saudações ao sr. *Presidente da República* e ao sr. *Embaixador de Espanha*"; "Jamais *Presidente* algum da França viu..."; "Entrevistei hoje o sr. *Presidente da República de Cuba*".

"disse que o *Exército* árabe estava em retirada"; "Assinou ontem uma proclamação ao seu *exército*"; "as *Forças* árabes... as *forças* árabes" (= "forças armadas, exército"); "figura muito conhecida nos meios da *Aviação* e da *Marinha*"; "dois caça-minas da *Marinha* egípcia"; "não pertencia à *marinha*" (= "marinha de guerra").

"presidentes do *Município* e da Comissão das Comemorações"; "presidentes do *município* e da Junta de Província"; "as formas legais de participação no *Poder*"; a saída do *poder* dos ministros liberais"; "o chefe dos *húngaros independentes* (partido da oposição) disse..."; "os *Húngaros Independentes*"; "o destino da Europa e, porventura, do *Mundo*"; "o fim deste *mundo*"; "A *Igreja*, do mais puro estilo, e o *castelo*, outrora forte e inexpurgável"; "entraram na *igreja*".

"Quando Portugal entrou na primeira *grande guerra*"; "durante a última *Grande Guerra*".

"o futuro das relações dos *Povos*"; "os três governos auxiliariam conjuntamente os *povos* dessas regiões"; "Tendo-se pensado *no nosso País* para a próxima conferência..."; "Temos *no nosso país* recursos..."; "Se *o nosso país* conservar a posição que ocupa...".

"A *paz* é possível"; "a última tentativa para a organização *da Paz*".

Dum livro escolar: "A *família*. Meu pai, minha mãe e os meus irmãos são a minha *Família*. Mas a nossa *família* não são só as pessoas que vivem no nosso lar."

Telegrama autógrafo dos C.T.T.: "Natal *Alegre* e ano novo muito *feliz*."

Para as tendências de uniformização da maiúscula, seja-nos permitido dar como exemplo o livro que o leitor está a ler. Segundo as normas escolhidas pelo Editor, costumam grafar-se com letra grande, entre outras palavras, *Língua, Idioma, Nação, Povo* até quando não empregadas "sinteticamente" (cf. Base XLII), os etnônimos substantivados também quando se referem às Línguas nacionais (*o Português* = Língua, cf. Rebelo Gonçalves, 329) ou quando atributos daqueles substantivos (*o Povo Português*, cf. acima, pág. 54), as especialidades científicas (*Filologia*, *a Gramática Histórica do Português* – sem ser título de livro), embora não designem em especial "disciplinas escolares ou quadros de estudos pedagogicamente organizados" (Base XLIII), o que devolve a estes conceitos antes o caráter das alegorias humanísticas do que o caráter institucional a que o Acordo parece visar. É enaltecedora a maiúscula que se atribui a *Autor, Poeta, Filólogo*, etc., quando não se limita a casos de individualização (cf. acima, pág. 176).

A poesia simbolista e alegórica

Entre os Poetas modernos alemães, como se sabe, Stefan George não segue a ortografia oficial e corrente que grafa com letra grande todos os substantivos; o motivo desta inovação pessoal não é a convicção da

superfluidade da maiúscula vocabular, mas a vontade de substituir a sua função gramatical pela função semântica, de poder diferenciar entre substantivos com minúscula e outros escritos com maiúscula. É, portanto, antes um realce que uma diminuição do papel da letra grande. As possibilidades expressivas da maiúscula aprendeu-as George dos Poetas franceses seus modelos, e entre eles de Baudelaire. Mereceria um estudo mais profundo o esclarecimento das tradições mitológicas e alegóricas cuja continuação se reflete no emprego da letra grande na obra baudelairiana, e o da contribuição que, nas '*Fleurs du Mal*', a maiúscula dá para criar um novo mundo mítico e alegórico. Limitar-nos-emos a umas breves alusões ([15]).

Poeta em que o realismo concreto e a ânsia metafísica se penetram duma maneira tão íntima como variada, Baudelaire põe de novo em cada poesia as fronteiras entre a descrição e a reflexão dum lado, e a visão e a elevação do absoluto, do outro. Os nomes divinos (*Dieu, Deitas* 275*, Seigneur, l'éternel Semeur, Redresseur, Christ, Madone*) e mitológicos (*Chaos, Diane, Pan, Phoebus, Vénus*...), aplicáveis à Beatrice humana, mensageira divina que eleva a alma a regiões transcendentes:

"Je suis l'*Ange* gardien, la *Muse* et la *Madone*" (70);
"Ainsi, chère *Déesse*, *Être* lucide et pur" (76),
(versão de 1854: "Ainsi, *Forme* divine, *Être*..." 433),

podem também integrar-se numa hierarquia inferior ou nos apelativos comuns, objetos da percepção sensual ou da razão:

"C'est l'esprit familier du lieu; (...)
Peut-être est-il fée, est-il dieu";
"Tes bras, qui se joueraient des précoces *hercules*,
Sont des boas luisants les solides émules" (85).

Embora as variantes, que a nossa edição fornece, não incluam sistematicamente as que dizem respeito ao nosso problema, deixam entrever a atenção que o Poeta lhe prestou: vemo-lo modificar o *Dieu* da primeira publicação de À *une Malabaraise*, de 1846, para esta forma das edições posteriores:

"Aux pays chauds et bleus où ton *dieu* t'a fait naître" (286, 492).

É maior esta oscilação entre maiúscula e minúscula, quando se trata das forças antagônicas da mitologia religiosa: prescindindo dos nomes bíblicos (*Séraphin, Satan...*), *ange* (variantes 76-433, 223-476), *démon, diable, émeute* (144-450), pairam entre os dois planos, segundo a hierarquia e a concretização mitificadora que o Poeta lhes quer atribuir.

Não admira que esta duplicidade se dê também nos termos que, além de teológicos, têm um simples valor cosmográfico: *ciel* (13, 76: "*Les Cieux Spirituels*"), *terre* (280). Mas ela aparece igualmente na evocação dos três reinos do mundo transcendente, *enfer* (6, 122, 128; * 45, * 92, * 121, * 167, * 169), *purgatoire, paradis,* sempre com uma diferença de significado e de visão que facilmente se depreende do confronto seguinte:

"Par toi je change l'or em fer
Et le *paradis* en *enfer*" (121);
"Je ne geindrai pas comme Ovide
Chassé du *paradis* latin. (...)
Et vos lueurs sont le reflet
De l'*Enfer* où mon coeur se plaît!" (122)

Caracteriza o mundo poético das '*Fleurs du Mal*' o fato de os casos de *Démon, Enfer,* comparados com os exemplos minusculares, serem proporcionalmente mais frequentes que os de *Ange, Paradis*, etc.: nas angustiosas visões, são primeiramente as forças negativas que, no Poeta, ganham valor alegórico ou simbólico. Assim, os abstratos deste gênero constituem o grupo maior dos substantivos maiusculizados, expressão da alma oprimida e da sua trágica luta: *Angoisse* (118, * 127), *Bêtise* (125, * 127), *Curiosité* ("La Curiosité nous tourment et nous roule" 229), *Débauche* (202, 204), *Dégoût* (128), *Démence* (232), *Destruction* (196), *Douleur* (37, 134, 139, * 67, * 107), *Ennui* (7, 61, 115, 196; * 16, * 198; plural * 23, *45), *Fièvres* (72), *Folie* (61, * 21, * 22, * 103), *Haine* (*Le Tonneau de la Haine*, 112; * 92, * 204), *Horreur* (38, vários ex. *), *Imagination* ("L'Imagination qui dresse son orgie" 229), *Ironie* (135, * 170, * 260), *Mal* (138, 273, 276), *Maladie* (65), *Meurtre* (38), *Péché* (284), *Peur* (Mainte fois de la Peur je sens passer le vent... J'ai peur du sommeil..." 132; "la Peur ridicule, / Hideuse et multiforme..." 279), *Plaisir* (134, 138, 169; * 160-161, * 201), *Prostitution* (164), *Regret* (134), *Souvenir* (152), *Vengeance* (72, 112), *Vertige* (78), *Volupté* (13, 130; "saintes voluptés", * 13, * 86, *

100, * 104, *127). O *Remords* de *L'Irréparable* não tinha ainda a maiúscula na primeira versão publicada em 1855 na *'Revue des Deux Mondes'* (88-435).

Em oposição a esta longa fila de seres demoníacos, levantam-se os valores positivos e as forças benéficas: *Foi* (267), *Sainteté* (232), *Vertu* (13), *Dévouement* (158), "La sainte *Vérité*" (24, 138, * 172), *Espoir* (118, 120, * 183, *190) e *Espérance* (118, 217, * 135), *l'Art* (26, 65, 116, 285, * 36), *le Beau* (70, 71, 282), *la Beauté* (*Hymne à la Beauté* 38-39; 91, 162; diversos ex. com *), *Forme*, (137), *Lyre* (126), *l'Amour* (36, 103, 130, 285; * 45, * 55, * 75, etc.), *l'Idéal* (76; *L'Idéal*: "mon rouge idéal" 34), *l'Idée* (137).

São raras, nesta obra, as alegorizações ou mitificações de qualidades que o Poeta sente demaisado ligadas à pessoa humana, subjetivas: já vimos predominar a minúscula em *amour*; vale o mesmo para *esprit* (12, "les purs Esprits" 31; vários casos com *), âme (279, com letra pequena na versão de 1844, cf. 490) *coeur* (sem exemplo com maiúscula); são excepcionais "*L'Élégance et la Force* ...soeurs divines" (36) e o olhar divinizado da amada do *Flambeau Vivant*, "ces *Yeux* pleins de lumières..., ces divins frères" (com min. no original de 1854, 71-431; cf. acima, 75-76). Tem função já distintiva (*Homme* 'ser humano, humanidade', *homme* 'pessoa de sexo masculino'), já enaltecedora, a maiúscula do *Homme* ("Dieu... avait faits le sommeil, *l'Homme* ajouta le Vin, fils sacré du Soleil" 186) no ms. de 1852: *vin*), em alguns casos com uma nota irônica e crítica de que ainda teremos ocasião de falar (164-299). Dentro do mundo social, só o *Poeta* é romanticamente isolado e elevado num pedestal ("Le Poète apparaît en ce monde ennuyé" 11, 18, 226), membro das "*saintes Légions*" (13) e gigante (15) quando visto entre os homens, humanizado e humilde, "*poète pieux*" (104, 190) quando observado na sua religiosa conversa ("Car le tombeau toujours comprendra le *poète*" 56).

O mundo exterior reincorpora-se amiúde em antigas alegorias ou concentra-se em símbolos novos: *Nature* (17, 35, 49, 121; * 44, * 46, * 50, * 198, * 205), *Soleil* (76, 134, 186, 247; diversos ex. com *), *Lune* (61, 104, 146; * 74, * 97, * 115), *Soir* (134, * 164:457, * 173, * 286), *Nuit, Ténèbres, Océan* (119, 250); do reino animal: *Serpent, Vipère* (129).

É natural que esta descrição esquemática apenas dê uma ideia vaga e incompleta do processo vivo em que Baudelaire se apodera do mundo mítico e alegórico de tradições várias para criar uma simbologia sua. Só uma

interpretação das próprias poesias nos levaria a camadas mais profundas deste ato criador: medeiam abismos entre a alegoria historizante de *Le Masque* ("Statue Allégorique dans le Goût de la Renaissance") ou *À une Madone* ("Ex-voto dans le Goût Espagnol"), e a alegoria abstrata, tão rica em maiúsculas, de *Bénédiction*, do *Hymne* à *la Beauté*, de *Le Possédé*, *Les Ténèbres, Le Portrait, Recueillement, L'Horloge, Allégorie* e tantas outras, abismos entre a sensualidade das poesias inspiradas por Jeanne Duval e a elevação espiritual das dedicadas a Mme Sabatier. Basta comparar *Le Poison, Le Revenant, Madrigal Triste* e suas exíguas maiúsculas, com *Le Flambeau Vivant* ou *L'Aube Spirituelle*.

Na tragédia íntima de que nos falam as '*Fleurs du Mal*', estão quase ausentes as divindades do racionalismo, dos movimentos revolucionários e do positivismo modernos, e, quando aparecem, costumam levar o sinal da ironia do autor: "*l'Humanité* frivole", "risible *Humanité*", (124, 170, 186, 210, 213, 232), presa nas redes do "dieu de *l'Utile*" (18), que beija "la stupide *Matière*", "le *Réel*" (279) pertence ao reino da "énorme *Bêtise*". Sentindo como nenhum poeta antes dele o ritmo novo das grandes cidades, "où sous les cieux / Clairs et froids *le Travail* s'éveille" (150), Baudelaire fecha-se aos credos e gritos ideológicos que as enchiam.

Sabe-se a crítica que esta reserva lhe mereceu no seu tempo, e apenas precisamos de comparar o aspecto diferente que o nosso pequeno problema especial apresenta, por exemplo, nas '*Odes Modernas*" de Antero de Quental, para compreendermos as distâncias que separam os espíritos da mesma época ([16]). À violência com que vimos Baudelaire opor as forças do Bem e do Mal na luta interior do indivíduo, corresponde aqui a violenta oposição de dois mundos ideológicos: em frente ao *Inconsciente*, ao *Tenebroso* (12), aos *Desejos*, ao *Impossível* (24), ao lírio murcho da *Fé*, (27, 29, 35), do *Dogma*, aos "*Reis* sem fé" (24), *Padres* falsos, *Nações*, ao *Ídolo*, aos "*Deuses* enganosos" (32, 24), ao *Passado* (83, 103), ergue-se a *Ideia*, o *Ideal*, o *Possível*, a *Lei*, o *Princípio*, a *Luz*, a *Harmonia*, o *Espírito*, a *Consciência*, o *Homem*, a *Cidade*, "o lírio augusto, o lírio único, / A flor do mundo, que se chama *Vida*!" (63), "o *Universo* augusto, o *Futuro* (38, 87). Obra combativa, muitas das suas poesias culminam num enfático apelo aos novos valores espirituais e sociais:

"Ver-se-á, com pasmo, ergue-se à imensidade
A águia esplêndida e augusta da *Verdade!*" (30);

"Lá, no seio da eterna claridade, (...)
É que te havemos abraçar, *Verdade*!" (41);
"... e logo o Bem (...)
Surgirá, como um astro de *Justiça!*" (32);
"No mesmo amor de pai e amor d'*Irmão* [= Fraternité]...
Assente sobre a rocha da *Igualdade*...
As tuas asas d'águia, ó *Liberdade!*" (33-34);
"E o escravo, sem pão, lar nem cidade,
Crê... sonha um culto, um Deus – a *Liberdade!*" (27).

Nesta época áurea da maiúscula, Eça de Queirós gostava de construir hierarquias próprias por meio da letra grande ([17]): o mundo teológico-moral de *Frei Ginebro* pulula de alegorias teológico-religiosas (*a Oração, o Pecado, o Tentador, o Grande Anjo, a Balança das Boas Obras e das Obras Más, das Más e das Boas Acções*...), a natureza primitiva de *Adão e Eva no Paraíso*, refundição "desta alegoria dos poetas do Gênesis" (186), é povoada de personificações e animizações panteísticas (*Árvore, Floresta, Mar, Fogo, Água, Terra, Ar, Amonitas, Ictiossáurio, Plesiossáurio, Serpente, Hiena, Tigre; Ser, Forma, Figura, Alguém*), e ao mesmo tempo dos conceitos de quem interpreta ao modo positivista a evolução da nossa Humanidade (*Animalidade, Força Bruta, Humanização, Força Inteligente, Energia Inteligente, Racionalidade, Saber, Querer, Vontade, Civilização, Sociedade, Vida, Homem*...).

Pondo de parte certas extravagâncias, como a maiusculização de adjetivos ("os poemas *Semíticos* celebram esses tempos como *Inefáveis*" 171; "a energia *Inteligente*" 180; "essas esparsas *Nebulosas*" 194), ainda estamos longe, no Conto ultimamente lembrado, do simbolismo esotérico dum Mário de Sá Carneiro ([18]). No pequeno cosmo simbólico deste Poeta, já são raras as alegorizações de abstratos que encontramos tão frequentes em Baudelaire, Antero ou Eça: *Ânsia* (96, * 97 pl., * 102 pl.), *Beleza* (92, 171, 173, 176, 181, 182, * 172), *Dor, Erro*, (145), *Ilusão* (101, * 103), *Ideal* (85, 167). Quando o Tempo aparece, leva um elemento concreto-simbólico, é "Tempo azul", ou deixa recair o peso significativo da maiúscula sobre o atributo (*tempo-Asa*, 98, *de Outro tempo*, 83). Os títulos dos dois livros do Poeta indicam-nos os polos do eixo em que gira esta obra: a "Dispersão" da existência individual e a procura de "Indícios de Oiro", de valores constantes e duradoiros. Assim, vemos naturalmente aparecer, por um lado, os pronomes pessoais

maiusculizados, particularmente os da 1ª pessoa (*Eu* 99, 102, 109, 120; *Mim* 89, 97, 104, 118, 147, 169, 170, * 69, * 118, * 148, *Ti* 172, *Si* 92), e os elementos, substâncias e cores simbólicos por outro: *Oiro* (* 79; muitos ex. com maiúscula), *Bronze* (104), *Cores* (121, 140, * 133), *Rosa* (152, 154), *Anil* (118), *Ar, Ópio* (99, 110, 120). A obsessão do tempo exprime-se em múltiplas formas nervosas: *tempo-Asa, Instante* (120), *Horas* (122), *Hoje, Ontem* (66), *Fui* (170), *não-Fui* (104), de *Novo* (173, 73), e entrevemos o fatalismo astrologizante no poder do *Astro* (97, 116, 119, 123, * 151 pl., *Astral* 102), da *Estrela* (98, 123, 144, * 111), de *Lua* (99, 116, 127, 130), *Luar* (95, 151, * 98, * 109, * 124, * 128), *Destino* (123, * 150) e *Sorte* (119). Todos os problemas psíquicos desta consciência atormentada são transpostos para grandiosas visões espaciais: "Desço em Mim", *Distância, Destaque* (117), *Altura* (53), *Escadaria* (90), *Grade* (116), *Onde, Aonde* (56)... As localidades simbolizam as moradas da *Alma* (* 91, * 68-69, * 101; muitos ex. com maiúscula), das mais vulgares às mais sublimes: *Café* (96, 115...), *Hotel* (115, * 139), *Harém* (118), *Salão* (122), *Praça* (128, 140, pl., 151), *Paço* (90, 91), *Palácio* (91, * 128), *Catedral* (114), *Ilhas* (110), *Mar* (84, 129, 121, * 67, * 102), *Império* (102, 151, 167), *Infinito* (171). Numa atmosfera de *Vago* (102), *Mistério* (89, * 117, * 126, * 149) e *Segredo* (108, * 126, * 150) constroem-se, afinal, hierarquias do Eu: *Imperatriz* (124), *Rei* (83, 90, 99, 118, * 79), *Rainha* (91, 166), *Príncipe* (117), *Princesa* (91-92, 99, 101, 109), *Pagem* (166) criam, dentro desta poesia abstrata, um pouco do ambiente do conto de fadas (à Oscar Wilde); o *Doge de Veneza*, o *Rajá de Índias* (117), o *Lord* (158) acrescentam o elemento voluptuoso (*um Luxo*... 164) e esnobe, tão inseparável do jovem Poeta.

Quando Afonso Lopes Vieira, pelos anos de 1925 e 1926, organizou o livro dos seus '*Versos*', selecionando as suas obras poéticas anteriores, reformou, entre outras coisas, a grafia inicial das palavras: predominam os casos em que substituiu minúsculas dos livros originais por maiúsculas que aparecem nos '*Versos*' para *Lua, Sete-estrelo, Sol, Ninfas, Graças, Papa, Cruz, Mar, Saudade, Eternidade, Inverno, Primavera, Maio, Terra* ([19]), mas não faltam exemplos em que elimina maiúsculas de sabor simbolista, como em *filtro, incanto, amor* (120, 179, 284). Estas modificações explicáveis em parte como uma atualização e adaptação a tendências gerais que obervamos na ortografia corrente e na espiritualidade portuguesa de hoje, deixam entrever, por outra parte, a revisão interior à qual o Poeta de '*Onde a Terra acaba e o Mar começa*' submeteu a obra juvenil dos tempos de '*Para quê*' e do '*Náufrago*'.

Já é tempo de acabarmos estas considerações sobre o papel estilístico desempenhado pela letra grande. Fazemo-lo com mais um exemplo ([20]). É o mesmo drama da "dispersão", de tão trágico desenlace no caso de Sá-Carneiro, que vemos aparecer no Poema de José Régio ("sofro a dor do parto... / De *Mim Próprio*" 31; "sou *Um*" 58; "Existe *Aquele* que eu fui" 95) e superado pelo retorno a uma Teologia poética cheia de metáforas alegorizantes:

"Mas eu sei que Deus é *Lá*" (125, cf. 97, 103);
"por essa *Chave*, e essa *Estrela*,
E esse *Poder*, e essa *Graça* (...)
A vida é bela!
E eu sou feliz!, porque *Sei*" (179-184).

Ensaios de Filologia Românica, págs. 179-190.

O purismo e o progresso da Língua Portuguesa

M. Said Ali

Distingue-se a linguagem culta ou literária dos falares locais pela sua feição uniforme e tendência conservadora. Cada escritor se inspira na leitura das obras da geração que o precedeu e procura seguir, tanto quanto possível, a norma traçada. Os progressos são lentos; mas se sucede dar-se um passo adiante do falar do povo, não mais se torna atrás.

Houve uma época brilhante em que este movimento se acelerou.

Quando o horizonte intelectual se abriu mais largo com o espírito da renascença clássica e com os conhecimentos trazidos pela navegação e descobrimento de novas terras e novos povos, compreenderam os historiadores e poetas a necessidade de apartar-se da antiga trilha e pôr a linguagem em harmonia com as conquistas recentes da inteligência e imaginação.

Tudo quanto se escrevera em português até então ou se referia a um círculo de assuntos muito circunscrito, sem a menor elevação de ideias, ou era como a luz de estrela que empalidece com os fulgurantes raios do grande astro que vem surgindo. O estilo medieval era monótono e pesado; não servia para representar as belezas da arte renascida.O léxico até agora usado não era palheta em que os artistas encontrassem todas as cores e tons de que necessitavam. Camões não pode, só com a linguagem costumada dar a ouvir ao mundo fúria grande e sonorosa.

Vale-lhe seu novo engenho ardente, que o torna criador de um estilo grandíloquo, de um som alto e sublimado.

Para narrar episódios de viagem, particularidades da arte de navegar, com bonanças ou tormentas, para descrever lugares e acidentes de terreno, aproveitou, até certo ponto, a terminologia técnica entesourada pelos marítimos, pelos rústicos e por outros indivíduos que exerciam profissões humildes. A necessidade mais uma vez compelia os homens cultos a prezar as posses e serviços dos pequenos.

Por outra parte, contudo, para uma hoste de expressões, populares ou não, cessavam os motivos de seu emprego. Transformando-se a civilização, muitas coisas se foram abandonando e, com elas, os respectivos nomes; as que as substituíam, quando vinham do estrangeiro, adotavam-se com as denominações que lá lhes davam. Objetos de feitura singular, vistos pela primeira vez nas expedições para a conquista da Índia, instituições e ofícios diversos dos de Portugal, eram descritos com os nomes por que os conheciam os respectivos naturais.

Mas o grande tesouro de ideias e expressões, e belezas de forma; a mina por excelência onde se abasteceram mais que muito todos os escritores da renascença, foi o latim clássico, a que se adicionou ainda o grego antigo.

Para designar as contribuições adventícias com que se aumenta o léxico de um idioma, servem-se os linguistas de um termo de extraordinária polidez: "empréstimos", "emprunts" (francês), "loan-words" (inglês), "Lehnwörter" (alemão). Empréstimos que nunca se restituem; dívidas que jamais se resgatam, salvo com outro empréstimo. Na linguagem faz-se isto sem cerimônia. Não se propõe nem se pede. Tira-se.

Do latim que conhecemos pela literatura tocou por herança ao português, como língua românica, somente um número restrito de vocábulos.

Tudo o que, ao depois, os letrados foram buscar a Roma, entra na conta dos empréstimos, dos bens usurpados à língua-mãe. E se a doce fantasia de poeta apregoa que há uma língua quase igual ao latim, é para desculpar o esbulho tremendo que se andou praticando, mormente a partir do período da renascença. Tal foi, na Europa, a batida por todos os recantos do velho repositório, e tão natural se tornou a falta de escrúpulo, que os modernos idiomas acabaram por cunhar, e em especial na nomenclatura científica, centenas de expressões ultralatinas que causariam espanto a Cícero e Quintiliano. Ao lado destas vieram as ultra-helênicas e as criações híbridas. Portugal acompanhou a civilização europeia.

Era expedito esse meio de resolver o problema das denominações necessárias às ideias modernas; em compensação porém ficou muito reduzida a elasticidade dos recursos nativos, visto como ia afrouxando o hábito da sua utilização. Assim, admitem-se hoje de boa mente, a título de empréstimos clássicos, vocábulos inteiros ou cunhagens com raízes latinas e gregas, mas há repulsa quanto à adoção de certos derivados que se formem no seio da nossa língua.

Abre-se a porta, é certo, a tudo quanto se quiser acabado em *-ismo* e *-ista*; mas em grande parte por imitar as demais nações civilizadas, que fundam tal direito em antigo abuso firmado na Idade Média. Brotam cada vez mais os produtos desta espécie, notando-se que *ismo* e *-ista* vão monopolizando as funções de uma série de sufixos diferentes. Desde já se podem reunir em curioso ramo flores variegadas deste gosto: *realismo, idealismo, funcionalismo, patriotismo, Darwinismo, Tolstoismo, favoritismo, socialista, economista, jurista, determinista, espiritista, florista, flautista, jornalista, telefonista, oculista, dentista, paisagista, purista, romancista, paulista, nortista, sulista.*

Com a expansão natural do vocabulário, consequência inevitável do progresso intelectual e material e do contato com outras nações, mal se concilia a doutrina que defende a pureza da linguagem. Não é justa nem lógica no conceder ou negar entrada a inovações que venham suprir faltas reais ou supostas. Admite latinismos, admite grecismos, não se opõe talvez a hispanismos e italianismos, mas repele os galicismos com singular veemência. Em rigor, para uma língua constituída, que de há muito possui literatura, tão intrusos são os termos que vêm de uma parte com os que arribam de outra. Se já não bastam os meios de que até agora dispúnhamos, se é preciso sair de casa a pedir, tanto humilha bater à porta da direita como à da esquerda.

O cânon dos puristas hodiernos, como se sabe, são as obras dos que escreveram de 1500 para cá, conhecidos pela designação de clássicos portugueses, especialmente certos quinhentistas e seiscentistas. Ao tempo em que estas estrelas de primeira grandeza brilharam, em Portugal não se cogitava de ir buscar inspiração literária ou linguística à França.

Guardou portanto o idioma a sua relativa pureza, se pureza é tão somente ficar alheio à influência do falar dos vizinhos d'além-Pireneus.

No século XVII porém começou a deslocar-se para junto deles o centro de gravidade da civilização. No século XVIII todos os olhos se volviam

atentos para a França. Daí por diante a sua cultura e língua passaram a ser, em boa parte da Europa, a principal fonte de informação e inspiração para a literatura, a filosofia, as instituições políticas e sociais; e onde quer que as modernas ideias penetravam, vinham naturalmente a divulgar-se pelos nomes de batismo recebidos na terra que lhes servira de berço.

E os termos ficavam e eram acrescidos ao pecúlio do nosso falar, modificada, onde cumpria, a forma exterior.

Mas não foi só a necessidade que canalizou para o português dicções francesas; cooperou também o desamparo em que a gente educada ia deixando, por menos fecundo, o cultivo da tradição vernácula.

Não se usa refugar designações estrangeiras quando há incerteza de possuirmos no vernáculo expressões que digam rigorosamente a mesma coisa. E se tais equivalências existem, mas, pelo hábito de tratar outras letras, alguma vez a dicção doméstica nos não acode, então por instinto, ou para poupar esforço intelectual, aplicamos o termo forasteiro que de pronto se apresenta à memória.

Muitos termos nestas condições vieram de França, de envolta com os reclamados pela civilização moderna, e o seu uso tornou-se moda entre a boa sociedade portuguesa, em detrimento de expressões similares indígenas. Para alguns a moda foi efêmera, particularmente se se reavivava a consciência do vocábulo português equivalente. Outros porém implantaram-se em nosso idioma, resistindo a todos os ataques da reação purista, embora os argumentos desta parecessem sobremodo razoáveis. Vinha já tardia a reflexão e a louvável campanha contra os galicismos. Estava generalizado o uso e preferia-se afrontar a opinião de meia dúzia de eruditos e passar por ignorante, na opinião deles, a irritar a opinião pública e ser tido na conta de excêntrico, por querer ser mais sensato que a moda. Acrescia que os mesmos eruditos, pela força das circunstâncias, adotavam vários galicismos e aprovavam o seu uso. Os indoutos desconfiavam da linha de demarcação entre as inovações indispensáveis e as desnecessárias.

Pelo *Glossário* de Fr. Francisco de S. Luís, obra aliás notável pela abundância de conceitos judiciosos, vê-se que muitos vocábulos escandalizavam os zeladores do falar castiço, no começo do século XIX.

Grande parte, como o previu o autor, adotou-se sem dificuldade; outros, que lhe pareciam inaceitáveis, acham-se hoje de tal modo incorporados ao português, que já ninguém se lembra de discutir sobre a sua legitimidade ou, sequer, de a pôr em dúvida. Diz o G*lossário*:

"*Jornal* por *Diário* he palavra franceza, que nos não era necessaria: e sem embargo de ser hoje mui usada, até de pessoas doutas, não o julgamos adoptavel, maiormente atendendo à homonymia, que se deve evitar, quanto possivel for, por ser um sinal infalivel de pobreza da linguagem."

"*Progredir*. Vocabulo trazido de novo à nossa língua, à imitação dos francezes, que também o tomaram do latim *progredi*. Significa *continuar, ir por diante, fazer progresso, ir avante*. Não o julgamos de absoluta necessidade. Comtudo na *Carta Regia*, de 7 de Março de 1810 já vem o termo *progredir*."

"*População*. Os nossos bons escriptores dizião com melhor analogia povoação; comtudo não reprovamos população, que tem a seu favor o uso frequente, e algumas boas autoridades modernas.

"*Côrte*. Por conselho, tribunal, relação he gallicismo que se não deve admittir em portuguez."

"*Rutina* ou *rotina*. He galicismo desnecessario, e porém mui vulgarmente usado..." E o autor propõe que em seu lugar se diga trilha, usança, etc.

"*Bello sexo* (beau sexe). Não reprovamos absolutamente esta expressão, empregada para significar o sexo formoso, o sexo feminino ou as mulheres:mas somos de parecer que se deve usar com moderação, a fim de evitar afecção, e resabio de gallicismo."

A posteridade não se conformou com o conselho do bom do frade.

O *Glossário* não menciona, talvez por não terem nesse tempo curso em Portugal, muitíssimas dicções novas que fizeram fortuna e são hoje parte integrante do léxico de todas as nações civilizadas. Assim, por exemplo: internacional (ingl. international) cunhado por Bentham em 1780, e admitido pela Academia francesa em 1878; nacionalizar, nacionalidade, organismo, organização, organizador, reorganizar, reorganização, civilização, civilizador.

As ideias modernas reclamam novos vocábulos para a sua expressão, e é de todo impossível escrever um capítulo sobre hodiernas instituições sociais ou políticas sem recheá-lo de neologismos criados ou vulgarizados nestes últimos cem anos. Os clássicos portugueses, se hoje ressuscitassem,

precisariam, para entender-nos, do auxílio de um elucidário de milhares de palavras.

Toleram os puristas, quando muito, algumas novidades recentes, mas em geral entendem que se deve restabelecer o antigo bom uso.

Muitas vezes, em troca de um estrangeirismo ou de um termo de legitimidade suspeita se oferecem à escolha seis ou oito expressões portuguesas correntes nos escritores clássicos. Mas o povo insiste em manter e preferir a locução moderna. É quando associa a esta locução uma ideia muito clara e muito precisa, que não percebe ou já não consegue perceber em nenhum dos vocábulos que lhe apresentamos em substituição. Debalde se condena *detalhe, detalhar*, usados há 150 anos em boca portuguesa e brasileira, e se propõe *particularidade, circunstância, pormenor, pormenorizar, minudência, miudeza, minúcia*. *Detalhe* é um francesismo expressivo, insinuante e afortunado. Logrou entrada fácil em todos os idiomas cultos: em inglês, alemão, russo, sueco, dinamarquês, italiano, espanhol e português. E está a parecer que nunca mais o deportarão nem as forças unidas dos puristas de todas estas nações.

O argumento da exuberância de expressões indígenas de antigo cunho falha muitas vezes; e contudo certos dizeres novos, realmente práticos, são tão malvistos que o escritor castiço, em os topando, se persigna escandalizado como o cristão devoto em face do inimigo.

Um desses horrores é o termo *proposital*, substituindo, algumas vezes, o já um tanto obsoleto *acintoso*, e criado por influência do antiquíssimo *casual*. Como o povo fala sem primeiro ler os cinco volumes da *Nova Floresta* e os quinze volumes dos *Sermões*, inventa muito naturalmente por analogia, por associação de ideias um *tiro proposital* ao lado de um *tiro casual;* o que sem dúvida é mais sumário e mais conciso do que o *tiro disparado de propósito*. Os puristas, votando pela concisão, mas supondo que assim se envenena a língua, acharam já a triaga no termo *propositado*, produto de pouca habilidade, desconhecido de Camões e cuja semente não consta andar espalhada pela *Nova Floresta* ou pelos livros de Vieira.

Com o tempo e a decisão da maioria vencem-se repugnâncias linguísticas as mais justas. Se *proposital* e *propositado* não morrerem ambos, não será de admirar que venha a revalecer justamente o termo menos recomendável ou menos recomendado agora. Quem é que, depois de tantos anos de *anexação*, se lembra hoje de protestar contra este malcunhado neologismo,

quando por outra parte dizemos *conexão*, e podíamos reclamar se restituísse *anexão,* tirado diretamente do latim?

Termos criados de pouco e termos malformados, afrontando a boa usança, ocorrem em todas as línguas. Aristóteles precisou de palavras curtas que exprimissem "natureza", "grandeza" de um modo bem abstrato. Achou à mão na língua grega os interrogativos *poîo* e *pósos*, que queriam dizer "de que espécie?" e "de que tamanho?" Não teve dúvida em formar os derivados *poiótes* e *posótes*, que são como se em português criássemos estes dois monstros de substantivos *de-que-especidade* e *de-que-tamanhidade*. Podemos imaginar como isto foi recebido por qualquer purista grego do seu tempo. Não obstante, os termos fizeram carreira e incorporam-se finalmente à linguagem técnica dos filósofos gregos. Duzentos anos depois, Cícero, interpretando estas ideias aos seus conterrâneos, imitou a audácia de Aristóteles, e aventurou *qualitas*, de *qualis*, palavra latina de significação equivalente a *poiótes* e formação similar. Mais tarde ainda, *quantitas*, de *quantus*, foi manufaturado como tradução de *posótes*.

E os dois termos gregos, fabricados para preencher uma lacuna filosófica, tomando as formas de *quantidade* e *qualidade*, tornaram-se a posse comum de todo lojista e tendeiro[12].

Prende a atenção dos que zelam a suposta pureza de uma língua somente a candidatura atual de vocábulos e expressões novéis. Quanto ao que passou em tempos idos, é de regra aquilatar por muito bom tudo ou quase tudo quanto venha registrado em autores modelares.

O que o uso não mais tolera, desconta-se. Mas, segundo acabamos de ver, já vem de longe o fabricarem-se dicções com predicados pouco recomendáveis para serem aceitas. E se pudéssemos legislar para aquela linguagem portuguesa hoje tida por veneranda, se as bem-intencionadas diligências dos puristas tivessem efeito retroativo, mais de uma vez haviam de tremer os ossos de quinhentistas e seiscentistas. *Chatim*, significando mercador subtil, e talvez pouco liso, e seu derivado *chatinar* eram neologismos no começo do século XVI, segundo no-lo atesta o testemunho de João de Barros: "Dizem por elle he hum chatim e por mercadejar chatinar, vocabulos entre nós já mui recebidos (Dec. 1,9, 3). *Bombarda*, em lugar do antigo *trom*, é classificado por Fernão d'Oliveira entre as dicções novas. Todos os cronistas

[12] Esta informação sobre a origem dos vocábulos *qualidade* e *quantidade* transcrevo-a do livro de Greenough e Kittredge, *Words and their Ways in English Speech*, Londres, 1902.

daquele século usaram o termo inúmeras vezes. Já em Vieira encontramos, em lugar desse vocábulo, não uma palavra procedendo diretamente do francês, como alguns pretendem, mas o hispanismo *canhão*[13]. Curiosa é a admissão do termo *retaguarda*. Não vem logo do latim, segundo lexicógrafos assentam. Nem há lei fonética que transforme *retro*-em-*reta*.

Contemos a história como se passou. Até o ano de 1367 os portugueses ordenavam as suas batalhas, isto é, dispunham as suas forças de combate em *dianteira*, *cátua* e *costaneiras*. Porém em tempo d'el-rei D. Fernando vieram os ingleses para ajudá-lo na guerra contra D. Henrique de Castela. Trouxeram eles os vocábulos *vanguard*, *rear-guard* e *ele*, que por sua vez haviam recebido do francês *avant-garde, rereguarde* (mais tarde *arrière-garde*) e *ele* ou *aile*. Os portugueses adotaram os termos, acomodaram-nos à sua língua: *vanguarda, reguarda* e *alas*, e os antigos vocábulos caíram em desuso. A inovação *reguarda* incorpora-se à linguagem e os cronistas do século seguinte empregam o vocábulo a cada passo. Mais tarde, e em Vieira assim o lemos, surge a corrupção *retaguarda*, que não é fácil de explicar. Se houve intuito – e este só poderia partir dos eruditos – de aproximar o vocábulo do étimo latino, por que não se disse *retroguarda?*

Infantaria é estrangeirismo admitido em português no século XVII, assim como *infantes* significando peões, homens de pé. Não prosperaram os infantes desta espécie, mas a infantaria continua a decidir batalhas.

Homens combatentes de pé, como os de cavalo, passaram a não ter nome. É como nos bombardeios, que se fazem sem bombardas. *Cavalaria* na Idade Média aplicava-se à nobreza; hoje é uma das três armas de combate, e *cavaleiro* é todo e qualquer indivíduo que ande a cavalo.

Bulcão é termo que se desconhecia em língua portuguesa. Castanheda e João de Barros, a propósito da viagem de Pedro Alvares Cabral, explicam-nos a novidade. Partindo, diz o autor das *Décadas*, "do porto seguro daquella Provincia Sancta Cruz, sendo elle na grande travessa que he entre aquella terra de Sancta Cruz ao Cabo de Boa Esperança... armou-se contra o Norte hum negrume no ar, a que os marinheiros de Guiné chamão bulcão, com o qual acalmou o vento, como que aquele negrume o sorvera todo em si para depois lançar o fôlego mais furioso.

---

[13] Data efetivamente do século XVII o uso do termo *canhão* no sentido geral que hoje lhe conhecemos. Até então o vocábulo tinha sentido restrito, aplicando-se a uma peça de artilharia diferente de *berço, falcão, basilisco,* etc.

A qual cousa logo se viu, rompendo em hum instante tão furiosamente, que sem dar tempo a que se mareassem as velas, soçobrou quatro".

Provam estes exemplos que as inovações no léxico se adotam não somente em nossos dias, mas em todas as épocas. Seria um bom serviço prestado às letras a organização de um dicionário da língua portuguesa, em que junto a cada vocábulo se indicasse a data, ainda que aproximada, de sua admissão na linguagem literária, assim como a época em que outros deixaram de ser usados. Com estes elementos teríamos do nosso tesouro ideia mais correta do que presumem dar-nos os incensadores do "antigo e bom uso". Veríamos também que alguns autores, celebrizados pela riqueza do seu vocabulário e por isso tidos por mestres e chamados clássicos, não hauriram sempre na mina pré-existente, mas tiveram ainda o talento de enriquecer a língua com vocábulos de própria lavra.

Completar-se-ia este trabalho lexicográfico, indicando, por ordem cronológica, as mudanças semânticas que o tempo trouxe a vários termos, a substituição que o uso tem feito de umas expressões por outras, a extensão ou restrição do sentido, a melhoria ou degradação, a influência das metáforas e metonímias.

É este um aspecto interessante do estudo das palavras, que nos permite apreciar de modo mais positivo o progresso da língua e os limites que naturalmente se impõem ao louvável desejo de imitar os modelos literários.

O termo *moléstia*, por exemplo, não tem hoje o sentido que lhe davam os seiscentistas. Naquele tempo era cousa diferente de enfermidade, doença. Filiava-se ao objetivo molesto e exprimia a fadiga, incômodo ou tormento proveniente de doença ou outra causa. Segundo o padre Vieira: "para subir a hum monte he com tanta difficuldade e molestia que a propria respiração se cança." E falando dos seus achaques: "Outros dois [medicos] que aqui vêm asseguram que não he doença de perigo, posto que seja de molestia e me promettem que antes do fim do mez poderei ir buscar a convalescença a Villa Franca". Se isto se passasse no século anterior, estes senhores médicos se chamariam físicos.Todo o mundo sabe o que tem a fazer o indivíduo que quiser afogar a si ou a outrem: procurar um rio, o mar, uma banheira grande ou uma caldeira com bastante água ou outro líquido. O que porém poucos saberão é que até o tempo do nosso Vieira também se afogavam os homens em seco. Judas afogou-se com um laço, e todos quantos iam à forca morriam afogados. O termo tinha a acepção geral de asfixiar. Só depois de entrar em uso o vocábulo *sufocar* é que *afogar* ficou aliviado de tão altos encargos.

Candidato, tão interessante pelo que significava entre os romanos, foi usurpado modernamente ou à língua deles ou, o que é mais provável, aos franceses. Vieira dizia pretendentes, pretensores e opositores.

Entre os quinhentistas empregava-se o termo viração como oposto a vento terrenho. Era somente o vento que a certa hora da manhã virava, soprando do mar para a terra. Os seiscentistas perderam esta noção e começaram a aplicar a palavra ao vento brando em geral. *Ribeira* usava-se na acepção de praia e margem; "[terra] tão alagadiça e cuberta de arvoredo, que quasi com esta espessura queria fechar com a *ribeira do mar*" (Barros, *Dec*. 2, 6, 1); "quero passar hum rio caudaloso de *ribeira a ribeira*" (Bernardes, *Nova Flor*. 1, 310). E o mais curioso é que já no século XV esta acepção corre pontas com a de rio. Assim Fernão Lopes:

"E dali moveu outro dia, passando a *ribeira* de Riovão, um rio que nasce nas Esturias... e pela *ribeira* daquele rio acima vão muitas aldeias até Valença de D. João". Quando Vasco da Gama foi a descobrir o caminho da Índia, pouparam-no os traiçoeiros bulcões, e das cousas que trazia pôde mandar de presente a el-rey de Melinde três bacias *d'arame*. E chegando ao termo da viagem, levou-o o catual a um pagode dos seus ídolos, onde viu diante da porta principal "hu padrão d'*arame* d'altura du masto de não e no capitel hũa grande ave do mesmo *arame* que parecia galo". As bacias não vasavam, e o padrão e mais a ave eram compactos e impenetráveis, como soem ser monumentos desse gênero. Castanheda, que nos relata a história, poderia dizer *arame* ou *latão*; mas não conhecia ainda o termo hoje usado para designar a liga do cobre com o estanho. Conheceu-o o padre Vieira, o qual, descrevendo a armadura do gigante filisteu, nos informa que o capacete era de *bronze*, a tecedura da saia de malha de *bronze*, o escudo de *bronze*, o demais até os pés lâminas de *bronze*.

Como umas expressões desaparecem cedendo o lugar a outras, que conquistam o favor do povo que fala a mesma língua, podemos ver em *juso* ou *ajuso*, *afundo*, *emfundo*, *abaixo*, *embaixo*. Do primeiro termo possuímos hoje como única relíquia o derivado *jusante*, sinônimo de baixa-mar. Porém nas mais antigas leis de Portugal se diz: "de dez maravydis *a juso* [isto é, abaixo] dem meyo maravydi". Aparece já então, ainda que poucas vezes, o seu futuro sucessor: "Paguem os direitos reaes... como *em fundo* [isto é, embaixo] som scritos" (Foros de Beja). No século XV é esta a dicção corrente, e como hoje se desconhece o emprego dela no sentido do advérbio-

preposição *embaixo*, *abaixo*, sucederá às vezes aos que compulsam a crônica de D. João I perceberem cousa diversa do que diz o seu autor: "nom era bem de os sinaes de Portugall andarem assim em fundo"; "sahiu Nuno Allvarez a folgar pela praya afundo." Na mesma era ocorre mui raro, como que timidamente, *embaixo*, apesar de serem então usuais *baixo*, como adjetivo e como substantivo, e o verbo *abaixar*. No século XVI estes novos modos de indicar a relação de inferioridade se generalizam definitivamente e a língua de Fernão Lopes é considerada arcaica.

Frequentemente a inovação que dá a um termo ou expressão antiga sentido diverso do que a princípio se lhe atribuiu é o resultado de uma metáfora, sobretudo da chamada metáfora morta. *Bocado* significava o ato de abocar, abocanhar, apanhar com a boca: "engole tudo de hum bocado" (Vieira, *Serm*. 2, 335); "o tubarão... o hade engulir de hum bocado" (ib. 2, 329). Passou a exprimir a porção de alimento ou de outra cousa. Daí tornou-se sinônimo de "pouco" em geral: "chegou há um bocado", isto é, "há pouco tempo", "há poucos instantes".

Este termo *bocado* denuncia, pelo radical, prontamente a sua origem.

Já de *à toa* está tão esquecida a primitiva significação, que os mesmos etimólogos se veem forçados a filiar a locução ao substantivo "tona".

Ora a origem é mais simples. Trata-se de um termo de navegação. *Toa* era o nome de um cabo com que se rebocavam os barcos que perdiam o governo próprio. *Ir à toa* era *ir à mercê desse cabo*, sem atividade própria.

Usou-se depois por metáfora. Assim Bernardes (*Nova Fl*. 1, 404): "lançando-lhe [o nadador à mulher] pois a mão aos cabellos, a foy 1evado á toa para terra". Trouxeram-nos o termo os marítimos; o povo, no continente, afeito em geral a outra ocupação, perdeu o sentido técnico de *à toa*, mas continuou a aplicar a locução, extensiva e abusivamente, como equivalente de "sem governo próprio", "sem intenção", "sem causa", "ao acaso", "sem reflexão". Ninguém mais sabe que isto foi a princípio linguagem figurada. A metáfora está morta.

Os quinhentistas não diriam, como hoje, "a planta nasce *à toa*", e sim "nasce por si"; em lugar de "falar à toa", empregariam "falar sem efeito ou desassisadamente".

Poderíamos multiplicar os exemplos indefinidamente, mas creio ter mostrado o suficiente para se formar ideia da evolução da língua portuguesa, quer quanto ao uso de vocábulos novos, e abandono e esquecimento de expressões antigas, quer quanto a alterações semânticas de que são suscetíveis.

E se se encara o nosso idioma sob o aspecto gramatical, ainda aí se verifica que ele sofre mudanças graduais a despeito de doutrinas reacionárias e diligências retardadoras. Certas regras formuladas por Fernão d'Oliveira e João de Barros já há muito que não se aplicam.

Diversas formas verbais foram alteradas; alguns nomes mudaram de gênero; a formação do plural de hoje difere, por vezes, do plural usado no século XVI. Particípios irregulares, como vemos na frase de Castanheda *ser absoluto pelo vigayro*, e no frequentíssimo *tenho resoluto* de Vieira, e muitos outros, caíram totalmente em desuso. Quanto à sintaxe, tem havido tais modificações, que o próprio Fr. Francisco de S. Luis não teve dúvida em tachar de "defeituosos os nossos bons autores".

A própria colocação pronominal dos quinhentistas e seiscentistas – perdoem-me os que a têm por pedra de toque do falar correto – já aparece um pouco alterada entre os escritores portugueses do século XIX.

Língua viva imutável, língua que, chegada a um tipo de perfeição modelar, cesse de modificar-se e absorver elementos estranhos ao seu passado, é cousa que não há nem nunca houve. A linguagem é a expressão da nossa inteligência. E a inteligência humana não se petrifica; pode volver olhar saudoso para a sabedoria de alguma era remota; porém esta, com todo o seu esplendor, não lhe produz desmaio, nem a paralisa. Se tal calamidade houvesse, o intelecto se atrofiaria e da maior parte das línguas modernas já não restariam mais que ruínas.

Quem faz o estudo histórico de uma língua literária como o português, vê cousa bem diferente. Cotejando por ordem cronológica, e sem preocupação de pureza ou perfeição, os textos mais notáveis desde o período arcaico até o presente, e considerando o idioma de cada época em seu conjunto, a impressão que nos fica é como se tivéssemos diante de nós fotografias de um indivíduo tiradas aos quinze, aos vinte, aos trinta, aos quarenta anos. Comprazemo-nos em confrontar essas figuras tão dissemelhantes, do mesmo personagem. Assim muda de aspecto qualquer língua literária, segundo a fase em que a contemplamos.

Sempre a mesma e sempre outra. Há diferença contudo entre a linguagem e o homem: nos últimos retratos deste descobriremos rugas e cãs, ao passo que a decrepitude daquela só a concebe pura fantasia; a vida humana sabemos que tem limites, um número máximo de anos, além do qual não passará; mas para a língua de um povo que vive sem ser absorvido por outro, é impossível imaginar balizas.

A evolução, por felicidade um tanto lenta, permite formularem-se as regras da elocução correta e do uso que prevalece entre a gente educada durante um espaço de tempo mais ou menos longo. Escritores que se prezam não afrontam esse uso; não se animam a buscar, na variabilidade da linguagem, salvo-conduto para se exprimirem ao som de caprichos pessoais. Curvam-se, como convém, ante a prática geral dos seus contemporâneos, ao menos em tudo quanto se houver conservado fiel à tradição. Têm por dever resistir à tentação de adotar dizeres novos ou estrangeiros de que outros se sirvam só para condescender com a moda, quando é certo subsistir para todo o mundo a consciência de expressões vernáculas de sentido perfeitamente idêntico. Não descerão tampouco a utilizar-se de termos e frases plebéias que não são recebidas em boa sociedade, e evitarão, se preferirem ser entendidos a ser admirados, o emprego de arcaísmos e o acúmulo de vocábulos cujo sentido, por ocorrerem raramente, seja ininteligível à maioria dos leitores.

Para escrever corretamente e com elegância é preciso, além do mais, possuir o sentimento da língua e talento. A leitura, meditada e assídua, de obras modelares contribuirá para formar o hábito da expressão polida e educará o estilo.

O purismo encara a questão de outro modo. Não pesa devidamente os resultados do progresso e, infenso, por princípio, a inovações, procura, na suposta pureza do português de outros tempos, valores que as desalojem e substituam. Mas a lista das inovações e termos de procedência estrangeira que circulam incontestados, designando conceitos novos, é extraordinariamente longa; e o purismo entretanto, contra sua própria doutrina, é indulgente com essa produção, a seu ver parasitária, porque sabe quanto seria anacrônico ir buscar equivalências em ouro puro no gabado tesouro antigo.

Recomenda a escola reacionária aos que pretendem exprimir-se bem a lição e estudo aturado dos clássicos portugueses. Acrescenta todavia por cautela a deliciosa e razoável advertência que nem tudo quanto está nos clássicos é para se imitar. Singular modo de instruir:

vem o estudioso qual aprendiz bisonho e já se lhe atribui discernimento para separar do trigo o joio. Não há, excetuando os *Lusíadas*, e as obras de Sá de Miranda publicadas pela eminente investigadora Carolina Michaëlis, edições críticas das obras cujo estudo se recomenda; não se publicaram trabalhos sobre aquilo em que a lição dos mestres desaproveita; e se alguém,

sem tais subsídios, descobrir todas as falhas na linguagem de um escritor, é porque já de antemão conhece bem o idioma. Verdade é que muitos se contentam com a colheita de termos antiquados, retumbantes e pouco usados, cultivando assim mais o pedantismo do que a arte de bem exprimir-se.

Também não se apurou ainda o que se deva entender pelo termo "clássico". A julgar pela aplicação habitual, parece que se visa tão somente a feição linguística das obras publicadas desde o século XVI, mas não se marca o limite terminal desse período. Daí a noção confusa de que há de ser clássica a linguagem antiga de todos os nossos antepassados desde aquele tempo, linguagem de portugueses mortos, e que já não vem tão espontânea aos vivos do século atual. Dos escritores falecidos nestes últimos cinquenta anos, raríssimos – creio que não chega a meia dúzia – conseguiram ainda em vida ser contemplados entre os clássicos, uns pela linguagem notoriamente conservadora, outros por exibirem grande soma de expressões fora do comum e aparentemente antigas ou tomadas ao falar do povo de Portugal, que é tido como repositório fidedigno de velharias.

Apesar dessas considerações, o observador desprevenido não percebe como pôde haver menos escrúpulo quanto à seleção de escritores mais remotos e, por outra parte, como vieram figurar na mesma categoria Vieira e Camilo Castelo Branco, Camões e Filinto Elísio. Seria mais conveniente talvez reservar a denominação rigorosa de clássicos para os escritores de mentalidade possante que Portugal teve no século XVI e ainda no século XVII, representantes da sua renascença literária e fundadores da moderna linguagem culta. A este período esplêndido sucedeu outro, tristemente notável pela vazante intelectual, em que os escritores supriam a falta de ideias com palavras sonoras e estilo decorativo. Era o gosto barroco que se seguia ao da renascença. Poderíamos qualificá-los de pós-clássicos. E seriam neoclássicos aqueles autores de valia mais modernos que de novo se aproximam da língua e estilo de renascença.

Quanto ao primeiro destes três períodos, cumpre acautelar-nos contra a supersticiosa veneração dos mortos que não distingue entre vultos de primeira grandeza e autores de qualidade inferior. A mediocridade, como a erva má, vegeta em todos os tempos, e ao bom senso não basta o volver dos séculos para fazer a apoteose de medíocres.

Importa também notar que, já na fase da decadência clássica, vemos ainda sobressair uma ou outra figura grandiosa de antiga têmpera, como promontórios avançados em lagoa de estagnação geral.

Ao período áureo da pureza clássica não sucederia tão cedo o da corrupção da arte de bem dizer – assim explicavam críticos do século XVIII – se os literatos não se descuidassem de praticar os primores da língua e não caíssem no erro de lerem livros estrangeiros, especialmente franceses. Esqueciam-se os censores de que João de Barros no gênero histórico e Vieira no gênero oratório, ainda sem modelos anteriores em português clássico, se haviam elevado à altura de artistas da palavra e mestres da língua.

Os críticos não contavam com o talento e o gosto da época como fatores essenciais. E quanto às obras literárias em francês ou outro idioma, o seu estudo devia influir – isso vemos hoje – não para extinguir, mas para avivar as centelhas da aptidão inata. Porém aos epígonos impõe a sorte que produzam escritos de segunda ordem e sem cunho pessoal, quer se sustentem com primores estrangeiros, quer com os que lhes fornece a pátria. Um indivíduo pode ler continuadamente obras em francês, grego ou russo, e exprimir-se em sua própria língua como a média dos seus naturais. Filinto Elísio viveu longos anos em Paris, leu muitos livros franceses, traduziu vários e contudo ninguém mais do que ele combateu o emprego de galicismos, que entravam facilmente em Portugal.

Com todos os seus feitos, reais e supostos, foi mais lusitano em Paris que muito português daquele tempo em sua terra.

O que a princípio se chamou linguagem clássica abrangia uma complexidade de conceitos. Não se definiu o termo, mas entre os dotes que elevaram Barros, Camões e Vieira muito acima do vulgar, estão sem dúvida a clareza da linguagem, a nobreza da expressão, o emprego de vocábulos apropriados e de sentido acessível, e o sentimento de ordem harmonia e proporção. Os clássicos dizem muito com poucas palavras; ao passo que outros precisam de um exército de palavras para abrir caminho a um minguado número de ideias.

A pureza da linguagem teve a princípio por objeto evitar barbarismos, solecismos, arcaísmos, plebeísmos, assim como a adoção daqueles termos novos ou estranhos que fossem absolutamente desnecessários.

Introduziam-se termos *propter egestatem linguae et rerum novitatem*; e os que se adotavam por dar um tom elevado à linguagem ou com o só intuito decorativo, eram em todo o caso distribuídos habilmente pelo discurso, de modo a não fatigar a atenção do leitor nem desviá-lo do assunto principal.

Por essa disposição e pelo contexto percebia-se em geral sem dificuldade o sentido dessas expressões novas.

Veio porém no século XVIII a campanha exagerada contra o que o idioma vinha recebendo da civilização de França. Desorientaram-se então os críticos sobre a noção de classicismo e deram ao vocábulo "pureza" a estreita e absurda acepção de linguagem que se contenta e satisfaz, durante trezentos ou quatrocentos anos consecutivos, com elementos domésticos e vocabulário recebido dos escritores da renascença.

Deu-se assalto a uns poucos de galicismos grosseiros; mas ao mesmo tempo outros muitos, bem necessários, penetravam subrepticiamente na língua portuguesa. Cuidou-se poder dispensar novidades francesas; mas ressuscitavam-se arcaísmos, davam-se foros de nobreza a termos vulgares e plebeus e, pior do que tudo, fabricava-se, desmentindo portanto a noção de pureza, quantidade de compostos latino-portugueses, desnecessários, ininteligíveis e contrários à índole da língua. Abastecia-se o idioma à força. Era assim que se provava a pureza e a riqueza. Nem por isso vieram mais abundantes as ideias e mais puras, nem se fez mais enérgica a frase, nem o estilo mais elegante.

Mas a língua portuguesa, apesar das extravagâncias e caprichos de alguns, e das torturas que padeceu, continuou lentamente a progredir como dantes. (*Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5ª ed., págs. 185-201)

As línguas não somente vivem, também convivem. E, no espaço geográfico, entram em contato e se interinfluenciam. Historicamente, falam os linguistas em *substrato*, *superestrato* e *adstrato*. Temos substrato quando uma língua se impõe a outra pela força, mas acaba recebendo desta elementos que incorre ao seu acervo. Foi o que se deu, p. ex. (hipótese, contudo, que tem sofrido contestações) ou com *u* latino, pronunciado como *ü* (som intermediário entre *u* e *i*) em francês e provençal, evolução que teria sido devida ao céltico, língua do povo da Gália antiga subjugado pelos romanos, no qual se supõe ter existido tal pronúncia. Exemplo de superestrato poderemos buscar entre os povos germânicos, que, apesar de vencedores dos romanos pelas armas, tiveram de ceder sua língua ante a latina, de maior peso cultural; contudo não deixaram de imprimir na língua dos romanos alguns traços de sua fala, como o reforço de um *u* inicial por um *g* velar, pelo modelo do gótico *werra*, que passou ao português como *guerra*. Em relação aos árabes, com quem os hispanos conviveram durante sete séculos (711-1492), as relações foram mais propriamente de adstratos. O aporte de maior relevância foi o lexical. Lembremos a incorporação do artigo ala numerosas palavras arábicas: *alcorão*, *alfândega*, *alfinete*, *alfaiate*...

Neste artigo vamos limitar-nos aos estrangeirismos vocabulares, os mais comuns.

São considerados *vocábulos vernáculos* aqueles que pertencem ao período de formação da língua (séc. VI ao XV). Nesse período a primazia cabe à língua latina, a ponto de os idiomas que a têm por fonte, como o português, serem chamados *neolatinos*, novo latim. Há também que contar com a contribuição do grego, mas esse legado nos foi transmitido através do latim. O mesmo se pode dizer do hebraico, que está presente no latim cristão. Como se sabe, grego, latim, hebraico são as três línguas nobres da Antiguidade; as demais não passavam de "línguas bárbaras". No decorrer da Idade Média a elas veio juntar-se o árabe. Portanto todas as palavras de origem latina, grega, hebraica ou arábica, entradas na língua no período de sua formação, são havidas por vernáculas.

É certo que temos que contar também com os elementos provenientes das línguas dos povos que os romanos submeteram (elementos pré-romanos), como os substratos ibérico e céltico e mais tarde com o contributo germânico, trazido com a chamada "invasão dos bárbaros". Mas tudo afinal se integrou na corrente latina.

Nos tempos modernos, os contatos com as nações recém-criadas trouxeram-nos castelhanismos (séc. XVI e XVII), italianismos (séc. XVI), graças ao papel que desempenharam os italianos na fase renascentista, francesismos (séc. XVIII e XIX), estes com ascensão do Iluminismo, e, no séc. XX, assistimos ao declínio da influência francesa e paralelamente ao crescimento avassalador da cultura norte-americana, que se foi isolando como superpotência, após a derrocada do império soviético.

D. Carolina Michaëlis, em suas nutridas *Lições de Filologia Portuguesa*, deixou-nos isto escrito:

"Lembro rapidamente que temos dividido o *Vocabulário nacional* em três partes: a *latina*, a *não latina* e a peculiarmente *portuguesa*, e que começamos, por motivos práticos, com os elementos estrangeiros. Estes subdividi-os em cinco classes.

A primeira abrange aqueles elementos estrangeiros que os próprios romanos admitiam na sua fala: quer de origem oriental (egípcio, pérsico, hebraico, fenício), quer ocidental (grega, cartaginesa, céltica, ibérica). Eles são anteriores ao ano 500 ou à queda do Império.

A segunda classe consta de elementos de línguas faladas pelos conquistadores da península, posteriores ao domínio romano, isto é, por *germanos* e *árabes*. Abrange os séculos V ao XII (500 a 1200).

A terceira compõe-se de vocábulos provenientes de línguas faladas na Europa na Idade-Média, depois da constituição das diversas nações germânicas e dos idiomas neolatinos, por povos que estavam então em relações comerciais e literárias com Portugal: isto é, por verdadeiros irmãos como povo novo, espanhóis, provençais, franceses, italianos — mas também por homens do Norte (escandinavos, holandeses, ingleses). De 1209 a 1500."

Adiante, D. Carolina faz importante distinção entre *Lehnwörter* e *Fremdwörter*. Diz então:

"Há entre uns e outros [termos não latinos entrados na língua antes de 1500 e os entrados depois] uma diferença notável. Os medievais arraigaram. Estão inteiramente nacionalizados. São em regra produtivos. Conquanto nem todos sejam realmente populares, foram acolhidos e tratados como se nascessem em Portugal. São *Lehngut*, *Lehnwörter*, dições pedidas de empréstimo a outras nações estrangeiras, mas consideradas e empregadas (como acontece com quase todos os empréstimos) como se fazem capital indígena, propriedade plena dos portugueses."

E logo abaixo: "O *Lehnwort* é um estrangeirismo muito antigo, nacionalizado. O *Fremdwort* é um estrangeirismo relativamente moderno, que ainda não teve tempo de arraigar."

A ilustre romanista alude também a uma camada posterior a 1500, constituída de vozes "exóticas", provenientes da África, Ásia, América. Aí é que se incluem os tupinismos e africanismos incorporados ao português do Brasil.

Com base nessas distinções cronológicas, que refletem fatos históricos que entraram na formação da língua portuguesa, podemos ensaiar uma classificação genética dos vocábulos que integram o léxico do nosso idioma.

À primeira camada chamaremos a dos vocábulos *vernáculos*. A ela pertencem as palavras que entraram na constituição do acervo lexical lusitano, desde os primórdios latinos até o século XII, sejam pré-romanos, latinos, germanos ou árabes. A segunda compreende os vocábulos tomados de "empréstimo" aos povos de outras nações feitas independentes na Baixa Idade Média, como espanhóis, franceses, italianos, holandeses. Estes já são *estrangeirismos*, mas vernaculizados ou naturalizados, por assim dizer. Os estrangeirismos propriamente ditos, virão depois de 1500, quando cada país já dispõe da sua língua nacional e quando se intensificam os contatos culturais. Aqui já é melhor falar em "aportuguesamento" do que em vernaculização. Não se deve esquecer que os estrangeirismos, assim que surgem, são

neologismos. E, como qualquer neologismo podem vingar, ou não. Na fase inicial, ainda são sentidos como corpo estranho no idioma, *Fremdwörter*. Se vingam, passam a *Lehnwörter*. Cabe ainda distinguir entre estrangeirismo e palavra estrangeira. Estrangeirismo é a palavra estrangeira que procura acomodar-se ao gênio da língua para onde emigrou (na pronúncia, na feição gramatical). Assim *basquete* (ing. *Basket*) é um estrangeirismo; já *marketing* é uma palavra estrangeira.

Fizemos algumas considerações de ordem geral sobre a questão dos estrangeirismos na língua portuguesa; agora iremos particularizar o problema, buscando distinguir entre os diferentes tipos de estrangeirismos, ou seja, entre estrangeirismos e estrangeirismos.

A primeira oposição que encontramos é naturalmente entre estrangeirismos e não estrangeirismos. O tema, como se vê, não é de linguística interna e sim de lingüística externa, vale dizer, não se trata de estudos de fenômenos no interior de uma mesma língua e sim de língua a língua. Por isso, nesse capítulo, o fenômeno linguístico anda *pari passu* com o fator histórico.

Historicamente toda periodização é tríplice e não dúplice, como quer fazer crer o mecanicismo dialético. Se a natureza não dá saltos, muito menos a história; há, pois, sempre uma fase de transição.

Com base em lições de Leite de Vasconcelos, podemos dividir a história da língua portuguesa em dois períodos fundamentais: o *histórico* e o *pré-histórico* (ou *ante-histórico*). O período pré-histórico é o de *formação da língua*, isto é, aquele em que a língua portuguesa está sendo gestada e, portanto, ainda não existe como tal. Esse período vai desde os primórdios (sempre perdido na noite dos tempos) até o séc. IX. Por que o século nono? Porque a partir do séc. IX já temos fontes indiretas da existência da língua portuguesa. Não era ainda escrita; o que se escrevia ainda era latim, que, quando *literário*, veio a chamar-se "baixo latim". Mas o conhecimento desse baixo latim era próprio dos doutos, dos "clérigos", dos homens cultos do Medievo. Havia, contudo, uma classe de alfabetizados de meia-cultura, que eram empregados na escritura de textos notariais, ou seja, os escrivães (e não "escritores"), encarregados da redação de textos cartoriais. O latim que praticavam já sofria muito o influxo da língua falada, era, no dizer de Leite de Vasconcelos, "um latim não só estropiado, mas mesclado de palavras e expressões da língua falada". Passou à história como "latim bárbaro". E, se o texto pertencia a uma região onde se estava a forjar o português, caso uma palavra portuguesa ocorresse num texto havido como latino, então teríamos

prova indireta de que já se falava aí, pelo menos em estado nascente, a língua portuguesa. A essa fase da história do idioma Leite de Vasconcelos denominou português *proto-histórico*. E a fase intermediária: já não é latim, mas ainda não existe inteiramente como língua o português. Esse período vai até o séc. XIII, quando já se tem documentação *direta*, ou seja, escrita em português. Os textos mais antigos são o *Testamento de Afonso 11 e a Notícia de Torto*, ambos datáveis de 1214. Como texto literário, aquele a que se tem atribuído época mais antiga é uma *cantiga de amor*, conhecida como *cantiga da garvaia*, à qual D. Carolina Michaëlis chegou a datar de 1 189, mas que atualmente se julga posterior a 1200. O autor é desconhecido, contudo há tendência em favor de Paio Soares de Taveirós.

Do séc. XIII em diante entramos no período do *português histórico*, aquele do qual já temos documentação direta. Subdivide-se em duas fases, a do *português arcaico* e a do *português moderno*; tem-se dado como demarcação entre essas fases o ano de 1572, data da publicação de *Os Lusíadas*. Há, porém, que contar um período de transição, que podemos colocar entre a segunda metade do séc. XV e a primeira do séc. XVI. Ivo Castro, *Curso de História da Língua Portuguesa*, p. 174, admite um *português médio*, que vai do reinado de D. João (1365-1433) até "meados" do séc. XVI. Esses meados parece que os autores do referido *Curso* se definiram pelo ano de 1536, data da publicação da *Grammatica da Linguagem Portuguesa*, de Fernão d'Oliveira. É o que faz Rita Marquilhas, na parte dedicada ao *Português Clássico*, do citado *Curso*. Podemos, pois, arredondando as datas, situar o *português médio* (transição entre o português arcaico e o moderno) entre 1480 e 1536.

Temos assim a seguinte primeira grande divisão: *período de formação e período de desenvolvimento*. O primeiro vai das origens até o séc. XII (inclui, portanto, os períodos pré-histórico e proto-histórico). O período seguinte, o *histórico*, subdivide-se em *fase arcaica e fase moderna.* A data que as separa é tradicionalmente 1572, data da publicação da edição *princeps* de *Os Lusíadas*. Rita Marquilhas e Ivo Castro, porém, optaram por 1536, ano da publicação da *Grammatica*, de Fernão d'Oliveira. Meados do séc. XVI...

D. Carolina Michaëlis admitiu a entrada na língua portuguesa do que poderíamos chamar os mais antigos "empréstimos" ao léxico tradicional, de língua no período entre 1200 e 1500. Trata-se de palavras entradas na língua, "depois da constituição dos diversos romanços", provenientes de "povos

que então estavam em relações diretas (...) com Portugal" como espanhóis, provençais, franceses e italianos.

Depois de 1500, firmadas as monarquias nacionais, cada Estado adota uma língua oficial, que vai ser a portuguesa, a espanhola (castelhana), a francesa. Na Espanha, Nebrija publica a sua *Gramatica de la Lengua Castellana*, em 1492; em 1531, Jacques Dubois dá aos prelos, em latim, a sua *In linguam gallicam isagoge* (Introdução à língua de Gália); em 1536 sai a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, do nosso Fernão d'Oliveira, seguida, em 1540, da *Grammatica da Lingua Portuguesa*, de João de Barros. A partir desse momento, os elementos lexicais entrados na língua provindos de outros idiomas são chamados genericamente "empréstimos", que se irão incorporando progressivamente, ou não, ao patrimônio vocabular vernáculo.

Aquisições novas — Estrangeirismos

M. Said Ali

Michel Bréal, ao escrever o capítulo sobre aquisições, quis mostrar o erro daqueles linguistas que tratavam da evolução gramatical como se a linguagem padecesse continuamente perdas sem compensação alguma. "A história das perdas tem sido feita muitas vezes; a das aquisições está por fazer. Vamos enumerar algumas".

E faz o histórico do infinitivo, do passivo, de certos sufixos adverbiais, chegando à conclusão que nas próprias formas gramaticais se encontram ganhos tardiamente obtidos pelas línguas indo-europeias. Bréal destrói com estes argumentos a opinião errônea que ameaçava tornar-se geralmente aceita.

A denominação "aquisições novas" é, no entanto, perfeitamente aplicável nos ganhos de outra espécie. São aquisições as novas maneiras de dizer que se fixam no idioma e os termos que nele se implantam tomados de língua estrangeira. Ocupemo-nos aqui de algumas destas aquisições vindas de fora.

O enriquecimento trazido ao vocabulário pela língua tupi tem sido objeto de estudo de ilustres patrícios nossos; a contribuição do árabe e das línguas asianas mereceu a atenção de notáveis pesquisadores lusitanos. Pouco se repara na influência das línguas européias, excetuando o francês, cujo efeito quase sempre se tem por maléfico, ao passo que com bom rosto, ou com indiferença, se veem os demais estrangeirismos.

A atitude hostil, e não raro exagerada, contra os vocábulos que chegam por via francesa deve-se à reação purista de alguns escritores de fins do

século XVIII e princípios do século XIX, impressionados com o gosto que se vinha tomando pelo falar do civilizado povo d'além-Pirineus. Termos franceses sem necessidade alguma se iam já substituindo a expressões usadas desde tempos imemoriais.

Affaire, *dessert* e outros dizeres do mesmo tomo seriam, me parece, antes do paladar da tafularia que do público em geral; porém a moda passou, e passaria ainda quando não os expusesse ao pelourinho a indignação purista.

Muitas das inovações ficaram; umas, a crítica conseguiu que fossem evitadas por alguns escritores, outras não sofreram abalo. Ninguém hoje perde tempo em pregar sermões para expurgar a língua de *população*, *jornal*, *córte*, etc.

Sentenças curiosas se lavraram sobre o emprego de certos vocábulos. Que quer dizer aquele arrazoado de Fr. Francisco de S. Luís a propósito do verbo *progredir*? "Vocábulo trazido de novo à nossa língua é imitação dos franceses, que também o tomaram do latim *progredi*. Significa *continuar*, *ir por diante*, *fazer progresso*, *ir avante*. Não o julgamos de absoluta necessidade. Contudo na Carta Régia de 7 de março de l8l0 já vem o termo progredir".

Quanto ao destino a dar ao vocábulo, falou como a sibila de Cuma. Se o fato de *já* vir o termo *progredir* na Carta Régia é razão bastante para o tornar aceitável, como parece indicar a adversativa "contudo", então *tollitur questio*.

Que se deve entender por "franceses, que também o tomaram do latim *progredi*"?

Esta informação é, aliás, errônea. O que em francês há é simplesmente *progresser,* tirado de *progrès*. Mas o português não imitou o francês: não derivou de *progresso*, *progressar*. Foi diretamente ao infinitivo latino, de que formou *progredir* por analogia de *seguir* do infinitivo *sequi*.

Nunca se negou ao nosso idioma o direito de recorrer à língua-mãe; mas daquele "também" referido a igual procedimento dos franceses, depreende-se que toda a vez que eles fizeram o mesmo que nós fazemos, fica a atmosfera infeccionada e prejudicada a pureza do vocábulo que íamos juntar ao nosso vocabulário.

Sentenciar não custa; mas para quem encara os fenômenos da linguagem como a ciência pede, a questão dos galicismos não consiste em julgar se são ou não são desnecessários. Melhor juiz não pode haver do que a própria linguagem quando se apodera das novas expressões e delas se utiliza a todo

o instante, e nunca mais as abandona, por muito que contra tal uso ou abuso brandem os zeladores da tradição antiga.

Aí, será mister próprio de filólogo fazer a anatomia das causas que determinam a resistência. Não raro nos enganamos quando supomos que certas palavras e frases portuguesas são capazes de exprimir rigorosamente aquilo que se enuncia pelo vocábulo de origem estrangeira. No caso de *progredir*— dado que se tratasse de galicismo — a afirmação "significa *continuar*" aponta como um dos remédios cousa que não se levará muito a sério. Sobre as sinonímias *ir por diante*,*fazer progresso*, etc., tem o verbo *progredir,* quando menos, a grande vantagem da concisão.

A linguística, como hoje se estuda, é ciência muito nova. O cardeal Saraiva e os demais puristas do seu tempo tinham ideias errôneas e confusas sobre a história do idioma. Imaginavam que a língua de Camões e Vieira fosse cousa perfeita, pura, inalterável. Acreditavam que os clássicos não introduziriam galicismos na língua em que escreviam. E eram, de fato, incapazes de o fazer; pois desconheciam em geral o francês; mas aceitavam sem discutir — para o que lhes faltava a competência — os galicismos e outros estrangeirismos que por ventura já eram correntes no idioma. (*Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, 1ª ed., págs. 119-122)

O pior dos estrangeirismos

Já houve uma época em que estudioso imaginavam poder existir uma língua "pura", isto é, sem a invasão e intromissão de termos, expressões e construções de outras línguas. Depois, os estudiosos mais bem dotados de informações científicas e de maior conhecimento da história das comunidades humanas e de seus idiomas, chegaram à conclusão de que não havia línguas puras, já que elas acompanham e espelham a história dos homens que as falam. O contacto permanente dos povos no domínio comercial, artístico, científico e político transforma-se num grande corredor de empréstimos que não se devolvem, a não ser com outros empréstimos.

Tornaram-se clássicos os estudos que procuraram mostrar o esforço dos romanos na adaptação dos termos e conceitos gregos que os filósofos, cientistas e artistas da Hélade impuseram aos intelectuais de Roma. É pelo corredor das ciências e das artes que os empréstimos se impõem.

Muitas vezes, a reação dos puristas contra estrangeirismos é o reflexo de ódios, rancores e desagravos que nasceram no campo político e que se desdobraram em outras reações até chegarem ao domínio da língua. Bréal nos ensina isso no seu *Ensaio de Semântica* e, antes dele, já o intuíra o nosso José de Alencar, para justificar a perseguição que os portugueses, principalmente os puristas, moviam contra a entrada e curso de francesismos em nosso idioma. É a mesma reação que já existiu entre os gregos em relação às palavras turcas, ou entre os franceses, em relação aos termos alemães.

O século XVIII e, principalmente, o XIX marcam o apogeu cultural da língua francesa, em quase todas as atividades culturais e científicas de Portugal e do Brasil. Respirava-se tão intensamente a atmosfera cultural da França, que era necessária e providencial a ação de patriotas que procuravam mostrar e inculcar os sucedâneos de boa cepa nacional e vernácula.

Recente artigo do Dr. Antônio Gomes da Costa pôs à luz do dia o exagero da utilização dos termos estrangeiros, hoje quase essencialmente ingleses " por influência americana ", a ponto de preocupar alguns representantes do povo nas casas do Congresso.

Hoje a invasão das expressões de língua inglesa tem um sentido muito mais preocupante do que ontem, porque revela um corredor muito mais estreito e desairoso, para não dizer vergonhoso. Ontem e sempre, a invasão vinha impulsionada pelo contacto cultural e artístico, que não desmerecia os valores da prata de casa, porque se limitava ao campo superior das interinfluências das nações.

Desde cedo, os escritores e os homens de cultura entre nós compreenderam que o melhor caminho era, como declarou João Ribeiro, insuspeito nesses assuntos de brasilidade, que a "nossa" língua é "essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada, e livre nos seus próprios movimentos" (*A Língua Nacional*, 2ª ed., 1933, pág. 262).

O idioma, para um povo, é o traço fundamental e profundo da sua história. E é isto que devem entender essas pessoas. Gaston Paris (1835- 1903), um dos mais notáveis filólogos que a França já teve, escreveu que "*pour un peuple changer de langue, c'est presque changer d'âme*" (*La litératurefrançaise au Moyen Âge*, 3ª éd., Paris, 1905, pág. 12) ["para um povo mudar de língua é quase igual a trocar de alma"].

Recentemente, a Companhia das Letras traduziu e editou o importante e documentado livro do filólogo alemão Vítor Klemperer (1881- 1960), intitulado *Os diários de Victor Klemperer* " *Testemunho de um judeu na Alemanha nazista* (São Paulo, 1999). Do mesmo Klemperer saiu, em 1947, mas datado do Natal de 1946, infelizmente não traduzido, LTI [*Lingua Tertii Imperii*, *Língua do 3° Reich*] *Notizbuch eines Philologen*. O título é uma paródia à mania das siglas do regime nazista, em que estuda os traços linguísticos, especialmente os lexicais, do regime político hitlerista. A edição que possuímos, de 1949 (Aufbau-Verlag Berlin) começou com a afirmação do filósofo, teólogo e pedagogo Franz

Rosenzweig (1886-1926) "Sprache ist mehr als Blut" [O idioma é mais do que sangue].

Hoje o fator impulsionador é o esnobismo, a imaturidade, a inconsciência da cidadania, que vê, no termo ou expressão estrangeira, o esforço de marcar a superioridade do outro em detrimento e menosprezo do nacional. E o traço, aparentemente inocente, da falência da cidadania, que não mede a distância de chamar *mouse* ao que seria *rato* ou *ratinho* e dar nomes estrangeiros, como ultimamente foi divulgado pela imprensa, a ruas de favelas do Rio (Hide Park), de títulos de prédios residenciais e comerciais. Chamar a um edifício *Green Park* parece mais elegante ou enganador do que outra denominação com a prata da casa. Faltou aqui bom senso e bom gosto que sobraram a quem a prédio recém-construído no Rio de Janeiro deu o nome de *Varandas de Olinda*.

Terão, por ventura, pudor em servir-se do patrimônio português, indígena e africano, que estão mais próximos de nosso passado e de nossa tradição. Isto sem contar com o acervo de outras nacionalidades (italianos, franceses, árabes, judeus, alemães, por exemplo) que ajudaram os brasileiros a construir esta nação.

Não se trata, pois, de caso de purismo linguístico, mas de grande descaso do país como nação, como instituição, em suma, de grande descaso de cidadania.

Dos estrangeirismos chegados a nós pela cultura e pela tecnologia podem o estudo e a educação pôr limites ao exagero indesejável; aos estrangeirismos criados pelo esnobismo e infantilidade, só a vergonha lhes pode dar remédio.

Neste sentido, é oportuno e louvável qualquer medida legal que ponha cobro a essa pletora de estrangeirismos que não nos chegam pela via do progresso cultural, artístico e tecnológico. Esse é o pior tipo dos estrangeirismos, porque denuncia a falência do amor da pátria pela exaltação da superioridade do outro povo. Forcejemo-nos por fugir da pecha de "macaquitos". Só assim se constrói um País e se instaura uma Nação.

A gramática dos termos estrangeiros no português

Já está longe a época em que se supunha que um termo estrangeiro introduzido no português iria macular-lhe a pureza ou iria constituir um perigoso inimigo, pronto para quebrantar-lhe os dotes expressivos e a vitalidade. Hoje o estrangeirismo é visto como o resultado do intercâmbio cultural e comercial de nações, em que umas passam a outras o prestígio do seu saber científico e artístico ou da sua pujança industrial. Como diz com muita propriedade Said Ali, são empréstimos "que nunca se restituem; dívidas que jamais se resgatam, salvo com outro empréstimo. Na linguagem faz-se isto sem cerimônia. Não se propõe nem se pede. Tira-se" (*Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5ª ed., p. 187).

A adoção de um estrangeirismo abre diversas maneiras de sua assimilação ao léxico da língua que o recebe; essa assimilação pode levar o novo termo a adaptar-se integralmente ao sistema fonético e gramatical do idioma, como ocorreu com o francês *abatjour* / port. *abajur*, como o inglês *beef* / port. *bife* e os plurais *abajures* e *bifes*. Em algumas épocas e por circunstâncias culturais e históricas, o estrangeirismo pode lado a lado continuar com sua vestimenta nativa ou adaptar-se à nova língua, como ocorre com *maillot* e *maiô*, por exemplo. Outras vezes, a adaptação é parcial, por guardar vestígio da língua de origem; é o caso do inglês *Pall Mall*, importado do francês, que se pronuncia /*pél mél.*

Os estrangeirismos que se curvam ao sistema fonético e gramatical do novo idioma não oferecem problemas e, por isso, deles não nos ocuparemos

aqui. Todavia aqueles que passam a outras línguas ou são citados nestas com sua forma primitiva devem regular-se fonética e gramaticalmente pelas normas do idioma a que pertencem. É o caso, por exemplo, especialmente em linguagem e textos técnicos, dos latinismos *memorandum*, *curriculum*, cujos plurais serão à latina *memoranda*, *curricula*; poder-se-á optar, e na linguagem comum seria preferível, pelas adaptações ao vernáculo *memorando* e *currículo*, cujos plurais serão naturalmente *memorandos* e *currículos*.

Campus, tão usado no jargão universitário, terá, como plural, *campi*: o *campus*, os *campi*. Outros vocábulos comuns desse jargão: o grego *topos*, cujo plural é *topoi*, e o latino *corpus*, cujo plural é *corpora*, os *corpora* (proparoxítono).

Usado também em português é o alemão *lied*, substantivo masculino, *lide*/*lid/*, cujo plural se deve regular pela língua originária: os *lieder*. Algumas vezes foge-se a este princípio e se pluraliza à portuguesa *lieds*, como fez José Lins do Rego neste lanço de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular". Depois, em *Poesia e Vida* (1945) o mesmo escritor trilhou a boa tradição do nosso idioma, que é, em casos tais, respeitar a gramática da língua estrangeira originária: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor" (...).

Leitmotiv (pron. *laitmotif*), masculino singular, deve fazer o plural *leitmotive*, pela prata da casa alemã.

Não é só a pluralização que há de chamar a nossa atenção no tocante aos nomes estrangeiros: especial cuidado há de merecer o gênero gramatical. Consoante a regra geral adotada pelas principais línguas de cultura, já referida aqui, o masculino, na língua de origem, continua masculino na língua que recebe o estrangeiro; assim também com o feminino. Os neutros originários, no caso de adotados em português, passam a masculinos. O uso entre as pessoas de cultura é soberano, e, por isso, explica algumas exceções. É o caso de *errata*, neutro plural latino, considerado hoje feminino singular no português. Aurélio parece colocar no mesmo uso *addenda* e *corrigenda* como singulares; mas a vestimenta do primeiro com dois *dd* e o ar técnico de ambos, pediriam melhor o tratamento como plurais, se não quiséssemos, quanto ao primeiro, aportuguesar para *adenda*, este sim, singular e feminino. Também *appendix*, feminino na língua de Cícero e que no português, na língua comum, é empregado no masculino. O título de um pequeno trabalho gramatical *Appendix Probi*

tem sido usado no masculino, em obras de nossos romanistas (Serafim da Silva Neto, Theodoro Maurer) e como feminino (Sílvio Elia).

Confetti já é italiano como plural de *confetto*, mas foi aportuguesado no singular *confete* (adaptação de *confetti*) e tem, como plural, *confetes*. Em Portugal usou-se a forma plural errônea *confétis*, felizmente suplantada por *confetes*; aquele seria um plural com *s* sobre um plural italiano.

Outro exemplo é o alemão *blitz* ("investida rápida sobre alguém ou alguma coisa"), redução de *Blitzkrieg*, "guerra ou investida relâmpago", masculino em alemão e em línguas que o adotaram, como o italiano. No português, porém, o termo *blitz* fixou-se no feminino: a *blitz*. O *Manual de Redação e Estilo* de *O Globo* recomenda o plural *blitzes*, que é uma incoerência em relação a outras recomendações dessa mesma obra. Deveria o plural regular-se pelo alemão *blitze*, se optarmos pela grafia *blitz*. A nossa linguagem jornalística se tem apresentado como campeã na defesa dos direitos humanos e da luta pela identidade dos povos; em matéria de linguagem, todavia, deixa arrastar os seus andrajos subservientes ao peso do prestígio do inglês, máxime da América. A inteireza da nacionalidade começa pela defesa da língua materna, patrimônio de todos os cidadãos. No capítulo desses manuais jornalísticos dedicados aos termos de outros idiomas há de se fazer alguma revisão de doutrina.

Um grande mestre da Filologia Portuguesa, Leite de Vasconcelos, pôs a nu certo ensinamento de Cândido de Figueiredo, a respeito desta matéria. Respondendo a alguém que, tendo de citar denominações de árvores em latim, não sabia como proceder, se o *quercus*, o *pinus*, os *quercus* ou a *quercus*, as *quercus*, já que tais substantivos em latim são femininos, assim prelecionou Cândido de Figueiredo:

"O processo mais seguro, a meu ver, é o dos que dizem (...) o *quercus alba,* o *pinus pinea* (...) a concordância não é aparente, é latente (...) *o* não concorda com *quercus* ou *pinus*, mas com outra palavra, que se subentende: o *quercus alba* quer dizer" o *carvalho*, que a botânica chama *quercus alba*: o *pinus pinea* quer dizer "o *pinheiro*, que se conhece em botânica pelo nome de *pinus pinea."*

Com esta lição não concordou José Leite de Vasconcelos:

"Mas, objeto eu: e se, em vez de se traduzir *quercus* por "carvalho", se traduzisse por "carvalha", que é que se subentende! Melhor é pois dizermos com a concordância latina a *quercus*, a *pinus*, do mesmo modo que dizemos *os Portugaliae Monumenta Historica*. A regularmo-nos pela regra do autor

(...), como é que havíamos de tratar a última expressão? Empregar *a*, subentendendo obra ou empregar *o*, subentendendo "trabalho"? Veem-se as incongruências. Vale mais seguir uma regra geral.

Se há muitos nomes de plantas que se traduzem por nomes masculinos, como *buxus* "buxo", ou por masculino e feminino, como *quercus* "carvalho" e "carvalha", há outros que só se traduzem por femininos, como *malus* "macieira" ou "maceira". Segundo o preceito do articulista, tem de se dizer o *malus*; como porém "macieira" é feminino, com quem há de concordar *o*? (*Lições de Filologia Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, p. 20l -202).

O ensinamento de Leite de Vasconcelos atira-nos a atenção para os plurais neutros latinos terminados em *a*, que podem levar os poucos iniciados no idioma de Cícero a supor que se trata de nomes femininos. Como não temos em português o gênero neutro, senão vestígios, os substantivos desse tipo " nas línguas que conhecem, como o latim, o grego, o alemão, o inglês, por exemplo " devem ser tratados como se do masculino fossem. Já vimos *os corpora*, *os memoranda*; agora o mestre lusitano traz à baila os *Monumenta Portugaliae Historica*; lembramos aqui os *Acta Universitatis Conimbrigensis* e o *Flos Sanctorum*.

Há também neste domínio os chamados "falsos inimigos", isto é, palavras estrangeiras aparentadas às portuguesas, que não só têm significado diferente, senão ainda gênero distinto. Assim é que na mesma lição, Leite de Vasconcelos lembra o caso do francês *étude, banque* e *annales*, respectivamente, em português *estudo, banco* e *anais*, estes masculinos entre nós e femininos na língua de Racine. Daí, termos de dizer *as Études et glanures de Littré* (filósofo e filólogo francês), *a Banque de France* e *as Annales maritimes et coloniales*, se não quisermos, para fugir às fatais ciladas linguísticas, contornar as dúvidas naturais por meio de circunlóquios do tipo "o livro de Littré que se intitula *Études et glanures*" ou, sem artigo, Em *Études et glanures*, entre outras soluções.

Rui Barbosa, que foi, como sabemos, um estrênuo batalhador da boa vernaculidade, deixou-se levar por esses falsos amigos, curiosamente citando o mesmo livro de Emílio Littré atrás lembrado, numa página da *Réplica*, obra em que defende a boa vernaculidade no Código Civil Brasileiro: Nem ao menos aqueles neologismos tinham por si a prescrição adquisitiva, essa prescrição de que nos falava Littré nos seus *Études et glanures* (p. 573 da 1ª ed. ou p. 401 do vol. 11 na ed. do Padre Augusto Magne, Casa de Rui Barbosa, 1953).

Está muito longe da verdade quem supõe que tais problemas só existem no português e na cabeça dos que nada têm que fazer nesta vida. Lá fora não é outra a preocupação dos que estudam seriamente seu idioma. É o caso, por exemplo, de dois excelentes mestres universitários italianos de renome internacional, Giorgio Pasquali, notável filólogo clássico, já falecido, e Tristano BoleIli, filólogo e linguista, catedrático na Universidade de Pisa, que se têm preocupado em mostrar aos falantes da língua de Dante o melhor modo de proceder e, diga-se a bem da verdade, suas lições não diferem da nossa tradição, ressalvados, naturalmente, os casos em que um idioma se diferencia do outro, como é a questão do plural de nomes ingleses com *s* final (*films, clubs, leaders*, etc.), morfema que o italiano não conhece com função de pluralizador (Bolelli, nos seus livros dirigidos ao grande público da Itália, recomenda deixar invariável o substantivo inglês e só indicar a flexão numérica por meio do artigo: *il bar, i bar*, à semelhança do que já se faz, vernaculamente, com *il vaglia, i vaglia, la tesi, le tesi*).

A questão se complica se se trata de línguas cujo conhecimento ou estudo é mais raro na comunidade; é o caso, por exemplo, do alemão. Quando isso acontece, a regra do usuário não conhecedor desse idioma é orientar-se pela analogia, isto é, pelas particularidades gramaticais do correspondente vernáculo. Assim é que Giorgio Pasquali (*Conversazioni sulla Nostra Lingua, Torino*, Edizioni Radio Italiana, 1953 e *Lingua Nuova e Antiqua*, Firenze, Le Monnier, 1964) condena a prática de empregarem os jornais italianos La Ballplatz ou il Postdamer Brücke, porque se diz no seu idioma *la piazza* (feminino) e *il ponte* (masculino), quando no alemão, *Platz* é do gênero masculino e *Brücke*, feminino.

Manda o bom senso que os profissionais que lidam com títulos estrangeiros atentem para a prática dos que conhecem tais idiomas ou, na falta do exemplo para dar regra e compasso da boa norma, que consultem os manuais de gramática e dicionários compostos exatamente para serem consultados. Nos estudos de língua e de filologia portuguesa são muitos os lusitanistas e brasilianistas que escreveram em seus idiomas; de modo que devemos estar atentos às suas gramáticas para dizer corretamente, à latina *as Leges et Consuetudines*, *os Diplomata et Chartae*, *o Corpus Inscriptionum Latinarurn*; à francesa, *os Mélanges, a Esquisse*; à castelhana, *o Homenaje*, *os Orígenes*; à alemã, *os Abhandlungen*, *os Bausteine*, *o Sprachschatz, os Jharesberichte, os Studien, as Randglossen, o Beitrag, a Zeitschrift*, e tantos outros.

O inglês, com seu artigo definido imobilizado *the*, indistinto à flexão de gênero e número, não fica atrás em dificuldades para o falante cuja língua " como o português " ostenta formas diferentes para tais flexões: *o, a, os, as*. Nessa língua *ship* "navio" contraria o paradigma inanimado dos neutros para ser tratado como um nome feminino. O termo técnico de fonética, *glide* (pron. *glaid*), que aí serve a mais de uma aplicação, é masculino, o *glide*, plural os *glides*, e não feminino, como às vezes usam certos professores menos informados.

Outras palavras inglesas às vezes correm no português com sua vestimenta nativa, e devemos, por isso, obedecer às regras de plural de sua gramática; assim *lady* (pron. *leidi*) faz *ladies, penny* faz *pennies* ou *pence*, *dandy* faz *dandies* e *sportsman* faz *sportsmen*.

Em literatura, principalmente, fala-se numa composição poética medieval conhecida pelo nome de *lai* que o francês (*lai*) tomou do celta. Podem-se usar como sinônimos tanto o singular *lai* como o plural *lais*; esta última forma parece que se fixou como se fora singular: *o lais*. Dessarte, *lais* pode ser um vocábulo cuja forma não tem compromisso com a flexão de número, conforme acontece com *lápis* e *pires*: o *lápis*, os *lápis*. O plural *laises*, formado em conformidade com o singular *lais*, apontado como se fosse lição de Gonçalves Viana (ensinamento que assim não interpreto, porque suponho que *laises* é o plural de *lais*, termo náutico que se aplica a cada uma das extremidades da verga), o plural *laises*, repito, como denominação plural da composição poética, não é frequente. Se for usado, pode-se explicar como plural duplicado, à semelhança do que fazemos com *ilhoses* e *filhoses*, plurais dos já plurais *ilhós* e *filhós*.

Para terminar estas considerações em tom alegre, lembro que a conhecida festa denominada *Oktoberfest*, presença germânica no Brasil, pertence ao gênero neutro em alemão e, em português, deve seguir a regra de os neutros estrangeiros serem tratados por masculinos entre nós; portanto, o *Oktoberfest*, e não a *Oktoberfest.*

A dimensão do texto e o ponto e vírgula

Não anda bem quem imagina que o ensino e o aprendizado de uma língua se limitam ao conhecimento idiomático, refletido na obediência a regras da gramática. A competência lingüística integral pressupõe três ordens de saberes que se distinguem nitidamente, mas que aparecem na atividade comunicativa interligados.

O primeiro saber é o *elocutivo*, que diz respeito ao falar em geral — e não falar uma língua determinada —, que compreende as regras elementares do pensar e, consequentemente, o saber sobre as coisas existentes no mundo extralinguístico, no mundo em que falante e ouvinte estão inseridos.

Já os lógicos, discutindo as relações de dependência e independência entre língua e pensamento, apresentavam exemplos do tipo "A mesa quadrada é redonda" ou "Os cinco continentes são quatro, Europa, Ásia e África", ou, ainda, segundo o nosso compositor popular "Tudo certo como dois e dois são cinco".

Em "A mesa quadrada é redonda", por exemplo, não se tem um erro idiomático, um erro de gramática, mas sim uma expressão que reflete, por incongruência ou incoerência, um desvio do saber pensar e do conhecimento do mundo, porque sabemos que um objeto "redondo" não é "quadrado".

Gramaticalmente, todavia, a oração está perfeita, porque reflete as normas de relação entre os termos da oração, quer na sua ordenação, quer na concordância do verbo com seu sujeito, quer na construção do verbo *ser*.

Se entendermos corretamente o que nos quer dizer o compositor com "Tudo certo, como dois e dois são cinco", é porque conhecemos o processo de anulação metafórica, que nos leva a entender o verdadeiro valor do enunciado: nada está certo, como dois e dois não são cinco.

Também graças ao saber elocutivo é que entendemos perfeitamente a diferença em que se acha empregado o adjetivo *limpas* nos enunciados "Uma criança de mãos limpas" e "Um político de mãos limpas". Porque conhecemos o que é e o que pode ser uma criança, e o que é e o que pode ser um político, entendemos que as "mãos limpas" de uma criança aludem aos hábitos de higiene, e as "mãos limpas" de um político aludem ao seu compromisso de servir com honestidade o cargo público para o qual fora eleito.

E o nosso saber sobre o mundo que nos permite compreender perfeitamente expressões metafóricas correntes no falar do dia a dia, contra as quais, sem razão, se voltava Voltaire, ao considerar uma "esterilidade ridícula" e uma "indigência do espírito" o emprego de expressões como "*um braço* de mar", "*um braço* da balança", "*um braço* da cadeira".

Os nossos bons *Manuais de estilo* arrolam englobadamente como "qualidades de estilo": *correção*, *concisão*, *clareza*, *harmonia*, *originalidade* e *vigor*, como faz, por exemplo, o saudoso e competente catedrático do Colégio Pedro 11, José Oiticica. *Correção* é qualidade na dimensão da língua, no saber *idiomático*, tanto que a define como "a equilibrada observância da tradição gramatical dos mestres da língua".

A *clareza* já pertence à dimensão do saber elocutivo, já que *claro* é ou deve ser o pensar a ser expresso mediante a língua. Por isso, como já lembraram Eugenio Coseriu na excelente obra *Competencia Lingüística* (Madrid, Gredos, 1992) e Harald Weinrich (*Wege der Sprachkultur*, Stuttgart, DVA, 1985, no ensaio sobre a "clarté" da língua francesa e a clareza dos franceses) a declaração de Rivarol — que ganhou mundo e ainda é citada com o mesmo orgulho patriótico — de que *Ce qui n'est pas clair n' est pas français* ("O que não é claro não é francês"), resulta de um mal-entendido, pois que o que é claro é o falar, e não a língua francesa; os franceses, graças a uma tradição do falar em francês que o ensino escolar procura preservar, esforçam-se por falar com mais clareza possível. Só que isso não é uma característica da língua francesa.

Já são características da construção do discurso — refletido materialmente no texto —, do saber *expressivo*, as qualidades de estilo conhecidas por

concisão, *harmonia*, *originalidade* e *vigor*. Estas não são nem qualidades do falar nem da língua.

Tais distinções das dimensões da linguagem (o falar, a língua e o discurso/texto) são sumamente importantes, para que não se atribuam características e qualidades de uma a outras, como atribuir "significados" a determinado procedimento que não os tem como tal. Um exemplo cremos que pode bem elucidar a necessidade e importância destas distinções. Todos estamos lembrados da discussão travada na política e na imprensa em torno da regras de aposentadoria e do "valor semântico" do ponto e vírgula para a boa interpretação do texto oficial. Discutia-se se o sinal de pontuação valia por *e* ou por *ou*, procurando-se dar-lhe um "significado" de língua. Ocorre que ponto e vírgula, como os demais sinais de pontuação, não tem valor em si mesmo porque não é uma *unidade de língua*, e sim uma *unidade textual* a serviço, é natural, da intercomunicação lingüística e das relações sintáticas e rítmicas que ela implica. Não é, portanto, a língua (portuguesa, espanhola, inglesa, francesa, etc.) que lhe empresta um "significado", mas sim o "sentido" do texto, com a colaboração do falar e da língua.

Daí não terem razão os que defenderam que ponto e vírgula "significa" *e* (adição) ou *ou* (exclusão). É a boa compreensão do texto e do que nela está como unidade do falar e unidade da língua o fator decisivo para alcançar o "sentido" e, assim, a intenção de quem escreve.

Tomemos, por exemplo, as disposições que regem um concurso público para professor exaradas no correspondente Edital. Imaginemos que o pretenso candidato ao concurso leia nas instruções:

"A avaliação do desempenho do candidato será feita levando-se em conta:

a) planejamento da aula;
b) a capacidade de síntese;
c) a clareza e a ordenação da aula;
d) a adequação da linguagem;
e) conhecimento do assunto e a adequação à série sorteada;
f) utilização adequada dos recursos didáticos;
e outros critérios, observada a especificidade da área ou disciplina, de acordo com a determinação de cada Banca Examinadora".

É evidente que a boa compreensão do texto está a indicar que o candidato deverá atender a todos os itens separados por ponto e vírgula, ou, pelo menos, procurar atender ao maior número possível dos requisitos elencados.

A prova de que o texto está apontando para uma compreensão aditiva, e não excludente, dos requisitos, se patenteia no emprego da conjunção *e* no remate das recomendações a serem atendidas.

Já quando o candidato, continuando a leitura do Edital, tiver debaixo dos olhos o texto seguinte, entenderá que bastará um dos itens — com exclusão dos demais — para retirá-lo do concurso:

"Será excluído do concurso, por ato da Comissão Coordenadora, o candidato que:

a) durante a realização das Provas, for surpreendido em comunicação com outras pessoas, verbalmente ou por escrito;

b) durante a realização das Provas, estiver portando ou utilizando qualquer tipo de equipamento eletrônico, exceto nos casos expressamente autorizados pela Banca examinadora;

c) durante o processo do Concurso, comportar-se desrespeitosa ou inconvenientemente com quaisquer dos examinadores, dos membros da Comissão do Concurso, dos seus auxiliares ou de autoridades presentes".

Algumas vezes o redator, para tornar mais explícito o sentido que se há de depreender do texto, pode usar unidades linguísticas que evidenciem a exigência de se levarem em conta todos os itens arrolados, ou, então, que bastará um deles, com exclusão dos demais.

No primeiro caso, poder-se-ão empregar, por exemplo, expressões do tipo: "atendendo-se a *todos* os itens seguintes". Na segunda hipótese: atendendo-se a um dos itens seguintes.

De qualquer maneira, fica evidente que ponto e vírgula por si só não soma nem exclui. Cabe à compreensão e interpretação do texto dirimir a questão.

III — QUESTÕES METODOLÓGICAS

O valor da gramática

Antonino Pagliaro

A gramática nasceu, pois, sob o duplo signo didático-normativo e lógico-cognoscitivo. Os fatores normativo e lógico informaram todo o seu desenvolvimento e é precisamente o descrédito em que hoje, no geral, caiu a norma que, do campo do pensamento e da ação, vem refletir-se na gramática, tornando a vida desta obscura e difícil. Considera-se hoje que só podemos pensar nas regras gramaticais como numa espécie de bastões invisíveis do falante, semelhantes, na sua função, à bengalinha com que o citadino elegante aflora as calçadas da cidade. Ora para sermos precisos, esses objetos ornamentais já não se veem na rua onde, quando muito, encontramos a bengala funcional, com ponteira de borracha, à qual se apoiam o velho ou o inválido, caminhando no seu passo incerto: em suma, o instrumento aparece apenas na sua real funcionalidade. Quanto à lógica, foi, como se sabe, banida da sociedade civil, e até da escola, desde que as delicadezas estéticas foram dadas como alimento vitaminado mais próprio para todas as categorias, desde as mentes de sã e robusta constituição, às crianças, aos fracos e aos convalescentes.

Na base de tudo isto há certamente um pequeno equívoco que temos de reconhecer, deriva da disposição inicial que subordinou explìcitamente o estudo da gramática a finalidades didáticas e lógico-cognoscitivas. Eram estes, por assim dizer, os fins oficiais e expressos da gramática. Mas por debaixo destes, uma outra força se manteve sempre, viva e operante na investigação levada a

cabo acerca das formas linguísticas: foi a necessidade desinteressada de conhecer a estrutura e a urdidura do sistema de sinais de que nos servimos para objetivarmos e tornarmos claro, a nós e aos outros, o conteúdo da nossa consciência.

Esta necessidade, mais ainda do que o próprio interesse didático ou gnoseológico, está presente na sistematização teórica e descritiva da língua que os gregos procuraram erguer e cujos fundamentos estabeleceram. Por isso a gramática merece, afinal, o nome de *episteme*, cujo significado abrange conjuntamente o saber *teorético* e o saber prático, e não o de *téchne* (Snell).

Corno em todas as ciências, o valor humano da gramática, antes de ser didático e normativo, é formativo. Ele leva a mente a refletir sobre uma das criações mais importantes e humanamente mais vinculativas, de cuja constituição, de outro modo, nos não preocuparíamos mais do que com o mecanismo da circulação do sangue ou da respiração (pelo menos enquanto funcionam bem!).

Contudo a palavra é uma atividade consciente e a adesão a um sistema linguístico diferente daquele a que poderíamos chamar natural, como a aquisição de uma língua comum em rivalidade com os dialetos, é, em substância, um fato de ordem volitiva. A reflexão sobre a constituição e os valores desse sistema desenvolve e aperfeiçoa a consciência linguística que é também uma consciência estética; simultaneamente e por meio da análise das correlações e das oposições que constituem o seu caráter funcional, habitua a mente a descobrir no pensamento discursivo as formas que foram elevadas a uma função cognoscitiva mais alta no pensamento racional. (*A Vida do Sinal*, págs. 299-301).

A gramática no atual contexto das disciplinas linguísticas

Longe de recolher-se a um ostracismo pelo peso de seu passado de mais de dois mil anos no cenário dos estudos relativos à pesquisa e ao ensino de línguas, a gramática, pelo esforço e arte de seus melhores cultores, tem procurado, nestes últimos anos, acompanhar e beneficiar-se do progresso que vêm experimentando antigas e novas disciplinas envolvidas direta e indiretamente com o complexo fenômeno da linguagem.

Muitas vezes tem sobrado negativamente para a responsabilidade da gramática, entendida como método analítico de descrição e análise do objeto língua, as justas críticas que fazem ao método didático de transmissão de conhecimento deste mesmo objeto. Neste sentido, o método didático aplicado ao ensino de línguas estrangeiras, favorecidas pelas suas especificidades, tem logrado mais largos êxitos do que quando aplicado ao ensino da língua materna.

Esta interrelação natural entre o método analítico de descrição e análise da língua e o método didático à transmissão de conhecimentos tem criado e favorecido uma onda de descrédito altamente prejudicial, que resulta no estabelecimento de um fosso entre a gramática descritiva, de natureza científica, e a gramática prescritiva ou normativa, de caráter pedagógicos, vista esta como produto e abuso do conservadorismo elitista, apesar das judiciosas ponderações de bons linguistas e da orientação ditada pelo bom senso. Entre os estudiosos modernos que se destacam pelo equilíbrio na discussão do

problema está o linguista David Crystal que, no capítulo inicial de sua instrutiva e bem elaborada *The Cambridge encyclopedia of language*, assim se manifesta, numa citação do linguista brasileiro Francisco Gomes de Matos, da Universidade Federal de Pernambuco, ele mesmo campeão entre nós dos direitos linguísticos individuais. Diz Crystal com tal propriedade, que suas palavras deveriam ser a pá de cal nessa falsa dicotomia que tem servido de bandeira desfraldada em livros e artigos de nossa imprensa:

"Se deixarmos de lado estes estereótipos, podemos ver que ambos os enfoques são importantes e têm mais coisas em comum do que as que habitualmente se reconhecem, entre as quais se inclui um interesse mútuo por questões como a adaptabilidade, a ambiguidade e a inteligibilidade. O enfoque descritivo é essencial porque constitui a única maneira de reconciliar as pretensões discordantes de modelos diferentes; quando conhecemos os fatos do uso da linguagem, encontramo-nos em melhor posição para evitar as idiossincrasias das opiniões particulares e para aconselhar de forma realista sobre questões de ensino ou de estilo. O enfoque normativo proporciona uma maneira de orientar o sentido do valor linguístico que todos nós temos e que, no fundo, faz parte de nossa visão de estrutura social e de nosso lugar dentro dela. Seria quiçá ingênuo esperar que, depois de 200 anos de disputas, se consiga um entendimento imediato dos contrários, mas existem razões para sermos otimistas, depois que os sociolinguistas estão começando a examinar mais seriamente o prescritivismo em determinados contextos, como o de explicar as atividades, usos e crenças linguísticas".

Também por parte dos teóricos da linguagens de língua portuguesa já era corrente, desde a metade do século XX, a boa lição que pregava os laços íntimos entre os dois enfoques. Assim, Herculano de Carvalho, em Portugal, já preceituava:

"O ponto de partida, não apenas o melhor mas verdadeiramente essencial, para que o ensino da língua materna seja de fato o que deve ser, plenamente eficiente, reside numa exata compreensão do fenômeno linguístico em geral" (*Estudos Linguísticos*, 2° volume, "Sobre o ensino da língua materna", pág. 221)."

Nesta mesma trilha orientou-nos J. Mattoso Câmara Jr.:

"A gramática descritiva (...) faz parte da linguística pura. Ora, como toda ciência pura e desinteressada, a linguística tem a seu lado uma disciplina normativa, que faz parte do que podemos chamar a linguística aplicada a um fim de comportamento social. Há assim, por exemplo, os preceitos práticos

da higiene, que é independente da biologia. Ao lado da sociologia, há o direito, que prescreve regras de conduta nas relações entre os membros de uma sociedade (...) Assim, a gramática normativa tem o seu lugar e não se anula diante da gramática descritiva. Mas é um lugar à parte, imposto por injunções de ordem prática dentro da sociedade. É um erro profundamente perturbador misturar as duas disciplinas e, pior ainda, fazer linguística sincrônica com preocupações normativas" (*Estrutura da Língua Portuguesa*, pág. 5).

Armou-se a gramática de numerosas noções do aparato teórico desenvolvido por notáveis linguistas modernos que lhe permitiu, sem favor, caminhar *pari passu* com disciplinas modernas amparadas por forte requisito de cientificidade.

A primeira extraordinária orientação renovadora foi compreender a linguagem nas suas três dimensões: a *universal,* a *histórica* e a *particular* (ou *circunstancial*), o que lhe permitiu estar ciente de que não se comunica e não se expressa só mediante a língua, mas com a competência do falar em geral (plano ou dimensão universal) e com a competência textual (plano ou dimensão particular). A dimensão universal da linguagem se manifesta no saber elocutivo, pressuposto para todas as línguas, que consiste no conhecimento dos princípios mais gerais do pensamento, um conhecimento geral das coisas do mundo objetivo e um conhecimento que elege uma interpretação dentre várias interpretações possíveis que uma língua particular oferece. Atender às normas do saber elocutivo diz-se *falar com coerência, falar com sentido*. Dessarte, a coerência não é propriedade de uma língua particular, mas do manifestar o pensamento mediante a língua.

A dimensão particular ou circunstancial da linguagem se manifesta no saber expressivo ou competência textual, que consiste em saber estruturar textos em situações determinadas. Atender às normas do saber expressivo diz-se expressar-se *com adequação*. e. se levar em conta o objeto representado ou o tema, será considerado *adequado*; se o destinatário, será *apropriado* e se a situação ou circunstância, será *oportuno*.

A dimensão histórica da linguagem se manifesta no *saber idiomático*, isto é, no conhecimento de uma língua particular. Atender às normas do saber idiomático diz-se correção: expressar-se com *correção* é saber falar de acordo com a tradição lingüística de uma comunidade historicamente determinada.

Como uma língua histórica, concebida em toda sua dimensão no tempo, no espaço, nos estratos sociais e nos níveis de estilo, como uma língua histórica, dizíamos, reúne um conjunto de *línguas funcionais*, entendidas como uma

variedade que funciona efetivamente em cada comunidade linguística, fácil se conclui que cada uma dessas variedades possui a sua pauta da correção, a sua *norma* historicamente determinada.

Tal concepção representa uma revolução não só no conceito de correção idiomática, mas também nos juízos de valor dos saberes elocutivo e expressivo, isto é, como já vimos, na congruência e na expressividade textual.

Até há bem pouco — e infelizmente ainda hoje persiste em alguns estudiosos — chamava-se correção a qualquer conformidade de norma relativa às três dimensões da linguagem aqui referidas; assim, considerava-se incorreto qualquer mau uso no plano do saber elocutivo (congruência), do saber idiomático (correção) e do saber expressivo (adequação textual). Correção só se aplica, a rigor, ao saber idiomático.

Com esta mudança de conceitos, ficou a gramática — tanto no enfoque descritivo quanto no enfoque normativo — habilitada a entender que nem todos os fatos de linguagem pertencem ao seu objeto de estudo, isto é, à língua particular. Ora, o perfeito reconhecimento de seu objeto de estudo representa a primeira consideração necessária e indispensável a uma investigação adequada e coerente. Assim, a dimensão da tradição vinda dos lógicos sobre a pertinência ou não de frases do tipo *A mesa quadrada é redonda* extrapola a competência do saber idiomático para inserir-se no domínio do saber elocutivo, salvo se o falante tiver mesmo a intenção de falar incongruentemente e ser compreendido pelo seu interlocutor, dado o entorno que envolve as circunstâncias do discurso.

Assim também fica a gramática habilitada a compreender que em construções do tipo do português *amor de mãe* ou do latim *amor matris*, isto é, os empregos dos chamados genitivo subjetivo (= a mãe ama) e genitivo objetivo (= o filho ama a mãe), as duas línguas não apresentam manifestação linguística para tais distinções, ao que só se pode chegar por uma adequada compreensão do sentido textual mediante o concurso do saber elocutivo e do saber expressivo, além, naturalmente, do condicionamento lexical e sintático das unidades envolvidas.

Diante de diversas pautas de correção relativas a cada língua funcional, sobreleva a necessidade da conceituação da *norma* a que Eugenio Coseriu chamou *exemplar* que, diferentemente da natureza da correção, que reflete uma tradição linguística da comunidade historicamente determinada, resulta a exemplaridade de uma eleição de fatos linguísticos (mais no campo da morfossintaxe do que da fonologia) ditada por injunções sociais e culturais: o

exemplar, portanto, não será nem correto nem incorreto, mas sim integrante de uma etiqueta sociocultural. E dela só dará conta a gramática normativa. A gramática sem adjetivos (comparada, contrastiva, etc.) de uma língua não é a gramática de toda a língua, mas de uma variedade dela.

Isto está longe de significar que o professor de língua não reconheça a existência de fatos de variedades outras da competência lingüística de seus alunos, para os quais não deve olhar como prejuízos ou com juízos preconceituosos. Tais diversidades devem ser aproveitadas inteligente e habilmente pelo professor como fatores que façam dos alunos poliglotas da própria língua, fatores decisivos no cultivo e extensão da competência lingüística que lhes permitirá passar do conhecimento intuitivo ao conhecimento reflexivo do idioma para que eles possam estimular a criatividade lingüística, como lembra Coseriu. A atitude e o empenho de preservar nos alunos a mesmice idiomática, negando-lhes o acesso à língua exemplar, sob o pretexto, aliás distorcido, de que é uma imposição das classes dominantes e da elite, resultam de uma falsa noção de democracia que repercutirá negativamente no percurso do destino desses alunos no seio da sociedade.

Língua comum e língua escrita

Antonino Pagliaro

Muito se discutiu já sobre o problema da língua comum, e particularmente em Itália, onde sempre constituiu um argumento predileto dos estudos gramaticais. Mas esse problema também interessa vivamente à linguística moderna; e a prova é que, no V Congresso Internacional dos Linguistas, reunido em Bruxelas no outono de 1939, os caracteres gerais e os aspectos particulares da língua comum foram objeto de um relatório apresentado numa sessão plenária, para cuja preparação concorreram numerosos linguistas, com respostas a quesitos previamente distribuídos (Vide Ve *Congrès International des Linguistes: Rapports*, págs. 40 e segs.).

Importa-nos agora pôr em relevo que a língua comum é a expressão de uma consciência unitária comum, que pode ser cultural em sentido lato, como acontecia na Itália do século XIV ou na Alemanha de Lutero, e pode ser política, como é o caso das atuais línguas nacionais; nela temos sempre um fator volitivo que leva as comunidades a superar as diferenças mais ou menos profundas dos falares locais, para aderir pela expressão a uma solidariedade diferente e mais vasta Por outras palavras, quem, deixando de parte o dialeto nativo, passa a falar a língua comum, exprime através desse ato a sua adesão volitiva a um mundo mais vasto, determinado cultural ou polìticamente, ou então, como acontece nos estados nacionais modernos, pelas duas formas.

Desta consciência linguística mais clara resulta que a língua comum nunca atinge a plenitude afetiva, traduzida por subentendidos, alusões ou matizes

estilísticos, que temos nos falares locais e nas chamadas línguas especiais, principalmente nas gírias. Pelo uso da língua comum, o falante arranca-se, em certo sentido, à fase naturalística da expressão, ligada a um ambiente mais ou menos restrito, como a família, o bairro, a cidade ou a região, para se elevar conscientemente a um plano mais vasto, onde o fator intelectual tem muito mais valor que o fator afetivo. Assim se explica que nos falares familiares, locais e regionais, ou nas gírias, o elemento intuitivo-afetivo venha em primeiro plano, de tal modo que basta uma palavra, um gesto ou uma inflexão de voz, para evocar uma ideia ou um estado de alma, enquanto na língua comum a expressão se racionaliza e parece tornar-se fria. Talvez fosse esta a razão por que Dante achava o vulgar mais nobre e digno em relação ao latim, língua comum de então: «tum quia naturalis est nobis, cum illa potius artificialis existat» (I, I, 4).

A evolução das línguas comuns é profundamente influenciada pela tradição escrita, sobretudo porque o uso do culto ligado à tradição gráfica exerce na língua uma ação grandemente preservadora. O latim, o grego da *koiné*, o francês de Paris, o toscano ou o novo alto alemão de Lutero, devem grande parte da sua imensa fortuna ao fato de terem sido usados em obras literárias ou, de qualquer modo, em documentos escritos, de larga difusão. Quando a língua e a tradição gráfica não se associaram, a elevação da primeira a língua comum encontra graves e insuperáveis dificuldades. Por exemplo, o persa não se firmou no vasto domínio do império acmênida, que durou mais de dois séculos; a razão disso não deve procurar-se (como se vê em *Rapports*, pág. 54) no fato de o domínio acmênida não possuir uma civilização própria, o que só em parte é verdade; deve antes pensar-se que a língua oficial do império não era apenas o persa, mas também o elamita e o babilônico e que, por outro lado, a chancelaria imperial usava o aramaico como língua de correspondência. Pode afirmar-se que a sorte do persa teria sido bem diversa, se ele tivesse encontrado uma grafia mais simples e fácil em vez da escrita cuneiforme e se, desse modo, tivesse substituído o aramaico que, como língua de cultura, substituíra o babilônico na região da Mesopotâmia. (*A Vida do Sinal*, págs. 142-144)

A língua literária

J. Mattoso Câmara Jr.

Condições gerais

Na implantação de uma língua em novo ambiente físico e social há duas possibilidades extremas. Uma é a transferência para uma comunidade aloglota, que assim abandona o anterior idioma materno. Outra é a transferência, não apenas da língua, mas de um grande grupo dos seus sujeitos falantes, para uma região desabitada, ou habitada por uma população nativa que os invasores eliminam.

É certo que, em regra, não se verifica na prática, singelamente, o esquema teórico aqui formulado. No primeiro caso, há que levar em conta um núcleo de conquistadores, sob cuja pressão material, cultural ou política se processa a mudança. No segundo caso, se a nova região não era totalmente erma, fica frequentemente um resíduo de população nativa, que com o correr dos tempos se integra na nova situação e adota a língua e as demais instituições sociais dos invasores. Mas, num e noutro caso, continua ainda assim válido o contraste entre as duas possibilidades de ocorrência.

É por isso que não se pode associar a implantação do latim em províncias do Império Romano (digamos, particularmente, na península ibérica) com a implantação de certas línguas europeias (digamos, particularmente, o português, no ambiente americano. Ali, houve, preponderantemente, a adoção do latim pelos iberos aloglotas, de par secundariamente com a fixação entre

eles de soldados e colonos latinos. Aqui, houve uma colonização portuguesa em massa, que desarraigou *in totum* e eliminou em grande parte os indígenas, malgrado certa assimilação que afinal se verificou.

O aspecto da implantação do português no Brasil explica por que tivemos, de início, um língua literária pautada pela do Portugal coevo. A sociedade colonial considerava-se (e o era em princípio, abstração feita da necessária adaptação ao novo ambiente) um prolongamento da sociedade ultramarina. O seu ideal era reviver os padrões vigentes no reino.

Já para a língua popular as condições eram outras. A separação no espaço entre a população da colônia e a da metrópole favoreceu uma evolução linguística divergente. Acresce que com o encontro, em terri- tório americano, de sujeitos falantes de regiões diversas da mãe-pátria, cada um dos quais com o seu falar próprio, se realizou um intercurso, intenso e em condições inéditas, de variantes dialetais, conducente a nova distribuição e planificação linguística. Mesmo sem insistir em tal ou qual ação secundária das novas condições de vida física e social e de contato com os indígenas (e posteriormente com os negros africanos), é obvio que a língua popular brasileira tinha de diferençar-se inelutavelmente da de Portugal, e, com o correr dos tempos, desenvolver um coloquiaIismo ou *sermo cotidianus* seu.

Criou-se assim um conflito com a língua literária, singelamente transplantada. Outro que se lhe acrescentou, foi determinado pelo impacto do movimento pan-europeu do Romantismo, que abalou a norma linguística clássica por força de novos ideais estéticos e novos impulsos de expressão. Em Portugal, neste segundo caso, a solução era relativamente fácil, porque bastava à literatura abeberar-se na língua coloquial viva. No Brasil, a situação era mais incerta e fluida, porque a escola e a tradição literária rebaixavam o nosso coloquialismo para o plano da língua popular, sentido como grosseiro e inestético. Faltava-nos a cristalização das formas vivas num sistema firme, coeso e socialmente prestigiado.

As atitudes dos escritores

Em princípio, o Romantismo favorecia a integração da língua popular na literatura, e os nossos românticos sofreram uma atração neste sentido. As suas decantadas "incorreções" não são apenas o resultado de um domínio imperfeito da norma literária; têm também um aspecto positivo, que é o impulso para a espontaneidade e para a libertação das peias convencionais, sob o

signo de uma língua coloquial haurida nos primeiros anos da meninice e, pois, veículos natural da exteriorização psíquica.

Casimiro de Abreu, entre os nossos grandes poetas românticos, caminhou longe nesta direção. Deixa-se levar, insensivelmente, para uma expressão baseada na língua cotidiana e em harmonia com o seu tema insistente da evocação dos anos da infância e do aconchego familiar. Castro Alves e Fagundes Varela elevam-se a um plano mais elaborado em virtude da estruturação mental das metáforas, das alusões mitológicas e históricas e de um vocabulário não raro inusual e erudito.

Outra é a solução de Gonçalves Dias, que tenta uma espécie de conúbio entre a língua coloquial brasileira e a língua clássica, ou melhor, arcaica (*cf. mi, hi, imigo*), ao mesmo tempo que introduz o elemento tupi na base do tema do indianismo, chegando a adotar uma frase feita tupi ("*Y-Juca-Pyrama"* aquele que vai morrer) para título de um poema. Com ele se pode falar na existência de um jargão poético: trata- se, com efeito, da combinação convencional, para fim literário, de três grupos heterogêneos de formas, vazados embora num conjunto harmonicamente expressivo.

Foi, porém, José de Alencar que, no quadro da nossa literatura do Romantismo, tentou dotar o Brasil de uma língua literária, que fosse, ao mesmo tempo, espontaneamente viva, moderna e nobre. Empreende uma decidida depuração estética da fala cotidiana, guiando-se não só pelo sentimento linguístico mas até, às vezes, pelo raciocínio gramatical, como testemunham as considerações anexas à Diva, à Iracema e as cinco cartas abertas a Joaquim Serra sob o título de "O Nosso Cancioneiro".[14]

Ao contrário de Gonçalves Dias; não ascende para isso ao passado. É anticlassicista, declara-o ele próprio, à maneira de Almeida Garrett em Portugal. Visa a um meio de expressão consentânea com a vida e o pensamento modernos, o que explica a sua atitude de simpatia em face dos galicismos e anglicismos. E acrescenta o elemento indígena, em parte por sedução estética e em parte por necessidade do assunto, mas sobretudo pela impressão de que assim integraria melhor a língua literária no novo ambiente físico.

---

[14] O Globo. Rio de Janeiro 7,9,10,17,30 dez. 1874. Sílvio Romero (in *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*. Rio de Janeiro, 1888, p. 164), dá desses artigos uma transcrição truncada. Estão agora transcritos, como toda a sua obra teórica, em José de Alencar. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Editorial J. Aguilar, 1960, Vol. IV, p. 961.

O arroubo da polêmica e o nativismo, exacerbado pela crítica de lusos e lusófilos, empanaram às vezes a clareza de uma concepção que se consubstancia nas suas seguintes palavras:

A linguagem literária, escolhida, limitada e grave, não é por certo a linguagem cediça e comum, que se fala diariamente e basta para a rápida permuta das ideias: a primeira é uma arte, a segunda é simples mister. Mas essa diferença se dá unicamente na forma e expressão; na substância a linguagem há de ser a mesma, para que o escritor possa exprimir as idéias de seu tempo e o público possa compreender o livro que se lhe oferece.[15]

O romance realista-naturalista, que sucedeu ao de Alencar, avançou mais francamente no sentido do afrancesamento da nossa língua literária. Em Raul Pompéia e Aluísio Azevedo aproximam-no com desembaraço da língua literária francesa, especialmente no vocabulário e na sintaxe, como fazia concomitantemente Eça de Queirós em Portugal.

Há, porém, paralelamente, uma reação, que inicia um retorno à tradição clássica em maior ou menor grau. E um movimento discreto na poesia parnasiana e em Machado de Assis. Este aconselha aos nossos escritores a leitura dos clássicos e um ecletismo lingüístico entre antigos e modernos para enriquecer o pecúlio comum. Aquela procura pautar-se pelos ditames de gramáticos conservadores e fazer a aproximação, na base da tradição clássica, entre as línguas literárias de aquém e além-mar.

Com Rui Barbosa o movimento se intensifica e se torna marcha-àr , decidida, para as fontes clássicas.

Se no âmbito dos teoristas gramaticais Gonçalves Dias é louvado por Sotero dos Reis e a atitude romântica concorda com a de João Ribeiro na sua última fase e, mais especialmente, a de José de Alencar com os *Rascunhos* de Batista Caetano, Rui Barbosa tem a sua contraparte doutrinária nos ensinamentos de Mário Barreto.

Ele próprio, aliás, se duplica em teorista da linguagem e em autoridade gramatical, quando, a propósito da redação do Código Civil, elabora a Réplica e entra em polêmica com Carneiro Ribeiro. Podemos dizer que com Rui Barbosa se consolida entre nós a escola tradicionalista e classicista em matéria de língua literária: rejeita-se a influência francesa e o substrato coloquial

---

[15] Diva, Pós-escrito, Edição revista por Mário de Alencar. Rio de Janeiro, Garnier (s. d.), p. 195-196.

brasileiro, e faz-se dos exemplos dos clássicos a jurisprudência das normas linguísticas.

É uma jurisprudência um tanto fluida e especiosa, como testemunham as divergências entre Rui e Carneiro Ribeiro, entre Cândido de Figueiredo e Heráclito Graça. Isso decorre de certa incoerência linguística dos próprios clássicos, que não tiveram o rigorismo lógico nem o purismo gramatical a ela assim atribuídos. Acresce que a atitude rígida só foi possível em Rui Barbosa por causa da natureza especial da sua atividade literária, que não é a interpretação da vida ambiente, como no romance, nem a extenonzaçao anírmca, coino na poesa, mas uma ioimulação abstrata de princípios jurídicos e políticos através da dissertação e da oratória; só por isso se tornam esteticamente possíveis expressões como, na Oração aos Moços dizer e redizer de não, calcada em Vieira.

Assim se explica ser ele mais admirado do que propriamente imitado na literatura brasileira, tomada em seu sentido amplo. A reação contra as incorreções da linguagem romântica se pauta muito mais por gos e modernos para enriquecer o pecúlio comum. Aquela procura pautar-se pelos ditames de gramáticos conservadores e fazer a aproximação, na base da tradição clássica, entre as línguas literárias de aquém e além-mar. Machado de Assis, em que por sua vez se apóia numa corrente de doutrinadores gramaticais hodiernos.

No polo oposto está a posição de Mário de Andrade (consubstanciada em Macunaíma, por exemplo), esforçando-se por criar uma língua literária em novas diretrizes, mediante a exploração em profundidade da língua popular e a sua racionalização e generalização sistemática.

Fatos linguísticos

Vale agora apreciar rapidamente alguns fatos linguísticos, que, mais debatidos entre hesitações e divergências, têm sido pontos nevrálgicos na consolidação da nossa língua literária.

A pronúncia, em que o "sotaque" brasileiro é tão distinto do de Portugal na base de muito menor subordinação da frase a sílabas fortes culminantes e da ausência de certas variantes vocálicas, como o *a* velarizado e o *e* neutro, só indireta e muito parcialmente aflora através da métrica e das rimas.

Entre os românticos, surpreendemos às vezes o tratamento de uma plosiva pós-vocálica como sílaba distinta, de acordo com a elocução popular

(*adevogado*, *abissolutamente*); assim procede esporadicamente Gonçalves Dias com *admirar* e *observa*, feitos tetrassílabos com sílabas implícitas (*di*), (*bi*), como já ressaltou Sousa da Silveira.

Mas em regra a nossa ortoépia poética é a de um coloquialismo cuidado, em que se foge da evolução popular ao mesmo tempo que do artificialismo da pronúncia alfabética, tão desajeitadamente imposta às vezes nas nossas escolas primárias. Desta última souberam fugir até os parnasianos, guardando em meio a tantos convencionalismos de concepção poética o senso agudo da língua viva.

Em referência à acentuação, nota-se uma decidida relutância a seguir passivamente os teoristas gramaticais no seu afã de recompô-la a todo o transe pelos princípios da quantidade latina e de rejeitar as analogias e a influência francesa, que tem deslocado o acento em muitas palavras de fundo "erudito" (*nácar, nenúfar*, *exul, oxítonos*; *exodo*, *alacre*, *crisantemo*, paroxítonos; etc.).

No âmbito do vocabulário, defronta-se a língua literária com o acervo dos brasileirismos. Como os dicionários registram de preferência o uso do português europeu e servem no caso como um padrão da língua culta, o brasileirismo, de forma ou sentido, baixa com isso à condição de termo impróprio porque ainda não devidamente consignado. Mas esta situação hoje praticamente superada pela iniciativa dos escritores, sobrepondo-se aos dicionaristas. Machado de Assis, por exemplo, emprega *cochilar* em poesia lírica de clima erudito, como é a tradução de "O Corvo" de Edgar Poe, enquanto no romance *Quincas Borba* baseia intencionais efeitos estilísticos no brasileirismo "cachorro" em sua equivalência com "cão".

Outro problema de seleção vocabular é o que decorre dos neologismos: termos científicos, próprios da civilização moderna, novas derivações e composições de fundo português, estrangeirismos literalmente transcritos ou adaptados. Alguns escritores, e acima de todos Euclides da Cunha, souberam carrear o léxico científico para a língua literária com intuição estética e agudo senso de possibilidades, como quando, nos *Sertões*, se nos transmite a repugnância pela água que bebiam os sitiados, nela se ressaltando "o tóxico das ptomaínas e fosfato de cadáveres decompostos".

Os estrangeirismos, por sua vez, criam dificuldades, que nos são comuns com Portugal e resultam da nossa situação de povos culturalmente satélites, girando em torno de povos líderes da civilização ocidental. Neste particular, temos tido os puristas, faltos do senso das realidades, os que aceitam o

estrangeirismo como necessidade inelutável e, até, os que avidamente o procuram sob a atração de um mestre ou de uma escola estrangeira.

A disciplina gramatical, em face da indisciplina do uso cotidiano, tem levantado certos problemas, que não são privativos nossos e aparecem também em Portugal: os estrangeirismo sintáticos, o abandono da impessoalidade de *haver* fora do indicativo presente (especialmente no pretérito imperfeito com frases do tipo — *haviam homens*), a incompreensão do *se* como pura partícula de apassivamento (donde construções como *aluga-se casas*, com *casas* sentido como objeto), a delimitação do em- prego entre o infinitivo flexionado e o invariável (cf. em Gonçalves Dias: "possas tu.. .seres presa", "hão de os velhos servirem de escravos").

Mais diretamente nosso é o problema da colocação dos pronomes pessoais átonos antes ou depois do verbo. Os românticos seguiam a colocação praticamente livre do uso brasileiro, que favorece a próclise para efeito de ênfase quando o pronome adjunto se funde semanticamente no verbo (como é em regra o caso da partícula *se*) ou convém um proparoxítono solene ao ritmo da frase ou ao seu valor estilístico. Machado de Assis e os parnasianos, ao contrário, preferiram dobrar-se à disciplina gramatical do português europeu, que rigidamente sistematiza as tendências do uso lusitano para fazer a posição do pronome átono depender da existência de pausa ou de certas partículas antes do verbo. Rui Barbosa, que se extremou nesta atitude, firmou uma tradição hoje difícil de vencer, mas que tem provocado não poucas perplexidades.

Um brasileirismo sintático que tem criado certa confusão, é o do emprego do *em* para indicar contigüidade (*sentar na mesa*). A língua literária tende a evitá-lo. Chega a ultrapassar a meta, quando adota da nossa redação tabelioa a preposição *a*, em vez de *em*, para indicação de moradia, porque essa praxe dos nossos cartórios é, por ultracorreção provavelmente, um artificialismo em confronto com a língua viva de Portugal e do Brasil e com os modelos clássicos, que usam neste caso *em*. É curioso que Alencar, em "O Nosso Cancioneiro", defenda a regência com a, porque, com efeito, em regra se pauta, ao mesmo tempo que aconselha *em* para a expressão da contigüidade de acordo com a nossa língua coloquial.

Ressalve-se, em conclusão deste rápido exame de fatos, que a atitude dominante dos escritores brasileiros é repelir como "erro" o que é sentido claramente como vulgarismo gramatical. Assim, a forma verbal indicativa para o imperativo, tão arraigada embora mesmo na fala das classes brasileiras

cultas, é banida em teoria, se bem que entre os românticos se tenha insinuado às vezes na prática.

Há uma delimitação bem firmada entre a língua literária e a popular: frases como — "seu Rodrigues, Manduca está lhe chamando", de Artur Azevedo, ou "ainda hoje deixei ele na quitanda", de Machado de Assis, só servem para caracterizar, em estilo direto, a fala coloquial popular.Em seu próprio nome, os nossos escritores refugam o emprego de *ele* como objeto direto ou o de *lhe* como forma oblíqua geral de *você* ou *senhor*, conquanto esses traços sejam menos da língua popular do que da familiar *lato sensu*.

Cotejo com Portugal

Cabe agora aqui um cotejo final entre as línguas literárias de Portugal e do Brasil. Há entre elas fatores de convergência e outros de divergência. Entre estes últimos está a diferenciação, que neste capítulo se focalizou e explicou de início, em matéria de língua cotidiana falada. É inegável que a forma literária tem de apoiar-se neste substrato para não perder contato com a vida e o ambiente social. Nestas circunstâncias, é digna de atenção a tendência moderna para a democratização da literatura, na língua como no conteúdo, pois a base popular (em tantos aspectos distinta) do português do Brasil trará cada vez mais, com essa tendência, um fator apreciável de divergência entre os escritores de cá e os de lá, quanto à expressão formal.

Acresce que, desde o Romantismo, a arte literária no mundo ocidental busca o particular, o pitoresco, o exótico, e, dentro de um grande país, assume às vezes um aspecto regional. Ora, a prosa ou a poesia do Brasil, posta em termos de linguagem gaúcha, caipira ou nordestina, será completamente outra da de Portugal, vazada no falar minhoto, alentejano ou algarvio.

Há finalmente um fator latente de divergência na própria psique dos dois povos irmãos. Portugal é um país velho, que vai buscar alimento espiritual no passado, onde se afirma a continuidade histórica, a inalterabilidade étnica e o amor próprio nacional. O Brasil é, ao contrário, um país novo, que vive de esperanças e de sonhos do futuro, e a cada mo- mento sente alterar-se a sua constituição étnica, social e política. Vimos do passado como o mineiro que sobe para a luz do sol, e o ideal de uma língua literária intangível não conseguiria ser entre nós um elemento da psico1ogiaco1etiva.

Entretanto, o conceito da intangibilidade do idioma é também apenas teórico na literatura portuguesa. Na prática, ela sofre com a brasiIeira

influências comuns, como prova, por exemplo, a coincidência dos galicismos em escritores de aquém e além-mar. Nem se pode esquecer os empréstimos mútuos que favorece o intercâmbio literário entre os dois povos de língua fundamentalmente una, já que continuam coincidentes as linhas mestras do sistema fonético, do sistema gramatical e do acervo vocabular.

Persiste o sentimento da língua comum e a inteligibilidade espontânea da leitura, e, nesta base, as duas literaturas se interpenetram como o líquido de dois vasos comunicantes.

Não é provável, por outro lado, que se dê a cisão da estrutura linguística em futuro próximo, ou mesmo remoto. A atual situação se prolongará, talvez indefinidamente, para garantir às duas línguas literárias o caráter de variantes de uma unidade lata. O maior perigo de subversão desse estado de coisas não seria a decantada existência do elemento indígena e negro da sociedade brasileira, um e outro já a rigor assimila- dos culturalmente e pois neutralizados como fermento de transformação radical; mas a imigração dos aloglotas no meio brasileiro, vindos da Europa e da Asia. Ora, tudo indica que entre nós, como entre outros povos novos no mundo moderno, o núcleo tradicional da nação absorverá as levas imigrantes; a língua portuguesa se lhes imporá, justamen- te com os nossos outros padrões sociais.

A língua literária

Eugenio Coseriu

Na linguística atual considera-se com frequência só a língua falada "primária" (espontânea ou "usual") como "natural" e livre, ao mesmo tempo que a língua exemplar (ou "língua padrão") e a forma literária desta se consideram como "artificiais" e "impostas". Por conseguinte, considera-se também só a gramática descritiva "objetivista" como realmente científica e a gramática normativa como expressão sem fundamento científico duma atitude antiliberal e dogmática. Trata-se de erros e confusões teóricas que procedem da concepção positivista vulgar da linguagem e da linguística. Na realidade e, portanto, na boa teoria, a língua literária representa no grau mais alto a dimensão deôntica (o "dever ser") da língua; e a gramática normativa é a manifestação metalinguística explícita desta dimensão.

Como forma fundamental da cultura (do "espírito objetivado na história"), a linguagem é, com efeito, atividade livre e manifestação da liberdade criadora do homem. Mas a liberdade do homem histórico não é arbítrio nem capricho; e as atividades livres não são atividades sem norma nenhuma. Ao contrário: toda atividade livre implica o seu próprio "dever ser", as suas normas intrínsecas; normas imperativas e "obrigatórias", não por alguma coerção exterior, mas por compromisso livremente consentido (o que é, aliás, o sentido do lat. *obligatio*).

No caso da linguagem, por se tratar duma atividade muito complexa, que se desenvolve simultaneamente em três níveis (o nível universal do falar

em geral, o nível histórico das línguas e o nível particular dos discursos) também as normas intrínsecas (intuitivamente seguidas pelos falantes e intuitivamente aplicadas como critérios de juízos sobre o falar pelos ouvintes) são muito complexas; correspondem, porém, essencialmente aos dois universais determinantes da linguagem: a *criatividade* (o fato de ser a linguagem criadora ou "do espírito") e a *alteridade* (o fato de ser a linguagem manifestação do "ser com outros", da "natureza político-social" do homem). No nível universal, a norma é a da *congruência* com os princípios universais do pensamento e com o conhecimento geral humano do "mundo". No nível particular, a norma é a do *apropriado* (do aristotélico *prépon*), que pode ser diferenciado em: *adequado* (com respeito "às coisas" de que se fala), *conveniente* (com respeito ao destinatário do discurso) e *oportuno* (com respeito às circunstâncias do falar). No nível histórico, temos, na perspectiva do sistema linguístico que se pretende realizar e, na perspectiva da comunidade falante, a norma da *solidariedade* idiomática (conformidade com o falar "dos outros", no mesmo âmbito funcional), que é a que determina a constituição e a continuidade das línguas históricas, das modalidades internas destas e das línguas comuns.

Estas normas podem ser suspendidas historicamente ou intencionalmente, nos discursos. Assim, a correção "incongruente" suspende a congruência; e o apropriado pode suspender tanto a congruência como a correção. Mas o fato mesmo de se advertir a suspensão é a prova da sua existência e vigência.

Todo modo de falar correspondente a uma modalidade duma língua histórica (língua regional, dialeto, nível ou estilo de língua) tem a sua própria correção. Mas cada modalidade tem ao mesmo tempo a sua esfera de alteridade e, portanto, de vigência. Assim, um dialeto local tem vigência no âmbito local; e o estilo familiar, no âmbito da família; não também fora desses âmbitos. A esfera de alteridade da *língua comum* abrange virtualmente toda a comunidade idiomática. E a *língua exemplar* (ou "língua padrão") é uma segunda língua comum que se estabelece por cima da língua comum (no caso duma língua comum diferencia- da regionalmente e/ou socialmente), como forma idealmente unitária da mesma, pelo menos para aquelas tarefas e atividades (culturais, políticas, sociais, educacionais) que são (idealmente) tarefas e atividades de toda a comunidade idiomática. Com isto, a língua exemplar confirma a coesão e a individualidade da comunidade correspondente a uma língua histórica e é a expressão mais eloquente da unidade étnico-cultural da comunidade idiomática. A *língua literária*, finalmente, é o "estilo" ou, melhor, o "registro" (conjunto de estilos) " mais elevado da língua exemplar;

nas nossas comunidades é também a oficina onde constantemente se experimenta e se elabora a exemplaridade idiomática e, ao mesmo tempo, a concreção por antonomásia da língua exemplar.

A congruência, a correção, a solidariedade e o apropriado são valores culturais (ou socioculturais) do falar, mas são valores de signo zero ou de simples suficiência, já que, em cada caso, não implicam nada mais do que a conformidade com uma norma: com um "dever ser" suficiente. A exemplaridade idiomática (pelo prestígio de que goza e as funções a que está destinada a língua padrão) é um valor sociocultural autônomo. Em particular, a *língua literária* pode representar, na forma mais evidente e imediata, a coesão com a tradição cultural da comunidade e, ao mesmo tempo, o dinamismo interno da língua; a *enérgeia* ou criatividade ínsita em todo sistema linguístico; além do "dever ser" suficiente, é um valor cultural pela língua exemplar e pela língua literária; preferência não imposta por "autoridades", mas espontânea em todo falante "reflexivo" e, no plano metalinguístico, a normatividade e a planificação linguística (a construção deliberada da língua exemplar).

A hierarquização ingênua das línguas (e das modalidades internas das línguas históricas) e a normatividade dogmática e vulgar são, sem dúvida, atitudes errôneas e criticáveis. A hierarquização ingênua interpreta erroneamente a falta de elaboração secundária como deficiência intrínseca e considera, portanto, certas línguas como estruturalmente inferiores a outras, e as modalidades primárias da língua histórica como corrupções da língua exemplar. E a normatividade vulgar reduz a correção idiomática à exemplaridade (reconhece só a língua exemplar como "correta") e, nas suas formas extremas, pretende que em qualquer circunstância se fale só a língua exemplar. Mas isto não significa que se convenha renunciar à hierarquização e à normatividade e optar pelo igualitarismo e pelo pretendido "liberalismo" linguístico. A hierarquização ingênua e a normativa pragmática pecam por excesso, mas reconhecem, ainda que confusamente, o valor funcional e sociocultural da língua exemplar. O que convém, portanto, é optar por estabelecer o bom sentido real da hierarquia das línguas e das modalidades idiomáticas e por uma normatividade consciente do seu sentido genuíno e dos seus limites.

Muito mais criticáveis são o igualitarismo e o pretendido "liberalismo" linguístico, que se fundam em sofismas, e desconhecem o valor próprio das línguas "de cultura" (isto é: de cultura maior) e da língua exemplar. O

igualitarismo idiomático pretende que todas as línguas e todas as modalidades idiomáticas são "iguais" por apresentarem todas estruturas linguísticas completas e suficientes e cumprirem todas com a sua função de comunicação no seu âmbito; fato, sem dúvida, certo, mas do qual não se deduz que sejam "iguais" para qualquer função e com respeito a qualquer âmbito. As línguas e as modalidades idiomáticas duma língua histórica são "iguais" (melhor: "homólogas") primariamente, como sistemas linguísticos, isto é, simplesmente como línguas e por serem línguas; mas não o são no que diz respeito à elaboração cultural: são equivalentes pelo seu "Bau", mas não pelo "Ausbau" (Humboldt). E o liberalismo linguístico afirma com razão que todo modo de falar tem a sua própria correção e que a língua exemplar não é mais "correta" do que outras modalidades da língua histórica. Mas disto não se deduz que a exemplaridade careça de todo valor ou que simplesmente não exista como "fato natural", que seja só um "invento" de gramáticos e puristas, nem que o que é "correto" numa modalidade da língua o seja também em qualquer outra, isto é, que seja lícito empregar em qualquer âmbito as formas "corretas" num âmbito determinado: que cada qual seja "livre de falar como quiser" em qualquer circunstância e em qualquer âmbito, também no âmbito e ao nível próprios da língua exemplar.

O "liberalismo" linguístico é, no fundo, um falso liberalismo; não promove a liberdade, mas sim o arbítrio. E não é, como alguns pensam (ou dizem sem pensar) uma atitude "progressista", "tolerante" e "democrática", mas sim uma atitude reacionária e profundamente antidemocrática, já que ignora a dimensão deôntica da linguagem (ignora e despreza a aspiração a falar "melhor" e "como os melhores", aspiração genuína de todo falante consciente do seu ser histórico) e aceita tacitamente a exclusão dos falantes de modalidades não exemplares da cultura maior da nação.

Em suma, parafraseando uma sentença de Ortega: muito pior do que as normas rigorosas é a ausência de normas, que é barbárie.

Que se entende por correção de linguagem?

Um dos cuidados fundamentais da educação lingüística, a correção da linguagem começa nos primeiros ensaios da fala da criança em contato com seus familiares que são, em geral, os primeiros professores de língua que conhece, correção que se prolonga pelo resto da vida. Entre esses professores, está, sem sombra de duvida, em lugar de relevo, a mãe, razão por que — talvez — se diga da língua nativa *língua materna* (e não língua paterna), pois com ela a criança mantém, nos anos iniciais da existência, contato mais amiudado e profundo.

É nesta fase que surgem as primeiras observações em busca de um padrão lingüístico normal, isto é, que respeite a normalidade do uso vigente no seio da família. As correções iniciais incidem na correta articulação dos fonemas da língua, especialmente aquelas articulações que a criança domina por último (a troca do r por l); são ainda desta fase os avisos quanto à troca de posição de fonemas dentro da palavra (*cardeneta* por *caderneta*), a certos grupos consonantais menos comuns no dia a dia (*biciqueta* por *bicicleta*), a certos desvios de acentuação tônica (*gratuíto* por *gratuito*, *récem* por *recém*).

Como, por essa quadra da vida e mais adiante, a criança domina o sistema da língua, isto é, o regular, mas não a norma, isto é, o normal no uso (nem sempre há coincidência entre o sistema da língua e norma da língua), vêm as correções nas formas nominal e verbal do tipo não é *padrinha*, e sim *madrinha* (a criança já intúfra que na oposição o final/-a final faz o idioma a oposição

masculino/feminino, como em *tio/ tia*, *primo/prima*, etc.); não é *fazi* e sim fiz; não é *fazeu*, e sim fez (ao peso de flexões como *temi, perdi* e *temeu, perdeu*); não é *trazi,* e sim *trouxe*, não é *trazeu*, e sim *trouxe*, etc.

Ao entrar para as séries iniciais da escola e já alfabetizada, a criança deve ter aprendido a evitar a maioria desses enganos de língua, se a ação da família foi efetiva e constituiu um modelo eficaz ao bom desempenho linguístico do nosso jovem. Nos bancos escolares, começa a conhecer uma nova modalidade de língua, a língua escrita, que passa a conviver com a até então exclusiva língua falada de sua bagagem idiomática.

À medida que a escola vai oferecendo ao nosso jovem as páginas de histórias, poesias, crônicas, alguns enganos de ordem lingüística e pedagógica se vão fixando em sala de aula de língua portuguesa, enganos de consequências perigosas e funestas ao trabalho e ação de professores mal informados e à aprendizagem de alunos mal orientados.

O primeiro engano de natureza lingüística é a suposição de que a língua portuguesa desse momento é uma realidade homogênea e unitária, e que a sua única e legítima expressão é a língua padrão refletida e concretizada nos textos escritos veiculados pela escola entre os alunos. Esse ledo engano sinonimiza a língua portuguesa com a língua escrita, com a língua literária, com a língua padrão ou standard, de modo que português só é o que está na gramática e no dicionário, abonado pelo prestígio dos bons escritores. Fora dessa realidade, dizem os professores mal informados, isso não pode ser dito ou, o que mais grave, isso não é português (é o caso de perguntar o aluno: Então que língua é essa, se não é português o que eu digo?).

Ora, é um lamentável engano de conhecimento de lingüística, isto é, de ciência das línguas, esse de imaginar uma língua histórica — como o português, o inglês, o francês, etc. — uma realidade homogênea e unitária. Uma língua histórica é um conjunto de línguas mais ou menos semelhantes e mais ou menos distintas, ainda que consideradas num só momento de seu percurso histórico, por exemplo, o português dos nossos dias. Há nessa língua histórica diferenças regionais, os chamados dialetos como o português do Brasil, o português de Portugal, o português da África. Mesmo no Brasil ou em Portugal ou na África, persistem as diferentes geográficas: o português do Norte do Brasil, o português sulista. Numa determinada região, por exemplo, no português do Recife, notam-se diferenças nos estratos sociais desse falar regional, os chamados dialetos sociais, como a variedade da classe culta, a da classe semiculta e a dos analfabetos, a língua popular.

Existem ainda as variedades estilísticas, isto é, as que existem entre a língua escrita — em geral cuidada, tensa –, e a língua falada, espontânea; entre a língua de uso e a língua literária; entre a língua corrente e a língua técnica, inclusive a burocrática; entre a língua da prosa e da poesia.

Todas essas variedades regionais, sociais e estilísticas são igualmente válidas e importantes do ponto de vista linguístico, cientificamente falando. Está claro que cada uma é adequada ao tipo de cada falante e a cada circunstância da vida social, do nosso compromisso com o contexto e com a natureza do nosso ouvinte ou destinatário. Se erro existe, é querer usar de uma variedade quando o uso ou a norma social exige outra variedade mais adequada. Por isso, está equivocada a pessoa que pensa que saber português é só saber falar empolado, difícil ou, como também se diz, falar como um livro. E o mesmo engano da pessoa que pensa que vestir-se bem é vestir-se de uma só maneira, quer vá ao casamento, ao trabalho, ao cinema, à praia ou à feira. Em algum ou alguns desses momentos estará cometendo uma gafe no falar ou no vestir.

Muita gente pensa que se aproxima do seu ouvinte, que o conquista mais facilmente, falando ou escrevendo numa variedade de língua menos exigente e mais corriqueira. E como se falasse para adultos com a modalidade própria da que se usa com as crianças, porque os considera como filhos. Falar ou escrever para outrem, ainda que de condição cultural abaixo da sua, exige dignidade, que já é uma faceta do respeito que se deve ao semelhante. Um repórter bem vestido que fale dos Estados Unidos ou da França ao telespectador brasileiro com *vi ele* ou *encontrou ela* é como se passasse, por antecipação, um atestado de ignorância ao público, por achar que *vi-o* ou *encontrou-a* são formas de dizer incompatíveis com a pouca dignidade cultural ou o baixo grau de escolaridade terceiro- mundista. Daí, talvez, preferir chamar os telespectadores de *galera*, esquecendo-se de que, quando a Orquestra Sinfônica se apresenta na Quinta da Boa Vista, a galera humilde vibra com os clássicos e aplaude Carlos Gomes, Chopin ou Mozart. Perde o repórter que assim procede a oportunidade de instruir os que sabem menos do que ele e que esperam mais da televisão brasileira.

Tão grave quanto o desconhecimento que apontamos anteriormente — isto é, considerar a língua histórica (exemplifiquemos mais uma vez com a língua portuguesa) uma realidade homogênea e unitária, um só e único corpo, é o erro pedagógico que decorre desse outro ledo engano. Partindo da ideia de que essa língua padrão ou standard — é uma

imposição da classe dominante, da língua do poder, e de que o aluno já se comunica muito bem por meio da variedade viva que trouxe de casa e vigora e revigora na rua, nas praças e até em certo tipo de literatura de crônicas do quotidiano, de fatos do dia a dia, com intuitos de lazer e com finais humorísticos, há professores mal informados e pedagogos engajados que defendem que a variedade a ser cultivada e cultuada na escola é essa língua natural falada, viva e espontânea, sob a bandeira tão aplaudida pelos jovens que não querem esforçar-se na sua risonha e brincalhona passagem pelos bancos escolares, onde a exigente e suada aprendizagem não ocupa o lugar privilegiado da merenda escolar e das brincadeiras no recreio. É pedagogia do aprender brincando. Em tudo isto há, naturalmente, honrosas exceções que, pelo seu minguado número, justificam a regra.

Essa atitude em nome de uma democracia linguística encontra apoio e alicerce em ensinamentos de certos linguistas estruturalistas norte-americanos que, interessados em delimitar o objeto essencial da descrição de uma língua — que reside na língua falada, tida, por isso, como língua natural —, consideram uma falsa e errônea atitude elevar a língua escrita dos documentos literários à condição de modelo de perfeição idiomática para efeito de análise e de aprendizado do português, por exemplo, na escola.

Na realidade, há aí uma confusão de tarefas, todas importantes e válidas, que cumpre distinguir. Fê-lo com a autoridade que todos lhe reconhecemos o nosso linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr. Em obra que, infelizmente, a morte não lhe deixou completar:

A gramática descritiva, tal como a vimos encaranado, faz parte da Iinguística pura. Ora, como toda ciência pura e desinteressada, a linguística tem a seu lado uma disciplina normativa, que faz parte do que podemos chamar a linguística aplicada a um fim de comportamento social. Há assim, por exemplo, os preceitos práticos da higiene, que é independente da biologia. Ao lado da sociologia, há o direito, que prescreve regras de conduta nas relações entre os membros de uma sociedade.

A língua tem de ser ensinada na escola, e, como anota o linguista francês Ernest Tonnelat, o ensino escolar tem de assentar necessariamente numa regulamentação imperativa. Assim, a gramática normativa tem o seu lugar e não se anula diante da gramática descritiva. Mas é um erro profundamente perturbador misturar as duas disciplinas e, pior ainda, fazer linguística sincrônica com preocupações normativas (*Estrutura da língua portuguesa*, p.S).

E indo mais adiante em suas lúcidas considerações, continua o mesmo Mattoso Câmara:

"Há a esse respeito algumas considerações, que se fazem aqui necessárias. Antes de tudo, a gramática normativa depende da linguística sincrônica, ou gramática descritiva em suma, para não ser caprichosa e contraproducente. Regras de direito que não assentam na realidade social, depreendida pelo estudo sociológico puro, caem no vazio e são ou inoperantes ou negativas até. Só é altamente nociva uma higiene que não assenta em verdades biológicas. Não se compreende uma situação inversa. Depois, mesmo quando convém a correção de um procedimento Iinguístico (porque marca desfavoravelmente o indivíduo do ponto de vista da posição social, ou porque prejudica a clareza e a eficiência da sua capacidade de comunicação, ou porque cria um cisma perturbador num uso mais geral adotado), é preciso saber a causa profunda desse procedimento, para poder combatê-lo na gramática normativa. Finalmente, a norma não pode ser uniforme e rígida. Ela é elástica e contigente, de acordo com cada situação social específica. O professor não fala em casa como na aula e muito menos numa conferência. O deputado não fala na rua, ao se encontrar com um amigo, como falaria numa sessão da Câmara. E assim por diante.

Quando o linguista sincrônico se insurge contra o gramático normativo ou o professor de língua, é em regra porque este e aquele declaradamente desobedecem a esses 3 preceitos. Impõem as suas regras praxistas como sendo linguística. Corrigem às cegas, sem tocar no ponto nevrálgico do procedimento linguístico que querem corrigir e com isso criam confusão e distúrbio. Partem do princípio insustentável de que a norma tem de ser sempre a mesma, e fixam um padrão social altamente formalizado como sendo o que convém sempre dizer" (Ibid., p.5-6).

A longa citação se explica porque os judiciosos comentários de Mattoso Câmara antecipam algumas lições de que iremos precisar no decorrer destas linhas e porque deixam logo assentados aspectos de suma importância para bem orientar a discussão do tema. São estes aspectos que desejamos ressaltar: a distinção entre a atividade do linguista (no caso, gramática descritiva) e a do professor de língua (gramática normativa); a validade social, portanto, da gramática normativa, infelizmente maltratada dentro de sala de aula por professores que preferem ser linguistas a professores de língua; numa língua há mais de uma norma, portanto, há de se levar em conta sua elasticidade e sua contingência de acordo com cada situação social e textual específica;

não se pode defender a tese de uma modalidade de língua altamente formal para todos os momentos da vida em sociedade, bem como, em sentido oposto, achar que a língua informal é a única apropriada para todos os misteres da vida social, ainda mesmo nos textos escritos.

O grande, o maior prejuízo dessa atitude exclusivista que privilegia, de uma parte, a modalidade formal como única realidade concreta de uma língua — fora dela tudo está errado e revela ignorância da pessoa —, de outra parte, a modalidade informal, natural, viva e espontânea — fora dela tudo não passa de imposição de uma minoria saudosista que não viu o tempo passar —, o maior prejuízo, dizíamos, é o amesquinhamento, o empobrecimento da rica e multifacetada exuberância que ostenta toda língua histórica, com suas variedades geográficas, sociais e estilísticas. Na realidade, em ambas as atitudes condenadas, a criança continua com sua educação lingüística prejudicada.

Na primeira hipótese, privilegiamento da língua formal escrita, a escola luta por substituir tanto quanto possível a língua falada haurida no seio da família pela língua padrão, standard. Na segunda hipótese, a escola privilegia a língua falada em detrimento da modalidade formal. Em suma, em ambas as visões, o aluno entra na escola monolíngue (com a língua de casa) e sai da escola também monolíngue (ou com a língua padrão ou com a permanência da língua de casa). A atitude linguística e pedagógica mais correta seria que a escola proporcionasse ao aluno ser um poliglota na sua própria língua, isto é, lhe fosse dada ao educando a capacidade de usar e compreender mais línguas dentre aquelas que constituem o patrimônio maior, que é língua histórica.

No primeiro grau, onde prevalecem os autores contemporâneos brasileiros (séc. XIX e XX), entraria o aluno no conhecimento da modalidade escrita formal do português do Brasil para utilizá-la e entendê-la nos momentos sociais em que tivesse necessidade de ler textos redigidos na língua padrão e, eventualmente, tivesse a necessidade de falar ou ouvir essa mesma variedade lingüística; sem menosprezo da língua falada, utilizada com parcimônia pelos nossos cronistas.

No segundo grau, com a ênfase da iniciação sistematizada das literaturas de língua portuguesa (brasileira, portuguesa e africana), contemporâneas ou não, abrem-se as oportunidades para os alunos entrarem em contato com as variedades regionais do português (os dialetos), as variedades sociais (percebem diferenças dos usos dos personagens) e as variedades estìlístìcas, estas últimas porque já vão percebendo que há diferenças entre a língua da

prosa e da poesia, entre a língua comum e a língua de uso. Vão também observando e tomando consciência de que só num texto as variedades se misturam, caracterizando épocas históricas, condições sociais dos personagens e intenções estilísticas de necessidade expressiva.

Diante, agora, deste rico painel linguístico, é muito empobrecedor e mesquinho falar de normas rígidas e permanentes, do uso ou de interdição de certos tabus linguístico em redações, como a gíria, certas flexíbilizações de construções não documentadas nos autores e nas gramáticas, e de certas palavras não agasalhadas nos dicionários, ainda os mais respeitáveis.

E este o momento de se mostrar que a língua não é só o que está feito, mas também o que se pode criar de novo com ela, seguindo-lhe as regras e a tradição, para atender a certas necessidades de intenção estilística ou estética. E o caso, por exemplo, do *imexível* do ministro, combatido injustamente sob a alegação de que o termo não estava registrado no Aurélio. Muito recentemente, em artigo publicado em *O Globo* de 19 de janeiro último, o escritor João Ubaldo Ribeiro lamentava que não existisse o vocábulo *passarídeo*, da mesma forma que *borboletáceo*. Aliás, no tocante a criações expressivas como essas tais, elas merecem mais o direito de correr na língua e a ser agasalhadas nos dicionários do que aquelas que nasceram de erros tipográficos, e de tanto os lexicógrafos se repetirem uns aos outros, acabaram por lograr foros de cidadania e merecer o beneplácito do uso; é o caso, por exemplo, de *colimar*, nascido da má Ieitura do latim *collineare* por parte dos astrônomos italianos, que assim inventaram o latim moderno *collimare,* responsável pelo aparecimento do termo em mais de uma língua culta.

E também o momento de se entender a verdadeira missão da gramática normativa e do corpus em que ela vai haurir seus preceitos. Erram os que supõem que a gramática normativa é o espelho da língua portuguesa em geral; seu intento é bem mais modesto: é apenas o conjunto de usos fixados pela tradição escrita culta dentro da língua comum, standard, tradição essa a que Eugenio Coseriu chama língua *exemplar*. Assim, a gramática normativa é o registro da exemplaridade, conjunto de usos linguísticos que se esperam de uma pessoa escolarizada, falando ou escrevendo, em determinados momentos especiais e importantes do convívio social e cultural.

Criticar, portanto, a gramática normativa assim entendida, porque não aceita como correta a colocação do pronome átono a iniciar período, sob a alegação de que tal prática aparece em crônicas de autores conceituados; porque não aceita como correta a regência do verbo *assistir* com o objeto

direto em frases do tipo *Assistiu o jogo*, é desconhecer a verdadeira natureza da língua exemplar e, assim, do seu código de registro, que é a gramática normativa.

Estamos, mais uma vez, diante de visão redutora da riqueza da língua histórica portuguesa, já que esse modo de entender reduz as possibilidades de usos nas diversas línguas portuguesas que existem dentro da língua histórica portuguesa a um só tipo de construção do verbo *assistir*, sem atender, como disse Mattoso Câmara em trecho já transcrito em artigo anterior a este, para o fato de que a norma é elástica e contingente, de acordo com cada situação social e, acrescentamos nós, textual específica.

À mesa, na intimidade do ambiente familiar, usamos do mesmo talher para a carne e o peixe, o mesmo copo para a água e o vinho, o mesmo tipo de vinho para a carne vermelha e a carne branca; mas não é assim que acontece em determinados momentos especiais da vida social. Distribuir corretamente esses e outros instrumentos caracteriza o que se chama etiqueta social; distribuir também corretamente os sons, as formas, as construções e o léxico da língua histórica caracteriza o domínio da etiqueta linguistica. Utilizar numa carta de solicitação de uma vaga de emprego da expressão *arranjar um empreguinho nessa conceituada firma* não constitui impropriedade nessa abstração chamada língua histórica portuguesa, mas há impropriedade numa modalidade que integra essa língua histórica e que não admite, por impropriedade, a expressão utilizada pelo pretendente à vaga, ainda que sejam portugueses de boa cepa o verbo *arranjar* e o diminutivo empreguinho.

Pelo que vimos comentando até aqui, podemos facilmente concluir que é muito complexa a tarefa de corrigir às cegas, sem tocar no ponto nevrálgico do procedimento linguístico que querem corrigir, e com isso só criam confusão e distúrbio, como já assinalamos, apelando para estas palavras de Mattoso Câmara.

Os linguistas, de modo geral, conforme já o declaramos, preocupados com a ciência pura, naturalmente não têm prestado atenção ao complexo problema da correção de linguagem; e até alguns têm considerado o caso de somenos interesse tanto para a práxis do ensino escolar, como para o aspecto essencialmente linguístico.

Todavia, bons linguistas e teóricos da linguagem, ainda que pouquíssimos, se debruçaram sobre o tema, e hoje se pode contar com uma bibliografia digna de nota acerca do tema, quer em forma de artigos, quer em forma de livros, quer de línguas modernas vivas, quer de línguas antigas mortas.

Entre os primeiros trabalhos importantes, podemos citar a lição de linguista e germanista sueco Adolf Noreen [pron. nuréen] (1854- 1925), lição que outro notável linguista e também germanista dinamarquês Otto Jesperesen [pron. Iéspersen](1860-1943) divulgou e discutiu no livro Humanidade, nação e indivíduo do ponto de vista linguístico, aparecido inicialmente em Oslo, 1925, escrito por solicitação do Instituto Norueguês de Pesquisa Comparada em Cultura Humana e divulgado para o mundo escandinavo na versão inglesa saída em 1946, e daí traduzido para outras línguas.

Depois de apontar adesões e oposições de compatriotas de Noreen, Jespersen informa-nos que para o lingüista sueco o problema dos critérios de correção de linguagem está ligado a três fatores, dois já conhecidos dos investigadores, fatores que para Noreen estavam sob suspeição, e um, o último de sua responsabilidade: histórico-literário, histórico-natural e racional.

Por histórico-literário compreende o fator que se fundamenta no prestígio de autores literários de uma época considerada áurea, em que Academias, que editam gramáticas, boletins e dicionários, recomendam uma ortografia oficial, se registra a significação normal (mais usual) das palavras e certas construções gramaticais havidas por mais consentâneas com a tradição escrita culta.

O pouco peso desse critério se patenteia no fato de haver certos países, como a Inglaterra, onde nunca houve nem academia, nem produtos gramaticais e lexicográficos oficiais, sem que tivesse deixado de haver bem nítido, na consciência e na prática dos falantes e escritores, o reconhecimento de palavras, pronúncias e construções consideradas de bom uso, ao lado de outras que qualquer inglês escolarizado rejeita por sabê-las incorretas ou inadequadas.

Entre nós, as Academias (Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa) só têm exercido alguma ação sistematizada no que tange à ortografia. No Brasil, tem havido até certa incompreensível resistência em que a instituição abra suas portas a filólogos e linguistas que muito poderiam ter contribuído em sentido positivo nesse particular; bateram-lhe à porta Mário Barreto, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira, Padre Augusto Magne, mas a nossa Academia bateu-lhes com a porta, para prejuízo dela, na ação de salvaguarda do idioma e na elaboração de estudos gramaticais, duas de suas missões regimentais basilares. Felizmente, foi sensível à recepção de Silva Ramos, Carlos Laet e João Ribeiro — nos seus inícios — e, ao depois, à recepção de um Aurélio Buarque de Holanda, um Antônio Houaiss, um Celso Cunha. Neste sentido, a Academia Espanhola, para muito proveito cultural seu e extensa atividade linguístico-

filológica, e, com o apoio decisivo do governo e do respeito da sociedade, agasalha a nata dos grandes representantes nessa área do conhecimento humano, com, dentre outros, Ramón Menéndez Pidal, García de Diego, GiIi Gaya, Dámaso Alonso, Rafael Lapesa, Alonso Zamora Vicente, Alarcos Llorach, Lázaro Carreter, contribuindo tenazmente para que o patrimônio linguístico possa desempenhar artística, política e culturalmente o papel que está fadado ao idioma de Cervantes e Borges no próximo século XXI, sem deixarmos de pensar nesse idioma como possível e natural veículo de expressão oficial do bloco econômico da América Latina com o resto do mundo.

Algumas vezes o escritor, pelo prestígio de sua cultura e difusão de sua obra, passa a ser uma referência de modelo, quase sempre sem que disso tenha alguma interferência ou consciência. Camões, por exemplo, não pretendeu com *Os Lusíadas*, servir de diapasão para os escritores do seu tempo e dos séculos seguintes mais próximos a ele. Mas a verdade é que a linguagem camoniana contribuiu para uniformizar muitas formas duplas correntes ao seu tempo, dentre as quais o épico fez as suas escolhas (*antre*, *-airo*, em c*ontrairo*, *piadade,* etc., foram desbancadas por entre, *-ário*, *piedade*).

Na França, Vaugelas e seus companheiros só objetivavam o registro das formas cultas; todavia, passaram a ser autoridades aos seus contemporâneos e aos pósteros.

Tal peso de autoridade recai muito frequentemente nas obras lexicográficas. A Academia Espanhola editou um prestimoso guia com o título de *Dicionário de Autoridades*.

Entre os escritores e a classe culta portuguesa exerceu extraordinário poder de sistematização da língua do século XIX e XX o *Dicionário* do fluminense Morais Silva, a partir da 2 ed. de 1813.

Os consultórios gramaticais veiculados pelos jornais constituíram paladinos da boa linguagem, às vezes com certos exageros e enganos. Neste particular, ressalta-se o trabalho desenvolvido por Cândido de Figueiredo, fraco em filologia, mas que contribuiu enormemente para o cuidado que se deve prestar à correção de linguagem. Suas fraquezas ensejaram a que seus contraditores escrevessem excelentes repositórios de boa doutrina, como os *Fatos de linguagem*, de Heráclito Graça, hoje injustamente esquecido, e tantos outros.

O segundo critério estabelecido por Jespersen diz respeito a uma pergunta muito frequente entre o comum das pessoas: *Onde se fala melhor o português*? *O francês*? *O inglês*?, e assim por diante.

Neste particular, há ideias arraigadas que estão longe de corresponder à realidade; como lembra Jespersen, aponta-se, em geral, a capital do país, por ser invariavelmente o centro cultural, ponto de confluência de políticos, escritores, intelectualidade em geral, e da chamada boa sociedade. Por exemplo, no Brasil, dois congressos, um realizado em São Paulo, em 1937, sob o entusiasmo de Mário de Andrade, e outro em Salvador, em 1956, recomendaram o português padrão do Rio de Janeiro como a variedade modelar para o canto e o teatro, respectivamente. Hoje, com a mudança da capital para Brasília, a transferência de escritores, artistas e intelectuais para fora do Rio e o visível esvaziamento cultural da antiga metrópole, não podemos afiançar se um congresso agora repetiria a antiga recomendação, embora as poucas marcas regionalistas do falar carioca padrão parece que ainda gozem do prestígio social de outrora e da preferência do brasileiro em geral. A crescente presença do sotaque paulista na televisão, quer de artistas, quer de anunciantes, pode provocar, a médio e longo prazo, mudança nesse estado de coisas.

Mas às vezes a resposta àquelas perguntas recai numa região longe da capital; por exemplo, o Maranhão ou Pará (pela profunda presença portuguesa). Do ponto de vista científico, diz Jespersen, onde se fala melhor o inglês londrino é em Londres, o melhor inglês-americano é nos Estados Unidos, como o melhor português piauiense é no Piauí, o melhor algarvio é no Algarve, e assim por diante, simplesmente porque a melhor e genuína variedade linguística está na região em que ela é falada, seja na capital, seja num modesto lugarejo, o que significa que os diverso dialetos de uma língua histórica são igualmente corretos em relação à tradição que aí viceja triunfante e avassaladora, e os usos que dela porventura destoem são considerados errados ou estranhos pela respectiva comunidade linguística.

O terceiro critério arrolado por Jespersen é o literário, de cuja fragilidade já falamos, ao comentar o fator histórico-literário de Noreen. E bem verdade que o mérito literário de um escritor que prima em manifestar-se numa língua cuidada, tem servido de modelo à "correção de linguagem". Foi, até a metade deste século, o caso de Castilho, de Herculano, de Camilo, de Machado de Assis e, mais recentemente, a prosa de Graciliano Ramos, de Manoel Bandeira e de Erico Veríssimo.

O critério se fragiliza quando se dá o caso de um escritor que, pela elevação de seu talento, merece um posto na literatura do seu país, mas que não se mostrou cuidadoso na observância da tradição culta da língua.

Se o critério literário não é razão suficiente para transformar um escritor cuidadoso do vernáculo numa autoridade suprema de "correção de linguagem", é certo que, entre os alunos e iniciantes, muito contribui na homogeneização e estabilidade da língua do seu tempo, como bem arremata Jespersen.

O quarto critério, o aristocrático, consiste em atribuir importância à chamada "boa sociedade" na tarefa de se atingir a "correção de linguagem". O grande obstáculo do critério é determinar que fração da sociedade integra essa classe de falantes. No tempo em que o prestígio residia na corte e nos seus frequentadores mais próximos, essa parte da sociedade, pelas alianças matrimoniais e questões de política e de cultura, ficava muito exposta à influência de cortes estrangeiras. Jespersen lembra, por exemplo, o tempo em que a corte e a nobreza dinamarquesa recebiam forte influxo alemão, de modo que a pronúncia e o sotaque dos Holstein eram considerados o máximo de refinamento nos ambientes aristocráticos, embora fossem estranhos ao dinamarquês, e a imitação ficasse restrita a esse pequeno círculo de pessoas.

É bem verdade que as classes ditas inferiores tendem a imitar a fala das classes mais elevadas, social e culturalmente consideradas; e neste convívio de influências, nota-se certo resultado na homogeneização e estabilidade do idioma.

Em sentido contrário ao critério aristocrático, Jespersen arrola o critério democrático que, partindo do princípio de que todos os homens são iguais, considera "correção de linguagem" o conjunto de usos majoritariamente empregado na comunidade. Tudo na língua depende de um consenso.

A história dos fatos linguísticos de uma língua através dos tempos, tem-nos mostrados que não só existe a influência de hábitos de falar da camada aristocrática na feição da língua comum, mas ainda que hábitos do falar da camada popular têm exercido a mesma função de modelo. Num livro clássico de linguística diacrônica *Cultura e língua francesa. História da língua literária da França desde os começos até o presente* (1ª ed. alemã em 1913, 2ª ed. revista e com título alterado para o atual em 1929), o linguista e filólogo alemão Karl Vossler (1872-1949) registra que a vacilação dos fonemas e, a (*lermes*/*larmes*, *achate*/ achete), do *o* fechado, *o* aberto e *ou* (*boche*/*bouche*, *hoste*/*houste*) entre outros fatos, foram hábitos da fala popular que ascenderam entre os séculos XVI e XVII, sob a forma da moda, de tal maneira que Vossler chega a firmar que desde o século XVI é muito difícil haver uma novidade

vitoriosa de pronúncia que não tenha antes sido proferida pela boca popular parisiense.

Não basta muita atenção para certificarmos que esse critério democrático tem limites próximos do fator histórico-natural apontado por Noreen e que atrás comentamos, segundo o qual, tudo na língua é igualmente correto e incorreto, na dependência exclusiva do gosto da maioria, fazendo eco de semelhante parecer corrente entre estudiosos da Antiguidade, como o de Sulpício Apolinário, gramático romano morto por volta do ano 160 d.C., professor de Aulo Gélio (séc. 11), ao referir-se ao *omnium pluriumve consensu*, citado no excelente artigo do linguista alemão Harald Weinrich sobre Vaugelas e a questão do bom uso de linguagem no classicismo francês, recolhido no livro *Wege der Sprachkultur* (Stuttgart, 1985, p. 104-135).

Apesar da fragilidade do critério democrático, Jespersen reconhece que ele vige ainda hoje, mascarado sob o peso do valor de uso, em questão de Iinguagem, considerado a autoridade máxima para dirimir dúvidas neste particular. Já o velho Horácio assim se expressava na *Ars Poetica*: "*si volet usus*, / *quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi"* (v. 71-72), isto é, "se o uso assim quiser, pois a ele só pertence a soberania, o direito e a norma da língua".

Esta ideia, exposta por Iinguistas e gramáticos do século XIX, chega-nos por esta via, creio que pela primeira vez, numa citação do nosso grande sintaticista Said Ali ao inglês Sayce: *Custom alone can determine what is right and wrong, not the dictum of grammarians, however eminent (Dificuldades da língua portuguesa*, ed. 1908, p. 58; 5 ed., 1957, p. 53).

O sexto e penúltimo critério arrolado por Jespersen é o *lógico*, segundo o qual a "correção de linguagem" está intimamente relacionada, e delas depende, com as leis gerais do pensar. Assim, a correção tem valor universal e deverá estar presente em todos os homens, independentemente de nação e da língua. Lembra Jespersen que tal critério, tomado ao pé da letra, vai de encontro à lição de Tegnér e de muitos outros estudiosos, que sustentam que qualquer absurdo se torna correto se for sancionado pelo uso.

O apelo à lógica é geralmente desaprovado pelos linguistas, muitos dos quais, com Henrich Morf (1 864- 1 921), afirmam que "a língua não é lógica nem ilógica, mas alógica". Apesar desses votos em contrário, não se poderá pensar que a língua, veículo de conteúdos da consciência, funciona em contradição com os princípios do pensamento, com a lógica entendida em sentido muito extenso.

Lembra ainda Jespersen que, muitas vezes, em nome da lógica ou como seu representante legítimo, alguns velhos linguistas tinham em mira o modelo do latim, já que, como sabemos, o idioma de Cícero foi considerado, por muito tempo, a língua suprema por se levar em grande conta o que se considera sua "logicidade", tal qual, nos dias de hoje, muitos linguistas consideram, aliás erradamente, que as propriedades do inglês sejam válidas e onipresentes para todas as línguas, antigas e modernas.

A seguir, passa Jespersen ao comentário de frases e construções gramaticais tidas por "ilógicas", como, por exemplo, *a mesa redonda é quadrada*, *dois e dois são cinco*, ou o dinamarquês e o inglês *det er mig*, *it is me* em vez de *It is I*, para este último ou que a expressão inglesa A *thousand and one night* é mais lógica do que a italiana *mille e una notte*.

Num lance de luz sobre a questão, Jespersen separa o que chama "gramaticamente correto" e "lexicamente errado", mas não aprofunda o tema, e por isso mesmo, não o resolve a contento, conforme ao depois veremos.

Por fim, vem o critério artístico, segundo o qual a "correção de linguagem" está sujeita ao nosso sentimento estético ou à nossa sensibilidade artística, pelo qual linguagem correta vale o mesmo que linguagem bela. TaI opinião se baseia no fato de que, se perguntarmos a alguém o que pensa de dois modos de dizer apresentados à sua consideração, a pessoa declara que um parece melhor que o outro ou que lhe soa mais agradável e, por isso, mais correto. Julga Jespersen, com razão, que o critério é ilusório, já que assentado em base de sensibilidade de alguém, sensibilidade que nem sempre coincide com a realidade da língua.

Chegado ao final da análise dos critérios estabelecidos, confessa Jespersen que se sente como se estivesse no início da discussão, sem ter nas mãos critérios cientificamente sólidos e capazes de permitir um juízo definitivo. Apesar das dificuldades, crê Jespersen que se pode chegar a esse almejado critério, e passa a considerações suplementares no capítulo seguinte do seu citado livro. A verdade é que, não tendo feito delimitações preliminares, o notável linguista dinamarquês abre mais algumas trilhas; porém, infelizmente, não acerta com o caminho capaz de levá-lo, e à questão, a um porto seguro. Seus critérios têm validade para o problema como um todo, mas pela falta das delimitações acima aludidas, se misturam e se atropelam, sem nos oferecer uma visão clara e mais correta do problema.

Esta deficiência dos critérios de Jespersen foi notada por José Oiticica (1882-1957), uma das glórias do magistério do Colégio Pedro 11., cuja

força de inteligência e de cultura está mais nos dispersos em revistas e jornais, do que nos livros publicados para o ensino da língua portuguesa, especialmente no *Manual de análise léxica e sintática* (la ed. 1926, com prefácio de 1925). No *Curso de literatura*, escrito por volta de 1945 e publicado em livro postumamente, em 1960, Oiticica discute os critérios do mestre dinamarquês, insistindo, de início, na distinção entre *língua usual* e *língua padrão*, uma vez que "não podemos aplicar a ambas o mesmo critério de correção"(p. 77) e que "para todas essas classes o critério único é o uso geral"(Ibid).

Acrescenta ainda a necessidade de distinguir dois aspectos essenciais: o *léxico* (onde se inclui o fônico, o mórfico, o semântico e o ecológico ou regional) e o *sintático*.

Depois de concordar com algumas opiniões de Jespersen e discordar de muitas outras, adianta que o critério de correção está na *tradição dos mestres da língua*, considerando como mestres os escritórios e os gramáticos, definindo a "correção de linguagem" como a "equilibrada observância da tradição gramatical dos mestres da língua" (p. 76):

"Em qualquer compêndio, para justificar um uso, citam-se exemplos abonatórios dos autores. Não há outra autoridade em sintaxe. Se o quadro de autores concordantes é de peso, a sintaxe é correta. Qualquer uso novo, impugnado, tem de aguardar o pronunciamento dos mestres, sua adesão geral. Esse critério pode estender-se a todos os casos (menos os já apontados, regidos pelo uso), porquanto, em grafia, prosódia, semântica (na língua geral) e morfologia, os decretos governamentais ou das academias oficiais são consequências de estudos acurados feitos por comissões técnicas de eruditos. Portanto, ainda aqui, é a tradição dos mestres a autoridade única(p. 82-83).

Apesar de dar alguns passos na boa direção, a verdade é que faltou a Oiticica a visão globalizante do problema, visão globalizante que vai encontrar no teórico da linguagem Eugenio Coseriu, a nosso ver, o justo tratamento das diversas facetas que a questão envolve. Infelizmente, Coseriu ainda não deu à estampa um livro que prepara há vários anos, intitulado *O problema da correção idiomática*, mas muitos dos seus fundamentos teóricos estão na ampla bibliografia do mestre e muitas antecipações da questão se encontram no livro mais recente *Competência linguística: elementos da teoria do falar*, saído em 1988 em alemão e 1992, em espanhol.

Para tomar a trilha do bom caminho, torna-se necessário recordar alguns pontos fundamentais da teoria do linguista de Tubingen, o que procuraremos explicar a seguir.

Compreendida a linguagem como atividade universal do falar, ela realiza-se individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, e pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos: o plano universal, o plano histórico e o plano individual.

O plano universal ou o do falar em geral se apresenta como prática universalizada, não historicamente determinada, isto é, alude a todos os homens adultos e normais que falam, independentemente de que língua falem. É o plano do falar em geral, e a ele nos referimos quando dizemos que tal criança ainda não fala ou que os animais não falam. Não queremos, com tais declarações, aludir a uma língua concreta (português, inglês, etc.), mas à capacidade de falar.

O plano histórico faz referência a uma língua determinada inserida numa tradição histórica, razão por que não existe simplesmente *língua*, mas *língua portuguesa*, *língua inglesa*, etc., isto é, *língua* acompanhada de um adjetivo que a liga a uma tradição histórica. Até as línguas inventadas (o esperanto, o volapuque, etc.), ao serem construídas, passam a representar uma nova tradição histórica do falar. Esta consciência histórica é conhecida do falante ou da comunidade falante, que distingue a sua língua da língua dos outros (do inglês, do francês, etc.), e noutra referência, percebe se alguém fala bem ou mal a sua língua.

O plano individual faz alusão ao fato de ser sempre um indivíduo que fala uma língua determinada, e o faz cada vez segundo uma circunstância determinada.

À atividade de um indivíduo falar conforme a conveniência de uma dada circunstância Coseriu chama-a *discurso*, e diz que, nessa aplicação, não se deve confundir *discurso* com *texto*, que já este é entendido como produto desta atividade, produto do discurso. O discurso, tal como o texto, está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou o tema de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um *saber fazer*, uma competência, ainda que intuitivamente sabida, sem possibilidade, portanto, de poder ser fundamentado, isto é, um saber não reflexivo.

Consoante os planos aqui distinguidos da linguagem, poderemos ter um saber falar em geral (chamado *saber elocutivo* ou *competência linguística*

geral), um saber falar uma língua determinada como representante de uma comunidade linguística com tradições comunitárias do saber falar (chamado *saber idiomático* ou *competência linguística particular*) e um saber falar individual com vista à maneira de construir textos em situações determinadas (chamado *saber expressivo* ou *competência textual*).

O *saber elocutivo* ou *competência linguística geral* não corresponde a saber falar uma língua determinada (português, inglês, etc.), mas falar segundo os princípios da congruência em relação aos padrões universais do pensamento e do conhecimento geral que o homem tem das coisas existentes no mundo em que vive. Lembra Coseriu que a norma de congruência não deve ser aqui confundida com os princípios do pensamento lógico; portanto, é uma falsa questão para o linguista discutir se a língua *é lógica*, *ou ilógica*, ou *alógica*, simplesmente porque, embora extensamente entendidos, tais juízos não se aplicam a uma determinada língua nem sequer às línguas, mas tão somente ao plano do falar em geral, aos princípios de congruência que se esperam observados e atendidos de um "falar com sentido". Essa confusão é comumente feita e se patenteia, por exemplo, na célebre declaração de Rivarol (1753-1801), no *Discours sur l'universalité de la languefrançaise* (1784): "*Ce qui n'est pas clair n'est pás français*" ou na de Voltaire (1694- 1778), no prefácio do seu drama *Oedipe* (Edipe, 1718): "*Le génie de notre langue est la clarté et l'élégance*", matizada depois, por exemplo, no *Dictionnaire philosophique*: "*Le génie de cette langue est la clarté et L'ordre"* (no verbete *François*, citado por H. Weinrich, *Wege der Sprachkultur*, p. 137). Tais afirmações atribuem à língua francesa qualidades e propriedades que não lhe são inerentes, mas que ocorrem, como lembra Weinrich, pelo fato de que a busca da clareza entre os franceses faz parte de uma tradição do falar da sua comunidade, perseguida pelos autores franceses do séc. XVIII, orientados por uma discussão entre os autores da Idade Média e do Renascimento e já presente entre gregos e romanos. Quintiliano, também lembrado por Weinrich (p. 139), falava da *perspicuitas* como a qualidade suprema do falar (*oratio vero*, *cuius summa virtus est perspicuitas*, *Institutio Oratoria*, I, 6, 41), cujo representante francês (*perspicuité*) nos tratados de Retórica e Poética do séc.XVII foi substituído pelo termo *clarté*.

Ao saber falar (em) uma língua particular corresponde um saber histórico denominado *saber idiomático* ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua particular (português, inglês, etc.) de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

A dimensão desse saber idiomático não se restringe aos atos linguísticos de um momento determinado (dimensão sincrônica), mas alcança os atos não mais usados nesse momento (dimensão diacrônica), o que permite que o falante possa afirmar coisas do tipo: "Isso não se diz mais", ou "Hoje preferimos dizer de outra maneira", ou "Isso pertence à linguagem antiga", ou, ainda, "Só os idosos dizem assim", o que patenteia que o falante conhece mais de uma sincronia.

Afora essa dimensão no tempo, esse saber idiomático identifica variedades que ocorrem numa língua histórica, isto é, as variedades regionais (os dialetos), sociais e estilísticas, o que permite identificar o termo como *ecológico* (na nomenclatura de Oiticica lembrada antes), vale dizer, se um ato linguístico (palavra, expressão ou frase) é típico de uma região (por exemplo, o que no Brasil é *trem* em Portugal é *comboio*; o que Portugal opta por *estar a almoçar*, no Brasil preferimos *estar almoçando*; o que no Rio de Janeiro se chama *sinal* luminoso de trânsito, em São Paulo é *farol*, mais para o sul *semáforo* e em Porto Alegre *sinaleira*, etc.). Permite também identificar um ato como da língua comum padrão ou da língua familiar (*variedade social* e *diastrática*) ou como próprio da prosa ou da poesia (*variedade estilística* ou *diafásica*).

Ao *saber expressivo* ou *competência textual* corresponde o saber estruturar textos em consonância ou com atenção aos fatores gerais do falar, isto é, o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* e a *situação*, já que há normas que dizem respeito a esses fatores.

Assim, por exemplo, há de se levar em conta como falar com os superiores hierárquicos, com os mais velhos, com as senhoras, com as pessoas de pouca instrução, com as crianças. Às vezes, há normas rígidas ou quase na estruturação formal de um texto, como, por exemplo, se trata de um soneto (poema de forma fixa com catorze versos), de um ofício, de um requerimento ou de um telegrama.

Há também formas linguísticas tradicionalmente fixas. Para a saudação matutina dizemos, em português *Bom dia*! ou *Bons dias*!, ainda que a saudação aconteça numa manhã de chuva ou de cara feia. Às vezes, as línguas utilizam modos tradicionais muito diferentes entre si. A apresentação inicial de pessoas, por exemplo, se faz entre nós com *Satisfação*! enquanto o francês prefere *Enchanté*!, o italiano *Piacere*!, o espanhol *Mucho gusto*!

Esses saberes, pelos seus desempenhos por parte dos falantes, estão sujeitos a juízos de valores em relação aos três planos aqui distinguidos. Quando

o saber se manifesta na atividade do fazer, no saber fazer, recebia entre gregos o nome *téchne*; assim um título como *téchne grammatiké* denunciava um saber de como se faz algo. Os latino traduziram o termo grego por *ars*; como judiciosamente ensina Coseriu, não significava o que hoje chamamos "arte" (alemão *Kunst*), mas tinha o significado, também no antigo alemão, de uma capacidade que se evidenciava, que se manifestava, que se mostrava no fazer. Assim sendo, adianta Coseriu, não têm fundamento as discussões entre linguistas tradicionais e modernos sobre se a gramática é uma arte ou uma ciência com base nos conceitos que de fato designam tais termos (*Competencia linguística*, p. 235 da versão espanhola).

O juízo de valor que faz referência ao nível do saber elocutivo ou competência linguística geral recebe na nomenclatura de Coseriu o nome técnico "congruência", que faz alusão ao fato de alguém falar em cada caso de acordo com as habituais expectativas normais. A um falar que, neste plano, não corresponde às normas de clareza, coerência e congruência, se diz "incongruente".

— O juízo da congruência é autônomo ou independente dos juízos que se referem à língua particular e ao texto; assim é que se pode facilmente apontar a incongruência existente na letra popular "*Tudo vai bem entre nós/ Como dois e dois são cinco"*, mas não se pode apontar nem um erro de língua portuguesa. Se se quer expressar o incongruente, se tem de dizer exatamente assim em português. Como diz Coseriu, com razão: "Há uma maneira correta na língua particular de dizer também o absurdo" (*Competencia*, p.95).

O juízo que faz referência ao saber expressivo ou competência textual se diz *adequação*, e, como vimos, se aplica à maneira adequada de construir textos em obediência a situações determinadas.

Consoante cada fator envolvido no discurso ou no texto, temos distinções para fazer: 1) em atenção ao objeto ou tema, pode o saber expressivo ser *adequado* ou *inadequado*; 2) em atenção ao destinatário, pode ser *apropriado* ou *inapropriado*; 3) em atenção à situação ou circunstâncias, pode ser *oportuno* ou *inoportuno*.

Juízos de valor normalmente atribuídos à língua como *bela*, *harmoniosa*, *vigorosa*, *elegante* pertencem a esse nível do saber expressivo e, como tais, devem ser analisados e descritos.

Também esse plano é autônomo do falar em geral e do falar (em) uma língua particular. O falar com uma criança ou uma pessoa de pouca cultura

me faz "calibrar" ou "filtrar" o discurso ou o texto para atingir as propriedades de adequação exigidas nessas circunstâncias.

O juízo que faz referência ao saber idiomático ou competência Iinguística particular se diz *correção*; falar corretamente é não desviar-se de uma tradição idiomática ou, em última análise, falar conforme a língua. Por outro lado, falar incorreto é não falar em conformidade com essa tradição, ainda que possa ser um falar correto em relação a outra ou outras tradições existentes numa língua histórica, isto é, por exemplo, na língua portuguesa como um todo, com as variedades diatópicas (dialetais), diastráticas (sociais) e diafásicas (estilísticas). E neste sentido que está correta a firmação de José Oiticica, lembrada aqui antes: "O maior absurdo é querer achar para todos [os aspectos linguísticos] o mesmo critério de correção" (*Curso de literatura*, p. 78).

Uma língua nada mais é do que uma determinada técnica do falar de uma comunidade linguística historicamente constituída. Assim, falar corretamente é falar conforme a tradição linguística dessa determinada comunidade. E como dentro dessa comunidade há, normalmente, diversas línguas funcionais, dentro da nomenclatura de Coseriu, teremos então, dentro da língua histórica, diversas normas de correção idiomática. Todo falar tem sua própria correção, como diz Coseriu, e esta correção não é única para toda uma língua histórica.

O nó górdio da questão é que a tradição gramatical e os linguistas têm em geral confundido o conceito de correção com o conceito do que Coseriu chama e*xemplaridade*: correção idiomática não é o mesmo que modo exemplar de falar. Muitas vezes, ao aludirmos à correção em português, estamos querendo falar de exemplaridade em português.

— Cabem aqui as lapidares palavras de outro genial linguista, o itaIiano Antonino Pagliaro:

"Importa-nos agora pôr em relevo que a língua comum é a expressão de uma consciência unitária comum, que pode ser cultural em sentido lato, como acontecia na Itália do século XIV ou na Alemanha de Lutero, e pode ser política, como é o caso das atuais línguas nacionais; nela temos sempre um fator volitivo que leva as comunidades a superar as diferenças mais ou menos profundas dos falares locais, para aderir pela expressão a uma solidariedade diferente e mais vasta. Por outras palavras, quem, deixando de parte o dialeto nativo, passa a falar a língua comum, exprime através desse ato a sua adesão volitiva a um mundo mais vasto, determinado cultural ou politicamente, ou então, como acontece nos estados nacionais modernos, pelas duas formas.

Desta consciência linguística mais clara resulta que a língua comum nunca atinge a plenitude afetiva, traduzida por subentendidos, alusões ou matizes estilísticos, que temos nos falares locais e nas chamadas línguas especiais, principalmente nas gírias. Pelo uso da língua comum, o falante arranca-se em certo sentido, à fase naturalística da expressão, ligada a um ambiente mais ou menos restrito, como a família, o bairro, a cidade ou a região, para se elevar conscientemente a um plano mais vasto, onde o fator intelectual tem muito mais valor que o fator afetivo. Assim se explica que nos falares familiares, locais e regionais, ou nas gírias, o elemento intuitivo-afetivo venha em primeiro plano, de tal modo que basta uma palavra, um gesto ou uma inflexão de voz, para evocar uma ideia ou um estado de alma, enquanto na língua comum a expressão se racionaliza e parece tomar-se fria (*A vida do sinal*, trad. portuguesa de Aníbal Pinto de Castro, p.142-143).

Pelas palavras de Antonino Pagliaro, vê-se claramente que a língua comum, principalmente se serve a mais de um país, como a língua portuguesa, apesar da sua unidade relativa, apresenta variedades diatópicas (regionais), diastráticas (sociais) e diafásicas (estilísticas). Aí entra o movimento de uma unificação sobre a unificação da língua comum, que é a língua exemplar ou padrão. Se a língua comum alcança essa unidade ideal, como ocorre em países de pequena extensão dotados de rica e atuante rede de ensino secundário e superior, não há cabimento para a língua exemplar, ou melhor, a língua comum se confunde com a língua exemplar.

A língua exemplar é, portanto, um modo de falar idealmente unitário, historicamente eleito, que vem neutralizar as pequenas divergências que a língua comum apresente. Exemplaridade, não é um juízo de valor, como ocorre com a correção; mas constitui uma língua dentro da língua comum e, com esta, é o veículo linguístico através do qual o discurso e o texto se manifestam nos momentos e circunstâncias sociais, culturais, científicos, artísticos e burocráticos.

Voltando aos conceitos de estrutura (de uma língua) e de arquitetura, podemos dizer que o correto diz respeito à estrutura da língua, enquanto o exemplar diz respeito à arquitetura da língua histórica; é, como diz Coseriu, uma língua, uma estrutura determinada dentro dessa arquitetura. Quando se busca o correto, está-se perguntando se essa ou aquela realização coincide com o modo de falar que chamamos língua, isto é, se busca uma determinação de conformidade. Quando se busca o exemplar, está-se perguntando qual,

dentre os vários modos de falar de uma língua histórica é o eleito como língua comum unitária.

Nenhum modo de falar é correto em si mesmo; é correto porque existe historicamente. Da mesma maneira, nenhum modo de falar é por si mesmo exemplar; é exemplar porque foi eleito, ou por tácita adoção dos falantes ou pela ação de gramáticos ou academias empenhados na política do idioma e na homogeneidade idiomática. Elege-se a exemplaridade ou o modo exemplar, em nossas comunidades, como o modo de falar das pessoas cultas, por representar o nível mais alto da língua comum. Como a língua comum apresenta ou pode apresentar variedades, a língua exemplar pode desenvolver normas regionais, especialmente nas línguas faladas em vários países. Assim, temos uma norma exemplar para Portugal e outra para o Brasil; entre nós, podemos contar, por exemplo, com uma norma do Rio de Janeiro e outra de São Paulo.

A língua literária é o registro(conjunto de estilos) mais elevado da língua exemplar.

Pelo exposto, pode-se concluir que os chamados tradicionalmente critérios de correção, na realidade são tipos de exemplaridade. E disto advêm, segundo Coseriu, duas conclusões importantes: tais critérios não são nem critérios, nem de correção. Não são critérios porque, em se tratando de exemplaridade, não são o fundamento da eleição de um modo entre várias possibilidades. Nem tampouco são de correção, porque, ainda se tratando de exemplaridade, não têm por objeto estabelecer se um modo está correto em qualquer falar de uma comunidade.

Outro engano de consequências graves é reconhecer a língua exemplar como a única correta e, portanto, em qualquer circunstância, só segundo seu modelo se deve falar uma língua. Cada comunidade linguística, como vimos, tem uma unidade mais ou menos idealmente homogênea, de um modo que encerra mais de uma tradição. A pauta do correto, a tradição linguística, se concretiza no uso, razão por que tem sido o uso um critério muito evocado, da Antiguidade aos nossos dias. Só que, como aduz Coseriu, o uso entendido como o comprovado no falar, se estende além do idiomático, e se manifesta ainda no saber elocucional e no saber expressivo; por outro lado, o uso, entendido como comprovação de certo modo de falar, não é o fundamento da correção, mas sua justificação ulterior.

Outro aspecto digno de atenção é que o uso, referindo-se apenas ao uso idiomático, não só abrange o já dito, mas a realização de novos usos em

conformidade com a pauta do saber fazer. Por isso, Coseriu propõe que melhor que a denominação uso, devemos utilizar, para esse conceito, a expressão *saber idiomático*.

Retornando à problemática inicial da elaboração de uma gramática padrão, vale insistir em que a língua histórica é objeto de estudo da lingüística, e não deve entrar perturbadoramente na elaboração de uma gramática padrão com vista ao ensino de línguas nem na atividade pedagógica idiomática. Na elaboração desse tipo de gramática e desse tipo de educação lingüística, a preocupação deve cingir-se, no caso do português, por exemplo, ao português exemplar ou padrão atual como veículo da tradição cultural comum aos povos que integram o espaço da lusofonia (1).

(1) Cf. Eugenio Coseriu Sobre la enseñanza del idioma nacional. Problemas, propuestas y perspectivas (in Philologica 11, 1989 (33-37), Salamanca, e Die Ebcnen des sprachlichen Wissens. Der Ort des Korrekten in der Bewertungsskala des Gesprochenen in Energeia und Ergon, Band I, 1988 (327-364).

Duas afirmações muito complexas

Isso não se diz e *Isso não é português* são duas afirmações que se ouvem constantemente em aula de língua portuguesa ou durante discussões acerca de questões de linguagem; mas, muitas vezes, nem por longe as pessoas se dão conta da complexidade de que se revestem essas declarações. Uma das grandes contribuições que os modernos estudos de linguagem vieram assentar é que uma língua histórica não é a realidade unitária e homogênea que imaginaram técnicos de antigas concepções; nem estão com a razão as pessoas que supõem ser o idioma domínio em que os problemas se resolvem dentro da lógica de dois e dois são quatro, ou dentro dos princípios do pão, pão, queijo, queijo, vale dizer, é isto e está acabado.

Muito pelo contrário – e aí está a sua riqueza e fascínio –, uma língua histórica (o português, por exemplo) é uma porção de línguas ou de variedades concretas de atos linguísticos que servem de instrumento de comunicação aos integrantes das comunidades de falantes que constituem o domínio da língua portuguesa no mundo. Para simplificar a questão, vamo-nos referir apenas ao português do Brasil, por estar mais perto de nós; todavia, o que vamos dizer aqui se pode aplicar, *mutatis mutandis*, ao português de Portugal.

Em primeiríssimo lugar – e isto já vimos em considerações anteriores –, a língua portuguesa não é só aquilo de que fazemos uso hoje, mas ainda aquilo de que fizeram uso gerações passadas e aquilo de que farão uso gerações vindouras. Em outras palavras, a língua não está feita, mas se faz

continuamente, de modo que temos de contar com os diversos estágios por que tem passado, estágios cujos usos não se extinguem de todo, pois ficam vivendo fragmentariamente aqui e acolá, com maior ou menor intensidade. Quando lemos obras de outras épocas, damo-nos conta desses diversos estágios linguísticos, dessas diferentes *diacronias* que constituem uma língua histórica. Há línguas que, através do tempo, sofrem mudanças muito profundas; outras há em que as alterações são menos acentuadas; assim é que um texto inglês ou francês do século XVI oferece ao leitor mais dificuldade de entendimento do que um texto português da mesma época, isto porque as mudanças operadas neste têm sido mais lentas do que nos idiomas citados.

Fechemos agora os olhos a esta realidade dos diversos estágios por que tem passado a língua portuguesa, isto é, a sua *diacronia*, e vamo-nos concentrar num só desses estágios; porque o conhecemos melhor, pois é dele que fazemos uso; vamos tratar do estágio de nossa época, o português de hoje, o português do Brasil do século XX, preparando-se para entrar no próximo milênio. Antes de fazê-lo, cabe lembrar que cada estágio de uma língua histórica chama-se *sincronia*, e a sucessão de sincronias constitui a *diacronia* dessa dada língua. Os nossos atos linguísticos integram a nossa sincronia, são eles que realmente delimitam e caracterizam o nosso saber idiomático. E por isso que se diz que as línguas se constroem diacronicamente e funcionam sincronicamente. O fato de nos prendermos à sincronia resulta de uma necessidade metodológica da descrição, e não porque, nas considerações sobre questões de linguagem, deve ser desprezada a diacronia. Eis um engano que precisa ser identificado com muita clareza, corrigido com muita rapidez. Outro ponto que, nesta oportunidade, merece nossa atenção, quando se trata de um objeto cultural: como a língua, ele tem um "desenvolvimento histórico", e, por isso mesmo, as mudanças linguísticas só podem encontrar explicações em termos culturais e funcionais, e não em termos de uma causalidade exterior.

Mas voltemos à questão da *nossa* sincronia. A rigor, não basta falar da nossa sincronia, já que a língua que hoje nós praticamos não se apresenta uniformemente na comunidade nem quanto ao espaço geográfico (o português do Rio de Janeiro não coincide com o do Rio Grande do Sul ou o de Pernambuco), nem quanto ao estrato sociocultural (a chamada *língua de cultura*, não coincide com a *língua popular*), nem quanto aos diversos tipos de modalidade de expressão (o português escrito não coincide com o português falado; a chamada *língua usual* não coincide com a *língua*

literária; o modo de falar entre os familiares não é igual ao de falar em público; conhecemos uma linguagem corrente e uma linguagem oficial ou burocrática; mesmo na língua escrita literária, por exemplo, temos diferenças entre um texto em prosa e outro em poesia; e ainda num texto em poesia notam-se distinções entre a poesia épica e a poesia lírica). São diferenças a que o linguista Eugenio Coseriu chama, respectivamente, *diatópicas* (regionais ou dialetais), *diastráticas* (de estratos socioculturais) e *diafásicas* (de modalidade de expressão).

Tudo isto é língua portuguesa do Brasil, tudo isto faz parte do saber idiomático da nossa comunidade linguística e tudo isto, com maior ou menor intensidade, integra a competência idiomática de cada membro dessa comunidade. Nenhum desses membros da comunidade conhece sua língua histórica em toda a sua extensão, por maior que seja sua cultura linguística. Só muito relativamente conhecemos a língua praticada em sincronias passadas (note-se que antes do advento da gravação em discos e em fita, e isto é recentíssimo, só tínhamos acesso ao passado escrito), acontecendo o mesmo quanto aos falares regionais, aos estratos socioculturais e às diversas modalidades de expressão.

Assim sendo, a língua histórica portuguesa se desdobra, dentro da comunidade brasileira, em outras línguas de efetiva existência, delimitadas e diferenciadas umas das outras, por linhas imaginárias chamadas *isoglossas* que abarcam os atos linguísticos comuns, mais ou menos idênticos e, por isso compreensíveis, de certa época, de certa região, de certa comunidade sociocultural, de certos indivíduos e de certos textos elaborados por estes indivíduos. A extensão dessas isoglossas pode ser larga ou estreitamente considerada; daí, partindo da maior para menor extensão, podemos falar, dentro da mesma língua histórica, do português moderno do Brasil, do português do Rio de Janeiro, do português escrito literário, do português de Machado de Assis prosador e do português de Machado de Assis poeta.

Cada uma das diversas feições de uma língua histórica pode ser objeto de estudo, pode ser sistemática e coerentemente descrita, porque tem um sistema de unidades linguísticas opositivas; em resumo, podemos escrever de cada uma a sua *gramática*. De modo que é errôneo supor que a gramática da chamada língua de cultura é a *língua*, isto é, fora de seus cânones nada mais existe. Existe sim, e tudo tem igual valor para as ciências da linguagem, o que não significa que tem a mesma importância na formação cultural de cada indivíduo. É sempre uma questão mal posta indagar se *chegar*, no

português do Brasil, não se constrói com *a*, mas sim com *em*: *Chegar em casa* (em lugar de *chegar a casa*). É como se indagássemos se hoje o tênis substituiu o sapato tradicional. Iríamos, com certeza, dizer que não, porque, embora hoje esteja estendido o uso do tênis, há momentos em que o sapato tem sua vez; podemos até adiantar que o tênis é usual mais entre jovens do que entre pessoas de idade.

Por isso se fazem muitas injustiças à chamada gramática tradicional, quer de intenção descritiva, quer de natureza normativa, quando se critica porque ela não faz o que a rigor não lhe compete fazer. Por exemplo, minha *Gramática* tem sido apontada como "defasada" porque não recomenda ou registra iniciar-se frase com pronome átono: *Me dê*, *Me faça o favor*, etc. Ora, uma gramática escolar tem por objetivo observar e registrar a língua culta, não porque seja ela a "melhor", a "mais perfeita" e, muito menos, a "mais correta". Não entram aqui juízos de valores. A língua culta é o objeto de estudo por ser a variedade linguística em que estão vazados os produtos de cultura: as obras científicas, os textos didáticos, os manuais profissionais, os jornais, as revistas e, em geral, as obras literárias. Dizemos em geral, porque sendo a obra literária um produto artístico, pode o autor (principalmente na fala de personagens de cultura menor) servir-se da língua regional ou popular com finalidade de caracterização do seu personagem. E nessa língua de cultura não ocorrem *Me dê, Me faça o favor*.

Diante de tudo o que aqui foi exposto, percebe-se a complexidade de afirmações do tipo *Isso não se diz, Isso não é português*. E, então, concluirá o leitor, não há erros de gramática? Tudo é válido na linguagem?

Procuramos mostrar que uma língua histórica encerra dentro de si outras tantas "línguas" que funcionam nas diversas regiões em que é falada, atendidos também os diversos graus de educação idiomática e as diversas características de estilo. A gramática não poderia pretender uma descrição única de toda uma língua histórica, porque, como diz Eugenio Coseriu, ninguém fala uma língua histórica: o falar só se realiza de modo imediato numa ou noutra de suas formas determinadas em sentido diatópico, diastrático e diafásico. Em outras palavras, ninguém conhece *todo* o português (o exemplo, como dissemos no início destas considerações, pode estender-se a qualquer língua histórica), já que só fala, em cada caso, uma forma determinada de português, isto é, um só "dialeto", num determinado nível e num determinado "estilo de língua".

E para cada forma desse português se poderá, em princípio, erigir uma gramática descritiva onde fatos linguísticos existentes podem diferir de outras

formas de português também conhecidas, e às vezes essas diferenças entre tais línguas funcionais não são menores do que aquelas que ocorrem entre línguas históricas distintas.

Tomemos um caso, entre outros, para documentar o que estamos afirmando. No português padrão o pronome *lhe* se opõe ao pronome *o* em casos em que o verbo transitivo indireto se opõe ao direto: *Eu lhe quero bem / O livro, eu não o quero já*.

No português coloquial de escolarizados, entre nós, a oposição *lhe* e *o* não ocorre nos casos em que o verbo transitivo indireto se opõe ao direto, mas sim na referência à 2ª pessoa ou à 3ª. Se eu falo com João e em referência a ele, posso coloquialmente dizer: *João, domingo eu lhe vi na praia*, isto é, *eu vi você na praia*. Se estou com João e falo de Pedro, poderei dizer, menos coloquialmente: *João, preciso falar com Pedro. Você o viu por aí?* Ou mais coloquialmente: *Você viu ele por aí?*

Já no falar popular, entre pessoas não escolarizadas, só ocorrerá esta última possibilidade.

Por fatos deste tipo, que se podem multiplicar, não estará rigorosamente correto dizer-se que *lhe* só funciona com verbos que pedem objeto indireto (em consonância com a técnica idiomática da língua padrão) ou que *lhe* aparece com verbos que pedem objeto direto (conforme uma possibilidade da técnica idiomática do português coloquial de pessoas escolarizadas ou de acordo com a técnica idiomática do português popular).

Enquanto a gramática descritiva está preocupada em registrar e descrever um sistema sem pretender apontar uma língua modelar, digna de ser seguida pelos falantes, a gramática normativa tem finalidades didáticas e pretende, por isso mesmo, classificar as formas e construções corretas, impugnando as incorretas. Neste sentido, a gramática normativa é a arte de ensinar a falar e a escrever dentro dos usos que se esperam de uma pessoa instruída, escolarizada. A gramática normativa, vista por este prisma, não é nem teoria nem descrição; é tão somente um corpo de recomendações de usos considerados exemplares. Como a língua está em perpétua mudança, esses usos exemplares podem sofrer variações no tempo, embora com muito mais lentidão do que os usos que se registram em outras técnicas idiomáticas. Citando mais uma vez Eugenio Coseriu, lembra ele a respeito a lição do filósofo italiano Croce: a gramática normativa é a "afirmação de uma ou mais tendências artísticas, o programa de um modo de falar ou escrever próprio ou alheio".

Toda nação culta tem seu código de bem falar e escrever, e o aprendizado deste código começa nos primeiros anos de vida e não para nunca: sempre há ocasião para se ir mais além no conhecimento dessa língua exemplar. Nenhum escritor, por mais ilustre que seja, começa dominando todas as normas e segredos do seu idioma. Machado de Assis, por exemplo, apresenta-nos nos seus livros, ainda na fase de autor já consagrado, os verbos *fazer* e *haver* impessoais, na forma flexionada, contra a boa tradição da língua: "*Faziam* já dous anos que o não via" (*Contos Fluminenses*, pág. 54, 1899). "(...) homem muito rico (...) que morrera *haviam* dez anos" (Ibid., pág.62). Aprendido que tais verbos, nestas referências, não se põem no plural, o grande Machado inseriu-se na tradição idiomática. Outro grande mestre da língua, Camilo, usou por muito tempo o verbo *haver* no plural, em referência existencial; é célebre o seu passo "houveram coisas terríveis" (*Romance dum Rapaz Pobre*, pág.34).

Não menos diferente ocorre com especialistas do idioma. Um dos nossos melhores conhecedores de sintaxe, o grande Mário Barreto, nas pegadas de Júlio Ribeiro, gramático, ensinava que o *dar* aplicado a horas ficava sempre no singular: *Deu dez horas*. Não é essa, todavia, a tradição da língua. Mais tarde, em outro livro, corrigiu-se nestes termos: "Folgo de que o sr. D. de L. me interrogue sobre o uso do verbo *dar* aplicado às horas, porque assim me dá ocasião a que, em público, me penitencie dum erro cometido numa das minhas e mais juvenis composições gramaticais. Pesa-me de haver condenado, em arredadas eras, a frase *deram dez horas* e foi o nosso Júlio Ribeiro (...) quem me fez escorregar na ladeira do seu engano (...) Há muito tempo que o meu parecer variou radicalmente, e quem primeiro me advertiu do meu lapso, e fez a correção privadamente sem sanha ou cólera, foi o sr. dr. Silva Ramos, e depois dele o falecido professor Cândido Lago (...)" (*Através do Dicionário e da Gramática*, 1927, pág.357).

Aqui temos, pois, bons exemplos para imitar. Não é desdouro aprender de quem tem condições e saber para ensinar. Está claro que não estamos pleiteando o retorno do *magister dixit* nem do purismo intransigente que tanto prejudicou o progresso e o desenvolvimento dos estudos gramaticais entre nós. Vivemos hoje outro clima de cultura linguística, mas nem por isso podemos confundir a missão do linguista com a do professor de língua portuguesa, ambas meritórias, mas que não se devem confundir. Isto mesmo pensa o introdutor dos estudos linguísticos universitários entre nós, o saudoso

mestre Mattoso Câmara: "A gramática descritiva, tal como a vimos encarando, faz parte da linguística pura. Ora, como toda ciência pura e desinteressada, a linguística tem a seu lado uma disciplina normativa, que faz parte do que podemos chamar a linguística aplicada a um fim de comportamento social. Há assim, por exemplo, os preceitos práticos da higiene, que é independente da biologia; ao lado da sociologia, há o direito, que prescreve regras de conduta nas relações entre os membros de uma sociedade.

A língua tem de ser ensinada na escola, e, como anota o linguista francês Ernest Tonnelat, o ensino escolar "tem de assentar necessariamente numa regulamentação imperativa".

Assim, a gramática normativa tem o seu lugar e não se anula diante da gramática descritiva. Mas é um lugar à parte, imposto por injunções de ordem prática dentro da sociedade. É um erro profundamente perturbador misturar as duas disciplinas e, pior ainda, fazer linguística sincrônica com preocupações normativas" (*Estrutura da Língua Portuguesa*, 5).

Além da consulta às gramáticas de intenção normativa, o meio por excelência para o enriquecimento dos usos modelares é o convívio permanente com os bons escritores e com as pessoas que falam em obediência a tais usos. A literatura moderna brasileira tem quase sempre optado, e está no seu pleno direito, por aproximar-se da realidade espontânea da língua falada. É uma opção do artesanato literário, ainda que isto lhe custe o sacrifício de abrir mão do apanágio da obra de arte, que é a sua relativa perenidade, já que só perpétuas ficam as obras dos gênios. Enquanto Machado de Assis e outros clássicos modernos permanecem vivos porque, além dos valores intrínsecos, escreveram numa língua de maior perenidade, a maioria dos contemporâneos morreu literariamente pouco depois do desaparecimento do nosso convívio, porque escreveram numa língua do aqui e agora, restrita a um determinado contexto temporal, espontânea, viva, mas, e por isso mesmo, extremamente fugaz. O sempre moderno João Ribeiro dizia:

"Nada há mais velho que a moda, nada mais fácil que a originalidade das desobediências (...) Mas vencida essa crise de crescimento, se não se quer ser infante toda a vida, não há outro endereço mais que o do amor e respeito aos modelos eternos da linguagem. O mais moderno e o mais livre de todos os escritores portugueses, Eça de Queirós, consagrou os últimos restos da vida a limar e a castigar o seu formoso e suave estilo, restituindo-

o, quanto pôde, à nobreza antiga da língua falada. É que o espírito, na morte, se reintegra e continua eterno na sua própria espécie, e só o corpo se contenta com volver e perder-se em outras fermentações e outras tantas modas e mutações da vida universal" (*Páginas de Estética*, 121).

A língua de uso

Já vem de muito longe a idéia de que, em matéria de linguagem, o uso se apresenta como o guia supremo. Tornaram-se lugar-comum as palavras de Horácio, na sua *Arte Poética*: (...) *si volet usus*, /*quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi* (vv. 7 1 -72) que, em vernáculo, quer dizer: "(...) se o uso assim quiser, / Já que só dele dependem o arbítrio, o direito e a norma da língua", ou, como traduziu Cândido Lusitano, criptônimo arcádico de Francisco José Freire: "Se o uso o consentir, pois é da língua / Sumo legislador, e regra viva" (*Arte Poética*, 2 ed., Rollandiana, Lisboa, 1778, pág. 37).

Em toda a Idade Média a expressão *usus loquendi* era entendida como a capacidade da gramática de identificar o que é correto na língua, não diferindo da condição de sumo legislador que Horácio concedia ao uso.

Não foi difícil que a gramaticografia mais chegada a nós incluísse o uso como ponto de referência e orientação dos compêndios gramaticais com intenção preceptiva ou pedagógica. Mesmo pretendendo elaborar uma gramática de feição científica, isto é, sem a preocupação com o que é correto, o autor não desdenhava o testemunho do bom uso do idioma que pretendia descrever. Júlio Ribeiro, que inaugura entre nós, em 1881, a feição científica dos estudos gramaticais, assim define o objeto do seu livro, alicerçado na lição do lingüista americano William Dwight Whitney:

"Gramática é a exposição metódica dos fatos da linguagem".

E acrescenta:

"A gramática não faz leis e regras para a linguagem; expõe os fatos dela, ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. O estudo da gramática não tem por principal objeto a correção da Iinguagem. Ouvindo bons oradores, conversando com pessoas instruídas, lendo artigos e livros bem escritos, muita gente consegue falar e escrever corretameiate sem ter feito estudo especial de um curso de gramática. Não se pode negar, todavia, que as regras do bom uso da linguagem, expostas como elas o são nos compêndios, facilitam muito tal aprendizagem; até mesmo o estudo dessas regras é o único meio que têm de corrigir-se os que na puerícia aprenderam mal a sua língua" (*Gramática Portuguesa*, 2 ed., 1 885, pág. 1).

Quem se dispuser a estudar as matrizes teóricas do pensamento gramatical do nosso Júlio Ribeiro encontrará nos dois pequenos excertos transcritos acima muito o que discutir sobre o tema. Senão vejamos. Embora citando Whitney, como dissemos, Júlio Ribeiro descarta de início como preocupação primeira da gramática o problema da correção idiomática:

"Gramática é a exposição metódica dos fatos da linguagem".

Mas seu aparente guia, Whitney, é contundente em atribuir à gramática o estudo do bom uso da língua, em virtude de pessoas, aprendendo intuitivamente a falar, adquirem alguns modos errados que cumpre corrigir:

"It is partly in order to help in this process of correcting bad habits, that the good and approved usages of a Ianguage are collected and set forth in a book which is called a "grammar". (É parcialmente uma forma de auxiliar nesse processo de correção de maus hábitos, onde os usos bons e aprovados da língua são coletados e incluídos num livro que é chamado "gramática").

Hence, the English language, as made the subject of a grammar, means the English of the present day, as used by good speakers and writers; and English grammar is a description of the usages of the English language in this sense (*Essentials of English Grammar*, 1 877, pág. 4). (Assim, a língua inglesa, utilizada como objeto de uma gramática, significa o inglês de hoje, como usado por bons falantes e escritores; e gramática inglesa é a descrição dos usos da língua inglesa neste sentido).

E logo abaixo reforça seu ensinamento:

"Grammar does not at all make rules and laws for language; it only reports the facts ofgood Ianguage (...)", o que difere do espírito que está em Júlio Ribeiro:

"A gramática não faz leis e regras para a linguagem; expõe os fatos dela, ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. O estudo da gramática não tem por principal objeto a correção da linguagem".

Neste particular, a orientação seguida pelo nosso gramático mais se aproxima de outra fonte, o suíço Cyprien Ayer que, na sua substanciosa *Grammaire comparée de la langue française* (4ª ed., 1 885), ensina:

"La grammaire n'enseigne donc pas comme l'on *doit parler*, mais comme *l'on parle*", isto é, a gramática não ensina como se *deve falar* (ou, com Júlio Ribeiro, a correção da Iinguagem), mas como *se fala* (ou, com nosso patrício, os fatos dela).

Modernamente, uma das gramáticas de maior sucesso para o francês é a de autoria do belga Maurice Grevisse, e não é sem razão que se chama *Le bon usage*.

As definições de *gramática* como "a exposição metódica dos fatos da língua" e como "a exposição do bom uso linguístico dos falantes e dos escritores cultos" apontam, de certa maneira, para as duas concepções de Guilherme Humboldt sobre a linguagem, na introdução de uma obra acerca da língua Kawi da Ilha de Java, publicada em 1 836, depois da morte deste notável filósofo e linguista alemão, muito justamente considerado o fundador da Linguística Geral.

Para Humboldt a Iinguagem se caracteriza fundamentalmente por dois aspectos. Um, *dinâmico*, que nunca está totalmente feito e acabado, mas que se refaz continuamente como atos individuais, criativos do homem, aspecto a que ele deu o nome de *enérgeia*, que, em grego, quer dizer "atividade"; outro, *estático*, concebido como 'coisa feita', como 'sistema historicamente realizado', a que ele deu o nome de *érgon*, que, em grego, quer dizer "produto".

Esta importante distinção não produziu os efeitos inovadores que ela poderia promover numa visão moderna dos estudos linguísticos, até que dois outros investigadores, oriundos de correntes linguísticas diferentes, vieram a insistir na necessidade de se retomar a dicotomia ressaltada por Humboldt, entre atos individuais linguísticos que dão concretude real às línguas, e língua propriamente entendida como o sistema linguístico que se realiza no falar socialmente institucionalizado.

O primeiro mais chegado à nossa época que retomou tais idéias foi o genial suíço Ferdinand de Saussure, denominando *parole* ao ato linguístico, à fala, e *langue* à língua. Na concepção de Sausurre, a *parole* é a atividade de

falar e pertence ao indivíduo; a *langue* representa a norma, o sistema linguístico que se realiza no falar, e pertence à sociedade.

O outro estudioso foi o filósofo e filólogo alemão Karl Vossler que, influenciado pelo idealismo filosófico e mais diretamente pelo italiano Benedetto Croce, e criticando o positivismo dominante na linguística do século XIX (em cujos postulados teóricos se criou e se notabilizou Ferdinand de Saussure), mais uma vez ressaltou a importância do indivíduo como agente criador da linguagem.

A entronização do indivíduo no fenômeno da linguagem se biparte em igual medida de importância entre o falante e o ouvinte, e Vossler insistiu inovadoramente na participação do ouvinte no ato linguístico, já que a linguagem é um ato pelo menos a dois (mesmo no monólogo), em virtude da sua precípua função finalística de comunicar algo a alguém, ainda que seja ao eu interior.

A dicotomia *langue* — *parole* (em português *sistema* e *fala*) apresentava, todavia, problemas teóricos e metodológicos na concepção e descrição Iinguística, o que estimulou a que vários estudiosos se enfronhassem na elucidação das dificuldades. Surgiram, assim, diversas propostas que não cabe aqui examinar, exceto a do teórico Eugenio Coseriu que, reatando idéias e intuições, explícitas e implícitas de Ferdinand de Saussure, com base na própria investigação empírica do fato linguístico, chegou a uma divisão tripartida de *sistema* — *norma* — *fala*. Por esta proposta, o sistema saussuriano se bipartia em sistema e norma, em que o sistema seria entendido como sistema funcional e a norma como sistema normal. Essa distinção esclarece melhor o funcionamento da linguagem, que é ao mesmo tempo criação e repetição.

Exemplos comuns e fáceis de colher no funcionamento da linguagem patenteiam com maior clareza a necessidade da distinção entre *sistema* e *norma*. Entre duas crianças brincando de animais, pode bem o Dudu convencionar com Clarice que ela será a *formiga* e ele, o *formigo*. Percebe-se que o nosso Dudu trabalhou com o seu conhecimento do sistema, mas na norma não é normal a oposição *formigo*/*formiga*.

Está-se a perceber, como lembra Coseriu, que tal conceito de norma não está tomado no sentido tradicional de correção gramatical e de valorização subjetiva do expressado, mas tão somente no sentido da norma objetivamente comprovável na língua, e que adotamos por pertencermos a uma comunidade linguística.

Está implícito o entendimento de que muitas vezes a *norma normal* e a norma correta coincidem.

A nomenclatura científica – a que se agrega a nomenclatura das disciplinas da Iinguagem – recomenda a univocidade do termo empregado para tal ou qual conceito. E a essa univocidade não atende o termo *uso*, pela vaguidade e pela amplitude para que ele aponta, e esta deficiência já foi ressaltada por linguistas teóricos, entre os quais está Eugenio Coseriu. Por exemplo, se empregamos o termo para nos referirmos aos fatos de língua, o uso há de incluir não só o idiomaticamente correto, como o incorreto, já que este também é usual, é corrente, no falar.

Por outro lado, se por *uso* nos referimos apenas ao documentário, o já dito, o termo não nos põe diante da documentada inédita, nascida da capacidade criadora e inovadora do falar, da competência ou do saber idiomático numa dada língua.

Por estas e outras razões, dizia-nos Karl Vossler (*Filosofía del lenguaje*, trad. espanhola, 2 ed., 1947, pág. 184) que a duplicidade a que Kant e Hegel designavam por conceitos reflexos por se aclararem mutuamente, se encontra nos conceitos de emprego próprio e impróprio da Iinguagem, de emprego usual e ocasional, geral e individual; numa palavra, de regra e exceção. Em si e por si, a língua não tem regras nem exceções, pois ela anda daqui para ali por entre as regras e exceções; porque não pertence por inteiro ao indivíduo ou à comunidade, já que faz o papel de uma inquieta mediadora entre comunidade e indivíduo.

Entender o uso como algo extratado do falar da comunidade que representa a média das construções regulares e constantes, é o mesmo que dizer que o uso, neste sentido, é, na essência, a tradição idiomática, ou, melhor explicitando, em vez de *uso*, devemos falar com Coseriu, em *saber idiomático*, que implica a potencialidade não só para o já dito quanto para o que é possível dizer.

Vista uma língua histórica integrada por diversas línguas funcionais, isto é, por diversas variedades, cada uma das quais funcionando sintópica (numa mesma região), sinstrática (num mesmo estrato social) e sinfasicamente (num mesmo estilo), fácil é concluir que cada uma tem sua pauta de correção.

Por isso, um primeiro problema a ser levantado é a escolha da variedade, da língua funcional que vai ser objeto da descrição.

Se a variedade é aquela que representa a média das realizações do que se estabelece como bom uso ou uso padrão, uso culto, ou, simplesmente,

uso escrito, fica-nos a questão de estabelecer uma faixa de tempo em que nessa variedade ocorrem as realizações constantes e regulares.

Neste particular, a escolha deste percurso histórico impõe-se ao se apresentar igualmente ao pesquisador, porque as mudanças variam entre as línguas. Umas apresentam mudanças só decorridos largos períodos de tempo, como, por exemplo, o português e o espanhol; outras têm essas mudanças mais aceleradas, como o inglês ou o chinês.

Como a variedade escrita culta se nos apresenta mais lenta, as disposições recomendadas oficialmente para o ensino normativo da língua portuguesa têm fixado que a língua a ser estudada é a que utilizam os escritores nos textos literários dos dois últimos séculos, isto é, XIX e XX.

Estudando historicamente nosso idioma, M. Said Ali considerou o português hodierno aquele praticado no seguinte lapso de tempo:

Reservo a denominação de português hodierno para as mudanças características do falar atual criadas ou fixadas recentemente, ou recebidas do século XIX, ou que porventura remontam ao século XVIII.

O ensino moderno da língua portuguesa, com muita propriedade, não tem restringido a lição apenas aos textos literários propriamente ditos, no que diz respeito aos usos idiomáticos. Amplia sua atenção aos fatos lingüísticos que ocorrem nos textos técnicos, nos jornais, nas revistas e nos demais tipos de publicação escrita.

Trabalhos modernos de excelente nível científico no campo lexicológico e gramatical têm levantado opulento corpus, em torno de setenta milhões de ocorrências, extratado particularmente de textos jornalísticos datados de 1950 a esta parte. Ora, a linguagem jornalística desse período se tem esforçado por se aproximar da variedade coloquial e espontânea, de tal modo que seu corpus registra muitas vezes formas e construções que a mesma linguagem jornalística de 1900 a 1950 empregava de maneira diferente ou as evitava por coloquiais, ou até as tinham por contrárias à tradição escrita, literária ou não.

Ao resenhar o *Dicionário de Usos do Português do Brasil* do nosso competente linguista e lexicógrafo Francisco da Silva Borba, tivemos oportunidade de aludir a alguns desses fatos correntes em seu extensíssimo corpus. Assim, a documentação é praticamente inexpressiva no caso da presença da preposição que antecede a conjunção integrante de orações que funcionam como complementos preposicionados do tipo *reparar em que*, *esquecer-se de que*, e semelhantes. Ao consulente poderá fixar- lhe no

espírito a impressão de que a presença da preposição nestes casos é um fato sintático inexistente na língua escrita da fase hodierna, como já o é no uso espontâneo da língua falada.

Também não aparece registrada no extenso corpus o emprego do verbo *pesar* na expressão *em que pese a circunstância* em que o verbo não vai ao plural mesmo que seguido de substantivo ou pronome no plural: *Em que pese ao resultado*/*Em que pese aos resultados*, quando se emprega como equivalente a *ainda que custe a*. O que aí ocorre é a alteração moderna em que *pese*, sem a preposição *a* e com a flexão do verbo no plural se seguido de substantivo no plural: *Em que pese o resultado*/*Em que pesem os resultados*.

E a construção canônica *em que pese a*, com verbo no singular e com a preposição *a* que usam Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Ciro dos Anjos, Drummond e quantos timbram em escrever na língua padrão.

No léxico há também registros dissonantes; por exemplo, o emprego de *soprano* usado indistintamente no masculino quando aplicado a mulheres e homens dotados de tal timbre de voz — lição única entre gramáticos e dicionaristas. Agora já aparece não somente como o tradicional sobrecomum, mas ainda como substantivo comum de dois, conforme se refira a pessoas do sexo masculino ou feminino: *o soprano* e *a soprano*, respectivamente.

Todas estas considerações procuram deixar patente que o levantamento de um corpus — ainda que variado e extenso nas suas fontes —, centrado nos últimos 50 anos, pode oferecer ao pesquisador uma imagem reduzida das reais potencialidades da moderna língua de uso escrita no Brasil.

A esta redução temporal acresce a natureza especial do período escolhido como fonte de pesquisa, já que nas últimas décadas as fontes que privilegiadamente se selecionaram como fundamentais tomaram a decisão de aproximar seu material de linguagem — morfológico, sintático e léxico — da variedade espontânea praticada pelos brasileiros escolarizados.

Linguagem e educação linguística

O título educação Iinguística não é novo nem cedo conseguiu impor-se tal como hoje se procura entender. Começou por merecer certa preocupação entre os linguistas, passando depois a ser considerado, entre pedagogos e professores, como um domínio puramente técnico didático. Hoje constitui um promissor campo de pesquisa e de resultados para a linguística e a educação, pondo claro, como bem disse o professor italiano Raffaele Simone (Simone, Raffaele, ed. *L'educazione linguística.* La Nuova Italia, 1979. P. VIII), que a linguagem não é apenas uma "matéria" escolar entre as outras, mas um dos fatores decisivos ao desenvolvimento integral do indivíduo e, seguramente, do cidadão.

Lá fora, os resultados desses estudos empreendidos por conhecidos representantes da pesquisa linguística e educacional já repercutiram nos programas e currículos das universidades e das escolas de ensino médio.

Entre nós, onde tem sido tênue o fluxo de influência científica dessas pesquisas, explodiu uma reação ao que se convencionou chamar pejorativamente tradicionalismo, e a mudança — que se fazia necessária em vários pontos — acabou por produzir resultados desastrosos.

É oportuno lembrar que, de todos os componentes do currículo das escolas de ensino médio, foram os textos destinados ao ensino de língua portuguesa os que mais sofreram com a onda novidadeira, introduzindo, além da doutrina discutível, figuras e desenhos coloridos tão

extemporâneos e desajustados, que aviltaram o *tradicionalismo* e insultaram a dignidade por que sempre se pautaram os textos escolares entre nós. A comparação entre um livro para ensino da língua portuguesa e outro para o ensino da matemática, da história ou da geografia, quase nos leva a retirar o primeiro da linha do que se costuma chamar compêndio didático, para incluí-lo no rol dos antigos e coloridos almanaques distribuídos ao início de cada ano, como os tornados célebres almanaques do Capivarol, esquecido produto farmacêutico. Muito lucrariam os alunos se esses produtos de uma pretendida revolução educacional guardassem a dignidade e a soma de boas informações que caracterizaram o Almanaque Garnier, por exemplo.

Já que estamos fazendo uma crítica a certas inovações perturbadoras e pouco producentes que muitos compêndios, à luz de uma didática formal ou informal, pretenderam introduzir no ensino da língua portuguesa, na década de 60, cabe um comentário acerca do privilegiamento da língua oral, espontânea, em relação à língua escrita.

Deveu-se o fenômeno, cremos nós, a duas ordens de fatores: uma de natureza linguística, outra de natureza política. As ciências da linguagem vieram patentear que as línguas históricas são fenômenos eminentemente orais, e que o código escrito outra coisa não é senão um equivalente visível do código oral, que, de falado e ouvido, passa a ser escrito e lido. Assim sendo, a lingüística norte-americana, especialmente ela, pôde desenvolver rígidos e precisos modelos de descrição de línguas indígenas que jamais conheceram, de modo sistemático, a transposição escrita do discurso falado.

Esta possibilidade de uma metodologia com rigor científico aplicado a línguas ágrafas parece que estimulou em muitos estudiosos bloomfieldianos certa desatenção ao código escrito, considerando-o até campo que extrapolava a investigação linguística. Tal atitude chegou a provocar a crítica de Gleason, autor de um dos melhores manuais de lingüística descritiva de orientação norte-americana.

Essa visão distorcida da realidade incentivou outro passo adiante dado por alguns linguistas, também em geral norte-americanos: a crítica à natureza normativa da gramática tradicional, com a defesa de que se deve deixar a língua livre de qualquer imposição. Um desses lingüistas, Robert Hall, em 1950, chegou a intitular ou a aceitar esse título proposto pela editora a um livro seu de divulgação linguística: *Leave your language alone* (Deixe a sua língua em paz), título que foi alterado na 2.a edição.

Portanto, vieram pela porta da própria linguística e se instalaram nas salas de aula de língua portuguesa esse privilegiamento do código oral em relação ao escrito e certa desatenção a normas estabelecidas pela tradição e conservadas ou recomendadas no uso do código escrito padrão.

Por isso, assistiu-se entre nós, na década de 60, a um insurgimento contra o ensino da gramática em sala de aula; em vez de dotá-la de recursos e medidas que a tornassem um instrumento operativo e de maior resistência às críticas que justamente lhe eram endereçadas desde há séculos, resolveram muitos professores e até sistemas estaduais de ensino aboli-la, sem que trouxessem, à sala de aula, nenhum outro sucedâneo que, apesar das falhas, pudesse sustentar-se pelo espaço curto de uma única geração.

A bem da verdade, cabe-nos dizer que já se assiste a uma reação a esse estado de coisas, e os livros didáticos mais recentes voltam a insistir no padrão culto da linguagem, quer nas recomendações da gramática normativa, quer através da inclusão e seleção de textos, literários ou não, que refletem esse padrão.

Ainda insistindo nessa ordem de idéias, é interessante lembrar a indulgência e até certo elogio com que Ferdinand de Saussure comenta a tarefa da gramática tradicional, de inspiração grega. Logo na introdução do *Cours de linguistique générale*, ao referir-se a polissemia do termo gramática; diz que essa gramática tradicional está fundada na lógica e desprovida de toda a visão científica e desinteressada da própria língua, portanto o que se pretende é unicamente dar regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito distante da observação pura, o seu ponto de vista é necessariamente restrito (SAUSSURE, Ferdinand de, *Cours de linguistique générale*. Paris. Payot, 1949. p. 13.).

A outra ordem de fatores procede da política, ou, para não desmerecer uma atividade nobre, de certas teses populistas e demagógicas, especialmente no que concerne à educação lingüística de adultos, segundo as quais devem os "oprimidos" ficar com sua própria língua e não aceitar a da classe dominante.

Ora, a educação linguística põe em relevo a necessidade de que deve ser respeitado o saber linguístico prévio de cada um, garantindo- lhe o curso na intercomunicação social, mas também não lhe furta o direito de ampliar, enriquecer e variar esse patrimônio inicial. As normas da classe dita "opressora" e "dominante" não serão nem melhores nem piores do que as usadas na língua coloquial. Como bem lembrou o professor Raffaele Simone (SIMONE, Raffaele, op. cit. p. 61) "enquanto a posição populista perpetua

a segregação Iinguística das classes subalternas, a educação lingüística deverá ajudar a sua libertação".

A tese populista do ponto de vista democrático é tão falha quanto a tese que combate, pois ambas insistem num velho erro da antiga educação linguística, já que ambas são de natureza "monolíngue", isto é, só privilegiam uma variedade do código verbal, ou a modalidade dita "culta" (da classe dita "dominante" ou "opressora"), ou a modalidade coloquial (ou da classe dita "oprimida").

Em defesa da Língua Portuguesa

Antes que passe em brancas nuvens, vale a pena registrar aqui a importância de recente artigo do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro, estampado em *O Globo* de 6 de fevereiro último, no qual defende o direito de utilização de certos recursos da língua portuguesa que a negligência e a ignorância do idioma vêm sistematicamente pondo de lado, sob o estigma de lusitanismos ou, o que é pior, sob o falso pressuposto de uma patriote que deseja *à outrance* fazer da língua portuguesa em boca brasileira um veículo de isolacionismo cultural no mundo da lusofonia, embora se mostre esse grupo indulgentíssimo ao peso da influência de outras fontes de cultura... e de modismos.

O artigo de J. U. Ribeiro começa por indagar "por que brasileiro tem grilo de mesóclise e praticamente só vai de próclise", e acaba com esta consideração sensata: "E no entanto, que há de intrinsecamente errado com a mesóclise, um recurso que enriquece a língua, dá-lhe agilidade e colorido e lhe ajuda a precisão?"

Estas considerações do nosso escritor têm fundamento na ciência linguística, ciência que tem insistido em que o que se chama língua histórica (o português, o inglês, o francês, o russo, o latim, etc.) não é só a língua que as gramáticas e dicionários desses idiomas registram, mas um punhado de línguas, de realidades linguísticas " todas totalmente válidas ", que refletem as diversas normas vigentes nas comunidades regionais e sociais que uma sociedade

congrega. Essa visão estreita e redutora que pensa que uma língua histórica é a língua que uma só comunidade idiomática fala ou escreve, é a responsável por essa ideia destorcida que explica o "grilo" da mesóclise e de outras virtualidades da língua portuguesa postas, generosa e democraticamente, ao alcance do falante ou do escritor que não deseja aprisionar-se às peias do estilo oficial, prescritivo ou de um certo *laisser-aller*. Curiosamente, os adeptos de tal estilo oficial são os que se insurgem, em nome de uma democracia idiomática, contra os princípios normativistas da gramática escolar... Ainda no artigo J. U. Ribeiro sai em defesa das combinações pronominais *mo, to, lho*, em frases do tipo "pedi o pão e mo deram" ou "dar-mo-á se lho pedir", e remata sua opinião: "claro, soa esquisito para nossos ouvidos, pois praticamente banimos esses refinamentos da língua que falamos, mas é uma pena". Aqui nosso escritor bate uma tecla importante da metodologia de nível e de estilo entre *língua falada* e *língua escrita* ou, como prefere o competentíssimo linguista português Herculano de Carvalho, a diferença entre *estilo coloquial* e *estilo refletido*. Trata-se de vestimenta da língua segundo as dimensões sociais do seu emprego; numa comparação grosseira, porque os objetos de estudos são diferentes, é o que ocorre com os diferentes modos de trajar " o traje a rigor, o traje passeio completo, o traje esporte fino, o traje esporte, etc. ", conforme as diversas ocasiões sociais a que vai comparecer o convidado. Vestir-se bem não é optar por uma e única dessas maneiras de trajar, pois, nesse ou naquele compromisso social, haverá de destoar dos que conhecem as etiquetas sociais. Tinha um bom amigo, que já não pertence a este mundo, que só usava terno jaquetão. Por mais que seu alfaiate apelasse para uma mudança de feitio, o amigo resistia às investidas inovadoras, ao que o outro retrucava: "Doutor, às vezes o senhor e a moda se encontram!".

Está claro que a pessoa pode falar ou vestir-se como desejar; o que não vale é querer reduzir a língua ou vestimenta ao seu único padrão preferido ou imposto. No campo da ciência das línguas, é o mesmo que desconhecer que uma língua histórica é um conjunto de realidades linguísticas que se delineiam por isoglossas, o que permite falar do *português de Portugal* e do *português do Brasil*, do *português quinhentista* e do *português contemporâneo*, do *português do Rio de Janeiro* e *do português de São Paulo*, do *português de Camões* e do *português de Machado de Assis*, do *português da prosa* e do *português da poesia*, do *português de estilo coloquial* e do *português do estilo refletido*. Como ficam diante desta variedade os que têm "grilo"

em usar a mesóclise, em usar as combinações pronominais *mo, to, lho,* etc., em usar *assistir ao filme* (em vez do único *assistir o filme*) e quejandas realidades vivas, vivíssimas em determinados quadrantes da língua portuguesa, em determinadas situações?

Os defensores desse reducionismo linguístico aduzem com frequência exemplos desse ou daquele escritor contemporâneo de nomeada para justificarem que a língua mudou, que as normas da gramática escolar já não condizem com a nova realidade do idioma; mas esses mesmos defensores se esquecem de citar os exemplos desse mesmo escritor trazido à baila em que obedece às normas ditas ultrapassadas. Põem-se de lado ou escamoteiam certas exigências de uma pesquisa que se quer científica. Um mesmo escritor não escreve da mesma maneira no decorrer de sua vida literária, nas diversas produções, nos diversos personagens que cria, nos diversos compromissos estéticos e literários a que se engaja, etc., etc. Pululam os exemplos nas literaturas de todos os povos e de todos os tempos, para que nos contentemos de ficar com sós exemplos brasileiros ou portugueses. Falta a esse tipo de investigação a homogeneidade do corpus pesquisado.

Não se pode calar a importância de um voto de escritor em defesa da utilização dos recursos idiomáticos contra a onda de empobrecimento em que se quer mergulhada a língua portuguesa dos brasileiros. O texto de J. U. Ribeiro " que não ficou restrito à mesóclise e às combinações de pronomes, mas lembrou o uso do subjuntivo, do mais-que-perfeito, do *cujo*, de impropriedades ortoépicas e lexicais " toca na tecla relevante do papel do escritor para garantir a permanência dos tesouros expressivos da língua. Enfileira-se, desta forma J. U. Ribeiro na legião daqueles de que fala Pedro Salinas em *La Responsabilidad del Escritor*, neste trecho com que concluo o artigo de hoje: "O que chamo educar linguisticamente o homem é despertar-lhe a sensibilidade para seu idioma, abrir-lhe os olhos às potencialidades que traz consigo, persuadindo-o, pelo estudo exemplar, de que será mais um homem e melhor homem se usa com maior exatidão e finura esse prodigioso instrumento para expressar seu ser e para conviver com seus próximos".

Má ideologia na linguagem?

Carlos de Laet, professor e jornalista brasileiro, escritor exímio, tem uma crônica extremamente mordaz, estampada no jornal *O País de* 23 de setembro de 1914, em que discorre sobre o mau emprego de grandes inventos. Lembra aí a pólvora, o avião e a imprensa, que acabaram também por ser utilizados para fins opostos à sua primordial destinação. Deste último invento, imaginou Laet que Gutenberg, depois de ler notícias divulgadas em folhas volantes, segredara pesaroso a Fust a conclusão de que as notícias nelas divulgadas eram "em quase toda a sua generalidade, falsas (...) e assim teríamos nós dado asas, não à Verdade, mas à Potoca!".

Essa crônica veio-me à lembrança após ler recente artigo de conhecido filósofo patrício intitulado *Ideologia na linguagem?* em que tripudia as duas disciplinas linguísticas " a *Etimologia* e a *Semântica*; ao manipular origens e significados de certas palavras, torcendo-lhes a história para acomodá-los aos pressupostos da ideologia que professa e quer divulgada entre leitores de conceituado órgão da imprensa carioca.

Rastrear etimologias e perseguir a história cultural das palavras têm sido recursos muito utilizados por notáveis filósofos antigos e modernos, na tentativa de lhes extrair o significado originário, por isso verdadeiro, e daí chegar a certos conceitos com repercussões em aspectos doutrinários, como corretamente lembra o autor do artigo, "a história das palavras nos proporciona um riquíssimo material de reflexão a respeito da história das

nossas sociedades, em geral. Os movimentos da linguagem ocultam, mas ao mesmo tempo revelam os movimentos dos desejos, dos medos, dos preconceitos e dos conhecimentos dos seres humanos". Mas isso em geral se faz sem ferir o curso da história cultural que cada palavra encerra. Tal não foi, todavia, a preocupação do nosso filósofo, atento apenas em encontrar, no devenir mal esquadrinhado de significados, argumentos para a ideologia que professa, onde tudo parece resumir-se na exacerbação e luta dos contrários.

Assim é que, ao comentar a história da palavra *polícia* diz que até "o século XVII o termo designava o conjunto da organização política e administrativa da sociedade. Foi somente a partir do século XVIII que ele passou a ter a acepção mais restrita de um serviço de controle, de uma organização repressiva, destinada a preservar a ordem coercitivamente. Nesse mesmo período, o francês Mirabeau se esforçou muito para que a palavra *civilização* passasse a ter um sentido mais amplo e substituísse a dimensão não coercitiva da organização da sociedade (que antes era abrangida pela *polícia*). Podemos, então, concluir, *cum grano salis*, que a civilização só conseguiu se expandir quando a *polícia* se retraiu..."

A longa transcrição se tornou necessária para que o leitor possa aquilatar a validade das informações ministradas pelo nosso filósofo, o domínio cultural em que *civilização* e *polícia* coexistiram e o fundamento da conclusão a que chegaram suas reflexões acerca do fato de "civilização" ter desbancado "polícia", ainda que tais reflexões possuam a pitada " não científica " do *cum grano salis*.

A única afirmação que se pode repetir do comentário transcrito é a relativa a atribuir a Mirabeau a participação na divulgação e possível responsabilidade do termo *civilisation* na França. Digo "possível responsabilidade", porque, depois de estudos sérios de especialistas em assuntos linguísticos, põe-se em dúvida a autoria do termo. O último ensaio de que tenho notícia sobre a história da palavra *civilização* é o resumido, mas muito bem documentado, estudo do competentíssimo linguista geral e indo-europeísta Emile Benveniste "Civilisation, contribution à l'histoire dun mot", publicado no *Hommage à Lucien Febvre* (Paris, 1954) e depois inserido como capítulo terminal da 1ª série de *Problèmes de Linguistique Générale* (Paris, 1966), livro já traduzido ao vernáculo por Maria da Glória Novak e Luíza Neri, com a revisão a cargo do saudoso mestre Isaac Salum (Cia. Editora Nacional / Editora da Univ. de São Paulo, 1976).

Após rastrear nos escritores, filósofos, autoridades lexicográficas, da França e da Inglaterra, termina seu estudo com esse ponto em suspenso: "se (sirvo-me da tradução citada) *civilização* foi inventada duas vezes, na França e na Inglaterra, independentemente e pela data, ou se foi o francês que sozinho o introduziu no vocabulário da Europa moderna" (pág. 381).

Tendo ficado estabelecido que, pela documentação de que hoje dispomos, não podemos com certeza ter sido o conde Mirabeau o responsável pela palavra *civilização*, podemos, entretanto, assegurar que o termo aparece pela primeira vez na sua obra *L'ami des hommes* ou *Traité de la population*, datada de 1756, mas só aparecida no ano seguinte. Benveniste cita, da obra, uma passagem deste francês, que está muito distante da intenção afirmada pelo nosso filósofo, segundo a qual "Mirabeau se esforçou muito para que a palavra *civilização* passasse a ter um sentido mais amplo e substituísse a dimensão coercitiva da organização da sociedade (que antes era abrangida pela *polícia*)". Ei-la (na tradução já citada): "com justiça, os Ministros da Religião têm o primeiro lugar numa sociedade bem ordenada. A Religião é seguramente o primeiro e mais útil freio da humanidade; é a primeira moda da civilização; prega-nos sem cessar a confraternidade, suaviza-nos o coração, etc".

A relação que se pode estabelecer dos termos e dos conceitos por eles referidos entre *civilization* e *police* segundo o entendimento de Mirabeau, está muito bem exposta por Benveniste: "*civilização* é um processo do que se denominava até então *police*, ato que visava a tornar o homem e a sociedade mais policiados, o esforço para levar o indivíduo a observar espontaneamente as regras da conveniência e para transformar no sentido de uma urbanidade maior os costumes da sociedade" (pág. 375 da tradução).

Fácil é concluir que, nessa relação dos dois termos e dos seus conceitos, está longe a dimensão coercitiva da organização da sociedade, que nosso filósofo parece pretender atribuir a *police*, dimensão coercitiva que seria substituída pela nova noção de *civilisation*. Que com essa ideia não compartilhava o círculo dos fisiocratas daquele período parece indicar o seguinte passo o filósofo e economista francês Adam Smith, em obra de 1776, ao usar o termo *civilization*, lembrado por Benveniste: "é só por meio de um exército em armas, portanto, que a civilização de qualquer nação pode ser perpetuada ou mesmo preservada por um tempo considerável" (pág. 378 da tradução), ou, ainda este lanço, três páginas adiante: "a invenção das armas de fogo, uma invenção que à primeira vista parece tão prejudicial, é

certamente favorável à permanência e ao desenvolvimento da civilização" (ibid.).

Do ponto de vista meramente linguístico, aspecto que mais interessa aos propósitos desta seção, é estranhável o aparecimento tardio de *civilisation* em francês (e também em inglês), quando se sabe que *civiliser* e *civilise* (em inglês *to civilize* e *civilized*) são antigos nesses idiomas.

Para explicar este fato, Benveniste, não acreditando que a causa tenha sido a existência, aliás pouco usual, de *civilisation* como termo de prática judiciária ("fato de tornar civil um processo criminal"), propõe duas razões principais: a primeira é a pouca produtividade, naquela época, das palavras derivadas de -*isation* e a debilidade do seu desenvolvimento (pág. 375). Realmente os estudiosos franceses registram apenas *fertilisation*, *thesaurisation*, *temporisation*, *organisation*, a maioria com o significado exclusivo de "ato", e não como o de "processo", como ocorre com *civilisation*.

A outra razão "é a própria novidade da noção e as mudanças que ela implicava na concepção tradicional do homem e da sociedade". Argumenta Benveniste: "Da barbárie original à condição atual do homem em sociedade, descobria-se uma gradação universal, um lento processo de educação e de refinamento; para resumir, um progresso constante na ordem daquilo que a *civilité*, termo estático, já não era suficiente para exprimir, e a que era realmente preciso tramar *civilisation*, para lhe definir em conjunto o sentido e a continuidade. Não era somente uma visão histórica da sociedade; era também uma interpretação otimista e decididamente não teológica da sua evolução que se afirmava, às vezes sem o conhecimento daqueles que a proclamavam, e mesmo que alguns, em primeiro lugar Mirabeau, contassem ainda a religião como o primeiro fator da *civilização*" (pág. 376 da tradução).

Outro ponto digno de reparo no artigo que comentamos é tratar de palavras correntes no português sem indicação do contexto cultural em que elas aparecem ou que tiverem seus significados alterados. *Polícia* e *civilização*, nos posteriores significados estudados pelo nosso filósofo, têm empregos bem mais tardios no português e no espanhol do que em francês e em inglês. Esta particularidade assume importante aspecto no estudo cultural da vida das palavras. *Polícia*, por exemplo, só está registrada como designativo da "corporação destinada a fazer manter as leis" no século XIX, tanto em português como em espanhol. Antes, *polícia* estava comprometido com a moderna área semântica de civilização. Para só ficarmos no século

XVI "há exemplos do século XV", basta citar *Os Lusíadas*, onde Camões emprega quatro vezes o termo *polícia* neste sentido, sendo famosa aquela passagem em que Monçaide, respondendo às informações solicitadas pelo Catual acerca do Gama e de sua gente, declara:

E folgarás de veres a polícia
Portuguesa na paz e na milícia (VII, 72, 7-8)

No afã de ressaltar que "as palavras nos põem diante da crua realidade da violência institucionalizada que tem marcado a história das nossas sociedades", o nosso filósofo traz à baila a íntima relação semântica de *estrangeiro* e *estranho*, com a seguinte declaração: "Em sua insegurança, os seres humanos se encaravam com desconfiança. Quem chegava de uma terra diferente era visto com suspeita: *estrangeiro* e *estranho* têm a mesma raiz".

Estas afirmações apenas levantam um tênue aspecto da problemática que envolve a noção de *estrangeiro*, muito mais complexa do que a relação de medo e desconfiança acima assinalada. Para enveredar pela complexidade do problema com auxílio da história cultural das palavras, vale a pena a leitura de uma obra de grande profundidade, devida ao competente linguista francês já aqui lembrado, Emile Benveniste, intitulada *Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes* (Paris, De Minuit, 2 volumes, 1969). No sumário do capítulo 5 do vol. 1°, dedicado ao "escravo" e ao "estrangeiro", sintetiza Benveniste: "Ao homem livre, nascido no grupo, opõe-se o estrangeiro (grego *xenós*) isto é, o inimigo (latim *hostis*), suscetível de tomar-se meu hóspede (grego *xénos*, latim *hospes*) ou meu escravo se eu o capturo na guerra (grego *aikhmálotos*, latim *captivus*)" (pág. 355).

Basta este resumo para se concluir que o destino do estrangeiro não se circunscreve aos estreitos limites delineados pelo nosso filósofo. Para prosseguir, passemos a palavra a quem nos pode dar a lição correta: "Nas civilizações antigas não se define a noção de estrangeiro por critérios constantes, como nas sociedades modernas (...); isto é o que demonstra o grego *xénos* "estrangeiro" e "hóspede", isto é, o estrangeiro beneficiado pelas leis da hospitalidade. Outras definições são possíveis: "o estrangeiro é aquele que vem de fora", latim *peregrinus*. Assim, não há um único tipo de "estrangeiro". Na diversidade dessas noções, "o estrangeiro é sempre um estrangeiro em particular, aquele que tem um determinado estatuto". E arremata sua lição: "Em suma, as noções de inimigo, de estrangeiro, de hóspede, que

para nós formam três entidades diferentes " semânticas e jurídicas ", guardam nas línguas indo-européias íntimas conexões" (págs. 360-361).

Também muito superficiais e até com irreparáveis lacunas de informação " mas sempre fixadas apenas nos aspectos que servem à tese preconcebida do nosso filósofo " são as declarações seguintes: "Os habitantes das cidades viam com maus olhos os homens do campo, considerados rudes, grosseiros. Na Roma antiga, as casas situadas fora do perímetro urbano (a "urbanidade") eram chamadas de vilas e com base no termo vila se formou o adjetivo "vilão" (o "bandido")".

Vamos tentar pôr ordem nesse amontoado de informações, perguntando, antes, ao filósofo, a que habitantes das cidades ele se refere, no tempo e no espaço. Pela alusão a Roma, parece que o fato é atribuído aos romanos. Então será por aí que começarei minha digressão. Para designar a cidade, o latim possuía dois termos: *Urbs* e *civitas*; o primeiro enfocava a cidade enquanto conjunto de ruas e casas, e o segundo, enquanto instituição política. Ensina-nos Benveniste, em breve mas substancioso estudo inserido numa coletânea de homenagens aos 60 anos de Claude Lévi-Strauss e depois incorporado na segunda série de seus *Problèmes de Linguistique Générale*, que o significado mais próximo de *civis*, donde se deriva *civitas*, não é o de "cidadão", conforme geralmente aparece nos dicionários, mas o de "concidadão", "compatriota".

A extrema importância que o nosso filósofo parece dar a *urbs* (pois declara que aí prevalecia a "urbanidade") está desmentida pelo triste destino do termo, que não teve continuidade nas línguas românicas, onde prevaleceram os continuadores de *civitas*: italiano *città*, francês *cité*, espanhol *ciudad*, português *cidade*, etc. Os termos filiados a *urbs* que nesses idiomas aparecem, não passam de recentes empréstimos eruditos; é o caso de *urbano*, *urbanismo*, *urbanidade* e poucos outros. Em francês, *cité* sofreu cedo a concorrência de *ville* e foi por este desbancado para ocupar a antiga área semântica de *cité*; *cité* é hoje termo literário e topográfico, como ocorre na expressão *l'île de la cité* em Paris para designar o mais antigo núcleo urbano parisiense. Nesta acepção passou para o inglês (por exemplo a City de Londres), a parte central da cidade inglesa.

O termo latino *villa* era aplicado à propriedade rural cultivada, inicialmente um simples e rústico prédio, a seguir uma quinta, uma granja, denominação que depois se estendeu às ricas e opulentas herdades que a classe rica dos romanos possuía no campo, algumas mais suntuosas (como na de Hadriano)

do que os palácios de hoje. O *otium* e a casa de campo eram sinônimos para um romano da época imperial, tornando-se *otium* aqui, segundo lembra o filósofo clássico alemão Theodor Birt, não no significado moderno de ócio (que seria em latim *nihil agere*), mas no de recreio ativo. Muito ao contrário do que pensa hoje o nosso filósofo acerca da prevalência da "urbanidade" da cidade sobre "os homens do campo, considerados rudes, grosseiros", a informação das testemunhas oculares é muito negativa em relação a *urbs* romana; assim é que muitos historiadores, com apoio nos relatos de escritores romanos, atribuem a restauração dos bons costumes " então deteriorados pela licenciosidade reinante em Roma " ao triunfo da província sobre a capital. Plínio, o moço, em uma de suas *Cartas* (Epist. 4,22), separa a província das perdições em que estava engolfada a capital romana, e para um romano da capital falar em gente do campo significava o mesmo que dizer pureza e moralidade de costumes, impressão que frequentemente se repete hoje, passados tantos séculos, em nossas comunidades ditas civilizadas. É a rústica *simplicitas* de que nos fala Ovídio em *Heroides* (20,51) e *Ars amatoria* (I, 672).

Já é hora de voltarmos à relação que nosso filósofo estabelece entre *vila* e *vilão* ("bandido"). Primeiro, devemos dizer que *ville* como designativo de cidade é relativamente recente em francês e se dá quando a civilização urbana volta a se desenvolver, já que até o século XI a França era quase exclusivamente rural. Lembremos que o francês e o português têm o termo *vila*, emprestado ao italiano, com o significado de "casa ou habitação aristocrática nas cercanias das cidades italianas". O português, como o catalão, conhece também *vila* como "povoação de categoria inferior à de cidade e superior à de aldeia". *Villanus*, em latim, derivado de *vila*, designava apenas o homem que trabalhava numa *villa*, numa habitação rural. Em francês, vilain, na idade média, era o camponês; depois teve o seu significado degradado, ou pelo desprezo em que se tinha o camponês rude, ou pela correlação, aliás falsa, com o adjetivo *vil* e seus derivados *vileza*, *vilania*, como lembram os nossos etimólogos e George Gougenheim, em *Les Mots Français dans l'Histoire et dans la Vie*, I, 135. Passou a designar "inferior", "malvado" e especialmente em francês "avarento", "o que é excessivamente apegado ao dinheiro". Este cruzamento de *vilão*, oriundo de *villanu* ", "habitante da vila" com vilão "inferior", "malvado", "rústico", sob o impulso da etimologia popular de *vil, vilania, vileza*, já se pode rastrear nos primeiros dicionários da língua portuguesa (Jerônimo Cardoso, 1570 e Agostinho Barbosa, 1611). Nas

Et*i*mologias de Santo Isidoro de Sevilha (X, 279), nascido por volta de 562, já se lê: "*Vilis, a villa; nullius enim urbanitatis est*", isto é, "*Vilis* (vil) deriva-se de *villa*; o que não tem nenhuma urbanidade".

Ainda no propósito de evidenciar a permanente injustiça e discriminação aos "homens do povo" " discurso que pouco benefício tem trazido a essas cândidas criaturas, mas que tem enriquecido inexplicavelmente seus ardorosos advogados, sem que se sensibilizem a repartir tais lucros com os "desprotegidos", comenta o nosso filósofo:

Juntos, os homens do povo constituíam uma "turba", e a partir dessa palavra se formou o verbo "perturbar" e surgiu o substantivo "turbulência". O próprio número dos elementos populares os tomava assustadores. O termo "multo" (muitos), que deu "multidão", deu também "tumulto".

Geralmente o articulista pega a palavra pela origem e semântica que lhe convêm; em relação a "turba", não nos diz se o termo é o que se emprega em latim ou em português. Se latino, cabe lembrar que não designa apenas o grande conjunto de pessoas ou, muito menos, dos "homens do povo". Na acepção de conjunto maior de pessoas, contrapunha-se, em latim, a *rixa*, que se aplicava, como ensinam Ernout-Meillet, ao conjunto menor, de duas a quatro pessoas. Na língua familiar, os romanos também usavam "turba" para referir-se à querela, à discussão.

A rigor, "turba" entra num campo semântico de reunião de pessoas, do qual faziam parte *exercitus* "conjunto de soldados", *asmen*, que se aplicava ao exército em marcha, *acies* ao exército já organizado e distribuído na batalha, *manuis* e *cohors* a cada corpo da tropa sob o comando de alguém e enquanto parte de um todo que depende e a que presta obediência. Nesse campo semântico, "turba" é multidão desenfreada e sem ordenamento de alguém.

Os derivados de "turba", lembrados pelo nosso filósofo, também não se aplicam exclusivamente aos "homens do povo", se por "povo" se quer entender aquela parte da sociedade aludida pelo articulista. *Perturbare aciem* é "pôr as fileiras em desordem"; *perturbare conditiones*. Vale por "quebrar um tratado", conforme registra o velho dicionário latino-português de Santos Saraiva, prestantíssima obra recentemente reeditada pela Livraria Garnier.

Fazendo referência a toda espécie de objeto em movimento rápido e circular, *turbo* é o responsável pelo derivado "turbulência" e, na forma posterior *turbonis* (que o gramático Carísio colheu já em César), em vez do clássico *turbinis*, legou-nos, pelo acusativo, a palavra *trovão*, consoante as mudanças que a gramática histórica assinala.

O que a gramática histórica e a etimologia não nos ensinam é o que diz nosso filósofo: "O termo *multo* (muitos), que deu *multidão*, deu também *tumulto"*. Não sei a fonte em que foi beber a lição; só posso adiantar que a fonte não merece crédito e não tem o apoio dos etimólogos que trabalham com o latim, já que *multo*, lembrado pelo nosso filósofo, é, na realidade, o triforme *multus, -a, -um* da língua de Cícero. Em resumo, *multos* não está filiado historicamente a *tumultus*, como supõe o articulista, levado pela rima ou pela etimologia popular.

Também não corresponde à verdade da língua latina a afirmação final deste trecho do artigo do nosso filósofo:

"Quando se deixavam ensinar ("docere") e aprendiam as normas de conduta que lhes eram recomendadas pelos detentores do poder, os homens do povo se tornavam "dóceis". Quando, porém, insistiam em seguir preceitos próprios e divergiam dos princípios constituídos, eram comparados aos arados que saíam do sulco marcado pela charrua, quer dizer, eram acusados de "delirare".

Pelo que está no texto, dá-se a entender que, em latim, de quem não era "dócil" à aprendizagem se dizia que "delirava"; ora isso não constitui hábito em latim e "delirare" não é antônimo de "docere". "Delirare" é uma metáfora que o vocabulário da língua geral adaptou da língua do campo. As *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha explicam a mudança semântica de *delirus* "delírio": "*Delerus*, debilidade mental motivada pela idade, derivado de *lereîn*; ou talvez porque se afasta do que está corretamente ordenado, como se nos referíssemos ao sulco (*lira*) (...); o camponês, uma vez lançadas as sementes, abre os sulcos em que são depositadas todas as sementes" (X, 78).

Outra vez afastou-se do uso latino quando emitiu as seguintes informações:

"Se por acaso pediam algo, os pobres eram tolerados, desde que se expressassem com humildade (pedir, em latim, era *rogare*). Se, no entanto, reivindicassem (reivindicar, em latim, era *arrogare*), passavam a ser vistos como criaturas arrogantes, impertinentes".

Em primeiro lugar, a ideia de "pedir" não era expressa em latim somente por *rogare*; havia, entre outras, *interrogare*, *quáerere*, *percunctare*, *suscitari*. A diferença entre *rogare* e *interrogare* residia em que o primeiro denunciava certa estima a quem era interrogado, que respondia por favor, enquanto com *interrogare*, a pergunta exigia uma resposta obrigatória. Com *rogare* consultava-se, com *interrogare* procedia-se a um interrogatório. Por outro lado, arrogare não tinha em latim, primordialmente, esse caráter de arrogância,

de impertinência, características que. para a tese do filósofo, não poderiam existir nos pobres tão coagidos pela organização da sociedade, para usar aqui o jargão preferido pelo articulista.

Observação interessante oferece-nos quando se refere a *galhofa* e *galhofeiro*:

"Na Idade Média, a multidão dos crentes que iam em peregrinação a Santiago de Compostela precisava se alimentar ao longo do caminho. Como eram, na maioria, indigentes, procuravam divertir os ricos, para receberem deles um pouco de comida. A alimentação que lhes era dada ficou sendo chamada de *galhofa*, e eles acabaram sendo chamados *galhofeiros"*.

O termo *galhofa*, com o adjetivo *galhofo*, designava o alimento, geralmente constituído de pão de sobra, o mendrugo, que os peregrinos pobres, a caminho de Santiago de Compostela, iam mendigar às portas dos conventos. De origem controvertida, há etimólogos, como Corominas, que acreditam derivar da expressão latina, criada nos conventos medievais, *galli offa* "o bocado do francês", porque dessa nacionalidade era a maioria de tais peregrinos. Frequentes eram também os derivados *galhofeiro* "o que recebe ou vive de doações de galhofa" e *galhofaria* "o ato de viver de galhofa". Em espanhol *gallofería* é sinônimo de "vagabundagem". No volume II, dedicado às *Notes* da sua erudita edição de Bartolomé de Torres Navarro, Joseph E. Gillet observa corretamente que *galhofa* "still has the meaning *festim*, *função alegre de brinco* and *galhofear* and *galhofeiro* still endure (Moraes), with emphasis on enjoyment which is not apparent in Spanish texts" (*Propalladia and other Works of Bartolomé Torres Navarro*, III, Bryn Mayr, Pennsylvania, 1951, pág. 458).

Sabemos que era comum a acolhida de indigentes, em busca de alimentação, nos conventos de padres e freiras; esta prática ainda vive em muitos lugares. É oportuno também lembrar que as igrejas ofereciam, naqueles tempos, asilo aos delinquentes, já que a justiça não tinha acesso aos criminosos quando estes aí se recolhiam. Daí a origem da frase *llamarse* ou *hacerse andana* ou *altana*, conforme nos ensina Américo Castro, numa de suas notas à edição de *El Buscón*, de Quevedo (ed. Clássicos Castelhanos, I, pág. 20, Madrid, 1960).

Não sei onde o nosso filósofo foi buscar a informação de que eram os ricos que davam a galhofa, em troca de espetáculos de diversão. É exigir demais da criativa desses indigentes que se expunham a toda a sorte de sacrifícios, num testemunho de fé. Mais uma vez os pobres, antes vítimas da

"crua realidade da violência institucionalizada que tem marcado a história das nossas sociedades", são agora vistos como os bobos da corte, a divertir os ricos em troca de uma migalha de pão. Num país qual o nosso, em que o acesso ao livro atinge índices negativos alarmantes, é extremamente doloroso ver a cultura de uns poucos a serviço da disseminação do ódio e da revolta, em vez de ser o caminho de luz da redenção dos homens numa sociedade harmoniosa, feliz, crente e próspera. Estou a lembrar-me daquilo de Cícero: *Ut sementem faceris, ita et metes*, como a antecipar o nosso *quem semeia ventos colhe tempestades.*

A boa estimação dos clássicos

João Ribeiro

A boa estimação dos clássicos, o carinho e o amor com que devemos cercá-los, é o fruto da madureza do espírito, quando cessa a avidez de ideias novas ou apenas diferentes, soberbas, bizarras e extravagantes.

A juventude não ama aos clássicos porque não tem a "consciência do ridículo" e não está ainda desenganada de presumidas ciências e maravilhas que lhe avultam na alma, como estranhas revelações. Ao cabo de tantos lances, mais serena filosofia a modera e refreia e quebranta aqueles primeiros ímpetos. E não há homem que, vivendo um pouco, não lhe chegue a hora de dizer, como o velho rei bíblico, que *sub sole nihil novum*.

Nada há mais velho que a moda, nada mais fácil que a originalidade das desobediências.

O grande e puro escritor que foi Herculano dizia, referindo-se ao influxo dos livros franceses: "Cada livro que chega é como um indivíduo daquela nação que vem falar no meio de nós; indivíduo, por via de regra, mais civilizado, mais rico de ideias ou pelo menos de ideias bem ordenadas que os que escutam."

Estou com o grande historiador, que há certamente algum fruto e proveito nessa anarquia e nessa indisciplina juvenil.

Mas vencida essa crise de crescimento, se não se quer ser infante toda a vida, não há outro endereço mais que o do amor e respeito aos modelos eternos da linguagem.

O mais moderno e o mais livre de todos os escritores portugueses, Eça de Queirós, consagrou os últimos restos da vida a limar e a castigar o seu formoso e suave estilo, restituindo-o, quanto pôde, à nobreza antiga da língua. É que o espírito, na morte, se reintegra e continua eterno na sua própria espécie, e só o corpo se contenta com volver e perder-se em outras fermentações e outras tantas modas e mutações da vida universal.

(Páginas de Estética, págs. 107 e 108 da 2ª ed.)

Imexível – Uma injustiça a ser reparada

Cabe-me a honra de iniciar, nesta seção, a série de comentários sobre fatos da língua portuguesa, série que está, em particular, a cargo dos integrantes do recentemente criado Instituto da Língua Portuguesa, órgão do Liceu Literário Português. E objeto desta seção discutir, ao agasalho dos modernos estudos das ciências da linguagem e da pedagogia do aprendizado da língua materna, os mais variados assuntos da nossa especialidade — quer por iniciativa do redator, quer por proposta ou consulta dos leitores deste semanário que gentilmente nos abre espaço —, procurando patentear o riquíssimo acervo que a língua portuguesa põe à disposição dos seus utentes para a adequada e competente expressão e comunicação das ideias e sentimentos. Através das oportunidades que se nos forem apresentando, iremos insistir na necessidade de analisar, de aprender e de utilizar o idioma dentro de uma perspectiva mais ampla e mais conforme à complexidade e variedade de que se tece ùma língua histórica, no caso particular, o português, a serviço de sete nações soberanas. A impressão de ser esta uma tarefa amena e fácil logo se desfaz quando se percebe o quão pouco sabem os falantes como funciona uma Iíngua, ainda que seja a materna. Está claro que, neste primeiro comentário, não posso trazer à luz algumas dessas inocentes ignorâncias; todavia quero preencher o espaço que me cabe para convidar meu leitor a examinar um caso recente de linguagem, que tem dado margem a críticas e comentários de entendidos em coisas do idioma: é a palavra

imexível, empregada por um integrante do novo governo brasileiro. Tem-se dito que o termo não existe, não está dicionarizado e, por isso, deve ser considerado errôneo. A questão, aparentemente simples, pode ser desdobrada em vários aspectos, dos quais passarei a examinar apenas quatro. O primeiro deles é perguntar se o termo foi criado segundo os princípios que regem a formação de palavras antigas e modernas no nosso léxico. Segundo, se a criação traduz com eficiência a ideia que quis transmitir quem a empregou. Terceiro, se para traduzir a mesma ideia, o idioma não dispõe de palavras antigas e mais expressivas. Quarto, se o fato de não existir um termo no dicionário é prova suficiente de que não deva ser criado ou de que constitui um erro o seu emprego. Postos estes quatro aspectos, começarei pelo último, em vista da relevância metodológica de que se reveste o argumento. Nenhuma língua histórica tem toda a extensão de seu vocabulário refletida nos dicionários correntes, ainda que se trate da inglesa ou da francesa, que gozam do privilégio de ser daquelas detentoras dos mais exaustivos trabalhos do gênero. Um idioma a serviço de uma comunidade está sempre numa perpétua mudança, numa permanente ebulição, de modo que nunca tem esgotada a infinita possibilidade de renovar-se, e ampliar-se, se seus falantes e sua cultura se renovam e se enriquecem. E deste trabalho tanto participam os literatos, os artistas e os cientistas como o simples cidadão integrante da comunidade. Portanto, o argumento de que não está no dicionário nada ou muito pouco contribui para dirimir a questão. No tocante ao primeiro aspecto, o vocábulo *imexível* regula-se pelos princípios que fundamentam a gramática portuguesa, da mesma forma que *invencível* e *impagável,* ambos dicionarizados ou veiculados e sobre cuja vernaculidade ninguém discute. Assim como *invencível* é o que não pode ser vencido e *impagável,* o que não pode ser pago, *imexível* significará fatalmente para falantes do português o que não pode ser mexido. Se não tem tradição no idioma, *imexível* está conforme com aquilo que alguns linguistas chamam a *virtualidade* ou *potencialidade* do idioma, isto é, aquilo que, ainda inédito, está de acordo com as regras do sistema linguístico. Se virmos a questão pelo segundo e terceiro aspectos, *imexível* continuará a não fazer má figura no léxico português e será imbatível, frente a seus possíveis competidores, no contexto da fala ministerial. Tentemos, por um instante, confrontá-lo com seus sinônimos considerados mais próximos: O Plano é *irretocável, intocável, intangível, impalpável, intáctil.* Tais concorrentes desbancariam *O Plano é imexível,* sem adulterar a essência da intenção comunicativa? Quem tiver o sentimento da língua, verá que não,

pois os companheiros de *imexível* não trazem a ideia subsidiária de que o movimento no plano iria revolver e misturar os propósitos que o ditaram.

Imexível terá, assim, passado por dois testes importantes que validam qualquer palavra do léxico a serviço do texto: a observância das regras de formação de palavras e sua adequada expressividade de comunicação. Não ter sido usado ainda — ponto que não foi aqui objeto de análise e discussão — é prova salutar de vida, de dinamismo, da comunidade que fala o português e está apta a buscar o termo próprio. O argumento de que não consta nos dicionários é o de menor peso, já que o dicionário não é a Língua, mas um aspecto dela, aquele de língua já feita, já produzida, o seu lado estático. Pelos argumentos expostos, um dicionário com pretensões a ser exaustivo quanto possível deverá dar a *imexível* o lugar que injustamente lhe querem alguns críticos negar.

Novos horizontes no estudo do léxico

O estudo do léxico tem sido praticado, em geral, assistematicamente, ao sabor das ocorrências, nas leituras realizadas e da sempre proveitosa peregrinação às páginas dos dicionários.

Todavia, de uns poucos anos a esta parte alguns lingüistas têm tentado aplicar ao léxico os mesmos critérios de descrição que trouxeram enorme avanço ao estudo da fonologia e da gramática: trata-se de princípios do estruturalismo, isto é, de oposições funcionais e sistemáticas.

Junto, principalmente, com trabalhos de Bemard Pottier e A. J. Greimas, ocupam lugar de relevo alguns estudos de Eugenio Coseriu acerca da descrição estrutural dos lexemas, disciplina a que chamou Lexemática.

Para Coseriu, o atraso do estudo do léxico nessa nova direção se deveu a certas concepções arraigadas quando se comparam as unidades lingüísticas integrantes deste campo com as unidades lingüísticas pertencentes à fonologia e à gramática. Por exemplo, diz-se que o léxico é o domínio da língua menos estruturável, ou, o que é mais grave, se duvida de que existam estruturas léxicas semelhantes às que se depreendem na fonologia e na gramática.

Outros dois caminhos tradicionais que têm desvirtuado o estudo estrutural do léxico são: a corrente identificação entre o significado léxico (conteúdo que é dado na língua por essa mesma língua) e a realidade extralingüística, e a suposição de que o fato lexicológico por excelência consiste na relação entre o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), tratando-os, assim conjuntamente, como se faz em geral na gramática.

Tais fatos levam-nos a considerar a língua como uma nomenclatura — o que ela não é —, fazendo-nos supor que estudar o léxico é estabelecer o liame entre uma palavra e a realidade extralingüística que ela representa.

Investigar essas distinções com critério permite-nos penetrar com segurança e coerência no estudo estrutural do léxico, mas o tema escapa da intenção destas linhas, que é mostrar — sem escamotear a teoria — como o ensino da matéria pode descobrir novos horizontes nas aulas de língua portuguesa.

Está claro que a depreensão e descrição das estruturas léxicas não podem confundir-se com a visão da língua como uma nomenclatura, mas o conhecimento dessa nomenclatura é um passo inicial da aquisição das palavras por parte do aluno. Só depois de dominar essa relação entre palavra e realidade extralinguística é que o aluno pode penetrar nos meandros da lexemática, isto é, no estudo das palavras (e só dessas!) que correspondem à organização imediata da realidade extralinguística. Esta primeira fase pertence ao aprendizado inicial do léxico, para depois proceder-se à sua descrição científica sob o ângulo dos postulados do estruturalismo funcional.

Um bom exemplo de como se pode levar o aluno, num procedi mento sistemático, a senhorear-se dessa nomenclatura lexical (não descrição!), dá-nos o professor Sousa da Silveira, numa de suas anotações aos *Trechos Seletos*. Levando-se em conta que o modelo não foi seguido nos livros didáticos, creio oportuna a sua transcrição, ainda que longa. A anotação diz respeito à página de Eça de Queirós sobre a vida numa quinta do Minho, extraída de *A Correspondência de Fradique Mendes:*

"Neste trecho de Eça de Queirós, e em outros que estão no presente livro, há referência a trabalhos e coisas do campo; por isso nos parece útil dar ligeira notícia de labor agrícola, não, já se vê, do moderno, em que os processos são outros e aperfeiçoadíssimos, e que não nos interessa quanto à linguagem.

Depois de *adubada*, a terra é lavrada, isto é, aberta em *sulcos* ou *regos* por meio do *arado* ou da *charrua*. Em seguida o lavrador lança- lhe as *sementes*, e passa a *grade* que, alisando a terra, faz que nela se escondam as sementes. Estas germinam, revestindo-se então o terreno de uma espécie de relva; é a *seara* a nascer.

Crescem as *hastes*, a seara já ondula ao vento e, como aparecem ervas chamadas daninhas porque tiram a força à seara, limpa-se a mesma

de tais ervas — procede-se à *monda* (mondar = *limpar* é cognato de *mundo*, adj. =*puro*, *limpo*, e *imundo* = não limpo). O trabalho da monda costuma ser feito por mulheres. Acompanham-no com cantigas, e concorrem para aformosear a paisagem com seus largos chapéus de palha (chapéus redondos) e lenços e vestidos de cores variegadas. E o que descreve o poeta:

"Por entre os trigos as mondadeiras
Enchem as várzeas de cantorias.
Erva daninha, que bem que cheiras!
Nasces e afrontas as sementeiras
E é só por isso que não te crias.

Ranchos alegres, mondando as searas,
Que rico assunto para os pintores!
Lembram vistosos bandos de araras:
Saias, roupinhas de chitas claras,
Chapéus redondos, lenços de cores".

(Conde de Monsaraz, *Musa Alentejana*, 1908. 15-16).

No verão as hastes secam, a seara torna-se amarela, loura, como dizem os poetas (Bocage, por exemplo, "lourejando as searas flutuantes"), está madura, e então é tempo de *ceifá-la*.

A *ceifa*, feita pelos *ceifeiros* ou *segadores*, consiste em cortar as hastes rente ao chão. A parte que fica enraizada no solo chama-se *resto- lho*. A parte solta, que cai, dispõe-se em *feixes* ou *paveias*; estas se levam em carros para a *eira,* onde se amontoam em *medas*.

Na eira debulham-se as espigas, batendo-lhes com o *malho* ou *mangual*, ou passando-lhes o *trilho*.

A palavra *trilho* vem do latim *tribulum*, donde temos, por metáfora, *tribulação, atribular*, no sentido de *tormento*, *atormentar*. É cognata do verbo *terere*, esmagar, triturar, cujo supino *tritum* se relaciona, pelo radical, com *contrito, contrição, triturar, atrito, detrimento, detrito*. A alma contrita está como que esmagada pelo reconhecimento dos pecados, e deles se arrepende; assim também quem se acha *pesaroso*, quem tem *pesar*, está como oprimido por um *peso moral*.

A um grande poeta moderno, Guerra Junqueiro, sugeriu a debulha do trigo a mesma ideia de tribulação, de martírio:

"Vede lá, vede lá
Quanto no eirado o trigo sofrerá!
Pelo malho batido num terreiro
Um dia inteiro!
E um dia inteiro, sem piedade,
Coitadinho! rodado pela grade!
(*Oração ao Pão*)

Debulhadas as espigas, separam-se os grãos da palha atirando-os para o ar, o vento leva para certa distância a palha, e o grão cai no mesmo sítio.

O grão assim separado da palha é posto em sacos e conduzido para o *celeiro*, *tulha* ou *granel,* donde vai para o *moinho*. Lá é triturado pela *mó* ou *pedra*, e depois peneirado, passando pela tela da peneira a farinha branca e fina, que é o miolo do grão esmagado, e ficando o farelo, que é a casca. É de Heitor Pinto, *lm*., I, 79, a seguinte comparação que vem a propósito inserir aqui: "Não se deve chamar filosofia a que ensina, que dando aos outros a doutrina boa, fiquemos nós com a vida má, semelhantes a peneira que deita fora a boa farinha, e fica com o farelo".

O moinho, se é movido por água, também se denomina *azenha*. A água que o move é, geralmente, a de uma *ribeira* ou *levada*.

(*Trechos Seletos*, ed., págs. 391-393)

O primeiro passo no estudo/ensino funcional do vocabulário, enquanto seção autônoma e indispensável da investigação lexicológica, é delimitar o objeto de sua atenção. Podemos dizer, seguindo Coseriu, que o estudo funcional do vocabulário (a que ele, como vimos antes, chama lexemática) é a investigação do conteúdo léxico das línguas, isto é, do significado léxico.

Para penetrarmos no âmago desta proposta de trabalho do lexemático, teremos de ter noção bem clara do que estamos entendendo aqui por *significado* e por *significado léxico.*

O significado é uma das três caras por que se apresenta o conteúdo linguístico. Estas três caras são a *designação*, o *significado* e o *sentido*.

A designação é a referência à realidade entendida como extralinguística, isto é, realidade que não coincide com a estruturação que uma determinada língua faz dessa mesma realidade. A designação não é dada por essa determinada língua, mas é dada em todas as línguas, porque se dá no falar em geral.

O significado é a estruturação numa língua das possibilidades de designação. Só há significado nas línguas, e não no falar em geral; e como não há língua fora da historicidade, da dimensão ou nível histórico da linguagem (isto é, só há língua portuguesa, espanhola, alemã, etc.), só haverá significado como significado português, espanhol, alemão, etc.

O que pode parecer extremamente complexo nesta distinção entre designação e significado ficará bem claro diante dos seguintes exemplos. Quando dizemos *A porta está aberta* e *A porta está fechada* ou *Pedro leu o livro* e *O livro foi lido por Pedro*, estamos diante, em cada caso, de uma mesma realidade, de um mesmo estado de coisas, mas exprimindo-o de maneira diferente em português. A gramática tradicional e algumas correntes linguísticas modernas têm trabalhado com tais frases considerando-as como sinônimas ou de igual significado e, desta maneira, as consideram correspondentes a uma mesma estrutura profunda. Na realidade, há aqui confusão entre significado e designação. As frases dos exemplos citados não são sinônimas na designação, porque representam o mesmo estado de coisas a que fazem, em cada caso, referência, mas por meio de significados diferentes. Tais frases são equivalentes, mas não têm, em cada caso, o mesmo significado do ponto de vista do português, do ponto de vista idiomático.

Coseriu alerta-nos para o perigo dessa suposta sinonímia, dessa suposta igualdade de significado, que se pretende extrair das paráfrases, já que tais paráfrases refletem apenas uma identidade dos estados de coisas designados, engano que pode desviar o investigador dos conteúdos idiomáticos, único objeto do estudo funcional do vocabulário.

As diferenças entre designação e significado não só se aplicam às funções léxicas, mas também às gramaticais.

Se, nos exemplos acima, pudemos servir-nos de significados diferentes para exprimir a mesma designação, também podemos com um mesmo significado apontar para diferentes designações. Assim, a preposição *com* na construção *com x* tem o significado único, algo como *x está presente*; mas nas frases seguintes pode designar *instrumento*, *companhia, maneira*:

Abri a porta com a chave.
Dançou com Maria.
Assistiu ao espetáculo com surpresa.

As variedades de designação são possíveis apenas porque os falantes conhecem o que é *abrir porta, chave*, por exemplo, e pelo que sabem sobre as coisas, e dadas as situações em que são proferidas as frases, concluem que com a chave (que na língua significa que a chave estava presente) designa o que instrumento de que alguém se serviu para abrir a porta. Portanto, não é a preposição *com* que significa instrumento, pois isto não está expresso na língua. Por isso é que na frase *Abrir a porta com o irmão*, *com o irmão* já não é interpretado como instrumento, porque sabemos, além do que sabíamos antes e da situação, que é irmão, que o irmão não seria um instrumento semelhante à chave: apenas na língua está expresso que o irmão estava presente no processo de alguém abrir a porta e se há uma referência à realidade da situação, essa deve ser algo como *companhia* ou *ajuda*, ou coisa pelo estilo.

Já o *sentido* é o conteúdo próprio de um texto, aquilo que se entende além do significado e da designação, enquanto intenção expressiva do falante. Recentemente, numa crônica sobre informática, o autor, falando da chegada de um computador de última geração, usou o título Habemus Pentium. Este simples título, de cujo significado e designação não temos dúvida, relacionado com o do texto muito conhecido *Habemus papam*, traz subliminarmente a expressão de alegria e bom grado do autor pelo aparecimento desse novo e útil instrumental do labor desenvolvido na informática. A manifestação desse sentido — que pode escapar ao leitor menos atento ou menos capacitado para surpreender as potencialidades expressivas da língua — está, como dissemos, além do significado e da designação. Como fim do texto, que responde à pergunta que finalmente quer isso dizer?, é o grande filão que revela desde a chave de uma anedota ao sentido profundo de toda uma obra literária.

No estudo estrutural funcional do vocabulário começamos por reunir unidades léxicas de conteúdos significativos afins e, além disso, em pequenas porções.

Assim como nas unidades fonológicas e nas unidades gramaticais não reunimos num mesmo grupo vogais e consoantes, por um lado, nem *substantivos* e *advérbios*, por outro, assim também quanto aos grupos lexicais, não reuniremos *navio* com *espada*, nem *flor* com *edifício*. Em se tratando das unidades fonológicas, reunimos, para estudo e descrição, as *vogais orais* e *nasais*, as *consoantes oclusivas* e as c*onstritivas*; nas unidades gramaticais, reunimos, no verbo, *o presente*, o *passado* e o

futuro, e assim por diante. Também no léxico, não reuniremos *navio* com *espada*, mas, sim, *navio* com *barco*, com *bote*, com *jangada*, com *transatlântico* e tantas outras designações de meios de transporte por cima d'água (opõem-se ao *submarino*, por exemplo), os quais, por sua vez, se opõem aos meios de transporte por via terrestre (*automóvel*, *ônibus,* etc.) e meios de transporte por via aérea (*avião*, *aeróstato, balão*, *zepelim*, etc.).

Assim sendo, o primeiro movimento no estudo/ensino estrutural do léxico consiste em reunir as diversas unidades léxicas que pertencem a um *campo léxico*. Chama-se *campo léxico* o conjunto de Iexemas unidos por um valor léxico comum. Os Iexemas subdividem esse valor comum em valores mais específicos, que se opõem entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico, chamadas "traços distintivos" ou *semas*. Dessarte, *navio, bote*, *barco*, *jangada*, *transatlântico* pertencem ao campo léxico "meios de transporte por água" ou "embarcações". As vezes, o campo Iéxico na língua tem uma unidade Iéxica cujo valor significativo corresponde a seu valor unitário, abarca todas as unidades integrantes do campo; aqui, a unidade "embarcação" abrange *navio*, barco, *bote*, *jangada*, *transatlântico*, etc., e, por isso, se chama *arquilexema*.

Voltando à semelhança existente entre o estudo e descrição das unidades da fonologia e da gramática com as unidades léxicas, um fonema, por exemplo, difere de outro da mesma classe por meios de traços distintivos. Assim, entre /p/ e /b/ há traços comuns, como "oclusivo", "bilabial", "oral", mas um traço que opõe /p/ a /b/ é a sonoridade (ou a vibração das cordas vocais), pois /p/ é uma consoante oclusiva, bilabial, oral, surda, enquanto /b/ é uma consoante oclusiva, bilabial, oral, sonora.

Da mesma forma, *automóvel* e *ônibus* pertencem ao campo léxico "meios de transporte por via terrestre", mas se separam por alguns traços distintivos ou semas: enquanto o *automóvel* é um transporte para um número limitado de pessoas e sem percurso obrigatório definido, o *ônibus* é um grande automóvel (para muitas pessoas) que funciona como transporte público e com percurso definido.

É graças a esses traços distintivos que particularizam e diferenciam as unidades léxicas integrantes de um mesmo campo léxico, que o falante sabe e pode distinguir os significados de *navio*, de *transatlântico*, *barco, bote*, etc. Os dicionários devem estar atentos a esses traços distintivos para bem orientar os seus consulentes.

Além do *campo léxico*, há também a *classe léxica*. *Rico, inteligente* e *solteiro* não pertencem, naturalmente, ao mesmo campo léxico, mas pertencem à mesma classe léxica, porque os três se aplicam, ou podem aplicar-se para pessoas, seres vivos humanos.

Classe léxica, segundo Coseriu, é uma classe de lexemas determinados por um *classema*, que é um traço distintivo que funciona em geral em toda uma categoria verbal ("classes de palavras"). As classes léxicas se manifestam nas combinações gramaticais e/ou léxicas dos lexemas: pertencem à mesma classe os lexemas que permitem as mesmas combinações léxicas ou gramaticais, ou léxicas e gramaticais concomitantes. Assim, *rico, inteligente* e *solteiro* se combinam com substantivo designativo de ser vivo humano, por exemplo: *homem rico, inteligente, solteiro*.

Essas classes são, de modo geral, muito conhecidas nossas desde as primeiras aulas de gramática portuguesa. Os substantivos se dividem, por exemplo, nas classes "seres vivos", "coisas", e, dentro da classe "seres vivos" podemos separar os seres humanos dos seres não-humanos. Para os adjetivos, podemos estabelecer classes como "*positivo*", "*negativo*", etc., o que justifica combinações aditivas do tipo *rico* e *inteligente*, ou combinações adversativas do tipo *rico,* mas *ignorante*. Nos verbos conhecemos as classes dos "intransitivos", "transitivos", etc., classes que admitem subclasses. Podem-se estabelecer classes menos trabalhadas em nossas gramáticas, como, por exemplo, na base de um classema "direção" (em relação com o agente da ação), podemos ter a classe dos verbos "adlativos" (*comprar, receber, tomar, recolher, pegar* etc.) opostos aos verbos "ablativos" (*vender, dar, deixar, soltar*, etc.).

Também cumpre distinguir entre *classes determinantes* e as *classes determinadas*. As *classes determinantes* são aquelas caracterizadas por classe, mas enquanto as classes determinadas são aquelas caracterizadas por traços distintivos do tipo para a classe "X". Com tal distinção estamos aptos a classificar os lexemas classematicamente determinados, de acordo com as classes determinantes com que se combinam. Os adjetivos, por exemplo, podem ser classificados, com relação às classes determinantes, "seres vivos" — "coisas", num primeiro momento, em adjetivos "sensíveis" e em adjetivos "insensíveis" a estas classes; num segundo momento, os adjetivos sensíveis a tais classes podem ser classificados em adjetivos "exclusivos" de uma classe (como, por exemplo, *inteligente*, que não se aplica, em geral, às coisas e só a "seres pensantes") e em adjetivos "diferenciados" em

conformidade com as classes (como, por exemplo, o português *ruivo* e o francês *roux* contrastam, respectivamente, com *roxo* e *rouge*, ou o português *louro* e o francês *blond* contrastam, respectivamente, com *amarelo* e *jaune*, em que, em relação para a classe *cabelo*, só os primeiros de cada série podem ser usados: tanto em português como em francês só se diz *cabelos ruivos* / *cheveux roux*; cabelos louros / *cheveux blonds*.

Além do campo léxico e da classe léxica, já vistos aqui, vamos falar de mais três tipos de estruturas léxicas: a *modificação*, o *desenvolvimento* e a *composição*. Tais tipos diferem dos primeiros pelo fato de serem o campo léxico e a classe léxica estruturas primárias, enquanto a modificação, o desenvolvimento e a composição estruturas secundárias. Diz-se *primária* a estrutura cujos termos se implicam reciprocamente, sem que um seja primário em relação aos demais. Um exemplo: *jovem* implica *velho* e *velho* implica jovem, mas nenhum é primário em relação ao outro. Já em *vender* e *vendedor*, este implica o primeiro, mas *vender* não implica *vendedor*; em outras palavras, quando definimos o conteúdo "vendedor" aludimos necessariamente a "vender" (a pessoa que vende), mas quando definimos o conteúdo "vender", prescindimos da referência ao conteúdo "vendedor". Dizemos, então, que o conteúdo "vender" é primário, em relação ao conteúdo "vendedor", e este é secundário relativamente ao conteúdo "vender".

É fácil perceber que as estruturas secundárias correspondem ao tradicional domínio da gramática da formação de palavras, as quais, depois de passarem pelos processos de formação próprios do idioma, são incorporadas ao léxico e continuam admitindo as mesmas determinações gramaticais explícitas dos termos primários. Isto é, se de *livro* temos o termo secundário *livrinho*, este admite a determinação gramatical de plural que cabe a *livro*: *livro - livros, livrinho - livrinhos.*

Os três tipos de estrutura secundária aqui enumerados (*modificação*, *desenvolvimento* e *composição*) se distinguem entre si pela determinação gramatical do termo primário.

A modificação corresponde a uma determinação gramatical que não implica qualquer função frásica do termo primário modificado, mas apenas a qualificação deste termo ou, ainda, a repetição duma significação ou acréscimo de uma orientação à ação do termo primário, como ocorre nas formações diminutivas, nos coletivos, nos verbos formados com prefixos: *livro - livrinho*; *dormir - dormitar*; *laranja - laranjal; cantar - cantarolar*; *ver - rever-prever*; *seguir - perseguir - prosseguir*, etc.

O desenvolvimento corresponde a uma determinação gramatical que implica uma função frásica específica do termo primário, isto é, implica uma alteração da categoria verbal do termo primário. Assim, *belo* + função predicativa = *beleza* ("o que é belo"); *partir* + função predicativa= *partida* ("o fato de partir"); *branco* + função epíteto = o *branco*; *civil* - *civilizar* - *civilização*.

Além da mudança de função frásica (substantivo muda-se em adjetivo; adjetivo muda-se em substantivo; adjetivo muda-se em verbo; verbo muda-se em substantivo, etc.), o desenvolvimento implica uma desconcentração ou generalização da significação, quando comparada com a base do desenvolvimento: assim, *prata* - *prateado* ou *audição* ("ato de ouvir") - *audível* (qualidade do que se pode ouvir).

Um termo que surgiu de um desenvolvimento pode ser base de outro termo desenvolvido: *rico* - *enriquecer* - *enriquecimento*. Neste procedimento em série, pode-se saltar uma etapa, isto é, pode-se criar um termo sem que exista na norma da língua o termo implicado anteriormente. Comparem-se as séries plenas: *fala -falar -falado*; *visita – visitar - visitante* com as séries destituídas de verbo-base do adjetivo final do processo de desenvolvimento: *barba* - *verbo* - *barbado*, *farsa* - *verbo* - *farsante*.

Outro aspecto digno de nota no desenvolvimento é a possibilidade da existência de homófonos resultantes de bases diferentes: m*atar* - *morto* ("ao lado de matado"), *morrer* - *morto*.

Assinale-se que pode haver combinação da modificação com o desenvolvimento: *ver* - *rever* (modif.) - *revisão* (desenv.); *cobrir* - *descobrir* (modif.) - *descobrimento* (desenv.).

A *composição* implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma relação gramatical. Há dois tipos de composição: um em que um dos elementos combinados é de natureza pronominal genérica — como "alguém", "algo", tipo a que Coseriu chama *composição prolexemática*.

Este tipo corresponde a uma parte daquilo que a gramática tradicionalmente rotula de *derivação*. Assim, *ler* + agente pronominal = *leitor* (aquele que lê); *livro* + agente pronominal = *livreiro* (aquele que comercia livros).

Na composição prolexemática há um elemento determinante (o que se apresenta no significante) e outro determinado (o que está representado no significante pelo sufixo derivativo ou por zero), sendo a categoria verbal do composto a do determinado, conforme se depreende dos exemplos acima.

No outro tipo de composição, os elementos presentes são lexemas. Por isso, é chamado *composição lexemática* e corresponde ao que tradicionalmente recebe o nome de *composição*.

São exemplos de composição lexemática: *guarda* + *roupa* — *guarda-roupa*; *mata* + *borrão* — *mata-borrão*.

Tipos de composição como *guarda-roupa, mata-borrão* representam os dois casos aqui mencionados, pois implicam uma composição prolexemática com sufixo derivativo de expressão zero (*guardar* – *guarda* - equivalente a *guardador, que guarda*) e uma composição lexemática, em que entra o lexema (composto) *guarda* + o lexema *roupa*.

A quem nos acompanhou com atenção até aqui fica patente que esta proposta de estruturas secundárias se afasta da proposta tradicional de processos de formação de palavras divididos em *derivação* e *composição*, porque esta última proposta só leva em conta o plano de expressão ou a relação entre o plano do conteúdo (o do significado) e o da expressão (o do significante). Na proposta de Coseriu o interesse localiza-se no plano do conteúdo. O conceito tradicional de derivação põe em evidência a combinação de uma palavra com um morfema, da qual deriva nova palavra, enquanto o conceito tradicional de composição põe em evidência a combinação de duas palavras autônomas. Isto é válido quando a preocupação do analista se centra e se limita ao plano da expressão, mas tal modo de proceder à análise não dá conta das estruturas do plano do conteúdo.

Até aqui vimos as estruturas léxicas no plano "paradigmático", isto é, no plano em que os lexemas se encontram numa oposição imediata entre si, ou, em outras palavras, em que — para ficar no caso das estruturas secundárias — *casa* se opõe a *casinha* ou *ver* se opõe a *rever* (quanto à modificação); *civil* se opõe a *civilizar* e este a *civilização* (quanto à modificação); *civil* (quanto ao desenvolvimento); *guardar* se opõe a *guardador* (quanto à composição). Vamos agora examinar as estruturas léxicas no plano "sintagmático" ou das "combinações" dos lexemas condicionadas numa língua, isto é, no fato de determinado lexema se combinar com outro ou ainda de um lexema implicar outro lexema. Isto significa que agora se trata duma "solidariedade", duma "combinação" (daí sintagmática) no plano da estrutura dos semas ou traços distintivos, em que certas unidades léxicas estão implicadas por outras unidades léxicas.

O critério para a distinção dos diversos tipos de combinações ou solidariedades é o modo como os lexemas de um paradigma estão

determinados, em seu conteúdo, pelos lexemas de outros paradigmas. Chamam-se "determinantes" aqueles cujos conteúdos estão implicados como traços distintivos em outros lexemas, e lexemas "determinados" aqueles que recebem esses mesmos traços distintivos ou semas. Assim, por exemplo, *árvore*, unidade lexical determinante do paradigma "planta", funciona como traço distintivo no paradigma dos verbos como *cortar* e outros, com o qual surge, precisamente, a unidade lexical determinada *podar* (diz-se *podar árvores* e não *podar dedos*); da mesma forma, *cavalo* funciona como traço distintivo no paradigma dos "nomes das cores", com o qual estão implicadas cores como *baio*, *alazão* (diz-se *cavalo baio* e *cavalo alazão* e nunca *cachorro baio* ou *galo alazão*).

Distingue Coseriu três espécies de solidariedades léxicas conforme a determinação semântica de uma palavra por meio de uma classe, de um arquilexema ou de um lexema, ou, em outros termos, conforme uma classe "determinada", um determinado arquilexema ou um determinado lexema funciona como traço distintivo de uma palavra em pauta: *afinidade* (quando implica a classe do lexema determinante), *seleção* (quando implica o arquilexema do lexema determinante) e *implicação* (quando todo o Iexema determinante funciona como traço distintivo no lexema determinado).

Exemplos de *afinidade: prenhe* e *grávida* são lexemas que têm como traços distintivos, quanto ao conteúdo "fecundação", a classe animal (dito de animal) e a classe pessoa (dito de pessoa); por isso *prenhe* é combinável com lexemas como *cachorra, gata*, etc. enquanto *grávida* é combinável com lexemas como *mulher, vizinha*, etc. Há também afinidade com os lexemas relativos ao conteúdo trazer ao mundo repartidos entre a classe animal (*parir, dar, cria, ter filhote*, etc.) e a classe pessoa (*dar à luz*).

Exemplo de seleção: *pena* e *pelo*, no sistema piloso, incluem como traço distintivo os arquilexemas "ave" e "mamífero"; por isso dizemos que homem, macaco, cachorro, cavalo têm pelos, enquanto o passarinho, a gaivota, o papagaio têm *penas*.

Exemplo de implicação: lexemas como *relinchar, ladrar, miar cacarejar* contêm, como traço distintivo, o conteúdo total dos lexemas *cavalo, cão, gato* e *galinha*, respectivamente.

Destas considerações teóricas até aqui expostas se têm beneficiado os dicionários unilíngues e bilíngues, de modo que se tornem mais informativos ao leitor que os compulsa. Um dos pontos que traduzem progresso é fugir, na apresentação dos verbetes ou lemas, às definições puramente científicas, que pouco ou nada dizem do significado que tais lexemas têm na língua. Tinha muita

razão, nesse sentido, a crítica feita pelo lingüista norte-americano L. Bloomfield acerca da inutilidade, para quem deseja saber o que significa na sua língua a palavra *sal*, das explicações técnicas do tipo: "cloreto de sódio" ou "substância" que se forma na interação entre um ácido e uma base. Isto pertence à química e só aos químicos dizem alguma coisa.

Apenas não cabia total razão a Bloomfield, porque misturava os lexemas da língua com os termos da nomenclatura técnica das ciências e, assim, atribuía às ciências a tarefa de conceituar o significado léxico, que é, como vimos, domínio da linguística. Como lembra Coseriu, a química se ocupa da coisa "sal", enquanto a linguística se ocupa do significado *sal*. No dicionário, *sal* será apresentado como uma substância branca, cristalizada, de sabor acre, solúvel na boca, que se usa como tempero em culinária, conforme está no *Dicionário do Português Básico*, de Mário Vilela.

Repare-se que nesta explicação vai o autor aludindo aos diversos semas que compõem o significado do lexema: substância branca (referência ao sema "cor"), cristalizada (ao sema "forma"), de sabor acre (ao sema "sabor"), solúvel na água (ao sema "mutação de forma"), que se usa como tempero na culinária (ao sema "utilidade"). Desta forma, reunindo tantos semas, o significado léxico de *sal* diz mais ao consulente do que uma explicação, também encontrável em dicionários, do tipo: substância usada na alimentação como tempero, através da qual só se alude ao sema "utilidade". Ora, essa economia de semas ou de traços distintivos faz com que a explicação sirva a várias substâncias usadas na alimentação como tempero. Torna-se, portanto, pouco útil, quase ineficaz, ao consulente.

O acúmulo de semas permite a distinção entre, por exemplo, duas substâncias usadas na alimentação como tempero: o *sal* e o *açúcar*. Se retomarmos a sequência de semas que integram o significado léxico de *sal*, facilmente observamos que todos menos um (o relativo ao "sabor") se aplicam ao de *açúcar*: substância branca, cristalizada, solúvel na água, que se usa como tempero.

Um exemplo que já se tornou clássico é o da enumeração dos semas que entram nos significados do campo lexico de "assento", estudadas pelo linguista B. Pottier para o francês. Para não alongar a rica lista de lexemas que entram nesse campo léxico, aludiremos apenas a seis deles: *banco, tamborete, cadeira, poltrona, sofá* e *divã*. Relacionaremos, inicialmente, os semas que integram alguns significados desse campo, como fez Mário Vilela em *Estruturas Léxicas do Português*:

1. objeto que serve para alguém se sentar
2. com pés
3. com encosto
4. com braços
5. para uma pessoa
6. feito de material rijo

Banco é um objeto que serve para alguém se sentar, dotado de pés, geralmente sem encosto e sem braços, quase sempre para uma pessoa e feito de material rijo (madeira, cimento, mármore, etc.).

Tamborete é um objeto que serve para alguém se sentar, dotado de pés, sem encosto e sem braço, para uma só pessoa e feito de madeira.

Cadeira é um objeto que serve para alguém se sentar, dotado de pés, com encosto, com ou sem braços, para uma só pessoa e geralmente feito de material rijo.

Poltrona é um objeto que serve para alguém se sentar, dotado de pés, encosto e braços, para uma só pessoa e estofado ou de couro, isto é, feito de material não rijo.

Sofá é um objeto que serve para alguém se sentar, com ou sem pés, com encosto, com braços, para mais de uma pessoa e de material não rijo.

Divã é um objeto que serve para alguém se sentar, com ou sem pés, sem encosto nem braços, para uma só pessoa e de material não rijo.

Repare o leitor que cada tipo desses seis objetos de sentar se distingue pela presença ou ausência de determinados semas, de modo que pouco adiantam, para a identificação deles, explicações que aparecem em alguns dicionários do tipo: *Divã*: espécie de sofá sem encosto ou *Canapé*: banco de palhinha comprido com costas e braços.

Também precária é a série de sinônimos que às vezes corre nos dicionários. Compare-se o que já se disse de *sofá* e *divã* com a lição que consigna um deles: *Sofá*: banco estofado com espaldar e dois braços, para várias pessoas; *canapé; divã*.

Se são necessários tais cuidados no dicionário destinado aos falantes nativos, muito maior atenção há de se ter, quando vai ser consultado por estrangeiros. Neste particular nossos dicionaristas têm muito que aprender com os bons compêndios unilíngues escritos para falantes não nativos. Há um longo caminho que o dicionário de língua portuguesa deverá percorrer para incorporar as novas conquistas do estudo lexico.

Correção e norma linguística

J. G. Herculano de Carvalho

Objeto histórico, sujeito às vicissitudes próprias de todo o objeto histórico, a língua, como saber transmitido, perpetuamente se transforma e diversifica. Quer isto dizer que se transforma no tempo e se diversifica no espaço.

Em primeiro lugar no tempo: se é certo que os modos linguísticos do presente representam a continuação ininterrupta de modos linguísticos do passado, não é menos evidente que eles não são hoje inteiramente idênticos ao que foram em épocas anteriores. Sabemos de fato que a língua portuguesa não é hoje a mesma que a língua falada pelos contemporâneos de Camões e que, quanto mais recuamos no tempo, mais acentuado se torna o contraste, de tal forma que haverá um momento em que já não poderemos falar sequer de *português*, mas de outra língua.

Por outro lado, no espaço: sem abandonarmos os limites de Portugal continental, do Minho ao Algarve, o mesmo português, a mesma língua que todos falamos e em que todos nos compreendemos, apresenta, logo à mais superficial observação, um sem-número de variações, que afetam os sons, as formas flexionais, as construções e o vocabulário. Se abandonarmos o continente europeu, a observação confirma-se e reforça-se: em Ponta Delgada, no Funchal, no Rio de Janeiro ou em São Paulo é sempre o mesmo português que nós ouvimos, e é sempre *outro*.

A esta diversidade da mesma língua no mesmo tempo, a que chamaremos *horizontal,* vem juntar-se uma outra que denominaremos *vertical*. Aquela

observa-se de terra para terra; pelo contrário, pode verificar-se dentro do mesmo lugar. É a que se dá entre indivíduos de classe social diferente, o que quer dizer, de diverso nível cultural, visto que um analfabeto se não exprime da mesma forma que um indivíduo mediana ou superiormente cultivado, havendo entre um máximo e um mínimo (aliás puramente ideais) um número infinito de gradações de cultura, que se traduzem noutras tantas gradações na expressão linguística.

Finalmente, a variedade observa-se dentro do mesmo indivíduo, o qual com efeito não usa os mesmos vocábulos nem as mesmas construções numa conversa familiar ou de negócios, quando se dirige a um amigo ou a um superior hierárquico, ao escrever uma carta de amizade ou uma novela, um artigo científico ou um poema. A estas variedades chamaremos *estilísticas*; a cada uma das formas de língua assim determinadas pela situação momentânea, quer dizer, pela intenção ou finalidade particular de cada uma, daremos o nome de *estilos*.

Pelo contrário, a cada uma das formas linguísticas particulares da mesma língua, determináveis no espaço — variedades horizontais ou locais, variedades verticais ou estráticas — chamaremos *idiomas*.

Cada *idioma* e cada *estilo* é, por assim dizer, uma língua dentro de outra língua, sendo esta um complexo formado por um número infinito de *idiomas* e *estilos* diversos, entre os quais não existem fronteiras definidas. *Cada um deles* possui a sua *norma* própria, quer dizer, um sistema de esquemas e modelos mais ou menos fixados, que regulam o funcionamento da língua dentro dos limites enunciados. Essa norma é *individual*, porque existe no saber linguístico de cada um dos indivíduos, presidindo à realização da sua atividade idiomática, mas é *também interindividual*, porque é comum a todos os membros do mesmo grupo, fração maior ou menor da comunidade linguística, seja esse grupo local, cultural ou, digamos, estilístico. Quer dizer que, de uma forma mais ou menos consciente (segundo precisamente o grau de cultura dos indivíduos que constituem o grupo), sistematizada e fixada por escrito ou afetam os sons, as formas flexionais, as construções e o vocabulário. Se abandonarmos o continente europeu, a observação confirma-se e reforça-se: em Ponta Delgada, no Funchal, no Rio de Janeiro ou em São Paulo é sempre o mesmo português que nós ouvimos, e é sempre outro.

Postos estes princípios — que são apenas a constatação de fatos — já podemos compreender em que consiste a correção linguística: E incorreto aquele que infringe a norma. A correção consiste pois na observância da

norma linguística própria do grupo a que o indivíduo pertence e ainda das circunstâncias momentâneas em que se exprime, isto é, a obediência à norma adequada a cada indivíduo, segundo o quadro social em que está integrado e a finalidade expressiva ou comunicativa específica de cada um dos seus atos linguísticos.

Isto significa que, por muito pouco complexa que seja a comunidade idiomática em questão, ela supõe infalivelmente a existência de um número maior ou menor de normas linguísticas diversas; e significa também, consequentemente, que o critério da correção gramatical ou expressiva não é o mesmo para todos os membros da comunidade. Quero dizer, num exemplo concreto: não comete erro, na medida em que realiza a norma linguística própria do seu grupo social e cultural, o aldeão que diga *andemos* por *andamos*, *semos* ou *samos* por *somos*, formas que seriam inadmissíveis na boca de um citadino medianamente culto.

Por outro lado porém, contrabalançando esta relatividade da norma linguística, em todas as comunidades mais ou menos extensas e por isso complexas, sobrepondo-se de certa maneira a todas as outras, pode determinar-se *uma* norma, que podemos, se quisermos, chamar *superior*, a qual é sentida, ao menos pela maioria, como a melhor, a mais correta, o que significa simplesmente que é a mais prestigiada. Ora esta norma, ou padrão linguístico ideal, é aquela que é realizada, com relativa fidelidade e uniformidade, pelos membros do grupo social de maior prestígio, que é ao mesmo tempo o detentor do padrão cultural mais elevado. E *esta* norma a que é e deve ser objeto do ensino. O que significa que ensinar a norma idiomática equivale em primeiro lugar a introduzir, a integrar o indivíduo nesse padrão cultural elevado e, portanto, que o ensino da língua — que é sobretudo o da língua materna — possui um alcance que transcende de muito o que as minhas palavras parecem dizer e o que comumente por elas se entende. Na verdade, porém, mais ainda do que ensinar uma norma linguística e fazer penetrar num padrão de cultura determinado, é promover o desenvolvimento, integral e pleno, da própria personalidade espiritual humana, virtualmente latente em cada indivíduo.

O ensino da língua

Pelo que ficou dito nas anteriores palestras, já se pode depreender que ao ensino da língua materna deveria reservar-se um lugar de primacial

importância em todos os planos da formação intelectual, quer dizer, um lugar muito mais importante que o que presentemente ocupa nos nossos planos de ensino.

Mas põe-se talvez uma dúvida ao espírito de muitos: Se todos nós falamos português, se todos somos capazes de resolver os nossos pequenos e grandes negócios cotidianos, dos mais simples aos mais complicados, por meio da palavra, serão realmente necessários tantos anos de aprendizado especial para dominarmos a nossa própria língua materna?

A resposta a tal dúvida está nisto: Tudo depende do grau de cultura e, portanto, de desenvolvimento espiritual que se pretende atingir; tudo depende do alcance maior ou menor das finalidades que através da atividade linguística entendemos realizar. Se para cada indivíduo a língua não é una, mas múltipla, se ela é sempre um complexo de estilos e por isso de normas, a sua complexidade cresce proporcionalmente com o grau de cultura e consequentemente com a variedade e compósito encadeamento das finalidades daquele que a utiliza.

Já sabemos que a língua, além de ser, por assim dizer *interiormente*, um modo de conhecimento, é *exteriormente* um instrumento de *expressão* e de *comunicação*, havendo ainda a distinguir neste plano comunicativo, a língua como modo, por um lado, de transmitir *informação* e, logo, de *agir no comportamento* social dos outros. Abstraindo de alguns casos-limite, como as interjeições (por sua natureza *quase* puramente expressivas), em cada ato de fala aquelas múltiplas finalidades exteriores se encontram presentes, mas não em todos no mesmo grau. Pode predominar a expressão: e então o ato linguístico torna-se emotivo e talvez lírico; pode predominar a atuação social: e a atividade linguística faz-se emotiva e dramática; pode prevalecer a informação: e o ato de fala tende a tornar-se impassível e intelectual.

Da proporção relativa de cada uma destas funções no ato verbal, depende, portanto, a conformação estilística do mesmo. Quanto maiores forem as exigências de cada uma delas e quanto mais finamente matizadas forem as respectivas relações, tanto mais variada e subtil necessita de ser (no vocabulário, na gramática e na própria conformação fônica) a gradação estilística que se lhes adapte.

Todas estas finalidades se encontram presentes no ato verbal do falante mais inculto. Mas neste predomina normalmente a segunda das finalidades referidas, a atuação social. A sua atividade linguística tem de fato um caráter eminentemente prático. Por outro lado ainda, o alcance desta atuação é em

geral pouco mais do que imediato, quer na sua projeção temporal, quer sobretudo no círculo social abrangido; as situações que se oferecem a essa atuação são limitadas; é simples finalmente a rede das relações sociais em que deve realizar-se.

De outra parte, encontramos todos aqueles homens que, pela sua missão, se veem forçados a agir — e a agir precisamente pela palavra — em meios sociais mais largos e incomparavelmente mais complexos, visando finalidades não puramente imediatas, no espaço e no tempo. Um discurso político ou um tratado de moral são exemplos típicos de tais momentos de atividade linguística, cuja significação se pode pôr em contraste com a das atuações verbais de um honesto cidadão que procura convencer um vendedor a baixar o preço da sua mercadoria ou um amigo a acompanhá-lo numa excursão de pesca.

No que respeita à informação, o seu valor está geralmente dependente do efeito social que por ela se pretende atingir. No caso do homem inculto, o valor informativo dos seus atos de fala é já por isso mesmo reduzido, sendo também por outro lado limitado o universo de discurso

— totalidade de conhecimentos comuns sobre o mundo dos objetos (materiais ou espirituais) — a que faz referência.

No homem de cultura superior, também a sua atividade informativa nunca é inteiramente desinteressada, porque sempre através dela se realiza um propósito, mediato ou imediato, de atuação sobre o comportamento dos seus semelhantes. Mas, neste, a intenção informativa não só pode chegar a predominar por uma forma decidida, sobre a atuação social, mas pode assumir também um valor cognoscitivo incomparavelmente mais largo — num tratado de Ciência, de Filosofia, de História —, que uma simples comunicação do dia a dia sobre o estado do tempo ou a marcha de um negócio.

Finalmente quanto à expressão, independentemente da simples e imediata exteriorização — simples desabafo — de sentimentos primários—, que muitas vezes se manifestam através de modos extralinguísticos (o riso, o grito, o gesto) —, também o homem dito inculto é capaz de realizar momentos de expressão emotiva superior e até mesmo de fazer do ato linguístico, quer o aprenda, quer o realize, um ato criador poético, expressão de uma fruição intuitiva dos objetos, quer dizer, motivada num conhecimento estético, e não prático ou intelectual, dos mesmos. Todavia, se esta atividade expressiva, particularmente estética, raramente predomina na atuação verbal do indivíduo

de inferior cultura, também o mundo de vivências que através dela pode exprimir, ou simplesmente aprender, é forçosamente limitado e pobre.

Pelo contrário, quanto mais elevado for o seu grau de cultura, tanto mais largas e profundas serão as suas experiências poéticas, e mais frequentes os momentos em que lhes dará expressão — expressão estética, não totalmente independente, mas em vária medida preponderante sobre as finalidades meramente comunicativas, práticas, informativas, do ato de fala.

Um homem será pois tanto mais culto, quanto mais rica for a forma estilística da sua expressão, quanto mais finas forem as gradações estilísticas que ele é capaz de reconhecer e utilizar. E é desde logo evidente que a sua assimilação, o seu aprendizado deverá ser longo e trabalhoso.

Ensinar a língua significará, por outra parte, nada menos do que proporcionar ao indivíduo a possibilidade de criar e alargar as fronteiras do Universo; de construir um mundo de conhecimento — intelectual e estético; de agir com eficácia sobre os seus semelhantes num círculo cada vez mais vasto; enfim: de se realizar plenamente como personalidade espiritual, em face de si mesmo, dos outros e de Deus — de se afirmar como Homem.

Se assim é, como creio, será excessivo atribuir ao ensino da língua o primeiro lugar na formação intelectual da juventude? E ocupará ele, no momento atual, o plano que efetivamente lhe cabe?

Ainda sobre o ensino da língua

Atribuindo ao ensino da língua o primeiro lugar na formação intelectual dos jovens, ainda não chegamos ao fim do nosso caminho. Resta-nos esboçar, ao menos, algumas conclusões sobre a natureza de que deve revestir-se esse ensino. De passagem, não será descabido aludir à importância que, neste contexto, ainda pertence ao aprendizado das línguas em geral, não só pelo valor prático atual do seu conhecimento, mas ainda porque conhecê-las é dispor de outros tantos meios de acesso à cultura: tomadas diretas de contato com outras formas de traduzir valores espirituais, por vezes idênticos, por vezes diferentes, sempre variados. E seria ocasião de falar... no latim. Mas o tempo não chega, passemos adiante. Falamos agora do aprendizado linguístico mais importante, o da língua materna, logo, para nós, o da língua portuguesa.

A quem compete este ensino? Por estranho que pareça, afirmo que ele não é domínio exclusivo do professor de língua portuguesa, mas pertence a todo o professor, a todo aquele que tem por missão comunicar alguma espécie de conhecimento, seja de que natureza for. Parece ser preconceito assaz espalhado (espero que o não seja tanto) de que o que importa ao mestre de

matemática é apenas ensinar matemática, ao de história, história, ao de filosofia... filosofia — e que o *resto* é, quer dizer, a expressão, a forma por que o aluno possa manifestar os conhecimentos adquiridos de matemática, história ou filosofia, esse *resto* é com o professor de português. Ora a verdade é que a matéria e forma são duas faces inseparáveis dum todo único; que exigir uma expressão verbal correta, escrita e oral, é exigir um pensamento correto (de que aquela expressão é apenas forma adequada); que saber datas e fatos *não é* saber história, assim como saber manipular números e fórmulas *ainda não* é saber matemática ou física — visto que só é conhecimento humano, no seu sentido pleno, o que se realiza através da linguagem.

Nenhum professor pode pois, seja qual for a matéria específica, que ensina, deixar de ser *em certa medida* professor de língua, isto sobretudo no nível secundário, quer dizer, supondo que ao atingir o nível universitário o estudante já se encontra de posse de um instrumento expressivo em grande parte formado, porque de resto ainda na Universidade não pode o professor deixar de atender, e pelas mesmas razões, à correta expressão verbal da informação adquirida. É, todavia aos professores de línguas e, naturalmente, de forma muito particular, aos professores de português que esta missão cabe de modo específico. Digo que em geral aos professores de línguas — vivas ou mortas —, referindo-me em especial (sem poder insistir) à capital importância que deve ter, no desenvolvimento da, capacidade expressiva do estudante, o exercício bem dirigido, cuidadosamente controlado, da tradução.

Quanto ao ensino especificamente reservado aos professores de português, será inútil lembrar (são os próprios programas oficiais que o afirmam) que ele não deve ser prevalentemente gramatical. A gramática — a que voltarei a referir-me na próxima palestra — não é um fim, mas um meio para o atingir.

Finalidade, pelo contrário, é a de capacitar a criança e o adolescente a realizar com eficácia, em diversos níveis de desenvolvimento, a atividade de conhecer, de exprimir e de comunicar, que é a linguagem, permitindo e atuando, simultaneamente, a sua integração no mundo da cultura, o enriquecimento gradual do seu espírito e da sua capacidade de conhecer e de se afirmar como personalidade.

Logo, se finalidade do ensino se encontra no exercício adequado de uma atividade, convém que esse ensino seja eminentemente prático, quer dizer, ativo, concentrando-se particularmente em três pontos: a leitura, a conversa e a exposição oral, e a dissertação escrita.

Quanto à leitura, o essencial é ler bem, mas também importa, sobretudo no período, de assimilação rápida que é o do adolescente, ler muito. E importa, sobretudo, neste aspecto, ler textos inteiros. Um auto de Gil Vicente, uma canção ou uma écloga de Camões, um sermão de Vieira, um apólogo de D. Francisco Manuel, um conto ou um romance de Eça de Queirós — são cada um deles um todo, com uma estrutura, uma construção própria, que deve apreciar-se na sua tonalidade e de que nenhuns trechos selecionados com critério (bom ou mau) podem dar ideia. E evidente que nem tudo se pode fazer ler na íntegra, mas então que os textos selecionados sejam ao menos o mais extensos possível.

Mas cumpre, sobretudo ler bem, entendendo que cada texto é a fixação gráfica de um momento da atividade Iinguística, e que a sua leitura consiste na reconstituição tão fiel quanto possível desse momento de atividade. Se o ato original, agora cristalizado, foi um ato criador, é- o também, em certa medida, a sua reconstituição.

Esta exige que se penetre e se reconstrua primeiramente o mundo espiritual em que se realizou aquele ato, que se restitua o universo de discurso a que ele faz referência. Aqui surge a utilidade, mais do que isso, a imprescindível necessidade do comentário filológico, mas do autêntico, que não consiste, *neste caso ao menos*, em investigar pacientemente a etimologia das palavras do texto.

Ela exige em seguida a reconstituição do ato de conhecimento, intelectual e estético, e da intencionalidade expressiva e comunicativa que esse ato manifesta através dos modos linguísticos que o perfazem.

Neste processo, é naturalmente ao professor que deve caber o primeiro papel, mas o segundo cabe às edições utilizadas. Fazem falta textos, integrais ou selecionados, abundantemente comentados e anotados — à semelhança das magníficas antologias da literatura italiana como é, por exemplo, a que foi dirigida por Luigi Russo. Só textos destes podem permitir aquilo que se pretende: isto é, que o próprio estudante comece *por si mesmo* a realizar esse ato de ressurreição, cuja técnica lhe é comunicada pelo professor.

Não fica tempo para desenvolver os outros pontos. Bastará com insistir na importância, reconhecida por todos, da prática da exposição oral e escrita. Nunca será demasiado o tempo que o professor lhe dedique. E justamente nestes exercícios, sobretudo nos de composição escrita, que é possível exigir ao jovem estudante o rigor e a clareza da expressão, na escolha do termo justo, na adjetivação sóbria, na construção exata do pensamento.

O ensino da gramática

Quero referir-me ao valor do ensino da gramática. Afirmei, concordando com a opinião expressa pelos programas oficiais, que este não deve ser um fim mas apenas um meio. Todavia, não pretendo com isto dizer que a gramática, mesmo no ensino da língua materna, não tenha um importante papel a desempenhar. Afirmo precisamente o contrário, na condição de que se compreenda bem a função: a de contribuir, pela sua parte, para a finalidade única do ensino da língua — ensinar a realizar com eficácia a atividade linguística.

Para este fim serve particularmente a análise sintática, servida por sua vez pela análise morfológica, isto é, pela classificação das chamadas partes da oração e estudo das flexões respectivas. Mas esta análise se não quer tornar-se enfadonha e estéril, deverá ter a sua finalidade fora de si: ela será, na verdade, no estudo de um texto, que é portador de uma mensagem global complexa, uma espécie de operação de desmontagem do pensamento aí contido, para analisar as suas fases (isto é, as suas partes) e a sua disposição e entrosamento, para descobrir a sua coerência e as suas possíveis falhas, reais ou aparentes.

Aqui intervém o problema de situar no seu plano conveniente o critério da correção sintática: serão na verdade sempre e apenas falhas, isto é, produtos de ignorância, essencial ou momentânea, ou da negligência, os anacolutos e outras irregularidades de construção que se observam, com maior ou menor frequência, nos melhores escritores? Se são sempre apenas erros, como compreender que as obras de Santa Teresa de Jesus, por exemplo, onde tais irregularidades superabundam, sejam contadas entre as obras clássicas da literatura espanhola?

É neste momento que será necessário invocar de novo a relatividade da norma linguística e da correção gramatical e considerar ainda uma vez os fatores que as determinam: neste caso, porque se trata de escritores de épocas diversas, não tanto (embora também) os diferentes níveis de cultura, mas sobretudo a diversidade dos tempos (com outros ideais de língua) e a variedade dos estilos, que significam finalidades específicas diversas. Se atendermos precisamente à intenção e portanto ao estilo, ainda que abstraindo doutros condicionamentos sobretudo cronológicos, nós compreendemos os anacolutos de Teresa de Jesus — que nunca pensou em fazer literatura nem jamais sonhou, certamente, que o *Caminho da perfeição* ou as *Moradas* viessem a ser objeto de estudos estilísticos; que teve como única finalidade a edificação e a

formação ascética das suas monjas e que escrevia com o abandono e a espontaneidade quase de quem se entretém em colóquio familiar.

E aqui surge para nós e para o professor o problema da distinção entre língua falada e língua escrita, não como entidades essencialmente diversas, mas como momentos diversos da mesma atividade, estilos particulares, com características próprias. Cumpre a este respeito fazer particularmente ressaltar a maior exigência da linguagem escrita e as razões dessa exigência: a natureza dos textos escritos como fixações gráficas de momentos da atividade verbal; a sua separação material do próprio contexto real extralinguístico, a qual exige uma precisão de referências dispensável no ato falado, em que a com participação de locutor e interlocutor no mesmo universo de discurso, a sua com presença no contexto extraidiomático e a possibilidade de recorrer à indicação pelo gesto, tornam inútil fazer explícita uma boa parte das referências necessárias à compreensão do discurso; finalmente, a faculdade oferecida pela fixação gráfica de elaborar refletidamente um ato de fala, por assim dizer, espontâneo, de tal modo que o texto resultante a rigor não é já o produto imediato de um, mas de vários atos verbais, que sucessivamente se completam e corrigem. Daqui vem que à expressão escrita a caracterizam normalmente um maior rigor na construção, uma maior riqueza e precisão no vocabulário, uma maior variedade de estilos, adaptados às circunstâncias, com a possibilidade do recurso a modos linguísticos do passado, geralmente interditos no uso oral e corrente.

Gostaria de falar — não poderei senão fazê-lo de passagem — do lugar da história da língua no ensino da mesma, tal como a estamos a entender. Nenhuma dúvida sobre a sua utilidade, se a compreendermos como um enriquecimento da cultura do jovem estudante. Mas é uma ilusão pensar que a etimologia e a fonética histórica — de que não podem dar-se muitas vezes mais do que noções fragmentárias e talvez inexatas — possam servir imediatamente à função essencial do ensino da língua materna. Não é na etimologia que se encontra "o significado profundo e original" ou o sentido rigoroso dos vocábulos da língua atual — embora o pensar etimológico possa constituir um fecundo processo de criação. Mas isto é na verdade outra história!...

Ilusão mais grave é a de atribuir ao ensino do latim — que digo? ao ensino de umas pálidas e truncadas noções de gramática latina — um papel auxiliar na aprendizagem do português. Se alguma função cabe ao estudo da língua de Roma — e eu sou ainda dos que creem que não é insignificante essa

função — na formação intelectual das juventudes, não é certamente essa que atualmente lhe concedem, por favor, os programas liceais. (Estudos Linguísticos, 2°. Volume, págs. 207-220)

A língua exemplar

Sempre se ouviu o conselho de que se aprende a escrever bem lendo os bons escritores. O conselho reúne no advérbio *bem* várias maneiras de entendê-lo, e já nesta seção, em alguns importantes artigos, o saudoso Silvio Elia tratou competentemente da matéria. Quem estiver interessado em ler ou reler essas lições poderá agora encontrá-las reunidas no primeiro tomo *Na Ponta da Língua*, que enfeixa os quase cem primeiros artigos estampados neste nosso acolhedor *O Mundo Português*.

Escrever bem pode significar escrever com bom estilo (isto é, com clareza, eficiência, concisão, adequação e certa elegância) e escrever com boa gramática. É nesta segunda acepção que se insere a língua exemplar, e é, portanto, disto que trataremos aqui.

Todos os professores responsáveis por esta seção já tivemos oportunidade de assinalar que uma língua a serviço de uma comunicação entre os indivíduos dessa comunidade nunca está em repouso, mas sempre se acha num equilíbrio instável, que lhe garante ser instrumento de comunicação entre os indivíduos dessa comunidade. A feição oral da língua se caracteriza por sua maior instabilidade, razão por que se modifica mais rapidamente. Percebe-se isto nas diferenças que se notam, especialmente na fonologia (os sons distintivos das palavras, isto é, nos fonemas) e no léxico (nas palavras e seus significados), e um pouco menos na sintaxe. Já na morfologia (e aí repousa a alma da língua, a sua forma) as modificações são

mínimas: repare-se que não se criam novas conjunções nem novas formas de plural nem novas palavras gramaticais (artigos, pronomes, preposições, etc.).

Já a feição escrita da língua é mais comedida nas suas mudanças, é mais lenta, está sempre mais atrasada nas alterações que já correm vitoriosas na língua oral. Por isso tem sido a feição ideal como instrumento e veículo de intercomunicação entre os indivíduos de uma mesma comunidade temporal (o de nossos tempos, por exemplo), mas ainda instrumento e veículo de intercomunicação entre os indivíduos de comunidades distantes no tempo (por exemplo, podemos ler com certa facilidade Fernão Lopes, que floresceu na primeira metade do séc. XV; com muito mais facilidade lemos Camões e Vieira, dos sécs. XVI e XVII, respectivamente; e daí por diante a língua escrita, com pouquíssima variação, é na essência a de nossos dias).

As modas literárias que, por vezes, assaltam a língua escrita, como todas as modas, gozam de um pequeno momento de prestígio — principalmente na fase inicial —, mas depois se dobram ao peso do equilíbrio e passam a marchar, como meninos comportados, acertando o passo com a tradição. Os modernistas — e certos modernosos de hoje conhecerão a sua vez — começaram incendiários e terminaram bombeiros. Como bem disse João Ribeiro, intelectual a quem não se pode atribuir a qualidade de submissso: — "Mas vencida essa crise de crescimento, se não se quer ser infante toda a vida, não há outro endereço mais que o do amor e respeito aos modelos eternos da linguagem" (*Páginas de Estética*, 2a ed., p. 108).

Além da diversidade temporal, as línguas conhecem a diversidade espacial, os chamados dialetos, que, às vezes, dentro de uma mesma língua histórica (veja-se, por exemplo, o caso do italiano), apresentam diferenças tão profundas quanto as que separam duas línguas históricas, como o português e o espanhol ou o inglês e o alemão.

Assim é que, para se ter um instrumento de comunicação que reflita a unidade nacional, os diversos dialetos se pautam por um modelo para chegar a uma língua comum. Elege-se uma variedade dialetal que apresenta, em determinada quadra da vida nacional, condições culturais e políticas ideais, e é em torno desse modelo que — com a contribuição de outras variedades com maior ou menor grau —, floresce o que se chama língua comum, que passa a ter a mesma denominação da língua histórica: o toscano florentino se chama língua italiana; o franciano de Paris passa a língua francesa; o interamnense se denomina língua portuguesa.

Agora, dentro da língua comum que, como vimos, é uma realidade supradialetal, nasce uma língua exemplar, de inspiração eminentemente cultural, que elege um somatório de usos considerados padrões da comunicação culta, em especial, da modalidade escrita. Nasce, desta maneira, a língua exemplar, que é uma língua comum idealmente criada dentro da língua comum, já que essa língua exemplar sobrepaira, como a língua comum, às variedades dialetais.

Eugenio Coseriu, que tem tratado magnificamente bem deste tema, chama a atenção para a confusão que se faz, mesmo entre os especialistas, entre uso correto e uso exemplar. Todo falar, do analfabeto ao letrado, tem o seu padrão de correção, que é o padrão de normalidade de cada comunidade ou de cada fração de uma comunidade. Há variedades em que o normal (porque todos desse nível dizem assim) é *sastisfeito*, *framengo*, o *povo foram*, etc. Quem diz diferente desse grupo destoa. A confusão, portanto, restringe o conceito de exemplaridade ao conceito de correção. Conforme a lição de Coseriu, a exemplaridade de um modo de falar não é intrínseca (como o é a correção), mas depende de uma situação histórica e, afinal, de um ato prático de eleição. É uma língua exemplar mais uniforme do que a língua comum porque se normaliza intencionalmente, como fruto da educação e da cultura. Assim é que não basta ler um bom autor; é preciso que se leia na quadra da maturidade do seu saber linguístico, livre de certos usos que a tradição culta lhe ensinou a rejeitar. Machado de Assis e Camilo Castelo Branco também já usaram construções como *houveram fatos, deu dez horas, fazem três dias*, dislates de que depois se corrigiram.

A língua portuguesa, como toda língua, apresenta fases históricas que se delimitam pela soma de atos linguísticos comuns, especialmente fonológicos e gramaticais, compreendendo-se por estes últimos a morfologia e a sintaxe.

Hoje há várias propostas de divisão das fases históricas do português; sem desmerecer nenhuma, pois sabemos que todas elas são passíveis de críticas, já que os fatos linguísticos não têm, em geral, nem data de nascimento, nem de mudança, nem de morte, e até porque não se pode dizer que um fato nasceu ou desapareceu em toda a extensão temporal, espacial, social e estilística de uma língua histórica, sem desmerecer as outras propostas — dizíamos —, vamos aqui utilizar a nossa para entreter o leitor com as informações que este artigo se propõe comentar.

Dividimos o percurso histórico do português escrito (falado já o devia ser havia muito) até nossos dias em quatro fases: *português arcaico* (séc. XIII ao XIV); *português arcaico-médio* (séc. XV até a 1ª metade do séc.

XVI); *português moderno* ou clássico (2ª metade do séc. XVI até final do séc. XVII ou primeiros anos do séc. XVIII); *português contemporâneo* (séc. XVIII aos nossos dias).

O marco séc. XIII como data do início dos documentos escritos em galego-português mais antigos de que temos até agora conhecimento é relativamente recente. Em 1957, graças inicialmente às pesquisas do Padre Avelino de Jesus da Costa, e depois do Prof. Luís Filipe Lindley Cintra, ficou patente que os dois documentos até então apontados como os mais antigos — *o Auto de Partilha* e *o Testamento de Elvira Sánchez*, ambos provenientes do Mosteiro de Vairão e datados de 1 1 92 o primeiro e 1 193 o segundo, tinham sido inicialmente redigidos em latim e os textos que chegaram até nós representam traduções de finais do séc. XIII, não marcando assim o início da língua escrita portuguesa. Destarte, consideram-se hoje os documentos mais antigos e marcos do início de nossa língua escrita a *Notícia de torto* (1214-1216) e o *Testemunho de D. Afonso* (1214), o que vale dizer, o séc. XIII, que assinalamos no início.

Antes de prosseguirmos, é oportuno acrescentar que o assunto da *Notícia de torto* é minucioso relato de uma série de violências, roubos e vexames que D. Lourenço Fernandes da Cunha sofreu, durante anos, dos filhos de Gonçalo Ramires e de outras pessoas, contra o seu patrimônio. O documento é assim conhecido porque as suas três primeiras palavras são Notícias de torto, sabendo-se que o substantivo *torto* significava "injustiça", "dano", "agravo", "malfeitoria".

Das fases históricas apontadas, a língua exemplar dos nossos dias tem suas raízes no português contemporâneo, isto é, nos primeiros anos do século XVIII. Nesta fase lingüística é que se assentam ou que se deveriam assentar as seleções de fatos idiomáticos correntes entre os melhores escritores e aqueles que atendem à tradição culta do português, que servem de modelos para a língua exemplar dos nossos dias.

Todavia a recomendação seguida é que se tomem por modelos os escritores dos dois últimos séculos, isto é, a partir do século XIX. A motivação deve ter sido de ordem estético-Iiterária ou política, mas não de ordem linguística. Explicamo-nos: de ordem estético-literária, porque o arcadismo ou neoclassismo, que floresceu no séc. XVIII em Portugal e no Brasil, pretendeu a reabilitação da expressão e espírito clássicos do séc. XVI, que o romantismo procurou contraditar. O fator político estaria determinado porque o séc. XIX coincide com o momento da nossa independência dos laços

governamentais de Portugal, com o motivo adicional, também, do esforço de literatos brasileiros de criar uma literatura tipicamente nacional. Como disse Clóvis Monteiro, a literatura brasileira do séc. XIX, "fugindo, às vezes ostensivamente, à imitação da literatura portuguesa, começou a exprimir de algum modo, o espírito nacional" (*Nova Antologia Brasileira*, pág. 7).

Se as duas motivações justificavam a opção pelo séc. XIX, do ponto de vista linguístico a escolha do séc. XVIII não destoaria dos fatos levantados como padrões da língua exemplar para os nossos dias. Afora isto, a não inclusão do séc. XVIII estaria abrindo mão da produção literária de muito bom nível, tanto de portugueses, como Antônio Diniz da Cruz e Silva, Correia Garção, Bocage, Filinto Elísio, Reis Quita, Marquesa de Alorna, quanto de brasileiros, como Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga (apesar de nascido em Portugal), Silva Alvarenga, Basílio da Gama, Santa Rita Durão.

Este movimento nacionalista deu um passo à frente, já no final do séc. XIX e início do XX, tentando substituir a denominação *língua portuguesa* para a língua que falamos e escrevemos no Brasil. A denominação *língua brasileira*, proposta por políticos e intelectuais mais açodados (por exemplo, o visconde de Pedra Branca, em 1826), não conseguiu o apoio e o aplauso dos linguistas, filólogos, gramáticos e escritores mais representativos entre nós. Optou-se, então pela denominação *língua nacional*, alteração que acabou frustrada. A decisão não era original, porque acontecia com o português no Brasil o que ocorria com o espanhol no México e na Argentina, dois países hispano-americanos mais ciosos do falar local, e com o inglês nos Estados Unidos. Amado Alonso escreveu um Iivro muito bem fundamentado sobre o assunto, em relação ao espanhol, lembrando também o caso do inglês nos Estados Unidos e do português no Brasil: *Castellano*, *español, idioma nacional*, *historia espiritual* de *tres nombres*.

Como o modelo exemplar de língua pode, com o tempo e a adesão das pessoas de cultura, conhecer mudanças, torna-se imperioso que a sociedade conte com uma agremiação que congregue especialistas para examinar as mudanças lingüísticas e se pronunciar favorável ou desfavoravelmente sobre elas. A Academia Brasileira de Letras, regimentalmente, seria esse órgão, mas lhe tem faltado avançar nesse sentido. Existe entre nós a Academia Brasileira de Filologia, a quem poderia competir tal tarefa, mas lhe falta o amparo legal, apesar dos seus quase sessenta anos de existência e de seus trabalhos em prol dos estudos lingüísticos, filológicos e gramaticais entre nós.

Mais eficientes nessa tarefa se têm mostrado a Academia Espanhola, a Academia Italiana e a Academia Francesa, entre outras, por congregarem a nata dos especialistas, trabalho que se reflete nas obras de maior vulto, seus dicionários, suas gramáticas e suas numerosas publicações especializadas. Por solicitação e apoio dos governos — e o prestígio da sociedade culta — foi possível a 1ª edição (e as sucessivas edições) do *Dicionário* da Academia della Crusca em 1612, do *Dicionário das Autoridades*, para o espanhol, em 1726, e o tricentenário *Dicionário* da Academia Francesa, ímpar entre todos, em 1694, hoje na nona edição. São exemplos e realizações que nos não permitem deixar de reclamar das instituições governamentais sua inércia, sua apatia, sua ausência em atividades desse alcance cultural e social.

A ABL e a reforma ortográfica[16]

Partícipe, desde o primeiro momento, do processo de que resultou o texto consubstanciado nas propostas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com a presença e atuação do eminente filólogo, o saudoso Acadêmico Antônio Houaiss, a Academia Brasileira de Letras aqui deixa consignado seu total apoio aos esforços de unificação ortográfica a ser adotada pelos países de expressão oficial e língua portuguesa.

Na óptica da Academia Brasileira de Letras, são tantos e tão diversos os benefícios de uma unidade ortográfica, que seria ocioso insistir nelas e explicitá-las perante um público de nível cultural qualificado que promove e que assiste a este ato oficial.

Pondo de lado subjetivas razões de ordem extralinguísticas que falam de um movimento neoimperialista que pretende arrancar de Portugal a condição histórica do berço da língua portuguesa, e que baralham a momentosa questão de que aqui se trata, que é de política e de maturidade cultural da língua, move-se a Academia Brasileira de Letras em defesa da unidade ortográfica nos países de expressão portuguesa pelas mesmas razões e motivos por que

[16] Comunicação da ABL à Assembleia da República sobre o Acordo Ortográfico. Assembleia da República – 7 de abril de 2008. O presente texto está agora em conformidade com o Acordo Ortográfico de 1990, aprovado pelo governo brasileiro com vigência em 1 de janeiro de 2009.

defenderam essa unidade os mais competentes filólogos, linguistas e pedagogos, bem como os mais representativos escritores das duas bandas do Atlântico. Estas razões e estes motivos se iniciaram nos esforços de uma reformulação científica do sistema gráfico do português, que viriam desaguar na *Ortografia Nacional*, em 1904, de autoria do extraordinário foneticista Gonçalves Viana, e nas *Bases para uma Unificação da Ortografia*, em 1911, a mais inteligente e fundamentada, nas linhas conceituais, de quantas propostas saíram até nossos dias. É desnecessário dizer que, na essência dessas *Bases*, estavam as ideias e lições de Gonçalves Viana.

Contra os defensores, no final do século XIX e no século XX, de uma intransigente obediência ao peso da tradição etimológica, partido a que se filiam, neste nosso século XXI, muitos adeptos, assim ponderava Gonçalves Viana, pelas páginas da *Ortografia Nacional*, com a sua autoridade de romanista e foneticista: "Não há vantagem neste francesismo anacrônico de conservar os exagerados vestígios da ortografia alatinada de nomes gregos, já abandonado em Espanha e nas nações escandinavas, e nunca seguido em Itália e nos países esclavônicos. Os dois idiomas cultos que mais se aproximam do português, pela sua fonologia e morfologia, são o italiano e o espanhol, e nestas denominações genéricas compreende grande parte dos diferentes dialetos românicos falados em Itália e em Espanha. Pelas ortografias destas duas nações é sensato que pautemos a nossa, simplificando-a, em vez de a complicarmos com as arrebiques inúteis, risível alguns deles, que vemos nos modos de escrever usados em França e Inglaterra, herança incômoda do pedantismo dos séculos XVI e XVII, que se pôde estabelecer, se bem que não sem protestos cordatos e enérgicos, porque nesses tempos a cultura literária era privilégio de poucos, uma prenda aristocrática, ou hierática" (pág. 42).

A primeira preocupação de quem quer estudar cientificamente alguma coisa é determinar-lhe o horizonte da pertinência em relação a outras maneiras de conceber e visualizar essa coisa e, em seguida, determinar-lhe o horizonte da pertinência em relação a outras maneiras de conceber e visualizar essa coisa e, em seguida, delimitar-lhe o espaço de sua atuação. Já disse um filósofo, com muita propriedade, que conhecer é distinguir. De Gonçalves Viana a nossos dias, muito têm avançado a ciência da linguagem, e em alguns campos do seu progresso estão noções que se vinculam diretamente com as funções da representação gráfica dos fonemas na língua escrita.

As sucessivas reformas ortográficas não se têm dado conta de algumas dessas noções; por exemplo, têm colocado nos ombros da ortografia

responsabilidades distintivas que não são propriamente da língua, mas do texto – da sua correta compreensão discursiva –, como quando, por exemplo, em certas condições para o emprego ou não do hífen, apelam os novos ortógrafos para o "sentimento do falante contemporâneo" quanto à consciência da perda ou não da noção de certas composições do tipo de *paraquedas* e *mandachuva*.

Não é sem razão que já se disse que a hifenização em português passou a ser um caso de infernização.

A grafia tem a função, no âmbito da língua, de transliterar para a escrita os fonemas, como unidades da língua falada. Ampliar-lhe essa responsabilidade para atribuir-lhe capacidade de captar a franja semântica que uma palavra pode adquirir graças ao entorno discursivo ou ao concurso a que, para essa franja, concorrem às outras palavras do texto, é confundir dois tipos de ortografia (nós chegaríamos a ampliar, dizendo dois sistemas de linguagem).

Nos nomes comuns e próprios abunda a possibilidade de explicitação dessas franjas semânticas: alguns que defenderam que, estética e pictoricamente, deveria ser a palavra *lágryma* escrita com *y* para melhor traduzir ao leitor a imagem da lágrima a cair pela face. Algumas escolas literárias aderiram a tais recursos gráficos. Podem também o *y* e as letras dobradas representar a profundidade no tempo e no espaço da raiz de uma árvore genealógica de vetusta família, como se fossem a única sombra do DNA familiar projetada aos pés da árvore de seus ancestrais.

Na tentativa de abortar os efeitos legais decorrentes da aprovação do presente Acordo Ortográfico, passou-se a defender a tese da ilegalidade dessa medida, sob a alegação de que um sistema de tal natureza não pode ser imposto à sociedade e aos escritores por um órgão de soberania, ou de qualquer outra instituição, ainda que seja uma Academia de letras. Ora, o argumento é novo, porque todas as *Bases* ou *Acordos* da ortografia portuguesa elaborados a partir de 1911 até nossos dias resultaram de propostas de linguistas, filólogos e escritores e sancionadas pelo Governo.

Por outro lado, cabe lembrar um lúcido ensaio em que o genial e complexo Fernando Pessoa discutiu esse tema. O ensaio deve ter sido escrito pelos anos imediatos a 1911, e aí distingue dois tipos de prática ortográfica sempre vigentes: uma prática que denominou *cultural*, e outra que chamou *social*. Relembremos desse ensaio a seguinte passagem:

"Distingamos cuidadosamente entre o dever cultural e o dever social. O meu dever cultural é pensar por mim, sem obediência a outrem (...); o meu

dever cultural é registrar pela palavra escrita, grafando como entendo que devo, o que pensei. Assim se cria a cultura e portanto a civilização. Cessa aqui, porém, o que é puramente o meu dever cultural. Com a publicação do meu escrito estou já, simultaneamente, em duas esferas – a cultural e a social: na cultural pelo conteúdo do meu escrito; na social pela ação, atual ou possível, sobre o ambiente. O meu escrito contém elementos prejudiciais à sociedade ou à Nação? Se legitimamente e por mim o pensei, continuo cumprindo o meu dever cultural; meu dever social é que, consciente ou inconscientemente, não cumpri. São fenômenos distintos, dependentes, um, de minha contundência; outro, da minha consciência moral, se a tiver.

Ora, a ortografia é um fenômeno puramente cultural: não tem aspecto social algum, porque não tem aspecto social o que não contém um elemento moral (ou imoral). O único efeito presumidamente prejudicial que estas divergências ortográficas podem ter é o de estabelecer confusão no público. Isso, porém, é da essência da cultura, que consiste precisamente em "estabelecer confusão" intelectual – em obrigar a pensar por meio do conflito de doutrinas – religiosas, filosóficas, políticas, literárias e outras. Onde essas divergências ortográficas produziriam já um efeito prejudicial, e, portanto, imoral. É se o Estado admitisse essa divergência em seus documentos e publicações, e, derivadamente, a consentisse nas escolas [a seu cargo]. No primeiro caso haveria um fermento de indisciplina, que nenhum governo pode ou deve permitir. No segundo haveria, além desse mesmo fermento, de desnortear crianças, incapazes por o serem, de refletir ou analisar esses problemas. Eu, porém, não defendo – nem, presumo, defender alguém – o critério de que o Estado, onde tem ingerência, admita variações ortográficas. Como o indivíduo, o Estado – que em certo modo também é um indivíduo – adota a – e uma só – ortografia, boa ou má, que entende, e impõe-a [sic] onde superintende – a não ser que, à laia das ditaduras totalitárias – quando superintende em tudo, o que não é já governo, mas tirania. O que de fato defendo, e pelas razões que expus, é que cada qual pode escrever com a grafia que entende ou achar melhor, salvo, naturalmente, em circunstâncias em que se entre na esfera da ingerência legítima do Estado" (*A Língua Portuguesa*, edição de Luísa Medeiros, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, págs. 23-25). [Atualizou-se a ortografia, mas não a pontuação.]

Este primor de exposição oferece luz ao primeiro aspecto da discussão sobre a natureza e a abrangência da aprovação oficial de um Acordo Ortográfico: não é nenhum ato de tirania, nem constitui ilegitimidade a

ingerência do Estado em, aprovando umas bases normativas de um sistema ortográfico, impedir o fermento da indisciplina gráfica nos seus documentos, nas escolas e nas agências de instrução que integram a sociedade. Isto não impede – como não tem impedido desde sempre – escolherem os escritores sua ortografia, ainda com "excentricidades", ou até o homem comum grafar como aprendeu nos bancos escolares, passando incólume pelas sucessivas reformas ortográficas.

Aliás, esse foi o espírito que presidiu à reforma de 1911.

Vencida, cremos nós, a tese falsa de que a aprovação desse ato normativo por parte de órgão de soberania é írrita e nula, cabe indagar se as Bases e os critérios em que se assenta este ato normativo necessitam de um aprimoramento, como toda obra humana, orientados por alguns critérios hauridos em propostas anteriores e que não agasalharam orientações de estudos históricos e descritivos mais recentes. Neste particular, linguistas e filólogos têm mostrado à saciedade como melhorar o texto do acordo ortográfico e, tornando-o mais científico, fazê-lo mais econômico e coerente, retirando-lhe, ainda, os aspectos tecnicistas que dificilmente são assimilados por aqueles que têm de grafar as palavras do português. Entre outras, a contribuição exarada em *A Demanda da Ortografia Portuguesa,* organizada pelos doutores Ivo Castro, Inês Duarte e Isabel Leiria, saída em 1987, dá bem uma ideia do contributo possível ao atual acordo.

Nesse sentido, além dos integrantes das suas academias, contam nossos estudos linguísticos e filológicos com uma excelente reserva técnica de especialistas capazes de brindar a língua portuguesa com a unidade ortográfica que ostentam o italiano e o espanhol, principalmente este último, que superou e soube harmonizar as diferenças entre os seus 400 milhões de falantes e as propostas das suas 22 Academias de Língua.

Em nome, honra e memória de uma plêiade de estudiosos que iniciaram a investigação e a descrição de nossa língua desde os trabalhos seminais de Adolfo Coelho, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, Epifânio Dias, e M. Said Ali, chegando até nós com Lindley Cintra, Herculano de Carvalho, Rebelo Gonçalves, Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e Mattoso Câmara, esperamos que esta egrégia Assembleia de República implemente, agora ou para depois, as medidas, os esforços e os recursos que se fizerem necessários a esses pretendidos melhoramentos das Bases de unificação ortográficas da língua portuguesa. Se a proposta aprouver a esta egrégia Assembleia, saibam os Excelentíssimos Senhores que podem contar com a Academia Brasileira

de Letras, conforme é a vontade do seu Presidente, o Acadêmico Cícero Sandroni.

Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, Autoridades, meus Senhores e minhas Senhoras:[17]

Esta 5ª edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, elaborada em rigorosa consonância com as Bases do Acordo Ortográfico de 1990, obra esta de uma seleta e competente Comissão de filólogos e com adesão de sete delegações oficiais de países lusófonos, não é um produto de cedências, mas o resultado de aproximações de duas normas ortográficas que permite ao nosso idioma integrar ainda que tardiamente, o clube de línguas de cultura que tenham um só sistema oficial de grafar suas palavras.

A primeira versão das Bases do texto de 1986 contrariava frontalmente hábitos ortográficos vigentes em todo o domínio da lusofonia e, por isso mesmo, mereceu justas críticas de especialistas e o repúdio dos escritores, dos pedagogos e das pessoas de cultura.

Esta versão de 1990, pelo contrário, corrige os excessos do texto anterior e se aproxima conciliadoramente da tradição gráfica corrente no sistema brasileiro de 1943 e, com mais coincidências, do sistema luso-afro-asiático de 1945, elaborado por esta egrégia Acadêmica.

Assim, as Bases do Acordo de 1990 correspondem à mais próxima das propostas de conciliação entre os sistemas oficiais vigentes, e abrem o caminho para a completa e perfeita implantação das novas normas, testemunho da maturidade linguística e política a que chegou a língua portuguesa.

Prova evidente dessa implantação está no fato da facilidade que experimentam redatores e leitores de todas as idades de importantes órgãos de imprensa de língua portuguesa. Nas declarações de diretores de alguns desses jornais, a novidade não tem oferecido dificuldades, exceto, em certos sítios, a falta, na escrita, de consoantes não articuladas e, em outros, a omissão do trema. Na voz de um desses diretores de importante jornal esportivo de Portugal, a omissão, na escrita, de consoantes mudas tão somente "retira a qualidade estética às palavras".

Tais evidências desmentem declarações veiculadas de que a implantação das novas Bases imporá aos utentes dificuldades de toda a sorte sem que daí advenha qualquer proveito ao idoma.

---

[17] Palavras proferidas na sessão em que o Presidente da ABL, o acadêmico Cícero Sandroni, oferece à Academia das Ciências de Lisboa exemplares da 5ª ed. do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, elaborada pela ABL.

Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, recordando o poeta, podemos dizer que o relógio da História está batendo as horas da ortografia portuguesa. Perderem os utentes essa oportunidade ímpar de dotar nosso idioma de um sistema único de representação escrita é não só desmerecer o esforço dos especialistas que já se arrasta por mais de um século, mas também negar ao idioma melhores condições para garantir-lhe a unidade essencial e proporcionar-lhe maior florescimento e difusão no mundo de amanhã.

Qualquer que seja a natureza das razões, quer de ordem técnica, política, patriótica, econômica, estática e até das inconcebíveis previsões catastróficas de futurólogos de plantão que hoje se levantam contra a implantação definitiva do novo Acordo Ortográfico aprovado, qualquer delas não há de prevalecer sobre os resultados positivos desse movimento de adesão consciente, que nos permitirá repetir os votos reformulados no século XVI por Antônio Ferreira:

"Floresça, fale, cante, ouça-se, e viva
A portuguesa língua, e já onde for
Senhora vá de si, soberba e altiva"

E mais:

Que juízo jovens de hoje, oriundos de países lusófonos, fariam dos governos, das academias, dos políticos, dos especialistas responsáveis pela política do idioma, dos pedagogos, dos escritores e de toda a classe intelectual hodierna se tomassem ciência de que, passados 184 anos, estaríamos ainda nesse momento diante da mesma situação de inércia de que reclamava Almeida Garrett no prólogo da primeira edição de seu poema *Camões*, aos 22 de fevereiro de 1825? São suas palavras:

"Sôbre Orthographia (que é fôrça cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi eu que segui sempre a etmologia *em razão composta* com a pronúncia; que accentos, so os puz onde sem elles a palavra se confundiria com outra; e que de boamente seguirei qualquer methodo mais acertado, apenas haja algum geral irracionável em Portuguez: o que tam fácil e simples seria se a nossa academia e governo em tam importante cousa se impenhassem".

Como responderíamos hoje sem lhes frustrar a confiança e o respeito que em nós depositam?

Evanildo Bechara

Bibliografia

Amado Alonso
Materia y Forma en Poesía. Madrid, Gredos, 1952.

Andreas Blinkenberg
L'Ordre des Mots en Français Moderne, 2 vols. Copenhague, Horst, 1928.

Adolfo Coelho
Noções Elementares de Gramática Portuguesa. Porto, Lemos Editora, 1891.
A Língua Portuguesa, 3ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

Antoine Grégoire
Petit Traité de Linguistique. Paris, Delagrave, 1923.

Adriano da Gama Kury
Novas Lições de Análise Sintática, 6ª ed. São Paulo, Ática, 1993.
Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário, 2ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa 1987.
Normas de Editoração, 2ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa 1987.

Emilio Alarcos Llorach
Gramática de la Lengua Española, 4ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

Estudios de Gramática Funcional del Español, 3ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

Antenor Nascentes
O Idioma Nacional, 5 vols. Rio, 1919. 3ª ed. S. Paulo, Ed. Nacional, 1957.
O Problema da Regência, 2ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.
Dificuldades de Análise Sintática. Rio de Janeiro, 1959.
O Linguajar Carioca. 2ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

Antonino Pagliaro
A Vida do Sinal, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

Antônio Sandmann
Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

Karl Brugmann-Berthold Delbrick
Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen. 1. Aufl.

Charles Bally
Le Langage et la Vie, 3ª ed. Paris, Payot.
Linguistique Générale et Linguistique Française, 3ª ed. Francke, Berne, 1954.

Cláudio Brandão
O Particípio Presente e o Gerúndio em Português. Belo Horizonte, 1933.
Sintaxe Clássica Portuguesa. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

Celso Cunha – Lindley Cintra
Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa. João Sá da Costa, 1984.
Estudos de Poética Trovadoresca, Rio de Janeiro, INL.

Celso Pedro Luft
Dicionário Prático de Regência Verbal. São Paulo, Ática, 1996.

Edouard Bourciez
Éléments de Linguistique Romane, 4ª ed. Paris, 1946.

Emile Benveniste
Problemas de Linguística Geral I (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.
Problemas de Linguística Geral II (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

Eugenio Coseriu
Teoría del Lenguaje y Linguística General. Madrid, Gredos, 1973.
Sincronía, Diacronía e Historia (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.
Linguística Testuale. Roma, Boringhiere, 1997.
Lecciones de Linguística General. Madrid, Gredos, 1981.
Principes de Syntaxe Fonctionnelle. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.
Introducción a la Linguística. Madrid, Gredos, 1986.
Gramática, Semántica, Universales. Madrid, Gredos, 1978.
Competencia Linguísitca. Madrid, Gredos, 1992.
El Sistema Verbal Románico. México. Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.
Tradición y Novedad em la Ciencia del Lenguaje. Madrid, Gredos, 1977.
Estudios de Linguística Románica. Madrid, Gredos, 1977.
Pricipios de Semántica Estructural. Madrid, Gredos, 1977.
"O meu Saussure". In *Confluência*, 14:33-36, 1997.
El Hombre y su Lenguaje. Madrid, Gredos, 1977.
"Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

Epifânio Dias
Gramática Portuguesa Elementar, 12ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.
Sintaxe Histórica Portuguesa, 5ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

Alfred Ernout-Antoine Meillet
Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine, 4ª ed. Paris.

Eugene Nida
Morphology, 2ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

Eduard Sapir
A Linguaguem, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

Ferdinand Brunot
La Pensée et la Langue, 3ª ed. Paris, Masson, 1953.

Friederic Diez
Grammaire des Langues Romanes, 3 vols., 3ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

Samuel Gili Gaya
Curso Superior de Sintáxis Española, 2ª ed. Barcelona, 1948.

Georges Gougenheim
Système Grammatical de la Langue Française. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

Gladstone Chaves de Melo
Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. 2ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.
Excelência Vernácula de Gonçalves Dias. Rio de Janeiro, Livraria Padrão 1986.

J. G. Herculano de Carvalho
Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa, Editora Verbo.
Teoria da Linguagem, 6ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.
Teoria da Linguagem, 4ª reimpr.; II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.
Estudos Linguísticos, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

Heráclito Graça
Factos da Linguagem. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904. 2ª Ed. ABL, 2008.

Harri Meier
Ensaios de Filologia Románica. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

Horácio Rolim de Freitas
Princípios de Morfologia, 4ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

J. Deely
Semiótica Básica. Trad. Valter Kehdi. São Paulo, Ática, 1994.

John Lyons
Introdução à Linguística Teórica, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

Júlio Moreira
Estudos da Língua Portuguesa, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

Johan Nicolau Madvig
Grammatica Latina, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

José Oiticica
Manual de Análise Léxica e Sintática, 6ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

Jules Vendryes
Le Langage, 2ª ed. Paris, Albin, 1925.

Karl Brugmann
Abrégé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes. Paris, 1905.

Kristofer Nyrop
Grammaire Historique de la Langue Française, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

Leonard Bloomfield
Language, New York, Henry Holt, 1941.

Luís Felipe Lindley Cintra
Formas de Tratamento na Língua Portuguesa. Lisboa, 1972.

José Leite de Vasconcelos
Lições de Filologia Portuguesa, 2ª ed. Lisboa, 1926.
Opúsculos, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

Martinz de Aguiar
Notas de Português de Filinto e Odorico. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.
Notas e Estudos de Português, 2ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.
Repasse Crítico da Gramática Portuguesa, 2ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará 1996.

Mário Barreto
Novos Estudos da Língua Portuguesa, 3ª ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.
Últimos Estudos da Língua Portuguesa, 2ª ed. Rio de Janeiro, Presença, 1986.
Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa, 3ª ed., 1980.
Através do Dicionário e da Gramática, 3ª ed., 1986.
De Gramática e de Linguagem, 3ª ed., 1982.
Cartas Persas de Montesquieu, trad. de Mário Barreto, Editora Garnier, 1923.
Factos da Língua Portuguesa, 3ª ed., 1982.

Michel Bréal
Essai de Sémantique, 3ª ed. Paris, Hachette, 1903.

J. Mattoso Câmara Jr.
Princípios de Linguística Geral, 4ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
Teoria da Análise Léxica. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.
Gramática, 3ª e 4ª séries. Rio de Janeiro, Briguiet, 1956.
Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis, Vozes, 1977.
Elementos da Língua Pátria, 2ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.
Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa, 2ª ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977.
História e Estrutura da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão.

R. F. Mansur Guérios
Tabus Linguísticos. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

W. Meyer-Lubke
Grammaire des Langues Romanes, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

Mário Vilela
Estruturas Léxicas do Português. Coimbra, Almedina, 1979.
Gramática de Valências: teoria e aplicação. Coimbra, Almedina, 1992.

Raimundo Barbadinho Neto
Em Busca da Verdade da Língua: Dois Estudos
Sobre a Norma Literária do Modernismo. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

F. Rebelo Gonçalves
Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa. Coimbra, Atlántida, 1947.

C. Henrique da Rocha Lima
Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 37ª ed. José Olympio Editora, 1992.

Manuel Rodrigues Lapa
Estilística da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

Rodolfo Lenz
La Oración y sus Partes, 3ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

Manuel Said Ali
Dificuldades da Língua Portuguesa, 5ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

Gramática Secundária da Língua Portuguesa, 4ª ed. São Paulo, Melhoramentos.
Versificação Portuguesa. Rio de Janeiro, INL, 1949. 2ª ed. Editora da USP, 2006.
Meios de Expressão e Alterações Semânticas. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.
Gramática Histórica da Língua Portuguesa, 2ª ed. São Paulo. Melhoramentos, s/d [1931].
Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II, 1911.

Mário Pereira de Sousa Lima
Gramática Portuguesa, 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

Álvaro F. de Souza da Silveira
Lições de Português, 6ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.
Fonética Sintática, 2ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.
Trechos Seletos, 7ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.
Obras de Casimiro de Abreu, 2ª ed. Rio de Janeiro, MEC/ Casa de Rui Barbosa, 1955.
Um verso obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História,* tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.
Notas sobre os pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura,* ano 17, jun. 1943, 265-268.

S. Ulmann
Semántica, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

Valter Kehdi
A Construção do Verbo Ser. São Paulo, GEL, 1985.
Morfemas do Português. São Paulo, Ática, 1989.
Formação de Palavras em Português. São Paulo, Ática, 1990.
Complemento Nominal: problemas de caracterização. In *Confluência*, 5/ 1993, 60-65.

Walther von Wartburg-Paul Zumptor
Précis de Syntaxe du Français Contemporain. Berne, Francke, 1973.

Formato	*15,5 x 22,5 cm*
Mancha gráfica	*12 x 18,3cm*
Papel	*pólen soft 80g (miolo), duo design 250g (capa)*
Fontes	*Times New Roman 17/20,4 (títulos),*
	12/14 (textos)

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2014

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA MELHOR COMPREENDER OS DESCRITORES DA PROVA BRASIL

Professora: Emilia Lujan[1]
Orientadora: Dr[a] Carmem Teresinha Baumgärtner

RESUMO

O estudo relata a experiência com o tema "Estratégias de leitura para melhor compreender os descritores da Prova Brasil". A metodologia utilizada para desenvolver o estudo foi Unidade Didática, com o objetivo promover atividades de leitura por meio de estratégias de ensino elaboradas a partir de objetivos previamente definidos, com intuito de minimizar as dificuldades de leitura e compreensão das atividades relacionadas aos descritores da prova Brasil. O público alvo foi 9º Ano A, matutino - Ensino Fundamental, do Colégio Estadual Jardim Maracanã no Município de Toledo - Pr. A Prova Brasil é uma avaliação desenvolvida pelo INEP/MEC, neste caso foi enfatizada na área de Língua Portuguesa, objetivando avaliar os descritores e dimensionando as habilidades necessárias a leitura e compreensão. Para tanto foi enfatizado as diferentes estratégias de leitura baseadas em Solé (1998) e Kleimann (1999) que contribuem para a efetivação do processo de compreensão por parte do educando no que se refere as informações do texto. Os resultados obtidos e a discussão foram realizados a partir do trabalho desenvolvido no GTR – Grupo de Trabalho em Rede, na qual os professores cursistas colaboraram com suas experiências sobre o tema propostos e o Produção Didática Pedagógica, desenvolvida com os educandos da Rede Estadual de Ensino, envolvendo um público alvo de 30 alunos. Os resultados foram apresentados em forma de gráficos, selecionados por blocos de habilidades de leitura, indicados pelos descritores da Prova Brasil, foram descritos como (I) Atividade Inicial; (M) Média e (F) Atividades Finais. Os resultados indicam que durante o desenvolvimento das atividades propostas, verificou-se que os alunos passaram a realizar as atividades com maior autonomia e com mais atenção, no tocante a leitura e interpretação, principalmente quando se estabelece a relação professor e aluno, constatado na atividade realizado com intervenção do professor, fazendo as interações com os alunos e novas leituras, organizando encaminhamentos.

Palavras-chave: Leitura, estratégias, compreensão, Unidade Didática, Prova Brasil.

INTRODUÇÃO

O estudo de estratégias de leitura para melhor compreender os descritores da Prova Brasil possibilitou ver a leitura como um dos meios de adquirir conhecimentos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCEs) de Língua Portuguesa do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008), a concepção de leitura é um ato dialógico, assim o teor discursivo representa um encontro de pelo menos duas vozes, a do autor e a do leitor. Esse fator caracteriza uma primeira dialogia. Entretanto, cada um tem um papel ativo no processo da leitura, colocando todas suas experiências e conhecimentos, efetivando assim a compreensão do que lê.

---

[1]Professora com formação em Língua Portuguesa, da Rede Estadual de Educação, Colégio Estadual Jardim Maracanã – Ensino Fundamental e Médio, PDE, NRE de Toledo, PDE 2014/2015.

O estudo teve como meta promover atividades de leitura por meio de estratégias de ensino elaboradas a partir de objetivos previamente definidos, com intuito de minimizar as dificuldades de leitura e compreensão das atividades relacionadas aos descritores da prova Brasil.

As estratégias de leitura são necessárias para auxiliar o aluno a ampliar seus processos de cognição, armazenando informações e interagindo com elas sempre que possível.

Assim partir dos resultados da Prova Brasil/2011 na disciplina de Língua Portuguesa, o estudo justificou-se por mostrar dificuldades de leitura e compreensão em vários descritores constante no instrumento externo de avaliação. Neste sentido, o trabalho desenvolvido poderá dar subsídios aos alunos para sana-lás melhorando a compreensão de leitura.

Na sequência serão enfocados os aspectos necessários à aquisição da leitura e os tópicos constantes da Prova Brasil.

PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LEITURA E A PROVA BRASIL

Ler é uma a ação que a escola deve promover dentro do espaço no qual o aluno está inserido, fazendo com que todos possam entender o contexto em que vive. Segundo Freire (1987, p. 11) “acreditando que a leitura e a escrita são atividades dialógicas que ocorrem no meio social através do processo histórico da humanização”, buscamos analisar os fatores envolvidos no processo de leitura, as diferentes formas de leitura abrangendo a diversidade textual, e as estratégias de leitura no processo de compreensão do texto.

Assim, torna-se fundamental reconhecer o sentido das coisas que chegam até nós, principalmente por meio do olhar, da compreensão e da interpretação dos múltiplos signos que enxergamos, informações vem por meio da leitura, um ato individual na construção de significados num contexto que se configura mediante a interação autor/texto/leitor (PARANÁ, 2008).

A leitura é uma atividade que depende da participação do leitor e exige mais que conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores. O leitor é levado a mobilizar uma série de conhecimentos, tanto de ordem linguística, quanto de ordem cognitivo-discursiva, com a finalidade de levantar hipóteses, preencher as lacunas que o texto possa apresentar, enfim, participar de forma ativa da construção de

sentido do texto. Deste modo, autor e leitor devem ser vistos como estrategistas na interação do texto. Dessa forma, Leffa (1999) dá uma definição geral da leitura.

> A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com a sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura soe possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo (LEFFA,1999, p. 10).

Diante da definição de leitura apresentada por Leffa, ler é dar significados às coisas, e a origem deste significado não está somente no texto, mas no leitor. Um mesmo texto pode provocar para cada leitor uma visão diferente da realidade. Essa diferença depende dos seus conhecimentos prévios, uma vez que o conhecimento de mundo é diferenciado.

Assim, ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diversas esferas sociais: jornalísticas, artísticas, científicas, cotidianas, midiáticas, literárias, publicitárias.

Antunes (2003, p. 77) diz que é preciso ter em mente que o grau de familiaridade do leitor com o conteúdo veiculado pelo texto interfere no modo de realizar a leitura. O professor como mediador entre texto e leitor deve propiciar estratégias que visem à reflexão, para que o leitor consiga extrair informações, construindo assim sentidos múltiplos, fazendo as inferências.

Por isso, Kleiman (1999, p. 13) diz que “a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo da vida”. Podemos inferir aí que duas pessoas com conhecimento de mundo diferentes, lendo o mesmo texto, chegarão a interpretações diferentes, pois o leitor interage com o conhecimento que cada um carrega.

Kleiman (1999), afirma que no âmbito escolar não há objetivos claros em relação à leitura, portanto:

> Cabe notar aqui que o contexto escolar não favorece a delineação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas de ensino da língua. Assim, encontramos o paradoxo que, enquanto fora da escola o estudante é perfeitamente capaz de planejar as ações que o levarão a um objetivo pré-determinado (por exemplo, elogiar alguém para conseguir um

> favor), quando se trata da leitura, de interação a distância através do texto, na maioria das vezes esse estudante começa a ler sem ter ideia de onde chegar, e, portanto, a questão de como irá chegar lá, isto é, das estratégias de leitura, nem se quer se põe (KLEIMAN, 1999, p.30).

Nota-se que hoje, a leitura na escola que trabalho já difere um pouco da citada por Kleiman(1999). Claro que ainda acontecem situações semelhantes a estas de se ler sem objetivos, porém na maioria das vezes dá-se encaminhamentos para o ato de ler, sabendo de onde partir e aonde quer chegar. Os resultados são constatados por mim enquanto professora regente de Língua Portuguesa.

Porém, na busca da compreensão das leituras, e do estabelecimento de objetivos claros e bem definidos para a atividade e incentivo à leitura, Solé (1998) afirma que é preciso:

> Discutir com os alunos os objetivos da leitura; trabalhar com materiais de dificuldade moderada que representam desafios, mas não tarefas pesadas para o aluno; proporcionar e ajudar a ativar os conhecimentos prévios; ensinar-lhes a inferir, a fazer conjeturas, a se arriscar e a buscar verificação para suas hipóteses; explicar as crianças o que podem fazer quando se deparam com problemas no texto (SOLÉ, 1998, p.130).

Esses pontos são importantes para o desenvolvimento de estratégias de leitura, principalmente no que diz respeito ao trabalho com os Descritores da Prova Brasil. Assim, entendemos que a leitura precisa ser aprendida e ensinada, o leitor deve aprender a decodificar e a usar estratégias que levam-no à compreensão do que lê. Solé (1998) esclarece que as estratégias têm como finalidade ajudar o leitor na escolha de outros meios quando se depara com dificuldades na leitura.

O papel do professor será apresentar estratégias que podem auxiliar na aprendizagem do estudante e atuar com autonomia, é portanto, ajudar os alunos a acionar seu conhecimento prévio sobre o assunto e formular hipóteses sobre o texto a ser lido.

Muitas vezes os alunos veem a leitura como uma atividade natural, que não precisa da intervenção do professor para ser realizada. No entanto, a leitura é um processo de construção lento que requer intervenção educativa, respeitosa e ajustada (SOLÉ, 1980).

Assim, é necessário utilizar diferentes estratégias de leitura com objetivos definidos, buscando efetivar o processo de compreensão, por parte dos educandos, no que se refere aos descritores da prova Brasil.

A Prova Brasil é uma avaliação desenvolvida pelo INEP/MEC, nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Foi criada em 2005, objetivando avaliar a qualidade do ensino. É uma avaliação para os 5ºs e 9ºs ano do Ensino Fundamental Público das Redes Estaduais, Municipais e Federais da área urbana do país. Participam escolas com no mínimo 20 alunos matriculados na série avaliada (BRASIL, 2008).

A prova de Língua Portuguesa avalia apenas habilidades de leitura, divididas em cinco blocos de conteúdos: procedimentos de leitura; implicação do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto; relação entre textos; coerência e coesão no processamento do texto; relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido e variação linguística.

Os descritores contemplados na referida avaliação para o 9º ano constam a seguir:

a) Procedimentos de Leitura

D1 Localizar informações explícitas em um texto

D3 Inferir o sentido de uma palavra ou expressão

D4 Identificar o tema de um texto

D14 Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato (BRASIL, 2011).

Nos descritores que envolvem os procedimentos de leitura, o educando deverá localizar as informações no texto, tanto as explícitas quanto as implícitas, identificando as ideias presentes no texto e as que estão nas entrelinhas, exigindo do aluno um conhecimento de mundo e outras leituras.

Na compreensão do texto, é tarefa do educando, a partir da leitura, distinguir os fatos de opiniões, trabalhando ainda a capacidade de articular as informações apresentadas no texto.

Após termos visto o bloco de conteúdo procedimentos de leitura, veremos a seguir implicação do suporte, do gênero e/ou do enunciado na compreensão do texto, que dá sequência aos descritores da Prova Brasil.

b) Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto

D5 Interpretar texto com o auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.)

D12 Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros (BRASIL, 2011).

No que se refere a este grupo de descritores, o aluno terá que conhecer os

diversos gêneros textuais, veiculados nos diversos meios de comunicação. O educando deverá ter a habilidade de reconhecer as relações entre os recursos verbais e não verbais, para tanto é importante saber os recursos típicos de cada gênero, a familiaridade com o gênero, suas características, a esfera em que circula e, em especial, sua finalidade. Para que isso aconteça, depende em especial do conhecimento de mundo do educando e a partir da compreensão dos itens acima, poderemos entender a relação entre texto posto a seguir.

c) Relação entre textos

D20 Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.

D21 Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema (BRASIL, 2011).

Ao ler os textos, os educandos deverão ter em mente os conteúdos globais dos textos para poder compará-los, isso requer que o educando tenha uma postura crítica e reflexiva ao reconhecer as diferentes ideias sobre o tema, pois estes podem expressar sentidos diferentes, em se tratando do mesmo assunto.

Tudo tem sua relação e importância se levando em conta a coerência e coesão no processamento do texto relacionada a seguir.

d) Coerência e coesão no processamento do texto:

D2 Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto;

D7 Identificar a tese de um texto;

D8 Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la;

D9 Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto;

D10 Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa;

D11 Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto;

D15 Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.; (BRASIL, 2011).

Aqui se mostram os elementos que constituem a textualidade, elementos esses que constroem a articulação entre as diversas partes do texto: a coerência e a

coesão. A habilidade aqui requerida deve ser exercitada com base na leitura de textos de vários gêneros e de diferentes graus de complexidade.

A coerência é a lógica entre as ideias expostas no texto. Para tanto é importante que a ideia apresentada se relacione ao texto como um todo, dando sequência e progressão.

É preciso que as ideias estejam bem relacionadas e interligadas por meio de conectivos adequados (pronome, conjunção, preposição), pois esses conectivos promovem o sentido entre de um texto.

Assim usar recurso e efeitos de sentido poderá deixar os textos mais coesos, por que poderemos perceber essa relação entre as partes do texto.

e) Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido:

D16 Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados;

D17 Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações;

D18 Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão;

D19 Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos; (BRASIL, 2011).

Os usos de recursos expressivos podem nos levar a uma leitura mais aprofundada do texto e nos auxiliar na construção de novos significados. Conhecer diferentes gêneros textuais proporciona ao leitor o desenvolvimento de estratégias de antecipação de informações que levam à construção de significados.

Os recursos linguísticos muito utilizados nos textos, como caixa alta, negrito, itálico, sinais de pontuação, podem expressar sentidos variados de acordo com o gênero textual apresentado.

Contudo teremos que verificar também a variação linguística, relacionada abaixo, pois poderá nos auxiliar na compreensão do que lemos.

f) Variação linguística:

D13 Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto (BRASIL, 2011).

Esse tópico refere-se às diferenças de palavras, pois nosso sistema linguístico não é único, tem vários eixos de diferenciação; estilísticos, regional, cultural, etário, entre outros. Com domínio dessas habilidades o educando poderá identificar quem fala no texto e a quem se destina.

Assim, a percepção da variação linguística é essencial para a conscientização linguística do educando, permitindo que ele construa uma postura não-preconceituosa em relação a usos linguísticos diferentes dos seus.

Diante do exposto, e com base nos descritores anteriormente mencionados, tivemos a curiosidade de fazer um levantamento nas provas do Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná (SAEP),do ano de 2012, para verificar em quais deles os educandos apresentavam maiores dificuldades.

O SAEP é um sistema próprio de avaliação do Estado do Paraná e tem como objetivo disponibilizar informações relevantes quanto ao desenvolvimento cognitivo dos estudantes, descrevendo os conhecimentos desenvolvidos em Língua Portuguesa e Matemática, além de se deter nos fatores associados a esse desempenho, com resultados e análises produzidos desde o nível do estudante, até o do Estado. A avaliação externa fornece informações para que gestores da escola e professores possam realizar um diagnóstico nas áreas em que atuam e planejar ações educativas mais eficientes. Em Língua Portuguesa é avaliada a leitura, prática que perpassa todas as disciplinas da escola.

O SAEP nos 6º e 9º Anos do Ensino Fundamental tem a função de avaliar conhecimentos desenvolvidos ao longo de uma etapa de ensino, procura detectar dificuldades de aprendizagem. A avaliação de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental tem o foco em leitura, são avaliados conhecimentos definidos em unidades chamadas descritores, agrupadas em domínios que compõem a Matriz de Referência dessa disciplina.

Os resultados do SAEP são importantes, pois contribuem para dimensionar os problemas da educação básica do estado, orientar a formulação, a implementação e a avaliação de políticas públicas educacionais que conduzam à formação de uma escola de qualidade.

METODOLOGIA

Nosso projeto do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, foi desenvolvido no ano de dois mil e quinze, com 30 alunos do 9º ano A – Ensino Fundamental – matutino, do Colégio Estadual Jardim Maracanã Toledo/Paraná, sendo utilizada uma carga horária de 32 horas, e aproximadamente 3 meses para sua execução.

Como metodologia de ensino foirealizada uma discussão e análise dos resultados obtidos na Prova SAEP, do ano de 2012, seguidas de elaboração de atividades de leitura que envolveram descritores que os alunos apresentaram maiores dificuldade de compreensão. Tais atividades estão presentes na Unidade Didática.

A Unidade Didática foi dividida em cinco momentos, sendo que no primeiro foi apresentados aos estudantes o projeto de intervenção pedagógica, o cronograma e as formas de avaliação, utilizando um total de 04 horas aulas.

No segundo momento foi dado início às atividades, mostrando aos alunos os descritores, com a consequente realização de atividades referentes aos mesmos. Analisamos o resultado obtido pelos alunos da escola na Prova SAEP no ano de 2012, e refletimos sobre em quais descritores apresentaram maiores dificuldades. 04 horas aulas para o desenvolvimento dessas atividades.

No terceiro momento o trabalho proporcionou aos estudantes a apresentação da Prova Brasil dos anos anteriores com suas respectivas atividades, utilizando atividades contidas na avaliação de 2012, que envolviam os descritores que os alunos tiveram mais problemas. Para esta atividade utilizou-se 04 horas aula.

O quarto momento ocorreu com a aplicação das atividades elaboradas na Unidade Didática que envolveu os descritores em que os alunos apresentaram maiores dificuldades de compreensão/interpretação. Nesta etapa foram necessárias 12 horas aulas.

No quinto momento realizou-se atividades propostas na Produção Didática. Após aplicação das atividades fez-se uma análise comparativa para verificação dos resultados. Para estas ações foram utilizadas 06 horas aulas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma vez tendo os resultados da Prova Brasil 2011, observou-se as dificuldades dos alunos, fazendo com que eu executasse a pesquisa sobre as estratégias de leitura, elaborando o projeto de pesquisa, e fazendo o planejamento das atividades a serem desenvolvidas na Unidade da Didática e o desenvolvimento do Projeto de Intervenção.

A primeira socialização do conhecimento ocorreu através do GTR – Grupo de Trabalho em Rede, na qual os professores da área de Língua Portuguesa

indicaram as dificuldades e sugestões sobre o tema, eles serão identificados como P1, P2, P3, P4, etc..

As atividades desenvolvidas no GTR promoveram a participação e ao mesmo tempo a interação do professor cursista em contato com o tema, palavras chave, definições e significados, aparecendo com maior frequência a definição de Leitura, sendo de grande valia, onde “leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, devendo atender objetivos que conduzem a aprendizagem”(SOLÉ, 1978).

Outras definições apareceram, porém, demonstravam semelhanças ou as fontes não eram confiáveis, assim aprimorando este processo de construção no projeto de intervenção, a atividade 2, colaborou para o repensar de uma leitura que segundo Solé (1998) e Kleimann (1999) “é importante para a formação de cidadãos críticos, atuantes e capazes de manifestar-se na sociedade em que vivem”. “Interessante entender que cabe ao professor de Língua Portuguesa, que carrega um fardo de grande responsabilidade de ensinar a ler, escrever e produzir, também tornar os alunos críticos e atuantes” (P6).

Diante desta afirmação, os professores cursistas são categóricos em dizer que a criança quando está matriculada no 6º. Ano, indica que “adquiriu as habilidades básicas de leitura e interpretação” (P1), ou ainda “é estranho que nossos alunos possuem contato com a leitura e a escrita tanto tempo e mesmo assim, não conseguem extrai a intencionalidade do texto, a posição do autor [...]” (P2).

Outras atividades contidas no GTR contribuíram com experiências que professores descreveram ao desenvolver trabalhos com os descritores da Prova Brasil, como afirma P3: “estou trabalhando os descritores e os alunos apresentaram muitas dificuldades, mesmo fazendo simulados semanais”. P4 mencionou que “nossos alunos lêem pouco, e para essa falta de leitura sempre se busca um culpado, família, aluno, sociedade, motivação, onde demonstra a falta de compreensão e interpretação”.

As atividades desenvolvidas no Projeto de Implementação foram realizadas de acordo com os estudos de Solé (1998) e Kleimann (1999). Uma das dificuldades encontradas foi o período de greve, a falta de motivação dos alunos e a pouca leitura como mencionado em todo o momento no processo de conhecimento.

Na sequência realizamos a aplicação de um simulado da Prova Brasil de 2011, como sondagem e verificação do grau de compreensão dos alunos, utilizando-

se de 4 horas aulas. Era composto de 24 quatro questões contendo textos que abrangiam todos os descritores de Língua Portuguesa. O simulado está disponível na produção didática. Para o desenvolvimento desta atividade, os alunos não se mostraram muito interessados, porém realizaram-na, pois estavam colaborando com o projeto de intervenção.

As atividades do meio foram realizadas da seguinte forma: para cada tópico foram selecionadas algumas tarefas que foram desenvolvidas em sala de aula com o nosso auxílio. Para o desenvolvimento das mesmas foram necessárias 4 aulas por tópico, de um total 6 tópicos. Nesta forma de atividade os alunos mostraram-se motivados e interessados, principalmente porque houve a relação entre professor e aluno. Esta atividade era composta de 20 textos para análise dos descritores, na qual contemplamos leitura, interpretação, compreensão, concentração.

A atividade final foi um simulado com 20 questões, aplicado em 4 horas aula e realizado de forma individual e sem ajuda da professora. Esse teste requereu dos alunos o domínio dos descritores trabalhados nas atividades individuais, denominadas do meio. Neste simulado os alunos demonstraram maior segurança para a sua realização, pois entendiam o objetivo das atividades.

A partir das observações realizadas, das necessidades apuradas sobre os descritores da Prova Brasil, a proposta foi apresentar três momentos,constantes de (I) Atividade Inicial - Sondagem; (M) Média e; (F) para Atividades Finais, demonstrado em gráficos. A amostra ocorreu com 30 alunos do 9º. Ano do Colégio Estadual Jardim Maracanã, em Toledo/Paraná.

Optamos por organizar os gráficos por blocos de habilidades de leitura, cada bloco indica os descritores e o domínio dos alunos nas atividades propostas por nós, no Projeto de Intervenção, as atividades foram devidamente preparadas para observar e auxiliar os alunos nas dificuldades encontradas.

Sabe-se que manter o hábito de leitura e analisar o texto pode levar o aluno a entender os diferentes gêneros textuais percebendo as habilidades necessárias principalmente para melhoria da interpretação e compreensão, e consequentemente a melhora na produção de textos.

Apresentaremos a seguir os resultados do trabalho realizado com as estratégias de leitura envolvendo os descritores da Prova Brasil.

Gráfico 1: Bloco 1: Procedimentos de Leitura

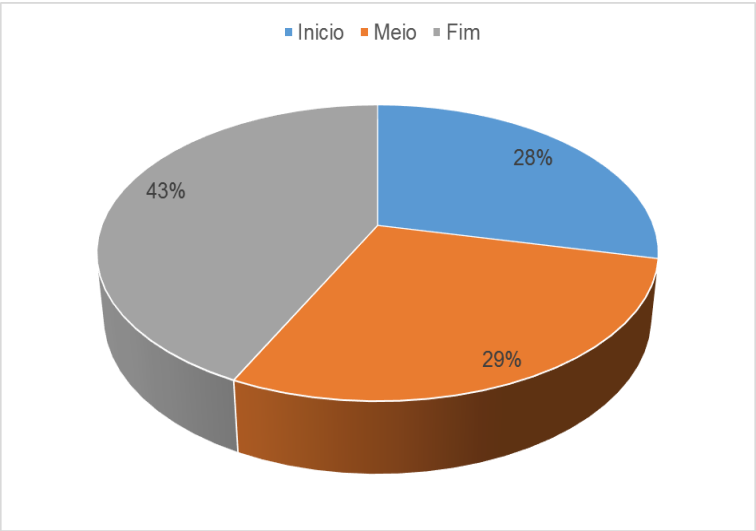

O gráfico 1, descreve o bloco 1, que indica os procedimentos de leitura representadas pelos descritores D1, D3, D4, D14.

Observou-se que na atividade inicial e na segunda atividade que desenvolvia esses descritores, os alunos mantiveram a mesma quantidade de acertos, porém na atividade final os alunos melhoraram significativamente aumentando para 43% dos acertos, demonstrando dificuldades de compreender, distinguir, articular e observar as informações no texto.

Segundo os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 52)

> todo o trabalho com a leitura deve levar à formação e desenvolvimento de leitores autônomos que sejam capazes de inferir do texto informações ou ações que não estão ditas, perceber e validar, ou não, a posição do(s) autor(es) com base em informações colhidas em outros textos ou outras fontes de informação e, muitas vezes, reformular suas próprias concepções a partir das leituras.

Gráfico 2: Bloco 2 - Implicações do suporte, gênero e/ou enunciador na compreensão do texto

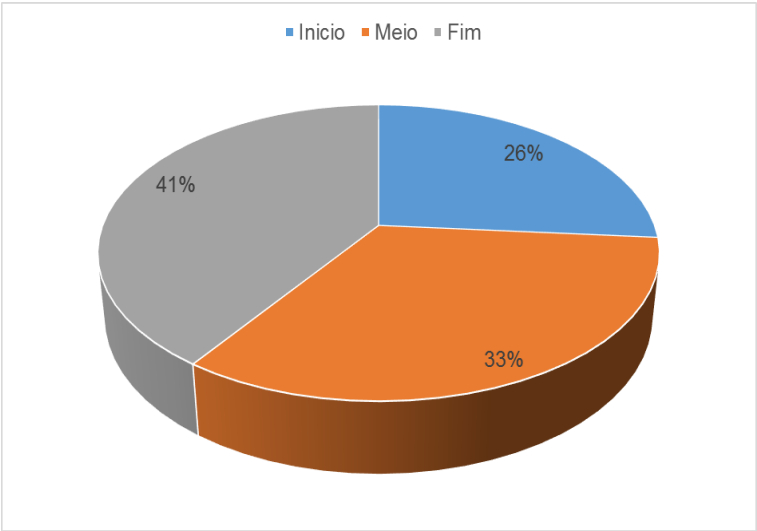

O gráfico 2, descreve as atividades do Bloco 2, sendo os descritores D5 e D12 que indicam implicações do suporte, gênero e/ou enunciador na compreensão do texto, observando que: os alunos com as atividades propostas foram evoluindo, ou seja, nas atividades iniciais 26% dos alunos atenderam aos descritos, na segunda atividade, os alunos acertaram 33% e ao final houve um aumento significativo acertando 41% dos descritores. O trabalho neste descritor foi intenso, uma vez que os alunos necessitaram conhecer os gêneros textuais e suas características.

As avaliações do SAEB/Prova Brasil, por apresentarem diversos tipos de textos acabam por exigir do professor de Língua Portuguesa uma nova postura que implica reorientar sua prática no intuito de reconhecer a variedade linguística, levando para a sala de aula a infinidade de discursos e gêneros que circulam na sociedade e assim estimular a prática de leitura.

Nessa perspectiva Campos (2010, p.148) manifesta a ideia de mudança na "elaboração dos currículos, na seleção dos objetivos e formas de avaliação". E para isso afirma:

> A formação de nossos professores precisa ser mais consistente e concentrada na práxis e menos teórica, assim, leitura e escrita efetivamente se converteriam em compromisso de todas as áreas, pois estão presentes em todas as disciplinas do currículo e, mais que isso, são práticas da vida social que inserem o indivíduo no mundo e o caracterizam (CAMPOS, 2010, p. 148).

Gráfico 3: Bloco 3 – Relação entre Textos

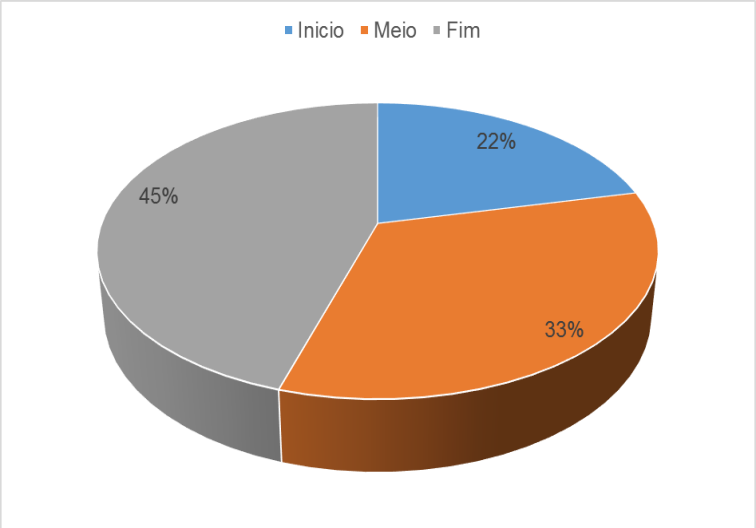

O gráfico 3, descreve o bloco 3, sendo os descritores D20, D21, onde os alunos devem estabelecer a relação entre os textos. Nesta atividade observou-se que no início os alunos atenderam um nível baixo dos descritores, evoluindo na atividade segunda atividade e melhorando na atividade final apresentado 45% de acertos, onde “ao ler o texto passaram a entender os conteúdos de forma global apontado no texto, fazendo comparações”, neste caso os alunos indicam dificuldades, tendo o professor que intervir em muitos momentos.

Gráfico 4: Bloco 4 – Coerência e coesão no processamento do texto

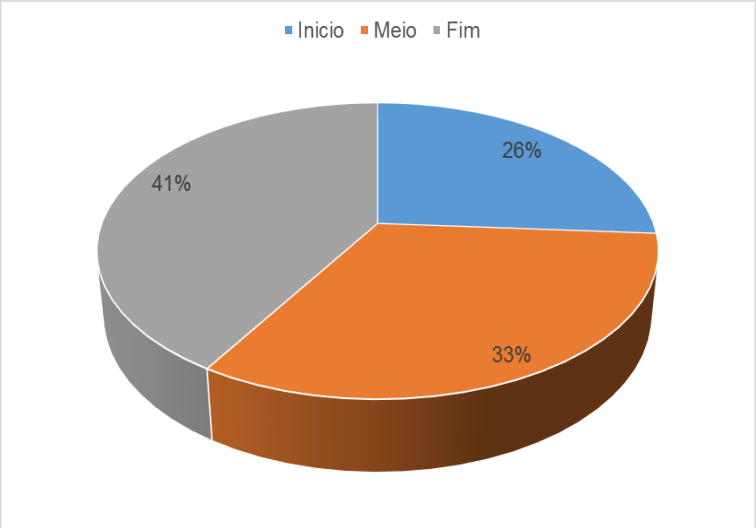

O gráfico 4, descreve o bloco 4, indicado pelos descritores D2, D7, D8, D10, D11 e D15, representado pela coerência e coesão no processamento do texto. Este

bloco foi um dos mais trabalhosos durante as atividades, uma vez que os alunos apresentam dificuldades para definir e observar coerência e coesão no texto.

Na atividade inicial 26% dos alunos acertaram após os trabalhos realizados, na segunda atividade, houve um aumento de 33% e ao final os alunos conseguiram acertar 41% das atividades propostas, observando que estes elementos necessitam "estão articulando o texto e a base para os alunos está na realização da leitura e na análise do texto".

Acoerência e coesão são importantes no processo de leitura e escrita, para que ocorra de forma satisfatória, as crianças devem ser estimuladas ao hábito de ler, conhecer novas palavras, ampliar o vocabulário produzindo no futuro bons textos. Conforme Koch (2008, p. 89), "é com base nos elementos linguísticos que estão na superfície textual e também na forma de organização dos argumentos que se faz possível a construção dos sentidos pretendidos pelo produtor".

Outro fator relevante neste descritor está no conhecimento dos conectivos adequados para que se faça a análise do texto.

Gráfico 5: Bloco 5 – Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido.

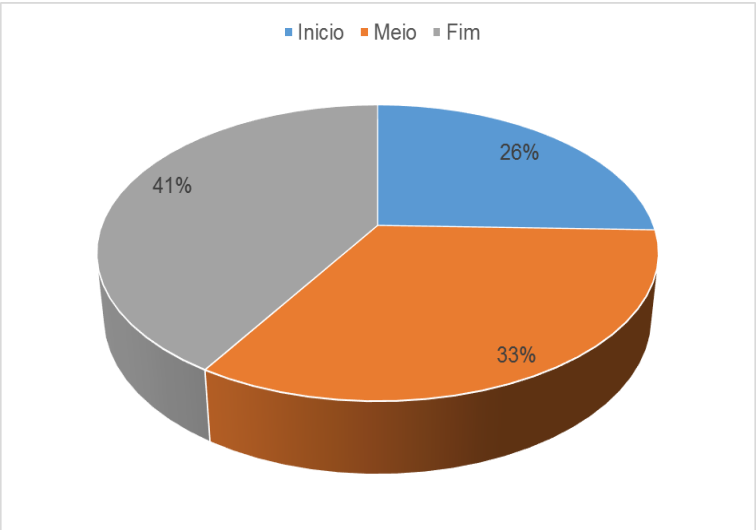

O gráfico 5, descreve o bloco 5, representado pelos descritores D16, D17, D18 e D19, onde devem estabelecer relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido.

Os alunos também apresentaram um baixo nível de entendimento dos

descritores deste bloco, onde somente 26% dos alunos acertam na atividade de sondagem, após a aplicação da segunda atividade aumentou a interpretação para 33% e ao final os alunos indicaram um aumento de 41% de acertos nos descritores do bloco 5.

Os descritores do bloco 5, indicaram que os usos dos recursos expressivos estão inseridos no texto e devem fazer com que os alunos realizem uma leitura mais elaborada, para que possam apontar novos significados ao texto.

Este descritor, envolve o conhecimento de outros descritores como a identificação dos gêneros textuais, bem como estratégias de antecipação de informações que levam a construção dos significados, dispostos nos descritores.

Gráfico 6: Bloco 6 – Variação linguística

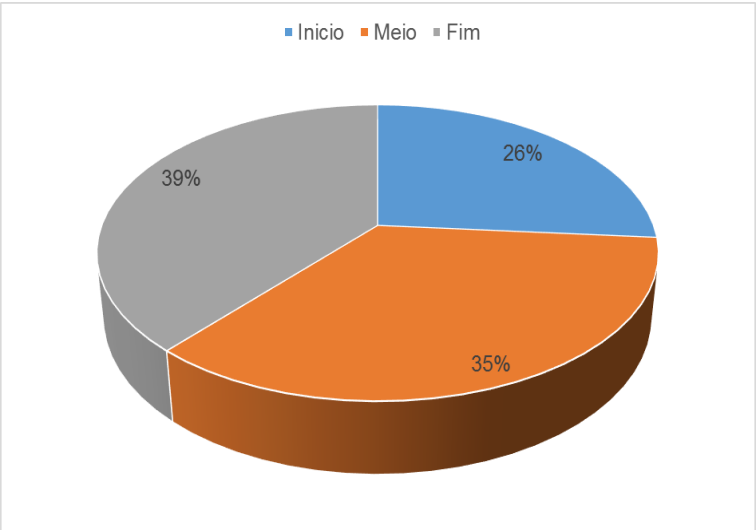

O gráfico 6, descreve o bloco 6 com o descritor D13, que indica a variação linguística, mostrando que este descritor e um de maior dificuldade para os alunos, na atividade inicial 26% dos alunos conseguiram acertar o descritor do bloco 6, na segunda atividade houve um aumento para 35% de acertos e na atividade final, mesmo com o trabalho desenvolvido pela professora o aumento foi pouco significativo, sendo 39% de acertos.

Ao desenvolver as atividades devidamente programadas com os descritores da Prova Brasil para a disciplina de Língua Portuguesa, observou-se que: na atividade inicial a média de acertos foi de 26%, demonstrando que em todos os descritores os alunos mostraram pouca familiaridade, na segunda atividade proposta indicada como M, observou-se uma média de acertos de 32% dos descritores

apresentados, mantendo-se o mesmo nível entre os alunos, e na atividade final a média de acertos foi de 40% mostrando que houve uma evolução em todos os descritores.

Como os professores cursistas colocaram e contribuíram para a discussão como (P5) “os nossos alunos possuem dificuldade para interpretar, ler e interagir com o texto, situando os dados no contexto histórico social” e P(3) que diz “ os alunos apresentam dificuldades para ler e compreender o que leram, tendo um baixo desempenho nos descritores propostos”.

Assim, quando se propõe nas DCE’s (2008) e outros estudiosos as estratégias de leitura como Solé (1998) diz, “devem ser orientadas e realizadas antes, durante e depois da leitura para que o educando possa aprender a ler de forma competente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do Projeto de Intervenção Pedagógica veio trabalhar com as dificuldades já observadas enquanto professora de Língua Portuguesa, uma vez que os descritores estão presentes nas atividades de leitura e compreensão desenvolvidas do 6º. ao 9º. Ano.

Solé (1998) e Kleimann (1999) indicam que os alunos das escolas do Brasil demonstram dificuldades nas habilidades de leitura, fazendo com que deixem de apresentar uma leitura crítica e reflexiva sobre os textos apresentados e indicados na sociedade e na escola, fazendo com que os alunos pudessem interessar por ler.

Durante o desenvolvimento das atividades propostas, verificamos que os alunos, passaram a realizar as atividades com maior autonomia e com mais atenção, principalmente quando se estabelece a relação professor e aluno, constatado nas atividades que o professor intervém, fazendo as interações com os alunos e novas leituras, organizando encaminhamentos.

O trabalho desenvolvido atendeu em partes aos objetivos propostos que visavam sanar as dificuldades de leitura, principalmente as referentes aos Descritores da Prova Brasil. Porém não foi possível atingir os objetivos com todos os alunos dadas as dificuldades individuais de cada um, uma vez que observa-se as dificuldades de leitura e interpretação dos alunos, descritas desde o início do estudo em questão.

É importante lembrar que o trabalho realizado envolvendo as estratégias de leitura baseadas em Solé(1998) e Kleimam(1999), também auxiliaram nos estudos, favorecendo a obtenção de um nível de compreensão melhor, exigindo participação ativa do leitor, podendo o professor intervir ou não. Assim podemos compreender que as estratégias de leitura por si só não dão conta da complexibilidade da leitura cabendo ao professor o papel de mediador nos momentos de realização das atividades, investigando, despertando o interesse, desafiando aos alunos reformular o pensamento e a adquirir novas leitura.

Considerando-se esses aspectos, o ensino de estratégias de leitura, e a efetiva elaboração de objetivos no momento de ler, abre novas perspectivas para uma potencialização da compreensão leitora, possibilitando aos alunos ultrapassarem dificuldades pessoais e ambientais de forma a obter um maior sucesso na escola e fora dela.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEEF, 1998.

BRASIL, **Matrizes da Prova Brasil e do Saeb**. (2011). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/prova-brasil/matrizes-da-prova-brasil-e-do-saeb. Acesso em jan 2016.

CAMPOS, T. da S. **As concepções de leitura na Prova Brasil e no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes– PISA**: uma análise comparativa. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 35. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

INEP - **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**.

KLEIMAN, A. **Texto & leitor:** Aspectos cognitivos da leitura. 6. Ed. São Paulo: Pontes, 1999.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, V.J.; PEREIRA, A. E. (Orgs.) **O ensino da leitura e produção textual; Alternativas de renovação.** Pelotas: Educat, 1999.

MENEGASSI, R. J. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. Maringá: **Revista UNIMAR**, v.17, n. 1, pp. 85-94, 1995.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica:**Língua Portuguesa.Curitiba, Paraná, 2008.

SAEP- **Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná**. Disponível em: <http://www.saep.caedufjf.net/resultados/resultados-anteriores/resultados-por-escola/>. Acesso em: 07/07/2014.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Portal dia a dia educação.** Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/saep/portugues/saep_port_9ef/index_por9.html>. Acesso em: 29/07/2014.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura.** 6ed. Porto alegre: ArtMed, 1998.

Atualizado até a Lei nº 12.796/2013, de 04 de abril de 2013

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Anotado e Interpretado

Murillo José Digiácomo e

Ildeara de Amorim Digiácomo

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ

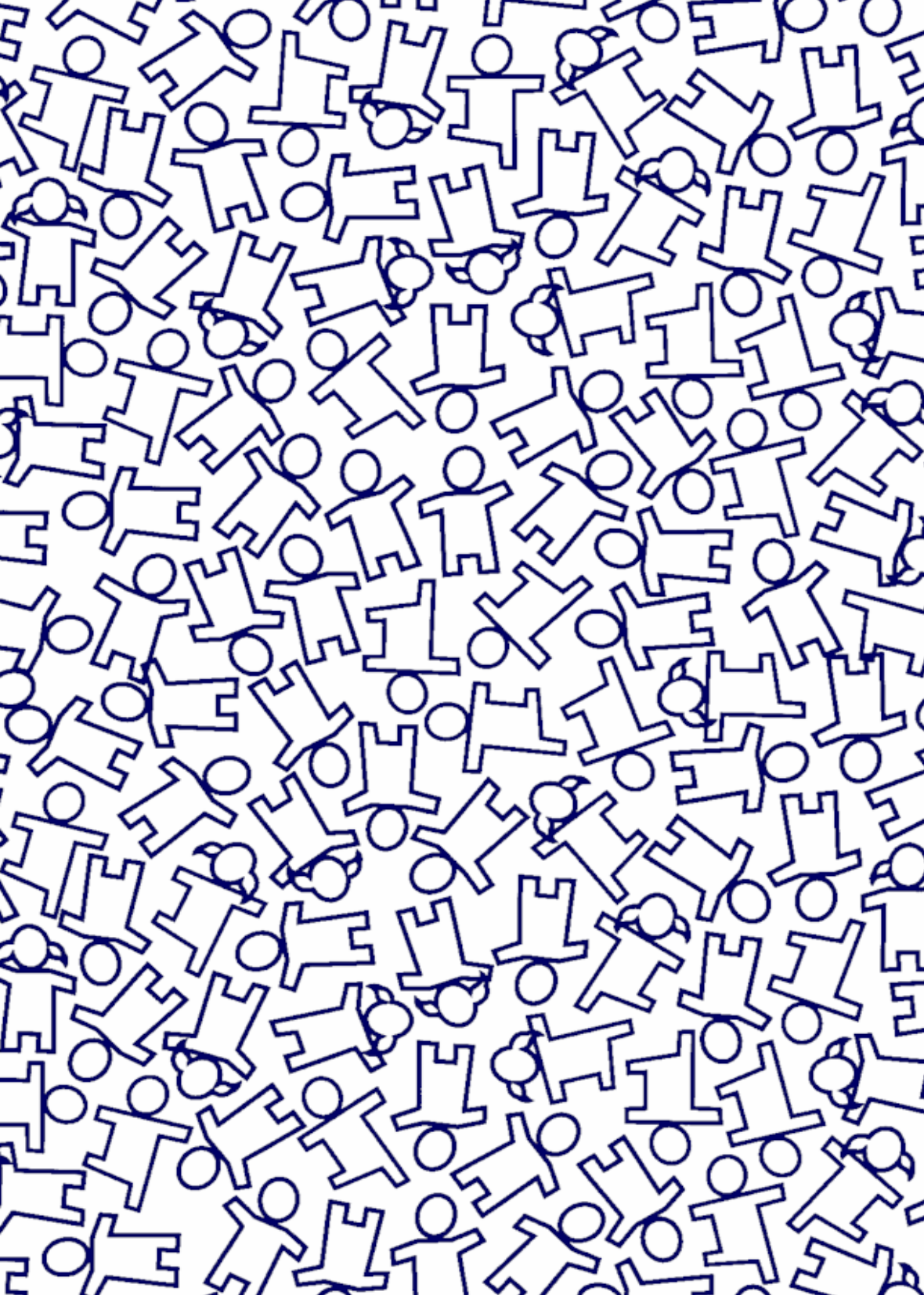

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ
Centro de Apoio Operacional das Promotorias
da Criança e do Adolescente

Estatuto da Criança e do Adolescente Anotado e Interpretado

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990
(atualizado até a Lei nº 12.796/2013, de 04 de abril de 2013)

Murillo José Digiácomo e
Ildeara de Amorim Digiácomo

novembro de 2013

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ

Procurador-Geral de Justiça
Gilberto Giacoia

Subprocuradores-Gerais de Justiça:
Assuntos Jurídicos
Samia Saad Gallotti Bonavides
Assuntos Administrativos
José Deliberador Neto
Assuntos de Planejamento Institucional
Bruno Sérgio Galatti

Corregedor-Geral
Moacir Gonçalves Nogueira Neto
Subcorregedor-Geral
Geraldo da Rocha Santos

Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional
Samia Saad Gallotti Bonavides

Centro de Apoio Operacional das Promotorias
da Criança e do Adolescente e da Educação:
Adolfo Vaz da Silva Júnior
Hirmínia Dorigan de Matos Diniz
Márcio Teixeira dos Santos
Murillo José Digiácomo

Ficha Catalográfica

Digiácomo, Murillo José, 1969-
Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado / Murillo José Digiácomo e Ildeara Amorim Digiácomo.- Curitiba .. Ministério Público do Estado do Paraná. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente, 2013. 6ª Edição.

1. Direitos da criança - legislação - Brasil 2. Direitos da criança - jurisprudência - Brasil I. Digiácomo, Ildeara Amorim
CDU 347.63(81)(094.46)

Ministério Público do Estado do Paraná
Centro de Apoio Operacional das Promotorias
da Criança e do Adolescente e da Educação
(Subsede Marechal)
Av. Marechal Floriano Peixoto, nº 1.251
Rebouças - Curitiba - Paraná
CEP 80230-110
Fone (41) 3250-4703 / Fax (41) 3250-4723 **caopca@mp.pr.gov.br**

PREFÁCIO

É com extraordinária satisfação e indisfarçável orgulho que me vejo na condição de prefaciar obra que o Promotor de Justiça Murillo José Digiácomo produziu, em parceria com sua esposa, a Professora Ildeara de Amorim Digiácomo, consistente em comentários sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Para além de uma amizade de longa data, minha admiração pelo autor reside no fato de estar ele, como jurista orgânico que é, dedicando sua existência à causa da infância e juventude, com a crença sincera de que a instalação de desejada sociedade melhor e mais justa só se dará com a real implementação das promessas de cidadania contempladas no ordenamento jurídico - especialmente na Constituição Federal e na Lei nº 8.069/1990 - para as nossas crianças e adolescentes. Esse verdadeiro ideal de vida é também compartilhado por sua esposa, professora das disciplinas Direito da Criança e do Adolescente e Direito de Família, que tem sido sua parceira de todas as horas na busca de uma melhor compreensão e de uma adequada aplicação da lei por todos aqueles que militam na área infanto-juvenil.

Assim, a qualidade dos comentários do casal Murillo e Ildeara ultrapassa aquela que adviria apenas de um mero conhecimento acadêmico, completando-se sobremaneira com a oriunda da labuta cotidiana de ambos para a efetivação - seja na esfera administrativa ou judicial - dos direitos das crianças e adolescentes.

Com o orgulho do reconhecimento de que estamos diante de situação em que o aluno suplantou o mestre, recordo-me dos diálogos acerca de temas importantes para nossa luta pela infância e juventude e que, desde logo, a afirmação do Murillo me tranquilizava: "*Já escrevi um artigo sobre isso*".

A presente obra contempla então, de forma compilada, as corretas reflexões de Murillo e Ildeara sobre as matérias mais relevantes para a área da infância e juventude, especialmente aquelas que surgem no cotidiano da aplicação da Lei nº 8.069/1990 (especialmente diante das recentes alterações introduzidas a seu texto pela Lei nº 12.010/2009), complementada pela legislação nacional e internacional correlata, por parte de todos aqueles que integram o denominado "*Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente*".

Como melhor doutrina, a significativa contribuição para o encaminhamento correto das questões pertinentes ao Estatuto da Criança e do Adolescente se apresenta indisputável, assim como sua leitura exsurge indispensável aos operadores do direito, integrantes dos Conselhos de Direitos e Tutelares, professores, equipes técnicas vinculadas à área da infância, entidades da sociedade civil organizada, enfim a todos que militam no campo da infância e juventude.

Como se sabe, o Estatuto da Criança e do Adolescente comparece no nosso ordenamento jurídico enquanto forma de regulamentação do art.

227, da Constituição Federal, que absorveu os ditames da doutrina da proteção integral e contempla o princípio da prioridade absoluta.

Formulado com o objetivo de intervir positivamente na tragédia de exclusão experimentada pela nossa infância e juventude, o Estatuto da Criança e do Adolescente apresenta duas propostas fundamentais, quais sejam: a) garantir que as crianças e adolescentes brasileiros, até então reconhecidos como meros objetos de intervenção da família e do Estado, passem a ser tratados como sujeitos de direitos; b) o desenvolvimento de uma nova política de atendimento à infância e juventude, informada pelos princípios constitucionais da descentralização político-administrativa (com a consequente municipalização das ações) e da participação da sociedade civil.

Entretanto, no quadro real de marginalidade em que se encontra a grande maioria da população brasileira (integrante do país que se transformou em 'campeão mundial' das desigualdades sociais), sabemos que padecem especialmente as nossas crianças e adolescentes, vítimas frágeis e vulneradas pela omissão da família, da sociedade e, principalmente, do Estado, no que tange ao asseguramento dos seus direitos fundamentais.

Diante de um contexto de desassistência e abandono (calcula-se a existência de cerca de 40 milhões de carentes e abandonados), almeja-se que as regras de cidadania contempladas no ordenamento jurídico em prol da população infanto-juvenil não permaneçam meras 'declarações retóricas', 'exortações morais', singelos 'conselhos' ao administrador e, porque assim tomadas, postergadas na sua efetivação ou relegadas ao abandono.

É que as crianças e adolescentes vítimas do holocausto permanente ditado pelas absurdas taxas de mortalidade, as que apresentam lesões celebrais irreversíveis decorrentes da subnutrição, as que sobrevivem nas ruas através da esmola degradante, bem como as que não têm acesso à educação ou à saúde, não podem mais aguardar que a 'natureza das coisas' ou o 'processo histórico' venham a intervir para a materialização daquilo que lhes foi prometido no ordenamento jurídico brasileiro como garantia de dignidade a quem se encontra em peculiar fase de desenvolvimento.

Então, convém admitir que a lei - ainda que de reconhecida excelência - não tem o condão de, por si só, alterar a realidade social. O que transforma a sociedade é, na verdade, o *efetivo exercício* dos direitos previstos na lei, a partir de uma atuação firme e decidida daqueles que, de uma forma ou de outra, detém o poder e, por via de consequência, a *responsabilidade* para criar as condições e os meios indispensáveis ao exercício de tais direitos.

Dessa maneira, consideradas nossas iniquidades (políticas, sociais e econômicas) e na perspectiva da construção de condições mais justas e igualitárias (capazes, por isso mesmo, de instalar relações sociais solidárias e pacíficas), pretende-se, nessa atual quadra histórica, que as forças progressistas da sociedade brasileira venham a intervir de maneira mais incisiva (e positiva) na implementação das regras do Estatuto da Criança e do Adolescente, como por diversas vezes destacado ao longo da presente obra.

Também, para além da *espontânea* atividade do administrador público em favor das crianças e adolescentes (afinal, como sempre dizem eles, não é delas que depende o futuro do País?), o Sistema de Justiça - sob a égide do *princípio constitucional* da *prioridade absoluta* à criança e ao

adolescente (art. 227, *caput*, da Constituição Federal) - deve atuar, quando necessário, com efetiva preferência, afinco e eficiência na *materialização* das promessas de cidadania para a população infanto-juvenil existentes na Constituição Federal e, principalmente, no Estatuto da Criança e do Adolescente (cumprindo os operadores do direito com responsabilidade não só profissional, mas também política, social e ética), de molde a elevar em dignidade especialmente as funções do Poder Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria Pública. Assim sendo, se é verdade que, como dito acima, por si só a lei nada transforma, não resta dúvida que um Sistema de Justiça atuante reúne plenas condições de fazer dela um importante *instrumento de transformação* da realidade de descaso em que vive boa parte da população infanto-juvenil, chamando à responsabilidade (e mesmo *responsabilizando civil* e *administrativamente*, tal qual previsto nos arts. 208 e 216, da Lei nº 8.069/1990) os governantes que se omitem em cumprir seus *deveres* legais e constitucionais para com nossas crianças e adolescentes.

Em outro ângulo, necessário ampliar cada vez mais a participação da sociedade civil nas instâncias democráticas dos Conselhos Tutelares, a quem incumbe fiscalizar o adequado funcionamento de todo o sistema de atendimento à infância e juventude (podendo inclusive requisitar serviços públicos para viabilizar a execução das medidas que aplica) e dos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente.

No que diz respeito à política de atendimento à infância e juventude - a ser deliberada pelos Conselhos dos Direitos enquanto espaços de democracia participativa - de se reforçar o raciocínio de que, além da escola, da família e de outros espaços adequados para o seu desenvolvimento, lugar de criança é nos orçamentos públicos, cumprindo-se o princípio constitucional da prioridade absoluta no que tange à preferência na formulação e execução das políticas públicas, assim como, especialmente, à destinação privilegiada de recursos para a área (art. 4º, par. único, alíneas 'c' e 'd', da Lei nº 8.069/1990).

O acompanhamento da elaboração e execução das leis orçamentárias (começando pelos planos plurianuais, passando pela lei de diretrizes orçamentárias, até o orçamento propriamente dito) surge assim indispensável para a melhoria - sob todos os aspectos - das condições de vida das nossas crianças e adolescentes.

Para o eventual embate jurídico, cabe registrar que o princípio da prioridade absoluta (aqui traduzido como preferência na formulação e na execução de políticas públicas, bem assim na destinação privilegiada de recursos) e o da democracia participativa (arts. 1º, par. único, 204, inc. II e 227, §7º, todos da Constituição Federal e concretizados com a atuação dos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente na formulação da política - municipal, estadual e nacional - de atendimento aos interesses da população infanto-juvenil - v. art. 88, inc. II, da Lei nº 8.069/1990) são limitadores e condicionantes ao poder discricionário do administrador público.

Não se tenha dúvida de que esse é o caminho: *o fortalecimento dos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente*, de maneira a que, como verdadeira revolução em todas as localidades e Estados, seja efetuado um diagnóstico acerca da efetiva situação da infância e da juventude para, em seguida, restar traçada adequada política de atendimento às necessidades detectadas. Mais que isso: o reconhecimento (judicial, se for o caso) de que a

política deliberada em todos os níveis federativos pelos Conselhos dos Direitos *vincula o administrador*, que é *obrigado* a canalizar - e em caráter *prioritário* - os recursos indispensáveis à implementação e/ou adequação dos serviços públicos, programas e ações definidos como indispensáveis ao atendimento dos direitos da população infanto-juvenil.

Então, é fundamental a intervenção de todos no sentido da existência de políticas públicas capazes de fazer das crianças e adolescentes efetivamente sujeitos de direito, garantindo-se a plena *efetivação* de seus direitos fundamentais, com a mais *absoluta prioridade*, tal qual preconizado de maneira expressa pelo art. 4º, *caput* e parágrafo único, da Lei nº 8.069/1990, como reflexo direto do *comando supremo* emanado do já citado art. 227, *caput*, de nossa Carta Magna.

Nesse contexto (e lembrando sempre que a realidade social e a Justiça devem estar presentes em todos os momentos da vida do Direito), não se tenha dúvida de que a presente obra servirá de importante ferramenta de trabalho para a efetiva implementação de tais políticas e para consequente concretização dos direitos arrolados na Lei nº 8.069/1990, na Constituição Federal e em todas as demais normas - inclusive de Direito Internacional - correlatas, a todas as crianças e adolescentes paranaenses e brasileiras.

Por tudo isso, com o auxílio da obra que o Promotor de Justiça Murillo José Digiácomo e a Professora Ildeara de Amorim Digiácomo agora nos brindam, é possível imaginar a ampliação do exercício dos direitos relacionados no Estatuto da Criança e do Adolescente, concretizando-se cada vez mais o *comando legal* pertinente à *proteção integral* infanto-juvenil há tanto prometida, e colaborando-se decisivamente para que a Nação brasileira venha a alcançar um dos seus objetivos fundamentais: o de instalar - digo eu, a partir das crianças e adolescentes - uma *sociedade livre, justa e solidária*.

Olympio de Sá Sotto Maior Neto
Procurador-Geral de Justiça do
Ministério Público do Estado do Paraná

Sumário

APRESENTAÇÃO .....

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990
(atualizado até a Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013)

LIVRO I - PARTE GERAL *(arts. 1º - 85)*

TÍTULO I - DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES *(arts. 1º - 6º)* .....

TÍTULO II - DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS *(arts. 7º - 69)* .....

CAPÍTULO I - DO DIREITO À VIDA E À SAÚDE *(arts. 7º - 14)* .....

CAPÍTULO II - DO DIREITO À LIBERDADE, AO RESPEITO E À DIGNIDADE *(arts. 15 - 18)* .....

CAPÍTULO III - DO DIREITO À CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA *(arts. 19 - 52-D)* .....

Seção I - Disposições Gerais *(arts. 19 - 24)* .....

Seção II - Da Família Natural *(arts. 25 - 27)* .....

Seção III - Da Família Substituta *(arts. 28 - 52-D)* .....

Subseção I - Disposições gerais *(arts. 28 - 32)* .....

Subseção II - Da guarda *(arts. 33 - 35)* .....

Subseção III - Da tutela *(arts. 36 - 38)* .....

Subseção IV - Da adoção *(arts. 39 - 52-D)* .....

CAPÍTULO IV - DO DIREITO À EDUCAÇÃO, À CULTURA, AO ESPORTE E AO LAZER *(arts. 53 - 59)* .....

CAPÍTULO V - DO DIREITO À PROFISSIONALIZAÇÃO E À PROTEÇÃO NO TRABALHO *(arts. 60 - 69)* .....

TÍTULO III - DA PREVENÇÃO *(arts. 70 - 85)* .....

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS *(arts. 70 - 73)* .....

CAPÍTULO II - DA PREVENÇÃO ESPECIAL *(arts. 74 - 85)* .....

Seção I - Da Informação, Cultura, Lazer, Esportes, Diversões e Espetáculos *(arts. 74 - 80)* .....

Seção II - Dos Produtos e Serviços *(arts. 81 - 82)* .....

Seção III - Da Autorização para Viajar *(arts. 83 - 85)* .....

LIVRO II - PARTE ESPECIAL *(arts. 86 - 258-B)*

TÍTULO I - DA POLÍTICA DE ATENDIMENTO *(arts. 86 - 97)* .....

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS *(arts. 86 - 89)* .....

CAPÍTULO II - DAS ENTIDADES DE ATENDIMENTO *(arts. 90 - 97)* .....

Seção I - Disposições Gerais *(arts. 90 - 94)* .....

Seção II - Da Fiscalização das Entidades *(arts. 95 - 97)* .....

TÍTULO II - DAS MEDIDAS DE PROTEÇÃO *(arts. 98 - 102)* .....
CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS *(art. 98)* .....
CAPÍTULO II - DAS MEDIDAS ESPECÍFICAS DE PROTEÇÃO *(arts. 99 - 102)* .....
TÍTULO III - DA PRÁTICA DE ATO INFRACIONAL *(arts. 103 - 128)* .....
CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS *(arts. 103 - 105)* .....
CAPÍTULO II - DOS DIREITOS INDIVIDUAIS *(arts. 106 - 109)* .....
CAPÍTULO III - DAS GARANTIAS PROCESSUAIS *(arts. 110 - 111)* .....
CAPÍTULO IV - DAS MEDIDAS SÓCIO-EDUCATIVAS *(arts. 112 - 125)* .....
Seção I - Disposições Gerais *(arts. 112 - 114)* .....
Seção II - Da Advertência *(art. 115)* .....
Seção III - Da Obrigação de Reparar o Dano *(art. 116)* .....
Seção IV - Da Prestação de Serviços à Comunidade *(art. 117)* .....
Seção V - Da Liberdade Assistida *(arts. 118 - 119)* .....
Seção VI - Do Regime de Semiliberdade *(art. 120)* .....
Seção VII - Da Internação *(arts. 121 - 125)* .....
CAPÍTULO V - DA REMISSÃO *(arts. 126 - 128)* .....
TÍTULO IV - DAS MEDIDAS PERTINENTES AOS PAIS OU RESPONSÁVEL *(arts. 129 - 130)* .....
TÍTULO V - DO CONSELHO TUTELAR *(arts. 131 - 140)* .....
CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS *(arts. 131 - 135)* .....
CAPÍTULO II - DAS ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO *(arts. 136 - 137)* .....
CAPÍTULO III - DA COMPETÊNCIA *(art. 138)* .....
CAPÍTULO IV - DA ESCOLHA DOS CONSELHEIROS *(art. 139)* .....
CAPÍTULO V - DOS IMPEDIMENTOS *(art. 140)* .....
TÍTULO VI - DO ACESSO À JUSTIÇA *(arts. 141 - 224)* .....
CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS *(arts. 141 - 144)* .....
CAPÍTULO II - DA JUSTIÇA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE *(arts. 145 - 151)* .....
Seção I - Disposições Gerais *(art. 145)* .....
Seção II - Do Juiz *(arts. 146 - 149)* .....
Seção III - Dos Serviços Auxiliares *(arts. 150 - 151)* .....
CAPÍTULO III - DOS PROCEDIMENTOS *(arts. 152 - 197-E)* .....
Seção I - Disposições Gerais *(arts. 152 - 154)* .....
Seção II - Da Perda e da Suspensão do Poder Familiar *(arts. 155 - 163)* .....

Seção III - Da Destituição da Tutela *(art. 164)* .....
Seção IV - Da Colocação em Família Substituta *(arts. 165 - 170)* .....
Seção V - Da Apuração de Ato Infracional Atribuído a Adolescente *(arts. 171 - 190)* .....
Seção VI - Da Apuração de Irregularidades em Entidades de Atendimento *(arts. 191 - 193)* .....
Seção VII - Da Apuração de Infração Administrativa às Normas de Proteção à Criança e ao Adolescente *(arts. 194 - 197)* .....
Seção VIII - Da Habilitação de Pretendentes à Adoção *(arts. 197-A - 197-E)* .....
CAPÍTULO IV - DOS RECURSOS *(arts. 198 - 199-E)* .....
CAPÍTULO V - DO MINISTÉRIO PÚBLICO *(arts. 200 - 205)* .....
CAPÍTULO VI - DO ADVOGADO *(arts. 206 - 207)* .....
CAPÍTULO VII - DA PROTEÇÃO JUDICIAL DOS INTERESSES INDIVIDUAIS, DIFUSOS E COLETIVOS *(arts. 208 - 224)* .....
TÍTULO VII - DOS CRIMES E DAS INFRAÇÕES ADMINISTRATIVAS *(arts. 225 - 267)* .....
CAPÍTULO I - DOS CRIMES *(arts. 225 - 244-B)* .....
Seção I - Disposições Gerais *(arts. 225 - 227)* .....
Seção II - Dos Crimes em Espécie *(arts. 228 - 244-B)* .....
CAPÍTULO II - DAS INFRAÇÕES ADMINISTRATIVAS *(arts. 245 - 258-B)* .....
DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS *(arts. 259 - 267)*

ANEXOS .....

LEI Nº 12.594/2012 - INSTITUI O SINASE .....

NORMAS INTERNACIONAIS .....

Declaração Universal dos Direitos Humanos .....

Declaração Universal dos Direitos da Criança .....

Convenção sobre os Direitos da Criança .....

Protocolos Facultativos:

Sobre o envolvimento de crianças em conflitos armados .....

Sobre a venda de crianças, prostituição e pornografia infantis .....

Convenção de Haia - Convenção Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional .....

Regras de Beijing - Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude .....

Diretrizes de Riad - Diretrizes das Nações Unidas para Prevenção da Delinquência Juvenil .....

Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade .....

Organização Internacional do Trabalho:

Convenção OIT nº 138
Sobre a Idade Mínima (1973) .....

Convenção OIT nº 182
Sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (1999) .....

Recomendação OIT nº 190
Sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (1999) .....

ÍNDICE . .....

Índice Temático .....

APRESENTAÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069/1990, é reconhecido internacionalmente como um dos mais avançados Diplomas Legais dedicados à garantia dos direitos da população infanto-juvenil.

No entanto, suas disposições - verdadeiramente revolucionárias em muitos aspectos - ainda hoje são desconhecidas pela maioria da população e, o que é pior, vêm sendo sistematicamente descumpridas por boa parte dos administradores públicos, que fazem da prioridade absoluta e da proteção integral à criança e ao adolescente, princípios elementares/mandamentos contidos tanto na Lei nº 8.069/1990 quanto na Constituição Federal, que como tal deveriam ser o foco central de suas preocupações e ações de governo, palavras vazias de conteúdo, para perplexidade geral de toda sociedade.

É preciso, pois, fazer com que os direitos e garantias legais e constitucionais assegurados a crianças e adolescentes sejam melhor conhecidos, compreendidos e, acima de tudo, cumpridos, para o que é fundamental uma visão global do "microssistema" que a Lei nº 8.069/1990 encerra e das disposições correlatas contidas na Constituição Federal e outras normas, inclusive de alcance internacional que, em última análise, integram o "Direito da Criança e do Adolescente".

A presente obra, embora em linhas gerais, tem por objetivo proporcionar ao leitor esta visão global da matéria, fornecendo subsídios para que todos os operadores do Direito da Criança e do Adolescente, pertencentes ou não à área jurídica, possam cumprir e fazer cumprir as normas e princípios instituídos em benefício da população infanto-juvenil, assegurando-lhes o efetivo exercício de seus direitos e, por via de consequência, o acesso à cidadania plena que há tanto lhes foi prometida.

Através de breves comentários, notas remissivas a outras normas e exemplos das mais acertadas e avançadas decisões de nossos Tribunais, o leitor poderá melhor conhecer e compreender toda sistemática estabelecida pela Lei nº 8.069/1990 para proteção integral da criança e do adolescente, que vai desde a expressa previsão do direito, no plano material, até a responsabilização nas esferas civil, administrativa e mesmo criminal daqueles que, por ação ou omissão, de qualquer modo o violam, passando por inúmeros mecanismos judiciais e extrajudiciais que permitem sua exigibilidade, tanto na esfera individual, quanto coletiva.

Ildeara de Amorim Digiácomo e
Murillo José Digiácomo
Autores

LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências.
O PRESIDENTE DA REPÚBLICA:
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei

LIVRO I - PARTE GERAL

TÍTULO I - DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES [1]

Art. 1º. Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente [2].

1 As "*disposições preliminares*", relacionadas nos arts. 1º a 6º, do Estatuto da Criança e do Adolescente, trazem regras (conceito de criança e adolescente, abrangência da Lei etc.) e *princípios* (como os relativos à proteção integral e prioridade absoluta), a serem observados quando da análise de todas as disposições estatutárias, que por força do disposto nos arts. 1º e 6º, deste Título I, devem ser invariavelmente interpretadas e aplicadas em benefício das crianças e adolescentes. Princípios adicionais quanto à interpretação e aplicação das disposições da Lei nº 8.069/1990 estão relacionados no art. 100, *caput* e par. único, do ECA, assim como em tratados e convenções internacionais das quais o Brasil é signatário (vide anexos).

2 Vide arts. 6º e 227, da CF e art. 100, par. único, incisos II e IV, do ECA. O enunciado deste dispositivo é um reflexo direto da "*Doutrina da Proteção Integral à Criança e ao Adolescente*", adotada pela Constituição Federal de 1988 (arts. 227 e 228) e pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 20/11/1989, por intermédio da "*Convenção das Nações Unidas Sobre Direitos da Criança*" (Resolução XLIV). No Brasil este texto foi aprovado pelo Dec. Legislativo nº 28/1990, de 14/07/1990 e promulgado pelo Decreto nº 99.710/1990, de 21/11/1990 (passando assim, por força do disposto no art. 5º, §2º, da CF, a ter plena vigência no País). O Estatuto da Criança e do Adolescente, portanto, vem em resposta à nova orientação constitucional e à normativa internacional relativa à matéria, deixando claro, desde logo, seu *objetivo fundamental*: a *proteção integral de crianças e adolescentes*. Daí porque a análise conjunta do contido neste e nos arts. 3º, 4º, 5º, 6º e 100, par. único (notadamente seu inciso II), do ECA, nos leva à conclusão lógica (e teleológica) de que nenhuma disposição estatutária pode ser interpretada e muito menos aplicada *em prejuízo* de crianças e adolescentes, servindo sim para exigir da família, da sociedade e, acima de tudo, do Poder Público, o efetivo respeito a seus direitos relacionados neste e em outros Diplomas Legais, inclusive sob pena de responsabilidade (cf. arts. 5º, 208 e 216, do ECA). Ainda sobre a matéria, vide o contido na "*Declaração dos Direitos da Criança*", adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20/11/1959 e ratificada pelo Brasil. Nunca esquecer, ademais, que quando se fala em "*direitos da criança*", estamos falando de *direitos humanos*, razão pela qual é de se ter também em conta o disposto na "*Declaração Universal dos Direitos Humanos*", aprovada pela Assembléia Geral das Nações

Unidas em 10/12/1948, assim como o Decreto nº 1.904/1996, de 13/05/1996, que institui o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH.

Art. 2º. Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade [3].

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade [4].

3 O presente dispositivo conceitua, de forma *objetiva*, quem é considerado *criança* e quem é considerado *adolescente*, para fins de incidência das disposições contidas no ECA (que em diversas situações estabelece um tratamento diferenciado para ambas categorias - vide, por exemplo, o disposto nos arts. 45, §2º e 105, do ECA). Trata-se de um conceito *legal* e estritamente *objetivo*, sendo certo que outras ciências, como a psicologia e a pedagogia, podem adotar parâmetros etários diversos (valendo também mencionar que, nas normas internacionais, o termo "*criança*" é utilizado para definir, indistintamente, todas as pessoas com idade inferior a 18 anos). Interessante observar que o legislador (a exemplo do que já havia feito o constituinte, quando da promulgação do art. 227, de nossa Carta Magna) deixou de utilizar, propositalmente, o termo "menor", que possui uma conotação pejorativa e discriminatória, incompatível, portanto, com a nova orientação jurídico-constitucional, que além de alçar *crianças* e adolescentes à condição de *titulares de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana* (dentre os quais os direitos à dignidade e ao respeito), também impôs a *todos* (família, comunidade, sociedade em geral e Poder Público, o *dever* de respeitá-los com a mais *absoluta prioridade*, colocando-os a salvo de qualquer forma de discriminação ou opressão (cf. arts. 4º, *caput* e 5º, do ECA e art. 227, *caput*, da CF), o que compreende, obviamente, a própria terminologia utilizada para sua designação. Embora impróprio, o termo "menor" continua, no entanto, a ser utilizado em outros Diplomas Legais, como a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e o Código Civil (CC). Importante também mencionar que eventual emancipação de jovens entre 16 (dezesseis) e 18 (dezoito) anos de idade, nos moldes do permitido pelo art. 5º, par. único, do CC, *não desvirtua* sua condição de *adolescentes*, para fins de incidência das normas de proteção contidas no ECA e em outros Diploma Legais correlatos. Neste sentido versa enunciado aprovado por ocasião da Jornada de Direito Civil do Centro de Estudos Judiciários - CEJ, do Conselho da Justiça Federal - CJF: "*Art. 5º. A redução do limite etário para definição da capacidade civil aos 18 anos não altera o disposto no art. 16, inc. I, da Lei nº 8.213/91, que regula específica situação de dependência econômica para fins previdenciários e outras situações similares de proteção, previstas em legislação especial*".

4 Este artigo tem relação direta com duas disposições estatutárias: a) o art. 40, do ECA, que prevê a aplicação da adoção estatutária em se tratando de jovens entre 18 (dezoito) e 21 (vinte e um) anos de idade que à época do pedido respectivo já se encontravam sob a guarda ou tutela dos adotantes (ou melhor, que ao completarem 18 anos de idade se encontravam sob a guarda ou tutela dos pretendentes à adoção, vez que aquelas se extinguem *pleno jure* com o advento da maioridade civil). Em tais casos, o *procedimento* a ser adotado é o regido por esta Lei Especial (arts. 165 a 170, do ECA), e a *competência* para o processo e julgamento será da Justiça da Infância e da Juventude (conforme art. 148, inciso III, do ECA), tendo ainda como importante reflexo a *isenção do pagamento de custas e emolumentos* (art. 141, §2º, do ECA), e b) o art. 121, §5º, do ECA, que fixa em 21 (vinte e um) anos o *limite etário* da aplicação da medida socioeducativa de internação (que como melhor veremos adiante, em comentários ao art. 104, par. único, do ECA, também se estende às demais

medidas socioeducativas, e ainda se encontra em pleno vigor, apesar da redução da idade da plena capacidade civil pelo art. 5º, *caput*, do CC). Excluídas as hipóteses acima referidas, a Lei nº 8.069/1990 somente se aplica a *crianças* e *adolescentes*, estejam ou não emancipados, embora as políticas públicas e os programas de atendimento a serem desenvolvidos (vide arts. 87, 88, inciso III e 90, do ECA), devam também contemplar o atendimento de jovens adultos, de modo a evitar que o puro e simples fato de o indivíduo completar 18 (dezoito) anos, acarrete seu "desligamento automático" dos programas de proteção e promoção social aos quais estava vinculado enquanto adolescente (sendo certo que, a partir da Emenda Constitucional nº 65/2010, o "*jovem*" maior de 18 anos passou a ser também destinatário da "*absoluta prioridade*" por parte do Estado (*lato sensu*) na defesa/promoção de seus direitos fundamentais). Neste sentido, vide também o disposto na Lei nº 11.129/2005, de 30/06/2005, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem, destinado a pessoas entre 18 (dezoito) e 24 (vinte e quatro) anos; cria o Conselho Nacional da Juventude - CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude, bem como o disposto no art. 227, da CF (com a redação que lhe deu a Emenda Constitucional nº 65, de 13/07/2010), que estende aos jovens maiores de 18 (dezoito) as mesmas garantias quanto à efetivação de seus direitos fundamentais asseguradas a crianças e adolescentes.

Art. 3º. A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana [5], sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros, meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade [6].

5 Vide art. 5º, *caput* e inciso I, da CF e art. 100, par. único, incisos I e XII, do ECA. Apesar de dizer aparentemente o óbvio, o presente dispositivo traz uma importante inovação em relação à sistemática anterior ao ECA, na medida em que reconhece a criança e o adolescente como *sujeitos de direitos*, e não meros "*objetos*" da intervenção estatal. Tal disposição é também reflexo do contido no art. 5º, da CF/88, que ao conferir a *todos* a *igualdade* em direitos e deveres individuais e coletivos, logicamente também os estendeu a crianças e adolescentes. O verdadeiro *princípio* que o presente dispositivo encerra, tem reflexos não apenas no âmbito do direito material, mas também se aplica na esfera processual, não sendo admissível, por exemplo, que adolescentes acusados da prática de atos infracionais deixem de ter *fielmente respeitadas todas as garantias processuais asseguradas aos acusados em geral*, seja qual for sua idade (vide comentários aos arts. 106 a 111, do ECA). A condição de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos torna ainda *obrigatória sua oitiva* sempre que em jogo estiver a necessidade de salvaguarda de seus direitos, seja por parte dos pais ou responsável, seja por parte do Estado (*lato sensu*), em especial quando da aplicação das medidas de proteção relacionadas no art. 101, do ECA (desde que, logicamente, a criança ou adolescente tenha condição de exprimir sua vontade), tal qual expresso pelo art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 100, par. único, inciso XII, do ECA.

6 Vide Princípios 1º e 2º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959 e arts. 1º, 4º, 6º e 15 a 18, do ECA.

Art. 4º. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público [7] assegurar, com absoluta prioridade [8], a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à

profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária [9].

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende [10]:

a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias [11];

b) precedência do atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública [12];

c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas [13];

d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude [14].

7 O dispositivo, que praticamente reproduz a primeira parte do enunciado do art. 227, *caput*, da CF, procura deixar claro que a defesa/promoção dos direitos fundamentais assegurados à criança e ao adolescente, não é tarefa de apenas um órgão ou entidade, mas deve ocorrer a partir de uma *ação conjunta e articulada* entre família, sociedade/comunidade e Poder Público (em todas as esferas de governo - cf. arts. 86 e 100, par. único, inciso III, do ECA). Importante mencionar que, não por acaso, a *família* foi relacionada como a *primeira* das instituições convocadas a atuar na defesa dos direitos de crianças e adolescentes, haja vista que todo o trabalho desenvolvido em benefício destes deve ocorrer preferencialmente no âmbito familiar (vide também os princípios relacionados no art. 100, par. único, incisos IX e X, do ECA). Outra também não foi a razão de o *direito à convivência familiar* ter sido expressamente relacionado como um dos direitos fundamentais a serem assegurados com absoluta prioridade à criança e ao adolescente (arts. 4º, *caput* c/c 19 e sgts., do ECA e art. 227, da CF), tendo o legislador estatutário, como resposta ao enunciado do art. 226, *caput*, da CF, estabelecido inúmeros mecanismos de proteção à família (vide arts. 19, §3º, 23, par. único, 101, inciso IV e 129, incisos I a IV, todos do ECA), que também se encontram presentes em outros Diplomas (neste sentido, vide arts. 2º, inciso I, alíneas "a" e "b" c/c 23, §2º, inciso I, ambos da Lei nº 8.742/1993 - LOAS). Sobre o *dever* de *toda e qualquer pessoa* zelar pelo bem estar e pelo respeito aos direitos de crianças e adolescentes, vide ainda o disposto nos arts. 18 e 70, do ECA.

8 A presente disposição legal, também prevista no art. 227, *caput* da CF, encerra o *princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente*, que deve nortear a atuação de *todos*, em especial do *Poder Público*, para defesa/promoção dos direitos assegurados a crianças e adolescentes. A clareza do dispositivo em *determinar* que crianças e adolescentes não apenas recebam uma atenção e um tratamento *prioritários* por parte da família, sociedade e, acima de tudo, do Poder Público, mas que esta prioridade seja *absoluta* (ou seja, antes e acima de qualquer outra), somada à regra básica de hermenêutica, segundo a qual "*a lei não contém palavras inúteis*", não dá margem para qualquer dúvida acerca da área que deve ser atendida em *primeiríssimo lugar* pelas políticas públicas e ações de governo (como, aliás, expressamente consignou o parágrafo único, do dispositivo *sub examine*). O dispositivo, portanto, estabelece um verdadeiro *comando normativo* dirigido em especial *ao administrador público*, que em suas metas e ações *não tem alternativa outra além de priorizar - e de forma absoluta - a área infanto-juvenil*, como vem sendo reconhecido de forma reiterada por nossos Tribunais (exemplos dessa jurisprudência se encontram compilados ao longo da presente obra). Vide também os comentários ao art. 259, par. único, do ECA.

9 Vide arts. 5º, 98, 131, 148, inciso IV, 201, inciso VIII, 208 e 216, do ECA. O Título II do ECA (arts. 7º a 69), procura melhor explicitar no que exatamente consistem, um a um, os direitos fundamentais aqui relacionados, cuja violação, por ação ou omissão, dá ensejo à tomada de medidas, de ordem administrativa

e/ou judicial, para sua efetivação, sem prejuízo da *responsabilidade*, civil, administrativa e mesmo criminal do agente respectivo.

10 De modo a deixar claro o alcance da *norma imperativa* contida no *caput* do dispositivo e no art. 227, *caput*, da CF, o legislador procurou explicitar em que, concretamente, se traduz a garantia de prioridade *absoluta* à criança e ao adolescente, evitando assim maiores controvérsias sobre o tema. A enumeração do que compreende a garantia de prioridade absoluta, no entanto, é meramente *exemplificativa*.

11 Vide Princípio 8º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959. Em caso de acidentes e catástrofes naturais, portanto, os primeiros a serem socorridos e receberem cuidados médicos devem ser as crianças e os adolescentes, inclusive dada *presunção legal* de que, sozinhos, estes não têm condições de se proteger. O teor do dispositivo é ainda reforçado pelo disposto nos arts. 4º, 5º, 18 e 70, do ECA e 227, *caput*, da CF, que impõem a *todos* o *dever* de colocar crianças e adolescentes a salvo de qualquer perigo.

12 Vide art. 259, par. único, do ECA. Todos os serviços públicos ou de relevância pública devem se adequar ao atendimento *prioritário* (e em regime de prioridade *absoluta*) a crianças e adolescentes, para tanto melhor organizando as estruturas já existentes e/ou criando novas, contratando e capacitando pessoal etc. Esse "tratamento especial" (e preferencial) visa evitar que os interesses de crianças e adolescentes caiam na "vala comum" dos demais atendimentos ou - o que é pior - sejam relegados ao segundo plano, como usualmente ocorre. Como resultado, serviços públicos como os prestados pelos CREAS/CRAS e CAPS devem disponibilizar um atendimento diferenciado e prioritário para crianças, adolescentes e suas respectivas famílias, de modo que os exames, perícias, avaliações e sessões que se fizerem necessárias sejam realizados com o máximo de celeridade, por intermédio de uma equipe interprofissional habilitada (a interdisciplinariedade e o profissionalismo são da essência da sistemática de atendimento preconizada pela Lei nº 8.069/1990), e que o tratamento recomendado seja iniciado de imediato, com o acompanhamento devido, até a efetiva (e definitiva) solução do problema respectivo (que, desnecessário dizer, é o objetivo precípuo da intervenção realizada). O atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias prestado pelos CREAS/CRAS, CAPS ou por qualquer outro serviço público, portanto, deve primar pela *celeridade* e pela *especialização*, não sendo admissível, por exemplo, que sejam aqueles submetidos à mesma estrutura e sistemática destinada ao atendimento de outras demandas, de modo a aguardar no mesmo local e nas mesmas "filas" que estas a realização de exames ou tratamento, máxime por técnicos que não possuam a qualificação profissional devida. Os problemas enfrentados por crianças e adolescentes não podem esperar, devendo ser enfrentados e solucionados com o *máximo de urgência possível*, evitando assim o agravamento da situação e dos prejuízos por aqueles suportados, sendo certo que a *omissão* do Poder Público os coloca em *grave situação de risco* (cf. art. 98, inciso I, do ECA), tornando o agente público responsável *passível de punição* (cf. art.5º c/c arts.208 e 216, do ECA). Se já não bastasse tal constatação, a necessidade de um atendimento diferenciado também abrange o *espaço físico* onde este deve ser prestado, não apenas para tornar o ambiente mais agradável e propício ao acolhimento de crianças e adolescentes (estimulando seu retorno, nos casos de exames múltiplos ou de um tratamento prolongado), mas também para colocá-los a salvo de situações potencialmente vexatórias ou constrangedoras, que podem resultar da utilização do mesmo local destinado ao atendimento de outras demandas. No que diz respeito à atuação do Poder Judiciário (que logicamente também está sujeito a este princípio), vide art. 152, par. único e comentários aos arts. 146 e 198, inciso III, do ECA.

13 Vide art. 87, incisos I e II, 101, 112 e 129, do ECA. A garantia de prioridade absoluta à criança e ao adolescente já começa quando da elaboração das *políticas sociais básicas* (saúde, educação, habitação, saneamento etc.), a teor do disposto no art. 87, inciso I, do ECA, passando pelas políticas de assistência social (cf. art. 87, inciso II, do ECA e arts. 2º e 23, da LOAS), políticas de proteção especial (incluindo a prevenção) e socioeducativas (cf. arts. 101, 112 e 129, do ECA). Mais uma vez devemos nos reportar ao art. 259, par. único do ECA, cabendo ao Poder Público efetuar a adequação dos programas e serviços já existentes (sem prejuízo da obrigatória implementação de outros), ao atendimento preferencial e prioritário à população infanto-juvenil, conforme previsto nos citados art. 227, *caput*, da CF e art. 4º, *caput*, do ECA. Importante mencionar que, face o princípio jurídico-constitucional da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente, o administrador público (que na forma do art. 37, da CF, está *vinculado* ao *princípio da legalidade*) fica *obrigado* a implementar as supramencionadas *políticas públicas* destinadas à garantia da *plena efetivação* dos direitos infanto-juvenis assegurados pela lei e pela Constituição Federal, não podendo invocar seu suposto "poder discricionário" para privilegiar área diversa, não amparada por semelhante *mandamento* constitucional. Neste sentido, e apenas a título de exemplo, vale transcrever o seguinte aresto, dentre tantos outros de teor semelhante contidos ao longo da presente obra: *RECURSO ESPECIAL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. MATRÍCULA E FREQUÊNCIA DE MENORES DE ZERO A SEIS ANOS EM CRECHE DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL. DEVER DO ESTADO. 1. Hipótese em que o Ministério Público do Estado de São Paulo ajuizou Ação Civil Pública com o fito de assegurar a matrícula de duas crianças em creche municipal. O pedido foi julgado procedente pelo Juízo de 1º grau, porém a sentença foi reformada pelo Tribunal de origem. 2. Os arts. 54, IV, 208, III, e 213 da Lei 8.069/1990 impõem que o Estado propicie às crianças de até 6 (seis) anos de idade o acesso ao atendimento público educacional em creche e pré-escola. 3. É legítima a determinação da obrigação de fazer pelo Judiciário para tutelar o direito subjetivo do menor a tal assistência educacional, não havendo falar em discricionariedade da Administração Pública, que tem o dever legal de assegurá-lo. Precedentes do STJ e do STF. 4. Recurso Especial provido*. (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 511645/SP. Rel. Min. Herman Benjamin. J. em 18/08/2009).

14 Vide art. 227, *caput* da CF e arts. 90, §2º, 100, par. único, inciso III e 260, §5º, do ECA. O cumprimento deste verdadeiro *comando normativo*, decorrente do *princípio constitucional* da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente, *exige* a adequação dos *orçamentos públicos dos diversos entes federados* às necessidades específicas da população infanto-juvenil, através da previsão dos recursos indispensáveis à implementação de políticas básicas (art. 87, inciso I do ECA), políticas e programas de assistência social (art. 87, inciso II, do ECA) e programas de prevenção, proteção especial e socioeducativos (arts. 88, inciso III c/c 90, 101, 112 e 129, todos do ECA), com foco *prioritário* no atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias. Os orçamentos dos diversos órgãos públicos (cf. art. 90, §2º, do ECA) devem contemplar os planos de ação e de aplicação de recursos destinados à criação, manutenção e ampliação de uma "*rede de proteção*" à criança e ao adolescente, nos moldes do que for deliberado pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente (art. 88, inciso II, do ECA e arts. 227, §7º c/c 204, da CF), de acordo com as demandas e prioridades apuradas junto aos Conselhos Tutelares (art. 136, inciso IX, do ECA), Justiça da Infância e da Juventude e demais órgãos de defesa dos direitos infanto-juvenis, bem como aquelas apontadas nas Conferências dos Direitos da Criança e do Adolescente, periodicamente realizadas. No Paraná, vide ainda o disposto na Resolução nº 14/2009, de 30/07/2009 e a Instrução Normativa nº 36/2009, de 27/08/2009, ambas do Tribunal de Contas do Estado do Paraná, relativas aos procedimentos a serem observados pelas administrações municipais para comprovação do efetivo respeito ao aludido princípio constitucional da prioridade

absoluta à criança e ao adolescente, determinando sejam identificadas as despesas com ações, programas e serviços voltados ao atendimento da população infanto-juvenil em sede de previsão e execução orçamentárias, inclusive sob pena de desaprovação das contas prestadas. Vale dizer que, face o princípio jurídico-constitucional da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente, o administrador público (que na forma do art. 37, da CF, está *vinculado* ao *princípio da legalidade*) fica *obrigado* a destinar, no orçamento público, os recursos necessários à implementação das supramencionadas *políticas públicas* destinadas à garantia da *plena efetivação* dos direitos infanto-juvenis assegurados pela lei e pela Constituição Federal, não podendo invocar seu suposto "poder discricionário" para privilegiar área diversa, não amparada por semelhante *mandamento* constitucional. Neste sentido, e apenas a título de exemplo, vale transcrever o seguinte aresto, dentre tantos outros de teor semelhante contidos ao longo da presente obra: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. INÉPCIA PODER DISCRICIONÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. DESCUMPRIMENTO ORÇAMENTÁRIO. A peça vestibular do processo e muito clara e precisa ao indicar que pleiteia a formação de estrutura suficiente para concretização dos programas regionalizados de atendimento ao menor infrator, privado de liberdade. Apresenta, inclusive, minúcias sobre a postulação. Invoca o ECA, para amparar o pedido. Ademais, a matéria focada na preliminar, se confunde com o mérito. Não há um laivo sequer de afronta ou negação ao poder discricionário da administração pública, mas simples exigência do cumprimento da lei. Discricionariedade administrativa jamais poderá ser confundida com arbitrariedade é até irresponsabilidade. Para ela existe o controle das leis. O poder judiciário, no estrito cumprimento de sua função, estabelecida pela lei estadual acima mencionada, tomou todas as medidas cabíveis e colocou em pleno funcionamento aqueles juizados regionais. A administração pública estadual, de sua parte, não proporcionou as condições necessárias e imprescindíveis, para viabilizar que as decisões desses juizados pudessem ser cumpridas adequadamente. Sentença mantida. Recurso improvido*. (TJRS. 8ª C. Cív. Ac. nº 595133596. Rel. Des. José Ataides Siqueira Trindade J. em 18/03/1999).

Art. 5º. Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão [15], punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais [16].

15 Trata-se do desdobramento do contido no art. 227, *caput*, da CF e arts. 34 e 36, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. Vide também arts. 18 e 70, do ECA, que impõem a *todos* o dever de velar pelos direitos assegurados a crianças e adolescentes, auxiliando no combate a todas as formas de violência, negligência ou opressão.

16 Vide Princípios 9º, primeira parte e 10º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959; arts. 2º, nº 2, 19 e 36, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 208 e par. único, 216, 228 a 244-A e 245 a 258-B, do ECA e arts. 28 e 29 da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. O ECA relaciona inúmeras condutas atentatórias aos direitos de crianças e adolescentes que, se praticadas, podem caracterizar *crimes* (arts. 228 a 244-A) e outras que constituem as chamadas *infrações administrativas* (arts. 245 a 258-B). Ainda segundo os arts. 5º c/c 208, *caput* e par. único do ECA, a violação, por ação ou omissão, dos direitos infanto-juvenis, pode levar à *responsabilidade* civil e administrativa do agente respectivo, cuja apuração deve ser inclusive provocada pela autoridade judiciária que impuser condenação ao Poder Público, *ex vi* do disposto no art. 216 do ECA.

A defesa dos direitos infanto-juvenis, na forma da lei, deve ser proporcionada tanto pelos seus pais ou responsável legal (vide comentários ao art. 129, do ECA), quanto por qualquer cidadão (cf. arts. 18 e 70, do ECA). Existem, no entanto, órgãos oficiais que possuem tal incumbência de forma mais específica (como os Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente - art. 88, inciso II, do ECA, Conselhos Tutelares - art. 131, do ECA e Ministério Público - art. 201, do ECA). Para defesa dos direitos infanto-juvenis no plano judicial, vide arts. 141, 142, 148, inciso IV, 201, incisos III, V, VIII, IX, X e XI, e 210, todos do ECA. Vide também art. 227, §4º, da CF e art. 98, incisos I e II, do ECA. Ainda sobre a matéria, vide o Decreto nº 6.230/2007, de 11/10/2007, que estabelece o compromisso pela redução da violência contra crianças e adolescentes, com vista à implementação de ações de promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente, por parte da União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Estados e Distrito Federal, institui o Comitê Gestor de Políticas de Enfrentamento à Violência contra Criança e Adolescente, e dá outras providências; e também o Decreto nº 6.231/2007, de 11/10/2007, que institui o Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte - PPCAAM.

Art. 6º. Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais e a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento [17].

17 O presente dispositivo, que guarda alguma semelhança com o contido no art. 5º da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro (antiga Lei de Introdução ao Código Civil - Dec. Lei nº 4.657/1942, com a redação do enunciado alterada pela Lei nº 12.376/2010, de 30/12/2010), traz uma importante *regra de interpretação*, que por sua vez deve ser analisada em conjunto com os arts. 1º, 5º e 100 *caput* e par. único (notadamente seu inciso II), do ECA. Como resultado, reputa-se inadmissível que qualquer das disposições estatutárias seja interpretada - e muito menos aplicada - *em prejuízo* das crianças e/ou adolescentes que, em última análise, são as destinatárias da norma e da *integral proteção* por parte do Poder Público (inclusive do Poder Judiciário). Vide também art. 121, *caput*, terceira parte, do ECA. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - INTERPRETAÇÃO. O Estatuto da Criança e do Adolescente há de ser interpretado dando-se ênfase ao objetivo visado, ou seja, a proteção e a integração do menor no convívio familiar e comunitário, preservando-se-lhe, tanto quanto possível, a liberdade. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - SEGREGAÇÃO. O ato de segregação, projetando-se no tempo medida de internação do menor, surge excepcional, somente se fazendo alicerçado uma vez atendidos os requisitos do artigo 121 da Lei nº 8.069/90.* (STF. 1ª T. HC nº 88945/SP. Rel. Min. Marco Aurélio Melo. J. em 04/03/2008).

TÍTULO II - DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I - DO DIREITO À VIDA E À SAÚDE [18]

Art. 7º. A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas [19] que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência [20].

18 Vide Princípios 4º e 5º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959; arts. 6º e 24, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 196 a 200 e 227, §1º, da CF e art. 77, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Vide também Lei nº 8.080/1990, de 19/09/1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências e Lei nº 8.142/1990, de 28/12/1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Ainda sobre a matéria, vide Portaria nº 3.277/2006/GM/MS, de 22/12/2006, que dispõe sobre a participação complementar dos serviços privados de assistência à saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde e Portaria nº 2.048/2009, de 03/09/2009, que aprova o Regulamento do Sistema Único de Saúde. Em se tratando de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, vide também o disposto nos arts. 60 a 64, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

19 Vide arts. 4º, *caput* e par. único, alíneas "b", "c" e "d", e 87, inciso I, do ECA. O Poder Público, em todos os níveis (municipal, estadual e Federal), tem o *dever* de desenvolver *políticas públicas* voltadas à *proteção integral* da *saúde* de crianças e adolescentes, em regime da mais *absoluta prioridade*. Para tanto, deve prever os recursos necessários diretamente junto ao *orçamento* dos órgãos públicos encarregados da saúde, que por força do disposto no art. 198, da CF (com a nova redação que lhe deu a Emenda Constitucional nº 29/2000, de 13/09/2000), devem ser contemplados com determinados *percentuais mínimos* do produto da arrecadação dos impostos, hoje (e até a promulgação da Lei Complementar a que se refere o §3º, do citado dispositivo constitucional) fixados pelo art. 77, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Os referidos recursos orçamentários devem ser utilizados tanto para implementação da *política social básica* de saúde, cujo planejamento e ações *priorizem* crianças e adolescentes, quanto para as *políticas de proteção especial* correlatas, como é o caso de programas de orientação e tratamento psicológico e psiquiátrico, prevenção e tratamento para drogadição etc., nos moldes do previsto nos arts. 101, incisos V e VI e 129, incisos II, III e IV, do ECA. Sobre a matéria, vale transcrever o seguinte aresto: *APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. ORÇAMENTO ESTADUAL. SAÚDE PÚBLICA. APLICAÇÃO DE PERCENTUAL MÍNIMO. REGRA CONSTITUCIONAL. APLICAÇÃO IMEDIATA. DESNECESSIDADE DE REGULAMENTAÇÃO. 1. A norma constitucional determinou a aplicação de um mínimo, de doze por cento do produto da arrecadação dos impostos a que se refere o artigo 155 e dos recursos de que tratam os artigos 157 e 159, inciso I, alínea a, e inciso II, deduzidas as parcelas que forem transferidas aos respectivos Municípios. 2. Em se tratando de direito fundamental, a regra que estabelece um gasto mínimo também ostenta a mesma natureza fundamental, e, como tal, tem aplicabilidade imediata. 3. Não é possível restringir direitos fundamentais, como também não se pode interpretar um direito fundamental de maneira restritiva. Em outras palavras, normas constitucionais devem ser interpretadas à luz do princípio da máxima eficiência. Apelação Cível provida. Maioria.* (TJPR. 5ª C. Cív. Ac. nº 567006-8. Rel. Des. Rosene Arão de Cristo Pereira. J. em 01/09/2009).

20 Vide arts. 17, 18, 101, incisos V e VI, 112, §3º e 129, incisos II e III, c/c art. 208, inciso VII, todos do ECA, bem como art. 227, §1º e §3º, inciso VII, da CF.

Art. 8º. É assegurado à gestante **[21]**, através do Sistema Único de Saúde **[22]**, o atendimento pré e perinatal **[23]**.

§ 1º. A gestante será encaminhada aos diferentes níveis de atendimento, segundo critérios médicos específicos, obedecendo-se aos princípios de regionalização e hierarquização do Sistema [24].

§ 2º. A parturiente será atendida preferencialmente pelo mesmo médico que a acompanhou na fase pré-natal [25].

§ 3º. Incumbe ao Poder Público propiciar apoio alimentar à gestante e à nutriz que dele necessitem [26].

§ 4º. Incumbe ao poder público proporcionar assistência psicológica à gestante e à mãe, no período pré e pós-natal, inclusive como forma de prevenir ou minorar as consequências do estado puerperal [27].

§ 5º. A assistência referida no §4º deste artigo deverá ser também prestada a gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção [28].

21 Vide art. 226, §§7º e 8º, da CF; art. 2º, do CC e Portaria nº 426/2005/MS, de 22/03/2005, que institui, no âmbito do SUS, a Política Nacional de Atenção Integral em Reprodução Humana Assistida e dá outras providências. Interessante observar a preocupação do legislador em garantir o bem estar do feto, através do cuidado prestado à mãe/gestante, que deve ocorrer tanto no plano físico quanto emocional, começando já pelo *planejamento familiar*, valendo sobre a matéria observar o disposto na Lei nº 9.263/2003, de 12/01/2003, que regula o art. 226, §7º, da CF.

22 Vide art. 198, da CF e art. 4º, da Lei nº 8.080/1990, de 19/09/1990 e Portaria nº 2.048/2009/MS.

23 No estado do Paraná, a Lei Estadual nº 14.523/2004, de 26/10/2004, assegura à gestante o direito de realização de exames de detecção do HIV durante o pré-natal e/ou parto, bem como, em sendo positivada a enfermidade, o direito a acompanhamento especializado. A referida lei também assegura a crianças recém-nascidas, de mães portadoras de HIV, direito à assistência adequada que inclua: investigação diagnóstica e monitoramento para HIV até o segundo ano de vida; garantia de fornecimento de fórmula infantil para alimentação até o sexto mês de vida, bem como o uso correto de terapêutica anti-retroviral conforme indicação médica.

24 Vide Lei nº 8.080/1990, de 19/09/1990.

25 Vide Lei nº 11.634/2007, de 27/12/2007, que dispõe sobre o direito da gestante ao conhecimento e a vinculação à maternidade onde receberá assistência no âmbito do Sistema Único de Saúde.

26 Vide art. 203, inciso I, da CF; art. 87, inciso II, do ECA e art. 2º, inciso I, da Lei nº 8.742/1993 (Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS). Vide também o disposto na MP nº 2.206-1/2001 (Cria o Programa Nacional de Renda Mínima vinculado à saúde: "Bolsa-Alimentação" e sua regulamentação pelo Decreto nº 3.934/2001), Lei nº 11.265/2006, de 03/01/2006, que regulamenta a comercialização de alimentos para lactentes e crianças de primeira infância e Lei nº 11.346/2006, de 15/09/2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Sem prejuízo do auxílio oficial, é também possível à gestante pleitear alimentos junto ao pai da criança, nos moldes do previsto na Lei nº 11.804/2008, de 05/11/2008, que disciplina o direito a *alimentos gravídicos* e a forma como ele será exercido e dá outras providências. De acordo com a referida lei, a gestante pode pleitear do suposto pai de seu filho as verbas necessárias ao custeio das despesas adicionais do

período de gravidez e que sejam dela decorrentes, da concepção ao parto, inclusive as referentes a alimentação especial, assistência médica e psicológica, exames complementares, internações, parto, medicamentos e demais prescrições preventivas e terapêuticas indispensáveis, a juízo do médico, além de outras que o juiz considere pertinentes.

27 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. O objetivo da norma é identificar e tratar, com a devida antecedência, casos de gestantes e mães que, por apresentarem distúrbios de ordem psicológica, que acabam por rejeitar seus filhos e, em situações extremas, podem levar a seu abandono e mesmo à prática de infanticídio (este como decorrência do estado puerperal), conforme previsto no art. 123, do CP.

28 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 226, *caput* e §§7º e 8º, da CF; arts. 13, par. único e 19 e sgts., do ECA e Lei nº 8.560/1992, de 29/12/1992 (Averiguação Oficiosa de Paternidade). A assistência psicológica em tais casos visa, num primeiro momento, fazer com que a gestante *reflita melhor* acerca de seu intento de entregar seu filho para adoção (afinal, o direito que está em causa - o direito à convivência familiar - tem como titular *a criança*, e na forma da lei deve ser exercido *preferencialmente* no seio de sua família natural ou extensa - cf. art. 19 e sgts., do ECA), devendo ser acompanhada de orientação acerca das consequências do ato (cf. arts. 100, par. único, incisos X e XI; art. 166, §§2º e art. 6º, do ECA) e do fato de em jogo estar o direito *da criança* em saber de sua origem biológica (cf. art. 48, do ECA), inclusive quanto à sua paternidade (que pode ser objeto de demanda específica, manejada, se necessário, pelo Ministério Público, nos moldes do previsto na Lei nº 8.560/1992). Caso a mãe esteja decidida a promover a entrega de seu filho para adoção, deve ser orientada a proceder na forma da lei, devendo ser encaminhada à Justiça da Infância e da Juventude (cf. art. 13, par. único, do ECA), sob pena da prática da *infração administrativa* prevista no art. 258-B, do ECA.

Art. 9º. O Poder Público, as instituições e os empregadores propiciarão condições adequadas ao aleitamento materno **[29]**, inclusive aos filhos de mães submetidas a medida privativa de liberdade **[30]**.

29 Vide art. 7º, inciso XXV, da CF, arts. 389, §1º e 396, *caput* e par. único, todos da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT e Portaria nº 3.296/1986, do Ministério do Trabalho. O aleitamento materno, cujos benefícios para as crianças, ao menos até o sexto mês de vida, dispensam comentários, deve ser estimulado, através de campanhas de orientação (cf. art. 129, inciso IV, do ECA). A CLT prevê, em seu art. 389, §§1º e 2º, que os estabelecimentos em que trabalharem *pelo menos 30 (trinta) mulheres com mais de 16 (dezesseis) anos de idade*, deverão ter local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância os seus filhos no período de amamentação. Tal exigência poderá ser suprida por meio de creches, mantidas diretamente pela empresa ou mediante convênios com outras entidades públicas ou privadas, em regime comunitário, ou a cargo do SESI, do SESC ou de entidades sindicais. A Portaria nº 3.296/1986, do Ministério do Trabalho, autoriza as empresas e empregadores em geral a adotar o sistema de "*Reembolso-Creche*", em substituição à exigência contida no art. 389, §1º, da CLT. De acordo com a citada norma, o reembolso deverá ser concedido a toda empregada-mãe, independente do número de mulheres do estabelecimento, e sem prejuízo do cumprimento dos demais preceitos de proteção à maternidade, devendo cobrir, integralmente, as despesas efetuadas com o pagamento da creche de livre escolha da empregada mãe, pelo menos até os 06 (seis) meses de idade da criança. A Constituição Federal, por sua vez, relaciona, entre os "Direitos Sociais" assegurados aos

trabalhadores em geral, a "*assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré-escolas*" (art. 7º, inciso XXV). Especificamente sobre creches, vide comentários ao art. 54, inciso IV, do ECA.

30 Vide art. 5º, inciso L, da CF e art. 89, da Lei nº 7.210/1984 (Lei de Execução Penal) e art. 63, §2º, da Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

Art. 10. Os hospitais e demais estabelecimentos de atenção à saúde de gestantes, públicos e particulares, são obrigados **[31]** a:

I - manter registro das atividades desenvolvidas, através de prontuários individuais, pelo prazo de dezoito anos **[32]**;

II - identificar o recém-nascido mediante o registro de sua impressão plantar e digital e da impressão digital da mãe, sem prejuízo de outras formas normatizadas pela autoridade administrativa competente **[33]**;

III - proceder a exames visando ao diagnóstico e terapêutica de anormalidades no metabolismo do recém-nascido **[34]**, bem como prestar orientação aos pais **[35]**;

IV - fornecer declaração de nascimento onde constem necessariamente as intercorrências do parto e do desenvolvimento do neonato **[36]**;

V - manter alojamento conjunto, possibilitando ao neonato a permanência junto à mãe **[37]**.

31 Vide arts. 4º e 5º, do ECA. São aqui estabelecidas algumas *obrigações específicas* aos estabelecimentos de atenção à saúde de gestantes, públicos e particulares, cujo descumprimento pode trazer consequências nas esferas civil, administrativa e mesmo criminal.

32 Vide art. 228 do ECA - a omissão do registro, em tese, caracteriza *crime*.

33 A norma visa impedir a ocorrência de "troca de bebês" ou mesmo a subtração de incapazes, no âmbito dos estabelecimentos de atenção à saúde. Em ocorrendo qualquer destas situações, surge o dever de indenizar a(s) família(s) prejudicada(s). Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO DE INDENIZAÇÃO. DANO MORAL. TROCA DE BEBÊS NO HOSPITAL EM SEGUIDA AO NASCIMENTO. NEGLIGÊNCIA DA INSTITUIÇÃO. DANO MORAL CARACTERIZADO. INDENIZAÇÃO DEVIDA. Restando comprovada a troca dos bebês e o nexo de causalidade entre o ato e o sofrimento suportado pelas vítimas, devida a indenização.* (TJMG. 12ª C. Cív. Ap. Cív. nº 2.0000.00.489705-8/000. Rel. Des. José Flávio de Almeida. J. em 17/01/2007). No Paraná, foi editada a Lei Estadual nº 14.991/2006, de 06/01/2006, dispondo sobre adoção de medidas de segurança, pelos hospitais, casas de saúde e maternidades, que evitem, impeçam ou dificultem a troca de recém-nascidos em suas dependências, tornando obrigatório: I - a utilização de pulseiras de identificação numeradas para mãe e filho na sala de parto; II - a utilização de grampo umbilical enumerado com o número correspondente ao da pulseira; III - a utilização de kit de coleta de material genético de todas as mães e filhos ali internados, coletados na sala de parto para arquivamento na unidade de saúde a disposição da Justiça, e IV - a apresentação do devido registro de nascimento quando da saída do recém-nascido da instituição, bem como a identificação dos responsáveis pela liberação em livro de controle fornecido pelo estabelecimento (cf. art. 2º, do referido Diploma Legal). A falta da correta identificação do recém-nascido e sua mãe, em tese, caracteriza o *crime* tipificado no art. 229 do ECA.

34 Vide Portaria nº 1.069/2002/GM, de 05/06/2002, que cria o mecanismo que regulamenta o tratamento da fenilcetonúria, do hipotireoidismo congênito e da anemia falciforme. O mais conhecido dos exames realizados para detecção de tais doenças é o "*teste do pezinho*". No Estado do Paraná, a Lei Estadual nº 14.588/2004, de 14/12/2004, estabelece ainda a obrigatoriedade da realização do exame para diagnóstico precoce de surdez nos bebês nascidos nas maternidades e estabelecimentos hospitalares públicos e privados do Estado (exame de Emissões Otoacústicas Evocadas, mais conhecido por "*Teste da Orelhinha*"), a Lei Estadual nº 14.601/2004, de 28/12/2004, estabelece a obrigatoriedade do exame de diagnóstico clínico de catarata congênita em todas as crianças nascidas nos mesmos estabelecimentos de saúde, através da técnica conhecida como "*reflexo vermelho*" (também chamado "*Teste do Olhinho*", regulamentado pela Resolução nº 367/2009/SESA), e a Lei Estadual nº 15.360/2006, de 17/12/2006, dispõe que as maternidades e estabelecimentos hospitalares congêneres do Estado ficam obrigados a encaminhar, para exame de diagnóstico de retinoblastoma, todas as crianças nascidas em suas dependências. Consta que o exame será orientado pelo pediatra e realizado pelo oftalmologista. Os resultados positivos de retinoblastoma, serão encaminhados para tratamento, para em prazo não superior a 30 (trinta) dias. A não realização dos exames a que se refere o dispositivo, em tese, caracteriza o *crime* tipificado no art. 229 do ECA.

35 A orientação aos pais deve abranger aspectos relacionados ao tratamento necessário, bem como à necessidade de eventual encaminhamento a programas e serviços complementares, observado o disposto nos arts. 129, incisos I a IV e 100, par. único, inciso XI, do ECA.

36 O não fornecimento - *gratuito* - da declaração de nascimento (que será inclusive utilizada para fins de registro civil da criança), em tese, caracteriza o *crime* tipificado no art. 228 do ECA.

37 Vide art. 12, do ECA e art. 19-J, da Lei nº 8.080/1990, de 19/09/1990, com a redação que lhe deu a Lei nº 11.108/2005, de 07/04/2005, segundo o qual: "*os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde - SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato*", incumbindo à parturiente a indicação deste acompanhante (cf. §1º, do referido dispositivo). No mesmo sentido, vide Portaria nº 2.418/2005, de 02/12/2005, do Ministério da Saúde e art. 63, §2º, da Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

Art. 11. É assegurado atendimento integral à saúde da criança e do adolescente, por intermédio do Sistema Único de Saúde, garantido o acesso universal e igualitário às ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde [38].

§ 1º. A criança e o adolescente portadores de deficiência receberão atendimento especializado [39].

§ 2º. Incumbe ao Poder Público fornecer gratuitamente àqueles que necessitarem os medicamentos, próteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação [40].

38 Artigo com redação dada pela Lei nº 11.185/2005, de 07/10/2005. Vide arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" (precedência de atendimento), do ECA, bem como arts. 196 e sgts. c/c 227, *caput* e §1º, da CF. Vide também Resolução nº 41/1995, do CONANDA e Lei nº 10.216/2001, de 06/04/2001, assim como Portarias nºs 336/2002/GM, de 19/02/2002 e 245/2005/GM, de 17/02/2005,

que dispõem sobre os Centros de Atenção Psicossocial - CAPs. A previsão de acesso *igualitário* às ações e serviços de saúde não significa deva o gestor do Sistema de Saúde deixar de disponibilizar um atendimento *diferenciado* e *especializado* a crianças, adolescentes e suas respectivas famílias. Com efeito, necessário se faz o desenvolvimento de uma *metodologia própria* para o enfrentamento das diversas demandas e situações peculiares que irão ocorrer, tendo sempre por norte o *princípio da proteção integral à criança e ao adolescente*, que se constitui na razão de ser da intervenção estatal. Tal *sistemática diferenciada* deverá necessariamente contemplar instalações físicas adequadas, em local diverso (ou isolado) daquele destinado ao atendimento das outras demandas a cargo do SUS, de modo a preservar a imagem, a identidade e a intimidade das crianças e adolescente atendidas (cf. arts. 17 e 18, do ECA), a *qualificação profissional* de todos aqueles que atuam no setor, a *articulação de ações* com outros órgãos e serviços municipais (como o CREAS/CRAS), bem como autoridades encarregadas do atendimento e/ou defesa dos direitos de crianças e adolescentes, como o Conselho Tutelar, o Ministério Público, a Justiça da Infância e da Juventude, os órgãos policiais encarregados de atendimento de crianças e adolescentes vítimas de crime, bem como de adolescentes acusados da prática de ato infracional etc.

39 Vide Princípio 5º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959; arts. 24 e 25, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 227, §1º, inciso II, da CF. No mesmo sentido, dispõe o art. 112, §3º, do ECA. Vide também o Dec. Legislativo nº 186/2008, de 09/07/2008, que aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007 e Decreto nº 6.949/2009, de 25/08/2009, que a promulga; Lei nº 10.048/2000, de 08/11/2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica; Lei nº 10.098/2000, de 19/12/2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, bem como Decreto nº 5.296/2004 de 02/12/2004, que a ambas regulamenta, e Lei nº 11.133/2005, de 14/07/2005, que institui o dia 21 de setembro como o "*Dia Nacional de Luta da Pessoa Portadora de Deficiência*". No Paraná, vide também o disposto na Lei Estadual nº 15.984/2008, de 27/11/2008, que dispõe que os hospitais e maternidades estaduais prestarão assistência especial às parturientes cujos filhos recém-nascidos apresentem qualquer tipo de deficiência crônica que implique tratamento continuado, constatado durante o período de internação para o parto, conforme especifica.

40 Vide Portaria nº 1.820/2009/GM, de 13/08/2009, que dispõe sobre os "direitos e deveres" dos usuários da saúde, incluindo o fornecimento de medicamentos e do tratamento que necessitar. Vide também arts. 4º, par. único, alíneas "b" e "c" e 259, par. único, do ECA, relativo ao atendimento prioritário que deve ser dispensado a crianças e adolescentes. A responsabilidade dos Entes Federados pela plena efetivação do direito à saúde de crianças e adolescentes (o que abrange o custeio de tratamento em outros municípios/estados ou mesmo entidades particulares, se não disponível o equipamento público correspondente), é *solidária*, nos moldes do previsto no art. 100, par. único, inciso III, do ECA. Neste sentido: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. ECA. INTERNAÇÃO POR DROGADIÇÃO. ILEGITIMIDADE PASSIVA DO MUNICÍPIO. DESCABIMENTO. Em se tratando de pedido de internação compulsória de adolescente para tratamento de drogadição severa, existe solidariedade passiva entre a União, os Estados e os Municípios, cabendo ao necessitado escolher quem deverá lhe fornecer o tratamento pleiteado. O fornecimento de tratamento médico ao menor, cuja família não dispõe de recursos econômicos, independe de previsão orçamentária, tendo em vista que a Constituição Federal, ao assentar, de forma cogente, que os direitos das crianças e adolescentes devem ser*

tratados com prioridade, afasta a alegação de carência de recursos financeiros como justificativa para a omissão do Poder Público. Aplica-se o 'Princípio da Reserva do Possível' quando demonstrada a carência orçamentária do Poder Público e o atendimento solicitado (tratamento médico) não se enquadra entre os casos de extrema necessidade e urgência. RECURSO DESPROVIDO. (TJRS. 8ª C. Cív. A.I. nº 70027420009. Rel. Des. Claudir Fidelis Faccenda. J. em 24/11/2008); *REEXAME NECESSÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA COM PEDIDO DE ANTECIPAÇÃO DE TUTELA. Estado condenado a prestar acesso e o serviço de saúde a menor em outra unidade da Federação. Sentença monocrática confirmada. É dever do Estado custear as despesas para tratamento médico em outra Unidade da Federação quando não proporciona, em seu território, o tratamento requerido pelo menor, pois cabe-lhe assegurar o direito à vida e à saúde de todos, em especial, à criança e ao adolescente, nos termos dos arts. 196 e 227 da Constituição Federal c/c os arts. 4º, 7º e II, do Estatuto da Criança e do Adolescente, e arts. 135 e 138 da Constituição Estadual.* (TJPR. C.M. Reex. Necess. nº 004/01. Rel. Des. Roberio Nunes. Publ. DJ de 16/05/2001, pág. 03); e *APELAÇÃO. ECA. SAÚDE. FORNECIMENTO DE CADEIRA DE RODAS. Necessidade. A necessidade do tratamento vem comprovada através de laudos médicos, onde consta que a menor é portadora de Paralisia Cerebral do tipo Tetraparesia Espástica Moderada (CID G80) e que necessita fazer uso de cadeira de rodas especial (Star Juvenil 36 cm Baxmann Jaguaribe) em face do seu deficitário controle de tronco e cervical. Pedido Administrativo e interesse de agir. A inafastabilidade do controle jurisdicional, afirmada no inciso XXXV, do artigo 5º, da Constituição da República, assegura o acesso à justiça, independentemente de esgotamento ou provocação da via administrativa, salvo exceção do §1º, do artigo 217, da mesma Constituição. Direito à Saúde, Separação de Poderes e Princípio da Reserva do Possível. A condenação do Poder Público para que forneça tratamento médico ou medicamento à criança e ao adolescente, encontra respaldo na Constituição da República e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Em razão da proteção integral constitucionalmente assegurada à criança e ao adolescente, a condenação dos entes estatais ao atendimento do direito fundamental à saúde não representa ofensa aos princípios da separação dos poderes, do devido processo legal, da legalidade ou da reserva do possível. Direito, Política e Indisponibilidade Orçamentária. A falta de previsão orçamentária do estado para fazer frente às despesas com obrigações relativas à saúde pública revela o descaso para com os administrandos e a ordem constitucional, e que não afasta ou fere a independência dos poderes. Substituição da marca do produto. Não é possível a substituição do produto por outro mais viável economicamente, porquanto não há prova de que terá o mesmo efeito daquele indicado nos autos*. (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70030919344. Rel. Des. Rui Portanova. J. em 13/08/2009).

Art. 12. Os estabelecimentos de atendimento à saúde deverão proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente [41].

41 Vide art. 101, inciso V, do ECA e Lei nº 11.104/2005, de 21/03/2005, que dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Vide também item nº 5 da Resolução nº 41/1995, do CONANDA. A permanência de um dos pais ou responsável como acompanhantes de criança ou adolescente internada é um direito que deve ser a estas assegurado, sob pena de responsabilidade, nos moldes do previsto nos arts. 5º, 208 e 216, do ECA. A efetivação deste direito deve incluir a orientação aos pais/responsável, assim como a adequação das respectivas instalações, devendo em qualquer caso ser observado o disposto nos arts. 17 e 18, do ECA.

Art. 13. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais [42].

Parágrafo único. As gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção serão obrigatoriamente encaminhadas à Justiça da Infância e da Juventude [43].

42 Vide art. 19, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 18, 56, inciso I, 70, 130 e 245, do ECA e art. 136, do CP. A simples *suspeita* de maus-tratos (termo que deve ser interpretado de forma ampliativa, compreendendo a violência, em todas as suas formas e/ou o abuso sexual) já torna a comunicação obrigatória. A *omissão* da comunicação, em tese, importa na prática de *infração administrativa* prevista no art. 245, do ECA. Em que pese a alusão ao Conselho Tutelar, é mais adequado que os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos (e outros crimes praticados contra crianças e adolescentes) sejam comunicados diretamente ao Ministério Público, ao qual incumbe, em última análise, propor ação penal contra os autores da infração, requerer o afastamento do agressor da moradia comum (cf. art. 130, do ECA) e mesmo a suspensão ou destituição do poder familiar (cf. arts. 201, inciso III c/c arts. 155 a 163, do ECA), medidas que somente poderão ser decretadas pela autoridade judiciária. Ademais, como não incumbe ao Conselho Tutelar a investigação criminal acerca da efetiva ocorrência de maus-tratos e/ou a decisão acerca da propositura, ou não, das aludidas ações, uma vez acionado somente caberia ao órgão proceder na forma do disposto no art. 136, inciso IV, do ECA, ou seja, *encaminhar a notícia do fato ao Ministério Público*. É admissível, no entanto, a *articulação* de ações (cf. art. 86, do ECA) entre o Conselho Tutelar e o Ministério Público e os órgãos de investigação policial, de modo que possa aquele intervir, em regime de colaboração com estes, não para investigar o fato, mas para aplicar à vítima e sua família eventuais medidas de proteção (arts. 136, inciso I e II c/c 101, incisos I a VII e 129, incisos I a VII, do ECA) e/ou mesmo solicitar (e, se necessário, *requisitar* - cf. art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA) a intervenção de profissionais que poderão auxiliar o Ministério Público e a autoridade policial na coleta das declarações da vítima e na coleta de outras provas. Interessante também observar que o art. 245, do ECA não se refere especificamente ao Conselho Tutelar, apenas, mas sim à "*autoridade competente*", que no caso para apuração da prática de infração penal contra criança ou adolescente, será o Ministério Público (poder-se-ia falar também da polícia judiciária, porém, pela sistemática estabelecida pelo ECA, e pelos desdobramentos do fato, que podem, como dito, resultar em medias de cunho extrapenal, é preferível acionar diretamente o MP). De uma forma ou de outra, a simples *suspeita* da ocorrência de maus-tratos já torna *obrigatória* a aludida comunicação, sob pena da prática da *infração administrativa* respectiva, devendo os gestores responsáveis pelo setor de saúde promover a devida *orientação* (e *conscientização*) dos profissionais da área, bem como fornecer mecanismos destinados a facilitar as denúncias, como "fichas de notificação obrigatória" ou similares. As denúncias de abuso ou violência sexual contra crianças e adolescentes podem ser também efetuadas através do telefone "100", que é o número do "*Disque-Denúncia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes*", mantido pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos - SEDH. Nos estados, denúncias podem ser também encaminhadas ao número 181, e a Lei nº 12.003/2009, de 29/07/2009 criou um número de telefone único para o Conselho Tutelar em todo Brasil, ainda a ser definido.

43 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 8º, §5º, 238 e 258-B, do ECA. O objetivo do legislador foi *coibir* práticas ilegais, abusivas e

mesmo criminosas como a "adoção à brasileira" e a entrega de filho com vista à adoção mediante paga ou promessa de recompensa. As gestantes que manifestam interesse em entregar seus filhos para adoção devem receber a devida orientação psicológica e também jurídica, de modo que a criança tenha identificada sua paternidade (nos moldes do previsto na Lei nº 8.560/1992) e lhe sejam asseguradas condições de permanência junto à família de origem ou, se isto por qualquer razão não for possível, seja então encaminhada para *adoção legal*, junto a pessoas ou casais regularmente habilitados e cadastrados (cf. art. 50, §§ 3º e 13, do ECA).

Art. 14. O Sistema Único de Saúde promoverá programas de assistência médica e odontológica para a prevenção [44] das enfermidades que ordinariamente afetam a população infantil, e campanhas de educação sanitária para pais [45], educadores e alunos [46].

Parágrafo único. É obrigatória a vacinação das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias [47].

44 Vide art. 70, do ECA. A *prevenção*, tanto sob o prisma geral (coletivo), quanto no plano individual, é uma preocupação constante da sistemática introduzida pelo ECA, na perspectiva de evitar a ocorrência de danos a crianças e adolescentes. O não oferecimento ou a oferta irregular deste programa (que na verdade se constitui num serviço público, que deve possuir um caráter *permanente*), pode levar à *responsabilidade civil e administrativa* do gestor da saúde, conforme previsto pelo art. 208, inciso VII, do ECA).

45 Vide arts. 100, par. único, incisos IX e XI e 129, inciso IV, do ECA.

46 Vide art. 205, da CF e arts. 53, *caput* e 101, inciso II, do ECA. O dispositivo evidencia a necessidade de *articulação* entre os setores da *educação* e *saúde* (nos moldes do previsto no art. 86, do ECA), para que as ações de saúde sejam executadas no âmbito das escolas, numa perspectiva eminentemente *preventiva*. No Paraná, vide Lei Estadual nº 16.105/2009, de 18/05/2009, que institui a Semana de Orientação Sobre a Gravidez na Adolescência, na primeira semana do mês de maio.

47 Vide Lei nº 6.259/1975, que dispõe sobre a organização das ações de vigilância epidemiológica, sobre o Programa Nacional de Imunizações, estabelece normas relativas à notificação compulsória de doenças, e dá outras providências; Decreto nº 78.231/1976 e Portaria nº 1.602/2006/GM (que institui os calendários de vacinação).

CAPÍTULO II - DO DIREITO À LIBERDADE, AO RESPEITO E À DIGNIDADE

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas [48] em processo de desenvolvimento [49] e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis [50].

48 Vide art. 1º, inciso III, da CF e art. 1º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, Adotada e proclamada pela Resolução nº 217-A (III), da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10/12/1948. O princípio da dignidade da pessoa humana é universalmente consagrado, sendo inerente a todo ser humano, independentemente da idade.

49 Vide art. 6º, *in fine*, do ECA.

50 Vide arts. 1º, inciso III, 5º, 227, *caput* e §3º, inciso V, da CF e arts. 3º, 4º, *caput*, 5º, 6º, 100, par. único, inciso I e 121, *caput*, terceira parte, do ECA. Os direitos de crianças e adolescentes contemplados pela Lei nº 8.069/90 são, essencialmente, *direitos humanos*, aos quais se somam direitos civis e sociais que também são previstos em outras leis e na própria Constituição Federal. A violação de tais direitos, assim como ocorre em relação aos demais, é passível de reparação, inclusive, a título de danos morais, ainda que os agentes sejam os próprios pais da criança ou adolescente. Neste sentido: *INDENIZAÇÃO DANOS MORAIS. RELAÇÃO PATERNO-FILIAL. PRINCÍPIO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA. PRINCÍPIO DA AFETIVIDADE. A dor sofrida pelo filho, em virtude do abandono paterno, que o privou do direito à convivência, ao amparo afetivo, moral e psíquico, deve ser indenizável, com fulcro no princípio da dignidade da pessoa humana.* (TA/MG. 7ª C. Civ. Ap. Civ. nº 408.550-5. Rel. Juiz Unias Silva. J. em 01/04/2004).

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais **[51]**;

II - opinião e expressão **[52]**;

III - crença e culto religioso **[53]**;

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se **[54]**;

V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação **[55]**;

VI - participar da vida política, na forma da lei **[56]**;

VII - buscar refúgio, auxílio e orientação **[57]**.

51 Vide art. 5º, inciso XV, da CF. Vide também arts. 106 e 230, do ECA. Sobre as restrições ao acesso de crianças e adolescentes aos locais de diversão vide comentários aos arts. 74, 75, 80 e 149, do ECA.

52 Vide arts. 12, 13 e 14, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 5º, incisos IV e IX, da CF e arts. 28, §1º, 45, §2º, 111, inciso V, 100, par. único, inciso XII, 124, incisos I, II, III e VIII, 161 §2º e 168, do ECA. Tal dispositivo reafirma a obrigatoriedade da oitiva da criança ou adolescente quando da aplicação de medidas de proteção e socioeducativas, conforme arts. 101 e 112, do ECA, também prevista no *princípio* contido no art. 100, par. único, inciso XII, também do ECA.

53 Vide art. 12, nºs 1 e 2, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 5º, incisos VI, VII e VIII, da CF e arts. 94, inciso XII e 124, inciso XIV, do ECA. Embora a religiosidade e a espiritualidade se constituam em valores positivos, que mereçam ser cultivados, não é admissível que a religião seja o foco central das atividades desenvolvidas com crianças e adolescentes em situação de risco ou vinculados a medidas socioeducativas, muito menos que determinada crença ou culto religioso seja imposto às crianças, adolescentes e famílias atendidas por determinada entidade, ainda que seja esta vinculada a alguma igreja, congregação ou seita. Devem os Conselhos Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente (cf. arts. 88, incisos II e III, 90, §§1º e 3º e 91, *caput* e §1º, do ECA), zelar para que os programas de atendimento desenvolvidos por qualquer entidade sejam de caráter *laico* ou *ecumênico* (ou ao menos que não tenham a religião como "foco central" de sua atuação e nem obriguem a pessoa atendida frequentar cultos, adotar determinada religião ou deixem de aceitar/excluam aqueles que professam religião diversa), ficando cada

criança, adolescente e/ou família atendidos livres para seguirem (ou não) a religião ou crença que melhor lhes aprouver.

54 Vide art. 31, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 71 e 94, inciso XI, do ECA. Vide também Lei nº 10.891/2004, de 09/07/2004, que institui a Bolsa-Atleta, destinada aos atletas praticantes do desporto de rendimento em modalidades olímpicas e paraolímpicas, bem como naquelas modalidades vinculadas ao Comitê Olímpico Internacional - COI e ao Comitê Paraolímpico Internacional, disponível a atletas a partir dos 14 (quatorze) anos, para a obtenção das Bolsas Atleta Nacional, Atleta Internacional Olímpico e Paraolímpico, e a partir dos 12 (doze) anos, para a obtenção da Bolsa-Atleta Estudantil.

55 Vide art. 5º, do ECA. Mais uma vez é dada ênfase ao direito à convivência familiar e comunitária (art. 4º, *caput* c/c arts. 19 a 24, 92, inciso VII, 94, inciso V e 100, *caput*, todos do ECA e art. 227, *caput*, da CF), em contraposição à institucionalização de crianças e adolescentes.

56 Vide art. 14, §1º, inciso II, alínea "c" da CF (alistamento eleitoral e voto *facultativo* para maiores de dezesseis anos de idade e menores de 18 anos) e art. 53, inciso IV, do ECA. Vale enfatizar que, além de não ser obrigatório o voto para adolescentes (ainda que emancipados), não existe, em nosso ordenamento jurídico, cargo ou função política para o/a qual pessoas com idade inferior a 18 (dezoito) anos possam ser eleitas.

57 Vide arts. 93 e 101, incisos II a VII e §1º, do ECA. Um dos direitos mais elementares de todas as crianças e adolescentes é o de ter, próximo de si, um adulto responsável por sua orientação, estabelecendo regras e limites, corrigindo eventuais desvios, dando bons exemplos, enfim, *educando* (no sentido mais puro da palavra, cf. art. 53, do ECA e art. 205, da CF). Tal tarefa incumbe primeiramente à *família de origem* da criança ou adolescente, que não raro, para exercê-la de forma adequada e responsável, terá de receber o apoio e a orientação de órgãos e programas específicos de atendimento (cf. arts. 101, inciso IV e 129, inciso IV, do ECA, que encontram respaldo no art. 226, da CF).

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais [58].

58 Vide arts. 7º, 8º e 16 da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 5º, incisos VI, X, XII e XXII, e LX da CF; arts. 53, inciso II, 94, incisos IV e XVII, 100, par. único, incisos I e V, 125, 143, 178 e 247, todos do ECA, e Decretos nºs 6.230/2007, de 11/10/2007 e 6.231/2007, de 11/10/2007. Ainda sobre a matéria vide também o disposto na Súmula nº 403, do STJ, de 24/11/2009, segundo a qual: "*Independe de prova do prejuízo a indenização pela publicação não autorizada de imagem de pessoa com fins econômicos ou comerciais*".

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor [59].

59 Vide art. 227, *caput*, da CF e arts. 4º, *caput*, 5º, 17, 70, 87, inciso III, 108 e par. único e 232 todos do ECA. A lei, com base na Constituição Federal, impõe a *todos* a obrigação de respeitar e fazer respeitar os direitos de crianças e adolescentes, tendo cada cidadão o *dever de agir em sua defesa*, diante de

qualquer ameaça ou violação. A inércia, em tais casos, pode mesmo levar à responsabilização daquele que se omitiu (valendo neste sentido observar o disposto no art. 5º, *in fine*, do ECA), sendo exigível de toda pessoa que toma conhecimento de ameaça ou violação ao direito de uma ou mais crianças e/ou adolescentes, no mínimo, a *comunicação do fato* (ainda que se trate de mera suspeita), aos órgãos e autoridades competentes. Ainda sobre a matéria, vide arts. 13 e 56, do ECA e Decretos nºs 6.230/2007, de 11/10/2007 e 6.231/2007, de 11/10/2007.

CAPÍTULO III - DO DIREITO À CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA [60]

Seção I - Disposições Gerais

Art. 19. Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e excepcionalmente, em família substituta [61], assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes [62].

§ 1º. Toda criança ou adolescente que estiver inserido em programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada, no máximo, a cada 6 (seis) meses, devendo a autoridade judiciária competente, com base em relatório elaborado por equipe interprofissional ou multidisciplinar, decidir de forma fundamentada pela possibilidade de reintegração familiar ou colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei [63].

§ 2º. A permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de 2 (dois) anos, salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária [64].

§ 3º. A manutenção ou reintegração de criança ou adolescente à sua família terá preferência em relação a qualquer outra providência, caso em que será esta incluída em programas de orientação e auxílio, nos termos do parágrafo único do art. 23, dos incisos I e IV do *caput* do art. 101 e dos incisos I a IV do *caput* do art. 129 desta Lei [65].

60 Vide Princípio 6º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959; arts. 9º e 18, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 226 e 227, *caput*, da Constituição Federal e arts. 4º, *caput*, 87, incisos VI e VII, 88, inciso VI, 90, incisos I a III, 100 *caput*, segunda parte e par. único, inciso IX, 101, incisos I e IV, 129, incisos I a IV e 208, inciso IX, do ECA. Trata-se de um dos direitos fundamentais a serem assegurados a todas as crianças e adolescentes com a mais *absoluta prioridade*, tendo a lei criado mecanismos para, de um lado (e de forma preferencial), permitir a manutenção e o fortalecimento dos vínculos com a família natural (ou de origem) e, de outro, quando por qualquer razão isto não for possível, proporcionar a inserção em família substituta de forma criteriosa e responsável, procurando evitar os efeitos deletérios tanto da chamada "institucionalização" quanto de uma colocação familiar precipitada, desnecessária e/ou inadequada. Na forma da lei, a garantia do pleno e regular

exercício do direito à convivência familiar por todas as crianças e adolescentes, como de resto ocorre em relação aos demais direitos previstos no citado art. 227, *caput*, de nossa Carta Magna e Lei nº 8.069/1990, reclama a elaboração e implementação de uma *política pública específica*, de caráter *intersetorial* e *interinstitucional*, pois irá demandar ações nas áreas da assistência social, saúde, educação etc., com uma *atuação conjunta e coordenada* nas apenas entre os respectivos setores da administração, mas também entre estes e o Conselho Tutelar, o Ministério Público e o Poder Judiciário, além de entidades não governamentais que executem (ou venham a executar) os programas de atendimento àquela relacionados. Dentre as ações a serem implementadas como decorrência natural (e obrigatória) desta política, podemos citar os programas de orientação e apoio sociofamiliar (cf. arts. 90, inciso I, 101, inciso IV e 129, incisos I a IV, do ECA), destinados fundamentalmente a evitar o afastamento da criança ou adolescente de sua família de origem e os programas colocação familiar (cf. arts. 90, inciso III, 101, incisos VIII e IX e 260, §2º, do ECA) e acolhimento institucional (cf. arts. 90, inciso IV e 101, inciso VII e §1º, do ECA), este último de caráter eminentemente *subsidiário* aos demais (cf. art. 33, §1º, do ECA). Em todas as ações a serem desenvolvidas, é necessário ter em mente e respeitar, o quanto possível, os *princípios da autonomia da família* e da *responsabilidade parental* (cf. art. 100, par. único, inciso IX, do ECA), cabendo ao Estado *auxiliar* e *jamais substituir* esta no desempenho de seu imprescindível papel no desenvolvimento saudável de uma criança ou adolescente.

61 Vide arts. 7º, nº 1 e 20, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 6º e 226, da CF e arts. 28, 100, *caput* e par. único, incisos IX e X, do ECA e Instrução Normativa nº 02/2010, de 30/06/2010, da Corregedoria Nacional de Justiça. Note-se a preocupação do legislador em dar *preferência* à permanência da criança ou adolescente no seio de sua família de origem, que para tanto deve receber a orientação, o apoio e o eventual tratamento de que porventura necessite (conforme art. 226, *caput* e §8º, da CF e arts. 101, inciso IV e 129, incisos I a IV do ECA), a partir de uma *política pública* específica, que todo município tem o *dever* de implementar (cf. art. 87, inciso VI e 208, inciso IX, do ECA). Apenas em caráter excepcional, após frustradas as tentativas de manutenção da criança e/ou adolescente em sua família de origem, é que se cogitará de sua colocação em família substituta (conforme disposto de maneira expressa no art. 1º, §1º, da Lei nº 12.010/2009 e também consignado nos arts. 19, §3º e 100, *caput* e par. único, inciso X, do ECA), medida cuja aplicação, em sendo necessária, será de *competência exclusiva da autoridade judiciária* (cf. arts. 30, 148, *caput* e inciso III e par. único, inciso I, do ECA). Tal preocupação e sistemática é também contemplada pelo art. 9º da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989.

62 O fato de os pais ou responsável serem usuários de substâncias psicoativas (inclusive o álcool), não importa, necessariamente, no afastamento da criança ou adolescente de seu convívio, determinando, *antes*, sua orientação e inclusão em programas de apoio e tratamento específicos, que lhes permitam superar o problema que apresentam. Neste sentido, vide art. 129, inciso II, do ECA, onde consta a previsão da medida de inclusão dos pais ou responsável em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos, que assim deve integrar a "rede" de proteção à criança e ao adolescente existente no município. Para implementação de semelhante programa, assim como de um programa específico voltado ao tratamento especializado de crianças e adolescentes usuários de substâncias entorpecentes (conforme previsto no art. 101, inciso VI do ECA e art. 227, §3º, inciso VII, da CF), deve-se buscar, dentre outras fontes, recursos junto ao orçamento da área da saúde, dada constatação médico-científica de que a dependência química é uma *doença* (contando inclusive com um CID específico) e que os princípios da proteção integral e da absoluta prioridade à criança e ao adolescente também

abrangem as políticas e programas de saúde destinados a toda a sua família (arts. 196 e 226, *caput* e §8º, da CF e art. 4º, par. único, alíneas "b" e "c" c/c arts. 90, inciso I e §2º, 87, inciso I, 101, incisos V e VI e 129, incisos II e III, todos do ECA). Ainda sobre a matéria, vide também o disposto na Lei nº 11.343/2006, de 23/08/2006, que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - SISNAD, prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas, e dá outras providências; e o contido no Decreto nº 7.053/2009, de 23/12/2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento.

63 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 28, 87, incisos VI e VII, 88, inciso VI, 90, incisos I, III e IV, 92, incisos I , II e §2º, 100, *caput* e par. único, 101, incisos IV, VIII e IX, 101, §§ 1º a 12, 129 e 151, do ECA. O objetivo da norma é abreviar ao máximo o período de permanência da criança ou adolescente em regime de acolhimento institucional, especialmente sem que a mesma tenha sua situação definida. Evidente que não basta a reavaliação, pois se faz imprescindível um trabalho junto à família de origem da criança ou adolescente acolhido, na perspectiva de promover a futura reintegração familiar. Caso a reintegração familiar comprovadamente não seja possível, deve ser ajuizada a competente ação de destituição do poder familiar (cf. arts. 155 a 163, do ECA), para que a criança ou adolescente seja considerada em condições de ser adotada, com sua posterior inscrição nos cadastros existentes (cf. art. 50, *caput* e §5º, do ECA), sem prejuízo da possibilidade de seu encaminhamento para colocação familiar mediante tutela ou guarda.

64 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 90, inciso IV, 92, 100, par. único, inciso IV e 101, inciso VII e §1º, do ECA. O dispositivo procurar ressaltar o caráter eminentemente *transitório* da medida de acolhimento institucional, que a rigor não pode se estender por mais de 02 (dois) anos. Embora seja difícil encontrar alguma situação na qual a permanência do adolescente na instituição irá atender ao seu "superior interesse", tal qual consta do enunciado do dispositivo em questão (ressalvada a hipótese de prorrogação do prazo para fins de conclusão do trabalho de "resgate" da família do acolhido, com vista à sua reintegração), a verdade é que haverá situações em que o acolhimento familiar ou a colocação em família substituta não se farão possíveis e a criança ou adolescente permanecerá em regime de acolhimento institucional por período superior a dois anos. Durante o período de acolhimento institucional, seja ele qual for, é obrigatória a realização de atividades pedagógicas e profissionalizantes (para os maiores de 14 anos), além da estrita observância dos princípios preconizados pelos arts. 92 e 100, *caput* e par. único, do ECA, e das normas específicas expedidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente. Será também indispensável, durante todo o período de acolhimento institucional, a inserção da família em programas e serviços de orientação, apoio e promoção social (cf. art. 19, §3º, do ECA).

65 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 23, *caput* e par. único, 100, *caput* e par. único, incisos IX e X, 101, incisos I a IV e 129, incisos I a IV, do ECA e arts. 18 e 19, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. Trata-se de um verdadeiro *princípio*, a ser perseguido quando da intervenção estatal, que deve ser voltada ao fortalecimento ou do restabelecimento do convívio familiar. Neste sentido: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. Medida cautelar de busca e apreensão de menor proposta pela mãe biológica em face dos tios maternos. Guarda de fato exercida até então de maneira compartilhada. Situação de indefinição que acabou ensejando uma série de conflitos na família. Ausência de indícios que desabonem a sua conduta como mãe ou possam colocar em risco a integridade física e psíquica do menor. Circunstâncias que impõem a manutenção da guarda em favor da mãe biológica. Necessidade de preservação da relação materno-filial e observância do melhor*

interesse da criança. Ampliação do direito de visitas dos tios. Descabida neste momento. Situação que pode restabelecer os conflitos gerados anteriormente pela guarda compartilhada. Decisão mantida. Agravo desprovido. (TJPR. 11ª C. Cív. A.I. nºs 565.956-5 e 566.348-7, de Formosa do Oeste. Rel. Des. Augusto Côrtes. J. em 22/07/2009).

Art. 20. Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação [66].

66 Vide art. 227, §6º, da CF; arts. 5º e 39 a 52-D, do ECA; art. 1596 do CC e Lei nº 8.560/1992, de 29/12/1992 (Averiguação Oficiosa de Paternidade). O dispositivo reafirma o princípio da não discriminação quanto à origem da filiação, originalmente contemplado pelo art. 226, §6º, da CF. Tem especial relevância em relação à filiação adotiva, que uma vez consumada atribui ao adotado a condição de *filho* do(s) adotante(s), em absoluta igualdade de condições em relação aos filhos biológicos. A rigor, portanto, a expressão "filho adotivo" somente subsiste para fins didáticos, não mais devendo ser empregada para designar pessoas adotadas, que para todos fins e efeitos são e devem ser pura e simplesmente tratadas como *filhos* de seus adotantes, sem qualquer designação complementar.

Art. 21. O poder familiar [67] será exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe [68], na forma do que dispuser a legislação civil, assegurado a qualquer deles o direito de, em caso de discordância, recorrer à autoridade judiciária competente para a solução da divergência [69].

67 Vide arts. 1630 a 1638 do CC.

68 Vide arts. 5º, *caput* e inciso I e 226, §5º, da CF e art. 18, nº 1, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. Importante destacar que um dos *requisitos* necessários ao exercício do poder familiar é a *plena capacidade civil*, pelo que os pais, enquanto adolescentes (e não emancipados), que estiverem ainda sob o poder familiar de seus pais ou tutela de outrem, *não têm capacidade jurídica* para tanto. Por via de consequência, *não é juridicamente exigível o cumprimento, por parte de pais adolescentes, dos deveres relacionados nos arts. 1634, do CC e 22, do ECA*, cujo exercício demanda uma *enorme responsabilidade*, que *a própria lei PRESUME que adolescentes - em especial os absolutamente incapazes - NÃO POSSUEM*, tanto que, de maneira expressa, o art. 1633, do CC prevê que, quando a mãe de uma criança que não tem a paternidade reconhecida é *INCAPAZ de exercer o poder familiar*, "*dar-se á* (obrigatoriamente) *TUTOR ao menor*" (sic. nota explicativa e destaque dos autores). E caberá *ao TUTOR do filho da adolescente* (e não a ela própria), o papel de *responsável* e *representante legal da criança*, com todos os deveres inerentes a esta condição, nos moldes do previsto no art. 1740 e seguintes do CC.

69 Vide arts. 5º, *caput* e inciso I e 226, §5º, da CF; art. 1631 *caput* e par. único do CC e Lei nº 12.318/2010, de 26/08/2010, que dispõe sobre a alienação parental. Sobre a competência para conhecer de tais pedidos, quando a criança ou adolescente se encontrar numa das hipóteses do art. 98, do ECA, vide art. 148, par. único, alínea "d", deste Diploma Legal. Vale observar que, quando da solução do litígio, a autoridade judiciária deverá não apenas ouvir *os pais*, mas também *a criança ou adolescente*, respeitado, logicamente, seu grau de desenvolvimento e maturidade (cf. art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA).

Art. 22. Aos pais incumbe o dever de sustento [70], guarda [71] e educação [72] dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais [73].

70 Vide art. 5º, inciso LXVII, da CF; arts. 1694 a 1710, do CC e Súmula nº 309, do STJ: "O débito alimentar que autoriza a prisão civil do alimentante é o que compreende as três prestações anteriores ao ajuizamento da execução e as que vencerem no curso do processo" (Redação alterada por decisão da Segunda Seção do STJ, na sessão ordinária de 22/03/2006, julgando o HC nº 53.068/MS). Interessante observar que a obrigação alimentar não cessa com a eventual emancipação do adolescente (podendo mesmo, com fulcro na Lei Civil, se estender para além da adolescência), e o quantum devido deve atender às necessidades básicas de alimentação, educação, saúde, habitação, segurança etc., do filho, atendendo às possibilidades dos pais, para cuja aferição devem ser considerados, inclusive, sinais exteriores de riqueza por estes apresentados. Neste sentido: ALIMENTOS. SINAIS EXTERIORES DE RIQUEZA. 'DISREGARD'. 'QUANTUM'. LITIGÂNCIA DE MÁ FÉ. 1. A verdadeira possibilidade do alimentante não decorre do que ela alega, mas do que evidenciam os sinais exteriores de riqueza. Bens registrados como fachada em nome de amigos, mas que saíram de fato do controle do alimentante caracterizam a 'disregard'. 2. Evidenciada a intenção procrastinatória do alimentante através de reiterados recursos decorrentes dos alimentos, é de ser mantida a condenação à pena de litigância de má fé. Ambas apelações desprovidas (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70000235325. Rel. Sérgio Fernando de Vasconcellos Chaves. J. em 17/11/1999). É também admissível, para apuração das reais possibilidades do alimentante, ser determinada sua quebra de sigilo bancário. Neste sentido: ALIMENTOS. QUEBRA DO SIGILO BANCÁRIO. Para descobrir-se os ganhos do devedor visando a fixação dos alimentos de forma a atender ao critério da proporcionalidade, justifica-se a quebra do seu sigilo bancário, não configurando afronta ao seu direito à privacidade. Por maioria, deram provimento, vencido o relator. (TJRS. 7ª C. Cív. A.I. nº 70012864310. Rel. Maria Berenice Dias. J. em 16/11/2005). Sobre os alimentos devidos pelos pais, após os filhos atingirem a maioridade civil, vide o disposto na Súmula nº 358, do STJ: "O cancelamento de pensão alimentícia de filho que atingiu a maioridade está sujeito à decisão judicial, mediante contraditório, ainda que nos próprios autos", não sendo assim o advento da maioridade causa de extinção automática do dever de prestar alimentos, fazendo apenas desaparecer a presunção de que são eles indispensáveis. Por fim, vale mencionar que mesmo quando da colocação da criança ou adolescente sob guarda ou, inclusive, quando de eventual suspensão ou destituição do poder familiar, o dever alimentar dos pais em relação a seus filhos persiste (como deixa claro o art. 33, §4º, do ECA), posto que decorre da relação de parentesco (cf. art. 1694, do CC), que em tais casos não é rompida (isto somente ocorre quando da consumação da adoção). Vide também comentários ao art. 155 e sgts., do ECA.

71 Vide art. 1634, inciso II, do CC. A "*guarda*" a que se refere este dispositivo (direito dos pais terem seus filhos em sua companhia, como atributo natural do poder familiar), não se confunde com a *guarda* prevista no art. 33, do ECA, que se constitui numa das modalidades de colocação de criança ou adolescente em família substituta.

72 Não apenas a obrigação de matrícula na escola (cf. art. 55, do ECA), mas também a de transmitir-lhes noções sobre os valores éticos e morais, preparando-os para o exercício da cidadania, nos exatos termos do previsto no art. 53, *caput*, do ECA e art. 205, da CF.

73 Vide art. 229, primeira parte, da CF e arts. 1566, inciso IV e 1634, do CC. Para o exercício responsável das obrigações inerentes ao pode familiar, o ECA previu a

possibilidade de inserção da família em cursos e programas de apoio e orientação específicos, que o Poder Público tem o *dever* de oferecer (cf. arts. 90, incisos I e II, 101, inciso IV c/c 129, incisos I e IV e 208, inciso IX, do ECA), sendo o eventual descumprimento dos *deveres* respectivos, passível de sanções, como as previstas nos arts. 129, incisos VIII e X e 249, do ECA.

Art. 23. A falta ou a carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do poder familiar [74].

Parágrafo único. Não existindo outro motivo que por si só autorize a decretação da medida, a criança ou o adolescente será mantido em sua família de origem [75], a qual deverá obrigatoriamente ser incluída em programas oficiais de auxílio [76].

74 Vide art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. O presente dispositivo visa erradicar a odiosa prática, consagrada à época do revogado "Código de Menores", do afastamento da criança/adolescente de sua família natural em razão da condição socioeconômica desfavorável em que esta se encontrava, penalizando os pais como se tivessem eles "optado", voluntariamente, pela miséria. De acordo com a sistemática atual, a penúria dos pais (com todas as mazelas daí resultantes, assim como a eventual desnutrição e problemas de higiene, que devem ser combatidos com a orientação, apoio e promoção social da família, como previsto no próprio ECA e na LOAS), não pode ser invocada como pretexto para afastar a criança ou adolescente do convívio familiar, cabendo ao Estado (*lato sensu* - inclusive ao Estado-Juiz), em cumprimento de seu *dever legal e constitucional*, decorrente do disposto nos arts. 3º, incisos I, III e IV, 226, *caput* e §8º c/c 227, *caput*, da CF e arts. 4º, *caput*, 19, 23, par. único, 100, *caput*, segunda parte e par. único, incisos IX e X, 101, inciso IV e 129, inciso I, do ECA, além de disposições correlatas contidas na LOAS, proporcionar-lhes a *orientação* e os *meios* para bem cuidar de seus filhos e superar as dificuldades em que se encontram. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. PEDIDO DE GUARDA FEITO POR TERCEIRO. INTERESSE DA INFANTA A SER PRESERVADO. LIMINAR CONCEDIDA EM FAVOR DO PAI BIOLÓGICO. CARÊNCIA DE RECURSOS MATERIAIS. IRRELEVÂNCIA. PRECARIEDADE DA MEDIDA. EXEGESE DOS ARTS. 19, 23, 25 E 35 DO ECA. Somente em caráter excepcional é admitida a colocação em família substituta mediante a concessão de guarda a terceiro interessado, porquanto toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e educado no seio da sua família natural, entendida esta como a comunidade formada pelos pais biológicos ou qualquer deles e seus descendentes, 'ex vi' dos arts. 19 e 25 do ECA. Assim, é adequada a decisão judicial que, em sede de medida liminar, concede ao pai biológico a guarda provisória da sua filha, ainda mais porque ressalvou à pretende à guarda amplo e regular direito de convivência com a criança, atendendo da melhor forma aos interesses da infanta. A miséria ou a pobreza dos pais não justifica, por si só, a intervenção do Estado-juiz para a decretação da perda ou da suspensão do pátrio poder e, consequentemente, a colocação dos filhos em família substituta, de acordo com o art. 23 do ECA. A autoridade judiciária pode a qualquer tempo revogar a guarda, após ouvido o Ministério Público, com fundamento no art. 35 do ECA, contanto que a alteração dos fatos justifique a medida a ser adotada como forma de melhor atender aos interesses da criança ou adolescente, não se podendo, pois, falar em preclusão ou coisa julgada material.* (TJSC. 2ª C. Cív. A.I. nº 2002.008939-2. Rel. Des. Luiz Carlos Freyesleben. J. em 08/08/2002).

75 Vide art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 19, *caput*, primeira parte e §3º, c/c art. 100, *caput*, parte final e par. único, inciso X, do ECA.

76 Vide arts. 3º, incisos I, III e IV, 226, *caput* e §8º, da CF; arts. 87, inciso VI; 88, inciso VI e 101, *caput*, inciso IV c/c 129, inciso I, todos do ECA e arts. 2º, inciso I; 6º-A; 24-A; 24-B e demais disposições da LOAS. É fundamental, portanto, a oferta, pelo Poder Público, de programas e serviços especificamente destinados à orientação, auxílio e promoção social das famílias, como parte de uma *política pública* destinada à garantia do direito à convivência familiar.

Art. 24. A perda e a suspensão do poder familiar serão decretadas judicialmente, em procedimento contraditório [77], nos casos previstos na legislação civil [78], bem como na hipótese de descumprimento injustificado dos deveres e obrigações a que alude o art. 22.

77 Vide art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 101, §2º, 136, inciso XI e par. único e 155 a 163 do ECA.

78 Conforme arts. 1635, inciso V, 1637 (causas de suspensão) e 1638 (causas de destituição do poder familiar) do CC. Sobre a matéria, vide ainda art. 1588, do CC e Lei nº 12.318/2010, de 26/08/2010, que dispõe sobre a alienação parental.

Seção II - Da Família Natural [79]

Art. 25. Entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes [80].

Parágrafo único. Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade [81].

79 Vide art. 226, *caput* e §7º, da CF e Lei nº 9.263/1996, de 12/01/1996, que regula o §7º, do art. 226 da CF, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências.

80 Vide art. 226, §§ 3º e 4º, da CF. O dispositivo traz, portanto, a definição legal do que deve ser entendido como "*família natural*", também chamada "*família de origem*". Como mencionado em comentários ao art. 19 e seguintes do ECA, deve ser dada preferência à permanência da criança ou adolescente em sua família natural, sendo sua transferência para uma família substituta (prevista no art. 28 e seguintes do ECA), medida de caráter excepcional.

81 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 39, §1º, 100, *caput* e par. único, incisos IX e X, do ECA. A "*família extensa*" terá preferência no acolhimento familiar de criança ou adolescente que, por qualquer razão, não possa permanecer (ainda que temporariamente) na companhia de sua família natural. Em caso de acolhimento institucional ou familiar, deve ser também assegurado o direito de visita da criança/adolescente aos integrantes de sua "*família extensa*", ressalvada a demonstração de que isto lhe é de qualquer forma prejudicial, valendo observar que, em relação aos avós, os arts. 1589, par. único, do CC e 888, inciso VII, do CPC, asseguram expressamente o direito de visita aos netos.

Art. 26. Os filhos havidos fora do casamento poderão ser reconhecidos pelos pais, conjunta ou separadamente, no próprio termo de nascimento, por testamento, mediante escritura ou outro documento público, qualquer que seja a origem da filiação [82].

Parágrafo único. O reconhecimento pode preceder o nascimento do filho ou suceder-lhe ao falecimento, se deixar descendentes [83].

82 Vide arts. 1596 e 1607 a 1614, do CC e 102, §§1º e 2º, do ECA. Vale salientar que o art. 1609 do CC e o art. 1º da Lei nº 8.560/1992, de 29/12/1992 (Averiguação Oficiosa de Paternidade) possuem redação idêntica e incluem outras duas formas de reconhecimento de filhos: através de escrito particular, a ser arquivado em cartório (sem necessidade do "reconhecimento de firma"), bem como por manifestação expressa e direta perante o Juiz, ainda que o reconhecimento não haja sido o objeto único e principal do ato que o contém.

83 Vide art. 1609, par. único, do CC. A previsão de que o pai somente pode reconhecer o filho falecido caso este tenha deixado descendentes visa evitar que o genitor que jamais assumiu em vida suas responsabilidades em relação a seu filho, efetue o reconhecimento apenas para invocar direito sucessório e ter acesso à herança por este deixada.

Art. 27. O reconhecimento do estado de filiação é direito personalíssimo [84], indisponível e imprescritível, podendo ser exercitado contra os pais ou seus herdeiros, sem qualquer restrição, observado o segredo de Justiça [85].

84 Vide art. 48, *caput*, do ECA. Importante destacar o fato de o direito ao reconhecimento do estado de filiação (assim como os demais, previstos no ECA) ter como titular a criança ou adolescente, e não sua genitora que, portanto, não pode dele dispor ou abrir mão. Assim sendo, nos casos em que a criança não tem a paternidade reconhecida, é fundamental que seja deflagrado o procedimento de averiguação oficiosa de paternidade, nos moldes do previsto na Lei nº 8.560/1992, de 29/12/1992 (valendo neste sentido também observar o disposto no art. 102, do ECA), devendo ser a mãe orientada acerca da importância - inclusive para a vida futura de seu filho - da indicação do nome de seu pai biológico (devendo neste sentido ser orientada, na forma prevista pelos arts. 8º, §4º, 100, par. único, incisos XI e XII e 129, inciso IV, do ECA). A descoberta da paternidade biológica é um direito fundamental e natural da criança, cabendo à autoridade judiciária o dever de apurá-la, na forma da lei. Neste sentido: *EXCEÇÃO DE SUSPEIÇÃO. ADOÇÃO. DESPACHO QUE INTIMA A MÃE BIOLÓGICA A DECLINAR A IDENTIDADE DO PAI DA ADOTANDA. PRESERVAÇÃO DOS INTERESSES DA INFANTE. INOCORRÊNCIA DE PARCIALIDADE A ENSEJAR SUSPEIÇÃO DO JUÍZO. A jurisdição da infância e juventude impõe uma efetiva parcialidade em favor dos superiores interesse da criança, que se sobrepõe ao das partes. Não exorbita a atuação jurisdicional o despacho que busca obter informações sobre a origem biológica da infante, na estrita preservação dos seus interesses. Desacolheram a exceção de suspeição. Unânime*. (TJRS. 7ª C. Cív. Exceção de Suspeição nº 70011860244. Rel. Luiz Felipe Brasil Santos. J. em 10/08/2005).

85 Vide art. 5º, inciso LX, da CF c/c arts. 5º, 17, 18 e 102, do ECA; art. 1º, da Lei nº 8.560/1992; art. 1609, do CC; art. 155, inciso II, do CPC e Súmula 149 do STF: "*É imprescritível a ação de investigação de paternidade, mas não o é a de petição de herança*". Vide também art. 3º, inciso VI, da Lei nº 1.060/1950, de 05/02/1950, acrescido pela Lei nº 10.317/2001, de 06/12/2001, que estabelece serem as "*despesas com a realização do exame de código genético - DNA que for requisitado pela autoridade judiciária, nas ações de investigação de*

paternidade ou maternidade", *isentas* de pagamento, por parte dos beneficiários da assistência judiciária. Assim sendo, cabe ao Estado (Poder Público Federal e Estadual, *ex vi* do disposto no art. 1º, da Lei nº 1.060/1950), em tais ações, providenciar a realização e o custeio de exames de DNA aos necessitados, de modo que toda criança e/ou adolescente tenha sua paternidade (e/ou maternidade) devidamente reconhecida. Ainda sobre a matéria, interessante observar que, por força do art. 2º-A, da Lei nº 8.560/1992 (com a redação que lhe deu a Lei nº 12.004/2009, de 29/07/2009), nas ações de investigação de paternidade, a recusa do réu em se submeter ao exame de código genético - DNA gera *presunção de paternidade*. Por fim, resta observar que o STJ já reconheceu o direito do filho ingressar, a qualquer tempo, com ação de investigação de paternidade contra seu suposto genitor, mesmo tendo sido já registrado em nome de outrem. Neste sentido: *AGRAVO REGIMENTAL NO RECURSO ESPECIAL. FAMÍLIA. AÇÃO DE INVESTIGAÇÃO DE PATERNIDADE. IMPRESCRITIBILIDADE. ALEGAÇÃO DE SUPRESSÃO DE INSTÂNCIA. NÃO OCORRÊNCIA. SÚMULA 207 DO STJ. INAPLICABILIDADE. I. É imprescritível o direito de o filho, mesmo havendo pai registral, mover ação de investigação de paternidade contra suposto genitor e pleitear a alteração do registro existente, não se aplicando o prazo prescricional de quatro anos, ainda que seu transcurso tenha-se dado anteriormente à entrada do Estatuto da Criança e do Adolescente em vigor. Precedentes. II. Na espécie, não houve supressão de instância, visto que o Tribunal de origem julgou recurso de agravo de instrumento, reformando, por maioria, decisão interlocutório, não sentença de mérito, como exigido pelo artigo 530 do Código de Processo Civil, não incidindo, por isso, a Súmula 207 desta Corte. Agravo regimental improvido.* (STJ. 3ª T. Ag.Rg. no R.Esp. nº 974669/RS. Rel. Min. Sidnei Beneti. J. em 04/09/2008).

Seção III - Da Família Substituta [86]

Subseção I - Disposições gerais

Art. 28. A colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente, nos termos desta Lei [87].

§ 1º. Sempre que possível, a criança ou o adolescente será previamente ouvido por equipe interprofissional, respeitado seu estágio de desenvolvimento e grau de compreensão sobre as implicações da medida, e terá sua opinião devidamente considerada [88].

§ 2º. Tratando-se de maior de 12 (doze) anos de idade, será necessário seu consentimento, colhido em audiência [89].

§ 3º. Na apreciação do pedido levar-se-á em conta o grau de parentesco [90] e a relação de afinidade ou de afetividade [91], a fim de evitar ou minorar as consequências decorrentes da medida [92].

§ 4º. Os grupos de irmãos serão colocados sob adoção, tutela ou guarda da mesma família substituta, ressalvada a comprovada existência de risco de abuso ou outra situação que justifique plenamente a excepcionalidade de solução diversa,

procurando-se, em qualquer caso, evitar o rompimento definitivo dos vínculos fraternais [93].

§ 5º. A colocação da criança ou adolescente em família substituta será precedida de sua preparação gradativa e acompanhamento posterior, realizados pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com o apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar [94].

§ 6º. Em se tratando de criança ou adolescente indígena ou proveniente de comunidade remanescente de quilombo, é ainda obrigatório [95]:

I - que sejam consideradas e respeitadas sua identidade social e cultural, os seus costumes e tradições, bem como suas instituições, desde que não sejam incompatíveis com os direitos fundamentais reconhecidos por esta Lei e pela Constituição Federal [96];

II - que a colocação familiar ocorra prioritariamente no seio de sua comunidade ou junto a membros da mesma etnia [97];

III - a intervenção e oitiva de representantes do órgão federal responsável pela política indigenista, no caso de crianças e adolescentes indígenas, e de antropólogos, perante a equipe interprofissional ou multidisciplinar que irá acompanhar o caso [98].

86 Vide art. 20, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989.

87 Vide arts. 90, inciso III e 165 a 170, do ECA. Importante não perder de vista, no entanto, que a colocação de criança ou adolescente em família substituta é *medida de proteção* que visa beneficiar a estes (cf. arts. 100, par. único, incisos II e IV e 101, inciso VIII, do ECA), e não aos adultos que eventualmente a pleiteiem. Possui também um caráter *excepcional*, pois a preocupação *primeira*, inclusive em respeito ao disposto no art. 226, da CF e arts. 19, *caput*, primeira parte e §3º e 100, par. único, incisos IX e X, do ECA, deve ser a manutenção da criança ou adolescente em sua família de origem.

88 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 12, nºs 1 e 2, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 16, inciso II, 45, §2º, 100, par. único, inciso XII e 151, do ECA. Vale lembrar que no caso de colocação de *adolescente* em família substituta não basta a oitiva deste, sendo necessário colher também o seu *consentimento* com a medida, que do contrário não poderá ser efetivada. A oitiva da criança ou adolescente que se pretende colocar em família substituta decorre de sua condição de *sujeitos de direito*, no caso, o *direito à convivência familiar*, sendo os *verdadeiros destinatários* desta que, afinal, se constitui numa *medida de proteção* (cf. art. 101, inciso IX, do ECA). Não mais é admissível, portanto, pura e simplesmente invocar, de forma vaga e vazia de conteúdo, que se está agindo no "melhor interesse do menor" (sic.), como quando da vigência do Código de Menores, mas sim é necessário *colher elementos idôneos*, inclusive junto à própria criança ou adolescente, para que se tenha o máximo de *garantias* de que tal solução é, de fato, a mais adequada. A participação da criança na tomada de decisões que irão lhe afetar diretamente, ademais, decorre do *principio da dignidade da pessoa humana*, servindo o contido no presente dispositivo, que tem respaldo no art. 12, da Convenção da ONU Sobre os Direitos da Criança, de 1989, de parâmetro para a aplicação de todas as demais medidas de proteção previstas no ECA (vide o princípio expressamente consignado no art. 100, par. único, inciso XII, do ECA). O dispositivo destaca ainda a importância da existência de uma *equipe*

interprofissional habilitada a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, cuja intervenção é de todo recomendável em se tratando de crianças de tenra idade ou como forma de evitar ou minorar os possíveis traumas decorrentes da oitiva. Por fim, resta destacar que os parâmetros aqui traçados são também aplicáveis, por analogia, a outras situações em que se faz necessário ouvir crianças e adolescentes, inclusive para fins de reintegração às suas famílias de origem, nos moldes do disposto nos arts. 19 e 101, §5º, do ECA.

89 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 45, §2º e 100, par. único, inciso XII, do ECA. O dispositivo torna obrigatória a realização de *audiência* para a coleta do *consentimento do adolescente* com sua colocação em família substituta, em qualquer das suas modalidades. Vale observar que, pela sistemática anterior, o consentimento do adolescente era exigido *apenas* quando de sua *adoção*.

90 Vide art. 165, inciso II, do ECA e arts. 1591 a 1595, do CC.

91 Pode-se dizer que, para fins de colocação de crianças e adolescentes em família substituta, a relação de afinidade ou afetividade (sempre consideradas sob o ponto de vista da criança ou adolescente, que são os destinatários da medida), deve mesmo *preponderar* em relação ao grau de parentesco.

92 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 25, par. único e 100, par. único, inciso X (preferência na colocação ou manutenção de criança ou adolescente em sua família extensa). Valem aqui as mesmas observações feitas ao parágrafo anterior, razão pela qual a intervenção de uma *equipe interprofissional*, que por força do disposto nos arts. 150 e 151, do ECA, deve estar à disposição do Juízo, se torna *imprescindível.*

93 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 87, incisos VI e VII, 92, inciso V e 197-C, §1º, do ECA e art. 1733, *caput*, do CC. O dispositivo encerra um verdadeiro *princípio*: deve-se procurar preservar os vínculos fraternais, ressalvada a comprovada ocorrência de situação *excepcionalíssima* que autorize solução diversa como, por exemplo, no caso de abusos praticados por um dos irmãos em relação ao outro. Assim sendo, não mais se deve colocar os irmãos em famílias substitutas diversas, o que realça a necessidade de investir em políticas destinadas à reintegração familiar e/ou à colocação familiar das crianças e adolescentes junto a parentes, que em regra são mais propensos a acolher grupos de irmãos, especialmente quando numerosos, sem prejuízo da realização de um trabalho de preparação psicossocial dos interessados em adotar, que contemple o estímulo à adoção de grupos de irmãos (cf. arts. 50, §§3º e 4º e 197-C, do ECA).

94 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 86, 87, incisos VI e VII, 88, inciso VI, 92, inciso VIII; 151 e 166, §7º, do ECA. O dispositivo enaltece a importância de realização de um trabalho voltado à efetiva integração da criança ou adolescente à família substituta, na perspectiva de que a colocação familiar tenha êxito, evitando possível resistência à aplicação da medida ou problemas de adaptação daquela ao seu novo lar. Para tanto, é necessária uma *articulação* entre a equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude e a equipe técnica responsável pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar, sem prejuízo da participação também dos técnicos a serviço dos programas de acolhimento institucional e familiar que deverão integrar tal política. O contido no presente dispositivo deve ser também aplicado (por analogia) quando da reintegração da criança ou adolescente afastado do convívio familiar à sua família de origem, de modo que haja uma preparação adequada e um acompanhamento posterior, devendo-se, em qualquer caso, tomar as cautelas e providências necessárias para que a medida surta os resultados desejados e que a criança/adolescente cresça num ambiente familiar saudável, cercada de amor e cuidados.

95 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 161, §2º, do ECA e arts. 20 e 30, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. A preocupação do legislador foi destinar às crianças e adolescentes indígenas e oriundas de comunidades remanescentes de quilombos um tratamento diferenciado, que respeite suas peculiaridades (cf. art. 100, *caput*, do ECA). O diálogo e a articulação de ações (cf. art. 86, do ECA) entre os antropólogos e técnicos do órgão federal responsável pela política indigenista e a equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude é fundamental, como forma de evitar ou minorar possíveis traumas decorrentes do afastamento da criança ou adolescente do seio de sua comunidade, em razão da diversidade cultural existente. A previsão da observância de certas cautelas e princípios quando do atendimento de indígenas está também presente em normas internacionais, como é o caso da Convenção nº 169/1989, da OIT, de 27/06/1989, aprovada pelo Dec. Legislativo nº 143/2002, de 20/06/2002 e promulgada pelo Decreto nº 5.051/2004, de 19/04/2004. Cumpre observar, por fim, que a partir de uma interpretação extensiva do dispositivo, a intervenção de antropólogos e as cautelas adicionais nele referidas devem ser também observadas quando do atendimento de crianças, adolescentes e famílias provenientes de outros grupos étnicos e/ou cuja diversidade cultural assim o determine, a exemplo dos ciganos, devendo-se, em qualquer caso, respeitar o quanto possível sua cultura e seus costumes, livre de qualquer preconceito ou discriminação em razão da origem da família que, nunca é demais lembrar, será sempre destinatária de "*especial proteção por parte do Estado*" (*lato sensu*), por força do disposto no art. 226, da CF.

96 Vide arts. 215, §1º, 231 e 232, da CF, art. 100, par. único, do ECA e art. 6º, da Lei nº 6.001/1973, de 19/12/1973 (Estatuto do Índio). O respeito à cultura e os costumes dos povos indígenas e das comunidades remanescentes de quilombos passa a ser *obrigatório*.

97 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 4º, *caput* (direito à convivência comunitária), 28, §3º e 100, *caput*, do ECA.

98 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 86, 87, incisos VI e VII, 88, inciso VI e 151, do ECA. Mesmo com a intervenção do órgão Federal responsável pela política indigenista, a competência para processar e julgar os pedidos de colocação em família substituta envolvendo crianças e adolescentes indígenas continua sendo da Justiça Estadual. Neste sentido: *MEDIDA DE PROTEÇÃO. CRIANÇA INDÍGENA ABANDONADA. INTERESSE DA FUNAI. COMPETÊNCIA DA JUSTIÇA ESTADUAL. 1. Tratando-se de uma criança abandonada pela família biológica, é cabível a adoção das providências protetivas pretendidas pelo Ministério Público. 2. Mesmo que a criança seja silvícola, deve o processo tramitar perante a Justiça Estadual, especializada nas questões da infância e da juventude, tendo incidência da norma do art. 227 da CFB, com a finalidade de assegurar a proteção integral à criança, prevista no ECA. 3. Precisamente por se tratar de criança indígena, a FUNAI tem legitimidade para figurar no processo, exercendo uma curatela especial, pois a sua função legal é a de prestar assistência aos silvícolas, a fim de que, tanto quanto possível, possa a criança ser mantida dentro do seu grupo étnico, respeitando-se sua organização social, costumes, crenças e tradições. Recurso provido em parte*. (TJRS. 7ª C. Cív. A. I. nº 70016832586. Rel.: Sérgio Fernando de Vasconcellos Chaves. J. em 29/11/2006).

Art. 29. Não se deferirá colocação em família substituta a pessoa que revele, por qualquer modo, incompatibilidade com a natureza da medida ou não ofereça ambiente familiar adequado **[99]**.

99 Vide arts. 50, §§1º e 2º, 167 e 197-C, do ECA. Sobre a matéria: ADOÇÃO. FAMÍLIA SUBSTITUTA. ESTUDO SOCIAL CONTRÁRIO. NÃO COMPROVAÇÃO DOS REQUISITOS LEGAIS (ARTIGOS 29 e 43 DO ECA). DECISÃO CONFIRMADA. 1. Para que uma criança seja colocada mediante adoção, em uma família substituta, é necessário a rigorosa comprovação dos critérios de compatibilidade da pessoa que deseja adotar com a natureza da medida, do ambiente familiar adequado, das vantagens para o adotando e da fundamentação calcada em motivos legítimos, previstos nos artigos 29 e 43, do ECA, vez que os interesses do menor prevalecem sobre a vontade dos adotantes. 2. Não elididos os pontos contrários à adoção constantes do estudo social, pelas provas produzidas pelos requerentes, deve ser rejeitada a pretensão de colocação da criança na família substituta. (TJPR. Rec.Ap.ECA nº 98.2581-2. Rel. Des. Accácio Cambi. Ac. nº 8346. J. em 08/03/1999).

Art. 30. A colocação em família substituta não admitirá transferência da criança ou adolescente a terceiros ou a entidades governamentais ou não-governamentais, sem autorização judicial [100].

100 Vide arts. 148, *caput* e inciso III e par. único, alínea "a", do ECA. Em outras palavras, a colocação de criança ou adolescente em família substituta, em qualquer de suas modalidades, é medida de *competência privativa* da autoridade judiciária, não podendo ser aplicada pelo Conselho Tutelar (inteligência do art. 136, inciso I, do ECA) e muito menos por entidades de acolhimento familiar, que embora devam estimular (sempre que esgotadas as possibilidades de retorno da criança ou adolescente à família de origem) a integração da criança ou adolescente que se encontre inserida em programa de acolhimento institucional em família substituta (conforme disposto no art. 92, inciso II do ECA), isto somente poderá ser concretizado *mediante intervenção da autoridade judiciária competente*, o que vale inclusive para transferência de crianças e adolescentes de uma entidade para outra.

Art. 31. A colocação em família substituta estrangeira constitui medida excepcional, somente admissível na modalidade de adoção [101].

101 Vide arts. 50, §10, 51, 52 e 52-A a D, do ECA e art. 4º, alínea "b", da "*Convenção de Haia*" (Convenção Relativa à Proteção das Crianças e Cooperação em Matéria de Adoção Internacional), datada de 1993, assinada e ratificada no Brasil, tendo sido promulgada pelo Decreto Legislativo nº 3.087/1999, de 21/06/1999.

Art. 32. Ao assumir a guarda ou a tutela, o responsável prestará compromisso de bem e fielmente desempenhar o encargo, mediante termo nos autos [102].

102 Vide art. 170, do ECA. Tal compromisso não é exigido dos adotantes, pois estes assumem, *pleno jure*, a condição de *pais* dos adotados, com todos os deveres inerentes ao poder familiar.

Subseção II - Da guarda [103]

Art. 33. A guarda obriga à prestação de assistência material, moral e educacional [104] à criança ou adolescente, conferindo a seu detentor o direito de opor-se a terceiros, inclusive aos pais [105].

§ 1º. A guarda destina-se a regularizar a posse de fato [106], podendo ser deferida, liminar ou incidentalmente, nos procedimentos de tutela e adoção, exceto no de adoção por estrangeiros [107].

§ 2º. Excepcionalmente, deferir-se-á a guarda, fora dos casos de tutela e adoção, para atender a situações peculiares ou suprir a falta eventual dos pais ou responsável [108], podendo ser deferido o direito de representação para a prática de atos determinados [109].

§ 3º. A guarda confere à criança ou adolescente a condição de dependente, para todos os fins e efeitos de direito, inclusive previdenciários [110].

§ 4º. Salvo expressa e fundamentada determinação em contrário, da autoridade judiciária competente, ou quando a medida for aplicada em preparação para adoção, o deferimento da guarda de criança ou adolescente a terceiros não impede o exercício do direito de visitas pelos pais, assim como o dever de prestar alimentos, que serão objeto de regulamentação específica, a pedido do interessado ou do Ministério Público [111].

103 Importante salientar que a *guarda* de que trata o ECA se constitui numa modalidade de colocação de criança ou adolescente em *família substituta*, não se confundindo, portanto, com a "*guarda*" decorrente do poder familiar que os pais exercem em relação a seus filhos, esta regulada pelo Código Civil (art. 1634, inciso II). Em ambos os casos se está falando no direito de uma pessoa ter uma criança ou adolescente em sua companhia, porém tratam-se de *institutos distintos*, regulados por *leis diversas*. O próprio Código Civil, em seu art. 1584, §5º, ao falar da "guarda" como modalidade de colocação em família substituta, se reporta expressamente à "*lei específica*", que não é outra senão o ECA. Sobre a matéria, vide ainda art. 227, §3º, inciso VI, da CF.

104 Vide art. 32, do ECA. São estes os deveres do guardião, valendo observar que são mais restritos que o do tutor e dos pais, posto que a guarda pode coexistir com o poder familiar e não confere o direito de representação do guardião em relação ao guardado (vide art. 33, §2º, *in fine*, do ECA). Importante destacar que, por força do disposto no art. 33, §4º, do ECA, o fato de o guardião ser obrigado a prestar assistência material à criança não desobriga os pais deste mesmo dever (que decorre da relação de parentesco e encontra respaldo no art. 229, da CF), podendo ser os mesmos demandados a prestar alimentos ao filho que estiver sob a guarda de terceiro, contribuindo com sua manutenção, atendendo aos critérios de necessidades do alimentado/ possibilidades do alimentante, próprios das ações de alimentos. Sobre a matéria, vide também a Lei nº 5.478/1968 e arts. 1694 a 1710, do CC.

105 Da inteligência do presente dispositivo se extrai que ficam os pais desfalcados da prerrogativa de dirigir a criação e educação de seus filhos colocados sob guarda (art. 1634, inciso I, do CC), podendo, no entanto, recorrer à autoridade judiciária sempre que entenderem necessário, na defesa dos interesses de seus filhos. Vale também mencionar que a guarda pode ser revogada a qualquer tempo, na forma do previsto nos arts. 35 e 169, par. único, do ECA.

106 Há uma nítida preocupação do legislador em privilegiar a *regularização* da situação de crianças e adolescentes sob a guarda de fato de terceiros, seja através da previsão da oferta de subsídios e outras vantagens (cf. art. 34, do ECA), seja ao considerar que apenas a guarda *legal* (ou seja, deferida pela autoridade judiciária) é reconhecida para fins de dispensa do prévio cadastramento da pessoa ou casal interessado em adoção (cf. art. 50, §13, inciso III, do ECA). A guarda pressupõe a *permanência da criança ou adolescente na companhia do guardião*, não havendo de ser deferida quando tal situação concretamente não se verificar. Em casos que um ou ambos os pais vivem em companhia dos avós, não há razão para que a guarda da criança ou adolescente seja a estes deferida ou se falar em "guarda conjunta" entre pais e avós. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO DE GUARDA DE MENOR. PÓLO ATIVO INTEGRADO PELO PAI E AVÓS PATERNOS. EXCLUSÃO DOS AVÓS PATERNOS DA RELAÇÃO PROCESSUAL. IGUALDADE ENTRE PAI E MÃE PARA O PÁTRIO PODER. CONCESSÃO DO EXERCÍCIO DA GUARDA ÀQUELE QUE REÚNE AS MELHORES CONDIÇÕES PARA CRIAÇÃO DO MENOR. INTERESSE DA CRIANÇA. ASSISTÊNCIA DOS AVÓS. 1. A concessão da guarda de menor à chamada 'família substituta', no caso os avós paternos, somente deve ocorrer em casos excepcionais, devendo-se priorizar o exercício da guarda pelos pais da criança, mostrando-se impossível a disputa do pai e dos avós paternos pelo exercício conjunto da guarda da menor em desfavor da mãe, razão pela qual imperiosa é a exclusão dos avós paternos do pólo ativo da demanda. 2. A concessão da guarda de menor deve, primordialmente, atender aos interesses deste. De acordo com a CF/88, o ECA e o CC/02, o poder familiar será exercido pelo pai e pela mãe em igualdade de condições. Todavia, o exercício da guarda será concedido àquele que oferecer as melhores condições para a criação e desenvolvimento do menor. 3. Na esteira dessas premissas, deve-se conceder o exercício da guarda ao pai, eis que foi quem apresentou as melhores condições para criação da criança oferecendo-lhe um ambiente familiar mais adequado que a mãe, preenchido, ademais, com a frequente assistência - não apenas material - promovida pelos avós paternos. 4. Recurso conhecido e improvido.* (TJGO. 3ª C. Cív. Ap. Cív. nº 98719-1/188 - 200601505551. Rel. Sandra Regina Teodoro Reis. J. em 06/02/2007).

107 Por ser medida revogável a qualquer tempo (conforme arts. 35 e 169, par. único, do ECA), a guarda é medida *provisória* por excelência, se constituindo numa alternativa preferencial ao acolhimento institucional como forma de garantir o exercício do direito à convivência familiar pela criança ou adolescente que, temporariamente, não pode permanecer junto à sua família de origem (neste sentido, vide também arts. 34, §1º e 260, §2º, do ECA e art. 227, §3º, inciso VI, da CF). Pode, no entanto, ser deferida em caráter preparatório ou incidental nos pedidos de tutela ou adoção, exceto nos pedidos de adoção por estrangeiros, por força do disposto no art. 31, do ECA. A colocação da criança ou adolescente adotando aos cuidados de estrangeiros pretendentes à adoção se faz por intermédio do chamado *estágio de convivência*, sendo regulada pelo art. 46, §2º, do ECA.

108 O dispositivo reforça a idéia de que a colocação de uma criança ou adolescente sob a guarda de terceiro não deve, como regra absoluta, assumir um caráter "definitivo". O caráter *excepcional* da guarda, fora dos casos de tutela ou adoção, faz com que sua concessão (especialmente em se tratando de crianças recém nascidas ou de tenra idade) seja revestida de cautelas redobradas, inclusive para impedir a *burla* ao cadastro de adoção (vide comentários ao art. 50, §13, do ECA). Por se tratar de medida *excepcional*, que coloca a criança ou adolescente sob a responsabilidade de terceiro (quando a lei privilegia a permanência na família de origem e a aplicação de medidas de proteção que, por princípio, devem primar pela responsabilidade parental cf. arts. 19, *caput* e 100, par. único, incisos IX e X, do ECA), sua aplicação deve ser plenamente

justificada, não bastando a vontade dos interessados. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. FAMÍLIA. PEDIDO DE GUARDA. ACORDO DE TRANSFERÊNCIA DA GUARDA PARA A AVÓ MATERNA COM O CONSENTIMENTO MÃE. PRETENSÃO DE HOMOLOGAÇÃO. DESCABIMENTO. AUSÊNCIA DE SITUAÇÃO PECULIAR OU DE RISCO. AUSÊNCIA DE ELEMENTOS DESABONATÓRIOS EM RELAÇÃO À GENITORA. NÃO CONFIGURAÇÃO do disposto no § 2º do art. 33, do estatuto da criança e do adolescente. Intenção clara de recebimento, pela menina, de benefício previdenciário concedido pelo governo a portadores de determinadas moléstias. Impossível se mostra a alteração da guarda de menina de 13 anos de idade da mãe para a avó materna para o fim de recebimento de benefício previdenciário pago à portadora de moléstia grave. Além do que não há nos autos prova da existência de elementos desabonatórios atinentes à mãe da menina que justifiquem a alteração da guarda. APELAÇÃO DESPROVIDA.* (TJRS. 7ª C. Cív. A.I. nº 70035700343. Rel. Des. José Conrado de Souza Júnior. J. em 26/05/2010).

109 O deferimento da guarda de uma criança ou adolescente a terceira pessoa, por si só, não importa na suspensão ou destituição do poder familiar, razão pela qual os pais, ao menos a princípio, continuam a exercer o direito de representação de seus filhos, na forma do disposto no art. 1634, inciso V, do CC. Daí a razão da possibilidade de concessão, em caráter *excepcional*, da chamada "guarda representativa" (art. 33, §2º, *in fine*, do ECA), em que, uma vez provocada, pode a autoridade judiciária autorizar a prática, pelo guardião, de *atos determinados* em nome (ou na condição de assistente) do guardado. Se houver necessidade da representação sistemática da criança ou adolescente pelo guardião, para prática dos atos da vida civil, a solução não será a concessão de guarda, mas sim de *tutela*, com todas as cautelas e obrigações a ela inerentes (inclusive, se for o caso, a necessidade de prévia suspensão ou destituição do poder familiar), previstas na Lei Civil (vide comentários aos arts. 36 a 38, do ECA). Sobre a matéria, interessante colacionar o seguinte aresto: *ECA. INDENIZAÇÃO. RESTITUIÇÃO DE VALORES DE PENSÃO DECORRENTES DA MORTE DA GENITORA DA MENOR. TIA DETENTORA DA GUARDA 1. O exercício da guarda não outorga ao guardião a livre administração dos bens do menor, sendo inarredável o controle do Poder Judiciário e a fiscalização do Ministério Público sobre o destino dos bens e valores pertencentes aos menores. 2. Cabível a determinação de restituição dos valores à adolescente quando a guardiã não logrou provar onde foram aplicados os valores a ela pertencentes. Recurso desprovido*. (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. Nº 70034933713. Rel. Des. Sérgio Fernando de Vasconcellos Chaves. J. em 26/05/2010).

110 Importante mencionar que *não se admite a concessão* da guarda *apenas* para que o guardado possa figurar, junto à previdência social e/ou planos de saúde/seguridade privados, como dependente do guardião, pedido bastante comum efetuado por avós em relação a seus netos, quando os pais estão desempregados ou não possuem planos de saúde privados. Neste sentido: *GUARDA. FINALIDADE MERAMENTE ECONÔMICA. É vedada a concessão da guarda de infante a terceiro para fins meramente econômicos como dependência em plano de saúde, ainda que particular. Negado provimento ao apelo.* (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70010115996. Rel. Maria Berenice Dias. J. em 06/01/2005). A ausência de guarda de fato ou a convivência sob o mesmo teto dos genitores, ademais, inviabiliza a concessão da guarda judicial e a concessão de benefício previdenciários. Neste sentido: *PREVIDENCIÁRIO E PROCESSUAL CIVIL. CORREÇÃO MONETÁRIA. FALTA DE INTERESSE RECURSAL. DECLARAÇÃO DE DEPENDÊNCIA ECONÔMICA. NETO EM RELAÇÃO A AVÔ. GUARDA DE DIREITO OU DE FATO. NÃO COMPROVAÇÃO. ÔNUS DA SUCUMBÊNCIA. 1. Ausente a fixação de correção monetária na sentença a quo, não há interesse recursal do INSS a esse respeito. 2. Inexistindo comprovação de guarda de direito ou de fato do avô falecido sobre o menor e a dependência econômica, uma vez que a*

mãe do autor participava ativamente de sua criação, recebendo salário, além do que o pai destinava-lhe alimentos, não é caso de reconhecimento de dependência do requerente em relação ao de cujus, porquanto não atendida a exigência inserta no artigo 16, inciso I e § 2º, da Lei n.º 8.213/91. 3. Invertida a sucumbência, cabe à parte autora o pagamento das custas processuais e dos honorários advocatícios, estes fixados em R$ 380,00 (trezentos e oitenta reais). 4. Prejudicada a análise da inaplicabilidade da multa diária em face da improcedência da ação. 5. Apelação do INSS conhecida em parte e, nessa extensão, provida. Remessa oficial provida. (TRF 4ª Reg. 5ª T. AC nº 2001.04.01.065109-7. Rel. Des. Luiz Antonio Bonato. Publ. D.E. de 12/05/2008). Em razão de inúmeras distorções ocorridas na interpretação e na aplicação do contido no presente dispositivo, a Lei nº 9.528/1997 (que revogou a Lei nº 8.213/1991), em seu art. 16, §2º, acabou por *excluir* a criança ou adolescente colocado sob a guarda de terceiros, do Regime Geral da Previdência Social, não mais permitindo sua inscrição no citado regime, como *dependente* do segurado guardião, para fins previdenciários. Tal inovação legislativa, que entrou em frontal contradição com o art. 33, §3º, *in fine*, do ECA e, em especial, com o art. 227, *caput* e §3º, inciso VII, da CF que o inspiram (assim como no disposto no art. 26, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989), trouxe uma situação de flagrante injustiça para com aqueles que, de fato, convivem e são economicamente dependentes de seus guardiões, tendo sido de imediato questionada sua inconstitucionalidade em nossos Tribunais. Assim, em diversos Estados da Federação, foram ajuizadas inúmeras ações civis públicas, com fundamento tanto no ECA quanto na Lei nº 7.347/1985 e CF, através das quais, perante a Justiça Federal, buscavam compelir o Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, a inscrever os guardados como dependentes de seus guardiões no Regime Geral da Previdência Social, alegando de forma incidental a *inconstitucionalidade* do citado art. 16, §2º, da Lei nº 9.528/1997, que não poderia ter efetuado semelhante exclusão. No mesmo sentido, em ações individuais, tem sido reconhecido o direito da inscrição de criança ou adolescente sob guarda como dependente de seu guardião, quando constatada a guarda de fato (sem que esta seja "compartilhada" com os genitores da criança ou adolescente) e a dependência econômica daquele em relação a este. Neste sentido: *PREVIDENCIÁRIO. MENOR SOB GUARDA. PARÁGRAFO 2º, ART. 16 DA LEI 8.231/91. EQUIPARAÇÃO À FILHO. FINS PREVIDENCIÁRIOS. LEI 9.528/97. ROL DE DEPENDÊNCIA. EXCLUSÃO. PROTEÇÃO AO MENOR. ART. 33, PARÁGRAFO 3º DA LEI 8.069/90. ECA. GUARDA E DEPENDÊNCIA ECONÔMICA COMPROVAÇÃO. BENEFÍCIO. CONCESSÃO. POSSIBILIDADE. PRECEDENTES DO STJ. AGRAVO INTERNO DESPROVIDO. I. A redação anterior do §2º do artigo 16 da Lei 8.213/91 equiparava o menor sob guarda judicial ao filho para efeito de dependência perante o Regime Geral de Previdência Social. No entanto, a Lei 9.528/97 modificou o referido dispositivo legal, excluindo do rol do artigo 16 e parágrafos esse tipo de dependente. II. Todavia, a questão merece ser analisada à luz da legislação de proteção ao menor. III. Neste contexto, a Lei 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente - prevê, em seu artigo 33, §3º, que: 'a guarda confere à criança ou adolescente a condição de dependente, para todos os fins e efeitos de direito, inclusive previdenciário.' IV. Desta forma, restando comprovada a guarda deve ser garantido o benefício para quem dependa economicamente do instituidor, como ocorre na hipótese dos autos. Precedentes do STJ. V.- Agravo interno desprovido.* (STJ. 5ª T. Ag.Rg. no R.E. nº 684.077/RJ (2004/0141342-7) Rel. Min. Gilson Dipp. J. em 14/12/2004). No mesmo sentido: STJ. 5ª T. R.Esp. nº 642915/RS. Min. Laurita Vaz. J. em 22/08/2006. Tal solução, de fato, é mais lógica e racional (além de *constitucional*), pois se a guarda obriga a prestação de assistência material, nada mais correto do que reconhecer a dependência econômica para fins previdenciários, e se houver tentativas de burla à legislação, estas podem e devem ser evitadas e/ou coibidas através da *adequada avaliação técnica* que, na forma da lei, *deve preceder* a

concessão da medida e do *acompanhamento* e *fiscalização posteriores*, por parte dos órgãos competentes, que sempre podem requerer (a qualquer tempo) a *revogação* da guarda que tiver sido irregularmente concedida, observado o disposto no art. 35, do ECA.

111 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19 e 100, par. único, incisos IX e X e 201, inciso III, do ECA; Lei nº 12.318/2010, de 26/08/2010 (que dispõe sobre a alienação parental) e arts. 9º, nº 3 e 27, nº 4, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. Sobre o direito de visitas, vide arts. 1589 e 1632, do CC (analogia) e sobre os alimentos, vide art. 1694 e sgts. do CC e art. 229, da CF. Sendo a guarda um medida temporária por excelência, nada mais natural que a preocupação com a manutenção dos vínculos entre a criança/adolescente e seus pais, com vista à futura reintegração familiar (que como prevêem os arts. 19, §3º e 100, par. único, inciso X, do ECA, é medida *preferencial*), ressalvada a existência de situação que justifique plenamente solução diversa. O direito de visitas aos filhos colocados sob a guarda de terceiros (direito este que, a rigor, também pertence aos filhos) somente pode ser suprimido mediante decisão judicial fundamentada, em sede de procedimento contencioso, no qual seja assegurado aos pais o exercício do contraditório e da ampla defesa (vide restrição ao uso do procedimento previsto no art. 153, do ECA para tal finalidade, por força do disposto no parágrafo único do citado dispositivo). A Lei nº 12.318/2010, que dispõe sobre a alienação parental, é também aplicável aos guardiães, que podem perder a guarda e/ou sofrer outras sanções caso criem obstáculos ao exercício do direito de visitas pelos pais ou pratiquem outras condutas descritas no art. 2º, do mencionado Diploma Legal, destinadas a impedir a manutenção/fortalecimento de vínculos da criança/adolescente com sua família de origem. Já o dever de prestar alimentos persiste mesmo após eventual destituição do poder familiar, já que é determinado pela relação de parentesco, que não é suprimida mesmo pelo deferimento de tal medida extrema (apenas haverá perda da condição de filho - e o subsequente desaparecimento de todos os deveres paternofiliais - com o deferimento de eventual *adoção*).

Art. 34. O poder público estimulará, por meio de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, o acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente afastado do convívio familiar **[112]**.

§ 1º. A inclusão da criança ou adolescente em programas de acolhimento familiar terá preferência a seu acolhimento institucional, observado, em qualquer caso, o caráter temporário e excepcional da medida, nos termos desta Lei **[113]**.

§ 2º. Na hipótese do §1º deste artigo a pessoa ou casal cadastrado no programa de acolhimento familiar poderá receber a criança ou adolescente mediante guarda, observado o disposto nos arts. 28 a 33 desta Lei **[114]**.

112 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 227, §3º, inciso VI da CF e art. 260, §2º, do ECA. A nova redação suprimiu a expressão "órfão ou abandonado", que além de discriminatória, era por demais restritiva, diante da possibilidade do deferimento da guarda, inclusive por intermédio de programas de acolhimento familiar, mesmo a crianças e adolescentes que não se enquadravam em tais situações.

113 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 50, §11; 90, incisos III e IV, 101, incisos VII e VIII, 101, §1º e 170, par. único, do ECA. Importante atentar para o caráter eminentemente *temporário* da medida de acolhimento familiar, que embora seja preferível ao acolhimento institucional, não deve se estender por um período prolongado, devendo-se buscar

alternativas para colocação familiar, junto à família extensa ou mesmo perante terceiros. Vale observar que o acolhimento familiar pressupõe a colocação da criança ou adolescente sob a *guarda* da pessoa ou casal cadastrado no programa respectivo.

114 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 101, inciso VIII e §§1º a 12 e 170, par. único, do ECA. A pessoa ou casal cadastrado em programa de acolhimento familiar não poderá receber a criança ou adolescente diretamente da entidade responsável pela sua execução, mas sim mediante *guarda*, com a formalização da medida perante a autoridade judiciária competente (que posteriormente comunicará o deferimento da guarda à entidade - cf. art. 170, par. único, do ECA). O legislador foi impreciso ao utilizar o termo "poderá", quando se refere à colocação da criança ou adolescente em regime de acolhimento familiar sob guarda, pois neste e em outros casos é *indispensável* que a colocação familiar seja efetuada pela autoridade judiciária. A única alternativa possível à colocação de crianças e adolescentes sob a *guarda* da pessoa ou casal cadastrado em programa de acolhimento familiar será a colocação sob *tutela*, em não tendo aqueles representante legal (em razão de seus pais serem desconhecidos, falecidos ou já suspensos ou destituídos do poder familiar).

Art. 35. A guarda poderá ser revogada a qualquer tempo, mediante ato judicial fundamentado, ouvido o Ministério Público **[115]**.

115 Vide arts. 100, par. único; 101, §2º; 169, par. único; 201, inciso III e 202 a 204, todos do ECA. Embora a guarda possa ser revogada a qualquer tempo, é indispensável que os guardiões sejam ouvidos e informados das razões da medida, facultando-se-lhes a produção de provas em sua defesa. Em outras palavras, embora a destituição de guarda possa ser decretada em caráter liminar, a medida não poderá ser tomada de forma arbitrária, devendo ser observados os princípios constitucionais do contraditório e da ampla defesa (cf. art. 5º, inciso LV, da CF), além dos princípios relacionados no próprio ECA. É preciso ter em mente que a criança/adolescente muitas vezes mantém vínculos de afetividade com seus guardiães, cujo rompimento abrupto pode não ser recomendado. Assim sendo, a exemplo do que ocorre em relação a outras medidas que importam no rompimento de vínculos familiares, a destituição da guarda deve ser revestida de cautelas (como a realização de estudo psicossocial criterioso, oitiva da criança/adolescente - observado o disposto nos arts. 28, §1º e 100, par. único, inciso XII, do ECA - e a preparação e acompanhamento posterior), nada impedindo que, mesmo no caso de ser recomendável o afastamento da criança/adolescente do convívio de seus guardiães, seja assegurado a estes o direito de visitas, ainda que seja esta realizada na própria entidade (ou em outro espaço de convivência definido pela política de garantia do direito à convivência familiar) e/ou mediante supervisão técnica.

Subseção III - Da tutela [116]

Art. 36. A tutela será deferida, nos termos da lei civil **[117]**, a pessoa de até 18 (dezoito) anos incompletos **[118]**.

Parágrafo único. O deferimento da tutela pressupõe a prévia decretação da perda ou suspensão do poder familiar **[119]** e implica necessariamente o dever de guarda **[120]**.

116 Vide também Livro IV, Título IV, Capítulo I, do CC (arts. 1728 a 1766).

117 Livro IV, Título IV, Capítulo I, do CC (arts. 1728 a 1766). A Lei nº 8.069/1990 não traz muitas disposições relativas à tutela, que é regulada basicamente pelo Código Civil. A inserção da tutela *também* no ECA, no entanto, é importante para enfatizar a necessidade de uma *interpretação conjunta* entre as disposições contidas no ECA e na Lei Civil, de modo que os *princípios* e *regras de hermenêutica* por aquele estabelecidos sejam considerados e aplicados.

118 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 5º, *caput* e 1728 e sgts., do CC. O objetivo precípuo da tutela (e seu maior diferencial em relação à guarda), é o de *conferir um representante legal à criança ou adolescente que não o possui*, sendo cabível mais especificamente nas hipóteses previstas no art. 1728, do CC (valendo lembrar que a simples guarda - cf. art. 33, do ECA -, embora atribua ao guardião a condição de responsável legal pela criança ou adolescente, *não lhe confere o direito de representá-la na prática dos atos da vida civil*, ressalvado o disposto no art. 33, §2º, *in fine*, do ECA). Quando o tutelado atinge a idade da plena capacidade civil, ou é emancipado, a tutela cessa *pleno jure*, *ex vi* do disposto no art. 1763, do CC. Caso a incapacidade do tutelado persistir, após ter este completado 18 (dezoito) anos de idade, em razão de qualquer das hipóteses do art. 1767, do CC, deverá ter decretada sua *interdição* e ser colocado sob a *curatela* de quem de direito, nos moldes do previsto no Livro IV, Título IV, Capítulo II, do CC (arts. 1767 a 1783, do CC).

119 Ao contrário do que ocorre com a guarda, *a tutela não pode coexistir com o poder familiar*, tendo assim por *pressuposto* a prévia suspensão, destituição ou extinção deste. O procedimento para suspensão ou destituição do poder familiar está previsto nos arts. 155 a 163, do ECA. Quanto à extinção, vide art. 1635 do CC.

120 É imprescindível, portanto, que a criança ou adolescente *resida* com o tutor nomeado, que deverá prestar-lhe toda assistência material, moral e educacional (art. 33, primeira parte, do ECA), representá-lo ou assisti-lo na prática dos atos da vida civil e exercer os demais encargos previstos nos arts. 1740, 1741, 1747 e 1748, todos do CC. Isto não significa, no entanto, que o tutor não possa pleitear *alimentos* junto aos pais de seu pupilo, pois como visto acima, o dever de prestar alimentos persiste mesmo após eventual destituição do poder familiar, já que é determinado pela relação de parentesco (cf. art. 1694, do CC e art. 229, da CF), que não é suprimida mesmo pelo deferimento de tal medida extrema.

Art. 37. O tutor nomeado por testamento ou qualquer documento autêntico, conforme previsto no parágrafo único do art. 1.729 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, deverá, no prazo de 30 (trinta) dias após a abertura da sucessão, ingressar com pedido destinado ao controle judicial do ato, observando o procedimento previsto nos arts. 165 a 170 desta Lei [121].

Parágrafo único. Na apreciação do pedido, serão observados os requisitos previstos nos arts. 28 e 29 desta Lei, somente sendo deferida a tutela à pessoa indicada na disposição de última vontade, se restar comprovado que a medida é vantajosa ao tutelando e que não existe outra pessoa em melhores condições de assumi-la [122].

121 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 1729, do CC. A nomeação de tutor por testamento ou outro documento *não prescinde* da deflagração de procedimento judicial específico, previsto nos arts. 165 a 170, do ECA, com vista à colocação da criança ou adolescente sob tutela (embora o

procedimento venha a adotar a forma simplificada do art. 166, do ECA). Se o tutor nomeado não ingressar com o pedido de nomeação no prazo legal, o Ministério Público poderá fazê-lo, *ex vi* do disposto no art. 201, inciso III, do ECA. Desnecessário dizer que a tutela testamentária somente terá lugar se *ambos os pais* forem falecidos (ou se falecido apenas aquele em nome do qual a criança/adolescente estiver registrado ou apenas aquele que exercer o poder familiar em relação a este). Enquanto a criança/adolescente tiver ao menos um dos pais, e este se encontrar no regular exercício do poder familiar, não há que se falar em tutela.

122 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 151, do ECA. O tutor nomeado (melhor seria que o legislador tivesse dito "*indicado*") pelos pais por testamento ou outro documento autêntico deverá demonstrar que preenche os requisitos legais necessários a assumir o encargo, podendo a autoridade judiciária, a depender da situação, *deixar de referendar* a *indicação* efetuada na disposição de última vontade, *nomeando outra pessoa mais preparada* e/ou que tenha maior relação de afinidade/afetividade com a criança ou adolescente (conforme art. 28, §3º, do ECA). Em outras palavras, a "nomeação de tutor por testamento", embora deva ser considerada e o quanto possível respeitada pela autoridade judiciária, *não é "automática"* (até porque a própria validade do testamento tem de ser aferida e declarada judicialmente - cf. arts. 1125 e sgts., do CPC), nem confere à pessoa *indicada* o "direito" de assumir a tutela. Vale sempre lembrar que a tutela é uma *medida de proteção*, visando atender aos interesses da criança/adolescente, e não dos adultos, e as normas relativas à colocação em família substituta são de *direito público*, orientadas pelo *princípio constitucional da proteção integral à criança e ao adolescente*, que considera estes como *sujeitos de direitos* (e não meros "objetos" de livre disposição - máxime quando *post mortem* - de seus pais), prevalecendo, portanto, em relação a disposições contidas na Lei Civil que, de uma forma ou de outra, devem ser interpretadas e aplicadas à luz do disposto nos arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA e art. 227, *caput*, da CF.

Art. 38. Aplica-se à destituição da tutela o disposto no art. 24 **[123]**.

123 Vide arts. 24 e 164, do ECA e arts. 1194 a 1198, do CPC. A destituição da tutela é medida aplicável ao tutor (art. 129, inciso IX, do ECA), que somente pode ser decretada pela autoridade judiciária, em procedimento contencioso, no qual seja assegurado o contraditório e a ampla defesa, conforme disposição expressa do art. 24, do ECA, a que se faz remissão. O procedimento para destituição de tutela é o previsto nos arts. 1194 a 1198, do CPC (ao qual se reporta o art. 164, do ECA).

Subseção IV - Da adoção [124]

Art. 39. A adoção de criança e de adolescente reger-se-á segundo o disposto, nesta Lei **[125]**.

§ 1º. A adoção é medida excepcional e irrevogável, à qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa, na forma do parágrafo único do art. 25 desta Lei **[126]**.

§ 2º. É vedada a adoção por procuração **[127]**.

124 Vide art. 21, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; Livro IV, Título I, Subtítulo II, Capítulo IV, do CC (arts. 1618 a 1629) e art. 227, §§5º

e 6º, da CF. Vide também o disposto na Lei nº 10.447/2002, de 09/05/2002, que instituiu o dia 25 de maio como o "*Dia Nacional da Adoção*" e no art. 392-A, da CLT (com a redação que lhe deu a Lei nº 10.421/2002, de 15/04/2002), que confere à mãe adotiva o direito à licença-maternidade e ao salário-maternidade. Importante observar que a Lei nº 12.010/2009 *revogou* os §§1º a 3º, do art. 392-A, da CLT, acabando assim com os diversos períodos de duração da licença maternidade para mães adotivas, que variavam de acordo com a idade do adotado. Diante de tal alteração legislativa, a duração do período de licença maternidade para mães adotivas, que trabalham sob o regime da CLT, passa a ser *o mesmo* daquele previsto para as mães biológicas, *independentemente da idade* do adotado. Em que pese a alteração legislativa promovida na CLT, várias leis municipais e estaduais relativas ao funcionalismo público, de forma absolutamente equivocada (e *inconstitucional*, face o disposto nos arts. 5º, *caput* e inciso I; 7º, inciso XVIII e 227, *caput* e §6º, da CF), estabelecem um período de licença maternidade de duração variável e "proporcional" à idade do(a) adotando(a). Tal variação acaba por privilegiar a adoção de recém-nascidos ou de crianças de até 01 (um) ano de idade, em detrimento da adoção de crianças de mais idade e adolescentes, indo assim na "contra-mão" dos esforços realizados no sentido de estimular a chamada "adoção tardia". O correto, em nome inclusive do *princípio da isonomia* e da constatação elementar de que crianças de mais idade e adolescentes seguramente irão precisar de um período maior de adaptação ao lar adotivo, seria a concessão do prazo constitucional de 120 (cento e vinte) dias (ou 180 dias, nos casos, de empresas que se enquadram nas disposições da Lei nº 11.770/2008, de 09/09/2008), para a adoção de *qualquer criança ou adolescente, independentemente de sua idade*, para o funcionalismo público em geral, a exemplo do já previsto na CLT.

125 A adoção é o instituto pelo qual se estabelece o *vínculo de filiação* por *decisão judicial*, em caráter *irrevogável*, quando não for possível a manutenção da criança ou adolescente em sua família natural ou extensa. O projeto de lei original que culminou com a aprovação da Lei nº 12.010/2009 definia a adoção como "...*a inclusão de uma pessoa em família distinta da sua natural, de forma irrevogável, gerando vínculos de filiação, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-a de quaisquer laços com pais e parentes biológicos, salvo os impedimentos matrimoniais, mediante decisão judicial*". Com o advento da Lei nº 12.010/2009, a adoção de crianças e adolescentes voltou a ser regulada *apenas* pela Lei nº 8.069/1990, tendo o Código Civil passado a fazer referência unicamente à *adoção de maiores de 18 anos* (a Lei nº 12.010/2009, em seu art. 8º, revogou os arts. 1620 e 1629, que dispunham sobre a adoção em geral e modificou a redação dos arts. 1618 e 1619, da Lei Civil, dispondo este último que "*A adoção de maiores de 18 (dezoito) anos dependerá da assistência efetiva do poder público e de sentença constitutiva, aplicando-se, no que couber, as regras gerais da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente*"). A sistemática resultante ficou mais adequada, pois não deixa dúvida de que a adoção de crianças e adolescentes está sujeita tão somente às normas e, acima de tudo, aos princípios consagrados pela Lei nº 8.069/1990, minimizando assim possíveis erros de interpretação e distorções na aplicação da lei.

126 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, *caput* e §3º; 49 e 100, par. único, inciso X, do ECA. O dispositivo deixa claro que a adoção (assim como as demais formas de colocação de criança ou adolescente em família substituta - cf. art. 28, do ECA), é uma medida *excepcional*, que somente terá lugar após *esgotadas as possibilidades de manutenção da criança ou adolescente em sua família de origem ou família extensa* (cf. arts. 19, *caput* e §3º e 100, par. único, inciso X, do ECA), valendo destacar a preocupação da Lei nº 12.010/2009 em criar mecanismos adicionais destinados à orientação, apoio e promoção social das famílias, em cumprimento, inclusive, ao disposto no art.

226, *caput*, da CF. Com tais mecanismos, o legislador tenta reverter uma tendência um tanto quanto perversa e preconceituosa, além de equivocada (com o devido respeito), de parte da doutrina e da jurisprudência de "demonizar" a paternidade biológica em favor da socioafetiva. É preciso tomar cuidado com semelhantes posturas, que têm levado à propositura de ações de destituição do poder familiar de forma açodada, sem a prévia realização de qualquer trabalho *sério* junto à família de origem da criança ou adolescente voltado a seu "resgate social", em flagrante violação ao disposto na lei e na Constituição Federal e, não raro, com graves prejuízos àqueles que, com a medida, se pretendia proteger. Se é verdade que os vínculos afetivos são imprescindíveis ao desenvolvimento sadio de uma criança ou adolescente, e que a simples existência de um vínculo biológico não é garantia de que os pais irão exercer a contento seus deveres para com seus filhos, isto não dá ao Estado (*lato sensu*) o direito de tratá-los com preconceito e discriminação, e muito menos de deixar de perseguir - e com afinco, determinação e profissionalismo -, a devida reestruturação sociofamiliar. Assim sendo, por intermédio deste e de inúmeros outros dispositivos (com ênfase para os *princípios* inseridos no art. 100, par. único, incisos IX e X, do ECA), o legislador procurou resgatar o *compromisso* do Poder Público para com as famílias, privilegiando a manutenção da criança ou adolescente em sua família biológica, investindo no resgate/fortalecimento dos vínculos familiares e evitando, o quanto possível, o rompimento dos laços parentais em caráter definitivo. Neste contexto, a destituição do poder familiar e posterior adoção jamais podem ser os objetivos da intervenção estatal quando da constatação de que uma criança ou adolescente se encontra em situação risco, sendo a aplicação das medidas respectivas *condicionada* à *comprovação*, através de uma completa e criteriosa avaliação técnica interprofissional, de que o rompimento, em definitivo, dos vínculos com os pais e parentes biológicos é *única* a solução cabível no caso em concreto. A propósito, uma vez consumada (vide art. 47, §7º, do ECA), a adoção não mais pode ser revogada, atribuindo ao adotado a condição de filho do adotante com todos os direitos e deveres daí decorrentes, sendo mesmo vedada, por determinação do art. 227, §6º, da Constituição Federal, qualquer designação discriminatória quanto à origem da filiação. Nada impede, porém, que diante da eventual ocorrência de grave violação dos direitos dos filhos por parte de seus pais adotivos, estes tenham decretada a perda do poder familiar que exercem em relação àqueles, tal qual ocorre com os pais biológicos. É também admissível, em tese, que em tal hipótese, os pais biológicos venham a adotar seus ex-filhos, desde que satisfeitos os requisitos legais, a exemplo do que pode ocorrer no caso de morte dos pais adotivos (vide comentários ao art. 49, do ECA). Sobre a irrevogabilidade da adoção, interessante colacionar o seguinte aresto: *ADOÇÃO. IRREVOGABILIDADE. É irrevogável a adoção feita antes da Constituição Federal de 1988, mesmo se celebrada pelo sistema do Código Civil, pelo menos, com certeza doutrinária e jurisprudencial, se o adotado o foi quando ainda não tivesse idade superior a 18 anos. O novo estatuto legal da adoção atinge as que foram celebradas anteriormente, estabelecendo a igualdade também para os filhos adotivos que houvessem sido adotados pelo CC, obedecida aquela faixa etária; princípios e normas de direito intertemporal atinentes ao tema.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. nº 595.137.779. Rel. Des. Sérgio Gischkow Pereira. J. em 23/11/1995). Finalmente, vale o registro de que o fato de a adoção ser irrevogável logicamente não obsta a possibilidade de se propor ação rescisória ou anulatória da sentença que defere a medida, *ex vi* do disposto no art. 166 e sgts. do CC e art. 485 e sgts. do CPC.

127 A adoção, por suas características e implicações, possui um caráter *personalíssimo*, demandando a análise de certos requisitos, como o estabelecimento de uma relação de afinidade e afetividade entre adotante(s) e adotando, a adaptação deste ao convívio da nova família, dentre outros, que

tornam indispensável o contato prévio entre eles, permitindo assim a adequada avaliação da situação em concreto pela autoridade judiciária, a partir de um criterioso estudo de caso que deve ser levado a efeito por uma equipe técnica interprofissional, a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, nos moldes do previsto nos arts. 150 e 151, do ECA. Tais fatores, somados à constatação de que a adoção de crianças e adolescentes não possui, como na origem do instituto, um caráter "contratual", mas sim se constitui numa *medida de proteção*, que deve ser aplicada com *cautela* e *responsabilidade* pela autoridade judiciária, tornam completamente inviável a adoção por procuração. Sobre a matéria, interessante colacionar o seguinte julgado: *MENOR. SITUAÇÃO IRREGULAR. ADOÇÃO. Pedido formulado através de procuração por casal estrangeiro que não teve o mínimo contato com a criança a ser adotada. Inadmissibilidade. Necessidade de estágio de convivência, ainda que reduzido, para que não ocorra arrependimento futuro quanto à escolha efetuada pelo procurador. Aplicação do art. 39, parágrafo único da Lei 8.069/90. Adoção simples. Pedido formulado por procurador. Requerentes estrangeiros. Ausência de estágio de convivência. Não obstante o interesse do Poder Judiciário de que menores em situação irregular adquiram pais adotivos, fica vedada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente a adoção por procuração, uma vez que os adotantes, ainda que estrangeiros, têm que ter o mínimo contato com a criança a ser adotada, isto é, um reduzido estágio de convivência, para que não ocorra arrependimento futuro quanto àquela escolhida pelo procurador.* (TJSP. 4ª C. Cív. A.I. nº 22.243-4. Rel. Des. Monteiro de Barros. J. em 20/06/1991).

Art. 40. O adotando deve contar com, no máximo, dezoito anos à data do pedido, salvo se já estiver sob a guarda ou tutela dos adotantes **[128]**.

128 Como mencionado em comentários ao art. 2º, par. único, do ECA, a guarda e a tutela cessam *pleno jure* aos 18 (dezoito) anos de idade, com a aquisição da plena capacidade civil (cf. arts. 5º, *caput* e 1763, inciso I, do CC), pelo que, a princípio, se poderia argumentar que esta disposição estaria tacitamente revogada pela nova Lei Civil. Tal interpretação, no entanto, não nos parece a mais acertada, pois mesmo antes do advento do Código Civil de 2002, já se considerava que a *guarda* não se estendia para além dos 18 (dezoito) anos (a *contrariu sensu* do disposto no art. 2º, par. único, do ECA), e nem por isto se deixava de aplicar o dispositivo. Assim sendo, o importante é verificar se, ao completarem 18 anos de idade, os adotandos se encontravam sob a guarda (ainda que de fato) ou tutela dos pretendentes à adoção. Em tais casos o *procedimento* a ser utilizado é o regido por esta Lei Especial (arts. 165 a 170, do ECA), e a *competência* para o processo e julgamento será da Justiça da Infância e da Juventude (conforme art. 148, inciso III, do ECA, tendo como maiores vantagens a *isenção de custas e emolumentos* preconizada pelo art. 141, §2º, do ECA e a garantia de um trâmite prioritário, conforme determina o art. 152, par. único, do ECA). Entretanto, o pedido deverá ser ajuizado até a data em que o adotando completar 21 (vinte e um) anos de idade, pois após esta idade, conforme dispõe art. 2º, par. único, do ECA, cessa toda e qualquer possibilidade de aplicação das disposições estatutárias, passando a adoção a ser regida inteiramente pela Lei Civil e não mais podendo ser processada e julgada perante a Justiça da Infância e Juventude (para os pedidos de adoção em andamento, prevalece a regra da chamada *perpetuatio jurisdictionis*, não havendo, em tais casos, que se falar no deslocamento da competência para o Juízo Cível).

Art. 41. A adoção atribuiu a condição de filho ao adotado [129], com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais [130].

§ 1º. Se um dos cônjuges ou concubinos adota o filho do outro, mantém-se os vínculos de filiação entre o adotado e o cônjuge ou concubino do adotante e os respectivos parentes [131].

§ 2º. É recíproco o direito sucessório entre o adotado, seus descendentes, o adotante, seus ascendentes, descendentes e colaterais até o 4º grau, observada a ordem de vocação hereditária [132].

129 Vide art. 227, §6º, da CF e art. 20, do ECA.

130 Vide arts. 39, §1º e 47, §2º, do ECA. Sobre os impedimentos matrimoniais, vide art. 1521, incisos III e V, do CC. No direito brasileiro, a adoção é a *única* hipótese prevista para *perda da condição de filho*, vez que há o rompimento do próprio *vínculo parental* entre o adotado e seus pais e parentes biológicos (o que *não ocorre* mesmo quando da destituição do poder familiar, nas hipóteses dos arts. 22 e 24 do ECA e 1638, do CC, da exclusão da sucessão, nas hipóteses do art. 1814, do CC e da deserdação, conforme previsto nos arts. 1961 a 1965, do CC). Uma vez consumada a adoção, a relação de parentesco original é *extinta* e, de forma concomitante, *uma nova relação de parentesco é estabelecida*, passando o adotado, a partir daí, a ter os mesmos direitos e obrigações que os filhos biológicos em relação a seus pais e parentes adotivos (sendo inclusive vedada qualquer designação discriminatória quanto à origem da filiação, por força do disposto no art. 227, §6º, da CF).

131 Trata-se da chamada "*adoção unilateral*", que se constitui numa *exceção à regra* do rompimento de vínculos parentais entre o adotando e seus pais e parentes consanguíneos. O mais adequado seria substituir a expressão "*concubinos*" por "*companheiros*", a exemplo do que ocorreu com o art. 42, §4º, do ECA, acrescido pela Lei nº 12.010/2009.

132 Vide arts. 5º, incisos XXX e XXXI e 227, §6º, da CF. Disposição ociosa, na medida em que o direito sucessório decorre naturalmente da relação de parentesco civil que se estabelece com a adoção, nos moldes do que dispõem os já citados art. 227, §6º, da CF e art. 41, do ECA. Sobre a ordem de vocação hereditária, vide art. 1829, do CC, sendo certo que o adotado, na condição de filho, é parente do adotante na linha reta descendente, em primeiro grau, o que o torna herdeiro necessário, na forma do disposto no art. 1845, do CC.

Art. 42. Podem adotar os maiores de 18 (dezoito) anos, independentemente do estado civil [133].

§ 1º. Não podem adotar os ascendentes e os irmãos do adotando [134].

§ 2º. Para adoção conjunta, é indispensável que os adotantes sejam casados civilmente ou mantenham união estável, comprovada a estabilidade da família [135].

§ 3º. O adotante há de ser, pelo menos, dezesseis anos mais velho do que o adotando [136].

§ 4º. Os divorciados, os judicialmente separados e os ex-companheiros podem adotar conjuntamente, contanto que acordem sobre a guarda e o regime de visitas [137] e desde que o estágio de convivência tenha sido iniciado na constância do período de convivência e que seja comprovada a existência de vínculos de afinidade

e afetividade com aquele não detentor da guarda, que justifiquem a excepcionalidade da concessão [138].

§ 5º. Nos casos do § 4º deste artigo, desde que demonstrado efetivo benefício ao adotando, será assegurada a guarda compartilhada, conforme previsto no art. 1.584 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil [139].

§ 6º. A adoção poderá ser deferida ao adotante que, após inequívoca manifestação de vontade, vier a falecer no curso do procedimento, antes de prolatada a sentença [140].

133 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 5º, *caput*, do CC. De acordo com a redação original da Lei nº 8.069/1990, a idade mínima para adoção era de 21 (vinte e um) anos (compatível com a idade da plena capacidade civil, à época). O art. 1618, *caput*, do Código Civil de 2002, já havia reduzido para 18 (dezoito) anos a idade mínima para adoção (de modo a também adequá-la à idade da plena capacidade civil instituída pelo art. 5º, *caput*, da nova Lei Civil). Ao revogar o referido dispositivo do Código Civil, a Lei nº 12.010/2009 procurou manter esta idade mínima, embora seja duvidoso que jovens adultos na faixa dos 18 (dezoito) anos manifestem interesse e/ou mesmo tenham maturidade suficiente para adotar (como é reconhecido pela legislação de outros países, que em geral estabelecem idades mínimas mais elevadas). Assim sendo, qualquer pessoa maior de 18 (dezoito) anos, mesmo que seja solteira, pode adotar, devendo, no entanto, se submeter ao procedimento de habilitação previsto nos arts. 197-A a 197-E, do ECA (ressalvadas as exceções previstas no art. 50, §13, do ECA) e demonstrar, em qualquer caso (cf. arts. 28, §3º, 29 - a *contrariu sensu*; 43 e 50, §14, do ECA), que possui maturidade e preparo para adoção. Vale também mencionar que, apesar de prever uma idade *mínima* para adoção, *não há*, no Direito Brasileiro, a previsão de uma idade *máxima*, tal qual ocorre em outros países. Interessante observar que, ao revogar o art. 1618, par. único, do Código Civil (onde constava que "*a adoção por ambos os cônjuges ou companheiros poderá ser formalizada, desde que um deles tenha completado dezoito anos de idade, comprovada a estabilidade da família*"), a Lei nº 12.010/2009 acabou por abolir (acertadamente, vale dizer) a possibilidade de consumação da adoção por uma pessoa com idade inferior a 18 (dezoito) anos (que como visto era facultada pela Lei Civil, em se tratando de adoção conjunta, quando um dos adotantes tivesse tal idade). Assim sendo, a idade mínima de 18 (dezoito) anos para adoção prevalece *em qualquer caso*, valendo o registro de que eventual emancipação, nos termos do previsto no art. 5º, do CC, não confere ao emancipado, menor de 18 (dezoito) anos, o direito de adotar (vide comentários ao art. 2º, do ECA).

134 O deferimento da adoção aos ascendentes e irmãos do adotando não lhe traria qualquer vantagem (o que de *per se* já se constituiria em impeditivo para a concretização da medida, *ex vi* do disposto no art. 43, do ECA), podendo em contrapartida lhe trazer prejuízos, seja devido à "confusão" decorrente da transformação de avós e irmãos em "pais", seja em razão da perda dos direitos sucessórios em relação a seus pais biológicos. Para o amparo de crianças e adolescentes afastados do convívio dos pais junto a seus avós e irmãos, suficiente e mais adequado o emprego dos institutos da *guarda* ou *tutela*, que não importam no rompimento de vínculos com seus pais biológicos, tal qual ocorre com a adoção.

135 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 226 e §3º, da CF e art. 197-C, do ECA. Procurou-se aqui privilegiar a adoção por casais heterossexuais. Embora não haja previsão expressa da adoção por pares homossexuais, tem sido cada vez mais comum o reconhecimento de tal possibilidade, desde que preenchidos os demais requisitos legais e que a medida

se mostre vantajosa ao adotando (cf. art. 43, do ECA). Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. ADOÇÃO. CASAL FORMADO POR DUAS PESSOAS DE MESMO SEXO. POSSIBILIDADE. Reconhecida como entidade familiar, merecedora da proteção estatal, a união formada por pessoas do mesmo sexo, com características de duração, publicidade, continuidade e intenção de constituir família, decorrência inafastável é a possibilidade de que seus componentes possam adotar. Os estudos especializados não apontam qualquer inconveniente em que crianças sejam adotadas por casais homossexuais, mais importando a qualidade do vínculo e do afeto que permeia o meio familiar em que serão inseridas e que as liga aos seus cuidadores. É hora de abandonar de vez preconceitos e atitudes hipócritas desprovidas de base científica, adotando-se uma postura de firme defesa da absoluta prioridade que constitucionalmente é assegurada aos direitos das crianças e dos adolescentes (art. 227 da Constituição Federal). Caso em que o laudo especializado comprova o saudável vínculo existente entre as crianças e as adotantes. NEGARAM PROVIMENTO. UNÂNIME. (SEGREDO DE JUSTIÇA).* (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70013801592. Rel. Luiz Felipe Brasil Santos. J. em 05/04/2006). Em qualquer caso, é necessário avaliar se os postulantes apresentam um ambiente familiar estável, adequado e saudável, a partir de um estudo técnico criterioso realizado pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude. Como ao contrário do que ocorre em outros países não é fixado um período mínimo de convivência para adoção conjunta e/ou para que se entenda caracterizada a "estabilidade da família", a aferição do preenchimento deste requisito irá depender da análise de cada caso e do entendimento (devidamente explicitado na decisão) de cada Juízo ou Tribunal, dando margem a dúvidas e controvérsias.

136 O estabelecimento de uma diferença mínima de idade entre adotante e adotando visa assegurar à família adotiva uma composição etária similar à de uma família biológica, segundo o tradicional conceito da "*adoptio naturam imitatur*" (a adoção procura imitar a natureza). A existência dessa diferença mínima de idade visa também favorecer a própria relação paternofilial, tornando mais fácil aos pais o exercício de sua autoridade em relação aos filhos.

137 Vide art. 1121, inciso II, do CPC, com a redação que lhe deu a Lei nº 11.112/2005, de 13/05/2005, que estabelece, como requisito da petição inicial da ação de separação consensual, o acordo dos cônjuges acerca do regime de visitas dos filhos crianças ou adolescentes. Quis o legislador evitar o deferimento da adoção conjunta aos ex-cônjuges ou ex-companheiros sem que antes sejam resolvidas as situações que geralmente são fontes de conflito entre os pais e de angústia e sofrimento para os filhos. Na ausência de acordo, a adoção deverá ser deferida a apenas *um* dos postulantes, notadamente aquele que apresentar melhores condições éticas, morais e emocionais (inteligência do art. 29, do ECA) e com o qual o adotando tiver maior relação de afinidade e afetividade (cf. art. 28, §3º, segunda parte, do ECA).

138 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009, para acrescer a possibilidade de os ex-companheiros também adotarem conjuntamente, em observância ao disposto no art. 226, §3º, da CF. Houve também o acréscimo da necessidade de avaliação da existência de vínculos de afinidade e afetividade (prioritariamente sob a ótica da criança ou adolescente, logicamente - valendo neste sentido observar o contido no art. 100, par. único, incisos II e IV, do ECA), que justifiquem o deferimento da adoção conjunta para pais já separados, o que somente deve ocorrer - como o dispositivo deixa claro - em caráter *excepcional*. Desnecessário mencionar que, em tal caso, a realização de um estudo técnico criterioso, assim como a adequada preparação psicossocial dos adotantes (cf. arts. 50, §3º e 197-C, §1º, do ECA) e um sistemático acompanhamento posterior (cf. art. 28, §5º, do ECA), mostram-se *imprescindíveis*.

139 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. O deferimento da guarda compartilhada deverá observar os requisitos próprios do instituto contidos na Lei Civil, sem prejuízo da observância dos princípios, cautelas e critérios necessários ao deferimento da adoção relacionados nos arts. 29 (a *contrariu sensu*), 43 e os princípios relacionados no art. 100, *caput* e par. único do ECA. Assim sendo, o efetivo exercício da guarda compartilhada deverá ser precedido de uma avaliação técnica criteriosa acerca de sua adequação ao caso em concreto (observado o interesse da criança/adolescente), assim como da preparação dos pais para que a execução da medida ocorra sem qualquer entrave ou prejuízo aos filhos, podendo o regime respectivo ser implementado de forma progressiva, inclusive para permitir a preparação também da criança/adolescente que será atingido pela medida. É de todo conveniente, ademais, que ao menos no início, a execução da medida seja acompanhada, de modo a verificar se, de fato, ela é a mais adequada aos interesses infanto-juvenis que, com sua instituição, se pretende resguardar.

140 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 5º, inciso XXX, da CF; art. 47, §7º, do ECA e art. 1784 e sgts., do CC. É conhecida como "*adoção póstuma*", em que o adotante vem a falecer no curso do procedimento. É o único caso em que a sentença constitutiva de adoção passa a produzir efeitos *não* a partir de seu trânsito em julgado (como é a regra), mas *sim* a partir da data do óbito do adotante, visando preservar os *direitos sucessórios* do adotado. Embora a rigor, o deferimento da "adoção póstuma" tenha por pressuposto o ajuizamento da ação de adoção *antes do óbito* do adotante, o STJ já reconheceu, dadas as peculiaridades do caso, a possibilidade do deferimento desta modalidade de adoção mesmo quando o procedimento é instaurado *após o óbito* do adotante: *ADOÇÃO PÓSTUMA. PROVA INEQUÍVOCA. O reconhecimento da filiação na certidão de batismo, a que se conjugam outros elementos de prova, demonstra a inequívoca intenção de adotar, o que pode ser declarado ainda que ao tempo da morte não tenha tido início o procedimento para a formalização da adoção. Procedência da ação proposta pela mulher para que fosse decretada em nome dela e do marido pré-morto a adoção de menino criado pelo casal desde os primeiros dias de vida. Interpretação extensiva do art. 42, §5º, do ECA. Recurso conhecido e provido.* (STJ. 4ª T. R.Esp. nº 457635/PB. Rel. Min. Rui Rosado de Aguiar. J. em 19/11/2002. *In* RT 815/225).

Art. 43. A adoção será deferida quando apresentar reais vantagens para o adotando e fundar-se em motivos legítimos [141].

141 Vide arts. 50, §§1º a 4º; 100, par. único, inciso IV e 197-A a E, do ECA. A adoção visa satisfazer, fundamentalmente, os interesses do adotado, a quem a medida visa aproveitar. O "foco" da atuação da Justiça da Infância e da Juventude (em parceria com outros órgãos encarregados da garantia do efetivo exercício do direito à convivência familiar a todas as crianças e adolescentes), portanto, não é a localização de uma criança ou adolescente para pessoas interessadas em adotar, mas sim um lar para as crianças e adolescentes afastadas do convívio familiar. A presença de *vantagens concretas ao adotando* deve ser devidamente demonstrada nos autos, para o que a realização de uma completa avaliação interprofissional, que também seja capaz de apurar a real motivação e o preparo dos pretendentes à adoção para assumir a condição de pais do adotado e os encargos inerentes a tal condição, se mostra verdadeiramente *imprescindível* para assegurar uma decisão correta e, acima de tudo, *responsável*. Neste sentido: *PROCESSO CIVIL. MANDADO DE SEGURANÇA. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ADOÇÃO. COMPROVAÇÃO DE VANTAGENS PARA O ADOTANDO. AVALIAÇÃO DOS ADOTANTES E ADOTANDOS. NECESSIDADE. ATO JUDICIAL. DIREITO DO ADOTANDO. INEXISTÊNCIA DE DIREITO LÍQUIDO E CERTO. O Estatuto da Criança e do Adolescente (artigos 29*

e 43 da Lei nº 8.069/90) exige a comprovação de vantagens reais para a criança ou adolescente como condição ao deferimento da adoção. Essa comprovação se faz através da avaliação psicossocial dos adotantes e adotandos. Ato judicial que determina a submissão dos adotantes à avaliação psicossocial não fere direito líquido e certo dos adotantes. O direito de adoção não é dos pais biológicos, nem dos pais adotivos, mas do adotando. A adoção é uma medida de proteção aos direitos da criança e do adolescente e não um mecanismo de satisfação de interesses dos adultos. Recurso conhecido, porém, desprovido. (STJ. 3ª T. RMS nº 19508/SC. ROMS nº 2005/0003208-3. Rel. Min. Nancy Andrigui. Publ. DJU de 27/06/2005, p. 360); Não basta, para justificar a adoção, a alegação de vantagem sob o aspecto meramente patrimonial (inteligência do disposto no art. 23 e par. único, do ECA), para fins previdenciários e/ou sucessórios, máxime se não há razão para privar os filhos do convívio de seus pais, ainda que estes consintam com a medida. Neste sentido, vale colacionar o seguinte aresto: *APELAÇÃO CÍVEL. ADOÇÃO. PRELIMINARES DE NULIDADE. COMPETÊNCIA. AUSÊNCIA DA OITIVA DOS GENITORES DOS MENORES. Por se tratar de adoção de menor, a competência é do Juizado da Infância e da Juventude. Inteligência do art. 148, inciso III, do ECA. No caso presente, não apresentada a situação autorizadora da adoção, se mostra irrelevante e até mesmo inoportuna, a oitiva dos genitores para o fim de manifestarem seu consentimento. MÉRITO. Ausente qualquer irregularidade na situação dos infantes, cuja guarda vem sendo exercida pelos genitores, improcede o pedido de adoção, para o fim de beneficiar aos infantes na sucessão, eis que pode fazê-lo mediante testamento. Preliminares afastadas. Apelo desprovido. Unânime.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ac. nº 70009207747. Rel. Des. Walda Maria Melo Pierro. J. em 26/08/2004). A separação de grupos de irmãos, para fins de adoção por pessoais ou casais diversos, é considerada prejudicial às crianças e adolescentes, sendo atentatória ao princípio insculpido nos arts. 28, §4º e 100, caput, do ECA e também reproduzido no art. 92, inciso V, do ECA e art. 1733, caput, do CC. Neste sentido: *Adoção de menores, órfãos de ambos os pais, por adotantes diferentes - quebra da unidade familiar - inconveniência. I. A adoção de irmãos órfãos a patre e a matre é de grande valia, preservando-se a unidade da família; II. A adoção de uma, separando das três outras irmãs, pode resultar frustração e não raro em conflito psicológico, devendo a todo custo ser evitado; III. A requerente, tia da menor, já cuida com carinho e desvelo da sua sobrinha, munida de Termo de Guarda e Responsabilidade, provisoriamente, ora mantido, levando-se em conta mais o interesse dos menores do que dos que o têm sob guarda; IV. Recurso conhecido e provido. Decisão por maioria.* (TJGO. 2a C. Cív. Ap. nº 42.732-6/188. Rel. Des. Gonçalo Teixeira e Silva. J. em 04/09/1997).

Art. 44. Enquanto não der conta de sua administração e saldar o seu alcance, não pode o tutor ou o curador adotar o pupilo ou o curatelado **[142]**.

142 Vide arts. 1755 e sgts., do CC.

Art. 45. A adoção depende do consentimento dos pais ou do representante legal do adotando **[143]**.

§ 1º. O consentimento será dispensado em relação à criança ou adolescente cujos pais sejam desconhecidos ou tenham sido destituídos do poder familiar **[144]**.

§ 2º. Em se tratando de adotando maior de doze anos de idade, será também necessário o seu consentimento **[145]**.

143 Vide arts. 8º, §5º, 19, §3º, 100, par. único, incisos I, IX a XII, 166, *caput* e §§ 1º a 6º, do ECA. A previsão da possibilidade do "consentimento" dos pais com a

adoção de seus filhos é de constitucionalidade, no mínimo, questionável, vez que o direito que está em jogo - o *direito à convivência familiar* - é um direito que pertence à criança ou adolescente, que não é "propriedade" de seus pais (cf. art. 100, par. único, inciso I, do ECA). Cabe ao Poder Público desenvolver políticas e programas voltados à proteção e promoção da *família* (cf. art. 226, da CF; arts. 87, inciso VI, 90, *caput*, inciso I e §2º, 101, inciso IV e 129, incisos I a IV, do ECA e arts. 2º e 23, da LOAS), que permitam a esta criar e educar seus filhos com responsabilidade, em condições dignas de vida. Não por acaso disposição constitucional e legal (art. 227, *caput*, da CF e art. 4º, *caput*, do ECA) relaciona a família como a *primeira* das instituições a atuar na defesa dos direitos infanto-juvenis. De uma forma ou de outra, ainda que se entenda como "válido" tal consentimento, é importante que seja desenvolvido um trabalho *sério* voltado a fazer com que os pais *reflitam melhor* sobre tal intenção, não devendo ser aceita qualquer condicionante, como a indicação da pessoa ou casal para o(s) qual(is) os pais querem "entregar" seu filho (que como dito, não se trata de um "objeto" de sua propriedade). A chamada "adoção *intuitu personae*", por sinal, foi *proscrita* pela Lei nº 12.010/2009, *não mais sendo juridicamente admissível*, até mesmo por atentar contra os *princípios da dignidade da pessoa humana* e da *condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos* (cf. arts. 1º, inciso III, da CF e art. 100, par. único, inciso II, do ECA, respectivamente). A possibilidade jurídica do *consentimento* dos pais com a adoção de seus filhos, portanto, não os autoriza a "escolher" a pessoa ou casal adotante, ficando tal tarefa a cargo da Justiça da Infância e da Juventude, com todas as cautelas e critérios para tanto estabelecidos pelo ordenamento jurídico vigente. Sobre a matéria, vide também o disposto no art. 238, do ECA.

144 Vide art. 166 e §§ 1º a 6º, do ECA.

145 Vide art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 28, §2º, do ECA. Embora não se exija o consentimento da criança adotanda, sua oitiva, ainda que por intermédio de equipe interprofissional habilitada (o que é mesmo o mais recomendável, na maioria dos casos) é necessária, sempre que a mesma tiver condições de exprimir sua vontade, observado o disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA.

Art. 46. A adoção será precedida de estágio de convivência com a criança ou adolescente, pelo prazo que a autoridade judiciária fixar, observadas as peculiaridades do caso **[146]**.

§ 1º. O estágio de convivência poderá ser dispensado se o adotando já estiver sob a tutela ou guarda legal do adotante durante tempo suficiente para que seja possível avaliar a conveniência da constituição do vínculo **[147]**.

§ 2º. A simples guarda de fato não autoriza, por si só, a dispensa da realização do estágio de convivência **[148]**.

§ 3º. Em caso de adoção por pessoa ou casal residente ou domiciliado fora do País, o estágio de convivência, cumprido no território nacional, será de, no mínimo, 30 (trinta) dias **[149]**.

§ 4º. O estágio de convivência será acompanhado pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política de garantia do direito à convivência familiar, que apresentarão relatório minucioso acerca da conveniência do deferimento da medida **[150]**.

146 Vide arts. 28, §5º e 167, do ECA. Estágio de convivência é o período no qual a criança ou adolescente passa a ter um contato mais intensivo com a(s) pessoa(s) interessada(s) em sua adoção (o fato de a Lei não falar em "guarda provisória" sugere que a aproximação entre os mesmos deve ocorrer de forma gradativa, podendo o "convívio" inicial ocorrer no âmbito da entidade de acolhimento, com saídas no período diurno, passando-se a seguir a pernoites e permanência no lar adotivo por um período mais prolongado - sempre de forma planejada e acompanhada por equipe técnica), para que seja possível avaliar a conveniência da constituição do vínculo paternofilial a partir, inclusive, da análise do relacionamento entre o adotando e os demais integrantes do núcleo familiar, com os quais este irá conviver. Por força do contido no *caput* do dispositivo, a realização do estágio de convivência será a *regra* (mesmo em relação a crianças recém-nascidas), como forma de aferir a adaptação da criança ou adolescente à família substituta e a constituição de uma relação de afinidade e afetividade entre os mesmos, que autorize o deferimento da adoção. Trata-se de um desdobramento natural do disposto nos arts. 28, §5º e 92, inciso VIII, do ECA (que prevêm a preparação gradativa para colocação de crianças e adolescentes em família substituta e o posterior acompanhamento da medida, como formas de assegurar seu bom resultado) e uma consequência lógica da constatação de que a simples aplicação da medida não basta, sendo necessário um *compromisso efetivo* da Justiça da Infância e da Juventude para com o seu êxito, como forma de proporcionar a *proteção integral* infanto-juvenil preconizada já pelo art. 1º estatutário e que deve servir de "norte", juntamente com os princípios relacionados no art. 100, *caput* e par. único, do mesmo Diploma Legal, a toda e qualquer intervenção estatal efetuada na defesa dos direitos de crianças e adolescentes. Assim é que, sempre que necessário, deverá ser providenciada a inserção dos adotantes e adotandos em programas e serviços de orientação e apoio (valendo mencionar o disposto no art. 87, incisos VI e VII, do ECA), como forma de assegurar uma inserção familiar bem sucedida. Para adoção nacional, o estágio de convivência não tem uma duração predefinida, devendo a autoridade judiciária, com a colaboração da equipe técnica interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude (cf. arts. 150, 151 e 46, §4º, do ECA), fixar sua duração inicial, com possibilidade de prorrogação, a depender das peculiaridades de cada caso e da idade do adotando.

147 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 33, §§1º e 2º e 167, do ECA. Salienta-se que o dispositivo em questão se refere à *adoção nacional*, em que o estágio de convivência com a criança e adolescente não tem prazo mínimo fixado, ficando a cargo da autoridade judiciária a sua duração, conforme as necessidades de cada caso. Ao tornar dispensável a realização do estágio de convivência apenas para o detentor da guarda *legal* (ou seja, aquela regularmente deferida pela autoridade judiciária, em procedimento próprio previsto nos arts. 165 a 170, do ECA), o dispositivo evidencia a opção do legislador em não mais premiar a informalidade, que dá margem para tantas situações atentatórias aos direitos infanto-juvenis e à própria moralidade do instituto da adoção e à imagem do Poder Judiciário.

148 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 33 e sgts. e 201, inciso III, do ECA. O dispositivo procura privilegiar a *regularização da guarda* da criança ou adolescente, tornando *obrigatório*, quando da existência de simples guarda de fato, a realização de estágio de convivência. Trata-se de mais um dispositivo instituído na perspectiva de evitar a simples "homologação judicial" de situações criadas de maneira irregular, que devem ser analisadas com cautela e o quanto possível *coibidas*, inclusive para evitar que aqueles que obtém a guarda de crianças por meios escusos sejam beneficiados em detrimento dos que procuram seguir os meios legais para adoção. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. INFÂNCIA E JUVENTUDE. BUSCA E APREENSÃO DE MENOR. SENTENÇA DE PROCEDÊNCIA. - RECÉM-NASCIDO ENTREGUE PELA MÃE COM 1*

MÊS DE VIDA. GUARDA DE FATO EXERCIDA POR 2 MESES. INTUITO DE ADOÇÃO. CADASTRO. OBSERVÂNCIA NECESSÁRIA. HIPÓTESES EXCEPCIONAIS DO ART. 50, §13, DO ECA AUSENTES. LAÇOS AFETIVOS DEFINITIVOS NÃO EVIDENCIADOS. - SENTENÇA MANTIDA. RECURSO DESPROVIDO. Haja vista a não caracterização das hipóteses exceptivas do art. 50, §13, do Estatuto da criança e do adolescente, o exíguo tempo de convivência com o recém-nascido (pouco mais de dois meses), e a excepcionalidade da guarda prevista no art. 33 do mesmo Diploma, impõe-se a busca E apreensão do menor a fim de que não surja e se consolide vínculo socioafetivo com o menor, de modo que reste preservada a isonômica e republicana ordem cronológica do cadastro de adotantes. (TJSC. 5ª Câm. Dir. Civ. AP. Cív. nº 2011.072917-3. Relator: Henry Petry Junior. Juiz Prolator: Brigitte Remor de Souza May. J. em 29/11/2011), e *AGRAVO DE INSTRUMENTO. AÇÃO DE GUARDA E RESPONSABILIADE. INSURGÊNCIA QUANTO À DECISÃO QUE INDEFERIU O PLEITO DOS AUTORES E MANTEVE O MENOR ABRIGADO. AUSÊNCIA DE ASSINATURA DE UM DOS RECORRENTES NO INSTRUMENTO DE OUTORGA DE MANDADO. AUSÊNCIA DE PROCURAÇÃO NOS AUTOS. INFRINGÊNCIA AO DISPOSTO NO ART. 525, INC. I, DO CPC. RECURSO CONHECIDO APENAS EM RELAÇÃO À PRIMEIRA AGRAVADA. RECÉM NASCIDO ENTREGUE AOS AUTORES APÓS O PARTO. SUSPEITA DE ADOÇÃO DIREITA OU À BRASILEIRA. RESPEITO AO CADASTRO DE INTERESSADOS À ADOÇÃO. AUSÊNCIA DE FORMAÇÃO DE LAÇOS AFETIVOS. MENOR QUE PERMANECEU COM OS DEMANDANTES POR PERÍODO DE UM MÊS. VISANDO O BEM ESTAR DA CRIANÇA, MANTÉM-SE A DECISÃO VERGASTADA. RECURSO CONHECIDO EM PARTE E DESPROVIDO. (...) A petição de agravo de instrumento deverá ser instruída com as peças obrigatórias (cópia da decisão agravada, certidão de intimação, procuração das partes), bem como as facultativas. Desta forma, não tendo a parte agravante instruído seu recurso com os documentos imprescindíveis, deverá o reclamo não ser conhecido (Agravo de Instrumento n. 2010.074084-4, de Lages, Rel. Des. Marcus Tulio Sartorato, j. 25-1-2011). (...) Tendo em vista a idade ínfima do menor (quase cinco meses), a precariedade da guarda do ECA, o exíguo tempo de convivência com os guardiões de fato (pouco mais de hum mês), os indícios de adoção dirigida com suspeitas de pagamento de contraprestação, a pendência da ação de perda do poder familiar, a não consolidação dos laços afetivos com os postulantes ou configuração da posse do estado de filho, a manifesta intenção de adoção dos autores, bem como a necessidade de respeito ao cadastro de adotantes, mostra-se conveniente, in casu, o abrigamento da menor e a rejeição do pleito de regularização da guarda de fato da criança (Agravo de Instrumento n. 2009.014159-2, de Capivari de Baixo, Rel. Des. Henry Petry Junior, j. 23-6-2009).* (TJSC. 6ª C. Dir. Civ. A.I. nº 2011.024187-5. Rel. Des. Stanley da Silva Braga. J. em 27/09/2011). Vide também comentários ao art. 50, §13, do ECA.

149 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 52, §8º, do ECA. Enquanto na adoção nacional não há previsão de um prazo determinado para duração do estágio de convivência, que pode ser até mesmo dispensado em determinadas circunstâncias, na chamada adoção internacional (cf. art. 51, *caput*, do ECA), a realização do estágio de convivência será *indispensável* e terá uma *duração mínima* previamente definida, o que se justifica diante da possível dificuldade de adaptação do adotado à família substituta estrangeira, por questões culturais, problemas de comunicação e/ou outros fatores. Vale destacar que por se tratar de um *prazo legal mínimo obrigatório*, sua duração não pode ser reduzida pelo Juiz ou pelas partes. É admissível, no entanto, sua prorrogação, de ofício ou a requerimento do Ministério Público, por sugestão da equipe técnica que acompanha a execução do estágio de convivência e/ou caso ao seu término seja necessário mais tempo para avaliar a conveniência do deferimento da medida. Em qualquer caso, o estágio de convivência será obrigatoriamente cumprido no território nacional, vale observar que, antes de

transitada em julgado a sentença que defere a adoção internacional (cf. art. 47, §7º, do ECA), não poderá ser autorizada a saída adotando do território nacional (cf. art. 52, §8º, do ECA), autorização esta que somente pode ser expedida pela autoridade judiciária (cf. art. 85, do ECA). Por fim, vide art. 199-A, do ECA, que estabelece a obrigatoriedade do recebimento das apelações interpostas contra sentenças concessivas de adoção internacional tanto no efeito devolutivo quanto suspensivo.

150 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 86, 87, inciso VII, 88, inciso VI e 151, do ECA. Vale notar a intenção declarada do legislador na *articulação de ações* entre a equipe técnica que o Poder Judiciário deve dispor (cuja intervenção no feito é considerada *imprescindível*) e os técnicos responsáveis pela execução da política pública destinada à garantia do direito à convivência familiar, que todo município tem o *dever* de implementar, inclusive sob pena de *responsabilidade* do gestor omisso, *ex vi* do disposto nos arts. 208, inciso IX e 216, do ECA.

Art. 47. O vínculo da adoção constitui-se por sentença judicial **[151]**, que será inscrita no registro civil mediante mandado do qual não se fornecerá certidão **[152]**.

§ 1º. A inscrição consignará o nome dos adotantes como pais, bem como o nome de seus ascendentes **[153]**.

§ 2º. O mandado judicial, que será arquivado, cancelará o registro original do adotado **[154]**.

§ 3º. A pedido do adotante, o novo registro poderá ser lavrado no Cartório do Registro Civil do Município de sua residência **[155]**.

§ 4º. Nenhuma observação sobre a origem do ato poderá constar nas certidões do registro **[156]**.

§ 5º. A sentença conferirá ao adotado o nome do adotante e, a pedido de qualquer deles, poderá determinar a modificação do prenome **[157]**.

§ 6º. Caso a modificação de prenome seja requerida pelo adotante, é obrigatória a oitiva do adotando, observado o disposto nos §§1º e 2º do art. 28 desta Lei **[158]**.

§ 7º. A adoção produz seus efeitos a partir do trânsito em julgado da sentença constitutiva, exceto na hipótese prevista no §6º do art. 42 desta Lei, caso em que terá força retroativa à data do óbito **[159]**.

§ 8º. O processo relativo à adoção assim como outros a ele relacionados serão mantidos em arquivo, admitindo-se seu armazenamento em microfilme ou por outros meios, garantida a sua conservação para consulta a qualquer tempo **[160]**.

151 Vide arts. 41, 148, inciso III e 165 a 170, do ECA. Na verdade, o que se constitui por sentença é o *vínculo de filiação*, sendo a adoção o *meio* para tanto utilizado. A apreciação dos pedidos de adoção e seus incidentes é de competência da Justiça da Infância e da Juventude, observado o procedimento especial previsto nos arts. 165 a 170, do ECA, que deve ser instruído e julgado com a mais *absoluta prioridade*, por força do disposto nos arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" c/c 152, par. único, do ECA e art. 227, *caput*, da CF.

152 Vide art. 95, *caput* e par. único, da Lei nº 6.015/1973, de 31/12/1973 e arts. 17, 18, 48 e 100, par. único, inciso V, do ECA. O dispositivo reafirma o caráter *sigiloso* da adoção, podendo-se dizer que se trata de mais um desdobramento do verdadeiro *princípio* contido no art. 227, §6º, da CF. A proibição do fornecimento

de certidão não impede que o adotado tenha acesso integral aos autos do processo no qual a medida foi aplicada.

153 Vide art. 227, §6º, da CF; arts. 20 e 41, do ECA e vide o Decreto nº 6.828/2009, de 27/04/2009, que regulamenta o art. 29, incisos I, II e III, da Lei nº 6.015/1973, dispondo sobre a padronização das certidões de nascimento, casamento e óbito. O registro será efetuado como se tratasse de um registro de nascimento tardio, e a rigor não conterá qualquer distinção em relação aos demais registros de nascimento, mais uma vez para evitar qualquer tratamento discriminatório em relação à filiação biológica. Interessante observar que os efeitos da adoção se projetam para muito além das partes envolvidas no processo, pois atingem diretamente os ascendentes e demais parentes dos adotantes (assim como do adotado), inclusive no que diz respeito a determinados direitos e deveres, como os direitos sucessórios e o dever de prestar alimentos, na forma da Lei Civil.

154 Vide art. 96, da Lei nº 6.015/1973 e arts. 39, §1º e 41, *caput*, do ECA. Uma vez consumada a adoção, a filiação original é extinta, em favor da nova filiação que se estabelece por sentença. É a única hipótese, no Direito brasileiro, em que há a "perda da condição de filho" e o desaparecimento da relação de parentesco original (vale mencionar que isto *não ocorre* mesmo quando da destituição do poder familiar, cuja decisão é apenas *averbada* à margem do registro de nascimento da criança/adolescente, sem provocar seu cancelamento. Apesar de destituídos do poder familiar, os pais continuam sendo pais e as relações com os demais parentes permanecem inalteradas). Vale dizer que o cancelamento do registro civil original do adotado constitui-se numa consequência natural e mesmo *necessária* da substituição parental provocada pelo deferimento da adoção, sob pena de duplicidade do registro de nascimento. Desnecessário mencionar que o dispositivo *não se aplica* no caso da chamada *adoção unilateral*, prevista no art. 41, §1º, do ECA, na qual haverá apenas a *averbação* do nome do(a) adotante e seus pais ao registro civil original do adotado.

155 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 50, da Lei nº 6.015/1973. A previsão da possibilidade de lavratura de novo registro no cartório do registro civil do município de residência dos adotantes constitui-se num desdobramento natural do verdadeiro *princípio* instituído pelo art. 227, §6º, da CF, que visa evitar qualquer discriminação relativa à origem da filiação. É interessante, no entanto, antes de promover a alteração do prenome, ouvir a criança ou adolescente adotado, observado, em qualquer caso, o disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA.

156 Parágrafo renumerado pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 5º, inciso X, da CF e arts. 17 e 18, do ECA. O ordenamento jurídico procura resguardar, o quanto possível, a intimidade da criança ou adolescente, de modo a evitar qualquer tratamento discriminatório relativo à filiação (consoante previsto no art. 227, §6º, da CF). Tais restrições, no entanto, não podem atingir o próprio interessado (pessoa adotada), seja qual for sua idade, que por força do disposto no art. 48, do ECA *tem o direito de conhecer sua origem biológica*.

157 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. A incorporação dos apelidos de família do adotante ao nome do adotado constitui-se numa consequência natural do contido nos parágrafos anteriores e do disposto no art. 227, §6º, da CF. A redação anterior do dispositivo permitia a modificação do prenome do adotado apenas a pedido do(s) adotante(s). Agora, tanto o adotante quanto o adotando podem requerer tal modificação, realçando a condição do adotado como sujeito de direitos (cf. art. 100, par. único, inciso I, do ECA). Em qualquer caso, a modificação do prenome deve ser vista como medida *excepcional* (valendo neste sentido observar o disposto no art. 58, da Lei nº 6.015/1973), haja vista que o mesmo identifica a criança ou adolescente tanto perante terceiros quanto perante ela própria, e alijar uma pessoa de um

elemento que a identificou ao longo de toda sua vida pode trazer prejuízos de ordem psicológica que não podem ser ignorados. De outra banda, é possível que a própria criança ou adolescente queira modificar o prenome para romper definitivamente com seu passado, ou mesmo porque este lhe expõe ao ridículo ou lhe causa vergonha ou embaraço, sendo digno de nota o contido no art. 55, par. único, da Lei nº 6.015/1973.

158 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 28, §§1º e 2º e 100, par. único, incisos I e XII, do ECA. O dispositivo constitui-se num desdobramento natural do parágrafo anterior e da condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos. A participação da criança ou adolescente na definição da medida de proteção que lhe será aplicada, respeitada sua maturidade e estágio de desenvolvimento, constitui-se num verdadeiro *princípio*, que deve ser observado em qualquer ocasião. Evidente que, no caso de divergência, a opinião da criança ou adolescente deve sempre prevalecer.

159 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 42, §6º, do ECA; art. 467 e sgts. do CPC e art. 1784 e sgts., do CC. O dispositivo estabelece o momento no qual a adoção, em regra, passa a produzir efeitos (o momento do trânsito em julgado da sentença constitutiva). A exceção nele prevista tem por objetivo assegurar ao adotado os direitos sucessórios, em igualdade de condições com os eventuais filhos biológicos do falecido (constituindo-se em mais uma consequência lógica e necessária do art. 227, §6º, da CF). Deixa também clara a *natureza jurídica* da sentença que defere o pedido de adoção (*constitutiva*), pois cria uma nova relação jurídica entre adotante(s) e adotado (a relação paternofilial).

160 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Trata-se de uma consequência natural do disposto no art. 48, do ECA. A partir do momento em que se reconhece o direito de o adotado, a qualquer tempo, saber de sua origem biológica, nada mais natural que a manutenção do processo de adoção e de outros a ele relacionados (como os eventualmente instaurados com vista à destituição do poder familiar, ao deferimento da guarda provisória etc.), em arquivo permanente, ainda que por meio eletrônico.

Art. 48. O adotado tem direito de conhecer sua origem biológica, bem como de obter acesso irrestrito ao processo no qual a medida foi aplicada e seus eventuais incidentes, após completar 18 (dezoito) anos **[161]**.

Parágrafo único. O acesso ao processo de adoção poderá ser também deferido ao adotado menor de 18 (dezoito) anos, a seu pedido, assegurada orientação e assistência jurídica e psicológica **[162]**.

161 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 7º, nº 1, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 27, 47, §8º e 100, par. único, inciso XI, do ECA. O dispositivo reconhece, de maneira expressa, o direito de o adotado conhecer sua origem biológica, pondo assim um fim à controvérsia acerca da matéria. Vale lembrar que o reconhecimento do estado de filiação (biológica) é um *direito natural*, inerente a todo ser humano, ao qual corresponde o dever do Estado (*lato sensu*) de assegurar seu exercício. O objetivo da norma não é "reverter" uma adoção já consumada (até porque esta é *irrevogável*), mas sim permitir que o adotado tenha conhecimento da identidade de seus pais biológicos e dos fatores que determinaram seu afastamento de sua família de origem e sua posterior adoção. Por ser decorrente do princípio da dignidade da pessoa humana, consagrado pelo art. 1º, inciso III, da Constituição Federal, o direito de acesso a informações relativas à origem biológica não poderia ser negado ao adotado pelo ordenamento jurídico, posto

que reconhece e respeita não apenas a necessidade psicológica do adotado buscar sua identidade biológica, no intuito de se autoconhecer, de saber de onde veio, mas também pode ir além da mera curiosidade, podendo mesmo se mostrar essencial à preservação do direito à vida, como diante de possíveis doenças genéticas que dependem de transplante de parentes consaguíneos próximos. De qualquer sorte, a prudência recomenda que, em tais casos, seja oferecida assistência psicológica ao adotado (em se tratando de adotado menor de 18 anos tal assistência é obrigatória, *ex vi* do parágrafo único do dispositivo), além da devida orientação jurídica e psicossocial (cf. art. 100, par. único, inciso XI e 101, inciso II, do ECA).

162 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 47, §8º e 100, par. único, inciso XI, do ECA. Vide arts. 47, §8º, 100, par. único, inciso XI e 101, incisos II e IV, do ECA. O acesso da criança ou adolescente ao processo de adoção e seus incidentes deve ser cercado de cautelas, como forma de evitar possíveis traumas daí decorrentes. Devem ser prestados os devidos esclarecimentos sobre os aspectos jurídicos da medida e as circunstâncias que levaram à sua aplicação, bem como a devida assistência psicológica tanto para a criança/adolescente quanto para seus pais. Como decorrência natural do acesso às informações quanto à origem biológica, caso a criança ou adolescente deseje manter contato com sua família biológica, este deve ser também assegurado, embora logicamente precedido de preparação psicológica e acompanhado posterior, com a eventual inserção dos envolvidos em programas de orientação e apoio, nos moldes do previsto no art. 101, incisos II e IV e 129, incisos I, III e IV, do ECA.

Art. 49. A morte dos adotantes não restabelece o poder familiar dos pais naturais **[163]**.

163 Vide art. 39, §1º, do ECA. Uma vez consumada (vide art. 47, §7º, do ECA), a adoção é irrevogável, sendo que a morte dos pais adotivos não restabelece o poder familiar dos pais biológicos, que para todos fins e efeitos (ressalvados os impedimentos matrimoniais) sequer são considerados parentes do adotado. Nada impede, porém, que em tal hipótese (morte dos pais adotivos), os pais biológicos venham a adotar seus ex-filhos, satisfeitos os requisitos legais. Vale destacar que não há que se falar em "restituição" ou "restabelecimento" do poder familiar, pois, com o deferimento da adoção, há o *rompimento de todo e qualquer vínculo* com do adotado em relação a seus pais biológicos (que uma vez consumada a adoção, *perdem* a qualidade "pais" - havendo inclusive o *cancelamento do registro civil original* - cf. art. 47, §2º, do ECA), restando apenas os impedimentos matrimoniais (cf. art. 41, *caput*, do ECA). Por esta mesma razão, não será aplicável, em tal situação, a vedação contida no art. 42, §1º, do ECA.

Art. 50. A autoridade judiciária manterá, em cada comarca ou foro regional, um registro de crianças e adolescentes em condições de serem adotados e outro de pessoas interessadas na adoção **[164]**.

§ 1º. O deferimento da inscrição dar-se-á após prévia consulta aos órgãos técnicos do Juizado **[165]**, ouvido o Ministério Público **[166]**.

§ 2º. Não será deferida a inscrição se o interessado não satisfazer os requisitos legais, ou verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 29 **[167]**.

§ 3º. A inscrição de postulantes à adoção será precedida de um período de preparação psicossocial e jurídica, orientado pela equipe técnica da Justiça da

Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar [168].

§ 4º. Sempre que possível e recomendável, a preparação referida no §3º deste artigo incluirá o contato com crianças e adolescentes em acolhimento familiar ou institucional em condições de serem adotados, a ser realizado sob a orientação, supervisão e avaliação da equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, com apoio dos técnicos responsáveis pelo programa de acolhimento e pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar [169].

§ 5º. Serão criados e implementados cadastros estaduais e nacional de crianças e adolescentes em condições de serem adotados e de pessoas ou casais habilitados à adoção [170].

§ 6º. Haverá cadastros distintos para pessoas ou casais residentes fora do País, que somente serão consultados na inexistência de postulantes nacionais habilitados nos cadastros mencionados no §5º deste artigo [171].

§ 7º. As autoridades estaduais e federais em matéria de adoção terão acesso integral aos cadastros, incumbindo-lhes a troca de informações e a cooperação mútua, para melhoria do sistema [172].

§ 8º. A autoridade judiciária providenciará, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, a inscrição das crianças e adolescentes em condições de serem adotados que não tiveram colocação familiar na comarca de origem, e das pessoas ou casais que tiveram deferida sua habilitação à adoção nos cadastros estadual e nacional referidos no §5º deste artigo, sob pena de responsabilidade [173].

§ 9º. Compete à Autoridade Central Estadual [174] zelar pela manutenção e correta alimentação dos cadastros, com posterior comunicação à Autoridade Central Federal Brasileira [175].

§ 10. A adoção internacional somente será deferida se, após consulta ao cadastro de pessoas ou casais habilitados à adoção, mantido pela Justiça da Infância e da Juventude na comarca, bem como aos cadastros estadual e nacional referidos no §5º deste artigo, não for encontrado interessado com residência permanente no Brasil [176].

§ 11. Enquanto não localizada pessoa ou casal interessado em sua adoção, a criança ou o adolescente, sempre que possível e recomendável, será colocado sob guarda de família cadastrada em programa de acolhimento familiar [177].

§ 12. A alimentação do cadastro e a convocação criteriosa dos postulantes à adoção serão fiscalizadas pelo Ministério Público [178].

§ 13. Somente poderá ser deferida adoção em favor de candidato domiciliado no Brasil não cadastrado previamente nos termos desta Lei quando [179]:

I - se tratar de pedido de adoção unilateral [180];

II - for formulada por parente com o qual a criança ou adolescente mantenha vínculos de afinidade e afetividade [181];

III - oriundo o pedido de quem detém a tutela ou guarda legal de criança maior de 3 (três) anos ou adolescente, desde que o lapso de tempo de convivência comprove a fixação de laços de afinidade e afetividade, e não seja constatada a ocorrência de má-fé ou qualquer das situações previstas nos arts. 237 ou 238 desta Lei **[182]**.

§ 14. Nas hipóteses previstas no §13 deste artigo, o candidato deverá comprovar, no curso do procedimento, que preenche os requisitos necessários à adoção, conforme previsto nesta Lei **[183]**.

164 A existência de tais cadastros é *obrigatória*, inclusive sob pena de *responsabilidade* (cf. art. 258-A, do ECA), sendo que além de "alimentar" o cadastro existente na Comarca, deve a autoridade judiciária providenciar a remessa dos dados relativos às crianças em condições de serem adotadas à Comissão Estadual Judiciária de Adoção/CEJA (ou órgão equivalente), que se constitui na autoridade central estadual em matéria de adoção, nos termos da chamada "Convenção de Haia", que dispõe sobre adoção internacional e arts. 50 e 51, do ECA, com posterior comunicação ao Cadastro Nacional de Adoção/CNA. A CEJA deverá verificar a existência de pessoas ou casais nacionais interessados na adoção em outras comarcas, outros estados da Federação e, esgotadas as possibilidades da colocação da criança ou adolescente em família substituta nacional, tentar sua colocação em família substituta estrangeira, a partir de consulta ao cadastro próprio existente (vide arts. 31 e 50, §10, do ECA). As exigências da prévia habilitação, assim como da instituição dos cadastros de pessoas e casais interessados em adoção, visam *moralizar* o instituto da adoção, tornando *obrigatória* a definição de *critérios* o quanto possível *objetivos* para o chamamento dos interessados, sempre que constatada a existência de crianças ou adolescentes em condições de ser adotados. Os referidos critérios deverão ser informados aos pretendentes à adoção, desde quando de sua habilitação, o mesmo se podendo dizer acerca do *número de pessoas ou casais já habilitados na Comarca*. No mesmo diapasão, sem prejuízo do *sigilo* quanto à identidade das pessoas ou casais cadastrados que são chamados à adotar (cujos nomes podem ser omitidos), é perfeitamente possível - e de todo recomendável, inclusive como forma de dar *transparência* à atuação da Justiça da Infância e da Juventude - que *todos* sejam informados do *número de adoções realizadas num determinado período* (trimestre, semestre ou ano, a depender do número de casos existentes na comarca), com a informação aos interessados, sempre que solicitado - e mediante *certidão* (cf. art. 5º, incisos XXXIII e XXXIV, da CF) - de sua *ordem de colocação no cadastro respectivo.* Salvo a existência de *circunstâncias excepcionais* que, no caso em concreto, autorizem solução diversa (relação de parentesco, afinidade ou afetividade - assim considerada sob o ponto de vista da criança ou adolescente), a adoção somente deve ser deferida a pessoas previamente habilitadas e cadastradas, respeitada a ordem de antiguidade da inscrição (cf. arts. 50, §13 e 197-E, §1º do ECA), orientação que é válida em especial para crianças recém-nascidas ou de tenra idade, que não chegam a formar vínculos afetivos com seus cuidadores. Neste sentido, interessante colacionar o seguinte julgado: *Apelação cível. Estatuto da Criança e do Adolescente. Criança em abrigo. Destituição do poder familiar. Adoção. Contatos mantidos com a criança durante a realização de serviços voluntários. Visitas autorizadas durante curto lapso temporal. Alegação de vínculo afetivo. Improcedência. Hipótese que não autoriza a inobservância do disposto no artigo 50 da Lei 8.069/90. 1. Para garantia da lisura, legalidade e imparcialidade do procedimento de adoção, é de rigor a fiel observância da sistemática imposta pelo art. 50 do Estatuto da Criança e do Adolescente, somente se deferindo a adoção a pessoas previamente cadastradas e habilitadas. 2. Salvo em hipóteses excepcionais, analisáveis em cada caso concreto, a adoção exige, também, obediência à cronologia na ordem do cadastro dos adotantes. 3. A convivência*

dos adotantes com criança adotanda, limitada a visitas autorizadas e acompanhamento a consultas médicas, durante curto período, não autoriza a quebra da ordem cronológica do cadastro. (TJPR. Ap. Cív. nº 161.291-5. Rel. Juiz Conv. Espedito Reis do Amaral. Ac. nº 3943. J. em 05/04/2005). Assim sendo, deve-se estar atento para evitar a "burla" do procedimento de habilitação à adoção e/ou à ordem de inscrição contida no cadastro através de expedientes escusos, como a formalização de pedidos de "guarda" nitidamente com vista à adoção (em especial por pessoas não habilitadas), ou da chamada "adoção *intuiutu personae*", na qual os pais (e geralmente apenas a mãe) indicam a pessoa ou casal para qual desejam "entregar" seu filho (geralmente recém-nascido) em adoção, notadamente quando não existe qualquer vínculo entre eles que justifique semelhante indicação. Importante não perder de vista que a criança não é propriedade de seus pais, mas sim sujeito de direitos, e um desses direitos é o direito ao reconhecimento de seu estado de filiação. Assim sendo, caso apenas a maternidade esteja estabelecida, é fundamental a deflagração, antes de mais nada, do procedimento de averiguação oficiosa de paternidade, previsto na Lei nº 8.560/1992 (cf. art. 102, §3º, do ECA), prestando-se a devida orientação e apoio psicossocial à mãe, nos moldes do previsto nos arts. 8º, §§4º e 5º; 13, par. único e 166, §2º, do ECA.

165 Vide arts. 150, 151 e 197-C, do ECA. A intervenção de uma equipe técnica interprofissional no processo de habilitação à adoção é, pois, *imprescindível*, incumbindo-lhe o fornecimento de elementos indispensáveis a uma decisão *correta* e *responsável*. É preciso acabar, de uma vez por todas, com a *informalidade* e *improvisação* que, não raro, ainda se fazem presentes nas decisões proferidas pela Justiça da Infância e da Juventude, que tantos prejuízos têm causado às crianças e adolescentes atendidas. A análise *criteriosa* dos pedidos de habilitação à adoção, sob a ótica *interdisciplinar*, não pode ser dispensada sob qualquer pretexto, cabendo ao Poder Judiciário providenciar a implementação de equipes interprofissionais em *todas as comarcas.*

166 Vide arts. 197-B e D, 201, inciso III e 202 a 205, do ECA. A intervenção do Ministério Público no procedimento de habilitação à adoção é *obrigatória*, sob pena de *nulidade*, cabendo-lhe zelar, inclusive, pela análise dos pedidos por uma *equipe interprofissional habilitada* e pela adequada aferição do grau de preparo dos postulantes para as implicações da medida não apenas no presente, mas também no futuro.

167 Vide arts. 29, e 197-A a 197-E, do ECA. Importante não negligenciar a importância do procedimento de habilitação à adoção (que passou a ser regulamentado pelos arts. 197-A a 197-E, do ECA), dada necessidade de avaliar a idoneidade, motivação e, acima de tudo, o preparo dos pretendentes à adoção para assumir os encargos (perpétuos) da medida. Deve, portanto, ser bem instruído, não apenas com documentos, mas fundamentalmente com a realização de entrevistas, visitas domiciliares e avaliações técnicas realizadas por equipe interprofissional habilitada (arts. 50, §§1º e 3º, 151 e 197-C, do ECA), sendo obrigatória a intervenção do Ministério Público. Devemos lembrar que a adoção é medida que visa satisfazer os interesses da criança ou adolescente (cf. art. 100, par. único, incisos II e IV, do ECA), e não dos adultos interessados.

168 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 87, inciso VII, 88, inciso VI, 151 e 197-C, §1º, do ECA. A preparação psicossocial e jurídica dos pretendentes à adoção é *fundamental* para assegurar que os mesmos estejam preparados para assumir as responsabilidades e os ônus inerentes à paternidade/maternidade, em caráter *permanente*. Sem uma devida preparação, ao longo do tempo podem surgir problemas de relacionamento entre os pais e seus filhos, inclusive como decorrência da revelação de sua condição de adotado (o que como visto é um direito a este expressamente reconhecido pelo art. 48, do ECA, mas que demanda uma abordagem extremamente cautelosa, inclusive

com a colaboração de integrantes de uma equipe interprofissional habilitada) ou mesmo da falta de conhecimento sobre como lidar com questões próprias da infância/adolescência. Casos de pais que se "arrependem" após a adoção infelizmente são comuns, com graves consequências para os filhos. E são situações como estas que o dispositivo, somado ao contido no art. 28, §5º, do ECA (que prevê a obrigatoriedade do acompanhamento *posterior* das colocações familiares), procura evitar. Mais uma vez é feita referência à necessidade de intervenção de uma *equipe interprofissional* a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, que deverá atuar de forma *articulada* (cf. art. 86, do ECA) com os técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar (cuja implementação, em âmbito municipal, é também *obrigatória* - cf. art. 87, inciso VI, do ECA, sob pena de *responsabilidade* - cf. art. 208, inciso IX, do ECA). Por fim, vale observar que, por força do disposto no art. 6º, da Lei nº 12.010/2009, as pessoas e casais *já inscritos* nos cadastros de adoção são *obrigados* a frequentar, no prazo máximo de 1 (um) ano, contado da entrada em vigor da Lei nº 12.010/2009, a preparação psicossocial e jurídica a que se refere o dispositivo.

169 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 87, incisos VI e VII, 88, inciso VI, 151 e 197-C, §1º, do ECA. O objetivo da norma, que deve ser analisada em conjunto com o art. 197-C, do ECA, é *estimular a adoção inter-racial, de crianças maiores ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos*, que não se enquadram no "perfil" usualmente procurado pelos pretendentes à adoção. O correto, aliás, é que os técnicos do Poder Judiciário e os responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar (que também devem intervir), atuem no sentido do rompimento das "barreiras psicológicas" quanto à adoção de tais crianças e adolescentes, que hoje abarrotam as entidades de acolhimento institucional em todo o Brasil. Importante observar que os postulantes à adoção somente poderão ter contato com crianças e adolescentes que *já se encontram em condições de serem adotadas*, e deverá ser devidamente *orientado* e *supervisionado*, tanto por técnicos do Poder Judiciário quanto por técnicos da entidade de acolhimento e responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar. Deve-se ter a cautela de preparar as próprias crianças e adolescentes para tais contatos, como forma de evitar possíveis traumas decorrentes de expectativas de consumação de uma adoção que venham a ser frustradas.

170 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 258-A, do ECA e Resolução nº 54, de 29/04/2008, do Conselho Nacional de Justiça - CNJ, que dispõe sobre a implantação e funcionamento do Cadastro Nacional de Adoção - CNA. O objetivo do legislador, ao estabelecer três níveis de cadastro (em nível de comarca, estadual e nacional), é fazer com que a consulta quanto às pessoas e casais interessados em adotar seja efetuada em cada um deles, de forma *sucessiva*: primeiro será feita a consulta ao cadastro existente na comarca (cf. art. 50, *caput* e §8º, do ECA); caso não haja interessados cadastrados, a consulta será efetuada junto ao cadastro estadual, e se ainda assim não houver interessados, será efetuada a busca junto ao cadastro nacional, sempre observada a ordem cronológica de inscrição (cf. art. 197-E, §1º, do ECA), ressalvada a existência de situação excepcional que justifique solução diversa. Diante da informatização do Cadastro Nacional de Adoção, é possível efetuar a seleção das pessoas e casais cadastrados num determinado estado diretamente junto ao banco de dados nacional, facilitando assim a operacionalização do cadastro estadual. Em não havendo interessados após a consulta ao cadastro nacional, será também consultado o cadastro de pessoas ou casais residentes fora do País, cf. art. 50, §6º, do ECA. Vale dizer que, a rigor, nada impede a inscrição de uma mesma pessoa ou casal em cadastros existentes em comarcas

diversas, embora, em tais casos, a inscrição no Cadastro Nacional de Adoção (que segundo a regulamentação do CNJ é efetuada pelo CPF) seja *una.*

171 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 50, §10, 51, §1º, inciso II e 52, *caput*, inciso VII e §13, do ECA. O cadastramento de pessoas ou casais residentes no exterior segue um procedimento diferenciado, previsto no art. 52, *caput*, incisos I a VII, do ECA, e a habilitação concedida terá validade por apenas 01 (um) ano. Diante do caráter *excepcionalíssimo* da adoção internacional, a consulta ao cadastro de postulantes residentes no exterior somente terá lugar após devidamente certificada a inexistência de interessados nacionais.

172 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 50, §12, 86 e 88, inciso VI, do ECA e arts. 6º e 7º, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. É fundamental que as autoridades responsáveis pela manutenção dos cadastros estaduais e nacional de adoção estejam imbuídas do espírito de cooperação, de modo a assegurar não apenas sua correta alimentação, mas também a uniformização de procedimentos em todo o Brasil, inclusive os cursos de preparação psicossocial aos interessados em adotar, previstos no art. 50, §3º e 197-C, do ECA (o que pode ocorrer por intermédio de resolução do Conselho Nacional de Justiça), a contratação e qualificação dos profissionais que atuam junto à Justiça da Infância e da Juventude (cf. art. 92, §3º, do ECA), assim como a implementação de políticas públicas destinadas a assegurar o efetivo exercício do direito à convivência familiar por *todas* as crianças e adolescentes (cf. art. 87, inciso VI, do ECA).

173 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 258-A, par. único, do ECA e art. 198, do CPC. O dispositivo evidencia a *preferência* que deve ser dada à adoção para pessoas ou casais cadastrados *na comarca*, sendo a inscrição nos cadastros estadual e nacional efetuada *apenas* caso naquela não haja interessados em adotar. Em tal caso, alimentação dos cadastros, pela autoridade judiciária, é *obrigatória*, sob pena de *responsabilidade*.

174 A *autoridade central estadual* em matéria de adoção é a Comissão Estadual Judiciária de Adoção/CEJA (ou órgão equivalente), órgão vinculado à Corregedoria Geral de Justiça que, no caso das adoções internacionais, irá conceder ou não o *laudo de habilitação à adoção internacional*, à luz da documentação apresentada e da análise da legislação do país de origem da pessoa ou casal que pretende adotar (chamado "país de acolhida"). A obrigatoriedade da comunicação, à autoridade central estadual, do cadastramento de uma criança/adolescente em condição de ser adotada que não encontrou interessados à adoção habilitados na comarca, assim como de pessoas e casais em condições de adotar que tiveram sua habilitação deferida, tem sua razão de ser tanto em razão da mencionada "busca sucessiva" de pretendentes à adoção (vide comentários ao art. 50, §5º, do ECA), quanto em razão da necessidade de um controle direto da atividade jurisdicional por parte da autoridade central estadual, geralmente vinculada à Corregedoria Geral de Justiça. Na forma da lei, portanto, a autoridade central estadual tem a incumbência de manter os cadastros estaduais acima referidos e zelar por sua correta alimentação, inclusive através da fiscalização e da expedição de orientações aos juízes com competência em matéria de infância e juventude. Também lhe incumbe a comunicação à autoridade central federal dos cadastramentos efetuados, o que acaba sendo em muito facilitado pela informatização e presumível interligação entre os cadastros.

175 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 258-A, do ECA e art. 6º, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. A Autoridade Central Estadual irá exercer a *fiscalização* e a eventual *cobrança*, junto aos Juízes de primeira instância (aos quais incumbe a alimentação dos cadastros), da correta operacionalização dos cadastros existentes na comarca e a remessa dos dados

relativos às crianças e adolescentes em condições de serem adotadas e de pessoas em casais habilitados à adoção aos cadastros estaduais e nacional. Incumbe também à Autoridade Central Estadual a alimentação e operacionalização do cadastro de pessoas e casais residentes fora do País interessados em adotar a que se refere o art. 50, §6º, do ECA (inteligência do art. 52, *caput* e incisos, do ECA).

176 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 31, 51, §1º, inciso II e 51, §2º, do ECA. O dispositivo apenas reafirma o caráter excepcionalíssimo da adoção internacional, que somente terá lugar quando comprovadamente não houver interessados com residência permanente no Brasil. Ainda sobre a matéria, vale colacionar o seguinte julgado: *ADOÇÃO. FAMÍLIA ESTRANGEIRA. SUSPENSÃO. REQUERIMENTO POR ASCENDENTE. Constitui direito líquido e certo do ascendente do menor o requerimento da suspensão do processo de adoção de seus netos, por casal estrangeiro, até que se esgotem as possibilidades de sua colocação em lar de família brasileira. A lei específica prevê que a adoção em família substituta e estrangeira somente será admissível na modalidade de adoção como medida de caráter excepcional.* (TJMG. MS nº 6.735, de Uberaba. Rel. Des. Murilo Pereira).

177 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 19, §3º, 34, §1º, 87, inciso VII, 100, *caput*, 101, inciso VIII e 170, par. único, do ECA. O dispositivo evidencia a preocupação do legislador em evitar, o quanto possível, a permanência da criança ou adolescente em entidades de acolhimento institucional, devendo-se sempre buscar *alternativas*, como o encaminhamento a programas de acolhimento familiar. Deixa também claro que o acolhimento familiar pressupõe a colocação da criança ou adolescente sob a *guarda* da pessoa ou casal cadastrado no programa respectivo.

178 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 50, *caput* e §§5º, 6º e 8º, 197-E, §1º, 201, inciso VIII e 202 a 204, do ECA. O dispositivo ressalta a necessidade da definição de *critérios* para convocação dos postulantes à adoção, observado o disposto no art. 197-E, §1º, do ECA. O correto é que o Ministério Público não se limite a fiscalizar, mas também *participe da definição dos critérios* que serão utilizados quando da convocação. Ministério Público e Poder Judiciário devem trabalhar em harmonia, valendo lembrar que a *integração operacional* entre ambos (assim como junto a outros órgãos responsáveis pela garantia do direito à convivência familiar de crianças e adolescentes) se constitui numa das *diretrizes* da política de atendimento para o setor (cf. art. 88, inciso VI, do ECA).

179 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 50, *caput* e 197-A a 197-E, do ECA, que dispõem sobre o procedimento especial destinado à habilitação à adoção. A prévia habilitação à adoção, desta forma, torna-se a *regra absoluta*, que somente poderá dispensada nas *hipóteses restritas* expressamente previstas pelo dispositivo. Por intermédio deste e de outros dispositivos (como é o caso dos arts. 13, par. único e 258-B, do ECA), o legislador visa *coibir* práticas ilegais, abusivas e mesmo criminosas como a "adoção *intuitu personae*", a "adoção à brasileira" e a entrega de filho com vista à adoção mediante paga ou promessa de recompensa (vide comentários aos arts. 45, *caput* e 238, do ECA). Vale lembrar que as gestantes que manifestam interesse em entregar seus filhos para adoção devem receber a devida orientação psicológica e também jurídica (além da inserção em programas de assistência social, sempre que necessário - cf. arts. 19, §3º; 87, inciso II; 90, inciso I; 101, inciso IV e 129, inciso I, do ECA), de modo que a criança tenha identificada sua paternidade (nos moldes do previsto na Lei nº 8.560/1992 - cf. art. 102, §3º, do ECA) e lhe sejam asseguradas condições de permanência junto à família de origem ou, se isto por qualquer razão não for possível, seja então encaminhada para *adoção legal*, junto a pessoas ou casais regularmente

habilitados e cadastrados (cf. art. 50, §3º e 197-A a E, do ECA). Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. ADOÇÃO. CRIANÇA ENTREGUE PELA MÃE BIOLÓGICA À AUTORA NÃO HABILITADA NO CADASTRO DE ADOTANTES. INOBSERVÂNCIA DO DISPOSTO NO ARTIGO 50 DA LEI 8.069/90. CARÊNCIA DE AÇÃO. INTERESSE DE AGIR. CONDIÇÕES DA AÇÃO. EXTINÇÃO DO PROCESSO. ART. 267 CPC. ABRIGAMENTO DE CRIANÇA. INVIABILIDADE. RETORNO AO CONVÍVIO DA MÃE MATERNA. RECURSO DESPROVIDO. SENTENÇA PARCIALMENTE ALTERADA DE OFÍCIO. É de rigor a fiel observância da sistemática imposta pelo art. 50 do Estatuto da Criança e do Adolescente, somente se deferindo a adoção a pessoas previamente cadastradas e habilitadas. Não tendo a apelante realizado o cadastro prévio, nem atendido aos procedimentos de adoção na Vara da Infância e Juventude, o processo deve ser extinto sem julgamento do mérito, por falta de interesse de agir. Negado o pedido de adoção, deve a criança retornar à guarda da mãe biológica, enquanto não houver motivos para sua extinção (artigo 1635 do Código Civil) e for isso declarado em decisão fundamentada, proferida sob o crivo do contraditório.* (TJPR. 11ª C. Cível. Ac. nº 0541417-1, de Ponta Grossa. Rel. Juiz Subst. 2º G. Luiz Antônio Barry. Unânime. J. em 27/05/2009). No mesmo sentido: *Autos de adoção c/c pedido de guarda provisória. Ausência de inscrição no cadastro. Recém-nascido entregue pela genitora de forma irregular. Busca e apreensão. Colocação em abrigo. A entrega da filha com apenas seis meses de vida pela genitora a um casal que sequer se encontra inscrito no cadastro de pretendentes a adotar, dá ensejo à medida de busca e apreensão para abrigamento.* (TJPR. 12ª C. Civ. A. I. nº 550003-6, de Guarapuava. Rel. Des. Costa Barros, J. em 02/12/2009); *Agravo de instrumento. Ação de adoção. Recém-nascido entregue pela genitora aos autores. Despacho que determina o abrigamento do menor. Finalidade de obstar a criação de vínculo afetivo com os requerentes. Adequação. Pleito de manutenção do infante sob a guarda dos agravantes. Impossibilidade. Ausência de situação excepcional que autorize o deferimento da tutela requerida. Recurso desprovido.* (TJPR. 12ª C. Cív. A.I. nº 478.931-1, de Ipiranga. Rel. Des. Clayton Camargo. J. em 10/09/2008) e *AGRAVO DE INSTRUMENTO EM AÇÃO DE GUARDA PROVISÓRIA DE CRIANÇA. INDEFERIMENTO DA LIMINAR REQUERIDA PELOS AUTORES, COM FUNDAMENTO NA AUSÊNCIA DE SEU CADASTRAMENTO NA LISTA DE ADOÇÃO DO MUNICÍPIO E DE PARENTESCO COM A INFANTE. RECOLHIMENTO DESTA AO ABRIGO MUNICIPAL. GUARDA PROVISÓRIA DEFERIDA A OUTRO CASAL. NECESSIDADE DE MANUTENÇÃO DA MENOR NO ATUAL LAR EM QUE RESIDE. PRESERVAÇÃO DA SUA INTEGRIDADE PSÍQUICA. Tendo sido a criança retirada, por força de decisão judicial, da guarda de fato dos autores, com fundamento na ausência de cadastramento destes na lista de adoção do Município, e colocada, posteriormente, sob a guarda provisória de outro casal, com o qual ela convive atualmente, recomenda-se a manutenção da decisão que indeferiu a liminar na ação de guarda movida por aqueles, até o julgamento definitivo da demanda, para que reste preservada a integridade psíquica da criança, cujos interesses devem preponderar acima de quaisquer outros.* (TJMG. 1ª C. Cív. A.I. nº 1.0079.09.922957-1/001. Rel. Des. Armando Freire. J. em 06/10/2009). Importante destacar que a lei *sempre estabeleceu condicionantes à adoção*, como é o caso da *idade mínima*, da exigência de uma *motivação idônea*, da comprovação de que os interessados em adotar *estão preparados, sob o ponto de vista ético, moral e educacional para assumir as responsabilidades e ônus da adoção, em caráter permanente etc.* O contido neste dispositivo apenas *reafirma* tais condicionantes, que *já existiam* na sistemática anterior e *também se fazem presentes na normativa internacional*. Pessoas que obtém crianças para adotar de forma *ilícita*, não raro através da prática de *crimes*, como os relacionados nos arts. 237 e 238, do ECA, estão demonstrando claramente que *não preenchem os indispensáveis requisitos da idoneidade moral e/ou as condições éticas necessárias à adoção*. A opção do legislador foi *privilegiar a adoção LEGAL*, não podendo a Justiça da Infância e da Juventude permitir a realização de adoções

irregulares, formuladas por pessoas que usam de meios *antiéticos* e mesmo *criminosos* para "burlar" a sistemática estabelecida *em lei* para adoção. Vale lembrar que a adoção é medida que visa atender aos interesses *da criança ou adolescente adotando*, e não dos adotantes. É fundamental, portanto, *rigor* na *repressão* àqueles que usam de meios ilícitos para adotar, devendo-se realizar *campanhas de esclarecimento* e de *estímulo à adoção legal*, com ênfase para adoção de crianças maiores, adolescentes, grupos de irmãos, crianças e adolescentes com deficiência etc. Toda vez que a Justiça da Infância e da Juventude, *abrindo mão de seu poder jurisdicional*, se limita a "homologar" situações pretensamente já consolidadas (concedendo adoções "*intuitu personae*", notadamente a pessoas não habilitadas previamente), mas que traduzem uma *burla* à sistemática legal para adoção, está *desestimulando* e mesmo *desrespeitando* (e *lesando*) todos aqueles que confiaram no Poder Judiciário e se submeteram ao procedimento de habilitação à adoção, alimentando assim uma "espiral de ilegalidade" que já existe desde tempos imemoriais e que, a persistir tal mentalidade, jamais terá fim. A Lei nº 12.010/2009 quis *abolir*, de uma vez por todas, semelhantes práticas, a bem da *moralidade* do instituto da adoção e da própria *credibilidade* do Poder Judiciário. Por fim, vale notar que o disposto no art. 50, §13, do ECA *privilegia* a adoção de crianças menores de 03 (três) anos por aquelas pessoas *regulamente habilitadas e cadastradas*, que já *demonstraram ter plenas condições de adotar e que devem ter PREFERÊNCIA ABSOLUTA na adoção*, em detrimento daqueles que se propõem a obter crianças (geralmente recém-nascidas) por meios *ilícitos*. Neste sentido: *DIREITO DE FAMÍLIA. AÇÃO DE ADOÇÃO. MANIFESTA INTENÇÃO DE BURLA À ORDEM CRONOLÓGICA DOS INSCRITOS NO SISTEMA CADASTRAL DO ESTADO ("PROJETO CUIDA"). INTELECÇÃO DO ART. 227 DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA E DO ART. 50, PAR. 13, DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. PEDIDO NEGADO. RECURSO DESPROVIDO. É de se manter a sentença que, ao não acolher o pedido de adoção formulado pelos autores, atentou para as relevantes circunstâncias segundo as quais: a) é manifesta e de graves consequências a intenção do casal em burlar a ordem cronológica dos inscritos no cadastro de adotantes; b) a conivência com tal conduta pode estimular comportamentos análogos, incentivando, além disso, o ilegal comércio de bebês; c) a aludida prática frustra a esperança daqueles casais anteriormente inscritos e que aguardam paciente e ordeiramente a sua vez, enfraquecendo, consequentemente, os objetivos gerais do sistema legal de adoção neste Estado e recentemente no Brasil; d) não há nenhuma demonstração concreta quanto aos eventuais prejuízos físicos, morais ou psicológicos a serem suportados pela criança com o seu temporário recolhimento no abrigo especializado e imediato encaminhamento à adoção; e, e) a tenra idade da infante e o pouco tempo de convívio com o casal pretendente não oferecem risco psicológico à menina na hipótese de adoção desta por outro casal legalmente habilitado e apto à recebê-la*. (TJSC. 4ª C. Dir. Civ. Ap. Cív. nº 2010.071610-4. Rel. Des. Eládio Torret Rocha. J. em 06/06/2011).

180 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 41, §1º, do ECA. A *adoção unilateral*, definida pelo art. 41, §1º, do ECA, como aquela na qual um dos cônjuges ou companheiros adota o filho do outro, se constitui numa exceção à regra do rompimento de vínculos parentais entre o adotando e seus pais e parentes consanguíneos. Desnecessário mencionar que, em tal caso, no qual se procura oficializar um vínculo paternofilial preexistente, assegurando ao enteado os mesmos direitos que os filhos comuns do casal, a dispensa do prévio cadastramento do adotante é mais do que justificada. No entanto, vale lembrar que, mesmo assim, será necessário apurar o tempo de convívio entre adotante e adotando, a fim de confirmar, ou não, a existência de afinidade e afetividade na relação que ambos mantém, além dos demais requisitos da adoção, como a motivação idônea e a presença de reais vantagens ao adotado.

181 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 28, §3º e 100, *caput* e par. único, inciso IV, do ECA. A exceção contida neste inciso *pressupõe* a existência de *relação de parentesco* entre adotante(s) e adotando, *somada* à comprovada presença de *vínculos de afinidade e afetividade*. Vale notar que o dispositivo é expresso ao se referir à necessidade de que a presença da relação de afinidade e afetividade seja analisada *sob a ótica da criança ou adolescente*, a quem a medida visa aproveitar.

182 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 33 e sgts. (guarda), 36 e sgts. (tutela), 50, §14, 237 e 238, do ECA. Vale notar que *apenas a tutela ou guarda LEGAL de criança ou adolescente maior de 03 (três) anos dispensa a prévia habilitação*. Quis o legislador, de um lado, privilegiar a tutela ou guarda *legal* em detrimento da guarda de fato, assim como criar entraves à chamada "adoção *intuitu personae*", que geralmente envolve crianças recém nascidas ou de tenra idade, que são confiadas à guarda de fato de terceiros, de forma completamente irregular, não raro à custa de paga ou promessa de recompensa (caracterizando assim o crime tipificado no art. 238, do ECA). Pessoas interessadas em adotar devem ter a consciência de que o *único* caminho a seguir é o caminho *legal*, com a prévia habilitação (e preparação) à adoção, não podendo a Justiça da Infância e da Juventude ser complacente com aqueles que agem de má-fé e/ou usam de meios escusos para obtenção da guarda ou adoção de uma criança. Vale lembrar que crianças não são "propriedade" de seus pais e não deve ser a estes reconhecido o "direito" de entregar seus filhos aos cuidados de terceiros, abrindo mão dos *deveres* inerentes ao poder familiar, que são *indelegáveis* e *irrenunciáveis*. A Justiça da Infância e da Juventude deve *coibir*, com *rigor*, práticas abusivas e/ou ilícitas de qualquer natureza em matéria de adoção e seus incidentes, primando pela *moralidade* do instituto, que não pode servir para satisfação dos interesses (não raro inconfessáveis) de adultos. Aqueles que buscam obter a guarda de crianças para fins de adoção por meios escusos e/ou ao arrepio da sistemática estabelecida pela legislação, não devem ter sua conduta "chancelada" pelo Poder Judiciário. Neste sentido: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. AÇÃO DE GUARDA. REVOGAÇÃO DA LIMINAR DE GUARDA PROVISÓRIA DE RECÉM-NASCIDA CONCEDIDA A TERCEIROS. Criança entregue a eles pela mãe biológica, logo após o nascimento, por não ter condições de criá-la. Irregularidade que levou a instauração de medida de proteção da infante. Suspensão do poder familiar e determinação de busca e apreensão da infante. Guarda de fato exercida de forma irregular. Ausência de autorização judicial. Menor em situação de indefinição civil. Inexistência de vínculo afetivo definitivo entre o bebê e o casal. Circunstâncias fáticas que impõe a manutenção da decisão. Agravo desprovido.* (TJPR. 11ª C. Cível. A.I. nº 0548300-9, de Londrina. Rel. Des. Augusto Lopes Cortes. Unânime. J. em 02/09/2009).

183 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 28, §§3º e 5º, 29 (a *contrariu sensu*), 43 e 197-A a 197-E, do ECA. Mesmo nas hipóteses restritas em que a *prévia* habilitação à adoção é dispensada, os postulantes à medida deverão comprovar, no curso do procedimento, que são pessoas idôneas, que estão preparados para assumir, em caráter permanente, as responsabilidades inerentes à medida e que esta é, de fato, vantajosa ao adotando (valendo neste sentido observar o disposto no art. 100, par. único, inciso IV, do ECA).

Art. 51. Considera-se adoção internacional aquela na qual a pessoa ou casal postulante é residente ou domiciliado fora do Brasil, conforme previsto no Artigo 2 da Convenção de Haia, de 29 de maio de 1993, Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional, aprovada pelo Decreto Legislativo nº 1, de 14 de janeiro de 1999, e promulgada pelo Decreto nº 3.087, de 21 de junho de 1999 **[184]**.

§ 1º. A adoção internacional de criança ou adolescente brasileiro ou domiciliado no Brasil somente terá lugar quando restar comprovado [185]:

I - que a colocação em família substituta é a solução adequada ao caso concreto [186];

II - que foram esgotadas todas as possibilidades de colocação da criança ou adolescente em família substituta brasileira, após consulta aos cadastros mencionados no art. 50 desta Lei [187];

III - que, em se tratando de adoção de adolescente, este foi consultado, por meios adequados ao seu estágio de desenvolvimento, e que se encontra preparado para a medida, mediante parecer elaborado por equipe interprofissional, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 28 desta Lei [188].

§ 2º. Os brasileiros residentes no exterior terão preferência aos estrangeiros, nos casos de adoção internacional de criança ou adolescente brasileiro [189].

§ 3º. A adoção internacional pressupõe a intervenção das Autoridades Centrais Estaduais e Federal em matéria de adoção internacional [190].

184 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 227, §5º, da CF e Decreto nº 2.429/1997 (Convenção Interamericana sobre Conflitos de Leis em Matéria de Adoção de Menores), Decreto nº 3.087/1999 (Convenção relativa à Proteção das Crianças e a Cooperação em Matéria de Adoção Internacional) e Decreto nº 3.174/1999 (Designa Autoridades Centrais encarregadas de dar cumprimento a Adoção Internacional e institui o Programa Nacional de Cooperação em Adoção Internacional). A chamada "*Convenção de Haia*" (Convenção Relativa à Proteção das Crianças e Cooperação em Matéria de Adoção Internacional), procura estabelecer regras universais para adoção internacional, de modo que uma adoção deferida em um país seja reconhecida como válida em outro. Sobre a matéria, interessante transcrever o disposto nos itens 8.4.11 e 8.4.12, do Código de Normas da Corregedoria Geral de Justiça do Estado do Paraná: *8.4.11. O juiz assegurará prioridade, sucessivamente, ao exame de pedidos de colocação em família substituta (adoção), formulado por pessoas: I. de nacionalidade brasileira; II. de nacionalidade estrangeira residentes no País; III. de nacionalidade estrangeira residentes no exterior. 8.4.12. Ao juiz da Infância e da Juventude, no exercício de sua competência, cabe: I. ...; II. ...; III. autorizar a colocação de criança ou adolescente em família estrangeira, somente diante da impossibilidade de colocação em família substituta nacional. Esta impossibilidade deve ficar demonstrada, ao menos, com a resposta negativa à consulta formulada sobre a existência de adotante nacional cadastrado na CEJA, na qual sempre deverão constar todas as características da criança ou do adolescente suscetível de adoção* (grifamos).

185 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 31 e 50, §10, do ECA. Todos os três requisitos elencados devem estar comprovadamente presentes, para que a adoção internacional seja deferida.

186 Vide arts. 19, *caput* e §3º, do ECA e art. 4º, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

187 Vide arts. 31 e 50, §10, do ECA.

188 Vide art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 28, §§1º e 2º, 100, par. único, inciso XII, do ECA e art. 4º, letra "d", da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

189 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 52-B, do ECA. Mesmo os brasileiros residentes no exterior terão que se submeter ao

processo de habilitação à adoção internacional, nos moldes do previsto nos arts. 51, 52 e 52-B, do ECA. Embora somente sejam chamados à adoção diante da comprovada inexistência de interessados com residência permanente no Brasil (cf. art. 50, §10, do ECA), terão preferência na adoção em relação aos estrangeiros também cadastrados.

190 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 6º, 7º e 22, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

Art. 52. A adoção internacional observará o procedimento previsto nos arts. 165 a 170 desta Lei, com as seguintes adaptações [191]:

I - a pessoa ou casal estrangeiro, interessado em adotar criança ou adolescente brasileiro, deverá formular pedido de habilitação à adoção perante a Autoridade Central em matéria de adoção internacional no país de acolhida, assim entendido aquele onde está situada sua residência habitual [192];

II - se a Autoridade Central do país de acolhida considerar que os solicitantes estão habilitados e aptos para adotar, emitirá um relatório que contenha informações sobre a identidade, a capacidade jurídica e adequação dos solicitantes para adotar, sua situação pessoal, familiar e médica, seu meio social, os motivos que os animam e sua aptidão para assumir uma adoção internacional [193];

III - a Autoridade Central do país de acolhida enviará o relatório à Autoridade Central Estadual, com cópia para a Autoridade Central Federal Brasileira [194];

IV - o relatório será instruído com toda a documentação necessária, incluindo estudo psicossocial elaborado por equipe interprofissional habilitada e cópia autenticada da legislação pertinente, acompanhada da respectiva prova de vigência [195];

V - os documentos em língua estrangeira serão devidamente autenticados pela autoridade consular, observados os tratados e convenções internacionais, e acompanhados da respectiva tradução, por tradutor público juramentado [196];

VI - a Autoridade Central Estadual poderá fazer exigências e solicitar complementação sobre o estudo psicossocial do postulante estrangeiro à adoção, já realizado no país de acolhida [197];

VII - verificada, após estudo realizado pela Autoridade Central Estadual, a compatibilidade da legislação estrangeira com a nacional, além do preenchimento por parte dos postulantes à medida dos requisitos objetivos e subjetivos necessários ao seu deferimento, tanto à luz do que dispõe esta Lei como da legislação do país de acolhida, será expedido laudo de habilitação à adoção internacional, que terá validade por, no máximo, 1 (um) ano [198];

VIII - de posse do laudo de habilitação, o interessado será autorizado a formalizar pedido de adoção perante o Juízo da Infância e da Juventude do local em que se encontra a criança ou adolescente, conforme indicação efetuada pela Autoridade Central Estadual [199].

§ 1º. Se a legislação do país de acolhida assim o autorizar, admite-se que os pedidos de habilitação à adoção internacional sejam intermediados por organismos credenciados [200].

§ 2º. Incumbe à Autoridade Central Federal Brasileira o credenciamento de organismos nacionais e estrangeiros encarregados de intermediar pedidos de habilitação à adoção internacional, com posterior comunicação às Autoridades Centrais Estaduais e publicação nos órgãos oficiais de imprensa e em sítio próprio da *internet* **[201]**.

§ 3º. Somente será admissível o credenciamento de organismos que **[202]**:

I - sejam oriundos de países que ratificaram a Convenção de Haia e estejam devidamente credenciados pela Autoridade Central do país onde estiverem sediados e no país de acolhida do adotando para atuar em adoção internacional no Brasil;

II - satisfizerem as condições de integridade moral, competência profissional, experiência e responsabilidade exigidas pelos países respectivos e pela Autoridade Central Federal Brasileira;

III - forem qualificados por seus padrões éticos e sua formação e experiência para atuar na área de adoção internacional;

IV - cumprirem os requisitos exigidos pelo ordenamento jurídico brasileiro e pelas normas estabelecidas pela Autoridade Central Federal Brasileira.

§ 4º. Os organismos credenciados deverão ainda **[203]**:

I - perseguir unicamente fins não lucrativos, nas condições e dentro dos limites fixados pelas autoridades competentes do país onde estiverem sediados, do país de acolhida e pela Autoridade Central Federal Brasileira **[204]**;

II - ser dirigidos e administrados por pessoas qualificadas e de reconhecida idoneidade moral, com comprovada formação ou experiência para atuar na área de adoção internacional, cadastradas pelo Departamento de Polícia Federal e aprovadas pela Autoridade Central Federal Brasileira, mediante publicação de portaria do órgão federal competente **[205]**;

III - estar submetidos à supervisão das autoridades competentes do país onde estiverem sediados e no país de acolhida, inclusive quanto à sua composição, funcionamento e situação financeira **[206]**;

IV - apresentar à Autoridade Central Federal Brasileira, a cada ano, relatório geral das atividades desenvolvidas, bem como relatório de acompanhamento das adoções internacionais efetuadas no período, cuja cópia será encaminhada ao Departamento de Polícia Federal;

V - enviar relatório pós-adotivo semestral para a Autoridade Central Estadual, com cópia para a Autoridade Central Federal Brasileira, pelo período mínimo de 2 (dois) anos. O envio do relatório será mantido até a juntada de cópia autenticada do registro civil, estabelecendo a cidadania do país de acolhida para o adotado **[207]**;

VI - tomar as medidas necessárias para garantir que os adotantes encaminhem à Autoridade Central Federal Brasileira cópia da certidão de registro de nascimento estrangeira e do certificado de nacionalidade tão logo lhes sejam concedidos **[208]**.

§ 5º. A não apresentação dos relatórios referidos no §4º deste artigo pelo organismo credenciado poderá acarretar a suspensão de seu credenciamento **[209]**.

§ 6º. O credenciamento de organismo nacional ou estrangeiro encarregado de intermediar pedidos de adoção internacional terá validade de 2 (dois) anos [210].

§ 7º. A renovação do credenciamento poderá ser concedida mediante requerimento protocolado na Autoridade Central Federal Brasileira nos 60 (sessenta) dias anteriores ao término do respectivo prazo de validade [211].

§ 8º. Antes de transitada em julgado a decisão que concedeu a adoção internacional, não será permitida a saída do adotando do território nacional [212].

§ 9º. Transitada em julgado a decisão, a autoridade judiciária determinará a expedição de alvará com autorização de viagem, bem como para obtenção de passaporte, constando, obrigatoriamente, as características da criança ou adolescente adotado, como idade, cor, sexo, eventuais sinais ou traços peculiares, assim como foto recente e a aposição da impressão digital do seu polegar direito, instruindo o documento com cópia autenticada da decisão e certidão de trânsito em julgado [213].

§ 10. A Autoridade Central Federal Brasileira poderá, a qualquer momento, solicitar informações sobre a situação das crianças e adolescentes adotados [214].

§ 11. A cobrança de valores por parte dos organismos credenciados, que sejam considerados abusivos pela Autoridade Central Federal Brasileira e que não estejam devidamente comprovados, é causa de seu descredenciamento [215].

§ 12. Uma mesma pessoa ou seu cônjuge não podem ser representados por mais de uma entidade credenciada para atuar na cooperação em adoção internacional [216].

§ 13. A habilitação de postulante estrangeiro ou domiciliado fora do Brasil terá validade máxima de 1 (um) ano, podendo ser renovada [217].

§ 14. É vedado o contato direto de representantes de organismos de adoção, nacionais ou estrangeiros, com dirigentes de programas de acolhimento institucional ou familiar, assim como com crianças e adolescentes em condições de serem adotados, sem a devida autorização judicial [218].

§ 15. A Autoridade Central Federal Brasileira poderá limitar ou suspender a concessão de novos credenciamentos sempre que julgar necessário, mediante ato administrativo fundamentado [219].

191 Redação modificada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 152 e par. único e 165 a 170, do ECA e art. 21, nº 1, alíneas "b" a "e", da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989.

192 Vide arts. 2º, 6º e 14, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

193 Vide arts. 7º, nº 2, alínea "a" e 15, nº 1, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

194 Vide arts. 7º, nº 2, alínea "a" e 15, nº 2, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. O dispositivo evidencia a responsabilidade da Autoridade Central Estadual pela análise do pedido de habilitação à adoção internacional, ficando a Autoridade Central Federal com a função de *fiscalizar* todo o processo.

195 Vide art. 14, do Decreto-Lei nº 4.657/1942 (Lei de Introdução ao Código Civil) e art. 337, do CPC.

196 Vide art. 224, do CC, arts. 151, inciso I e 157, do CPC, art. 148, da Lei nº 6.015/1973 e art. 34, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. As despesas com a tradução, a princípio, ficam a cargo dos postulantes à adoção.

197 Vide arts. 130 e 131, do CPC. A Autoridade Central Estadual deve proceder com cautela e responsabilidade na análise dos pedidos de habilitação à adoção internacional, devendo requer a juntada de documentos e/ou a realização de exames complementares sempre que entender necessário.

198 Vide arts. 5º, 18 e 26, da Convenção de Haia sobre adoção internacional e art. 50, §6º, do ECA. A compatibilidade entre a legislação brasileira e a legislação do país de acolhida é *fundamental*. Pessoas residentes no exterior que não podem adotar segundo a legislação de seu país (por questões de idade, por exemplo), não devem ser autorizadas a adotar no Brasil, sob pena de a sentença concessiva da adoção não ser reconhecida como válida no país de acolhida. A expedição do *laudo de habilitação à adoção internacional*, que se constitui no documento a partir do qual a pessoa ou casal estrangeiro será considerado apto a adotar no Brasil, portanto, é de competência da Autoridade Central Estadual, que deverá a seguir *cadastrar* a pessoa ou casal habilitado no cadastro a que se refere o art. 50, §6º, do ECA.

199 Vide arts. 50, §10 e 51, §1º, do ECA. Em qualquer caso, deverá restar devidamente *comprovado* que não existem pessoas ou casais com residência permanente no Brasil interessados em adotar.

200 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009.

201 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide Decreto nº 5.491/2005, de 18/07/2005, que regulamenta a atuação de organismos estrangeiros e nacionais de adoção internacional. Tal Decreto, dentre outras disposições, institui o credenciamento, no âmbito da Autoridade Central Administrativa Federal, de todos os organismos nacionais e estrangeiros que atuem em adoção internacional no Estado brasileiro, regulamentando a respectiva atuação. Apenas entidades idôneas podem ser credenciadas para intermediar pedidos de adoção internacional. A respeito do tema, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, do Ministério da Justiça, expediu a Portaria nº 26/2005, de 24/02/2005, que institui os procedimentos para o credenciamento de organismos *estrangeiros* que atuam em adoção internacional no Estado brasileiro, fixa critérios e dá outras providências, e a Portaria nº 27/2005, de 24/02/2005, que institui os procedimentos para o credenciamento de organizações *nacionais* que atuam em adoção internacional em outros países, fixa critérios e dá outras providências. Vide, também, arts. 9º a 13 e 32, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

202 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. As exigências estabelecidas neste e no §4º do mesmo dispositivo, efetuadas com base na Convenção de Haia sobre adoção internacional, visam estabelecer um padrão mínimo de qualidade e confiabilidade para o credenciamento de organismos internacionais encarregados de intermediar pedidos de habilitação à adoção internacional.

203 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 10, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

204 Vide art. 11, alínea "a", da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

205 Vide art. 11, alínea "b", da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

206 Vide art. 11, alínea "c", da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

207 Vide arts. 18 e 23, da Convenção de Haia sobre adoção internacional e art. 28, §5º, do ECA. O dispositivo visa assegurar um acompanhamento posterior das adoções internacionais realizadas, de modo a permitir o imediato acionamento das autoridades locais competentes em sendo constatados, dentre outros, problemas de adaptação da criança/adolescente a seus pais, procurando assim garantir o êxito da medida.

208 Vide art. 23, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. É fundamental que a criança/adolescente adotada tenha sua situação regularizada perante as autoridades do país de acolhida, incluindo a lavratura de seu registro civil e obtenção dos demais documentos necessários à sua naturalização. Já houve casos, no passado, em que crianças/adolescentes regularmente adotados por estrangeiros no Brasil eram considerados "imigrantes ilegais" perante a legislação do país de acolhida, e é justamente isto que a Convenção de Haia sobre adoção internacional e o presente dispositivo visam evitar se repita.

209 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 9º e 10, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

210 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. O objetivo da norma é fazer com que os organismos que realizam a intermediação das adoções internacionais tenham de comprovar, periodicamente, o preenchimento dos requisitos necessários a seu cadastramento.

211 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009.

212 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 46, §2º, 85, 199-A e 239, do ECA e arts. 17, 19 e 21, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

213 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 18, da Convenção de Haia sobre adoção internacional e art. 85, do ECA.

214 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 23, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

215 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 52, §4º, inciso I, do ECA e arts. 10 e 32, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

216 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009.

217 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009.

218 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 29, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. O objetivo da norma é evitar qualquer espécie de favorecimento entre os envolvidos no processo de adoção internacional. A vedação, por força da Convenção de Haia, se estende ao contato com os pais da criança ou adolescente a ser adotada.

219 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 10, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. A norma tem por objetivo evitar o excesso de organismos credenciados, o que dificultaria o controle a ser efetuado sobre a atuação de cada um.

Art. 52-A. É vedado, sob pena de responsabilidade e descredenciamento, o repasse de recursos provenientes de organismos estrangeiros encarregados de intermediar pedidos de adoção internacional a organismos nacionais ou a pessoas físicas [220].

Parágrafo único. Eventuais repasses somente poderão ser efetuados via Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente e estarão sujeitos às deliberações do respectivo Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente [221].

220 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 8º, 10 e 32, da Convenção de Haia sobre adoção internacional e arts. 52, §14 e 238, do ECA. Quis o legislador evitar qualquer prática que pudesse dar margem à comercialização de crianças e adolescentes ou mesmo o favorecimento de organismos internacionais por parte de entidades de acolhimento institucional ou familiar. Eventuais repasses de recursos somente poderão ser efetuados aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente, ficando assim sujeitos aos

princípios da publicidade, moralidade e impessoalidade, inerentes à gestão dos recursos públicos em geral (vide art. 52-A, par. único, do ECA).

221 Vide art. 37, da CF e art. 88, incisos II e IV, do ECA.

Art. 52-B. A adoção por brasileiro residente no exterior em país ratificante da Convenção de Haia, cujo processo de adoção tenha sido processado em conformidade com a legislação vigente no país de residência e atendido o disposto na Alínea "c" do Artigo 17 da referida Convenção, será automaticamente recepcionada com o reingresso no Brasil [222].

§ 1º. Caso não tenha sido atendido o disposto na Alínea "c" do Artigo 17 da Convenção de Haia, deverá a sentença ser homologada pelo Superior Tribunal de Justiça [223].

§ 2º. O pretendente brasileiro residente no exterior em país não ratificante da Convenção de Haia, uma vez reingressado no Brasil, deverá requerer a homologação da sentença estrangeira pelo Superior Tribunal de Justiça [224].

222 Acrescido pela Lei nº 12.010, de 03/08/2009.

223 Vide art. 105, inciso I, alínea "i", da CF, art. 483, do CPC e art. 15, da LICC.

224 Vide art. 105, inciso I, alínea "i", da CF, art. 483, do CPC e art. 15, da LICC. O dispositivo visa assegurar o reconhecimento dos efeitos da sentença estrangeira que deferiu a adoção perante a legislação brasileira, o que se mostra fundamental para o reconhecimento da condição de filho do adotado, com todas as consequências daí advindas.

Art. 52-C. Nas adoções internacionais, quando o Brasil for o país de acolhida, a decisão da autoridade competente do país de origem da criança ou do adolescente será conhecida pela Autoridade Central Estadual que tiver processado o pedido de habilitação dos pais adotivos, que comunicará o fato à Autoridade Central Federal e determinará as providências necessárias à expedição do Certificado de Naturalização Provisório [225].

§ 1º. A Autoridade Central Estadual, ouvido o Ministério Público, somente deixará de reconhecer os efeitos daquela decisão se restar demonstrado que a adoção é manifestamente contrária à ordem pública ou não atende ao interesse superior da criança ou do adolescente [226].

§ 2º. Na hipótese de não reconhecimento da adoção, prevista no §1º deste artigo, o Ministério Público deverá imediatamente requerer o que for de direito para resguardar os interesses da criança ou do adolescente, comunicando-se as providências à Autoridade Central Estadual, que fará a comunicação à Autoridade Central Federal Brasileira e à Autoridade Central do país de origem [227].

225 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 23 e 26, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. Assim como é desejável que crianças e adolescentes brasileiras, aos serem adotadas por estrangeiros, obtenham a nacionalidade do país de acolhida, o mesmo deve ocorrer com crianças e adolescentes estrangeiras adotadas por brasileiros, situação de que trata o presente dispositivo.

226 Vide arts. 100, par. único, inciso IV e 202 a 205, do ECA e art. 24, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

227 Vide art. 201, inciso VIII, do ECA.

Art. 52-D. Nas adoções internacionais, quando o Brasil for o país de acolhida e a adoção não tenha sido deferida no país de origem porque a sua legislação a delega ao país de acolhida, ou, ainda, na hipótese de, mesmo com decisão, a criança ou o adolescente ser oriundo de país que não tenha aderido à Convenção referida, o processo de adoção seguirá as regras da adoção nacional [228].

228 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. O dispositivo trata, na verdade, de uma situação excepcional, pois poucos serão os casos em que brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil irão adotar crianças no exterior, e dificilmente isto ocorrerá em países que não tenham aderido à Convenção de Haia ou cuja legislação delega o deferimento da medida ao país de acolhida. Em tais casos, como a criança ou adolescente a ser adotado irá residir no Brasil, nada mais correto que utilizar o mesmo procedimento relativo à adoção nacional.

CAPÍTULO IV - DO DIREITO À EDUCAÇÃO [229], À CULTURA [230], AO ESPORTE [231] E AO LAZER [232]

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho [233], assegurando-se-lhes [234]:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola [235];

II - direito de ser respeitado por seus educadores [236];

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores [237];

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis [238];

V - acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência [239].

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico [240], bem como participar da definição das propostas educacionais [241].

229 Vide arts. 6º e 205 a 214, da CF e disposições da Lei nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e Lei nº 10.172/2001, de 10/01/2001 - Institui o Plano Nacional de Educação (PNE). Vide também o Princípio 7º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959; art. 28, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 7º, 23, 30, 206, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e ao art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, com a nova redação que lhes foi dada pela Emenda Constitucional nº 53/2006, de 19/12/2006, que institui o Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB. Ainda sobre o FUNDEB, vide o disposto na Lei nº 11.494/2007, de 20/06/2007 e no Decreto nº 6.253/2007, de 13/11/2007. Por fim, vide o Decreto nº 6.094/2007, de 24/04/2007, que dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação,

pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica.

230 Vide arts. 215 e 216, da CF e arts. 30 e 31, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989.

231 Vide art. 217, da CF; Lei nº 9.615/1998, de 24/03/1998 (também conhecida como "Lei Pelé"), que institui normas gerais sobre o desporto e Decreto nº 4.201/2002, de 18/04/2002, que dispõe sobre o Conselho Nacional do Esporte.

232 Vide art. 31, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 6º, da CF.

233 O dispositivo traz alguns dos *princípios* que devem nortear a educação, reproduzindo em parte o enunciado do art. 205, da CF, que trata da matéria. A educação, portanto, não pode ser mero sinônimo de "ensino" das disciplinas tradicionais (português, matemática, história, geografia etc.), mas sim deve estar fundamentalmente voltada ao *preparo para o exercício da cidadania*, inclusive para o trabalho qualificado, através da aprendizagem/profissionalização e o ensino de seus direitos fundamentais, tal qual previsto no art. 32, §5º, da Lei nº 9.394/1996, que prevê a obrigatoriedade da inclusão, no currículo do ensino fundamental, de conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como diretriz a Lei nº 8.069/1990. É, no entanto, conforme dispõe o citado art. 205 da CF e art. 4º, *caput*, do ECA, tarefa que não pode ficar apenas a cargo da *escola*, mas *também* deve ser desempenhada pela *família* e pela *comunidade*, que para tanto precisam se *integrar* e *articular* (cf. arts. 4º, *caput* e 86, do ECA), cabendo ao *Poder Público* sua promoção, em todas as esferas (inclusive via Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente e de Educação). A participação da comunidade no processo educacional, prevista pelo art. 205, da CF, é também estimulada pela LDB, através de disposições como as contidas nos seus arts. 12, inciso VI, 13, inciso VI, 14, *caput* e inciso II, dentre outros. Vide também o disposto na Lei nº 11.129/2005, de 30/06/2005, que instituiu, no âmbito da Secretaria-Geral da Presidência da República, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem, programa emergencial e experimental, destinado a executar ações integradas que propiciem aos jovens brasileiros, entre 18 (dezoito) e 21 (vinte e um) anos, na forma de curso previsto no art. 81 da Lei nº 9.394/1996, de 20/12/1996, elevação do grau de escolaridade visando a conclusão do ensino fundamental, qualificação profissional voltada a estimular a inserção produtiva cidadã e o desenvolvimento de ações comunitárias com práticas de solidariedade, exercício da cidadania e intervenção na realidade local, o Decreto nº 5.557/2005, de 05/10/2005, que a regulamentou, e a Resolução nº 03/2006, de 15/08/2006, do Conselho Nacional de Educação, que aprova as diretrizes e procedimentos técnico-pedagógicos para a sua efetiva implementação. Ainda sobre a matéria, vide o disposto no art. 29, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e Lei nº 11.788/2008, de 25/09/2008, que dispõe sobre o estágio de *estudantes*, assim definido como o "*ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos*".

234 Vide art. 2º, da LDB.

235 Vide art. 206, inciso I, da CF e art. 3º, inciso I, da LDB. O direito à permanência na escola (assim como os demais relacionados à educação), é assegurado tanto

aos alunos da rede pública quanto particular de ensino, não mais sendo admissível a aplicação da "expulsão" do aluno a título de sanção disciplinar. Isto não significa, logicamente, que crianças e adolescentes autores de atos de indisciplina não possam ser responsabilizados pelos seus atos, mas apenas que isto deve ocorrer na forma prevista no regimento escolar, em observância às normas e princípios expressos no ECA, na LDB e na CF, sem prejuízo à frequência e ao acesso irrestrito aos conteúdos pedagógicos ministrados. Sobre a matéria, vide também o disposto na Lei nº 9.870/1999, de 23/11/1999, cujo art. 6º é expresso ao proibir a aplicação de qualquer sanção pedagógica, assim como a retenção de documentos, no caso de inadimplência das mensalidades escolares. O desligamento do aluno por inadimplência somente poderá ocorrer ao final do ano letivo ou, no ensino superior, ao final do semestre letivo quando a instituição adotar o regime didático semestral. Quando a lei fala em igualdade de condições para o *acesso* e *permanência*, está também implícita a necessidade de uma "adaptação" da metodologia de ensino aos novos tempos, de modo que a educação atenda as "necessidades pedagógicas" específicas do alunado, tal qual previsto no art. 100, *caput*, do ECA; arts. 4º, incisos VI e VII, 26, 28 e 37, da LDB e disposições correlatas contidas no PNE.

236 Vide art. 3º, inciso IV, da LDB. O *direito ao respeito* já é expressamente assegurado pelos arts. 15 e 17 do ECA, sendo ademais um "direito natural" inerente à pessoa humana. É absolutamente inconcebível se falar em "educação" sem que haja "respeito", daí porque tal disposição legal até parece ociosa. No entanto, e mais uma vez utilizando a regra básica de hermenêutica jurídica segundo a qual "*a lei não contém palavras inúteis*", mister se faz considerar que o sentido da norma é enfatizar a necessidade de que toda e qualquer intervenção pedagógica realizada junto a crianças e adolescentes, por qualquer que seja o agente ou educador, deve ser centrada na idéia do *respeito*: respeito aos direitos fundamentais assegurados pela lei e pela Constituição Federal, respeito à individualidade de cada educando e às diferenças encontradas e, é claro, respeito à peculiar condição da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento (conforme art. 6º, *in fine*, do ECA), que precisam ser adequadamente orientadas, amparadas e preparadas para que possam alcançar e exercer, em toda plenitude, sua *cidadania*. A violação deste direito pode importar na prática, por parte do educador, do *crime* previsto no art. 232, do ECA.

237 Reputa-se fundamental que os *regimentos escolares* estabeleçam a forma como será tal direito exercido, de preferência com a assistência dos pais ou responsável, que precisam participar do processo educativo de seus filhos ou pupilos em todos os seus aspectos.

238 Vide art. 15, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 5º, incisos XVI, XVII e XVIII, da CF e art. 16, inciso VI, do ECA. O "*preparo para o exercício da cidadania*", a que se referem o art. 53, inciso IV, do ECA e art. 205, da CF, sem dúvida importa em informar crianças e adolescentes sobre seus direitos e deveres, assim como na sua formação (e conscientização) política, no sentido mais puro da palavra, razão pela qual os Sistemas de Ensino devem estimular a criação de entidades estudantis, através das quais os jovens aprenderão a se organizar e reivindicar seus direitos, inclusive o de uma educação de qualidade para todos.

239 Vide arts. 3º, inciso VI e 4º, incisos I a IV, da LDB. Trata-se de um verdadeiro *princípio*, que o quanto possível deve ser respeitados pelas autoridades educacionais. Como alternativa, o art. 54, inciso VII, do ECA, a exemplo do previsto no art. 208, inciso VII, da CF e arts. 4º, inciso VIII, 10, inciso VII e 11, inciso VI, da LDB, prevêem a obrigatoriedade do fornecimento do *transporte escolar gratuito* àqueles que tiverem de ser matriculados longe de suas residências.

240 Vide art. 12, inciso VII, da LDB e art. 100, par. único, inciso XI, do ECA.

241 Regra decorrente dos citados arts. 205 e 227, *caput*, da CF, que preconizam o imprescindível (e indelegável) papel da *família* no processo de educação, formação e preparo para cidadania de crianças e adolescentes. Se o *dever de educar* é *também (e principalmente)* de responsabilidade da *família* (tal qual preconiza o art. 205, da CF), nada mais adequado do que o chamamento dos pais ou responsável para definição das propostas educacionais, o que abrange o processo de elaboração do próprio *regimento escolar*. A propósito, mais uma vez se destaca a necessidade de que os *regimentos escolares* estabeleçam a forma como os pais ou responsável poderão exercer tal direito/dever. Ainda sobre a matéria, vide o *princípio* relacionado no art. 100, par. único, inciso XII, do ECA.

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria **[242]**;

II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio **[243]**;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino **[244]**;

IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade **[245]**;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um **[246]**;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador **[247]**;

VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde **[248]**.

§ 1º. O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo **[249]**.

§ 2º. O não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente **[250]**.

§ 3º. Compete ao Poder Público **[251]** recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável **[252]**, pela frequência à escola **[253]**.

242 Vide arts. 30, inciso VI, 208, inciso I e 211, §§1º e 2º, da CF; arts. 4º, incisos I e IV, 6º, 32 e 87, §3º, da LDB e art. 208, inciso I, do ECA. Com a nova redação dada aos arts. 4º, 5º, 6º, 29 a 31 e 87, §3º, inciso I, da LDB, pela Lei nº 12.796/2013, de 04/04/2013, a "*educação básica*" passou ser *obrigatória* a partir dos *04 (quatro) anos de idade*, devendo crianças entre 04 (quatro) e 05 (cinco) anos ser matriculadas na *pré-escola*, com a matrícula de crianças no *ensino fundamental* a partir dos 06 (seis) anos de idade. A *obrigação* imposta aos pais para matrícula de seus filhos no Sistema de Ensino, portanto, agora *também abrange a pré-escola* (primeira etapa da *educação básica*) e o *ensino médio*, cabendo o Poder Público, logicamente, se adequar a esta exigência legal, oferecendo um número de vagas compatível com a demanda. Vide também o contido na Resolução nº 03/2005, do Conselho Nacional de Educação (publ. DOU de 08/08/2005) que, dentre outras, ressalta que a antecipação da obrigatoriedade de matrícula no Ensino Fundamental aos seis anos de idade implica na ampliação da duração do Ensino Fundamental para nove anos, adota

a nomenclatura Educação Infantil para a faixa etária até cinco (05) anos de idade e Ensino Fundamental, para a faixa etária de 06 a 14 anos de idade (embora, vale lembrar, não exista idade-limite para conclusão do ensino fundamental). O acesso à educação básica é considerado um "*direito público subjetivo*" (cf. art. 54, §1º, do ECA e art. 5º, da LDB), e o Estado (*lato sensu*) tem o *dever* de assegurá-lo a todos, para o que deverá adequar equipamentos e elaborar propostas pedagógicas específicas que permitam, por exemplo, a inserção/reinserção escolar de crianças e adolescentes em qualquer fase do período letivo, o que inclui adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas (valendo neste sentido observar o disposto no art. 82, da Lei nº 12.594/2012).

243 Vide art. 208, inciso II, da CF e art. 4º, incisos I, alínea "c", IV e VIII, da LDB. Com as alterações promovidas na LDB pela Lei nº 12.796/2013, o ensino médio passou a ser considerado uma das etapas da *educação básica* e, portanto, também *obrigatório* (em especial a adolescentes até 17 anos de idade - inclusive sob pena de *responsabilidade dos pais* - cf. art. 6º, da LDB), cabendo ao Poder Público (notadamente em nível estadual) assegurar o número de vagas compatível com a demanda, com a adequação de seu orçamento à construção de novas salas de aula/escolas, contratação/qualificação de professores etc.

244 Vide arts. 208, inciso III e 227, §1º, inciso II, da CF; art. 208, inciso II, do ECA; arts. 4º, inciso III, 58, 59 e 60, da LDB, arts. 24 a 29, do Decreto nº 3.298/1999 (que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência) e Dec. Legislativo nº 186/2008, de 09/07/2008 (que aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007) e Decreto nº 6.949/2009, de 25/08/2009, que a promulga. Interessante observar que, com o advento da Lei nº 12.796/2013, a "*educação especial*" passou a englobar não apenas alunos com deficiência, mas também aqueles que possuem "*transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação*". A inclusão da pessoa com deficiência no sistema regular de ensino é uma *meta* a ser perseguida, porém deve ocorrer de forma *cautelosa* e *responsável*, de modo a permitir um *atendimento individualizado e especializado* à criança e ao adolescente não apenas por parte dos educadores, que devem receber a devida capacitação para o atendimento das necessidades pedagógicas específicas desta clientela, mas por parte de todo o Sistema de Ensino que, quando necessário, deverá proporcionar reforço escolar, atendimento psicossocial às famílias (se necessário com o apoio dos órgãos públicos encarregados da assistência social e saúde), e todos os meios idôneos a proporcionar não apenas a *igualdade de* acesso e permanência, mas também de sucesso na escola. Vide também o Decreto nº 6.571/2008, de 17/09/2008, que dispõe sobre o atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular. O presente dispositivo serve de fundamento, por exemplo, para obrigar o Estado (*lato sensu*) a fornecer professor especializado em libras a adolescente deficiente auditiva. *ECA. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. DIREITO À EDUCAÇÃO. DEFICIENTE AUDITIVA. PROFESSOR ESPECIALIZADO EM LIBRAS (LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS). OBRIGAÇÃO DO ENTE PÚBLICO DE FORNECÊ-LO. 1. O ECA estabelece tratamento preferencial a crianças e adolescentes, mostrando-se necessário o pronto fornecimento de professor especializado em LIBRAS de que necessita a adolescente. 2. Constitui dever do Estado assegurar às crianças o acesso à educação, consoante estabelece o art. 208 da Constituição Federal. Recurso desprovido.* (TJRS. 7ª C. Cível. Ap. Cív. nº 70047336763. Rel.: Sérgio Fernando de Vasconcellos Chaves. J. em 25/04/2012), valendo o mesmo entendimento para situações similares envolvendo outras crianças e adolescentes com deficiência ou que se enquadram em outras hipóteses relacionadas no art. 58, da LDB.

245 Vide arts. 7º, inciso XXV, 30, inciso VI, 208, inciso IV e 211, §2º, da CF; art. 4º, incisos I, alínea "a", II e VIII, da LDB; art. 208, inciso III, do ECA e art. 18, nº 3, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. Como dito anteriormente, com as alterações promovidas na LDB pela Lei nº 12.796/2013, a creche passou a ser destinada a crianças de 0 (zero) a 3 (três) anos de idade e a pré-escola (agora como primeira etapa da *educação básica*) passou a ser *obrigatória* para crianças entre 4 (quatro) e 5 (cinco) anos de idade, tendo o *ensino fundamental* início aos 6 (seis) anos de idade. A creche e a pré-escola são modalidades da chamada *educação infantil*, que como todos os demais níveis de ensino, na forma do art. 205, *caput*, da CF, constituem-se num "*direito de todos*". Assim sendo, embora não haja a obrigatoriedade dos pais matricularem seus filhos em creches (como ocorre com a pré-escola e o ensino fundamental), é *dever do Poder Público oferecer vagas para os que assim desejarem*, inclusive, na forma da Lei (art. 208, inciso III, do ECA), sob pena de *responsabilidade*. Neste sentido: *RECURSO ESPECIAL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA ARTIGOS 54 E 208 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. MATRÍCULA E FREQUÊNCIA DE MENORES DE ZERO A SEIS ANOS EM CRECHE DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL. 1. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96, art. 4º, IV) asseguram o atendimento de crianças de zero a seis anos em creches e pré-escolas da rede pública. 2. Compete à Administração Pública propiciar às crianças de zero a seis anos acesso ao atendimento público educacional e a frequência em creches, de forma que, estando jungida ao princípio da legalidade, é seu dever assegurar que tais serviços sejam prestados mediante rede própria. 3. 'Consagrado por um lado o dever do Estado, revela-se, pelo outro ângulo, o direito subjetivo da criança. Consectariamente, em função do princípio da inafastabilidade da jurisdição consagrado constitucionalmente, a todo direito corresponde uma ação que o assegura, sendo certo que todas as crianças nas condições estipuladas pela lei encartam-se na esfera desse direito e podem exigi-lo em juízo' (R.Esp. nº 575.280-SP, relator para o acórdão Ministro Luiz Fux, DJ de 25/10/2004). 4. A consideração de superlotação nas creches e de descumprimento da Lei Orçamentária Municipal deve ser comprovada pelo Município para que seja possível ao órgão julgador proferir decisão equilibrada na busca da conciliação entre o dever de prestar do ente público, suas reais possibilidades e as necessidades, sempre crescentes, da população na demanda por vagas no ensino pré-escolar. 5. No caso específico dos autos, não obstante tenha a municipalidade alegado falta de vagas e aplicação 'in totum' dos recursos orçamentários destinados ao ensino fundamental, nada provou; a questão manteve-se no campo das possibilidades. Por certo que, em se tratando de caso concreto no qual estão envolvidas apenas duas crianças, não haverá superlotação de nenhuma creche. 6. Recurso especial provido.* (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 577573/SP. Rel. João Otávio de Noronha. J. em 17/04/2007). A respeito da matéria, vale repetir que com o advento da Lei nº 11.114/2005, de 16/05/2005, a matrícula de crianças no ensino fundamental passou a ser *obrigatória* a partir dos *06 (seis) anos de idade*, sendo que a pré-escola passa a ter como idade-limite os 05 (cinco) anos. Por fim, vale lembrar que a oferta da educação infantil é de responsabilidade dos *municípios*, cabendo à União a função "*redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos ... municípios*" (art. 211, §1º, da CF). Neste sentido, vide o Decreto nº 6.494/2008, de 30/06/2008, que dispõe sobre o *Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil - Pro-Infância*, destinado a apoiar os sistemas públicos de educação infantil por meio da construção e reestruturação de creches e escolas de educação infantil das redes municipais e do Distrito Federal.

246 Vide art. 208, inciso V, da CF e art. 4º, inciso V, da LDB.

247 Vide arts. 7º, inciso XXXIII e 208, inciso VI, da CF e art. 4º, inciso VI, da LDB. Da inteligência do dispositivo, que vincula o ensino noturno ao trabalho do adolescente, fica claro que deve ser o quanto possível *evitada* a matrícula de crianças ou adolescentes no ensino noturno, o que somente deverá ocorrer caso comprovada a necessidade, em razão do trabalho, na condição de aprendiz, a partir dos 14 (quatorze) anos, ou trabalho regular, a partir dos 16 (dezesseis) anos de idade. Além dos "perigos" da noite, que por si só já não tornam recomendável o estudo no período noturno, parte-se do princípio que este é atentatório à convivência familiar da criança/adolescente com seus pais ou responsável, na medida em que estes geralmente trabalham durante o dia e somente teriam contato com aqueles à noite. O estudo noturno, portanto, reduz sobremaneira, quando não impede por completo, o contato diário da criança/adolescente com seus pais ou responsável, expondo-os a perigos e a toda sorte de influência negativa externa, com evidentes prejuízos à sua formação. Importante também destacar que a *proposta pedagógica* oferecida aos adolescentes que trabalham, assim como aos jovens que apresentam defasagem idade-série, deve ser *diferenciada* e *altamente especializada*, de modo a atender suas *necessidades pedagógicas específicas*, respeitando as peculiaridades destas categorias de alunos. Os professores encarregados de ministrar as aulas também deverão ser adequadamente selecionados e capacitados (valendo neste sentido observar o disposto nos arts. 62 e 62-A, da LDB), devendo ser dado ênfase ao desenvolvimento de novas propostas relativas à metodologia, didática e avaliação tal qual previsto no art. 57, do ECA. Sobre a matéria: *PROCESSUAL CIVIL. COLÉGIO PEDRO II. EXTINÇÃO DO CURSO NOTURNO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. INTERESSES COLETIVOS EM SENTIDO ESTRITO E DIFUSOS. 1. O Ministério Público Federal ajuizou ação civil pública objetivando a manutenção do curso de ensino médio no período noturno oferecido pelo Colégio Pedro II - Unidade São Cristóvão, que teria sido ilegalmente suprimido pelo Diretor da referida entidade educacional. 2. O direito à continuidade do curso noturno titularizado por um grupo de pessoas - alunos matriculados no estabelecimento de ensino - deriva de uma relação jurídica base com o Colégio Pedro II e não é passível de divisão, uma vez que a extinção desse turno acarretaria idêntico prejuízo a todos, mostrando-se completamente inviável sua quantificação individual. 3. Há que se considerar também os interesses daqueles que ainda não ingressaram no Colégio Pedro II e eventualmente podem ser atingidos pela extinção do curso noturno, ou seja, um grupo indeterminável de futuros alunos que titularizam direito difuso à manutenção desse turno de ensino. 4. Assim, a orientação adotada pela Corte de origem merece ser prestigiada, uma vez que os interesses envolvidos no litígio revestem-se da qualidade de coletivos e, por conseguinte, podem ser defendidos pelo Ministério Público em ação civil pública. 5. No mais, o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece expressamente a legitimidade do Ministério Público para ingressar com ações fundadas em interesses coletivos ou difusos para garantir a oferta de ensino noturno regular adequado às condições do educando. 6. Recurso especial não provido.* (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 933002/RJ. Rel. Min. Castro Meira. J. em 16/06/2009).

248 Vide art. 208, inciso VII, da CF e arts. 4º, inciso VIII, 10, inciso VII e 11, inciso VI, da LDB; Lei nº 10.880/2004, de 09/06/2004, que institui o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar - PNATE e o Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos; Lei nº 11.947/2009, de 16/06/2009, que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; Decreto nº 6.286/2007, de 05/12/2007 que institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e Decreto nº 6.768/2009, de 10/02/2009, que Disciplina o Programa Caminho da Escola, através do qual a União, por intermédio do Ministério da Educação, apoia os sistemas públicos de educação básica dos Estados,

Distrito Federal e Municípios na aquisição de veículos para transporte dos estudantes da zona rural. Através de tais programas, que devem estar articulados entre si (cf. art. 86, do ECA) e integrando a "*rede de proteção dos direitos infanto-juvenis*" que cada município está obrigado a implementar, se procura proporcionar *reais condições* para que o aluno frequente a escola com aproveitamento, afinal, de nada adianta a oferta meramente "formal" de vagas nas escolas, sendo necessário proporcionar às crianças e adolescentes os *meios necessários* ao *efetivo exercício* do direito à educação. No Paraná, vide Lei Estadual nº 15.537/2007, de 12/06/2007, que dispõe sobre o fornecimento, na Rede de Ensino Estadual, de merenda diferenciada para estudantes diabéticos, hipoglicêmicos e celíacos. Sobre a matéria: *ADMINISTRATIVO. AÇÃO DECLARATÓRIA DE INEXISTÊNCIA DE DÉBITO FEDERAL. VERBAS ALUSIVAS AO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR E AO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. ANTECIPAÇÃO DE TUTELA. A suspensão das verbas do PNAI e PNAE é inadmissível na medida em que se destinam à merenda escolar de crianças e adolescentes, muitas vezes constituindo-se na sua única refeição diária.* (TRF 4ª Reg. 4ª T. Ag. nº 2007.04.00.041668-5. Rel. Des. Valdemar Capeletti. Publ. D.E. de 10/03/2008) e *Reexame Necessário. Ação Civil Pública. Litisconsorte passivo necessário do município. Preliminar afastada. Transporte escolar gratuito. Ensino fundamental. Obrigatoriedade da prestação do serviço. Exegese dos arts. 208, I e VII da Constituição Federal e 54, VII do Estatuto da Criança e do Adolescente. Remessa desprovida. É dever do Estado assegurar o transporte escolar gratuito às crianças e adolescentes necessitados, como forma de garantia do pleno acesso ao ensino fundamental obrigatório, de maneira a permitir que a criança ou o adolescente recebam formação básica necessária ao exercício da cidadania.* (TJSC. 3ª C. Dir. Pub. Ap. Cív. nº 2007.007731-8. Rel. Des. Pedro Manoel Abreu. J. em 10/11/2008). Sobre transporte escolar, vide ainda o disposto nos arts. 136 a 139, da Lei nº 9.503/1997, de 23/09/1997 (institui o Código de Trânsito Brasileiro), e Resolução nº 82/1998, do CONTRAN c/c Resolução nº 10/2008, do FNDE (que tratam do transporte precário, com veículos adaptados, para as localidades onde, *comprovadamente*, os veículos de transporte de passageiros estão impossibilitados de trafegar ou não há disponibilidade de veículos próprios para o transporte de passageiros). Vide também o disposto na Resolução nº 02/2009, do FNDE, que estabelece as normas para que os Municípios, Estados e o Distrito Federal possam aderir ao Programa Caminho da Escola para pleitear a aquisição de ônibus e embarcações para o transporte escolar.

249 Vide art. 208, §1º, da CF e arts. 4º, inciso I, 5º e 10, da LDB. Dada amplitude do disposto no art. 205, da CF, que estabelece ser a educação "*...direito de todos e dever do Estado...*", é de se considerar que o acesso a *todos* os níveis de ensino é um direito público subjetivo, servindo o presente dispositivo apenas para realçar a preocupação do legislador com o ensino fundamental (sendo certo que, como visto acima, com o advento da Lei nº 12.796/2013 e da alteração por esta promovida ao art. 5º, da LDB, até mesmo o acesso à *pré-escola* - que se constitui na primeira etapa da educação básica - passou a ser expressamente considerado "*direito público subjetivo*", o mesmo ocorrendo com o *ensino médio*).

250 Vide art. 208, §2º, da CF; arts. 5º, 208, inciso I e 216, do ECA e art. 5º, §4º, da LDB. O não oferecimento ou a oferta irregular dos demais níveis de ensino, notadamente a educação infantil e o ensino médio, também pode (e deve) gerar a *responsabilidade* do agente público omisso, dada amplitude do contido no art. 205, da CF e arts. 5º e 208, incisos III, IV e par. único, do ECA.

251 Vide art. 5º, §1º, da LDB inciso I da LDB, que torna obrigatório o recenseamento não apenas dos alunos do ensino fundamental, mas de toda *educação básica* (englobando a *pré-escola*, o *ensino fundamental* e o *ensino médio*).

252 Vide art. 12, inciso VII, da LDB e arts. 100, par. único, inciso IX e 129, incisos IV e V, do ECA.

253 Vide art. 208, §3º, da CF e art. 129, inciso V, do ECA (valendo lembrar que tal *obrigação* do Poder Público agora também abrange a pré-escola e o ensino médio).

Art. 55. Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino **[254]**.

254 Vide art. 4º, inciso I e 6º, da LDB e art. 129, inciso V, do ECA. Com a nova redação dada aos arts. 4º, inciso I e 6º, da LDB, pela Lei nº 12.796/2013, de 04/04/2013, a matrícula de crianças na *educação básica* passou a ser *obrigatória* a partir dos *04 (quatro) anos de idade*, persistindo enquanto não concluído o *ensino médio* e não atingidos os 18 (dezoito) anos de idade. A falta de matrícula do filho ou pupilo, enquanto criança ou adolescente, na educação básica (da pré-escola até a conclusão do ensino médio) configura, em tese, o *crime* de *abandono intelectual*, previsto no art. 246, do CP. Por determinação do Conselho Tutelar ou autoridade judiciária, no entanto, pais ou responsável podem ser obrigados a matricular seus filhos ou pupilos e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar também na creche, sob pena da prática da infração administrativa prevista no art. 249, do ECA (cf. art. 129, inciso V, do ECA).

Art. 56. Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I - maus-tratos envolvendo seus alunos **[255]**;

II - reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares **[256]**;

III - elevados níveis de repetência **[257]**.

255 Vide art. 19, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 5º, 13, 18, 70 e 245, do ECA e art. 136, do CP. A simples *suspeita* de que a criança ou adolescente foi vítima de maus-tratos (termo que deve ser interpretado de forma ampliativa, compreendendo a violência e/ou o abuso sexual), já torna a comunicação *obrigatória*, sob pena da prática da infração administrativa prevista no art. 245, do ECA. A exemplo do que foi dito em comentários ao art. 13, do ECA, em que pese a alusão ao Conselho Tutelar, é mais adequado que os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos sejam comunicados diretamente ao Ministério Público, ao qual incumbe, em última análise, propor ação penal contra os autores da infração, o afastamento do agressor da moradia comum (cf. art. 130, do ECA) e mesmo a suspensão ou destituição do poder familiar (cf. art. 201, inciso III c/c arts. 155 a 163, do ECA), medidas que somente poderão ser decretadas pela autoridade judiciária. Ademais, como não incumbe ao Conselho Tutelar a investigação criminal acerca da efetiva ocorrência de maus-tratos e/ou a decisão acerca da propositura, ou não, das aludidas ações, uma vez acionado somente caberia ao órgão proceder na forma do disposto no art. 136, inciso IV, do ECA, ou seja, *encaminhar a notícia do fato ao Ministério Público*. Interessante também observar que o art. 245, do ECA não se refere especificamente ao Conselho Tutelar, apenas, mas sim à "*autoridade competente*", que no caso para apuração da prática de infração penal contra criança ou adolescente, será o Ministério Público (poder-se-ia falar também da polícia judiciária, porém, pela sistemática estabelecida pelo ECA, e pelos desdobramentos do fato, que podem, como dito, resultar em medias de cunho extrapenal, é preferível acionar diretamente o MP). De uma

forma ou de outra, a simples *suspeita* da ocorrência de maus-tratos já torna *obrigatória* a aludida comunicação, sob pena da prática da *infração administrativa* respectiva, devendo os gestores responsáveis pela educação promover a devida *orientação* (e *conscientização*) dos profissionais da área, bem como fornecer mecanismos destinados a facilitar as denúncias, como "fichas de notificação obrigatória" ou similares. As denúncias de abuso ou violência sexual contra crianças e adolescentes podem ser também efetuadas através do telefone "100" (um, zero, zero), que é o número do "*Disque-denúncia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes*", mantido pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos - SEDH. No estado do Paraná, o número do disque-denúncia estadual (que também é o número utilizado em outros estados) é 181.

256 Vide art. 12, inciso VIII, da LDB, que estabelece ser dever dos estabelecimentos de ensino "notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei" (dispositivo incluído pela Lei nº 10.287/2001, de 20/09/2001). Importante destacar que, como está expresso na lei, a comunicação ao Conselho Tutelar e ao Ministério Público somente deve ocorrer após esgotados os recursos escolares (diga-se, os recursos disponíveis no próprio Sistema de Ensino), para o retorno da criança ou adolescente à escola. Desta forma, cada Sistema de Ensino deve desenvolver uma política própria de combate à evasão escolar, devendo prever ações a serem desencadeadas no âmbito da escola e do próprio Sistema, se necessário com a colaboração de outros órgãos públicos (como é o caso das Secretarias de Assistência Social, Saúde, Cultura, Esporte e Lazer - de acordo com a estrutura administrativa de cada Ente Federado), com ações a serem deflagradas desde o momento em que são registradas as primeiras faltas reiteradas e/ou injustificadas. A comunicação ao Conselho Tutelar e ao Ministério Público somente deve ocorrer, portanto, após constatado que tais iniciativas não surtiram o efeito desejado, devendo ser o relato efetuado a tempo de permitir o retorno à escola, ainda com aproveitamento do ano letivo, com a informação acerca de todas as ações desencadeadas junto à criança ou adolescente e também junto a seus pais ou responsável.

257 A constatação da ocorrência de elevados índices de repetência é um claro indicativo da necessidade de *repensar* a metodologia de ensino aplicada, de modo a adequá-la às necessidades pedagógicas do alunado e aos novos desafios da educação no século XXI. Vale observar que o Conselho Tutelar tem a atribuição de "*assessorar o Executivo local na elaboração da proposta pedagógica para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente*" (cf. art. 136, inciso IX, do ECA), e que através de sua desejada interlocução com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente local, será possível *articular ações* (cf. art. 86, do ECA) entre a educação e outros setores da administração (assim como outras entidades e programas de atendimento à população infanto-juvenil), capazes de fornecer aos educandos e também aos educadores melhores condições de ensino e aprendizagem.

Art. 57. O Poder Público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório **[258]**.

258 Vide art. 62, da Lei nº 9.394/1996 e Decreto nº 6.755/2009, de 29/01/2009, que institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior - APES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências, e Resolução FNDE nº 34/2009, de 30/06/2009, que estabelece orientações e diretrizes para a concessão e o pagamento de bolsas de estudo e pesquisa no âmbito do Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil (PROINFANTIL), a partir de 2009. O estímulo ao desenvolvimento de propostas pedagógicas inovadoras, que se mostrem "atraentes" aos alunos, é também (e particularmente) válido para adolescentes que trabalham, apresentam defasagem idade-série e/ou frequentam o ensino médio. A escola deve corresponder às expectativas dos alunos, trazendo-lhes perspectivas concretas de uma vida melhor não apenas no futuro, mas também no presente. É adequado que os programas educacionais sejam articulados com programas de esporte, lazer e cultura (prática desportiva, música, dança etc.), sem perder de vista, é claro, a profissionalização, um dos objetivos fundamentais da educação (notadamente para alunos maiores de 14 anos de idade e/ou que frequentam o ensino médio), conforme disposição expressa no art. 205, da CF. Vale lembrar, em qualquer caso, que com o advento da Lei nº 12.796/2013, não apenas o ensino fundamental é "obrigatório", mas também as demais etapas da *educação básica*: a pré-escola e o ensino médio.

Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura [259].

259 Vide arts. 29 e 30, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 210 e 215, da CF e arts. 1º, 26, *caput* e §4º e 26-A, da LDB. Vide também Decreto nº 6.861/2009, de 27/05/2009, que dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências.

Art. 59. Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude [260].

260 Vide arts. 216, §3º e 217, inciso II e §3º, da CF e arts. 4º, par. único, alíneas "c" e "d", 88, inciso I e 100, par. único, inciso III, do ECA. Vide também art. 8º, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo e prevê, de maneira expressa, que os "Planos de Atendimento Socioeducativo", a serem elaborados nos três níveis de governo deverão, obrigatoriamente, prever ações articuladas nas áreas de educação, saúde, assistência social, cultura, capacitação para o trabalho e esporte, para os adolescentes atendidos. Por fim, vide o contido na MP nº 2.208/2001, que dispõe sobre o desconto para estudantes em estabelecimento de diversão e eventos culturais, esportivos e de lazer.

CAPÍTULO V - DO DIREITO À PROFISSIONALIZAÇÃO E À PROTEÇÃO NO TRABALHO [261]

Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade [262], salvo na condição de aprendiz.

261 Vide arts. 7º, inciso XXXIII e 205, da CF; Princípio 9º, segundo parágrafo, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959; art. 32, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; Convenção nº 182/1999, da OIT; arts. 402 a 441 do Dec. Lei nº 5.452/1943 - CLT; Lei nº 10.097/2000, que alterou diversos dos dispositivos da CLT e passou a disciplinar a aprendizagem; Lei nº 11.180/2005, de 23/09/2005, que alterou os arts. 428 e 433 da CLT, fixando em *24 (vinte e quatro) anos* a idade-limite para a aprendizagem e art. 24-C, da LOAS, que institui o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI. Interessante observar que não se fala em "direito ao trabalho", mas sim em "direito à profissionalização" de adolescentes (vide art. 227, *caput*, da CF e art. 4º, *caput*, do ECA), haja vista que a preocupação do legislador (e do constituinte) é assegurar que adolescentes maiores de 14 (quatorze) anos sejam devidamente "qualificados para o trabalho" (como dispõe o art. 205, da CF, quando trata da educação), e não pura e simplesmente autorizados a exercer uma atividade laborativa qualquer, de maneira desqualificada. A formação técnico-profissional de adolescentes deve ser preferencialmente realizada por intermédio do Sistema de Ensino (se possível coincidindo com o ensino médio), admitidas parcerias com entidades não governamentais e com o "Sistema S", nos moldes do disposto na Lei nº 10.097/2000, na LDB e no próprio ECA.

262 Conforme Emenda Constitucional nº 20/1998 (publ. DOU de 16/12/1998), que alterou art. 7º, inciso XXXIII, da CF, é *proibido* qualquer trabalho a menores de *16 (dezesseis) anos*, salvo na condição de *aprendiz*, a partir de 14 (quatorze) anos. Assim sendo, a idade mínima para o trabalho regular, constante do presente dispositivo, foi *alterada* de 14 (quatorze) para *16 (dezesseis) anos*. Interessante também observar que a OIT, por ocasião da 90ª reunião da Conferência Internacional do Trabalho, realizada em Genebra, Suíça, em junho de 2002, estabeleceu o dia *12 de junho* como o "*Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil*", visando alertar e mobilizar a opinião pública mundial contra esta verdadeira chaga que ceifa a infância e a adolescência (quando não a saúde e a própria vida), de milhões de crianças no Brasil e em todo o mundo. O combate ao trabalho infantil e à exploração do trabalho do adolescente deve ser uma preocupação constante de todos, cabendo aos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, juntamente com os Conselhos de Assistência Social e outros Conselhos setoriais e órgãos dos mais diversos setores da administração pública, a elaboração e implementação de *políticas públicas* que permitam a solução do problema em sua *origem*, em regra relacionada à situação socioeconômica precária da família e ao baixo nível de escolaridade. Programas como o "Bolsa Família" do Governo Federal (instituído pela Lei nº 10.836/2004 e regulamentado pelo Decreto nº 5.029/2004), devem ser ampliados e complementados por iniciativas semelhantes dos estados e municípios, que precisam articular suas ações, tal qual preconizado pelo art. 86, do ECA. Cabe aos pais ou responsável (quando necessário com apoio externo, por intermédio dos programas mencionados), o papel de *provedores* da família, de modo que as crianças e adolescentes possam exercer, em sua plenitude, os direitos relacionados nos arts. 4º, do ECA e 227, da CF, sem precisarem ingressar precocemente no mercado de trabalho, máxime em atividades que não exigem qualquer qualificação profissional e nem lhes permitirão a desejada ascensão social. Sobre a matéria, vide também a Convenção nº 138/1973 e Recomendação nº 146/1973, ambas da OIT, que dispõem sobre a Idade Mínima de Admissão ao Emprego e a Portaria SEAS nº 458/2001, que dispõe sobre Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Ainda sobre a matéria, vide Lei nº 11.542/2007, de 12/11/2007 que, no mesmo sentido do que já dispunha a OIT, conforme acima mencionado, institui o dia 12 de junho como o "*Dia Nacional de Combate ao Trabalho Infantil*". Vale dizer que diante das *vedações* ao trabalho infanto-juvenil instituídas pela lei, pela Constituição Federal e pelas normas internacionais, é *absolutamente inadmissível* a expedição de

"autorizações judiciais para o trabalho" de crianças e adolescentes fora das hipóteses expressamente admitidas pelo ordenamento jurídico, haja vista que a autoridade judiciária *não pode decidir de forma contrária à lei e à Constituição Federal*, inclusive sob pena de *afronta* aos *princípios constitucionais* da *proteção integral* e da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente, insculpidos no art. 227, *caput*, de nossa Carta Magna. Os pedidos de autorização para o trabalho precoce de crianças e adolescentes, em regra, envolvem problemas de ordem social, que devem ser solucionados por meio da aplicação de *medidas protetivas*, nos moldes dos arts. 101 e 129, do ECA, como parte de uma *política pública mais abrangente*, voltada à *erradicação do trabalho infantil* e à *profissionalização de adolescentes*, que também contemple a qualificação profissional e a inserção de pais/responsáveis no mercado de trabalho e a geração de renda para famílias carentes, sem jamais perder de vista que *são os pais*, e não os filhos, *que devem ser os "provedores" das famílias*. Os arts. 405, §2º e 406, do Dec. Lei nº 5.452/1943 (Consolidação das Leis do Trabalho - CLT), *não foram recepcionados* pelos arts. 7º, inciso XXXIII e 227, *caput* da Constituição Federal (sendo certo que, quando este fala da *profissionalização*, como um dos direitos fundamentais a ser assegurado notadamente a adolescentes, com a mais absoluta prioridade, não está se referindo ao trabalho desqualificado), e os arts. 148 e 149, do ECA, ao tratarem das causas de competência da Justiça da Infância e da Juventude, inclusive no que diz respeito à expedição de alvarás, *em momento algum* falam ou abrem espaço para a autorização judicial para o trabalho, máxime quando em desacordo com as normas aplicáveis à matéria (sendo certo que, por força do disposto nos arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA, a interpretação e aplicação de toda e qualquer disposição estatutária somente pode ser efetuada no sentido da "*proteção integral e prioritária*" dos direitos de que crianças e adolescentes são titulares). Neste contexto, pedidos de autorização judicial para o trabalho de crianças e adolescentes, em desacordo com as disposições contidas no ordenamento jurídico vigente, *não devem receber o respaldo do Poder Judiciário e do Ministério Público*, aos quais incumbe, antes e acima de tudo, promover a plena efetivação dos direitos infanto-juvenis, o que se dará, como visto, fundamentalmente por intermédio da implementação, pelo Poder Público local, de *políticas públicas* que os coloquem a salvo de situações potencialmente lesivas a seus interesses, incluindo o trabalho precoce ou inadequado. Semelhantes pedidos, embora invariavelmente fadados à *extinção, sem julgamento de mérito*, em razão de sua *impossibilidade jurídica* (cf. art. 267, inciso VI, do CPC), são de competência da *Justiça do Trabalho*, devendo a autoridade judiciária, após indeferir a petição inicial e/ou extinguir o feito sem julgamento do mérito, remeter os autos ao Ministério Público (cf. art. 221, do ECA), para que este, no exercício de suas atribuições, tome as providências necessárias a evitar que a criança ou adolescente tenha de trabalhar e receba, juntamente com sua família, o atendimento (e a "proteção integral") a que tem direito. Deve ainda o Ministério Público, numa perspectiva eminentemente *preventiva* e voltada à solução do problema da exploração do trabalho infanto-juvenil no plano *coletivo*, zelar para que os municípios *elaborem e implementem* a referida política pública especificamente destinada à erradicação do trabalho infantil e à exploração do trabalho de adolescentes, de modo que adolescentes e mesmo crianças expostas ao trabalho precoce ou inadequado, sejam inseridas, juntamente com suas famílias, em programas e serviços capazes de assegurar o pleno exercício de seus direitos fundamentais, que são enormemente prejudicados com tais atividades.

Art. 61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial **[263]**, sem prejuízo do disposto nesta Lei.

263 Esta legislação especial não é outra senão a própria CLT (arts. 402 a 441), à qual se agregam outras normas, tanto nacionais (Lei nº 10.097/2000, que alterou diversos dos dispositivos da CLT e passou a disciplinar a aprendizagem; Lei nº 11.180/2005, que alterou os arts. 428 e 433 da CLT; Portaria nº 20/2001, da SIT/TEM, que relaciona as atividades consideradas perigosas ou insalubres, onde é proibido o trabalho de adolescentes; Instrução Normativa nº 26/2001, da SIT, que baixa instruções para orientação à fiscalização das condições de trabalho no âmbito dos programas de aprendizagem; Instrução Normativa nº 66/2006, de 13/10/2006, da Secretaria de Inspeção no Trabalho - SIT, que dispõe sobre a atuação da Inspeção do Trabalho no combate ao trabalho infantil e proteção ao trabalhador adolescente etc.) quanto internacionais (Convenção nº 138/1973 e Recomendação nº 146/1973, ambas da OIT, que dispõem sobre a Idade Mínima de Admissão ao Emprego; Decreto nº 3.597/2000 - que promulgou a Convenção nº 182/1999 e a Recomendação 190/1999, ambas da OIT, que dispõem sobre a Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e a Ação Imediata para sua Eliminação etc.); Decreto nº 6.481/2008, de 12/06/2008 (que regulamenta os arts. 3º, "d", e 4º da Convenção nº 182/1999 da OIT) e art. 24-C, da LOAS, que institui o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI.

Art. 62. Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor [264].

264 Vide arts. 428 a 433, da CLT (com a nova redação dada pelas Leis nºs 10.097/2000 e 11.180/2005); Decreto nº 5.598/2005, de 01/12/2005, que regulamenta a contratação de aprendizes e dá outras providências (estabelecendo, dentre outras, a definição e os requisitos de validade do contrato de aprendizagem; os aspectos da formação técnico-profissional e das entidades qualificadas em formação técnico-profissional metódica; os direitos trabalhistas, as obrigações acessórias e a obrigatoriedade da concessão de certificado de qualificação profissional da aprendizagem, ao término do programa respectivo e Portaria MTE nº 615/2007, de 13/12/2007. Vide também arts. 2º, *in fine*, 27, inciso III, 28, inciso III, 36, §4º e 39 a 42, da LDB. Nem todas as atividades comportam aprendizagem, mas sim apenas aquelas que, como mencionado no dispositivo, demandam a *formação técnico-profissional*. A aprendizagem será ministrada a pessoas entre 14 (quatorze) e 24 (vinte e quatro) anos, pelas entidades que compõem os "Serviços Nacionais de Aprendizagem", o chamado "Sistema S" (SENAI, SENAC, SENAR e SENAT) ou, na forma do disposto no art. 430, incisos I e II, da CLT, pelas Escolas Técnicas e entidades sem fins lucrativos, devidamente registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (cf. art. 91, *caput*, do ECA). Pressupõe a existência de um curso ou programa de aprendizagem, que evidencie seu caráter educativo-profissionalizante, em detrimento da produção (vide art. 428, *caput* e §§1º e 4º, da CLT). Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a empregar e matricular nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem número de aprendizes equivalente a 5% (cinco por cento), no mínimo, e 15% (quinze por cento), no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional (art. 429, *caput*, da CLT). Na hipótese de os Serviços Nacionais de Aprendizagem não oferecerem cursos ou vagas suficientes para atender à demanda dos estabelecimentos, esta poderá ser suprida por outras entidades qualificadas em formação técnico-profissional metódica, notadamente as Escolas Técnicas de Educação e as entidades sem fins lucrativos, que tenham por objetivo a assistência ao adolescente e à educação profissional, registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (cf. art. 430, da CLT). O contrato de aprendizagem, na forma da lei, tem uma duração máxima de 02

(dois) anos (cf. art. 428, §3º, da CLT). Vide ainda a Lei nº 11.180/2005, de 23/09/2005, que instituiu o Projeto Escola de Fábrica, autorizou a concessão de bolsas de permanência a estudantes beneficiários do Programa Universidade para Todos - PROUNI, instituiu o Programa de Educação Tutorial - PET e deu outras providências. Por fim, vide Decreto nº 6.633/2008, de 05/11/2008, que altera e acresce dispositivos ao Regulamento do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, aprovado pelo Decreto nº 61.843/1967, de 05/12/1967, garantindo, dentre outras, a oferta de vagas gratuitas em aprendizagem, formação inicial e continuada e em educação profissional técnica de nível médio, a pessoas de baixa renda, na condição de alunos matriculados ou egressos da educação básica, e a trabalhadores, empregados ou desempregados, tendo prioridade no atendimento aqueles que satisfizerem as condições de aluno e de trabalhador, para o que o SENAC deverá comprometer dois terços de sua Receita de Contribuição Compulsória Líquida, e também altera e acresce dispositivos ao Regimento do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, aprovado pelo Decreto nº 494/1962, de 10/01/1962, estabelecendo, dentre outras, que os órgãos do SENAI destinarão em seus orçamentos anuais parcela de suas receitas líquidas da contribuição compulsória geral à gratuidade em cursos e programas de educação profissional, observadas as diretrizes e regras estabelecidas pelo Conselho Nacional, sendo que as vagas gratuitas deverão ser destinadas a pessoas de baixa renda, preferencialmente, trabalhador, empregado ou desempregado, matriculado ou que tenha concluído a educação básica. A não contratação de aprendizes viola o direito fundamental à profissionalização de adolescentes e, na forma do disposto nos arts. 5º, 208 e 212, do ECA, dá margem não apenas à propositura de ação civil pública com obrigação de fazer, no sentido de compelir o empregador ao cumprimento da lei, mas também à sua condenação por dano moral coletivo, valendo neste sentido transcrever o seguinte aresto: *CONTRATAÇÃO DE APRENDIZ. OBRIGAÇÃO LEGAL. DESCUMPRIMENTO. DANOS MORAIS COLETIVOS. O descumprimento da obrigação de contratar aprendizes implica lesão a um número indeterminado de menores, não identificáveis, que poderiam ser contratados como aprendizes nos estabelecimentos do réu, além de provocar prejuízo à sociedade como um todo, que tem total interesse na profissionalização dos jovens brasileiros. Logo, responde por danos morais coletivos o empregador que não observa a responsabilidade atribuída pelo art. 429 da CLT c/c o art. 227 da CR.* (TRT-3ª Reg. 5ª T. Ac. nº 00518-2008-022-03-00-0 RO. Rel. Des. José Murilo de Morais. J. em 27/01/2009). A propósito, questões relacionadas ao contrato de aprendizagem devem ser apreciadas pela Justiça do Trabalho, sem prejuízo da competência da Justiça da Infância e da Juventude para obrigar o Poder Público a implementar cursos e programas destinados à profissionalização de adolescentes (de modo a *efetivar* o direito correspondente, tal qual previsto no art. 4º, *caput*, do ECA). Neste sentido: *PROCESSUAL CIVIL. CONFLITO NEGATIVO DE COMPETÊNCIA. JUSTIÇA DO TRABALHO E COMUM. POLICIAL MIRIM VINCULADO A ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL QUE DESENVOLVE ATIVIDADE LABORATIVA PARA DIVERSAS EMPRESAS. RELAÇÃO QUE SE ASSEMELHA À APRENDIZAGEM E QUE SE SUJEITA À COMPETÊNCIA DA JUSTIÇA LABORAL. A competência para o julgamento da causa define-se em função da natureza jurídica da questão controvertida, demarcada pelos pedidos e pela causa de pedir. A relação havida entre as partes, diante dos elementos constantes dos autos, revela-se semelhante à de aprendizagem. A analogia justifica, portanto, que as duas situações recebam o mesmo tratamento jurídico. Como a aprendizagem se configura como relação de trabalho, a disputa existente entre as partes se sujeita à competência da Justiça Laboral. Conflito de competência conhecido para declarar a competência do Juízo da 1ª Vara do Trabalho de Dourados, Estado do Mato Grosso do Sul, ora suscitante*. (STJ. 2ª Sec. CC nº 83.804-2007/0089311-1/MS. Rel. Min. Nancy Andrighi. Publ. DJ 05/03/2008).

Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:

I - garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular [265];

II - atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente [266];

III - horário especial para o exercício das atividades [267].

265 Vide art. 227, §3º, inciso III, da CF e art. 403, par. único, *in fine*, 424, 426, 427, 428, §1º e 433, inciso III, da CLT. O adolescente aprendiz deve estar matriculado ou já ter concluído o ensino fundamental. A "*ausência injustificada à escola que implique perda do ano letivo*" é inclusive considerada *justa causa* para rescisão do contrato de aprendizagem (cf. art. 433, inciso III, da CLT).

266 Vide art. 69, inciso I, do ECA e art. 431, da CLT.

267 Vide art. 67, inciso I, do ECA e art. 432, da CLT.

Art. 64. Ao adolescente até quatorze anos de idade é assegurada bolsa de aprendizagem [268].

268 O dispositivo em questão foi *revogado* pelo art. 7º, inciso XXXIII, da CF, com a nova redação que lhe deu a Emenda Constitucional nº 20/1998. Atualmente *não mais é permitido o trabalho de adolescentes com idade inferior a 14 (quatorze) anos na condição de aprendiz*. Somente após esta idade é possível firmar contrato de aprendizagem, e em qualquer caso, de acordo com o art. 448, §2º, da CLT, "*ao menor aprendiz, salvo condição mais favorável, será garantido o salário mínimo hora*".

Art. 65. Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários [269].

269 Vide arts. 7º e 227, §3º, inciso II, da CF.

Art. 66. Ao adolescente portador de deficiência é assegurado trabalho protegido [270].

270 Vide arts. 7º, inciso XXXI, 37, inciso VIII e 227, §1º, inciso II, da CF e arts. 34 a 45, do Decreto nº 3.298/1999, que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

Art. 67. Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho [271], aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é vedado trabalho [272]:

I - noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte [273];

II - perigoso, insalubre ou penoso [274];

III - realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social [275];

IV - realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola [276].

271 As atividades proibidas aos adolescentes são obviamente estendidas às crianças (que não podem realizar qualquer atividade laborativa), mesmo quando em regime de economia familiar de trabalho, sendo certo que, na forma do disposto

no art. 136, do Código Penal, constitui *crime* de *maus-tratos*: "*expor a perigo a vida e a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fim de educação, ensino, tratamento ou custódia, quer privando-a de alimentação ou cuidados indispensáveis, quer sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado, quer abusando dos meios de correção ou disciplina*" (grifamos).

272 Vide art. 32, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e Convenção nº 138/1973, da OIT, de cujo art. 3º, se extrai: "*não será inferior a dezoito anos a idade mínima para admissão a qualquer tipo de emprego ou trabalho que, por sua natureza ou circunstâncias em que for executado, possa prejudicar a saúde, a segurança e a moral do jovem*". Vide também o disposto na Convenção nº 182/1999, da OIT, que trata da proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação, aprovada pelo Dec. Legislativo nº 178/1999, de 14/12/1999, e promulgada pelo Decreto nº 3.597/2000, de 12/09/2000 e Decreto nº 6.481/2008, de 12/06/2008, que Regulamenta os artigos 3º, alínea "d", e 4º desta Convenção. As vedações, por estarem relacionadas à idade, e não à capacidade civil, se estendem mesmo ao adolescente emancipado. Vide também comentários ao art. 2º, *caput*, do ECA.

273 Vide art. 404, da CLT.

274 Vide arts. 189 a 197 e 405, inciso I, da CLT e art. 3º, da Convenção nº 138/1973, da OIT. As atividades consideradas perigosas ou insalubres (e que, portanto, são proibidas para qualquer adolescente), são relacionadas por intermédio de portaria da Secretaria de Inspeção do Trabalho - SIT e do Departamento de Segurança e Saúde do Trabalhador - DSST, do Ministério do Trabalho (estando atualmente em vigor a Portaria nº 20/2001, de 13/09/2001).

275 Vide arts. 405, inciso II e §3º, 407 e 408, da CLT; arts. 17 e 18, do ECA e art. 3º, da Convenção nº 138/1973, da OIT.

276 Vide art. 403, par. único, da CLT. O adolescente trabalhador, com mais de 16 (dezesseis) anos, que não esteja matriculado em curso ou programa de aprendizagem, não precisa estar matriculado na escola para exercer a atividade laboral regular, máxime se já concluiu o ensino fundamental. A obrigação de matrícula e frequência à escola, no entanto, podem ser estabelecidas a título de medida de proteção, aplicada pelo Conselho Tutelar ou autoridade judiciária (conforme art. 136, incisos I e II c/c arts. 101, inciso III e 129, inciso V e art. 262, do ECA). O que se proíbe é o exercício de atividade em condições de tempo e lugar que impeçam a frequência à escola, em especial quando for esta obrigatória (no caso de aprendizagem de adolescente que ainda não concluiu o ensino fundamental), ou quando o adolescente, ainda que desobrigado (por já ter concluído o ensino fundamental), demonstre interesse em continuar estudando. É vedado, portanto, o trabalho em locais isolados, sem escolas próximas e/ou acesso aos meios de transporte. O art. 407, inciso VI, da CLT, no entanto, estabelece como condição para expedição da Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS, a "*prova de saber ler, escrever e contar*", sendo que de modo a estimular ao menos a alfabetização do adolescente trabalhador, o art. 419, também da CLT, prevê que "*se o menor for analfabeto ou não estiver devidamente alfabetizado, a carteira só será emitida pelo prazo de um ano, mediante a apresentação de um certificado ou atestado de matrícula e frequência em escola primária*".

Art. 68. O programa social que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não-governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada **[277]**.

§ 1º. Entende-se por trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo.

§ 2º. A remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho não desfigura o caráter educativo.

277 O presente dispositivo, na verdade, *jamais entrou em vigor,* posto que o chamado "*trabalho educativo*" *nunca foi devidamente regulamentado*. Pode-se dizer, contudo, que grande parte desta lacuna foi sanada pelas disposições contidas na Lei nº 10.097/2000, que permitiu às entidades não governamentais, sem fins lucrativos, o desenvolvimento de programas de aprendizagem.

Art. 69. O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho **[278]**, observados os seguintes aspectos, entre outros:

I - respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento **[279]**;

II - capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho **[280]**.

278 Vide art. 227, *caput* e §3º, incisos I, II e III da CF; arts. 4º, *caput*, 61 e 65, do ECA e arts. 402 a 441, da CLT.

279 Vide arts. 6º e 63, inciso II, do ECA. O adolescente não pode ser considerado um "adulto em miniatura". Estudos científicos demonstram que o trabalho precoce e inadequado é extremamente *prejudicial* à formação física e mental do adolescente, além de também prejudicar sua formação escolar e acarretar danos à sua saúde, tanto a curto quanto a médio/longo prazos. O adolescente é mais vulnerável a doenças profissionais e do trabalho, por não ter muitos de seus órgãos e defesas imunológicas completamente formados, havendo também maior risco de ser vítima de acidentes do trabalho, por diversos fatores bio-psicológicos. Assim, o combate ao trabalho precoce e/ou inadequado de adolescentes deve ser uma preocupação de todos (cf. arts. 18 e 70, do ECA).

280 Vide arts. 428 a 433, da CLT (com a nova redação dada pela Lei nº 10.097/2000), bem como demais disposições acima referidas sobre a aprendizagem. A formação e qualificação técnico-profissional devem manter-se atualizadas de acordo com as exigências do mercado, de modo a atender as expectativas dos próprios adolescentes inseridos nos cursos e programas respectivos, servindo de incentivo para sua conclusão.

TÍTULO III - DA PREVENÇÃO [281]

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 70. É dever de todos **[282]** prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente **[283]**.

281 Ao contrário do que ocorria anteriormente, a Lei nº 8.069/1990 - fiel aos ditames da "*Doutrina da Proteção Integral à Criança e ao Adolescente*", dá ênfase à *prevenção*, como forma de evitar a ocorrência de situações que possam dar ensejo à violação de direitos de crianças e adolescentes. A aplicação das

medidas de proteção (art. 101, do ECA), juntamente com outras voltadas aos pais ou responsável (art. 129, do ECA), por sinal, na forma do disposto no art. 98, do ECA, pode ocorrer ante a simples *ameaça* da violação de direitos infanto-juvenis. Vale frisar que as normas relativas à *prevenção* de situações potencialmente lesivas aos interesses infanto-juvenis, contidas neste Título, são aplicáveis mesmo em relação a jovens *emancipados*, que nem por isto perdem sua condição de *adolescentes* e/ou deixam de ser destinatários de "proteção especial" por parte do Estado (*lato sensu*), na forma da lei e da Constituição Federal (vide comentários ao art. 2º, do ECA).

282 Regra decorrente do enunciado do art. 227, *caput*, da CF e arts. 1º e 4º, *caput*, do ECA. Mais uma vez a lei, com respaldo na Constituição Federal, impõe a *todos* a obrigação de agir diante de qualquer ameaça ou violação dos direitos infanto-juvenis. A inércia, em tais casos, pode mesmo levar à responsabilização daquele que se omitiu (valendo neste sentido observar o disposto no art. 5º, *in fine*, do ECA), sendo exigível de toda pessoa que toma conhecimento de ameaça ou violação ao direito de uma ou mais crianças e/ou adolescentes, no mínimo, a comunicação do fato (ainda que se trate de mera suspeita), aos órgãos e autoridades competentes.

283 Vide também arts. 3º, 4º, *caput*, 5º e 18, do ECA e art. 6º-A, par. único, da LOAS.

Art. 71. A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento **[284]**.

284 Vide arts. 6º, 16, inciso IV, 74 a 82 e 149, do ECA e Lei nº 11.722/2008, de 23/06/2008, que institui o dia 20 de março como o Dia Nacional do Teatro Para Infância e Juventude.

Art. 72. As obrigações previstas nesta Lei não excluem da prevenção especial outras decorrentes dos princípios por ela adotados **[285]**.

285 A título de exemplo, vide arts. 1º; 3º, inciso I; 5º; 18 e 19, da Lei nº 11.343/2006 e art. 227, §3º, inciso VII, da CF (necessidade da adoção de medidas e criação de programas no sentido da prevenção do uso e tráfico de substâncias entorpecentes). Vide também o disposto na Lei nº 11.577/2007, de 22/11/2007, que torna obrigatória a divulgação, em hotéis, motéis, pousadas e outros que prestem serviços de hospedagem, bares, restaurantes, lanchonetes e similares, casas noturnas etc., de mensagem relativa à exploração sexual e tráfico de crianças e adolescentes apontando formas para efetuar denúncias.

Art. 73. A inobservância das normas de prevenção importará em responsabilidade da pessoa física ou jurídica, nos termos desta Lei **[286]**.

286 Vide arts. 5º, 208, par. único e 216, do ECA.

CAPÍTULO II - DA PREVENÇÃO ESPECIAL

Seção I - Da Informação, Cultura, Lazer, Esportes, Diversões e Espetáculos

Art. 74. O Poder Público, através do órgão competente, regulará as diversões e espetáculos públicos, informando sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada [287].

Parágrafo único. Os responsáveis pelas diversões e espetáculos públicos deverão afixar, em lugar visível e de fácil acesso, à entrada do local de exibição, informação destacada sobre a natureza do espetáculo e a faixa etária especificada no certificado de classificação [288].

287 Vide art. 17, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 21, inciso XVI c/c 220, §3º, da CF; arts. 253 e 254, do ECA e art. 1634, inciso I, do CC. Compete à União "*exercer a classificação, para efeito indicativo, de diversões públicas e de programas de rádio e televisão*" (art. 220, §3º, da CF), o que é feito por intermédio da Secretaria Nacional de Justiça, do Ministério da Justiça, que de acordo com o Decreto nº 4.991/2004, de 18/02/2004, tem a atribuição de "*tratar dos assuntos relacionados à escala de classificação indicativa de jogos eletrônicos, das diversões públicas e dos programas de rádio e televisão e recomendar a correspondência com as faixas etárias e os horários de funcionamento e veiculação permitidos*". Sobre a matéria, vide também a Portaria nº 1.220/2007, que Regulamenta as disposições da Lei nº 8.069/1990, da Lei nº 10.359/2001, e do Decreto nº 6.061/2007, relativas ao processo de classificação indicativa de obras audiovisuais destinadas à televisão, ambas do MJ/SNJ; a Portaria nº 1.100/2006, do MJ, que dispõe sobre a classificação indicativa de diversões públicas, especialmente obras audiovisuais destinadas a cinema, vídeo, DVD, jogos eletrônicos, jogos de interpretação (RPG) e congêneres e a Portaria nº 1.549/2002, do MJ, que institui o "*Comitê Interinstitucional para Classificação Indicativa de Filmes, Programas Televisivos, Espetáculos Públicos e Jogos Eletrônicos e de RPG*", vinculado à SNJ, com função opinativa e consultiva sobre a classificação etária respectiva. Vale ainda mencionar que, de acordo com o art. 23, da citada Portaria nº 1.220/2007/MJ/SNJ, a classificação indicativa atribuída à obra audiovisual será informada por Portaria do Ministério da Justiça e publicada no Diário Oficial da União, além de veiculada pelo sítio eletrônico: www.mj.gov.br/classificacao. Embora a classificação indicativa seja de competência do Ministério da Justiça, nada impede que a autoridade judiciária expeça portaria meramente *informativa* (e não regulamentadora, como quando ocorre do exercício da competência estabelecida pelo art. 149, inciso I, do ECA) quanto às restrições existentes, de modo a assegurar que nenhuma criança ou adolescente, acompanhada ou não de seus pais ou responsável, tenha acesso ao local. Neste sentido: *PROCESSO CIVIL. ADMINISTRATIVO. MANDADO DE SEGURANÇA. CONCESSÃO DE LIMINAR. SENTENÇA DENEGATÓRIA. RECURSO ORDINÁRIO. EFEITO SUSPENSIVO. IMPOSSIBILIDADE. SÚMULA N. 405/STF. PORTARIA. PROIBIÇÃO DE ENTRADA DE MENORES NO CINEMA. LEGALIDADE. ARTS. 74, 80 E 179, I, DO ECA. CONSTITUCIONALIDADE. ARTS. 227 E 229 DA CF. 1. O recurso em mandado de segurança, de regra, deve ser recebido no efeito meramente devolutivo. 2. 'Denegado o mandado de segurança pela sentença, ou no julgamento do agravo dela interposto, fica sem efeito a liminar concedida, retroagindo os efeitos da*

decisão contrária' (Súmula nº 405/STF). 3. Portaria expedida pelo Juízo da Vara da Infância e Juventude que proíbe a entrada e permanência nas salas de cinema de menores, acompanhados ou não de seus pais, com idade incompatível com a faixa etária recomendada, não se incompatibiliza com os preceitos inscritos no art. 149, I, do ECA e nos arts. 227 e 229 da CF. 4. Recurso ordinário não provido. (STJ. 2ª T. RMS nº 20446/MS. Rel. Min. João Otávio de Noronha. J. em 02/02/2006).

288 Vide arts. 252, 253 e 255, do ECA e disposições correlatas da Portaria nº 1.100/2006 do MJ/SNJ. A simples omissão da informação, já caracteriza, em tese, a prática de *infração administrativa*.

Art. 75. Toda criança ou adolescente terá acesso às diversões e espetáculos públicos classificados como adequados à sua faixa etária **[289]**.

Parágrafo único. As crianças menores de dez anos somente poderão ingressar e permanecer nos locais de apresentação ou exibição quando acompanhadas dos pais ou responsável **[290]**.

289 A *contrariu sensu*, se a criança ou adolescente for de idade *inferior* à faixa etária recomendada, *não poderá ter acesso* às referidas diversões e espetáculos públicos, *mesmo que esteja acompanhada de seus pais ou responsáve*l. Ainda sobre a matéria, vale mencionar que foi expedida a MP nº 2.208/2001, dispondo sobre o desconto para estudantes em estabelecimentos de diversão e eventos culturais, esportivos e de lazer. A referida medida provisória ainda se encontra em tramitação.

290 Vide art. 1634, inciso I, do CC. Aqui, pouco importa se a classificação do espetáculo é "livre". A criança com idade inferior a 10 (dez) anos somente poderá ingressar no local de exibição ou apresentação se estiver devidamente acompanhada de seus pais ou responsável (sempre comprovado documentalmente o parentesco, guarda ou tutela). A violação desta e da regra contida no *caput* do dispositivo importa, em tese, na prática da *infração administrativa* prevista no art. 258, do ECA. Sobre a matéria, vide art. 3º, inciso IV, da Portaria nº 1.100/2006, do MJ/SNJ.

Art. 76. As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas **[291]**.

Parágrafo único. Nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição **[292]**.

291 A classificação indicativa deve abranger os horários de veiculação dos programas, sendo aplicável, inclusive, durante o horário de verão. Neste sentido: *CONSTITUCIONAL. ADMINISTRATIVO. VEICULAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO AUDIOVISUAL. CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA. PORTARIA-MJ 1.220/07. APLICAÇÃO INTEGRAL DURANTE O HORÁRIO DE VERÃO, MORMENTE EM ESTADOS ONDE NÃO VIGORA O REFERIDO HORÁRIO. QUESTÃO DE ORDEM: REPRESENTAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO NA SESSÃO DE JULGAMENTO. 1. Ainda que possa haver opiniões diferentes entre os seus diferentes órgãos, o Ministério Público é uma instituição única e do princípio da unidade resulta a vinculação da própria instituição pela palavra de qualquer dos seus integrantes. Mesmo nos casos em que atua como parte, o Ministério Público não se despe da sua função institucional de defensor da ordem jurídica que lhe atribui a Constituição (art. 127). O sentido do princípio da unidade institucional tem*

também essa dimensão: na condição de parte, o Ministério Público é mais do que custos legis, mas é também custos legis. Assim, em sessão de julgamento de ação proposta ou de recurso interposto pelo Ministério Público, a instituição se faz presente por um dos seus representantes, cuja palavra será, nesse julgamento, a palavra que vinculará a instituição como um todo. 2. A proteção das crianças e dos adolescentes foi erigida pela Constituição como valor de 'absoluta prioridade' (art. 227), autorizando, inclusive, restrições quando à veiculação de programas audiovisuais por emissoras de rádio e televisão, que fica subordinada a classificação por horários e faixas etárias (artigos 21, XVI, 220 e 221). 3. Conforme estabelece o art. 76 da Lei 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), cuja constitucionalidade não está em causa, 'As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas'. O cumprimento de tal norma, bem como da norma secundária que lhe dá concretude (art. 19 da Portaria 1.220/07 do Ministério da Justiça), não pode deixar de ser exigido durante o período de vigência do horário de verão, especialmente nos Estados onde sequer vigora o referido horário. 4. Mandado de segurança concedido. (STJ. 1ª Seção. MS nº 14.041/DF. Rel. Min.Teori Albino Zavaski. J. em 09/09/2009) e *Processual Civil. Ação Civil Pública. Ministério Público. Legitimidade. Medida Cautelar. Liminar. Televisão. Restrições à sua programação. Novela "Laços de Família". Proteção das Crianças e dos Adolescentes. I - O Ministério Público tem legitimidade para propor ação civil pública, visando à observância, pelas emissoras de televisão, dos interesses difusos protegidos pelos preceitos constantes do art. 221 da Lei Maior. II - A liberdade de produção e programação das emissoras de televisão não é absoluta e sofre restrições, entre outras, para observância do direito ao respeito da criança e dos adolescentes, constituindo dever da família, da sociedade e do Estado colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão. III - Medida liminar indeferida, porquanto não atendidos os pressupostos para a sua concessão*". (STJ. Medida Cautelar nº 3.339/RJ (2000/0132945-6), Rel. Min. Antônio de Pádua Ribeiro).

292 Sobre a matéria, vide Portarias nºs 1.549/2002 e 1.220/2007, do MJ/SNJ. A violação desta regra também importa, em tese, na prática das *infrações administrativas* previstas nos arts. 253, 254, 255 e 258, do ECA. Sobre a competência para o processo e julgamento do procedimento para apuração da infração administrativa respectiva (arts. 194 a 197, do ECA), vide arts. 147, §3º e 148, inciso VI, do ECA.

Art. 77. Os proprietários, diretores, gerentes e funcionários de empresas que explorem a venda ou aluguel de fitas de programações em vídeo cuidarão para que não haja venda ou locação em desacordo com a classificação atribuída pelo órgão competente **[293]**.

Parágrafo único. As fitas a que alude este artigo deverão exibir, no invólucro, informação sobre a natureza da obra e a faixa etária a que se destinam **[294]**.

293 Vide Portaria nº 1.100/2006, do MJ/SNJ. A violação desta regra importa, em tese, na prática da *infração administrativa* prevista no art. 256, do ECA.

294 Vide Portaria nº 1.100/2006, do MJ/SNJ.

Art. 78. As revistas e publicações contendo material impróprio ou inadequado a crianças e adolescentes deverão ser comercializadas em embalagem lacrada, com a advertência de seu conteúdo.

Parágrafo único. As editoras cuidarão para que as capas que contenham mensagens pornográficas ou obscenas sejam protegidas com embalagem opaca [295].

295 Sobre a matéria, vide também o art. 81, inciso V, do ECA. A violação destas regras importa, em tese, na prática da *infração administrativa* prevista no art. 257, do ECA.

Art. 79. As revistas e publicações destinadas ao público infanto-juvenil não poderão conter ilustrações, fotografias, legendas, crônicas ou anúncios de bebidas alcoólicas, tabaco, armas e munições, e deverão respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família [296].

296 A violação desta regra importa, em tese, na prática da *infração administrativa* prevista no art. 257, do ECA. A própria Constituição Federal, em seu art. 220, §4 °, impõe restrições à propaganda comercial de tais produtos, que devem conter, sempre que veiculada, advertência sobre os malefícios decorrentes do seu uso. Vide Lei nº 9.294/1996, que dispõe sobre Restrições ao uso e à Propaganda de produtos fumígeros, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas.

Art. 80. Os responsáveis por estabelecimentos que explorem comercialmente bilhar, sinuca ou congênere ou por casas de jogos, assim entendidas as que realizem apostas, ainda que eventualmente, cuidarão para que não seja permitida a entrada e a permanência de crianças e adolescentes no local, afixando aviso para orientação do público [297].

297 Sobre a matéria, vide também o art. 81, inciso VI, do ECA. O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece a *presunção absoluta* que os locais referidos no presente dispositivo são *impróprios* para entrada e permanência de crianças e adolescentes, devendo os proprietários dos respectivos estabelecimentos comerciais tomar todas as cautelas para impedir que isto ocorra, assim como confeccionar e afixar avisos de orientação ao público. A *simples omissão* da afixação dos avisos ou o mero ingresso de crianças e adolescentes em tais estabelecimentos, ainda que não estejam jogando ou fazendo apostas já é o suficiente para caracterizar, em tese, a *infração administrativa* prevista no art. 258, do ECA. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA - ENTRADA E PERMANÊNCIA DE MENOR EM ESTABELECIMENTO QUE EXPLORA COMERCIALMENTE SINUCA - VEDAÇÃO LEGAL - ARTS. 80 e 258 DO ECA - APLICAÇÃO DE MULTA - RECURSO DESPROVIDO. A permissão para ingresso e permanência de menores em estabelecimentos que exploram comercialmente jogos de bilhar caracteriza a infração ao artigo 80 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Presentes os requisitos configuradores da infração administrativa, devida é a aplicação da multa, que deve ser fixada em patamar capaz de cumprir sua finalidade precípua de preservação dos interesses tutelados pelo ECA e evitar novas infrações do tipo no estabelecimento infrator*. (TJMG. 6ª C. Cív. Ap. Cív. nº 1.0024.07.511327-4/001. Rel. Des. Edilson Fernandes. J. em 30/11/2011). Vide também art. 247, inciso I, do CP, que prevê o chamado "abandono moral", tendo como sujeito ativo do crime os pais ou qualquer pessoa a quem a criança ou adolescente tenha sido confiada, que permitem que este(a) frequente "*casa de jogo ou mal afamada...*".

Seção II - Dos Produtos e Serviços

Art. 81. É Proibida a venda à criança ou ao adolescente de:

I - armas, munições e explosivos **[298]**;

II - bebidas alcoólicas **[299]**;

III - produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica ainda que por utilização indevida **[300]**;

IV - fogos de estampido e de artifício, exceto aqueles que pelo seu reduzido potencial sejam incapazes de provocar qualquer dano físico em caso de utilização indevida **[301]**;

V - revistas e publicações a que alude o art. 78 **[302]**;

VI - bilhetes lotéricos e equivalentes **[303]**.

298 A violação deste dispositivo importa, em tese, na prática de *crime*. Vide comentários ao art. 242, do ECA e art. 16, par. único, da Lei nº 10.826/2003. Sobre a proibição da fabricação, venda, comercialização e importação de brinquedos, réplicas e simulacros de armas de fogo, que com estas se possam confundir, vide art. 26, da Lei nº 10.826/2003.

299 Vide Decreto nº 6.117/2007, de 22/05/2007, que Aprova a Política Nacional sobre o Álcool, dispõe sobre as medidas para redução do uso indevido de álcool e sua associação com a violência e criminalidade e, no inciso III, de seu Anexo I, considera bebida alcoólica aquela que contiver 0.5 grau Gay-Lussac ou mais de concentração. Vender, fornecer ainda que gratuitamente, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente, bebidas alcoólicas, sempre foi proibido, tendo sido considerado contravenção penal pelo art. 63, inciso I, do Dec. Lei nº 3.688/1941 (Lei das Contravenções Penais). Com o advento da Lei nº 8.069/1990 esta prática foi alçada à categoria de *crime* pelo art. 243, do ECA: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. MEDIDAS DE CARÁTER PROTECIONISTA. VENDA DE BEBIDA ALCOÓLICA A MENORES. INFRAÇÃO AO ART. 243 DO ESTATUTO. Cumpre ressaltar o caráter protecionista do E.C.A. que prevê, no seu art. 70, ser dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente. Infringe o art. 243 do Estatuto da Criança e do Adolescente o comerciante que vende bebida alcoólica a menores, agindo de forma negligente ao não pedir documentos de identidade aos adolescentes* (TJMG. 1ª C. Crim. Ap. Crim. nº 1.0335.03.900298-5/001. Rel. Des. Sérgio Braga. J. em 27/04/2004). No Paraná, a Lei Estadual nº 16.212/2009, de 17/08/2009, dispõe que os estabelecimentos comerciais que vendam a crianças e adolescentes cigarros, bebidas alcoólicas e produtos que possam causar dependência química, sofrerão as sanções que especifica: advertência, multa de R$ 5.000,00 (cinco mil reais) e cassação da inscrição estadual, sem prejuízo, logicamente, de outras sanções civis, administrativas e mesmo criminais (cf. arts. 5º e 208, do ECA).

300 A violação desta regra importa, em tese, também na prática do *crime* previsto no art. 243, do ECA. Importante mencionar que esta não é uma "norma penal em branco", pois independe de qualquer norma complementar, mas sim um "tipo penal aberto", em que basta o agente ter a consciência de que está fornecendo a criança ou adolescente, sem justa causa, uma substância que pode causar dependência física ou psíquica, para restar caracterizada, em tese, a infração penal. Aqui pode ser enquadrado o agente que vender, fornecer ainda que gratuitamente, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente, o *cigarro*, a "*cola de sapateiro*", o *thinner* e outros solventes etc.

301 A violação desta regra importa, em tese, na prática do *crime* previsto no art. 244 do ECA.

302 Vide também art. 257, do ECA e art. 234, do CP. Neste sentido: PENAL. RECURSO ORDINÁRIO EM HABEAS CORPUS. ART. 234, § ÚNICO, I, DO CP. TIPICIDADE. PRINCÍPIO DA ADEQUAÇÃO SOCIAL. INAPLICABILIDADE AO CASO CONCRETO. I. O princípio da adequação social não pode ser usado como neutralizador, 'in genere', da norma inserta no art. 234 do Código Penal. II. Verificado, 'in casu', que a recorrente vendeu a duas crianças, revista com conteúdo pornográfico, não há se falar em atipicidade da conduta afastando-se, por conseguinte, o pretendido trancamento da ação penal. Recurso desprovido. (STJ. 5ª T. RHC nº 15093/SP. Rel. Min. Felix Fischer. J. em 16/03/2006). Importante não confundir o crime tipificado com o art. 234, do CP com o previsto pelos arts. 241-A a E, do ECA.

303 Vide art. 80, do ECA.

Art. 82. É proibida a hospedagem de criança ou adolescente em hotel, motel, pensão ou estabelecimento congênere, salvo se autorizado ou acompanhado pelos pais ou responsável **[304]**.

304 Vide arts. 23 a 26 e 36, da Lei nº 11.771/2011, de 17/09/2011; art. 26, §§1º e 2º, do Decreto nº 7.381/2010, de 02/12/2010 e Portaria nº 177, de 13/09/2011, do Ministério do Turismo, que estabelece o Sistema Nacional de Registro de Hóspedes (SNRHos) e regulamenta a adoção da Ficha Nacional de Registro de Hóspedes (FNRH) e do Boletim de Ocupação Hoteleira (BOH). Vale dizer que os estabelecimentos citados (o que inclui os *motéis*) devem efetuar e manter (inclusive para conferência pelas autoridades encarregadas de as fiscalização e/ou pela defesa dos direitos infanto-juvenis) o registro de seus hóspedes e, quando este é efetuado, têm o dever de conferir a documentação apresentada, de modo a aferir eventual ocorrência de exploração sexual de crianças e adolescentes em suas dependências. Eventual suspeita deve levar ao acionamento das autoridades competentes (valendo observar que, na forma do citado art. 70, do ECA, é "*dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente*"). A autorização deverá ocorrer por intermédio de documento idôneo, com firma reconhecida do subscritor (comprovado documentalmente o parentesco com a criança ou adolescente, guarda ou tutela judicialmente decretadas), que deverá ser arquivada pelo estabelecimento, para futura conferência pela autoridade competente. A violação desta regra importa, em tese, na prática da *infração administrativa* prevista no art. 250, do ECA, além de sujeitar o estabelecimento infrator às sanções previstas no art. 36, da Lei nº 11.771/2011 (que podem resultar na "*interdição de local, atividade, instalação, estabelecimento empresarial, empreendimento ou equipamento*"). Embora o dispositivo tenha por objetivo coibir o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, para caracterização da referida *infração administrativa* não há necessidade da comprovação de tais práticas, bastando a simples hospedagem irregular. Caso seja constatado o abuso ou a exploração sexual de crianças ou adolescentes em tais estabelecimentos, além da caracterização do *crime* previsto no art. 244-A do ECA, deverá ocorrer a aplicação do art. 244-A, §2º, do ECA, segundo o qual "*constitui efeito obrigatório da condenação a cassação da licença de localização e de funcionamento do estabelecimento*" (*verbis*). No Paraná, vide Lei Estadual nº 15.978/2008, de 19/11/2008, que dispõe que os hotéis, pousadas, pensões, albergues, motéis e estabelecimentos congêneres, localizados no Estado do Paraná, ficam obrigados a registrar e manter um cadastro de menores de 18 anos que vierem a hospedar, conforme especifica.

Seção III - Da Autorização para Viajar

Art. 83. Nenhuma criança [305] poderá viajar para fora da comarca onde reside, desacompanhada dos pais ou responsável [306], sem expressa autorização judicial [307].

§ 1º. A autorização não será exigida quando:

a) tratar-se de comarca contígua à da residência da criança, se na mesma unidade da Federação, ou incluída na mesma região metropolitana;

b) a criança estiver acompanhada:

1) de ascendente ou colateral maior, até o terceiro grau [308], comprovado documentalmente o parentesco;

2) de pessoa maior, expressamente autorizada pelo pai, mãe ou responsável [309].

§ 2º. A autoridade judiciária poderá, a pedido dos pais ou responsável, conceder autorização válida por 2 (dois) anos.

305 Inexiste, portanto, qualquer restrição ou exigência para viagem de *adolescente* dentro do território nacional, disposição que tem sido bastante criticada, por facilitar o tráfico interno e mesmo a fuga de adolescentes da residência de seus pais ou responsável.

306 Importante frisar que o "*responsável*" a que se refere o dispositivo (assim como em todos os demais dispositivos do ECA que contém o termo), é apenas o *responsável legal*, assim entendido somente o *tutor* ou o *guardião*, como tal nomeados pela autoridade judiciária competente (incluindo a pessoa ou casal cadastrado em programa de acolhimento familiar, que receber criança ou adolescente sob sua guarda), ou o *dirigente da entidade de acolhimento institucional* onde se encontrar a criança ou adolescente (cf. arts. 32 e 92, §1º, do ECA).

307 A autorização judicial deverá ser concedida (ou indeferida) em sede de procedimento próprio, sem forma preestabelecida, no qual deverá oficiar obrigatoriamente o Ministério Público, *ex vi* do disposto no art. 153, *caput*, do ECA. A falta de autorização para viagem, nas hipóteses em que esta é necessária, caracteriza a infração administrativa tipificada no art. 251, do ECA.

308 Vide art. 1594, do CC.

309 A autorização deve ser feita por intermédio de documento idôneo, não havendo a rigor necessidade do reconhecimento de firma, que somente é exigido na hipótese do art. 84, inciso II, do ECA.

Art. 84. Quando se tratar de viagem ao exterior, a autorização é dispensável, se a criança ou adolescente [310]:

I - estiver acompanhado de ambos os pais ou responsável;

II - viajar na companhia de um dos pais, autorizado expressamente pelo outro através de documento com firma reconhecida [311].

310 Quis o legislador que, em se tratando de viagem de criança ou adolescente ao exterior, houvesse um *maior controle* da situação por parte da Justiça da Infância e da Juventude, cabendo ao interessado provocar a instauração de procedimento especial, nos moldes do previsto no art. 153, do ECA, no qual a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, irá investigar os fatos e

ordenar de ofício as providências necessárias para se certificar que não se está diante de uma situação proibida por lei ou de qualquer modo prejudicial à criança ou adolescente. Os pedidos de autorização judicial devem ser formulados *perante o Juízo do local do domicílio dos pais ou responsável* (cf. art. 147, inciso I, do ECA), e *não*, como se tem visto em muitos casos, no Juízo do local em que está situado o aeroporto internacional onde a criança ou adolescente irá embarcar. Deve ser também expedida *orientação específica* às *agências de viagens*, *companhias aéreas* e *empresas que exploram o transporte rodoviário* no sentido de que, quando da compra da passagem ao exterior para criança ou adolescente que irá viajar sem estar acompanhada por *ambos os pais* ou, estando na companhia de *um*, sem estar *expressamente autorizada pelo outro, através de documento com firma reconhecida*, a prévia autorização judicial *será imprescindível*, e que o pedido deverá ser protocolado perante o Juizado da Infância e da Juventude do *local do domicílio dos pais ou responsável*, com a *antecedência devida*. O *procedimento* a ser deflagrado se enquadra na hipótese do art. 153, *caput*, do ECA, devendo a autoridade judiciária zelar para que o feito seja devidamente instruído com elementos que permitam uma análise conclusiva acerca da adequação da medida pleiteada, dentre os quais citamos: a motivação da viagem, seu itinerário e destino final, o tempo de permanência no exterior, a relação da criança ou adolescente com o requerente, com a pessoa que irá eventualmente acompanhá-la e em companhia da qual a mesma permanecerá durante o período em que estiver fora do País, potencial prejuízo a seus estudos etc., tudo, é claro, devidamente documentado e, se necessário, comprovado por intermédio de testemunhas. Em se tratando de viagem realizada na companhia de apenas um dos pais, sem a expressa autorização do outro, é fundamental que seja este *notificado a se manifestar nos autos*, devendo-se, a exemplo do que ocorre quando do procedimento para suspensão ou destituição do poder familiar (cf. art. 158, par. único, do ECA - por analogia), *esgotar todos os meios para sua notificação pessoal*. Caso haja oposição ao pedido, em qualquer das hipóteses referidas, deve-se facultar aos interessados a produção de provas, sem prejuízo da coleta de elementos adicionais, de ofício ou a requerimento do Ministério Público, sempre na busca da *verdade real* e da solução que melhor atenda aos interesses da criança ou adolescente. É importante destacar que o Juizado da Infância e da Juventude, em tais casos, *não pode atuar como mero agente burocrático e "chancelador" de pedidos formulados de "última hora" e/ou sem a devida comprovação de que a criança ou adolescente não estará sendo exposto a perigo ou sofrerá qualquer espécie de prejuízo, como resultado do deferimento da medida pleiteada*. Consoante acima ventilado, as disposições contidas no art. 84, do ECA, estão inseridas num capítulo que trata da *prevenção*, e *toda* Lei nº 8.069/1990 procura estabelecer mecanismos voltados à *proteção integral* de crianças e adolescentes (cf. art. 1º, do ECA), visando colocá-la a salvo de qualquer perigo ou violação a seus direitos fundamentais (cf. arts. 5º e 70, do ECA). A Justiça da Infância e da Juventude tem um *papel primordial* na efetivação dessa proteção integral infanto-juvenil, devendo agir com *cautela* e *responsabilidade* quando da expedição de autorizações judiciais para viagem de crianças e adolescentes ao exterior, e não decidir de forma açodada, diante de pressões de última hora, não raro efetuadas de maneira deliberada, de modo a impedir uma investigação mais aprofundada acerca dos motivos da viagem e outras questões a ela relacionadas. Deve a Justiça da Infância e da Juventude, enfim, expedir as autorizações judiciais (ressalvadas as exceções estabelecidas *em lei*), de forma *responsável*, dentro de um procedimento corretamente instaurado, instruído e *julgado*, no qual a autoridade judiciária, além de não abrir mão de seu poder jurisdicional, deve exercer, de maneira efetiva, seu papel de guardiã dos direitos de crianças e adolescentes. E deve assim agir não na perspectiva de "burocratizar" a expedição da autorização, mas sim de garantir um *maior controle* sobre as viagens ao exterior de crianças e adolescentes desacompanhadas de seus pais

ou, estando na companhia de apenas um, sem a expressa autorização do outro, evitando, desta forma, a ocorrência de situações potencialmente danosas, como as acima ventiladas, com graves e irreparáveis consequências para aqueles que a *exigência legal* visa aproveitar. A falta de autorização para viagem, nas hipóteses em que esta é necessária, caracteriza a infração administrativa tipificada no art. 251, do ECA.

311 Vide art. 369, do CPC. O reconhecimento de firma deve ser efetuado junto ao Tabelionato de Notas do município, podendo ser feito na presença do signatário ou por semelhança, se este tiver cartão de assinaturas arquivado no cartório. Embora a Lei não especifique, dando margem à aceitação do reconhecimento de firma por semelhança, seria mais adequada a exigência da presença do signatário quando do reconhecimento de firma para esta finalidade, dada necessidade de maior segurança do ato, por razões óbvias.

Art. 85. Sem prévia e expressa autorização judicial, nenhuma criança ou adolescente nascido em território nacional poderá sair do País em companhia de estrangeiro residente ou domiciliado no exterior **[312]**.

312 A violação destas regras importa, em tese, na prática do *crime* previsto no art. 239, do ECA. A aludida autorização judicial, em regra, ocorrerá apenas após *consumada a adoção* por estrangeiro, ou seja, após o trânsito em julgado da sentença constitutiva, conforme art. 47, §7º, do ECA. Vide ainda arts. 31, 46, §3º e 199-A, do ECA.

LIVRO II - PARTE ESPECIAL

TÍTULO I - DA POLÍTICA DE ATENDIMENTO

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 86. A política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente far-se-á através de um conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais [313], da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios [314].

313 Vide arts. 227, *caput* e §7º c/c 204, inciso I, da CF e arts. 4º, *caput*, 88, inciso II e 100, par. único, inciso III, do ECA. "*Articulação*" é uma das palavras-chave da política de atendimento à criança e ao adolescente a ser implementada com base no ECA, na medida em que, para obtenção da almejada *proteção integral* aos direitos e interesses infanto-juvenis, faz-se necessária uma ação conjunta - e coordenada - tanto do Poder Público quanto da sociedade civil organizada e entidades que a representem. A coordenação de tais ações e iniciativas, bem como a construção de uma verdadeira "rede de proteção" aos direitos infanto-juvenis, é tarefa que cabe, primordialmente, aos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, cuja principal característica é a composição *paritária* entre governo e sociedade. Assim sendo, sob a coordenação dos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente (notadamente em nível *municipal*, haja vista que a *municipalização* do atendimento é a *diretriz primeira* da política idealizada pela Lei nº 8.069/1990 para *proteção integral* dos direitos infanto-juvenis), os mais diversos *serviços públicos* (a exemplo dos prestados pelos CREAS, CRAS, CAPS etc.), assim como *programas de atendimento* executados por órgãos e entidades governamentais e não governamentais, devem se articular, estabelecendo "protocolos" de atendimento interinstitucional, definindo fluxos e "referenciais", que permitam a rápida identificação dos setores e profissionais que deverão ser acionados sempre que surgir determinada situação de ameaça ou violação de direitos de crianças e adolescentes, que deverão agir de forma *integrada*, na perspectiva de que o problema seja *solucionado* da forma *mais rápida* e *eficaz* possível (cf. arts. 1º; 4º; 100, par. único, inciso VI e 259. par. único, do ECA). Fundamental, também, o compartilhamento de informações entre os diversos integrantes da "rede de proteção" à criança e ao adolescente local, preferencialmente por intermédio de um sistema informatizado que permita o registro e a visualização das ações/intervenções efetuadas por todos os agentes corresponsáveis pelo atendimento. Sobre a necessária formação continuada dos diversos operadores do "*Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente*", vide art. 92, §3º, do ECA e Resolução nº 112/2006, do CONANDA, publicada no DOU de 30/03/2006. Vide também as Resoluções do CONANDA de nºs 113/2006, publicada no DOU de 20/04/2006, e 117/2006, de publicada no DOU de 12/07/2006, que dispõem sobre os parâmetros para a institucionalização e fortalecimento do "*Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente*".

314 Vide art. 27, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 227, §7º c/c 204, inciso I, da CF e arts. 88, inciso I e 100, par. único, inciso III, do ECA. A política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente a ser

implementada pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios visa prporcionar a todas as crianças e adolescentes (assim como, é claro, também a seus familiares), de maneira concreta, o direito a um nível de vida adequado, capaz de permitir o seu pleno desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social, atendendo ao princípio elementar da dignidade da pessoa humana. Embora o atendimento a ser prestado à criança e ao adolescente deva ser municipalizado, cabe à União e aos Estados prestarem o apoio técnico e financeiro para que os municípios possam construir suas "redes de proteção" infanto-juvenis. De uma forma ou de outra, a responsabilidade de todos os entes federados é *comum* e *solidária* (cf. art. 100, par. único, inciso III, do ECA), podendo, se necessário, qualquer deles ser demandado para que os direitos fundamentais assegurados à criança e ao adolescente sejam efetivados. Neste sentido: *MANDADO DE SEGURANÇA. NECESSIDADE DE EXAME. DIREITO À SAÚDE. COMPETÊNCIA COMUM DOS ENTES FEDERADOS. De acordo com o art. 6º. da Constituição Federal, a saúde é um direito social, e, ainda, segundo o disposto no art. 196, direito de todos e dever do Estado, estando a vida humana acima de qualquer outro direito, até porque, para exercer qualquer um deles, é necessário, primeiramente, que ela exista. Dentre as diretrizes do Sistema Único de Saúde, está o atendimento integral à saúde, seja ele para evitar ou resolver o problema. A omissão Estatal importa em grave lesão ao direito do impetrante, que não encontrou outra solução para seu caso, a não ser recorrer ao Poder Judiciário.* (TJMG. 5ª C. Cív. Ap. Cív. nº 1.0145.06.307429-1/001. Rel. Des. Maria Elza. J. em 13/12/2007).

Art. 87. São linhas de ação da política de atendimento **[315]**:

I - políticas sociais básicas **[316]**;

II - políticas e programas de assistência social, em caráter supletivo, para aqueles que deles necessitem **[317]**;

III - serviços especiais de prevenção e atendimento médico e psicossocial às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão **[318]**;

IV - serviço de identificação e localização de pais, responsável, crianças e adolescentes desaparecidos **[319]**;

V - proteção jurídico-social por entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente **[320]**.

VI - políticas e programas destinados a prevenir ou abreviar o período de afastamento do convívio familiar e a garantir o efetivo exercício do direito à convivência familiar de crianças e adolescentes **[321]**;

VII - campanhas de estímulo ao acolhimento sob forma de guarda de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar e à adoção, especificamente inter-racial, de crianças maiores ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos **[322]**.

315 Procura-se aqui relacionar alguns dos aspectos a serem obrigatoriamente observados quando da elaboração da política de atendimento pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente em todos os níveis (cf. arts. 227, §7º c/c 204, da CF e art. 88, inciso II, do ECA), tendo o legislador procurado deixar claro que o Poder Público tem o *dever* (cf. art. 227, *caput*, da CF e art. 4º, *caput*, do ECA) de planejar e implementar estratégias variadas, visando a *proteção integral* infanto-juvenil (cf. art. 1º, do ECA), abrangendo desde as políticas sociais

básicas às políticas de proteção especial, compreendendo os mais variados programas de atendimento, serviços públicos e ações de governo.

316 Vide arts. 4º, par. único, alínea "c" e 259, par. único, do ECA. O dispositivo demonstra claramente que a *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente deve ser assegurada já quando do planejamento de ações - e por via de consequência nos *orçamentos* - de áreas como a saúde e a educação, que devem, portanto, adequar serviços e criar programas para o atendimento *prioritário* da população infanto-juvenil, sem prejuízo da articulação de esforços com outros órgãos estatais e da sociedade civil.

317 Vide art. 26, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 6º e 203, da CF e Lei nº 8.742/1993 - Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), notadamente em seus arts. 2º, incisos I e II e 23, par. único, inciso I; Decreto nº 5.085/2004, de 19/05/2004, que define as ações continuadas de assistência social, dispondo em seu art. 1º que "*São consideradas ações continuadas de assistência social aquelas financiadas pelo Fundo Nacional de Assistência Social que visem ao atendimento periódico e sucessivo à família, à criança, ao adolescente, à pessoa idosa e à portadora de deficiência, bem como as relacionadas com os programas de Erradicação do Trabalho Infantil, da Juventude e de Combate à Violência contra Crianças e Adolescentes*" e Resolução nº 145/2004, de 15/10/2004, do Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS que, dentre outras, disciplina o Sistema Único de Assistência Social - SUAS. Vide também Lei nº 10.836/2004, de 09/01/2004, que institui, no âmbito do Governo Federal o Programa "Bolsa Família", regulamentado pelo Decreto nº 5.029/2004, e Lei nº 9.533/1997, de 10/12/1997 (regulamentada pelo Decreto nº 2.609/1998), que autoriza o Poder Executivo a conceder apoio financeiro aos Municípios que instituírem programas de garantia de renda mínima associados a ações socioeducativas (cf. art. 90, inciso I, do ECA). O atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias deve ser efetuado por intermédio dos Centros de Referência Especializados de Assistência Social - CREAS e Centros de Referência de Assistência Social - CRAS, a serem instituídos em todos os municípios. Vale observar que o atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias prestado pelo CREAS, CRAS ou por qualquer outro serviço público deve primar pela *celeridade* e pela *especialização*, não sendo admissível, por exemplo, que sejam aqueles submetidos à mesma estrutura e sistemática destinada ao atendimento de outras demandas, de modo a aguardar no mesmo local e nas mesmas "filas" que estas a realização de exames ou tratamento, máxime por técnicos que não possuam a qualificação profissional devida. Os problemas enfrentados por crianças e adolescentes não podem esperar, devendo ser enfrentados e solucionados com o *máximo de urgência possível*, evitando assim o agravamento da situação e dos prejuízos por aqueles suportados, sendo certo que a *omissão* do Poder Público os coloca em *grave situação de risco* (cf. art. 98, inciso I, do ECA), tornando o agente público responsável *passível de punição* (cf. arts. 5º c/c 208 e 216, do ECA). Se já não bastasse tal constatação, a necessidade de um atendimento diferenciado também abrange o *espaço físico* onde este deve ser prestado, não apenas para tornar o ambiente mais agradável e propício ao acolhimento de crianças e adolescentes (estimulando seu retorno, nos casos de exames múltiplos ou de um tratamento prolongado), mas também para colocá-los a salvo de situações potencialmente vexatórias ou constrangedoras, que podem resultar da utilização do mesmo local destinado ao atendimento de outras demandas, *ex vi* do disposto nos arts. 5º, 18 e 70, do ECA. Tais normas, no caso em exame, se aplicam com especial intensidade no que diz respeito à preservação do direito ao respeito que, na forma do art. 17, do ECA, compreende "...*a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais*".

Desnecessário dizer que o atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, ou de adolescentes acusados da prática de ato infracional, dentre outras demandas usuais do CREAS e CRAS, no mesmo espaço destinado ao atendimento de idosos e/ou do público adulto em geral, acabaria por expor aquelas a uma situação vexatória ou constrangedora, que seguramente serviria de desestímulo à continuidade do tratamento que se fizesse necessário. Vale repetir que o atendimento prestado a crianças, adolescentes e suas respectivas famílias deve ser *diferenciado*, e que todos os servidores envolvidos (a começar pelo encarregado da portaria ou mesmo o responsável pela segurança do estabelecimento), devem receber uma *qualificação profissional adequada*, de modo a evitar que, por palavras ou pela simples forma de se portar diante daqueles, contribuam para criação de "barreiras" que comprometem a solução dos problemas por eles enfrentados. Jamais podemos perder de vista que o CREAS/CRAS se destina ao atendimento de crianças e adolescentes vitimizadas (ou que, ao menos em tese, assumem a posição de "vitimizadores" - como é o caso dos acusados da prática de ato infracional), que são em regra, no seu dia a dia, alvo de preconceito e discriminação, bem como da negligência dos adultos com as quais têm contato, sejam seus pais, professores e/ou mesmo autoridades públicas. Mais do que natural, portanto, que tais crianças e adolescentes apresentem alguma "resistência" em se submeter ao tratamento que se faz necessário, o que somado à omissão (ou falta de autoridade) de seus pais ou responsável, torna imprescindível que os profissionais que os irão atender saibam como lidar com tal realidade (através da mencionada qualificação técnica adequada), bem como desenvolvam "estratégias" voltadas ao "resgate" dos recalcitrantes e à orientação de suas respectivas famílias. Todos estes fatores evidenciam a necessidade de uma adequação do serviço prestado pelo CREAS/CRAS (mais uma vez com base nos citados arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" e 259, par. único, do ECA e art. 23, par. único, inciso I, da Lei nº 8.742/1993), de modo a prestar um atendimento *diferenciado* e *especializado* a crianças, adolescentes e suas respectivas famílias, com o desenvolvimento de uma *metodologia própria* para o enfrentamento das diversas demandas e situações peculiares que irão ocorrer, tendo sempre por norte o *princípio da proteção integral à criança e ao adolescente*, que se constitui na razão de ser da intervenção estatal. Tal sistemática diferenciada deverá necessariamente contemplar instalações físicas adequadas, em local diverso (ou isolado) daquele destinado ao atendimento das outras demandas a cargo do CREAS/CRAS, de modo a preservar a imagem, a identidade e a intimidade das crianças e adolescente atendidas, a *qualificação profissional* de todos aqueles que atuam no setor, a *articulação de ações* com outros órgãos e serviços municipais (como os CAPs), bem como autoridades encarregadas do atendimento e/ou defesa dos direitos de crianças e adolescentes, como o Conselho Tutelar, o Ministério Público, a Justiça da Infância e da Juventude, os órgãos policiais encarregados de atendimento de crianças e adolescentes vítimas de crime, bem como de adolescentes acusados da prática de ato infracional etc. Importante também não perder de vista que para o planejamento e implementação de tal estrutura de atendimento deve ser observado o referido *princípio constitucional da prioridade absoluta à criança e ao adolescente* (art. 227, *caput*, da CF c/c art. 4º, par. único, do ECA), inclusive no que diz respeito à *destinação privilegiada de recursos públicos* provenientes do *orçamento dos setores responsáveis pela execução das ações correspondentes* (cf. art. 4º, par. único, alíneas "c" e "d" c/c arts. 87, incisos I e II e 88, inciso III, todos do ECA).

318 Vide art. 226, §8º, da CF e arts. 5º, 17, 98, incisos I e II, 101, incisos II, IV e V e 130, do ECA e art. 19, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. A implementação de programas e serviços especializados destinados a prevenir e atender crianças e adolescentes vítimas de violência, inclusive sexual, constitui-se num *dever* de todo município, cuja omissão pode levar à propositura

de demanda judicial específica destinada à sua implementação, sem prejuízo da devida *responsabilização* dos agentes públicos aos quais se atribui a conduta lesiva aos direitos infanto-juvenis, *ex vi* do disposto nos arts. 208, *caput* e par. único e 216, do ECA. Neste sentido: *CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO E/OU EXPLORAÇÃO SEXUAL. DEVER DE PROTEÇÃO INTEGRAL À INFÂNCIA E À JUVENTUDE. OBRIGAÇÃO CONSTITUCIONAL QUE SE IMPÕE AO PODER PÚBLICO. PROGRAMA SENTINELA-PROJETO ACORDE. INEXECUÇÃO, PELO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS/SC, DE REFERIDO PROGRAMA DE AÇÃO SOCIAL CUJO ADIMPLEMENTO TRADUZ EXIGÊNCIA DE ORDEM CONSTITUCIONAL. CONFIGURAÇÃO, NO CASO, DE TÍPICA HIPÓTESE DE OMISSÃO INCONSTITUCIONAL IMPUTÁVEL AO MUNICÍPIO. DESRESPEITO À CONSTITUIÇÃO PROVOCADO POR INÉRCIA ESTATAL (RTJ 183/818-819). COMPORTAMENTO QUE TRANSGRIDE A AUTORIDADE DA LEI FUNDAMENTAL (RTJ 185/794-796). IMPOSSIBILIDADE DE INVOCAÇÃO, PELO PODER PÚBLICO, DA CLÁUSULA DA RESERVA DO POSSÍVEL SEMPRE QUE PUDER RESULTAR, DE SUA APLICAÇÃO, COMPROMETIMENTO DO NÚCLEO BÁSICO QUE QUALIFICA O MÍNIMO EXISTENCIAL (RTJ 200/191-197). CARÁTER COGENTE E VINCULANTE DAS NORMAS CONSTITUCIONAIS, INCLUSIVE DAQUELAS DE CONTEÚDO PROGRAMÁTICO, QUE VEICULAM DIRETRIZES DE POLÍTICAS PÚBLICAS. PLENA LEGITIMIDADE JURÍDICA DO CONTROLE DAS OMISSÕES ESTATAIS PELO PODER JUDICIÁRIO. A COLMATAÇÃO DE OMISSÕES INCONSTITUCIONAIS COMO NECESSIDADE INSTITUCIONAL FUNDADA EM COMPORTAMENTO AFIRMATIVO DOS JUÍZES E TRIBUNAIS E DE QUE RESULTA UMA POSITIVA CRIAÇÃO JURISPRUDENCIAL DO DIREITO. PRECEDENTES DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL EM TEMA DE IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DELINEADAS NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA (RTJ 174/687 - RTJ 175/1212-1213 - RTJ 199/1219-1220). RECURSO EXTRAORDINÁRIO DO MINISTÉRIO PÚBLICO ESTADUAL CONHECIDO E PROVIDO*. (STF. 2ª T. R. E. nº 482.611. Rel. Min. Celso de Mello. J. em 23/03/2010).

319 Vide arts. 101, inciso I e 208, §2º, do ECA, Lei nº 12.127/2009, de 17/12/2009 e art. 9º, nº 4, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. O início das buscas por crianças e adolescentes desaparecidos deve ocorrer *imediatamente* após a comunicação do fato às autoridades competentes (cf. art. 208, §2º, do ECA), e deve contemplar a divulgação dos nomes, fotos e outros dados relativos aos desaparecidos a diversos órgãos públicos e empresas de transporte, com a imediata comunicação ao Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Desaparecidos instituído pela Lei nº 12.127/2009, de 17/12/2009, com a informação das características físicas e dados pessoais de crianças e adolescentes cujo desaparecimento tenha sido registrado em órgão de segurança pública federal ou estadual. O objetivo é promover a troca de informações entre os serviços municipais e estaduais existentes nas diversas unidades da Federação, permitindo assim a localização da criança ou adolescente desaparecido da forma mais rápida possível.

320 Vide art. 210, inciso III, do ECA.

321 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, 90, incisos I e III, 100, *caput* e par. único, incisos IX e X, 101, incisos IV, VIII e IX, 129, incisos I a IV e 208, inciso IX, do ECA. O dispositivo visa enfatizar a necessidade da implementação de uma política pública especificamente destinada a assegurar a todas as crianças e adolescentes o regular exercício do direito à convivência familiar. Tal política deve ser composta por programas de atendimento e serviços públicos intersetoriais, articulados entre si (cf. art. 86, do ECA) e executados, fundamentalmente, pelo Poder Público (cf. arts. 4º, *caput* e 100, par. único, inciso III, do ECA). Dentre outras iniciativas, devem ser criados programas e serviços destinados à orientação, apoio e promoção social das famílias (arts. 90, inciso I, 101, inciso IV, 129, incisos I a IV, do ECA e arts. 2º, inciso I, 6º-A, 24-A e 24-B, da LOAS), programas de acolhimento institucional e

familiar (arts. 34 e §1º, 90, inciso IV, 101, incisos VII a IX e 197-C, §§1º e 2º, do ECA), assim como campanhas de estímulo ao acolhimento de crianças e adolescentes sob guarda, tutela ou adoção, com a preocupação de assegurar a reintegração ou colocação familiar de crianças maiores ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos (cf. art. 87, inciso VII, do ECA). A criação de tais programas e serviços se constitui numa obrigação elementar do município, que pode ser a tanto compelido pela via judicial. Neste sentido: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONSTRUÇÃO DE ABRIGO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. OMISSÃO DO ENTE PÚBLICO RESPONSÁVEL. OBRIGAÇÃO DE FAZER. PODER JUDICIÁRIO. INTERFERÊNCIA ANÔMALA. NÃO OCORRÊNCIA. A criação de abrigo para crianças e adolescentes em situação de risco constitui prioridade social, não podendo o ente público prescindir dessa estrutura. A determinação judicial de instalação do abrigo, em decorrência da omissão do Município responsável, não consubstancia interferência anômala do Poder Judiciário nas atribuições conferidas a outro Poder, mas exercício do controle dos atos administrativos, que tem matriz no art. 5º, XXXV, da Constituição da República, no sentido de assegurar aos cidadãos direitos constitucionais de primeira grandeza. A separação de poderes deve ser interpretada, segundo a doutrina democrática, nos termos da Constituição e, por esta, é dado ao Judiciário corrigir as ações ou omissões administrativas que constituam ilegalidade. Recurso não provido*. (TJMG. 4ª C. Cív. Ap. Cív. nº 1.0699.08.080584-8/001. Rel. Des. Almeida Melo. J. em 27/08/2009).

322 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 227, §3º, inciso VI, da CF e arts. 50, §§ 3º e 4º, 197-C, §1º e 260, §2º, do ECA.

Art. 88. São diretrizes da política de atendimento **[323]**:

I - municipalização do atendimento **[324]**;

II - criação de conselhos municipais, estaduais e nacional dos direitos da criança e do adolescente **[325]**, órgãos deliberativos **[326]** e controladores das ações **[327]** em todos os níveis **[328]**, assegurada a participação popular paritária **[329]** por meio de organizações representativas, regando leis federal, estaduais e municipais **[330]**;

III - criação e manutenção de programas específicos **[331]**, observada a descentralização político-administrativa **[332]**;

IV - manutenção de fundos **[333]** nacional, estaduais e municipais vinculados aos respectivos conselhos dos direitos da criança e do adolescente **[334]**;

V - integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Segurança Pública e Assistência Social, preferencialmente em um mesmo local, para efeito de agilização do atendimento inicial a adolescente a quem se atribua autoria de ato infracional **[335]**;

VI - integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Conselho Tutelar e encarregados da execução das políticas sociais básicas e de assistência social, para efeito de agilização do atendimento de crianças e de adolescentes inseridos em programas de acolhimento familiar ou institucional, com vista na sua rápida reintegração à família de origem ou, se tal solução se mostrar comprovadamente inviável, sua colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei **[336]**;

VII - mobilização da opinião pública no sentido da indispensável participação dos diversos segmentos da sociedade **[337]**.

323 O presente dispositivo, em conjunto com o disposto nos arts. 86 e 87, do ECA e arts. 227, §7º c/c 204, da CF, fornecem um panorama geral acerca de toda política de atendimento à criança e ao adolescente idealizada pelo legislador estatutário, restando mais do que evidenciada a total ruptura com o modelo anterior. A atual sistemática dá ênfase à implementação, em nível municipal, de políticas públicas intersetoriais que tenham foco prioritário na criança e no adolescente, contando com a participação da sociedade civil organizada (via Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente) no seu processo de elaboração.

324 Vide arts. 227, §7º c/c 204, inciso I, da CF. O dispositivo encerra um importante *diferencial* em relação à sistemática vigente à época do revogado "Código de Menores", em que a política de atendimento era centralizada nas Capitais ou grandes centros, para onde crianças e adolescentes residentes em municípios pequenos ou mesmo de médio porte eram "exportadas", não raro perdendo por completo o contato com suas famílias de origem. Com a municipalização, há a *descentralização* da política de atendimento, cabendo à União e aos Estados (que também são co-responsáveis pela "proteção integral" infanto-juvenil - valendo neste sentido observar o disposto no art. 100, par. único, inciso III, do ECA), fornecer o suporte técnico e financeiro para que os municípios criem e mantenham as estruturas necessárias ao atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias. Importante mencionar, a propósito, que "municipalização" não é sinônimo de "prefeiturização", ou seja, de que é o município que deve arcar, sozinho, com o ônus da implementação de toda estrutura necessária ao atendimento de sua população infanto-juvenil, pois para tanto deverá *articular ações e programas* com o Estado (ente Federado) e a União (conforme art. 86, do ECA), e mesmo *demandar judicialmente* para exigir que estes lhe prestem a necessária *contrapartida*, tanto do ponto de vista técnico quanto financeiro (conforme art. 210, inciso II, do ECA), acima referida. Significa, isto sim, que o município não apenas deve *promover a adaptação de seus órgãos e programas* às necessidades específicas de sua população infanto-juvenil, conforme *determina* o art. 259, par. único, do ECA, como também deve *discutir* os seus *problemas* e *deficiências* e *definir estratégias locais* para sua solução. O Município deve, enfim, por intermédio do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, definir *a sua política de atendimento aos direitos infanto-juvenis*, de modo a *desenvolver ações, programas e serviços especializados em sua base territorial*, permitindo assim o atendimento das crianças e adolescentes junto à sua *família* e com o *apoio da comunidade local* (conforme previsto nos arts. 4º, *caput*; 88, inciso VI e 100, *caput*, do ECA). Especificamente em relação à política socioeducativa, destinada ao atendimento, em âmbito municipal, de adolescentes autores de ato infracional, vide arts. 5º e 7º, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

325 Vide Lei nº 8.242/1991, de 12/10/1991, que criou o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA e Decretos nºs 408/1991 e 2099/1996, que a esta regulamentam, e Decreto nº 5.089/2004, de 20/05/2004, que dispõe sobre a composição, estruturação, competências e funcionamento do CONANDA. Estados e municípios devem criar seus Conselhos de Direitos por leis próprias.

326 O Conselho de Direitos é o órgão que detém a *prerrogativa* legal e constitucional de *deliberar* (diga-se: *definir*; *decidir*) *quais as políticas de atendimento* que deverão ser implementadas em prol da população infanto-juvenil (ou seja, quais as "estratégias" serão empregadas, a partir de ações articuladas entre os diversos órgãos, programas e serviços existentes - ou a serem criados - no

sentido da *efetivação* dos direitos assegurados pela lei, e em última análise pela Constituição Federal, a crianças, adolescentes e suas respectivas famílias). Uma *deliberação* do Conselho de Direitos *vincula* (*obriga*) *o administrador*, que não terá condições de discutir seu mérito, conveniência e oportunidade. Isto ocorre, primeiramente, porque uma deliberação do Conselho de Direitos estará invariavelmente revestida dos *princípios constitucionais da soberania popular* (e *democracia participativa* - cf. art. 1º, par. único, da CF) e da *prioridade absoluta à criança e ao adolescente* (art. 227, *caput*, da CF) que, na forma do art. 4º, par. único, do ECA, importa na *preferência na formulação e execução das políticas sociais públicas* e na *destinação privilegiada de recursos públicos* nas áreas relacionadas à proteção à criança e ao adolescente. Em segundo, é de se considerar que a administração pública já está devidamente representada pela ala governamental que integra o Conselho de Direitos, participando assim diretamente dos debates e da tomada de decisões pelo órgão. O Conselho de Direitos não é, de modo algum, um órgão "alienígena" à estrutura de poder do ente federado, mas sim a integra, detendo uma competência Executiva típica em relação às políticas públicas para a infância e adolescência a serem implementadas nos mais diversos setores da administração. Desta forma, havendo uma deliberação do Conselho de Direitos, ao "chefe" do Poder Executivo (que presumivelmente dela participou, através de seus representantes junto ao órgão), resta apenas a obrigação de cumprir com o que foi decidido, devendo para tanto adequar os órgãos, serviços e, é claro, o orçamento público, valendo neste sentido transcrever o seguinte aresto do E. STJ: *ADMINISTRATIVO E PROCESSO CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. ATO ADMINISTRATIVO DISCRICIONÁRIO: NOVA VISÃO. 1. Na atualidade, o império da lei e o seu controle, a cargo do Judiciário, autoriza que se examinem, inclusive, as razões de conveniência e oportunidade do administrador. 2. Legitimidade do Ministério Público para exigir do Município a execução de política específica, a qual se tornou obrigatória por meio de resolução do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. 3. Tutela específica para que seja incluída verba no próximo orçamento, a fim de atender a propostas políticas certas e determinadas. 4. Recurso especial provido*. (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 493811/SP. Rel. Min. Eliana Calmon. J. em 11/11/2003). O *caráter normativo* dos atos dos Conselhos de Direitos é também reconhecido de maneira expressa pelo art. 90, §3º, inciso I, do ECA, bem como pelos arts. 3º, §§ 2º e 3º; 4º, §§ 1º e 2º e 5º, §§ 2º e 3º, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. A Lei nº 12.594/2012, aliás, reafirma o *caráter deliberativo* dos Conselhos de Direitos, a eles conferindo a responsabilidade pela deliberação quanto aos "*Planos de Atendimento Socioeducativo*" (arts. 3º, §§2º e 3º; 4º, §§1º e 2º e 5º, §§2º e 3º) e pelo registro dos programas a estes correspondentes (arts. 9º e 10). Sistemática semelhante se aplica em relação a outras políticas públicas destinadas à efetivação dos direitos infanto-juvenis, que a exemplo da "Política Socioeducativa" se traduzem em "Planos de Atendimento" e estes, por sua vez, se materializam em programas e serviços públicos dos mais variados. Ainda sobre o poder normativo e deliberativo dos Conselhos de Direitos, interessante observar o contido nos arts. 7º, 12-A, §4º, 16, par. único, 17 e 18, da LOAS (que também se aplicam, por analogia, aos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente - que, vale lembrar, com aquele partilham uma origem constitucional comum - o art. 204, inciso II, da CF).

327 O Conselho de Direitos não apenas deve *deliberar* sobre a política de atendimento à criança e ao adolescente, mas também deve exercer o chamado "controle social", *fiscalizando* sua *efetiva implementação* por parte do Poder Executivo, bem como a *fiel observância do princípio (constitucional) da prioridade absoluta à criança e ao adolescente*, que importa, como dito anteriormente, na *adequação dos órgãos e programas* aos princípios e diretrizes

estabelecidos pelo ECA (conforme art. 259, par. único deste Diploma), assim como na garantia de um *orçamento público elaborado e executado com a preocupação PRIMEIRA na população infanto-juvenil* (arts. 4º, par. único e 90, §2º, do ECA e art. 227, da CF). Cabe ao Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente acompanhar a correta execução dos programas e serviços destinados ao atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias, regulamentando, por meio de *resoluções* e outros atos normativos, aspectos relacionados às diversas modalidades de atendimento existentes (cf. arts. 90, §§1º e 3º e 91, §§1º e 2º, do ECA), bem como colher dados acerca dos casos de ameaça ou violação de direitos infanto-juvenis (valendo citar como exemplo o disposto no art. 101, §12, do ECA), corrigindo falhas estruturais e articulando a "rede de proteção" à criança e ao adolescente que todo município deve criar e manter. Sem prejuízo de uma intervenção também do Ministério Público nesse sentido, o próprio Conselho de Direitos, se necessário, pode e deve ingressar em Juízo, até mesmo contra o Ente Federado ao qual estiver vinculado, na defesa de suas prerrogativas (e deveres) institucionais, pois detém "*personalidade judiciária*" própria, ou seja a capacidade (e a legitimidade) para ser "parte", tanto na condição de autora, quanto ré. Neste sentido, vale transcrever o seguinte aresto, que embora faça referência ao Conselho Municipal de Saúde, também se aplica aos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente: *Mandado de Segurança. Conselho Municipal de Saúde. Existência legal no âmbito do Município de São Paulo. Entidade que integra o Sistema Único da Saúde (SUS) e que não guarda subordinação hierárquica à Secretaria da Saúde Municipal. Vistoria e fiscalização de serviços prestados em Hospital Municipal. Atividade que insere na competência da entidade, relacionada com o controle da execução da política de saúde. Lei Fed. nº 8.142/90, art. 1º §2º. Não cabe, por ilegal, o Administrador obstar tal fiscalização em hospital municipal. Segurança concedida. Recursos oficial e da Municipalidade improvidos*. (TJSP. 8ª Cam. DIR. Publ. Ap. Cív. nº 73.203.5/4-00. Rel. Des. José Santana. J. em 25/08/1999). Cabe ao Poder Público fornecer todas as condições (incluindo assessoria técnica - interdisciplinar e jurídica) ao adequado e ininterrupto funcionamento dos Conselhos de Direitos, valendo observar, por analogia, o disposto nos art. 16, par. único e 17, §4º, da LOAS.

328 União, estados e municípios devem ter, cada qual, um Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente, com atuação junto à respectiva esfera de governo. Importante destacar que não existe "hierarquia" entre os Conselhos de diversos níveis, atuando cada qual de forma soberana no âmbito de suas atribuições. As resoluções estabelecidas pelo Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, no entanto, servem de importante parâmetro para atuação dos demais e, na falta de uma regulamentação própria, em âmbito estadual/municipal, assumem caráter normativo (valendo mencionar, a propósito, o contido no art. 91, §1º, alínea "e", do ECA).

329 Vide art. 1º, par. único e arts. 227, §7º c/c 204, inciso II, da CF e art. 260-I, do ECA. Com os Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente a sociedade civil, por intermédio de organizações representativas, tem a *prerrogativa* de *participar*, efetivamente, e em igualdade de condições com o Executivo, da *tomada das decisões* acerca das políticas e programas que serão implementados em prol da população infanto-juvenil local. Se constitui num clássico exemplo da chamada democracia "participativa" (e não meramente representativa), prevista pelo art. 1º, par. único, da CF. Com a instituição dos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, como órgãos *deliberativos de políticas públicas* em prol da população infanto-juvenil, de composição *paritária* entre *governo* e *sociedade civil*, se estabeleceu uma *nova forma de governar*, pela qual o "governante de ocasião" não mais recebe uma "carta branca" para agir livremente, mas sim terá de *compartilhar COM O POVO o poder que lhe foi delegado PELO POVO*, que ainda irá *fiscalizar* o exercício de sua administração,

certificando-se do fiel cumprimento não apenas do *princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente*, mas também de todos os demais *princípios* que regem a administração pública, *ex vi* do disposto na Lei nº 8.429/1992 - a Lei de Improbidade Administrativa. Uma decisão relativa à implantação e/ou modificação de políticas públicas destinadas ao atendimento da população infanto-juvenil, tomada sem a participação popular efetiva, via Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente, *padece de VÍCIO DE ORIGEM*, vez que falta ao "chefe" do Executivo e/ou a seu gabinete, agindo de forma isolada, a *legitimidade* para assim proceder. A *participação popular* na *tomada de decisões*, por parte do Executivo Municipal, aliás, se encontra cada vez mais presente no ordenamento jurídico brasileiro, valendo neste sentido observar o disposto na Lei nº 10.257/2001, o chamado "Estatuto da Cidade", que em diversos momentos para ela abre espaço inclusive como *conditio sine qua non* para a validade do ato jurídico respectivo. A *paridade* entre representantes do governo e da sociedade civil deve ser *efetiva* (e não meramente formal), pelo que não devem ser admitidos, como representantes desta, pessoas que possuam vínculos de parentesco, políticos ou de qualquer outra ordem, sendo igualmente *inadmissível* sua indicação pelo "chefe" do Executivo. Neste sentido: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. CONSTITUIÇÃO PARITÁRIA. MEMBROS DA SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA. INDICAÇÃO PELO PREFEITO. DESCABIMENTO. APELAÇÃO IMPROVIDA. Na composição do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, não cabe ao Prefeito Municipal a indicação dos membros representantes da sociedade civil organizada. A escolha deve ser feita pelas próprias entidades não governamentais, para garantir a participação popular paritária, prevista no artigo 88, II, do Estatuto da Criança e do Adolescente.* (TJPR. 1ª C. Cív. Ap. Cív. nº 26189-6. Rel. Des. Troiano Netto. J. em 16/03/2004). Embora a Lei nº 8.069/90 não disponha de maneira clara como se dará a representação da sociedade junto aos Conselhos de Direitos, esta deverá ser a mais "plural" possível, devendo as leis locais que regulam a matéria estabelecer mecanismos que evitem seja o órgão "dominado" por determinado segmento, seja em sua composição, seja na própria composição do "colégio eleitoral" encarregado de sua escolha (que também deve ser o mais amplo e democrático possível). Tem se notado uma "tendência" de fazer com que a representação popular junto aos Conselhos de Direitos se dê unicamente por intermédio de entidades de atendimento (que executam os programas relacionados no art. 90 e/ou correspondentes às medidas previstas nos arts. 101, 112 e 129, do ECA) e/ou que atuam na defesa de crianças e adolescentes (cf. art. 210, inciso III, do ECA). Isto acaba por limitar a representatividade popular junto ao órgão e por causar sérios problemas especialmente em âmbito municipal, haja vista que, em municípios pequenos, poucas são as entidades que preenchem tais requisitos, que assim acabam por se "perpetuar" no órgão, com prejuízo à alternância no poder que é da essência do regime democrático. Quanto mais "plural" e representativo for o Conselho de Direitos, melhor para o funcionamento do órgão (e para a própria democracia), pois mais qualificado será o debate e mais legitimidade terão suas respectivas decisões. A desejável (e quase sempre indispensável) ampliação do debate quanto à implementação das políticas públicas a outros segmentos, órgãos e autoridades (ainda que não integrantes do Conselho de Direitos), é da *essência* da sistemática idealizada pelo ECA para descoberta de *soluções concretas* para os problemas que afligem crianças, adolescentes e suas respectivas famílias, contribuindo não apenas para *mobilização* dos mais diversos setores da sociedade em torno da causa infanto-juvenil (tal qual previsto no art. 88, inciso VII, do ECA), mas também para fazer com que haja maior "transparência" na atuação do Conselho de Direitos (vide art. 260-I, do ECA), tornando a representação popular mais efetiva (e *proativa*). Assim é que a participação do Conselho Tutelar nas reuniões dos Conselhos Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente, por exemplo, se mostra

fundamental (vide comentários ao art. 136, inciso IX, do ECA), o mesmo se podendo dizer da *interlocução* entre os Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente em todos os níveis e os Conselhos Setoriais (como os Conselhos de Assistência Social, Saúde, Educação etc.), haja vista que a troca de informações e o debate entre os diversos órgãos e autoridades co-responsáveis pelas políticas públicas e/ou pelo atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias permitirá a definição das melhores "estratégias" para *efetiva solução* dos problemas existentes, objetivo (e compromisso) comum de todos os integrantes do "Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente". Por fim, resta dizer que cabe ao órgão do Poder Público ao qual o Conselho de Direitos estiver *administrativamente* vinculado (que deverá ser indicado pela legislação específica), fornecer todo suporte necessário a seu funcionamento ininterrupto, incluindo eventuais passagens e diárias para que seus membros compareçam às reuniões ordinárias e extraordinárias e outras atividades próprias do órgão, nos moldes do disposto no art. 16, par. único, da LOAS.

330 Ainda sobre a matéria, vide Resoluções nºs 105/2005, 106/2006 e 116/2006, do CONANDA, que dispõem sobre os Parâmetros para Criação e Funcionamento dos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente.

331 Vide arts. 90, 92, 101, 112 e 129, do ECA. Os *programas de atendimento*, assim como os *serviços públicos* destinados ao atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas *famílias*, representam a *materialização da política de atendimento* que os Conselhos de Direitos têm o *dever* de elaborar e o Poder Público tem o *dever* de implementar, com a mais *absoluta prioridade*.

332 Vide arts. 227, §7º c/c 204, inciso I, da CF.

333 Vide Decreto nº 1.196/1994, de 14/07/1994, que dispõe sobre a gestão e administração do Fundo Nacional para a Criança e o Adolescente (FNCA), criado pela Lei nº 8.242/1991, de 12/10/1991 (a mesma que criou o CONANDA) e dá outras providências. Vide também a Resolução nº 71/2001, do CONANDA e Lei nº 4.320/1964, que em seu art. 71 dispõe que "*constitui fundo especial o produto de receitas especificadas que por lei se vinculam à realização de determinados objetivos ou serviços, facultada a adoção de normas peculiares de aplicação*" e a Instrução Normativa nº 748/2007, de 28/06/2007, da SRF, relativa ao Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ. O Fundo Especial para Infância e Adolescência - FIA, deve ser criado por lei específica, que definirá as fontes de receita bem como as formas de despesa, que invariavelmente deverá abranger a implantação e eventual manutenção de programas específicos de atendimento a crianças, adolescentes e famílias, de acordo com a política de atendimento dos direitos infanto-juvenis definidas pelo Conselho de Direitos ao qual estiver vinculado. O FIA deverá ser inscrito no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) sob forma de filial, vinculada ao Ente Federado respectivo (Município, Estado ou União), ou como titular única de cadastro. Importante destacar que a criação e implementação do aludido Fundo Especial *não exime* o Poder Público do *dever* de formular e executar políticas sócias públicas destinadas à população infanto-juvenil com recursos provenientes do orçamento dos mais diversos setores da administração. A área da criança e do adolescente exige, de maneira expressa, a *destinação privilegiada de recursos públicos* (art. 4º, par. único, alínea "d", do ECA), provenientes logicamente do *orçamento público*, sem o que a efetiva garantia dos direitos afetos à população infanto-juvenil continuará sendo uma mera promessa. Desta forma, os recursos captados pelo Fundo Especial se constituem num mero *complemento* às verbas públicas a serem previstas no orçamento das Secretarias e/ou Departamentos encarregados da execução das mais diversas políticas públicas, que devem invariavelmente *priorizar* a criança e o adolescente, na forma do previsto no art. 4º, par. único, alíneas "c" e "d", do ECA (cf. arts. 100, par. único, inciso III e 260, §5º, do ECA). Observa-se que tudo o que for captado pelo Fundo Especial,

é considerado *recurso público*, estando, portanto, sujeito às regras e princípios que norteiam a aplicação dos recursos públicos em geral, inclusive no que diz respeito ao seu controle pelo Tribunal de Contas, sem embargo de outras formas que venham a se estabelecer, inclusive pelo próprio Ministério Público (conforme art. 74, da Lei nº 4.320/1964 e art. 260, §4º, do ECA, somados às disposições gerais da Lei nº 8.429/1992 - Lei de Improbidade Administrativa, além, é claro, do disposto no art. 37, da CF). Embora o Fundo Especial deva ter uma dotação orçamentária própria, inclusive para fins de controle de sua movimentação (nos moldes do previsto na Lei Complementar nº 101/2000), por servir de mero *complemento* ao orçamento dos setores da administração encarregados da execução das políticas públicas que afetem direta ou indiretamente a população infanto-juvenil (e *jamais substituí-lo*), não há razão para que sejam àquele "canalizados" todos os recursos orçamentários destinados à implementação de políticas para criança e o adolescente, que devem permanecer nas dotações próprias dos órgãos públicos competentes (valendo neste sentido observar o disposto no art. 90, §2º, do ECA). A criação e manutenção de tais fundos é *obrigatória*, valendo neste sentido colacionar o seguinte julgado: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. NORMAS APLICÁVEIS. ABERTURA DE CONTA CORRENTE BANCÁRIA. OBRIGATORIEDADE. PROCEDÊNCIA DO PEDIDO. INCOMPETÊNCIA DO JUÍZO. PRELIMINAR DE INCOMPETÊNCIA. INCONSTITUCIONALIDADE DE LEI MUNICIPAL. Cumprimento da norma que prevê a manutenção de fundos vinculados aos conselhos dos direitos da criança e do adolescente. Abertura de conta corrente para tal fim. Obrigatoriedade. Procedência do pedido. Inapreciação de preliminar de incompetência do Juízo por simples reiteração de razões de contestação. Descabência de pronunciamento sobre a constitucionalidade de leis, sem a específica arguição na forma legal, além de tratar de hipótese diversa da versada nesta ação. A questão de haver a Lei Municipal criado cargos, sem observância da atribuição do Executivo, não afeta a obrigatoriedade de criar e manter fundos referentes aos conselhos estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente. Confirmação do julgado. Recurso desprovido.* (TJRJ. 2ª C. Cív. Ac. nº 6265/95. Rel. Des. Roberto Wider. J. em 14/11/1995).

334 Vide arts. 154, 214 e 260 a 260-J, do ECA. Os Conselhos de Direitos funcionam como "gestores" dos Fundos Especiais para a Infância e Adolescência, embora devam contar com a estrutura própria dos órgãos responsáveis pelos setores de planejamento e finanças do ente público correspondente (que preferencialmente devem integrar o próprio Conselho de Direitos), para sua movimentação. O Fundo Especial deve ser devidamente regulamentado e a movimentação dos recursos por ele captados, embora criteriosa e transparente, deve observar o pluricitado princípio da *prioridade absoluta*. Eventuais entraves à movimentação dos recursos captados pelo Fundo Especial ou ao cumprimento das deliberações do Conselho de Direitos quanto à sua destinação devem dar ensejo à propositura das demandas judiciais correspondentes, inclusive por intermédio do próprio Conselho de Direitos, que possui "capacidade judiciária" para defesa de suas prerrogativas legais e constitucionais. Neste sentido: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA - ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - MUNICÍPIO - ORÇAMENTO - DESTINAÇÃO E DISPONIBILIDADE DE VERBAS PARA FUNDO MUNICIPAL - PLANO DE APLICAÇÃO - O ECA trouxe novas regras aplicáveis ao direito público e, com elas, a possibilidade da utilização dos meios judiciais atinentes a execução dos princípios vetores atinentes a espécie. A ação civil pública é meio idôneo ao "Parquet" para concretizar a aplicação dos valores aprovados pelo poder legislativo, regularmente, no orçamento, e destinados as entidades privadas beneficiadas pelo plano correspondente, elaborado pelo conselho municipal dos direitos da criança e do adolescente, no município. Indisponibilidade do valor, e o seu depósito a ordem do juízo, para organizar o repasse. Possibilidade. Apelo improvido. Sentença confirmada.* (TJRS. 8ª C. Cív.

AC nº 598093391. Rel. Des. Breno Moreira Mussi. J. em 11/02/1999). Sendo o Conselho de Direitos o "gestor" do Fundo Especial para Infância e Adolescência, cujos recursos captados são vinculados à execução da política de atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias (que aquele órgão possui a competência legal e constitucional para definir), não pode o Executivo, por meio de Decreto ou qualquer outro ato unilateral, realocar as verbas respectivas e destiná-las a outros setores da administração ou mesmo a outros programas e serviços não contemplados nos planos de ação e de aplicação aprovados pelo Conselho de Direitos. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. REEXAME NECESSÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEI ORÇAMENTÁRIA. REALOCAÇÃO DE RECURSOS DESTINADOS À MANUTENÇÃO DE FUNDO ASSISTENCIAL À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE. AUSÊNCIA DE FUNDAMENTAÇÃO DO ATO ADMINISTRATIVO. NULIDADE. O dever de motivar os atos administrativos encontra amparo em inúmeros princípios e dispositivos constitucionais e garante o controle da legalidade dos atos administrativos. Ainda que a lei orçamentária anual permita a realocação de recursos por meio de decretos executivos, tais decretos devem ser fundamentadamente motivados a fim de explicitarem os reais motivos que levaram o administrador a proceder a alteração orçamentária. A ausência de motivação dos decretos executivos que realocaram os recursos destinados ao fundo municipal da criança e do adolescente é causa que nulifica tais atos administrativos e enseja a devolução dos recursos orçamentários. SENTENÇA REFORMADA PARCIALMENTE EM REEXAME NECESSÁRIO. APELAÇÃO PROVIDA. EM MONOCRÁTICA.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ac nº 70021131321. Rel. Des. Rui Portanova. J. em 21/02/2008).

335 Vide arts. 4º, par. único, alínea "b", 86, 172, 175 e 185, do ECA e art. 4º, inciso VII, da Lei nº 12.594/2012. O dispositivo procura ressaltar a importância de uma *ação articulada* e *intersetorial* dos diversos órgãos públicos encarregados do atendimento de adolescentes em conflito com a lei (que não pode se restringir aos órgãos policiais e à Justiça da Infância e da Juventude) e suas respectivas *famílias*, de modo que, com a maior *celeridade* e *eficácia* possíveis, sejam avaliadas as *causas* da conduta infracional e aplicadas as medidas socioeducativas e/ou protetivas que se mostrarem mais adequadas. Trata-se do dispositivo que serve de fundamento à criação dos "Centros Integrados de Atendimento ao Adolescente Infrator" ou similares. Independentemente da existência de tais Centros Integrados, a *articulação de ações* entre os órgãos estaduais (Polícias Civil e Militar, Poder Judiciário e Ministério Público) e municipais (Secretarias Municipais de Assistência Social, Educação, Saúde, Conselho Tutelar etc.) é *fundamental*, assegurando o *atendimento imediato* (que em relação às intervenções meramente *protetivas* independe de qualquer determinação judicial para ser efetivado, com a *prioridade* preconizada pelo art. 4º, *caput* e par. único, alínea "b", do ECA) e a mencionada "neutralização" dos fatores determinantes da conduta infracional, como forma de evitar a reincidência e proporcionar a desejada "proteção integral" do adolescente, *objetivo primordial* da intervenção estatal socieducativa (cf. arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II c/c 113, todos do ECA). Representantes dos diversos órgãos estaduais e municipais co-responsáveis pelo atendimento de adolescentes acusados da prática de atos infracionais e suas respectivas famílias devem se reunir periodicamente, de modo a analisar a eficácia das estruturas (diga-se, programas e serviços) existentes (valendo observar o disposto no art. 90, §3º, inciso I, do ECA); a necessidade de criação, adequação e/ou ampliação de equipamentos públicos (incluindo a contratação e qualificação de profissionais); a adequação dos "protocolos" e "fluxos" de atuação intersetorial, tanto dos adolescentes quanto de suas respectivas famílias etc. As propostas de criação/adequação/ampliação de programas e serviços públicos destinados ao atendimento de adolescentes em conflito com a lei e suas famílias devem ser encaminhadas ao CMDCA, para serem debatidas e aprovadas por meio de

resolução própria, que deve ter o necessário reflexo no orçamento público (vide comentários aos arts. 4º, par. único e 88, inciso II, do ECA).

336 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b", 19, 86, 87, incisos VI e VII, 90, incisos I, III e IV, 101, inciso IV, 129, 152, par. único e 208, inciso IX, do ECA e art. 6º-B, da LOAS. O dispositivo procura ressaltar a necessidade de *articulação* entre os diversos órgãos co-responsáveis pela garantia do direto à convivência familiar para *todas* as crianças e adolescentes, que devem atuar em regime de *colaboração* na busca da solução mais adequada para cada caso que surgir, a partir da elaboração e implementação de uma *política pública intersetorial específica*.

337 Inciso renumerado pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 42, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 227, *caput*, da CF e arts. 4º, *caput*, 70 e 260-I, do ECA. A participação da sociedade na solução dos problemas que afligem a população infanto-juvenil, tida como "*indispensável*" pela lei e pela CF, pode se dar de variadas formas (através de uma singela doação ao Fundo Especial da Infância e da Juventude; da participação nas reuniões dos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente; do acolhimento de crianças ou adolescentes sob forma de guarda; do trabalho voluntário em entidades de atendimento; da participação nas audiências públicas para discussão das propostas de leis orçamentárias, cobrando o efetivo respeito ao princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente - cf. art. 48, par. único, da Lei Complementar nº 101/2000 e arts. 4º, alínea "f", 43, inciso II e 44, da Lei nº 10.257/2001 - etc.), porém deve ocorrer, preferencialmente, de forma organizada e articulada, através de um processo de conscientização e mobilização promovido e estimulado pelos Conselhos de Direitos, com ênfase, por sua maior proximidade com a população e "capilaridade" (pois deve existir em todos municípios), ao CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Art. 89. A função de membro do Conselho Nacional e dos conselhos estaduais e municipais dos direitos da criança e do adolescente é considerada de interesse público relevante e não será remunerada **[338]**.

338 Vide art. 37, da CF; art. 327, do CP e arts. 2º e 4º, da Lei nº 8.429/1992 (Lei de Improbidade Administrativa). Mesmo não sendo remunerados, os membros dos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente são considerados funcionários/agentes públicos para todos os fins e efeitos, inclusive penais, podendo ser responsabilizados tanto por sua ação quanto por sua omissão em cumprir seus *deveres de ofício* (com ênfase para formulação de uma verdadeira política de atendimento à criança e ao adolescente, voltada à sua *proteção integral*, nos moldes do previsto no ECA e na CF).

CAPÍTULO II - DAS ENTIDADES DE ATENDIMENTO [339]

Seção I - Disposições Gerais

Art. 90. As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades **[340]**, assim como pelo planejamento e execução de programas de proteção e sócio-educativos destinados a crianças e adolescentes, em regime de:

I - orientação [341] e apoio sócio-familiar [342];

II - apoio sócio-educativo em meio aberto [343];

III - colocação familiar [344];

IV - acolhimento institucional [345];

V - prestação de serviços à comunidade [346];

VI - liberdade assistida [347];

VII - semiliberdade [348];

VIII - internação [349],

§ 1º. As entidades governamentais e não-governamentais deverão proceder a inscrição de seus programas, especificando os regimes de atendimento, na forma definida neste artigo, junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual manterá registro das inscrições e de suas alterações, do que fará comunicação ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária [350].

§ 2º. Os recursos destinados à implementação e manutenção dos programas relacionados neste artigo serão previstos nas dotações orçamentárias dos órgãos públicos encarregados das áreas de Educação, Saúde e Assistência Social, dentre outros, observando-se o princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente preconizado pelo *caput* do art. 227 da Constituição Federal e pelo *caput* e parágrafo único do art. 4º desta Lei [351].

§ 3º. Os programas em execução serão reavaliados pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, no máximo, a cada 2 (dois) anos, constituindo-se critérios para renovação da autorização de funcionamento [352]:

I - o efetivo respeito às regras e princípios desta Lei, bem como às resoluções relativas à modalidade de atendimento prestado expedidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, em todos os níveis [353];

II - a qualidade e eficiência do trabalho desenvolvido, atestadas pelo Conselho Tutelar, pelo Ministério Público e pela Justiça da Infância e da Juventude [354];

III - em se tratando de programas de acolhimento institucional ou familiar, serão considerados os índices de sucesso na reintegração familiar ou de adaptação à família substituta, conforme o caso [355].

339 As entidades aqui referidas tanto podem ser governamentais quanto não governamentais, valendo observar o disposto nos arts. 40 a 78, do CC; Lei nº 9.790/1999, de 23/03/1999 (que dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências), e Decreto nº 3.100/1999, de 30/07/1999, que a regulamenta. Vide também o disposto na Portaria nº 24/2007, de 11/10/2007, do MJ/SNJ, que cria o Cadastro Nacional de Entidades de Utilidade Pública-CNEs/MJ, e dá outras providências. As entidades de atendimento devem se adequar à política de atendimento estabelecida pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, seguindo as diretrizes por este traçadas, sem prejuízo de outras normas estabelecidas por outros órgãos municipais, estaduais e federais encarregados de regulamentar e fiscalizar a atividade desempenhada. Sobre a matéria, vide também o disposto no art. 3º, nº 3, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 3º, da LOAS. Em se tratando,

especificamente, de programas socioeducativos, destinados a adolescentes autores de ato infraciona, vide também arts. 9º a 12, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

340 É admissível a celebração de "Termo de Parceria" ou convênio entre o Poder Público e as entidades de atendimento a crianças, adolescentes e suas respectivas famílias (pessoa jurídica de direito privado, que passe a ser qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP), visando à formação de vínculo cooperativo entre ambos, como o recebimento de recursos e bens públicos empenhados à entidade. Tais "Termos de Parceria" ou convênios, no entanto, notadamente quando importem em repasses de recursos captados pelos Fundos Especiais para a Infância e Adolescência, não podem ser destinados à manutenção da entidade propriamente dita (pagamento de despesas ordinárias de água, luz telefone, aluguel da sede, subsídios de seus dirigentes etc.), mas sim ao *programa de atendimento* por esta executado, de acordo com *projeto social* apresentado e aprovado pelo Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente (também chamado de "*plano de ação*") e o seu respectivo *plano de aplicação*, sendo necessária a *rigorosa prestação de contas* quanto à sua efetiva destinação (neste sentido, vide art. 96, do ECA e disposições da Lei Complementar nº 101/2000 e Lei nº 8.429/1992).

341 Vide arts. 100, par. único, incisos XI e XII; 101, inciso IV e 129, inciso IV, do ECA. A orientação pode ser ainda prestada nos moldes do previsto nos arts. 4º e 6º, da Lei nº 9.263/2003, de 12/01/2003, que regula o art. 226, §7º, da CF, que trata do planejamento familiar.

342 Vide art. 226, *caput* e § 8º, da CF e arts. 19, *caput*; 23, par. único; 87, inciso VI; 88, inciso VI; 129, inciso I e 208, inciso IX, do ECA. O apoio aqui previsto deve ser prestado tanto à criança/adolescente (observado disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA), quanto a seus pais/responsável. Pela sistemática estabelecida pelo ECA, o atendimento à *família* é verdadeiramente *imprescindível* em qualquer situação, mesmo nos casos em que há o afastamento da criança/adolescente do convívio familiar. O apoio a que se refere o dispositivo não deve se resumir à inclusão da família em programas de assistência social, mas também deve estar preocupado em identificar e "neutralizar" possíveis problemas e em fazer com que a família assuma - integralmente - as responsabilidades inerentes ao poder familiar, tutela ou guarda (conforme o caso). Vide também os arts. 2º, inciso I, 6º-A, 24-A e 24-B, da LOAS e Leis nºs 11.124/2005 e 11.888/2008, que conferem a famílias com renda mensal de até 03 (três) salários mínimos, residentes em áreas urbanas ou rurais, o direito à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social para sua própria moradia. O direito à assistência técnica abrange todos os trabalhos de projeto, acompanhamento e execução da obra a cargo dos profissionais das áreas de arquitetura, urbanismo e engenharia necessários para a edificação, reforma, ampliação ou regularização fundiária da habitação.

343 Vide art. 101, incisos II e IV, do ECA.

344 Vide art. 227, §3º, inciso VI, da CF; arts. 28 a 52, 92, inciso II, 165 a 170 e 260, §2º, do ECA. Em vários municípios são desenvolvidos programas que preconizam o acolhimento familiar, em caráter eminentemente provisório, como forma de evitar o acolhimento institucional de crianças e adolescentes que, por qualquer razão, não estejam na companhia de seus pais ou tenham de ser destes afastados. Tais programas normalmente são desenvolvidos por entidades não governamentais que cadastram, selecionam, capacitam e prestam orientação e apoio às "famílias acolhedoras", bem como à família de origem da criança ou adolescente, procurando preservar e fortalecer - quando não *resgatar* - os vínculos existentes entre eles (ressalvados os casos em já houver a destituição do poder familiar ou alguma determinação judicial em sentido contrário). A

colocação em família substituta, no entanto, em qualquer caso somente poderá ser efetivada *mediante autorização judicial.*

345 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 92, 93, 101, inciso VII e par. único, do ECA. O acolhimento institucional de crianças e adolescentes é uma medida de proteção de caráter *excepcional*, determinada pelo Conselho Tutelar ou pela autoridade judiciária (quando ainda não instalado o Conselho Tutelar - cf. art. 262, do ECA), utilizável como forma de transição para colocação em família substituta, devendo se estender pelo menor período de tempo possível.

346 Acrescido pela Lei nº 12.594, de 18/12/2012. Vide art. 117, do ECA. O dispositivo evidencia a necessidade da elaboração de um programa socioeducativo especificamente destinado à execução da medida de prestação de serviços à comunidade, que não pode ficar a cargo do Poder Judiciário (vide art. 83, da Lei nº 12.594/2012), posto ser de responsabilidade dos municípios (art. 5º, incisos II e III, da Lei nº 12.594/2012). As ações correspondentes, portanto, devem ser adequadamente planejadas e executadas por equipamento específico, que deverá se articular à "rede de proteção" à criança e ao adolescente que o município tem o dever de instituir, fazendo parte, por sua vez, de uma política pública mais abrangente, que ofereça alternativas de abordagem e de atendimento aos adolescentes e a seus pais/responsáveis.

347 Vide arts. 112, inciso IV, 118 e 119, do ECA. Vide também Resolução nº 05/2008/SNAS, de 03/06/2008, que determina os critérios para implementação do Serviço de Proteção Social aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto de LA e PSC nos CREAS com recursos do Piso Fixo de Média Complexidade - PFMC.

348 Vide arts. 112, inciso V e 120, do ECA.

349 Vide arts. 112, inciso VI e 121 a 125, do ECA.

350 Antigo parágrafo único. Vide arts. 88, inciso I, 91 e 95, do ECA. Trata-se de prerrogativa exclusiva do Conselho *Municipal* dos Direitos da Criança e do Adolescente, ficando tal atribuição, na falta deste, a cargo da *autoridade judiciária* (cf. art. 261, do ECA). Com a análise e registro dos programas executados tanto por entidades governamentais quanto não governamentais, o CMDCA terá condições de exercer um rígido controle sobre as estruturas de atendimento existentes no município, evitando assim o registro e funcionamento de programas que não respeitem os princípios estabelecidos pelo ECA e/ou sejam incompatíveis com a política de atendimento traçada pelo próprio Conselho de Direitos. Tal atribuição também permite uma visão global da "rede de proteção à criança e ao adolescente" disponível no município, facilitando assim a descoberta de suas eventuais deficiências estruturais e a articulação de ações entre seus diversos componentes (cf. art. 86, do ECA). O registro do programa pode ser *condicionado* ao preenchimento de certos requisitos (presença de profissionais da área social, ausência de restrições quanto à faixa etária, preferência ao atendimento de crianças e adolescentes encaminhados pelo Conselho Tutelar e Justiça da Infância e da Juventude etc.), assim como a um "prazo de validade" (tendo como parâmetro máximo o contido no art. 90, §3º, do ECA - para que possa ocorrer a contínua reavaliação de sua adequação), podendo ser a qualquer momento suspenso ou cassado, quer pelo próprio CMDCA (mediante procedimento administrativo próprio), quer por decisão judicial (cf. art. 97, incisos I, alínea "d" e II, alínea "c", c/c arts. 191 a 193, do ECA). Os programas de atendimento devem apresentar uma "proposta pedagógica" detalhada, com a descrição pormenorizada das ações que serão desenvolvidas com a criança, adolescente e/ou família (o chamado "*plano de ação*"), juntamente com a justificativa técnica para cada atividade e a indicação das pessoas responsáveis por sua execução (e sua respectiva qualificação

técnico-profissional). Em sendo financiados no todo ou em parte com recursos públicos (ainda que provenientes dos Fundos da Infância e da Adolescência), deverão também apresentar um "*plano de aplicação*" de recursos, que permita a fiscalização da correta destinação das verbas respectivas. Sem registro no CMDCA, o programa não poderá ser executado pela entidade. Em se tratando de programas socioeducativos, destinados a adolescentes autores de ato infracional, vide também o disposto nos arts. 9º e 10, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

351 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 4º, par. único, alíneas "c" e "d" e 100, par. único, inciso III, do ECA, arts. 30 a 34, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE e art. 227, *caput*, da CF. O legislador procurou deixar claro que a *responsabilidade primeira* pela implementação dos programas de atendimento à população infanto-juvenil *é do Poder Público*, e os *recursos* correspondentes deverão ser obtidos, fundamentalmente, junto ao *orçamento dos órgãos públicos* encarregados de sua execução. A eventual utilização dos recursos captados pelos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente (cf. art. 88, inciso IV, do ECA) é meramente *complementar* e, como disposto de maneira expressa no art. 260, §5º, do ECA, *não desobriga* a previsão de dotação orçamentária própria para implementação dos programas, assim como dos serviços públicos que se constituem, em última análise, na *materialização* da *política de garantia do direito à convivência familiar* que, nunca é demais lembrar, todo município tem o *dever de instituir*, inclusive *sob pena de responsabilidade* do *gestor* omisso (cf. art. 208, inciso IX, do ECA). Vale também mencionar que mesmo sem a devida previsão orçamentária, *persiste a obrigação* de o Estado (*lato sensu*) prestar o atendimento à criança e ao adolescente, e se não existirem programas oficiais, deverá ser aquele efetuado por intermédio de entidades particulares, conveniadas ou não. Neste sentido: *AGRAVO INTERNO. DECISÃO MONOCRÁTICA QUE DÁ PROVIMENTO A AGRAVO DE INSTRUMENTO. ECA. INTERNAÇÃO DE MENOR EM INSTITUIÇÃO PRIVADA PARA TRATAMENTO DE DEPENDÊNCIA QUÍMICA. A condenação do Poder Público para que forneça tratamento médico ou medicamento à criança e ao adolescente, encontra respaldo na Constituição da República e no Estatuto da Criança e do Adolescente. Em razão da proteção integral constitucionalmente assegurada à criança e ao adolescente. Cabível a internação de menor em instituição privada, às expensas do Estado. Nada obsta, contudo, a sua futura transferência para instituição pública, desde que se comprove não haver prejuízo ao tratamento do menor. NEGARAM PROVIMENTO*. (TJRS. 8ª C. Cív. Ag. nº 70031834864. Rel. Rui Portanova. J. em 01/10/2009). Em se tratando de municípios de pequeno porte e/ou que não possuem demanda para criação/manutenção de determinados programas previstos no ECA, é também admissível a formação de "consórcios intermunicipais", nos moldes do disposto na Lei nº 11.107, de 06/04/2005, devendo ser em qualquer caso previstas ações complementares destinada a permitir que a eles tenham acesso todas as crianças, adolescentes e famílias que necessitem.

352 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 88, incisos II e III, do ECA e 18 a 27, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. O dispositivo evidencia a necessidade de o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente efetuar, de forma periódica (e em caráter permanente), a *fiscalização da adequação dos programas de atendimento em execução no município* às *normas e princípios* estabelecidos pela Lei nº 8.069/1990 e legislação correlata, bem como às *resoluções expedidas pelos Conselhos de Direitos* em todos os níveis (municipal, estadual e Nacional), sobre a modalidade de atendimento prestado, devendo ser *negada a renovação do registro* aos programas que a elas não se adequam e/ou que não apresentam resultados satisfatórios.

353 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 1º; 5º; 6º; 17; 18; 70; 88, inciso II; 92; 94; 100 e 124, do ECA. O dispositivo enaltece o *caráter normativo* (e *vinculante*) das resoluções expedidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, aos quais incumbe a formulação e o controle da execução da política de atendimento à criança e ao adolescente em todos os níveis (municipal, estadual e nacional).

354 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 3º, item 3, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 37, da CF, relativo ao *princípio da eficiência* que deve nortear os atos da administração pública e de entidades que executam serviços públicos. Vide também art. 95, do ECA, relativo à *fiscalização* das entidades de atendimento (e, por consequência lógica, dos programas que estas executam) pela autoridade judiciária, Ministério Público e Conselho Tutelar, que pode resultar na deflagração do procedimento previsto nos arts. 191 a 193, do ECA e na aplicação das sanções previstas no art. 97, do mesmo Diploma Legal. Pior do que o município não possuir um determinado programa de atendimento a crianças, adolescentes e/ou famílias, é ter registrado um que não executa as atividades descritas em sua proposta pedagógica e/ou não cumpre seus objetivos declarados. Programas e serviços de má qualidade e/ou que não demonstram capacidade de atendimento das demandas mais complexas devem ser reformulados ou expurgados do sistema (valendo observar o disposto no art. 191 e sgts., do ECA), que exige *profissionalismo* e *resultados*. Em se tratando de programas socioeducativos, destinados a adolescentes autores de ato infracional, vide também o disposto nos arts. 11, 12 e 18 a 27, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

355 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, *caput* e §3º, 33, §4º, 92 e 100, do ECA. O dispositivo enaltece a importância da realização, pelas entidades que desenvolvem programas de acolhimento institucional, em parceria com outros órgãos e entidades que integram a "rede de proteção" à criança e ao adolescente que cada município deve manter, de *ações concretas* voltadas à reintegração familiar, devendo o contato entre pais e filhos vinculados a programas de acolhimento institucional ou familiar ser *estimulado*, e não apenas "facultado", ressalvada a existência de ordem expressa e fundamentada de autoridade judiciária competente.

Art. 91. As entidades não-governamentais somente poderão funcionar depois de registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual comunicará o registro ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária da respectiva localidade **[356]**.

§ 1º. Será negado o registro à entidade que **[357]**:

a) não ofereça instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança **[358]**;

b) não apresente plano de trabalho compatível com os princípios desta Lei **[359]**;

c) esteja irregularmente constituída **[360]**;

d) tenha em seus quadros pessoas inidôneas **[361]**;

e) não se adequar ou deixar de cumprir as resoluções e deliberações relativas à modalidade de atendimento prestado expedidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, em todos os níveis **[362]**.

§ 2º. O registro terá validade máxima de 4 (quatro) anos, cabendo ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, periodicamente, reavaliar o cabimento de sua renovação, observado o disposto no §1º deste artigo **[363]**.

356 Vide art. 95, do ECA. Mais uma vez estamos diante de uma *atribuição exclusiva* do Conselho *Municipal* dos Direitos da Criança e do Adolescente, que na falta deste fica também a cargo da *autoridade judiciária* (cf. art. 261, do ECA). O parágrafo único, do artigo anterior, obriga o registro dos *programas* executados por entidades, tanto governamentais como não. Aqui, o presente dispositivo, exige o registro *da própria entidade* de atendimento, quando *não governamental.* As entidades de atendimento governamentais são dispensadas de tal registro por já serem diretamente vinculadas a algum órgão público, estando assim natural e automaticamente integradas à "rede de proteção" aos direitos infanto-juvenis existente no município. A comunicação do registro deverá ocorrer tanto para que a autoridade judiciária e o Conselho Tutelar possam realizar a *fiscalização* das entidades, que está a seu cargo, mas também para que possam ter conhecimento de *quais programas* e *estruturas de atendimento* estão disponíveis, para fins de *encaminhamento* dos casos de ameaça ou violação dos direitos infanto-juvenis que chegam a seu conhecimento.

357 Antigo parágrafo único. Vide art. 3º, item 3, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. A enumeração é meramente *exemplificativa*, podendo ser estabelecidas *exigências e requisitos outros* para o registro da entidade (notadamente a presença de equipe técnica e profissionais habilitados) que, se não preenchidas, poderão dar ensejo à sua *negativa* por parte do CMDCA e, por via de consequência, ficará aquela *impedida* de atender crianças ou adolescentes.

358 A apuração do preenchimento de tais exigências e requisitos deve ser efetuada tanto por intermédio de uma *equipe técnica* que deve estar a serviço do Conselho de Direitos, quanto através do concurso de órgãos públicos como a *vigilância sanitária*, *corpo de bombeiros*, *Polícia Militar* etc.

359 Vide arts. 1º, 5º, 6º, 92, 94 e 100, *caput* e par. único, do ECA e arts. 7º a 17, 35, 49 e 52 e sgts, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. O plano de trabalho (ou "*proposta pedagógica*") da entidade deve conter, em linhas gerais, a indicação das atividades que a entidade se propõe a desenvolver com as crianças e adolescentes atendidas, bem como suas respectivas famílias (sempre na perspectiva de atendimento conjunto da entidade familiar), a metodologia empregada, os profissionais encarregados da execução da medida, a articulação com outros programas e serviços que integram a "rede de proteção à criança e ao adolescente" em âmbito municipal etc. Em se tratando de entidade de acolhimento, as disposições gerais contidas no plano de trabalho serão posteriormente complementadas pelo "*plano individual de atendimento*" a que se refere o art. 101, §§4º a 6º, do ECA, o mesmo ocorrendo com entidades que executam programas socioeducativos, a teor do disposto nos arts. 52 a 59, da Lei nº 12.594/2012.

360 Vide arts. 45, 46, 53, 54, 62, 65 e 69, do CC.

361 Para avaliar o preenchimento destes requisitos, o CMDCA deverá exigir, quando do registro da entidade e de sua renovação periódica, o fornecimento de documentos comprobatórios similares aos relacionados no art. 199-A, incisos I, V, VI, VII e VIII, do ECA, sem prejuízo da realização de exames complementares, entrevistas etc. Especificamente sobre a qualificação técnica de dirigentes de programas de semiliberdade e internação, vide art. 17, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

362 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 88, inciso II e 90, §§1º e 2º, do ECA. O dispositivo realça o *papel normativo* dos Conselhos de Direitos, assim como o *caráter coercitivo* de suas deliberações e resoluções, no sentido da implementação da "política de atendimento" à criança e ao adolescente e da articulação da "rede de proteção" infanto-juvenil que as diversas entidades com atuação na área devem integrar. Nunca é demais lembrar que cabe ao Conselho de Direitos definir as prioridades a serem atendidas e promover a adequação dos programas e serviços às necessidades específicas da população infanto-juvenil local, não podendo aceitar passivamente que as entidades "escolham" as demandas que querem atender, o que pode acarretar, de um lado, um excesso de programas de atendimento para uma determinada clientela (crianças de tenra idade, por exemplo), e a absoluta ausência de programas de atendimento para outras situações mais complexas (adolescentes autores de ato infracional usuários de substâncias psicoativas, por exemplo), que demandam tanta ou mais atenção por parte da pretensa "rede de proteção". O Conselho de Direitos, notadamente em âmbito municipal, deve procurar "direcionar" o atendimento prestado pelas entidades governamentais e não governamentais que atuam em sua base territorial para as demandas mais complexas existentes, inclusive através do financiamento de projetos específicos, com a utilização de recursos dos Fundos de Direitos da Criança e do Adolescente (valendo neste sentido observar os comentários aos arts. 88, inciso IV e 260, §5º, do ECA). Deve também se assegurar que todas as faixas etárias e situações de ameaça ou violação de direitos sejam contempladas pelos programas e serviços disponíveis pela referida "rede de proteção".

363 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 90, §3º, do ECA. O dispositivo tem por objetivo fazer com que o CMDCA efetue a reavaliação periódica de todas as entidades que integram a "rede de proteção" à criança e ao adolescente que todo município tem o *dever* de instituir.

Art. 92. As entidades que desenvolvam programas de acolhimento familiar ou institucional deverão adotar os seguintes princípios [364]:

I - preservação dos vínculos familiares e promoção da reintegração familiar [365];

II - integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família natural ou extensa [366].

III - atendimento personalizado e em pequenos grupos [367];

IV - desenvolvimento de atividades em regime de co-educação [368];

V - não-desmembramento de grupos de irmãos [369];

VI - evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados [370];

VII - participação na vida da comunidade local [371];

VIII - preparação gradativa para o desligamento [372];

IX - participação de pessoas da comunidade no processo educativo.

§ 1º. O dirigente de entidade que desenvolve programa de acolhimento institucional é equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito [373].

§ 2º. Os dirigentes de entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional remeterão à autoridade judiciária, no máximo a cada 6 (seis) meses, relatório circunstanciado acerca da situação de cada criança ou

adolescente acolhido e sua família, para fins da reavaliação prevista no §1º do art. 19 desta Lei [374].

§ 3º. Os entes federados, por intermédio dos Poderes Executivo e Judiciário, promoverão conjuntamente a permanente qualificação dos profissionais que atuam direta ou indiretamente em programas de acolhimento institucional e destinados à colocação familiar de crianças e adolescentes, incluindo membros do Poder Judiciário, Ministério Público e Conselho Tutelar [375].

§ 4º. Salvo determinação em contrário da autoridade judiciária competente, as entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional, se necessário com o auxílio do Conselho Tutelar e dos órgãos de assistência social, estimularão o contato da criança ou adolescente com seus pais e parentes, em cumprimento ao disposto nos incisos I e VIII do *caput* deste artigo [376].

§ 5º. As entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional somente poderão receber recursos públicos se comprovado o atendimento dos princípios, exigências e finalidades desta Lei [377].

§ 6º. O descumprimento das disposições desta Lei pelo dirigente de entidade que desenvolva programas de acolhimento familiar ou institucional é causa de sua destituição, sem prejuízo da apuração de sua responsabilidade administrativa, civil e criminal [378].

364 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009, que estendeu os princípios anteriormente exigidos apenas das entidades de acolhimento institucional também às entidades de acolhimento familiar. É importante que os programas de acolhimento institucional descrevam, em detalhes, a forma como os princípios aqui relacionados serão assegurados aos acolhidos, devendo a proposta pedagógica da entidade ser elaborada por equipe interprofissional habilitada, sendo a medida executada por profissionais qualificados, sem prejuízo da articulação de ações com outros programas e serviços integrantes da "rede de proteção" à criança e ao adolescente que o município tem o dever de instituir e manter.

365 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 4º, *caput*, 19, *caput* e §3º, 92, §4º e 100, *caput*, segunda parte e par. único, incisos IX e X, do ECA. Mesmo inserida em programa de acolhimento institucional ou familiar, a criança ou o adolescente *tem direito* a manter contato com seus pais ou responsável, cabendo à entidade não apenas permitir, mas também *estimular* o contato entre os mesmos, inclusive como forma de *preparação* para *retomada do convívio familiar*, que em regra deverá ocorrer da forma mais rápida possível (cf. arts. 92, inciso VIII c/c 100, *caput*, segunda parte e 101, §1º, do ECA). Apenas mediante *ordem judicial expressa e fundamentada* em sentido contrário é que poderá ser *vedado* o contato da criança/adolescente inserido em programa de acolhimento institucional ou familiar com seus pais ou responsável (cf. art. 92, §4º, do ECA). Sobre a matéria, vale colacionar o seguinte julgado: *DIREITO DE VISITAS. MELHOR INTERESSE DA CRIANÇA. Indicando os autos a relevância de manter os vínculos entre filha e genitor, e considerando que a menina manifesta forte desejo de rever o familiar, descabe suspender a visitação, com o acompanhamento de assistente social. Embora o pai biológico esteja sendo processado criminalmente em razão de supostos abusos sexuais contra a infante, não há como impedir as visitas quando os elementos de convicção apontam no sentido da não-ocorrência da agressão, havendo que se atentar ao melhor interesse da criança. Negado provimento e aplicada à mãe e à filha, de ofício, medida de proteção (arts. 101, V, e 129, III, ambos do ECA), com*

recomendações à origem. (TJRS. 7º C. Cív. A.I. nº 70009968983. Rel. Maria Berenice Dias. J. em 01/12/2004).

366 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, *caput* e §3º, 28 a 52, 90, *caput*, inciso III, 100, par. único, inciso X, 101, inciso VIII e 165 a 170, do ECA. A articulação entre o programa de acolhimento institucional e um programa de colocação familiar, nos moldes do previsto no art. 90, *caput*, inciso III, do ECA, é de todo salutar, procurando reduzir ao máximo o tempo de permanência da criança/adolescente na entidade. É de se atentar para o caráter *excepcional* de tal solução, que somente deverá ocorrer caso *comprovadamente* não seja possível o retorno da criança ou adolescente à sua família de origem, sendo a aplicação da medida, em qualquer caso, de *competência exclusiva da autoridade judiciária*.

367 Vide art. 17, do ECA. O ambiente proporcionado pela entidade de acolhimento institucional deve, o quanto possível, se aproximar de um ambiente familiar, não mais havendo espaço para as "mega-instituições", em que crianças e adolescentes viviam em verdadeiros "alojamentos", sem qualquer privacidade. Cabe aos Conselhos Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente, como componente da política de garantia do direito à convivência familiar que lhe compete elaborar e implementar, prever o progressivo "desmonte" das "mega-instituições" porventura ainda existentes, assegurando às crianças e adolescentes em regime de acolhimento institucional o retorno à família de origem, sua colocação familiar, ainda que mediante guarda (nos moldes do previsto nos arts. 33 e 260, §2º, do ECA e art. 227, §3º, inciso VI, da CF) ou, caso por qualquer razão se mostre impossível tais alternativas, sua transferência para unidades de pequeno porte (verdadeiras "casas-lares"), que atendam um número reduzido de crianças e/ou adolescentes, sem prejuízo da observância dos demais princípios relacionados no dispositivo (notadamente a não separação de grupos de irmãos). Sobre a matéria, vide também a Lei nº 7.644/1987, de 18/12/1987, que dispõe sobre a regulamentação da atividade de "mãe social" e dá outras providências (o disposto nesta lei, no entanto, deve ser interpretado de forma conjunta com as normas e princípios que regem o atendimento de crianças e adolescentes, não mais sendo admissível que as entidades de acolhimento se restrinjam à contratação de uma "mãe - ou pai - social" que não possui qualquer qualificação ou formação técnica específica, para que esta se limite a "tomar conta" dos acolhidos e/ou a atuar de forma isolada e improvisada. As entidades de acolhimento e os programas por elas desenvolvidos devem dispor de técnicos da área social, com um cuidadoso planejamento acerca das ações a serem realizadas com os acolhidos e suas famílias, tanto dentro quanto fora da entidade). As "Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento", inclusive, sugerem uma mudança de terminológica, de modo que a "mãe/pai social" passem a ser tratados como "educadores sociais" ou "cuidadores residentes" (até mesmo para evitar a possível confusão com a figura da mãe/pai biológicos, para companhia dos quais a criança/adolescente deverá preferencialmente retornar), tendo uma qualificação técnica mínima. Embora as entidades de acolhimento institucional (incluindo as "casas-lares") devam ter, logicamente, profissionais que pernoitam no local (devendo ser observado, inclusive, o número mínimo recomendado pelas citadas "Orientações Técnicas"), é perfeitamente possível que estes profissionais cumpram escalas de serviço, sem necessariamente "residirem" na entidade.

368 Vide arts. 33 c/c 92, §1º, 53, par. único e 92, incisos I, VII e §4º, do ECA. O dirigente da entidade de acolhimento institucional, é equiparado ao *guardião* das crianças e adolescentes acolhidos, para todos os fins e efeitos de direito, cabendo-lhe também, logicamente, zelar por sua educação. Enquanto as crianças e adolescentes acolhidos permanecerem sob o poder familiar de seus pais, no entanto, não é possível negar a estes quer o contato com seus filhos (que como dito, deve ser inclusive estimulado - valendo observar o disposto nos

arts. 19, *caput* e §3º, 92, inciso I e §4º e 100, par. único, incisos IX e X, do ECA), quer a possibilidade de interferirem em seu processo educacional (valendo lembrar que, nos moldes do previsto no art. 53, do ECA e art. 205, da CF, este não se limita à simples matrícula numa instituição de ensino). Assim sendo, é fundamental estabelecer uma verdadeira "parceria" com os pais das crianças e adolescentes que se encontram em regime de acolhimento institucional, de modo que sua interferência no processo educacional de seus filhos não apenas aconteça (servindo inclusive como forma de fortalecer os vínculos existentes e incutir naqueles a noção de responsabilidade quanto à educação destes, que é inerente ao poder familiar), mas seja adequada e saudável. Vale também mencionar que não mais é admissível que a entidade de acolhimento institucional mantenha, nas suas dependências, escolas destinadas unicamente ao atendimento das crianças e adolescentes acolhidas, isolando-as assim do contato com a comunidade onde vivem. Crianças e adolescentes acolhidas em instituições, portanto, devem ser matriculadas na rede regular de ensino existente no município.

369 Vide art. 28, §4º, do ECA e art. 1733, do CC. A não separação dos grupos de irmãos, quando da aplicação de medidas de proteção, se constitui num verdadeiro *princípio* que também deve ser observado para fins de sua eventual colocação sob guarda (inclusive sob a forma de programas de acolhimento familiar), tutela e/ou adoção. Caso, em situações excepcionais, irmãos tenham de ser colocados em entidades de acolhimento diversas, devem ser previstas atividades conjuntas entre os mesmos, de modo a manter e mesmo fortalecer os vínculos fraternais.

370 Vide art. 30, do ECA. O objetivo é evitar o rompimento dos novos vínculos estabelecidos com os técnicos e funcionários da entidade e demais crianças acolhidas, o que fatalmente iria representar mais uma "perda" para criança ou adolescente, em prejuízo de seu desenvolvimento.

371 Vide art. 100, *caput*, segunda parte, do ECA. As crianças e adolescentes acolhidos não podem permanecer "isolados" da comunidade, mas sim dela participar ativamente, o que deve ser previsto e estimulado pelo programa em execução.

372 Vide arts. 92, §4º e 101, §1º, do ECA. O inciso evidencia o caráter *provisório* do acolhimento institucional, em que a criança e o adolescente ao nele ingressarem, já devem ser preparados serem desligados do programa, embora possam continuar, mesmo após isto ocorrer, vinculados a atividades desenvolvidas pela entidade, dentro ou fora de suas dependências. Tal previsão visa evitar o rompimento dos vínculos estabelecidos com as crianças, adolescentes e encarregados pela entidade, bem como a interrupção, de forma abrupta (e potencialmente prejudicial), do atendimento que vinha sendo prestado, devendo abranger também a família do ex-acolhido.

373 Antigo parágrafo único. Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 33, do ECA. A equiparação ocorre *pleno jure*, pelo que independe de declaração da autoridade judiciária, passando o guardião à condição de "*responsável legal*" pela criança ou adolescente acolhido, com todas as responsabilidades a ela inerentes. Vide também Lei nº 7.644/1987, de 18/12/1987, que dispõe sobre a Regulamentação da Atividade de Mãe Social, e dá outras providências. É feito referência apenas aos dirigentes dos programas de acolhimento institucional pois, em se tratando de acolhimento *familiar*, a criança ou adolescente será colocado sob a *guarda* da pessoa ou casal neste cadastrado (cf. art. 34, §2º, do ECA), com todas as consequências daí naturalmente decorrentes.

374 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. O relatório, que deve ser elaborado preferencialmente com uma periodicidade menor (na perspectiva de

que a reintegração familiar ocorra da forma mais célere possível), deve conter, dentre outras informações pormenorizadas acerca das atividades desenvolvidas no sentido da orientação, apoio e promoção social da família, das iniciativas tomadas no sentido de estimular o contato dos pais com seus filhos, dos avanços obtidos e eventuais dificuldades encontradas, das reações das crianças e adolescentes frente a estas intervenções junto à sua família, bem como apresentar sugestões de encaminhamentos futuros, tudo com a devida fundamentação técnica. Os relatórios devem também responder a eventuais questionamentos e/ou quesitos que tenham sido formulados pelas partes, pelo Ministério Público ou pelo Juízo.

375 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 86, 88, inciso VI, 90, incisos I, III e IV, 146, 151 e 201, do ECA. O dispositivo destaca a importância da *qualificação funcional* dos diversos profissionais que devem intervir (e interagir) na busca da plena efetivação do direito à convivência familiar por todas as crianças e adolescentes.

376 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, §3º; 33, §4º; 92, inciso VIII; 100, *caput* e par. único, inciso X; 101, §§1º a 12 e 129, do ECA e arts. 9º, nº 3 e 19, nº 2, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. Note-se que não basta "facultar" o contato, mas é fundamental *estimulá-lo*, inclusive através da eventual inserção da família em programas de orientação, apoio e promoção social.

377 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 3º, item 3, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 92, 94, 100, *caput* e par. único e 260, §§1º e 2º, do ECA.

378 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 5º; 97; 191 a 193; 208 e 216, do ECA. As sanções aqui previstas são aplicáveis tanto aos dirigentes de entidades governamentais quanto não governamentais.

Art. 93. As entidades que mantenham programa de acolhimento institucional poderão, em caráter excepcional e de urgência, acolher crianças e adolescentes sem prévia determinação da autoridade competente, fazendo comunicação do fato em até 24 (vinte e quatro) horas ao Juiz da Infância e da Juventude, sob pena de responsabilidade **[379]**.

Parágrafo único. Recebida a comunicação, a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público e se necessário com o apoio do Conselho Tutelar local, tomará as medidas necessárias para promover a imediata reintegração familiar da criança ou do adolescente ou, se por qualquer razão não for isso possível ou recomendável, para seu encaminhamento a programa de acolhimento familiar, institucional ou a família substituta, observado o disposto no §2º do art. 101 desta Lei **[380]**.

379 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. O prazo para comunicação do acolhimento *à autoridade judiciária* (e não ao Conselho Tutelar, como acabava sendo efetuado anteriormente) foi reduzido e passou a ser contado em horas (devendo ser assim ser a comunicação efetuada ao *plantão judiciário* nos finais de semana e feriados). O objetivo da norma é assegurar a *imediata intervenção da autoridade judiciária* sempre que uma criança ou adolescente for encaminhada a programa de acolhimento institucional, evitando a aplicação da medida de forma abusiva e/ou indevida. Vale lembrar que, sempre que necessário o *afastamento* da criança ou adolescente de sua família de origem, será necessária a imediata instauração de procedimento judicial contencioso, no qual seja assegurado aos pais ou responsável o exercício do contraditório e da ampla defesa (não bastando assim, quando da comunicação

do acolhimento, a singela instauração dos famigerados "procedimentos de verificação de situação de risco"/"de aplicação de medida de proteção" e similares - como o art. 153, par. único do ECA evidencia). Assim, caso seja necessária a suspensão ou destituição do poder familiar, destituição de tutela ou guarda (cf. art. 129, incisos VIII, IX e X, do ECA) e/ou a colocação em família substituta (cf. art. 101, inciso IX, do ECA), cabe à autoridade judiciária a aplicação da medida respectiva, dentro de um *procedimento contencioso específico* (via ação cautelar, ação civil pública com pedido liminar, ação ordinária com pedido de tutela antecipada ou qualquer outro meio processual idôneo - observado o disposto no art. 212, do ECA), a ser deflagrado pelo Ministério Público ou outro legitimado. Em não se cogitando do afastamento da criança/adolescente do convívio familiar (no caso de crianças perdidas levadas às entidades de acolhimento, por exemplo), não será necessária a instauração do referido procedimento contencioso (ou mesmo de qualquer procedimento judicial), bastando a intervenção do Conselho Tutelar, na perspectiva de localização dos pais (com o acionamento de programas e serviços específicos, como o previsto no art. 87, inciso IV, do ECA) e de promoção da reintegração familiar da forma mais célere possível (cf. arts. 136, inciso I c/c 101, inciso I, do ECA). É preciso ter em mente que o simples acolhimento institucional *não resolve a situação da criança ou do adolescente*, violando, inclusive, o próprio direito constitucional e legal à convivência familiar (além do princípio da prevalência da família, insculpido no art. 100, par. único, inciso X, do ECA) e, por isto, pelo que *não pode ser aplicado como medida isolada*, devendo ser invariavelmente acompanhado de outras medidas que, como dito, permitam a reintegração familiar ou colocação em família substituta, com o *máximo de urgência* possível. Vide também arts. 101, §2º e 136, inciso XI e par. único, do ECA.

380 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 19, *caput* e §3º, 100, *caput*, incisos IX e X, 101, incisos I, VIII, IX e §1º, do ECA. O dispositivo deixa claro que situações como o encaminhamento de crianças e adolescentes a programas de acolhimento institucional "a pedido" da família e/ou em razão da falta de condições materiais, a título de exemplo, não mais devem ocorrer ou ser "tolerados" pelas autoridades competentes, sendo necessário, em tais casos, a tomada de providências destinadas a promover a imediata reintegração familiar e a inserção da família em programas e serviços de apoio e promoção social (conforme há tanto já previa o art. 23, par. único, do ECA). Na verdade, quis o legislador, que sempre que surgir uma determinada demanda para abrigamento/acolhimento institucional, já exista uma "estratégia oficial" definida (ainda que em linhas gerais, pois cada caso, logicamente, deverá ter suas peculiaridades consideradas e respeitadas - cf. art. 100, *caput* e par. único, do ECA) para o enfrentamento (e solução) do problema. Esta "estratégia" deve se traduzir em um "protocolo" de atendimento interprofissional, bem como em programas, serviços e ações intersetoriais (que se constituem, em última análise, na "materialização" da referida política, nos moldes do previsto nos arts. 86, 87, 88 e 90, do ECA), que serão definidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente e executadas por diversos órgãos públicos e entidades particulares (cf. art. 86, do ECA), integrantes da "rede de proteção" à criança e ao adolescente que todos os municípios devem instituir e manter. Vale destacar, no entanto, que o acolhimento institucional, em caráter emergencial e em casos extremos e excepcionais (como diante de um "flagrante de vitimização"), é possível não apenas mediante encaminhamento efetuado pelo Conselho Tutelar, mas por *qualquer pessoa* (afinal, diz o art. 70, do ECA que "*é dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação de direitos da criança e do adolescente*"), sendo certo que as próprias unidades de acolhimento institucional podem receber crianças e adolescentes diretamente, em qualquer situação, sem

prejuízo da comunicação do fato à *autoridade judiciária* em, no máximo, *24 horas* (sendo assim de competência do plantão judiciário, nos finais de semana e feriados), conforme previsto no art. 93, *caput*, do ECA. O que o Conselho Tutelar *não pode fazer* é *afastar crianças e adolescentes de suas famílias em situações não emergenciais* (inteligência do art. 136, inciso IX e par. único, do ECA), e nem o afastamento pode ocorrer (ou se manter) mediante simples procedimento administrativo ou mesmo em sede de processo judicial não contencioso (como é o caso do resultante da aplicação do disposto no art. 153, do ECA, sendo o parágrafo único acrescido ao dispositivo *expresso* ao excluir de sua abrangência os casos em que é necessário o afastamento da criança ou adolescente de sua família de origem). Quis o legislador que uma medida tão drástica e de tão graves consequências como o afastamento da criança ou adolescente de sua família desse ensejo, *necessariamente*, à instauração de um processo judicial *contencioso*, ainda que de cunho *cautelar*, no qual fosse *formalizada* a imputação da prática, por parte dos pais ou responsável, de alguma conduta que justificasse a medida, devendo tal conduta ser devidamente *comprovada* pela parte autora, com a possibilidade de exercício do contraditório e da ampla defesa pela parte requerida. Vale lembrar, a propósito, que em jogo não está apenas o direito dos pais ou responsável de terem os filhos ou pupilos em sua companhia, mas especialmente (cf. art. 100, par. único, incisos I, II e IV, do ECA), o direito *destes* em permanecer na companhia de sua família. Esta é a razão, aliás, para que *antes* mesmo de se *cogitar* no *afastamento da vítima* de violência física ou sexual, se verificar da possibilidade de *afastamento do agressor* da moradia comum, como dispõe de maneira expressa o art. 130, *caput*, do ECA. Assim sendo, uma vez efetuado o acolhimento institucional, seja pelo Conselho Tutelar (diante de situações emergenciais, consoante mencionado, ou em se tratando de criança ou adolescente perdida ou sem referência familiar), seja por qualquer pessoa, o importante é a rápida avaliação, por parte da autoridade judiciária (com a participação do Ministério Público, do Conselho Tutelar e dos órgãos e técnicos responsáveis pela política municipal de garantia do direito à convivência familiar) da possibilidade ou não de *imediata reintegração* à família de origem (que se for o caso deverá ser inserida em programas de orientação, apoio e promoção social, bem como devidamente "monitorada") ou se o caso reclama a "formalização" do afastamento da família de origem, mediante a deflagração do referido procedimento contencioso, nos moldes do previsto no art. 101, §2º, do ECA.

Art. 94. As entidades que desenvolvem programas de internação têm as seguintes obrigações, entre outras **[381]**:

I - observar os direitos e garantias de que são titulares os adolescentes **[382]**;

II - não restringir nenhum direito que não tenha sido objeto de restrição na decisão de internação **[383]**;

III - oferecer atendimento personalizado **[384]**, em pequenas unidades e grupos reduzidos **[385]**;

IV - preservar a identidade e oferecer ambiente de respeito e dignidade ao adolescente **[386]**;

V - diligenciar no sentido do restabelecimento e da preservação dos vínculos familiares **[387]**;

VI - comunicar à autoridade judiciária, periodicamente, os casos em que se mostre inviável ou impossível o reatamento dos vínculos familiares **[388]**;

VII - oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança e os objetos necessários à higiene pessoal [389];

VIII - oferecer vestuário e alimentação suficientes e adequados à faixa etária dos adolescentes atendidos [390];

IX - oferecer cuidados médicos, psicológicos, odontológicos e farmacêuticos [391];

X - propiciar escolarização e profissionalização [392];

XI - propiciar atividades culturais, esportivas e de lazer [393];

XII - propiciar assistência religiosa àqueles que desejarem, de acordo com suas crenças [394];

XIII - proceder a estudo social e pessoal de cada caso [395];

XIV - reavaliar periodicamente cada caso, com intervalo máximo de seis meses [396], dando ciência dos resultados à autoridade competente [397];

XV - informar, periodicamente, o adolescente internado sobre sua situação processual [398];

XVI - comunicar às autoridades competentes todos os casos de adolescente portadores de moléstias infecto-contagiosas [399];

XVII - fornecer comprovante de depósito dos pertences dos adolescentes [400];

XVIII - manter programas destinados ao apoio e acompanhamento de egressos [401];

XIX - providenciar os documentos necessários ao exercício da cidadania àqueles que não os tiverem [402];

XX - manter arquivo de anotações onde constem data e circunstâncias do atendimento, nome do adolescente, seus pais ou responsável, parentes, endereços, sexo, idade, acompanhamento da sua formação, relação de seus pertences e demais dados que possibilitem sua identificação e a individualização do atendimento [403].

§ 1º. Aplicam-se, no que couber, as obrigações constantes deste artigo às entidades que mantêm programas de acolhimento institucional e familiar [404].

§ 2º. No cumprimento das obrigações a que alude este artigo as entidades utilizarão preferencialmente os recursos da comunidade.

381 Vide art. 124, do ECA, arts. 15 a 17, 35, 49, 52 e sgts, 61, 62 e 71, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE e "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Vide também as Resoluções nºs 46/1996, de 29/10/1996, do CONANDA, que regulamenta a execução da medida socioeducativa de internação prevista no ECA e 119/2006, de 11/12/2006, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

382 Vide arts. 3º; 5º; 15; 17; 18 e 100, par. único, do ECA e art. 13, das "Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade".

383 Vide arts. 3º; 5º; 15; 17; 18 e 100, par. único, do ECA; art. 49, inciso III, da Lei nº 12.594/2012 e art. 13, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*".

384 Vide arts. 94, inciso XX, 113 c/c 99 e 100, 101, §§4º e 5º e 121, §2º, do ECA e item 19, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". O atendimento deve ser o quanto possível

individualizado, valendo lembrar que a medida socioeducativa deve atender às *necessidades pedagógicas* do adolescente, que estão em constante mutação. Daí a necessidade da *reavaliação periódica* e da *possibilidade de substituição da medida em execução por outra*, quando aquela já não mais atender aos objetivos sociopedagógicos almejados. É também salutar a elaboração de *planos individuais de atendimento*, contendo as atividades a serem desenvolvidas e as metas a serem atingidas, tanto pelo adolescente quanto pela unidade de internação, nos moldes do previsto no art. 101, §§4º a 6º, do ECA.

385 Vide art. 1º, da Resolução nº 46/1996, do CONANDA, que recomenda ser de 40 (quarenta) o número máximo de adolescentes por unidade de internação.

386 Vide art. 37, alínea "c", da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 15, 17, 18 e 124, inciso V, do ECA.

387 Vide arts. 100, *caput* e par. único, incisos IX e X e 124, incisos VI a VIII, do ECA (direitos similares são conferidos a crianças e adolescentes em regime de acolhimento institucional, conforme arts. 92, inciso I e 94, §1º, do ECA); art. 35, inciso IX, da Lei nº 12.594/2012 e itens 59 a 61, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". A exemplo do que ocorre em relação a crianças e adolescentes que se encontram inseridos em programas de acolhimento institucional (vide comentários ao art. 92, inciso I, do ECA), o contato do adolescente interno com seus pais ou responsável e demais familiares não apenas deve ser facultado, mas *estimulado* ao máximo (ressalvada a existência de ordem expressa e fundamentada em contrário da autoridade judiciária, nos moldes do previsto no art. 124, §2º, do ECA), sendo imperioso que o programa socioeducativo de internação contemple a previsão de recursos, inclusive, para permitir que os pais ou responsável de baixa renda, residentes em municípios diversos daqueles onde se situam as unidades de internação (ou em localidades distantes desta), se desloquem periodicamente até esta, inclusive para que sejam orientados sobre como agir em relação ao adolescente, especialmente após sua desinternação (cf. art. 129, inciso IV, do ECA). A violação a este dever legal pode configurar, em tese, a infração administrativa do art. 246, do ECA.

388 Vide art. 101, §9º, do ECA.

389 Vide art. 124, inciso X, do ECA e itens 31 a 37, das "Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade".

390 Vide itens 35 e 36, das "Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade".

391 Vide arts. 7º a 14 e 208, inciso VII, do ECA e itens 49 a 57, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Vide também Portaria nº 2.048/2009/MS, em cujos anexos *define as diretrizes* para a implantação e implementação da atenção à saúde dos adolescentes em conflito com a lei, em regime de internação e internação provisória, e *institui normas* para a implantação e implementação da atenção à saúde dos adolescentes em conflito com a lei, em regime de internação e internação provisória.

392 Vide arts. 123, par. único, 124, inciso XI e 208, inciso VIII, do ECA e arts. 38 a 46, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". A violação desta obrigação legal configura, em tese, a infração administrativa do art. 246, do ECA.

393 Vide arts. 215 e 217, da CF; art. 124, inciso XII, do ECA e art. 31, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989.

394 Vide art. 14, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 5º, incisos VI e VII, da CF e arts. 16, inciso III e 124, inciso XIV, do ECA. Os socioeducandos não podem ser obrigados a frequentar cultos ou serviços religiosos de qualquer natureza, e nem os programas socioeducativos podem

incluir a pregação religiosa como uma das atividades a serem desenvolvidas como parte da proposta de atendimento. A participação em atividades de cunho religoso deve ser sempre *facultativa* e ocorrer de forma *complementar* e *ecumênica*, sem vinculação a determinada congregação religiosa.

395 Vide arts. 101, §§4º, 5º e 6º (analogia) e 121, §2º, do ECA e arts. 52 a 59, da Lei nº 12.594/2012 (que dispõem sobre o "*Plano Individual de Atendimento*", cuja elaboração deve ficar a cargo da equipe técnica do respectivo programa de atendimento). O referido estudo social deve ser realizado desde logo, quando do ingresso do adolescente na unidade e abranger sua família (se necessário com o apoio de técnicos do município onde os pais ou responsável residem - cf. art. 86, do ECA), nos moldes do previsto no art. 101, §§4º, 5º e 6º, do ECA, bem como ser renovado periodicamente, a critério da equipe técnica da entidade e/ou programa socioeducativo em execução, podendo ser solicitado a qualquer momento por determinação da autoridade judiciária competente. A elaboração e encaminhamento do referido estudo social à autoridade judiciária competente, no entanto, deverá ocorrer de modo a permitir que a decisão a ser proferida no sentido da necessidade, ou não, da manutenção da medida privativa de liberdade, ocorra *no máximo* a cada 06 (seis) meses, valendo neste sentido observar o princípio constitucional da *brevidade* da internação (art. 227, §3º, inciso V, primeira parte, da CF) e o disposto no art. 235, do ECA, que considera *crime* descumprir, de forma injustificada, prazo fixado na lei em benefício de adolescente privado de liberdade.

396 Vide arts. 121, §2º e 235, do ECA e arts. 42 e 43, da Lei nº 12.594/2012. Importante destacar que o prazo de 06 (seis) meses é o *máximo* em que a reavaliação deve ocorrer. Nada impede (e mesmo se recomenda), portanto, que a reavaliação ocorra num período *inferior*, podendo ser inclusive requerida *a qualquer tempo pela direção do programa de atendimento* (cf. art. 43, da Lei nº 12.594/2012). Importante destacar que neste período de, *no máximo*, 06 (seis) meses, deve ocorrer não apenas a elaboração do "relatório", por parte da equipe técnica que acompanha a execução da medida, mas sim deve ser *proferida a decisão judicial* relativa à manutenção ou substituição (cf. arts. 113 c/c 99, do ECA), da medida privativa de liberdade em execução, dentro de um *incidente de execução* que venha a ser deflagrado, que conte com a manifestação do Ministério Público e da defesa do adolescente (cf. arts. 110 e 111, incisos II a VI, do ECA).

397 Vide art. 121, §2º, do ECA e arts. 36, 37 e 43 a 46, da Lei nº 12.594/2012. A autoridade competente (Juízo da Execução ou da sentença, de acordo com a lei de organização judiciária local), logo após receber o relatório informativo, deverá instaurar *incidente de execução*, abrindo vista ao Ministério Público e à defesa do adolescente para manifestação e a seguir proferir a decisão respectiva, tudo da forma *mais célere possível*.

398 Vide arts. 100, par. único, incisos IX e X e 124, inciso IV, do ECA e item 19, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*".

399 Vide Lei nº 6.259/1975 e Decreto nº 78.231/1976, bem como art. 269, do CP.

400 Vide art. 124, inciso XV, do ECA.

401 Vide art. 11, inciso V, da Lei nº 12.594/2012 (que prevê de maneira expressa a necessidade de acompanhamento do adolescente *após* o cumprimento da medida socioeducativa), assim como as disposições da Lei nº 11.129/2005, de 30/06/2005, que podem servir de instrumento para cumprimento desta *obrigação legal*, que deve integrar uma verdadeira *política pública*, a cargo notadamente dos Estados (entes Federados), voltada ao acompanhamento e à promoção social dos egressos do sistema socioeducativo e suas famílias, que logicamente deve ter início ao longo da execução da medida privativa de

liberdade (cf. arts. 94, §1º c/c 92, inciso VIII, do ECA). Ainda sobre a matéria, vide também o Decreto nº 6.231/2007, de 11/10/2007, que institui o Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte - PPCAAM.

402 Vide art. 124, inciso XVI, do ECA. Por analogia ao disposto no art. 102, do ECA, a aplicação de medidas socioeducativas deve ser também acompanhada da regularização do registro civil do adolescente, se necessário for. Para adolescentes em idade permitida ao trabalho, na condição de aprendiz ou não (cf. art. 60 e sgts. do ECA e disposições correlatas da CLT), deve ser providenciada a confecção da CTPS.

403 Vide arts. 112, §1º, primeira parte, 113 c/c 99, 100 e 101, §3º, do ECA; arts. 35, inciso VI e 52 a 59, da Lei nº 12.594/2012 e itens 19 e 21, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". A *individualização do atendimento* é fundamental para que seja realizado um trabalho realmente eficaz, voltado ao atendimento das necessidades pedagógicas específicas do adolescente, considerada (e respeitada) sua capacidade de cumprimento da medida e seus desdobramentos.

404 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 90, inciso IV, 92, 101, inciso VII e §1º, do ECA.

Seção II - Da Fiscalização das Entidades

Art. 95. As entidades governamentais e não governamentais, referidas no art. 90, serão fiscalizadas pelo Judiciário, pelo Ministério Público e pelos Conselhos Tutelares **[405]**.

405 Vide art. 3º, item 3, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 90, §1º, 91, *caput*, 191 a 193, e 236, do ECA; Instrução Normativa nº 02/2009, de 03/11/2009, do Conselho Nacional de Justiça/Corregedoria Nacional de Justiça e Resoluções nºs 67/2011 e 71/2011, do Conselho Nacional do Ministério Público - CNMP. Pior do que um determinado município não contar com entidades e programas de atendimento a crianças e adolescentes, é ter entidades e programas que prestam um atendimento inadequado, não raro colocando em sério risco ou acarretando grave violação aos direitos das crianças e adolescentes atendidas. Assim sendo, é fundamental que o Ministério Público, em parceria com o Juizado da Infância e da Juventude e o Conselho Tutelar, além de outros órgãos públicos municipais e estaduais (vigilância sanitária, corpo de bombeiros, secretarias de assistência social, saúde, educação etc.), *fiscalize* de forma *continuada* as entidades e programas de atendimento existentes. Constatada alguma irregularidade, deve ser deflagrado o procedimento previsto nos arts. 191 a 193, do ECA, com a subsequente aplicação de medidas tendentes a solucionar os problemas detectados ou, se necessário, encerrar as atividades desenvolvidas, que em se tratando de entidade não governamental, deverão ser assumidas pelo Poder Público, não se podendo permitir que as crianças e adolescentes por ela atendidas deixem de receber o atendimento de que necessitam. Por fim, resta mencionar que em se tratando de entidades que executam programas correspondentes às medidas socioeducativas, devem ser também considerados os parâmetros estabelecidos pela Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

Art. 96. Os planos de aplicação e as prestações de contas serão apresentados ao Estado ou ao Município, conforme a origem das dotações orçamentárias **[406]**.

406 Vide comentários ao art. 90, *caput*, do ECA. Vide também arts. 18 a 27, da Lei nº 12.594/2012. Os "planos de aplicação" dos recursos necessários à execução dos programas deverão corresponder aos "planos de ação" e à metas que o programa se propõe a atender.

Art. 97. São medidas aplicáveis às entidades de atendimento que descumprirem obrigação constante do art. 94, sem prejuízo da responsabilidade civil e criminal de seus dirigentes ou prepostos **[407]**:

I - às entidades governamentais:

a) advertência;

b) afastamento provisório de seus dirigentes **[408]**;

c) afastamento definitivo de seus dirigentes **[409]**;

d) fechamento de unidade ou interdição de programa **[410]**;

II - às entidades não-governamentais:

a) advertência;

b) suspensão total ou parcial do repasse de verbas públicas;

c) interdição de unidades ou suspensão de programa **[411]**;

d) cassação do registro **[412]**.

§ 1º. Em caso de reiteradas infrações cometidas por entidades de atendimento, que coloquem em risco os direitos assegurados nesta Lei, deverá, ser o fato comunicado ao Ministério Público ou representado perante autoridade judiciária competente para as providências cabíveis, inclusive suspensão das atividades ou dissolução da entidade **[413]**.

§ 2º. As pessoas jurídicas de direito público e as organizações não governamentais responderão pelos danos que seus agentes causarem às crianças e aos adolescentes, caracterizado o descumprimento dos princípios norteadores das atividades de proteção específica **[414]**.

407 Vide arts. 5º, 92, §6º, 208, *caput* e par. único, do ECA, arts. 11, par. único, 12, §3º, 28 e 29, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE, bem como disposições correlatas contidas na Lei nº 8.429/1992 e CP.

408 Vide arts. 191, par. único e 193, §2º, do ECA. Em sendo grave o fato, a medida deve ser aplicada em caráter cautelar, seja para evitar maiores prejuízos às crianças e adolescentes atendidos pelo programa, seja para permitir a adequada apuração dos fatos. Neste sentido: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA DE OBRIGAÇÃO DE FAZER COM PEDIDO DE LIMINAR. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. APURAÇÃO DE IRREGULARIDADES EM INSTITUIÇÃO DE ATENDIMENTO À MENORES. PEDIDO LIMINAR DE INTERVENÇÃO NA ENTIDADE. DEFERIMENTO DA TUTELA. AGRAVO DE INSTRUMENTO. Aparente conflito de direitos fundamentais. Ponderação de interesses. Prevalência do interesse dos menores, mitigando-se, por ora, o interesse dos dirigentes da instituição, com observância ao princípio da dignidade da pessoa humana, para reconhecer a necessidade de afastamento provisório dos membros da administração, bem como a intervenção da entidade frente às graves denúncias de irregularidades. Se o Juízo da Infância e Juventude apura irregularidades na entidade de atendimento a crianças e adolescentes, deve tomar medidas céleres e eficientes que visem à proteção*

integral e bem-estar dos menores. A obtenção da tutela antecipada subordina-se à produção de prova capaz de conduzir à verossimilhança - aparência da verdade - das alegações da parte, à reversibilidade da medida e, dentre outros requisitos alternativos, ao fundado receio do advento de dano de difícil reparação. A presença desses requisitos autoriza a medida pleiteada. Desprovimento do recurso. (TJRJ. 5ª C. Cív. A.I. nº 2008.002.21682. Rel. Des. Antônio Saldanha Palheiro. J. em 16/09/2008).

409 Vide arts. 92, §6º e 193, §2º, do ECA. Por força do disposto no art. 92, §6º, do ECA, a sanção aqui prevista é também aplicável aos dirigentes de entidades não governamentais.

410 Vide art. 193, §3º, do ECA. Pior do que não ter programas de atendimento a crianças e adolescentes é ter programas que não funcionam de forma adequada, deixando de cumprir os objetivos a que se propõem. A finalidade da instauração de procedimento para apuração de irregularidade em entidade de atendimento (arts. 191 a 193, do ECA), não é o fechamento da entidade ou interdição do programa (tanto que se houver sua adequação o procedimento deve ser extinto sem julgamento do mérito), até porque, por uma verdadeira questão de *princípio*, não se pode admitir retrocessos nas conquistas sociais e/ou no "desmonte" de estruturas criadas para beneficiar a população infanto-juvenil, porém, se necessário, é possível chegar a tal solução, que em tal caso deverá ser obviamente acompanhada da apuração da responsabilidade dos agentes que, por ação ou omissão, a determinaram. Caso não haja outra alternativa e o programa tiver de ser fechado, no entanto, será necessário que o Poder Público apresente uma alternativa, encaminhando as crianças/adolescentes/famílias atendidas para outros programas/serviços equivalentes, observado o disposto nos arts. 4º, *caput* e par. único, 5º e 100, par. único, incisos II e III, do ECA.

411 Vide art. 193, §3º e comentários ao art. 97, inciso I, alínea "d", ambos do ECA.

412 Vide art. 91, do ECA. Sem o registro junto ao CMDCA local, a entidade não mais poderá atender a crianças e adolescentes.

413 Antigo parágrafo único do mesmo dispositivo. Vide arts. 201, incisos V, VII a XI e 220, do ECA; Dec. Lei nº 41/1966, de 28/11/1966, que dispõe sobre a dissolução de sociedades civis de fins assistenciais; arts. 66 e 69, do CC e art. 1204, do CPC.

414 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 186, 187 e 927, do CC e art. 5º, 208 e 216, do ECA. Muito embora já fosse possível, com base nas disposições contidas na redação original do ECA, *responsabilizar administrativa e civilmente* as entidades e seus representantes pela violação dos direitos e normas de proteção à criança e ao adolescente instituídas pela Lei e pela CF, o presente dispositivo, introduzido pela Lei nº 12.010/2009, *reafirma* esta *consequência* do descumprimento das normas e princípios legais, podendo-se mesmo afirmar que, em tal caso, os *danos* a que se refere são *presumidos*. Será devida indenização, inclusive, em razão de *dano moral*, seja no plano *individual*, seja *coletivo*, decorrente de ação ou omissão lesiva aos interesses infanto-juvenis.

TÍTULO II - DAS MEDIDAS DE PROTEÇÃO

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados [415] ou violados [416]:

I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado [417];

II - por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável [418];

III - em razão de sua conduta [419].

415 Vide arts. 70 a 85 do ECA, que falam da *prevenção*. A simples *ameaça* de violação de direitos já autoriza a intervenção da Justiça da Infância e da Juventude, que deve ocorrer tanto no plano *individual* quanto *coletivo*, *ex vi* do disposto no art. 148, inciso IV c/c arts. 208 e seguintes, também do ECA. O dispositivo relaciona as hipóteses em que se considera que uma criança ou adolescente se encontra na chamada "*situação de risco*", ou seja, em condição de maior vulnerabilidade, demandando uma atenção especial por parte da "rede de proteção" e dos órgãos de defesa dos direitos infanto-juvenis. A terminologia, e a própria existência do presente dispositivo, é por muitos criticada, por se constituir num "resquício" da "Doutrina da Situação Irregular", contemplada pelo revogado Código de Menores de 1979. De qualquer modo, embora as disposições contidas no ECA, a rigor, sejam aplicáveis a todas as crianças e adolescentes, aqueles que se enquadram nas hipóteses relacionadas neste dispositivo necessitam de uma atendimento ainda mais cauteloso e intensivo, valendo mencionar que a própria lei estabelece este diferencial na medida em que, por exemplo, considera que as causas relacionadas no art. 148, par. único, do ECA serão de competência da Justiça da Infância e Juventude *apenas* se restar demonstrada a presença de uma das hipóteses relacionadas no art. 98, do mesmo Diploma Legal.

416 Vide arts. 3º e 5º c/c 208, do ECA.

417 Vide art. 4º, *caput*, do ECA e art. 227, *caput*, da CF. Há o reconhecimento expresso de que a *omissão* da *sociedade* e do *Estado* (Poder Público, em todos os níveis de governo), que na forma do art. 4º, *caput*, do ECA e art. 227, *caput*, da CF, têm o *dever* de destinar à criança e ao adolescente a *proteção integral*, em regime de *absoluta prioridade*, acaba por *colocar em risco* ou *violar os direitos correspondentes*, de crianças e adolescentes, autorizando a tomada das medidas administrativas e judiciais correspondentes (vide arts. 201, 208 e par. único, 210, 212, 213, 220, 221 e 223, todos do ECA).

418 Vide arts. 19 a 24, 33 a 35, 36, par. único, 129, 130, 155 a 163, 164 e 249, todos do ECA; arts. 1634 a 1638, 1740 a 1752 do CC e arts. 1194 a 1198, do CPC. Por "responsável", deve-se entender apenas o *responsável legal*, que além dos pais será o guardião ou o tutor, regular e formalmente nomeados pela autoridade judiciária, ou ainda o dirigente da entidade de acolhimento institucional, por força do disposto no art. 92, §1º, do ECA. A simples *falta* dos pais ou responsável (morte dos pais, por exemplo), não coloca automaticamente a criança ou o adolescente em situação de risco, desde que seus direitos fundamentais passem a ser assegurados por outrem (avós que assumem a guarda de fato, por exemplo). A aferição da presença ou não da aludida "situação de risco" é fundamental para fins de determinação da *competência* para apreciação de pedidos de colocação em família substituta nas modalidades *guarda* e *tutela* (cf. art. 148, par. único, alínea "a", do ECA), como para as

demais hipóteses do art. 148, par. único, do ECA. A retirada da criança ou do adolescente de sua família de origem, no entanto, ainda que constatada omissão ou abuso dos pais ou responsável, somente deve ocorrer em situações extremas, sendo a família, por força de lei e do art. 226, da CF, destinatária de "*especial proteção*", que compreende *orientação* e *assistência*, por parte do Poder Público.

419 Vide arts. 101, incisos II, III, V e VI, 103 e 105, do ECA. Não apenas a prática de ato infracional, mas outros distúrbios de comportamento podem colocar a criança ou o adolescente em situação de risco. A exata dimensão e, acima de tudo, a *origem* de tais problemas devem ser, antes de mais nada, devidamente apuradas, através da intervenção de *profissionais* das áreas da pedagogia, pediatria e psicologia, cujos serviços podem ser *requisitados* pelo Conselho Tutelar (conforme art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA) ou autoridade judiciária (que a rigor já deveria contar com os serviços de tal equipe interprofissional, *ex vi* do disposto nos arts. 150 e 151, do ECA). Importante não perder de vista que as medidas de proteção relacionadas no art. 101, do ECA (assim como as socioeducativas), devem ser aplicadas de acordo com as *necessidades pedagógicas específicas* da criança ou do adolescente (cf. art. 100, *caput*, do ECA), que assim precisam ser devidamente apuradas.

CAPÍTULO II - DAS MEDIDAS ESPECÍFICAS DE PROTEÇÃO [420]

Art. 99. As medidas previstas neste Capítulo poderão ser aplicadas isolada ou cumulativamente [421], bem como substituídas a qualquer tempo [422].

420 Vide arts. 12 e 19, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 3º, 5º e 16, inciso II, do ECA. Importante mencionar que crianças e adolescentes, nos termos da aludida Convenção Internacional e à luz do contido no próprio ECA (cf. art. 100, par. único, inciso I), não podem ser vistos ou tratados como meros "objetos (ou destinatários) de medidas de proteção", mas sim devem ser reconhecidos como titulares de direitos fundamentais, dotados de autonomia e identidade próprias, aos quais deve ser facultada a participação na tomada das decisões que lhe afetarão diretamente. A aplicação das medidas de proteção, portanto, não pode ficar ao puro arbítrio da autoridade estatal competente, mas sim deve observar uma série de normas, parâmetros e cautelas, dentre as quais (em respeito, inclusive, ao princípio fundamental da dignidade da pessoa humana), se encontra a obrigatoriedade de ouvir e de levar em consideração a "opinião informada" da criança ou adolescente a ser por aquelas atingido (salvo quando estes não tiverem condições ou não quiserem exprimir sua vontade ou ainda quando, em casos mais sensíveis, se entenda - justificadamente - que tal consulta, ainda que realizada por intermédio de órgãos técnicos, lhe será de qualquer modo prejudicial), *ex vi* do disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA. Importante também destacar que as ações e intervenções estatais destinadas à efetivação dos direitos infanto-juvenis (nos moldes do disposto no art. 4º, *caput*, do ECA e no art. 227, *caput*, da CF) devem ser efetuadas, *em regra*, de forma *espontânea* e *prioritária*, *independentemente* da "aplicação de medidas", sendo estas necessárias, apenas, quando a própria lei assim o exigir (inclusive sob pena de afronta aos princípios da proteção integral e prioritária, da intervenção precoce e da intervenção mínima, previstos de maneira expressa no art. 100, par. único, incisos II, VI e VII, do ECA).

421 Pode ser aplicada apenas uma medida de proteção ou várias, simultaneamente, sempre de acordo com as *necessidades específicas* de seu destinatário. Importante observar que as medidas de proteção devem, *em regra*, ser

aplicadas *em conjunto* com as *medidas destinadas aos pais ou responsável* pela criança ou adolescente, previstas no art. 129, do ECA (valendo observar o disposto no art. 100, par. único, incisos VIII e IX, do ECA).

422 Vide arts. 100, *caput* e par. único, inciso VIII e 113, do ECA. As medidas de proteção devem ser aplicadas de acordo com as *necessidades específicas* de seu destinatário, que assim precisam ser apuradas por *profissionais habilitados*, devendo se estender pelo período em que estiverem surtindo o efeito (positivo) desejado. Devem ser *continuamente reavaliadas* (no máximo a cada 06 meses, por analogia ao disposto nos arts. 19, §1º e 121, §2º, do ECA) e, se ao longo de sua execução se mostrarem inócuas ou insuficientes, é necessária sua substituição por outra(s) mais adequada(s). A substituição deve ser criteriosa e, no caso das medidas socioeducativas (às quais as regras contidas nos arts. 99 e 100, do ECA, também se aplicam), invariavelmente precedida da oitiva do Ministério Público, do adolescente e de sua defesa, em verdadeiro *incidente de execução*, devendo em qualquer caso ser analisada e respeitada a *capacidade de cumprimento* por seu destinatário (pois de nada adianta sua aplicação meramente "formal", sem reais condições de êxito). Salienta-se que a *execução* de tais medidas estará, em regra, a cargo de algum *programa específico de atendimento* (cf. arts. 90 a 94, do ECA), cuja adequação e eficácia devem ser continuamente *fiscalizadas* (arts. 90 e 95, do ECA), sendo que o eventual fracasso da intervenção realizada deve ser considerado, *a priori*, de responsabilidade do programa em execução, que precisa ser *flexível e capaz de atender - e resolver - os casos mais complexos e difíceis* a ele encaminhados, para o que o mesmo deve se adequar e se aperfeiçoar, contratando profissionais, capacitando técnicos e se articulando com outros componentes da "rede de proteção" aos direitos infanto-juvenis existente no município. Especificamente sobre a substituição de medidas socioeducativas, vide também arts. 42 a 45, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE.

Art. 100. Na aplicação das medidas levar-se-ão em conta **[423]** as necessidades pedagógicas **[424]**, preferindo-se aquelas que visem ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários **[425]**.

Parágrafo único. São também princípios que regem a aplicação das medidas **[426]**:

I - condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos: crianças e adolescentes são os titulares dos direitos previstos nesta e em outras Leis, bem como na Constituição Federal **[427]**;

II - proteção integral e prioritária: a interpretação e aplicação de toda e qualquer norma contida nesta Lei deve ser voltada à proteção integral e prioritária dos direitos de que crianças e adolescentes são titulares **[428]**;

III - responsabilidade primária e solidária do poder público: a plena efetivação dos direitos assegurados a crianças e a adolescentes por esta Lei e pela Constituição Federal, salvo nos casos por esta expressamente ressalvados, é de responsabilidade primária e solidária das 3 (três) esferas de governo, sem prejuízo da municipalização do atendimento e da possibilidade da execução de programas por entidades não governamentais **[429]**;

IV - interesse superior da criança e do adolescente: a intervenção deve atender prioritariamente aos interesses e direitos da criança e do adolescente, sem prejuízo

da consideração que for devida a outros interesses legítimos no âmbito da pluralidade dos interesses presentes no caso concreto [430];

V - privacidade: a promoção dos direitos e proteção da criança e do adolescente deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada [431];

VI - intervenção precoce: a intervenção das autoridades competentes deve ser efetuada logo que a situação de perigo seja conhecida [432];

VII - intervenção mínima: a intervenção deve ser exercida exclusivamente pelas autoridades e instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos e à proteção da criança e do adolescente [433];

VIII - proporcionalidade e atualidade: a intervenção deve ser a necessária e adequada à situação de perigo em que a criança ou o adolescente se encontram no momento em que a decisão é tomada [434];

IX - responsabilidade parental: a intervenção deve ser efetuada de modo que os pais assumam os seus deveres para com a criança e o adolescente [435];

X - prevalência da família: na promoção de direitos e na proteção da criança e do adolescente deve ser dada prevalência às medidas que os mantenham ou reintegrem na sua família natural ou extensa ou, se isto não for possível, que promovam a sua integração em família substituta [436];

XI - obrigatoriedade da informação: a criança e o adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento e capacidade de compreensão, seus pais ou responsável devem ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa [437];

XII - oitiva obrigatória e participação: a criança e o adolescente, em separado ou na companhia dos pais, de responsável ou de pessoa por si indicada, bem como os seus pais ou responsável, têm direito a ser ouvidos e a participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e de proteção, sendo sua opinião devidamente considerada pela autoridade judiciária competente, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 28 desta Lei [438].

423 Vide arts. 15, 16, inciso II e 17, do ECA. Estão aqui relacionados alguns dos *princípios* que devem nortear a aplicação de medidas de proteção (também aplicados às medidas socioeducativas, por força do disposto no art. 113, do ECA). A estes devem se somar aqueles relacionados no parágrafo único do dispositivo e outros, universalmente consagrados, como os princípios do interesse superior da criança e do jovem; da privacidade; da intervenção precoce; da intervenção mínima; da proporcionalidade e da atualidade; da responsabilidade parental; da prevalência da família; da obrigatoriedade da informação, da oitiva obrigatória e da participação da criança ou do adolescente na definição da medida a ser aplicada, dentre outros contidos de forma expressa ou implícita na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, de 1989 e em outros Diplomas Legais. Em se tratando de execução de medidas socioeducativas devem ser também considerados os princípios relacionados no art. 35, da Lei nº 12.594/2012.

424 Vide arts. 94, inciso XX (parte final), 99 e 113, do ECA. O *compromisso* da autoridade competente (Conselho Tutelar ou autoridade judiciária) *não é com a aplicação da(s) medida(s)*, mas *sim com a solução do problema* que,

concretamente, aflige a criança ou o adolescente *em particular*. Assim sendo, o que importa não é a pura e simples aplicação da(s) medida(s) de maneira "burocrática", com o encaminhamento de seu destinatário a um programa de atendimento qualquer, mas sim é fundamental descobrir exatamente *qual o problema* que aquela determinada criança ou adolescente apresenta e *o que é necessário* para sua solução, o que exige um atendimento *individualizado* e pode demandar intervenções múltiplas, não apenas junto à criança ou adolescente, mas também junto à sua *família* (conforme art. 129, do ECA). Mais uma vez assume especial relevância a intervenção de uma *equipe interprofissional habilitada*, mediante *requisição* do Conselho Tutelar (cf. art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA) ou da autoridade judiciária (que inclusive pode - e a rigor *deve* - já ter esta a seu serviço, cf. arts. 150 e 151, do ECA). É preciso *extirpar* do sistema o "amadorismo", a improvisação e o "achismo" que em muitos casos ainda se fazem presentes e tantos prejuízos têm causado, garantindo *sempre* a atuação de *profissionais* das áreas da pedagogia, psicologia, assistência social etc., única forma de assegurar *proteção integral* de que a criança e o adolescente são destinatários.

425 Vide arts. 4º, *caput*, 19, 25 *caput* e par. único, 88, inciso I, 92, incisos I e VII e 129, do ECA e arts. 226, 227, *caput* e §3º, inciso V, da CF. A criança e o adolescente *têm o direito de receber medidas* (protetivas e/ou socioeducativas) *sem que para tanto tenham de ser afastadas do convívio familiar e comunitário*, sendo que o afastamento somente poderá ocorrer em *última instância*, caso *comprovadamente* não exista outra alternativa. Nunca é demais lembrar que a *família* é, por força da Constituição Federal, considerada a "*base da sociedade*", sendo destinatária de "*especial proteção*" por parte o Poder Público e a *primeira* das instituições chamadas à responsabilidade quando da defesa dos direitos infanto-juvenis. Toda e qualquer intervenção protetiva ou socioeducativa junto a crianças e adolescentes deve ser feita, *preferencialmente, dentro e com a colaboração da família*, que para tanto precisa ser *orientada, apoiada* e, não raro, *tratada*, para que possa assumir suas responsabilidades que - destaque-se - *não podem ser delegadas quer a terceiros quer* (e muito menos) *ao Estado*. Para tanto, se precisa *investir* e *amparar* a *família*, através da aplicação de medidas como as previstas nos arts. 101, inciso IV e 129, inciso I, II e III, do ECA. Mais do que uma regra, é este um verdadeiro *princípio* que toda criança ou adolescente tem o *direito* que seja fielmente observado.

426 Parágrafo único acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Os princípios aqui relacionados devem ser interpretados e aplicados em conjunto com o disposto nos arts. 1º, 5º, 6º e 100, *caput*, do ECA e, em relação à execução de medidas socioeducativas, em conjunto também com aqueles relacionados no art. 35, da Lei nº 12.594/2012.

427 Vide art. 12, nºs 1 e 2, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 5º, *caput* e inciso I, da CF e arts. 3º e 15, do ECA. Embora diga o óbvio, este princípio, não por acaso relacionado em primeiro lugar, realça a necessidade de fazer com que toda e qualquer iniciativa tomada no sentido da proteção infanto-juvenil reconheça a criança e o adolescente como *sujeitos de direitos*, e não meros "objetos" de intervenção estatal e/ou de "livre disposição" de seus pais. Para tanto, é fundamental que a as medidas de proteção (e também socioeducativas, *ex vi* do disposto no art. 113, do ECA) sejam aplicadas no sentido da *plena efetivação dos direitos* que lhe são prometidos pela lei e pela CF, a partir de uma análise criteriosa e responsável (diga-se: efetuada sob a ótica interdisciplinar) de quais são, *concretamente*, seus interesses (valendo observar os princípios relacionados nos incisos II e IV deste mesmo dispositivo), para o que deve ser levada em conta a opinião da criança ou adolescente (vide os princípios relacionados nos incisos XI e XII deste mesmo dispositivo).

428 Vide art. 227, *caput*, da CF e arts. 1º; 3º; 4º, *caput* e par. único e 6º, do ECA. Este princípio, que também deve incidir quando da aplicação de medidas socioeducativas a adolescentes em conflito com a lei (por força do disposto no art. 113, do ECA), na verdade reafirma o que já se encontra expresso no art. 1º, do ECA, evidenciando assim a necessidade de que toda e qualquer norma estatutária seja interpretada e aplicada da forma *mais favorável* às crianças e adolescentes, de modo a proporcionar-lhes a *proteção integral* que lhes é prometida pela Lei nº 8.069/1990 da forma *mais eficaz* e *célere* possível.

429 Vide art. 227, *caput*, terceira parte, da CF e arts. 4º, *caput* e 86, do ECA. O dispositivo deixa claro que cabe ao Estado (*lato sensu*) a implementação de políticas intersetoriais destinadas à plena efetivação dos direitos infanto-juvenis, não lhe sendo lícito pura e simplesmente "delegar" a responsabilidade pela execução dos programas de atendimento às entidades não governamentais. De qualquer sorte, a responsabilidade pelo custeio de tais políticas e programas é do Poder Público, como também evidenciam os arts. 90, §2º e 260, §5º, do ECA, e salvo quando houver expressa divisão de responsabilidades entre os Entes Federados pela lei (como no caso dos arts. 3º a 6º, da Lei Federal nº 12.594/2012) ou pela Constituição Federal (como no caso do art. 211, de nossa Carta Magna), qualquer deles (ou todos) pode ser demandado na busca da efetivação do direito assegurado a crianças e adolescentes, tanto no plano individual quanto coletivo, pela lei e pela Constituição Federal. Neste sentido: *APELAÇÃO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. SAÚDE. INTERNAÇÃO POR DROGADIÇÃO. ECA. PRELIMINARES DE ILEGITIMIDADE ativa do ministério público, carência de ação E DA ANTECIPAÇÃO DE TUTELA, AFASTADAS. TEORIA DA RESERVA DO POSSÍVEL. PREVALÊNCIA DOS DIREITOS CONSTITUCIONAIS À VIDA E À SAÚDE. O Ministério Público é parte legítima para figurar no pólo ativo de ações civis públicas que busquem a proteção do direito individual da criança e do adolescente à vida e à saúde. Aplicação dos art. 127, da CF/88; art. 201, V, 208, VII, e 212 do ECA. Em se tratando de pedido de internação compulsória de adolescente para tratamento de drogadição severa, existe solidariedade passiva entre a União, os Estados e os Municípios, cabendo ao necessitado escolher quem deverá lhe fornecer o tratamento pleiteado. O fornecimento de tratamento médico ao menor, cuja família não dispõe de recursos econômicos, independe de previsão orçamentária, tendo em vista que a Constituição Federal, ao assentar, de forma cogente, que os direitos das crianças e adolescentes devem ser tratados com prioridade, afasta a alegação de carência de recursos financeiros como justificativa para a omissão do Poder Público. A administração pública, que prima pelo princípio da publicidade dos atos administrativos, não pode se escudar na alegada discricionariedade para afastar do Poder Judiciário a análise dos fatos que envolvem eventual violação de direitos. A necessidade de obtenção do tratamento pode ser deduzida diretamente ao Judiciário, sem necessidade de solicitação administrativa prévia, na medida em que se postula o fornecimento com urgência, em face do iminente risco à saúde. Aplica-se o 'Princípio da Reserva do Possível' quando demonstrada a carência orçamentária do Poder Público e o atendimento solicitado (medicamento ou exame médico), não se enquadra entre os casos de extrema necessidade e urgência. APELAÇÃO IMPROVIDA.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70026109132. Rel. Des. Claudir Fidelis Faccenda. J. em 25/09/2008); *AGRAVO DE INSTRUMENTO. ECA. FORNECIMENTO DE MEDICAMENTOS. SOLIDARIEDADE ENTRE OS ENTES FEDERATIVOS. Existe solidariedade passiva entre os entes da federação no que diz respeito à obrigatoriedade quanto ao fornecimento de medicação aos menores. A saúde é direito de todos e garantida pela Constituição Federal. É dever dos entes públicos fornecer medicamentos a quem necessita, mormente aos infantes, pois tutelados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. RECURSO PROVIDO.* (TJRS. 8ª C. Cív. A.I. nº 70027612928. Rel. Des. Claudir Fidelis Faccenda. J. em 24/11/2008) e *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO*

ADOLESCENTE. MEDICAMENTOS. TRATAMENTO E EQUIPAMENTOS MÉDICOS. SOLIDARIEDADE ENTRE OS ENTES PÚBLICOS, INDEPENDEN-TEMENTE DAS LISTAS. Existe solidariedade entre a União, os Estados e os Municípios, quando se trata de saúde pública, cabendo ao necessitado escolher quem deverá lhe fornecer o tratamento médico pleiteado, independentemente das listas que repartem as competências para o fornecimento de medicamentos básicos, especiais e excepcionais entre o Município e o Estado. RECURSO IMPROVIDOS. (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70031209430. Rel. Des. Claudir Fidelis Faccenda. J. em 20/08/2009).

430 Vide art. 3º, nº 1, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e item 17.1 "d", das "Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude - Regras de Beijing". O princípio do "superior interesse da criança" é consagrado pela normativa internacional e há muito vem sendo invocado quando da aplicação de medidas de proteção a crianças e adolescentes. A descoberta da solução que, concretamente, melhor atenda aos interesses da criança e do adolescente, no entanto, é uma tarefa complexa, que pressupõe a realização de uma avaliação técnica interprofissional criteriosa e a estrita observância dos parâmetros e, acima de tudo, os princípios instituídos pela Lei nº 8.069/1990 e outras normas jurídicas aplicáveis. Assim sendo, não mais é admissível que a autoridade judiciária se limite a invocar o "princípio do superior interesse da criança" para em seguida aplicar uma medida qualquer, a seu critério exclusivo, sem maiores cautelas (tal qual ocorria sob a égide do revogado "Código de Menores"). É fundamental que a Justiça da Infância e da Juventude atue de forma responsável, a partir da análise do caso sob a ótica interdisciplinar e em respeito aos princípios e parâmetros normativos vigentes, tendo a compreensão que o objetivo de sua intervenção não é a "aplicação de medidas", mas sim, em última análise, a proteção integral infanto-juvenil (cf. art. 1º, do ECA), da forma mais célere e eficaz possível (cf. arts. 4º, par. único, alínea "b" e 152, par. único, do ECA), para o que será indispensável a colaboração de outros órgãos e profissionais de outras áreas (cf. art. 86, do ECA). É também importante não perder de vista que a intervenção estatal não visa apenas solucionar os interesses "de momento" de uma determinada criança ou adolescente (embora as medidas aplicadas devam corresponder às necessidades atuais), mas sim tem por objetivo encontrar soluções concretas e definitivas, cujos benefícios irão acompanhar o destinatário da medida para toda sua vida.

431 Vide art. 5º, inciso X, da CF; arts. 17 e 143, do ECA e art. 16, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. O dispositivo evidencia a necessidade de *sigilo* em todos os processos e procedimentos, tanto judiciais quanto administrativos (mesmo quando instaurados pelo Conselho Tutelar ou outros órgãos públicos) destinados à salvaguarda dos direitos infanto-juvenis, aos quais devem ter acesso apenas as autoridades e profissionais diretamente envolvidos no atendimento, além dos pais, responsável e das próprias crianças e adolescentes atendidas. A violação do sigilo pode, em tese, importar em infração administrativa (como na hipótese do art. 247, do ECA) e/ou gerar a obrigação de indenizar (cf. art. 5º, do ECA e arts. 186, 927 e 944, do CC).

432 Vide art. 227, *caput*, da CF e arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" e 259, par. único, do ECA. Cabe ao Poder Público organizar seus programas e serviços no sentido do atendimento *prioritário* à população infanto-juvenil, de modo a obter a *efetiva e integral solução* dos problemas existentes da forma *mais rápida* possível. A demora no atendimento, por si só, já importa em violação dos direitos infanto-juvenis, sendo passível de enquadramento nas disposições do art. 208 e 216, do ECA.

433 O objetivo da norma é deixar claro que, salvo quando a própria lei assim o exigir, a realização das intervenções de cunho "protetivo" junto a crianças,

adolescentes e suas respectivas famílias *independe da atuação da autoridade judiciária* (ou mesmo do Conselho Tutelar), devendo ser efetuada de forma *espontânea* e *prioritária* por parte do Poder Público (por meio dos órgãos e serviços competentes, que para tanto devem se organizar e efetuar o planejamento necessário para efetuar o atendimento respectivo, em observância ao disposto nos arts. 4º, *caput* e par. único, do ECA). Para que o atendimento seja rápido e eficiente (atendendo assim aos princípios relacionados no inciso VI deste mesmo dispositivo e no art. 37, da CF), é importante que os diversos órgãos e autoridades co-responsáveis pela plena efetivação dos direitos infanto-juvenis estabeleçam "fluxos" e "protocolos de atendimento" para as diversas modalidades de violação de direitos usualmente verificadas, de modo a evitar a superposição de ações e intervenções desnecessárias (assim como a omissão daqueles que deveriam atuar), que poderiam trazer sérios prejuízos às crianças e adolescentes atendidos. Um exemplo clássico diz respeito ao atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, que devem ser ouvidos, preferencialmente, uma única vez, se possível por intermédio de equipe interprofissional habilitada, nos moldes do facultado pelo art. 156, inciso I, do CPP (produção antecipada de provas), valendo transcrever o seguinte aresto: *HABEAS CORPUS. PRODUÇÃO ANTECIPADA DE PROVA. ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR COMETIDO CONTRA INFANTE. DECISÃO QUE DEFERE ANTECIPAÇÃO DO DEPOIMENTO DA OFENDIDA. MEDIDA QUE SE RECONHECE RELEVANTE E URGENTE. RESPEITO AOS PRINCÍPIOS DO CONTRADITÓRIO E DA AMPLA DEFESA, ASSIM COMO À GARANTIA DO DEVIDO PROCESSO LEGAL. Ordem denegada.* (TJRS. 7ª C. Crim. HC nº 70031084791. Rel. Des. João Batista Marques Tovo. J. em 13/08/2009). Do corpo do referido acórdão vale transcrever o seguinte trecho: "*A observação empírica nos diz que a criança, quase invariavelmente,* esquece *o abuso ocorrido ou seus detalhes, pelos mais variados motivos, mas todos vinculados à sua condição peculiar e à necessidade psicológica de superar o trauma pelo esquecimento. Assim, quando ela vem depor em juízo e é passado tempo considerável, seu relato é menos preciso e extremamente lacunoso, isso quando ainda é possível. E a cognição acaba por firmar pé quase exclusivamente sobre relatos de terceiros, o que a empobrece. Isto para não falar na inconveniência de exigir do infante repetidos relatos sobre o ocorrido, boicotando o processo de esquecimento e restauração da vida normal, da retomada de desenvolvimento sem traumas. E aqui estamos a tratar de uma menina de oito anos de idade. De modo que está presente o efetivo risco de esquecimento, além da conveniência bem apontada pelo órgão ministerial de tomar o depoimento uma única vez e de modo completo*". De uma forma ou de outra, todas as abordagens e intervenções a serem efetuadas devem ser *justificadas* sob o ponto de vista técnico (e interprofissional), evitando-se aquelas de cunho meramente burocrático.

434 Vide arts. 99 e 100, *caput*, primeira parte, do ECA. As medidas de proteção e socioeducativas devem ser aplicadas fundamentalmente de acordo com as *necessidades pedagógicas* da criança ou adolescente, e estas podem variar de tempos em tempos. Esta é a razão pela qual as medidas originalmente aplicadas devem ser constantemente reavaliadas, sendo substituídas sempre que não mais forem necessárias ou não estiverem surtindo os resultados desejados.

435 Vide art. 227, *caput*, primeira parte, da CF; arts. 4º, *caput*, primeira parte, 22, 129, inciso IV e 249, do ECA e arts. 3º, nº 2, 5º e 18, nº 2, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. O papel da família é verdadeiramente *insubstituível*, não podendo ser "delegado" ao Estado (*lato sensu*), ao qual incumbe assegurar aos pais ou responsável a orientação e o apoio necessários para que estes assumam suas responsabilidades.

436 Vide art. 19, *caput* e §3º, do ECA e arts. 7º, nº 1, 9º e 20, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. O dispositivo é auto-explicativo, e evidencia a preocupação da Lei nº 12.010/2009 em assegurar o *efetivo exercício*

do direito à convivência familiar por todas as crianças e adolescentes. A *proteção integral* infanto-juvenil tem como verdadeiro *pressuposto* a realização de um trabalho junto à *família* da criança ou adolescente, seja para impedir o afastamento seja para permitir o restabelecimento do convívio familiar. Excepcionalmente, quando isto não for possível, por qualquer razão plenamente justificada, deverá ser tentada a colocação da criança ou adolescente em família substituta, em qualquer das modalidades previstas no art. 28, do ECA.

437 Vide arts. 5º e 29, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. O dispositivo decorre do *princípio da condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos* (art. 100, par. único, inciso I, do ECA), bem como do *princípio da dignidade da pessoa humana* (art. 1º, inciso III, da CF), sendo necessário *dialogar* e *informar* tanto a criança e o adolescente (sempre respeitados seu estágio de desenvolvimento e sua capacidade de compreensão), bem como seus pais ou responsável, dos motivos que levaram à intervenção e seus desdobramentos, valendo lembrar que *não basta* a "aplicação de medidas" e/ou o "encaminhamento para programas de atendimento" de maneira meramente "*formal*", mas sim é necessário zelar para que o atendimento efetuado *tenha êxito* e *surta os efeitos desejados*.

438 Vide art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 16, inciso II, 28, §1º e 161, §3º, do ECA. Como decorrência natural de sua condição de *sujeitos de direitos* (cf. art. 100, par. único, inciso I, do ECA), a criança e o adolescente (assim como seus pais ou responsável) devem ser ouvidos e participar da definição da medida que lhes será aplicada, devendo para tanto receber a devida orientação técnica (cf. art. 101, incisos II e IV, do ECA), respeitada sua maturidade e estágio de desenvolvimento. Ainda sobre a matéria, vide Resolução CFP nº 010/2010, de 29/06/2010, que institui a regulamentação da escuta psicológica de crianças e adolescentes envolvidos em situação de violência, na "rede de proteção" (aplicável, por analogia, a outras situações em que tal oitiva se faz necessária) e Recomendação CNJ nº 33/2010, de 23/11/2010, que orienta os Tribunais de Justiça em todo o Brasil a criar serviços especializados destinados à escuta de crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência nos processos judiciais (Depoimento Especial). Em qualquer caso, a "escuta" da criança ou adolescente deve ser efetuada de forma diferenciada, e por profissionais habilitados. Em qualquer caso, é importante respeitar o "tempo" de cada criança/adolescente, e evitar que sua "escuta" seja sinônimo de mero "interrogatório", sendo necessário, em muitos casos, primeiro estabelecer uma *relação de confiança* com a mesma, para somente então obter desta as informações desejadas, daí resultando em contatos diversos, realizados em momentos diversos, preferencialmente em ambientes "neutros" e/ou em locais que transmitam segurança e tranqüilidade àquela. Neste modelo, o "depoimento" tradicional é substituído por uma verdadeira *perícia técnica interdisciplinar* (e participação de *mais de um* profissional habilitado é de importância capital, para que o caso seja analisado sob a ótica interdisciplinar - embora o contato direto com a vítima possa ser efetuado apenas por um dos integrantes da equipe, de modo a facilitar a formação da referida relação de confiança e evitar constrangimentos decorrentes da "superexposição" de sua situação a pessoas diversas), com o Juiz e as partes/interessados formulando *quesitos* a serem respondidos pela *equipe interprofissional* responsável pelo atendimento, que também deverá apresentar suas *conclusões* (com as justificativas devidas) e apontar as *alternativas* existentes para *efetiva solução* do caso. Neste sentido: *CORREIÇÃO PARCIAL. PLEITO MINISTERIAL DE COLETA ANTECIPADA DO DEPOIMENTO DE PRÉ-ADOLESCENTE TIDA COMO VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL, MEDIANTE O PROJETO "DEPOIMENTO SEM DANO". ACOLHIMENTO. Relevância da postulação, de induvidosa urgência, inclusive para evitar a diluição ou alteração da prova por via do alongamento de tempo entre a data do fato e a de inquirição da vítima. Priorização objetiva de medida judiciária*

institucionalizada no denominado "Projeto Depoimento sem Dano - DSD", que objetiva a proteção psicológica de crianças e adolescentes vítimas de abusos sexuais e outras infrações penais que deixam graves sequelas no âmbito da estrutura da personalidade, ainda permitindo a realização de instrução criminal tecnicamente mais apurada, viabilizando uma coleta de prova oral rente ao princípio da veracidade dos fatos havidos. Precedentes no direito comparado. Medida concedida para que a vítima seja inquirida em antecipação de prova e sob a tecnicalidade do "Projeto Depoimento sem Dano". CORREIÇÃO PARCIAL PROCEDENTE. (TJRS. 6ª C. Crim. Correição Parcial nº 70039896659 Rel. Des. Aymoré Roque Pottes de Mello. J. em 16/12/2010).

Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente **[439]** poderá determinar, dentre outras **[440]**, as seguintes medidas:

I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade **[441]**;

II - orientação, apoio e acompanhamento temporários **[442]**;

III - matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental **[443]**;

IV - inclusão em programa comunitário ou oficial de auxilio à família, à criança e ao adolescente **[444]**;

V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico **[445]**, em regime hospitalar **[446]** ou ambulatorial;

VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos **[447]**;

VII - acolhimento institucional **[448]**;

VIII - inclusão em programa de acolhimento familiar **[449]**;

IX - colocação em família substituta **[450]**.

§ 1º. O acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais **[451]**, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade **[452]**.

§ 2º. Sem prejuízo da tomada de medidas emergenciais para proteção de vítimas de violência ou abuso sexual e das providências a que alude o art. 130 desta Lei, o afastamento da criança ou adolescente do convívio familiar é de competência exclusiva da autoridade judiciária e importará na deflagração, a pedido do Ministério Público ou de quem tenha legítimo interesse, de procedimento judicial contencioso, no qual se garanta aos pais ou ao responsável legal o exercício do contraditório e da ampla defesa **[453]**.

§ 3º. Crianças e adolescentes somente poderão ser encaminhados às instituições que executam programas de acolhimento institucional, governamentais ou não, por meio de uma Guia de Acolhimento, expedida pela autoridade judiciária, na qual obrigatoriamente constará, dentre outros **[454]**:

I - sua identificação e a qualificação completa de seus pais ou de seu responsável, se conhecidos;

II - o endereço de residência dos pais ou do responsável, com pontos de referência;

III - os nomes de parentes ou de terceiros interessados em tê-los sob sua guarda;

IV - os motivos da retirada ou da não reintegração ao convívio familiar.

§ 4º. Imediatamente após o acolhimento da criança ou do adolescente, a entidade responsável pelo programa de acolhimento institucional ou familiar elaborará um plano individual de atendimento, visando à reintegração familiar, ressalvada a existência de ordem escrita e fundamentada em contrário de autoridade judiciária competente, caso em que também deverá contemplar sua colocação em família substituta, observadas as regras e princípios desta Lei **[455]**.

§ 5º. O plano individual será elaborado sob a responsabilidade da equipe técnica do respectivo programa de atendimento e levará em consideração a opinião da criança ou do adolescente e a oitiva dos pais ou do responsável **[456]**.

§ 6º. Constarão do plano individual, dentre outros **[457]**:

I - os resultados da avaliação interdisciplinar;

II - os compromissos assumidos pelos pais ou responsável; e

III - a previsão das atividades a serem desenvolvidas com a criança ou com o adolescente acolhido e seus pais ou responsável, com vista na reintegração familiar ou, caso seja esta vedada por expressa e fundamentada determinação judicial, as providências a serem tomadas para sua colocação em família substituta, sob direta supervisão da autoridade judiciária.

§ 7º. O acolhimento familiar ou institucional ocorrerá no local mais próximo à residência dos pais ou do responsável e, como parte do processo de reintegração familiar, sempre que identificada a necessidade, a família de origem será incluída em programas oficiais de orientação, de apoio e de promoção social, sendo facilitado e estimulado o contato com a criança ou com o adolescente acolhido **[458]**.

§ 8º. Verificada a possibilidade de reintegração familiar, o responsável pelo programa de acolhimento familiar ou institucional fará imediata comunicação à autoridade judiciária, que dará vista ao Ministério Público, pelo prazo de 5 (cinco) dias, decidindo em igual prazo **[459]**.

§ 9º. Em sendo constatada a impossibilidade de reintegração da criança ou do adolescente à família de origem, após seu encaminhamento a programas oficiais ou comunitários de orientação, apoio e promoção social, será enviado relatório fundamentado ao Ministério Público, no qual conste a descrição pormenorizada das providências tomadas e a expressa recomendação, subscrita pelos técnicos da entidade ou responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar, para a destituição do poder familiar, ou destituição de tutela ou guarda **[460]**.

§ 10. Recebido o relatório, o Ministério Público terá o prazo de 30 (trinta) dias para o ingresso com a ação de destituição do poder familiar, salvo se entender necessária a realização de estudos complementares ou outras providências que entender indispensáveis ao ajuizamento da demanda **[461]**.

§ 11. A autoridade judiciária manterá, em cada comarca ou foro regional, um cadastro contendo informações atualizadas sobre as crianças e adolescentes em regime de acolhimento familiar e institucional sob sua responsabilidade, com informações pormenorizadas sobre a situação jurídica de cada um, bem como as providências tomadas para sua reintegração familiar ou colocação em família substituta, em qualquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei **[462]**.

§ 12. Terão acesso ao cadastro o Ministério Público, o Conselho Tutelar, o órgão gestor da Assistência Social e os Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Assistência Social, aos quais incumbe deliberar sobre a implementação de políticas públicas que permitam reduzir o número de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar e abreviar o período de permanência em programa de acolhimento **[463]**.

439 Vide arts. 136, inciso I, 148, inciso VII e par. único, alínea "a" e 262, do ECA. A "*autoridade competente*" para aplicação de medidas de proteção será a autoridade judiciária ou o Conselho Tutelar, a depender do nível de intervenção. Sobre o caráter *resolutivo* da atuação do Conselho Tutelar, vide comentários ao art. 136, do ECA.

440 O rol de medidas do art. 101, do ECA, é meramente *exemplificativo*, podendo ser aplicadas medidas outras que se mostrem adequadas às *necessidades pedagógicas* da criança ou adolescente, conforme art. 100, *caput*, do ECA.

441 Vide arts. 9º e 10, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 100, *caput*, parte final, do ECA. Não por acaso relacionada em primeiro lugar, esta medida mostra a preocupação do legislador em realizar as intervenções necessárias com a criança ou o adolescente *junto à sua família*. Isto não significa, no entanto, que o encaminhamento da criança ou adolescente a seus pais ou responsável (notadamente quando constatado que este se encontra numa situação "de rua" ou tenha fugido de casa, por exemplo) deva ocorrer de forma "automática" e/ou sem maiores cautelas. Como nos demais casos, antes da aplicação desta medida é necessário submeter a criança ou o adolescente atendidos a uma *avaliação interprofissional*, de modo a descobrir o *porquê* da situação, que pode ter se originado por grave omissão ou abuso dos pais ou responsável e determinar alguma intervenção (ainda que a título de mera orientação) junto a estes. Deve a medida, enfim, estar amparada por um verdadeiro *programa de atendimento*, que contemple inclusive previsão de recursos para eventual deslocamento dos pais ou responsável pela criança ou adolescente até o local em que esta se encontre, de modo que aqueles mesmos a tragam de volta a seu local de origem, quando se constatar que esta providência é viável, sem a necessidade de deslocamento de técnicos da área social para promover o recâmbio (o que por sinal encontra respaldo no disposto no art. 100, par. único, inciso IX, do ECA). Em qualquer caso, o transporte deve ser efetuado por motorista habilitado dos quadros da Prefeitura, em veículo adequado, que garanta condições de segurança aos transportados, de preferência com a participação de um *educador social* ou outro servidor para tanto qualificado. Sobre a matéria, vide também o Dec. Legislativo nº 03/1994, de 07/02/1994, que aprova a Convenção Interamericana sobre Restituição Internacional de Menores, adotada em Montevidéu em 15/07/1989.

442 Vide arts. 5º e 29, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 90, incisos I e II, 129, incisos I, IV e VI e 259, par. único, do ECA e art. 6º, inciso IV, da Lei nº 12.318/2010, de 26/08/2010, que prevê o acompanhamento psicológico ou biopsicossocial sempre que constatada a ocorrência de alienação parental e a necessidade de semelhante intervenção estatal. Mais uma vez se faz necessário que a medida esteja vinculada a um *programa de atendimento*,

devidamente registrado no CMDCA (cf. art. 90, §1º, do ECA). Observe-se a preocupação do legislador em enaltecer o caráter *transitório* de tal medida e da vinculação da criança ou adolescente ao programa respectivo. Todos os programas aplicáveis a crianças, adolescentes e famílias devem conter etapas e *metas* a serem por todos atingidas, numa perspectiva "*emancipatória*". A boa medida (e/ou programa de atendimento) não é aquela que se estende indefinidamente no tempo, mas sim aquela que, após determinado período, permite o desligamento de seu destinatário, por seus próprios méritos e por não mais se fazer necessária a intervenção.

443 Vide arts. 54, inciso I, 55 e 129, inciso V, do ECA; arts. 30, inciso VI, 208, inciso I e 211, §§1º e 2º, da CF e art. 4º, inciso I, da LDB. Embora a lei faça referência expressa apenas ao ensino fundamental, como o rol de medidas do art. 101, do ECA, é meramente *exemplificativo*, nada impede a aplicação de medida similar para inclusão de crianças na educação infantil e adolescentes no ensino médio.

444 Vide arts. 3º, incisos I, III e IV, 226, *caput* e § 8º e 227, *caput*, da CF; arts. 19, §3º; 90, incisos I e II e 129, inciso I, do ECA e arts. 2º e 23, §2º, inciso I, da LOAS. Vide também o disposto na Lei nº 10.836/2004, de 09/01/2004, que cria o Programa Bolsa Família, e no Decreto nº 5.209/2004, de 17/09/2004, que a regulamentou.

445 Sobre atendimento prioritário, vide art. 227, *caput*, da CF; arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" c/c 259, do ECA. Vide ainda arts. 7º a 14, 129, inciso VI e 208, inciso I, do ECA, arts. 2º, inciso I, 6º-A, 24-A e 24-B, da LOAS e disposições da Lei nº 10.216/2001, de 06/04/2001, que versa especificamente sobre a proteção e os direitos das pessoas acometidas de transtornos mentais e promove o redirecionamento do modelo assistencial em saúde mental.

446 Vide Lei nº 10.216/2001, de 06/04/2001 e Portarias nºs 336/2002/GM, de 19/02/2002 e 245/2005/GM, de 17/02/2005, que dispõem sobre os Centros de Atenção Psicossocial - CAPs. As internações terapêuticas somente devem ocorrer em situações extremas e excepcionais, mediante expressa indicação médica e, no caso de crianças e adolescentes, devem também contar com a expressa autorização dos seus pais ou responsável, *não sendo necessária autorização judicial*. Existe apenas a obrigatoriedade da comunicação ao Ministério Público das internações psiquiátricas involuntárias e das voluntárias que se tornaram involuntárias, no prazo de 72 (setenta e duas) horas após a efetivação daquelas ou, no mesmo prazo, após o paciente ter se manifestado contrariamente à continuidade do tratamento. Depois de oficialmente comunicado, o Ministério Público fica encarregado do controle e acompanhamento da internação até a alta do paciente, podendo intervir, pela via administrativa ou mesmo judicial, para coibir eventuais abusos praticados. Em qualquer caso, a internação terapêutica deve durar o menor período de tempo possível e contar, o quanto possível, com o apoio e a participação da família do paciente. Cabe ao Poder Público, como consequência natural do *dever* de proporcionar a todas as crianças e adolescentes o efetivo exercício de seu *direito à saúde*, elaborar e implementar uma *política pública* destinada à *prevenção* e ao *tratamento especializado para drogadição* (cf. art. 227, §3º, inciso VII, da CF), compreendendo o atendimento em regime ambulatorial e hospitalar. A referida política deve compreender *programas oficiais* e, se necessário, o custeio de tratamento em entidades particulares. Neste sentido: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA. TRATAMENTO PARA DROGADIÇÃO. CUSTEIO DA INTERNAÇÃO EM ENTIDADE PÚBLICA OU PRIVADA. RESPONSABILIDADE SOLIDÁRIA DOS ENTES PÚBLICOS. DIREITO À SAÚDE ASSEGURADO CONSTITUCIONALMENTE. DESNECESSIDADE DE PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA. AUSÊNCIA DE VIOLAÇÃO DO PRINCÍPIO DA INDEPENDÊNCIA DOS PODERES. 1. O custeio de tratamento em entidade privada para menor dependente químico constitui-se em dever e, por tanto,*

responsabilidade do Estado 'in abstracto' (CF, art. 23, II), considerando-se a importância dos interesses protegidos, quais sejam, a vida e a saúde (art. 196, CF). Desta forma, tem-se a competência comum dos entes federativos, seja o Estado ou o Município, para assegurar tal direito. 2. Comprovada, cabalmente, a necessidade de recebimento de assistência médico-hospitalar a portador de dependência química, e que seus responsáveis não apresentam condições financeiras de custeio, é devido o fornecimento pelo Município de Campo Bom, visto que a assistência à saúde é responsabilidade decorrente do art. 196 da Constituição Federal. 3. Não há falar em violação ao princípio da separação dos poderes, porquanto ao Judiciário compete fazer cumprir as leis. 4. Tratando-se, a saúde, de um direito social que figura entre os direitos e garantias fundamentais previstos na Constituição Federal, impende cumpri-la independentemente de previsão orçamentária específica. (TJRS. 8ª C. Cív. A.I. nº 70022523328. Rel. Des. José S. Trindade. J em 30/01/2008).

447 Vide art. 33, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 227, §3º, inciso VII, da CF e arts. 4º, *caput*, 7º, 11 e 208, inciso VII, do ECA. Tais programas - cuja obrigatoriedade decorre nada menos que em razão de disposição *constitucional* expressa - devem ser implementados e mantidos com recursos próprios do setor de *saúde*, que para tanto precisa *adequar* e *priorizar* seu *orçamento*, conforme previsto nos arts. 4º, par. único, alíneas "b", "c" e "d" e 259, par. único, do ECA. A responsabilidade pela oferta de tratamento especializado (se necessário, em regime de internação hospitalar, em entidade particular, como visto no item anterior), é de responsabilidade *solidária* dos 03 (três) entes federados (valendo observar o disposto no art. 100, par. único, inciso III, do ECA) que, se demandados individualmente, poderão ingressar com ações regressivas entre si (valendo observar o disposto no art. 210, inciso II, do ECA). Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. ECA. DIREITO À VIDA E À SAÚDE. ADOLESCENTE. INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA. DROGADIÇÃO. SOLIDARIEDADE ENTRE OS ENTES PÚBLICOS. É dever dos entes públicos promover, solidariamente, o atendimento à saúde de crianças e adolescentes, nos termos do art. 196, da Constituição Federal e art. 11, §2º do ECA. Havendo comprovação da necessidade de internação do adolescente para tratamento da drogadição, bem como demonstrada a impossibilidade da família em custeá-la, impõe-se o acolhimento do pedido de internação psiquiátrica para tratamento do adolescente. APELAÇÃO DESPROVIDA.* (TJRS. 7ª C. Cív. A.Cív. nº 70035885698. Rel. Des. André Luiz Planella Villarinho. J. em 26/05/2010).

448 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 90, inciso IV, 92 e 101, §1º, do ECA. O acolhimento institucional, que outrora foi considerado a "panacéia" para todos os problemas que afligiam a população infanto-juvenil, é hoje reconhecido como um *mal*, que atenta contra o *direito à convivência familiar* de crianças e adolescente e, portanto, deve ser o quanto possível *evitado* e, mesmo se num determinado momento se mostre "necessário", o período de permanência da criança ou adolescente na unidade *deve ser o menor possível*. A própria entidade de acolhimento, na execução do programa de atendimento respectivo (art. 90, inciso IV, do ECA), deve *preparar a criança ou o adolescente para o seu desligamento* (seja para o retorno à família de origem ou colocação em família substituta), *desde o primeiro momento* (vide art. 92, incisos I, II e VIII, do ECA). Vide também arts. 30 e 136, inciso I, do ECA. Como alternativas ao acolhimento institucional, faz-se necessário o desenvolvimento de programas de promoção à família (cf. art. 129, inciso I, do ECA), de acolhimento familiar (cf. art. 101, inciso VII, do ECA) e de guarda subsidiada (nos moldes do disposto no art. 260, §2º, do ECA e art. 227, §3º, inciso VI, da CF), dentre outros.

449 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 34, §1º e 50, §11, do ECA. O acolhimento familiar *pressupõe* a existência de um *programa de atendimento* específico, no qual pessoas ou casais sejam devidamente

selecionados, *habilitados* e *cadastrados*, para que possam receber crianças e adolescentes em sua *guarda*, enquanto é realizado um trabalho destinado à reintegração familiar ou, quando isto não for possível, enquanto não é localizada uma família substituta capaz de acolher a criança ou adolescente de forma definitiva.

450 Vide art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 19, *caput*, segunda parte, 28 a 52, 165 a 170 e 260, §2º, do ECA (vide também art. 227, §3º, inciso VI, da CF). A colocação em família substituta é *medida excepcional*, secundária em relação à manutenção da criança ou adolescente em sua família de origem (embora preferível ao acolhimento institucional), sendo de competência *exclusiva* da *autoridade judiciária* (cf. arts. 28 c/c 165 a 170, 30 e 148, inciso III e par. único, alínea "a", do ECA), que ocorre sob as modalidades de *guarda*, *tutela* ou *adoção*.

451 Vide arts. 19, *caput* e §§, 34, §1º, 92, inciso VIII e 100, *caput* e incisos IX e X, do ECA. O acolhimento institucional jamais pode ser visto como a solução "definitiva" para os problemas enfrentados pela criança ou adolescente. Uma vez aplicada a medida (que deve sempre ocorrer em *ultima ratio*), sua duração deve se estender pelo *menor período de tempo possível*, cabendo ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária, a tomada (e em caráter de urgência) das providências necessárias a permitir o *retorno* da criança ou adolescente à *família de origem* ou, caso isto não seja comprovadamente possível, caberá a esta última (autoridade judiciária), seu encaminhamento para família substituta. Entendimento semelhante é aplicável à medida de acolhimento familiar.

452 Vide art. 20, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 112, inciso VII e 123, do ECA. O acolhimento institucional é *medida de proteção*, e como tal não permite a privação de liberdade da criança ou adolescente a ela submetido, ainda que comprovada a prática de ato infracional. Interessante observar, aliás, que o art. 112, inciso VII, do ECA, *não relacionou* o acolhimento institucional como uma das medidas do art. 101 passíveis de serem aplicadas a título de medidas socioeducativas, evitando que o adolescente acusado da prática de ato infracional pudesse ser institucionalizado e afastado do convívio de sua família, em razão de sua conduta (guardando assim coerência com o disposto nos arts. 100 c/c 113, do ECA). Assim sendo, se um adolescente acusado da prática de ato infracional tiver de ser submetido à medida de *acolhimento institucional*, isto não poderá ocorrer a título de *sanção* e/ou de forma *coercitiva***,** como ocorre com as medidas socioeducativas, mas sim porque tal medida se faz *necessária* em razão de grave abuso ou omissão familiar (cf. arts. 98, inciso II c/c 100, *caput*, primeira parte, do ECA), sendo aplicada unicamente a título *medida protetiva*, sem importar em sua privação de liberdade.

453 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 136, inciso XI e par. único, 153, par. único e 212, do ECA. O dispositivo visa impedir que crianças e adolescentes sejam afastados de suas famílias por simples decisão administrativa do Conselho Tutelar, ou mesmo por decisão judicial tomada nos famigerados "procedimentos de verificação de situação de risco"/"para aplicação de medida de proteção" (instaurados com fundamento no art. 153, do ECA, que não têm forma predefinida e têm o "péssimo hábito" de jamais terem fim). Para que uma criança ou adolescente seja afastado de sua família será necessária a deflagração de procedimento judicial necessariamente *contencioso* (seja via processo cautelar, ação civil pública destinada à proteção de direito individual, ação ordinária com pedido liminar ou qualquer outro meio judicial idôneo, *ex vi* do disposto no art. 212, do ECA), no qual conste a acusação formal da prática de um ato grave, que justifique a tomada de tão drástica medida, e seja oportunizado aos pais/responsável legal o regular exercício de seus direitos

fundamentais ao contraditório, ampla defesa e devido processo legal. Como o dispositivo evidencia, a depender do ocorrido, antes de afastar a criança/adolescente de sua família, deve-se verificar a possibilidade afastamento *do agressor* da moradia comum (cf. art. 130, do ECA). Em qualquer caso, o processo deve tramitar e ser julgado com a mais *absoluta prioridade* (cf. art. 4º, par. único, alínea "b" e 152, par. único, do ECA).

454 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 93 e 101, §11, do ECA e Instrução Normativa nº 03/2009/CNJ, de 03/11/2009, através da qual o Conselho Nacional de Justiça, via Corregedoria Nacional de Justiça, institui a Guia Única de Acolhimento de crianças e adolescentes em todo o Brasil. A previsão da obrigatoriedade da existência de uma guia de acolhimento visa evitar que as entidades mantenham crianças e/ou adolescentes institucionalizadas sem a devida formalização do ato e a regularização de sua situação. O controle judicial sobre os acolhimentos institucionais deve ser total, na perspectiva de abreviar ao máximo o período de permanência na instituição (valendo observar o disposto nos arts. 19, §§ 1º a 3º e 100, *caput* e par. único, inciso X, do ECA).

455 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 5º, 9º e 20, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e arts. 19, §3º, 34, §1º e 100, *caput* e par. único, inciso VIII, do ECA. O plano individual de acolhimento visa estabelecer algumas *metas* a serem cumpridas pela entidade de atendimento (se necessário, com o apoio do Conselho Tutelar, Justiça da Infância e da Juventude e responsáveis pela política municipal de garantia do direito à convivência familiar), de modo a permitir a *reintegração familiar* ou, se esta *comprovadamente* se mostrar inviável, a *colocação da criança ou adolescente acolhido em família substituta* da forma *mais célere possível*. Embora não tenha sido estabelecido um prazo determinado para apresentação do referido plano, a expressão "*imediatamente*" contida no dispositivo evidencia a preocupação com que ele seja elaborado *desde logo*, sem prejuízo da possibilidade de sua modificação, ao longo da execução da medida, *ex vi* do disposto no art. 99, do ECA.

456 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 100, par. único, incisos IX a XII, do ECA. O dispositivo evidencia a *necessidade* de a entidade de acolhimento institucional ou familiar dispor de uma *equipe técnica interprofissional*, que deverá *articular ações* com os técnicos a serviço da Justiça da Infância e da Juventude e responsáveis pela política municipal de garantia do direito à convivência familiar. Para elaboração do Plano Individual de Atendimento, sempre que possível deverá se proceder à oitiva da criança e do adolescente (observadas as cautelas relacionadas no art. 100, par. único, inciso XI e XII, do ECA), assim como de seus pais ou responsável.

457 Estão aqui relacionados alguns elementos *mínimos* que deverão constar do Plano Individual de Atendimento, valendo notar a preocupação do legislador em prever atividades a serem desenvolvidas *também* junto aos pais ou responsável, na perspectiva de promoção da reintegração familiar, em conformidade com o disposto nos arts. 19, §3º, 100, *caput* e par. único, incisos IX e X, do ECA.

458 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, *caput* e §3º, 92, inciso I e §4º, 100, par. único, inciso X e 129, incisos I a IV, do ECA e arts. 6º-A, 24-A e 24-B, da LOAS. Mesmo inserida em programa de acolhimento institucional, a criança ou adolescente tem o direito de manter contato com seus pais e parentes biológicos, ressalvada a existência de ordem expressa e fundamentada de autoridade judiciária competente. O referido contato deve não apenas ser "facultado", mas sim precisa ser *estimulado*, com a *articulação de ações* entre a entidade de acolhimento e os responsáveis pela política municipal destinada à garantia do direito à convivência familiar, de modo a permitir a

reintegração familiar da forma mais célere possível. Desnecessário mencionar que o contato da criança ou adolescente com seus pais ou responsável, em qualquer caso, deve ser precedido de uma avaliação técnica criteriosa, que contemple a oitiva e orientação dos pais/responsável e da própria criança ou adolescente (observado o disposto nos arts. 28, §1º e 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA e arts. 24-A e 24-B, da LOAS), e está sujeito a eventuais restrições impostas fundamentadamente pela autoridade judiciária, notadamente diante da existência de suspeita de maus-tratos ou abuso sexual, valendo transcrever o seguinte aresto: *DIREITO CIVIL E PROCESSUAL CIVIL. CRIANÇA E ADOLESCENTE. AGRAVO NO RECURSO ESPECIAL. REPRESENTAÇÃO CÍVEL POR ALEGADO ABUSO SEXUAL DE MENOR PERPETRADO PELO PAI. DECISÃO QUE REGULA VISITAÇÃO DO GENITOR. - Encerra a hipótese questão extremamente delicada a envolver interesse de pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, menina hoje com oito anos de idade, que, segundo relatos familiares e laudos periciais emitidos por assistentes sociais, médicos e psicólogos, teria sofrido constrangimento de cunho sexual perpetrado pelo pai, cujas primeiras manifestações teriam ocorrido por meio da fala da própria criança, quando tinha apenas um ano e sete meses. - Deve a condução de um processo que traz na berlinda a prevalência do interesse maior da criança, dada sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, ser ditada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. - É, pois, inegável a força que se deve imprimir para que a criança seja permanentemente protegida de toda e qualquer forma de agressão à sua incolumidade física, psíquica e emocional. - Ante as circunstâncias da lide, deve ser mantida a visitação paterna sob a supervisão da Divisão de Serviço Social - Núcleo de Psicologia - da 1ª Vara da Infância e da Juventude da Comarca da Capital - RJ, até julgamento final da representação cível, conforme decidido no REsp 960.498/RJ. Agravo não provido.* (STJ. 3ª T. Ag.Rg. no R.Esp. nº 786.243/RJ. Rel. Min. Nancy Andrighi. J em 20/05/2008).

459 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, *caput* e §3º, 92, inciso I e §4º, 100, par. único, inciso X e 101, inciso I, do ECA e art. 198, do CPC. Ainda que se mostre necessário, num primeiro momento, o afastamento da criança/adolescente do convívio familiar, este deve ser restabelecido logo que possível. A reintegração familiar poderá ser efetuada de forma gradual (com autorização para que os pais possam levar a criança ou adolescente para casa nos finais de semana, por exemplo), e deverá incluir acompanhamento posterior, por prazo determinado (sem prejuízo da aplicação de medidas de proteção previstas nos arts. 101 e 129, do ECA), na perspectiva de assegurar a readaptação familiar). Embora não conste do dispositivo, por força do disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA, é necessário que os pais sejam informados (intimados) do relatório e possam sobre ele se manifestar. Sobre a matéria: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. AÇÃO DE GUARDA. TUTELA ANTECIPADA. REVOGAÇÃO DA LIMINAR QUE CONCEDEU A GUARDA PROVISÓRIA A TERCEIROS, DETERMINANDO O RETORNO DOS MENORES AO ABRIGO. ENTREGA DAS CRIANÇAS AO CASAL INCLUÍDO NO CADASTRO DE FAMÍLIA ACOLHEDORA DO MUNICÍPIO, POR DETEREM MELHORES CONDIÇÕES PARA EXERCER A GUARDA SE COMPARADO AO ABRIGO. MEDIDA PRECIPITADA. POSTERIOR VERIFICAÇÃO DE QUE O ABRIGO POSSUI TODA A ESTRUTURA NECESSÁRIA À PRESTAÇÃO DE ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS. AUSÊNCIA DE SITUAÇÃO DE RISCO OU DE ABANDONO POR PARTE DOS PAIS BIOLÓGICOS, QUE MANIFESTARAM EXPRESSAMENTE O INTERESSE EM RETOMAR A GUARDA. ESTUDO SOCIAL DEMONSTRANDO QUE A MÃE, A DESPEITO DAS DIFICULDADES FINANCEIRAS, DISPÕE DAS CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA CUIDAR DOS FILHOS. LIMINAR CONCEDIDA TÃO SOMENTE EM RAZÃO DE SITUAÇÃO PECULIAR. VERIFICAÇÃO EM MOMENTO POSTERIOR DE QUE INEXISTIAM MOTIVOS A ENSEJAR O SEU DEFERIMENTO. OBSERVÂNCIA DO MELHOR INTERESSE DA CRIANÇA. DIREITO FUNDAMENTAL À CONVIVÊNCIA FAMILIAR.*

PREVALÊNCIA DA REINSERÇÃO NO SEIO FAMILIAR EM DETRIMENTO DE QUALQUER OUTRA PROVIDÊNCIA. EXEGESE DO §3º, DO ART. 19 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. DECISÃO REFORMADA. AGRAVO PROVIDO. (TJPR. 11ª C. Cível. AI nº 0706383-2, de Matelândia. Rel. Des. Augusto Lopes Cortes. J. em 08/06/2011).

460 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 24, 155 a 163, do ECA e arts. 1637 e 1638, do CC. O objetivo da norma é evitar que a criança ou adolescente permaneça acolhido por longos períodos sem ter sua situação definida. Uma vez constatada a absoluta impossibilidade de reintegração familiar, após esgotados todos os esforços de reestruturação e reintegração familiar (que devem ser devidamente descritos no relatório), a destituição do poder familiar tem por objetivo fazer com que a criança ou adolescente seja considerada em condições de ser adotada (sem prejuízo da possibilidade de sua colocação sob tutela ou guarda, inclusive em sede de programa de acolhimento familiar). Embora não conste do dispositivo, por força do disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA, é necessário que os pais sejam informados (intimados) do relatório e possam sobre ele se manifestar.

461 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, §2º, 155, *caput*, 201, inciso III e §5º, alínea "b" e 205, do ECA. Caso entenda que não existem elementos suficientes para propositura imediata da ação, o representante do Ministério Público deverá instaurar procedimento administrativo, nos moldes do previsto no art. 201, inciso VI, do ECA. O representante do Ministério Público pode se recusar a ingressar com a ação de destituição do poder familiar caso entenda que não restou demonstrado, de forma satisfatória, a presença de algum dos requisitos do art. 24, do ECA e/ou art. 1638, do CC (considerada a situação *atual* da família), assim como se constatar que a intervenção estatal destinada à orientação, apoio e promoção à família foi efetuada de maneira meramente "formal", sem o devido empenho dos técnicos e responsáveis pelos programas e serviços respectivos. Em qualquer caso, pode requerer a realização de estudos complementares e é mesmo salutar que mantenha contato pessoal com os pais (inclusive por força do disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA), para melhor formar sua convicção acerca da real necessidade/utilidade da propositura da ação. Caso continue convicto de que não existe *justa causa* para destituição do poder familiar, deve promover o arquivamento do procedimento, com a posterior remessa ao Conselho Superior do Ministério Público, *ex vi* do disposto no art. 223, §§1º e 2º, do ECA. De qualquer sorte, vale observar que o Ministério Público não é o único legitimado para propositura de ações de destituição do poder familiar (cf. art. 201, §1º, do ECA).

462 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, §§1º e 2º, 93 e 258-A, do ECA e Instrução Normativa nº 03/2009, do Conselho Nacional de Justiça/Corregedoria Geral de Justiça. O objetivo da norma é proporcionar um rigoroso controle da autoridade judiciária sobre a situação de cada criança e adolescente que se encontre em regime de acolhimento institucional e familiar, na perspectiva de assegurar o contínuo monitoramento e a reavaliação periódica da necessidade ou não de manutenção da medida, em detrimento de sua reintegração à família de origem ou colocação em família substituta.

463 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 87, inciso VI, 88, inciso VI, 90, §3º, 100, par único, inciso III e IX, 101, §§3º a 6º e 136, inciso IX, do ECA. O acesso ao cadastro pelo Conselho Tutelar, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e órgão gestor da assistência social tem por objetivo a implementação de políticas públicas capazes de assegurar o efetivo exercício do direito à convivência familiar, preferencialmente junto às suas famílias de origem.

Art. 102. As medidas de proteção de que trata este Capítulo serão acompanhadas da regularização do registro civil [464].

§ 1º. Verificada a inexistência de registro anterior, o assento de nascimento da criança ou adolescente será, feito à vista dos elementos disponíveis, mediante requisição da autoridade judiciária [465].

§ 2º. Os registros e certidões necessárias à regularização de que trata este artigo são isentos de multas, custas e emolumentos [466], gozando de absoluta prioridade [467].

§ 3º. Caso ainda não definida a paternidade, será deflagrado procedimento específico destinado à sua averiguação, conforme previsto pela Lei nº 8.560, de 29 de dezembro de 1992 [468].

§ 4º. Nas hipóteses previstas no § 3º deste artigo, é dispensável o ajuizamento de ação de investigação de paternidade pelo Ministério Público se, após o não comparecimento ou a recusa do suposto pai em assumir a paternidade a ele atribuída, a criança for encaminhada para adoção [469].

464 Vide art. 7º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 disposições contidas nas Leis nºs 6.015/1973 e 8.560/1992 e arts. 1596 a 1617, do CC, bem como o Decreto nº 6.289/2007, de 06/12/2007, que estabelece o Compromisso Nacional pela Erradicação do Sub-registro Civil de Nascimento e Ampliação do Acesso à Documentação Básica, institui o Comitê Gestor Nacional do Plano Social Registro Civil de Nascimento e Documentação Básica e a Semana Nacional de Mobilização para o Registro Civil de Nascimento e a Documentação Básica.

465 Vide Princípio 3º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959; arts. 7º e 8º, nº 2, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 10, inciso IV e 148, par. único, alínea "h", do ECA; vide também arts. 32, §2º (segundo o qual o filho de brasileiro ou brasileira, nascido no estrangeiro, cujos pais não estejam ali a serviço do Brasil, desde que registrado em consulado brasileiro ou não registrado, que passe a residir no território nacional antes de atingir a maioridade, poderá ser registrado no Juízo de seu domicílio) e 46, da Lei nº 6.015/1973 e art. 3º, inciso VI, da Lei nº 1.060/1950 (acrescido pela Lei nº 10.317/2001), segundo o qual a assistência judiciária compreende a isenção também das "*despesas com a realização do exame genético DNA que for requisitado pela autoridade judiciária nas ações de investigação de paternidade ou maternidade*", ações estas que podem ser propostas pelo Ministério Público (cf. art. 2º, §4º da Lei nº 8.560/1992). Por fim, vide o Decreto nº 6.828/2009, de 27/04/2009, que regulamenta o art. 29, incisos I, II e III, da Lei nº 6.015/1973, dispondo sobre a padronização das certidões de nascimento, casamento e óbito.

466 Vide art. 5º, inciso LXXVI, alínea "a", da CF; arts. 141, §2º e 198, inciso I, do ECA e art. 1º, inciso VI, da Lei nºs 9.265/1996 (acrescido pela Lei nº 9.534/1997): "*São gratuitos os atos necessários ao exercício da cidadania, assim considerados: I - ... ; VI - o registro civil de nascimento e o assento de óbito, bem como a primeira certidão respectiva*". Sobre as penalidades aos oficiais de registro que descumprirem a referida gratuidade, vide art. 30, §3º-A, da Lei nº 6.015/1973, acrescido pela Lei nº 9.812/1999: "*Comprovado o descumprimento, pelos oficiais de Cartórios de Registro Civil, do disposto no caput deste artigo, aplicar-se-ão as penalidades previstas nos arts. 32 e 33 da Lei nº 8.935, de 18 de novembro de 1994*", podendo chegar à "*perda da delegação*". Vide também o disposto no art. 30, §3º-B, da mesma Lei nº 6.015/1973, segundo o qual, "*esgotadas as penalidades a que se refere o parágrafo anterior e verificando-se novo descumprimento, aplicar-se-á o*

disposto no art. 39 da Lei nº 8.935, de 18 de novembro de 1994", que prevê expressamente, em tal caso, a "*extinção da delegação*". Por fim, vide Lei nº 11.789/2008, de 02/10/2008, que proíbe a inserção nas certidões de nascimento e de óbito de expressões que indiquem condição de pobreza ou semelhantes.

467 Vide art. 227, *caput*, da CF e art. 4º, *caput* e par. único, alínea "b", do ECA.

468 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. É preciso lembrar que o direito ao reconhecimento do estado de filiação é um direito *personalíssimo* (cf. art. 27, do ECA), que não pode ser objeto de "disposição" quer por parte da mãe, quer por parte do Poder Público (incluindo o Poder Judiciário e Ministério Público), que na forma da lei tem o *dever* de apurar a paternidade da criança/adolescente. É importante *orientar* a mãe quanto ao direito de seu filho saber a identidade de seu pai (valendo observar o disposto no art. 100, par. único, inciso XI, do ECA), assim como é preciso reconhecer que este tem o direito de saber que tem um filho, pois pode ter interesse em assumir a paternidade que lhe é atribuída. Vale observar que, além de o Ministério Público ter a atribuição de ingressar, se necessário, com a competente ação de investigação de paternidade (cf. art. 2º, §4º, da Lei nº 8.560/1992), nos moldes do disposto no art. 2º-A, da Lei nº 8.560/1992, a recusa do réu em se submeter ao exame de código genético - DNA, gera a *presunção da paternidade*, que deve ser apreciada em conjunto com o contexto probatório contido nos autos.

469 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 2º, §5º, da Lei nº 8.560/1992. De acordo com o art. 2º, §4º, da Lei nº 8.560/1992, diante da recusa do "*suposto pai*" em reconhecer a paternidade, ou de seu não comparecimento para dizer se assume ou não a paternidade que lhe é atribuída, no prazo de trinta dias, o juiz remeterá os autos ao representante do Ministério Público para que intente, havendo elementos suficientes, a ação de investigação de paternidade. O presente dispositivo torna dispensável o ajuizamento da ação de investigação de paternidade em tais casos (recusa ou não comparecimento do suposto pai), se a criança ou adolescente for encaminhada para adoção. A comunicação ao suposto pai, em qualquer caso, é necessária e deve ser devidamente certificada nos autos do procedimento, assim como a eventual negativa ou não comparecimento, dentro do prazo legal respectivo.

TÍTULO III - DA PRÁTICA DE ATO INFRACIONAL

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS [470]

Art. 103. Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal [471].

470 Vide também o disposto no art. 227, §3º, inciso V, da Constituição Federal, Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE e Resolução nº 119/2006, de 11/12/2006, do CONANDA (que dispõe sobre o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE), e disposições contidas na Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; nas "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude - Regras de Beijing*", nas *Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil - Diretrizes de Riad*" e nas

"*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*".

471 Toda conduta que a Lei (Penal) tipifica como crime ou contravenção, se praticada por criança ou adolescente é tecnicamente denominada "ato infracional". Importante destacar que esta terminologia própria não se trata de mero "eufemismo", mas sim deve ser encarada com uma norma especial do Direito da Criança e do Adolescente, que com esta designação diferenciada procura enaltecer o caráter *extrapenal* da matéria, assim como do atendimento a ser prestado em especial ao adolescente em conflito com a lei.

Art. 104. São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas previstas nesta Lei **[472]**.

Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, deve ser considerada a idade do adolescente à data do fato **[473]**.

472 A inimputabilidade penal é fixada aos *dezoito anos* pelo art. 228, da Constituição Federal, sendo, inclusive, considerada "cláusula pétrea" por expressar um "*direito individual de natureza análoga*" àqueles relacionados no art. 5º, da mesma Carta Magna. Desta forma, a teor do disposto no art. 60, §4º, da Constituição Federal, não é possível sequer deliberar sobre proposta de emenda à constituição. Assim sendo, tal dispositivo é insuscetível de alteração ou supressão, ainda que por emenda constitucional, preservando-se o direito de toda criança ou adolescente acusado da prática de infração penal *não ser alvo de persecução criminal*, estando sim sujeito à aplicação das disposições contidas no ECA. Vide, também o disposto no art. 27, do CP e na "exposição de motivos" efetuada quando da reforma que a "parte geral" deste Diploma Legal sofreu em 1984, onde constam argumentos - ainda atuais - contrários à redução da idade penal. Vale lembrar que mesmo emancipados, nos moldes do art. 5º, par. único, do CC, jovens entre 16 (dezesseis) e 18 (dezoito) anos de idade, *continuam respondendo como adolescentes* diante da prática de atos infracionais, estando também sujeitos às disposições contidas no ECA (vide comentários ao art. 2º, do ECA).

473 Deste modo, caso praticado o ato infracional enquanto o agente tiver idade inferior a 12 (doze) anos, será tratado como *criança* mesmo após completar esta idade (estando assim sujeito a atendimento pelo Conselho Tutelar e a medidas unicamente protetivas, cf. arts. 105 e 136, inciso I, do ECA), e se praticado enquanto o agente tiver idade entre 12 (doze) e 17 (dezessete) anos, será tratado como *adolescente* mesmo após completar 18 (dezoito) anos. Vide também art. 2º, par. único, do ECA, acerca da possibilidade de aplicação e execução de medidas socioeducativas a jovens entre 18 (dezoito) e 21 (vinte e um) anos que tenham praticado atos infracionais enquanto adolescentes. Tal orientação deve ser considerada válida mesmo em relação às medidas em meio aberto, pois do contrário o Estado, em razão do simples advento dos 18 (dezoito) anos (nem se fala da plena capacidade civil, que pode ser alcançada mesmo antes de tal idade, *ex vi* do disposto no art. 5º, par. único, do CC), se veria "livre" de seu *dever* de recuperar os jovens infratores *ou*, por outro lado, se veria na *contingência* de lhes impor medidas privativas de liberdade, solução que na forma da própria lei se constitui numa verdadeira *exceção*. Assim sendo, procurando interpretar a lei nos moldes do preconizado pelos arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II c/c 113, do próprio ECA, e evitando, por outro lado, conclusões que se constituiriam num verdadeiro *paradoxo*, à luz da "*Doutrina da Proteção Integral à Criança e ao Adolescente*", deve-se considerar que o limite etário para aplicação e execução de medidas socioeducativas de quaisquer natureza, a jovens que praticaram atos infracionais enquanto adolescentes, é de

21 (vinte e um) anos. Neste sentido, vale colacionar os seguintes arestos: *ADOLESCENTE. MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA. PRÁTICA DE ILÍCITO QUE REDUNDOU EM PRISÃO TEMPORÁRIA. CONTINUIDADE DA MEDIDA DE LIBERDADE ASSISTIDA, COM TRATAMENTO ESPECIALIZADO, entre os 18 e 21 anos de idade (ECA, art. 2º, § único). RECURSO PROVIDO. O Estado não deve desistir da aplicação de medida sócio-educativa ante a notícia da ocorrência de um deslize ao longo de sua execução, mesmo alcançando o limite dos 18 anos de idade, pois em tais casos se impõe solução inversa, com a realização e o incremento das ações sócio-educativas até então adotadas, pois do contrário estaria entregando à própria sorte aquele que mais necessita de apoio e orientação, daí advindo resultados indesejáveis tanto ao infrator quanto à sociedade.* (TJPR. Conselho da Magistratura. Rec.Ap.ECA nº 2118-1/97. Rel. Des. Newton Luz. J. em 24/11/1997. Ac. nº 7821. Publ. Revista Igualdade nº 18/129); e *HABEAS CORPUS SUBSTITUTIVO DE RECURSO ORDINÁRIO. ECA. MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA DE INTERNAÇÃO. MAIORIDADE. IRRELEVÂNCIA. ART. 121, §5º, DO ECA. ORDEM DENEGADA. A maioridade penal do infrator não implica, necessariamente, sua liberação, que somente se impõe aos vinte e um anos de idade, nos termos do art. 121, §5º, do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90). Não sendo essa a hipótese dos autos, não há coação a ser corrigida. Ordem denegada.* (STJ. 5ª T. HC nº 32245. Rel. Min. Jorge Scartezzini. J. em 01/04/2004).

Art. 105. Ao ato infracional praticado por criança corresponderão as medidas previstas no art. 101 **[474]**.

474 Vide arts. 2º, *caput*, primeira parte e 136, inciso I, do ECA. A *criança* autora de ato infracional não está sujeita à aplicação de medidas socioeducativas (relacionadas no art. 112, do ECA), mas apenas a *medidas de proteção* (relacionadas no art. 101, do ECA), que deverão ser aplicadas pelo *Conselho Tutelar*, juntamente com medidas específicas *destinadas aos pais ou responsável*. A aplicação das medidas de proteção à criança autora de ato infracional tem por fundamento, acima de tudo, o disposto no art. 98, do ECA, e deve observar os *princípios* relacionados no art. 100, *caput* e par. único, do ECA, sendo acompanhada de intervenções junto à sua família (arts. 136, inciso II c/c 129, do ECA). Vale dizer que não cabe ao Conselho Tutelar "investigar" o ato infracional atribuído à criança, tarefa que permanece (juntamente com a eventual apreensão de armas, drogas e/ou produtos da infração) a cargo da polícia judiciária, inclusive na perspectiva de apurar a possível participação de adultos ou adolescentes.

CAPÍTULO II - DOS DIREITOS INDIVIDUAIS [475]

Art. 106. Nenhum adolescente será privado de sua liberdade senão em flagrante de ato infracional ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente **[476]**.

Parágrafo único. O adolescente tem direito à identificação dos responsáveis pela sua apreensão, devendo ser informado acerca de seus direitos **[477]**.

475 Paralelamente aos direitos e garantias expressamente contempladas no ECA, partindo do princípio que "*a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana*" (cf. art. 3º, do ECA), da inevitável incidência da *regra básica de hermenêutica* segundo a qual toda e qualquer

disposição estatutária somente pode ser interpretada e aplicada no sentido da *proteção integral* infanto-juvenil (inteligência dos arts. 1º, 3º, 4º, 6º e 100, par. único, inciso II c/c 113, do ECA), e da previsão expressa da aplicação, em caráter subsidiário, das regras gerais contidas na Lei Processual Penal (cf. art. 152, *caput*, do ECA), *não é possível, lógica e legalmente, negar ao adolescente acusado da prática de ato infracional qualquer dos direitos e garantias assegurados tanto pela Lei Processual Penal quanto pela Constituição Federal aos imputáveis acusados da prática de crimes*. Vale mencionar, no entanto, que sem prejuízo da plena aplicabilidade das normas de cunho "*garantista*" previstas tanto no próprio ECA quanto na Constituição Federal, normativa internacional e mesmo no Código de Processo Penal, o adolescente acusado da prática de ato infracional deve receber um *tratamento DIFERENCIADO* daquele destinado a imputáveis, até porque o *procedimento especial* destinado à apuração de ato infracional praticado por adolescente, previsto nos arts. 171 a 190, do ECA, é orientado por *regras e princípios próprios do Direito da Criança e do Adolescente* e pela *Doutrina da Proteção Integral*, visando, acima de tudo, a *proteção integral* do adolescente, não se confundindo assim com o processo penal destinado a apurar crimes praticados por adultos, que se destina pura e simplesmente à *punição* destes, na forma da Lei Penal. Ainda sobre a necessidade que o adolescente receba um tratamento diferenciado, que leve em conta suas peculiaridades, além dos direitos e garantias específicas previstos no ECA, vide art. 40, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 (valendo lembrar que o termo "criança" ali empregado, diz respeito a toda pessoa com idade inferior a 18 anos). Por fim, resta mencionar que para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa devem ser também observados os direitos individuais relacionados nos arts. 49 a 51, da Lei nº 12.594/2012.

476 Vide art. 5º, inciso LXI, da CF; arts. 148, inciso I e 230, do ECA e arts. 301 a 303, do CPP c/c art. 152, do ECA. É o CPP que servirá de base para definição das situações em que restará caracterizado o flagrante de ato infracional praticado por adolescente, que serão exatamente *as mesmas* em que um imputável seria considerado em flagrante de crime ou contravenção penal. A apreensão irregular de criança ou adolescente pode dar ensejo à prática do *crime* previsto no art. 230 do ECA.

477 Vide art. 5º, incisos LXIII e LXIV, da CF e arts. 106 a 109 e 230, do ECA. Dentre os direitos a serem informados ao adolescente está o direito de permanecer calado e o de contar com a presença de seus pais ou responsável em todas as fases do procedimento, inclusive quando da formalização de sua apreensão (inteligência dos arts. 107, *caput*, 111, inciso VI e 174, todos do ECA).

Art. 107. A apreensão de qualquer adolescente e o local onde se encontra recolhido serão incontinenti comunicados à autoridade judiciária competente e à família do apreendido ou à pessoa por ele indicada **[478]**.

Parágrafo único. Examinar-se-á, desde logo e sob pena de responsabilidade, a possibilidade de liberação imediata **[479]**.

478 Vide art. 5º, inciso LXII, da CF; arts. 148, inciso I, 111, inciso VI e 231, do ECA; item 10.1 das "*Regras de Beijing*" e itens 22 e 23, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Interessante observar que o legislador optou por utilizar a expressão "*incontinenti*", ao invés da palavra "*imediatamente*", já contida no art. 5º, inciso LXII, da CF, para enfatizar a necessidade de a comunicação ser efetuada *no exato momento do ingresso do adolescente na repartição policial*, de modo que a autoridade judiciária possa, desde logo, relaxar a apreensão ilegal (vide arts. 230 e 234, do ECA), e que os pais ou responsável possam comparecer perante a autoridade

policial e acompanhar a lavratura do auto de apreensão em flagrante ou boletim de ocorrência circunstanciado (cf. art. 173, do ECA), além de receber o adolescente após firmar termo de compromisso de apresentação ao representante do Ministério Público (cf. art. 174, primeira parte, do ECA), no caso de sua liberação (que deverá ser a regra). Importante deixar claro que é *a autoridade policial* (e não o Conselho Tutelar ou outro órgão) que deve efetuar a aludida comunicação aos pais ou responsável, diligenciando, se necessário, no sentido de sua localização e comparecimento à repartição policial. A comunicação da apreensão a outra pessoa (indicada pelo adolescente) somente poderá ocorrer caso os pais ou responsável pelo adolescente não sejam encontrados ou estejam em local inacessível. O acionamento do Conselho Tutelar, no momento da apreensão do adolescente, por sua vez, somente deverá ocorrer quando não forem localizados seus pais ou responsável e o acusado não indicar outra pessoa (adulta) para acompanhar a lavratura do auto de apreensão ou boletim de ocorrência circunstanciado, também não havendo no município um programa específico de atendimento social, que possa ser mobilizado em tais casos. Vale lembrar que, por força do *princípio* expressamente consignado no art. 100, par. único, inciso IX, do ECA (aplicável a adolescentes em conflito com a lei por força do disposto no art. 113, do mesmo Diploma Legal), a intervenção estatal deve ser realizada no sentido de fazer com que *os pais assumam suas responsabilidades em relação a seus filhos*, não cabendo ao Estado (*lato sensu*) "substituir" o papel que é próprio da *família* no processo de (re)construção da cidadania dos adolescentes em conflito com a lei.

479 Vide arts. 5º, incisos LVII e LXV e 227, §3º, inciso V, segunda parte, da CF; arts. 4º, *caput* c/c 16 e 108, par. único c/c 174, primeira parte, do ECA; art. 37, alínea "d", *in fine*, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; item 19.1, das "*Regras de Beijing*" e item 17, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". O adolescente deve ter assegurado, com a mais *absoluta prioridade* seu *direito à liberdade*, que somente poderá ser cerceado em situações *extremas*, após comprovada a "*necessidade imperiosa*" de sua contenção, até porque aqui também aplicável - e com muito mais razão, face o disposto nos arts. 1º e 5º, do ECA - o *princípio constitucional da presunção do estado de inocência*. Salienta-se, outrossim, que a autoridade competente (policial ou judiciária), tem o *dever legal* de ordenar a imediata liberação do adolescente, tão logo tenha conhecimento da ilegalidade de sua apreensão. Caso assim não proceda poderá, em tese, incorrer na prática do *crime* previsto no art. 234, do ECA.

Art. 108. A internação, antes da sentença, pode, ser determinada **[480]** pelo prazo máximo de quarenta e cinco dias **[481]**.

Parágrafo único. A decisão deverá ser fundamentada **[482]** e basear-se em indícios suficientes de autoria e materialidade **[483]**, demonstrada a necessidade imperiosa da medida **[484]**.

480 Apenas o Juiz da Infância e da Juventude é competente para determinar a internação provisória de adolescente acusado da prática de ato infracional (inteligência do art. 148, inciso I, do ECA). Importante observar que a única forma de manter apreendido o adolescente após seu flagrante, é decretando sua internação provisória. As hipóteses que autorizam esta contenção cautelar estão previstas no art. 174, segunda parte, do ECA. Caso o ato praticado não seja de natureza grave o decreto da internação provisória será *juridicamente impossível* e, mesmo diante da prática de atos de natureza grave, a contenção cautelar do adolescente somente deverá ocorrer quando comprovada nos autos (e devidamente fundamentada), a "*necessidade imperiosa*" da medida (cf. art. 108, par. único, do ECA), devendo, em *regra*, ser o adolescente liberado *pela própria*

autoridade policial, independentemente de ordem judicial, mediante termo (cf. art. 174, primeira parte, do ECA).

481 Vide art. 37, alínea "d", *in fine*, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; item 17, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*"; item 20.1, das "*Regras de Beijing*"; arts. 183 e 235, do ECA e Instrução Normativa nº 02/2009, de 03/11/2009, do Conselho Nacional de Justiça/Corregedoria Nacional de Justiça. O procedimento deve tramitar de forma *célere*, dando-se a mais *absoluta prioridade* na sua instrução e julgamento, *ex vi* do disposto no art. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" do ECA e art. 227, *caput*, da CF. Caso extrapolado o *prazo máximo e improrrogável* de permanência do adolescente em regime de internação provisória (em entidade própria para adolescentes, nos moldes do previsto no art. 123, do ECA), deverá ser o mesmo *colocado em liberdade*, providenciando o juízo sua entrega aos pais ou responsável, mediante termo (art. 101, inciso I, do ECA). A extrapolação de prazo fixado pelo ECA em benefício de adolescente privado de liberdade, em tese, caracteriza do *crime* tipificado no art. 235, do ECA, sem prejuízo da concessão de *habeas corpus* (inclusive de ofício), para imediata liberação do adolescente. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. INTERNAÇÃO PROVISÓRIA. EXCESSO DE PRAZO. ALEGAÇÕES FINAIS. SÚMULA Nº 52/STJ. INAPLICABILIDADE. EXCEPCIONALIDADE-BREVIDADE DA MEDIDA EXTREMA. ORDEM CONCEDIDA. A internação, antes da sentença, pode ser determinada pelo prazo máximo de 45 (quarenta e cinco) dias. A medida sócio-educativa de internação constitui medida privativa de liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. A aplicação da Súmula 52/STJ mostra-se incompatível com os princípios fundamentais do ECA, devendo prevalecer o respeito ao prazo máximo de internação provisória expressamente previsto de 45 (quarenta e cinco) dias. 'WRIT' CONCEDIDO para determinar a imediata soltura do Paciente, salvo se estiver internado por outro motivo.* (STJ. 6ª T. HC nº 36981/RJ. Rel. Min. Ministro Paulo Medina. J. em 24/02/2005); e também: *HABEAS CORPUS LIBERATÓRIO. ECA. ATO INFRACIONAL ANÁLOGO À TENTATIVA DE ROUBO. INTERNAÇÃO PROVISÓRIA. EXTRAPOLAÇÃO DO PRAZO LEGAL DE 45 DIAS CARACTERIZADA. ART. 108 DO ECA. CONSTRANGIMENTO ILEGAL. PARECER DO MPF PELA CONCESSÃO DO 'WRIT'. ORDEM CONCEDIDA PARA CESSAR A INTERNAÇÃO PROVISÓRIA DO PACIENTE, DETERMINANDO-SE A IMEDIATA SOLTURA DO ADOLESCENTE, SE POR OUTRO MOTIVO NÃO ESTIVER INTERNADO. 1. Em que pese a reprovabilidade do ato infracional praticado, não pode o Juiz se afastar da norma contida no art. 108 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que dispõe expressamente que a medida de internação anterior a sentença não pode extrapolar o prazo de 45 dias. 2. É irrelevante o tipo de crime praticado, o 'modus operandi', a personalidade do agente, ou até mesmo de quem é a responsabilidade pela demora no julgamento; uma vez atingido o prazo máximo permitido para a medida cautelar, nos casos de menores infratores, deve o mesmo ser imediatamente posto em liberdade. 3. Parecer do MPF pela concessão da ordem. 4. 'Habeas Corpus' concedido para cessar a internação provisória do paciente, determinando-se a imediata soltura do adolescente, se por outro motivo não estiver internado.* (STJ. 5ª T. HC nº 131770/RS. Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho. J. em 26/05/2009). Ainda sobre a internação provisória de adolescente acusado da prática de ato infracional, vide arts. 174 e 185, ambos do ECA. Em qualquer caso, vale lembrar que, enquanto não houver sentença transitada em julgado que reconheça a responsabilidade socioeducativa, *presume-se a inocência do adolescente* (cf. art. 5º, inciso LVII, da CF), que como tal merece ser tratado, sem qualquer preconceito ou discriminação (cf. art. 5º, do ECA e art. 227, *caput*, parte final, da CF), não sendo admissível, sob qualquer circunstância, sua permanência em repartição policial ou estabelecimento prisional por prazo superior aos 05 (cinco)

dias tolerados pelo art. 185, §2º, do ECA. Resta observar, por fim, que não é admissível o decreto de internações provisórias sucessivas, em procedimentos diversos, a pretexto de extrapolar o prazo máximo de internação provisória, devendo todos os procedimentos porventura pendentes em relação ao adolescente ser reunidos para decisão única, observado o prazo máximo de segregração cautelar previsto em lei. Neste sentido: *HABEAS CORPUS ECA - ATOS INFRACIONAIS EQUIPARADOS AOS CRIMES DE FURTO E ROUBO INTERNAÇÕES SUCESSIVAS DO ADOLESCENTE POR PRAZO SUPERIOR A 45 (QUARENTA E CINCO) DIAS RELATIVAS A FATOS PRETÉRITOS IMPOSSIBILIDADE - INTERPRETAÇÃO DISTORCIDA DO DISPOSTO NOS ARTS. 108 E 183 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - CONSTRANGIMENTO ILEGAL EVIDENCIADO - ORDEM CONCEDIDA, CONFIRMANDO-SE A LIMINAR ANTERIORMENTE DEFERIDA*. (TJPR. 2ª C.Crim. HCECA nº 0650455-2, de Centenário do Sul. Rel. Juiz Subst. 2º G. Carlos Augusto A. de Mello. Unânime. J. em 25/03/2010).

482 Vide art. 93, inciso IX, da CF, devendo ser utilizados como parâmetro as regras e princípios próprios do Direito da Criança e do Adolescente, sem jamais perder de vista que a medida de internação - ainda que aplicada em caráter provisório - não pode conter um *fim* em si mesma, muito menos ser aplicada numa perspectiva meramente *punitiva*, sendo invariavelmente orientada pelo *princípio constitucional da excepcionalidade*, insculpido no art. 227, §3º, inciso V, segunda parte, da CF.

483 Tais indícios - que também são necessários para o oferecimento da representação sócio-educativa (inteligência dos arts. 114 c/c 182, §2º, do ECA) - deverão estar presentes nos autos, sendo apontados pela decisão judicial respectiva.

484 Vide arts. 4º, *caput* c/c 16, 5º, 107, par. único e 174, do ECA; item 17, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*" e item 13, das "*Regras de Beijing*". Se já existem restrições à custódia cautelar de imputáveis (em razão da presunção constitucional do estado de inocência - cf. art. 5º, inciso LVII, da CF), com muito mais razão se deve evitar a internação provisória de adolescentes, cabendo à autoridade judiciária a *cabal demonstração*, por intermédio de argumentos e elementos *idôneos* presentes nos autos, que a contenção do adolescente de fato se mostra *imperiosa* na espécie, não bastando a singela remissão aos dizeres da lei. Neste sentido: *HABEAS CORPUS CRIME. DECISÃO QUE DECRETA INTERNAÇÃO PROVISÓRIA DE MENOR INFRATOR, FUNDAMENTAÇÃO DEFICIENTE. ORDEM CONCEDIDA. 1. Diante do caráter extremamente excepcional da medida de internação provisória, somente pode ser decretada se, uma vez presentes prova da existência do crime e indícios da autoria, restem evidentes, com fundamento em base fática idônea, razões que demonstrem a necessidade imperiosa da medida, a teor do disposto no art. 108, parágrafo único. Assim, ilegal a decisão que, não obstante afirmar a existência de elementos suficientes nos autos a autorizar a decretação da internação provisória, não elenca, como deveria, a necessidade imperiosa da medida. 3. Ordem concedida.* (TJPR. 1ª C. Crim. HC nº 177.261-4, de Maringá. Rel. Des. Bonejos Demchuk. Ac. nº 17892. J. em 30/06/2005).

Art. 109. O adolescente civilmente identificado não será submetido à identificação compulsória pelos órgãos policiais, de proteção e judiciais, salvo para efeito de confrontação, havendo dúvida fundada **[485]**.

485 Vide art. 5º, inciso LVIII, da CF; arts. 5º, 15, 17, 18 e 232, do ECA e Lei nº 12.037/2009, de 01/10/2009, que dispõe sobre a identificação criminal e dá outras providências. O adolescente não deve ser submetido ao constrangimento

causado pela identificação datiloscópica se não houver dúvidas acerca de sua identidade.

CAPÍTULO III - DAS GARANTIAS PROCESSUAIS

Art. 110. Nenhum adolescente [486] será privado de sua liberdade sem o devido processo legal [487].

486 Nem se cogita da privação de liberdade de *crianças* acusadas da prática de ato infracional, que na forma do art. 136, inciso I deverão ser encaminhadas ao Conselho Tutelar (que não irá instaurar procedimento para apuração de ato infracional, mas sim apenas aferir a presença da situação de risco a que alude o art. 98, do ECA), que irá aplicar as *medidas de proteção* mais adequadas às suas *necessidades pedagógicas* (conforme arts. 100, *caput* e 101, incisos I a VII, do ECA) e, se for o caso, também aplicará *aos pais ou responsável* as medidas previstas no art. 129, incisos I a VII (conforme art. 136, inciso II), do ECA.

487 Vide art. 5º, inciso LIV, da CF e arts. 1º e 6º c/c 171 a 190, do ECA. O procedimento para apuração de ato infracional praticado por adolescente, embora revestido das mesmas garantias processuais e demandando as mesmas cautelas que o processo penal instaurado em relação a imputáveis, com este não se confunde, até porque, ao contrário deste, seu objetivo final não é a singela aplicação de uma "pena", mas sim, em última análise, a *proteção integral* do jovem, para o que as medidas socioeducativas se constituem apenas no *meio* que se dispõe para chegar a este resultado (daí porque não é sequer obrigatória sua aplicação, podendo o procedimento se encerrar com a concessão de uma remissão em sua forma de "perdão puro e simples" ou com a aplicação de medidas de cunho unicamente protetivo, tudo a depender das *necessidades pedagógicas específicas* do adolescente - cf. arts. 113 c/c 100, *caput*, do ECA). Para tanto, o procedimento possui regras e, acima de tudo, *princípios* que lhe são próprios, cuja inobservância, por parte da autoridade judiciária, somente pode conduzir à *nulidade absoluta* do feito. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Prática de ato infracional definido no art. 121, §2º, inc. IV, do Código Penal. Aplicação da medida sócio-educativa da internação. Inobservância de normas constitucionais e estatutárias. Procedimento eivado de nulidade absoluta. Decretação 'ex officio'. Concessão de ordem de 'habeas corpus' de ofício, em caráter liminar. Desinternação imediata dos adolescentes. Inteligência do art. 101, inc. I, do ECA. Submissão de um dos representados à avaliação psiquiátrica, para a apuração de sua sanidade mental. Se não foram observadas normas constitucionais e estatutárias, desde a audiência de apresentação dos adolescentes, é de ser decretada a nulidade absoluta do feito, a partir daquele momento procedimental, colocando-se, consequentemente, em liberdade os representados.* (TJPR. 1ª C. Crim. Rec.Ap.ECA. nº 155.76406. Rel. Des. Tadeu Costa. J. em 03/06/2004).

Art. 111. São asseguradas ao adolescente, entre outras [488], as seguintes garantias:

I - pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, mediante citação ou meio equivalente [489];

II - igualdade na relação processual, podendo confrontar-se com vítimas e testemunhas e produzir todas as provas necessárias à sua defesa [490];

III - defesa técnica por advogado [491];

IV - assistência judiciária gratuita e integral aos necessitados, na forma da lei **[492]**;

V - direito de ser ouvido pessoalmente pela autoridade competente **[493]**;

VI - direito de solicitar a presença de seus pais ou responsável em qualquer fase do procedimento.

488 Vide também arts. 37, 49 e 71, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. Partindo do princípio que "*a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana*" (cf. art. 3º, do ECA), da inevitável incidência da *regra básica de hermenêutica* segundo a qual toda e qualquer disposição estatutária somente pode ser interpretada e aplicada no sentido da *proteção integral* infanto-juvenil (conforme *princípio* expressamente consignado no art. 100, par. único, inciso II, do ECA - que se aplica às medidas socioeducativas por força do disposto no art. 113, do ECA), e da previsão expressa da aplicação, em caráter subsidiário, das regras gerais contidas na Lei Processual Penal (cf. art. 152, *caput*, do ECA), *não é possível, lógica e legalmente, negar ao adolescente acusado da prática de ato infracional qualquer dos direitos e garantias assegurados tanto pela Lei Processual Penal quanto pela Constituição Federal aos imputáveis acusados da prática de crimes*, aos quais *ainda se somam aqueles especificamente relacionados no próprio ECA*. Ainda sobre a matéria, vide arts. 37, alínea "d" e 40, alínea "b", da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e item 7.1 das "*Regras de Beijing*".

489 Vide arts. 5º, inciso LV e 227, §3º, IV, da CF e art. 184, §1º, do ECA.

490 Vide arts. 5º, incisos LIV e LV e 227, §3º, inciso IV, da CF. O dispositivo deve ser aplicado, inclusive, quando da instrução de incidentes de execução, como quando da substituição de medidas (cf. arts. 99 c/c 113, do ECA) e da reavaliação da necessidade ou não de continuidade de execução da medida de internação (cf. art. 121, 2º, do ECA), devendo em qualquer caso, logicamente, ser também assegurada a defesa técnica mencionada no inciso seguinte. Desnecessário mencionar que a igualdade na relação processual se constitui num verdadeiro *princípio*, que se aplica a ambas as partes. Neste sentido: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. DECISÃO MONOCRÁTICA. ECA. APURAÇÃO DE ATO INFRACIONAL. INDEFERIMENTO DA PROVA TESTEMUNHAL PELO MUNISTÉRIO PÚBLICO. VIOLAÇÃO DOS POSTULADOS DA ISONOMIA PROCESSUAL E DO CONTRADITÓRIO. O indeferimento da prova testemunhal pretendida pelo Ministério Público na representação que apura a participação de adolescente em ato infracional implica em violação aos postulados do contraditório e da isonomia processual, causando prejuízo à atividade ministerial na apuração de ato infracional. Prova emprestada que diz respeito a processo-crime em que respondem co-réus imputáveis pela prática do mesmo fato, podendo ser utilizada desde que sem prejuízo ao exercício de provas no processo de apuração de ato infracional. AGRAVO DE INSTRUMENTO PROVIDO.* (TJRS. A.I. nº 70032810640. Rel. Des. André Luiz Planella Villarinho. J. em 20/10/2009).

491 Vide art. 227, §3º, inciso IV, da CF; arts. 184, §1º, 186, §2º e 207, do ECA; art. 4º, inciso VIII, da Lei nº 12.594/2012 e item 15 das "*Regras de Beijing*". Por força do disposto no art. 4º, inciso VIII, da Lei nº 12.594/2012, a garantia de defesa técnica ao adolescente acusado da prática de ato infracional, seja no procedimento destinado à sua apuração, seja ao longo da execução da medida eventualmente aplicada, é de responsabilidade do Estado (*stricto sensu*).

492 Vide arts. 5º, inciso LXXIV e 134, da CF; art. 206, par. único, do ECA e Lei nº 1.060/1950.

493 Vide arts. 179 e 186, do ECA. O direito em questão pode ser invocado em qualquer fase do procedimento e mesmo quando da instrução e julgamento dos incidentes de execução.

CAPÍTULO IV - DAS MEDIDAS SÓCIO-EDUCATIVAS [494]

Seção I - Disposições Gerais

Art. 112. Verificada a prática de ato infracional [495], a autoridade competente [496] poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas [497]:

I - advertência [498];

II - obrigação de reparar o dano [499];

III - prestação de serviços à comunidade [500];

IV - liberdade assistida [501];

V - inserção em regime de semiliberdade [502];

VI - internação em estabelecimento educacional [503];

VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI [504].

§ 1º. A medida aplicada ao adolescente levará em conta [505] a sua capacidade de cumpri-la [506], as circunstâncias [507] e a gravidade [508] da infração.

§ 2º. Em hipótese alguma e sob pretexto algum, será admitida a prestação de trabalho forçado [509].

§ 3º. Os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições [510].

494 Vide Lei nº 12.594, de 18/01/2012, que intitui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. As medidas socioeducativas são destinadas apenas a *adolescentes* acusados da prática de atos infracionais, devendo por força do art. 104, par único do ECA ser considerada a *idade do agente à data do fato* (a *criança* está sujeita *APENAS a medidas de proteção* - arts. 105 c/c 101 do ECA) e, embora pertençam ao gênero "*sanção estatal*" (decorrentes da não conformidade da conduta do adolescente a uma norma penal proibitiva ou impositiva), não podem ser confundidas ou encaradas como *penas*, pois têm *natureza jurídica* e *finalidade diversas*. Enquanto as penas possuem um caráter eminentemente *retributivo/punitivo*, as medidas socioeducativas têm um caráter preponderantemente *pedagógico*, com preocupação única de *educar* o adolescente acusado da prática de ato infracional, evitando sua reincidência. Como o ato infracional não é crime e a medida socioeducativa não é pena, incabível fazer qualquer correlação entre a quantidade ou qualidade (se reclusão ou detenção) de pena *in abstracto* prevista para o imputável que pratica o crime e a medida socioeducativa destinada ao adolescente que pratica a mesma conduta, até porque *inexiste qualquer prévia correlação entre o ato infracional praticado e a medida a ser aplicada*, nada impedindo - e sendo mesmo preferível, na forma da Lei e da Constituição Federal - que um ato infracional de natureza grave receba medidas socioeducativas em meio aberto. A aplicação das medidas socioeducativas *não está sujeita aos parâmetros traçados pelo CP* e doutrina penalista para a "dosimetria da pena", sendo assim *inadmissível* a utilização, bastante comum, da análise das circunstâncias judiciais do art. 59 do CP. A aplicação das medidas socioeducativas está sujeita a *princípios e regras específicas*, previstas nos arts.

112, §1º e 113 c/c arts. 99 e 100, *caput* e par. único, todos do ECA (vide). As medidas socioeducativas devem, em regra, corresponder a um *programa socioeducativo* e este, por sua vez, deve estar inserido numa *política socioeducativa* mais ampla, devidamente articulada (cf. art. 86, do ECA) com outros programas e serviços públicos disponíveis na "rede de proteção à criança e ao adolescente" que todo município deve dispor (valendo neste sentido observar também o disposto nos itens 8 a 38 e 44 a 49, das "*Diretrizes de Riad*"). Ainda sobre a matéria, vide Lei nº 12.106/2009, de 02/12/2009, que cria, no âmbito do Conselho Nacional de Justiça, o Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas e dá outras providências e Lei nº 12.258/2010, de 15/06/2010, que altera o Código Penal e a Lei de Execução Penal para prever a possibilidade de utilização de equipamento de vigilância indireta pelos imputáveis condenados na esfera penal, cujas disposições podem ser aplicadas, por analogia, para permitir semelhante monitoramento de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em regime de semiliberdade ou internação (quando da realização de atividades externas).

495 Vide art. 103, do ECA. É de se atentar para o fato de que não se cogita a aplicação de medidas socioeducativas a adolescentes que não tenham praticado ato infracional, o que realça seu caráter *sancionatório* (diga-se: decorrente da não conformação da conduta do adolescente ao comando normativo da Lei Penal), porém *jamais punitivo*.

496 Vide art. 148, incisos I e II, do ECA, sobre a *competência exclusiva da Justiça da Infância e Juventude* para a matéria. Vide também arts. 126 c/c 127 e 181, §1º, todos também do ECA, sobre a prerrogativa do Ministério Público de *ajustar* com o adolescente, em sede de remissão, o cumprimento de uma ou mais medidas socioeducativas em meio aberto, como forma de *exclusão* do processo.

497 Vide item 18, das "*Regras de Beijing*". Por se tratarem de *sanções estatais*, posto que se constituem na resposta à prática de ato infracional por adolescente, sendo de natureza *coercitiva*, as medidas socioeducativas estão sujeitas ao *princípio constitucional da legalidade* (art. 5º, inciso XXXIX, da CF), não podendo ser aplicadas, a este título, outras medidas além das expressamente relacionadas neste dispositivo. Importante também destacar que *não existe prévia correlação entre o ato infracional praticado e a medida socioeducativa a ser aplicada*, assim como *não existe qualquer "ordem de aplicação" para as medidas socioeducativas* aqui previstas, nada impedindo, em tese, que o *primeiro* ato infracional praticado pelo adolescente, desde que de natureza grave (cf. art. 122, do ECA), receba como sanção a medida de internação, desde que esta se mostre *necessária* e, comprovadamente, não exista a possibilidade de aplicação de medidas em meio aberto, que terão sempre *preferência* a tal solução (cf. arts. 113 c/c 100, *caput* e 122, §2º, do ECA). A inexistência de uma prévia correlação entre o ato infracional praticado e a medida a ser aplicada torna mais do que nunca *imprescindível* a *individualização* da medida mais adequada a *cada adolescente*, nada impedindo, e sendo em alguns casos mesmo *necessário* que adolescentes co-autores do mesmo ato infracional recebam medidas socioeducativas completamente diversas, a depender de análise criteriosa de suas condições pessoais, familiares e sociais, observados os parâmetros estabelecidos, dentre outros, no art. 112, §1º, do ECA (vide comentários) e os princípios relacionados nos arts. 1º, 5º, 6º e 100, *caput* e par. único, do ECA. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ECA. ADOLESCENTES INTERNADAS EM VIRTUDE DE SENTENÇA. ALEGAÇÃO DE NULIDADE. PARECER DO MINISTÉRIO PÚBLICO PRECISO E BEM FUNDAMENTADO. ENTENDIMENTO ADOTADO COMO RAZÕES DE DECIDIR. DECISÃO QUE ENGLOBOU AS TRÊS ADOLESCENTES, SEM ANALISAR SUAS PECULIARIDADES E SINGULARIDADES. VIOLAÇÃO DOS PRINCÍPIOS BASILARES DO DIREITO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. SENTENÇA ANULADA. ADOLESCENTES DESINTERNADAS QUE*

DEVERÃO AGUARDAR NOVA DECISÃO SOB LIBERDADE ASSISTIDA. (TJPR. 2ª C. Crim. HC-ECA nº 0743893-3, de Pinhão. Rel. Des. Valter Ressel. J. em 17/02/2011); e *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL. ROUBO. APLICAÇÃO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO COM POSSIBILIDADE DE ATIVIDADES EXTERNAS. MODIFICAÇÃO. ADEQUAÇÃO ÀS CIRCUNSTANCIAS PESSOAIS DE CADA ADOLESCENTE. ABRANDAMENTO DA MEDIDA. A medida socioeducativa a ser aplicada deve observar não somente o ato infracional praticado, mas também as circunstâncias pessoais do adolescente, pois que a finalidade principal do Estatuto da Criança e do Adolescente é de reeducar e ressocializar o adolescente. Deve ser diferenciada a medida aplicada ao adolescente que não possui antecedentes, daquele que possui poucos e, daqueles que possuem uma conduta reiterada na prática de atos infracionais. APELAÇÃO PROVIDA.* (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70031420938. Rel. Des. José Conrado de Souza Júnior. J. em 28/10/2009).

498 Vide art. 115, do ECA.

499 Vide art. 116, do ECA.

500 Vide art. 117, do ECA.

501 Vide arts. 118 e 119, do ECA.

502 Vide art. 120, do ECA.

503 Vide arts. 121 a 125, do ECA.

504 Embora as medidas previstas o art. 101, incisos I a VI, do ECA estejam relacionadas no capítulo relativo às medidas específicas de proteção (que como tal não são coercitivas), se aplicadas a adolescente em razão da prática de ato infracional, nos moldes do previsto no procedimento respectivo, *assumirão o caráter de medidas socioeducativas* (podendo ser chamadas de "medidas socioeducativas atípicas", em contraposição às "típicas" - ou "propriamente ditas" -, previstas nos incisos anteriores do mesmo dispositivo), ganhando assim um cunho *coercitivo* (podendo mesmo seu descumprimento reiterado e injustificável resultar - em casos extremos - na aplicação da "*internação-sanção*" prevista pelo art. 122, inciso III, do ECA). Importante atentar para o fato de que foram deliberadamente *omitidas* da relação do art. 112, inciso VII do ECA, as medidas de *acolhimento institucional* e de *colocação em família substituta* (art. 101, incisos VII e VIII, do ECA), reforçando a idéia de que as medidas socioeducativas, assim como as protetivas, devem sempre procurar *fortalecer vínculos familiares* (conforme arts. 100, *caput* c/c 113, ambos do ECA). Como consequência, embora o acolhimento institucional e a colocação em família substituta possam ser aplicadas a adolescentes acusados da prática de ato infracional, isto somente poderá ocorrer a título de *medida de proteção* (*stricto sensu*), *jamais* podendo ser *imposto*, a título de *sanção estatal*, como ocorre com as medidas socioeducativas.

505 São estes os *parâmetros* a serem analisados quando da aplicação da medida socioeducativa, que deverá levar também em conta as *necessidades pedagógicas* do adolescente, conforme arts. 113 c/c 100, *caput*, primeira parte, do ECA, devendo-se buscar, invariavelmente, a solução que *melhor atenda aos interesses do adolescente* da forma *menos gravosa possível* (cf. arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II c/c 113, do ECA). A aplicação da medida socioeducativa deverá ainda considerar os *princípios* relacionados no art. 100, par. único, do ECA e item 17.1, das "*Regras de Beijing*". Assim sendo, a aplicação das medidas socioeducativas deve ocorrer da forma *mais célere possível* (cf. art. 100, par. único, inciso VI, do ECA), levando sempre em conta a situação do adolescente *no momento em que a decisão é tomada* (cf. art. 100, par. único, inciso VIII, do ECA), a partir de uma avaliação técnica criteriosa que contemple a orientação do adolescente e leve em conta sua opinião (cf. art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA), dando sempre preferência a medidas que fortaleçam vínculos

familiares e enalteçam o papel da família no processo de socioeducação (cf. art. 100, *caput* e par. único, incisos IX e X, do ECA), devendo em qualquer caso procurar a solução menos traumática possível (cf. art. 100, par. único, incisos II, IV e VII, do ECA), na perspectiva da plena *efetivação* de *todos* os seus direitos fundamentais (cf. cf. arts. 1º, 4º e 6º c/c 100, par. único, inciso II e 113, todos do ECA). Desnecessário dizer que, estabelecendo a Lei nº 8.069/1990 parâmetros e princípios próprios a serem considerados quando da aplicação das medidas socioeducativas, é *inadmissível* a utilização daqueles contemplados pelo Direito Penal para "dosimetria da pena", até porque, a exemplo do que consta de diversos comentários contidos nesta obra, as medidas socioeducativas possuem *natureza jurídica* e *finalidade* completamente *diversas* das "penas", *não admitindo sua aplicação e execução numa perspectiva meramente "punitivo-repressiva"*.

506 Vide art. 35, inciso VI, da Lei nº 12.594/2012. Para aferição da *"capacidade de cumprimento da medida"* pelo adolescente não basta uma análise genérica e/ou superficial do caso e seu cotejo com o que seria de se esperar do "*homo medius*", até porque não existe um "adolescente padrão". Ademais, por força do disposto no art. 6º, do ECA, o adolescente deve ter sempre respeitada sua "*peculiar condição de pessoa em desenvolvimento*", o que demanda uma análise criteriosa da situação psicossocial de *cada adolescente*, individualmente considerado e seu *efetivo preparo*, inclusive sob o ponto de vista emocional, para se submeter à medida que se lhe pretende aplicar. Devemos lembrar que, embora seja uma *sanção estatal*, a medida socioeducativa *não é* uma "*pena*", devendo apresentar um *benefício* ao adolescente, pelo que somente deverá ser aplicada e continuar a ser executada se estiver surtindo resultados *positivos*. Outra não é a razão de a lei prever a possibilidade de *substituição* de uma medida por outra, a qualquer tempo (arts. 113 c/c 99, ambos do ECA).

507 Por "*circunstâncias da infração*" deve-se compreender *muito mais* que a singela autoria e materialidade do ato infracional, mas sim *todos os fatores* **-** endógenos e exógenos - que levaram o adolescente à prática do ato infracional. É, em última análise, a busca do *motivo* e das *causas* da conduta infracional, que a intervenção socioeducativa deve procurar combater, sempre da forma *menos rigorosa possível*. A apuração das circunstâncias da infração é também prevista no item 16.1 das "*Regras de Beijing*" já mencionadas, tornando *imprescindível*, máxime quando da prática de atos infracionais de natureza grave, a realização de um *criterioso estudo psicossocial*, por *equipe interprofissional habilitada*, nos moldes do previsto nos arts. 151 c/c 186, §4º, do ECA. A apuração das "*capacidades e circunstâncias pessoais do adolescente*" é também fundamental para atender ao "princípio da individualização da medida", preconizado pelo art. 35, inciso VI, da Lei nº 12.594/2012.

508 Vide art. 35, inciso IV, da Lei nº 12.594/2012. A disposição visa assegurar que haja uma *proporcionalidade* entre a infração praticada e a medida a ser aplicada, *não significando*, no entanto, que para todo ato de natureza grave deverão corresponder medidas privativas de liberdade. Mesmo em tais casos, somente deverá ocorrer a privação da liberdade quando não restar outra alternativa sociopedagógica (art. 227, §3º, inciso V, da CF e arts. 121, *caput* c/c 122, §2º, ambos do ECA). Por outro lado, diante da pequena gravidade da conduta infracional é admissível, inclusive a aplicação do *princípio da insignificância*, de modo a excluir a aplicação de qualquer medida socioeducativa, sem prejuízo da possibilidade de aplicação de medidas de cunho unicamente protetivo. Neste sentido: *PENAL. PROCESSUAL PENAL. ECA. AUSÊNCIA DE PREQUESTIONAMENTO. PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA. FURTO DE CHOCOLATE. VALOR R$ 12,30. HABEAS CORPUS CONCEDIDO DE OFÍCIO. RECURSO ESPECIAL NÃO-CONHECIDO. 1. A ausência de prequestionamento dos dispositivos de lei tidos por violados impede o conhecimento do recurso especial. 2. Consoante entendimento do Superior Tribunal de Justiça, é possível o*

reconhecimento do princípio da insignificância nas condutas regidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. 3. O princípio da insignificância surge como instrumento de interpretação restritiva do tipo penal que, de acordo com a dogmática moderna, não deve ser considerado apenas em seu aspecto formal, de subsunção do fato à norma, mas, primordialmente, em seu conteúdo material, de cunho valorativo, no sentido da sua efetiva lesividade ao bem jurídico tutelado pela norma penal, consagrando os postulados da fragmentariedade e da intervenção mínima. 4. Recurso especial não-conhecido. 'Habeas corpus' condido de ofício para reconhecer a incidência do princípio da insignificância e determinar a extinção do feito. (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 1.113.155/RS. Rel. Min. Arnaldo Esteves de Lima. J. em 18/08/2009). Vale lembrar que, mesmo diante da prática de atos infracionais de natureza grave, a aplicação de medidas privativas de liberdade somente deverá ocorrer em última instância, cabendo à autoridade, neste caso, à luz da análise criteriosa dos parâmetros contidos nos arts. 112, §1º e 122, incisos I a III e §2º, do ECA, demonstrar que não é viável, no caso, a aplicação de medidas em meio aberto. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - ECA. HABEAS CORPUS. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO CRIME DE ROUBO CIRCUNSTANCIADO. MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE SEMILIBERDADE. ALEGAÇÃO DE AUSÊNCIA DE FUNDAMENTAÇÃO. OCORRÊNCIA. PRINCÍPIO DA EXCEPCIONALIDADE. ARTS. 227, §3º, V, DA CF E 120 C.C. 122, §2º, DO ECA. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CONFIGURADO. ORDEM CONCEDIDA. 1. Não há incompatibilidade com os princípios que regem a Lei 8.069/90 quando se aplica a medida socioeducativa de semiliberdade na hipótese de ato infracional equiparado ao delito de roubo circunstanciado, uma vez que, nos termos do art. 120 do ECA, a medida de semiliberdade pode ser aplicada desde o início, de acordo com a necessidade do caso em exame. 2. Deve o magistrado levar em consideração a capacidade de o menor cumpri-la, as circunstâncias e a gravidade da infração (art. 112, §1º, do ECA), bem como fundamentar o seu convencimento em dados concretos que exijam a restrição da liberdade, em virtude de sua excepcionalidade. 3. Não tendo sido demonstrada pelas instâncias ordinárias a necessidade concreta da aplicação da medida socioeducativa de semiliberdade, resta configurado o constrangimento ilegal. 4. Ordem concedida para que o menor seja inserido na medida socioeducativa de liberdade assistida.* (STJ. 5ª T. HC nº 143584/SP. Rel. Min. Arnaldo Esteves de Lima. J. em 01/10/2009). Sobre a matéria, vide também o disposto no item 5.1, das "*Regras de Beijing*".

509 Vide art. 5º, inciso XLVII, alínea "c", da CF e art. 232, do ECA.

510 Vide art. 11, §1º, do ECA; arts. 64 e 65, da Lei nº 12.594/2012 e arts. 23 e 25, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 (valendo lembrar que o termo "criança" empregado pela referida Convenção diz respeito a todas as pessoas com idade inferior a 18 anos). Adolescentes acusados da prática de ato infracional que apresentem distúrbios de ordem psíquica que os tornariam inimputáveis ou semi-imputáveis mesmo se adultos fossem, conforme regra do art. 26, do Código Penal, *não devem ser submetidos a medidas socioeducativas* (notadamente as privativas de liberdade), mas apenas a medidas específicas de proteção, conforme art. 101, inciso V, do ECA, com seu encaminhamento a entidades próprias onde receberão o tratamento adequado, em regime ambulatorial ou hospitalar, a depender da situação. Sobre a matéria, importante considerar as disposições da Lei nº 10.216/2001 (que versa especificamente sobre a proteção e os direitos das pessoas acometidas de transtornos mentais e promove o redirecionamento do modelo assistencial em saúde mental), assim como o contido nas diretrizes estabelecidas pela Resolução CFM nº 1952/2010, de 11/06/2010. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. MENOR QUE POSSUI COMPROMETIMENTO DAS FACULDADES MENTAIS. NECESSIDADE DE TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO. MEDIDA SÓCIO-*

EDUCATIVA DE INTERNAÇÃO. CARÁTER MERAMENTE RETRIBUTIVO. ILEGALIDADE. 1. A internação de menor portador de distúrbio mental, incapaz de assimilar a medida sócio-educativa, possui caráter meramente retributivo, o que não se coadunada com os princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente. Precedente. 2. Ordem concedida para determinar que o Paciente seja inserido em medida sócio-educativa de liberdade assistida, concomitante com acompanhamento ambulatorial psiquiátrico, psicopedagógico e familiar. (STJ. 5ª T. HC nº 47178/SP. Rel. Min. Laurita Vaz. J. em 19/10/2006); *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO A TENTATIVA DE ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR. RETARDO MENTAL. TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO. NECESSIDADE. MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO. CARÁTER MERAMENTE RETRIBUTIVO. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CARACTERIZADO. ORDEM CONCEDIDA. 1. Conforme o disposto no §1º do artigo 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente a imposição de quaisquer das medidas socioeducativas deverá levar em consideração a capacidade de seu cumprimento pelo adolescente, no caso concreto. 2. O adolescente que apresenta distúrbios mentais, como no caso em análise, não poderá ser submetido a um processo ressocializador do qual não auferirá proveito, em razão de sua condição especial. 3. O 'habeas corpus' deve ser concedido, determinando-se a desinternação do paciente R. O. S., para que o mesmo seja inserido na medida socioeducativa de liberdade assistida associadas ao acompanhamento ambulatorial psiquiátrico, psicopedagógico e familiar.* (TJPR. 2ª C. Crim. HC-ECA nº 0587239-3, de Jaguariaíva. Rel. Juiz Subst. 2º G. José Laurindo de Souza Netto. J. em 09/07/2009); e *HABEAS CORPUS. PROCESSO PENAL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. RETARDO MENTAL LEVE. TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO. NECESSIDADE. MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO. CARÁTER MERAMENTE RETRIBUTIVO. ILEGALIDADE. ORDEM CONCEDIDA. 1. Nos termos do §1º do art. 112 do ECA, a imposição de medida socioeducativa deverá considerar a capacidade de seu cumprimento pelo adolescente, no caso concreto. 2. O paciente não possui capacidade mental para assimilar a medida socioeducativa, que, uma vez aplicada, reveste-se de caráter retributivo, o que é incompatível com os objetivos do ECA. 3. Ordem concedida para determinar que o paciente seja inserido na medida socioeducativa de liberdade assistida associada ao acompanhamento ambulatorial psiquiátrico, psicopedagógico e familiar.* (STJ. 6ª T. HC nº 88043/SP. Rel. Min. O.G. Fernandes. J. em 14/04/2009). Evidente que a inexistência de entidades adequadas não pode servir de pretexto para o encaminhamento de adolescentes portadores de transtornos mentais graves para unidades de internação socioeducativa, devendo ser tomadas as providências administrativas e judiciais necessárias no sentido da estruturação do Poder Público para o atendimento desta demanda. Neste sentido: *ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. ECA. IMPLANTAÇÃO DE PROGRAMA PERMANENTE DE ATENDIMENTO INDIVIDUALIZADO E ESPECIALIZADO, EM LOCAL ADEQUADO, DE ADOLESCENTES PORTADORES DE PROBLEMAS MENTAIS OU TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS GRAVES PELA INSTÂNCIA INFERIOR. LEGALIDADE. ASTREINTES. FAZENDA PÚBLICA. POSSIBILIDADE. REVISÃO DO QUANTUM ESTABELECIDO. INCIDÊNCIA DA SÚMULA Nº. 7/STJ. 1. O recorrente insurge-se contra a determinação realizada pela instância inferior de que deve ser construído centros específicos para menores infratores portadores de deficiência mental. No entanto, não há qualquer respaldo legal que possa reverter a decisão judicial estabelecida pela sentença de mérito e confirmada pelo Tribunal de origem. 2. A lei é clara ao determinar que os adolescentes portadores de doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições. 3. O argumento esposado pelo recorrente baseia-se na existência de um programa psiquiátrico terceirizado e da utilização da rede pública em casos agudos para os menores infratores. Contudo, tais argumentações não são suficientes para alterar a decisão judicial*

fundamentada na letra da lei. O artigo do ECA estabelece, claramente, a necessidade de fornecer o tratamento individual e especializado aos adolescentes em local adequado às suas condições. 4. Esta Corte, em situação análoga, já proferiu entendimento no sentido de que a medida sócio-educativa de liberdade assistida deve ser realizada em local adequado ao transtorno mental apresentado. 5. A jurisprudência desta Corte Superior encontra-se consolidada no sentido de que inexiste óbice para a imposição da multa (astreinte) à Fazenda Pública, pelo descumprimento de decisão judicial que a obriga a fazer, não fazer ou a entregar coisa. 6. Dessa forma, a alegação de inviabilidade de fixação de astreintes contra o Poder Público não deve prosperar, pois é pacífico o entendimento do Superior Tribunal de Justiça segundo o qual tal instituto é compatível com a ausência de efeitos coercitivos em face de pessoa jurídica de direito público. 7. Ressalta-se que a revisão do valor fixado na multa diária é matéria cuja análise é inviável por esta Corte Superior, vez que demanda reexame do conjunto fático dos autos. 8. Recurso especial não provido. (STJ. 2ª T. R. Esp. nº 970401/RS. Rel. Min. Mauro Campbell Marques. J. em 02/12/2010).

Art. 113. Aplica-se a este Capítulo o disposto nos arts. 99 **[511]** e 100 **[512]**.

511 Vide item 23.2, das "*Regras de Beijing*". A substituição das medidas socioeducativas em execução deve ocorrer dentro de procedimento específico instaurado pelo Juízo encarregado de acompanhar sua execução, no qual deverão ser respeitadas as garantias do contraditório, ampla defesa e devido processo legal, não se podendo prescindir da oitiva do adolescente e seu responsável (cf. art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA), bem como da manifestação do defensor constituído ou nomeado, além é claro do Ministério Público (cf. arts. 111, inciso III, 153 e 204, do ECA). Vale também o registro que, quando em razão do descumprimento reiterado e injustificável da medida em execução, se *cogitar* da "regressão" da medida em meio aberto para internação, deve ser respeitada a disposição específica contida no art. 122, inciso III e §1º, do ECA, sendo então de, no máximo, 03 (três) *meses* o prazo de duração da medida privativa de liberdade. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. DESCUMPRIMENTO DA MEDIDA DE PROTEÇÃO. SUBSTITUIÇÃO. INTERNAÇÃO POR PRAZO INDETERMINADO. CONSTRANGIMENTO CARACTERIZADO. 1. Em se mostrando inadequada a medida imposta, nada impede a sua substituição pela de internação, dês que, em casos tais, a admita o ato infracional praticado ou reiterado pelo qual respondeu o adolescente (artigo 122, incisos I e II, do ECA). 2. Sendo estranhos, contudo, ao elenco do artigo 122, incisos I e II, do ECA, os atos infracionais que determinaram a imposição da medida de semiliberdade, falta base legal para a internação substitutiva do paciente, por prazo indeterminado. 3. O 'descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta' enseja internação, mas não por prazo superior a três meses, tal como resulta do artigo 122, parágrafo 1º, do ECA. Precedentes. 4. Recurso provido.* (STJ. 6ª T. RHC nº 14745/SP. Rel. Min. Hamilton Carvalhido. J. em 03/02/2005). Sobre a matéria, vide também o disposto na Súmula nº 265, do STJ.

512 O dispositivo é expresso ao determinar a aplicação, quando do atendimento do adolescente em conflito com a lei por parte do Estado (*lato sensu*), dos *princípios* contidos no art. 100, *caput* e par. único, do ECA, deixando assim evidenciado que o objetivo da intervenção estatal, mesmo em tais casos, *não é* a pura e simples "repressão" da conduta infracional e "punição" do adolescente, mas sim a busca da solução mais célere, eficaz e menos traumática para os problemas apresentados pelo adolescente (e eventualmente sua família), na perspectiva de evitar a reincidência. Importante jamais perder de vista, portanto, que a aplicação e execução das medidas socioeducativas, em sua essência, segue os

mesmos princípios que norteiam a aplicação e execução das medidas protetivas (que podem mesmo ser aplicadas em substituição àquelas), tendo em vista, em última análise, a *proteção integral* do adolescente, a teor do contido no art. 1º, do ECA. Ainda sobre a matéria, vale observar os demais princípios que devem nortear a intervenção da Justiça da Infância e da Juventude quando do atendimento de adolescentes em conflito com a lei, contidos no art. 35, da Lei nº 12.594/2012 e no item 17.1, das "*Regras de Beijing*".

Art. 114. A imposição das medidas previstas nos incisos II a VI do art. 112 pressupõe a existência de provas suficientes da autoria e da materialidade da infração **[513]**, ressalvada a hipótese de remissão, nos termos do art. 127 **[514]**.

Parágrafo único. A advertência poderá ser aplicada sempre que houver prova da materialidade e indícios suficientes da autoria.

513 Vide art. 189, do ECA e art. 386, incisos II e IV, do CPP (a *contrariu sensu*), aplicável por força do disposto no art. 152, *caput*, do ECA. A inexistência de *prova inequívoca* da autoria e da materialidade da infração, tal qual ocorre no processo-crime instaurado em relação a imputáveis, impede a *imposição* de medidas socioeducativas. O procedimento para apuração de ato infracional, portanto, quando da coleta de provas de autoria e materialidade, deve observar cautelas semelhantes às tomadas no processo penal, sendo que, em havendo dúvida quanto à autoria e materialidade (assim como em relação à incidência de causa excludente de culpabilidade ou de ilicitude), deve-se aplicar o princípio do *in dubio pro reo* e julgar *improcedente* a representação socioeducativa. Neste sentido: *CONDUTA ANÁLOGA A HOMICÍDIO. CONTEXTO PROBATÓRIO COLIDENTE E VERSÃO DE UMA ÚNICA TESTEMUNHA PRESENCIAL DESQUALIFICADA NA SENTENÇA. IMPOSSIBILIDADE. LEGÍTIMA DEFESA PRÓPRIA. CARACTERIZAÇÃO. Não se permitindo maiores investigações em função do açodamento do órgão acusatório no oferecimento da representação, toda a contenda gerada num contexto de desavenças produzidas por suposta denúncia do menor em relação a traficante, mostra-se impróprio desqualificar a prova oral produzida no sentido de que o menor teria sido agredido violenta e covardemente na data dos fatos, defendendo-se a golpes de faca que acabou acertando a vítima, sendo constatada contusão ocular dupla e no tórax três dias após os fatos, mormente se a versão do menor e do declarado amigo da vítima, suposta testemunha que teria avistado a contenda, são absolutamente colidentes em ambas as fases e entre si e a vítima não apresente outras lesões externas que não seja a única facada letal a darem suporte à única testemunha que presenciou os fatos e que só foi ouvida na fase judicial, impondo-se a improcedência da representação em função da excludente da antijuridicidade da legítima defesa própria que afasta o ato infracional equiparado. Recurso a que se dá provimento com recomendação - alvará de soltura.* (TJMG. 1ª C. Crim. Ap. Crim. nº 1.0145.07.397739-2/001. Rel. Des. Judimar Biber. J. em 12/08/2008); e *ATO INFRACIONAL. ROUBO QUALIFICADO. INSUFICIÊNCIA PROBATÓRIA. Inexistindo prova cabal da autoria do ato infracional imputado aos adolescentes, o julgamento de improcedência da representação é medida que se impõe. A dúvida, por menor que seja, deve ser considerada em favor dos representados. Aplicação do princípio do 'in dubio por reo'. Precedentes Jurisprudenciais. RECURSO DO ADOLESCENTE PROVIDO. RECURSO DO MINISTÉRIO PÚBLICO JULGADO PREJUDICADO.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70026753228. Rel. Des. Claudir Fidelis Faccenda. J. em 13/11/2008). Ainda sobre a matéria, vide o contido na Súmula nº 342, do Superior Tribunal de Justiça, segundo a qual: "*No procedimento para aplicação de medida sócio-educativa, é nula a desistência de outras provas em face da confissão do adolescente*".

514 Em sede de remissão, seja como forma de exclusão do processo (arts. 126, *caput* c/c 201, inciso I, ambos do ECA), seja como forma de suspensão ou extinção do processo (arts. 126, par. único c/c 148, inciso II, ambos do ECA), *não poderá haver a imposição de medidas socioeducativas*, que somente poderão ser incluídas no termo se houver a *concordância expressa do adolescente*, devidamente assistido por seus pais ou responsável. A *imposição* de medidas socioeducativas em sede de remissão importaria em *afronta* ao *princípio constitucional do devido processo legal*, *ex vi* do disposto no art. 5º, inciso LIV, da CF.

Seção II - Da Advertência

Art. 115. A advertência consistirá em admoestação verbal, que será reduzida a termo e assinada [515].

515 A advertência é a única das medidas socioeducativas que pode ser executada diretamente pela autoridade judiciária. O Juiz deve estar presente à audiência admonitória, assim como o representante do Ministério Público e os pais ou responsável pelo adolescente, devendo ser este (inclusive por força do "princípio da obrigatoriedade da informação", consignado no art. 100, par. único, inciso XI, do ECA) alertado das consequências da eventual reiteração na prática de atos infracionais e/ou do descumprimento de medidas que tenham sido eventualmente aplicadas cumulativamente (conforme arts. 113 c/c 99, do ECA). Os pais ou responsável deverão ser também orientados e, se necessário, encaminhados ao Conselho Tutelar para receber as medidas previstas no art. 129, do ECA, que se mostrarem pertinentes.

Seção III - Da Obrigação de Reparar o Dano

Art. 116. Em se tratando de ato infracional com reflexos patrimoniais, a autoridade poderá determinar, se for o caso, que o adolescente [516] restitua a coisa, promova o ressarcimento do dano, ou, por outra forma, compense o prejuízo da vítima.

Parágrafo único. Havendo manifesta impossibilidade, a medida poderá ser substituída por outra adequada [517].

516 Vide art. 35, incisos II e III, da Lei nº 12.594/2012. Aplicável apenas a atos infracionais com reflexos patrimoniais, a medida não se confunde com a indenização cível (que pode ser exigida do adolescente ou de seus pais ou responsável independentemente da solução do procedimento que, aliás, não está sujeito à regra do art. 91, inciso I, do CP), sendo *fundamental* que a reparação do dano seja cumprida *pelo adolescente*, e não por seus pais ou responsável, devendo ser assim verificado, previamente, se aquele tem capacidade de cumprí-la (cf. art. 112, §1º, do ECA). A reparação pode se dar diretamente, através da restituição da coisa, ou pela via indireta, através da entrega de coisa equivalente ou do seu valor correspondente em dinheiro. Vale dizer que a Lei nº 12.594/2012 estabele por *princípio*, em seu art. 35, incisos II e III, que deve-se sempre dar preferência a "*meios de autocomposição de conflitos*" e "*prioridade a práticas ou medidas que sejam restaurativas e, sempre que possível, atendam às necessidades das vítimas*".

517 Vide arts. 113 c/c 99 e 112, §1º, ambos do ECA e art. 43, *caput*, da Lei nº 12.594/2012.

Seção IV - Da Prestação de Serviços à Comunidade

Art. 117. A prestação de serviços comunitários consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistências, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais [518].

Parágrafo único. As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente [519], devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou dias úteis, de modo a não prejudicar a frequência à escola [520] ou à jornada normal de trabalho [521].

518 Vide arts. 67 e 90, inciso V, do ECA e arts. 5º, inciso III, 13 e 14, da Lei nº 12.594/2012 O art. 67 do ECA deixa clara a impossibilidade de que o adolescente submetido a tal medida realize atividades consideradas proibidas ao adolescente trabalhador. Vide também arts. 5º, 17, 18 e 232, todos do ECA, segundo os quais o adolescente vinculado a tal medida não pode ser obrigado a realizar atividades degradantes, humilhantes e/ou que o exponham a uma situação constrangedora. A medida não pode se restringir à "exploração da mão-de-obra" do adolescente, devendo ter um cunho eminentemente *pedagógico* (com a devida *justificativa* para as atividades a serem desenvolvidas). De acordo com o disposto no art. 90, inciso V, do ECA a execução da medida de prestação de serviços à comunidade *pressupõe* a elaboração de um *programa socioeducativo*, que contemple uma *proposta pedagógica* específica para cada atividade desenvolvida, com *deveres* e *metas* estabelecidas não apenas para o adolescente (a elaboração de um "*Plano Individual de Atendimento*" é *obrigatória* para esta modalidade de medida, a teor do disposto no art. 52, *caput*, da Lei nº 12.594/2012), mas também para entidade onde o serviço está sendo prestado. O programa deverá ser levado a registro junto ao CMDCA local (cf. art. 90, §1º, do ECA), contendo, dentre outras, a previsão da contínua avaliação da capacidade e das potencialidades do adolescente (cf. art. 112, §1º, primeira parte, do ECA), de modo que o mesmo seja corretamente encaminhado para a atividade que lhe seja mais proveitosa, com eventual substituição daquela que se mostrar inadequada (cf. arts. 113 c/c 99, do ECA e art. 43, da Lei nº 12.594/2012). Deverá também selecionar, de forma criteriosa, as entidades nas quais o adolescente irá prestar o serviço comunitário (cf. art. 14, da Lei nº 12.594/2012), que deverão indicar os funcionários ou técnicos que servirão de "referência" aos adolescentes, aos responsáveis pelo programa e à própria autoridade judiciária. Tais funcionários ou técnicos deverão ser devidamente *capacitados* para atuarem junto aos adolescentes (vide art. 11, inciso IV, da Lei nº 12.594/2012), estabelecendo com eles uma relação de confiança, respeito e autoridade (sem "autoritarismo"), assumindo responsabilidades/deveres assemelhados àqueles previstos ao *orientador* da liberdade assistida (cf. art. 119, do ECA). Tais disposições visam evitar que o adolescente venha a prestar serviços inadequados ou mesmo proibidos em entidades despreparadas, que o recebam com preconceito, discriminação e mesmo, não raro, hostilidade. Cumpre destacar que, como a própria designação da medida deixa claro, o serviço deve ser prestado "*à comunidade*", e *não* "*à entidade*", sob pena de caracterização de "exploração do trabalho" do adolescente (daí a importância não apenas de um projeto adequado que descreva as atividades que serão

desempenhadas, mas também da *fiscalização* de sua execução, de modo a constatar possíveis abusos praticados). Embora o dispositivo faça referência a "tarefas gratuitas", nada impede que o programa disponibilize uma "bolsa" de auxílio (ou outra forma de remuneração) ao adolescente nele inserido ou, ao menos (se necessário a partir da *articulação de ações* junto a outro programa/serviço disponível dentro da "rede de proteção à criança e ao adolescente" que o município deve instituir e manter), forneça "vales-transporte", passes ou outros meios que permitam o deslocamento até o local onde a atividade será desenvolvida. Importante não perder de vista que, para o Sistema Socioeducativo, não basta a "aplicação de medidas" e/ou o "encaminhamento formal" do adolescente para um programa, serviço ou entidade qualquer, mas sim é *imprescindível* zelar para que este tenha um efetivo aproveitamento das atividades propostas, para o que deverá receber o apoio e o estímulo que se fizerem necessários, inclusive com a colaboração de seus pais/responsável. Daí a necessidade que execução da medida de prestação de serviços à comunidade seja também acompanhada por um *orientador* (a necessidade da presença de *orientadores* nos programas em meio aberto de um modo geral é contemplada pelo art. 13, da Lei nº 12.594/2012), nos moldes do previsto pelo art. 119, do ECA, em relação à medida de liberdade assistida.

519 Que assim devem ser devidamente apuradas, nos moldes do previsto no art. 112, §1º, do ECA. (vide comentários).

520 Por força do disposto nos arts. 113 c/c 99 e 112, inciso VII c/c art. 101, inciso III, todos do ECA, pode a medida ser aplicada *cumulativamente* com a matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental, tomando-se a cautela de também se aplicar, *aos pais ou responsável*, as medidas previstas no art. 129, incisos IV e V, também do ECA, para que haja maior garantia de seu efetivo cumprimento.

521 Vide arts. 60 a 69, do ECA e arts. 402 a 441, da CLT.

Seção V - Da Liberdade Assistida

Art. 118. A liberdade assistida será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente **[522]**.

§ 1º. A autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento **[523]**.

§ 2º. A liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida **[524]**, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor **[525]**.

522 Vide art. 90, inciso VI, do ECA; arts. 5º, inciso III, 13 e 14 da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE e item 28, das "*Regras de Beijing*". A liberdade assistida é a medida que melhor traduz o espírito e o sentido do sistema socioeducativo estabelecido pela Lei nº 8.069/1990 e, desde que corretamente executada, é sem dúvida a que apresenta melhores condições de surtir os resultados positivos almejados, não apenas em benefício do adolescente, mas também de sua família e, acima de tudo, da sociedade. Não se trata de uma mera "liberdade vigiada", na qual o adolescente estaria em uma espécie de "período de prova", mas sim importa em uma *intervenção efetiva* e *positiva* na vida do adolescente e, se necessário, em sua dinâmica familiar, por intermédio de uma pessoa capacitada para

acompanhar a execução da medida, chamada de "orientador", que tem a incumbência de desenvolver uma série de tarefas, expressamente previstas no art. 119, do ECA. Embora a liberdade assistida importe em muito mais que a simples "vigilância" do adolescente, é admissível, por analogia, a aplicação das disposições da Lei nº 12.258/2010, de 15/06/2010, de modo que adolescentes vinculados a este tipo de medida, a depender das peculiaridades do caso, sejam submetidos a monitoramento eletrônico, nos mesmos moldes do que passou a ser previsto em relação a adultos (servindo assim de alternativa à aplicação de medidas privativas de liberdade).

523 Vide art. 90, inciso V, do ECA. A medida de liberdade assistida *pressupõe* a elaboração de um *programa específico de atendimento* (conforme art. 88, inciso III, do ECA), planejado e desenvolvido por entidade governamental ou não governamental, que deverá ser devidamente registrado no CMDCA local (conforme art. 90, §1º, do ECA). É este programa que irá selecionar e capacitar as pessoas encarregadas de acompanhar o caso (vide art. 13, da Lei nº 12.594/2012), que exercerá a função de "orientador" do adolescente, nos moldes do previsto no art. 119, do ECA, fornecendo-lhes ainda o suporte técnico que se fizer necessário. O programa de liberdade assistida deve ainda integrar uma "*política socioeducativa*" que cada município tem o *dever* de elaborar e implementar (vide arts. 5º, 7º, 8º, 28 e 29, da Lei nº 12.594/2012), estando articulado com outros programas de proteção e voltados aos pais ou responsável, que deverão ser acionados, sempre que necessário, pelo próprio orientador, com auxílio do Conselho Tutelar ou autoridade judiciária. Importante destacar, a propósito, que o Conselho Tutelar *não é um "programa de atendimento"* (muito menos um programa socioeducativo) e seus integrantes *não devem* ser designados para exercer as funções de "orientadores" dos adolescentes em cumprimento de medida, sem prejuízo da possibilidade de o órgão *fiscalizar* a execução do programa respectivo (cf. art. 95, do ECA) e *colaborar* com os orientadores habilitados e cadastrados, no desempenho de suas atribuições.

524 Vide arts. 113 c/c 99, ambos do ECA. Embora não seja previsto, por lei, um prazo máximo para sua duração, o programa socioeducativo em execução deve estabelecer metas a serem atingidas pelo adolescente e pela entidade (valendo observar o disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII c/c 113, do ECA e art. 52, da Lei nº 12.594/2012), de modo que aquele permaneça vinculado à medida pelo menor período de tempo possível (vide art. 100, par. único, inciso VII, do ECA e art. 35, incisos II e VII, da Lei nº 12.594/2012 - que tratam dos princípios da excepcionalidade da intervenção judicial e da intervenção mínima, devendo ser sua *família* orientada e trabalhada para assumir a responsabilidade em relação ao adolescente a partir de determinado momento (cf. art. 100, par. único, inciso IX, do ECA e art. 52, par. único, do ECA). A perpetuação da medida, a rigor, acaba atestando a ineficácia do programa em execução, que deve desenvolver ações (se necessário com apoio externo, junto a outros órgãos, programas e serviços integrantes da "rede de proteção à criança e ao adolescente" que todo município tem o dever de instituir e manter), voltadas à superação dos problemas enfrentados pelo adolescente que, em última análise, foram a causa determinante da conduta infracional.

525 Sempre que necessária a substituição desta ou de qualquer outra medida socioeducativa, nos moldes do arts. 113 c/c 99, do ECA e art. 43, da Lei nº 12.594/2012, deve ser instaurado verdadeiro "incidente de execução", no qual se garanta ao adolescente o contraditório e a ampla defesa, *ex vi* do disposto no art. 5º, incisos LIV e LV, da Constituição Federal, sendo certo que, de acordo com o disposto no art. 37, da Lei nº 12.594/2012, a intervenção da defesa técnica é obrigatória em todo e qualquer incidente de execução, sob pena de nulidade.

Art. 119. Incumbe ao orientador, com o apoio e a supervisão da autoridade competente [526], a realização dos seguintes encargos, entre outros [527]:

I - promover socialmente o adolescente e sua família [528], fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social:

II - supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula [529];

III - diligenciar no sentido da profissionalização [530] do adolescente e de sua inserção no mercado trabalho [531];

IV- apresentar relatório do caso.

526 Vide art. 13, da Lei nº 12.594/2012, que dispõe sobre as obrigações da direção do programa de liberdade assistida em relação aos orientadores. A "*autoridade competente*" a que se refere o art. 119, *caput* do ECA poderá ser tanto o próprio Juiz da Infância e da Juventude, notadamente quando da ocorrência de algum incidente de execução, quanto o Conselho Tutelar, que poderá ser acionado para aplicar as medidas de proteção que se fizerem necessárias tanto ao adolescente quanto à sua família, *ex vi* do disposto no art. 136, incisos I e II, do ECA.

527 A enumeração é meramente exemplificativa, podendo o programa em execução estabelecer outras obrigações ao orientador.

528 Vide arts. 101, inciso IV e 129, inciso I, ambos do ECA. Vide arts. 2º, incisos I, II e III e 23, §2º, inciso I, da LOAS.

529 Vide art. 82, da Lei nº 12.594/2012, que obriga o Poder Público a a inserção de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na rede pública de educação, em qualquer fase do período letivo, contemplando as diversas faixas etárias e níveis de instrução. Importante mencionar que o orientador *não deve substituir o papel que cabe à família do adolescente* (valendo lembrar o *princípio* contido no art. 100, par. único, inciso IX, do ECA - aplicável por força do disposto no art. 113, do ECA e também o disposto no art. 52, par. único, da Lei nº 12.594/2012), mas sim orientar e apoiar esta para que assuma suas responsabilidades perante o jovem. Salvo comprovada impossibilidade, cabe ao orientador fazer com que a família do adolescente cumpra tais obrigações, que podem mesmo ser impostas, na forma do disposto no art. 129, inciso V, do ECA, pelo Conselho Tutelar.

530 Vide arts. 62 a 65, do ECA e art. 428, da CLT.

531 Vide arts. 60 a 69, do ECA e art. 7º, inciso XXXIII, da CF.

Seção VI - Do Regime de Semiliberdade [532]

Art. 120. O regime de semiliberdade pode ser determinado desde o início, ou como forma de transição para o meio aberto [533], possibilitada a realização de atividades externas, independentemente de autorização judicial [534].

§ 1º. É obrigatória a escolarização e a profissionalização [535], devendo, sempre que possível, ser utilizados os recursos existentes na comunidade [536].

§ 2º. A medida não comporta prazo determinado, aplicando-se, no que couber, as disposições relativas à internação [537].

532 Vide arts. 4º, inciso III, 9º e 15 a 17, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE e item 29, das "*Regras de Beijing*". A semiliberdade é das medidas de execução mais complexa e difícil dentre todas as previstas na Lei nº 8.069/1990. Em 1996, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, expediu a Resolução nº 47, de 06/12/1996, na tentativa de regulamentar a matéria. Em que pese tal esforço, vários aspectos sobre a forma como se dará o atendimento do adolescente permanecem obscuros, o que sem dúvida contribui para a existência de poucos programas em execução em todo o País. Talvez mais do que qualquer outra, por suas características e particularidades, a medida de inserção em regime de semiliberdade pressupõe a elaboração de um *programa socioeducativo de excelência* (cf. art. 90, inciso VI, do ECA), que deverá ser devidamente registrado no CMDCA local (cf. art. 90, §1º, do ECA), assim como no Conselho Estadual (ou Distrital) dos Direitos da Criança e do Adolescente (cf. art. 9º, da Lei nº 12.594/2012) e executado por *profissionais altamente capacitados*. Pressupõe ainda uma adequada avaliação da sua *efetiva capacidade de cumprimento*, pelo adolescente individualmente considerado (cf. art. 112, *caput*, do ECA) que, afinal, irá realizar atividades externas e permanecerá recolhido na entidade apenas durante determinados períodos, de acordo com o previsto no programa em execução. Vale lembrar que, em se tratando de medida privativa de liberdade, sua aplicação tem *restrições*, tanto de ordem legal (vide arts. 127, *in fine* e 121, *caput* c/c 120, *in fine*, todos do ECA), quanto constitucional (art. 227, §3º, inciso V, da CF). De qualquer modo, a exemplo do mencionado em relação à liberdade assistida, é aqui admissível, por analogia, a aplicação das disposições da Lei nº 12.258/2010, de 15/06/2010, de modo que adolescentes vinculados a este tipo de medida sejam submetidos a monitoramento eletrônico, nos mesmos moldes do que passou a ser previsto em relação a adultos.

533 Vale o registro que *não há* qualquer obrigatoriedade de o adolescente ao qual foi originalmente aplicada a medida socioeducativa de internação passe primeiro pela semiliberdade antes de ganhar o meio aberto.

534 Vide, como conta-ponto, o disposto no art. 121, §1º, do ECA, que não se aplica à semiliberdade, ou seja, a autoridade judiciária *não pode* impedir a realização de atividades externas pelo adolescente que se encontra em regime de semiliberdade. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO CRIME DE ROUBO. REGIME DE SEMILIBERDADE. ATIVIDADES EXTERNAS. DESNECESSIDADE DE AUTORIZAÇÃO LEGAL. ART. 120 DO ECA. ORDEM CONCEDIDA. 1. A Sexta Turma desta Corte tem entendido que o cumprimento de medidas sócio-educativas pelo menor infrator no regime de semiliberdade dispensa a autorização judicial para a realização de atividades externas, que será exigível somente quando se tratar de regime de internação, consoante o disposto no art. 120 da Lei nº 8.069/90. 2. Ordem concedida*. (STJ. 6ª T. HC nº 35413/RJ. Rel. Min. Paulo Gallotti. J. em 19/04/2005) e *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE SEMILIBERDADE. LIMITE MÁXIMO DE DURAÇÃO. RESTRIÇÃO À REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES EXTERNAS E IMPOSIÇÃO DE CONDIÇÕES RELATIVAS AO BOM COMPORTAMENTO DO PACIENTE PARA VISITAÇÃO À FAMÍLIA. IMPOSSIBILIDADE. ARTIGO 227 DA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL. 1. Ressalvadas as hipóteses arroladas nos artigos 121, § 3º e 122, § 1º, o Estatuto da Criança e do Adolescente não estipula limite máximo de duração da medida socioeducativa de semiliberdade. Resulta daí que, por remissão à aplicação do dispositivo concernente à internação, o limite temporal da semiliberdade coincide com a data em que o menor infrator completar vinte e um anos (art. 120, § 2º). 2. O artigo 120 da Lei nº 8.069/90 garante a realização de atividades externas independentemente de autorização judicial. 3. O Estado tem o dever de*

assegurar à criança e ao adolescente o direito à convivência familiar (artigo 227, caput, da Constituição do Brasil). O objetivo maior da Lei n. 8.069/90 é a proteção integral à criança e ao adolescente, aí compreendida a participação na vida familiar e comunitária. 4. Restrições a essas garantias somente são possíveis em situações extremas, decretadas com cautela em decisões fundamentadas, o que no caso não se dá. Ordem parcialmente concedida para permitir ao paciente a realização de atividades externas e visitas à família sem a imposição de qualquer condição pelo Juízo da Vara da Infância e Juventude. (STF. 2ª T. HC nº 98518/RJ. Rel. Min. Eros Grau. J. em 25/05/2010). Para saídas do adolescente da unidade, nos casos de tratamento médico, doença grave ou falecimento de pai, mãe, filhos, cônjuge, companheiros e irmãos, vide art. 50, da Lei nº 12.594/2012.

535 Vide arts. 4º, *caput*, 123, 124, inciso XI, 208, inciso VIII e 246, do ECA e art. 82, da Lei nº 12.594/2012, que obriga o Poder Público a a inserção de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na rede pública de educação, em qualquer fase do período letivo, contemplando as diversas faixas etárias e níveis de instrução.

536 Vide arts. 113 c/c 100, *caput*, parte final, do ECA.

537 Notadamente no que diz respeito ao *prazo máximo* para sua duração, que deverá ser de 03 (três) anos, na forma do disposto no art. 121, §3º, com a obrigatoriedade da *reavaliação* da *necessidade* de sua manutenção, *no máximo*, a cada 06 (seis) meses, *ex vi* do disposto no art. 121, §2º, do ECA. Ainda em função deste dispositivo, lógico também concluir que as hipóteses que autorizam a aplicação da medida de semiliberdade, são as mesmas previstas para a medida de internação (art. 122, do ECA).

Seção VII - Da Internação

Art. 121. A internação constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento [538].

§ 1º. Será permitida a realização de atividades externas, a critério da equipe técnica da entidade, salvo expressa determinação judicial em contrário [539].

§ 2º. A medida não comporta prazo determinado, devendo sua manutenção ser reavaliada, mediante decisão fundamentada, no máximo a cada seis meses [540].

§ 3º. Em nenhuma hipótese o período máximo de internação excederá a três anos [541].

§ 4º. Atingido o limite estabelecido no parágrafo anterior, o adolescente deverá ser liberado, colocado fim regime de semiliberdade ou de liberdade assistida.

§ 5º. A liberação será compulsória aos vinte e um anos de idade [542].

§ 6º. Em qualquer hipótese a desinternação será precedida de autorização judicial, ouvido o Ministério Público [543].

§ 7º. A determinação judicial mencionada no §1º poderá ser revista a qualquer tempo pela autoridade judiciária [544].

538 Vide arts. 37, alínea "b" e 40, item 4, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 227, §3º, inciso V, da CF; arts. 6º, 113 c/c 100, *caput*,

segunda parte e par. único (notadamente seu inciso II) e 122, §2º, do ECA e arts. 4º, inciso III; 15 a 17 e 35, incisos II, V e VII, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. Vide também itens 17.1, letra "b", 19.1, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude - Regras de Beijing*": "*17.1. A decisão da autoridade competente pautar-se-á pelos seguintes princípios: a) ... ; b) as restrições à liberdade pessoal do jovem serão impostas somente após estudo cuidadoso e se reduzirão ao mínimo possível;*" e "*19.1. A internação de um jovem em uma instituição será sempre uma medida de último recurso e pelo mais breve período possível*", e item 1 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*": "*1. ... a reclusão de um jovem em um estabelecimento deve ser feita apenas em último caso e pelo menor espaço de tempo necessário*" (sobre a necessidade do desenvolvimento de iniciativas destinadas a reintegrar o jovem privado de liberdade à família e à sociedade, vide itens 79 e 80 destas mesmas Regras). Medida privativa de liberdade por excelência, a internação somente deverá ser aplicada em casos extremos, quando, comprovadamente, não houver possibilidade da aplicação de outra medida menos gravosa (cf. art. 122, §2º, do ECA), devendo sua execução se estender pelo menor de tempo possível.

539 Mesmo tendo decretada sua internação, o adolescente pode, a princípio, realizar atividades fora da unidade socioeducativa, de acordo com a proposta pedagógica do programa em execução e a critério da equipe técnica respectiva, independentemente de autorização judicial. Para que tais atividades externas sejam proibidas a determinado adolescente em particular, deverá a autoridade judiciária competente (Juízo da sentença ou da execução, a depender da organização judiciária local), assim o determinar expressamente, mediante decisão fundamentada (cf. art. 93, inciso IX, da CF). Desnecessário dizer que, mesmo que a sentença restrinja, num primeiro momento, a realização de atividades externas, estas poderão ser autorizadas, por decisão judicial posterior, ao longo da execução da medida, inclusive como forma de preparação para progressão de regime ou para o desligamento, valendo neste sentido observar o disposto nos itens 79 e 80, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*".

540 Vide arts. 94, inciso XIV e 235, do ECA e arts. 35, incisos V e VII; 42 e 45, da Lei nº 12.594/2012. Uma vez aplicada a internação, sua execução deverá se prolongar pelo *menor período de tempo possível*, posto que orientada pelo *princípio constitucional da brevidade*, insculpido no art. 227, §3º, inciso V, da CF, estando sua duração condicionada unicamente ao *êxito do trabalho socioeducativo desenvolvido*, e *jamais* à gravidade da infração praticada. Importante não perder de vista que o adolescente é penalmente *inimputável* e a medida socioeducativa *não é* e *nem pode ser comparada ou equiparada a uma pena*, pois do contrário haveria *negativa de vigência* ao disposto no art. 228, da CF. Reputa-se *inadmissível* estabelecer, já na sentença, um *prazo mínimo ou máximo para a sua duração e/ou mesmo para reavaliação da necessidade, ou não, de continuidade da internação*, que deverá ocorrer (de forma *automática* e *obrigatória* - inclusive sob pena da prática do *crime* previsto no art. 235, do ECA) *no máximo* a cada seis meses. Neste sentido: *Habeas corpus. Aplicação de medida socioeducativa de internação. Estipulação do período de seis meses para a respectiva reavaliação. Correção da sentença para, nos termos do §2º do art. 121 do ECA, esclarecer que seis meses será o prazo máximo para a reavaliação (nada impedindo seja esta realizada com anterioridade).* (TJPR. 1ª C. Crim. HC nº 167.693-3. Rel. Des. Gil Trotta Telles. Ac. nº 17319. J. em 02/12/2004). Tal reavaliação deverá ser feita por uma *equipe interprofissional* (psicólogo, pedagogo e assistente social, que detém condições técnicas e efetivas para tanto), sendo realizada *preferencialmente* em períodos *curtos* (a cada três ou quatro meses, no máximo), ou *a qualquer momento*, tão logo se constate que o

adolescente reúne condições de ser transferido para semiliberdade ou para medidas em meio aberto (conforme arts. 113 c/c 99, do ECA). A reavaliação da necessidade ou não da continuidade da execução da medida se constitui num verdadeiro *incidente de execução*, que deve ser instaurado no momento da chegada do relatório ou laudo respectivo (sendo certo que, por força do disposto no art. 43, *caput*, da Lei nº 12.594/2012, o pedido de reavaliação pode ser efetuado *a qualquer tempo* pela direção do programa de atendimento, defensor, Ministério Público, adolescente ou seus pais ou responsável), e tramitar com o máximo de *celeridade* e *prioridade*, em especial de modo a evitar que o adolescente permaneça internado por um período superior ao *estritamente necessário* (cf. arts. 4º, par. único, alínea "b" e 121, *caput*, primeira parte, do ECA, art. 35, incisos V e VI, da Lei nº 12.594/2012 e art. 227, §3º, inciso V, primeira parte, da CF). Uma vez instaurado o incidente, deverá ser colhida a manifestação do Ministério Público e da defesa do adolescente acerca do teor do relatório ou laudo (cf. arts. 5º, incisos LIV e LV, da CF; arts. 110 e 111, do ECA e art. 37, da Lei nº 12.594/2012). Importante destacar que o *prazo máximo* a que se refere o dispositivo é *dirigido à autoridade judiciária competente para reavaliação*, que *até a data-limite do referido prazo* deverá proferir *nova decisão*, que de maneira *fundamentada* (cf. art. 93, inciso IX, da Constituição Federal), decidirá se o adolescente, à luz dos elementos técnicos fornecidos, deve ou não ter *extinta* ou *substituída* a medida privativa de liberdade em execução por outra (cf. arts. 113 c/c 99, do ECA). Ressalte-se ainda que o referido prazo deve ser computado *a partir do momento em que o adolescente é privado de liberdade, incluindo-se o período de internação provisória, antes da sentença*, de forma análoga à detração prevista no art. 42, do Código Penal. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. Estatuto da Criança e do Adolescente. O Paciente foi apreendido pela prática do fato análogo ao crime tipificado no art. 121, §2º, I e II do Código Penal, e a sentença proferida em 01 de julho de 2009 julgou procedente a pretensão punitiva estatal e aplicou a medida de internação (fls. 12/14). Cumpre destacar que o Paciente está internado provisoriamente desde 07 de abril de 2009. O Impetrante obsecra a concessão da ordem para que a reavaliação da medida imposta seja realizada até o dia 07 de outubro de 2009, data em que o Paciente completará 6 (seis) meses de internação. Para tanto, aduz que o período de internação provisória deve ser computado no prazo estabelecido pelo art. 121, §2º, do ECA, em analogia ao disposto no art. 42, do Código Penal. Tem razão o Impetrante. O art. 121, §2º, do ECA estabelece que a medida de internação não comporta prazo determinado, e sua manutenção deve ser reavaliada, mediante decisão fundamentada, no máximo a cada seis meses. A medida sócio-educativa de internação é o instrumento utilizado pelo Estado para alcançar a ressocialização do adolescente que pratica ato infracional cometido mediante violência ou grave ameaça, ou que se mostra infrator contumaz. Por ser uma medida de exceção, o exegeta deve interpretar a norma que a impõe de modo restritivo. Assim, tal como ocorre com as prisões cautelares previstas no ordenamento Penal e Processual penal, deve incidir na espécie o instituto da detração penal, previsto no art. 42, do 'Codex' Repressivo. Ademais, em observância aos princípios da proporcionalidade e razoabilidade, não se pode dar tratamento mais severo ao adolescente infrator do que aquele dispensado ao imputável submetido à pena privativa de liberdade. Precedentes deste Tribunal e do Superior Tribunal de Justiça. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CONFIGURADO. ORDEM CONCEDIDA, para determinar que a reavaliação da medida de internação imposta ao paciente ocorra até o dia 07 de outubro de 2009*. (TJRJ. 7ª C. Crim. HC nº 2009.059.05605. Rel. Des. Márcia Perrini Bodart. J. em 18/08/2009). Vale também destacar que a gravidade genérica (ou "abstrata") da conduta não pode ser invocada para o decreto ou manutenção da privação de liberdade do adolescente, dadas as normas e princípios, inclusive de ordem constitucional, aplicáveis à matéria, razão pela qual uma vez constatado a possibilidade de substituição da medida privativa de liberdade por outra menos

rigorosa, o adolescente deverá ser desinternado. Sobre a matéria, dispõe de maneira expressa o art. 42, §2º, da Lei nº 12.594/2012: "*a gravidade do ato infracional, os antecedentes e o tempo de duração da medida não são fatores que, por si, justifiquem a não substituição da medida por outra menos grave*", valendo ainda colacionar os seguintes arestos: *Direito Processual Penal. Habeas Corpus. Estatuto da Criança e do Adolescente. Ato infracional equivalente ao latrocínio tipo previsto no artigo 157, parágrafo 3º, segunda parte do Código Penal. Medida socioeducativa de internamento aplicada sem prazo mínimo. Parecer favorável da equipe técnica pelo desinternamento. Objetivos da medida alcançados. Manutenção do internamento sem motivação plausível. Falta de justa causa e violação ao princípio da brevidade. Constrangimento ilegal configurado. Ordem concedida. 1. A medida socioeducativa de internação não tem qualquer finalidade punitiva e deve durar, por mandamento constitucional expresso, o menor espaço de tempo possível. 2. É elementar que sua duração está unicamente condicionada ao atendimento, com êxito, de seus objetivos sociopedagógicos, atestáveis através de parecer técnico, devendo após o oferecimento deste, ser o menor colocado em liberdade. 3. Tendo o parecer técnico concluído que a medida privativa de liberdade atingiu seus objetivos sócio-pedagógicos e a adolescente ostente condições de ser inserida em medidas que podem ser cumpridas no meio aberto, a mantença da internação configura constrangimento ilegal, por falta de justa causa e ofensa ao princípio da brevidade, remediável via 'writ'. 4. A decisão repelindo as conclusões da equipe técnica quanto ao desinternamento da menor, impondo a manutenção - sem qualquer prazo - da medida anteriormente aplicada, não pode permanecer incólume, justificando-se a concessão do 'habeas corpus' em favor da paciente, custodiado em educandário para menores.* (TJPR. 1ª C. Crim. HC nº 168.706-9. Rel. Juiz Conv. Mário Helton Jorge. Ac. nº 17584. J. em 10/02/2005); *HC. ECA. INTERNAÇÃO. ATO INFRACIONAL CORRESPONDENTE A HOMICÍDIO (ART. 121, CAPUT, DO CP). ALEGAÇÃO DE AUSÊNCIA DE FUNDAMENTAÇÃO PARA A MANUTENÇÃO DA INTERNAÇÃO. MOTIVAÇÃO SUFICIENTE (ART. 93, IX, DA CF). FIXAÇÃO, EM SENTENÇA, DE PRAZO CERTO PARA CUMPRIMENTO DA MEDIDA. IMPOSSIBILIDADE. VEDAÇÃO EXPRESSA DO §2º DO ART. 121 DO ECA. PLEITO DE APLICAÇÃO DA MEDIDA DE LIBERDADE ASSISTIDA. POSSIBILIDADE. ADOLESCENTE QUE, DURANTE O TEMPO EM QUE ESTEVE INTERNADO, DEMONSTOU COMPROMETIMENTO COM SEU APERFEIÇOAMENTO PESSOAL, MORAL, EDUCACIONAL E PROFISSIONAL, BEM COMO CAPACIDADE DE SER NOVAMENTE INTRODUZIDO NA SOCIEDADE. PROGRESSÃO DE MEDIDA QUE DEVE SER PAUTADA NA RECIPROCIDADE E NA CAPACIDADE DO JOVEM EM RESPONDER À ABORDAGEM SOCIEDUCATIVA. LIBERDADE ASSISTIDA QUE, NO MOMENTO, FIGURA-SE MAIS ADEQUADA ÀS NECESSIDADES DO PACIENTE. ORDEM CONCEDIDA. 1. O Estatuto Infanto-Juvenil, pautado na teoria de proteção integral, previu a reavaliação das medidas aplicadas no prazo máximo de seis meses, fazendo com que o tempo de duração da medida aplicada passe a guardar uma correlação com a conduta do educando e com a capacidade demonstrada por ele de responder à abordagem socioeducativa. 2. A internação não tem caráter punitivo, mas, como todas as demais medidas socioeducativas previstas pela Lei nº 8.069/90, possui intento de proteger, socializar, educar e orientar o adolescente, atentando aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, aos quais está sujeita (art. 121, 'caput', da Lei 8.069/90). 3. A medida de internação é salutar e indicada em casos onde o adolescente necessite de afastamento do meio onde vive, bem como de internalização de valores morais, sociais e de reflexão sobre os atos infracionais cometidos. Entretanto, a internação de forma desnecessária pode ter um impacto negativo na educação e no desenvolvimento do adolescente.* (TJPR. 2ª C. Crim. HC-ECA nº 0571370-2. Rel. Des. José Mauricio Pinto de Almeida. J. em 23/04/2009); *AGRAVO DE INSTRUMENTO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL. ROUBO MAJORADO PELO*

CONCURSO DE PESSOAS E EMPREGO DE ARMA. PROGRESSÃO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO COM POSSIBILIDADE DE ATIVIDADES EXTERNAS PARA SEMILIBERDADE. LAUDO AVALIATIVO FAVORÁVEL. MENOR SEM ANTECENTES E COM BOA CONDUTA DURANTE O CUMPRIMENTO DA ICPAE E ISPAE. DECISÃO QUE DETERMINOU A PROGRESSÃO MANTIDA. PRECEDENTES DESTA CORTE. Ainda que se cuide da prática de ato infracional grave, roubo duplamente majorado, o relatório avaliativo recomenda a progressão, uma vez que o menor evoluiu em seu comportamento, não apresentou nenhuma intercorrência disciplinar e cumpriu com todas as condições impostas. Agravo ministerial desprovido, de plano. (TJRS. 7ª C. Cív. A.I. nº 70035649169. Rel. Des. Jorge Luís Dall'Agnol. J. em 28/05/2010); *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - ECA. HABEAS CORPUS. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO CRIME DE HOMICÍDIO QUALIFICADO. APLICAÇÃO DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO POR PRAZO INDETERMINADO. PARECER TÉCNICO OPINANDO PELA PROGRESSÃO DO MENOR PARA SEMILIBERDADE. INDEFERIMENTO PELO JUÍZO MANTIDO PELO TRIBUNAL A QUO. PRINCÍPIO DA EXCEPCIONALIDADE. ARTS. 227, §3º, V, DA CF E 122, §2º, DO ECA. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CONFIGURADO. ORDEM CONCEDIDA. 1. Tratando-se de menor inimputável, não existe pretensão punitiva estatal propriamente, mas apenas pretensão educativa, que, na verdade, é dever não só do Estado, mas da família, da comunidade e da sociedade em geral, conforme disposto expressamente na legislação de regência (Lei 8.069/90, art. 4º) e na Constituição Federal (art. 227). 2. De fato, é nesse contexto que se deve enxergar o efeito primordial das medidas socioeducativas, mesmo que apresentem, eventualmente, características expiatórias (efeito secundário), pois o indiscutível e indispensável caráter pedagógico é que justifica a aplicação das aludidas medidas, da forma como previstas na legislação especial (Lei 8.069/90, arts. 112 a 125), que se destinam essencialmente à formação e reeducação do adolescente infrator, também considerado como pessoa em desenvolvimento (Lei 8.069/90, art. 6º), sujeito à proteção integral (Lei 8.069/90, art. 1º), por critério simplesmente etário (Lei 8.069/90, art. 2º, 'caput'). 3. É certo que o magistrado, no momento da reavaliação da medida socioeducativa imposta, não está vinculado a pareceres e relatórios técnicos, podendo, com base na livre apreciação de outros elementos de convicção e motivadamente, dirimir a controvérsia. 4. Entretanto, tem-se como fundamento insuficiente para desconsiderar o laudo técnico favorável à progressão do menor para a medida de semiliberdade a gravidade genérica da conduta, tendo em vista a própria excepcionalidade da medida de internação, admitida, somente, nas hipóteses legalmente previstas. 5. Ordem concedida para assegurar a progressão do menor à medida de semiliberdade, se por outro motivo não estiver internado.* (STJ. 5ª T. HC nº 105119/PI. Rel. Min. Arnaldo Esteves Lima. J. em 11/09/2008); e *MENOR - INTERNAÇÃO - PROGRESSÃO PARA LIBERDADE ASSISTIDA - PARECERES FAVORÁVEIS. Tanto quanto possível, há de adotar-se postura geradora de esperança na evolução do menor. A internação é medida extrema e deve ser substituída mormente quando a manifestação técnica e a jurídica - do fiscal da lei, Ministério Público - forem favoráveis. Precedentes: Habeas Corpus nº 75.629-8/SP, acórdão publicado no Diário da Justiça de 12 de dezembro de 1997, e nº 85.598-9/SP, acórdão veiculado no Diário da Justiça de 16 de dezembro de 2005, ambos de minha relatoria.* (STF. 2ª T. HC nº 98518/RJ. Rel. Min. Eros Grau. J. em 25/05/2010).

541 Vide art. 235, do ECA e art. 45, *caput* e §§1º e 2º, da Lei nº 12.594/2012 (que dispõe sobre a "unificação" das medidas socioeducativas). Este prazo *máximo* de duração da medida privativa de liberdade extrema *abrange todos* os atos infracionais *anteriores à sentença* que a decretou e ao início de sua execução (ainda que, por uma razão ou por outra, não tenham sido por ela expressamente abrangidos), vez que *não há previsão legal para o "somatório" de medidas*

socioeducativas. Assim sendo, por exemplo, independentemente de quantos tenham sido os atos infracionais *anteriores* à sentença em cujos procedimentos houve o decreto da medida socioeducativa extrema da internação, estará o adolescente sujeito ao máximo de 03 (três) anos de privação de liberdade previsto pelo *art. 121, §3º*, do ECA (que logicamente não poderá ser previamente fixado na sentença face o disposto no *art. 121, §2º, primeira parte*, do ECA, estando sua duração condicionada ao tempo em que se fizer estritamente *necessária*, *ex vi* do disposto no art. 121, *caput*, primeira parte do ECA e art. 227, §3º, inciso V, primeira parte, da CF). Devemos lembrar que a tônica do procedimento para apuração de ato infracional é a *celeridade*, e se isto não foi respeitado, e o adolescente não recebeu, ao tempo e modo devidos, a intervenção socioeducativa que se fazia necessária na espécie, não pode ser por tal razão prejudicado (mais uma vez devemos lembrar a *regra de interpretação* contida no art. 6º e o *princípio* consignado no art. 100, par. único, inciso II, do ECA). Para atos infracionais praticados *após o início da execução da medida ou sua extinção*, por outro lado, abre-se a possibilidade de aplicação de nova medida da mesma natureza, mais uma vez respeitados os parâmetros legais específicos. Assim sendo, novamente a título de exemplo, uma vez aplicada a medida de internação a um determinado adolescente, decisões posteriores, de igual teor (que também venham a aplicar a internação ao mesmo adolescente), porém relativas a *fatos anteriores* ao *início da execução* da medida, devem ser consideradas "*absorvidas*" pela primeira decisão, não podendo permitir seja extrapolado o prazo máximo previsto no *art. 121, §3º*, do ECA ou mesmo impedir que o adolescente submetido à medida de internação venha a ser beneficiado com a "progressão" para a semiliberdade ou medidas em meio aberto por seus méritos, tão logo tenha condições para tanto (sob pena de violação do *princípio da brevidade* - vide art. 121, *caput*, do ECA - e da própria *natureza jurídica* e *finalidade* das medidas socioeducativas em geral). O correto, em tais casos, é a reunião dos feitos ainda pendentes para decisão única ou, na pior das hipóteses, a unificação das medidas aplicadas, para fins de execução, nos moldes do previsto no art. 45, *caput* e §§ 1º e 2º, da Lei nº 12.594/2012. Neste sentido, vale colacionar os seguintes arestos: *APELAÇÃO. ECA. ATO INFRACIONAL. ROUBO. GRAVE AMEAÇA (ARMA DE FOGO). AUTORIA E MATERIALIDADE CONFIRMADA. APLICAÇÃO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO. ADOLESCENTE INTERNADO POR ATO INFRACIONAL ANTERIOR. UNIFICAÇÃO DA MEDIDA. CABIMENTO. Autoria. A autoria foi comprovada pela prova oral colhida em juízo. Materialidade. Demonstrada pelo registro de ocorrência policial, pelo auto de avaliação indireta e pela prova oral colhida em juízo. Medida Socioeducativa. Caso em que as condições pessoais do representado e a gravidade do ato infracional praticado indica o acerto da sentença em aplicar a medida socioeducativa de internação sem possibilidade de atividades externas. Extensão de internação anteriormente aplicada. Diante do fato de que o adolescente já está internado pelo cometimento de outro ato infracional e diante da procedência da atual representação é cabível a unificação da medida de internação, tendo como marco inicial do cumprimento da medida a data da primeira internação. NEGARAM PROVIMENTO.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70031804610. Rel. Des. Rui Portanova, J. em 17/09/2009); e *HABEAS CORPUS. MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA DE INTERNAÇÃO APLICADA POR FORÇA DE SENTENÇA. SUBSTITUIÇÃO DESTA PELA DE LIBERDADE ASSISTIDA. RELATÓRIO TÉCNICO FAVORÁVEL E CONCORDÂNCIA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. DEFERIMENTO. SUPERVENIÊNCIA DE NOVA SENTENÇA, POR FATO ANTERIOR ÀQUELE JULGADO, QUE APLICA MEDIDA DE INTERNAÇÃO. MANUTENÇÃO DA INTERNAÇÃO. INVIABILIDADE. OBJETIVO JÁ ATINGIDO COM A EXECUÇÃO DA MEDIDA POR DECISÃO ANTERIOR. ORDEM CONCEDIDA. Em razão do caráter sócio-educativo da medida de internação e da comprovação, por meio de relatório técnico, dos resultados positivos dela, não se justifica nova aplicação desta medida, decretada por sentença superveniente, concernente a fato*

anterior àquela aplicada. (TJPR. 2ª C. Crim. HC nº 161.059-7. J. em 26/08/2004). Caso, no entanto, o adolescente, *após o início da execução* da medida de internação, venha a praticar *novos atos infracionais* e, em razão deles, seja *novamente sentenciado à internação*, será possível, a partir desta nova decisão, computar *novo período* máximo de 03 (três) anos, *ex vi* do disposto no citado *art. 121, §3º* estatutário (vide art. 45, § 1º, *in fine*, da Lei nº 12.594/2012), impedindo, por exemplo, que um adolescente já em vias de completar o período máximo de internação, envolvido numa rebelião na unidade onde cumpre a medida, na qual tenha participado da morte de outros companheiros, não possa ser novamente sentenciado à internação por tal conduta.

542 Vide art. 2º, par. único, do ECA. O presente dispositivo se constitui numa das exceções de aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente a jovens entre de 18 (dezoito) e 21 (vinte e um) anos de idade, continuando em pleno vigor apesar da alteração na idade do advento da plena capacidade civil, promovida pelo art. 5º, do Código Civil de 2002. Uma vez atingido o limite etário de 21 (vinte e um) anos, não mais será possível a aplicação e/ou execução de *qualquer* medida socioeducativa, devendo ser o jovem desinternado compulsoriamente, com o máximo de celeridade (vide art. 235, do ECA). O dispositivo, a rigor, também estabelece uma *causa de extinção da pretensão socioeducativa estatal*, valendo mencionar que, em momento algum, a Lei nº 8.069/1990 dispõe sobre a "prescrição". A matéria, no entanto, foi objeto da *Súmula nº 338*, do Superior Tribunal de Justiça: *"A prescrição penal é aplicável nas medidas sócio-educativas".* Em que pese o disposto na referida súmula, aplicação da prescrição penal aos procedimentos para apuração de ato infracional praticados por adolescente *não é adequada* e nem se constitui na melhor solução, em razão da natureza jurídica diversa das medidas socioeducativas em relação às penas, que torna também inadequada a correlação entre a quantidade (ou qualidade) de pena prevista pela Lei Penal e a medida socioeducativa a ser aplicada. Na verdade, a pura e simples demora na resposta socioeducativa faz desaparecer o caráter pedagógico da medida, acarretando a "perda da pretensão socioeducativa" e autorizando a subsequente extinção e arquivamento do procedimento. Tal solução, porém, deve ser analisada caso a caso, consideradas as normas e princípios próprios do Direito da Criança e do Adolescente, sem que para tanto tenha de ser invocada a Lei Penal, salvo para aplicação do princípio elementar segundo o qual o adolescente não pode receber um tratamento mais rigoroso do que receberia se imputável fosse. Neste sentido, vale transcrever os seguintes arestos do TJPR: *Apelação. Estatuto da Criança e do Adolescente. Ato infracional correspondente ao crime de atentado violento ao pudor imputado a adolescentes de 15 anos de idade à época dos fatos. Prolação da sentença e aplicação da medida socioeducativa de internação, cinco anos mais tarde. Prescrição. Inocorrência. Decurso de prazo inferior àquele necessário, contado da causa interruptiva do recebimento da representação. Adolescente apelante que neste período de tempo se ressocializou, constituindo família e exercendo trabalho, além de não contar com nenhum outro registro de infração. Finalidade da medida socioeducativa alcançada independentemente da atuação do Estado. Necessidade e adequação inexistentes à época da prolação da sentença. Recurso provido para o fim de afastar a medida socioeducativa extrema, sem a aplicação de outra, tendo em vista que em breve o apelante atingirá a idade de 21 anos. Habeas corpus. Concessão de ofício em favor do correpresentado com afastamento da medida de internação.* (TJPR. 2ª C. Crim. Ap. nº 555.772-6. Rel. Juíza Convocada Lílian Romero. J. em 30/04/2009); *RECURSO DE APELAÇÃO. ECA. INFRAÇÕES ANÁLOGAS A ESTUPRO E AMEAÇA. AUTORIA E MATERIALIDADE DEVIDAMENTE COMPROVADAS. ALTERAÇÃO DA MEDIDA APLICADA DE INTERNAÇÃO PARA LIBERDADE ASSISTIDA. 1. A versão da vítima em delitos contra a dignidade sexual, praticados quase sempre às escondidas,*

ganha especial relevo, sobretudo quando firme e uníssona, ao revés da versão contraditória apresentada pelos adolescentes infratores. 2. Em face do lapso de tempo decorrido desde a prática do ato infracional (mais de três anos) que foi fato isolado na vida do adolescente, que tem amparo em família estruturada (conforme indica o estudo social) afigura-se desnecessária a medida extrema de internação, como resposta à conduta. Aplicação de liberdade assistida, que mais se coaduna com as necessidades do apelante. RECURSO PARCIALMENTE PROVIDO. (TJPR. 2ª C.Crim. RA-ECA nº 0602845-9, de Andirá. Rel. Des. Noeval de Quadros. Unânime. J. em 11/02/2010) e *HABEAS CORPUS ECA. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO CRIME DE TRÁFICO DE SUBSTÂNCIA ENTORPECENTE QUE OCORREU EM MEADOS DE 2009. SENTENÇA QUE DETERMINOU A INTERNAÇÃO DO ADOLESCENTE PROFERIDA HÁ MAIS DE UM ANO E MEIO MEDIDA SÓCIOEDUCATIVA QUE DEVERIA SER CUMPRIDA DE IMEDIATO PARA NÃO PERDER SEU CARÁTER PEDAGÓGICO. A INTERNAÇÃO DO ADOLESCENTE APÓS TAL LAPSO TEMPORAL PASSA A SERVIR COMO SIMPLES PUNIÇÃO. INTIMAÇÃO DA SENTENÇA VIA EDITAL, CONTRARIANDO O DEVIDO PROCESSO LEGAL, EM DESRESPEITO AO PREVISTO NO ART. 190, INCISO II DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. CONSTRANGIMENTO ILEGAL EVIDENCIADO. CONCESSÃO DE EFEITO SUSPENSIVO AO APELO INTERPOSTO ORDEM CONCEDIDA, COM A CONSEQUENTE EXPEDIÇÃO DE ALVARÁ DE DESINTERNAÇÃO, SALVO SE ESTIVER APREENDIDO OU PRESO POR OUTRO MOTIVO*. (TJPR. 2ª C. Crim. HCC nº 0759945-9, de Assis Chateaubriand. Rel. Juiz Subst. 2º G. Carlos Augusto A. de Mello. J. em 28/04/2011). Semelhante interpretação permite a extinção de procedimentos e/ou medidas socioeducativas em prazos ainda mais curtos que os decorrentes da simples aplicação "matemática" da prescrição penal. De qualquer sorte, é necessário interpretar a lei (e a própria Súmula nº 338, do STJ) sempre da forma mais benéfica ao adolescente, inclusive de modo a evitar que o mesmo receba um tratamento mais rigoroso do que receberia caso fosse imputável (o que seria contrário aos princípios de direito internacional e ao disposto no art. 35, inciso I, da Lei nº 12.594/2012). Vale o registro que, segundo o STJ, a prescrição aplicável ao procedimento para apuração de ato infracional praticado por adolescente, com base na Súmula nº 338 daquela Corte, deve ser regulada pelo máximo previsto para duração da medida de internação (03 anos, conforme art. 121, §3º, do ECA), ou da pena *in abstracto* previsto para a infração penal em tese praticada, caso seja este inferior a 03 (três) anos, sempre na perspectiva de beneficiar o adolescente e evitar que o mesmo receba um tratamento mais rigoroso do que receberia se adulto fosse. Neste sentido: *HABEAS CORPUS SUBSTITUTIVO DE RECURSO ORDINÁRIO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO A CONTRAVENÇÃO. PRESCRIÇÃO. OCORRÊNCIA. I. As medidas sócio-educativas perdem a razão de ser com o decurso de tempo. Consequentemente, 'a fortiori', no caso de menores, é de ser aplicado o instituto da prescrição. (Precedentes). II. 'A prescrição penal é aplicável nas medidas sócio-educativas' (Súmula nº 338/STJ). III. O disposto no art. 115 do CP é aplicável ao cálculo do prazo prescricional da medida sócio-educativa. (Precedentes). IV. Para evitar a criação de situações bem mais severas e duradouras aos adolescentes do que em idênticas situações seriam impostas aos imputáveis, deve ser considerado, para fins de prescrição, o prazo da pena máxima 'in abstracto', se inferior ao prazo máximo da medida sócio-educativa de internação. 'In casu', o paciente foi representado por ato infracional equiparado a contravenção, cuja pena máxima 'in abstracto' é de dois meses de prisão simples. O prazo prescricional é, portanto, de 01 (um) ano. V. Os fatos imputados ao adolescente têm como data limite 05/04/2005 (cessação da continuidade delitiva). A representação foi recebida em 14/07/06. Assim, resta claro que ocorreu a prescrição. Habeas corpus concedido.* (STJ. 5ª T. HC nº 93.281/SP. Rel. Min. Félix Fischer. J. em 15/05/2008). A prescrição, desta forma, acaba se tornando o "parâmetro temporal máximo" de aplicação de

medida socioeducativa a adolescentes acusados da prática de ato infracional, nada impedindo, no entanto, o reconhecimento da "perda da pretensão socioeducativa" *antes mesmo de o prazo prescricional ter sido atingido*, pelas razões contidas no início da exposição supra.

543 Vide arts. 202, 204 e 205, do ECA.

544 Acrescido pela Lei nº 12.594, de 18/01/2012. O dispositivo evidencia a possibilidade de "progressão", a qualquer tempo, de um regime de internação integralmente fechado (que, como visto acima, deve ser a exceção), para outro que contemple a realização de atividades externas. Assim sendo, a partir do momento em que a equipe técnica da unidade de internação entender possível a retirada da restrição judicial relativa à realização de atividades externas, deverá fazer imediata comunicação ao Juízo de Execução (sendo certo que a modificação das condições do Plano Individual de Atendimento pode ser requerida, inclusive, pela direção da unidade onde a medida é executada), que deverá instaurar incidente específico e, após ouvido o Ministério Público e a defesa do adolescente, decidir de forma fundamentada. Da mesma forma que a internação somente pode ser decretada e/ou mantida quando houver comprovada necessidade de contenção do adolescente, a restrição da realização de atividades externas somente se justifica quando (e enquanto) se mostrar imprescindível, valendo lembrar que a "preparação gradativa para o desligamento" (analogia ao art. 92, inciso VIII, do ECA) e a "intervenção mínima" (arts. 101, inciso VII c/c 113, do ECA e art. 35, inciso VII, da Lei nº 12.594/2012), são da essência de qualquer forma de intervenção estatal junto a crianças e adolescentes. É também admissível, a princípio, que adolescentes vinculados à medida de internação que realizem atividades externas sejam monitorados eletronicamente, a partir da aplicação analógica das disposições da Lei nº 12.258/2010, de 15/06/2010. Semelhante monitoramento, logicamente, deve ser adequamente planejado e fazer parte da proposta de atendimento da unidade.

Art. 122. A medida de internação só poderá ser aplicada **[545]** quando **[546]**:

I - tratar-se de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência a pessoa **[547]**;

II - por reiteração no cometimento de outras infrações graves **[548]**;

III - por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta **[549]**.

§ 1º. O prazo de internação na hipótese do inciso III deste artigo não poderá ser superior a três meses, devendo ser decretada judicialmente após o devido processo legal **[550]**.

§ 2º. Em nenhuma hipótese será aplicada a internação, havendo outra medida adequada **[551]**.

545 O dispositivo traz as hipóteses nas quais, *em tese*, é juridicamente admissível a aplicação da medida de internação (valendo tais disposições também para aplicação da medida de *semiliberdade*, *ex vi* do disposto no art. 120, §2º, do ECA). Isto *não significa*, no entanto, que "toda vez" que caracterizada uma das hipóteses aqui relacionadas, o adolescente "deverá" automaticamente ser submetido a medidas privativas de liberdade. *Muito pelo contrário. Mesmo diante da prática de atos infracionais de natureza grave*, o adolescente *somente* deverá receber medidas privativas de liberdade se *comprovadamente não houver outra alternativa sociopedagógica mais adequada*, consideradas suas *necessidades*

pedagógicas específicas (assim apuradas através de estudo psicossocial idôneo, conforme arts. 151 e 186, §4º, do ECA), devendo sempre ser dado *preferência* a medidas *em meio aberto*, que venham a *fortalecer vínculos familiares e comunitários* (*ex vi* do disposto nos arts. 113 c/c 100, *caput* e par. único, inciso X, do ECA). Sobre a questão, vide ainda a *determinação* contida no art. 122, §2º, do ECA que, nunca é demais lembrar, encontra respaldo no *princípio constitucional da* *excepcionalidade* *da privação de liberdade de adolescentes* (art. 227, §3º, inciso V, da CF). Tal *princípio* foi estabelecido com base na *normativa internacional* (arts. 37, alínea "b" e 40, item 4, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; itens 17.1, letra "b" e 19.1 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude - Regras de Beijing*"; item 45 das "*Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil - Diretrizes de Riad*" e item 1 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*"), passando a integrar o Direito Positivo brasileiro e se encontrando *em pleno vigor* do País por força do disposto no art. 5º, §2º, da CF. Reiteradas decisões do STJ têm reconhecido que a gravidade genérica da conduta infracional não é motivo suficiente para o decreto da internação socioeducativa, sendo necessária a demonstração da *efetiva necessidade* de aplicação da medida, no caso em concreto, após análise criteriosa do fato e das condições pessoais, familiares e sociais do adolescente. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ECA. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO A ROUBO DUPLAMENTE CIRCUNSTANCIADO. CONCURSO DE AGENTES. MEDIDA DE INTERNAÇÃO. MOTIVAÇÃO INIDÔNEA. GRAVIDADE ABSTRATA DO DELITO. AUSÊNCIA DE ANÁLISE DAS CONDIÇÕES PESSOAIS DO MENOR. ILEGALIDADE. ORDEM CONCEDIDA. SIMILITUDE FÁTICO-PROCESSUAL DO CO-RÉU. APLICAÇÃO DO PRINCÍPIO DA ISONOMIA PROCESSUAL. CONCESSÃO DA EXTENSÃO DOS EFEITOS DA PRESENTE DECISÃO, DE OFÍCIO. 1. A medida de internação por prazo indeterminado é de aplicação excepcional, de modo que somente pode ser imposta ou mantida nos casos taxativamente previstos no art. 122 do ECA, e quando evidenciada sua real necessidade. 2. Sua aplicação, no entanto, deve estar efetivamente pautada nas circunstâncias peculiares do caso concreto, nos casos em que o Julgador reputar imperiosa a adoção da medida extrema para a proteção integral do adolescente, finalidade precípua da Lei 8.069/90, a qual visa à reintegração do menor na sociedade. 3. A fundamentação utilizada pelas instâncias ordinárias, no caso concreto, revelou-se genérica, sem a necessária individualização e particularização ao caso concreto. Ao revés, reportou-se o Julgador apenas à gravidade abstrata do delito que, como cediço, não serve como critério único para fixação da medida restritiva de liberdade ao menor infrator. 4. A identidade da situação fático-processual entre os co-réus permite a extensão do benefício concedido a um deles, se fundado em motivos que não sejam de caráter exclusivamente pessoal, a teor do art. 580 do CPP. Assim, em obediência ao princípio da isonomia processual, impõe-se, de ofício, a concessão da extensão dos efeitos da presente decisão ao agente remanescente, uma vez que a mesma fundamentação genérica foi utilizada para fixar-lhe a medida de internação. 5. Ordem concedida, para anular a sentença de primeiro grau, tão-somente no tocante à medida de internação, a fim de que outro decisum seja prolatado, devendo, enquanto isso, permanecer o menor em liberdade assistida, se por outro motivo não estiver internado. Concede-se, ainda, de ofício, a ordem para estender os efeitos deste julgado ao co-réu R. O. N.* (STJ. 5ª T. HC nº 86941/SP. Rel. Min. Napoleão Nunes Mais Filho. J. em 21/02/2008). É também de se considerar que a Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE, foi bastante clara ao reafirmar os princípios da excepcionalidade, brevidade, intervenção mínima, individualização e preferência a medidas em meio aberto (vide art. 35, do citado Diploma Legal), evidenciando a impossibilidade de aplicação de medidas privativas de liberdade tão somente em razão da gravidade do ato infracional praticado.

546 Vide item 17.1. letra "c" das "Regras de Beijing", onde consta que "não será imposta a privação de liberdade pessoal a não ser que o jovem tenha praticado ato grave, envolvendo violência contra a pessoa ou por reincidência no cometimento de outras infrações sérias, e a menos que não haja outra medida apropriada".

547 Basta aqui *uma única infração* para autorizar, em tese (porém como dito, *jamais* determinar), a aplicação da internação socioeducativa. Vide art. 122, §2º, do ECA.

548 Vide art. 112, §1º, do ECA. O legislador estatutário não estabeleceu previamente que "*outras infrações graves*" seriam estas, devendo ocorrer ama análise individual e criteriosa (usando para tanto os parâmetros e princípios do próprio ECA), para se avaliar quando determinada infração pode ser considerada grave. Devem ser, de plano, excluídas deste conceito aquelas consideradas, pela Lei Penal, de "*menor potencial ofensivo*", até mesmo para evitar que o adolescente receba um tratamento mais rigoroso do que do que receberia caso fosse penalmente imputável. Há o entendimento de que seria considerada "infração grave", para fins de incidência deste dispositivo, aquela em que o tipo penal comina, em abstrato, pena de reclusão. O autor discorda - e com veemência (*data venia*) - deste entendimento, que poderia levar ao *absurdo* de considerar de natureza "grave", por exemplo, um *furto simples* (valendo mencionar que o STJ, por reiteradas decisões, tem reconhecido, inclusive, a incidência do *princípio da insignificância* diante da prática de furtos de objetos de pequeno valor). O dispositivo, na verdade, *não comporta qualquer critério objetivo*, devendo a autoridade judiciária, em *cada caso*, respeitados os parâmetros e princípios próprios do Direito da Criança e do Adolescente, analisar a presença de gravidade na conduta do adolescente, podendo seus argumentos ser questionados e impugnados, pelo competente recurso. Importante também mencionar que "*reiteração" não é sinônimo de reincidência*, pelo que não se exige a caracterização desta para tornar, em tese, admissível a aplicação de medidas privativas de liberdade. Em recente decisão, o Superior Tribunal de Justiça considerou que, para caracterização do requisito "*reiteração*", seria necessária a prática de, no mínimo, *03 (três) infrações consideradas graves distintas*. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. HABEAS CORPUS. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO CRIME DE TENTATIVA DE FURTO. PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA. INCIDÊNCIA. AUSÊNCIA DE TIPICIDADE MATERIAL. TEORIA CONSTITUCIONALISTA DO DELITO. INEXPRESSIVA LESÃO AO BEM JURÍDICO TUTELADO. ORDEM CONCEDIDA. 1. O princípio da insignificância surge como instrumento de interpretação restritiva do tipo penal que, de acordo com a dogmática moderna, não deve ser considerado apenas em seu aspecto formal, de subsunção do fato à norma, mas, primordialmente, em seu conteúdo material, de cunho valorativo, no sentido da sua efetiva lesividade ao bem jurídico tutelado pela norma penal, consagrando os postulados da fragmentariedade e da intervenção mínima. 2. Indiscutível a sua relevância, na medida em que exclui da incidência da norma penal aquelas condutas cujo desvalor da ação e/ou do resultado (dependendo do tipo de injusto a ser considerado) impliquem uma ínfima afetação ao bem jurídico. 3. A tentativa de subtração de uma calculadora e um aparelho celular usados, embora se amolde à definição jurídica do crime de furto, não ultrapassa o exame da tipicidade material, mostrando-se desproporcional a medida socioeducativa, uma vez que a ofensividade da conduta se mostrou mínima; não houve nenhuma periculosidade social da ação; a reprovabilidade do comportamento foi de grau reduzidíssimo e a lesão ao bem jurídico se revelou inexpressiva. 4. Ordem concedida para, aplicando o princípio da insignificância, julgar improcedente a representação, nos termos do art. 189, III, do ECA.* (STJ. 5ª T. HC nº 136519/RS. Rel. Min. Arnaldo Esteves de Lima. J. em 19/09/2009); *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO TRÁFICO ILÍCITO DE*

SUBSTÂNCIA ENTORPECENTE. INTERNAÇÃO. REINCIDÊNCIA. MEDIDA DE INTERNAÇÃO. IMPOSSIBILIDADE. A medida sócio-educativa de internação está autorizada nas hipóteses taxativamente previstas no art. 122 do ECA. A reiteração no cometimento de infrações, para efeito de incidência da medida de internação, a teor do art. 122, II, do ECA, ocorre quando praticados, no mínimo, três atos infracionais graves. No caso vertente, restou configurada a reincidência e não a reiteração, já que cometidas apenas duas práticas infracionais, razão pela qual tem-se como inviável a aplicação da referida medida. Ordem concedida para que seja aplicada ao menor outra medida sócio-educativa, que não a de internação, permitindo-se que o paciente aguarde em liberdade assistida a prolação de novo decisório. (STJ. 5ª T. HC nº 25.190/RJ. Rel. Min. Jorge Scartezzini. J. em 28/10/2003); e também: *HABEAS CORPUS. PENAL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL ANÁLOGO AO CRIME DE TRÁFICO DE ENTORPECENTES. APLICAÇÃO DA MEDIDA DE INTERNAÇÃO POR PRAZO INDETERMINADO. REITERAÇÃO DELITIVA NÃO-DEMONSTRADA. ART. 122 DO ECA. ROL TAXATIVO. ILEGALIDADE CONFIGURADA. ORDEM CONCEDIDA. 1. O art. 122 do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece que a internação do adolescente será cabível quando o ato infracional é cometido com violência ou grave ameaça a pessoa ou na hipótese de reiteração no cometimento de outras infrações graves ou por descumprimento reiterado e injustificado de medida anteriormente aplicada. 2. A prática de ato infracional análogo ao crime de tráfico de entorpecentes, em razão da sua gravidade abstrata, por si só, não autoriza a segregação do menor. 3. É assente na jurisprudência o entendimento no sentido de que 'a reiteração no cometimento de infrações capaz de ensejar a incidência da medida sócio-educativa da internação, a teor do art. 122, inciso II, do ECA, ocorre quando praticados, no mínimo, 3 (três) atos infracionais graves.' (R.Esp. 909787/RS, Rel. Min. Felix Fischer, Quinta Turma, DJ 03/09/2007 p. 217). 4. Ordem concedida para cassar o aresto impugnado, anulando-se a decisão de primeiro grau e determinando-se que outra seja proferida, autorizando o paciente aguardar em liberdade assistida o novo decisum.* (STJ. 5ª T. HC nº 99542/SP. Rel. Min. Jorge Mussi. J em 28/05/2008). Importante registrar que o ato infracional análogo ao crime de *furto*, máxime em sua forma *simples*, não se reveste de gravidade tal que justifique a aplicação da internação, ainda que praticado de forma *reiterada*, valendo transcrever os seguintes arestos do TJPR: *RECURSO DE APELAÇÃO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATOS INFRACIONAIS EQUIPARADOS AO CRIME DE FURTO. PLEITO DE APLICAÇÃO DE MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA EM MEIO ABERTO. VIABILIDADE. Ausência dos critérios estabelecidos no art. 122, do ECA. Reiteração de condutas cuja gravidade não justifica a internação, de vez que nenhuma outra medida sócio-educativa foi tentada anteriormente. Estudo social realizado em diligência. Recurso provido com expedição de mandado de desinternação. 1. A medida de internação mostra-se demasiado severa, pelo fato cometido, ao adolescente de apenas 13 anos de idade, que se encontra em peculiar situação de desenvolvimento. 2. Os requisitos estabelecidos no art. 122 do ECA não estão presentes no caso porque a conduta praticada pelo adolescente não foi revestida de violência e grave ameaça; não há aplicação de nenhuma outra medida sócio-educativa anteriormente e os atos infracionais constantes na certidão cartorial não são de gravidade que justifique a medida mais severa, desde logo.* (TJPR. 2ª C. Crim. Rec.Ap.ECA nº 491.589-5, de Alto Paraná. Rel. Des. Noeval de Quadros. Ac. nº 22895. J. em 24/07/2008) e *HABEAS CORPUS. ECA. ATO INFRACIONAL CORRESPONDENTE AO FURTO QUALIFICADO. INTERNAÇÃO. IMPOSSIBILIDADE. MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA DESPROPORCIONAL. Ausência das hipóteses autorizadoras taxativamente previstas no artigo 122, do ECA. Constrangimento ilegal caracterizado. Ordem concedida. Ainda que aparentemente se afigure a providência mais adequada ao caso concreto, a medida sócio-educativa de internação, em virtude dos princípios da excepcionalidade e do respeito à*

condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, somente pode ser aplicada quando assente pelo menos uma das hipóteses taxativamente estabelecidas pelo artigo 122, do ECA. (TJPR. 2ª C. Crim. HC nº 496397-7, de Antonina. Rel. Des. João Kopytowski. Ac. nº 22791. J. em 26/06/2008). Por fim, vale lembrar que os procedimentos nos quais o adolescente foi beneficiado com remissão não podem ser computados para fins de caracterização da "reiteração" prevista neste dispositivo. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. INTERNAÇÃO. EXCEPCIONALIDADE DA MEDIDA EXTREMA. REITERAÇÃO NO COMETIMENTO DE INFRAÇÕES GRAVES OU DESCUMPRIMENTO REITERADO DA MEDIDA NÃO DEMONSTRADOS. PROCESSOS COM HOMOLOGAÇÃO DE REMISSÃO. 1. Em razão do princípio da excepcionalidade, a medida de internação somente é possível nos casos taxativamente previstos pelo art. 122 do ECA. 2. Os processos nos quais foi concedido o benefício da remissão, não podem ser considerados para efeito de reiteração, tendo em vista que tal instituto não implica reconhecimento de responsabilidade, nem vale como antecedente. 3. Ordem concedida*. (STJ. 6ª T. HC nº 103287/SP. Rel. Min. O. G. Fernandes. J. em 01/07/2008).

549 Vide arts. 37 e 43, §4º, da Lei nº 12.594/2012. Para que tal solução possa ser adotada, deve ser instaurado verdadeiro "incidente de execução", em que se garanta ao adolescente a possibilidade de ampla defesa (técnica), em respeito ao contido no art. 5º, incisos LIV e LV da CF, com a *comprovação* (inclusive mediante avaliação técnica interprofissional), não apenas de que o descumprimento da medida originalmente imposta de fato ocorreu, mas também que este se mostra *reiterado* e *injustificável*, não sendo cabível solução diversa, como a *substituição* daquela medida por outra, nos moldes do disposto nos arts. 113 c/c 99, do ECA (em estrita observância ao contido no art. 122, §2º, do ECA - e do *princípio da excepcionalidade* da aplicação de medidas privativas de liberdade, insculpido nada menos que pelo art. 227, §3º, inciso V, da CF, que *também* se aplica a esta modalidade de internação). Neste sentido, o E. Superior Tribunal de Justiça editou a *Súmula de nº 265*, de onde se extrai: "*É necessária a oitiva do menor infrator antes de decretar-se a regressão da medida socioeducativa*". Evidente que a referida "*oitiva*" do adolescente deve respeitar as garantias processuais estabelecidas pelos arts. 110 e 111, do ECA e os princípios estatutários e constitucionais que norteiam a aplicação e execução das medidas socioeducativas em geral. Para tanto, deve ser assegurado o contraditório e a ampla defesa, através da intervenção de um defensor habilitado (constituído ou nomeado pela própria autoridade judiciária - valendo neste sentido observar o disposto no art. 37, da Lei nº 12.594/2012), além dos pais ou responsável pelo adolescente. Importante destacar, no entanto, que o prazo *máximo* de duração da internação, ante a constatação do descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta, será invariavelmente de *03 (três) meses* (nada impedindo - e sendo mesmo *recomendável*, que seja *inferior* a este período), *ex vi* do disposto no art. 122, §1º, do ECA, ainda que haja a notícia da prática de atos infracionais diversos (que deverão ser apurados em procedimento próprio, com a solução que as *necessidades pedagógicas* do adolescente e outros fatores, determinar). Sobre a matéria, interessante colacionar os seguintes julgados: *ECA. MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA. REGRESSÃO. NECESSIDADE DA OITIVA DO MENOR INFRATOR PELA AUTORIDADE JUDICIAL. PRINCÍPIOS DO DEVIDO PROCESSO LEGAL, DO CONTRADITÓRIO E DA AMPLA DEFESA. INCIDÊNCIA DA SÚMULA N.º 265 DO STJ. INTERNAÇÃO. ART. 122, III. PRAZO INDETERMINADO. IMPOSSIBILIDADE. É necessária a oitiva do menor infrator antes de decretar-se a regressão da medida sócio-educativa (Súmula nº 265 do STJ). O comparecimento do adolescente ao gabinete do representante do 'Parquet' não dispensa sua oitiva pela autoridade sentenciante. A internação pelo disposto no artigo 122, III, do ECA, deve respeitar o limite de 3 (três) meses (art. 122, §1º). ORDEM*

CONCEDIDA para anular a decisão que determinou a regressão da medida sócio-educativa aplicada ao menor infrator, e reconduzi-lo à semiliberdade. (STJ. 6ª T. HC nº 36290/RJ. Rel. Min. Paulo Medina. J. em 27/10/2004); *HABEAS CORPUS. ECA. ADOLESCENTE INFRATOR. INCLUSÃO EM PROGRAMA COMUNITÁRIO DE AUXÍLIO, ORIENTAÇÃO E TRATAMENTO A TOXICÔMANOS SUBSTITUÍDA POR INTERNAÇÃO. CONTRADITÓRIO E AMPLA DEFESA. DESCUMPRIMENTO INJUSTIFICADO E REITERADO DA MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA ANTERIOR. INOCORRÊNCIA. ORDEM CONCEDIDA. Para ser levada a efeito a chamada 'internação-sanção', prevista no art. 122, inc. III, do ECA, deverá o adolescente ser previamente ouvido, inclusive por intermédio de advogado (Súmula 265 do STJ), a fim de que lhe seja efetivamente oportunizado o contraditório e a ampla defesa, bem como restar caracterizado o descumprimento reiterado e injustificado da medida sócio-educativa que anteriormente lhe foi imposta.* (TJPR. 1ª C. Crim. HC nº 173.177-1. Rel. Juiz Xisto Pereira. Ac. nº 17740. J. em 12/05/2005); *Habeas corpus. ECA. Adolescente infrator. Descumprimento de medidas sócio-educativas. Liberdade assistida substituída por internação. Inobservância do devido processo legal. Nulidade da decisão judicial. Ordem concedida".* (TJPR. 1ª C. Crim. HC nº 160.475-7. Rel. Juiz Conv. Miguel Kfouri Neto. Ac. nº 17123. J. em 28/10/2004); *Estatuto da Criança e do Adolescente. Ato infracional. Regressão de semiliberdade para internação. Impossibilidade. Descumprimento não reiterado da medida anteriormente aplicada. Constrangimento ilegal caracterizado. A 'internação-sanção' (art.122, III, ECA) reclama o descumprimento reiterado e injustificado de medida sócio-educativa anteriormente imposta, não podendo ser aplicada pois, em face da primeira transgressão perpetrada pelo adolescente. Ordem concedida.* (TJPR. 2ª C. Crim. HC nº 172.785-9. Rel. Des. Telmo Cherem. Ac. nº 17556. J. em 12/05/2005); e *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. SEMILIBERDADE E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE. DESCUMPRIMENTO INJUSTIFICÁVEL DE MEDIDA ANTERIORMENTE IMPOSTA. PRÁTICA DE NOVO ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO FURTO. REGRESSÃO. INTERNAÇÃO POR PRAZO INDETERMINADO. IMPOSSIBILIDADE. PRECEDENTES DO STJ. 1. A reiteração no cometimento de infrações apta a ensejar a regressão, com a imposição de medida de internação ao adolescente, a teor do disposto no art. 122, inciso II, do Estatuto da Criança e do Adolescente, somente ocorre quando praticados, no mínimo, três ou mais condutas infracionais graves. 2. Conforme o disposto no art. 122, §1.º, da Lei n.º 8.069/1990, a medida de internação, imposta em razão de descumprimento injustificado de medida sócio-educativa, poderá ser aplicada pelo julgador, desde que não exceda o prazo máximo de 03 (três) meses. Precedentes do STJ. 3. Ordem concedida para determinar a recondução do Paciente à medida sócio-educativa de semiliberdade e prestação de serviços à comunidade, uma vez decorridos mais 90 (noventa) dias desde a decretação da medida de internação por prazo indeterminado.* (STJ. 5ª T. HC nº 56585/SP. Rel. Min. Laurita Vaz. J. em 22/08/2006). Importante destacar, por fim, que o presente dispositivo *não se aplica* caso a medida que se alega restou descumprida tenha sido aplicada em sede de *remissão*, valendo neste sentido observar os comentários ao art. 127, do ECA.

550 Redação alterada pela Lei nº 12.594, de 18/01/2012. Vide art. 121, *caput* e §2º, primeira parte, do ECA e art. 227, §3º, inciso V, da CF. Valem aqui as mesmas cautelas quanto a *excepcionalidade* de tal solução e a necessidade de tal medida ser aplicada por *prazo indeterminado*, porém *o mais reduzido possível*. Uma vez cumpridos os 03 (três) meses de "*internação-sanção*", o procedimento original, onde a medida inicial restou descumprida, deve ser *extinto*, não sendo admissível que o adolescente seja novamente internado, pelo mesmo motivo, no mesmo feito (sem prejuízo da possibilidade de aplicação de medidas de cunho eminentemente *protetivo* e destinadas *a seus pais ou responsável*, na perspectiva de neutralizar as *causas* da conduta infracional). A parte final do

dispositivo foi acrescida pela Lei nº 12.594/2012, evidenciando a necessidade de observância do "devido processo legal" quando da análise da necessidade ou não de aplicação da "internação-sanção", consoante já havia sido destacado nos comentários ao art. 122, inciso III, do ECA (vide).

551 Vide arts. 113 c/c 100, *caput*, segunda parte e 121, *caput*, do ECA; art. 35, incisos I, II, VII e IX, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE; art. 227, §3º, inciso V, segunda parte, da CF; item 1, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*"; item 19.1, das "*Regras de Beijing*". A simples gravidade do ato infracional praticado não se constitui em motivo que, por si só, determina a aplicação de medidas privativas de liberdade, devendo sempre ser dada *preferência* a medidas em meio aberto, não sendo demais lembrar que não se está lidando com "penas", que o adolescente deve ter respeitada e considerada sua "*peculiar condição de pessoa em desenvolvimento*" (cf. arts. 6º e 121, terceira parte do ECA e art. 227, §3º, inciso V, terceira parte, da CF), e que o objetivo do procedimento socioeducativo é, em última análise, a "*proteção integral*" do adolescente, e não sua pura e simples "punição" (inteligência dos arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA). Neste sentido, vale colacionar os seguintes julgados: *RECURSO DE APELAÇÃO. ECA. ATO INFRACIONAL TIPIFICADO COMO LATROCÍNIO. ART.157, §3º, 'IN FINE', DO CP. MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA DE INTERNAÇÃO. DECISÃO CARENTE DE ELEMENTOS SEGUROS E IDÔNEOS A APONTAR A REAL NECESSIDADE DA MEDIDA EXTREMA. SUBSTITUIÇÃO DA MEDIDA APLICADA. A despeito de se tratar de ato infracional grave, cometido com violência à pessoa, é dever decorrente de norma legal e constitucional, para a imposição da medida sócio-educativa de internação, a fundamentação concreta, indicativa das reais necessidades pedagógicas do seu autor/adolescente. Peculiaridades do caso e das condições pessoais dos adolescentes a demonstrar a substituição da medida sócio-educativa aplicada. Recurso Provido. Extensão da decisão ao co-representado.* (TJPR. 1ª C. Crim. Rec. Ap. ECA nº 171.603-8. Rel. Des. Bonejos Demchuk. J. em 31/03/2005); *Estatuto da Criança e do Adolescente. Ato infracional grave. Aplicação da medida sócio-educativa de internação. Decisão não fundamentada. Nulidade decretada. Mérito prejudicado. A internação prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente é medida extrema, aplicável só em casos excepcionais, após análise obrigatória da inadequação das demais medidas sócio-educativas existentes, sob pena de ser decretada, por falta de fundamentação, a nulidade do pronunciamento judicial a respeito, a teor do disposto no art. 93, IX, da Constituição Federal.* (TJPR. 1ª C. Crim. Rec. Ap. ECA nº 161.728-7. Rel. Juiz Conv. Vicente Misurrelli. Ac. nº 17765. J. em 02/06/2005); *CRIMINAL. HC. ECA. ROUBO QUALIFICADO. INTERNAÇÃO POR PRAZO INDETERMINADO. GRAVIDADE DO ATO INFRACIONAL. FUNDAMENTAÇÃO INSUFICIENTE. AFRONTA AOS OBJETIVOS DO SISTEMA. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CONFIGURADO. EXCEPCIONALIDADE DA MEDIDA EXTREMA. ORDEM CONCEDIDA. I. A medida extrema de internação só está autorizada nas hipóteses previstas taxativamente nos incisos do art. 122 do ECA, pois a segregação do menor é medida de exceção, devendo ser aplicada e mantida somente quando evidenciada sua necessidade, em observância ao espírito do r. Estatuto, que visa à reintegração do menor à sociedade. II. A simples alusão à gravidade do fato praticado, bem como ao argumento de que a segregação afastaria o menor do meio corruptor que o levou à prática do ato infracional, constitui motivação genérica que não se presta para fundamentar a medida de internação, até mesmo por sua excepcionalidade, restando caracterizada a afronta aos objetivos do sistema. III. Deve ser reformado o acórdão recorrido, tão-somente na parte relativa à medida imposta ao paciente, a fim de que outro decisum seja prolatado, afastando-se a aplicação de medida sócio-educativa de internação, permitindo-se que o menor aguarde tal desfecho em liberdade assistida. IV. Ordem concedida, nos termos*

do voto do relator (STJ. 5ª T. HC nº 35973/SP. Rel. Min. Gilson Dipp. J. em 10/08/2004); e *HABEAS CORPUS. ATO INFRACIONAL ANÁLOGO AO HOMICÍDIO. PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE. MEDIDA SOCIOEDUCATIVA FUNDAMENTADA PELO JUIZ DE PRIMEIRO GRAU NAS CONDIÇÕES PESSOAIS DO PACIENTE. RECURSO DO MINISTÉRIO PÚBLICO PROVIDO IMPONDO A INTERNAÇÃO EM RAZÃO DA GRAVIDADE ABSTRATA DO ATO. 1. É cediço que, em razão do princípio da excepcionalidade, a medida de internação somente é possível nas hipóteses previstas no art. 122 da Lei nº 8.069/90, ou seja, quando o ato infracional for praticado com grave ameaça ou violência contra a pessoa, ressalvadas as hipóteses nas quais outras medidas menos severas forem suficientemente adequadas; quando houver o reiterado cometimento de outras infrações graves; ou ainda, quando haja o descumprimento reiterável e justificável de medida anteriormente imposta. 2. No caso, o Juiz da causa, examinando minuciosamente todos os aspectos que envolvem a aplicação da medida socioeducativa, concluiu, acertadamente, pela não aplicação da internação, uma vez que a prestação de serviço à comunidade se mostra mais adequada. 3. Ordem concedida para, reformando o acórdão, restabelecer a sentença que impôs ao paciente a medida socioeducativa de prestação de serviço à comunidade.* (STJ. 6ª T. HC nº 162237/MG. Rel. Min. OG Fernandes. J. em 18/05/2010). Vale também lembrar que, independentemente do reconhecimento ou não da ocorrência de "prescrição" (vide comentários ao art. 121, §5º, do ECA), o decurso do tempo, por si só, faz desaparecer o caráter pedagógico da medida e torna desaconselhável (e mesmo injustificável) a aplicação de medidas privativas de liberdade. Neste sentido: *RECURSO DE APELAÇÃO DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO A PORTE ILEGAL DE ARMA DE FOGO DE USO RESTRITO. (ART. 16, DA LEI 10.826/2003). NEGATIVA DA AUTORIA POR PARTE DO ADOLESCENTE INFRATOR. INSUBSISTÊNCIA. PALAVRA DOS POLICIAIS ALIADA AO HISTÓRICO SOCIAL DO MENOR QUE INDICAM A PROCEDÊNCIA DA REPRESENTAÇÃO. REFORMA DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA APLICADA. INEXISTÊNCIA DE FUNDAMENTO LEGAL PARA A INTERNAÇÃO. LAPSO TEMPORAL ENTRE O FATO E A APLICAÇÃO DA MEDIDA QUE TORNA INÓCUA A INTERNAÇÃO. APLICAÇÃO DE LIBERDADE ASSISTIDA, PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE, MATRÍCULA E FREQUÊNCIA OBRIGATÓRIAS EM ESTABELECIMENTO OFICIAL DE ENSINO E INCLUSÃO EM PROGRAMA COMUNITÁRIO OU OFICIAL DE AUXÍLIO À FAMÍLIA E AO ADOLESCENTE. RECURSO PARCIALMENTE PROVIDO. 1. A negativa de autoria por parte do adolescente resta isolada em meio ao conjunto probatório sólido a imputar-lhe a autoria do ato infracional. 2. É imprópria a medida de internação quando não amparada em algum dos incisos do art. 122 do ECA. 3. A internação, decretada há um ano e três meses depois do cometimento da infração, se reveste mais de caráter repressivo do que pedagógico-preventivo, que é a ênfase da medida a ser aplicada na área da infância e juventude. Demais, como não há informações sobre a situação do apelante nesse lapso de tempo, é de se presumir que não houve piora de sua condição pessoal. 4. Como o adolescente infrator demonstra vontade em "dar um novo rumo para a sua vida", a liberdade assistida constitui a medida mais eficaz para auxiliá-lo em sua reinserção social, porque a medida conta com uma equipe estruturada para trabalhar com o jovem, orientando-o acerca de valores éticos e qualificando-o profissionalmente para uma vida digna. 5. Como o jovem possuía um bom relacionamento com os educadores, a equipe técnica e os demais adolescentes, e demonstrou adesão às atividades escolares e esportivas propostas no CENSE enquanto lá esteve internado, a medida de prestação de serviços à comunidade também se anuncia bastante eficaz. 6. A realidade social da família do adolescente - em situação de extrema vulnerabilidade e exclusão social, visto que a genitora é recicladora ambiental, não possui renda estável, e não está inserida em programas sociais, nem possui condições de sustentabilidade - atesta a necessidade de o jovem e sua mãe serem incluídos*

em um programa comunitário de auxílio à família, à criança e ao adolescente (art. 101, IV do ECA). 7. Há que se incluir a medida socioprotetiva de matrícula e determinação de frequência obrigatória em estabelecimento oficial de ensino (art. 101, III do ECA) sempre que o adolescente não tiver cumprido todas as etapas do ensino fundamental e estiver fora dos bancos escolares. (TJPR. 2ª C. Crim. Rec.Ap.ECA nº 0605290-6. Rel. Des. Noeval de Quadros. J. em 08/10/2009). É de se considerar, por fim, que por força do disposto no art. 49, §2º, da Lei nº 12.594/2012, o não oferecimento ou a oferta irregular de programas correspondentes às medidas em meio aberto *não poderá ser invocada como motivo para aplicação ou manutenção de medidas privativas de liberdade*.

Art. 123. A internação deverá ser cumprida em entidade exclusiva para adolescentes **[552]**, em local distinto daquele destinado ao abrigo, obedecida rigorosa separação por critérios de idade, compleição física e gravidade da infração **[553]**.

Parágrafo único. Durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas **[554]**.

552 Vide arts. 123, par. único e 185, do ECA; arts. 15 e 16, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE e itens 12, 17, 18, 29 e 31 a 37 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Não é admissível o cumprimento da medida de internação, seja em caráter provisório ou decorrente de sentença, em estabelecimento prisional de qualquer natureza (ainda que a execução da medida se inicie após o jovem completar 18 anos de idade). A preocupação em estabelecer um necessário *diferencial* entre o Sistema Socioeducativo e o Sistema Penal (ou Prisional) é tamanha, que o art. 16, da Lei nº 12.594/2012 proíbe expressamente a edificação de unidades socioeducacionais em espaços contíguos, anexos ou de qualquer forma integrados aos estabelecimentos penais, sendo também obrigatória a compatibilidade da estrutura física das unidades com as normas de referência do SINASE. Para o Direito da Criança e do Adolescente, a pura e simples privação de liberdade do adolescente acusado da prática infracional não basta, sendo necessária a contínua realização de atividades pedagógicas, terapêuticas e profissionalizantes, em local adequado, sem qualquer contato com adultos acusados da prática de crimes. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. PENAL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATOS INFRACIONAIS ANÁLOGOS AOS DELITOS DE HOMICÍDIO QUALIFICADO E DE LESÃO CORPORAL GRAVE. MEDIDA SOCIOEDUCATIVA E DE SEGURANÇA EM CADEIA PÚBLICA. ILEGALIDADE. ADVENTO DOS 21 ANOS. LIBERAÇÃO COMPULSÓRIA. NECESSIDADE. ORDEM CONCEDIDA. 1. O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê, em seu artigo 123, que o cumprimento da medida de internação será em estabelecimento próprio, respeitadas as condições peculiares do menor. 2. A liberação compulsória ocorre com o advento dos 21 (vinte e um) anos de idade do infrator (art. 121, § 5º, do ECA), mesmo que segregado para tratamento psicológico e/ou psiquiátrico, não sendo mais possível a continuidade da internação ou de qualquer outra medida. 3. Ordem concedida para anular a medida aplicada, já que o processo foi extinto e arquivado pela origem, determinando a imediata liberação da paciente, com recomendação ao Ministério Público para, se o caso, tomar as medidas civis pertinentes.* (STJ. 6ª T. HC nº 113371/PI. Rel. Min. Maria Thereza de Assis Moura. J. em 28/04/2009); e *HABEAS CORPUS. PENAL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL ANÁLOGO AO CRIME DE TRÁFICO DE DROGAS. MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE SEMILIBERDADE CUMPRIDA EM ESTABELECIMENTO PRISIONAL. INADMISSIBILIDADE. CONSTRANGIMENTO ILEGAL EVIDENCIADO. ORDEM CONCEDIDA. 1. O cumprimento de medida socioeducativa em*

estabelecimento prisional, ainda que em local separado dos maiores de idade condenados, contraria o art. 123 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que expressamente determina que: "A internação deverá ser cumprida em entidade exclusiva para adolescentes, em local distinto daquele destinado ao abrigo, obedecida rigorosa separação por critérios de idade, compleição física e gravidade da infração." Precedentes. 2. Ordem concedida para determinar que o Paciente aguarde em medida socioeducativa de liberdade assistida o surgimento de vaga em estabelecimento próprio para menores infratores, compatível com o cumprimento da medida socioeducativa de semiliberdade que lhe foi imposta. (STJ. 5ª T. HC nº 180595/MG. Rel. Min. Lurita Vaz. J. em 03/02/2011).

553 Vide art. 40, nº 3, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; item 26, das "*Regras de Beijing*" e item 28 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Além da separação por idade, compleição física e gravidade da infração, adolescentes em regime de internação provisória devem ser separados de adolescentes internados em virtude do descumprimento reiterado e injustificável de medida anteriormente imposta (art. 122, inciso III, do ECA) e, ambos os casos anteriores, devem ser separados de adolescentes já sentenciados em razão da prática de infrações de natureza grave (art. 122, incisos I e II, do ECA), pois estamos falando de *regimes diversos* de cumprimento de medidas, que demandam abordagens sociopedagógicas também *diferenciadas*.

554 Vide arts. 11, incisos I e II e 76 a 80 e 82, da Lei nº 12.594/2012; art. 40, nºs 1 e 4, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; itens 26.1, 26.2 e 26.6 das "*Regras de Beijing*" e itens 12, 18, letra "b" e 38 a 46 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". A realização de "*atividades pedagógicas*", bem como de uma contínua *avaliação/tratamento psicossocial* durante *todo o período de internação*, além de *obrigatórias* (inclusive sob pena de *responsabilidade*, valendo observar o disposto no art. 208, inciso VIII, do ECA), constituem-se no principal *diferencial* entre a execução das medidas socioeducativas e as "penas" cominadas a imputáveis, sem o que haverá verdadeira violação à "*norma-princípio*" da *inimputabilidade penal de menores de 18 (dezoito) anos*, preconizada pelo art. 228, da CF. Devem ser contempladas *propostas pedagógicas* (de atendimento) *diversas* para adolescentes em regime de internação provisória, em regime de internação resultante da gravidade da conduta infracional (art. 122, incisos I e II, do ECA) em regime de internação em razão do descumprimento reiterado e injustificável de medida anteriormente imposta (art. 122, inciso III, do ECA), que também devem permanecer recolhidos em locais diversos. Ainda sobre a matéria, vide o disposto no art. 82, da Lei nº 12.594/2012, que obriga o Poder Público a a inserção de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na rede pública de educação, em qualquer fase do período letivo, contemplando as diversas faixas etárias e níveis de instrução. Esta inserção tanto pode ocorrer na rede regular de ensino (para adolescentes em regime de semiliberdade ou submetidos à medida de internação sem possibilidade de atividades externas) quanto em programas específicos desenvolvidos nas unidades de internação (para adolescentes que não têm condições de realizar atividades externas). Em não havendo vagas em unidades próprias destinadas à execução de programas correspondentes às medidas privativas de liberdade, adolescentes sentenciados à internação e semiliberdade devem ser imediatamente inseridos em programas socioeducativos em meio aberto (vide art. 49, inciso II, da Lei nº 12.594/2012), não podendo, em nenhuma hipótese, permanecer recolhidos em repartições policiais (nas quais o prazo máximo de permanência é de 05 dias - cf. art. 185, §2º, do ECA) ou ser transferidos a estabelecimentos prisionais.

Art. 124. São direitos do adolescente privado de liberdade [555], entre outros os seguintes:

I - entrevistar-se pessoalmente com o representante do Ministério Público [556];

II - peticionar diretamente a qualquer autoridade [557];

III - avistar-se reservadamente com seu defensor [558];

IV - ser informado de sua situação processual, sempre que solicitada [559];

V - ser tratado com respeito e dignidade [560];

VI - permanecer internado na mesma localidade ou naquela mais próxima ao domicílio de seus pais ou responsável [561];

VII - receber visitas, ao menos semanalmente [562];

VIII - corresponder-se com seus familiares e amigos [563];

IX - ter acesso aos objetos necessários à higiene e asseio pessoal [564];

X - habitar alojamento em condições adequadas de higiene e salubridade [565];

XI - receber escolarização e profissionalização [566];

XII - realizar atividades culturais, esportivas e de lazer [567];

XIII - ter acesso aos meios de comunicação social [568];

XIV - receber assistência religiosa, segundo a sua crença, e desde que assim o deseje [569];

XV - manter a posse de seus objetos pessoais e dispor de local seguro para guardá-los, recebendo comprovante daqueles porventura depositados em poder da entidade [570];

XVI - receber, quando de sua desinternação, os documentos pessoais indispensáveis à vida em sociedade [571].

§ 1º. Em nenhum caso haverá incomunicabilidade [572].

§ 2º. A autoridade judiciária poderá suspender temporariamente a visita, inclusive de pais ou responsável, se existirem motivos sérios e fundados de sua prejudicialidade aos interesses do adolescente [573].

555 Vide também o disposto nos arts. 49 a 51, 67 a 69, 71 e 73 a 75, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. A estes *direitos* correspondem inúmeros *deveres* das entidades que desenvolvem programas de internação, conforme previsão do art. 94, do ECA, Lei nº 12.594/2012 e nas "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*".

556 Vide art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 201, inciso VIII, do ECA e Resolução nº 67/2011, do Conselho Nacional do Ministério Público - CNMP. O Promotor de Justiça da Infância e da Juventude do local onde estiver sediada a entidade de internação ou semiliberdade deve fazer visitas periódicas à unidade, de modo a exercer sua atividade fiscalizatória prevista no art. 95, do ECA. Nestas ocasiões, ou a qualquer momento, quando solicitado pelo adolescente, por seus pais, responsável, ou defensor, deverá ouvir suas reivindicações e eventuais reclamações, que poderão ser reduzidas a termo, devendo a seguir prestar os esclarecimentos e/ou tomar as medidas cabíveis.

557 Vide art. 5º, inciso XXXIV, alínea "a", da CF; art. 49, inciso IV, da Lei nº 12.594/2012 e itens 61 e 76, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". De acordo com o disposto no art. 49, inciso IV, da Lei nº 12.594/2012, o adolescente peticionário tem o direito de receber a resposta no prazo máximo de 15 (quinze) dias. Caso sejam criados obstáculos ao exercício deste direito pode restar, em tese, caracterizada a *infração administrativa* prevista no art. 246, do ECA.

558 Vide arts. 111, inciso III, 141, §1º, 206 e 207, do ECA; art. 41, inciso IX, da Lei nº 7.210/1984; art. 7º, inciso III, da Lei nº 8.906/1994 (Estatuto da Advocacia e da OAB) e item 18, alínea "a", das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Caso sejam criados obstáculos ao exercício deste direito pode restar, em tese, caracterizada a *infração administrativa* prevista no art. 246, do ECA.

559 Vide art. 13, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; itens 18, alínea "a", 19 e 24 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*"; arts. 94, inciso XV e 100, par. único, inciso XI, do ECA e art. 49, inciso VI, da Lei nº 12.594/2012.

560 Vide art. 5º, inciso XLIX, da CF; art. 38, do CP e arts. 3º, 5º, 15, 17, 18, 53, inciso II e 94, inciso IV, do ECA. O respeito ao adolescente e seu tratamento com dignidade são elementos indispensáveis ao êxito do trabalho socioeducativo realizado pela unidade, devendo ser a tônica da atuação de todos os funcionários e técnicos da entidade. A conduta inadequada de um único funcionário pode comprometer todo o trabalho desenvolvido pelos demais, não raro gerando uma reação violenta não apenas por parte do adolescente vítima, mas toda unidade. Os funcionários e técnicos são, acima de tudo, "educadores", e como tal devem se portar (jamais como "carcereiros"), dando bons exemplos e servindo de referências positivas aos adolescentes que pretendem recuperar.

561 Vide arts. 53, inciso V (analogia), 94, inciso V e 113 c/c 100, do ECA. Vide também art. 2º, da Resolução nº 46/1996, do CONANDA, que prevê a distribuição regionalizada de unidades de internação, em cada estado. A medida visa facilitar o contato do adolescente interno com seus pais ou responsável, além de permitir a realização de atividades com estes, assim como junto à comunidade de origem daquele, como forma de preparar a todos, gradativamente, para o desligamento da unidade e o retorno ao convívio social (cf. arts. 92, inciso VIII c/c 94, inciso XVIII e §1º, do ECA).

562 Vide arts. 94, inciso V, 100, *caput* c/c 113 e 185, §1º, do ECA; arts. 35, inciso IX e 67 a 70, da Lei nº 12.594/2012 e item 60, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Como mencionado em comentários ao art. 94, inciso V, do ECA, o contato do adolescente interno com seus pais ou responsável e demais familiares não apenas deve ser facultado, mas estimulado ao máximo, sendo imperioso que o programa socioeducativo respectivo contemple a previsão de recursos, inclusive, para permitir que os pais ou responsável de baixa renda, residentes em municípios diversos daqueles onde se situam as unidades de internação (ou em localidades distantes desta), se desloquem periodicamente até esta, inclusive para que sejam orientados sobre como agir em relação ao adolescente, especialmente após sua desinternação (cf. art. 129, inciso IV, do ECA). Vale dizer que, por força do disposto no art. 68, da Lei nº 12.594/2012, passou a ser expressamente permitida, inclusive, a realização de "visitas íntimas", mas esta pressupõe a comprovação da existência de prévia relação conjugal (casamento ou união estável) e deve ser precedida de preparação (inclusive no que diz respeito à estrutura física da unidade) e orientação aos internos e visitantes, além das cautelas necessárias a evitar o ingresso de substâncias proibidas na unidade. Caso sejam criados obstáculos ao exercício deste direito pode restar, em tese, caracterizada a *infração administrativa* prevista no art. 246, do ECA.

563 Vide arts. 16 e 37, alínea "c", da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; itens 61 e 78, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Vide também art. 94, inciso V, do ECA e art. 41, inciso XV, da Lei nº 7.210/1984. Caso sejam criados obstáculos ao exercício deste direito pode restar, em tese, caracterizada a *infração administrativa* prevista no art. 246, do ECA.

564 Vide art. 94, inciso VII, do ECA e item 34, das "Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade".

565 Vide art. 94, inciso VII, do ECA e itens 31 a 37 das "Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade".

566 Vide arts. 94, inciso X, 123, par. único e 208, inciso VIII, do ECA; art. 41, incisos VI e VII, da Lei nº 7.210/1984; art. 82, da Lei nº 12.594/2012 e itens 38 a 46, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". A educação e a profissionalização de adolescentes privados de liberdade são essenciais para que o jovem, ao ser desvinculado da medida, tenha reais condições de conquistar seu espaço junto à sociedade, encontrando uma colocação no mercado de trabalho. Para profissionalização, devem ser celebrados convênios com entidades do "Sistema S" (SENAI, SENAC etc.), ou outras que desenvolvam cursos reconhecidos pelo mercado, valendo lembrar que, mesmo estando internado, o adolescente pode, a princípio, realizar atividades externas. Caso sejam criados obstáculos ao exercício deste direito, ou seja, caso a entidade de internação (ou semiliberdade) não forneça educação e profissionalização dentro ou fora da unidade pode restar, em tese, caracterizada a *infração administrativa* prevista no art. 246, do ECA, além de tornar os agentes públicos responsáveis pela omissão passíveis das sanções previstas na Lei nº 8.429/1992 (valendo neste sentido observar o disposto nos arts. 28 e 29, da Lei nº 12.594/2012).

567 Vide item 47, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Vide também art. 94, inciso XI, do ECA e art. 41, inciso VI, da Lei nº 7.210/1984.

568 Vide item 62, das "Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade" e art. 41, inciso XV, da Lei nº 7.210/1984.

569 Vide art. 5º, incisos VI e VII, da CF; arts. 16, inciso III e 94, XII, do ECA; art. 49, inciso III, da Lei nº 12.594/2012; item 48 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*" e art. 14, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989.

570 Vide art. 5º, incisos XXII e XLIX, da CF; art. 38 do CP; art. 3º, da Lei nº 7.210/1984; arts. 17 e 94, inciso XVII, do ECA e item 35, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*".

571 Vide art. 94, inciso XIX, do ECA; arts. 48 e 71, da Lei nº 12.594/2012 e itens 18, alínea "c", 79 e 80 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Mais do que se limitar a "fornecer documentos", é fundamental que a entidade, com respaldo em outros órgãos, programas e serviços que integram a *política socioeducativa*, desenvolva todo um trabalho voltado a assegurar que o adolescente, após desligado do programa, tenha continuidade em seus estudos e atividades profissionalizantes, de modo a evitar solução de continuidade no trabalho até então desenvolvido.

572 Vide art. 111, incisos III e VI e 124, incisos I, III, VII e VIII, do ECA.

573 Vide art. 37, alínea "c", da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 94, inciso V e 100, *caput* e par. único, inciso X c/c 113, do ECA e arts 67 a 70, da Lei nº 12.594/2012. A referida providência, no entanto, é extrema e excepcional, devendo ser decretada em decisão fundamentada (cf. art. 93, inciso IX, da CF), apenas em última instância, em procedimento

necessariamente contencioso, em que se garanta o contraditório e a ampla defesa. Vide art. 92, inciso I, do ECA. Paralelamente à suspensão da visita, a autoridade judiciária deverá acionar o Conselho Tutelar do local do domicílio dos pais ou responsável pelo adolescente, para que sejam a estes aplicadas as medidas de orientação, apoio e eventual tratamento que se fizerem necessárias (cf. arts. 136, inciso II c/c 129, incisos II, III, IV e VII, do ECA).

Art. 125. É dever do Estado zelar pela integridade física e mental dos internos **[574]**, cabendo-lhe adotar as medidas adequadas de contenção e segurança **[575]**.

574 Vide art. 5º, inciso XLIX, da CF e arts. 3º, 5º, 17 e 18, do ECA; arts. 60 a 65, da Lei nº 12.594/2012 e item 87, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Embora a execução das atividades educativas, profissionalizantes, culturais, recreativas e desportivas inerentes aos programas de internação possa ficar a cargo de entidades não governamentais, a responsabilidade pela contenção e segurança dos internos *é privativa do Poder Público, não podendo ser delegada* a estas mesmas entidades. Assim sendo, poderá em tal caso haver uma *parceria* entre o Estado e as entidades não governamentais, *ex vi* do disposto no art. 86, do ECA. Da mesma forma, cabe ao Estado o atendimento integral à saúde física e mental dos adolescentes em cumprimento de medidas privativas de liberdade, tal qual previsto nos arts. 60 a 65, da Lei nº 12.594/2012. Vide também art. 38, *in fine*, do CP.

575 Violação de tal obrigação importa na responsabilidade do agente respectivo, assim como do Estado. Neste sentido: AÇÃO DE INDENIZAÇÃO POR DANOS MATERIAIS E MORAIS. MORTE DE MENOR EM DELEGACIA DE POLICIA. INTERNAMENTO PROVISORIO IRREGULAR. ECA, ARTS. 125, 185 E 123 - RESPONSABILIDADE OBJETIVA DO ESTADO. APLICABILIDADE DOS ARTIGOS 37, § 6º E 5º, INC. XLIX DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL. DEVER LEGAL DE PRESERVAR A INCOLUMIDADE DOS PRESOS. OMISSÃO. EVENTO MORTE POR HOMICÍDIO. NEXO CAUSAL PRESENTE INDENIZACAO CABIVEL DANOS MATERIAIS EM VIRTUDE DO HOMICÍDIO (ART. 1537, INC. II, COD. CIVIL ANTERIOR). PENSIOMAMENTO DE 2/3 DO SALARIO MINIMO DEVIDO DESDE O EVENTO DANOSO ATE A IDADE EM QUE A VÍTIMA COMPLETARIA 65 ANOS, COM REDUCAO EM 2/3 A PARTIR DA DATA EM QUE A VÍTIMA COMPLETARIA 25 ANOS. JURISPRUDENCIA DOMINANTE NOS TRIBUNAIS SUPERIORES. DANO MATERIAL DECORRENTE DE MORTE DE FILHO MENOR E PRESUMIDO (SUMULA 491, STF), DANO MORAL FIXADO AO 'ARBITRIUM BONI VIRI'. DISPENSAVEL A PROVA DO SOFRIMENTO INTERIOR PELA PERDA DE UM FILHO CORREÇÃO MONETÁRIA SÚMULA 43, STJ JUROS MORATORIOS SUMULA 54, STJ. HONORARIOS ADVOCATICIOS. ARBITRAÇÃO LEGAL. ART. 20, §4º, VENCIDA A FAZENDA ESTADUAL. DECISÃO MANTIDA APELO DESPROVIDO. (TJPR. 2ª C. Cív. Ap. Cív. e Reex. Necess. nº 150527-3. Rel. Des. Bonejos Demchuk. J. em 26/05/2004). Ainda sobre a matéria, vide também o Decreto nº 6.231/2007, de 11/10/2007, que institui o Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte - PPCAAM. O cumprimento do disposto neste artigo também engloba a previsão, no regimento interno da unidade, do "regime disciplinar" para adolescentes em cumprimento de medidas de internação e semiliberdade, nos moldes do previsto nos arts. 71 a 75, da Lei nº 12.594/2012.

CAPÍTULO V - DA REMISSÃO [576]

Art. 126. Antes de iniciado o procedimento judicial para apuração de ato infracional, o representante do Ministério Público poderá conceder a remissão, como forma de exclusão do processo, atendendo às circunstâncias e consequências do fato, ao contexto social, bem como à personalidade do adolescente e sua maior ou menor participação no ato infracional [577].

Parágrafo único. Iniciado o procedimento, a concessão da remissão pela autoridade judiciária importará na suspensão ou extinção do processo [578].

576 A remissão se constitui em instituto próprio do Direito da Criança e do Adolescente, previsto no item 11 das "*Regras de Beijing*", que pretende sanar os efeitos negativos e prejudiciais acarretados pela deflagração ou demora na conclusão do procedimento judicial destinado à apuração do ato infracional praticado por adolescente.

577 Vide arts. 180, inciso II, 181, §1º e 182, *caput*, do ECA e item 11, das "*Regras de Beijing*". A concessão da remissão deverá ser sempre a *regra*, podendo já ocorrer logo após a oitiva informal do adolescente pelo representante do Ministério Público, ou a qualquer momento, antes de proposta a ação socioeducativa, via representação. A remissão visa evitar ou abreviar o processo envolvendo o adolescente acusado da prática infracional, permitindo uma rápida solução para o caso. Vale lembrar que o objetivo do procedimento socioeducativo não é a aplicação de uma sanção estatal, mas sim a *efetiva recuperação do adolescente*, sempre da forma *mais célere* e *menos traumática possível*, o que pode perfeitamente ocorrer via remissão, notadamente nos casos de menor gravidade, através do *ajuste* de uma ou mais medidas socioeducativas e/ou protetivas, conforme as necessidades pedagógicas específicas do adolescente (arts. 113 c/c 100, *caput* e 127, do ECA). Interessante observar que a matéria chegou a ser alvo de uma *súmula* editada pelo E. Superior Tribunal de Justiça, segundo a qual "*a aplicação de medidas sócio-educativas ao adolescente, pela prática de ato infracional, é de competência exclusiva do Juiz*" (Súmula de nº 108, do STJ). A referida súmula deve ser interpretada com cautela, de modo a evitar a conclusão apressada (e obviamente *equivocada*) de que o Ministério Público estaria impedido de exercer uma atribuição que lhe foi expressamente confiada pela Lei nº 8.069/1990. Para tanto, devemos partir da constatação de que a Lei nº 8.069/1990, foi bastante clara ao conferir ao Ministério Público a atribuição/prerrogativa de conceder ao adolescente acusado da prática de atos infracionais a remissão cumulada (ou não) com medidas socioeducativas não privativas de liberdade, o que se extrai da inteligência dos arts. 126 a 128, do ECA e, em especial, do disposto no art. 181, §1º, do mesmo Diploma Legal, que de maneira expressa estabelece que a autoridade judiciária, após homologar a remissão concedida pelo Ministério Público como forma de exclusão do processo, "*determinará, conforme o caso, o cumprimento da medida*" (*verbis*), o que seria ocioso (e mesmo teratológico) mencionar caso o termo de remissão homologado não pudesse conter qualquer medida a ser cumprida pelo adolescente. Devemos lembrar que, por força do contido nos arts. 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA, todo e qualquer dispositivo estatutário deve ser interpretado de modo a atender aos fins sociais a que se dirige e outros fatores, sempre na busca da solução mais favorável ao adolescente. E se a *regra*, como se extrai da inteligência de dispositivos como o art. 182, *caput*, primeira parte, do ECA, é a *celeridade* do procedimento, com a concessão de remissão como forma de exclusão do processo já pelo representante do Ministério Público, e esta, por força do disposto no já citado art. 127, do ECA (que não faz qualquer "ressalva" quanto à sua utilização em se tratando de

remissão concedida pelo órgão do Ministério Público), *pode* vir acompanhada de medida socioeducativa não privativa de liberdade, não há qualquer razão para impedir o exercício de tal *prerrogativa* pelo Ministério Público, que do contrário somente poderia a conceder a remissão unicamente em sua forma de "perdão puro e simples" ou, por entender necessário o cumprimento de alguma medida socioeducativa ou protetiva na espécie, se veria obrigado a oferecer a representação socioeducativa, em prejuízo direto ao próprio adolescente destinatário da medida, seja por submetê-lo de forma desnecessária ao constrangimento de um procedimento judicial, seja por retardar a conclusão deste e a adoção da medida socioeducativa mais adequada na espécie. Sobre a matéria, vale transcrever os seguintes arestos: *HABEAS CORPUS. FURTO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. REMISSÃO CUMULADA COM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE LIBERDADE ASSISTIDA E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE. POSSIBILIDADE. 1. A remissão prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente pode ser aplicada em qualquer fase do procedimento menorista, uma vez que prescinde de comprovação da materialidade e da autoria do ato infracional, nem implica em reconhecimento de antecedentes infracionais. 2. Não ocorre violação dos princípios do contraditório e da ampla defesa quando a proposta oferecida pelo Ministério Público é homologada antes da oitiva do adolescente, como é o caso dos autos. 3. Não há constrangimento ilegal quando a remissão é cumulada com medida de liberdade assistida e com prestação de serviços à comunidade, pois esse instituto pode ser aplicado juntamente com outras medidas que não impliquem restrição da liberdade do menor, nos exatos termos do art. 127 do Estatuto da Criança e do Adolescente. 4. O art. 128 do ECA o qual prevê que a "medida aplicada por força da remissão poderá ser revista judicialmente, a qualquer tempo, mediante pedido expresso do adolescente ou de seu representante legal ou do Ministério Público". Desta forma, que não se trata de medida definitiva, estando sujeita a revisões, de acordo com o comportamento do menor. 5. Ordem denegada.* (STJ. 6ª T. HC nº 220901/MG. Rel. Min. OG Fernandes. J. em 01/03/2012) e *PROCESSO PENAL. MENOR INFRATOR. MINISTÉRIO PÚBLICO. CONCESSÃO DE REMISSÃO CUMULADA COM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NÃO PRIVATIVA DE LIBERDADE. POSSIBILIDADE. RECURSO MINISTERIAL CONHECIDO E PROVIDO. Nos termos dos artigos 126 a 128 e, 181, do ECA, compete ao Ministério Público conceder a remissão extintiva ao menor infrator, bem como requerer sua cumulação com medida sócio-educativa não privativa de liberdade, submetendo-a à homologação judicial.* (TJMG. 5ª C. Crim. Ac. nº 1.0024.07.351403-6/001. Rel. Des. Pedro Vergara. J. em 02/09/2008). Dúvida alguma pode pairar, portanto, acerca da *legalidade* da concessão da remissão cumulada com medida socioeducativa pelo representante do Ministério Público (ainda sobre a matéria, vide comentários ao art. 180, inciso II, do ECA).

578 Vide arts. 148, inciso II, 186, §1º e 188, do ECA. Antes de oferecida a representação socioeducativa (cf. arts. 180, inciso III e 182, do ECA), a prerrogativa pela concessão da remissão é do Ministério Público, que afinal, é o titular exclusivo da ação socioeducativa. Neste caso, a remissão concedida *excluirá o processo* (evitará a representação). Entretanto, após o oferecimento da representação socioeducativa a prerrogativa pela concessão da remissão passa à autoridade judiciária (invariavelmente o Juiz da Infância e Juventude), que pode optar por tal solução a qualquer momento, antes de prolatar a sentença, após ouvir o Ministério Público (arts. 186, §1º c/c 204, do ECA e item 17.4, das "*Regras de Beijing*"). Em tal hipótese, a remissão poderá ser concedida como forma de *suspensão* ou *extinção* do processo. A remissão como forma de *suspensão* do processo será, em regra, *cumulada* com medida socioeducativa não privativa de liberdade cuja execução se prolongue no tempo (art. 127, terceira parte, do ECA), que deverá ser *ajustada* entre a autoridade judiciária e o adolescente, ouvido o Ministério Público. Já a remissão como forma de *extinção*

do processo será concedida pela autoridade judiciária, também em regra, quando desacompanhada de medidas socioeducativas ou quando cumulada unicamente com a advertência (art. 112, inciso I, do ECA), que se exaure num único ato. Vale lembrar que em nenhum caso poderá ser *imposta* medida socioeducativa em sede de remissão. Neste sentido: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. ECA. APURAÇÃO DE ATO INFRACIONAL. REMISSÃO CUMULADA COM ADVERTÊNCIA. PRELIMINAR DE NULIDADE. INOBSERVÂNCIA DE PRECEITO LEGAL. INEXISTÊNCIA DA OITIVA DO REPRESENTADO E DO MINISTÉRIO PÚBLICO. A ausência da oitiva do adolescente e do Ministério Público, que em casos como o dos autos, se faz imprescindível, pois a remissão como forma de extinção processual se constitui em verdadeira transação, dependendo, portanto, da concordância do representado ou de seu representante legal, gera nulidade que reclama a renovação do ato com as observâncias legais. Inteligência dos artigos 127, § único, e 186, §1º do ECA. Acolheram a preliminar de nulidade da decisão. Unânime.* (TJRS. 7ª C. Cív. A.I. nº 70009341579. Rel. Walda Maria Melo Pierro. J. em 24/11/2004). No mesmo sentido: *AGRAVO REGIMENTAL EM RECURSO ESPECIAL. ATO INFRACIONAL ANÁLOGO AO DELITO DE PORTE ILEGAL DE ARMA DE FOGO DE USO PERMITIDO. REMISSÃO. CONCESSÃO SEM A PRÉVIA OITIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO E DO ADOLESCENTE. IMPOSSIBILIDADE. AGRAVO REGIMENTAL A QUE SE NEGA PROVIMENTO. 1. A concessão da remissão pelo Magistrado deve ser precedida da oitiva do menor infrator e do Ministério Público, sob pena de nulidade. Precedentes. 2. Agravo Regimental desprovido.* (STJ. 5ª T. Ag.Rg. no R.Esp. nº 1025004/MG. Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho. J. em 25/09/2008).

Art. 127. A remissão não implica necessariamente o reconhecimento ou comprovação da responsabilidade, nem prevalece para efeito de antecedentes **[579]**, podendo incluir eventualmente a aplicação de qualquer das medidas previstas em lei, exceto a colocação em regime de semiliberdade e a internação **[580]**.

579 Vide art. 5º, incisos LIV e LVII, da CF. Como a remissão visa evitar ou abreviar o término do processo, para sua concessão não há, a rigor, necessidade de apuração e/ou comprovação da autoria e da materialidade da infração, fazendo assim incidir (*mutatis mutandis*, pois não estamos lidando com um procedimento de natureza penal) o princípio constitucional da *presunção do estado de inocência*. Também em função disto, *não existe uma limitação ao número de vezes em que a remissão pode ser concedida* ao adolescente, podendo este ser com aquela beneficiado em procedimentos diversos. Vale também mencionar que os procedimentos nos quais foi concedida remissão não podem ser invocados como pretexto para imposição de medidas mais gravosas e/ou computados para fins de caracterização da "reiteração" de condutas, nos moldes do previsto no art. 122, inciso II, do ECA. Neste sentido: *HABEAS CORPUS SUBSTITUTIVO DE RECURSO ORDINÁRIO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL EQUIVALENTE AO DELITO DE FURTO. MEDIDA DE INTERNAÇÃO. EXCEPCIONALIDADE DA MEDIDA EXTREMA. PROCESSOS COM HOMOLOGAÇÃO DE REMISSÃO. INEXISTÊNCIA DE ANTECEDENTES. I. A medida sócio-educativa de internação está autorizada nas hipóteses taxativamente previstas no art. 122 do ECA (Precedentes). II. A gravidade do ato infracional equivalente ao delito de furto não enseja, por si só, a aplicação da medida sócio-educativa de internação, se a infração não foi praticada mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ex vi do art. 122, inciso I, do ECA (Precedentes). III. A reiteração no cometimento de infrações capaz de ensejar a incidência da medida sócio-educativa da internação, a teor do art.122, inciso II, do ECA, ocorre quando praticados, no mínimo, 3 (três) atos infracionais graves (Precedentes). IV. A remissão não implica reconhecimento de*

responsabilidade, nem vale como antecedente, ex vi do art. 127 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Precedente). Ordem concedida. (STJ. 5ª T. HC nº 54787/SP. Rel. Min. Félix Fischer. J. em 03/10/2006); e *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. INTERNAÇÃO. EXCEPCIONALIDADE DA MEDIDA EXTREMA. REITERAÇÃO NO COMETIMENTO DE INFRAÇÕES GRAVES OU DESCUMPRIMENTO REITERADO DA MEDIDA NÃO DEMONSTRADOS. PROCESSOS COM HOMOLOGAÇÃO DE REMISSÃO. 1. Em razão do princípio da excepcionalidade, a medida de internação somente é possível nos casos taxativamente previstos pelo art. 122 do ECA. 2. Os processos nos quais foi concedido o benefício da remissão, não podem ser considerados para efeito de reiteração, tendo em vista que tal instituto não implica reconhecimento de responsabilidade, nem vale como antecedente. 3. Ordem concedida.* (STJ. 6ª T. HC nº 103287/SP. Rel. Min. O. G. Fernandes. J. em 01/07/2008).

580 Vide arts. 100, par. único, incisos XI e XII, 101, 112, 113 e 114, *caput*, do ECA. A remissão pode ser concedida em sua forma de "perdão puro e simples" (sem que tenha sido ajustada qualquer medida entre a autoridade competente e o adolescente) ou acompanhada de medida socioeducativa não privativa de liberdade. Ainda em razão de a remissão importar na não deflagração ou no desfecho precoce do processo, sem a comprovação da autoria e da materialidade da infração, *em sede de remissão não pode haver imposição, mas apenas o eventual ajuste de uma ou mais medidas socioeducativas em meio aberto*, passando o instituto a assumir os contornos de verdadeira *transação socioeducativa*, levada a efeito pelo Ministério Público ou pela autoridade judiciária. Importante deixar claro que, em sede de remissão, *nem mesmo a autoridade judiciária pode impor medidas ao adolescente*, que assim precisa manifestar *expressa concordância* com seu cumprimento (após ser devidamente orientado acerca das implicações da concordância ou não com a proposta efetuada e opinar acerca da questão, *ex vi* do disposto nos arts. 100, par. único, incisos XI e XII c/c 113, do ECA). Também em razão da constatação de que em sede de remissão não pode haver a *imposição* de medidas socioeducativas ao adolescente (inclusive sob pena de violação do princípio do devido processo legal), caso haja o descumprimento pelo mesmo de medida aplicada em sede de remissão *não se poderá por tal razão interná-lo*, não incidindo o disposto no *art. 122, inciso III, do ECA* (onde consta expressamente o termo "*medida anteriormente imposta*"). Em tais casos deve haver, como consequência do descumprimento das medidas *ajustadas ou o oferecimento da representação* (no caso da remissão concedida pelo Ministério Público), *ou a retomada do processo que se encontrava suspenso* (no caso da remissão concedida pela autoridade judiciária, que logicamente deve *suspender* a tramitação do procedimento enquanto o adolescente permanecer vinculado à medida - ou medidas - *ajustadas*). Neste sentido: *ECA. ATO INFRACIONAL. Não existe qualquer ilegalidade na decisão que, ante o descumprimento da medida aplicada cumulativamente à remissão, concedida e homologada antes da apresentação do processo, recebe a representação para dar início a apuração do ato infracional imputado ao adolescente. NEGADO SEGUIMENTO. EM MONOCRÁTICA.* (TJRS. 8ª C. Cív. A.I. nº 70027502186. Rel. Des. Rui Portanova. J. em 17/11/2008) e *APELAÇÃO CÍVEL. ECA. REGRESSÃO DE MEDIDA APLICADA COM A REMISSÃO SUSPENSIVA PELO DESCUMPRIMENTO. CONTINUIDADE DO PROCESSO DE APURAÇÃO DE ATO INFRACIONAL. De acordo com o artigo 127, do Estatuto da Criança e do Adolescente, a medida sócio-educativa de liberdade assistida, aplicada juntamente com concessão da remissão, não pode ser regredida para a internação, mesmo em caso de descumprimento, devendo o processo de apuração de ato infracional ter seu curso, atento aos princípios do devido processo legal e da ampla defesa. RECURSO IMPROVIDO.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70027394774. Rel. Des. Claudir Fidelis Faccenda. J. em 04/12/2008).

Sobre a *constitucionalidade* da *prerrogativa* do Ministério Público *ajustar* com o adolescente medidas socioeducativas em sede de remissão, vale transcrever o seguinte aresto do Supremo Tribunal Federal: *RECURSO EXTRAORDINÁRIO. ARTIGO 127 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. REMISSÃO CONCEDIDA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO. CUMULAÇÃO DE MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA IMPOSTA PELA AUTORIDADE JUDICIÁRIA. POSSIBILIDADE. CONSTITUCIONALIDADE DA NORMA. PRECEDENTE. RECURSO CONHECIDO E PROVIDO. 1. O acórdão recorrido declarou a inconstitucionalidade do artigo 127, 'in fine', da Lei nº 8.089/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), por entender que não é possível cumular a remissão concedida pelo Ministério Público, antes de iniciado o procedimento judicial para apuração de ato infracional, com a aplicação de medida sócio-educativa. 2. A medida sócio-educativa foi imposta pela autoridade judicial, logo, não fere o devido processo legal. A medida de advertência tem caráter pedagógico, de orientação ao menor e em tudo se harmoniza com o escopo que inspirou o sistema instituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. 3. A remissão pré-processual concedida pelo Ministério Público, antes mesmo de se iniciar o procedimento no qual seria apurada a responsabilidade, não é incompatível com a imposição de medida sócio-educativa de advertência, porquanto não possui este caráter de penalidade. Ademais, a imposição de tal medida não prevalece para fins de antecedentes e não pressupõe a apuração de responsabilidade. Precedente. 4. Recurso Extraordinário conhecido e provido.* (STF. 2ª T. R.E. nº 248018/SP. Rel. Min. Joaquim Barbosa. J em 06/05/2008).

Art. 128. A medida aplicada por força da remissão poderá ser revista judicialmente, a qualquer tempo, mediante pedido expresso do adolescente ou de seu representante legal, ou do Ministério Público **[581]**.

581 Vide art. 5º, inciso XXXV, da CF e art. 181, §2º, do ECA. *Veda-se*, portanto, a revisão judicial *de ofício* da(s) medida(s) ajustada(s) em sede de remissão. Caso a autoridade judiciária discorde da remissão concedida pelo Ministério Público, lhe resta apenas, mediante despacho fundamentado, enviar os autos ao Procurador Geral de Justiça, para sua revisão ou ratificação.

TÍTULO IV - DAS MEDIDAS PERTINENTES AOS PAIS OU RESPONSÁVEL

Art. 129. São medidas aplicáveis aos pais ou responsável **[582]**:

I - encaminhamento a programa oficial ou comunitário de promoção à família **[583]**;

II - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxilio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos **[584]**;

III - encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico **[585]**;

IV - encaminhamento a cursos ou programas de orientação **[586]**;

V - obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar **[587]**;

VI - obrigação de encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado **[588]**;

VII - advertência **[589]**;

VIII - perda da guarda **[590]**;

IX - destituição da tutela **[591]**;

X - suspensão ou destituição do poder familiar **[592]**.

Parágrafo único. Na aplicação das medidas previstas nos incisos IX e X deste artigo, observar-se-á o disposto nos arts. 23 e 24.

582 Vide arts. 5º, 9º, 16 e 18, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 226, *caput* e §8º, da CF; arts. 19, 90, inciso I, 100, 101, inciso IV e 136, inciso II, do ECA e arts. 2º, incisos I, II e III e 23, §2º, inciso I, da LOAS. Nunca é demais lembrar que o "responsável" a que se refere o presente dispositivo é o *responsável legal*, assim considerados (além dos pais) apenas o *guardião*, o *tutor* e o *dirigente da entidade* na qual a criança ou adolescente estiver eventualmente acolhida (cf. arts. 32 e 92, §1º, do ECA), aos quais as medidas aqui relacionadas podem ser aplicadas, também de forma isolada ou cumulativa (a exemplo do previsto no art. 99, do ECA). A família, primeira das instituições convocadas pelo art. 227, *caput*, da CF, para defesa dos direitos infanto-juvenis é, por força do art. 226, da mesma Carta Magna, considerada a "*base da sociedade*" e, como tal, destinatária de "*especial proteção*", por parte do Estado (*lato sensu*), que deverá ser proporcionada "*na pessoa de cada um dos que a integram*". O ECA procura dar efetividade a este comando constitucional, prevendo medidas específicas voltadas à orientação, apoio e, se necessário, tratamento aos pais ou responsável de crianças e adolescentes. As medidas destinadas aos pais ou responsável devem ser aplicadas em conjunto com as medidas de proteção do art. 101, do ECA, tendo sempre a perspectiva de *fortalecer vínculos familiares* (cf. art. 100, *caput*, segunda parte, do ECA) e permitir que a criança ou adolescente seja "resgatado" no seio de sua família. Juntamente com as medidas de proteção à família (art. 129, incisos I a IV, do ECA), são também previstas várias sanções (art. 129, incisos VII a X, do ECA), que devem ser relegadas ao segundo plano, como a destituição do poder familiar (art. 129, inciso X, do ECA). Todas as sanções somente devem ser aplicadas em situações extremas, quando mesmo após o indispensável trabalho de "resgate" sociofamiliar, realizado com seriedade e proficiência, ainda assim se mostrar incapaz de reverter a situação periclitante em que a criança/adolescente se encontra, por responsabilidade exclusiva de seus pais ou responsáveis. A exemplo do que ocorre em relação às medidas de proteção a crianças e adolescente (art. 101, do ECA), não basta a aplicação meramente "formal" das medidas de proteção à família (art. 129, incisos I a IV, do ECA), mas sim é necessário garantir condições para que estas atinjam - de maneira concreta - os seus objetivos, o que pressupõe a elaboração e implementação de uma verdadeira *política de proteção à família*, preferencialmente através da *atuação conjunta* dos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente e da Assistência Social, consistente em *programas e serviços especializados*, que permitam a orientação, o apoio, a assistência e o adequado tratamento de que cada um dos membros da família (cf. art. 226, §8º, da CF), necessite, respeitadas suas peculiaridades e deficiências específicas. Como dito anteriormente, em todas as ações a serem desenvolvidas, é necessário ter em mente e respeitar, o quanto possível, o *princípio da autonomia da família*, cabendo ao Estado *auxiliar* e *jamais substituir* esta no desempenho de seu imprescindível papel no desenvolvimento saudável de uma criança ou adolescente. A intervenção estatal deve ser realizada da forma menos "invasiva" possível, observando os critérios de atualidade, necessidade e proporcionalidade, sendo sempre precedida de uma avaliação técnica e seguida de um acompanhamento do caso (respeitadas suas peculiaridades), de modo a avaliar a eficácia das medidas tomadas que, se necessário, poderão ser substituídas a qualquer tempo (aplicação analógica do

disposto no art. 99, do ECA). Sobre as medidas de proteção aplicáveis no caso de violência doméstica contra a mulher, vide o disposto nos arts. 18 a 24, da Lei nº 11.340/2006, de 07/08/2006, a chamada "Lei Maria da Penha". A criação/manutenção de programas especificamente destinados à orientação, apoio e promoção social das famílias, se necessário, pode ser exigida pela via judicial, valendo transcrever o seguinte aresto: *ADMINISTRATIVO E CONSTITUCIONAL - CRIANÇA OU ADOLESCENTE VÍTIMA DE VIOLÊNCIA - REPRESENTAÇÃO VISANDO À INCLUSÃO DA FAMÍLIA NO PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO SÓCIO FAMILIAR - NEGATIVA DO MUNICÍPIO - ALEGAÇÃO DE AUSÊNCIA DE VAGA POR FALTA DE RECURSOS FINANCEIROS QUE NÃO PODE SOBREPOR-SE ÀS GARANTIAS CONSTITUCIONAIS - AFRONTA AO PRINCÍPIO DA SEPARAÇÃO DOS PODERES - INOCORRÊNCIA - GARANTIA CONSTITUCIONAL (ARTS. 207, § 7º E 204) - RECURSO NÃO PROVIDO. É fundamental o direito à assistência e à proteção integral da criança e do adolescente, bem como de sua família, e por isso o Poder Público é obrigado a implementar os respectivos programas mediante políticas públicas concretas e abrangentes de todos quantos necessitarem. Os argumentos de ordem financeira e econômicas alegadas pelo Município não podem sobrepor-se às garantias constitucionais de proteção à criança e ao adolescente*. (TJSC. 4ª Câm. Dir. Públ. Ap. nº. 2007.064617-5. Rel. Jaime Ramos. Juiz Prolator: Francisco José R. de Oliveira Neto. J. em 18/11/2011).

583 Vide arts. 3º, incisos I, III e IV e 226, *caput* e §8º, da CF; arts. 23, par. único, 90, inciso I e 101, inciso IV, do ECA e arts. 23, §2º, inciso I, 24-A e 24-B, da LOAS. Vide também o disposto na Lei nº 10.836/2004, de 09/01/2004, que cria o Programa Bolsa Família, e Decreto nº 5.209/2004, de 17/09/2004, que a regulamentou. Medida não por acaso relacionada como a providência *primeira* a ser tomada em relação a famílias que se encontrem numa situação sócio-econômica precária. Deve corresponder a *programas específicos de atendimento*, desenvolvido fundamentalmente por órgãos públicos da área da assistência social.

584 Vide art. 19, do ECA. Os programas de orientação e tratamento para pais e responsáveis usuários de substâncias psicoativas, a exemplo do que ocorre com os similares voltados a crianças e adolescentes (cf. art. 101, inciso VI, do ECA e art. 227, §3º, inciso VII, da CF) devem ser desenvolvidos com recursos orçamentários próprios do setor de *saúde* (cf. arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "d", 90, §2º e 100, par. único, inciso III, do ECA).

585 Aqui, mais uma vez, a exemplo do que ocorre com medidas similares aplicáveis a crianças e adolescentes (cf. art. 101, inciso V, do ECA), os programas a serem desenvolvidos devem ser custeados com recursos orçamentários próprios do setor de *saúde*, respeitando ainda as disposições da Lei nº 10.216/2001, de 06/04/2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental, assim como trata das internações psiquiátricas involuntárias e voluntárias. Vide também Portarias nºs 336/2002/GM, de 19/02/2002 e 245/2005/GM, de 17/02/2005, que dispõem sobre os Centros de Atenção Psicossocial - CAPs e art. 6º, inciso IV, da Lei nº 12.318/2010, de 26/08/2010, que prevê o acompanhamento psicológico ou biopsicossocial sempre que constatada a ocorrência de alienação parental e a necessidade de semelhante intervenção estatal.

586 Vide arts. 90, inciso I e 100, par. único, incisos IX e X, do ECA e art. 52, par. único, da Lei nº 12.594/2012. Os referidos cursos e programas devem contemplar desde informações básicas sobre cuidados e higiene de crianças recém-nascidas a orientações sobre como proceder diante de casos de desinteresse pelos estudos, rebeldia e mesmo prática de atos infracionais por adolescentes, tudo na perspectiva de fazer com que os pais e responsáveis

conheçam os deveres que têm para com seus filhos e pupilos e os exerçam com responsabilidade. Devem ser desenvolvidos conjuntamente pelos setores responsáveis pela saúde, assistência social e, acima de tudo, *educação* (valendo neste sentido observar o disposto no art. 205, da CF). A orientação pode ser ainda prestada nos moldes do previsto nos arts. 4º e 6º, da Lei nº 9.263/2003, de 12/01/2003, que regula o art. 226, §7º, da CF, que trata do planejamento familiar.

587 Vide arts. 55 e 101, inciso III, do ECA e art. 6º, da LDB. Medida a ser aplicada conjuntamente com a prevista no art. 129, inciso IV, do ECA.

588 Vide art. 101, incisos IV, V e VI, do ECA.

589 A presente medida, deverá ser invariavelmente acompanhada da medida prevista no art. 129, inciso IV, do ECA de modo que os pais ou responsável recebam a orientação necessária ao cumprimento de suas obrigações, assim como sejam informados das consequências do descumprimento dos deveres inerentes ao poder familiar, ou decorrentes da tutela ou guarda.

590 Vide art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 35 e 169, par. único, do ECA e art. 1584, par. único, do CC. A aplicação desta medida é de competência exclusiva da *autoridade judiciária*. Pode ser decretada tanto em relação aos pais quanto em relação guardião propriamente dito, devendo a criança ou adolescente, preferencialmente, ser colocada(o) sob a guarda de um parente próximo (cf. art. 100, *caput*, segunda parte, do ECA) ou pessoa que com eles mantenha relação de afinidade e afetividade (cf. art. 28, §7º, do ECA).

591 Vide arts. 23, 24, 164 e 169, do ECA; arts. 1194 a 1198, do CPC e arts. 1764, inciso III e 1766, do CC. A aplicação desta medida é de competência exclusiva da *autoridade judiciária*, devendo ser a criança ou adolescente colocada(o) sob a tutela de outrem, de modo que não fique sem representante legal.

592 Vide Princípio 6º, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959 e art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; arts. 23, 24, 155 a 163 e 169, *caput*, do ECA e arts. 1635 a 1638, do CC. A aplicação desta medida é de competência exclusiva da *autoridade judiciária*. Importante relembrar que o art. 19, *caput* e §3º do ECA, em consonância com o *princípio* consignado no art. 100, par. único, inciso X, do mesmo Diploma Legal, dá *preferência* à permanência da criança ou adolescente no seio de sua família de origem, que por sua vez, na forma do disposto no art. 226, da CF, tem direito à "*especial proteção por parte do Estado*". A suspensão ou destituição do poder familiar, portanto, se constitui numa providência excepcionalíssima, que somente deve ser tomada em situações extremas, quando comprovadamente não mais houver outra solução. A criança ou adolescente deve ser então, preferencialmente colocada em família substituta, nas modalidades guarda ou tutela, optando-se pela adoção (que uma vez consumada importa no rompimento, em caráter permanente, de todos os vínculos familiares do adotado em relação a seus pais e parentes biológicos), apenas quando não se vislumbrar condições mínimas de futura reintegração à família de origem e não houver parentes interessados e em condições de assumir sua guarda ou a tutela. Vale mencionar que o decreto da suspensão ou destituição do poder familiar não afetam o *dever de sustento* que os pais têm relação aos filhos, cujo fundamento se encontra não apenas no ECA, mas também no art. 5º, inciso LXVII, da CF e arts. 1694 a 1710, do CC. Assim sendo, nada impede (e é mesmo salutar) que pais suspensos ou destituídos do poder familiar sejam compelidos a prestar alimentos a seus filhos, ainda que estes permaneçam sob a guarda ou tutela de terceiros. Apenas com a eventual adoção dos filhos, e o consequente desaparecimento da relação de filiação (original) daí resultante (que não é afetada pela simples suspensão ou

destituição do poder familiar), é que o dever de prestar alimentos também desaparece.

Art. 130. Verificada a hipótese de maus-tratos [593], opressão ou abuso sexual [594] impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor [595] da moradia comum [596].

Parágrafo único. Da medida cautelar constará, ainda, a fixação provisória dos alimentos de que necessitem a criança ou o adolescente dependentes do agressor. [597]

593 Vide art. 136, do CP; arts. 13 e 56, inciso I, do ECA; arts. 796 a 811, do CPC (processo cautelar) e Portaria nº 1.968/2001/MS que dispõe sobre a notificação às autoridades competentes, de casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra crianças e adolescentes atendidos pelo SUS. A interpretação do alcance do termo "maus-tratos", a que se refere o dispositivo, deve ir além do enquadramento penal do tema, também abrangendo graves abusos ou privações de ordem emocional ou psíquica, que tornem desaconselhável o convívio com o agressor (vide também art. 19, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989).

594 Vide art. 227, §4º, da CF; arts. 213 a 232, do CP; Lei nº 9.970/2000, de 17/05/2000, que institui o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, e Lei nº 11.577/2007, de 22/11/2007, que torna obrigatória a divulgação, em hotéis, motéis, pousadas e outros que prestem serviços de hospedagem, bares, restaurantes, lanchonetes e similares, casas noturnas etc., de mensagem relativa à exploração sexual e tráfico de crianças e adolescentes apontando formas para efetuar denúncias.

595 Vide arts. 19 e 101, §§1º e 2º, do ECA. Trata-se aqui de um verdadeiro *princípio*. A criança ou o adolescente vitimizado também tem direito à convivência familiar, devendo o quanto possível permanecer na companhia de seus irmãos e do pai, mãe ou responsável que não tenha sido o(a) causador(a) do abuso praticado, de preferência em sua própria residência. Assim, antes de se pensar em abrigar a criança ou adolescente vitimizado, afastando-a do restante de sua família e de seu meio de vida, deve-se *preferencialmente* buscar o *afastamento do agressor* da moradia comum, através da propositura de medida judicial específica, pelo Ministério Público ou qualquer outro legitimado, sem embargo, obviamente, das providências necessárias no sentido da apuração de sua responsabilidade penal pelo ocorrido, assim como da eventual propositura de ação de suspensão ou destituição do poder familiar, destituição de tutela ou guarda, na forma prevista no art. 129, incisos VIII, IX e X, do ECA. Sobre a matéria, vale transcrever o seguinte aresto: *APELAÇÃO CÍVEL. ECA. MEDIDA PROTETIVA DE AFASTAMENTO COMPULSÓRIO DO LAR. NECESSIDADE DE PROTEÇÃO DOS INFANTES E DO ADOLESCENTE QUE EFETUOU O REGISTRO DE OCORRÊNCIA POLICIAL CONTRA O DEMANDADO. SENTENÇA QUE DETERMINOU O AFASTAMENTO DO RÉU DO LAR QUE MERECE SER MANTIDA. Comprovado que o demandado, ao ingerir bebida alcoólica, coloca em risco a vida de 4 menores e um adolescente no lar onde reside, correta a determinação de seu afastamento compulsório. Preliminar de Cerceamento de Defesa que não merece guarida, segundo bem gizou a douta Procuradoria de Justiça em seu parecer. APELAÇÃO IMPROVIDA.* (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70025638552. Rel. Des. Vasco Della Giustina. J. em 10/09/2008).

596 No mesmo sentido, vide art. 22, inciso II, da Lei nº 11.340/2006, de 07/08/2006 (também chamada "Lei Maria da Penha"), que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências e prevê, como uma das medidas protetivas de urgência aplicáveis aos autores de

violência doméstica o "*afastamento do lar, domicílio ou local de convivência com a ofendida*". Em qualquer caso, a criança ou adolescente vítima deverá receber a devida assistência psicológica, na perspectiva de evitar ou minimizar possíveis traumas decorrentes da violência sofrida, valendo neste sentido observar o disposto no art. 39, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989.

597 **Parágrafo único acrescido pela Lei nº** 12.415/2011, de 09/06/2011. Se o agressor for o pai ou mãe, seu afastamento do lar e mesmo o eventual decreto da suspensão/destituição do poder familiar não afetam seu *dever de sustento* em relação aos filhos, cujo fundamento se encontra não apenas no ECA, mas também no art. 5º, inciso LXVII, da CF e arts. 1694 a 1710, do CC. Assim sendo, quando do afastamento do agressor pai ou mãe, deve-se ter a cautela de fixar os alimentos que o(a) mesmo(a) terá de prestar ao(s) filho(s), nos moldes do previsto nos arts. 33, §4º, do ECA. Sobre a matéria, vide também art. 227, §4º, da CF.

TÍTULO V - DO CONSELHO TUTELAR

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS [598]

Art. 131. O Conselho Tutelar é órgão permanente [599] e autônomo [600], não jurisdicional [601], encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos nesta Lei [602].

598 Vide também o contido na Lei nº 11.622/2007, de 19/12/2007, que instituiu o dia 18 de novembro como o "*Dia Nacional do Conselheiro Tutelar*" e Resolução nº 139/2010, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, publicada em 15/03/2011, que dispõe sobre os parâmetros para criação e funcionamento dos Conselhos Tutelares.

599 Vide art. 22, da Lei nº 8.078/1990 (Código de Defesa do Consumidor) e art. 262, do ECA. O Conselho Tutelar possui um caráter *institucional*, ou seja, uma vez criado e instalado, passa a ser, em caráter definitivo, uma das instituições integrantes do Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente, não mais devendo haver solução de continuidade em sua atuação, mas apenas a renovação periódica de seus membros. Caso o Poder Público Municipal, ao qual incumbe a manutenção do Conselho Tutelar, permita, por qualquer causa ou motivo, a interrupção das atividades do Conselho Tutelar, as atribuições a este inerentes retornarão à autoridade judiciária, devendo o Ministério Público (ou outro legitimado do art. 210, do ECA), tomar as medidas administrativas e judiciais necessárias à retomada de seu funcionamento, sem prejuízo da apuração da *responsabilidade* do administrador público que deu causa a esta situação. A implantação e a manutenção, com a garantia do efetivo funcionamento do Conselho Tutelar, podem ser determinados pelo Poder Judiciário. Neste sentido: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LIMINAR. IMPLANTAÇÃO DE CONSELHO TUTELAR. REQUISITOS DEMONSTRADOS. Nos termos do Estatuto da Criança e do Adolescente, em cada município haverá, no mínimo, um Conselho Tutelar composto de cinco membros, escolhidos pela comunidade local, devendo ser compelido, através de Ação Civil Pública, aquele ente municipal que, a despeito de publicar lei a respeito, não efetiva a implementação para efetivo*

funcionamento do Conselho. (TJMG. 8ª C. Cív. A.I. nº 1.0133.05.027038-7/001. Rel. Teresa Cristina da Cunha Peixoto. J. em 28/09/2006).

600 Vide art. 137, do ECA. A "autonomia" a que se refere o dispositivo é sinônimo de *independência funcional*, que por sua vez se constitui numa *prerrogativa* do *Órgão*, enquanto *colegiado*, imprescindível ao exercício de suas atribuições. Embora, como resultado de sua prefalada autonomia, o Conselho Tutelar não necessite submeter suas decisões ao crivo de outros Órgãos e instâncias administrativas, lhe tendo sido inclusive conferidos instrumentos para execução direta das mesmas (conforme art. 136, inciso III, do ECA), estão aquelas sujeitas ao *controle de sua legalidade e adequação* pelo Poder Judiciário, mediante provocação por parte de quem demonstre legítimo interesse ou do Ministério Público (cf. art. 137, do ECA). Vale observar, no entanto, que a autonomia que detém o Conselho Tutelar para o exercício de suas atribuições não o torna imune à fiscalização de outros integrantes do Sistema de Garantias idealizado pela Lei nº 8.069/1990, com os quais deve atuar de forma harmônica, articulada e cordial, com *respeito* e *cooperação* mútuas, sendo *fundamental* que a lei municipal estabeleça mecanismos internos e/ou externos de controle da atuação dos conselheiros tutelares individualmente considerados, bem como regulamente a forma de aplicação de sanções administrativas àquele que, por ação ou omissão, descumpre seus *deveres funcionais* ou pratica atos que colocam em risco a própria imagem e credibilidade do Conselho Tutelar como *instituição*, podendo aqueles existirem tanto no âmbito interno quanto externo ao Órgão. Vale observar que os membros do Conselho Tutelar são considerados *agentes públicos* para fins de incidência da Lei nº 8.429/92 (Lei de Improbidade Administrativa) e *funcionários públicos* para fins *penais*, pelo que a referida violação de seus *deveres funcionais* (seja pelo descumprimento de suas atribuições, seja por abusos praticados em relação às crianças, adolescentes e/ou famílias atendidas) importa, em tese, na prática de *ato de improbidade administrativa* ou mesmo de um *crime funcional*, como é o caso da *prevaricação*, que é caracterizado quando o "funcionário público" deixa de praticar "*ato de ofício*" por razões de ordem "pessoal" (incluindo a "preguiça" ou a "falta de interesse" de agir). Vale dizer que, para o Direito, o "poder" conferido a um determinado órgão ou autoridade corresponde a um "*dever* de agir", e se este *dever* não é exercido com *responsabilidade* e segundo dispõe a lei, é evidente que o autor do abuso/omissão deve ser responsabilizado, cabendo a *todos os demais agentes públicos* que tenham conhecimento do fato (incluindo os demais integrantes do próprio Conselho Tutelar) *denunciar o ocorrido a quem de direito* (seja ao órgão de controle interno ou externo eventualmente previsto pela Lei Municipal, seja ao Ministério Público).

601 O Conselho Tutelar é órgão municipal que possui completa *autonomia funcional* em relação ao Poder Judiciário (assim como em relação ao CMDCA e à própria Prefeitura - que o órgão tem, inclusive a função de *fiscalizar*), e embora, dentre outras atribuições, tome *decisões* e aplique medidas de proteção a crianças, adolescentes, pais e responsáveis (exercendo em muitos aspectos o papel que na sistemática do revogado "Código de Menores" cabia ao "Juiz de Menores"), estas possuem um caráter meramente administrativo. Uma das idéias básicas que inspirou a criação do Conselho Tutelar foi a "desjudicialização" do atendimento à criança e ao adolescente, na perspectiva de assegurar maior "capilaridade" (quis o legislador que o Conselho Tutelar estivesse presente - fisicamente - em todos os municípios, o que não ocorre com o Poder Judiciário, cujas comarcas, na maioria dos casos, abrangem diversos municípios), assim como maior agilidade e menos burocracia na aplicação de medidas e encaminhamento para os programas e serviços públicos correspondentes (o que não torna dispensável o registro e a formalização de certos atos, assim como a oitiva da criança/adolescente e seus pais ou responsável, *ex vi* do disposto no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA). O membro do Conselho Tutelar

não integra o Poder Judiciário nem se confunde com a figura do antigo "comissário de menores".

602 É esta, em linhas gerais, a *atribuição primeira* do Conselho Tutelar, que deve perseguir (tal qual o Ministério Público - e por via de consequência o Poder Judiciário - nos moldes do previsto no art. 210, inciso VIII, do ECA), o *efetivo respeito* aos direitos e garantias legais e constitucionais assegurados a *todas as crianças e adolescentes*, tanto no plano individual quanto *coletivo*. O *objetivo fundamental* da intervenção do Conselho Tutelar *não é* a simples (e "burocrática") "*aplicação de medidas*" (e/ou o mero "*encaminhamento*" para os programas de atendimento e serviços existentes - que nunca é demais lembrar, cabe ao órgão *fiscalizar*, conforme disposto nos arts. 90, §3º, inciso II e 95, do ECA), mas sim a *efetiva solução dos problemas* que afligem a população infanto-juvenil, proporcionando-lhes, de maneira concreta, a *proteção integral* que lhes é prometida já pelo art. 1º, do ECA. Assim sendo, a intervenção do Conselho Tutelar deve ter um caráter *resolutivo*, de modo que as causas que se enquadram na sua esfera de atribuições sejam por ele próprio *solucionadas* (sem prejuízo da atuação, em regime de colaboração, de outros órgãos, programas e serviços integrantes da "rede de proteção" à criança e ao adolescente que todos os municípios têm o *dever* de implementar), não podendo o órgão servir de mero "degrau" para que o caso chegue ao Poder Judiciário. Importante não perder de vista, ademais, que o Conselho Tutelar é uma *autoridade pública* (a própria Lei nº 8.069/90 assim o reconhece como tal, tanto que quando quer se referir ao Conselho Tutelar *E* à autoridade judiciária, usa a expressão "*autoridade competente*", estabelece ser o mesmo *crime* "*impedir ou embaraçar*" tanto a ação de membro do Conselho Tutelar quanto da autoridade judiciária - cf. art. 136, do ECA e a mesma *infração administrativa* "*descumprir, dolosa ou culposamente*", tanto *determinação* da autoridade judiciária quanto do Conselho Tutelar - cf. art. 249, do ECA), em diversos aspectos *equiparada à autoridade judiciária*, tendo inclusive, tal qual ocorre com esta, *poder de requisição* em relação a determinados serviços públicos (inclusive sob pena da prática da infração administrativa prevista no art. 249, do ECA e mesmo do *crime de desobediência*, previsto no art. 330, do CP), na perspectiva de *resolver* (e com o máximo de rapidez e eficiência) o caso atendido, através do acionamento dos órgãos, programas e serviços públicos competentes.

Art. 132. Em cada Município e em cada Região Administrativa do Distrito Federal haverá, no mínimo, 1 (um) Conselho Tutelar como órgão integrante da administração pública local **[603]**, composto de 5 (cinco) membros, escolhidos pela população local para mandato de 4 (quatro) anos, permitida 1 (uma) recondução, mediante novo processo de escolha **[604]**.

603 Redação alterada pela Lei nº 12.696, de 25/07/2012. É *obrigatória*, portanto, a implantação de ao menos um Conselho Tutelar em cada município brasileiro (assim como em cada região administrativa do Distrito Federal), podendo a lei municipal (ou distrital) prever a criação de tantos outros quantos que entender necessários ao adequado atendimento da população infanto-juvenil. A Lei Federal não estabelece critérios para o número de Conselhos Tutelares que os municípios de maior porte devem possuir, porém segundo o art. 3º, §1º, da Resolução nº 139/2011, do CONANDA, *recomenda-se* no mínimo *01 (um) Conselho Tutelar para cada grupo de 100.000 (cem mil) habitantes* no município. De qualquer sorte, vale lembrar que o Conselho Tutelar presta um serviço público essencial, que está amparado tanto pelo *princípio da eficiência*, que norteia a atuação dos órgãos públicos em geral (cf. art. 37, da CF), quanto pelo *princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente* (art. 227, *caput*, da CF e art. 4º, *caput* e par. único, do ECA), razão pela qual o número de Conselhos

Tutelares deve ser proporcional não apenas à população, mas também à demanda, de modo a prestar um atendimento célere e eficiente aos munícipes. A apuração da demanda existente é também importante para determinar a distribuição geográfica dos Conselhos Tutelares em um determinado município, o mesmo se podendo dizer em relação a regiões de difícil acesso, que contem com um contingente populacional considerável, que podem também justificar a criação de Conselhos Tutelares específicos para atendê-las, mais uma vez em nome da celeridade e eficiência do serviço prestado. Sobre a necessidade de criação de um número de Conselhos Tutelares compatível com a demanda de atendimento, já se pronunciou o STF: *CRIANÇAS E ADOLESCENTES. DEVER DE PROTEÇÃO INTEGRAL À INFÂNCIA E À JUVENTUDE. OBRIGAÇÃO CONSTITUCIONAL QUE SE IMPÕE AO PODER PÚBLICO. CRIAÇÃO DE DOIS NOVOS CONSELHOS TUTELARES E DISPONIBILIZAÇÃO, PELO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS, DE RECURSOS MATERIAIS E HUMANOS AOS CONSELHOS JÁ EXISTENTES (SETORES ILHA E CONTINENTE). CONFIGURAÇÃO, NO CASO, DE TÍPICA HIPÓTESE DE OMISSÃO INCONSTITUCIONAL IMPUTÁVEL AO MUNICÍPIO. DESRESPEITO À CONSTITUIÇÃO PROVOCADO POR INÉRCIA ESTATAL (RTJ 183/818-819). COMPORTAMENTO QUE TRANSGRIDE A AUTORIDADE DA LEI FUNDAMENTAL (RTJ 185/794-796). IMPOSSIBILIDADE DE INVOCAÇÃO, PELO PODER PÚBLICO, DA CLÁUSULA DA RESERVA DO POSSÍVEL SEMPRE QUE PUDER RESULTAR, DE SUA APLICAÇÃO, COMPROMETIMENTO DO NÚCLEO BÁSICO QUE QUALIFICA O MÍNIMO EXISTENCIAL (RTJ 200/191-197). O PAPEL DO PODER JUDICIÁRIO NA IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS INSTITUÍDAS PELA CONSTITUIÇÃO E NÃO EFETIVADAS PELO PODER PÚBLICO. A FÓRMULA DA RESERVA DO POSSÍVEL NA PERSPECTIVA DA TEORIA DOS CUSTOS DOS DIREITOS: IMPOSSIBILIDADE DE SUA INVOCAÇÃO PARA LEGITIMAR O INJUSTO INADIMPLEMENTO DE DEVERES ESTATAIS DE PRESTAÇÃO CONSTITUCIONALMENTE IMPOSTOS AO ESTADO. A TEORIA DA "RESTRIÇÃO DAS RESTRIÇÕES" (OU DA "LIMITAÇÃO DAS LIMITAÇÕES"). CARÁTER COGENTE E VINCULANTE DAS NORMAS CONSTITUCIONAIS, INCLUSIVE DAQUELAS DE CONTEÚDO PROGRAMÁTICO, QUE VEICULAM DIRETRIZES DE POLÍTICAS PÚBLICAS (CF, ART. 227). A COLMATAÇÃO DE OMISSÕES INCONSTITUCIONAIS COMO NECESSIDADE INSTITUCIONAL FUNDADA EM COMPORTAMENTO AFIRMATIVO DOS JUÍZES E TRIBUNAIS E DE QUE RESULTA UMA POSITIVA CRIAÇÃO JURISPRUDENCIAL DO DIREITO CONTROLE JURISDICIONAL DE LEGITIMIDADE SOBRE A OMISSÃO DO ESTADO: ATIVIDADE DE FISCALIZAÇÃO JUDICIAL QUE SE JUSTIFICA PELA NECESSIDADE DE OBSERVÂNCIA DE CERTOS PARÂMETROS CONSTITUCIONAIS (PROIBIÇÃO DE RETROCESSO SOCIAL, PROTEÇÃO AO MÍNIMO EXISTENCIAL, VEDAÇÃO DA PROIBIÇÃO INSUFICIENTE E PROIBIÇÃO DE EXCESSO). DOUTRINA. PRECEDENTES DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL EM TEMA DE IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DELINEADAS NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA (RTJ 174/687 - RTJ 175/1212-1213 - RTJ 199/1219-1220). POSSIBILIDADE JURÍDICO-PROCESSUAL DE UTILIZAÇÃO DAS "ASTREINTES" (CPC, ART. 461, § 5º) COMO MEIO COERCITIVO INDIRETO. DOUTRINA. JURISPRUDÊNCIA. PRECEDENTE DO STF. RECURSO EXTRAORDINÁRIO DO MINISTÉRIO PÚBLICO ESTADUAL CONHECIDO E PROVIDO*. (STF. R.E. nº 488.208/SC. Rel. Min. Celso de Mello. J. em 01/07/2013).

604 Antes do advento da Lei nº 12.696/2012, o mandato dos membros do Conselho Tutelar era de 03 (três) anos, e não havia previsão expressa que a "recondução" importava necessariamente na instauração de novo processo democrático de escolha popular, o que gerava distorções na interpretação do dispositivo, havendo casos em que se promovia a "recondução automática" e outros (mais comuns), em que a escolha dos membros do Conselho Tutelar ocorria pela via indireta, o que era absolutamente incompatível até mesmo com os princípios democráticos que inspiram o Estatuto da Criança e do Adolescente. Com a nova

redação do dispositivo, fica absolutamente claro que a aludida "recondução" *não pode ocorrer de forma "automática"*, sendo necessário que o conselheiro tutelar que aspira permanecer na função se submeta novamente a *todas as etapas do processo de escolha* definidas na legislação municipal específica, passando *mais uma vez* pelo "*crivo das urnas*" em absoluta *igualdade de condições com os demais candidatos*. De igual sorte, este dispositivo, somado ao contido no art. 139, §1º (também com a redação que lhe deu a Lei nº 12.696/2012), evidenciam que a escolha dos membros do Conselho Tutelar deve ocorrer por meio de um processo democrático amplo, no qual se garanta a participação, na condição de eleitores, de todos os cidadãos do município. Vale destacar que, se o conselheiro tutelar, originalmente suplente, em determinado momento ao longo do mandato assume a função como titular, sua candidatura e eleição para o mandato subsequente já será computada como uma recondução, inviabilizando assim uma nova candidatura para um novo mandato consecutivo, após vencido este. Neste sentido: *APELAÇÃO E REEXAME NECESSÁRIO. MUNICÍPIO DE CANGUÇU. MANDADO DE SEGURANÇA. ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE. ELEIÇÃO DO CONSELHO TUTELAR. RECONDUÇÃO. ART. 132 DO ECA. LEI MUNICIPAL N.º 1.893-99. CONCESSÃO DA SEGURANÇA NA ORIGEM. NÃO-PROVIMENTO EM GRAU RECURSAL. Configura recondução a segunda candidatura do Conselheiro Tutelar que, na primeira eleição, após ter sido eleito como suplente fora elevado à condição de titular, sendo vedada sua eleição e nomeação para um terceiro mandato. APELAÇÃO NÃO PROVIDA. SENTENÇA CONFIRMADA EM REEXAME NECESSÁRIO*. (TJRS. 4ª C. Cív. Ap. Cív. e Reex. Necess. nº 70006808190, Rel. Des. Wellington Pacheco Barros. J. em 30/12/2003). É de se destacar que a Lei nº 12.696/2012 não "prorrogou" os mandatos dos Conselheiros Tutelares em exercício e, neste aspecto, a estes não se aplica (vide comentários ao art. 139, §§1º e 3º, do ECA).

Art. 133. Para a candidatura a membro do Conselho Tutelar, serão exigidos os seguintes requisitos **[605]**:

I - reconhecida idoneidade moral **[606]**;

II - idade superior a vinte e um anos **[607]**;

III - residir no município **[608]**.

605 Estes são os requisitos *mínimos*. É admissível que, por intermédio de *lei municipal* específica (e não mera deliberação ou resolução do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente), sejam estabelecidos outros, desde que razoáveis e compatíveis com a atividade desenvolvida pelo Conselho Tutelar. Requisitos por demais restritivos devem ser evitados, sendo certo que alguns por vezes exigidos, como a habilitação para conduzir veículo, chegam a ser *inconstitucionais*, por impedir, de forma injustificável, por exemplo, que deficientes visuais tenham acesso à função de conselheiro tutelar. Neste sentido: *RECURSO ESPECIAL. MANDADO DE SEGURANÇA. CANDIDATURA A MEMBRO DO CONSELHO TUTELAR. LEI MUNICIPAL EXIGÊNCIA DE ESCOLARIDADE MÍNIMA. INEXISTÊNCIA DE VIOLAÇÃO AO ART. 133 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. I. A Lei nº 620/98, do Município de Duas Barras, Estado do Rio de Janeiro, ao exigir que os candidatos a Conselheiro do Conselho Tutelar possuíssem, pelo menos, o primeiro grau completo, apenas regulamentou a aplicação da Lei nº 8.069/90, adequando a norma às suas peculiaridades, agindo, portanto, dentro da sua competência legislativa suplementar (art. 30, inc. II, da CF). II. O art. 133 do ECA não é taxativo, vez que apenas estabeleceu requisitos mínimos para os candidatos a integrante do Conselho Tutelar, que é serviço público relevante, podendo, inclusive, ser remunerado. III. Recurso*

especial provido. (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 402155/RJ. Rel. Min. Francisco Falcão. Publ. DJ de 15/12/2003, p. 189. *In* RSTJ 179/112).

606 Embora o processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar não seja considerado um "concurso público", como por equívoco (*data venia*) acabou constando do julgado a seguir transcrito, este bem reflete a importância de que os candidatos ao Conselho Tutelar possuam uma reputação ilibada, a bem da imagem da instituição: *MANDADO DE SEGURANÇA. CONCURSO PÚBLICO. CONSELHO TUTELAR. IDONEIDADE MORAL. APRESENTAÇÃO DE CERTIDÃO CRIMINAL POSITIVA. INDEFERIMENTO DE INSCRIÇÃO E DE POSSE. IMPROCEDÊNCIA. DECISÃO CONFIRMADA. A certidão de ação penal em andamento é suficiente para caracterizar a inidoneidade moral do candidato a membro do Conselho Tutelar e, portanto, hábil a embasar o indeferimento de inscrição ao concurso e ao impedimento de posse, se eleito.* (TJPR. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 164.524-1. Rel. Des. Accácio Cambi. J. em 16/11/2004). A prática de condutas ilícitas e/ou incompatíveis com a função, ainda que no período anterior ao mandato (como quando da campanha eleitoral) tem sido invocada para impedir a posse ou determinar a destituição do membro do Conselho Tutelar da função. Neste sentido: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. Eleição de Conselheiro Tutelar. Irregularidades durante a campanha política, incluindo promessa de vantagens ilícitas e transporte de eleitores, acarretando prisão em flagrante. Prefaciais de incompetência de juízo e carência de ação, ambas afastadas pela Doutora Juíza 'a quo'. Sentença de procedência, confirmada em sede de apelação. Recurso desprovido*. (TJRS. 2ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70004350963. Rel. Des. Túlio de Oliveira Martins. J. em 23/04/2003); e *AGRAVO DE INSTRUMENTO. CONSELHEIRO TUTELAR. Se há indícios de que o conselheiro tutelar praticou atos que demonstram não ter idoneidade moral para o desempenho do cargo, o seu afastamento, através de liminar concedida em ação civil pública, é decisão que deve ser mantida, até para salvaguardar o bom conceito do órgão perante a opinião pública. Agravo de instrumento improvido*. (TJRS. 2ª C. Esp. Cív. A.I. nº 70004647715. Rel. Des. Ana Beatriz Iser. J. em 11/11/2002).

607 Em que pese a alteração da idade para a plena capacidade civil promovida pelo Código Civil de 2002, não é possível considerar também modificado o presente dispositivo, de modo a permitir que pessoas com idade inferior aos 21 (vinte e um) anos sejam candidatas ao Conselho Tutelar. O Estatuto da Criança e do Adolescente é uma *lei especial*, que tem regras e princípios próprios, de Direito Público, não tendo sido neste aspecto modificado pela nova Lei Civil, que procura regular os interesses particulares. O Estatuto estabelece como requisito para a candidatura a membro do Conselho Tutelar a *idade* de 21 (vinte e um) anos, nada falando da plena capacidade civil. Devemos considerar que, mesmo sob a égide do Código Civil de 1916, era possível a emancipação de jovens adultos a partir dos 18 (dezoito) anos de idade e, nem assim, se cogitava da possibilidade de candidatura ao Conselho Tutelar de pessoas de 18, 19 ou 20 anos de idade que tivessem sido emancipadas. Vale destacar que, como consta de maneira expressa do *caput* do dispositivo, o interessado deve possuir ao menos 21 (vinte e um) anos de idade *quando da candidatura*, devendo ser indeferida se, até o término do prazo respectivo, previsto em edital, o requisito idade não seja completado.

608 O dispositivo visa fazer com que o membro do Conselho Tutelar conheça e tenha contato permanente com a comunidade que irá servir, sendo também a esta acessível, sempre que se fizer necessário. Por tais razões, a residência no município é um requisito que deve estar presente não apenas quando da candidatura, mas também ao longo do exercício do mandato.

Art. 134. Lei municipal ou distrital disporá sobre o local, dia e horário de funcionamento do Conselho Tutelar [609], inclusive quanto à remuneração dos respectivos membros [610], aos quais é assegurado o direito a:

I - cobertura previdenciária;

II - gozo de férias anuais remuneradas, acrescidas de 1/3 (um terço) do valor da remuneração mensal;

III - licença-maternidade;

IV - licença-paternidade;

V - gratificação natalina.

Parágrafo único. Constará da lei orçamentária municipal e da do Distrito Federal previsão dos recursos necessários ao funcionamento do Conselho Tutelar e à remuneração e formação continuada dos conselheiros tutelares [611].

609 Redação alterada pela Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012. Vide art. 30, inciso I e 32, §1º, da CF, que dispõem sobre a competência legislativa dos municípios e do Distrito Federal. Vale também observar que, por força do disposto no art. 24, inciso XV, da CF, compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal a competência para legislar sobre a proteção à infância e à juventude.

610 A redação original do dispositivo estabelecia que a remuneração dos membros do Conselho Tutelar era apenas facultativa. Tal sistemática era absolutamente incompatível com a extrema relevância de suas atribuições, o que somado às dificuldades encontradas no desempenho da função, e a necessidade de dedicação exclusiva em tempo integral, com atuação de forma itinerante e preventiva (única forma de proporcionar o necessário atendimento prioritário, célere e eficaz à população infanto-juvenil local), sem dúvida exigiam uma mais do que justa contraprestação financeira e num patamar razoável. Com o advento da Lei nº 12.696/2012 a remuneração dos membros do Conselho Tutelar não apenas passou a ser *obrigatória*, como também foram a eles assegurados inúmeros "direitos sociais", a exemplo do que ocorre com outros servidores públicos e com os trabalhadores em geral. Importante também mencionar que a remuneração é devida *todos* os membros do Conselho Tutelar, não sendo admissível (face ao *princípio constitucional da isonomia*, insculpido pelo art. 5º, *caput* e inciso I, da CF), que seja aquela assegurada, por exemplo, apenas ao "presidente/coordenador" do órgão ou parte de seus integrantes, gerando um tratamento desigual aos membros de um órgão colegiado (os *cinco* conselheiros tutelares) que, a rigor exercem (ou ao menos deveriam exercer) as mesmas funções. Ainda sobre a matéria, vide Decreto nº 4.032/2001, de 26/11/2001, que alterou em parte do Decreto nº 3.048/1999, de 06/05/1999, relativo ao Regulamento de Benefícios da Previdência Social - RBPS e, entre outras disposições, define o Conselheiro Tutelar como *segurado obrigatório do Regime Geral da Previdência Social* (quanto ao recolhimento da contribuição previdenciária, que deve ser efetuado *pelo município*, vide arts. 12 e 216, inciso I, alíneas a e b, do Decreto nº 3.048/1999). Vale também dizer que a *cumulação da função* de conselheiro tutelar com outro cargo ou função pública é, *em tese*, possível, *desde que* observado o disposto no art. 37, inciso XVI, da Constituição Federal, ou seja, *somente* poderá haver cumulação com as funções relacionadas no citado dispositivo constitucional, *desde que* haja *compatibilidade de horários*. O *ideal*, em qualquer caso, é que o membro do Conselho Tutelar exerça a função em regime de *dedicação exclusiva*, porém, para que seja possível exigir tal requisito, é fundamental que a Lei Municipal estabeleça uma remuneração adequada, condizente com a relevância da atividade desempenhada. Sobre a matéria: *SERVIDOR PÚBLICO. MANDADO DE SEGURANÇA. CONSELHEIRO*

TUTELAR. ACÚMULO DE CARGOS. COMPATIBILIDADE DE HORÁRIOS. POSSIBILIDADE. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. LEGISLAÇÃO MUNICIPAL. É lícito o estabelecimento de requisito para o ingresso na função pública, no cargo de Conselheiro Tutelar, bem como o seu regime de trabalho, por meio da legislação municipal, sem que isso viole competência da União. A respeito do tema o Centro de Estudos deste Tribunal já se pronunciou por meio da Conclusão de nº 30. O requisito legal em questão (dedicação exclusiva) foi retirado do texto original da Lei - Santiago nº 31/94 através da Lei - Santiago nº 04/00, que passou a permitir a acumulação do cargo de Conselheiro Tutelar com quaisquer outros cargos ou funções públicas, desde que houvesse compatibilidade de horário, caso da impetrante. Concessão da segurança que se impõe. Precedentes colacionados. (TJRS. 3ª C. Cív. Reex. Necess. em MS nº 70021220843. Rel. Des. Nelson Antônio Monteiro Pacheco. J. em 14/08/2008) e *MANDADO DE SEGURANÇA - SERVIDOR PÚBLICO - ACUMULAÇÃO DE CARGOS - PROFESSOR COM CONSELHEIRO TUTELAR - POSSIBILIDADE - VIOLAÇÃO DO DIREITO LÍQUIDO E CERTO - COMPATIBILIDADE DE HORÁRIOS DEMONSTRADA - EXISTÊNCIA DE CONHECIMENTO TÉCNICO ESPECÍFICO - SEGURANÇA CONCEDIDA. Para o cargo de Conselheiro Tutelar, requer conhecimento específico na área, o que não significa dizer que deve ser exercido particularmente por um técnico daquela área. Para ocupar o cargo técnico basta que o servidor tenha conhecimentos específicos, sendo inegável que o professor tem os conhecimentos exclusivos para ser Conselheiro Tutelar. Verificada a compatibilidade de horários entre os dois cargos, através da documentação acostada aos autos, resta comprovado o critério exigido pela norma constitucional como condição de acumulação de cargos*. (TJMG. 4ª G. C. Cív. MS. nº 1.0000.10.034456-3/000. Rel. Des. Vieira de Brito. J. em 19/01/2011).

611 Redação alterada pela Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012. Vide arts. 4º, par. único, alínea "d", 131, primeira parte e 259, par. único, do ECA. A previsão, no orçamento público municipal, dos recursos necessários ao funcionamento regular e ininterrupto do Conselho Tutelar (aluguel e manutenção da sede, dotação de veículo próprio e combustível, material de expediente, pessoal administrativo de apoio, equipe técnica, subsídios aos membros do órgão etc.), é *obrigatória*, podendo ser exigida pela via judicial. Uma importante inovação introduzida pela Lei nº 12.696/2012 foi a expressa previsão da necessidade de haver a previsão de recursos orçamentários, inclusive, para a "formação continuada" dos membros do Conselho Tutelar, o que evidencia a importância da qualificação funcional de todos aqueles que atuam na área da infância e da juventude. Cabe aos Entes Federados, de forma conjunta, desenvolver cursos e programas de formação continuada para os integrantes do Conselho Tutelar. Neste sentido: *CONSELHO TUTELAR DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. REPASSE DE VERBAS GARANTIDAS POR FORÇA DE LEI MUNICIPAL. OBRIGATORIEDADE. SEGURANÇA CONCEDIDA. Sendo certo que os valores têm definição específica e legal, através de lei municipal que fixa percentual da dotação orçamentária para o repasse destinado ao regular funcionamento do Conselho, deve o executivo municipal promover o repasse almejado. Afinal, a obtenção de tais recursos constitui, 'in casu', direito líquido e certo, perfeitamente amparável pelo presente 'mandamus'.* (TJMT. 1ª C. Cív. RN nº 1.025. Rel. Des. Éldes Ivan de Souza. J. em 02/03/1998); e *AGRAVO DE INSTRUMENTO. Pleito de Ação Civil Pública proposta pelo Ministério Público Estadual contra o Município de Panambi objetivando a razão da necessidade de transferir a sede do Conselho Tutelar do Município para local mais apropriado ao desempenho de suas atribuições. Havendo necessidade do regular funcionamento do Conselho Tutelar e flagrado o seu estado precário, com omissão do poder público, imperiosa a intervenção do poder Judiciário para tornar efetivo o direito de crianças e adolescentes preconizado pela Carta Magna e regulado no ECA. AGRAVO DE INSTRUMENTO DESPROVIDO*. (TJRS. 7ª C. Cív. Agravo de Instrumento nº 70038190898. Rel.

Des. Roberto Carvalho Fraga. J. em 23/03/2011). O mesmo se diga em relação à efetiva implantação do Conselho Tutelar propriamente dito: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. MINISTÉRIO PÚBLICO. LEGITIMIDADE ATIVA. CONSELHO TUTELAR. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ORÇAMENTO MUNICIPAL. Conselho Tutelar. Instalação. Lei Municipal. Previsão Orçamentária. Ação Civil Pública. I. O Ministério Público tem legitimação para ajuizar ação civil pública para compelir a Prefeitura Municipal a cumprir a legislação federal e local referente à proteção à infância e juventude (art. 129, III, CR e 201, V, ECA). II. Havendo lei municipal e previsão orçamentária é imperativo que o Executivo providencie instalações, pessoal de apoio e meios adequados para o funcionamento do Conselho Tutelar. Isso não implica em despesas ruinosas, mas apenas no mínimo necessário para a atuação de qualquer repartição pública. III. Apelação da municipalidade não provida. (MGS).* (TJRJ. 17ª C. Cív. Ac. nº 999/99 (Reg. 050599). Rel. Desig. Des. Bernardo Garcez. J. em 17/03/1999).

Art. 135. O exercício efetivo da função de conselheiro constituirá serviço público relevante e estabelecerá presunção de idoneidade moral **[612]**.

612 Redação alterada pela Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012. A Lei nº 12.696/2012 suprimiu a previsão de recolhimento a "prisão especial" (nos moldes do previsto no art. 295, do CPP) aos membros do Conselho Tutelar acusados da prática de crimes, contida na redação original do ECA. A simples escolha pela comunidade não basta para conferir ao candidato os privilégios aqui relacionados. É necessário que o escolhido, na condição de titular ou suplente, *exerça efetivamente a função*, ainda que por curto período. A presunção de idoneidade moral aqui estabelecida, por óbvio, é *relativa*, admitindo prova em contrário.

CAPÍTULO II - DAS ATRIBUIÇÕES DO CONSELHO

Art. 136. São atribuições do Conselho Tutelar **[613]**:

I - atender as crianças e adolescentes nas hipóteses previstas nos arts. 98 e 105, aplicando as medidas previstas no art. 101, I a VII **[614]**;

II - atender e aconselhar os pais ou responsável, aplicando as medidas previstas no art. 129, I a VII **[615]**;

III - promover a execução de suas decisões **[616]**, podendo para tanto:

a) requisitar **[617]** serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança **[618]**;

b) representar junto à autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações **[619]**.

IV - encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa **[620]** ou penal **[621]** contra os direitos da criança ou adolescente;

V - encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência **[622]**;

VI - providenciar a medida estabelecida pela autoridade judiciária, dentre as previstas no art. 101, de I a VI, para o adolescente autor de ato infracional **[623]**;

VII - expedir notificações **[624]**;

VIII - requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente [625] quando necessário;

IX - assessorar o Poder Executivo local na elaboração da proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente [626];

X - representar, em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos previstos no art. 220, § 3º, inciso II da Constituição Federal [627];

XI - representar ao Ministério Público para efeito das ações de perda ou suspensão do poder familiar, após esgotadas as possibilidades de manutenção da criança ou do adolescente junto à família natural [628].

Parágrafo único. Se, no exercício de suas atribuições, o Conselho Tutelar entender necessário o afastamento do convívio familiar, comunicará *incontinenti* o fato ao Ministério Público, prestando-lhe informações sobre os motivos de tal entendimento e as providências tomadas para a orientação, o apoio e a promoção social da família [629].

613 Além das atribuições relacionadas no art. 136, do ECA, o Conselho Tutelar tem ainda a incumbência de *fiscalizar as entidades de atendimento* (art. 95, do ECA), bem como a legitimidade para *deflagrar procedimentos de apuração de irregularidade em entidades de atendimento* (art. 191, do ECA) e para *apuração de infração administrativa às normas de proteção à criança e ao adolescente* (art. 194, do ECA). A Lei nº 12.594/2012 (que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) prevê ainda, em seu art. 20, inciso IV, a atuação do Conselho Tutelar quando da avaliação e acompanhamento da gestão do atendimento socioeducativo, de modo a assegurar um atendimento de qualidade aos adolescentes autores de ato infracional e suas famílias. Este rol de atribuições *não pode ser ampliado pela legislação municipal*, notadamente a ponto de incluir outras que desvirtuam a finalidade e/ou subvertem a autonomia funcional desfrutada pelo órgão. Assim sendo, por exemplo, não pode a lei municipal determinar que o Conselho Tutelar realize "rondas" noturnas e/ou outras atividades próprias dos órgãos policiais, inclusive sob pena de violar o disposto no art. 144, da CF (que relaciona os órgãos de segurança pública, dentre os quais não se inclui o Conselho Tutelar). Isto não significa que o Conselho Tutelar não detenha e/ou não possa exercer o chamado "poder de polícia" (inerente a diversas autoridades públicas, investidas de atribuições específicas, como é o caso, por exemplo, da "vigilância sanitária" em relação às infrações praticadas por estabelecimentos que comercializam alimentos) e/ou a atribuição de fiscalizar possíveis violações de direitos de crianças e adolescentes, *por quem quer que seja* (o que é inerente à sua "atribuição primeira", contida no art. 131, do ECA). A atividade fiscalizatória do Conselho Tutelar em locais onde se encontram crianças e adolescentes decorre de disposições legais explícitas, como é o caso do disposto no art. 95, do ECA, bem como de outras implícitas, como aquela decorrente da combinação dos arts. 194 e 258, ambos do ECA. Não haveria sentido em dotar o Conselho Tutelar da atribuição de oferecer representação à autoridade judiciária quando da constatação de violação às normas de proteção relativas ao acesso e permanência de crianças e adolescentes em locais de diversão, se a atividade fiscalizatória de tais locais não fosse inerente às atribuições do órgão (e por regras básicas de hermenêutica jurídica, considera-se que "a lei não contém palavras inúteis" e "deve ser sempre interpretada de forma lógica/teleológica"). Vale observar, no entanto, que tal atribuição, além de ser *comum* ao Conselho Tutelar, Ministério Público e Poder Judiciário (inclusive no que diz respeito à atuação do Comissariado de Vigilância da Infância e da Juventude), não tem por objetivo "flagrar" crianças e adolescentes em "*bailes, boates ou congêneres*...", na perspectiva de sua

"repressão", mas *sim* o de *constatar a possível violação de direitos de crianças e adolescente pelos proprietários de tais estabelecimentos e seus prepostos* (e é contra *estes* - proprietários e prepostos - que deve recair a atuação repressiva Estatal). A atuação do Conselho Tutelar (e dos demais integrantes do "Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente") deve ser sempre direcionada "*em favor*" da criança/adolescente, pois afinal, a interpretação e aplicação de todo e qualquer dispositivo contido na Lei nº 8.069/1990 deve ocorrer invariavelmente no sentido de sua *proteção integral*, tal qual preconizado pelos arts. 1º e 6º, do ECA. Assim sendo, se houver mera *suspeita* de que determinado estabelecimento (como uma boate), está sendo responsável pela violação dos direitos de crianças e adolescentes (o que pode ocorrer com a simples permissão de seu acesso ao local, em desacordo com uma Portaria Judicial regulamentadora, por exemplo), cabe ao Conselho Tutelar, assim como ao Ministério Público, ao Poder Judiciário, e aos demais integrantes do referido "Sistema de Garantias" (e em última análise, a *todos*, dado disposto no art. 70, do ECA, que abre o capítulo relativo à *prevenção*, onde também estão inseridas as disposições relativas ao acesso de crianças e adolescentes aos locais de diversão), agir no sentido da *repressão* dos responsáveis pela violação, que devem ser punidos na forma da lei (cf. art. 5º, do ECA), devendo ser *colhidas as provas necessárias* (notadamente os nomes, idades e endereços das crianças/adolescentes, nomes e endereços de seus pais ou responsável e de testemunhas do ocorrido, dentre outras), e deflagrado, por iniciativa do próprio Conselho Tutelar, o procedimento judicial para apuração da *infração administrativa* prevista no art. 258, do ECA (sem prejuízo de eventual iniciativa do Ministério Público no sentido da apuração de outras infrações). Importante não perder de vista que o Conselho Tutelar foi concebido na perspectiva de "desjudicializar" (e agilizar) o atendimento de crianças e adolescentes em condições de vulnerabilidade social e suas respectivas famílias, razão pela qual os casos que se enquadram em suas atribuições devem ser atendidos - e *resolvidos* - pelo próprio órgão, que possui o *status* de *autoridade pública* e é, inclusive, dotado da prerrogativa de *requisitar serviços públicos* em diversas áreas (cf. art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA). Evidente que, para que a referida *solução* do problema (objetivo da intervenção do Conselho Tutelar - e dos demais integrantes do "Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente") seja alcançada, o Conselho Tutelar deverá buscar a intervenção de outros órgãos e servidores públicos, junto aos mais diversos setores da administração, ou melhor dizendo: deverá buscar auxílio junto à "rede municipal de proteção à criança e ao adolescente" que todo município tem o *dever* de instituir, *encaminhando* a criança, adolescente e sua família aos *programas* e *serviços* adequados às suas *necessidades pedagógicas* específicas (cf. art. 136, incisos I e II c/c arts. 87, 90, incisos I a IV, 100, *caput*, 101, incisos I a VII e 129, incisos I a VII, todos do ECA). Cabe ao Poder Público local *adequar* os serviços públicos e programas existentes (assim como *criar* novas estruturas, caso necessário) ao atendimento *especializado* e *prioritário* a crianças e adolescentes (cf. arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" c/c 259, par. único, do ECA) e promover a articulação da mencionada "rede de proteção à criança e ao adolescente" de modo que, sempre que surgir determinado caso que demande a aplicação das medidas previstas nos arts. 101, incisos I a VII e 129, incisos I a VII, todos do ECA (ou seja, que possa ser *rapidamente resolvido* sem a necessidade de intervenção da autoridade judiciária), o atendimento pelos órgãos, serviços e programas municipais seja efetuado *espontaneamente*, não sendo necessário, a rigor, *sequer a intervenção do Conselho Tutelar*, que ocorrerá apenas quando, por qualquer razão, tal atendimento *espontâneo* não tiver sido realizado ou não tiver surtido o efeito desejado. Em tal hipótese, se tiver de atuar, o Conselho Tutelar não deve partir desde logo para "requisição" do serviço (cf. art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA), mas sim deve promover o *encaminhamento* do caso ao órgão ou setor da administração competente (ou a

mais de um, conforme a situação). Apenas caso não seja atendido é que o Conselho Tutelar deverá usar de seu *poder de requisição*, que não pode ser banalizado e nem negligenciado pelo destinatário da *ordem correspondente*, que não pode pura e simplesmente "ignorá-la", mas sim, caso com ela não concorde, deverá *provocar o Poder Judiciário no sentido de sua revisão*, tal qual previsto no art. 137, do ECA (vide comentários).

614 Vide arts. 3º, 15, 16, inciso II, 17, 100, *caput* e par. único e 136, inciso II c/c 129, incisos I a VII, do ECA. Jamais podemos perder de vista a condição de crianças e adolescentes como *sujeitos de direitos*, e não meros objetos de intervenção estatal. Assim sendo, antes de aplicar qualquer medida de proteção deve o Conselho Tutelar ouvir e considerar a opinião da criança ou adolescente que será atingida pela medida (desde que, é claro, ela tenha condições de exprimir sua vontade), observando ainda os demais *princípios* relacionados pelo art. 100, *caput* e par. único, do ECA e nos comentários ali efetuados. Importante também mencionar que, embora o Conselho Tutelar tenha a atribuição de encaminhar crianças e adolescentes em situação de risco para entidades de acolhimento institucional, tal medida não pode ser aplicada de forma indiscriminada e/ou sem maiores cautelas ou formalidades. Caso, em situações extremas (a regra absoluta será o atendimento da criança/adolescente no seio de sua família), constate a necessidade do afastamento da criança/adolescente do convívio familiar, o Conselho Tutelar deverá encaminhar o caso à apreciação da autoridade judiciária (art. 136, inciso V, do ECA), ou Ministério Público (arts. 136, incisos IV, XI e par. único, do ECA), para fins de propositura da competente ação de suspensão ou destituição do poder familiar, destituição de tutela ou guarda (verificando-se sempre da possibilidade de a autoridade judiciária determinar, como providência cautelar, o afastamento apenas do agressor da moradia comum, conforme disposto no art. 130, do ECA). Isto ocorre porque tais medidas, diante de sua gravidade e implicações, somente poderão ser aplicadas dentro de um *procedimento judicial contencioso* (cf. art. 101, §2º, do ECA), em que se garanta aos pais ou responsável os direitos fundamentais ao contraditório e à ampla defesa, sendo o acolhimento institucional (sempre em caráter temporário) uma das possíveis consequências. O Conselho Tutelar somente poderá encaminhar a programas de acolhimento institucional crianças e adolescentes que *já não se encontrem em companhia de seus pais ou responsável* (crianças ou adolescentes que se encontrem perdidos, que vivam na rua etc.), ou que se encontrem em *situação de flagrante de vitimização*, devendo em qualquer caso comunicar o fato *incontinenti* à autoridade judiciária (para que sejam tomadas as medidas judiciais acima referidas, sem as quais o acolhimento institucional não poderá subsistir) e zelar para que sejam respeitados os princípios que devem nortear a execução da medida de acolhimento institucional, *ex vi* do disposto nos arts. 92, 101, inciso VII e parágrafos, do ECA. É preciso ter também em mente que o Conselho Tutelar não foi criado para promover o afastamento de crianças e adolescentes de suas famílias, mas sim para zelar pela garantia de *todos* os direitos infanto-juvenis (cf. art. 131, do ECA), dentre os quais se inclui o *direito à convivência familiar*, devendo sua intervenção ser voltada ao *fortalecimento dos vínculos familiares e à orientação dos pais ou responsáveis legais*, de modo que estes assumam suas responsabilidade em relação a seus filhos e pupilos (cf. arts. 100, *caput* e par. único, inciso IX, c/c 136, inciso II, do ECA). Ademais, *o acolhimento institucional não representa uma "solução" para os problemas* enfrentados pela criança ou adolescente (pois sua aplicação por si só já acarreta a violação do direito à convivência familiar), devendo invariavelmente ser acompanhado da aplicação de medidas outras, que visem o restabelecimento do convívio familiar (que podem ser aplicadas diretamente pelo próprio Conselho Tutelar) ou sua colocação em família substituta (de competência exclusiva da autoridade judiciária), como o art. 101, §§4º e 6º a 9º, do ECA evidenciam. Sobre o

atendimento de crianças acusadas da prática de ato infracional, vide comentários ao art. 105, do ECA.

615 Vide art. 226, *caput* e §8º, da CF e arts. 100, *caput* e par. único (especialmente incisos IX, X e XI) e 136, inciso I c/c 101, incisos I a VI, do ECA. A aplicação de medidas aos pais ou responsável - tendo sempre como *princípio* o *fortalecimento dos vínculos familiares* e a *proteção à família* - deve ser *concomitante* à aplicação de medidas de proteção à criança e ao adolescente, valendo repetir que, caso em situações extremas seja necessário o afastamento, ainda que temporário, da criança ou adolescente do convívio familiar, caberá ao Conselho Tutelar o acionamento do Ministério Público ou autoridade judiciária (cf. art. 136, inciso XI e par. único, do ECA), a quem compete, com exclusividade, a aplicação de medidas que importem em destituição de guarda ou tutela, suspensão ou destituição do poder familiar (cf. art. 129, incisos VIII, IX e X, do ECA).

616 Trata-se de uma atribuição/prerrogativa *sui generis*, que reforça a idéia básica da criação do Conselho Tutelar que foi a de *evitar*, o quanto possível, o acionamento do Poder Judiciário para aplicação de medidas de proteção a crianças, adolescentes e famílias. O legislador conferiu ao Conselho Tutelar o poder/dever de, por seus próprios meios, buscar a efetivação de suas decisões, podendo para tanto *requisitar* serviços públicos diversos, quando inexistente a estrutura (serviço público ou programa) de atendimento à qual se pudesse *encaminhar* o caso, ou quando por qualquer razão, deixasse de prestar o atendimento devido. As decisões tomadas pelo Conselho Tutelar têm *caráter coercitivo* e *obrigam seus destinatários*, sejam pessoas físicas ou jurídicas, incluindo órgãos do próprio Poder Público. Vale dizer que as decisões do Conselho Tutelar têm *eficácia imediata*, independentemente de sua "ratificação" pela autoridade judiciária ou por qualquer outro órgão, sendo *obrigatório* seu *pronto cumprimento*, por parte de seu destinatário (particular ou órgão do Poder Público), a partir do seu conhecimento. Caso discorde do teor da decisão tomada pelo Conselho Tutelar, a *única alternativa* que resta ao seu destinatário, por força do disposto no art. 137, do ECA, é o ajuizamento de pedido de sua *revisão judicial*, sem prejuízo do *imediato cumprimento* da *determinação* ou *requisição*, enquanto sua execução não for suspensa ou revogada por decisão judicial. O descumprimento das decisões tomadas pelo Conselho Tutelar caracteriza, em tese, a *infração administrativa* prevista no art. 249, do ECA, e o descumprimento das *requisições de serviço*, efetuadas com fundamento no art. 136, inciso III, alínea "a", do mesmo Diploma Legal (que têm a natureza jurídica de *ordem - presumivelmente legal - de funcionário público*), configura, também em tese, o *crime de desobediência*, tipificado no art. 330, do CP, sem prejuízo da aplicação de outras sanções civis, administrativas e mesmo criminais, como decorrência da violação dos direitos infanto-juvenis que a intervenção do Conselho Tutelar visava resguardar (cf. arts. 5º, 208 e 216, do ECA).

617 O termo *requisitar* transmite claramente a idéia de que se trata de uma *ordem* emanada da *autoridade pública* que o Conselho Tutelar constitui, assim considerado enquanto *colegiado*. A *requisição* deve ser dirigida ao órgão público competente para atendimento da *ordem* respectiva, bem como endereçada à *chefia* deste (na pessoa do Secretário ou Chefe de Departamento), que em caso de descumprimento injustificado poderá ser *responsabilizado* tanto pela prática da *infração administrativa* prevista no art. 249, do ECA, quanto pela prática do *crime de desobediência*, previsto no art. 330, do CP. Assim sendo, por exemplo, no caso da *requisição de vaga em estabelecimento oficial de ensino*, a *requisição* deve ser resultante de uma *deliberação* do *colegiado* que constitui o Conselho Tutelar, sendo encaminhada, por intermédio de *documento oficial* ao *Secretário ou Chefe de Departamento de Educação* (e não à direção de uma determinada escola), com seu regular *protocolo* na Secretaria ou Departamento respectivo. Quando da *requisição* de um determinado serviço, deve constar o *prazo* (razoável) para seu cumprimento, após o que, em tese, restará caracterizada a

infração administrativa e/ou o *crime* acima referidos. Caso entenda indevida a requisição do Conselho Tutelar, cabe a seu destinatário requerer à autoridade judiciária a revisão da decisão respectiva, *ex vi* do disposto no art. 137, do ECA (sendo que enquanto não suspensa por determinação judicial, a requisição de serviço efetuada pelo Conselho Tutelar tem *eficácia imediata* e deve ser cumprida pelo destinatário com a mais *absoluta prioridade*, sob pena de *responsabilidade*). Vale observar, no entanto, que o instrumento da *requisição* de serviços somente deve ser utilizado em *último caso*, posto que os referidos serviços públicos devem estar estruturados e adequados ao atendimento *prioritário* e *preferencial à população infanto-juvenil local* (cf. arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" c/c arts. 87, 88 e 259, par. único, todos do ECA), razão pela qual os órgãos responsáveis devem prestá-lo *espontaneamente*, sem que para tanto sequer haja necessidade de encaminhamento do caso pelo Conselho Tutelar. Devem também estar *articulados* (cf. art. 86, do ECA) de tal forma que os *encaminhamentos* efetuados pelo Conselho Tutelar (independentemente de uma "requisição" formal) sejam atendidos *de imediato*, independentemente de uma *requisição formal* pois, como dito, na forma da Lei (e do art. 227, *caput*, da Constituição Federal), o atendimento deve ser *espontâneo* e *prioritário*. Uma *requisição de serviço* efetuada pelo Conselho Tutelar é mais do que um simples *encaminhamento*, pois se constitui numa *ordem* emanada, como visto acima, por uma *autoridade pública* que tem atribuições específicas na defesa dos direitos da criança e do adolescente, cuja violação, por força do disposto nos arts. 5º, 208 e 216, do ECA e 330, do CP, é passível de *sanções* nas esferas cível, administrativa e mesmo *criminal* (razão pela qual não pode ser "banalizada", até para que quando for efetivamente necessária sua utilização, a mesma seja prontamente cumprida, vez que, como visto acima, possui caráter *coercitivo*).

618 Vide arts. 4º, par. único, alínea "c" c/c 87, incisos I e II, 88, inciso III, 90, 101, 129, 136, inciso IX e 259, par. único, todos do ECA.

619 O dispositivo, em conjunto com o art. 194, *caput*, do ECA, confere uma "capacidade postulatória" *sui generis* ao Conselho Tutelar, que mesmo sendo composto por leigos e independentemente da presença de advogado, possui legitimidade para deflagrar o procedimento para apuração de infração administrativa às normas de proteção à criança e ao adolescente, neste caso específico, para fins de apuração da infração prevista no art. 249, do ECA.

620 Vide art. 194, *caput*, do ECA. O Conselho Tutelar, tal qual o Ministério Público, é legitimado para deflagrar, via *representação* endereçada diretamente pelo órgão ao Juiz da Infância e da Juventude, procedimento para apuração de infração administrativa, pelo que a rigor não necessita acionar o Ministério Público para tal finalidade.

621 Vide art. 227 do ECA; art. 66, inciso I, do Dec. Lei nº 3.688/1941 (LCP) e art. 319, do CP. O dispositivo é válido não apenas para os crimes definidos no ECA (arts. 228 a 244-B), mas também a toda e qualquer infração praticada contra criança ou adolescente. Em sendo a comunicação de tal crime verdadeiro *dever de ofício do Conselho Tutelar*, a omissão em assim proceder caracteriza, em tese, a prática das *infrações penais,* acima mencionadas.

622 A idéia básica da criação do Conselho Tutelar é a "*desjudicialização*" do atendimento prestado à criança e ao adolescente (bem como as suas famílias), pelo que o Conselho Tutelar *não necessita* do "aval" da autoridade judiciária para agir e/ou fazer valer suas decisões (tanto que, na forma do art. 136, inciso III, do ECA, pode inclusive promover diretamente a execução destas). Existem situações de ameaça ou violação de direitos infanto-juvenis, no entanto, que escapam do âmbito de atribuições do Conselho Tutelar que, por exemplo, não pode aplicar as medidas previstas no art. 101, incisos VIII e IX, nem no art. 129, incisos VIII, IX e X, todos do ECA. Nestes e em outros casos, deve o Conselho Tutelar acionar a autoridade judiciária, zelando para que a causa receba o

tratamento *prioritário* que lhe é devido (cf. arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" e 152, par. único, do ECA).

623 Importante deixar claro que não é o próprio Conselho Tutelar que irá executar a(s) medida(s) aplicada(s) pela autoridade judiciária, até porque o órgão *não é* a esta *subordinado* e também *não é*, ele próprio, um "*programa de atendimento*". Caberá ao Conselho apenas providenciar o *encaminhamento* do adolescente *ao(s) programa(s) correspondente(s),* podendo para tanto (caso o atendimento não ocorra de forma espontânea e imediata), usando de seu poder-dever que lhe confere o art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA, *requisitar* o(s) serviço(s) público(s) respectivo(s).

624 A presente atribuição é análoga àquela prevista no art. 201, inciso VI, alínea "a", primeira parte, do ECA, ou seja, faculta a *convocação* de pessoas para comparecerem ao órgão para serem ouvidas e prestarem os esclarecimentos que se fizerem necessários. "*Notificação*", aliás, é um termo genérico, do qual a "*intimação*" (de uma testemunha para ser ouvida pela autoridade judiciária, no âmbito de um processo - vide arts. 234 e seguintes, do CPC, por exemplo), é uma espécie. Assim sendo, a prerrogativa de o Conselho Tutelar expedir notificações, significa que o órgão, independentemente do acionamento do Ministério Público e/ou Poder Judiciário (e lembrando, aliás, que a "idéia básica" da criação do Conselho Tutelar foi justamente a de *evitar* que o caso tivesse de ser àqueles encaminhando, sendo a situação de ameaça ou violação de direitos infanto-juvenis resolvida *diretamente* por este, da forma mais célere e menos burocrática possível), pode *convocar* pessoas a comparecerem ao órgão para prestarem declarações e esclarecimentos. Vale mencionar, a propósito, que a conjugação do art. 136, inciso VI, do ECA com o art. 136, inciso III, alínea "a", do mesmo Diploma Legal, nos permite concluir, sem medo de errar, que em determinadas situações (extremas e excepcionais, é preciso registrar, sendo conveniente que as hipóteses em que isto tenha de ocorrer sejam definidas através de um entendimento com os órgãos policiais, consoante mencionado no item anterior), pode-se mesmo *requisitar* o concurso das polícias civil e/ou militar para a realização de tais diligências (a exemplo do que também pode fazer o Ministério Público, conforme art. 201, inciso XII, do ECA).

625 A presente atribuição diz respeito unicamente à expedição, pelo cartório respectivo, da "segunda-via" das mencionadas certidões, e não a lavratura do registro, cuja determinação é de competência exclusiva da autoridade judiciária (que, caso o registro original não tenha sido lavrado, deverá ser neste sentido acionada, *ex vi* do disposto no art. 136, inciso V, do ECA). Num e noutro caso, as certidões deverão ser fornecidas de forma *gratuita* e *prioritária*. Vide também arts. 4º, par. único, alínea "b" e 102, do ECA e arts. 29, incisos I e III, 50 a 55 e 77 a 88, da Lei nº 6.015/1973 (LRP).

626 Vide arts. 4º, *caput* e par. único, alíneas "c" e "d", 87, 88, incisos I, II e III, 90, 101, 112, 129 e 259, par. único, todos do ECA. É talvez a *mais importante das atribuições* do Conselho Tutelar, posto que voltada à *prevenção* e à solução dos problemas no plano *coletivo*, através da *imprescindível estruturação do município*, no sentido da elaboração e implementação de *políticas públicas* que *priorizem* a população infanto-juvenil. Para tanto, deve-se buscar a *adequação dos serviços públicos* e a criação de *planos e programas de atendimento* voltado a crianças, adolescentes e suas famílias, que obviamente deve *começar* com a *previsão*, *no orçamento público*, dos recursos necessários. Cabe ao Conselho Tutelar, que talvez melhor do que qualquer outro órgão, tem exata noção da realidade local e das maiores demandas e deficiências existentes, buscar a *progressiva estruturação do município* no sentido da *proteção integral* de suas crianças e adolescentes. A participação direta do Conselho Tutelar na apresentação e no debate acerca dos problemas estruturais do município e na definição de estratégias e políticas públicas para sua solução se constitui numa

de suas atribuições naturais, decorrente do disposto no art. 131, do ECA (vide comentários), devendo ser uma constante, pelo que deve o órgão buscar - e ser a ele assegurado - um *espaço permanente de interlocução* com o Executivo e com o CMDCA local, garantindo-se-lhe *direito a voz* quando das reuniões deste. Caso sejam causados embaraços ao exercício desta atribuição (assim como às demais), restará, em tese, caracterizado o *crime* previsto no art. 236, do ECA, sem prejuízo da prática de *ato de improbidade administrativa*, nos moldes do art. 11, da Lei nº 8.429/1992. Neste sentido: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. SENTENÇA. INTIMAÇÃO NA PESSOA DO PROCURADOR-GERAL E DO PREFEITO MUNICIPAL. NULIDADE NÃO CONFIGURADA. I. O Município sustenta a nulidade da sentença que, em autos de ação civil pública, o condenou, por meio do Sr. Prefeito, a conceder um prazo razoável para que o Conselho Tutelar possa assessorar o Chefe do Poder Executivo na elaboração de proposta orçamentária anual. II. A intimação da sentença ao Procurador-Geral do Município e a intimação pessoal ao Prefeito Municipal atendem ao disposto no artigo 236, §1º, do CPC, sendo desnecessário, como pretende o recorrente, que da intimação conste indicação expressa do nome do Procurador do Município. III. Recurso improvido.* (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 1072545/RJ. Rel. Min. Francisco Falcão. J. em 06/11/2008).

627 O art. 220, §3º, inciso II, da CF dispõe que compete à Lei Federal "estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como de propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente" (verbis). A referência ao art. 221, da CF, diz respeito, notadamente ao seu inciso IV, que busca, através das emissoras de rádio e televisão, preservar o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. A violação a esta regra autoriza o oferecimento de representação pelo Conselho Tutelar (dispositivo em questão) ou de ação civil pública pelo Ministério Público (art. 201, inciso V, in fine, do ECA). Vide Lei nº 10.359/2001 que dispõe sobre a obrigatoriedade dos novos aparelhos de televisão incorporarem dispositivos que possibilitem o bloqueio temporário da recepção de programação inadequada e Portaria nº 796/2000, do Ministério da Justiça, que dispõe sobre a classificação indicativa etária e horária para as diversões e apresentações de espetáculos públicos e programas de televisão. Sobre a matéria, vide também o disposto no art. 17, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989.

628 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 22, 101, §2º, 129, inciso X, 155 a 163 e 201, inciso III, do ECA e arts. 1637 e 1638, do CC. Providência a ser adotada apenas em situações extremas, depois de esgotadas as tentativas de orientação, apoio e "resgate" sociofamiliar, que deve ser a *preocupação primeira* do Conselho Tutelar, em nome da preservação do direito à convivência familiar do qual a criança/adolescente é titular e, em respeito ao direito à proteção especial do qual cada um dos integrantes da família é titular (cf. art. 226 e §8º, da CF).

629 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 101, §2º, 130 e 220, do ECA. Não é dado ao Conselho Tutelar, por mera decisão administrativa, promover o afastamento de criança ou adolescente de sua família (ressalvada a existência de *flagrante de vitimização*, nos moldes do previsto nos arts. 101, §2º, primeira parte e 130, do ECA, sem prejuízo, mesmo em tal caso, da imediata comunicação do fato à autoridade judiciária). Apenas por meio de *decisão judicial*, proferida em *procedimento contencioso*, é que tal afastamento pode ser determinado, cabendo ao Conselho Tutelar, quando se deparar com alguma situação excepcional que, no entender do órgão, justifique a medida, provocar o Ministério Público no sentido do ajuizamento da demanda respectiva, fornecendo-lhe os elementos de convicção necessários, bem como um relatório pormenorizado acerca das medidas tomadas no sentido de *evitar* tal medida extrema e excepcional (cf. art. 19, *caput* e §3º e 101, §1º, do ECA). O objetivo

da norma é, enfim, dificultar a aplicação da medida de acolhimento institucional pelo Conselho Tutelar, que inclusive por força do disposto no art. 100, par. único, incisos IX e X, do ECA, deve atuar *prioritariamente* no sentido da proteção da criança/adolescente *no seio de sua família* (que, se necessário, deverá também receber as medidas de orientação, apoio e promoção social previstas no art. 129, do ECA).

Art. 137. As decisões do Conselho Tutelar somente poderão ser revistas pela autoridade judiciária a pedido de quem tenha legítimo interesse **[630]**.

630 Vide art. 5º, inciso XXXV, da CF e art. 153, *caput*, do ECA. As decisões do Conselho Tutelar, desde que proferidas de forma *colegiada* e *no âmbito de suas atribuições*, têm *eficácia imediata*, independentemente de "ratificação" ou "referendo" pela autoridade judiciária. Na verdade, é o destinatário da decisão, e da eventual *determinação* nela contida (verdadeira *ordem legal* emitida por *autoridade pública*), seja o particular ou o próprio Poder Público que, se com ela não concordar, *terá de recorrer ao Poder Judiciário* para *pedir sua revisão*, sob pena da prática da *infração administrativa* prevista no art. 249, do ECA e mesmo do *crime* de *desobediência*, tipificado no art. 330, do CP. Importante ressaltar que a possibilidade de revisão judicial da decisão tomada pelo Conselho Tutelar não importa na "diminuição" da importância e/ou dos poderes-deveres a estes conferidos, muito menos traduz a existência de alguma "relação de subordinação" entre o órgão e a autoridade judiciária (até porque esta *não pode agir de ofício*, sem ser provocada), mas sim resulta naturalmente do *princípio constitucional* da *inafastabilidade da jurisdição*, que é da essência de um Estado Democrático de Direito. O pedido de revisão da decisão do Conselho Tutelar deve resultar na instauração de um *procedimento específico*, nos moldes do previsto no art. 153, *caput*, do ECA, com a *obrigatória intervenção do Ministério Público*. Uma vez instruído o procedimento, a autoridade judiciária poderá, a seu término, substituir a medida aplicada pelo CT, por outra, que se mostre mais adequada (cf. art. 99, do ECA). Enquanto não for revista pela autoridade judiciária, a decisão do Conselho Tutelar tem *eficácia plena* e deve ser *imediatamente cumprida* por seu destinatário, sob pena, como mencionado, da prática da *infração administrativa* do art. 249, do ECA e mesmo do *crime de desobediência* tipificado no art. 330, do CP.

CAPÍTULO III - DA COMPETÊNCIA

Art. 138. Aplica-se ao Conselho Tutelar a regra de competência constante do art. 147.

CAPÍTULO IV - DA ESCOLHA DOS CONSELHEIROS

Art. 139. O processo para a escolha dos membros do Conselho Tutelar será estabelecido em Lei Municipal e realizado sob a responsabilidade do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e a fiscalização do Ministério Público **[631]**.

§ 1º. O processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar ocorrerá em data unificada em todo o território nacional a cada 4 (quatro) anos, no primeiro domingo do mês de outubro do ano subsequente ao da eleição presidencial **[632]**.

§ 2º. A posse dos conselheiros tutelares ocorrerá no dia 10 de janeiro do ano subsequente ao processo de escolha **[633]**.

§ 3º. No processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar, é vedado ao candidato doar, oferecer, prometer ou entregar ao eleitor bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza, inclusive brindes de pequeno valor **[634]**.

631 Nova redação conforme Lei nº 8.242/1991, de 12/10/1991. Vide art. 30, inciso I, da CF. Semelhante vinculação entre o Conselho Tutelar e o CMDCA não existia na redação original do Estatuto, que estabelecia ser a condução do processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar sob a responsabilidade do Juiz Eleitoral. Importante destacar que esta atribuição "anômala" do Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (que tem como função primordial, na forma da Constituição Federal e Lei nº 8.069/1990 a *formulação* e o *controle na execução* de *políticas públicas* para a infância e a juventude), não gera qualquer "relação de subordinação" entre este e o Conselho Tutelar, que são autônomos e independentes entre si, assim como em relação aos demais integrantes do "*Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente*". É necessário que o processo de escolha seja regulamentado por Lei Municipal, que deverá definir como se dará a escolha (invariavelmente através do voto direto, secreto e facultativo de todos os eleitores do município), prever regras para a inscrição dos candidatos, campanha eleitoral (bem como as sanções - administrativas - para o caso de seu descumprimento - como a cassação do registro da candidatura, por exemplo - inclusive em função do disposto no §3º deste dispositivo) etc. O fato de o CMDCA ter a atribuição de *conduzir* o processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar, logicamente, não significa esteja aquele órgão autorizado a escolher, *sponte propria*, os integrantes deste, pois isto, na forma do disposto nos arts. 131 e 132, do ECA, *é prerrogativa da comunidade* local. Neste sentido: *MANDADO DE SEGURANCA. ORDEM CONCEDIDA. (...). ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. CONSELHO TUTELAR. ESCOLHA PELA COMUNIDADE LOCAL, E NÃO PELO CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANCA E DO ADOLESCENTE, CUJA ATRIBUIÇÃO LIMITA-SE À ORGANIZAÇÃO DO RESPECTIVO PROCESSO. CONSOANTE DISPOE EXPRESSAMENTE O ESTATUTO DA CRIANCA E DO ADOLESCENTE, COMPETE A COMUNIDADE LOCAL ESCOLHER OS MEMBROS DO CONSELHO TUTELAR, (ARTIGO 132), E NÃO AO CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, CUJA ATRIBUIÇÃO, NESSE ASPECTO, LIMITA-SE À ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO DE ESCOLHA (ARTIGO 139). SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA AGRAVO DE INSTRUMENTO Nº 96.992/PR.* (TJPR. 1ª C. Cív. Reex. Necess. nº 25750100. Rel. Tadeu Costa. J. em 21/02/1995). A previsão da realização de "eleições unificadas" para o Conselho Tutelar em todo o território nacional (vide §§1º e 2º deste dispositivo), por certo irá demandar a colaboração da Justiça Eleitoral, o que exigirá regulamentação específica, que viabilize a cessão de urnas eletrônicas e tudo o mais que se fizer necessário para que as eleições ocorram de maneira regular.

632 Parágrafo acrescido pela Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012. Vide Resolução nº 152/2012, do CONANDA, de 09 de agosto de 2012 (que estabelece diretrizes para transição ao primeiro processo de escolha unificado aos membros do Conselho Tutelar). **Uma importante inovação introduzida pela Lei nº 12.696/2012 foi a previsão das "eleições unificadas" para os membros do Conselho Tutelar em todo o Brasil. De acordo com a nova sistemática, as "eleições unificadas" ocorrerão** no primeiro domingo do mês de outubro do

ano subsequente ao da eleição presidencial (cf. §2º deste mesmo dispositivo). A Lei nº 12.696/2012, no entanto, pecou por não prever de maneira expressa uma regra de transição entre o modelo atual (no qual o mandato é de 03 anos e as eleições são realizadas em datas diversas, de acordo com o que dispuser a lei municipal local), e o modelo que ela própria introduziu (por uma incrível falha na "técnica legislativa", ao invés de estabelecer, ela própria, as regras de transição, a Lei nº 12.696/2012 "concedeu" ao Poder Executivo o prazo de 90 dias para elaboração de novo projeto de lei que as definisse, disposição que acabou vetada pela Presidência da República), gerando assim insegurança jurídica. Por intermédio da Resolução nº 152/2012, o CONANDA procurou sanar a referida falha (com a previsão, inclusive, da realização das "eleições unificadas" em 2015), mas a edição de uma Lei Federal ou Medida Provisória que defina claramente tais regras de transição ainda se faz necessária. De qualquer modo, será necessário adequar os mandatos dos Conselheiros Tutelares eleitos a partir de 25/07/2012, de modo que seu término coincida com a data prevista para a posse dos Conselheiros Tutelares eleitos das "eleições unificadas" (10 de janeiro de 2016). A realização de uma "eleição unificada" para o Conselho Tutelar em todo o Brasil é uma medida salutar, pois irá colocar o Conselho Tutelar (e o atendimento a crianças e adolescentes de um modo geral) em evidência no cenário nacional. Se bem conduzido, o processo de escolha (que continua sob a responsabilidade dos Conselhos Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente) servirá para debater os problemas e falhas existentes na estrutura de atendimento à criança e ao adolescente nos diversos municípios brasileiros, além de destacar o "caráter institucional" e a importância do Conselho Tutelar dentro da sistemática idealizada pelo ECA para a defesa, promoção e efetivação dos direitos infanto-juvenis, fortalecendo a instituição e trazendo enormes benefícios para população infanto-juvenil local. Será, ainda, um momento ímpar para "*mobilização da opinião pública para indispensável participação dos diversos segmentos da sociedade*", tal qual previsto pelo art. 88, inciso VII, do ECA como uma das *diretrizes* da política de atendimento à criança e ao adolescente por este idealizada. Sendo a "atribuição primeira" do Conselho Tutelar a defesa e promoção dos direitos infanto-juvenis, esta será a "plataforma eleitoral" dos candidatos e o tema central das eleições unificadas, passe a debater o tema, o que também é salutar.

633 Parágrafo acrescido pela Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012. Como acima referido, a ideia é fazer com que os mandatos dos membros do Conselho Tutelar em todo o Brasil ocorra em data única, o que irá também facilitar a oferta de cursos de "formação continuada", nos moldes do previsto no art. 134, par. único, do ECA (vide comentários).

634 Parágrafo acrescido pela Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012. O dispositivo visa sanar uma lacuna decorrente da impossibilidade de aplicação, no processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar, das disposições contidas na Lei Eleitoral em relação às "eleições gerais" (que, contrariamente ao que ocorre aqui, estão vinculadas à política partidária). Pecou, no entanto, por não estabelecer de maneira clara qualquer sanção, assim como prever outras condutas abusivas que usualmente são verificadas em tais pleitos, como o transporte de eleitores e a "boca de urna". Será necessário, portanto, que a Lei Municipal relativa ao Conselho Tutelar complemente o dispositivo, com a previsão de outras condutas vedadas aos candidatos, bem como as sanções administrativas respectivas (como não há possibilidade de aplicação das disposições da Lei Eleitoral e o município não tem competência legislativa em matéria penal, somente será possível a previsão de cassação de registro de candidatura - ou do mandato - e multas).

CAPÍTULO V - DOS IMPEDIMENTOS

Art. 140. São impedidos de servir no mesmo Conselho [635] marido e mulher, ascendentes e descendentes, sogro e genro ou nora, irmãos, cunhados, durante o cunhadio, tio e sobrinho, padrasto ou madrasta e enteado.

Parágrafo único. Estende-se o impedimento do conselheiro, na forma deste artigo, em relação à autoridade judiciária e ao representante do Ministério Público com atuação na Justiça da Infância e da Juventude, em exercício na Comarca, Foro Regional ou Distrital.

635 Nada impede, entretanto, que as pessoas aqui relacionadas sejam *candidatas* no mesmo pleito (até porque nada garante que serão todas eleitas). O que não poderão é, caso obtenham votos suficientes, *servir* (atuar de maneira efetiva) no mesmo Conselho Tutelar. Em tal caso, deverá tomar posse o mais votado, ficando os demais, pela ordem de votação, como seus *suplentes*.

TÍTULO VI - DO ACESSO À JUSTIÇA

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 141. É garantido o acesso de toda criança ou adolescente à Defensoria Pública [636], ao Ministério Público [637] e ao Poder Judiciário, por qualquer de seus órgãos.

§ 1º. A assistência judiciária gratuita será prestada aos que dela necessitarem, através de defensor público ou advogado nomeado [638].

§ 2º. As ações judiciais da competência da justiça da Infância e da Juventude são isentas de custas e emolumentos [639], ressalvada a hipótese de litigância de má fé [640].

636 Vide art. 134, da CF e art. 206, do ECA.

637 Vide art. 201, do ECA, notadamente seus incisos III, V e, acima de tudo, VIII, do ECA.

638 Vide arts. 5º, inciso LXXIV e 134, da CF; arts.111, inciso III, 159, 206 e 207, do ECA, bem como disposições gerais contidas na Lei nº 1.060/1950 (Lei da Assistência Judiciária).

639 Vide art. 198, inciso I, do ECA. Vale observar que o STJ reconheceu que a isenção de custas e emolumentos visa beneficiar apenas crianças e adolescentes, na qualidade de autores ou requeridos, não sendo extensível aos demais sujeitos processuais que eventualmente figurem no feito: *PROCESSUAL CIVIL. ADMINISTRATIVO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (LEI Nº 8.069/90). INFRAÇÃO. APELAÇÃO DESERTA. ISENÇÃO DE CUSTAS E EMOLUMENTOS. PESSOA JURÍDICA DE DIREITO PRIVADO. IMPOSSIBILIDADE. ARTIGO 198, I, DO ESTATUTO. REGRA DIRIGIDA A CRIANÇAS E ADOLESCENTES. DIVERGÊNCIA INDEMONSTRADA. 1. A isenção de custas e emolumentos, prevista na Lei 8.069//90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), deferida às crianças e adolescentes, na qualidade de autoras ou rés, nas demandas ajuizadas perante a Justiça da Infância e Juventude, não é extensível*

aos demais sujeitos processuais, que, eventualmente figurem no feito. Precedentes do STJ: R.Esp. 1040944/RJ, PRIMEIRA TURMA, DJ de 15/05/2008; Ag.Rg. no Ag. 955.493/RJ, PRIMEIRA TURMA, DJ de 05/06/2008; R.Esp. 995.038/RJ, SEGUNDA TURMA, DJ de 22/04/2008; e R.Esp. 701969/ES, SEGUNDA TURMA, DJ 22/03/2006. 2. In casu, trata-se de procedimento iniciado perante o Juízo da Vara de Família, da Infância, da Juventude e do Idoso da Comarca de Cabo Frio, em razão da lavratura de autos de infração, por Comissário do Juizado de Menores da Comarca de Cabo Frio-RJ, em face de empresa de entretenimento, com fulcro no art. 258, da Lei 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente, os quais foram julgados procedentes pelo Juízo singular, para aplicar multa de 20 (vinte) salários mínimos, em cada um dos referidos autos, consoante sentença de fls. 21/23. 3. A admissão do Recurso Especial pela alínea "c" exige a comprovação do dissídio na forma prevista pelo RISTJ, com a demonstração das circunstâncias que assemelham os casos confrontados, não bastando, para tanto, a simples transcrição das ementas dos paradigmas. Precedente desta Corte: Ag.Rg. no EREsp. 554.402/RS, CORTE ESPECIAL, DJ 01/08/2006. 4. Recurso Especial parcialmente conhecido e, nesta parte, desprovido. (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 983250/RJ. Rel. Min. Luiz Fux. J. em 19/03/2009).

640 Vide art. 17, do CPC.

Art. 142. Os menores de dezesseis anos serão representados e os maiores de dezesseis e menores de vinte e um anos **[641]** assistidos por seus pais, tutores ou curadores, na forma da legislação civil ou processual **[642]**.

Parágrafo único. A autoridade judiciária dará curador especial à criança ou adolescente, sempre que os interesses destes colidirem com os de seus pais ou responsável **[643]**, ou quando carecer de representação ou assistência legal, ainda que eventual **[644]**.

641 Com a redução da idade da plena capacidade civil de 21 (vinte e um) para 18 (dezoito) anos, promovida pelo art. 5º, do CC de 2002, tal dispositivo foi derrogado, sendo a assistência devida apenas a pessoas entre 16 (dezesseis) e 18 (dezoito) anos de idade - relativamente incapazes.

642 Vide arts. 8º e 9º, inciso I, do CPC; arts. 1634, inciso V, 1692 e 1747, inciso I, do CC.

643 Vide art. 9º, inciso I, do CPC; art. 33 do CPP e art. 1692, do CC.

644 Vide art. 33, §2º, *in fine*, do ECA. Embora não seja, a rigor, o representante legal da criança ou adolescente colocado sob sua guarda, o guardião pode ser nomeado para representá-lo ou assisti-lo para prática de determinados atos da vida civil, inclusive para fins de representação processual.

Art. 143. É vedada a divulgação de atos judiciais, policiais e administrativos que digam respeito a crianças e adolescentes a que se atribua autoria de ato infracional **[645]**.

Parágrafo único. Qualquer notícia a respeito do fato não poderá identificar a criança ou adolescente, vedando-se fotografia, referência a nome, apelido, filiação, parentesco, residência e, inclusive, iniciais do nome e sobrenome **[646]**.

645 Vide art. 5º, inciso LX, da CF; arts. 17, 18 e 247, do ECA e art. 155, do CPC. Vide também itens 8.1, 21.1 e 21.2 das "*Regras de Beijing*", dos quais vale destacar: "*21.1. Os registros de jovens infratores serão de caráter estritamente*

confidencial e não poderão ser consultados por terceiros. Só terão acesso aos arquivos as pessoas que participam diretamente da tramitação do caso ou outras pessoas devidamente autorizadas. 21.2. Os registros dos jovens infratores não serão utilizados em processos de adultos em casos subsequentes que envolvam o mesmo infrator". O objetivo da norma é evitar seja o adolescente acusado da prática de ato infracional discriminado e estigmatizado, tendo negadas oportunidades de melhoria de vida. Recentemente o Tribunal de Justiça do Estado do Paraná confirmou sentença que negou acesso a informações relativas a adolescentes acusados de ato infracional que haviam sido solicitadas pelo Exército Nacional, com o propósito de impedir que adolescentes com antecedentes infracionais prestassem o serviço militar obrigatório: *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. EXPEDIÇÃO DE CERTIDÃO DE ATOS INFRACIONAIS. SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO. FINALIDADE INJUSTIFICADA. AUTORIZAÇÃO SUBORDINADA À SATISFAÇÃO DO DISPOSTO NO ARTIGO 144 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. VEDAÇÃO IMPOSTA PELO ARTIGO 143 DO ESTATUTO. RECURSO CONHECIDO E PROVIDO.* (TJPR. 12ª C. Cív. Ap. Cív. nº 556.152-8, da Vara de Adolescentes Infratores de Curitiba. Rel. Juiz Conv. D'Artagnan Serpa Sá. J. em 10/06/2009).

646 Nova redação determinada pela Lei nº 10.764/2003, de 12/11/2003, que passou a proibir, também, a identificação através das iniciais do nome e sobrenome da criança ou do adolescente.

Art. 144. A expedição de cópia ou certidão de atos a que se refere o artigo anterior somente será deferida pela autoridade judiciária competente, se demonstrado o interesse e justificada a finalidade **[647]**.

647 Vide art. 155, par. único, do CPC.

CAPÍTULO II - DA JUSTIÇA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE [648]

Seção I - Disposições Gerais

Art. 145. Os Estados e o Distrito Federal poderão criar varas especializadas e exclusivas da infância e da juventude, cabendo ao Poder Judiciário **[649]** estabelecer sua proporcionalidade por número de habitantes, dotá-las de infra-estrutura **[650]** e dispor sobre o atendimento, inclusive em plantões **[651]**.

648 Com a incorporação ao art. 227, da CF, dos ditames da "*Doutrina da Proteção Integral à Criança e ao Adolescente*", e o advento da Lei nº 8.069/1990, o papel da Justiça da Infância e da Juventude foi em muito *qualificado*, passando a ter uma atuação muito mais voltada à solução dos problemas na esfera *coletiva* (e preventiva), através do julgamento das ações civis públicas e outras demandas destinadas à *estruturação* do Poder Público para fazer frente às demandas na área infanto-juvenil. A Justiça da Infância e da Juventude não mais pode atuar nos moldes do que fazia a "Justiça de Menores", limitando-se à "aplicação de medidas" (em sua maioria apenas "no papel") a crianças e adolescentes cujos direitos já se encontram invariavelmente violados, nem pode assumir um papel meramente *passivo* diante dos problemas decorrentes da falta de políticas públicas destinadas ao atendimento (prioritário) de crianças, adolescentes e suas

respectivas famílias. Muito pelo contrário. O disposto nos arts. 18, 70 e, em especial, 221, do ECA, deixa claro que toda e qualquer ameaça ou violação de direitos de crianças e adolescentes (notadamente decorrente da omissão do Poder Público, *ex vi* do disposto no art. 98, inciso I, do ECA), deve ser *comunicada oficialmente* pela autoridade judiciário ao Ministério Público, de modo que sejam tomadas as medidas administrativas e, se necessário, judiciais destinadas a solucionar o problema existente. Vale também observar que, embora boa parte do atendimento outrora a cargo da "Justiça de Menores", de acordo com a sistemática concebida pela Lei nº 8.069/1990, tenha passado à esfera de atribuições do Conselho Tutelar (vide comentários ao art. 131 e sgts., do ECA), a Justiça da Infância e da Juventude sempre que necessário deverá também atuar, invariavelmente na busca da tão sonhada "*proteção integral*" infanto-juvenil, *objetivo primordial* de toda e qualquer intervenção estatal (cf. arts. 1º; 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA), e verdadeiro *compromisso* do Poder Judiciário e de todos os demais integrantes do "Sistema de Garantias/Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente" local. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. ECA. MEDIDA PROTETIVA. MATRÍCULA COMPULSÓRIA EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO. CABIMENTO. A responsabilidade pela concretização dos direitos da criança e do adolescente, consagrados na Constituição da República e no Estatuto da Criança e do Adolescente é, não só do Ministério Público, do Conselho Tutelar, da Escola, da Família e de toda a Sociedade, como também do Poder Judiciário. A ineficiência das medidas administrativas tomadas em favor do adolescente não afasta a responsabilidade do Poder Judiciário de buscar outros meios para concretizar o direito à educação constitucionalmente garantido. Caso em que se impõe a participação do Poder Judiciário para determinar a matrícula compulsória do adolescente em instituição de ensino. DERAM PROVIMENTO AO APELO.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70024601403. Rel. Des. Rui Portanova. J. em 09/10/2008).

649 Vide arts. 96, inciso I, alíneas "b" e "d" e 125, §1º, da CF.

650 Em especial de *equipe interprofissional* ou *interdisciplinar*, conforme previsto nos arts. 150 e 151, do ECA, cuja intervenção em boa parte das causas de competência da Justiça da Infância e da Juventude se mostra *imprescindível*, tendo, inclusive, resultado na *anulação* de inúmeros julgados a ausência de realização de laudos técnicos. Neste sentido, vale colacionar o seguinte julgado: *LAUDO DA EQUIPE INTERPROFISSIONAL. ANULAÇÃO DO PROCESSO. MEDIDAS ESPECÍFICAS DE PROTEÇÃO. A ausência de relatório da Equipe Interdisciplinar, para a orientação da medida socioeducativa mais adequada para a recuperação do adolescente, leva a anulação do processo, com a cassação da sentença. Processo anulado. Sentença cassada. (...).* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70009507724. Rel. Antônio Carlos Stangler Pereira. J. em 24/02/2005).

651 Vide arts. 172 e 173, do CPC. Diante da extrema complexidade e relevância das causas que envolvem interesses infanto-juvenis, a criação de varas especializadas e exclusivas da infância e da juventude, sobretudo nos grandes centros, é de suma importância para que se possa garantir um atendimento adequado e prioritário a crianças e adolescentes, com reais condições de lhes proporcionar a *proteção integral* há tanto prometida.

Seção II - Do Juiz

Art. 146. A autoridade a que se refere esta Lei é o Juiz da Infância e da Juventude [652], ou o Juiz que exerce essa função, na forma da Lei de Organização Judiciária local.

652 Vale mencionar, no entanto, que a Lei nº 8.069/1990 e os *princípios* nela contidos (em especial os princípios da *proteção integral* e da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente), também se aplicam a causas da competência de outros Juízos, como é o caso do Juízo Cível e de Família, quando envolvam interesses de crianças e adolescentes.

Art. 147. A competência será determinada [653]:

I - pelo domicílio [654] dos pais ou responsável [655];

II - pelo lugar onde se encontre a criança ou adolescente, à falta [656] dos pais ou responsável.

§ 1º. Nos casos de ato infracional, será competente a autoridade do lugar da ação ou omissão, observadas as regras de conexão, continência e prevenção [657].

§ 2º. A execução [658] das medidas poderá ser delegada à autoridade competente [659] da residência dos pais ou responsável, ou do local onde sediar-se a entidade que abrigar a criança ou adolescente [660].

§ 3º. Em caso de infração cometida através da transmissão simultânea de rádio ou televisão [661], que atinja mais de uma comarca, será competente, para aplicação da penalidade, a autoridade judiciária do local da sede estadual da emissora ou rede, tendo a sentença eficácia para todas transmissoras ou retransmissoras do respectivo Estado.

653 A competência territorial estabelecida pelo ECA é absoluta, como já reconheceu o STJ: CONFLITO POSITIVO DE COMPETÊNCIA. AÇÃO REVISIONAL DE ALIMENTOS. PROTEÇÃO DO INTERESSE DO MENOR. ART. 147, I, DO ECA. COMPETÊNCIA ABSOLUTA. IMPOSSIBILIDADE DE PRORROGAÇÃO. 1. A Segunda Seção entende que a regra de competência insculpida no art. 147, I, do ECA, que visa a proteger o interesse da criança, é absoluta, ou seja, deve ser declarada de ofício, não sendo admissível sua prorrogação. 2. Em discussões como a que ora se trava, prepondera o interesse do menor hipossuficiente, devendo prevalecer o foro do alimentando e de sua representante legal como o competente tanto para a ação de alimentos como para aquelas que lhe sucedam ou que lhe sejam conexas. 3. Conflito conhecido para declarar competente o Juízo de Direito de Arneiroz, o suscitante. (STJ. 2ª Seção. CC nº 102849/CE. Rel. Min. Fernando Gonçalves. J. em 27/05/2009). Vide também o disposto no art. 138, do ECA - as mesmas regras de competência aqui estabelecidas valem para o Conselho Tutelar.

654 Vide art. 70 e sgts., do CC.

655 Deve-se entender como "responsável" apenas o responsável *legal*, que além dos pais, será o tutor ou o guardião (judicialmente nomeado) da criança ou adolescente, ou ainda o dirigente da entidade de acolhimento institucional, por força do disposto no art. 92, §1º, do ECA. Se os pais forem separados, vivendo em comarcas diversas, será competente o Juízo da comarca daquele que detiver a guarda da criança ou adolescente, seja esta de fato ou judicialmente definida.

Sobre a matéria, o STJ editou a *Súmula nº 383*, que dispõe sobre a competência para processo e julgamento de ações conexas envolvendo interesse de crianças e adolescentes, nos seguintes temos: *Súmula nº 383: A competência para processar e julgar as ações conexas de interesse de menor é, em princípio, do foro do domicílio do detentor de sua guarda*. Segundo o STJ, portanto, a competência definida pelo art. 147, inciso I, do ECA é absoluta, e no caso de disputa da guarda de filhos entre os pais, é competente o Juízo do local do domicílio do genitor que detém a guarda de fato daqueles. Neste sentido: *PROCESSUAL CIVIL. CONFLITO POSITIVO. AGRAVO REGIMENTAL. AÇÕES CONEXAS DE GUARDA E DE BUSCA E APREENSÃO DE FILHOS MENORES. GUARDA EXERCIDA PELA MÃE. COMPETÊNCIA ABSOLUTA. ART. 147, I, DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. JURISPRUDÊNCIA DO STJ. I. A competência estabelecida no art. 147, I, do ECA, tem natureza absoluta. II. As ações que discutem a guarda de menores devem ser processadas e julgadas no foro do domicílio de quem regularmente a exerce. III. Precedentes do STJ. IV. Agravo regimental improvido.* (STJ. 2ª Seção. Ag.Rg. no CC nº 94250/MG. Rel. Min. Aldir Passarinho Júnior. J. em 11/06/2008). No mesmo sentido: *COMPETÊNCIA. GUARDA DE MENOR DISPUTADA PELO PAI E MÃE. ART.147, I, DA LEI 8.069/90, DE 13/07/90. INTELIGÊNCIA. Em caso de disputa de menor por seus pais, não sendo possível definir-se a competência de juízo face do pátrio poder, já que exercido por ambos, cabe lançar-se mão do domicílio daquele que lhe tem a guarda, para fins de determinação dessa competência.* (STJ. 2ª Seção. CC nº 18.967/MG. Suscitante: Juízo de Direito da 1ª Vara Cível de Ouro Preto/MG. Suscitado: Juízo de Direito da 4ª Vara Cível de Santo André/SP. Rel. Min. Barros Monteiro. J. em 13/05/1998). Em havendo conflito entre os pais e o responsável legal pela criança ou adolescente, deverá prevalecer a competência do Juízo do domicílio daqueles, máxime se estes transferirem seu domicílio para outra comarca, após a obtenção da guarda, ou a criança for abrigada em comarca diversa. Neste sentido: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. RECURSO CONTRA DECISÃO QUE ACOLHE PEDIDO DE EXCEÇÃO DE INCOMPETÊNCIA, 'RATIONE LOCI'. ART. 147 DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. INTELIGÊNCIA. O domicílio dos pais, como prescrito no art. 147, I, do Estatuto da Criança e do Adolescente, prefere o dos responsáveis, máxime quando o destes, inicialmente coincidente, é alterado pela mudança de domicílio dos pretensos adotantes para outra localidade.* (TJMG. 8ª C. Civ. Ag. nº 1.0525.03.037291-2/001. Rel. Fernando Bráulio. J. em 09/03/2004).

656 Este dispositivo é aplicável mesmo quando a falta dos pais ou responsável for ocasional. Enquanto não localizados os pais ou responsável pela criança ou adolescente (para o que devem ser acionados os órgãos e programas correspondentes, nos moldes do previsto no art. 87, inciso IV, do ECA), deve prevalecer a regra do art. 147, inciso I, do ECA, não bastando que a criança ou adolescente apenas "verbalize" que é oriunda de determinado município/comarca para autorizar o deslocamento da competência.

657 Vide arts. 103 e 152, do ECA e arts. 76, 77 e 83, do CPP.

658 Vale dizer: o *acompanhamento* da execução das medidas, com a solução dos eventuais incidentes.

659 Vale dizer: o Juízo da Infância e Juventude ou o Conselho Tutelar, a depender da medida aplicada. Vide também art. 136, inciso VI, do ECA.

660 Vide art. 92, §1º, do ECA.

661 Vide arts. 247, 253 e 254, do ECA.

Art. 148. A Justiça da Infância e da juventude é competente para **[662]**:

I - conhecer de representações promovidas pelo Ministério Público, para apuração de ato infracional atribuído a adolescente, aplicando as medidas cabíveis;

II - conceder a remissão como forma de suspensão ou extinção do processo **[663]**;

III - conhecer de pedidos de adoção **[664]** e seus incidentes **[665]**;

IV - conhecer de ações civis fundadas em interesses individuais, difusos ou coletivos afetos à criança e ao adolescente **[666]**, observado o disposto no art. 209;

V - conhecer de ações decorrentes de irregularidades em entidades de atendimento **[667]**, aplicando as medidas cabíveis **[668]**;

VI - aplicar penalidades administrativas nos casos de infrações contra norma de proteção a criança ou adolescentes **[669]**;

VII - conhecer de casos encaminhados pelo Conselho Tutelar **[670]**, aplicando as medidas cabíveis.

Parágrafo único. Quando se tratar de criança ou adolescente nas hipóteses do art. 98, é também competente a Justiça da Infância e da Juventude **[671]** para o fim de:

a) conhecer de pedidos de guarda e tutela **[672]**;

b) conhecer de ações de destituição do poder familiar, perda ou modificação da tutela ou guarda **[673]**;

c) suprir a capacidade ou o consentimento para o casamento **[674]**;

d) conhecer de pedidos baseados em discordância paterna ou materna, em relação ao exercício do poder familiar **[675]**;

e) conceder a emancipação nos termos da lei civil, quando faltarem os pais **[676]**;

f) designar curador especial em casos de apresentação de queixa ou representação, ou de outros procedimentos judiciais ou extrajudiciais em que haja interesses de criança ou adolescente **[677]**;

g) conhecer de ações de alimentos **[678]**;

h) determinar o cancelamento, a retificação e o suprimento dos registros de nascimento e óbito **[679]**.

662 Estão aqui relacionadas as causas que serão *invariável e exclusivamente* da competência da Justiça da Infância e da Juventude, observando que dizem respeito, em sua maioria, a procedimentos previstos no próprio do ECA. As causas relacionadas no *parágrafo único* deste mesmo dispositivo, por outro lado, serão da competência da Justiça da Infância e da Juventude *apenas* quando comprovada a presença da chamada "situação de risco", com a ocorrência de alguma das situações relacionadas no art. 98, do ECA.

663 Vide arts. 126, par. único, 186, §1º e 188, do ECA. A remissão judicial somente tem lugar *após oferecida a representação socioeducativa*, pois antes, a prerrogativa para sua concessão cabe ao Ministério Público.

664 Vide arts. 28 a 31, 39 a 52, 152, par. único e 165 a 170, todos do ECA.

665 Inclusive eventual cumulação com pedido de destituição do poder familiar, conforme arts. 155 a 163 c/c 169, do ECA.

666 Vide arts. 208 a 224, do ECA. A rigor, a Justiça da Infância e da Juventude é competente para apreciar todas as ações individuais ou coletivas que tenham por objeto a defesa de interesses infanto-juvenis, inclusive quando o agente violador é o próprio Poder Público. Neste sentido: *ADMINISTRATIVO. PROCESSUAL CIVIL.*

RECURSO ESPECIAL. COMPETÊNCIA. JUÍZO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. CONSTITUIÇÃO FEDERAL. SISTEMA DA PROTEÇÃO INTEGRAL. CRIANÇA E ADOLESCENTE. SUJEITOS DE DIREITOS. PRINCÍPIOS DA ABSOLUTA PRIORIDADE E DO MELHOR INTERESSE DA CRIANÇA. INTERESSE DISPONÍVEL VINCULADO AO DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO. EXPRESSÃO PARA A COLETIVIDADE. COMPETÊNCIA ABSOLUTA DA VARA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. RECURSO PROVIDO. 1. A Constituição Federal alterou o anterior Sistema de Situação de Risco então vigente, reconhecendo a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, protegidos atualmente pelo Sistema de Proteção Integral. 2. O corpo normativo que integra o sistema então vigente é norteado, dentre eles, pelos Princípio da Absoluta Prioridade (art. 227, caput, da CF) e do Melhor Interesse da Criança e do Adolescente. 3. Não há olvidar que, na interpretação do Estatuto e da Criança "levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento" (art. 6º). 4. Os arts. 148 e 209 do ECA não excepcionam a competência da Justiça da Infância e do Adolescente, ressalvadas aquelas estabelecidas constitucionalmente, quais sejam, da Justiça Federal e de competência originária. 5. Trata-se, in casu, indubitavelmente, de interesse de cunho individual, contudo, de expressão para a coletividade, pois vinculado ao direito fundamental à educação (art. 227, caput, da CF), que materializa, consequentemente, a dignidade da pessoa humana. 6. A disponibilidade (relativa) do interesse a que se visa tutelar por meio do mandado de segurança não tem o condão de, por si só, afastar a competência da Vara da Infância e da Juventude, destinada a assegurar a integral proteção a especiais sujeitos de direito, sendo, portanto, de natureza absoluta para processar e julgar feitos versando acerca de direitos e interesses concernentes às crianças e aos adolescentes. 7. Recurso especial provido para reconhecer a competência da 16ª Vara Cível da Comarca de Aracaju (Vara da Infância e da Juventude) para processar e julgar o feito. (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 1199587/SE. Rel. Min. Arnaldo Esteves de Lima. J. em 21/10/2010).

667 Vide arts. 91, 191 a 193, do ECA.

668 Vide art. 97, do ECA.

669 Vide arts. 194 a 197 e 245 a 258-B, do ECA.

670 Vide arts. 136, incisos III, alínea "b" c/c 249 e 136, inciso V, do ECA. Vale lembrar que os casos que se enquadram nas atribuições do Conselho Tutelar, a rigor, *devem ser por este solucionados*, não havendo necessidade de seu encaminhamento à Justiça da Infância e da Juventude (vide comentários ao art. 136, do ECA). Evidente que, mesmo em tais casos, o Poder Judiciário pode ser acionado (valendo observar o princípio consagrado pelo art. 5º, inciso XXXV, da CF), porém o mais correto é fazer com que o Conselho Tutelar tenha uma atuação *resolutiva* quando de suas intervenções, como *autoridade pública* que é (sendo inclusive dotado de *poder de requisição* junto aos órgãos públicos - cf. art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA), limitando-se a encaminhar à autoridade judiciária os casos que escapam se sua esfera de atribuições.

671 Para definição da competência para as causas relacionadas no art. 148, par. único, do ECA, é necessário, *primeiro*, aferir a presença ou não da "situação de risco" a que alude o art. 98, do ECA. O dispositivo é bastante criticado, por dar margem a dúvidas e, por via de consequência, acarretar entraves na conclusão do feito.

672 Vide arts. 28 a 38 e 165 a 170, do ECA e arts. 1728 a 1766, do CC.

673 Vide arts. 24, 35, 38 e 165 a 170, do ECA.

674 Vide arts. 1517 a 1520 e 1634, inciso III, do CC. A matéria relativa ao suprimento da capacidade (ou da idade) e/ou do consentimento para o

casamento é altamente complexa, e não vem sendo tratada com a devida cautela pela doutrina e pela jurisprudência, sendo muito comum o puro e simples acatamento da vontade dos pais e/ou do(a) adolescente, de forma açodada, sem maiores preocupações com as consequências a curto, médio e longo prazos para com este(a). Em tais casos (assim como, de regra, em todos os casos que envolvem interesses infanto-juvenis), longe de agir com precipitação, é fundamental a realização de uma avaliação técnica interprofissional criteriosa, acompanhada de um "período de reflexão", no qual o(a) adolescente e sua família devem receber a devida orientação (cf. arts. 101, inciso II e 129, inciso IV, do ECA), também por parte de profissionais habilitados, acerca das implicações da medida. Desnecessário dizer que o casamento precoce (ou mesmo a união de fato), com todas as suas consequências, pode trazer sérios prejuízos ao(à) adolescente, tornando a princípio de todo *desaconselhável* sua autorização pela autoridade judiciária, cujo compromisso não é apenas o de atender uma situação de momento, mas com a *proteção integral* do(a) jovem *também* no que diz respeito a seu *futuro*.

675 Vide art. 21, do ECA; art. 1631, par. único, do CC e Lei nº 12.318/2010, de 26/08/2010, que dispõe sobre a alienação parental.

676 Vide art. 5º, par. único, inciso I, do CC; art. 1112, inciso I, do CPC e art. 89, da Lei nº 6.015/1973 (LRP).

677 Vide art. 142, par. único, do ECA; art. 33, do CPP; art. 9º, inciso I, do CPC e art. 1692, do CC.

678 Vide art. 201, inciso III, do ECA; arts. 852 a 854, do CPC; arts. 1694 a 1710, do CC; Lei nº 5.478/1968 que dispõe sobre a ação de alimentos e Lei nº 11.804/2008, de 05/11/2008, que disciplina o direito a *alimentos gravídicos* e a forma como ele será exercido.

679 Vide art. 102 e par. único, do ECA e arts. 109 a 113, da Lei nº 6.015/1973 (LRP).

Art. 149. Compete à autoridade judiciária disciplinar, através de portaria, ou autorizar, mediante alvará **[680]**:

I - a entrada e permanência de criança ou adolescente, desacompanhado dos pais ou responsável **[681]**, em:

a) estádio, ginásio e campo desportivo;

b) bailes ou promoções dançantes;

c) boate ou congêneres;

d) casa que explore comercialmente diversões eletrônicas **[682]**;

e) estúdios cinematográficos, de teatro, rádio e televisão;

II - a participação de criança e adolescente em **[683]**:

a) espetáculos públicos e seus ensaios **[684]**;

b) certames de beleza.

§ 1º. Para os fins do disposto neste artigo, a autoridade judiciária levará em conta, dentre outros fatores **[685]**:

a) os princípios desta Lei **[686]**;

b) as peculiaridades locais;

c) a exigência de instalações adequadas;

d) o tipo de frequência habitual ao local;

e) a adequação do ambiente a eventual participação ou frequência de crianças e adolescentes;

f) a natureza do espetáculo.

§ 2º. As medidas adoradas na conformidade deste artigo deverão ser fundamentadas, caso a caso, vedadas as determinações de caráter geral **[687]**.

680 Vide art. 258, do ECA. A competência normativa da Justiça da Infância e da Juventude está *restrita* às hipóteses *taxativamente relacionadas* no art. 149, do ECA, que de maneira expressa *veda determinações de caráter geral* (cf. parágrafo segundo do citado dispositivo), posto que não cabe à autoridade judiciária "*legislar*" e, muito menos, decidir de forma contrária à lei e à Constituição Federal. Fora das hipóteses restritas do art. 149, incisos I e II, do ECA, portanto, o Juiz da Infância e da Juventude *não tem competência para expedição de portarias e alvarás*, e qualquer ato judicial que extrapole os referidos parâmetros/limites legais será *nulo de pleno direito*. Assim sendo, não há mais lugar para práticas *arbitrárias* de outrora, como os famigerados "*toques de recolher*" que, embora bastante comuns à época do revogado "Código de Menores", hoje violam de forma expressa não apenas o âmbito da competência normativa da Justiça da Infância e da Juventude, mas as próprias disposições contidas nos arts. 3º, 4º, *caput*, 5º, 15, 16, inciso I e 18, do ECA, bem como o disposto no art. 5º, inciso XV, da CF (que assegura a *todos*, independentemente da idade, o direito de ir e vir dentro do território nacional). Importante observar que, mesmo nas hipóteses em que a lei confere à Justiça da Infância e da Juventude a competência para expedir portarias e alvarás, a atividade jurisdicional deve ser exercida com a *estrita observância* de determinadas *regras e parâmetros*, mais uma vez sob pena de *nulidade* do ato respectivo. As *únicas* hipóteses que admitem a regulamentação judicial via *portaria* são aquelas expressamente relacionadas no *inciso I* deste dispositivo, não tendo a autoridade judiciária competência para abranger situações ali não contempladas. Já as hipóteses - também *restritas* - que reclamam a expedição de *alvará judicial* para autorizar a participação da criança ou adolescente em determinados eventos, estão relacionadas no *inciso II* deste dispositivo. A rigor, caso não exista uma portaria restringindo o acesso de crianças ou adolescentes desacompanhados de seus pais ou responsável ao local, este deve ser permitido, ressalvadas as demais vedações legais, como as previstas nos arts. 75 e 80, do ECA. Vale o registro, no entanto, que o STJ já decidiu que ante a inexistência de portaria judicial regulamentando o acesso de crianças e adolescentes no local, este não deve ser permitido. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. PRESENÇA DE MENOR, DESACOMPANHADA DOS PAIS OU RESPONSÁVEL, EM DANCETERIA. ALVARÁ JUDICIAL. INEXISTÊNCIA. APLICAÇÃO DO ART. 149, I, B, DO ECA. MULTA DO ART. 258. RECURSO ESPECIAL IMPROVIDO*. (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 902657/RN. Rel. Min. Teori Albino Zavascki. J. em 10/08/2010). Já nas hipóteses previstas no art. 149, inciso II, do ECA, a participação da criança ou adolescente nos espetáculos públicos e seus ensaios, bem como nos certames de beleza somente será possível mediante prévia expedição do alvará judicial, ainda que a criança ou adolescente esteja acompanhada ou expressamente autorizada pelos seus pais ou responsável. Sobre a matéria, vale colacionar o seguinte aresto: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. PODER NORMATIVO DA AUTORIDADE JUDICIÁRIA. LIMITES. LEI 8.069/90, ART. 149. 1. Ao contrário do regime estabelecido pelo revogado Código de Menores (Lei 6.697/79), que atribuía à autoridade judiciária competência para, mediante portaria ou provimento, editar normas 'de ordem geral, que, ao seu prudente arbítrio, se demonstrarem necessárias à assistência, proteção e vigilância ao menor' (art. 8º), atualmente é bem mais restrito esse domínio normativo. Nos termos do art.*

149 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), a autoridade judiciária pode disciplinar, por portaria, 'a entrada e permanência de criança ou adolescente, desacompanhada dos pais ou responsável' nos locais e eventos discriminados no inciso I, devendo essas medidas "ser fundamentadas, caso a caso, vedadas as determinações de caráter geral" (§ 2º). É evidente, portanto, o propósito do legislador de, por um lado, enfatizar a responsabilidade dos pais de, no exercício do seu poder familiar, zelar pela guarda e proteção dos menores em suas atividades do dia a dia, e, por outro, preservar a competência do Poder Legislativo na edição de normas de conduta de caráter geral e abstrato. 2. Recurso Especial provido. (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 1.046.350/RJ (2008/0075667-0). Rel. Min. Teori Albino Zavaski. J. em 15/09/2009). As restrições relativas ao acesso de crianças e adolescentes aos locais de diversão são aplicáveis mesmo em relação a jovens *emancipados*, que nem por isto perdem sua condição de *adolescentes* e/ou deixam de ser destinatários de "proteção especial" por parte do Estado (*lato sensu*), na forma da lei e da Constituição Federal (vide comentários ao art. 2º, do ECA).

681 Importante destacar que a portaria judicial somente incidirá em relação a crianças ou adolescentes que estejam *desacompanhados* de seus pais ou responsável (assim entendido o responsável *legal*, que além dos pais será apenas o *tutor* ou o *guardião* judicialmente nomeados, cf. art. 28 e sgts. do ECA, assim como o *dirigente da entidade* em que a criança ou adolescente estiver eventualmente acolhido, cf. art. 92, §1º, do ECA). A portaria pode estabelecer limites etários e também restringir o acesso ao estabelecimento em determinados horários, exigir expressa autorização dos pais e/ou a comprovação de que a criança ou adolescente não está em período de aula etc., assim como estabelecer orientação expressa acerca da estrita observância de certos fatores, como a faixa etária recomendada pelo órgão competente para o espetáculo, jogo eletrônico etc. A violação dos termos da portaria judicial regularmente expedida no âmbito da competência normativa da Justiça da Infância e da Juventude caracteriza, em tese, a infração administrativa prevista no art. 258, do ECA. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO DE REPRESENTAÇÃO. Infração administrativa às normas do Estatuto da Criança e do Adolescente. Acesso de adolescente à estabelecimento que explora comercialmente diversões eletrônicas. Ausência de autorização expressa dos pais. Ofensa à Portaria nº 13/2007 do Juízo 'a quo'. Configurada. Incidência do artigo 258 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Sentença mantida. Recurso desprovido.* (TJPR. 11ª C. Cív. Ap. Cív. nº 560.820-0, de Terra Roxa. Rel. Des. Augusto Lopes Côrtes. J. em 13/05/2009). Interessante observar que em havendo violação às disposições da portaria judicial regulamentadora, pode ser responsabilizado não apenas o proprietério do estabelecimento, mas também os próprios pais ou responsável pela criança ou adolescente que tenham se mostrado negligentes no exercício de seus deveres de educação e vigilância de seus filhos e pupilos (podendo ser estes também responsabilizados pela prática da infração tipificada no art. 249, do ECA). Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. REPRESENTAÇÃO. MINISTÉRIO PÚBLICO. PAIS. MENORES DESACOMPANHADOS. INGESTÃO DE BEBIDA ALCÓOLICA. EVENTO. CULPA CONCORRENTE. PAIS E ORGANIZADORES. DEVER DE FISCALIZAÇÃO DESCUMPRIDO. MINORAÇÃO DA PUNIBILIDADE. SENTENÇA REFORMA EM PARTE. Visando assegurar a proteção ao menor e regulamentar citado dispositivo constitucional o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), em seu art. 149, I, 'c', estabeleceu que a entrada e permanência de criança ou adolescente em boate, congêneres e eventos, necessitaria de autorização pela autoridade judiciária, o que, in casu, ocorreu, mas não foi cumprida da forma como determinada. É dever do organizador do evento, onde é vedada a presença de menores desacompanhados, fiscalizar e controlar o local de entrada. Como não houve esta fiscalização da entrada e distribuição de bebidas alcoólica a menores, há culpa concorrente dos organizadores e dos pais.*

Portanto, havendo descumprimento do alvará judicial e ECA, devem os pais ser responsabilizados pela entrada de seus filhos, ainda menores de idade, em eventos como o Carnalfenas, e pela ingestão de bebidas. DERAM PARCIAL PROVIMENTO. (TJMG. 5ª C. Cív. Proc. nº 1.0016.08.079119-3/001(1). Rel. Des. Mauro Soares de Freitas. J. em 24/09/2009).

682 Importante não confundir estes estabelecimentos (fliperamas, *lan houses* e congêneres), com as "casas de jogos" a que se refere o art. 80, do ECA, que na forma da lei são aquelas que "*realizam apostas*", tais como bingos, lotéricas (vide art. 81, inciso VI, do ECA) etc. Nestes estabelecimentos, é sempre *vedado* o acesso e a permanência de crianças e adolescentes, sendo que a proibição é estabelecida em caráter *absoluto* e ocorre *ex vi legis*, independentemente da expedição de portaria judicial, atingindo mesmo crianças e adolescentes que estejam acompanhadas de seus pais ou responsável. É importante destacar que os proprietários dos estabelecimentos não podem permitir que crianças e adolescentes tenham acesso a jogos eletrônicos classificados como inadequados para sua faixa etária, assim como estabelecer rigorosa fiscalização e/ou instalar equipamentos e programas de computador que bloqueiem o acesso de crianças e adolescentes a *sites* considerados impróprios.

683 Vide art. 17, do ECA. O dispositivo relaciona as hipóteses em que se exige a expedição de *alvará judicial* para autorizar a participação de crianças e adolescentes nos eventos respectivos. A participação de crianças ou adolescentes (ainda que *emancipados* - vide comentários ao art. 2º, do ECA) em tais eventos, nos quais se incluem *telenovelas, peças de teatro, desfiles de moda* etc., ainda que acompanhadas e/ou autorizadas por seus pais ou responsável, somente poderá ocorrer *mediante prévio alvará judicial*, para cuja expedição o Juiz (usando de seu poder de investigação conferido pelo art. 153, *caput*, do ECA, bem como ouvido o Ministério Público), deverá aferir se a atividade desenvolvida traz algum risco à criança ou adolescente, tanto sob o ponto de vista físico como moral, podendo efetuar certas exigências e condicionantes, como a continuidade dos estudos (com periódica comprovação de frequência e aproveitamento escolar), o depósito, em conta-poupança aberta em nome da criança ou adolescente, dos rendimentos eventualmente auferidos com a atividade (geralmente estabelecido na forma de "cachês"), limitações quanto ao período em que esta é desenvolvida, dentre outras. Vale lembrar que o *direito à imagem* pertence à criança/adolescente, não podendo seus pais dele dispor livremente. A participação da criança ou adolescente em tais eventos e espetáculos, quando não autorizada pela Justiça da Infância e da Juventude, caracteriza, em tese, a infração administrativa prevista no art. 258, do ECA, independentemente da autorização ou presença dos pais ou responsável. Sobre a matéria: *PROCESSO CIVIL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. PARTICIPAÇÃO DE MENOR EM PROGRAMA DE TELEVISÃO. ALVARÁ JUDICIAL. NECESSIDADE. 1. O art. 149, I, do ECA aplica-se às hipóteses em que crianças ou adolescentes participam, na condição de espectadores, de evento público, sendo imprescindível a autorização judicial se desacompanhados dos pais e/ou responsáveis. 2. O art. 149, II, do ECA, diferentemente, refere-se à criança ou adolescente na condição de participante do espetáculo, sendo necessário o alvará judicial ainda que acompanhados dos pais ou responsáveis. 3. Os programas televisivos têm natureza de espetáculo público, enquadrando-se a situação na hipótese do inciso II do art. 149 do ECA. 4. A autorização dos representantes legais não supre a falta de alvará judicial. Agravo regimental improvido.* (STJ. 2ª T. Ag.Rg. no Ag. nº 663273/RJ. Rel. Min. Humberto Martins. J. em 03/10/2006); *AGRAVO INTERNO NO AGRAVO DE INSTRUMENTO. PARTICIPAÇÃO DE MENOR EM ESPETÁCULO PÚBLICO. PROGRAMA TELEVISIVO. ALVARÁ JUDICIAL. NECESSIDADE. ART. 149, INCISO II, DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). I. Conforme julgados deste Sodalício, os programas de televisão têm natureza de espetáculo público, enquadrando-se,*

portanto, na situação da hipótese prevista no inciso II, do art. 149 do ECA. II. O alvará judicial é imprescindível, mesmo estando a criança e/ou adolescente acompanhada ou não dos pais ou responsáveis. Agravo regimental improvido. (STJ. 3ª T. Ag.Rg. no Ag. nº 553774/RJ. Rel. Min. Paulo Furtado. J. em 28/04/2009); e *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. PRÁTICA DE INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA, CONSISTENTE NA REALIZAÇÃO DE EVENTO ('CERTAME DE BELEZA') COM PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SEM AUTORIZAÇÃO JUDICIAL. INFRAÇÃO AO ARTIGO 149 DO ECA. RECURSO NÃO-PROVIDO*. (TJPR. 11ª C. Cível. Ac. nº 0529462-2, de Pato Branco. Rel. Des. Fernando Wolff Bodziak. Unânime. J. em 24/06/2009).

684 Vide comentários ao art. 258, do ECA. É importante que a autoridade judiciária se certifique, de maneira pormenorizada, acerca das atividades a serem desenvolvidas pela criança ou adolescente, inclusive quanto ao período necessário para os respectivos ensaios, de modo a não permitir uma "sobrecarga" em sua rotina diária, que deve também compreender períodos de estudo, lazer e descanso. A propósito, além de condicionar a expedição do alvará à comprovação da matrícula e frequência regular na escola, a autoridade judiciária deve exigir a demonstração periódica (a cada trimestre ou, no máximo, a cada semestre), do aproveitamento escolar, de modo a aferir se a atividade desenvolvida não está sendo prejudicial ao desempenho escolar da criança ou adolescente.

685 Vide art. 153, *caput*, do ECA. Embora não exista um procedimento próprio, previsto no Estatuto, para expedição de portarias e alvarás judiciais, o exercício desta competência não poderá ocorrer sem maiores cautelas ou formalidades, como se verificava sob a égide do revogado Código de Menores. A expedição da portaria ou alvará será o resultado de um procedimento judicial instaurado de ofício, pelo próprio Juízo, ou mediante provocação do Ministério Público, Conselho Tutelar ou outro interessado, que seguirá a regra genérica do art. 153, *caput*, do ECA, sendo obrigatória a intervenção do Ministério Público, inclusive sob pena de *nulidade* (cf. arts. 202 e 204, do ECA). Embora com maior liberdade de investigação dos fatos, será obrigatória a realização de vistorias e sindicâncias nos locais a serem atingidos pelas portarias e/ou onde serão realizados os eventos que contarão com a participação da criança ou adolescente (inteligência do disposto no art. 149, §1º, alíneas "c", "d" e "e", do ECA), para o que o Juízo deverá contar com a colaboração de seu corpo de comissários de vigilância/agentes de proteção da infância e da juventude, bombeiros, vigilância sanitária, polícias civil e militar, etc.

686 Vide arts. 1º, 5º, 6º, 70, 100, *caput* e par. único, do ECA, dentre outros.

687 Vide art. 93, inciso IX, da CF. O Juiz da infância e da juventude, mesmo quando no exercício desta competência *sui generis*, estará no pleno exercício de sua atividade jurisdicional (e não administrativa ou "legiferante"), pelo que aplicáveis os mesmos princípios (e restrições) que regem a jurisdição. Assim sendo, por exemplo, não poderá disciplinar de forma generalizada e sem a observância dos requisitos do art. 149, §1º do ECA, o acesso de crianças e adolescente a todas as boates existentes na comarca. Deverá sim, seja num único procedimento, ou em procedimentos diversos, identificar expressamente a todos os estabelecimentos que serão atingidos pela medida, submetendo-os individualmente às vistorias e sindicâncias mencionadas, restringindo o acesso a cada um deles de maneira individualizada e fundamentada (embora possa, obviamente, englobar num único ato, várias que comprovadamente se encontrem em situação idêntica). Caso o proprietário do estabelecimento atingido pelas restrições contidas na portaria se sinta prejudicado (assim como qualquer outro interessado), poderá *apelar* da referida decisão, tal qual previsto no art. 199, do ECA. Neste sentido: *INFÂNCIA E JUVENTUDE. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. PORTARIA QUE ESTABELECE PROIBIÇÃO SEM*

FUNDAMENTAÇÃO. NULIDADE. O arbítrio judicial legitima-se na fundamentação de seus atos, devendo o juiz dar as razões, caso a caso, ao estabelecer o disciplinamento previsto no artigo 149, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Nulidade do processo, por falta de fundamentação da portaria disciplinadora. (TJPR. Ap. nº 055-0. Rel. Des. Dilmar Kessler. J. em 18/05/1998. Ac. nº 8041. *In* Revista Igualdade 19/205) e *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE. PORTARIA JUDICIAL - PROIBIÇÃO DE PERMANÊNCIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM VIAS PÚBLICAS E LOGRADOUROS DA COMARCA E EM POSTOS DE GASOLINA DESACOMPANHADAS DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS DAS 23H ÀS 6H. ARTIGO 149 DA LEI Nº 8069/1990. ROL TAXATIVO. CARÁTER GERAL DO ATO NORMATIVO. IMPOSSIBILIDADE JURÍDICA. VEDAÇÃO PELO ARTIGO 149, §2º DA LEI FEDERAL. 1. "Nos termos do art. 149 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), a autoridade judiciária pode disciplinar, por portaria, "a entrada e permanência de criança ou adolescente, desacompanhada dos pais ou responsável" nos locais e eventos discriminados no inciso I, devendo essas medidas "ser fundamentadas, caso a caso, vedadas as determinações de caráter geral" (§ 2º). É evidente, portanto, o propósito do legislador de, por um lado, enfatizar a responsabilidade dos pais de, no exercício do seu poder familiar, zelar pela guarda e proteção dos menores em suas atividades do dia a dia, e, por outro, preservar a competência do Poder Legislativo na edição de normas de conduta de caráter geral e abstrato" (STJ, 1ª T., R.Esp. 1046350/RJ, Rel. Min. TEORI ALBINO ZAVASCKI, J. em 15/09/2009). 2. Recurso parcialmente conhecido e, nesta extensão, provido.* (TJPR. 11ª C. Cível. RA nº 0733618-7, de Paranaguá. Rel. Des. Ruy Muggiati. J. em 13/04/2011).

Seção III - Dos Serviços Auxiliares

Art. 150. Cabe ao Poder Judiciário, na elaboração de sua proposta orçamentária, prever recursos para manutenção de equipe interprofissional, destinada a assessorar a Justiça da Infância e da Juventude **[688]**.

688 Vide Recomendação nº 02/2006, de 25/04/2006, do Conselho Nacional de Justiça, que "Recomenda aos Tribunais de Justiça a implantação de equipe interprofissional em todas as comarcas do Estado, de acordo com o que prevêem os arts. 150 e 151 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90)". O moderno Direito da Criança e do Adolescente não mais pode conviver com a improvisação, o "amadorismo" e o "achismo" que imperava sob a égide do Código de Menores revogado. A complexidade das situações que envolvem a violação de direitos infanto-juvenis demanda uma abordagem altamente profissional e interdisciplinar, dada elementar constatação de que para encontrar a verdadeira solução para os problemas enfrentados pelas crianças ou adolescentes, a autoridade judiciária necessitará da colaboração de técnicos de outras áreas, como a pedagogia (lembrar do disposto nos arts. 100, caput c/c 113, do ECA), da psicologia, assistência social, etc., que devem estar à disposição do Juízo ou terem seus serviços por este requisitados junto ao Poder Público local, a exemplo do que pode fazer o Conselho Tutelar (cf. art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA). O ideal, sem dúvida, é que cada Juízo da Infância e da Juventude tenha à sua disposição, para intervenção imediata, uma equipe interprofissional (ou interdisciplinar) composta, no mínimo, de um pedagogo, um psicólogo e um assistente social, que devem analisar os casos de forma conjunta e, também de forma conjunta, apresentar ao Juízo suas conclusões, em que sejam apontadas as alternativas existentes para efetiva solução do problema,

com a respectiva justificativa, sob o ponto de vista técnico. Daí porque o Estatuto prevê, de maneira expressa, que o Poder Judiciário tem o dever de colocar à disposição dos Juizados da Infância e da Juventude a aludida equipe interprofissional, para o que deverá alocar recursos orçamentários próprios, com a prioridade absoluta preconizada pelo art. 4º, caput e par. único, do ECA e art. 227, caput, da CF. A necessidade da intervenção de tais profissionais, a serviço do Juízo ou requisitados junto à municipalidade não pode ser suprida (ou substituída) pela singela realização de sindicâncias a cargo de órgãos que não tem habilitação técnica e/ou qualificação profissional (como oficiais de justiça, comissários de vigilância/agentes de proteção da infância e da juventude e outros serventuários), muito menos quando sequer vinculados ou subordinados à autoridade judiciária (como é o caso do Conselho Tutelar). Sobre a matéria, vide também item 22, das "Regras de Beijing".

Art. 151. Compete à equipe interprofissional, dentre outras atribuições que lhe forem reservadas pela legislação local, fornecer subsídios por escrito, mediante laudos, ou verbalmente, na audiência, e bem assim desenvolver trabalhos de aconselhamento, orientação, encaminhamento, prevenção e outros, tudo sob a imediata subordinação à autoridade judiciária, assegurada a livre manifestação do ponto de vista técnico **[689]**.

689 Vide arts. 19, §1º; 28, §§1º, 4º e 6º; 46, §4º; 50, §§1º, 3º e 4º; 51, §3º, inciso III; 93, par. único; 100, *caput* e par. único; 112, §1º, primeira e segunda figuras; 113; 161, §1º; 162, §1º; 167; 186, *caput*, §§2º e 4º e 197-C, todos do ECA. As avaliações interprofissionais realizadas pela equipe técnica a serviço da Justiça da Infância e da Juventude se assemelham às "perícias" previstas pelas leis processuais Civil e Penal, porém têm um objetivo *muito mais abrangente*, pois devem - a exemplo de toda e qualquer intervenção estatal em matéria de infância e juventude (por força do disposto nos arts. 1º; 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA) - estar *comprometidas* com a "*proteção integral*" infanto-juvenil, razão pela qual é prevista a *articulação* entre os técnicos do Poder Judiciário e outros a serviço do município (como nos arts. 50, §§3º e 4º e 88, incisos V e VI, do ECA). Os relatórios apresentados não devem ser meramente "descritivos", as sim devem explicitar as alternativas disponíveis (ou desejáveis) para *efetiva solução* do problema enfrentado pela criança, adolescente e/ou família atendidos. As partes/interessados poderão apresentar *quesitos* a serem respondidos pela equipe técnica, inclusive para que sejam esclarecidos pontos que tenham ficado obscuros no relatório, que deve ser o mais completo possível. A autoridade judiciária não está obrigada a acatar as sugestões e conclusões da equipe interprofissional, porém, se entender de modo diverso, deverá buscar argumentos e subsídios - também técnicos (e não apenas jurídicos) - para fundamentar sua decisão. Por outro lado, não poderá o Juiz intervir no trabalho da equipe técnica, no sentido de "direcionar" suas conclusões. Ainda sobre a matéria, vide Resolução CFP nº 010/2010, de 29/06/2010, que institui a regulamentação da escuta psicológica de crianças e adolescentes envolvidos em situação de violência, na "rede de proteção" (aplicável, por analogia, a outras situações em que tal oitiva se faz necessária).

CAPÍTULO III - DOS PROCEDIMENTOS

Seção I - Disposições Gerais

Art. 152. Os procedimentos regulados nesta Lei aplicam-se subsidiariamente as normas gerais previstas na legislação processual pertinente [690].

Parágrafo único. É assegurada, sob pena de responsabilidade, prioridade absoluta na tramitação dos processos e procedimentos previstos nesta Lei, assim como na execução dos atos e diligências judiciais a eles referentes [691].

690 Importante não perder de vista que a aplicação das "normas gerais" das leis processuais "alienígenas" será sempre *subsidiária*, ou seja, não poderá de qualquer modo afrontar as regras e princípios próprios contidos no ECA e no Direito da Criança e do Adolescente de um modo geral. Assim sendo, embora, por exemplo, ao procedimento para apuração de ato infracional praticado por adolescente sejam aplicáveis, de forma subsidiária, regras do Código de Processo Penal (*exceto* no que diz respeito ao *sistema recursal*, cf. art. 198, *caput*, do ECA), como na definição das hipóteses em que está caracterizado o flagrante, na definição da competência por prevenção, conexão ou continência, dentre outros, *não serão aplicáveis*, por outro lado, regras como as relativas à fiança, prisão preventiva, intervenção do assistente de acusação etc., que são absolutamente *incompatíveis* com a sistemática estabelecida pelo Estatuto para o processo e julgamento do adolescente em conflito com a lei.

691 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 5º, inciso LXXVIII e 227, *caput*, da CF; art. 4º, par. único, alínea "b", do ECA; art. 198, do CPC e Instrução Normativa nº 02/2009, de 03/11/2009, do Conselho Nacional de Justiça/Corregedoria Nacional de Justiça (que disciplina a adoção de medidas destinadas à observância de prioridade absoluta na tramitação de processos da Lei nº 8.069/1990; da garantia de cumprimento de prazos previstos na mencionada Lei; dos demais direitos da criança e adolescente estabelecidos na "*Doutrina da Proteção Integral*" e dá outras providências). O dispositivo, que é decorrência lógica do *princípio constitucional da prioridade absoluta à criança e ao adolescente* aplica-se não apenas à atividade jurisdicional propriamente dita, mas também à atuação de todos os serventuários da Justiça e do Ministério Público. Como mencionado em comentários anteriores, a demora na entrega da prestação jurisdicional é particularmente danosa às crianças e adolescentes por cujos interesses, em última análise, cabe ao Poder Judiciário zelar, razão pela qual são absolutamente inadmissíveis (e mesmo puníveis, por força do contido no art. 5º, do ECA e do dispositivo ora analisado) quaisquer entraves à instrução e julgamento das causas a elas referentes, inclusive em Juízos diversos que os especializados em matéria de infância e juventude. Vale dizer, aliás, que por força do disposto no art. 227, *caput*, da CF, todas as causas que envolvem interesses de crianças e adolescentes, tramitando em qualquer Juízo ou grau de jurisdição devem receber a mais *absoluta prioridade* em sua instrução e julgamento (o que também abrange o processamento dos recursos perante os Tribunais - cf. arts. 198, inciso III e 199-C, do ECA), razão pela qual o presente dispositivo apenas *reafirma* tal *comando constitucional*.

Art. 153. Se a medida judicial a ser adotada não corresponder a procedimento previsto nesta ou em outra Lei, a autoridade judiciária poderá investigar os fatos e ordenar de ofício as providências necessárias, ouvido o Ministério Público [692].

Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica para o fim de afastamento da criança ou do adolescente de sua família de origem e em outros procedimentos necessariamente contenciosos [693].

692 Vide art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. A aplicação do disposto no art. 153, do ECA, como aliás consta de maneira expressa de seu enunciado, é de caráter eminentemente *subsidiária*, pelo que somente terá lugar em situações excepcionais, quando não houver um procedimento próprio previsto quer no próprio ECA, quer em outro Diploma Legal, destinado à apuração dos fatos e à tomada da medida judicial correspondente. O procedimento, em tais casos, não terá um trâmite preestabelecido, porém isto não significa deva haver menos cautela quanto à sua instrução e julgamento, dadas as consequências potencialmente nefastas de uma decisão precipitada. A rigor, a aplicação do disposto no art. 153, *caput*, do ECA, se restringe a: a) expedição de autorização judicial para viagem (cf. arts. 83 a 85, do ECA); b) inscrição de entidades e programas de atendimento, enquanto não instalado o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (art. 261, *caput* c/c arts. 90, §1º e 91, do ECA); c) exercício das atribuições do Conselho Tutelar, enquanto este não tiver sido instalado (arts. 262 c/c 136, do ECA); d) expedição de portarias judiciais, nas hipóteses restritas do art. 149, inciso I, do ECA; e) expedição de alvarás judiciais, nas hipóteses restritas do art. 149, inciso II, do ECA; e f) a substituição das medidas de proteção e socioeducativas, quando necessário (arts. 99 c/c 113 e 128, do ECA). Em todos os casos, o procedimento deverá ser instaurado e devidamente autuado e instruído com os elementos de convicção necessários, culminando com uma sentença da qual caberá apelação (cf. art. 199, do ECA), sendo obrigatória a intervenção do Ministério Público, sob pena de nulidade (vide arts. 202 e 204 do ECA). A depender da situação, em respeito ao princípio da dignidade da pessoa humana, ao contido no art. 12, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e no art. 100, par. único, incisos XI e XII, do ECA, bem como considerando que a medida a ser adotada irá afetar diretamente a criança/adolescente envolvida no procedimento, deverá ser esta (assim como seus pais ou responsável) ouvida pelo Juiz e, se necessário, por equipe interprofissional habilitada (desde que, é claro, tenha condições de exprimir sua vontade), devendo sua opinião ser devidamente considerada, quando da decisão (analogia ao disposto no art. 28, §1º, do ECA). Em qualquer caso, deve-se respeitar o princípio da *prioridade absoluta à criança e ao adolescente* (cf. arts. 4º, par. único, alínea "b" e 152, par. único, do ECA). Deve-se ainda evitar a instauração dos famigerados "procedimentos para verificação de situação de risco"/"para aplicação de medida de proteção" (ressalvada a inexistência de Conselho Tutelar no município), para aplicação das medidas previstas nos arts. 101, incisos I a VI e 129, incisos I a VII, do ECA, pois tal tarefa é de atribuição do Conselho Tutelar (que foi criado justamente para "desjudicializar" o atendimento de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias), valendo neste sentido observar os comentários efetuados ao art. 136 e incisos, do ECA (deve a autoridade judiciária contribuir para o *fortalecimento* do Conselho Tutelar e para assegurar o *caráter resolutivo e coercitivo* de suas decisões, e não ter a pretensão de "substituir" o papel reservado a este órgão dentro do "*Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente*").

693 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 101, §2º e 130, do ECA. O dispositivo reafirma o caráter eminentemente *subsidiário* do procedimento instaurado com base no art. 153, do ECA, que não pode ser utilizado quando da existência de *lide*, caso em que terá de ser instaurado procedimento contencioso, com a estrita observância de todas as cautelas e garantias processuais asseguradas pela lei e pela CF.

Art. 154. Aplica-se às multas o disposto no artigo 214 **[694]**.

694 Importante destacar que não se aplicam às penas pecuniárias cominadas às infrações administrativas previstas nos arts. 245 *usque* 258-B, do ECA (assim como às multas cominatórias fixadas com base no citado art. 214, do ECA), os prazos prescricionais previstos na parte geral do Código Penal. A conclusão supra decorre da constatação de que inexiste no Estatuto da Criança e do Adolescente norma que autorize a aplicação subsidiária dos referidos dispositivos da Lei Penal às infrações administrativas, que têm natureza jurídica e finalidade *diversas* das penas previstas na legislação criminal, sendo certo que fosse esta a intenção do legislador, com certeza haveria expressa determinação neste sentido, a exemplo do que ocorre em relação aos *crimes* previstos na citada legislação especial (conforme regra contida no art. 226, do ECA), o que em momento algum se verifica. Na ausência de uma disposição legal específica a respeito da matéria, a melhor solução, na lição de HELY LOPES MEIRELLES, é sem dúvida a adoção da *prescrição quinquenal "à semelhança da prescrição das ações pessoais contra a Fazenda Pública (Dec. 20.910/32), das punições dos profissionais liberais (Lei 6.838/80) e para cobranças do crédito tributário (CTN, art. 174)"* (*In* Direito Administrativo Brasileiro, 18ª Ed., p. 583), na medida em que o valor arrecadado com as referidas multas se constitui em *receita pública* destinada à implementação e manutenção de programas específicos de atendimento, de acordo com a política estabelecida pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (conforme art. 88, incisos II, III e IV, todos do ECA). Neste sentido: *PRESCRIÇÃO. Pena de multa. Infração administrativa. Divulgação pela imprensa do nome de crianças envolvidas em ato infracional. Aplicação do prazo prescricional quinquenal previsto no Código Tributário Nacional. A divulgação pela imprensa do nome de crianças envolvidas em prática de ato infracional constitui infração administrativa reprimida com pena de multa. Ante a ausência de previsão legal no Estatuto da Criança e do Adolescente a respeito do prazo prescricional e sendo a multa de natureza administrativa aplica-se a prescrição quinquenal prevista no Código Tributário Nacional* (TJRO. Conselho da Magistratura. Ap. nº 516/97. Rel. Des. Eurico Montenegro. J. em 29/09/1997. *In* RT 749/40). No mesmo diapasão, também se posicionou o E. Superior Tribunal de Justiça: *ADMINISTRATIVO. ECA. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. MULTA. PRAZO PRESCRICIONAL. 1. O prazo prescricional para a cobrança de multa por infração administrativa tipificada no ECA é de cinco anos. 2. Recurso especial provido.* (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 822839/SC. Rel. Min. Castro Meira. J. em 15/08/2006). Por fim, vale observar que as causas interruptivas da prescrição das multas administrativas estão previstas no art. 174, par. único, do CTN, tendo a contagem do prazo para prescrição da pretensão executória início quando do trânsito em julgado da decisão condenatória. Neste sentido: *PROCESSUAL CIVIL. APELAÇÃO. DIREITO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. AUTO DE INFRAÇÃO. EXECUÇÃO DE MULTA INFRACIONÁRIA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO. PRESCRIÇÃO. INOCORRÊNCIA. APLICAÇÃO DO ARTIGO 202, PARÁGRAFO ÚNICO, DO CC/2002 E DA SÚMULA 150 DO STF. RECURSO PROVIDO NA FORMA DO ARTIGO 557, § 1º-A, DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL. I - "Quando a interrupção de prescrição se der em virtude de demanda judicial, o novo prazo só correrá da data do último ato do processo, que é aquele pelo qual o processo se finda" - (R.Esp 216.382/PR, relatora a eminente Ministra NANCY ANDRIGHI). II - "Tratando-se de causa interruptiva, novo prazo quinquenal, agora para a execução, deve ser iniciado da data do trânsito em julgado do acórdão exequendo. Inteligência dos arts. 172, V, e 173 do Código Civil de 1916 e da Súmula 150/STF." (R.Esp. 909.324/RS, relator o ilustre Ministro ARNALDO ESTEVES LIMA). III - A sentença transitou em julgado somente em dezembro de 2005, iniciando-se, nessa data, o lapso prescricional para execução pelo Ministério Público. Prescrição que se afasta. IV - Recurso provido na forma do*

artigo 557, §1º-A, do Código de Processo Civil. (TJRJ. 13ª C. Cív. AP. Cív. nº 0003079-66.2003.8.19.0037. Rel. Des. Ademir Pimentel. J. em 29/06/2010).

Seção II - Da Perda e da Suspensão do Poder Familiar [695]

Art. 155. O procedimento para a perda ou a suspensão do poder familiar terá início por provocação do Ministério Público ou de quem tenha legítimo interesse [696].

695 Vide art. 9º, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 226, *caput* e §8º, da CF; art. 1638, do CC e arts. 19 e parágrafos, 22 a 24, 100, *caput* e par. único, incisos IX e X, 101, §§2º, 9º e 10 e 129, do ECA. A suspensão e a destituição do poder familiar constituem-se em medidas extremas e excepcionais, aplicáveis apenas quando, comprovadamente, não restar solução diversa. Mesmo após a propositura da demanda, é possível a suspensão da tramitação do procedimento, como forma de evitar o rompimento dos vínculos parentais e proporcionar a reintegração familiar, com a inclusão dos pais em programas de orientação, apoio e promoção social. Sem que haja a comprovação da *efetiva presença* dos requisitos legais autorizadores da medida extrema, esta não poderá ser decretada, e o convívio com a criança/adolescente deve ser restabelecido, ainda que de forma progressiva e com acompanhamento posterior (por analogia ao disposto no art. 28, §5º, do ECA). Sobre a matéria, vale transcever o seguinte aresto: *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. DESTITUIÇÃO DO PODER FAMILIAR. Ainda que comprovada a desídia do pai biológico no exercício dos deveres inerentes ao poder familiar, antes da destituição é prudente a suspensão, tendo em vista que a causa da má conduta do genitor está relacionada à dependência química, o que pode ser superado com a aplicação da medida prevista no artigo 129, II, do Estatuto da Criança e do Adolescente (inclusão em programa oficial ou comunitário de tratamento a alcoólatras). RECURSO IMPROVIDO*. (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70031034424. Rel. Des. Claudir Fidelis Faccenda. J. em 20/08/2009); *APELAÇÃO CÍVEL DESTITUIÇÃO DE PODER FAMILIAR CUMULADA COM ADOÇÃO GUARDA DEFERIDA AOS APELADOS PAIS COM DIFICULDADE FINANCEIRA E QUE PRETENDEM READQUIRIR A GUARDA DO MENOR ALEGAÇÃO DE ABANDONO MATERIAL E AFETIVO INOCORRÊNCIA PODER FAMILIAR MANTIDO ADOÇÃO PELOS GUARDIÕES IMPOSSIBILIDADE VISITAÇÃO DOS GENITORES AO MENOR. DIREITO GARANTIDO. SENTENÇA REFORMADA. RECURSO PROVIDO PARCIALMENTE. A destituição do poder familiar é medida extrema, que só pode ser deferida se existentes as hipóteses legais ensejadoras do comedimento. Não é possível a adoção do menor pelos guardiões ante a ausência de hipóteses autorizadoras da destituição do poder familiar. É garantido aos genitores e ao infante o direito de visita, o qual possibilita à criança crescimento saudável, em contato com sua família natural.* (TJPR. 12ª C.Cív. AC nº 0647923-0, do Foro Central da Região Metropolitana de Curitiba. Rel. Des. Clayton Camargo. Unânime. J. em 28/04/2010); e *AGRAVO DE INSTRUMENTO DESTITUIÇÃO DO PODER FAMILIAR - LIMINAR DE SUSPENSÃO DO PODER FAMILIAR REVOGADA CAUSAS ORIGINÁRIAS SUPERADAS VISITAÇÃO MATERNA QUE SE IMPÕE COM ACOMPANHAMENTO DO SERVIÇO SOCIAL NECESSIDADE DE RESTABELECIMENTO GRADUAL DO VÍNCULO MATERNAL - PRESERVAÇÃO DO MELHOR INTERESSE DOS MENORES - INTELIGÊNCIA DO ARTIGOS 1589, C.C., 19 ECA. Agravo desprovido. 1 - Superadas as causas que ensejaram a suspensão do poder familiar, pode ser cancelada a medida, sempre que a convivência familiar atender ao interesse dos filhos. 2 Ausente qualquer risco para os infantes e objetivando seu maior interesse, há que se manter o direito à*

visitação aos filhos, preservando o convívio materno, sob pena de privilegiar-se o interesse dos pais e não dos menores. (TJPR. 12ª C.Cív. AI nº 0592123-3, do Foro Central da Região Metropolitana de Curitiba. Rel. Des. Rafael Augusto Cassetari. Unânime. J. em 05/05/2010). Em qualquer caso, somente será cabível o decreto da destituição do poder familiar caso sobejamente comprovada a presença de uma das *causas* de destituição do poder familiar previstas no art. 1638, do CC, bem como que a medida é do interesse da criança ou adolescente (cf. art. 100, par. único, inciso IV, do ECA, não podendo ser utilizada como mera forma de "punição" dos pais. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. SENTENÇA NO SENTIDO DE DESCONSTITUIR O PODER FAMILIAR E APLICAR MEDIDA DE PROTEÇÃO DE COLOCAÇÃO DO MENOR EM FAMÍLIA SUBSTITUTA POR MEIO DE ADOÇÃO. AUSENTES OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS. SENTENÇA REFORMADA. RECURSO PROVIDO. A perda do poder familiar possui um caráter protetório do menor e não punitivo aos pais. A decisão de destituição do pátrio poder consiste na conduta omissiva da genitora diante de suas obrigações elencadas no art. 22 do ECA e no art. 1.634 do CC, a qual não se verificou 'in casu'.* (TJPR. 12ª C. Cível. AC. nº 0565628-6, de União da Vitória. Rel. Des. José Cichocki Neto. Unânime. J. em 02/09/2009); e *APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO DE DESTITUIÇÃO DO PODER FAMILIAR. ECA. GENITORA USUÁRIA DE DROGAS QUANDO DA PROPOSITURA DA AÇÃO. MUDANÇA DE COMPORTAMENTO. AUSÊNCIA DE ABANDONO. DESTITUIÇÃO DO PODER FAMILIAR QUE SE REVELA MEDIDA EXCEPCIONAL. MEDIDA QUE POSSUI CARÁTER PROTETIVO AOS MENORES E NÃO PUNITIVO AOS PAIS. 1. A destituição do poder familiar, medida excepcional aplicável aos pais, é deferida nas hipóteses do art. 1638 do Código Civil e art. 22 da Lei nº 8.069/90, quando em risco os direitos da criança e do adolescente. 2. Toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e educado no seio da sua família, instituição protegida pelo Estado, nos termos do art. 226 da Constituição Federal e art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente. 3. A destituição do poder familiar não é medida punitiva a comportamentos passados, razão para se considerar a aparente mudança de comportamento da genitora. 4. A falta de recursos da genitora não pode ser motivo a embasar a destituição do poder familiar, nos termos do art. 23 do Estatuto da Criança e do Adolescente. RECURSO CONHECIDO E PROVIDO*. (TJPR. 11ª C.Cív. AC nº 0654763-5, do Foro Central da Região Metropolitana de Curitiba. Rel. Desª Vilma Régia Ramos de Rezende. Unânime. J. em 12/05/2010). Por fim, destacamos que a suspensão ou destituição do poder familiar atinge apenas os direitos/deveres relacionados no art. 229 da CF, art. 1634 do CC e art. 22 do ECA, não trazendo reflexos quanto à situação pais/filhos para os demais fins e efeitos, *persistindo o vínculo parental* entre estes (e seus respectivos parentes) e, por via de consequência, os *impedimentos matrimoniais*, os *direitos sucessórios recíprocos* e o *dever de prestar alimentos*. Vale lembrar que somente poderá haver a "*perda da condição de filho*", para todos fins e efeitos (ressalvados os impedimentos matrimoniais) no caso de *adoção* por terceira pessoa.

696 Vide arts. 22 a 24, 136, inciso IX, 101, §§9º e 10, 141 e 201, inciso III, do ECA; art. 3º, do CPC e arts. 1637 e 1638, do CC.

Art. 156. A petição inicial indicará **[697]**:

I - a autoridade judiciária a que for dirigida **[698]**;

II - o nome, o estado civil, a profissão e a residência do requerente e do requerido **[699]**, dispensada a qualificação em se tratando de pedido formulado por representante do Ministério Público;

III - a exposição sumária do fato e o pedido **[700]**;

IV - as provas que serão produzidas, oferecendo, desde logo, o rol de testemunhas e documentos.

697 Vide arts. 152, *caput* do ECA c/c art. 282, do CPC.

698 Que será o Juiz da Infância e da Juventude, caso a criança ou adolescente se encontre em "situação de risco", *ex vi* do disposto nos arts. 98 c/c 148, par. único, alínea "b", do ECA, ou, se tal situação não for constatada, o Juiz indicado pela Lei de Organização Judiciária local (que será em regra aquele com jurisdição na área de família).

699 Vide art. 21, do ECA. Importante repetir que um dos requisitos necessários ao exercício do poder familiar é a *plena capacidade civil*, pelo que os pais, enquanto adolescentes (e não emancipados), estando ainda sob o poder familiar de seus pais ou tutela de outrem, *não têm capacidade jurídica* para tanto. Por via de consequência, *não é juridicamente exigível o cumprimento, por parte de pais adolescentes, dos deveres relacionados nos arts. 1634, do CC e 22, do ECA, não sendo portanto razoável (ou mesmo juridicamente admissível) o ajuizamento de ações de destituição do poder familiar em relação a pais adolescentes*, vez que *não se lhes é possível imputar o "descumprimento" de "deveres" que ainda não lhes eram impostos por lei, não se podendo falar em "destituição do poder familiar" de quem não o exerce*. Vale mencionar que os *deveres* inerentes ao poder familiar demandam *maturidade* e importam numa *enorme responsabilidade*, maturidade e responsabilidade estas que *a própria lei PRESUME que adolescentes - em especial os absolutamente incapazes - NÃO POSSUEM*, tanto que, de maneira expressa, o art. 1633, do CC prevê que, quando a mãe de uma criança que não tem a paternidade reconhecida é *INCAPAZ de exercer o poder familiar*, "*dar-se á* (obrigatoriamente) *TUTOR ao menor*" (sic. nota explicativa dos autores). E caberá *ao TUTOR do filho da adolescente* (e não a ela própria), o papel de *responsável* e *representante legal da criança*, com todos os deveres inerentes a esta condição, nos moldes do previsto no art. 1740 e seguintes do CC. Ademais, é de se considerar o verdadeiro *paradoxo* decorrente da propositura de uma ação de destituição do poder familiar para privar pais adolescentes - que como dito e repetido são destinatários da *proteção integral* por parte do Estado (inclusive do Estado-Juiz) - de um direito que ainda sequer estão (como dito por verdadeira *presunção legal*) aptos a exercer. Em verdade, pais adolescentes *têm o direito de ver esta condição considerada e respeitada* (cf. art. 6º, do ECA), de modo a ter *reconhecida sua incapacidade - temporária e determinada por sua imaturidade naturalmente decorrente de sua tenra idade - de exercer deveres e responsabilidades que sequer ainda lhes são legalmente exigidos*, cabendo ao Estado proporcionar-lhes antes de mais nada a *orientação*, o *amparo* e a *proteção integral* que lhes são assegurados pelo ECA e pela CF.

700 Embora "sumária", a exposição do fato deve ser clara e suficiente a permitir o exercício do contraditório e da ampla defesa, permitindo o enquadramento em uma das hipóteses de suspensão ou destituição do poder paternal, previstas nos arts. 1637 e 1638, do CC e art. 22, do ECA.

Art. 157. Havendo motivo grave, poderá a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, decretar a suspensão do poder familiar, liminar ou incidentalmente, até o julgamento definitivo da causa **[701]**, ficando a criança ou adolescente confiado a pessoa idônea, mediante termo de responsabilidade **[702]**.

701 Vide art. 1637, *caput*, do CC.

702 Com a suspensão do poder familiar de ambos os pais ou responsável, a criança ou adolescente fica sem representante legal para a prática dos atos da vida civil.

O mais correto, em tais casos, é sua *colocação imediata sob tutela*, ainda que a decisão tomada seja de caráter provisório (como é o caso da suspensão do poder familiar), na forma prevista nos arts. 36 a 38 do ECA e arts. 1728 a 1776, do CC, tendo por base os mesmos princípios relacionados nos arts. 28 a 32 e 100, *caput*, segunda parte, do ECA. Muitas vezes, no entanto, verifica-se a mera colocação da criança ou adolescente sob guarda, caso em que, se necessária a prática de atos da vida civil pelo guardado, o guardião deverá solicitar, para cada um deles, a concessão do direito de representação, na forma do disposto no art. 33, §2º, *in fine*, do ECA (pois a guarda, a rigor, não confere o direito de representação do guardião em relação ao guardado).

Art. 158. O requerido será citado para, no prazo de dez dias, oferecer resposta escrita, indicando as provas a serem produzidas e oferecendo desde logo o rol de testemunhas e documentos **[703]**.

Parágrafo único. Deverão ser esgotados todos os meios para a citação pessoal **[704]**.

703 Vide arts. 297 a 318; 396; 397 e 400 a 419, do CPC c/c art. 152, do ECA.

704 Vide art. 213 e sgts., do CPC. Importante atentar para a preocupação do legislador em ressaltar a necessidade de *esgotarem-se os meios* na tentativa de *citação pessoal* dos requeridos, pelo que não basta a simples alegação de que estes se encontram em local ignorado e/ou a certidão de que não foram encontrados no endereço indicado pelo autor para que se passe, desde logo, à citação ficta, em suas diversas formas. É de se ressaltar, aliás, que por ser a suspensão ou destituição do poder familiar uma *ação de estado*, incabível até mesmo a citação por correio, *ex vi* do disposto no art. 222, alínea "a", do CPC. Em tais casos, é imprescindível a realização de todas as *diligências que se fizerem necessárias*, inclusive *por iniciativa da própria autoridade judiciária* (a quem, fundamentalmente, o comando contido neste dispositivo está dirigido), com a busca, por oficial de justiça, de informes sobre o atual paradeiro dos requeridos junto a vizinhos do último endereço conhecido e parentes, consulta a bancos de dados existentes junto a órgãos oficiais, incluindo eventuais programas e/ou serviços de localização de pais desaparecidos (cf. art. 87, inciso IV, do ECA), etc. Jamais podemos esquecer que está em jogo o direito da criança ou adolescente à convivência familiar, que na forma da lei (art. 19, do ECA), deverá ser exercido *preferencialmente no seio de sua família natural*, que por sua vez, tanto por força de lei quanto da Constituição Federal (art. 216, da CF), tem direito à *especial proteção* por parte do Estado.

Art. 159. Se o requerido não tiver possibilidade de constituir advogado, sem prejuízo do próprio sustento e de sua família, poderá requerer, em cartório, que lhe seja nomeado dativo, ao qual incumbirá a apresentação de resposta, contando-se o prazo a partir da intimação do despacho de nomeação **[705]**.

705 Vide art. 5º, incisos LV e LXXIV, da CF e art. 4º, §1º, da Lei nº 1.060/1950 (Lei da Assistência Judiciária).

Art. 160. Sendo necessário, a autoridade judiciária requisitará de qualquer repartição ou órgão público a apresentação de documento que interesse a causa, de ofício ou a requerimento das partes ou do Ministério Público **[706]**.

706 Vide art. 5º, incisos XXXIII e XXXIV, da CF; art. 202, do ECA; art. 399, do CPC; Lei nº 9.507/1997 (que regula o direito de acesso a informações e disciplina o rito processual do *habeas data*) e Lei nº 11.111/2005, de 05/05/2005, que regulamenta a parte final do disposto no inciso XXXIII do *caput* do art. 5º da CF. O dispositivo, que permite a requisição de documentos *de ofício* pela própria autoridade judiciária, ressalta a preocupação do legislador em fazer com que esta diligencie na busca da *verdade real* sobre os fatos.

Art. 161. Não sendo contestado o pedido, a autoridade judiciária dará vista dos autos do Ministério Público, por cinco dias, salvo quando este for o requerente, decidindo em igual prazo [707].

§ 1º. A autoridade judiciária, de ofício ou a requerimento das partes ou do Ministério Público, determinará a realização de estudo social ou perícia por equipe interprofissional [708] ou multidisciplinar, bem como a oitiva de testemunhas que comprovem a presença de uma das causas de suspensão ou destituição do poder familiar previstas nos arts. 1.637 e 1.638 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, ou no art. 24 desta Lei [709].

§ 2º. Em sendo os pais oriundos de comunidades indígenas, é ainda obrigatória a intervenção, junto à equipe profissional ou multidisciplinar referida no § 1º deste artigo, de representantes do órgão federal responsável pela política indigenista, observado o disposto no § 6º do art. 28 desta Lei [710].

§ 3º. Se o pedido importar em modificação de guarda, será obrigatória, desde que possível e razoável, a oitiva da criança ou adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento e grau de compreensão sobre as implicações da medida [711].

§ 4º. É obrigatória a oitiva dos pais sempre que esses forem identificados e estiverem em local conhecido [712].

707 Vide arts. 198 e 320, inciso II, do CPC. Por se tratar de uma verdadeira *ação de estado*, que versa sobre um *direito indisponível*, a eventual ocorrência da revelia *não induz a incidência de seus efeitos*, previstos no art. 319, do CPC. Assim sendo, dificilmente será cabível o julgamento antecipado da lide (cf. art. 330, do CPC), sendo em regra necessária a produção de provas, notadamente para fins de comprovação da ocorrência de alguma das situações previstas nos arts. 1637 e 1638, do CC. Neste sentido: *DESTITUIÇÃO DO PÁTRIO PODER. RÉU REVEL CITADO POR EDITAL. CURADOR ESPECIAL. PROVA. A mãe que abandona o lar e deixa o filho aos cuidados do pai dele e companheiro dela, não comete ato de abandono contra o filho, como descrito nos arts. 395, II, do Código Civil e 22 do ECA. Tratando-se de litígio sobre direito indisponível, a revelia não induz confissão (art. 320, II, CPC) e cumpre ao autor provar os fatos que fundamentam o pedido. O curador especial nomeado ao réu revel citado por edital não tem poder para confessar nem para transigir, logo, não pode admitir o pedido. Preliminar rejeitada. Apelo improvido* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív nº 597061068. Rel. Des. Antônio Guilherme Tanger Jardim. J. em 19/06/1997); e *APELAÇÃO. INOCORRÊNCIA DE INTEMPESTIVIDADE. DESTITUIÇÃO DE PÁTRIO PODER. ADOÇÃO. Tratando-se de direitos indisponíveis não se aplicam os efeitos da revelia, ipso facto não pode a parte requerida ser tratada como revel, portanto, inaplicáveis os dispostos nos artigos 322 e 506, I, do Código de Processo Civil, de que o prazo recursal para o réu revel corre independentemente de intimação, a partir da publicação da sentença em audiência ou em cartório. Por conseguinte, deve a parte, no caso, ser intimada pessoalmente das sentenças de destituição de pátrio poder e de adoção da filha*

menor, até porque, na condição de mãe, lhe é reservado um direito natural de saber o destino que a Justiça proporcionou à criança. Agravo provido para, afastada a intempestividade do apelo, determinar seja recebido e processado. (TJGO. 3ª C. Cív. A.I. nº 11546-2/180. Rel. Des. Charife Oscar Abrão. J. em 21/08/1997).

708 Vide arts. 150 e 151, do ECA.

709 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 400 a 419, do CPC. Valem aqui as mesmas observações efetuadas em relação aos arts. 159 a 161, do ECA.

710 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009.

711 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 28, §1º, 100, par. único, incisos I e XII e 168, do ECA.

712 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 100, par. único, incisos IX a XII, do ECA. A participação dos pais na definição da situação é fundamental, inclusive na perspectiva de serem orientados das consequências da medida e lhes serem oferecidas orientação e assistência tendentes a reverter a situação que determinou a propositura da ação, como decorrência do disposto no art. 19, §3º, do ECA e art. 226, *caput* e §8º, da CF. A falta da oitiva dos pais, quando conhecida sua identidade e paradeiro, é causa de nulidade do processo. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO DE DESTITUIÇÃO DE PODER FAMILIAR. PRELIMINAR DE CERCEAMENTO DE DEFESA. AUSÊNCIA DE OITIVA DOS GENITORES DA CRIANÇA. ATO ESSENCIAL. EXEGESE DO ART. 161, § 4º DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. NULIDADE RECONHECIDA. RECURSO PROVIDO. Consoante dispõe o § 4º do art. 161 do Estatuto da Criança e do Adolescente, incluído pela Lei nº 12.010/2009, na seção referente à perda e suspensão do poder familiar, é obrigatória a oitiva dos pais sempre que esses forem identificados e estiverem em local conhecido. Desse modo, observando-se que os genitores, muito embora tivessem endereço certo e conhecido, além de participarem ativamente do feito, não foram ouvidos durante a instrução processual, evidenciando cerceamento de defesa, razão pela qual deve o processo ser anulado a partir da audiência de instrução e julgamento, determinando-se as oitivas mencionadas faltantes*. (TJSC. 1ª C. Dir. Civ. Ap. Cív. nº 2010.071223-0. Rel. Des. Joel Dias Figueira Júnior. J. em 25/05/2011).

Art. 162. Apresentada a resposta, a autoridade judiciária dará vista dos autos ao Ministério Publico, por cinco dias, salvo quando este for o requerente **[713]**, designando, desde logo, audiência de instrução e julgamento.

§ 1º. A requerimento de qualquer das partes, do Ministério Público, ou de ofício, a autoridade judiciária poderá determinar a realização de estudo social ou, se possível, de perícia por equipe interprofissional **[714]**.

§ 2º. Na audiência, presentes as partes e o Ministério Público, serão ouvidas as testemunhas, colhendo-se oralmente o parecer técnico, salvo quando apresentado por escrito, manifestando-se sucessivamente o requerente, o requerido e o Ministério Público, pelo tempo de vinte minutos cada um, prorrogável por mais dez. A decisão será proferida na audiência, podendo a autoridade judiciária, excepcionalmente, designar data para sua leitura no prazo máximo de 5 (cinco) dias.

713 Vide arts. 201, inciso III e 202 a 205, do ECA.

714 Vide arts. 150 e 151, do ECA. Embora o dispositivo utilize a expressão "poderá", a realização de estudo técnico criterioso, por meio de equipe interprofissional habilitada, neste e em outros casos que envolvem direitos fundamentais

indisponíveis de crianças e adolescentes mostra-se *imprescindível*, na medida em que a *efetiva solução* do problema enfrentando pela criança ou adolescente atendida, bem como de sua respectiva família (que é o *objetivo primordial*) da intervenção estatal (valendo observar o disposto nos arts. 1º; 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA), não demanda apenas a análise da matéria sob a ótica jurídica (ou meramente "formal"), mas sim exige a intervenção de profissionais qualificados de outras áreas do saber, que fornecerão à autoridade judiciária os subsídios indispensáveis a uma decisão *correta*, *responsável* e, acima de tudo, *justa*.

Art. 163. O prazo máximo para conclusão do procedimento será de 120 (cento e vinte) dias **[715]**.

Parágrafo único. A sentença que decretar a perda ou a suspensão do poder familiar será averbada à margem do registro de nascimento da criança ou do adolescente **[716]**.

715 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 4º, par. único, alínea "b" e 152, par. único, do ECA; art. 198, do CPC e Instrução Normativa nº 02/2009, de 03/11/2009, do Conselho Nacional de Justiça/Corregedoria Nacional de Justiça. O objetivo da norma é evitar a perpetuação do procedimento, notadamente nos casos em que a criança/adolescente estiver inserida em programa de acolhimento institucional. Em sendo constatada a absoluta inviabilidade da manutenção/reintegração da criança/adolescente à sua família de origem, sua situação jurídica deverá ser o quanto antes definida, de modo a tornar viável sua colocação em adoção (sem prejuízo de sua eventual colocação sob guarda ou tutela). Nada impede, no entanto (e é mesmo salutar), que uma vez constatada a reversão do quadro que deu origem ao pedido de destituição, este seja ao final julgado improcedente, valendo observar os comentários e julgados supra, aos quais acrescentamos o seguinte: *Destituição do poder familiar. Doença mental da genitora. Internação. Menores mantidos sob acolhimento institucional desde maio/2009 - Procedência em primeiro grau de jurisdição. Inconformismo. Apelação cível interposta pela mãe. Tratamento diário. Melhora significativa do quadro psíquico. Impossibilidade de sozinha cuidar de si e dos filhos. Companheiro que, legalmente, é o pai de um dos menores. Interesse na manutenção e criação dos irmãos. Busca por uma estrutura adequada à manutenção dos filhos com a mãe. Contratação de empregada doméstica para auxílio nos trabalhos do lar. Situação aparente favorável à reintegração familiar. Estudo Social concluído prematuramente. Necessidade de continuidade da observação. Prova técnica incompleta. Sentença anulada de ofício. Recurso prejudicado. 1. Poder familiar é o conjunto de direitos e obrigações que envolvem a relação dos pais com os filhos. 2. Se a prova técnica aponta condições atuais favoráveis à manutenção das crianças com a genitora, que tenta reestruturar seu lar, não poderia precipitadamente concluir que tal projeto é impossível, a partir de presunção baseada em fatos pretéritos. 3. Recurso conhecido, sentença anulada de ofício. Recurso prejudicado.* (TJPR. 11ª C. Cív. Ap. Cív. nº 712576-4, de Paranavaí. Rel. Des. Ruy Muggiati. J. em 27/10/2010).

716 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 102, §6º, da Lei nº 6.015/1973 (LRP). Apesar da averbação à margem do registro de nascimento, a relação de filiação não é desfeita pelo decreto da perda/suspensão do poder familiar, permanecendo íntegros alguns dos direitos/deveres paternofiliais, como o direito à *sucessão* e o dever de prestar *alimentos* (vide comentários aos arts. 33, §4º e 41, do ECA).

Seção III - Da Destituição da Tutela

Art. 164. Na destituição da tutela [717], observar-se-á o procedimento para a remoção de tutor previsto na Lei Processual Civil [718] e, no que couber, o disposto na seção anterior.

717 Vide arts. 36 e 38, do ECA. A destituição de tutela deverá ocorrer nas hipóteses previstas no art. 1766, do CC. Vide também art. 169, *caput*, do ECA.

718 Trata-se do procedimento contencioso e contraditório regulado pelos arts. 1194 a 1198, do CPC. É importante não perder de vista que a criança/adolescente muitas vezes mantém vínculos de afetividade com seu tutor, cujo rompimento abrupto pode não ser recomendado. Assim sendo, a exemplo do que ocorre em relação a outras medidas que importam no rompimento de vínculos familiares, sua aplicação deve ser revestida de cautelas (como a realização de estudo psicossocial criterioso, oitiva da criança/adolescente - observado o disposto nos arts. 28, §1º e 100, par. único, inciso XII, do ECA - e a preparação e acompanhamento posterior), nada impedindo que, mesmo no caso de ser recomendável o afastamento da criança/adolescente do convívio de seu tutor, seja regulamentado o direito de visita, ainda que seja esta realizada na própria entidade (ou em outro espaço de convivência definido pela política de garantia do direito à convivência familiar) e/ou mediante supervisão técnica.

Seção IV - Da Colocação em Família Substituta [719]

Art. 165. São requisitos para a concessão de pedidos de colocação em família substituta [720]:

I - qualificação completa do requerente e de seu eventual cônjuge, ou companheiro, com expressa anuência deste [721];

II - indicação de eventual parentesco do requerente e de seu cônjuge, ou companheiro, com a criança ou adolescente, especificando se tem ou não parente vivo [722];

III - qualificação completa da criança ou adolescente e de seus pais, se conhecidos [723];

IV - indicação do cartório onde foi inscrito nascimento, anexando, se possível, uma cópia da respectiva certidão [724];

V - declaração sobre a existência de bens, direitos ou rendimentos relativos à criança ou do adolescente [725].

Parágrafo único. Em se tratando de adoção, observar-se-ão também os requisitos específicos [726].

719 Vide arts. 4º, *caput*, 19, 28 a 52 e 101, inciso VIII, do ECA. A colocação de criança ou adolescente em família substituta se constitui numa forma de assegurar o exercício do direito fundamental à convivência familiar quando por qualquer razão não for possível a permanência da criança ou adolescente em sua família natural (cf. arts. 19, *caput*, 25 a 27, e 100, par. único, inciso X, do ECA). Frisa-se que sempre será preferível manter a criança ou adolescente no seio de sua família de origem e que sua colocação em família substituta é medida

sempre de caráter excepcional; no entanto, esta solução ainda é preferencial em relação ao acolhimento institucional (que viola o direito à convivência familiar, cf. arts. 101, inciso VII e §1º, do ECA). Importante também lembrar que a colocação em família substituta se constitui numa das *medidas de proteção* expressamente previstas pelo art. 101, inciso IX, do ECA, tendo como destinatária a criança ou o adolescente.

720 Vide também arts. 29 e 32, do ECA e art. 282, do CPC.

721 Interessante notar que, embora a prática tenha consagrado a colocação de crianças e adolescentes sob a guarda ou tutela de *casais*, na verdade basta a nomeação de apenas *uma pessoa* para assumir tais encargos (o que fica mais evidente quando da análise dos dispositivos relativos à tutela contidos na Lei Civil), razão pela qual, o próprio Estatuto se refere ao tutor ou guardião apenas no *singular* ("...pais ou *responsável...*"). Daí porque prevê a lei que o requerimento deve ser formulado por apenas *um* dos cônjuges ou companheiros, contando no entanto com a expressa anuência do outro (sem a qual a medida não pode ser deferida, inclusive de modo a evitar conflitos no seio da família onde será a criança ou adolescente inserida).

722 Vide arts. 28, §2º e 100, *caput*, segunda parte, do ECA. Em havendo *parentes* da criança ou adolescente dispostos a assumir sua guarda, tutela ou adoção, os mesmos terão *preferência* em relação a pessoas que não possuam qualquer vínculo familiar com o destinatário da medida, ressalvada a comprovada existência de forte relação de afinidade e/ou afetividade (sob o ponto de vista da criança/adolescente), que justifique a adoção de solução diversa. Observe-se ainda que, na forma do disposto no art. 42, §1º, do ECA, "*não podem adotar os ascendentes e os irmãos do adotando*", nada impedindo, no entanto, que obtenham sua guarda ou tutela.

723 Pois em determinados casos, será necessária inclusive a prévia suspensão ou mesmo destituição do poder familiar por estes exercido, o que deverá ocorrer em procedimento contencioso e contraditório, no qual devem ser esgotados os meios para sua citação pessoal, cf. art. 158, par. único, do ECA.

724 Vide arts. 47, §2º e 102, do ECA. A impossibilidade de juntada da certidão de nascimento deve ser justificada. Caso não seja anexada com a inicial, o Juiz deverá requisitar uma cópia ao cartório onde foi inscrito o nascimento ou, não sendo este conhecido, diligenciar no sentido de sua localização. Caso constatada a ausência de registro, deve ser este lavrado, nos moldes do previsto no art. 102, §§1º e 2º, do ECA.

725 Disposição que tem especial relevância em se tratando de pedido de tutela, cf. art. 1741, do CC (a guarda a rigor não confere o direito de representação e/ou administração de bens do guardado). Interessante também observar o disposto no art. 1744, do CC, sobre a responsabilidade do Juiz por prejuízos ao patrimônio da criança ou adolescente no caso de demora injustificada na nomeação de tutor que os administre e/ou quando tenha deixado de exigir garantia legal ou de removê-lo, quando este se torne suspeito.

726 Vide arts. 50 a 52, do ECA.

Art. 166. Se os pais forem falecidos, tiverem sido destituídos ou suspensos do poder familiar **[727]**, ou houverem aderido expressamente ao pedido de colocação em família substituta **[728]**, este poderá ser formulado diretamente em cartório, em petição assinada pelos próprios requerentes, dispensada a assistência de advogado **[729]**.

§ 1º. Na hipótese de concordância dos pais, esses serão ouvidos pela autoridade judiciária e pelo representante do Ministério Público, tomando-se por termo as declarações [730].

§ 2º. O consentimento dos titulares do poder familiar será precedido de orientações e esclarecimentos prestados pela equipe interprofissional da Justiça da Infância e da Juventude, em especial, no caso de adoção, sobre a irrevogabilidade da medida [731].

§ 3º. O consentimento dos titulares do poder familiar será colhido pela autoridade judiciária competente em audiência, presente o Ministério Público, garantida a livre manifestação de vontade e esgotados os esforços para manutenção da criança ou do adolescente na família natural ou extensa [732].

§ 4º. O consentimento prestado por escrito não terá validade se não for ratificado na audiência a que se refere o §3º deste artigo.

§ 5º. O consentimento é retratável até a data da publicação da sentença constitutiva da adoção [733].

§ 6º. O consentimento somente terá valor se for dado após o nascimento da criança [734].

§ 7º. A família substituta receberá a devida orientação por intermédio de equipe técnica interprofissional a serviço do Poder Judiciário, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar [735].

727 Uma vez estabelecida a maternidade/paternidade (e para averiguação desta existe o procedimento específico previsto na Lei nº 8.560/1992 - norma cogente que não pode ser ignorada, muito menos pelo julgador), sem que haja a expressa concordância dos pais (caso estes estejam vivos, ainda que em local ignorado), não é possível deferir uma adoção sem a prévia destituição do poder familiar, em procedimento judicial contencioso específico (cf. arts. 24 e 169, do ECA), no qual, por força do disposto no art. 158, par. único do ECA, "*deverão ser esgotados todos os meios para a citação pessoal*" daqueles, o que pressupõe a realização de diligências no sentido de sua localização. Assim sendo, o disposto no art. 166, do ECA não pode ser interpretado de forma isolada, mas sim em conjunto com as disposições estatutárias relativas à matéria. Em se tratando de pais "*desaparecidos*", ou quando há oposição ao pedido de adoção, a prévia destituição do poder familiar é *indispensável* ao deferimento da adoção (devendo ser devidamente comprovada a existência de *justa causa* para o decreto da medida), embora seja admissível a cumulação de pedidos. Em outras palavras, mesmo em se tratando de pais "*desaparecidos*", será necessária a propositura de ação específica com vista à destituição do poder familiar, pois tal providência se constitui numa *norma imperativa* decorrente dos arts. 24, 155 a 160 e 169, do ECA, que precisa ser respeitada, a bem de garantias constitucionais elementares. Descabida, portanto, a "dispensa" da deflagração de procedimento judicial contencioso específico, com vista à destituição do poder familiar de pais que se alegue estejam "*desaparecidos*". Do contrário, bastaria a alegação, na inicial, de que os pais da criança estariam "*em local ignorado*", para que o procedimento assumisse a forma simplificada do art. 166, do ECA (independentemente da deflagração de procedimento contencioso e com a garantia constitucional elementar do contraditório e da ampla defesa), o que faria com que pais que ainda mantivessem contato com os filhos ou estivessem em locais de fácil acesso, perdessem o poder familiar em relação aos mesmos

sem que tivessem ao menos facultada sua defesa e sem qualquer justificativa plausível. Vale mencionar, a propósito, que se estaria em tais casos violando, inclusive, o disposto no art. 87, inciso IV, do ECA, que não por acaso inclui, entre as "*linhas de ação da política de atendimento*" a criação de um "*serviço de identificação e localização de pais, responsável, crianças e adolescentes desaparecidos*", pois a preocupação do legislador (traduzida, ainda, em disposições como as contidas nos arts. 19, 100, *caput* segunda parte e 101, *caput*, inciso I e par. único, do ECA), é de preservar a integridade da família, em respeito ao disposto nos arts. 226 e 227, da Constituição Federal.

728 Vide art. 45, do ECA. A "adesão ao pedido" *não importa* em "renúncia" ao exercício do poder familiar e nem se constitui em justa causa para sua destituição (ou "extinção", como alguns julgados inadvertidamente - e de forma indevida/equivocada - decretam). É uma manifestação de vontade que pode ser revogada a qualquer tempo, até o momento da publicação da sentença constitutiva de adoção (cf. art. 166, §5º, do ECA, a *contrariu sensu*). A revogação do consentimento demanda a extinção do processo e, caso se entenda necessário o afastamento da criança ou adolescente de sua família de origem, será necessário a deflagração de outro, de cunho contencioso, no qual se garanta aos pais o exercício do contraditório e da ampla defesa, e seja devidamente comprovada a presença dos requisitos legais que autorizam a tomada de tão drástica medida. Neste sentido: *AGRAVO REGIMENTAL EM AGRAVO DE INSTRUMENTO. AÇÃO DE ADOÇÃO. AUSÊNCIA DE CONSENTIMENTO DOS PAIS BIOLÓGICOS. PODER FAMILIAR. NECESSIDADE DE SE PROMOVER A PRÉVIA DESTITUIÇÃO. PRECEDENTES. AGRAVO IMPROVIDO.* (STJ. 3ª T. Ag. Rg. no Ag. nº 1269899/MG. Rel. Min. Ministro Massami Uyeda. J. em 03/02/2011).

729 Redação alterada pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 1734, do CC. Neste dispositivo, o legislador procurou estabelecer um procedimento simplificado para colocação de criança ou adolescente em família substituta, nas hipóteses em que o pedido não encontra resistência (não há lide), seja em razão da expressa concordância dos pais com a medida, seja pelo fato de estes serem desconhecidos, falecidos, ou previamente suspensos ou destituídos do poder familiar. Nestas hipóteses, o pedido pode ser formulado diretamente em cartório pelos aspirantes à guarda, tutela ou adoção, inclusive sem a assistência de advogado. Interessante também destacar que, para nomeação de guardiães e tutores, o pedido pode ser formulado inclusive a pedido do Ministério Público, conforme art. 201, inciso III, do ECA. Sobre a matéria: *MENOR. COLOCAÇÃO EM FAMÍLIA SUBSTITUTA. EXPRESSA CONCORDÂNCIA DOS PAIS. Desnecessidade de ser o requerimento feito por advogado, bastando petição assinada pelos requerentes. Aplicação do art. 166 da Lei 8.069/90. Para a colocação de menor em família substituta, tendo havido expressa concordância dos pais, não há como exigir-se o requerimento por advogado, bastando petição assinada pelos requerentes, de acordo com o art. 166 da Lei 8.069/90* (TJSP. C. Esp. A.I. nº 12.793-0. Rel. Des. Sylvio do Amaral. J. em 06/06/1991).

730 Vide Lei nº 8.560/1992 c/c art. 102, do ECA. Esta audiência, na qual os pais comparecem em Juízo para manifestar expressamente sua adesão ao pedido de colocação em família substituta é *obrigatória*, não podendo ser substituída por declaração contida na petição inicial (que aqueles tenham eventualmente subscrito) e/ou apresentada por escrito, em separado, ainda que por instrumento público. A referida audiência servirá não apenas para que se tenha certeza de que a vontade expressa pelos pais é livre e resultante de profunda reflexão, mas também para que sejam estes formalmente advertidos acerca de suas consequências (que no caso da adoção serão permanentes, inclusive com a perda da condição de pai/mãe, sem qualquer direito a esta inerente). Por imperativo constitucional, e tendo em vista que, como dito, o direito à convivência familiar tem como titular *a criança ou adolescente* (e não a seus pais), que dever ser prioritária e preferencialmente exercido no seio de sua

família natural (ou de origem), neste momento deve-se procurar inclusive, a depender da situação, *fazer com que os pais reflitam melhor acerca de sua intenção em entregar os filhos para terceiros*, apurando as *razões* de sua manifestação de vontade (não sendo demais lembrar do disposto no arts. 23 e par. único, do ECA) e viabilizando sua inclusão em *programas de orientação, apoio e tratamento sociofamiliar*, com a aplicação das medidas previstas no art. 129, incisos I, II, III e/ou IV, do ECA, que por sua vez, resultam do disposto no art. 226, da CF. Importante, também, caso a criança ou adolescente não tenha a paternidade reconhecida, seguir o trâmite previsto na Lei nº 8.560/1992, já que a regularização do registro civil em tais situações é providência exigida pelo art. 102, do ECA e é perfeitamente possível que, uma vez notificado a confirmar a paternidade que lhe é atribuída, o pai assuma tal condição, tendo assim preferência (que será estendida - sucessivamente - a seus familiares) a receber a criança ou adolescente em sua guarda, assim evitando sua colocação em família substituta. Deve-se evitar que o consentimento da mãe com a adoção seja colhido nos dias ou mesmo semanas posteriores ao nascimento da criança (como forma de evitar seja dado sob a influência do estado puerperal), devendo ser precedido de seu atendimento por uma equipe interprofissional habilitada, a serviço do Juizado da Infância e da Juventude e/ou do município, na perspectiva de avaliar os motivos da manifestação e permitir que mesma receba orientação, apoio e, se necessário, seja encaminhada a programas sociais, na perspectiva de reverter sua decisão ou minorar suas consequências (valendo neste sentido observar o disposto no art. 226, da CF e arts. 8º, §§4º e 5º e 13, par. único, do ECA). Vale mencionar que o art. 166, §5º, do ECA reconhece, de maneira expressa, o *direito* de os pais *revogarem* seu consentimento com a colocação dos filhos em adoção até a publicação da sentença constitutiva de adoção, sendo certo que aquela manifestação original *não é causa de destituição do pode familiar* e *não autoriza, de per se, a decretação desta medida*. Caso um procedimento de adoção tenha se iniciado tendo por pressuposto o consentimento dos pais, e este venha em seu curso a ser revogado, não restará alternativa outra além da *extinção do feito*, somente se podendo falar em adoção se houver *justa causa* para a *destituição do poder familiar*, a ser promovida em *procedimento próprio*, nos moldes do previsto nos arts. 24 e 155 a 163, do ECA. Sobre a matéria: *ADOÇÃO. Concordância da mãe com o pedido. Retratação posterior que impõe a instauração de procedimento contraditório. Impossibilidade de destituição do pátrio poder 'ex officio'. Se a mãe do adotando concorda com a adoção e posteriormente se retrata, impositivo que se lhe dê oportunidade para contestar o pedido, instaurando-se procedimento contraditório, não podendo, ex officio, ser destituída do pátrio poder.* (TJSP. C. Esp. RI nº 12.432-0. Rel. Des. Torres de Carvalho. J. em 14/03/1991); e *ECA. ADOÇÃO. ARREPENDIMENTO MATERNO E AUSÊNCIA DE CONSENTIMENTO DO GENITOR. NECESSIDADE DE APURAÇÃO SOBRE A DESTITUIÇÃO DO PODER FAMILIAR. INVALIDADE DECRETADA. Não mantendo a genitora no decorrer do feito a posição manifestada favoravelmente à adoção, e considerando que o pai biológico em nenhum momento mostrou-se favorável ao pedido dos autores, é mais razoável que se decrete a invalidade do processo, para que também seja discutida a destituição do poder familiar. Preliminar de nulidade acolhida. Processo anulado*. (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70007001894. Rel. Des. José Carlos Teixeira Giorgis. J. em 22/10/2003).

731 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 4º, alínea "c", nº 1, da Convenção de Haia sobre adoção internacional e comentários aos arts. 45, *caput*; 100, par. único, incisos XI e XII e 151, do ECA. O fato de os pais consentirem com a adoção de seus filhos não significa que a autoridade judiciária está "obrigada" a aplicar tal medida. É preciso lembrar que o direito que está em jogo (o direito à convivência familiar), tem como titular *a criança ou adolescente*, e não seus pais, sendo que sua *efetivação* por parte do Poder

Público em geral (incluindo, logicamente, o Poder Judiciário - cf. art. 4º, *caput*, do ECA), está sujeita a uma série de *princípios* e *normas cogentes* (como é o caso, além deste dispositivo, do art. 100, *caput* e par. único, do ECA), que não podem ser pura e simplesmente ignorados. Assim sendo, mesmo diante de eventual manifestação dos pais favorável à adoção de seus filhos, nada impede, por exemplo, que uma vez constatada a possibilidade de manutenção da criança/adolescente junto à sua família extensa, e verificada que esta é a solução que melhor atende aos seus interesses, o Juiz promova sua colocação sob a guarda dos avós (partindo do pressuposto, é claro, que estes estão dispostos a assumir tal encargo - ou venham a ser trabalhados neste sentido -, sem prejuízo do acompanhamento posterior do caso e de uma intervenção junto aos pais, na perspectiva de manutenção/fortalecimento dos vínculos parentais).

732 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, §3º, 87, inciso VI, 88, inciso VI e 100, par. único, incisos IX a XII, do ECA.

733 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 4º, alínea "c", nº 3, da Convenção de Haia sobre adoção internacional. Disposição semelhante era prevista pelo Código Civil de 2002 (art. 1621, §2º, revogado pela Lei nº 12.010/2009), e foi "transportada" para o Estatuto da Criança e do Adolescente quando este voltou a regular, de maneira exclusiva, a adoção de crianças e adolescentes. A revogação do consentimento com a adoção impede a utilização da forma "simplificada" do procedimento prevista para as hipóteses do art. 166, do ECA, tornando *indispensável*, para que a medida seja deferida, o *ajuizamento de ação própria de destituição do poder familiar* (arts. 155 a 163, do ECA), o que por sua vez demanda a *efetiva presença* de uma das *causas* de destituição, previstas no art. 24, do ECA e art. 1638, do CC (dentre as quais, por óbvio, não se inclui o consentimento com a adoção originalmente prestado).

734 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 4º, alínea "c", nº 4, da Convenção de Haia sobre adoção internacional.

735 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 28, §5º; 46, §4º; 50, §§3º e 4º e 197-C, §§1º e 2º, do ECA.

Art. 167. A autoridade judiciária, de ofício ou a requerimento das partes ou do Ministério Público, determinará a realização de estudo social ou, se possível, perícia por equipe interprofissional **[736]**, decidindo sobre a concessão de guarda provisória **[737]**, bem como, no caso de adoção, sobre o estágio de convivência **[738]**.

Parágrafo único. Deferida a concessão da guarda provisória ou do estágio de convivência, a criança ou o adolescente será entregue ao interessado, mediante termo de responsabilidade **[739]**.

736 Vide arts. 150 e 151, do ECA. A realização desta diligência, seja a pedido das partes, seja por iniciativa do Juízo é, pois, *obrigatória*, devendo contar com a intervenção de *profissionais* das áreas da pedagogia, psicologia e serviço social que, se não disponíveis junto ao Juízo, deverão ser solicitados ou mesmo *requisitados* junto à municipalidade (a exemplo do que pode fazer o Conselho Tutelar, cf. art. 136, inciso III, alínea "a", do ECA). Não se pode prescindir de tal *relatório social* (ou *psicossocial*) quando da decisão ou substituí-lo pela singela realização de "sindicâncias" a cargo de órgãos que não têm qualificação técnico-profissional (como oficiais de justiça, comissários de vigilância/agentes de proteção da infância e da juventude e outros serventuários), muito menos quando sequer vinculados ou subordinados à autoridade judiciária (como é o caso do Conselho Tutelar).

737 Vide arts. 33, *caput* e §1º, do ECA.

738 Vide comentários ao art. 46, do ECA.

739 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009.

Art. 168. Apresentado o relatório social ou o laudo pericial, e ouvida, sempre que possível, a criança ou o adolescente **[740]**, dar-se-á vista dos autos ao Ministério Público, pelo prazo de 5 (cinco) dias, decidindo a autoridade judiciária em igual prazo.

740 Vide arts. 28, §1º e 100, par. único, inciso XII, do ECA. Tendo em vista sua condição de sujeito de direitos (cf. arts. 3º e 100, par. único, inciso I, do ECA) e destinatária da medida, a criança ou adolescente deve ser ouvida, sempre que puder exprimir sua vontade, devendo sua opinião ser devidamente considerada pela autoridade judiciária. Esta oitiva deve ser realizada tanto pela própria autoridade judiciária quanto (e preferencialmente) por intermédio de equipe interprofissional habilitada. Vale também lembrar que, em se tratando de pedido de colocação em família substituta envolvendo *adolescente*, não basta sua oitiva, mas é também necessário a coleta de seu *consentimento expresso* com a medida (cf. art. 45, §2º, do ECA e art. 1621, *caput*, do CC).

Art. 169. Nas hipóteses em que a destituição da tutela, a perda ou a suspensão do poder familiar constituir pressuposto lógico da medida principal de colocação em família substituta, será observado o procedimento contraditório previsto nas seções II e III deste Capítulo **[741]**.

Parágrafo único. A perda ou a modificação da guarda poderá ser decretada nos mesmos autos do procedimento, observado o disposto no artigo 35 **[742]**.

741 Vide arts. 155 a 164, do ECA; arts. 1635, 1637, 1638 e 1766, do CC e arts. 1194 a 1198, do CPC. Isto ocorrerá em relação a pedidos de *tutela* (que demanda a prévia suspensão ou destituição do poder familiar - fora das hipóteses do art. 166, do ECA) e *adoção* (que demanda a prévia destituição do poder familiar - também fora das hipóteses do art. 166, do ECA). Em tais casos deverá haver obrigatória *cumulação de pedidos*, sendo a suspensão ou destituição do poder familiar questão *prejudicial* ao deferimento da tutela ou adoção. Em havendo oposição dos pais (ou quando estes, embora conhecidos, estiverem em local ignorado, não sendo assim possível a coleta do seu consentimento com a medida, nos moldes do previsto no art. 166, do ECA), a propositura de uma ação de destituição do poder familiar se constitui no único modo de garantir o pleno exercício do contraditório e da ampla defesa, inclusive para evitar que a medida seja aplicada de forma *arbitrária* e/ou *açodada*, sem que seja devidamente *comprovada* a presença de alguma das *causas* de destituição do poder familiar previstas no art. 1638, do Código Civil e arts. 22 c/c 24, do ECA. Não mais é admissível agir tal qual ocorria sob a égide do revogado "Código de Menores", em que a pretexto de se estar agindo no "melhor interesse da criança" arbitrariedades eram praticadas e graves equívocos eram cometidos. Pela sistemática atual, o conceito de "melhor interesse da criança" não é mais o termo vago de outrora, cujo alcance ficava ao critério exclusivo da autoridade judiciária, posto que passou a ter parâmetros claramente definidos, que encontram respaldo, antes de mais nada, na Constituição Federal (que, apenas para exemplificar, assegura à família, *primeira instituição chamada à responsabilidade para defesa dos direitos infanto-juvenis, especial proteção por parte do Estado* - o que inclui o Estado-Juiz, *na pessoa de cada um de seus integrantes* - cf. arts. 226, *caput* e §8º e 227, *caput*, primeira parte, de nossa Carta Magna), o que inclui a *proteção à paternidade/maternidade* e o *direito ao*

contraditório e à ampla defesa. A Lei nº 12.010/2009 *reafirma* a necessidade de instauração de *processo/procedimento contraditório até mesmo para o simples afastamento temporário de criança ou adolescente do convívio familiar*, o que logicamente torna absolutamente *inviável* que a adoção (ressalvadas, logicamente, as hipóteses previstas no art. 166, do ECA), ocorra sem a prévia destituição do poder familiar, assim decretada em sede de procedimento específico, não por acaso previsto no próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (arts. 155 a 163, do ECA), após devidamente *comprovada* a presença de uma das referidas *causas* de destituição do poder familiar previstas em lei. Caso seja negado o pedido de suspensão ou destituição do poder familiar é possível colocar a criança ou adolescente sob a *guarda* de terceiros (cf. art. 33 e sgts., do ECA, já que esta pode coexistir com o poder familiar), quando por qualquer razão o infante não possa ou não deva - ainda que temporariamente - retornar ao convívio de seus pais ou responsável (sendo certo que o deferimento da guarda deve ser acompanhado da regularização do direito de visitas e do dever de os pais prestarem alimentos aos filhos - valendo observar os comentários ao art. 33, §4º, do ECA). Neste sentido: *DIREITO CIVIL. ADOÇÃO PLENA. DESTITUIÇÃO PRÉVIA DO PÁTRIO-PODER. NECESSIDADE DE PROCEDIMENTO PRÓPRIO COM ESSE FIM. OBSERVÂNCIA DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. I. O deferimento da adoção plena não implica automaticamente na destituição do pátrio-poder, que deve ser decretada em procedimento próprio autônomo com esse fim, com a observância da legalidade estrita e da interpretação normativa restritiva, cautela essa imposta não só pela gravidade da medida a ser tomada, uma vez que importa na perda do vínculo da criança com sua família natural, como também por força das relevantes repercussões em sua vida sócio-afetiva, sob pena de serem ainda desrespeitados os princípios do contraditório e do devido processo legal (artigos 24, 32, 39 a 52, destacando-se o artigo 45, e ainda, os artigos 155 a 163 do Estatuto da Criança e do Adolescente). II. Note-se que, no caso, a adoção está sendo deferida contra a vontade da mãe biológica, como espécie de sanção pela violação de deveres jurídicos preestabelecidos - circunstância própria do procedimento de jurisdição contenciosa, que somente se aperfeiçoa por ato judicial -, situação que só vem a reforçar a necessidade de instauração do procedimento autônomo ao fim almejado, visando até mesmo impedir violação a direitos personalíssimos relativos à maternidade. Recurso especial provido, para julgar a autora carecedora do direito à ação, por impossibilidade jurídica processual do pedido, com a ressalva de que a situação da criança não será alterada, permanecendo ela na guarda da autora.* (STJ. 3ª T. R.Esp. nº 283092/SC. Rel. Min. Castro Meira. J. em 14/02/2006).

742 Embora a redação do artigo, a princípio, possa levar à conclusão que a destituição de guarda pode ocorrer sem maiores formalidades, independentemente de procedimento contraditório (que somente é exigido de maneira expressa, na forma do *caput* do dispositivo, para destituição de tutela, perda ou suspensão do poder familiar), seguramente não é esta a melhor solução, podendo-se mesmo questionar a *constitucionalidade* deste artigo, seja à luz do disposto no art. 5º, incisos LIV e LV, da CF, seja em razão do próprio princípio da proteção integral à criança e ao adolescente, consagrado pelo art. 227, de nossa Carta Magna, pois afinal, o direito que está em jogo - o direito à convivência familiar - tem como titular a própria criança ou adolescente, e é a própria Lei Maior, em seu art. 227, §3º, inciso VI, que estimula a colocação destes sob guarda, em detrimento ao seu acolhimento institucional. É bem verdade que a guarda foi concebida para ser eminentemente *provisória*, mas a própria lei reconhece que, em certas situações, ela pode se perpetuar no tempo (art. 33, §2º, do ECA), gerando vínculos entre guardiães e guardados que não podem ser pura e simplesmente ignorados. Assim sendo, deve-se garantir, também nos casos de perda ou modificação de guarda, o exercício do

contraditório e ampla defesa, a exemplo do que ocorrem em relação à tutela, o que não significa, por óbvio, esteja a autoridade judiciária impedida de determinar, desde logo (como providência cautelar), o afastamento da criança ou adolescente do convívio de seu guardião, quando entender necessário.

Art. 170. Concedida a guarda ou a tutela, observar-se-á o disposto no artigo 32, e, quando à adoção, o contido no artigo 47 **[743]**.

Parágrafo único. A colocação de criança ou adolescente sob a guarda de pessoa inscrita em programa de acolhimento familiar será comunicada pela autoridade judiciária à entidade por este responsável no prazo máximo de 5 (cinco) dias **[744]**.

743 A dispensa de qualquer "compromisso" dos adotantes decorre da constatação elementar que, após consumada a adoção, estes passam à condição de *pais* do adotado, com todos os direitos e deveres naturalmente inerentes ao poder familiar, conforme previsto no art. 1634, do CC. Isto não impede, no entanto, que haja o acompanhamento posterior da situação da criança/adolescente junto ao lar onde foi inserida, qualquer que seja a modalidade de colocação familiar (cf. art. 28, §5º, do ECA).

744 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 28, §5º, 34, §§1º e 2º e 50, §11, do ECA e art. 198, do CPC. O objetivo da comunicação, dentre outras, é permitir o acompanhamento posterior do caso, inclusive para elaboração periódica do relatório de reavaliação, nos moldes do previsto no art. 92, §2º, do ECA.

Seção V - Da Apuração de Ato Infracional Atribuído a Adolescente [745]

Art. 171. O adolescente apreendido por força de ordem judicial será, desde logo, encaminhado à autoridade judiciária **[746]**.

745 Vide arts. 103 a 111 e 113 c/c 100, *caput* e par. único, do ECA e disposições correlatas contidas na Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. Vide também o disposto na Resolução nº 119/2006, de 11/12/2006, do CONANDA (que dispõe sobre o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE); no art. 40, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; nas "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*" e nas "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e Juventude - Regras de Beijing*", convenções internacionais firmadas pelo Brasil (que, portanto, integram nosso Direito Positivo, *ex vi* do disposto no art. 5º, §2º, da CF), que também estabelecem princípios, diretrizes e regras sobre a matéria. Importante notar que o presente procedimento é destinado apenas à apuração de ato infracional praticado por *adolescente*, tecnicamente considerado, tendo por base sua idade à data do fato (cf. art. 104, par. único, do ECA). A *criança* acusada da prática de ato infracional não deverá ser a ele submetida, pois está sujeita apenas à aplicação de medidas de proteção (cf. arts. 105 c/c 101, do ECA), pelo *Conselho Tutelar* (cf. art. 136, inciso I, do ECA). Por força do disposto no art. 152, *caput*, do ECA, são aplicáveis ao procedimento para apuração de ato infracional, em caráter *subsidiário*, as "*normas gerais*" do Código de Processo Penal (com exceção do Sistema Recursal, por força do disposto no art. 198, do ECA), *desde que* compatíveis com as normas e princípios estatutários (e de

Direito da Criança e do Adolescente de modo geral), razão pela qual *não há espaço*, por exemplo, para intervenção da figura do *assistente de acusação* que, se admitido, apenas iria tumultuar o procedimento e impedir sua rápida solução. Neste sentido: *ATO INFRACIONAL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ASSISTENTE DE ACUSAÇÃO. INTERPOSIÇÃO DE RECURSO. IMPOSSIBILIDADE. AUSÊNCIA DE PREVISÃO LEGAL. APLICAÇÃO DAS REGRAS DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL. PRECEDENTE DO STJ. RECURSO ESPECIAL DESPROVIDO. 1. A Lei 8.069/90, em seu art. 198 (capítulo referente aos recursos), prevê a aplicação subsidiária das regras do Código de Processo Civil, motivo pelo qual não cabe estender a aplicação dos arts. 268 a 273 do Código de Processo Penal, que trata da figura do assistente da acusação, ao procedimento contido no ECA. 2. "Considerando o caráter de lei especial do Estatuto da Criança e do Adolescente, na qual não há qualquer referência à figura do assistente da acusação, ele é parte ilegítima para interpor recurso de apelação, por falta de previsão legal" (R.Esp. 605.025/MG, Rel. Min. GILSON DIPP, Quinta Turma, DJ de 21/11/05). 3. Recurso especial desprovido.* (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 1044203/RS. Rel. Min. Arnaldo Esteves de Lima. J. em 19/02/2009). A tônica do procedimento para apuração de ato infracional é a *celeridade*, sendo que a *competência* para seu processo e julgamento será invariavelmente do *Juiz da Infância e Juventude* do *local da ação ou omissão* (local da *conduta infracional*), observadas as regras de conexão, continência e prevenção previstas no CPP *ex vi* do disposto no art. 147, §1º c/c art. 148, incisos I e II e 152, *caput*, do ECA. Por fim, vale dizer que as normas relativas ao procedimento para apuração de ato infracional e aplicação de medidas socioeducativas estão sujeitas aos *princípios* relacionados no art. 100, *caput* e par. único, do ECA (cf. art. 113, do mesmo Diploma Legal) e devem ser interpretadas e aplicadas da forma *mais benéfica possível ao adolescente*, sem perder de vista que seu objetivo precípuo, em última análise, é a "*proteção integral*" do adolescente, que precisa ter respeitada sua "*peculiar condição de pessoa em desenvolvimento*" (cf. arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II c/c 113, do ECA). Neste sentido, vale transcrever a seguinte decisão do Supremo Tribunal Federal: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - INTERPRETAÇÃO. O Estatuto da Criança e do Adolescente há de ser interpretado dando-se ênfase ao objetivo visado, ou seja, a proteção e a integração do menor no convívio familiar e comunitário, preservando-se-lhe, tanto quanto possível, a liberdade. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - SEGREGAÇÃO. O ato de segregação, projetando-se no tempo medida de internação do menor, surge excepcional, somente se fazendo alicerçado uma vez atendidos os requisitos do artigo 121 da Lei nº 8.069/90.* (STF. 1ª T. HC nº 88945/SP. Rel. Min. Marco Aurélio Melo. J. em 04/03/2008). Assim sendo, importante jamais perder de vista que, contrariamente ao que ocorre com o processo penal instaurado em relação a imputáveis (que tem como finalidade comprovar autoria e materialidade da infração, para subsequente imposição de uma pena ao autor da infração penal), o *objetivo* do procedimento para apuração de ato infracional atribuído a adolescente *não é* a pura e simples aplicação de medidas socioeducativas (que podem mesmo deixar de ser aplicadas quando tal solução não se mostrar *necessária* - cf. arts. 113 c/c 100, *caput*, primeira parte, do ECA), mas sim a descoberta das *causas* da conduta infracional e sua subsequente *terapêutica*, de modo que o adolescente (e eventualmente sua família - podendo-se para tanto, se necessário, contar com o apoio do Conselho Tutelar local) seja vinculado aos programas e serviços capazes de proporcionar o adequado exercício de todos os seus direitos fundamentais e a evitar sua reincidência.

746 Vide art. 5º, incisos LXI e LXII, da CF e arts. 106, 107, 178, 184, §3º, 187, 230 e 231, do ECA. A apreensão de adolescente, por força de ordem judicial, ocorrerá em razão da expedição de *mandado de busca e apreensão* (como na hipótese do art. 184, §3º, do ECA ou em virtude a imposição de medida privativa

de liberdade, em caráter provisório ou por sentença - vide art. 185, do ECA), ou *mandado de condução coercitiva* (como na hipótese do art. 187, do ECA).

Art. 172. O adolescente apreendido em flagrante de ato infracional [747] será, desde logo, encaminhado a autoridade policial competente [748].

Parágrafo único. Havendo repartição policial especializada para atendimento de adolescente e em se tratando de ato infracional praticado em co-autoria com maior, prevalecerá a atribuição de repartição especializada [749], que, após as providências necessárias [750] e conforme o caso, encaminhará o adulto a repartição policial própria.

747 Vide arts. 301 a 303, do CPP c/c art. 152, *caput*, do ECA. É o CPP que servirá de base para definição das situações em que restará caracterizado o "flagrante de ato infracional", que serão exatamente *as mesmas* em que um imputável seria considerado em flagrante de crime ou contravenção penal. A apreensão de criança ou adolescente sem que esteja caracterizado o flagrante de ato infracional ou sem ordem escrita e fundamentada de autoridade judiciária competente caracteriza, em tese, o *crime* previsto no art. 230, do ECA.

748 Vide arts. 230, *caput* e par. único, do ECA. A *criança* apreendida em flagrante de ato infracional deve ser encaminhada ao *Conselho Tutelar*, para que receba as *medidas de proteção* que se fizerem necessárias (art. 136, inciso I c/c arts. 105, 101 e 100, todos do ECA). Como, no entanto, o Conselho Tutelar não é órgão de investigação policial, nem tem atribuição (ou mesmo capacidade técnica) para desenvolver qualquer atividade afeta à polícia judiciária (vide art. 144, §4º, da CF), deverá esta investigar mesmo diante da notícia de ato infracional praticado por criança, até porque é perfeitamente possível que a criança tenha agido na companhia ou sob as ordens de um adulto imputável (ou de um adolescente), ou mesmo tenha assumido, por qualquer razão, a autoria de um ato infracional praticado por um adulto (ou adolescente), situações que deverão ser devidamente apuradas pelo órgão policial competente. Ademais, não podemos esquecer que, caso encontrados, em poder da criança acusada, o objeto material da infração (produtos furtados, por exemplo), drogas ou armas, estes deverão ter sua apreensão formalizada pelo órgão policial, inclusive para posterior restituição às vítimas ou destruição, tarefas que mais uma vez escapam por completo à esfera de atribuições do Conselho Tutelar. Em suma, o fato de ter o Conselho Tutelar a atribuição de aplicar medidas de proteção à criança acusada da prática de ato infracional, *não retira da polícia judiciária a prerrogativa-dever de investigar o fato e tomar as providências necessárias para seu completo esclarecimento*, apurando a eventual participação de adultos ou adolescentes, formalizando a apreensão do produto material da infração, drogas ou armas eventualmente utilizadas (inclusive para apurar quem as forneceu à criança - o que de *per se* já se constitui num crime, cf. arts. 13 e 16, par. único, inciso V, da Lei nº 10.826/2003). Nada impede, ademais, que a criança acusada da prática de ato infracional seja ouvida pela polícia (na presença de seus pais ou responsável e com o eventual auxílio de profissionais da área social), na condição de *informante* (a exemplo do que ocorre com a criança *vítima* de alguma infração).

749 Vide art. 185, §2º, do ECA e item 12.1, das "*Regras de Beijing*". A existência de repartições policiais especializadas no atendimento de adolescentes acusados da prática de ato infracional é mais do que necessária, em especial nos grandes centros urbanos, de modo a garantir um atendimento diferenciado em relação aos estabelecimentos destinados a adultos. Busca-se, também, evitar ao máximo o contato do adolescente com imputáveis acusados da prática de infrações penais, bem como com o ambiente degradante e, em regra, insalubre,

de uma Delegacia de Polícia ou cadeia pública. É de se destacar, aliás, que a especialização policial, em tais casos (que é também prevista no item 12.1 das "*Regras de Beijing*"), importa no cumprimento do contido no art. 88, inciso V, do ECA, que estabelece, como uma das *diretrizes* da política de atendimento, a integração operacional de diversos órgãos, dentre os quais os policiais, para fins de agilizar e otimizar o atendimento inicial prestado a adolescentes acusados da prática de atos infracionais, que precisam receber, da forma mais rápida e eficaz possível, a resposta socioeducativa adequada às suas *necessidades pedagógicas* específicas (cf. arts. 113 c/c 100, *caput*, primeira parte, do ECA).

750 Diga-se a formalização da apreensão do adolescente, do produto material da infração, armas e objetos encontrados, com a tomada das declarações dos imputáveis acusados.

Art. 173. Em caso de flagrante de ato infracional cometido mediante violência ou grave ameaça a pessoa **[751]**, a autoridade policial, sem prejuízo do disposto nos artigos 106, parágrafo único e 107, deverá:

I - lavrar auto de apreensão, ouvidos as testemunhas e o adolescente;

II - apreender o produto e os instrumentos da infração **[752]**;

III - requisitar os exames ou perícias necessárias a comprovação da materialidade e autoria da infração **[753]**.

Parágrafo único. Nas demais hipóteses de flagrante, a lavratura do auto poderá ser substituída por boletim de ocorrência circunstanciada **[754]**.

751 Vide art. 122, inciso I, do ECA.

752 Vide arts. 240 a 250 do CPP c/c art. 152, *caput*, do ECA.

753 Vide arts. 114, *caput* e par. único, 158 a 184 e 189, incisos I e IV, do ECA.

754 Admite-se a forma simplificada do procedimento, ante a não ocorrência das hipóteses do art. 122, do ECA. Neste caso, não será possível, nem mesmo em tese, a aplicação de medida privativa de liberdade ao adolescente, devendo o caso ser resolvido, em regra, através da concessão de *remissão* (cf. arts. 126, do ECA), no qual independe da comprovação da autoria e materialidade da infração (cf. art. 127, do ECA). Ademais, se procura agilizar o atendimento prestado na repartição policial, com o mínimo de constrangimento ao adolescente, que após lavrado o boletim, deverá ser desde logo entregue aos pais, mediante termo de compromisso de apresentação ao Ministério Público (cf. art. 174, primeira parte, do ECA).

Art. 174. Comparecendo qualquer dos pais ou responsável **[755]**, o adolescente será prontamente liberado pela autoridade policial **[756]**, sob termo de compromisso e responsabilidade de sua apresentação ao representante do Ministério Público **[757]**, no mesmo dia ou, sendo impossível, no primeiro dia útil imediato, exceto quando, pela gravidade do ato infracional e sua repercussão social, deva o adolescente permanecer sob internação para garantia de sua segurança pessoal ou manutenção da ordem pública **[758]**.

755 Vide art. 5º, inciso LXII, da CF; arts. 107, *caput*; 111, inciso VI e 231, do ECA e item 10.1 das "*Regras de Beijing*". A comunicação da apreensão do adolescente a seus pais ou responsável deve ser efetuada *incontinenti*, ou seja, no exato momento do ingresso do adolescente na repartição policial, devendo ser aqueles *convocados* a comparecer perante a autoridade policial, seja para o fim de

acompanharem a formalização da apreensão do adolescente, seja para recebê-lo *diretamente da autoridade policial, prestando o compromisso de apresentá-lo posteriormente ao Ministério Público*. Vale destacar que a presença dos pais ou responsável *é de suma importância*, inclusive para assinatura do compromisso respectivo, *não sendo suprida* pela comunicação ao Conselho Tutelar que, aliás, *não pode substituir o papel que cabe primordialmente à família do adolescente*, somente devendo ser acionado em última instância, esgotadas as possibilidades de localização da família do adolescente ou se mostrando seu comparecimento impossível por razões plenamente justificadas. A ausência injustificada da comunicação aos pais ou responsável, diretamente pela autoridade policial, constitui *crime em tese* (art. 231, do ECA), e a *omissão* dos pais ou responsável em comparecer à delegacia de polícia, pode caracterizar a *infração administrativa* prevista no art. 149, do ECA. Vale também mencionar que, em se tratando de adolescente já vinculado à medida protetiva de *acolhimento institucional*, a comunicação de sua apreensão deverá ser efetuada ao *dirigente da entidade*, que na forma do art. 92, §1º, do ECA, é equiparado ao guardião para todos fins e efeitos.

756 Vide art. 5º, inciso LVII, da CF; arts. 113 c/c 100, *caput*, segunda parte, 107, par. único e 108, par. único, *in fine*, do ECA, item 17, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*" e itens 13 e 19, das "*Regras de Beijing*". A *regra absoluta* será a permanência do adolescente em liberdade, enquanto responde ao procedimento instaurado para apuração do ato infracional a ele atribuído, podendo neste ínterim receber as *medidas de proteção* que se fizerem necessárias (arts. 98, inciso III c/c 101, do ECA), que poderão ser aplicadas pelo Conselho Tutelar ou autoridade judiciária, juntamente com medidas voltadas à orientação e apoio a seus pais ou responsável (art. 129, do ECA), independentemente da apuração da responsabilidade pela prática infracional (arts. 136, incisos I e II e 262, do ECA)

757 Vide arts. 175, 176, 177, 179 e 180, do ECA. Importante destacar que a liberação do adolescente aos pais ou responsável, em tais casos, deverá ser efetuada *diretamente pela autoridade policial*, independentemente da intervenção de outro órgão ou autoridade, como o Conselho Tutelar e/ou do recolhimento de fiança. As disposições relativas à fiança, contidas no CPP, *não se aplicam* ao presente procedimento, onde vigora a aludida regra geral da *liberação imediata do adolescente*, sem que para tanto seja necessário recolher valores a qualquer título.

758 Vide arts. 107, par. único e 108 e par. único, do ECA. Aqui estão relacionados os *requisitos necessários ao decreto da internação provisória do adolescente acusado da prática de ato infracional*, cuja presença deve ser devidamente comprovada nos autos, bem como demonstrada a "*necessidade imperiosa*" da medida, ou seja, a absoluta impossibilidade de solução diversa. A internação mesmo em caráter provisório, é medida extrema e *excepcional* (art. 121, *caput*, do ECA e art. 227, §3º, inciso V, da CF), sendo ainda revestida de cautelas quanto ao local em que é cumprida e forma como é executada (vide arts. 123 e par. único, 124 e 175, do ECA). O decreto da internação provisória, a rigor, somente pode ocorrer nas hipóteses em que é juridicamente admissível, em tese, a aplicação da medida socioeducativa de internação (cf. art. 122, do ECA). Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL CORRESPONDENTE A FURTO QUALIFICADO. INTERNAÇÃO PROVISÓRIA. EXPRESSA VEDAÇÃO LEGAL NO CASO CONCRETO. ATO INFRACIONAL PRATICADO SEM GRAVE AMEAÇA OU VIOLÊNCIA À PESSOA. REITERAÇÃO NÃO EVIDENCIADA. MENORES SEM ANTECEDENTES. ROL EXAUSTIVO DO ART. 122 DO ECA. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CARACTERIZADO. ORDEM CONCEDIDA. "1. Nos termos da legislação de regência, a medida de internação só poderá ser aplicada quando se tratar de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa, por*

reiteração no cometimento de outras infrações graves ou por descumprimento reiterado e injustificável de medida anteriormente imposta. 2. O caso dos autos - em que a representação é pela prática de ato infracional análogo ao tráfico de entorpecentes - não se enquadra em nenhuma das hipóteses taxativamente previstas no art. 122 do Estatuto da Criança e do Adolescente." (STJ. 5ª T. HC nº 62.294/RJ. Rel. Min. Arnaldo Esteves Lima. J. em 13/02/07). (TJPR. 2ª C. Crim. HC-ECA nº 0576735-3, de Matinhos. Rel. Juíza Subst. 2º G. Lilian Romero. J. em 07/05/2009). Vale lembrar, em qualquer caso, que enquanto não houver sentença transitada em julgado que reconheça a responsabilidade socioeducativa, *presume-se a inocência do adolescente* (cf. art. 5º, inciso LVII, da CF e item 17, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*").

Art. 175. Em caso de não-liberação, a autoridade policial encaminhará, desde logo **[759]**, o adolescente ao representante do Ministério Público, juntamente com cópia do auto de apreensão ou boletim de ocorrência.

§ 1º. Sendo impossível a apresentação imediata, a autoridade policial encaminhará o adolescente a entidade de atendimento **[760]**, que fará a apresentação ao representante do Ministério Público no prazo de 24 (vinte e quatro) horas **[761]**.

§ 2º. Nas localidades onde não houver entidade de atendimento, a apresentação far-se-á pela autoridade policial **[762]**. À falta de repartição policial especializada **[763]**, o adolescente aguardará a apresentação em dependência separada da destinada a maiores, não podendo, em qualquer hipótese, exceder o prazo referido no parágrafo anterior **[764]**.

759 Vide arts. 88, inciso V, 178 e 179, do ECA. O encaminhamento ao Ministério Público deve ser efetuado logo após formalizada a apreensão do adolescente, o que reforça a necessidade de estarem presentes os pais ou responsável neste momento, devendo, inclusive, também serem ouvidos pelo representante do MP.

760 Vide arts. 123, 178 e 185, do ECA.

761 Vide arts. 5º, 6º e 235, do ECA. O prazo deve ser computado *hora a hora*, a partir do momento da apreensão do adolescente, visando abreviar ao máximo sua privação de liberdade.

762 Vide art. 178, do ECA.

763 Vide art. 172, par. único, do ECA.

764 Vide arts. 5º e 235, do ECA.

Art. 176. Sendo o adolescente liberado **[765]**, a autoridade policial encaminhará imediatamente ao representante do Ministério Público cópia do auto de apreensão ou boletim de ocorrência **[766]**.

765 Vide arts. 107, par. único e 174, primeira parte, do ECA.

766 Vide art. 174, primeira parte, do ECA. É importante que as peças informativas já estejam à disposição do Ministério Público quando do comparecimento espontâneo deste, na data agendada pela autoridade policial. Em não comparecendo o adolescente, se procederá na forma do art. 179, par. único, do ECA.

Art. 177. Se, afastada a hipótese de flagrante, houver indícios de participação de adolescentes na prática de ato infracional, a autoridade policial encaminhará ao representante do Ministério Público relatório das investigações e demais documentos **[767]**.

767 Toda ação socioeducativa é *pública incondicionada*, sendo o Ministério Público seu titular *exclusivo*. Assim, ante a notícia do envolvimento de adolescentes em qualquer prática infracional, a autoridade policial tem o dever legal de efetuar a competente investigação e apresentar suas conclusões ao representante do MP, independentemente de qualquer iniciativa da vítima e/ou de seu representante.

Art. 178. O adolescente a quem se atribua autoria de ato infracional não poderá ser conduzido ou transportado em compartimento fechado de veículo policial, em condições atentatórias a sua dignidade, ou que impliquem risco a sua integridade física ou mental, sob pena de responsabilidade **[768]**.

768 Vide arts. 5º, 70 e 232, do ECA e item 26, das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". Importante notar que não há proibição para o transporte do adolescente em viatura policial, mas sim para a condução "*em compartimento fechado*" (no chamado "camburão" ou "chiqueirinho") e "*em condições atentatórias à sua dignidade, ou que impliquem risco à sua integridade física ou mental*", ou seja, se quer evitar um tratamento similar ao usualmente dispensado aos presos adultos. Interessante observar que o ECA não estabelece proibição expressa ao uso de algemas, o que no entanto somente deve ocorrer quando houver real justificativa para tanto, nos moldes do previsto na Súmula Vinculante nº 11, do STF, segundo a qual: "*Só é lícito o uso de algemas em caso de resistência e de fundado receio de fuga ou de perigo à integridade física própria ou alheia, por parte do preso ou de terceiros, justificada a excepcionalidade por escrito, sob pena de responsabilidade disciplinar civil e penal do agente ou da autoridade e de nulidade da prisão ou do ato processual a que se refere, sem prejuízo da responsabilidade civil do Estado*", de modo a evitar que o adolescente seja submetido a um constrangimento maior que o estritamente necessário (valendo observar o disposto no art. 232, do ECA).

Art. 179. Apresentado o adolescente, o representante do Ministério Público, no mesmo dia e à vista do auto de apreensão, boletim de ocorrência ou relatório policial, devidamente autuados pelo cartório judicial e com informação sobre os antecedentes do adolescente, procederá imediata e informalmente a sua oitiva e, em sendo possível, de seus pais ou responsável, vítima e testemunhas **[769]**.

Parágrafo único. Em caso de não-apresentação, o representante do Ministério Público notificará os pais ou responsável para apresentação do adolescente **[770]**, podendo requisitar o concurso das Polícias Civil e Militar **[771]**.

769 O MP procede à chamada "oitiva informal" do adolescente, sendo recomendável também a oitiva dos seus pais ou responsável, que será determinante para colher informações adicionais acerca da conduta pessoal, familiar e social daquele, influenciando na decisão acerca da concessão ou não da *remissão* como forma de exclusão do processo (cf. arts. 126, *caput* e 180, inciso II, do ECA), bem como da necessidade ou não de cumulá-la com medidas socioeducativas e/ou protetivas (cf. art. 127, do ECA). Caso o adolescente possua defensor constituído, este deverá acompanhar o ato e, embora a lei ainda não o obrigue, é salutar a presença de um defensor público nomeado quando da realização do

ato, especialmente quando do eventual ajuste de medida socioeducativa não privativa de liberdade (existe um Projeto de Lei em tramitação no Congresso Nacional estabelecendo a obrigatoriedade da presença do defensor do adolescente, constituído ou nomeado, já quando de sua oitiva informal pelo MP). A ausência do defensor no momento da oitiva informal, no entanto, não acarreta a nulidade do procedimento, valendo neste sentido transcrever o seguinte aresto: *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. OITIVA INFORMAL. ATO EXTRAJUDICIAL. AUSÊNCIA DE DEFESA TÉCNICA. NULIDADE. NÃO CONFIGURAÇÃO. IRREGULARIDADE DO ATO. INEXISTÊNCIA DE PREJUÍZO. CONFISSÃO RATIFICADA EM JUÍZO SOB O CRIVO DO CONTRADITÓRIO. ART. 563 DO CPP. ORDEM DENEGADA. 1. A ausência de defesa técnica na audiência de oitiva informal do menor perante o Ministério Público não configura nulidade, mas mera irregularidade. 2. Inexistindo prejuízo à Defesa, em razão da ratificação do depoimento do menor perante o Juízo competente, sob o crivo do contraditório, não há como reconhecer a nulidade apontada, nos termos do art. 563 do Código de Processo Penal. 3. Ordem denegada.* (STJ. 6ª T. HC nº 109241/SP. Rel. Min. Maria Thereza de Assis Moura. J. em 04/04/2011).

770 A notificação pode ser feita diretamente pela Promotoria de Justiça ou através da estrutura própria do Juizado da Infância e da Juventude (oficiais de justiça e comissários de vigilância da infância e da juventude), em regime de colaboração. Vale lembrar que embora a oitiva informal seja ato privativo do Ministério Público, mesmo nesta fase o procedimento já estará tramitando perante a Justiça da Infância e da Juventude, que conforme disposto no *caput* do dispositivo autuará as peças encaminhadas pela autoridade policial e expedirá certidão de antecedentes, não havendo razão - inclusive em razão do espírito de colaboração e integração que devem inspirar as ações dos órgãos do Judiciário e Ministério Público (no espírito do contido no art. 88, inciso VI, do ECA) - para deixar tal tarefa exclusivamente a cargo da Promotoria de Justiça, que em regra não conta com qualquer estrutura de apoio. Sobre a matéria, vale transcrever os seguintes arestos: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. Autuação de boletim de ocorrência que comunica a prática de ato infracional por adolescente. Requerimento do Ministério Público de que seja notificado judicialmente, para proceder à oitiva informal. Indeferimento, sob argumento da providência de incumbir àquele órgão. Inadmissibilidade. Interpretação do art. 179, caput, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Recurso provido.* (TJSP. A.I. nº 72.019.0/9. Rel. Des. Nigro Conceição. J. em 28/09/2000); *Agravo de Instrumento. ECA. Pedido do Min. Público, de notificação de adolescente, para ato de escuta informal. Indeferimento. Decisão reformada. Inteligência do art. 179, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Embaraço injustificável à atuação do Parquet. Recurso provido*. (TJPR. 1ª C. Crim. A.I. nº 116.524-4. Rel. Des. Darcy Nasser de Melo. J. em 06/06/2002).

771 Vide art. 201, inciso XII, do ECA.

Art. 180. Adotadas as providências a que alude o artigo anterior, o representante do Ministério Público poderá **[772]**:

I - promover o arquivamento dos autos **[773]**;

II - conceder a remissão **[774]**;

III - representar à autoridade judiciária para aplicação de medida sócio-educativa **[775]**.

772 O Ministério Público exerce um papel chave na definição do que ocorrerá a seguir com o procedimento e com o adolescente, razão pela qual deve ter especial cautela quando da análise do caso e de sua proposta de solução, que deve ser

sempre efetuada à luz do disposto nos arts. 112, §1º, 113 c/c 100 e 126, do ECA. Embora em condições normais a oitiva informal do adolescente não possa ser dispensada, nada impede que, em situações excepcionais (quando da não localização deste para o ato, por exemplo), o representante do MP promova o arquivamento dos autos, conceda remissão (em sua forma de "perdão puro e simples", desacompanhada de qualquer medida socioeducativa) ou mesmo ofereça a representação socioeducativa, sem a prévia realização da oitiva. Neste sentido: *PENAL. RECURSO ESPECIAL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. REPRESENTAÇÃO. AUDIÊNCIA PRELIMINAR. OITIVA INFORMAL DO ADOLESCENTE. ART. 179 DO ECA. PRESCINDIBILIDADE. Não se afigura indispensável a realização da oitiva informal do adolescente se o representante do Ministério Público entende estarem reunidos elementos de convicção suficientes para amparar a representação (Precedente). Recurso provido.* (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 662499. Rel. Min. Felix Fischer. J. em 07/12/2004).

773 Vide arts. 181, 189 e 205, do ECA. A promoção de arquivamento deverá ocorrer quando o MP se convencer, desde logo, da presença de alguma das hipóteses do art. 189, do ECA e/ou outra situação qualquer que não autorize o oferecimento da representação e não justifique sequer a concessão de remissão, ainda que em sua forma de "perdão puro e simples". A promoção de arquivamento deve ser fundamentada e será encaminhada à autoridade judiciária para homologação.

774 Vide arts. 126, *caput* e 127, do ECA. Quando da concessão da remissão, especialmente caso seja proposto o imediato cumprimento de medida socioeducativa não privativa de liberdade, nos moldes do previsto no art. 127, do ECA, o adolescente deve ser devidamente orientado acerca das implicações da concordância ou não com a proposta efetuada e ter reconhecido seu direito de opinar acerca da questão, *ex vi* do disposto nos arts. 100, par. único, incisos XI e XII c/c 113, do ECA. Vale dizer que existe uma corrente doutrinária que entende não ser possível o ajuste de medida socioeducativa pelo Ministério Público em sede de remissão, sob o argumento de quebra do princípio do devido processo legal e de que isto daria margem a abusos praticados pelo Ministério Público. Com o devido respeito, não há razão para tal entendimento, sendo certo que a lei é expressa ao determinar que a remissão não importa no reconhecimento ou comprovação da autoria e da materialidade da infração, e o "devido processo legal" estabelecido para o atendimento de adolescentes pelo "Sistema de Justiça da Infância e Juventude" permite o ajuste de medidas não privativas de liberdade, desde que observados certos princípios (inclusive os princípios da intervenção mínima e da aplicação de medidas, insculpidos nos arts. 100, par. único, inciso VII c/c 113, do ECA e art. 35, incisos II e VII, da Lei nº 12.594/2012). Se houver abusos, é sempre possível, a qualquer tempo, a revisão judicial das medidas ajustadas, e de uma forma ou de outra, isto não pode servir de pretexto para negar vigência a uma disposição legal expressa. De uma forma ou de outra, sempre poderá haver o encaminhamento do adolescente e seus pais/responsável, diretamente pelo Ministério Público (ou mesmo já pela autoridade policial), aos programas e serviços de proteção que se fizerem necessários (ainda sobre a matéria, vide comentários ao art. 126, do ECA).

775 Vide art. 182, do ECA. A fase judicial propriamente dita do procedimento para apuração de ato infracional praticado tem início através do oferecimento (e formal recebimento) da "*representação socioeducativa*" pelo representante do Ministério Público, sempre que este entender que o caso não comporta arquivamento ou a concessão da remissão. Importante destacar que *toda ação socioeducativa* (que tem por instrumento precisamente a aludida "*representação*") é *pública incondicionada*, seja qual for o ato infracional praticado, e seu titular *exclusivo* é o Ministério Público, não sendo assim aplicáveis, ainda que por analogia, as disposições dos arts. 100 a 106, do CP e art. 5º, inciso LIX, da CF (não havendo que se falar em "ação socioeducativa pública condicionada" e/ou "ação socioeducativa privada", ainda que em caráter

subsidiário). O legislador não quis deixar a decisão acerca da deflagração ou não do procedimento, em sua fase judicial, a cargo do particular (vítima ou seu representante), considerando que a realização das intervenções necessárias no sentido de promover a efetiva recuperação do adolescente é de *interesse público*, ficando aquela a cargo do Ministério Público e da Justiça da Infância e da Juventude. Importante também destacar que o oferecimento da representação socioeducativa *não é obrigatório*, desde que o representante do Ministério Público se convença de que é suficiente a concessão da remissão, cumulada ou não com medida socioeducativa não privativa de liberdade, solução esta que será sempre *preferencial*.

Art. 181. Promovido o arquivamento dos autos ou concedida a remissão pelo representante do Ministério Público, mediante termo fundamentado, que conterá o resumo dos fatos, os autos serão conclusos à autoridade judiciária para homologação **[776]**.

§ 1º. Homologado o arquivamento ou a remissão, a autoridade judiciária determinará, conforme o caso, o cumprimento da medida **[777]**.

§ 2º. Discordando, a autoridade judiciária fará remessa dos autos ao Procurador-Geral de Justiça, mediante despacho fundamentado **[778]**, e este oferecerá representação, designará outro membro do Ministério Público para apresentá-la, ou ratificará o arquivamento ou a remissão, que só então estará a autoridade judiciária obrigada a homologar **[779]**.

776 Vide art. 205, do ECA. Cabe à autoridade judiciária a aferição da legalidade e da adequação do arquivamento ou da remissão concedida pelo representante do Ministério Público, devendo homologar o arquivamento ou a remissão exatamente como constam do seu respectivo termo ou, caso deles discorde total ou parcialmente, proceder na forma do previsto no art. 181, §2º, do ECA. Em promovendo o arquivamento do caso ou concedendo a remissão, o adolescente deverá ser liberado e entregue aos pais ou responsável pelo próprio representante do Ministério Público, independentemente de ordem judicial (vide comentários ao art. 174, do ECA). Mesmo que eventualmente discorde do arquivamento ou da remissão concedida pelo Ministério Público, e remeta os autos à análise da Procuradoria Geral de Justiça, não pode a autoridade judiciária decretar, de ofício, a internação provisória do adolescente, que deverá aguardar em liberdade até uma posição final do Ministério Público. Neste sentido, transcrevemos o seguinte aresto, que embora trate de matéria penal, pode ser aplicado a casos semelhantes ao mencionado, por analogia: *PENAL E PROCESSUAL PENAL. HABEAS CORPUS. PRISÃO PREVENTIVA. QUESTIONAMENTO SOBRE A ILEGALIDADE DO DECRETO DE PRISÃO. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CONSTATADO. AUSÊNCIA DE NOTÍCIA SOBRE FORMULAÇÃO DE DENÚNCIA. 1. Não vislumbrando o Ministério Público prática de delito que justifique instauração de ação penal, afastam-se os pressupostos do art. 312 do CPP para a decretação de prisão preventiva. 2. Habeas Corpus concedido*. (TRF-1ª Reg. 3ª T. Rel. Des. Carlos Olavo. J. em 03/09/2010).

777 Vide arts. 112, 127 e 136, inciso VI, do ECA. Vide também Súmula nº 108, do STJ: "*a aplicação de medidas sócio-educativas ao adolescente, pela prática de ato infracional, é de competência exclusiva do Juiz*". É apenas a autoridade judiciária quem, em audiência admonitória, determina o cumprimento da medida originalmente "ajustada" entre o Ministério Público e o adolescente. O vocábulo "aplicação", que consta na Súmula nº 108, do STJ, tem o sentido de "imposição" de medidas, o que em última análise, é de competência exclusiva da autoridade judiciária, tanto ao homologar a remissão concedida pelo órgão do Ministério

Público, como também ao julgar procedente a ação socioeducativa. Lembrando que a concessão de remissão cumulada com medidas equivale a uma "transação" entre o representante do Ministério Público e o adolescente, que deve consentir em sua totalidade. Vale dizer que ao juiz não é lícito alterar, de ofício, os termos em que a remissão foi proposta pelo Ministério Público e aceita pelo adolescente. Embora as medidas aplicadas em sede de remissão (seja a concedida pelo MP, seja pela autoridade judiciária), possam ser revistas "a qualquer tempo", isto somente poderá ocorrer "mediante pedido expresso do adolescente ou de seu representante legal, ou do Ministério Público" (cf. art. 128, do ECA), não podendo assim a autoridade judiciária agir por iniciativa própria.

778 O procedimento adotado é similar ao previsto pelo art. 28, do CPP. Vale destacar que, caso tenha sido o adolescente apreendido em flagrante, a concessão da remissão ou a promoção de arquivamento do feito pelo representante do Ministério Público deve resultar em sua liberação imediata (mesmo que a autoridade judiciária remeta os autos à análise do Procurador Geral de Justiça), não sendo lícito à autoridade judiciária decretar ou manter, de ofício, sua internação provisória.

779 Em sendo o Ministério Público o titular exclusivo da ação socioeducativa, caso o Procurador-Geral de Justiça *ratifique* a manifestação original, no sentido do arquivamento ou concessão da remissão ao adolescente, a autoridade judiciária não terá outra alternativa além da *homologação* da promoção respectiva. Em que pese tal afirmação, vale dizer que o sentido da norma não é fazer da Procuradoria Geral de Justiça uma instância revisora de decisões proferidas pela Justiça da Infância e da Juventude, como se tratasse de uma espécie de "segundo grau de jurisdição". A norma tem objetivo precípuo o controle da atuação do agente do Ministério Público quanto à concessão da remissão ou quanto à promoção de arquivamento do procedimento para apuração de ato infracional, por parte da chefia da instituição, o que se mostra particularmente relevante diante da constatação de que o Ministério Público é o titular exclusivo da ação socioeducativa (que é sempre *pública incondicionada*, independentemente do ato infracional praticado) e que a autoridade judiciária não pode, diante do princípio da inércia da jurisdição, deflagrá-la de ofício. O art. 181, §2º, do ECA, desta forma, constitui-se num instrumento colocado à disposição da autoridade judiciária para fazer com que o entendimento do agente ministerial quanto à remissão ou arquivamento de um procedimento para apuração de ato infracional seja revisto pela chefia do Ministério Público, e não para fazer com que a Procuradoria Geral de Justiça "reforme" uma decisão judicial relativa à extinção e arquivamento do feito, exercendo assim uma atividade própria dos Tribunais. Assim sendo, se a autoridade judiciária deixa de homologar a remissão concedida pelo agente ministerial por entender que o fato não constitui ato infracional, por exemplo (cf. art. 189, III, do ECA), o correto não é remeter os autos ao Procurador Geral de Justiça, mas sim *proferir sentença de mérito*, extinguindo o feito, estando tal ato, logicamente, sujeito à *apelação* pelo Ministério Público.

Art. 182. Se, por qualquer razão, o representante do Ministério Público não promover o arquivamento ou conceder a remissão **[780]**, oferecerá representação **[781]** a autoridade judiciária, propondo a instauração de procedimento para aplicação da medida sócio-educativa que se afigurar a mais adequada **[782]**.

§ 1º. A representação será oferecida por petição, que conterá o breve resumo dos fatos e a classificação do ato infracional e, quando necessário, o rol de testemunhas

[783], podendo ser deduzida oralmente, em sessão diária instalada pela autoridade judiciária.

§ 2º. A representação independe de prova pré-constituída da autoria e materialidade [784].

780 Vide arts. 126, *caput* e 180, incisos I e II, do ECA. A redação do dispositivo evidencia a preferência do legislador a estas providências, que permitem a rápida solução do caso, em detrimento do oferecimento da representação e deflagração da fase judicial do procedimento.

781 A redação do dispositivo deixa claro o caráter excepcional do oferecimento da representação, que a rigor somente deverá ocorrer quando, por qualquer razão, não for cabível o arquivamento ou a concessão da remissão. Vale lembrar que, em sede de procedimento para apuração de ato infracional praticado por adolescente, vigora o "*princípio da oportunidade*", não sendo obrigatório o oferecimento da representação socioeducativa, quando o Ministério Público vislumbrar a possibilidade de solucionar os problemas enfrentados pelo adolescente pela via menos gravosa (o que também encontra respaldo nos "princípios da intervenção mínima" e da "excepcionalidade da intervenção judicial", contemplados pelos arts. 100, par. único, inciso VII c/c 113, do ECA e art. 35, incisos II e VII, da Lei nº 12.594/2012).

782 Quando do oferecimento da representação, o representante do Ministério Público não deve indicar, de antemão, qual (ou quais) a(s) medida(s) socioeducativa(s) que entenda deva(m) ser aplicada(s), até porque *não existe prévia correlação entre o ato infracional praticado e a sanção socioeducativa*, sendo a aferição da solução mais adequada condicionada a inúmeros fatores, que demandam um estudo criterioso que vai muito além da singela comprovação da autoria e da materialidade da infração, passando por uma avaliação técnica (cf. arts. 151 e 186, §4º, do ECA) das *circunstâncias* em que esta foi praticada, da *capacidade* do adolescente em se submeter à medida e suas *necessidades pedagógicas* específicas (cf. arts. 112, §1º e 113 c/c 100, *caput*, do ECA), dentre outros fatores.

783 Aqui estão relacionados os elementos que a representação deve conter, que são basicamente os mesmos da denúncia ou queixa-crime, conforme art. 41, do CPP. Interessante observar que o ECA não define o número de testemunhas que podem ser arroladas pelas partes, e como estabelece um procedimento único, seja qual for o ato infracional praticado, não nos parece possível utilizar parâmetro diverso do traçado pelo procedimento comum previsto no CPP. Assim, de modo a evitar abusos, a limitação do número de testemunhas parece razoável e, a bem do princípio da ampla defesa, se deve adotar o número máximo de testemunhas permitidas pela Lei Processual Penal, ou seja, 08 (oito), conforme art. 398, do CPP (usando do permissivo do art. 152, *caput*, do ECA). Vale lembrar que tal limitação diz respeito apenas às partes (não ao Juiz), podendo ser ouvidas não apenas testemunhas do ato infracional em si considerado, mas também as que possam prestar esclarecimentos acerca da conduta pessoal, familiar e social do adolescente.

784 Tendo em vista que a tônica do procedimento é a celeridade, com uma rápida sucessão de atos processuais, visando agilizar a solução do caso, não se exige, quando do oferecimento da representação, a prova pré-constituída da autoria e da materialidade da infração, bastando meros indícios. Importante não perder de vista, no entanto, que ao final do procedimento, para que possa ser a representação julgada procedente e aplicada ao adolescente alguma medida socioeducativa, autoria e materialidade devem estar devidamente *comprovadas*, estreme de qualquer dúvida (cf. arts. 114 e 189, do ECA).

Art. 183. O prazo máximo e improrrogável para a conclusão do procedimento, estando o adolescente internado provisoriamente, será de quarenta e cinco dias [785].

785 Vide arts. 108, *caput* e 235, do ECA; item 20.1, das "*Regras de Beijing*" e Instrução Normativa nº 02/2009, de 03/11/2009, do Conselho Nacional de Justiça/Corregedoria Nacional de Justiça. Como dito anteriormente, o procedimento deve tramitar de forma *célere*, dando-se a mais *absoluta prioridade* na sua instrução e julgamento, *ex vi* do disposto nos arts. 4º, par. único, alínea "b" e 152, par. único, do ECA e art. 227, *caput*, da CF. Caso extrapolado o *prazo máximo e improrrogável* de permanência do adolescente em regime de internação provisória (em entidade própria para adolescentes, nos moldes do previsto no art. 123, do ECA), deverá ser o mesmo *colocado em liberdade*, providenciando o juízo sua entrega aos pais ou responsável, mediante termo (art. 101, inciso I, do ECA). Vale dizer que não é juridicamente possível ou admissível o uso do expediente do decreto de internações provisórias em procedimentos sucessivos para justificar a extrapolação do prazo máximo previsto para internação provisória. Assim como não existe "somatório" de medidas socioeducativas, também não pode haver "somatório" de prazos de internação provisória. Se em 45 (quarenta e cinco) dias não for proferida sentença, o adolescente deve ser colocado em liberdade, independentemente da existência de outros procedimentos pendentes instaurados em relação a ele. O decreto de sucessivas internações provisórias a adolescente, em tais casos, representaria flagrante violação ao disposto nos arts. 108, *caput* e 183, do ECA, bem como dos princípios que regem a atuação da Justiça da Infância e da Juventude diante da prática de ato infracional por adolescente, nunca sendo demais lembrar que o parágrafo único acrescido ao art. 100, do ECA pela Lei nº 12.010/2009 (que se aplica aos adolescentes em conflito com a lei por força do disposto no art. 113, do mesmo Diploma Legal), evidencia a necessidade de interpretação e aplicação de todo e qualquer dispositivo estatutário invariavelmente *em favor* do adolescente, não sendo desta forma admissível "prorrogar", ainda que usando do subterfúgio do decreto de internações provisórias sucessivas, em procedimentos diversos, aquilo que a lei considera *improrrogável*. Ademais, o parágrafo único acrescido ao art. 152, do mesmo Diploma Legal, prevê de maneira expressa a necessidade de estrita observância ao *princípio constitucional da prioridade absoluta à criança e ao adolescente* quando da instrução e julgamento das causas que tramitam na Justiça da Infância e da Juventude, o que somado ao disposto no art. 4º, *caput* e par. único, alínea "b", do ECA, itens 2.3.2, 5.2.7 e respectivos subitens, do Código de Normas da Corregedoria Geral de Justiça do Paraná (onde está consignado de maneira expressa que as causas que envolvem interesses de crianças e adolescentes devem ter preferência de instrução e julgamento mesmo relação a processos envolvendo réus imputáveis presos) e disposições contidas na Instrução Normativa nº 02/2009, de 03/11/2009, do Conselho Nacional de Justiça/Corregedoria Nacional de Justiça, torna injustificável qualquer atraso na conclusão do feito. Neste sentido: *HC. ECA. INTERNAÇÃO PROVISÓRIA. ADOLESCENTE QUE RESPONDE A DIVERSOS PROCEDIMENTOS DE APURAÇÃO DE ATO INFRACIONAL NA MESMA COMARCA. JUÍZA 'A QUO' QUE DETERMINOU SUCESSIVAS INTERNAÇÕES PROVISÓRIAS. IMPOSSIBILIDADE. DIREITO INDIVIDUAL DO ADOLESCENTE VIOLADO. ESTATUTO INFANTO-JUVENIL QUE LIMITA EXPRESSAMENTE O PRAZO MÁXIMO DA MEDIDA ADOTADA EM 45 (QUARENTA E CINCO) DIAS. INTELIGÊNCIA DOS ARTIGOS 108 E 183 DO ECA. ORDEM CONCEDIDA COM DETERMINAÇÃO DE IMEDIATA EXPEDIÇÃO DE MANDADO DE DESINTERNAÇÃO. Não há que se falar sucessivas prorrogações, em virtude de vários atos infracionais praticados pelo adolescente, da internação provisória, pois tal medida, além de ter natureza acautelatória, deve respeitar os ditames do estatuto que pertence, o qual, sob o manto da doutrina de proteção integral, visa atender os fins sociais, respeitando os direitos e garantias*

individuais, bem como a necessidade do adolescente. (TJPR. 2ª C. Crim. HC-ECA nº 0612782-0, de Santo Antônio da Platina. Rel. Des. José Mauricio Pinto de Almeida. Unânime. J. em 01/10/2009); e *Habeas corpus. Estatuto da Criança e do Adolescente. Internação provisória. Constrangimento ilegal por excesso de prazo. Ocorrência. Dispositivos do ECA que prevêem prazo máximo de quarenta e cinco dias para internação provisória e para a conclusão do procedimento investigatório (arts. 108 e 183). Adolescente que já estava havia 66 dias internado, por ocasião da impetração. Desinternação. Medida que se impõe, diante do evidente excesso de prazo. Prorrogação da internação em razão da prática de outros atos infracionais. Motivo inidôneo a justificar a ofensa aos dispositivos do ECA. Excesso caracterizado. Constrangimento ilegal configurado. Ordem concedida*. (TJPR. 2ª Câm. Crim. HC-ECA nº 673.517-5, de Santo Antônio da Platina. Rel. Juiz Everton Luiz Penter Correa. J. em 10/06/2010). Importante não perder de vista que a extrapolação de prazo fixado pelo ECA em benefício de adolescente privado de liberdade, em tese, caracteriza do *crime* tipificado no art. 235, do ECA. Por reiteradas decisões, o STJ tem reconhecido que o prazo de 45 (quarenta e cinco) dias é *improrrogável independentemente da gravidade da conduta infracional ou da razão da demora na conclusão do processo.* Neste sentido: *HABEAS CORPUS - ECA. ATO INFRACIONAL ANÁLOGO AO CRIME DE ROUBO E TRÁFICO DE ENTORPECENTES. INTERNAÇÃO PROVISÓRIA. EXCESSO DE PRAZO. PACIENTE INTERNADO PROVISORIAMENTE HÁ MAIS DE TRÊS MESES. ORDEM CONCEDIDA RATIFICANDO LIMINAR. O prazo para internação provisória de menor é de quarenta e cinco dias, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente, não se admitindo a permanência da custódia do agente por injustificáveis três meses, sem sentença. A periculosidade abstrata do agente, assim como a probabilidade de prática de novos crimes, sem fundamento concreto, não servem como embasamento para manutenção da internação provisória do menor, por tempo indeterminado. Ordem concedida, salvo se o paciente estiver internado por outro motivo.* (STJ. 6ª T. HC nº 105723/MS. Rel. Min. Jane Silva (Des. convocada do TJ/MG). J. em 05/06/2008); e também: *RECURSO ORDINÁRIO EM HABEAS CORPUS. ECA. ATO INFRACIONAL ANÁLOGO A TENTATIVA. INTERNAÇÃO PROVISÓRIA. EXTRAPOLAÇÃO DO PRAZO LEGAL DE 45 DIAS. ART. 108 DO ECA. CONSTRANGIMENTO ILEGAL. RECURSO PROVIDO. 1. Em que pese a reprovabilidade do ato infracional praticado, não pode o Juiz se afastar da norma contida no art. 108, do Estatuto da Criança e do Adolescente, que dispõe expressamente que a medida de internação anterior à sentença não pode extrapolar o prazo de 45 dias. 2. É irrelevante o tipo de crime praticado, o 'modus operandi', a personalidade do agente, ou até mesmo de quem é a responsabilidade pela demora no julgamento; uma vez atingido o prazo máximo permitido para a medida cautelar, nos casos de menores infratores, deve o mesmo ser imediatamente posto em liberdade. 3. Parecer do Ministério Público Federal pelo provimento do recurso. 4. Recurso provido para determinar a imediata soltura do adolescente, se por outro motivo não estiver internado.* (STJ. 5ª T. ROHC nº 22.631/PI. Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho. J em 03/04/2008).

Art. 184. Oferecida a representação, a autoridade judiciária designará audiência de apresentação do adolescente, decidindo, desde logo, sobre a decretação ou manutenção da internação, observado o disposto no artigo 108 e parágrafo **[786]**.

§ 1º. O adolescente e seus pais ou responsável serão cientificados do teor da representação **[787]**, e notificados a comparecer a audiência, acompanhados de advogado **[788]**.

§ 2º. Se os pais ou responsável não forem localizados, a autoridade judiciária dará curador especial ao adolescente **[789]**.

§ 3º. Não sendo localizado o adolescente, a autoridade judiciária expedirá mandado de busca e apreensão, determinando o sobrestamento do feito, até efetiva apresentação **[790]**.

§ 4º. Estando o adolescente internado, será requisitada a sua apresentação, sem prejuízo da notificação dos pais ou responsável **[791]**.

786 Vide também arts. 107, par. único, 122, §2º e 174, do ECA e item 10.2, das "*Regras de Beijing*". O dispositivo ressalta a *excepcionalidade* da internação provisória do adolescente acusado da prática de ato infracional, deixando claro que a autoridade judiciária deve se manifestar expressamente acerca da real *necessidade* (que na forma da lei deve ser *imperiosa*, à luz dos requisitos do art. 174, segunda parte, do ECA) de manter o adolescente privado da liberdade enquanto aguarda julgamento. Caso isto não seja demonstrado, e não haja a decretação da internação provisória, de forma criteriosa e fundamentada, o adolescente deverá ser imediatamente liberado e entregue aos pais/responsável mediante termo, nada impedindo que, desde logo, sejam aplicadas as medidas de proteção que se fizerem necessárias (arts. 101 e 129, do ECA).

787 Vide art. 40, nº 2, alínea b, item ii, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 111, incisos I e VI, do ECA. Interessante observar que o ECA destaca a importância de que os pais ou responsável pelo adolescente sejam também cientificados do teor da representação, o que é válido não apenas para suprir a incapacidade, absoluta ou relativa, do adolescente, no ato de sua notificação (diga-se: *citação*), mas para que também tenham conhecimento e possam participar desde o início do procedimento socioeducativo. A falta de notificação dos pais ou responsável pelo adolescente é causa de *nulidade absoluta* de todo o procedimento. Neste sentido: *ATO INFRACIONAL. AUDIÊNCIA DE APRESENTAÇÃO E OITIVA DOS REPRESENTADOS. AUSÊNCIA DE NOTIFICAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEL. NULIDADE. A notificação dos pais ou responsável para comparecer à audiência de apresentação é obrigatória (art. 184, §§ 1.º e 4.º, ECA), sob pena de nulidade do procedimento. Precedentes. Nulidade decretada.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70010115020. Rel. José Ataídes Siqueira Trindade. J. em 25/11/2004). Vale dizer que, em não havendo a notificação dos pais, a nulidade não é suprida pela eventual nomeação de curador especial ao adolescente para acompanhar o ato. Neste sentido: *CÍVEL. ECA. ATO INFRACIONAL. FURTO. NULIDADE DO FEITO. INFRAÇÃO AOS §§ 1º E 2º DO ART. 184 DO ECA. A notificação dos pais ou responsáveis para comparecer à audiência de apresentação é obrigatória (art. 184, § 1º, do ECA), sob pena de nulidade do procedimento. Se os pais ou responsáveis não forem localizados, obrigatória à nomeação de Curador Especial ao adolescente (art. 184, § 2º, do ECA). As figuras do defensor e do curador não se confundem e tampouco se excluem, de sorte que, ausentes os pais ou responsáveis, necessárias às presenças tanto do curador, quanto do defensor para o ato. DE OFÍCIO, ANULARAM O FEITO DESDE A AUDIÊNCIA DE APRESENTAÇÃO. UNÂNIME.* (TJRS. 8ª C. Cível. Ap. Cív. nº 70047438056. Rel.: Luiz Felipe Brasil Santos. J. em 26/04/2012).

788 Vide arts. 111, inciso III, 186, §2º e 207, do ECA. Embora a lei, a rigor, somente exija a presença de defensor após a realização da audiência de apresentação (inteligência do art. 186, §2º, do ECA), o STJ já anulou processo no qual o ato foi realizado sem que o adolescente estivesse sendo assistido por advogado (vide art. 207, §3º, do ECA), justamente em razão da possibilidade do ajuste da *remissão* no ato: *CRIANÇA E ADOLESCENTE. HABEAS CORPUS. AUDIÊNCIA DE APRESENTAÇÃO. DEFESA TÉCNICA. PRESCINDIBILIDADE. CONSTRANGIMENTO.*

RECONHECIMENTO. 1. A remissão, nos moldes dos arts. 126 e ss. do ECA, implica a submissão a medida sócio educativa sem processo. Tal providência, com significativos efeitos na esfera pessoal do adolescente, deve ser imantada pelo devido processo legal. Dada a carga sancionatória da medida possivelmente assumida, é imperioso que o adolescente se faça acompanhar por advogado, visto que a defesa técnica, apanágio da ampla defesa, é irrenunciável. 2. Ordem concedida para anular o processo e, via de consequência, reconhecer a prescrição do ato infracional imputado à paciente. (STJ. 6ª T. HC nº 67826/SP. Rel. Min. Maria Thereza de Assis Moura. J. em 09/06/2009).

789 Vide art. 142, par. único, do ECA. A realização de diligências no sentido da efetiva localização (e devida notificação) dos pais ou responsável pelo adolescente, inclusive quando residentes em outra comarca, é *obrigatória*, não bastando a mera alusão ao fato destes se encontrarem em "local ignorado". Apenas caso *comprovadamente impossível* sua localização é que se cogitará da realização da audiência de apresentação sem sua presença, caso em que deverá ser nomeado *curador especial* ao adolescente, também sob pena de nulidade. Neste sentido: *RECURSO DE APELAÇÃO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. NULIDADES POR SUPRESSÃO DE ETAPAS DO PROCEDIMENTO. RECONHECIMENTO DE OFÍCIO DE NULIDADE POR AUSÊNCIA DE DEFESA. CONCESSÃO DE 'HABEAS CORPUS' DE OFÍCIO. RECURSO DA DEFESA PREJUDICADO. 1. A ausência de cientificação dos pais da representação, a ausência de notificação dos pais do adolescente para a audiência de apresentação e o fato de não ter sido nomeado curador especial quando da audiência de apresentação, afronta o disposto no art. 184, §§ 1º e 2º, do Estatuto da Criança e do Adolescente, o que também vem a ensejar nulidade absoluta do procedimento. 2. A ausência de defesa do adolescente acarreta a nulidade absoluta do procedimento. 3. Acatadas as teses de nulidade do procedimento, resta prejudicado o recurso da defesa. 4. Face a nulidade do procedimento, é de ser concedido 'habeas corpus' de ofício, com base no art. 648, VI, do Código de Processo Penal*. (TJPR. 2ª C. Crim. Rec.Ap.ECA nº 175043-8. Rel. Des. Jesus Sarrão. Ac. nº 17707. J. em 23/06/2005). Caso os pais ou responsável pelo adolescente compareçam em Juízo ao longo do procedimento, deverão ser *ouvidos* em declarações, assim como submetidos a estudo psicossocial, fornecendo assim informações importantes acerca da conduta pessoal, familiar e social do adolescente.

790 Nenhum adolescente acusado da prática de ato infracional pode ser processado à revelia. Importante não confundir a expedição do mandado de busca e apreensão, para fins de localização do adolescente e apresentação perante a autoridade judiciária, com o decreto de sua internação provisória. No primeiro caso, uma vez apreendido o adolescente e realizado o ato para o qual sua presença foi requisitada (no presente exemplo, a audiência de apresentação), deverá ser o mesmo liberado. No segundo, ou seja, caso necessária a privação de liberdade do adolescente, enquanto responde ao procedimento, é necessário nesse sentido ser proferido despacho específico e fundamentado de sua internação provisória, observados os requisitos dos arts. 174, segunda parte e 108, par. único, do ECA. Vale destacar que, por força do disposto no art. 47, da Lei nº 12.594/2012, "*o mandado de busca e apreensão do adolescente terá vigência máxima de 6 (seis) meses, a contar da data da expedição, podendo, se necessário, ser renovado, fundamentadamente*", evidenciando a importância de uma intervenção estatal *célere* (nos moldes do preconizado pelos arts. 100, par. único, inciso VI c/c 113, do ECA), diante da constatação de que o decurso do tempo faz desaparecer o caráter pedagógico de qualquer medida passível de ser aplicada/executada.

791 Vide art. 111, inciso VI, do ECA.

Art. 185. A internação, decretada ou mantida pela autoridade judiciária, não poderá ser cumprida em estabelecimento prisional [792].

§ 1º. Inexistindo na comarca entidade com as características definidas no artigo 123, o adolescente deverá ser imediatamente transferido para a localidade mais próxima [793].

§ 2º. Sendo impossível a pronta transferência, o adolescente aguardará sua remoção em repartição policial, desde que em seção isolada dos adultos e com instalações apropriadas, não podendo ultrapassar o prazo máximo de cinco dias, sob pena de responsabilidade [794].

792 Vide art. 228, da CF; arts. 94, inciso VII, 123 e 124, do ECA e itens 12, 17, 18, 29 e 31 a 37 das "*Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade*". A sistemática estabelecida pela Lei nº 8.069/1990 para o atendimento de adolescentes acusados da prática de ato infracional pressupõe seja a estes destinado um tratamento *diferenciado* daquele destinado a adultos imputáveis, inclusive sob pena de violação do verdadeiro *princípio* consagrado pelo art. 228, da CF. Assim sendo, não apenas é necessário que os adolescentes sejam encaminhados a estabelecimentos próprios, completamente distintos daqueles destinados a adultos, como é também *imprescindível* sejam os mesmos submetidos a *atividades pedagógicas* em caráter *permanente*, sendo-lhes oferecida *escolarização* e *profissionalização* (inclusive sob pena de *responsabilidade*, cf. art. 208, inciso VIII, do ECA), bem como as demais atividades e direitos expressos em lei.

793 Vide arts. 94, inciso V e 124, inciso VI, do ECA.

794 Vide arts. 5º, 6º, 100, par. único, inciso II, 123 e 235, do ECA. Esta *responsabilidade* pode ser inclusive de ordem *criminal*, sendo a única alternativa admissível, ante a inexistência de vagas em entidade própria para adolescentes, sua *colocação em liberdade*, após esgotado o prazo de 05 (cinco) dias de permanência em repartição policial, com a imediata aplicação das medidas dos arts. 101 e 129 do ECA que se fizerem necessárias. Vale repetir que, para o Direito da Criança e do Adolescente, a pura e simples privação de liberdade de um adolescente - máxime antes da sentença e num local inadequado como uma repartição policial - não é solução juridicamente autorizada e/ou viável, pois as normas aplicáveis não são de natureza penal e nem tem uma conotação repressivo-punitiva. Assim sendo, ante a falta de um local adequado, onde o adolescente possa ter acesso a todos os direitos que lhe são conferidos pelos arts. 94 e 124, do ECA e pela normativa internacional, bem como ser submetido a atividades pedagógicas e ao tratamento psicossocial ao qual tem direito (cf. art. 123 e par. único, do ECA), inadmissível seja ele penalizado (literalmente, diga-se de passagem, numa verdadeira afronta - na prática - ao disposto no próprio art. 228, da CF), pela omissão estatal, permanecendo recolhido em estabelecimento prisional por prazo superior ao máximo tolerado (e apenas tolerado) pela legislação específica aplicável, que por ser orientada pelo *princípio da proteção integral à criança e ao adolescente*, não pode ser de qualquer modo interpretada e muito menos aplicada em seu prejuízo (inteligência dos arts. 1º, 6º e princípio expressamente consignado no art. 100, par. único, inciso II, do ECA). Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL CORRESPONDENTE AO DELITO DE LATROCÍNIO. MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA DE INTERNAÇÃO. PACIENTE SENTENCIADO, AGUARDANDO VAGA EM ESTABELECIMENTO INADEQUADO, CUSTODIADO NO MINI-PRESÍDIO DE APUCARANA, SEM O TRATAMENTO ADEQUADO. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CARACTERIZADO. ORDEM CONCEDIDA. Viola o art. 185, §2º do ECA e caracteriza constrangimento ilegal a manutenção de adolescente apreendido em estabelecimento inadequado (no*

caso, instituição penitenciária) por prazo superior a cinco dias, por falta de vagas em instituição destinada a menores e condizente para o cumprimento da medida sócio-educativa de internação aplicada em sentença. (TJPR. 2ª C. Crim. HC-ECA nº 0562306-3, de Apucarana. Rel. Juíza Subst. 2º G. Lilian Romero. J. em 02/04/2009); e *HABEAS CORPUS. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO CRIME DE ROUBO DUPLAMENTE MAJORADO (ART. 157, PARÁGRAFO 2º, INCISOS I E II DO CÓDIGO PENAL). REPRESENTAÇÃO RECEBIDA. DETERMINADA A INTERNAÇÃO PROVISÓRIA. ADOLESCENTE CUMPRINDO A MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NA 9ª SUBDIVISÃO DE POLÍCIA DA COMARCA DE MARINGÁ, ENQUANTO AGUARDA VAGA E LOCAL APROPRIADO. PRAZO PERMISSIVO DE 5 (CINCO) DIAS ESCOADO. CONSTRANGIMENTO ILEGAL CARACTERIZADO. LIMINAR CONFIRMADA. ORDEM CONCEDIDA EM DEFINITIVO. I. Mostra-se ilegal a manutenção do paciente em cadeia pública, pois o objetivo da medida de internação é a reeducação e ressocialização do adolescente, para posterior encaminhamento a vida social, o que jamais poderá ser alcançado em Delegacias de Polícia, porquanto, a permanência nesta, importa na prática em violação ao princípio constitucional da imputabilidade penal de pessoas com idade inferior a 18 anos, previsto no artigo 228 da Constituição Federal.* (TJPR. 2ª C.Crim. HC-ECA nº 0660530-3, de Maringá. Rel. Des. Lidio José Rotoli de Macedo. Unânime. J. em 15/04/2010).

Art. 186. Comparecendo o adolescente, seus pais ou responsável, a autoridade judiciária procederá a oitiva dos mesmos, podendo solicitar opinião de profissional qualificado **[795]**.

§ 1º. Se a autoridade judiciária entender adequada a remissão, ouvirá o representante do Ministério Público, proferindo decisão **[796]**.

§ 2º. Sendo o fato grave, passível de aplicação de medida de internação ou colocação em regime de semiliberdade **[797]**, a autoridade judiciária, verificando que o adolescente não possui advogado constituído, nomeará defensor **[798]**, designando, desde logo, audiência em continuação, podendo determinar a realização de diligências e estudo do caso **[799]**.

§ 3º. O advogado constituído ou o defensor nomeado, no prazo de três dias contando da audiência de apresentação **[800]**, oferecerá defesa prévia e rol de testemunhas **[801]**.

§ 4º. Na audiência em continuação, ouvidas as testemunhas arroladas na representação e na defesa prévia, cumpridas as diligências e juntado o relatório da equipe interprofissional **[802]**, será dada a palavra ao representante do Ministério Público e ao defensor, sucessivamente, pelo tempo de vinte minutos para cada um, prorrogável por mais dez, a critério da autoridade judiciária, que em seguida proferir decisão **[803]**.

795 Vide arts. 100, par. único, inciso XII c/c 113 e 151, do ECA. A *audiência de apresentação* é muito mais que um simples "interrogatório", pois visa colher elementos que vão *além* da conduta infracional propriamente dita, sendo ainda o primeiro momento no qual a autoridade judiciária avaliará a possibilidade de concessão de *remissão* ao adolescente. Vale notar que o dispositivo é expresso ao determinar que a autoridade judiciária não deve se limitar a ouvir o adolescente, mas precisa ouvir *também* seus pais ou responsável (inclusive sob pena de *nulidade do ato* - e eventualmente de todo o feito - por quebra do princípio do "devido processo legal"), colhendo informes sobre a conduta pessoal, familiar e social daquele. A intervenção de uma equipe interprofissional,

neste momento, é de suma importância para apuração das *circunstâncias* de ordem psicossocial, que levaram o adolescente a cometer a infração, de suas *necessidades pedagógicas específicas* e de sua *capacidade de cumprir* determinada medida socioeducativa e/ou protetiva que lhe venha a ser aplicada (cf. arts. 112, §1º e 113 c/c 100, *caput*, primeira parte, do ECA). Como acima ventilado, se já houver elementos suficientes, a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, poderá desde logo conceder remissão ao adolescente (cf. arts. 126, par. único e 186, §1º, do ECA), prestando-lhe os esclarecimentos devidos acerca das implicações da concordância ou não com a proposta efetuada e reconhecendo seu direito opinar acerca da questão, *ex vi* do disposto nos arts. 100, par. único, incisos XI e XII c/c 113, do ECA. Embora a letra fria da lei a rigor não exija (inteligência do art. 186, §2º, do ECA), o STJ tem reconhecido a nulidade de processos em que a audiência de apresentação do adolescente é realizada sem a presença de defensor, razão pela qual a cautela recomenda que, se o adolescente não tiver defensor constituído, seja nomeado um para promover sua defesa, quando da realização do ato. Neste sentido: *HABEAS CORPUS. ECA. MENOR SUBMETIDO A MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO, PELA PRÁTICA DE ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO DELITO DE FURTO (ART. 155, CAPUT DO CPB). AUDIÊNCIA DE APRESENTAÇÃO. AUSÊNCIA DE ADVOGADO. CERCEAMENTO DE DEFESA. PRECEDENTES DO STJ. PARECER DO MPF PELA CONCESSÃO DA ORDEM. ORDEM CONCEDIDA, PARA ANULAR A AUDIÊNCIA DE APRESENTAÇÃO, E TODOS OS ATOS DECISÓRIOS QUE LHE SÃO POSTERIORES, PARA QUE SEJA RENOVADA, COM A PRESENÇA DA DEFESA TÉCNICA. 1. A jurisprudência deste Superior Tribunal firmou-se no sentido de reconhecer a nulidade da audiência de apresentação - e, por consequência, dos demais atos decisórios que lhe são posteriores -, em razão da ausência de defesa técnica. 2. Parecer do MPF pela concessão da ordem. 3. Ordem concedida, para anular a audiência de apresentação, e todos os atos decisórios que lhe são posteriores, para que seja renovada com a presença da defesa técnica*. (STJ. 5ª T. HC nº 92390/MG. Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho. J. em 15/09/2009). De qualquer sorte, vale destacar que eventual "confissão" obtida junto ao adolescente, por ocasião da audiência de apresentação, *não dispensa a coleta de outras provas* acerca do ocorrido (inclusive para aferir se o adolescente não está, pelas mais diversas razões, assumindo a responsabilidade por algo que não fez), valendo neste sentido observar o contido na Súmula nº 342, do Superior Tribunal de Justiça: "*No procedimento para aplicação de medida sócio-educativa, é nula a desistência de outras provas em face da confissão do adolescente*".

796 Vide arts. 126, par. único e 127, do ECA e item 11, das "*Regras de Beijing*". A remissão é uma solução sempre preferencial, devendo assim a autoridade judiciária desde logo verificar sua viabilidade. Importante destacar que, em sede de remissão, não pode ser imposta qualquer medida sócio-educativa ao adolescente que, se for o caso, terá de concordar expressamente em se submeter às medidas propostas, firmando verdadeiro termo de acordo, devidamente representado ou assistido por seus pais ou responsável. Caso a remissão seja concedida a título de perdão puro e simples ou venha acompanhada apenas da medida de advertência, a ser aplicada desde logo, na própria audiência de apresentação, resultará na *extinção* do processo; caso venha, no entanto, acompanhada de medida socioeducativa não privativa de liberdade, a autoridade judiciária deverá determinar a *suspensão* do processo, enquanto o adolescente cumpre a medida ajustada. Cumprida a medida, o processo deverá ser extinto; caso o adolescente a descumpra, de forma injustificada, e não seja possível ou viável sua substituição por outra medida (cf. arts. 113 c/c 99 e 128, do ECA), o processo deverá ser retomado, efetuando-se a instrução do feito e demais trâmites. A coleta da manifestação do representante do Ministério Público acerca da remissão proposta pela autoridade

judiciária é obrigatória, valendo neste sentido colacionar o seguinte aresto: *PENAL. RECURSO ESPECIAL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. REMISSÃO. PRÉVIA OITIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. NECESSIDADE. A concessão da remissão pela autoridade judicial, uma vez oferecida a representação, deve ser sempre precedida da oitiva do Ministério Publico (Precedentes do STJ). Recurso provido.* (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 661537. Rel. Min. Felix Fischer. J. em 15/02/2005).

797 A redação do dispositivo não foi das mais felizes. Como dito anteriormente, a concessão da remissão deve ser a *regra*, o que vale mesmo para infrações de natureza grave, salvo quando se vislumbrar a possibilidade de aplicação de medida privativa de liberdade ao término do procedimento. Nada impede, portanto, a concessão de remissão - seja pelo MP ou pela autoridade judiciária (cf. arts. 126 e 127 - vide comentários) - mesmo diante da prática, pelo adolescente, de uma infração de natureza grave (o que pela sistemática estabelecida pelo ECA evitaria ou abreviaria a instrução do procedimento), solução que uma interpretação equivocada do presente dispositivo poderia descartar. Por outro lado, podem ocorrer situações em que, mesmo diante da prática de infrações de natureza leve (que, portanto, não admitiriam, nem ao menos em tese, a aplicação de medidas privativas de liberdade), seja necessária a instrução do procedimento (quando, por exemplo, o adolescente nega a autoria do ato infracional que lhe é imputado e/ou se recusa a aceitar os termos de uma remissão clausulada), quando então, obrigatoriamente, terá de ser assistido por defensor, constituído ou nomeado (arts. 111, inciso III e 207, ambos do ECA e art. 227, §3º, inciso IV, da CF). De qualquer sorte, importante lembrar que não existe prévia correlação entre o ato infracional praticado e a medida socioeducativa a ser aplicada (e muito menos a "obrigatoriedade" da aplicação de medidas privativas de liberdade a infrações de natureza grave), razão pela qual a autoridade judiciária não poderá, de antemão, afirmar que será esta a solução adotada ao final do procedimento.

798 Vide arts. 111, inciso III e 207, ambos do ECA e art. 227, §3º, inciso IV, da CF.

799 Vide arts. 151 e 186, §4º, do ECA e item 16.1, das "*Regras de Beijing*". A intervenção de uma equipe interprofissional para avaliar as *circunstâncias da infração* (ou seja, todos os fatores que levaram o adolescente à sua prática), as *necessidades pedagógicas específicas* do adolescente e sua *capacidade de cumprimento da medida* a ser aplicada, tal qual exigem os arts. 112, §1º e 113 c/c 100, *caput*, primeira parte, do ECA, é de importância capital, máxime quando se vislumbra a mera possibilidade de aplicação de medidas privativas de liberdade, solução extrema que, mesmo diante da prática de infrações de natureza grave, somente pode ser adotada quando, comprovadamente, não houver outra solução sociopedagógica viável (cf. arts. 121, *caput*, segunda parte e 122, §2º, do ECA e art. 227, §3º, inciso V, segunda parte, da CF).

800 Caso o defensor não esteja presente quando da realização da audiência de apresentação, deverá ser pessoalmente intimado a apresentar a defesa prévia, contando-se o prazo de 03 (três) dias a que se refere o dispositivo a partir de sua efetiva intimação.

801 Vide comentários ao art. 182, §1º, do ECA. Na defesa prévia o defensor deverá arrolar não apenas testemunhas presenciais dos fatos, mas também aquelas que possam prestar informações acerca da conduta pessoal, familiar e social do adolescente, vez que tais informações são de suma importância quando da análise da medida socioeducativa mais adequada.

802 Vide art. 151, do ECA e item 16.1 das "Regras de Beijing": "16. Relatórios de Investigação social: 16.1. para facilitar a adoção de uma decisão justa por parte da autoridade competente, a menos que se tratem de infrações leves, antes da decisão definitiva será efetuada uma investigação completa sobre o meio social e

as circunstâncias de vida do jovem e as condições em que se deu a prática da infração". Desta forma, é fundamental a realização do relatório social do adolescente acusado da prática de ato infracional, podendo a ausência deste dar ensejo à nulidade do processo. Neste sentido: LAUDO DA EQUIPE INTERPROFISSIONAL. ANULAÇÃO DO PROCESSO. MEDIDAS ESPECÍFICAS DE PROTEÇÃO. A ausência de relatório da Equipe Interdisciplinar, para a orientação da medida socioeducativa mais adequada para a recuperação do adolescente, leva a anulação do processo, com a cassação da sentença. Processo anulado. Sentença cassada. Preliminar rejeitada, por maioria. ECA. ATO INFRACIONAL. Ainda que tenham os apelantes negado a autoria do ato infracional, as demais provas carreadas aos autos demonstram a efetiva participação dos menores para a consumação da infração, o que restou roborado pelo depoimento da vítima que, nos delitos desta espécie, assume especial relevância. Apelos desprovidos. (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70009507724. Rel. Antônio Carlos Stangler Pereira. J. em 24/02/2005). De qualquer sorte, a ausência de clara indicação, atestada a partir de uma avaliação técnica indisciplinar criteriosa, de que a medida de internação é de fato necessária na espécie, impõe a aplicação de medidas em meio aberto, por força do princípio constitucional da excepcionalidade de tal solução extrema (cf. art. 227, §3º, inciso V, da CF). Neste sentido: ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. APELAÇÃO. ATO INFRACIONAL CORRESPONDENTE AOS CRIMES DE PORTE DE ARMA (ART. 14 DA LEI 10.826/2003), LESÕES CORPORAIS (ART. 129 DO CP) E RESISTÊNCIA (ART. 329 DO CP). AUTORIA E MATERIALIDADE SUFICIENTEMENTE COMPROVADOS. REPRESENTAÇÃO PROCEDENTE. INTERNAÇÃO. ADEQUAÇÃO E NECESSIDADE NÃO COMPROVADAS NO CASO CONCRETO. RELATÓRIO SOCIAL QUE NÃO DEMONSTRA O CABIMENTO DA MEDIDA EXTREMA. RECURSO PROVIDO PARCIALMENTE. (TJPR. 2ª C.Crim. RAECA nº 0659895-2, de Assai. Rel.: Juíza Subst. 2º G. Lilian Romero. J. em 12/08/2010). Da mesma forma, situações específicas podem determinar a realização de exames especializados, podendo neste sentido ser citada a obrigatoriedade da realização, além do estudo psicossocial, de um laudo antropológico, em se tratando de adolescentes indígenas (valendo observar, por analogia, o contido no art. 28, §6º, do ECA), assim como de um laudo psiquiátrico, caso haja suspeita de que o adolescente possui distúrbios de ordem psíquica (valendo lembrar que o adolescente portador de transtornos mentais, que seria considerado inimputável mesmo se adulto fosse, não dever vinculados a medidas socioeducativas, mas sim receber o "tratamento individual e especializado, em local adequado às suas condições", conforme disposto no art. 112, §3º, do ECA). A respeito da matéria, colacionamos os seguintes julgados: HABEAS CORPUS. ESTUPRO. MENORES INDÍGENAS. AUSÊNCIA DE LAUDO ANTROPOLÓGICO E SOCIAL. DÚVIDAS QUANTO AO NÍVEL DE INTEGRAÇÃO. NULIDADE. Somente é dispensável o laudo de exame antropológico e social para aferir a imputabilidade dos indígenas quando há nos autos provas inequívocas de sua integração à sociedade. No caso, há indícios de que os menores indígenas, ora pacientes, não estão totalmente integrados à sociedade, sendo indispensável a realização dos exames periciais. É necessária a realização do estudo psicossocial para se aferir qual a medida sócio-educativa mais adequada para cada um dos pacientes." Ordem concedida para anular a decisão que determinou a internação dos menores sem a realização do exame antropológico e psicossocial. (STJ. 5ª T. HC nº 40884/PR. Rel. Min. José Arnaldo da Fonseca. J. em 07/04/2005); e ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Prática de ato infracional definido no art. 121, §2º, inc. IV, do Código Penal. Aplicação da medida sócio-educativa de internação. Inobservância de normas constitucionais e estatutárias. Procedimento eivado de nulidade absoluta. Decretação 'ex officio'. Concessão da ordem de 'habeas corpus' de ofício, em caráter liminar. Desinternação imediata dos adolescentes. Inteligência do art. 101, inc. I, do ECA. Submissão de um dos representados à avaliação psiquiátrica, para apuração de sua sanidade mental. Se não foram observadas

normas constitucionais e estatutárias, desde a audiência de apresentação dos adolescentes, é de ser decretada a nulidade absoluta do feito, a partir daquele momento procedimental, colocando-se, consequentemente, em liberdade os representados. (TJPR. 1ª C. Crim. Rec.Ap.ECA nº 155.764-6. Rel. Des. Tadeu Costa. J. em 03/06/2004).

803 Vide arts. 108, *caput* e 183, do ECA. A tônica de todo o procedimento é a *celeridade*, razão pela qual deve-se primar pelo respeito ao princípio da oralidade, conforme previsto no presente dispositivo, evitando-se a usual abertura de prazo para a apresentação de "memoriais" e/ou a sentença "em gabinete", o que geralmente retarda a solução do caso. De uma forma ou de outra, é de se atentar para o princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente, que na forma do disposto no art. 4º, par. único, alínea "b", do ECA, importa também na preferência (absoluta) na prestação jurisdicional, em se tratando de causas que envolvem interesses infanto-juvenis. Vale mencionar que, embora deva ser, em regra, proferida em audiência, a sentença deve analisar em detalhes não apenas aspectos relacionados à autoria e materialidade do ato infracional em si considerado (usando da mesma cautela, no que diz respeito à análise das provas respectivas, que teria em se tratando de procedimento envolvendo adultos), mas também - e fundamentalmente - as *circunstâncias* de ordem psicossocial, que levaram o adolescente a cometer a infração e suas *necessidades pedagógicas específicas*, em razão das quais deverão ser aplicadas as medidas socioducativa e/ou protetivas, respeitada a *capacidade de cumprimento* das mesmas pelo adolescente (cf. arts. 112, §1º e 113 c/c 100, *caput*, primeira parte, do ECA). Por fim, resta lembrar que o *compromisso* da Justiça da Infância e da Juventude não é com a aplicação de medidas socioeducativas ao adolescente (máxime numa perspectiva meramente "punitiva"), mas sim com a busca de *soluções concretas* para os problemas que o mesmo (e sua família) apresenta, sendo as medidas socioeducativas apenas um dos meios para tanto disponíveis.

Art. 187. Se o adolescente, devidamente notificado, não comparecer, injustificadamente, à audiência de apresentação, a autoridade judiciária designará nova data, determinando sua condução coercitiva.

Art. 188. A remissão, como forma de extinção ou suspensão do processo, poderá ser aplicada em qualquer fase do procedimento, antes da sentença **[804]**.

804 Vide arts. 126, par. único e 127, do ECA e item 17.4, das "*Regras de Beijing*".

Art. 189. A autoridade judiciária não aplicará qualquer medida **[805]**, desde que reconheça na sentença **[806]**:

I - estar provada a inexistência do fato;

II - não haver prova da existência do fato;

III - não constituir o fato ato infracional;

IV - não existir prova de ter o adolescente concorrido para o ato infracional **[807]**.

Parágrafo único. Na hipótese deste artigo, estando o adolescente internado, será imediatamente colocado em liberdade **[808]**.

805 Vide art. 70, do ECA. Usando de uma espécie de "poder geral de cautela", inspirado pelo princípio da proteção integral à criança e ao adolescente, nada

impede que o Juiz, em verificando que o adolescente necessita desde logo de *medidas específicas de proteção* (cf. art. 101, do ECA), as aplique desde logo, ainda que não possa julgar procedente a representação socioeducativa. Tal orientação é especialmente válida nos casos em que a autoridade judiciária efetivamente *exerce* as atribuições do Conselho Tutelar, *ex vi* do disposto no art. 262, do ECA. Nada impede, porém, que assim proceda mesmo após instalado o Conselho Tutelar, embora neste caso tenha como alternativa o encaminhamento do adolescente para ser atendido por este órgão.

806 Vide art. 114, do ECA e item 54, das "Diretrizes de Riad": "Com o objetivo de impedir que se prossiga à estigmatização, à vitimização e à incriminação dos jovens, deverá ser promulgada uma legislação pela qual seja garantido que todo ato que não seja considerado um delito, nem seja punido quando cometido por um adulto, também não deverá ser considerado um delito, nem ser objeto de punição quando for cometido por um jovem". No sentido da normativa internacional aplicável, quis o legislador estatutário impedir que o adolescente acusado da prática de ato infracional recebesse um tratamento mais rigoroso que o adulto, razão pela qual somente estará aquele sujeito a medidas socioeducativas, de maneira impositiva (a aplicação de medidas em sede de remissão, como dito anteriormente, pressupõe a concordância expressa do adolescente) após a efetiva comprovação da autoria e da materialidade da infração. Assim sendo, pode-se dizer, a grosso modo, que o adolescente não poderá ter imposta qualquer medida socioeducativa nas situações em que, caso fosse adulto, não poderia receber pena de espécie alguma (o que tem sido utilizado, inclusive, como argumento para o reconhecimento da incidência da prescrição penal no procedimento para apuração de ato infracional, valendo neste sentido observar os comentários ao art. 121, §5º, do ECA). A impossibilidade de o adolescente receber um tratamento mais rigoroso do que receberia se adulto fosse é ainda contemplada de maneira expressa pelo art. 35, inciso I, da Lei nº 12.594/2012.

807 A rigor, nas mesmas situações em que o acusado imputável seria absolvido da prática de crime, o adolescente deve ter a representação julgada improcedente, não podendo ser em tal caso submetido a qualquer medida socioeducativa. Em havendo dúvida quanto à autoria e materialidade da infração, é de se aplicar o princípio do *in dubio pro reo*. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL. CORRELAÇÃO AO CRIME DE HOMICÍDIO. DÚVIDAS ACERCA DA AUTORIA. AUSÊNCIA DE PROVA CONTUNDENTE. TESTEMUNHAS QUE APRESENTAM VERSÕES DIFERENTES NO TOCANTE A AUTORIA. APLICAÇÃO DO PRINCIPIO CONSTITUCIONAL DO 'IN DÚBIO PRO REO'. APELAÇÃO DESPROVIDA.* (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70030901557. Rel. Des. José Conrado de Souza Júnior. J. em 28/10/2009) e *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO A FURTO. AUTORIA NÃO COMPROVADA. HIPÓTESE DE IMPROCEDÊNCIA DA REPRESENTAÇÃO. Em processo de apuração de ato infracional, mais que evidências, exige-se prova robusta e irrefutável acerca da conduta imputada ao adolescente na representação. A prova carreada aos autos não conduz a um juízo de certeza acerca da prática, pelo adolescente, de ato infracional equiparado ao art. 155, § 4º, inciso I, II e IV, do CP, mormente diante da negativa da autoria, bem como da prova testemunhal, que não forneceu elementos capazes de lastrear um juízo de procedência da representação. APELAÇÃO DESPROVIDA.* (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70032291916. Rel. Des. André Luiz Planella Villarinho. J. em 28/10/2009). Ainda sobre a matéria, vide o disposto na Súmula nº 342, do Superior Tribunal de Justiça, que deixa claro não ser suficiente a confissão do adolescente para fins de procedência da representação e imposição de medidas socieducativas.

808 Vide art. 234, do ECA. Sendo a privação da liberdade, mesmo quando comprovada a prática de atos infracionais de natureza grave, uma medida de

exceção, evidente que se não houver prova cabal da prática infracional, o adolescente deve ser imediatamente colocado em liberdade, o que não impede, logicamente, a aplicação a ele e sua família de medidas de proteção como as relacionados nos arts. 101 e 129, do ECA.

Art. 190. A intimação da sentença que aplicar medida de internação ou regime de semiliberdade será feita:

I - ao adolescente e ao seu defensor **[809]**;

II - quando não for encontrado o adolescente, a seus pais ou responsável, sem prejuízo do defensor.

§ 1º. Sendo outra medida aplicada, a intimação far-se-á unicamente na pessoa do defensor.

§ 2º. Recaindo a intimação na pessoa do adolescente, deverá este manifestar se deseja ou não recorrer da sentença **[810]**.

809 Vide art. 111, inciso III, do ECA.

810 Vide arts. 6º, 100, par. único, incisos I e XI e 111, do ECA. O legislador teve a nítida intenção de criar uma situação na qual o recurso de apelação, contra decisão impositiva de medida privativa de liberdade ao adolescente, seria praticamente *inevitável*, haja vista que, uma vez pessoalmente intimado de tal solução, assim como devidamente *informado acerca das consequências* da decisão e das alternativas disponíveis (desnecessário mencionar que não basta "intimar" o adolescente da decisão e colher sua manifestação, mas sim prestar-lhe a devida *orientação* - notadamente sob a ótica jurídica - acerca das implicações desta decorrentes - cf. art. 100, par. único, inciso XI, do ECA), dificilmente o adolescente deixará de manifestar intenção de recorrer. Uma vez que o adolescente manifeste expressamente sua intenção de recorrer da decisão, disto deverá certificar o Sr. Meirinho, considerando-se interposto o recurso neste momento, cabendo ao defensor do adolescente a apresentação das razões de recurso no prazo de 10 (dez) dias. Tal situação peculiar, que guarda similitude com o disposto nos arts. 578, 593 e 600, do CPP, representa uma "adaptação" ao sistema recursal adotado pelo ECA, que a teor de seu art. 198, tem por base o Código de Processo Civil. Antes da intimação pessoal do adolescente ou, na impossibilidade de sua localização, de seus pais ou responsável, não deve ser considerado intempestivo o recurso apresentado pelo defensor, que em nome dos princípios da ampla defesa e da proteção integral à criança e ao adolescente, pode recorrer da decisão *mesmo diante da manifestação contrária deste* (partindo do princípio, inclusive, de que o *direito à liberdade* de um adolescente - que é *dever de todos* assegurar com a mais *absoluta prioridade* - *ex vi* do disposto nos arts. 4º, 18 e 70, do ECA, é absolutamente *irrenunciável* por seu titular), notadamente quando o mesmo não tiver sido adequadamente informado acerca das consequências de sua manifestação e/ou for invocada nulidade que possa ser reconhecida de ofício pelo Tribunal *ad quem*, valendo neste sentido também observar o disposto no art. 234, do ECA. Ainda sobre a matéria, vide o contido na Súmula nº 705, do STF, de 09/10/2003, segundo a qual: "*A renúncia do réu ao direito de apelação, manifestada sem a assistência do defensor, não impede o conhecimento da apelação por este interposta*", cujo teor é aplicável, por analogia, ao procedimento para apuração de ato infracional atribuído a adolescente.

Seção VI - Da Apuração de Irregularidades em Entidades de Atendimento [811]

Art. 191. O procedimento de apuração de irregularidade em entidade governamental e não-governamental terá início mediante portaria da autoridade judiciária [812] ou representação do Ministério Público [813] ou do Conselho Tutelar [814], onde conste, necessariamente, resumo dos fatos [815].

Parágrafo único. Havendo motivo grave, poderá a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, decretar liminarmente o afastamento provisório do dirigente da entidade, mediante decisão fundamentada [816].

811 As irregularidades podem dizer respeito tanto à entidade em si (presença de alguma das situações previstas no art. 91, par. único, do ECA, por exemplo), quanto ao programa de atendimento por ela desenvolvido (não observância dos princípios e obrigações a que aludem os arts. 92 e 94, do ECA, dentre outros próprios do Direito da Criança e do Adolescente, por exemplo). Vide também arts. 40 a 78, do CC e, especificamente em relação às entidades que executam medidas socioeducativas, vide arts. 28 e 29, da Lei nº 12.594/2012 e arts. 208, inciso X c/c 216, do ECA.

812 Vide arts. 90, §1º, *in fine*, 91, *caput*, *in fine*, 95, 97 e 148, inciso V, todos do ECA. Embora tal dispositivo viole o *princípio da inércia* do Judiciário, o mesmo se justifica ante o *princípio da proteção integral à criança e ao adolescente* e a necessidade de um controle rígido e eficaz do atendimento prestado a crianças e adolescentes. Ademais, como o art. 193, §3º, do ECA deixa claro, o objetivo precípuo do procedimento não é a aplicação de qualquer espécie de sanção à entidade investigada, mas sim a solução dos problemas detectados.

813 Vide arts. 95 e 201, inciso XI, do ECA e art. 282, do CPC.

814 Vide arts. 95 e 131, do ECA e art. 282, do CPC. Trata-se aqui de uma das atribuições do Conselho Tutelar que não se encontra relacionada no art. 136, do ECA. O Conselho Tutelar deve peticionar diretamente à autoridade judiciária, sem a necessidade de acionar o Ministério Público para tal finalidade, pois o presente dispositivo confere àquele órgão uma "capacidade postulatória" *sui generis*, dispensando também a assistência de advogado.

815 Vide art. 5º, inciso LV, da CF.

816 Vide arts. 92, §6º e 97, inciso I, alínea "b", do ECA. Durante muito tempo persistiu a controvérsia acerca da possibilidade do decreto do afastamento provisório do dirigente de entidade não governamental, pois tal medida somente era prevista, de maneira expressa, em relação a dirigente de entidade governamental (cf. art. 97, inciso I, alínea "b", do ECA). Ocorre que, com o advento do art. 92, §6º, do ECA, acrescido pela Lei nº 12.010/2009, tal controvérsia se dissipou, não mais havendo dúvida quanto à possibilidade do afastamento do dirigente da entidade, em qualquer caso (partindo da constatação elementar de que "quem pode o mais" - o afastamento definitivo do dirigente, "pode o menos" - seu afastamento provisório). Com efeito, mesmo antes da referida inovação legislativa, já defendíamos que, por se tratar de uma providência de caráter cautelar, orientada pelo princípio da proteção integral à criança e ao adolescente (que objetiva, em última análise, a remoção das irregularidades existentes), e ainda considerando que a alternativa seria a suspensão do programa em execução (cf. art. 97, inciso II, alínea "c", do ECA), com prejuízo ao atendimento prestado às crianças e adolescentes a ele vinculadas, a única interpretação razoável (inteligência dos arts. 1º, 5º, 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA e art. 5º, inciso XXXV, da CF), seria no sentido

da possibilidade, quando necessário, *também* o afastamento de dirigente de entidade não governamental.

Art. 192. O dirigente da entidade será citado para, no prazo de dez dias, oferecer resposta escrita, podendo juntar documentos e indicar as provas a produzir **[817]**.

817 Vide art. 152, do ECA c/c art. 213 e sgts., do CPC.

Art. 193. Apresentada ou não a resposta, e sendo necessário, a autoridade judiciária designará audiência de instrução e julgamento **[818]**, intimando as partes.

§ 1º. Salvo manifestação em audiência, as partes e o Ministério Público terão cinco dias para oferecer alegações finais, decidindo a autoridade judiciária em igual prazo.

§ 2º. Em se tratando de afastamento provisório ou definitivo de dirigente de entidade governamental **[819]**, a autoridade judiciária oficiará a autoridade administrativa imediatamente superior ao afastado, marcando prazo para a substituição.

§ 3º Antes de aplicar qualquer das medidas, a autoridade judiciária poderá fixar prazo para a remoção das irregularidades verificadas. Satisfeitas as exigências, o processo será extinto sem julgamento de mérito **[820]**.

§ 4º. A multa **[821]** e a advertência serão impostas ao dirigente da entidade ou programa de atendimento.

818 Vide art. 330, do CPC. A tônica do procedimento é a celeridade e a designação de audiência de instrução e julgamento somente deverá ocorrer quando houver a real necessidade da produção de outras provas.

819 Vide art. 97, inciso I, alíneas "b" e "c", do ECA.

820 O dispositivo deixa claro que o objetivo precípuo do procedimento é, precisamente, a *remoção das irregularidades existentes*, garantindo o adequado atendimento às crianças e adolescentes, e não a aplicação de qualquer espécie de sanção.

821 Vide art. 92, §6º, do ECA. Nota-se aqui uma aparente falha na sistematização da redação final da Lei nº 8.069/1990, já que não há previsão da aplicação de multa (e muito menos, logicamente, qualquer valor a ela relativo), dentre as sanções relacionadas no art. 97, do ECA, inviabilizando assim a imposição de tal sanção, inclusive sob pena de violação do princípio da legalidade (cf. art. 5º, inciso XXXIX, da CF). A única possibilidade da aplicação de multa diz respeito ao dirigente da entidade de acolhimento institucional, que por ser equiparado ao guardião, para todos os fins e efeitos (cf. art. 92, §1º, do ECA), estaria em tese sujeito a responder pela infração administrativa tipificada no art. 249, do ECA, que porém, deve ser apurada em procedimento diverso (cf. arts. 194 a 197, do ECA). Vale também o registro que, embora novamente em procedimento diverso, é possível a aplicação de multa ao dirigente da entidade na hipótese prevista no art. 213, §2º, do ECA (ações civis com preceito cominatório). De qualquer sorte, por força do disposto no art. 92, §6º, do ECA, vale lembrar que é possível destituir o dirigente da entidade, seja governamental ou não governamental, sem que isto importe na extinção dos programas de atendimento por ela executados. Resta observar, por fim, que em qualquer caso, será sempre possível promover demandas específicas visando a *responsabilidade civil e administrativa* dos dirigentes das entidades ou mesmo de qualquer pessoa a que se atribuição ação/omissão lesiva aos interesses infanto-juvenis (arts. 5º, 208 e 216, do ECA), sendo que, especificamente no caso de dirigentes,

servidores e pessoas outras que atuam junto ao Sistema Socioeducativo, as disposições estatutárias devem ser interpretadas em conjunto com o disposto nos arts. 28 e 29, da Lei nº 12.594/2012.

Seção VII - Da Apuração de Infração Administrativa às Normas de Proteção à Criança e ao Adolescente

Art. 194. O procedimento para imposição de penalidade administrativa por infração às normas de proteção à criança e ao adolescente [822] terá início por representação [823] do Ministério Público [824], ou do Conselho Tutelar [825], ou auto de infração elaborado por servidor efetivo ou voluntário credenciado [826], e assinado por duas testemunhas, se possível.

§ 1º. No procedimento iniciado com o auto de infração [827], poderão ser usadas fórmulas impressas, especificando-se a natureza e as circunstâncias da infração.

§ 2º. Sempre que possível, à verificação da infração seguir-se-á a lavratura do auto, certificando-se, em caso contrário, dos motivos do retardamento [828].

822 Sobre as condutas que, em tese, caracterizam *infração administrativa* às normas de proteção à criança e ao adolescente estabelecidas pelo ECA, vide arts. 245 a 258, do ECA. Sobre a *competência* para processar e julgar o procedimento em questão, vide art. 149, inciso VI, do ECA.

823 Trata-se de petição inicial que deverá conter o endereçamento, a qualificação das partes, a descrição da conduta tida por infracional e o pedido de condenação nas sanções respectivas. O pedido deverá ser instruído com os documentos disponíveis ou sua produção poderá ser requerida à autoridade judiciária. Sempre que identificadas, é importante trazer aos autos documento idôneo que comprove a idade da(s) criança(s) e/ou adolescente(s) vítima(s) da infração, embora o STJ já tenha decidido que a prova da idade pode ser efetuada sem a necessidade de apresentação de tal documento. Neste sentido: *DIREITO ADMINISTRATIVO - ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA - ART. 152 DO ECA - APLICAÇÃO SUBSIDIÁRIA DA NORMA PROCESSUAL PERTINENTE - ART. 251 DO ECA - INFRAÇÃO DE NATUREZA ADMINISTRATIVA - SÚMULA 74/STJ - INAPLICABILIDADE - PRESCINDIBILIDADE DE CERTIDÃO DE DOCUMENTO - RESPONSABILIZAÇÃO SOCIAL. 1. A aplicação subsidiária de norma processual deve guardar pertinência com a natureza da infração administrativa, no que concerne a regramento geral não previsto no próprio procedimento especial do Estatuto da Criança e do Adolescente, exegese do art. 152 do ECA. 2. Dentro do microssistema de proteção a crianças e adolescentes, as infrações administrativas não se apresentam com atributos de ordem jurisdicional, mas como punição administrativa do Poder Judiciário, no exercício de função atípica, derivada do poder de polícia. (In: Estatuto da criança e do adolescente: doutrina e jurisprudência. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2006; ISHIDA, Válter Kenji). 3. "As infrações são de natureza administrativa e a pena estabelecida é de multa." (In: Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente", 10ª ed. Malheiros: São Paulo, p. 268; LIBERATI, Wilson Donizeti.). 4. A par da natureza administrativa da infração, ausentes os efeitos penais, é inaplicável a Súmula 74 do STJ: "Para efeitos penais, o reconhecimento da menoridade do réu requer prova por documento hábil." 5. Diferentemente do sistema penal, a responsabilização nas sanções administrativas não busca reprimir o indivíduo em sua subjetividade, mas liga-se, no Estatuto da Criança e*

do Adolescente, à responsabilidade social que advém do Princípio da Proteção Integral. 6. A infração administrativa constante no art. 251 do ECA prescinde de certidões de nascimento ou documentos equivalentes. 7. Com base no conteúdo fático inscrito aos autos pelo Tribunal a quo, forçoso concluir que a permissão do ingresso de "R. da S. B. e D. da S. B., sem autorização judicial, e sem documentação que comprovasse o parentesco com as pessoas que as acompanhavam" é suficiente para a aplicação de multa sancionatória. Recurso especial provido. (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 1163663/SC. Rel. Min. Humberto Martins. J. em 05/08/2010).

824 Vide art. 201, inciso X, do ECA.

825 O presente dispositivo confere uma "capacidade postulatória" *sui generis* ao Conselho Tutelar, que mesmo sendo composto por leigos e independentemente da presença de advogado, possui legitimidade para deflagrar o procedimento para apuração de infração administrativa às normas de proteção à criança e ao adolescente. Importante destacar que o Conselho Tutelar, tal qual o Ministério Público, deve deflagrar o procedimento via *representação*, na qual conste a qualificação do acusado, a descrição pormenorizada da conduta ilícita praticada (permitindo assim o exercício do contraditório e da ampla defesa) e o pedido de condenação, não cabendo ao órgão a lavratura de "auto de infração" (que fica a cargo apenas dos "*agentes de proteção*" ou "*comissários de vigilância da infância e juventude*", como adiante comentado), valendo neste sentido colacionar o seguinte aresto: *PROCEDIMENTO PARA IMPOSIÇÃO DE PENALIDADE ADMINISTRATIVA POR INFRAÇÃO ÀS NORMAS DE PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE. Iniciativa do conselho tutelar, via auto de infração. Inadmissibilidade. Decretação, de ofício, de nulidade do procedimento, desde o início. Recurso Provido. Nulo é o procedimento para imposição de penalidade administrativa por infração às normas de proteção à criança e ao adolescente, se iniciado pelo Conselho Tutelar via auto de infração que não especifica, além do mais, as circunstâncias de infração.* (TJPR. Ap. nº 95.0044-0. Rel. Des. Carlos Hoffmann, *In* Revista Igualdade nº 10, MP/PR).

826 Este é o único dispositivo do ECA que faz referência (ainda assim indireta), à figura do outrora chamado "*comissário de menores*", atualmente denominado "*agente de proteção*" ou "*comissário de vigilância da infância e juventude*", pelas leis de divisão e organização judiciária nos estados. No Estado do Paraná, faz-se referência ao "*comissário de vigilância da infância e juventude*" nos arts. 123, inciso V e 148, incisos I a IX, do Código de Divisão e Organização Judiciária local (Lei Estadual nº 14.277/2003, de 30/12/2003), onde são relacionadas suas atribuições e item 8.1.12, do Código de Normas da Corregedoria Geral de Justiça. Importante destacar que o "*comissário de vigilância*" é diretamente subordinado ao Juízo da Infância e da Juventude, exercendo atribuições específicas (além desta aqui mencionada) que lhe são conferidas pela legislação estadual respectiva, *não se confundindo* com o Conselho Tutelar, que é órgão *autônomo* e *independente* em relação ao Poder Judiciário, que tem atribuições diversas, claramente definidas pela Lei nº 8.069/1990. Vale dizer que o auto de infração lavrado por comissário de vigilância da infância e da juventude, relativamente à caracterização de uma infração administrativa (a exemplo da tipificada no art. 258, do ECA), é documento público que, como tal, goza de fé pública e de presunção *juris tantum* de veracidade quanto às informações que contém, cabendo ao acusado o ônus de produzir prova que o desconstitua. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ARTIGO 258 DA LEI Nº 8.069/90. AUTO INFRACIONAL LAVRADO POR COMISSÁRIO DE INFÂNCIA. DOCUMENTO PÚBLICO. FÉ PÚBLICA. ATO ADMINISTRATIVO. PRESUNÇÃO 'IURIS TANTUM'. ÔNUS DA PROVA DO ADMINISTRADO. I. O auto de infração lavrado por Comissário da Infância, em decorrência do descumprimento do artigo 258 da Lei nº 8.069/90, constitui-se em documento público, merecendo fé pública até prova em contrário. II. O ato administrativo goza de presunção 'iuris tantum',*

cabendo ao administrado o ônus de provar a maioridade da pessoa que se encontrava no estabelecimento comercial recorrido, haja vista a legitimidade do auto infracional. III. Recurso especial provido. (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 1059007/SC. Rel. Min. Francisco Falcão. J. em 07/10/2008).

827 Importante destacar que apenas o "agente de proteção" ou "comissário de vigilância da infância e da juventude" pode lavrar auto de infração, cabendo aos demais legitimados do art. 194, *caput* a deflagração do procedimento via *representação* (petição inicial do procedimento, que deverá conter o endereçamento ao Juízo da infância e da juventude, a qualificação das partes, a descrição do fato e o pedido de condenação, além do rol de testemunhas e pedido de diligências, se for o caso).

828 Vide arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b" e 152, par. único, do ECA. O dispositivo reforça a idéia de que as causas afetas à Justiça da Infância e da Juventude devem gozar da mais *absoluta prioridade* em seu processo e julgamento.

Art. 195. O requerido terá prazo de dez dias para apresentação de defesa, contado da data da intimação **[829]**, que será feita:

I - pelo autuante, no próprio auto, quando este for lavrado na presença do requerido **[830]**;

II - por oficial de justiça ou funcionário legalmente habilitado, que entregará cópia do auto ou da representação ao requerido, ou a seu representante legal, lavrando certidão **[831]**;

III - por via postal **[832]**, com aviso de recebimento, se não for encontrado o requerido ou seu representante legal;

IV - por edital **[833]**, com prazo de trinta dias, se incerto ou não sabido o paradeiro do requerido ou de seu representante legal.

829 Embora utilize o termo "intimação", na verdade se trata de verdadeira *citação*, para qual se aplicam, subsidiariamente, na forma do art. 152, do ECA, as disposições contidas no art. 213 e sgts., do CPC. Vale observar, no entanto, que o dia da intimação deve ser computado como o termo *a quo* da fluência do prazo para resposta do acusado, não sendo aqui aplicada a regra contida no art. 184, §2º, do CPC. É que, por força do disposto no citado art. 152, *caput*, do ECA, as normas gerais da legislação processual civil somente são aplicáveis aos procedimentos previstos no ECA em caráter *subsidiário*, não podendo obviamente contrariar as disposições próprias desta *lei especial*. Assim sendo, o *dies a quo* do cômputo do prazo para resposta, no procedimento especial *sub examine*, será a própria *data da intimação*, e não o primeiro dia útil subsequente.

830 Vide art. 194, *caput* e §§1º e 2º, do ECA. O presente dispositivo somente se aplica ao procedimento instaurado via auto de infração, pelo "agente de proteção" ou "comissário de vigilância da infância e da juventude", pois os demais legitimados para deflagração do procedimento (Conselho Tutelar e Ministério Público), deverão oferecer *representação*, que levará à *citação* do acusado. A citação, em se tratando de auto de infração, é efetuada no ato da lavratura e subsequente assinatura do documento pelo demandado, devendo tal circunstância dele constar de maneira expressa. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. PROCEDIMENTO PARA IMPOSIÇÃO DE PENALIDADE ADMINISTRATIVA POR INFRAÇÃO A NORMAS DE PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE. NULIDADE DA CITAÇÃO. PRELIMINAR*

REJEITADA. ESTABELECIMENTO QUE EXPLORA JOGOS ELETRÔNICOS. PROIBIÇÃO DA ENTRADA E PERMANÊNCIA DE MENORES. INFRAÇÃO AOS ARTIGOS 80 e 258 DO ECA. APLICAÇÃO DE MULTA. 1. Tendo sido a autuação elaborada por Comissário de Menores, a requerida foi devidamente intimada no momento da infração, nos termos do art. 195, I, do Estatuto da Criança e do adolescente, não havendo que se falar em nulidade de citação. 2. Configura infração administrativa, prevista no Estatuto da Criança e do adolescente, a permissão de entrada e permanência de menores de 18 anos em estabelecimento que explora jogos eletrônicos após o horário permitido. 3. Não havendo qualquer excesso na penalidade imposta à autuada, deve ser mantida a multa fixada na sentença. (TJMG. 6ª C. Cív. Ap. Cív. nº 1.0699.07.075242-2/001. Rel. Des. Maurício Barros. J. em 01/09/2009).

831 Vide arts. 215, 216, 221 a 233 e 234 a 242, do CPC, aplicáveis subsidiariamente por força do disposto no art. 152, *caput*, do ECA.

832 Vide arts. 221, inciso I a 223, par. único, do CPC c/c art. 152, do ECA.

833 Vide arts. 231 a 233 do CPC c/c art. 152, do ECA.

Art. 196. Não sendo apresentada a defesa no prazo legal **[834]**, a autoridade judiciária dará vista dos autos ao Ministério Público, por cinco dias, decidindo em igual prazo.

834 Vide arts. 319 c/c 330, inciso II, do CPC c/c art. 152, do ECA.

Art. 197. Apresentada a defesa, a autoridade judiciária procederá na conformidade do artigo anterior **[835]**, ou, sendo necessário, designará audiência de instrução e julgamento.

Parágrafo único. Colhida a prova oral, manifestar-se-ão sucessivamente o Ministério Público e o procurador do requerido, pelo tempo de vinte minutos para cada um, prorrogável por mais dez, a critério da autoridade judiciária, que em seguida proferirá sentença.

835 Vide art. 330, inciso I, do CPC c/c art. 152, do ECA. A tônica do procedimento é a *celeridade* e a designação de audiência de instrução e julgamento somente deverá ocorrer quando houver a real necessidade da produção de outras provas.

Seção VIII - Da Habilitação de Pretendentes à Adoção [836]

Art. 197-A. Os postulantes à adoção, domiciliados no Brasil **[837]**, apresentarão petição inicial na qual conste **[838]**:

I - qualificação completa;

II - dados familiares;

III - cópias autenticadas de certidão de nascimento ou casamento, ou declaração relativa ao período de união estável;

IV - cópias da cédula de identidade e inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas;

V - comprovante de renda e domicílio;

VI - atestados de sanidade física e mental;

VII - certidão de antecedentes criminais;

VIII - certidão negativa de distribuição cível.

836 Toda seção foi acrescida pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009, restando assim instituído um procedimento especial destinado à habilitação de pessoas e casais à adoção. O procedimento de habilitação à adoção não se constitui numa mera "formalidade", mas sim é *fundamental* para aferição do preenchimento, por parte dos pretendentes à adoção, das condições morais e emocionais, bem como dos demais requisitos necessários ao deferimento da medida. Por intermédio do referido procedimento é possível avaliar a idoneidade, motivação e, acima de tudo, o preparo dos pretendentes à adoção para assumir os encargos (perpétuos) da medida. Deve, portanto, ser bem instruído, não apenas com documentos, mas fundamentalmente com a realização de entrevistas, visitas domiciliares e avaliações técnicas realizadas por equipe interprofissional habilitada (arts. 50, §1º e 151, do ECA). Devemos lembrar que a adoção é medida que visa satisfazer os interesses da criança ou adolescente, e não dos adultos interessados, e seu caráter irrevogável mais que justifica a tomada das cautelas previstas nesta seção, como forma de evitar possíveis problemas futuros. As únicas hipóteses nas quais a prévia habilitação é dispensada encontram-se relacionadas no art. 50, §13, do ECA.

837 O procedimento de habilitação à adoção internacional, assim entendida aquela na qual a pessoa ou casal postulante é residente ou domiciliado fora do Brasil (cf. art. 51, do ECA), é previsto no art. 52, do ECA.

838 Vide art. 152, *caput*, do ECA e art. 282, do CPC. Vale lembrar que aos procedimentos previstos no ECA são aplicáveis as normas gerais da legislação processual pertinente, no caso, o Código de Processo Civil.

Art. 197-B. A autoridade judiciária, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, dará vista dos autos ao Ministério Público, que no prazo de 5 (cinco) dias poderá **[839]**:

I - apresentar quesitos a serem respondidos pela equipe interprofissional encarregada de elaborar o estudo técnico a que se refere o art. 197-C desta Lei **[840]**;

II - requerer a designação de audiência para oitiva dos postulantes em juízo e testemunhas;

III - requerer a juntada de documentos complementares e a realização de outras diligências que entender necessárias.

839 Vide arts. 201 a 205, do ECA e art. 198, do CPC.

840 Vide art. 151, do ECA. Além dos quesitos, é também possível que seja requerido o detalhamento da metodologia utilizada pela equipe técnica para elaboração do laudo pericial respectivo (número de entrevistas e/ou visitas domiciliares junto aos pretendentes à adoção, entrevistas a vizinhos e parentes etc.).

Art. 197-C. Intervirá no feito, obrigatoriamente, equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, que deverá elaborar estudo psicossocial, que conterá subsídios que permitam aferir a capacidade e o preparo dos postulantes para o exercício de uma paternidade ou maternidade responsável, à luz dos requisitos e princípios desta Lei **[841]**.

§ 1º. É obrigatória a participação dos postulantes em programa oferecido pela Justiça da Infância e da Juventude preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar, que inclua preparação psicológica, orientação e estímulo à adoção inter-racial, de crianças maiores ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos [842].

§ 2º. Sempre que possível e recomendável, a etapa obrigatória da preparação referida no § 1º deste artigo incluirá o contato com crianças e adolescentes em regime de acolhimento familiar ou institucional em condições de serem adotados, a ser realizado sob a orientação, supervisão e avaliação da equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, com o apoio dos técnicos responsáveis pelo programa de acolhimento familiar ou institucional e pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar [843].

841 Vide arts. 50, §1º e 151, do ECA. Importante destacar a *obrigatoriedade* da intervenção de uma equipe técnica interprofissional no feito, de modo a permitir uma *análise criteriosa* da motivação e grau de preparo dos postulantes às implicações presentes e futuras da medida, que se mostra *imprescindível* a uma decisão correta e responsável.

842 Vide arts. 28, §4º, 50, §3º e 87, inciso VII, do ECA. Disposição similar à contida no art. 50, §3º, do ECA (vide comentários), procura enfatizar a importância da *preparação psicossocial* dos postulantes à adoção, como forma de assegurar a adequação da medidas aos interesses do adotando (cf. art. 100, par. único, inciso IV, do ECA), tanto no presente quanto no futuro.

843 Vide arts. 50, §4º e 87, inciso VII, do ECA. Disposição similar à contida no art. 50, §4º, do ECA (vide comentários).

Art. 197-D. Certificada nos autos a conclusão da participação no programa referido no art. 197-C desta Lei, a autoridade judiciária, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, decidirá acerca das diligências requeridas pelo Ministério Público e determinará a juntada do estudo psicossocial, designando, conforme o caso, audiência de instrução e julgamento.

Parágrafo único. Caso não sejam requeridas diligências, ou sendo essas indeferidas, a autoridade judiciária determinará a juntada do estudo psicossocial, abrindo a seguir vista dos autos ao Ministério Público, por 5 (cinco) dias, decidindo em igual prazo.

Art. 197-E. Deferida a habilitação, o postulante será inscrito nos cadastros referidos no art. 50 desta Lei, sendo a sua convocação para a adoção feita de acordo com ordem cronológica de habilitação e conforme a disponibilidade de crianças ou adolescentes adotáveis [844].

§ 1º. A ordem cronológica das habilitações somente poderá deixar de ser observada pela autoridade judiciária nas hipóteses previstas no §13 do art. 50 desta Lei, quando comprovado ser essa a melhor solução no interesse do adotando.

§ 2º. A recusa sistemática na adoção das crianças ou adolescentes indicados importará na reavaliação da habilitação concedida [845].

844 Vide art. 50, §§12 e 13, do ECA. O dispositivo visa estabelecer um *critério objetivo* para seleção das pessoas e casais habilitados à adoção que se encontrem em igualdade de condições (a *ordem cronológica* das inscrições). Não se trata, no entanto, de uma operação "matemática", sendo possível, de forma também criteriosa e justificada, deixar de observar a ordem cronológica das inscrições, quando as peculiaridades do caso determinarem tal solução excepcional. Em qualquer caso, é necessário que o chamamento dos interessados seja devidamente fundamentado, devendo o Ministério Público participar do processo de seleção. Sobre a matéria: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. GUARDA E ADOÇÃO. NECESSIDADE DE OBSERVÂNCIA DA LISTA DE ADOÇÃO. Em que pese a possibilidade de se superar os requisitos formais da adoção (Lista de Habilitados), isso só se dará em situações especialíssimas, quando se puder verificar inequivocamente o laço de afetividade formado entre a criança e os pais substitutos, o que não ocorre no caso dos autos. Recurso improvido.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70024692675. Rel. Des. Claudir Fidélis Faccenda. J. em 14/08/2008). Vale lembrar que crianças e adolescente são *sujeitos de direitos*, e não meros "objetos" de "propriedade" de seus pais, razão pela qual *não deve ser reconhecido qualquer pretenso "direito" de os pais "doarem" seus filhos para quem melhor lhes aprouver*. Adoções "dirigidas" devem ser *coibidas*, pois *fazem da criança um mero "objeto"*, e tal situação *não se altera* com eventual habilitação "posterior" dos pretendentes à adoção. Semelhantes práticas *depõem contra a moralidade do instituto da adoção e fazem com que a Justiça da Infância e da Juventude se preste ao deplorável papel de meramente "homologar" verdadeiros "atos de disposição" dos pais (e geralmente apenas da mãe) em relação a seus filhos*, não raro após receber a oferta ou paga de recompensa (o que, desnecessário lembrar, caracteriza o *crime* previsto pelo art. 238, do ECA). Destarte, em sendo necessária a colocação da criança em adoção (após esgotadas as possibilidades de manutenção dos vínculos familiares, com a identificação do suposto pai e demais cautelas previstas em lei), isto deverá ocorrer entre as pessoas e casais *já cadastrados*, procurando-se respeitar, como *critério básico*, a *ordem de inscrição no cadastro existente na comarca* (cf. art. 197-E, do ECA), ressalvada a existência de situação *excepcional*, *plenamente justificada*, que autorize solução diversa.

845 O objetivo da norma é fazer com que os postulantes à adoção deixem de fazer exigências excessivas quanto ao "perfil" da criança que pretendem adotar, ao que corresponde um trabalho a ser desenvolvido pela equipe técnica a serviço da Justiça da Infância e da Juventude (preferencialmente em parceria com os técnicos das entidades de acolhimento e responsáveis pela execução da política municipal destinada à plena efetivação do direito à convivência familiar). A reavaliação preconizada por este e outros dispositivos introduzidos pela Lei nº 8.069/1990 não deve ser uma atividade meramente passiva, mas também compreender o estímulo à adoção de crianças maiores de 03 (três) anos e adolescentes, grupos de irmãos, crianças e adolescentes com deficiência e outras que geralmente não têm interessados em sua adoção. Assim sendo, a rigor basta uma recusa, que demonstre preconceito ou discriminação para com a adoção de uma criança ou adolescente que não se enquadre no "perfil" idealizado pela pessoa ou casal habilitado, para que a reavaliação (e o referido trabalho destinado à "remoção das barreiras psicológicas à adoção") seja efetuada.

CAPÍTULO IV - DOS RECURSOS

Art. 198. Nos procedimentos afetos à Justiça da Infância e da Juventude fica adotado o sistema recursal do Código de Processo Civil, aprovado pela Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973, e suas alterações posteriores, com as seguintes adaptações **[846]**:

I - os recursos serão interpostos independentemente de preparo **[847]**;

II - em todos os recursos, salvo nos embargos de declaração, o prazo para o Ministério Público e para a defesa será sempre de 10 (dez) dias **[848]**;

III - os recursos terão preferência de julgamento **[849]** e dispensarão revisor;

IV - o agravado será intimado para, no prazo de cinco dias **[850]**, oferecer resposta e indicar as peças a serem trasladadas;

V - será de quarenta e oito horas o prazo para a extração a conferência e o conserto do traslado **[851]**;

VI - a apelação será recebida em seu efeito devolutivo. Será também conferido efeito suspensivo quando interposta contra sentença que deferir a adoção por estrangeiro **[852]** e, a juízo da autoridade judiciária, sempre que houver perigo de dano irreparável ou de difícil reparação **[853]**;

VII - antes de determinar a remessa dos autos a superior instância, no caso de apelação, ou do instrumento, no caso de agravo, a autoridade judiciária proferirá despacho fundamentado, mantendo ou reformando a decisão, no prazo de cinco dias **[854]**;

VIII - mantida a decisão apelada ou agravada, o escrivão remeterá os autos ou o instrumento a superior instância dentro de vinte e quatro horas, independentemente de novo pedido do recorrente **[855]**; se a reformar, a remessa dos autos dependerá de pedido expresso da parte interessada ou do Ministério Público, no prazo de cinco dias, contados da intimação **[856]**.

846 Além das "adaptações" relacionadas no presente dispositivo, citamos também a situação *sui generis* resultante do contido no art. 190 e §2º, do ECA: embora a Lei nº 8.069/1990 tenha adotado o sistema recursal do Código de Processo Civil para todos os procedimentos nela previstos, no procedimento para apuração de ato infracional, quando o adolescente, ao ser intimado da sentença que lhe impõe medida privativa de liberdade, manifesta expressamente seu interesse em dela apelar, o recurso deve ser neste momento considerado interposto, restando apenas a abertura de vista à defesa para a apresentação das razões respectivas. Como resultado, adota-se, neste caso, uma sistemática similar à prevista para interposição de recursos no Código de Processo Penal, no qual a petição do recurso é interposta independentemente de suas razões, o que é justificado pela necessidade de conferir ao adolescente acusado da prática de ato infracional garantias processuais similares às destinadas aos imputáveis submetidos a processo-crime, o que vem na esteira do disposto no art. 152, do ECA.

847 Vide art. 141, §2º, do ECA. *Jamais* ocorrerá, portanto, o não conhecimento do recurso interposto por criança ou adolescente por *deserção*. Vale observar, no entanto, que o STJ reconheceu que a isenção de custas e emolumentos visa beneficiar apenas crianças e adolescentes, na qualidade de autores ou requeridos, não sendo extensível aos demais sujeitos processuais que

eventualmente figurem no feito (vide acórdão anexado em comentários ao art. 141, §2º, do ECA).

848 Redação alterada pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Vide art. 522, do CPC. A Lei nº 9.139/1995 estabeleceu uma nova sistemática para o recurso de agravo de instrumento, alterando também o prazo para sua interposição, que passou a ser de 10 (dez) dias. Criou-se então um impasse, diante das disposições relativas ao agravo contidas no ECA (lei especial) e no CPC (lei que embora contenha disposições genéricas, é posterior). Havia uma corrente que sustentava a prevalência das disposições do ECA, dado princípio da especialidade, e outra que defendia a pura e simples aplicação da nova sistemática prevista no CPC, que afinal, por força do disposto no art. 198, *caput*, do próprio ECA, é usado como base para a sistemática recursal por este instituída. Por fim, havia quem defendesse uma solução intermediária, com a alteração apenas do prazo para interposição do agravo, nos moldes do previsto no art. 522, do CPC (10 dias), até porque o ECA não dispôs expressamente de modo diverso (fala apenas do prazo para resposta do agravado, cf. art. 198, inciso IV - vide comentários respectivos), e a previsão de um prazo mais reduzido iria gerar confusão, no mais prevalecendo as disposições do ECA. Com o advento da Lei nº 12.010/2009, a referida controvérsia restou superada, posto que os incisos IV e V, do art. 198, do ECA, restaram *revogados*, e a Lei nº 12.594/2012 prevê, de maneira expressa, o prazo de 10 (dez) dias para o agravo e os demais recursos contra decisões proferidas pela Justiça da Infância e da Juventude, exceto os embargos de declaração. De uma forma ou de outra, vale destacar que nos procedimentos previstos no ECA é reconhecido ao Ministério Público o *prazo em dobro* para interpor e responder os recursos. Neste sentido: *RECURSO ESPECIAL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. MINISTÉRIO PÚBLICO. PRAZO EM DOBRO. PRERROGATIVA. ART. 188 DO CPC E ART. 198 DO ECA. 1. Na linha da jurisprudência desta Corte, a regra do art. 188 do Código de Processo Civil, que confere prazo em dobro para o Ministério Público e a Fazenda Pública recorrerem, é aplicável aos procedimentos afetos ao Estatuto da Criança e do Adolescente, porquanto não existe nenhuma determinação contrária à sua aplicação no art. 198, da Lei nº 8.069/90. 2. Nesse sentido, os seguintes precedentes desta Corte Superior: Ag. Rg. no R.Esp. 841.274/RS, 1ª Turma, Rel. Min. José Delgado, DJ de 11/6/2006, p. 236; Ag.Rg. no R.Esp. 821.980/RS, 1ª Turma, Rel. Min. Francisco Falcão, DJ de 25/5/2006, p. 193; R.Esp. 741.939/SC, 5ª Turma, Rel. Min. Laurita Vaz, DJ de 1º/2/2006, p. 599; R.Esp. 727.134/SC, 2ª Turma, Rel. Min. Castro Meira, DJ de 22/8/2005, p. 243; R.Esp. 281.359/MG, 4ª Turma, Rel. Min. Sálvio de Figueiredo Teixeira, DJ de 17/3/2003, p. 233. 3. Recurso provido.* (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 727044/SC. Rel. Min. Carlos Fernando Mathias (Juiz convocado do TRF 1ª Reg.). J. em 01/04/2008). O prazo de 10 (dez) dias, no entanto, não se aplica aos recursos interpostos perante os Tribunais Superiores, que estão sujeitos ao prazo de 15 dias previsto pela Lei nº 8.038/1990. Neste sentido: *RECURSO ESPECIAL. TEMPESTIVIDADE. INAPLICABILIDADE DO PRAZO PREVISTO NO ART. 198, INCISO II, DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. OBSERVÂNCIA DO ART. 26 DA LEI 8.038. DEFENSORIA PÚBLICA. PRAZO EM DOBRO. 1. Não se aplica o art. 198, inciso II, do Estatuto da Criança e do Adolescente, ao caso dos autos, haja vista aludido dispositivo legal não ter excepcionado a aplicação de normas previstas em outros diplomas, ' in casu', da Lei 8.038/90, que contém disposições específicas sobre os recursos ordinário, extraordinário e especial. 2. É tempestivo o apelo quando interposto dentro do prazo legal previsto no art. 26 da Lei 8.038/1990 (quinze dias), contado em dobro por se tratar de menor representado pela Defensoria Pública. (...).* (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 948197/RS. Rel. Min. Jorge Mussi. J. em 28/08/2008).

849 Vide arts. 4º, *caput* e par. único, alínea "b", 152, par. único e 199-C, do ECA e art. 227, *caput*, da CF. O princípio da *prioridade absoluta* à criança e ao

adolescente, como não poderia deixar de ser, também se aplica ao Poder Judiciário, que deve dar *preferência* (*absoluta*) ao processamento e julgamento dos recursos interpostos contra decisões proferidas pela Justiça da Infância e da Juventude e/ou que envolvam interesses de crianças e adolescentes.

850 Inciso *revogado* pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 522 do CPC e comentários ao art. 198, inciso II, do ECA.

851 Inciso *revogado* pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 522 e seguintes do CPC; arts. 4º. *caput* e par. único e 152, par. único, do ECA e comentários ao art. 198, inciso II, do ECA.

852 Vide arts. 31; 46, §3º; 52, §8º; 85 e 239, do ECA.

853 Vide arts. 199-A e 215, do ECA e art. 521, do CPC. Tamanha foi a preocupação do legislador em impedir que uma criança ou adolescente saísse do território nacional na companhia de pessoa ou casal estrangeiro sem ter sua situação regularizada, que a *única hipótese* em que, segundo a redação original da Lei nº 8.069/1990, a autoridade judiciária estava *obrigada* a receber o recurso de apelação tanto em seu efeito devolutivo quanto suspensivo é precisamente quando este for interposto contra decisão que defere uma adoção internacional. Vale observar, no entanto, que o inciso em questão acabou sendo inadvertidamente *revogado* pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009, muito provavelmente devido a um equívoco quando da sistematização de sua redação final (que acabou aglutinando matérias contidas em substitutivos distintos), em função do contido no disposto no art. 199-A, incorporado à Lei nº 8.069/1990. O responsável pela sistematização não percebeu que o art. 199-A, do ECA diz respeito *unicamente à adoção*, ao passo que o art. 198, inciso VI, do mesmo Diploma Legal, se aplica a *todos os processos e procedimentos* nele previstos, para os quais o recebimento da apelação apenas em seu efeito devolutivo, como *regra*, é mais do que necessário, inclusive como forma de permitir a *execução imediata* da decisão respectiva, em respeito ao princípio constitucional da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente. Ocorre que, como o sistema recursal adotado pela Lei nº 8.069/1990 tem como base o Código de Processo Civil (cf. art. 198, *caput*, do ECA) e este, como regra, prevê o recebimento da apelação tanto em seu efeito devolutivo quanto suspensivo (cf. art. 520, do CPC), a revogação do art. 198, inciso VI, do ECA acaba por subverter a lógica até então vigente, causando assim um potencial prejuízo às crianças e aos adolescentes que, em última análise, são os destinatários das decisões proferidas tomando por fundamento as disposições da Lei nº 8.069/1990, pois os julgados favoráveis a seus interesses, em havendo recurso, em regra não poderão ser executados, ainda que em caráter provisório. Em que pese tal observação, partindo-se da constatação que a revogação do disposto no art. 198, inciso VI, do ECA se deu por *evidente erro de sistematização*, e que os *princípios da proteção integral* e da *prioridade absoluta à criança e ao adolescente* (cf. arts. 1º e 4º, *caput*, do ECA), assim como da *intervenção precoce* (cf. art. 100, par. único, inciso VI, do ECA), além de se constituírem em *fundamentos indissociáveis da intervenção estatal voltada à salvaguarda dos direitos infanto-juvenis relacionados na Lei nº 8.069/1990*, possuem amplo respaldo no art. 227, da CF, deve *persistir* a possibilidade recebimento das apelações contra decisões proferidas nos processos e procedimentos afetos à Justiça da Infância e da Juventude, em regra, *apenas* em seu efeito *devolutivo*, ficando a concessão de efeito suspensivo condicionada à existência de perigo de dano irreparável ou de difícil reparação, devidamente justificado no despacho judicial respectivo. Semelhante entendimento fica evidenciado, por exemplo, em casos de adolescentes acusados da prática infracional originalmente submetidos à internação provisória (vide art. 174, segunda parte, do ECA), que a prevalecer apenas a regra geral para admissibilidade de recursos estabelecida pelo CPC, após eventualmente sentenciados à internação teriam de ser colocados em

liberdade caso interpusessem recurso de apelação. Desnecessário dizer que seria um contra-senso permitir sua privação de liberdade em caráter provisório, enquanto ainda não reconhecida sua responsabilidade pela prática do ato infracional para, após esta ter sido comprovada após a instrução procedimental, não permitir a imediata execução da sentença. Neste sentido, o STJ reconheceu que a revogação do inciso VI, do art. 198, do Estatuto da Criança e do Adolescente pela Lei nº 12.010/2009 não impede a execução imediata da medida socioeducativa aplicada ao adolescente (no caso, a internação), quando concretamente demonstrada sua necessidade: *RECURSO ORDINÁRIO EM HABEAS CORPUS. ATO INFRACIONAL EQUIPARADO AO CRIME DE ROUBO CIRCUNSTANCIADO. REVOGAÇÃO DO INCISO VI, DO ART. 198, DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, PELA "LEI DA ADOÇÃO" (LEI N.º 12.010/2009). APLICAÇÃO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO ANTES DE TRANSITADA EM JULGADO A SENTENÇA. POSSIBILIDADE, DESDE QUE DEMONSTRADA A NECESSIDADE CONCRETA DA MEDIDA CAUTELAR, COMO OCORREU NO CASO. RECURSO DESPROVIDO. 1. Após a revogação do inciso VI, do art. 198, do Estatuto da Criança e do Adolescente, pela "Lei da Adoção" (Lei n.º 12.010/2009), passou a Quinta Turma deste Superior Tribunal de Justiça a entender que o imediato cumprimento das medidas socioeducativas, antes do trânsito em julgado da sentença, é possível nas hipóteses em que necessária a tutela cautelar, a serem analisadas pontualmente. 2. É o que ocorre no caso, no qual o Recorrente - cuja representação pela prática de ato infracional equiparado ao crime previsto no art. 157, §2.º, inciso II, do Código Penal, foi julgada procedente - já havia sido representado em outros quatro procedimentos, foi sentenciado ao cumprimento de outra medida de semiliberdade, posteriormente cometeu o presente ato e ainda evadiu-se da Unidade Socioeducativa em que se encontrava, sem notícias nos autos de que retornou ao estabelecimento. 3. Recurso desprovido.* (STJ. 5ª T. RHC nº 30684/PA. Rel. Min. Laurita Vaz. J. em 27/04/2012. Nesta e em outras situações contempladas pela Lei nº 8.069/1990, a demora no provimento jurisdicional faz com que as medidas aplicadas percam por completo seu objetivo, razão pela qual o recebimento do recurso de apelação em seu duplo efeito, na maioria dos casos, acaba sendo prejudicial às crianças e adolescentes que são suas destinatárias, pois irá postergar a intervenção estatal a ser realizada e assim comprometer sua eficácia, afrontando, ademais, os *princípios* da *intervenção precoce* e da *proporcionalidade a atualidade*, preconizados pelo art. 100, par. único, incisos VI e VIII, do ECA. De qualquer modo, a revogação deste inciso pela Lei nº 12.010/2009 contitui-se num *grave equívoco*, que como tal precisa ser corrigido com o máximo de urgência, com o restabelecimento da redação original do art. 198, inciso VI, do ECA (que já abrangia naturalmente as situações contempladas nos arts. 199-A a E do mesmo Diploma Legal, que assim poderiam ser perfeitamente revogados).

854 Vide arts. 198 e 522 e seguintes do CPC e comentários ao art. 198, inciso II, do ECA. A idéia é permitir que o próprio Juízo recorrido, à luz das razões e contra-razões de recurso, tenha uma nova chance para modificar sua decisão. É importante, no entanto, que o despacho de manutenção ou reforma da decisão seja, de fato, como exige o dispositivo, bem como o art. 93, inciso IX, da CF, devidamente *fundamentado*, não se limitando a ratificar a decisão anterior "por seus próprios fundamentos", como não raro se vê na prática. Para os que defendem a pura e simples adoção da nova sistemática do agravo, prevista pela Lei Processual Civil, o presente dispositivo estaria *derrogado* em sua segunda parte, pois segundo o art. 524, do CPC, o agravo deve ser interposto diretamente junto ao Tribunal competente, e não mais perante o Juízo *a quo.* Entretanto, mesmo com as alterações das disposições do agravo no CPC, permanece a oportunidade para o juiz reformar sua decisão, mas quando o recurso já se encontra tramitando no Tribunal, ocorrendo um "juízo de retratação" *a posteriori* (art. 529, do CPC).

855 Vide art. 235, do ECA. Importante destacar que a contagem do prazo é feita hora a hora, visando dar maior celeridade à remessa dos autos à superior instância.

856 Vide arts. 4º. *caput* e par. único e 152, par. único, do ECA. Assim sendo, em não havendo qualquer manifestação das partes ou MP, após intimados da nova decisão na qual o próprio Juízo *a quo* reformou seu julgamento original, não haverá necessidade de remessa dos autos ao Tribunal *ad quem*, cabendo ao escrivão a remessa dos autos à Superior Instância com a mais *absoluta prioridade*, sob pena de *responsabilidade*.

Art. 199. Contra as decisões proferidas com base no artigo 149 caberá recurso de apelação [857].

857 Vide art. 149, incisos I e II, do ECA e arts. 513 a 521, do CPC. O dispositivo reforça a ideia de que as portarias e alvarás judiciais somente podem ser expedidos dentro de um procedimento regular, que embora sem forma pré-definida, segue a regra geral do art. 153, *caput*, do ECA, culminando com uma *sentença* que poderá ser objeto de recurso de apelação pela parte que se sinta prejudicada com a decisão. Como no entanto, em alguns casos, as portarias e alvarás são expedidos de forma arbitrária, sem a observância de qualquer das exigências legais respectivas (cf. art. 149, §§1º e 2º, do ECA), e independentemente da instauração do competente (e indispensável) procedimento judicial, tem sido também admitida a impetração de *mandado de segurança* contra as mesmas.

Art. 199-A. A sentença que deferir a adoção produz efeito desde logo, embora sujeita a apelação, que será recebida exclusivamente no efeito devolutivo, salvo se se tratar de adoção internacional ou se houver perigo de dano irreparável ou de difícil reparação ao adotando [858].

858 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 31, 46, §3º, 52, §8º e 85, do ECA. Trata-se de uma disposição ociosa, face o que já continha o art. 198, inciso VI, do ECA (vide comentários).

Art. 199-B. A sentença que destituir ambos ou qualquer dos genitores do poder familiar fica sujeita a apelação, que deverá ser recebida apenas no efeito devolutivo [859].

859 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 198, inciso VI, do ECA. Trata-se de uma disposição ociosa, face o que já continha o art. 198, inciso VI, do ECA (vide comentários).

Art. 199-C. Os recursos nos procedimentos de adoção e de destituição de poder familiar, em face da relevância das questões, serão processados com prioridade absoluta, devendo ser imediatamente distribuídos, ficando vedado que aguardem, em qualquer situação, oportuna distribuição, e serão colocados em mesa para julgamento sem revisão e com parecer urgente do Ministério Público [860].

860 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide art. 227, *caput*, da CF e arts. 4º, par. único, alínea "b", 152, par. único, 198, inciso III e 205, do ECA. Por força do disposto no art. 227, *caput*, da CF, todas as causas que envolvem interesses de crianças e adolescentes, tramitando em qualquer Juízo ou grau de

jurisdição devem receber a mais *absoluta prioridade* em sua instrução e julgamento, o que também abrange o processamento dos recursos perante os Tribunais, razão pela qual o presente dispositivo apenas *reafirma* tal *comando constitucional*.

Art. 199-D. O relator deverá colocar o processo em mesa para julgamento no prazo máximo de 60 (sessenta) dias, contado da sua conclusão [861].

Parágrafo único. O Ministério Público será intimado da data do julgamento e poderá na sessão, se entender necessário, apresentar oralmente seu parecer [862].

861 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009.

862 Vide arts. 202 a 205, do ECA.

Art. 199-E. O Ministério Público poderá requerer a instauração de procedimento para apuração de responsabilidades se constatar o descumprimento das providências e do prazo previstos nos artigos anteriores [863].

863 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 4º, par. único, alínea "b", 5º, 152, par. único e 201, incisos V a IX, do ECA e art. 198, do CPC.

CAPÍTULO V - DO MINISTÉRIO PÚBLICO [864]

Art. 200. As funções do Ministério Público, previstas nesta Lei, serão exercidas nos termos da respectiva Lei Orgânica [865].

864 Vide arts. 127 a 130, da CF e arts. 81 a 85, do CPC. Interessante notar que contrariamente ao que fez em relação ao Poder Judiciário (onde há expressa referência à figura do "Juiz da Infância e da Juventude" - cf. art. 146, do ECA), ao dispor sobre o Ministério Público a Lei nº 8.069/1990 não faz referência à "Promotoria da Infância e da Juventude", abrindo espaço para que as atribuições destinadas à defesa dos direitos infanto-juvenis sejam estabelecidas pela "respectiva Lei Orgânica" (cf. art. 200, do ECA). De igual sorte, o ECA também prevê de maneira expressa, em seu art. 210, §1º, a possibilidade de *litisconsórcio* entre os Ministérios Públicos da União e dos Estados, sempre na perspectiva de defender, da forma mais ampla e *eficaz* possível, os direitos e interesses de crianças e adolescentes. Esta última disposição legal citada bem espelha o *espírito de cooperação* que deve imperar, no âmbito do Ministério Público, quando da proteção de crianças e adolescentes, sendo desnecessário mencionar que se tal norma-princípio é aplicável entre o Ministério Público da União e dos Estados, *com muito mais razão* se aplica em se tratando do *compartilhamento de atribuições* pelos diversos órgãos de um mesmo Ministério Público estadual. Assim sendo, é preciso deixar de lado a noção "tradicional" de "atribuição única" da Promotoria da Infância e da Juventude e começar a raciocinar em termos "atribuição conjunta ou compartilhada" entre a Promotoria da Infância e da Juventude e outras Promotorias especializadas, como da saúde, educação, patrimônio público, consumidor etc., que se mostra fundamental para que o Ministério Público cumpra a contento seu papel na defesa (cada vez mais *eficiente*) dos direitos e interesses infanto-juvenis.

865 Vide Lei nº 8.625/1993, de 12/02/1993 (Lei Orgânica Nacional do Ministério Público), que dispõe sobre normas gerais para a organização do Ministério

Público dos Estados e Lei Complementar nº 75/1993, de 20/05/1993 (Lei Orgânica do Ministério Público da União). Os Ministérios Públicos dos Estados Federados possuem leis orgânicas específicas. As funções institucionais do Ministério Público também são previstas, em linhas gerais, pelo art. 129, da CF. No exercício das atribuições previstas no ECA o Ministério Público tem ainda as mesmas prerrogativas processuais conferidas pelo Código de Processo Civil, como é o caso do prazo em dobro para recurso, como está a demonstrar o seguinte aresto: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. ECA. RECURSO DO 'PARQUET'. PRAZO EM DOBRO. Nos procedimentos afetos ao Estatuto da Criança e do Adolescente, o 'Parquet', seja como parte, seja como 'custus legis', terá sempre o prazo em dobro para recorrer. (Precedentes). Recurso provido.* (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 706658/SC. Recurso Especial nº 2004/0168456-7. Rel. Min. Felix Fischer. Publ. DJ de 30/05/2005, p. 412).

Art. 201. Compete ao Ministério Público **[866]**:

I - conceder a remissão como forma de exclusão do processo **[867]**;

II - promover e acompanhar os procedimentos relativos às infrações atribuídas a adolescentes **[868]**;

III - promover e acompanhar as ações de alimentos **[869]** e os procedimentos de suspensão e destituição do poder familiar **[870]**, nomeação e remoção de tutores, curadores e guardiães **[871]**, bem como oficiar em todos os demais procedimentos da competência da Justiça da Infância e da Juventude **[872]**;

IV - promover, de ofício ou por solicitação dos interessados, a especialização e a inscrição de hipoteca legal **[873]** e a prestação de contas dos tutores, curadores e quaisquer administradores de bens de crianças e adolescentes **[874]** nas hipóteses do artigo 98;

V - promover o inquérito civil e a ação civil pública para a proteção dos interesses individuais **[875]**, difusos ou coletivos relativos à infância e à adolescência **[876]**, inclusive os definidos no artigo 220, §3º, inciso II, da Constituição Federal **[877]**;

VI - instaurar procedimentos administrativos e, para instruí-los **[878]**:

a) expedir notificações para colher depoimentos ou esclarecimentos e, em caso de não-comparecimento injustificado, requisitar condução coercitiva, inclusive pela polícia civil ou militar;

b) requisitar informações, exames, perícias e documentos de autoridades municipais, estaduais e federais, da administração direta ou indireta, bem como promover inspeções e diligências investigatórias **[879]**;

c) requisitar informações e documentos a particulares e instituições privadas;

VII - instaurar sindicâncias, requisitar diligências investigatórias e determinar a instauração de inquérito policial, para apuração de ilícitos ou infrações as normas de proteção a infância e a juventude **[880]**;

VIII - zelar pelo efetivo respeito aos direitos e garantias legais assegurados às crianças e adolescentes, promovendo as medidas judiciais e extrajudiciais cabíveis **[881]**;

IX - impetrar mandado de segurança, de injunção e *habeas corpus*, em qualquer juízo, instância ou tribunal, na defesa dos interesses sociais e individuais indisponíveis afetos à criança e ao adolescente [882];

X - representar ao juízo visando à aplicação de penalidade por infrações cometidas contra as normas de proteção a infância e a juventude [883], sem prejuízo da promoção da responsabilidade civil e penal do infrator, quando cabível [884];

XI - inspecionar as entidades públicas e particulares de atendimento e os programas de que trata esta Lei [885], adotando de pronto as medidas administrativas ou judiciais necessárias a remoção de irregularidades porventura verificadas [886];

XII - requisitar força policial, bem como a colaboração dos serviços médicos, hospitalares, educacionais e de assistência social, públicos ou privados, para o desempenho de suas atribuições [887].

§ 1º. A legitimação do Ministério Público para as ações cíveis previstas neste artigo não impede a de terceiros, nas mesmas hipóteses, segundo dispuserem a Constituição e esta Lei [888].

§ 2º. As atribuições constantes deste artigo não excluem outras, desde que compatíveis com a finalidade do Ministério Público [889].

§ 3º. O representante do Ministério Público, no exercício de suas funções, terá livre acesso a todo local onde se encontre criança ou adolescente [890].

§ 4º. O representante do Ministério Público será responsável pelo uso indevido das informações e documentos que requisitar, nas hipóteses legais de sigilo [891].

§ 5º. Para o exercício da atribuição de que trata o inciso VIII deste artigo, poderá o representante do Ministério Público:

a) reduzir a termo as declarações do reclamante [892], instaurando o competente procedimento, sob sua presidência [893];

b) entender-se diretamente com a pessoa ou autoridade reclamada, em dia, local e horário previamente notificados ou acertados [894];

c) efetuar recomendações visando a melhoria dos serviços públicos e de relevância pública afetos a criança e ao adolescente [895], fixando prazo razoável para sua perfeita adequação.

866 A esta relação de atribuições somam-se as demais elencadas no art. 129, da Constituição Federal, Lei Orgânica Nacional do Ministério Público e normas correlatas.

867 Vide arts. 126, *caput*, 127 e 180, inciso II, do ECA.

868 Vide arts. 174 a 177, 179, 180, inciso III, 182 e 186, §4º, do ECA.

869 Vide art. 27, nº 4, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 33, §4º, do ECA; arts. 1694 a 1710, do CC; Lei nº 5.478/1968 que dispõe sobre a ação de alimentos e Lei nº 11.804/2008, de 05/11/2008, que disciplina o direito a *alimentos gravídicos* e a forma como ele será exercido. Ainda sobre a matéria, vale observar o contido na Súmula nº 358, do STJ, segundo a qual: "*o cancelamento de pensão alimentícia de filho que atingiu a maioridade está sujeiro à decisão judicial, mediante contraditório, ainda que nos próprios autos*", havendo assim o reconhecimento expresso que o advento da maioridade civil, por si só, não desobriga os pais de prestar alimentos para seus filhos. Por fim, transcrevemos o seguinte aresto: *PROCESSO CIVIL. AÇÃO DE ALIMENTOS.*

LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. ART. 201, III, DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. 1. O Ministério Público tem legitimidade para a propositura de ações de alimentos em favor de criança ou adolescente, nos termos do art. 201, III, da Lei 8.069/90 (Estatuto da criança e do adolescente). 2. Recurso Especial provido. (STJ. 3ª T. R.Esp. nº 1113590/MG. Rel. Min. Nancy Andrigui. J. em 24/08/2010).

870 Vide arts. 155 a 163, do ECA.

871 Vide arts. 1194 a 1198, do CPC; art. 1734, do CC e arts. 33, §4º, 35, 38 c/c 24, 164 e 165 a 169, do ECA. Note-se que, embora o MP tenha legitimidade para instaurar procedimentos com vista à nomeação de tutores e guardiães, o mesmo não ocorre em relação à instauração de procedimentos para colocação de criança ou adolescente em adoção, que assim dependerá da iniciativa dos pretendentes à medida. A opção por silenciar no que diz respeito à legitimidade para propositura de ação de adoção é resultante do caráter personalíssimo de semelhante demanda (decorrente, por sua vez, das características *sui generis* e nas consequências - de caráter permanente - da adoção, que implica no estabelecimento da relação de paternidade/maternidade entre os adotantes e a criança/adolescente adotado, rompendo completamente os vínculos com a família biológica), que não permite sua propositura pelo MP, na condição de "substituto processual". O mesmo não ocorre com a nomeação de tutores e guardiães, que não importa na modificação da relação de filiação e possui um caráter eminentemente transitório, se constituindo num verdadeiro "*múnus público*" que pode, a princípio e em tese (embora na prática isto dificilmente aconteça), ser imposto a alguém contra a sua vontade. O fato de o Ministério Público não ter legitimidade para ingressar com ação de adoção, no entanto, não irá (ou ao menos não deveria) trazer maiores problemas, pois tendo legitimidade para o ingresso com ação de destituição do poder familiar, após ter sido esta decretada, os próprios pretendentes à adoção poderão, nos termos do disposto no art. 166, *caput*, do ECA, formular o pedido diretamente em cartório, em petição por eles assinada (independentemente da assistência de advogado), valendo também lembrar que tal pedido será isento de custas e emolumentos, *ex vi* do disposto no art. 141, §2º, do ECA, não trazendo assim maiores ônus aos interessados. Por fim, é de se considerar que, durante o processo de destituição do poder familiar, se for o caso de afastamento liminar do convívio dos pais, o Ministério Público poderá requerer, com base no mesmo art. 201, inciso III, do ECA, a nomeação dos pretendentes à adoção como guardiães ou tutores da criança ou adolescente (neste último caso - tutela provisória - se tiver sido decretada a suspensão do poder familiar), permitindo desde logo o estabelecimento da coabitação, que poderá, no futuro, no curso do processo de adoção a ser por aqueles deflagrado, justificar a dispensa do estágio de convivência, *ex vi* do disposto no art. 46, §1º, do ECA. Sobre a matéria: *APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO DE GUARDA DE MENOR SOB O PATROCÍNIO DO MINISTÉRIO PÚBLICO PARA INTENTÁ-LA. LEGITIMIDADE DESTE NA DEFESA DOS INTERESSES DO CASAL NECESSITADO E INCUMBIDO DE CUIDAR DO MENOR. INDEFERIMENTO DA PETIÇÃO INICIAL EQUIVOCADO. PROSSEGUIMENTO DO FEITO POSSÍVEL. SENTENÇA REFORMADA. RECURSO PROVIDO.* (TJPR. 12ª C. Cív. AC nº 0686360-1, de Guaratuba. Rel. Des. Clayton Camargo. J. em 18/08/2010).

872 Vide arts. 202 e 204, do ECA. Os procedimentos a que se refere o dispositivo serão tanto aqueles específicos, tipificados nos arts. 155 a 197, do ECA, quanto os decorrentes da regra genérica do art. 153, do ECA (vide comentários).

873 Vide art. 37, do ECA e seus respectivos comentários. Vide também art. 1489, inciso II, do CC, segundo o qual "a lei confere hipoteca ... aos filhos, sobre os imóveis do pai ou da mãe que passar a outras núpcias, antes de fazer o inventário do casal anterior".

874 Vide arts. 1755 a 1762, do CC e arts. 914 a 919, do CPC.

875 Sobre a prerrogativa (quando não *dever*) institucional de o Ministério Público ingressar com ações civis na defesa de interesses *individuais* de crianças e adolescentes que estejam ameaçados ou violados, vale transcrever os seguintes julgados: *PROCESSUAL CIVIL. RECURSO ESPECIAL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. TRATAMENTO MÉDICO. MENOR. DIREITO INDIVIDUAL INDISPONÍVEL. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. CONFIGURAÇÃO. PRECEDENTES DO STF E STJ. DESPROVIMENTO DO RECURSO ESPECIAL. 1. A Primeira Seção deste Tribunal Superior pacificou o entendimento das Turmas de Direito Público no sentido de que o Ministério Público possui legitimidade para ajuizar medidas judiciais para defender direitos individuais indisponíveis, ainda que em favor de pessoa determinada: EREsp. 734.493/RS, Rel. Min. Castro Meira, DJ de 16/10/2006, p. 279; EREsp. 485.969/SP, Rel. Min. José Delgado, DJ de 11/9/2006, p. 220. 2. No mesmo sentido, os recentes precedentes desta Corte Superior: REsp. 852.935/RS, 2ª Turma, Rel. Min. Castro Meira, DJ de 4/10/2006, p. 210; REsp. 823.079/RS, 1ª Turma, Rel. Min. José Delgado, DJ de 2/10/2006, p. 236; REsp. 856.194/RS, 2ª Turma, Rel. Min. Humberto Martins, DJ de 22/9/2006, p. 261; REsp. 700.853/RS, 1ª Turma, Rel. p/ acórdão Min. Luiz Fux, DJ de 21/9/2006, p. 219; REsp 822.712/RS, 1ª Turma, Rel. Min. Teori Albino Zavascki, DJ de 17/4/2006, p. 196. 3. Desprovimento do recurso especial.* (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 861527/RS. Rel. Min. Denise Arruda. J. em 27/02/2007); *CONSTITUCIONAL. SAÚDE. MINISTÉRIO PÚBLICO: LEGITIMIDADE. TRATAMENTO MÉDICO I. O direito à saúde, consequência do direito à vida, constitui direito fundamental, direito individual indisponível (C.F., art. 196). Legitimidade do ministério Público para a propositura de ação em defesa desse direito (C.F., art. 127). II. RE conhecido e provido.* (STF. R.E. nº 394.820-2/SP. Rel. Min. Carlos Velloso. J. em 16/05/2005); *PROCESSUAL CIVIL. RECURSO ESPECIAL. AUSÊNCIA DE INDICAÇÃO DO DISPOSITIVO LEGAL VIOLADO. SÚMULA 284/STF. FORNECIMENTO DE TRATAMENTO MÉDICO A MENOR. DIREITO À VIDA E À SAÚDE. DIREITO INDIVIDUAL INDISPONÍVEL. LEGITIMAÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO PARQUET. ART. 127 DA CF/88. PRECEDENTES. 1. A falta de indicação dos dispositivos tidos por violados impede o conhecimento do recurso especial. (Súmula 284/STF). 2. O Ministério Público possui legitimidade para defesa dos direitos individuais indisponíveis, mesmo quando a ação vise à tutela de pessoa individualmente considerada. 3. O artigo 127 da Constituição, que atribui ao Ministério Público a incumbência de defender interesses individuais indisponíveis, contém norma auto-aplicável, inclusive no que se refere à legitimação para atuar em juízo. 4. Tem natureza de interesse indisponível a tutela jurisdicional do direito à vida e à saúde de que tratam os arts. 5º, caput e 196 da Constituição, em favor de menor que precisa fazer uso contínuo de medicamento. A legitimidade ativa, portanto, se afirma, não por se tratar de tutela de direitos individuais homogêneos, mas sim por se tratar de interesses individuais indisponíveis. Precedentes: R.Esp. 716.512/RS, Rel. Min. Luiz Fux, 1ª Turma, DJ de 14/11/2005; E.Dcl. no R.Esp. 662.033/RS, Rel. Min. José Delgado, 1ª Turma, DJ de 13/06/2005. 5. Recurso especial a que se nega provimento.* (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 871215/RS. Rel. Min. Teori Albino Zavascki. J. em 17/10/2006); e *PROCESSO CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA VISANDO A GARANTIR ATENDIMENTO EM CRECHE A DUAS CRIANÇAS MENORES DE SEIS ANOS. DIREITOS INDISPONÍVEIS. LEGITIMAÇÃO ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. I. A Primeira Seção desta Corte tem entendimento, já reiterado, no sentido de que o Ministério Público detém legitimidade para promover, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), mediante ação civil pública, a tutela dos direitos indisponíveis nele previstos, mesmo que se apresentem como interesse individual. Precedentes: E.REsp. 466861/SP, Rel. Ministro TEORI ALBINO ZAVASCKI, PRIMEIRA SEÇÃO, julgado em 28/03/2007, DJ 07/05/2007; E.REsp. 684.162/RS, Rel. Ministra DENISE ARRUDA, PRIMEIRA*

SEÇÃO, julgado em 24/10/2007, DJ 26/11/2007; E.REsp. 684.594/RS, Rel. Ministra DENISE ARRUDA, PRIMEIRA SEÇÃO, julgado em 12/09/2007, DJ 15/10/2007. II. Embargos de divergência providos. (STJ. 1ª Seção. E.R.Esp. nº 488427/SP. Rel. Min. Francisco Falcão. J. em 10/09/2008).

876 Vide art. 129, inciso III, da CF; arts. 210, inciso I, 212 e 213, do ECA; arts. 1º, inciso IV e 8º, §1º, da Lei nº 7.347/1985 (LACP) e art. 25, inciso IV, alínea "a", da Lei nº 8.625/1993 (LONMP). É de se atentar para a expressa legitimidade conferida ao MP para propositura de ações civis para defesa de interesses *individuais* de crianças e adolescentes.

877 Vide art. 136, inciso X, do ECA. Neste sentido: AÇÃO CIVIL PÚBLICA. DANO MORAL COLETIVO. PROPAGANDA ILÍCITA. INDENIZAÇÃO. I. O Ministério Público tem legitimidade e interesse processual para ajuizar ação civil pública na qual postula indenização por dano moral coletivo em face da exibição de propaganda pela mídia televisa. II. A apelante é parte legítima para compor o pólo passivo, pois pertence ao mesmo grupo empresarial e sucedeu a empresa que emitiu a nota fiscal relativa à propaganda. III. A petição inicial é apta, pois o inquérito civil não é documento obrigatório para instruí-la e a causa de pedir está devidamente declinada. IV. A inversão do ônus da prova foi impugnada por meio do recurso próprio e julgado, portanto operada a preclusão. V. Inexiste violação aos princípios da ampla defesa, do contraditório e do devido processo legal, se o fato que se pretendia provar é irrelevante para a resolução do mérito, a teor do disposto no art. 130 do CPC. VI. A condenação em valor pecuniário a ser revertida ao Fundo de Defesa dos Direitos Difusos observou, estritamente, os limites da demanda proposta, portanto não há julgamento extra petita, tampouco violação ao art. 460 do CPC. VII. Constatada a ilicitude da propaganda, impõe-se às rés a responsabilidade solidária de indenizar os danos morais coletivos dela decorrentes. VIII. A condenação à veiculação da contrapropaganda improcede, tendo em vista o tempo decorrido e o advento da Lei 10.167/00. Nessa parte, providas as apelações. IX. O dano moral coletivo ocorre quando a violação a direito metaindividual causa lesão extrapatrimonial, como a que decorre da propaganda ilícita, que lesiona a sociedade em seus valores coletivos. X. A valoração da compensação à lesão coletiva deve observar as finalidades punitiva e preventiva, consideradas a repercussão lesiva da propaganda, o grau de culpa na sua produção e veiculação e os malefícios causados à população. Valor reduzido. XI. Agravos retidos improvidos. Preliminares rejeitadas. Apelações parcialmente providas. Unânime. (TJDF. 4ª T. Cív. APC nº 20040111020280. Rel. Des. Vera Andrighi. J. em 14/03/2007).

878 Vide art. 8º, §1º, da Lei nº 7.347/1985 (LACP) e art. 26, incisos I e II, da Lei nº 8.625/1993 (LONMP). Vide também o disposto no art. 236, do ECA (constitui crime a criação de embaraços à atuação do agente do MP, investido da atribuição de Promotor da Infância e da Juventude) e/ou art. 10, da Lei nº 7.347/1985 (também constitui crime o puro e simples descumprimento injustificado de *requisições* pelo representante do MP) e art. 330, do CP (crime de desobediência).

879 Vide art. 26, §§1º e 3º, da Lei nº 8.625/1993 (LONMP).

880 Vide art. 129, inciso VIII, da CF e art. 26, inciso IV, da Lei nº 8.625/1993 (LONMP). Interessante observar que, com base no presente dispositivo, se tem reconhecido a possibilidade de o Ministério Público realizar, diretamente, a investigação acerca da prática de crimes contra crianças e adolescentes, por intermédio de "sindicâncias", sem a necessidade de acionamento da polícia judiciária. Neste sentido**:** *HABEAS CORPUS. ABUSO SEXUAL CONTRA MENOR. LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO PARA INSTAURAR SINDICÂNCIA. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). O Ministério Público tem legitimidade para instaurar sindicância para a apuração de crimes previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (art. 201, inciso VII, da Lei 8.069/90).*

Além da competência que lhe atribui o ECA, é pacífico o entendimento desta Corte de que o Ministério Público não necessita de inquérito policial para instaurar ação penal. Caso que não se confunde com o RHC 81.326 que tratava de falta de legitimidade do Parquet para presidir ou desenvolver diligências pertinentes ao inquérito policial. A questão relativa à infância e à juventude é regulada por lei especial que tem previsão específica (Lei 8.069/90). Habeas corpus indeferido. (STF. 2ª T. HC nº 82865/GO. Rel. Min. Nelson Jobim. J. em 14/10/2003).

881 Vide arts. 201, §5º, alínea "c", 210, inciso I e 211, do ECA. A presente atribuição verdadeiramente sintetiza todas as demais, sendo decorrência natural do princípio da proteção integral à criança e ao adolescente e da conjugação do contido nos arts. 1º, 4º, *caput*, 5º, 6º (apenas para citar alguns), do ECA.

882 Vide art. 5º, incisos LXVIII, LXIX e LXXI, da CF; Leis nºs 1.533/1951 (Lei do Mandado de Segurança) e 4.384/1964 (Normas processuais relativas a Mandado de Segurança).

883 Vide arts. 97, 191 a 193 e 194 a 197 c/c 245 a 258, do ECA.

884 Vide arts. 5º, 208 e par. único, 216 e 228 a 244-A, do ECA.

885 Vide art. 95, do ECA.

886 Vide arts. 97 e 191 a 193, do ECA.

887 Vide art. 179, par. único, do ECA.

888 Vide art. 210, do ECA e arts. 5º, inciso LXX e 129, §1º, da CF.

889 Vide art. 129, inciso IX, da CF; art. 139, *in fine*, do ECA e art. 25, da Lei nº 8.625/1993 (LONMP). Dentre as atribuições do Ministério Público previstas em outras leis ligadas à área infanto-juvenil podemos citar o contido no art. 2º, §4º, da Lei nº 8.560/1992 (Averiguação Oficiosa de Paternidade).

890 Vide art. 236, do ECA; art. 41, inciso VI, da Lei nº 8.625/1993 (LONMP); art. 150, §§3º, 4º e 5º, do CP e art. 5º, inciso XI, da CF.

891 Vide art. 5º, inciso LX, da CF; arts. 85 e 155, incisos I e II, do CPC e art. 26, §2º, da Lei nº 8.625/1993 (LONMP).

892 Vide art. 27, par. único, inciso I, da Lei nº 8.625/1993; art. 220, do ECA e art. 5º, inciso XXXIV, alínea "a", da CF.

893 Vide art. 223, do ECA e art. 8º, §1º, da Lei nº 7.347/1985.

894 Vide art. 26, §1º, da Lei nº 8.625/1993.

895 Vide arts. 4º, par. único, alínea "b" c/c 259, par. único, do ECA e arts. 87 e 88, incisos III, VI e VII, do mesmo Diploma Legal, bem como o contido no art. 22, da Lei nº 8.078/1990 (Código de Defesa do Consumidor). Deve buscar, enfim, a adequação dos serviços aos princípios da proteção integral e da prioridade absoluta à criança e ao adolescente, de modo a agilizar e otimizar o atendimento prestado, assim como às normas técnicas e/ou regulamentação específica existente, incluindo as Resoluções dos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente. Uma vez vencido o prazo concedido (que como diz a própria lei, deve ser *razoável* e, de preferência, *ajustado* com o destinatário da recomendação), sem que as recomendações tenham sido cumpridas, e não havendo justificativa para o descumprimento (a cautela recomenda que o destinatário da recomendação seja novamente ouvido a respeito de sua aparente inércia), poderá ser celebrado um acordo formal (vide art. 211, do ECA) ou ajuizada ação específica, seja de obrigação de fazer (vide art. 213, do ECA), seja para apuração de irregularidade em entidade de atendimento (vide art. 191, do ECA), seja outra qualquer (cf. art. 212, do ECA), sendo cabível, inclusive, a responsabilização pessoal - civil e administrativa - dos agentes omissos (arts. 5º, 208 e 216, do ECA).

Art. 202. Nos processos e procedimentos em que não for parte, atuará obrigatoriamente o Ministério Público na defesa dos direitos e interesses de que cuida esta Lei [896], hipótese em que terá vista dos autos depois das partes, podendo juntar documentos e requerer diligências, usando os recursos cabíveis [897].

896 Vide arts. 153 e 204, do ECA. Ou seja, a intervenção do MP, como parte ou como fiscal da lei, é *obrigatória* em todos os procedimentos afetos à Justiça da Infância e da Juventude. Sobre a obrigatoriedade da intervenção do Ministério Público especificamente nos procedimentos relativos à execução de medidas socioeducativas, vide art. 37, da Lei nº 12.594/2012.

897 Vide art. 83, do CPC.

Art. 203. A intimação do Ministério Público, em qualquer caso, será feita pessoalmente [898].

898 Vide art. 236, §2º, do CPC e art. 41, inciso IV, da Lei nº 8.625/1993 (LONMP).

Art. 204. A falta de intervenção do Ministério Público acarreta a nulidade do feito, que será declarada de ofício pelo juiz ou a requerimento de qualquer interessado [899].

899 Vide art. 202, do ECA, art. 37, da Lei nº 12.594/2012 e art. 84, do CPC.

Art. 205. As manifestações processuais do representante do Ministério Público deverão ser fundamentadas [900].

900 Vide art. 129, inciso VIII, da CF.

CAPÍTULO VI - DO ADVOGADO [901]

Art. 206. A criança ou o adolescente, seus pais ou responsável, e qualquer pessoa que tenha legítimo interesse na solução da lide poderão intervir nos procedimentos de que trata esta Lei, através de advogado [902], o qual será intimado para todos os atos, pessoalmente ou por publicação oficial, respeitado o segredo de justiça [903].

Parágrafo único. Será prestada assistência judiciária integral e gratuita àqueles que dela necessitarem [904].

901 Vide arts. 131 a 135, da CF; arts. 36 a 45, do CPC; Lei Complementar nº 80/1994 (que organiza da Defensoria Pública da União, DF e Territórios) e Lei nº 8.906/1994 (que dispõe sobre o Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil - EOAB).

902 Vide arts. 5º, inciso LV e 133, da CF; art. 141, do ECA e art. 36 e sgts., do CPC. O advogado será constituído pela parte ou nomeado. No primeiro caso, quando o patrimônio da criança ou adolescente for utilizado para contratação de honorários, exige-se prévia autorização judicial, pois do contrário, os honorários deverão ser fixados pela autoridade judiciária obedecendo os parâmetros fixados pelo art. 20, §§3º e 4º, do CPC. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. CONTRATO CELEBRADO POR MENOR REPRESENTADO POR SUA GENITORA. NECESSIDADE DE AUTORIZAÇÃO JUDICIAL. SIMPLES ADMINISTRAÇÃO DOS BENS DO MENOR.*

SERVIÇOS ADVOCATÍCIOS. APLICAÇÃO DO CDC. CLÁUSULA ABUSIVA. ONEROSIDADE EXCESSIVA. OFENSA A PRINCÍPIOS BASILARES DA TUTELA DE CONSUMO. NULIDADE. 1. Contrato de honorários advocatícios firmado pela genitora, em representação de seu filho menor incapaz, visando a defesa dos interesses hereditários deste em juízo não necessita de prévia autorização judicial (art. 386, CC/16), porquanto se trata de mera administração dos interesses do menor, mesmo que no contrato esteja estabelecida como pagamento uma quota dos bens que o menor auferir. 2. O art. 3º, do CDC, é claro ao impor a sua incidência sobre os serviços prestados por profissionais liberais, neste inclusos os serviços advocatícios, razão pela qual se deve aplicar o CDC aos contratos de honorários advocatícios. 3. Nos termos do art. 51, do CDC, é nula de pleno direito a cláusula contratual que impor obrigação iníqua, abusiva contrária à boa-fé e à equidade (inciso IV), bem como aquela em desacordo com o sistema de tutela consumerista (inciso XV), e, ainda aquela que ofender princípios fundamentais da relação de consumo (§ 1º, III). 4. In casu, a cláusula segunda do referido contrato de honorários advocatícios mostra-se abusiva, viola os princípios da boa-fé, da equidade e da harmonia na relação de consumo, impondo ônus excessivamente exorbitante ao consumidor, ofendendo, por conseguinte, o sistema da tutela consumerista, razão pela qual patente é a sua nulidade, nos termos do art. 51, IV, XV, e §1º, I e III do CDC. 5. Uma vez que a ação patrocinada pela causídica, prestadora do serviço, não tem cunho condenatório, o valor a ser pago, a titulo de honorários, pelo consumidor do serviço prestado deve ser arbitrado equitativamente com base no §4º, do art. 20, do CPC. 6. Ademais, uma vez reformada a sentença, acarretando alteração na sucumbência, imperiosa é a inversão dos ônus sucumbenciais. 7. Recurso de apelação conhecido e provido. (TJGO. 3ª C. Cív. Ap. Cív. nº 86612-3/188-200500383329. Rel. Felipe Batista Cordeiro. Publ. DJ de 06/03/2006).

903 Vide art. 5º, inciso LX, da CF; arts. 143 e 247, do ECA e art. 155, do CPC.

904 Vide arts. 5º, inciso LXXIV e 134, da CF; arts. 111, inciso IV, 141, §1º, 159 e 186, §2º, do ECA; art. 4º, inciso VIII, da Lei nº 12.594/2012 (institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE) e Lei nº 1.060/1950 (Lei de Assistência Judiciária - LAJ).

Art. 207. Nenhum adolescente a quem se atribua a prática de ato infracional, ainda que ausente ou foragido, será processado sem defensor **[905]**.

§ 1º. Se o adolescente não tiver defensor, ser-lhe-á nomeado pelo juiz **[906]**, ressalvado o direito de, a todo tempo, constituir outro de sua preferência.

§ 2º. A ausência do defensor não determinará o adiamento de nenhum ato do processo, devendo o juiz nomear substituto, ainda que provisoriamente, ou para o só efeito do ato.

§ 3º. Será dispensada a outorga de mandato, quando se tratar de defensor nomeado ou, sido constituído, tiver sido indicado por ocasião de ato formal com a presença da autoridade judiciária **[907]**.

905 Vide art. 227, §3º, inciso IV, da CF; arts. 111, inciso III e 186, §2º, do ECA; art. 261, do CPP e Súmula 523, do STF (aplicável ao procedimento para apuração de ato infracional por analogia), que assim dispõe: *"No processo penal, a falta de defensor constitui nulidade absoluta, mas a sua deficiência só o anulará se houver prova de prejuízo para o réu".* Sobre a obrigatoriedade da intervenção da defesa técnica especificamente nos procedimentos relativos à execução de medidas socioeducativas, vide arts. 37 e 49, inciso I, da Lei nº 12.594/2012,

sendo certo que cabe ao Estado (*stricto sensu*) fornecer defensor habilitado ao adolescente (vide art. 4º, inciso VIII, da Lei nº 12.594/2012).

906 Vide art. 186, §2º, do ECA.

907 Vide art. 186, §2º, do ECA e art. 16, da Lei nº 1.060/1950 (LAJ).

CAPÍTULO VII - DA PROTEÇÃO JUDICIAL DOS INTERESSES INDIVIDUAIS, DIFUSOS E COLETIVOS [908]

Art. 208. Regem-se pelas disposições desta Lei as ações de responsabilidade por ofensa aos direitos assegurados à criança e ao adolescente [909], referentes ao não-oferecimento ou oferta irregular [910]:

I - do ensino obrigatório [911];

II - de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência [912];

III - de atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade [913];

IV - de ensino noturno regular, adequado às condições do educando [914];

V - de programas suplementares de oferta de material didático-escolar, transporte e assistência a saúde do educando do ensino fundamental [915];

VI - de serviço de assistência social visando à proteção à família [916], à maternidade [917], à infância e à adolescência, bem como ao amparo às crianças e adolescentes que dele necessitem [918];

VII - de acesso às ações e serviços de saúde [919];

VIII - de escolarização e profissionalização dos adolescentes privados de liberdade [920];

IX - de ações, serviços e programas de orientação, apoio e promoção social de famílias e destinados ao pleno exercício do direito à convivência familiar por crianças e adolescentes [921].

X - de programas de atendimento para a execução das medidas socioeducativas e aplicação de medidas de proteção [922].

§ 1º. As hipóteses previstas neste artigo não excluem da proteção judicial outros interesses individuais, difusos ou coletivos, próprios da infância e da adolescência, protegidos pela Constituição e pela Lei [923];

§ 2º. A investigação do desaparecimento de crianças ou adolescentes será realizada imediatamente [924] após notificação aos órgãos competentes, que deverão comunicar o fato aos portos, aeroportos, Polícia Rodoviária e companhias de transporte interestaduais e internacionais, fornecendo-lhes todos os dados necessários à identificação do desaparecido [925].

908 Vide arts. 1º, 3º, 4º, *caput* e par. único, 141, 148, inciso IV, 198, 209, 210, 212, 213, 216 e 219 do ECA e art. 227, *caput*, da CF. Caso não satisfeitos, de maneira espontânea, os direitos assegurados às crianças e adolescentes pela Constituição Federal, Lei nº 8.069/1990 e demais Diplomas Legais, e/ou caso

aqueles sejam de qualquer modo ameaçados ou violados, em especial nas hipóteses relacionadas no art. 98, do ECA, abre-se espaço à intervenção do Poder Judiciário, como forma de garantir sua plena *efetivação* (tal qual previsto no art. 4º estatutário), proporcionando, de maneira *concreta*, a *proteção integral* infanto-juvenil, prometida já no art. 1º estatutário. Diante da extrema relevância dos direitos e interesses que estão em jogo, assim como da clareza dos *deveres* impostos fundamentalmente ao Poder Público para com suas crianças e adolescentes e do alcance do *princípio constitucional* da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente, a mencionada intervenção judicial pode ser dar da forma mais ampla possível, através de "*todas as espécies de ações pertinentes*" (cf. art. 212, do ECA), tanto no plano individual quanto coletivo. As ações podem ser manejadas pelos legitimados do art. 210, do ECA, sendo competente a Justiça da Infância e da Juventude do local onde ocorreu ou deveria ocorrer a ação ou omissão (arts. 209 c/c 148, inciso IV, do ECA), e podem gerar a *responsabilidade* dos agentes aos quais se atribui a ação ou omissão lesiva aos interesses infanto-juvenis (arts. 5º e 216, do ECA).

909 Vide arts. 5º, 98, inciso I, segunda parte, 212 e 216, do ECA e art. 28, da Lei nº 12.594/2012, que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE. Como se pode observar, o ECA não se limitou a relacionar os direitos garantidos e a estabelecer a obrigatoriedade de seu respeito por *todos* (família, comunidade, sociedade e Poder Público), mas também previu mecanismos judiciais para sua exigibilidade, tanto no plano individual quanto *coletivo*, tendo sido transferida parte da atuação da Justiça da Infância e da Juventude (a cargo do antigo "Juiz de Menores") ao Conselho Tutelar, em muito qualificado, posto que agora fundamentalmente voltado a questões de interesse *transindividual*, de modo a garantir a criação e implementação das estruturas, ações e programas necessários à *proteção integral* infanto-juvenil, prometida já no art. 1º, do ECA e a razão de ser de toda e qualquer disposição estatutária.

910 Vide arts. 1º, 3º, 4º e 208, par. único, do ECA. A relação contida no art. 208 é meramente *exemplificativa*, sendo passível de cobrança, pela via judicial, a satisfação de *todos os direitos* conferidos pelo ECA e pela CF às crianças e adolescentes, tanto no plano *individual* quanto *coletivo*. É de se atentar para o fato de que a simples *oferta irregular* dos serviços públicos necessários à *proteção integral* infanto-juvenil já autoriza a correção, de tal omissão estatal, pela via judicial. Devem ser considerados como essenciais as ações e serviços públicos relativos às políticas sociais básicas e de assistência social (cf. art. 87, incisos I e II, do ECA), bem como todos os demais serviços e programas relacionados nos arts. 87 e 90, do ECA, além dos programas que correspondam às medidas de proteção, socioeducativas e voltadas aos pais ou responsável, relacionadas nos arts. 101, 112 e 129, do ECA. Tais ações, serviços e programas devem estar devidamente *articulados* entre si (cf. art. 86, do ECA), formando uma verdadeira "rede" de proteção aos direitos infanto-juvenis.

911 Vide arts. 30, inciso VI, 208, inciso I e 211, §§1º e 2º, da CF; art. 4º, inciso I, da LDB e art. 54, inciso I, do ECA.

912 Vide arts. 208, inciso III e 227, §1º, inciso II, da CF; art. 54, inciso III, do ECA; art. 4º, inciso III, da LDB e arts. 24 a 29, do Decreto nº 3.298/1999, que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

913 Vide arts. 208, inciso IV e 211, §2º, da CF; art. 54, inciso IV, do ECA e art. 4º, inciso III, da LDB. Atentar para o fato de, por serem a creche e a pré-escola política básica de educação, o acesso a ambas as modalidade de ensino é, por força do disposto no art. 205, da CF, um *direito de todas as crianças de zero a 05 (cinco) anos* (pois aos seis já deve ter início o ensino fundamental, conforme disposto na Lei nº 11.114/2005, de 16/05/2005), independentemente da situação econômica da família. Neste sentido: *APELAÇÃO CÍVEL. ART. 249 DO ECA. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. VAGA EM PRÉ-ESCOLA. CRITÉRIO. A*

educação em creche ou pré-escola a ser fornecida pelo poder público é um direito de toda e qualquer criança, sem distinção de sua condição econômica, já que qualquer distinção é proibida constitucionalmente. O não fornecimento de vaga à criança pela utilização de critérios que não encontram amparo legal e não resguardam os princípios constitucionais de igualdade e democracia, acarretam a responsabilização da representada, conforme dispõe o art. 208, III, c/c art. 249, ambos do ECA. Apelação desprovida. (TJRS. 8ª C. Civ. Ap. Cív. nº 70007934870. Rel. José S. Trindade. J. em 04/03/2004). Sendo a creche e a pré-escola um *direito de todos*, não pode o município se eximir de seu dever de proporcioná-la, sob qualquer pretexto, podendo sua omissão ser sanada por intermédio da competente medida judicial. Neste sentido: *CRIANÇA DE ATÉ SEIS ANOS DE IDADE. ATENDIMENTO EM CRECHE E EM PRÉ-ESCOLA. EDUCAÇÃO INFANTIL. DIREITO ASSEGURADO PELO PRÓPRIO TEXTO CONSTITUCIONAL (CF, ART. 208, IV). COMPREENSÃO GLOBAL DO DIREITO CONSTITUCIONAL À EDUCAÇÃO. DEVER JURÍDICO CUJA EXECUÇÃO SE IMPÕE AO PODER PÚBLICO, NOTADAMENTE AO MUNICÍPIO (CF, ART. 211, §2º). RECURSO EXTRAORDINÁRIO CONHECIDO E PROVIDO. A educação infantil representa prerrogativa constitucional indisponível, que, deferida às crianças, a estas assegura, para efeito de seu desenvolvimento integral, e como primeira etapa do processo de educação básica, o atendimento em creche e o acesso à pré-escola (CF, art. 208, IV). Essa prerrogativa jurídica, em consequência, impõe, ao Estado, por efeito da alta significação social de que se reveste a educação infantil, a obrigação constitucional de criar condições objetivas que possibilitem, de maneira concreta, em favor das 'crianças de zero a seis anos de idade' (CF, art. 208, IV), o efetivo acesso e atendimento em creches e unidades de pré-escola, sob pena de configurar-se inaceitável omissão governamental, apta a frustrar, injustamente, por inércia, o integral adimplemento, pelo Poder Público, de prestação estatal que lhe impôs o próprio texto da Constituição Federal. A educação infantil, por qualificar-se como direito fundamental de toda criança, não se expõe, em seu processo de concretização, a avaliações meramente discricionárias da Administração Pública, nem se subordina a razões de puro pragmatismo governamental. Os Municípios - que atuarão, prioritariamente, no ensino fundamental e na educação infantil (CF, art. 211, §2º) - não poderão demitir-se do mandato constitucional, juridicamente vinculante, que lhes foi outorgado pelo art. 208, IV, da Lei Fundamental da República, e que representa fator de limitação da discricionariedade político-administrativa dos entes municipais, cujas opções, tratando-se do atendimento das crianças em creche (CF, art. 208, IV), não podem ser exercidas de modo a comprometer, com apoio em juízo de simples conveniência ou de mera oportunidade, a eficácia desse direito básico de índole social. Embora inquestionável que resida, primariamente, nos Poderes Legislativo e Executivo, a prerrogativa de formular e executar políticas públicas, revela-se possível, no entanto, ao Poder Judiciário, ainda que em bases excepcionais, determinar, especialmente nas hipóteses de políticas públicas definidas pela própria Constituição, sejam estas implementadas, sempre que os órgãos estatais competentes, por descumprirem os encargos político-jurídicos que sobre eles incidem em caráter mandatório, vierem a comprometer, com a sua omissão, a eficácia e a integridade de direitos sociais e culturais impregnados de estatura constitucional. A questão pertinente à 'reserva do possível'.* (STF. R.E. nº 436996/SP. Rel. Min. Celso de Mello (monocrática). J. em 26/10/2005). No mesmo sentido: STJ. 1ª T. R.Esp. nº 736.524/SP. J. em 21/03/2006.

914 Vide arts. 208, inciso VI e 227, §3º, inciso III, da CF; art. 54, inciso VI, do ECA e art. 4º, incisos VI e VII, da LDB. Somente se justifica a matrícula no ensino noturno para adolescentes que trabalham durante o dia ou que, neste período, estejam matriculados em cursos ou programas de aprendizagem, não tendo condições de serem matriculados durante o dia.

915 Vide art. 208, inciso VII, da CF; art. 54, inciso VII, do ECA e art. 4º, inciso VIII, da LDB. De nada adianta a oferta meramente "formal" de vagas nas escolas, sendo necessário proporcionar às crianças e adolescentes os *meios necessários* ao *efetivo exercício* do direito à educação. Sobre a matéria: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONSTITUCIONAL. TRANSPORTE ESCOLAR. DEVER LEGAL DO MUNICÍPIO. O transporte escolar é dever do Município, imposto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, pela Lei de Diretrizes Básicas da Educação e pela Constituição da República, sendo de se confirmar a decisão que julgou procedente ação civil pública movida pelo Ministério Público Estadual, com vistas a compelir a municipalidade a fornecê-lo às suas crianças.* (TJMG. 7ª C. Civ. Ap. Civ. nº 1.0417.04.910506-3/001. Rel. Des. Edivaldo George dos Santos. J. em 29/06/2004).

916 Vide arts. 203, inciso I e 226, *caput* e §8º, da CF; arts. 87, inciso II, 90, inciso I, 101, inciso IV e 129, inciso I, do ECA; art. 2º, inciso I, da LOAS; Decreto nº 5.085/2004, de 19/05/2004 (que define as Ações continuadas da Assistência Social) e Portaria SEAS nº 878/2001 (que Estabelece diretrizes e normas do Programa Sentinela, que de acordo com o contido em seu Anexo I tem como objetivo geral "*atender, no âmbito da Política de Assistência, através de um conjunto articulado de ações, crianças e adolescentes vitimados pela violência com ênfase no abuso e exploração sexual*" e "*criar condições que possibilitem às crianças e aos adolescentes vitimados e suas respectivas famílias, o resgate e a garantia dos direitos , o acesso aos serviços de assistência social, saúde, educação, justiça e segurança, esporte, lazer e cultura, guardando compromisso ético, político e a multidisciplinariedade das ações*").

917 Vide arts. 203, inciso I e 227, §3º, inciso I, da CF e arts. 7º, 8º e 9º, do ECA.

918 Vide art. 203, inciso II, da CF; arts. 87, inciso II e 101, inciso IV, do ECA; arts. 2º, incisos I e II e 23, §2º, inciso I, da LOAS e Portaria MPAS/SEAS nº 879/2001 (que estabelece normas e diretrizes do Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano e do Projeto Centro da Juventude que, segundo a justificativa contida em seu Anexo I, visa "... *definir uma proposta de ocupação para jovens de 15 a 17 anos em situação de risco e vulnerabilidade social, que não configure trabalho, mas que possibilite, de fato, sua permanência no sistema educacional e proporcione experiências práticas que o preparem para futuras inserções no mundo do trabalho*").

919 Vide arts. 196 a 200 e 227, §§1º e 3º, inciso VII, da CF; arts. 7º a 14, 101, incisos V e VI e 129, incisos II e III, do ECA. Sobre a matéria: *AÇÃO CIVIL PÚBLICA. DIREITO DA INFANTE AOS MEDICAMENTOS DE QUE NECESSITA. OBRIGAÇÃO DO ESTADO DE FORNECÊ-LOS. 1. Tem o Ministério Público legitimidade para propor ação civil pública buscando a efetivação de direitos individuais heterogêneos de crianças e adolescentes. 2. O Município tem responsabilidade solidária com o Estado e deve figurar no pólo passivo da ação, devendo também responder pela obrigação reclamada. 3. O ECA estabelece tratamento preferencial a crianças e adolescentes, mostrando-se necessário o seu pronto atendimento, ainda que por compra em estabelecimento particular em face da indisponibilidade de tal droga em rede pública. Recursos desprovidos.* (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. e Reex. Necess. nº 70009895269. Rel. Des. Sérgio Fernando de Vasconcellos Chaves. J. em 10/11/2004).

920 Vide arts. 94, inciso X, 124, inciso XI e 246, do ECA.

921 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, §3º, 23 e par. único c/c 129, incisos I a IV, 87, inciso VI e 88, inciso VI, do ECA.

922 Acrescido pela Lei nº 12.594, de 18/01/2012. Vide arts. 5º, 90, 101, 112 e 216, do ECA e arts. 7º a 17 e 28, da Lei nº 12.594/2012. O dispositivo evidencia a possibilidade de responsabilizar civil e administrativamente aqueles que, por ação ou omissão, deixam de implementar programas e serviços idôneos

correspondentes às medidas de proteção e socioeducativas previstas no ECA. Embora tal responsabilidade já estivesse explícita em outros dispositivos, nota-se a preocupação do legislador em impedir que os gestores públicos se omitam em cumprir seus deveres para com as crianças e adolescentes.

923 Vide arts. 1º, 3º, 4º, *caput*, 5º e 212, do ECA. O dispositivo deixa claro que a enumeração feita é meramente *exemplificativa* e que a desejada proteção judicial abrange *todos os direitos e interesses* afetos à população infanto-juvenil, tanto no plano individual quanto coletivo, estejam eles relacionados no próprio ECA, na CF ou legislação esparsa, aí compreendida a normativa internacional, *ex vi* do disposto no art. 5º, § 2º, da CF.

924 O presente dispositivo visa coibir a costumeira espera de "24 horas" entre a constatação do desaparecimento da criança ou adolescente por sua família e o registro da ocorrência e início das investigações, que pode levar, inclusive, à sua retirada do território nacional, além de outras graves consequências.

925 Parágrafo acrescido pela Lei nº 11.259/2005, de 30/12/2005. Vide art. 87, inciso IV, do ECA; Lei nº 12.127/2009, de 17/12/2009, que instituiu o Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Desaparecidos, e Lei nº 12.393/2011, de 04 de março de 2011, que institui a Semana de Mobilização Nacional para Busca e Defesa da Criança Desaparecida, que será realizada, anualmente, de 25 a 31 de março, estabelecendo ainda que, durante essa semana, serão desenvolvidas atividades que visem a promover a busca e a defesa das crianças desaparecidas no território nacional.

Art. 209. As ações previstas neste Capítulo serão propostas no foro do local onde ocorreu ou deva ocorrer a ação ou omissão, cujo juízo terá competência absoluta para processar a causa **[926]**, ressalvadas a competência da Justiça Federal **[927]** e a competência originária dos Tribunais Superiores **[928]**.

926 Vide art. 148, inciso IV, do ECA.

927 Vide art. 109, da CF.

928 Vide arts. 102 e 104, da CF.

Art. 210. Para as ações cíveis fundadas em interesses coletivos ou difusos, consideram-se legitimados concorrentemente:

I - o Ministério Público **[929]**;

II - a União, os Estados, os Municípios, o Distrito Federal e os Territórios **[930]**;

III - as associações legalmente constituídas há pelo menos um ano e que incluam entre seus fins institucionais a defesa dos interesses e direitos protegidos por esta Lei **[931]**, dispensada a autorização da assembléia, se houver prévia autorização estatutária **[932]**.

§ 1º. Admitir-se-á litisconsórcio facultativo **[933]** entre os Ministérios Públicos da União e dos Estados na defesa dos interesses e direitos de que cuida esta Lei.

§ 2º. Em caso de desistência ou abandono da ação por associação legitimada, o Ministério Público ou outro legitimado poderá assumir a titularidade ativa **[934]**.

929 Vide art. 201, inciso V, do ECA (comentários) e art. 129, incisos II e III, da CF. O Ministério Público é, sem dúvida, o principal legitimado para o ajuizamento de ações civis públicas na defesa dos interesses coletivos ou difusos afetos a crianças e adolescentes, embora deva sempre tentar resolver a questão na

esfera extrajudicial, através de mecanismos como os relacionados nos arts. 201, §5º e 211, do ECA (vide comentários).

930 Vide arts. 86 e 100, par. único, inciso III, do ECA. A "municipalização" do atendimento prestado à criança e ao adolescente, prevista no art. 88, inciso I, do ECA, não significa que deve o município arcar, sozinho, com as despesas decorrentes da necessária implementação de uma "rede de proteção" para suas crianças e adolescentes. Embora deva priorizá-las em seu próprio orçamento, o município deve também buscar o suporte técnico e financeiro para suas ações junto ao Estado (*stricto sensu*) e à União, podendo, se necessário, demandar em Juízo para obtê-lo. O que não se admite, em hipótese alguma, é que as ações, serviços e programas deixem de ser implementados sob a alegação da "falta de recursos", argumento que não pode ser aceito à luz dos *princípios da proteção integral* e da *prioridade absoluta à criança e ao adolescente*, *ex vi* do disposto no art. 4º e par. único, alíneas "c" e "d", do ECA e art. 227, *caput*, da CF.

931 Aqui se incluem as entidades não governamentais que desenvolvem os programas e serviços a que se referem os arts. 87, 90, 101, 112 e 129, do ECA.

932 Vide arts. 44, inciso I e 53 a 61, do CC.

933 Vide arts. 127 e 129, da CF; arts. 201 e 209, do ECA e arts. 46 a 49, do CPC.

934 Embora assemelhada, a disposição aqui contida é mais clara que a prevista pelo art. 5º, §3º, da Lei nº 7.347/1985, enaltecendo o caráter *facultativo* da assunção da titularidade ativa da demanda pelo Ministério Público (ou outro legitimado). Evidente, no entanto, que por estarem em jogo os interesses de crianças e adolescentes - a rigor *indisponíveis*, deverá o representante do MP justificar a razão de não estar convencido da necessidade de assumir a titularidade ativa da demanda (cf. art. 205, do ECA).

Art. 211. Os órgãos públicos legitimados **[935]** poderão tomar dos interessados compromisso de ajustamento de sua conduta às exigências legais, o qual terá eficácia de titulo executivo extrajudicial **[936]**.

935 Vide art. 210, incisos I e II, do ECA.

936 Vide art. 585, inciso VII, do CPC. O chamado "compromisso de ajustamento de conduta" é um importante instrumento colocado à disposição, sobretudo, do Ministério Público, na defesa dos interesses infanto-juvenis. Pressupõe o entendimento entre o Ministério Público e a autoridade ou pessoa a que se atribui conduta contrária às disposições legais, nos moldes do previsto no art. 201, §5º, alínea "b", do ECA, na perspectiva de solução do problema sem a necessidade de "judicialização" do caso. Em não sendo possível obter o acordo, ou sendo este descumprido, se o Ministério Público tiver de ajuizar ação civil para solução do problema, não deverá se limitar ao ajuizamento de ação com preceito cominatório, mas também pleitear a responsabilidade civil e administrativa do agente respectivo, nos moldes do preconizado pelos arts. 5º, 208 e 216, do ECA e arts. 28 e 29, da Lei nº 12.594/2012.

Art. 212. Para defesa dos direitos e interesses protegidos por esta Lei, são admissíveis todas as espécies de ações pertinentes **[937]**.

§ 1º. Aplicam-se as ações previstas neste Capítulo as normas do Código de Processo Civil.

§ 2º. Contra atos ilegais ou abusivos de autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições do Poder Público, que lesem direito líquido e

certo previsto nesta Lei, caberá ações mandamental, que se regerá pelas normas da Lei do mandado de segurança [938].

937 Vide art. 1º, do ECA. A amplitude conferida para a proteção judicial dos interesses infanto-juvenil é consequência natural do princípio da proteção integral que inspira todo Direito da Criança e do Adolescente. A tal orientação jurídica deve, por óbvio, corresponder uma atuação firme e decidida do Poder Judiciário, no sentido da efetiva garantia de tais direitos e subsequente responsabilização daqueles que os violem, na forma do disposto nos arts. 5º, 208, *caput* e 216, do ECA.

938 Vide art. 5º, incisos LXIX e LXX, da CF; art. 210, do ECA e Lei nº 1.533/1951 e alterações posteriores. A idéia básica da criação da ação mandamental, que em tudo mais é semelhante ao mandado de segurança, foi a de ampliar o rol de legitimados ativos (que serão aqueles relacionados pelo art. 210, do ECA) e suprimir o prazo decadencial de 120 (cento e vinte) dias para propositura da demanda (previsto no art. 18, da Lei nº 1.533/1951), o que *não se aplica* na ação mandamental aqui prevista.

Art. 213. Na ação que tenha por objeto o cumprimento de obrigações de fazer ou não fazer [939], o juiz concederá a tutela específica da obrigação ou determinará providências que assegurem o resultado prático equivalente ao do adimplemento [940].

§ 1º. Sendo relevante o fundamento da demanda e havendo justificado receio de ineficácia do provimento final, é lícito ao juiz conceder a tutela liminarmente ou após justificação prévia [941], citando o réu.

§ 2º. O juiz poderá, na hipótese do parágrafo anterior ou na sentença, impor multa diária ao réu, independentemente de pedido do autor, se for suficiente ou compatível com a obrigação, fixando prazo razoável para o cumprimento do preceito [942].

§ 3º. A multa só será exigível do réu após o trânsito em julgado da sentença favorável ao autor, mas será devida desde o dia em que se houver configurado o descumprimento.

939 Vide arts. 208 e 216, do ECA e arts. 632 a 645, do CPC. As ações que tenham por objeto obrigação de fazer ou não fazer, quando manejadas contra o Poder Público, devem ser acompanhadas de *ações de responsabilidade* em face dos *agentes públicos* aos quais se atribui a ação ou omissão lesiva aos interesses infanto-juvenis (que podem, inclusive, ser condenados à indenização por *dano moral* individual ou coletivo), haja vista que o efetivo e integral exercício dos direitos assegurados a crianças e adolescentes deve ser *espontaneamente* proporcionado pelo Poder Público (cf. arts. 4º, *caput*, do ECA e 227, *caput*, da CF), através de políticas públicas que *priorizem* a população infanto-juvenil (cf. arts. 4º, par. único, do ECA).

940 Vide art. 1º, do ECA e art. 461, do CPC. O importante, enfim, é assegurar a *proteção integral* aos direitos e interesses infanto-juvenis, objetivo precípuo da intervenção judicial, cabendo à autoridade judiciária garantir o efetivo cumprimento da lei por todas as formas cabíveis (e em caráter *imediato*), sem que se possa falar em decisão *extra-petita*. Uma das formas que têm sido utilizadas para garantir o resultado prático (e imediato) do julgado é o *bloqueio de recursos* na conta do ente público demandado. Neste sentido: *ECA. AGRAVO DE INSTRUMENTO. FORNECIMENTO DE MEDICAMENTOS. BLOQUEIO DE VALORES NAS CONTAS DO ESTADO. 1. Preliminar de nulidade rejeitada. 2. O bloqueio de valores nas contas do Estado consiste em modalidade alternativa e*

menos gravosa ao Poder Público e que melhor assegura o cumprimento das decisões judiciais e o bem da vida ao paciente. 2. Jurisprudência dominante desta Corte. 3. A determinação não exclui a obrigação do beneficiário de, se vier a levantar os valores bloqueados, prestar as devidas contas nos autos. Negado seguimento ao recurso (art. 557, CPC). (TJRS. 7ª C. Cív. A.I. nº 70012231544. Rel. Maria Berenice Dias. J. em 04/08/2005); e *AGRAVO DE INSTRUMENTO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. ABRIGO. ABRIGAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. OBRIGAÇÃO DE FAZER DO MUNICÍPIO. Diante do Compromisso de Ajustamento de Conduta firmado pelo Município com o Ministério Público garantido as melhorias no Abrigo Luz do Amanhã e, não cumpridos seus termos, é de ser determinado que o Município realize as obras necessárias imediatamente. Imperiosa, no caso, a intervenção do Poder Judiciário, a fim de preservar os direitos à qualidade de vida e à assistência de crianças e adolescente, observadas as garantidas dadas pela Constituição Federal e Estatuto da Criança e do Adolescente. A fixação de multa diária não garante a efetividade da prestação jurisdicional, pois se trata de meio impróprio, uma vez que não atinge somente o ente público competente. Ademais, a determinação para realização das obras gera ônus ao Município e a multa, por sua vez, além de se destinar a apenas uma entidade, em prejuízo de outras não garante a efetividade do processo. Contudo, para garantir a celeridade e efetividade da prestação jurisdicional, que se destina à proteção da vida e à assistência de crianças e adolescentes, nos termos do artigo 461, §5º, do Código de Processo Civil, não há óbice para o bloqueio dos valores necessários ao cumprimento da decisão ora hostilizada. DERAM PARCIAL PROVIMENTO AO RECURSO.* (TJRS. 8ª C. Cív. A.I. nº 70030437800. Rel. Des. Alzir Felippe Schmitz. J. em 20/08/2009).

941 Vide arts. 273 e 461, §3º, do CPC. Também face aos *princípios da proteção integral* e da *prioridade absoluta à criança e ao adolescente*, de ordem *constitucional* (cf. art. 227, *caput*, da CF), que importam no *dever* do Poder Público de dar plena efetivação aos direitos infanto-juvenis com o máximo de *urgência*, não serão aqui aplicáveis as disposições da Lei nº 8.437/1992, pelo que o deferimento da liminar/tutela antecipada pleiteadas *não dependerá*, necessariamente, de prévia oitiva do representante legal da pessoa jurídica de direito público eventualmente demandada, providência que deverá ficar a critério exclusivo da autoridade judiciária a depender da situação. Neste sentido: *AGRAVO DE INSTRUMENTO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Viabilidade de concessão de tutela antecipada contra a Fazenda Pública. Transporte escolar gratuito. Dever do município. Precedentes. Agravo de Instrumento desprovido, de plano* (TJRS. 7ª C. Cív. A.I. nº 70036711224. Rel. Des. Jorge Luís Dall'Agnol. J. em 30/07/2010); *e ANTECIPAÇÃO DE TUTELA CONTRA A FAZENDA PÚBLICA. POSSIBILIDADE. (...) É possível a concessão de antecipação dos efeitos da tutela em face da Fazenda Pública, como instrumento de efetividade e celeridade da prestação jurisdicional, sendo certo que a regra proibitiva, encartada no art. 1º, da Lei 9.494/97, reclama exegese estrita, por isso que, onde não há limitação não é lícito ao magistrado entrevê-la. Precedentes do STJ: AgRg no REsp 945.775/DF, QUINTA TURMA, DJ de 16/02/2009; AgRg no REsp 726.697/PE, SEGUNDA TURMA, DJ de 18/12/2008; AgRg no Ag 892.406/PI, QUINTA TURMA, DJ 17/12/2007; AgRg no REsp 944.771/MA, SEGUNDA TURMA, DJ De 31/10/2008; MC 10.613/RJ, Rel. PRIMEIRA TURMA, DJ 08/11/2007; AgRg no Ag 427600/PA, PRIMEIRA TURMA, DJ 07/10/2002. (...)* (STJ. 1ª T. R.Esp nº 107089/SP, Rel. Ministro Luiz Fux. J. em 03/12/2009).

942 Vide art. 461, §4º, do CPC. Neste sentido, vale colacionar os seguintes julgados: APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. PRÓTESE AUDITIVA. LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO. FIXAÇÃO DE MULTA DIÁRIA. O Estatuto da Criança e do Adolescente confere ao Ministério Público, através dos seus artigos 201 e 212, legitimidade para litigar na defesa dos interesses individuais e homogêneos das

crianças e adolescentes, protegidos pelo estatuto menorista. A multa de que tratam os artigos 461 e 644 do Código de Processo Civil tem por finalidade compelir o réu ao cumprimento de obrigação de fazer. O fato de o demandado no caso concreto ser o Estado não impede que o juiz fixe tal penalidade, porquanto se estaria frustrando garantia constitucional de prestação da tutela jurisdicional, apenas merecendo reforma a decisão quanto ao valor fixado, que se mostrou exorbitante. Apelo parcialmente provido. (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70012002648. Rel. Antônio Carlos Stangler Pereira. J. em 01/09/2005); e APELAÇÃO. Imposição de obrigação de fazer à Administração Pública, fruto de atividade jurisdicional. Possibilidade, desde que visando a satisfação de direito subjetivo garantido pelo Ordenamento Jurídico. Compatibilidade com o poder discricionário de que é investido o Poder Público. Legitimidade do Ministério Público para o ajuizamento de demanda individual em benefício de criança ou de adolescente. Reconhecimento, no mérito, do direito das crianças e dos adolescentes, portadores de deficiência mental, ao transporte especializado e gratuito aos estabelecimentos de ensino. Sujeição do ente público à multa cominatória para o caso de descumprimento da obrigação. Recursos improvidos. (TJSP. Câm. Esp. Ap. Cív. nº 110.125-0/8-00. Rel. Roberto Vallim Bellocchi. J. em 17/05/2004). A preocupação em dar efetividade ao julgado (e em última análise, à norma violada em razão da conduta do ente/agente ao qual se impõe a obrigação de fazer/não fazer) é tamanha, que se admite a majoração da multa originalmente fixada, como o julgado a seguir transcrito evidencia, no caso de descumprimento de acordo judicial celebrado em sede de ação civil pública: AGRAVO DE INSTRUMENTO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. ANTECIPAÇÃO DA TUTELA. MUNICÍPIO. REPASSE DE VERBAS. DECISÃO JUDICIAL. CUMPRIMENTO. OBRIGATORIEDADE. MAJORAÇÃO. POSSIBILIDADE. Verificando-se que o ente público se recusa ao cumprimento da obrigação por ele assumida judicialmente, cumpre ao magistrado agravar a multa fixada para o caso de descumprimento, buscando sempre alcançar o resultado prático equivalente ao do adimplemento (TJMG - 6º C. Cív. - A.I. nº 1.0105.11.017381-9/001 - Rel. Des. Antônio Sérvulo. J. em 28/08/2012).

Art. 214. Os valores das multas reverterão ao fundo gerido pelo Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente do respectivo município [943].

§ 1º. As multas não recolhidas até trinta dias após o trânsito em julgado da decisão serão exigidas através de execução promovida pelo Ministério Público, nos mesmos autos, facultada igual iniciativa aos demais legitimados [944].

§ 2º. Enquanto o fundo não for regulamentado [945], o dinheiro ficará depositado em estabelecimento oficial de crédito, em conta com correção monetária.

943 Vide arts. 88, incisos II e IV, e 154, do ECA.

944 Vide art. 646, do CPC. Importante observar que a execução da multa não substitui a execução que deve ser promovida no sentido do efetivo cumprimento da obrigação de fazer/não fazer, *ex vi* do disposto nos arts. 632 a 645, do CPC, e nem isenta o *gestor* de responder por danos civis (inclusive morais e coletivos, exigíveis por demanda própria) que sua omissão causar a crianças e adolescentes (cf. arts. 5º c/c 216, do ECA). Vale lembrar que as multas administrativas tem um prazo prescricional de 05 (cinco) anos. Neste sentido: *PROCESSUAL CIVIL. ADMINISTRATIVO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). 535, II, CPC. VIOLAÇÃO. INOCORRÊNCIA. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. MULTA. ART. 258 DA LEI 8.069/90. PRAZO PRESCRICIONAL. DISSÍDIO JURISPRUDENCIAL. COTEJO ANALÍTICO. NÃO REALIZAÇÃO. 1. Inexiste ofensa ao art. 535 do CPC, quando o tribunal de origem, embora sucintamente, pronuncia-se de forma clara e suficiente sobre a questão posta*

nos autos. Ademais, o magistrado não está obrigado a rebater, um a um, os argumentos trazidos pela parte, desde que os fundamentos utilizados tenham sido suficientes para embasar a decisão. 2. A multa prevista pela Lei nº 8.069/90 como sanção às infrações administrativas possui natureza administrativa e, como tal, sua cobrança sujeita-se ao lapso prescricional de cinco anos. Inaplicabilidade do prazo de dois anos previsto no art. 114, I, do Código Penal. O art. 226, caput, do ECA somente faculta a aplicação das normas da parte geral do Código Penal aos crimes nele definidos. 3. Não foram cumpridas as formalidades exigidas pelos artigos 541, parágrafo único, do CPC e 255 do RISTJ, já que a recorrente se limitou a transcrever os acórdãos confrontados, sem proceder ao cotejo analítico indispensável para a comprovação da divergência. 4. Recurso especial parcialmente conhecido e, nessa extensão, PROVIDO. (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 892936/RN. Rel. Min. Carlos Fernando Mathias (Juiz convocado do TRF 1ª Região). J. em 05/06/2008).

945 Vide arts. 259, *caput* e par. único, do ECA. O Fundo Especial deverá ser criado por lei e, se necessário, regulamentado por decreto do Poder Executivo, que estabelecerá as fontes de receita (dentre elas, as multas a que se refere o presente dispositivo), bem como as formas de despesa. É absolutamente inadmissível que, enquanto não regulamentado o Fundo, a autoridade judiciária dê aos valores provenientes de multas administrativas, aplicadas em sede de processos e procedimentos previstos no ECA (que, portanto, deveriam ser destinados ao Fundo Especial para Infância e Adolescência e utilizados exclusivamente em prol da população infanto-juvenil), destinação diversa da preconizada em lei, muito menos em desconformidade com as deliberações do Conselho de Direitos e com a política de atendimento à criança e ao adolescente por este traçada (vide comentários ao art. 88, incisos II e IV, do ECA). Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. RECURSO ESPECIAL. VIOLAÇÃO AOS ARTS. 154 E 214 DO ECA. MULTA ADMINISTRATIVA DESTINADA À MANUTENÇÃO DO FORUM LOCAL E NÃO AO FUNDO GERIDO PELO CONSELHO MUNICIPAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Nos termos do art. 214 do Estatuto da Criança e do Adolescente, as multas de natureza administrativa, impostas nas Varas da Infância e da Juventude devem ser revertidas aos Fundos Municipais da Infância e da Juventude. (Precedente). Recurso provido*. (STJ. 5º T. R.Esp. nº 562391/ES. Rel. Ministro Felix Fischer. J. em 03/08/2004).

Art. 215. O juiz poderá conferir efeito suspensivo aos recursos, para evitar dano irreparável à parte **[946]**.

946 Vide art. 198, inciso VI, *in fine*, do ECA.

Art. 216. Transitada em julgado a sentença que impuser condenação ao Poder Público, o juiz determinará a remessa de peças a autoridade competente, para apuração da responsabilidade civil e administrativa do agente a que se atribua a ação ou omissão **[947]**.

947 Vide arts. 5º, 208 e par. único e 213, do ECA e arts. 11 e 12, da Lei nº 8.429/1992. Vale notar que a *responsabilidade* a que se refere o dispositivo é *pessoal*, recaindo assim diretamente sobre *o agente público omisso*, sem prejuízo, logicamente, da condenação do *ente público* na *obrigação de fazer/não fazer* respectiva. A responsabilidade *administrativa* pode importar na prática de *ato de improbidade administrativa* (independentemente da existência de prejuízo ao erário, nos moldes dos arts. 11 e 21, da Lei nº 8.429/1992), e a responsabilidade *civil* pode se dar, inclusive, através da *condenação por dano moral*, tanto no plano *individual* quanto *coletivo*, como decorrência da ação ou

omissão lesiva aos interesses infanto-juvenis. Assim sendo, o *gestor público* que deixa de cumprir *espontaneamente* seus *deveres* para com a população infanto-juvenil (nunca sendo demais lembrar que o art. 227, *caput*, da CF e o art. 4º, *caput*, do ECA *impõem* ao Poder Público e seus agentes a *obrigação* de assegurar o *efetivo exercício* de todos os direitos fundamentais conferidos a todas as crianças e adolescentes com a mais *absoluta prioridade*), responde *pessoalmente* por sua conduta, nas esferas administrativa, civil (em toda amplitude preconizada pelos arts. 186 c/c 944 e sgts., do CC) e mesmo *criminal*. A respeito da matéria, interessante colacionar o seguinte aresto: *DIREITO PROCESSUAL CIVIL. MANDADO DE SEGURANÇA. EXECUÇÃO DE OBRIGAÇÃO DE FAZER. CONTEMPT OF COURT E FAZENDA PÚBLICA. 1. A decisão que em sede de mandado de segurança impõe obrigação de fazer é essencialmente mandamental, sendo subsidiariamente substituída por perdas e danos, no caso de real impossibilidade de cumprimento, diante da interpretação analógica do art. 461 do CPC. 2. O contempt of court civil do direito anglo saxão, como meio de coerção psicológica do devedor, decorre da concepção de que a autoridade do Poder Judiciário é intrínseco à sua própria existência. 3. Provido o agravo para que o juiz adote todos os meios capazes de dar efetividade à jurisdição, registrando que a aplicação de astreintes à Fazenda Pública é ineficaz como meio de coerção psicológica, já que sujeitas ao regime do precatório. 4. Nas causas envolvendo o erário público, a coerção somente será eficaz se incidir sobre o agente que detiver responsabilidade direta pelo cumprimento da ordem, reiterada e imotivadamente desrespeitada.* (TRF da 2ª Reg. 3ª T. AG nº 23206/RJ. Rel. Juiz Ricardo Perlingeiro. J. em 22/05/2001). Sobre crimes de responsabilidade praticados por prefeitos, vide Dec. Lei nº 201/1967, de 27/02/1967, e sobre crimes de responsabilidade praticados pelo Presidente da República e seus ministros, bem como pelos governadores de estado e seus secretários, vide Lei nº 1.079/1950, de 10/04/1950. No que diz respeito especificamente ao não oferecimento ou oferta irregular do ensino fundamental, vide art. 208, §2º, da CF; art. 54, §2º, do ECA e art. 5º, §4º, da LDB.

Art. 217. Decorridos sessenta dias do trânsito em julgado da sentença condenatória sem que a associação autora lhe promova a execução, deverá fazê-lo o Ministério Público, facultada igual iniciativa aos demais legitimados **[948]**.

948 Disposição similar é encontrada no art. 15, da Lei nº 7.347/1985. O contido no presente dispositivo evidencia o *interesse público* que norteia a efetivação dos direitos infanto-juvenis, que é "dever de todos" promover (como os arts. 4º, *caput*, 18 e 70 - dentre outros preveem de maneira expressa). Uma vez obtida a condenação, não pode eventual desídia da associação autora prejudicar os verdadeiros destinatários do provimento judicial, cabendo ao Ministério Público, no exercício de sua verdadeira "missão institucional" elementar de "*zelar pelo efetivo respeito aos direitos e garantias legais assegurados às crianças e adolescentes*..." (art. 201, inciso VIII, do ECA), promover a execução da sentença.

Art. 218. O juiz condenará a associação autora a pagar ao réu os honorários advocatícios arbitrados na conformidade do §4º do artigo 20 da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 Código de Processo Civil, quando reconhecer que a pretensão é manifestamente infundada **[949]**.

Parágrafo único. Em caso de litigância de má-fé, a associação autora e os diretores responsáveis pela propositura da ação serão solidariamente condenados ao décuplo das custas, sem prejuízo de responsabilidade por perdas e danos **[950]**.

949 Vide arts. 14 a 18, do CPC.

950 Vide arts. 16 a 18, do CPC.

Art. 219. Nas ações de que trata este Capítulo, não haverá adiantamento de custas, emolumentos, honorários periciais e quaisquer outras despesas [951].

951 Vide art. 141, §2º, do ECA e art. 19, do CPC.

Art. 220. Qualquer pessoa poderá e o servidor público deverá provocar a iniciativa do Ministério Público, prestando-lhe informações sobre fatos que constituam objeto de ação civil, e indicando-lhe os elementos de convicção [952].

952 Vide arts. 4º, *caput*, 18, 70 e 222, do ECA. Todos devem atuar na defesa dos direitos interesses de crianças e adolescentes e colaborar para solução dos problemas (notadamente estruturais) que afligem a população infanto-juvenil. Disposição similar é encontrada no art. 6º, da Lei nº 7.347/1985.

Art. 221. Se, no exercício de suas funções, os juízes e tribunais tiverem conhecimento de fatos que possam ensejar a propositura de ação civil, remeterão peças ao Ministério Público para as providências cabíveis [953].

953 Vide art. 70, do ECA. O princípio da proteção integral à criança e ao adolescente não admite a tradicional "inércia" do Poder Judiciário ante a constatação da violação dos direitos infanto-juvenis. Cabe, pois, ao Poder Judiciário, buscar a solução dos problemas (notadamente estruturais) que afligem a população infanto-juvenil, sendo-lhe também aplicável (em sua essência) o contido nos arts. 131 e 201, inciso VIII, do ECA. Em outras palavras, *também* cabe ao Poder Judiciário "*zelar pelo efetivo respeito aos direitos e garantias legais assegurados à criança e ao adolescente*", inclusive através do acionamento do Ministério Público. Disposição similar é encontrada no art. 7º, da Lei nº 7.347/1985.

Art. 222. Para instruir a petição inicial, o interessado poderá requerer às autoridades competentes as certidões e informações que julgar necessárias, que serão fornecidas no prazo de quinze dias [954].

954 Vide art. 220, do ECA e art. 5º, incisos XXXIII e XXXIV, da CF. Disposição similar é encontrada no art. 8º, *caput*, da Lei nº 7.347/1985. Importante atentar para o fato de, na forma do art. 5º, inciso XXXIII, da CF, as informações deverão ser fornecidas "*sob pena de responsabilidade*" (grifamos), valendo também observar o disposto nos arts. 5º e 216, do ECA. Vide também as disposições contidas na Lei nº 11.111/2005, de 05/05/2005, que regulamenta a parte final do disposto no inciso XXXIII do *caput* do art. 5º, da CF e dá outras providências.

Art. 223. O Ministério Público poderá instaurar, sob sua presidência, inquérito civil [955], ou requisitar, de qualquer pessoa, organismo público ou particular, certidões, informações, exames ou perícias, no prazo que assinalar, o qual não poderá ser inferior a dez dias úteis [956].

§ 1º. Se o órgão do Ministério Público, esgotadas todas as diligências, se convencer da inexistência de fundamento para a propositura da ação civil, promoverá o

arquivamento dos autos do inquérito civil ou das peças informativas, fazendo-o fundamentadamente [957].

§ 2º. Os autos do inquérito civil ou as peças de informação arquivados serão remetidos, sob pena de se incorrer em falta grave, no prazo de três dias, ao Conselho Superior do Ministério Público [958].

§ 3º. Até que seja homologada ou rejeitada a promoção de arquivamento, em sessão do Conselho Superior do Ministério Público, poderão as associações legitimadas apresentar razões escritas ou documentos, que serão juntados aos autos do inquérito ou anexados às peças de informação [959].

§ 4º. A promoção de arquivamento será submetida a exame e deliberação do Conselho Superior do Ministério Público, conforme dispuser o seu Regimento [960].

§ 5º. Deixando o Conselho Superior de homologar a promoção de arquivamento, designará, desde logo, outro órgão do Ministério Público para o ajuizamento da ação [961].

955 Vide art. 129, inciso III, da CF; art. 201, inciso V, do ECA e art. 8º, §1º, da Lei nº 7.347/1985.

956 Vide art. 129, inciso VI, da CF; art. 201, inciso VI, do ECA; art. 26, incisos I e II, da Lei nº 8.625/1993 e art. 10, da Lei nº 7.347/1985 (que considera *crime* a recusa, o retardamento ou a omissão de dados técnicos indispensáveis à propositura da ação civil, quando requisitados pelo Ministério Público).

957 Vide art. 205, do ECA. Disposição similar é encontrada no art. 9º, *caput*, da Lei nº 7.347/1985.

958 Vide arts. 5º, inciso III, 14 e 15, inciso XIII, da Lei nº 8.625/1993. Disposição similar é encontrada no art. 9º, §1º, da Lei nº 7.347/1985.

959 Disposição similar é encontrada no art. 9º, §2º, da Lei nº 7.347/1985. Cabe ao Conselho Superior do Ministério Público dar publicidade ao pedido de arquivamento do inquérito civil, de modo que os interessados possam questionar o cabimento da medida.

960 Disposição similar é encontrada no art. 9º, §3º, da Lei nº 7.347/1985. É o Conselho Superior do Ministério Público o órgão que detém a competência para apreciar os pedidos de arquivamento de inquérito civil ou procedimentos administrativos preliminares, incumbindo-lhe a homologação da promoção de arquivamento ou não, caso em que deverá ser designado outro membro do Ministério Público para a propositura da ação civil pública (sem prejuízo da possibilidade da realização de diligências complementares, caso ainda não existam elementos para tanto).

961 Disposição similar é encontrada no art. 9º, §4º, da Lei nº 7.347/1985.

Art. 224. Aplicam-se subsidiariamente [962], no que couber, as disposições da Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985.

962 Importante não perder de vista que a aplicação das disposições da Lei nº 7.347/1985 será sempre *subsidiária*, ou seja, apenas ocorrerá na lacuna das disposições próprias contidas no ECA e, mesmo assim, se subordinará a seus *princípios* elementares.

TÍTULO VII - DOS CRIMES E DAS INFRAÇÕES ADMINISTRATIVAS

CAPÍTULO I - DOS CRIMES

Seção I - Disposições Gerais

Art. 225. Este Capítulo dispõe sobre crimes praticados contra a criança e o adolescente, por ação ou omissão **[963]**, sem prejuízo do disposto na legislação penal.

963 Vide arts. 5º e 98, do ECA.

Art. 226. Aplicam-se aos crimes definidos nesta Lei as normas da Parte Geral do Código Penal e, quanto ao processo, as pertinentes ao Código de Processo Penal **[964]**.

964 Na verdade não existe qualquer diferencial, em termos processuais, entre os crimes previstos no ECA e os crimes previstos no Código Penal, ressalvado o fato de serem todos aqueles de ação penal pública incondicionada (cf. art. 227, do ECA). Interessante observar que o processo e julgamento destes crimes não está definido como sendo de competência do Juízo da infância e da juventude (a *contrariu sensu* do disposto no art. 148, do ECA), ficando, a rigor, a cargo do Juízo criminal (ressalvada a existência de disposição em contrário na Lei de Organização Judiciária local). Seu processo e julgamento, no entanto, está também sujeito ao princípio da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente, *ex vi* do disposto no art. 4º, par. único, alínea "b", do ECA e art. 227, *caput*, da CF e aos *princípios* e *normas de interpretação* próprios do ECA e do Direito da Criança e do Adolescente (devendo, portanto, por força do disposto nos arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA, ser as normas incriminadoras interpretadas e aplicadas da forma que melhor assegure a *proteção integral* infanto-juvenil). A complexidade dos casos que envolvem a violação de direitos infanto-juvenis por vezes irá demandar a intervenção de profissionais de outras áreas, tanto na fase da investigação policial quanto na instrução processual (através da *articulação* de ações - cf. art. 86, do ECA - entre as autoridades policial e judiciária e as equipes técnicas interprofissionais a serviço do Poder Judiciário e/ou do município), razão pela qual a coleta de provas deve ser particularmente cautelosa e criteriosa, sempre na perspectiva de evitar que a criança ou adolescente vítima seja submetida a uma situação vexatória ou constrangedora, sem perder de vista a *celeridade* (e *prioridade* - cf. art. 4º, par. único, alínea "b", do ECA) na conclusão do processo. Na perspectiva de agilizar o atendimento e efetuar a coleta de provas da forma mais rápida e menos traumática possível à vítima (que, de preferência, deve ser ouvida uma única vez), o TJRS reconheceu a possibilidade da *produção antecipada de provas* quando da coleta das declarações de criança vítima de violência sexual, evitando assim possíveis prejuízos decorrentes da demora no julgamento da causa e a ocorrência da chamada "revitimização". Neste sentido: *HABEAS CORPUS. PRODUÇÃO ANTECIPADA DE PROVA. ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR COMETIDO CONTRA INFANTE. DECISÃO QUE DEFERE ANTECIPAÇÃO DO DEPOIMENTO DA OFENDIDA. MEDIDA QUE SE RECONHECE RELEVANTE E URGENTE. RESPEITO AOS PRINCÍPIOS DO CONTRADITÓRIO E DA AMPLA*

DEFESA, ASSIM COMO À GARANTIA DO DEVIDO PROCESSO LEGAL. ORDEM DENEGADA. (TJRS. 7ª C. Crim. HC nº 70031084791. Rel. Des. João Batista Marques Tovo. J. em 13/08/2009). O mesmo Tribunal reconheceu a incidência das disposições da Lei nº 11.340/2006 (também conhecida como "Lei Maria da Penha" em se tratando de adolescente vítima de violência doméstica praticada pelo padrasto. Neste sentido: *CONFLITO NEGATIVO DE COMPETÊNCIA. PROTEÇÃO À ADOLESCENTE-MULHER CONTRA VIOLÊNCIA PRATICADA PELO PADRASTO. LEI MARIA DA PENHA OU ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. A Lei Maria da Penha não exclui do seu âmbito as mulheres que estão abarcadas pela proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente, uma vez que, para efeitos dessa legislação, mulheres são todas as pessoas do sexo feminino, independente da idade. Entretanto, não se pode olvidar que a Lei 11.340/06 trata da prevenção e erradicação da violência doméstica e familiar contra a mulher enquanto violência de gênero. Logo, a proteção da Lei Maria da Penha pode e deve ser estendida às crianças e adolescentes mulheres quando verificada a violação ou ameaça de direitos em razão do gênero feminino. No caso destes autos, a procura da ofendida é a proteção estatal contra o abuso da força física de homem contra a mulher, questão que deve ser avaliada a partir da legislação afeta às mulheres. (...).* (TJRS. 8ª C. Cív. AP. Cív. nº 70036717429. Rel. Des. Alzir Felipe Schmitz. J. em 22/07/2010). Vale repetir que, em matéria de combate à violência contra crianças e adolescentes, mais do que nunca é *imprescindível* a articulação entre a Polícia Judiciária, os órgãos municipais encarregados da saúde e da assistência social e o próprio Poder Judiciário, num típico exemplo da chamada "rede de proteção" à criança e ao adolescente que todo município deve possuir. De qualquer sorte, por força do disposto no art. 111, inciso V, do Código Penal (com a redação que lhe deu a Lei nº 12.650/2012), nos crimes contra a dignidade sexual de crianças e adolescentes, previstos no referido Código ou em legislação especial, o prazo prescricional começa a ser contado apenas da data em que a vítima completar 18 (dezoito) anos, salvo se a esse tempo já houver sido proposta a ação penal.

Art. 227. Os crimes definidos nesta Lei são de ação pública incondicionada [965].

965 Vide art. 100, do CP e art. 5º, inciso LIX, da CF. A atuação da autoridade policial no sentido da investigação de qualquer notícia de um dos crimes definidos no ECA será, pois, *obrigatória*, independentemente da iniciativa da vítima e/ou de seus representantes, estando também sujeita ao princípio da *prioridade absoluta* à criança e ao adolescente, *ex vi* do disposto no art. 4º, par. único, alínea "b", do ECA e art. 227, *caput*, da CF. Tamanha a gravidade dos crimes relacionados no ECA, e tamanha a importância de sua adequada apuração e repressão, que é perfeitamente admissível que a investigação acerca de sua prática fique a cargo do Ministério Público, valendo neste sentido colacionar o seguinte aresto: *HABEAS CORPUS. Abrigo Warboys do Brasil. Crimes contra criança e adolescente. Atentado violento ao pudor e maus tratos praticado por presidente de entidade filantrópica. Nulidades. Inocorrência. Poder investigatório do Ministério Público. Deficiência de defesa. Violação ao contraditório que não se verifica. Prescrição. Causa interruptiva. Ordem denegada.* (STF. 5ª T. HC nº 38.949/GO. Rel. Min. José Arnaldo da Fonseca. Publ. DOU de 01/07/2005).

Seção II - Dos Crimes em Espécie

Art. 228. Deixar o encarregado de serviço ou o dirigente de estabelecimento de atenção à saúde de gestante de manter registro das atividades desenvolvidas, na forma e prazo referidos no Art. 10 desta Lei, bem como de fornecer à parturiente ou a seu responsável, por ocasião da alta médica, declaração de nascimento, onde constem as intercorrências do parto e do desenvolvimento do neonato [966]:

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

Parágrafo único. Se o crime é culposo:

Pena - detenção de dois a seis meses, ou multa.

966 Vide art. 10, incisos I e IV, do ECA. A declaração de nascimento, que servirá de base ao registro da criança, deverá ser fornecida *gratuitamente*, independentemente do pagamento de eventual débito hospitalar.

Art. 229. Deixar o médico, enfermeiro ou dirigente de estabelecimento de atenção à saúde de gestante de identificar corretamente o neonato e a parturiente, por ocasião do parto, bem como deixar de proceder aos exames referidos no Art. 10 desta Lei [967]:

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

Parágrafo único. Se o crime é culposo:

Pena - detenção de dois a seis meses, ou multa.

967 Vide art. 10, incisos II e III, do ECA.

Art. 230. Privar a criança ou o adolescente de sua liberdade, procedendo à sua apreensão sem estar em flagrante de ato infracional [968] ou inexistindo ordem escrita da autoridade judiciária competente [969]:

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

Parágrafo único. Incide na mesma pena aquele que procede à apreensão sem observância das formalidades legais [970].

968 Vide art. 5º, inciso LXI, da CF; arts. 106, 172 e 173, do ECA; arts. 301 a 303, do CPP c/c art. 152, *caput*, do ECA. É o CPP que servirá de base para definição das situações em que restará caracterizado o *flagrante de ato infracional*, que serão exatamente as mesmas em que um imputável seria considerado em flagrante de crime ou contravenção penal. Vale destacar que, contrariamente ao sustentado por alguns, crianças que se encontrem em flagrante de ato infracional *podem ser apreendidas* (inclusive como forma de preservar a ordem pública e mesmo de colocá-las a salvo de represálias por parte de populares) e os atos infracionais a elas atribuídos, a rigor, devem ser investigados pela polícia judiciária (inclusive no que diz respeito à apuração da eventual participação de terceiros). A diferença em relação aos adolescentes é que, na sequência, as crianças acusadas deverão ser encaminhadas ao Conselho Tutelar, não podendo, sob qualquer circunstância, permanecer privadas de liberdade.

969 Vide art. 5º, inciso LXI, da CF; arts. 301 a 310, do CPP e arts. 15, 16 e 171, do ECA.

970 Vide arts. 106, par. único, 107, 109, 172, par. único e 173, do ECA. Restará, em tese, caracterizado o crime, quando o adolescente não for informado de seus direitos constitucionais (inclusive o de permanecer calado); quando não for lavrado auto de apreensão em flagrante ou boletim de ocorrência circunstanciado etc.

Art. 231. Deixar a autoridade policial responsável pela apreensão de criança ou adolescente de fazer imediata comunicação à autoridade judiciária competente e à família do aprendido ou à pessoa por ele indicada [971]:

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

971 Vide art. 5º, inciso LXII, da CF e art. 107, do ECA. A comunicação da apreensão à autoridade judiciária, à família do apreendido ou, na falta desta, à pessoa por ele indicada (vide art. 100, par. único, inciso IX, do ECA) deve ser efetuada *incontinenti*, ou seja, no exato momento em que o adolescente apreendido dá entrada na repartição policial, devendo ser a lavratura do auto de apreensão em flagrante ou boletim de ocorrência circunstanciado efetuada na presença dos pais ou responsável pelo adolescente, que na sequência já irão, em regra, receber o adolescente liberado, firmando termo de compromisso de apresentação do adolescente ao representante do MP, na forma do disposto no art. 174, do ECA. Vale lembrar que a criança apreendida em flagrante de ato infracional deverá ser encaminhada *incontineti* ao Conselho Tutelar (sem prejuízo da realização, por parte da autoridade policial, de investigação acerca da eventual participação de adolescentes ou imputáveis na infração respectiva, tarefa que logicamente não pode ficar a cargo do Conselho Tutelar, que não é órgão de segurança pública) e a apreendida por força de mandado de busca e apreensão deverá sê-lo à autoridade judiciária competente (nenhuma criança pode ser submetida a medidas privativas de liberdade), sem prejuízo, em ambos da imediata comunicação aos pais ou responsável legal.

Art. 232. Submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância [972] a vexame ou a constrangimento [973]:

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

972 Numa interpretação sistemática da Lei nº 8.069/1990, percebe-se que o dispositivo abrange não apenas aqueles casos em que o dever de guarda decorre expressamente da lei (como nos casos da guarda propriamente dita, tutela, equiparação do dirigente da entidade de acolhimento institucional ao guardião ou como atributo natural do poder familiar - cf. arts. 33 e 92, §1º, 36, par. único, do ECA e art. 1634, inciso II, do CC, respectivamente), mas também toda e qualquer situação em que um adulto se coloca na posição de "autoridade" e/ou de "cuidador" de uma criança ou adolescente, como é caso do policial quando da apreensão de criança ou adolescente em flagrante de ato infracional, o professor ou diretor da escola onde a criança estuda etc.

973 Vide art. 5º, inciso II, da CF e art. 5º, do ECA. O crime em questão pode restar caracterizado quando da violação dos direitos relacionados nos arts. 15 a 18, 53, inciso II, 109, 178 do ECA, dentre outros. O sujeito ativo será o pai, mãe, tutor, guardião, dirigente da entidade de entidade de acolhimento familiar, policial, membro do Conselho Tutelar, Ministério Público ou Poder Judiciário, comissário de vigilância da infância e da juventude, professor, diretor de escola e/ou qualquer outra pessoa que detém autoridade em relação a criança ou adolescente, assim como as pessoas encarregadas de sua guarda (*lato sensu*) ou vigilância. Para caracterização da infração aqui tipificada, em tese, não há

necessidade de que o agente use de violência ou grave ameaça (tal qual ocorre com o tipo penal previsto no art. 146, do CP), dada "ascendência" natural que o mesmo exerce em relação à criança ou adolescente. Vale dizer que é perfeitamente admissível o concurso material entre este e outros crimes tipificados no ECA ou na Lei Penal. Neste sentido: *AGRAVO REGIMENTAL EM CONFLITO NEGATIVO DE COMPETÊNCIA. JUSTIÇA ESTADUAL E JUIZADO ESPECIAL CRIMINAL. DENÚNCIA QUE ACUSA MÃE DE MENOR DE SUBMETÊ-LA A VEXAME E CONSTRANGIMENTO E MAUS TRATOS (ART. 136, CAPUT DO CPB E 232 DA LEI 8.069/90). PRETENSÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO DE ALTERAR A TIPIFICAÇÃO FEITA NA INICIAL E DE DECLARAÇÃO DE NULIDADE DO PROCESSO POR AUSÊNCIA DE FUNDAMENTAÇÃO DA DECISÃO QUE ACOLHEU A REFERIDA TIPIFICAÇÃO. INADMISSIBILIDADE. CONCURSO DE CRIMES. COMPETÊNCIA DEFINIDA PELA SOMA DAS PENAS MÁXIMAS COMINADAS AOS DELITOS. JURISPRUDÊNCIA DESTE STJ. REGIMENTAL DESPROVIDO. 1. Subsumindo-se a conduta, em tese, à capitulação legal dada pelo 'Parquet' Estadual ao oferecer a denúncia, não pode ser acolhida a pretensão da douta e diligente Defensoria Pública de anulação da Ação Penal. Cabe ao Juízo competente, no decorrer da Ação Penal, verificar a procedência das alegações, para formar o seu convencimento sobre eventual condenação ou absolvição ou, mesmo, corrigir eventual capitulação legal feita pela acusação; ademais, como cediço, o acusado defende-se dos fatos que lhe são imputados, e não da tipificação feita na denúncia. 2. Nova audiência e tentativa de intimação das partes deverá ser realizada pela Justiça Estadual. Tais providências poderão ser requeridas pela Defensoria atuante em primeiro grau de jurisdição, que, por estar mais perto dos fatos, terá condições de encaminhar o processo na defesa dos interesses da denunciada e de sua filha, que, no caso, é a própria vítima. 3. O fato é que, como bem frisou a decisão agravada, no caso de concurso de crimes, a pena considerada para fins de fixação da competência do Juizado Especial Criminal será o resultado da soma, no caso de concurso material, ou a exasperação, na hipótese de concurso formal ou crime continuado, das penas máximas cominadas aos delitos; destarte, se desse somatório resultar um apenamento superior a 02 (dois) anos, fica afastada a competência do Juizado Especial. 4. Agravo Regimental desprovido.* (STJ. 3ª T. Ag.Rg. no CC nº 92014/MG. Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho. J. em 14/05/2008).

Art. 233. (Revogado pela Lei nº 9.455, de 07/04/1997) **[974]**.

974 O dispositivo original tratava do crime de tortura praticado contra criança ou adolescente. Vide art. 1º, §4º, inciso II, da Lei nº 9.455/1997 (com a nova redação que lhe deu a Lei nº 10.741/2003), que define o crime de *tortura* e prevê um *aumento de pena* de 1/6 (um sexto) a 1/3 (um terço), "*se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de 60 (sessenta) anos*" (grifamos). O crime outrora tipificado pelo art. 233, do ECA, é hoje previsto pelo art. 1º, §4º, inciso II, da Lei nº 9.455/1997. Neste sentido: *PENAL. PROCESSUAL PENAL. HABEAS CORPUS. CRIME DE TORTURA CONTRA ADOLESCENTE. LEI N.º 8.069/90 - ECA. SUPERVENIÊNCIA DA LEI Nº 9.455/97. 'ABOLITIO CRIMINIS'. INOCORRÊNCIA. ULTRATIVIDADE DA LEI MAIS BENÉFICA. Em matéria penal, a nova lei que redefine a conduta criminal, editada no curso do processo, não provoca o fenômeno da 'abolitio criminis', ensejando, todavia, a ultratividade da lei penal antiga mais benigna. Embora o art. 233 da Lei nº 8.069/90 (ECA), que tipificava o crime de tortura contra menores, tenha sido revogado pelo art. 4º da Lei nº 9.455/97, esta conduta recebeu definição criminal neste novo diploma legal, de forma mais gravosa, impondo-se, portanto, a aplicação da lei anterior, mais benéfica. Recurso ordinário desprovido.* (STJ. 6ª T. RHC nº 10049/CE. Rel. Min. Vicente Leal. J. em 06/12/2001); e *CRIMINAL. HC. TORTURA. ART. 233 DO ECA. INDÍCIOS DE*

CRIME EVIDENCIADOS DURANTE VISITA DE INSPEÇÃO REALIZADA POR PROMOTORES DA CURADORIA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE EM ENTIDADE DE INTERNAÇÃO DE MENORES. DENÚNCIA POR ÓRGÃO DIVERSO DO PARQUET. PROVA TESTEMUNHAL. VALIDADE. SERVIDOR PÚBLICO. ADMINISTRAÇÃO ESTADUAL. COMPETÊNCIA DA JUSTIÇA ESTADUAL. RITO DO ART. 514 DO CÓDIGO DE PROCESSO PENAL. INAPLICABILIDADE. ORDEM DENEGADA. I. Hipótese em que os Curadores da Infância e da Juventude tiveram notícia, por meio de ofício encaminhado por Juiz de Direito, da prática de crimes contra menores internados em entidade pública, motivo pelo qual realizaram visita de inspeção na entidade e, posteriormente, constatando a ocorrência de crimes, encaminharam ao Órgão do Ministério Público com atribuição para propor a denúncia os documentos que evidenciavam a ocorrência dos delitos. II. Conforme a inteligência do art. 201, §5º, do ECA, em sua atuação pelo efetivo respeito aos direitos e garantias assegurados às crianças e adolescentes, prevista nos artigos 129, II, da Constituição Federal, e 201, VIII, do Estatuto da Criança e do Adolescente, o Ministério Público pode instaurar o procedimento adequado para apuração das denúncias, seja o inquérito civil, seja uma sindicância, seja um procedimento inominado, além de presidir o procedimento investigatório, nele efetuando requisições, diligências, perícias, exames, visitas ou vistorias. III. A denúncia foi firmada por outro Promotor que não atuou na visita de inspeção - Promotor de Justiça com atuação perante as Varas Criminais -, o qual analisou os elementos de convicção coletados, formando a sua própria opinio delictis, para depois dar início à persecução penal em juízo. IV. A prova testemunhal obtida pelo depoimento dos Curadores da Infância e da Juventude não se desqualifica tão-só porque os mesmos atuaram na inspeção, do mesmo modo que são válidos, em princípio, os testemunhos dos agentes policiais. V. São de competência da justiça comum os delitos praticados por servidor público cujo exercício da função ocorre em entidade que integra a Administração Pública Estadual. VI. O paciente exercia o cargo de Assistente da Diretoria da Escola João Luiz Alves, estabelecimento que não se insere no âmbito da Administração Pública Federal, mas sim no âmbito da Administração do Estado do Rio de Janeiro, integrando o Departamento Geral de Ação Sócio-Educativa - DEGASE, vinculado à Secretaria de Estado da Justiça daquela Unidade da Federação. VII. O procedimento especial previsto nos art. 514 e seguintes do Código de Processo Penal aplica-se a todos os crimes funcionais afiançáveis, ficando excluídos os inafiançáveis. VIII. O crime previsto no art. 233 do Estatuto da Criança e do Adolescente (atualmente art. 1º, inciso II, da Lei n.º 9.455/97) não é afiançável, não havendo nulidade pela falta de intimação do réu para apresentação de defesa preliminar. IX. Ordem denegada. (STJ. 5ª T. HC nº 38489/RJ. Rel. Min. Gilson Dipp. J. em 12/04/2005).

Art. 234. Deixar a autoridade competente, sem justa causa, de ordenar a imediata liberação de criança ou adolescente, tão logo tenha conhecimento da ilegalidade da apreensão **[975]**:

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

975 Vide art. 5º, inciso LXI, da CF; arts. 106, *caput,* 107, par. único, 108, par. único e 174, *caput*, primeira parte, do ECA. O crime terá como sujeitos ativos tanto a autoridade policial quanto a autoridade judiciária. Vale lembrar que, seja qual for o ato infracional praticado e mesmo quando perfeito o flagrante, a *regra* será a *colocação do adolescente em liberdade*, inclusive pela própria autoridade policial, independentemente de ordem judicial.

Art. 235. Descumprir, injustificadamente, prazo fixado nesta Lei em benefício de adolescente privado de liberdade [976]:

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

976 Vide Instrução Normativa nº 02/2009, de 03/11/2009, do Conselho Nacional de Justiça/Corregedoria Nacional de Justiça. Os prazos a que se refere o dispositivo são: arts. 108, *caput* e 183 (internação provisória - 45 dias), 121, §2º (reavaliação judicial da necessidade de continuidade da medida de internação - no máximo a cada 06 meses), 121, §3º c/c 122, incisos I e II (período máximo de duração da medida de internação socioeducativa - 03 anos), 121, §5º (liberação compulsória - quando o jovem completar 21 anos), 122, inciso III c/c §1º (período máximo de duração da internação por descumprimento de medida anteriormente imposta - 03 meses), 175, §1º (encaminhamento do adolescente apreendido ao MP - 24 horas), 185, §2º (transferência de adolescente apreendido da repartição policial para entidade própria para adolescentes - 05 dias). Atentar para o fato de os referidos prazos serem computados do dia em que o adolescente é apreendido (inclusive), não podendo ser em hipótese alguma dilatados ou prorrogados.

Art. 236. Impedir ou embaraçar a ação de autoridade judiciária, membro do Conselho Tutelar ou representante do Ministério Público no exercício de função prevista na Lei [977]:

Pena - detenção de seis meses a dois anos.

977 Vide arts. 95, 136, 139, 148 e 201, do ECA. Vale notar que constitui o mesmo crime impedir ou embaraçar a ação tanto da autoridade judiciária quanto de membro do Conselho Tutelar, o que reafirma o *status* de *autoridade pública* que este possui, instituído na já mencionada perspectiva de "desjudicializar" e agilizar o atendimento à criança e ao adolescente.

Art. 237. Subtrair criança ou adolescente ao poder de quem o tem sob sua guarda em virtude de lei ou ordem judicial [978], com o fim de colocação em lar substituto [979]:

Pena - reclusão de dois a seis anos, e multa.

978 Vide arts. 30, 33, 36, par. único e 50, §13, inciso III, do ECA e art. 1634, inciso II, do CC. Vide também art. 249, do CP.

979 Para caracterização do tipo penal previsto neste dispositivo é necessária a presença de *dolo específico*, ou seja, a subtração da criança ou adolescente deve ter por objetivo a colocação em lar substituto.

Art. 238. Prometer ou efetivar a entrega de filho ou pupilo a terceiro, mediante paga ou recompensa [980]:

Pena - reclusão de um a quatro anos, e multa.

Parágrafo único. Incide nas mesmas penas quem oferece ou efetiva a paga ou recompensa.

980 Vide art. 35, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 245, *caput* e §1º, CP e arts. 8º, §5º, 13, par. único e 50, §13, inciso III, do ECA. O STJ já decidiu que o conceito de "filho", para fins de tipificação do disposto no art. 238, do ECA, abrange o nascituro, sendo necessário, no entanto, que a

oferta ou promessa seja efetuada a pessoa determinada, e não de maneira genérica. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. CRIME DE PROMESSA DE ENTREGA DE FILHO MEDIANTE PAGA OU RECOMPENSA. O VOCÁBULO "FILHO", EMPREGADO NO TIPO PENAL DO ART. 238 DA LEI 8.069/90, ABRANGE TANTO OS NASCIDOS COMO OS NASCITUROS. TODAVIA, A PROPOSTA GENERICA, SEM ENDEREÇO CERTO, SEM VINCULO DE QUALQUER NATUREZA ENTRE A PROMITENTE E TERCEIRA PESSOA QUE SE PROPONHA A REALIZAR A CONDIÇÃO, E ATO UNILATERAL IMPERFEITO, SEM MAIORES CONSEQUÊNCIAS, QUE NÃO PREENCHE OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DO TIPO EM EXAME. RECURSO ESPECIAL NÃO CONHECIDO*. (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 48119/RS. Rel. Min. Assis Toledo. J. em 20/03/1995).

Art. 239. Promover ou auxiliar a efetivação de ato destinado ao envio de criança ou adolescente para o exterior com inobservância das formalidades legais **[981]** ou com o fito de obter lucro **[982]**:

Pena - reclusão de quatro a seis anos, e multa.

Parágrafo único. Se há emprego de violência, grave ameaça ou fraude **[983]**:

Pena - reclusão, de 6 (seis) a 8 (oito) anos, além da pena correspondente à violência **[984]**.

981 Vide arts. 31, 52, §8º, 84 e 85, do ECA.

982 Vide Princípio 9º, segunda parte, da Declaração dos Direitos da Criança, de 1959; arts. 11 e 35, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; Dec. Legislativo nº 230/2003, de 29/05/2003, que aprovou o texto do Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança referente à venda de crianças, à prostituição infantil e à pornografia infantil, adotado em Nova Iorque em 25/05/2000, promulgado pelo Decreto nº 5007/2004, de 02/03/2004 e o Dec. Legislativo nº 231/2003, de 29/05/2003, que aprova o texto do Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças, adotado em Nova Iorque em 15/11/2000, promulgado pelo Decreto nº 5007/2004, de 02/03/2004. Vide também o Decreto nº 2.740/1998, de 20/08/1998, que promulgou a Convenção Interamericana sobre Tráfico Internacional de Menores, assinada na Cidade do México em 18/03/1994 e Decreto nº 3.413/2000, de 14/04/2000, que promulgou a Convenção sobre os Aspectos Civis do Sequestro Internacional de Crianças, concluída na cidade de Haia, em 25/10/1980. Conforme já decidiu o STJ, a competência para processar e julgar o crime somente será da Justiça Federal se ficar demonstrada a ocorrência de tráfico internacional. Neste sentido: *PROCESSUAL PENAL. CONFLITO NEGATIVO DE COMPETÊNCIA. SEQUESTRO. ART. 239 DO ECA. PROVA. Se, ao término da instrução, não há prova do tráfico internacional, a competência é da Justiça Comum Estadual. Conhecido o conflito, competente o Juízo Suscitado.* (STJ. 3ª Seção. CC nº 24821/BA. Rel. Min. Felix Fischer. J. em 14/04/1999). Importante destacar, por fim, que se o envio da criança ou adolescente para o exterior tem por objetivo a exploração sexual, restará caracterizado o crime do art. 231, §2º, inciso I, do ECA.

983 Dispositivo incluído pela Lei nº 10.764/2003, de 12/11/2003.

984 Vide art. 69, do CP.

Art. 240. Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente [985]:

Pena - reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa.

§ 1º. Incorre nas mesmas penas quem agencia, facilita, recruta, coage, ou de qualquer modo intermedeia a participação de criança ou adolescente nas cenas referidas no *caput* deste artigo, ou ainda quem com esses contracena.

§ 2º. Aumenta-se a pena de 1/3 (um terço) se o agente comete o crime:

I - no exercício de cargo ou função pública ou a pretexto de exercê-la;

II - prevalecendo-se de relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade; ou

III - prevalecendo-se de relações de parentesco consanguíneo ou afim até o terceiro grau, ou por adoção, de tutor, curador, preceptor, empregador da vítima ou de quem, a qualquer outro título, tenha autoridade sobre ela, ou com seu consentimento [986].

985 Nova redação dada pela Lei nº 11.829/2008, de 25/11/2008. Vide art. 34, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 227, §4º, da CF. Vide também o Dec. Legislativo nº 230/2003, de 29/05/2003, que aprovou o texto do Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança referente à venda de crianças, à prostituição infantil e à pornografia infantil, adotado em Nova Iorque em 25 de maio de 2000, promulgado pelo Decreto nº 5007/2004, de 02/03/2004. As alterações promovidas à redação original do art. 240, do ECA, pela Lei nº 11.829/2008 não importam em *abolitio criminis* e nem excluem a reprovabilidade da conduta. O simples ato de fotografar criança ou adolescente em cena de sexo explícito ou pornográfica já caracteriza o crime neste artigo tipificado. Neste sentido: *RECURSO ESPECIAL. REEXAME DE MATÉRIA FÁTICA. DISSÍDIO JURISPRUDENCIAL. AUSÊNCIA DE REQUISITOS. NÃO CONHECIMENTO. VIOLAÇÃO DOS ARTS. 240 E 241 DO ECA. ATIPICIDADE NÃO CARACTERIZADA. Fica caracterizada a impossibilidade de análise da caracterização do crime de concussão e da existência de concurso material com relação ao crime previsto no art. 240 do ECA; havendo necessidade de reexame de provas, inadmissível em face de recurso especial. Violação dos arts. 240 e 241 do ECA. Não se pode falar em violação dos dispositivos referidos, pois a alteração da redação dos mesmos pela Lei 10.764 não exclui o delito de fotografar crianças e adolescentes, mas ampliou o rol que configura o crime. Recurso parcialmente conhecido e desprovido*. (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 704744/RN. Rel. Min. José Arnaldo da Fonseca. J. em 26/04/2005); e *PENAL E PROCESSUAL PENAL. RESP. ECA. ART. 241 DO ECA. FOTOGRAFIA. DENÚNCIA. INÉPCIA. PARTICIPAÇÃO DE SOMENOS. ONUS PROBANDI. MENOR FOTOGRAFADA. I. Não é inepta a exordial acusatória que, permitindo a ampla defesa de cada acusado, descreve situação que se ajusta a um modelo de conduta proibida. A pormenorização só é obrigatória quando concretamente relevante em termos processuais. Na hipótese de concurso eventual, em que há adesão e convergência de atuações, tal se mostra, em princípio, despiciendo. II. Na hipótese dos delitos previstos no ECA é de se atentar para o disposto no art. 18 (conforme o caso, c/c o art. 13, § 2º, alínea a do CP). III. Na hipótese do art. 241 do ECA, a expressão "cena" não se confunde com a do art. 240. Esta distinção permaneceu mesmo após a edição da alteração realizada pela Lei nº 10.764/03. IV. Recurso desprovido. Extinta a punibilidade pela prescrição superveniente (prescrição da pretensão punitiva) em relação aos réus-recorrentes C.N.M. e L.S.M.* (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 665508/AP. Rel. Min. Felix Fischer. J. em 07/12/2004).

986 A lei pune com maior rigor aqueles que, prevalecendo-se de sua função ou da relação de parentesco ou proximidade com a criança ou adolescente, a induz à prática das condutas que o dispositivo visa coibir. Em qualquer caso, o eventual "consentimento" da vítima e/ou o fato de já ter se envolvido em situações similares no passado é absolutamente irrelevante para caracterização do crime.

Art. 241. Vender ou expor à venda fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente [987]:

Pena - reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa.

987 Nova redação dada pela Lei nº 11.829/2008, de 25/11/2008. Vide art. 34, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 227, §4º, da CF. Vide também o Dec. Legislativo nº 230/2003, de 29/05/2003, que aprovou o texto do Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança referente à venda de crianças, à prostituição infantil e à pornografia infantil, adotado em Nova Iorque em 25 de maio de 2000, promulgado pelo Decreto nº 5007/2004, de 02/03/2004. Vale dizer que o Juízo competente para processar e julgar o crime tipificado no art. 241, do ECA, é o Juízo do local onde ocorreu a publicação das imagens pedófilo-pornográficas envolvendo crianças e adolescentes, e não o do local onde está situado o provedor que dá acesso à *internet*, ou onde ocorreu sua efetiva visualização pelos usuários. Neste sentido: *CONFLITO NEGATIVO DE COMPETÊNCIA. OPERAÇÃO CARROSSEL. ASSEGURAÇÃO DE ACESSO, NA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES OU INTERNET, DE IMAGENS, FOTOGRAFIAS E CENAS PORNOGRÁFICAS ENVOLVENDO CRIANÇAS OU ADOLESCENTES (ART. 241, §1º, III DO ECA). PRISÃO EM FLAGRANTE OCORRIDA EM SÃO PAULO. LIBERDADE PROVISÓRIA. JUÍZO COMPETENTE. LOCAL DA CONSUMAÇÃO DO DELITO. PRECEDENTE DA 3ª. SEÇÃO DESTE STJ. CONFLITO CONHECIDO, PARA DECLARAR A COMPETÊNCIA DO JUÍZO FEDERAL DE SÃO PAULO, ORA SUSCITADO. 1. A 3ª. Seção desta Corte Superior de Justiça já teve oportunidade de apreciar a tese referente à consumação do delito previsto no art. 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente, afirmando que aquela ocorre no ato de publicação das imagens pedófilo-pornográficas, sendo indiferente a localização do provedor de acesso á rede mundial de computadores onde tais imagens encontram-se armazenadas ou a sua efetiva visualização pelos usuários (CC 29.886/SP, Rel. Min. MARIA THEREZA DE ASSIS MOURA, DJU 12.12.07). 2. Na hipótese, assim como no precedente supra citado, não se constatou conexão probatória entre as condutas dos diferentes investigados que justificasse a aplicação da regra de qualquer dos incisos do art. 76 ou 78, II, c, ambos do CPB, que disciplinam a competência por conexão e prevenção, cuidando-se de condutas autônomas, praticados por agentes distintos. 3. Parecer do MPF pela competência do Juízo suscitado. 4. Conflito conhecido, para declarar a competência do Juízo Federal de São Paulo, o suscitado.* (STJ. 3ª Seção. CC nº 94423/DF. Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho. J. em 25/05/2008). Importante também o registro de que, quando a troca de material pornográfico envolvendo criança ou adolescente é feita entre pessoas residentes no Brasil, a competência para processar e julgar o crime é da *Justiça Estadual*. Neste sentido: *CONFLITO NEGATIVO DE COMPETÊNCIA. ATENTADO VIOLENTO AO PUDOR COM VIOLÊNCIA PRESUMIDA (ART. 214 C/C ART. 224, A E 226, II DO CPB). TROCA DE MENSAGENS ENTRE PESSOAS RESIDENTES NO PAÍS, PELA INTERNET, COM CONTEÚDO PORNOGRÁFICO ENVOLVENDO CRIANÇA. ART. 241, CAPUT DA LEI 8.069/90. AFASTAMENTO DA COMPETÊNCIA DA JUSTIÇA FEDERAL. INTELIGÊNCIA DO ART.109, V DA CF. PRECEDENTES DO STJ. PARECER DO MPF PELA COMPETÊNCIA DA JUSTIÇA ESTADUAL. CONFLITO DE COMPETÊNCIA CONHECIDO PARA DECLARAR A COMPETÊNCIA DO JUÍZO ESTADUAL SUSCITANTE. 1. Comprovado que o crime*

de divulgação de cenas pornográficas envolvendo criança não ultrapassou as fronteiras nacionais, restringindo-se a uma comunicação eletrônica entre duas pessoas residentes no Brasil, a competência para julgar o processo é da Justiça Estadual. Inteligência do art. 109, V, da CF. Precedentes do STJ. 2. Conflito de competência conhecido, para declarar a competência do Juízo de Direito da 3ª Vara Criminal de Osasco/SP, o suscitante, em consonância com o parecer do douto MPF. (STJ. 3ª Seção. CC nº 99.133/SP. Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho. J. em 05/12/2008).

Art. 241-A. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente **[988]**:

Pena - reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.

§ 1º. Nas mesmas penas incorre quem:

I - assegura os meios ou serviços para o armazenamento das fotografias, cenas ou imagens de que trata o *caput* deste artigo;

II - assegura, por qualquer meio, o acesso por rede de computadores às fotografias, cenas ou imagens de que trata o *caput* deste artigo.

§ 2º. As condutas tipificadas nos incisos I e II do § 1º deste artigo são puníveis quando o responsável legal pela prestação do serviço, oficialmente notificado, deixa de desabilitar o acesso ao conteúdo ilícito de que trata o *caput* deste artigo.

988 Acrescido pela Lei nº 11.829/2008, de 25/11/2008. Vide art. 34, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989; art. 227, §4º, da CF. Vide também o Decreto Legislativo nº 230/2003, de 29/05/2003, que aprovou o texto do Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança referente à venda de crianças, à prostituição infantil e à pornografia infantil, adotado em Nova Iorque em 25 de maio de 2000, promulgado pelo Decreto nº 5007/2004, de 02/03/2004. Sobre a matéria, vale transcrever trecho do seguinte julgado do E. Superior Tribunal de Justiça: ...*VI. Se os recorridos trocaram fotos pornográficas envolvendo crianças e adolescentes através da internet, resta caracterizada a conduta descrita no tipo penal previsto no art. 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente, uma vez que permitiram a difusão da imagem para um número indeterminado de pessoas, tornando-as públicas, portanto. VII. Para a caracterização do disposto no art. 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente, 'não se exige dano individual efetivo, bastando o potencial. Significa não se exigir que, em face da publicação, haja dano real à imagem, respeito à dignidade etc. de alguma criança ou adolescente, individualmente lesados. O tipo se contenta com o dano à imagem abstratamente considerada.'. VIII. O Estatuto da Criança e do Adolescente garante a proteção integral a todas as crianças e adolescentes, acima de qualquer individualização.* (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 617221/RJ. Rel. Min. Gilson Dipp. J. em 19/10/2004). Vale destacar que se as imagens foram trocadas entre pessoas residentes no Brasil, a competência para processar e julgar o crime será da Justiça Estadual. Neste sentido: *CONFLITO DE COMPETÊNCIA. DIREITO PROCESSUAL PENAL. ARTIGO 241, CAPUT, DA LEI Nº 8.069/90. DIVULGAÇÃO. CRIME PRATICADO NO TERRITÓRIO NACIONAL POR MEIO DE PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA ENTRE DUAS PESSOAS. COMPETÊNCIA DA JUSTIÇA ESTADUAL. 1. 'Aos juízes federais compete processar e julgar: os crimes previstos em tratado ou convenção internacional, quando, iniciada a execução no País, o resultado tenha ou devesse ter ocorrido no estrangeiro, ou reciprocamente.' (Constituição*

Federal, artigo 109, inciso V). 2. Em se evidenciando que os crimes de divulgação de fotografias e filmes pornográficos ou de cenas de sexo explícito envolvendo crianças e adolescentes não se deram além das fronteiras nacionais, restringindo-se a uma comunicação eletrônica entre duas pessoas residentes no Brasil, não há como afirmar a competência da Justiça Federal para o processo e julgamento do feito. 3. Conflito conhecido, para declarar competente o Juízo Estadual suscitante. (STJ. 3ª Seção. CC nº 57411/RJ. Rel. Min. Hamilton Carvalhido. J. em 13/02/2008). Em se tratando de divulgação de imagem em *site* de relacionamento, no entanto, dada abrangência da divulgação, que potencialmente extrapola o âmbito do território nacional, a competência para processar e julgar o crime em questão passa a ser da Justiça Federal. Neste sentido: *CONFLITO NEGATIVO DE COMPETÊNCIA. PENAL E PROCESSO PENAL. DIVULGAÇÃO DE IMAGENS PORNOGRÁFICAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES POR MEIO DA INTERNET. CONDUTA QUE SE AJUSTA ÀS HIPÓTESES PREVISTAS NO ROL TAXATIVO DO ART. 109 DA CF. COMPETÊNCIA DA JUSTIÇA FEDERAL. 1. Este Superior Tribunal de Justiça tem entendido que só o fato de o crime ser praticado pela rede mundial de computadores não atrai a competência da Justiça Federal. 2. A competência da Justiça Federal é fixada quando o cometimento do delito por meio eletrônico se refere à infrações previstas em tratados ou convenções internacionais, constatada a internacionalidade do fato praticado (art. 109, V, da CF), ou quando a prática de crime via internet venha a atingir bem, interesse ou serviço da União ou de suas entidades autárquicas ou empresas públicas (art. 109, IV, da CF). 3. No presente caso, há hipótese de atração da competência da Justiça Federal, uma vez que o fato de haver um usuário do Orkut, supostamente praticando delitos de divulgação de imagens pornográficas de crianças e adolescentes, configura uma das situações previstas pelo art. 109 da Constituição Federal. 4. Além do mais, é importante ressaltar que a divulgação de imagens pornográficas, envolvendo crianças e adolescentes por meio do Orkut, provavelmente não se restringiu a uma comunicação eletrônica entre pessoas residentes no Brasil, uma vez que qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, desde que conectada à internet e pertencente ao dito sítio de relacionamento, poderá acessar a página publicada com tais conteúdos pedófilos-pornográficos, verificando-se, portanto, cumprido o requisito da transnacionalidade exigido para atrair a competência da Justiça Federal. 5. Conflito conhecido para declarar competente o Juízo da Vara Federal e Juizado Especial Federal de Pato Branco - SJ/PR, ora suscitado.* (STJ. 6ª T. CC nº 111338/TO. Rel. Min. OG Fernandes. J. em 23/06/2010) e *Agravo regimental no recurso extraordinário. Matéria Criminal. Competência da Justiça Federal. Artigo 109, inciso V, da Constituição Federal. Transnacionalidade do delito. Inocorrência. Precedentes. 1. A jurisprudência desta Corte assentou-se no sentido de que o crime de disseminação de material que contenha pornografia infantil, art. 241-A, do Estatuto da Criança e do Adolescente, somente compete à Justiça Federal quando verificado acesso além das fronteiras nacionais. 2. Agravo regimental não provido*. (STF. 1ª T. RE nº 612030 AgR/SC. Rel. Min. Dias Toffoli. J. em 22/02/2011).

Art. 241-B. Adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente **[989]**:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 1º. A pena é diminuída de 1 (um) a 2/3 (dois terços) se de pequena quantidade o material a que se refere o *caput* deste artigo.

§ 2º. Não há crime se a posse ou o armazenamento tem a finalidade de comunicar às autoridades competentes a ocorrência das condutas descritas nos arts. 240, 241, 241-A e 241-C desta Lei, quando a comunicação for feita por:

I - agente público no exercício de suas funções;

II - membro de entidade, legalmente constituída, que inclua, entre suas finalidades institucionais, o recebimento, o processamento e o encaminhamento de notícia dos crimes referidos neste parágrafo;

III - representante legal e funcionários responsáveis de provedor de acesso ou serviço prestado por meio de rede de computadores, até o recebimento do material relativo à notícia feita à autoridade policial, ao Ministério Público ou ao Poder Judiciário.

§ 3º. As pessoas referidas no §2º deste artigo deverão manter sob sigilo o material ilícito referido.

989 Acrescido pela Lei nº 11.829/2008, de 25/11/2008. Vide art. 34, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. A lei passa a criminalizar a simples *posse* de material pornográfico envolvendo criança ou adolescente, sob qualquer forma, visando assim coibir a ação de pessoas mantém tais registros para uso próprio.

Art. 241-C. Simular a participação de criança ou adolescente em cena de sexo explícito ou pornográfica por meio de adulteração, montagem ou modificação de fotografia, vídeo ou qualquer outra forma de representação visual **[990]**:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas quem vende, expõe à venda, disponibiliza, distribui, publica ou divulga por qualquer meio, adquire, possui ou armazena o material produzido na forma do *caput* deste artigo.

990 Acrescido pela Lei nº 11.829/2008, de 25/11/2008. Vide art. 241-E, do ECA e art. 34, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. Vale notar que, para caracterização do crime tipificado neste artigo, sequer é necessário a prática *real* de sexo com criança ou adolescente. Basta a simples *simulação* de tal prática, ainda que por intermédio de *montagem* ou *edição* de cenas e imagens. O objetivo da norma é desestimular toda e qualquer produção de imagens pornográficas envolvendo crianças ou adolescentes.

Art. 241-D. Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso **[991]**:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

Parágrafo único. Nas mesmas penas incorre quem:

I - facilita ou induz o acesso à criança de material contendo cena de sexo explícito ou pornográfica com o fim de com ela praticar ato libidinoso;

II - pratica as condutas descritas no *caput* deste artigo com o fim de induzir criança a se exibir de forma pornográfica ou sexualmente explícita.

991 Acrescido pela Lei nº 11.829/2008, de 25/11/2008. Vide arts. 2º, *caput* e 5º, do ECA e art. 34, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. O

dispositivo merece crítica por se referir apenas a *crianças*, não havendo a tipificação do crime quando as condutas aqui descritas envolverem *adolescentes*. É possível, no entanto, que as mesmas venham a caracterizar outros crimes, previstos no próprio ECA ou em outras leis, valendo observar, em especial, o disposto no art. 217-A, do CP (com a redação que lhe deu a Lei nº 12.015/2009), que considera "estupro" a prática de qualquer ato libidinoso com menor de 14 (quatorze) anos.

Art. 241-E. Para efeito dos crimes previstos nesta Lei, a expressão "cena de sexo explícito ou pornográfica" compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou exibição dos órgãos genitais de uma criança ou adolescente para fins primordialmente sexuais **[992]**.

992 Acrescido pela Lei nº 11.829/2008, de 25/11/2008. Ao definir, de maneira expressa, o que deve ser entendido como "*cena de sexo explício ou pornográfica*", o legislador quis evitar possíveis dúvidas quanto ao alcance da norma proibitiva, que deve ser o mais abrangente possível, em observância do disposto nos arts. 1º, 5º, 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA.

Art. 242. Vender, fornecer ainda que gratuitamente ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente arma, munição ou explosivo **[993]**:

Pena - reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos.

993 Nova redação dada pela Lei nº 10.764/2003, de 12/11/2003. Vide também o disposto no art. 13, da Lei nº 10.826/2003, de 22/12/2003, segundo o qual: "*Deixar de observar as cautelas necessárias para impedir que menor de 18 (dezoito) anos ou pessoa portadora de deficiência mental se apodere de arma de fogo que esteja sob sua posse ou que seja de sua propriedade*" caracteriza, em tese, *crime punível com detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos, e multa*. A Lei nº 10.826/2003, aliás, em seu art. 16, par. único, inciso V, também considera crime, punível de 03 (três) a 06 (seis) anos de reclusão, e multa, "*vender, entregar ou fornecer, ainda que gratuitamente, arma de fogo, acessório, munição ou explosivo a criança ou adolescente*". Quer nos parecer, portanto, que o art. 242, do ECA foi tacitamente *revogado* pelo citado art. 16, par. único, da Lei nº 10.826/2003, que além de se tratar de lei *posterior*, estabelece um tratamento mais rigoroso ao agente, por incluir a multa como pena a ser também aplicada, conjuntamente com a privativa de liberdade, prevendo ainda em seu art. 21 que tal infração é "*insuscetível de liberdade provisória*".

Art. 243. Vender, fornecer ainda que gratuitamente, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente, sem justa causa, produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica, ainda que por utilização indevida **[994]**:

Pena - detenção de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa, se o fato não constitui crime mais grave **[995]**.

994 Vide art. 33, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989 e art. 81, incisos II e III, do ECA. Trata-se de um *tipo penal aberto*, subsidiário ao contido nos arts. 1º, par. único c/c 33, da Lei nº 11.343/2006, posto que somente aplicável a substâncias que não são consideradas "drogas ilícitas" (não constantes da Portaria do Ministério da Saúde - DIMED). Foi criada justamente

para permitir a punição daqueles que fornecem a crianças e adolescentes produtos tais como *thinner* e outros solventes, "cola de sapateiro" e outros inalantes, que *por utilização indevida*, podem causar dependência física ou psíquica. A rigor aqui também são enquadrados o *cigarro* comum (pois a nicotina nele contida comprovadamente pode causar dependência) e a *bebida alcoólica*. Em que pese alguns julgados excluírem as bebidas alcoólicas do rol de substâncias cuja venda ou fornecimento caracterizaria o crime tipificado neste artigo, semelhante entendimento, *data venia*, não é razoável nem correto, haja vista que jamais foi a intenção do legislador tal exclusão. Desnecessário dizer que seria um verdadeiro contra-senso criminalizar o fornecimento de um simples *cigarro comum* (tal qual permite o dispositivo) e considerar que o fornecimento de bebida alcoólica caracterizaria mera contravenção penal (cf. art. 63, inciso I, do Dec. Lei nº 3.688/1941 - LCP). Vale lembrar que todas as disposições contidas no ECA, inclusive as relativas aos crimes praticados contra crianças e adolescentes, devem ser invariavelmente interpretadas e aplicadas da forma que melhor assegurem a *proteção integral* prometida já no art. 1º estatutário, *punindo* da maneira mais rigorosa e eficaz aqueles que violam seus direitos, *ex vi* do disposto no art. 5º, do mesmo Diploma Legal. Importante observar que o crime somente é punível a título de *dolo*, ou seja, o agente deve ter consciência de que está fornecendo a substância a criança ou adolescente e que este a utilizará como entorpecente (cf. art. 18, inciso I, do CP). Sobre a matéria: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. MEDIDAS DE CARÁTER PROTECIONISTA. VENDA DE BEBIDA ALCOÓLICA A MENORES. INFRAÇÃO AO ART. 243 DO ESTATUTO. Cumpre ressaltar o caráter protecionista do E.C.A. que prevê, no seu art. 70, ser dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente. Infringe o art. 243 do Estatuto da Criança e do Adolescente o comerciante que vende bebida alcoólica a menores, agindo de forma negligente ao não pedir documentos de identidade aos adolescentes.* (TJMG. 1ª C. Crim. Ap. Crim. nº 1.0335.03.900298-5/001. Rel. Des. Sérgio Braga. J. em 27/04/2004); *APELAÇÃO CÍVEL. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. VENDA DE BEBIDA ALCOÓLICA A MENOR. REINCIDÊNCIA. PARCELAMENTO DA MULTA NÃO CONFERIDO. 1. A venda de bebidas alcoólicas a criança ou adolescente é crime, por tratar-se de produto que causa dependência, conforme norma prevista no art. 243 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Tal infração é sancionada com pena de multa ou até fechamento do estabelecimento. 2. Não merece parcelamento o valor sancionado, posto que verificada a reincidência, bem como por restar incomprovado que o infrator não possui condições de arcar com o pagamento da forma arbitrada pelo julgador. Apelo conhecido e improvido.* (TJGO. 3ª C. Cív. Ap. Cív. nº 53691-5/188. Rel. Des. Geraldo Deusimar Alencar. J. em 19/10/2000); e *APELAÇÃO CRIMINAL - ARTIGO 243 DA LEI Nº 8.069/90 (ECA) - FORNECIMENTO DE CIGARRO À FILHA MENOR - PRODUTO CUJOS COMPONENTES PODEM CAUSAR DEPENDÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA - ALEGADA AUSÊNCIA DE MATERIALIDADE DELITIVA AFASTADA - EXISTÊNCIA DE PROVAS DO DELITO - SENTENÇA INTEGRALMENTE CONFIRMADA - RECURSO CONHECIDO E NÃO PROVIDO*. (TJPR - 5ª C. Crim. - AC nº 902097-9, de São João do Ivaí. Rel.: Des. Raul Vaz da Silva Portugal - Unânime - J. em 30/08/2012).

995 Nova redação dada pela Lei nº 10.764/2003, de 12/11/2003.

Art. 244. Vender, fornecer ainda que gratuitamente ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente fogos de estampido ou de artifício, exceto aqueles que, pelo seu reduzido potencial, sejam incapazes de provocar qualquer dano físico em caso de utilização indevida **[996]**:

Pena - detenção de seis meses a dois anos, e multa.

996 Vide arts. 70 e 81, inciso IV, do ECA.

Art. 244-A. Submeter [997] criança ou adolescente, como tais definidos no *caput* do artigo 2º desta Lei, à prostituição [998] ou exploração sexual [999].

Pena - reclusão de quatro a dez anos, e multa.

§ 1º. Incorrem nas mesmas penas o proprietário, o gerente ou o responsável pelo local em que se verifique a submissão de criança ou adolescente às práticas referidas no *caput* deste artigo [1000].

§ 2º. Constitui efeito obrigatório da condenação a cassação da licença de localização e de funcionamento do estabelecimento [1001].

997 Vide arts. 1º, inciso III e 227, *caput* e §4º, da CF e arts. 1º, 5º, 6º, 18, 70 e 100, par. único, inciso II, do ECA. As disposições legais e constitucionais relativas à proteção à criança e ao adolescente reconhecem que esta categoria de cidadãos se encontra em condição de vulnerabilidade frente às ameaças e violações de seus direitos fundamentais, promovidas, em geral, pelos adultos. Em razão de seu caráter *indisponível* e de *ordem pública*, os direitos infanto-juvenis, em especial aqueles decorrentes do princípio da dignidade da pessoa humana, *transcendem o indivíduo*, sendo sua salvaguarda de interesse de toda sociedade. O disposto no art. 244-A, do ECA, portanto, não pode ser interpretado de forma isolada, mas sim no contexto *mais amplo* de todo "Sistema Jurídico" que integra, declaradamente voltado à "*proteção integral*" de *todas* as crianças e adolescentes, *inclusive* aquelas que, *por sua maior vulnerabilidade pessoal, familiar e social, praticam condutas que contribuem para violação de seus direitos fundamentais* (cf. art. 98, inciso III, do ECA), até porque, logicamente, *são precisamente estas que mais reclamam a prometida intervenção estatal protetiva*. As normas instituídas no sentido da *responsabilização penal* dos agentes que praticam *abuso ou exploração sexual* de crianças e adolescentes, como visto, decorrem nada menos que do disposto nos arts. 227, *caput* e §4º, da CF, como forma de *resguardar, acima de tudo, o princípio da dignidade da pessoa humana.* Se *todas* as crianças e adolescentes são titulares dos *direitos ao respeito e à dignidade*, e se é *vedado*, tanto pela lei quanto pela CF, *qualquer tratamento preconceituoso ou discriminatório* em relação a esta categoria de cidadãos, não resta a menor dúvida que *não cabe ao intérprete decidir se determinada criança ou adolescente, em razão de sua condição pessoal, "merece ou não" receber do Estado-Juiz a "proteção integral" que o ordenamento jurídico lhe promete*. Ao fazer um "juízo de valor" acerca da conduta da criança ou adolescente, para somente então decidir se ela "tem ou não direito à proteção integral" que é prometida e/ou se "pode ou não continuar a ser explorada sexualmente", o intérprete estaria *negando vigência* não apenas a todas as citadas normas e princípios legais e constitucionais que visam a salvaguarda dos direitos fundamentais infanto-juvenis, que foram instituídas sem qualquer restrição ou condicionante, independentemente da condição pessoal da criança ou adolescente individualmente considerada, mas também *afrontando o próprio princípio fundamental da dignidade da pessoa humana*, de interesse *transindividual*. A garantia da *cidadania plena* de *todas* as crianças e adolescentes, em especial daquelas que se encontram em condição de maior vulnerabilidade, sem dúvida passa pelo reconhecimento de que, nos casos de exploração sexual, independentemente de qualquer "experiência prévia" da *vítima* (e crianças e adolescentes sujeitas à exploração sexual como tal *sempre* devem ser tratadas), *a mesma invariavelmente se encontra em posição de inferioridade em relação ao agente*, restando, portanto, *sempre presente uma relação desigual de poder e de "submissão" que, necessariamente, levará à caracterização do tipo penal do art. 244-A, do ECA, sendo para tanto*

absolutamente irrelevante a conduta da vítima que, quando muito, poderá ser considerada (e ainda assim, sem qualquer carga de preconceito ou discriminação) *apenas* para fins de "dosimetria da pena", a teor do disposto no art. 59 do CP. Vale lembrar que *o intérprete não está autorizado* a colocar crianças ou adolescentes *vítimas* de exploração sexual em condições de "*igualdade*" em relação aos agentes, como estivéssemos lidando com pessoas adultas, posto que, na forma do art. 6º, do ECA, que estabelece a citada "regra básica de hermenêutica" que deve nortear a interpretação e aplicação de *todo e qualquer dispositivo estatutário* (inclusive o tipo penal do art. 244-A, do ECA) crianças e adolescentes devem ser *sempre* consideradas como "*pessoas em desenvolvimento*", sob o ponto de vista ético, moral e educacional, sendo *dever de todos* proteger-lhes e assegurar-lhes um *desenvolvimento saudável*, livre de toda forma de abuso, violência, exploração ou opressão. Assim sendo, se já é absolutamente *equivocado* submeter crianças ou adolescentes *vítimas* de exploração sexual a qualquer "censura moral" quanto à sua conduta, como se fossem elas próprias as responsáveis pela sua condição degradante, *com muito mais razão* isto ocorre quando o intérprete as *equipara a pessoas adultas* que, presumivelmente, já concluíram seu processo de desenvolvimento (e nem por isto, vale dizer devem ser também tratadas com preconceito ou discriminação). Ao interpretar o art. 244-A, do ECA de modo a impedir a responsabilização penal de agentes que exploram sexualmente crianças e adolescentes, portanto, é necessário buscar a conformidade da norma com tal orientação legislativa, de modo a se adequar à sistemática implementada pelo ECA com vista à repressão, na esfera penal, de todos aqueles que, aproveitando-se da fragilidade, imaturidade, hipossuficiência de crianças ou adolescentes, ou de qualquer outra circunstância (geralmente ligada à omissão ou conivência de suas famílias), deles abusa ou explora sexualmente, violando de forma inescusável não apenas inúmeros de seus direitos fundamentais, mas sua própria dignidade como seres humanos. Crianças e adolescentes, em razão de sua peculiar condição de pessoas em desenvolvimento (e todas as já referidas circunstâncias a esta relacionadas), estarão sempre em posição de inferioridade em relação aos adultos, notadamente para fins de caracterização de abuso ou exploração sexual. Tal constatação elementar, decorrente de toda sistemática estabelecida pelo ECA na perspectiva de proporcionar a pluricitada "*proteção integral*" infanto-juvenil, e ainda atender ao comando emanado do mencionado art. 227, §4º, da CF, foi assimilada pelo tipo penal do art. 244-A, do ECA, que além de estar sujeito às mesmas normas e princípios estatutários já citados, não estabelece, como nem poderia fazer, qualquer "restrição" ou "condicionante" para sua incidência. Em outras palavras, o tipo penal violado (como de resto todas as normas e princípios instituídos pela Lei nº 8.069/1990 e pela Constituição Federal em matéria de infância e juventude), é aplicável indistintamente a *todas as crianças e adolescentes*, seja qual for sua condição pessoal, familiar e social, não cabendo ao intérprete "*restringir*" seu alcance e, muito menos, usar de uma postura *preconceituosa* e *discriminatória* para com aqueles que são os principais destinatários da tutela estatal proporcionada pela norma que, por se encontrarem em condição de maior vulnerabilidade pessoal, familiar e social, necessitam de seu comando normativo (a proibição a *toda e qualquer forma de abuso ou exploração sexual infanto-juvenil*, tal qual preconizado pelo art. 227, §4º, da CF) *mais do que ninguém*. Assim sendo, para fins de caracterização do *crime* do art. 244-A, do ECA, é absolutamente *irrelevante* se perquirir acerca da conduta da criança ou adolescente *vítima* da exploração sexual, até porque *não é esta quem deve ser julgada* (e muito menos discriminada) e a repressão a este tipo de infração, de elevada reprovabilidade moral, social e jurídica, *transcende o interesse individual* e, como ocorre com outras normas que visam tutelar a dignidade humana de crianças e adolescentes, *atinge a toda sociedade*.

998 O termo é considerado impróprio, na medida em que a criança e o adolescente jamais se prostituem, pois dada sua incapacidade absoluta ou relativa, serão sempre *vítimas* de *abuso* ou *exploração sexual*.

999 Vide art. 227, §4º, da CF; art. 5º, do ECA e art. 34, da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, de 1989. O dispositivo em questão é criticado por sua imprecisão técnica, porém, logicamente, como todo e qualquer dispositivo estatutário, deve ser interpretado da forma que melhor venha a reprimir condutas semelhantes, na perspectiva da *proteção integral* infanto-juvenil (cf. arts. 1º, 6º e 100, par. único, inciso II, do ECA e art. 227, *caput*, da CF). Trata-se, portanto, de um *crime formal*, para cuja caracterização a conduta da vítima é absolutamente irrelevante. Assim é que devem ser considerados incursos neste tipo penal todos aqueles que, de alguma forma, praticam ou contribuem para prática de atos libidinosos com crianças e adolescentes, notadamente a troco de vantagens de qualquer ordem. O abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes (em especial daqueles oriundos de famílias carentes) se constitui numa verdadeira chaga social que deve ser combatida de todas as formas, sendo a repressão penal - e de forma rigorosa -, sem dúvida uma delas. Necessário, no entanto, que paralelamente à punição dos autores do crime, seja realizado um trabalho - sério e intensivo - de "resgate social" junto à vítima e sua família, de modo a proporcionar-lhes melhores condições de vida e perspectivas de futuro. Sobre a matéria: *PENAL. SUBMISSÃO DE ADOLESCENTE À EXPLORAÇÃO SEXUAL. (ARTIGO 244-A, DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE). SUJEITO ATIVO. PESSOA QUE SE UTILIZA DIRETAMENTE DO CORPO DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE, MEDIANTE PAGAMENTO. POSSIBILIDADE. MATERIALIDADE E AUTORIA DEVIDAMENTE COMPROVADAS. PROVA TESTEMUNHAL FARTA. PALAVRA DOS POLICIAIS. VALIDADE. DECLARAÇÕES DAS ADOLESCENTES. CREDIBILIDADE. CONSONÂNCIA COM OS DEMAIS ELEMENTOS DE PROVA. EXPLORAÇÃO SEXUAL PERFEITAMENTE DEMONSTRADA. VÍTIMA COM EXPERIÊNCIA DE VIDA E JÁ INSERIDA NA PROSTITUIÇÃO. IRRELEVÂNCIA. CRIME FORMAL CUJA CONSUMAÇÃO INDEPENDE DA OCORRÊNCIA DE RESULTADO, COMO O EFETIVO PREJUÍZO À FORMAÇÃO MORAL OU INTEGRIDADE FÍSICA OU PSÍQUICA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE. ERRO SOBRE A ILICITUDE DO FATO OU ERRO DE TIPO. INOCORRÊNCIA. CIRCUNSTÂNCIAS APTAS A DEMONSTRAR PLENO CONHECIMENTO ACERCA DE SE TRATAR DE MENOR DE 18 (DEZOITO) ANOS. MANUTENÇÃO DA CONDENAÇÃO. RECURSO DESPROVIDO. a) Quanto ao delito do artigo 244-A, do Estatuto da Criança e do Adolescente, ensina a doutrina que 'Pratica o crime aquele que se utiliza, diretamente do corpo da criança e do adolescente como produto do consumo, para práticas sexuais, bem como aquele que favorece, propicia, incentiva, induz, facilita ou promove a intermediação deste corpo em troca de dinheiro ou qualquer outra vantagem. (...)' (TCHORBADJIAN, Luciana Bergamo. Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado, 8ª Ed., São Paulo: Ed. Malheiros, 2006, p. 808/813). b) Mantém-se a condenação se perfeitamente comprovadas a materialidade e a autoria delitivas. c) A circunstância de a vítima possuir experiência de vida e já estar inserida na prostituição não é relevante porque se trata de delito formal em que a consumação independe da ocorrência de resultado, como o efetivo prejuízo para a formação moral ou a integridade física ou psíquica da adolescente. d) Não há que se falar em erro sobre a ilicitude do fato uma vez que o recorrente não comprovou que incorreu em erro sobre a ilicitude de sua conduta e, mais, também não se trata de erro de tipo porquanto há provas suficientes de que o acusado tinha pleno conhecimento de que a vítima era menor de 18 (dezoito) anos.* (TJPR. 3ª C. Crim. Ac. nº 528156-5. Rel. Des. Rogério Kanayama. J. em 07/05/2009). No mesmo diapasão, o STJ decidiu que a caracterização do crime do art. 244-A, do ECA não exige atos de coerção contra a vítima ou seu consentimento, reconhecendo que a norma visa tutelar a formação moral desta,

que cabe a todos resguardar: *RECURSO ESPECIAL. CRIME DO ART. 244-A DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. SUBMETER ADOLESCENTE À PROSTITUIÇÃO EM CASA DE MERETRÍCIO. PROSTÍBULO PERTENCENTE AO RECORRIDO. DELITO QUE NÃO EXIGE ATOS DE COERÇÃO CONTRA A VÍTIMA OU O SEU CONSENTIMENTO. RECURSO PROVIDO. 1. O crime previsto no art. 244-A da Lei n.º 8.069/90, relativo à "submeter criança ou adolescente, como tais definidos no caput do art. 2.º desta Lei, à prostituição ou à exploração sexual", visa tutelar a formação moral desse indivíduo, tendo em vista a peculiar condição de pessoa em desenvolvimento. 2. No caso, apurou-se que o Recorrido mantinha prostíbulo no qual laborava a vítima, então com 15 (quinze) anos de idade. 3. Para configurar esse delito, não se exige que o sujeito ativo afronte a vítima com a possível utilização da força, tampouco é relevante o seu consentimento, uma vez que a ofendida não tem capacidade para assentir. 4. Recurso provido para, cassando o acórdão recorrido, restabelecer a sentença condenatória.* (STJ. 5ª T. R.Esp. nº 1286947/RS. Rel. Min. Laurita Vaz. J. em 20/03/2012).

1000 Sem prejuízo da responsabilidade pelo crime tipificado no art. 229, do CP, pelo qual responderá em *concurso material* de delitos, na forma do disposto no art. 69, do CP. Neste sentido: TJRJ. 3ª C. Crim. Ac. nº 5307/2002. Rel. Des. Valmir de Oliveira Silva. J. em 01/04/2003.

1001 Artigo acrescido pela Lei nº 9.975/2000, de 23/06/2000. Nada impede - sendo inclusive recomendável - que, paralelamente à tramitação do procedimento judicial para apuração dos crimes tipificados neste artigo e em outros do CP que tenham sido violados, seja instaurado, a pedido do Ministério Público, Conselho Tutelar ou mesmo de ofício, um procedimento administrativo, junto ao órgão municipal competente, no sentido da cassação das licenças de localização e funcionamento do estabelecimento, evitando assim, desde logo, continue a ser utilizado como ponto de exploração sexual de crianças e adolescentes. No mesmo diapasão, no caso de inércia da autoridade administrativa e dada amplitude do art. 212, do ECA, é perfeitamente possível a propositura de demanda judicial específica, por parte do MP ou outro legitimado, no sentido do fechamento do estabelecimento, antes da conclusão do procedimento criminal.

Art. 244-B. Corromper ou facilitar a corrupção de menor de 18 (dezoito) anos, com ele praticando infração penal ou induzindo-o a praticá-la **[1002]**:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos.

§ 1º. Incorre nas penas previstas no *caput* deste artigo quem pratica as condutas ali tipificadas utilizando-se de quaisquer meios eletrônicos, inclusive salas de bate-papo da *internet*.

§ 2º. As penas previstas no *caput* deste artigo são aumentadas de um terço no caso de a infração cometida ou induzida estar incluída no rol do art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990 **[1003]**.

1002 Acrescido pela Lei nº 12.015/2009, de 07/08/2009. Trata-se de disposição similar à contida na Lei nº 2.252/1954, que foi revogada pela Lei nº 12.015/2009. A inclusão da norma no Estatuto da Criança e do Adolescente reclama sua interpretação e aplicação de acordo com a sistemática consagrada por este Diploma Legal, tendo por objetivo precípuo a "*proteção integral*" infanto-juvenil, consignada já em seu art. 1º. Assim sendo, necessário considerar o disposto no art. 6º estatutário, que juntamente com os arts. 4º, *caput*, 5º, 17, 18 e 70, impõe a *todos* o dever de assegurar a plena efetivação dos direitos infanto-juvenis e de colocar crianças e adolescentes a salvo de situações potencialmente lesivas a seus interesses. Diante de tal constatação,

inevitável concluir que o crime tipificado neste artigo é meramente *formal*, razão pela qual *irrelevante* o fato de as crianças ou adolescentes com as quais o crime é praticado tenham ou não antecedentes infracionais, como aliás já vinha reconhecendo a Jurisprudência em relação ao crime previsto na Lei nº 2.252/1954, num entendimento que, agora, se mostra ainda mais acertado. Neste sentido: *PENAL. HABEAS CORPUS. ART. 1º DA LEI Nº 2.252/54. CORRUPÇÃO DE MENORES. CRIME DE PERIGO. I. O crime previsto no art. 1º da Lei nº 2.252/54 é de perigo, sendo despicienda a demonstração de efetiva e posterior corrupção penal do menor (Precedentes). II. A norma insculpida no art. 1º da Lei nº 2.252/54, uma dentre tantas que se destinam à proteção da infância e da juventude, tem por objetivo que os maiores não pratiquem, em concurso com menores, infrações penais e que, também, não os induzam a tanto. Exigências adicionais para a tipificação são extra-legais e até esbarram no velho brocado 'commodissimum est, id accipi, quo res de qua agitur, magis valeat quam pereat' ("Prefira-se a inteligência dos textos que torne viável o seu objetivo, ao invés da que os reduz à inutilidade"). Ordem denegada.* (STJ. 5ª T. HC nº 128267/DF. Rel. Min. Felix Fischer. J. em 05/05/2009) e *PENAL E PROCESSO PENAL. AGRAVO REGIMENTAL NO RECURSO ESPECIAL. CORRUPÇÃO DE MENORES. CRIME FORMAL. PRESCINDIBILIDADE DE PROVA DA EFETIVA CORRUPÇÃO DO MENOR. DIVERGÊNCIA JURISPRUDENCIAL. OCORRÊNCIA. RECURSO ESPECIAL PROVIDO. AGRAVO REGIMENTAL A QUE SE NEGA PROVIMENTO. PRESCRIÇÃO DECLARADA DE OFÍCIO. ART. 61 DO CPP. 1. É assente neste Superior Tribunal de Justiça, bem como no Supremo Tribunal Federal, o entendimento no sentido de que o crime tipificado no artigo 1º da revogada Lei 2.252/54, atual artigo 244-B do Estatuto da Criança e do Adolescente, é formal, ou seja, a sua caracterização independe de prova da efetiva e posterior corrupção do menor. 2. Agravo regimental a que se nega provimento, declarando-se, porém, nos termos do artigo 61 do Código de Processo Penal, a extinção da punibilidade do recorrido, apenas no que concerne ao delito ora em discussão, em virtude da prescrição da pretensão punitiva.* (STJ. 6ª T. Ag.Rg. no R.Esp. nº 696849/SP. Rel. Min. Maria Thereza de Assis Moura. J. em 29/09/2009).

1003 Caso o crime praticado em companhia de criança ou adolescente se enquadre no rol dos chamados "crimes hediondos", a pena é aumentada em 1/3 (um terço), dada maior reprovabilidade da conduta.

Parte Especial

CAPÍTULO II - DAS INFRAÇÕES ADMINISTRATIVAS [1004]

Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente [1005]:

Pena - muita de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

1004 Embora não cheguem a caracterizar crimes, no entender do legislador estatutário, certas condutas que acarretam a violação de direitos infanto-juvenis devem ser alvo da repressão estatal, através do processo e julgamento perante a Justiça da Infância e da Juventude (cf. art. 148, inciso VI, do ECA) e a subsequente aplicação de multas e outras sanções administrativas. Embora expressas em "salários-de-referência", que há muito não mais existem, as multas ainda podem ser aplicadas, agora em reais, usando os parâmetros

mínimo e máximo fixados pela lei, tomando por base o último salário-de-referência, devidamente corrigido (embora já se tenha admitido fixar a pena em salários mínimos), com o produto de sua arrecadação revertendo ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (cf. arts. 154 c/c 214, do ECA). Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. PUBLICAÇÃO EM JORNAL DE MATERIAL PORNOGRÁFICO, INDUTOR DE PROSTITUIÇÃO. MULTA EM SALÁRIO MÍNIMO. POSSIBILIDADE. As multas eram aplicadas em salário referência que, revogado, foi substituído pelo salário mínimo. Assim, nenhuma ofensa às normas constitucionais porque, na verdade, o que o Supremo vem proibindo é a vinculação do salário mínimo como forma de correção monetária. Quanto à publicação a responsabilidade do órgão de divulgação decorre do só fato da comercialização dos anúncios contendo material pornográfico impróprio ou inadequado a crianças e adolescentes, inseridos em contexto erotizante que lhes deturpa a boa formação moral e sexual, com aberto convite à prostituição. O anúncio de oferecimento de prostitutas com imagens eróticas e sensuais ofende as regras dos artigos 78 e 79 do ECA e o órgão divulgador dele suportará os ônus de sua publicação. (fl. 82) Dessa decisão interpõe RE alegando ofensa ao art. 7º, IV, 'in fine' da CF. Não assiste razão ao recorrente. O STF firmou a seguinte orientação: 'Vinculação ao salário mínimo: incidência da vedação do art. 7º, IV, da Constituição, restrita à hipótese em que se pretenda fazer das elevações futuras do salário mínimo índice de atualização da indenização fixada; não, qual se deu no acórdão, se o múltiplo do salário mínimo é utilizado apenas para expressar o valor inicial da condenação, a ser atualizado, se for o caso, conforme os índices oficiais da correção monetária.' (RE 338760, PERTENCE, DJ 28/06/02) Ante o exposto, nego seguimento ao RE. Publique-se*. (STF. Decisão Monocrática. RE nº 396.883-1. Rel. Min. Nelson Jobim. J. em 15/04/04). Importante também mencionar que as multas administrativas, cominadas a estas infrações, não se confundem com as multas penais, tendo um prazo prescricional também diferenciado: *05 (cinco) anos*, vez que são consideradas "receitas não tributárias", consoante disposto no Código Tributário Nacional. Neste sentido: TJRO. C.M. Ap. nº 516/97. Rel. Des. Eurico Montenegro. J. em 29/09/1997. *In* RT 749/40, e STJ. 2ª T. R.Esp. nº 822839/SC. Rel. Min. Castro Meira. J. em 15/08/2006. Ainda sobre a matéria, vide comentários aos arts. 154 e 194, do ECA.

1005 Vide arts. 13, 56, inciso I e 70, do ECA; art. 136, do CP e art. 66, do Dec. Lei nº 3.688/1941 (LCP). A simples *suspeita* já torna a comunicação obrigatória, devendo os gestores responsáveis pelos setores da educação e saúde promover a devida *orientação* (e *conscientização*) dos profissionais das respectivas áreas, bem como fornecer mecanismos destinados a facilitar as denúncias, como "fichas de notificação obrigatória" ou similares.

Art. 246. Impedir o responsável ou funcionário de entidade de atendimento o exercício dos direitos constantes nos incisos II, III, VII, VIII e XI do Art. 124 desta Lei **[1006]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

1006 Vide também art. 94, do ECA e itens 60, 61, 76 e 78, das "Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade".

Art. 247. Divulgar, total ou parcialmente, sem autorização devida, por qualquer meio de comunicação, nome, ato ou documento de procedimento policial,

administrativo ou judicial relativo a criança ou adolescente a que se atribua ato infracional [1007]:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

§ 1º. Incorre na mesma pena quem exibe, total ou parcialmente, fotografia de criança ou adolescente envolvido em ato infracional, ou qualquer ilustração que lhe diga respeito ou se refira a atos que lhe sejam atribuídos, de forma a permitir sua identificação, direta ou indiretamente [1008].

§ 2º. Se o fato for praticado por órgão de imprensa ou emissora de rádio ou televisão, além da pena prevista neste artigo, a autoridade judiciária poderá determinar a apreensão da publicação ou a suspensão da programação da emissora até por dois dias, bem como da publicação do periódico até por dois números [1009].

1007 Vide arts. 5º, 17, 18 e 143, do ECA. Para caracterização da infração administrativa em questão, a identificação da criança ou adolescente pode ser direta ou indireta, ainda que por intermédio da identificação de seus pais ou responsável, divulgação do endereço, apelido ou mesmo iniciais de nome e sobrenome. Irrelevante se perquirir se houve ou não dolo, bastando a simples constatação da divulgação indevida, sem autorização judicial, para que a infração respectiva reste configurada. Neste sentido: *ADMINISTRATIVO. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). PICHAÇÃO. NOTÍCIA EM JORNAL ENVOLVENDO MENORES COMO AGENTES DE CONDUTAS ILÍCITAS. AUTORIZAÇÃO DO JUIZ DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. INEXISTÊNCIA. SANÇÃO ADMINISTRATIVA. LEI 8.069/90, ART. 247. PRECEDENTES STJ. É vedado aos órgãos de comunicação social a divulgação total, ou parcial, de atos ou fatos denominados infracionais atribuídos a criança ou adolescente, sem a devida autorização do MM. Juiz da Infância e da Juventude. Sendo de conhecimento da imprensa a existência de representação da Curadora contra os menores, por danos ao patrimônio público, descabe a alegação de inocorrência de ato infracional a justificar a conduta do recorrente. "A criança e o adolescente têm direito ao resguardo da imagem e intimidade. Vedado, por isso, aos órgãos de comunicação social narrar fatos, denominados infracionais, de modo a identificá-los" (R.Esp. 55.168/RJ, DJ de 9/10/1995). Recurso especial não conhecido.* (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 130731/SP; R. Esp. nº 1997/0031486-3. Rel. Min. Francisco Peçanha Martina. Publ. DJ de 28/06/2004, p. 215); e *APELAÇÃO CÍVEL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. DIVULGAÇÃO DE IMAGENS DE ADOLESCENTES ENVOLVIDOS EM ATO INFRACIONAL EM PROGRAMA POLICIAL DE TELEVISÃO. Possibilidade de identificação, ainda que indireta. Inexistência de autorização judicial. Inteligência do artigo 247, §1º da Lei nº 8.069/90 (ECA). Infração administrativa. Responsabilidade objetiva. Desnecessidade de demonstração de dolo ou culpa. Aplicação de multa ao representado. Apelo desprovido. 1. A teor do disposto no artigo 247 da Lei nº 8.069/90 (ECA), é vedada a divulgação total ou parcial, sem autorização devida, por qualquer meio de comunicação, de nome, ato ou documento de procedimento policial, administrativo ou judicial relativo a criança ou adolescente a que se atribua ato infracional, sujeitando o infrator às penalidades administrativas ali previstas, sendo a responsabilidade, neste caso, de caráter objetivo, isto é, independente da demonstração de dolo ou culpa. 2. Mantém-se a sentença que multou editor de emissora de televisão por não adotar medidas tendentes a impedir a identificação de menores em matéria exibida num de seus programas policiais, pela possibilidade de identificação dos delinquentes, ainda que indiretamente, quer por imagens, quer por meio de entrevista na qual um dos detidos foi abordado a fim de que falasse sobre o ato infracional.* (TJPR. 8ª

C. Cív. Ap. Cív. nº 168.442-0. Rel. Des. Ivan Bortoleto. Ac. nº 5000. J. em 01/06/2005). Interessante observar que, segundo o STJ já decidiu, a infração administrativa resta caracterizada mesmo quando da divulgação de notícia relativa a ato infracional praticado por adolescente já falecido, por considerar que os mortos também são dignos de proteção, em homenagem à sua honra. Neste sentido: *CRIANÇA E ADOLESCENTE - ECA - SANÇÃO ADMINISTRATIVA - ADOLESCENTE - FALECIMENTO. A criança e o adolescente têm direito ao resguardo da imagem e intimidade. Vedado, por isso, os órgãos de comunicação social narrar fatos, denominados infracionais, de modo a identificá-los. O fenômeno ganha grandeza singular quando a criança e o adolescente integram classe social menos favorecida. Adjetivos desairosos, então, passam a estigmatizar a pessoa. Ainda que agentes de conduta ilícita, não podem ser vilipendiados, expostos à execração pública. O falecimento não modifica o raciocínio. Também quando mortos são dignos de proteção, em homenagem à honra*. (STJ. 6ª T. R.Esp. nº 55.168-4/RJ. Rel. Min. Vicente Cernicchiaro. J. em 28/08/1995 - Publ. Revista Igualdade nº 20 - Jul/Set - 1998).

1008 Vide art. 143, par. único, do ECA.

1009 Este parágrafo segundo foi, na parte em que prevê a pena acessória da "*suspensão da programação da emissora até por dois dias, bem como a publicação do periódico até por dois números*", foi declarado *inconstitucional* pelo Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 869-2/DF, proposta pelo Procurador Geral da República (publ. DJU de 04/06/2004, ementário nº 2154-1). Subsiste, portanto, a possibilidade de aplicação tanto da *multa* administrativa quanto da pena acessória da *apreensão da publicação* em que houve a divulgação indevida.

Art. 248. Deixar de apresentar à autoridade judiciária de seu domicílio, no prazo de cinco dias, com o fim de regularizar a guarda, adolescente trazido de outra comarca para a prestação de serviço doméstico, mesmo que autorizado pelos pais ou responsável **[1010]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência, independentemente das despesas de retorno do adolescente, se for o caso.

1010 Vide arts. 7º, inciso XXXIII e 227, §3º, inciso I, da CF e arts. 33, §2º, 60, 65 e 69 do ECA. O presente dispositivo é muito criticado por, de um lado, desvirtuar o instituto da guarda e comprometer o regular exercício do direito à convivência familiar (que deve ocorrer preferencialmente no seio da família de origem da criança ou adolescente) e, de outro, dar uma aparente "legitimidade" a uma das formas mais "tradicionais" de exploração do trabalho juvenil. O guardião, por razões óbvias e dada amplitude de seus deveres para com o(a) guardado(a), não deve se confundir com a figura de seu empregador. O trabalho doméstico, ademais, foi incluído entre as piores formas de trabalho infantil relacionadas na Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil (Lista TIP), aprovada pelo Decreto nº 6.481/2008, de 12/06/2008 (que por sua vez regulamenta os arts. 3º, "d", e 4º da Convenção nº 182/1999, da OIT).

Art. 249. Descumprir, dolosa ou culposamente, os deveres inerentes ao poder familiar **[1011]** ou decorrente de tutela **[1012]** ou guarda **[1013]**, bem assim determinação da autoridade judiciária **[1014]** ou Conselho Tutelar **[1015]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

1011 Vide arts. 22 e 55, do ECA e art. 1634, do CC. Vide também arts. 244, 246 e 247 do CP, que definem os *crimes* de *abandono material*, *abandono intelectual* e *abandono moral* (respectivamente). A responsabilidade dos pais, nos termos deste dispositivo, pode decorrer, inclusive, da constatação da prática de condutas ilícitas de seus filhos, que traduziriam o descumprimento do dever de educação (no mais amplo sentido da palavra, conforme arts. 53, do ECA e 205, da CF), que àqueles incumbe. Neste sentido: *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. Descumprimento dos deveres inerentes ao pátrio poder (art. 249 do ECA). Transgressão. Condução de veículo automotor por adolescente, com idade de 14 anos (quatorze) anos sem habilitação. Recurso não provido.* (TJPR. 2ª C. Crim. Rec.Ap.ECA nº 102.241-1. Rel. Des. Carlos Hoffmann. Ac. nº 12956. J. em 15/03/2001). Pode também decorrer de outras condutas omissivas ou comissivas, que representem descumprimento dos deveres inerentes ao poder familiar. Neste sentido: *FREQUÊNCIA ESCOLAR. MATÉRIA DE DIREITO DE FAMÍLIA. ARTIGO 249 DO ECA. CARÊNCIA DE AÇÃO POR IMPOSSIBILIDADE JURÍDICA DO PEDIDO. 1. O art. 249 do ECA autoriza o ajuizamento da representação pelo Ministério Público para apurar a responsabilidade dos pais, não havendo fundamento para reconhecer carência de ação por impossibilidade jurídica do pedido. 2. No caso, se houve Termo de Responsabilidade assinado pelos pais (fl. 8) e Termo de Advertência (fl. 9), daí provocando a iniciativa da Representação ajuizada pelo Ministério Público, não se há de exigir que mais provas sejam apresentadas com a inicial. 3. Todos sabemos da ineficiência do Estado nos cuidados com a infância e adolescência, falhas até aqui políticas públicas capazes de enfrentar esse enorme desafio de criar condições concretas para prover educação e assistência aos que se encontram desamparados. Mas isso não significa alijar do cenário a responsabilidade dos pais, embora em muitas circunstâncias seja-lhes difícil dispor de meios para tanto. 4. Recurso especial conhecido e provido.* (STJ. 3ª T. R.Esp. nº 768572/RS. Rel. Min. Carlos Alberto Menezes Direito. J. em 10/08/2006). Interessante aqui também mencionar que o descumprimento sistemático e injustificável de deveres inerentes ao poder familiar, além de passível de sanções de ordem administrativa e criminal, bem como da aplicação das medidas previstas no art. 129, do ECA, pode mesmo gerar o *dever de indenização por danos morais* ao filho como demonstra o seguinte aresto: *INDENIZAÇÃO POR DANOS MORAIS. RELAÇÃO PATERNO-FILIAL. PRINCÍPIO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA. PRINCÍPIO DA AFETIVIDADE. A dor sofrida pelo filho, em virtude do abandono paterno, que o privou do direito à convivência, ao amparo afetivo, moral e psíquico, deve ser indenizável, com fulcro no princípio da dignidade da pessoa humana.* (TJMG. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 408.550-5. Rel. Des. Unias Silva. J. em 01/04/2004).

1012 Vide art. 36, par. único, do ECA e arts. 1740, 1741, 1747 e 1748, do CC.

1013 Vide arts. 33 e 92, §1º, do ECA.

1014 Neste sentido: ECA. DESCUMPRIMENTO DE DETERMINACAO JUDICIAL. ART. 249. NAO TENDO OS APELANTES CUMPRIDO DETERMINACAO JUDICIAL QUE CONSISTA EM COMPROVAR A REALIZACAO DE TERAPIA FAMILIAR JUNTAMENTE COM AS FILHAS ADOLESCENTES, MANTEM-SE A SENTENCA DE PROCEDENCIA DA REPRESENTACAO QUE LHES APLICOU A MULTA PREVISTA NO ART. 249 DO ECA. APELACAO DESPROVIDA. (SEGREDO DE JUSTICA). FLS.4. (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70004821286. Rel. José Ataídes Siqueira Trindade. J. em 26/09/2002); INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. MÃE QUE ENTREGA AS CHAVES DO AUTOMÓVEL DO PAI, AO FILHO DE 16 ANOS, PARA LEVÁ-LA À PADARIA. 1. A mãe que ordena ao filho de 16 anos a pegar as chaves do automóvel do pai aos fins de levá-la à padaria, sendo ambos conscientes da proibição legal, dando

causa a uma colisão, incorre na infração administrativa tipificada no art. 249 do ECA, pois deixou de cumprir com dever inerente ao pátrio poder, que é dar educação, dentro dos ditames legais. 2. O valor da multa mostra-se adequado, ficando dentro do valor mínimo legal. Recurso desprovido. (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 599055878. Rel. Sérgio Fernando de Vasconcellos Chaves. J. em 26/05/1999); ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. Art. 249. Descumprimento de Portaria Judicial regulamentadora do ingresso de crianças e adolescentes em eventos públicos. Incorre em infração administrativa o responsável por evento público que permite o acesso e permanência de adolescentes no local em desconformidade com a norma regulamentadora baixada pela Autoridade Judiciária competente. (TJPR. 2ª C. Crim. Ap. nº 118011-0. Rel. Des. Telmo Cherem. Ac. nº 14167. J em 23/05/2002); e ECA. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. DESCUMPRIMENTO DE DETERMINAÇÃO DE AUTORIDADE JUDICIÁRIA. PROVA DA CULPA DO REPRESENTADO. Incorre nas penas do art. 249 do ECA aquele que não observa a imposição judiciária, representada por Portaria, de não permitir o ingresso de menores de 14 anos de idade em "festa-baile". Culpabilidade demonstrada pela falta de cuidados para evitar a entrada de menor em baile. Pena aplicada corretamente, considerando os parâmetros mínimo e máximo previstos em lei. DESPROVERAM. UNÂNIME. (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70005408372. Rel. Luiz Felipe Brasil Santos. J. em 19/03/2003).

1015 Vide art. 136, do ECA. Interessante observar a equiparação, em termos de importância, do Conselho Tutelar em relação à autoridade judiciária. Haverá incidência da infração administrativa em questão tanto quando do descumprimento, por parte dos pais ou responsável por criança ou adolescente, das medidas aplicadas pelo Conselho Tutelar, quando do descumprimento, por parte das autoridades competentes, das *requisições* efetuadas pelo órgão, no regular exercício de suas atribuições. Vale mencionar que semelhante disposição visa dar *coercibilidade* às *determinações* e *requisições* do Conselho Tutelar, de modo a assegurar que os casos de ameaça ou violação dos direitos infanto-juvenis por ele atendidos sejam *rapidamente solucionados*, sem que, para tanto, tenha de ser acionada a autoridade judiciária. Neste sentido, vale colacionar os seguintes arestos, que servem de exemplo a ambas situações acima referidas: *ECA. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. Admitido pelo representado o descumprimento da determinação do Conselho Tutelar, consistente na sua inclusão em programa de tratamento ao alcoolismo, resulta configurada a infração administrativa prevista no art. 249 do ECA, a impor a aplicação de apenação pecuniária. Não se pode olvidar que as medidas de proteção previstas pelo ECA a serem aplicadas aos pais visam precipuamente à preservação dos interesses e direitos dos menores que são, direta ou reflexamente, atingidos pela má-condução paterna. Apelo desprovido.* (TJRS. 7ª C. Civ. Ap. Cív. nº 70004437976. Rel. Maria Berenice Dias. J. em 26/06/2002); e *APELAÇÃO CÍVEL. APURAÇÃO DE INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. NEGATIVA, POR PARTE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE IJUÍ, DE INCLUSÃO DE CRIANÇA EM CRECHE MUNICIPAL, APESAR DE DETERMINAÇÃO DO CONSELHO TUTELAR MUNICIPAL. ATUAÇÃO QUE TIPIFICOU A HIPÓTESE PREVISTA NO ART. 249, DO ECA. RECURSO DESPROVIDO.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70007911084. Rel. Alfredo Guilherme Englert. J. em 04/03/2004). Importante também não perder de vista o disposto no art. 236, do ECA, que considera *crime "impedir ou embaraçar a ação de autoridade judiciária, membro do Conselho Tutelar ou representante do Ministério Público no exercício de função prevista nesta Lei"*, o que reforça a idéia de que o Conselho Tutelar possui o *status* de *autoridade pública*, dotada de poderes *equiparados* aos da autoridade judiciária e Ministério Público, para fins de defesa dos direitos infanto-juvenis.

Art. 250. Hospedar criança ou adolescente, desacompanhado dos pais ou responsável ou sem autorização escrita destes, ou da autoridade judiciária, em hotel, pensão, motel ou congênere [1016]:

Pena - multa [1017].

§ 1º. Em caso de reincidência, sem prejuízo da pena de multa, a autoridade judiciária poderá determinar o fechamento do estabelecimento por até 15 (quinze) dias [1018].

§ 2º. Se comprovada a reincidência em período inferior a 30 (trinta) dias, o estabelecimento será definitivamente fechado e terá sua licença cassada [1019].

1016 Vide art. 82, do ECA; arts. 23 a 26 e 36, da Lei nº 11.771/2011, de 17/09/2011; art. 26, §§1º e 2º, do Decreto nº 7.381/2010, de 02/12/2010 e Portaria nº 177, de 13/09/2011, do Ministério do Turismo, que estabelece o Sistema Nacional de Registro de Hóspedes (SNRHos) e regulamenta a adoção da Ficha Nacional de Registro de Hóspedes (FNRH) e do Boletim de Ocupação Hoteleira (BOH). Tanto as pessoas físicas quanto as pessoas jurídicas podem ser sujeitos passivos desta infração administrativa, que restará caracterizada ainda que o acesso irregular no estabelecimento seja permitido por negligência do responsável pelo estabelecimento ou seus prepostos. Neste sentido: *ADMINISTRATIVO - ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA - PESSOA JURÍDICA DE DIREITO PRIVADO COMO SUJEITO PASSIVO - POSSIBILIDADE. 1. Infração tipificada no art. 250 do ECA, com lavratura de auto contra a pessoa jurídica (hotel que recebeu uma adolescente desacompanhada dos pais e sem autorização). 2. A responsabilização das pessoas jurídicas, tanto na esfera penal, como administrativa, é perfeitamente compatível com o ordenamento jurídico vigente. 3. A redação dada ao art. 250 do ECA demonstra ter o legislador colocado pessoa jurídica no pólo passivo da infração administrativa, ao prever como pena acessória à multa, no caso de reincidência na prática de infração, o "fechamento do estabelecimento". 4. É fundamental que os estabelecimentos negligentes - que fazem pouco caso das leis que amparam o menor - também sejam responsabilizados, sem prejuízo da responsabilização direta das pessoas físicas envolvidas em cada caso, com o intuito de dar efetividade à norma de proteção integral à criança e ao adolescente. 5. Recurso especial provido.* (STJ. 2ª T. R.Esp. nº 622707/SC. Rel. Min. Eliana Calmon. J. em 02/02/2010); e *INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. ECA. ART-250. PELO FATO DE NAO TER TOMADO A MÍNIMA CAUTELA NECESSÁRIA, A APELANTE-REPRESENTADA, AO HOSPEDAR A MENOR, NO SENTIDO DE EXIGIR DELA DOCUMENTAÇÃO ADEQUADA QUE COMPROVASSE A SUA VERDADEIRA IDENTIDADE, FOI NEGLIGENTE, DEVENDO INCORRER NA PENA PREVISTA NO ART. 250 DO ESTATUTO DA CRIANCA E DO ADOLESCENTE. APELO IMPROVIDO.* (TJRS. 8ª C. Cív. Ap. Cív. nº 594117012. Rel. Eliseu Gomes Torres. J. em 27/04/1995). Sobre a forma de comprovação da idade das crianças e adolescentes vítimas, vide comentários ao art. 194, do ECA.

1017 Alterado pela Lei nº 12.038/2009, de 01/10/2009. Embora correta a supressão da alusão aos "salários-de-referência", que não mais existem, contida na redação original do ECA, a falta da indicação dos parâmetros mínimo e máximo da multa a ser fixada pode dar margem a problemas futuros. De qualquer modo, embora o dispositivo não obedeça ao "padrão" das demais infrações administrativas prevista no ECA (que sempre estabelecem os referidos parâmetros), é preciso considerar que a simples previsão da "multa" como sanção estatal em uma determinada norma proibitiva, sem a prévia indicação dos parâmetros máximo e mínimo, não é propriamente uma "novidade", assim ocorrendo até mesmo em matéria Penal (embora neste caso os parâmetros máximo e mínimo para todas as multas previstas no Código Penal estejam previamente definidos, de forma "genérica", pelo art. 49 deste Diploma). A

propósito, embora a "multa" prevista pelo art. 250, do ECA não seja de natureza penal, é possível utilizar, quando de sua "dosimetria", por analogia, o disposto no art. 60, do CP, sendo necessário efetuar uma interpretação sistemática das disposições contidas no ECA relativas às infrações administrativas em geral para, daí, estabelecer os limites mínimo e máximo que poderiam ser fixados. Desta forma, em sendo a multa destinada à pessoa física, pode a autoridade judiciária tomar como parâmetro os valores das multas recentemente fixadas em outros dispositivos similares, como os arts. 258-A e B, do ECA e o citado art. 60, do CP, sendo que se o destinatário for pessoa jurídica, seu valor deve ser fixado em patamar significativamente maior (embora, a princípio, não deva exceder o valor máximo previsto para outras infrações administrativas tipificadas no ECA).

1018 Parágrafo acrescido pela Lei nº 12.038/2009, de 01/10/2009. A previsão da possibilidade de fechamento do estabelecimento por até 15 dias, no caso de reincidência, já era prevista na redação original, como pena acessória.

1019 Parágrafo acrescido pela Lei nº 12.038/2009, de 01/10/2009. Embora correta a previsão da possibilidade de fechamento e cassação definitiva da licença de funcionamento do estabelecimento, o dispositivo peca por estabelecer um prazo de apenas trinta dias para a constatação da nova ocorrência, após constatada a reincidência. O correto seria não estabelecer qualquer prazo ou, em o fazendo, fixá-lo em, no mínimo, *um ano*. Resta também considerar a partir de que momento o prazo de trinta dias a que se refere o dispositivo seria computado: da última ocorrência registrada (que gerou a reincidência) ou, no caso de ter sido determinado o fechamento do estabelecimento, da data de sua reabertura. Neste caso, partindo sempre do princípio que as normas estatutárias devem ser interpretadas da forma que melhor assegurem a *proteção integral* infanto-juvenil e permitam a adequada punição daqueles que violam os direitos de crianças e adolescentes (inteligência do disposto nos arts. 1º, 5º e 6º, do ECA), os 30 (trinta) dias a que se referem o dispositivo devem ser computados a partir da reabertura do estabelecimento que tenha sido eventualmente fechado por determinação judicial. De qualquer modo, a previsão da possibilidade de fechamento do estabelecimento que hospeda criança ou adolescente sem que esteja acompanhada ou expressamente autorizada pelos pais/responsável (para o que deve exigida a apresentação da documentação correspondentes, nos moldes do previsto no art. 3º, §§4º e 5º, da Portaria nº 177/2011, do Ministério do Turismo), também consta do art. 36, inciso IV, da Lei nº 11.771/2011.

Art. 251. Transportar criança ou adolescente, por qualquer meio **[1020]**, com inobservância do disposto nos arts. 83, 84 e 85 desta Lei **[1021]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro de reincidência.

1020 Importante aqui observar que não se exige o fim de lucro e/ou qualquer qualidade especial do agente. Qualquer pessoa, física ou jurídica, que efetuar o transporte irregular da criança ou adolescente, estará, em tese, sujeito às sanções contidas no dispositivo. Sobre a forma de comprovação da idade das crianças e adolescentes vítimas, vide comentários ao art. 194, do ECA.

1021 Neste sentido: ECA. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. ADOLESCENTE QUE VIAJA SOZINHO PARA O EXTERIOR SEM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO. VIOLAÇÃO DOS ARTIGOS 84 E 251 DA LEI Nº 8.069/90. APLICAÇÃO DE MULTA. Comprovada a transgressão às normas previstas nos artigos 84 e 251 do Estatuto da Criança e do Adolescente está autorizada aplicação ao infrator da pena pecuniária prevista em lei, pois o transporte de criança ou adolescente, por qualquer meio, para o exterior será feito sem a devida autorização quando o menor viajar na companhia de ambos os pais ou responsável, ou viajar na companhia de um dos

pais, autorizado expressamente pelo outro. A multa no valor de quinze salários de referência está adequada ao caso em tela, principalmente porque a agência de viagem agiu de má-fé ao apresentar um contrato social antigo, da época em que a empresa não realizava viagens ao exterior. Apelo improvido. (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70009690041. Rel. José Carlos Teixeira Giorgis. J. em 03/11/2004) e Transporte de crianças. Ausência de documentação. Infração Administrativa. Transportar crianças sem autorização dos pais ou responsáveis, dizendo estar em companhia de seus genitores, deixando o responsável pelo transporte de Exigir comprovação do parentesco, não descaracteriza a infração administrativa prevista no art. 251 do ECA (TJRO. CM. Ap. Cív. nº 103/99. Classe G-119. Rel. Des. Eliseu Fernandes de Souza. J. em 30/08/99).

Art. 252. Deixar o responsável por diversão ou espetáculo público de afixar, em lugar visível e de fácil acesso, à entrada do local de exibição, informação destacada sobre a natureza da diversão ou espetáculo e a faixa etária especificada no certificado de classificação **[1022]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

1022 Vide arts. 21, inciso XVI c/c 220, §3º, da CF e arts. 74 e par. único, 75 e 80, do ECA, bem como os comentários a eles efetuados. A simples omissão quanto à natureza da diversão/espetáculo e a faixa etária para ele recomendada caracteriza, em tese, a infração administrativa em questão.

Art. 253. Anunciar-se peças teatrais, filmes ou quaisquer representações ou espetáculos, sem indicar os limites de idade a que não se recomendem **[1023]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, duplicada em caso de reincidência, aplicável, separadamente, à casa de espetáculo e aos órgãos de divulgação ou publicidade.

1023 Vide arts. 21, inciso XVI c/c 220, §3º, da CF e arts. 74, 75, 76 e par. único, do ECA, bem como os comentários a eles efetuados. A simples omissão quanto à faixa etária recomendada para os espetáculos públicos anunciados caracteriza, em tese, a infração administrativa em questão.

Art. 254. Transmitir, através de rádio ou televisão, espetáculo em horário diverso do autorizado ou sem aviso de sua classificação **[1024]**:

Pena - multa de vinte a cem salários de referência; duplicada em caso de reincidência a autoridade judiciária poderá determinar a suspensão da programação da emissora por até dois dias.

1024 Vide arts. 21, inciso XVI c/c 220, §3º, da CF e arts. 74, 75, 76 e par. único, do ECA, bem como os comentários a eles efetuados. A simples omissão quanto ao aviso de classificação caracteriza a infração administrativa em questão.

Art. 255. Exibir filme, *trailer*, peça, amostra ou congênere classificado pelo órgão competente como inadequado às crianças ou adolescentes admitidos ao espetáculo **[1025]**:

Pena - multa de vinte a cem salários de referência; na reincidência, a autoridade poderá determinar a suspensão do espetáculo ou o fechamento do estabelecimento por até quinze dias.

1025 Vide arts. 21, inciso XVI c/c 220, §3º, da CF e arts. 74, 75, 76 e par. único, do ECA, bem como os comentários a eles efetuados.

Art. 256. Vender ou locar a criança ou adolescente fita de programação em vídeo, em desacordo com a classificação atribuída pelo órgão competente **[1026]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência; em caso de reincidência, a autoridade judiciária poderá determinar o fechamento do estabelecimento por até quinze dias.

1026 Vide arts. 21, inciso XVI c/c 220, §3º, da CF e arts. 74, 75 e 77, do ECA, bem como os comentários a eles efetuados, em especial no que diz respeito à Portaria nº 1344/2005, do MJ/SNJ. Desnecessário mencionar que a mesma infração administrativa restará praticada em caso de venda ou locação de DVD ou qualquer outro meio similar de transmissão de imagens. Sobre a forma de comprovação da idade das crianças e adolescentes vítimas, vide comentários ao art. 194, do ECA.

Art. 257. Descumprir obrigação constante dos arts. 78 e 79 desta Lei **[1027]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, duplicando-se a pena em caso de reincidência, sem prejuízo de apreensão da revista ou publicação.

1027 Vide arts. 78 e 81, inciso V, do ECA. Neste sentido: INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. COMERCIALIZAÇÃO DE PERIÓDICO CONTENDO MATERIAL IMPRÓPRIO ÀS PESSOAS EM FORMAÇÃO, SEM AS CAUTELAS DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Comete infração administrativa, periódico que estampa fotografias de mulheres nuas, exibindo exuberantes dotes físicos em poses eróticas, comercializando-as sem as cautelas do caput do art. 78 do Estatuto da Criança e do Adolescente, porque despertada precocemente a sexualidade nas pessoas em formação, sendo potencialmente prejudicial a elas. Recurso improvido. (TJGO. C.M. Ap. Cív. nº 11-9/288. Rel. João Canedo Machado. J. em 16/09/1996).

Art. 258. Deixar o responsável pelo estabelecimento ou o empresário de observar o que dispõe esta lei sobre o acesso de criança ou adolescente aos locais de diversão, ou sobre sua participação no espetáculo **[1028]**:

Pena - multa de três a vinte salários de referência; em caso de reincidência, a autoridade judiciária poderá determinar o fechamento do estabelecimento por até quinze dias.

1028 Vide arts. 75, 80 e 149, do ECA. Cabe aos proprietários dos estabelecimentos ou responsáveis pelos eventos e seus prepostos tomarem as cautelas necessárias para impedir o acesso indevido de crianças e adolescentes a seus estabelecimentos e eventos, valendo lembrar que a responsabilidade administrativa decorre de simples negligência quanto ao controle de acesso (incluindo a aferição da idade e identidade dos frequentadores do local). Sobre a matéria: *ECA. INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA. PRESENÇA DE MENOR EM DANCETERIA. EVIDENCIADA A PRESENÇA DE MENOR DE DEZESSEIS ANOS EM DANCETERIA, DESOBEDECENDO A DETERMINAÇÃO JUDICIAL QUE DISPOE O*

CONTRÁRIO, FICA CARACTERIZADA A INFRAÇÃO ADMINISTRATIVA, PREVISTA NO ARTIGO 258 DA LEI FEDERAL Nº 8.069/90. APELO IMPROVIDO. (TJRS. 7ª C. Cív. Ap. Cív. nº 70002714657. Rel. José Carlos Teixeira Giorgis. J. em 22/08/2001); e *ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). PARTICIPAÇÃO DE MENOR EM ESPETÁCULO PÚBLICO. PROGRAMA TELEVISIVO. ALVARÁ JUDICIAL. IMPRESCINDIBILIDADE. ART. 149, II DO ECA. Os programas de televisão têm natureza de espetáculo público, enquadrando-se a situação na hipótese prevista no inciso II, do art. 149 do ECA. A participação da criança e/ou adolescente em espetáculo televisivo, acompanhado ou não dos pais ou responsáveis, não dispensa o alvará judicial, a teor do disposto no art. 149, II do ECA. Agravo regimental improvido*. (STJ. 2ª T. Ag.Rg. no Ag. nº 498054/RJ. Ag. Reg. no A.I. nº 2003/0009733-4. Rel. Min. Francisco Peçanha Martins. Publ. DJ de 16/05/2005, p. 296). Vale mencionar que a responsabilidade pela prática desta infração administrativa pode recair tanto nas pessoas físicas indicadas no dispositivo (responsável pelo estabelecimento e/ou empresário), quanto na própria pessoa jurídica. Neste sentido: *RECURSO ESPECIAL. PROCESSUAL. DISSÍDIO JURISPRUDENCIAL NÃO COMPROVADO. VARA DE INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO. DESCUMPRIMENTO. 258 DO ECA. RESPONSABILIDADE PELO EVENTO. PESSOA JURÍDICA. POSSIBILIDADE*. (STJ. 1ª T. R.Esp. nº 679912/SC. Rel. Min. Luiz Fux. J. em 19/09/2006). Sobre a forma de comprovação da idade das crianças e adolescentes vítimas, vide comentários ao art. 194, do ECA.

Art. 258-A. Deixar a autoridade competente de providenciar a instalação e operacionalização dos cadastros previstos no art. 50 e no §11 do art. 101 desta Lei **[1029]**:

Pena - multa de R$ 1.000,00 (mil reais) a R$ 3.000,00 (três mil reais).

Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas a autoridade que deixa de efetuar o cadastramento de crianças e de adolescentes em condições de serem adotadas, de pessoas ou casais habilitados à adoção e de crianças e adolescentes em regime de acolhimento institucional ou familiar.

1029 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 50 e 101, §11, do ECA. O sujeito ativo da norma será a própria autoridade judiciária que tem o *dever legal* de instituir e alimentar corretamente os cadastros referidos no dispositivo.

Art. 258-B. Deixar o médico, enfermeiro ou dirigente de estabelecimento de atenção à saúde de gestante de efetuar imediato encaminhamento à autoridade judiciária de caso de que tenha conhecimento de mãe ou gestante interessada em entregar seu filho para adoção **[1030]**:

Pena - multa de R$ 1.000,00 (mil reais) a R$ 3.000,00 (três mil reais).

Parágrafo único. Incorre na mesma pena o funcionário de programa oficial ou comunitário destinado à garantia do direito à convivência familiar que deixa de efetuar a comunicação referida no *caput* deste artigo.

1030 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 8º, §§ 4º e 5º e 13, par. único, do ECA. O objetivo da norma é evitar que profissionais de saúde e/ou encarregados de programas de atendimento a crianças, adolescentes e famílias promovam a "intermediação" de adoções irregulares. Demonstra a preocupação do legislador em assegurar que as adoções sejam *sempre*

realizadas em estrita observância das regras e parâmetros estabelecidos em lei, na perspectiva de *abolir*, em definitivo, as práticas ilegais e abusivas tradicionalmente verificadas.

DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 259. A União, no prazo de noventa dias contados da publicação deste Estatuto, elaborará projeto de lei dispondo sobre a criação ou adaptação de seus órgãos às diretrizes da política de atendimento fixadas no Art. 88 e ao que estabelece o Título V do Livro II.

Parágrafo único. Compete aos Estados e Municípios promoverem a adaptação de seus órgãos e programas às diretrizes e princípios estabelecidos nesta Lei **[1031]**.

1031 Vide arts. 1º, 4º, *caput* e par. único, alíneas "c", "d" e "e", 5º, 6º, 87, 88, 90 e 100, *caput* e par. único, do ECA. Vide também art. 23, §2º, inciso I, da LOAS e art. 227, da CF. Os programas e serviços públicos devem se adequar ao atendimento especializado e prioritário de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias.

Art. 260. Os contribuintes poderão efetuar doações aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, distrital, estaduais ou municipais, devidamente comprovadas, sendo essas integralmente deduzidas do imposto de renda, obedecidos os seguintes limites:

I - 1% (um por cento) do imposto sobre a renda devido apurado pelas pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real; e

II - 6% (seis por cento) do imposto sobre a renda apurado pelas pessoas físicas na Declaração de Ajuste Anual, observado o disposto no art. 22 da Lei nº 9.532, de 10 de dezembro de 1997 **[1032]**.

§ 1º. As deduções a que se refere este artigo não estão sujeitas a outros limites estabelecidos na legislação do imposto de renda, nem excluem ou reduzem outros benefícios ou abatimentos e deduções em vigor, de maneira especial as doações a entidades de utilidade pública. **[1033]**

§ 1º-A. Na definição das prioridades a serem atendidas com os recursos captados pelos Fundos Nacional, Estaduais e Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente, serão consideradas as disposições do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar, bem como as regras e princípios relativos à garantia do direito à convivência familiar previstos nesta Lei **[1034]**.

§ 2º. Os Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente fixarão critérios de utilização, através de planos de aplicação das doações subsidiadas e demais receitas, aplicando necessariamente percentual para incentivo ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente, órfão

ou abandonado, na forma do disposto no Art. 227, §3º, VI, da Constituição Federal [1035].

§ 3º. O departamento de Receita Federal do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, regulamentará a comprovação das doações feitas aos Fundos, nos termos deste artigo [1036].

§ 4º. O Ministério Público determinará em cada comarca a forma de fiscalização da aplicação, pelo Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, dos incentivos fiscais referidos neste artigo [1037].

§ 5º. A destinação de recursos provenientes dos fundos mencionados neste artigo não desobriga os Entes Federados à previsão, no orçamento dos respectivos órgãos encarregados da execução das políticas públicas de assistência social, educação e saúde, dos recursos necessários à implementação das ações, serviços e programas de atendimento a crianças, adolescentes e famílias, em respeito ao princípio da prioridade absoluta estabelecido pelo *caput* do art. 227 da Constituição Federal e pelo *caput* e parágrafo único do art. 4º desta Lei. [1038]

§ 5º. Observado o disposto no § 4º do art. 3º da Lei nº 9.249, de 26 de dezembro de 1995, a dedução de que trata o inciso I do *caput* [1039]:

I - será considerada isoladamente, não se submetendo a limite em conjunto com outras deduções do imposto; e

II - não poderá ser computada como despesa operacional na apuração do lucro real.

1032 Vide art. 88, inciso IV, do ECA; Decreto nº 794/1993, de 05/04/1993; Leis nºs 9.250/1995, de 26/12/1995 (notadamente em seus arts. 12, inciso I e 13) e 9.532/1997, de 10/12/1997 e arts. 11 a 14, da Instrução Normativa SRF nº 267/2002, de 23/12/2002. As doações podem ser efetuadas em qualquer valor, porém somente serão dedutíveis até 1% (um por cento) do imposto devido, no caso das pessoas jurídicas (apenas aquelas que efetuam a declaração do imposto de renda com base no lucro real) e até 6% (seis por cento) do imposto devido, no caso das pessoas físicas. As doações passíveis de dedução são aquelas efetuadas diretamente aos Fundos Especiais para a Infância e Adolescência - FIAs, geridos pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente dos diversos níveis (municipal, estadual, federal), e não diretamente a entidades, ainda que assistenciais e/ou sem fins lucrativos. Cabe aos Conselhos de Direitos, usando de sua prerrogativa legal, a definição acerca da destinação de tais recursos, que invariavelmente deverá ocorrer para implantação ou eventual manutenção de programas específicos de atendimento (e não das entidades que os executem, que na forma do art. 90, *caput*, do ECA, são responsáveis pela manutenção das próprias unidades). Para tanto, e partindo do princípio de que os recursos captados pelos FIAs são recursos públicos, sujeitos como tal à regras e princípios relativos à legalidade, publicidade, moralidade, impessoalidade, etc., que norteiam a administração pública (cf. art. 4º, da Lei nº 8.429/1992 - a Lei de Improbidade Administrativa e art. 37, da CF), o Conselho de Direitos deve, tomando por base o disposto na legislação específica relativa ao Fundo que administra, na Lei nº 4.320/1964, relativa à gestão de recursos públicos, bem como no seu próprio planejamento (efetuado com vista à progressiva implantação de uma verdadeira política de atenção/rede de proteção à criança e ao adolescente), estabelecer *critérios claros e objetivos* para destinação dos recursos captados, tudo com a posterior prestação de contas, por parte do Conselho e dos órgãos e entidades cujos programas tenham sido com aqueles contemplados.

1033 Revogado pelo art. 82 da Lei nº 9.532/1997, a partir de 1º de janeiro de 1998. Posteriormente, a Lei nº 12.010/2009 incluiu novo texto com a denominação de "§1º-A", tratando de outro assunto - não mais sobre a "receita" e sim sobre a "despesa".

1034 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009. Vide arts. 19, *caput* e §3º, 28, §§4º a 6º, 33, §4º, 34, 87, incisos VI e VII, 88, inciso VI, 90, §2º, 92, 100, *caput* e seus parágrafos, 101 e seus parágrafos e 208, inciso IX, do ECA.

1035 Vide arts. 33 a 35; 87, incisos VI e VII; 88, inciso VI; 90, inciso III e 208, inciso IX, do ECA e art. 1584, par. único, segunda parte, do CC. Trata-se do único dispositivo que estabelece uma vinculação expressa de recursos do Fundo Especial para Infância e Adolescência uma determinada ação governamental, devendo ser assim (em decorrência até mesmo de *mandamento constitucional expresso*) obrigatoriamente prevista, pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente em todos os níveis, a destinação de um percentual de recursos por aqueles captados para programas de "guarda subsidiada" ou de acolhimento familiar. Eventual inoperância ou inexistência de recursos no referido Fundo Especial, no entanto, não inviabiliza a implementação de tais programas, que deverão ser financiados, fundamentalmente, com recursos provenientes *do orçamento* dos órgãos públicos responsáveis pelas áreas da assistência social, educação e saúde, *ex vi* do disposto nos arts. 90, §2º; 100, par. único, inciso III e 260, §5º, do ECA.

1036 Vide Instrução Normativa SRF nº 258/2002, de 17/12/2002. Cabe aos Conselhos de Direitos informar à Receita Federal, anualmente, o montante das doações efetuadas aos Fundos Especiais para Infância e Adolescência que administram, fornecendo os números do CNPJ e CPF dos doadores, com indicação do valor das doações individualmente efetuadas. Assim sendo, é necessário que os Conselhos de Direitos possuam um rigoroso controle das doações recebidas pelos Fundos, sob pena de os doadores caírem na chamada "malha fina" da Receita Federal, com consequências evidentemente indesejadas para o contribuinte e para futuras campanhas de arrecadação.

1037 Vide art. 95, do ECA. Nova redação conforme Lei nº 8.242/1991, de 12/10/1991. Cabe ao Ministério Público, inclusive como decorrência de sua atribuição natural de zelar pela moralidade e legalidade no uso de recursos públicos, a fiscalização da destinação dos recursos captados pelo FIA local. Esta atribuição deve ser exercida junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente do município que, por força do disposto no art. 88, inciso IV, do ECA, é o *gestor* dos recursos captados pelo FIA. Importante não perder de vista que os recursos captados pelo FIA, seja qual for a sua fonte (doações de pessoas físicas ou jurídicas, multas administrativas aplicadas nos procedimentos para apuração de irregularidades em entidades de atendimento e ações civis públicas, transferências inter-governamentais, verbas orçamentárias etc.), *são recursos públicos*, estando portanto sujeitos às mesmas cautelas quanto à utilização dos recursos públicos em geral, cabendo ao CMDCA, logicamente, a estrita observância dos princípios que norteiam a administração pública, *ex vi* do disposto no art. 37, da CF e art. 4º, da Lei nº 8.429/1992. Devem, portanto, ser estabelecidos *critérios claros* e o quanto possível *objetivos* para destinação dos recursos captados pelo FIA, de modo que sejam estes destinados, de forma transparente e impessoal, aos setores e projetos tidos como prioritários pelo CMDCA, de acordo com a política de atendimento à criança e ao adolescente por este traçada. Importante também destacar que os recursos captados pelo FIA, por força do disposto no art. 90, *caput*, do ECA, *não podem ser destinados à manutenção das entidades de atendimento*, mas apenas aos *programas* por estas desenvolvidos, de acordo com os projetos e planos de aplicação apresentados e aprovados pelo CMDCA, com posterior *prestação de contas* (cf. art. 96, do ECA). Também importante deixar claro que os recursos captados pelo

FIA servem de mero *complemento*, não podendo substituir a *indispensável previsão orçamentária* para criação e manutenção de serviços públicos e programas de atendimento à população infanto-juvenil, que como dito são de responsabilidade *primeira* do Poder Público (cf. arts. 100, par. único, inciso III e 260, §5º, do ECA).

1038 Acrescido pela Lei nº 12.010/2009, de 03/08/2009 e inadvertidamente revogado pela Lei nº 12.594/2012. Vide art. 227, *caput*, da CF e arts. 4º, par. único, alíneas "c" e "d"; 86; 87; 88; 100, par. único, inciso III e 101, §12, do ECA. O dispositivo procura deixar claro que os recursos captados pelos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente servem de mero *complemento* ao *orçamento* dos órgãos públicos encarregados da execução das políticas públicas em prol da infância e juventude, de onde devem sair, fundamentalmente, os recursos públicos que para tanto se fizerem necessários, com a *prioridade absoluta* preconizada pela Lei e pela Constituição Federal.

1039 Dispositivo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Por uma falha na sistematização, o dispositivo consta como §5º, quando na verdade deveria ser o §6º, que por certo a Lei nº 12.594/2012 não revogou nem cogitou revogar.

Art. 260-A. A partir do exercício de 2010, ano-calendário de 2009, a pessoa física poderá optar pela doação de que trata o inciso II do *caput* do art. 260 diretamente em sua Declaração de Ajuste Anual **[1040]**.

§1º. A doação de que trata o *caput* poderá ser deduzida até os seguintes percentuais aplicados sobre o imposto apurado na declaração:

I - (VETADO);

II - (VETADO);

III - 3% (três por cento) a partir do exercício de 2012 **[1041]**.

§ 2º. A dedução de que trata o *caput*:

I - está sujeita ao limite de 6% (seis por cento) do imposto sobre a renda apurado na declaração de que trata o inciso II do *caput* do art. 260 **[1042]**;

II - não se aplica à pessoa física que:

a) utilizar o desconto simplificado;

b) apresentar declaração em formulário; ou

c) entregar a declaração fora do prazo;

III - só se aplica às doações em espécie; e

IV - não exclui ou reduz outros benefícios ou deduções em vigor.

§ 3º. O pagamento da doação deve ser efetuado até a data de vencimento da primeira quota ou quota única do imposto, observadas instruções específicas da Secretaria da Receita Federal do Brasil.

§ 4º. O não pagamento da doação no prazo estabelecido no § 3º implica a glosa definitiva desta parcela de dedução, ficando a pessoa física obrigada ao recolhimento da diferença de imposto devido apurado na Declaração de Ajuste Anual com os acréscimos legais previstos na legislação.

§ 5º. A pessoa física poderá deduzir do imposto apurado na Declaração de Ajuste Anual as doações feitas, no respectivo ano-calendário, aos fundos controlados pelos

Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente municipais, distrital, estaduais e nacional concomitantemente com a opção de que trata o *caput*, respeitado o limite previsto no inciso II do art. 260 [1043].

1040 Dispositivo acrescido pela Lei nº 12.594/2012. O dispositivo bem expressa o trâmite demorado da lei, fazendo referência ao exercício de 2010, quando a lei foi sancionada em 2012. De qualquer modo, traz uma importante inovação, na medida em que permite ao contribuinte (apenas enquanto *pessoa física*), quando de sua declaração de ajuste anual, efetuar a destinação de recursos aos Fundos da Infância no montante exato passível de dedução integral (sem prejuízo, é claro, da possibilidade de destinação de recursos num patamar maior, se assim o desejar). Trata-se de uma antiga reivindicação, pois a medida pode servir para estimular as doações, a partir de campanhas de conscientização efetuadas sobretudo pelos Conselhos de Direitos junto aos contribuintes e escritórios e conselhos de contabilidade.

1041 Quando a destinação de recursos ao Fundo da Infância for efetuada no momento da declaração, o montante de recursos passível de dedução é reduzido de 6% (seis por cento) para apenas 3% (três por cento) do imposto devido. Trata-se de uma distinção infeliz, que poderia ter sido perfeitamente dispensada, pois acaba prejudicando a captação de recursos pelo Fundo da Infância, nesta modalidade de receita.

1042 Disposição ociosa, posto que já contemplada pelo art. 260, inciso II, do ECA.

1043 O dispositivo permite o cômputo da "soma" de eventual destinação de recursos aos Fundos da Infância efetuada no ano anterior com a destinação efetuada no momento da declaração, porém o percentual de dedução, somadas ambas operações, não poderá ultrapassar os 6% (seis por cento) do imposto de renda devido. Vale lembrar que esta disposição, a exemplo de outras contidas neste artigo, somente se aplica às *pessoas físicas*.

Art. 260-B. A doação de que trata o inciso I do art. 260 poderá ser deduzida [1044]:

I - do imposto devido no trimestre, para as pessoas jurídicas que apuram o imposto trimestralmente; e

II - do imposto devido mensalmente e no ajuste anual, para as pessoas jurídicas que apuram o imposto anualmente.

Parágrafo único. A doação deverá ser efetuada dentro do período a que se refere a apuração do imposto.

1044 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. O dispositivo se aplica apenas às *pessoas jurídicas* que apuram seu imposto de renda trimestralmente ou anualmente.

Art. 260-C. As doações de que trata o art. 260 desta Lei podem ser efetuadas em espécie ou em bens [1045].

Parágrafo único. As doações efetuadas em espécie devem ser depositadas em conta específica, em instituição financeira pública, vinculadas aos respectivos fundos de que trata o art. 260 [1046].

1045 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Vide art. 260-A, inciso III, do ECA. Vale lembrar que, quando a destinação de recursos se dá no momento da declaração, a "doação" somente poderá ser efetuada *em espécie*.

1046 O dispositivo evidencia a necessidade de abertura de *conta bancária específica* para captação das "doações" de pessoas físicas e jurídicas aos Fundos da Infância, não podendo ser estas depositadas em outras contas utilizadas para captação e repasse de recursos do Tesouro ou outros fundos especiais. O objetivo é evitar que os recursos captados pelos Fundos da Infância sejam "misturados" com outros recursos públicos movimentados pelo "caixa" do respectivo Ente Federado.

Art. 260-D. Os órgãos responsáveis pela administração das contas dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais devem emitir recibo em favor do doador, assinado por pessoa competente e pelo presidente do Conselho correspondente, especificando **[1047]**:

I - número de ordem;

II - nome, Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e endereço do emitente;

III - nome, CNPJ ou Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) do doador;

IV - data da doação e valor efetivamente recebido; e

V - ano-calendário a que se refere a doação.

§ 1º. O comprovante de que trata o *caput* deste artigo pode ser emitido anualmente, desde que discrimine os valores doados mês a mês.

§ 2º. No caso de doação em bens, o comprovante deve conter a identificação dos bens, mediante descrição em campo próprio ou em relação anexa ao comprovante, informando também se houve avaliação, o nome, CPF ou CNPJ e endereço dos avaliadores.

1047 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. A administração das contas dos Fundos da Infância (diga-se, sua organização contábil e operacionalização) deve ser efetuada pelos próprios setores encarregados das finanças públicas dos Entes Federados que, neste aspecto, prestarão o indispensável assessoramento técnico aos respectivos Conselhos de Direitos. A movimentação/liberação dos recursos, em qualquer caso, assim como a emissão do recibo ao "doador" dependerá da assinatura conjunta com a Presidência do Conselho de Direitos e será precedida da *deliberação* deste órgão quanto à sua destinação. Vale também lembrar que a operacionalização dos recursos dos Fundos da Infância está igualmente sujeita às normas e princípios que regem a utilização dos recursos públicos em geral e, acima de tudo, ao *princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente*, de modo que, entre a *deliberação* do Conselho de Direitos e a *liberação dos recursos* ao projeto respectivo deve decorrer *o menor período de tempo possível*, com o *trâmite prioritário* do processo junto ao órgão da administração competente. O dispostivo também contempla os requisitos necessários ao "recibo" que será emitido ao "doador", para o fim de comprovação da destinação de recursos efetuada.

Art. 260-E. Na hipótese da doação em bens, o doador deverá **[1048]**:

I - comprovar a propriedade dos bens, mediante documentação hábil;

II - baixar os bens doados na declaração de bens e direitos, quando se tratar de pessoa física, e na escrituração, no caso de pessoa jurídica; e

III - considerar como valor dos bens doados:

a) para as pessoas físicas, o valor constante da última declaração do imposto de renda, desde que não exceda o valor de mercado;

b) para as pessoas jurídicas, o valor contábil dos bens.

Parágrafo único. O preço obtido em caso de leilão não será considerado na determinação do valor dos bens doados, exceto se o leilão for determinado por autoridade judiciária.

1048 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Vide art. 260-A, inciso III, do ECA. O dispositivo traz alguns requisitos necessários especificamente à doação de *bens* aos Fundos da Infância.

Art. 260-F. Os documentos a que se referem os arts. 260-D e 260-E devem ser mantidos pelo contribuinte por um prazo de 5 (cinco) anos para fins de comprovação da dedução perante a Receita Federal do Brasil **[1049]**.

1049 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Trata-se de mera cautela, exigida em outras normas da Receita Federal, para segurança do próprio contribuinte.

Art. 260-G. Os órgãos responsáveis pela administração das contas dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais devem **[1050]**:

I - manter conta bancária específica destinada exclusivamente a gerir os recursos do Fundo **[1051]**;

II - manter controle das doações recebidas; e

III - informar anualmente à Secretaria da Receita Federal do Brasil as doações recebidas mês a mês, identificando os seguintes dados por doador **[1052]**:

a) nome, CNPJ ou CPF;

b) valor doado, especificando se a doação foi em espécie ou em bens.

1050 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Vide art. 260-C, par. único. O dispositivo estabelece algumas obrigações elementares aos "gestores" dos Fundos da Infância, de modo a evitar fraudes e/ou problemas para os contribuintes, quando da declaração de imposto de renda.

1051 Obrigação já contemplada pelo art. 260-C, par. único, do ECA (vide comentários).

1052 Sem que tais informações sejam prestadas, os "doadores" acabarão caindo na chamada "malha fina" da Receita Federal, fazendo com que sejam convocados a comprovar a "doação" efetuada mediante o recibo de que trata o art. 260-D, *caput*, do ECA, o que por certo irá desestimular a realização de "doações" futuras.

Art. 260-H. Em caso de descumprimento das obrigações previstas no art. 260-G, a Secretaria da Receita Federal do Brasil dará conhecimento do fato ao Ministério Público **[1053]**.

1053 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Vide arts. 5º, 201 e sgts, 208, 212, 213 e 216, do ECA e art. 11, da Lei Federal nº 8.429/1992. A

violação das obrigações impostas aos "gestores" do Fundo da Infância, além de dar ensejo a eventual demanda judicial tendo por objeto uma "obrigação de fazer", pode resultar na *responsabilidade civil e administrativa* dos agentes públicos respectivos, inclusive pela prática de *ato de improbidade administrativa*.

Art. 260-I. Os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais divulgarão amplamente à comunidade **[1054]**:

I - o calendário de suas reuniões;

II - as ações prioritárias para aplicação das políticas de atendimento à criança e ao adolescente;

III - os requisitos para a apresentação de projetos a serem beneficiados com recursos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital ou municipais **[1055]**;

IV - a relação dos projetos aprovados em cada ano-calendário e o valor dos recursos previstos para implementação das ações, por projeto;

V - o total dos recursos recebidos e a respectiva destinação, por projeto atendido, inclusive com cadastramento na base de dados do Sistema de Informações sobre a Infância e a Adolescência **[1056]**; e

VI - a avaliação dos resultados dos projetos beneficiados com recursos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais **[1057]**.

1054 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Vide art. 88, incisos II e VII, do ECA. A "transparência" no funcionamento dos Conselhos de Direitos, em todos os níveis, é *fundamental*, servindo inclusive de estímulo à participação popular e às "doações" de pessoas físicas e jurídicas para os Fundos Especiais por eles geridos. As reuniões devem ser públicas, em horários e locais que permitam a mais ampla participação popular, com "pautas" de debates previamente definidas e divulgadas. O ideal é que o Conselho de Direitos conte com página própria na *internet* ou, ao menos, ocupe um lugar de destaque na página que o Ente Federado ao qual estiver vinculado possui na rede mundial de computadores. Seria também desejável que as reuniões fossem transmitidas "*on line*", via *internet*, de modo que todos possam acompanhar o que está sendo debatido e deliberado. Afinal, os Conselhos de Direitos têm como dever elementar a *conscientização* e a *mobilização da opinião pública* em prol da causa da infância e juventude.

1055 O dispositivo deixa claro que é *o Conselho de Direitos* quem deve tomar a iniciativa na definição das modalidades de projetos que serão beneficiados com os recursos captados pelos Fundos da Infância, e quais os *requisitos mínimos* que estes deverão conter para que possam ser considerados "habilitados" a recebê-los. Enfatiza ainda que os recursos captados pelos Fundos da Infância são destinados *aos projetos*, e *não* às *entidades*, que por força do disposto no art. 90, *caput*, do ECA, "*são responsáveis pela manutenção das próprias unidades...*". Todo o processo de seleção dos projetos deve ter o máximo de *transparência* e *publicidade* possível, com a prévia definições dos *critérios de seleção*, de modo a evitar decisões casuísticas e/ou o "clientelismo". Nunca é demais lembrar que os recursos captados pelos Fundos da Infância são *recursos públicos* e, como tal, estão sujeitos às mesmas normas e princípios aplicáveis à utilização dos recursos públicos em geral, a começar pelo disposto no art. 37, da Constituição Federal e Lei Federal nº 8.429/1992.

1056 Vide art. 90, §1º, do ECA. O dispositivo faz expressa referência ao "Sistema de Informações sobre a Infância e Adolescência", também conhecido por "SIPIA", que tem por objetivo colher dados acerca das principais demandas na área da infância e juventude, de modo a servir de base para implementação de políticas públicas que permitam atendê-las e solucioná-las (sobre a necessidade de um "diagnóstico" da situação para elaboração/reavaliação dos planos de atendimento especificamente destinados a adolescentes envolvidos com a prática de ato infracional, vide art. 7º, da Lei Federal nº 12.594/2012). Vale lembrar que os projetos e programas desenvolvidos pelas entidades devem ser registrados junto aos Conselhos Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente (cf. art. 90, §1º, do ECA), que por sua vez deverão comunicar o registro ao Conselho Tutelar e autoridade judiciária, bem como inserí-lo no banco de dados respectivo.

1057 Vide arts. 90, §3º e 95, do ECA. A "*qualidade e eficiência*" do projeto e do trabalho efetivamente desenvolvido pela entidade que o executa é essencial, pois de nada adianta um programa ou serviço que não possui a estrutura e/ou condição técnica necessária à solução dos casos que atende. A reavaliação periódica dos programas em execução, por parte do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente já era prevista pelo art. 90, §3º, do ECA, e este dispositivo estende tal obrigação aos demais Conselhos de Direitos, quando o projeto for financiado com recursos captados pelos Fundos Especiais sob sua responsabilidade. De qualquer forma, a fiscalização permanente dos programas em execução na área da infância e da juventude cabe também ao Conselho Tutelar, Ministério Público e Poder Judiciário, e aqueles que recebem recursos públicos, seja qual for a fonte, estão sujeitos à fiscalização dos Tribunais de Contas.

Art. 260-J. O Ministério Público determinará, em cada Comarca, a forma de fiscalização da aplicação dos incentivos fiscais referidos no art. 260 desta Lei **[1058]**.

Parágrafo único. O descumprimento do disposto nos arts. 260-G e 260-I sujeitará os infratores a responder por ação judicial proposta pelo Ministério Público, que poderá atuar de ofício, a requerimento ou representação de qualquer cidadão **[1059]**.

1058 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012, de 18/01/2012. Dispositivo ocioso, posto que seu conteúdo já era contemplado pelo art. 260, §4º, do ECA (vide comentários).

1059 Vide arts. 5º, 201 e sgts, 208, 212, 213, 216, 220 e 260-H, do ECA e art. 11, da Lei Federal nº 8.429/1992. Por força do disposto no art. 220, do ECA, qualquer cidadão tem a possibilidade, e qualquer servidor público (*lato sensu*) tem o *dever* de provocar o Ministério Público sempre que se deparar com uma situação de possível ameaça ou violação de direitos infanto-juvenis, inclusive quando isto for decorrente do descumprimento de *normas cogentes* como as contidas nos arts. 260-G e I e outros do ECA. Evidente que, em qualquer caso, o Ministério Público pode - e *deve* - agir *de ofício*, independentemente de provocação, devendo tomas as medidas administrativas e, se necessário, judiciais, para solucionar o problema e, se for o caso, responsabilizar os agentes respectivos. Este dispositivo, portanto, apenas se "soma" aos demais que tratam da matéria.

Art. 260-K. A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) encaminhará à Secretaria da Receita Federal do Brasil, até 31 de outubro de cada ano, arquivo eletrônico contendo a relação atualizada dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, distrital, estaduais e municipais, com

a indicação dos respectivos números de inscrição no CNPJ e das contas bancárias específicas mantidas em instituições financeiras públicas, destinadas exclusivamente a gerir os recursos dos Fundos [1060].

1060 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012. Trata-se de uma obrigação específica imposta à Secretaria de Direitos Humanos que, pela atual estrutura administrativa do Governo Federal, é responsável pela área da infância e juventude, bem como pelo suporte administrativo ao Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA.

Art. 260-L. A Secretaria da Receita Federal do Brasil expedirá as instruções necessárias à aplicação do disposto nos arts. 260 a 260-K [1061].

1061 Artigo acrescido pela Lei nº 12.594/2012. Trata-se de uma obrigação específica imposta à Secretaria da Receita Federal, valendo dizer que, atualmente, tal regulamentação fica a cargo da Instrução Normativa SRF nº 267/2002, de 23/12/2002.

Art. 261. À falta dos Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente, os registros, inscrições e alterações a que se refere os arts. 90, parágrafo único, e 91 desta Lei serão efetuados perante a autoridade judiciária da comarca a que pertence a entidade [1062].

Parágrafo único. A União fica autorizada a repassar aos Estados e Municípios, e os Estados aos Municípios, os recursos referentes aos programas e atividades previstos nesta Lei, tão logo estejam criados os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente nos seus respectivos níveis [1063].

1062 Vide arts. 146 e 153, do ECA. Deve ser instaurado procedimento específico com vista à inscrição da entidade e/ou programas de atendimento, com a obrigatória intervenção do Ministério Público.

1063 A *contrariu sensu*, enquanto não instalados - e funcionando de forma adequada - os Conselhos de Direitos, não poderá ocorrer o repasse de recursos a que se refere o dispositivo. O repasse de recursos também dependerá da criação, por lei, do Fundo Especial para Infância e Adolescência - FIA respectivo, sendo que enquanto não regulamentado este, poderá ser adotada solução semelhante à contida no art. 214, §2º, do ECA. Vale lembrar que, de acordo com o art. 73, da Lei nº 4.320/1964, "*Salvo determinação em contrário da lei que o instituiu, o saldo do fundo especial apurado em balanço será transferido para o exercício seguinte, a crédito do mesmo fundo*". Assim sendo, os recursos captados pelo FIA que não forem utilizados ao longo de um exercício financeiro, em regra serão transferidos para o exercício seguinte. Vide também comentários ao art. 88, inciso IV, do ECA.

Art. 262. Enquanto não instalados os Conselhos Tutelares, as atribuições a eles conferidas [1064] serão exercidas pela autoridade judiciária [1065].

1064 Vide arts. 95, 131, 136, 191 e 194, do ECA.

1065 Vide art. 146, do ECA. Vide também comentários aos arts. 136 e 153, do ECA. O dispositivo evidencia o fato de que as situações que se enquadram na esfera de atribuições do Conselho Tutelar *a contrariu sensu*, não devem resultar na instauração de procedimentos judiciais, devendo a Justiça da Infância e da Juventude "qualificar" sua atuação, tendo como foco central a solução dos

problemas "estruturais" dos municípios (em razão do contido no art. 88, inciso I, do ECA), numa perspectiva eminentemente *coletiva* (posto que voltada à implementação de políticas públicas e das ações, serviços e programas de atendimento a estas correspondentes) e, por conseguinte, *preventiva*. Evidente, no entanto, que pelo princípio consagrado pelo art. 5º, inciso XXXV, da Constituição Federal, não há óbice à intervenção judicial nos casos atendidos pelo Conselho Tutelar, a pedido de quem tenha legítimo interesse (valendo observar, inclusive, o disposto no art. 137, do ECA).

Art. 263. O Decreto-lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940, Código Penal, passa a vigorar com as seguintes alterações:

1) Art. 121. ...

§ 4º. No homicídio culposo, a pena é aumentada de um terço, se o crime resulta de inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício, ou se o agente deixa de prestar imediato socorro à vítima, não procura diminuir as consequências do seu ato, ou foge para evitar prisão em flagrante. Sendo doloso o homicídio, a pena e aumentada de um terço, se o crime é praticado contra pessoa menor de catorze anos.

2) Art. 129. ...

§ 7º. Aumenta-se a pena de um terço, se ocorrer qualquer das hipóteses do Art. 121, §4º.

§ 8º. Aplica-se à lesão culposa o disposto no §5º do Art. 121.

3) Art. 136. ...

§ 3º. Aumenta-se a pena de um terço, se o crime é praticado contra pessoa menor de catorze anos.

4) Art. 213. ...

Parágrafo único. Se a ofendida é menor de catorze anos [1066]:

Pena - reclusão de quatro a dez anos.

5) Art. 214. ...

Parágrafo único. Se o ofendido é menor de catorze anos [1067]:

Pena - reclusão de três a nove anos.

1066 A alteração legislativa aqui prevista jamais entrou em vigor, tendo sido revogada, ainda no período da *vacatio legis* do ECA (cf. art. 266, deste Diploma Legal) pela Lei nº 8.072/1990, de 25/07/1990 (Lei dos Crimes Hediondos), cujo art. 6º previu uma pena ainda mais rigorosa para os autores de atentado violento ao pudor contra vítimas menores de 14 (quatorze) anos. De qualquer modo, a questão está hoje superada com a nova redação dada aos arts. 213 e 214, do CP, pela Lei nº 12.015/2009, de 07/08/2009.

1067 A alteração legislativa aqui prevista jamais entrou em vigor, tendo sido revogada, ainda no período da *vacatio legis* do ECA (cf. art. 266, deste Diploma Legal) pela Lei nº 8.072/1990, de 25/07/1990 (Lei dos Crimes Hediondos), cujo art. 6º previu uma pena ainda mais rigorosa para os autores de estupro contra vítimas menores de 14 (quatorze) anos. De qualquer modo, a questão está hoje superada com a nova redação dada aos arts. 213 e 214, do CP, pela Lei nº 12.015/2009, de 07/08/2009.

Art. 264. O Art. 102 da Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, fica acrescido do seguinte item:

"Art. 102. ...

6º) a perda e a suspensão do pátrio poder."

Art. 265. A Imprensa Nacional e demais gráficas da União, da administração direta ou indireta, inclusive fundações instituídas e mantidas pelo Poder Público Federal, promoverão edição popular do texto integral deste Estatuto, que será posto à disposição das escolas **[1068]** e das entidades de atendimento e de defesa dos direitos da criança e do adolescente.

1068 Vide art. 32, §5º, da LDB, que torna obrigatória a inclusão, no currículo do ensino fundamental, de conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como diretriz a Lei nº 8.069/1990, com a produção e distribuição de material didático adequado.

Art. 266. Esta Lei entra em vigor noventa dias após sua publicação.

Parágrafo único. Durante o período de vacância deverão ser promovidas atividades e campanhas de divulgação e esclarecimento acerca do disposto nesta Lei.

Art. 267. Revogam-se as Leis nºs 4.513, de 1964 e 6.697, de 10 de outubro de 1979 (Código de Menores), e as demais disposições em contrário.

Brasília, em 13 de julho de 1990; 169º da Independência e 102º da República.

FERNANDO COLLOR
Bernardo Cabral
Carlos Chiarelli
Antônio Magri
Margarida Procópio

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. 16/07/1990

ANEXOS

LEI Nº 12.594/2012 - INSTITUI O SINASE

NORMAS INTERNACIONAIS

- Declaração Universal dos Direitos Humanos
- Declaração Universal dos Direitos da Criança
- Convenção sobre os Direitos da Criança
  - Protocolos Facultativos:
  - Sobre o envolvimento de crianças em conflitos armados
  - Sobre a venda de crianças, prostituição e pornografia infantis
- Convenção de Haia - Convenção Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional
- Regras de Beijing - Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude
- Diretrizes de Riad - Diretrizes das Nações Unidas para Prevenção da Delinquência Juvenil
- Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade
- Organização Internacional do Trabalho:
  - Convenção OIT nº 138
    Sobre a Idade Mínima (1973)
  - Convenção OIT nº 182
    Sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (1999)
  - Recomendação OIT nº 190
    Sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (1999)

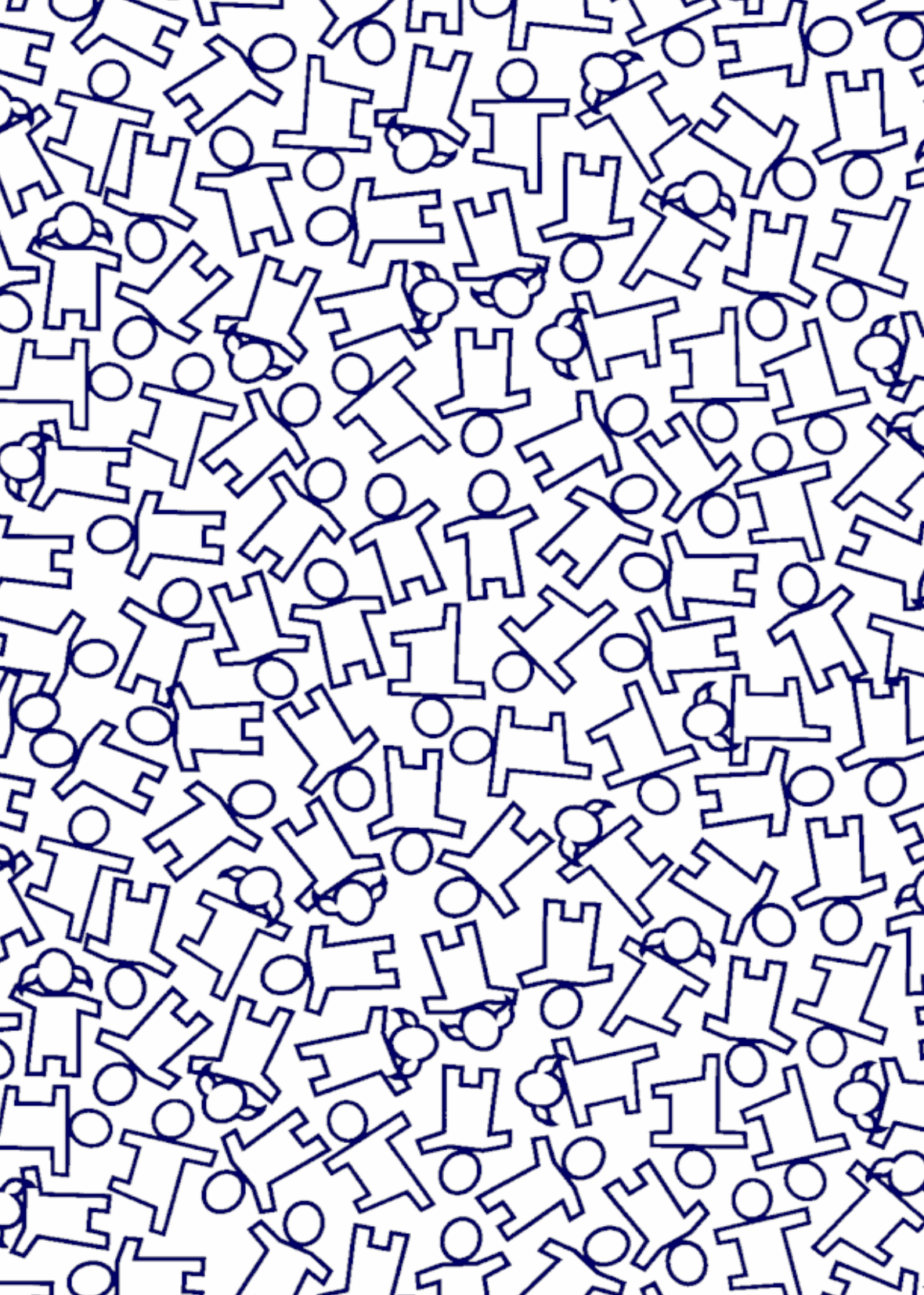

LEI Nº 12.594, DE 18 DE JANEIRO DE 2012

Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nos 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537, de 21 de novembro de 1968, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, os Decretos-Leis nos 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I - DO SISTEMA NACIONAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO (Sinase)

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º. Esta Lei institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) e regulamenta a execução das medidas destinadas a adolescente que pratique ato infracional.

§ 1º. Entende-se por Sinase o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios que envolvem a execução de medidas socioeducativas, incluindo-se nele, por adesão, os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atendimento a adolescente em conflito com a lei.

§ 2º. Entendem-se por medidas socioeducativas as previstas no art. 112 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), as quais têm por objetivos:

I - a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação;

II - a integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento; e

III - a desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observados os limites previstos em lei.

§ 3º. Entendem-se por programa de atendimento a organização e o funcionamento, por unidade, das condições necessárias para o cumprimento das medidas socioeducativas.

§ 4º. Entende-se por unidade a base física necessária para a organização e o funcionamento de programa de atendimento.

§ 5º. Entendem-se por entidade de atendimento a pessoa jurídica de direito público ou privado que instala e mantém a unidade e os recursos humanos e materiais necessários ao desenvolvimento de programas de atendimento.

Art. 2º. O Sinase será coordenado pela União e integrado pelos sistemas estaduais, distrital e municipais responsáveis pela implementação dos seus respectivos programas de atendimento a adolescente ao qual seja aplicada medida socioeducativa, com liberdade de organização e funcionamento, respeitados os termos desta Lei.

CAPÍTULO II - DAS COMPETÊNCIAS

Art. 3º. Compete à União:

I - formular e coordenar a execução da política nacional de atendimento socioeducativo;

II - elaborar o Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo, em parceria com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

III - prestar assistência técnica e suplementação financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas;

IV - instituir e manter o Sistema Nacional de Informações sobre o Atendimento Socioeducativo, seu funcionamento, entidades, programas, incluindo dados relativos a financiamento e população atendida;

V - contribuir para a qualificação e ação em rede dos Sistemas de Atendimento Socioeducativo;

VI - estabelecer diretrizes sobre a organização e funcionamento das unidades e programas de atendimento e as normas de referência destinadas ao cumprimento das medidas socioeducativas de internação e semiliberdade;

VII - instituir e manter processo de avaliação dos Sistemas de Atendimento Socioeducativo, seus planos, entidades e programas;

VIII - financiar, com os demais entes federados, a execução de programas e serviços do Sinase; e

IX - garantir a publicidade de informações sobre repasses de recursos aos gestores estaduais, distrital e municipais, para financiamento de programas de atendimento socioeducativo.

§ 1º. São vedados à União o desenvolvimento e a oferta de programas próprios de atendimento.

§ 2º. Ao Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) competem as funções normativa, deliberativa, de avaliação e de fiscalização do Sinase, nos termos previstos na Lei nº 8.242, de 12 de outubro de 1991, que cria o referido Conselho.

§ 3º. O Plano de que trata o inciso II do *caput* deste artigo será submetido à deliberação do Conanda.

§ 4º. À Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) competem as funções executiva e de gestão do Sinase.

Art. 4º. Compete aos Estados:

I - formular, instituir, coordenar e manter Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo, respeitadas as diretrizes fixadas pela União;

II - elaborar o Plano Estadual de Atendimento Socioeducativo em conformidade com o Plano Nacional;

III - criar, desenvolver e manter programas para a execução das medidas socioeducativas de semiliberdade e internação;

IV - editar normas complementares para a organização e funcionamento do seu sistema de atendimento e dos sistemas municipais;

V - estabelecer com os Municípios formas de colaboração para o atendimento socioeducativo em meio aberto;

VI - prestar assessoria técnica e suplementação financeira aos Municípios para a oferta regular de programas de meio aberto;

VII - garantir o pleno funcionamento do plantão interinstitucional, nos termos previstos no inciso V do art. 88 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente);

VIII - garantir defesa técnica do adolescente a quem se atribua prática de ato infracional;

IX - cadastrar-se no Sistema Nacional de Informações sobre o Atendimento Socioeducativo e fornecer regularmente os dados necessários ao povoamento e à atualização do Sistema; e

X - cofinanciar, com os demais entes federados, a execução de programas e ações destinados ao atendimento inicial de adolescente apreendido para apuração de ato infracional, bem como aqueles destinados a adolescente a quem foi aplicada medida socioeducativa privativa de liberdade.

§ 1º. Ao Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente competem as funções deliberativas e de controle do Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo, nos termos previstos no inciso II do art. 88 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), bem como outras definidas na legislação estadual ou distrital.

§ 2º. O Plano de que trata o inciso II do *caput* deste artigo será submetido à deliberação do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente.

§ 3º. Competem ao órgão a ser designado no Plano de que trata o inciso II do *caput* deste artigo as funções executiva e de gestão do Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo.

Art. 5º. Compete aos Municípios:

I - formular, instituir, coordenar e manter o Sistema Municipal de Atendimento Socioeducativo, respeitadas as diretrizes fixadas pela União e pelo respectivo Estado;

II - elaborar o Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo, em conformidade com o Plano Nacional e o respectivo Plano Estadual;

III - criar e manter programas de atendimento para a execução das medidas socioeducativas em meio aberto;

IV - editar normas complementares para a organização e funcionamento dos programas do seu Sistema de Atendimento Socioeducativo;

V - cadastrar-se no Sistema Nacional de Informações sobre o Atendimento Socioeducativo e fornecer regularmente os dados necessários ao povoamento e à atualização do Sistema; e

VI - cofinanciar, conjuntamente com os demais entes federados, a execução de programas e ações destinados ao atendimento inicial de adolescente apreendido para

apuração de ato infracional, bem como aqueles destinados a adolescente a quem foi aplicada medida socioeducativa em meio aberto.

§ 1º. Para garantir a oferta de programa de atendimento socioeducativo de meio aberto, os Municípios podem instituir os consórcios dos quais trata a Lei nº 11.107, de 6 de abril de 2005, que dispõe sobre normas gerais de contratação de consórcios públicos e dá outras providências, ou qualquer outro instrumento jurídico adequado, como forma de compartilhar responsabilidades.

§ 2º. Ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente competem as funções deliberativas e de controle do Sistema Municipal de Atendimento Socioeducativo, nos termos previstos no inciso II do art. 88 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), bem como outras definidas na legislação municipal.

§ 3º. O Plano de que trata o inciso II do *caput* deste artigo será submetido à deliberação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

§ 4º. Competem ao órgão a ser designado no Plano de que trata o inciso II do *caput* deste artigo as funções executiva e de gestão do Sistema Municipal de Atendimento Socioeducativo.

Art. 6º. Ao Distrito Federal cabem, cumulativamente, as competências dos Estados e dos Municípios.

CAPÍTULO III - DOS PLANOS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO

Art. 7º. O Plano de que trata o inciso II do art. 3º desta Lei deverá incluir um diagnóstico da situação do Sinase, as diretrizes, os objetivos, as metas, as prioridades e as formas de financiamento e gestão das ações de atendimento para os 10 (dez) anos seguintes, em sintonia com os princípios elencados na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

§ 1º. As normas nacionais de referência para o atendimento socioeducativo devem constituir anexo ao Plano de que trata o inciso II do art. 3º desta Lei.

§ 2º. Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão, com base no Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo, elaborar seus planos decenais correspondentes, em até 360 (trezentos e sessenta) dias a partir da aprovação do Plano Nacional.

Art. 8º. Os Planos de Atendimento Socioeducativo deverão, obrigatoriamente, prever ações articuladas nas áreas de educação, saúde, assistência social, cultura,

capacitação para o trabalho e esporte, para os adolescentes atendidos, em conformidade com os princípios elencados na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Parágrafo único. Os Poderes Legislativos federal, estaduais, distrital e municipais, por meio de suas comissões temáticas pertinentes, acompanharão a execução dos Planos de Atendimento Socioeducativo dos respectivos entes federados.

CAPÍTULO IV - DOS PROGRAMAS DE ATENDIMENTO

Seção I - Disposições Gerais

Art. 9º. Os Estados e o Distrito Federal inscreverão seus programas de atendimento e alterações no Conselho Estadual ou Distrital dos Direitos da Criança e do Adolescente, conforme o caso.

Art. 10. Os Municípios inscreverão seus programas e alterações, bem como as entidades de atendimento executoras, no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Art. 11. Além da especificação do regime, são requisitos obrigatórios para a inscrição de programa de atendimento:

I - a exposição das linhas gerais dos métodos e técnicas pedagógicas, com a especificação das atividades de natureza coletiva;

II - a indicação da estrutura material, dos recursos humanos e das estratégias de segurança compatíveis com as necessidades da respectiva unidade;

III - regimento interno que regule o funcionamento da entidade, no qual deverá constar, no mínimo:

a) o detalhamento das atribuições e responsabilidades do dirigente, de seus prepostos, dos membros da equipe técnica e dos demais educadores;

b) a previsão das condições do exercício da disciplina e concessão de benefícios e o respectivo procedimento de aplicação; e

c) a previsão da concessão de benefícios extraordinários e enaltecimento, tendo em vista tornar público o reconhecimento ao adolescente pelo esforço realizado na consecução dos objetivos do plano individual;

IV - a política de formação dos recursos humanos;

V - a previsão das ações de acompanhamento do adolescente após o cumprimento de medida socioeducativa;

VI - a indicação da equipe técnica, cuja quantidade e formação devem estar em conformidade com as normas de referência do sistema e dos conselhos profissionais e com o atendimento socioeducativo a ser realizado; e

VII - a adesão ao Sistema de Informações sobre o Atendimento Socioeducativo, bem como sua operação efetiva.

Parágrafo único. O não cumprimento do previsto neste artigo sujeita as entidades de atendimento, os órgãos gestores, seus dirigentes ou prepostos à aplicação das medidas previstas no art. 97 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Art. 12. A composição da equipe técnica do programa de atendimento deverá ser interdisciplinar, compreendendo, no mínimo, profissionais das áreas de saúde, educação e assistência social, de acordo com as normas de referência.

§ 1º. Outros profissionais podem ser acrescentados às equipes para atender necessidades específicas do programa.

§ 2º. Regimento interno deve discriminar as atribuições de cada profissional, sendo proibida a sobreposição dessas atribuições na entidade de atendimento.

§ 3º. O não cumprimento do previsto neste artigo sujeita as entidades de atendimento, seus dirigentes ou prepostos à aplicação das medidas previstas no art. 97 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Seção II - Dos Programas de Meio Aberto

Art. 13. Compete à direção do programa de prestação de serviços à comunidade ou de liberdade assistida:

I - selecionar e credenciar orientadores, designando-os, caso a caso, para acompanhar e avaliar o cumprimento da medida;

II - receber o adolescente e seus pais ou responsável e orientá-los sobre a finalidade da medida e a organização e funcionamento do programa;

III - encaminhar o adolescente para o orientador credenciado;

IV - supervisionar o desenvolvimento da medida; e

V - avaliar, com o orientador, a evolução do cumprimento da medida e, se necessário, propor à autoridade judiciária sua substituição, suspensão ou extinção.

Parágrafo único. O rol de orientadores credenciados deverá ser comunicado, semestralmente, à autoridade judiciária e ao Ministério Público.

Art. 14. Incumbe ainda à direção do programa de medida de prestação de serviços à comunidade selecionar e credenciar entidades assistenciais, hospitais, escolas ou outros estabelecimentos congêneres, bem como os programas comunitários ou governamentais, de acordo com o perfil do socioeducando e o ambiente no qual a medida será cumprida.

Parágrafo único. Se o Ministério Público impugnar o credenciamento, ou a autoridade judiciária considerá-lo inadequado, instaurará incidente de impugnação, com a aplicação subsidiária do procedimento de apuração de irregularidade em entidade de atendimento regulamentado na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), devendo citar o dirigente do programa e a direção da entidade ou órgão credenciado.

Seção III - Dos Programas de Privação da Liberdade

Art. 15. São requisitos específicos para a inscrição de programas de regime de semiliberdade ou internação:

I - a comprovação da existência de estabelecimento educacional com instalações adequadas e em conformidade com as normas de referência;

II - a previsão do processo e dos requisitos para a escolha do dirigente;

III - a apresentação das atividades de natureza coletiva;

IV - a definição das estratégias para a gestão de conflitos, vedada a previsão de isolamento cautelar, exceto nos casos previstos no § 2º do art. 49 desta Lei; e

V - a previsão de regime disciplinar nos termos do art. 72 desta Lei.

Art. 16. A estrutura física da unidade deverá ser compatível com as normas de referência do Sinase.

§ 1º. É vedada a edificação de unidades socioeducacionais em espaços contíguos, anexos, ou de qualquer outra forma integrados a estabelecimentos penais.

§ 2º. A direção da unidade adotará, em caráter excepcional, medidas para proteção do interno em casos de risco à sua integridade física, à sua vida, ou à de outrem, comunicando, de imediato, seu defensor e o Ministério Público.

Art. 17. Para o exercício da função de dirigente de programa de atendimento em regime de semiliberdade ou de internação, além dos requisitos específicos previstos no respectivo programa de atendimento, é necessário:

I - formação de nível superior compatível com a natureza da função;

II - comprovada experiência no trabalho com adolescentes de, no mínimo, 2 (dois) anos; e

III - reputação ilibada.

CAPÍTULO V - DA AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DA GESTÃO DO ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO

Art. 18. A União, em articulação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, realizará avaliações periódicas da implementação dos Planos de Atendimento Socioeducativo em intervalos não superiores a 3 (três) anos.

§ 1º. O objetivo da avaliação é verificar o cumprimento das metas estabelecidas e elaborar recomendações aos gestores e operadores dos Sistemas.

§ 2º. O processo de avaliação deverá contar com a participação de representantes do Poder Judiciário, do Ministério Público, da Defensoria Pública e dos Conselhos Tutelares, na forma a ser definida em regulamento.

§ 3º. A primeira avaliação do Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo realizar-se-á no terceiro ano de vigência desta Lei, cabendo ao Poder Legislativo federal acompanhar o trabalho por meio de suas comissões temáticas pertinentes.

Art. 19. É instituído o Sistema Nacional de Avaliação e Acompanhamento do Atendimento Socioeducativo, com os seguintes objetivos:

I - contribuir para a organização da rede de atendimento socioeducativo;

II - assegurar conhecimento rigoroso sobre as ações do atendimento socioeducativo e seus resultados;

III - promover a melhora da qualidade da gestão e do atendimento socioeducativo; e

IV - disponibilizar informações sobre o atendimento socioeducativo.

§ 1º. A avaliação abrangerá, no mínimo, a gestão, as entidades de atendimento, os programas e os resultados da execução das medidas socioeducativas.

§ 2º. Ao final da avaliação, será elaborado relatório contendo histórico e diagnóstico da situação, as recomendações e os prazos para que essas sejam cumpridas, além de outros elementos a serem definidos em regulamento.

§ 3º. O relatório da avaliação deverá ser encaminhado aos respectivos Conselhos de Direitos, Conselhos Tutelares e ao Ministério Público.

§ 4º. Os gestores e entidades têm o dever de colaborar com o processo de avaliação, facilitando o acesso às suas instalações, à documentação e a todos os elementos necessários ao seu efetivo cumprimento.

§ 5º. O acompanhamento tem por objetivo verificar o cumprimento das metas dos Planos de Atendimento Socioeducativo.

Art. 20. O Sistema Nacional de Avaliação e Acompanhamento da Gestão do Atendimento Socioeducativo assegurará, na metodologia a ser empregada:

I - a realização da autoavaliação dos gestores e das instituições de atendimento;

II - a avaliação institucional externa, contemplando a análise global e integrada das instalações físicas, relações institucionais, compromisso social, atividades e finalidades das instituições de atendimento e seus programas;

III - o respeito à identidade e à diversidade de entidades e programas;

IV - a participação do corpo de funcionários das entidades de atendimento e dos Conselhos Tutelares da área de atuação da entidade avaliada; e

V - o caráter público de todos os procedimentos, dados e resultados dos processos avaliativos.

Art. 21. A avaliação será coordenada por uma comissão permanente e realizada por comissões temporárias, essas compostas, no mínimo, por 3 (três) especialistas com reconhecida atuação na área temática e definidas na forma do regulamento.

Parágrafo único. É vedado à comissão permanente designar avaliadores:

I - que sejam titulares ou servidores dos órgãos gestores avaliados ou funcionários das entidades avaliadas;

II - que tenham relação de parentesco até o 3º grau com titulares ou servidores dos órgãos gestores avaliados e/ou funcionários das entidades avaliadas; e

III - que estejam respondendo a processos criminais.

Art. 22. A avaliação da gestão terá por objetivo:

I - verificar se o planejamento orçamentário e sua execução se processam de forma compatível com as necessidades do respectivo Sistema de Atendimento Socioeducativo;

II - verificar a manutenção do fluxo financeiro, considerando as necessidades operacionais do atendimento socioeducativo, as normas de referência e as condições

previstas nos instrumentos jurídicos celebrados entre os órgãos gestores e as entidades de atendimento;

III - verificar a implementação de todos os demais compromissos assumidos por ocasião da celebração dos instrumentos jurídicos relativos ao atendimento socioeducativo; e

IV - a articulação interinstitucional e intersetorial das políticas.

Art. 23. A avaliação das entidades terá por objetivo identificar o perfil e o impacto de sua atuação, por meio de suas atividades, programas e projetos, considerando as diferentes dimensões institucionais e, entre elas, obrigatoriamente, as seguintes:

I - o plano de desenvolvimento institucional;

II - a responsabilidade social, considerada especialmente sua contribuição para a inclusão social e o desenvolvimento socioeconômico do adolescente e de sua família;

III - a comunicação e o intercâmbio com a sociedade;

IV - as políticas de pessoal quanto à qualificação, aperfeiçoamento, desenvolvimento profissional e condições de trabalho;

V - a adequação da infraestrutura física às normas de referência;

VI - o planejamento e a autoavaliação quanto aos processos, resultados, eficiência e eficácia do projeto pedagógico e da proposta socioeducativa;

VII - as políticas de atendimento para os adolescentes e suas famílias;

VIII - a atenção integral à saúde dos adolescentes em conformidade com as diretrizes do art. 60 desta Lei; e

IX - a sustentabilidade financeira.

Art. 24. A avaliação dos programas terá por objetivo verificar, no mínimo, o atendimento ao que determinam os arts. 94, 100, 117, 119, 120, 123 e 124 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Art. 25. A avaliação dos resultados da execução de medida socioeducativa terá por objetivo, no mínimo:

I - verificar a situação do adolescente após cumprimento da medida socioeducativa, tomando por base suas perspectivas educacionais, sociais, profissionais e familiares; e

II - verificar reincidência de prática de ato infracional.

Art. 26. Os resultados da avaliação serão utilizados para:

I - planejamento de metas e eleição de prioridades do Sistema de Atendimento Socioeducativo e seu financiamento;

II - reestruturação e/ou ampliação da rede de atendimento socioeducativo, de acordo com as necessidades diagnosticadas;

III - adequação dos objetivos e da natureza do atendimento socioeducativo prestado pelas entidades avaliadas;

IV - celebração de instrumentos de cooperação com vistas à correção de problemas diagnosticados na avaliação;

V - reforço de financiamento para fortalecer a rede de atendimento socioeducativo;

VI - melhorar e ampliar a capacitação dos operadores do Sistema de Atendimento Socioeducativo; e

VII - os efeitos do art. 95 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Parágrafo único. As recomendações originadas da avaliação deverão indicar prazo para seu cumprimento por parte das entidades de atendimento e dos gestores avaliados, ao fim do qual estarão sujeitos às medidas previstas no art. 28 desta Lei.

Art. 27. As informações produzidas a partir do Sistema Nacional de Informações sobre Atendimento Socioeducativo serão utilizadas para subsidiar a avaliação, o acompanhamento, a gestão e o financiamento dos Sistemas Nacional, Distrital, Estaduais e Municipais de Atendimento Socioeducativo.

CAPÍTULO VI - DA RESPONSABILIZAÇÃO DOS GESTORES, OPERADORES E ENTIDADES DE ATENDIMENTO

Art. 28. No caso do desrespeito, mesmo que parcial, ou do não cumprimento integral às diretrizes e determinações desta Lei, em todas as esferas, são sujeitos:

I - gestores, operadores e seus prepostos e entidades governamentais às medidas previstas no inciso I e no § 1º do art. 97 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); e

II - entidades não governamentais, seus gestores, operadores e prepostos às medidas previstas no inciso II e no § 1º do art. 97 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Parágrafo único. A aplicação das medidas previstas neste artigo dar-se-á a partir da análise de relatório circunstanciado elaborado após as avaliações, sem prejuízo do

que determinam os arts. 191 a 197, 225 a 227, 230 a 236, 243 e 245 a 247 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Art. 29. Àqueles que, mesmo não sendo agentes públicos, induzam ou concorram, sob qualquer forma, direta ou indireta, para o não cumprimento desta Lei, aplicam-se, no que couber, as penalidades dispostas na Lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992, que dispõe sobre as sanções aplicáveis aos agentes públicos nos casos de enriquecimento ilícito no exercício de mandato, cargo, emprego ou função na administração pública direta, indireta ou fundacional e dá outras providências (Lei de Improbidade Administrativa).

CAPÍTULO VII - DO FINANCIAMENTO E DAS PRIORIDADES

Art. 30. O Sinase será cofinanciado com recursos dos orçamentos fiscal e da seguridade social, além de outras fontes.

§ 1º. (VETADO).

§ 2º. Os entes federados que tenham instituído seus sistemas de atendimento socioeducativo terão acesso aos recursos na forma de transferência adotada pelos órgãos integrantes do Sinase.

§ 3º. Os entes federados beneficiados com recursos dos orçamentos dos órgãos responsáveis pelas políticas integrantes do Sinase, ou de outras fontes, estão sujeitos às normas e procedimentos de monitoramento estabelecidos pelas instâncias dos órgãos das políticas setoriais envolvidas, sem prejuízo do disposto nos incisos IX e X do art. 4º, nos incisos V e VI do art. 5º e no art. 6º desta Lei.

Art. 31. Os Conselhos de Direitos, nas 3 (três) esferas de governo, definirão, anualmente, o percentual de recursos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente a serem aplicados no financiamento das ações previstas nesta Lei, em especial para capacitação, sistemas de informação e de avaliação.

Parágrafo único. Os entes federados beneficiados com recursos do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente para ações de atendimento socioeducativo prestarão informações sobre o desempenho dessas ações por meio do Sistema de Informações sobre Atendimento Socioeducativo.

Art. 32. A Lei nº 7.560, de 19 de dezembro de 1986, passa a vigorar com as seguintes alterações:

> "Art. 5º Os recursos do Funad serão destinados:
>
> .....

X - às entidades governamentais e não governamentais integrantes do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase).
.....” (NR)

“Art. 5º-A. A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad), órgão gestor do Fundo Nacional Antidrogas (Funad), poderá financiar projetos das entidades do Sinase desde que:
I - o ente federado de vinculação da entidade que solicita o recurso possua o respectivo Plano de Atendimento Socioeducativo aprovado;
II - as entidades governamentais e não governamentais integrantes do Sinase que solicitem recursos tenham participado da avaliação nacional do atendimento socioeducativo;
III - o projeto apresentado esteja de acordo com os pressupostos da Política Nacional sobre Drogas e legislação específica.”

Art. 33. A Lei nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 19-A:

“Art. 19-A. O Codefat poderá priorizar projetos das entidades integrantes do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) desde que:
I - o ente federado de vinculação da entidade que solicita o recurso possua o respectivo Plano de Atendimento Socioeducativo aprovado;
II - as entidades governamentais e não governamentais integrantes do Sinase que solicitem recursos tenham se submetido à avaliação nacional do atendimento socioeducativo.”

Art. 34. O art. 2º da Lei nº 5.537, de 21 de novembro de 1968, passa a vigorar acrescido do seguinte § 3º:

“Art. 2º .....
.....
§ 3º O fundo de que trata o art. 1º poderá financiar, na forma das resoluções de seu conselho deliberativo, programas e projetos de educação básica relativos ao Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) desde que:
I - o ente federado que solicitar o recurso possua o respectivo Plano de Atendimento Socioeducativo aprovado;
II - as entidades de atendimento vinculadas ao ente federado que solicitar o recurso tenham se submetido à avaliação nacional do atendimento socioeducativo; e
III - o ente federado tenha assinado o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação e elaborado o respectivo Plano de Ações Articuladas (PAR).” (NR)

TÍTULO II - DA EXECUÇÃO DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 35. A execução das medidas socioeducativas reger-se-á pelos seguintes princípios:

I - legalidade, não podendo o adolescente receber tratamento mais gravoso do que o conferido ao adulto;

II - excepcionalidade da intervenção judicial e da imposição de medidas, favorecendo-se meios de autocomposição de conflitos;

III - prioridade a práticas ou medidas que sejam restaurativas e, sempre que possível, atendam às necessidades das vítimas;

IV - proporcionalidade em relação à ofensa cometida;

V - brevidade da medida em resposta ao ato cometido, em especial o respeito ao que dispõe o art. 122 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente);

VI - individualização, considerando-se a idade, capacidades e circunstâncias pessoais do adolescente;

VII - mínima intervenção, restrita ao necessário para a realização dos objetivos da medida;

VIII - não discriminação do adolescente, notadamente em razão de etnia, gênero, nacionalidade, classe social, orientação religiosa, política ou sexual, ou associação ou pertencimento a qualquer minoria ou status; e

IX - fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários no processo socioeducativo.

CAPÍTULO II - DOS PROCEDIMENTOS

Art. 36. A competência para jurisdicionar a execução das medidas socioeducativas segue o determinado pelo art. 146 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Art. 37. A defesa e o Ministério Público intervirão, sob pena de nulidade, no procedimento judicial de execução de medida socioeducativa, asseguradas aos seus membros as prerrogativas previstas na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), podendo requerer as providências necessárias para adequar a execução aos ditames legais e regulamentares.

Art. 38. As medidas de proteção, de advertência e de reparação do dano, quando aplicadas de forma isolada, serão executadas nos próprios autos do processo de conhecimento, respeitado o disposto nos arts. 143 e 144 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Art. 39. Para aplicação das medidas socioeducativas de prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade ou internação, será constituído processo de execução para cada adolescente, respeitado o disposto nos arts. 143 e 144 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), e com autuação das seguintes peças:

I - documentos de caráter pessoal do adolescente existentes no processo de conhecimento, especialmente os que comprovem sua idade; e

II - as indicadas pela autoridade judiciária, sempre que houver necessidade e, obrigatoriamente:

a) cópia da representação;

b) cópia da certidão de antecedentes;

c) cópia da sentença ou acórdão; e

d) cópia de estudos técnicos realizados durante a fase de conhecimento.

Parágrafo único. Procedimento idêntico será observado na hipótese de medida aplicada em sede de remissão, como forma de suspensão do processo.

Art. 40. Autuadas as peças, a autoridade judiciária encaminhará, imediatamente, cópia integral do expediente ao órgão gestor do atendimento socioeducativo, solicitando designação do programa ou da unidade de cumprimento da medida.

Art. 41. A autoridade judiciária dará vistas da proposta de plano individual de que trata o art. 53 desta Lei ao defensor e ao Ministério Público pelo prazo sucessivo de 3 (três) dias, contados do recebimento da proposta encaminhada pela direção do programa de atendimento.

§ 1º. O defensor e o Ministério Público poderão requerer, e o Juiz da Execução poderá determinar, de ofício, a realização de qualquer avaliação ou perícia que entenderem necessárias para complementação do plano individual.

§ 2º. A impugnação ou complementação do plano individual, requerida pelo defensor ou pelo Ministério Público, deverá ser fundamentada, podendo a autoridade judiciária indeferi-la, se entender insuficiente a motivação.

§ 3º. Admitida a impugnação, ou se entender que o plano é inadequado, a autoridade judiciária designará, se necessário, audiência da qual cientificará o defensor, o Ministério Público, a direção do programa de atendimento, o adolescente e seus pais ou responsável.

§ 4º. A impugnação não suspenderá a execução do plano individual, salvo determinação judicial em contrário.

§ 5º. Findo o prazo sem impugnação, considerar-se-á o plano individual homologado.

Art. 42. As medidas socioeducativas de liberdade assistida, de semiliberdade e de internação deverão ser reavaliadas no máximo a cada 6 (seis) meses, podendo a autoridade judiciária, se necessário, designar audiência, no prazo máximo de 10 (dez) dias, cientificando o defensor, o Ministério Público, a direção do programa de atendimento, o adolescente e seus pais ou responsável.

§ 1º. A audiência será instruída com o relatório da equipe técnica do programa de atendimento sobre a evolução do plano de que trata o art. 52 desta Lei e com qualquer outro parecer técnico requerido pelas partes e deferido pela autoridade judiciária.

§ 2º. A gravidade do ato infracional, os antecedentes e o tempo de duração da medida não são fatores que, por si, justifiquem a não substituição da medida por outra menos grave.

§ 3º. Considera-se mais grave a internação, em relação a todas as demais medidas, e mais grave a semiliberdade, em relação às medidas de meio aberto.

Art. 43. A reavaliação da manutenção, da substituição ou da suspensão das medidas de meio aberto ou de privação da liberdade e do respectivo plano individual pode ser solicitada a qualquer tempo, a pedido da direção do programa de atendimento, do defensor, do Ministério Público, do adolescente, de seus pais ou responsável.

§ 1º. Justifica o pedido de reavaliação, entre outros motivos:

I - o desempenho adequado do adolescente com base no seu plano de atendimento individual, antes do prazo da reavaliação obrigatória;

II - a inadaptação do adolescente ao programa e o reiterado descumprimento das atividades do plano individual; e

III - a necessidade de modificação das atividades do plano individual que importem em maior restrição da liberdade do adolescente.

§ 2º. A autoridade judiciária poderá indeferir o pedido, de pronto, se entender insuficiente a motivação.

§ 3º. Admitido o processamento do pedido, a autoridade judiciária, se necessário, designará audiência, observando o princípio do § 1º do art. 42 desta Lei.

§ 4º. A substituição por medida mais gravosa somente ocorrerá em situações excepcionais, após o devido processo legal, inclusive na hipótese do inciso III do art. 122 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), e deve ser:

I - fundamentada em parecer técnico;

II - precedida de prévia audiência, e nos termos do § 1º do art. 42 desta Lei.

Art. 44. Na hipótese de substituição da medida ou modificação das atividades do plano individual, a autoridade judiciária remeterá o inteiro teor da decisão à direção do programa de atendimento, assim como as peças que entender relevantes à nova situação jurídica do adolescente.

Parágrafo único. No caso de a substituição da medida importar em vinculação do adolescente a outro programa de atendimento, o plano individual e o histórico do cumprimento da medida deverão acompanhar a transferência.

Art. 45. Se, no transcurso da execução, sobrevier sentença de aplicação de nova medida, a autoridade judiciária procederá à unificação, ouvidos, previamente, o Ministério Público e o defensor, no prazo de 3 (três) dias sucessivos, decidindo-se em igual prazo.

§ 1º. É vedado à autoridade judiciária determinar reinício de cumprimento de medida socioeducativa, ou deixar de considerar os prazos máximos, e de liberação compulsória previstos na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), excetuada a hipótese de medida aplicada por ato infracional praticado durante a execução.

§ 2º. É vedado à autoridade judiciária aplicar nova medida de internação, por atos infracionais praticados anteriormente, a adolescente que já tenha concluído cumprimento de medida socioeducativa dessa natureza, ou que tenha sido transferido para cumprimento de medida menos rigorosa, sendo tais atos absorvidos por aqueles aos quais se impôs a medida socioeducativa extrema.

Art. 46. A medida socioeducativa será declarada extinta:

I - pela morte do adolescente;

II - pela realização de sua finalidade;

III - pela aplicação de pena privativa de liberdade, a ser cumprida em regime fechado ou semiaberto, em execução provisória ou definitiva;

IV - pela condição de doença grave, que torne o adolescente incapaz de submeter-se ao cumprimento da medida; e

V - nas demais hipóteses previstas em lei.

§ 1º. No caso de o maior de 18 (dezoito) anos, em cumprimento de medida socioeducativa, responder a processo-crime, caberá à autoridade judiciária decidir sobre eventual extinção da execução, cientificando da decisão o juízo criminal competente.

§ 2º. Em qualquer caso, o tempo de prisão cautelar não convertida em pena privativa de liberdade deve ser descontado do prazo de cumprimento da medida socioeducativa.

Art. 47. O mandado de busca e apreensão do adolescente terá vigência máxima de 6 (seis) meses, a contar da data da expedição, podendo, se necessário, ser renovado, fundamentadamente.

Art. 48. O defensor, o Ministério Público, o adolescente e seus pais ou responsável poderão postular revisão judicial de qualquer sanção disciplinar aplicada, podendo a autoridade judiciária suspender a execução da sanção até decisão final do incidente.

§ 1º. Postulada a revisão após ouvida a autoridade colegiada que aplicou a sanção e havendo provas a produzir em audiência, procederá o magistrado na forma do § 1º do art. 42 desta Lei.

§ 2º. É vedada a aplicação de sanção disciplinar de isolamento a adolescente interno, exceto seja essa imprescindível para garantia da segurança de outros internos ou do próprio adolescente a quem seja imposta a sanção, sendo necessária ainda comunicação ao defensor, ao Ministério Público e à autoridade judiciária em até 24 (vinte e quatro) horas.

CAPÍTULO III - DOS DIREITOS INDIVIDUAIS

Art. 49. São direitos do adolescente submetido ao cumprimento de medida socioeducativa, sem prejuízo de outros previstos em lei:

I - ser acompanhado por seus pais ou responsável e por seu defensor, em qualquer fase do procedimento administrativo ou judicial;

II - ser incluído em programa de meio aberto quando inexistir vaga para o cumprimento de medida de privação da liberdade, exceto nos casos de ato

infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa, quando o adolescente deverá ser internado em Unidade mais próxima de seu local de residência;

III - ser respeitado em sua personalidade, intimidade, liberdade de pensamento e religião e em todos os direitos não expressamente limitados na sentença;

IV - peticionar, por escrito ou verbalmente, diretamente a qualquer autoridade ou órgão público, devendo, obrigatoriamente, ser respondido em até 15 (quinze) dias;

V - ser informado, inclusive por escrito, das normas de organização e funcionamento do programa de atendimento e também das previsões de natureza disciplinar;

VI - receber, sempre que solicitar, informações sobre a evolução de seu plano individual, participando, obrigatoriamente, de sua elaboração e, se for o caso, reavaliação;

VII - receber assistência integral à sua saúde, conforme o disposto no art. 60 desta Lei; e

VIII - ter atendimento garantido em creche e pré-escola aos filhos de 0 (zero) a 5 (cinco) anos.

§ 1º. As garantias processuais destinadas a adolescente autor de ato infracional previstas na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), aplicam-se integralmente na execução das medidas socioeducativas, inclusive no âmbito administrativo.

§ 2º. A oferta irregular de programas de atendimento socioeducativo em meio aberto não poderá ser invocada como motivo para aplicação ou manutenção de medida de privação da liberdade.

Art. 50. Sem prejuízo do disposto no § 1º do art. 121 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), a direção do programa de execução de medida de privação da liberdade poderá autorizar a saída, monitorada, do adolescente nos casos de tratamento médico, doença grave ou falecimento, devidamente comprovados, de pai, mãe, filho, cônjuge, companheiro ou irmão, com imediata comunicação ao juízo competente.

Art. 51. A decisão judicial relativa à execução de medida socioeducativa será proferida após manifestação do defensor e do Ministério Público.

CAPÍTULO IV - DO PLANO INDIVIDUAL DE ATENDIMENTO (PIA)

Art. 52. O cumprimento das medidas socioeducativas, em regime de prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade ou internação, dependerá de Plano Individual de Atendimento (PIA), instrumento de previsão, registro e gestão das atividades a serem desenvolvidas com o adolescente.

Parágrafo único. O PIA deverá contemplar a participação dos pais ou responsáveis, os quais têm o dever de contribuir com o processo ressocializador do adolescente, sendo esses passíveis de responsabilização administrativa, nos termos do art. 249 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), civil e criminal.

Art. 53. O PIA será elaborado sob a responsabilidade da equipe técnica do respectivo programa de atendimento, com a participação efetiva do adolescente e de sua família, representada por seus pais ou responsável.

Art. 54. Constarão do plano individual, no mínimo:

I - os resultados da avaliação interdisciplinar;

II - os objetivos declarados pelo adolescente;

III - a previsão de suas atividades de integração social e/ou capacitação profissional;

IV - atividades de integração e apoio à família;

V - formas de participação da família para efetivo cumprimento do plano individual; e

VI - as medidas específicas de atenção à sua saúde.

Art. 55. Para o cumprimento das medidas de semiliberdade ou de internação, o plano individual conterá, ainda:

I - a designação do programa de atendimento mais adequado para o cumprimento da medida;

II - a definição das atividades internas e externas, individuais ou coletivas, das quais o adolescente poderá participar; e

III - a fixação das metas para o alcance de desenvolvimento de atividades externas.

Parágrafo único. O PIA será elaborado no prazo de até 45 (quarenta e cinco) dias da data do ingresso do adolescente no programa de atendimento.

Art. 56. Para o cumprimento das medidas de prestação de serviços à comunidade e de liberdade assistida, o PIA será elaborado no prazo de até 15 (quinze) dias do ingresso do adolescente no programa de atendimento.

Art. 57. Para a elaboração do PIA, a direção do respectivo programa de atendimento, pessoalmente ou por meio de membro da equipe técnica, terá acesso aos autos do procedimento de apuração do ato infracional e aos dos procedimentos de apuração de outros atos infracionais atribuídos ao mesmo adolescente.

§ 1º. O acesso aos documentos de que trata o *caput* deverá ser realizado por funcionário da entidade de atendimento, devidamente credenciado para tal atividade, ou por membro da direção, em conformidade com as normas a serem definidas pelo Poder Judiciário, de forma a preservar o que determinam os arts. 143 e 144 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

§ 2º. A direção poderá requisitar, ainda:

I - ao estabelecimento de ensino, o histórico escolar do adolescente e as anotações sobre o seu aproveitamento;

II - os dados sobre o resultado de medida anteriormente aplicada e cumprida em outro programa de atendimento; e

III - os resultados de acompanhamento especializado anterior.

Art. 58. Por ocasião da reavaliação da medida, é obrigatória a apresentação pela direção do programa de atendimento de relatório da equipe técnica sobre a evolução do adolescente no cumprimento do plano individual.

Art. 59. O acesso ao plano individual será restrito aos servidores do respectivo programa de atendimento, ao adolescente e a seus pais ou responsável, ao Ministério Público e ao defensor, exceto expressa autorização judicial.

CAPÍTULO V - DA ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DE ADOLESCENTE EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA

Seção I - Disposições Gerais

Art. 60. A atenção integral à saúde do adolescente no Sistema de Atendimento Socioeducativo seguirá as seguintes diretrizes:

I - previsão, nos planos de atendimento socioeducativo, em todas as esferas, da implantação de ações de promoção da saúde, com o objetivo de integrar as ações socioeducativas, estimulando a autonomia, a melhoria das relações interpessoais e o fortalecimento de redes de apoio aos adolescentes e suas famílias;

II - inclusão de ações e serviços para a promoção, proteção, prevenção de agravos e doenças e recuperação da saúde;

III - cuidados especiais em saúde mental, incluindo os relacionados ao uso de álcool e outras substâncias psicoativas, e atenção aos adolescentes com deficiências;

IV - disponibilização de ações de atenção à saúde sexual e reprodutiva e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis;

V - garantia de acesso a todos os níveis de atenção à saúde, por meio de referência e contrarreferência, de acordo com as normas do Sistema Único de Saúde (SUS);

VI - capacitação das equipes de saúde e dos profissionais das entidades de atendimento, bem como daqueles que atuam nas unidades de saúde de referência voltadas às especificidades de saúde dessa população e de suas famílias;

VII - inclusão, nos Sistemas de Informação de Saúde do SUS, bem como no Sistema de Informações sobre Atendimento Socioeducativo, de dados e indicadores de saúde da população de adolescentes em atendimento socioeducativo; e

VIII - estruturação das unidades de internação conforme as normas de referência do SUS e do Sinase, visando ao atendimento das necessidades de Atenção Básica.

Art. 61. As entidades que ofereçam programas de atendimento socioeducativo em meio aberto e de semiliberdade deverão prestar orientações aos socioeducandos sobre o acesso aos serviços e às unidades do SUS.

Art. 62. As entidades que ofereçam programas de privação de liberdade deverão contar com uma equipe mínima de profissionais de saúde cuja composição esteja em conformidade com as normas de referência do SUS.

Art. 63. (VETADO).

§ 1º. O filho de adolescente nascido nos estabelecimentos referidos no *caput* deste artigo não terá tal informação lançada em seu registro de nascimento.

§ 2º. Serão asseguradas as condições necessárias para que a adolescente submetida à execução de medida socioeducativa de privação de liberdade permaneça com o seu filho durante o período de amamentação.

Seção II - Do Atendimento a Adolescente com Transtorno Mental e com Dependência de Álcool e de Substância Psicoativa

Art 64. O adolescente em cumprimento de medida socioeducativa que apresente indícios de transtorno mental, de deficiência mental, ou associadas, deverá ser avaliado por equipe técnica multidisciplinar e multissetorial.

§ 1º. As competências, a composição e a atuação da equipe técnica de que trata o *caput* deverão seguir, conjuntamente, as normas de referência do SUS e do Sinase, na forma do regulamento.

§ 2º. A avaliação de que trata o *caput* subsidiará a elaboração e execução da terapêutica a ser adotada, a qual será incluída no PIA do adolescente, prevendo, se necessário, ações voltadas para a família.

§ 3º. As informações produzidas na avaliação de que trata o *caput* são consideradas sigilosas.

§ 4º. Excepcionalmente, o juiz poderá suspender a execução da medida socioeducativa, ouvidos o defensor e o Ministério Público, com vistas a incluir o adolescente em programa de atenção integral à saúde mental que melhor atenda aos objetivos terapêuticos estabelecidos para o seu caso específico.

§ 5º. Suspensa a execução da medida socioeducativa, o juiz designará o responsável por acompanhar e informar sobre a evolução do atendimento ao adolescente.

§ 6º. A suspensão da execução da medida socioeducativa será avaliada, no mínimo, a cada 6 (seis) meses.

§ 7º. O tratamento a que se submeterá o adolescente deverá observar o previsto na Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

§ 8º. (VETADO).

Art. 65. Enquanto não cessada a jurisdição da Infância e Juventude, a autoridade judiciária, nas hipóteses tratadas no art. 64, poderá remeter cópia dos autos ao

Ministério Público para eventual propositura de interdição e outras providências pertinentes.

Art. 66. (VETADO).

CAPÍTULO VI - DAS VISITAS A ADOLESCENTE EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA DE INTERNAÇÃO

Art. 67. A visita do cônjuge, companheiro, pais ou responsáveis, parentes e amigos a adolescente a quem foi aplicada medida socioeducativa de internação observará dias e horários próprios definidos pela direção do programa de atendimento.

Art. 68. É assegurado ao adolescente casado ou que viva, comprovadamente, em união estável o direito à visita íntima.

Parágrafo único. O visitante será identificado e registrado pela direção do programa de atendimento, que emitirá documento de identificação, pessoal e intransferível, específico para a realização da visita íntima.

Art. 69. É garantido aos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação o direito de receber visita dos filhos, independentemente da idade desses.

Art. 70. O regulamento interno estabelecerá as hipóteses de proibição da entrada de objetos na unidade de internação, vedando o acesso aos seus portadores.

CAPÍTULO VII - DOS REGIMES DISCIPLINARES

Art. 71. Todas as entidades de atendimento socioeducativo deverão, em seus respectivos regimentos, realizar a previsão de regime disciplinar que obedeça aos seguintes princípios:

I - tipificação explícita das infrações como leves, médias e graves e determinação das correspondentes sanções;

II - exigência da instauração formal de processo disciplinar para a aplicação de qualquer sanção, garantidos a ampla defesa e o contraditório;

III - obrigatoriedade de audiência do socioeducando nos casos em que seja necessária a instauração de processo disciplinar;

IV - sanção de duração determinada;

V - enumeração das causas ou circunstâncias que eximam, atenuem ou agravem a sanção a ser imposta ao socioeducando, bem como os requisitos para a extinção dessa;

VI - enumeração explícita das garantias de defesa;

VII - garantia de solicitação e rito de apreciação dos recursos cabíveis; e

VIII - apuração da falta disciplinar por comissão composta por, no mínimo, 3 (três) integrantes, sendo 1 (um), obrigatoriamente, oriundo da equipe técnica.

Art. 72. O regime disciplinar é independente da responsabilidade civil ou penal que advenha do ato cometido.

Art. 73. Nenhum socioeducando poderá desempenhar função ou tarefa de apuração disciplinar ou aplicação de sanção nas entidades de atendimento socioeducativo.

Art. 74. Não será aplicada sanção disciplinar sem expressa e anterior previsão legal ou regulamentar e o devido processo administrativo.

Art. 75. Não será aplicada sanção disciplinar ao socioeducando que tenha praticado a falta:

I - por coação irresistível ou por motivo de força maior;

II - em legítima defesa, própria ou de outrem.

CAPÍTULO VIII - DA CAPACITAÇÃO PARA O TRABALHO

Art. 76. O art. 2º do Decreto-Lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942, passa a vigorar acrescido do seguinte § 1º, renumerando-se o atual parágrafo único para § 2º:

> "Art. 2º .....
> § 1º As escolas do Senai poderão ofertar vagas aos usuários do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) nas condições a serem dispostas em instrumentos de cooperação celebrados entre os operadores do Senai e os gestores dos Sistemas de Atendimento Socioeducativo locais.
> § 2º ..... " (NR)

Art. 77. O art. 3º do Decreto-Lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946, passa a vigorar acrescido do seguinte § 1º, renumerando-se o atual parágrafo único para § 2º:

"Art. 3º .....
§ 1º As escolas do Senac poderão ofertar vagas aos usuários do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) nas condições a serem dispostas em instrumentos de cooperação celebrados entre os operadores do Senac e os gestores dos Sistemas de Atendimento Socioeducativo locais.
§ 2º. ..... " (NR)

Art. 78. O art. 1º da Lei nº 8.315, de 23 de dezembro de 1991, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

"Art. 1º .....
Parágrafo único. Os programas de formação profissional rural do Senar poderão ofertar vagas aos usuários do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) nas condições a serem dispostas em instrumentos de cooperação celebrados entre os operadores do Senar e os gestores dos Sistemas de Atendimento Socioeducativo locais." (NR)

Art. 79. O art. 3º da Lei nº 8.706, de 14 de setembro de 1993, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

"Art. 3º .....
Parágrafo único. Os programas de formação profissional do Senat poderão ofertar vagas aos usuários do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) nas condições a serem dispostas em instrumentos de cooperação celebrados entre os operadores do Senat e os gestores dos Sistemas de Atendimento Socioeducativo locais." (NR)

Art. 80. O art. 429 do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passa a vigorar acrescido do seguinte § 2º:

"Art. 429. .....
.....
§ 2º Os estabelecimentos de que trata o *caput* ofertarão vagas de aprendizes a adolescentes usuários do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) nas condições a serem dispostas em instrumentos de cooperação celebrados entre os estabelecimentos e os gestores dos Sistemas de Atendimento Socioeducativo locais." (NR)

TÍTULO III - DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 81. As entidades que mantenham programas de atendimento têm o prazo de até 6 (seis) meses após a publicação desta Lei para encaminhar ao respectivo Conselho

Estadual ou Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente proposta de adequação da sua inscrição, sob pena de interdição.

Art. 82. Os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente, em todos os níveis federados, com os órgãos responsáveis pelo sistema de educação pública e as entidades de atendimento, deverão, no prazo de 1 (um) ano a partir da publicação desta Lei, garantir a inserção de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na rede pública de educação, em qualquer fase do período letivo, contemplando as diversas faixas etárias e níveis de instrução.

Art. 83. Os programas de atendimento socioeducativo sob a responsabilidade do Poder Judiciário serão, obrigatoriamente, transferidos ao Poder Executivo no prazo máximo de 1 (um) ano a partir da publicação desta Lei e de acordo com a política de oferta dos programas aqui definidos.

Art. 84. Os programas de internação e semiliberdade sob a responsabilidade dos Municípios serão, obrigatoriamente, transferidos para o Poder Executivo do respectivo Estado no prazo máximo de 1 (um) ano a partir da publicação desta Lei e de acordo com a política de oferta dos programas aqui definidos.

Art. 85. A não transferência de programas de atendimento para os devidos entes responsáveis, no prazo determinado nesta Lei, importará na interdição do programa e caracterizará ato de improbidade administrativa do agente responsável, vedada, ademais, ao Poder Judiciário e ao Poder Executivo municipal, ao final do referido prazo, a realização de despesas para a sua manutenção.

Art. 86. Os arts. 90, 97, 121, 122, 198 e 208 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), passam a vigorar com a seguinte redação:

> "Art. 90. .....
> .....
> V - prestação de serviços à comunidade;
> VI - liberdade assistida;
> VII - semiliberdade; e
> VIII - internação.
> ....." (NR)
>
> "Art. 97. (VETADO)"
>
> "Art. 121. .....…….....
> .....
> § 7º A determinação judicial mencionada no § 1º poderá ser revista a qualquer tempo pela autoridade judiciária." (NR)

"Art. 122. .....
.....
§ 1º O prazo de internação na hipótese do inciso III deste artigo não poderá ser superior a 3 (três) meses, devendo ser decretada judicialmente após o devido processo legal.
....." (NR)

"Art. 198. Nos procedimentos afetos à Justiça da Infância e da Juventude, inclusive os relativos à execução das medidas socioeducativas, adotar-se-á o sistema recursal da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 (Código de Processo Civil), com as seguintes adaptações:
.....
II - em todos os recursos, salvo nos embargos de declaração, o prazo para o Ministério Público e para a defesa será sempre de 10 (dez) dias;
....." (NR)

"Art. 208. .....
.....
X - de programas de atendimento para a execução das medidas socioeducativas e aplicação de medidas de proteção.
....." (NR)

Art. 87. A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 260. Os contribuintes poderão efetuar doações aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, distrital, estaduais ou municipais, devidamente comprovadas, sendo essas integralmente deduzidas do imposto de renda, obedecidos os seguintes limites:
I - 1% (um por cento) do imposto sobre a renda devido apurado pelas pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real; e
II - 6% (seis por cento) do imposto sobre a renda apurado pelas pessoas físicas na Declaração de Ajuste Anual, observado o disposto no art. 22 da Lei nº 9.532, de 10 de dezembro de 1997.
.....
§ 5º Observado o disposto no § 4º do art. 3º da Lei nº 9.249, de 26 de dezembro de 1995, a dedução de que trata o inciso I do *caput*:
I - será considerada isoladamente, não se submetendo a limite em conjunto com outras deduções do imposto; e
II - não poderá ser computada como despesa operacional na apuração do lucro real." (NR)

"Art. 260-A. A partir do exercício de 2010, ano-calendário de 2009, a pessoa física poderá optar pela doação de que trata o inciso II do *caput* do art. 260 diretamente em sua Declaração de Ajuste Anual.
§ 1º A doação de que trata o *caput* poderá ser deduzida até os seguintes percentuais aplicados sobre o imposto apurado na declaração:

I - (VETADO);
II - (VETADO);
III - 3% (três por cento) a partir do exercício de 2012.
§ 2º A dedução de que trata o *caput*:
I - está sujeita ao limite de 6% (seis por cento) do imposto sobre a renda apurado na declaração de que trata o inciso II do *caput* do art. 260;
II - não se aplica à pessoa física que:
a) utilizar o desconto simplificado;
b) apresentar declaração em formulário; ou
c) entregar a declaração fora do prazo;
III - só se aplica às doações em espécie; e
IV - não exclui ou reduz outros benefícios ou deduções em vigor.
§ 3º O pagamento da doação deve ser efetuado até a data de vencimento da primeira quota ou quota única do imposto, observadas instruções específicas da Secretaria da Receita Federal do Brasil.
§ 4º O não pagamento da doação no prazo estabelecido no § 3º implica a glosa definitiva desta parcela de dedução, ficando a pessoa física obrigada ao recolhimento da diferença de imposto devido apurado na Declaração de Ajuste Anual com os acréscimos legais previstos na legislação.
§ 5º A pessoa física poderá deduzir do imposto apurado na Declaração de Ajuste Anual as doações feitas, no respectivo ano-calendário, aos fundos controlados pelos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente municipais, distrital, estaduais e nacional concomitantemente com a opção de que trata o *caput*, respeitado o limite previsto no inciso II do art. 260."

"Art. 260-B. A doação de que trata o inciso I do art. 260 poderá ser deduzida:
I - do imposto devido no trimestre, para as pessoas jurídicas que apuram o imposto trimestralmente; e
II - do imposto devido mensalmente e no ajuste anual, para as pessoas jurídicas que apuram o imposto anualmente.
Parágrafo único. A doação deverá ser efetuada dentro do período a que se refere a apuração do imposto."

"Art. 260-C. As doações de que trata o art. 260 desta Lei podem ser efetuadas em espécie ou em bens.
Parágrafo único. As doações efetuadas em espécie devem ser depositadas em conta específica, em instituição financeira pública, vinculadas aos respectivos fundos de que trata o art. 260."

"Art. 260-D. Os órgãos responsáveis pela administração das contas dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais devem emitir recibo em favor do doador, assinado por pessoa competente e pelo presidente do Conselho correspondente, especificando:
I - número de ordem;

II - nome, Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e endereço do emitente;
III - nome, CNPJ ou Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) do doador;
IV - data da doação e valor efetivamente recebido; e
V - ano-calendário a que se refere a doação.
§ 1º O comprovante de que trata o *caput* deste artigo pode ser emitido anualmente, desde que discrimine os valores doados mês a mês.
§ 2º No caso de doação em bens, o comprovante deve conter a identificação dos bens, mediante descrição em campo próprio ou em relação anexa ao comprovante, informando também se houve avaliação, o nome, CPF ou CNPJ e endereço dos avaliadores."

"Art. 260-E. Na hipótese da doação em bens, o doador deverá:
I - comprovar a propriedade dos bens, mediante documentação hábil;
II - baixar os bens doados na declaração de bens e direitos, quando se tratar de pessoa física, e na escrituração, no caso de pessoa jurídica; e
III - considerar como valor dos bens doados:
a) para as pessoas físicas, o valor constante da última declaração do imposto de renda, desde que não exceda o valor de mercado;
b) para as pessoas jurídicas, o valor contábil dos bens.
Parágrafo único. O preço obtido em caso de leilão não será considerado na determinação do valor dos bens doados, exceto se o leilão for determinado por autoridade judiciária."

"Art. 260-F. Os documentos a que se referem os arts. 260-D e 260-E devem ser mantidos pelo contribuinte por um prazo de 5 (cinco) anos para fins de comprovação da dedução perante a Receita Federal do Brasil."

"Art. 260-G. Os órgãos responsáveis pela administração das contas dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais devem:
I - manter conta bancária específica destinada exclusivamente a gerir os recursos do Fundo;
II - manter controle das doações recebidas; e
III - informar anualmente à Secretaria da Receita Federal do Brasil as doações recebidas mês a mês, identificando os seguintes dados por doador:
a) nome, CNPJ ou CPF;
b) valor doado, especificando se a doação foi em espécie ou em bens."

"Art. 260-H. Em caso de descumprimento das obrigações previstas no art. 260-G, a Secretaria da Receita Federal do Brasil dará conhecimento do fato ao Ministério Público."

"Art. 260-I. Os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais divulgarão amplamente à comunidade:
I - o calendário de suas reuniões;

II - as ações prioritárias para aplicação das políticas de atendimento à criança e ao adolescente;
III - os requisitos para a apresentação de projetos a serem beneficiados com recursos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital ou municipais;
IV - a relação dos projetos aprovados em cada ano-calendário e o valor dos recursos previstos para implementação das ações, por projeto;
V - o total dos recursos recebidos e a respectiva destinação, por projeto atendido, inclusive com cadastramento na base de dados do Sistema de Informações sobre a Infância e a Adolescência; e
VI - a avaliação dos resultados dos projetos beneficiados com recursos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais."

"Art. 260-J. O Ministério Público determinará, em cada Comarca, a forma de fiscalização da aplicação dos incentivos fiscais referidos no art. 260 desta Lei.
Parágrafo único. O descumprimento do disposto nos arts. 260-G e 260-I sujeitará os infratores a responder por ação judicial proposta pelo Ministério Público, que poderá atuar de ofício, a requerimento ou representação de qualquer cidadão."

"Art. 260-K. A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) encaminhará à Secretaria da Receita Federal do Brasil, até 31 de outubro de cada ano, arquivo eletrônico contendo a relação atualizada dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, distrital, estaduais e municipais, com a indicação dos respectivos números de inscrição no CNPJ e das contas bancárias específicas mantidas em instituições financeiras públicas, destinadas exclusivamente a gerir os recursos dos Fundos."

"Art. 260-L. A Secretaria da Receita Federal do Brasil expedirá as instruções necessárias à aplicação do disposto nos arts. 260 a 260-K."

Art. 88. O parágrafo único do art. 3º da Lei nº 12.213, de 20 de janeiro de 2010, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 3º .....
Parágrafo único. A dedução a que se refere o *caput* deste artigo não poderá ultrapassar 1% (um por cento) do imposto devido." (NR)

Art. 89. (VETADO).

Art. 90. Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 18 de janeiro de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

José Eduardo Cardozo

Guido Mantega

Alexandre Rocha Santos Padilha

Miriam Belchior

Maria do Rosário Nunes

Este texto não substitui o publicado no DOU de 19.1.2012 retificado em 20.1.2012

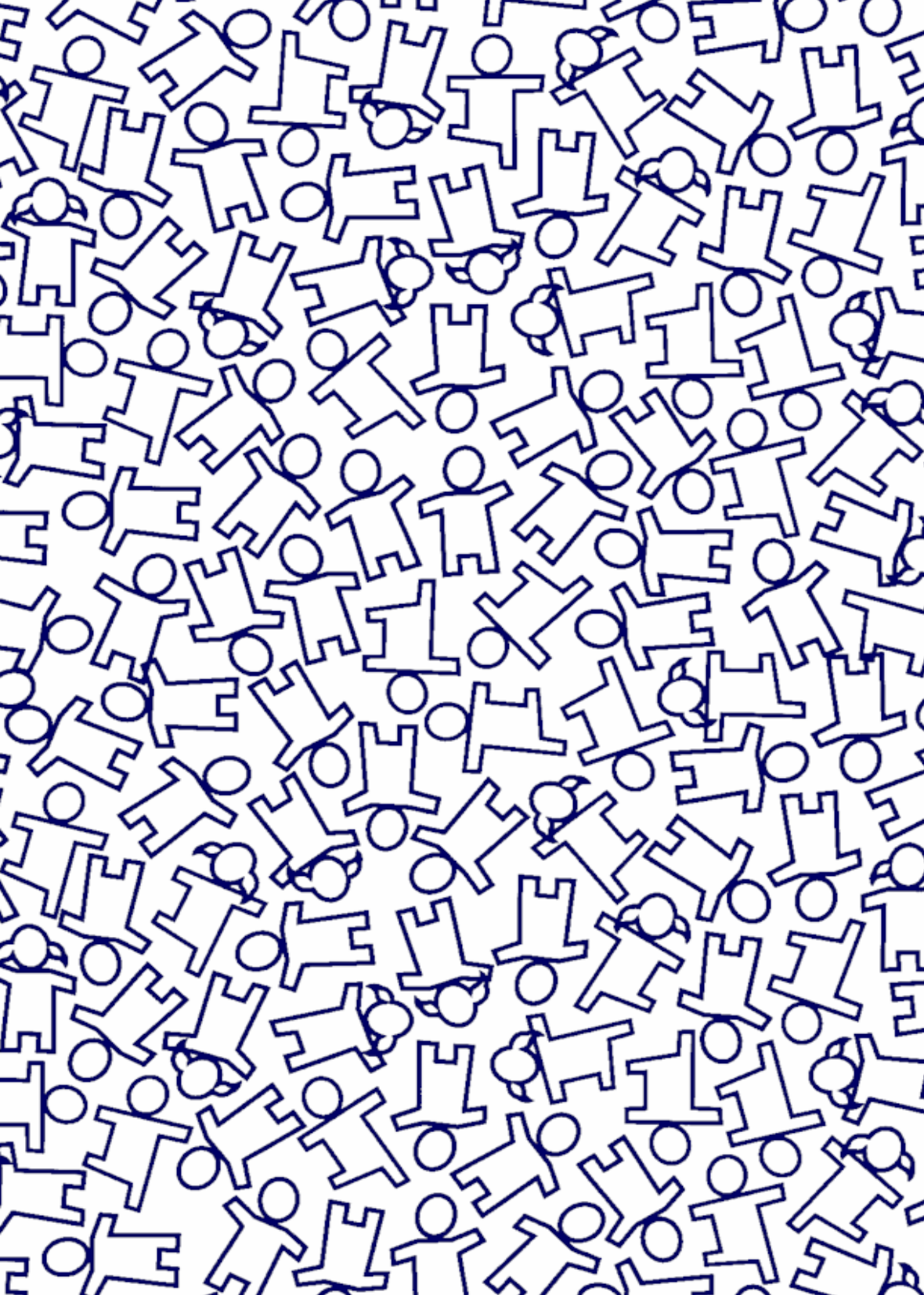

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Adotada e proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas (Resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948.

Preâmbulo

Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,

Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da humanidade e que o advento de um mundo em que mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do ser humano comum,

Considerando ser essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo império da lei, para que o ser humano não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão,

Considerando ser essencial promover o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações,

Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta, sua fé nos direitos fundamentais do ser humano, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos do homem e da mulher e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla,

Considerando que os Países-Membros se comprometeram a promover, em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais do ser humano e a observância desses direitos e liberdades,

Considerando que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso,

Agora portanto a Assembléia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade tendo sempre em mente esta Declaração, esforce-se, por meio do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Países-Membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.

Artigo 1º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2º

1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Artigo 3º

Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4º

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5º

Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo 6º

Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.

Artigo 7º

Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 8º

Todo ser humano tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.

Artigo 9º

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo 10

Todo ser humano tem direito, em plena igualdade, a uma justa e pública audiência por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir seus direitos e deveres ou fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

Artigo 11

1. Todo ser humano acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa.

2. Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou omissão que, no momento, não constituíam delito perante o direito nacional ou internacional. Também não será imposta pena mais forte de que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

Artigo 12

Ninguém será sujeito à interferência na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataque à sua honra e reputação. Todo ser humano tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

Artigo 13

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar.

Artigo 14

1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.

2. Esse direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 15

1. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo 16

1. Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.

2. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.

3. A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

Artigo 17

1. Todo ser humano tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

Artigo 18

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.

Artigo 19

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Artigo 20

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de reunião e associação pacífica.

2. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Artigo 21

1. Todo ser humano tem o direito de tomar parte no governo de seu país diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.

2. Todo ser humano tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.

3. A vontade do povo será a base da autoridade do governo; essa vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

Artigo 22

Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social, à realização pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.

Artigo 23

1. Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.

2. Todo ser humano, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

3. Todo ser humano que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.

4. Todo ser humano tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para proteção de seus interesses.

Artigo 24

Todo ser humano tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas.

Artigo 25

1. Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

2. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

Artigo 26

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.

2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do ser humano e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Artigo 27

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.

2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor.

Artigo 28

Todo ser humano tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

Artigo 29

1. Todo ser humano tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.

2. No exercício de seus direitos e liberdades, todo ser humano estará sujeito apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e liberdades de outrem e de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar de uma sociedade democrática.

3. Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

Artigo 30

Nenhuma disposição da presente Declaração poder ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer dos direitos e liberdades aqui estabelecidos.

Declaração Universal dos Direitos da Criança

Adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959 e ratificada pelo Brasil.

Preâmbulo

VISTO que os povos das Nações Unidas, na Carta, reafirmaram sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano, e resolveram promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla,

VISTO que as Nações Unidas, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamaram que todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades nela estabelecidos, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição,

VISTO que a criança, em decorrência de sua imaturidade física e mental, precisa de proteção e cuidados especiais, inclusive proteção legal apropriada, antes e depois do nascimento,

VISTO que a necessidade de tal proteção foi enunciada na Declaração dos Direitos da Criança em Genebra, de 1924, e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos estatutos das agências especializadas e organizações internacionais interessadas no bem-estar da criança,

Visto que a humanidade deve à criança o melhor de seus esforços,

ASSIM, A ASSEMBLÉIA GERAL PROCLAMA esta Declaração dos Direitos da Criança, visando que a criança tenha uma infância feliz e possa gozar, em seu próprio benefício e no da sociedade, os direitos e as liberdades aqui enunciados e apela a que os pais, os homens e as mulheres em sua qualidade de indivíduos, e as organizações voluntárias, as autoridades locais e os Governos nacionais reconheçam estes direitos e se empenhem pela sua observância mediante medidas legislativas e de outra natureza, progressivamente instituídas, de conformidade com os seguintes princípios:

Princípio 1º

A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família.

Princípio 2º

A criança gozará proteção social e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidade e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição das leis visando este objetivo levar-se-ão em conta, sobretudo, os melhores interesses da criança.

Princípio 3º

Desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade.

Princípio 4º

A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde; para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteção especiais, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito a alimentação, recreação e assistência médica adequadas.

Princípio 5º

À criança incapacitada física, mental ou socialmente serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar.

Princípio 6º

Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Criar-se-á, sempre que possível, aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e de segurança moral e material, salvo circunstâncias excepcionais, a criança da tenra idade não será apartada da mãe. À sociedade e às autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e aquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas.

Princípio 7º

A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no grau primário.

Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade.

Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais.

A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

Princípio 8º

A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro.

Princípio 9º

A criança gozará proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma.

Não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada a ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

Princípio 10

A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão,

de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.

Convenção sobre os Direitos da Criança

Adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989; promulgado pelo Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990.

Preâmbulo

Os Estados Partes da presente Convenção,

Considerando que, de acordo com os princípios proclamados na Carta das Nações Unidas, a liberdade, a justiça e a paz no mundo fundamentam-se no reconhecimento da dignidade inerente e dos direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana;

Tendo em conta que os povos das Nações Unidas reafirmaram na Carta sua fé nos direitos fundamentais do homem e na dignidade e no valor da pessoa humana, e que decidiram promover o progresso social e a elevação do nível de vida com mais liberdade;

Reconhecendo que as Nações Unidas proclamaram e concordaram na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos pactos internacionais de direitos humanos que toda pessoa possui todos os direitos e liberdades neles enunciados, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, crença, opinião política ou de outra natureza, seja de origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição;

Recordando que na Declaração Universal dos Direitos Humanos as Nações Unidas proclamaram que a infância tem direito a cuidados e assistência especiais;

Convencidos de que a família, como grupo fundamental da sociedade e ambiente natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros, e em particular das crianças, deve receber a proteção e assistência necessárias a fim de poder assumir plenamente suas responsabilidades dentro da comunidade;

Reconhecendo que a criança, para o pleno e harmonioso desenvolvimento de sua personalidade, deve crescer no seio da família, em um ambiente de felicidade, amor e compreensão;

Considerando que a criança deve estar plenamente preparada para uma vida independente na sociedade e deve ser educada de acordo com os ideais proclamados na Carta das Nações Unidas, especialmente com espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade, igualdade e solidariedade;

Tendo em conta que a necessidade de proporcionar à criança uma proteção especial foi enunciada na Declaração de Genebra de 1924 sobre os Direitos da Criança e na Declaração dos Direitos da Criança adotada pela Assembléia Geral em 20 de novembro de 1959, e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (em particular nos artigos 23 e 24), no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (em particular no artigo 10) e nos estatutos e instrumentos pertinentes das Agências Especializadas e das organizações internacionais que se interessam pelo bem-estar da criança;

Tendo em conta que, conforme assinalado na Declaração dos Direitos da Criança, "a criança, em virtude de sua falta maturidade física e mental, necessita de proteção

e cuidados especiais, inclusive a devida proteção legal, tanto antes quanto após seu nascimento";

Lembrando o estabelecimento da Declaração sobre os Princípios Sociais e Jurídicos Relativos à Proteção e ao Bem-Estar das Crianças, especialmente com Referência à Adoção e à Colocação em Lares de Adoção, nos Planos Nacional e Internacional; as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça e da Juventude (Regras de Beijing); e a Declaração sobre a Proteção da Mulher e da Criança em Situação de Emergência ou do Conflito Armado;

Reconhecendo que em todos os países do mundo existem crianças vivendo sob condições excepcionalmente difíceis e que essas crianças necessitam consideração especial;

Tomando em devida conta a importância das tradições e os valores culturais de cada povo para a proteção e o desenvolvimento harmonioso da criança;

Reconhecendo a importância da cooperação internacional para a melhoria das condições de vida das crianças em todos os países em desenvolvimento;

Acordam o seguinte:

PARTE I

Artigo 1º

Para efeitos da presente convenção considera-se como criança todo ser humano com menos de 18 anos de idade, a não ser que, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes.

Artigo 2º

1. Os Estados Partes respeitarão os direitos enunciados na presente Convenção e assegurarão sua aplicação a cada criança sujeita à sua jurisdição, sem distinção alguma, independentemente de sexo, idioma, crença, opinião política ou de outra natureza, origem nacional, étnica ou social, posição econômica, deficiências físicas, nascimento ou qualquer outra condição da criança, de seus pais ou de seus representantes legais.

2. Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para assegurar a proteção da criança contra toda forma de discriminação ou castigo por causa da condição, das atividades, das opiniões manifestadas ou das crenças de seus pais, representantes legais ou familiares.

Artigo 3º

1. Todas as ações relativas às crianças, levadas a efeito por instituições públicas ou privadas de bem-estar social, tribunais, autoridades administrativas ou órgãos legislativos, devem considerar, primordialmente, o melhor interesse da criança.

2. Os Estados Partes comprometem-se a assegurar à criança a proteção e o cuidado que sejam necessários ao seu bem-estar, levando em consideração os direitos e deveres de seus pais, tutores ou outras pessoas responsáveis por ela perante a lei e, com essa finalidade, tomarão todas as medidas legislativas e administrativas adequadas.

3. Os Estados Partes certificar-se-ão de que as instituições, os serviços e os estabelecimentos encarregados do cuidado ou da proteção das crianças cumpram os padrões estabelecidos pelas autoridades competentes, especialmente no que diz

respeito à segurança e à saúde das crianças, ao número e à competência de seu pessoal e à existência de supervisão adequada.

Artigo 4º

Os Estados Partes adotarão todas as medidas administrativas, legislativas e de outra natureza, visando à implantação dos direitos reconhecidos nesta Convenção. Com relação aos direitos econômicos, sociais e culturais, os Estados Partes adotarão essas medidas utilizando ao máximo os recursos disponíveis e, quando necessário, dentro de um quadro de cooperação internacional.

Artigo 5º

Os Estados Partes respeitarão as responsabilidades, os direitos e os deveres dos pais ou, quando for o caso, dos membros da família ampliada ou da comunidade, conforme determinem os costumes locais dos tutores ou de outras pessoas legalmente responsáveis por proporcionar à criança instrução e orientação adequadas e acordes com a evolução de sua capacidade, no exercício dos direitos reconhecidos na presente Convenção.

Artigo 6º

1. Os Estados Partes reconhecem que toda criança tem o direito inerente à vida.

2. Os Estados Partes assegurarão ao máximo a sobrevivência e o desenvolvimento da criança.

Artigo 7º

1. A criança será registrada imediatamente após seu nascimento e terá direito, desde o momento em que nasce, a um nome, a uma nacionalidade e, na medida do possível, a conhecer seus pais e a ser cuidada por eles.

2. Os Estados Partes zelarão pela aplicação desses direitos de acordo com a legislação nacional e com as obrigações que tenham assumido em virtude dos instrumentos internacionais pertinentes, sobretudo se, de outro modo, a criança tornar-se-ia apátrida.

Artigo 8º

1. Os Estados Partes comprometem-se a respeitar o direito a criança de preservar sua identidade, inclusive a nacionalidade, o nome e as relações familiares, de acordo com a lei, sem interferência ilícitas.

2. Quando uma criança vir-se privada ilegalmente de algum ou de todos os elementos que configuram sua identidade, os Estados Partes deverão prestar assistência e proteção adequadas, visando restabelecer rapidamente sua identidade.

Artigo 9º

1. Os Estados Partes deverão zelar para que a criança não seja separada dos pais contra a vontade dos mesmos, exceto quando, sujeita à revisão judicial, as autoridades competentes determinarem, em conformidade com a lei e os procedimentos legais cabíveis, que tal separação é necessária ao interesse maior da criança. Tal determinação pode ser necessária em casos específicos, por exemplo, se a criança sofre maus tratos ou descuido por parte dos pais, ou quando estes vivem separados e uma decisão deve ser tomada a respeito do local da residência da criança.

2. Caso seja adotado qualquer procedimento em conformidade com o estipulado no parágrafo 1 do presente Artigo, todas as Partes interessadas terão a oportunidade de participar e de manifestar suas opiniões.

3. Os Estados Partes respeitarão o direito da criança separada de um ou de ambos os pais de manter regularmente relações pessoais e contato com ambos, a menos que isso seja contrário ao interesse maior da criança.

4. Quando essa separação ocorrer em virtude de uma medida adotada por um Estado parte, tal como detenção, prisão, exílio, deportação ou morte (inclusive falecimento decorrente de qualquer causa enquanto a pessoa estiver sob custódia do Estado) de um dos pais da criança, ou de ambos, ou da própria criança, o Estado Parte, quando solicitado, proporcionará aos pais, à criança ou, se for o caso, a outro familiar, informações básicas a respeito do paradeiro do familiar ou familiares ausentes, a não ser que tal procedimento seja prejudicial ao bem estar da criança. Os Estados Partes certificar-se-ão, além disso, de que a apresentação de tal petição não acarrete, por si só, consequências adversas para a pessoa ou pessoas interessadas.

Artigo 10

1. De acordo com obrigação dos Estados Partes estipulada no parágrafo 1 do Artigo 9, toda solicitação apresentada por uma criança, ou por seus pais, para ingressar ou sair de um Estado Parte, visando à reunião de família, deverá ser atendida pelos Estados Partes de forma positiva, humanitária e rápida. Os Estados Partes assegurarão, ainda, que a apresentação de tal solicitação não acarrete consequências adversas para os solicitantes ou para seus familiares.

2. A criança cujos pais residam em Estados diferentes terá o direito de manter, periodicamente, relações pessoais e com contato direto com ambos, exceto em circunstâncias especiais. Para tanto, e de acordo com a obrigação assumida pelos Estados Partes em virtude do parágrafo 2 do Artigo 9, os Estados Partes respeitarão o direito da criança e de seus pais de sair do país, inclusive do próprio, e de ingressar no seu próprio país. O direito de sair de qualquer país estará sujeito, apenas, às restrições determinadas pela lei que sejam necessárias para proteger a segurança nacional, a ordem pública, a saúde ou a moral públicas ou os direitos e as liberdades de outras pessoas, e que estejam de acordo com os demais direitos reconhecidos pela presente Convenção.

Artigo 11

1. Os Estados Partes adotarão medidas a fim de lutar contra a transferência ilegal de crianças para o exterior e a retenção ilícita das mesmas fora do país.

2. Para tanto, os Estados Partes promoverão a conclusão de acordos bilaterais ou multilaterais ou a adesão de acordos já existentes.

Artigo 12

1. Os Estados Partes assegurarão à criança que estiver capacitada a formular seus próprios juízos o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados com a criança, levando-se em consideração essas opiniões, em função da idade e da maturidade da criança.

2. Com tal propósito, proporcionar-se-á à criança, em particular, a oportunidade de ser ouvida em todo processo judicial ou administrativo que afete a mesma, quer

diretamente quer por intermédio de um representante ou órgão apropriado, em conformidade com as regras processuais de legislação nacional.

Artigo 13

1. A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e idéias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou de qualquer outro meio escolhido pela criança.

2. O exercício de tal direito poderá estar sujeito a determinadas restrições, que serão unicamente as previstas pela lei e consideradas necessárias:

a) para o respeito dos direitos ou da reputação dos demais; ou

b) para a proteção da segurança nacional ou da ordem pública, ou para proteger a saúde e a moral públicas.

Artigo 14

1. Os Estados Partes reconhecem os direitos da criança à liberdade de associação e à liberdade de pensamento, de consciência e descrença.

2. Os Estados Partes respeitarão os direitos e deveres dos pais e, se for caso, dos representantes legais, de orientar a criança com relação ao exercício de seus direitos de maneira acorde com a evolução de sua capacidade.

3. A liberdade de professar a própria religião ou as próprias crenças estará sujeita, unicamente, às limitações prescritas pela lei e necessárias para proteger a segurança, a ordem, a moral, a saúde pública ou os direitos e liberdades fundamentais dos demais.

Artigo 15

1. Os Estados Partes reconhecem os direitos da criança à liberdade de associação e à liberdade de realizar reuniões pacíficas.

2. Não serão impostas restrições ao exercício desses direitos, a não ser as estabelecidas em conformidade com a lei e que sejam necessárias numa sociedade democrática, no interesse da segurança nacional ou pública, da ordem pública, da proteção à saúde e à moral públicas ou da proteção dos direitos dos demais.

Artigo 16

1. Nenhuma criança será objeto de interferência arbitrárias ou ilegais em sua vida particular, sua família, seu domicílio, ou sua correspondência, nem de atentados ilegais a sua honra e a sua reputação.

2. A criança tem direito à proteção da lei contra essas interferência ou atentados.

Artigo 17

1. Os Estados Partes reconhecem a função importante desempenhada pelos meios de comunicação e zelarão para que a criança tenha acesso a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente informações e materiais que visem promover seu bem-estar social, espiritual e moral e sua saúde física e mental. Para tanto, os Estados Partes:

a) incentivarão os meios de comunicação a difundir informações e materiais de interesse social e cultural para a criança, de acordo com o espírito do Artigo 19;

b) promoverão a cooperação internacional na produção, no intercâmbio e na divulgação dessas informações procedentes de diversas fontes culturais, nacionais e internacionais;

c) incentivarão a produção e a difusão de livros para crianças;

d) incentivarão os meios de comunicação no sentido de, particularmente, considerar as necessidades linguísticas da criança que pertença a um grupo minoritário ou que seja indígena;

e) promoverão a elaboração de diretrizes apropriadas a fim de proteger a criança contra toda informação e material prejudiciais ao seu bem estar, tendo em conta as disposições dos Artigos 13 e 18.

Artigo 18

1. Os Estados Partes envidarão os seus melhores esforços a fim de assegurar o reconhecimento do princípio de que ambos os pais têm obrigações comuns com relação à educação e pelo desenvolvimento da criança. Caberá aos pais ou, quando for o caso, aos representantes legais para o desempenho de suas funções no que tange à educação da criança, e assegurarão a criação de instituições e serviços para o cuidado das crianças.

2. A fim de garantir e promover os direitos enunciados na presente Convenção, os Estados Partes prestarão assistência adequada aos pais e aos representantes legais para o desempenho de suas funções no que tange à educação da criança, e assegurarão a criação de instituições e serviços para o cuidado das crianças.

3. Os Estados Partes adotarão todas as medidas apropriadas a fim de que as crianças cujos pais trabalhem tenham direito a beneficiar-se dos serviços de assistência social e creches a que fazem jus.

Artigo 19

1. Os Estados Partes adotarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.

2. Essas medidas de proteção deveriam incluir, conforme apropriado, procedimentos eficazes para a elaboração de programas sociais capazes de proporcionar uma assistência adequada à criança e às pessoas encarregadas de seu cuidado, bem como para outras formas de prevenção, para a identificação, notificação, transferência a uma instituição, investigação, tratamento e acompanhamento posterior dos casos acima mencionados a maus-tratos à criança e, conforme o caso, para a intervenção judiciária.

Artigo 20

1. As crianças privadas temporária ou permanentemente do seu seio familiar, ou cujo interesse maior exija que não permaneçam nesse meio, terão direito à proteção e à assistência especiais do Estado.

2. Os Estados Partes garantirão, de acordo com suas leis nacionais, cuidados alternativos para essas crianças

3. Esses cuidados poderiam incluir, *inter alia*, a colocação em lares de adoção, a Kafalah do direito islâmico, a adoção ou, caso necessário, a colocação em

instituições adequadas de proteção para as crianças. Ao serem consideradas as soluções, deve-se dar especial atenção à origem étnica, religiosa, cultural e linguística da criança, bem como à conveniência da continuidade de sua educação.

Artigo 21

Os Estados Partes que reconhecem ou permitem o sistema de adoção atentarão para o fato de que a consideração primordial seja o interesse maior da criança. Dessa forma, atentarão para que:

a) a adoção da criança seja autorizada pelas autoridades competentes, as quais determinarão, consoante as leis e os procedimentos cabíveis e com base em todas as informações pertinentes e fidedignas, que a adoção é admissível em vista da situação jurídica da criança com relação a seus pais, parentes e representantes legais e que, caso solicitado, as pessoas interessadas tenham dado, com conhecimento de causa, seu consentimento à adoção, com base no assessoramento que possa ser necessário;

b) a adoção efetuada em outro país possa ser considerada como meio de cuidar da criança, no caso em que a mesma não possa ser colocada em um lar sob guarda ou entregue a uma família adotiva ou não logre atendimento adequado em seu país de origem;

c) a criança adotada em outro país goze de salvaguardas e normas equivalentes às existentes em seu país de origem com relação à adoção;

d) todas as medidas apropriadas sejam adotadas, a fim de garantir que, em caso de adoção em outro país, a colocação não permita benefícios financeiros indevidos aos que dela participarem;

e) quando necessário, promovam os objetivos do presente Artigo mediante ajustes ou acordos bilaterais ou multilaterais, e envidem esforços, nesse contexto, com vistas a assegurar que a colocação da criança em outro país seja levada a cabo por intermédio das autoridades ou organismos competentes.

Artigo 22

1. Os Estados Partes adotarão medidas pertinentes para assegurar que a criança que tente obter a condição de refugiada, ou que seja considerada como refugiada de acordo com o direito e os procedimentos internacionais ou internos aplicáveis, receba, tanto no caso de estar sozinha como acompanhada por seus pais ou qualquer outra pessoa, a proteção e a assistência humanitária adequada a fim de que possa usufruir dos direitos enunciados na presente Convenção e em outros instrumentos internacionais de direitos humanos ou de caráter humanitário dos quais os citados Estados sejam parte.

2. Para tanto, os Estados Partes cooperarão, da maneira como julgarem apropriada, com todos os esforços das Nações Unidas e demais organizações intergovernamentais competentes, ou organizações não-governamentais que cooperem com as Nações Unidas, no sentido de proteger e ajudar a criança refugiada, e de localizar seus pais ou outros membros de sua família a fim de obter informações necessárias que permitam sua reunião com a família. Quando não for possível localizar nenhum dos pais ou membros da família, será concedida à criança a mesma proteção outorgada a qualquer outra criança privada permanente ou temporariamente de seu ambiente familiar, seja qual for o motivo, conforme o estabelecido na presente Convenção.

Artigo 23

1. Os Estados Partes reconhecem que a criança portadora de deficiências físicas ou mentais deverá desfrutar de uma vida plena e decente em condições que garantam sua dignidade, favoreçam sua autonomia e facilitem sua participação ativa na comunidade.

2. Os Estados Partes reconhecem o direito de a criança deficiente receber cuidados especiais e, de acordo com os recursos disponíveis e sempre que a criança ou seus responsáveis reúnam as condições requeridas, estimularão e assegurarão a prestação da assistência solicitada que seja adequada ao estado da criança e às circunstâncias de seus pais ou das pessoas encarregadas de seus cuidados.

3. Atendendo às necessidades especiais da criança deficiente, a assistência prestada, conforme disposto no parágrafo 2 do presente Artigo, será gratuita sempre que possível, levando-se em consideração a situação econômica dos pais ou das pessoas que cuidam da criança, e visará a assegurar à criança deficiente o acesso efetivo à educação, à capacitação, aos serviços de reabilitação, à preparação para o emprego e às oportunidades de lazer, de maneira que a criança atinja a mais completa integração social possível e o maior desenvolvimento cultural e espiritual.

4. Os Estados Partes promoverão, com espírito de cooperação internacional, um intercâmbio adequado de informações nos campos da assistência médica preventiva e do tratamento médico, psicológico e funcional das crianças deficientes, inclusive a divulgação de informações a respeito dos métodos de reabilitação e dos serviços de ensino e formação profissional, bem como o acesso a essa informação a fim de que os Estados Partes possam aprimorar sua capacidade e seus conhecimentos e ampliar sua experiência nesses campos. Nesse sentido, serão levadas especialmente em conta as necessidades dos países em desenvolvimento.

Artigo 24

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança de gozar do melhor padrão possível de saúde e dos serviços destinados ao tratamento das doenças e à recuperação da saúde. Os Estados Partes envidarão esforços no sentido de assegurar que nenhuma criança veja-se privada de seu direito de usufruir desses serviços sanitários.

2. Os Estados Partes garantirão a plena aplicação desse direito e, em especial, adotarão as medidas apropriadas com vistas a:

a) reduzir a mortalidade infantil

b) assegurar a prestação de assistência médica e cuidados sanitários necessários a todas as crianças, dando ênfase aos cuidados de saúde;

c) combater as doenças e a destruição dentro do contexto dos cuidados básicos de saúde mediante, *inter alia*, a aplicação de tecnologia disponível e o fornecimento de alimentos nutritivos e de água potável, tendo em vista os perigos e riscos da poluição ambiental;

d) assegurar que todos os setores da sociedade, e em especial os pais e as crianças, conheçam os princípios básicos de saúde e nutrição das crianças, as vantagens da amamentação, da higiene e do saneamento ambiental e das medidas de prevenção de acidentes, tenham acesso à educação pertinente e recebam apoio para a aplicação desses conhecimentos;

e) desenvolver a assistência médica preventiva, a orientação aos pais e a educação e serviços de planejamento familiar.

3. Os Estados Partes adotarão todas as medidas eficazes e adequadas para abolir práticas tradicionais que sejam prejudiciais à saúde da criança.

4. Os Estados Partes comprometem-se a promover e incentivar a cooperação internacional com vistas a lograr, progressivamente, a plena efetivação do direito reconhecido no presente Artigo. Nesse sentido, será dada atenção especial às necessidades dos países em desenvolvimento.

Artigo 25

Os Estados Partes reconhecem o direito de uma criança que tenha sido internada em um estabelecimento pelas autoridades competentes para fins de atendimento, proteção ou tratamento de saúde física ou mental a um exame periódico de avaliação do tratamento ao qual está sendo submetida e de todos os demais aspectos relativos à sua internação.

Artigo 26

1. Os Estados Partes reconhecerão a todas as crianças o direito de usufruir da previdência social, inclusive do seguro social, e adotarão as medidas necessárias para lograr a plena consecução desse direito, em conformidade com sua legislação nacional.

2. Os benefícios deverão ser concedidos, quando pertinentes, levando-se em consideração os recursos e a situação da criança e das pessoas responsáveis pelo seu sustento, bem como qualquer outra consideração cabível no caso de uma solicitação de benefícios feita pela criança ou em seu nome.

Artigo 27

1. Os Estados Partes reconhecem o direito de toda criança a um nível de vida adequado ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social.

2. Cabe aos pais, ou a outras pessoas encarregadas, a responsabilidade primordial de propiciar, de acordo com as possibilidades e meios financeiros, as condições de vida necessária ao desenvolvimento da criança.

3. Os Estados Partes, de acordo com as condições nacionais e dentro de suas possibilidades, adotarão medidas apropriadas a fim de ajudar os pais e outras pessoas responsáveis pela criança a tornar efetivo esse direito e, caso necessário, proporcionarão assistência material e programas de apoio, especialmente no que diz respeito à nutrição, ao vestuário e à habitação.

4. Os Estados Partes tomarão todas as medidas adequadas para assegurar o pagamento da pensão alimentícia por parte dos pais ou de outras pessoas financeiramente responsáveis pela criança, quer residam no Estado Parte, quer no exterior. Nesse sentido, quando a pessoa que detém responsabilidade financeira pela criança, os Estados Partes promoverão a adesão a acordos, bem como a adoção de outras medidas apropriadas.

Artigo 28

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança à educação e, a fim de que ela possa exercer progressivamente e em igualdade de condições esse direito, deverão especialmente:

a) tornar o ensino primário obrigatório e disponível gratuitamente para todos;

b) estimular o desenvolvimento do ensino secundário em suas diferentes formas, inclusive o ensino geral e profissionalizante, tornando-o disponível e acessível a todas as crianças, e adotar medidas apropriadas tais como a implantação do ensino gratuito e a concessão de assistência financeira em caso de necessidade;

c) tornar o ensino superior acessível a todos com base na capacidade e por todos os meios adequados;

d) tornar a informação e a orientação educacionais e profissionais disponíveis e acessíveis a todas as crianças;

e) adotar medidas para estimular a frequência regular às escolas e a redução do índice de evasão escolar.

2. Os Estados Partes adotarão todas as medidas necessárias para assegurar que a disciplina escolar seja ministrada de maneira compatível com a dignidade humana e em conformidade com a presente Convenção.

3. Os Estados Partes promoverão e estimularão a cooperação internacional em questões relativas à educação, especialmente visando contribuir para a eliminação da ignorância e do analfabetismo no mundo e facilitar o acesso aos conhecimentos científicos e técnicos e aos métodos modernos de ensino. A esse respeito, será dada atenção especial às necessidades dos países em desenvolvimento.

Artigo 29

1. Os Estados Partes reconhecem que a educação da criança deverá estar orientada no sentido de:

a) desenvolver a personalidade, as aptidões e a capacidade mental e física da criança em todo seu potencial;

b) imbuir na criança o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, bem como aos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas;

c) imbuir na criança o respeito aos seus pais, à sua própria identidade cultural, ao seu idioma e seus valores, aos valores nacionais do país que reside, aos do eventual país de origem, e aos das civilizações diferentes da sua;

d) preparar a criança para assumir uma vida responsável numa sociedade livre, com espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade de sexos e amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos, e pessoas de origem indígena;

e) imbuir na criança o respeito ao meio ambiente.

2. Nada do disposto no presente Artigo ou no Artigo 28 será interpretado de modo a restringir a liberdade dos indivíduos ou das entidades de criar e dirigir instituições de ensino, desde que sejam respeitados os princípios enunciados no parágrafo 1 do presente Artigo e que a educação ministrada em tais instituições esteja acorde com os padrões mínimos estabelecidos pelo Estado.

Artigo 30

1. Nos Estados Partes onde existam minorias étnicas, religiosas ou linguísticas, ou pessoas de origem indígena, não será negado a uma criança que pertença a tais minorias ou que seja de origem indígena o direito de, em comunidade com os

demais membros de seu grupo, ter sua própria cultura, professar ou praticar sua própria religião ou utilizar seu próprio idioma.

Artigo 31

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.

2. Os Estados Partes promoverão oportunidades adequadas para que a criança, em condições de igualdade, participe plenamente da vida cultural, artística, recreativa e de lazer.

Artigo 32

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança de estar protegida contra a exploração econômica e contra o desempenho de qualquer trabalho que possa ser perigoso ou interferir em sua educação, ou que seja nocivo para sua saúde o para seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social.

2. Os Estados Partes adotarão medidas legislativas, sociais e educacionais com vistas a assegurar a aplicação do presente Artigo. Com tal propósito, e levando em consideração as disposições pertinentes de outros instrumentos internacionais, os Estados Partes deverão, em particular:

a) estabelecer uma idade mínima ou idades mínimas para a admissão em emprego;

b) estabelecer regulamentação apropriada relativa a horários e condições de emprego;

c) estabelecer penalidades ou outras sanções apropriadas a fim de assegurar o cumprimento efetivo do presente Artigo.

Artigo 33

Os Estados Partes adotarão todas as medidas apropriadas, inclusive medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais, para proteger a criança contra o uso ilícito de drogas e substâncias psicotrópicas descritas nos tratados internacionais pertinentes e para impedir que as crianças sejam utilizadas na produção e no tráfico ilícito dessas substâncias.

Artigo 34

Os Estados Partes comprometem-se a proteger a criança contra todas as formas de exploração e abuso sexual. Nesse sentido, os Estados Partes tomarão, em especial, todas as medidas de caráter nacional, bilateral e multilateral que sejam necessárias para impedir:

a) o incentivo ou a coação para que uma criança dedique-se a qualquer atividade sexual ilegal;

b) a exploração da criança na prostituição ou outras práticas sexuais ilegais;

c) a exploração da criança em espetáculos ou materiais pornográficos.

Artigo 35

Os Estados Partes tomarão todas as medidas de caráter nacional, bilateral e multilateral que sejam necessárias para impedir o sequestro, a venda ou o tráfico de crianças para qualquer fim ou sob qualquer forma.

Artigo 36

Os Estados Partes protegerão a criança contra todas as formas de exploração que sejam prejudiciais para qualquer aspecto de seu bem-estar.

Artigo 37

Os Estados Partes zelarão para que:

a) nenhuma criança seja submetida à tortura nem a outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes. Não será imposta a pena de morte nem a prisão perpétua sem possibilidade de livramento por delitos cometidos por menores de 18 anos de idade;

b) nenhuma criança seja privada de sua liberdade de forma ilegal ou arbitrária. A detenção, a reclusão ou a prisão de uma criança serão efetuadas em conformidade com a lei e apenas com último recurso, e durante o mais breve período de tempo que for apropriado;

c) toda criança privada da liberdade seja tratada com a humanidade e o respeito que merece a dignidade inerente à pessoa humana, e levando-se em consideração as necessidades de uma pessoa de sua idade. Em especial, toda criança privada de sua liberdade ficará separada dos adultos, a não ser que tal fato seja considerado contrário aos melhores interesses da criança, e terá direito de manter contato com sua família por meio de correspondência ou de visitas, salvo em circunstâncias excepcionais;

d) toda criança privada de sua liberdade tenha direito a rápido acesso à assistência jurídica e a qualquer outra assistência adequada, bem como direito a impugnar a legalidade da privação de sua liberdade perante um tribunal ou outra autoridade competente, independente e imparcial e a uma rápida decisão a respeito de tal ação.

Artigo 38

1. Os Estados Partes comprometem-se a respeitar e a fazer com que sejam respeitadas as normas do direito humanitário internacional aplicáveis em casos de conflito armado no que digam respeito às crianças.

2. Os Estados Partes adotarão todas as medidas possíveis a fim de assegurar que todas as pessoas que ainda não tenham completado 15 anos de idade não participem diretamente de hostilidades.

3. Os Estados Partes abster-se-ão de recrutar pessoas que não tenham completado 15 anos de idade para servir em sua forças armadas. Caso recrutem pessoas que tenham completado 15 anos de mas que tenham menos de 18 anos, deverão procurar dar prioridade para os de mais idade.

4. Em conformidade com suas obrigações de acordo com o direito humanitário internacional para proteção da população civil durante os conflitos armados, os Estados Partes adotarão todas as medidas necessárias a fim de assegurar a proteção e o cuidado das crianças afetadas por um conflito armado.

Artigo 39

Os Estados Partes adotarão todas as medidas apropriadas para estimular a recuperação física e psicológica e a reintegração social de toda criança vítima de: qualquer forma de abandono, exploração ou abuso; tortura ou outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes; ou conflitos armados. Essa recuperação

e reintegração serão efetuadas em ambiente que estimule a saúde, o respeito próprio e a dignidade da criança.

Artigo 40

1. Os Estados Partes reconhecem o direito de toda criança, a quem se alegue ter infringido as leis penais ou a quem se acuse ou declare culpada de ter infringido as leis penais, de ser tratada de modo a promover e estimular seu sentido de dignidade e valor, e fortalecerão o respeito da criança pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais de terceiros, levando em consideração a idade da criança e a importância de se estimular sua reintegração e seu desempenho construtivo na sociedade.

2. Nesse sentido, e de acordo com as disposições pertinentes dos instrumentos internacionais, os Estados Partes assegurarão, em particular;

a. que não se alegue que nenhuma criança tenha infringido as leis penais, nem se acuse ou declare culpada nenhuma criança de ter infringido essas leis, por atos ou omissões que não eram proibidos pela legislação nacional ou pelo direito internacional no momento em que foram detidos;

b. que toda criança de quem se alegue ter infringido as leis penais ou a quem se acuse de ter infringido essas leis goze, pelo menos, das seguintes garantias:

   i) ser considerada inocente enquanto não for comprovada sua culpabilidade conforme a lei;

   ii) ser informada sem demora e diretamente ou, quando for o caso, por intermédio de seus pais ou seus de representantes legais, das acusações que pesam contra ele, e dispor de assistência jurídica ou outro tipo de assistência apropriada para a preparação e a apresentação de sua defesa;

   iii) ter a causa decidida sem demora por autoridade ou órgão judicial competente, independente e imparcial, em audiência justa conforme a lei, com assistência jurídica ou outra assistência e, a não ser que seja considerado contrário aos melhores interesses da criança, levar em consideração especialmente sua idade ou a situação de seus pais ou representantes legais;

   iv) não ser obrigada a testemunhar ou se declarar culpada, e poder interrogar as testemunhas de acusação, bem como poder obter a participação e o interrogatório de testemunhas em sua defesa, em igualdade de condições;

   v) se for decidido que infringiu as leis penais, ter essa decisão e qualquer medida imposta em decorrência da mesma submetidas à revisão por autoridade ou órgão judicial superior competente, independente e imparcial, de acordo com a lei;

   vi) ter plenamente respeitada sua vida privada durante todas as fases do processo.

3. Os Estados Partes buscarão promover o estabelecimento de leis, procedimentos, autoridades e instituições específicas para as crianças de quem se alegue ter infringido as leis penais ou que sejam acusadas ou declaradas culpadas de tê-las infringido, e em particular:

   a) o estabelecimento de uma idade mínima antes da qual se presumirá que a criança não tem capacidade para infringir as leis penais;

b) a adoção, sempre que conveniente e desejável, de medidas para tratar dessas crianças sem recorrer a procedimentos judiciais, contanto que sejam respeitados plenamente os direitos humanos e as garantias legais.

4. Diversas medidas, tais como ordens de guarda, orientação e supervisão, aconselhamento, liberdade vigiada, colocação em lares de adoção, programas de educação e formação profissional, bem como alternativas à internação em instituições, deverão estar disponíveis para garantir que as crianças sejam tratadas de modo apropriado ao seu bem-estar e de forma proporcional às circunstâncias e ao tipo de delito.

Artigo 41

Nada do estipulado na presente Convenção afetará disposições que sejam mais convenientes para a realização dos direitos da criança e que podem constar:

a) das leis de um Estado Parte;

b) das normas de direito internacional vigentes para esse Estado.

PARTE II

Artigo 42

Os Estados Partes comprometem-se a dar aos adultos e às crianças amplo conhecimento dos princípios e disposições da Convenção, mediante a utilização de meios apropriados e eficazes.

Artigo 43

1. A fim de examinar os progressos realizados no cumprimento das obrigações contraídas pelos Estados Partes na presente Convenção, deverá ser estabelecido um Comitê para os Direitos da Criança que desempenhará as funções a seguir determinadas.

2. O Comitê estará integrado por dez especialistas de reconhecida integridade moral e competência nas áreas cobertas pela presente Convenção. Os membros do Comitê serão eleitos pelos Estados Partes dentre seus nacionais e exercerão suas funções a título pessoal, tomando-se em devida conta a distribuição geográfica equitativa, bem como os principais sistemas jurídicos.

3. Os membros do Comitê serão escolhidos, em votação secreta, de uma lista de pessoas indicadas pelos Estados Partes. Cada Estado Parte poderá indicar uma pessoa dentre os cidadãos de seu país.

4. A eleição inicial para o Comitê será realizada, no mais tardar, seis meses após a entrada em vigor da presente Convenção e, posteriormente, a cada dois anos. No mínimo quatro meses antes da data marcada para cada eleição, o Secretário-Geral das Nações Unidas enviará uma carta aos Estados Partes convidando-os a apresentar suas candidaturas num prazo de dois meses. O Secretário-Geral elaborará posteriormente uma lista da qual farão parte, em ordem alfabética, todos os candidatos indicados e os Estados Partes que designarão, e submeterá a mesma aos Estados Partes presentes à Convenção.

5. As eleições serão realizadas em reuniões dos Estados Partes convocadas pelo Secretário-Geral na Sede das Nações Unidas. Nessas reuniões, para as quais o quorum será de dois terços dos Estados Partes, os candidatos eleitos para o Comitê

serão aqueles que obtiverem o maior número de votos e a maioria absoluta de votos dos representantes dos Estados Partes presentes e votantes.

6. Os membros do Comitê serão eleitos para um mandato de quatro anos. Poderão ser reeleitos caso sejam apresentadas novamente suas candidaturas. O mandato de cinco dos membros eleitos na primeira eleição expirará ao término de dois anos; imediatamente após ter sido realizada a primeira eleição, o Presidente da reunião na qual a mesma se efetuou escolherá por sorteio os nomes desses cinco membros.

7. Caso um membro do comitê venha a falecer ou renuncie ou declare que por qualquer outro motivo não poderá continuar desempenhando suas funções, o Estado Parte que indicou esse membro designará outro especialista, entre seus cidadãos, para que exerça o mandato até seu término, sujeito à aprovação do Comitê.

8. O Comitê estabelecerá suas próprias regras de procedimento.

9. O Comitê elegerá a Mesa para um período de dois anos.

10. As reuniões do Comitê serão celebradas normalmente na Sede das Nações Unidas ou em qualquer outro lugar que o Comitê julgar conveniente. O Comitê reunir-se-á normalmente todos os anos. A duração das reuniões do Comitê será determinada e revista, se for o caso, em uma reunião dos Estados Partes na presente Convenção, sujeita à aprovação da Assembléia Geral.

11. O Secretário-Geral das Nações Unidas fornecerá o pessoal e os serviços necessários para o desempenho eficaz das funções do Comitê de acordo com a presente Convenção.

12. Com prévia aprovação da Assembléia Geral, os membros do Comitê estabelecido de acordo com a presente Convenção receberão emolumentos provenientes dos recursos das Nações Unidas, segundo os termos e condições determinados pela Assembléia.

Artigo 44

1. Os Estados Partes comprometem-se a apresentar ao Comitê, por intermédio do Secretário-Geral das Nações Unidas, relatórios sobre as medidas que tenham adotado com vistas a tornar efetivos os direitos reconhecidos na Convenção e sobre os progressos alcançados no desempenho desses direitos:

a) num prazo de dois anos a partir da data em que entrou em vigor para cada Estado Parte a presente Convenção;

b) a partir de então, a cada cinco anos.

2. Os relatórios preparados em função do presente Artigo deverão indicar as circunstâncias e as dificuldades, caso existam, que afetam o grau de cumprimento das obrigações derivadas da presente Convenção. Deverão, também, conter informações suficientes para que o Comitê compreenda, com exatidão, a implementação da Convenção no país em questão.

3. Um Estado Parte que tenha apresentado um relatório inicial ao Comitê não precisará repetir, nos relatórios posteriores a serem apresentados conforme o estipulado no subitem (b) do parágrafo 1 do presente Artigo, a informação básica fornecida anteriormente.

4. O Comitê poderá solicitar aos Estados Partes maiores informações sobre a implementação da Convenção.

5. A cada dois anos, o Comitê submeterá relatórios sobre suas atividades à Assembléia Geral das Nações Unidas, por intermédio do Conselho Econômico e Social.

6. Os Estados Partes tornarão seus relatórios amplamente disponíveis ao público em seus respectivos países.

Artigo 45

A fim de incentivar a efetiva implementação da Convenção e estimular a cooperação internacional nas esferas regulamentadas pela Convenção:

a) os organismos especializados, o Fundo das Nações Unidas para a Infância e outros órgãos das Nações Unidas terão o direito de estar representados quando for analisada a implementação das disposições da Presente Convenção que estejam compreendidas no âmbito de seus mandatos. O Comitê poderá convidar as agências especializadas, o Fundo das Nações Unidas para a Infância e outros órgãos competentes que considere apropriados a fornecer assessoramento especializado sobre a implementação da Convenção em matérias correspondentes a seus respectivos mandatos. O Comitê poderá convidar as agências especializadas, o Fundo das Nações Unidas a apresentarem relatórios sobre a implementação das disposições da presente Convenção compreendidas no âmbito de suas atividades;

b) conforme julgar conveniente, o Comitê transmitirá às agências especializadas, ao Fundo das Nações Unidas para a Infância e a outros órgãos competentes quaisquer relatórios dos Estados Partes que contenham um pedido de assessoramento ou de assistência técnica, nos quais se indique essa necessidade, juntamente com as observações e sugestões do Comitê, se houver, sobre esses pedidos ou indicações;

c) o Comitê poderá recomendar à Assembléia Geral que solicite ao Secretário-Geral que efetue, em seu nome, estudos sobre questões concretas relativas aos direitos da criança;

d) o Comitê poderá formular sugestões e recomendações gerais com base nas informações recebidas nos termos dos Artigos 44 e 45 da presente Convenção. Essas sugestões e recomendações gerais deverão ser transmitidas aos Estados Partes e encaminhadas à Assembléia Geral, juntamente com os comentários eventualmente apresentados pelos Estados Partes.

PARTE III

Artigo 46

A presente Convenção está aberta à assinatura de todos os Estados.

Artigo 47

A presente Convenção está sujeita a ratificação. Os instrumentos de ratificação serão depositados junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas.

Artigo 48

A presente Convenção permanecerá aberta à adesão de qualquer Estado. Os instrumentos de adesão serão depositados junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas.

Artigo 49

1. A presente Convenção entrará em vigor no trigésimo dia após a data em que tenha sido depositado o vigésimo instrumento de ratificação ou adesão junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas.

2. Para cada Estado que venha a ratificar a Convenção ou aderir a ela após ter sido depositado o vigésimo instrumento de ratificação ou de adesão, a Convenção entrará em vigor no trigésimo dia após o depósito, por parte do Estado, de seu instrumento de ratificação ou de adesão.

Artigo 50

1. Qualquer Estado Parte poderá propor uma emenda e registrá-la com o Secretário-Geral das Nações Unidas. O Secretário-Geral comunicará a emenda proposta aos Estados Partes, com a solicitação de que estes o notifiquem caso apóiem a convocação de uma Conferência de Estados Partes com o propósito de analisar as propostas e submetê-las à votação. Se, num prazo de quatro meses a partir da data dessa notificação, pelo menos um terço dos Estados Partes declarar-se favorável a tal Conferência, o Secretário-Geral convocará a Conferência, sob os auspícios das Nações Unidas. Qualquer emenda adotada pela maioria dos Estados Partes presentes e votantes na Conferência será submetida pelo Secretário-Geral à Assembléia Geral para sua aprovação.

2. Uma emenda adotada em conformidade com o parágrafo 1 do presente Artigo entrará em vigor quando aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas e aceita por uma maioria de dois terços dos Estados Partes.

3. Quando uma emenda entrar em vigor, ela será obrigatória para os Estados Partes que as tenham aceitado, enquanto os demais Estados Partes permanecerão regidos pelas disposições da presente Convenção e pelas emendas anteriormente aceitas por eles.

Artigo 51

1. O Secretário-Geral das Nações Unidas receberá e comunicará a todos os Estados Partes o texto das reservas feitas no momento da ratificação ou da adesão.

2. Não será permitida nenhuma reserva incompatível com o objetivo e o propósito da presente Convenção.

3. Quaisquer reservas poderão ser retiradas a qualquer momento mediante uma notificação nesse sentido dirigida ao Secretário-Geral das Nações Unidas, que informará a todos os Estados. Essa notificação entrará em vigor a partir da data de recebimento da mesma pelo Secretário-Geral.

Artigo 52

Um Estado Parte poderá denunciar a presente Convenção mediante notificação feita por escrito ao Secretário-Geral das Nações Unidas. A denúncia entrará em vigor um ano após a data que a notificação tenha sido recebida pelo Secretário-Geral.

Artigo 53

Designa-se para depositário da presente Convenção o Secretário-Geral das Nações Unidas.

Artigo 54

O original da presente Convenção, cujos textos em árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo são igualmente autênticos, será depositado em poder do Secretário-Geral das Nações Unidas.

Em fé do que, os Plenipotenciários abaixo assinados, devidamente autorizados por seus respectivos Governos, assinaram a presente Convenção.

Protocolo Facultativo para a Convenção sobre os Direitos da Criança sobre o envolvimento de crianças em conflitos armados

Adotado pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 25 de maio de 2000; promulgado pelo Decreto nº 5.006, de 8 de março de 2004.

Preâmbulo

Os Estados Partes do presente Protocolo,

Encorajados pelo apoio incontestável à Convenção sobre os Direitos da Criança, demonstrando o amplo compromisso de lutar pela promoção e proteção dos direitos da criança,

Reafirmando que os direitos da criança demandam proteção especial e exigindo o aprimoramento contínuo da situação das crianças sem distinção, bem como seu desenvolvimento e educação em condições de paz e segurança,

Preocupados com o impacto prejudicial e disseminado de conflitos armados sobre as crianças e com as suas consequências de longo prazo sobre a paz duradoura, a segurança e o desenvolvimento,

Condenando o fato de as crianças se converterem em alvo em situações de conflito armado, bem como ataques diretos a bens protegidos pelo direito internacional, inclusive locais em que geralmente contam com presença significativa de crianças, tais como escolas e hospitais,

Observando a adoção do Estatuto do Tribunal Penal Internacional e, em particular, a inclusão, na relação de crimes de guerra, do recrutamento ou alistamento de crianças menores de 15 anos ou sua utilização para participar ativamente em hostilidades em conflitos armados internacionais ou nacionais,

Considerando, assim, que para intensificar ainda mais a implementação dos direitos reconhecidos na Convenção sobre os Direitos da Criança é necessário aumentar a proteção da criança contra o envolvimento em conflitos armados,

Observando que o Artigo 1º da Convenção sobre os Direitos da Criança dispõe que, para fins dessa Convenção, criança significa todo ser humano com idade inferior a 18 anos, à exceção daquele que, em conformidade com a lei aplicável à criança, tenha alcançado antes a maioridade,

Convencidos de que um protocolo facultativo à Convenção aumentando a idade para o possível recrutamento de pessoas pelas forças armadas e sua participação em hostilidades contribuirá efetivamente para a implementação do princípio de que os interesses superiores da criança deverão ser uma consideração primordial em todas as ações envolvendo crianças,

Observando que a vigésima sexta Conferência Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, realizada em dezembro de 1995, recomendou, *inter alia*, que as partes envolvidas em conflitos adotem todas as medidas possíveis para garantir que crianças menores de 18 anos não participem de hostilidades,

Acolhendo a adoção unânime, em junho de 1999, da Convenção nº 182 da Organização Internacional do Trabalho sobre a Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e Ação Imediata para sua Eliminação, que proíbe, entre outras

coisas, o recrutamento forçado ou compulsório de crianças para utilização em conflitos armados,

Condenando com a mais séria preocupação o recrutamento, treinamento e utilização, dentro ou fora de fronteiras nacionais, de crianças em hostilidades por parte de grupos armados distintos das forças armadas de um Estado, e reconhecendo a responsabilidade daqueles que recrutam, treinam e utilizam crianças para tal fim,

Relembrando a obrigação de cada parte de um conflito armado de acatar as disposições do direito humanitário internacional,

Enfatizando que o presente Protocolo não fere os fins e princípios contidos na Carta das Nações Unidas, inclusive o Artigo 51, e normas relevantes do direito humanitário,

Tendo em mente que as condições de paz e segurança baseadas no respeito total aos fins e princípios contidos na Carta e a observância dos instrumentos de direitos humanos aplicáveis são indispensáveis para a proteção total das crianças, em particular durante conflitos armados e ocupação estrangeira,

Reconhecendo as necessidades especiais das crianças particularmente vulneráveis ao recrutamento ou utilização em hostilidades contra o disposto neste Protocolo, em virtude de sua situação econômica ou social ou de sexo,

Cientes da necessidade de considerar as verdadeiras causas econômicas, sociais e políticas do envolvimento de crianças em conflitos armados,

Convencidos da necessidade de intensificar a cooperação internacional na implementação do presente Protocolo, bem como a reabilitação física e psicossocial, e a reintegração social das crianças vítimas de conflitos armados,

Encorajando a participação da comunidade e, em particular, das crianças e da criança vitimada, na disseminação de programas informativos e educativos associados à implementação do Protocolo,

Acordaram o que segue:

Artigo 1º

Os Estados Partes adotarão todas as medidas possíveis para assegurar que membros de suas forças armadas menores de 18 anos não participem diretamente de hostilidades.

Artigo 2º

Os Estados Partes assegurarão que menores de 18 anos não serão recrutados de maneira compulsória em suas forças armadas.

Artigo 3º

1. Os Estados Partes elevarão a idade mínima para o recrutamento voluntário de pessoas em suas forças armadas nacionais acima daquela fixada no Artigo 38, parágrafo 3, da Convenção sobre os Direitos da Criança, tendo em conta os princípios contidos no referido Artigo e reconhecendo que, em conformidade com a Convenção, indivíduos menores de 18 anos tem direito a proteção especial.

2. Cada Estado Parte depositará, ao ratificar o presente Protocolo ou a ele aderir, uma declaração vinculante fixando a idade mínima em que permitirá o recrutamento voluntário em suas forças armadas nacionais, bem como das salvaguardas

adotadas para assegurar que o referido recrutamento não seja feito por meio da força ou coação.

3. Os Estados Partes que permitirem o recrutamento voluntário de menores de 18 anos em suas forças armadas nacionais manterão salvaguardas para assegurar, no mínimo que:

a) o referido recrutamento seja genuinamente voluntário;

b) o referido recrutamento seja feito com o consentimento informado dos pais do menor ou de seus tutores legais;

c) os menores em questão sejam devidamente informados das responsabilidades envolvidas no referido serviço militar;

d) os menores em questão forneçam comprovação fiável de sua idade antes de serem aceitos no serviço militar nacional.

4. Os Estados Partes poderão ampliar sua declaração a qualquer tempo por meio de notificação para tal fim encaminhada ao Secretário Geral das Nações Unidas, o qual informará todos os Estados Partes. A referida notificação entrará em vigor na data de seu recebimento pelo Secretário Geral.

5. A exigência relativa à elevação da idade a que se refere o parágrafo 1 do presente Artigo não se aplica a escolas operadas ou controladas pelas forças armadas dos Estados Partes, em conformidade com os Artigos 28 e 29 da Convenção sobre os Direitos da Criança.

Artigo 4º

1. Os grupos armados distintos das forças armadas de um Estado não deverão, em qualquer circunstância, recrutar ou utilizar menores de 18 anos em hostilidades.

2. Os Estados Partes deverão adotar todas as medidas possíveis para evitar esse recrutamento e essa utilização, inclusive a adoção de medidas legais necessárias para proibir e criminalizar tais práticas.

3. A aplicação do presente Artigo, em conformidade com o Protocolo, não afetará o status jurídico de qualquer das partes de um conflito armado.

Artigo 5º

Nenhuma disposição do presente Protocolo será interpretada de modo a impedir a aplicação dos preceitos do ordenamento de um Estado Parte ou de instrumentos internacionais e do direito humanitário internacional, quando esses preceitos forem mais propícios à realização dos direitos da criança.

Artigo 6º

1. Os Estados Partes adotarão todas as medidas legais, administrativas e de outra natureza necessárias para assegurar a implementação e aplicação efetivas das disposições do presente Protocolo em suas jurisdições.

2. Os Estados Partes comprometem-se a disseminar e promover, pelos meios apropriados, os princípios e as disposições do presente Protocolo junto tanto a adultos quanto crianças.

3. Os Estados Partes adotarão todas as medidas possíveis para assegurar que pessoas em sua jurisdição recrutadas ou utilizadas em hostilidades em contradição com o presente Protocolo sejam desmobilizadas ou liberadas do serviço de outro modo. Quando necessário, os Estados Partes prestarão a essas pessoas toda a

assistência apropriada para a sua recuperação física e psicológica, bem como sua reintegração social.

Artigo 7º

1. Os Estados Partes cooperarão na implementação do presente Protocolo, inclusive no que se refere à prevenção de qualquer atividade contrária ao Protocolo e na reabilitação e reintegração social de vítimas de atos contrários a este Protocolo, inclusive por meio de cooperação técnica e assistência financeira. A assistência e cooperação em questão serão implementadas de comum acordo com os Estados Partes envolvidos e organizações internacionais relevantes.

2. Os Estados Partes em condições de fazê-lo prestarão essa assistência por meio de programas multilaterais, bilaterais ou de outros programas existentes, ou, *inter alia*, por meio de um fundo voluntário criado em conformidade com as normas da Assembléia Geral.

Artigo 8º

1. Cada Estado Parte submeterá ao Comitê sobre os Direitos da Criança, no prazo de dois anos a contar da data de entrada em vigor do Protocolo para aquele Estado Parte, um relatório, inclusive as medidas adotadas para implementar as disposições sobre participação e recrutamento.

2. Após a apresentação do relatório abrangente, cada Estado Parte incluirá nos relatórios que submeter ao Comitê sobre os Direitos da Criança quaisquer informações adicionais sobre a implementação do Protocolo, em conformidade com o Artigo 44 da Convenção. Os demais Estados Partes do Protocolo submeterão um relatório a cada cinco anos.

3. O Comitê sobre os Direitos da Criança poderá solicitar aos Estados Partes informações adicionais relevantes para a implementação do presente Protocolo.

Artigo 9º

1. O presente Protocolo está aberto para assinatura de qualquer Estado que seja parte ou signatário da Convenção.

2. O presente Protocolo está sujeito a ratificação e aberto a adesão de qualquer Estado que seja parte ou signatário da Convenção. Os instrumentos de ratificação ou adesão serão depositados com o Secretário Geral das Nações Unidas.

3. O Secretário Geral, na qualidade de depositário da Convenção e do Protocolo, informará os Estados Partes da Convenção e todos os Estados signatários da Convenção sobre cada instrumento de declaração em conformidade com o Artigo 13.

Artigo 10

1. O presente Protocolo entrará em vigor três meses após o depósito do décimo instrumento de ratificação ou adesão.

2. Para cada Estado que ratificar o presente Protocolo ou a ele aderir após sua entrada em vigor, o presente Protocolo passará a viger um mês após a data do depósito de seu próprio instrumento de ratificação ou adesão.

Artigo 11

1. Qualquer Estado Parte poderá denunciar o presente Protocolo a qualquer tempo por meio de notificação escrita ao Secretário Geral das Nações Unidas, o qual

subsequentemente informará os demais Estados Partes da Convenção e todos os Estados signatários da Convenção. A denúncia produzirá efeitos um ano após a data de recebimento da notificação pelo Secretário Geral. Se, entretanto, ao final daquele ano o Estado Parte denunciante estiver envolvido em conflito armado, a denúncia não produzirá efeitos antes do término do conflito armado.

2. A referida denúncia não isentará o Estado Parte das obrigações contraídas sob o presente Protocolo no que se refere a qualquer ato ocorrido anteriormente à data na qual a denúncia se tornar efetiva. A denúncia tampouco impedirá, de qualquer forma, que se dê continuidade ao exame de qualquer matéria que já esteja sendo examinada pelo Comitê antes da data na qual a denúncia se tornar efetiva.

Artigo 12

1. Qualquer Estado Parte poderá propor uma emenda e depositá-la junto ao Secretário Geral das Nações Unidas. O Secretário Geral comunicará a emenda proposta aos Estados Partes, solicitando-lhes que indiquem se são favoráveis à realização de uma conferência de Estados Partes para análise e votação das propostas. Caso, no prazo de quatro meses a contar da data da referida comunicação, pelo menos um terço dos Estados Partes se houver manifestado a favor da referida conferência, o Secretário Geral convocará a conferência sob os auspícios das Nações Unidas. Qualquer emenda adotada por uma maioria de Estados Partes presentes e votantes na conferência será submetida à Assembléia Geral para aprovação.

2. Uma emenda adotada em conformidade com o parágrafo 1 do presente Artigo entrará em vigor quando aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas e aceita por maioria de dois terços dos Estados Partes.

3. Quando uma emenda entrar em vigor, tornar-se-á obrigatória para aqueles Estados Partes que a aceitaram; os demais Estados Partes continuarão obrigados pelas disposições do presente Protocolo e por quaisquer emendas anteriores que tenham aceitado.

Artigo 13

1. O presente Protocolo, com textos em árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo igualmente autênticos, será depositado nos arquivos das Nações Unidas.

2. O Secretário Geral das Nações Unidas enviará cópias autenticadas do presente Protocolo a todos os Estados Partes da Convenção e a todos os Estados signatários da Convenção.

Protocolo Facultativo para a Convenção sobre os Direitos da Criança sobre a venda de crianças, prostituição e pornografia infantis

Adotado pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 25 de maio de 2000; promulgado pelo Decreto nº 5.007, de 8 de março de 2004.

Preâmbulo

Os Estados Partes do presente Protocolo,

Considerando que, a fim de alcançar os propósitos da Convenção sobre os Direitos da Criança e a implementação de suas disposições, especialmente dos Artigos 1, 11, 21, 32, 33, 34, 35 e 36, seria apropriado ampliar as medidas a serem adotadas pelos Estados Partes, a fim de garantir a proteção da criança contra a venda de crianças, a prostituição infantil e a pornografia infantil,

Considerando também que a Convenção sobre os Direitos da Criança reconhece o direito da criança de estar protegida contra a exploração econômica e contra o desempenho de qualquer trabalho que possa ser perigoso para a criança ou interferir em sua educação, ou ser prejudicial à saúde da criança ou ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social,

Seriamente preocupados com o significativo e crescente tráfico internacional de crianças para fins de venda de crianças, prostituição infantil e pornografia infantil,

Profundamente preocupados com a prática disseminada e continuada do turismo sexual, ao qual as crianças são particularmente vulneráveis, uma vez que promove diretamente a venda de crianças, a prostituição infantil e a pornografia infantil,

Reconhecendo que uma série de grupos particularmente vulneráveis, inclusive meninas, estão mais expostos ao risco de exploração sexual, e que as meninas estão representadas de forma desproporcional entre os sexualmente explorados,

Preocupados com a crescente disponibilidade de pornografia infantil na Internet e em outras tecnologias modernas, e relembrando a Conferência Internacional sobre o Combate à Pornografia Infantil na Internet (Viena, 1999) e, em particular, sua conclusão, que demanda a criminalização em todo o mundo da produção, distribuição, exportação, transmissão, importação, posse intencional e propaganda de pornografia infantil, e enfatizando a importância de cooperação e parceria mais estreita entre governos e a indústria da Internet,

Acreditando que a eliminação da venda de crianças, da prostituição infantil e da pornografia será facilitada pela adoção de uma abordagem holística que leve em conta os fatores que contribuem para a sua ocorrência, inclusive o subdesenvolvimento, a pobreza, as disparidades econômicas, a estrutura sócio-econômica desigual, as famílias com disfunções, a ausência de educação, a migração do campo para a cidade, a discriminação sexual, o comportamento sexual adulto irresponsável, as práticas tradicionais prejudiciais, os conflitos armados e o tráfico de crianças,

Acreditando na necessidade de esforços de conscientização pública para reduzir a demanda de consumo relativa à venda de crianças, prostituição infantil e pornografia infantil, e acreditando, também, na importância do fortalecimento da

parceria global entre todos os atores, bem como da melhoria do cumprimento da lei no nível nacional,

Tomando nota das disposições de instrumentos jurídicos internacionais relevantes para a proteção de crianças, inclusive a Convenção da Haia sobre a Proteção de Crianças e Cooperação no que se Refere à Adoção Internacional; a Convenção da Haia sobre os Aspectos Civis do Sequestro Internacional de Crianças; a Convenção da Haia sobre Jurisdição, Direito Aplicável, Reconhecimento, Execução e Cooperação Referente à Responsabilidade dos Pais; e a Convenção nº 182 da Organização Internacional do Trabalho sobre a Proibição das Piores Formas de Trabalho Infantil e a Ação Imediata para sua Eliminação,

Encorajados pelo imenso apoio à Convenção sobre os Direitos da Criança, que demonstra o amplo compromisso existente com a promoção e proteção dos direitos da criança,

Reconhecendo a importância da implementação das disposições do Programa de Ação para a Prevenção da Venda de Crianças, da Prostituição Infantil e da Pornografia Infantil e a Declaração e Agenda de Ação adotada no Congresso Mundial contra a Exploração Comercial Sexual de Crianças, realizada em Estocolmo, de 27 a 31 de agosto de 1996, bem como outras decisões e recomendações relevantes emanadas de órgãos internacionais pertinentes,

Tendo na devida conta a importância das tradições e dos valores culturais de cada povo para a proteção e o desenvolvimento harmonioso da criança,

Acordaram o que segue:

Artigo 1º

Os Estados Partes proibirão a venda de crianças, a prostituição infantil e a pornografia infantil, conforme disposto no presente Protocolo.

Artigo 2º

Para os propósitos do presente Protocolo:

a) Venda de crianças significa qualquer ato ou transação pela qual uma criança é transferida por qualquer pessoa ou grupo de pessoas a outra pessoa ou grupo de pessoas, em troca de remuneração ou qualquer outra forma de compensação;

b) Prostituição infantil significa o uso de uma criança em atividades sexuais em troca de remuneração ou qualquer outra forma de compensação;

c) Pornografia infantil significa qualquer representação, por qualquer meio, de uma criança envolvida em atividades sexuais explícitas reais ou simuladas, ou qualquer representação dos órgãos sexuais de uma criança para fins primordialmente sexuais.

Artigo 3º

1. Os Estados Partes assegurarão que, no mínimo, os seguintes atos e atividades sejam integralmente cobertos por suas legislações criminal ou penal, quer os delitos sejam cometidos dentro ou fora de suas fronteiras, de forma individual ou organizada:

a) No contexto da venda de crianças, conforme definido no Artigo 2º;

(i) A oferta, entrega ou aceitação, por qualquer meio, de uma criança para fins de:

a. Exploração sexual de crianças;

b. Transplante de órgãos da criança com fins lucrativos;

c. Envolvimento da criança em trabalho forçado.

(ii) A indução indevida ao consentimento, na qualidade de intermediário, para adoção de uma criança em violação dos instrumentos jurídicos internacionais aplicáveis sobre adoção;

b) A oferta, obtenção, aquisição, aliciamento ou o fornecimento de uma criança para fins de prostituição infantil, conforme definido no Artigo 2º;

c) A produção, distribuição, disseminação, importação, exportação, oferta, venda ou posse, para os fins acima mencionados, de pornografia infantil, conforme definido no Artigo 2º.

2. Em conformidade com as disposições da legislação nacional de um Estado Parte, o mesmo aplicar-se-á a qualquer tentativa de perpetrar qualquer desses atos e à cumplicidade ou participação em qualquer desses atos.

3. Os Estados Partes punirão esses delitos com penas apropriadas que levem em consideração a sua gravidade.

4. Em conformidade com as disposições de sua legislação nacional, os Estados Partes adotarão medidas, quando apropriado, para determinar a responsabilidade legal de pessoas jurídicas pelos delitos definidos no parágrafo 1 do presente Artigo. Em conformidade com os princípios jurídicos do Estado Parte, essa responsabilidade de pessoas jurídicas poderá ser de natureza criminal, civil ou administrativa.

5. Os Estados Partes adotarão todas as medidas legais e administrativas apropriadas para assegurar que todas as pessoas envolvidas na adoção de uma criança ajam em conformidade com os instrumentos jurídicos internacionais aplicáveis.

Artigo 4º

1. Cada Estado Parte adotará as medidas necessárias para estabelecer sua jurisdição sobre os delitos a que se refere o Artigo 3º, parágrafo 1, quando os delitos forem cometidos em seu território ou a bordo de embarcação ou aeronave registrada naquele Estado.

2. Cada Estado Parte poderá adotar as medidas necessárias para estabelecer sua jurisdição sobre os delitos a que se refere o Artigo 3º, parágrafo 1, nos seguintes casos:

a) Quando o criminoso presumido for um cidadão daquele Estado ou uma pessoa que mantém residência habitual em seu território;

b) Quando a vítima for um cidadão daquele Estado.

3. Cada Estado Parte adotará, também, as medidas necessárias para estabelecer sua jurisdição sobre os delitos acima mencionados quando o criminoso presumido estiver presente em seu território e não for extraditado para outro Estado Parte pelo fato de o delito haver sido cometido por um de seus cidadãos.

4. O presente Protocolo não exclui qualquer jurisdição criminal exercida em conformidade com a legislação interna.

Artigo 5º

1. Os delitos a que se refere o Artigo 3º, parágrafo 1, serão considerados delitos passíveis de extradição em qualquer tratado de extradição existentes entre Estados Partes, e incluídos como delitos passíveis de extradição em todo tratado de extradição subsequentemente celebrado entre os mesmos, em conformidade com as condições estabelecidas nos referidos tratados.

2. Se um Estado Parte que condiciona a extradição à existência de um tratado receber solicitação de extradição de outro Estado Parte com o qual não mantém tratado de extradição, poderá adotar o presente Protocolo como base jurídica para a extradição no que se refere a tais delitos. A extradição estará sujeita às condições previstas na legislação do Estado demandado.

3. Os Estados Partes que não condicionam a extradição à existência de um tratado reconhecerão os referidos delitos como delitos passíveis de extradição entre si, em conformidade com as condições estabelecidas na legislação do Estado demandado.

4. Para fins de extradição entre Estados Partes, os referidos delitos serão considerados como se cometidos não apenas no local onde ocorreram, mas também nos territórios dos Estados obrigados a estabelecer sua jurisdição em conformidade com o Artigo 4º.

5. Se um pedido de extradição for feito com referência a um dos delitos descritos no Artigo 3º, parágrafo 1, e se o Estado Parte demandado não conceder a extradição ou recusar-se a conceder a extradição com base na nacionalidade do autor do delito, este Estado adotará as medidas apropriadas para submeter o caso às suas autoridades competentes, com vistas à instauração de processo penal.

Artigo 6º

1. Os Estados Partes prestar-se-ão mutuamente toda a assistência possível no que se refere a investigações ou processos criminais ou de extradição instaurados com relação aos delitos descritos no Artigo 3º, parágrafo 1. Inclusive assistência na obtenção de provas à sua disposição e necessárias para a condução dos processos.

2. Os Estados Partes cumprirão as obrigações assumidas em função do parágrafo 1 do presente Artigo, em conformidade com quaisquer tratados ou outros acordos sobre assistência jurídica mútua que porventura existam entre os mesmos. Na ausência de tais tratados ou acordos, os Estados Partes prestar-se-ão assistência mútua em conformidade com sua legislação nacional.

Artigo 7º

Os Estados Partes, em conformidade com as disposições de sua legislação nacional:

a) adotarão medidas para permitir o sequestro e confisco, conforme o caso, de:

   (i) bens tais como materiais, ativos e outros meios utilizados para cometer ou facilitar o cometimento dos delitos definidos no presente Protocolo;

   (ii) rendas decorrentes do cometimento desses delitos.

b) atenderão às solicitações de outro Estado Parte referentes ao sequestro ou confisco de bens ou rendas a que se referem os incisos i) e ii) do parágrafo a);

c) adotarão medidas para fechar, temporária ou definitivamente, os locais utilizados para cometer esses delitos.

Artigo 8º

1. Os Estados Partes adotarão as medidas apropriadas para proteger os direitos e interesses de crianças vítimas das práticas proibidas pelo presente Protocolo em todos os estágios do processo judicial criminal, em particular:

a) reconhecendo a vulnerabilidade de crianças vitimadas e adaptando procedimentos para reconhecer suas necessidades especiais, inclusive suas necessidades especiais como testemunhas;

b) informando as crianças vitimadas sobre seus direitos, seu papel, bem como o alcance, as datas e o andamento dos processos e a condução de seus casos;

c) permitindo que as opiniões, necessidades e preocupações das crianças vitimadas sejam apresentadas e consideradas nos processos em que seus interesses pessoais forem afetados, de forma coerente com as normas processuais da legislação nacional;

d) prestando serviços adequados de apoio às crianças vitimadas no transcorrer do processo judicial;

e) protegendo, conforme apropriado, a privacidade e a identidade das crianças vitimadas e adotando medidas, em conformidade com a legislação nacional, para evitar a disseminação inadequada de informações que possam levar à identificação das crianças vitimadas;

f) assegurando, nos casos apropriados, a segurança das crianças vitimadas, bem como de suas famílias e testemunhas, contra intimidação e retaliação;

g) evitando demora desnecessária na condução de causas e no cumprimento de ordens ou decretos concedendo reparação a crianças vitimadas.

2. Os Estados Partes assegurarão que quaisquer dúvidas sobre a idade real da vítima não impedirão que se dê início a investigações criminais, inclusive investigações para determinar a idade da vítima.

3. Os Estados Partes assegurarão que, no tratamento dispensado pelo sistema judicial penal às crianças vítimas dos delitos descritos no presente Protocolo, a consideração primordial seja o interesse superior da criança.

4. Os Estados Partes adotarão medidas para assegurar treinamento apropriado, em particular treinamento jurídico e psicológico, às pessoas que trabalham com vítimas dos delitos proibidos pelo presente Protocolo.

5. Nos casos apropriados, os Estados Partes adotarão medidas para proteger a segurança e integridade daquelas pessoas e/ou organizações envolvidas na prevenção e/ou proteção e reabilitação de vítimas desses delitos.

6. Nenhuma disposição do presente Artigo será interpretada como prejudicial aos direitos do acusado a um julgamento justo e imparcial, ou como incompatível com esses direitos.

Artigo 9º

1. Os Estados Partes adotarão ou reforçarão, implementarão e disseminarão leis, medidas administrativas, políticas e programas sociais para evitar os delitos a que

se refere o presente Protocolo. Especial atenção será dada á proteção de crianças especialmente vulneráveis a essas práticas.

2. Os Estados Partes promoverão a conscientização do público em geral, inclusive das crianças, por meio de informações disseminadas por todos os meios apropriados, educação e treinamento, sobre as medidas preventivas e os efeitos prejudiciais dos delitos a que se refere o presente Protocolo. No cumprimento das obrigações assumidas em conformidade com o presente Artigo, os Estados Partes incentivarão a participação da comunidade e, em particular, de crianças vitimadas, nas referidas informações e em programas educativos e de treinamento, inclusive no nível internacional.

3. Os Estados Partes adotarão todas as medidas possíveis com o objetivo de assegurar assistência apropriada às vítimas desses delitos, inclusive sua completa reintegração social e sua total recuperação física e psicológica.

4. Os Estados Partes assegurarão que todas as crianças vítimas dos delitos descritos no presente Protocolo tenham acesso a procedimentos adequados que lhe permitam obter, sem discriminação, das pessoas legalmente responsáveis, reparação pelos danos sofridos.

5. Os Estados Partes adotarão as medidas apropriadas para proibir efetivamente a produção e disseminação de material em que se faça propaganda dos delitos descritos no presente Protocolo.

Artigo 10

1. Os Estados Partes adotarão todas as medidas necessárias para intensificar a cooperação internacional por meio de acordos multilaterais, regionais e bilaterais para prevenir, detectar, investigar, julgar e punir os responsáveis por atos envolvendo a venda de crianças, a prostituição infantil, a pornografia infantil e o turismo sexual infantil. Os Estados Partes promoverão, também, a cooperação e coordenação internacionais entre suas autoridades, organizações não-governamentais nacionais e internacionais e organizações internacionais.

2. Os Estados Partes promoverão a cooperação internacional com vistas a prestar assistência às crianças vitimadas em sua recuperação física e psicológica, sua reintegração social e repatriação.

3. Os Estados Partes promoverão o fortalecimento da cooperação internacional, a fim de lutar contra as causas básicas, tais como pobreza e subdesenvolvimento, que contribuem para a vulnerabilidade das crianças à venda de crianças, à prostituição infantil, à pornografia infantil e ao turismo sexual infantil.

4. Os Estados Partes que estejam em condições de fazê-lo, prestarão assistência financeira, técnica ou de outra natureza por meio de programas multilaterais, regionais, bilaterais ou outros programas existentes.

Artigo 11

Nenhuma disposição do presente Protocolo afetará quaisquer outras disposições mais propícias à fruição dos direitos da criança e que possam estar contidas:

a) na legislação de um Estado Parte;

b) na legislação internacional em vigor para aquele Estado.

Artigo 12

1. Cada Estado Parte submeterá ao Comitê sobre os Direitos da Criança, no prazo de dois anos a contar da data da entrada em vigor do Protocolo para aquele Estado Parte, um relatório contendo informações abrangentes sobre as medidas adotadas para implementar as disposições do Protocolo.

2. Após a apresentação do relatório abrangente, cada Estado Parte incluirá nos relatórios que submeter ao Comitê sobre os Direitos da Criança quaisquer informações adicionais sobre a implementação do Protocolo, em conformidade com o Artigo 44 da Convenção. Os demais Estados Partes do Protocolo submeterão um relatório a cada cinco anos.

3. O Comitê sobre os Direitos da Criança poderá solicitar aos Estados Partes informações adicionais relevantes para a implementação do presente Protocolo.

Artigo 13

1. O presente Protocolo está aberto para assinatura de qualquer Estado que seja parte ou signatário da Convenção.

2. O presente Protocolo está sujeito a ratificação e aberto a adesão de qualquer Estado que seja parte ou signatário da Convenção. Os instrumentos de ratificação ou adesão serão depositados com o Secretário Geral das Nações Unidas.

Artigo 14

1. O presente Protocolo entrará em vigor três meses após o depósito do décimo instrumento de ratificação ou adesão.

2. Para cada Estado que ratificar o presente Protocolo ou a ele aderir após sua entrada em vigor, o presente Protocolo passará a viger um mês após a data do depósito de seu próprio instrumento de ratificação ou adesão.

Artigo 15

1. Qualquer Estado Parte poderá denunciar o presente Protocolo a qualquer tempo por meio de notificação escrita ao Secretário Geral das Nações Unidas, o qual subsequentemente informará os demais Estados Partes da Convenção e todos os Estados signatários da Convenção. A denúncia produzirá efeitos um ano após a data de recebimento da notificação pelo Secretário Geral das Nações Unidas.

2. A referida denúncia não isentará o Estado Parte das obrigações assumidas por força do presente Protocolo no que se refere a qualquer delito ocorrido anteriormente à data na qual a denúncia passar a produzir efeitos. A denúncia tampouco impedirá, de qualquer forma, que se dê continuidade ao exame de qualquer matéria que já esteja sendo examinada pelo Comitê antes da data na qual a denúncia se tornar efetiva.

Artigo 16

1. Qualquer Estado Parte poderá propor uma emenda e depositá-la junto ao Secretário Geral das Nações Unidas. O Secretário Geral comunicará a emenda proposta aos Estados Partes, solicitando-lhes que indiquem se são favoráveis à realização de uma conferência de Estados Partes para análise e votação das propostas. Caso, no prazo de quatro meses a contar da data da referida comunicação, pelo menos um terço dos Estados Partes se houver manifestado a favor da referida conferência, o Secretário Geral convocará a conferência sob os auspícios das Nações Unidas. Qualquer emenda adotada por uma maioria de

Estados Partes presentes e votantes na conferência será submetida à Assembléia Geral para aprovação.

2. Uma emenda adotada em conformidade com o parágrafo 1 do presente Artigo entrará em vigor quando aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas e aceita por maioria de dois terços dos Estados Partes.

3. Quando uma emenda entrar em vigor, tornar-se-á obrigatória para aqueles Estados Partes que a aceitaram; os demais Estados Partes continuarão obrigados pelas disposições do presente Protocolo e por quaisquer emendas anteriores que tenham aceitado.

Artigo 17

1. O presente Protocolo, com textos em árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo igualmente autênticos, será depositado nos arquivos das Nações Unidas.

2. O Secretário Geral das Nações Unidas enviará cópias autenticadas do presente Protocolo a todos os Estados Partes da Convenção e a todos os Estados signatários da Convenção.

Convenção Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional - Convenção de Haia

Adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 29 de maio de 1993; ratificada através do Decreto nº 3.087/99, de 01 de julho de 1999.

Preâmbulo

Os Estados signatários da presente Convenção,

Reconhecendo que, para o desenvolvimento harmonioso de sua personalidade, a criança deve crescer em meio familiar, em clima de felicidade, de amor e de compreensão;

Recordando que cada país deveria tomar, com caráter prioritário, medidas adequadas para permitir a manutenção da criança em sua família de origem;

Reconhecendo que a adoção internacional pode apresentar a vantagem de dar uma família permanente à criança para quem não se possa encontrar uma família adequada em seu país de origem;

Convencidos da necessidade de prever medidas para garantir que as adoções internacionais sejam feitas no interesse superior da criança e com respeito a seus direitos fundamentais, assim como para prevenir o sequestro, a venda ou o tráfico de crianças, e

Desejando estabelecer para esse fim disposições comuns que levem em consideração os princípios reconhecidos por instrumentos internacionais, em particular a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, de 20 de novembro de 1989, e pela Declaração das Nações Unidas sobre os Princípios Sociais e Jurídicos Aplicáveis à Proteção e ao Bem-estar das Crianças, com Especial Referência às Práticas em Matéria de Adoção e de colocação familiar nos Planos Nacional e Internacional (Resolução da Assembléia Geral 41/85, de 3 de dezembro de 1986),

Acordam nas seguintes disposições:

CAPÍTULO I
Âmbito de Aplicação da Convenção

Artigo 1º

A presente Convenção tem por objetivo:

a) estabelecer garantias para que as adoções internacionais sejam feitas segundo o interesse superior da criança e com respeito aos direitos fundamentais que lhe conhece o direito internacional;

b) instaurar um sistema de cooperação entre os Estados Contratantes que assegure o respeito às mencionadas garantias e, em consequência, previna o sequestro, a venda ou o tráfico de crianças;

c) assegurar o reconhecimento nos Estados Contratantes das adoções realizadas segundo a Convenção.

Artigo 2º

1. A Convenção será aplicada quando uma criança com residência habitual em um Estado Contratante ("o Estado de origem") tiver sido, for, ou deva ser deslocada para outro Estado Contratante ("o Estado de acolhida"), quer após sua adoção no Estado de origem por cônjuges ou por uma pessoa residente habitualmente no Estado de acolhida, quer para que essa adoção seja realizada no Estado de acolhida ou no Estado de origem.

2. A Convenção somente abrange as Adoções que estabeleçam um vínculo de filiação.

Artigo 3º

A Convenção deixará de ser aplicável se as aprovações previstas no artigo 17, alínea "c", não forem concedidas antes que a criança atinja a idade de 18 (dezoito) anos.

CAPÍTULO II
Requisitos para as Adoções Internacionais

Artigo 4º

As adoções abrangidas por esta Convenção só poderão ocorrer quando as autoridades competentes do Estado de origem:

a) tiverem determinado que a criança é adotável;

b) tiverem verificado, depois de haver examinado adequadamente as possibilidades de colocação da criança em seu Estado de origem, que uma adoção internacional atende ao interesse superior da criança;

c) tiverem-se assegurado de:

   1) que as pessoas, instituições e autoridades cujo consentimento se requeira para a adoção hajam sido convenientemente orientadas e devidamente informadas das consequências de seu consentimento, em particular em relação à manutenção ou à ruptura, em virtude da adoção, dos vínculos jurídicos entre a criança e sua família de origem;

   2) que estas pessoas, instituições e autoridades tenham manifestado seu consentimento livremente, na forma legal prevista, e que este consentimento se tenha manifestado ou constatado por escrito;

   3) que os consentimentos não tenham sido obtidos mediante pagamento ou compensação de qualquer espécie nem tenham sido revogados, e

   4) que o consentimento da mãe, quando exigido, tenha sido manifestado após o nascimento da criança; e,

d) tiverem-se assegurado, observada a idade e o grau de maturidade da criança, de:

   1) que tenha sido a mesma convenientemente orientada e devidamente informada sobre as consequências de seu consentimento à adoção, quando este for exigido;

   2) que tenham sido levadas em consideração a vontade e as opiniões da criança;

3) que o consentimento da criança à adoção, quando exigido, tenha sido dado livremente, na forma legal prevista, e que este consentimento tenha sido manifestado ou constatado por escrito;

4) que o consentimento não tenha sido induzido mediante pagamento ou compensação de qualquer espécie.

Artigo 5º

As adoções abrangidas por esta Convenção só poderão ocorrer quando as autoridades competentes do Estado de acolhida:

a) tiverem verificado que os futuros pais adotivos encontram-se habilitados e patos para adotar;

b) tiverem-se assegurado de que os futuros pais adotivos foram convenientemente orientados;

c) tiverem verificado que a criança foi ou será autorizada a entrar e a residir permanentemente no Estado de acolhida.

CAPÍTULO III
Autoridades Centrais e Organismos Credenciados

Artigo 6º

1. Cada Estado Contratante designará uma Autoridade Central encarregada de dar cumprimento às obrigações impostas pela presente Convenção.

2. Um Estado federal, um Estado no qual vigoram diversos sistemas jurídicos ou um Estado com unidades territoriais autônomas poderá designar mais de uma Autoridade Central e especificar o âmbito territorial ou pessoal de suas funções. O Estado que fizer uso dessa faculdade designará a Autoridade Central à qual poderá ser dirigida toda a comunicação para sua transmissão à Autoridade Central competente dentro desse Estado.

Artigo 7º

1. As Autoridades Centrais deverão cooperar entre si e promover a colaboração entre as autoridades competentes de seus respectivos Estados a fim de assegurar a proteção das crianças e alcançar os demais objetivos da Convenção.

2. As autoridades Centrais tomarão, diretamente, todas as medidas adequadas para:

a) fornecer informações sobre a legislação de seus Estados em matéria de adoção e outras informações geris, tais como estatísticas e formulários padronizados;

b) informar-se mutuamente sobre o funcionamento da Convenção e, na medida do possível, remover os obstáculos para sua aplicação.

Artigo 8º

As Autoridades Centrais tomarão, diretamente ou com a cooperação de autoridades públicas, todas as medidas apropriadas para prevenir benefícios materiais induzidos por ocasião de uma adoção e para impedir qualquer prática contrária aos objetivos da Convenção.

Artigo 9º

As autoridades Centrais tomarão todas as medidas apropriadas, seja diretamente ou com a cooperação de autoridades públicas ou outros organismos devidamente credenciados em seu Estado, em especial para:

a) reunir, conserva e permutar informações relativas à situação da criança e dos futuros pais adotivos, na medida necessária à realização da adoção;

b) facilitar, acompanhar e acelerar o procedimento de adoção;

c) promover o desenvolvimento de serviços de orientação em matéria de adoção e de acompanhamento das adoções em seus respectivos Estados;

d) permutar relatórios gerais de avaliação sobre as experiências em matéria de adoção internacional;

e) responder, nos limites da lei do seu Estado, às solicitações justificadas de informações a respeito de uma situação particular de adoção formulada por outras Autoridades Centrais ou por autoridades públicas.

Artigo 10

Somente poderão obter e conservar o credenciamento os organismos que demonstrarem sua aptidão para cumprir corretamente as tarefas que lhe possam ser confiadas.

Artigo 11

Um organismo credenciado deverá:

a) perseguir unicamente fins não lucrativos, nas condições e dentro dos limites fixados pelas autoridades competentes do Estado que o tiver credenciado;

b) ser dirigido e administrado por pessoas qualificadas por sua integridade moral e por sua formação ou experiência par atuar na área de adoção internacional;

c) estar submetido à supervisão das autoridades competentes do referido Estado, no que tange à sua composição, funcionamento e situação financeira.

Artigo 12

Um organismo credenciado em um Estado Contratante somente poderá atuar em outro Estado Contratante se tiver sido autorizado pelas autoridades competentes de ambos os Estados.

Artigo 13

A designação das Autoridades Centrais e, quando for o caso, o âmbito de suas funções, assim como os nomes e endereços dos organismos credenciados devem ser comunicados por cada Estado Contratante ao Bureau Permanente da Conferência da Haia de Direito Internacional Privado.

CAPÍTULO IV
Requisitos Processuais para a Adoção Internacional

Artigo 14

As pessoas com residência habitual em um Estado Contratante, que desejam adotar uma criança cuja residência habitual seja em outro Estado Contratante, deverão dirigir-se à Autoridade Central do Estado de sua residência habitual.

Artigo 15

1. Se a Autoridade Central do Estado de acolhida considerar que os solicitantes estão habilitados e aptos para adotar, a mesma preparará um relatório que contenham informações sobre a identidade, a capacidade jurídica e adequação dos solicitantes para adotar, sua situação pessoal, familiar e médica, seu meio social, os motivos que os animam, sua aptidão para assumir uma adoção internacional, assim como sobre as crianças de que eles estariam em condições de tomar a seu cargo.

2. A Autoridade Central do Estado de acolhida transmitirá o relatório à Autoridade Central do Estado de origem.

Artigo 16

1. Se a Autoridade Central do Estado de origem considerar que a criança é adotável, deverá:

a) preparar um relatório que contenha informações sobre a identidade da criança, sua adotabilidade, seu meio social, sua evolução pessoal e familiar, seu histórico médico pessoal e familiar, assim como quaisquer necessidades particulares da criança;

b) levar em conta as condições de educação da criança, assim como sua origem étnica, religiosa e cultural;

c) assegurar-se de que os consentimentos tenham sido obtidos de acordo com o artigo 4; e,

d) verificar, baseando-se especialmente nos relatórios relativos à criança e aos futuros pais adotivos, se a colocação prevista atende ao interesse superior da criança.

2. A Autoridade Central do Estado de origem transmitirá à Autoridade Central do Estado de acolhida seu relatório sobre a criança, a prova dos consentimentos requeridos e as razões que justificam a colocação, cuidando para não revelar a identidade da mãe e do pai, caso a divulgação dessas informações não seja permitida no Estado de origem.

Artigo 17

Toda decisão de confiar uma criança aos futuros pais adotivos somente poderá ser tomada no Estado de origem se:

a) a Autoridade Central do Estado de origem tiver-se assegurado de que os futuros pais adotivos manifestaram sua concordância;

b) a Autoridade Central do Estado de acolhida tiver aprovado tal decisão, quando esta aprovação for requerida pela lei do Estado de acolhida ou pela Autoridade Central do Estado de origem;

c) as Autoridades Centrais de ambos os Estados estiverem de acordo em que se prossiga com a adoção; e,

d) tiver sido verificado, de conformidade com o artigo 5, que os futuros pais adotivos estão habilitados e aptos a adotar e que a criança está ou será autorizada a entrar e residis permanentemente no Estado de acolhida.

Artigo 18

As Autoridades Centrais de ambos os Estados tomarão todas as medidas necessárias para que a criança recebe a autorização de saída do Estado de origem, assim como aquela de entrada e de residência permanente no Estado de acolhida.

Artigo 19

1. O deslocamento da criança par ao Estado de acolhida só poderá ocorrer quanto tiverem sido satisfeitos os requisitos do artigo 17.

2. As Autoridades Centrais dos dois Estados deverão providenciar para que o deslocamento se realize com toda a segurança, em condições adequadas e, quando possível, em companhia dos pais adotivos ou futuros pais adotivos.

3. Se o deslocamento da criança não se efetivar, os relatórios a que se referem os artigos 15 e 16 serão restituídos às autoridades que os tiverem expedido.

Artigo 20

As Autoridades Centrais manter-se-ão informadas sobre o procedimento de adoção, sobre as medidas adotadas para levá-la a efeito, assim como sobre o desenvolvimento do período probatório, se este for requerido.

Artigo 21

1. Quando a adoção deva ocorrer, após o deslocamento da criança, para o Estado de acolhida e a Autoridade Central desse Estado considerar que a manutenção da criança na família de acolhida já não responde ao seu interesse superior, essa Autoridade Central tomará as medidas necessárias à proteção da criança, especialmente de modo a:

a) retirá-la das pessoas que pretendem adotá-la e assegurar provisoriamente seu cuidado;

b) em consulta com a Autoridade Central do Estado de origem, assegurar, sem demora, uma nova colocação da criança com vistas à sua adoção ou, em sua falta, uma colocação alternativa de caráter duradouro. Somente poderá ocorrer uma adoção se a Autoridade Central do Estado de origem tiver sido devidamente informada sobre os novos pais adotivos;

c) como último recurso, assegurar o retorno da criança ao Estado de origem, se assim o exigir o interesse da mesma.

2. tendo em vista especialmente a idade e o grau de maturidade da criança, esta deverá ser consultada e, neste caso, deve-se obter seu consentimento em relação às medidas a serem tomadas, em conformidade com o presente Artigo.

Artigo 22

1. As funções conferidas à Autoridade Central pelo presente capítulo poderá ser exercidas por autoridades públicas ou por organismos credenciados de conformidade como capítulo III, e sempre na forma prevista pela lei de seu Estado.

2. Um Estado Contratante poderá declarar ante o depositário da Convenção que as Funções conferidas à Autoridade Central pelos artigos 15 a 21 poderão também ser exercidas nesse Estado dentro dos limites permitidos pela lei e sob o controle das autoridades competentes desse Estado, por organismos e pessoas que:

a) satisfizerem as condições de integridade moral, de competência profissional, experiência e responsabilidade exigidas pelo mencionado Estado.

b) forem qualificados por seus padrões éticos e sua formação e experiência para atuar na área de adoção internacional.

3. O Estado Contratante que efetuar a declaração prevista no parágrafo 2 informar[á com regularidade ao Bureau Permanente da Conferência de Haia de Direito Internacional privado os nomes e endereços desses organismos e pessoas.

4. Um Estado Contratante poderá declarar ante o depositário da Convenção que as adoções de crianças cuja residência habitual estiver situada em seu território somente poderão ocorrer se as funções conferidas às Autoridades Centrais foram exercidas de acordo com o parágrafo 1.

5. Não obstante qualquer declaração efetuada de conformidade com o parágrafo 2, os relatórios previstos nos artigos 15 e 16 serão, em todos os casos, elaborados sob a responsabilidade da Autoridade Central ou de outras autoridades ou organismos, de conformidade com o parágrafo 1.

CAPÍTULO V
Reconhecimento e Efeitos da Adoção

Artigo 23

1. Uma adoção certificada em conformidade com a Convenção, pela autoridade competente do Estado onde ocorreu, será reconhecida de pleno direito pelos demais Estados Contratantes. O certificado deverá especificar quando e quem outorgou os assentimentos previstos no artigo 17, alínea "c".

2. Cada Estado Contratante, no momento da assinatura, ratificação, aceitação, aprovação ou adesão, notificará ao depositário da Convenção a identidade e as Funções da autoridade ou das autoridades que, nesse Estado, são competentes para expedir esse certificado, bem como lhe notificará, igualmente, qualquer modificação na designação dessas autoridades.

Artigo 24

O reconhecimento de uma adoção só poderá ser recusado em um Estado Contratante se a adoção for manifestamente contrária à sua ordem pública, levando em consideração o interesse superior da criança.

Artigo 25

Qualquer Estado Contratante poderá declarar ao depositário da Convenção que não se considera obrigado, em virtude desta, a reconhecer as adoções feitas de conformidade com um acordo concluído com base no artigo 39, parágrafo 2.

Artigo 26

1. O reconhecimento da adoção implicará o reconhecimento:

a) do vínculo de filiação entre a criança e seus pais adotivos;

b) da responsabilidade paterna dos pais adotivos a respeito da criança;

c) da ruptura do vínculo de filiação preexistente entre a criança e sua mãe e seu pai, se a adoção produzir este efeito no Estado Contratante em que ocorreu;

2. Se a adoção ativer por efeito a ruptura do vínculo preexistente de filiação, a criança gozará, no Estado de acolhida e em qualquer outro Estado Contratante no qual se reconheça a adoção, de direitos equivalente aos que resultem de uma adoção que Produza tal efeito em cada um desses Estados.

3. Os parágrafos precedentes não impedirão a aplicação de quaisquer disposições mais favoráveis à criança, em vigor no Estado /Contratante que reconheça a adoção.

Artigo 27

1. Se uma adoção realizada no Estado de origem não tiver como efeito a ruptura do vínculo preexistente de filiação, o Estado de acolhida que reconhecer a adoção de conformidade com a Convenção poderá convertê-la em uma adoção que produza tal efeito, se;

a) a lei do Estado de acolhida o permitir; e,

b) os consentimentos previstos no Artigo 4, alíneas "c" e "d", tiverem sido ou forem outorgados para tal adoção.

2. O artigo 23 aplica-se à decisão sobre a conversão.

CAPÍTULO VI
Disposições Gerais

Artigo 28

A Convenção não afetará nenhuma lei do Estado de origem que requeira que a adoção de uma criança residente habitualmente nesse Estado ocorra neste Estado, ou que proíba a colocação da criança no Estado de acolhida ou seu deslocamento ao Estado de acolhida antes da adoção.

Artigo 29

Não deverá haver nenhum contato entre os futuros pais adotivos e os pais da criança ou qualquer outra pessoa que detenha a sua guarda até que se tenham cumprido as disposições do artigo 4, alíneas "a" e "c" e do artigo 5, alínea "a", salvo os casos em que a adoção for efetuada entre membros de uma mesma família ou em que as condições fixadas pela autoridade competente do Estado de origem forem cumpridas.

Artigo 30

1. As autoridades competentes de um Estado Contratante tomarão providências para a conservação das informações de que dispuserem relativamente à origem da criança e, em particular, a respeito da identidade de seus pais, assim como sobre o histórico médico da criança e de sua família.

2. Essas autoridades assegurarão o acesso, com a devida orientação da criança ou de seu representante legal, a estas informações, na medida em que o permita a lei do referido Estado.

Artigo 31

Sem prejuízo do estabelecido no artigo 30, os dados pessoais que forem obtidos ou transmitidos de conformidade com a Convenção, em particular aqueles a que se referem os artigos 15 e 16, não poderão ser utilizados para fins distintos daqueles para os quais foram colhidos ou transmitidos.

Artigo 32

1. Ninguém poderá obter vantagens materiais indevidas em razão da intervenção em uma adoção internacional.

2. Só poderão ser cobrados e pagos os custos e as despesas, inclusive os honorários profissionais razoáveis de pessoas que tenham intervindo na adoção.

3. Os dirigentes, administradores e empregados dos organismos intervenientes em uma adoção não poderão receber remuneração desproporcional em relação aos serviços prestados.

Artigo 33

Qualquer autoridade competente, ao verificar que uma disposição da Convenção foi desrespeitada ou que existe risco manifesto de que venha a sê-lo, informará imediatamente a Autoridade Central de seu Estado, a qual terá a responsabilidade de assegurar que sejam tomadas as medidas adequadas.

Artigo 34

Se a autoridade competente do Estado destinatário de um documento requerer que se faça deste uma tradução certificada, esta deverá ser fornecida. Salvo dispensa, os custos de tal tradução estarão a cargo dos futuros pais adotivos.

Artigo 35

As autoridades competentes dos Estados Contratantes atuarão com celeridade nos procedimentos de adoção.

Artigo 36

Em relação a um Estado que possua, em matéria de adoção, dois ou mais sistemas jurídicos aplicáveis em diferentes unidades territoriais:

a) qualquer referência à residência habitual nesse Estado será entendida como relativa à residência habitual em uma unidade territorial do dito Estado;

b) qualquer referência à lei desse Estado será entendida como relativa à lei vigente na correspondente unidade territorial;

c) qualquer referência às autoridades competentes ou às autoridades públicas desse Estado será entendida como relativa às autoridades autorizadas para atuar na correspondente unidade territorial;

d) qualquer referência aos organismos credenciados do dito Estado será entendida como relativa aos organismos credenciados na correspondente unidade territorial.

Artigo 37

No tocante a um Estado que possua, em matéria de adoção, dois ou mais sistemas jurídicos aplicáveis a categorias diferentes de pessoas, qualquer referência à lei desse Estado será entendida como ao sistema jurídico indicado pela lei do dito Estado.

Artigo 38

Um Estado em que distintas unidades territoriais possuam suas próprias regras de direito em matéria de adoção não estará obrigado a aplicar a Convenção nos casos em que um Estado de sistema jurídico único não estiver obrigado a fazê-lo.

Artigo 39

1. A Convenção não afeta os instrumentos internacionais em que os Estados Contratantes sejam Partes e que contenham disposições sobre as matérias

reguladas pela presente Convenção, salvo declaração em contrário dos Estados vinculados pelos referidos instrumentos internacionais.

2. Qualquer Estado Contratante poderá concluir com um ou mais Estados Contratantes acordos para favorecer a aplicação da Convenção em suas relações recíprocas. Esses acordos somente poderão derrogar as disposições contidas nos artigos 14 a 16 e 18 a 21. Os Estados que concluírem tais acordos transmitirão uma cópia dos mesmos ao depositário da presente Convenção.

Artigo 40

Nenhuma reserva à Convenção será admitida.

Artigo 41

A Convenção será aplicada às solicitações formuladas em conformidade com o artigo 14 e recebidas depois da entrada em vigor da Convenção no Estado de acolhida e no Estado de origem.

Artigo 42

O Secretário-Geral da Conferência da Haia de Direito Internacional Privado convocará periodicamente uma Comissão especial para examinar o funcionamento prático da Convenção.

CAPÍTULO VII
Cláusulas Finais

Artigo 43

1. A Convenção estará aberta à assinatura dos Estados que eram membros da Conferência da Haia de Direito Internacional Privado quando da Décima-sétima Sessão, e aos demais Estados participantes da referida Sessão.

2. Ela será ratificada, aceita ou aprovada e os instrumentos de ratificação, aceitação ou aprovação serão depositados no Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reino dos Países Baixos, depositário da Convenção.

Artigo 44

1. Qualquer outro Estado poderá aderir à Convenção depois de sua entrada em vigor, conforme o disposto no artigo 46, parágrafo 1.

2. O instrumento de adesão deverá ser depositado junto ao depositário da Convenção.

3. A adesão somente surtirá efeitos nas relações entre o Estado aderente e os Estados Contratantes que não tiverem formulado objeção à sua adesão nos seis meses seguintes ao recebimento da notificação a que se refere o artigo 48, alínea "b". Tal objeção poderá igualmente ser formulada por qualquer Estado no momento da ratificação, aceitação ou aprovação da Convenção, posterior à adesão. As referidas objeções deverão ser notificadas ao depositário.

Artigo 45

1. Quando um Estado compreender duas ou mais unidades territoriais nas quais se apliquem sistemas jurídicos diferentes em relação às questões reguladas pela presente Convenção, poderá declara, no momento da assinatura, da ratificação, da aceitação, da aprovação ou da adesão, que a presente Convenção será aplicada a

todas as suas unidades territoriais ou somente a uma ou várias delas. Essa declaração poderá ser modificada por meio de nova declaração a qualquer tempo.

2. Tais declarações serão notificadas ao depositário, indicando-se expressamente as unidades territoriais às quais a Convenção será aplicável.

3. Caso um Estado não formule nenhuma declaração na forma do presente artigo, a Convenção será aplicada à totalidade do território do referido Estado.

Artigo 46

1. A Convenção entrará em vigor no primeiro dia do mês seguinte à expiração de um período de três meses contados da data do depósito do terceiro instrumento de ratificação, de aceitação ou de aprovação previsto no artigo 43.

2. Posteriormente, a Convenção entrará em vigor:

a) para cada Estado que a ratificar, aceitar ou aprovar posteriormente, ou apresentar adesão à mesma, no primeiro dia do mês seguinte à expiração de um período de três meses depois do depósito de seu instrumento de ratificação, aceitação, aprovação ou adesão;

b) para as unidades territoriais às quais se tenha estendido a aplicação da Convenção conforme o disposto no artigo 45, no primeiro dia do mês seguinte à expiração de um período de três meses depois da notificação prevista no referido artigo.

Artigo 47

1. Qualquer Estado-Parte na presente Convenção poderá denunciá-la mediante notificação por escrito, dirigida ao depositário.

2. A denúncia surtirá efeito no primeiro dia do mês subsequente à expiração de um período de doze meses da data de recebimento da notificação pelo depositário. Caso a notificação fixe um período maior para que a denúncia surta efeito, esta surtirá efeito ao término do referido período a contar da data do recebimento da notificação.

Artigo 48

O depositário notificará aos Estados-Membros da Conferência da Haia de Direito Internacional Privado, assim como aos demais Estados participantes da Décima-sétima Sessão e aos Estados que tiverem aderido à Convenção de conformidade com o disposto no artigo 44:

a) as assinaturas, ratificações, aceitações e aprovações a que se refere o artigo 43;

b) as adesões e as objeções a que se refere o artigo 44;

c) a data em que a Convenção entrará em vigor de conformidade com as disposições do artigo 46;

d) as declarações e designações a que se referem os artigos 22, 23, 25 e 45;

e) os Acordos a que se refere o artigo 39;

f) as denúncias a que se refere o artigo 47.

Em testemunho do que, os abaixo-assinados, devidamente autorizados, firmaram a presente Convenção.

Feita na Haia, em 29 de maio de 1993, nos idiomas francês e inglês, sendo ambos os textos igualmente autênticos, em um único exemplar, o qual será depositado nos arquivos do Governo do Reino Unido dos Países Baixos e do qual uma cópia certificada será enviada, por via diplomática, a cada um dos Estados-Membros da Conferência da Haia de Direito Internacional Privado por ocasião da Décima-sétima Sessão, assim como a cada um dos demais Estados que participaram desta Sessão.

Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude - Regras de Beijing

Adotadas pela Assembléia Geral das Nações Unidas na sua resolução 40/33, de 29 de novembro de 1985.

A Assembléia Geral,

Tendo presentes a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Convenção Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos e a Convenção Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais bem como outros instrumentos internacionais sobre os Direitos do Homem relativos aos Direitos dos jovens,

Tendo igualmente presente que 1985 foi designado como o Ano Internacional da Juventude: Participação, Desenvolvimento, Paz, e que a comunidade internacional deu grande importância à proteção e promoção dos Direitos dos jovens, como o testemunha o significado atribuído à Declaração dos Direitos da Criança,

Lembrando a Resolução 4 aprovada pelo Sexto Congresso das Nações Unidas sobre a Prevenção do Crime e o Tratamento dos Delinquentes, que pedia a elaboração de um conjunto de regras mínimas relativas à administração da Justiça da Infância e da Juventude e à proteção dos jovens, que pudesse servir de modelo aos Estados membros,

Lembrando também a Decisão 1984/153, de 25 de Maio de 1984, do Conselho Econômico e Social, pela qual o projeto de regras foi transmitido ao Sétimo Congresso por intermédio da Reunião Inter-regional de Peritos sobre os Jovens, a Criminalidade e a Justiça, realizada em Beijing de 14 a 18 de Maio de 1984,

Reconhecendo que os jovens, por se encontrarem ainda numa etapa inicial do desenvolvimento humano, requerem uma atenção e uma assistência especiais, com vista ao seu desenvolvimento físico, mental e social, e uma proteção legal em condições de paz, liberdade, dignidade e segurança,

Considerando que a legislação, as políticas e as práticas nacionais vigentes podem precisar de ser revistas e modificadas de acordo com as normas contidas nestas regras,

Considerando além disso que, embora estas normas possam parecer difíceis de aplicar, nas atuais condições sociais, econômicas, culturais, políticas e jurídicas são, contudo, consideradas como devendo constituir os objetivos mínimos da política relativa à Justiça da Infância e da Juventude,

1. Nota com satisfação o trabalho realizado pelo Comitê para a Prevenção do Crime e a Luta contra a Delinquência, pelo Secretário-Geral, pelo Instituto das Nações Unidas para a Ásia e o Extremo Oriente e por outros institutos das Nações Unidas, na elaboração das Regras Mínimas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude;

2. Nota também com satisfação o Relatório do Secretário-Geral sobre o projeto do conjunto de Regras Mínimas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude;

3. Felicita a Reunião Preparatória Inter-regional de Beijing por ter elaborado a versão definitiva do texto das Regras Mínimas apresentado ao Sétimo Congresso para a Prevenção do Crime e o Trata-mento dos Delinquentes, para exame e decisão final;

4. Adota as Regras Mínimas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude recomendadas pelo Sétimo Congresso das Nações Unidas, tal como figuram no anexo da presente resolução, e aprova a recomendação do Sétimo Congresso no sentido de que estas regras sejam também designadas por "Regras de Beijing";

5. Convida os Estados membros a adaptarem, quando necessário, as suas legislações, políticas e práticas nacionais, em especial no campo de formação do pessoal da Justiça da Infância e da Juventude, às Regras de Beijing, assim como a dá-las a conhecer às autoridades competentes e ao público em geral;

6. Exorta o Comitê para a Prevenção do Crime e a Luta contra a Delinquência a formular medidas que permitam a aplicação efetiva das Regras de Beijing, com o auxílio dos institutos das Nações Unidas para a prevenção do crime e o tratamento dos Delinquentes;

7. Convida os Estados membros a informarem o Secretário-Geral sobre a aplicação das Regras de Beijing e a comunicarem regularmente ao Comitê para a Prevenção do Crime e a Luta contra a Delinquência os resultados obtidos;

8. Pede aos Estados membros e ao Secretário-Geral que empreendam estudos e organizem uma base de dados sobre as políticas e práticas eficazes em matéria de administração da Justiça da Infância e da Juventude;

9. Pede ao Secretário-Geral que assegure a maior difusão possível do texto das Regras de Beijing em todas as línguas oficiais da ONU, e que intensifique a informação no campo da Justiça da Infância e da Juventude, e convida os Estados membros a fazerem o mesmo;

10. Pede ao Secretário-Geral que fomente projetos-pilotos sobre a aplicação das Regras de Beijing;

11. Pede ao Secretário-Geral e aos Estados membros que proporcionem os recursos necessários para assegurar a aplicação efetiva das Regras de Beijing em especial nas áreas de recrutamento, formação e intercâmbio de pessoal, da investigação e da avaliação, assim como da elaboração de novas alternativas à detenção;

12. Pede ao Oitavo Congresso das Nações Unidas sobre a Prevenção do Crime e o Tratamento dos Delinquentes que, sob um título separado da sua ordem do dia relativa à Justiça da Infância e da Juventude, examine os progressos efetuados no campo da aplicação das Regras de Beijing, assim como das recomendações constantes da presente resolução;

13. Incita todos os organismos competentes do sistema das Nações Unidas em especial as comissões regionais e organismos especializados, os institutos das Nações Unidas ligados a questões de prevenção do crime e de tratamento dos Delinquentes, assim como as organizações intergovernamentais e não governamentais, a colaborarem com o Secretariado e a tomarem as medidas necessárias, dentro do domínio das respectivas competências técnicas, para conseguir assegurar um esforço concertado e contínuo, com vista à aplicação dos princípios enunciados nas Regras de Beijing.

ANEXO

PRIMEIRA PARTE - PRINCÍPIOS GERAIS

1. Orientações fundamentais

1.1 Os Estados Membros procurarão, em consonância com seus respectivos interesses gerais, promover o bem-estar da criança e do adolescente e de sua família.

1.2 Os Estados Membros se esforçarão para criar condições que garantam à criança e ao adolescente uma vida significativa na comunidade, fomentando, durante o período de idade em que ele é mais vulnerável a um comportamento desviado, um processo de desenvolvimento pessoal e de educação o mais isento possível do crime e da delinquência.

1.3 Conceder-se-á a devida atenção à adoção de medidas concretas que permitam a mobilização de todos os recursos disponíveis, com a inclusão da família, de voluntários e outros grupos da comunidade, bem como da escola e de demais instituições comunitárias, com o fim de promover o bem-estar da criança e do adolescente, reduzir a necessidade da intervenção legal e tratar de modo efetivo, equitativo e humano a situação de conflito com a lei.

1.4 A Justiça da Infância e da Juventude será concebida como parte integrante do processo de desenvolvimento nacional de cada país e deverá ser administrada no marco geral de justiça social para todos os jovens, de maneira que contribua ao mesmo tempo para a sua proteção e para a manutenção da paz e da ordem na sociedade.

1.5 As presentes regras se aplicarão segundo o contexto das condições econômicas, sociais e culturais que predominem em cada um dos Estados Membros.

1.6 Os serviços da Justiça da Infância e da Juventude se aperfeiçoarão e se coordenarão sistematicamente com vistas a elevar e manter a competência de seus funcionários, os métodos, enfoques e atitudes adotadas.

2. Alcance das regras e definições utilizadas

2.1 As regras mínimas uniformes que se enunciam a seguir se aplicarão aos jovens infratores com imparcialidade, sem distinção alguma, por exemplo, de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de qualquer outra natureza, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição.

2.2 Para os fins das presentes regras, os Estados Membros aplicarão as definições seguintes, de forma compatível com seus respectivos sistemas e conceitos jurídicos:

a) jovem é toda a criança ou adolescente que, de acordo com o sistema jurídico respectivo, pode responder por uma infração de forma diferente do adulto;

b) infração é todo comportamento (ação ou omissão) penalizado com a lei, de acordo com o respectivo sistema jurídico;

c) jovem infrator é aquele a quem se tenha imputado o cometimento de uma infração ou que seja considerado culpado do cometimento de uma infração.

2.3 Em cada jurisdição nacional procurar-se-á promulgar um conjunto de leis, normas e disposições aplicáveis especificamente aos jovens infratores, assim como

aos órgãos e instituições encarregados das funções de administração da Justiça da Infância e da Juventude, com a finalidade de:

a) satisfazer as diversas necessidades dos jovens infratores, e ao mesmo tempo proteger seus direitos básicos;

b) satisfazer as necessidades da sociedade;

c) aplicar cabalmente e com justiça as regras que se enunciam a seguir.

3. Ampliação do âmbito de aplicação das regras

3.1 As disposições pertinentes das regras não só se aplicarão aos jovens infratores, mas também àqueles que possam ser processados por realizar qualquer ato concreto que não seria punível se fosse praticado por adultos.

3.2 Procurar-se-á estender o alcance dos princípios contidos nas regras a todos os jovens compreendidos nos procedimentos relativos à atenção à criança e ao adolescente e a seu bem-estar.

3.3 Procurar-se-á também estender o alcance dos princípios contidos nas regras aos infratores adultos jovens.

4. Responsabilidade penal

4.1 Nos sistemas jurídicos que reconheçam o conceito de responsabilidade penal para jovens, seu começo não deverá fixar-se numa idade demasiado precoce, levando-se em conta as circunstâncias que acompanham a maturidade emocional, mental e intelectual.

5. Objetivos da Justiça da Infância e da Juventude

5.1 O sistema de Justiça da Infância e da Juventude enfatizará o bem-estar do jovem e garantirá que qualquer decisão em relação aos jovens infratores será sempre proporcional às circunstâncias do infrator e da infração.

6. Alcance das faculdades discricionárias

6.1 Tendo-se em conta as diversas necessidades especiais dos jovens, assim como a diversidade de medidas disponíveis, facultar-se-á uma margem suficiente para o exercício de faculdades discricionárias nas diferentes etapas dos processos e nos distintos níveis da administração da Justiça da Infância e da Juventude, incluídos os de investigação, processamento, sentença e das medidas complementares das decisões.

6.2 Procurar-se-á, não obstante, garantir a devida competência em todas as fases e níveis no exercício de quaisquer dessas faculdades discricionárias.

6.3 Quem exercer tais faculdades deverá estar especialmente preparado ou capacitado para fazê-lo judiciosamente e em consonância com suas respectivas funções e mandatos.

7. Direitos dos jovens

7.1 Respeitar-se-ão as garantias processuais básicas em todas as etapas do processo, como a presunção de inocência, o direito de ser informado das acusações, o direito de não responder, o direito à assistência judiciária, o direito à presença dos pais ou tutores, o direito à confrontação com testemunhas e a interrogá-las e o direito de apelação ante uma autoridade superior.

8. Proteção da intimidade

8.1 Para evitar que a publicidade indevida ou o processo de difamação prejudiquem os jovens, respeitar-se-á, em todas as etapas, seu direito à intimidade.

8.2 Em princípio, não se publicará nenhuma informação que possa dar lugar à identificação de um jovem infrator.

9. Cláusula de salvaguarda

9.1 Nenhuma disposição das presentes regras poderá ser interpretada no sentido de excluir os jovens do âmbito da aplicação das Regras Mínimas Uniformes para o Tratamento dos Prisioneiros, aprovadas pelas Nações Unidas, e de outros instrumentos e normas relativos ao cuidado e à proteção dos jovens reconhecidos pela comunidade internacional.

SEGUNDA PARTE - INVESTIGAÇÃO E PROCESSAMENTO

10. Primeiro contato

10.1 Sempre que um jovem for apreendido, a apreensão será notificada imediatamente a seus pais ou tutor e, quando não for possível tal notificação imediata, será notificada aos pais ou tutor no mais breve prazo possível.

10.2 O juiz, funcionário ou organismo competentes examinarão sem demora a possibilidade de pôr o jovem em liberdade.

10.3 Os contatos entre os órgãos encarregados de fazer cumprir a lei e o jovem infrator serão estabelecidos de modo a que seja respeitada a sua condição jurídica, promova-se o seu bem-estar e evite-se que sofra dano, resguardando-se devidamente as circunstâncias do caso.

11. Remissão dos casos

11.1 Examinar-se-á a possibilidade, quando apropriada, de atender os jovens infratores sem recorrer às autoridades competentes, mencionadas na regra 14.1 adiante, para que os julguem oficialmente.

11.2 A polícia, o ministério público e outros organismos Que se ocupem de jovens infratores terão a faculdade de arrolar tais casos sob sua jurisdição, sem necessidade de procedimentos formais, de acordo com critérios estabelecidos com esse propósito nos respectivos sistemas jurídicos e também em harmonia com os princípios contidos nas presentes regras.

11.3 Toda remissão que signifique encaminhar o jovem a instituições da comunidade ou de outro tipo dependerá do consentimento dele, de seus pais ou tutores; entretanto, a decisão relativa à remissão do caso será submetida ao exame de uma autoridade competente, se assim for solicitado.

11.4 Para facilitar a tramitação jurisdicional dos casos de jovens, procurar-se-á proporcionar à comunidade programas tais como orientação e supervisão temporária, restituição e compensação das vítimas.

12. Especialização policial

12.1 Para melhor desempenho de suas funções, os policiais que tratem frequentemente ou de maneira exclusiva com jovens ou que se dediquem fundamentalmente à prevenção da delinquência de jovens receberão instrução e

capacitação especial. Nas grandes cidades, haverá contingentes especiais de polícia com essa finalidade.

13. Prisão preventiva

13.1 Só se aplicará a prisão preventiva como último recurso e pelo menor prazo possível.

13.2 Sempre que possível, a prisão preventiva será substituída por medidas alternativas, como a estrita supervisão, custódia intensiva ou colocação junto a uma família ou em lar ou instituição educacional.

13.3 Os jovens que se encontrem em prisão preventiva gozarão de todos os direitos e garantias previstos nas Regras Mínimas para o Tratamento de Prisioneiros, aprovadas pelas Nações Unidas.

13.4 Os jovens que se encontrem em prisão preventiva estarão separados dos adultos e recolhidos a estabelecimentos distintos ou em recintos separados nos estabelecimentos onde haja detentos adultos.

13.5 Enquanto se encontrem sob custódia, os jovens receberão cuidados, proteção e toda assistência - social, educacional, profissional, psicológica, médica e física que requeiram, tendo em conta sua idade, sexo e características individuais.

TERCEIRA PARTE - DECISÃO JUDICIAL E MEDIDAS

14. Autoridade competente para decidir

14.1 Todo jovem infrator, cujo caso não tenha sido objeto de remissão (de acordo com a regra será apresentado à autoridade competente Juizado, tribunal, junta, conselho etc.), que decidirá de acordo com os princípios de um processo imparcial e justo.

14.2 Os procedimentos favorecerão os interesses do jovem e serão conduzidos numa atmosfera de compreensão, que lhe permita participar e se expressar livremente.

15. Assistência judiciária e direitos dos pois o tutores

15.1 O jovem terá direito a se fazer representar por um advogado durante todo o processo ou a solicitar assistência judiciária gratuita, quando prevista nas leis do país.

15.2 Os pais ou tutores terão direito de participar dos procedimentos e a autoridade competente poderá requerer a sua presença no interesse do jovem. Não obstante, a autoridade competente poderá negar a participação se existirem motivos para presumir que a exclusão é necessária aos interesses do jovem.

16. Relatórios de investigação social

16.1 Para facilitar a adoção de uma decisão justa por parte da autoridade competente, a menos que se tratem de infrações leves, antes da decisão definitiva será efetuada uma investigação completa sobre o meio social e as circunstâncias de vida do jovem e as condições em que se deu a prática da infração.

17. Princípios norteadores da decisão judicial o das medidas

17.1 A decisão da autoridade competente pautar-se-á pelos seguintes princípios:

a) a resposta à infração será sempre proporcional não só às circunstâncias e à gravidade da infração, mas também às circunstâncias e às necessidades do jovem, assim como às necessidades da sociedade;

b) as restrições à liberdade pessoal do jovem serão impostas somente após estudo cuidadoso e se reduzirão ao mínimo possível;

c) não será imposta a privação de liberdade pessoal a não ser que o jovem tenha praticado ato grave, envolvendo violência contra outra pessoa ou por reincidência no cometimento de outras infrações sérias, e a menos que não haja outra medida apropriada;

d) o bem-estar do jovem será o fator preponderante no exame dos casos.

17.2 A pena capital não será imposta por qualquer crime cometido por jovens.

17.3 Os jovens não serão submetidos a penas corporais.

17.4 A autoridade competente poderá suspender o processo em qualquer tempo.

18. Pluralidade das medidas aplicáveis

18.1 Uma ampla variedade de medidas deve estar à disposição da autoridade competente, permitindo a flexibilidade e evitando ao máximo a institucionalização.

Tais medidas, que podem algumas vezes ser aplicadas simultaneamente, incluem:

a) determinações de assistência, orientação e supervisão;

b) liberdade assistida;

c) prestação de serviços à comunidade;

d) multas, indenizações e restituições;

e) determinação de tratamento institucional ou outras formas de tratamento;

f) determinação de participar em sessões de grupo e atividades similares;

g) determinação de colocação em lar substituto, centro de convivência ou outros estabelecimentos educativos;

h) outras determinações pertinentes.

18.2 Nenhum jovem será excluído, total ou parcialmente, da supervisão paterna, a não ser que as circunstâncias do caso o tornem necessário.

19. Caráter excepcional da institucionalização

19.1 A internação de um jovem em uma instituição será sempre uma medida de último recurso e pelo mais breve período possível.

20. Prevenção de demoras desnecessárias

20.1 Todos os casos tramitarão, desde o começo, de maneira expedita e sem demoras desnecessárias.

21. Registros

21.1 Os registros de jovens infratores serão de caráter estritamente confidencial e não poderão ser consultados por terceiros. Só terão acesso aos arquivos as pessoas que participam diretamente da tramitação do caso ou outras pessoas devidamente autorizadas.

21.2 Os registros dos jovens infratores não serão utilizados em processos de adultos em casos subsequentes que envolvam o mesmo infrator.

22. Necessidade de profissionalismo e capacitação

22.1 Serão utilizados a educação profissional, o treinamento em serviço, a reciclagem e outros meios apropriados de instrução para estabelecer e manter a necessária competência profissional de todo o pessoal que se ocupa dos casos de jovens.

22.2 O quadro de servidores da Justiça da Infância e da Juventude deverá refletir as diversas características dos jovens que entram em contato com o sistema. Procurar-se-á garantir uma representação equitativa de mulheres e minorias nos órgãos da Justiça da Infância e da Juventude.

QUARTA PARTE - TRATAMENTO EM MEIO ABERTO

23. Execução efetivadas medidas

23.1 Serão adotadas disposições adequadas para o cumprimento das determinações ditadas pela autoridade competente, mencionadas na regra 14.1, por essa mesma autoridade ou por outra diferente, se as circunstâncias assim o exigirem.

23.2 Tais dispositivos incluirão a faculdade da autoridade competente para modificar periodicamente as determinações segundo considere adequado, desde que a modificação se paute pelos princípios enunciados nestas regras.

24. Prestação da assistência necessária

24.1 Procurar-se-á proporcionar aos jovens, em todas as etapas dos procedimentos, assistência em termos de alojamento, ensino e capacitação profissional, emprego ou qualquer outra forma de assistência útil e prática para facilitar o processo de reabilitação.

25. Mobilização de voluntários e outros serviços comunitários

25.1 Os voluntários, as organizações voluntárias, as instituições locais e outros recursos da comunidade serão chamados a contribuir eficazmente para a reabilitação do jovem num ambiente comunitário e, tanto quanto possível, na unidade familiar.

QUINTA PARTE - TRATAMENTO INSTITUCIONAL

26. Objetivos do tratamento institucional

26.1 A capacitação e o tratamento dos jovens colocados em instituições têm por objetivo assegurar seu cuidado, proteção, educação e formação profissional para permitir-lhes que desempenhem um papel construtivo e produtivo na sociedade.

26.2 Os jovens institucionalizados receberão os cuidados, a proteção e toda a assistência necessária social, educacional, profissional, psicológica, médica e física que requeiram devido à sua idade, sexo e personalidade e no interesse do desenvolvimento sadio.

26.3 Os jovens institucionalizados serão mantidos separados dos adultos e serão detidos em estabelecimentos separados ou em partes separadas de um estabelecimento em que estejam detidos adultos.

26.4 A jovem infratora institucionalizada merece especial atenção no que diz respeito às suas necessidades e problemas pessoais. Em nenhum caso receberá menos cuidado, proteção, assistência, tratamento e capacitação que o jovem do sexo masculino. Será garantido seu tratamento equitativo.

26.5 No interesse e para o bem-estar do jovem institucionalizado, os pais e tutores terão direito de acesso às instituições.

26.6 Será estimulada a cooperação interministerial e interdepartamental para proporcionar adequada formação educacional ou, se for o caso, profissional ao jovem institucionalizado, para garantir que, ao sair, não esteja em desvantagem no plano da educação.

27. Aplicação das Regras Mínimas para o Tratamento dos Prisioneiros, aprovadas pelas Nações Unidas

27.1 Em princípio, as Regras Mínimas para o Tratamento dos Prisioneiros e as recomendações conexas serão aplicáveis, sempre que for pertinente, ao tratamento dos jovens infratores institucionalizados, inclusive os que estiverem em prisão preventiva.

27.2 Deverão ser feitos esforços para implementar os princípios relevantes das mencionadas Regras Mínimas na maior medida possível, para satisfazer as necessidades específicas do jovem quanto à sua idade, sexo e personalidade.

28. Uso frequente e imediato da liberdade condicional

28.1 A liberdade condicional da instituição será utilizada pela autoridade pertinente na maior medida possível e será concedida o mais cedo possível.

28.2 O jovem liberado condicionalmente de uma instituição será assistido e supervisionado por funcionário designado e receberá total apoio da comunidade.

29. Sistemas semi-institucionais

29.1 Procurar-se-á estabelecer sistemas semi-institucionais, como casas de semiliberdade, lares educativos, centros de capacitação diurnos e outros sistemas apropriados que possam facilitar a adequada reintegração dos jovens na sociedade.

SEXTA PARTE - PESQUISA, PLANEJAMENTO E FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS E AVALIAÇÃO

30. A Pesquisa como base do planejamento e da formulação e a avaliação de políticas

30.1 Procurar-se-á organizar e fomentar as pesquisas necessárias como base do efetivo planejamento e formulação de políticas.

30.2 Procurar-se-á revisar e avaliar periodicamente as tendências, os problemas e as causas da delinquência e da criminalidade de jovens, assim como as diversas necessidades particulares do jovem sob custódia.

30.3 Procurar-se-á estabelecer regularmente um mecanismo de avaliação e pesquisa no sistema de administração da Justiça da Infância e da Juventude, e coletar e analisar os dados e a informação pertinentes com vistas à devida avaliação e ao aperfeiçoamento do sistema.

30.4 A prestação de serviços na administração da Justiça da Infância e da Juventude será sistematicamente planejada e executada como parte integrante dos esforços de desenvolvimento nacional.

Diretrizes das Nações Unidas para Prevenção da Delinquência Juvenil - Diretrizes de Riad

O oitavo Congresso das Nações Unidas sobre prevenção do delito e do tratamento do delinquente

Tendo presentes a Declaração Universal dos Direitos Humanos (Resolução 217 A (III) da Assembléia Geral, de 10 de dezembro de 1948); o Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais e o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (Resolução 2200 A (XXI) da Assembléia Geral, anexo, de 16 de dezembro de 1966); como também outros instrumentos internacionais relativos aos direitos e ao bem-estar dos jovens, entre eles as normas pertinentes estabelecidas pela Organização Internacional do Trabalho,

Tendo presentes, do mesmo modo, a Declaração de Direitos da Criança (Resolução 1386 (XIV) da Assembléia Geral, de 20 de novembro de 1959); a Convenção sobre os Direitos da Criança (Resolução 44/25 da Assembléia Geral, de 20 de novembro de 1989); e as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude - Regras de Beijing (Resolução 40/33 da Assembléia Geral, de 29 de novembro de 1985),

Recordando a Resolução 40/33, de 29 de novembro de 1985, da Assembléia Geral que, entre outras coisas, aprovou as Regras mínimas das Nações Unidas para a administração da justiça de jovens por recomendação do Sétimo Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente,

Recordando também que a Assembléia Geral, em sua Resolução 40/35, de 29 de novembro de 1985, aprovada por recomendação do Sétimo Congresso das Nações Unidas, pediu que se elaborassem critérios sobre esse tema que fossem de utilidade para os Estados Membros na formulação e execução de programas e políticas especializados, dando ênfase às atividades de assistência e cuidado e à participação da comunidade, e pedindo ao Conselho Econômico e Social que informasse ao Oitavo Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente sobre os progressos feitos a respeito desses critérios para que fossem examinados e se chegasse a uma decisão,

Recordando, do mesmo modo, a Resolução 1986/ 10 do Conselho Econômico e Social, de 21 de maio de 1986, pela qual se pediu ao Oitavo Congresso que examinasse o projeto das diretrizes para a prevenção da delinquência juvenil, visando a sua aprovação,

Reconhecendo que é necessário estabelecer critérios e estratégias nacionais, regionais e inter-regionais para prevenir a delinquência juvenil,

Afirmando que toda criança goza de direitos humanos fundamentais, particularmente o acesso à educação gratuita,

Tendo presente o grande número de jovens que, estando ou não em conflito com a lei, encontram-se abandonados, sem atenção, maltratados, expostos ao uso indevido das drogas, marginalizados e, em geral, expostos a risco social,

Tendo em conta os benefícios das medidas progressistas para a prevenção da delinquência e para o bem-estar da comunidade,

1. Reconhece, com satisfação, o importante trabalho realizado pelo Comitê de Prevenção do Delito e Luta contra a Delinquência e pela Secretaria na preparação das Diretrizes para a prevenção da delinquência juvenil;

2. Expressa seu reconhecimento pela valiosa colaboração do Centro Árabe de Capacitação e de Estudos de Segurança de Riad que recebeu a Reunião Internacional de Especialistas sobre o estabelecimento do projeto de normas das Nações Unidas para a prevenção da delinquência juvenil, em Riad, de 28 de fevereiro a 1º de março de 1988, com a colaboração do Escritório das Nações Unidas em Viena;

3. Aprova as Diretrizes para a prevenção da delinquência juvenil, figurada no anexo da presente resolução, com o nome de "Diretrizes de Riad";

4. Exorta os Estados Membros para que, nos seus planos globais de prevenção de delito, apliquem essas Diretrizes na legislação, na política e na prática nacionais e consigam a atenção das autoridades competentes, inclusive dos encarregados de formular políticas, do pessoal da justiça da infância e da juventude, dos educadores, dos meios sociais de comunicação, dos profissionais e dos estudiosos;

5. Pede ao Secretário Geral que procure dar a maior difusão possível ao texto das Diretrizes em todos os idiomas oficiais das Nações Unidas e convida os Estados Membros para que façam o mesmo;

6. Pede, além disso, ao Secretário Geral um esforço conciliador para fomentar a aplicação das Diretrizes e convida todos os escritórios competentes das Nações Unidas e instituições interessadas, particularmente o Fundo das Nações Unidas para a Infância, como também os especialistas a título individual que se unam neste mesmo objetivo;

7. Insta todos os órgãos competentes das Nações Unidas para que colaborem com o Secretário Geral na adoção das medidas necessárias para garantir a aplicação da presente resolução;

8. Convida a Subcomissão de Prevenção de Discriminações e Proteção às Minorias, da Comissão de Direitos Humanos, a examinar o presente novo instrumento internacional com o objetivo de fomentar a aplicação da presente resolução;

9. Convida também os Estados Membros a apoiarem firmemente a organização de cursos práticos de caráter técnico e científico, como também projetos pilotos e de demonstração sobre questões práticas e aspectos normativos, relacionados com a aplicação do disposto nessas Diretrizes e com a adoção de medidas concretas, tendentes a estabelecer serviços baseados na comunidade e dirigidos a atender as necessidades, os problemas e os interesses especiais dos jovens, pedindo ao Secretário Geral que coordene os esforços nesse sentido;

10. Convida, além disso, os Estados Membros a informarem ao Secretário Geral sobre a aplicação das Diretrizes e a apresentarem relatórios periódicos ao Comitê de Prevenção do Delito e Luta contra a Delinquência sobre os resultados alcançados.

ANEXO

Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil
(Diretrizes de Riad)

I. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

1. A prevenção da delinquência juvenil é parte essencial da prevenção do delito na sociedade. Dedicados a atividades lícitas e socialmente úteis, orientados rumo à sociedade e considerando a vida com critérios humanistas, os jovens podem desenvolver atitudes não criminais.

2. Para ter êxito, a prevenção da delinquência juvenil requer, por parte de toda a sociedade, esforços que garantam um desenvolvimento harmônico dos adolescentes e que respeitem e promovam a sua personalidade a partir da primeira infância.

3. Na aplicação das presentes Diretrizes, os programas preventivos devem estar centralizados no bem-estar dos jovens desde sua primeira infância, de acordo com os ordenamentos jurídicos nacionais.

4. É necessário que se reconheça a importância da aplicação de políticas e medidas progressistas de prevenção da delinquência que evitem criminalizar e penalizar a criança por uma conduta que não cause grandes prejuízos ao seu desenvolvimento e que nem prejudique os demais. Essas políticas e medidas deverão conter o seguinte:

a) criação de meios que permitam satisfazer às diversas necessidades dos jovens e que sirvam de marco de apoio para velar pelo desenvolvimento pessoal de todos os jovens, particularmente daqueles que estejam patentemente em perigo ou em situação de insegurança social e que necessitem um cuidado e uma proteção especiais;

b) critérios e métodos especializadas para a prevenção da delinquência, baseados nas leis, nos processos, nas instituições, nas instalações e uma rede de prestação de serviços, cuja finalidade seja a de reduzir os motivos, a necessidade e as oportunidades de cometer infrações ou as condições que as propiciem;

c) uma intervenção oficial cuja principal finalidade seja a de velar pelo interesse geral do jovem e que se inspire na justiça e na equidade;

d) proteção do bem-estar, do desenvolvimento, dos direitos e dos interesses dos jovens;

e) reconhecimento do fato de que o comportamento dos jovens que não se ajustam aos valores e normas gerais da sociedade são, com frequência, parte do processo de amadurecimento e que tendem a desaparecer, espontaneamente, na maioria das pessoas, quando chegam à maturidade; e,

f) consciência de que, segundo a opinião dominante dos especialistas, classificar um jovem de "extraviado", "delinquente" ou "pré-delinquente" geralmente favorece o desenvolvimento de pautas permanentes de comportamento indesejado.

5. Devem ser desenvolvidos serviços e programas com base na comunidade para a prevenção da delinquência juvenil. Só em último caso recorrer-se-á a organismos mais formais de controle social.

II. EFEITOS DAS DIRETRIZES

6. As presentes diretrizes deverão ser interpretadas e aplicadas no marco geral da Declaração Universal de Direitos Humanos, do Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais e do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, da Declaração dos Direitos da Criança e da Convenção sobre os Direitos da Criança e no contexto das regras mínimas das Nações Unidas para a administração da justiça de jovens, como também de outros instrumentos e normas relativos aos direitos, interesses e bem-estar de todas as crianças, e adolescentes.

7. Igualmente, as presentes diretrizes deverão ser aplicadas no contexto das condições econômicas, sociais e culturais predominantes em cada um dos Estados Membros.

III. PREVENÇÃO GERAL

8. Deverão ser formulados, em todos os níveis do governo, planos gerais de prevenção que compreendam, entre outras coisas, o seguinte:

a) análise profunda do problema e relação de programas e serviços, facilidades e recursos disponíveis;

b) funções bem definidas dos organismos e instituições competentes que se ocupam de atividades preventivas;

c) mecanismos para a coordenação adequada das atividades de prevenção entre os organismos governamentais e não governamentais;

d) políticas, estratégias e programas baseados em estudos de prognósticos e que sejam objeto de vigilância permanente e avaliação cuidadosa durante sua aplicação;

e) métodos para diminuir, de maneira eficaz, as oportunidades de cometer atos de delinquência juvenil;

f) participação da comunidade em toda uma série de serviços e programas;

g) estreita cooperação interdisciplinária entre os governos nacionais, estaduais, municipais e locais, com a participação do setor privado, de cidadãos representativos da comunidade interessada e de organizações trabalhistas, de cuidado à criança, de educação sanitária, sociais, judiciais e dos serviços de repressão, na aplicação de medidas coordenadas para prevenir a delinquência juvenil e os delitos dos jovens;

h) participação dos jovens nas políticas e nos processos de prevenção da delinquência juvenil, principalmente nos programas de serviços comunitários, de auto-ajuda juvenil e de indenização e assistência às vítimas;

i) pessoal especializado de todos os níveis.

IV. PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO

9. Deverá ser prestada uma atenção especial às políticas de prevenção que favoreçam à socialização e à integração eficazes de todas as crianças e jovens, particularmente através da família, da comunidade, dos grupos de jovens nas mesmas condições, da escola, da formação profissional e do meio trabalhista, como também mediante a ação de organizações voluntárias. Deverá ser respeitado, devidamente, o desenvolvimento pessoal das crianças e dos jovens que deverão ser aceitos, em pé de igualdade, como co-participantes nos processos de socialização e integração.

A. Família

10. Toda sociedade deverá atribuir elevada prioridade às necessidades e ao bem-estar da família e de todos os seus membros.

11. Como a família é a unidade central encarregada da integrarão social primária da criança, deve-se prosseguir com os esforços governamentais e de organizações sociais para a preservação da integridade da família, incluída a família numerosa. A sociedade tem a obrigação de ajudar a família a cuidar e proteger a criança e garantir seu bem-estar físico e mental. Deverão ser prestados serviços apropriados, inclusive o de creches diurnas.

12. Os governos deverão adotar políticas que permitam o crescimento das crianças num ambiente familiar estável e firme. Deverão ser facilitados serviços adequados para famílias que necessitem de assistência para a resolução de situações de instabilidade ou conflito.

13. Quando não existir um ambiente familiar estável e firme e quando os esforços da comunidade para oferecer assistência aos pais, nesse aspecto, tiverem fracassado e a família numerosa já não puder cumprir essa função, deverá recorrer-se a outras possíveis modalidades de situação familiar, entre elas o acolhimento familiar e a adoção que, na medida do possível, deverão reproduzir um ambiente familiar estável e firme e, ao mesmo tempo, produzir nas crianças um sentimento de permanência, para evitar os problemas relacionados com o "deslocamento" de um lugar a outro.

14. Deverá ser prestada uma atenção especial às crianças de famílias afetadas por problemas originados por mudanças rápidas e desiguais no âmbito econômico, social e cultural, especialmente as crianças de famílias indígenas e imigrantes. Como tais mudanças podem alterar a capacidade social da família para proporcionar a educação e a alimentação tradicional aos filhos, geralmente, como resultado do conflito do papel social e da cultura, será necessário elaborar modalidades inovadoras e socialmente construtivas para a socialização das crianças.

15. Deverão ser adotadas medidas e elaborados programas para dar às famílias a oportunidade de aprender suas funções e obrigações em relação ao desenvolvimento e ao cuidado de seus filhos, para os quais se fomentarão relações positivas entre pais e filhos, sensibilizar-se-ão os pais no que diz respeito aos problemas das crianças e dos jovens e se fomentará a participação dos jovens nas atividades familiares e comunitárias.

16. Os governos deverão adotar medidas para fomentar a união e a harmonia na família e desencorajar a separação dos filhos de seus pais, a não ser quando circunstâncias que afetem o bem-estar e o futuro dos filhos não deixem outra opção.

17. É importante destacar a função de controle social da família e da família numerosa, mas também é igualmente importante reconhecer a função futura, as responsabilidades, a participação e a associação dos jovens na sociedade.

18. Com o objetivo de assegurar o direito das crianças a uma integração social adequada, os governos e outros organismos deverão recorrer às organizações sociais e jurídicas existentes, mas deverão, também, adotar ou facilitar a adoção de medidas inovadoras, quando as instituições e costumes tradicionais já não forem eficazes.

B. Educação

19. Os governos têm a obrigação de facilitar o acesso ao ensino público a todos os jovens.

20. Os sistemas de educação, além de suas possibilidades de formação acadêmica e profissional, deverão dar atenção especial ao seguinte:

a) ensinar os valores fundamentais e fomentar o respeito à identidade própria e às características culturais da criança, aos valores sociais do país em que mora a criança, às civilizações diferentes da sua e aos direitos humanos e liberdades fundamentais;

b) fomentar e desenvolver, o mais possível, a personalidade, as aptidões e a capacidade mental e física dos jovens;

c) conseguir a participação ativa dos jovens no processo educativo, no lugar de serem meros objetos passivos de tal processo;

d) desenvolver atividades que fomentem um sentimento de identidade e integração à escola e à comunidade, como também a compreensão mútua e a harmonia;

e) incentivar os jovens a compreender e a respeitar opiniões e pontos de vista diversos, como também as diferenças culturais e de outra índole;

f) oferecer informação e orientação sobre a formação profissional, as oportunidades de trabalho e as possibilidades de uma profissão;

g) evitar medidas disciplinares severas, particularmente os castigos corporais.

21. Os sistemas de educação deverão tentar trabalhar em cooperação com os pais, com as organizações comunitárias e com os organismos que se ocupam das atividades dos jovens.

22. Deverá ser dada ao jovem informação sobre o ordenamento jurídico e seus direitos e obrigações de acordo com a lei, assim como sobre o sistema de valores universais.

23. Os sistemas de educação deverão cuidar e atender, de maneira especial, aos jovens que estejam em situação de risco social. Deverão ser preparados e utilizados, plenamente, programas de prevenção e materiais didáticos, assim como planos de estudos, critérios e instrumentos especializados.

24. Deverá ser prestada especial atenção na adoção de políticas e estratégias gerais de prevenção do uso indevido de álcool, drogas e outras substâncias por parte dos jovens. Deverá dar-se formação e prover os professores e outros profissionais com meios que possam prevenir e resolver estes problemas. Deverá ser dada aos estudantes informação sobre o emprego e o uso indevido das drogas.

25. As escolas deverão servir como centros de informação e consulta para prestar assistência médica, assessoria e outros serviços aos jovens, sobretudo aos que estiverem especialmente necessitados e forem objeto de maus-tratos, abandono, vitimização e exploração.

26. Serão aplicados diversos programas com o objetivo de que professores e outros adultos possam compreender os problemas, as necessidades e as preocupações dos jovens, especialmente daqueles que pertençam a grupos mais necessitados, menos favorecidos; a grupos de baixa renda e a minorias étnicas ou de outra índole.

27. Os sistemas escolares deverão tratar de promover e alcançar os mais elevados níveis profissionais e educativos, no que diz respeito a programas de estudo, métodos e critérios didáticos e de aprendizagem, contratação e capacitação de pessoal docente. Deverá haver supervisão e avaliação regulares dos resultados, tarefa que se encomendará a organizações e órgãos profissionais competentes.

28. Em cooperação com grupos da comunidade, os sistemas educativos deverão planejar, organizar e desenvolver atividades paralelas ao programa de estudos que forem de interesse para os jovens.

29. Deverá ser prestada ajuda a crianças e jovens que tenham dificuldades para respeitar as normas da assistência, assim como aos que abandonam os estudos.

30. As escolas deverão fomentar a adoção de políticas e normas equitativas e justas; os estudantes estarão representados nos órgãos da administração escolar e nos de adoção de decisões e participarão nos assuntos e procedimentos disciplinares.

C. Comunidade

31. Deverão ser estabelecidos serviços e programas de caráter comunitário ou serem fortalecidos os já existentes, de maneira a que respondam às necessidades, aos interesses e às inquietudes especiais dos jovens e ofereçam, a eles e a suas famílias, assessoria e orientação adequadas.

32. As comunidades deverão adotar ou reforçar uma série de medidas de apoio, baseadas na comunidade e destinadas a ajudar aos jovens, particularmente centros de desenvolvimento comunitário, instalações e serviços de recreação, visando fazer frente aos problemas especiais dos jovens expostos a risco social. Essa forma de ajuda deverá ser prestada respeitando os direitos individuais.

33. Deverão ser estabelecidos serviços especiais para dar alojamento adequado aos jovens que não puderem continuar morando em seus lares.

34. Serão organizados diversos serviços e sistemas de ajuda para enfrentar as dificuldades que os jovens experimentam ao passar da adolescência à idade adulta. Entre estes serviços, deverão figurar programas especiais para os jovens toxicômanos, onde será dada a máxima importância aos cuidados, ao assessoramento, à assistência e às medidas de caráter terapêutica.

35. Os governos e outras instituições deverão dar apoio financeiro e de outra natureza às organizações voluntárias que ofereçam serviços aos jovens.

36. No plano local, deverão ser criadas ou reforçadas as organizações juvenis que participem plenamente na gestão dos assuntos comunitários. Estas organizações deverão animar os jovens a organizar projetos coletivos e voluntários, particularmente aqueles cuja finalidade seja a de prestar ajuda aos jovens necessitados.

37. Os organismos governamentais deverão assumir, especialmente, a responsabilidade do cuidado das crianças sem lar ("meninos de rua") e organizar os serviços que estes necessitem. A informação sobre serviços locais, alojamento, trabalho e outras formas e fontes de ajuda deverá ser facilmente acessível aos jovens.

38. Deverá ser organizada uma grande variedade de instalações e serviços recreativos de especial interesse para os jovens, aos quais estes tenham fácil acesso.

D. Meios de Comunicação

39. Os meios de comunicação deverão certificar-se de que a criança tem acesso à informação e aos materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais.

40. Os meios de comunicação deverão ser incentivados a divulgarem a contribuição positiva dos jovens à sociedade.

41. Deverão ser incentivados os meios de comunicação a difundirem informação relativa à existência de serviços, instalações e oportunidades destinados aos jovens dentro da sociedade.

42. Deverá ser solicitado aos meios de comunicação em geral, e à televisão e ao cinema em particular, que reduzam o nível de violência nas suas mensagens e que dêem uma imagem desfavorável da violência e da exploração, evitando apresentações degradantes das crianças, da mulher e das relações interpessoais, fomentando, ao contrário, os princípios e as atividades de caráter comunitário.

43. Os meios de comunicação deverão ter consciência da importância de sua função e responsabilidade, assim como de sua influência nas comunicações relacionadas com o uso indevido de drogas entre os jovens. Deverão utilizar seu poder para prevenir o uso indevido de drogas, através de mensagens coerentes difundidas equilibradamente. Campanhas eficazes de luta contra as drogas deverão ser fomentadas, nos níveis primário, secundário e terciário.

V. POLÍTICA SOCIAL

44. Os organismos governamentais deverão dar a máxima prioridade aos planos e programas dedicados aos jovens e proporcionar fundos suficientes e recursos de outro tipo para a prestação de serviços eficazes, proporcionando, também, as instalações e a mão-de-obra para oferecer serviços adequados de assistência médica, saúde mental, nutrição, moradia e os demais serviços necessários, particularmente a prevenção e o tratamento do uso indevido de drogas, além de terem a certeza de que esses recursos chegarão aos jovens e serão realmente utilizados em seu benefício.

45. Só em último caso os jovens deverão ser internados em instituições e pelo mínimo espaço de tempo necessário, e deverá se dar a máxima importância aos interesses superiores do jovem. Os critérios para a autorização de uma intervenção oficial desta natureza deverão ser definidos estritamente e limitados às seguintes situações:

a) quando a criança ou o jovem tiver sofrido lesões físicas causadas pelos pais ou tutores;

b) quando a criança ou jovem tiver sido vítima de maus-tratos sexuais, físicos ou emocionais por parte dos pais ou tutores;

c) quando a criança ou o jovem tiver sido descuidado, abandonado ou explorado pelos pais ou tutores; e,

d) quando a criança ou o jovem se ver ameaçado por um perigo físico ou moral devido ao comportamento dos pais ou tutores.

46. Os organismos governamentais deverão dar ao jovem a oportunidade de continuar sua educação de tempo completo, financiada pelo Estado quando os pais não tiverem condições materiais para isso, e dar também a oportunidade de adquirir experiência profissional.

47. Os programas de prevenção da delinquência deverão ser planejados e executados com base em conclusões confiáveis que sejam o resultado de uma pesquisa científica e, periodicamente, deverão ser revisados, avaliados e readaptados de acordo com essas conclusões.

48. Deverá ser difundida, entre a comunidade profissional e o público em geral, informação sobre o tipo de comportamento ou de situação que se traduza, ou possa ser traduzida, em vitimização, danos e maus-tratos físicos e psicológicos aos jovens.

49. A participação em todos os planos e programas deverá geralmente ser voluntária. Os próprios jovens deverão intervir na sua formulação, desenvolvimento e execução.

VI. LEGISLAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

50. Os governos deverão promulgar e aplicar leis e procedimentos especiais para fomentar e proteger os direitos e o bem-estar de todos os jovens.

51. Deverá ser promulgada e aplicada uma legislação que proíba a vitimização, os maus-tratos e a exploração das crianças e dos jovens.

52. Nenhuma criança ou jovem deverá ser objeto de medidas severas ou degradantes de correção ou castigo no lar, na escola ou em qualquer outra instituição.

53. Deverão ser adotadas e aplicadas leis que regulamentem e controlem o acesso das crianças e jovens às armas de qualquer tipo.

54. Com o objetivo de impedir que se prossiga à estigmatização, à vitimização e à incriminação dos jovens, deverá ser promulgada uma legislação pela qual seja garantido que todo ato que não seja considerado um delito, nem seja punido quando cometido por um adulto, também não deverá ser considerado um delito, nem ser objeto de punição quando for cometido por um jovem.

55. Poderá ser considerada a possibilidade de se estabelecer um escritório de "proteção da infância e da adolescência" (ombudsman) ou um escritório análogo independente que garanta o respeito da condição jurídica, dos direitos e dos interesses dos jovens e, também, a possibilidade de remeter casos aos serviços disponíveis.Do mesmo modo, deverão ser estabelecidos serviços de defesa jurídica da criança.

56. O pessoal, de ambos os sexos, da polícia e de outros órgãos de justiça deverão ser capacitados para atender às necessidades especiais dos jovens; essa equipe deverá estar familiarizada com os programas e as possibilidades de remessa a outros serviços, e devem recorrer a eles sempre que possível, com o objetivo de evitar que os jovens sejam levados ao sistema de justiça penal.

57. Leis deverão ser promulgadas e aplicadas, estritamente, para proteger os jovens do uso indevido das drogas e de seus traficantes.

VII. PESQUISA, ADOÇÃO DE POLÍTICAS E COORDENAÇÃO

58. Esforços deverão ser feitos para fomentar a interação e coordenação, de caráter multidisciplinário e interdisciplinário, entre os distintos setores; e, dentro de cada setor, dos organismos e serviços econômicos, sociais, educativos e de saúde, do sistema judiciário, dos organismos dedicados aos jovens, à comunidade e ao desenvolvimento e de outras instituições pertinentes, e deverão ser estabelecidos os mecanismos apropriados para tal efeito.

59. Deverá ser intensificado, no plano nacional, regional e internacional, o intercâmbio de informação, experiência e conhecimentos técnicos obtidos graças a projetos, programas, práticas e iniciativas relacionadas com a delinquência juvenil, a prevenção da delinquência e a justiça da infância e da adolescência.

60. Deverá ser promovida e intensificada a cooperação regional e internacional nos assuntos relativos à delinquência juvenil, à prevenção da delinquência e à justiça da infância e da adolescência, com a participação de profissionais, especialistas e autoridades.

61. Todos os governos, o sistema das Nações Unidas e outras organizações interessadas deverão apoiar firmemente a cooperação técnica e científica nos assuntos práticos relacionados com a adoção de políticas, particularmente nos projetos experimentais, de capacitação e demonstração, sobre questões concretas relativas à prevenção da delinquência juvenil e de delitos cometidos por jovens.

62. Deverá ser incentivada a colaboração nas atividades de pesquisa científica sobre as modalidades eficazes de prevenção da delinquência juvenil e dos delitos cometidos por jovens; e suas conclusões deveriam ser objeto de ampla difusão e avaliação.

63. Os órgãos, organismos e escritórios competentes das Nações Unidas deverão manter uma estreita colaboração e coordenação nas distintas questões relacionadas com as crianças, a justiça da infância e da adolescência, e a prevenção da delinquência juvenil e dos delitos cometidos por jovens.

64. Com base nessas Diretrizes, as Nações Unidas, em cooperação com as instituições interessadas, deverão desempenhar um papel ativo na pesquisa, na colaboração científica, na formulação de opções de política e no exame e na supervisão de sua aplicação e, também, servir de fonte de informação fidedigna sobre as modalidades eficazes de prevenção da delinquência.

Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade

O oitavo Congresso das Nações Unidas sobre prevenção do delito e do tratamento do delinquente.

Tendo presentes a Declaração Universal dos Direitos Humanos (Resolução 217 A (lll) da Assembléia Geral, de 10 de dezembro de 1948); o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (Resolução 2200 A (XXI) da Assembléia Geral, anexo, de 16 de dezembro de 1966); a Convenção contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanas ou Degradantes (Resolução 39/46 da Assembléia Geral, de 10 de dezembro de 1984); a Convenção sobre os Direitos da Criança (Resolução 44/25 da Assembléia Geral, de 20 de novembro de 1989); como também outros instrumentos internacionais relativos à proteção dos direitos e ao bem-estar dos jovens,.Tendo, também, presentes as Regras mínimas para o tratamento dos reclusos aprovadas pelo Primeiro Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente,

Tendo presente, também, o Conjunto de princípios para a proteção de todas as pessoas submetidas a qualquer forma de detenção ou prisão, aprovado pela Assembléia Geral na sua Resolução 43/173, de 9 de dezembro de 1988, Recordando a Resolução 40/33 da Assembléia Geral, de 29 de novembro de 1985 e as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude, Recordando, também, a Resolução 21 do Sétimo Congresso das Nações Unidas sobre a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente, na qual se pediu a preparação de regras mínimas das Unidas para a proteção dos jovens privados de liberdade, Recordando, além disso, a seção 11 da Re. 1986/ 10 do Conselho Econômico e Social, maio de 1986, na qual, entre outras coisas, foi pedido ao Secretário Geral que apresentasse Comitê de Prevenção do Delito e Luta contra a Delinquência, no seu décimo período de sessões, um relatório sobre os progressos realizados a das Regras, e também foi pedido ao Oitavo Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente que as Regras propostas, com vistas a sua aprovação, Alarmada pelas condições e circunstâncias pelas quais os jovens estão privados de sua liberdade em todo o mundo, Conscientes de que os jovens, quando se encontram privados de liberdade, são extremamente vulneráveis aos maus-tratos, à vitimização e à violência de seus direitos, Preocupada pelo fato de que muitos sistemas não estabelecem diferença entre adultos e jovens nas distintas fases da administração da justiça e consequência disso, muitos jovens estão detidos em prisões e centros penais junto com os adultos,

1. Afirma que a reclusão de um jovem em um estabelecimento deve ser feita apenas em último caso e pelo menor espaço de tempo necessário;

2. Reconhece que, devido a sua grande vulnerabilidade, os jovens privados de liberdade requerem e proteção especiais e que deverão ser garantidos seus direitos e bem-estar durante o período em que estejam privados de sua liberdade e também após este;

3. Observa, com satisfação, o valioso trabalho da Secretaria e a colaboração estabelecida na preparação das Regras entre a Secretaria e os especialistas, os profissionais, as organizações intergovernamentais, os meios não oficiais, sobretudo a Anistia Internacional, a Defesa das Crianças Internacional- Movimento

Internacional e Rãdda Barnen (Save the Children da Suécia), e as instituições científicas que se ocupam dos direitos das crianças e da Justiça da Infância e da Juventude;

4. Aprova o projeto de Regras mínimas das ações Unidas para os jovens privados de liberdade, que figura como anexo à presente resolução;

5. Exorta o Comitê de Prevenção do Delito e a Delinquência a formular medidas para aplicação eficaz das Regras, com a assistência dos institutos das Nações Unidas para a prevenção e o tratamento do delinquente;

6. Convida os Estados Membros a adaptarem, que necessário, sua legislação, suas políticas e suas práticas nacionais, particularmente a capacitação de todas as categorias do pessoal da justiça da infância e da juventude, ao espírito das Regras e a chamar para elas a atenção das autoridades competentes e do público em geral;

7. Convida, também, os Estados Membros a informarem ao Secretário Geral os seus esforços para aplicar as Regras na legislação, na política e na prática, e a apresentarem relatórios periódicos ao Comitê de Prevenção de Delito e Luta contra a Delinquência das Nações Unidas, sobre os resultados alcançados na sua aplicação;

8. Pede ao Secretário geral que procure dar a maior difusão possível ao texto das Regras em todos os idiomas oficiais das Nações Unidas e convida os Estados Membros a realizarem o mesmo esforço;

9. Pede ao Secretário Geral e solicita aos Estados Membros a consignação dos recursos necessários para garantir o bom êxito na aplicação e na execução das Regras, em particular no que se refere à contratação, à capacitação e ao intercâmbio de pessoal da justiça da infância e da juventude de todas as categorias;

10. Insta todos os órgãos competentes do sistema das Nações Unidas, em particular o Fundo das Nações Unidas para a Infância, as comissões regionais e os organismos especializadas, os institutos das Nações Unidas, para a prevenção do delito e o tratamento do delinquente, e todas as organizações intergovernamentais e não governamentais interessadas, a colaborarem com a Secretaria e adotarem as medidas necessárias para garantir um esforço concentrado, dentro de suas respectivas esferas de competência técnica no fomento da aplicação das Regras;

11. Convida a Subcomissão de Prevenção de Discriminações e Proteção às Minorias, da Comissão de Direitos Humanos, a examinar o novo instrumento internacional, com vistas a fomentar a aplicação de suas disposições.

ANEXO

I. PERSPECTIVAS FUNDAMENTAIS

1. O sistema de justiça da infância e da juventude deverá respeitar os direitos e a segurança dos jovens e fomentar seu bem-estar físico e mental. Não deveria ser economizado esforço para abolir, na medida do possível, a prisão de jovens.

2. Só se poderá privar de liberdade os jovens de acordo com os princípios e procedimentos estabelecidos nas presentes Regras, assim como nas Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude (Regras de Beijing). A privação de liberdade de um jovem deverá ser decidida apenas em último caso e pelo menor espaço de tempo possível. Deverá ser limitada a casos excepcionais, por exemplo, como efeito de cumprimento de

uma sentença depois da condenação, para os tipos mais graves de delitos, e tendo presente, devidamente, todas as circunstâncias e condições do caso. A duração máxima da punição deve ser determinada pela autoridade judicial antes que o jovem seja privado de sua liberdade. Não se deve deter ou prender os jovens sem que nenhuma acusação tenha sido formulada contra eles.

3. O objetivo das seguintes regras é estabelecer normas mínimas aceitas pelas Nações Unidas para a proteção dos jovens privados de liberdade em todas as suas formas, de maneira compatível com os direitos humanos e liberdades fundamentais, e com vistas a se opor aos efeitos prejudiciais de todo tipo de detenção e a fomentar a integração na sociedade.

4. Estas Regras deverão ser aplicadas, imparcialmente, a todos os jovens, sem discriminação de nenhum tipo por razão de raça, cor, sexo, idioma, religião, nacionalidade, opinião política ou de outro tipo, práticas ou crenças culturais, fortuna, nascimento, situação de família, origem étnica ou social ou incapacidade. Deverão ser respeitadas as crenças religiosas e culturais, assim como as práticas e preceitos morais dos jovens.

5. As Regras estão concebidas para ter padrões práticos de referência e dar orientação aos profissionais que participam da administração do sistema de justiça da e da juventude.

6. As Regras deverão estar à disposição do pessoal de justiça da infância e da juventude nos seus idiomas nacionais. Os jovens que não conheçam suficientemente bem o idioma falado pelo pessoal do estabelecimento de detenção deverão ter direito aos serviços de um intérprete, sempre que seja necessário, particularmente durante os reconhecimentos médicos e as autuações disciplinares.

7. Quando necessário, os Estados deverão incorporar as presentes Regras a sua legislação ou modificá-las em consequência, e estabelecer eficazes no caso de falta de observância, incluída a indenização nos casos em que haja prejuízo aos jovens. Além disso, os Estados deverão vigiar a aplicação das Regras.

8. As autoridades competentes procurarão, a todo momento, que o público compreenda, cada vez mais, que o cuidado dos jovens detidos e sua preparação para a reintegração à sociedade constituem um serviço social de grande importância e, deverão ser adotadas medidas eficazes para fomentar os contatos abertos entre os jovens e a comunidade local.

9. Nenhuma das disposições contidas nas presentes regras deverá ser interpretada no sentido de se excluir a aplicação dos instrumentos e normas pertinentes das Nações Unidas, nem dos referentes aos direitos humanos, reconhecidos pela comunidade internacional e relativos à atenção e à proteção de crianças e adolescentes.

10. No caso da aplicação prática das regras específicas contidas nos capítulos II a V, inclusive, das presentes regras, ser incompatível com as regras que na primeira parte, as últimas prevalecerão sobre as primeiras.

II. EFEITOS E APLICAÇÃO DAS REGRAS

11. Devem ser aplicadas, aos efeitos das presentes Regras, as seguintes definições:

a) Entende-se por jovem uma pessoa de idade inferior a 18 anos. A lei deve estabelecer a idade-limite antes da qual a criança não poderá ser privada de sua liberdade;

b) Por privação de liberdade, entende-se toda forma de detenção ou prisão, assim como a internação em outro estabelecimento público ou privado, de onde não se permita a saída livre do jovem, ordenado por qualquer autoridade judicial, administrativa ou outra autoridade pública.

12. A privação da liberdade deverá ser efetuada em condições e circunstâncias que garantam o respeito aos direitos humanos dos jovens. Deverá ser garantido, aos jovens reclusos em centros, o direito a desfrutar de atividades e programas úteis que sirvam para fomentar e garantir seu são desenvolvimento e sua dignidade, promover seu sentido de responsabilidade e fomentar, neles, atitudes e conhecimentos que ajudem a desenvolver suas possibilidades como membros da sociedade.

13. Por razão de sua situação, não se deverá negar aos jovens privados de liberdade seus direitos civis, econômicos, políticos, sociais ou culturais correspondentes, de acordo com a legislação nacional ou internacional e que sejam compatíveis com a privação da liberdade, como, por exemplo, os direitos e prestações da previdência social, a liberdade de associação e, ao alcançar a idade mínima exigida associação pela lei, o direito de contrair matrimônio.

14. A proteção dos direitos individuais dos jovens no que diz respeito, especialmente, à legalidade da execução das medidas de detenção, será garantida pela autoridade judicial competente, enquanto que os objetivos de integração social deverão ser garantidos por um órgão devidamente constituído que esteja autorizado a visitar os jovens e que não pertença à administração do centro de detenção, através de inspeções regulares e outras formas de controle.

15. As Regras presentes são aplicadas a todos os centros e estabelecimentos onde haja jovens privados de liberdade. As Partes I, II, IV e V das Regras se aplicam a todos os centros de estabelecimentos onde haja jovens detidos, enquanto que a Parte III se aplica a jovens sob detenção provisória ou em espera de julgamento.

16. As Regras serão aplicadas no contexto das condições econômicas, sociais e culturais predominantes em cada Estado Membro.

III. JOVENS DETIDOS OU EM PRISÃO PREVENTIVA

17. Supõem-se inocentes os jovens detidos sob detenção provisória ou em espera de julgamento ("prisão preventiva") e deverão ser tratados como tais. Na medida do possível, deverá ser evitada, e limitada a circunstâncias excepcionais, a detenção antes da celebração do julgamento. Como consequência, deverá ser feito todo o possível para aplicar medidas substitutivas. Quando, apesar disso, recorrer-se à detenção preventiva, os tribunais de jovens e os órgãos de investigação deverão dar máxima prioridade ao mais rápido andamento possível do trâmite desses casos, para que a detenção seja a menor possível. De todas as maneiras, os jovens detidos ou em espera de julgamento deverão estar separados dos declarados culpados.

18. As condições de detenção de um jovem que não tenha sido julgado deverão ser ajustadas às seguintes Regras e a outras disposições concretas que sejam necessárias e apropriadas, dadas as exigências da presunção de inocência, da duração da detenção e da condição e circunstâncias jurídicas dos jovens. Entre

essas disposições, figurarão as seguintes, sem que esta enumeração tenha caráter limitativo:

a) Os jovens terão direito à assessoria jurídica e poderão solicitar assistência jurídica gratuita, quando existente, e se comunicar com seus assessores jurídicos. Nessa comunicação, deverá ser respeitada a intimidade e seu caráter confidencial.

b) Deverá ter dada aos jovens a oportunidade de efetuar um trabalho remunerado e de continuar estudos ou capacitação, mas não serão obrigados a isso. Em nenhum caso será mantida a detenção por razões de trabalho, estudos ou capacitação.

c) Os jovens estarão autorizados a receber e conservar materiais de entretenimento e recreio que sejam compatíveis com os interesses da administração da justiça.

IV. ADMINISTRAÇÃO DOS CENTROS DE DETENÇÃO DE JOVENS

A. Antecedentes

19. todos os relatórios, incluídos os registros jurídicos e médicos, as atas das autuações disciplinares, assim como os demais documentos relacionados forma, o conteúdo e os dados do tratamento, deverão formar um expediente pessoal e que deverá ser atualizado, acessível somente a pessoas autorizadas e classificado de maneira que se torne facilmente compreensível. Sempre que possível, todo jovem terá direito a expor objeções a qualquer fato ou opinião que figure no seu de modo que se possa retificar as afirmações inexatas, infundadas ou injustas. Para o exercício deste direito, seria necessário estabelecer procedimentos que permitissem ao jovem, ou a um terceiro apropriado e independente, ter acesso ao expediente e consultá-lo, se assim o solicitar. À raiz de sua liberação, todo jovem terá o direito de ter seu expediente extinto.

20. Nenhum jovem poderá ser admitido num centro de detenção sem uma ordem de internamento válida de uma autoridade judicial, administrativa de caráter público. Os detalhes desta ordem deverão ser consignados, imediatamente, no registro. Nenhum jovem será detido em nenhum centro onde não exista esse registro.

B. Ingresso, registro, deslocamento a mudança

21. Em todos os lugares onde haja jovens detidos, deverá ser mantido um registro completo e confiável da seguinte informação relativa a cada um dos jovens admitidos:

a) dados relativos à identidade do jovem;

b) a causa da reclusão, assim como seus motivos e autoridade que ordenou;

c) o dia e a hora do ingresso, da mudança e da liberação;

d) detalhes da notificação de cada ingresso, mudança ou liberação do jovem aos pais e tutores que estivessem responsáveis no momento de ser internado;

e) detalhes sobre os problemas de saúde física e mental conhecidos, incluído o uso indevido de drogas e álcool.

22. A informação, acima mencionada, relativa ao ingresso, lugar de internação, mudança e liberação, deverá ser notificada, sem demora, aos pais e tutores ou ao parente mais próximo do jovem.

23. Após o ingresso, e o mais rápido possível, serão preparados e apresentados à direção relatórios completos e demais informações pertinentes sobre a situação pessoal e circunstâncias de cada jovem.

24. No momento do ingresso, todos os jovens deverão receber uma cópia do regulamento que rege o centro de detenção e uma descrição completa de seus direitos e obrigações num idioma que possam compreender, junto à direção das autoridades competentes perante as quais podem formular queixas, assim como dos organismos e organizações públicos ou privados que prestem assistência jurídica. Para os jovens analfabetos ou que não possam compreender o idioma de forma escrita, a informação deve ser comunicada de maneira que possa ser completamente compreendida.

25. Todos os jovens deverão ser ajudados a compreender os regulamentos que regem a organização interna do centro, os objetivos e metodologia do tratamento utilizado, as exigências e procedimentos disciplinares, outros métodos utilizados para se obter informação e formular queixas, e qualquer outra questão que facilite a compreensão total de seus direitos e obrigações durante o internamente.

26. O transporte de jovens deverá ser efetuado às custas da administração, em veículos ventilados e iluminados, e em condições que não tragam nenhum sofrimento físico ou moral. Os jovens não serão enviados de um centro a outro, arbitrariamente.

C. Classificação • destinação

27. Depois do ingresso, o jovem será entrevistado o mais rápido possível e será preparado um relatório psicológico e social, onde existam os dados pertinentes ao tipo e nível concretos de tratamento e programa que o jovem requer. Este relatório, junto com outro preparado pelo funcionário médico que recebeu o jovem no momento do ingresso, deverá ser apresentado ao diretor para se decidir o lugar mais adequado para a instalação do jovem no centro e determinar o tipo e o nível necessários de tratamento e de programa que deverão ser aplicados.

28. A detenção de jovens só será feita em condições que levem em conta, plenamente, suas necessidades e situações concretas, assim como os requisitos especiais que exijam sua idade, personalidade, sexo e tipo de delito, e sua saúde física e mental, e que garantam sua proteção contra influências nocivas e situações de risco. O critério principal para separar os diversos grupos de jovens privados de liberdade deverá ser o tipo de assistência que melhor se adapte às necessidades concretas dos interessados e a proteção de seu bem-estar e integridade física, mental e moral.

29. Em todos os centros, os jovens deverão estar separados dos adultos, a não ser que sejam da mesma família. Em condições de supervisão, será possível reunir os jovens com adultos cuidadosamente selecionados, no marco de um programa especial, cuja utilidade para os jovens interessados tenha sido demonstrada de forma incontestável.

30. Devem ser organizados centros de detenção abertos para jovens. entende-se por centros de detenção abertos aqueles onde as medidas de segurança são escassas ou nulas. A população desses centros de detenção deverá ser a mais pequena possível. O número de jovens internados em centros fechados deverá ser também suficientemente pequeno para que o tratamento possa ter caráter individual. Os centros de detenção para jovens deverão estar descentralizados e ter

um tamanho que facilite o acesso das famílias dos jovens e seu contato com elas. Será conveniente estabelecer pequenos centros de detenção e integrá-los ao contexto social, econômico e cultural da comunidade.

D. Ambiente físico • alojamento

31. Os jovens privados de liberdade terão direito a contar com locais e serviços que satisfaçam a todas as exigências da higiene e da dignidade humana.

32. O desenho dos centros de detenção para jovens e o ambiente físico deverão corresponder a sua finalidade, ou seja, a reabilitação dos jovens internados, em tratamento, levando devidamente em conta a sua necessidade de intimidade, de estímulos sensoriais, de possibilidades de associação com seus companheiros e de participação em atividades esportivas, exercícios físicos e atividades de entretenimento. O desenho e a estrutura dos centros de detenção para jovens deverão ser tais que reduzam ao mínimo o perigo de incêndio e garantam uma evacuação segura dos locais. Deverá ser feito um sistema eficaz de alarme para caso de incêndio, assim como procedimentos estabelecidos e devidamente ensaiados que garantam a segurança dos jovens. Os centros de detenção não estarão localizados em zonas de conhecidos riscos para a saúde ou onde existam outros perigos.

33. Os dormitórios deverão ser, normalmente, para pequenos grupos ou individuais, tendo presentes os costumes locais. O isolamento em celas individuais durante a noite, só poderá ser imposto em casos excepcionais e unicamente pelo menor espaço de tempo possível. Durante a noite, todas as zonas destinadas a dormitórios, inclusive as habitações individuais e os dormitórios coletivos, deverão ter uma vigilância regular e discreta para assegurar a proteção de cada jovem. Cada jovem terá, segundo os costumes locais ou nacionais, roupa de cama individual suficiente, que deverá ser entregue limpa, mantida em bom estado e trocada regulamentar por motivo de asseio.

34. As instalações sanitárias deverão ser de um nível adequado e estar localizadas de maneira que o jovem possa satisfazer suas necessidades físicas na intimidade e de forma asseada e decente.

35. A posse de objetos pessoais é um elemento fundamental do direito à intimidade e é indispensável para o bem-estar psicológico do jovem. O direito de todo jovem possuir objetos pessoais e dispor lugares seguros para guardá-los deverá ser reconhecido e respeitado plenamente. Os objetos pessoais que o jovem decida não conservar ou que sejam confiscados deverão ser depositados em lugar seguro, e se fará um inventário dos mesmos, assinado pelo jovem. Serão tomadas medidas necessárias para que tais objetos sejam conservados em bom estado. Todos os artigos, assim como também o dinheiro, deverão ser restituídos ao jovem em liberdade, salvo o dinheiro autorizado ou os objetos que tenha enviado ao exterior. Se o jovem recebe remédios ou se é descoberto que ele os tem, o médico deverá decidir sobre seu uso.

36. Na medida do possível, os jovens terão direito a usar sua próprias roupas. Os centros de detenção cuidarão para que todos os jovens tenham roupas pessoais apropriadas ao clima e suficientes para mantê-los em boa saúde. Tais roupas não deverão ser, de modo algum, degradantes ou humilhantes. Os jovens que saiam do centro, ou aqueles abandoná-lo por qualquer motivo, poderão usar suas próprias roupas.

37. Todos os centros de detenção devem garantir que todo o jovem terá uma alimentação adequadamente preparada e servida nas horas habituais, em qualidade e quantidade que satisfaçam as normas da dietética, da higiene e da saúde e, na medida do possível, as exigências religiosas e culturais. Todo jovem deverá ter, a todo momento, água limpa e potável.

E. Educação, formação profissional • trabalho

38. Todo jovem em idade de escolaridade obrigatória terá o direito de receber um ensino adaptado as suas idades e capacidades e destinado a prepará-lo para sua reintegração na sociedade. Sempre que possível, este ensino deverá ser feito fora do estabelecimento, em escolas da comunidade e, em qualquer caso, a cargo de professores competentes, através de programas integrados ao sistema de ensino público para que, quando sejam postos em liberdade, os jovens possam continuar seus estudos sem dificuldade. A administração dos estabelecimentos deverá prestar atenção especial ao ensino dos jovens de origem estrangeira ou com necessidades culturais ou étnicas particulares. Os jovens analfabetos ou que apresentem problemas cognitivos ou de aprendizagem terão direito a receber um ensino especial.

39. Os jovens que já tenham ultrapassado a idade de escolaridade obrigatória que desejem continuar seus estudos deverão ser autorizados e incentivados nesse sentido, e deverá ser feito todo o possível para que tenham acesso a programas de ensino adequados.

40. Os diplomas ou certificados de estudos outorgados aos jovens durante sua detenção não deverão indicar, de modo algum, que os jovens tenham estado detidos.

41. Todo centro de detenção deverá facilitar o acesso dos jovens a uma biblioteca bem provida de livros e jornais instrutivos e recreativos que sejam adequados, e deverá ser estimulada e permitida a utilização, ao máximo, dos serviços da biblioteca.

42. Todo jovem terá direito a receber formação para exercer uma profissão que o prepare para um futuro emprego.

43. Os jovens poderão optar pela classe de trabalho que desejem realizar, levando devidamente em conta uma seleção profissional racional e as exigências da administração do estabelecimento.

44. Todas as normas racionais e internacionais de proteção aplicadas ao trabalho da criança e aos trabalhadores jovens deverão ser aplicadas aos jovens privados de liberdade.

45. sempre que possível, deverá ser dada aos jovens a oportunidade de realizar um trabalho remunerado e, se for factível, no âmbito da comunidade local, que complemente a formação profissional realizada, com o objetivo de aumentar a possibilidade de que encontrem um trabalho conveniente quando se reintegrarem às suas comunidades. O tipo de trabalho deverá ser tal que proporcione uma formação adequada, produtiva para os jovens depois de sua liberação. A organização e os métodos de trabalho regentes nos centros de detenção deverão ser semelhantes, o mais possível, aos que são aplicados em um trabalho similar na comunidade, para que os jovens fiquem preparados para as condições de trabalho normais.

46. Todo jovem que efetue um trabalho terá direito a uma remuneração justa. interesse dos jovens e de sua formação profissional não deve ser subordinado ao

propósito de realizar benefícios para o centro de detenção ou para um terceiro. Uma parte da remuneração do jovem deverá ser reservada para constituir um fundo, que lhe será entregue quando posto em liberdade. O jovem deverá ter o direito de utilizar o restante dessa remuneração para adquirir objetos de uso pessoal, indenizar a vítima prejudicada pelo seu delito, ou enviar à família ou a outras pessoas fora do centro.

F. Atividades recreativas

47. Todo jovem deverá dispor, diariamente, de tempo disponível para praticar exercícios físicos ao ar livre, se o tempo permitir, durante o qual se proporcionará normalmente uma educação recreativa e física adequada. Para tais atividades, serão colocados à sua disposição terreno suficiente, instalações e equipamentos necessários. Todo jovem deverá dispor, diariamente, de tempo adicional para atividades de entretenimento, parte das quais deverão ser dedicadas, se o jovem assim o desejar, a desenvolver aptidões nas artes. O centro de detenção deverá verificar se todo jovem é fisicamente apto para participar dos programas de educação física disponíveis. Deverá ser oferecida educação física corretiva e terapêutica, sob supervisão médica, aos jovens necessitados.

G. Religião

48. Todo jovem terá o direito de cumprir os preceitos de sua religião, participar dos cultos ou reuniões organizados no estabelecimento ou celebrar seus próprios cultos e ter em seu poder livros ou objetos de culto e de instrução religiosa de seu credo. Se no centro de detenção houver um número suficiente de jovens que professam uma determinada religião, deverá ser nomeado ou admitir-se-á um ou mais representantes autorizados desse culto que poderão organizar, periodicamente, cultos religiosos e efetuar visitas pastorais particulares aos jovens de sua religião. Todo jovem terá o direito de receber visitas de um representante qualificado de qualquer religião legalmente reconhecida como de sua escolha, de não participar de cultos religiosos e de recusar livremente o ensino, a assessoria e a doutrinação religiosa.

H. Detenção médica

49. Todo jovem deverá receber atenção médica adequada, tanto preventiva como corretiva, incluída a atenção odontológica, oftalmológica e de saúde mental, assim como os produtos farmacêuticos e dietas especiais que tenham sido receitados pelo médico. Normalmente, toda esta atenção médica deverá ser prestada aos jovens reclusos através dos serviços e instalações sanitários apropriados da comunidade onde esteja localizado o centro de detenção, com o objetivo de evitar que se estigmatize o jovem e de promover sua dignidade pessoal e sua integração à comunidade.

50. Todo jovem terá o direito a ser examinado por um médico, imediatamente depois de seu ingresso em um centro de jovens, com o objetivo de se constatar qualquer prova de maus-tratos anteriores e verificar qualquer estado físico ou mental que requeira atenção médica.

51. Os serviços médicos à disposição dos jovens deverão tratar de detectar e cuidar de toda doença física ou mental, todo uso indevido de substância e qualquer outro estado que possa constituir um obstáculo para a integração do jovem na sociedade. Todo centro de detenção de jovens deverá ter acesso imediato a instalações e equipamento médicos adequados que tenham relação com o número e as necessidades de seus residentes, assim como a pessoal capacitado em saúde

preventiva em tratamento de urgências médicas. Todo jovem que esteja doente, apresente sintomas de dificuldades físicas ou mentais ou se queixe de doença, deverá ser examinado rapidamente por um funcionário médico.

52. Todo funcionário médico que tenha razões para estimar que a saúde física ou mental de tenha sido afetada, ou possa vir a ser, pela prolongada reclusão, greve de fome ou qualquer circunstância da reclusão, deverá comunicar este imediatamente ao diretor do estabelecimento e a autoridade independente responsável pelo bem-estar do jovem.

53. todo jovem que sofra de uma doença deverá receber tratamento numa instituição especializada, sob supervisão médica independente. Serão adotadas medidas, de acordo com organismos competentes, para que, caso seja necessário, possa continuar o tratamento sanitário mental depois da liberação.

54. Os centros de detenção deverão organizar programas de prevenção do uso indevido de drogas e de reabilitação, administrados por pessoal qualificado. Estes programas deverão ser adaptados à idade, sexo e a outras circunstâncias dos jovens interessados, e deverão ser oferecidos serviços de desintoxicação, dotados de pessoal qualificado, aos jovens toxicômanos ou alcoólatras.

55. Somente serão receitados remédios para um necessário ou por razões médicas e, possível, depois do consentimento do jovem. Em particular, nunca serão receitados para se obter informação ou confissão, nem como castigo reprimir o jovem. Os jovens nunca serão objeto para experimentar o emprego de tratamentos. O uso de qualquer remédio sempre ser autorizado e efetuado pelo médico qualificado.

I. Verificação da doença, de acidente e morte

56. A família ou o tutor de um jovem, ou qualquer outra pessoa designada pelo mesmo, têm o direito de serem informados, caso solicitem, sobre o estado do jovem e qualquer mudança que aconteça nesse sentido. Em caso de falecimento, requeira o envio do jovem a um centro médico fora do centro ou um estado que exija tratamento por mais de 48 horas no serviço clínico do centro de detenção, o diretor do centro deverá avisar, imediatamente, à família, ao tutor ou a qualquer outra pessoa designada pelo jovem.

57. em caso de falecimento de um jovem durante o período de privação de liberdade, o parente mais próximo terá o direito de examinar a certidão de óbito, de ver o cadáver e de decidir seu destino. Em caso de falecimento de um jovem durante sua detenção, deverá ser feita uma pesquisa independente sobre as causas da morte, cujas conclusões deverão ficar à disposição do parente mais próximo. Tal pesquisa deverá ser feita quando a morte do jovem ocorrer dentro dos seis meses seguintes à data de sua liberação, e quando houver suspeita de que a morte tem relação com o período de reclusão.

58. O jovem deverá ser informado, imediatamente, da morte ou da doença ou de um acidente grave com um familiar e poderá ir ao enterro ou, em caso de doença grave de um parente, ir visitar o enfermo.

J. Contatos com a comunidade em geral

59. Deverão ser utilizados todos os meios para garantir uma comunicação adequada dos jovens com o mundo exterior, comunicação esta que é parte integrante do direito a um tratamento justo e humanitário e é indispensável para a reintegração dos jovens à sociedade. Deverá ser permitida aos jovens a

comunicação com seus familiares, seus amigos e outras pessoas ou representantes de organizações prestigiosas do exterior; sair dos centros de detenção para visitar seu lar e sua família e obter permissão especial para sair do estabelecimento por motivos educativos, profissionais ou outras razões importantes. Em caso de o jovem estar cumprindo uma pena, o tempo passado fora do estabelecimento deverá ser contado como parte do período de cumprimento da sentença.

60. Todo jovem deverá ter o direito de receber visitas regulares e frequentes, a princípio uma vez por semana e, pelo menos, uma vez por mês, em condições que respeitem a necessidade de intimidade do jovem, o contato e a comunicação, sem restrições, com a família e com o advogado de defesa.

61. Todo jovem terá o direito de se comunicar por escrito ou por telefone, pelo menos duas vezes por semana, com a pessoa de sua escolha, salvo se, legalmente, não puder fazer uso desse direito, e deverá receber a assistência necessária para que possa exercer eficazmente esse direito. Todo jovem terá o direito a receber toda a correspondência a ele dirigida.

62. Os jovens deverão ter a oportunidade de se informar, periodicamente, os acontecimentos através de jornais, revistas ou outras publicações, programas de rádio, televisão e cinema, como também através de visitas dos representantes de qualquer clube ou organização de caráter legal que o jovem esteja interessado.

K. Limitações da coerção física • uso da força

63. Uso de instrumentos de coerção e a força, com qualquer fim, deverá ser proibido, salvo nos casos estabelecidos no Artigo 63.

64. Somente em casos excepcionais se poderá usar a força ou instrumentos de coerção, quando todos os demais meios de controle tenham esgotado e fracassado, e apenas pela forma expressamente autorizada e descrita por uma lei ou regulamento. Esses instrumentos não deverão causar lesão, dor, humilhação, nem degradação, e deverão ser usados de forma restrita e pelo menor período de tempo possível. Por ordem do diretor da administração, estes instrumentos poderão ser utilizados para impedir que o menor prejudique a outros ou a si mesmo ou cause sérios danos materiais. Nesse caso, o diretor deverá consultar, imediatamente, o pessoal médico e outro pessoal competente e informar à autoridade administrativa superior.

65. Em todo centro onde haja jovens detidos, deverá ser proibido o porte e o uso de armas por parte dos funcionários.

L. Procedimentos disciplinares

66. Todas as medidas e procedimentos disciplinares Deverão contribuir para a segurança e para uma vida comunitária ordenada e ser compatíveis com o respeito à dignidade inerente do jovem e com o objetivo fundamental do tratamento institucional, ou seja, infundir um sentimento de justiça e de respeito por si mesmo e pelos direitos fundamentais de toda pessoa.

67. Todas as medidas disciplinares que sejam cruéis, desumanas ou degradantes, estarão estritamente proibidas, incluídos os castigos corporais, o recolhimento em cela escura e as penalidades de isolamento ou de solitária, assim como qualquer outro castigo que possa pôr em perigo a saúde física ou mental do menor. A redução de alimentos e a restrição ou proibição de contato com familiares estarão proibidas, seja qual for a finalidade. O trabalho será considerado, sempre, um instrumento de educação e um meio de promover o respeito próprio do jovem, como

preparação para sua reintegração à comunidade, e nunca deverá ser imposto como castigo disciplinar. Nenhum jovem poderá ser castigado mais de uma vez pela mesma infração. Os castigos coletivos devem ser proibidos.

68. As leis ou regulamentos aprovados pela autoridade administrativa competente deverão estabelecer normas relativas aos seguintes pontos, levando-se em conta as características, necessidades e direitos fundamentais do jovem:

a) a conduta que seja uma infração disciplinar;

b) o caráter e a depuração dos castigos disciplinares que podem ser aplicados;

c) a autoridade competente para impor estes castigos;

d) a autoridade competente no grau de apelação.

69. Um relatório de má conduta deverá ser apresentado, imediatamente, à autoridade com que deverá decidir a respeito, sem delongas injustificadas. A autoridade competente deverá examinar o caso com cuidado.

70. Um castigo disciplinar só será imposto a um jovem se estiver estritamente de acordo com o disposto nas leis ou regulamentos em vigor. Nenhum jovem será castigado sem que tenha sido devidamente informado da infração que o acusam, de maneira que possa entender, e sem que tenha a oportunidade de se defender, incluído o direito apelar a uma autoridade competente imparcial. Deverá ser feita uma ata completa com todas as autuações disciplinares.

71. Nenhum jovem deverá ter, a seu encargo, funções disciplinares, salvo no que se refere à supervisão de certas atividades sociais, educativas ou esportivas de autogestão.

M. Inspeção a reclamações

72. Os inspetores qualificados ou uma entidade devidamente constituída, de nível equivalente, que não pertençam à administração do centro deverão ter a faculdade de efetuar visitas periódicas, sem prévio aviso, por iniciativa própria e gozar de plenas garantias de independência no exercício desta função. Os inspetores deverão ter acesso, sem restrição, a todas as pessoas empregadas ou que trabalhem nos estabelecimentos ou instalações onde haja, ou possa haver, jovens privados de liberdade, e a todos os jovens e a toda a documentação dos estabelecimentos.

73. Nas inspeções, deverão participar funcionários médicos especializados, adscritos à entidade inspetora ou a serviço da saúde pública, os quais deverão avaliar o cumprimento das regras relativas ao ambiente físico, à higiene, ao alojamento, à comida, ao exercício e aos serviços médicos, assim como a quaisquer outros aspectos ou condições da vida do centro que afetem a saúde física e mental dos jovens. Todos os jovens terão direito a falar confidencialmente com os inspetores.

74. Terminada a inspeção, o inspetor deverá apresentar um relatório com suas conclusões. Este relatório incluirá uma avaliação da forma como o centro de detenção observa as presentes Regras e disposições pertinentes da legislação nacional, assim como recomendações sobre as medidas consideradas necessárias para garantir seu cumprimento. Todo ato descoberto por um inspetor, que indique uma violação das disposições legais relativas aos direitos dos jovens ou ao funcionamento do centro de detenção, deverá ser comunicado às autoridades

competentes para investigação e para que se exija as responsabilidades correspondentes.

75. Todo jovem deverá ter a oportunidade de apresentar, a todo momento, petições ou queixas ao diretor do estabelecimento ou a seu representante autorizado.

76. Todo jovem terá direito de enviar, pela via prescrita e sem censura quanto ao conteúdo, uma petição ou queixa à administração central dos estabelecimentos para jovens, à autoridade judicial ou a qualquer outra autoridade competente, e a ser informado, sem demora, da resposta.

77. Deverá se tentar criar um escritório independente (ombudsman) encarregado de receber e pesquisar as queixas formuladas pelos jovens privados de sua liberdade e de ajudar na obtenção de soluções equitativas.

78. Para a formulação de uma queixa, todo jovem terá o direito de solicitar assistência aos membros de sua família, a assessores jurídicos, a grupos humanitários ou outros, quando possível. Será prestada assistência aos jovens analfabetos, quando estes necessitem recorrer aos serviços de organismos ou organizações públicas ou privadas, que oferecem assessoria jurídica ou que sejam competentes para receber reclamações.

N. Reintegração na sociedade

79. Todos os jovens deverão ser beneficiados com medidas concebidas para ajudar sua reintegração na sociedade, na vida familiar, na educação ou no trabalho depois de postos em liberdade. Para tal fim, deverão ser estabelecidos certos procedimentos, inclusive a liberdade antecipada, e cursos especiais.

80. As autoridades competentes deverão criar ou recorrer a serviços que ajudem a reintegração dos jovens na sociedade, e contribuam para diminuir os preconceitos existentes contra eles. Estes serviços, na medida do possível, deverão proporcionar alojamento, trabalho e roupas convenientes ao jovem, assim como os meios necessários para sua subsistência depois de sua liberação. Os representantes de organismos que prestam estes serviços deverão ser consultados, e terão acesso aos jovens durante sua reclusão, com vistas à assistência que possam prestar para sua reintegração na comunidade.

O. Funcionários

81. O pessoal deverá ser competente e contar com um número suficiente de especialistas, como educadores, instrutores profissionais, assessores, assistentes sociais, psiquiatras e psicólogos. Normalmente, estes funcionários e outros especialistas deverão formar parte do pessoal permanente, mas isso não excluirá os auxiliares de tempo parcial ou voluntários, quando for apropriado, e trouxer benefícios ao estabelecimento. Os centros de detenção deverão aproveitar todas as possibilidades e modalidades de assistência corretiva, educativa, moral, espiritual e de outra índole que estejam disponíveis na comunidade e que sejam idôneas, em função das necessidades e dos problemas particulares dos jovens reclusos.

82. A administração deverá selecionar e contratar, cuidadosamente, pessoal de todas as classes e categorias, já que o bom andamento dos centros de detenção depende da integridade, atitude humanitária, capacidade e competência dos funcionários para tratar os jovens, assim como os seus dotes pessoais para o trabalho.

83. Para alcançar tais objetivos, deverão ser designados funcionários profissionais, com remuneração suficiente para atrair e reter homens e mulheres capazes. Deverá ser dado, a todo momento, estímulo aos funcionários dos centros de detenção de jovens para que desempenhem suas funções e obrigações profissionais de forma humanitária, dedicada, profissional, justa e eficaz, comportem-se, a todo momento, de tal maneira que mereçam e obtenham o respeito dos jovens, e sejam, para estes, um modelo e uma perspectiva positivos.

84. A administração deverá adotar formas de organização e de gestão que facilitem a comunicação entre as diferentes categorias de funcionários de cada centro de detenção, para que seja intensificada a cooperação entre os diversos serviços dedicados à atenção de jovens, também entre o pessoal e a administração, com vistas a conseguir que o pessoal em contato direto com os jovens possa atuar em condições que favoreçam o desempenho eficaz de suas tarefas.

85. O pessoal deverá receber uma formação que permita o desempenho eficaz de suas funções, particularmente a capacitação em psicologia infantil, proteção da infância e critérios e normas internacionais de direitos humanos e direitos da criança, incluídas as presentes Regras. O pessoal deverá manter e aperfeiçoar seus conhecimentos e capacidade profissional, comparecendo a cursos de formação no serviço, que serão organizados, periodicamente.

86. O diretor do centro deverá estar devidamente Qualificado para sua função, por sua capacidade administrativa, por uma formação adequada e por sua experiência na matéria, e deverá dispor de todo o seu tempo para a sua função oficial.

87. No desempenho de suas funções, o pessoal dos centros de detenção Deverá respeitar e proteger a dignidade e os direitos humanos fundamentais de todos os jovens, especialmente:

a) nenhum membro do pessoal do centro de detenção ou da instituição deverá infligir, instigar ou tolerar nenhum ato de tortura, nem forma alguma de tratamento, castigo ou medida corretiva ou disciplinar severa, cruel, desumana ou degradante, sob nenhum pretexto ou circunstância de qualquer tipo;

b) todo o pessoal deverá impedir e combater, severamente, todo ato de corrupção, comunicando-o, sem demora, às autoridades competentes;

c) todo o pessoal deverá respeitar estas Regras. Quando tiverem motivos para suspeitar que estas Regras foram gravemente violadas, ou possam vir a ser, deverão comunicar as suas autoridades superiores ou órgãos competentes com responsabilidade para supervisionar ou remediar a situação;

d) todo o pessoal deverá velar pela total proteção da saúde física e mental dos jovens, incluída a proteção contra a exploração e maus tratos físicos, sexuais e efetivos e deverá adotar, com urgência, medidas para que recebam atenção médica, sempre que necessário;

e) todo o pessoal deverá respeitar o direito dos jovens à intimidade e deverá respeitar, em particular, todas as questões confidenciais relativas aos jovens ou às suas famílias que cheguem a conhecer no exercício de sua atividade profissional;

f) todo o pessoal deverá reduzir, ao mínimo, as diferenças entre a vida dentro e fora do centro de detenção que tendam a diminuir o devido respeito à dignidade dos jovens como seres humanos.

Convenção OIT nº 138
Idade Mínima (1973)

Objetiva a abolição do trabalho infantil, ao estipular que a idade mínima de admissão ao emprego não deverá ser inferior à idade de conclusão do ensino obrigatório. Entrada em vigor em 19 de junho 1976.

A Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho:

Convocada em Genebra pelo Conselho de Administração do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho e reunida em 6 de junho de 1973, em sua quinquagésima oitava reunião;

Tendo decidido adotar diversas proposições relativas à idade mínima para admissão a emprego, tema que constitui a quarta questão da ordem do dia da reunião;

Considerando as disposições das seguintes convenções:

Convenção sobre a idade mínima (indústria), de 1919;

Convenção sobre a idade mínima (trabalho marítimo), de 1920;

Convenção sobre a idade mínima (agricultura), de 1921;

Convenção sobre a idade mínima (estivadores e foguistas), de 1921;

Convenção sobre a idade mínima (emprego não-industrial), de 1932;

Convenção (revista) sobre a idade mínima (trabalho marítimo), de 1936;

Convenção (revista) sobre a idade mínima (indústria), de 1937;

Convenção (revista) sobre a idade mínima (emprego não-industrial), de 1937;

Convenção sobre a idade mínima (pescadores), de 1959, e a

Convenção sobre a idade mínima (trabalho subterrâneo), de 1965;

Considerando ter chegado o momento de adotar um instrumento geral sobre a matéria, que substitua gradualmente os atuais instrumentos, aplicáveis a limitados setores econômicos, com vista à total abolição do trabalho infantil;

Tendo determinado que essas proposições se revistam da forma de uma convenção internacional, adota, no dia vinte e seis de junho de mil novecentos e setenta e três, a seguinte Convenção que pode ser citada como a Convenção sobre a Idade Mínima, de 1973:

Artigo 1º

Todo País-membro, no qual vigore esta Convenção, compromete-se a seguir uma política nacional que assegure a efetiva abolição do trabalho infantil e eleve, progressivamente, a idade mínima de admissão a emprego ou a trabalho a um nível adequado ao pleno desenvolvimento físico e mental do jovem.

Artigo 2º

1. Todo País-membro que ratificar esta Convenção especificará, em declaração anexa à ratificação, uma idade mínima para admissão a emprego ou trabalho em seu território e nos meios de transporte registrados em seu território; ressalvado o disposto nos Artigos 4º e 8º desta Convenção, nenhuma pessoa com idade inferior a essa idade será admitida a emprego ou trabalho em qualquer ocupação.

2. Todo País-membro que ratificar esta Convenção poderá notificar ao Diretor Geral do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho, por declarações subsequentes, que estabelece uma idade mínima superior à anteriormente definida.

3. A idade mínima fixada nos termos do Parágrafo 1º deste Artigo não será inferior à idade de conclusão da escolaridade compulsória ou, em qualquer hipótese, não inferior a quinze anos.

4. Não obstante o disposto no Parágrafo 3º deste Artigo, o País-membro, cuja economia e condições do ensino não estiverem suficientemente desenvolvidas, poderá, após consulta às organizações de empregadores e de trabalhadores concernentes, se as houver, definir, inicialmente, uma idade mínima de quatorze anos.

5. Todo País-membro que definir uma idade mínima de quatorze anos, de conformidade com a disposição do parágrafo anterior, incluirá em seus relatórios a serem apresentados sobre a aplicação desta Convenção, nos termos do Artigo 22 da Constituição da Organização Internacional do Trabalho, declaração:

a) de que subsistem os motivos dessa providência ou

b) de que renuncia ao direito de se valer da disposição em questão a partir de uma determinada data.

Artigo 3º

1. Não será inferior a dezoito anos a idade mínima para a admissão a qualquer tipo de emprego ou trabalho que, por sua natureza ou circunstâncias em que for executado, possa prejudicar a saúde, a segurança e a moral do jovem.

2. Serão definidos por lei ou regulamentos nacionais ou pela autoridade competente, após consulta com as organizações de empregadores e de trabalhadores concernentes, se as houver, as categorias de emprego ou trabalho às quais se aplica o Parágrafo 1º deste Artigo.

3. Não obstante o disposto no Parágrafo 14 deste Artigo, a lei ou regulamentos nacionais ou a autoridade competente poderá, após consultar as organizações de empregadores e de trabalhadores concernentes, se as houver, autorizar emprego ou trabalho a partir da idade de dezesseis anos, desde que estejam plenamente protegidas a saúde, a segurança e a moral dos jovens envolvidos e lhes seja proporcionada instrução ou formação adequada e específica no setor da atividade pertinente.

Artigo 4º

1. A autoridade competente, após consulta comas organizações de empregadores e de trabalhadores concernentes, se as houver, poderá, na medida do necessário, excluir da aplicação desta Convenção um limitado número de categorias de emprego ou trabalho a respeito das quais se levantarem reais e especiais problemas de aplicação.

2. Todo País-membro que ratificar esta Convenção alistará em seu primeiro relatório sobre sua aplicação, a ser submetido nos termos do Artigo 22 da Constituição da Organização Internacional do Trabalho, todas as categorias que possam ter sido excluídas de conformidade com o Parágrafo 1º deste Artigo, dando as razões dessa exclusão, e indicará, nos relatórios subsequentes, a situação de sua lei e prática com referência às categorias excluídas e a medida em que foi dado ou se pretende dar efeito à Convenção com relação a essas categorias.

3. Não será excluído do alcance da Convenção, de conformidade com este Artigo, emprego ou trabalho protegido pelo Artigo 34 desta Convenção.

Artigo 5º

1. O País-membro, cuja economia e condições administrativas não estiverem suficientemente desenvolvidas, poderá , após consulta com as organizações de empregadores e de trabalhadores, se as houver, limitar inicialmente o alcance de aplicação desta Convenção.

2. Todo País-Membro que se servir do disposto no Parágrafo 1º deste Artigo especificará, em declaração anexa à sua ratificação, os setores de atividade econômica ou tipos de empreendimentos aos quais aplicará as disposições da Convenção.

3. As disposições desta Convenção serão aplicáveis, no mínimo, a: mineração e pedreira; indústria manufatureira; construção; eletricidade, água e gás; serviços sanitários; transporte, armazenamento e comunicações; plantações e outros empreendimentos agrícolas de fins comerciais, excluindo, porém, propriedades familiares e de pequeno porte que produzam para o consumo local e não empreguem regularmente mão-de-obra remunerada.

4. Todo País-membro que tiver limitado o alcance de aplicação desta Convenção, nos termos deste Artigo,

a) indicará em seus relatórios, nos termos do Artigo 22 da Constituição da Organização Internacional do Trabalho, a situação geral com relação ao emprego ou trabalho de jovens e crianças nos setores de atividade excluídos do alcance de aplicação desta Convenção e todo progresso que tenha sido feito no sentido de uma aplicação mais ampla de suas disposições;

b) poderá, em qualquer tempo, estender formalmente o alcance de aplicação com uma declaração encaminhada ao Diretor Geral do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho.

Artigo 6º

Esta Convenção não se aplicará a trabalho feito por crianças e jovens em escolas de educação vocacional ou técnica ou em outras instituições de treinamento em geral ou a trabalho feito por pessoas de no mínimo quatorze anos de idade em empresas em que esse trabalho for executado dentro das condições prescritas pela autoridade competente, após consulta com as organizações de empregadores e de trabalhadores concernentes, onde as houver, e constituir parte integrante de:

a) curso de educação ou treinamento pelo qual é principal responsável uma escola ou instituição de treinamento;

b) programa de treinamento principalmente ou inteiramente numa empresa, que tenha sido aprovado pela autoridade competente, ou

c) programa de orientação vocacional para facilitar a escolha de uma profissão ou de especialidade de treinamento.

Artigo 7º

1. As leis ou regulamentos nacionais poderão permitir o emprego ou trabalho a pessoas entre treze e quinze anos em serviços leves que:

a) não prejudiquem sua saúde ou desenvolvimento, e

b) não prejudiquem sua frequência escolar, sua participação em programas de orientação vocacional ou de treinamento aprovados pela autoridade competente ou sua capacidade de se beneficiar da instrução recebida.

2. As leis ou regulamentos nacionais poderão também permitir o emprego ou trabalho a pessoas com, no mínimo, quinze anos de idade e que não tenham ainda concluído a escolarização compulsória em trabalho que preencher os requisitos estabelecidos nas alíneas a) e b) do Parágrafo 1º deste Artigo.

3. A autoridade competente definirá as atividades em que o emprego ou trabalho poderá ser permitido nos termos dos Parágrafos 1ºe 2º deste Artigo e estabelecerá o número de horas e as condições em que esse emprego ou trabalho pode ser desempenhado.

4. Não obstante o disposto nos Parágrafos 1º e 2º deste Artigo, o País-membro que se tiver servido das disposições do Parágrafo 0 do Artigo 2º poderá, enquanto continuar assim procedendo, substituir as idades de treze e quinze anos pelas idades de doze e quatorze anos e a idade de quinze anos pela idade de quatorze anos dos respectivos Parágrafos 1º e 2º deste Artigo.

Artigo 8º

1. A autoridade competente, após consulta comas organizações de empregadores e de trabalhadores concernentes, se as houver, poderá, mediante licenças concedidas em casos individuais, permitir exceções para a proibição de emprego ou trabalho provida no Artigo 2º desta Convenção, para finalidades como a participação em representações artísticas.

2. Licenças dessa natureza limitarão o número de horas de duração do emprego ou trabalho e estabelecerão as condições em que é permitido.

Artigo 9º

1. A autoridade competente tomará todas as medidas necessárias, inclusive a instituição de sanções apropriadas, para garantir a efetiva vigência das disposições desta Convenção.

2. As leis ou regulamentos nacionais ou a autoridade competente designarão as pessoas responsáveis pelo cumprimento das disposições que dão efeito à Convenção.

3. As leis ou regulamentos nacionais ou a autoridade competente prescreverão os registros ou outros documentos que devem ser mantidos e postos à disposição pelo empregador; esses registros ou documentos conterão nome, idade ou data de nascimento, devidamente autenticados sempre que possível, das pessoas que emprega ou que trabalham para ele e tenham menos de dezoito anos de idade.

Artigo 10

1. Esta Convenção revê, nos termos estabelecidos neste Artigo, a Convenção sobre a Idade Mínima (Indústria), de 1919; a Convenção sobre a Idade Mínima (Marítimos), de 1920; a Convenção sobre a Idade Mínima (Agricultura), de 1921; a Convenção sobre a Idade Mínima (Estivadores e Foguistas), de 1921; a Convenção sobre a Idade Mínima (Emprego não-Industrial), de 1932; a Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Marítimos), de 1936; a Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Indústria), de 1937; a Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Emprego não-Industrial), de 1937; a Convenção sobre a Idade Mínima (Pescadores), de 1959 e a Convenção sobre a Idade Mínima (Trabalho Subterrâneo), de 1965.

2. A entrada em vigor desta Convenção não priva de ratificações ulteriores as seguintes convenções: Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Marítimos), de 1936; a Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Indústria), de 1937; a Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Emprego não-Industrial), de 1937; a Convenção sobre a Idade Mínima (Pescadores), de 1959 e a Convenção sobre a Idade Mínima (Trabalho Subterrâneo), de 1965.

3. A Convenção sobre a Idade Mínima (Indústria), de 1919; a Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Marítimos), de 1920; a Convenção sobre a Idade Mínima (Agricultura), de 1921 e a Convenção sobre a Idade Mínima (Estivadores e Foguistas), de 1921, não estarão mais sujeitas a ratificações ulteriores quando todos os seus participantes assim estiverem de acordo pela ratificação desta Convenção ou por declaração enviada ao Diretor Geral do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho.

4. Quando as obrigações desta Convenção são aceitas -

a) por um País-membro que faça parte da Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Indústria), de 1937, e é fixada uma idade mínima de não menos de quinze anos, nos termos do Artigo 2º desta Convenção, isso implicará *ipso jure* a denúncia imediata da dita Convenção;

b) com referência ao emprego não-industrial, conforme definido na Convenção sobre Idade Mínima (Emprego não-Industrial), de 1932, por um País-membro que faça parte dessa Convenção, isso implicará *ipso jure* a denúncia imediata da dita Convenção;

c) com referência ao emprego não-industrial, conforme definido na Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Emprego não-Industrial), de 1937, por um País-membro que faça parte dessa Convenção, e é fixada uma idade mínima de não menos de quinze anos, nos termos do Artigo 2º desta Convenção, isso implicará *ipso jure* a denúncia imediata da dita Convenção;

d) com referência ao emprego marítimo, por um País-membro que faça parte da Convenção (revista) sobre a Idade Mínima (Marítimos), de 1936 e é fixada uma idade mínima de não menos de quinze anos, nos termos do Artigo 2º desta Convenção, ou o País-membro define que o Artigo 3º desta Convenção aplica-se ao emprego marítimo, isso implicará *ipso jure* a denúncia imediata da dita Convenção;

e) com referência ao emprego em pesca marítima, por um País-membro que faça parte da Convenção sobre a Idade Mínima (Pescadores), de 1959, e é especificada uma idade mínima de não menos de quinze anos, nos termos do Artigo 2º desta Convenção ou o País-membro especifica que o Artigo 3º desta Convenção aplica-se a emprego em pesca marítima, isso implicará *ipso jure* a denúncia imediata da dita Convenção;

f) por um País-membro que é parte da Convenção sobre a Idade Mínima (Trabalho Subterrâneo), de 1965, e é especificada uma idade mínima de não menos de quinze anos, nos termos do Artigo 2º desta Convenção, ou o País-membro estabelece que essa idade aplica-se a emprego subterrâneo em minas, por força do Artigo 3º desta Convenção, isso implicará *ipso jure* a denúncia imediata da dita Convenção, a partir do momento que esta Convenção entrar em vigor.

5. A aceitação das obrigações desta Convenção -

a) implicará a denúncia da Convenção sobre a Idade Mínima (Indústria), de 1919, de conformidade com seu Artigo 12;

b) com referência à agricultura, implicará a denúncia da Convenção sobre a Idade Mínima (Agricultura), de 1921, de conformidade com seu Artigo 9º;

c) com referência ao emprego marítimo, implicará a denúncia da Convenção sobre a Idade Mínima (Marítimos), de 1920, de conformidade com seu Artigo 109, e da Convenção sobre a Idade Mínima (Estivadores e Foguistas), de 1921, de conformidade com seu Artigo 12, a partir do momento em que esta Convenção entrar em vigor.

Artigo 11

As ratificações formais desta Convenção serão comunicadas, para registro, ao Diretor Geral do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho.

Artigo 12

1. Esta Convenção obrigará unicamente os Países-membros da Organização Internacional do Trabalho cujas ratificações tiverem sido registradas pelo Diretor Geral.

2. Esta Convenção entrará em vigor doze meses após a data de registro, pelo Diretor Geral, das ratificações de dois Países-membros.

3. A partir de então, esta Convenção entrará em vigor, para todo País-membro, doze meses depois do registro de sua ratificação.

Artigo 13

1. O País-membro que ratificar esta Convenção poderá denunciá-la ao final de um período de dez anos, a contar da data de sua entrada em vigor, mediante comunicação ao Diretor Geral do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho para registro. A denúncia não terá efeito antes de se completar um ano a contar da data de seu registro.

2. Todo País-membro que ratificar esta Convenção e que, no prazo de um ano após expirado o período de dez anos referido no parágrafo anterior, não tiver exercido o direito de denúncia provido neste Artigo, ficará obrigado a um novo período de dez anos e, daí por diante, poderá denunciar esta Convenção ao final de cada período de dez anos, nos termos deste Artigo.

Artigo 14

1. O Diretor Geral do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho dará ciência a todos os Países-membros da Organização do registro de todas as ratificações e denúncias que lhe forem comunicadas pelos Países-membros da Organização.

2. Ao notificar os Países-membros da Organização sobre o registro da segunda ratificação que lhe tiver sido comunicada, o Diretor Geral lhes chamará a atenção para a data em que a Convenção entrará em vigor.

Artigo 15

O Diretor Geral do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho comunicará ao Secretário Geral das Nações Unidas, para registro, nos termos do Artigo 102 da Carta das Nações Unidas, informações circunstanciadas sobre todas

as ratificações e atos de denúncia por ele registrados, conforme o disposto nos artigos anteriores.

Artigo 16

O Conselho de Administração do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho apresentará à Conferência Geral, quando considerar necessário, relatório sobre o desempenho desta Convenção e examinará a conveniência de incluir na pauta da Conferência a questão de sua revisão total ou parcial.

Artigo 17

1. No caso de adotar a Conferência uma nova convenção que reveja total ou parcialmente esta Convenção, a menos que a nova convenção disponha de outro modo,

a) a ratificação, por um País-membro, da nova convenção revista implicará, *ipso jure*, a partir do momento em que entrar em vigor a convenção revista, a denúncia imediata desta Convenção, não obstante as disposições do Artigo 3º;

b) esta Convenção deixará de estar sujeita a ratificação pelos Países-membros a partir da data de entrada em vigor da convenção revista;

c) esta Convenção continuará a vigorar, na sua forma e conteúdo, nos Países-membros que a ratificaram, mas não ratificarem a convenção revista.

Artigo 18

As versões em inglês e francês do texto desta Convenção são igualmente oficiais.

Convenção OIT nº 182
Piores Formas de Trabalho Infantil (1999)

Defende a adoção de medidas imediatas e eficazes que garantam a proibição e a eliminação das piores formas de trabalho infantil. Entrada em vigor em 19 de novembro de 2000.

A Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho,

Convocada em Genebra pelo Conselho de Administração da Secretaria Internacional do Trabalho e reunida em 1ª de junho de 1999, em sua 87ª Reunião,

Considerando a necessidade de adotar novos instrumentos para proibição e eliminação das piores formas de trabalho infantil, como a principal prioridade de ação nacional e internacional, que inclui cooperação e assistência internacionais, para complementar a Convenção e a Recomendação sobre Idade Mínima para Admissão a Emprego, 1973, que continuam sendo instrumentos fundamentais sobre trabalho infantil;

Considerando que a efetiva eliminação das piores formas de trabalho infantil requer ação imediata e global, que leve em conta a importância da educação fundamental e gratuita e a necessidade de retirar a criança de todos esses trabalhos, promover sua reabilitação e integração social e, ao mesmo tempo, atender as necessidades de suas famílias;

Tendo em vista a resolução sobre a eliminação do trabalho infantil adotada pela Conferência Internacional do Trabalho, em sua 83a Reunião, em 1996;

Reconhecendo que o trabalho infantil é devido, em grande parte, à pobreza e que a solução a longo prazo reside no crescimento econômico sustentado, que conduz ao progresso social, sobretudo ao alívio da pobreza e à educação universal;

Tendo em vista a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembléia das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989;

Tendo em vista a Declaração da OIT sobre Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho e seu Seguimento, adotada pela Conferência Internacional do Trabalho em sua 86ª Reunião, em 1998;

Tendo em vista que algumas das piores formas de trabalho infantil são objeto de outros instrumentos internacionais, particularmente a Convenção sobre Trabalho Forçado, 1930, e a Convenção Suplementar das Nações Unidas sobre Abolição da Escravidão, do Tráfico de Escravos e de Instituições e Práticas Similares à Escravidão, 1956;

Tendo-se decidido pela adoção de diversas proposições relativas a trabalho infantil, matéria que constitui a quarta questão da ordem do dia da Reunião, e

Após determinar que essas proposições se revestissem da forma de convenção internacional, adota, neste décimo sétimo dia de junho do ano de mil novecentos e noventa e nove, a seguinte Convenção que poderá ser citada como Convenção sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil, 1999.

Artigo 1º

Todo Estado-membro que ratificar a presente Convenção deverá adotar medidas imediatas e eficazes que garantam a proibição e a eliminação das piores formas de trabalho infantil em regime de urgência.

Artigo 2º

Para os efeitos desta Convenção, o termo criança aplicar-se-á a toda pessoa menor de 18 anos.

Artigo 3º

Para os fins desta Convenção, a expressão as piores formas de trabalho infantil compreende:

a) todas as formas de escravidão ou práticas análogas à escravidão, como venda e tráfico de crianças, sujeição por dívida, servidão, trabalho forçado ou compulsório, inclusive recrutamento forçado ou compulsório de crianças para serem utilizadas em conflitos armados;

b) utilização, demanda e oferta de criança para fins de prostituição, produção de material pornográfico ou espetáculos pornográficos;

c) utilização, demanda e oferta de criança para atividades ilícitas, particularmente para a produção e tráfico de drogas conforme definidos nos tratados internacionais pertinentes;

d) trabalhos que, por sua natureza ou pelas circunstâncias em que são executados, são susceptíveis de prejudicar a saúde, a segurança e a moral da criança.

Artigo 4º

1. Os tipos de trabalho a que se refere o Artigo 3º (d) serão definidos pela legislação nacional ou pela autoridade competente, após consulta com as organizações de empregadores e de trabalhadores interessadas, levando em consideração as normas internacionais pertinentes, particularmente os parágrafos 3ª e 4ª da Recomendação sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil, 1999.

2. A autoridade competente, após consulta com as organizações de empregadores e trabalhadores interessadas, identificará onde ocorrem os tipos de trabalho assim definidos.

3. A relação dos tipos de trabalho definidos nos termos do parágrafo 1º deste artigo deverá ser periodicamente examinada e, se necessário, revista em consulta com as organizações de empregadores e de trabalhadores interessadas.

Artigo 5º

Todo Estado-membro, após consulta com organizações de empregadores e de trabalhadores, criará ou adotará mecanismos apropriados para monitorar a aplicação das disposições que dão cumprimento à presente Convenção.

Artigo 6º

1. Todo Estado-membro elaborará e desenvolverá programas de ação para eliminar, como prioridade, as piores formas de trabalho infantil.

2. Esses programas de ação serão elaborados e implementados em consulta com relevantes instituições governamentais e organizações de empregadores e de

trabalhadores, levando em consideração, se conveniente, opiniões de outros grupos interessados.

Artigo 7º

1- Todo Estado-membro adotará todas as medidas necessárias para assegurar a efetiva aplicação e cumprimento das disposições que dão efeito a esta Convenção, inclusive a instituição e aplicação de sanções penais ou, conforme o caso, de outras sanções.

2. Todo Estado-membro, tendo em vista a importância da educação para a eliminação do trabalho infantil, adotará medidas efetivas, para, num determinado prazo:

a) impedir a ocupação de crianças nas piores formas de trabalho infantil;

b) dispensar a necessária e apropriada assistência direta para retirar crianças das piores formas de trabalho infantil e assegurar sua reabilitação e integração social;

c) garantir o acesso de toda criança retirada das piores formas de trabalho infantil à educação fundamental gratuita e, quando possível e conveniente, à formação profissional;

d) identificar e alcançar crianças particularmente expostas a riscos e

e) levar em consideração a situação especial de meninas.

3. Todo Estado-membro designará a autoridade competente responsável pela aplicação das disposições que dão cumprimento a esta Convenção.

Artigo 8º

Os Estados-membros tomarão as devidas providências para se ajudarem mutuamente na aplicação das disposições desta Convenção por meio de maior cooperação e/ou assistência internacional, inclusive o apoio ao desenvolvimento social e econômico, a programas de erradicação da pobreza e à educação universal.

Artigo 9º

As ratificações formais desta Convenção serão comunicadas, para registro, ao Diretor-Geral da Secretaria Internacional do Trabalho.

Artigo 10

1. Esta Convenção obrigará unicamente os Estados-membros da Organização Internacional do Trabalho cujas ratificações tiverem sido registradas pelo Diretor-Geral da Secretaria Internacional do Trabalho.

2. A presente Convenção entrará em vigor doze meses após a data de registro, pelo Diretor-Geral, das ratificações de dois Estados-membros.

3. A partir daí, esta Convenção entrará em vigor, para todo Estado-membro, doze meses após a data do registro de sua ratificação.

Artigo 11

1. O Estado-membro que ratificar esta Convenção poderá denunciá-la ao final de um período de dez anos a contar da data em que a Convenção entrou em vigor pela primeira vez, por meio de comunicação, para registro, ao Diretor-Geral da Secretaria

Internacional do Trabalho. A denúncia só terá efeito um ano após a data de seu registro.

2. Todo Estado-membro que tiver ratificado esta Convenção e que, no prazo de um ano, após expirado o período de dez anos referido no parágrafo anterior, não tiver exercido o direito de denúncia disposto neste artigo, ficará obrigado a um novo período de dez anos e, daí por diante, poderá denunciar esta Convenção ao final de cada período de dez anos, nos termos deste artigo.

Artigo 12

1. O Diretor-Geral da Secretaria Internacional do Trabalho dará ciência, aos Estados membros da Organização Internacional do Trabalho, do registro de todas as ratificações, declarações e atos de denúncia que lhe forem comunicados pelos Estados-membros da Organização.

2. Ao notificar os Estados-membros da Organização sobre o registro da segunda ratificação que lhe foi comunicada, o Diretor-Geral lhes chamará a atenção para a data em que a Convenção entrará em vigor.

Artigo 13

O Diretor-Geral da Secretaria Internacional do Trabalho comunicará ao Secretário-Geral das Nações Unidas, para registro, nos termos do Artigo 102 da Carta das Nações Unidas, informações circunstanciadas sobre todas as ratificações, declarações e atos de denúncia por ele registrados, conforme o disposto nos artigos anteriores.

Artigo 14

O Conselho de Administração da Secretaria Internacional do Trabalho, quando julgar necessário, apresentará à Conferência Geral relatório sobre a aplicação desta Convenção e examinará a conveniência de incluir na ordem do dia da Conferência a questão de sua revisão total ou parcial.

Artigo 15

1. Caso a Conferência venha a adotar uma nova Convenção que total ou parcialmente reveja a presente Convenção, a menos que a nova Convenção disponha de outro modo:

a) a ratificação da nova Convenção revista por um Estado-membro implicará *ipso jure* a denúncia imediata desta Convenção, não obstante as disposições do artigo 11 acima, se e quando a nova Convenção revista entrar em vigor;

b) esta Convenção deixará de estar sujeita a ratificação pelos Estados-membros a partir do momento da entrada em vigor da Convenção revista.

2. Esta Convenção permanecerá, porém, em vigor, na sua forma atual e conteúdo, para os Estados-membros que a ratificaram mas não ratificarem a Convenção revista.

Artigo 16

As versões em inglês e francês do texto desta Convenção são igualmente oficiais.

Recomendação OIT nº 190
Sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil (1999)

Recomendação referente a proibição e ação imediata para a eliminação das piores formas de trabalho infantil, adotada pela Conferência Internacional do Trabalho em sua 87ª Sessão, Genebra, 17 de junho de 1999.

A Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho:

Convocada em Genebra pelo Conselho de Administração do Secretariado da Organização Internacional do Trabalho e reunida em sua 87ª Sessão, em 1 de junho de 1999,

Tendo adotado a Convenção sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil, de 1999;

Tendo-se decidido pela adoção de diversas proposições relativas a trabalho infantil, questão que constitui o quarto item da ordem do dia da reunião; e,

Após determinar que essas proposições se revestissem na forma de recomendação que complemente a Convenção sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil, 1999, e adota, neste décimo sétimo dia de junho do ano de mil novecentos e noventa e nove, a seguinte recomendação que poderá ser citada como a Recomendação sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil, 1999.

1. As disposições desta Recomendação suplementam as disposições da Convenção sobre as Piores Formas de Trabalho Infantil, 1999 (doravante simplesmente "a Convenção") e juntamente com elas deveriam ser aplicadas.

I. Programas de Ação

2. Os programas de ação mencionados no Artigo 6º da Convenção deveriam ser elaborados e executados em caráter de urgência, em consulta com as instituições governamentais competentes e as organizações de empregadores e de trabalhadores, tomando em consideração o que pensam as crianças diretamente afetadas pelas piores formas de trabalho infantil, suas famílias e, se for o caso, outros grupos interessados nos objetivos da Convenção e desta Recomendação. Esses programas deveriam visar, entre outras coisas:

a) identificar e denunciar as piores formas de trabalho infantil;

b) impedir a ocupação de crianças nas piores formas de trabalho infantil ou afastá-las dessas formas de trabalho, protegendo-as contra represálias e assegurando sua reabilitação e integração social por meio de medidas que levem em conta suas necessidades educacionais, físicas e psicológicas;

c) dispensar especial atenção:

   i) às crianças menores;

   ii) às meninas;

   iii) ao problema do trabalho oculto, nos quais as meninas estão particularmente expostas a riscos; e,

   iv) a outros grupos de crianças com vulnerabilidades ou necessidades especiais;

d) identificar comunidades em que haja crianças particularmente expostas a riscos, entrar em contato direto com essas comunidades e trabalhar com elas; e,

e) informar, sensibilizar e mobilizar a opinião pública e grupos interessados, inclusive as crianças e suas famílias.

II. Trabalho perigoso

3. Ao determinar os tipos de trabalhos a que se refere o Artigo 3º (d) da Convenção, e ao identificar sua localização, dever-se-ia, entre outras coisas, levar em conta:

a) os trabalhos que expõem as crianças a abusos físico, psicológico ou sexual;

b) os trabalhos subterrâneos, debaixo d'água, em alturas perigosas ou em espaços confinados;

c) os trabalhos com máquinas, equipamentos e instrumentos perigosos ou que envolvam manejo ou transporte manual de cargas pesadas;

d) os trabalhos em ambiente insalubre que possam, por exemplo, expor as crianças a substâncias, agentes ou processamentos perigosos, ou a temperaturas ou a níveis de barulho ou vibrações prejudiciais a sua saúde; e,

e) os trabalhos em condições particularmente difíceis, como trabalho por longas horas ou noturno, ou trabalhos em que a criança é injustificadamente confinada às dependências do empregador.

4. No que concerne aos tipos de trabalho referidos no Artigo 3º (d) da Convenção assim como no Parágrafo 3º supra, leis e regulamentos nacionais ou a autoridade competente, mediante consulta com as organizações de trabalhadores e de empregadores interessadas, poderão autorizar o emprego ou trabalho a partir da idade de 16 anos, contanto que a saúde, a segurança e a moral das crianças estejam plenamente protegidas, e tenham essas crianças recebido adequada instrução específica ou treinamento profissional no pertinente ramo de atividade.

III. Aplicação

5. (1) Informações detalhadas e dados estatísticos sobre a natureza e extensão do trabalho infantil deveriam ser compilados e atualizados para servir de base para o estabelecimento de prioridades da ação nacional com vista à abolição do trabalho infantil, em particular, à proibição e eliminação de suas piores formas em caráter de urgência.

(2) Estas informações e dados estatísticos deveriam, na medida do possível, incluir dados desagregados por sexo, faixa etária, ocupação, ramo de atividade econômica, condição no emprego, frequência escolar e localização geográfica. Dever-se-ia levar em consideração a importância de um eficiente sistema de registro de nascimentos que inclua a emissão de certidões de nascimento.

(3) Dever-se-iam compilar e atualizar dados pertinentes com relação a violações de disposições nacionais que visem a proibição e a eliminação das piores formas de trabalho infantil.

6. A compilação e a análise de informações e dados, a que se refere o Parágrafo 5º supra, deveriam ser feitos com o devido respeito pelo direito à privacidade.

7. As informações compiladas nos termos do Parágrafo 5º acima deveriam ser transmitidas regularmente ao Secretariado da Organização Internacional do Trabalho.

8. Os países-membros, após consulta com organizações de empregadores e de trabalhadores, deveriam estabelecer ou designar mecanismos nacionais apropriados para acompanhar a aplicação de disposições nacionais com vista à proibição e à eliminação das piores formas de trabalho infantil.

9. Os países-membros deveriam velar para que as autoridades competentes, que têm a seu encargo a aplicação de disposições nacionais sobre a proibição e eliminação das piores formas de trabalho infantil, cooperem umas com as outras e coordenem suas atividades.

10. Leis e regulamentos nacionais ou a autoridade competente deveriam designar as pessoas responsáveis no caso de descumprimento de disposições nacionais com vista à proibição e eliminação das piores formas de trabalho infantil.

11. Os países-membros deveriam, desde que compatível com a legislação nacional, cooperar, em caráter de urgência, com esforços internacionais com vista à proibição e eliminação das piores formas de trabalho infantil, mediante:

a) a compilação e o intercâmbio de informações referentes a infrações penais, inclusive as que envolvem redes internacionais;

b) a identificação e o enquadramento legal de pessoas implicadas na venda e no tráfico de crianças, ou na utilização, procura ou oferta de crianças para fins de atividades ilícitas, de prostituição, de produção de material pornográfico ou de exibições pornográficas;

c) o registro dos autores desses delitos.

12. Os países-membros deveriam dispor para que sejam criminalizadas as seguintes piores formas de trabalho infantil:

a) todas as formas de escravidão ou práticas análogas à escravidão, como venda e tráfico de crianças, sujeição por dívida e servidão, o trabalho forçado ou compulsório, inclusive recrutamento forçado ou compulsório de crianças para serem utilizadas em conflitos armados;

b) utilização, procura e oferta de crianças para a prostituição, para a produção de material pornográfico ou para espetáculos pornográficos;

c) utilização, procura e oferta de crianças para atividades ilícitas, particularmente para produção e tráfico de drogas conforme definidos nos tratados internacionais pertinentes, ou para atividades que envolvem o porte ou uso ilegais de armas de fogo ou outras armas.

13. Os países-membros deveriam velar para que sanções sejam impostas, inclusive de natureza penal, conforme o caso, a violações de disposições nacionais sobre a proibição e eliminação de qualquer dos tipos de trabalho referidos no Artigo 3(d) da Convenção.

14. Quando conviesse, os países-membros deveriam também prover, em caráter de urgência, outros instrumentos penais, civis ou administrativos, para assegurar a efetiva aplicação de disposições nacionais sobre a proibição e eliminação das piores formas de trabalho infantil, tais como supervisão especial de empresas que tenham utilizado as piores formas de trabalho infantil e, em caso de violação continuada, considerar a revogação temporária ou definitiva do alvará de funcionamento.

15. Outras medidas, com vista à proibição e eliminação das piores formas de trabalho infantil, poderiam ser incluídas:

a) informar, sensibilizar e mobilizar a opinião pública, em particular, os líderes políticos nacionais e locais, os parlamentares e as autoridades judiciárias;

b) envolver e treinar organizações de empregadores e de trabalhadores e organizações civis;

c) promover adequado treinamento de funcionários públicos interessados, especialmente inspetores e funcionários responsáveis pela aplicação da lei e outros profissionais interessados;

d) incentivar que todo país-membro processe seus cidadãos que infringirem suas disposições nacionais relativas a proibição e imediata eliminação das piores formas de trabalho infantil, mesmo quando essas infrações forem cometidas em outro país;

e) simplificar os procedimentos legais e administrativos e assegurar que sejam apropriados e rápidos;

f) incentivar o desenvolvimento de políticas que atendem os objetivos da Convenção;

g) acompanhar e divulgar as melhores práticas relativas à eliminação do trabalho infantil e divulgá-las;

h) divulgar disposições legais ou outras referentes ao trabalho infantil nas diferentes línguas ou dialetos;

i) estabelecer processos especiais de queixa e disposições para proteger, contra discriminação e represálias, pessoas que denunciem legitimamente qualquer violação de disposições da Convenção, e criar serviços telefônicos de assistência ou centros de contato ou ouvidores;

j) adotar medidas apropriadas para melhorar a infra-estrutura educativa, e o treinamento de professores para atender às necessidades de meninos e meninas;

k) levar em conta, se possível, nos programas nacionais de ação:

   i) a necessidade de criação de emprego e de treinamento profissional de pais e adultos nas famílias de crianças que trabalhem nas condições cobertas pela Convenção;

   ii) a necessidade de sensibilizar os pais para o problema de crianças que trabalhem nessas condições.

16. Os esforços nacionais deveriam ser complementados por estreita cooperação e/ou assistência internacional entre os países-membros com vista à proibição e efetiva eliminação das piores formas de trabalho infantil e, conforme o caso, esta cooperação poderia desenvolver-se e ser exercida em consulta com organizações de empregadores e trabalhadores. Essa cooperação e/ou assistência internacional deveria incluir:

a) mobilização de recursos para programas nacionais ou internacionais;

b) assistência jurídica mútua;

c) assistência técnica, inclusive intercâmbio de informações;

d) apoio ao desenvolvimento social e econômico, a programas de erradicação da pobreza e à educação universal.

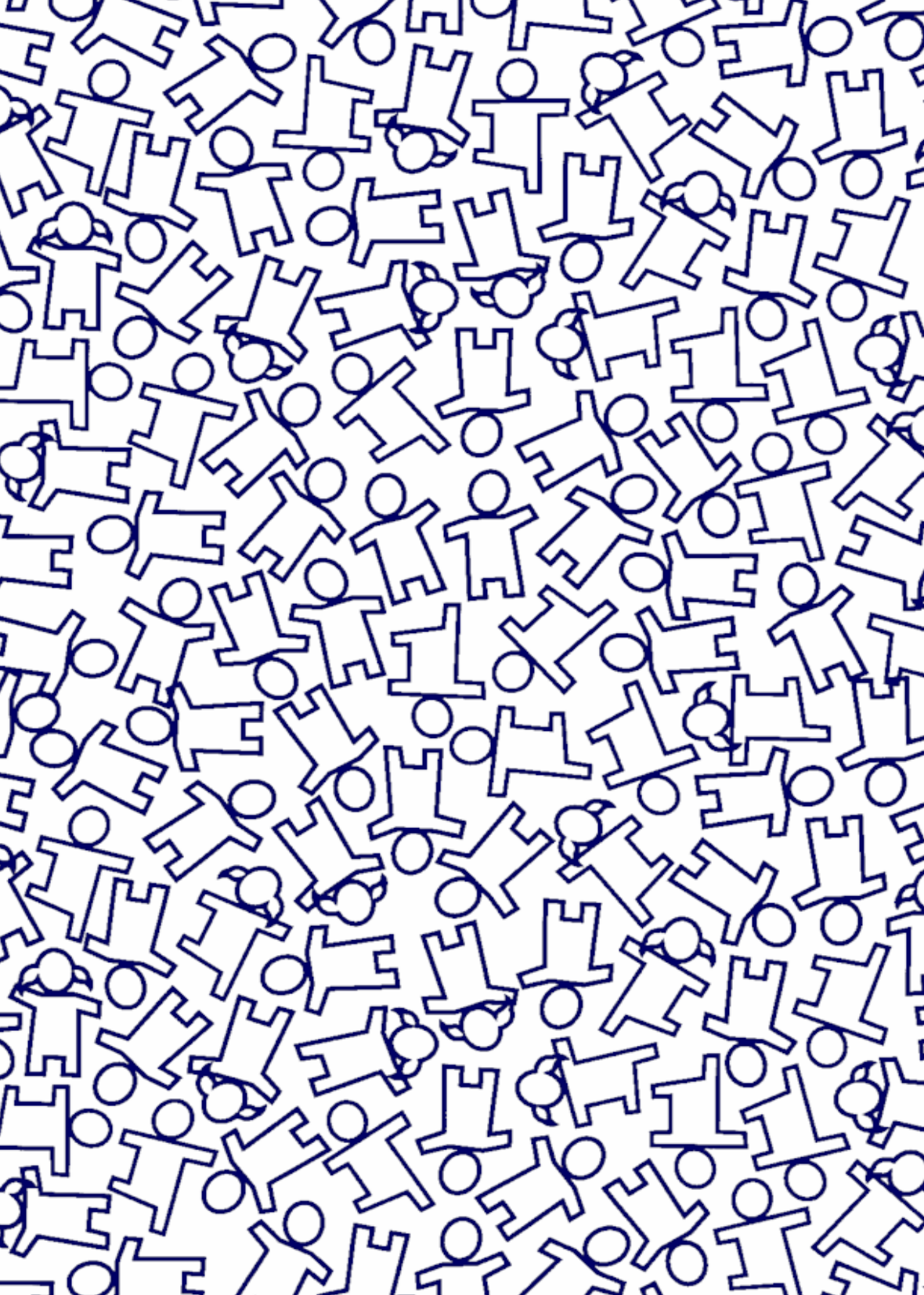

ÍNDICE

Índice Temático do Estatuto da Criança e do Adolescente
(direcionando para os artigos da lei)

ÍNDICE TEMÁTICO

DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

(direcionando para os artigos da lei)

Abrigos
- *Ver "Programas de acolhimento institucional"*

Abuso sexual
- Afastamento do convívio familiar (art. 101, §2º)
- Comunicação ao Conselho Tutelar - obrigatória, omissão de (art. 245)
- Comunicação ao Conselho Tutelar - profissionais de educação (art. 56, I)
- Comunicação ao Conselho Tutelar - profissionais de saúde (art. 13)
- Medida cautelar aplicável aos suspeitos de sua prática (art. 130)
- Medidas de proteção às vítimas - aplicação (art. 98, II)

Acesso à Justiça
- Assistência judiciária gratuita (arts. 111, IV; 141, §1º e 206, par. único)
- Isenção de custas e emolumentos (arts. 141, §2º e 198, I)
- Cópias de autos e certidões de feitos - condições (art. 144)
- Divulgação de informações - vedação (art. 143)
- Representação e assistência (art. 142 e par. único)

Ação mandamental
- Cabimento (art. 212, §2º)
- Competência absoluta da Justiça da Infância e da Juventude (art. 209)

Acolhimento familiar
- Caráter extremo e excepcional da medida (art. 101, §1º)
- Comunicação à entidade responsável pelo programa (art. 170, par. único)
- Guarda de pessoa ou casal habilitado e cadastrado (art. 34, §2º)
- Prazo máximo para permanência no programa (art. 19, §2º)
- Prazo máximo para revisão da situação dos acolhidos (art. 19, §1º)
- Preferência em relação ao acolhimento institucional (art. 34, §1º)
- Preferência no recebimento em condições de adoção (art. 50, §11)
- Programa - modalidade de colocação familiar (art. 90, III)
- Programa de apoio - inclusão da família do acolhido em (art. 101, §7º)
- Próximo à residência dos pais ou responsável (art. 101, §7º)

Acolhimento institucional
- Acolhimento sem prévia determinação da autoridade competente (art. 93, *caput*)
- Caráter extremo e excepcional da medida (art. 101, §1º)
- Comunicação à autoridade judiciária, em até 24 horas (art. 93, par. único)
- Local próximo à residência dos pais ou responsável (art. 101, §7º)
- Prazo máximo para permanência no programa (art. 19, §2º)
- Prazo máximo para revisão da situação dos acolhidos (art. 19, §1º)
- Programa de apoio - inclusão da família do acolhido em (art. 101, §7º)
- *Ver também "Programas de acolhimento institucional"*

Adoção
- Adoção conjunta (art. 42, §§2º e 4º)
- Autoridade competente (art. 148, III)
- Cadastro de postulantes (art. 50 e §§)
- Caráter excepcional da medida (art. 39, §1º)
- Comissão Estadual Judiciária de (art. 52)

Adoção *(cont.)*
- Condição de filho do adotado (art. 41)
- Consentimento do adotando de 12 anos (art. 45, §2º)
- Consentimento dos pais para (art. 45)
- Efeitos da adoção (arts. 41; 47, VI; 48 e 49)
- Estágio de convivência (art. 46, §§1º a 4º)
- Estrangeiro candidato a (arts. 46, §2º; 51 e 52)
- Exigências para (arts. 42; 43; 45 e 46)
- Idade do adotando (art. 40)
- Idade do adotante (art. 42, *caput*)
- Irrevogabilidade (art. 39, §1º)
- Morte do adotante - adoção póstuma (arts. 42, V; 47, §7º e 49)
- Origem biológica, direito de o adotado conhecer sua (art. 48)
- Procuração, proibido adotar por (art. 39, par. único)
- Regência pelo ECA (art. 39)
- Registro civil do adotado (art. 47)
- *Ver também "Cadastros de adoção"*

Adoção internacional
- Cadastro específico para residentes fora do País (art. 50, §6º)
- Cobrança de valores abusivos - proibição (arts. 52, §§4º, I e 11)
- Conceito (art. 51, *caput*)
- Condições para sua concessão (art. 51, §1º)
- Credenciamento de organismos (art. 52, §§1º a 7º)
- Deveres dos organismos de intermediação (art. 52, §4º)
- Intervenção das Autoridades Centrais Estaduais e Nacional - obrigatoriedade (art. 51, §3º)
- Preferência aos brasileiros residentes no exterior (art. 51, §2º)
- Procedimento a ser utilizado no processamento do pedido (art. 52)
- Procedimento quando o Brasil for o País de acolhida (art. 52-C)
- Reconhecimento dos efeitos da decisão que defere a adoção internacional, quando o Brasil for o País de acolhida (art. 52-C, §§1º e 2º)
- Repasse de recursos - proibição (art. 52-A)
- Saída do adotando do território nacional (art. 52, §§8º e 9º)
- Validade do laudo de habilitação à adoção internacional (art. 52, VII)
- Vedações aos organismos de intermediação (art. 52, §§11 e 14 e 52-A)
- *Ver também "Autoridade central em matéria de adoção"*

Adolescente
- Definição para efeito de aplicação do ECA (art. 2º)
- Medidas destinadas à sua proteção, hipóteses que autorizam sua aplicação (art. 98)
- Não responsabilidade penal (art. 104)
- Obrigatoriedade da coleta de seu consentimento, quando da colocação em família substituta (art. 28, §2º)
- Proibição de trabalho até 14 anos (art. 60)

Advertência
- Medida aplicável às entidades governamentais e não governamentais de atendimento (art. 97, I 'a' e II 'a')
- Medida destinada aos pais ou responsável (art. 129, VII)
- Medida socioeducativa (arts. 112, I e 115)
- Possibilidade de - diante da existência de indícios de autoria e prova da materialidade (art. 114, par. único)
- Possibilidade de aplicação ao dirigente da entidade de atendimento (art. 193, §4º)
- Revistas e publicações com material impróprio, necessidade de advertência quanto a seu conteúdo (art. 78, caput)

Advogado
- Acompanhar adolescente e para a audiência (art. 184, §1º)
- Constituído ou nomeado, oferece defesa (art. 186, §3º)
- Defesa técnica por - obrigatória (art. 110)
- Honorários advocatícios (art. 218)
- Intervenção nos procedimentos (art. 20)
- Nomeado, aos que necessitam (art. 141, §1º)

Afastamento da criança ou adolescente da família
- Competência exclusiva da autoridade judiciária, mediante procedimento contencioso, com garantia do contraditório (art. 101, §2º)
- Impossibilidade de utilização de "procedimentos verificatórios" ou similares, nos moldes do art. 153, *caput*, do ECA (art. 153, par. único)
- Procedimento a ser adotado pelo Conselho Tutelar, quando entender necessário, ressalvada situação excepcional (art. 136, par. único)

Agente público
- Ação mandamental contra atos ilegais ou abusivos praticados por (art. 212, §2º)
- Pornografia - não caracterização de crime quando efetuados por agente público no exercício de suas funções (art. 241-B, §2º, I)
- Responsabilidade das pessoas jurídicas de direito público pelos danos que seus agentes causem a crianças e adolescentes (art. 97, §2º)
- Responsabilidade pessoal por ação ou omissão que dá causa a violação dos direitos infanto-juvenis (arts. 5º; 208 e 216)

Alcoólatras e toxicômanos
- Aplicação de medida de tratamento, pelo Conselho Tutelar (art. 136, I e II)
- Medida de proteção a crianças e adolescentes (art. 101, VI)
- Medida pertinente aos pais ou responsável (arts. 129, II e 136, II)

Alimentação, Nutrição
- Aleitamento - dever do poder público, instituições e empregadores (art. 9º)
- Ensino fundamental (art. 53, VII)
- Gestante e nutriz (art. 8º, §3)
- Programas de acolhimento e internação, obrigação dos (art. 94, VIII)

Alimentos
- Competência da Justiça da Infância e da Juventude para conhecer ações de, quando uma das hipóteses do art. 98, do ECA (art. 148, par. único, 'g')
- Dever dos pais de prestar, mesmo em se tratando de criança ou adolescente colocado sob a guarda de terceiros (art. 33, §4º)
- Ministério Público, legitimidade para propor ação de (arts. 33, §4º e 201, III)

Alvarás Judiciais
- Considerações quando de sua expedição (art. 149, §1º)
- Hipóteses restritas em que podem ser expedidos (art. 149, II)
- Ministério Público - obrigatoriedade de intervenção (art. 153, caput)
- Procedimento a ser adotado quando de sua expedição (art. 153, caput)
- Recurso cabível contra decisão que os expede (art. 199)
- Vedação à expedição de medidas de caráter geral (art. 149, §2º)

Aprendiz, Aprendizagem
- Conceito de aprendizagem (art. 62)
- Direitos trabalhistas - maior de 14 anos (art. 65)
- Vedações (art. 67)
- *Ver também "Profissionalização"*

Apreensão de adolescente
- Adolescente civilmente identificado (art. 109)
- Apreensão fora dos casos de flagrante de ato infracional ou de existência de ordem judicial fundamentada - crime (art. 230)

- Circunstâncias que autorizam sua manutenção (arts. 108, par. único e 174)
- Comunicação obrigatória à família do apreendido e à autoridade judiciária competente (art. 107, *caput*)
- Condução do adolescente em viatura policial (art. 178)
- Encaminhamento à repartição policial especializada (art. 172, par. único)
- Encaminhamento imediato à autoridade judiciária, quando a medida é executada por força de ordem judicial (art. 171)
- Encaminhamento imediato à autoridade policial de adolescente apreendido em flagrante de ato infracional (art. 172, *caput*)
- Encaminhamento imediato ao Ministério Público, em caso de não liberação (art. 175)
- Expedição de mandado de busca e apreensão, quando da não localização do adolescente acusado da prática de ato infracional (art. 184, §3º)
- Hipóteses em que é permitida (art. 106, *caput*)
- Identificação dos responsáveis - direito do adolescente (art. 106, par. único)
- Lavratura de auto de apreensão, diante da prática de ato infracional de natureza grave (art. 173, I)
- Liberação imediata como regra (art. 107, par. único)
- Local onde a medida pode ser executada (art. 123)
- Omissão da comunicação à família ou autoridade judiciária - crime (art. 231)
- Omissão da liberação imediata, ao saber da ilegalidade - crime (art. 234)

Assistência social
- Acesso aos cadastros de acolhidos, institucional ou familiar (art. 101, §12)
- Atuação voltada a estimular e facilitar o contato dos pais ou responsável com acolhidos, institucional ou familiar (art. 92, §4º)
- Inserção do adolescente acusado da prática de ato infracional e sua família em programas de, por parte do orientador da liberdade assistida (art. 119, I)
- Integração operacional com outros órgãos (arts. 86 e 88, V e VI)
- Obrigatoriedade da previsão de recursos no orçamento dos órgãos encarregados da execução da política (arts. 90, §3º e 260, §5º)
- Obrigatoriedade, sob pena de responsabilidade, da oferta de programas e serviços correspondentes (art. 208, VI)
- Políticas de, linha ação da política de atendimento (art. 87, II)
- Requisição de serviços pelo Ministério Público (art. 201, XII)

Atendimento de direitos
- *Ver "Política de Atendimento dos direitos"*

Ato infracional
- Conceito (art. 103)
- Direitos individuais dos acusados de sua prática (arts. 106 a 109)
- Flagrante (art. 106)
- Garantias processuais a acusados de sua prática (arts. 110 e 111)
- Libertação, quando é obrigatória (art. 121, §§4º e 5º)
- Medidas aplicáveis aos pais (art. 129)
- Medidas socioeducativas aplicáveis ao autor de (art. 112)
- Pena por violar direitos de criança ou adolescente autor de (arts. 230 a 235)
- Praticado por adolescente (art. 106 - seguintes)
- Praticado por criança (art. 105)
- Privação da liberdade, casos em que é admitida (art. 122)
- Remissão, como se concede a (arts. 126 a 128)
- Trabalho forçado, proibição de (art. 112, §2º)

Autoridade judiciária
- *Ver "Justiça da Infância e da Juventude"*

Autoridade central em matéria de adoção
- Acesso a cadastros e cooperação entre as autoridades (art. 50, §7º)

- Credenciamento de organismos nacionais e estrangeiros (art. 52, §2º)
- Envio de relatórios a (art. 52, III e §4º, V)
- Exigências adicionais (art. 52, VI)
- Expedição de laudo de habilitação à adoção internacional (art. 52, VII)
- Habilitação de postulantes residentes fora do País perante a (art. 52, I)
- Limite ao credenciamento de organismos (art. 52, §15)
- Manutenção e alimentação dos cadastros (art. 50, §9º)
- Reconhecimento dos efeitos da decisão relativa à adoção, quando o Brasil for o país de acolhida (art. 52-C)
- Solicitação de informações sobre os adotados (art. 52, §10)
- *Ver também "Adoção internacional"*

Autoridade policial
- Casos em que pode apreender o adolescente (arts. 171; 172 e 187)
- Como agir quando adolescente pratica ato infracional (art. 174)
- Como agir quando criança pratica ato infracional (arts. 105 e 136, §1º)
- Como agir quando da ocorrência de flagrante de ato infracional (art. 173)
- Comunicação imediata da apreensão de adolescente à sua família e à autoridade judiciária - dever (art. 107, *caput*)
- Crimes pela violação de direitos de acusados da prática de ato infracional (arts. 230 a 235)
- Cuidados para resguardar a dignidade e a integridade do apreendido (art. 178)
- Encaminhamento do adolescente à entidade de atendimento (art. 175, §1º)

Autorização para viajar
- Adoção internacional, necessidade do trânsito em julgado da decisão (art. 52, §§8º e 9º)
- Ao exterior, quando é necessário, a criança e o adolescente (art. 84)
- Condição em que criança precisa de (art. 83)
- Requisito para viajar ao exterior acompanhado de estrangeiro (art. 85)

Bailes e promoções dançantes
- Expedição de portaria para disciplinar o acesso e permanência de crianças e adolescentes desacompanhados dos pais ou responsável - competência da Justiça da Infância e da Juventude (art. 149, I, 'b')

Bebidas alcoólicas
- Proibição da venda a crianças e adolescentes (art. 81, II)
- Vender, fornecer, ministrar ou entregar - crime (art. 243)

Bilhar, sinuca ou congênere
- Proibição do ingresso nos estabelecimentos (art. 80)

Cadastros de adoção
- Convocação dos interessados pela ordem cronológica de inscrição, como regra (art. 197-E, §1º)
- Criação e manutenção obrigatórias em âmbito estadual e federal (art. 50, §§5º e 6º)
- Criação e manutenção obrigatórias na comarca (art. 50, *caput*)
- Fiscalização pelo Ministério Público (art. 50, §12)
- Hipóteses excepcionais em que se dispensa o prévio cadastramento dos interessados em adotar (art. 50, §13)
- Necessidade de comprovação da inexistência de brasileiros interessados em adotar, nas adoções internacionais (art. 50, §6º)

Cadastros de adoção *(cont.)*
- Prazo para inscrição das crianças e adolescentes em condições de serem adotados (art. 50, §8º)
- Responsabilidade pela não criação e/ou correta alimentação(arts. 50, §9º e 258-A)

Cadastro de crianças e adolescentes em regime de acolhimento
- Acesso aos dados neles contidos (art. 101, § 12)
- Obrigatoriedade da criação, pela autoridade judiciária (art. 101, §11)
- Responsabilidade pela omissão na criação ou na correta alimentação (art. 258-A)

Casas de jogos
- Proibição da venda de bilhetes lotéricos ou equivalentes (art. 81, VI)
- Proibição do ingresso de crianças e adolescentes no estabelecimento (art. 80)

Cena de sexo explícito ou pornográfica
- Comercialização de fotografia, vídeo ou outro registro envolvendo criança ou adolescente - crime (arts. 241 e 241-A)
- Compra, posse ou guarda, de fotografia, vídeo ou outro registro envolvendo criança ou adolescente - crime (art. 241-B)
- Conceito (art. 241-E)
- Facilitar ou induzir o acesso à criança de material, com o fim de com ela praticar ato libidinoso - crime (art. 241-D, par. único, I)
- Simulação da participação de criança ou adolescente em - crime (art. 241-C)

Classificação indicativa
- Acesso de crianças e adolescentes às diversões e espetáculos classificados como adequados à sua faixa etária (art. 75, *caput*)
- Dever do Poder Público estabelecer (art. 74, *caput*)
- Exibição de filme, *trailer* ou congênere classificado como aos presentes - infração administrativa (art. 255)
- Exibição de programas de rádio, televisão e espetáculos com a indicação obrigatória da faixa etária a que se recomendam (art. 76)
- Omissão da informação quanto à classificação indicativa de diversão ou espetáculo público - infração administrativa (arts. 252 e 253)
- Transmissão por de espetáculo em horário diverso ao recomendado ou sem aviso de classificação - infração administrativa (art. 254)
- Venda ou locação a criança ou adolescente, em desacordo com a classificação indicativa - infração administrativa (art. 256)

Colocação em família substituta
- Adolescente - obrigatoriedade da coleta de seu consentimento (art. 28, §2º)
- Considerações - fatores a serem considerados (art. 28, §3º)
- Grupos de irmãos - não separação como regra/princípio (art. 28, §4º)
- Modalidades previstas em lei (art. 28, *caput*)
- Necessidade de preparação e acompanhamento posterior (art. 28, §5º)
- Oitiva, como regra (arts. 28, §1º e 100. par. único, XII)
- Particularidades quanto à adoção - *vide "Adoção"*

Comissário de vigilância da infância e da juventude (antigo Comissário de Menores)
- Legitimidade para instauração de procedimento destinado à imposição de penalidade administrativa, nas hipóteses dos arts. 245 a 258-B, do ECA (art. 194)

Competência
- Ações civis e de responsabilidade (art. 209)
- Aplicação ao Conselho Tutelar da regra de competência territorial estabelecida para Justiça da Infância e da Juventude (art. 138)
- Em razão da matéria, regra (art. 148)
- Em razão do lugar, regra (arts. 147 e 209)
- Expedição de portarias e alvarás, hipóteses e requisitos (art. 149)

Compromisso de ajustamento de conduta
- Legitimidade dos órgãos públicos para firmar (art. 211)

Comunidade
- Dever de atuar na defesa dos direitos infanto-juvenis (art. 4º, *caput*)

- Participação como diretriz da política de atendimento (art. 88, VII)
- Prestação de serviços à (art. 112, III)
- Programas de abrigo e internação, participação da (art. 92, IX)
- Recursos da, utilização pelos programas de abrigo e internação (art. 94, §2º)
- Regime de semi-liberdade, utilização de recursos da (art. 120, §1º)

Conselho Tutelar
- Atribuições (arts. 95; 191; 194 e 136)
- Competência territorial (art. 138)
- Comunicação de casos de maus-tratos, evasão escolar e repetência, ao Conselho Tutelar (art. 56)
- Conceito (art. 131)
- Efetivo exercício da função de, como serviço público relevante (art. 135)
- Encaminhamento de casos à Justiça (arts. 136, V e 148, VII)
- Encaminhamento de casos ao Minist. Público (arts. 136, IV e IX e 136, par. único)
- Enquanto não instalado, o Juiz exerce suas atribuições (art. 262)
- Escolha dos Conselheiros (art. 139)
- Fiscalização de entidades de atendimento (art. 95)
- Impedimento dos Conselheiros (art. 140)
- Impedir ou embaraçar a ação de membro - crime (art. 236)
- Legitimidade para propositura de ação destinada à apuração de irregularidade em entidade de atendimento (art. 191, *caput*)
- Legitimidade para propositura de procedimento destinado à imposição de penalidade administrativa, nas hipóteses dos arts. 245 a 258-B, do ECA (art. 194)
- Mandato de seus integrantes - duração (art. 132)
- Possibilidade de recondução na função (art. 132)
- Previsão dos recursos necessários ao adequado funcionamento no orçamento do município (art. 134, par. único)
- Previsão, em lei municipal, do local e horário de funcionamento (art. 134, *caput*)
- Providenciar execução da medida de proteção judicial (art. 136, VI)
- Regras de funcionamento (arts. 132 a 135 e 138)
- Revisão de suas decisões pela Autoridade Judiciária (art. 137)

Conselhos nacional, estaduais e municipais dos direitos da criança e do adolescente
- Criação e funcionamento como diretriz da política de atendimento (art. 88, II)
- Inexistência - atribuições que devem ser exercidas pela autoridade judiciária (art. 261)
- Órgãos gestores dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente (art. 88, IV)

Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente - atribuições específicas
- Organização e condução do processo de escolha do Conselho Tutelar (art. 139)
- Registro das entidades de atendimento (art. 90)
- Registro dos programas por elas executados (art. 91)

Conselho Superior do Ministério Público
- Competência para apreciar a promoção de arquivamento dos autos do inquérito civil ou peças de informação encaminhados pela Promotoria (art. 223, §4º)
- Designação de outro órgão do Ministério Público, quando da não ratificação da promoção de arquivamento (art. 223, §5º)
- Remessa ao órgão, dos autos do inquérito civil ou peças de informação arquivados pela Promotoria (art. 223, §2º)

Consentimento
- Com a adoção - revogabilidade até a data da publicação da sentença constitutiva (art. 166, §5º)

- Com a colocação de criança ou adolescente em família substituta
  - cautelas quando de sua coleta junto aos pais (art. 166, §§1º a 4º)
- Dispensa da coleta, em se tratando de criança ou adolescente cujos pais são desconhecidos ou já tenham sido destituídos do poder familiar (art. 45, §1º)
- Impossibilidade da coleta antes do nascimento da criança (art. 166, §6º)
- Obrigatoriedade da coleta junto ao adolescente que se pretende colocar em família substituta (art. 28, §2º)
- Suprimento do consentimento dos pais para casamento (art. 148, par. único, 'c')

Convivência familiar
- Colocação em família substituta em caráter excepcional, como forma de evitar o acolhimento institucional (arts. 19, *caput*; 100, par. único, X e 101, §1º)
- Direito fundamental (art. 4º, *caput*)
- Necessidade da tomada de providências destinadas a evitar o afastamento do convívio ou promover a reintegração familiar (arts. 87, VI; 88, VI; 90, §3º, III; 92, §4º; 100, par. único, IX e X; 101, §§4º, 6º, 7º e 8º e 166, §3º)
- Obrigatoriedade, sob pena de responsabilidade, da oferta de programas e serviços destinados ao pleno exercício deste direito (art. 208, IX)
- Preferência de seu exercício junto à família natural (arts. 19, *caput* e §3º e 100, par. único, IX e X)

Creche e pré-escola
- Ações de responsabilidade em razão do não oferecimento ou oferta irregular de (art. 208)
- Dever do Estado - (*lato sensu*) (art. 54, IV)
- Multa para quem não comunicar maus-tratos a crianças em (art. 245)
- Punição para quem violar direitos em (art. 232)

Criança
- Com idade inferior a 10 (dez) anos
  - acesso aos locais de diversão (art. 75, par. único)
- Definição para efeito de aplicação do ECA (art. 2º)
- Medidas destinadas à sua proteção, hipóteses que autorizam sua aplicação (art. 98)
- Proibição de trabalho à (art. 60)

Crimes
- Comunicação ao Ministério Público pelo Conselho Tutelar (art. 136, IV)
- Contra a criança e o adolescente (arts. 228 a 244-B)

Cultura, Conhecimento
- Destinação de recursos e espaços por Municípios para programações voltados à (art. 59)
- Dever do Estado e da União de apoiar os Municípios (art. 59)
- Direito à (arts. 4º e 71)
- Obrigação dos programas de internação (art. 149, XI)
- Respeitar o acesso às fontes de, no processo educacional (art. 58)

Curador especial
- Colisão de interesses da criança ou adolescente com seus pais ou responsável
  - designação pela autoridade judiciária (art. 142, par. único)
- Competência da Justiça da Infância e da Juventude para designação, quando presente alguma das situações do art. 98, do ECA (art. 148, par. único, 'f')

Defensoria Pública
- Diretriz para integração operacional (art. 88, V)
- Garantia de acesso à (art. 141)
- Garantia do adolescente internado avistar-se com seu defensor (art. 124)
- Garantia processual de defesa técnica a adolescente acusado (art. 111, III)

- Intervenção obrigatória quando da alteração do período de duração da liberdade assistida (com interpretação extensiva a outros incidentes de execução de medida) (art. 118, §2º)

Deficiência, portador de
- Garantia de atendimento especializado (art. 11, §§1º e 2º)
- Garantia de educação especializada (art. 54, III)
- Garantia de trabalho protegido (art. 66)
- Quando infrator, tratamento individual especializado em local adequado (art. 112, §3º)

Desaparecimento
- Desaparecimento de crianças ou adolescentes
  - início da investigação (art. 208, §2º)

Destituição do poder familiar
- Comunicação ao Ministério Público, após esgotadas as possibilidades de reintegração familiar (art. 101, §9º)
- Falta de condições materiais não autoriza (arts. 23, *caput* e par. único)
- Hipóteses em que pode ser decretada (art. 24)
- Legitimidade do Ministério Público para propositura da ação (art. 201, III)
- Prazo máximo para conclusão do procedimento (art. 163)
- Prazo para que o Ministério Público ingresse com a ação de destituição, após esgotadas as possibilidades de reintegração familiar (art. 101, §10)
- Procedimento especial (arts. 155 a 163)
- Representação ao Ministério Público, pelo Conselho Tutelar (art. 136, IX)

Dever, Obrigação
- Da guarda, a quem é deferida a tutela (art. 36, par. único)
- Das publicações respeitarem os valores éticos e sociais (art. 79)
- De afixar classificação de espetáculo (art. 74, par. único)
- De se ouvir aquele que será colocado em familia substituta (art. 28, §1º)
- De todos quanto à dignidade da criança e do adolescente (art. 18)
- Do Estado quanto à educação (art. 54)
- Do funcionário público provocar a iniciativa do Ministério Público (art. 220)
- Do trabalho educativo capacitar para atividade regular remunerada (art. 68)
- Geral da família, da sociedade e do Estado (art. 4º, *caput*)
- Multa para quem descumprir (art. 257)

Diretrizes da Política de Atendimento
- *Ver "Política de Atendimento dos direitos da criança e do adolescente"*

Dirigente de entidade
- Apuração de irregularidades e punição do responsável (arts. 191; 193 e 228)
- De acolhimento institucional, equiparado guardião (art. 92, §1º)
- Destituição, quando do descumprimento de deveres e determinações (art. 92, §6º)
- Dever de envio de relatório circunstanciado sobre a situação das crianças e adolescentes em regime de acolhimento institucional ou familiar (art. 92, §2º)
- Governamental, medidas aplicáveis por descumprimento de obrigação (art. 97, I, 'b' e 'c')

Diversões, Espetáculos
- Acesso irregular de criança ou adolescente ao local
  - infração administrativa (art. 258)
- Como o Juiz autoriza caso a caso (art. 149)

Diversões, Espetáculos *(cont.)*
- Criança menor de 10 (dez) anos
  - acesso aos locais de apresentação e exibição (art. 75, par. único)
- Deveres dos proprietários dos estabelecimentos e seus prepostos (arts. 74, par. único; 75 e 80)

- Direito de criança e adolescente a (arts. 71 e 75)
- Eletrônicas - casas que exploram comercialmente - regulamentação do acesso pela Justiça da Infância e da Juventude (art. 149, I, 'd')
- Limitações ao acesso a (art. 75 - seguintes)
- Penas pelo descumprimento das obrigações (arts. 240; 241 e 252 a 258)
- Proibições de caráter geral (art. 149, §2º)
- Regulamentação pelo Poder Público (art. 74)

Educação
- Como devem agir os programas de internação
  - quanto à educação de internos (arts. 124, XI a XIII)
- Como direito público subjetivo (art. 54, §1º)
- Dever do dirigente de ensino nos casos de maus-tratos, evasão e elevados níveis de repetência (art. 56)
- Deveres do Estado (arts. 54, I a VII e 57 a 59)
- Deveres dos pais (art. 55)
- Direito à creche e pré-escola (art. 54, IV)
- Em que consiste o direito a (arts. 53 e 54)
- Papel do Município, do Estado e da União quanto a recursos e espaços (art. 59)
- Responsabilidade pelo não oferecimento ou oferta irregular (arts. 54, §2º e 208, I a V)

Empregador
- Aleitamento materno, deveres (art. 9º)
- Direitos a respeitar do adolescente aprendiz (arts. 62 a 64 e 67)
- Direitos a respeitar do adolescente portador de deficiência (art. 66)
- Direitos a respeitar do adolescente trabalhador (arts. 60; 61; 67 e 69)

Entidade de acolhimento
- *Ver "Programas de acolhimento institucional"*

Entidades de atendimento
- Descumprimento dos deveres (art. 97)
- Deveres e regimes de atendimento (arts. 90 a 94)
- Fiscalização (art. 95 e 96)
- Obrigações para programas de internação (art. 94)
- Princípios para programa de acolhimento institucional ou familiar (art. 92)
- Registro para funcionamento (art. 90, par. único)
- Registro, cassação de (art. 97, d)
- Registro, negação de (art. 91, par. único)
- Responsabilidade pela manutenção das próprias unidades (art. 90, *caput*)

Entrega de criança ou adolescente
- Entrega de filho ou pupilo a terceiro, mediante paga ou recompensa
  - crime (art. 238)
- Omissão no encaminhamento à Justiça da Infância e da Juventude de mãe ou gestante que manifeste interesse em entregar seu filho para adoção
  - infração administrativa (art. 258-B)
- Para fins de adoção - manifestação de interesse pela gestante ou mãe
  - assistência psicológica obrigatória (art. 8º, §5º)
  - encaminhamento obrigatório à JIJ (art. 13, par. único)
- Para fins de adoção - manifestação de interesse pelos pais - cautelas quando da coleta do consentimento pela Justiça da Infância e da Juventude (art. 166, §§1º a 6º)

Equipe interprofissional, ou multidisciplinar
- Atribuições (arts. 28, §§1º, 5º e 6º; 46, §4º; 50, §§3º e 4º; 51, §1º, III; 52, IV; 161, §§1º e 2º; 162, §1º; 166, §2º; 167; 197-B, I e 197-C)
- Órgão auxiliar do juiz (art. 150)
- Perícias (arts. 161, §1º; 162, §1º e art. 167)

Espetáculos
- *Ver "Diversões, Espetáculos"*

Estado
- Acusados de infração, como se fará a integração operacional para atender (art. 88, V)
- Adaptação de órgãos e programas às diretrizes do Estatuto (art. 259, par. único)
- As entidades governamentais desenvolverão programas de proteção à criança e ao adolescente (art. 90 - seguintes)
- Doações subsidiadas, como os fundos estaduais se beneficiam de (art. 260)
- O Conselho e o Fundo Estaduais da Criança e do Adolescente (art. 88, II e IV)
- Recursos aos Municípios, como ficam autorizados os Estados a repassarem (art. 261, par. único)
- Responsabilidade solidária na implementação de políticas públicas destinadas à plena efetivação dos direitos infanto-juvenis (art. 100, par. único, III)
- Varas Especializadas e funcionamento, como os Estados disporão sobre (art. 145)

Estágio de convivência
- Adoção nacional - hipóteses em que pode ser dispensado (art. 46, §1º)
- Adoção nacional - prazo fixado a critério do Juiz (art. 46, *caput*)
- Entrega da criança ou adolescente mediante termo de responsabilidade (art. 167, par. único)
- Obrigatoridade da intervenção de equipe interprofissional (art. 46, §4º)
- Prazo mínimo na adoção internacional (art. 46, §3º)

Família
- Advogado dativo para família em caso de perda de poder familiar (art. 159)
- Conselho Tutelar - representa contra violações aos direitos da (art. 136, X)
- Deveres gerais (art. 4º)
- Direito de ser criado no seio da (art. 19)
- Família natural, conceito (art. 25)
- Família substituta, incompatibilidade para colocação em (art. 29)
- Petição para colocação em (art. 166)
- Polícia - crime por deixar de comunicar a apreensão de adolescente a (art. 231)
- Procedimento contraditório para afastamento da (arts. 101, §2º; 153, par único e 169)
- Programas de acolhimento e (art. 92, II)
- Proteção à - ações de responsabilidade visando a (art. 208)

Família acolhedora
- *Ver "Programas de acolhimento institucional"*

Família extensa ou ampliada
- Conceito (art. 25, par. único)

Família natural ou de origem
- Conceito (art. 25, *caput*)
- Preferência na manutenção ou reintegração de criança ou adolescente (arts. 19, *caput* e §3º e 100, par. único, IX e X)

Filho
- Adoção atribui a condição de filho ao adotado com todos os direitos (art. 41)
- De Conselheiro Tutelar é impedido de servir no mesmo Conselho (art. 140)
- Direito de o adotado conhecer sua origem biológica (art.48)
- O direito personalíssimo do reconhecimento do estado de filiação (art. 27)
- Reconhecimento dos havidos fora do casamento (art. 26)
- Vedação de designações discriminatórias quanto à origem da filiação (art. 20)

Fitas de vídeo e DVDs
- Deveres dos proprietários, gerentes e funcionários de empresas que explorem venda ou aluguel de - deveres (art. 74, *caput* e par. único)
- Venda ou locação a criança ou adolescente, em desacordo com a classificação indicativa - infração administrativa (art. 256)

Fiscalização
- Das entidades (art. 95)

Fogos de estampido e artifício
- Proibição da venda a crianças e adolescentes (art. 81, IV)
- Venda, fornecimento ou entrega a criança ou adolescente - crime (art. 244)

Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente
- Caráter eminentemente subsidiário das verbas por eles captadas (art. 260, §5º)
- Criação como diretriz da política de atendimento (art. 88, IV)
- Critérios a serem observados quando da aplicação dos recursos por eles captados (art. 260, §1º-A)
- Destinação obrigatória de percentual para o estímulo ao acolhimento de criança ou adolescente afastado do convívio familiar (art. 260, §2º)
- Possibilidade de dedução dos valores doados por pessoas físicas ou jurídicas, observados certos parâmetros normativos (art. 260, *caput*)
- Repasse de recursos provenientes de organismos estrangeiros encarregados de intermediar os pedidos de adoção internacional (art. 52-A, par. único)
- Reversão das multas impostas em razão da prática de infração administrativa ou em sede de ação civil pública aos Fundos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente (arts. 154 e 214)

Garantia de prioridade
- *Ver "Prioridade absoluta"*

Gestante
- Atendimento pré e perinatal (art. 8º)
- Encaminhamento obrigatório à Justiça da Infância e da Juventude, quando da manifestação de interesse em entregar o filho para adoção (art. 13, par. único)

Guarda
- Adotando - quando pode ter mais de 18 anos, se estiver sob guarda (art. 40)
- Características da (arts. 33 a 35)
- Como modalidade de colocação em família substituta (art. 28)
- Crime - subtrair criança de quem tem a (art. 237)
- Crime - vexame ou constrangimento (art. 232)
- De como a tutela implica no dever da (art. 36, par. único)
- Direito de visita dos pais ao filho sob guarda, como regra (art. 33, §4º)
- Incentivo ao acolhimento sob forma de (arts. 34 e 260, §2º)
- Justiça - competência para (art. 148, único, 'b')
- Multas por descumprir deveres quanto à (arts. 248 e 249)
- Perda, por pais ou responsável (art. 129, VIII)
- Procedimentos judiciais quanto à (art. 165)
- Revogação a qualquer tempo (art. 35)

Guarda compartilhada
- Possibilidade de deferimento aos adotantes que se separam no curso do procedimento (art. 42, §5º)

Guarda de fato
- Não dispensa a realização do estágio de convivência (art. 46, §2º)
- Sua existência não dispensa a habilitação à adoção e/ou a observância da ordem de inscrição no cadastro de adotantes (art. 50, §13, III)

Guardião
- Deveres do (arts. 32 e 33)
- Dirigente de entidade de acolhimento institucional é equiparado ao (art. 92, §1º)

Guia de acolhimento
- Expedição pela autoridade judiciária, como condição necessária ao acolhimento institucional (art. 101, §3º)
- Informações que deve conter (art. 101, §3º, I a IV)

Habilitação à adoção
- Contato com crianças e adolescentes em condições de serem adotados (arts. 50, §4º e 197-C, §2º)
- Hipóteses em que a prévia habilitação é dispensada (art. 50, §13)
- Obrigatoriedade da oferta de curso preparatório, pela Justiça da Infância e da Juventude (arts. 50, §3º e 197-C, §1º)
- Procedimento especial destinado à (arts. 197-A a E)
- Requisito necessário à adoção (art. 197-C, §1º)

Hospedagem
- Hospedagem irregular de criança ou adolescente - infração administrativa (art. 250)
- Obrigatoriedade da cassação de licença localização e funcionamento de estabelecimento onde ocorre a exploração sexual de criança ou adolescente (art. 244-A, §2º)
- Proibição da hospedagem em hotel, motel, pensão ou congênere, salvo se acompanhado dos pais ou responsável legal ou por estes expressamente autorizado (art. 82)

Hospitais e maternidades
- Descumprimento das obrigações - crimes (arts. 228 e 229)
- Obrigações (arts. 10 e 12)

Idade
- Criança - quem é considerado (art. 2º, *caput*)
- Da responsabilidade penal (art. 104)
- Diferença de, entre adotado e adotante (art. 42, §3º)
- Do adolescente (art. 2º, *caput*)
- Para a justiça apreciar casos de prática de ato infracional (arts. 104 e 148, I)
- Para adotar, nos termos do Estatuto (art. 42)
- Para encaminhar criança autor de ato infracional ao Conselho Tutelar (arts. 105 e 136, I)
- Para Estágio de Convivência em adoção (art. 46)
- Para o trabalho, ressalvadas as vedações legais (art. 60)
- Para ser adotado, segundo as regras do ECA (art. 40)
- Para ser aprendiz com direitos (art. 65)

Indígenas
- Colocação familiar preferencialmente no seio de sua comunidade ou junto a membros de sua etnia (art. 28, §6º, II)

Indígenas *(cont.)*
- Necessidade de intervenção de antropólogos e técnicos da FUNAI e cautelas (arts. 28, §6º e 161, §2º)
- Necessidade de respeito à sua identidade social e cultural, costumes e tradições (art. 28, §6º, I)

Infração, praticada por criança ou adolescente
- *Ver "Ato infracional"*

Infrações administrativas
- Tipos previstos no Estatuto (arts. 245 a 258-B)

Interesses individuais, difusos e coletivos
- Como agir contra ato ilegal e abusivo que lese direito (art. 212, §2º)
- Como responde quem agir de má fé (art. 218, par. único)
- Competência para julgá-los (arts. 148 e 209)
- Conceito (art. 208)
- Condenado o Poder Público por ação ou omissão, como responderá seu agente (art. 216)
- Custas do processo (art. 219)
- Funcionário público deverá provocar a ação (art. 220)
- Legitimidade para acionar (art. 210)
- Para sua defesa, são admissíveis todas as espécies de ações pertinentes (art. 212)
- Qualquer pessoa poderá provocar a ação (art. 220)

Internação
- Definição (art. 121)
- Impossibilidade de sua execução em estabelecimento prisional ou repartição policial (arts. 123, *caput* e par. único e 185, §2º)
- Obrigatoriedade da realização de atividades pedagógicas, escolarização e profissionalização, durante todo o período, inclusive sob pena de responsabilidade (arts. 94, X; 123, *caput* e par. único; 124, XI e 208, VIII)
- Provisória - requisitos para decretação (arts. 108, par. único e 174)
- *Ver "Ato infracional"*
- *Ver "Medidas privativas da liberdade"*

Internet
- Aliciamento com o fim de praticar ato libidinoso (art. 241-D)
- Corrupção, inclusive por meio de salas de bate-papo (art. 244-B, §1º)
- Divulgação de imagens contendo cenas de sexo explícito ou pornográficas envolvendo criança ou adolescente (art. 241-A)

Interpretação
- Princípios a serem observados quando da interpretação e aplicação de todas as disposições contidas no ECA (arts. 1º e 100, par. único, II e IV)
- Regra básica de interpretação de todas as disposições contidas no ECA (art. 6º)

Irmãos
- não separação como princípio
- Quando da colocação em família substituta (art. 28, §4º)
- Quando da colocação em programa de acolhimento institucional (art. 92, V)

Justiça da infância e da juventude
- Autoridade judiciária, quem é (art. 146)
- Autorização para viajar, quando conceder a (arts. 83 a 85)
- Competência para revisão das decisões do Conselho Tutelar, quando provocada (art. 137)
- Competência, como se define (arts. 147; 148 e 149)

Justiça da infância e da juventude *(cont.)*
- Conselho Municipal, quando substitui o (art. 261)
- Conselho Tutelar, como recebe casos do (arts. 136, V e 148, VII)
- Conselho Tutelar, envio de casos ao (art. 136, VI)
- Conselho Tutelar, quando substitui o (art. 262)
- Equipe interdisciplinar, o que e como é (arts. 150 e 151)
- Fiscalização das entidades de atendimento a direitos (art. 95)
- Impedir ou embaraçar a ação da autoridade judiciária - crime (art. 236)

- Medida privativa de liberdade, quando não a pode aplicar (arts. 110 e 122, §2º)
- Privação de liberdade, quando aplicar a (art. 122)
- Remessa de peças ao Ministério Público, para propositura de ação civil (art. 221)
- Varas Especializadas, necessidade da criação (art. 145)
- Violadores de direitos, quando processar os (arts. 148; 209 e 210)

Lazer
- Dever a ser assegurado a todas crianças e adolescentes (art. 4º)
- Dever dos Municípios garantirem recursos apoiados pelos Estados e pela União (art. 59)
- Direito dos adolescentes privados de liberdade (art. 124, XII)
- Prevenção (art. 71)

Liberdade assistida
- Aplicação, quando terá preferência na (art. 118)
- Como programa socioeducativo (arts. 90 e 118)
- Internação, em substituição a (art. 121, 4º)
- Orientador - deveres (art. 119, I a IV)
- Prazo mínimo de duração (art. 118, §2º)

Liberdade
- Como direito (art. 15)
- Em que consiste (art. 16)
- Privação ilegal constitui crime (art. 230)

Limite etário
- Aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (art. 2º, par. único)
- Idade do adotando (arts. 40 e 46)
- Idade do adotante (art. 42)

Mandado de segurança
- *Ver "Ação Mandamental"*

Maus tratos
- Obrigatoriedade da comunicação dos casos de suspeita ou confirmação ao Conselho Tutelar pelos profissionais de saúde (art. 13)
- Obrigatoriedade da comunicação dos casos de suspeita ou confirmação ao Conselho Tutelar pelos profissionais de educação (art. 56, I)
- Omissão de comunicação ao Conselho Tutelar (art. 245)

Medidas privativas de liberdade
- Aplicação - quando pode ser aplicada (art. 122)
- Aplicação não comporta prazo determinado (art. 121, §2º)
- Conceito (art. 121)
- Deveres das entidades que mantêm programas para (art. 94)
- Direitos dos adolescentes a ela submetidos (art. 124)
- Garantias processuais e requisitos (arts. 110; 111 e 171 - seguintes)
- Impossibilidade de sua aplicação à criança (arts. 105 e 123)
- Intimação da sentença que as decreta (art. 190)
- Medidas aplicáveis às entidades que violarem esses direitos (art. 97)

Medidas privativas de liberdade *(cont.)*
- Obrigatória presença do advogado para sua aplicação (art. 111, III)
- Pena para os que violarem direitos (arts. 230 e 231)
- Prazo máximo de duração (art. 121, §3º)
- Princípios que regem sua aplicação e execução (art. 121, *caput*)
- Proibição - quando está proibida sua aplicação (art. 122, §2º)
- Revisão periódica para sua manutenção - obrigatoriedade (art. 121, §2º)

Medidas aplicáveis aos pais ou responsável
- Autoridade Judiciária, quais aplica (art. 148, I)
- Conselho Tutelar, quais aplica (art. 136, II)
- Cuidados especiais para resguardar o poder familiar (arts. 23 e 24)
- Medidas previstas pelo Estatuto (art. 129)
- Aplicação - princípios a serem observados quando de sua aplicação (arts. 19 e 100, par. único, VI, VII, VIII, IX, X, XI e XII)

Medidas de proteção
- Aplicação - quando são aplicáveis (art. 98)
- Autoridade Judiciária, quais aplicações (art. 148)
- Conselho Tutelar, quais aplicações (art. 136, I)
- Medidas previstas no Estatuto (arts. 99 a 102)

Medidas socioeducativas
- Aplicação - princípios a serem observados quando de sua aplicação (arts. 5º; 6º; 99; 100, *caput* e par. único c/c 113)
- Aplicação - requisitos para sua aplicação (art. 112, §1º)
- Aplicáveis quando da prática de ato infracional (art. 112)
- Caráter excepcional das medidas privativas de liberdade (arts. 121, *caput* e 122, §2º)
- Cuidados especiais para com os portadores de deficiência (art. 112, 3º)
- Proibição de trabalho forçado (art. 112, §2º)

Ministério Público
- Acesso ao órgão, por crianças e adolescentes (arts. 124, I e 141, *caput*)
- Assunção da titularidade de ação civil proposta por associação legitimada que abandona a causa ou dela desiste (arts. 210, §2º e 217)
- Atribuições (arts. 95; 50, §12; 139 e 201)
- Execução de multa administrativa (art. 214, §1º)
- Fiscalização do processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar (art. 139)
- Fiscalização dos cadastros a que se referem os arts. 50 e 101, §11, do ECA (arts. 50, §12 e 101, §12)
- Fiscalização dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente (art. 260, §4º)
- Impedir ou embaraçar a ação de membro - crime (art. 236)
- Inquérito civil, legitimidade para instauração (arts. 201, V e VI e 223)
- Integração operacional com outros órgãos, programas e serviços (art. 88, V e VI)
- Intimação pessoal (art. 203)
- Legitimidade para celebração de compromisso de ajustamento de conduta (art. 211)
- Legitimidade para concessão da remissão como forma de exclusão do processo (art. 201, I)
- Legitimidade para expedição de recomendações administrativas aos órgãos e serviços públicos (art. 201, §5º, 'c')
- Legitimidade para oferecer a representação para apuração dos atos infracionais (arts. 148, I e 201, II)
- Legitimidade para propositura de ações fundadas em interesses individuais, coletivos e difusos (arts. 201, V e 210)
- Liberdade de acesso aos locais em que se encontram crianças e adolescentes (art. 201, §3º)

Ministério Público *(cont.)*
- Litisconsórcio facultativo entre os Ministérios Públicos Estadual e da União (art. 210, §1º)
- Obrigatória intervenção para validade dos feitos (art. 204)
- Oitiva obrigatória, após a comunicação do acolhimento institucional de criança ou adolescente (art. 93, par. único)
- Oitiva obrigatória, na habilitação à adoção (art. 50, §1º)
- Oitiva obrigatória, quando da desinternação de adolescente (art. 121, §6º)

- Oitiva obrigatória, quando da revogação da guarda (art. 35)
- Prerrogativas funcionais (art. 201, §5º e 203)
- Provocação por qualquer pessoa ou servidor público (art. 220)
- Responsabilidade, pelo uso indevido de informações (art. 201, §4º)

Multas
- Aplicadas nos procedimentos para apuração de irregularidade em entidade de atendimento e de apuração de infração administrativa às normas de proteção à criança e ao adolescente - reversão ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (arts. 154 c/c 214)
- Exigibilidade da multa cominatória por meio de execução promovida pelo Ministério Público (art. 214, §1º)
- Exigibilidade de pagamento pelo réu apenas após o trânsito em julgado da sentença (art. 213, §3º)
- Fixação de multa diária pela autoridade judiciária, para assegurar o cumprimento da obrigação de fazer/não fazer (art. 213, §2º)
- Início do cômputo da multa cominatória (art. 213, §3º)
- Isenção, no caso de registros e certidões necessárias à regularização do registro civil de crianças e adolescentes em situação de risco (art. 102, §2º)

Municipalização do atendimento
- Conselhos Tutelares como órgãos municipais encarregados de fiscalizar a adequada estruturação dos municípios quanto aos programas e serviços destinados ao atendimento de crianças, adolescentes e suas famílias (arts. 131 e 136, IX)
- Diretriz primeira da política idealizada pelo ECA (art. 88, I)
- Registro das entidades e programas junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (arts. 90, §1º e 91, *caput*)

Município
- A destinação de recursos e espaços para cultura, esporte e lazer (art. 59)
- A política municipal de atendimento (art. 88, I)
- Criação dos Conselhos de Direitos como condição para obter recursos (arts. 88, IV e 261, par. único)
- Dever de custeio dos programas e serviços destinados à plena efetivação dos direitos infanto-juvenis com recursos próprios do orçamento (arts. 4º, *caput* e par. único, IV; 90, §2º; 136, IX e 260, §5º);
- O Conselho e o Fundo Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente (art. 88, II e IV)
- O registro municipal das entidades de atendimentos de direitos (arts. 90, par. único e 91)
- Obrigatória adaptação de seus órgãos e programas às diretrizes do Estatuto (art. 259, par. único)
- Obrigatória criação dos Conselhos Tutelares (art. 131 - seguintes)
- Obrigatória criação dos programas municipais de atendimento destinados à plena efetivação dos direitos infanto-juvenis (art. 88, III)
- Os critérios municipais para aplicação de doações subsidiadas (art. 260, §2º)
- Responsabilidade dos gestores que se omitem em implementar e manter programas e serviços públicos destinados à plena efetivação dos direitos infanto-juvenis (arts. 5º; 208 e 216)

Município *(cont.)*
- Responsabilidade solidária com os estados e a União na implementação de políticas públicas destinadas à plena efetivação dos direitos infanto-juvenis (art. 100, par. único, III)

Nutriz
- Apoio alimentar à (art. 8º, §3º)

Omissão
- Causa de destituição de dirigente de entidade de acolhimento familiar ou institucional (art. 92, §6º)
- Causa de negativa de registro de entidade de atendimento (art. 91, §1º 'e')
- Conduta omissiva - crimes (arts. 228; 229; 231 e 234)
- Conduta omissiva - fixação de competência (arts. 147, §1º e 209)
- Conduta omissiva - infrações administrativas (arts. 245; 248; 252; 258; 258-A e 258-B)
- Da sociedade ou do Estado (*latu sensu*), como causa da ameaça ou violação dos direitos infanto-juvenis (art. 98, I)
- Dos pais ou responsável, como causa da ameaça ou violação dos direitos infanto-juvenis (art. 98, II)
- Gera responsabilidade, quando acarreta ameaça ou violação dos direitos infanto-juvenis (arts. 5º; 208, *caput* e 216)

Organismos de intermediação - adoção internacional
- Cobrança de valores abusivos - proibição (arts. 52, §§4º, I e 11)
- Contato direto - proibição (art. 52, §14)
- Credenciamento - competência (art. 52, §§1º e 2º)
- Credenciamento - critérios (art. 52, §§3º)
- Credenciamento - prazo de renovação (art. 52, §7º)
- Credenciamento - validade (art. 52, §6º)
- Credenciamento (art. 52, §§1º a 7º)
- Deveres (art. 52, §4º)
- Vedações (art. 52, §§11 e 14 e 52-A)
- *Ver também "Adoção Internacional"*

Orientação
- Ao adotado que deseja conhecer sua origem biológica (art. 48, par. único)
- Ao público, por parte de proprietários de estabelecimentos que explorem comercialmente bilhar, sinuca ou congênere ou casas de jogos (art. 80)
- Aos pais de recém nascido que apresenta anormalidades no metabolismo (art. 10, II)
- Aos pais ou responsável por crianças e adolescentes inseridos em programa de acolhimento institucional ou familiar (art. 101, §7º)
- Aos pais, educadores e alunos, quanto à prevenção das enfermidades que ordinariamente acometem a população infantil (art. 14, *caput*)
- Às crianças e adolescentes, como um dos elementos do Direito à Liberdade (art. 16, VII)
- Como atribuição da equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude (art. 151)
- Como atribuição do orientador da medida de liberdade assistida (art. 119, I)
- Como medida aplicável aos pais ou responsável (art. 129, II e IV)
- Como medida de proteção à criança e ao adolescente (art. 101, II e VI)
- Como programa de atendimento (art. 90, I)
- De pessoas ou casais interessados em adotar (arts. 50, §4º e 197-C, §§1º e 2º)
- Deve ser prestada à família substituta, como forma de assegurar o êxito da colocação familiar (art. 166, §7º)

Orientação *(cont.)*
- Inserção da família em programas de, permitindo a manutenção ou reintegração de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar (art. 19, §3º)
- Psicológica, a mães ou gestantes (art. 8º, §4º)
- Responsabilidade pelo não oferecimento ou oferta irregular de programas destinados ao atendimento de famílias (art. 208, IX)

Parturiente
- Crimes contra a (arts. 228 e 229)

- Cuidados especiais à (arts. 8º, §§2º, 3º e 4º; 10 e 13)

Plano individual de atendimento
- Elementos que deve conter (art. 101, §6º, I a III)
- Obrigatoriedade da elaboração pela equipe técnica da entidade de acolhimento institucional ou familiar (art. 101, §§4º e 5º)
- Reintegração familiar como objetivo precípuo (art. 101, §4º)

Poder familiar
- Condições para sua destituição ou suspensão (art. 24)
- Deveres dos pais (art. 22)
- Exercício em igualdade de condições pelo pai e pela mãe (art. 21)
- Obrigatoriedade de incluir família carente em programa oficial de auxílio (art. 23, par. único)
- Perda, carência ou falta de recursos não são motivos para (art. 23)
- Procedimento para perda ou suspensão (art. 155 - seguintes)

Poder judiciário
- *Ver "Justiça da Infância e da juventude"*

Polícia
- *Ver "Autoridade policial"*

Política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente
- Ações - como conjunto articulado de ações (art. 86)
- Ações através das políticas básicas (art. 87, I)
- Ações de responsabilidade pelo não oferecimento ou oferta irregular dos programas e serviços a ela correspondentes (art. 208 e par. único)
- Ações supletivas para os que necessitarem da assistência social (art. 87, II)
- Caráter prioritário das ações a ela correspondentes (arts. 4º, *caput* e par. único, 'd' e 100, par. único, II e III)
- Diretrizes da (art. 88)
- Entidades de atendimento (art. 90 - seguintes)
- Linhas de ação da (art. 87)
- Prazo para criação e adaptação de órgãos (art. 259)
- Recursos públicos necessários à implementação das ações (arts. 4º, *caput* e par. único, 'e'; 90, §2º e 100, par. único, II e III)
- Serviços especiais e proteção jurídico-social (art. 87, II, IV e V)
- Varas especializadas em infância e juventude - criação (art. 145)

Pornografia
- Exposição da criança e do adolescente (arts. 240 a 241-E)
- *Ver também "Cena de sexo explícito ou pornográfica"*

Portarias Judiciais
- Fatores que devem ser considerados quando de sua expedição (art. 149, §1º)
- Hipóteses restritas em que podem ser expedidas (art. 149, I)
- Ministério Público, obrigatoriedade da intervenção do (art. 153, *caput*)
- Procedimento a ser adotado quando de sua expedição (art. 153, *caput*)
- Recurso cabível contra decisão que as expede (art. 199)
- Vedação à expedição de medidas de caráter geral (art. 149, §2º)

Prazos
- Descumprimento de prazo estabelecido em favor de adolescente privado de liberdade - crime (art. 235)
- Duração do estágio de convivência (art. 46)
- Duração máxima da internação provisória (arts. 108, *caput* e 183)
- Duração máxima da medida de prestação de serviços à comunidade (art. 117, *caput*)
- Duração máxima das medidas privativas de liberdade (art. 121, §3º)
- Duração mínima da medida de liberdade assistida (art. 118, §2º)

- Máximo para reavaliação da reavaliação das medidas privativas de liberdade (art. 121, §2º)
- Máximo para reavaliação da situação das crianças e adolescentes em regime de acolhimento institucional ou familiar (art. 19, §1º)
- Para comunicação à autoridade judiciária, quando do acolhimento institucional, em caráter excepcional ou de urgência (art. 93, *caput*)
- Para conclusão do processo de suspensão ou destituição do poder familiar (art. 163, *caput*)
- Para fornecimento de certidões pelos órgãos e autoridades competentes, a pedido dos interessados em provocar o Ministério Público (art. 222)
- Para interposição de apelação contra decisões proferidas pela Justiça da Infância e da Juventude (art. 198, II)
- Para o exercício do Juízo de retratação pela autoridade judiciária, no caso de apelação (art. 198, VII)
- Para propositura de ação de destituição do poder familiar, pelo Ministério Público, após esgotadas as possibilidades de reintegração familiar (art. 101, §10)
- Período máximo de permanência de criança ou adolescente em regime de acolhimento familiar ou institucional (art. 19, §2º)
- Período máximo de permanência do adolescente acusado da prática de ato infracional em repartição policial (art. 185, §2º)

Prestação de serviços à comunidade
- Como medida socioeducativa (arts. 112, III e 117)
- Em que consiste (art. 117, *caput* e par. único)
- Prazo máximo de duração (art. 117, *caput*)

Prevenção
- Atribuição das equipes interprofissionais a serviço da Justiça da Infância e da Juventude (art. 151)
- Dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos infanto-juvenis (art. 70)
- Obrigatoriedade da oferta de assistência psicológica à gestante e à mãe, como forma de prevenir ou minorar as consequências do estado puerperal (art. 8º, §4º)
- Obrigatoriedade da oferta de programas e serviços destinados a prevenir o afastamento de criança ou adolescente do convívio familiar como linha de ação da política de atendimento (art. 87, VI)
- Obrigatoriedade da oferta de serviços especiais de prevenção e atendimento às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão como linha de ação da política de atendimento (art. 87, III)
- Obrigatoriedade da oferta, pelo SUS, de programas destinados à prevenção de enfermidades e de orientação dos pais (art. 14, *caput*)
- Prevenção - Livro I, Título III, do ECA (arts. 70 a 85)
- Responsabilidade pela não observância das normas de (arts. 5º e 73)
- Vacinação - obrigatoriedade nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias (art. 14, par. único)

Princípios que regem a intervenção estatal
- Princípios gerais (arts. 1º; 4º; 5º; 99 e 100, *caput* e par. único c/c 113)

Princípios que regem a intervenção estatal *(cont.)*
- Princípios que regem a aplicação e execução de medidas privativas de liberdade (arts. 94; 121, *caput*; 122, §2º e 123)
- Princípios que regem a aplicação e execução de medidas socioeducativas em geral (art. 112, §1º e 114)
- Princípios que regem a execução das medidas de acolhimento institucional e familiar (art. 92)

Prioridade absoluta
- Garantia - em que consiste a garantia de (art. 4º, par. único)

- Obrigatoriedade de observância pelo Poder Judiciário, sob pena de responsabilidade (arts. 152, par. único e 199-C e E)
- Princípio a ser observado quando da intervenção estatal (art. 100, II)

Privação da liberdade
- Caráter excepcional - *Ver "Ato infracional"*
- Proibição em se tratando de criança ou adolescente em regime de acolhimento institucional (art. 101, §1º)

Procedimentos
- Aplicação subsidiária das normas gerais da legislação processual pertinente (art. 152, *caput*)
- Apuração de ato infracional atribuído a adolescente (arts. 171 a 190)
- Apuração de infração administrativa às normas de proteção à criança e ao adolescente (arts. 194 a 197)
- Apuração de irregularidades em entidade de atendimento (arts. 191 a 193)
- Colocação em família substituta (arts. 165 a 170)
- Destituição de tutela (art. 164)
- Habilitação à adoção (arts. 197-A a E)
- Medida judicial a ser adotada não corresponder a procedimento previsto no ECA ou em outra lei, quando (art. 153, *caput*)
- Multas aplicadas - reversão ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (arts. 154 c/c 214)
- Suspensão ou destituição do poder familiar (arts. 155 a 163)

Profissionalização
- Aspectos obrigatórios do direito à (art. 69)
- Como direito fundamental de adolescentes, a partir dos 14 anos (arts. 4º, *caput* e 60 a 69)
- Conceito de aprendizagem (art. 62)
- Formação técnico-profissional (art. 63)
- Obrigatoriedade, para adolescentes em regime de semiliberdade e internação (arts. 120, §1º e 124, XI)
- Responsabilidade, pelo não oferecimento ou oferta irregular a adolescentes em cumprimento de medidas privativas de liberdade (art. 208, VIII)
- Trabalho educativo (arts. 67 e 68)
- *Ver também "Aprendiz"*

Programas de atendimento
- Financiamento prioritariamente com recursos públicos orçamentários e, em caráter suplementar, com recursos oriundos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente (arts. 4º, *caput* e par. único, 'e'; 90, §2º; 100, par. único, II e III e 260, §5º)
- Obrigatoriedade de registro no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA (art. 90, §1º)
- Prazo máximo para reavaliação pelo CMDCA (art. 90, §3º)
- Requisitos para concessão e renovação da autorização de funcionamento (art. 90, §3º, I a III)

Programas de acolhimento institucional
- Caráter de urgência, comunicação (art. 93)
- Como medida de proteção (art. 101, VII)
- Conceituação (art. 101, par. único)
- Dirigente de, equiparado a guardião (art. 92, par. único)
- Obrigações das entidades (art. 94, §1º)
- Princípios a serem observados (arts. 92, I a IX e 100, par. único)
- Proibição de privação de liberdade (art. 101, par. único)
- Qualificação obrigatória dos profissionais que atuam direta ou indiretamente no programa (art. 92, §3º)

- Regime de (art. 90, IV)
- Repasse de recursos - comprovação do atendimento dos princípios e exigências legais como condição (art. 92, §5º)
- Transferência do acolhido, evitar (art. 92, VI)
- Visitas dos pais ou responsável - regra, ressalvada a existência de ordem expressa da autoridade judiciária (art. 92, §4º)

Quilombolas
- Colocação familiar preferencialmente no seio de sua comunidade (art. 28, §6º, II)
- Necessidade de intervenção de antropólogos e técnicos da FUNAI e cautelas (arts. 28, §6º e 161, §2º)
- Necessidade de respeito à sua identidade social e cultural, costumes e tradições (art. 28, §6º, I)

Recém nascido
- Fornecimento gratuito de declaração de nascimento (art. 10, IV)
- Obrigatoriedade da identificação pelo estabelecimento de atenção à saúde (art. 10, II)
- Obrigatoriedade da permanência junto à mãe (art. 10, V)
- Obrigatoriedade da realização de exames visando o diagnóstico e terapêutica de anormalidades no metabolismo (art. 10, III)
- Omissão na identificação do neonato - crime (art. 229)
- Omissão no fornecimento de declaração de nascimento - crime (art. 228)

Recursos
- Nos processos de destituição do poder familiar e adoção (arts. 199-A a E)
- Nos demais procedimentos da Justiça da Infância e da Juventude (art. 198 - seguintes)

Registro civil
- Do adotado - particularidades (art. 47, *caput* e §§1º a 6º)
- Do adotado - possibilidade de lavratura no Cartório do Registro Civil do Município de residência do adotante, a seu pedido (art. 47, §3º)
- Do adotado - possibilidade de modificação do prenome (art. 47, §§5º e 6º)
- Obrigatória sua regularização quando de qualquer medida de proteção (art. 102, §1º)
- Obrigatoriedade da deflagração de procedimento destinado à averiguação da paternidade (art. 102, §3º)
- Prioridade absoluta, com isenção de custas (art. 102, §2º)
- Seu suprimento, cancelamento e retificação (art. 148, par. único, 'h')

Registro de entidade de atendimento
- Atribuição da autoridade judiciária, na falta do Conselho Municipal (art. 261)
- Atribuição do CMDCA (arts. 90; 91)
- Cassação, hipóteses em que poderá ocorrer (art. 97, d)
- Negado, quando será (art. 91, §1º)
- Prazo máximo de validade do registro (art. 91, §2º)

Remissão
- Até quando pode ser concedida (art. 188)
- Como forma de exclusão do processo (art. 126, *caput*)
- Como forma de suspensão ou extinção do processo (art. 126, par. único)
- Concessão pela autoridade judiciária - fase (art. 186, §1º)
- Concessão pelo Ministério Público - fase (art. 180, II)
- Não pode ser computada para fins de antecedentes (art. 127)
- Possibilidade de incluir medida não privativa de liberdade (art. 127)
- Revisão da medida (art. 128)

Reparação do dano
- Medida socioeducativa (arts. 112, II e 116)

- Modalidades (art. 116, *caput*)

Responsabilidade
- Civil e administrativa (pessoal) do gestor/agente público que, por ação ou omissão, dá causa à violação dos direitos (arts. 5º, 208 e 216)
- Da autoridade judiciária e serventuários da justiça que deixam de imprimir aos procedimentos a prioridade absoluta devida (art. 152, par. único)
- Da autoridade judiciária que deixa de instituir os cadastros a que se referem os arts. 50 e 101, §11, do ECA (art. 258-A)
- Das pessoas jurídicas de direito público e organizações não governamentais cujos agentes, por ação ou omissão, dão causa à violação dos direitos (art. 97, §2º)
- Do dirigente de entidade de acolhimento institucional ou familiar que viola ou dá causa à violação dos direitos infanto-juvenis (art. 92, §3º)
- Por omissão às normas de prevenção (art. 73)
- Primária e solidária entre a União, os estados e municípios, como regra, no que diz respeito à plena efetivação dos direitos assegurados à criança e ao adolescente pelo ECA (art. 100, par. único, III)

Saúde
- Atendimento integral à saúde (art. 11)
- Como dever geral (art. 4º)
- Como se efetiva (arts. 7º até 14)
- Encaminhamento para Conselho Tutelar (arts. 13 e 129)
- Oferta irregular dos serviços gera responsabilidade (art. 208, VII)
- Portadores de deficiência (art. 11, §§1º e 2º)
- Requisição do serviço pelo Conselho Tutelar (art. 136, III, a)
- Vítimas de maus-tratos, abuso, crueldade e opressão (art. 87, III)

Segurança pública
- *Ver "Autoridade policial"*

Semi-liberdade
- Adotada, vencido o prazo máximo de duração da internação (art. 121, §4º)
- Medida socioeducativa (arts. 112 e 120)
- *Ver "Ato infracional"*
- *Ver "Medidas privativas da liberdade"*

Serviços públicos
- Necessidade de articulação (arts. 28, §6º, 86 e 88, V e VI)
- Precedência de atendimento à criança e ao adolescente (art. 4º, par. único, 'b')

Toxicômano
- *Ver "Alcoólatras e toxicômanos"*

Trabalhador
- Garantias ao portador de deficiência (art. 66)
- Permissão - quando é permitido o trabalho a adolescente (art. 60)
- Proibição - em que condições é vedado o trabalho (art. 67)

Trabalhador *(cont.)*
- Proteção - como é protegido o trabalho do adolescente (art. 61)

Transporte
- Comunicação imediata às companhias de, quando do desaparecimento de criança ou adolescente (art. 208, §2º)
- Escolar - não oferecimento ou oferta irregular dá ensejo à propositura de ação de responsabilidade (art. 208, V)
- Inobservância das disposições contidas nos arts. 83 a 85, do ECA - infração administrativa (art. 251)
- Obrigatoriedade da oferta de programas suplementares de transporte escolar (art. 57, VII)

Tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico
- Medida aplicável aos pais ou responsável (art. 129, II)
- Medida de proteção a criança ou adolescente (art. 101, V)
- Obrigação de fornecimento pelo Estado (*lato sensu*) à criança, ao adolescente e à gestante (arts. 8º, 11 e 13)
- Obrigação dos pais ou responsável de encaminhar (art. 129, VI)

Tutela
- Deferimento - a quem será deferida (art. 36)
- Familia substituta, como forma de colocação em (art. 28, §2º)
- Idade - limite etário para duração da medida (art. 36)
- Perda - aplicação da medida de perda da (art. 129, IX)
- Perda ou suspensão, requisitos para (arts. 24 e 38)
- Prazo para o ingresso com pedido de tutela pelo tutor indicado por disposição de última vontade dos pais (art. 37)

União
- Conselho Nacional, com diretrizes específicas (art. 88, II)
- Descentralização político-administrativa - deve obedecer (art. 88, III)
- Fundo Nacional vinculado ao Conselho (art. 88, IV)
- Legitimidade para propositura de ações cíveis fundadas em interesses difusos e coletivos (art. 210, II)
- Prazo para criação ou adaptação de seus órgãos às diretrizes do ECA (art. 259)
- Responsabilidade solidária na implementação de políticas públicas destinadas à plena efetivação dos direitos infanto-juvenis (art. 100, par. único, III)

Venda proibida
- De produtos - como forma de prevenção especial (art. 81)
- Revistas e publicações com material impróprio (art. 78)

Viagem
- *Ver "Autorização para viajar"*

Viciados
- *Ver "Alcoólatras e toxicômanos"*

Vida
- Direito a proteção à vida (art. 7º)

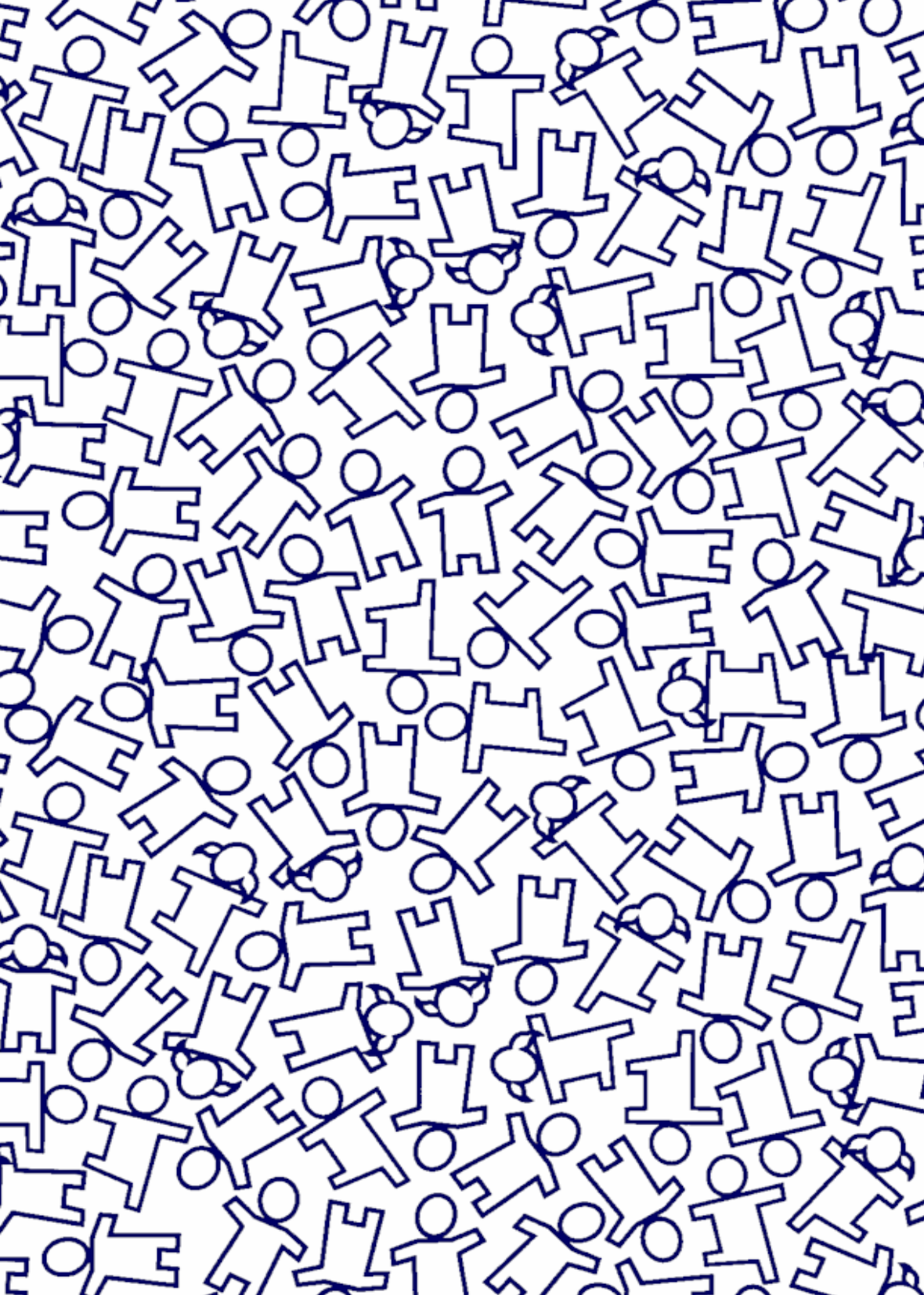

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ
CAOP da Criança e do Adolescente
Av. Mal. Floriano Peixoto, 1.251 - Rebouças
CEP 80230-110 - Curitiba - Paraná
fone (41) 3250-4703 - fax (41) 3250-4726
e-mail: caopca@mp.pr.gov.br

MAPAS & QUESTÕES
PARA CONCURSOS

Português

Principais Tópicos Para Concursos

34 Mapas Mentais

Lançamento

08/03/2008

Mapas Mentais por:

Terezinha Rego

www.mapasequestoes.com.br

Índice

Ortografia - S, SS, Ç e Z . . . 2
Ortografia - G/J e X/CH . . . 3
Emprego de palavras . . . 4
Hífen - 01 - Usa-se Hífen . . . 5
Hífen - 02 - Não se usa Hífen . . . 6
Hífen - 03 - Não se usa Hífen - Prefixos terminados em vogal . . . 7
Emprego de palavras: Porquê/Porque/Por que/Por quê . . . 8
Plural dos compostos . . . 9
Verbos - Introdução . . . 10
Verbos - Modos - Indicativo . . . 11
Verbos - Modos - Subjuntivo e Imperativo . . . 12
Verbos - Classificação . . . 13
Verbos - Conjugação - PROVER e REQUERER . . . 14
Verbos - Conjugação - VIGER e PRECAVER-SE . . . 15
Verbos – Conjugação – HAVER e REAVER . . . 16
Verbos - Conjugação - TER, VIR, LER/CRE/VER . . . 17
Verbos - Conjugação - Outros . . . 18
Verbos - Voz Passiva . . . 19
Acentuação Gráfica - 01 - Regras Gerais . . . 20
Acentuação Gráfica - 02 - Alterações da Reforma Ortográfica . . . 21
Crase - Obrigatória . . . 22
Crase - Proibida e Facultativa . . . 23
Pontuação . . . 24
Pontuação - 02 - Vírgula . . . 25
Regência 01 . . . 26
Regência 02 . . . 27
Regência 03 . . . 28

Índice

Concordância Verbal - Regra Geral 29
Concordância Verbal - Verbo no Singular 30
Concordância Verbal - Singular ou Plural 31
Concordância Verbal - Casos Especiais - 01 32
Concordância Nominal - Regra Geral 33
Concordância Nominal - Casos Especiais - 01 34
Concord&ância Nominal - Casos Especiais - 02 35

Ortografia - S, SS, Ç e Z

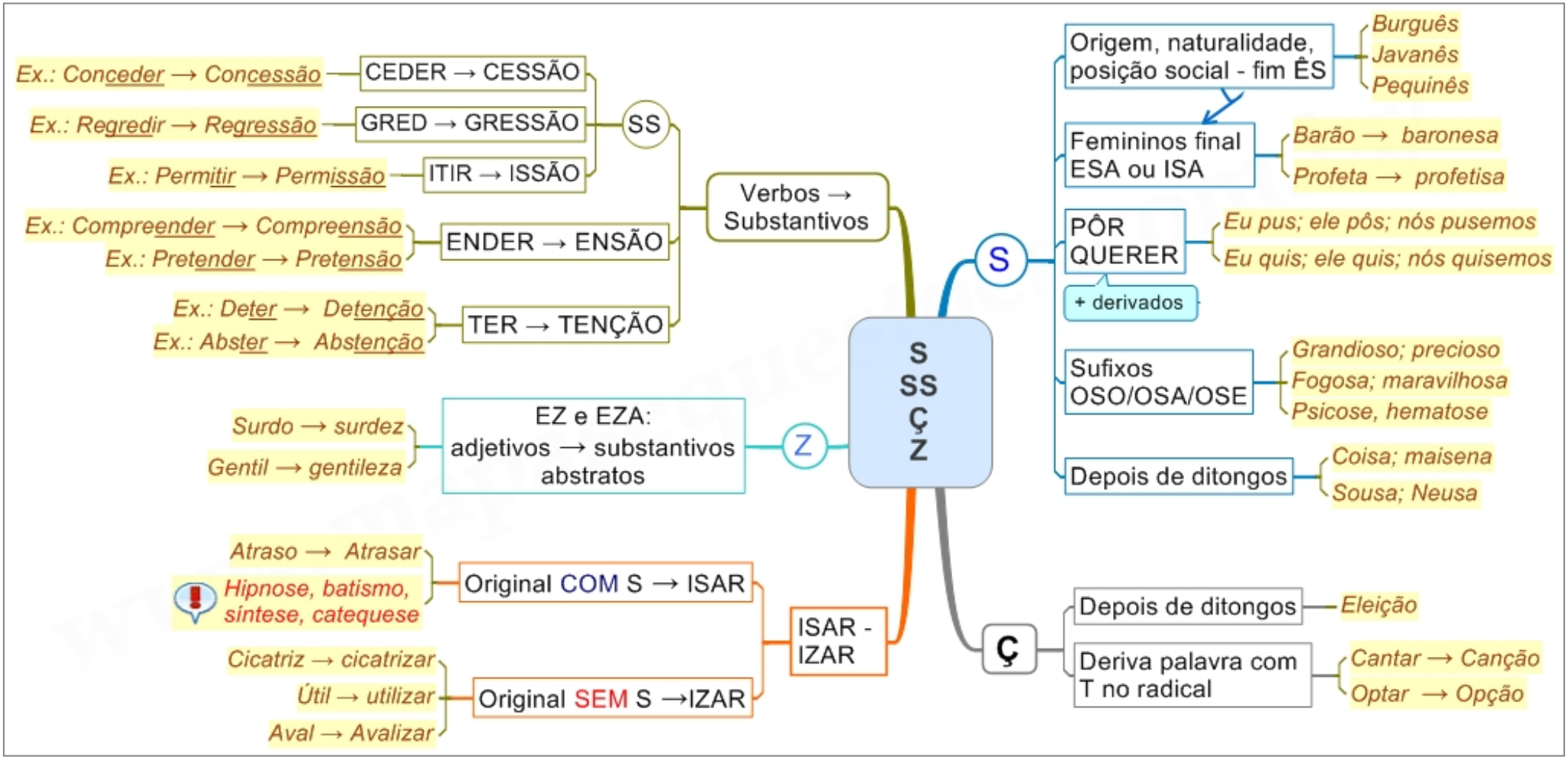

Ortografia - G/J e X/CH

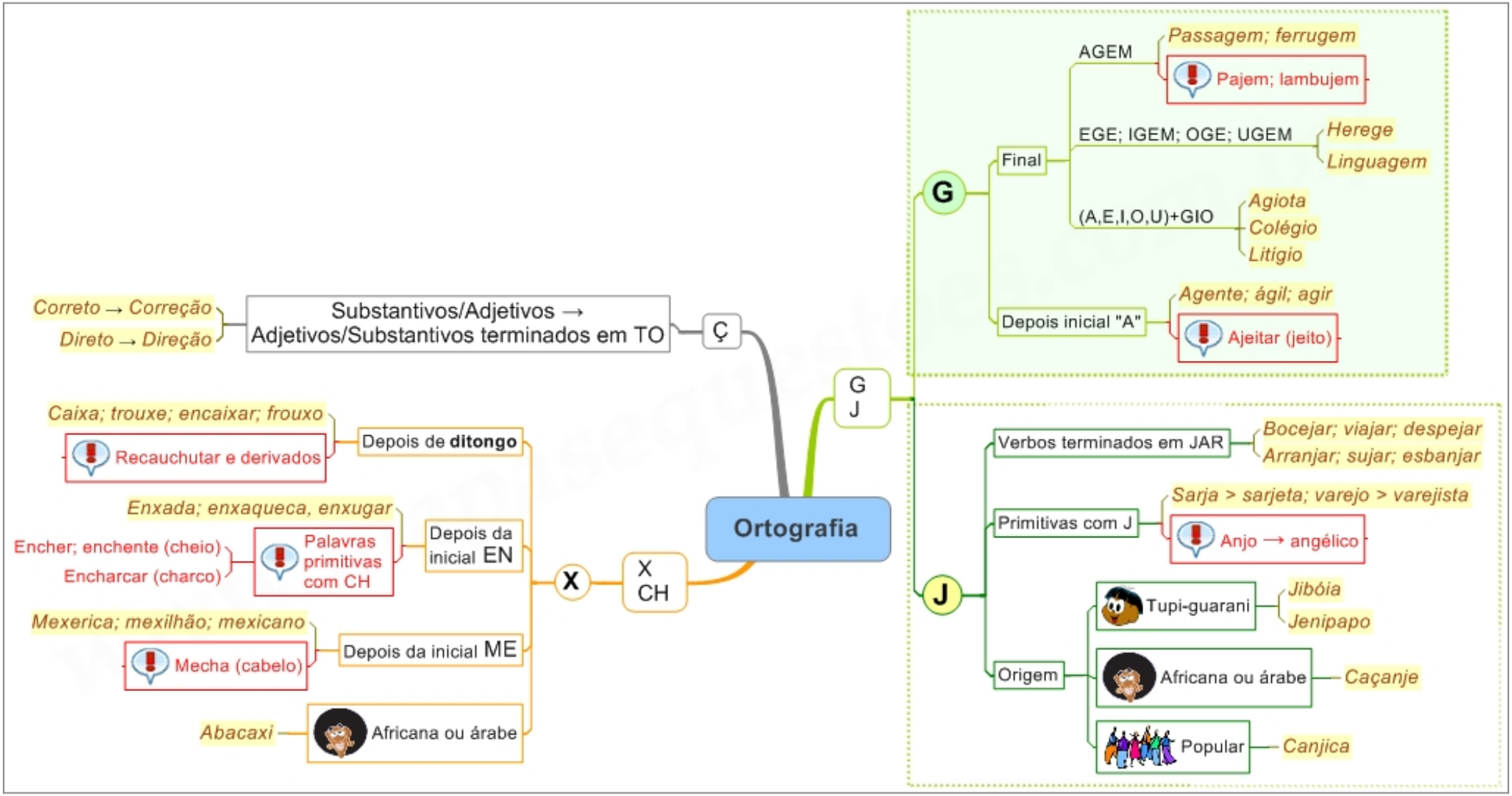

Emprego de palavras

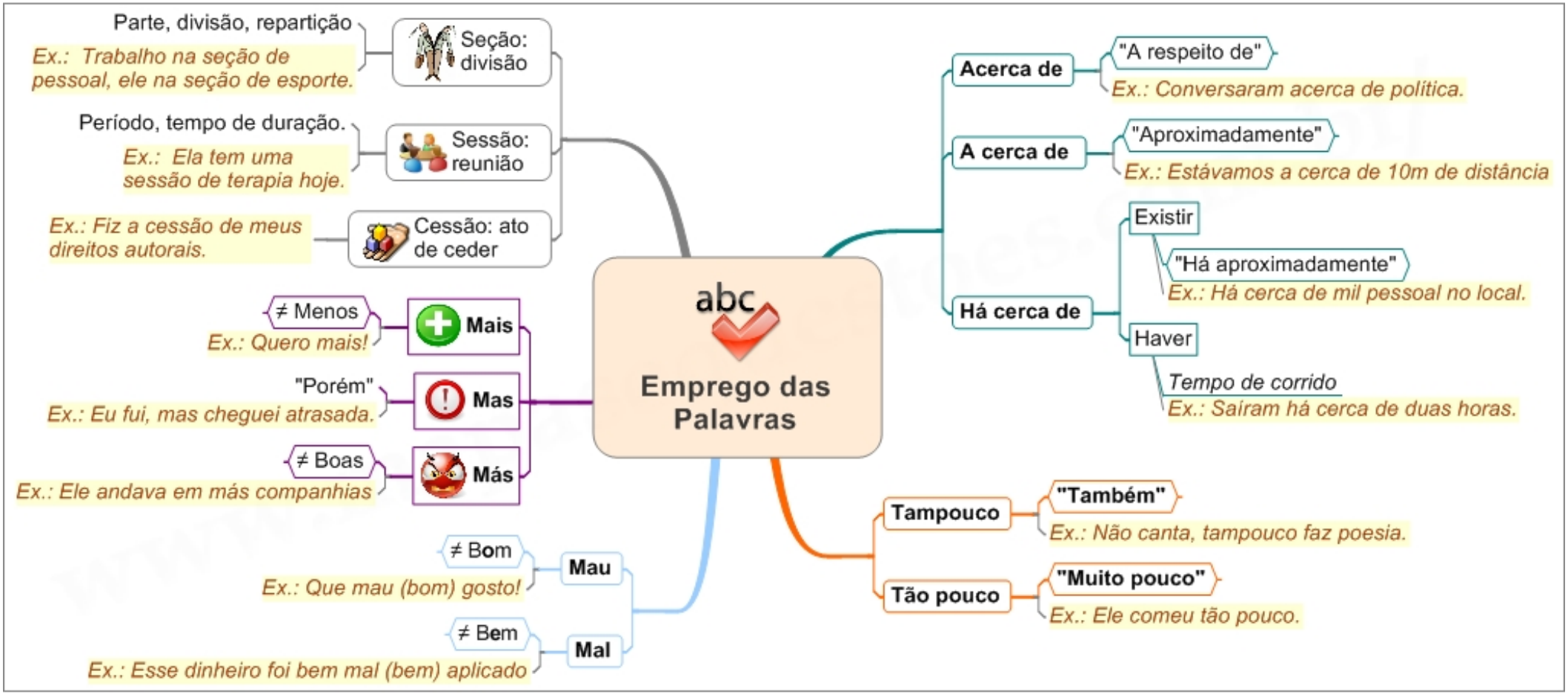

Hífen - 01 - Usa-se Hífen

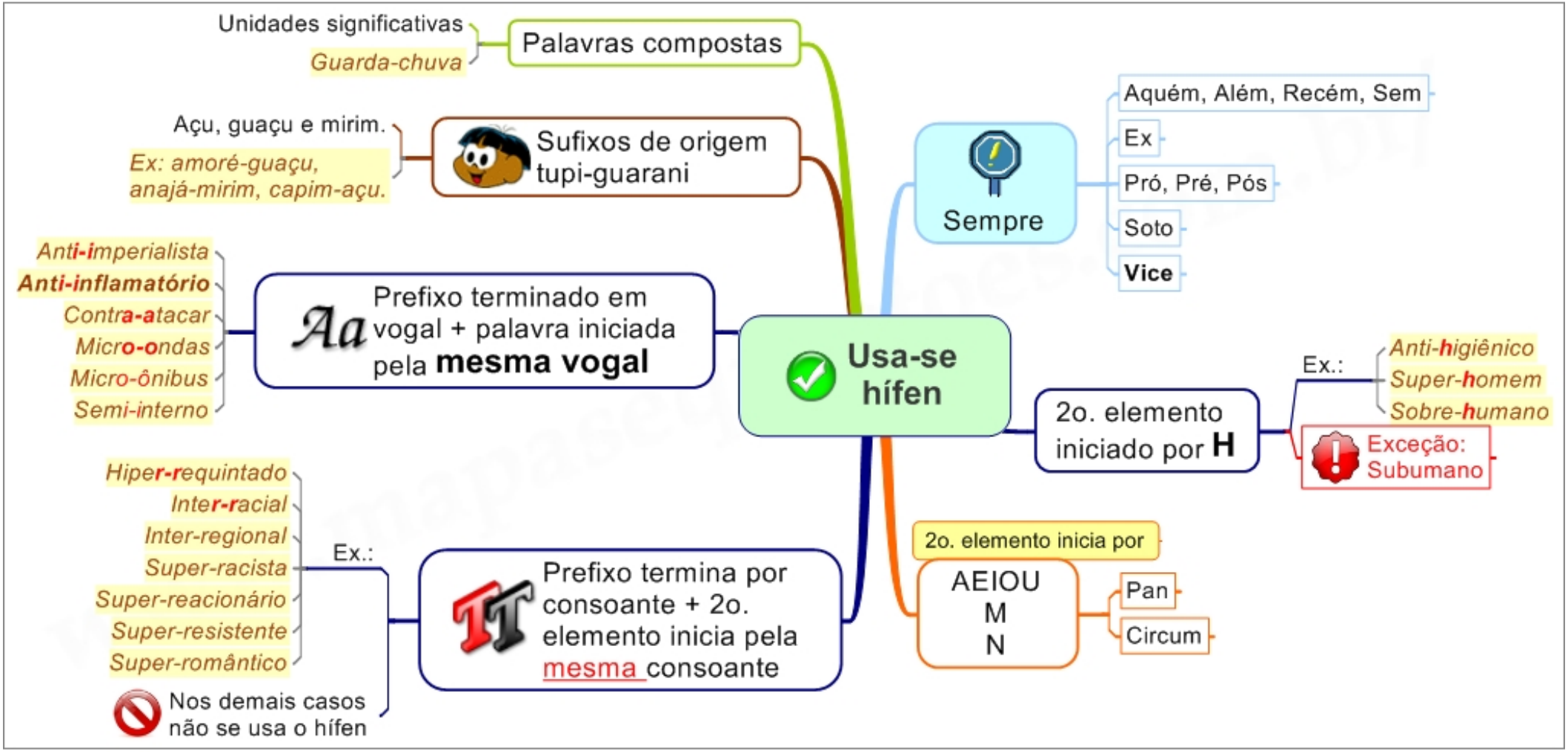

Hífen - 02 - Não se usa Hífen

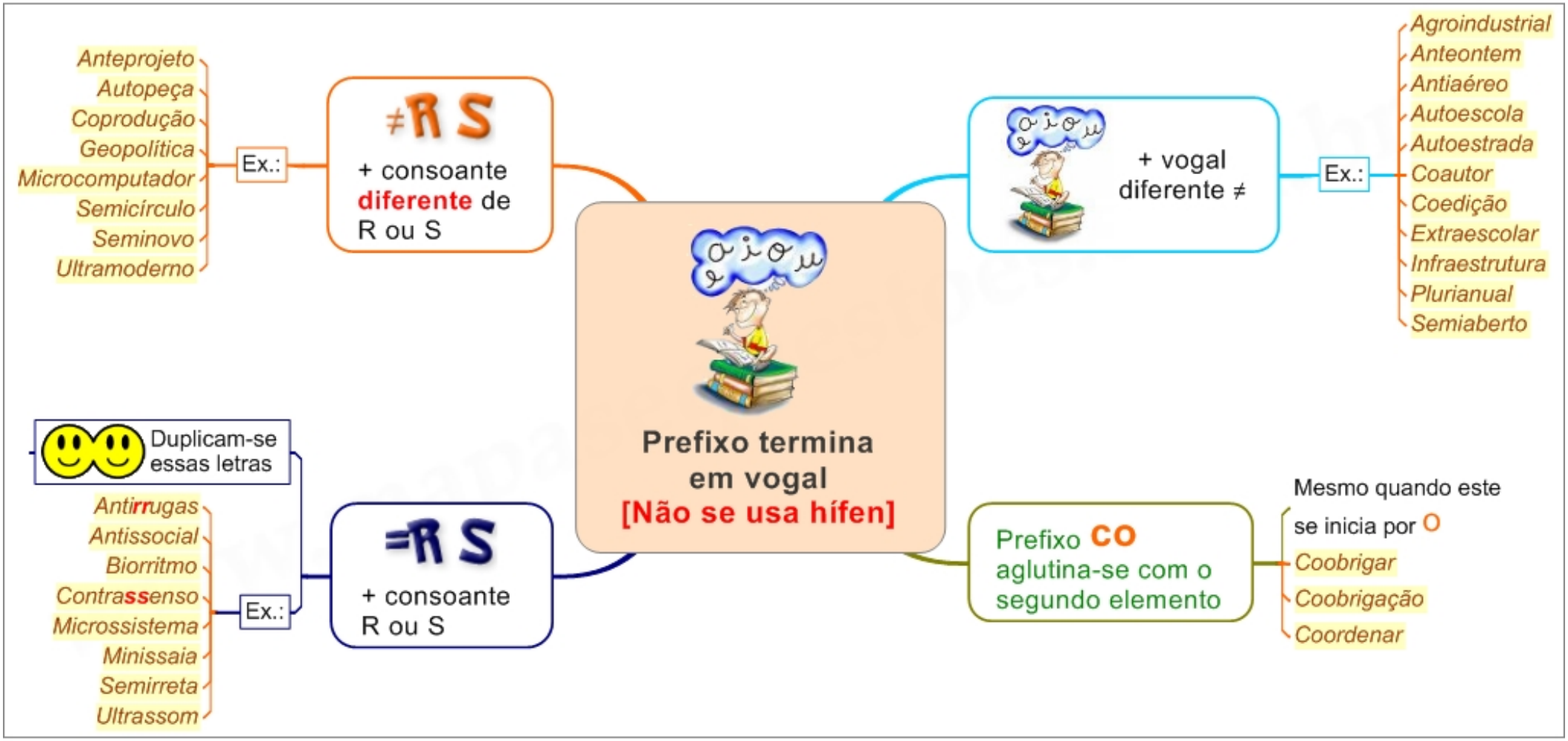

Hífen - 03 - Não se usa Hífen - Prefixos terminados em vogal

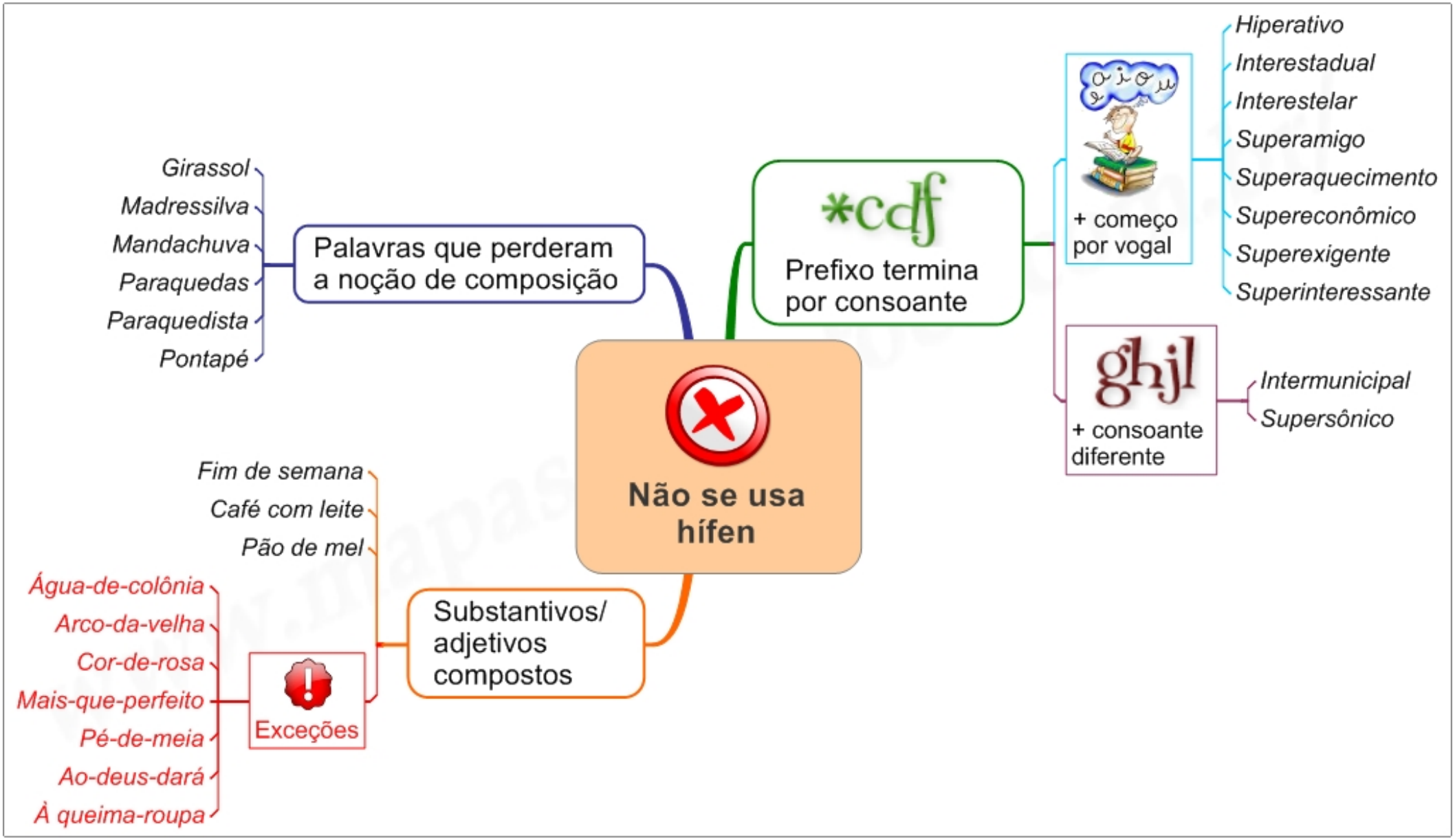

Emprego de palavras: Porquê/Porque/Por que/Por quê

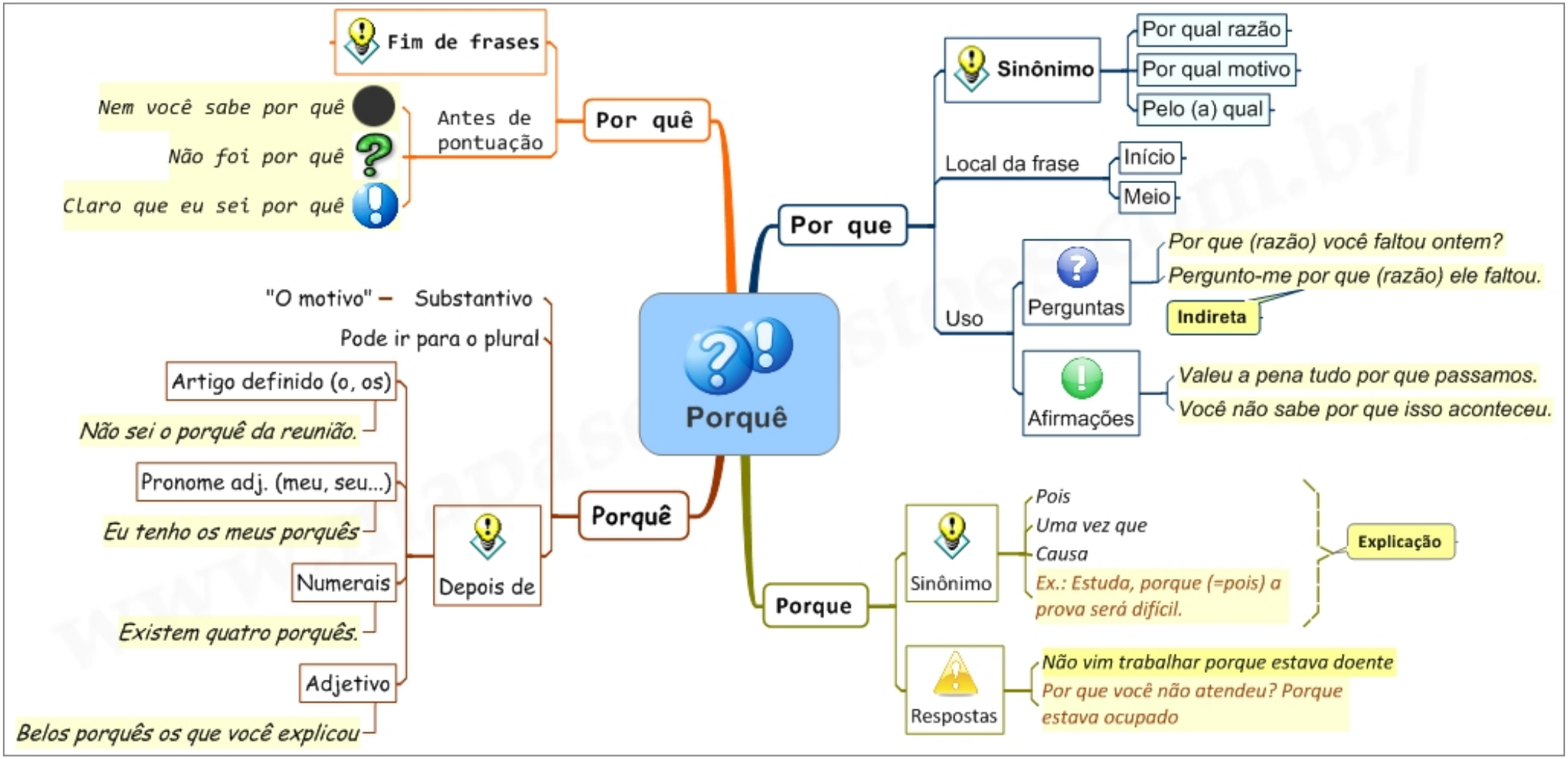

Plural dos compostos

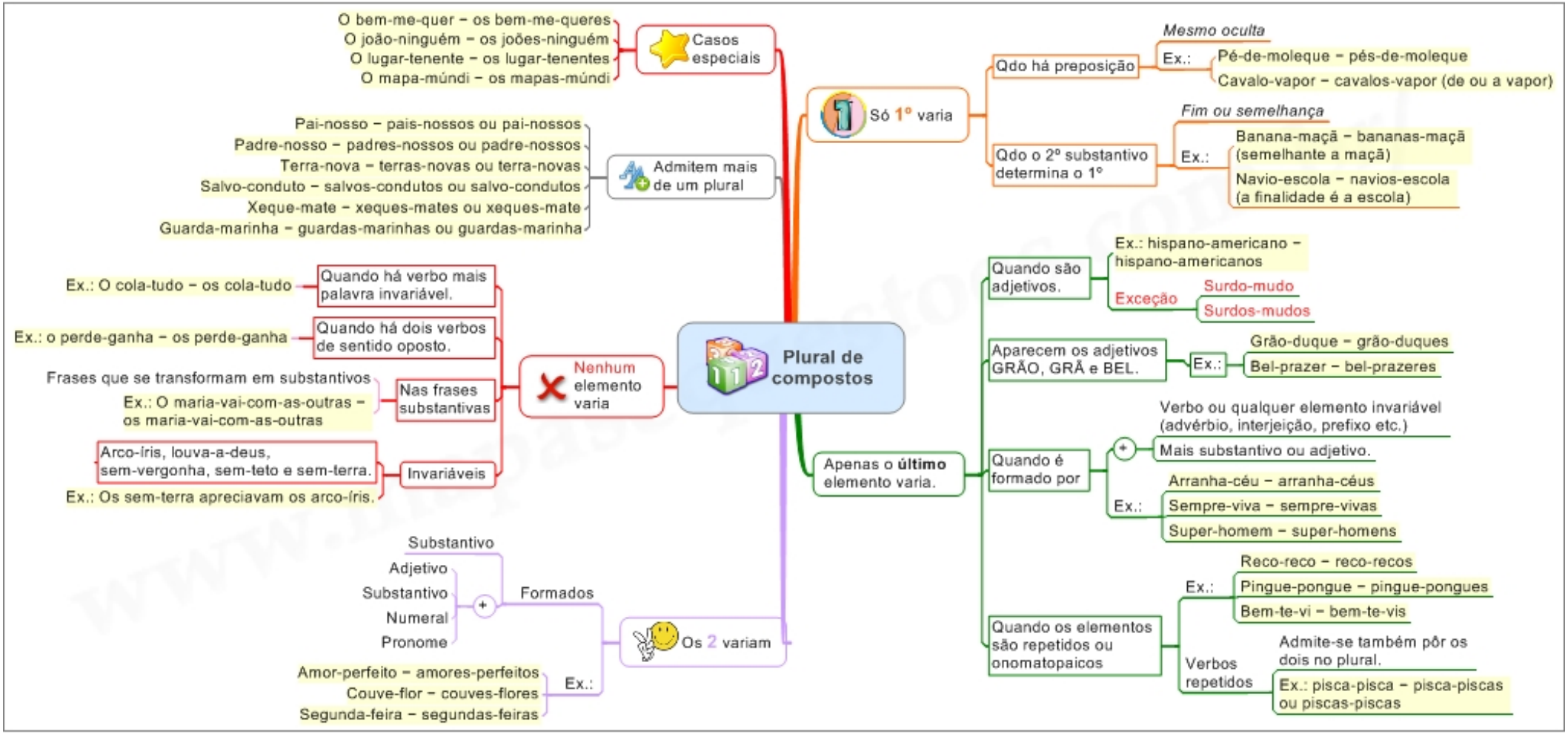

Verbos - Introdução

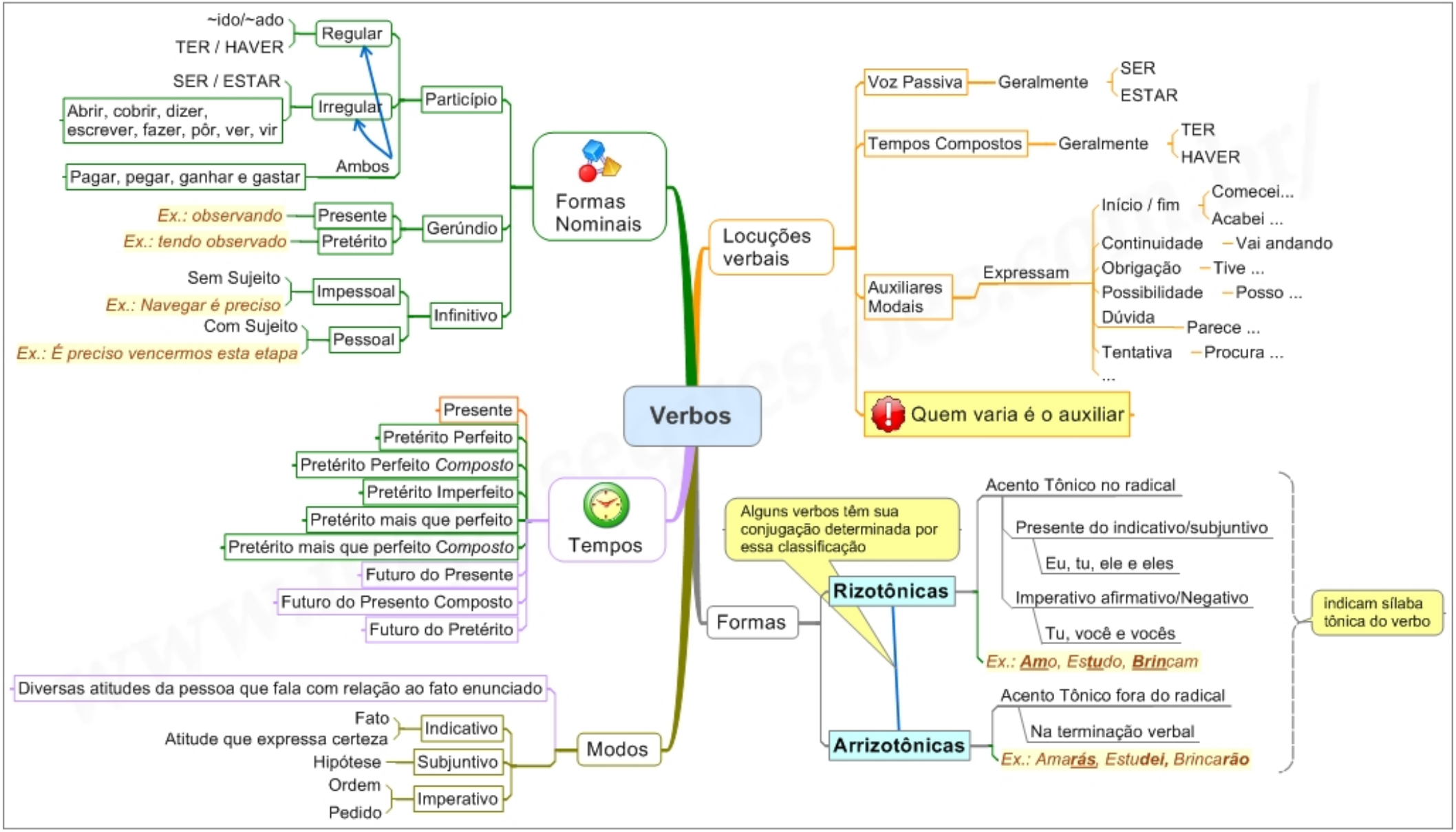

Verbos - Modos - Indicativo

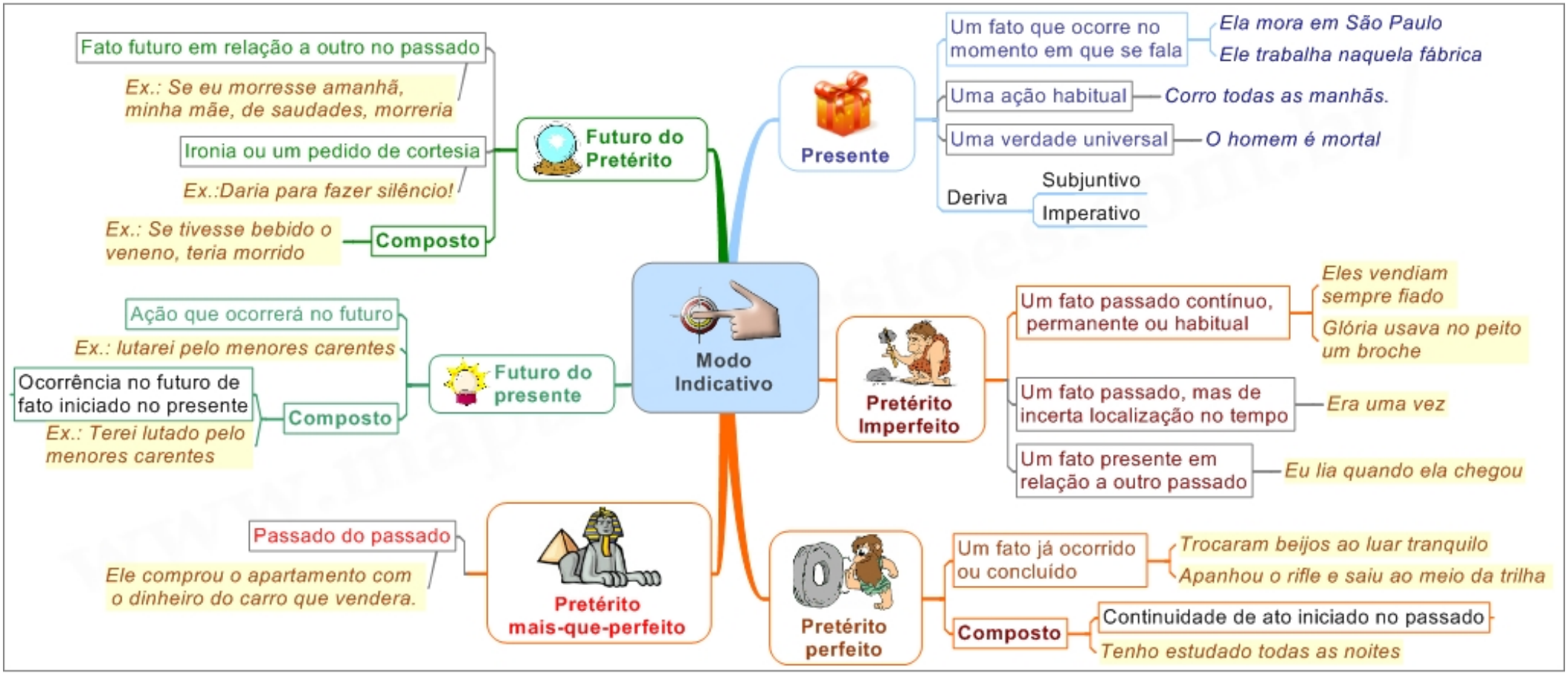

Verbos - Modos - Subjuntivo e Imperativo

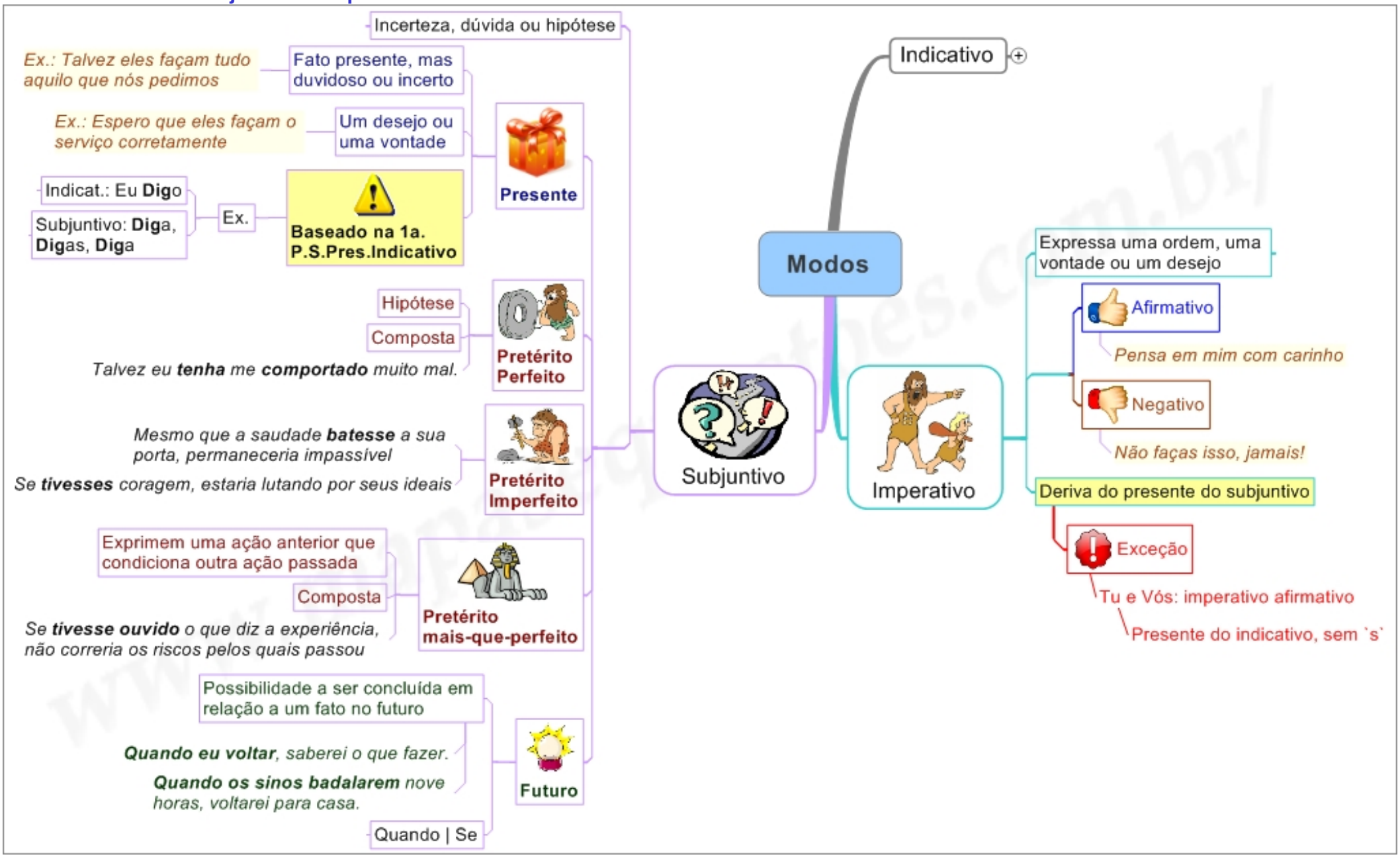

Verbos - Classificação

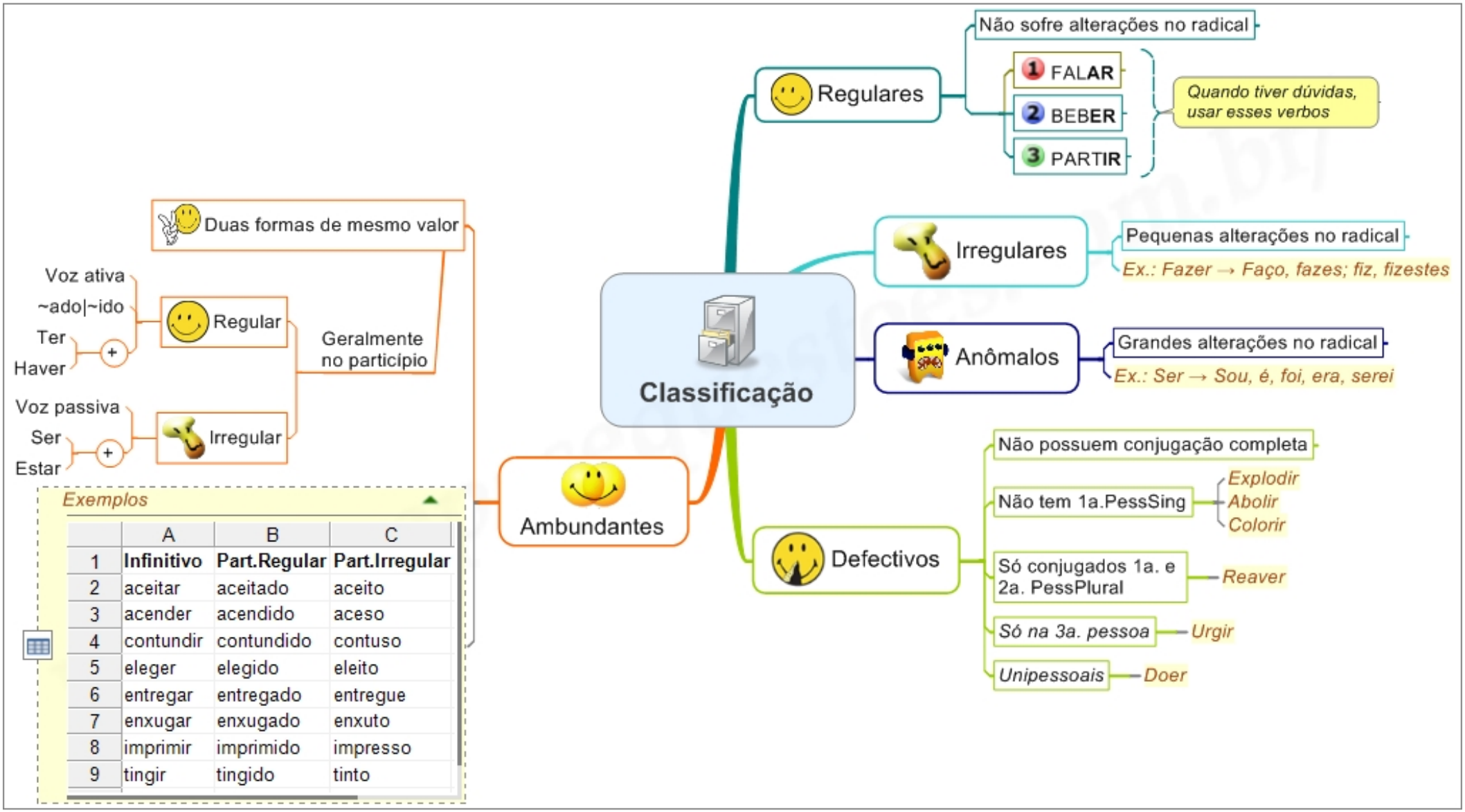

	A	B	C
1	**Infinitivo**	**Part.Regular**	**Part.Irregular**
2	aceitar	aceitado	aceito
3	acender	acendido	aceso
4	contundir	contundido	contuso
5	eleger	elegido	eleito
6	entregar	entregado	entregue
7	enxugar	enxugado	enxuto
8	imprimir	imprimido	impresso
9	tingir	tingido	tinto

Verbos - Conjugação - PROVER e REQUERER

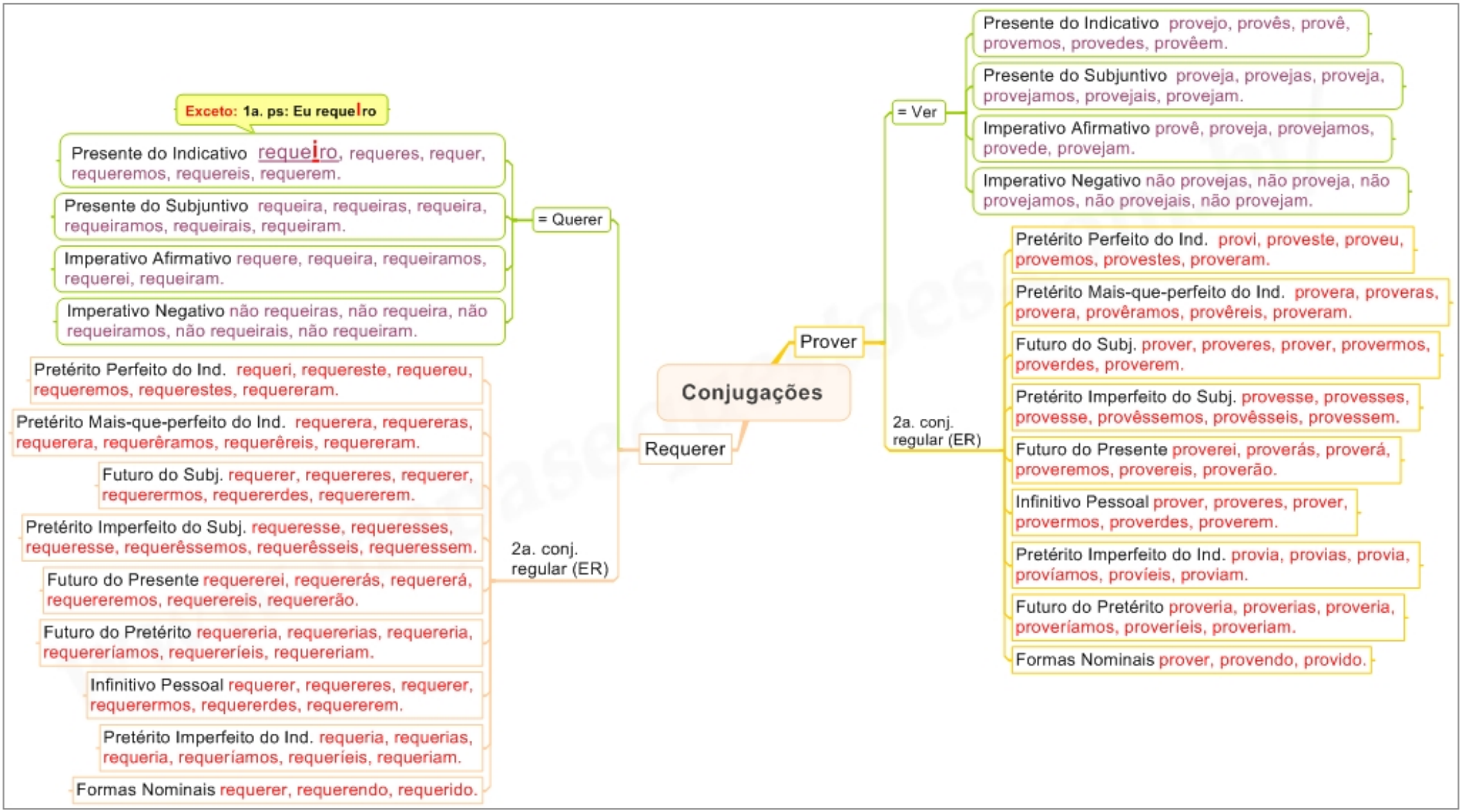

Verbos - Conjugação - VIGER e PRECAVER-SE

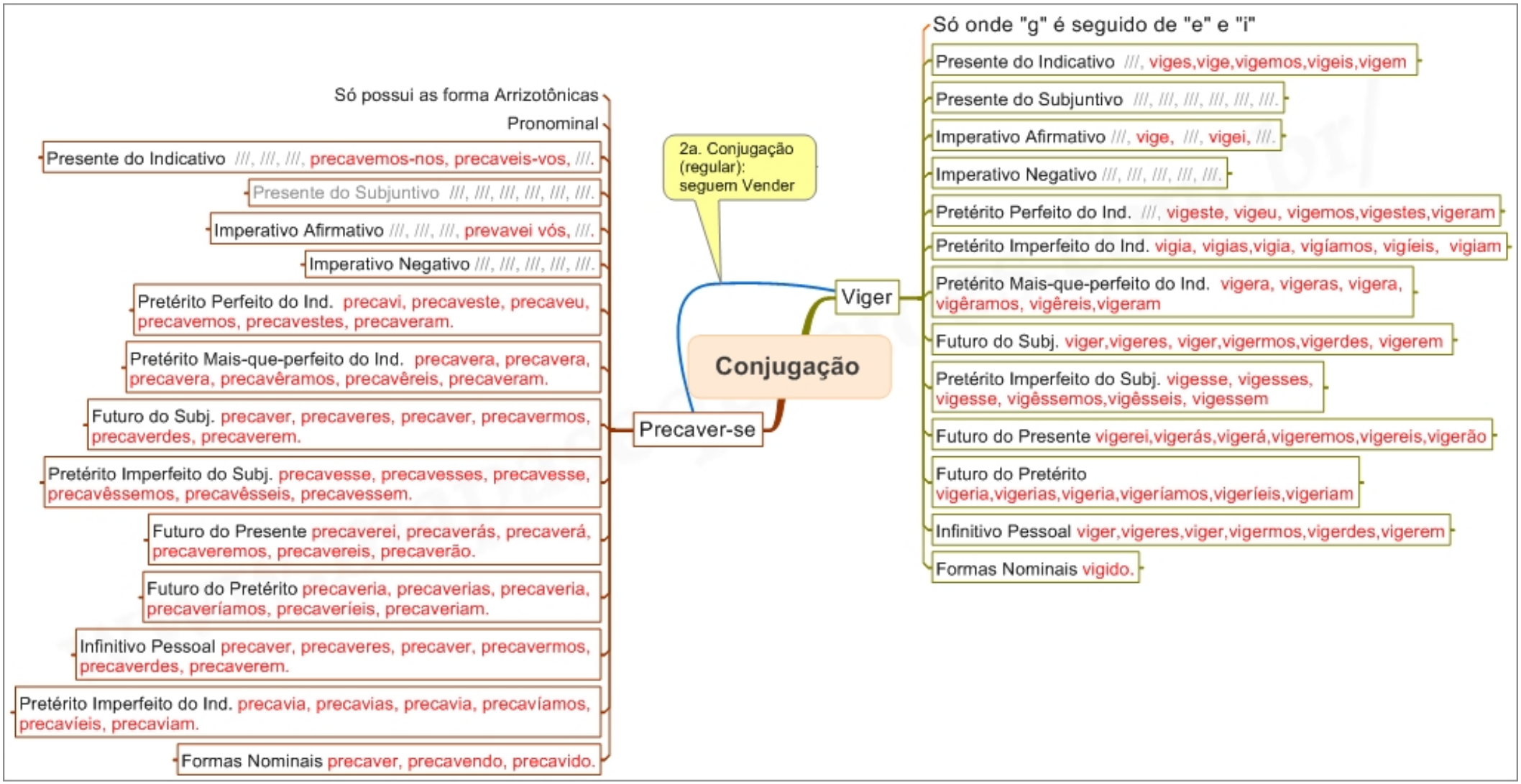

Verbos – Conjugação – HAVER e REAVER

Conjugação

- **Haver**
  - Presente do Indicativo hei, hás, há, havemos, haveis, hão.
  - Pretérito Perfeito do Ind. houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
  - Pretérito Imperfeito do Ind. havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
  - Pretérito Mais-que-perfeito do Ind. houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram.
  - Futuro do Presente haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
  - Futuro do Pretérito haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
  - Imperativo Afirmativo há, haja, hajamos, havei, hajam.
  - Imperativo Negativo não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
  - Presente do Subjuntivo haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
  - Pretérito Imperfeito do Subj. houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
  - Futuro do Subj. houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
  - Infinitivo Pessoal haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
  - Formas Nominais haver, havendo, havido.
- **Reaver**
  - Somente qdo Haver for conjugado com V
  - Presente do Indicativo ///, ///, ///, reavemos, reaveis, ///.
  - Pretérito Perfeito do Ind. reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
  - Pretérito Imperfeito do Ind. reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
  - Pretérito Mais-que-perfeito do Ind. reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
  - Futuro do Presente reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
  - Futuro do Pretérito reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
  - Imperativo Afirmativo ///, ///, ///, reavei vós, ///.
  - Imperativo Negativo ///, ///, ///, ///, ///.
  - Presente do Subjuntivo ///, ///, ///, ///, ///, ///.
  - Pretérito Imperfeito do Subj. reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
  - Futuro do Subj. reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
  - Infinitivo Pessoal reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
  - Formas Nominais reaver, reavendo, reavido.

Verbos - Conjugação - TER, VIR; LER/CRE/VER

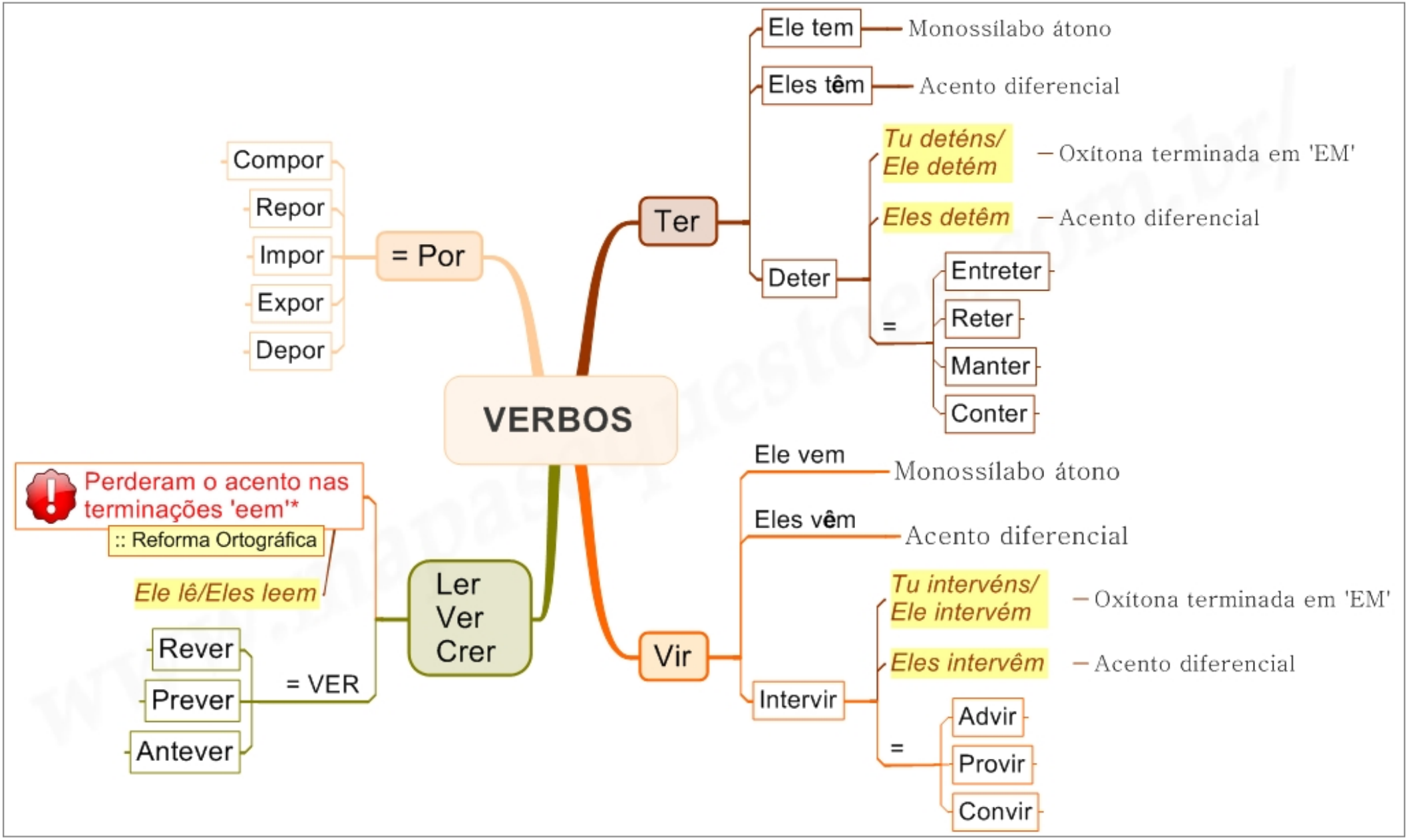

Verbos - Conjugação - Outros

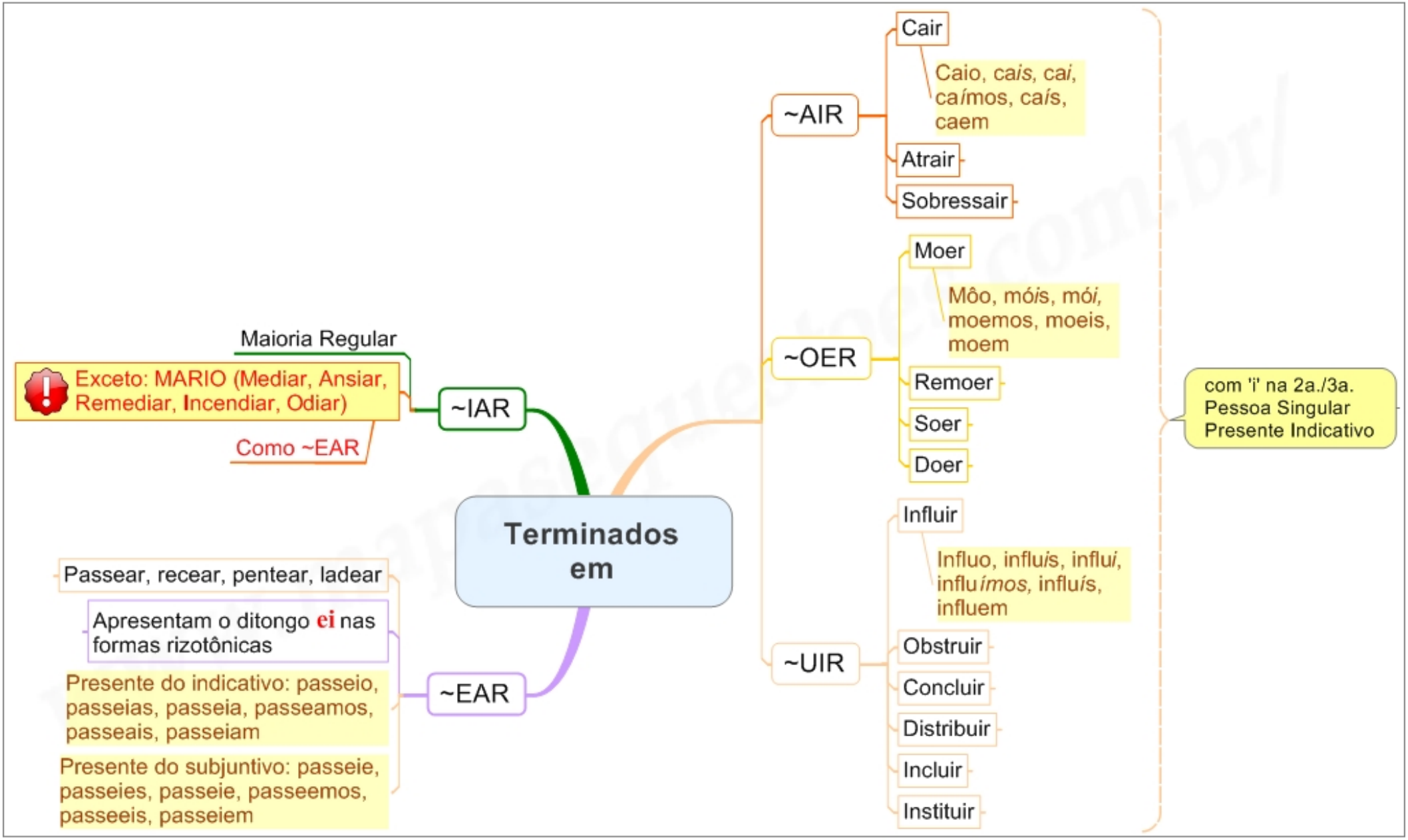

Verbos - Voz Passiva

Acentuação Gráfica - 01 - Regras Gerais

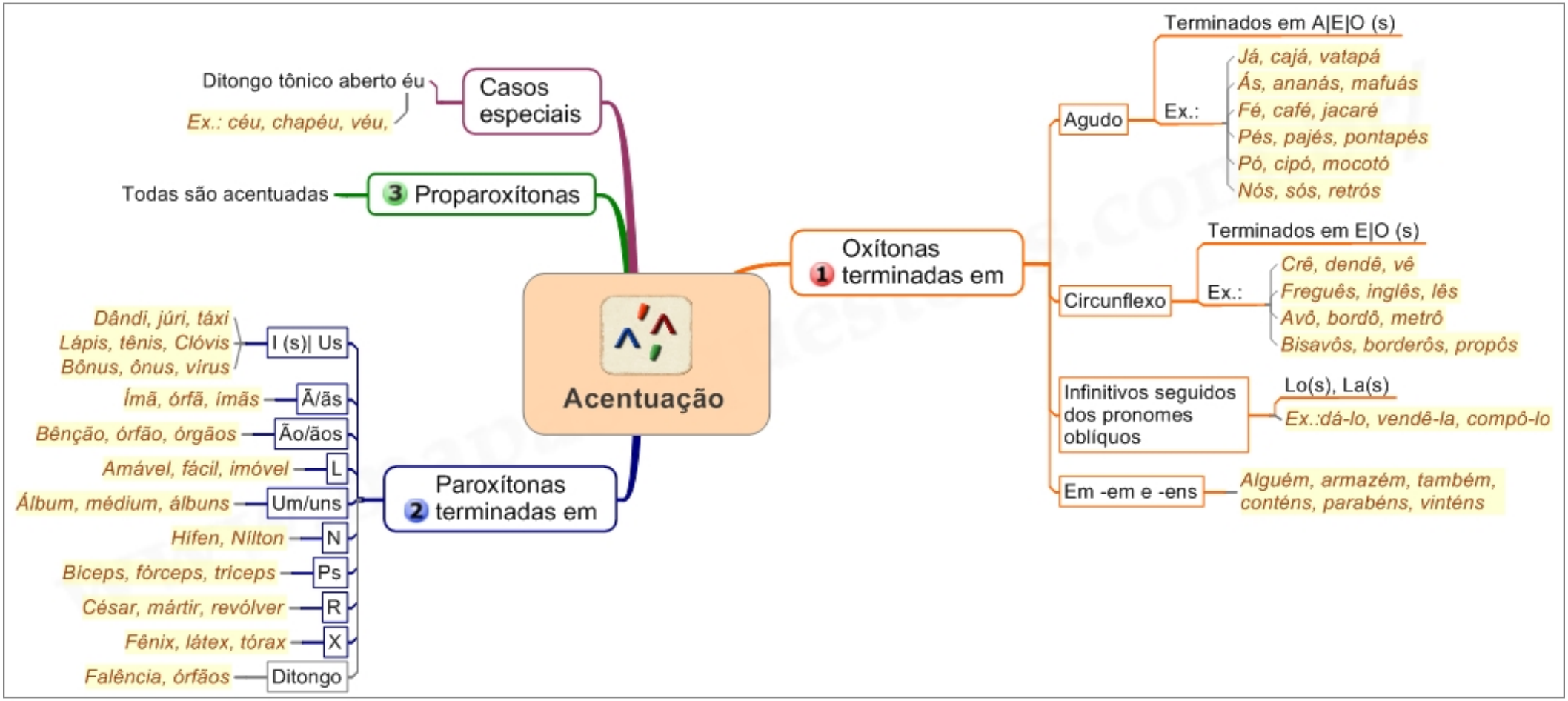

Acentuação Gráfica - 02 - Alterações da Reforma Ortográfica

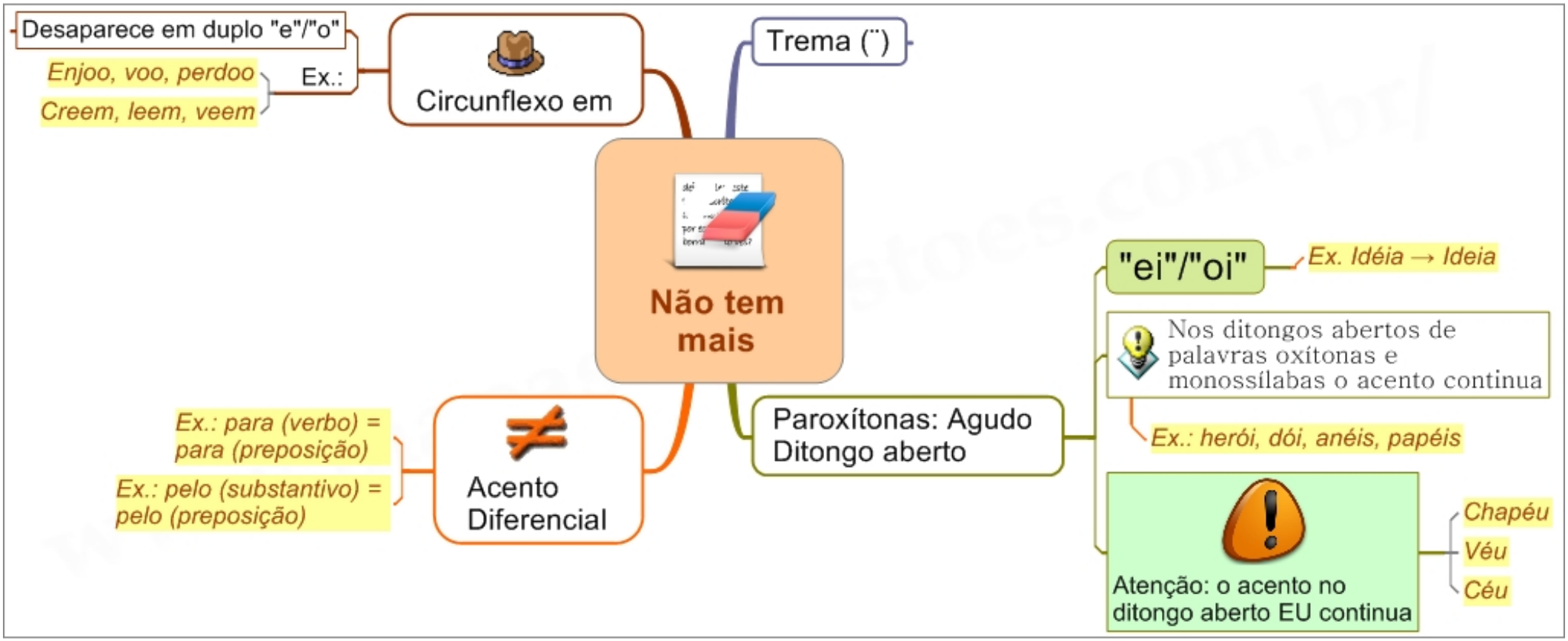

Crase - Obrigatória

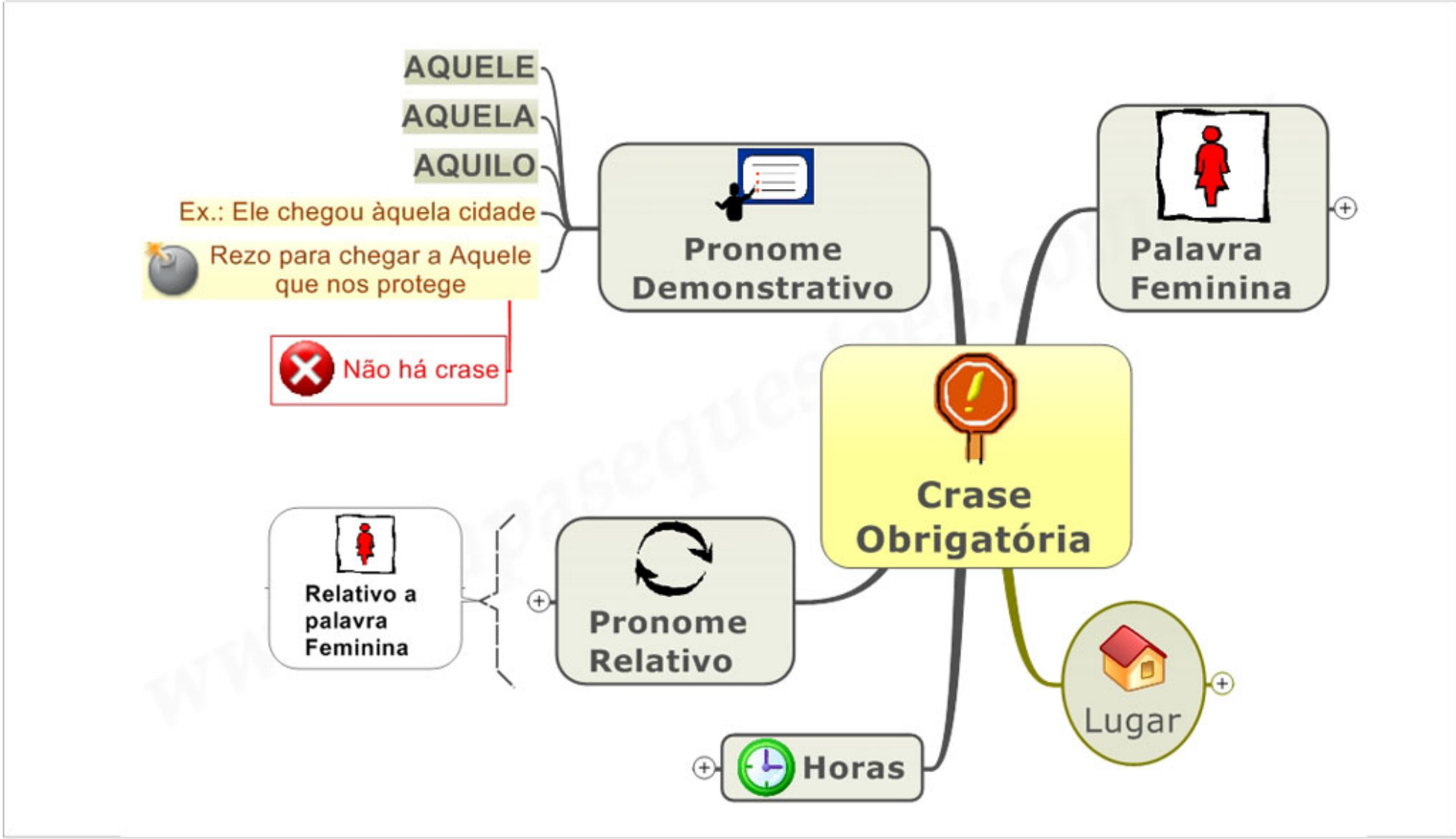

Crase - Proibida e Facultativa

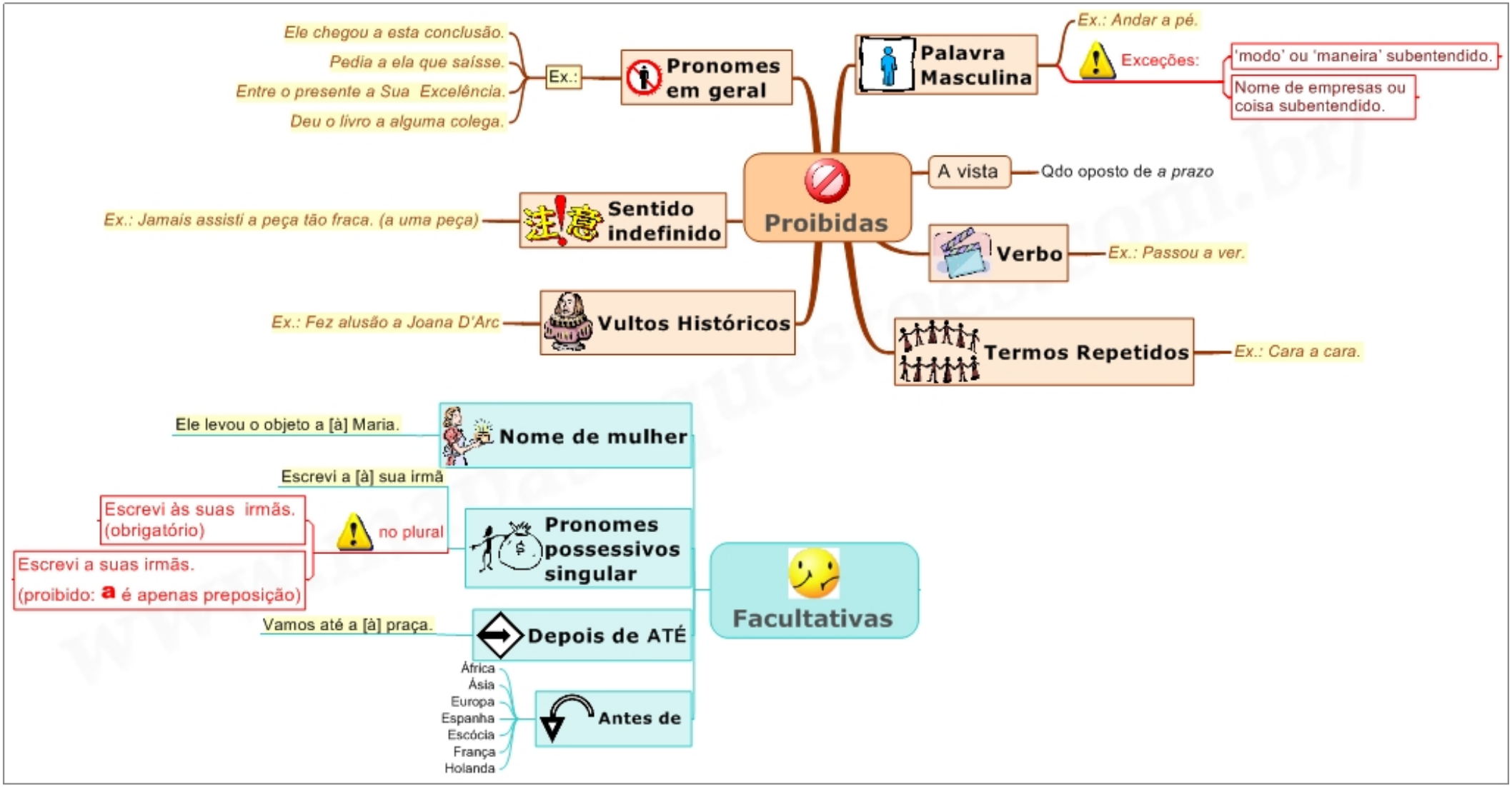

Pontuação

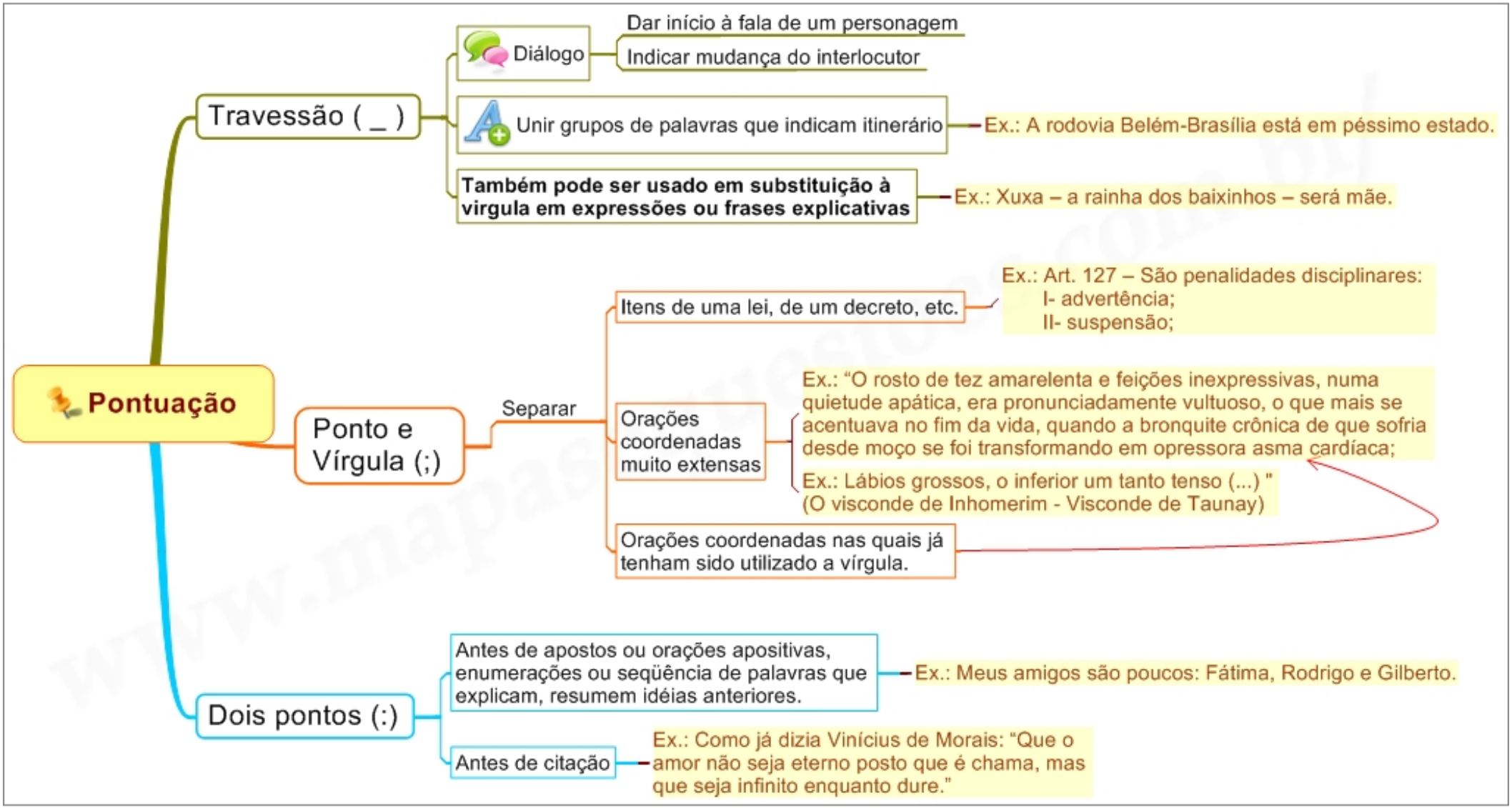
Pontuação
Travessão (_)
Diálogo
Dar início à fala de um personagem
Indicar mudança do interlocutor
Unir grupos de palavras que indicam itinerário
Ex.: A rodovia Belém-Brasília está em péssimo estado.
Também pode ser usado em substituição à virgula em expressões ou frases explicativas
Ex.: Xuxa – a rainha dos baixinhos – será mãe.
Ponto e Vírgula (;)
Separar
Itens de uma lei, de um decreto, etc.
Ex.: Art. 127 – São penalidades disciplinares:
I- advertência;
II- suspensão;
Orações coordenadas muito extensas
Ex.: "O rosto de tez amarelenta e feições inexpressivas, numa quietude apática, era pronunciadamente vultuoso, o que mais se acentuava no fim da vida, quando a bronquite crônica de que sofria desde moço se foi transformando em opressora asma cardíaca;
Ex.: Lábios grossos, o inferior um tanto tenso (...) " (O visconde de Inhomerim - Visconde de Taunay)
Orações coordenadas nas quais já tenham sido utilizado a vírgula.
Dois pontos (:)
Antes de apostos ou orações apositivas, enumerações ou seqüência de palavras que explicam, resumem idéias anteriores.
Ex.: Meus amigos são poucos: Fátima, Rodrigo e Gilberto.
Antes de citação
Ex.: Como já dizia Vinícius de Morais: "Que o amor não seja eterno posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure."

Pontuação - 02 - Vírgula

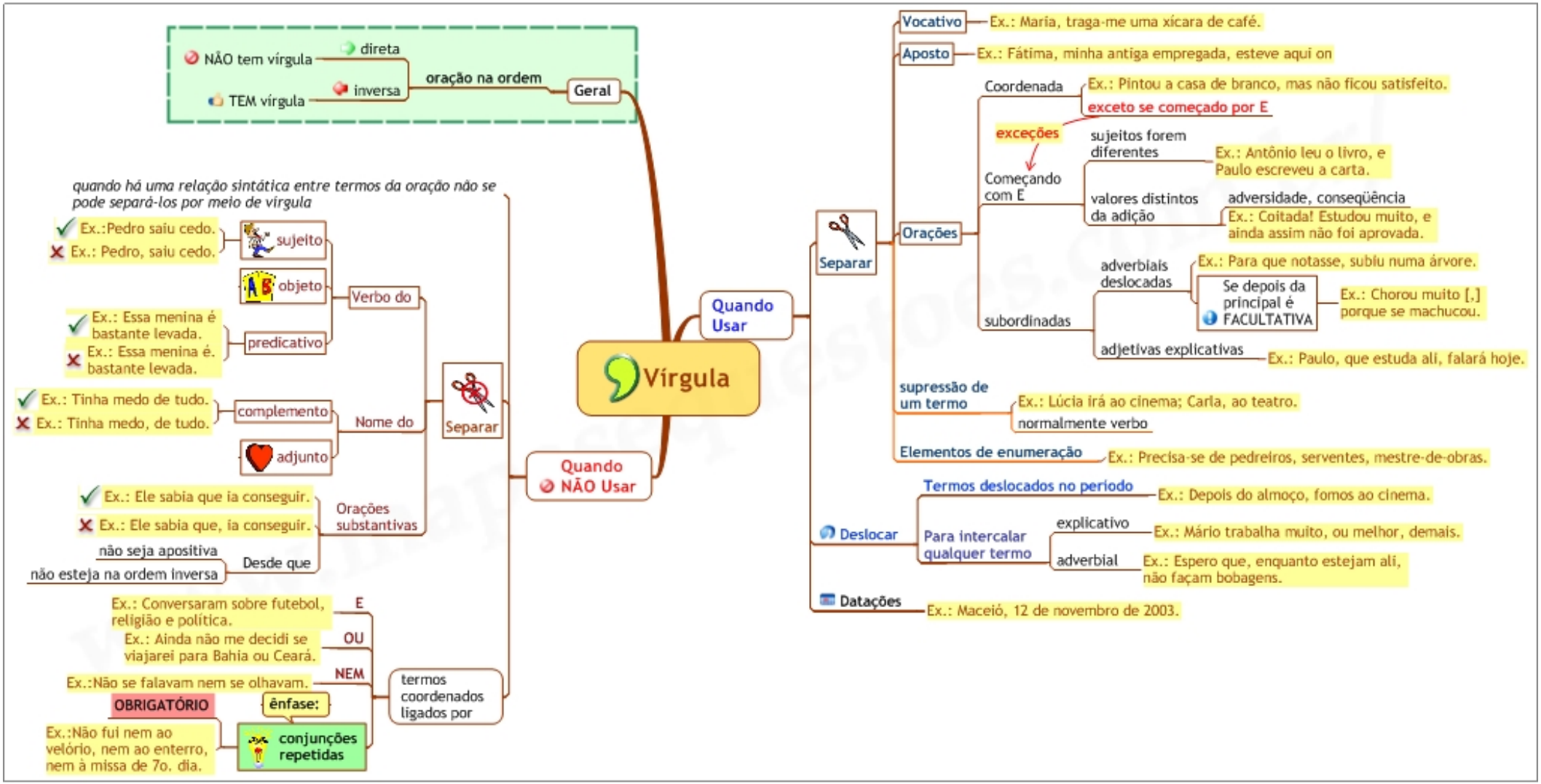

Regência 01

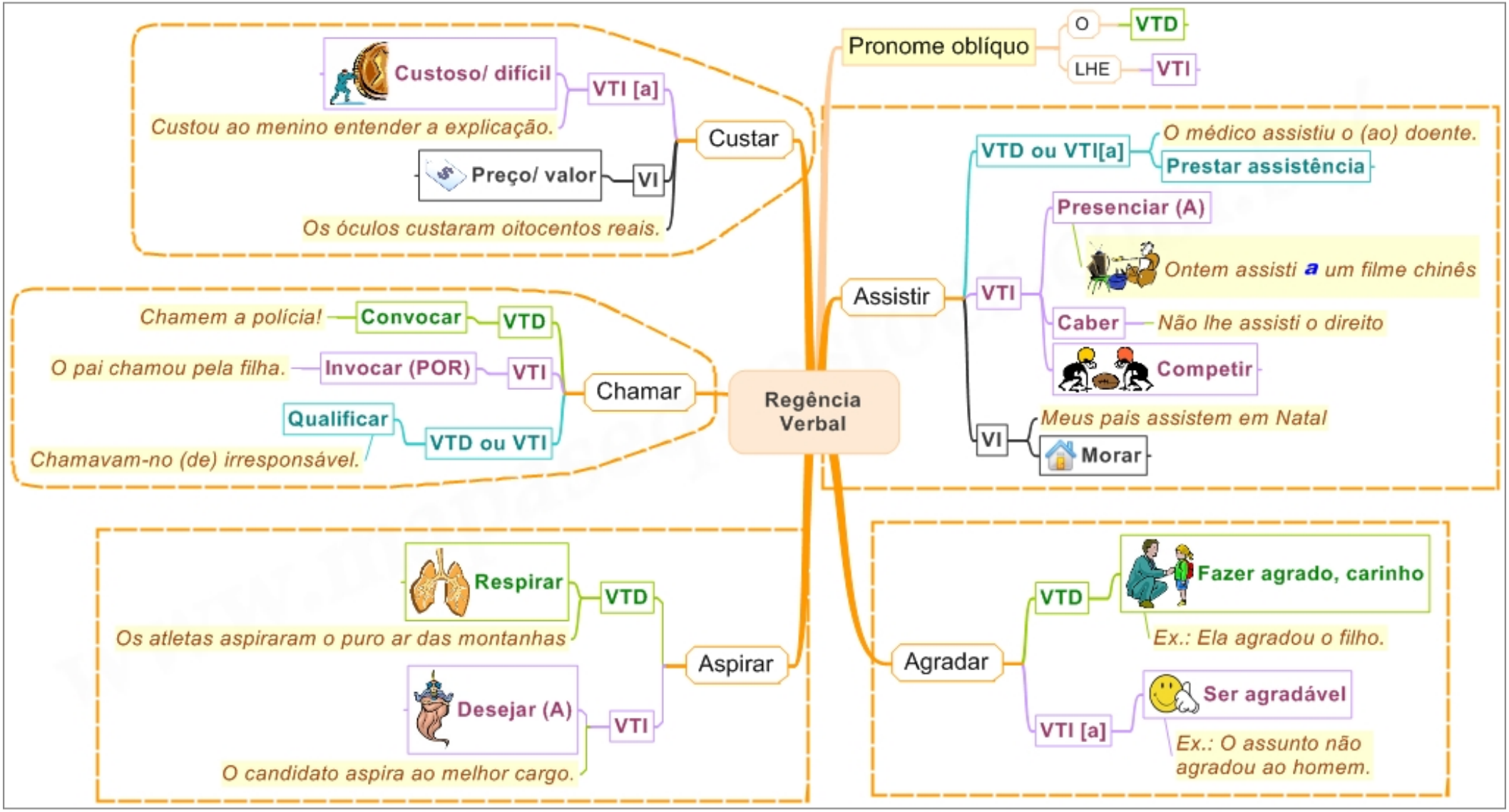
Regência Verbal
Custar
Custoso/ difícil
VTI [a]
Custou ao menino entender a explicação.
Preço/ valor
VI
Os óculos custaram oitocentos reais.
Chamar
Convocar
VTD
Chamem a polícia!
Invocar (POR)
VTI
O pai chamou pela filha.
Qualificar
VTD ou VTI
Chamavam-no (de) irresponsável.
Aspirar
Respirar
VTD
Os atletas aspiraram o puro ar das montanhas
Desejar (A)
VTI
O candidato aspira ao melhor cargo.
Pronome oblíquo
O
VTD
LHE
VTI
Assistir
VTD ou VTI[a]
O médico assistiu o (ao) doente.
Prestar assistência
VTI
Presenciar (A)
Ontem assisti a um filme chinês
Caber
Não lhe assisti o direito
Competir
VI
Meus pais assistem em Natal
Morar
Agradar
VTD
Fazer agrado, carinho
Ex.: Ela agradou o filho.
VTI [a]
Ser agradável
Ex.: O assunto não agradou ao homem.

Regência 02

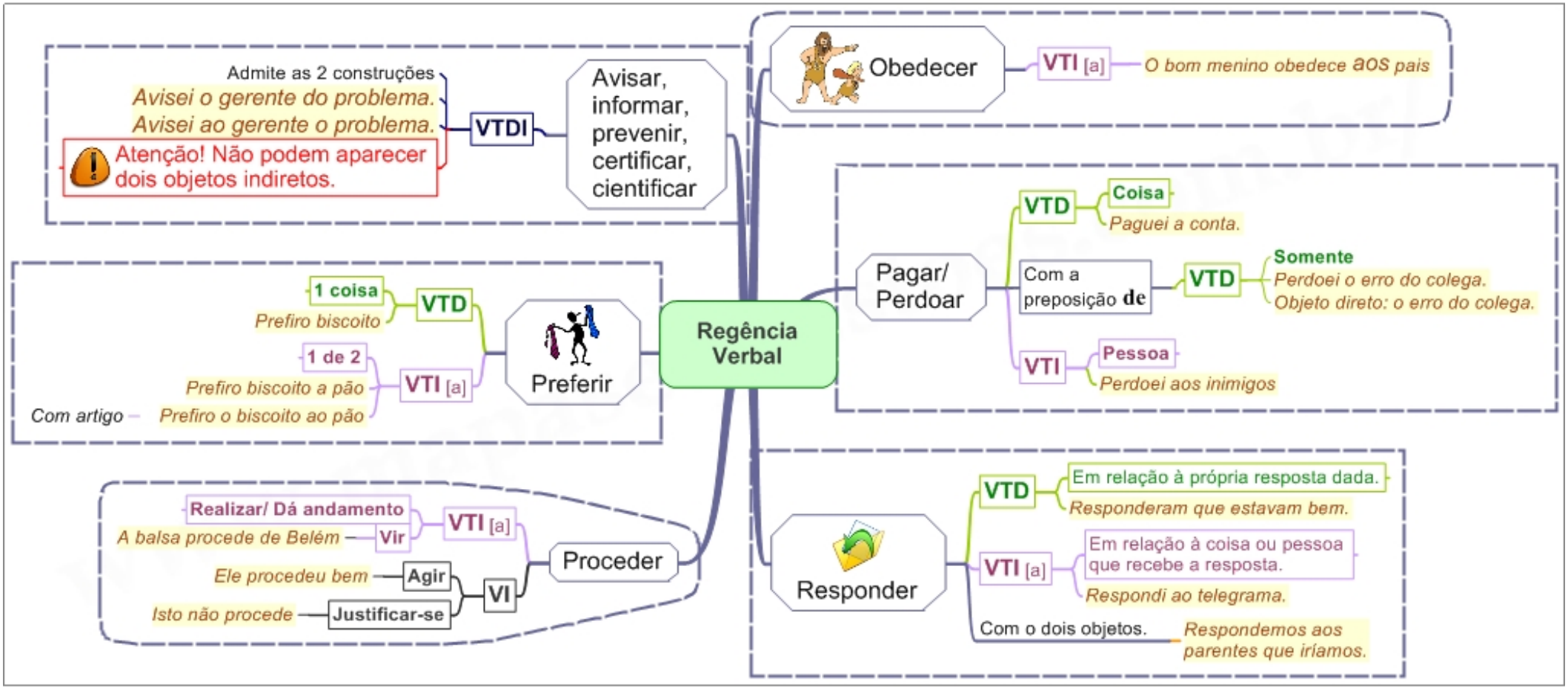
Regência Verbal
Avisar, informar, prevenir, certificar, cientificar
VTDI
Admite as 2 construções
Avisei o gerente do problema.
Avisei ao gerente o problema.
Atenção! Não podem aparecer dois objetos indiretos.
Obedecer
VTI [a]
O bom menino obedece aos pais
Pagar/ Perdoar
VTD
Coisa
Paguei a conta.
Com a preposição de
VTD
Somente
Perdoei o erro do colega.
Objeto direto: o erro do colega.
VTI
Pessoa
Perdoei aos inimigos
Preferir
VTD
1 coisa
Prefiro biscoito
VTI [a]
1 de 2
Prefiro biscoito a pão
Com artigo
Prefiro o biscoito ao pão
Proceder
VTI [a]
Realizar/ Dá andamento
Vir
A balsa procede de Belém
VI
Agir
Ele procedeu bem
Justificar-se
Isto não procede
Responder
VTD
Em relação à própria resposta dada.
Responderam que estavam bem.
VTI [a]
Em relação à coisa ou pessoa que recebe a resposta.
Respondi ao telegrama.
Com o dois objetos.
Respondemos aos parentes que iríamos.

Regência 03

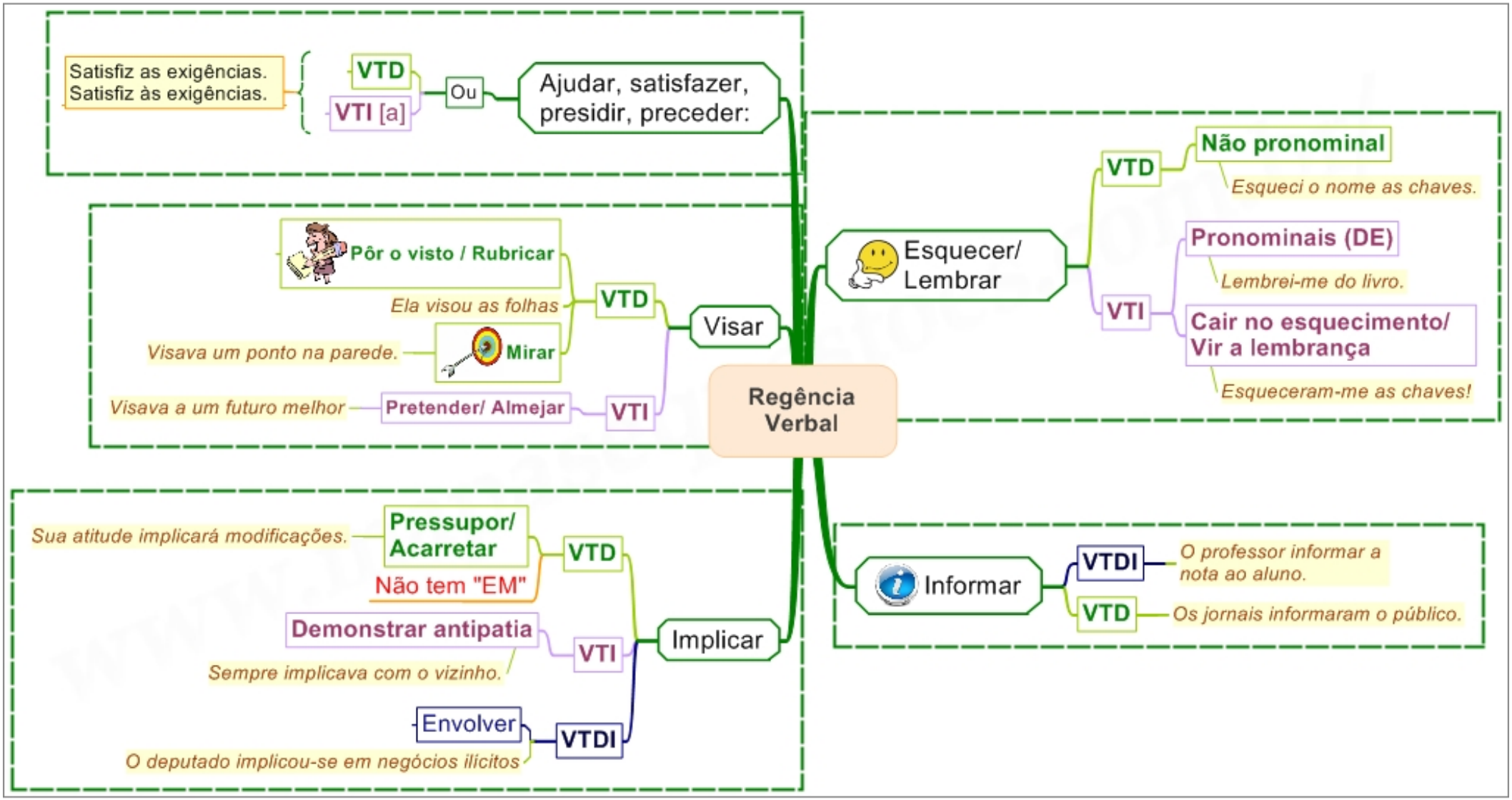
Regência Verbal
Ajudar, satisfazer, presidir, preceder:
Satisfiz as exigências.
Satisfiz às exigências.
VTD
VTI [a]
Ou
Visar
VTD
Pôr o visto / Rubricar
Ela visou as folhas
Mirar
Visava um ponto na parede.
VTI
Pretender/ Almejar
Visava a um futuro melhor
Esquecer/ Lembrar
VTD
Não pronominal
Esqueci o nome as chaves.
VTI
Pronominais (DE)
Lembrei-me do livro.
Cair no esquecimento/ Vir a lembrança
Esqueceram-me as chaves!
Implicar
VTD
Pressupor/ Acarretar
Sua atitude implicará modificações.
Não tem "EM"
VTI
Demonstrar antipatia
Sempre implicava com o vizinho.
VTDI
Envolver
O deputado implicou-se em negócios ilícitos
Informar
VTDI
O professor informar a nota ao aluno.
VTD
Os jornais informaram o público.

Concordância Verbal - Regra Geral

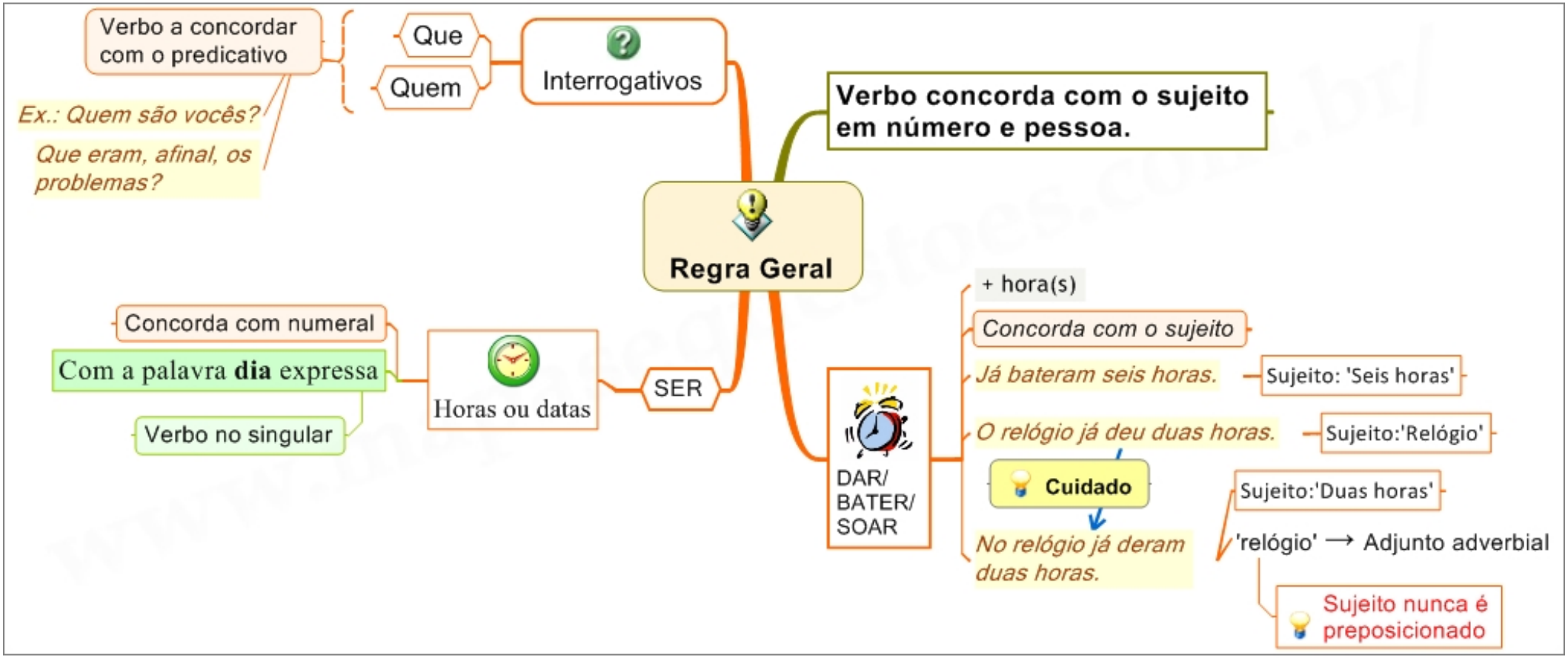

Concordância Verbal - Verbo no Singular

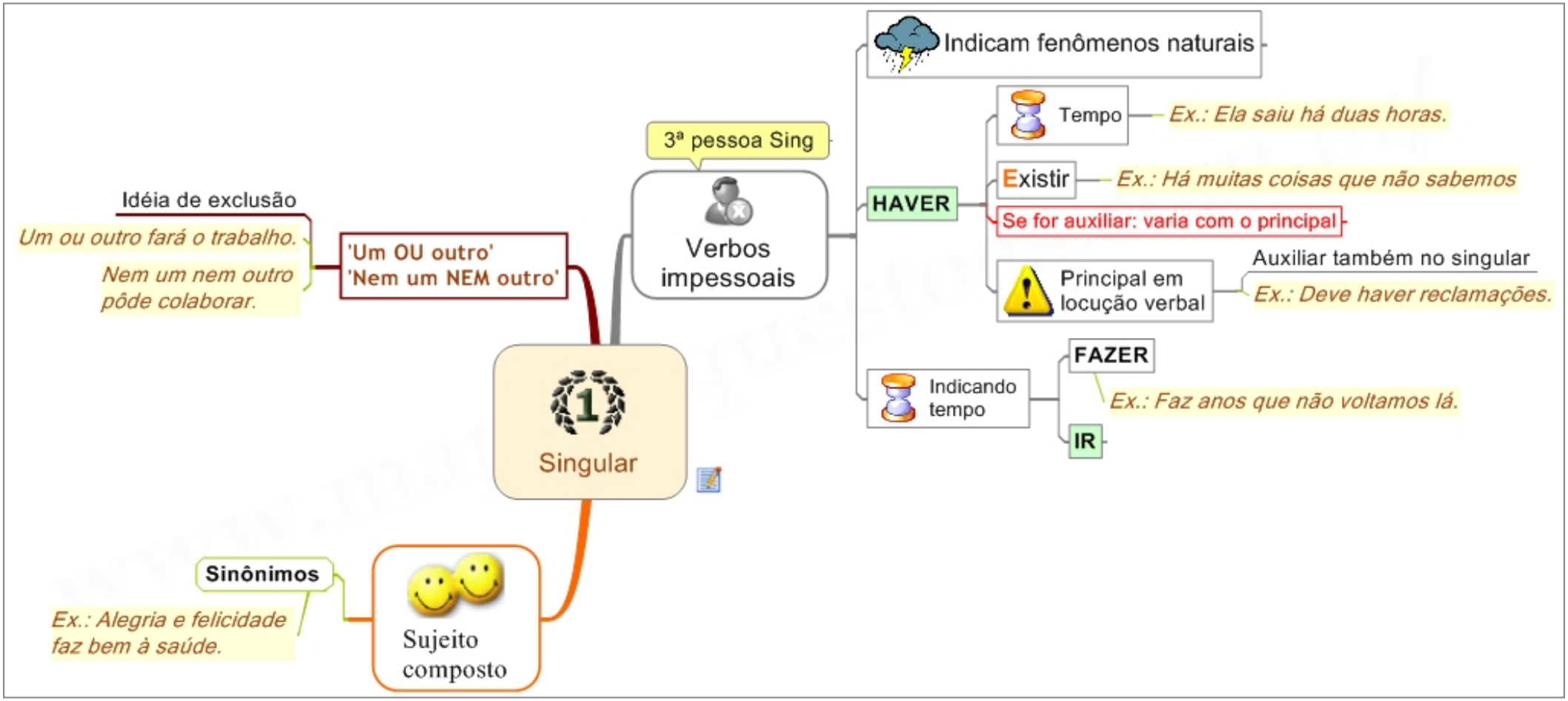

Concordância Verbal - Singular ou Plural

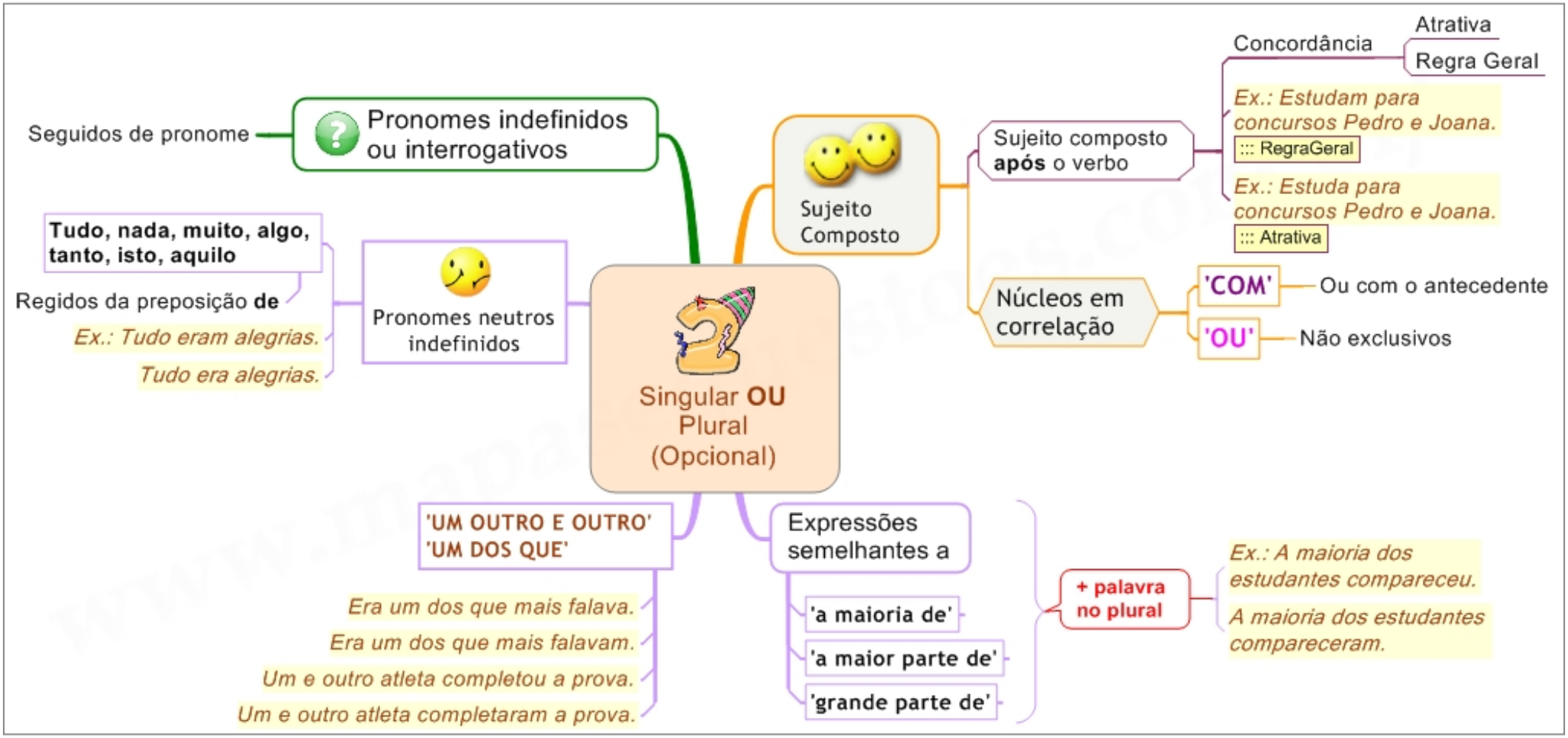

Concordância Verbal - Casos Especiais - 01

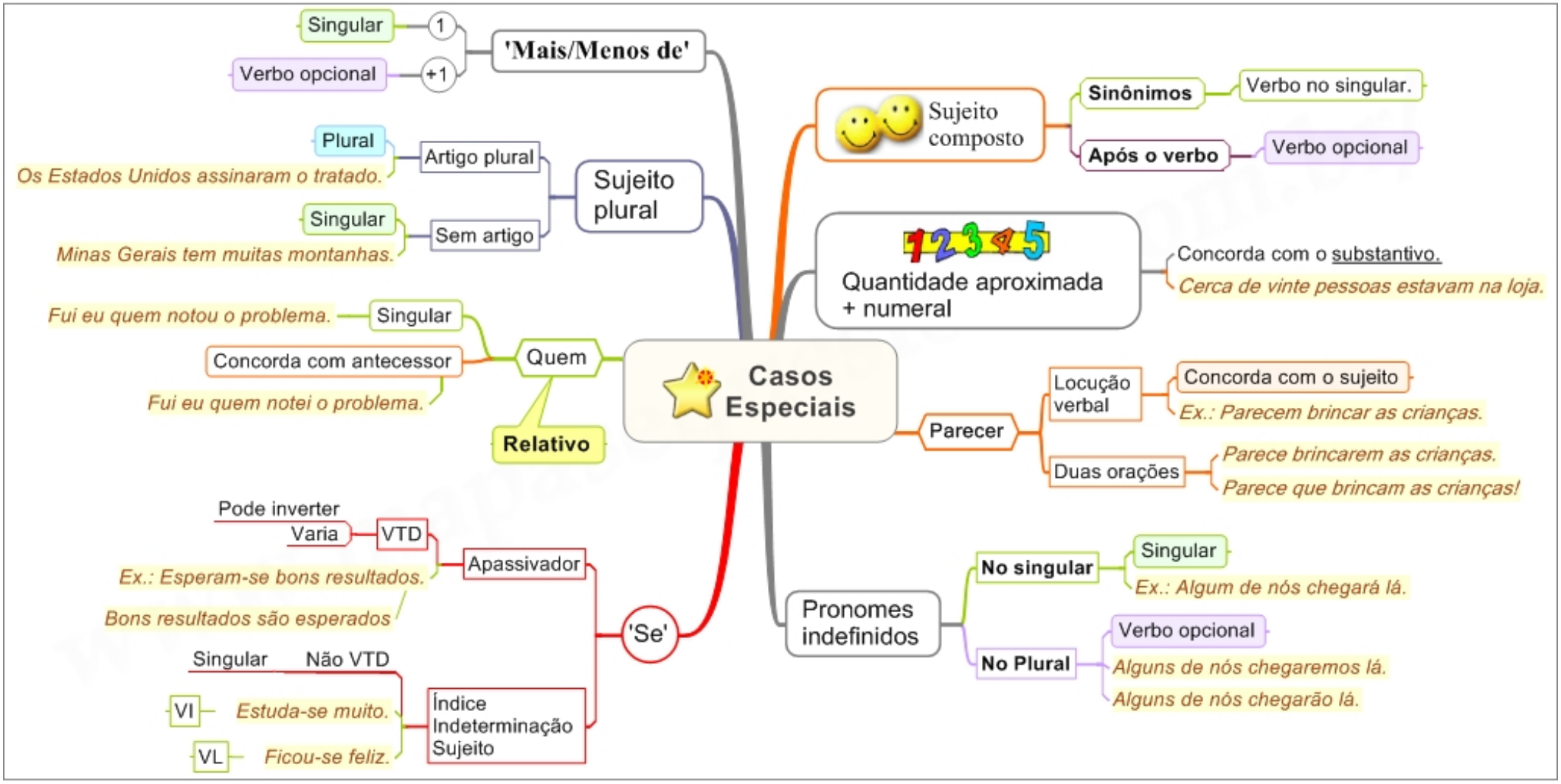

Concordância Nominal - Regra Geral

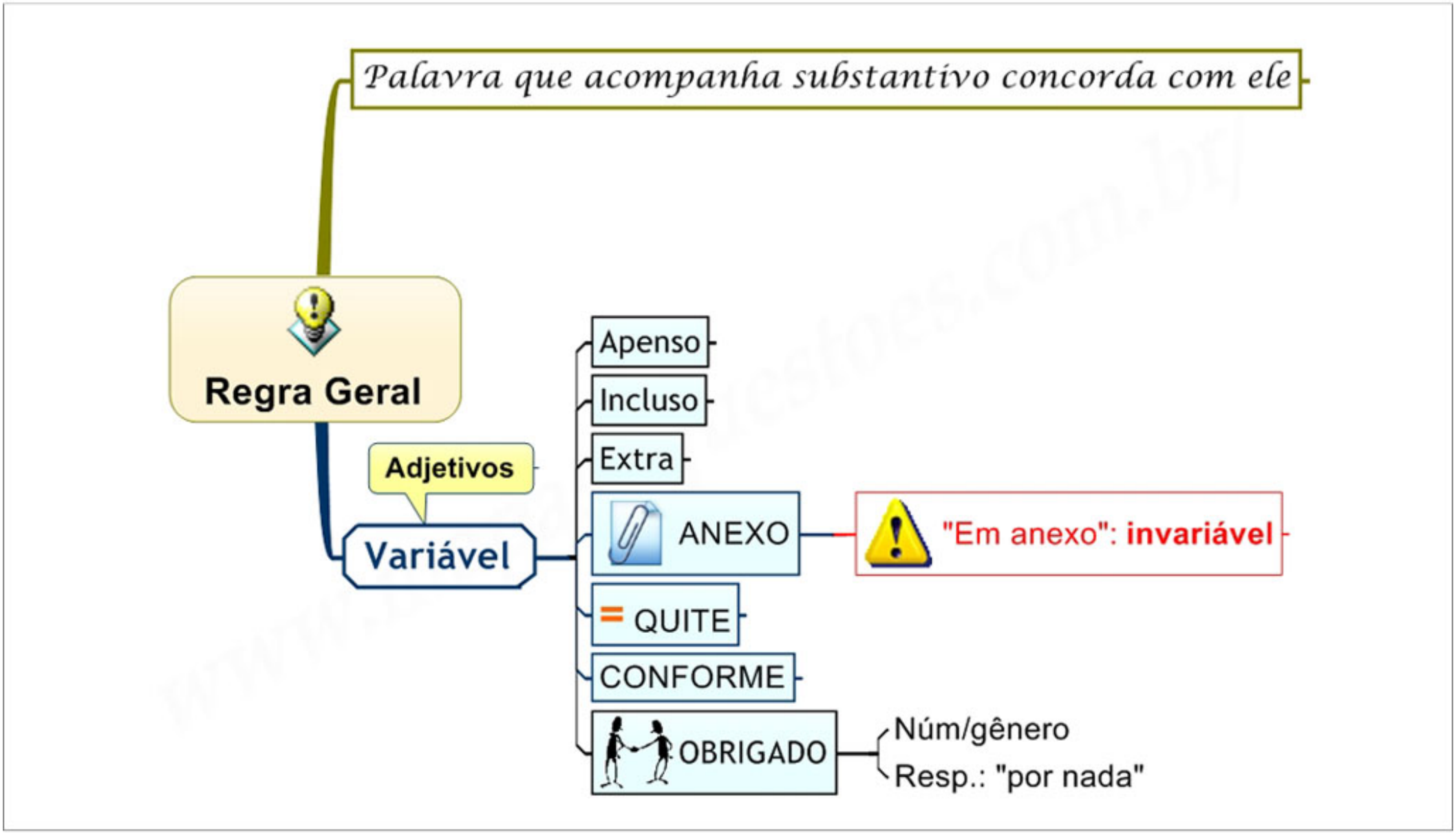

Concordância Nominal - Casos Especiais - 01

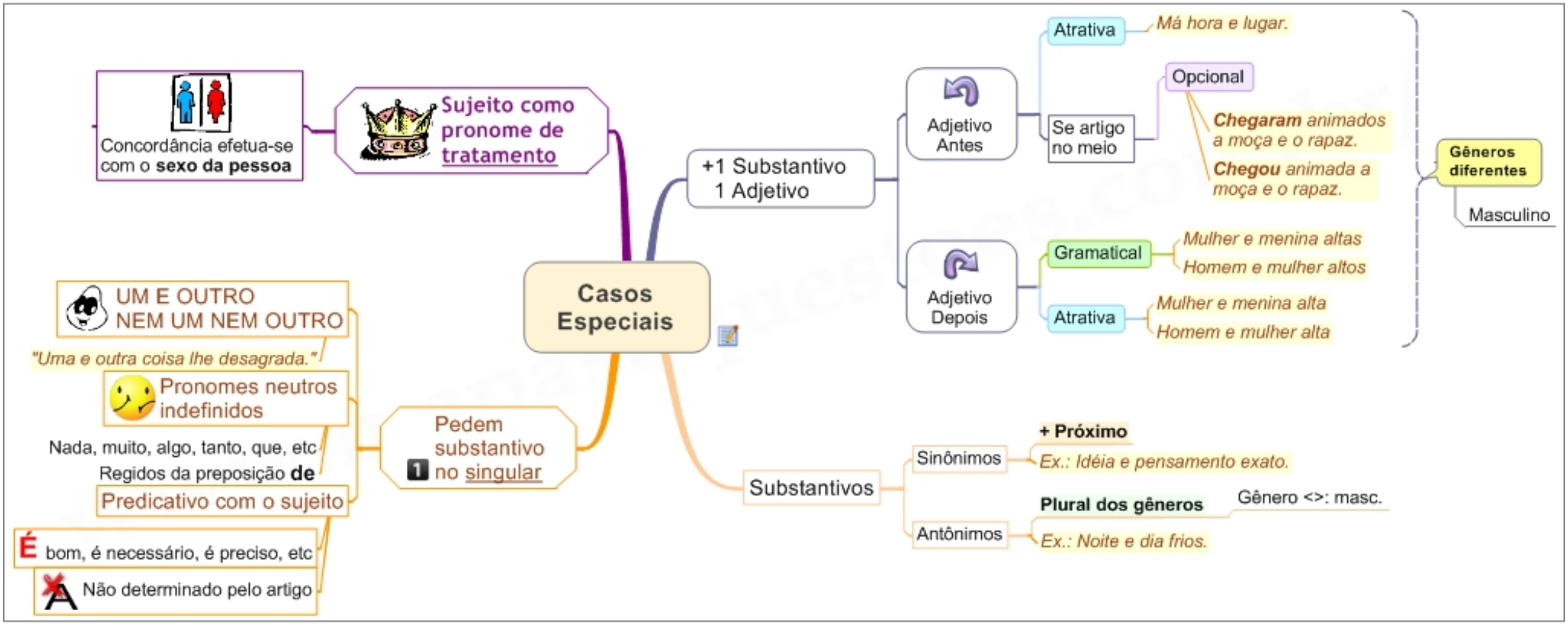

Concord&ância Nominal - Casos Especiais - 02

Português
Principais Tópicos Para Concursos

Mapas Mentais por:
Terezinha Rego

http://www.mapasequestoes.com.br
http://blog.mapasequestoes.com.br

Siga-nos no Twitter:
http://www.twitter.com/mapasequestoes

200

DICAS E MACETES DE PORTUGUÊS

Professor Leo

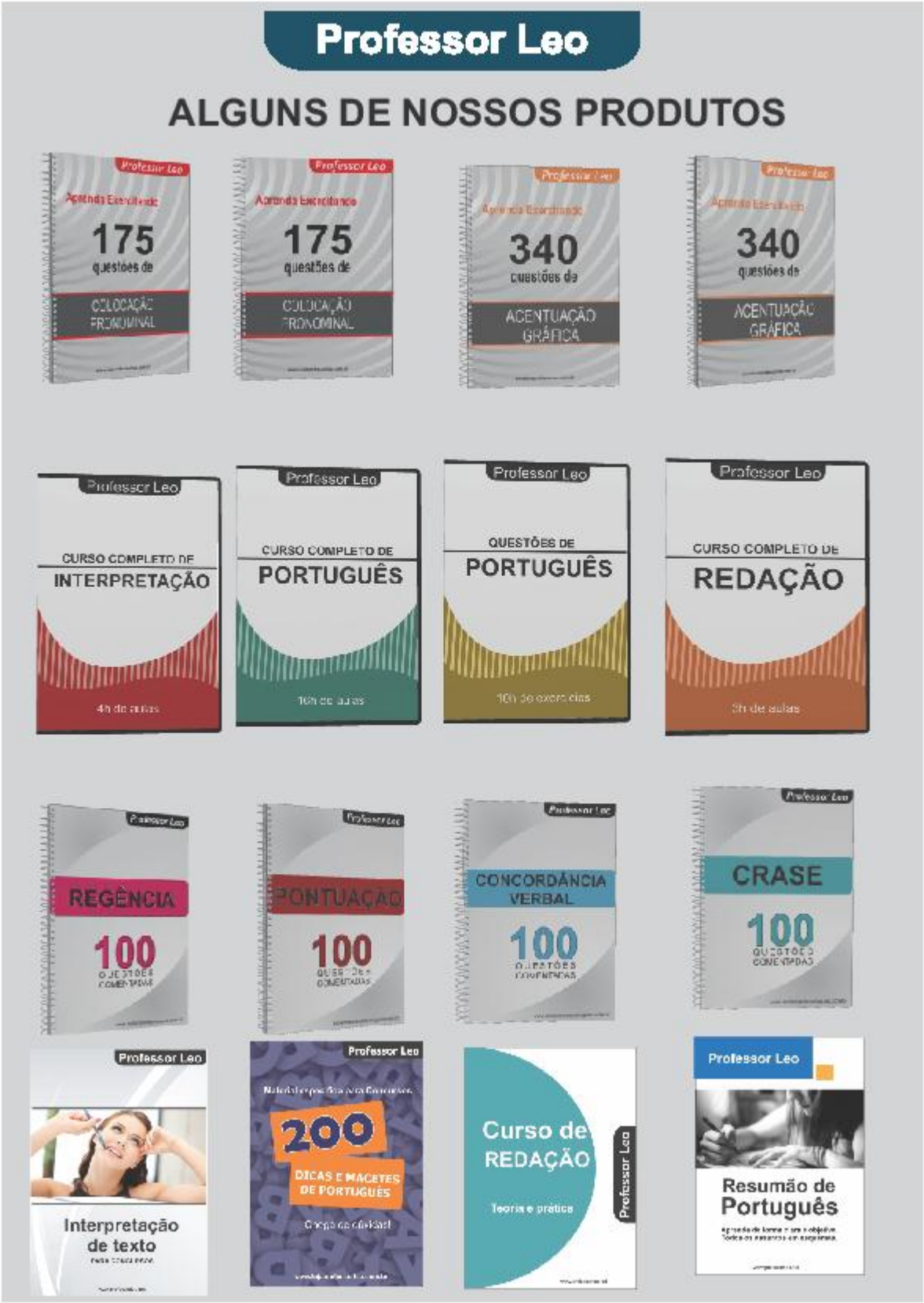
Professor Leo
ALGUNS DE NOSSOS PRODUTOS
175 questões de COLOCAÇÃO PRONOMINAL
175 questões de COLOCAÇÃO PRONOMINAL
340 questões de ACENTUAÇÃO GRÁFICA
340 questões de ACENTUAÇÃO GRÁFICA
CURSO COMPLETO DE INTERPRETAÇÃO
CURSO COMPLETO DE PORTUGUÊS
QUESTÕES DE PORTUGUÊS
CURSO COMPLETO DE REDAÇÃO
REGÊNCIA 100
PONTUAÇÃO 100
CONCORDÂNCIA VERBAL 100
CRASE 100
Interpretação de texto
200 DICAS E MACETES DE PORTUGUÊS
Curso de REDAÇÃO
Teoria e prática
Resumão de Português

Este livro vai ajudá-lo a entender melhor vários tópicos da gramática, já que aborda muitas perguntas e dúvidas feitas por estudantes. As dicas são separadas por matéria para facilitar a compreensão, além disso, cada assunto é tratado de forma clara e objetiva. Ao ler todo o livro, você não será mais o mesmo, pois posso garantir que bastantes dúvidas não mais existirão para você.

Índice

Dicas de Fonética 6
Dicas de Acentuação Gráfica 11
Dicas de Ortografia e Homônimos e Parônimos 14
Dicas de Formação de Palavras 20
Dicas de Morfologia 22
Dicas de Verbos e Vozes Verbais 27
Dicas de Pronomes e Colocação Pronominal 32
Dicas de Sintaxe 40
Dicas de Crase 51
Dicas de Regência 55
Dicas de Concordância Nominal 59
Dicas de Concordância Verbal 62
Dicas de Pontuação 64
Dicas de Período Composto 67
Dicas de Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos.....71
Dicas de Figuras de Linguagem 72
Dicas Extras 73

DICAS DE FONÉTICA

DICA 1

- Toda vogal idêntica se separa:

1. Voo = vo-o
2. Creem = cre-em
3. Cooperar = co-o-pe-rar

DICA 2

- O tritongo ocorre quando três vogais ficam juntas e pronunciadas:

SÃO TRITONGOS	NÃO SÃO TRITONGOS
Igual	M**ei**o = As vogais separam-se.
Saguão	Q**u**eijo = O "u" não tem som.
Enxáguem	Vo**ou** = As vogais separam-se.
Paraguai	S**ai**a = As vogais separam-se.

- A consoante "l" pode apresentar som de "u", e a consoante "m" pode representar som de "i" ou "u".

DICA 3

- Ditongo pode ser representado pelas consoantes "L" cujo som pode ser de "u" e pela consoante "M" cujo som pode ser de "i" ou "u".

1. **Al**to
2. M**el**
3. Am**ém**
4. Cant**am**

- A consoante "l" pode apresentar som de "u" em qualquer posição, já a consoante "m" só no final das palavras.

DICA 4

- Hiato ocorre quando há:
  - Vogais idênticas.
  - Quando o "í" ou o "ú" vierem acentuados e precedidos de vogal.

1. Vo-**o**
2. Ba-**ú**
3. Sa-**ú**-de
4. A-**í**
5. Ve-**em**
6. Sa-**í**-da

DICA 5

- Os dígrafos vocálicos podem ser representados por "an – en – in – on – un" ou por "am – em – im – om – um" quando apresentam som nasal:

1. P**am**pa
2. T**on**to
3. L**on**ge
4. Álb**um**
5. **Em**pada

DICA 6

- Tabela dos dígrafos:

DÍGRAFOS VOCÁLICOS	DÍGRAFOS CONSONANTAIS
AN = ANTA	SS = PASSA
AM = PAMPA	NH = LINHA
EN = ENTRA	SC = CRESCE
EM = TEMPO	LH = PALHA
IN = TINTA	XC = EXCETO
IM = PIM	QU = QUERO
ON = TONTO	GU = AGUIA
OM = POMBO	CH = CHAVE
UN = UNGIDO	RR = CARRO
UM = RUM	SÇ = CRESÇO

DICA 7

- Os encontros consonantais podem ficar em sílabas diferentes:

1. Dig-no
2. Tungs-tê-nio
3. Rap-to
4. Dis-co
5. Et-ni-co
6. Pac-to

- Há três tipos de encontros consonantais:

1. **Perfeito** ➡ juntos = Bra-sil
2. **Imperfeito** ➡ separados = Dig-no
3. **Misto** ➡ juntos e separados = Felds-pato

DICA 8

- O "qu", "gu" e "sc" nem sempre são dígrafos. Caso a letra "**u**" seja pronunciada, formará um ditongo, não sendo pronunciada, formará um dígrafo; e "**sc**" só será dígrafo se houver som de "**c**":

1. Quero = dígrafo
2. Queijo = dígrafo
3. Águia = dígrafo
4. Ág**ua** = ditongo
5. Q**ua**se = ditongo
6. Q**ua**tro = ditongo
7. Di**sc**o = encontro consonantal (dois sons)
8. Desce = dígrafo (som de "c")

DICA 9

- Os ditongos decrescentes terminam em som de "**i**" ou de "**u**", basta observar o som final do ditongo. O restante será ditongo crescente.

1. C**oi**sa = ditongo decrescente
2. P**ão** = ditongo decrescente
3. P**au** = ditongo decrescente
4. M**ãe** = ditongo decrescente
5. Sér**ie** = ditongo crescente
6. Ág**ua** = ditongo crescente
7. Sér**io** = ditongo crescente

- Ocorrendo no ditongo a vogal "i" primeiro, sempre teremos ditongo crescente.

DICA 10

- Saiba como diferenciar o ditongo nasal do ditongo oral:

- Nasal = apresenta "**m**" ou "**~**"
- Oral = **resto**

1. Pão = nasal
2. Põe = nasal
3. Amam = nasal
4. Tem = nasal
5. Pai = oral
6. Coisa = oral

- A palavra "**muito**" apresenta ditongo nasal.

DICA 11

- As palavras paroxítonas terminadas em ditongo separam-se desta forma:

1. Sé-rie = com acento
2. Se-cre-tá-ria = com acento
3. Má-goa = com acento
4. Si-lên-cio = com acento

- Note que caiu nas regras das paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

- Caso a palavra termine em duas vogais e não haja acento na vogal anterior, as vogais se separarão, formando um hiato:

1. Se-cre-ta-ri-a = sem acento
2. Ma-go-a = sem acento
3. Si-len-ci-o = sem acento
4. Psi-co-lo-gi-a = sem acento

DICA 12

- Não existe sílaba sem vogal, portanto não se separa confiando apenas no som:

1. P-neu = errado
2. Pneu = **correto**
1. Tun-gs-tê-nio = errado
2. Tungs-tê-nio = **correto**
1. Di-g-no = errado
2. Dig-no = **correto**

DICA 13

- São semivogais as vogais com som de "**i**" ou "**u**". Lembrando que só existe semivogal nos **ditongos** e **tritongos**:

1. Pai = (vogal + semivogal)
2. Pão = (vogal + semivogal)
3. Roupa = (vogal + semivogal)
4. Água = (semivogal + vogal)
5. Mãe = (vogal + semivogal)
6. Colégio = (semivogal + vogal)
7. Paraguai = (semivogal + vogal + semivogal)

- O "a" é sempre vogal, já as letras "e, i, o, u" podem ser vogais ou semivogais.

DICA 14

- Nos prefixos "**des** – **sub** – **bis**", a consoante deve se juntar a vogal posterior, portanto, a vogal não pode ficar só:

PALAVRA	CORRETA	INCORRETA
Bisavô	Bi-sa-vô	Bis-**a**-vô
Suboficial	Su-bo-fi-ci-al	Sub-**o**-fi-ci-al
Subumano	Su-bu-ma-no	Sub-**u**-ma-no
Subitem	Su-bi-tem	Sub-**i**-tem
Desajustado	De-sa-jus-ta-do	Des-**a**-jus-ta-do
Desatento	De-sa-ten-to	Des-**a**-ten-to
Subinspetor	Su-bins-pe-tor	Sub-**ins**-pe-tor

DICA 15

- Algumas palavras perigosas quanto à separação silábica:

1. **Abrupto** = ab-rup-to
2. **Sublinhar** = sub-li-nhar

DICA 16

- Quando a vogal "**i**" se encontrar entre duas vogais, sendo que a última seja o vogal "**a**" ou "**o**", estas ficarão sozinhas, empregando-se esta regra:

1. Meio = mei-o
2. Saia = sai-a
3. Maio = mai-o
4. Receio = re-cei-o
5. Teia = tei-a
6. Joia = joi-a

DICA 17

- Sempre se separam "**ss** – **rr** – **sc** – **xc** – **sç**", e nunca se separam as letras "**qu** – **gu** – **lh** – **nh**":

1. Bainha = ba-i-**nh**a
2. Adolescente = a-do-le**s**-**c**en-te
3. Afilhada = a-fi-**lh**a-da
4. Assar = a**s**-**s**ar
5. Água = á-**gu**a
6. Exceto = e**x**-**c**e-to

DICAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

DICA 1

- Quando pluralizar os verbos "**crê – dê – lê – vê**", basta acrescentar "**em**" e retirar o acento. Isso conforme a nova regra ortográfica:
  1. Ele crê. = Eles creem.
  2. Ele vê. = Eles veem.
  3. Que ele dê. = Que eles deem.
  4. Ele lê. = Eles leem.

DICA 2

- Só não se acentuam os ditongos abertos "**éi,ói,éu**" na segunda sílaba, os acentos permanecem nos monossílabos e nas posições das oxítonas:

1. Herói – dói
2. Céu – troféu
3. Papéis – réis

- Não recebem acento os ditongos abertos na segunda sílaba:

1. Ideia = i-dei-a
2. Assembleia = as-sem-blei-a
3. Heroico = he-roi-co
4. Jiboia = ji-boi-a

DICA 3

- O acento circunflexo "^" sinaliza que o verbo se encontra no plural, já o acento agudo "´" sinaliza que o verbo se encontra no singular.

  - Deter – conter – reter – manter – convir – provir

1. **Ele** detém o ladrão.
2. **Eles** detêm o ladrão.

1. Esse **problema** não nos convém.
2. Esses **problemas** não nos convêm.

1. O **policial** mantém o ladrão preso.
2. Os **policiais** mantêm o ladrão preso.

DICA 4

- Veja a diferença entre as oxítonas e paroxítonas:

REGRA	TERMINADA EM:	ACENTO
Oxítona	a – e – o – em – ens	Tem
Paroxítona	a – e – o – em – ens	Não tem

- Paletó – café – maracujá – parabéns – também... = oxítonas
- Júri – bíceps – amável – açúcar – tórax – hífen – órgão – biquíni... = paroxítonas

Não levam acento as palavras:

- Item – itens – pudico – hifens – polens...

- A regra da oxítona é o contrário da paroxítona. Veja que todas as paroxítonas não terminadas em "a – e – o – em – ens" levam acento.

DICA 5

- Palavras maldosas e que não levam acento gráfico; as sílabas tônicas foram destacadas em negrito:

- Pu**di**co – I**be**ro – No**bel** – ure**ter** – con**dor** – a**va**ro – mis**ter** – ru**bri**ca – azi**a**go

DICA 6

- Muito cuidado com verbos que vêm com pronomes oblíquos:

1. Pô-lo = monossílabo
2. Amá-lo = oxítona
3. Vendê-lo-íamos = proparoxítona (íamos) e oxítona (vendê)

- Basta excluir o pronome oblíquo para saber em que posição ocorre o acento.

DICA 7

- Lembre-se de que vogais idênticas não levam mais acento:

1. Voo
2. Enjoo
3. Perdoo
4. Creem
5. Veem
6. Leem

DICA 8

- Não confunda os plurais dos verbos "**ter – vir**" cujo acento é o circunflexo "**^**":

1. Ele **vem.** = Eles vêm.
2. Ele **tem.** = Eles têm.

DICA 9

- Como classificar a acentuação gráfica:

1. **Fé** = uma sílaba apenas (monossílabo)
2. Ca**fé** = forte na 1º sílaba (oxítona)
3. **Ní**vel = forte na 2º sílaba (paroxítona)
4. **Mé**dico = forte na 3º sílaba (proparoxítona)
5. Her**ói** – C**éu** = ditongo aberto (1º sílaba ou monossílabo)
6. Sa**í**da – Sa**í** = hiato (2º sílaba ou 1º sílaba)
7. Pôr # Por – Pôde # Pode = acento diferencial

DICA 10

- Não levam acento as oxítonas terminadas em "**u**", apenas quando o "**u**" for hiato:

  - "Tatu – urubu – caju – Bauru" se acentuar vai ser um "jacu".
  - Itaú – baú (Hiato)

DICA 11

- As palavras terminadas em diminutivo "**zinho – zinha**" não levam acento:

1. Chapéu = chapeuzinho
2. Café = cafezinho
3. Anéis = aneizinhos

DICAS DE ORTOGRAFIA - HOMÔNIMOS - PARÔNIMOS

DICA 1

- Emprega-se "**ss**" nas palavras derivadas de verbos terminados em:

1. **Ceder** = conceder → concessão – concessivo
2. **Meter** = prometer → promessa – remissão
3. **Mitir** = omitir → omisso – omissivo
4. **Primir** = comprimir → compressor – compressão
5. **Gredir** = agredir → agressivo – agressor
6. **Cutir** = discutir → discussão – percussão

DICA 2

- Emprega-se a letra "**z**" nas palavras que não apresentam "**z**" na última sílaba:

1. Café = cafezal
2. Hospital = hospitalização
3. Concreto = concretizado
4. Ameno = amenizar
5. Roda = rodízio
6. Avaro = avareza
7. Frio = frieza

DICA 3

- Os verbos terminados em "**uar**" ou "**oar**" têm o final com "**e**", no restante deve empregar-se a vogal "**i**":

1. Abençoar = abençoe
2. Atenuar = atenue
3. Voar = voe
4. Continuar = continue
5. Possuir = possui
6. Atribuir = atribui

DICA 4

- Não confunda "**aonde**" que apresenta ideia de "**andar – locomover**", já o termo "**onde**" apresenta ideia de "**lugar fixo – sem ação – parado**".

- "**aonde**", normalmente, vem com estes verbos: **chegar** – **ir**
- "**onde**", normalmente, vem com estes verbos: **ficar** – **morar** – **estar** – **trabalhar**
- "**de onde** ou **donde**", normalmente, vêm com estes verbos: **chegar** – **sair – proceder**

1. Aonde ele quer **ir** hoje?
2. Você **vai** aonde com ela?
3. Onde **mora** sua tia?
4. A casa onde ele **trabalha** é nova.
5. Onde **está** seu carro?
6. De onde ele vem?

DICA 5

➢ Aprenda a empregar os **porquês**:

TIPOS	TROCA POR:	QUANDO USAR:
POR QUE	**Razão pela qual** **Motivo pelo qual**	• Perguntas diretas • Perguntas indiretas
PORQUE	**Pois - Já que - visto que**	• Apresenta uma causa • Explica oração anterior
POR QUÊ	----------	• Antes de pontuação (? - ! - .)
PORQUÊ	Motivo equivale a um substantivo	• Seguido de artigo "o – um"

- Não sei por que ele não veio. ="Não sei **a razão pela qual** ele não veio.

- Por que não veio? = **Razão pela qual** não veio?

- Porque estava doente, não veio. = **Já que** estava doente, não veio.

- Não veio, por quê?
- Só Deus sabe por quê.

- Diga-me **o** porquê de tudo.
- Quais **seus** porquês com ela?

DICA 6

➢ Para facilitar o emprego do "**mal**" e do "**mau**" segue um esquema:

- **Mal** = logo que – bem (advérbio – substantivo)
- **Mau** = bom – ruim (adjetivo)
- **Má =** boa – ruim (adjetivo)

1. Ela fala muito **mal**.
2. Que **mal** há nisso?
3. Ele é muito **mal**-humorado.
4. Paula está de **mau**-humor.
5. **Mal** se casou, ela chorou.
6. O bolo está **mau**.
7. As meninas são más com ele.
8. Considero a Maria muito má.

❖ O termo "**má**" é usado para concordar com o substantivo feminino, logo não se pode empregar "mau": Ela é muito mau. (errado)

DICA 7

- Algumas regras que ajudam a empregar a letra "**s**":

QUANDO USAR	EXEMPLOS
Sufixo "osa" ou "oso"	Gostoso – honroso – generoso – bondosa
Nos verbos "pôr" e "querer"	Pusesse – compus – quis – requisemos
Palavras que apresentam "rt"	Diversão – conversão – reversão – perversão
Nos verbos terminados em "ender"	Pretensão – apreensão – pretensiosa – ascensão
Após ditongo decrescente "oi – eu – ou – ai – au" uso "**s**" sem temer	Sousa – coisa – maisena – lousa – faisão – Neusa
Palavra que terminem com "s"	Analise – analisada – paralisia – paralisação

- O maior segredo da ortografia está em tentar reduzir a maioria das palavras para saber a procedência delas: cotizar (conta); paralisação (paralisia); lapiseira (lápis). Ao fazer isso, fica bem mais fácil saber qual letra empregar.

DICA 8

- Muito cuidado com estas palavras:
- Batismo = batizar
- Hipnose = hipnotizar
- Catequese = catequizar

DICA 9

- Quando houver dúvida quanto ao uso de "**agem**" ou "**ugem**", basta gravar "lambujem – pajem – lajem". O restante é com "**g**":

Penugem – garagem – ferrugem – fuligem – rabugem – coragem – triagem...

DICA 10

- Emprega-se o "**x**" após:

APÓS	**ME**	Mexilhão – mexer – mexido – remexer – mexerica
	DITONGO	Caixa – frouxo – faixa – baixo – encaixotado – eixo
	EN	Enxoval – enxurrada – enxaqueca – enxergar – enxotar

APÓS	**LA**	Relaxar – relaxamento
	LI	Lixa – lixo – lixeira
	LU	Luxo – luxuria
	GRA	Graxa – engraxate
	BRU	Bruxa – Bruxelas

- São com "ch" as palavras "encharcar – enchumaçar – mecha – recauchutagem – enchova – encher – enchente".

DICA 11

- As palavras que terminam em "**to**" ou "**ter**", emprega-se "**ç**" em seus derivados:

1. Setor = se**ç**ão
2. Isento = isen**ç**ão
3. Detento = deten**ç**ão
4. Atento = aten**ç**ão
5. Exceto = exce**ç**ão
6. Deter = deten**ç**ão
7. Reter = reten**ç**ão
8. Abster = absten**ç**ão
9. Conter = conten**ç**ão

DICA 12

- Caso tenha dúvida quanto ao uso do "**ch**", após a sílaba "**re**", a tendência é empregar o "**ch**".

1. Apetrecho
2. Brecha
3. Trecho
4. Rechaçar
5. Creche

DICA 13

- Ao reduzir as palavras, fica mais fácil diferenciar a grafia do "**j**" e do "**g**":

1. Selvagem = selvageria
2. Brejo = brejeiro
3. Ultrajar = ultraje
4. Enferrujar = enferrujem
5. Laranja = laranjeira
6. Canja = canjica
7. Granja = granjeiro
8. Nojo = nojeira
9. Vertigem = vertiginoso

- As palavras "tupis" ou "africanas" são grafadas com "j":

- **Jenipapo – jerimum – jiló – pajé – acarajé – jiboia...**

DICA 13

- Saiba que "ss" ficará sempre entre duas vogais, isto é, se não houver vogal antes ou depois, não tente empregar "ss":

1. Ate**nçã**o
2. Compree**nsã**o
3. Prete**nsã**o
4. Pr**e**ss**ã**o (entre vogais)

DICA 14

- Algumas palavras perigosas que tendem a aparecer nas provas:

CORRETAS	INCORRETAS
Mendigo	Mendingo
Cabeleireiro	Cabelereiro
Manteigueira	Mantegueira
Disenteria	Desenteria
Empecilho	Impecilho
Sobrancelha	Sombrancelha
Caranguejo	Carangueijo
Privilégio	Previlégio
Adivinhar	Advinhar
Beneficente	Beneficiente
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Estupro	Estrupro
Superstição	Supertição
Espontaneidade	Espontaniedade
Por isso	Porisso
De repente	Derrepente
A fim de	Afim de

DICA 15

- Para gravar alguns homônimos e parônimos, usamos as iniciais das palavras e criamos palavras com o mesmo sentido.

Sela = sentar
Cela = cadeia
Cozer = cozinha
Coser = costurar
Acento = acentuação
Assento = assentar
Concerto = conjunto de música
Con**s**erto = salvar
Soar = som
Suar = suado

Discrição = discreto
Descrição = descrever
Despensa = depósito
Dispensa = dispensado
Emergir = exterior
Imergir = introduzir
Eminente = elevado
Iminente = imediato
Expectador = expectativa
Espectador = espiar / observar

DICA 16

- Saiba quando empregar "**afim**" ou "**a fim**":

- A fim = **sempre seguido da preposição "de"**
- Afim = **não aceita a preposição "de"**

1. Estou a fim de tomar água.
2. Sua ideia é **afim** à minha ideia.
3. Fiz isso a fim de passar de ano.
4. São pessoas **afins**.

DICA 17

- Grafe o termo "**exce**" para escrever estas palavras:

1. Excêntrico
2. Excelência
3. Excepcional
4. Excelso
5. Exceção
6. Excedente

DICA 18

- Não erre mais:

- Acerca de = **sobre** (relacionado ao **assunto**)
- Cerca de = **aproximadamente** (relacionado à **quantidade**)
- Há cerca de = **existe aproximadamente** (**quantidade existente**)

1. Falaram ontem acerca dos problemas do Brasil. (sobre)
2. Sei que cerca de 10 alunos passaram. (aproximadamente)
3. Disse que há cerca de 10 alunos na sala. (existem aproximadamente)

- Tampouco = **nem**
- Tão pouco = **menos**

1. Ela fala tão pouco de você.
2. Ele estudou tão pouco hoje.
3. Não viajarei e tampouco trabalharei.
4. Tampouco eu gosto dela.

- Sob = **debaixo de**
- Sobre = **acima de**

1. Ele sai do palco sob vaias e sob muita pressão.
2. O programa está sob nova direção.
3. O livro está sobre a mesa.
4. Terão que passar sobre os fios.

- Senão = **do contrário / defeito / exceto**
- Se não = ideia de **condição / caso**

1. Se não vier à aula, falarei com ele.
2. Ela virá se não falar a verdade.
3. Devo trabalhar, senão não receberei.
4. Ela tem apenas um senão.
5. Não se viam senão carros pelas ruas.

DICAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DICA 1

➢ **Derivação por prefixação e sufixação**:

- Apresenta prefixo e sufixo.
- Retirando o prefixo, a palavra continua a existir.

1. Impossibilidade = ~~im~~possibilidade = **possibilidade**
2. Infelicidade = ~~in~~felicidade = **felicidade**

➢ **Derivação parassintética:**

- Apresenta prefixo e sufixo.
- Retirando o prefixo, a palavra deixa de existir.

1. Descampado = ~~des~~campado = **campado**
2. Ensolarado = ~~en~~solarado = **solarado**

DICA 2

- **Prefixo** = antecessor (antes)
- **Sufixo** = superior (depois)

1. **In**feliz
2. Feli**cidade**
3. **A**moral
4. Moral**idade**

DICA 3

➢ Veja como memorizar a **derivação regressiva**:

- Vem sempre de verbo.
- Vira **substantivo abstrato e indica ação.**
- Perde letra.

1. Chor~~ar~~ = choro
2. Beij~~ar~~ = beijo
3. Cant~~ar~~ = canto

❖ O substantivo não pode ser concreto: lix~~ar~~ = lixa

DICA 4

➢ A diferença entre composição por justaposição e aglutinação é:

- **Justaposição** = justa + posição (sem perda de letra)
- **Aglutinação** = aglutin~~ar~~ + ação = (perde letra ao uni-las)

1. Passatempo = **passa** + **tempo** = justaposição
2. Girassol = **gira** + **sol** = justaposição
3. Planalto = **plano** + **alto** = aglutinação
4. Embora = **em** + **boa** + **hora** = aglutinação

DICA 5

➢ Redução ou abreviação ocorre com as iniciais da palavra sem perder o sentido:

1. Cinema = cine
2. Telefone = tele
3. Botequim = boteco
4. Fotografia = foto

DICA 6

➢ Principais desinências verbais e de número:

Desinência Modo temporal	Exemplo	Desinência Número e Pessoa	Exemplo
va	Cantava	i	Cantei
ia	Partia	o	Canto
ra	Cantara	s	Cantas
rá	Cantará	mos	Cantamos
re	Cantaremos	is	Cantais
ria	Cataria	m	Cantam
rão	Cantarão	ste	Cantaste
sse	Cantasse	des	Cantardes

- **Desinência modo temporal**: indica o tempo em que ocorre a ação.
- **Desinência número e pessoa**: indica qual a pessoa que faz a ação.

DICA 7

➢ Como achar o radical das palavras:

- Crie filhos (**outras palavras**) da palavra mãe (**principal**).
- O que não mudar será o pai (**radical**).

PEDR	CR	SOL	FELI
Pedra	Crer	Solzinho	Felicidade
Pedrada	Crente	Ensolarado	Infeliz
Pedreira	Cristão	Solar	Felizmente
Apedrejar	Cri	Insolação	Felizardo

❖ Note que o radical pode ir até a consoante, até a vogal ou ser a própria palavra.

DICAS DE MORFOLOGIA

DICA 1

- Plural dos substantivos compostos:

VARIAM (SAN)	NÃO VARIAM (VAPI)
Substantivo	**V**erbo
Adjetivo	**A**dvérbio
Numeral	**P**refixos
	Interjeição
1. Abelha-mestra = abelhas-mestras 2. Curto-circuito = curtos-circuitos 3. Primeiro-ministro = primeiros-ministros 4. Guarda-civil = guardas-civis 5. Amor-perfeito = amores-perfeitos 6. Gentil-homem = gentis-homens 7. Cachorro-quente = cachorros-quentes 8. Segunda-feira = segundas-feiras	1. Bota-fora = os bota-fora 2. Abaixo-assinado = abaixo-assinados 3. Alto-falante = alto-falantes 4. Ave-maria = ave-marias 5. Salve-rainha = salve-rainhas

- **Cuidado:** Se o substantivo composto apresentar preposição "**de**" ou "**sem**", apenas o primeiro varia:

1. Pé-**de**-moleque = pés-de-moleque
2. Mula-**sem**-cabeça = mulas-sem-cabeça
3. Pão-**de**-ló = pães-de-ló

DICA 2

- Plural dos substantivos no diminutivo:

- Pluralize o substantivo.
- Retire o "s" do substantivo.
- Acrescente "**zinhos**".

1. Coração = coração~~s~~ + **zinhos** = coraçõezinhos
2. Pastel = pastéi~~s~~ + **zinhos** = pasteizinhos
3. Balão = balõe~~s~~ + **zinhos** = balõezinhos
4. Bar = bare~~s~~ + **zinhos** = barezinhos

DICA 3

- Plurais que merecem atenção:

Três formas (ãos – ões – ães)	Duas formas (ões – ães)	Duas formas (ões – ãos)
Aldeão	Alcorão	Anão
Ancião	Charlatão	Corrimão
Ermitão	Cirurgião	Verão
Pião – Alão	Faisão	Vulcão
Vilão – Sultão	Guardião	Hortelão

DICA 4

- Alguns plurais de substantivos simples que merecem atenção:

Terminou em:	Emprega-se:	Exemplos
R	**"es"**	Açúcares – juniores – seniores – banneres
L	**"is"**	Canis – anéis – pastéis – cantis – paióis
L	**"is" ou "es"**	Méis – meles / cais – cales / avais – avales
U	**"s"**	Troféus – degraus – chapéus

DICA 5

- Muito cuidado com o plural destas palavras:

1. **Abdômen** = abdomens – abdômenes
2. **Espécimen** = espécimens – especímenes
3. **Gérmen** = germens – gérmenes
4. **Líquen** = liquens – líquenes
5. **Hífen** = hifens – hífenes

- Você pode acrescentar "**s**" ou "**es**".

DICA 6

- As locuções adjetivas apresentam:

- Preposição + substantivo
- Equivalem a um adjetivo

1. Festa de criança = festa **infantil**
2. Corpo de aluno = corpo **discente**
3. Corpo de professor = corpo **docente**
4. Dor de estômago = dor **estomacal**
5. Homem sem coragem = homem **medroso**
6. Ave da noite = ave **noturna**
7. Microfone de ouvido = microfone **auricular**

DICA 7

- A diferença entre adjetivo e advérbio:

ADJETIVO	ADVÉRBIO
• Varia (gênero ou número) • Aceita plural	• Invariável • Não aceita plural

1. Ele está mole. = Eles estão **moles**.
2. Ela fala mole. = Elas falam **mole**.
3. A menina saiu sério. = As meninas saíram **sério**.
4. A menina permanece séria = As meninas permanecem **sérias**.
5. Ela anda rápido. = Elas andam **rápido**.
6. Ela saiu rapidamente. = Elas saíram **rapidamente**.

DICA 8

- Saiba a diferença entre substantivo **concreto** e **abstrato**:

"ABSTRATO" SE ENCONTRA EM:	"CONCRETO" SE ENCONTRA EM:
Adjetivo Ações Sentimentos Estado Sensações Depende de algo para existir	Mundo espiritual Contos Objetos Seres em geral Concepção Não depende de algo para existir
1. Beleza 2. Beijo 3. Amor 4. Ilusão 5. Fome 6. Viuvez 7. Calor	1. Deus 2. Alma 3. Fada 4. Vento 5. Ar 6. Tempo 7. Saci

DICA 9

- Saiba com diferenciar o substantivo **sobrecomum** e **comum-de-dois**:

Comum-de-dois	Sobrecomum
• Aceita dois artigos "a" **e** "o"	• Aceita um artigo "a" **ou** "o"
1. O agente – a agente 2. O dentista – a dentista 3. O colega – a colega	1. O cônjuge – ~~a~~ cônjuge 2. A alma – ~~o~~ alma 3. A testemunha – ~~o~~ testemunha

DICA 10

- Grave as classes morfológicas:

Conjunção **A**dvérbio **P**reposição **I**nterjeição	Classes invariáveis (sem plural)
Numeral **A**rtigo **V**erbo **A**djetivo **S**ubstantivo **P**ronome	**Classes variáveis** **(com ou sem plural)**

DICA 11

- Termos **substantivados** ocorrem quando certa classe gramatical passa a ser um substantivo. Normalmente o substantivo vem seguido de artigo "**o – a – um – uma**":

1. O **infeliz** chegou.
2. Diga um **não** para ele.
3. Vimos o **burro** cair.
4. O **cantar** dele é bonito.
5. Os **três** chegaram.

DICA 12

➢ Grave as preposições. Basta cantar conforme a música **Terezinha de Jesus**:

- A – ante – após – até / com – contra / de – desde – em / entre – para – por – perante / sem – sob – sobre – trás.

1. Paula estava perante a mulher de seu pai para falar de tudo que ocorreu entre elas.

DICA 13

➢ Diferença entre substantivo **simples** ou **composto**:

SUBSTANTIVO SIMPLES	SUBSTANTIVO COMPOSTO
• Vem de uma palavra	• Vem de duas palavras
1. Pedreiro (**pedra**) 2. Livreiro (**livro**) 3. Jornaleiro (**jornal**) 4. Hominho (**homem**)	1. Passatempo (**passa+tempo**) 2. Rodovia (**roda + via**) 3. Pé-de-moleque (**pé+de+moleque**) 4. Girassol (**gira + sol**)

❖ Uma palavra pode ser substantivo composto, mesmo não tendo o hífen.

DICA 14

➢ Saiba como classificar o "**a**":

	Quando	*Função*	Exemplos
a	Substitui por "**Ela**"	*Pronome oblíquo*	Eu a amo muito. = Eu amo "ela" muito. Amo-a cada dia mais. = Amo "ela"...
a	Substitui por "**Aquela**"	*Pronome demonstrativo*	A que chegou era jovem. = "Aquela" que... Veja as que morreram. = Veja "aquelas"...
a	**Antes de plural** **Masculino** **Verbo no infinitivo** **Pronome** **Artigo indefinido**	*Preposição*	Refiro a pessoas. Andou a cavalo. Estava a namorar. Diga a ela tudo. Refiro-me a uma pessoa.
a	Ao lado de substantivo	*Artigo definido*	A mulher veio.

DICA 15

➢ O termo "**mesmo**" pode assumir várias classificações:

- **Mesmo** = adjetivo (ao lado de substantivo)
- **Mesmo** = advérbio (após o verbo)

1. **Ela** mesma falou tudo. (adjetivo)
2. Os **homens** mesmos fizeram tudo. (adjetivo)
3. Ela **vai** mesmo para casa. (advérbio)

➢ O termo "**certo**" pode ser um pronome indefinido ou um adjetivo:

- **Certo** = adjetivo (após o substantivo)
- **Certo** = pronome indefinido (antes do substantivo)
- **Certo** = adjetivo / advérbio (após o verbo)

1. Certo **homem** me falou isso. (pronome indefinido)
2. O **homem** certo me falou isso. (adjetivo)
3. A menina **estava** certa.
4. A menina **agiu** certo.

DICAS DE VERBOS E VOZES VERBAIS

DICA 1

- Principais verbos que devem ser estudados:

PRINCIPAIS PREFIXOS	*VERBOS*	*EXEMPLOS*	*FRASES*
de – con – re – man	ter	deter – conter – reter	Eles **de**tiveram...
pre – re – ante	ver	prever – rever – antever	Eles **pre**viram...
con – inter – pro	vir	convir – intervir – provir	Eles **inter**vieram...
de – com – re – pro – su	pôr	depor – propor – compor	Eles **pro**puseram...

- Basta seguir a conjugação dos "VERBOS PRINCIPAIS", e após conjugá-los, acrescentar o prefixo. Os concursos adoram trabalhar com tais verbos; chamo-os de "quarteto fantástico".

DICA 2

- Não existem estas conjugações, grave-as, pois tendem a cair muito nas provas; há a forma incorreta e depois a forma correta:

ERRADO	**CORRETO**	**ERRADO**	**CORRETO**
Interviu	Interveio	Reteram	Retiveram
Seje	Seja	Propor	Propuser
Esteje	Esteja	Deteu	Deteve
Prevesse	Previsse	Ver	Vir

DICA 3

- Decore estes verbos no **futuro do subjuntivo**, pois tendem a cair bastante em provas, além disso, normalmente, vêm com prefixos para confundir o candidato:

PESSOAS	**TER**	**VER**	**VIR**	**PÔR**
Se eu	Tiver	Vir	Vier	Puser
Se tu	Tiveres	Vires	Vieres	Puseres
Se ele	Tiver	Vir	Vier	Puser
Se nós	Tivermos	Virmos	Viermos	Pusermos
Se vós	Tiverdes	Virdes	Vierdes	Puserdes
Se eles	Tiverem	Virem	Vierem	Puserem

- Note que no verbo "VER", a vogal "e" é trocada pelo "i".
- Note que no verbo "VIR", acrescenta-se a vogal "e" após a vogal "i".

1. Se eu **propuser** melhorias...
2. Quando eu **vir** ele, falarei a verdade.
3. Se ela **vier** hoje, eu a beijarei.
4. Se eu **detiver** o ladrão, chamarei a polícia.

DICA 4

➢ Veja a tabela dos tipos de verbos:

- Para entender os tipos de verbos, é necessário empregá-los no "presente – passado e futuro do indicativo". Isso ajuda bastante para saber diferenciá-los.

TIPOS	EXEMPLOS	CARACTERÍSTICA	PRESENTE	PASSADO	FUTURO
Regular	Cantar – Vender	Mesma raiz	Eu canto	Eu cantei	Eu cantarei
Irregular	Fazer – Dar	Muda a vogal	Eu dou	Eu dei	Eu dava
Anômalo	Ser – ir	Vários radicais	Eu sou	Eu era	Eu serei
Defectivo	Abolir – Explodir	Não existe	~~Eu explodo~~	Eu explodi	Eu explodirei
Abundante	Prender – Trazer	Dois particípios	Preso – prendido / Trazido – trago		

DICA 5

➢ Como transformar para a voz passiva:

Voz passiva

- Aumente o verbo "**ser**".
- O verbo "**ser**" segue o tempo do verbo que está na voz ativa.
- O verbo da voz ativa vai para o **particípio.**
- Acrescenta a preposição "**por**" ou "**pelo**".

1. O menino canta a letra. (Tempo presente)
2. A letra **é cantada pelo** menino. (Tempo presente)

1. O menino cantava a letra. (Tempo passado)
2. A letra **era cantada pelo** menino. (Tempo passado)

1. O menino cantará a letra. (Tempo futuro)
2. A letra **será cantada pelo** menino. (Tempo futuro)

❖ **Se houver locução verbal, segue esta regra:**

- Conserve o primeiro verbo, concordando com o novo sujeito.
- Aumente o verbo "**ser**" que imitará a forma do segundo verbo.
- O segundo verbo vai para o **particípio.**
- Acrescenta a preposição "**por**" ou "**pelo**".

1. O menino vai estudar a matéria. (Dois verbos)
2. A matéria vai **ser** estudada **pelo** menino. (Três verbos)

1. Eles estavam falando a verdade. (Dois verbos)
2. A verdade estava **sendo** falada **por** eles. (Três verbos)

DICA 6

➢ A voz passiva sintética é muito fácil de gravar:

- Basta achar o sujeito e excluí-lo.
- Acrescentar a partícula apassivadora "se".
- Fazer a flexão necessária do verbo com o novo sujeito.

1. ~~**Eles**~~ vendem casas. (Exclui o sujeito.)
2. Vendem-se casas. (Acrescenta "se" e faz a devida concordância.)

1. ~~**Os meninos**~~ vendem bala. (Exclui o sujeito.)
2. Vende-se bala. (Acrescenta "se" e faz a devida concordância.)

❖ Quando houver palavras atrativas, o pronome "se" deve ficar antes do verbo, ou seja, na posição de próclise.

1. ~~**Eles**~~ **não** vendem casas.
2. **Não** se vendem casas.

DICA 7

➢ Os verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos não aceitam a transposição para a voz passiva.

1. O **ladrão** é valente. (Verbo de ligação)
2. **Chegaram** dois homens. (Verbo intransitivo)
3. **Preciso** de você hoje. (Verbo transitivo indireto)

❖ Para que haja voz passiva é necessário que exista "objeto direto".

1. Perdoou a conta do funcionário.
2. A conta do funcionário foi perdoada.

DICA 8

➢ Quando dois verbos têm valor de um, temos a locução verbal e tempo composto.

- **Tempo composto**: ter + particípio / haver + particípio
- Locução verbal: verbo + gerúndio / infinitivo

1. Ela **tinha falado** a verdade.
2. Ela **havia falado** a verdade.
3. Ela vai falar a verdade.
4. Ela estava falando a verdade.

- Primeiro verbo = verbo auxiliar
- Segundo verbo = verbo principal

DICA 9

➢ Saiba como conjugar de maneira fácil o presente do subjuntivo:

- Verbo terminando em "**a**r" troque por "**e**".
- O restante conjugue em "**a**".

Cantar = cante	**Partir = parta**	**Vender = venda**
Que eu cante	Que eu parta	Que eu venda
Que tu cantes	Que tu partas	Que tu vendas
Que ele cante	Que ele parta	Que ele venda
Que nós cantemos	Que nós partamos	Que nós vendamos
Que vós canteis	Que vós partais	Que vós vendais
Que eles cantem	Que eles partam	Que eles vendam

DICA 10

➢ Quando houver o verbo "**ter**" ou "**haver**", emprega-se o **particípio maior** "regular", entretanto se o houver o verbo "**ser**", emprega-se o **particípio menor** "irregular":

1. Eu **tinha pagado** a conta.
2. A conta foi paga por mim.

1. Ela **havia suspendido** a aula.
2. Ele foi suspenso das aulas.

DICA 11

➢ Veja como entender os modos dos verbos:

Modo	***Indica***	***Tempo***
Indicativo	Certeza	Presente Passado Futuro
Subjuntivo	Dúvida	Presente Passado Futuro
Imperativo	Ordem	Imperativo afirmativo Imperativo negativo

1. Ela **saiu** ontem. = indicativo (certeza)
2. Ela **fala** muito bem. = indicativo (certeza)
3. Se **vier**, falarei a verdade. = subjuntivo (dúvida)
4. Ainda que **cante**, não o ouvirei. = subjuntivo (dúvida)
5. **Cante** para mim. = imperativo afirmativo (ordem)
6. Não **cante** mais. = imperativo negativo (ordem)

DICA 12

- Como fazer o imperativo negativo:

- Basta gravar que o imperativo negativo vem do presente do subjuntivo, lembrando que não existe a primeira pessoa:

Cantar	Partir	Vender
----------	----------	----------
Cantes tu	Partas tu	Vendas tu
Cante você	Parta você	Venda você
Cantemos nós	Partamos nós	Vendamos nós
Canteis vós	Partais vós	Vendais vós
Cantem vocês	Partam vocês	Vendam vocês

DICA 13

- Os verbos "MARIO", no presente do indicativo acrescente a vogal "**e**" antes do "**i**":

Mediar **A**nsiar **R**emediar **I**ncendiar **O**diar	Eu medeio	Eu odeio
	Tu medeias	Tu odeias
	Ele medeia	Ele odeia
	Nós mediamos	Nós odiamos
	Vós mediais	Vós odiais
	Eles medeiam	Eles odeiam

DICA 14

- Para saber em qual tempo se encontra um verbo vai uma tabela, basta memorizar as desinências destacas:

Modo indicativo	Desinências	Exemplo
Presente	----------	----------
Pretérito perfeito	resto	Amei – partiu – falou
Pretérito imperfeito	va – ia	Amavas – partíamos – falavam
Pretérito mais que perfeito	ra	Amara – partíramos – falara
Futuro do presente	re – rá – rão	Amarei – partirá – falarão
Futuro do Pretérito	ria	Amaria – partirias - falariam

- Com essa tabela, você será capaz de identificar em qual tempo se encontra o verbo na frase. Não coloquei o presente, pois não é tão complicado.

DICA 15

Veja alguns verbos que têm mais de um particípio:

ACEITAR	Aceitado e Aceito	**MATAR**	Matado e Morto
BENZER	Benzido e Bento	**MORRER**	Morrido e Morto
ELEGER	Elegido e Eleito	**SALVAR**	Salvado e Salvo
ENTREGAR	Entregado e Entregue	**TINGIR**	Tingido e Tinto
IMPRIMIR	Imprimido e Impresso	**SEGURAR**	Segurado e Seguro
ISENTAR	Isentado e Isento	**ACENDER**	Acendido e Aceso

DICAS DE PRONOMES E COLOCAÇÃO PRONOMINAL

DICA 1

- O pronome "**lhe**" não pode substituir o pronome "**o**" ou vice-versa.

1. Eu o amo.
2. Diga-lhe tudo.
3. Perdoei-lhe a dívida.

- O pronome "**lhe**" desempenha a função de **objeto indireto**; já o pronome "**o**" desempenha a função de **objeto direto**.
- Quando houver dúvidas no uso do pronome "**lhe**", basta trocá-lo por "**a ele**" ou "**a ela**"; já o pronome "**o**" será trocado por "**ele**":

1. Não lhe perdoarei mais. = Não perdoarei **a ele** mais.
2. Diga-lhe tudo o que sabe. = Diga **a ele** tudo o que sabe.
3. Eu o amo muito. = Eu amo muito **ele**.
4. Cumprimentei-o na festa. = Cumprimentei **ele** na festa.

DICA 2

- Tabela de substituição por pronomes oblíquos:

Verbos terminados em:	**~~R~~ – ~~S~~ – ~~Z~~**	lo - la	**Objeto direto**	Sem preposição
Verbos terminados em:	**M – ~**	no - na	**Objeto direto**	
Demais verbos:	**RESTO**	o - a	**Objeto direto**	

ATENÇÃO

1. Ele vai canta**r** a música. = Ele vai cantá-la.
2. Pu**s** o livro na estante. = Pu-lo na estante.
3. Fi**z** o dever de casa à tarde. = Fi-lo à tarde.
4. Cante**m** a letra. = Cantem-na.
5. P**õ**e o livro ali. = Põe-no ali.
6. Eu **vi** a Maria. = Eu a vi.

Verbos terminados em:	**R – S – Z**	lhe	**Objeto indireto**	Com preposição: à – ao – para...
Verbos terminados em:	**M – ~**	lhe	**Objeto indireto**	
Demais verbos:	**RESTO**	lhe	**Objeto indireto**	

ATENÇÃO

1. Vou obedecer **ao policial**. = Vou obedecer-lhe.
2. Diz **para ele** a verdade. = Diz-lhe a verdade.
3. Perdoem **à mulher**. = Perdoem-lhe.
4. Paguei **ao professor** o salário. = Paguei-lhe o salário.

DICA 3

- Após os verbos "**MDF**" (**Mandar – Deixar – Fazer)**, empregam-se os pronomes oblíquos átonos (se – me – te – lhe – nos – vos – o – a), e jamais os pronomes retos (**eu – tu – ele – nós – vós – eles**):

ERRADO	eu	tu	ele – ela	nós	vós	eles – elas
CORRETO	me	te	o – a	nos	vos	os – as

1. Deixa **eu** fazer o dever. = Deixa-**me** fazer o dever.
2. Mande **ela** sair daqui. = Mande-**a** sair daqui.
3. Faz **nós** falar a verdade. = Faz-**nos** falar a verdade.

DICA 4

- Ao empregar os pronomes, eles devem estar nas mesmas pessoas, isto é, deve haver correlação entre as pessoas:

Retos	***Oblíquos átonos***	***Oblíquos tônicos*** **após preposições*	***Possessivos***	***Oblíquos tônicos***
eu	me	mim	minha	comigo
tu	te	ti	tua	contigo
ele – ela	o – a – se	você	sua – seu	com você
nós	nos	nós	nosso – nossa	conosco
vós	vos	vós	vosso – vossa	convosco
eles – elas	os – as – se	vocês	suas – seus	com vocês

Correlação correta:

1. Paula **te** ama muito e não vive sem **ti**.
2. Paula **me** ama muito e não vivem sem **mim**.
3. Pedro, **tua** mãe quer falar **contigo** sobre **ti**.
4. Pedro, **sua** mãe quer falar **com você** sobre **seus** problemas.
5. **Você** me pegou com **sua** brincadeira.

Correlação incorreta:

1. Paula **te** ama muito e não vive sem **você**.
2. Paula **me** ama muito e não vivem sem **eu**.
3. Pedro, **tua** mãe quer falar **com você** sobre **ti**.
4. Pedro, **sua** mãe quer falar **contigo** sobre **seus** problemas.
5. **Você** me pegou com **tua** brincadeira.

DICA 5

- Veja a tabela dos pronomes relativos e os termos que eles substituem:

PRONOMES RELATIVOS	SUBSTITUEM:	EXEMPLOS:
QUE	Lugares Pessoas Coisas	A **casa** em que moro é bonita. A **menina** que vi era muito linda. Paula comprou o **carro** que eu vi.
QUEM	Pessoas	A **menina** a quem amo não virá.
ONDE *sem movimento **AONDE** *com movimento	Lugares	A **casa** onde moro é nova. Eu sei o **local** onde ele está. A **loja** aonde vai é grande. A **loja** aonde ele chegará é estranha.
QUAL	Lugares Pessoas Coisas	A **casa** na qual moro é bonita. As **meninas** das quais falei não virão. O **carro** do qual no gosto foi queimado.
CUJA	Coisas ou pessoas	A **obra** de cujo autor falei era muito cara.
QUANTO	Tudo – todos	Sei **tudo** quanto ele sabe.
QUANDO	Tempo	Isso ocorre **no sábado** quando trabalhava.
COMO	Modo – forma – maneira	Tudo ocorreu do **modo** como planejamos.

DICA 6

- Quando aparecer "**o que**", o "**o**" equivale ao pronome demonstrativo "**aquilo – aquele**"; o pronome "**que**" será relativo.

1. Eu sei **o** que ele sabe.
2. Sabemos d**o** que ele sabe.
3. **Os** que vieram são jovens.

O(s) = aquilo / aquele(s)
Que = pronome relativo

DICA 7

- O que você deve saber sobre o pronome relativo "**cujo**":

1. Não aceita crase
2. Não aceita artigo "**o** – **a**" depois
3. Concorda com o termo posterior
4. Tenha a função de "adjunto adnominal"
5. Pede sempre um substantivo após
6. Tem valor de "**posse**"

CORRETAS:

1. A obra **a** cujo autor fiz referência é muito cara.
2. A casa de cujo homem falei era velha.
3. A casa de cujos homens falei era velha.

ERRADAS:

1. A obra **à** cujo autor fiz referência é muito cara.
2. A casa de cujo **o** homem falei era velha.
3. A casa de cuja homens falei era velha.
4. A casa em cuja **moro** é velha.

DICA 8

- Veja as principais funções do "**se**":

Reflexivo

- Troca por (ela mesma – ele mesmo)
- Verbo fica no plural ou singular
- ✓ Ela se cortou. = Ela cortou ela mesma.

Recíproco

- Troca por (Um ao outro)
- Verbo fica no plural
- ✓ Eles se beijaram. = Eles beijaram um ao outro.

Conjunção integrante

- Troca por (isso)
- Presença de duas orações
- ✓ Diga se me ama. = Diga isso.

Conjunção condicional

- Troca por (caso)
- Presença de duas orações
- ✓ Se ela vier, eu falarei. = Caso ela venha, eu falarei.

Parte integrante do verbo

- Não pode ser retirado da frase
- O verbo precisa do pronome para ser conjugado
- ✓ Ela se refere a você. = Ela refere a você.

Índice de indeterminação

- O sujeito não aparece na frase
- Ocorre com Verbos Intransitivos e Transitivos Indireto
- O verbo fica sempre no singular
- Verbos mais comuns (Precisar – necessitar – confiar – tratar – viver)
- ✓ Precisa-se de funcionários.

Partícula apassivadora

- Pode ser retirado sem prejuízo
- Ocorre com verbo transitivo direto
- O verbo deve concordar com o sujeito
- Há voz passiva sintética
- ✓ Vende-se casa. = (verbo + se + substantivo)

DICA 9

- Os pronomes oblíquos tônicos que apresentam a vogal "**i**" vêm sempre após preposição, já os átonos não.

Si	**Se**
Ti	**Te**
Mim	**Me**

1. Eu preciso de **ti**.
2. Eu te amo muito.
3. Não vá sem **mim**.
4. Ela se machucou.
5. O menino me ama
6. Ela falou de **si**.

DICA 10

- Ao empregar o pronome de tratamento "**Vossa Excelência**", deve-se também empregar o pronome possessivo "**sua**", e o verbo concordará com o pronome reto "**ele**".

1. Vossa Excelência **sabe** de **seus** problemas. = correto
2. Ele sabe de seus problemas.

1. Vossa Excelência **sabeis** de **vossos** problemas. = incorreto
2. Ele sabeis de vossos problemas.

Lembre-se também de que:

- Vossa = falo com
- Sua = falo de

1. Como vai, Vossa Excelência?
2. Vossa Excelência está errada.
3. Você falou com Sua Excelência sobre o problema.

DICA 11

- Pronomes demonstrativos

ESTE – ESTA - ISTO	**ESSE – ESSA - ISSO**	**AQUELE – AQUELA - AQUILO**
Tempo presente	Tempo passado – futuro	Tempo passado remoto
Advérbio "aqui"	Advérbio "ali"	Advérbio "lá"
Há contato	Sem contato (perto)	Sem contato (distante)
Perto do falante	Perto do ouvinte	Longe do falante e ouvinte
Vou citar na frase	Já citei na frase	----------
Último elemento citado	----------	Primeiro elemento citado

EXEMPLOS

1. Este livro aqui é muito bom.
2. Aquele livro lá é ótimo.
3. Esta ficha que escrevo é sua.
4. Pegue essa ficha ao seu lado.
5. O aumento de salário sairá por esses meses.
6. Preciso destas ferramentas: martelo e serrote.
7. Amar é muito bom. Esse sentimento é necessário.
8. Pedro e **Tiago** são amigos. **Este** viaja muito; já aquele, pouco.

DICA 12

- Veja a diferença entre pronome substantivo e adjetivo:

- **Pronome adjetivo**: o pronome fica ao lado do substantivo.

1. Meu carro não funciona mais.
2. Gostaria de usar aquele carro.

- **Pronome substantivo:** o pronome apenas substitui um termo.

1. Meu carro é diferente do seu.
2. Os meninos saíram. Eles foram jogar bola.
3. Pedro, eu o amo.

DICA 13

- O pronome "com nós" sempre pede determinante:

Com nós	**Todos**	Venha com nós **todos** para a festa.
	Mesmos	Sente-se com nós **mesmos**.
	Ambos	Venha com nós **ambos** hoje.
	Todos	Quer falar com nós **todos**.
	Próprios	Venha com nós **próprios** à festa.
	Que	Venha com nós **que** somos seus amigos.

DICA 14

- Conforme a norma culta, os pronomes retos "**ele – ela**" não podem vir depois do verbo. Deve-se empregar o pronome oblíquo "**o**" ou "**a**":

1. Eu amo ela. = Eu **a** amo.
2. Vi ele na rua. = Vi-**o** na rua.
3. Cumprimentei ela na festa. = Cumprimentei-**a** na festa.

DICA 15

- A diferença entre o pronome "**mim**" e "**eu**"

Eu	Entre preposição e verbo no infinitivo *Não há adjetivo antes da preposição
	Função de sujeito do verbo
Mim	Entre preposição e verbo no infinitivo *Há adjetivo antes da preposição e a frase pode ser invertida
	Sempre após preposições
	Final de frase
	Função de complemento verbal ou nominal
	Antes de pontuação

1. É para eu falar a verdade.
2. É fácil para mim falar a verdade. = Falar a verdade é fácil para mim.
3. Não vá sem mim.
4. Para mim, falar é difícil.
5. Precisa de mim.

DICA 16

- Muito cuidado:

ERRADO:	CORRETO:
Entre eu e ela	Entre mim e ela
Entre ela e eu	Entre ela e mim
Entre você e eu	Entre você e mim
Entre eu e você	Entre mim e você
Entre tu e eu	Entre ti e mim

EXEMPLOS:

1. Não há nada entre mim e ela.
2. Entre você e mim, nunca houve nada.
3. Ela se encontra entre mim e ti.

DICA 17

- Não se iniciam frases com pronomes oblíquos "se – te – me – lhe – nos – vos – o – a":

1. Te amo muito. Errada
2. Amo-te muito. **Correta**
3. Me ajude. Errada
4. Ajude-me. **Correta**
5. Ali, se vive bem. Errada
6. Ali, vive-se bem. **Correta**

DICA 18

- Próclise ou ênclise facultativa, isto é, as duas formas são aceitas:

- Quando houver pronomes retos.
- Aparecer sujeito claro na frase.
- Houver preposição "para" + Infinitivo.
- Houver verbo no infinitivo não flexionado, mesmo havendo palavra negativa.

1. **Ele** me ama muito. = **Ele** ama-me muito.
2. **Maria** nos ajudou ontem. = **Maria** ajudou-nos ontem.
3. Fiz isso **para**o **ajudar**. = Fiz isso **para ajudá**-lo.
4. Não sair a fim de **não** o **aborrecer**. = Não sair a fim de **não aborrecê**-lo.

DICA 19

- Há três posições possíveis dos pronomes oblíquos:

PRÓCLISE	MESÓCLISE	ÊNCLISE
Antes do verbo	Meio do verbo	Após o verbo
Requer palavras atrativas	Requer verbo no futuro	Não inicia frase

1. Não **me** ajude mais. = próclise
2. Dar-**lhe**-ei meu coração. = mesóclise
3. Ajude-**me** com o dever. = ênclise

DICA 20

- Tabela das principais palavras atrativas quanto à próclise:

Principais palavras atrativas	Sempre – não – nunca – talvez – jamais
	Ontem – hoje – agora – já – amanhã – depois
	Aqui – ali – lá
	Quando – tudo – nada – ninguém – alguém – qualquer
	Que – quem – onde – qual – como

1. Ela **não** me ama.
2. Diga **que** nos ajudará.
3. **Quando** me falou, **alguém** me bateu.

- Aparecendo essas palavras, o pronome deve ficar antes do verbo.

DICA 21

- Há uma escala que deve prevalecer quanto à colocação pronominal:

PRÓCLISE = chefe	**MESÓCLISE = gerente**	**ÊNCLISE = empregado**
Prevalece sobre as demais: Mesóclise e ênclise	Mesóclise prevalece sobre a ênclise	Não prevalece sobre ninguém
Não te direi a verdade. Não me ajude.	Dir-te-ei a verdade. Falar-me-ás tudo.	Ajude-me com a lição. Diga-nos a verdade.

- Se houver atratividade, prevalece a próclise.
- Se houver verbo no futuro e não houver atratividade, prevalece a mesóclise.
- Se não houver atratividade e nem verbo no futuro, ocorrerá a ênclise.

DICA 22

- Nas locuções verbais, há duas formas de colocação pronominal:

- Sem atratividade: pronome em qualquer posição.

1. Estava **me** falando a verdade.
2. Estava falando-**me** a verdade.

- Com atratividade: pronome só não fica no meio dos verbos.

1. Não **me** estava falando a verdade.
2. Não estava falando-**me** a verdade.

DICAS DE SINTAXE

DICA 1

- Memorize os tipos de sujeito e suas principais regras:

TIPOS	REGRA	EXEMPLO
Simples	Uma palavra "um núcleo"	A linda mulher chegou cedo.
Composto	Duas palavras "dois núcleos"	O menino e a menina chegaram.
Indeterminado	"eles" escondido no verbo	Chegaram cedo à festa.
Oculto Elíptico	"eu-tu-ele-nós-vós" escondidos no verbo	Chegamos cedo à festa. Cheguei cedo à festa.
Inexistente Oração s/ sujeito	Fenômeno da natureza Haver = existir Fazer = tempo decorrido	Choveu muito ontem. Havia muitas pessoas lá. Faz dois anos.

DICA 2

- Os verbos "ser – estar – ficar – continuar – parecer – andar – viver – permanecer – tornar-se – virar – acabar" serão verbos de ligação se:

- Não apresentarem ação.
- Apresentarem predicativo do sujeito (qualidade do sujeito).
- Apresentarem "estado".

São verbos de ligação:

1. Ele vive **feliz**.
2. A menina está muito **alegre**.
3. Os soldados permanecem **atentos**.

Não são verbos de ligação:

4. Ele viveu muitos anos.
5. A menina está em casa.
6. Os soldados permanecem no prédio.

DICA 3

- Os verbos "ser – estar – ficar – continuar – parecer – andar – viver – permanecer – tornar-se – virar – acabar", quando não forem verbos de ligação, serão normalmente verbos intransitivos, normalmente apresentarão adjunto adverbial.

1. Ele viveu **muitos anos**.
2. A menina está **em casa**.
3. Os soldados permanecem **no prédio**.

DICA 4

- Estes verbos são, em regra, verbos intransitivos: "chegar – morrer – nascer – sair- ir – voltar – comparecer – morar", pois apresentam sentido completo.

1. **Chegou** de Divinópolis.
2. **Morreram** de amor.
3. **Saiu** da sala.
4. **Foram** ao parque.
5. **Moram** no centro.
6. **Voltaram** de carro.

- Os termos que muitos pensam que é objeto indireto, exercem função de adjunto adverbial.

DICA 5

- Os adjuntos adnominais acompanham sempre o substantivo. São cinco classes gramaticais que podem exercer essa função. Para memorizar as classes gramaticais, basta lembrar-se de (PLANA).

  - **P**ronome
  - **L**ocução adjetiva
  - **A**rtigo
  - **N**umeral
  - **A**djetivo

  1. **O** menino **bom** não comprou **meu** carro.
  2. **Dois** ladrões cortaram **a** carne **de boi**.

DICA 6

- Os pronomes oblíquos podem exercer função de objeto direto ou indireto. Logo, para saber se um pronome oblíquo é objeto direto ou indireto, use esta tática:

Pronomes	Objeto direto	Objeto indireto
Me	TROQUE ⬇ o menino	TROQUE ⬇ ao menino
Te		
Se		
Nos		
Vos		

1. Eu **te** disse tudo. = Eu disse ao menino tudo.
2. Eu **te** amo. = Eu amo o menino.
3. Cumprimentou-**nos** ontem. = Cumprimentou o menino ontem.
4. Quero-**lhe** bem. = Quero bem ao menino.

DICA 7

- Os pronomes oblíquos, quando apresentarem ideia de posse, exercerão função de adjunto adnominal:

Pronomes Oblíquos	Pronomes Possessivos
me	meu – minha
te	teu – tua
lhe	dele – dela
nos	nosso – nossa
vos	vosso – vossa

1. Cortou-**me** o cabelo. = Cortou meu cabelo.
2. Tocou-**lhe** o coração. Tocou o coração dele.
3. Feriu-**nos** o olho. = Feriu nosso olho.

DICA 8

- Veja como diferenciar os adjuntos adnominais dos complementos nominais:

Adjunto adnominal:

- Substantivo concreto
- Substantivo abstrato + sentido passivo (faz a ação)
- Principal preposição "de"

Complemento nominal:

- Substantivo abstrato + sentido passivo (recebe a ação)
- Adjetivo
- Advérbio
- Principais preposições "à – ao – de – com – em – para – por"

1. O **anel** de ouro = adjunto adnominal (Está completando substantivo concreto)
2. A **carne** de boi = adjunto adnominal (Está completando substantivo concreto)

   O complemento nominal não completa o substantivo concreto.
3. A construção do prédio = complemento nominal (substantivo abstrato + sentido passivo)
   (O prédio foi construído.)
4. A descoberta do Brasil = complemento nominal (substantivo abstrato + sentido passivo)
   (O Brasil foi descoberto.)
5. A crítica de Maria = adjunto adnominal (substantivo abstrato + sentido ativo)
   (Maria faz a crítica.)
6. A crítica à Maria = complemento nominal (substantivo abstrato + sentido passivo)
   (Maria recebe a crítica.)
7. Estou feliz com a vida = complemento nominal (adjetivo)

   O adjunto adnominal não completa o adjetivo.
8. Estou longe de casa = complemento nominal (advérbio)

   O adjunto adnominal não completa o adjetivo.

DICA 9

- Saiba a diferença entre objeto indireto e complemento nominal:

Objeto indireto

- Apresenta preposição "**à – ao – de – com – para – por**…".
- Preposição completa o verbo.

Complemento nominal

- Apresenta preposição "**à – ao – de – com – para – por**…".
- Preposição completa não verbo.

1. Necessito de dinheiro hoje.

   VERBO

2. Tenho necessidade de dinheiro hoje.

   SUBSTANTIVO

3. Refiro-me ao jovem.

   VERBO

4. Fiz referência ao jovem.

   SUBSTANTIVO

5. Estou alegre com ele.

   ADJETIVO

DICA 10

- Veja a diferença entre o adjunto adnominal e predicativo:

Adjunto adnominal:

- O adjetivo acompanha o substantivo
- O adjetivo pode mudar de posição perfeitamente
- Não apresenta vírgula

Predicativo:

- O adjetivo acompanha o verbo
- O adjetivo não pode mudar de posição
- Pode apresentar vírgula

1. O menino **alegre** saiu da sala. = adjunto adnominal
2. O menino saiu **alegre** da sala. = predicativo do sujeito
3. O menino, muito **alegre**, saiu da sala. = predicativo do sujeito
1. O policial encontrou o bandido **famoso**. = adjunto adnominal
2. O policial encontrou o famoso bandido. = (A inversão do adjetivo é perfeita.)
1. O policial encontrou o bandido **morto**. = predicativo do sujeito
2. O policial encontrou o morto bandido. = (A inversão do adjetivo não é perfeita.)
1. O homem **feliz** estava infeliz. = (adjunto adnominal e predicativo do sujeito.)
2. O **feliz** homem estava infeliz. = (adjunto adnominal e predicativo do sujeito.)

- Muito cuidado com estes verbos "chamar – considerar – nomear – achar", pois eles vão apresentar predicativo do objeto.

1. Chamou o homem **de sábio**.
2. Considerei a menina **sábia**.
3. Nomearam-no **rei**.

DICA 11

➢ Aprenda a diferença entre aposto e vocativo:

Aposto = termo explicativo

1. Paulo – bom jogador – não virá.
2. Vi sua mãe, mulher muito simpática.
3. Pelé, rei do futebol, parou de jogar bola.

Vocativo = termo a que nos dirigimos

1. Paulo, bom dia.
2. Deus, ajude-me.
3. Como vai, Dona Maria?

❖ **Grave também:**

- **Vocativo**: falo com o ser
- **Aposto**: falo do ser

DICA 12

Tipos de aposto:

1. Explicativo	Vírgula	O professor, homem importante, ganha pouco.
2. Enumerativo	Dois pontos	Tenho dois sonhos: ficar rico e viajar muito.
3. Especificativo	Nomes próprios	A cidade de São Paulo é enorme.
4. Resumitivo	Pronome indefinido	Dinheiro, fama, poder, nada me alegra.
5. Distributivo	Pronome demonstrativo	Ana e Marcos são amigos; este é novo e aquela não.

DICA 13

➢ Saiba a diferença do aposto especificativo e adjunto adnominal:

- **Aposto especificativo**: determina o nome do lugar, da pessoa, do rio.
- **Adjunto adnominal**: não determina o nome do ser.

1. A blusa de Pedro. = adjunto adnominal (Pedro não é o nome da blusa.)
2. O clima de São Paulo. = adjunto adnominal (São Paulo não é o nome do clima.)

1. A cidade de São Paulo. = Aposto especificativo (São Paulo é o nome da cidade.)
2. O presidente Lula não virá. = Aposto especificativo (Lula é o nome do presidente.)
3. O rio Amazonas é importante. = Aposto especificativo (Amazonas é o nome do rio.)

❖ O aposto especificativo tem a função de especificar o nome.

DICA 14

➢ Aprenda a identificar o objeto direto pleonástico e o indireto pleonástico:

- **Objeto direto pleonástico:** repetição enfática por meio dos pronomes oblíquos (o - a).
- **Objeto indireto pleonástico:** repetição enfática por meio do pronome oblíquo (lhe).

1. **Aos professores**, não **lhes** devo nada.
2. **À professora**, não **lhe** obedeci.
3. **As mulheres**, eu **as** vi na cidade.
4. **Os meninos**, eu **os** vi na cidade.

❖ Note que o emprego do pronome oblíquo é enfático.

DICA 15

➢ Veja a diferença entre o predicativo do sujeito e predicativo do objeto:

- Ache o sujeito.
- Veja se o predicativo é do sujeito, se não for será do objeto.

1. As **meninas** saíram da sala alegres. = predicativo do sujeito
2. Nós vimos seu **tio** muito preocupado. = predicativo do objeto
3. O **jovem** assistia ao jogo atento. = predicativo do sujeito
4. A revista considerou **a mulher** bastante bonita. = predicativo do objeto

❖ Quando houver a presença de pronomes oblíquos, o predicativo será do objeto:

1. Não **o** vejo muito alegre.
2. Nomearam-**no** rei da cidade.
3. Vi-**a** muito triste.

DICA 16

➢ Veja como é fácil aprender quais os tipos de predicado:

PREDICADO	VERBO	PREDICATIVO
Verbal	Apresenta ação	**Não tem**
Nominal	Apresenta estado	**Tem**
Verbo-Nominal	Apresenta ação	**Tem**

Exemplos:

SUJEITO	VERBO	PREDICATIVO	Predicado
Os meninos	saíram	----------	Verbal
Os meninos	estavam	**alegres**	Nominal
Os meninos	saíram	**alegres**	Verbo-Nominal

❖ Lembre-se de que predicado é tudo que se declara sobre o sujeito. Logo, basta excluir o sujeito, e o restante será o predicado.

DICA 17

➢ O agente da passiva ocorre:

- Na voz passiva.
- Apresenta as preposições "**por – pelo – de**".
- As preposições completam verbo no particípio.

1. A casa foi **destruída** pelo fogo.
2. A casa foi **cercada** de policiais.
3. A lição foi **feita** por ele.

❖ Algumas organizadoras gostam de afastar ou inverter o termo para dificultar:

1. Pelo fogo, ontem à tarde, a casa foi destruída.
2. A lição foi feita, ontem, pelo garoto.

DICA 18

➢ Veja quais pronomes oblíquos pode exercer função de objeto direto e indireto:

Pronomes com função de objeto direto	Pronome com função de objeto indireto
o – a	**lhe**
lo – la	
no – na	

1. Eu **a** amo muito.
2. Vi-**o** pela rua.
3. Vou cantá-**la** para você.
4. Viram-**no** ontem pela rua.
5. Diga-**lhe** que irei.
6. Eu não **lhe** falei nada.

DICA 19

➢ Aprenda como diferenciar as principais funções dos termos preposicionados:

FUNÇÃO	PREPOSIÇÃO	COMPLETA	SENTIDO
Objeto indireto	à – ao – de ...	Verbo	----------
Complemento nominal	à – ao – de ...	Substantivo abstrato, adjetivo ou advérbio	Sentido passivo
Adjunto adnominal	de	Substantivo abstrato ou concreto	Sentido ativo
Agente da passiva	Por – pelo – de	Verbo no particípio	Sentido passivo

1. **Necessito** de você. = objeto indireto
2. Tenho **necessidade** de você. = complemento nominal
3. Estou **feliz** com ele. = complemento nominal
4. Estava **longe** de casa. = complemento nominal
5. A **necessidade** do homem acabou. = adjunto adnominal
6. O **anel** de ouro. = adjunto adnominal
7. A loja foi **destruída** pelo fogo. = agente da passiva

DICA 20

➢ Veja como memorizar alguns adjuntos adverbiais:

CIRCUNSTÂNCIAS:	PERGUNTAS:	EXEMPLOS:
Tempo	Quando?	Saía à noite.
Modo	Como?	Saía rapidamente.
Matéria	De quê?	Lápis feito de madeira.
Intensidade	Quanto?	Ela é muito bonita.
Causa	Por quê?	Morreu de frio.
Companhia	Com quem?	Saiu com a amiga.
Instrumento	Com quê?	Escrevia com a caneta.
Lugar	Onde?	Moro em Divinópolis.
Negação – Dúvida	Tem certeza?	Talvez não irei.

❖ Lembre-se de que os advérbios modificam "adjetivo, verbo, ou advérbio", e, além disso, não apresenta plural ou flexão de gênero.

DICA 21

- Diferença entre frase, oração e período:

Frase: todo enunciado com sentido

1. Oi.
2. Como vai?
3. Preciso de você aqui.

Oração: apresenta verbo

1. Preciso de você.
2. Ela me ama muito.

Período: quantidade de orações (verbos) na frase.

1. Ela saiu cedo ontem. (simples)
2. Ela saiu e trabalhou mais tarde. (composto)

DICA 22

- Antes de achar o objeto direto, é necessário encontrar o sujeito da frase. Muitas pessoas erram questões desse tipo, uma vez que elas procuram primeiro o objeto direto.

1. Nasceram dois bebês ontem.

Quem nasceu?
Resposta = dois bebês
Dois bebês = sujeito

2. Ouviram do Ipiranga as margens plácidas...

Quem ouviu?
Reposta = As margens plácidas do Ipiranga
As margens plácidas do Ipiranga = sujeito

3. Chegaram os livros.

Quem chegou?
Resposta = os livros
Os livros = sujeito

- Então, quando vierem questões pedindo o objeto direto, ache primeiramente o sujeito, pois certamente pode ajudá-lo a ganhar uma questão.

DICA 23

- Saiba como encontrar o sujeito paciente:

  - Ocorre na voz passiva sintética.
  - Apresenta partícula apassivadora "**se**".
  - Consigo voltar a frase para a voz ativa.

1. Vende-se **casa**. = Ele vende casa.
2. Vendem-se **casas**. = Vendem casas.

DICA 24

- Como encontrar sujeito nas frases:

1º Ache o verbo.
2º Questione o verbo: "**QUEM + VERBO**?**"** ou **"QUE + VERBO**?"
3º A resposta será o sujeito e ele concordará com o verbo.
4º Coloque a frase na ordem para facilitar.
5º O sujeito não vem preposicionado "à – aos – com – de – para...".

- **Às mulheres disseram tudo aqueles homens.**

1º Disseram
2º Quem disse?
3º Aqueles homens
4º Aqueles homens disseram tudo às mulheres.
5º "Às mulheres" está com "crase", logo não pode ser sujeito.

- **Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante.**

1º Ouviram
2º Quem ouviu?
3º As margens plácidas de Ipiranga
4º As margens plácidas de Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.
5º Note que "povo heroico, brado" não pode ser sujeito, pois não concordam com o verbo.

- Só empregue o pronome reto "eles" quando não houver ninguém na frase para ser sujeito.

DICA 25

- Veja como é simples diferenciar o objeto direto do objeto direto preposicionado:

Objeto direto = sem preposição
Objeto direto preposicionado = com preposição facultativa que pode ser retirada

1. O policial sacou ~~da~~ arma. = objeto direto preposicionado
2. O policial sacou a arma = objeto direto

1. Ele cumpriu ~~com~~ o dever. = objeto direto preposicionado
2. Ele cumpriu o dever. = objeto direto

1. Paula comeu ~~do~~ pão. = objeto direto preposicionado
2. Paula comeu o pão. = objeto direto

1. Eu amo ~~a~~ Deus. = objeto direto preposicionado
2. Eu amo Deus. = objeto direto

- Então, basta retirar a preposição para ter certeza se o termo é um objeto direto preposicionado.

DICA 26

- **Saiba os termos da morfologia e os termos da sintaxe:**

MORFOLOGIA	SINTAXE
Artigo	Sujeito
Adjetivo	Verbo de ligação – transitivo – intransitivo
Substantivo	Predicado nominal – verbal – verbo – nominal
Verbo	Vocativo – aposto
Numeral	Objeto direto e indireto
Interjeição	Predicativo do sujeito e do objeto
Advérbio	Adjunto adnominal
Preposição	Complemento nominal
Conjunção	Agente da passiva
Pronomes	Adjunto adverbial

DICA 27

- Saiba as principais funções sintáticas que as classes morfológicas podem exercer:

MORFLOGIA	SINTAXE
Artigo	Adjunto adnominal
Substantivo	Sujeito Objeto direto ou indireto Aposto ou vocativo
Verbo	Verbo de ligação Verbo transitivo direto ou indireto Verbo intransitivo Predicado verbal – nominal
Adjetivo	Adjunto adnominal Predicativo do sujeito ou do objeto Aposto
Preposição	Complemento nominal Adjunto adnominal Objeto indireto ou direto preposicionado Agente da passiva Predicativo do objeto
Pronome	Adjunto adnominal Objeto direto ou indireto Sujeito Complemento nominal

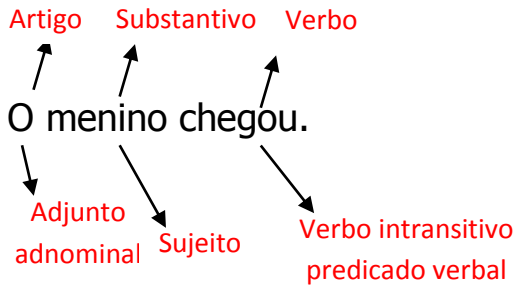

DICAS DE CRASE

DICA 1

- Quando o pronome demonstrativo "**aquele**" for substituído pela preposição "ao", receberá o acento grave:

  1. Vou **àquele** bairro. = Vou ao bairro.
  2. Diga tudo **àquele** homem. = Diga tudo ao homem.

- Quanto aos pronomes demonstrativos "**aquela**, **aquilo**" basta trocá-los por "**a esta**, **a isto**". Não ocorrendo a substituição, não haverá crase.
  1. Refiro-me àquela mulher. = Refiro-me (a esta) mulher.
  2. Refiro-me àquilo. = Refiro-me (a isto).

DICA 2

- Quando vier uma palavra **feminina**, basta trocá-la por outra masculina, e se aceitar a preposição "ao", ocorrerá a crase.

  Para não ficar pensado em qual palavra usar, criei uma dica legal:
  - **Pessoas** = homem
  - **Coisas** = objeto / tudo
  - **Lugares** = local

  1. Vou **à praia**. = Vou ao local.
  2. Visitei **a praia**. = Visitei o local.
  3. Diga tudo **à mulher**. = Diga tudo ao homem.
  4. Diga **a verdade** para ele. = Diga tudo para ele.
  5. Refiro-me **à sinalização**. = Refiro-me ao carro.
  6. Vi **a sinalização**. = Vi tudo.

- Lembre-se de que dominar a regência verbal ou nominal é muito importante quanto se trata de crase.

DICA 3

- Quando ocorrerem nomes de "Cidades, Estados, Países" – (**CEP**), vamos empregar esta tática:
  - **Vim de: crase não há**.
  - **Vim da: crase há**.

1. Vou à Bahia. = Vim da Bahia.
2. Chegarei a São Paulo. = Vim de São Paulo.
3. Viajarei à Espanha. = Vim da Espanha.
4. Gosto de ir a Belo Horizonte. = Vim de Belo Horizonte.

DICA 4

- As palavras "Distância – Terra – Casa" – (**DTC**) se houver **determinante**, crase vai haver.

1. Vou à casa **de Paula** mais tarde. (Determinou)
2. Vou a casa mais tarde.
3. Viajarei à terra **natal** amanhã. (Determinou)
4. Chegaram a terra às 19h.
5. Estou à distância **de 10 metros** de você. (Determinou)
6. Ela ficou a distância.

- A palavra "Terra", quando se refere ao planeta, levará crase:

1. Os astronautas voltaram à Terra.

DICA 5

- Saiba quais são as locuções principais na hora de crasear:

Locuções	Forma	Exemplos
Adverbiais	a + substantivo	às vezes – às claras – à noite – às ocultas – à direita
Prepositivas	a + substantivo + de	à espera de – à procura de – à beira de
Conjuntivas	a + substantivo + que	à medida que – à proporção que

1. Ele saiu à noite.
2. Estava à espera de você.
3. À medida que trabalho, fico mais rico.

DICA 6

- Grave os casos proibidos de crase de forma clara e objetiva:

"a" antes de	Exemplos
Verbo no infinitivo	Promoção **a** partir de R$10,00.
Masculino	Andou **a** cavalo.
Pronomes	Refiro-me **a** meu tio.
Plural	Refiro-me **a** cidades estrangeiras.
Artigo	Refiro-me **a** uma mulher.
Palavras repetidas	Estava face **a** face de você.
Após preposições	O evento ocorrerá após **as** 10h.

- Para memorizar com facilidade, grave esta frase e veja as palavras destacadas**:**

Preposição — Masculino — Palavras Repetidas — a + plural

É para um homem dizer, frente a frente, tudo a mulheres.

Artigo — Verbo — Pronome

DICA 7

- Emprega-se crase no "**a**" quando ele vier antes das palavras "**que**" ou "**de**" e substituir um termo anterior:

1. Sua ideia é igual **à** de Paula.
2. Sua ideia é igual (à ideia) de Paula.

1. Estas blusas são semelhantes **às** que compraram ontem.
2. Estas blusas são semelhantes (às blusas) que comprei ontem.

1. Minha sorte é ligada **à** do meu pai.
2. Minha sorte é ligada (à sorte) do meu pai.

DICA 8

- Entre períodos, grave:

- De = **crase não há**
- Da = **crase há**

1. O evento será de quinta **a** sexta.
2. O evento será da quinta **à** sexta.

1. A loja fecha de 10 **as** 12.
2. A loja fecha das 10 **às** 12.

1. As turmas de 1ª **a** 4º série foram convidadas.
2. As turmas da 1ª à 4º série foram convidadas.

DICA 9

- É facultativo o uso de crase antes dos pronomes possessivos femininos no singular, caso esses pronomes venham no plural, o uso será obrigatório:

1. Diga a (à) sua tia tudo.
2. Diga às suas tias tudo.

1. Vou a (à) minha loja mais tarde.
2. Vou às minhas lojas mais tarde.

- Caso o pronome possessivo feminino venha no singular e substitua um substantivo, haverá crase:

1. Sua ideia é igual à minha (ideia).
2. Refiro-me a (à) sua tia e não à minha (tia).

DICA 10

- Use crase quando ocorrerem as palavras "**moda – maneira – estilo**", mesmo que venham subentendidas:

1. Paula cortou o cabelo à Ronaldinho.
2. Vestiu-se à Luís XV.
3. Comeu pão de queijo à moda mineira.

DICA 11

- Mesmo antes de horas ou palavras femininas não se emprega a crase após preposições:

1. Voltarei após **as** 10h.
2. Estava te esperando desde **as** 21h.
3. Estava perante **a** mulher.

DICA 12

- Saiba quando empregar crase antes do pronome relativo "**qual**":

- Destaque o primeiro verbo após o pronome "qual".
- Corte o pronome relativo e tudo antes dele.
- Troque a palavra feminina cortada por outra masculina.
- Se aceitar a preposição "ao", crase haverá.
- Coloque a frase na ordem.

1. ~~A loja a qual~~ **comprei** era velha.
- **Comprei** o carro.
- A loja **a** qual comprei era velha.

2. ~~A loja a qual~~ Paula **foi** é nova.
- Paula **foi** ao cinema.
- A loja **à** qual Paula foi é nova.

3. ~~Vi a mulher a qual~~ **fiz referência**.
- **Fiz referência** ao homem.
- Vi a mulher **à** qual fiz referência.

DICAS DE REGÊNCIA

DICA 1

➢ Regência com pronomes relativos (**que – quem – qual – cuja**):

- Destaque o primeiro verbo após o pronome relativo.
- Questione o verbo para saber qual o complemento.

1. A pessoa que gosto não veio.

- Quem gosta, gosta "de".
- A pessoa **de que** gosto não veio.

2. A casa que ele **mora** é muito grande.

- Quem mora, mora "em".
- A casa **em que** ele mora é muito grande.

3. Vi a menina que você **falou** ontem.

- Quem fala, fala "de".
- Vi a menina de que você falou ontem.

❖ Quando houver uma locução verbal, deve-se questionar o segundo verbo.

4. A pessoa que ele **vai falar** não sabe a verdade.

- Quem fala, fala "de"
- A pessoa de que ele vai falar não sabe a verdade.

❖ Em muitas provas, ocorre a falta ou a troca de proposições antes dos pronomes relativos.

DICA2

➢ Os verbos "**pagar**" e "**perdoar**" têm a mesma regência:

- Pagar / perdoar = pessoas (à – ao)
- Pagar / perdoar = coisas (a – o)

1. Ele pagou ao homem.
2. Ele pagou o débito.
3. Ele perdoou à mulher.
4. Ele perdoou a conta.

DICA 3

➢ Principais verbos que aparecem em provas:

VERBOS	NÃO PODE	PODE	EXEMPLO
Preferir	do que / que	**ao / à / a**	Prefiro estudar a trabalhar.
Namorar	com	**algo**	Namoro Joana.
Obedecer	o – a – lo – la – no – na	**lhe**	Obedeço-lhe sempre.
Implicar	em	**algo**	Isso implica demissão.
Chagar / ir	no – na – em	**ao / à / a**	Cheguei ao colégio.
Simpatizar	se – te – me – nos + com	**com**	Simpatizei com a Maria.
Assistir	o – a (sentido de ver)	**ao / à**	Assistimos ao filme.

DICA 4

➢ Muito cuidado quando na frase houver um complemento ligado a dois verbos:

- **Verbos amigos** = mesma regência (objeto direto + objeto direto)
- **Verbos inimigos** = regência diferente (objeto direto + objeto indireto)

1. Eu **li** e **gostei** do livro. = verbos inimigos (Frase errada)
2. Eu **li** o livro e gostei dele. = verbos inimigos (Frase correta)
3. Eu **li** e comprei o livro. = verbos amigos (Frase correta)

1. Eu **cheguei** e **entrei** na sala. = verbos inimigos (Frase errada)
2. Eu **cheguei** à sala e entrei nela. = verbos inimigos (Frase correta)

❖ Se os verbo forem inimigos (regência diferente), a frase deve ser reformulada.

❖ Para saber se o verbo pede a mesma regência, deve-se questioná-lo.

- Quem lê, lê = algo
- Quem gosta, gosta = de
- Quem chega, chega = a
- Quem entra, entra = em

DICA 5

➢ Muito cuidado com estes verbos:

- Avisar
- Comunicar
- Informar
- Certificar

Não se empregar "lhe" e "de" juntos.

1. Informei-lhe de que viria. = errado
2. Informei-**lhe que** viria. = correto
3. Informei-**o de** que viria. = correto

❖ O pronome "lhe" exerce função de objeto indireto, assim como a preposição "de", logo deve ocorrer um objeto direto e o outro objeto indireto.

DICA 6

➢ Veja como é fácil identificar o tipo de complemento verbal:

Objeto direto = troque por "**algo** / **alguém**"
Objeto indireto = troque por " **a alguém**"

1. Diga a verdade ao homem.
2. Diga algo a alguém.

1. Eu amo muito a Maria.
2. Eu amo muito alguém.

1. Fale para ele tudo.
2. Fale a alguém algo.

DICA 7

➢ A regência dos verbos "**chegar**" e "**ir**" é bem fácil:

- Chegar e ir sempre "à" nunca "em".

1. Chegarei à loja mais tarde.
2. Chego à minha casa cansada.
3. Vou à praia hoje.

DICA 8

➢ Os verbos "**esquecer**" e "**lembrar**" apresentam várias formas:

- **Esquecer – lembrar com (se – me – nos) =** emprega "de"
- **Esquecer – lembrar sem (se – me – nos) =** não emprega "de"

1. Ele esqueceu o livro.
2. Ele se esqueceu do livro.

1. Lembrei-me do número telefônico.
2. Lembrei o número telefônico.

DICA 9

➢ Muito cuidado com a regência do verbo "agradar":

- Agradar = ser agradável (à – ao)
- Agradar = acariciar (a – o)

1. Ele agradou ao público com a palestra.
2. Ele agradou a filha antes de dormir.

- Se o complemento do verbo for objeto indireto, segue uma dica ao fazer a troca por pronome:

- **Objeto indireto** = coisa (a ele – a ela)
- **Objeto indireto** = pessoa (lhe – a ele – a ela)

1. Assistimos **ao filme** ontem.
2. Assistimos a ele ontem.

1. Aspirava **à vaga** de diretor.
2. Aspirava a ela.

1. Pagou **ao homem**.
2. Pagou-lhe.
3. Pagou a ele.

DICAS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

DICA 1

- Tabela de concordância nominal:

INVARIÁVEIS		VARIÁVEIS	
Em anexo	A carta segue em anexo.	Mesma	Ela mesma falou tudo.
Alerta	Os soldados estavam alerta.	Anexo	A carta vai anexa.
Luso	----------	Incluso	O documento vai incluso.
Menos	Havia menos mulheres.	Próprio	Eles próprios falaram.
Azul-marinho	Tenho ternos azul-marinho.	Obrigado	A mulher disse obrigada.
Pseudo	Eles eram uns pseudo-sábios.	Quite	Os meninos estão quites.
Haja(m) **vista**	Haja(m) vista as anotações.		

DICA 2

- Veja a diferença entre **"bastante"** e **"bastantes"**:

PALAVRA:	TROCA POR:	ACOMPANHA
Bastantes = adjetivo	**muitos**	Substantivo
Bastante = advérbio	**muito**	Verbo – adjetivo

1. Bastantes homens falaram a verdade. = Muitos homens...
2. Tenho bastantes amigos. = Tenho muitos amigos.
3. Elas estavam bastante alegres. = Elas estavam muito alegres.
4. Paula fala bastante na aula. = Paula fala muito na aula.

DICA 3

Diferença entre só e sós:

Um falante	Dois ou mais falantes
Só (**sozinho**) – quite	Sós (**sozinhos**) – quites

1. **Ela** estava **só**.
2. **Elas** estavam **sós**.
3. **Eu** estou **quite** com o serviço militar.
4. **Nós** estamos **quites** com o serviço militar.

DICA 4

Quando empregar caro(a) e barato(a):

Variam os termos (**CARO** – **BARATO**) quando houver verbo de ligação: **Ser – estar – ficar – permanecer...**	Ficam invariáveis (**CARO** – **BARATO**) quando não houver verbo de ligação.

1. A bolsa **está** muito cara.
2. As bolsas **estão** muito baratas.
3. Os sapatos **são** caros.
4. A bolsa **custa** caro.
5. **Paguei** caro pela aquela mesa.

DICA 5

- Há duas formas de concordância quando vierem estes verbos:

VERBOS	O adjetivo concorda com o mais próximo ou fica no plural masculino
Nomear Considerar Julgar Chama	Considerei sábio **o aluno** e a aluna.
	Considerei sábios **o aluno e a aluna**.
	Considerei sábia **a aluna** e o aluno.
	Considerei sábios **a aluna e o aluno**.

DICA 6

- As expressões (É vedado - É proibido - É necessário - É bom) variam quando o substantivo vier determinado pelo artigo "**a**":

É vedada É proibida É necessária É boa	(a + sujeito)	É vedada **a entrada** de menores.
		É proibida **a guerra** neste lugar.
		É necessária **a paz** neste país.
		A maçã é boa para os dentes.

- Caso não haja o determinante antes do substantivo, não sofrerão alterações:
  - E necessário **entrada** de menores.
  - É proibido **guerra** neste lugar.

DICA 7

- O particípio deve concordar com o substantivo, exceto se o particípio for formado por um tempo composto (tinha falado – havia falado):

1. Dada **a lição**, o professor saiu.
2. Quando criticados **os comportamentos** deles, não falaram mais nada.
3. Eles tinham falado a história.
4. Ele havia iniciado a partida.

DICA 8

MEIO = **METADE***numeral
MEIO = **UM POUCO** *advérbio
MEIA = **METADE** *numeral

1. A mulher está meio nervosa. = A mulher está **um pouco** nervosa**.**
2. Maria ficou meio triste. = Maria ficou **um pouco** triste**.**
3. É meio dia e meia. = É meio dia e **metade** da hora.
4. Comeu meia caixa de biscoito. = Comeu **metade** da caixa de biscoito.

DICA 9

- Quando houver um adjetivo para dois substantivos, segue a regra:

Termo próximo	Substantivos	Termo próximo ou só o masculino plural
Vi **belos**	**Homens** e *mulheres*	*Sábias – sábios.*
Vi **belas**	**Mulheres** e *homens*	*Sábios.*
Vi **belo**	**Homem** *e Mulher*	*Sábia – sábios.*
Vi **bela**	**Mulher** e *homem*	*Sábio – sábios.*

- Adjetivo antes = termo mais próximo
- Adjetivo depois = termo mais próximo ou masculino no plural

DICA 10

- A expressão "tal qual" apresenta uma regra:

- Tal ➡ concorda com o substantivo anterior
- Qual ➡ concorda com o substantivo posterior

1. O menino era tal **qual** o **pai**.
2. O menino era tal **quais** os **pais**.
3. Os meninos eram tais **qual** o **pai**.
4. Os meninos eram tais **quais** os **pais**.

DICA 11

- Quando dois adjetivos referem-se a um substantivo, vai uma dica:

- **Repetiu o artigo** = substantivo no singular
- **Não repetiu o artigo** = substantivo no plural

1. Estudo a matéria portuguesa e a inglesa.
2. Conheço o mercado europeu e o americano.

3. Estudo as matérias portuguesa e inglesa.
4. Conheço os mercados europeu e americano.

DICAS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

DICA 1

- Tabela de concordância verbal para facilitar:

O verbo fica no:	Quando ocorrerem estas expressões:	
Singular	**Sinônimos** **Enumeração + tudo** **Haver (sentido de existir)** **Fazer (tempo decorrido)** **Um ou outro** **Cada um** **Nenhum de**	**Haja vista (sem "aos")** **Precisa-se de** **Necessita-se de** **Trata-se de** **Confia-se em** **Vossa Excelência** **Estados Unidos*** Sem artigo "os"
Plural ou singular	**Um e outro** **Nem um nem outro** **Um dos** **Grande parte dos** **A maioria dos** **Verbo + sujeito composto** **Coletivo + de**	

DICA 2

- A expressão "**mais de um**" em regra fica no singular, mas cuidado:

- **Mais de um** = não preciso de ninguém *verbo no singular
- **Mais de um** = precisa de alguém *verbo no plural
- **Mais de um** = repetiu *verbo no plural

1. Mais de um aluno saiu para a festa. = Não preciso de ninguém.
2. Mais de um aluno se abraçaram. = Preciso de alguém.
3. Mais de um aluno, mais de um professor brigaram no colégio. = Repetiu.

DICA 3

- Há duas formas para a concordância com o pronome relativo "**quem**":

- Trocar o pronome "**quem**" e tudo antes dele pelo pronome "ele".
- Cortar todas as palavras antes do 2º verbo, exceto o termo antes do "quem".

1. ~~Sou eu quem~~ paga a conta hoje. = Ele paga a conta hoje.
2. ~~Sou~~ eu ~~quem~~ pago a conta hoje. = Eu pago a conta hoje.
3. ~~São os meninos quem~~ paga a conta hoje. = Ele paga a conta hoje.
4. ~~São~~ os meninos ~~quem~~ pagam a conta hoje. = Os meninos pagam a conta hoje.

DICA 4

- Muito cuidado com esta locução verbal "**parecer + infinitivo**", pois há duas formas:

1. As meninas parecem **falar** a verdade.
2. As meninas parece **falarem** a verdade.

- Só não podem ir para o plural os dois ao mesmo tempo.

PARECER	INFINITIVO
Singular ⟹	**Plural**
Plural ⟹	**Singular**

DICAS DE PONTUAÇÃO

DICA 1

- Saiba quando empregar vírgula na conjunção "**e**":

CASOS:	EXEMPLOS:
Sujeitos diferentes	O menino saiu, e a mãe foi trabalhar.
Ideia de oposição "mas"	Ela trabalhou, e não recebeu o salário.
Repetição	Estudou, e trabalhou, e viajou, e descansou.

DICA 2

- A conjunção "**e**" pode ser trocada pela vírgula, entretanto o sentido é alterado:

1. Eu comprei pão e leito. = Comprei somente pão e leite.
2. Eu comprei pão, leite. = Outras coisas foram compradas, porem não foram citadas.

DICA 3

- Muitas questões pedem quando a retirada ou a inclusão da vírgula altera o sentido:

,que...,

Oração adjetiva explicativa = representa "um grupo"

1. As mulheres, **que são mães,** amam seus filhos. = "Todas as mães amam os filhos."
2. O homem**, que estuda,** vence na vida. = "Todo homem estudante vence na vida."
3. O bolo**, que estava na mesa,** sumiu. = "O bolo sumiu e não há outro."

que

Oração adjetiva restritiva = representa "dois grupos"

1. As mulheres **que são mães** amam seus filhos. = "Só as que são mães amam os filhos."
2. O homem **que estuda** vence na vida. = "Alguns homens estudantes vencem na vida."
3. O bolo **que estava na mesa** sumiu. = "Sumiu só o que estava na mesa; há outro bolo."

DICA 4

- Saiba os casos facultativos de vírgula:

- Frases na ordem direta quando houver oração adverbial é facultativa a vírgula, entretanto se a frase vier invertida, a vírgula será obrigatória.

1. Eles saíram **quando os meninos chegaram.** (Ordem direta)
2. Eles saíram**,quando os meninos chegaram.** (Ordem direta)
3. **Quando os meninos chegaram,** eles saíram. (Ordem indireta)
1. Ele não viajou **porque não tinha dinheiro.** (Ordem direta)
2. Ele não viajou**,porque não tinha dinheiro.** (Ordem direta)
3. **Porque não tinha dinheiro,** ele não viajou. (Ordem indireta)

- Nos adjuntos adverbiais pequenos, a vírgula é facultativa:

1. **Ontem** eles saíram para a festa.
2. **Ontem,** eles saíram para a festa.

- Nas conjunções adversativas (porém, mas, entretanto, no entanto, contudo, todavia) quando iniciarem a frase:

1. Paulo é muito agitado. **Entretanto** aprende fácil.
2. Paulo é muito agitado. **Entretanto,** aprende fácil.

DICA 5

- Os dois pontos servem para:

Citação	Jesus dizia: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."
Explicação	Tenho um grande sonho: viajar por todo o Brasil.
Enumeração	Ontem comprei: leite, pão, frutas.
Pergunta ou responder	Ela respondeu: "Não posso ir com você".
Oração apositiva	Quero uma coisa: que ele volte para casa.
Introduzir um diálogo	Respondeu triste: - Amanhã viajarei.

DICA 6

- Veja algumas frases em que há dois sentidos ao se empregar a vírgula:

1. Paulo morreu. = (sujeito) Mataram o Paulo.
2. Paulo, morreu. = (vocativo) Alguém morreu, e não foi o Paulo.

1. Não morrerás. = Ele não morre.
2. Não, morrerás. = Ele morre.

DICA 7

- Sempre entre vírgulas as expressões "**explicativas, retificativas**":

, isto é,	Ele mentiu, isto é, faltou com a verdade.
, ou seja,	Ele mentiu, ou seja, faltou com a verdade.
, ou melhor,	Ele mentiu, ou melhor, faltou com a verdade.
, por exemplo,	Há muitos problemas, por exemplo, falta de colégios e professores.
, aliás,	Eu não estudei, aliás, estudei pouco.
, a meu ver,	A resposta, a meu ver, é de cada um.

DICA 8

- Emprega-se o ponto-e-vírgula quando a conjunção (adversativa ou conclusiva) vier deslocada, isto é, fora da ordem padrão:

1. Eu estudei muito**;** devo, por isso, passar. **(Conjunção deslocada)**
2. Eu estudei muito**,por isso** devo passar. **(conjunção na ordem)**

1. O sinal estava fechado**;** os carros, entretanto, não paravam. **(Conjunção deslocada)**
2. O sinal estava fechado**,entretanto** os carros não paravam. **(conjunção na ordem)**

- Frases em que os sujeitos são diferentes:
- Maria gosta de viajar todo ano; o Marcos não viaja tanto para fora.

- Em frases em que se omite um verbo já expresso(zeugma), e o sujeito é diferente:
- Eu curso medicina; ela, odontologia. **(Ela cursa odontologia.)**

DICA 9

- As vírgulas podem ser substituídas por "**travessões**" ou "**parênteses**" quando o termo for explicativo:

1. Pelé, o rei do futebol, não virá.
2. Pelé - o rei do futebol - não virá.
3. Pelé (o rei do futebol) não virá.

DICA 10

- Saiba o que jamais separar:

1. **Sujeito** + verbo
2. **Verbo** + complemento verbal (objeto direto ou indireto)
3. **Substantivo** + adjetivo
4. **Substantivo** + complemento nominal
5. **Substantivo** + adjunto adnominal

1. O menino chegou.
2. Quero o carro.
3. Conheço o menino feliz.
4. O medo de ladrão é constante.
5. O professor de matemática chegou.

DICA 11

- Empregue as aspas em:

Gírias	Seu carro é "maneiro".
Estrangeirismo	Aquela festa foi um "show".
Enfatizar	Paula comprou "aquele" carro.
Citação	"Amarás o teu próximo como a ti mesmo."
Ironizar	Seu marido é tão "santo" que só te traiu três vezes.
Fala de terceiro	Ele disse: "Como vai você".

DICAS DE PERÍDO COMPOSTO

DICA 1

- Diferenças das orações

Coordenadas	As duas frases são **independentes**.
Adverbiais	Uma frase **depende** da outra.
Substantivas	Apresenta **conjunção integrante** (que – se).
Adjetivas	Apresenta **pronomes relativos** (que – quem – onde – qual – cuja)
Reduzidas	Apresenta verbo no **infinitivo**, ou **gerúndio**, ou **infinitivo**.

1. Ela estudou, trabalhou. = **Orações Coordenadas**
2. Quando ela chegou, ele saiu. = **Oração Adverbial**
3. Diga que me ama. = **Oração Substantiva**
4. O menino que morreu era jovem. = **Oração Adjetiva**
5. Ao sair atrasado, todos o criticaram. = **oração reduzida**

DICA 2

- Veja como é fácil identificar as conjunções integrantes:

PODEM SER:	TROCA POR:	EXEMPLOS:
Que **Quem** **Onde** **Qual** **Se** **Quando** **Como**	ISSO	2. Ela disse que vai. = Ela disse ISSO. 3. Diga quem me ama. = Diga ISSO. 4. Eu sei onde ele mora. = Eu sei ISSO. 5. Sei qual é o seu problema. = Sei ISSO. 6. Veja se ele vai. = Veja ISSO. 7. Eu sei quando ele vai. = Eu sei ISSO. 8. Diga como ele é. = Diga ISSO.

- Quando há conjunção integrante, temos oração subordinada substantiva.

DICA 3

- Diferença das orações causais das explicativas:

Causal:

- Apresenta MOTIVO.
- Pode INVERTER a frase.
- Troca por JÁ QUE.

Explicativa:

- Apresenta VERBO NO IMPERATIVO.
- NÃO pode INVERTER a frase.
- NÃO apresenta MOTIVO.
- Troca por QUE.

1. Não foi à aula, **porque** choveu. = CAUSAL
2. Choveu muito, **porque** eu vi. = EXPLICATIVA
1. Não viajou, **pois** não tinha dinheiro. = CAUSAL
2. Façam silêncio, **pois** estou explicando. = EXPLICATIVA

- Quando a frase apresentar uma ordem + "que, pois ou porque", teremos uma oração explicativa.

DICA 4

- Oração adverbial **consecutiva,** em sua maioria, apresenta palavra de "intensidade + que":

1. Ela é **tão** feia **que** dói.
2. Bebeu **tanto que** ele desmaiou.
3. Estudou de **tal modo que** passou em primeiro lugar.
4. **Tamanha** foi a dor **que** ele morreu.

- A palavra de intensidade pode estar explícita: "Ela é feia que dói."

DICA 5

- As duas principais conjunçõesdas orações adverbiais:

Causal	**JÁ QUE – VISTO QUE**	Como choveu, fico em casa.
Concessiva	**EMBORA – AINDA QUE**	Mesmo que chova, fico em casa.
Condicional	**SE – CASO**	Desde que chova, fico em casa.
Consecutiva	**TÃO QUE – TANTO QUE**	Choveu tanto que fiquei em casa.
Comparativa	**COMO – TANTO QUANTO**	Bebeu que nem doido.
Conformativa	**CONFORME – COMO**	Choveu de acordo com a previsão.
Final	**PARA – PARA QUE**	Choveu a fim de molhar as plantas.
Temporal	**QUANDO – ASSIM QUE**	Logo que choveu, ele foi embora.
Proporcional	**À MEDIDAQUE** **À PROPORÇÃO QUE**	Quanto mais choveu mais enchente aparece.

- Para memorizar, basta gravar (6C + FTP)

DICA 6

- As duas principais conjunções das orações coordenadas:

Adversativa	**mas - porém**	Trabalhei, entretanto não recebi.
Aditiva	**e - nem**	Trabalhei mas também estudei.
Alternativa	**ou - ora**	Quer trabalhe, quer estude.
Conclusiva	**logo - portanto**	Estudei, então passarei.
Explicativa	**pois - porque**	Venha, que preciso de você.

- Para memorizar, basta gravar (3A +CE)

DICA 7

- Esquema prático das orações substantivas:

TIPO	FÓRMULA	COMPLETA	EXEMPLO
Objetiva indireta	de que em que	Verbo	**Preciso** de que volte. **Confio** em quem fale a verdade.
Completiva nominal	de que – a que	Não verbo	Tenho **medo** de que volte. Fiz **alusão** a que ele voltasse.
Objeto direto	que	Verbo	**Quero** que volte.
Aposto	:que	Explica	Tenho um sonho**:**que volte.
Predicativa	é que	----------	Meu sonho é que volte.
Subjetiva	É...que	----------	É bom que volte.

DICA 8

- Esquema das orações substantivas subjetivas, pois há 4 formas de elas aparecerem nas provas.

FÓRMULA	EXEMPLO
Verbo de ligação + adjetivo + que	É bom que ele venha.
Verbo "constar – parecer – convir" + que	Consta que ele virá.
Verbo + se + que	Sabe-se que ele virá.
Verbo "ser" + adjetivo + verbo no infinitivo	É necessário estudar a lição.

- A oração subjetiva é a única que não apresenta sujeito na oração principal.

DICA 9

- Orações adjetivas e restritivas:

1. Explicativas

- Apresenta "vírgula – travessão".
- Apresenta pronome relativo.
- Apresenta pontuação imediatamente antes do pronome relativo.

2. Restritivas

- Não apresenta "vírgula – travessão".
- Apresenta pronome relativo.
- Apresenta Pontuação imediatamente antes do pronome relativo.

1. O bolo, que estava na mesa, sumiu. = explicativa
2. O bolo - que estava na mesa - sumiu. = explicativa
3. O bolo que estava na mesa sumiu. = restritiva

- Grave: a ausência da vírgula altera o sentido, e muitas provas cobram tal análise.

- Sem vírgula = Apresenta uma ideia.
- Com vírgula = Apresenta outra ideia.

1. O bolo, que estava na mesa, sumiu. = (Só havia um bolo e ele sumiu.)
2. O bolo que estava na mesa sumiu. = (Havia outro bolo que não estava na mesa.)

DICA 10

- Oração principal e subordinada:

Principal:

- Posso colocar ponto final
- Apresenta sentido

Subordinada

- Não aceita ponto final
- Não apresenta sentido

1. Quando ele chegar, **nós conversaremos**.

Quando ele chegar. (Sem sentido)
Nós conversaremos. (Com sentido)

2. Se ele vier à loja, **eu falo a verdade**.

Se ele vier à loja. (Não apresenta sentido, algo fica vago.)
Eu falo a verdade. (Apresenta mais sentido.)

DICA 11

- Uma tática legal para ajudar nas orações coordenadas explicativas é lembrar que:

- **Ordem + que – pois – porque** = **explicativa**

1. Estude, que amanhã será a prova.
2. Estude, pois amanhã será a prova.
3. Estude, porque amanhã será a prova.

DICA 12

- A conjunção "**e**" pode apresentar valor de "**oposição**" quando ela for substituída por "**mas**":

1. Eu estudei muito, **e** não passei. = mas
2. Trabalhei, **e** não recebi meu salário. = mas

DICAS DE FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

DICA 1

- O pronome relativo "onde" exerce a função sintática de "**adjunto adverbial**":

1. A casa onde moro é grande. = adjunto adverbial

- **O pronome onde pode substituir os termos "em que / no qual":**

1. A casa **em que** moro. = A casa onde moro.
2. A loja **na qual** trabalho. = A loja onde trabalho.

DICA 2

- O pronome relativo "cujo" tem a função sintática de "**adjunto adnominal**":

1. A obra de cujo autor falei é muito nova.
2. Vimos o livro cujo autor é novo.

DICA 3

- O pronome relativo "que" pode exercer função de objeto direto ou sujeito:

- **Objeto direto** = sem preposição ao lado do "que"
- **Sujeito** = sem preposição ao lado do "que"

1. A **menina** que morreu era jovem. = sujeito
2. A casa que a **jovem** comprou era nova. = objeto direto

- Quando o "**que**" desempenhar função de sujeito, **o sujeito ficará antes do "que".**
- Quando o pronome "que" desempenhar função de objeto direto, note que o **sujeito estará depois do "que".**

DICA 4

- O pronome relativo "que" pode exercer função de objeto indireto ou complemento nominal:

- **Objeto indireto** = com preposição "de que" **completando verbo**
- **Complemento nominal** = com preposição "de que / a que" **completando nome**

1. A obra a que fiz **alusão** era muito cara. = complemento nominal
2. A obra de que **tratamos** pertencia ao seu irmão. = objeto indireto

- Na frase "1" a preposição "a" completa o nome "**alusão**".
- Na frase "2" a preposição "de" completa o verbo "**tratamos**".

DICAS DE FIGURAS DE LINGUAGEM

DICA 1

- Memorize as principais figuras de linguagem:

FIGURAS:	PALAVRA CHAVE	EXEMPLOS
Antítese	Antônimo	A morte é o inimigo da vida.
Hipérbole	Exagero	Morreram de tanto ri.
Anáfora	Repetição	Nada muda, nada fica, nada vive.
Gradação	Sequência	Andou, correu, sumiu.
Metáfora	Conotativo	Ela é um anjo na minha vida.
Elipse	Omissão	Fomos embora.
Pleonasmo	Redundância	Subiu para cima agora.
Assíndeto	Sem conjunções	Chegou, estudou.
Polissíndeto	Com conjunções	Chegou, e estudou, e trabalhou.
Onomatopeia	Sons	Ele fez bibi.
Eufemismo	Suavização	Ele subtraiu dinheiro do patrão.
Ironia	Sarcasmo	Meu marido é um anjo, só me traiu 2 vezes.
Personificação	Humanizar seres	As árvores estão dançando.
Hipérbato	Inversão	Chegaram à loja os ladrões.
Metonímia	Troca	Li Machado de Assis o dia todo.

DICAS EXTRAS

DICA 1

- Diferença entre sentido conotativo e denotativo:

- **Denotativo = (De mesmo valor)** dicionário – literal – real

1. Vi um anjo na igreja.
2. Quebrei o pé ontem.
3. Paulo é um homem pobre.

- **Conotativo = (Com outro valor)** figurado – metafórico

1. Ele é um anjo de pessoa.
2. Quebrei a minha palavra.
3. Suas palavras são pobres.

DICA 2

- Muito cuidado quando o pronome "**todo**" vier seguido de artigo "**o**".
  - **Todo o** = inteiro
  - **Todo** = qualquer

1. Pintei todo o prédio. = Pintei o prédio inteiro
2. Todo o Brasil se uniu. = O Brasil inteiro.
3. Estudo todo dia. = Estudo qualquer dia.
4. Estudo todo o dia. = Estudo o dia inteiro.

Quem sou?

A falta de um sentimento que antes existia pelo menos entre as famílias, hoje não existe mais (quase não existe). Muitos pais maltratam seus filhos, e muitos filhos maltratam seus pais. Muitas mães abandonam seus filhos, e muitos filhos abandonam suas mães. Onde se encontra o "AMOR"? Eu não sei, pois cada dia que vivo menos amor vejo não só entre as famílias como também entre as pessoas. A famosa frase dita por um grande Homem - "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."-não está sendo obedecida. Mal nos amamos, como haveremos de amar o outro. Hoje por coisas banais muitas vidas são ceifadas: por causa de uma batida de carro; um real que meu vizinho estava me devendo; uma pessoa me encarou; alguém olhou para minha esposa... prefiro parar por aqui. São tantos atos "fúteis" que vejo que a vida perdeu seu valor, ou melhor, a vida não perdeu seu valor, nós que deixamos de amar. Deixamos de seguir o maior dos mandamentos que Jesus Cristo no deixou. Para que eu possa amar ao outro, é necessário que eu primeiro me ame, isso é fato. Como posso amar a Deus, se não sou capaz de amar a quem posso ver, tocar ou abraçar?

Breve Jesus há de voltar, e o amor que um dia existiu vai retornar.

A bíblia é a maior escola de ensinamento, entretanto poucos a leem.

ERNANI TERRA

Bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo

Doutorando em Língua Portuguesa na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Autor de *Minigramática* e coautor de *Gramática de Hoje* e
Práticas de Linguagem: Leitura & Produção de Textos

Supervisão pedagógica: José De Nicola

CURSO PRÁTICO DE GRAMÁTICA

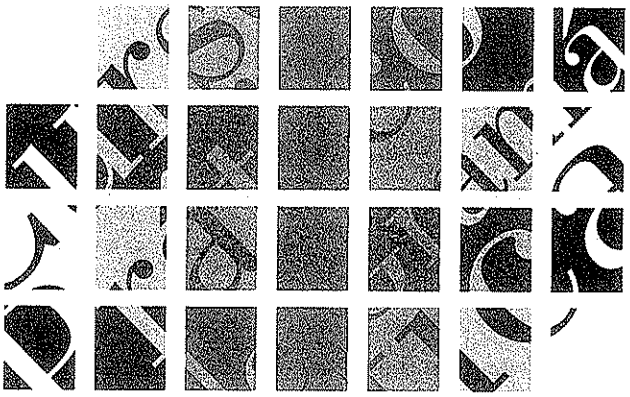

NOVA EDIÇÃO

editora scipione

editora scipione

Diretora-Geral Editoras Ática e Scipione
Vera Balhestero
Diretora Editorial Editoras Ática e Scipione
Angela Marsiaj
Gerente Editorial Didáticos Editoras Ática e Scipione
Teresa Porto
Gerente de Qualidade e Suporte Editoras Ática e Scipione
Beatriz Mendes
Gerente Editorial Didáticos Scipione
Elizabeth Soares

Responsável Editorial: Roberta Vaiano
Assistentes Editoriais: Paula Lage Fazzio, João Carlos Ribeiro Jr.
Gerente de Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga
Equipe de Revisão: Kátia Scaff Marques (Coord.), Claudia Virgilio, Maiza Prande Bernardello, Vanessa de Paula Santos, Veridiana Maenaka
Supervisor de Arte: Sérgio Yutaka Suwaki
Equipe de Arte: Didier D. C. Dias de Moraes (Programação Visual)
Claudio Faustino (Produção de Arte)
Josias Silva (Coordenação de Editoração Eletrônica)
Supervisor de Iconografia: Sílvio Kligin
Equipe de Iconografia: Vanessa Manna e Caio Mazzilli (Pesquisa), Nadiane Santos (Assistência)
Tratamento de Imagem:
Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Colaboração: Ulhôa Cintra Comunicação Visual e Arquitetura S/S Ltda. e Carlos Eduardo de Souza (Editoração Eletrônica)
Programação Visual de Capa e Miolo: Ulhôa Cintra Comunicação Visual e Arquitetura S/S Ltda.
Ilustrações: Vera Basile

Direitos desta edição cedidos à Editora Scipione S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400
6º andar e andar intermediário ala "B"
Freguesia do Ó – CEP 02909-900 – São Paulo – SP
Tel.: 0800 161700
www.scipione.com.br / atendimento@scipione.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terra, Ermani
Curso prático de gramática / Ermani Terra. —
6. ed. — São Paulo: Scipione, 2011.

1. Português - Gramática (Ensino Médio)

I. Título.

11-05882 CDD-469.507

Índice para catálogo sistemático:
1. Gramática : Português : Ensino Médio 469.507

2012
ISBN 978-852627801-1 (AL)
ISBN 978-852627802-8 (PR)
Cód. da obra CL 737571
6ª edição
2ª impressão

EDITORA AFILIADA

Impressão e acabamento: Gráfica Ave Maria

Uma Publicação Abril EDUCAÇÃO

Conforme a nova ortografia da Língua Portuguesa

FSC
www.fsc.org
MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C102676

Apresentação

Conhecer uma língua é ser capaz de compreender satisfatoriamente aquilo que ouvimos ou lemos, reconhecendo as variantes e identificando o papel social desempenhado pelas pessoas que interagem num processo comunicativo. Além disso, é saber comunicar-se com interlocutores variados, em situações variadas, sobre assuntos variados.

Nas diversas situações de comunicação oral ou escrita, escolhemos a variante adequada da língua em função do interlocutor, do assunto, do contexto. A norma culta, também chamada norma-padrão, em determinados contextos, numa comunicação mais formal, por exemplo, é a variante linguística adequada. O estudo da gramática normativa é, pois, fundamental para que tenhamos conhecimento daquilo que se convencionou chamar de linguagem culta.

O conceito de linguagem culta é polêmico, já que mesmo esse padrão de linguagem sofre alterações no decorrer do tempo. Hoje, são aceitas como representativas da linguagem culta usos que há pouco eram condenados pelas gramáticas normativas.

Nesta obra, já conforme ao Acordo Ortográfico, levamos em conta usos que representativos autores brasileiros modernos fazem da língua para estabelecer o que é linguagem culta, além da tradição escrita de nosso idioma. No entanto, é preciso ter em mente que a linguagem culta não está presente apenas em textos literários; assim, apresentamos também usos extraídos de jornais e revistas, e de textos de diferentes gêneros e esferas de circulação.

Ressaltamos que o estudo da gramática não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como um instrumento útil e necessário para que se possa, com competência, produzir e entender textos. Daí em todos os capítulos apresentarmos as seções **Dos textos à gramática/Da gramática aos textos** e **A gramática no dia a dia**, a fim de que se possa observar, na primeira, como os itens estudados aparecem em textos concretos dos mais variados gêneros e, na segunda, usos na linguagem cotidiana.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos que, direta ou indiretamente, tornaram possível a realização desta obra.

Um forte abraço,

O autor

Sumário

PARTE 1 FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Capítulo 1 • Fonologia 10
Conceitos iniciais 10
- Fonologia 10
- Fonemas e letras 10
- Dígrafos 11
- Transcrição fonética 11

Classificação dos fonemas 12
- Classificação das vogais 14
- Classificação das consoantes 14

Sílaba 15
- Sílaba átona e sílaba tônica 16
- Monossílabos átonos e tônicos 16
- Ortoépia e prosódia 17
- Encontros vocálicos 18
  - *Ditongo* 18
  - *Tritongo* 18
  - *Hiato* 18
- Encontros consonantais 19
- Translineação 19

A gramática no dia a dia 20
Atividades 22
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos 25

Capítulo 2 • Ortografia 26
Conceitos iniciais 26
Sistema ortográfico 27
Orientações ortográficas 28
- Mesmo fonema representado por letras diferentes 28
- Mesma letra representando fonemas diferentes 28
- Emprego do *h* 28
- Emprego do *s* 29
- Emprego do *z* 29
- Emprego do dígrafo *ss* 30
- Emprego do *ç* 30
- Emprego do *sc* 31
- Emprego do *x/ch* 31
- Emprego do *j* 31
- Emprego do *g* 32
- Emprego do *e* 32
- Emprego do *i* 32

Formas variantes 33
Parônimos e homônimos 33
- Parônimos 33
- Homônimos 34

Emprego do hífen 35
- Considerações iniciais 35
- Hífen nos compostos 36
- Hífen com prefixos e sufixos 37

A gramática no dia a dia 38
Atividades 38
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos 42

Capítulo 3 • Acentuação gráfica 43
Acento prosódico e acento gráfico 43
Regras de acentuação gráfica 43
- Proparoxítonas 43
- Paroxítonas 43
- Oxítonas 44
- Ditongos 44
- Hiatos 44
- Acentuação de formas verbais 45

Acento grave 45
Acento diferencial 46
Uso do til 46
- O til 46

Acentuação de palavras com elementos ligados por hífen 46
A gramática no dia a dia 46
Atividades 47
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos 48

PARTE 2 MORFOLOGIA

Capítulo 4 • Estrutura e formação das palavras 50
Estrutura das palavras 50
- Os morfemas 51
  - *Radical* 51
  - *Desinências* 51
  - *Vogal temática* 52
  - *Afixos* 53

O léxico português 53
- Radicais e prefixos 54
  - *Radicais de origem grega que geralmente aparecem como primeiro elemento na composição de palavras* 54
  - *Radicais de origem grega que geralmente aparecem como segundo elemento na composição de palavras* 56
  - *Numerais de origem grega* 57
  - *Radicais de origem latina que geralmente aparecem como primeiro elemento na composição de palavras* 57
  - *Radicais de origem latina que geralmente aparecem como segundo elemento na composição de palavras* 58
  - *Prefixos de origem grega* 58
  - *Prefixos de origem latina* 59
- Sufixos 60
  - *Sufixos nominais* 60
  - *Sufixos verbais* 61
  - *Sufixo adverbial* 61

Formação das palavras 62
- Principais processos de formação de palavras 62
  - *Composição* 62
  - *Derivação por acréscimo de afixos* 63
  - *Outros tipos de derivação* 64
    - *Derivação regressiva* 64
    - *Derivação imprópria* 64
- Outros processos de formação de palavras 64
  - *Onomatopeia* 64
  - *Abreviação* 65
  - *Hibridismo* 66
  - *Palavra-valise* 66
  - *Decalque* 67

A gramática no dia a dia ... 67
Atividades ... 68
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 71

Capítulo 5 • Substantivo ... 72
Classes de palavras ... 72
• Classificação das palavras ... 72
Definição ... 74
Formação dos substantivos ... 74
Classificação dos substantivos ... 74
• Substantivos coletivos ... 75
Flexão de gênero ... 76
• Substantivos biformes ... 77
• Substantivos uniformes ... 77
Substantivos epicenos ... 77
Substantivos comuns de dois gêneros ... 77
Substantivos sobrecomuns ... 78
Alguns substantivos que costumam causar dúvidas ... 78
• Oposição gênero X sentido ... 78
Flexão de número ... 79
• Plural com alteração de timbre da vogal tônica ... 79
• Plural dos substantivos simples ... 80
Substantivos terminados em vogal ou ditongo ... 80
Substantivos terminados pelo ditongo nasal -ão ... 80
Substantivos terminados em -r *e* -z ... 80
Substantivos terminados em -s ... 81
Substantivos terminados em -x ... 81
Substantivos terminados em -l ... 81
Alguns plurais que merecem destaque ... 81
Plural dos diminutivos terminados em -zinho *e* -zito ... 81
• Plural dos substantivos compostos ... 82
Flexão de grau ... 83
• Alguns aumentativos sintéticos que merecem destaque ... 84
• Alguns diminutivos sintéticos que merecem destaque ... 84
• Alguns diminutivos eruditos ... 84
Morfossintaxe ... 84
• Morfossintaxe do substantivo ... 85
A gramática no dia a dia ... 85
Atividades ... 86
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 89

Capítulo 6 • Artigo ... 90
Definição ... 90
Classificação dos artigos ... 90
Propriedades dos artigos ... 91
Emprego dos artigos ... 91
Morfossintaxe do artigo ... 93
A gramática no dia a dia ... 93
Atividades ... 94
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 95

Capítulo 7 • Adjetivo ... 96
Definição ... 96
Classificação dos adjetivos ... 96
• Adjetivos pátrios ... 96
Outros adjetivos pátrios ... 98
Adjetivos pátrios compostos ... 99
• Locução adjetiva ... 100
Flexão do adjetivo ... 102
Flexão de gênero ... 102
Flexão de número ... 102
• Plural dos adjetivos simples ... 102
• Plural dos adjetivos compostos ... 103
Regra geral ... 103
Exceções ... 103
Flexão de grau ... 103
• Grau comparativo ... 104
• Grau superlativo ... 104
Morfossintaxe do adjetivo ... 106
A gramática no dia a dia ... 106
Atividades ... 108
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 111

Capítulo 8 • Numeral ... 112
Definição ... 112
Classificação dos numerais ... 112
• Numerais substantivos e numerais adjetivos ... 112
Numerais cardinais e ordinais ... 113
Numerais multiplicativos e fracionários ... 114
Flexão dos numerais ... 114
• Cardinais ... 114
• Ordinais ... 114
• Multiplicativos ... 115
• Fracionários ... 115
Emprego dos numerais ... 115
Morfossintaxe do numeral ... 116
A gramática no dia a dia ... 116
Atividades ... 118
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 119

Capítulo 9 • Pronome ... 120
Definição e classificação ... 120
As pessoas do discurso ... 120
Pronomes pessoais ... 121
• Pronomes de tratamento ... 121
• Emprego dos pronomes pessoais ... 122
• Morfossintaxe do pronome pessoal ... 123
Atividades ... 125
Pronomes possessivos ... 126
• Concordância dos pronomes possessivos ... 127
• Emprego dos pronomes possessivos ... 128
• Morfossintaxe do pronome possessivo ... 128
Pronomes demonstrativos ... 128
• Emprego dos pronomes demonstrativos ... 129
• Morfossintaxe do pronome demonstrativo ... 130
Atividades ... 131
Pronomes relativos ... 132
• Emprego dos pronomes relativos ... 133
• Morfossintaxe do pronome relativo ... 134
Pronomes indefinidos ... 134
• Emprego dos pronomes indefinidos ... 135
• Morfossintaxe do pronome indefinido ... 136
Pronomes interrogativos ... 136
• Morfossintaxe do pronome interrogativo ... 136
Colocação pronominal ... 137
• Ênclise ... 137
• Próclise ... 137
• Mesóclise ... 138
• Colocação pronominal nas locuções verbais e nos tempos compostos ... 138
A gramática no dia a dia ... 139
Atividades ... 140
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 141

Capítulo 10 • Verbo ... 143
Definição ... 143
• Locução verbal ... 144
Estrutura do verbo ... 144
• Radical ... 144
• Vogal temática ... 145
• Desinências ... 145
• Formas rizotônicas e formas arrizotônicas ... 146
Flexão do verbo ... 146
• Flexão de tempo ... 146
Presente ... 146

Pretérito ... 146
Futuro ... 146
Tempos simples e compostos ... 147
- Flexão de modo ... 147
- Flexão de número ... 147
- Flexão de pessoa ... 148
- Flexão de voz ... 148
  Voz ativa ... 148
  Voz passiva ... 148
  Voz reflexiva ... 149

Vozes verbais e intencionalidade ... 149
Formas nominais do verbo ... 150
Emprego dos modos verbais ... 150
- Modo indicativo ... 150
- Modo subjuntivo ... 151
- Modo imperativo ... 151

Formação do imperativo ... 151
- Imperativo afirmativo ... 152
- Imperativo negativo ... 152

Emprego do infinitivo ... 153
- Infinitivo não flexionado ... 153
- Infinitivo flexionado (pessoal) ... 153

Emprego dos tempos verbais ... 154
- Presente do indicativo ... 154
- Pretérito imperfeito do indicativo ... 154
- Pretérito perfeito do indicativo ... 154
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo ... 155
- Futuro do presente do indicativo ... 155
- Futuro do pretérito do indicativo ... 155
- Presente do subjuntivo ... 156
- Pretérito imperfeito do subjuntivo ... 156
- Futuro do subjuntivo ... 156

Classificação dos verbos ... 156
- Verbos regulares ... 156
- Verbos irregulares ... 157
- Verbos defectivos ... 157
- Verbos abundantes ... 158
- Verbos pronominais ... 160

Conjugação verbal ... 160
- Modo indicativo ... 161
- Modo subjuntivo ... 162
- Modo imperativo ... 163
- Formas nominais ... 164

Verbos auxiliares ... 164
- Modo indicativo ... 164
- Modo subjuntivo ... 166
- Modo imperativo ... 167
- Formas nominais ... 167

Alteração de um verbo seguido de pronome oblíquo ... 168
Lista de verbos notáveis ... 168
Morfossintaxe do verbo ... 175
A gramática no dia a dia ... 175
Atividades ... 177
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 180

Capítulo 11 • Categorias gramaticais invariáveis ... 181
Advérbio ... 181
Definição ... 181
- Locução adverbial ... 182

Classificação dos advérbios ... 182
- Advérbios interrogativos ... 183

Flexão de grau ... 183
- Grau comparativo ... 183
- Grau superlativo ... 183

Emprego dos advérbios ... 183
Morfossintaxe do advérbio ... 184
Preposição ... 185
Definição ... 185
- Locução prepositiva ... 185

Classificação das preposições ... 186
Emprego das preposições ... 186
Morfossintaxe da preposição ... 187
Conjunção ... 187
Definição ... 187
- Locução conjuntiva ... 187

Classificação das conjunções ... 188
- Conjunções coordenativas ... 188
- Conjunções subordinativas ... 188
- As conjunções e o contexto frasal ... 188

Morfossintaxe da conjunção ... 189
Os operadores argumentativos ... 189
- Tipos de operadores argumentativos ... 189

Interjeição ... 191
Definição ... 191
- Locução interjetiva ... 191

Classificação das interjeições ... 191
Morfossintaxe da interjeição ... 191
A gramática no dia a dia ... 192
Atividades ... 193
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 196

PARTE 3 SINTAXE

Capítulo 12 • Termos essenciais da oração ... 198
A análise sintática ... 198
- Frase ... 198

Tipos de frase ... 199
- Oração ... 200
- Período ... 200
- Resumindo ... 200

Termos essenciais da oração ... 200
Sujeito e predicado ... 201
Sujeito ... 201
- Ordem direta e ordem inversa ... 201
- Concordância entre verbo e sujeito ... 202
- Núcleo ... 202
- Morfossintaxe do sujeito ... 202
- Tipos de sujeito ... 203
  A palavra se ... 204
- O sujeito é sempre termo regente ... 205

Oração sem sujeito ... 205
- Verbos impessoais ... 206

Atividades ... 207
Predicado ... 209
- Predicação verbal ... 209
  Verbos intransitivos ... 209
  Verbos transitivos ... 209
  Verbos de ligação ... 210
- Predicativo ... 210
  Predicativo do sujeito ... 211
  Morfossintaxe do predicativo do sujeito ... 211
  Predicativo do objeto ... 211
  Morfossintaxe do predicativo do objeto ... 212
- Tipos de predicado ... 212
  Predicado verbal ... 212
  Predicado nominal ... 212
  Predicado verbo-nominal ... 212

A gramática no dia a dia ... 213
Atividades ... 214
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 216

Capítulo 13 • Termos integrantes da oração ... 217
Complementos verbais ... 217
- Objeto direto ... 217
- Objeto indireto ... 218
- Objeto constituído por um pronome oblíquo ... 218
- Objeto direto preposicionado ... 219
- Objeto direto interno (ou cognato) ... 219
- Objeto pleonástico ... 220
- Morfossintaxe dos objetos ... 220

Agente da passiva ... 221
- Morfossintaxe do agente da passiva ... 221

Complemento nominal ... 221
- Morfossintaxe do complemento nominal ... 222

A gramática no dia a dia ... 222
Atividades ... 223
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 225

Capítulo 14 • Termos acessórios da oração e vocativo ... 226
Adjunto adnominal ... 226
- Diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal ... 226
- Diferença entre adjunto adnominal e predicativo ... 227
- Morfossintaxe do adjunto adnominal ... 227

Adjunto adverbial ... 228
- Classificação dos adjuntos adverbiais ... 228
- Morfossintaxe do adjunto adverbial ... 229

Aposto ... 229
- Morfossintaxe do aposto ... 230

Vocativo ... 230
- Morfossintaxe do vocativo ... 231

A gramática no dia a dia ... 231
Atividades ... 231
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 234

Capítulo 15 • Orações coordenadas ... 235
Introdução ... 235
- Período composto por coordenação ... 235
- Período composto por subordinação ... 236
- Período composto por coordenação e subordinação ... 236

Orações coordenadas ... 236
- Classificação das orações coordenadas sindéticas ... 237

Orações intercaladas ... 238
A gramática no dia a dia ... 238
Atividades ... 239
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 242

Capítulo 16 • Orações subordinadas ... 243
Introdução ... 243
Orações subordinadas substantivas ... 243
- Subjetivas ... 244
- Objetivas diretas ... 244
- Objetivas indiretas ... 244
- Predicativas ... 244
- Completivas nominais ... 244
- Apositivas ... 245
  - *As orações substantivas e a pontuação* ... 245
  - *Como identificar a função sintática das orações substantivas* ... 245

Atividades ... 246
Orações subordinadas adjetivas ... 247
- Restritivas ... 248
- Explicativas ... 248
- Funções sintáticas do pronome relativo ... 248
  - *As orações adjetivas e a pontuação* ... 249

Atividades ... 250
Orações subordinadas adverbiais ... 252
- Causal ... 252
- Comparativa ... 253
- Consecutiva ... 253
- Concessiva ... 253
- Condicional ... 253
- Conformativa ... 254
- Final ... 254
- Proporcional ... 254
- Temporal ... 254
- Mesma conjunção com valores semânticos diferentes ... 254
- Orações subordinadas adverbiais justapostas ... 255
  - *Posição das orações subordinadas adverbiais* ... 255
  - *As orações adverbiais e a pontuação* ... 256

Atividades ... 256
Orações subordinadas reduzidas ... 257
  - *As orações reduzidas e a pontuação* ... 259

A gramática no dia a dia ... 259
Atividades ... 260
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 261

Capítulo 17 • Concordância verbal ... 262
Introdução ... 262
Concordância verbal ... 262
- Regra ... 262
- Casos particulares ... 263
  - *Substantivos coletivos* ... 263
  - *Expressões* a maior parte de / grande parte de ... 263
  - *Nomes que só se usam no plural* ... 264
  - *Pronomes de tratamento* ... 264
  - *Pronome relativo* que ... 264
  - *Pronome relativo* quem ... 265
  - *Expressões* mais de um / mais de dois / mais de... ... 265
  - *Expressões* cerca de / perto de ... 266
  - *Expressões* alguns de nós / poucos de nós ... 266
  - *Verbo com índice de indeterminação do sujeito* ... 266
  - *Verbo com pronome apassivador* ... 267
  - *Expressões que representam porcentagem* ... 267
  - *Numerais fracionários* ... 267
  - *Sujeito oracional* ... 268
  - *Expressão* haja vista ... 268
  - *Sujeito composto* ... 268
  - *Sujeito composto resumido por um indefinido* ... 269
  - *Sujeito composto formado de pessoas gramaticais diferentes* ... 269
  - *Núcleos do sujeito composto ligados por* ou ... 269
  - *Núcleos do sujeito composto ligados por* com ... 269
  - *Sujeito formado por expressões correlativas* ... 270
- Concordância de alguns verbos que merecem destaque ... 270
  - *Verbos* haver *e* fazer *impessoais* ... 270
  - *Verbos* dar, bater, soar *indicando horas* ... 270
  - *Verbo* parecer *seguido de infinitivo* ... 270
  - *Verbos* dever *e* poder *seguidos de infinitivo* ... 271
  - *Verbo* ser ... 271

A gramática no dia a dia ... 272
Atividades ... 273
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 276

Capítulo 18 • Concordância nominal ... 278
Regra ... 278
Casos especiais ... 278
- Um único adjetivo referindo-se a mais de um substantivo ... 278

- Um único substantivo determinado por mais de um adjetivo ... 279
- As expressões *é bom / é necessário / é proibido* ... 279
- As palavras *anexo / incluso* ... 279
- A palavra *menos* e o elemento de composição *pseudo* ... 280
- A palavra *bastante* ... 280
- A palavra *só* ... 280
- Adjetivos empregados como advérbios ... 281
- A palavra *possível* ... 281
- As expressões *alguma coisa boa / alguma coisa nova / alguma coisa de bom / alguma coisa de novo* ... 281
- Substantivo empregado como adjetivo ... 281
- Pronomes de tratamento ... 282
- Particípios ... 282

A gramática no dia a dia ... 282
Atividades ... 283
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 284

Capítulo 19 • Regência ... 286
Definição ... 286
Regência de alguns verbos ... 286
- Verbos que na linguagem coloquial costumam apresentar regência em desacordo com a norma culta ... 286
- Verbos que apresentam mais de uma regência ... 289

Regência de alguns nomes ... 295
A gramática no dia a dia ... 297
Atividades ... 298
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 301

PARTE 4 APÊNDICE

Capítulo 20 • Crase ... 304
Introdução ... 304
Crase da preposição *a* com o artigo *a* ou *as* ... 305
- Regra ... 305
- Não ocorre crase ... 306
- Casos especiais ... 306
  - *Locuções formadas por palavras femininas* ... 306
  - *Pode ou não ocorrer crase* ... 307
  - *Diante de nomes de lugar* ... 308
  - *Diante das palavras* casa *e* terra ... 308

Crase com os pronomes demonstrativos *aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* ... 309
Crase diante de pronomes relativos ... 309
- *A qual* e *as quais* ... 309
- *Quem* e *cuja* ... 309
- *Que* ... 309

A gramática no dia a dia ... 310
Atividades ... 310
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 313

Capítulo 21 • Morfossintaxe das palavras *que* e *se* ... 314
A palavra *que* ... 314
A palavra *se* ... 315
A gramática no dia a dia ... 316
Atividades ... 317
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 318

Capítulo 22 • Pontuação ... 319
Introdução ... 319
O ponto ... 319
O ponto de interrogação ... 319
O ponto de exclamação ... 320
A vírgula ... 320
- A vírgula no interior da oração ... 320
  - *Termos intercalados* ... 320
  - *Termos deslocados* ... 321
  - *Termos coordenados assindéticos* ... 321
  - *Termos coordenados ligados por* e, ou, nem ... 322
  - *Outros casos* ... 322
- A vírgula entre orações ... 322
  - *Orações subordinadas adjetivas explicativas* ... 323
  - *Orações subordinadas adjetivas restritivas* ... 323
  - *Orações subordinadas adverbiais* ... 323
  - *Orações subordinadas substantivas* ... 323
  - *Orações coordenadas* ... 323
  - *Orações intercaladas* ... 324

O ponto e vírgula ... 324
Os dois-pontos ... 325
As aspas ... 325
O travessão ... 325
As reticências ... 326
Os parênteses ... 326
A gramática no dia a dia ... 327
Atividades ... 328
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 330

Capítulo 23 • Figuras e vícios de linguagem ... 331
Introdução ... 331
Figuras de linguagem ... 331
- Figuras de som ... 331

Figuras de construção ... 332
Figuras de pensamento ... 334
Figuras de palavras (ou tropos) ... 335
Vícios de linguagem ... 337
A gramática no dia a dia ... 339
Atividades ... 340
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 343

Capítulo 24 • Emprego de algumas palavras e expressões ... 344
Palavras e expressões que causam dúvidas ... 344
- A fim de / afim ... 344
- A par / ao par ... 344
- Acerca de / cerca de / há cerca de / a cerca de ... 344
- Ao encontro / de encontro ... 345
- Ao invés de / em vez de ... 345
- Cessão / sessão / seção ... 345
- Demais / de mais ... 345
- Há / a ... 345
- Mas / mais ... 345
- Mau / mal ... 346
- Nenhum / nem um ... 346
- Onde / aonde / donde ... 346
- Por que / por quê / porque / porquê ... 346
- Senão / se não ... 347
- Sobretudo / sobre tudo ... 347
- Tampouco / tão pouco ... 347

Atividades ... 348
Dos textos à gramática/Da gramática aos textos ... 349

Questões de exames ... 351
Índice analítico ... 499
Lista de instituições promotoras de exames ... 503
Bibliografia ... 504

PARTE 1

FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Capítulo 1 • FONOLOGIA – página 10

Capítulo 2 • ORTOGRAFIA – página 26

Capítulo 3 • ACENTUAÇÃO GRÁFICA – página 43

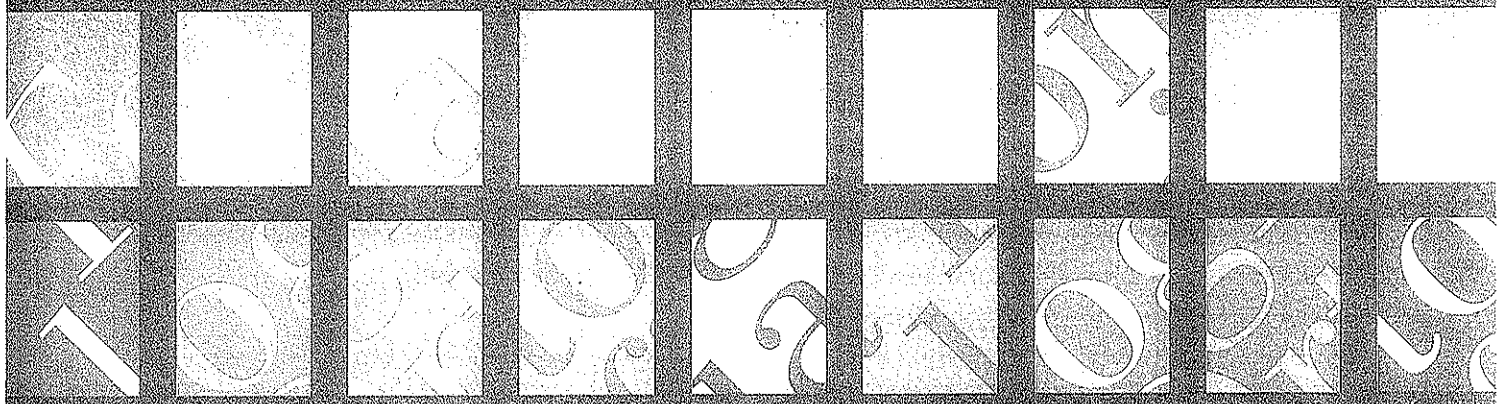

CAPÍTULO 1

Fonologia

CONCEITOS INICIAIS

FONOLOGIA

A palavra **fonologia** provém do grego: *fon(o)* = som + *logia* = estudo. Damos o nome de fonologia à parte da gramática que trata do estudo funcional dos fonemas de uma língua, ou seja, para a fonologia só interessam os fatos fônicos que cumprem determinada função na língua. Por isso certos sons que emitimos, como o estalar dos lábios para indicar beijo, o ronco, o ruído do pigarro etc., não têm interesse algum para a fonologia.

FONEMAS E LETRAS

Historicamente, o homem primeiro se expressou por meio de sons (a fala) e, num momento posterior, registrou suas mensagens utilizando alguns sinais gráficos (a escrita). Assim se dá conosco: primeiro aprendemos a falar e, num segundo momento, aprendemos a ler e a escrever.

Fonema é a menor unidade sonora que se pode isolar no interior de uma palavra. O fonema possui a propriedade de estabelecer distinção entre palavras de uma língua.

Veja alguns exemplos:

tia	**d**ia
bo**l**a	be**l**a
fi**c**o	fi**x**o

ca**r**o	ca**rr**o
ma**t**o	ma**n**to
ele po**d**e	ele pô**d**e

Observando os pares acima, podemos concluir que:

a) o fonema pode ser representado por uma única letra, como em **t**ia / **d**ia, b**o**la / b**e**la;

b) por mais de uma letra, como em m**an**to (/mãto/), ca**rr**o (/kaRo/);

c) uma letra pode representar mais de um fonema, como em fi**x**o, em que a letra **x** representa dois fonemas [**ks**];

d) uma mesma letra pode representar fonemas distintos, como em ele pô**d**e / ele p**o**de;

e) isoladamente os fonemas são desprovidos de sentido.

Na língua escrita, os fonemas são representados por sinais gráficos denominados **letras**. Além das letras, utilizamos **notações léxicas** (acentos gráficos, til, cedilha) para representar os fonemas.

DÍGRAFOS

Dígrafo ou **digrama** é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Os dígrafos podem ser consonantais ou vocálicos.

Dígrafos consonantais

ch (fonema /ʃ/): **ch**ave, **ch**uva
lh (fonema /ʎ/): ma**lh**a, te**lh**a
nh (fonema /ɲ/): ni**nh**o, rai**nh**a
rr (fonema /R/): ca**rr**o, ma**rr**eco
sc (fonema /s/): na**sc**er, cre**sc**er
sç (fonema /s/): na**sç**o, cre**sç**o
ss (fonema /s/): a**ss**ado, pê**ss**ego
xc (fonema /s/): e**xc**eto, e**xc**elente
gu (fonema /g/): **gu**erra, san**gu**e
qu (fonema /k/): **qu**ilo, es**qu**entar

Dígrafos vocálicos

am, an (fonema /ã/): t**am**pa, c**an**to
em, en (fonema /ẽ/): t**em**po, ten**en**te
im, in (fonema /ĩ/): l**im**po, t**in**ta
om, on (fonema /õ/): b**om**ba, c**on**ta
um, un (fonema /ũ/): b**um**bo, f**un**do

Nos dígrafos vocálicos, as letras **m** e **n** não representam consoantes, mas tão somente indicam que a vogal anterior é nasal.

Para efeito de separação silábica, os dígrafos **rr, ss, sc, sç** e **xc** separam-se (cada consoante pertence a uma sílaba). Os demais dígrafos não se separam.

rr	car-**rr**e-gar
ss	as-**ss**as-si-no
sc	des-**sc**i-da

sç	re-ju-ve-nes-**ç**o
xc	ex-**c**e-ção

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

Como letra e fonema são coisas distintas, nem sempre o número de letras corresponde ao número de fonemas; por isso, quando queremos a transcrição exata dos fonemas de uma palavra, utilizamos o alfabeto fonético, que é um sistema convencional de caracteres gráficos em que se utiliza um sinal para cada fonema.

A necessidade de se recorrer ao alfabeto fonético demonstra a distância que há, em diversas palavras da língua portuguesa, entre a grafia e a pronúncia e vice-versa.

	símbolo	exemplo	transcrição fonética
consoantes	/p/	**p**ata, ta**p**a	/pata/, /tapa/
	/b/	**b**ata, a**b**a	/bata/, /aba/
	/t/	**t**ola, bo**t**a	/tola/, /bɔta/
	/d/	**d**ata, ca**d**a	/data/, /kada/
	/k/	**c**ala, **k**art	/kala/, /kart/
	/g/	**g**ata, ma**g**o	/gata/, /mago/
	/f/	**f**aca, ri**f**a	/faka/, /Rifa/
	/v/	**v**ala, **w**agneriano	/vala/, /vagneriano/
	/s/	**s**ala, te**x**to	/sala/, /testo/
	/z/	ca**s**a, e**x**ame	/kaza/, /ezame/
	/ʃ/	to**ch**a, **x**arope	/tɔʃa/, /ʃarɔpe/
	/ʒ/	**j**ogo, **g**elo	/ʒogo/, /ʒelo/
	/m/	**m**ata, da**m**a	/mata/, /dama/
	/n/	**n**ada, **n**ulo	/nada/, /nulo/
	/ɲ/	pi**nh**a, rai**nh**a	/piɲa/, /Raiɲa/

	símbolo	exemplo	transcrição fonética
consoantes	/l/	lata, tolo	/lata/, /tolo/
	/ʎ/	folha, galho	/foʎa/, /gaʎo/
	/r/	arara, cara	/arara/, /kara/
	/R/	raça, garra	/Rasa/, /gaRa/

	símbolo	exemplo	transcrição fonética
semi-vogais	/j/	pai	/paj/
	/w/	pau	/paw/

	símbolo	exemplo	transcrição fonética
vogais	/a/	xá	/ʃa/
	/ɛ/	terra	/tɛRa/
	/e/	mesa	/meza/
	/i/	bica	/bika/
	/ɔ/	soja	/sɔʒa/
	/o/	goma	/goma/
	/u/	bula	/bula/
	/ã/	manta	/mãta/
	/ẽ/	lenta	/lẽta/
	/ĩ/	linda	/lĩda/
	/õ/	conta	/kõta/
	/ũ/	fundo	/fũdo/

Observe nas palavras a seguir o número de letras e o número de fonemas:

sapato
seis letras: s-a-p-a-t-o — seis fonemas: /s/ /a/ /p/ /a/ /t/ /o/

chapéu
seis letras: c-h-a-p-é-u — cinco fonemas: /ʃ/ /a/ /p/ /ɛ/ /w/
Note que o dígrafo **ch** representa um único fonema /ʃ/.

táxi
quatro letras: t-á-x-i — cinco fonemas: /t/ /a/ /k/ /s/ /i/
Na palavra táxi, a letra **x** representa dois fonemas, o /k/ e o /s/: [táksi].

hora
quatro letras: h-o-r-a — três fonemas: /o/ /r/ /a/
Na palavra hora, a letra **h** não representa fonema algum.

CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

De acordo com a forma com que são emitidos, os fonemas classificam-se em vogais, consoantes e semivogais.

Vogais são fonemas que resultam da livre passagem da corrente de ar pela boca, ou pela boca e pelas cavidades nasais.

Os fonemas vocálicos são representados pelas letras **a**, **e**, **i**, **o**, **u**, pelos dígrafos vocálicos, pela letra **w** em palavras como **W**ilson e **w**indsurfe, pela letra **y** em palavras como *chantilly* e *delivery*, e funcionam sempre como base da sílaba. Lembre-se de que não existe sílaba sem vogal.

animal, c**a**sa, el**é**trico, s**a**ci, b**u**le, t**o**mate, s**o**pa, infant**i**l, m**u**ndo

Observe que uma vogal sozinha pode formar sílaba, como em **a**-ni-mal e **e**-lé-tri-co.

Consoantes são fonemas que resultam de algum obstáculo encontrado pela corrente de ar. Só formam sílaba quando apoiados em uma vogal.

Os fonemas consonantais são representados pelas letras: **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **j**, **k**, **l**, **m**, **n**, **p**, **q**, **r**, **s**, **t**, **v**, **x**, **z**, pela letra **w** (em palavras como Wágner e weberiano) e pelos dígrafos consonantais.

bodega, **f**aca, **l**uva, **r**ato, ji**l**ó, **d**ú**v**ida, **t**rova, **x**adrez, **m**enos, **p**rato, **q**uilo, **t**orrada, **r**olha, **k**artódromo, **k**antismo

Semivogais são os fonemas /i/ e /w/, cuja articulação é semelhante à das vogais e que se juntam a uma vogal para com ela formar sílaba.

Esses fonemas são representados pelas letras **i** e **u** (em algumas palavras podem ser representados pelas letras **e** e **o**) e pela letra **y** em palavras como *office-boy*. As semivogais, assim como as consoantes, sozinhas não constituem sílabas.

cár**i**e, co**i**sa, ág**u**a, lo**u**sa, ró**s**eo, mág**o**a, pã**o**, cã**e**s

Observe que a letra **o** de "mágoa" soa como a letra **u** de "água", tanto que essas palavras rimam, como nesse trecho de uma canção de Chico Buarque:

"Deixe em paz meu coração / Que ele é um pote até aqui de **mágoa** /
E qualquer desatenção, faça não / Pode ser a gota d'**água**"

(CHICO Buarque: letra e música 1. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 112.)

Observe também que as semivogais representam um som mais fraco que as vogais. Isso fica nítido quando se observa que "roupa" rima com "estopa", e "beijo", com "desejo", como nesses versos de Noel Rosa:

"Meu terno já virou **estopa** / E eu nem sei mais com que **roupa** /
Com que roupa eu vou / Pro samba que você me convidou?"

"Nunca mais quero o seu **beijo** / Mas meu último **desejo** / Você não pode negar"

(NOEL pela primeira vez (Encarte da coleção de CDs). Ministério da Cultura/Funarte/Velas, (s.d.). p. 10 e 111.)

Palavras como **Y**ara e **Y**asmim podem ser pronunciadas de duas maneiras: **Y**a-ra, **Y**as-mim ou **Y**-a-ra, **Y**-as-mim, ou seja, dependendo da pronúncia adotada, o **y** será classificado como semivogal ou como vogal. Em palavras como *byte* e b**y**roniano, a letra **y** não representa nem vogal nem semivogal, mas o ditongo oral decrescente /ai/: b**ai**-te; b**ai**-ro-ni-a-no.

Fonema é o mesmo que letra?

Não. O fonema é uma unidade de caráter sonoro, que se realiza na fala, enquanto a letra é simplesmente a representação gráfica do fonema. Por convenção, os fonemas devem ser escritos entre barras oblíquas. Observe, por exemplo, a transcrição fonética da palavra **campo**:

/k/ /ã/ /p/ /o/

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), as vogais devem ser classificadas de acordo com quatro critérios:

a) **quanto à zona de articulação**

- anteriores – a ponta da língua dirige-se gradualmente em direção ao palato duro (a parte anterior do céu da boca):

  pe**l**e, peri**g**o, **l**ivro

- médias – a língua permanece baixa, quase em repouso:

  c**a**sa, m**a**la, p**a**go

- posteriores – a parte posterior da língua dirige-se gradualmente em direção ao palato mole (ou véu palatino, a parte posterior do céu da boca):

  m**o**le, b**o**lo, b**u**la

b) **quanto ao timbre**

- abertas – pronunciadas com a cavidade bucal mais aberta:

  c**a**sa, p**e**le, l**o**ja

- fechadas – pronunciadas com a cavidade bucal mais fechada:

  m**e**sa, s**i**no, p**o**rco, p**u**ra

- reduzidas – pronunciadas com pouca sonoridade. Situam-se em posição intermediária entre as abertas e as fechadas:

  casa, dent**e**, menin**o**

c) **quanto ao papel das cavidades bucal e nasal**

- orais – a corrente de ar ressoa apenas na cavidade bucal:

  m**a**ré, p**e**le, p**e**rigo, l**i**ma, l**o**ja, b**o**lo, m**u**ro

- nasais – a corrente de ar, encontrando o véu palatino abaixado, ressoa também na cavidade nasal:

  alem**ã**, órf**ã**, maç**ã**, disp**õ**e, **em**presa, **om**bro, pen**um**bra, elef**an**te

A nasalidade de uma vogal é marcada pelo til (~), ou pelas letras **m** e **n** em final de sílaba, formando os dígrafos vocálicos.

d) **quanto à intensidade**

- tônicas – são proferidas com maior intensidade:

  c**a**sa, p**e**le, s**a**ci, b**o**lo

- átonas – são proferidas com menor intensidade:

  cas**a**, pel**e**, bol**o**

Considerando as vogais abertas e fechadas, orais e nasais, temos, em português, doze fonemas vogais. Volte à tabela da página 12 e confira.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) classifica as consoantes da seguinte forma:

a) **quanto ao modo de articulação**

- oclusivas
- constritivas { fricativas / laterais / vibrantes }

b) **quanto ao ponto de articulação**

- bilabiais
- labiodentais
- linguodentais
- alveolares
- palatais
- velares

c) **quanto ao papel das cordas vocais**

- surdas
- sonoras

d) **quanto ao papel das cavidades bucal e nasal**

- orais
- nasais

Veja, no quadro, a classificação dos fonemas consonantais da língua portuguesa:

cavidades bucal e nasal		orais						nasais
modo de articulação		oclusivas		constritivas				
				fricativas		laterais	vibrantes	
cordas vocais		surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
ponto de articulação	bilabiais	/p/	/b/					/m/
	labiodentais			/f/	/v/			
	linguodentais	/t/	/d/					/n/
	alveolares			/s/	/z/	/l/	/r/	
	palatais			/ʃ/	/ʒ/	/ʎ/		/ɲ/
	velares	/k/	/g/				/R/	

SÍLABA

As palavras, quando articuladas, apresentam unidades intermediárias: as sílabas. Portanto:

Sílaba é o fonema ou grupo de fonemas pronunciado numa só emissão de voz.

Uma sílaba sozinha pode formar uma palavra. Lembre-se, ainda, de que toda sílaba tem por base uma vogal; logo, para se saber quantas sílabas há numa palavra, basta verificar o número de vogais, pois nas palavras o número de sílabas é sempre igual ao número de vogais.

sol: uma vogal; uma sílaba

ca-sa: duas vogais; duas sílabas

ár-vo-re: três vogais; três sílabas

ca-der-ne-ta: quatro vogais; quatro sílabas

te-le-fo-ne-ma: cinco vogais; cinco sílabas

i-na-pli-ca-bi-li-da-de: oito vogais; oito sílabas

Quanto ao número de sílabas, as palavras classificam-se em:

a) **monossílabas** – quando têm uma única sílaba:
me, a, um, dor, cor, lá, pá, sol

b) **dissílabas** – quando têm duas sílabas:
ca-sa, li-vro, cha-ve, pi-pa, blu-sa

c) **trissílabas** – quando têm três sílabas:
ca-der-no, ca-ne-ta, Ca-pi-tu, cin-zei-ro

d) **polissílabas** – quando têm mais de três sílabas:
ma-ra-cu-já, me-lan-ci-a, in-fe-liz-men-te, Lu-ci-a-na

A sílaba pode terminar em vogal ou consoante. Quando termina em vogal, recebe o nome de sílaba livre; quando termina em consoante, denomina-se sílaba travada. A tendência, na língua portuguesa, é para a silabação livre.

SÍLABA ÁTONA E SÍLABA TÔNICA

Sílaba tônica é a sílaba da palavra que recebe o acento tônico, ou seja, é aquela que é pronunciada com maior intensidade.

Nem sempre a sílaba tônica vem indicada com acento gráfico. Por isso é fundamental distinguir o acento tônico do acento gráfico:

a) **Acento tônico** é o acento da fala; manifesta-se pela maior intensidade da voz na pronúncia de uma sílaba.

b) **Acento gráfico** é o sinal utilizado, em algumas palavras, para indicar a sílaba tônica.

Em palavras polissílabas, geralmente derivadas, além da sílaba tônica, em que recai o acento principal, pode existir uma sílaba em que recai um acento secundário. A essa sílaba dá-se o nome de **subtônica**.

rapida*men*te, ca**fe***zal*, vo**vo***zi*nho

Nessas palavras, *men*, *zal* e *zi* são as sílabas tônicas, e **ra**, **fe** e **vo**, as subtônicas.

Observe que a sílaba subtônica dessas palavras corresponde à sílaba tônica das palavras das quais se derivaram: **rá**pida, ca**fé** e vo**vô**.

Excetuando a sílaba tônica e a subtônica, todas as demais sílabas das palavras são átonas. As sílabas átonas podem ser **pré-tônicas**, quando vêm antes da tônica, ou **pós-tônicas**, quando vêm depois da sílaba tônica.

sa**ú**de: tônica: **ú**; pré-tônica: *sa*; pós-tônica: *de*

*ca***ne***ta*: tônica: **ne**; pré-tônica: *ca*; pós-tônica: *ta*

Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) **oxítonas** – a sílaba tônica é a última sílaba da palavra:

ma-ra-cu-**já**, ca-**fé**, re-com-**por**

b) **paroxítonas** – a sílaba tônica é a penúltima sílaba da palavra:

ca-**dei**-ra, ca-**rá**-ter, **me**-sa

c) **proparoxítonas** – a sílaba tônica é a antepenúltima sílaba da palavra:

sí-la-ba, me-ta-**fí**-si-ca, **lâm**-pa-da

MONOSSÍLABOS ÁTONOS E TÔNICOS

Os monossílabos podem ser:

a) **átonos** – não possuem acentuação própria, isto é, são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase.

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **as** encomendas.

b) **tônicos** – possuem acentuação própria, isto é, são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase.

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

Somente dentro da frase é que podemos saber se os monossílabos são átonos ou tônicos. Os tônicos soam distintamente no interior da frase, podendo aparecer sozinhos como resposta a uma pergunta; já os átonos, por não possuírem acentuação própria, soam como uma sílaba da palavra anterior ou da palavra posterior e não podem aparecer sozinhos como resposta a uma pergunta.

Paulo não dá o braço a torcer.

Nessa frase, **não** e **dá** são monossílabos tônicos; **o** e **a**, átonos.

Observe que **não** e **dá** podem aparecer sozinhos como resposta a uma pergunta, o que não ocorre com **o** e **a**.

– Paulo dá o braço a torcer?

– **Não**.

– Pedro dá o braço a torcer?

– **Dá**.

ORTOÉPIA E PROSÓDIA

A **ortoépia** (ou ortoepia) trata da pronúncia correta das palavras. Já pronunciar incorretamente uma palavra é cometer **cacoépia**.

Ortoépia e cacoépia são palavras formadas por radicais gregos: *orto* = "correto", "certo"; *caco* = "feio", "mau"; *épos* = "palavra". Da mesma forma podemos falar em ortofonia e cacofonia.

É mais comum encontrarmos erros de ortoépia na linguagem informal.

Apresentamos, a seguir, a pronúncia correta de algumas palavras:

abó**ba**da em vez de "abó**bo**da"
al**ei**jar em vez de "al**e**jar"
a**dv**ogado em vez de "ad**i**vogado" ou "ad**e**vogado"
ban**de**ja em vez de "ban**dei**ja"
benefi**cen**te em vez de "benefi**cien**te"
cabe**leirei**ro em vez de "cabe**lere**ro"
caran**gue**jo em vez de "caran**guei**jo"
cuspe em vez de "**g**uspe"
disenteria em vez de "**desin**teria"
empecilho em vez de "**im**pecilho"
es**tou**rar em vez de "es**to**rar"
estu**pro** em vez de "es**tru**po"
la**gar**tixa em vez de "**lar**gatixa"
man**teigueir**a em vez de "man**tegue**ra"
men**di**go em vez de "men**din**go"
me**ri**tíssimo em vez de "me**re**tíssimo"
mor**ta**dela em vez de "mor**tan**dela"
pra**ze**roso em vez de "pra**zei**roso"
privilégio em vez de "**pre**vilégio"
pró**prio** em vez de "pró**pio**"
reivindicar em vez de "**rein**vindicar"
aste**ri**sco em vez de "aste**rís**tico"

A **prosódia** trata da correta acentuação tônica das palavras. Assim, cometer um erro de prosódia é, por exemplo, transformar uma palavra oxítona em paroxítona, ou uma proparoxítona em paroxítona. Os erros de prosódia recebem o nome de **silabada**.

Observe a pronúncia correta das palavras a seguir (a sílaba tônica está em destaque).

a) São palavras oxítonas:

cate**ter**, con**dor**, fe**bril**, han**gar**, ha**rém**, mis**ter**, No**bel**, no**vel**, re**cém**, re**fém**, ru**im**, su**til**, ure**ter**

b) São palavras paroxítonas:

ambro**si**a, a**va**ro, azi**a**go, caracteres, cartoman**ci**a, cere**be**lo, ci**clo**pe, clitóris, de**ca**no, de**no**do, e**fe**bo, esta**li**do, filan**tro**po, for**tui**to, **gól**fão, **grá**cil, gra**tui**to, Hun**gri**a, i**be**ro, inau**di**to, **lá**tex, leuce**mi**a, li**bi**do, maquina**ri**a, mercan**ci**a, meteo**ri**to, misan**tro**po, o**pi**mo, pe**ga**da, pe**ri**to, ple**to**ra, pu**di**co, quiroman**ci**a, re**cor**de, re**fre**ga, ru**bri**ca, **têx**til, tu**li**pa

c) São palavras proparoxítonas:

a**cró**pole, ae**ró**dromo, ae**ró**lito, **á**gape, **á**lacre, **ál**cool, al**vís**saras, **â**mago, a**mál**gama, a**ná**tema, an**dró**gino, a**nó**dino, a**rí**ete, ar**qué**tipo, au**tóc**tone, a**zá**fama, **bá**tega, **bá**varo, **bi**gamo, **bí**mano, bi**ó**tipo, **brâ**mane, **cá**fila, **cás**pite, coti**lé**done, cri**sân**temo, **dé**dalo, **é**gide, e**pí**teto, estere**ó**tipo, fa**gó**cito, **hé**gira, hi**pó**dromo, **im**probo, **in**clito, **in**greme, **in**terim, leu**có**cito, **lú**cifer, mo**nó**lito, no**tí**vago, **ó**bolo, **ô**mega, o**pí**paro, **pân**tano, pe**rí**frase, **pé**riplo, pro**tó**tipo, qua**drú**mano, re**vér**bero, **sâns**crito, **sá**trapa, **sín**drome, **trâns**fuga, ver**mí**fugo, **zé**firo, **zê**nite

Algumas palavras admitem dupla pronúncia, ambas consideradas corretas. É o caso de *ortoépia* ou *ortoepia*.

Outros exemplos:

a**cró**bata ou acro**ba**ta
bi**ó**psia ou biop**si**a
boê**mi**a ou boe**mi**a
hie**ró**glifo ou hiero**gli**fo
ho**mí**lia ou homi**li**a
pro**jé**til ou proje**til**
réptil ou rep**til**
sóror ou so**ror**
tran**sí**stor ou transis**tor**
xérox ou xe**rox**
zângão ou zan**gão**

ENCONTROS VOCÁLICOS

Encontros vocálicos são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária.

São três os tipos de encontros vocálicos: ditongo, tritongo e hiato.

Ditongo

É o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa. Nos ditongos, a vogal e a semivogal pertencem à mesma sílaba.

Os ditongos podem ser:

a) **crescentes** – a semivogal vem antes da vogal;

b) **decrescentes** – a vogal vem antes da semivogal;

c) **orais** – quando a vogal é oral;

d) **nasais** – quando a vogal é nasal.

É importante ressaltar que um mesmo ditongo pode acumular duas dessas categorias. Veja:

ditongos	crescentes	decrescentes
orais	lí-rio, ré-gua, in-fân-cia, má-goa	pai, cha-péu, he-rói, boi
nasais	quan-do, fre-quen-te, pin-guim	põe, mão, vem, bem, a-ma-ram, fa-la-ram

Em ***vem***, ***bem***, *amar**am*** e *falar**am***, a nasalização produz ditongos cuja semivogal não é representada na escrita: /vẽj/; /bẽj/; /amarãw/; /falarãw/. Não confunda essas ocorrências com os dígrafos vocálicos **am** e **em**. Para tanto, observe que:

a) **em** /ẽj/ e **am** /ãw/ representam ditongos nasais decrescentes quando aparecem na última sílaba das palavras;

b) quando surgem nas sílabas internas das palavras, **em** e **am** são dígrafos vocálicos que representam os fonemas /ẽ/ e /ã/, respectivamente.

Tritongo

É o encontro de semivogal + vogal + semivogal, nessa ordem. Nos tritongos as semivogais e a vogal pertencem à mesma sílaba.

Os tritongos podem ser:

a) **orais:**

Pa-ra-**guai**, a-ve-ri-**guei**, en-xa-**guou**

b) **nasais:**

sa-**guão**, **quão**, en-xá-**guam**, á-**guam**, en-xá-**guem**, de-lin-**quem**

Em **enxáguam**, **águam**, **enxáguem** e **delinquem**, a nasalização produz os tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/, cuja semivogal não é representada graficamente.

Hiato

É o encontro imediato de duas vogais. Como a cada vogal corresponde uma sílaba, as vogais que formam os hiatos pertencem a sílabas distintas.

ra-**iz**, sa-**ú**-de, co-ro-**o**, Sa-**a**-ra

É frequente, sobretudo na linguagem poética, a conversão de:

- hiatos em ditongos: g**e**-**a**-da → g**ea**-da; en-l**u**-**a**-ra-da → en-l**ua**-ra-da
- ditongos em hiatos: v**ai**-da-de → v**a**-**i**-da-de; gló-r**ia** → gló-r**i**-**a**

A conversão de hiato em ditongo recebe o nome de **sinérese** e a conversão de ditongo em hiato é denominada **diérese**.

ENCONTROS CONSONANTAIS

Encontros consonantais são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária.

Os encontros consonantais podem ser:

a) **perfeitos** – as consoantes pertencem à mesma sílaba. Nesse caso, a segunda consoante geralmente é **l** ou **r**:
blu-sa, **pr**a-to, a-**pl**au-so, **cr**í-ti-ca

b) **imperfeitos** – as consoantes pertencem a sílabas diferentes:
a**f**-**t**a, a**b**-**s**o-lu-to, ri**t**-**m**o, pa**c**-**t**o

Os encontros consonantais **gn**, **mn**, **pn** e **ps**, quando ocorrem no início da palavras, são perfeitos; no interior delas são imperfeitos.

gno-mo, **gn**ós-ti-co, **mn**e-mô-ni-co, **pn**eu-má-ti-co, **ps**i-co-se
co**g**-**n**a-to, a**g**-**n**ós-ti-co, gi**m**-**n**os-per-ma, a**p**-**n**ei-a, cá**p**-**s**u-la

Encontro consonantal é o mesmo que dígrafo?

Não. Nos dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **sc**, **sç** e **xc**, as duas consoantes juntas representam um único fonema; nos encontros consonantais, cada consoante representa um fonema.

Em palavras como **táxi**, **anexo**, **tóxico**, **axioma**, **circunflexo**, **complexo**, **oxidação**, **clímax** e **tórax**, temos um encontro consonantal fonético, já que a letra **x** representa dois fonemas consonantais (k e s). Na fala, temos: [táksi], [anekso], [tóksico], [aksioma], [circunflekso], [complekso], [oksidação], [clímaks] e [tóraks].

TRANSLINEAÇÃO

Não se separam os elementos que formam sílaba. Por isso observe que a divisão das sílabas de uma palavra é feita pela soletração, e não pelos elementos que a constituem segundo a etimologia (parte da gramática que estuda a origem das palavras). Lembre-se de que a cada vogal existente na palavra corresponderá uma sílaba. A separação de sílabas é marcada pelo hífen (-).

te-sou-ra, de-ter-mi-na-ção, su-bal-ter-no, tran-sa-tlân-ti-co, bi-sa-vô

Para a separação de sílabas de uma palavra, observe as seguintes regras:

1. Não se separam os ditongos e os tritongos.
   au-ro-ra, **ai**-ro-so, U-ru-g**uai**
2. Sempre se separam os dígrafos **rr**, **ss**, **sc**, **sç** e **xc**.
   car-**r**o-ça, a**s**-**s**as-**s**i-no, a**s**-**c**en-são, de**s**-**ç**a, e**x**-**c**e-ção
3. Os demais dígrafos não se separam.
   ma-**ch**a-do, a-ga-sa-**lh**a-do, a-di-vi-**nh**a-ção, fo-**gu**e-te, e-**qu**i-li-bris-ta
4. Não se separam os encontros consonantais perfeitos (consoante + **l** ou **r**).
   a-**br**a-sar, li-**vr**ei-ro, a-**bl**a-ção, a-**pl**au-so

Nem sempre os grupos consoante + **l** ou consoante + **r** formam encontros consonantais perfeitos. Se o **l** e o **r** forem pronunciados separadamente, deverão vir separados na divisão silábica.

su**b**-**l**in-gual, su**b**-**l**e-gen-da, a**b**-**r**up-ção

5 Os encontros consonantais que ocorrem no início de palavra não se separam.

mne-mô-ni-co, **ps**i-co-lo-gia, **gn**o-mo

6 Os encontros consonantais que ocorrem no interior da palavra devem ser separados.

in-di**g**-**n**o, a**f**-**t**a, in-te-le**c**-**ç**ão, ri**t**-**m**o, a**p**-**t**o, ma**g**-**n**é-ti-co, a-na**m**-**n**e-se, dis**p**-**n**ei-a, a-po-ca-li**p**-**s**e

7 Separam-se as vogais que formam os hiatos.

sa-**í**-da, ra-**i**-nha, ra-**i**z, ca-**a**-tin-ga, Sa-**a**-ra, co-**o**r-de-na-ção, cre-**e**m, re-le-**e**m

8 Palavras como **baleia**, **areia**, **goiaba** e **balaio** são assim separadas:

ba-lei-a, a-rei-a, goi-a-ba, ba-lai-o

Em relação aos encontros vocálicos presentes nessas palavras, há dupla possibilidade de classificação: há autores que afirmam que nelas ocorre hiato de um ditongo com uma vogal (ba-l**ei**-**a**; a-r**ei**-**a**; g**oi**-**a**-ba; ba-l**ai**-**o**); outros sustentam a ocorrência de dois ditongos, uma vez que na pronúncia a semivogal da sílaba anterior se prolonga para a sílaba posterior. Na fala, temos o seguinte: ba-le**i**-**i**a, a-re**i**-**i**a, go**i**-**i**a-ba, ba-la**i**-**i**o.

9 Palavras como **uruguaio** e **paraguaias** separam-se da seguinte forma:

u-ru-guai-o, pa-ra-guai-as

Nesse caso, também ocorre dupla classificação dos encontros vocálicos: hiato de um tritongo com uma vogal (u-ru-g**uai**-**o**, pa-ra-g**uai**-**a**s), ou tritongo seguido de ditongo crescente, uma vez que a semivogal /j/ dos tritongos prolonga-se para a sílaba posterior formando um ditongo. Na fala, temos o seguinte: u-ru-gua**i**-**i**o, pa-ra-gua**i**-**i**a.

10 Considera-se antiestético deixar uma vogal sozinha no início ou no final de uma linha. Evitem-se, portanto, partições como:

a-	ba-
teu.	**ú**.

A gramática no dia a dia

ALOFONES

As orientações apresentadas neste capítulo se referem a um uso da língua portuguesa denominado uso culto ou linguagem formal. No entanto, no dia a dia, você poderá observar, no português falado no Brasil, realizações diferentes de um mesmo fonema, algumas se afastando até mesmo do uso culto. É o caso, por exemplo, de palavras em que o fonema /l/ está no final de sílaba. Em algumas regiões, ele é pronunciado como a semivogal /w/; em outras, como a consoante /r/. Observe a variação de pronúncia de palavras como **Brasil**, **canal**, **voltar**.

/brazil/, /braziw/, /brazir/ /canal/, /canaw/, /canar/ /voltar/, /vowtar/, /vortar/

É em decorrência dessa variação que muitas pessoas cometem erros de grafia, trocando a letra **l** pela letra **u** ou **r** em palavras como:

"ancestra**r**" em vez de ancestra**l**	"bo**u**sista" em vez de bo**l**sista
"cani**b**a**r**" em vez de cani**b**a**l**	"a**l**tógrafo" em vez de a**u**tógrafo
"sa**u**var" em vez de sa**l**var	"ma**u**dade" em vez de ma**l**dade

Cumpre observar que a grafia da palavra deverá ser sempre a mesma, independentemente de como o falante, em decorrência de fatores regionais ou de hábitos linguísticos, realiza o fonema: **Brasil**, **canal**, **voltar**, **ancestral**, **canibal**, **salvar**, **bolsista**, **autógrafo**, **maldade**.

Damos o nome de **alofone** a cada uma dessas possibilidades de realização de um mesmo fonema. Observe que, ao contrário dos fonemas, os alofones não possuem caráter distintivo, de tal sorte que a realização de um mesmo fonema de maneiras diferentes em decorrência de hábitos linguísticos ou regionais não chega a interferir no significado. Contudo, os alofones nos permitem identificar se o falante vive, por exemplo, na zona rural ou na urbana, se é do sul ou do norte do país.

Observe outras realizações de alguns fonemas no português falado no Brasil:

a) supressão do fonema /r/ final:

entrega[r] → entregá compra[r] → comprá faze[r] → fazê

A supressão de um fonema no final da palavra recebe o nome de **apócope**.

b) em certas palavras ocorre a **síncope**, isto é, a supressão de fonema no meio da palavra:

abobra (em vez de abóbora) cansera (em vez de canseira)
bestera (em vez de besteira) xicra (em vez de xícara)

c) transformação do fonema /ʎ/ em /i/(**jeísmo**):

olha → oia telha → teia velho → veio

d) introdução de um /i/ ou um /e/ entre duas consoantes:

ab[i]soluto p[i]neu ou p[e]neu
ad[i]vogado ou ad[e]vogado rit[i]mo

O acréscimo de um fonema no meio da palavra recebe o nome de **epêntese**.

e) redução das vogais átonas finais **e** e **o**, que, em algumas regiões, são pronunciadas respectivamente como **i** e **u**:

dente → denti menino → mininu

f) transformação de ditongos orais em um só fonema vocálico. A esse fenômeno damos o nome de **monotongação**:

caixa → caxa peixe → pexe
falou → falô pouco → poco

Como essa pronúncia é comum nas variedades não prestigiadas, acaba ocorrendo o fenômeno da **hipercorreção**, que leva falantes a dizer (e grafar), por exemplo, "carangueijo", "bandeija", "prazeiroso", em vez de **caranguejo**, **bandeja**, **prazeroso**.

g) transformação da vogal tônica final, seguida de **s** ou **z**, em ditongo:

arroz → arroiz faz → faiz mês → meis

h) transformação do fonema consoantal /l/, em final de sílaba, na semivogal /w/:

alto → awto mal → maw sal → saw

i) quando os fonemas representados pelas letras **s** e **z** ocorrem em final de sílaba, é comum o aparecimento da semivogal /j/:

atrás → atraiz fez → feiz

Observe, no texto a seguir, que o modo como são realizados alguns fonemas identifica um uso regional da língua portuguesa.

(ASA-BRANCA (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira) – 100% Fermata

Asa-branca

Quando oiei a terra ardendo
Quá foguera de São João
Eu preguntei a Deus do céu, ai
Pru que tamanha judiação?

Qui brazero, qui fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo asa-branca
Bateu asa do sertão
Entonce, eu disse: "Adeus, Rosinha,
Guarda contigo meu coração"

Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva caí de novo
Pra mim vortá pro meu sertão

Quando o verde dos teus oios
Se espaiá na prantação
Eu te asseguro, num chore, não, viu,
Que eu vortarei, viu, meu coração.

(GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Asa-Branca. In: VELOSO, Caetano. Asa-Branca. In: *A arte de Caetano Veloso* (CD). Universal Music, 1988.)

Em alguns textos poéticos, o autor procura explorar ao máximo os recursos sonoros, utilizando, por exemplo, palavras que apresentam fonemas semelhantes para conferir, com isso, originalidade, beleza e eficácia à mensagem. No capítulo 23, **Figuras e vícios de linguagem**, estudaremos algumas figuras que exploram os recursos sonoros.

Convém notar, no entanto, que esse tipo de recurso não é exclusivo de textos literários. Textos publicitários, *slogans*, letras de música, ditados populares e trava-línguas também costumam "jogar" com a sonoridade das palavras para obter efeito expressivo. Veja alguns exemplos:

"Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando... Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando..." (Guimarães Rosa)

"Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs" (Almir Sater e Renato Teixeira)

"Melhoral, Melhoral é melhor e não faz mal."

"Viaje bem, viaje Vasp."

"De raminho em raminho o passarinho faz seu ninho."

"Quem com ferro fere com ferro será ferido."

"Quem tem cem mas deve cem pouco tem."

"Não tem truque, troque o trinco, traga o troco e tire o trapo do prato. Tire o trinco, não tem truque, troque o troco e traga o trapo do prato."

"Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte, ou é tolo, ou no partir não tem arte."

Atividades

1. O trecho a seguir foi publicado no jornal *Folha de S.Paulo* de 20 de novembro de 2009. Nele, o jornalista faz referência a uma resposta dada pelo dirigente de futebol Gilberto Cipullo, chamado no texto de "cartola", numa entrevista ao jornalista. Uma palavra, no entanto, foi usada inadequadamente. Identifique-a e comente essa inadequação.

   "Apenas quando foi questionado se a decisão tinha o apoio de Muricy, o cartola disse, monossilabicamente: 'Total'."

Texto para a questão 2.

"Muitas instituições evitam o assunto fraude digital pelo simples receio de parecer vulneráveis. Mas o fato é que o problema existe, é grave e merece atenção, ação e transparência."
(Anúncio publicitário)

2. Assinale **V** (verdadeiro) e **F** (falso) para as proposições a seguir.

   a) Em **instituições** há um ditongo nasal decrescente.
   b) Em **assunto** há dois dígrafos.
   c) Em **fraude** há encontro consonantal e ditongo crescente.
   d) Em **simples** há dígrafo vocálico e encontro consonantal.
   e) Em **problema** há dois encontros consonantais.
   f) Em **existe** as letras **x** e **s** representam um mesmo fonema.
   g) A palavra **atenção** apresenta dígrafo e ditongo nasal decrescente.

3. Leia em voz alta os pares de palavras apresentados a seguir e indique aqueles em que a letra em destaque representa fonemas distintos. Lembre-se de que uma mesma letra pode representar fonemas diferentes.

a) medo – mesa
b) berra – gelo
c) terra – queda
d) cedo – belo
e) homem – mole
f) modo – hora
g) loja – moça
h) sala – casa
i) mesa – sapato
j) roda – barato
k) rato – caro
l) rápido – raposa

4. Leia em voz alta as palavras das alternativas a seguir e indique em quais alternativas as letras em destaque estão representado o mesmo fonema.

a) sabão – asa
b) exagero – correnteza
c) jeito – gente
d) lousa – magreza
e) enxame – texto
f) gaveta – geleia
g) máximo – maço
h) portuguesa – certeza
i) marquês – altivez
j) analisar – atualizar
k) diversão – exceção
l) efetue – possui
m) cenoura – secador
n) fase – amizade

5. Pronuncie em voz alta as palavras da relação a seguir e depois transcreva aquelas em que aparece o dígrafo consonantal **sc**.

nascimento – descobrir – crescer – descida – acrescentar – fresco – crepúsculo – descalço – piscina – discutir

Texto para as questões de 6 a 10.

"Tudo na Antártica parece exagero, grandioso e superlativo. Até há pouco tempo, ir até lá era um relato quase de ficção científica. Tanto que a primeira leva de visitantes só teve desembarque permitido em 1960. Nesse intervalo, o continente com 29 milhões de metros cúbicos de gelo (90% do gelo e cerca de 65% das reservas de água potável do planeta) passou a receber, durante quatro décadas, apenas missões científicas dos países que mantêm territórios de exploração gigantesca na região."

(*Latitude*. Curitiba: Top Magazine, ano 1, n. 4, nov.-dez. 2004. p. 12.)

6. Separe as sílabas das palavras a seguir, destaque as vogais e, depois, classifique-as quanto ao número de sílabas.

a) exagero
b) superlativo
c) ficção
d) primeira
e) passou
f) países
g) territórios
h) exploração

7. Coloque as palavras a seguir em duas colunas. Na primeira, coloque aquelas que apresentam dígrafo; na segunda, as que apresentam encontros consonantais.

superlativo – ficção – primeira – permitido – nesse – milhões – metros – planeta – passou – territórios

8. Classifique os encontros vocálicos das seguintes palavras: grandioso, pouco, água, passou, missões, territórios, países e exploração.

9. Em qual alternativa todas as palavras apresentam dígrafos vocálicos?

a) Antártica – grandioso – tempo – científica
b) tanto – primeira – visitantes – desembarque
c) intervalo – planeta – durante – apenas
d) gigantesca – permitido – missões – tempo
e) científica – intervalo – tanto – apenas

10. Leia em voz alta as palavras das alternativas deste exercício e, a seguir, responda: em qual alternativa as letras em destaque representam um mesmo fonema?

a) exagero – grandioso
b) superlativo – visitantes
c) décadas – científicas
d) países – superlativo
e) exploração – exagero

Texto para as questões de 11 a 14.

solitário	solidário	soli ário
solitário	solitário	soli ário
solidário	solitário	soli ário
solidário	solidário	soli ário

(AZEREDO, Ronaldo. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Poetas do Modernismo: antologia crítica*. Brasília: INL, 1972.)

11. As palavras **solitário** e **solidário** distinguem-se por um único elemento. Que nome ele recebe?

12. Divida as sílabas de **solidário** e **solitário**.

13. Classifique o encontro vocálico existente nessas palavras.

14. Na palavra **solidário**, que nome recebe o primeiro **i**? E o segundo?

15. No trecho a seguir, destaque os monossílabos e classifique-os em átonos ou tônicos.

"Fazendo teatro a gente experimenta ser o que não é, e tem ideia de como seria a vida se a gente fosse outra pessoa, fazendo coisas diferentes das coisas que a gente faz todo dia."

(COELHO, Raquel. *Teatro*. Belo Horizonte: Formato, 1999. p. 4.)

16. Divida as sílabas das palavras a seguir e diga se as letras **i** e **u** representam vogais ou semivogais.

raízes – direito – miúdo – herói – náufrago – baú

17. A letra **x** pode representar fonemas distintos. Coloque em colunas as palavras relacionadas a seguir levando em conta o som que a letra **x** representa na primeira palavra de cada coluna.

exagero – xarope – próximo – exército – paradoxo – caixa – reflexo – auxílio – exame – xingar – anexo – peixe – contexto – exato – sintaxe – complexo

lixo	agrotóxico	máximo	existência

18. Levando em conta que uma mesma letra pode representar mais de um fonema, leia em voz alta as frases a seguir, pronunciando corretamente a palavra em destaque.

a) "As universidades públicas são um **subsídio** dos pagadores de impostos para os ricos."

(SKIDMORE, Thomas. *Veja*. São Paulo: Abril, n. 16, 16 abr. 2000. p. 14.)

b) "É difícil acreditar, mas apenas agora a ciência começa a entender como e por que a droga mais antiga da civilização **suscita** efeitos tão diferentes nos seres humanos."

(*Superinteressante*. São Paulo: Abril, ano 14, n. 2, fev. 2000. p. 30.)

c) "... As invejas morreram, as esperanças **nasceram**, e não tardou que viesse ao mundo o fruto delas."

(MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*.)

d) A nova diretoria pretende **descentralizar** a distribuição dos produtos.

19. Em um programa de televisão, uma apresentadora afirmou que a palavra **escola** tem a seguinte grafia: **iscola** (com **i** inicial). Como você justificaria esse deslize ortográfico da apresentadora?

20. No texto a seguir há palavras em que ocorre o fonema /z/. Localize-as, indicando a letra que representa esse fonema.

"Terra de mistérios e exuberante natureza, a Tailândia exige olhos atentos de quem a visita."

(*Os caminhos da Terra*. São Paulo: Abril, maio 2000. p. 12.)

21. Em qual alternativa ambas as palavras não apresentam o mesmo fonema inicial?

a) girafa – jiló
b) xícara – chave
c) jegue – geleia
d) garra – guerra
e) guia – gigante

22. Em qual das palavras a seguir há mais letras que fonemas?

caneta – chave – fixo – casa – natureza – mesa

23. Em qual das palavras a seguir há mais fonemas que letras?

campo – menino – lua – sabonete – carro – fixo

24. Quantos fonemas há na palavra **representante**? E em **assanhado**?

25. Que palavra tem o mesmo número de fonemas de **cheque**?

fixo – lixo – ilha – caixa – sapato

26. Qual palavra tem o mesmo número de fonemas de **lâmpada**?

a) minha
b) laranja
c) agulha
d) lucro
e) revista

27. Qual palavra tem o mesmo número de fonemas que **tórax**?

a) milho
b) falange
c) faixa
d) quilo
e) fósforo

28. Qual palavra tem o mesmo número de fonemas de **guerra**?

a) máximo
b) ficha
c) cabelo
d) sapato
e) papel

29. Quantos fonemas há em **cachorrinha**?

30. Identifique, na relação abaixo, as palavras que apresentam semivogal:

riso – muro – melancia – herói – tênue – luz – giz

31. Aponte a sílaba tônica dos vocábulos abaixo:

caderno – compor – laranjal – metafísica – música – herói – sabonete – alçapão – irmão – alemão – órfã – lâmpada – vender – talvez – café – japonês – altivez – mesquinhez – caminhão – maquinaria

32. Separe as palavras da relação a seguir em duas colunas: na primeira, você colocará aquelas que apresentam dígrafo; na segunda, as que apresentam encontro consonantal.

quero	falso	prato	cheque
lucro	agulha	ficha	apto
marco	brasa	esquilo	descer
exceto	exceção	foguete	aplauso
livro	assado	murro	chinelo
telha	nasça	blusa	trava

33. De cada relação de palavras a seguir, transcreva apenas:

a) os vocábulos que apresentam ditongo:

calmaria, ignorância, demência, trégua, dicionário, raízes, leite, mamãe, dispõe, telefonia, tesoura, saúva, irmão

b) os vocábulos que apresentam hiato:

Saara, sábio, raiz, céu, chapéu, saída, heroico, meu, saúva, retribuíssemos, pai

c) os vocábulos que apresentam tritongo:

Paraguai, averiguei, saguão, maio, meia

d) os vocábulos que apresentam ditongo crescente:

pai, chapéu, herói, padaria, Claudete, diário, boi, coisa, lousa, régua, vaidoso

e) os vocábulos que apresentam ditongo decrescente:

véu, anéis, sábio, espécie, vou, raízes, juízes, loira, sumário, inglório, férteis

f) os vocábulos que apresentam dígrafo:

ninhada, carroça, quilo, marco, guerra, esquilo, sagui, tampa, brasa, limpo, tinta, muro, canto

34. Divida as sílabas das palavras:

separação	creem	elipse	epilepsia
sílaba	fortuito	silepse	cápsula
fáceis	absolutismo	mensageiro	exceção
gávea	tungstênio	dispneia	mnemônico
lírio	obsessão	álcool	grisalho
chapéu	adjunto	barro	caatinga
heroico	adverbial	maio	cooperar
linguiça	amnésia	assembleia	digno
quilo	psicologia	apoio	quiromancia
quente	canhoto	epidemia	obcecado
cheiroso	Uruguai	gratuito	apto
brasileiro	assassino	pneumático	meia
perspectiva	assado	egípcio	abscissa
saímos	mestre		

35. Classifique as palavras, assinalando: **a** para as oxítonas, **b** para as paroxítonas e **c** para as proparoxítonas:

novel	anátema	aerólito	rubrica	erudito
recém	ariete	tulipa	óbolo	interim
refém	lêvedo	fortuito	efebo	cizânia
sutil	ibero	gratuito	ômega	decano
ureter	têxtil	abóbada	biótipo	pegada
avaro				

36. Da relação a seguir, destaque apenas as palavras que apresentam ditongos crescentes:

herói – várias – cárie – pastéis – cai – vai – roupa – grau – língua – Laura – paciência – ouço – mistério – véu – tábua – tênue – leu – árduo

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

História de uma gata

Me alimentaram
Me acariciaram
Me aliciaram
Me acostumaram

O meu mundo era o apartamento
Detefon, almofada e trato
Todo dia filé-mignon
Ou mesmo um bom filé... de gato
Me diziam, todo momento
Fique em casa, não tome vento
Mas é duro ficar na sua
Quando à luz da lua
Tantos gatos pela rua
Toda a noite vão cantando assim

Nós, gatos, já nascemos pobres
Porém, já nascemos livres
Senhor, senhora ou senhorio
Felino, não reconhecerás

De manhã eu voltei pra casa
Fui barrada na portaria
Sem filé e sem almofada
Por causa da cantoria
Mas agora o meu dia a dia

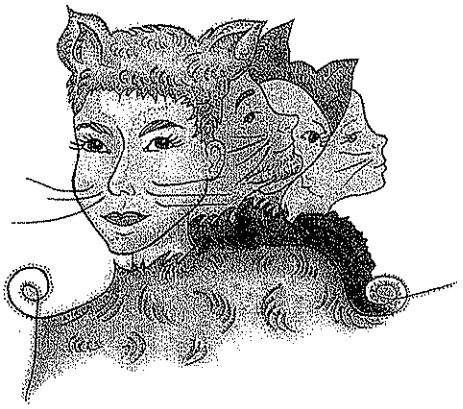

É no meio da gataria
Pela rua virando lata
Eu sou mais eu, mais gata
Numa louca serenata
Que de noite sai cantando assim

Nós, gatos, já nascemos pobres
Porém, já nascemos livres
Senhor, senhora ou senhorio
Felino, não reconhecerás

(BUARQUE, Chico. História de uma gata. In: *Os saltimbancos* (CD). Universal, 1977.) Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=historia_77.htm>. Acesso em: 25 abr. 2011.

1. A canção pertence ao musical infantil *Os saltimbancos*, criado pelo letrista italiano Sergio Bardotti e pelo músico argentino Luis Enríquez Bacalov, com adaptação para o português feita por Chico Buarque. No texto, há uma interessante gradação que vai da primeira pessoa do singular para a primeira pessoa do plural. Caracterize os donos dessas vozes.

2. Veremos adiante que, segundo a norma culta, quando a frase se inicia com verbo, o pronome deve ser colocado após o verbo. No entanto, não é isso o que ocorre nos primeiros versos da canção. Justifique o fato de o pronome ser colocado antes do verbo.

3. Destaque e classifique os dígrafos presentes no verso "Que de noite sai cantando assim".

4. Como você pode notar, o texto apresenta rimas. Transcreva um exemplo em que as palavras rimadas pertencem a classes gramaticais diferentes.

5. Na primeira estrofe, a vogal final do pronome é átona e, comumente, soa como **i**. Na fala, essa vogal costuma se emendar com a vogal que inicia a palavra seguinte. Releia a primeira estrofe e explique o som sugerido pelo encontro do pronome átono **me** com a vogal que inicia a palavra seguinte.

6. Explique o conceito de fonema a partir das palavras grifadas na seguinte passagem:

Mas é duro ficar na **sua**
Quando à luz da **lua**
Tantos gatos pela **rua**

CAPÍTULO 2

Ortografia

CONCEITOS INICIAIS

A palavra **ortografia** provém do grego: *orthós* = reto, direito + *gráphein* = escrever, descrever. Damos o nome de ortografia à parte da gramática que trata da maneira de escrever corretamente as palavras e do uso dos sinais de acentuação e pontuação.

As regras de acentuação gráfica e o uso dos sinais de pontuação serão estudados nos capítulos 3 e 22, respectivamente.

Os sons da fala são representados na escrita por sinais gráficos denominados letras. O conjunto das letras recebe o nome de alfabeto ou abecedário, que, na língua portuguesa, é composto de 26 letras:

Letra de imprensa

Maiúsculas: A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Minúsculas: a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Letra cursiva

Maiúsculas: 𝒜 ℬ 𝒞 𝒟 ℰ ℱ 𝒢 ℋ ℐ 𝒥 𝒦 ℒ ℳ 𝒩 𝒪 𝒫 𝒬 ℛ 𝒮 𝒯 𝒰 𝒱 𝒲 𝒳 𝒴 𝒵

Minúsculas: 𝒶 𝒷 𝒸 𝒹 ℯ 𝒻 𝒼 𝒽 𝒾 𝒿 𝓀 𝓁 𝓂 𝓃 ℴ 𝓅 𝓆 𝓇 𝓈 𝓉 𝓊 𝓋 𝓌 𝓍 𝓎 𝓏

As letras **k**, **w** e **y** são utilizadas em casos especiais, como:

a) na grafia de abreviaturas e símbolos:

K (potássio), kg (quilograma), kW (quilowatt), K.O. (abreviatura de *knockout*, nocaute em português)

b) em nomes próprios de origem estrangeira:

Kafka, Kant, Byron, Darwin, Windows, Kátia, William, Toyota, Sony

Observação:

Na grafia dos derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros, mantêm-se as letras dos nomes originais:

kafkiano, kantismo, byroniano, darwinista

c) em palavras estrangeiras de uso internacional:

show, hacker, sexy, download, know-how, megabyte, walkie-talkie

Além das letras, utilizamos sinais denominados **notações léxicas**. São eles:

a) os acentos gráficos:

- acento agudo (´) é utilizado nas vogais tônicas **a**, **i** e **u** e nas vogais abertas **e** e **o**.

  pátio, fácil, raízes, mísero, saúde, música, café, hélice, tórax, cipó

- acento circunflexo (^) é utilizado nas vogais tônicas fechadas **e** e **o** e no **a** seguido de **m** ou **n**.

  pêssego, você, cômodo, vovô, lâmpada, pântano

- acento grave (`) é utilizado para indicar a crase, isto é, a fusão de dois **a**.

  Vou **à** feira semanalmente. O diretor fez referência **à**quele caso.

Observação:

O estudo da crase será feito com detalhes no capítulo 20.

b) o til (~) é utilizado sobre as letras **a** e **o** para indicar que elas são nasais.

Amanh**ã** eles pagar**ã**o o que devem.
Joã**o** dispõ**e** de pouco tempo.
As medalhas ser**ã**o entregues aos campeõ**e**s.

c) a cedilha (,) é utilizada sob a letra **c**, antes de **a**, **o** e **u**, para indicar o som de /s/.

Faça o favor de me passar o açúcar.
Usava um laço no cabelo.

d) o apóstrofo (') é utilizado para indicar que uma ou mais letras foram suprimidas.

Naquele sítio há criação de galinhas-d'angola.
Traga-me um copo-d'água.

e) o hífen, ou traço de união (-), é utilizado para unir os elementos de palavras compostas, separar sílabas em fim de linha e ligar pronomes oblíquos átonos (enclíticos ou mesoclíticos) ao verbo.

guarda-roupa, arco-íris, mico-leão-dourado
Não abrimos às segundas-
-feiras.
ajude-me, beijaram-no, tê-lo, mandaram-lhe
pedir-me-ia, comê-lo-ei, falar-me-ás

Vale lembrar que as regras de divisão silábica são úteis na **translineação** (passagem de uma linha para a outra em que parte da palavra fica na linha superior e o restante na de baixo): o hífen das palavras compostas ou daquelas em que há combinação de termos com hífen deve ser repetido na linha seguinte, caso a divisão no fim da linha ocorra no final de um dos termos.

Observação:

O Acordo Ortográfico de 1990 aboliu o trema (¨). Dessa forma, palavras como aguentar, sagui, frequente e tranquilo **não** devem receber o trema. Seu uso fica restrito a palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros, como müllerianо, de Müller.

SISTEMA ORTOGRÁFICO

Um sistema ortográfico é sempre uma convenção. Sua base pode ser histórica (leva em conta a etimologia, isto é, a origem da palavra), fonética (leva em conta os sons da fala) ou mista (uma mescla do critério fonético e do histórico).

A ortografia francesa é essencialmente etimológica; a espanhola, fonética. O sistema ortográfico adotado no Brasil privilegia o critério fonético, no entanto, muitas palavras são ainda grafadas com base no critério etimológico, e como exemplo citamos aqueles grafados com **h** inicial. Trata-se, portanto, de um sistema misto.

O sistema ortográfico ideal seria aquele em que cada letra representasse um único fonema e cada fonema fosse representado por uma única letra. Na realidade, em maior ou menor grau, nenhum idioma concretiza esse ideal. Dada a grande variedade de fonemas e as diferenças entre a língua falada no Brasil e nos demais países de língua portuguesa, a ortografia em língua portuguesa também não foge a essa regra.

O sistema ortográfico adotado atualmente no Brasil é o do Acordo da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

O emprego das letras em português não é tarefa fácil, uma vez que um mesmo fonema pode ser representado por mais de uma letra, e uma letra pode representar mais de um fonema. As 26 letras de que se compõe o nosso alfabeto não conseguem representar todo o sistema fonético do português, já que essas letras apresentam variações que podem ser marcadas por sinais gráficos ou não. Observe os exemplos a seguir.

MESMO FONEMA REPRESENTADO POR LETRAS DIFERENTES

- O fonema /ã/ pode ser representado por **ã** (l**ã**, f**ã**, catal**ã**) e pelos dígrafos vocálicos **am** e **an** (t**am**pa, l**âm**pada, m**an**to, pr**an**to).
- O fonema /s/ pode ser representado pela letra **s** (**s**ala, **s**abão); por **ç** (mo**ç**o, ma**ç**o); por **x** (sinta**x**e, má**x**imo); e pelos dígrafos **ss** (ma**ss**a, fo**ss**a) e **sc** (na**sc**er, cre**sc**er).
- O fonema /z/ pode ser representado pela letra **s** (a**s**a, ca**s**a); pela letra **z** (natureza, certeza); e pela letra **x** (e**x**ame, e**x**íguo).
- O fonema /ʒ/ pode ser representado pela letra **g** (**g**elo, **g**eladeira) e pela letra **j** (**j**ogo, **j**eito).
- O fonema /ʃ/ pode ser representado pela letra **x** (**x**ícara, **x**arope) ou pelo dígrafo **ch** (**ch**aleira, **ch**ave).

MESMA LETRA REPRESENTANDO FONEMAS DIFERENTES

A letra **x** pode representar os seguintes fonemas:

- /ʃ/: **x**ícara, cai**x**a;
- /z/: e**x**ame, e**x**ibir;
- /s/: te**x**to, au**x**ílio.

E, como vimos no capítulo anterior, a letra **x** também pode representar o encontro consonantal fonético [**ks**] em palavras como tá**x**i, ane**x**o, tó**x**ico, o**x**idação, clíma**x** e tóra**x**. Quando a letra **x** faz parte do dígrafo **xc**, ela não representa fonema algum, como em e**xc**eção, e**xc**elente, e**xc**eto. Nesse caso, o emprego do **x** justifica-se pela etimologia.

A letra **e** pode representar os fonemas /e/ (m**e**do, m**e**sa) e /ɛ/ (t**e**rra, qu**e**da).

A letra **o** pode representar os fonemas /o/ (g**o**ma, b**o**neca) e /ɔ/ (h**o**mem, m**o**le).

A letra **g** pode representar o fonema /g/ (**g**ato, **g**alinha) e o fonema /ʒ/ (**g**eladeira, **g**ente).

A letra **s** pode representar o fonema /s/ (**s**ala, **s**apato) e o fonema /z/ (ca**s**a, me**s**a).

A letra **r** pode representar o fonema /R/ (**r**oda, **r**ato) e o fonema /r/ (ca**r**o, ba**r**ato).

Apresentamos a seguir orientações básicas para empregar corretamente algumas letras que costumam gerar dúvidas. Tais orientações, evidentemente, não têm a pretensão de esgotar o assunto, por isso sempre que houver dúvida sobre a grafia de uma palavra é recomendável a consulta a um bom dicionário.

EMPREGO DO *H*

O **h** (agá) não representa fonema algum; empregado junto às letras **c**, **l** e **n**, forma os dígrafos consonantais **ch**, **lh** e **nh**. Em algumas palavras, aparece em decorrência da etimologia ou da tradição escrita de nosso idioma. Emprega-se **h**:

- No final de algumas interjeições: a**h**!, o**h**!, i**h**! etc.

- No início de palavras cuja etimologia ou tradição escrita do nosso idioma assim o determine: **h**ábil, **h**abitação, **h**ábito, **h**aver, **h**erói, **h**iato, **h**onesto etc.

  Há palavras em que se eliminou o **h** etimológico: erva (do latim: *herba, ae*); inverno (do latim: *hibernum*); andorinha (do latim: *hirundo, inis*) etc. O **h** etimológico pode, no entanto, aparecer em formas derivadas dessas palavras, como em **h**erbívoro, **h**erbáceo, **h**erbanário, **h**erbicida (**erva**); **h**ibernação, **h**ibernal, **h**ibernar, **h**ibernáculo (**inverno**); **h**irundino, relativo à **andorinha**.
- No interior dos vocábulos, quando faz parte dos dígrafos **ch**, **lh**, **nh**: **ch**apéu, ar**ch**ote, **ch**uva, **ch**icote, **ch**ávena, ma**lh**a, ca**lh**a, ra**lh**a, pi**lh**a, ni**nh**o, anji**nh**o, colari**nh**o, ba**nh**a, ga**nh**a etc.
- Nos compostos em que o segundo elemento com **h** etimológico se une ao primeiro por hífen: pré-**h**istória, anti-**h**igiênico, super-**h**omem etc.

Fora esse último caso, não existe, em português, **h** medial: desonra, desumano, reaver, desabitado, inábil, lobisomem etc.

Por tradição, o topônimo **Bahia** é escrito com **h**; porém isso não acontece com os seus derivados e compostos: **baiano**, **baianidade**, **coco-da-baía**, **jacarandá-da-baía**.

EMPREGO DO S

Emprega-se **s**:

- Depois de ditongos: coi**s**a, fai**s**ão, mau**s**oléu, mai**s**ena, lou**s**a, Cleu**s**a etc.
- Nos adjetivos terminados pelo sufixo **-oso(a)**, indicador de estado pleno, abundância, e pelo sufixo **-ense**, indicador de origem ou pertinência: cheiro**so**, dengo**s**a, horroro**so**, gaso**s**a, rio-grande**ns**e, canade**ns**e, israele**ns**e, flumine**ns**e, palmeire**ns**e etc.
- Nos sufixos **-ês**, **-esa**, **-isa**, indicadores de título de nobreza, origem ou profissão: franc**ês**, franc**es**a, holand**ês**, holand**es**a, campon**ês**, campon**es**a, burg**uês**, burg**ues**a, marq**uês**, marq**ues**a, princ**es**a, baron**es**a, duq**ues**a, poet**is**a, sacerdot**is**a, profet**is**a etc.
- Nas palavras terminadas em **-ese** e **-ose**: anamne**se**, diure**se**, exege**se**, catequ**ese**, mito**se**, osmo**se**, necro**se**, simbio**se** etc.
- Nas formas dos verbos **pôr** e **querer**: pu**s**, pu**s**esse, pu**s**er, qui**s**, qui**s**er, qui**s**éssemos etc.
- Nas seguintes correlações:

nd → ns

pretendder: pretensão, pretensioso

suspender: suspensão, suspensivo, suspensório

expandir: expansão, expansivo, expansionismo

pel → puls

impelir: impulso, impulsão, impulsivo

repelir: repulsão, repulsivo, repulsor

expelir: expulsão, expulsivo, expulsório

EMPREGO DO Z

Emprega-se **z**:

- Nos sufixos **-ez**, **-eza**, formadores de substantivos abstratos femininos a partir de adjetivos:

adjetivo	substantivo abstrato	adjetivo	substantivo abstrato
insensato	insensatez	magro	magreza
mesquinho	mesquinhez	belo	beleza
estúpido	estupidez	grande	grandeza
altivo	altivez		

- No sufixo **-izar**, formador de verbo a partir de substantivo ou adjetivo:

substantivo/adjetivo	verbo	substantivo/adjetivo	verbo
hospital	hospitalizar	atual	atualizar
canal	canalizar	humano	humanizar
real	realizar	ameno	amenizar

Em palavras como **analisar**, **alisar** e **pesquisar** não ocorre o sufixo **-izar**. A formação dessas palavras não foi assim: *anal + izar, al + izar, pesq + izar*; mas assim: anál**is**(e) + ar = anal**is**ar; a + l**is**(o) + ar = al**is**ar; pesqu**is**a + ar = pesqu**is**ar.

- Na terminação **-triz**: bisset**riz**, cicat**riz**, embaixat**riz**, gerat**riz**, imperat**riz** etc.
- Nos verbos terminados em **-uzir**, bem como nas formas em que ocorre o fonema /z/: ad**uzir**: adu**z**o, adu**z**, adu**z**i; cond**uzir**: condu**z**o, condu**z**iste, condu**z**iu; ded**uzir**: ded**u**zo, ded**u**ziste, ded**u**zia; prod**uzir**: produ**z**o, produ**z**i, produ**z**ia; red**uzir**: redu**z**o, redu**z**, redu**z**i etc.

EMPREGO DO DÍGRAFO *SS*

Emprega-se **ss** nas seguintes correlações:

- **ced → cess**

  ceder: **cess**ão, **cess**ionário, **cess**ante
  con**ced**er: con**cess**ão, con**cess**ivo, con**cess**ionário
  retro**ced**er: retro**cess**o, retro**cess**ivo, retro**cess**ão

- **gred → gress**

  a**gred**ir: a**gress**ão, a**gress**or, a**gress**ivo
  pro**gred**ir: pro**gress**ão, pro**gress**ivo, pro**gress**ividade
  re**gred**ir: re**gress**ão, re**gress**ivo, re**gress**o

- **prim → press**

  im**prim**ir: im**press**o, im**press**ão, im**press**ora
  o**prim**ir: o**press**ão, o**press**ivo, o**press**or
  re**prim**ir: re**press**ão, re**press**ivo, re**press**or
  ex**prim**ir: ex**press**ão, ex**press**o, ex**press**ivo

- **tir → ssão**

  admi**tir**: admi**ssão**
  demi**tir**: demi**ssão**
  discu**tir**: discu**ssão**
  emi**tir**: emi**ssão**
  omi**tir**: omi**ssão**
  permi**tir**: permi**ssão**
  reperc**utir**: reperc**ussão**

EMPREGO DO Ç

Emprega-se **ç**:

- Nas palavras de origem árabe, tupi ou africana: a**ç**afrão, a**ç**úcar, mu**ç**ulmano, ara**ç**á, pa**ç**oca, Ju**ç**ara, ca**ç**ula, mi**ç**anga, a**ç**aí, cai**ç**ara, cupua**ç**u etc.
- Após ditongos: lou**ç**a, fei**ç**ão, trai**ç**ão etc.
- Na correlação **ter → tenção**:

  abs**ter**: abs**tenção**
  con**ter**: con**tenção**
  de**ter**: de**tenção**
  ob**ter**: ob**tenção**
  re**ter**: re**tenção**

- Nos substantivos terminados em **-ção**, correspondentes a verbos:

verbo	**substantivo**	**verbo**	**substantivo**
formar	forma**ção**	construir	constru**ção**
exportar	exporta**ção**	destruir	destrui**ção**

- Nos verbos em que há o grupo **nd** no radical, ocorre a correlação **nd → ns** (vide emprego do **s**):

  apree**nd**er: apree**ns**ão
  asce**nd**er: asce**ns**ão
  compree**nd**er: compree**ns**ão
  repree**nd**er: repree**ns**ão
  suspe**nd**er: suspe**ns**ão

- Nos sufixos **-aça(o)**, **-iça(o)**, **-uça(o)**: barc**aça**, ric**aço**, carn**iça**, can**iço**, ping**uço**, dent**uça** etc.

EMPREGO DO *SC*

Quando o grupo **sc** forma o dígrafo que representa unicamente o fonema /s/, costuma haver dificuldade em seu emprego, justamente porque ele apresenta o mesmo som de palavras grafadas com **c** (antes de **e** ou **i**), como em amanhe**c**er, anoite**c**er, conhe**c**er etc.

A razão para algumas palavras apresentarem o dígrafo **sc** é puramente etimológica: cre**sc**er vem do latim *crescere*; na**sc**er, do latim *nascere*; de**sc**er, do latim *descendere*. Nas palavras em que o grupo **sc** aparecia no início da palavra, ele foi substituído por **c**: a palavra latina ***sc**ena* virou **c**ena; ***sc**ientia*, **c**iência.

Nas palavras formadas dentro da língua portuguesa usa-se o **c** e não **sc**: entarde**c**er (en + tard + ecer); ensurde**c**er (en + surd + ecer).

Lembre-se de que o dígrafo representa um único fonema; portanto não se pronuncia o **s** e depois o **c**. Só é necessário pronunciar os dois no caso de encontros consonantais, como em de**sc**onto, di**sc**utir etc.

Em palavras como **descentralizar** e **descapitalizar**, temos o prefixo **des-** acompanhando uma forma verbal iniciada por **c**. Não se trata, pois, de dígrafo.

EMPREGO DO *X/CH*

Emprega-se **x**:

- Normalmente depois de ditongo: cai**x**a, pei**x**e, amei**x**a, fai**x**a etc.

Por que recauchutar e recauchutagem devem ser grafadas com ch?

Porque derivam de **caucho**, palavra que designa uma espécie de árvore de cujo látex se produz uma borracha de qualidade inferior.

- Depois da sílaba inicial **en**: en**x**oval, en**x**ada, en**x**ame, en**x**aqueca, en**x**ugar, en**x**ertar etc.

Exceções:

Encher e seus derivados são com **ch**: en**ch**imento, en**ch**ido, en**ch**ente, preen**ch**er etc.

Junção do prefixo **en** a um radical iniciado por **ch**: en**ch**arcar, en**ch**arcado (de **ch**arco); en**ch**umaçar, en**ch**umaçado (de **ch**umaço); en**ch**iqueirar (de **ch**iqueiro); en**ch**ouriçar (de **ch**ouriço); en**ch**ocalhar (de **ch**ocalho) etc.

- Depois da sílaba inicial **me**: me**x**er, me**x**ilhão, me**x**icano, me**x**erica etc.

Exceção:

Mecha e seus derivados escrevem-se com **ch**.

- Em palavras de origem tupi ou africana: capi**x**aba, abaca**x**i, ori**x**á, **x**ará, **x**angô etc.

EMPREGO DO *J*

Emprega-se **j**:

- Em palavras de origem tupi: **j**iboia, pa**j**é, **j**enipapo, ti**j**uca, **j**equitibá, **j**erimum etc.

Alguns topônimos de origem tupi, no entanto, são grafados com **g**. É o caso de Ser**g**ipe.

- Nas formas dos verbos terminados em **-jar**, como **arranjar**: arranj**e**, arranj**ei**, arranj**emos**; **apedrejar**: apedrej**e**, apedrej**ei**, apedrej**emos**; **encorajar**: encoraj**e**, encoraj**emos**, encoraj**ei**; **viajar**: viaj**e**, viaj**ei**, viaj**emos**.
- Na terminação **-aje**: laj**e**, traj**e**, ultraj**e** etc.

EMPREGO DO *G*

Emprega-se **g**:

- Nas palavras terminadas em **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: pedá**g**io, egré**g**io, lití**g**io, necroló**g**io, refú**g**io etc.
- Nos substantivos terminados em **-gem**: ara**g**em, cora**g**em, verti**g**em, va**g**em, gara**g**em, ferru**g**em etc.

Observação:

Os substantivos **pajem**, **lajem** e **lambujem** são escritos com **j**.

- Em geral, depois de **a** inicial: á**g**il, a**g**ir, a**g**itar, a**g**enciar, a**g**enda, a**g**ente etc.

EMPREGO DO *E*

Emprega-se a letra **e**:

- Nas formas dos verbos terminados em **-oar** e **-uar**, como **abençoar**: abençoe, abençoes; **perdoar**: perdoe, perdoes; **caçoar**: caçoe, caçoes; **continuar**: continue, continues; **pactuar**: pactue, pactues; **insinuar**: insinue, insinues etc.
- Nos ditongos nasais **ãe**, **õe**: pã**es**, cã**es**, mã**e**, põ**e**, casarõ**es** etc.

Observação:

Cãibra (ou **câimbra**) escreve-se com **i**.

- No prefixo **ante-**, que significa anterioridade: ant**e**pasto, ant**e**véspera, ant**e**diluviano, ant**e**câmara etc.

EMPREGO DO *I*

Emprega-se a letra **i**:

- Nas formas dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**, como **sair**: sa**i**, sa**i**s; **cair**: ca**i**, ca**i**s; extr**air**: extra**i**, extra**i**s; m**oer**: m**ói**, m**ói**s; d**oer**: d**ói**; corr**oer**: corr**ói**; poss**uir**: poss**ui**, poss**ui**s; contrib**uir**: contrib**ui**, contrib**ui**s; retrib**uir**: retrib**ui**, retrib**ui**s etc.
- No prefixo **anti-**, que significa ação contrária: ant**i**aéreo, ant**i**biótico, ant**i**jurídico, ant**i**alérgico etc.
- No verbo **criar** e seus derivados: cr**i**ar, cr**i**ação, cr**i**atura, malcr**i**ado etc.

Palavras de uma mesma família

Palavras de uma mesma família são geralmente grafadas com a mesma letra. Como **gesso** é grafado com **g**, **g**esseiro, en**g**essar e en**g**essado devem ser grafados com **g**. Veja outros exemplos:

pesqui**s**a: pesqui**s**ar, pesqui**s**ado
análi**s**e: anali**s**ar, anali**s**ado
bron**z**e: bron**z**ear, bron**z**eamento
jeito: a**j**eitar, a**j**eitado, **j**eitinho

Observação:

O substantivo catequese é grafado com **s**, mas o verbo **catequizar** é grafado com **z**. Isso ocorre em função da etimologia: **catequese** vem do latim *catechese*, e o verbo catequizar vem do latim *catechizare*.

FORMAS VARIANTES

Variante é a forma modificada na grafia de um vocábulo à qual não corresponde alteração de sentido.

Há, em português, palavras que podem ser grafadas de duas maneiras, sendo ambas consideradas corretas.

aluguel	aluguer
anchova	enchova
assobiar	assoviar
aterrissar	aterrizar
bêbado	bêbedo
bílis	bile
cãibra	câimbra
carroçaria	carroceria
catorze	quatorze
chimpanzé	chipanzé
cociente	quociente
cota	quota
cotidiano	quotidiano
coisa	cousa

edredom	edredão
espuma	escuma
flecha	frecha
juntar	ajuntar
labareda	lavareda
laje	lajem
loira	loura
massapê	massapé
moletom	moletão
porcentagem	percentagem
radiatividade	radioatividade
soprar	assoprar
taverna	taberna
toucinho	toicinho

Observação:

A palavra **cinquenta** não possui forma variante (cincoenta). A palavra **infarto** apresenta duas formas variantes: **enfarto** e **enfarte**.

PARÔNIMOS E HOMÔNIMOS

Em português existem palavras parecidas na grafia ou na pronúncia, mas com significados diferentes; existem também palavras que possuem a mesma pronúncia, ou a mesma grafia, mas significados diferentes. Por isso são comuns as dúvidas na grafia e o uso de uma no lugar de outra.

PARÔNIMOS

Parônimos são palavras parecidas na grafia ou na pronúncia, mas com significados diferentes.

absolver (perdoar, inocentar)	absorver (aspirar, sorver)
apóstrofe (figura de linguagem)	apóstrofo (sinal gráfico)
aprender (tomar conhecimento)	apreender (assimilar)
área (extensão)	ária (peça musical)
arrear (pôr arreios)	arriar (descer, cair)
ascensão (subida)	assunção (elevação a um cargo)
bebedor (aquele que bebe)	bebedouro (local onde se bebe)
cavaleiro (que cavalga)	cavalheiro (homem cortês)
comprimento (extensão)	cumprimento (saudação)
deferir (atender)	diferir (retardar, divergir, discordar)
delatar (denunciar)	dilatar (alargar)

descrição (ato de descrever)	discrição (reserva, prudência)
descriminar (tirar a culpa)	discriminar (distinguir)
despensa (onde se guardam mantimentos)	dispensa (ato de dispensar)
devagar (sem pressa)	divagar (fugir do assunto)
docente (relativo a professores)	discente (relativo a alunos)
emigrar (deixar um país)	imigrar (entrar num país)
eminente (elevado)	iminente (prestes a ocorrer)
esbaforido (ofegante, apressado)	espavorido (apavorado)
estande (espaço para expor algo)	estante (tipo de móvel)
flagrante (evidente)	fragrante (perfumado)
fluir (correr)	fruir (desfrutar)
fusível (aquilo que funde)	fuzil (arma de fogo)
imergir (afundar)	emergir (vir à tona)
inflação (alta dos preços)	infração (violação)
infligir (aplicar pena)	infringir (violar, desrespeitar)
mandado (ordem judicial)	mandato (procuração, poder dado ou autorizado)
peão (ajudante de boiadeiro, trabalhador rural, aquele que anda a pé)	pião (tipo de brinquedo)
polpa (parte comestível de frutas)	popa (traseira de uma embarcação)
posar (fazer pose)	pousar (descer ao chão)
precedente (que vem antes)	procedente (proveniente, que tem fundamento)
ratificar (confirmar)	retificar (corrigir)
recrear (divertir)	recriar (criar novamente)
ringue (espaço para lutas de boxe)	rinque (espaço para patinação)
soar (produzir som)	suar (transpirar)
sortir (abastecer)	surtir (originar)
sustar (suspender)	suster (sustentar)
tráfego (trânsito)	tráfico (comércio ilegal)
vadear (atravessar a vau)	vadiar (andar ociosamente)
vestiário (lugar para guardar roupas)	vestuário (conjunto de roupas)
vultoso (volumoso)	vultuoso (atacado de congestão na face)

HOMÔNIMOS

Homônimos são palavras que possuem a mesma pronúncia ou a mesma grafia, mas significados diferentes.

As palavras homônimas subdividem-se em:

- **homófonas** – têm a mesma pronúncia, mas grafias diferentes.

  sela / **c**ela con**s**erto / con**c**erto ta**x**ar / ta**ch**ar

- **homógrafas** – têm a mesma grafia, mas pronúncias diferentes:

  governo (substantivo) / governo (forma do verbo governar)
  colher (substantivo) / colher (verbo)

- **homógrafas homófonas** (homônimos perfeitos) – possuem a mesma grafia e a mesma pronúncia:

  cedo (advérbio) / cedo (do verbo ceder)
  cabo (corda, extremidade) / cabo (patente militar)
  canto (esquina) / canto (som musical) / canto (forma do verbo cantar)

acender (pôr fogo)	ascender (subir)
acento (sinal gráfico)	assento (local onde se senta)
acerto (ato de acertar)	asserto (afirmação)
apreçar (ajustar o preço)	apressar (tornar rápido)
bucho (estômago)	buxo (arbusto)
caçar (perseguir animais)	cassar (tornar sem efeito)
cegar (deixar cego)	segar (ceifar, cortar)
cela (pequeno quarto)	sela (arreio, forma do verbo selar)
censo (recenseamento)	senso (entendimento, juízo)
censor (aquele que censura)	sensor (dispositivo que detecta mudanças)
cerração (nevoeiro)	serração (ato de serrar)
cerrar (fechar)	serrar (cortar)
chá (bebida)	xá (antigo soberano do Irã)
cheque (ordem de pagamento)	xeque (lance no jogo de xadrez, soberano árabe)
círio (vela, procissão)	sírio (natural da Síria)
cito (forma do verbo citar)	sito (situado)
concertar (ajustar, combinar)	consertar (corrigir, reparar)
concerto (sessão musical)	conserto (reparo)
coser (costurar)	cozer (cozinhar)
empoçar (formar poça)	empossar (dar posse a)
esotérico (secreto)	exotérico (que é transmitido em público)
espectador (aquele que assiste)	expectador (aquele que tem expectativa, esperança)
esperto (atento, vigilante, perspicaz)	experto (experiente, perito)
espiar (observar)	expiar (pagar pena)
estático (imóvel)	extático (posto em êxtase)
esterno (osso do peito)	externo (exterior)
estrato (camada, tipo de nuvem)	extrato (o que se extrai de)
incerto (não certo, impreciso)	inserto (inserido, introduzido)
incipiente (principiante)	insipiente (ignorante)
laço (nó, vínculo, união)	lasso (fatigado, cansado, frouxo)
ruço (pardacento, grisalho)	russo (natural da Rússia)
tacha (prego pequeno)	taxa (imposto, tributo)
tachar (atribuir defeito a)	taxar (fixar taxa, tributar)

EMPREGO DO HÍFEN

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O hífen (-) é empregado em português na ligação de elementos de palavras compostas ou derivadas por acréscimo de prefixos ou sufixos (guarda-chuva, couve-flor, sabiá-guaçu, anti-higiênico), para ligar pronomes oblíquos ao verbo (amá-lo, dizê-lo-íamos) e para marcar a separação silábica das palavras (com-pu-ta-do-ri-za-do).

Sem dúvida alguma, o emprego do hífen na ligação de elementos de palavras compostas ou derivadas é o que costuma gerar mais dúvidas, já que não são todas as palavras compostas e derivadas que têm seus elementos ligados por hífen. O Acordo Ortográfico de 1990 detalha os casos em que se emprega o hífen.

HÍFEN NOS COMPOSTOS

1. Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição cujos elementos (substantivos, adjetivos, numerais ou verbos) constituem uma unidade morfológica e semântica, mantendo o acento próprio, mesmo que o primeiro elemento venha reduzido.

   ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-cirurgião, tenente-coronel, amor-perfeito, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, sul-africano, afro-brasileiro, franco-lusitano etc.

Observação:

As palavras compostas em que se perdeu a noção de composição são grafadas sem hífen.

girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista etc.

2. Emprega-se o hífen nos nomes de lugar compostos, iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão** ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo.

   Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos etc.

Observação:

Os demais nomes de lugar, com exceção de Guiné-Bissau, devem ser escritos sem hífen.

Costa Rica, Nova Zelândia, Porto Alegre, Belo Horizonte, Santa Catarina etc.

3. Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas.

   erva-doce, couve-flor, feijão-verde, pimenta-do-reino, bem-te-vi, quero-quero, mico-leão-dourado etc.

4. Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios **bem** e **mal**, quando estes forem seguidos de palavras que começam por **h** ou **vogal**.

   bem-humorado, bem-amado, mal-agradecido, mal-assombrado, mal-estar, mal-humorado etc.

Observações:

- O advérbio **bem**, ao contrário de **mal**, pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante.

  bem-criado (cf. malcriado), bem-ditoso (cf. malditoso), bem-falante (cf. malfalante), bem-mandado (cf. malmandado), bem-nascido (cf. malnascido), bem-visto (cf. malvisto)

- Em muitos compostos, o advérbio **bem** aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte.

  benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença etc.

5. Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos **além**, **aquém**, **recém** e **sem**.

   além-mar, além-túmulo, aquém-mar, recém-formado, recém-nascido, sem-vergonha, sem-teto etc.

6. Não se emprega hífen em locuções substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas.

   cartão de crédito, fim de semana, cor de vinho, cada um, à vontade, a fim de, logo que etc.

Observação:

Em algumas locuções cuja grafia está consagrada pelo uso, mantém-se o hífen.

cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

7. Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando encadeamentos vocabulares (não propriamente vocábulos), e em combinações históricas ou de topônimos ocasionais.

   a divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade, a ponte Rio-Niterói, o percurso Lisboa-Coimbra-Porto, a ligação Angola-Moçambique, voo direto Fortaleza-São Paulo etc.

HÍFEN COM PREFIXOS E SUFIXOS

1. Nas palavras derivadas por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados pelos sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **açu**, **guaçu** e **mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exigir.

   sabiá-guaçu, cajá-mirim, capim-açu, Ceará-Mirim etc.

2. Emprega-se o hífen nas palavras derivadas com os prefixos **ante**, **anti**, **auto**, **circum**, **co**, **contra**, **entre**, **extra**, **hiper**, **infra**, **intra**, **pan**, **semi**, **sobre**, **sub**, **super**, **supra**, **ultra**:

a) se o segundo elemento começar por **h**:

   anti-higiênico, circum-hospitalar, pan-helenismo, pré-história, semi-hospitalar, sobre-humano, super-homem etc.

b) quando o prefixo terminar com a mesma vogal com que começa o segundo elemento:

   anti-ibérico, auto-observação, contra-almirante, extra-abdominal, semi-internato, supra-axilar etc.

Observações:

- O prefixo **co**, quando se junta a outro elemento iniciado por **o**, não se separa por hífen.

  cooperar, coordenar, coordenação, coobrigado, cooptar etc.

- Os prefixos **circum** e **pan** separam-se por hífen se o segundo elemento começar por **vogal**, **m**, **n** (além do **h** referido anteriormente).

  circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude etc.

- Os prefixos **hiper**, **inter**, **super** separam-se por hífen se o segundo elemento começar por **r**.

  hiper-requintado, inter-racial, super-realista, super-revista etc.

- Os prefixos tônicos acentuados graficamente **pós**, **pré**, **pró** separam-se por hífen se o segundo elemento tiver vida à parte.

  pós-operatório, pré-escolar, pró-britânico etc.

- Os prefixos **ex** (com o sentido de estado anterior ou cessamento), **sota**, **soto**, **vice** e **vizo** separam-se por hífen qualquer que seja o segundo elemento.

  ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei; sota-piloto, soto-mestre; vice-presidente, vice-reitor; vizo-rei

3. Não se usa hífen:

a) se o prefixo (ou falso prefixo) terminar em vogal e o segundo elemento começar por **r** ou **s**, duplicando-se essas letras.

   antirreligioso, antissemita, contrarregra, contrassenha, cosseno, extrarregular, infrassom, minissaia, eletrossiderurgia, microssistema, microrradiografia etc.

b) se o prefixo (ou falso prefixo) terminar em vogal e o segundo elemento começar por uma vogal diferente.

   antiaéreo, autoestrada, coeducação, extraescolar, aeroespacial, autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual

c) em formações que contêm em geral os prefixos **des** e **in** e nas quais o segundo elemento perdeu o **h** inicial.

   desumano, desumidificar, inábil, inumano etc.

A gramática no dia a dia

NOMES PRÓPRIOS

As orientações ortográficas apresentadas neste capítulo devem ser aplicadas também a nomes próprios portugueses ou aportuguesados de pessoas (físicas ou jurídicas) e de lugares.

Vimos que depois de ditongo se emprega **s** e não **z**. Portanto deveríamos grafar Cleu**s**a de Sou**s**a e não Cleu**z**a de Sou**z**a. No entanto, se no registro de nascimento de uma pessoa com esse nome constar a grafia Cleu**z**a de Sou**z**a, evidentemente ela grafará seu nome de acordo com a forma que está no registro. O mesmo ocorre com nomes de firmas, sociedades, marcas e títulos.

Isso explica o fato de, no dia a dia, encontrarmos grafias que não estão de acordo com as orientações que apresentamos neste capítulo, tais como Neuza, Jussara, Maizena, Paissandu, Corinthians, *Correio Braziliense*, *Jornal do Commercio*, Comgás, Brahma.

GRAFIA DE PALAVRAS ESTRANGEIRAS

No dia a dia é cada vez mais comum depararmos com palavras estrangeiras que ainda não foram aportuguesadas. Em relação a tais palavras, deve-se manter a grafia original, com destaque (aspas em textos manuscritos ou em itálico nos textos impressos). Citemos algumas: *airbag, blitz, boom, cash, chat, check-in, coffee break, croissant, download, drugstore, e-mail, fast-food, flashback, fondue, funk, habeas corpus, hacker, hobby, honoris causa, hotline, impeachment, ipsis litteris, jeans, jet ski, joystick, ketchup, know-how, laptop, link, looping, mouse, notebook, ombudsman, on-line, outdoor, pay-per-view, per capita, quorum, recall, réveillon, showroom, software, top model, walkman, wokshop, zoom.*

Há, no entanto, inúmeros estrangeirismos já aportuguesados. Citemos alguns: abajur (do francês: *abat-jour*), álibi (do latim: *alibi*), ateliê (do francês: *atelier*), bangue-bangue (do inglês: *bang-bang*), becape (do inglês: *backup*), bipe (do inglês: *beep*), breque (do inglês: *break*), bufê (do francês: *buffet*), butique (do francês: *boutique*), chique (do francês: *chic*), copidesque (do inglês: *copy desk*), dossiê (do francês: *dossier*), drinque (do inglês: *drink*), escâner (do inglês: *scanner*), espaguete (do italiano: *spaghetti*), lasanha (do italiano: *lasagna*), sanduíche (do inglês: *sandwich*), tchau (do italiano: *ciao*), tíquete (do inglês: *ticket*), uísque (do inglês: *whisky*), xampu (do inglês: *shampoo*).

Atividades

1. Leia esta tira:

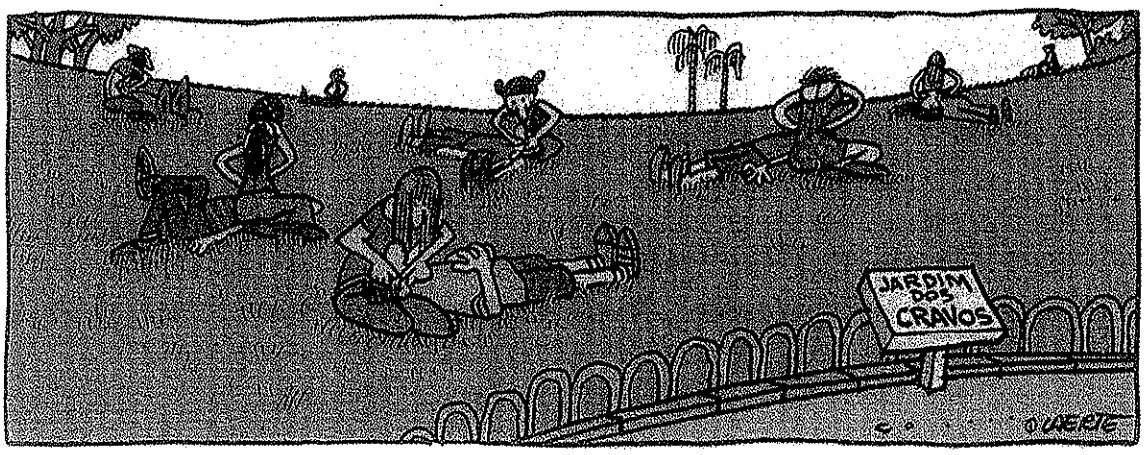

Laerte/Acervo do artista

(LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 9.)

Comente o humor da tira, explicitando os sentidos possíveis da palavra **cravos**.

2. Leia os trechos a seguir, que foram extraídos da obra *Santa Rita*, de Carmo Bernardes:

"Esses dias, indo com Diolinda panhar gabiroba, passei lá perto da casa da escola, tinha uns meninos lá jogando pedras nas janelas, e arrancavam as plantações de flores plantadas com todo carinho nos canteiros."

"Estou pensando que ele queria o animal para andar, eu já estava maginando qual dos meus burros iria dar conta de balancear as oito arrobas de nervos e ossos que o frei enfeixa no corpo desengonçado."

(BERNARDES, Carmo. *Santa Rita*. Goiânia: Editora da UFG, 1995. p. 78 e 80.)

Em duas palavras o autor não grafou o fonema inicial na tentativa de reproduzir a forma como o personagem as pronuncia. Que palavras são essas?

3. Leia:

"Entre os vários detalhes do verdadeiro quando, perceberam um que se movia; tratava-se de um cavaleiro que cavalgava na direção delas. Em poucos minutos puderam perceber que se tratava de um cavalheiro e, nesse momento, Marianne exclamou, em um arrebatamento irrefreável:

—"É ele. É ele, sim. Eu sei que é!"

(AUSTEN, Jane. *Razão e sensibilidade*. São Paulo: Nova Cultural, 2003. p. 85.)

No texto, há duas palavras parônimas. Identifique-as, dando o sentido de cada uma delas.

Leia o texto e responda às questões de 4 a 7.

Onze de agosto

Com mais imponencia do que nos annos anteriores, realisaram-se hontem as festas commemorativas da fundação dos cursos juridicos no Brasil. Ás 6 horas e meia da tarde, os academicos partiram do largo de S. Francisco, precedidos de uma banda de musica, afim de cumprimentar a imprensa desta capital. Depois de percorrerem as ruas centraes, dirigiram-se todos os estudantes para o Salão Steinway, onde se realisou uma sessão litteraria, para innaugurar a série de conferencias populares sobre educação.

(ONZE de agosto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 ago. 2002. p. C2.)

4. O texto acima foi publicado pela primeira vez no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 11 de agosto de 1902, seguindo a ortografia vigente na época. Reescreva-o de modo a adequá-lo à grafia vigente nos dias de hoje.

5. Em "(...) **fundação** dos cursos jurídicos (...)", o substantivo destacado corresponde ao verbo **fundar**. Dê o substantivo corresponde aos verbos a seguir.

a) impermeabilizar
b) compensar
c) esquematizar
d) improvisar
e) fertilizar
f) condensar
g) discriminar
h) paralisar
i) dolarizar
j) pulsar

6. O texto afirma que os estudantes "(...) partiram do largo de S. Francisco, precedidos de uma banda (...)". Quem partiu primeiro: a banda ou os estudantes?

7. O texto afirma que "(...) se realisou uma sessão litteraria (...)". Em que sentido foi empregada a palavra **sessão**? Nas frases a seguir, dê o significado das palavras destacadas.

a) A **cessão** de terras para os trabalhadores foi discutida pelos parlamentares.
b) Encontrou várias ofertas na **seção** de classificados do jornal.

8. No texto abaixo, intencionalmente alteramos a grafia de 12 palavras de forma que elas ficassem escritas incorretamente. Descubra quais são e reescreva-as corretamente.

"Creta é a mais oriental das ilhas da Grécia, com 250 km de vales, desfiladeros e montanhas. Na costa norte estão as cidades mais importantes. O suldoeste é acidentado e árido. A melhor forma de conhecer Creta é em pequenos gipes japonezes, valentes e econômicos, oferecidos em todas as locadoras.

Creta era o centro da civilização minoica. No século 15 a.C. foi subjugada pelos elenos, guerreiros hindo-europeus que, junto aos cretences, originaram os gregos. Em 65 a.C., a ilha se tornou província romana. Os bisantinos chegam no final do século 4 da atual era, e no século 12 os venesianos. Em 1669, foi a ves dos turcos otomanos. Apóz anos de rezistência, em 1913, Creta se integra à Grécia."

(*Latitude*. Curitiba: Top Magazine, ano 2, n. 5, jan. 2005. p. 38.)

9. No texto abaixo, intencionalmente omitimos algumas notações léxicas. Reescreva-o colocando os sinais que omitimos.

O que é uma tromba dágua?

Eis aí uma expressao que costuma provocar uma tremenda bagunca conceitual. Vamos explicar: no sentido popular, tromba dágua indica uma chuvarada forte e restrita a uma determinada regiao. Mas, para a maioria dos cientistas, essa definicao é errada.

(*Mundo estranho*, dez. 2003. p. 26.)

10. Qual palavra de cada par completa a frase corretamente?

a) Em algumas regiões a mandioca é conhecida por *. (macaxeira / macacheira)
b) Algumas pessoas chamam cadeia de *. (chilindró / xilindró)
c) Não se deve * os muros. (pixar / pichar)
d) Quem * o rabo *. (cochicha / coxixa) (espixa / espicha)
e) * de ser *: não * na minha *. (Deixe / Deiche) (chereta / xereta) (mexa / mecha) (mochila / moxila)

11. Leia o texto e responda às questões que o seguem.

"Por ser um instrumento relativamente recente, só agora os pedagogos estão começando a formular as primeiras teorias sobre o uso adequado da rede como fonte complementar na pesquisa estudantil."

(*Veja*. Vida digital. São Paulo: Abril, n. 16, abr. 2000. p. 114. Edição especial.)

a) Forme verbos derivados respectivamente de:
- instrumento;
- uso;
- teoria;
- pesquisa.

b) Escreva os substantivos correspondentes a:

- formular;
- adequado;
- teorias;
- complementar.

12. Substitua os asteriscos por **x** ou **ch**.

a) O coletivo de abelhas é en * ame.
b) En * otar é verbo e significa afugentar.
c) Antes de viajar en * eu o tanque do carro.
d) Por causa da chuva, ficou todo en * arcado.
e) Naquele rio, há vários tipos de pei * e.

13. Identifique as palavras que apresentam erros de grafia e reescreva-as corretamente.

enxame – cachumba – caximbo – xuxu – ameixa – lagarticha – mecher – charope – flexa – feixe – pexinxa – chingar – puchar – pixe – enxada – toxa – mexerico – mexida – mexilhão – xecar

14. Reescreva corretamente as palavras que apresentam erro quanto à grafia.

ascensão – almoço – asserção – cisão – rechaçar – ansioso – ascensor – consecussão – imerção – obsessão – obcecado – sinuzite – suspensão – extensão – dissensão – sossobrar – menção – prevenção – presunção

15. Aponte, em cada par, a forma incorreta.

caranguejo	carangueijo
previlégio	privilégio
empecilho	impecilho
beneficente	beneficiente
patacoada	pataquada
por isso	porisso
derrepente	de repente
prazeirosamente	prazerosamente
mixto	misto
mendigo	mendingo
cabeleireiro	cabelereiro
mantegueira	manteigueira
desinteria	disenteria
meretíssimo	meritíssimo
mortadela	mortandela
mexerica	mixirica

16. Assinale a alternativa em que não haja erro de ortografia.

a) Espero que vocês viajem bem.
b) A poetiza escreveu belos versos.
c) A lage daquela casa não é muito resistente.
d) Não fui visitar minha sobrinha, pois ela está com cachumba.
e) O ladrão passou só três meses no xadrês.

17. Assinale a alternativa correta quanto à grafia.

a) subterfúgio, mangedoura, gesto, trage
b) jiló, colégio, ojeriza, coragem
c) geito, ágio, vertigem, magestade
d) angélico, pajem, anginho, jente
e) a viajem, sarjeta, gorjeta, beringela

18. Substitua os asteriscos, usando **s** ou **z**.

vi*ar	agili*ar	capata*
agoni*ar	aju*ar	maga*ine
ali*ar	anali*ar	proe*a
avi*ar	bi*ar	chafari*
alfabeti*ar	ameni*ar	xadre*
bati*ar	canoni*ar	pre*ado
capitali*ar	catequi*ar	despe*a
comerciali*ar	democrati*ar	vi*inho
catali*ar	dedeti*ar	catacre*e
divi*ar	fri*ar	osteoporo*e
economi*ar	enrai*ar	sudore*e
fertili*ar	generali*ar	adipo*e
imortali*ar	ironi*ar	valori*ar
legali*ar	magneti*ar	urbani*ar
nacionali*ar	otimi*ar	sensibili*ar
parabeni*ar	racionali*ar	teori*ar
hidroli*ar	improvi*ar	repri*ar
parali*ar	pesqui*ar	revi*ar
pi*ar	preci*ar	

19. Preencha as lacunas com a alternativa correta: "Pedira a ... dos advogados, pois queria estar bem ... no negócio".

a) intercessão – assessorado
b) intercessão – acessorado
c) intersecção – acessorado
d) intersseção – acessorado
e) interseção – assessorado

20. Observando as regras do emprego do hífen, preencha as lacunas com a forma correta.

a) "O regime que proíbe ... e libera o consumo de gordura provoca uma batalha entre os médicos."

(*Veja*, 19 abr. 2000. p. 1.)

(carboidratos / carbo-hidratos)

b) "Andar seguidas vezes em uma ... é arriscado, porque o divertimento facilita a formação de coágulos na superfície do cérebro."

(*Superinteressante*, fev. 2000. p. 16.)

(montanha russa / montanha-russa)

c) "Beneficiado pelos 2 a 0 na primeira partida, há uma semana, em Guadalajara, o ... entra em campo em situação confortável, podendo até perder por um gol de diferença, que estará classificado para disputar as ... com o Corinthians, e ficar próximo de ser ... da competição ... ."

(*O Estado de S. Paulo*, 25 maio 2000. p. E1.)

(Alviverde / Alvi-verde); (semi-finais / semifinais); (bicampeão / bi-campeão); (sulamericana / sul-americana)

d) "Devido à ação simpática ... que o isometepteno pode causar, deve ser administrada com cuidado a pacientes ... e está totalmente ... nas crises ..."

(Bula do remédio Neosaldina®)

(vasoconstritora / vaso-constritora); (hiper-tensos / hipertensos); (contraindicada / contra-indicada); (hiper-tensivas / hipertensivas)

21. Preencha os pontilhados com o termo adequado entre parênteses.

a) Sai para almoçar exatamente ao ... e retorna à uma da tarde. (meio-dia / meio dia)

b) Levou ... para concluir o trabalho de ordenar as peças. (meio-dia / meio dia)

c) "... !" foi a saudação que escutei logo que acordei. (Bom-dia / Bom dia)

d) Espero que todos tenham um ... hoje. (bom-dia / bom dia)

e) Naquele filme de bangue-bangue, um ... era o guia dos soldados. (pele-vermelha / pele vermelha)

f) Tomou tanto sol que ficou com a ... . (pele-vermelha / pele vermelha)

g) Pagou as compras com ... . (cartão-de-crédito / cartão de crédito)

h) Gostava de usar ... para temperar os alimentos. (cheiro-verde / cheiro verde)

i) Naquele restaurante há uma área reservada a ... . (não fumantes / não-fumantes)

j) Os especialistas organizaram uma ... para discutir o assunto. (mesa-redonda / mesa redonda)

22. Una os elementos usando o hífen, **se necessário**.

segunda + feira
belo + horizontino
tenente + coronel
ponta + pé
gira + sol
couve + flor
bem + te + vi
bem + feitor
recém + casado
mais + que + perfeito
sala + de + jantar
decreto + lei
mato + grossense
luso + brasileiro
para + quedas
Grã + Bretanha
erva + doce
mal + humorado
recém + nascido
arco + da + velha
fim + de + semana

23. Una os elementos usando o hífen, **se necessário**.

aero + espacial
anti + aéreo
anti + depressivo
anti + herói
anti + histórico
anti + ibérico
anti + inflamatório
anti + rábica
anti + semita
anti + ácido
anti + furto
anti + higiênico
anti + horário
anti + imperialista
anti + jurídico
anti + religioso
anti + biótico
auto + atendimento
auto + análise
auto + biografia
auto + defesa
auto + estrada
auto + ônibus
circum + escolar
co + herdeiro
co + ordenar
contra + almirante
contra + senha
ex + aluno
ex + hospedeira
extra + escolar
extra + regulamentar
hidro + elétrico
hiper + calórico
hiper + hedonismo
hiper + raivoso
hiper + realismo
in + hábil
infra + renal
infra + vermelho
inter + continental
inter + helênico
inter + humano
intra + hepático
micro + sistema
pan + africano
pluri + anual
pré + história
pró + africano
semi + deus
semi + final
semi + inteiro
semi + vogal
super + dotado
super + estrutura
super + herói
super + homem
super + resfriado
ultra + realismo
ultra + romântico
ultra + sensível
ultra + violeta
vice + campeão
vice + líder
auto + crítica
auto + didata
auto + observação
bio + ritmo
circum + navegação
co + operar
co + seno
contra + regra
des + humano
ex + diretor
ex + presidente
extra + hospitalar
extra + sensorial
hiper + ativo
hiper + correção
hiper + inflação
hiper + rancoroso
hiper + humano
infra + estrutura
infra + som
inter + câmbio
inter + disciplinar
inter + hemisférico
inter + relação
intra + muscular
mini + saia
pan + helênico
pós + graduação
pré + natal
semi + árido
semi + erudito
semi + infantil
semi + internato
super + aquecimento
super + estima
super + faturar
super + hidratação
super + realidade
super + realismo
ultra + passado
ultra + revolucionário
ultra + secreto
ultra + sonografia
vice + almirante
vice + cônsul
vice + reitor

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

1. Todo texto pertence a um gênero, isto é, a um modelo de texto relativamente estável. São inúmeros os gêneros textuais: carta, receita culinária, telefonema, notícia de jornal, bula de remédio, verbete de dicionários, crônica, conto, romance... Levando em conta a questão dos gêneros textuais, como você classificaria esse texto?

2. Em que sentido foi empregado o verbo **haver** na frase "Não há vagas"?

3. Indique em que sentido foi empregado o verbo **precisar** nas frases a seguir.

   a) Aquela empresa precisa de vendedores com prática.

   b) Não soube precisar o dia em que chegaram as mercadorias.

4. Compare:

   O hífen está sem emprego.
   "Até o hífen está sem emprego!"

   Explique por que no texto o autor empregou a palavra **até**.

5. As palavras podem apresentar sentidos diferentes. A isso damos o nome de polissemia (*poli* = vários; *semia* = sentido). Indique em que sentido foi empregado o substantivo **emprego** nas frases abaixo.

   a) Não é fácil sistematizar o emprego do hífen em português.

   b) Há mais de um mês procura emprego e não encontra.

   c) Esqueceu a pasta no emprego.

6. O autor joga com um recurso de linguagem para conferir humor ao texto. Comente esse recurso.

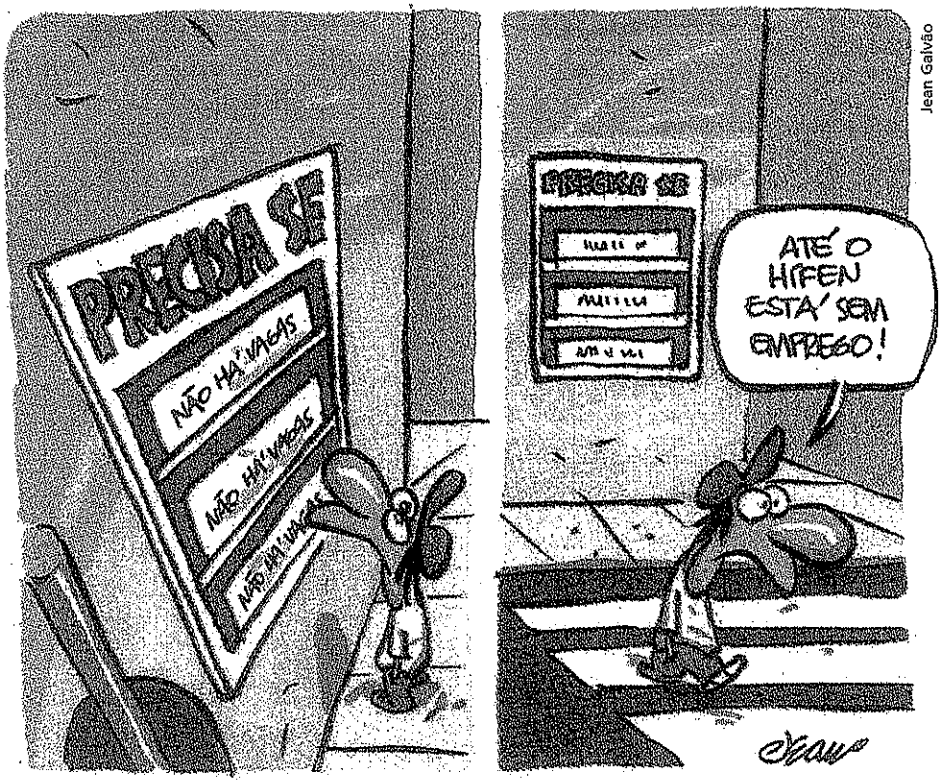

(JEAN. *Folha de S.Paulo*, 9 mar. 2004. p. A2.)

CAPÍTULO 3

Acentuação gráfica

ACENTO PROSÓDICO E ACENTO GRÁFICO

Exceção feita aos monossílabos átonos (e a alguns poucos dissílabos também átonos – as conjunções **como** e **porque**; as preposições **para** e **pelo** e o artigo **uma**), todas as palavras têm uma acentuação: trata-se do acento prosódico ou acento da fala, que marca a sílaba tônica.

Na língua escrita, em alguns casos, há necessidade de se indicar a sílaba tônica ou a pronúncia correta de uma palavra por meio de notações léxicas, como os acentos gráficos e o til.

O emprego desses sinais constitui a **acentuação gráfica**.

REGRAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Para acentuar corretamente as palavras, devem-se observar as seguintes regras:

PROPAROXÍTONOS

Todas as palavras proparoxítonas devem receber acento gráfico:

África, **Â**ngela, **pê**ssego, **lâm**pada, meta**fí**sica, pu**dés**semos, **á**libi

PAROXÍTONOS

As palavras paroxítonas normalmente não são acentuadas:

cadeira, envelope, enjoo, brasileiro, aldeia, ideia, cortesmente, sozinho

Recebem acento as terminadas em:

a) **-i(-is), -us**

júr**i**, júr**is**, beribér**i**, biquín**i**, í**ris**, láp**is**, bôn**us**, vír**us**

b) **-ã(-ãs), -ão(-ãos)**

órf**ã**, órf**ãs**, ím**ã**, ím**ãs**, órg**ão**, órg**ãos**, sót**ão**, sót**ãos**

c) **-um(-uns)**

méd**ium**, méd**iuns**, álb**um**, álb**uns**, fór**um**, factót**um**

d) **-on(-ons)**

elétr**on**, elétr**ons**, cát**ion**, cát**ions**, í**on**, í**ons**, cân**ions**

e) ditongo oral, seguido ou não de **-s**

hist**ória**, cá**ries**, infân**cia**, tré**guas**, Lú**cia**, Á**sia**, pô**nei**, jó**quei**, fá**ceis**

f) -r, -x, -n, -l

mártir, fôlder, tórax, fênix, pólen, hífen, fácil, amável

g) -ps

bíceps, tríceps, quadríceps, fórceps

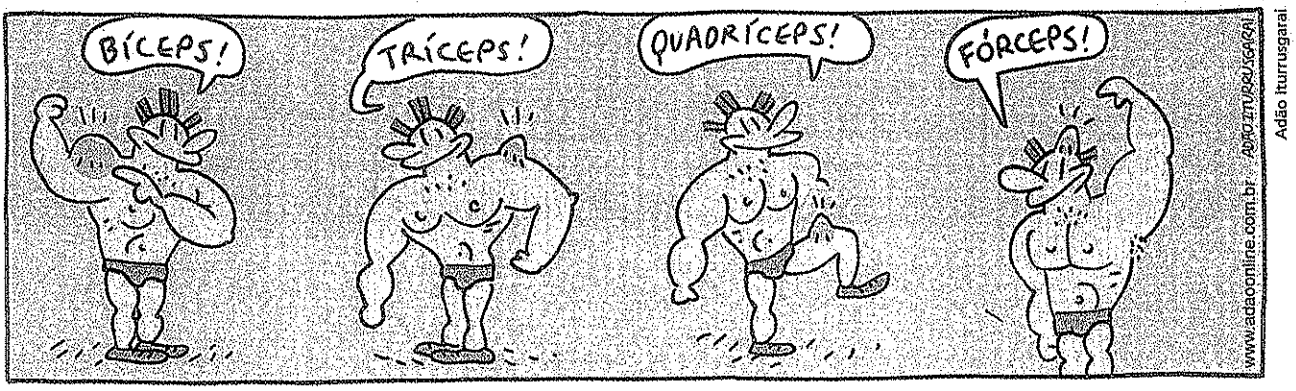

(Família Bíceps, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2 fev. 2005. Ilustrada, p. E7.)

Observações:

- Os paroxítonos terminados em **-ens** não devem ser acentuados.
  hí**fens**, pol**ens**, jov**ens**, hom**ens**
- Os prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não se acentuam.
  super-homem, semi-interno, inter-helênico

OXÍTONOS

São acentuadas as palavras oxítonas terminadas em **-a**, **-e**, **-o** (seguidas ou não de **-s**) e **-em** (**-ens**):

maracuj**á**, Taubat**é**, paet**ês**, domin**ó**, bisav**ô**, anan**ás**, caf**és**, palet**ós**, armaz**ém**, parab**éns**, vint**ém**, vint**éns**

Observações:

- Os monossílabos tônicos terminados em **-a**, **-e**, **-o** (seguidos ou não de **-s**) também são acentuados.
  Colocaram uma **pá** de cal no assunto.
  Por favor, **dê** uma opinião a respeito.
  Tire o **pó** dos móveis.
  Tu não **vês** que de **lá** se **vê** melhor?
- As formas verbais terminadas em **-a**, **-e**, **-o** tônicos seguidas de **-lo**(**-los**), **-la**(**-las**) também são acentuadas.
  am**á-lo**, diz**ê-la**, rep**ô-los**

DITONGOS

Os ditongos de pronúncia aberta **-éu**, **-éi** e **-ói** recebem acento agudo na vogal, quando ocorrem em palavras oxítonas ou monossilábicas:

c**éu**, chap**éus**, an**éis**, carret**éis**, her**ói**, anz**ois**

Observações:

- Tais ditongos não devem receber acento gráfico quando ocorrerem em palavras paroxítonas:
  id**ei**a, assembl**ei**a, jib**oi**a, her**oi**co, c**eu**zinho, chap**eu**zinho, an**ei**zinhos, her**oi**camente etc.
- Na palavra **destróier**, o acento se justifica por se tratar de palavra paroxítona terminada em **-r**.

HIATOS

Coloca-se acento agudo nas vogais **i** e **u** tônicas dos hiatos quando estiverem sozinhas na sílaba ou juntas com a letra **s**.

sa-**í**-da, sa-**ú**-de, ba-**ú**, He-lo-**í**-sa, a-**í**, ca-**ís**-te, ba-la-**ús**-tre, pa-**ís**

Observações:

- Não se acentuam o **i** e o **u** que formam hiato quando:
  - forem seguidos, **na mesma sílaba**, de **l**, **m**, **n**, **r** , **z**.

    Ra-**ul**, ru-**im**, con-tri-bu-**in**-te, sa-**ir**-des, ju-**iz**
  - forem seguidos de **nh**.

    ba-**i**-nha, ta-**i**-nha
  - se forem precedidos de ditongo ou de vogal idêntica.

    bai-**u**-ca, boi-**u**-na, fei-**u**-ra, mao-**is**-mo, xi-**i**-ta, pa-ra-cu-**u**-ba
  - No entanto, caso se trate de palavra proparoxítona ou paroxítona terminada em ditongo, haverá acento, uma vez que as regras de acentuação das proparoxítonas e das paroxítonas prevalecem sobre a regra de acentuação dos hiatos.

    mai-**ús**-cu-lo, fri-**ís**-si-mo, seri-**ís**-si-mo, a-to-mi-**í**-deo, o-fi-**i**-deo, sil-vi-**i**-deo
- Nas palavras oxítonas, mesmo precedidas de ditongo, as letras **i** e **u** dos hiatos recebem acento gráfico.

  Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**s
- Não se acentuam com os ditongos tônicos **iu** e **ui** precedidos de vogal.

  distra**iu**, pa**ui**s

ACENTUAÇÃO DE FORMAS VERBAIS

Os verbos **ter** e **vir** levam acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo:

singular	plural
ele tem	eles têm
ele vem	eles vêm

Os verbos derivados de **ter** e **vir** (deter, conter, manter, intervir, convir etc.) recebem acento agudo na terceira pessoa do singular e acento circunflexo na terceira pessoa do plural do presente do indicativo:

singular	plural
ele detém	eles detêm
ele intervém	eles intervêm

Observação:

O Acordo Ortográfico de 1990 aboliu o acento circunflexo das formas dos verbos **crer**, **dar**, **ler**, **ver** (e seus derivados) em que havia o **e** dobrado. Assim, *creem*, *descreem*, *deem*, *leem*, *releem*, *veem*, *reveem*, *preveem* **não** devem receber acento gráfico.

ACENTO GRAVE

O acento grave (`) só é utilizado, em português, para marcar a crase, isto é, a fusão de dois **as**:

Irei **a a** praia. ⟹ Irei **à** praia.

Refiro-me **a a**quela mulher. ⟹ Refiro-me **à**quela mulher.

O emprego do acento grave será estudado no capítulo 20.

ACENTO DIFERENCIAL

O Acordo Ortográfico de 1990 aboliu o acento diferencial que existia em algumas palavras, como **pelo** (substantivo) para diferenciar de **pelo** (contração), **para** (verbo) para diferenciar de **para** (preposição). As duas únicas palavras em que se emprega obrigatoriamente o acento diferencial são **pôde** (pretérito perfeito), que continua sendo acentuado por oposição a **pode** (presente do indicativo), e **pôr** (verbo) para diferenciar de **por** (preposição).

Ontem ele não **pôde** vir, mas com certeza hoje ele pode.

Vou **pôr** o dinheiro no banco por precaução.

USO DO TIL

O TIL

O til (~) é o sinal gráfico colocado sobre as vogais **a** e **o** para indicar nasalização:

lã, fãs, irmã, alemãs, amanhã, maçã, órfã, ímã, dispõe, opiniões, órfão, acórdão

ACENTUAÇÃO DE PALAVRAS COM ELEMENTOS LIGADOS POR HÍFEN

Nas palavras cujos elementos vêm ligados por hífen (palavras compostas e formas verbais com pronome pessoal átono enclítico ou mesoclítico), para efeito de acentuação gráfica, considera-se cada elemento separado pelo hífen uma unidade autônoma.

água-de-colônia, salário-família, arco-íris, caça-níquel, lápis-lazúli, vendê-lo-ás, retribuí-la, distribuí-lo-íamos

A gramática no dia a dia

ACENTUAÇÃO DE MARCAS REGISTRADAS

Otávio Dias de Oliveira/ Editora Abril

Divulgação

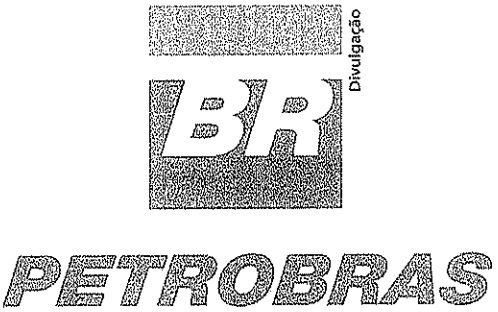

Divulgação

Pelas regras estudadas neste capítulo, as palavras **Antarctica**, **Ferrari** e **Petrobras** deveriam apresentar acento gráfico. **Antarctica** por ser proparoxítona, **Ferrari** por ser paroxítona terminada em **-i** e **Petrobras** por ser oxítona terminada em **-a** (seguida de **s**).

Como essas, você poderá encontrar no dia a dia palavras que, pelas regras estudadas, deveriam receber acento gráfico, mas que são grafadas sem o acento.

Por se tratar de marcas registradas sem o acento gráfico, devem ser assim grafadas. Isso se aplica também a nomes próprios de pessoas. Se uma pessoa cujo nome deveria receber acento gráfico, consta do registro de nascimento sem acento, assim ela deverá grafá-lo. Isso justifica grafias como Angela, Lucia, Ernani, Helio etc.

ACENTO DIFERENCIAL FACULTATIVO

Dissemos que o Acordo Ortográfico de 1990 aboliu os acentos diferenciais, exceto em **pôde** (pretérito perfeito) e **pôr** (verbo). Há alguns casos, no entanto, em que o Acordo Ortográfico permite que se use **facultativamente** o acento diferencial. São os seguintes:

- em **fôrma** (substantivo) para distinguir de **forma** (substantivo ou verbo);
- em **dêmos** (primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo) para distinguir de **demos** (primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo);
- nas formas da primeira pessoal do plural do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação para diferenciar da mesma pessoa e número do presente do indicativo: **amámos**, **cantámos**, **estudámos** (pretérito perfeito do indicativo).

O uso facultativo desse acento justifica-se porque, em Portugal, ao contrário do que ocorre no Brasil, na pronúncia desses verbos na primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, a vogal temática é aberta (amámos, cantámos, estudámos), ao passo que no presente do indicativo é fechada (amamos (â), cantamos (â), estudamos (â)).

Atividades

1. O trecho a seguir pertence ao livro *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

"Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o rúim ruím, que de um lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza!"

(ROSA, João Guimarães: *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 221.)

Pelas regras de acentuação estudadas neste capítulo, a palavra *ruim* não deveria receber acento gráfico. Por que Guimarães Rosa teria usado o acento gráfico nessa palavra?

2. Nos textos a seguir, os acentos gráficos foram propositadamente eliminados. Reescreva-os, acentuando-os corretamente.

a) "Importante ferramenta didatica para todas as disciplinas, a pesquisa precisa ser mais usada em sala de aula. Ao planeja-la e executa-la adequadamente, você possibilita que crianças e jovens aprendam os conteudos do curriculo, enquanto se tornam estudantes autonomos."

(Anderson Moço, *Nova Escola*, n. 237, nov. 2010, p. 40.)

b) "O Facebook, empresa emergente mais bem-sucedida da ultima decada, tem somente seis anos de idade. Porem seus funcionarios mais antigos vem desistindo de seus estaveis cargos para abrir os proprios negocios."

(*Folha de S.Paulo*, 10 nov. 2010, p. F7.)

c) "O poder dos grandes proprietarios de terra, principalmente no Nordeste, era enorme durante o Imperio (1822-1889). Para mante-los sob controle, o governo resolveu dar-lhes poder politico e militar. Seus capangas tambem passaram a integrar a Guarda Nacional. Nascia a figura do coronel, homem que comandava a politica local e fazia valer seu poder de forma violenta. Durante as eleições, em quem o coronel mandava votar era lei. E ai de quem desobedecesse. Os coroneis costumavam marcar presença no dia das eleições, cercados de capangas violentos. Para intimidar, havia os que ofereciam duas cedulas ao pobre do eleito: uma com o numero do candidato em quem deveria votar; outra, com o numero do caixão em que seria colocado caso votasse em outra candidato."

(*Almanaque de Cultura Popular*, n. 138, out. 2010, p. 20.)

d) "Como as plantas e os animais, tambem as pessoas podem se comunicar, dizer o que pensam e o que sentem sem utilizar palavras. Um violinista utiliza a música para transmitir ao público o que sente; um pintor demonstra atraves de seus quadros sua forma de ver o mundo; os bailarinos usam o corpo para expressar emoções... Voce tambem, quando faz um desenho para alguem, quando dança, quando chora ou ri, esta se expressando e se comunicando, mesmo sem usar uma palavra sequer."

(*Língua e linguagem*. São Paulo: Ática, 2005, p. 42. Saber mais.)

e) "Este menu permite a voce fazer mais do que apenas conversar ao telefone. *Download* é a tecnologia de serviços que permite a voce baixar aplicativos para seu telefone. Baixar aplicativos e rapido e facil, para adequar seu telefone ao seu estilo de vida e preferencias."

(*Manual do usuário do telefone*. LG Áries, p. 39.)

f) "Em consequência da romanização, a lingua portuguesa tem a sua origem principal no latim: o chamado latim coloquial tardio.

O latim coloquial tardio, tambem designado latim vulgar, era utilizado por funcionarios, soldados, comerciantes, e foi introduzido durante a romanização; este latim contrapõe-se ao chamado latim classico, que entrou no portugues em epocas posteriores, sobretudo durante o Renascimento (seculos XV e XVI)."

(FIGUEIREDO, Olívia Maria; BIZARRO, Rosa Porfíria. *Da palavra ao texto*. Porto: Edições Asa, 2004, p. 18.)

3. Passe as palavras a seguir para o feminino. Use o acento gráfico, se necessário.

a) ateu
b) plebeu
c) europeu
d) juiz
e) herói

4. Reescreva as palavras a seguir no plural. Use o acento gráfico, se for necessário.
   a) caracol c) anel e) troféu g) véu
   b) anzol d) coronel f) céu

5. No texto que segue, propositadamente se omitiu o acento gráfico de três palavras. Reescreva-as, colocando o acento e justificando a acentuação.

   "Ha tantas formas de ser culpado e de perder-se para sempre e de se trair e de não se enfrentar. Eu escolhi a de ferir um cão, pensou o homem. Porque eu sabia que esse seria um crime menor e que ninguem vai para o Inferno por abandonar um cão que confiou num homem. Porque eu sabia que esse crime não era punivel."

   (LISPECTOR, Clarice. *A imitação da rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, [s.d.]. p. 103.)

6. Copie as frases e coloque os acentos que faltam.
   a) Antonio e da epoca em que com um vintem se compravam dois pasteis.
   b) E inutil pedir: Mauricio insiste em por açucar na chupeta do nene.
   c) Empresario sequestrado e solto no Amapa.
   d) O disc-joquei não para de tocar aquela musica.
   e) Antropologos não conseguiram encontrar o pinguim perdido.

7. Acentue as formas verbais, se necessário.
   a) O técnico mantem o mesmo time para o jogo de domingo.
   b) Polícia intervem na greve dos metalúrgicos.
   c) Aposentados mantem a esperança no reajuste.
   d) Policiais detem três suspeitos de assalto a banco.

8. Copie, da relação a seguir, apenas as palavras que devem receber acento gráfico e acentue-as.

   musica – maracuja – laranjal – juri – sabedoria – jovens – interim – xadrez – fregues – bonus – tenis – rubrica – nuvem – lapis – regua – pente – vez – hifen – imã

9. Faça o mesmo com a próxima relação.

   so – sozinho – somente – pe – pezinho – cafe – cafezinho – cafezal – propria – propriamente – sutil – sutilmente – cortes – cortesmente – saudoso – saudade – vaidoso – cautela

10. Destaque da relação a seguir as palavras que devem receber acento gráfico e acentue-as corretamente.

    ceu – camafeu – aneis – pasteis – heroi – rei – meu – teia – meia – coisa – voo – abençoo – enjoos – coroa – chapeu – lagoa – saida – saimos – ruim – coroneis – plebeu – bau – anzois – gratuito – heroico – raiz – juizo – mausoleu – distribuirmos – saindo – bambu – ateu – xampu – carreteis – quente – guerra – aquario – extinguir

11. Da relação a seguir, transcreva as palavras que devem ser acentuadas.

    omega – rubrica – pudico – alcool – quiromancia – arquetipo – mercancia – crisantemo – obolo – pantano – transfuga – vermifugo – efebo – zenite – aziago – leucocito – condor – prototipo – novel – recem – refem – sutil – ureter – avaro – ciclope – filantropo – misantropo – gratuito – fortuito – ibero – maquinaria – textil – pegada – refrega – agape – satrapa – enigma – estigma – zefiro

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Cocô gelado?!

"Colocar acento em coco
É um erro bem danado!
Principalmente no fim
Se o acento é colocado,
Pois ninguém está maluco
De beber "cocô gelado"!"

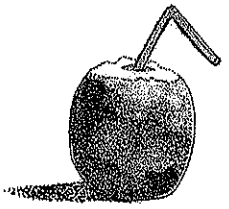

(NÓBREGA, Janduhi Dantas. *A gramática no cordel*. João Pessoa: [s. ed.], 2005. p. 23.) © Janduhi Dantas Nóbrega

1. As palavras **coco** e **cocô** apresentam a mesma grafia, mas pronúncias diferentes. Que nome recebem essas palavras? Classifique-as de acordo com a posição da sílaba tônica.

2. Justifique a acentuação gráfica das seguintes palavras:
   a) cocô b) ninguém c) está

3. Você já aprendeu que os monossílabos podem ser átonos ou tônicos. Classifique, quanto à tonicidade, os seguintes monossílabos do texto.
   a) é c) fim e) o
   b) um d) se

4. "Colocar acento em coco / É um erro bem danado!"
   E colocar acento em **erro** para diferenciar de erro (forma do verbo errar) seria correto? Justifique sua resposta.

5. Você já aprendeu a separar as sílabas de uma palavra. Os versos de um poema dividem-se em sílabas poéticas (ou métricas) que correspondem ao ritmo do poema, por isso as sílabas métricas nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. Para efeito de contagem das sílabas poéticas, considera-se até a última sílaba tônica do verso, desprezando-se a(s) sílaba(s) átona(s) que seguir(em). As vogais átonas do final de uma palavra unem-se à vogal que inicia a palavra subsequente, pois é assim que as pronunciamos.
   Levando em conta essas informações, diga quantas sílabas métricas há nos versos do poema **Cocô gelado?!**. Como se denomina esse tipo de verso?

6. Damos o nome de rima à identidade de sons que ocorrem geralmente no fim dos versos. Indique as palavras do texto que rimam.

7. A característica fundamental dos textos poéticos é o ritmo. Que recursos empregados pelo autor conferem ritmo ao poema?

MORFOLOGIA

Capítulo 4 - ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS - página 11

Capítulo 5 - [illegible] - página 22

Capítulo 6 - ARTIGO - página 40

Capítulo 7 - ADJETIVO - página 55

Capítulo 8 - NUMERAL - página 112

Capítulo 9 - PRONOME - página 120

Capítulo 10 - VERBO - página 143

Capítulo 11 - CATEGORIAS GRAMATICAIS INVARIÁVEIS - página 181

- ADVÉRBIO
- PREPOSIÇÃO
- CONJUNÇÃO
- INTERJEIÇÃO

CAPÍTULO 4

Estrutura e formação das palavras

A segunda parte deste livro aborda especificamente o estudo da morfologia, que é a parte da gramática que trata da estrutura e da formação das palavras, sua classificação, propriedades e flexões. Neste capítulo, estudaremos a estrutura e a formação das palavras em língua portuguesa; nos capítulos seguintes, veremos as dez classes gramaticais: o substantivo, o artigo, o adjetivo, o numeral, o pronome, o verbo, o advérbio, a preposição, a conjunção e a interjeição.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Vimos que as palavras são constituídas de unidades sonoras, os fonemas. A palavra **cachorro**, por exemplo, pode ser segmentada em seis fonemas, que, isoladamente, são desprovidos de significação:

/k/ /a/ /ʃ/ /o/ /R/ /o/

Essa palavra comportaria outra divisão:

ca-chor-ro

Nesse caso, estamos dividindo a palavra em sílabas (fonema ou grupo de fonemas pronunciado numa só emissão de voz).

É possível também efetuarmos outra divisão na palavra cachorro. Observe:

cachorr-o

O primeiro segmento (**cachorr-**) contém a base da significação da palavra e nos remete a uma noção presente em nosso mundo: um animal mamífero, carnívoro, quadrúpede, da família dos canídeos. O segundo segmento (**-o**) tem significação somente no universo da língua, indicando que se trata de um animal macho.

Veja agora como poderíamos dividir a palavra **cachorrinhos**:

cachorr-inh-o-s

Nela podemos observar quatro segmentos providos de significação:

cachorr-: segmento que contém a base da significação e nos remete a um conceito existente no universo da realidade;

-inh-: segmento que tem significação apenas no universo da língua, indicando o tamanho do ser (pequeno);

-o-: segmento que tem significação apenas no universo da língua, indicando que se trata de animal macho;

-s: segmento que tem significação apenas no universo da língua, indicando que se trata de mais de um ser.

Morfemas ou **elementos mórficos** são os elementos constituintes das palavras providos de significação.

Os morfemas cuja significação nos remete a noções presentes no mundo objetivo e no subjetivo (ações, estados, qualidades, seres etc.) são denominados **morfemas lexicais**; aqueles que só possuem significação no universo da língua são denominados **morfemas gramaticais**. Chama-se **análise mórfica** o processo pelo qual se divide a palavra em seus elementos mórficos.

Observação:

Existem palavras que apresentam um único morfema e que, portanto, não comportam divisão em unidades menores. Por exemplo:

sol, mar, luz

Nesses casos, temos apenas o morfema lexical.

OS MORFEMAS

São quatro os elementos mórficos que ocorrem nas palavras: **radical**, **desinências**, **vogal temática** e **afixos**.

Radical

Radical é o elemento mórfico que funciona como base do significado e que nos remete a um conceito existente na realidade (objetiva ou subjetiva).

Trata-se, portanto, de um morfema lexical. Constitui o elemento comum a palavras da mesma família:

ferr	o	**pedr**	a
ferr	eiro	**pedr**	eiro
ferr	agem	**pedr**	inha
radical		radical	

As palavras que provêm do mesmo radical são chamadas **palavras cognatas** (ou famílias etimológicas):

agricultor, **agri**cola, **agri**cultura (agri- = campo)

a**trofia**, dis**trofia**, hiper**trofia** (-trofia = desenvolvimento)

a**céfalo**, bi**céfalo**, en**céfalo** (-céfalo = cabeça)

Assim como os fonemas, o radical também pode apresentar variações. A variante de um morfema recebe o nome de **alomorfe**:

ouro, **our**ives, **our**ivesaria, **áur**eo, **aur**ífero (our-/aur-)

saber, **sab**edor, **sáb**io, **sap**iência, **sap**ientíssimo (sab-/sap-)

Nesta obra, utilizamos o termo radical para designar o morfema que funciona como base do significado. Evitamos intencionalmente o termo "raiz", uma vez que a identificação da raiz depende de conhecimentos da etimologia de cada palavra.

Desinências

Desinências são elementos mórficos que se apõem ao radical para assinalar as flexões da palavra (gênero, número, modo, tempo, pessoa).

Trata-se, portanto, de morfemas gramaticais. As desinências podem ser:

a) **nominais:** indicam o gênero e o número dos nomes.

menin	**a**	**s**
	desinência nominal de gênero	desinência nominal de número

Observações:

- Em palavras como **mesa**, **cadeira**, **livro** e **caderno**, as vogais **a** e **o** que aparecem no final dos vocábulos não são desinências, uma vez que não estabelecem oposição de gênero ("mesa", "cadeira", "livro" e "caderno" não se opõem a "meso", "cadeiro", "livra" e "caderna"). Já em **menino**, **aluno**, **amada** e **gata**, as vogais **o** e **a**, que aparecem no final dos vocábulos, são desinências, já que estabelecem a oposição masculino/feminino (menin**o**/menin**a**, alun**o**/alun**a**, amad**a**/amad**o**, gat**a**/gat**o**).
- Em palavras como **pires**, **lápis** e **ônibus**, o **s** final também não é desinência nominal, já que nesses casos não marca a oposição singular/plural. Já em palavras como **alunos** e **meninos**, o **s** é desinência nominal porque estabelece a oposição singular/plural (aluno/alun**os**; menino/menin**os**).

b) **verbais:** indicam, nos verbos, o tempo e o modo (desinências modo-temporais), a pessoa e o número (desinências número-pessoais).

cantá	**va**	**mos**
	desinência modo-temporal	desinência número-pessoal

As desinências nominais e as desinências número-pessoais explicitam as relações de concordância entre os termos da oração.

Menin**o** pequen**o** brinca no quintal.

Menin**a** pequen**a** brinca no quintal.

Menin**os** pequen**os** brinca**m** no quintal.

Menin**as** pequen**as** brinca**m** no quintal.

Vogal temática

Vogal temática é aquela que, em alguns casos, se agrega ao radical, formando uma base para receber as desinências.

cant	**a**	va
vend	**e**	ra
part	**i**	sse
mar	**e**	s
luz	**e**	s
radical	vogal temática	desinência

Nos exemplos acima, observamos que a vogal temática pode aparecer tanto em verbos como em nomes, daí podermos falar em vogais temáticas verbais e nominais.

Vimos que, em palavras como **mesa**, **cadeira**, **livro** e **caderno**, as vogais finais não são desinências nominais por não estabelecerem a oposição masculino/feminino. Em casos como esses, as vogais átonas finais **a**, **e** e **o** são classificadas como vogais temáticas nominais:

mes	**a**
cadeir	**a**
pent	**e**
gerent	**e**
livr	**o**
cadern	**o**
radical	vogal temática

Os nomes terminados em vogal tônica não apresentam vogal temática:

maracujá, café, dominó, saci, bambu

Nos verbos, a vogal temática indica a que conjugação ele pertence:

cantar	vender	partir
vogal temática a – 1.ª conjugação	vogal temática e – 2.ª conjugação	vogal temática i – 3.ª conjugação

Tema é o radical já acrescido da vogal temática.

Podemos dizer, portanto, que tema é o radical pronto para receber uma desinência ou um sufixo:

canta	va
vende	ra
parti	sse
tema	desinência

canta	dor
parti	ção
tema	sufixo

Afixos

Afixos são elementos mórficos que se agregam ao radical, alterando-lhe o sentido.

A junção de um afixo a um radical forma uma nova palavra. Classificam-se em:

a) **prefixos:** quando vêm antes do radical ou antes de outro prefixo.

re	fazer	**des**	leal	**re**	descobrir
prefixo	radical	prefixo	radical	prefixo	prefixo + radical

b) **sufixos:** quando vêm depois do radical.

feliz	**mente**	leal	**dade**	real	**ismo**
radical	sufixo	radical	sufixo	radical	sufixo

Além dos elementos mórficos assinalados, em certas palavras podem aparecer **vogais** e **consoantes de ligação**. Tais vogais e consoantes são desprovidas de significação (não são, pois, morfemas) e intercalam-se no vocábulo tão somente para facilitar a pronúncia:

gas-	**ô**	-metro	pau-	**l**	-ada
paris-	**i**	-ense	cafe-	**t**	-eira
	vogal de ligação			consoante de ligação	

O LÉXICO PORTUGUÊS

A língua é um organismo vivo, modifica-se no tempo. Palavras novas surgem para expressar conceitos igualmente novos. Damos o nome de **neologismos** às palavras que surgem com essa finalidade. Em contrapartida, certas palavras, por diversas razões, deixam de ser utilizadas pelos falantes. São os chamados **arcaísmos**. Sobre neologismos e arcaísmos, consulte o capítulo 23, **Figuras e vícios de linguagem**.

Damos o nome de **léxico** ao conjunto de palavras de uma língua.

A língua portuguesa é uma língua latina porque sua estrutura provém do latim que era falado na Europa medieval e no antigo Império Romano. No entanto, na formação do léxico português, entram palavras oriundas de diversas outras línguas.

No português falado hoje no Brasil, podemos perceber a influência de várias línguas. O contato com os povos indígenas agregou ao nosso léxico palavras como cipó, mandioca, peroba, carioca, aipim, jacaré, jerimum, cupuaçu, mingau, nhe-nhe-nhem.

Os negros trazidos para o Brasil legaram-nos inúmeros vocábulos de línguas africanas, tais como quiabo, macumba, samba, vatapá, abadá, acarajé.

Podemos encontrar também no português atual palavras provenientes de línguas estrangeiras modernas. Veja alguns exemplos:

- do inglês: sanduíche, futebol, bife, gol, clube, xampu, chuteira, hambúrguer, pôquer, folclore;
- do francês: penhoar, abajur, toalete, champanha, avenida, gafe, cachecol;
- do italiano: maestro, *pizza*, tchau, espaguete, mortadela, *paparazzo*;
- do árabe: alambique, álgebra, burca, caravana, espinafre, fulano, intifada, laranja, javali;
- do espanhol: camarilha, fandango, matambre, ninharia, pastilha;
- do japonês: biombo, haicai, haraquiri, quimono, *sushi*, gueixa;
- do hebraico: aleluia, Páscoa, sábado, jubileu, hosana;
- do russo: balalaica, estrogonofe, mujique, samovar.

No entanto, a grande maioria das palavras da língua portuguesa provém do grego antigo ou do latim. Por isso é muito importante que você conheça alguns radicais e prefixos gregos e latinos. Isso o ajudará muito na compreensão do significado das palavras de nossa língua.

RADICAIS E PREFIXOS

A seguir, apresentamos listas de alguns dos principais radicais e prefixos de origem grega e de origem latina encontrados em português.

Radicais de origem grega que geralmente aparecem como primeiro elemento na composição de palavras

radical	sentido	exemplo
acro	alto	acrofobia, acrobata
aero	ar	aerofagia, aeronáutica
agro	campo	agronomia, agrovila
andro	homem	androide, andrógino
anemo	vento	anemômetro, anemofilia
antropo	homem	antropologia, antropofagia
arqueo	antigo	arqueologia, arqueozoico
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmógrafo
auto	de/por si mesmo	autobiografia, automóvel
baro	peso, pressão	barômetro, barógrafo
biblio	livro	biblioteca, bibliografia
bio	vida	biologia, biogênese
caco	mau	cacofonia, cacografar
cali	belo	caligrafia, calígrafo
cardio	coração	cardiologia, cardiovascular
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinesia
cino	cão	cinofilia, cinografia
cito	célula	citologia, citoplasma
cloro	verde	clorofila, cloroplasto
cosmo	mundo	cosmopolita, cosmonauta
cromo	cor	cromoterapia, cromático

radical	sentido	exemplo
crono	tempo	cronômetro, cronologia
datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
demo	povo	democracia, demagogia
derma(dermato)	pele	dermatite, dermatologia
dinamo	força	dinamômetro, dinamometria
eco	casa	ecologia, economia
etimo	verdadeiro, certo	etimologia, etimológico
etno	raça	etnologia, etnocêntrico
filo	amigo	filosofia, filógino
fito	vegetal	fitófago, fitologia
flebo	veia	flebite, flebotomia
fono	som, voz	fonologia, fonoaudiólogo
foto	luz	fotofobia, fotômetro
gastro	estômago	gastrite, gastroenterite
gene	origem	genealogia, genética
geo	terra	geologia, geometria
gino(gineco)	mulher	ginofobia, ginecologia
helio	sol	heliocêntrico, heliolatria
hemo(hemato)	sangue	hemorragia, hematofobia
hemi	metade	hemisfério, hemiciclo
hepato	fígado	hepatopatia, hepatite
hetero	outro, diferente	heterônimo, heterossexual
hidro	água	hidrografia, hidrômetro
hiero	sagrado	hierografia, hierograma
higro	úmido	higrômetro, higrometria
hipno	sono	hipnose, hipnotismo
hipo	cavalo	hipódromo, hipomania
homo	mesmo, igual	homógrafo, homossexual
icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso	igual	isósceles, isogamia
lito	pedra	litografia, litogravura
macro	grande, longo	macrocéfalo, macrobiótica
mega(megalo)	grande	megafone, megalomania
meso	meio	mesopotâmia, mesóclise
micro	pequeno	micróbio, microfilme
miso	que tem aversão	misógino, misogamia
morfo	forma	morfologia, morfossintaxe
necro	morto	necrologia, necrofobia
neo	novo	neologismo, neofobia
noso	doença	nosologia, nosocômio
odonto	dente	odontologia, odontite
oftalmo	olho	oftalmologia, oftálmico
oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onir, oniro	sonho	onírico, onirologia
ornito	pássaro	ornitologia, ornitorrinco
orto	direito, correto	ortografia, ortopédico

radical	sentido	exemplo
pato	doença	patologia, patonomia
peda(o)	criança	pedagogia, pedofilia
piro	fogo	piromania, pirotécnico
pluto	riqueza	plutocracia, plutocrata
poli	muitos	polissílabo, politeísta
proto	primeiro	protótipo, protomártir
pseudo	falso	pseudônimo, pseudofruto
psico	alma	psicologia, psicanálise
quiro	mão	quiromancia, quirografário
rizo	raiz	rizotônico, rizomorfo
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno	arte, ciência	tecnologia, tecnocrata
tele	longe	telefone, telescópio
teo	deus	teologia, teocracia
termo	calor, temperatura	termologia, termômetro
topo	lugar	topologia, toponímia
xeno	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xero	seco	xerofilia, xerófito
xilo	madeira	xilogravura, xilologia
zoo	animal	zoológico, zoologia

Radicais de origem grega que geralmente aparecem como segundo elemento na composição de palavras

radical	sentido	exemplo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
algia	dor	nevralgia, cefalalgia
arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
cefalo	cabeça	hidrocefalia, braquicéfalo
cracia	governo	democracia, teocracia
dromo	(local de) corrida	hipódromo, autódromo
edro	base, face	icosaedro, poliedro
fago	que come	antropófago, hematófago
fobia	medo ou aversão	nosofobia, hidrofobia
gamia	casamento	bigamia, poligamia
gono	ângulo	hexágono, polígono
grafia	escrita	ortografia, paleografia
latria	culto	egolatria, idolatria
logo	conhecimento, estudo, palavra	etnólogo, geólogo, diálogo
metro	medida	cronômetro, dinamômetro
potamo	rio	hipopótamo, Mesopotâmia
ptero	que tem asas	helicóptero, macróptero
sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
teca	coleção	biblioteca, mapoteca
terapia	cura	hidroterapia, psicoterapia
trofia	desenvolvimento	distrofia, hipertrofia

Numerais de origem grega

numeral	sentido	exemplo
mono	um	monoglota, monossílabo
di	dois	dissílabo, dicéfalo
tri	três	trissílabo, trilogia
tetra	quatro	tetraedro, tetradáctilo
penta	cinco	pentagrama, pentágono
hexa	seis	hexaedro, hexagonal
hepta	sete	heptágono, heptassílabo
octo	oito	octogésimo, octogenário
enea	nove	eneágono, eneassílabo
deca	dez	decaedro, decassílabo
hendeca	onze	hendecaedro, hendecágono
dodeca	doze	dodecaedro, dodecafônico
icos	vinte	icosaedro, icosagonal
hecto, hecato	cem	hectolitro, hecatombe
quilo	mil	quilômetro, quilograma

Radicais de origem latina que geralmente aparecem como primeiro elemento na composição de palavras

radical	sentido	exemplo
agri	campo	agricultor, agrícola
ambi	duplicidade, ao redor	ambidestro, ambiente
arbori	árvore	arborizar, arborícola
avi	ave	avicultura, avícola
beli	guerra	belicoso, beligerante
calori	calor	calorimetria, caloria
cruci	cruz	crucifixo, crucificar
curvi	curvo	curvilíneo, curvicórneo
ego	eu	egocentrismo, egolatria
equi	igual	equivalente, equidade
fide	fé	fidedigno, fidelidade
frater	irmão	fraterno, fraternidade
herbi	erva	herbicida, herbívoro
loco	lugar	localizar, localidade
ludo	jogo	ludoterapia, lúdico
mater	mãe	materno, maternidade
morti	morte	mortífero, mortificar
multi	muito	multinacional, multilateral
oni	todo	onipresente, onisciente
pari	igual	paridade, pariforme
pater	pai	paterno, paternidade
pisci	peixe	piscicultura, piscoso
pluri	vários	plurianual, pluricelular
pluvi	chuva	pluvial, pluviômetro
puer	criança	pueril, puericultura
quadri	quatro	quadrilátero, quadrimotor

radical	sentido	exemplo
reti	reto	retilíneo, retiforme
sacar(i)	açúcar	sacarose, sacarina
sapo	sabão	saponáceo, saponificar
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
silva	floresta	silvícola, silvicultor
tauru	touro	taurino, tauromaquia
uxor	esposa	uxoricida, uxório
vermi	verme	vermífugo, verminose

Radicais de origem latina que geralmente aparecem como segundo elemento na composição de palavras

radical	sentido	exemplo
cida	que mata	homicida, suicida
cola	que cultiva ou habita	agrícola, vinícola
cultura	cultivar	apicultura, piscicultura
evo	idade	medievo, longevo
fero	que contém ou produz	aurífero, mamífero
fico	que faz ou produz	benéfico, frigorífico
forme	forma	biforme, uniforme
fugo	que foge	centrífugo, lucífugo
gero	que contém ou produz	belígero, lanígero
paro	que produz	multíparo, ovíparo
voro	que come	carnívoro, herbívoro

Prefixos de origem grega

prefixo	sentido	exemplo
a-, an-	negação, privação	ateu, anarquia
ana-	inversão, repetição	anástrofe, anáfora
anfi-	duplicidade, dualidade	anfíbio, anfiteatro
anti-	ação contrária, oposição	antiaéreo, antipatia
apo-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
arque-, arqui-, arce-	superioridade	arquétipo, arquiduque, arcebispo
cata-	movimento para baixo	cataclismo, catarata
dia-	movimento através	diagonal, diâmetro
dis-	dificuldade	dispneia, disenteria
e-, en-	posição interna	elipse, encéfalo
ec-, ex-	posição exterior, movimento para fora	eclipse, exorcismo
endo-	posição interior	endoscopia, endotérmico
epi-	posição superior	epitáfio, epiderme
eu-	bem, bom	eufonia, eufemismo
hemi-	metade	hemiciclo, hemisfério
hiper-	excesso, posição superior	hipertensão, hipertrofia
hipo-	deficiência, posição inferior	hipodérmico, hipoteca
meta-	mudança, transformação	metamorfose, metáfora
pan-	tudo, todos	pan-americano, panteísmo
para-	ao lado de, proximidade	paralelo, parágrafo

prefixo	sentido	exemplo
peri-	em torno de	perímetro, periscópio
pro-	anteriormente	prólogo, prognóstico
sin-	simultaneidade	simpatia, sincrônico

Prefixos de origem latina

prefixo	sentido	exemplo
ab-, abs-	afastamento, separação	abdicar, abster
ad-, a-	aproximação, direção	adjunto, advogar, abeirar
ante-	anterioridade	antebraço, antepor
bem-, bene-	bem	bendito, beneficente
bi-, bis-	dois	bienal, bisavô
circum-	movimento em torno	circum-navegação, circunferência
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino
com-, con-, co-	proximidade, companhia	combinação, contemporâneo, coautor
contra-	oposição, ação contrária	contradizer, contra-ataque
des-, dis-	separação, negação	desgraça, discordar
em-, en-	movimento para dentro	embarcar, enterrar
ex-, es-, e-	movimento para fora	exonerar, escorrer, emergir
extra-	posição exterior, fora de	extraoficial, extraordinário
im-, in-, i-	negação	impalpável, inaceitável, ilógico
infra-	posição inferior, abaixo	infra-assinado, infravermelho
inter-, entre-	entre, posição intermediária	intercalar, entrelaçar
intra-, intro-, in-	posição interior, movimento para dentro	intravenoso, introvertido, injeção
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
mal-, male-	mal	malcriado, maledicente
ob-, o-	posição em frente, oposição	objeto, opor
pen-	quase	penumbra, península
per-	movimento através	percorrer, perambular
pos-	posição posterior	póstumo, postergar
pre-	anterioridade	prefácio, preconceito
preter-	além de	pretérito, preternatural
pro-	movimento para a frente	projetar, procrastinar
re-	movimento para trás, repetição	regredir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retrocesso, retrospecto
semi-	metade, meio	semicírculo, semiprecioso
soto-, sota-	posição inferior	soto-pôr, soto-capitão
sob-, so-, sub-	inferioridade, posição abaixo	sobpor, soterrar, subsolo
super-, supra-, sobre-	posição superior	super-homem, supracitado, sobreloja
trans-	posição além de, através	transatlântico, transamazônico
ultra-	posição além do limite, excesso	ultramarino, ultravioleta
vis-, vice-	substituição, no lugar de	visconde, vice-reitor

SUFIXOS

Os sufixos da língua portuguesa possuem origem variada. Predominam, no entanto, os de origem grega ou latina. Quanto ao sentido, costumam assumir inúmeros significados. Dividem-se em nominais e verbais.

Sufixos nominais

Sufixos nominais são os que formam substantivos e adjetivos.

Sufixos de valor aumentativo

O sufixo aumentativo mais produtivo em português é **-ão**(**-ona**): casarão, paredão, salão, chorão, chorona, solteirona, sabichona.

Outros sufixos de valor aumentativo:

-alhão: amigalhão, dramalhão, grandalhão
-aço, -aça: barulhaço, ricaço, barcaça, loiraça
-arra, -orra: bocarra, cabeçorra
-eirão: chaveirão, boqueirão, moleirão
-anzil: corpanzil
-ázio: balázio, copázio, pratázio
-aréu: casaréu, fogaréu, povaréu, mundaréu
-(z)arrão: gatarrão, homenzarrão

Observação:

Mesmo que a palavra primitiva pertença ao gênero feminino, as palavras derivadas formadas pelo acréscimo do sufixo aumentativo **-ão** pertencerão ao gênero masculino:

a parede	o paredão
a sala	o salão
uma casa	um casarão
uma mulher	um mulherão

Sufixos de valor diminutivo

O sufixo diminutivo mais produtivo em português é **-inho**/**-(z)inho**: barzinho, chapeuzinho, lapisinho, piresinho, solzinho.

Outros sufixos diminutivos:

-ebre: casebre
-eco: jornaleco, livreco, padreco
-ejo: animalejo, lugarejo, vilarejo
-icho(a): rabicho, barbicha
-isco: chuvisco, namorisco
-ulo, -culo(a) (diminutivos eruditos)**:** glóbulo, grânulo, versículo, partícula

É importante assinalar que nem sempre a presença de terminações como **-inho** ou **-ão** indica ideia de aumento ou diminuição. É o que ocorre, por exemplo, em palavras como **cartão**, **portão**, **caldeirão**, **orelhão**, **palavrão**, **tampinha**, **folhinha** (calendário), **calcinha**, **coxinha**, **quentinha**, **flanelinha**, **caixinha** (gorjeta).

Em outros casos, sufixos aumentativos e diminutivos são utilizados com valor afetivo (paizinho, mãezinha, maninha) ou depreciativo (poetastro, livreco, gentinha, dramalhão).

Sufixos que formam substantivos por meio de outros substantivos

-ada: alfinetada, boiada, ninhada
-ado: doutorado, juizado, papado
-aria: borracharia, livraria, pastelaria
-eiro: açougueiro, barbeiro, jornaleiro
-eria: choperia, doceria, leiteria
-agem: canoagem, clonagem, folhagem
-ia: controladoria, diretoria, procuradoria

Sufixos que formam substantivos por meio de adjetivos

-dade, -(i)dade: lealdade, mensalidade, nacionalidade
-ice: burrice, doidice, velhice
-ez(-eza): altivez, insensatez, beleza, magreza
-ura: altura, bravura, doçura
-ia: alegria, cortesia, galhardia

Sufixos que formam substantivos por meio de verbos

-**aço:** cansaço, esfregaço, inchaço
-**ança:** confiança, esperança, vingança
-**ância:** dominância, entrância, exorbitância
-**ante:** aromatizante, embargante, estudante
-**ção:** adjetivação, decodificação, terceirização
-**dor:** apostador, batedor, jogador
-**douro:** abatedouro, bebedouro, matadouro
-**ente:** batente, combatente, descendente
-**mento:** desarmamento, ferimento, sucateamento
-**tório:** classificatório, declaratório, inflamatório
-**tura:** assinatura, dobradura, rachadura

Outros sufixos nominais

sufixo	sentido	exemplo
-ano(a)	indicador de origem, partidário de	africano, corintiano, baiana
-ável	digno de, passível de ser	comemorável, calculável, presidenciável, papável
-ês(-esa)	indicador de origem	polonês, norueguês, francesa
-ismo	doutrina, escola, doença	absolutismo, criacionismo, alcoolismo
-ista	partidário de, praticante	ambientalista, pecuarista, surfista
-ite	inflamação	apendicite, encefalite, faringite
-ose	doença	artrose, cirrose, neurose
-oso(a)	indicador de estado pleno, abundância	dengoso, horroroso, saboroso
-oide	que tem forma de, semelhante a	cristaloide, negroide, tifoide

Em palavras como chefoide, debiloide, facistoide, gramaticoide, o sufixo **-oide** tem valor depreciativo.

Sufixos verbais

Sufixos verbais são os que formam verbos.

Observe os sufixos verbais mais produtivos em português:

-**ar:** analisar, cruzar, pesquisar

-**ear** (aspecto frequentativo, isto é, ação repetida, e aspecto incoativo, ou seja, início de ação, mudança de estado): chicotear, folhear, branquear, falsear

-**ficar** (aspecto factitivo, isto é, indica ideia de fazer, de mudança de estado): codificar, mumificar, plastificar, solidificar

-**izar** (aspecto factitivo): terceirizar, capitalizar, civilizar, digitalizar, escravizar, modernizar

Outros sufixos verbais

-**ejar, -icar** (aspecto frequentativo): gotejar, praguejar, bebericar, tremelicar

-**ecer, -escer** (aspecto incoativo): amanhecer, florescer, rejuvenescer

Sufixo adverbial

Há ainda um único sufixo formador de advérbios, o sufixo -**mente**.
Nos adjetivos biformes, o sufixo deve ser acrescido à forma feminina do adjetivo:

ligeira	+	**mente**	=	ligeiramente
modesta	+	**mente**	=	modestamente
suave	+	**mente**	=	suavemente
fiel	+	**mente**	=	fielmente
adjetivo		sufixo		advérbio

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Como pré-requisito ao estudo da formação das palavras, convém observar que há em português:

a) **palavras primitivas:** aquelas que, na língua portuguesa, não provêm de outra:
casa, pedra, flor

b) **palavras derivadas:** aquelas que, na língua portuguesa, provêm de outra:
casebre, pedreiro, florzinha

c) **palavras simples:** aquelas que possuem um só radical, sejam elas primitivas sejam derivadas:
flor, florista, tempo, cavalo, cavalgada, mar, alto

d) **palavras compostas:** aquelas que possuem mais de um radical:
couve-flor, passatempo, cavalo-marinho, planalto

Observação

As palavras compostas podem ou não ter seus elementos ligados por hífen. Sobre o emprego do hífen, consulte o capítulo 2.

PRINCIPAIS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Composição

Na composição, dois ou mais radicais juntam-se para formar uma nova palavra.
No processo de composição, podem-se juntar palavras que possuem vida autônoma na língua, como em:

amor + perfeito = amor-perfeito
passa + tempo = passatempo
gira + sol = girassol

Mas ocorre composição também com radicais que não possuem vida autônoma na língua. Nesse caso, temos os chamados **compostos eruditos**:

demo + cracia = democracia
filo + sofia = filosofia
cardio + logia = cardiologia

Pelo processo de composição, formam-se substantivos e adjetivos, que, por isso mesmo, serão chamados de substantivos e adjetivos compostos. Diversas classes gramaticais (substantivos, adjetivos, numerais, verbos, pronomes, advérbios, preposições, conjunções) participam da formação de substantivos compostos. Observe as classes de palavras que formaram os substantivos compostos a seguir:

sofá-cama (substantivo + substantivo)
criado-mudo (substantivo + adjetivo)
puro-sangue (adjetivo + substantivo)
primeira-dama (numeral + substantivo)
pé de moleque (substantivo + preposição + substantivo)
porta-luvas (verbo + substantivo)
vale-tudo (verbo + pronome)
leva e traz (verbo + conjunção + verbo)

De acordo com a forma que a palavra composta assumir, temos dois tipos de composição:

a) **composição por justaposição:** dá-se quando os radicais se juntam sem que haja alteração fonética:
couve-flor, salário-família, passatempo, girassol, talvez

b) **composição por aglutinação:** dá-se quando, na junção dos radicais, ocorre qualquer alteração fonética:
aguardente, planalto, pernalta, doravante, destarte, outrora

Observe que o que distingue a justaposição da aglutinação é o fato de haver ou não alteração fonética. Em **girassol** ocorreu justaposição, já que as palavras **gira** e **sol** mantêm a mesma pronúncia que tinham quando separadas.

Derivação por acréscimo de afixos

Esse tipo de derivação designa o processo pelo qual se obtêm palavras novas (ditas derivadas) pelo acréscimo de afixos à palavra primitiva. Pode ser prefixal, sufixal ou parassintética.

a) **prefixal (ou prefixação):** dá-se quando a palavra nova é obtida por acréscimo de prefixo:

pré-história	**sub** solo	**des** leal	**anti**-higiênico
prefixo radical	prefixo radical	prefixo radical	prefixo radical

As palavras formadas por derivação prefixal normalmente pertencem à mesma classe gramatical das palavras primitivas:

chefe (substantivo) → subchefe (substantivo)
natural (adjetivo) → sobrenatural (adjetivo)
distribuir (verbo) → redistribuir (verbo)
ontem (advérbio) → anteontem (advérbio)

b) **sufixal (ou sufixação):** ocorre quando a palavra nova é obtida por acréscimo de sufixo.

feliz **mente**	leal **dade**	livr **aria**	digital **izar**
radical sufixo	radical sufixo	radical sufixo	radical sufixo

Pelo processo da derivação sufixal, podem-se formar palavras que não pertencem à mesma classe gramatical da palavra primitiva:

atual (adjetivo) → atualizar (verbo)
atual (adjetivo) → atualidade (substantivo)
atual (adjetivo) → atualmente (advérbio)
atualizar (verbo) → atualização (substantivo)

c) **parassintética:** neste caso, a palavra nova é obtida pelo acréscimo **simultâneo** de prefixo e sufixo. Por parassíntese formam-se principalmente verbos:

en trist **ecer**	**en** tard **ecer**	**a** terror **izar**	**em** barc **ar**
prefixo radical sufixo	prefixo radical sufixo	prefixo radical sufixo	prefixo radical sufixo

Condições da parassíntese

Para que haja parassíntese, é necessário que o prefixo e o sufixo tenham-se agregado simultaneamente ao radical. Em **deslealdade** e **desrespeitoso** não há parassíntese, uma vez que os prefixos e os sufixos não se agregaram ao mesmo tempo ao radical. Observe que as palavras **desleal** e **lealdade**, assim como **desrespeito** e **respeitoso**, têm existência autônoma. Nesse caso, dizemos que a palavra foi formada por **derivação prefixal e sufixa**.

Já em palavras como **entristecer** e **aterrorizar** ocorreu parassíntese, uma vez que prefixo e sufixo agregaram-se **ao mesmo tempo** ao radical, porque não existem, em português, as palavras **entriste**, **tristecer**, **aterror** e **terrorizar**.

Pelo acréscimo de afixos, podemos derivar palavras com base não apenas em palavras primitivas, mas também em palavras já derivadas ou em palavras compostas, que nesse caso passam a ser primitivas em relação às que dela derivarem.

emprego
empregado
empregável
desempregado
empreguismo
subemprego

plano
planejar
planejador
planejamento
replanejamento

Outros tipos de derivação

Nos casos vistos até agora, a palavra nova (derivada) era formada por acréscimo de afixos à palavra primitiva. Há, no entanto, dois casos em que a palavra derivada é formada sem que haja a presença de afixos. São eles: a derivação regressiva e a derivação imprópria.

Derivação regressiva

Na **derivação regressiva**, a palavra nova é obtida por redução da palavra primitiva. A derivação regressiva é importante na formação de substantivos derivados de verbos (substantivos deverbais). Os substantivos formados por derivação regressiva vão nomear ações.

caçar	caça
chorar	choro
combater	combate
amassar	amasso
pescar	pesca
sacar	saque
trocar	troca
primitiva (verbo)	derivada (substantivo)

Como reconhecer a derivação regressiva

Como nem sempre é fácil determinar se a palavra primitiva é o verbo ou o substantivo, sugerimos o critério do filólogo Mário Barreto, citado por Celso Cunha e Lindley Cintra na *Nova gramática do português contemporâneo*: "Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, se verificará o contrário". Assim: **combate**, **caça** e **pesca** são derivados, respectivamente, de **combater**, **caçar** e **pescar**. Mas **planta**, **âncora** e **telefone** são palavras primitivas que dão origem, respectivamente, aos verbos **plantar**, **ancorar** e **telefonar**.

Derivação imprópria

Na **derivação imprópria**, também chamada conversão, a palavra nova (derivada) é obtida pela mudança de categoria gramatical da palavra primitiva. Tal derivação é chamada de imprópria porque não se trata de um fato que interesse diretamente à morfologia, mas à semântica, na medida em que não ocorre mudança na forma da palavra, mas tão somente em seu sentido. Observe:

"Eu fico ali sonhando acordado
Juntando o **antes**, o **agora** e o **depois**" (Peninha)

substantivos, derivados de **antes**, **agora** e **depois** (advérbios)

"O que o interessava era o '**como**' e não o '**porquê**' das coisas." (Leon Tolstoi)

substantivos, derivados de **como** e **porque** (advérbio e conjunção)

O "**não**" que o jovem diz aos adultos é muitas vezes mera reação química.

substantivo, derivado de **não** (advérbio)

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Onomatopeia

Onomatopeia é a palavra que procura reproduzir aproximadamente sons ou ruídos.

Veja:

tique-taque, zum-zum, cacarejar, miar

Observação:

Muitas onomatopeias são formadas por reduplicação (repetição de um grupo de fonemas): tique-taque, zum-zum, pingue-pongue, fom-fom, bangue-bangue.

Abreviação

A **abreviação** consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo.

Observe:

moto (por motocicleta)
refri (por refrigerante)
foto (por fotografia)
níver (por aniversário)
pneu (por pneumático)
portuga (por português)
auto (por automóvel)
zoo (por zoológico)
bi (por bilhão ou bicampeão)
Floripa (por Florianópolis)
Pelô (por Pelourinho)
retrô (por retrocesso)

Também é frequente o caso de abreviação em que se utiliza apenas um prefixo ou um dos elementos de uma palavra composta para designar o todo:

lipo (por lipoaspiração)
micro (por microcomputador)
vídeo (por videocassete)
vice (por vice-governador, vice-prefeito, vice-presidente)
ex (por ex-esposo(a))

Em outros casos, ocorre a redução de uma expressão por elipse de um de seus elementos, como em:

fritas (por batatas fritas)
paralelo (por mercado paralelo)
celular (por telefone celular)
genérico (por medicamento genérico)

Não devemos confundir **abreviação** com **abreviatura**, que é a representação de uma palavra por meio de algumas de suas sílabas ou letras:

pág. ou p. (página)
m (metro)
Fís. (Física)

As **siglas** constituem um tipo especial de abreviatura, feita com as letras iniciais, ou mesmo as sílabas iniciais das palavras que as compõem:

ONG – **O**rganização **N**ão **G**overnamental
OAB – **O**rdem dos **A**dvogados do **B**rasil
IBGE – **I**nstituto **B**rasileiro de **G**eografia e **E**statística
Embratur – **Em**presa **Bra**sileira de **Tur**ismo

É interessante notar que das siglas podemos derivar outras palavras:

petista, petismo (de PT – **P**artido dos **T**rabalhadores)
celetista (de CLT – **C**onsolidação das **L**eis do **T**rabalho)
dedetizar (de DDT – **d**iclorod**i**fenil**t**ricloroetano)

Algumas siglas são originárias de outras línguas, principalmente do inglês.

Aids (**A**cquired **I**mmunological **D**eficiency **S**yndrome – síndrome da imunodeficiência adquirida)
PET (**P**oly**e**thylene **T**erephthlate – politerefalato de etileno)
HIV (**H**uman **I**mmunodeficiency **V**irus – vírus da imunodeficiência humana)
Nasa (**N**ational **A**eronautic and **S**pace **A**dministration – Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço)

DVD (**D**igital **V**ideo **D**isk – disco digital de vídeo)

Unesco (**U**nited **N**ations **E**ducational, **S**cientific and **C**ultural **O**rganization – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura)

Com relação à grafia das siglas, convém observar os seguintes critérios:

- siglas formadas por até três letras são grafadas em letras maiúsculas:

  PT, CBF, ONU, OAB, STF, CPF, ONG

- siglas com mais de três letras devem ser grafadas com letra inicial maiúscula e as demais letras minúsculas:

  Incra, Fiesp, Embratur, Bovespa, Funai, Ibama, Ibope

Se, no entanto, as siglas formadas por mais de três letras não puderem ser pronunciadas como uma palavra, também se grafarão em letras maiúsculas:

ABNT, INSS, BNDES, CNBB, CPOR, DNER, IBGE, PSDB, FGTS

O artigo que acompanha as siglas deve ser do mesmo gênero da primeira palavra presente no nome da instituição. Por isso, devemos dizer:

a Embratel (**a Em**presa **Bra**sileira de **Tel**ecomunicações)

a ABL (**a A**cademia **B**rasileira de **L**etras)

o BNDES (**o B**anco **N**acional de **D**esenvolvimento **E**conômico e **S**ocial)

a CBF (**a C**onfederação **B**rasileira de **F**utebol)

o SBT (**o S**istema **B**rasileiro de **T**elevisão)

a CNBB (**a C**onfederação **N**acional dos **B**ispos do **B**rasil)

o CPF (**o C**adastro de **P**essoas **F**ísicas)

a OAB (**a O**rdem dos **A**dvogados do **B**rasil)

o STF (**o S**upremo **T**ribunal **F**ederal)

De acordo com essa regra, deveríamos dizer a DDD (**a d**iscagem **d**ireta a **d**istância) e a DDI (**a d**iscagem **d**ireta **i**nternacional). No entanto, o uso já consagrou essas siglas como masculinas: **o** DDD e **o** DDI, porque se estabeleceu concordância com o nome da letra **d** (o dê) e não com a palavra **discagem**.

Hibridismo

Dá-se o nome de **hibridismo** às palavras em cuja formação ocorrem elementos mórficos oriundos de línguas diferentes.

automóvel (*auto* = grego; *móvel* = latim)

sociologia (*socio* = latim; *logia* = grego)

cybercafé (*cyber* = inglês; *café* = árabe)

agribusiness (*agri* = latim; *business* = inglês)

bafômetro (*bafo* = latim; *metro* = grego)

burocracia (*buro*, de "bureau" = francês; *cracia* = grego)

sambódromo (*samba* = dialeto africano; *dromo* = grego)

camelódromo (*camelô* = francês; *dromo* = grego)

Palavra-valise

Palavra-valise é aquela resultante da junção de partes de outras palavras.

Veja alguns exemplos:

portunhol = de português + espanhol

brasiguaio = de brasileiro + paraguaio

bebemorar = de beber + comemorar

showmício = de *show* + comício

treminhão = de trem + caminhão

aborrescente = de aborrecer + adolescente

Grenal = de Grêmio + Internacional

Flaflu = de Flamengo + Fluminense

Como você pode notar, as palavras-valise são formadas por aglutinação, uma vez que na junção dos radicais sempre ocorre alteração fonética.

Decalque

Decalque é um empréstimo linguístico em que se traduz uma palavra ou expressão estrangeira.

Trata-se de um recurso usado quando se quer criar uma palavra para nomear um conceito novo vindo do exterior e não se quer usar a palavra estrangeira que dá nome a esse conceito. Veja alguns exemplos:

cachorro-quente (do inglês: *hotdog*)
lua de mel (do inglês: *honey moon*)
supermercado (do inglês: *supermarket*)
bola ao cesto (do inglês: *basketball*)
alta-fidelidade (do inglês: *high fidelity*)
estagflação (do inglês: *stagflation*)
cartão de crédito (do inglês: *credit card*)
centroavante (do inglês: *center-foward*)
fibra de vidro (do inglês: *fiberglass*)
controle remoto (do inglês: *remote control*)
novo-rico (do francês: *nouveau rich*)
montanha-russa (do francês: *montagne russe*, adaptação do alemão *Rutschenberg*, "monte escorregadio")
pequeno-burguês (do francês: *petit bourgeois*)

A gramática no dia a dia

Frequentemente deparamos com palavras novas que ainda não constam nos dicionários. O léxico, que é o conjunto de palavras de uma língua, está em evolução constante, uma vez que sempre surgem palavras novas (os neologismos) para expressar conceitos novos dos diversos ramos da atividade humana: ciência, tecnologia, esportes, artes etc.

Os conceitos apresentados neste capítulo, associados ao conhecimento dos elementos mórficos de que se compõem as palavras, são instrumentos muito úteis que nos possibilitam atribuir sentido a palavras novas que ainda não constam nos dicionários. Isso porque a criação de novas palavras, na maioria das vezes, é feita de elementos já existentes na língua (os elementos mórficos), de tal sorte que, pelo conhecimento daqueles elementos mórficos, o falante pode atribuir sentido a uma palavra que nunca ouviu antes.

Mesmo sem consultar um dicionário, pode-se dizer o que significam palavras como **ecoturismo** e **biodiversidade** com base em seus elementos mórficos.

eco + turismo: turismo ecológico; turismo que respeita o meio ambiente
bio + diversidade: diversidade de seres vivos

O conhecimento dos elementos mórficos também é muito útil para conhecermos o significado de palavras que utilizamos em outras disciplinas, como Biologia, Química, Matemática, Física, Sociologia, por exemplo.

Observe como, pelos elementos mórficos, podemos entender o que significam palavras como arrizófito, decaedro, potamologia e fitófago:

- **arrizófito:** nesta palavra temos os radicais gregos **rizo** e **fito**, que significam, respectivamente, *raiz* e *vegetal*, e o prefixo grego **a-**, que indica negação. Em botânica, dá-se o nome de arrizófito ao vegetal desprovido de raiz;
- **decaedro:** neste composto erudito, temos dois elementos mórficos de origem grega, **deca** e **edro**, que significam, respectivamente, *dez* e *face*. Decaedro é uma figura geométrica de dez faces;
- **potamologia:** esta palavra é formada pelos elementos de origem grega **potamo**, que significa *rio*, e **logia**, que significa *estudo*. Potamologia é a parte da geografia que estuda os rios;
- **fitófago:** nesta palavra estão presentes dois radicais de origem grega: **fito** e **fago**, que significam, respectivamente, *vegetal* e *que come*. Fitófago é o ser que se alimenta de vegetais.

Alguns radicais de origem grega ou latina passaram a ter significação especial em português. Veja o caso do radical grego **auto** em **automóvel** (= que se move por si), por exemplo: com a redução da palavra, passou a ter significação própria (auto = veículo) e, com esse significado, entra na formação de novas palavras, tais como autoestrada, autoescola, autopeça etc.

O mesmo fenômeno se pode observar com o radical **tele**, que veio a se aplicar a tudo que se refere a televisão e, nesse sentido, passa a entrar na formação de novas palavras, como telenovela, telecurso, telejornal. A esses radicais que passam a ter o significado global das palavras de que antes eram simplesmente elementos componentes damos o nome de **pseudoprefixos**.

Finalmente, cumpre destacar que na linguagem atual é bastante comum encontrarmos o emprego do advérbio **não** e da preposição **sem** como prefixos de negação:

sem-terra, sem-teto, não governamental, não verbal, não violência

Observe, ainda, que quando **sem** funciona como prefixo, deve vir ligado por hífen à palavra seguinte:

Os **sem-terra** reivindicam maior número de assentamentos.

Atividades

1. O crescente uso da informática introduziu no vocabulário das pessoas um grande número de palavras até há pouco tempo desconhecidas. Indique algumas dessas palavras, dando-lhes a origem e o significado.

2. Os médicos costumam ser designados pela sua especialidade. Levando em conta os radicais das palavras, indique de que cuidam os especialistas médicos a seguir:
   a) cardiologista
   b) oftalmologista
   c) gastroenterologista
   d) pneumologista
   e) pediatra
   f) dermatologista
   g) otorrinolaringologista
   h) endocrinologista

3. Observe as palavras da relação a seguir, que foram formadas pelo acréscimo do sufixo **-ista** a um radical.

   monarquista – ascensorista – comunista – azulejista – materialista – abolicionista – balconista – socialista – cartunista – ambientalista – anarquista – diarista – racista – budista – eletricista – humanista – parlamentarista – figurinista – esquerdista – florista – evolucionista – lojista – fascista – motorista – feminista – propagandista – taxista – governista – idealista – imperialista – marxista – radialista – modernista – nacionalista

   Como você deve ter notado, o sufixo **-ista** não possui o mesmo sentido em todas elas. Assim, separe-as, de acordo com o sentido, em dois grupos. A seguir, diga o que o sufixo exprime em cada um deles.

4. Nas palavras **violinista** e **violonista**, temos a terminação **-ista**. Qual é a diferença de sentido entre os dois termos?

5. "Às vezes no silêncio da noite
   Eu fico imaginando nós dois
   Eu fico ali sonhando acordado
   Juntando o antes, o agora e o depois" (Peninha)

   Nos versos dessa canção, as palavras **antes**, **agora** e **depois** são primitivas ou derivadas? Justifique.

6. "O Enem é a avaliação do perfil de saída dos concluintes do Ensino Médio, criada em 1998, pelo Ministério da Educação. Seu objetivo principal é oferecer subsídios para que o participante faça uma autoavaliação e assim possa orientar melhor suas escolhas e seus projetos futuros."

   (*Veja*, n. 1651, 31 maio 2000. p. 84.)

   a) O que significa a sigla **Enem**?
   b) Como foi formada a palavra **avaliação**?
   c) Pelo processo da derivação sufixal, forme palavras derivadas, respectivamente, de **objetivo**, **principal**, **subsídio** e **orientar**.
   d) Considerando que na palavra **projetos** há o prefixo latino **pro-**, que significa "movimento para a frente", uma palavra do texto seria redundante. Qual? Justifique.

7. "Com a chegada do inverno, estão de volta, com mais intensidade, as doenças de todos os anos: resfriados, gripes, sinusites, rinites, laringites, amigdalites e otites."

   (*O Estado de S. Paulo*, 25 maio 2000. Suplemento Doenças de Inverno, p. 1.)

   a) De acordo com o texto, com a chegada do inverno aparecem algumas doenças que causam inflamações em órgãos do corpo. Que doenças são essas e qual o sufixo que indica inflamação?
   b) Forme outras palavras utilizando o sufixo **-ite** e dê o respectivo significado.

8. Leia a tirinha abaixo para responder ao que se pede a seguir.

(Aline, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*, 26 mar. 2005. Ilustrada, p. E11.)

a) A expressão **assassino em série** é uma tradução literal de *serial killer*. Levando isso em conta, diga por qual processo de formação de palavras essa expressão foi gerada.

b) A palavra **anglicista** foi formada por derivação sufixal (ânglico + ista). Levando em conta que **ânglico** provém do radical **anglo**, que significa "inglês", diga em que sentido foi empregada a palavra anglicista no quadrinho.

c) O radical latino que indica "aquele que mata" é **cida**. Levando isso em conta, escreva numa única palavra:
- quem mata a si próprio;
- quem mata um ser humano;
- quem mata o irmão;
- que mata bactérias;
- que mata formigas.

9. Qual processo de formação de palavras ocorre nos termos destacados nas frases a seguir?

a) "Os **haveres** financeiros da União administrados pelo Tesouro Nacional são originários de operações tais como **privatizações**, aquisições de participações governamentais devidas a estados e **parcelamentos** de dívidas, dentre outros."

(MINISTÉRIO DA FAZENDA. Disponível em: <www.tesouro.fazenda.gov.br>. Acesso em: 1.º dez. 2005.)

b) "**Inter** derrota Brasiliense no **sufoco**
Porto Alegre – O Internacional venceu o Brasiliense por 1 a 0, nesta **quarta-feira**, no Beira-Rio, pela 39.ª rodada do Campeonato **Brasileiro**."

(*O Estado de S. Paulo*, 16 nov. 2005.)

c) "Depois do espetáculo, o **agito** se transferiu para o camarim, onde Gal recebeu amigos e fãs, que não economizaram elogios à diva."

(*Quem acontece*. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com>. Acesso em: 1.º dez. 2005.)

10. "Chega ao Brasil o primeiro inseticida ecológico." Aponte dois radicais da expressão "inseticida ecológico": um de origem grega, outro de origem latina. Dê, também, o significado desses radicais.

11. Pelo processo da derivação parassintética, forme palavras derivadas de:

a) lista;
b) doido;
c) pedaço;
d) verde;
e) claro;
f) mole;
g) alma.

12. Classifique os elementos mórficos das palavras a seguir.

a) menininhas
menin
inh
a
s

b) inapto
in
apt
o

c) agenda
agend
a

d) cantássemos
cant
a
sse
mos

e) vendêramos
vend
e
ra
mos

13. Classifique as palavras destacadas em primitivas (**p**) ou derivadas (**d**).

a) Dia **chuvoso** provocou **engarrafamentos** em São Paulo.

b) Os **treinamentos** devem **recomeçar** nesta **época** do ano.

c) O **reinício** das aulas devolverá às ruas um milhão de **veículos**.

d) A **feijoada**, **prato** típico **brasileiro**, é muito apreciada.

14. Classifique as palavras destacadas em simples (**s**) ou compostas (**c**).

a) O **narcotráfico** fez novas **vítimas** naquela região.

b) O **mico-leão-dourado** é uma das **espécies** mais ameaçadas de extinção.

c) O **autódromo** de Interlagos reabrirá para a nova **temporada** de Fórmula 1.

d) A **televisão** continua sendo o **passatempo** preferido da população.

15. Da relação a seguir, destaque apenas as palavras formadas por derivação prefixal.

super-homem – desfazer – reto – desfeito – pré-história – propor – pressa – repor – regular – desuso

16. Da relação a seguir, destaque apenas as palavras formadas por derivação sufixal.

felizmente – realidade – contemporâneo – justapor – sobrepor – altivez – magreza

17. Da relação a seguir, destaque apenas as palavras formadas por derivação parassintética.

apedrejar – injustiça – reflorescer – conterrâneo – empalidecer – incalculável – desmistificação – indevidamente

18. Da relação a seguir, transcreva apenas as palavras de origem tupi.

democracia – samba – vatapá – herbicida – acarajé – abadá – mandioca – aipim – futebol – bife – silvícola – cupuaçu – alambique – jacaré – biblioteca – laranja – jerimum – sábado – mingau – algodão – toalete – clube – lasanha – nhem-nhem-nhem – xenofobia – quimono – xampu – abajur

19. Diga o que significam as siglas abaixo.

CEP	CPI
Funai	CNPJ
CBF	TRE
IBGE	FGTS
INSS	

20. Em que alternativa não há correspondência entre os elementos mórficos que exprimem número?

a) monossílabo – unilateral
b) dissílabo – bivalente
c) hendecágono – undecágono
d) tetracampeão – quadrienal
e) pentagrama – sexteto

21. Separe as palavras da relação a seguir em três colunas. Na primeira, coloque os hibridismos; na segunda, as onomatopeias; na terceira, as formadas por derivação regressiva.

plim-plim – vapt-vupt – combate – ataque – alcoólatra – monocultura – miar – aeroclube

22. Dê o significado da palavra decompondo seus elementos mórficos, conforme os modelos.

acrofobia = altura – medo
cronômetro = tempo – medida

a) ortografia
b) demagogo
c) heterônimo
d) antropologia
e) litografia
f) biblioteca
g) micróbio
h) caligrafia
i) ornitologia
j) clorofila
k) pseudônimo
l) democracia
m) xenofobia

23. O radical **trofia** significa desenvolvimento, nutrição. Dê o significado das palavras a seguir.

a) hipertrofia
b) atrofia
c) distrofia

24. Siga o modelo.

estudo do homem – antropologia

a) estudo da vida
b) estudo do som
c) estudo da forma
d) estudo da doença
e) estudo da alma
f) estudo do animal
g) estudo de coisas antigas

25. O radical grego **fobia** significa medo, aversão. Faça conforme o modelo.

medo de altura – acrofobia

a) aversão à água
b) medo de cavalo
c) medo de adoecer
d) aversão à luz
e) medo de cão
f) medo de morrer

26. Faça conforme o modelo.

tempo – medida = cronômetro

a) terra – medida
b) pressão – medida
c) força – medida
d) água – medida
e) calor – medida

27. Aponte a alternativa em que todas as palavras possuem o mesmo radical.

a) telescópio, telefone, telegrama, televisão
b) termologia, termômetro, termodinâmica, eterno
c) hipnose, hipnotismo, hipódromo, hipótese
d) hidrografia, hidrômetro, higrômetro
e) taquígrafo, taquicardia, ataque, biblioteca

28. Marque a alternativa em que os prefixos possuam o mesmo significado.

a) ambidestro, ambivalente, anfiteatro, antiaéreo
b) introduzir, intravenoso, intramuscular, introvertido
c) transatlântico, transamazônico, cisplatina, cisalpino
d) prefácio, póstumo, postular, pré-história
e) subsolo, suboficial, sobreloja, sobestar

29. Marque a alternativa em que ocorra derivação parassintética:

a) infelizmente
b) deslealdade
c) coautor
d) enriquecer
e) desfazer

30. Marque a alternativa em que ocorreu derivação regressiva.

a) planta
b) âncora
c) telefone
d) ataque
e) distância

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

(*Calvin e Haroldo: Felino selvagem psicopata homicida*. São Paulo: Best News, 1996. p. 53.)

1. "Eu gosto de verbificar palavras." Para informar Haroldo sobre o que anda fazendo com as palavras, Calvin usou o verbo **verbificar**. Apesar de ter a intenção de tumultuar a língua com suas invenções, ele usou elementos mórficos perfeitamente adequados. Que elementos ele usou?

2. Qual o significado de **verbificar**?

3. Cite outros verbos que você conhece que apresentam o radical **-fico**.

4. "– Eu pego nomes e adjetivos e os uso como verbos. Lembra quando 'acesso' era uma coisa? Agora é algo que você **faz**. Foi verbificado." Qual é o significado de **acesso** e sua classe gramatical?

5. A vogal final da palavra **acesso** é desinência de gênero ou vogal temática? Explique.

6. "Verbificar esquisita a língua."

Na frase acima, apesar de **verbificar** ser um verbo, foi usado na função de que outra classe gramatical?

7. Calvin usou **esquisita** como verbo. Qual seria o infinitivo desse verbo, se ele existisse?

8. Você diria que, usando a palavra **esquisita** como verbo, Calvin conseguiu seu intento de tumultuar a língua? Ou seja: a frase é compreensível ou não? Justifique sua resposta.

9. Finalmente, Haroldo sugere que eles criem um sistema que torne a linguagem um impedimento à comunicação. Acrescente um prefixo ao adjetivo **comunicativas** para traduzir as intenções deles:

Eles têm intenções * comunicativas.

CAPÍTULO 5

Substantivo

CLASSES DE PALAVRAS

Como vimos no capítulo anterior, a morfologia trata, entre outras coisas, da classificação das palavras, que são agrupadas em dez classes: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Quando estudamos as palavras considerando sua formação, flexão e classificação, estamos no domínio da **morfologia**.

Nas orações, que são frases ou pedaços de frases que contêm verbo, as palavras desempenham funções sintáticas e são chamadas de termos da oração. Em português são doze os termos da oração: sujeito, predicado, predicativo do sujeito, predicativo do objeto, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, adjunto adnominal, aposto e vocativo. Quando estudamos as palavras (ou grupo de palavras) do ponto de vista da função que elas exercem na oração, estamos no campo da **sintaxe**.

A mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe e exercer mais de uma função sintática. Isso dependerá do contexto em que for empregada. Observe a palavra **americanos** nas frases a seguir:

> Pesquisadores **americanos** descobriram que as crianças comem mais quando estão assistindo à televisão.
>
> Os **americanos** descobriram que as crianças comem mais quando estão assistindo à televisão.
>
> A descoberta foi feita pelos **americanos**.

Na primeira frase, **americanos** é adjetivo, com função de adjunto adnominal. Na segunda, é um substantivo, exercendo o papel de núcleo do sujeito. Já na terceira frase, é substantivo, na função de núcleo do agente da passiva.

Por isso, para classificar corretamente uma palavra, temos sempre de observar sua função sintática.

Quando estudamos as palavras ao mesmo tempo quanto à sua classificação e função, como fizemos nos exemplos acima, estamos no campo da morfossintaxe.

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

A classificação das palavras não é feita com base em apenas um critério. Quando se diz, por exemplo, que o substantivo é a palavra que dá nome aos seres, o critério adotado é o semântico, isto é, classifica-se a palavra a partir de seu sentido.

Quando se diz que a preposição é a palavra que relaciona dois termos da oração, o critério adotado é o sintático, isto é, classifica-se a palavra com base na função que ela exerce na oração.

Ao dizer que o verbo é uma palavra variável em tempo, modo, pessoa, número e voz estamos levando em conta as flexões que a palavra pode apresentar, nesse caso, o critério é morfológico.

A seguir, apresentamos um quadro com as dez classes de palavras existentes em português.

Classe \ Critério	Semântico	Morfológico	Sintático
Substantivo	Nomeia os seres (pessoas ou coisas) reais ou imaginários.	Flexiona-se em gênero, número e grau.	Funciona como núcleo nominal de um termo da oração.
Adjetivo	Exprime qualidade e estados.	Flexiona-se em gênero, número e grau.	Especifica o núcleo nominal.
Artigo	Define ou indefine o substantivo.	Flexiona-se em gênero e número.	Determina o núcleo nominal.
Numeral	Indica a quantidade ou a ordem dos seres numa série.	Pode apresentar flexão de gênero e número.	Especifica o núcleo nominal ou o substitui.
Pronome	Designa pessoas ou coisas, indicando-as.	Pode apresentar flexão de gênero, número e pessoa.	Determina um núcleo nominal ou o substitui.
Verbo	Exprime ação, estado ou fenômeno natural.	Flexiona-se em modo, tempo, número, pessoa e voz.	Palavra que constitui o predicado, podendo ser seu núcleo.
Advérbio	Exprime uma circunstância (tempo, modo, lugar etc.).	Não se flexiona.	Modifica um verbo; pode também modificar um adjetivo ou outro advérbio.
Preposição	Estabelece sentido entre palavras (posse, finalidade, origem etc.).	Não se flexiona.	Usada para fazer a conexão entre dois termos de uma oração.
Conjunção	Estabelece sentido entre orações (adversidade, causa, condição, tempo etc.).	Não se flexiona.	Usada para fazer a conexão entre duas orações de um período.
Interjeição	Exprime emoções e sentimentos.	Não se flexiona.	É uma palavra que equivale a uma frase.

Como você deve ter notado, do ponto de vista sintático, há palavras que exercem a mesma função. Por isso, para distinguir uma das outras recorre-se a outro critério. Quanto à flexão, é importante assinalar que ela pode não ocorrer em todas as palavras de uma classe. Há, por exemplo, adjetivos e substantivos que não se flexionam e existem verbos que não podem ser flexionados em determinada pessoa.

Observação:

Do ponto de vista semântico, substantivos são palavras que nomeiam os seres (pessoas e coisas). Os pronomes também podem fazer referência a pessoas e coisas, mas, diferentemente dos substantivos, não as nomeiam, apenas as designam, indicando-as. Os substantivos têm sentido fora de uma frase, o que não ocorre com os pronomes, cujo sentido só é dado pelo contexto.

Das dez classes de palavras, algumas são abertas, isto é, o número de palavras que as compõem é extenso e incorporam palavras novas. Como exemplos de classes de palavras abertas, podemos citar o substantivo, o adjetivo, o verbo. Outras classes de palavras são fechadas, não incorporam palavras novas. Normalmente são classes que apresentam um número reduzido de palavras. Como exemplo podemos citar o artigo, a preposição, a conjunção.

É importante assinalar que as características de uma classe de palavras podem não se aplicar a todas as palavras daquela classe, ou seja, pode haver substantivos, adjetivos, pronomes e numerais que não variam, verbos que não apresentam a flexão de pessoa e advérbios que apresentam flexão de grau.

Deste capítulo em diante, daremos início ao estudo das classes de palavras, começando pela classe dos substantivos.

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra que dá nome aos seres em geral, sejam eles animados sejam inanimados. Pode apresentar variação de gênero, número e grau.

São, portanto, substantivos:

a) os nomes de coisas, pessoas, animais, vegetais, minerais, lugares, instituições:

livro, cadeira, Gabriela, Humberto, cachorro, orquídea, ouro, Florianópolis, júri, parlamento

b) os nomes de ações, noções, estados ou qualidades, tomados como seres:

trabalho, corrida, justiça, tristeza, beleza

FORMAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Quanto à formação, o substantivo pode ser:

a) **primitivo:** quando não provém de outra palavra existente na língua portuguesa:

flor, pedra, ferro, casa, jornal

b) **derivado:** quando, pelo processo da derivação, provém de outra palavra da língua portuguesa:

florista, pedreiro, ferreiro, caseiro, jornaleiro

c) **simples:** quando é formado por um só radical:

água, pé, couve, amor, tempo, Sol

d) **composto:** quando é formado por mais de um radical:

água-de-colônia, pé de moleque, couve-flor, amor-perfeito, passatempo, girassol, cartão de crédito, papel almaço, casa de campo, Barra da Tijuca, Minas Gerais, Gabriela Nascimento Silva, Tribunal do Júri

Como você pode notar, os substantivos compostos podem ou não ter seus elementos ligados por hífen.

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Quanto ao elemento que designa, o substantivo classifica-se em:

a) **comum:** quando designa genericamente qualquer elemento da espécie. Os substantivos comuns rotulam categorias e não objetos específicos:

rio, cidade, país, menino, aluno

b) **próprio:** quando designa especificamente determinado elemento. Podem ser nomes de pessoas (antropônimos), de lugares (topônimos), marcas comerciais, nomes de livros, associações etc. São grafados com letra inicial maiúscula:

Tocantins, Florianópolis, Brasil, Luís, Camila, Sadia, Dom Casmurro, Ordem dos Advogados do Brasil

Alguns substantivos próprios, por convenção, grafam-se com letra inicial minúscula. É o caso dos nomes dos meses e das estações do ano:

julho, novembro, verão, inverno

c) **concreto:** quando designa seres de existência real ou não: coisas, pessoas, animais, lugares etc. (verifique que é sempre possível visualizar em nossa mente o substantivo concreto, mesmo que ele não possua existência real):

casa, cadeira, caneta, mulher, gato, rua, fada, bruxa, saci

d) **abstrato:** quando designa noções, ações, estados e qualidades tomados como seres. Os substantivos abstratos, por não terem existência própria, sempre estarão apoiados em algo para serem percebidos. A maioria pertence ao gênero feminino:

justiça, estudo, recordação, viuvez, coragem, altura, largura

Os substantivos abstratos são, em geral, derivados de verbos ou adjetivos:

trabalhar	→	**trabalho**	alto	→	**altura**
correr	→	**corrida**	belo	→	**beleza**
verbo		substantivo abstrato	adjetivo		substantivo abstrato

É importante observar que o contexto é fundamental para se determinar se o substantivo é concreto ou abstrato. Quando dizemos "A construção do prédio demorou dois anos", o substantivo **construção** foi empregado como **abstrato**. Já em "Os pedreiros dormem na construção em que trabalham", o substantivo **construção** foi empregado como **concreto**, significando prédio, obra. Veja outro exemplo:

A venda do jogador para um time europeu desagradou a torcida. (venda = substantivo abstrato)
Pedro, vá à venda e compre um quilo de tomates. (venda = substantivo concreto)

Embora a NGB não leve em conta a classificação que propomos a seguir, também é possível classificar os substantivos em:

a) contáveis: não podem ser divididos sem deixar de ser o que são:
relógio, óculos, ventilador, caneta;
Um pedaço de relógio não é um relógio.

b) não contáveis: preservam sua natureza, mesmo quando divididos em partes menores:
pão, vinho, água, leite;
Um pedaço de pão é pão.

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Entre os substantivos comuns, merecem destaque os coletivos.

Coletivos são aqueles substantivos que, mesmo no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Observe alguns substantivos coletivos:

acervo: de obras artísticas	**cambada:** de ladrões, de caranguejos, de chaves
alcateia: de lobos	**cancioneiro:** de poemas, de canções
álbum: de fotografias, de selos	**caravana:** de viajantes
antologia: de trechos literários escolhidos	**cardume:** de peixes
armada: de navios de guerra	**clero:** de sacerdotes
arquipélago: de ilhas	**colmeia:** de abelhas
assembleia: de parlamentares, de membros de associações	**concílio:** de bispos
atilho: de espigas de milho	**conclave:** de cardeais em reunião para eleger o papa
atlas: de cartas geográficas, de mapas	**congregação:** de professores, de religiosos
baixela: de objetos de mesa	**congresso:** de parlamentares, de cientistas
banca: de examinadores	**conselho:** de ministros
bandeira: de garimpeiros, de exploradores de minérios	**constelação:** de estrelas
bando: de aves, de pessoas em geral	**corja:** de vadios
cabido: de cônegos	**elenco:** de artistas
cacho: de uvas, de bananas	**enxame:** de abelhas
cáfila: de camelos	**esquadra:** de navios de guerra
camarilha: de bajuladores	**esquadrilha:** de aviões

falange: de soldados, de anjos	**nuvem:** de gafanhotos
farândola: de maltrapilhos	**pelotão:** de soldados
fato: de cabras	**penca:** de bananas, de chaves
fauna: de animais de uma região	**pinacoteca:** de pinturas
feixe: de lenha, de raios luminosos	**plantel:** de animais de raça, de atletas
flora: de vegetais de uma região	**quadrilha:** de ladrões, de bandidos
frota: de navios mercantes, de táxis, de ônibus	**ramalhete:** de flores
girândola: de fogos de artifícios	**rebanho:** de gado em geral
horda: de invasores, de selvagens, de bárbaros	**récua:** de animais de carga
junta: de bois, de médicos, de examinadores	**réstia:** de alhos e cebolas
júri: de jurados	**repertório:** de peças teatrais, de anedotas
legião: de anjos, de soldados, de demônios	**romanceiro:** de poesias populares
malta: de desordeiros	**resma:** de papel
manada: de gado de grande porte	**revoada:** de pássaros
matilha: de cães de caça	**súcia:** de pessoas desonestas
molho: de chaves	**vara:** de porcos
ninhada: de pintos, de filhotes	**vocabulário:** de palavras

Como você pôde notar pela relação, há coletivos específicos, isto é, que se aplicam apenas a um único substantivo, tais como **arquipélago**, **cáfila** e **pinacoteca** (ilhas, camelos e pinturas, respectivamente) e coletivos genéricos, que podem ser aplicados a mais de uma classe de substantivos, tais como **álbum** (fotografias, selos), **cacho** (uvas, bananas), **frota** (navios, ônibus, táxis). Os coletivos genéricos, por se referirem a mais de uma classe de substantivos, costumam vir especificados, por exemplo: "Para se distrair, folheava um **álbum de fotografias**" ou "Foi examinado por uma **junta de médicos**". Já os coletivos específicos não devem vir determinados, pois teríamos, nesse caso, um pleonasmo vicioso, como em "Visitou uma **pinacoteca de pinturas**" ou "Fernando de Noronha é um **arquipélago de ilhas**".

FLEXÃO DE GÊNERO

Em português, os substantivos podem ser do gênero masculino ou feminino.

São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo **o**:

o livro, o caderno, o telefonema, o clima, o mapa, o maracujá, o café

São femininos aqueles a que se pode antepor o artigo **a**:

a borracha, a caneta, a tribo, a libido

Gênero é o mesmo que sexo?

Não. Nunca confunda gênero com sexo. O gênero é gramatical, isto é, mostra se a palavra é masculina ou feminina.

Evidentemente, **livro**, **caderno**, **borracha**, **caneta**, que são coisas, não possuem sexo, embora seus nomes possam se apresentar no gênero masculino ou feminino. Já o substantivo **vítima** pertence ao gênero feminino (a vítima), conquanto possa se referir a pessoas de ambos os sexos.

Ainda com relação ao gênero, dependendo da forma que assumem, os substantivos são classificados em biformes e uniformes.

SUBSTANTIVOS BIFORMES

Biformes são os substantivos que designam pessoas ou animais e que apresentam duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino.

Observe alguns exemplos:

masculino	feminino	masculino	feminino
aluno	aluna	pai	mãe
menino	menina	homem	mulher
moço	moça	carneiro	ovelha
gato	gata	bode	cabra

Observe que a forma feminina dos substantivos do segundo bloco de exemplos não é marcada pela desinência. É uma forma diferente da masculina, proveniente de outro radical. A esses substantivos damos o nome de **heterônimos**.

SUBSTANTIVOS UNIFORMES

Uniformes são os substantivos que apresentam uma única forma, tanto para o masculino como para o feminino.

Subdividem-se em epicenos, comuns de dois gêneros e sobrecomuns.

Substantivos epicenos

São substantivos uniformes que designam animais:

a onça, a borboleta, a foca, o jacaré, o peixe, o pinguim, a baleia, a capivara, a raposa

Caso se queira especificar o sexo do animal, devem-se usar as palavras **macho** ou **fêmea**:

a onça macho, o jacaré fêmea, uma fêmea de baleia

Observe que o substantivo não muda de gênero: **onça** sempre será um substantivo feminino; **jacaré** sempre será um substantivo masculino.

Substantivos comuns de dois gêneros

São substantivos uniformes que designam pessoas. Nesse caso, o gênero é indicado pelo artigo ou outro determinante qualquer:

o colega, **a** colega

o gerente, **a** gerente

estudante esforçad**o**, estudante esforçad**a**

est**e** cliente, aquel**a** cliente

Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros:

o artista, **a** artista

o acionista, **a** acionista

o dentista, **a** dentista

o jornalista, **a** jornalista

Substantivos sobrecomuns

São substantivos uniformes que designam pessoas. Nesse caso, o gênero é fixo (sempre masculino ou sempre feminino):

a criança, **o** cônjuge, **a** pessoa, **a** criatura

Caso se queira especificar o sexo do ser representado pelo substantivo, procede-se assim:

uma criança do sexo masculino, o cônjuge do sexo feminino

Alguns substantivos que costumam causar dúvidas

São masculinos:

o ágape
o alvará
o anátema
o aneurisma
o apêndice
o caudal
o champanha
o clã
o dó (pena, compaixão)
o eclipse
o eczema
o edema
o estratagema
o fibroma
o formicida
o grama (unidade de massa)
o guaraná
o lança-perfume
o plasma
o proclama
o telefonema
o teorema
o tracoma
o trema

São femininos:

a aguardente
a alface
a análise
a bacanal
a cal
a síndrome
a cólera (= raiva, impulso violento)
a comichão
a derme
a dinamite
a ênfase
a hélice
a libido
a omelete
a omoplata
a sentinela

São usados em ambos os gêneros:

o(a) aluvião
o(a) amálgama
o(a) avestruz
o(a) cólera (doença)
o(a)/os(as) diabete(s)
o(a) laringe
o(a) personagem
o(a) sabiá
o(a) suéter

OPOSIÇÃO GÊNERO × SENTIDO

Há substantivos idênticos na forma, porém de gêneros diferentes e significados diferentes. Veja alguns exemplos na lista a seguir.

substantivo masculino	significado	substantivo feminino	significado
o cabeça	o chefe, o líder	**a** cabeça	parte do corpo
o capital	o dinheiro, os bens	**a** capital	cidade principal
o cisma	separação de uma religião	**a** cisma	desconfiança, suspeita
o cura	pároco, vigário	**a** cura	ato ou efeito de curar
o estepe	pneu sobressalente	**a** estepe	tipo de vegetação
o fila	raça de cão	**a** fila	fileira
o grafite	desenho feito sobre rocha ou parede	**a** grafite	bastão que serve para escrever
o guia	pessoa que orienta	**a** guia	formulário para pagamento; meio-fio
o lotação	veículo	**a** lotação	capacidade
o moral	ânimo	**a** moral	parte da filosofia, conclusão
o rádio	aparelho receptor	**a** rádio	estação transmissora

É importante notar que nem sempre está ocorrendo flexão de gênero, e sim homonímia. Os substantivos **o grama / a grama**, por exemplo, são idênticos na forma, mas diferentes no gênero e na origem, ou seja, **o grama** e **a grama** são palavras completamente distintas. Nos dicionários, aparecem como verbetes diferentes:

grama[1]
[Do lat. *gramina*, pl. de *gramen, inis*, 'relva'; 'erva'.]
Substantivo feminino Bot.

1. Designação comum a várias espécies de gramíneas cultivadas em áreas urbanas e jardins, e de outras forrageiras, além de algumas medicinais.
2. Bras. V. *capim-de-burro*.

grama[2]
[Do fr. *gramme* < lat. *gramma* < gr. *grámma*.]
Substantivo masculino
Fís. Unidade de medida de massa no sistema c.g.s., igual a 10^{-3} kg [símb.: *g*]. [É corrente o uso deste vocábulo no feminino.]

(FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009. p. 997.)

FLEXÃO DE NÚMERO

Quanto ao número, o substantivo pode ser singular ou plural:

aluno	alunos	mãe	mães
relógio	relógios	boiada	boiadas
singular	plural	singular	plural

Há, no entanto, substantivos que só aparecem no plural (*pluralia tantum*). Veja alguns:

os afazeres
as alvíssaras
as férias (= repouso)
as fezes
as condolências
os anais
os parabéns
os pêsames
as núpcias
as exéquias
as cãs
os víveres

Há também alguns substantivos que só se empregam no singular (*singularia tantum*), tais como neve, burguesia, sono, sede, fome, lealdade etc.

PLURAL COM ALTERAÇÃO DE TIMBRE DA VOGAL TÔNICA

Em certas palavras, ocorre mudança de timbre da vogal tônica por influência de uma vogal átona posterior. A esse fenômeno dá-se o nome de **metafonia** (*meta* = "mudança"; *fonia* = "som").

No caso dos substantivos, alguns deles sofrem metafonia ao se pluralizarem, mudando o **o** fechado (ô) para **o** aberto (ó). Observe alguns exemplos:

singular (ô)	plural (ó)	singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos	olho	olhos
caroço	caroços	osso	ossos
corno	cornos	ovo	ovos
corpo	corpos	poço	poços
esforço	esforços	posto	postos
fogo	fogos	povo	povos
forno	fornos	socorro	socorros
miolo	miolos	tijolo	tijolos

Nos substantivos da relação abaixo **não ocorre** metafonia:

singular (ô)	plural (ô)	singular (ô)	plural (ô)
almoço	almoços	globo	globos
bolso	bolsos	gosto	gostos
cachorro	cachorros	pescoço	pescoços
esposo	esposos	polvo	polvos
estojo	estojos	sogro	sogros

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS SIMPLES

Substantivos terminados em vogal ou ditongo

Formam o plural pelo acréscimo da desinência -**s**:

isqueiro	isqueiros	mãe	mães
caderno	cadernos	troféu	troféus
pai	pais	degrau	degraus

Substantivos terminados pelo ditongo nasal -*ão*

Fazem o plural de três maneiras:

a) **terminação em -ões** (a maioria desses substantivos e todos os aumentativos):

balão	balões	opinião	opiniões
canção	canções	questão	questões
eleição	eleições	casarão	casarões
vozeirão	vozeirões	rapagão	rapagões

b) **terminação em -ãos:**

acórdão	acórdãos	sótão	sótãos	irmão	irmãos
bênção	bênçãos	cidadão	cidadãos	mão	mãos
órgão	órgãos	cristão	cristãos		

c) **terminação em -ães:**

alemão	alemães	escrivão	escrivães
cão	cães	pão	pães
capitão	capitães	tabelião	tabeliães

Alguns substantivos terminados em -**ão** admitem mais de uma forma para o plural (em substantivos terminados em -**ão** que admitem mais de uma forma para o plural, a terminação -**ões** é a mais usada):

alazão: alazães, alazões
aldeão: aldeões, aldeães, aldeãos
anão: anões, anãos
ancião: anciões, anciãos, anciães
charlatão: charlatões, charlatães
cirurgião: cirurgiões, cirurgiães
ermitão: ermitões, ermitãos, ermitães
guardião: guardiões, guardiães
refrão: refrãos, refrães
verão: verões, verãos
vilão: vilões, vilãos, vilães
vulcão: vulcões, vulcãos

Substantivos terminados em -*r* e -*z*

Formam o plural pelo acréscimo de -**es** ao singular:

mar	mares	dólar	dólares	raiz	raízes
cruz	cruzes	fôlder	fôlderes	giz	gizes
colher	colheres	aprendiz	aprendizes	rapaz	rapazes

Substantivos terminados em -s

Quando não são oxítonos, ficam invariáveis. Quando oxítonos, formam o plural pelo acréscimo de **-es**:

não oxítono		oxítono	
o lápis	os lápis	o ananás	os ananases
o pires	os pires	o país	os países
o ônibus	os ônibus	o retrós	os retroses
o atlas	os atlas	o lilás	os lilases

Observação:

Cais e **cós** são invariáveis.

Substantivos terminados em -x

Os substantivos terminados em **-x** não variam:

o tórax	os tórax	uma xerox	duas xerox
o látex	os látex	o fax	os fax

Substantivos terminados em -l

a) Se o **-l** vier precedido de **a, e, o, u** (**al, el, ol, ul**), formam o plural trocando o **-l** por **-is**:

animal	animais	farol	faróis
papel	papéis	paul	pauis

Observações:

- **Mal** (**males**) e **cônsul** (**cônsules**) são exceções.
- **Mel** e **gel** fazem o plural conforme a regra (**méis, géis**) ou por acréscimo de **-es** (**meles, geles**).

b) Se o **-l** vier precedido de **i** (**il**), podem formar o plural de duas maneiras:

- Os oxítonos trocam o **-l** por **-s**:

barril	barris
funil	funis
fuzil	fuzis

- Os não oxítonos trocam o **-il** por **-eis**:

fóssil	fósseis
míssil	mísseis

Alguns plurais que merecem destaque

abdômen: abdomens ou abdômenes
caráter: caracteres (té)
espécimen: espécimens ou especímenes
hífen: hifens ou hífenes
júnior: juniores (ô)
líquen: liquens ou líquenes
sênior: seniores (ô)

Plural dos diminutivos terminados em -zinho e -zito

O plural dos diminutivos terminados em **-zinho** e **-zito** é feito da seguinte forma:

1. Coloca-se a palavra primitiva no plural:
   bar → bares; mulher → mulheres; coronel → coronéis; cão → cães
2. Retira-se o **-s** de plural da palavra primitiva:
   bares – -s = bare; mulheres – -s = mulhere; coronéis – -s = coronéi; cães – -s = cãe
3. Acrescenta-se a terminação **-zinho** ou **-zito** seguida de **-s**:
   bare → barezinhos; mulhere → mulherezinhas; coronéi → coroneizinhos; cãe → cãezitos

PLURAL DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Não é fácil sistematizar o plural dos substantivos compostos, uma vez que ocorrem muitas oscilações, mesmo na língua formal. Cumpre, no entanto, observar as seguintes regras:

1. Os substantivos compostos ligados sem hífen formando uma única palavra fazem o plural como se fossem substantivos simples:

aguardente	aguardentes	passatempo	passatempos
girassol	girassóis	lobisomem	lobisomens

2. Nos substantivos compostos que apresentam seus elementos ligados por hífen, podem variar ambos os elementos, apenas um dos elementos ou nenhum dos elementos, conforme as regras a seguir.

a) Nos compostos formados de palavras repetidas (ou muito semelhantes), só o segundo elemento varia:

teco-teco	teco-tecos	bangue-bangue	bangue-bangues
tico-tico	tico-ticos	pingue-pongue	pingue-pongues
reco-reco	reco-recos	lambe-lambe	lambe-lambes

b) Nos compostos cujos elementos venham unidos por preposição, só o primeiro elemento varia:

feijão-de-corda	feijões-de-corda	pimenta-de-cheiro	pimentas-de-cheiro
couve-de-bruxelas	couves-de-bruxelas	cravo-da-índia	cravos-da-índia
estrela-do-mar	estrelas-do-mar	andorinha-do-mar	andorinhas-do-mar

Observação:

Essa regra aplica-se também para substantivos compostos em que não ocorre o hífen.

pão de ló	pães de ló	mula sem cabeça	mulas sem cabeça	camisa de força	camisas de força

c) Nos compostos formados de **grão**, **grã** e **bel** seguidos de substantivo, só varia o segundo elemento:

grão-duque	grão-duques	grão-mestre	grão-mestres
grã-duquesa	grã-duquesas	bel-prazer	bel-prazeres

d) Nos compostos formados por dois substantivos, se o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando tipo, finalidade ou semelhança, a variação ocorre somente no primeiro elemento:

banana-maçã	bananas-maçã	peixe-espada	peixes-espada
manga-rosa	mangas-rosa	salário-família	salários-família
caneta-tinteiro	canetas-tinteiro	samba-enredo	sambas-enredo

Teste: função do segundo substantivo

Como nem sempre é fácil perceber se o segundo elemento limita ou restringe o primeiro, sugerimos o seguinte procedimento: se a relação entre os dois substantivos não for aditiva (procure acrescentar a conjunção **e**), com certeza o segundo substantivo estará limitando ou restringindo o primeiro:

banana-maçã não é banana **e** maçã peixe-espada não é peixe **e** espada

e) Nos compostos formados de verbo seguido de substantivo no plural ou de palavra invariável, ambos os elementos ficam invariáveis:

o saca-rolhas	os saca-rolhas	o porta-luvas	os porta-luvas
o tira-dúvidas	os tira-dúvidas	o vale-tudo	os vale-tudo
o caça-dotes	os caça-dotes	o conta-gotas	os conta-gotas
o lava-rápido	os lava-rápidos	o pisca-alerta	os pisca-alertas

f) Para os demais substantivos compostos e para os derivados por prefixação cujo prefixo venha ligado ao segundo elemento por hífen, convém observar o seguinte: só devem ir para o plural os elementos representados por substantivos, adjetivos e numerais. Verbos, advérbios e prefixos (ex-, vice- etc.) ficam invariáveis. Observe:

- **Variam os dois elementos** (substantivo + substantivo, substantivo + adjetivo, adjetivo + substantivo, numeral + substantivo):

couve-flor	couves-flores	cabra-cega	cabras-cegas
sofá-cama	sofás-camas	lugar-comum	lugares-comuns
carro-forte	carros-fortes	mão-boba	mãos-bobas
puro-sangue	puros-sangues	quinta-feira	quintas-feiras
montanha-russa	montanhas-russas	primeira-dama	primeiras-damas
boia-fria	boias-frias	obra-prima	obras-primas
boa-vida	boas-vidas	segundo-tenente	segundos-tenentes

- **Varia apenas o segundo elemento** (verbo + substantivo, advérbio + adjetivo, prefixo + substantivo):

guarda-roupa	guarda-roupas	ganha-pão	ganha-pães
guarda-comida	guarda-comidas	sempre-viva	sempre-vivas
guarda-chuva	guarda-chuvas	abaixo-assinado	abaixo-assinados
beija-flor	beija-flores	bem-amado	bem-amados
vira-lata	vira-latas	ex-aluno	ex-alunos
bate-papo	bate-papos	vice-reitor	vice-reitores
quebra-cabeça	quebra-cabeças	trava-língua	trava-línguas

Observação:

Quando a palavra **guarda** lembrar a pessoa, aquele que guarda ou vigia, e vier seguida de adjetivo, será substantivo e, portanto, irá para o plural:

guardas-noturnos, guardas-civis, guardas-florestais

g) Frases substantivadas ficam invariáveis:

o maria vai com as outras	os maria vai com as outras
o leva e traz	os leva e traz

FLEXÃO DE GRAU

Além do grau normal, o substantivo pode se apresentar no grau **aumentativo** e no grau **diminutivo**. A indicação do grau do substantivo pode ser feita de duas maneiras:

a) **analiticamente:** determina-se o substantivo por um adjetivo que indica aumento ou diminuição:

menino grande (aumentativo analítico)
menino pequeno (diminutivo analítico)

b) **sinteticamente:** acrescentam-se ao substantivo sufixos indicadores de grau:

meninão (aumentativo sintético)
menininho (diminutivo sintético)

Grau do substantivo: flexão ou derivação?

Tradicionalmente, tem-se considerado o grau como flexão, o que é abonado pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB).

Atualmente, no entanto, diversos linguistas e gramáticos entendem que na alteração do grau do substantivo não ocorre flexão da palavra. Eles consideram que a alteração de grau não é um mecanismo que interfere na concordância, como ocorre na alteração do gênero e do número:

menin**o** estudios**o** — menin**a** estudios**a** — menin**os** estudios**os**

menin**o** estudios**o** — menin**ão** estudios**o** — menin**inho** estudios**o**

Segundo esse entendimento, em palavras como **meninão** e **menininho** ocorreu derivação sufixal e não flexão.

ALGUNS AUMENTATIVOS SINTÉTICOS QUE MERECEM DESTAQUE

amigo	amigalhão	corpo	corpanzil
animal	animalaço	fogo	fogaréu
barca	barcaça	forno	fornalha
bobo	bobalhão	homem	homenzarrão
cabeça	cabeçorra	nariz	narigão
cão	canzarrão	rapaz	rapagão
chapéu	chapelão	sábio	sabichão
copo	copázio	voz	vozeirão

ALGUNS DIMINUTIVOS SINTÉTICOS QUE MERECEM DESTAQUE

animal	animalejo	estátua	estatueta	ponte	pontilhão
astro	asteroide	farol	farolete	rio	riacho
bandeira	bandeirola	frango	frangote	rua	ruela
barba	barbicha	guerra	guerrilha	sala	saleta
burro	burrico	ilha	ilhota	sino	sineta
casa	casebre	laje	lajota	verão	veranico
chuva	chuvisco	lugar	lugarejo	via	viela
espada	espadim	papel	papelucho	vila	vilarejo

ALGUNS DIMINUTIVOS ERUDITOS

corpo	corpúsculo	cela	célula	núcleo	nucléolo
febre	febrícula	nó	nódulo	monte	montículo
feixe	fascículo	orelha	aurícula	obra	opúsculo
globo	glóbulo	ovo	óvulo	raiz	radícula
grão	grânulo	parte	partícula	rede	retículo
gota	gotícula	porção	porciúncula	verme	vermículo
homem	homúnculo	pele	película	verso	versículo
questão	questiúncula				

MORFOSSINTAXE

Uma mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe gramatical. Observe a palavra **doente** nas frases abaixo:

O **doente** precisa de cuidados médicos.

Guilherme faltou à aula porque estava **doente**.

Na primeira frase, **doente** é um substantivo, pois nomeia um ser e funciona como núcleo do sujeito; na segunda, trata-se de um adjetivo, pois caracteriza o substantivo Guilherme, atribuindo-lhe uma característica, um estado.

Esses exemplos nos mostram que a classificação morfológica de uma palavra, para ser eficaz, tem de levar em conta o papel que ela desempenha dentro da oração, ou seja, sua função sintática. Em outras palavras: há uma estreita relação entre a morfologia (a classificação da palavra) e a sintaxe (a função que a palavra desempenha na oração).

Quando estudamos as palavras ao mesmo tempo do ponto de vista sintático e morfológico, estamos fazendo **morfossintaxe**.

MORFOSSINTAXE DO SUBSTANTIVO

Na oração, o substantivo funciona como núcleo de um grupo nominal, preposicionado ou não, podendo exercer todas as funções sintáticas, exceto a de núcleo do predicado verbal, desempenhada necessariamente por um verbo. Veja:

a) **sujeito:**

Vendas crescem no final do ano.

b) **predicativo do sujeito:**

Felipe é **astrônomo**.

c) **predicativo do objeto:**

Consideraram o técnico **herói**.

d) **objeto direto:**

No mês passado, compraram **livros**.

e) **objeto indireto:**

Acreditam em **Deus**.

f) **complemento nominal:**

Tinham sede de **justiça**.

g) **agente da passiva:**

A praia foi tomada por **turistas**.

h) **aposto:**

A mulher de Hagar, **Helga**, estava nervosa.

i) **vocativo:**

Alunos, comportem-se.

O substantivo pode ainda aparecer como núcleo de locuções adjetivas e adverbiais:

Ficaram com dor de **estômago**.
Ele estuda de **manhã**.

A gramática no dia a dia

As orientações apresentadas neste capítulo com relação à flexão dos substantivos referem-se a um registro específico da língua: o nível formal culto. No entanto, convém lembrar que, mesmo no padrão culto de linguagem, podem ocorrer oscilações. A seguir, comentaremos algumas.

1. Afirmamos que nos substantivos compostos em que o segundo elemento limita ou determina o primeiro, indicando tipo ou finalidade, só o primeiro elemento varia:

banana-maçã → bananas-maçã peixe-espada → peixes-espada

No entanto, mesmo no padrão culto, é comum a pluralização de ambos os elementos (**bananas-maçãs**, **peixes-espadas**), formas essas já abonadas por dicionários e gramáticas.

2. Como vimos, nos substantivos terminados em **-l**, se o **-l** for precedido de **a**, **e**, **o**, **u**, formam o plural trocando o **-l** por **-is**:

animal → animais farol → faróis papel → papéis paul → pauis

No entanto, para o substantivo **gol**, utilizamos o plural **gols**, que, mesmo contrário aos mecanismos de flexão do português, já está tão arraigado e consagrado pelo uso que dificilmente será substituído pelas formas vernáculas **gois** ou **goles**, já propostas por alguns gramáticos.

No português de Portugal, utiliza-se o plural **golos** (pronuncia-se **gôlos**), uma vez que lá a palavra inglesa *goal* foi aportuguesada para **golo** (pronuncia-se **gôlo**). Em algumas cidades do sul do Brasil, percebe-se tal uso.

3 Alguns substantivos, originalmente aumentativos ou diminutivos, não mais transmitem ideia de aumento ou diminuição. São por isso chamados de aumentativos e diminutivos formais. É o que ocorre, por exemplo, em:

cartão, portão, caldeirão, sacolão, orelhão, tampinha, cigarrilha, folhinha (calendário), coxinha

4 Em outros casos, os sufixos aumentativos e diminutivos são utilizados com valor afetivo (**paizinho**, **amorzinho**) ou pejorativo (**livreco**, **gentinha**).

5 É comum a utlização de um substantivo que designa coisa para designar pessoa:

a trouxa (embrulho, fardo de roupa)	o trouxa (pessoa tola)
a laranja (uma fruta)	o laranja (intermediário em operações fraudulentas)
a goiaba (uma fruta)	o goiaba (pessoa aborrecida, chata)

Atividades

Texto para as questões de 1 a 3.

"**Cuidados com o talão de cheques** – Tome a máxima cautela na guarda deste talão. A perda, extravio ou furto de qualquer cheque pode acarretar-lhe sérios danos, pois o banco não se responsabiliza pelo pagamento de cheques perdidos, extraviados, falsos ou falsificados, se a assinatura do emitente não for facilmente reconhecível em confronto com a existente em seus registros. Comunique imediatamente a sua agência, caso ocorra perda ou extravio de cheque ou deste talão."

(Informação constante no talão de cheques de um banco brasileiro.)

1. Muitos substantivos apresentam o mesmo radical de verbos. Indique os verbos correspondentes aos seguintes substantivos do texto:
   a) guarda
   b) perda
   c) extravio
   d) furto
   e) emitente

2. As palavras **perdidos**, **extraviados**, **falsos** e **falsificados** referem-se a um substantivo do texto.
   a) Qual é esta palavra?
   b) Que função essas palavras exercem em relação ao substantivo a que se referem?
   c) A que classe pertencem?

3. No trecho "[...] se a assinatura do emitente não for facilmente reconhecível em confronto com a existente em seus registros [...]", um substantivo ficou subentendido. Qual?

Texto para a questão 4.

"O sultão é traído por sua mulher e resolve vingar-se em outras moças. Assim, passa cada noite com uma jovem, mandando matá-la no dia seguinte, até que Sherazade se oferece para passar uma noite com ele, com a condição de lhe contar uma história antes da execução. O sultão deixa-se envolver, noite após noite, pelas fascinantes narrativas de Sherazade, e assim se passam mil e uma noites."

(Texto de quarta capa do livro *As mil e uma noites*. Adaptação de Julieta de Godoy Ladeira. 12. ed. São Paulo: Scipione, 2003.)

4. Pronomes são palavras que, entre outras coisas, são usadas para substituir substantivos. Reescreva o trecho a seguir substituindo os pronomes destacados pelos substantivos que eles representam. Faça as modificações que julgar necessárias.

   "Assim, passa cada noite com uma jovem, mandando matá-**la** no dia seguinte, até que Sherazade se oferece para passar uma noite com **ele**, com a condição de **lhe** contar uma história antes da execução."

Texto para as questões 5 e 6.

Couve-flor frita

500 gramas de couve-flor, cortada pelos talos em ramos médios; 4 colheres (de sopa) de óleo vegetal; sal, pimenta-do-reino a gosto.

Numa caçarola, ferva o óleo vegetal e aí frite, bem mergulhadinhos, os ramos crus de couve-flor, de modo que suas extremidades mais tenras comecem a ficar ligeiramente queimadas. Retire-os com escumadeira, escorridinhos, depositando-os no prato de servir, polvilhando-se os ramos com sal e pimenta.

Come-se quente, tépido ou frio, com pão, servindo de acompanhamento para carnes do mar, ar ou terra.

(HOUAISS, Antonio. *Receitas rápidas: 103 receitas de (até) 18 minutos*. 2. ed. aumentada. São Paulo: Círculo do Livro/Art Editora, 1987. p. 32.)

5. Você já viu que, quanto à formação, os substantivos podem ser simples ou compostos. Há dois substantivos compostos no texto.
   a) Quais são eles?
   b) Por quais classes de palavras eles são formados?

6. Nas receitas culinárias, costumam aparecer substantivos compostos. Além dos que aparecem no texto, cite mais alguns que você conhece.

Texto para as questões 7 e 8.

"Passou-se um mês de calma e sem qualquer acontecimento que pudesse causar a menor preocupação aos parentes e amigos de nossos aventureiros. Um dia o barbeiro e o cura quiseram verificar se, finalmente, Dom Quixote estava curado de suas manias cavaleirescas.

(...)

– Ai, meu Deus! – suspirou a sobrinha. – Esse não tem mais cura."

(CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Adaptação de José Angeli. 21. ed. São Paulo: Scipione, 2005. p. 69.)

7. Transcreva do texto um substantivo comum de dois gêneros e dois substantivos derivados.

8. O substantivo **cura** aparece duas vezes no texto. Dê o sentido dessa palavra em cada uma das ocorrências.

9. Nos textos a seguir, aponte os substantivos.

a) "A tripulação anda pelo convés com passos inquietos e trêmulos; mas em seus semblantes há alguma coisa mais próxima da ansiedade da esperança do que da apatia do desespero."

(Edgar Allan Poe)

b) "A impossibilidade de vê-lo me exasperava e eu acendia todas as lâmpadas do meu apartamento, como se pudesse, àquela claridade, descobri-lo."

(Guy de Maupassant)

c) "Durante todos esses anos o homem observa o porteiro quase sem interrupção. Esquece os outros porteiros e este primeiro parece-lhe o único obstáculo para a entrada na lei."

(Franz Kafka)

10. Destaque, nas frases a seguir, as palavras que, no contexto, funcionam como substantivos.

a) Os fortes sobreviveram, os fracos pereceram.

b) "Um fraco rei faz fraca a forte gente."

(Camões)

c) "Precisamos dar um basta nessa imoralidade que é a caça esportiva no Rio Grande do Sul."

(*Os Caminhos da Terra*, maio 2000. p. 9.)

d) Basta de hipocrisia: vamos denunciar Marcelo porque ele caça animais por esporte.

e) "Todo executivo tem seu preço."

(*Veja São Paulo*, n. 16, abr. 2000. p. 45.)

f) "(...) almoço executivo com duas opções de entrada (...)"

(*Veja São Paulo*, n. 16, abr. 2000. p. 45.)

11. Escreva no plural as frases a seguir.

a) O guarda-noturno perdeu o guarda-chuva.

b) A ex-aluna compareceu ao chá de cozinha.

12. Passe para o feminino as frases a seguir.

a) O czar era um autêntico cavalheiro.

b) O genro e o sogro criavam carneiros e bodes.

c) O juiz e o herói eram padrinhos do cônsul.

d) Aquele indivíduo conhecia o jornalista e o estudante.

e) Aquele artista era o ídolo do dentista.

13. Da relação a seguir, destaque os substantivos que só aparecem no plural.

ônibus – pires – lápis – camponês – núpcias – pêsames – hemorroidas – alferes – atlas – ananás – país – tênis

14. Reescreva as frases seguintes, substituindo a palavra destacada por um coletivo que lhe corresponda, fazendo as alterações necessárias.

a) Os **artistas** da novela saíram atrasados.

b) Os **navios de guerra** voltaram ao mar.

c) Os **jurados** reuniram-se na sala secreta.

d) Os **examinadores** aprovaram o candidato.

15. Transforme as frases a seguir, colocando os substantivos destacados no aumentativo sintético.

a) O **rapaz** possuía um **chapéu**.

b) O **homem** fez um **drama**.

16. Nas frases a seguir, substitua a expressão destacada por uma única palavra.

a) Na **pequena ilha** há um **pequeno rio**.

b) Naquela **pequena vila** morava um **rapaz imenso** que tinha um **nariz enorme**.

c) Na **pequena rua** havia **pequenas casas** e um **pequeno palácio**.

d) Havia um **cão enorme** na **pequena sala**.

e) Um **pequeno burro** foi levado numa **grande barca**.

17. Dê o feminino de:

cantor	deputado
profeta	ministro
sacerdote	governador
bode	maestro
carneiro	solteirão
cavaleiro	cirurgião
padre	cônsul
abade	frade
frei	monge
perdigão	hebreu
sogro	padrinho

18. Forme substantivos abstratos, conforme o modelo:

menino feliz → a felicidade do menino

a) homem triste

b) crianças pobres

c) edifício alto

d) homem livre

e) mulher viúva

f) recordar a cena

g) imprimir o livro

h) atualizar os conhecimentos

i) verificar os resultados

j) conceder os privilégios

19. Forme substantivos derivados de:

a) pedra
b) livro
c) flor
d) mar
e) máquina
f) telefone
g) jornal

20. Forme substantivos abstratos derivados de:

a) investir
b) brando
c) mesquinho
d) trabalhar
e) revelar
f) alegre
g) maluco
h) insensato
i) construir
j) afirmar

21. Coloque o artigo definido antes dos substantivos que seguem.

apêndice
anátema
edema
telefonema
trema
teorema
axioma
coala
grama (unidade de massa)
clã
dó (pena, compaixão)
lança-perfume
omoplata
síndrome
comichão
champanha
eclipse
aguardente
alface
bacanal
ênfase
esquema
guaraná
libido
faringe
dinamite

22. Marque **E** para substantivo epiceno, **DG** para substantivo comum de dois gêneros e **S** para substantivo sobrecomum.

a) jovem
b) jornalista
c) colega
d) estudante
e) criança
f) cônjuge
g) carrasco
h) criatura
i) onça
j) jacaré
k) águia
l) cobra
m) gerente
n) indivíduo
o) testemunha
p) vítima
q) artista
r) dentista
s) assistente
t) pessoa
u) tamanduá
v) ídolo
w) médium

23. Escreva os substantivos a seguir no plural.

degrau
troféu
lápis
alemão
açúcar
balão
canção
giz
coração
caráter
questão
português
opinião
casarão
atlas
paredão
pires
vozeirão
ônibus
cão
capitão
cônsul
tabelião
cidadão
cristão
fóssil
fuzil
fusível
réptil
projétil
tórax
látex

24. Dê o aumentativo sintético de:

a) animal
b) barca
c) cabeça
d) copo
e) fogo
f) homem
g) voz
h) rapaz

25. Escreva os diminutivos a seguir no plural.

a) generalzinho
b) papelzinho
c) chapeuzinho
d) jornalzinho
e) cãozinho
f) colarzinho
g) hotelzinho
h) pastelzinho

26. Dê o diminutivo erudito de:

a) grão
b) corpo
c) feixe
d) questão
e) globo
f) gota
g) verso
h) homem
i) pele
j) ovo
k) porção
l) raiz
m) monte
n) obra
o) parte
p) febre

27. Escreva os substantivos a seguir no plural:

roleta-russa
caixa-preta
água-de-colônia
tico-tico
cala-boca
ex-aluno
marca-texto
teco-teco
queixa-crime
pingue-pongue
amor-perfeito
guarda-civil
boa-vida
guarda-noturno
caneta-tinteiro
tique-taque
peixe-boi
vira-lata
beija-flor
manga-rosa
lava-rápido
guarda-comida
salva-vidas
guarda-chuva
segunda-feira
saca-rolhas
quebra-nozes
bem-amado

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Depressão não é tristeza?

A teoria tradicional diz que a depressão é uma deficiência de serotonina – um neurotransmissor relacionado a funções como o humor, o sono e o apetite – e, para combatê-la, tudo o que os antidepressivos fazem é aumentar a quantidade dessa substância no cérebro. Mas duas questões nessa teoria intrigam os cientistas há algum tempo. A primeira é que, pouco depois de tomar esses remédios, o cérebro já está cheio de serotonina e, no entanto, nada acontece. O segundo é que os efeitos esperados só vão aparecer um mês depois. Um mês é exatamente o tempo que o cérebro leva para produzir novos neurônios e fazê-los funcionar. Foi daí que se suspeitou que existe uma relação entre a depressão e a queda na produção de novas células no cérebro.

Outros indícios reforçaram a hipótese: o estresse – um dos principais fatores que desencadeiam a depressão – também inibe a neurogênese, como se o cérebro estivesse mais preocupado em sobreviver ao fator estressante que em produzir neurônio para o futuro. Mas a primeira evidência concreta veio em 2000, quando cientistas americanos mostraram que os principais tratamentos antidepressivos aumentam a neurogênese em ratos adultos. No ano seguinte, percebeu-se também que bloquear o nascimento de neurônios tornava ineficazes os antidepressivos. Agora a esperança é encontrar uma forma de estimular a neurogênese e, com isso, aliviar a depressão. Ao que indicam esses estudos, essa doença pode não ser só um estado de tristeza, mas, sim, o efeito da falta de neurônios novos e da consequente perda da habilidade de se adaptar a mudanças.

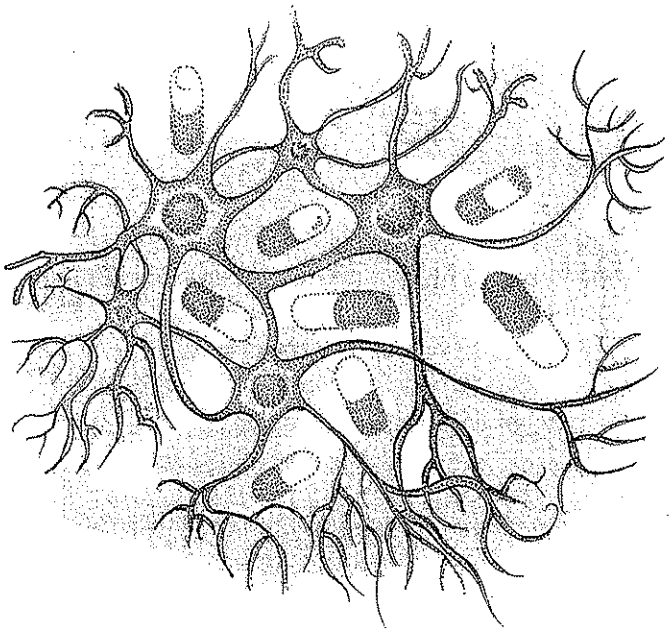

(SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, v. 229, ago. 2006. p. 50.)

1. Com que intenção foi publicado o texto que você acabou de ler?

2. O que vem a ser um antidepressivo?

3. O texto "Depressão não é tristeza?" é classificado como texto de divulgação científica. Como o próprio nome indica, esse tipo de texto é usado para transmitir ao público em geral, em linguagem acessível, informações, descobertas e novidades científicas. Mesmo assim, nesse tipo de texto acabam sendo empregadas palavras específicas da área de conhecimento abordada. Indique alguns desses termos e informe a que área do conhecimento eles fazem referência.

4. Um leitor comum talvez não saiba o significado da palavra serotonina. Que recurso o autor usou para que o leitor entendesse o texto, mesmo não sabendo o significado dessa palavra?

5. Nos textos, substantivos podem ser retomados por pronomes ou por outro substantivo com o qual guarda alguma relação de sentido. Nos trechos a seguir, indique a que substantivos referem-se os termos destacados.

   a) "...os antidepressivos fazem é aumentar a quantidade dessa **substância** no cérebro."

   b) "A primeira é que, pouco depois de tomar esses **remédios**, o cérebro já está cheio de serotonina..."

   c) Um mês é exatamente o tempo que o cérebro leva para produzir novos neurônios e fazê-**los** funcionar.

   d) "... para combatê-**la**, tudo o que os antidepressivos fazem é aumentar a quantidade **dessa** substância no cérebro."

6. Observe os termos destacados nos trechos a seguir.

   "... tudo o que os **antidepressivos** fazem é aumentar a quantidade dessa substância no cérebro..."

   "... cientistas americanos mostraram que os principais tratamentos **antidepressivos** aumentam a neurogênese em ratos adultos."

   A que classe gramatical pertencem as palavras destacadas?

CAPÍTULO 6

Artigo

DEFINIÇÃO

Damos o nome de artigo às palavras **o** e **um** (e suas flexões) que se antepõem a um substantivo determinando-o de modo preciso (**o** e suas flexões) ou vago (**um** e flexões), indicando-lhe o gênero e o número.

Observe:

O atleta veio de **uma** cidade pequena.

Os atletas vieram de **umas** cidades pequenas.

A expedição percorreu **um** lugar inóspito.

As expedições percorreram **uns** lugares inóspitos.

O artigo é uma palavra gramatical, isto é, isoladamente não possui significado. Sempre está ligado a um substantivo do qual depende e com o qual concorda em gênero e número, formando um grupo nominal cujo núcleo será o substantivo.

Veja:

o atleta

as expedições

um lugar inóspito

uns lugares inóspitos

CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

Os artigos são classificados em:

a) **artigo definido:** determina o substantivo de modo preciso, particularizando-o. Pode ser singular (**o**, **a**) ou plural (**os**, **as**).

O menino resolveu **a** questão.

Os meninos resolveram **as** questões.

b) **artigo indefinido:** determina o substantivo de modo vago, impreciso, generalizando-o. Pode ser singular (**um**, **uma**) ou plural (**uns**, **umas**).

Um jornalista viajou para **uma** cidade distante.

Uns jornalistas viajaram para **umas** cidades distantes.

PROPRIEDADES DOS ARTIGOS

1. A anteposição do artigo pode substantivar qualquer palavra:

   Vamos deixar de lado **os entretantos** e vamos direto **aos finalmentes**. (**entretanto:** conjunção substantivada, exercendo a função de complemento de "deixar"; **finalmente:** advérbio substantivado exercendo a função de complemento de "vamos")

   Como resposta recebeu **um não**. (**não:** advérbio substantivado, exercendo a função sintática de complemento de "recebeu")

   Na vida jornalística, **o porquê** dos fatos nunca pode ser desprezado. (**porquê:** conjunção substantivada, exercendo a função sintática de núcleo do sujeito)

2. O artigo evidencia o gênero e o número do substantivo que estiver determinando:

   Fiquei com **um dó** danado do menino. (**dó:** substantivo masculino singular)
   No almoço, comeu **uma omelete**. (**omelete:** substantivo feminino singular)
   Convidaram **a colega** para jantar. (**colega:** substantivo feminino singular)
   Os colegas de Pedro chegaram atrasados. (**colegas:** substantivo masculino plural)
   O lápis estava diante dele. (**lápis:** substantivo masculino singular)
   Os lápis estavam diante dele. (**lápis:** substantivo masculino plural)

3. O artigo pode aparecer unido com preposições:

   Ele estava **no** sítio dos amigos. (**no** = em + o)
   Ele precisava **do** apoio dos amigos. (**do** = de + o)
   Deixou o livro **numa** mala. (**numa** = em + uma)
   Não pôde comparecer **à** festa. (**à** = a + a)
   Fizeram referência **às** pessoas presentes. (**às** = a + as)

Observação:

A fusão da preposição **a** com o artigo **a** (ou **as**) é indicada pelo acento grave (`) e recebe o nome de crase. O uso do acento grave para indicar a ocorrência da crase será estudado no capítulo 20, **Crase**.

EMPREGO DOS ARTIGOS

1. Um grupo nominal introduzido por artigo indefinido deve ser retomado por um grupo nominal introduzido por artigo definido:

   Um motorista dirigia **um carro** por **uma estrada**. Como **a estrada** estava mal sinalizada, **o motorista** conduzia **o carro** com cuidado redobrado.

2. É obrigatório o emprego do artigo definido entre o numeral **ambos** e o substantivo a que esse numeral se refere:

   O juiz solicitou a presença de **ambos os** cônjuges.
   Compareceram pessoas de **ambos os** sexos.

3. Nunca deve ser usado artigo depois do pronome relativo **cujo** (e suas flexões):

   Este é o homem **cujo** amigo desapareceu.
   Este é o autor **cujas** obras aprecio.

4. Não se deve usar artigo antes das palavras **casa** (no sentido de lar, moradia) e **terra** (no sentido de chão firme), a menos que venham especificadas:

   Eles estavam **em casa**.
   Eles estavam na **casa dos amigos**.
   Os marinheiros permaneceram **em terra**.
   Os marinheiros permaneceram na **terra dos anões**.

5. Com nomes de pessoas, geralmente não se usa artigo, já que indicam pessoas determinadas:

   Lígia e **Paulo** não compareceram à cerimônia.
   Capitu é personagem de um romance de **Machado de Assis**.
   Napoleão teve de abandonar a Rússia.

6 Alguns nomes de lugar admitem a anteposição do artigo; outros, não:

Passaram o carnaval em **Salvador**.
Florianópolis é a capital de **Santa Catarina**.
Nevou em **Roma**.
Brasília é a capital da República.
Arroz de cuxá é um prato típico d**o Maranhão**.
Passaram o carnaval n**a Bahia**.
Faz muito calor n**o Piauí**.

7 Se o nome de lugar que não admite artigo vier qualificado, passa a admitir o artigo:

A bela Florianópolis é capital de Santa Catarina.
Não conheciam **a velha Salvador**.
Estavam n**a Roma antiga**.
A moderna Brasília é considerada um monumento arquitetônico.

8 Com nomes de rios, usa-se o artigo, embora designem rio determinado:

o Araguaia, o São Francisco, o Sena, o Tâmisa

9 É facultativo o emprego do artigo definido diante dos pronomes possessivos:

Deixaram **meu livro** na sala.
Deixaram **o meu livro** na sala.
Não conheço **sua namorada**.
Não conheço **a sua namorada**.

10 Não se emprega artigo antes dos pronomes de tratamento:

Vossa Excelência resolverá os problemas de **Sua Senhoria**.
Conheci **Vossa Alteza** no ano passado.

11 Emprega-se o artigo definido com o superlativo relativo:

Não consegui resolver **as** questões mais difíceis.
Resolvi **as** mais difíceis questões.

No padrão culto de linguagem, não se admite a repetição do artigo:

Não consegui resolver **as** questões **as** mais difíceis. (Essa construção **não é aceita** no padrão culto.)

12 Depois do pronome indefinido **todo**, emprega-se artigo quando se quer dar ideia de **inteiro**, **totalidade**. Quando se quer dar ideia de **qualquer**, omite-se o artigo:

Ele leu todo **o** livro. (o livro inteiro)
Todo homem é mortal. (qualquer homem)
Todo **o** país comemorou a conquista. (o país inteiro)
Todo país tem seu governo. (qualquer país, cada país)

No plural, **todos** e **todas** sempre virão seguidos de artigo, exceto se houver palavra que o exclua, ou numeral não seguido de substantivo:

Todos os alunos compareceram.
Todos estes alunos compareceram.
Todos cinco compareceram.
Todos os cinco alunos compareceram.

13 Não se une com preposição o artigo que faz parte do nome de revistas, jornais, obras literárias:

Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
A notícia foi publicada em *O Globo*.
"Inês de Castro" é um episódio de *Os lusíadas*.
Em *A origem das espécies*, Darwin nos apresenta sua teoria sobre a evolução.

14 Não se deve empregar artigo diante de substantivos utilizados em sentido genérico:

Hoje é possível tocar **violoncelo** e até mesmo **bateria** sem fazer nenhum ruído.

15 Vimos que o artigo definido particulariza o ser a que se refere. Há caso, entretanto, em que o artigo definido, mesmo se referindo a um substantivo singular, tem caráter genérico:

Ninguém duvida de que **o** avião seja um meio de transporte seguro.
O advogado deve prestar contas a**o** cliente.

16 Usa-se o artigo definido em lugar do pronome indefinido **cada** para exprimir, por unidade de peso ou medida, o custo ou o valor de determinada coisa:

No supermercado, estão vendendo carne a dez reais **o** quilo. (= cada quilo)
Vendiam terrenos a mais de mil reais **o** metro quadrado. (= cada metro quadrado)

17 O artigo indefinido é também usado para exprimir quantidade aproximada ou comparação:

Maria Helena teria **uns** sessenta anos de idade.
Guilherme joga futebol, mas não é **um** Pelé.

MORFOSSINTAXE DO ARTIGO

Como vimos, o artigo sempre determina um substantivo com o qual concorda em gênero e número. Justamente por isso, exerce na oração a função sintática de adjunto adnominal do substantivo que está determinando. Observe:

O dia permanece nublado.

O artigo **o** forma o sujeito "O dia", em que o substantivo **dia** desempenha o papel de núcleo e o artigo desempenha o papel de adjunto adnominal.

Observe este exemplo:

Eles não conheciam **as** leis.

O artigo **as** forma o complemento verbal "as leis", em que o substantivo **leis** desempenha o papel de núcleo e o artigo desempenha o papel de adjunto adnominal.

No caso a seguir, o artigo **um** forma o sujeito "Um problema", em que o substantivo **problema** desempenha o papel de núcleo e o artigo desempenha o papel de adjunto adnominal:

Um problema ainda permanece sem solução.

No próximo exemplo, o artigo **umas** forma o sujeito "umas pessoas ilustres", em que o substantivo **pessoas** desempenha o papel de núcleo; o artigo **umas** e o adjetivo **ilustres** desempenham o papel de adjuntos adnominais:

Compareceram **umas** pessoas ilustres.

A gramática no dia a dia

ARTIGO COM VALOR DE SUPERLATIVO

Na linguagem atual, é comum encontrarmos o emprego do artigo definido com valor de superlativo absoluto, como ocorre na manchete da notícia a seguir:

Enfim, um clássico, mas não o clássico...

O primeiro clássico do Campeonato Paulista de 2000 com alguma importância no desenrolar da competição está esvaziado.

Palmeiras e Corinthians vão se enfrentar em campo hoje, às 16h, no Morumbi, com boa parte de seus times formada por reservas.

(*Folha de S.Paulo*, 7 maio 2000. p. 4-1.)

Em construções desse tipo, o artigo definido é empregado geralmente em oposição ao artigo indefinido:

"Enfim, **um** clássico, mas não **o** clássico..."

Não era **um** carro qualquer: era **o** carro.

Por não saber falar inglês, Pedro não perdeu **um** emprego. Perdeu **o** emprego.

EMPREGO OU OMISSÃO DOS ARTIGOS: DETALHES DE SIGNIFICAÇÃO

Ao optarmos pelo uso dos artigos ou pela omissão deles, realçamos diferentes detalhes de significação:

Foi acusado **do crime**. Foi acusado **de um crime**. Foi acusado **de crime**.

Na primeira frase, a presença do artigo definido antes do substantivo **crime** confere à acusação um caráter preciso: os interlocutores sabem a que crime se faz referência.

Na segunda, ao se optar pelo artigo indefinido, confere-se à acusação um caráter vago: trata-se de um crime qualquer, sobre o qual os interlocutores não têm mais informações.

Na terceira, a ausência de artigo antes do substantivo **crime** confere à acusação um caráter genérico, tornando a acusação mais vaga do que na segunda frase.

ARTIGOS COM NOMES DE PESSOAS

Na linguagem coloquial de alguns estados brasileiros, é frequente a anteposição de artigo a nomes de pessoas, a fim de indicar afetividade ou familiaridade:

O Paulo é meu melhor amigo. **A** Raquel é minha namorada.

Atividades

Textos para a questão 1.

Texto 1

"Os técnicos brasileiros adoram mudar o número de zagueiros, de uma partida para outra ou em uma mesma partida. Em um jogo, o time joga bem com dois zagueiros. Em outro, com três. Algumas vezes, a mudança é necessária. Quando o Sport ficou com dez jogadores, Muricy Ramalho, imediatamente, trocou o terceiro zagueiro por um atacante e avançou a marcação. O Palmeiras, que jogava mal, cresceu e venceu o jogo.

Muricy fez o óbvio. Isso é que o diferencia dos outros treinadores. Ele faz bem e sabe o momento de fazer o óbvio, o essencial."

(Tostão. In: *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 5 ago. 2009. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0508200920.htm>. Acesso em: 11 fev. 2011.)

Texto 2

"Para tentar ser coerente e corrigir um erro, deveria ter escrito na coluna anterior que Muricy, por fazer bem o óbvio, o essencial, se diferencia de outros treinadores, e não dos outros treinadores. Ele não é o único que faz bem o óbvio, as coisas essenciais."

(Tostão. In: *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10 ago. 2009. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0908200921.htm>. Acesso em: 11 fev. 2011.)

1. No Texto 2, Tostão afirma que teria cometido um erro no Texto 1. Como você deve ter notado, tal erro decorre do emprego indevido de artigo. Comente a diferença de sentido entre o que Tostão quis dizer e o que efetivamente disse no Texto 1.

2. Comente a diferença de sentido das frases a seguir.
   a) Na reunião com a presença dos credores foi apresentada uma proposta.
   b) Na reunião com a presença de credores foi apresentada uma proposta.

3. Na frase a seguir o substantivo **jogo** aparece duas vezes, em cada uma delas precedida de artigo diferente. Explique a diferença de sentido entre "o jogo" e "um jogo".

   "O que era para ser o jogo acabou sendo apenas um jogo."

   (KFOURI, Juca. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 set. 2006. p. D3.)

4. Explique por que nos ditados populares a seguir os substantivos não vêm precedidos de artigos.

   "Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém."; "Em boca fechada não entra mosquito."; "Gato escaldado tem medo de água fria."; "Tempo é dinheiro."

5. Leia os ditados populares a seguir:

   I. "Mais vale um pássaro na mão do que dois voando."

   II. "Quem tem boca vai a Roma."

   Agora responda e justifique:
   a) Em I, **um** é artigo ou numeral?
   b) Em II, **a** é artigo ou preposição?

6. "Ela queria ser reconhecida como dona da casa e não como dona de casa." Explique a diferença de sentido entre **dona da casa** e **dona de casa**.

7. Dê o artigo definido adequado aos substantivos a seguir.
   a) omelete
   b) champanha
   c) guaraná
   d) alface
   e) pêsames
   f) núpcias
   g) olheiras

8. Explique a diferença de significado das expressões em destaque.
   a) Ele leu **todo o livro**.
   b) **Todo livro** deve ser bem conservado.

9. Reescreva as frases a seguir, corrigindo-as, se necessário.
   a) Todos os três foram reprovados em Matemática.
   b) Li a notícia da demissão do técnico no *Estado de S. Paulo*.
   c) Discutia os assuntos os mais profundos.
   d) Todas as duas vezes que viajei para a Itália visitei Florença.
   e) Haverá hoje uma reunião com a Sua Majestade.
   f) Não conheço a escola cuja a diretora se aposentou.

10. Aponte a alternativa em que haja erro no emprego do artigo.
    a) Não quis responder a ambas as perguntas.
    b) Feliz o pai cujos os filhos são ajuizados.
    c) O pai tinha muito amor a ambos os filhos.
    d) A Europa é um continente maravilhoso.

11. Levando em conta que alguns nomes de lugar admitem a anteposição do artigo, assinale a alternativa em que a crase foi empregada corretamente.
    a) Ele nunca foi à Berlim.
    b) Ele nunca foi à Paris.
    c) Ele nunca foi à Portugal.
    d) Ele nunca foi à Roma.
    e) Ele nunca foi à China.

12. Assinale a frase em que o uso do artigo é facultativo.
    a) Ele não conhece a casa dos irmãos.
    b) Nunca se referiu à Roma dos césares.
    c) Cinema é o meu assunto preferido.
    d) Todos os convidados se retiraram.
    e) Todas as pessoas presentes à reunião falaram.

13. Em qual alternativa o artigo está substantivando uma palavra?

a) A Luciana não pôde comparecer à reunião.
b) A viagem foi programada com três meses de antecedência.
c) Jamais entendemos o porquê da saída do ministro.
d) A casa estava sendo vendida por um preço relativamente baixo.
e) Ele convidou as colegas porque as estimava.

14. Assinale a alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) São pessoas cujas as aspirações não merecem consideração.
b) Eles estavam na casa dos pais.
c) Ambos os casos merecem consideração.
d) Eles não conheciam a velha Roma.
e) Convidei a Filomena para a festa.

Dos textos à gramática
Da gramática aos textos

Velha história

Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena. E retirou cuidadosamente o anzol e pincelou com iodo a garganta do coitadinho. Depois guardou-o no bolso traseiro das calças, para que o animalzinho sarasse no quente. E desde então ficaram inseparáveis. Aonde o homem ia, o peixinho o acompanhava, a trote, que nem um cachorrinho. Pelas calçadas. Pelos elevadores. Pelos cafés. Como era tocante vê-los no "17"! – o homem, grave, de preto, com uma das mãos segurando a xícara de fumegante moca, com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando o peixinho, enquanto este, silencioso e levemente melancólico, tomava laranjada por um canudinho especial...

Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas. E disse o homem ao peixinho:

"Não, não me assiste o direito de te guardar comigo. Por que roubar-te por mais tempo ao carinho do teu pai, da tua mãe, dos teus irmãozinhos, da tua tia solteira? Não, não e não! Volta para o seio da tua família. E viva eu cá na terra sempre triste!..."

Dito isto, verteu copioso pranto e, desviando o rosto, atirou o peixinho n'água. E a água fez um redemoinho, que foi depois serenando, serenando... até que o peixinho morreu afogado...

(QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 27.)

1. Ao ler um texto que começa por "Era uma vez [...]", o leitor já tem uma ideia do que irá encontrar pela frente. Levando em conta os diversos gêneros textuais (carta, editorial, poema, anúncio, receita etc.), como você classificaria o texto que acabou de ler?

2. Releia o seguinte trecho:

"Era uma vez **um** homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou **um** peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena."

Nesse trecho, as palavras destacadas são artigos. Observe-os e explique o que ocorreu.

3. Observe este trecho:

"Depois guardou-**o** no bolso traseiro das calças, para que **o** animalzinho sarasse no quente."

Atente para as palavras destacadas e responda:

a) Qual delas vem junto de um substantivo que determina gênero e número, além de especificá-lo?
b) O que ocorre com a outra palavra?

4. Releia este trecho:

"[...] o peixinho o acompanhava, **a** trote, que nem um cachorrinho."

Por que o **a** destacado não é um artigo?

5. Observe mais este trecho:

"Ora, um dia o homem e o peixinho passeavam à margem do rio onde o segundo dos dois fora pescado. E eis que os olhos do primeiro se encheram de lágrimas."

a) Quem é o segundo?
b) Quem é o primeiro?
c) Por que o autor empregou essas formas?

6. Adjetivo é a palavra que se refere a um substantivo (ou a um pronome) com a função de caracterizá-lo, indicando qualidade, modo de ser, aspecto. No texto, há um adjetivo empregado como substantivo. Aponte-o e, em seguida, explique que palavra foi responsável pela transformação do adjetivo em substantivo.

7. Indique o substantivo subentendido três vezes no seguinte trecho:

"[...] com a outra lendo o jornal, com a outra fumando, com a outra cuidando o peixinho [...]"

CAPÍTULO 7

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo ou qualquer palavra com valor de substantivo, indicando-lhe atributo, propriedade, estado, modo de ser ou aspecto. Admite flexão de gênero, número e grau.

Observe:

Tratava-se de um homem **incompetente**.
Encontrei uma pessoa **ética**.
Ela é uma mulher **honesta**.
Foi encaminhada a um hospital **infantil**.
Saíram num dia **quente**.
Viver é **perigoso**.

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Os adjetivos são classificados em:

a) **simples:** apresentam um único radical:
momento **inesquecível**, alimento **dietético**

b) **compostos:** apresentam mais de um radical:
acordo **luso-brasileiro**, causas **político-econômicas**

c) **primitivos:** não provêm de outra palavra da língua portuguesa:
camisa **verde**, homem **leal**

d) **derivados:** provêm de outras palavras da língua portuguesa, que podem ser derivadas de:
a) substantivos: comida **baiana**;
b) verbos: material **resistente**;
c) outro adjetivo: pessoa **desleal**.

ADJETIVOS PÁTRIOS

Adjetivos pátrios são aqueles que se referem a países, continentes, cidades, regiões etc., exprimindo a nacionalidade ou a origem do ser.

Veja, na lista que segue, os adjetivos pátrios das capitais e dos estados brasileiros.

estado	sigla	adjetivo pátrio	capital	adjetivo pátrio
Acre	AC	acriano	**Rio Branco**	rio-branquense
Alagoas	AL	alagoano	**Maceió**	maceioense
Amapá	AP	amapaense	**Macapá**	macapense
Amazonas	AM	amazonense	**Manaus**	manauense ou manauara
Bahia	BA	baiano	**Salvador**	soteropolitano ou salvadorense
Ceará	CE	cearense	**Fortaleza**	fortalezense
Espírito Santo	ES	espírito-santense ou capixaba	**Vitória**	vitoriense
Goiás	GO	goiano	**Goiânia**	goianiense
Maranhão	MA	maranhense	**São Luís**	são-luisense ou ludovicense
Mato Grosso	MT	mato-grossense	**Cuiabá**	cuiabano
Mato Grosso do Sul	MS	mato-grossense-do-sul ou sul-mato-grossense	**Campo Grande**	campo-grandense
Minas Gerais	MG	mineiro	**Belo Horizonte**	belo-horizontino
Pará	PA	paraense	**Belém**	belenense
Paraíba	PB	paraibano	**João Pessoa**	pessoense
Paraná	PR	paranaense	**Curitiba**	curitibano
Pernambuco	PE	pernambucano	**Recife**	recifense
Piauí	PI	piauiense	**Teresina**	teresinense
Rio de Janeiro	RJ	fluminense	**Rio de Janeiro**	carioca
Rio Grande do Norte	RN	rio-grandense-do-norte ou norte-rio-grandense ou potiguar	**Natal**	natalense
Rio Grande do Sul	RS	rio-grandense-do-sul ou sul-rio-grandense ou gaúcho	**Porto Alegre**	porto-alegrense
Rondônia	RO	rondoniense ou rondoniano	**Porto Velho**	porto-velhense
Roraima	RR	roraimense	**Boa Vista**	boa-vistense
Santa Catarina	SC	catarinense ou catarineta ou barriga-verde	**Florianópolis**	florianopolitano
São Paulo	SP	paulista	**São Paulo**	paulistano
Sergipe	SE	sergipano ou sergipense	**Aracaju**	aracajuense ou aracajuano
Tocantins	TO	tocantinense	**Palmas**	palmense

Ainda com relação ao Brasil, merecem destaque os seguintes adjetivos pátrios:

Brasília (DF)	brasiliense
Fernando de Noronha (PE)	noronhense
Marajó (PA)	marajoara
Petrópolis (RJ)	petropolitano
Teresópolis (RJ)	teresopolitano
Três Corações (MG)	tricordiano
Santarém (PA)	santareno ou mocorongo

Outros adjetivos pátrios

local	adjetivo pátrio
Açores	açoriano
Afeganistão	afegão ou afegane
Alentejo	alentejano
Andaluzia	andaluz
Angola	angolano
Atenas	ateniense
Austrália	australiano
Áustria	austríaco
Baviera	bávaro
Bélgica	belga
Bizâncio	bizantino
Buenos Aires	buenairense ou portenho
Bulgária	búlgaro
Cairo	cairota
Calábria	calabrês
Camarões	camaronês
Cartago	cartaginês ou púnico
Catalunha	catalão
Chipre	cipriota
Córsega	corso
Creta	cretense
Croácia	croata
Curdistão	curdo
Dinamarca	dinamarquês ou danês
Egito	egípcio
El Salvador	salvadorenho
Equador	equatoriano
Estados Unidos	estadunidense ou norte-americano
Etiópia	etíope
Filipinas	filipino
Finlândia	finlandês
Flandres	flamengo
Florença	florentino
Gália	gaulês
Grécia	grego ou helênico
Guatemala	guatemalteco
Honduras	hondurenho
Hungria	húngaro ou magiar
Iêmen	ienemita
Índia	indiano ou hindu
Irã	iraniano
Iraque	iraquiano
Israel	israelense
Japão	japonês ou nipônico

local	adjetivo pátrio
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano
Lituânia	lituano
Londres	londrino
Madagascar	malgaxe
Madeira	madeirense
Madri	madrileno ou madrilense ou madrilês
Malta	maltês
Marrocos	marroquino
Milão	milanês
Mônaco	monegasco
Moscou	moscovita
Nápoles	napolitano
Nova Iorque	nova-iorquino
Nova Zelândia	neozelandês
País de Gales	galês
Panamá	panamenho
Paris	parisiense
Parma	parmesão
Pequim	pequinês
Porto (Portugal)	portuense
Porto Rico	porto-riquenho
Provença	provençal
Rússia	russo
Sardenha	sardo
Sérvia	sérvio
Suécia	sueco
Suíça	Suíço ou helvético
Terra do Fogo	fueguino
Tibete	tibetano
Tirol	tirolês
Ucrânia	ucraniano

Adjetivos pátrios compostos

Muitas vezes os adjetivos pátrios são compostos, referindo-se a duas ou mais nacionalidades ou regiões. Nesse caso, assumem sua forma reduzida e erudita, com exceção do último adjetivo, que se apresentará em sua forma normal. Assim, um acordo entre a França, a Itália e o Brasil é um acordo franco-ítalo-brasileiro.

Veja agora algumas formas reduzidas de adjetivos pátrios:

afro (africano)
anglo (inglês)
austro (austríaco)
belgo (belga)
euro (europeu)
franco (francês)
greco (grego)
hispano (espanhol)
indo (indiano, hindu)
ítalo (italiano)
luso (português, lusitano)
nipo (japonês, nipônico)
sino (chinês)
teuto (alemão, teutônico)

LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é a expressão formada de preposição mais substantivo (ou advérbio) com valor de um adjetivo.

Observe:

atitudes **de anjo** (angelicais)
menino **do Brasil** (brasileiro)
romances **de Machado de Assis** (machadianos)
teorias **de Freud** (freudianas)
pata **de trás** (traseira)

Veja a seguir uma lista de locuções adjetivas acompanhadas dos adjetivos correspondentes.

locução adjetiva	adjetivo correspondente
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de abutre	vulturino
de águia	aquilino
de alma	anímico
de aluno	discente
de andorinha	hirundino
de anjo	angelical
de ano	anual
de asno	asinino
de baço	esplênico
de bispo	episcopal
de boca	bucal, oral
de bode	hircino
de boi	bovino
de bronze	brônzeo, êneo
de cabeça	capital
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
de campo	rural, campestre
de cão	canino
de carneiro	arietino
de cavalo	equino, hípico
de chumbo	plúmbeo
de chuva	pluvial
de cidade	citadino, urbano
de cinza	cinéreo
de cobre	cúprico
de coelho	cunicular
de coração	cardíaco, cordial
de crânio	craniano

locução adjetiva	adjetivo correspondente
de criança	pueril, infantil
de dedo	digital
de diamante	adamantino, diamantino
de dinheiro	pecuniário
de estômago	estomacal, gástrico
de estrela	estelar
de fábrica	fabril
de face	facial
de fantasma	espectral
de farelo	furfúreo
de farinha	farináceo
de fêmur	femoral
de fera	ferino
de ferro	férreo
de fígado	hepático, figadal
de filho	filial
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de garganta	gutural
de gato	felino
de gelo	glacial
de gesso	gípseo
de guerra	bélico
de homem	humano, viril
de idade	etário
de ilha	insular
de intestino	entérico, intestinal
de inverno	hibernal, invernal
de irmão	fraternal, fraterno
de lado	lateral
de lago	lacustre

locução adjetiva	adjetivo correspondente	locução adjetiva	adjetivo correspondente
de leão	leonino	**de porco**	suíno, porcino
de lebre	leporino	**de prata**	argênteo
de leite	lácteo	**de professor**	docente
de lobo	lupino	**de proteína**	proteico
de lua	lunar, selênico	**de pulmão**	pulmonar
de macaco	simiesco	**de raposa**	vulpino
de madeira	lígneo	**de rato**	murino, murídeo
de mãe	materno, maternal	**de rei**	régio, real
de manhã	matinal	**de rim**	renal
de marfim	ebúrneo	**de rio**	fluvial
de margem	marginal	**de rocha**	rupestre
de mestre	magistral	**de selo**	filatélico
de monge	monacal	**de selva**	silvestre, selvagem
de monstro	monstruoso	**de serpente**	ofídico
de morte	mortal, letal	**de sintaxe**	sintático
de nádegas	glúteo	**de sonho**	onírico
de nariz	nasal	**de tarde**	vesperal, vespertino
de neve	níveo	**de terra**	telúrico, terrestre
de noite	noturno	**de tórax**	torácico
de nuca	occipital	**de touro**	taurino
de olho	ocular	**de trás**	traseiro
de orelha	auricular	**de trigo**	tritíceo
de osso	ósseo	**de umbigo**	umbilical
de ouro	áureo	**de vaca**	vacum
de ovelha	ovino	**de veia**	venoso
de pai	paterno, paternal	**de velho**	senil
de paixão	passional	**de vento**	eólio
de palato	palatal	**de verão**	estival
de pedra	pétreo	**de víbora**	viperino
de peixe	písceo	**de vida**	vital
de pele	epidérmico, cutâneo	**de vidro**	vítreo
de pescoço	cervical	**de virgem**	virginal
de pombo	columbino	**de voz**	vocal

Muitas vezes, a locução adjetiva não possui um adjetivo que lhe corresponda, mas nem por isso deixa de ser classificada como locução adjetiva.

Veja alguns exemplos:

instrumento **de sopro**, piano **de cauda**, caixa **de papelão**, gol **de placa**

Em outros casos, há diferença de sentido entre a locução adjetiva e o adjetivo que lhe corresponde. Assim, um inimigo **figadal** não é um inimigo do fígado, mas um inimigo a quem se tem muito ódio ou rancor; um contrato **leonino** não é um contrato de leão, mas um contrato abusivo em relação a uma das partes; uma moqueca de peixe evidentemente não será nunca uma moqueca **pícsea**.

A maioria das locuções adjetivas é introduzida pela preposição **de**. Há, no entanto, locuções adjetivas introduzidas por **a** ou **em**.

carro **a álcool**; tevê **a cabo**; fogão **a gás**; tevê **em cores**.

FLEXÃO DO ADJETIVO

Além de flexionar-se em gênero e número concordando com o substantivo a que se refere, o adjetivo também apresenta variação de grau.

Quanto ao grau do adjetivo, relembramos que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) contempla grau como flexão de adjetivos e substantivos. Reiteramos o que dissemos na página 84, quando tratamos do grau dos substantivos: diversos linguistas e gramáticos entendem que na alteração de grau não ocorre flexão da palavra.

FLEXÃO DE GÊNERO

Como os substantivos, os adjetivos podem ser do gênero masculino ou feminino.

Observe:

aluno **atento**	aluna **atenta**
dia **ensolarado**	tarde **ensolarada**

Dependendo da forma que assumem, os adjetivos classificam-se em uniformes e biformes:

a) **uniformes:** não se flexionam em gênero; apresentam uma única forma para o masculino e o feminino.

homem **inteligente**	mulher **inteligente**
homem **simples**	mulher **simples**
aluno **feliz**	aluna **feliz**
masculino	feminino

b) **biformes:** flexionam-se em gênero, apresentando uma forma para o masculino e outra para o feminino.

homem **magro**	mulher **magra**
homem **obeso**	mulher **obesa**
aluno **estudioso**	aluna **estudiosa**
masculino	feminino

FLEXÃO DE NÚMERO

O adjetivo flexiona-se em número (singular / plural) concordando com o substantivo a que se refere. Há, no entanto, alguns adjetivos uniformes quanto ao número.

Veja:

homem **simples**	homens **simples**
reles cidadão	**reles** cidadãos
triângulo **isósceles**	triângulos **isósceles**

PLURAL DOS ADJETIVOS SIMPLES

Os adjetivos simples formam o plural da mesma maneira que os substantivos simples (ver páginas 80 e 81).

Observe:

pessoa **decente**	pessoas **decentes**
animal **dócil**	animais **dóceis**
homem **feliz**	homens **felizes**
singular	plural

Os substantivos empregados como adjetivos ficam invariáveis:

blusa **vinho**	blusas **vinho**
vestido **rosa**	vestidos **rosa**
terno **cinza**	ternos **cinza**
singular	plural

PLURAL DOS ADJETIVOS COMPOSTOS

Regra geral

Como regra geral, nos adjetivos compostos somente o último elemento varia, tanto em gênero quanto em número.

Veja:

acordo **luso-franco-brasileiro**	acordos **luso-franco-brasileiros**
camisa **verde-clara**	camisas **verde-claras**
sapato **marrom-escuro**	sapatos **marrom-escuros**

Exceções

- Se o último elemento for substantivo, o adjetivo composto mantém no plural a mesma forma do singular:

camisa **verde-abacate**	camisas **verde-abacate**
sapato **marrom-café**	sapatos **marrom-café**
blusa **amarelo-ouro**	blusas **amarelo-ouro**
meia **vermelho-escarlate**	meias **vermelho-escarlate**

- Os adjetivos compostos azul-marinho e azul-celeste são invariáveis:

blusa **azul-marinho**	blusas **azul-marinho**
camisa **azul-celeste**	camisas **azul-celeste**

- No adjetivo composto surdo-mudo, ambos os elementos variam tanto em gênero quanto em número:

menino **surdo-mudo**	meninos **surdos-mudos**
menina **surda-muda**	meninas **surdas-mudas**

FLEXÃO DE GRAU

O adjetivo pode apresentar-se no grau comparativo e no grau superlativo.

No **grau comparativo**, a qualidade expressa pelo adjetivo estabelece comparação entre dois seres ou dois aspectos de um mesmo ser:

O piloto brasileiro é **tão veloz** quanto o alemão. (comparação entre dois seres)

O piloto brasileiro é **mais arrojado que experiente**. (comparação entre dois aspectos do mesmo ser)

No **grau superlativo**, a qualidade expressa pelo adjetivo apresenta-se amplificada:

Casou-se com uma mulher **belíssima**.

Casou-se com uma mulher **extremamente bela**.

A mudança de grau do adjetivo pode ser obtida por dois processos:

a) **sintético:** a alteração de grau é expressa por meio de uma única palavra:

Esta casa é **agradabilíssima**.

Esta casa é **menor** que a outra.

b) **analítico:** a alteração de grau é feita pelo acréscimo de alguma palavra que modifique o adjetivo:

Esta casa é **muito agradável**.

Era uma casa **mais pequena** que incômoda.

Antes de estudarmos os graus comparativo e superlativo, vale destacar que há diversos adjetivos que não apresentam variação de grau.

Veja alguns exemplos:

anual, mensal, seguinte, paterno, materno, gratuito, póstumo, último, atmosférico, mamífero

GRAU COMPARATIVO

No grau comparativo, como o próprio nome indica, comparam-se uma mesma qualidade entre dois seres ou duas qualidade de um mesmo ser. O comparativo pode ser:

a) **de igualdade:**

Esta atriz é **tão talentosa quanto** (ou **como**) aquela.
Esta atriz é **tão talentosa quanto** (ou **como**) bonita.

b) **de superioridade:**

Esta atriz é **mais talentosa (do)** que aquela.
Esta atriz é **mais talentosa (do)** que bonita.

c) **de inferioridade:**

Esta atriz é **menos talentosa (do)** que aquela.
Esta atriz é **menos talentosa (do)** que bonita.

Normalmente, o grau comparativo é obtido pelo processo analítico. Há, no entanto, alguns poucos adjetivos que formam o comparativo de superioridade pelo processo sintético.

Observe a lista a seguir.

adjetivo	comparativo de superioridade analítico	comparativo de superioridade sintético
bom	mais bom	melhor
mau	mais mau	pior
grande	mais grande	maior
pequeno	mais pequeno	menor

Nesses casos, deve-se preferir a forma sintética na comparação entre dois seres. Só se deve usar a forma analítica quando se comparam duas qualidades de um mesmo ser.

Veja:

Esta sala é **maior** que a outra. (comparação entre dois seres)
Esta sala é **mais grande** que arejada. (comparação de duas qualidades de um mesmo ser)

Mais pequeno ou menor?

As formas **mais pequeno** e **menor** podem ser usadas indiferentemente, sendo a forma sintética mais utilizada no português falado no Brasil.

Observe:

Esta sala é menor que a outra.
Esta sala é mais pequena que a outra.

GRAU SUPERLATIVO

O superlativo pode ser absoluto ou relativo. No **superlativo absoluto**, a qualidade expressa pelo adjetivo não é posta em relação a outros elementos:

Este exercício é **muito fácil**. (superlativo absoluto analítico)
Este exercício é **facílimo**. (superlativo absoluto sintético)

No **superlativo relativo**, a qualidade expressa pelo adjetivo é posta em relação a outros elementos:

"Você era **a mais bonita** das cabrochas dessa ala..." (Chico Buarque) (superlativo relativo de superioridade)
Este exercício é **o menos fácil** da lição. (superlativo relativo de inferioridade)

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos superlativos **-íssimo**, **-ílimo** ou **-érrimo**.

Observe a seguir alguns superlativos absolutos sintéticos.

adjetivo	superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo
ágil	agílimo, agilíssimo
agradável	agradabilíssimo
agudo	acutíssimo, agudíssimo
amargo	amaríssimo
amável	amabilíssimo
amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
audaz	audacíssimo
belo	belíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	boníssimo ou ótimo
capaz	capacíssimo
célebre	celebérrimo
comum	comuníssimo
contumaz	contumacíssimo
cristão	cristaníssimo
cru	cruíssimo
cruel	crudelíssimo, cruelíssimo
doce	dulcíssimo, docíssimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
feio	feiíssimo
feroz	ferocíssimo
fértil	fertilíssimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frígido	frigidíssimo
frio	friíssimo
geral	generalíssimo
humilde	humílimo
inimigo	inimicíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
legal	legalíssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo, magérrimo
maledicente	maledicentíssimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
manso	mansuetíssimo
miserável	miserabilíssimo
miúdo	minutíssimo
móvel	mobilíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
notável	notabilíssimo
original	originalíssimo
parco	parcíssimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pio	pientíssimo, piíssimo
pobre	paupérrimo
possível	possibilíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
regular	regularíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
são	saníssimo
seco	sequíssimo
sensível	sensibilíssimo
sério	seriíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplicíssimo, simplíssimo
singular	singularíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
terrível	terribilíssimo
triste	tristíssimo
trivial	trivialíssimo
útil	utilíssimo
veloz	velocíssimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	voracíssimo
vulgar	vulgaríssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Quando, na lista da página anterior, o adjetivo apresenta mais de uma forma para o superlativo absoluto sintético, a primeira é a forma erudita; as demais são formas populares consagradas pelo uso e registradas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp).

Em português, quatro adjetivos de largo uso apresentam também um superlativo absoluto sintético de forma irregular.

Veja:

adjetivo	forma regular	forma irregular
bom	boníssimo	ótimo
mau	malíssimo	péssimo
grande	grandíssimo, grandessíssimo	máximo
pequeno	pequeníssimo	mínimo

As formas do superlativo relativo dos adjetivos **bom**, **mau**, **grande** e **pequeno** são, respectivamente, **o melhor**, **o pior**, **o maior** e **o menor**.

MORFOSSINTAXE DO ADJETIVO

Dentro da oração, o adjetivo (e a locução adjetiva) poderá exercer as seguintes funções sintáticas:

a) **adjunto adnominal:** quando acompanha o substantivo diretamente, isto é, sem mediação de verbo:

Coisas **assustadoras** ocorrem naquela casa.
Colecionavam objetos **antigos**.
As dores **de estômago** o prostravam.

No primeiro exemplo, o adjetivo **assustadoras** caracteriza o substantivo **coisas**, que desempenha a função de núcleo do sujeito; no segundo, o adjetivo **antigos** caracteriza o substantivo **objetos**, que desempenha a função de núcleo do objeto direto. No terceiro exemplo, a locução adjetiva **de estômago** especifica o substantivo **dores**, núcleo do sujeito.

b) **predicativo do sujeito:** quando se refere ao sujeito da oração por meio da mediação de um verbo (de ligação ou não):

Os professores ficaram **satisfeitos** com o resultado da prova.
Os professores compareceram à reunião **satisfeitos**.
O anel era **de ouro**.

Nos exemplos, o adjetivo **satisfeitos** e a locução adjetiva **de ouro** referem-se, respectivamente, aos substantivos **professores** e **anel**, que funcionam como núcleo do sujeito.

c) **predicativo do objeto:** quando se refere ao objeto, mediante um verbo transitivo:

Considero sua proposta **extravagante**.
Considero sua proposta **sem pé nem cabeça**.

Nos exemplos, tanto o adjetivo **extravagante** como a locução adjetiva **sem pé nem cabeça** referem-se ao substantivo **proposta**, que funciona como núcleo do objeto direto.

A gramática no dia a dia

FORMAS COLOQUIAIS DE SUPERLATIVO

Na linguagem informal, os falantes criaram outras formas de expressar o grau superlativo dos adjetivos. Veja alguns exemplos:

a) pelo acréscimo ao adjetivo de prefixos ou pseudoprefixos como **extra**, **hiper**, **super**, **ultra** etc.:

Foram jantar num restaurante **extrafino**.
Tratava-se de uma pessoa **superagressiva**.
Pedro foi **ultralegal** comigo.

b) pela repetição do próprio adjetivo:

Conheceram um lugar **lindo, lindo**.
Passaram o fim de semana num lugar **agradável, agradável**.

c) por meio de comparações ou de expressões próprias da linguagem coloquial:

Este bife está **duro feito pedra**.
Comprou uma casa **linda de morrer**.

ADJETIVOS COM SUFIXOS AUMENTATIVOS E DIMINUTIVOS

Sufixos aumentativos e diminutivos não são empregados apenas para indicar a flexão de grau de substantivos. Na linguagem informal, é frequente o uso desses sufixos para a formação de adjetivos.

aluno **sabidão**, indivíduo **moleirão**, menina **bonitinha**, pessoa **baixinha**, mulher **cheinha**

ADJETIVO CARACTERIZANDO FRASES

Em muitos casos, o adjetivo é utilizado para caracterizar não um substantivo, mas uma oração inteira. Veja:

Inacreditável, conseguiram viajar dois meses pela Europa sem quase nenhum dinheiro.
Caminhar todos os dias é **saudável**.

ADJETIVO OU SUBSTANTIVO? DEPENDE DO CONTEXTO...

Deve-se sempre observar a relação existente entre as palavras para classificá-las corretamente. Note que, no exemplo a seguir, a palavra em destaque ora funciona como substantivo, ora como adjetivo:

O **brasileiro** é um povo cordial, por isso o turista **brasileiro** costuma ser sempre bem recebido aonde quer que vá.

Na primeira ocorrência, **brasileiro** é um substantivo (vem determinado por um artigo) e indica o ser que possui a nacionalidade brasileira. Já na segunda ocorrência, **brasileiro** é um adjetivo e se refere ao substantivo **turista**, emprestando a ele uma característica (no caso, de nacionalidade ou origem).

Na língua portuguesa, o adjetivo normalmente vem posposto ao substantivo. Isso é tão determinante que permite definir uma palavra como adjetivo, como se percebe nos exemplos a seguir:

Tenho um advogado **amigo**.
Tenho um amigo **advogado**.

No primeiro exemplo, a palavra **amigo**, posposta a **advogado**, funciona como um adjetivo, caracterizando advogado, que, nesse contexto, funciona como substantivo.

Já no segundo exemplo, ocorre o inverso: **amigo** nomeia o ser, funcionando como substantivo; **advogado** é uma característica do substantivo **amigo**, portanto funciona como adjetivo.

ADJETIVO EMPREGADO COMO ADVÉRBIO

Na linguagem atual, é comum o emprego de adjetivos na função de advérbio. É o que ocorre, por exemplo, em:

Há muitas empresas, muitos governos e muitas pessoas trabalhando **duro** para salvar o Brasil e o planeta.
O conferencista falava **baixo**.

Nos exemplos acima, as palavras **duro** e **baixo** funcionam como advérbios, pois modificam os verbos **trabalhar** e **falar**. Observe que, nesses contextos, por funcionarem como advérbios, as palavras **duro** e **baixo**, ao contrário do que ocorre quando funcionam como adjetivos, não devem ser flexionadas.

Ele trabalha **duro**.	Os conferencistas falavam **baixo**.
Eles trabalham **duro**.	As conferencistas falavam **baixo**.

CARACTERIZAÇÃO OBJETIVA E SUBJETIVA

A posição que o adjetivo ocupa em relação ao substantivo a que se refere é fundamental para o tipo de caracterização do ser nomeado pelo substantivo.

Quando pospostos ao substantivo, os adjetivos caracterizam os seres de maneira mais objetiva, isto é, apresentam o ser do modo como nossos sentidos o percebem.

Quando antepostos ao substantivo a que se referem, assumem caráter subjetivo, isto é, nos apresentam o ser como nossa imaginação ou sensibilidade o vê.

Observe:

Marcos era um homem **pobre**: não ganhava nem para o próprio sustento.

Que **pobre** homem era Marcos; apesar de ganhar muito dinheiro, não tinha um amigo sequer.

No primeiro exemplo, o adjetivo **pobre**, posposto ao substantivo **homem**, revela uma característica objetiva do ser que está sendo caracterizado: Marcos era uma pessoa de poucos recursos.

Já no segundo, o mesmo adjetivo, agora anteposto ao substantivo **homem**, revela uma característica subjetiva do ser que está sendo descrito, ou seja, nesse contexto, **pobre** assume a significação de pessoa que merece dó ou compaixão.

Atividades

Texto para as questões de 1 a 3.

Quem nasce em São Paulo é:

É espanhol, gaúcho, italiano, mineiro, sul-africano, norte-americano, pernambucano, japonês, cearense, libanês e também paulistano. É apressado, gentil, determinado, elegante, forte, cordial, trabalhador, solidário e também paulistano.

Dizem que 30% das pessoas que moram em São Paulo não nasceram em São Paulo. Mas não importa. Foi nesta cidade que nasceu o sonho de uma vida melhor para todas essas pessoas. Elas acolheram e foram acolhidas por esta cidade. Ajudaram e foram ajudadas por esta cidade. Por isso, não precisa nascer em São Paulo para ser paulistano. Basta ter sonho, esperança e um grande coração.

Parabéns, São Paulo, pelos 453 anos.

(Anúncio publicitário)

1. Com que finalidade o anúncio foi publicado no jornal?

2. Na sequência que funciona como predicado de "Quem nasce em São Paulo é:", que classe de palavras predomina?

3. Quem nasce na cidade de São Paulo é paulistano, e o adjetivo **paulista** refere-se ao estado de São Paulo. A afirmação do texto de que "Quem nasce em São Paulo é: espanhol, gaúcho, italiano, mineiro, sul-africano, norte-americano, pernambucano, japonês, cearense, libanês e também paulistano." aparentemente é incorreta. No entanto, uma leitura atenta do texto esclarece essa aparente incoerência. Explique como isso ocorre.

4. Leia o texto a seguir.

"A rotina de um paciente dentro de um hospital não é fácil. Ele passa horas sendo observado, apalpado, espetado e carregado de um equipamento de exame para outro. Só sendo muito paciente mesmo."

(*Superinteressante*, fev. 2000. p. 52.)

Agora:

a) identifique a que classe gramatical pertence a palavra paciente nas duas ocorrências;

b) dê o significado de **paciente** nas duas ocorrências.

5. Dos textos a seguir, destaque apenas os adjetivos.

a) "A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovelos, grossos nos pulsos; mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo e o louro grisalho, desse cabelo cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados."

(ALMEIDA, Júlia Lopes de. A caolha. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 49.)

b) "Aroma complexo, penetrante e persistente, sabor agridoce, equilibrado e elegante: assim pode ser descrito o aceto balsâmico, uma das maiores contribuições da Itália à boa mesa universal."

(*Gula*, n. 91, maio 2000. p. 59.)

c) "Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar

Olhou-a dum jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar"

(Vinicius de Moraes e Chico Buarque)

d) "Deus me fez um cara fraco, desdentado e feio"

(Chico Buarque)

e) "Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos"

(Caetano Veloso)

f) "Gostava da fórmula, achava-a engenhosa, compendiosa e eloquente, além de verdadeira e profunda."

(Machado de Assis)

g) "Uma moça bonita
de olhar agateado
deixou em pedaços
o meu coração"

(Alceu Valença)

h) "Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico"

(Manuel Bandeira)

6. O adjetivo pode aparecer antes ou depois do substantivo. Em alguns casos, a posição do adjetivo em relação ao substantivo a que ele se refere pode provocar alterações de sentido. Note que **mulher grande** tem sentido diferente de **grande mulher**. Com base nisso, explique a diferença de sentido das frases a seguir.

a) Pedro é um funcionário alto.

b) Pedro é um alto funcionário.

c) Aquele homem tinha um amigo velho.

d) Visitou-me ontem um velho amigo.

7. Leia o texto a seguir.

"Paulistanos bem de vida se orgulham de suas ruas lotadas de lojas carésimas e protegidas por enormes seguranças engravatados."

(FREIRE, Vinicius Torres. Camelôs, tráfico e ruas globais. *Folha de S.Paulo*, 21 nov. 2002. p. A2.)

Nesse trecho, o jornalista empregou um adjetivo no grau superlativo numa forma que não é prescrita pela gramática normativa. Que adjetivo é esse? Qual a forma prescrita pela gramática normativa para o superlativo absoluto sintético desse adjetivo?

8. Há adjetivos que fazem referência a nomes próprios. Diga a que pessoas se referem os adjetivos a seguir.

a) cartesiano

b) carolíngio

c) colombiano

d) adâmico

e) cabralino

f) euclidiano

g) pitagórico

h) aristotélico

i) socrático

j) edipiano

k) kafkiano

l) napoleônico

m) marxista

n) pasteurizado

o) freudiano

p) dantesco

9. Substitua as expressões em destaque por adjetivos, fazendo as adaptações necessárias.

a) O espetáculo pirotécnico foi **uma maravilha**!

b) Quem viu o acidente diz que a cena foi **um horror**.

c) Esta comida **tem sabor**.

d) Neste ano o inverno veio **com rigor**.

e) É difícil viver com pessoas **que têm preconceito**.

f) Algumas pessoas **têm mais poder** que as próprias instituições governamentais.

10. Torne as frases mais concisas substituindo as orações em destaque por adjetivos.

a) O médico preencheu o formulário com uma letra **que não se consegue ler**.

b) A atriz usava um perfume **que não se consegue esquecer**.

c) Vai entrar em cartaz um filme **que não se pode perder**.

d) O mágico fazia coisas **que nem se podiam imaginar**.

e) O pai deixou para o filho um imóvel **que não pode ser penhorado**.

f) Era uma pessoa **que não se deixava perturbar**.

11. "Os homens são mais bons que maus, e na verdade a questão não é essa." (Albert Camus)

A frase acima está adequada ao padrão formal de linguagem? Justifique.

12. Substitua a expressão destacada por uma única palavra.

a) Tomou um café **muito amargo**.

b) Era um costume **muito antigo**.

c) Achou a atitude **muito benéfica**.

d) Era um dia **muito frio**.

e) Era uma pessoa **muito séria**.

f) Tomou uma atitude **de criança**.

g) Não gostava de carne **de cabra**.

h) Tinha um aspecto **de leão**.

i) Visitaram uma região **de lagos**.

13. Passe as frases a seguir para o plural.

a) O tabelião cortês falou com o escrivão cruel.

b) O cidadão fiel usava blusa amarelo-escura.

c) O guarda-noturno usava terno azul-marinho e camisa verde-esmeralda.

d) Deixou, no guarda-roupa, o terno azul-escuro e a gravata cinza.

14. Marque **AU** para os adjetivos uniformes e **AB** para os adjetivos biformes.

a) inteligente
b) arejado
c) alto
d) rasgado
e) quente
f) florido
g) flexível
h) esperançoso
i) elegante
j) leve
k) grande
l) fino
m) alegre
n) macio
o) cansado
p) sensível

15. Escreva no plural.

a) atitude difícil
b) balãozinho inflável
c) alemão capaz
d) opinião gentil
e) fóssil útil

16. Escreva no feminino.

a) padrinho honesto
b) cavalheiro cortês
c) cirurgião espanhol
d) cônsul impostor
e) herói ateu
f) genro chorão
g) governador anterior
h) cão andaluz

17. Escreva no plural.

a) conflito sino-russo-americano
b) operação médico-cirúrgica
c) literatura luso-brasileira
d) gravata verde-oliva
e) blusa azul-escura
f) blusa amarelo-dourada
g) saia amarelo-ouro
h) terno azul-marinho
i) menino surdo-mudo
j) blusa gelo
k) camisa laranja
l) camisa alaranjada

18. Indique em que grau estão os adjetivos das frases a seguir.

a) Era uma pessoa honestíssima.
b) Era uma pessoa bastante honesta.
c) Este lugar é mais confortável que aquele.
d) Flávia era a aluna mais simpática da classe.
e) Esta substância é tão prejudicial quanto a outra.
f) Ele era o menos esforçado de todos.
g) Esta matéria é menos fácil que aquela.
h) Esta planta está mais florida do que aquela.
i) Ela era a menos egoísta da classe.
j) Este livro é muito agradável.
k) A resolução do exercício está corretíssima.
l) Ele era o mais alto dos cinco.

19. Das frases a seguir, destaque aquelas em que o adjetivo aparece substantivado.

a) O bom de tudo isso é que ele se regenerou.
b) O engraçado desse fato é que ele nem percebeu que cometera uma gafe.
c) Essa história é muito engraçada.
d) "A vida é combate que os fortes abate."

(Gonçalves Dias)

e) Eram pessoas extremamente fortes.

20. Reescreva as frases a seguir, corrigindo-as.

a) O Maracanã é mais grande que o Morumbi.
b) Este livro é mais bom que aquele.
c) Este carro é mais mau que o outro.

21. Escreva as frases a seguir no plural.

a) A pintora tem mão ágil.
b) O operário vê a indústria têxtil.
c) O economista vem à cidade fabril.
d) A turista crê no cônsul estrangeiro.
e) O gari mantém limpo o lado ímpar.
f) Chegou o coronel luso-turco-brasileiro.
g) Viu o caracol marítimo-fluvial.
h) A batata-doce é branco-amarelada.
i) Leu a obra-prima político-literária.

22. Siga o modelo:

tratado **entre Inglaterra e Estados Unidos** → tratado **anglo-americano**

a) acordo entre Grécia e Chipre
b) relações entre Japão e Brasil
c) convênio entre Portugal e França
d) comércio entre China e Alemanha

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

(...)

(LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 312.)

1. Destaque todos os adjetivos do trecho a seguir e indique as palavras do texto a que eles se referem.

   "Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas."

2. Com que finalidade foram empregados os adjetivos do trecho da questão anterior?

3. Algumas características das outras meninas se opõem às da filha do dono da livraria. Indique características das outras meninas que se opõem a:

   a) "tinha um busto enorme"

   b) "cabelos excessivamente crespos"

   c) "gorda, baixa"

4. Os adjetivos podem sofrer variações de grau. Indique em que grau estão os adjetivos destacados nos trechos a seguir.

   a) "Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente **crespos**, meio arruivados."

   b) "Atrás escrevia com letra **bordadíssima** palavras como 'data natalícia' e 'saudade'."

5. Atrás do cartão-postal, a filha do dono da livraria costumava escrever "data natalícia". Qual o significado do adjetivo **natalícia**?

6. Os adjetivos podem ser empregados nos textos na função de adjunto adnominal ou de predicativo. Quando exercem a função de predicativo, relacionam-se a um substantivo (ou pronome) por meio de um verbo; quando exercem a função de adjunto adnominal, relacionam-se a um substantivo (ou pronome) sem mediação de verbo. Assim, coloque os adjetivos dos trechos a seguir em duas colunas. Na primeira, aqueles que exercem a função de adjunto adonominal; na segunda, os que exercem a função de predicativo.

   "Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas."

   "(...) éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas (...)"

7. A personagem narradora caracteriza a filha do dono da livraria como uma pessoa cruel, sádica e vingativa. Em que consiste a crueldade da filha do dono da livraria para com a personagem narradora?

CAPÍTULO 8

Numeral

DEFINIÇÃO

Numeral é a palavra que indica a quantidade exata de seres, ou a posição que um ser ocupa numa determinada série.

Veja:

um, dois, cinco, mil, primeiro, décimo

CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

Os numerais classificam-se em:

a) **cardinais:** indicam quantidade determinada.

um, dois, três, quatro, cinco, seis

b) **ordinais:** indicam ordem de sucessão.

primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto

c) **multiplicativos:** indicam multiplicação.

dobro, triplo, quádruplo, quíntuplo

d) **fracionários:** indicam partes iguais em que se subdivide um todo.

meio, terço, quarto, onze avos

NUMERAIS SUBSTANTIVOS E NUMERAIS ADJETIVOS

Embora a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não faça tal distinção, podemos, ainda, classificar os numerais em:

a) **numerais substantivos:** desempenham na frase uma função própria do substantivo.

Dois é um número par.

Os vencedores foram apenas **três**.

Nas frases acima, **dois** e **três** exercem, respectivamente, a função sintática de sujeito e de predicativo do sujeito, funções próprias do substantivo.

b) **numerais adjetivos:** desempenham na frase uma função própria do adjetivo. Nesse caso, virão determinando um substantivo.

Dois alunos chegaram.

Primeiro homem a pisar na Lua, Neil Armstrong voltou ao espaço recentemente.

Dois e **primeiro** estão exercendo, nessas frases, a função sintática de adjunto adnominal, função normalmente desempenhada por adjetivos.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismos		numerais	
romanos	arábicos	cardinais	ordinais
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	catorze ou quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo ou tricentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo ou quadrigentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo

DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo ou noningentésimo
M	1000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\overline{C}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\overline{M}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1 000 000 000	um bilhão ou um bilião	bilionésimo

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACIONÁRIOS

algarismos	multiplicativos	fracionários
2	duplo, dobro, dúplice	meio
3	triplo, tríplice	terço
4	quádruplo	quarto
5	quíntuplo	quinto
6	sêxtuplo	sexto
7	séptuplo	sétimo
8	óctuplo	oitavo
9	nônuplo	nono
10	décuplo	décimo
11	undécuplo	onze avos
12	duodécuplo	doze avos
100	cêntuplo	centésimo

FLEXÃO DOS NUMERAIS

CARDINAIS

1. Os cardinais **um**, **dois** e as centenas a partir de **duzentos** são flexionados em gênero:

   Assino apenas **um** jornal e **uma** revista.
   Na semana passada, percorri **dois** quilômetros em **duas** horas.
   Havia apenas **duzentos** lugares para **trezentas** pessoas.

2. Os numerais cardinais **milhão**, **bilhão**, **trilhão** etc. variam em número:

   A loteria está acumulada em cinquenta **milhões**.
   A dívida daquele país passa de duzentos **bilhões** de dólares.

3. Os demais cardinais não são flexionados:

   Comprei **cinco** laranjas e **cinco** abacates.
   Ele levou **três** dias e **três** horas para atravessar o país.

ORDINAIS

Os numerais ordinais variam em gênero e número.
Observe:

Na **segunda** corrida que disputaram, foram os **primeiros** colocados.
Ele estava lendo a **centésima primeira** página do livro.
Na lista dos classificados, ele ocupava o **centésimo primeiro** lugar.

MULTIPLICATIVOS

Os numerais multiplicativos só variam quando tiverem valor de adjetivo, isto é, quando estiverem se referindo a um substantivo.

Veja:

Mulheres protestam contra **dupla** jornada de trabalho.

Na Loteca, fez apostas **triplas**.

FRACIONÁRIOS

Os numerais fracionários concordam em gênero e número com o cardinal que os antecede:

Ele recebeu **um terço** do que merecia.

Ele recebeu **uma terça** parte do que merecia.

Adiantou **dois terços** do preço ao reservar a mercadoria.

EMPREGO DOS NUMERAIS

1. O numeral anteposto ao substantivo deve ser lido como ordinal, concordando com esse substantivo. Se estiver posposto ao substantivo, deve ser lido como cardinal, concordando com a palavra número, que se considera subentendida. Observe:

segunda casa ou casa **dois**
décima quinta cabine ou cabine **quinze**
décima primeira vaga ou vaga **onze**
V Salão do Automóvel (**quinto**)
II Maratona Estudantil (**segunda**)
XVIII Copa do Mundo (**décima oitava**)

Observação

Quando se quer fazer referência ao primeiro dia do mês, deve-se utilizar o numeral ordinal:

primeiro de maio, **primeiro** de abril

2. Na indicação de reis, papas, séculos e partes de uma obra, temos um caso particular: quando pospostos ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo, inclusive. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Veja:

século **X** (**décimo**)	Henrique **VIII** (**oitavo**)
João Paulo **II** (**segundo**)	capítulo **IV** (**quarto**)
século **XI** (**onze**)	Luís **XV** (**quinze**)
Bento **XVI** (**dezesseis**)	capítulo **XIII** (**treze**)

Observação

Se o numeral anteceder o substantivo, será obrigatório o uso do ordinal:

vigésimo primeiro século, **décimo terceiro** capítulo

3. Em textos legais (leis, decretos, medidas provisórias, portarias etc.), os artigos, incisos e parágrafos numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante são lidos como cardinais. Os artigos e parágrafos devem ser grafados com algarismos arábicos e os incisos com algarismos romanos.

Observe:

artigo **9.º**, inciso **III**, parágrafo **2.º** (artigo **nono**, inciso **terceiro**, parágrafo **segundo**)

artigo **12**, inciso **XV**, parágrafo **10** (artigo **doze**, inciso **quinze**, parágrafo **dez**)

4. Certos substantivos, por exprimirem quantidade exata de seres, assemelham-se a numerais, tanto que alguns gramáticos chamam a essas palavras de **coletivos numerais**.

Veja alguns:

dúzia: conjunto de doze coisas ou seres de mesma natureza
grosa: conjunto de doze dúzias
lustro: período de cinco anos
milênio: período de mil anos
novena: período de nove dias
quarentena: período de quarenta dias
quarteto: conjunto de quatro coisas ou seres
quinquênio: período de cinco anos
século: período de cem anos
semestre: período de seis meses

Para o conjunto de três coisas, obras, seres ou entidades, temos:

trinca, terno, trilogia, trio, trindade

A palavra **quarentena** costuma ser empregada para designar isolamento de pessoas ou coisas por um intervalo de tempo não necessariamente de quarenta dias.

O médico recomendou que ele ficasse de quarentena por duas semanas.

5 Vimos que os numerais multiplicativos correspondentes a dois são **dobro**, **duplo**, **dúplice**, e a três, **triplo**, **tríplice**. As formas **dobro** e **triplo** são sempre empregadas como numerais substantivos; as formas **duplo**, **dúplice** e **tríplice** são sempre usadas como numerais adjetivos, antepostas ou pospostas a um substantivo.

Ele passou a ganhar o **dobro**.
Teve um lucro enorme, pois vendeu o terreno pelo **triplo** do que pagou.
Tiveram uma **dupla** tarefa: embalar e transportar a mercadoria.
O prospecto tinha função **dúplice**: informar e orientar.
O atleta conquistou a **tríplice** coroa.

MORFOSSINTAXE DO NUMERAL

Para entender a função desempenhada pelo numeral na oração, o primeiro passo é observar se ele está substituindo ou acompanhando um substantivo.

Na oração, o numeral substantivo exerce as mesmas funções do substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo etc.).

Observe:

Um é pouco, **dois** é bom, **três** é demais. (numeral na função sintática de núcleo do sujeito)
O resultado da soma é **quinze**. (numeral na função de predicativo do sujeito)

O numeral adjetivo exerce a função de adjunto adnominal do substantivo a que estiver se referindo.

Veja:

Quinze pessoas compareceram à reunião. (numeral na função de adjunto adnominal, referindo-se ao substantivo **pessoas**, que funciona como núcleo do sujeito)
O **segundo** turno será disputado por dois candidatos mineiros. (numeral na função de adjunto adnominal, referindo-se ao substantivo **turno**, que funciona como núcleo do sujeito)

A gramática no dia a dia

FLEXÃO DE GRAU E CRIAÇÃO DE NOVOS NUMERAIS

Na linguagem do dia a dia, é comum a flexão dos numerais em grau, bem como a criação de novos numerais:

É um produto de **primeiríssima** qualidade.

"Será que essa minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais **zil** anos?" (Caetano Veloso)

Repetiu as mesmas palavras **trocentas** vezes.

O ▪ DERIVAÇÃO DE PALAVRAS BASEADAS NOS NUMERAIS

Muitas palavras são criadas com base em numerais pelo processo de derivação.

No exemplo a seguir, o substantivo **segundona** foi criado pelo processo de derivação sufixal com base no numeral ordinal **segunda**, da expressão **segunda divisão**:

O campeonato da **Segundona** está pegando fogo.

Comprou um carro **zerinho**.

Nesse exemplo, criou-se o adjetivo **zerinho** por acréscimo do sufixo **-inho** ao numeral zero.

No próximo caso, o verbo **terceirizar** foi criado pelo processo da derivação sufixal com base no numeral ordinal **terceiro**:

Naquela empresa resolveram **terceirizar** os serviços de digitação.

Agora, observe que o adjetivo **quarentona** foi criado pelo processo de derivação sufixal com base no numeral cardinal **quarenta**:

Era uma mulher **quarentona**, mas tinha atitudes de criança.

▪ MEIA NO LUGAR DE SEIS

Na fala, é comum o uso do numeral fracionário **meia** no lugar do cardinal **seis** quando se expressam números de documentos e telefones:

Meu RG é **meia** cinco, três oito **meia**, nove dois **meia**. (**6**5.38**6**.92**6**)

▪ CARDINAIS NO LUGAR DE MULTIPLICATIVOS

Na linguagem do dia a dia, é comum a expressão de valores multiplicativos por meio de numerais cardinais seguidos do substantivo **vezes**:

Ele ganha **três vezes mais** do que eu. (em lugar de **o triplo**)

Esta casa custa **cem vezes mais** do que aquela. (em lugar de **o cêntuplo**)

▪ MIL REAIS

Você viu, no quadro dos numerais, que o algarismo 1000 é representado pelo numeral cardinal **mil**. No entanto, na linguagem do dia a dia, sobretudo no preenchimento de cheques, notas promissórias, letras de câmbio, recibos e outros documentos, para evitar adulterações, costuma-se grafar "hum mil". Observe:

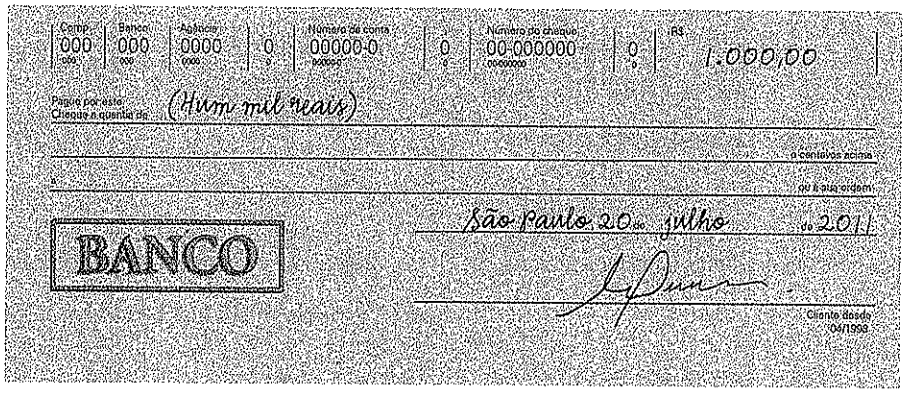

A forma **hum mil** deve restringir-se apenas a esse uso. Nos demais tipos de texto, devemos empregar **mil**: mil habitantes, mil torcedores, mil litros etc.

▪ NUMERAL CARDINAL COM SENTIDO INDETERMINADO

Na linguagem do dia a dia, numerais cardinais podem não exprimir quantidade exata, mas número indeterminado:

É um produto com **mil e uma** utilidades. (muitas, inúmeras)

Peço **um** minuto de sua atenção. (alguns minutos)

Vou lhe contar o que houve em **duas** palavras. (poucas)

Já te disse isso mais de **mil** vezes. (várias)

Atividades

Texto para a questão 1.

O matemático e o elefante

Thomas A. Stewart conta, em *Capital intelectual*, que houve um período, na Segunda Guerra Mundial, em que os alemães lançavam constantes ataques aéreos contra Moscou.

Apesar da preocupação e do medo geral, um eminente professor de estatística soviético dizia:

– Há sete milhões de pessoas em Moscou. Por que devo esperar que me atinjam?

Numa noite de inverno, durante um dos ataques, o professor chegou nervoso ao abrigo antiaéreo. Era a primeira vez que aparecia. Seus amigos, espantados, perguntaram o que acontecera para que mudasse de ideia. Ele expôs:

– Há sete milhões de pessoas em Moscou e um elefante. Na noite passada, eles atingiram o elefante.

(GOULART, Mário. *Livro dos erros: histórias equivocadas da vida real*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 22-3.)

1. Nesse texto, a palavra **um** ocorre quatro vezes. Trata-se do numeral cardinal ou do artigo indefinido?

Texto para a questão 2.

Em breve lançamento da 2.ª fase – 1.ª fase: 100% vendido no fim de semana!

Não perca esta oportunidade! São 20 apartamentos, todos com vista para o mar. Apartamentos de 270 m² e 290 m². O empreendimento está localizado no km 209 da rodovia Rio-Santos, distante apenas 120 km da capital paulista. Preço de lançamento: R$ 3500,00 o m². Visite apartamento decorado.

(Anúncio imobiliário do empreendimento Península de São Lourenço. Texto adaptado.)

2. Escreva por extenso:

a) 2.ª fase
b) 100% vendido
c) 270 m²
d) km 209
e) 120 km
f) R$ 3500,00 o m²

3. Reescreva o texto a seguir substituindo os algarismos por numerais.

Ocorreu ontem o sorteio do 48º concurso da quina. O prêmio total de R$ 17.594.321,12 foi dividido entre os 16 acertadores, cabendo a cada um deles a importância de R$ 1.099.645,07.

4. Leia o trecho a seguir:

"A chegada de tantos cegos pareceu trazer pelo menos uma vantagem. Pensando bem, duas, sendo a primeira de uma ordem por assim dizer psicológica..."

(SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 117.)

No trecho "pareceu trazer pelo menos **uma** vantagem...", a palavra destacada é artigo ou numeral? Justifique.

Texto para a questão 5.

Os primeiros selos do século 20

Nos últimos anos do século 19, é grande a expectativa pela chegada da última centúria do milênio. Em breve o Brasil fará 400 anos. Muito se comenta sobre a necessidade de uma comemoração à altura da data. Sem dinheiro, o governo brasileiro prepara a emissão de selos para bancar as festividades. É a primeira que não tem somente finalidade postal. A comunidade filatélica se agita.

(*Almanaque de cultura popular*. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura, ano 8, n. 91, nov. 2006. p. 5.)

5. Em relação ao texto, assinale se as afirmações são verdadeiras (V) ou falsas (F).

a) Os anos de 1998 e 1999 pertencem ao século 19.
b) No texto, a palavra centúria refere-se a cem anos.
c) Milênio corresponde a um período de 1000 anos.
d) Quanto ao sentido, "Em breve o Brasil fará 400 anos" equivale a "Em breve o Brasil fará o seu quarto centenário".
e) O adjetivo filatélico corresponde a "selo".
f) O adjetivo postal corresponde a "poste".

6. Classifique os numerais em destaque.

a) Tomou **meio** litro de leite.
b) Foi o **sétimo** colocado na corrida.
c) No novo emprego, ele passou a ganhar o **dobro**.
d) No último sorteio da loteria, ele arriscou um palpite **triplo**.
e) O governador escolherá o reitor com base em uma lista **tríplice**.
f) Foi multado porque andava a mais de **oitenta** quilômetros.
g) Era um funcionário do **segundo** escalão.
h) Recebeu um **terço** do salário como adiantamento.
i) Hoje eles ganham o **décuplo** do que ganhavam há dois anos.

7. Reescreva as frases em que o numeral está grafado **incorretamente**.

a) Compareceram catorze pessoas.
b) Compareceram quatorze pessoas.
c) Na festa havia mais de cincoenta convidados.
d) Recebeu mais de hum milhão em moedas.
e) No concurso, ela foi a octagésima classificada.

8. Cardinais ou ordinais? Escreva por extenso.

a) Luís XVI
b) Dom João VI
c) João XVII
d) Pio XII
e) Henrique VI
f) capítulo II
g) capítulo XXXIII

9. Escreva os ordinais por extenso.

a) 111.º
b) 222.º
c) 333.º
d) 444.º
e) 555.º
f) 666.º
g) 777.º
h) 888.º
i) 999.º

10. Reescreva as frases grafando os algarismos por extenso.

a) Esta é a 30.ª vez que venho aqui.
b) Ela foi a 87.ª classificada.
c) Amanhã ele completará o 76.º aniversário.

d) Para prestar queixa, compareceram ao 51.º Distrito Policial.
e) A empresa fica no 42.º andar daquele prédio.
f) Com ventos de 60 km/h, uma temperatura de −20 °C transforma-se em −50 °C.
g) Uma inflação de 40% ao mês pode resultar em 5 500% ao ano.
h) A dívida já é de R$ 4.582.618,39.

11. Sem alterar o sentido, substitua as expressões destacadas por uma de sentido coletivo. Não se esqueça de fazer as alterações necessárias na frase.
a) Na geladeira, havia **vinte e quatro** refrigerantes.
b) O Brasil foi descoberto há **quinhentos anos**.
c) Já se passaram mais de **quarenta anos** desde que a Copa do Mundo aconteceu no Brasil.
d) Naquele ano foram comemorados os **cem anos** da Independência.
e) No depósito da gráfica havia apenas **quinhentas folhas** de papel.
f) A confecção encomendou **doze dúzias** de botões.

12. Escreva por extenso.
a) 2/4
b) 6/8
c) 5/9
d) 11/12
e) 4/23
f) 1/10
g) 1/20
h) 1/100
i) 1/1000
j) 1/1 000 000

13. Assinale a alternativa que completa **convenientemente** a lacuna da frase "Maria José foi a * colocada". (284.ª)
a) duzentésima octagésima quarta
b) ducentésima octagésima quarta
c) dois centésima octagésima quarta
d) ducentésima octogésima quarta
e) ducentésima octagésima quarto

14. Assinale a alternativa que completa **convenientemente** a lacuna da frase "Ela foi a * colocada". (581.ª)
a) quinquagésima octogésima primeira
b) quinquagésima octingésima primeira
c) quingentésima octagésima primeira
d) quingentésima octogésima primeira
e) quinquagésima oitava primeira

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Dezessete e setecentos

Copyright© 1945 by IRMÃOS VITALE S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Todos os direitos autorais reservados para todos os países.
ALL RIGHTS RESERVED. INTERNATIONAL COPYRIGHT SECURED.

Eu lhe dei vinte mil-réis, pra pagar três e trezentos,
Você tem que me voltar dezessete e setecentos,
Sou diplomado, frequentei a academia,
Conheço geografia, sei até multiplicar,
Dei vinte mango para pagar três e trezentos,
Dezessete e setecentos, você tem que me voltar.
Mas eu lhe dei vinte mil-réis, pra pagar três e trezentos,
Você tem que voltar dezessete e setecentos,
Eu acho bom você tirar os nove fora,
Evitar que eu vá embora e deixe a conta sem pagar,
Eu já lhe disse que essa droga tá errada,
Vou buscar a tabuada e volto aqui pra lhe provar.

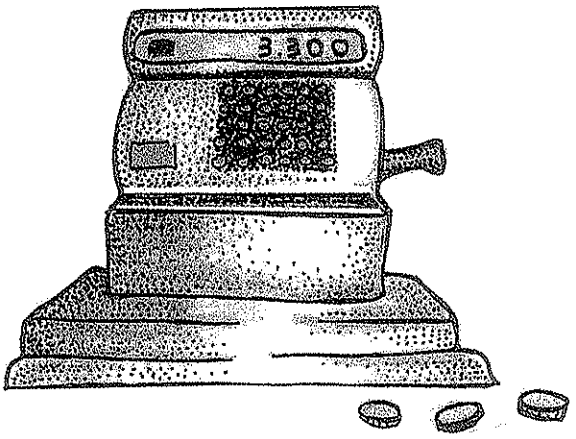

(GONZAGA, Luiz; LIMA, Miguel. Dezessete e setecentos. In: ARAÚJO, Manezinho. *A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes* (CD). Sesc, 2000.)

1. **Réis** é o plural de **real**, moeda usada antigamente no Brasil. Levando em conta o texto como um todo, que palavras ficam subentendidas em "(...) pra pagar três e trezentos (...)" e "Você tem que voltar dezessete e setecentos (...)"?

2. **Mango** é uma gíria. Em que sentido ela foi empregada no texto?

3. Explique o sentido da expressão "tirar os nove fora".

4. **Quiasmo** é uma figura de linguagem que consiste em dispor simetricamente palavras ou expressões de forma cruzada, como nesses versos de Carlos Drummond de Andrade:
"No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho"
Transcreva do texto **Dezessete e setecentos** um exemplo de quiasmo.

5. Cite algumas gírias ou expressões populares para designar **dinheiro**.

6. Do ponto de vista aritmético, a afirmação "Você tem que me voltar dezessete e setecentos" é correta? Justifique.

CAPÍTULO 9

Pronome

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Pronome é a palavra variável em gênero, número e pessoa que representa ou acompanha o substantivo, indicando-o como pessoa do discurso ou situando-o no espaço e no tempo.

Os pronomes incluem-se na categoria das **palavras fóricas**, que são aquelas que têm a propriedade de fazer referência a outros elementos do texto. Em decorrência do caráter fórico, é pelo contexto que se determina a significação dos pronomes.

Quando o pronome faz referência a um segmento textual mencionado anteriormente, dizemos que tem **valor anafórico**. Caso se refira a elemento do texto que ainda vai ser mencionado, dizemos que tem **valor catafórico**.

Encomendei o livro, e **ele** chegou no prazo. (ele = o livro, citado anteriormente: valor anafórico)

Ele me garantiu que viria. João nunca falta com a palavra. (ele = João, citado posteriormente: valor catáforico)

O livro **que** estou lendo é um romance. (que = o livro, citado anteriormente: valor anafórico)

Só desejo **isto**: compreensão. (isto = compreensão, citado posteriormente: valor catafórico)

Quando o pronome representa o substantivo, dizemos que se trata de **pronome substantivo**:

Convidei Paulo; **ele** confirmou que viria.

Falei com Paulo e convidei-**o** para a festa.

Quando o pronome determina o substantivo, restringindo a extensão de seu significado, dizemos que se trata de **pronome adjetivo**:

Esta casa é antiga.

Meu livro é raro.

Por serem capazes de fazer referência a outros elementos do texto, os pronomes são instrumentos gramaticais bastante úteis para "amarrar" ideias, funcionando como importantes elementos de coesão textual.

Há em português seis espécies de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos.

AS PESSOAS DO DISCURSO

Como o pronome, via de regra, está relacionado às pessoas do discurso, é fundamental identificá-las.

Num ato de fala (discurso), podemos observar a presença de três elementos:

a) aquele que fala;

b) aquele a quem se fala;

c) aquele (ou aquilo) de que se fala.

A cada um desses elementos corresponde uma pessoa do discurso; são, portanto, três as pessoas do discurso:

a) **primeira pessoa:** aquela que fala;
b) **segunda pessoa:** aquela a quem se fala;
c) **terceira pessoa:** aquela de quem (ou de que) se fala.

PRONOMES PESSOAIS

Pronomes pessoais são aqueles que representam as pessoas do discurso.

Os pronomes pessoais variam em **número** e **pessoa**, e alguns de terceira pessoa variam também em **gênero**.

Além de variar em número, pessoa e gênero, os pronomes pessoais apresentam variação na forma (reto e oblíquo), dependendo da função sintática que exercem na frase.

Basicamente, os **pronomes retos** são empregados nas funções de sujeito, predicativo e vocativo; os **pronomes oblíquos** atuam como complemento.

número	pessoa	pronomes retos	pronomes oblíquos
singular	primeira	eu	me, mim, comigo
	segunda	tu	te, ti, contigo
	terceira	ele/ela	se, si, consigo, o, a, lhe
plural	primeira	nós	nos, conosco
	segunda	vós	vos, convosco
	terceira	eles/elas	se, si, consigo, os, as, lhes

Os pronomes oblíquos podem ser:

a) **átonos:** me, te, se, lhe, nos, vos, o, a, os, as;
b) **tônicos:** mim, ti, si.

Os pronomes oblíquos tônicos virão sempre precedidos de preposição (a, de, em, para, por etc.). Precedidos pela preposição **com**, assumem as formas **comigo**, **contigo** e **consigo**. As formas **conosco** e **convosco** resultam da junção da preposição **com** e os pronomes **nós** e **vós**.

No português falado no Brasil, os pronomes pessoais de segunda pessoa do plural (vós e convosco) são raramente empregados. Em seu lugar, empregam-se as formas **vocês** e **com vocês**.

PRONOMES DE TRATAMENTO

"Tratamento" é a forma pela qual o sujeito falante se dirige ao interlocutor. Na categoria dos pronomes pessoais, incluem-se os **pronomes de tratamento**. Referem-se à pessoa a quem se fala (portanto, segunda pessoa), mas a concordância gramatical deve ser feita com a terceira pessoa.

Veja a seguir alguns desses pronomes.

pronome	abreviatura	emprego
Vossa Alteza	V. A.	príncipes
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades em geral
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades
Vossa Reverendíssima	V. Rev.ma	sacerdotes em geral
Vossa Santidade	V. S.	papas
Vossa Senhoria	V. S.ª	tratamento cerimonioso usado, sobretudo, na linguagem comercial
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores

São também pronomes de tratamento:

você, vocês

Convém notar que, exceção feita ao pronome **você(s)**, esses pronomes são empregados no tratamento cerimonioso.

EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS

1. No português do Brasil, os pronomes oblíquos **se**, **si**, **consigo** devem ser empregados unicamente como reflexivos.

> **Pronomes reflexivos** são aqueles que, na função de complemento do verbo, representam a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito.

Dessa forma, sujeito e complemento são correferenciais. Observe:

Ele feriu-**se**. Cada um faça a redação por **si** mesmo. O professor trouxe as provas **consigo**.

No padrão culto, consideram-se erradas construções em que esses pronomes não sejam reflexivos:

Querida, gosto muito de **você**. (E não: Querida, gosto muito de si.)
Preciso muito falar com **você**. (E não: Preciso muito falar consigo.)

No plural, o pronome reflexivo **se** também é empregado para indicar reciprocidade de ação. Nesse caso equivale a **um ao outro, uns aos outros, mutuamente**.

Marco e Lúcia **se** amam. Os atletas cumprimentaram-**se**.

2. Os pronomes oblíquos **conosco** e **convosco** são formas sintéticas, correspondentes às formas analíticas **com nós** e **com vós**. As formas analíticas só devem ser usadas caso haja palavras de reforço:

Queriam falar **conosco**. (Mas: Queriam falar **com nós** dois.)
Queriam conversar **convosco**. (Mas: Queriam conversar **com vós** próprios.)
Saíram **conosco**. (Mas: Saíram **com nós três**, que éramos seus amigos.)

3. Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** quando precedidos de formas verbais que terminam em **-r, -s** ou **-z**, assumem as formas **lo, la, los, las**:

amar**-o** = amá-**lo**
vender**-a** = vendê-**la**
partir**-os** = parti-**los**
quis**-o** = qui-**lo**
temos**-as** = temo-**las**
fez**-os** = fê-**los**
fiz**-o** = fi-**lo**

4. Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** quando precedidos de formas verbais que terminam em ditongo nasal, assumem as formas **no, na, nos, nas**:

amar**am-o** = amaram-**no**
vender**am-a** = venderam-**na**
partir**am-os** = partiram-**nos**
dispõe-**as** = dispõe-**nas**
dão-**a** = dão-**na**

5. Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** geralmente são empregados anaforicamente, isto é, retomam termo anteriormente expresso.

Procurei **o livro** em várias livrarias. Quando **o** encontrei, comprei-**o** imediatamente.

Nada impede, no entanto, que sejam empregados cataforicamente, isto é, fazendo referência a um termo que ainda será citado.

Apesar de todas as medidas adotadas para minimizá-**la**, **a enchente** continuou a fazer estragos.

6. Na linguagem informal, é comum a omissão do pronome oblíquo por estar implícito no contexto.

Procurei o documento e encontrei na gaveta.
Como os ingressos estavam esgotados, não pude comprar.

7. Na linguagem formal, deve-se manter a **uniformidade de tratamento**, isto é, se iniciarmos um texto tratando o interlocutor pelo pronome pessoal reto **tu**, devemos manter o tratamento em segunda pessoa (**te**, **ti**, **contigo**, **tua** etc.) até o final. Caso iniciemos o texto por um pronome de tratamento (**você**, **Vossa Senhoria**, **Vossa Excelência**), deveremos manter o tratamento em terceira pessoa até o final, pois, como vimos, embora se refiram à pessoa com quem falamos, a concordância com esses pronomes deve ser feita em terceira pessoa.

Tu deves retornar à **tua** casa, pois **teu** irmão precisa entregar-**te** um documento.

Você deve retornar à **sua** casa, pois **seu** irmão precisa entregar-**lhe** um documento.

Vossa Excelência não precisa **se** incomodar com **seus** problemas.

8. Não se considera errada a repetição de pronomes oblíquos:

A **mim**, ninguém **me** engana.

"A **ti** trocou-**te** a máquina mercante." (Gregório de Matos)

Nesses casos, a repetição do pronome oblíquo não constitui pleonasmo vicioso, e sim ênfase.

9. Muitas vezes os pronomes oblíquos equivalem a pronomes possessivos, exercendo função sintática de adjunto adnominal:

Roubaram-**me** o livro. (= Roubaram **meu** livro.)

Nem **te** reconheci a voz. (= Nem reconheci **tua** voz.)

Escutei-**lhe** os conselhos. (= Escutei **seus** conselhos.)

10. As formas plurais **nós** e **vós** podem ser empregadas para representar uma única pessoa (singular), adquirindo valor cerimonioso ou de modéstia:

Nós – disse o prefeito – procuramos resolver o problema das enchentes. (**plural de modéstia**)

Vós sois minha salvação, meu Deus! (**plural majestático**)

11. Os pronomes de tratamento devem vir precedidos de **vossa**, quando nos dirigimos à pessoa representada pelo pronome, e por **sua**, quando nos referimos a essa pessoa:

– **Vossa Excelência** já aprovou os projetos? – perguntou o assessor.

– **Sua Excelência**, o governador, estará presente à inauguração – relatou o repórter.

Na primeira frase, empregou-se **Vossa Excelência** porque o interlocutor **falava** diretamente **com o** governador. Na segunda, o repórter utilizou **Sua Excelência** porque **falava do** governador.

12. Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **lhe**, **nos** e **vos** podem aparecer combinados com os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as**. As combinações são as seguintes:

me + o = mo	vos + o = vo-lo	nos + a = no-la	lhe + os = lhos	te + as = tas
te + o = to	me + a = ma	vos + a = vo-la	nos + os = no-los	lhe + as = lhas
lhe + o = lho	te + a = ta	me + os = mos	vos + os = vo-los	nos + as = no-las
nos + o = no-lo	lhe + a = lha	te + os = tos	me + as = mas	vos + as = vo-las

Observe um exemplo:

– Você entregou o livro ao professor?

– Sim, entreguei-**lho**. (lho = lhe [ao professor] + o [livro])

Cumpre assinalar, no entanto, que no português falado hoje no Brasil a ocorrência de tais combinações é pouco frequente.

MORFOSSINTAXE DO PRONOME PESSOAL

1. Os pronomes pessoais do caso reto (**eu**, **tu**, **ele/ela**, **nós**, **vós**, **eles/elas**) devem ser empregados nas funções sintáticas de sujeito, predicativo ou vocativo:

Ele compareceu à festa. (sujeito)

Os responsáveis somos **nós**. (predicativo do sujeito)

"**Tu**, ordenou voltando-se para alguém do séquito, sobe para avisar que nosso visitante está para adentrar os muros". (Umberto Eco) (vocativo)

2. Na linguagem culta, na função de complemento verbal, devem-se usar os pronomes oblíquos e não os pronomes retos:

Convidei-**o**. (E não: Convidei ele.)
Chamaram-**nos**. (E não: Chamaram nós.)

3. Os pronomes retos (exceto **eu** e **tu**), quando precedidos de preposição, passam a funcionar como oblíquos. Nesse caso, considera-se correto seu emprego como complemento verbal, complemento nominal ou agente da passiva:

Informaram **a ele** os reais motivos. (complemento verbal)
Emprestaram **a nós** os livros. (complemento verbal)
Eles tinham aversão **a nós**. (complemento nominal)
Temos de ter mais consciência, afinal, os políticos são eleitos **por nós**. (agente da passiva)

4. As formas retas **eu** e **tu** só podem funcionar como sujeito ou predicativo. Na linguagem culta, não se aceita seu emprego como complemento:

Nunca houve desentendimentos entre **mim** e **ti**. (E não: Nunca houve desentendimentos entre eu e tu.)

Como **regra prática**, podemos propor o seguinte: quando precedidas de preposição, não se usam as formas retas **eu** e **tu**, mas as formas oblíquas **mim** e **ti**:

Ninguém irá sem **mim**. (E não: Ninguém irá sem eu.)
Nunca houve discussões entre **mim** e **ti**. (E não: Nunca houve discussões entre eu e tu.)

Há, no entanto, um caso em que se empregam as formas retas **eu** e **tu** mesmo precedidas (mas não regidas) por preposição: quando essas formas funcionam como sujeito de um verbo no infinitivo:

Deram o livro para **eu** ler. (sujeito) Deram o livro para **tu** leres. (sujeito)

Verifique que, nesse caso, o emprego das formas retas **eu** e **tu** é obrigatório, já que tais pronomes exercem a função sintática de sujeito.

5. Com as preposições **salvo** e **exceto**, devem-se empregar as formas retas **eu** e **tu** e não as formas oblíquas **mim** e **ti**:

Todos se manifestaram favoravelmente, **salvo eu**.
Exceto tu, todos gostaram da apresentação do cantor.

6. As formas oblíquas **o**, **a**, **os**, **as** devem ser empregadas como complemento de verbos transitivos diretos, ao passo que as formas **lhe**, **lhes** devem ser empregadas como complemento de verbos transitivos indiretos:

O menino convidou-**a**. (v. t. d.) O filho obedece-**lhe**. (v. t. i.)

Na linguagem culta, consideram-se erradas construções em que o pronome **o** (e flexões) aparece como complemento de verbos transitivos indiretos, assim como construções em que o pronome **lhe(s)** aparece como complemento de verbos transitivos diretos:

Nunca **lhe** obedeci. (E não: Nunca o obedeci.)
Eu **o** vi ontem. (E não: Eu lhe vi ontem.)

7. Há casos em que o pronome oblíquo pode funcionar como sujeito. Isso ocorre com os verbos **deixar**, **fazer**, **ouvir**, **mandar**, **sentir**, **ver** seguidos de infinitivo. Nesse caso, o pronome oblíquo será sujeito desse infinitivo:

Deixei-**o** sair. (sujeito) "Sofia deixou-**se** estar à janela." (Machado de Assis) (sujeito)

É fácil perceber a função de sujeito dos pronomes oblíquos ao desenvolver as orações reduzidas de infinitivo:

Deixei-**o** sair. (sujeito) Deixei que **ele** saísse. (sujeito)

Atividades

Texto para a questão 1.

"Camerino permite-lhe agora receber visitas. O desfile hoje começa cerca das dez da manhã, quando seus sogros Aderbal e Laurentina entram no quarto acompanhados de Flora. Flora? Que milagre! Bom, ela representa a sua comédia, para evitar que os pais venham a descobrir o verdadeiro estado de suas relações com o marido.

– Visitas para você – diz ela sem mirá-lo. E senta-se a um canto do quarto. Rodrigo não gosta do hábito que Flora adquiriu no convívio dos cariocas de tratá-lo por **você**. Sempre achou o **tu** mais íntimo, mais carinhoso, além de mais gaúcho. Bom, seja como for, dadas as relações atuais entre ambos, **você** talvez seja o tratamento mais adequado."

(VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento [parte III]: o arquipélago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 2. p. 247.)

1. Com base nas informações fornecidas pelo texto, reescreva apenas as alternativas que forem verdadeiras.
   a) Em algumas regiões do Brasil, as pessoas se referem ao interlocutor usando o pronome pessoal **tu** e em outras usando **você**.
   b) Quando tratamos o interlocutor por **você**, o verbo deve ir para a segunda pessoa do singular.
   c) Quando tratamos o interlocutor por **tu**, o verbo deve ir para a segunda pessoa do singular.
   d) Os gaúchos preferem chamar o interlocutor pelo pronome de tratamento **você**.
   e) Segundo Rodrigo, o uso do pronome de tratamento **você** revela mais formalidade que o uso do pronome pessoal **tu**.
   f) As relações entre Rodrigo e Flora não estavam muito boas.

2. Dos textos a seguir, destaque os pronomes.
   a) "Por quase 500 anos, José, inevitavelmente reduzido a Zé, foi o nome do brasileiro-símbolo. Ele inspirou ao poeta Carlos Drummond de Andrade a pergunta célebre: 'E agora, José?'. Às vezes era o zé-povinho dos intelectuais ou o zé-ninguém de todos os outros."

   (*Época*, n. 117, 14 ago. 2000. p. 74.)

   b) "Eu quero é ir-me embora
   Eu quero dar o fora
   E quero que você venha comigo"

   (Caetano Veloso)

   c) "Eu nunca sonhei com você
   Nunca fui ao cinema
   Não gosto de samba
   Não vou a Ipanema
   Não gosto de chuva
   Nem gosto de sol"

   (Tom Jobim)

3. A quem se referem os seguintes pronomes de tratamento?
   a) Vossa Alteza
   b) Vossa Santidade
   c) Vossa Excelência
   d) Vossa Eminência
   e) Vossa Magnificência

4. Nos textos a seguir, diga se o pronome destacado é pronome substantivo ou pronome adjetivo.
   a) "Agora eu era o herói
   E o **meu** cavalo só falava inglês"

   (Chico Buarque)

   b) "Se **você** disser que **eu** desafino, amor
   Saiba que **isso** em **mim** provoca imensa dor"

   (Tom Jobim e Newton Mendonça)

   c) "Começaria **tudo outra** vez
   Se preciso fosse, **meu** amor"

   (Luiz Gonzaga Jr.)

5. Reescreva as frases a seguir, corrigindo-as.
   a) Convidei ela para a festa de aniversário.
   b) Vi ele no cinema.
   c) Deram o livro para eu.
   d) Emprestaram o caderno para tu.
   e) Receberam nós com muita atenção.
   f) Entre ela e eu não há qualquer problema.
   g) Jamais houve qualquer problema entre tu e eu.
   h) Não vá à festa sem eu.
   i) Deram o livro para mim ler.
   j) Não deu para mim ir à escola ontem.
   k) Falta muito pouco para mim descobrir a verdade.
   l) Meu amor, preciso muito falar consigo.
   m) Querida, eu gosto muito de si.
   n) Heloísa, preciso falar consigo ainda hoje.
   o) Eles queriam falar com nós.
   p) Não lhe convidei para a festa.
   q) Não o obedeço porque não lhe respeito.
   r) Mandei ela sair.

6. No trecho seguinte, quem são os interlocutores?
   – Vossa Alteza comparecerá à cerimônia?
   – Ainda não posso responder com segurança a Vossa Majestade, mas com certeza Sua Eminência estará presente.

7. Substitua o pronome oblíquo por um possessivo.
   a) Roubaram-lhe os documentos.
   b) Vendaram-me os olhos.

8. Reescreva as frases a seguir, corrigindo-as, se necessário.
   a) Não houve condições para mim resolver os problemas.
   b) Para mim, resolver estes problemas é coisa simples.
   c) Ninguém irá sem eu.
   d) Ninguém irá sem eu autorizar.

9. Reescreva as frases a seguir, corrigindo-as.
   a) Você sabe da vossa capacidade.
   b) Vossa Excelência conheceis bem vossos ministros.
   c) Vossa Majestade não confiais em vossos assessores.

10. Efetue a transformação dos pronomes oblíquos observando a terminação das formas verbais.
   a) Aquelas atitudes deixaram + as magoadas.
   b) Gostei muito daquele carro, por isso desejo comprar + o.
   c) Aquela tarefa? Fez + a com satisfação.
   d) Aquele livro? Temos + o para pronta entrega.

11. Leia:
   I. De repente, deu-lhe um livro para ... ler.
   II. De repente, deu um livro para ... .
   III. Nada mais há entre ... e você.
   IV. Sempre houve entendimentos entre ... e ti.
   V. José, espere, vou ... .

   As lacunas das frases devem ser completadas, respectivamente, pelos pronomes:
   a) mim – eu – eu – eu – consigo
   b) ela – eu – mim – eu – consigo
   c) ela – mim – mim – mim – com você
   d) mim – mim – eu – eu – consigo
   e) tu – mim – eu – mim – consigo

12. Assinale a única alternativa em que haja erro no emprego de pronomes.
   a) Vossa Excelência e seus convidados saíram de repente.
   b) Mandou-me embora mais cedo.
   c) Raquel, vou estar consigo amanhã.
   d) Vós e vossa família estais convidados para a festa.
   e) Deixei-o encarregado da turma.

13. Assinale a frase **incorreta**.
   a) Para viajar para o exterior, não deixe de levar consigo o passaporte.
   b) Já houve discussões graves entre ti e mim.
   c) Ele reivindica para si mesmo a autoria da obra.
   d) Sem ti e mim poucas coisas se fariam nesta casa.
   e) Capitu, desejo falar consigo um instante.

14. Assinale o item em que o pronome pessoal está empregado de acordo com a norma culta.
   a) Ora, Capitu, não falei consigo?
   b) Trago esta carta para si.
   c) Amigos de seminário, não havia segredo entre eu e Escobar.
   d) Aquela carta era para mim ler.
   e) Por eu ser sempre esperado por Ezequiel é que o castigo ia sendo adiado.

15. Assinale a alternativa que contenha apenas pronomes adjetivos.
   a) Meu filho, minha vida.
   b) Todos são iguais a ele.
   c) Ninguém compareceu.
   d) O que você tem de bom ele tem de ruim.
   e) n.d.a.

16. Assinale a alternativa que apresenta **incorreção** no emprego do pronome.
   a) Aquela casa não era para mim; comprá-la com que dinheiro?
   b) Entre eu e ela nada ficou acertado.
   c) Estavam falando com nós dois.
   d) Aquela viagem, quem não a faria?
   e) Viram-no, mas não o chamaram.

17. Em que caso o pronome pessoal **não** está correto?
   a) Não vá sem mim.
   b) Aprontaram tudo para eu acertar.
   c) Deixaram eu sair cedo.
   d) Tudo se volta contra mim e você.
   e) n.d.a.

18. Assinale a construção gramatical **incorreta**.
   a) Sem mim, ninguém fechará o negócio.
   b) Sem eu dizer que sim, ninguém fechará o negócio.
   c) Isto é para mim?
   d) Por mim, podem revelar a verdade.
   e) Entre eu e ele não há mais nada a dizer.

19. Assinale a opção **correta** quanto ao emprego do pronome.
   a) Entre ela e eu não há divergência.
   b) Para mim é difícil aceitar a proposta.
   c) Vou estar consigo amanhã.
   d) Ele fez tudo para mim entrar na faculdade.
   e) Entre eu e meus colegas não há grandes divergências.

PRONOMES POSSESSIVOS

Pronomes possessivos são aqueles que se referem às pessoas do discurso, indicando ideia de posse.

O possuidor pode ser qualquer uma das três pessoas do discurso; o possuído será sempre de terceira pessoa. Veja:

Eu emprestei **meus** livros e **minhas** gravuras.
"Eu não sou da **sua** rua,
Eu não falo a **sua** língua" (Branco Mello e Arnaldo Antunes)
O **nosso** time está embalado!
Posso ler **teu** jornal?

Observe os pronomes possessivos na tabela a seguir.

número	pessoa	pronomes possessivos
singular (um possuidor)	primeira	meu, minha, meus, minhas
	segunda	teu, tua, teus, tuas
	terceira	seu, sua, seus, suas
plural (mais de um possuidor)	primeira	nosso, nossa, nossos, nossas
	segunda	vosso, vossa, vossos, vossas
	terceira	seu, sua, seus, suas

CONCORDÂNCIA DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos concordam em gênero e número com a coisa possuída, e em pessoa com o possuidor:

pessoa — gênero e número

Eu vendi **meus** álbuns.

possuidor (1.ª pessoa do singular) — possessivo (masculino, plural) — coisa possuída

pessoa — gênero e número

Eu vendi **minha** casa.

possuidor (1.ª pessoa do singular) — possessivo (feminino, singular) — coisa possuída

Na oração abaixo, o possuidor está implícito no contexto e pode ser representado pelo pronome pessoal **nós**:

Ele vendeu **nosso** apartamento.

possuidor (masculino, plural) — coisa possuída

E nesta, o possuidor é a pessoa com quem se fala, ou seja, a segunda pessoa, que pode ser representada pelo pronome **tu**:

Eu reli **teu** texto.

possessivo (masculino, singular) — coisa possuída

Quando o pronome possessivo determina mais de um substantivo, ele deverá concordar com o substantivo mais próximo:

Fiquei lendo **meus** livros e revistas.

Em muitos casos, a utilização do possessivo de terceira pessoa (**seu** e flexões) pode deixar a frase ambígua, ou seja, podemos ter dúvidas quanto ao possuidor:

A professora disse ao diretor que concordava com **sua** nomeação.
(Nomeação de quem? Da professora ou do diretor?)

Para evitar essa ambiguidade, deve-se, sempre que possível, substituir o pronome **seu** (e flexões) pela forma **dele** (e flexões):

A professora disse ao diretor que concordava com a nomeação dela. (da professora)
A professora disse ao diretor que concordava com a nomeação dele. (do diretor)

EMPREGO DOS PRONOMES POSSESSIVOS

1. Em geral, os pronomes possessivos devem vir antes do substantivo a que se referem:

Minha casa fica num bairro afastado. **Nossas** amigas viajaram sem avisar.

Há casos em que a mudança de posição do pronome possessivo pode provocar alterações de sentido nas frases:

Recebi notícias **suas**. (notícias sobre você) Recebi **suas** notícias. (notícias transmitidas por você)

2. A palavra **seu** que antecede nomes de pessoas não é pronome possessivo, mas corruptela do pronome de tratamento **senhor**:

Seu Humberto, o senhor poderia emprestar-me a furadeira?

3. Não se deve usar pronome possessivo antes de termos que indiquem partes do corpo ou faculdades do juízo, quando estiverem na função de complemento na mesma pessoa gramatical do sujeito:

Escovei os dentes. (E não: Escovei os meus dentes.)
Quebrei a perna. (E não: Quebrei a minha perna.)
Tu pintaste as unhas. (E não: Tu pintaste as tuas unhas.)
Perdi o juízo. (E não: Perdi o meu juízo.)

A justificativa para não usar o possessivo nesses casos é que se trata de posse inalienável, ou seja, a coisa possuída não pode, em princípio, ser separada do possuidor.

MORFOSSINTAXE DO PRONOME POSSESSIVO

1. O pronome possessivo surge mais comumente como pronome adjetivo, ou seja, acompanhando um substantivo. Nesse caso, desempenha função sintática de adjunto adnominal:

objeto direto
Entreguei **teu** trabalho ao professor.
possessivo (adjunto adnominal) — substantivo (núcleo do objeto)

2. Representando um substantivo, o possessivo desempenha a função sintática típica dessa classe de palavra (núcleo do sujeito, do complemento verbal, do predicativo etc.). Nesses casos, normalmente teremos uma estrutura paralelística, em que o substantivo que está sendo representado já foi mencionado anteriormente, acompanhado por um pronome possessivo adjetivo:

Este é o **meu** livro. — pronome adjetivo (adjunto adnominal)
O **teu**, o professor já levou. — pronome substantivo (núcleo do objeto direto)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronomes demonstrativos são aqueles que indicam a posição do ser no tempo e no espaço, tomando-o em relação às pessoas do discurso.

Observe os pronomes demonstrativos na tabela a seguir.

pessoa do discurso	variáveis	invariáveis
primeira	este, esta, estes, estas	isto
segunda	esse, essa, esses, essas	isso
terceira	aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquilo

As formas variáveis **este**, **esse**, **aquele** (e flexões) podem funcionar como pronomes substantivos ou pronomes adjetivos. As formas invariáveis **isto**, **isso**, **aquilo** sempre funcionarão como pronomes substantivos.

Veja:

Esta casa é minha. (pronome adjetivo)

Minha casa é **esta**. (pronome substantivo)

Aquilo, para nós, foi uma terrível coincidência. (pronome substantivo)

Os exames se aproximavam e **isso** o deixava preocupado. (pronome substantivo)

Só desejo **isto**: que todos voltem rapidamente. (pronome substantivo)

Dependendo do contexto, também podem funcionar como pronomes demonstrativos as seguintes palavras: **o**, **mesmo**, **próprio** (variam em gênero e número), **semelhante** e **tal** (variam somente em número).

O, **a**, **os**, **as** são pronomes demonstrativos quando equivalem a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**, **isso**:

"Somos **o** que somos." (Fernando Pessoa) (= **aquilo** que somos)

Esta é a casa que comprei, mas não é **a** que pretendia adquirir. (= **aquela** que pretendia adquirir)

Nos exemplos acima, **o** e **a** funcionam como pronomes demonstrativos, antecedendo o pronome relativo **que**.

Na frase abaixo, **o** é pronome demonstrativo por equivaler a isso:

Embora não **o** dissessem, iriam votar naquele candidato. (= Embora não dissessem **isso**, iriam votar naquele candidato.)

Tal é pronome demonstrativo quando equivale a **este**, **esse** (e flexões), **isso**:

Tal fato é digno de repreensão.

Mesmo e **próprio** são demonstrativos de reforço. Estarão sempre se referindo a um substantivo ou pronome, com o qual deverão estabelecer concordância:

Ele **mesmo** resolveu entregar os documentos.

Ela **própria** registrou a queixa.

Respondeu às **mesmas** perguntas diversas vezes.

Não se deve fazer justiça com as **próprias** mãos.

Assim como os artigos, os pronomes demonstrativos (com exceção de **mesmo**, **próprio**, **semelhante** e **tal**) podem aparecer unidos com as preposições **a**, **de** e **em**:

neste, nesse, naquele, nisso (**em** + este, esse, aquele, isso)

deste, dessa, daquele, disto (**de** + este, essa, aquele, isto)

àquele, àqueles, àquela, àquelas, àquilo (**a** + aquele(s), aquela(s), aquilo)

EMPREGO DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os pronomes demonstrativos podem ser utilizados para indicar a posição espacial de um ser em relação às pessoas do discurso.

   a) Os demonstrativos de primeira pessoa (**este** e flexões, **isto**) indicam que o ser está próximo à pessoa que fala. Pode ser usado em frases com os pronomes **eu**, **me**, **mim**, **comigo** e com o advérbio de lugar **aqui**:

   Esta caneta que está comigo é azul.

   Este relógio que eu tenho nas mãos é suíço.

   Isto que está aqui comigo é um livro.

   b) Os demonstrativos de segunda pessoa (**esse** e flexões, **isso**) indicam que o ser está próximo à pessoa com quem se fala. Podem aparecer com os pronomes **tu**, **te**, **contigo**, **você**, **vocês** e com o advérbio de lugar **aí**:

   Essa caneta que está contigo é azul.

   Esse relógio que tu tens nas mãos é suíço.

   Isso que está aí com você é um livro.

c) Os demonstrativos de terceira pessoa (**aquele** e flexões, **aquilo**) indicam que o ser está próximo à pessoa de quem se fala, ou distante dos interlocutores. Podem ser usados com os advérbios de lugar **ali** ou **lá**:

Aquela caneta que está com o aluno da outra sala é azul.

Aquele relógio que está lá na vitrine é suíço.

Aquilo que está ali com o professor é um livro.

2 Os demonstrativos servem também para indicar a posição temporal, revelando proximidade ou afastamento no tempo em relação à pessoa que fala.

a) O demonstrativo de primeira pessoa (**este** e flexões) revela tempo presente, ou bastante próximo do momento em que se fala:

Este dia está bom para ir à piscina.

Pretendo fazer as compras ainda **nesta** semana.

Agora estou tranquilo: **neste** ano o colégio organizou uma festa à altura de suas tradições.

b) O demonstrativo de segunda pessoa (**esse** e flexões) revela tempo passado relativamente próximo ao momento em que se fala:

Em fevereiro fez muito calor; **nesse** mês pude ir várias vezes à piscina.

Há dois anos concluí meu curso de Francês; **nesse** ano pretendia morar na Europa.

c) O demonstrativo de terceira pessoa (**aquele** e flexões) revela tempo remoto ou bastante vago:

Em 1950 realizou-se a Copa do Mundo no Brasil; **naquele** ano o Uruguai surpreendeu a todos, conquistando o título.

Na penúltima década do século passado, chegaram ao Brasil os primeiros telefones celulares. **Naquela** época, poucas pessoas dispunham de tal comodidade.

3 Os pronomes demonstrativos **este** (e flexões), **esse** (e flexões), **isto** e **isso** podem indicar o que ainda vai ser mencionado e aquilo que já foi mencionado, isto é, podem ter valor **catafórico** (se apontam para algo que ainda será mencionado) ou **anafórico** (se apontam para algo mencionado anteriormente).

a) Devemos empregar **este** (e flexões) e **isto** quando queremos fazer referência a alguma coisa que ainda vai ser mencionada (valor catafórico):

Espero sinceramente **isto**: que se procedam as reformas.

Estas são algumas características do Romantismo: subjetivismo, apego à natureza, nacionalismo.

b) Devemos empregar **esse** (e flexões) e **isso** quando queremos fazer referência a alguma coisa que já foi mencionada (valor anafórico):

Sempre quis ter um corpo de atleta: Ronaldo me propiciou **isso**.

Subjetivismo, apego à natureza, nacionalismo; **essas** são algumas características do Romantismo.

c) Emprega-se **este** em oposição a **aquele** quando se quer fazer referência a elementos já mencionados. **Este** se refere ao mais próximo; **aquele**, ao mais distante. Nesse caso, tanto **este** quanto **aquele** possuem valor anafórico, por retomarem termos já mencionados:

Matemática e Literatura são disciplinas que me agradam: **esta** me desenvolve a sensibilidade; **aquela**, o raciocínio.

Observação

Em expressões como **por isso**, **além disso** e **isto é**, o uso dos demonstrativos nem sempre está em conformidade com a regra. Nessas expressões, sua forma é fixa.

MORFOSSINTAXE DO PRONOME DEMONSTRATIVO

Os pronomes demonstrativos variáveis podem desempenhar funções próprias do substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.) ou do adjetivo (adjunto adnominal e predicativo). Já os pronomes demonstrativos invariáveis (**isto**, **isso**, **aquilo**) necessariamente desempenham funções próprias do substantivo:

Recomendaram **aquele** livro.	**Isto** é o que você pensa!	Ela disse **aquilo**?!
pronome adjetivo (adjunto adnominal)	pronome substantivo (sujeito)	pronome substantivo (objeto direto)

Atividades

Leia a tirinha a seguir:

Mort Walker/King Features Syndicate/Ipress/Intercontinental Press Data: 1956

WALKER, Mort. *O melhor do Recruta Zero 1*, p. 72.

1. Em diversos textos humorísticos, a comicidade decorre do quiproquó, que consiste na confusão que se faz em tomar uma coisa por outra.
   a) Que palavra da tira gera o quiproquó?
   b) Que sentido cada um dos interlocutores dá a essa palavra?

2. Observe o texto a seguir:

Laerte/Acervo do artista

LAERTE. *Classificados: Livro 2*. São Paulo: Devir, 2002, p. 36.

Nessa tira, o pronome demonstrativo substitui uma palavra que fica implícita no contexto. Que palavra é essa?

3. Nos textos seguintes, aponte os pronomes possessivos e os pronomes demonstrativos.
   a) "Eu sei que não tem perigo, que é o transporte mais seguro do mundo, e as estatísticas, e essa coisa toda, você já me explicou. Mas pense um pouco nos nossos filhos, pelo amor de Deus!" (Fernando Sabino)
   b) "Meu primeiro movimento, ao ler esse delicado convite, foi deixar a mesa da redação e me dirigir ao Jardim Botânico, contemplar a flor e cumprimentar a administração do horto pelo feliz evento." (Rubem Braga)
   c) "Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa." (Guimarães Rosa)
   d) "Para ser franco, declaro que esses infelizes não me inspiram simpatia. Lastimo a situação em que se acham, reconheço ter contribuído para isso, mas não vou além. Estamos tão separados! A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou. Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo." (Graciliano Ramos)
   e) "Na minha impureza eu havia depositado a esperança de redenção nos adultos. A necessidade de acreditar na minha bondade futura fazia com que eu venerasse os grandes, que eu fizera à minha imagem, mas a uma imagem de mim enfim purificada pela penitência do crescimento, enfim liberta da alma suja de menina. E tudo isso o professor agora destruía, e destruía meu amor por ele e por mim." (Clarice Lispector)

4. Complete as lacunas usando **este** ou **esse**.
   a) ... livro que está comigo é um romance.
   b) ... livro que está com você é um romance.
   c) ... relógio que está comigo custou caro.
   d) ... relógio que está com você custou caro.

5. Preencha as lacunas, usando o pronome demonstrativo adequado.
   a) Roma e Viena são belas cidades: ... é a capital da Áustria; ... , da Itália.
   b) Machado de Assis e Guimarães Rosa são dois grandes escritores: ... escreveu *Dom Casmurro*; ... , *Sagarana*.
   c) Salvador e Florianópolis são duas capitais brasileiras: ... é a capital de Santa Catarina; ... , da Bahia.
   d) ... que eu tenho nas mãos é um livro.
   e) ... que tu tens nas mãos é um livro.
   f) ... que está nas mãos do professor é um livro.
   g) ... caneta que está na minha mão é tua?
   h) ... são as minhas aspirações: entrar na faculdade e conseguir um bom emprego.

6. Leia o texto a seguir:
   "De meu país e de minha família tenho pouco a dizer. Maus-tratos e o passar dos anos me afastaram daquele e fizeram de mim um estranho para esta."
   (Edgar Allan Poe)

   Os pronomes **aquele** (em **daquele**) e **esta** recuperam termos anteriormente expressos no contexto. A que termos tais pronomes se referem?

7. Classifique os pronomes destacados de acordo com os códigos a seguir.
   PR = pessoal reto
   PO = pessoal oblíquo
   P = possessivo
   D = demonstrativo
   a) "Cesse tudo **o** que a Musa antiga canta..." (Camões) (☆)
   b) **O** que sei é que te amo. (☆)
   c) Encontrei-**o** em casa. (☆)
   d) Não **o** esperava tão cedo. (☆)
   e) **Ele** deixou a sala apressado. (☆)
   f) Não encontrei **meus** amigos em parte alguma. (☆)
   g) Achei **o** que procuravas. (☆)
   h) Achei-**o** num canto qualquer. (☆)

8. Em "**Os** que aqui se encontram almejam aprovação", o termo destacado é:
   a) artigo;
   b) pronome pessoal oblíquo;
   c) pronome demonstrativo;
   d) pronome pessoal reto;
   e) pronome indefinido.

9. Assinale a alternativa que não contenha pronome demonstrativo.
   a) Aquela aluna requereu a dispensa.
   b) Não posso admitir tal comportamento.
   c) Aquilo que ouvi nem parece música.
   d) Não consigo compreender o que você fez.
   e) Certo aluno me disse que você iria.

10. Assinale a alternativa em que há erro na classificação do pronome.
   a) Convidei-**o** para a festa. (pessoal oblíquo)
   b) Não entendi **o** que você me falou. (pessoal oblíquo)
   c) **Nossos** sofrimentos nos causam dano. (possessivo)
   d) **Isto** não se faz. (demonstrativo)
   e) Desejo-**lhe** boa viagem. (pessoal oblíquo)

11. Assinale a alternativa que contenha erro no emprego do demonstrativo.
   a) Ela mesmo me afirmou que iria.
   b) Estes documentos que estão comigo são importantes.
   c) Esses documentos que estão com você são importantes.
   d) O trabalho foi feito por elas mesmas.
   e) Naquela época costumava-se dançar bolero.

12. Em: "Ela **mesma** apresentou **aquela** proposta", os termos em destaque são, respectivamente:
   a) pronome possessivo; pronome demonstrativo.
   b) pronome demonstrativo; pronome possessivo.
   c) adjetivo; pronome demonstrativo.
   d) advérbio; adjetivo.
   e) pronome demonstrativo; pronome demonstrativo.

PRONOMES RELATIVOS

Pronomes relativos são aqueles que retomam um nome da oração anterior (o antecedente) e o projetam em outra oração.

Por retomarem termos já mencionados, os pronomes relativos sempre têm valor anafórico.

Não conhecemos **os alunos**. **Os alunos** saíram.

Não conhecemos **os alunos** (antecedente) **que** (pronome relativo) saíram.

Observe os pronomes relativos na tabela ao lado.

variáveis	invariáveis
o qual, a qual, os quais, as quais	que
cujo, cuja, cujos, cujas	quem
quanto, quanta, quantos, quantas	onde
	como

EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS

1. Os pronomes relativos virão precedidos de preposição se a regência assim determinar:

   Este é o autor **a cuja** obra me refiro. (referir-se **a**)
   Este é o autor **de cuja** obra gosto. (gostar **de**)
   São opiniões **a que** sou favorável. (favorável **a**)

2. O pronome relativo **quem** é empregado com referência a pessoas:

   Não conheço a garota de **quem** você gosta.
   Este é o rapaz a **quem** você se referiu.

3. Quando possuir antecedente, o pronome relativo **quem** virá sempre precedido de preposição:

   Lúcia era a mulher **a quem** ele amava.

Nesse exemplo, embora o verbo **amar** não exija preposição (quem ama, ama alguém), o relativo **quem** está precedido de preposição porque possui antecedente explícito (a mulher). No caso, **a quem** será classificado sintaticamente como objeto direto preposicionado.

4. É comum a ocorrência do relativo **quem** sem antecedente claro. Neste caso, ele é classificado como relativo indefinido:

   "**Quem** nasce lá na Vila
   Nem sequer vacila" (Noel Rosa)
   (= Aquele que nasce lá na Vila...)

5. O pronome relativo **que** pode ser empregado com referência a pessoas ou coisas:

   Não conheço o rapaz **que** saiu. (refere-se a pessoa: rapaz)
   Esta é a saia **que** Simone comprou. (refere-se a coisa: saia)

6. O pronome relativo **que** é empregado quando precedido de preposição monossilábica. Com as preposições de mais de uma sílaba, usa-se o relativo **o qual** (e flexões):

   Estas são as ferramentas **de que** necessito.
   Este é o móvel **sobre o qual** foi colocado o vaso.

As preposições **sem** e **sob** constituem exceção a essa regra: com elas usa-se de preferência o relativo **o qual** (e flexões):

   O professor nos apresentou uma condição **sem a qual** o trabalho não terá sentido.
   Este é o móvel **sob o qual** ficou escondido o documento.

7. O pronome relativo **cujo** (e flexões) é relativo possessivo, equivalendo a **do qual** (e flexões). Deve concordar com a coisa possuída e não admite a posposição de artigo:

   Esta é a pessoa em **cuja** casa me hospedei. (casa da pessoa)
   Feliz o pai **cujos** filhos são ajuizados. (filhos do pai)

Observação:

Na linguagem informal, é comum não se usar **cujo** (e flexões) e substituí-lo pelo **que**:

A aluna, **que** o pai dela é médico, faltou.

8. O pronome relativo **quanto** (e flexões) normalmente tem por antecedente os pronomes indefinidos **tudo**, **tanto** etc.; daí seu valor indefinido:

   Falou tudo **quanto** queria.
   Coloque tantas **quantas** forem necessárias.

9. **Quanto** pode ser empregado sem antecedente. Esse emprego é comum em certos documentos jurídicos:

   "Saibam **quantos** esta escritura virem que (...)"

(10) O relativo **onde** é usado para indicar lugar e equivale a **em que**, **no qual** (e flexões).

Esta é a casa **onde** moro.

Não conheço o lugar **onde** você está.

Se não estiver indicando lugar, não devemos empregar **onde**, mas **em que** ou **no qual** (e flexões).

Viviam uma situação tensa **onde** cada um estava com os nervos à flor da pele. (construção **não recomendada** pelo padrão culto)

Viviam uma situação tensa **em que** (ou **na qual**) cada um estava com os nervos à flor da pele. (construção **recomendada** pelo padrão culto)

(11) **Onde** pode ser usado sem antecedente:

Fique **onde** está.

(12) O relativo **como** é usado para exprimir modo:

Não entendo a maneira **como** ele se comporta.

MORFOSSINTAXE DO PRONOME RELATIVO

Os pronomes relativos introduzem orações subordinadas adjetivas, nas quais sempre desempenham uma função sintática.

oração adjetiva

Ouço a voz do vento, **que** varre a tarde.

pronome relativo, sujeito do verbo **varrer**

oração adjetiva

Ouço a voz **que** o vento traz.

pronome relativo, objeto direto do verbo **trazer**

O estudo das funções sintáticas do pronome relativo será tratado com detalhes no capítulo 16, **Orações subordinadas**.

PRONOMES INDEFINIDOS

Pronomes indefinidos são aqueles que se referem à terceira pessoa do discurso de modo vago e impreciso.

Observe:

Alguém me contou a verdade.

Algo me diz que não é este o caminho.

Veja a seguir uma tabela com os principais pronomes indefinidos.

variáveis	
algum, alguma, alguns, algumas	vário, vária, vários, várias
nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas	quanto, quanta, quantos, quantas
todo, toda, todos, todas	tanto, tanta, tantos, tantas
outro, outra, outros, outras	qualquer, quaisquer
muito, muita, muitos, muitas	qual, quais
pouco, pouca, poucos, poucas	um, uma, uns, umas
certo, certa, certos, certas	

invariáveis
algo, tudo, nada, alguém, ninguém, outrem, mais, menos, cada, que, quem

Algo, **tudo** e **nada** referem-se a coisas; **alguém**, **ninguém** e **outrem** referem-se a pessoas. **Mais**, **menos** e **cada** podem se referir a coisas ou pessoas.

Os pronomes indefinidos podem aparecer sob a forma de **locução pronominal**:

cada qual, quem quer que, qualquer um, todo aquele que

A palavra um

A palavra **um** pode ser pronome indefinido, numeral ou artigo. Para classificá-la corretamente, pense no significado da frase e em alguns conceitos gramaticais.

Pronome

O pronome indefinido **um**, geralmente, vem empregado em construções combinadas com o pronome indefinido **outro**:

Um gosta de futebol, **outro**, de vôlei.

Repare que a palavra **um** está representando um substantivo, papel típico do pronome, e desempenha a função sintática de núcleo do sujeito.

Numeral

O numeral **um** necessariamente nos remete à ideia de quantidade. Para classificarmos a palavra **um** como numeral, é fundamental que a frase apresente uma construção paralela empregando outro numeral:

"**Um** elefante incomoda muita gente,
Dois elefantes incomodam muito mais."

Nessa frase, o numeral **um** desempenha a função sintática de adjunto adnominal.

Artigo

O artigo indefinido **um** necessariamente precede substantivo, acrescentando-lhe ideia de indeterminação:

Um elefante sempre faz sucesso no circo.

Na frase acima, fica clara a noção de um ser indeterminado, não específico. Sintaticamente, o artigo sempre desempenha a função de adjunto adnominal.

EMPREGO DOS PRONOMES INDEFINIDOS

1. O indefinido **algum**, quando posposto ao nome, assume valor negativo, equivalendo a **nenhum**:

   Motivo **algum** me fará desistir do cargo.
   Livro **algum** faz referência a este episódio.

2. Na linguagem culta, o pronome indefinido **cada** não deve ser utilizado desacompanhado de substantivo ou numeral:

   Pagaram dez reais **cada** um. (E não: Pagaram dez reais cada.)

3. **Certo** é pronome indefinido quando anteposto ao nome a que se refere. Quando posposto, será adjetivo:

   Não entendi **certos** exercícios. (pronome indefinido)
   Os exercícios **certos** valerão nota. (adjetivo)
   Certo amigo me avisou do perigo. (pronome indefinido)
   O amigo **certo** se conhece na hora incerta. (adjetivo)

4. **Todo** e **toda** (no singular), quando desacompanhados de artigo, significam **qualquer**. Quando acompanhados de artigo, passam a dar a ideia de totalidade:

   Todo homem é mortal. (qualquer homem)
   Ele comeu **todo o** bolo. (o bolo inteiro)

No plural, **todos** e **todas** sempre virão seguidos de artigo, exceto se houver palavra que o exclua, ou numeral não seguido de substantivo:

Todos os alunos compareceram.
Todos estes alunos compareceram.

Todos cinco compareceram.
Todos os cinco alunos compareceram.

A expressão **de todo** é locução adverbial, por isso permanece sempre invariável.

Quando se referiu ao assunto, ela não estava **de todo** errada.

5 **Qualquer** tem por plural **quaisquer**. Quando posposto ao substantivo, assume valor pejorativo:

Acabaram acolhendo **quaisquer** soluções.
Era um malandrinho **qualquer**.

6 **Outrem** significa "outra pessoa":

Não aceito que **outrem** modifique o que eu já fiz.

MORFOSSINTAXE DO PRONOME INDEFINIDO

Os pronomes indefinidos podem acompanhar ou representar um substantivo. Serão, respectivamente, pronomes adjetivos ou pronomes substantivos e desempenharão funções sintáticas típicas do adjetivo e do substantivo.

Os pronomes **alguém**, **ninguém**, **outrem**, **algo** e **nada** sempre têm valor de substantivo:

Alguém pegou a minha caneta!
pronome substantivo desempenhando função de sujeito simples

Alguns candidatos faltaram à prova.
pronome adjetivo desempenhando função de adjunto adnominal

PRONOMES INTERROGATIVOS

Pronomes interrogativos são aqueles usados em frases interrogativas diretas ou indiretas.

São eles: **quem**, **que**, **qual** e **quanto**:

Quem chegou? (interrogativa direta)
Gostaria muito de saber **quem** fez isso. (interrogativa indireta)

O pronome interrogativo refere-se sempre a um ser sobre o qual não temos informações; esta é a própria essência da frase interrogativa. Por essa característica, os pronomes interrogativos assemelham-se aos pronomes indefinidos.

Quando usados como pronomes interrogativos, a referência de **que** e **quem** é desconhecida. Quando **que** e **quem** são pronomes relativos, o referente é conhecido e estarão presentes na oração antecedente.

Quem chegou?
Que sucede?
Não sei **quem** fez isso.
(pronomes interrogativos ⇒ referentes desconhecidos)

A atriz de **quem** sou admirador estará na próxima novela.
Pedro encontrou o livro **que** procurava.
(pronomes relativos ⇒ referentes conhecidos)

MORFOSSINTAXE DO PRONOME INTERROGATIVO

O pronome **quem** é sempre empregado como substantivo, desempenhando, portanto, funções substantivas:

Quem receberá o prêmio?
sujeito

Quem Pedro convidou para a festa?
objeto direto

O pronome **qual** é, em geral, empregado como adjetivo e exerce a função de adjunto adnominal:

Qual caneta é a minha?
adjunto adnominal

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes oblíquos átonos (**o, a, os, as, lhe, lhes, me, te, se, nos, vos**), como todos os outros monossílabos átonos, apoiam-se na tonicidade de alguma palavra próxima. Podem ocupar três posições diferentes em relação ao verbo:

a) **antes do verbo:** nesse caso, ocorre a **próclise** e dizemos que o pronome está proclítico:

Nunca **me** revelaram os verdadeiros motivos.

b) **no meio do verbo:** nesse caso, ocorre a **mesóclise** e dizemos que o pronome está mesoclítico:

Revelar-**te**-ei os verdadeiros motivos.

c) **depois do verbo:** nesse caso, ocorre a **ênclise** e dizemos que o pronome está enclítico:

Revelaram-**me** os verdadeiros motivos.

Apresentamos, a seguir, algumas orientações acerca da colocação dos pronomes oblíquos átonos.

ÊNCLISE

A ênclise ocorre normalmente:

a) com o verbo no início da frase:

Comenta-se que ele deverá receber o prêmio.

b) com o verbo no imperativo afirmativo:

Alunos, **apresentem-se** ao diretor.

c) com o verbo no gerúndio:

Modificou a frase, **tornando-a** ambígua.

Caso o gerúndio venha precedido pela preposição **em**, ocorrerá a próclise:

Em se tratando de cinema, prefiro filmes europeus.

d) com o verbo no infinitivo impessoal:

Vim pessoalmente entregar-**te** os documentos.

Se o verbo no infinito impessoal vier precedido de palavra atrativa, é indiferente a ênclise ou a próclise.

Desejo sinceramente não perdoar-**lhe**. Desejo sinceramente não **lhe** perdoar.

PRÓCLISE

A próclise ocorre geralmente em orações em que antes do verbo haja:

a) palavra de sentido negativo (não, nada, nunca, ninguém etc.):

Nunca me convidam para festas.

b) conjunção subordinativa:

"**Quando eu te** encarei frente a frente não vi o meu rosto." (Caetano Veloso)

c) advérbio:

Assim se resolvem os problemas.

Caso haja pausa depois do advérbio (marcada na escrita por vírgula), ocorrerá a ênclise:

Assim, resolvem-**se** os problemas.

d) pronome indefinido:

Tudo se acaba na vida.

e) pronome relativo:

Não encontrei o caminho **que me** indicaram.

A próclise ocorre também nas orações iniciadas por palavras interrogativas e exclamativas e nas orações optativas (orações que exprimem um desejo):

Quem te disse que ele não viria? (oração iniciada por palavra interrogativa)
Quanto me custa dizer a verdade! (oração iniciada por palavra exclamativa)
Deus **te** proteja. (oração optativa)

MESÓCLISE

A mesóclise só pode ocorrer quando o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Convidar-me-ão para a solenidade de posse da nova diretoria.
Convidar-te-ia para viajar comigo, se pudesse.

Caso o verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo venha precedido por pronome pessoal reto, ou de alguma palavra que exija a próclise, esta será de rigor:

Eles me convidarão para a solenidade de posse da nova diretoria.
Não me convidarão para a solenidade de posse da nova diretoria.
Sempre te convidaria para viajar comigo, se pudesse.
Eu te convidaria para viajar comigo, se pudesse.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL NAS LOCUÇÕES VERBAIS E NOS TEMPOS COMPOSTOS

Nas locuções verbais em que o verbo principal está no infinitivo ou no gerúndio, o pronome oblíquo átono pode ser colocado, indiferentemente, depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal:

Quero-lhe apresentar os meus primos que vieram do interior.
Quero **apresentar-lhe** os meus primos que vieram do interior.
Ia-lhe dizendo as razões da minha desistência.
Ia **dizendo-lhe** as razões da minha desistência.

Caso haja antes da locução verbal palavra que exija a próclise, o pronome oblíquo poderá ser colocado, indiferentemente, antes do verbo auxiliar, ou depois do verbo principal:

Não lhe quero apresentar os meus primos que vieram do interior.
Não quero **apresentar-lhe** os meus primos que vieram do interior.
Alguém lhe ia dizendo as razões da minha desistência.
Alguém ia **dizendo-lhe** as razões da minha desistência.

Nos tempos compostos e nas locuções verbais em que o verbo principal está no particípio, a colocação dos pronomes oblíquos átonos será feita sempre em relação ao verbo auxiliar e nunca em relação ao particípio, podendo ocorrer a próclise, a mesóclise ou a ênclise, conforme as orientações apresentadas anteriormente:

Havia-lhe contado os verdadeiros motivos da minha desistência.
Nunca o tinha visto antes.
Tê-lo-ia procurado, se tivesse tempo.
Sentiu-se rejeitado pelos colegas.
Ficou tímido, **porque se** sentiu rejeitado pelos colegas.
Se não o convidarem, **sentir-se-á** rejeitado pelos colegas.

Nas locuções verbais e nos tempos compostos, quando se coloca o pronome oblíquo átono depois do verbo auxiliar, pode-se usar o hífen ou não:

Vou-te devolver o livro amanhã. **Vou te** devolver o livro amanhã.

A gramática no dia a dia

As normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas na linguagem coloquial. Com relação aos pronomes, podemos observar no dia a dia vários usos que não estão de acordo com a linguagem padrão, mas que já se incorporaram ao falar dos brasileiros.

A GENTE

Utiliza-se largamente a forma **a gente** em substituição ao pronome pessoal reto de primeira pessoa (nós):

A gente vê cada coisa nesta vida!

A gente precisa respeitar mais o meio ambiente.

"Então **a gente** achava melhor entrar no jogo com a maior cara de pau do mundo." (Lygia Fagundes Telles)

Observe que, quando utilizamos a expressão **a gente**, a concordância deve ser feita na terceira pessoa do singular. Dessa forma, a frase "A gente somos inútil", de uma conhecida canção popular, pode ser entendida como uma irreverência artística.

Na linguagem coloquial, devemos dizer "A gente é inútil". Na linguagem formal, "Nós somos inúteis".

PRONOME OBLÍQUO NO INÍCIO DE FRASES

Embora a gramática normativa estabeleça que não se deve iniciar frases pelos pronomes oblíquos átonos, no português falado no Brasil o emprego desses pronomes (sobretudo os de primeira e segunda pessoas) em início de frases é muito frequente (até mesmo por escritores modernos):

Te contei que viajei para Recife no mês passado?

"**Me** ponho a correr na praia.

Venha o mar! Venham canções!

Que o farol me denuncie!

Que a fortaleza me ataque." (Carlos Drummond de Andrade)

"**Me** lembro de todos os pregões" (Manuel Bandeira)

VOCÊ

Como vimos, os pronomes de tratamento têm caráter cerimonioso. No português do Brasil, o pronome de tratamento **você** perdeu esse caráter, sendo utilizado, em diversas regiões do país, em substituição à forma pronominal de segunda pessoa (**tu**). O pronome pessoal de segunda pessoa do plural (**vós**) é hoje muito pouco utilizado no português falado no Brasil. Normalmente, emprega-se o pronome de tratamento **vocês** no lugar de **vós**:

Você percebeu que até o amigo dele ficou constrangido?

Estou morrendo de saudade, por isso queria que **você** voltasse logo.

Dirigindo-se aos filhos, disse:

– **Vocês** podem ir, mas tratem de voltar cedo.

Não se esqueça de que, embora **você** e **vocês** estejam se referindo à pessoa com quem se fala (segunda pessoa, portanto), a concordância deve ser feita na terceira pessoa.

PRONOME RETO ATUANDO COMO COMPLEMENTO VERBAL

Embora a norma culta não aceite, é comum na linguagem coloquial o emprego dos pronomes pessoais retos na função de complemento verbal:

Convidaram **ele** para a festa.

Chamei **ela** para ir comigo.

PRONOME POSSESSIVO SEM IDEIA DE POSSE

É comum a utilização dos pronomes possessivos sem que estes exprimam ideia de posse. Os possessivos podem ser utilizados para indicar aproximação:

Aquele senhor deve ter **seus** cinquenta anos. (aproximação)

Quando fazem parte do vocativo, também são utlizados para indicar afeto, respeito ou provocação:

Meu caro aluno, procure esforçar-se mais. (afeto)

Minha Senhora, permita-me um aparte. (respeito)

Não jogue papel no chão, **seu** porco! (provocação)

ISSO EQUIVALENDO A *SIM*

Na linguagem coloquial, o pronome demonstrativo **isso** costuma ser empregado como equivalente a **sim** em respostas afirmativas:

– Você foi ao banco depositar o dinheiro?

– **Isso**. E aproveitei também para pegar dois talões de cheque.

ALGO / ALGUMA COISA

É bastante comum na linguagem do dia a dia a substituição do pronome indefinido **algo** pela expressão **alguma coisa**.

"**Alguma coisa** acontece no meu coração." (Caetano Veloso)

Há **alguma coisa** errada naquela casa.

Atividades

Texto para a questão 1.

"O drama do treinador, a meu ver, é que todo mundo, em todo o mundo, diz que o Brasil tem hoje o melhor elenco de craques do planeta. Com esse material nas mãos, se a seleção for campeã, todos vão dizer: 'Também, com um time desses, até eu'."

(COUTO, José Geraldo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 5 set. 2005. p. D9.)

1. Sem alterar o sentido, reescreva esse texto, substituindo as expressões **todo mundo** e **em todo o mundo** por outras. Faça as modificações que julgar necessárias.

2. Do texto a seguir, destaque e classifique os pronomes.

"Todos os detalhes acertados, voltamos para casa já noite fechada. Meu pai transmitiu a notícia a mamãe, que sem dizer nada nos serviu o jantar. Comemos em silêncio; melhor dizendo, nós, os irmãos, e nossa mãe, nos mantínhamos quietos, eu mastigando automaticamente, Er nem sequer tocando no prato. Mas papai, entusiasmado com a perspectiva das bodas, falava sem cessar, descrevendo o belo futuro que o primogênito teria."

(SCLIAR, Moacyr. *Manual da paixão solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 45.)

Texto para a questão 3.

Lixeiro é morto por pegar doce com a mão

O lixeiro O. M. S. foi morto com dois tiros nas costas **anteontem** por ter posto a mão em um doce em uma lanchonete que não ia comprar. O assassino seria o dono da lanchonete V. G., 65, que, segundo a polícia, estava foragido até a noite de ontem.

(*Folha de S.Paulo*, 8 dez. 1993.)

3. O texto apresenta pronome relativo empregado inadequadamente.
   a) Diga em que consiste essa inadequação.
   b) Reescreva o texto, tornando-o mais claro.

4. Dos textos a seguir, destaque os pronomes relativos.
   a) "Lembrei-me do tacho velho, que era o centro da pequenina casa onde vivíamos."
   (Graciliano Ramos)
   b) "Ele, que se mostrara sempre tão generoso, tão displicente pelas faltas alheias, não lhe perdoara."
   (Marques Rabelo)
   c) Aquele menino, cujo pai é professor, disse que não faria o trabalho que lhe pediram.
   d) Aquelas pessoas que compareceram à reunião falaram tudo quanto queriam falar.
   e) "Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu."
   (Machado de Assis)

5. Nos itens a seguir há duas frases isoladas. Relacione-as, usando um pronome relativo.
   a) Recebi notícias de meu amigo. Meu amigo mora no exterior.
   b) O menino foi reprovado. O pai do menino é professor.
   c) Não pude comparecer à festa. Você promoveu a festa.
   d) A casa é nova. Moro na casa.
   e) Não li os livros. Você recomendou os livros.
   f) A cantora gravou novo disco. Sou admirador da cantora.

g) As plantas precisam ser regadas. As plantas estão no jardim.

h) Não conheço o escritor. Você se referiu ao livro do escritor.

i) Você se referiu ao livro. O livro está esgotado.

6. A frase a seguir foi proferida no interior de um avião por uma comissária de bordo: "Este é o voo 3216 com destino ao aeroporto de Congonhas, que hoje está sob a responsabilidade do comandante Carlos Silva".

a) Da forma como foi regida a frase, o pronome relativo está se referindo à que termo?

b) Reescreva a frase para que fique claro aos interlocutores que o responsável pelo voo 3216 é o Comandante Carlos Silva.

7. Nas frases seguintes, classifique os termos destacados em:

a) pronome relativo

b) pronome indefinido

c) pronome demonstrativo

d) pronome interrogativo

a) "O Cruzeiro, **que** a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens." (Machado de Assis) (☆)

b) "**Nada** lhes escapava, nem mesmo as escadas dos pedreiros, os cavalos de pau, o banco ou a ferramenta dos marceneiros." (Aluísio Azevedo) (☆)

c) "**Aquele** peru comido a sós, redescobria em cada um **o** que a quotidianidade abafara por completo..." (Mário de Andrade) (☆)

d) "Madalena procurava convencê-lo, mas não percebi o **que** dizia." (Graciliano Ramos) (☆)

e) "**Todos** tinham gostado dela no estúdio." (Marques Rebelo) (☆)

f) "– **Que** você fez hoje?
– O de sempre. E você?" (Dalton Trevisan) (☆)

g) "Ela sorriu. Estava agora muito sobressaltada. A **cada** momento olhava o relógio." (Eça de Queirós) (☆)

h) "Logo ao primeiro grito do Coronel Ludgero Alves, **muitas** portas, até então fechadas, se escancaravam, ali por dentro do casarão do Fórum." (Mário Palmério) (☆)

i) "O Sol nas bancas de revista / me enche de alegria e preguiça / **quem** lê tanta notícia?" (Caetano Veloso) (☆)

8. Reescreva as frases a seguir, corrigindo-as se necessário.

a) Jamais enganar-te-ia dessa maneira.

b) Agora me falaram os verdadeiros motivos.

c) Aqui se resolvem todos os problemas.

d) Alguém convenceu-me da verdade.

e) Não compreendi os motivos que alegaram-nos.

f) Quem disse-me aquela verdade?

g) Quanto custa-me entender os motivos!

h) Devolver-te-ão os documentos apresentados.

i) Não devolver-te-ão os documentos apresentados.

j) Nunca devolver-te-iam os documentos apresentados.

9. Aponte os pronomes indefinidos do trecho a seguir e, depois, diga se são pronomes substantivos ou adjetivos: "Alguém pode enganar todo mundo por algum tempo. Ninguém pode enganar todo mundo o tempo todo".

10. Analise o contexto em que a palavra em destaque foi empregada e responda se é artigo indefinido ou numeral.

a) Acabou comprando só **um** quilo de carne, tão assustado ficou com o preço.

b) Acabou comprando **um** produto qualquer da cesta básica para doar à campanha.

c) Queria que eu lhe contasse **uma** história interessante, mas o sono me venceu e não pude terminar nem **uma** sequer.

d) O departamento de vendas precisa de **um** funcionário bem desinibido.

e) O departamento de vendas precisa de apenas **um** funcionário.

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Santa Rita

Fui com minha tropinha dar um serviço a um homem pracolá, ajuntar mantimento da roça e baldear pra casa, deixei a mulher na sua quadra de dormir na rede. Volto daí duas semanas – aqui esteve Lucinda. Topei a casa vazia. Espiei pelos vãos dos barrotes, notei que ela havia saído já há uns pares de dias: os trastes estavam tampados de pó e fiapeiras de palha caídas da cobertura, a cinza da trempe toda riscada de rastro de calango. Deixou um bilhete para mim na mão de uma mulher que mora ali embaixo, as duas andavam treladas uma com a outra, abaixo e arriba. Dizia que ausentava de mim era por nada não; estava com vontade de dar umas voltas no mundo, que eu não reparasse sua atitude, e teve muita satisfação em ter vivido esse tempo todo na minha companhia.

Levei um baque danado, fiquei muito tempo suspenso nos ares: um animal anódio e besta. Mas como a cínica é descarada!... Ela não enxerga nadinha em leitura, a quenga companheira dela, muito menos, fiquei numa dúvida, sem saber quem seria o escrevinhador do bilhete. Embolava o papel na mão, um pedaço de cader-

no, demorava um instante com o sentido girando, abobalhado, desmanchava a bola, desenrugava-a, tornava a ler. Com muito custo, tomei expediente, fui procurar a portadora do bilhete se ela tinha mais alguma coisa a contar. Indaguei dela, a descarada remancheou, mentiu que tinha recebido o papel já escrito, com a incumbência de me entregar.

Desconfiei que sua saída não tinha sido muito legal nada: ela não dissera nada aos vizinhos, duma noite por dia saiu de mansinho feito bufa escapolida. Não mandou dizer para aonde ia, deixa um bilhete que não diz quase nada. Como são volúveis essas mulheres!...

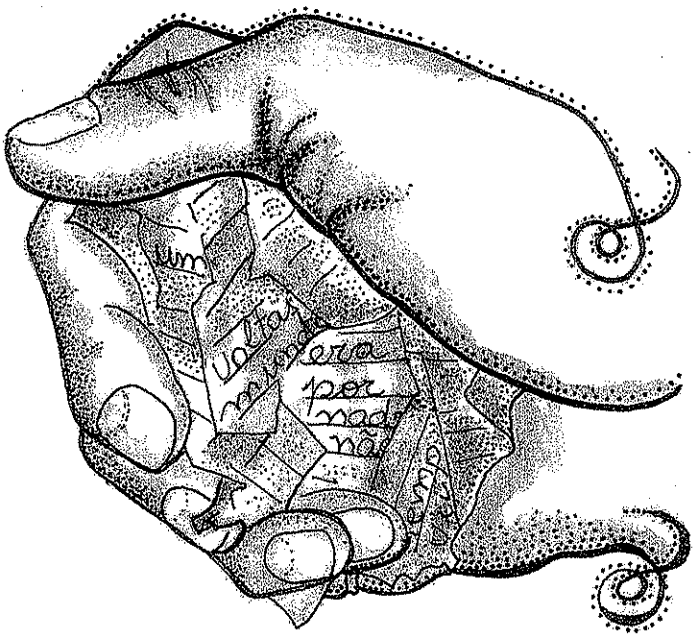

BERNARDES, Carmo. *Santa Rita*. Goiânia: Editora da UFG, 1995. p. 25-6.

1. O texto é um fragmento do romance *Santa Rita*, do escritor Carmo Bernardes. Em seus romances, esse autor, que reside em Goiânia, retrata o mundo rural goiano.

   Uma das coisas que chama a atenção na leitura do texto de Carmo Bernardes é a linguagem que ele utiliza, uma variedade da língua, diferente daquela usada em centros urbanos. Levante, no texto, palavras que caracterizam essa variedade da língua portuguesa. Consulte um dicionário para saber o significado das palavras que você desconhece.

2. Uma variedade linguística distingue-se da outra não apenas em relação ao vocabulário, por exemplo:

   bergamota / mexirica / tangerina

   farol / semáforo / sinaleira

   Há entre as diversas variedades da língua também diferenças sintáticas, isto é, na forma de combinar as palavras nos enunciados. Indique no texto construções sintáticas que diferem daquelas das normas urbanas.

3. Os verbos exprimem processos no tempo (passado, presente ou futuro). No entanto, é comum encontrarmos usos de um verbo num tempo para exprimir outro. No fragmento a seguir, o verbo destacado foi empregado com que valor?

   "Fui com minha tropinha dar um serviço a um homem pracolá, ajuntar mantimento da roça e baldear pra casa, deixei a mulher na sua quadra de dormir na rede. **Volto** daí duas semanas – aqui esteve Lucinda."

4. *Santa Rita* é um texto predominantemente narrativo. Dizemos predominantemente porque nos textos, em geral, aparecem sequências textuais diversas, sendo uma, que dá a configuração do texto, dominante. Levando em conta o texto como um todo, que função exercem nele os seguintes enunciados: *"Mas como a cínica é descarada!..."*; *"Como são volúveis essas mulheres!..."*?

5. As narrações apresentam uma sequência de verbos que se referem a um sujeito. Observe esse trecho do texto e, a seguir, responda:

   "**Fui** com minha tropinha dar um serviço a um homem pracolá, ajuntar mantimento da roça e baldear pra casa, **deixei** a mulher na sua quadra de dormir na rede. **Volto** daí duas semanas – aqui esteve Lucinda. **Topei** a casa vazia. **Espiei** pelos vãos dos barrotes, **notei** que ela havia saído já há uns pares de dias..."

   a) A quem eles se referem?

   b) Os acontecimentos expressos pelos verbos aparecem em uma determinada ordem. Qual?

6. No trecho a seguir, a palavra em destaque tem a função de retomar outra já expressa, funcionando como elemento de coesão textual. Que palavra é retomada?

   "**Volto** daí duas semanas – aqui esteve Lucinda. Topei a casa vazia. Espiei pelos vãos dos barrotes, notei que **ela** havia saído já há uns pares de dias..."

7. A coesão de um texto não decorre apenas da substituição de um termo por outro, mas também da omissão de um termo já apresentado e que pode ser facilmente recuperado pelo contexto. No trecho a seguir, a desinência dos verbos em destaque permite inferir um termo que foi omitido. Qual?

   "**Deixou** um bilhete para mim na mão de uma mulher que mora ali embaixo, as duas andavam treladas uma com a outra, abaixo e arriba. **Dizia** que ausentava de mim era por nada não; **estava** com vontade de dar umas voltas no mundo, que eu não reparasse sua atitude, e **teve** muita satisfação em ter vivido esse tempo todo na minha companhia."

8. Os pronomes fora de contexto são palavras praticamente vazias de significado. O significado dos pronome é dado pelo contexto em função do elemento a que fazem referência. Retome a leitura do texto e, a seguir, responda: a que elementos do texto faz referência o pronome **ela** nos trechos a seguir?

   a) "**Ela** não enxerga nadinha em leitura..."

   b) "... se **ela** tinha mais alguma coisa a contar."

CAPÍTULO 10

Verbo

DEFINIÇÃO

Verbo é a palavra variável que exprime um processo, isto é, aquilo que se passa no tempo.

Ao indicar um fato situado no tempo, o verbo, basicamente, pode exprimir:

a) **ação:**

Todos **comeram** o bolo.

b) **estado:**

O jogador **está** nervoso.

c) **mudança de estado:**

O atleta **ficou** doente.

d) **fenômeno da natureza:**

Nevou muito naquele ano.

Além desses, outros processos podem ser expressos pelo verbo:

a) **existência:**

Havia quinze candidatos para cada vaga.

b) **desejo:**

"**Quero** ficar no teu corpo feito tatuagem" (Chico Buarque e Ruy Guerra)

c) **conveniência:**

Aquele emprego não me **convém**.

O verbo é a palavra que apresenta o maior número de flexões: tempo, modo, número, pessoa e voz. A possibilidade de flexão temporal é fundamental para definir uma palavra como verbo.

Observe:

A **corrida** foi realizada no autódromo de Interlagos.

A **chuva** estragou a plantação.

Por causa da **tristeza** ficava cada vez mais distante dos amigos.

Do ponto de vista semântico, não se pode negar que nas frases acima as palavras **corrida**, **chuva** e **tristeza** expressam, respectivamente, ação, fenômeno da natureza e estado. No entanto, tais palavras não são verbos, uma vez que não podem ser flexionadas na categoria tempo.

Do ponto de vista sintático, o verbo é palavra fundamental para estruturar orações, pois é por meio dele que se estabelecem as relações de predicação.

LOCUÇÃO VERBAL

O processo verbal pode ser indicado por mais de uma palavra. Quando isso ocorre, tem-se uma **locução verbal**. Nela, um verbo, denominado auxiliar, junta-se a outro, denominado principal, alargando-lhe a significação. O verbo principal estará sempre em uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e o auxiliar receberá as flexões de tempo, modo, pessoa e número. Se houver mais de um auxiliar, a flexão ocorrerá somente no primeiro.

Nas locuções verbais, os verbos podem ou não estar ligados por preposição. Os verbos auxiliares, além de entrarem na formação das locuções verbais, formam os tempos compostos (os auxiliares **ter** e **haver**) e a voz passiva analítica (os auxiliares **ser**, **estar** e **ficar**).

Observe:

Amanhã **poderá chover**.

O candidato **deverá trazer** os documentos solicitados.

Ele **acabou de sair**.

Nos exemplos acima, todos de locuções verbais, as formas auxiliares **poderá**, **deverá** e **acabou** ampliam a significação dos verbos principais (**chover**, **trazer** e **sair**), exprimindo, respectivamente, ideias de possibilidade, obrigatoriedade e passado recente.

Os verbos auxiliares são importantes para indicar aspecto, isto é, detalhes do processo verbal. Observe as frases a seguir:

O aluno **começou** a estudar.

O aluno **continua** a estudar.

O aluno **parou** de estudar.

Nos três casos, o verbo principal é **estudar**, cujo sentido é modificado pelo auxiliar. Na primeira frase, o auxiliar indica início da ação; na segunda, continuidade da ação, e na terceira, conclusão da ação.

Os verbos auxiliares podem indicar vários aspectos. Veja alguns:

aspecto	significado	exemplo
incoativo	demonstra a ação em seu início ou ação que se faz gradualmente	começou a chover; passou a beber; amanhecer; florescer
iterativo ou frequentativo	concebe a ação habitual	costuma acordar cedo; tornou a falar bobagem
durativo ou cursivo	evidencia a situação que se estende por determinado tempo	fico a pensar; foi saindo de mansinho
terminativo ou cessativo	indica o término de ação	parou de chover; acabou de escrever

ESTRUTURA DO VERBO

RADICAL

Radical é a parte do verbo que serve de base do significado.

Trata-se, portanto, de um morfema lexical. Obtém-se o radical do verbo retirando-se as terminações **-ar**, **-er** e **-ir** do infinitivo:

cantar	ar	**cant-**
bater	er	**bat-**
partir	ir	**part-**
infinitivo	terminação	radical

A muitos verbos, pode-se acrescentar um prefixo, formando-se, assim, um novo verbo:

re	bater	**rebater**
pre	conceber	**preconceber**
des	carregar	**descarregar**
prefixo	verbo primitivo	verbo derivado

VOGAL TEMÁTICA

Vogal temática é aquela que, em alguns casos, se põe ao radical, preparando-o para receber as desinências.

Como nem sempre é possível agregar a desinência diretamente ao radical, usam-se as vogais **a**, **e** e **i** como elemento de ligação.

cant	**a**	va	bat	**e**	sse	part	**i**	ra
radical	vogal temática	desinência	radical	vogal temática	desinência	radical	vogal temática	desinência

A vogal temática indica a que conjugação pertence o verbo:

vogal temática **a** → 1.ª conjugação: cant**ar**
vogal temática **e** → 2.ª conjugação: bat**er**
vogal temática **i** → 3.ª conjugação: part**ir**

Evidentemente, se as desinências puderem ser agregadas diretamente ao radical, não haverá vogal temática. Veja:

cant	**o**	bat	**i**	part	**e**
radical	desinência	radical	desinência	radical	desinência

O verbo pôr

O verbo **pôr** e seus derivados (dispor, compor, repor etc.) pertencem à segunda conjugação por razões etimológicas: sua forma arcaica era **poer**. Note a presença da vogal temática de segunda conjugação **e** em algumas de suas formas:

pus-**é**-sse-mos; pus-**é**-ra-mos; pus-**e**-r

O radical, acrescido da vogal temática, recebe o nome de **tema**:

tema		tema				tema	
cant	a	bat	e			part	i
radical	vogal temática	radical	vogal temática			radical	vogal temática

DESINÊNCIAS

Desinências são morfemas gramaticais que se acrescentam ao radical (ou ao tema) para indicar as categorias gramaticais.

Essas categorias podem ser de tempo e modo (desinência modo-temporal), pessoa e número (desinência número-pessoal).

Veja:

cant	a	**va**	Ø
cant	á	**va**	**mos**
cant	á	**sse**	**mos**
radical	vogal temática	desinência modo-temporal	desinência número-pessoal

As desinências também podem indicar as formas nominais do verbo:

desinência do gerúndio (**-ndo**): canta**ndo**, bate**ndo**, parti**ndo**
desinência do particípio (**-ado** e **-ido**): cant**ado**, bat**ido**, part**ido**
desinência do infinitivo (**-r**): canta**r**, bate**r**, parti**r**

FORMAS RIZOTÔNICAS E FORMAS ARRIZOTÔNICAS

Formas rizotônicas são aquelas em que o acento tônico recai no radical.

Observe:

and-o, **an**d-as

Formas arrizotônicas são aquelas em que o acento tônico recai na desinência.

Veja:

and-a**rás**, and-a**rí**amos

FLEXÃO DO VERBO

Do ponto de vista morfológico, o verbo é a classe de palavras que apresenta o maior número de flexões, podendo fexionar-se em tempo, modo, número, pessoa e voz.

FLEXÃO DE TEMPO

O processo expresso pelo verbo pode se situar em três tempos: presente, pretérito e futuro.

O tempo verbal é absoluto quando tem por referência o presente; é relativo quando situa o processo em relação a outro ponto temporal. O pretérito perfeito é um exemplo de tempo absoluto e o pretérito mais-que-perfeito é exemplo de tempo relativo, já que exprime fato passado tomado em relação a outro fato passado.

Presente

Exprime um processo que ocorre no momento em que se fala:

Neste momento, ele **recebe** o prêmio.

Pretérito

Exprime um processo que ocorreu anteriormente ao momento em que se fala:

Ontem, **fomos** a uma festa.

Futuro

Exprime um processo que deverá ocorrer posteriormente ao momento em que se fala:

Amanhã, **entregaremos** os prêmios.

O presente não se subdivide. O pretérito subdivide-se, tanto no indicativo quanto no subjuntivo, em pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito.

O futuro, no indicativo, subdivide-se em futuro do presente e futuro do pretérito.

Tempos simples e compostos

Quanto à forma, o tempo pode ser:

a) **simples:** é constituído por um só verbo:

Cheguei atrasado.

b) **composto:** é formado pelo verbo **ter** (ou **haver**) e um particípio:

Tenho chegado atrasado.
Havíamos falado a verdade.

São os seguintes os tempos compostos do **modo indicativo**:

a) **pretérito perfeito:** formado pelo presente do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tenho (ou hei) cantado, vendido, partido

b) **pretérito mais-que-perfeito:** formado pelo imperfeito do indicativo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tinha (ou havia) cantado, vendido, partido

c) **futuro do presente:** formado pelo futuro do presente simples do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

terei (ou haverei) cantado, vendido, partido

d) **futuro do pretérito:** formado pelo futuro do pretérito simples do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

teria (ou haveria) cantado, vendido, partido

No **modo subjuntivo**, temos os seguintes tempos compostos:

a) **pretérito perfeito:** formado pelo presente do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tenha (ou haja) cantado, vendido, partido

b) **pretérito mais-que-perfeito:** formado pelo imperfeito do subjuntivo do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tivesse (ou houvesse) cantado, vendido, partido

c) **futuro do subjuntivo:** formado pelo futuro do subjuntivo simples do verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal:

tiver (ou houver) cantado, vendido, partido

FLEXÃO DE MODO

No processo de enunciação, o falante, quando diz algo, manifesta uma atitude pessoal em relação àquilo que enuncia: atitude de certeza, de dúvida, de ordem etc. Entende-se por modo as diferentes formas que o verbo apresenta para indicar a atitude que o falante assume em relação ao processo verbal. São três os modos do verbo: indicativo, subjuntivo e imperativo.

FLEXÃO DE NÚMERO

A flexão de número é característica dos nomes. Entretanto, em decorrência do mecanismo da concordância, ela também se manifesta no verbo, por isso ele pode se apresentar no singular ou no plural, sempre concordando com o sujeito da oração de que faz parte:

Carlos	**saiu**	com os amigos.
Carlos e Luciana	**saíram**	com os amigos.

FLEXÃO DE PESSOA

O verbo flexiona-se em pessoa, concordando com o seu sujeito. São três as pessoas do verbo:

a) **primeira pessoa:** a que fala:

Eu **cheguei** cedo.
Nós **chegamos** cedo.

b) **segunda pessoa:** a quem se fala:

Tu chegaste cedo.
Vós chegastes cedo.

c) **terceira pessoa:** de quem ou do que se fala:

Pedro **chegou** cedo.
Pedro e Paulo **chegaram** cedo.

O trem **partiu** atrasado.
O trem e o ônibus **partiram** atrasados.

Caso o verbo não apresente sujeito, não se flexionará em pessoa, devendo permanecer na terceira pessoa do singular:

Naquele lugar **havia** muitas casas abandonadas.
Faz dois meses que ele viajou.

Aos verbos que não possuem sujeito damos o nome de **verbos impessoais**.

FLEXÃO DE VOZ

A flexão de voz não é marcada por desinências. O critério para se estabelecer a voz do verbo é semântico.

Dependendo da relação existente entre o verbo e o seu sujeito, o verbo pode estar na voz ativa, na voz passiva ou na voz reflexiva.

Voz ativa

O fato expresso pelo verbo é praticado pelo sujeito:

O professor **adiou** a prova.
O aluno **resolveu** os exercícios.

Voz passiva

O fato expresso pelo verbo é sofrido pelo sujeito:

A prova **foi adiada** pelo professor.
Os exercícios **foram resolvidos** pelo aluno.

Pelos exemplos acima, podemos observar que o termo que funciona como objeto direto na voz ativa corresponderá ao sujeito na voz passiva, razão pela qual somente os verbos que pedem complementos diretos (verbos transitivos diretos) admitem transformação de voz.

Há duas maneiras de expressar a voz passiva:

a) **voz passiva analítica:** formada por um verbo auxiliar, geralmente o verbo **ser**, seguido do particípio do verbo que exprime o fato:

Os livros **foram lidos** pelo aluno.
As respostas **foram dadas** pelo professor.

b) **voz passiva sintética:** verbo que exprime o fato na terceira pessoa (singular ou plural, dependendo do número do sujeito) mais o pronome apassivador **se**:

sujeito
Vendeu-se o livro.

sujeito
Venderam-se os livros.

sujeito
O livro **divide-se** em três partes.

sujeito
Os livros **dividem-se** em três partes.

Na voz passiva analítica, a nomeação do agente não é obrigatória. Na passiva sintética, praticamente ela nunca ocorre:

As casas **foram vendidas**.

Venderam-se as casas.

Voz reflexiva

O fato expresso pelo verbo é, simultaneamente, praticado e sofrido pelo sujeito. O sujeito é agente e paciente ao mesmo tempo:

O menino **cortou-se**.

Eu **me cortei** com uma faca.

Na voz reflexiva, os verbos vêm acompanhados de um pronome oblíquo átono que funciona como complemento e que estará sempre na mesma pessoa que o sujeito (sujeito e complemento são correferenciais). Tais verbos são chamados **verbos reflexivos**. Serão sempre verbos transitivos:

cortar-se, lavar-se, pentear-se, ferir-se

Como se percebe, o conceito de voz implica uma relação entre o verbo e o sujeito: precisamos reconhecer se este pratica a ação, se a recebe ou se pratica e recebe a ação ao mesmo tempo. Por isso só apresentam flexão de voz os verbos que tenham sujeito e exprimam ação. Se o verbo não tiver sujeito ou não exprimir ação, a flexão de voz fica fora de questão.

Só existe voz ativa quando o sujeito pratica a ação?

Não. O conceito de voz ativa é essencialmente gramatical. Em frases como "O animal recebeu um tiro" e "O menino levou uma surra", temos voz ativa. Embora nessas frases os sujeitos sofram a ação, considera-se que elas estão na voz ativa porque as formas verbais (**recebeu** e **levou**) estão na voz ativa.

Vozes verbais e intencionalidade

Quando o falante realiza um enunciado, sempre o faz com alguma intenção: perguntar, informar, relatar, definir, ordenar, exprimir emoções etc.

Nos enunciados, pode-se também valorizar um elemento (o sujeito, a ação, o complemento) em lugar de outro. A escolha de uma voz verbal no lugar de outra está relacionada com o elemento do enunciado a que se quer dar destaque (o agente, o paciente ou o processo verbal).

Veja as manchetes a seguir, extraídas do jornal *Folha de S.Paulo* de 23 de janeiro de 2007:

"Plano de Lula é criticado por empresários e governadores"

"Ladrões disfarçados de agentes da PF roubam um pedágio no Rio"

Na primeira, o verbo está na voz passiva analítica, pois o sujeito (**plano de Lula**) recebe a ação expressa pelo verbo (**é criticado**); na segunda, o verbo está na voz ativa, pois o sujeito (**ladrões disfarçados de agentes da PF**) pratica a ação de roubar.

Tais orações poderiam vir assim redigidas:

Empresários e governadores criticam o plano de Lula.

Um pedágio no Rio é roubado por ladrões disfarçados de agentes da PF.

O sentido da informação seria praticamente o mesmo. No entanto, é preciso observar que a opção por uma construção ou outra está ligada àquilo que se quer enfatizar.

Geralmente, a ênfase recai sobre o elemento que abre a oração. Nas manchetes expostas enfatizam-se o plano de Lula e ladrões disfarçados de agentes da PF e não empresários e governadores e um pedágio no Rio.

Na nova redação das frases, a ênfase recai sobre empresários e governadores e um pedágio no Rio.

Quando se quer enfatizar a ação propriamente dita, costuma-se abrir a frase pelo verbo e não pelo agente ou paciente da ação. Veja:

Afiam-se tesouras.

Encontraram dois sobreviventes da tragédia.

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Existem três formas verbais que não apresentam as flexões de tempo e de modo. São formas que exercem também funções próprias dos nomes (substantivos, adjetivos e advérbios), e por isso mesmo recebem o nome de **formas nominais**. As formas nominais do verbo são as seguintes:

a) **particípio:** indica uma ação já acabada, desempenhando função semelhante à dos adjetivos. O particípio admite flexão de gênero e número:

> **Revelado** o motivo, puderam sair.
> **Reveladas** as razões, puderam sair.

b) **gerúndio:** indica uma ação em curso, desempenhando função semelhante à dos adjetivos e advérbios. O gerúndio não apresenta flexão:

> "**Chorando** se foi / quem um dia só me fez chorar" (José Ari)

Nesse exemplo, o gerúndio exerce função adverbial, indicando circunstância de modo.
Veja outro caso:

> Os meninos, **brincando** na grama, pareciam tranquilos.

Nesse outro exemplo, o gerúndio possui função adjetiva (Os meninos que brincavam na grama pareciam tranquilos.).

Observação:

Na linguagem da informática é comum aparecer o gerúndio para indicar processos em curso:

> Atualizando, transferindo, encerrando.

c) **infinitivo:** indica o processo verbal propriamente dito, sem situá-la no tempo, desempenhando função semelhante à do substantivo. O infinitivo é a única forma nominal que admite flexão de pessoa:

> Convém **apresentar** as soluções.
> A única saída era **chamarmos** um mecânico.

Observação:

O gerúndio e o infinitivo podem aparecer em formas compostas.

> Tendo sofrido muito, não cometeria o mesmo erro.
> gerúndio composto

> Perguntaram se valera a pena ter saído antes.
> infinitivo composto

As funções sintáticas exercidas pelas formas nominais do verbo serão estudadas nos capítulos que tratam do período composto.

EMPREGO DOS MODOS VERBAIS

Como vimos, o modo verbal revela a atitude do falante ao enunciar o processo verbal (de certeza, de dúvida, de mando etc.). Vejamos agora o emprego de cada um deles (indicativo, subjuntivo e imperativo).

MODO INDICATIVO

O indicativo revela uma atitude objetiva do falante em relação ao processo verbal, apresentando o fato expresso pelo verbo como certo, preciso, seja ele passado, presente ou futuro. Em geral, o indicativo é empregado em orações independentes (orações absolutas ou coordenadas) ou na oração principal dos períodos compostos por subordinação:

> Ele **estuda** português. (oração independente)
> **Quero** que ele estude português. (período composto por subordinação)

MODO SUBJUNTIVO

O subjuntivo revela uma atitude subjetiva do falante em relação ao processo verbal, permitindo a expressão de estados emocionais, como os de dúvida, desejo, condição:

Ele disse que talvez **vá** ao cinema.

Espero que eles me **convidem** para a festa.

Se ele mesmo não me **dissesse**, não acreditaria.

Empreste-lhe o livro se ele **solicitar**.

O subjuntivo é normalmente empregado nas orações subordinadas. No entanto, pode aparecer, no presente, em orações independentes para exprimir:

a) **desejo:**

Esperemos ansiosamente a chegada dos atletas.

b) **hipótese:**

Talvez **encontrem** os verdadeiros culpados.

c) **ordem ou proibição:**

Que **entrem** os acusados.

Revoguem-se as disposições em contrário.

Podemos, por questão de estilo, substituir o subjuntivo pelo:

a) **infinitivo:**

Sem que **tragas** o documento, não serás atendido.

Sem **trazer** o documento, não serás atendido.

b) **gerúndio:**

Se **estudares** com afinco, tirarás boa nota.

Estudando com afinco, tirarás boa nota.

c) **substantivo abstrato:**

A massa esperava que o time **reagisse**.

A massa esperava a **reação** do time.

MODO IMPERATIVO

O imperativo revela uma atitude de interferência do falante sobre o interlocutor, exprimindo mando, ordem, solicitação, conselho ou convite.

Como o imperativo pode expressar diversas atitudes do falante em relação ao interlocutor, a entoação da frase é fundamental para exprimir a ideia pretendida. O imperativo é empregado em orações absolutas, principais e coordenadas.

No imperativo, o falante sempre se dirige a um interlocutor; por isso esse modo só possui as formas que admitem um interlocutor (segundas e terceiras pessoas e primeira pessoa do plural):

Devolva-me os documentos. (ordem)

Passe-me o açúcar, por gentileza. (solicitação)

Não deixe o carro na rua, **guarde**-o na garagem. (conselho)

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Nos verbos, podemos distinguir determinadas formas que dão origem a outras: umas são primitivas; outras, derivadas. Os imperativos são formas derivadas.

Apresentamos, a seguir, a formação dos imperativos.

IMPERATIVO AFIRMATIVO

Forma-se o imperativo afirmativo da seguinte maneira:

a) As segundas pessoas (**tu** e **vós**) derivam das formas do presente do indicativo, retirando-se delas a letra **s**;

b) As demais pessoas são idênticas às do presente do subjuntivo.

presente do indicativo		imperativo afirmativo		presente do subjuntivo
canto		—		cante
cantas	→	canta tu		cantes
canta		cante você	←	cante
cantamos		cantemos nós	←	cantemos
cantais	→	cantai vós		canteis
cantam		cantem vocês	←	cantem

Observação:

Os verbos **dizer**, **fazer** e **trazer** e os verbos terminados em **-uzir** (aduzir, conduzir, produzir etc.) admitem duas formas na segunda pessoa do singular (tu) do imperativo afirmativo:

diz / dize
faz / faze
traz / traze
conduz / conduze
produz / produze

IMPERATIVO NEGATIVO

O imperativo negativo é derivado do presente do subjuntivo. Suas formas são idênticas, bastando acrescentar o advérbio de negação e excluir a primeira pessoa do singular. Acompanhe o exemplo:

presente do subjuntivo	imperativo negativo
cante	—
cantes	não cantes tu
cante	não cante você
cantemos	não cantemos nós
canteis	não canteis vós
cantem	não cantem vocês

Observação:

O esquema acima apresentado não se aplica ao verbo **ser**, cujo imperativo é o seguinte:

afirmativo	negativo
—	—
sê	não sejas
seja	não seja
sejamos	não sejamos
sede	não sejais
sejam	não sejam

EMPREGO DO INFINITIVO

Não é fácil sistematizar o emprego do infinitivo, já que, além do infinitivo não flexionado, há em português também o infinitivo flexionado (infinitivo pessoal).

Não há propriamente regras que determinem o emprego do infinitivo; o que se observa são tendências consagradas pelo uso.

INFINITIVO NÃO FLEXIONADO

Emprega-se o infinitivo não flexionado quando ele:

a) não estiver se referindo a sujeito algum:

É necessário **controlar** os preços.

b) tiver valor imperativo:

O comandante ordenou: **atirar**!

c) fizer parte de uma locução verbal:

Todos deviam **ler** mais.

d) for dependente dos verbos **deixar**, **fazer**, **mandar**, **ouvir**, **sentir** e **ver**, e tiver por sujeito um pronome oblíquo:

Mandei-os **entrar**. Deixei-as **sair**.

No caso de orações em que o verbo indica reciprocidade, o infinitivo deverá ser flexionado:

Vi-os **afastarem**-se uns dos outros. Mandei-as **abraçarem**-se.

Quando tais verbos tiverem por sujeito um substantivo anteposto ao infinitivo, é indiferente flexionar-se ou não o infinitivo:

Deixai os pequeninos **vir** a mim. Deixai os pequeninos **virem** a mim.

Se o sujeito representado por um substantivo vier posposto ao infinitivo, é mais frequente o uso da forma não flexionada:

Deixai **vir** a mim os pequeninos. Ouviu **soar** os clarins.

Observação:

Quando o infinitivo for dependente dos verbos **deixar**, **fazer**, **mandar**, **ouvir**, **sentir** e **ver**, ele não será impessoal, mas pessoal, pois possuirá sujeito.

e) for precedido da preposição **de** seguida de adjetivos como **fácil**, **difícil**, **possível** ou semelhantes. Nesses casos, o infinitivo assume sentido passivo:

Isso é fácil de **resolver**. (= ser resolvido) É uma tarefa impossível de **cumprir**. (= ser cumprida)

Observação:

Nesse caso, não se deve usar o pronome apassivador **se**, uma vez que o infinitivo já tem sentido passivo.

INFINITIVO FLEXIONADO (PESSOAL)

Emprega-se o infinitivo pessoal quando:

a) tiver sujeito próprio (expresso ou implícito) diferente do sujeito da oração principal:

A solução era **irmos** embora.

O costume é os jovens **falarem** e os velhos **escutarem**.

b) o sujeito, ainda que sendo o mesmo da oração principal, vier expresso antes do infinitivo:

Para nós **resolvermos** esta tarefa, precisaremos de tempo.

c) o sujeito for indeterminado. Nesse caso, estará na terceira pessoa do plural:

Mesmo distante, percebi **falarem** alto.

EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS

Veremos, a seguir, o emprego dos tempos verbais.

PRESENTE DO INDICATIVO

Exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:

Neste momento, ela **olha** para mim.

O presente do indicativo também é usado para:

a) indicar fatos ou estados permanentes, bem como para exprimir uma verdade científica, um axioma. Nesse caso, o verbo possui um caráter atemporal, pois não situa o processo verbal no tempo; trata-se de um presente "universal":

A Lua **é** um satélite.

Por um ponto **passam** infinitas retas.

b) exprimir uma ação habitual:

Não **janto** aos domingos.

Acordo todos os dias às seis horas.

c) dar atualidade a fatos ocorridos no passado (presente histórico):

Deodoro **proclama** a República em 1889.

d) indicar fato futuro bastante próximo, quando se tem certeza de que ele ocorrerá:

Viajo daqui a uma semana.

Telefono para você amanhã sem falta.

e) substituir o imperativo, indicando, numa linguagem afetuosa, mais um pedido que uma ordem:

Você me **faz** um favor? (= **Faça**-me um favor.)

f) para realizar ações.

Nesse caso, o proferimento do verbo pela pessoa que tem autoridade para fazê-lo realiza a ação que nomeia. Tais verbos são denominados performativos e são empregados na primeira pessoa.

Condeno o réu a uma pena de vinte anos de reclusão.

Aposto cem reais como ele não virá.

Quando um juiz diz **condeno**, ele não diz apenas que condena, ele efetivamente condena. Quando alguém diz **aposto**, ele não está apenas afirmando que aposta, mas realizando a ação de apostar.

PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO

Exprime um fato anterior ao momento em que se fala, mas não o toma como concluído, acabado. Possui aspecto cursivo (ou durativo), pois revela o fato em seu curso, em sua duração:

Ele **falava** muito durante as aulas.

Na narração de lendas e fábulas, emprega-se o imperfeito do verbo **ser** para situar vagamente a narração no tempo:

"**Era** uma vez duas pulguinhas que passaram a vida inteira economizando e compraram um cachorro só para elas". (Mário Quintana)

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

É empregado para exprimir um fato passado, apresentando-o como acabado, concluído:

Ontem eu **telefonei** para você.

É importante notar as seguintes diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito:

a) O **pretérito imperfeito** exprime um fato passado habitual; o **pretérito perfeito**, um fato não habitual:

Quando me **convidavam**, **comparecia**. (pretérito imperfeito / pretérito imperfeito)

Quando me **convidaram**, **compareci**. (pretérito perfeito / pretérito perfeito)

b) O **pretérito imperfeito** exprime uma ação em seu curso, não limitada no tempo; o **pretérito perfeito** exprime uma ação momentânea, definida no tempo:

Ele **praticava** esporte, **estudava** artes e **trabalhava**.
pretérito imperfeito — pretérito imperfeito — pretérito imperfeito

Ele **praticou** esporte, **estudou** artes e **trabalhou**.
pretérito perfeito — pretérito perfeito — pretérito perfeito

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO

Exprime um fato passado já concluído, tomado em relação a outro fato também passado:

Quando você resolveu telefonar para ela, eu já **telefonara**.

Na linguagem literária, emprega-se o pretérito mais-que-perfeito simples para substituir o futuro do pretérito e o imperfeito do subjuntivo:

"... – Mais **servira** se não **fora**
Para tão longo amor tão curta a vida!" (Camões)
(**servira** = serviria; **fora** = fosse)

O pretérito mais-que-perfeito também pode aparecer em orações optativas (aquelas que exprimem um desejo):

"Quem me **dera**, ao menos uma vez,
Como a mais bela tribo, dos mais belos índios,
Não ser atacado por ser inocente" (Renato Russo)

FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO

Exprime um fato posterior ao momento em que se fala, tomando-o como certo ou provável:

Amanhã os campeões **desembarcarão** no aeroporto.

O futuro do presente também é empregado para:

a) exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos atuais:

Será que ela ainda lembra o endereço?

b) exprimir um desejo ou uma ordem, caso em que possui valor imperativo:

Não **matarás**.

FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

Emprega-se para:

a) exprimir um fato futuro tomado em relação a um fato passado:

Ele me afirmou que não **compareceria** à conferência.

b) exprimir dúvida ou incerteza sobre fatos passados:

Naquela época, ele **teria** uns quarenta anos.

c) indicar desejo presente, na linguagem polida:

Você me **faria** um favor?

d) indicar surpresa ou indignação em certas frases interrogativas e exclamativas:

Nunca **diria** uma coisa dessas!

e) indicar fatos não realizados, ou que não se realizarão, dependentes de condição:

Se ele me convidasse, **iria**.

PRESENTE DO SUBJUNTIVO

O presente do subjuntivo é empregado sobretudo nas orações dependentes (subordinadas), podendo expressar fatos presentes ou futuros:

É justo que eles **fiquem**. (presente)
Desejo que todos **compareçam**. (futuro)

Em orações independentes, é utilizado para exprimir desejo ou dúvida:

Deus me **proteja**!
A terra lhes **seja** leve!
Talvez ele **traga** um presente.

PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

O imperfeito do subjuntivo pode indicar uma ação passada, presente ou futura em relação ao verbo da oração principal:

Se neste momento eu **tivesse** coragem, contaria a verdade. (presente)
Mesmo que **saísse** antes, não teria chegado a tempo. (passado)
Ficaria feliz se ele **fosse** à minha casa. (futuro)

FUTURO DO SUBJUNTIVO

É empregado em orações dependentes (subordinadas) para indicar eventualidade no futuro:

Farei o trabalho se **tiver** tempo.

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Quanto à flexão, os verbos classificam-se em: regulares, irregulares, defectivos, abundantes, pronominais.

VERBOS REGULARES

Verbos regulares são os que se flexionam de acordo com o paradigma, isto é, de acordo com o modelo da conjugação a que pertencem.

Para saber se um verbo é regular ou não, basta conjugá-lo no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo. Se ele for regular nesses dois tempos, será regular nas demais formas:

am-o	am-ei
am-as	am-aste
am-a	am-ou
am-amos	am-amos
am-ais	am-astes
am-am	am-aram
presente do indicativo	pretérito perfeito do indicativo

Quando um verbo é regular, o radical mantém-se o mesmo em todas as formas e as desinências são as mesmas do paradigma. Isso não quer dizer que ele não possa apresentar alterações gráficas, a fim de conservar a identidade fonética.

Verbos como **ficar** (**fic**-o, **fiqu**-ei), **dirigir** (**dirij**-o, **dirig**-es) e **descer** (**desç**-o, **desc**-es), por exemplo, são classificados como regulares.

VERBOS IRREGULARES

Verbos irregulares são os que, em algum tempo ou pessoa, se afastam do modelo da conjugação, isto é, apresentam alteração no radical ou nas desinências.

Para saber se um verbo é irregular, deve-se conjugá-lo no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo. Se houver qualquer irregularidade, ela se manifestará em um desses dois tempos.

Observe, por exemplo, o que ocorre com o verbo **pedir**:

presente do indicativo	pretérito perfeito do indicativo
peç-o	ped-i
ped-es	ped-iste
ped-e	ped-iu
ped-imos	ped-imos
ped-is	ped-istes
ped-em	ped-iram

Note que, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, o radical altera-se para **peç**-; trata-se, portanto, de um verbo irregular.

Há casos em que a irregularidade do verbo se apresenta não no radical, mas nas desinências. Por exemplo, as desinências regulares do presente do indicativo de um verbo da primeira conjugação são: **-o**, **-as**, **-a**, **-amos**, **-ais**, **-am**. Verifique, agora, a conjugação do presente do indicativo do verbo **estar**:

est-**ou**	est-**amos**
est-**ás**	est-**ais**
est-**á**	est-**ão**

Como se nota, há irregularidade na primeira pessoa do singular e na terceira do plural.

Alguns autores costumam classificar os verbos que apresentam profundas irregularidades como **anômalos**; como exemplos, citam os verbos **ser** e **ir**.

VERBOS DEFECTIVOS

Verbos defectivos são aqueles que apresentam conjugação incompleta, isto é, não apresentam certas formas.

Os verbos **reaver**, **abolir** e **falir** enquadram-se nesse caso. Observe:

reaver	
pessoa	**presente do indicativo**
eu	—
tu	—
ele	—
nós	reavemos
vós	reaveis
eles	—

abolir	
pessoa	**presente do indicativo**
eu	—
tu	aboles
ele	abole
nós	abolimos
vós	abolis
eles	abolem

falir	
pessoa	**presente do indicativo**
eu	—
tu	—
ele	—
nós	falimos
vós	falis
eles	—

Nesses casos, as formas faltantes podem ser substituídas por uma locução verbal ou por um sinônimo. Veja alguns exemplos:

Eu **cancelo/revogo** (para substituir a primeira pessoa do singular do presente do indicativo de **abolir**)
Eles **recuperam** (para substituir a terceira pessoa do plural do presente do indicativo de **reaver**)
Eu estou **falindo** (para substituir a primeira pessoa do singular do presente do indicativo de **falir**)

Consideram-se defectivos os verbos **unipessoais**, que são aqueles que só se empregam na terceira pessoa do singular, ou na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural. Fazem parte deste grupo:

a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza (chover, ventar, anoitecer): só se empregam na terceira pessoa do singular:

Nevou em São Joaquim.
Neste momento, **chove** em Belém.

b) os verbos que exprimem vozes de animais (latir, miar, urrar, coaxar etc.): só se empregam na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural:

Capeto **miou** a noite toda.
Os cães **latiram** durante a noite.

VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são os que apresentam mais de uma forma com mesmo valor.

Observe:

constróis ou **construis**
havemos ou **hemos**

A abundância dos verbos é notada com maior frequência no particípio. Alguns verbos apresentam, além do particípio regular (terminação **-ado**, **-ido**), uma forma irregular.

Tinha aceitado *ou tinha* aceito?

Quando o verbo apresenta duplo particípio, de maneira geral, deve-se usar:

a) a forma regular com os auxiliares **ter** e **haver**:

Tinham **aceitado** o pedido.
Haviam **aceitado** o pedido.

b) a forma irregular com os auxiliares **ser** e **estar**:

O pedido foi **aceito**.
O pedido estava **aceito**.

Observe que os auxiliares **ter** e **haver** expressam situação dinâmica, ao passo que os auxiliares **ser** e **estar** expressam estado.

Apresentamos, a seguir, uma relação dos principais verbos que apresentam dupla forma para o particípio:

infinitivo	particípio regular	particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito, aceite
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
defender	defendido	defeso
eleger	elegido	eleito
emergir	emergido	emerso
entregar	entregado	entregue
envolver	envolvido	envolto
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
espargir	espargido	esparso
exaurir	exaurido	exausto
expelir	expelido	expulso
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
fritar	fritado	frito
imprimir	imprimido	impresso
incorrer	incorrido	incurso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
ocultar	ocultado	oculto
pegar	pegado	pego*
prender	prendido	preso

* Forma popular de largo uso.

infinitivo	particípio regular	particípio irregular
romper	rompido	roto
salvar	salvado	salvo
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto
sujeitar	sujeitado	sujeito
suspender	suspendido	suspenso

Alguns verbos só apresentam o particípio irregular.

infinitivo	particípio irregular
abrir	aberto
benquerer	benquisto
circunscrever	circunscrito
cobrir	coberto
descrever	descrito
dizer	dito
encobrir	encoberto
escrever	escrito
fazer	feito
inscrever	inscrito
malquerer	malquisto
pôr	posto
proscrever	proscrito
recobrir	recoberto
subscrever	subscrito
transcrever	transcrito

VERBOS PRONOMINAIS

Verbos pronominais são aqueles que também vêm acompanhados de pronomes oblíquos átonos, mas não são reflexivos.

Esses verbos podem ser de dois tipos:

a) **essencialmente pronominais:** são sempre acompanhados do pronome oblíquo átono:

apoderar-se, atrever-se, ausentar-se, queixar-se, suicidar-se, candidatar-se

b) **acidentalmente pronominais:** aqueles que podem ser conjugados com ou sem auxílio do pronome oblíquo átono:

lembrar-se, esquecer-se, debater-se, enganar-se

CONJUGAÇÃO VERBAL

Conjugar um verbo significa expressá-lo em todas as formas que possui. Como paradigma, apresentamos a conjugação dos verbos regulares **cantar**, **bater**, **partir**, que servem de modelo a todos os demais verbos regulares da primeira, segunda e terceira conjugação, respectivamente.

MODO INDICATIVO

presente		
canto	bato	parto
cantas	bates	partes
canta	bate	parte
cantamos	batemos	partimos
cantais	bateis	partis
cantam	batem	partem

pretérito imperfeito		
cantava	batia	partia
cantavas	batias	partias
cantava	batia	partia
cantávamos	batíamos	partíamos
cantáveis	batíeis	partíeis
cantavam	batiam	partiam

pretérito perfeito simples		
cantei	bati	parti
cantaste	bateste	partiste
cantou	bateu	partiu
cantamos	batemos	partimos
cantastes	batestes	partistes
cantaram	bateram	partiram

pretérito perfeito composto		
tenho cantado	tenho batido	tenho partido
tens cantado	tens batido	tens partido
tem cantado	tem batido	tem partido
temos cantado	temos batido	temos partido
tendes cantado	tendes batido	tendes partido
têm cantado	têm batido	têm partido

pretérito mais-que-perfeito simples		
cantara	batera	partira
cantaras	bateras	partiras
cantara	batera	partira
cantáramos	batêramos	partíramos
cantáreis	batêreis	partíreis
cantaram	bateram	partiram

pretérito mais-que-perfeito composto		
tinha cantado	tinha batido	tinha partido
tinhas cantado	tinhas batido	tinhas partido
tinha cantado	tinha batido	tinha partido
tínhamos cantado	tínhamos batido	tínhamos partido
tínheis cantado	tínheis batido	tínheis partido
tinham cantado	tinham batido	tinham partido

futuro do presente simples		
cantarei	baterei	partirei
cantarás	baterás	partirás
cantará	baterá	partirá
cantaremos	bateremos	partiremos
cantareis	batereis	partireis
cantarão	baterão	partirão

futuro do presente composto		
terei cantado	terei batido	terei partido
terás cantado	terás batido	terás partido
terá cantado	terá batido	terá partido
teremos cantado	teremos batido	teremos partido
tereis cantado	tereis batido	tereis partido
terão cantado	terão batido	terão partido

futuro do pretérito simples		
cantaria	bateria	partiria
cantarias	baterias	partirias
cantaria	bateria	partiria
cantaríamos	bateríamos	partiríamos
cantaríeis	bateríeis	partiríeis
cantariam	bateriam	partiriam

futuro do pretérito composto		
teria cantado	teria batido	teria partido
terias cantado	terias batido	terias partido
teria cantado	teria batido	teria partido
teríamos cantado	teríamos batido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis batido	teríeis partido
teriam cantado	teriam batido	teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

presente		
cante	bata	parta
cantes	batas	partas
cante	bata	parta
cantemos	batamos	partamos
canteis	batais	partais
cantem	batam	partam

pretérito imperfeito		
cantasse	batesse	partisse
cantasses	batesses	partisses
cantasse	batesse	partisse
cantássemos	batêssemos	partíssemos
cantásseis	batêsseis	partísseis
cantassem	batessem	partissem

pretérito perfeito		
tenha cantado	tenha batido	tenha partido
tenhas cantado	tenhas batido	tenhas partido
tenha cantado	tenha batido	tenha partido
tenhamos cantado	tenhamos batido	tenhamos partido
tenhais cantado	tenhais batido	tenhais partido
tenham cantado	tenham batido	tenham partido

pretérito mais-que-perfeito		
tivesse cantado	tivesse batido	tivesse partido
tivesses cantado	tivesses batido	tivesses partido
tivesse cantado	tivesse batido	tivesse partido
tivéssemos cantado	tivéssemos batido	tivéssemos partido
tivésseis cantado	tivésseis batido	tivésseis partido
tivessem cantado	tivessem batido	tivessem partido

futuro simples		
cantar	bater	partir
cantares	bateres	partires
cantar	bater	partir
cantarmos	batermos	partirmos
cantardes	baterdes	partirdes
cantarem	baterem	partirem

futuro composto		
tiver cantado	tiver batido	tiver partido
tiveres cantado	tiveres batido	tiveres partido
tiver cantado	tiver batido	tiver partido
tivermos cantado	tivermos batido	tivermos partido
tiverdes cantado	tiverdes batido	tiverdes partido
tiverem cantado	tiverem batido	tiverem partido

MODO IMPERATIVO

afirmativo		
canta (tu)	bate (tu)	parte (tu)
cante (você)	bata (você)	parta (você)
cantemos (nós)	batamos (nós)	partamos (nós)
cantai (vós)	batei (vós)	parti (vós)
cantem (vocês)	batam (vocês)	partam (vocês)

negativo		
não cantes (tu)	não batas (tu)	não partas (tu)
não cante (você)	não bata (você)	não parta (você)
não cantemos (nós)	não batamos (nós)	não partamos (nós)
não canteis (vós)	não batais (vós)	não partais (vós)
não cantem (vocês)	não batam (vocês)	não partam (vocês)

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal		
cantar	bater	partir

infinitivo pessoal		
cantar	bater	partir
cantares	bateres	partires
cantar	bater	partir
cantarmos	batermos	partirmos
cantardes	baterdes	partirdes
cantarem	baterem	partirem

gerúndio		
cantando	batendo	partindo

particípio		
cantado	batido	partido

VERBOS AUXILIARES

Como já vimos, as locuções verbais são conjuntos formados por um verbo auxiliar seguido de uma forma nominal de um verbo principal.

Os verbos auxiliares mais utilizados são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, acabar, querer, dever.

No entanto, não é somente para a formação de locuções verbais que se empregam os verbos auxiliares. Como vimos, os verbos **ter** e **haver** também são empregados na formação dos tempos compostos, e os verbos **ser** e **estar**, na formação da voz passiva analítica.

No exemplo a seguir, **deverá** junta-se ao verbo principal **ler**, formando com ele uma locução verbal:

Sandra **deverá** ler o relatório ainda hoje.

Nesta frase, o verbo **haver** junta-se ao particípio **lido**, formando com ele o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo:

Ele **havia** lido o relatório.

Neste outro exemplo, o verbo **ser** junta-se ao particípio **lido** para formar com ele a voz passiva analítica:

O relatório **foi** lido.

Apresentamos, a seguir, a conjugação completa dos verbos auxiliares **ser**, **estar**, **ter** e **haver**.

MODO INDICATIVO

presente			
sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

pretérito imperfeito			
era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havias
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	haviam

pretérito perfeito simples			
fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

pretérito perfeito composto			
tenho sido	tenho estado	tenho tido	tenho havido
tens sido	tens estado	tens tido	tens havido
tem sido	tem estado	tem tido	tem havido
temos sido	temos estado	temos tido	temos havido
tendes sido	tendes estado	tendes tido	tendes havido
têm sido	têm estado	têm tido	têm havido

pretérito mais-que-perfeito simples			
fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

pretérito mais-que-perfeito composto			
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tinhas sido	tinhas estado	tinhas tido	tinhas havido
tinha sido	tinha estado	tinha tido	tinha havido
tínhamos sido	tínhamos estado	tínhamos tido	tínhamos havido
tínheis sido	tínheis estado	tínheis tido	tínheis havido
tinham sido	tinham estado	tinham tido	tinham havido

futuro do presente simples			
serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

futuro do presente composto			
terei sido	terei estado	terei tido	terei havido
terás sido	terás estado	terás tido	terás havido
terá sido	terá estado	terá tido	terá havido
teremos sido	teremos estado	teremos tido	teremos havido
tereis sido	tereis estado	tereis tido	tereis havido
terão sido	terão estado	terão tido	terão havido

futuro do pretérito simples			
seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estaríamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríeis	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam

futuro do pretérito composto			
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
terias sido	terias estado	terias tido	terias havido
teria sido	teria estado	teria tido	teria havido
teríamos sido	teríamos estado	teríamos tido	teríamos havido
teríeis sido	teríeis estado	teríeis tido	teríeis havido
teriam sido	teriam estado	teriam tido	teriam havido

MODO SUBJUNTIVO

presente			
seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

pretérito imperfeito			
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesses
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

pretérito perfeito			
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhas sido	tenhas estado	tenhas tido	tenhas havido
tenha sido	tenha estado	tenha tido	tenha havido
tenhamos sido	tenhamos estado	tenhamos tido	tenhamos havido
tenhais sido	tenhais estado	tenhais tido	tenhais havido
tenham sido	tenham estado	tenham tido	tenham havido

pretérito mais-que-perfeito			
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivesses sido	tivesses estado	tivesses tido	tivesses havido
tivesse sido	tivesse estado	tivesse tido	tivesse havido
tivéssemos sido	tivéssemos estado	tivéssemos tido	tivéssemos havido
tivésseis sido	tivésseis estado	tivésseis tido	tivésseis havido
tivessem sido	tivessem estado	tivessem tido	tivessem havido

futuro simples			
for	estiver	tiver	houver
fores	estiveres	tiveres	houveres
for	estiver	tiver	houver
formos	estivermos	tivermos	houvermos
fordes	estiverdes	tiverdes	houverdes
forem	estiverem	tiverem	houverem

futuro composto			
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tiveres sido	tiveres estado	tiveres tido	tiveres havido
tiver sido	tiver estado	tiver tido	tiver havido
tivermos sido	tivermos estado	tivermos tido	tivermos havido
tiverdes sido	tiverdes estado	tiverdes tido	tiverdes havido
tiverem sido	tiverem estado	tiverem tido	tiverem havido

MODO IMPERATIVO

afirmativo			
sê (tu)	está (tu)	tem (tu)	há (tu)
seja (você)	esteja (você)	tenha (você)	haja (você)
sejamos (nós)	estejamos (nós)	tenhamos (nós)	hajamos (nós)
sede (vós)	estai (vós)	tende (vós)	havei (vós)
sejam (vocês)	estejam (vocês)	tenham (vocês)	hajam (vocês)

negativo			
não sejas (tu)	não estejas (tu)	não tenhas (tu)	não hajas (tu)
não seja (você)	não esteja (você)	não tenha (você)	não haja (você)
não sejamos (nós)	não estejamos (nós)	não tenhamos (nós)	não hajamos (nós)
não sejais (vós)	não estejais (vós)	não tenhais (vós)	não hajais (vós)
não sejam (vocês)	não estejam (vocês)	não tenham (vocês)	não hajam (vocês)

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal			
ser	estar	ter	haver

infinitivo pessoal			
ser	estar	ter	haver
seres	estares	teres	haveres
ser	estar	ter	haver
sermos	estarmos	termos	havermos
serdes	estardes	terdes	haverdes
serem	estarem	terem	haverem

gerúndio			
sendo	estando	tendo	havendo

particípio			
sido	estado	tido	havido

ALTERAÇÃO DE UM VERBO SEGUIDO DE PRONOME OBLÍQUO

O verbo, quando seguido de um pronome oblíquo átono, pode sofrer algumas alterações de ordem fonética:

a) Quando a forma verbal termina em **-r**, **-s** ou **-z** e é seguida dos pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as**, ela perde a última letra (**-r**, **-s**, **-z**) e os pronomes assumem as formas **lo(s)**, **la(s)**:

comprar + **os** = comprá-**los**
vender + **as** = vendê-**las**
quis + **o** = qui-**lo**
temos + **a** = temo-**la**
fez + **o** = fê-**lo**
fiz + **o** = fi-**lo**

Observação:

Tal alteração ocorre também quando o pronome oblíquo estiver mesoclítico:

entregar + **o** + íamos = entregá-**lo**-íamos
temer + **a** + ás = temê-**la**-ás

b) Na primeira pessoa do plural, quando seguida do pronome oblíquo **nos**, a forma verbal perde o **-s** final:

queixamos + **nos** = queixamo-nos
referimos + **nos** = referimo-nos

c) Quando a forma verbal termina em **-ns** e vem seguida de **o**, **a**, **os**, **as**, os pronomes assumem as formas **no(s)**, **na(s)** e o **-ns** transforma-se em **m**:

tens + **o** = tem-**no**
deténs + **as** = detém-**nas**

LISTA DE VERBOS NOTÁVEIS

Segue uma lista, em ordem alfabética, de verbos cuja conjugação pode suscitar dúvidas.

Abolir (defectivo)
presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem
pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram
Este verbo não possui a primeira pessoa do singular do presente do indicativo; consequentemente, não se conjuga nem no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo.
Conjugam-se da mesma forma: banir, carpir, colorir, demolir, descomedir-se, emergir, exaurir, explodir, fremir, fulgir, haurir, retorquir, urgir.

Acudir (irregular com alternância vocálica gráfica)
presente do indicativo: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem
pretérito perfeito do indicativo: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram
Assim se conjugam: bulir, consumir, cuspir, engolir, fugir.

Adequar (defectivo)
presente do indicativo: adequamos, adequais
pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram
Como lhe falta a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, este verbo não possui nem o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. É mais usado como pronominal: **adequar-se**.

Observação:

Alguns autores entendem que esse verbo é regular, sendo conjugado em todas as formas.

Aderir (irregular com alternância vocálica gráfica: o **e** do radical muda para **i** na primeira pessoa do presente do indicativo e nas formas daí derivadas)
presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem
pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram
Conjugam-se da mesma forma: advertir, cerzir, compelir, competir, consentir, despir, digerir, discernir, divertir, ferir, inserir, investir, preferir, repetir, sugerir, transferir, vestir.

Agir (regular com acomodação gráfica: o **g** do radical muda para **j** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo)
presente do indicativo: ajo, ages, age, agimos, agis, agem
pretérito perfeito do indicativo: agi, agiste, agiu, agimos, agistes, agiram
Assim se conjugam: adstringir, afligir, coagir, erigir, espargir, fingir, refulgir, restringir, transigir.

Agredir (irregular com alternância vocálica gráfica)
presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem
pretérito perfeito do indicativo: agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram
Assim se conjugam: prevenir, progredir, regredir, transgredir.

Aguar (regular)
presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
pretérito perfeito do indicativo: aguei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram
Esse verbo admite também as pronúncias ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, ag**u**amos, ag**u**ais, ag**u**am (com acento tônico no **u** das formas rizotônicas, mas sem acento gráfico).
Assim se conjugam: desaguar, enxaguar, minguar.

Almoçar (regular com acomodação gráfica: o **ç** do radical muda para **c** antes de **e**)
presente do indicativo: almoço, almoças, almoça, almoçamos, almoçais, almoçam
pretérito perfeito do indicativo: almocei, almoçaste, almoçou, almoçamos, almoçastes, almoçaram

Apiedar-se (pronominal)
presente do indicativo: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se
pretérito perfeito do indicativo: apiedei-me, apiedaste-te, apiedou-se, apiedamo-nos, apiedastes-vos, apiedaram-se
Este verbo admite também no presente do indicativo uma conjugação mista. Nas formas rizotônicas, conjuga-se como o verbo **apiadar-se**, hoje em desuso. Nas demais formas, segue a conjugação de **apiedar-se**: apiado-me, apiadas-te, apiada-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiadam-se.

Aprazer (irregular)
presente do indicativo: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem
pretérito perfeito do indicativo: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Arguir (regular)
presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem
pretérito perfeito do indicativo: argui, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram
O **u** das formas rizotônicas do presente do indicativo pronuncia-se tonicamente, mas não recebe acento gráfico: arg**u**o (**ú**), arg**u**is (**u**), arg**ui** (**ú**) arg**u**em (**ú**).
Assim se conjuga: redarguir.

Atrair (irregular)
presente do indicativo: atraio, atrais, atrai, atraímos, atraís, atraem
pretérito perfeito do indicativo: atraí, atraíste, atraiu, atraímos, atraístes, atraíram
Como este se conjugam: abstrair, cair, distrair, subtrair, sair, trair.

Atribuir (regular)
presente do indicativo: atribuo, atribuis, atribui, atribuímos, atribuís, atribuem
pretérito perfeito do indicativo: atribuí, atribuíste, atribuiu, atribuímos, atribuístes, atribuíram
Assim se conjugam: afluir, concluir, destituir, excluir, possuir, instruir, restituir, usufruir.
Os verbos terminados em **-uir** não sofrem alteração no radical, exceto **construir** e **destruir**.

Averiguar (regular)
presente do indicativo: averig**u**o (ú), averig**u**as (ú), averig**u**a (ú), averiguamos, averiguais, averig**u**am (ú)
pretérito perfeito do indicativo: averiguei, averiguaste, averiguou, averiguamos, averiguastes, averiguaram
Admite-se também a conjugação, no presente do indicativo, com acento agudo no **i** nas formas rizotônicas: aver**í**guo, aver**í**guas, aver**í**gua, averiguamos, averiguais, aver**í**guam.
Assim se conjuga: apaziguar.

Caber (irregular)
presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
Não é usado no imperativo. Seu derivado **descaber** praticamente só é utilizado no particípio e nas terceiras pessoas.

Cear (irregular)
presente do indicativo: ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam
pretérito perfeito do indicativo: ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam
O **e** do radical transforma-se em **ei** nas formas rizotônicas.
Assim se conjugam os verbos terminados em **-ear**: atear, bobear, cabecear, falsear, golpear, passear, pentear, recear etc.
Há dois verbos terminados em **-ear** que seguem este modelo, mas têm pronúncia aberta em formas rizotônicas: **estrear** e **idear**:
estrear: estreio, estreias, estreia, estreamos, estreais, estreiam
idear: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam

Coar (regular)
presente do indicativo: coo, coas, coa, coamos, coais, coam
pretérito perfeito do indicativo: coei, coaste, coou, coamos, coastes, coaram
Assim se conjugam: abençoar, perdoar, magoar.

Comerciar (regular)
presente do indicativo: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam
pretérito perfeito do indicativo: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram
Assim se conjugam os demais verbos terminados em **-iar**: anunciar, evidenciar, licenciar etc.
Há cinco verbos terminados em **-iar** que não seguem o modelo acima, pois nas formas rizotônicas conjugam-se como os verbos terminados em **-ear**. São os seguintes: mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e

seus derivados: desremediar e intermediar (fórmula mnemônica "mario"). Para a conjugação desses verbos, apresentamos como modelo o verbo **odiar**, cuja conjugação nos tempos primitivos é apresentada nesta lista de verbos notáveis.

Conduzir (irregular)
presente do indicativo: conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem
pretérito perfeito do indicativo: conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram
Perde o **e** na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Apresenta duas formas na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo: **conduze** e **conduz**.
Assim se conjugam: abduzir, aduzir, deduzir, induzir, introduzir, produzir, reduzir, reproduzir, seduzir, traduzir.

Construir (irregular e abundante)
presente do indicativo: construo, constróis (ou construis), constrói (ou construi), construímos, construís, constroem (ou construem)
pretérito perfeito do indicativo: construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram
Assim se conjuga: destruir.

Crer (irregular)
presente do indicativo: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
O pretérito imperfeito do indicativo assim se conjuga: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam.
Assim também se conjugam: descrer, ler e reler.

Dar (irregular)
presente do indicativo: dou, dás, dá, damos, dais, dão
pretérito perfeito do indicativo: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Dignar-se (regular)
presente do indicativo: digno-me, dignas-te, digna-se, dignamo-nos, dignais-vos, dignam-se
pretérito perfeito do indicativo: dignei-me, dignaste-te, dignou-se, dignamo-nos, dignastes-vos, dignaram-se
Assim se conjuga: persignar-se.

Distinguir (regular)
presente do indicativo: distingo, distingues, distingue, distinguimos, distinguis, distinguem
pretérito perfeito do indicativo: distingui, distinguiste, distinguiu, distinguimos, distinguistes, distinguiram
Perde o **u** antes de **o** e de **a**.
Assim se conjuga: extinguir.

Dizer (irregular)
presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
Na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo, apresenta duas formas: **dize** e **diz**.

Doer (defectivo)
presente do indicativo: dói, doem
pretérito perfeito do indicativo: doía, doíam
Apresenta apenas as terceiras pessoas (singular e plural). Não possui modo imperativo. Quando usado como pronominal, conjuga-se integralmente (segue o modelo de **moer**): eu me doo, tu te dóis etc.
Assim se conjuga: condoer.

Dormir (irregular)
presente do indicativo: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pretérito perfeito do indicativo: dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram
Assim se conjugam: cobrir, descobrir, desencobrir, encobrir, recobrir, tossir. Cobrir e seus derivados apresentam o particípio irregular: coberto, descoberto, encoberto.

Expugnar (regular)
presente do indicativo: expugno, expugnas, expugna, expugnamos, expugnais, expugnam
pretérito perfeito do indicativo: expugnei, expugnaste, expugnou, expugnamos, expugnastes, expugnaram
Assim se conjugam: estagnar, designar, impugnar, pugnar, repugnar, resignar.

Falir (defectivo)
presente do indicativo: nós falimos, vós falis
pretérito perfeito do indicativo: fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram
Como lhe falta a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, este verbo não possui nem o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo.
Assim se conjugam: aguerrir, combalir, remir, renhir.

Fazer (irregular)
presente do indicativo: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
pretérito perfeito do indicativo: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo, apresenta duas formas: **faze** e **faz**.

Ficar (regular com acomodação gráfica: o **c** muda para **qu** antes de **e**)
presente do indicativo: fico, ficas, fica, ficamos, ficais, ficam
pretérito perfeito do indicativo: fiquei, ficaste, ficou, ficamos, ficastes, ficaram

Ir (irregular)
presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
O presente do subjuntivo assim se conjuga: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Alguns gramáticos classificam esse verbo como anômalo porque ele apresenta profundas irregularidades.
No pretérito perfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo, apresenta identidade de conjugação com o verbo **ser**.

Jazer (irregular)
presente do indicativo: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem
pretérito perfeito do indicativo: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram

Mobiliar (regular)
presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
pretérito perfeito do indicativo: mobiliei, mobiliaste, mobiliou, mobiliamos, mobiliastes, mobiliaram

Moer (regular)
presente do indicativo: moo, móis, mói, moemos, moeis, moem
pretérito perfeito do indicativo: moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram
Assim se conjugam: corroer, remoer.

Obstar (regular)
presente do indicativo: obsto, obstas, obsta, obstamos, obstais, obstam
pretérito perfeito do indicativo: obstei, obstaste, obstou, obstamos, obstastes, obstaram

Odiar (irregular)
presente do indicativo: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam
pretérito perfeito do indicativo: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram
Conforme assinalamos ao apresentar a conjungação do verbo **comerciar**, os verbos terminados em **-iar** são regulares. Há, no entanto, cinco verbos com essa terminação que são irregulares e seguem o mesmo modelo. São eles: mediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar (fórmula mnemônica "mario").

Optar (regular)
presente do indicativo: opto, optas, opta, optamos, optais, optam
pretérito perfeito do indicativo: optei, optaste, optou, optamos, optastes, optaram
Atenção para a pronúncia: não existe **i** entre **p** e **t**.

Ouvir (irregular)
presente do indicativo: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem
pretérito perfeito do indicativo: ouvi, ouviste, ouviu, ouvimos, ouvistes, ouviram

Pedir (irregular)
presente do indicativo: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem
pretérito perfeito do indicativo: pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, pediram
Assim se conjugam: despedir, expedir, medir.

Perder (irregular)
presente do indicativo: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem
pretérito perfeito do indicativo: perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam

Poder (irregular)
presente do indicativo: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
pretérito perfeito do indicativo: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
Não é usado no modo imperativo.

Polir (irregular com alternância vocálica gráfica: nas formas rizotônicas, o **o** do radical muda para **u**)
presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
pretérito perfeito do indicativo: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram

Pôr (irregular)
presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Alguns gramáticos classificam este verbo como anômalo porque ele apresenta profundas irregularidades. É o único verbo da língua portuguesa (além de seus derivados, é claro) que não apresenta vogal temática no infinitivo. Pertence à segunda conjugação porque sua forma antiga era **poer**.

Precaver-se (defectivo e pronominal)
presente do indicativo: precavemo-nos, precaveis-vos
pretérito perfeito do indicativo: precavi-me, precaveste-te, precaveu-se, precavemo-nos, precavestes-vos, precaveram-se
Como lhe falta a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, este verbo não possui nem o presente do subjuntivo, nem o imperativo negativo.

Prover (irregular)
presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem
pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
Note que no pretérito perfeito (e nas formas daí derivadas) não se conjuga como o verbo **ver**.

Querer (irregular)
presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
Normalmente não é conjugado no modo imperativo, salvo quando seguido de infinitivo: queira entregar, queiram entregar.

Reaver (defectivo)
presente do indicativo: reavemos, reaveis
pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram
Reaver é derivado de **haver**, mas só é conjugado nas formas em que **haver** possui a letra **v**.

Requerer (irregular)
presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram
Requerer é conjugado como o verbo **querer**, do qual é derivado, exceto na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo. Nesse último caso, é regular.

Rir (irregular)
presente do indicativo: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
pretérito perfeito do indicativo: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Assim se conjuga: sorrir.

Roubar (regular)
presente do indicativo: roubo, roubas, rouba, roubamos, roubais, roubam
pretérito perfeito do indicativo: roubei, roubaste, roubou, roubamos, roubastes, roubaram
Atenção para a pronúncia: o **o** tem timbre fechado (rôubo, rôubas, rôuba).

Saber (irregular)
presente do indicativo: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
pretérito perfeito do indicativo: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Saudar (regular)
presente do indicativo: saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam
pretérito perfeito do indicativo: saudei, saudaste, saudou, saudamos, saudastes, saudaram
Atenção para a pronúncia do **u** tônico, que forma hiato (por isso é acentuado graficamente): eu sa-**ú**-do, tu sa-**ú**-das, ele sa-**ú**-da, eles sa-**ú**-dam. Quando é átono, forma ditongo com o **a** (nesse caso não é semivogal e, por isso, não recebe acento gráfico).

Seguir (irregular)
presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem
pretérito perfeito do indicativo: segui, seguiste, seguiu, seguimos, seguistes, seguiram
Assim se conjugam: conseguir, perseguir, prosseguir.

Suar (regular)
presente do indicativo: suo, suas, sua, suamos, suais, suam
pretérito perfeito do indicativo: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram
Assim se conjugam: acentuar, atuar, continuar, habituar, individuar, recuar, situar.

Trazer (irregular)
presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
Na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo, apresenta duas formas: **traze** e **traz**.

Urgir (defectivo)
presente do indicativo: urge, urgem
pretérito perfeito do indicativo: urgiu, urgiram

Valer (irregular)
presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem
pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram

Ver (irregular)
presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Assim se conjugam seus derivados: antever, prever, rever etc.

Viajar (regular)
presente do indicativo: viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam
pretérito perfeito do indicativo: viajei, viajaste, viajou, viajamos, viajastes, viajaram
Os verbos terminados em **-jar** mantêm o **j** em todas as formas.
Assim se conjugam: almejar, alojar, arranjar, avantajar, beijar, cortejar, enferrujar, farejar, trajar, ultrajar etc.

Viger (defectivo)
presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem
pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram
Como lhe falta a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, esse verbo não possui nem o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. Na prática, esse verbo só é usado nas terceiras pessoas.

Vir (irregular)
presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Assim se conjugam seus derivados: advir, convir, intervir, provir, sobrevir etc.

Observação:

Essa lista especifica certas particularidades de **alguns** verbos de largo uso em nosso cotidiano. Pela própria característica deste trabalho, não é possível analisar as particularidades de todos os verbos defectivos ou irregulares. Em relação à classificação de alguns verbos dessa lista, pode haver divergências entre autores da área. Citamos, por exemplo, o verbo **adequar**, que consideramos **defectivo** neste trabalho, embora alguns autores admitam que ele possa ser conjugado em todas as formas, como um verbo **regular**, portanto.

Dúvidas a respeito de outros verbos podem ser dirimidas num manual de conjugações verbais. Recomendamos *Verbos: guia prático de emprego e conjugação*, de Ernani Terra e José De Nicola, da Editora Scipione.

MORFOSSINTAXE DO VERBO

Sintaticamente, o verbo sempre integra o predicado; além disso, é a palavra em torno da qual se estrutura a oração. Sabemos quantas orações possui um período contando o número de verbos e locuções verbais.

A maioria dos verbos são **lexicais** (ou nocionais), isto é, são verbos com conteúdo semântico, que nos remetem a noções presentes em nosso universo, informando algo a respeito do sujeito a que se referem. Há, no entanto, alguns verbos cuja função é a de estabelecer um elo entre o sujeito e um atributo dele (o predicativo do sujeito): são os chamados **verbos de ligação**.

Os verbos lexicais (que indicam ação, fenômeno da natureza, existência, desejo, conveniência) formam o núcleo do predicado verbal ou um dos núcleos do predicado verbo-nominal. Observe:

Marcos **recebeu** os presentes. (o verbo funciona como núcleo do predicado verbal)

Marcos **recebeu** os presentes alegre. (o verbo funciona como um dos núcleos do predicado verbo-nominal; o outro núcleo é o adjetivo **alegre**)

Os verbos de ligação não funcionam como núcleo do predicado. Dessa forma, nos predicados em que aparecem, o núcleo será sempre um nome. Daí poder-se afirmar que, quando há verbo de ligação, o predicado é, sem dúvida, **predicado nominal**. Veja:

Os convidados **ficaram** insatisfeitos. (o núcleo do predicado é o adjetivo **insatisfeitos**)

Aquelas pessoas **eram** engraçadas. (o núcleo do predicado é o adjetivo **engraçadas**)

A gramática no dia a dia

▪ TU E VÓS: CAINDO EM DESUSO

Em relação às pessoas do verbo, embora a norma-padrão, nos paradigmas dos verbos, faça referência a três formas no singular (**eu**, **tu** e **ele**) e a três formas no plural (**nós**, **vós** e **eles**), o que se observa, mesmo em variedades mais prestigidas, é uma simplificação desse paradigma. Veja a seguir:

eu	compro
você	compra
ele	compra
a gente	compra
nós	compramos
vocês	compram
eles	compram

Nas variedades mais estigmatizadas, essa simplificação é ainda maior, como se pode observar a seguir:

eu	compro
tu	compra
você	compra
ele	compra
nós	compra
a gente	compra
eles	compra

TEMPOS VERBAIS POUCO UTILIZADOS

Na linguagem do dia a dia, certos tempos verbais são muito pouco utilizados. É o que ocorre, por exemplo, no modo indicativo, com:

a) o futuro do presente simples (**cantarei**, **baterei**, **partirei**), que, na fala do cotidiano, é substituído por uma locução verbal formada pelo verbo **ir** no presente do indicativo seguido do infinitivo do verbo principal:

> "**Vou voltar**
> Sei que ainda **vou voltar**
> Para o meu lugar" (Chico Buarque e Tom Jobim)
> (**vou voltar** no lugar de **voltarei**)
>
> Amanhã **vou viajar** para a Europa.
> (**vou viajar** no lugar de **viajarei**)
>
> **Vou sair** à noite para me encontrar com meus amigos.
> (**vou sair** no lugar de **sairei**)

Nesse tipo de construção, observa-se frequentemente o emprego do verbo **ir** como auxiliar dele próprio, principalmente na linguagem das crianças:

> Amanhã, **vou ir** para o interior.
> (**vou ir** no lugar de **irei**)

b) o pretérito mais-que-perfeito simples (**cantara**, **batera**, **partira**), que tem sido substituído, na fala do dia a dia, pelo pretérito mais-que-perfeito composto (**tinha cantado**, **tinha batido**, **tinha partido**):

> Quando você resolveu telefonar, ela já **tinha telefonado**. (= telefonara)
> Antes mesmo de você chegar, nós já **tínhamos chegado**. (= chegáramos)
> Eu já **tinha falado** com ela quando você chegou. (= falara)

CRIAÇÃO DE NOVOS VERBOS

Como vimos, há três conjugações verbais (cant**ar**, vend**er**, part**ir**). Dessas três, a primeira conjugação é a que se pode chamar de conjugação viva, pois é a que permite, no dia a dia, a criação de novos verbos (neologismos), tais como **clicar**, **dedurar**, **deletar**, **desbaratinar**, **escanear**, **picaretar**, **plugar**, **remasterizar**, **terceirizar** etc.

VERBOS-SUPORTE

Na linguagem do dia a dia é comum a utilização de verbos-suporte, aqueles cujo significado foi esvaziado e que formam com o seu complemento um significado global correspondente a um outro verbo. Exemplos típicos de verbos-suporte são **dar** e **fazer**:

> Ele **deu** uma olhada. (Ele olhou.)
> Vou **dar** um telefonema. (Vou telefonar.)
> O pai **fez** um aceno. (O pai acenou.)
> Ele **faz** uso de expressões técnicas. (Ele usa expressões técnicas.)

Atividades

Texto para a questão 1.

Diolina veio encontrar comigo, era costume dela toda vez que eu chegava. Vinha toda risonha e correndo feito criança, o que eu viesse carregando ela tomava, e daquela vez notei que a sua alegria era diferente, tinha um quê de sobressalto. Ela dava uma leve demonstração de que tinha levado um susto e ainda estava ressabiada, e eu fiquei sem coragem de passar a saber qual era a novidade. Entramos pra dentro, ela foi guardar minha espingarda no prego, perguntando sobre nossa caçada, deixei para contar das maçadas que cabo Altino tinha dado depois. Mais tarde eu contava. Ela foi catar os carrapatos, eu deitado de atravessado no seu colo. Isso era costume seu; sentia prazer em passear as pontas dos dedos revistando meu corpo inteiro, gostava de matar os carrapatos e cheirar as unhas, apreciando o cheirinho acre de iodofórmio.

(BERNARDES, Carmo. *Santa Rita*. Goiânia: Editora da UFG, 1995. p. 71.)

1. O texto é uma narrativa em primeira pessoa de um fato ocorrido, como se pode observar pelos verbos no pretérito. Há no texto, no entanto, um verbo no pretérito que indica um fato futuro. Que verbo é esse? Que expressão do texto deixa claro que a forma verbal no pretérito refere-se a um fato futuro?

2. Dê uma nova redação às frases a seguir, atendendo ao que se pede.
   a) A comissão já tinha preparado os convites de formatura. (voz passiva analítica com ênfase em **convites de formatura**.)
   b) As testemunhas foram interrogadas pelo delegado de plantão. (voz passiva sintética com ênfase na **ação de interrogar**)
   c) Os sócios foram convocados para uma reunião. (voz ativa com ênfase na **ação de convocar**)
   d) O carro ia ser pilotado por um brasileiro. (voz ativa com ênfase em **um brasileiro**).
   e) A plateia aplaudiu com entusiasmo a apresentação do cantor. (voz passiva sintética com ênfase na **ação de aplaudir**)

3. Destaque os verbos das frases a seguir e indique se expressam ação, existência, estado ou fenômeno da natureza. Depois, classifique-os quanto à conjugação.
   a) Ontem choveu o dia inteirinho!
   b) Depois da chuva, garoou até a noite.
   c) O vento forte derrubou árvores e destelhou casas.
   d) Os moradores da região estão desabrigados.
   e) Até os bombeiros ficaram desolados com a situação.
   f) Houve deslizamento de terra em morros da periferia.
   g) O prefeito decretou estado de calamidade pública na cidade.
   h) As estradas estão intransitáveis; o tráfego urbano também ficou interrompido.
   i) A chuva fortíssima causou enormes estragos na cidade.
   j) O Corpo de Bombeiros transferiu as famílias desabrigadas para as escolas públicas mais próximas.

4. Indique os elementos componentes dos verbos seguindo o modelo.

   Modelo: **cantássemos**
   radical → cant-
   vogal temática → -a
   tema → canta-
   desinência modo-temporal → -sse
   desinência número-pessoal → -mos

   a) venderíeis
   b) partiras
   c) amemos
   d) distribuam
   e) sofras
   f) escuto
   g) estudaste

5. Indique em que voz verbal estão os verbos a seguir.
   a) A prova será adiada.
   b) Crianças brincavam na neve.
   c) Reformam-se roupas.
   d) As aulas deverão ser ministradas pelo professor Eduardo Pontes.
   e) Os deuses castigam os fracos.
   f) Os jornais são impressos em máquinas estrangeiras.
   g) Nos chalés da Praia Dourada, confeccionam-se bijuterias artesanalmente.

6. Passe para a voz passiva.
   a) Contei uma história linda para as crianças dormirem.
   b) Toda manhã Joana recolhe as roupas do varal.
   c) A empresa concedeu um aumento salarial aos funcionários.
   d) Pedro lê muitos livros todos os anos.
   e) Queimaram toda a safra de soja deste ano.
   f) "A luz circular do refletor envolve o pianista e o piano."

   (Erico Verissimo)

7. Passe para a voz ativa.
   a) As moças foram enganadas pelo impostor.
   b) O navio foi abandonado no cais pelo comandante.
   c) O florete foi comprado pelo esgrimista.
   d) Uma nova peça será encenada por aquele grupo.
   e) Um novo atleta será incorporado ao time pelo técnico.

8. As frases a seguir estão na voz passiva sintética. Passe-as para a passiva analítica.

a) Não se conhecem os responsáveis.
b) Efetuar-se-á a compra do imóvel.
c) Não se corrigirão as provas.
d) Entregou-se um requerimento ao diretor.
e) Efetivar-se-á a contratação dos aprovados.

9. As frases a seguir estão na voz passiva analítica. Passe-as para a passiva sintética.
a) As mercadorias serão entregues.
b) A roupa será consertada.
c) As plantas serão regadas todos os dias.
d) As providências foram tomadas.
e) Os trabalhos serão analisados amanhã.

10. Classifique, quanto à flexão, os verbos destacados nas frases a seguir.
a) Aquela empresa de tecidos **faliu**.
b) Eu **ouço** música todos os dias.
c) Nós **reavemos** o dinheiro perdido.
d) O jogador foi **expulso** de campo pelo juiz.
e) Nós **estudamos** para a prova.

11. Preencha as lacunas, usando o particípio adequado do verbo entre parênteses.
a) Haviam ... toda a louça. (enxugar)
b) A louça estava ... . (enxugar)
c) Tinham ... o ladrão em flagrante. (prender)
d) O ladrão foi ... em flagrante. (prender)
e) Eles tinham ... o fogo. (acender)
f) O fogo estava ... . (acender)
g) Eu havia ... o material. (entregar)
h) O material estava ... . (entregar)
i) Haviam ... o aluno. (expulsar)
j) O aluno foi ... do colégio. (expulsar)
k) Haviam ... o livro. (imprimir)
l) O livro foi ... . (imprimir)

12. Complete as lacunas, colocando o verbo no tempo e modo pedidos.
a) "Que me conste, ainda ninguém ... o seu próprio delírio (...)" (Machado de Assis)
(**relatar** – pretérito perfeito do indicativo)
b) "Antes de iniciar este livro, ... construí-lo pela divisão do trabalho." (Graciliano Ramos)
(**imaginar** – pretérito perfeito do indicativo, 1.ª pessoa do singular)
c) "Nesse tempo eu não ... mais nela (...)" (Graciliano Ramos)
(**pensar** – pretérito imperfeito do indicativo)
d) "Não sendo meu costume dissimular ou esconder nada, ... nesta página o caso do muro." (Machado de Assis)
(**contar** – futuro do presente do indicativo)
e) "O barulho urbano ... amortecido àquele quinto andar." (Marques Rebelo)
(**chegar** – pretérito imperfeito do indicativo)
f) "Sempre nos ... aquele aproveitamento da vida (...)" (Mário de Andrade)
(**faltar** – pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
g) "Eu ... já o começo de velhice – esta vida era só o desmoronamento." (Guimarães Rosa)
(**sofrer** – pretérito imperfeito do indicativo)
h) "Mas o homem ... o homem, inexoravelmente." (Cyro dos Anjos)
(**espiar** – presente do indicativo)
i) "Quatro vezes tentara estabelecer contato com os mortais, mas ... por falta de experiência e turbulência nos canais." (Márcio Souza)
(**falhar** – pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
j) "Nós, ajoelhados, ressentidos da influência moral do cenário, ... sinceramente." (Raul Pompeia)
(**orar** – pretérito imperfeito do indicativo)
k) "Quem é você que não sabe o que ..." (Noel Rosa)
(**dizer** – presente do indicativo)
l) "Então eu ... a noite inteira." (Luiz Gonzaga Jr.)
(**cantar** – futuro do pretérito)

13. Complete adequadamente as frases com o verbo entre parênteses no presente do indicativo ou do subjuntivo.
a) Duvido que ele ... nesta semana. (voltar)
b) Afirmo que ele ... nesta semana. (chegar)
c) Desejo que ele ... o cargo. (abandonar)
d) Ordeno que ele ... os pacotes do lugar. (retirar)
e) Acho que ele ... muita besteira. (falar)

14. Complete a frase inicial com as formas verbais adequadas.
É preciso que nós...
a) cantar
b) saber
c) vender
d) querer
e) partir
f) dormir
g) pôr
h) receber

15. Complete a frase inicial com as formas verbais adequadas.
Quando nós...
a) chegar
b) receber
c) sorrir
d) pôr
e) repor
f) ver
g) rever
h) trazer
i) vir

16. Dada a frase inicial, complete-a com tempos verbais no tempo e modo corretos.

Se nós...

a) cantar
b) vender
c) rir
d) trazer
e) pôr
f) dispor
g) ver
h) prever
i) vir

17. Dê o tempo e o modo dos verbos destacados.

a) **Faça** o que quiser, desde que não me **perturbe**.
b) Só sairei quando o professor **mandar**.
c) Terias ganhado a causa, se **tivesses** argumentado bem.
d) Não **leias** à luz da Lua: faz mal aos olhos.

18. Siga o modelo:

Entra e **fecha** a porta → **Entre** e **feche** a porta.

a) Pega o dinheiro e vai comprar pão.
b) Veste a capa de chuva e protege-te.
c) Toma banho e penteia bem os cabelos.
d) Para no posto e enche o tanque.
e) Verifica o motor e continua a viagem.

19. "Líderes asseguram vaga, e Corinthians reavê 2.º lugar"

[*Folha de S.Paulo*, 10 maio 1999. p. 5-1.]

Na manchete acima, há um **erro** no emprego da forma verbal.

a) Identifique o erro.
b) Reescreva a manchete, corrigindo o erro.

20. Em qual das alternativas há erro no emprego do infinitivo?

a) O bom cavaleiro sentiu as asas da morte roçarem-lhe frias pela fronte.
b) Via as paredes afastarem-se, as telhas subirem e descerem.
c) Queremos, muitas vezes, participarmos das decisões.
d) Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem.
e) Deixei-os falar à vontade.

21. Siga o modelo:

Os funcionários **cumprem** seus horários, embora **achem** a carga horária muito extensa. → Os funcionários **cumpriam** seus horários, embora **achassem** a carga horária muito extensa.

a) Os homens vão à missa regularmente, embora esqueçam Deus no dia a dia.
b) Crianças pequenas não têm noção do perigo, embora sejam alertadas sobre ele.
c) Os estudiosos de Medicina afirmam que o homem pode viver cento e vinte anos, embora não possam provar isso.
d) As grandes cidades têm frotas de veículos cada vez maiores, embora a poluição automotiva prejudique a saúde ambiental e a do homem.

22. Reescreva as frases a seguir, obedecendo ao modelo.

Se ele **comeu** tudo, eu também **comi**. → Se ele comer tudo, eu também **comerei**.

a) Se eles saíram tarde, eu também sai.
b) Se tu pudeste viajar de avião, eu também pude.
c) Se ele quis viajar, eu também quis.
d) Se tu frigiste os ovos, eu também frigi.
e) Se vós pusestes os cachorros para dentro, eu também pus.

23. Siga o modelo:

Almoço fora todos os dias. → Se você almoçar fora todos os dias, eu também almoçarei.

a) Passo os fins de semana na chácara.
b) Compro frutas no supermercado.
c) Ouço música de madrugada.
d) Vejo sombras no jardim.
e) Nado duas horas por dia.

24. Faça como o modelo:

Se eu pudesse, tiraria férias. → Quando eu puder, tirarei férias.

a) Se eu ganhasse o prêmio, doaria a uma instituição.
b) Se eu soubesse inglês, estaria empregado.
c) Se eu estudasse mais, tiraria uma nota melhor.

25. Reescreva as frases a seguir, substituindo **parece que** por **talvez**. Faça as modificações que julgar necessárias.

a) Parece que ele viajará nas férias.
b) Parece que Pedro está namorando.
c) Parece que ele entrou na faculdade.
d) Parece que o Brasil será campeão.

26. Transforme as frases de acordo com o modelo.

Joana canta.
Joana, cante!

a) Corretor vende a fazenda.
b) Daniel não lê o livro.
c) Adriana parte à noite.
d) Dênis entrega as flores.
e) Ana não sai de casa.
f) Crianças veem o cometa.
g) Marcelo não discute.

27. Passe para o imperativo afirmativo.

a) Não cantes aquela canção.
b) Não saias de casa hoje.
c) Não voltes tarde.
d) Não leia este livro.
e) Não escrevas neste papel.

28. Passe para o imperativo negativo.

a) Volte imediatamente para o seu lugar.
b) Receba este presente.
c) Saia de casa imediatamente.
d) Tranca aquela porta.
e) Põe o livro no armário.

29. Efetue a transformação do verbo seguido de pronome.

a) cortar + a
b) bendizer + o
c) convidar + o
d) esquecer + a
e) trazer + o
f) estudar + a
g) entregamos + nos
h) retém + as
i) costurar + o
j) sentir + o
k) pus + a
l) quis + a
m) admirar + o

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Caldo verde

(...)

Ingredientes:

200 g de couve-manteiga, sem os talos; 600 g de batatas descascadas; 1 cebola; 1 1/2 litro de água; 150 mililitros de bom azeite de oliva; 5 rodelas de chouriço; sal e pimenta-do-reino a gosto.

Preparo:

Primeiro lavar a couve e cortar bem fininho. Lavar bem, secar e reservar.

Cozinhar as batatas e a cebola em um litro e meio de água com a metade do azeite (setenta e cinco mililitros).

Depois de uns vinte minutos, com as batatas já cozidas, retirar do fogo e passar tudo pelo liquidificador.

Mauro Piroli/Editora Abril

Caldo verde.

Voltar o caldo ao fogo e deixar engrossar por cinco minutos. Juntar a couve e tampar a panela. Cinco minutos depois, acrescentar as rodelas de chouriço e o restante do azeite. Salgar e apimentar a gosto.

A sopa deverá estar pronta depois de uns dez minutos da couve ter sido colocada.

(...)

(GALVÃO, Saul. *Os prazeres da mesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. p. 132-3.)

1. Qual a finalidade desse texto?

2. O texto apresenta duas partes. Qual a finalidade de cada uma delas?

3. Na primeira parte há orações? E na segunda? Justifique.

4. Que tipo de verbos predominam na segunda parte do texto? Justifique o emprego desse tipo de verbo.

5. Normalmente, os verbos fazem referência a um sujeito com o qual concordam. Na segunda parte do texto, a que sujeito se referem os verbos?

6. Na linguagem culta, não se deve contrair a preposição com o artigo que encabeça o sujeito de um verbo. Levando isso em conta, reescreva a última frase do texto para adequá-la ao padrão culto.

7. Na oração "A sopa deverá estar pronta depois de uns dez minutos (...)", temos uma locução verbal. Como ficaria essa oração com um único verbo? Comente a diferença de sentido entre as duas construções.

8. Na frase "Cozinhar as batatas e a cebola em um litro e meio de água com a metade do azeite (setenta e cinco mililitros).", a informação entre parênteses é necessária? Justifique.

9. No texto há predominância de verbos no infinitivo impessoal. Tais formas verbais poderiam ser substituídas por outras sem que o sentido do texto sofresse alterações significativas. Que formas verbais poderiam ter sido usadas no lugar do infinitivo?

10. No texto, o autor preferiu usar frases curtas em ordem direta. Não há subordinação de ideias; as orações estão coordenadas entre si. Por que razão ele teria optado por esse tipo de frases?

CAPÍTULO 11 Categorias gramaticais invariáveis

São categorias gramaticais invariáveis:

- o **advérbio**;
- a **preposição**;
- a **conjunção**;
- a **interjeição**.

Passaremos agora a examinar cada uma delas separadamente.

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é a palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo, exprimindo determinada circunstância (tempo, lugar, modo, causa, dúvida etc.).

Observe:

Cheguei (verbo) **cedo.** (advérbio)

Eles agiram (verbo) **mal.** (advérbio)

A palavra advérbio provém do latim *adverbium*. Nela, temos o prefixo **ad-**, o mesmo que aparece em adjetivo, que significa "ao lado de", "junto de". O adjetivo junta-se ao substantivo para caracterizá-lo; o advérbio junta-se a um verbo, caracterizando-o.

O advérbio também pode modificar:

a) um **adjetivo**:

Eram alunas **muito** (advérbio) bonitas. (adjetivo)

b) outro **advérbio**:

Eles chegaram **bastante** (advérbio) cedo. (advérbio)

c) uma **frase**:

Francamente, (advérbio) não concordo com isso. (oração)

Não esperava de sua parte uma atitude como essa, **sinceramente**.
oração — advérbio

Note que, quando os advérbios incidem sobre toda uma oração, revelam atitude subjetiva do enunciador em relação àquilo que se enuncia. Tais advérbios são denominados **advérbios de enunciação** e ocorrem no início ou no final das orações, sempre separados por vírgula.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Frequentemente, o advérbio não é representado por uma única palavra, mas por um conjunto de palavras, que se denomina **locução adverbial**.

As locuções adverbiais são, geralmente, formadas por preposição + substantivo, preposição + adjetivo ou preposição + advérbio.

Observe:

Ele chegou **de repente**.
verbo — locução adverbial

Veja mais alguns exemplos de locução adverbial:

à toa	às cegas	de improviso	de raspão
à direita	às escondidas	de longe	de súbito
à esquerda	às pressas	de maneira alguma	de viva voz
à frente	às vezes	de manhã	em breve
a prazo	com efeito	de novo	em vão
à vontade	de afogadilho	de perto	por acaso
ao léu	de cor	de propósito	sem dúvida

Em locuções adverbiais como **à milanesa** e **à capixaba**, temos a palavra **moda** subententida:
O restaurante servia bife à milanesa e moqueca à capixaba.
(bife à moda milanesa; moqueca à moda capixaba)

Há, no entanto, locuções adverbiais não introduzidas por preposição:
gota a gota, passo a passo, dia a dia, muitas vezes, algumas vezes etc.

CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios e as locuções adverbiais classificam-se em:

a) **de afirmação:** sim, certamente, efetivamente, realmente, deveras, com certeza, de fato etc.;

b) **de dúvida:** talvez, quiçá, acaso, porventura, possivelmente, provavelmente etc.;

c) **de intensidade:** muito, pouco, bastante, meio, todo, mais, menos, demais, assaz, tão, mui, de todo, completamente, demasiadamente, excessivamente etc.;

d) **de lugar:** aqui, ali, aí, cá, lá, atrás, longe, perto, abaixo, acima, dentro, fora, detrás, além, aquém, adiante, defronte, acolá, diante, junto, em cima, ao lado, à direita, à esquerda, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar) etc.;

e) **de tempo:** agora, já, ainda, hoje, amanhã, ontem, anteontem, cedo, tarde, sempre, nunca, jamais, depois, outrora, entrementes, amiúde, doravante, imediatamente, eventualmente, anteriormente, diariamente, atualmente, brevemente, raramente, simultaneamente, concomitantemente, de repente, de manhã, de vez em quando etc.;

f) **de modo:** assim, bem, mal, depressa, devagar, adrede, debalde, à vontade, às escondidas, de cor, à toa e grande parte dos advérbios terminados em **-mente** (calmamente, afobadamente, alegremente etc.);

g) **de negação:** não, tampouco, absolutamente, de modo algum, de forma alguma.

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

As palavras **onde**, **como**, **quanto** e **quando**, usadas em frases interrogativas (diretas ou indiretas), são chamadas **advérbios interrogativos**:

Onde você mora?

Perguntei **como** ele fez isso.

Quando você volta?

Quanto custou a mercadoria?

Observação:

A palavra **quanto** também pode ser pronome interrogativo. É advérbio quando se refere a verbo:

Quanto vale o carro?

É pronome interrogativo quando se refere a substantivo:

Quanto tempo é necessário?

FLEXÃO DE GRAU

Embora o advérbio seja classificado como palavra invariável, certos advérbios admitem variação de grau. Convém observar, no entanto, que os advérbios não variam em gênero e número.

À semelhança dos adjetivos, são dois os graus do advérbio: comparativo e superlativo.

GRAU COMPARATIVO

O comparativo pode ser: de igualdade; de superioridade; de inferioridade.

Forma-se o **comparativo de igualdade** antepondo-se **tão** ao advérbio e pospondo **como** ou **quanto**:

Ele chegou **tão cedo quanto** o colega. Falava **tão bem como** o pai.

Forma-se o **comparativo de superioridade** antepondo-se **mais** ao advérbio e pospondo **que** ou **do que**:

Ele chegou **mais cedo que (do que)** o colega.

Observação:

Os advérbios **bem** e **mal** admitem também o grau comparativo de superioridade irregular: **melhor** e **pior**.

Forma-se o **comparativo de inferioridade** antepondo-se **menos** ao advérbio e pospondo **que** ou **do que**:

Ele caminhava **menos apressadamente que (do que)** o colega.

GRAU SUPERLATIVO

O superlativo pode ser sintético ou analítico.

No **superlativo sintético**, a alteração de grau é feita pelo acréscimo de um sufixo ao advérbio:

Cheguei **cedíssimo**.

No **superlativo analítico**, a alteração de grau é feita com o auxílio de outro advérbio, no caso, de intensidade:

Cheguei **muito cedo**.

EMPREGO DOS ADVÉRBIOS

1. Quando se coordenam vários advérbios terminados em **-mente**, pode-se usar esse sufixo apenas no último advérbio:

   Estava dormindo calma, tranquila e sossegada**mente**.

2. Antes de particípios não se devem usar as formas irregulares do comparativo de superioridade **melhor** e **pior**, e sim as formas analíticas **mais bem** e **mais mal**:

   Aquelas alunas estavam **mais bem preparadas** que as outras.

   Esta roupa parece **mais mal acabada** que aquela.

3. A palavra **só** é advérbio quando equivale a **somente**, **apenas**. Quando equivaler a **sozinho(a)**, deve ser classificada como adjetivo:

   "Você **só** dança com ele e diz que é sem compromisso" (Geraldo Pereira e Nelson Trigueiro)
   (Você **somente** dança com ele... = advérbio)

   Não me deixem **só**.
   (Não me deixem **sozinho(a)**. = adjetivo)

4. Certos advérbios e locuções adverbiais têm a função de limitar o que se enuncia em determinado campo do conhecimento ou ponto de vista. São denominados **advérbios de enquadramento nocional**:

   Sintaticamente, os advérbios desempenham a função de adjunto adverbial.
   Classifique **morfologicamente** as palavras destacadas no texto.
   Do ponto de vista estritamente jurídico, esse contrato é nulo de pleno direito.

5. Os advérbios (e locuções adverbiais) também são empregados como modalizadores, isto é, evidenciam o grau de comprometimento do enunciador com aquilo que enuncia.

   A candidatura de um político à reeleição, por exemplo, pode não apenas ser afirmada ("O governador é candidato a reeleição"), ou negada ("O governador não é candidato à reeleição"), mas também comportar vários graus de comprometimento do falante com o que diz; seja esse comprometimento mais ou menos categórico:

   O governador **provavelmente** será candidato à reeleição.
   O governador **com certeza** será candidato à reeleição.

Palavras denotativas

Certas palavras que se assemelham a advérbios não possuem, segundo a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), classificação especial. São simplesmente chamadas **palavras denotativas** e podem indicar, entre outras coisas:

a) **inclusão:** até, inclusive, também etc.:
   Ele **também** foi.

b) **exclusão:** apenas, salvo, menos, exceto etc.:
   Todos, **exceto** eu, foram à festa.

c) **explicação:** isto é, por exemplo, a saber, ou seja etc.:
   Ele, **por exemplo**, não pôde comparecer.

d) **retificação:** aliás, ou melhor etc.:
   Amanhã, **aliás**, depois de amanhã iremos à festa.

e) **realce:** cá, lá, é que etc.:
   Sei **lá** o que ele está fazendo agora!

f) **situação:** afinal, agora, então etc.:
   Afinal, quem está falando?

g) **designação:** eis:
   Eis o verdadeiro culpado de tudo.

MORFOSSINTAXE DO ADVÉRBIO

De modo geral, os advérbios e as locuções adverbiais desempenham, sintaticamente, a função de adjuntos adverbiais.

A exemplo dos advérbios, os adjuntos adverbiais também são classificados com base na circunstância que exprimem.

Observe:

"**Hoje** eu quero a rosa **mais** linda que houver." (Dolores Duran)

No exemplo acima, o advérbio **hoje** exerce a função sintática de **adjunto adverbial de tempo**; o advérbio **mais**, a de **adjunto adverbial de intensidade**.

Na frase a seguir, a locução adverbial **à vontade** desempenha a função sintática de **adjunto adverbial de modo**:

Entre e fique **à vontade**.

Os advérbios podem aparecer exercendo outras funções sintáticas:

Lá é um lugar tranquilo. (advérbio como sujeito)

Duas horas de espera é **demais**. (advérbio como predicativo do sujeito)

O que você vai fazer com um carro **assim**? (advérbio como adjunto adnominal)

Preposição

DEFINIÇÃO

Preposição é a palavra invariável que liga dois termos da oração, subordinando um ao outro.

O termo que exige a preposição é denominado **regente**; o termo introduzido por ela é denominado **regido**.

Observe:

Seus primos	moravam	**em**	Paris.
É um filme	impróprio	**para**	menores.
	regente	preposição	regido

A preposição pode também ligar duas orações de um período, subordinando uma a outra. Nesse caso, funciona como conjunção.

Veja:

Fiz de tudo **para** te esquecer.

Foi advertido **por** estar se comportando mal.

Algumas preposições têm conteúdo semântico (sob, sobre, contra, entre), outras, não (a, de, em); nesse caso a significação é dada pelo contexto.

Como se pôde observar, o termo regente, aquele que pede a preposição, pode ser um verbo ou um nome, daí falarmos em **regência verbal** e **regência nominal**, assunto que estudaremos no capítulo 19, **Regência**.

LOCUÇÃO PREPOSITIVA

Damos o nome de **locução prepositiva** ao conjunto de duas ou mais palavras com valor de preposição.

Eis alguns exemplos:

a despeito de	ao lado de	em vez de
a fim de	apesar de	embaixo de
abaixo de	através de	junto de
acerca de	de acordo com	para com
antes de	de encontro a	perto de
ao encontro de	em frente a	por entre

Eram	afáveis	**para com**	os amigos.
A proposta	estava	**de acordo**	com o pedido.
	regente	locução prepositiva	regido

Se a preposição aparece **antes** de um advérbio, este não perde o seu caráter adverbial, e a expressão formada por preposição + advérbio será classificada como **locução adverbial**:

	locução adverbial	
Usava óculos porque não enxergava	**de**	**perto**.
	preposição	advérbio

Caso a preposição venha **depois** do advérbio, o conjunto advérbio + preposição formará uma **locução prepositiva**:

	locução prepositiva		
Ela mora	**perto**	**de**	casa.
	advérbio	preposição	

CLASSIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

As preposições classificam-se em:

a) **essenciais:** são aquelas que sempre funcionam como preposição:

a	até	de	entre	perante	sob
ante	com	desde	para	por	sobre
após	contra	em	per	sem	trás

b) **acidentais:** são palavras que, não sendo efetivamente preposições, podem funcionar como tal. Podemos destacar, dentre elas:

afora conforme consoante durante exceto salvo malgrado

EMPREGO DAS PREPOSIÇÕES

1. As preposições **a**, **de**, **em** e **per** podem aparecer unidas com outras palavras. Quando na junção da preposição com outra palavra não houver alteração fonética, teremos **combinação**. Caso ocorra alguma alteração fonética na junção da preposição com outra palavra, teremos **contração**.

Combinação:

ao (**a** + o) **a**os (**a** + os) **a**onde (**a** + onde)

Contração:

do (**de** + o)	**d**um (**de** + um)	**d**esta (**de** + esta)	**pel**o (**per** + o)	**d**alguma (**de** + alguma)
no (**em** + o)	**n**um (**em** + um)	**n**este (**em** + este)	**pel**as (**per** + as)	**d**outro (**de** + outro)

2. A preposição **a** pode se fundir com um outro **a** (ou **as**). Essa fusão de dois **as** é indicada pelo acento grave (`) e recebe o nome de **crase**:

Vou	**a** + a	escola.	Fizeram referência	**a** + as	colegas.
Vou	**à**	escola.	Fizeram referência	**às**	colegas.

O estudo da crase será feito no capítulo 20.

3. Na linguagem culta, não se deve contrair a preposição **de** com o artigo que encabeça o sujeito de um verbo:

Está na hora **de a** onça beber água. (E não: Está na hora da onça beber água.)

Essa regra vale também para este tipo de construção:

Chegou a hora **de ele** sair. (E não: Chegou a hora dele sair.)

4 As preposições podem assumir inúmeros valores semânticos:

- lugar: Ver **de** perto.
- origem: Ele vem **de** Brasília.
- causa: Morreu **de** fome.
- assunto: Falava **de** futebol. / Discutiam **sobre** política.
- meio: Veio **de** trem.
- posse: A casa **de** Paulo está sendo reformada.
- matéria: Usava um chapéu **de** palha.
- companhia: Saiu **com** os amigos.
- falta ou ausência: Vivia **sem** dinheiro.
- finalidade: Discursava **para** convencer.
- modo: Sentia-se **à** vontade.
- tempo: Ano **após** ano, ele repete as mesmas coisas.
- instrumento: Cortou o fio **com** uma faca.
- especialidade: Formou-se **em** Direito.
- oposição: Puseram-se **contra** nós.
- valor: Mensalidade **de** cem reais.
- conteúdo: Tomou uma xícara **de** café.
- quantidade: Era uma sala **de** dois ambientes.

5 A preposição **a** (na combinação **ao** ou na contração **à**) também é usada para indicar proximidade:
sentar-se à mesa, à sombra, ao piano

MORFOSSINTAXE DA PREPOSIÇÃO

A preposição não desempenha função sintática na oração; ela apenas une termos, palavras. É um conectivo e, como tal, é importante para a coesão de um texto.

Conjunção

DEFINIÇÃO

Conjunção é a palavra invariável que liga palavras, grupos de palavras, orações, frases, exprimindo relações de sentido entre as unidades ligadas.

Observe:

oração: Pedro chegou atrasado **e** oração: João ficou aborrecido.
(**e**: conjunção)

sujeito: Pedro (núcleo do sujeito) **e** (conjunção) João (núcleo do sujeito) chegaram atrasados.

No primeiro caso, a conjunção **e** liga duas orações coordenadas; no segundo, liga dois termos da oração que exercem a mesma função sintática (núcleo do sujeito).

LOCUÇÃO CONJUNTIVA

Dá-se o nome de **locução conjuntiva** ao conjunto de duas ou mais palavras com valor de conjunção.

Geralmente as locuções conjuntivas terminam com a conjunção **que**. Veja algumas delas:

a fim de que	à proporção que	contanto que	já que	uma vez que
à medida que	ainda que	desde que	se bem que	visto que

CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES

As conjunções (e locuções conjuntivas) classificam-se em coordenativas e subordinativas.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Ligam termos que exercem a mesma função sintática, ou orações independentes (coordenadas). As conjunções coordenativas subdividem-se em:

a) **aditivas** (indicam soma, adição): e, nem, mas também, mas ainda.

b) **adversativas** (indicam oposição, contraste): mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto.

c) **alternativas** (indicam alternância, escolha): ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja.

Observação:

A conjunção **ou** também é usada para indicar equivalências. Nesse caso, tem valor explicativo:

O hífen **ou** traço de união é usado para ligar pronomes enclíticos ao verbo.

d) **conclusivas** (indicam conclusão): pois (quando posposta ao verbo), logo, portanto, então etc.

e) **explicativas** (indicam explicação): pois (quando anteposta ao verbo), porque, que etc.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

Ligam duas orações sintaticamente dependentes, ou seja, uma oração subordinada a uma outra, denominada principal. As conjunções subordinativas subdividem-se em:

a) **causais** (exprimem causa, motivo): porque, visto que, já que, uma vez que, como etc.

b) **condicionais** (exprimem condição): se, caso, contanto que etc.

c) **consecutivas** (exprimem resultado, consequência): que (precedida de **tão**, **tal**, **tanto**), de modo que, de maneira que etc.

d) **comparativas** (exprimem comparação): como, que (precedida de **mais** ou **menos**) etc.

e) **conformativas** (exprimem conformidade): como, conforme, segundo etc.

f) **concessivas** (exprimem concessão): embora, se bem que, ainda que, mesmo que, conquanto etc.

g) **temporais** (exprimem tempo): quando, enquanto, logo que, desde que, assim que etc.

h) **finais** (exprimem finalidade): a fim de que, para que, que etc.

i) **proporcionais** (exprimem proporção): à proporção que, à medida que etc.

j) **integrantes**: que, se (quando iniciam oração subordinada substantiva).

AS CONJUNÇÕES E O CONTEXTO FRASAL

Uma mesma conjunção (ou locução conjuntiva) pode estabelecer relações diferentes entre orações. Observe:

Você irá bem na prova **desde que** estude.

(A locução conjuntiva **desde que** está estabelecendo relação de condição.)

Não para de falar **desde que** o filme começou.
(A locução conjuntiva **desde que** está estabelecendo relação de tempo.)

Gritou tanto **que** ficou rouco.
(A conjunção **que** está estabelecendo relação de consequência.)

Ele gritou mais **que** eu.
(A conjunção **que** está estabelecendo relação de comparação.)

Por isso, no caso das conjunções, assim como no das preposições, o contexto é fundamental para classificar a relação que a conjunção (ou a locução conjuntiva) estabelece entre as orações.

MORFOSSINTAXE DA CONJUNÇÃO

As conjunções, assim como as preposições, **não** desempenham função sintática na oração. Como já vimos, as conjunções apenas ligam termos de mesma função sintática ou orações de um período composto. São, por isso, consideradas **conectivos**.

No caso de um período composto, são as conjunções que marcam as relações de coordenação e subordinação entre as orações. Para uma melhor e correta compreensão das conjunções, portanto, é necessário conhecer análise sintática.

Retomaremos o estudo das conjunções quando tratarmos do período composto no capítulo 15.

OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS

O termo **operadores argumentativos** foi cunhado pelo linguista francês Oswald Ducrot para designar os morfemas da gramática de uma língua cuja função é indicar a força argumentativa dos enunciados. Introduzem variados tipos de argumentos que apontam para determinadas conclusões.

Do ponto de vista gramatical, as palavras que funcionam como operadores argumentativos são os conectivos (notadamente as conjunções), os advérbios e outras palavras que, dependendo do contexto, não se enquadram em nenhuma das dez categorias gramaticais (são classificadas como **palavras denotativas**: até, inclusive, também, afinal, então, é que, aliás etc.).

Observe, por meio de exemplos, como funcionam esses operadores:

No Brasil, **ainda** há crianças fora da escola.

Nesse enunciado, o advérbio **ainda** orienta o interlocutor no sentido de inferir algo que está pressuposto: que antes do momento da enunciação já havia crianças fora da escola.

Embora muitos adolescentes que trabalham frequentem a escola, poucos conseguem concluir os oito anos de escolaridade básica.

Nesse, a conjunção **embora** introduz argumento que se contrapõe ao exposto na oração seguinte.

TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Os operadores argumentativos são utilizados para introduzir variados tipos de argumentos. Veja os mais comuns:

- operadores que introduzem argumentos que se somam a outro tendo em vista uma mesma conclusão: e, nem, também, não só... mas também, não só... mas ainda, além disso etc.

  Os efeitos danosos do trabalho infantil sobre a escolarização são sentidos **não só** nas crianças menores **mas também** nos adolescentes.

- operadores que introduzem enunciados que exprimem conclusão em relação ao que foi expresso anteriormente: logo, portanto, então, em decorrência, consequentemente etc.

  O trabalho infantil prejudica o desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança, **portanto** deve ser combatido.

- operadores que introduzem argumento que se contrapõe a outro visando a uma conclusão contrária: mas, porém, todavia, embora, ainda que, mesmo que, apesar de etc.

  Muitas pessoas são contra a exploração de crianças e adolescentes, **mas** poucas fazem alguma coisa para evitar que isso aconteça.

Esses operadores são geralmente representados pelas conjunções adversativas e concessivas. A opção por determinado tipo de conjunção tem implicações na estratégia argumentativa.

Por meio das adversativas (mas, porém, todavia, contudo etc.), introduz-se um argumento que leva o interlocutor a uma conclusão contrária a que chegaria se prevalecesse o argumento usado no enunciado anterior. Com as concessivas (embora, se bem que, ainda que etc.), o locutor dá a conhecer previamente o argumento que será invalidado.

Observe:

Milhões de crianças e adolescentes trabalham no Brasil, **mas isso é proibido pela Constituição.**
Embora a Constituição proíba, milhões de crianças e adolescentes trabalham no Brasil.

- operadores que introduzem argumentos alternativos: ou, ou...ou, quer...quer, seja...seja etc.

  Ou sensibilizamos a sociedade sobre os efeitos danosos do trabalho infantil, **ou** o problema persistirá.

- operadores que estabelecem relações de comparação: mais que, menos que, tão...quanto, tão...como etc.

  O problema do trabalho infantil é **tão** grave **quanto** o do desemprego.

- operadores que estabelecem relação de justificativa, explicação em relação a enunciado anterior: pois, porque, que etc.

  Devemos tomar uma decisão urgente, **pois** o problema tende a se agravar.

- operadores cuja função é introduzir enunciados pressupostos: agora, ainda, já, até etc.

  Até o papa manifestou sua indignação.

Nesse enunciado, pressupõe-se que outras pessoas, além do papa, tenham manifestado indignação. Compare a força argumentativa do enunciado contrapondo-o a outros:

O padre manifestou sua indignação.
O bispo manifestou sua indignação.
Até o papa manifestou sua indignação.

Nesse caso, temos uma escala argumentativa ascendente (orientada do argumento mais fraco para o mais forte: o papa). Numa escala argumentativa negativa, os termos estariam em ordem descendente e o argumento mais forte viria introduzido por **nem mesmo**.

O acontecimento não teve nenhuma repercussão: o papa não se manifestou, o bispo também não, **nem mesmo** o padre da paróquia fez qualquer referência ao assunto.

A função de introduzir o argumento mais forte de uma escala argumentativa também pode ser exercida pelos operadores **inclusive**, **até mesmo**, **ao menos**, **no mínimo** etc.

- operadores cuja função é introduzir enunciados que visem a ratificar, esclarecer um enunciado anterior: isto é, em outras palavras, vale dizer, ou seja etc.

  Duas de cada 10 crianças trabalhadoras, **ou seja**, 20%, não frequentam a escola.

- operadores cuja função é orientar a conclusão para uma afirmação ou negação: quase, apenas, só, somente etc.

  Dentre os adolescentes que trabalham, poucos conseguiram concluir os oito anos de escolaridade básica: **apenas** 25,5%.
  O número de crianças e adolescentes que trabalham é muito grande: **quase** quatro milhões.

O operador argumentativo **quase** aponta para a afirmação da totalidade e, geralmente, encadeia-se com **muitos** e **a maioria**.

Apenas (e seus equivalentes **só** e **somente**) aponta para a negação da totalidade e, geralmente, encadeia-se com **poucos** e **a minoria**.

Interjeição

DEFINIÇÃO

Interjeição é a palavra invariável com a qual exprimimos sentimentos e emoções súbitos.

As interjeições podem ser expressas por:

a) simples sons vocálicos:
ô!, oi!, ah!

b) por palavras ou grupo de palavras:
calma!, cruzes!, viva!, ora bolas!, cruz-credo!

LOCUÇÃO INTERJETIVA

Quando a interjeição é expressa por um grupo de palavras, recebe o nome de **locução interjetiva.**

Veja:
ai de mim!, puxa vida!, valha-me Deus!, se Deus quiser!, mais um!

CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

As interjeições podem expressar sentimentos e emoções variados:

- **alegria:** ah!, oh!, oba!, aleluia!
- **advertência:** cuidado!, atenção!, epa!
- **alívio:** ufa!, arre!
- **animação:** coragem!, avante!, eia!, vamos!, sus!
- **afugentamento:** passa!, fora!, xô!
- **aplauso:** bis!, bravo!
- **chamamento:** ó!, ô!, olá!, psit!, tchê!, evoé!
- **concordância:** claro!, tá!, pudera!
- **desejo:** oxalá!, tomara!
- **dor:** ai!, ui!
- **espanto, surpresa:** oh!, chi!, ué!, puxa!, barbaridade!, uai!, caramba!, nossa!, oxente!
- **impaciência:** hum!, hem!
- **saudação:** salve!, ave!, olá!, oi!, hosana!
- **silêncio:** psiu!, silêncio!

A lista anterior deve ser encarada apenas como referência. Ademais, qualquer palavra, dependendo do contexto e da entoação, pode tornar-se uma interjeição. A expressividade da linguagem coloquial é fértil na criação de interjeições e locuções interjetivas. Na linguagem atual, palavras como **joia**, **valeu** e **droga** são usadas como interjeições. Por essas razões, devemos estar sempre atentos ao significado global da frase em que a interjeição se insere.

MORFOSSINTAXE DA INTERJEIÇÃO

A interjeição é considerada **palavra-frase** que não desempenha função sintática. Caracteriza-se como uma estrutura à parte, tanto que alguns gramáticos não a consideram uma classe gramatical, mas um tipo especial de frase.

A gramática no dia a dia

1. Podemos observar, na linguagem do dia a dia, outros usos das categorias gramaticais invariáveis, tais como:

- advérbio recebendo sufixo diminutivo. Cumpre observar que, nesses casos, o sufixo não possui propriamente valor diminutivo, e sim valor superlativo:

  "Eu queria ser o seu caderninho
  Pra poder ficar **juntinho** de você" (Erasmo Carlos) (= bem junto)
  Ele chegou **cedinho**. (= muito cedo)
  Moro **pertinho** de você. (= bem perto)

- repetição do advérbio a fim de intensificá-lo:

  Devo chegar **cedo**, **cedo**. (= bastante cedo)

- utilização dos advérbios **aqui** e **aí** como advérbios de tempo, equivalendo a "nesse/neste momento":

  Aí ele chegou e me convidou para sair.
  Depois de ouvir a argumentação do defensor, o juiz declarou:
  – **Aqui** se encerram os trabalhos de hoje.

- na fala, é frequente a repetição de advérbio de negação:

  Não vem, **não**.

- utilização da conjunção **mas** para indicar desapontamento ou aprovação:

  Mas que papelão você fez ontem!
  Mas que comida deliciosa!

2. Na linguagem atual, é comum o emprego de adjetivos na função de advérbio. É o que ocorre, por exemplo, em:

   O conferencista falava **baixo**.
   É um excelente refresco: desce **macio** e reanima.
   Ontem não almocei **direito**.

   Nos exemplos acima, as palavras **baixo** e **macio** funcionam como advérbios, pois modificam os verbos **falar** e **descer**, indicando circunstâncias de intensidade e modo, respectivamente.

   Observe que, nesses contextos, por funcionarem como advérbios, as palavras **baixo** e **macio**, ao contrário do que ocorre quando funcionam como adjetivos, não devem ser flexionadas:

   Os conferencistas falavam **baixo**.
   As conferencistas falavam **baixo**.
   É uma excelente bebida: desce **macio** e reanima.
   São excelentes refrescos: descem **macio** e reanimam.

3. É frequente a ocorrência de junção de duas preposições com efeito expressivo:

   Andei **por sobre** as montanhas.
   Olhe **por entre** as janelas.

4. Embora se defina advérbio como modificador do verbo, é comum na linguagem do dia a dia o uso de advérbios modificando substantivos, numerais e pronomes:

   O **então** ministro do trabalho era contra o aumento.
   Compareceram à manifestação **quase** quinhentas pessoas.
   É **justamente** isso que eu estou argumentando.

Atividades

Texto para as atividades de 1 a 3.

Aula de Filosofia

Eu só te poderia dar uma noção do nada se não tivéssemos nascido. Agora é tarde, é muito tarde, minha filha... Ah, deliciosamente tarde!

(QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1983. p. 68.)

1. Destaque os advérbios do texto.

2. Aponte no texto uma **palavra denotativa** e o que ela indica.

3. Aponte advérbios que estão modificando outros advérbios e as circunstâncias que eles indicam.

4. Observe o par de frases a seguir e explique que efeito de sentido o advérbio acrescenta à frase.

   a) Karina será nomeada gerente.

   b) Provavelmente, Karina será nomeada gerente.

5. As frases a seguir foram afixadas em forma de faixa em um estabelecimento comercial. Observando os advérbios, responda: qual das duas faixas foi afixada antes, tomando-se como referência o Natal? Quais são os interlocutores das mensagens? Justifique suas respostas.

   a) Já estamos aceitando encomendas para o Natal.

   b) Ainda estamos aceitando encomendas para o Natal.

6. A frase a seguir apresenta um desvio em relação à língua culta. Reescreva-a, adequando-a a essa modalidade de linguagem.

   "Quanto melhor é a queima do combustível, ou melhor dizendo, quanto melhor regulado estiver seu veículo, menor será a poluição." (Cartilha Direção Defensiva – Ministério das Cidades)

7. Nos versos a seguir, indique a relação estabelecida pela preposição **de** em suas duas ocorrências.

   "De muito gorda a porca já não anda /
   De muito usada a faca já não corta"

   (Chico Buarque)

8. No verso "E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada" (Assis Valente), qual a função do operador argumentativo **até**?

9. Nas frases a seguir, temos a ocorrência de uma mesma conjunção, que estabelece relação de oposição. No entanto, a ordem em que as orações são apresentadas orientam o leitor para conclusões diferentes. Comente, do ponto de vista da argumentação, a diferença entre elas. Num julgamento por quem seria proferida cada uma dessas frases?

   a) Luciano matou, mas foi em legítima defesa.

   b) Foi em legítima defesa, mas Luciano matou.

10. Uma mesma preposição pode estabelecer relações de sentido diferentes. Indique o sentido estabelecido pela preposição destacada nas frases a seguir.

    a) O livro estava **sobre** a mesa.

    b) Leu um livro **sobre** a origem das histórias em quadrinhos.

    c) Voltou para casa **de** bicicleta.

    d) Voltou **de** Pernambuco na semana passada.

    e) Colocou o casaco porque tremia **de** frio.

    f) Fez dieta **para** emagrecer.

    g) Olhou **para** o céu.

    h) Resolvi ficar **em** casa.

    i) Volto **em** trinta minutos.

11. O jornal *O Estado de S. Paulo* noticiou que dois "flanelinhas" foram condenados a uma pena de cinco anos por terem praticado crime de extorsão contra uma mulher. Em certo trecho da reportagem, o jornal afirma:

    "A vítima dirigia seu automóvel quando ficou bloqueada no trânsito. Os dois flanelinhas cercaram o carro e exigiram a entrega do dinheiro. Intimidaram a jovem batendo com os cabos do rodinho no veículo. O juiz disse que é inverossímil a versão dos flanelinhas de que as pessoas por eles abordadas sempre entregavam-lhes espontaneamente de R$ 5,00 a R$ 10,00. 'A vítima assim se viu constrangida numa situação muito comum nesta urbe, desassistida na noite, em região embora de pouco movimento, porém, sem qualquer fiscalização', escreveu o juiz."

    (*O Estado de S. Paulo*, 28 jun. 2000. p. C6.)

    No texto acima, uma conjunção subordinativa introduz uma ideia que está em contradição com outras informações do texto.

    a) Identifique essa conjunção.

    b) O segmento textual que ela introduz está em contradição com quais outros segmentos?

12. Leia um trecho do poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias:

    "Minha terra tem palmeiras
    Onde canta o Sabiá;
    As aves que aqui gorjeiam,
    Não gorjeiam como lá.
    (...)"

    (DIAS, Antônio Gonçalves. In: DE NICOLA, José. *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*. 16. ed. São Paulo: Scipione, 2004. p. 139.)

    Esse poema foi escrito por Gonçalves Dias em Coimbra, Portugal, em julho de 1843. Levando em conta essas informações, indique a que lugares o poeta faz referência com os advérbios **aqui** e **lá**.

13. Explique a diferença de sentido entre:

    a) Ele queria vender a antiguidade no museu.

    b) Ele queria vender a antiguidade ao museu.

14. Nos textos a seguir, aponte as preposições.

a) "Desde os primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz
O que o macaco fazia
Eu não trabalhava, eu não sabia
Que o homem criava e também destruía"
(BRITTO, Sérgio; FROMER, Marcelo; REIS, Nando; PESSOA, Ciro. *Homem primata*.)

b) "Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai." (Mário de Andrade)

c) "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria." (Machado de Assis)

d) "As empresas de táxi aéreo vivem um momento que pode parecer esquizofrênico para quem não o examina em detalhes." (*Veja*, n. 1 231. p. 27.)

e) "Mas eu acho, sem falsa modéstia, que Deus deve andar muito ocupado com as bombas de hidrogênio e outros assuntos maiores." (Rubem Braga)

15. Nas frases a seguir, aponte as locuções prepositivas.

a) Apesar de João ter saído cedo, de acordo com as instruções de seu pai, não chegou a tempo.

b) Em vez de Márcia ficar perto de mim, ela preferiu ficar junto de ti.

16. Nos textos a seguir, identifique os advérbios.

a) "Contei rapidamente os cabocios que iam com ele, contei os meus e asseverei que a cerca não se derrubava." (Graciliano Ramos)

b) "Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquele apetite insatisfeito inflamara-se com a idade." (Eça de Queirós)

c) "Pela segunda vez em dois dias, a patroa voltou hoje ao quarto do Sr. Timóteo." (Lúcio Cardoso)

d) "Cândido era um grande menino, beiçudo, louro, de olhos verdes e maneiras difíceis de indolência e enfado. Atravessou devagar a sala, dobrando a cabeça, cobrindo o rosto com a manga, castigado pela curiosidade pública." (Raul Pompeia)

e) "Se eu não olhasse Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo." (Machado de Assis)

17. Substitua as locuções adverbiais destacadas por um advérbio.

a) **Pouco a pouco** ele ia assimilando aquelas novas ideias.

b) Esforçou-se **em vão**.

c) Tudo o que fazia era feito **à sorrelfa**.

d) A chuva desabou **de repente**, sem que esperássemos.

e) Com a chegada da polícia ao cassino, os jogadores saíram **às pressas**.

f) As tarefas foram feitas **ao mesmo tempo**.

g) Tal decisão, **sem dúvida alguma**, é passível de recurso.

18. Leia atentamente o anúncio a seguir e comente o caráter argumentativo das expressões destacadas.

"Abra sua conta no Unibanco. **Entre outras** vantagens, você vai ter um crédito tão rápido que **já** está aprovado **antes mesmo** de você pedir."

19. "Fábio Costa pega apenas 2 jogos de suspensão" (*Folha de S.Paulo*, 10 ago. 2004. p. D3.)

A frase acima foi manchete da seção de esportes. A respeito dela, responda:

a) Objetivamente, qual é o fato informado?

b) Que palavra da frase permite concluir que o jornalista manifesta uma opinião sobre o fato informado?

c) Na opinião do jornalista, a punição de Fábio Costa foi justa? Explique.

20. Nas orações a seguir, indique a relação estabelecida pelas conjunções destacadas.

a) "Era muito grande. Tão grande **que** podia ser visto de longe, cravado no topo da serra **como** uma fortaleza."
(*Os caminhos da Terra*, ed. 97, maio 2000. p. 71.)

b) "**Como** o torneio olímpico de tênis não paga prêmios, uma leva de jogadores renomados já anunciou que não participará das Olimpíadas." (*Época*, n. 116, 7 ago. 2000. p. 66.)

c) "A decoração era rica, **embora** desgastada e antiga."
(Edgar Allan Poe)

21. Classifique a palavra **fora** nas frases a seguir.

a) Fora! Você está sendo inconveniente.

b) Deixe o cachorro fora.

c) Levei um tremendo fora.

d) Todos concordaram com o projeto, fora eu.

22. Em qual das alternativas **meio** é um advérbio?

a) Comprou meio quilo de carne.

b) Abandonou o meio em que vivia.

c) Ela me parece meio confusa.

d) Ficou no meio do caminho.

e) Encontrou um meio de resolver o problema.

23. Identifique as preposições e as conjunções presentes nos textos seguintes.

a) "Certo dia ele apareceu com um auto e disse a meus pais que queria passear com meu irmãozinho e eu."
(Dalton Trevisan)

b) "A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros." (Montaigne)

c) "Convivo com esta criatura há seguramente um lustro, e passou-me despercebida até hoje." (Cyro dos Anjos)

Em cada exercício da série a seguir, de 24 a 30, ocorrem duas frases isoladas. Sua tarefa consistirá em ligá-las por uma conjunção, a fim de obter a relação indicada entre parênteses. Faça adaptações, se necessário.

24. Ele era artilheiro do time. Ele não marcou nenhum gol no campeonato. (oposição)

25. Ouvimos um ruído. Havia gente nos fundos da casa. (conclusão)

26. Devolva-me o livro. Estou precisando dele. (explicação)

27. Ele saiu. Eu cheguei. (tempo)

28. Chegou atrasado. Saiu tarde de casa. (causa)

29. Resolvemos tomar banho frio. Era um inverno rigoroso. (concessão)

30. Estudamos com afinco. Conseguimos boa nota. (consequência)

31. Nos textos a seguir, aponte as interjeições.

a) "Oh, musa do meu fado
Oh, minha mãe gentil
Te deixo consternado
No primeiro abril" (Chico Buarque e Ruy Guerra)

b) "Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?" (Paulinho da Viola)

c) "– Salve!
– Como é que vai?
– Amigo, há quanto tempo...
– Um ano ou mais...
– Posso sentar um pouco?
– Faça o favor!
– A vida é um dilema!
– Nem sempre vale a pena...
– Pô!
– O que é que há?
– Rosa acabou comigo!" (Sílvio Silva Jr. e Aldir Blanc)

d) "Ah, se já perdemos a noção da hora
Se juntos já jogamos tudo fora
Me conta agora como hei de partir" (Chico Buarque e Tom Jobim)

32. Que emoções exprimem as interjeições das frases a seguir?

a) **Cuidado!** Não corra tanto.
b) **Psiu!** Não façam barulho.
c) **Coragem!** Tudo vai dar certo.
d) **Arre!** Que bom que ele saiu!
e) **Ai!** Não pise no meu pé.
f) **Alô**, é do consultório médico?
g) **Tomara** que eu ganhe o prêmio.
h) **Oba!** Vou entrar em férias amanhã.

33. Classifique as palavras destacadas, assinalando A para advérbios, B para preposições e C para conjunções.

a) "**Quando** eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto (...)" (Caetano Veloso)

b) "Durante séculos pensei **que** a guerra fosse o desvio e a paz a rota." (Afonso Romano de Sant'Anna)

c) "Todo caminho que trilhamos pela primeira vez é **muito** mais longo do que o mesmo caminho quando já o conhecemos." (Thomas Mann)

d) "O mais importante e bonito, no mundo, é que as pessoas não estão sempre iguais – ainda não foram terminadas – mas que elas estão **sempre** mudando." (Guimarães Rosa)

e) "Na medida em que aprendemos **de** nossos erros, nosso conhecimento aumenta, mesmo que jamais possamos alcançar a certeza do saber." (Karl Popper)

f) "(...) E **quando** você me envolver
Nos seus braços serenos
Eu vou me render (...)" (Tom Jobim)

g) "(...) Relembro momentos de real bravura
Dos que lutaram **com** ardor
Em nome do amor à natureza." (Paulinho da Viola)

h) "Se Madalena me via **assim**, com certeza me achava extraordinariamente feio." (Graciliano Ramos)

34. Nas frases a seguir, indique a circunstância expressa pelo advérbio em destaque.

a) Ele falava muito **mal**.
b) **Ali** se vendem relógios.
c) Acordamos **cedo**.
d) Eles estudaram **bastante**.
e) Ele **certamente** virá.
f) Os alunos se portaram muito **bem**.
g) Eram pessoas **bastante** simpáticas.
h) **Talvez** eles não possam comparecer.
i) Elas **sempre** vão ao baile.

35. Intensifique o sentido dos advérbios em destaque usando advérbios de intensidade.

a) Não sabia que você dirigia **mal**.
b) Moro **longe** da escola.
c) Costumo acordar **cedo** todos os dias.
d) Apesar do despreparo físico, o time jogou **bem**.

36. Reescreva as frases a seguir, corrigindo-as.

a) Este jogador está melhor posicionado que aquele.
b) Esta questão está pior elaborada que aquela.
c) Está na hora do menino sair.
d) Chegou a hora deste pintor ser reconhecido.

37. Nas frases a seguir, classifique as conjunções.

a) Ele não chegou, **portanto** não podemos começar a reunião.
b) O dia está agradável; devemos, **pois**, aproveitá-lo.
c) Venha urgente, **pois** sua presença está sendo solicitada.
d) Eles não estudaram, **entretanto** conseguiram boa nota.
e) **Embora** não estudassem, conseguiram boa nota.
f) Perguntei **se** ele estava satisfeito.
g) Iremos à praia **se** fizer bom tempo.
h) É necessário **que** voltes.
i) Chegou **quando** a reunião já estava começada.
j) **Como** estivesse doente, não pude comparecer à aula.

38. Marque:

A para conjunção subordinativa integrante;
B para pronome relativo.

a) "O importante é **que** a nossa emoção sobreviva." (Paulo César Pinheiro e E. Gudim)
b) Convém **que** ele volte logo.
c) Os alunos **que** se ausentaram foram repreendidos.
d) O livro **que** você leu é interessante.
e) Foram receber os atletas **que** ganharam medalhas.
f) É preciso **que** eles se esforcem ainda mais.

39. Nas frases a seguir, indique a relação estabelecida pela conjunção destacada.

a) Luciana tinha amigos, **contudo** preferia estar sozinha.
b) Mariana preferia estar sozinha, **embora** tivesse amigos.
c) Ele correu tanto **que** conseguiu chegar entre os cinco primeiros.
d) Ele conseguiu chegar entre os cinco primeiros **porque** correu muito.

Dos textos à gramática
Da gramática aos textos

Copyright© 1934 by MANGIONE, FILHOS E CIA. LTDA.
Todos os direitos autorais reservados para todos os países do mundo.
All rights reserved for all countries of the world.

Feitiço da Vila

Quem nasce lá na Vila
Nem sequer vacila
Ao abraçar o samba
Que faz dançar os galhos
Do arvoredo
E faz a lua nascer mais cedo.
Lá em Vila Isabel
Quem é bacharel
Não tem medo de bamba.
São Paulo dá café
Minas dá leite
E a Vila Isabel dá samba.

A Vila tem
Um feitiço sem farofa
Sem vela e sem vintém
Que nos faz bem.
Tendo nome de princesa
Transformou o samba
Num feitiço decente
Que prende a gente.

O sol na Vila é triste
Samba não assiste
Porque a gente implora:
Sol, pelo amor de Deus,
Não venha agora
Que as morenas vão logo embora.
Eu sei tudo que faço,
Sei por onde passo,
Paixão não me aniquila.
Mas tenho que dizer:
Modéstia à parte,
Meus senhores, eu sou da Vila!

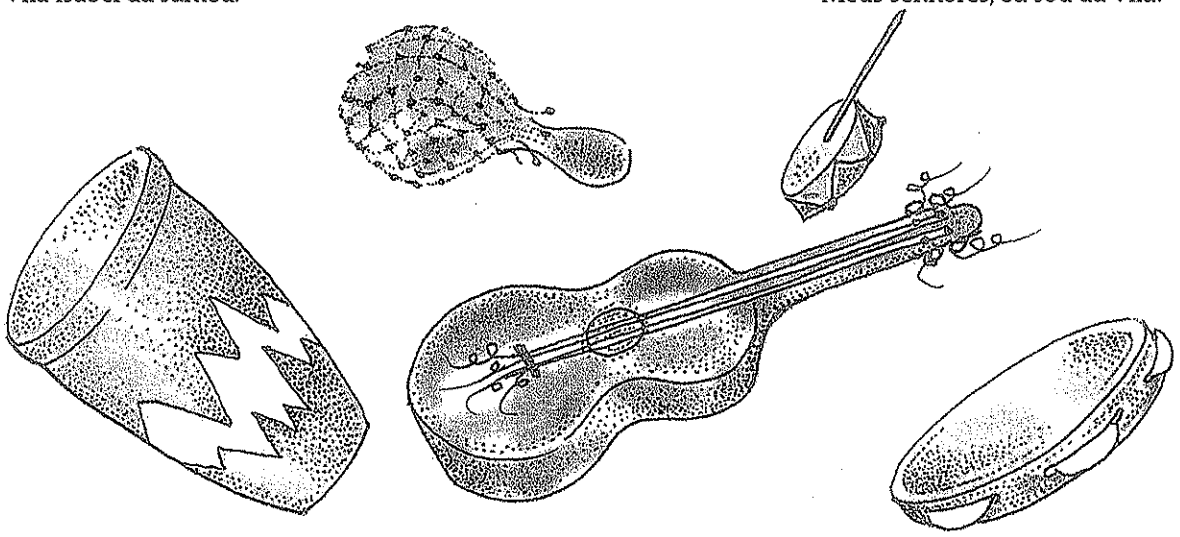

(ROSA, Noel; GOGLIANO, Oswaldo (Vadico). Feitiço da Vila. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa: uma biografia*. Brasília: UnB, 1990. p. 329-30.)

1. Uma das funções dos pronomes relativos é retomar um termo anteriormente expresso. No verso "Que faz dançar os galhos", qual termo é retomado pelo pronome relativo?

2. Ainda com relação ao verso "Que faz dançar os galhos", qual é o agente de dançar?

3. Releia: "São Paulo dá café / Minas dá leite / E a Vila Isabel dá samba.". Em que sentido o verbo **dar** é empregado nesses versos?

4. As preposições, ao relacionar palavras, podem estabelecer diversas relações de sentido entre elas.
   a) No título da canção, qual é a relação de sentido expressa pela preposição?
   b) Transcreva um verso do texto que comprove essa relação de sentido.

5. Leia novamente estes versos: "Um feitiço sem farofa / Sem vela e sem vintém". Qual é a relação de sentido estabelecida pela preposição?

6. O substantivo **feitiço** é normalmente empregado com o sentido de "malefício de feiticeiros", "bruxaria", "uso de forças mágicas com intenção malfazeja". Explique como é o "feitiço da Vila".

7. Nos versos "Sol, pelo amor de Deus, / Não venha agora / Que as morenas vão logo embora.", a conjunção **que** estabele qual relação de sentido?

8. Dá-se o nome de **prosopopeia** ou **personificação** à figura de linguagem que consiste em atribuir a seres inanimados predicados que são próprios de seres animados. Transcreva um trecho do texto em que ocorre essa figura.

9. Noel Rosa é conhecido como "o poeta da Vila" por ter nascido e vivido no bairro carioca de Vila Isabel. Ao escrever os versos dessa música, que exalta o bairro onde nasceu e viveu, o compositor estava em Vila Isabel? Justifique sua resposta.

10. Indique uma expressão do texto que deixa claro o orgulho que o compositor sente por "ser da Vila".

PARTE III

SINTAXE

3

Capítulo 12 • TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO – página 198

Capítulo 13 • TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO – página 217

Capítulo 14 • TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO – página 226

Capítulo 15 • ORAÇÕES COORDENADAS – página 235

Capítulo 16 • ORAÇÕES SUBORDINADAS – página 243

Capítulo 17 • CONCORDÂNCIA VERBAL – página 262

Capítulo 18 • CONCORDÂNCIA NOMINAL – página 278

Capítulo 19 • REGÊNCIA – página 286

CAPÍTULO 12 Termos essenciais da oração

A ANÁLISE SINTÁTICA

A palavra **análise** provém do grego (*análysis*) e significa "decompor um todo em suas partes constituintes". A **sintaxe** (do grego *syntáxis*) trata da relação lógica entre as palavras da frase.

Analisar sintaticamente uma frase significa, pois, decompô-la em seus elementos constituintes, verificando a relação lógica existente entre esses elementos, a fim de determinar o papel que eles exercem dentro da frase.

A análise sintática não deve representar um fim em si mesma, nem limitar-se a simplesmente atribuir nomes aos termos que formam uma oração (sujeito, objeto, adjunto etc.); ao contrário, a análise sintática deve ser encarada como importante ferramenta para a formação de competentes leitores e produtores de texto, na medida em que permite perceber como palavras se relacionam com outras por meio de mecanismos como a concordância e a regência, construindo enunciados portadores de sentido. Antes, porém, de iniciarmos o estudo da estrutura sintática da frase, vamos conceituar frase, oração e período.

FRASE

Frase é todo enunciado linguístico de sentido completo, capaz de estabelecer comunicação, de acordo com a situação em que se acham os interlocutores.

O número de frases numa língua é praticamente infinito. No entanto, as frases só podem ser criadas em conformidade com as regras da língua. Quando ocorrem em textos, as frases fazem parte de eventos comunicativos concretos em situações de interlocução e são denominadas **enunciados**.

Para que haja frase, a presença de um verbo não é obrigatória, ou seja, desde que o enunciado possua sentido completo, ele constituirá uma frase.

Observe:

Silêncio.	Independência ou morte!	A comitiva deve desembarcar no novo aeroporto.
Fogo!	Choveu muito em São Paulo.	Espero que o time conquiste o campeonato.

As frases que não apresentam verbo são chamadas de **frases nominais**. As frases nominais, por serem curtas e diretas, são muito usadas em anúncios publicitários, manchetes de jornais e revistas e títulos (de livros, filmes, programas de TV etc.).

Veja:

Muito barulho por nada

De volta para o futuro

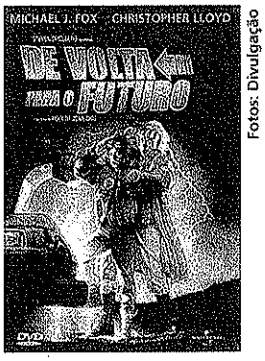

Fotos: Divulgação

Para que seja considerada frase, também não é necessário que a informação veiculada seja verdadeira, pois a língua tem uma lógica especial que não se confunde com o que comumente chamamos de lógico:

"Tudo certo como dois e dois são cinco" (Caetano Veloso)

A capital do Brasil é Buenos Aires.

Enunciados como esses são frases, porque possuem sentido completo e são capazes de estabelecer comunicação. Até mesmo enunciados que isoladamente não tenham sentido completo podem constituir frases. Observe o diálogo a seguir:

– Você costuma ir ao cinema?
– Costumo.
– Que tipo de filmes você prefere?
– De ação.

Os enunciados "Costumo" e "De ação" são considerados frases, pois no contexto são capazes de estabelecer comunicação. O que ocorre é que, em frases como essas, o falante "economiza" referências em função daquilo que foi anteriormente dito, ou seja, em vez de dizer "Sim, eu costumo ir ao cinema" e "Prefiro filmes de ação", diz simplesmente "Costumo" e "De ação".

As frases são sempre marcadas pela entoação. Na escrita, a entoação é representada pelos sinais de pontuação. A palavra **fogo**, quando emitida sem nenhuma expressividade, evidentemente não constituirá uma frase – será um simples vocábulo.

Frases como "Fogo!", "Silêncio!" e "Muito barulho por nada" não comportam análise sintática, já que não se estruturam em torno de um verbo.

Tipos de frase

As frases podem ser utilizadas com diversas finalidades: perguntar, informar, relatar, definir, ordenar, exprimir surpresa etc. Dependendo da intenção do enunciador, as frases se classificam em:

- **declarativas:** são utilizadas para afirmar ou negar algo de forma objetiva. O enunciador dá como certo o que declara.

  O telejornal começou mais cedo.
  Não é necessário apresentar todos os documentos.

- **interrogativas:** o enunciador desconhece algo e pergunta ao interlocutor sobre ele. Ao empregá-la o enunciador espera obter por parte do interlocutor uma resposta.

  O que aconteceu?
  Quando você chegou?

- **imperativas:** são utilizadas para exprimir ordem, conselho ou solicitação. Nesse tipo de frase normalmente o sujeito não vem expresso e a forma verbal não exprime tempo.

  Devolva os livros à biblioteca.
  Não deixe de fazer os exercícios.

- **exclamativas:** são utilizadas para exprimir espanto, admiração, surpresa.

  Que maravilha!
  Não acredito no que aconteceu!

- **optativas:** são utilizadas para exprimir desejo.

  Deus te proteja!
  Bons ventos o levem!

ORAÇÃO

Oração é a frase ou membro de frase que se organiza ao redor de um verbo (ou de uma locução verbal).

Uma oração pode ou não ter sentido completo. Observe:

Choveu muito em Santa Catarina.

Enchentes **costumam causar** transtornos.

[Quando **chove** muito,] [as enchentes **causam** transtornos.]

Nos dois primeiros exemplos, as orações possuem sentido completo. No terceiro, temos duas orações: "Quando chove muito" é uma oração que não tem sentido completo; já "as enchentes causam transtornos" é uma oração que tem sentido completo.

PERÍODO

Período é a frase constituída por uma ou mais orações.

Dependendo do número de orações que o formam, o período pode ser:

a) **simples:** formado por uma única oração, que recebe o nome de **oração absoluta**.

O preço dos combustíveis continua alto.

Capitu está dormindo no sofá.

b) **composto:** formado por mais de uma oração.

"[Um homem subiu na mesa do bar] [e fez discurso pra vereador.]" (João Bosco e Aldir Blanc)

[Espero] [que ela me telefone ainda hoje.]

[É necessário] [que ela volte] [e assuma o cargo] [que abandonou.]

RESUMINDO

O que caracteriza a oração é a presença de um verbo (ou locução verbal). A frase é um enunciado de sentido completo, capaz de estabelecer comunicação. Portanto:

- nem toda frase é uma oração (há frases sem verbo);
- nem toda oração é uma frase (há orações sem sentido completo);
- há frases formadas por uma ou mais orações (período simples ou período composto);
- todo período é uma frase porque tem sentido completo;
- as frases sem verbo não comportam análise sintática.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Na oração, as palavras se relacionam. Observe:

Artista desfila em escola de samba.

Se em vez do substantivo **artista** tivéssemos o substantivo **artistas** (no plural), o verbo alteraria sua terminação para se relacionar com a nova palavra. A isso damos o nome de **concordância**. Veja:

Artistas desfilam em escola de samba.

Os elementos que se relacionam dentro de uma oração exercendo uma função recebem o nome de **termos da oração**, que podem ser representados por uma única palavra ou por um conjunto de palavras. Veja:

termo da oração	termo da oração
Ele	viajou.
Os alunos do 3º ano	viajaram para Ouro Preto nas férias.

Em geral, as orações são estruturadas com base numa relação entre dois termos básicos: o sujeito e o predicado. Por essa razão, esses dois termos são considerados **essenciais**.

SUJEITO E PREDICADO

Num enunciado completo, sempre nos é dada uma informação a respeito de alguém ou de alguma coisa.

Sujeito é o elemento a respeito do qual se informa algo. O sujeito normalmente pode ser substituído por um pronome pessoal.

Predicado é a informação propriamente dita.

Observe:

sujeito (o ser de quem se informa algo) — predicado (a informação propriamente dita)

"As meninas do Leblon — não **olham** mais pra mim." (Herbert Vianna)

verbo

SUJEITO

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA

A posição mais comum do sujeito é no início da oração. Quando isso ocorre, dizemos que a oração está em **ordem direta**.

Veja:

sujeito: Uma comitiva de empresários — predicado: chegou ontem a São Paulo.

sujeito: O presidente — predicado: encerrou o encontro de ministros na semana passada.

Nada impede, porém, que o sujeito venha depois do predicado ou nele intercalado. Quando isso ocorre, dizemos que a frase está na **ordem inversa** (ou **indireta**):

predicado: Chegou ontem a São Paulo — sujeito: uma comitiva de empresários.

predicado: Na semana passada, encerrou — sujeito: o presidente — predicado: o encontro de ministros.

Com certos verbos, como **acontecer**, **suceder**, **ocorrer** e **surgir**, é comum o sujeito vir posposto ao verbo:

predicado: Aconteceram — sujeito: fatos inexplicáveis.

predicado: Sucederam, naquele ano,
sujeito: acontecimentos terríveis.

predicado: Ocorreram, naquela casa,
sujeito: desavenças sérias.

predicado: Surgiram
sujeito: três novas testemunhas.

CONCORDÂNCIA ENTRE VERBO E SUJEITO

Sempre haverá concordância em número e pessoa entre verbo e sujeito, tanto na ordem direta como na ordem inversa:

Tu (suj. 2.ª pess. do sing.) estavas (verbo 2.ª pess. do sing.) tão linda.

Fabiana (suj. 3.ª pess. do sing.) estava (verbo 3.ª pess. do sing.) tão linda.

Naquela região ocorreram (verbo 3.ª pess. do plural) fenômenos inexplicáveis. (suj. 3.ª pess. do plural)

Surgiram (verbo 3.ª pess. do plural) três novas testemunhas. (suj. 3.ª pess. do plural)

NÚCLEO

Vimos que os termos da oração podem ser representados por uma única palavra ou por um conjunto de palavras.

Núcleo é a palavra que funciona como base do significado de um termo da oração.

Assim como nos demais termos da oração, quando o sujeito é formado por mais de uma palavra, apresentará sempre uma que funciona como núcleo, em torno da qual giram outras subordinadas a ele. Evidentemente, se o sujeito for expresso por uma única palavra, ela será o núcleo. Veja a seguir, em **Morfossintaxe do sujeito**, quais classes de palavras podem funcionar como núcleo do sujeito.

A identificação do núcleo do sujeito é fundamental porque será com ele que se estabelecerá a concordância entre sujeito e verbo. Observe:

sujeito: O **mato** (núcleo do sujeito) — predicado: crescia irregular.

sujeito: Aqueles simpáticos **vizinhos** (núcleo do sujeito) do terceiro andar — predicado: viajaram.

MORFOSSINTAXE DO SUJEITO

O sujeito é normalmente representado por um substantivo (ou vários substantivos coordenados). Veja:

sujeito: **Juvenal** (substantivo) — predicado: atualizava seus conhecimentos.

sujeito: **Verduras**, **frutas** e **legumes** (substantivos coordenados) — predicado: tiveram sensível aumento de preço.

Quando o sujeito não for representado por um substantivo, será representado por termos equivalentes a ele. Dessa forma, também podem funcionar como sujeito. Veja:

a) **um pronome substantivo:**

sujeito: **Eles** — predicado: não compareceram à reunião.

sujeito: **Vossa Excelência** — predicado: me permite um aparte?

sujeito: **Você** — predicado: só dança com ele.

sujeito: **Aquilo** — predicado: nos preocupava.

b) **um numeral substantivo:**

sujeito: **Um** — predicado: é pouco.

sujeito: **Dois** — predicado: é número primo.

c) **qualquer palavra substantivada:**

sujeito: **"Sambar** — predicado: é chorar de alegria." (Noel Rosa)

sujeito: **Um olá** — predicado: foi murmurado com voz trêmula.

d) **uma frase com valor de substantivo:**

sujeito: **Ordem e progresso** — predicado: é o lema de nossa bandeira.

sujeito: **Independência ou morte** — predicado: foi o "grito do Ipiranga".

e) **uma oração subordinada substantiva:**

predicado: É urgente — sujeito: **que você venha**.

predicado: É preciso — sujeito: **estudar a lição**.

A oração que desempenha a função sintática de sujeito recebe o nome de **oração subordinada substantiva subjetiva**. O estudo desse tipo de oração será feito no capítulo 17.

TIPOS DE SUJEITO

O sujeito pode ser determinado ou indeterminado, dependendo da possibilidade ou não de identificá-lo. No caso do sujeito determinado, ele poderá ser simples ou composto, dependendo do número de núcleos que possua.

Quanto ao número de núcleos, o sujeito se classificará como:

a) **sujeito simples:** possui um só núcleo:

sujeito: Muitos **atletas** brasileiros (núcleo do sujeito) — predicado: atuam na Europa.

b) **sujeito composto:** possui mais de um núcleo:

sujeito: **Bois, vacas, bezerros** (núcleos do sujeito) — predicado: andavam misturados.

Quando o sujeito é representado por uma frase com valor de substantivo, temos sujeito simples, por isso deve-se empregar o verbo no singular:

sujeito simples: **Um por todos, todos por um** — predicado: era o lema dos mosqueteiros.

Em alguns casos, por elegância ou concisão, o sujeito simples não aparece expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado por estar implícito na desinência verbal:

sujeito	predicado
(eu)	Acreditei nessa conversa mole.

sujeito	predicado
(nós)	Viajamos para a Itália.

Esse tipo de sujeito é chamado de **oculto, desinencial, implícito na desinência verbal** ou **elíptico**.

Quando há omissão de termo facilmente subentendido na frase, temos uma figura de linguagem denominada **elipse**. Se o termo omitido já tiver sido expresso anteriormente, a figura receberá o nome de **zeugma**. Estudaremos esses casos no capítulo 23, **Figuras e vícios de linguagem**.

Quanto à possibilidade de identificar ou não o sujeito, podemos ter:

a) **sujeito determinado:** é aquele que pode ser reconhecido gramaticalmente; ocorre com o sujeito simples e com o sujeito composto já analisados. Mesmo o sujeito implícito na desinência verbal é um sujeito determinado;

b) **sujeito indeterminado:** é aquele que ocorre quando a informação contida no predicado se refere a um elemento que não se pode (ou não se quer) identificar. Veja:

sujeito	predicado
(?)	Falaram muito mal de você na reunião.

sujeito	predicado
(?)	Acredita-se na existência de discos voadores.

Há, em português, duas formas de indeterminar o sujeito:

- com o verbo na terceira pessoa do plural sem fazer referência a um sujeito expresso no contexto:

sujeito	predicado
(?)	"**Anunciaram e garantiram** que o mundo ia se acabar." (Assis Valente)

- com o verbo na terceira pessoa do singular, seguido do índice de indeterminação do sujeito **se**:

sujeito	predicado
(?)	**Precisa-se** de digitadoras.

A palavra *se*

A palavra **se** pode desempenhar várias funções na oração (ver capítulo 22). Quando ocorre o pronome apassivador **se**, não há sujeito indeterminado, mas sujeito determinado, expresso na oração, com verbo na voz passiva sintética. Para reconhecer quando **se** é pronome apassivador, basta verificar se ocorrem estas duas condições:

- verbo transitivo direto flexionado na terceira pessoa (singular ou plural);
- possibilidade de transformação da oração para a voz passiva analítica. Observe:

predicado	sujeito		sujeito	predicado
Quebrou-**se**	a vidraça.	→	A vidraça	foi quebrada.

pronome apassivador (quem quebra quebra alguma coisa – verbo transitivo direto)

predicado	sujeito		sujeito	predicado
Venderam-**se**	os carros.	→	Os carros	foram vendidos.

pronome apassivador (quem vende vende alguma coisa – verbo transitivo direto)

Como vimos, quando **se** é índice de indeterminação do sujeito, temos sujeito indeterminado. Nesse caso, a palavra **se NÃO** se prende a verbo transitivo direto, mas a verbos intransitivos, transitivos indiretos ou verbos de ligação.

Vive-se bem aqui.

(viver: verbo intransitivo; se: índice de indeterminação do sujeito; sujeito indeterminado)

Tratava-se de um problema sem solução.
(tratar: verbo transitivo indireto; se: índice de indeterminação do sujeito; sujeito indeterminado)

Era-se feliz naquela época.
(era: verbo de ligação; se: índice de indeterminação do sujeito; sujeito indeterminado)

Não classifique pronome indefinido como sujeito indeterminado

Cuidado com os casos em que o sujeito é representado por um pronome substantivo indefinido. **Do ponto de vista semântico**, esse sujeito não pode ser identificado. Isso não significa que estamos diante de um sujeito indeterminado, mas de um **sujeito determinado simples**, pois, **do ponto de vista gramatical**, há uma palavra expressa na oração exercendo a função de sujeito:

sujeito: **Alguém** — predicado: roubou minha caneta.

sujeito: **Algo** — predicado: preocupa os candidatos.

O SUJEITO É SEMPRE TERMO REGENTE

O sujeito é termo regente, por isso não pode vir introduzido por preposição. Observe:

Chegou o momento de (sujeito) **o filme** começar.

Está na hora de (sujeito) **o avião** partir.

Em frases como essas, a preposição não está regendo o sujeito, mas o verbo no infinitivo pessoal. Quando isso ocorre, não devemos fazer a contração da preposição **de** com o artigo, uma vez que a preposição rege o verbo no infinitivo e o artigo compõe o sujeito.

Isso fica mais claro quando se pospõe o sujeito ao infinitivo:

Chegou o momento de começar o filme. (regente: momento; regido: começar)

Está na hora de partir o avião. (regente: hora; regido: partir)

Há casos em que o sujeito pode vir introduzido por preposição:

Naquela loja, vende-se (sujeito) **de tudo**.

Encontram-se (sujeito) **destes erros** até mesmo em bons autores.

(sujeito) **Até o papa** manifestou sua indignação.

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Quando a informação veiculada pelo predicado não se refere a um sujeito gramatical, temos uma oração sem sujeito. Nesses casos, a oração se constituirá apenas de um predicado:

(predicado) Nevou nas serras gaúchas.

Quando a oração não possuir sujeito, o verbo deve permanecer na terceira pessoa do singular.

As orações sem sujeito ocorrem com os verbos impessoais. Observe os casos a seguir.

- verbos que exprimem fenômenos naturais (chover, ventar, anoitecer, amanhecer, relampejar, trovejar, nevar etc.):

(predicado) **Choveu** muito no último verão.

(predicado) **Anoiteceu** rapidamente.

(predicado) **Venta** muito forte naquela região.

Observação:

Se o verbo que exprime fenômeno natural for empregado em sentido figurado, haverá sujeito:

predicado — "(...) choveram
sujeito — explicações (e acusações)
predicado — para a derrota do Santos na final da Libertadores".

(COUTO, José Geraldo. *Folha de S.Paulo*, 5 jul. 2003. p. D3.)

predicado — "Sobre a triste Ouro Preto,
sujeito — o ouro
predicado — dos astros chove". (Olavo Bilac)

sujeito — [**eu**]
predicado — "Amanheci um dia pensando em casar". (Graciliano Ramos)

- verbos **ser** e **estar** na indicação de tempo ou clima:

predicado — Agora **é** tarde.
predicado — **Está** frio.

- verbos **haver**, **fazer** e **ir** quando indicam tempo transcorrido:

predicado — [**Há** dois meses] [que não vejo Reinaldo].
predicado — [**Faz** dois anos] [que ele saiu].
predicado — [**Vai** para uns dez meses] [que ela não me escreve].

- verbo **haver** no sentido de "existir":

predicado — **Havia** cinco alunos na biblioteca.

- qualquer verbo no infinitivo impessoal:

[É preciso] [**dar** atenção aos problemas ambientais.]

No estudo sobre verbos (capítulo 10), aprendemos que em português existem dois infinitivos: o pessoal e o impessoal. Uma forma verbal impessoal é aquela que não se refere a um sujeito. No exemplo acima, **dar** é infinitivo impessoal, ou seja, é o núcleo do predicado de uma oração sem sujeito.

Já no exemplo a seguir, a forma verbal **dar** é um infinitivo pessoal, apresentando o termo **o cidadão** como sujeito e com ele concordando. Veja:

É importante o cidadão **dar** atenção aos problemas ambientais.

- certos tipos de frase, como:

Basta de férias! **Chega** de saudade. **Passava** das cinco.

VERBOS IMPESSOAIS

Os verbos impessoais (exceção feita ao verbo **ser**, que apresenta uma concordância particular; ver capítulo 17) devem ficar sempre na terceira pessoa do singular:

Havia muitas leis. (E não: Haviam muitas leis.)
Pode haver muitas leis. (E não: Podem haver muitas leis.)
Faz dois meses. (E não: Fazem dois meses.)
Vai fazer dois meses. (E não: Vão fazer dois meses.)
Pessoas como ele **deve haver** muitas. (E não: Pessoas como ele devem haver muitas.)

Observe que, quando um verbo auxiliar se junta a um impessoal, ele também fica no singular.

Atenção para o verbo existir

O verbo **existir** não é impessoal. Assim, ele possuirá sujeito expresso na oração:

Havia quatro pessoas interessadas na vaga. (oração sem sujeito)

Existiam **quatro pessoas interessadas na vaga**. (sujeito)

Observe que o verbo **existir**, por ter sujeito expresso na oração, concorda normalmente com ele.

Atividades

Texto para as questões de 1 a 5.

Congresso internacional do medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e
[medrosas.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973. p. 105.)

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond – www.carlosdrummond.com.br

1. O poeta utiliza diversas vezes a forma verbal **cantaremos**. Qual o sujeito dessa forma verbal?

2. No verso "não cantaremos o ódio porque esse não existe" (verso 4), há duas orações. Qual o sujeito da segunda oração? A que classe de palavra pertence esse sujeito? A que outra palavra do texto ele está se referindo?

3. Em: "existe apenas o medo" (verso 5), qual é o sujeito?

4. Qual o sujeito de "depois morreremos de medo" (verso 10)?

5. Coloque a seguinte oração em ordem direta: "e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas" (verso 11). Aponte o sujeito, destacando o núcleo.

6. Observe as frases a seguir e explique por que em **a** o verbo está no plural, mas, em **b**, está no singular.
   a) A motorista e a dona do carro compareceram à delegacia para registrar queixa.
   b) A motorista e dona do carro compareceu à delegacia para prestar queixa.

7. Amplie os sujeitos das orações a seguir acrescentando ao núcleo palavras da classe gramatical indicada entre parênteses.
   a) Livros faziam parte da biblioteca. (pronome adjetivo e locução adjetiva)
   b) Carros estavam em exposição. (numeral e adjetivo)
   c) Apito era ouvido ao longe. (artigo e locução adjetiva)
   d) Jogadores participaram do evento. (numeral, adjetivo e locução adjetiva)
   e) Naquele mês, chegaram navios ao porto. (pronome adjetivo e locução adjetiva)
   f) Gerente foi o responsável pelo bom desempenho da loja. (artigo, adjetivo e locução adjetiva)

8. Identifique os núcleos dos sujeitos. Em seguida, substitua esses núcleos por pronomes ou numerais.
   a) Os telefones públicos eram escassos naquele bairro.
   b) Gabriela, Camila e Raquel chegaram atrasadas.
   c) Sua atitude não me agrada nem um pouco.
   d) Certa pessoa fez alusão ao acontecimento.
   e) Atos, Portos e Aramis eram os mosqueteiros.

9. "(...) Ele fez anos no mês passado, amorzinho. Até contei a você que oferecemos a ele uma batedeira. Soubemos que a mulher dele precisava de batedeira, fizemos uma vaquinha, pronto. Mas por que você diz que para mim só existem dois signos?"

   (ANDRADE, Carlos Drummond de. Horóscopo. In: *Crônicas 2*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2002. v. 2, p. 19. (Para gostar de ler).)

   Aponte e classifique os sujeitos das seguintes formas verbais:
   a) fez
   b) contei
   c) oferecemos
   d) soubemos
   e) precisava
   f) fizemos
   g) diz
   h) existem

10. As frases a seguir estão em ordem inversa. Sua tarefa consistirá em:
   1.º) colocá-las na ordem direta;
   2.º) apontar o sujeito;
   3.º) destacar o núcleo.
   a) "No beco escuro explode a violência." (Herbert Vianna)
   b) Apareceu no jardim da casa de Ana Maria um ramalhete de flores.
   c) Chegou ontem a São Paulo o presidente da Fifa.
   d) Aconteceram, naquela cidade, muitos fenômenos inexplicáveis.

11. Nas frases a seguir, aponte o sujeito e classifique morfologicamente a palavra que funciona como núcleo.
   a) Aqueles famosos atores da novela visitaram o presidente.
   b) Aquilo nos preocupava intensamente.
   c) Viver é muito perigoso.

12. Identifique os núcleos dos sujeitos. Em seguida, substitua esses núcleos por pronomes ou numerais.
   a) Os robôs domésticos nunca se cansam.
   b) Ana, Cláudia e Patrícia já foram almoçar.
   c) Sua atitude não me surpreendeu nem um pouco.

13. Identifique as alternativas em que a oração não possui sujeito.
   a) Havia me equivocado na resolução do problema.
   b) Há muitos problemas a resolver neste país.
   c) "Junto à minha rua havia um bosque (...)" (Chico Buarque)
   d) Houve sérios incidentes automobilísticos naquela estrada durante os feriados.
   e) Hei de conseguir resolver este problema.
   f) Tinha havido brigas no salão durante o baile.

14. Substitua a palavra destacada pela indicada entre parênteses. Faça as alterações que julgar necessárias.
   a) Na caixa falta **uma** peça. (três)
   b) **Eu** posso falar com ele? (nós)
   c) Que **barulho** é esse? (ruídos)
   d) **Bombeiro** procura menino. (bombeiro e polícia)
   e) **Menino** desaparecido é encontrado pelos bombeiros. (criança)

15. Reescreva os períodos a seguir transformando suas orações em orações sem sujeito. Observe o modelo.
   Existe um restaurante chinês perto daqui. → Há um restaurante chinês perto daqui.
   a) Existem muitos cheques sem fundo.
   b) Existirá um novo caminho para o sítio?
   c) Devem existir situações semelhantes.
   d) Existem crianças que não têm acesso à educação.

16. Os verbos impessoais não possuem sujeito; devem, portanto, permanecer na terceira pessoa do singular. Com base nisso, reescreva as frases a seguir, corrigindo-as.
   a) Vão fazer três anos que ela não aparece.
   b) Haviam pelo menos cinco pessoas naquela sala.
   c) Podem haver mais três pessoas interessadas na vaga.
   d) Fazem duas semanas que chegamos de viagem.

17. Reescreva as orações a seguir, passando os termos destacados para o plural.
   a) Precisa-se de **datilógrafo**.
   b) Vende-se **máquina**.
   c) Acredita-se em **jogo melhor**.
   d) Plastifica-se **documento**.
   e) Apela-se para **o céu**.
   f) Aluga-se **apartamento** na praia.

18. Classifique o sujeito das orações seguintes.
   a) "Lá no morro uma luz somente havia" (Noel Rosa)
   b) "Acordei de um sonho estranho" (Milton Nascimento e Fernando Brant)
   c) É primavera!
   d) Necessita-se de costureiras com muita experiência.
   e) Corinthians e Flamengo decidem amanhã o Campeonato Brasileiro no Maracanã.
   f) Assassinaram mais um líder rural.
   g) "O casamento foi marcado para três dias após o aniversário da morte de mamãe." (Alair Alves de Carvalho)
   h) Ele faz quinze anos amanhã.
   i) "Não existe pecado do lado de baixo do Equador." (Chico Buarque e Ruy Guerra)

19. Classifique o sujeito das orações, utilizando o seguinte código:
   A) sujeito determinado simples
   B) sujeito determinado composto
   C) sujeito oculto
   D) sujeito indeterminado
   E) oração sem sujeito

   a) Rapaz, beba essa limonada.
   b) Eles sempre se houveram com dignidade.
   c) Pode haver fatos contrários.
   d) Podem existir fatos contrários.
   e) Viam-se, através da janela, o rouxinol e a cotovia.
   f) Necessita-se do apoio de todos.
   g) Reformam-se ternos.
   h) Trabalha-se durante o dia.
   i) Deve haver pessoas generosas.
   j) Devem existir pessoas generosas.
   k) Viajamos de trem.
   l) Viajavam mãe, filhos e companheiros pela estrada da vida.
   m) Falaram muito mal de Luana.
   n) Espera-se o resultado das provas.
   o) Verificou-se a ausência de muitos concorrentes.
   p) Apela-se para os mais favorecidos.
   q) Confia-se em pessoas honestas.
   r) Deve haver poucos conhecedores de aramaico.
   s) Choveu muito em Santa Catarina.

20. Assinale a alternativa que não apresenta verbo impessoal.
   a) Tem chovido demais ultimamente.
   b) Há meses que não há boas notícias no jornal.
   c) Faz oito anos que mudamos.
   d) Viviane fez oito anos no sábado.

21. Na frase "Não se fazem motocicletas como antigamente", aponte e classifique o sujeito.

22. Reescreva as frases "Precisam-se de empregados" e "Vende-se casas", fazendo as correções necessárias.

PREDICADO

PREDICAÇÃO VERBAL

A predicação verbal trata da relação existente entre o verbo e o seu sujeito.

Quanto à predicação, os verbos podem ser:

- **lexicais** (ou nocionais), isto é, verbos dotados de conteúdo semântico, que nos remetem a noções presentes em nosso universo;
- de **ligação** (ou gramaticais), que são aqueles que exprimem estado ou mudança de estado (não indicam, portanto, ações).

Os verbos lexicais sempre funcionam como núcleo do predicado; já os de ligação nunca exercem essa função.

Os verbos lexicais (dependendo de constituírem ou não, sozinhos, o predicado) podem ser intransitivos ou transitivos.

Verbos intransitivos

São verbos de predicação completa. Por possuírem sentido completo numa frase, não reclamam um complemento; podem, portanto, constituir o predicado sozinhos. Veja:

sujeito	predicado
José Arcádio	**morreu.** (v. i.)

sujeito	predicado
Amaranta	**sumiu.** (v. i.)

Observe que os verbos dos exemplos acima:

- possuem conteúdo semântico, isto é, indicam ações praticadas ou sofridas pelo sujeito;
- não reclamam um complemento, pois já possuem sentido completo, isto é, são capazes de dar uma informação completa a respeito do sujeito;
- são capazes de, sozinhos, constituir o predicado.

Outra característica dos verbos intransitivos é que eles não podem ser apassivados. Além disso, os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um termo que expressa uma circunstância de tempo, modo, lugar etc. (adjunto adverbial) ou que exprime um atributo do sujeito (predicativo). Isso, no entanto, não altera seu caráter de verbo intransitivo. Observe:

sujeito	predicado	
José Arcádio	**morreu** (v. i.)	feliz. (pred. do suj.)

sujeito	predicado	
Amaranta	**sumiu** (v. i.)	de casa. (adj. adv.)

Uma categoria especial de verbos intransitivos

Há verbos intransitivos que exigem adjuntos adverbiais para constituir o predicado. Veja:

	adj. adv.
Moro (v. i.)	em Fortaleza.

	adj. adv.
Vou (v. i.)	para João Pessoa.

Na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), tais verbos são chamados intransitivos por não exigirem complementos verbais (objeto direto ou indireto). Melhor seria chamá-los **transitivos circunstanciais**, como faz Rocha Lima na *Gramática normativa da língua portuguesa*.

Verbos transitivos

São verbos de predicação incompleta. Por não possuírem sentido completo numa frase, reclamam um complemento; portanto, não são capazes de constituir o predicado sozinhos.

Os verbos transitivos subdividem-se em:

a) **transitivos diretos:** exigem um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto):

sujeito: Aureliano — **comprou** (v. t. d.) — o. d.: óculos novos.

sujeito: Úrsula — **ama** (v. t. d.) — o. d.: José Arcádio.

b) **transitivos indiretos:** exigem complemento com preposição obrigatória (objeto indireto):

sujeito: Aureliano — **gosta** (v. t. i.) — o. i.: de Amaranta.

sujeito: O documento — **pertence** (v. t. i.) — o. i.: a José Arcádio.

c) **transitivos diretos e indiretos:** exigem dois complementos, um sem e outro com preposição obrigatória (objetos direto e indireto):

sujeito: Aureliano — **ofereceu** (v. t. d. i.) — o. d.: flores — o. i.: a Amaranta.

sujeito: Amaranta — **emprestou** (v. t. d. i.) — o. d.: o livro — o. i.: a José Arcádio.

Verbos de ligação

São verbos que exprimem estado ou mudança de estado (não indicam, portanto, ações). Nas orações com verbos de ligação, o sujeito não pratica nem sofre a ação (não há ação); o sujeito é apenas o ser a quem se atribui alguma característica. A função de tais verbos é funcionar como elemento de ligação entre um sujeito e seu atributo. A esse atributo damos o nome de **predicativo do sujeito**:

sujeito: A casa — **é** (verbo de ligação) — p. s.: nova.

sujeito: Aureliano — **está** (verbo de ligação) — p. s.: triste.

Observe que, nos predicados formados com verbos de ligação, a principal informação a respeito do sujeito está contida no predicativo. Os verbos de ligação expressam:

a) estado permanente:

Rebeca **é** magra.

b) estado transitório:

O aluno **esteve** quieto durante a palestra.

c) mudança de estado:

O aluno **tornou-se** comportado.

d) continuidade de estado:

O aluno **permaneceu** quieto.

e) estado aparente:

Ela **parece** triste.

Os principais verbos que costumam funcionar como verbos de ligação são: **ser, estar, parecer, permanecer, ficar, andar, continuar.**

É importante perceber que a classificação de um verbo quanto à predicação depende do contexto e do sentido que ele adquire na oração (ver capítulo 20, **Regência**). Observe:

Úrsula **está** doente. (verbo de ligação)

Úrsula **está** na sala. (verbo intransitivo)

O cônsul **visou** meu passaporte. (verbo transitivo direto)

Todos **visam** a uma vida tranquila. (verbo transitivo indireto)

PREDICATIVO

Predicativo é o termo da oração que funciona como núcleo nominal do predicado.

A função do predicativo é atribuir uma característica ao sujeito (predicativo do sujeito) ou ao objeto (predicativo do objeto).

Predicativo do sujeito

Predicadivo do sujeito é o elemento do predicado que se refere ao sujeito mediante um verbo (de ligação ou não).

Tem como função informar algo a respeito do sujeito. Veja:

sujeito: A Terra — verbo de ligação: é — predicativo do sujeito: **redonda**.

sujeito: A sala — verbo de ligação: está — predicativo do sujeito: **cheia**.

sujeito: Os torcedores — verbo lexical: saíram — predicativo do sujeito: **satisfeitos**.

sujeito: Úrsula — verbo de ligação: anda — predicativo do sujeito: **doente**.

sujeito: O artista — verbo lexical: caminhava — predicativo do sujeito: **preocupado**.

O predicativo do sujeito pode estar se referindo a um sujeito em forma de oração. Veja:

Parece — predicativo do sujeito: **impossível** — sujeito oracional: **que ele consiga**.

As orações que apresentam predicativo do sujeito costumam se dispor na seguinte ordem:

sujeito – verbo – predicativo do sujeito

No entanto, há casos em que o predicativo do sujeito pode aparecer antes do sujeito e até mesmo antes do verbo. Veja:

"**Altos** (predicativo do sujeito) são os montes da Transmantiqueira, **belos** (predicativo do sujeito) os seus rios, **calmos** (predicativo do sujeito) os seus vales e **boa** (predicativo do sujeito) é a sua gente."
(Guimarães Rosa)

Morfossintaxe do predicativo do sujeito

O predicativo do sujeito pode ser representado por:

a) adjetivos ou locuções adjetivas:
A Terra é **azul**.
O relógio é **de ouro**.

b) substantivos:
Todo dia é **dia**; toda hora é **hora**.

c) pronomes substantivos:
Para Estela, a beleza era **tudo**.

d) numerais substantivos:
Os responsáveis eram **cinco**.

e) qualquer palavra substantivada:
A vida é **um querer sem fim**.

f) uma oração subordinada substantiva:
A verdade é **que ele desistiu da compra do imóvel**.

Predicativo do objeto

Predicativo do objeto é o termo da oração que se relaciona ao objeto, atribuindo-lhe uma característica.

Observe:

O juiz julgou — o. d.: o réu — predicativo do objeto: **culpado**.

Mantenha — o. d.: a cidade — predicativo do objeto: **limpa**.

"Um capricho da sorte tornou, contudo, — o. d.: o impossível — predicativo do objeto: **possível**." (Leon Tolstoi)

O predicativo do objeto pode vir antes do objeto:

predicativo do objeto		o. d.	
"Covarde	sei que	me	podem chamar" (Ataulfo Alves e Mário Lago)

O predicativo (do sujeito e do objeto) pode aparecer com preposição:

	predicativo do sujeito		predicativo do objeto
O relógio é	**de ouro**.	Sempre o tiveram	**por ingrato**.

Normalmente o predicativo do objeto se refere ao objeto direto, como ocorre nos exemplos anteriores. São raros os casos em que o predicativo do objeto se refere ao objeto indireto. Veja dois exemplos:

	o. i.	predicativo do objeto		o. i.	predicativo do objeto
Chamei-	lhe	**de covarde**.	Gosto	dela	**alegre**.

O predicativo do objeto também pode referir-se a um objeto em forma de oração:

	predicativo do objeto	o. d. oracional
Consideraram	**estranho**	**eu ter falado daquela maneira**.

Morfossintaxe do predicativo do objeto

O predicativo do objeto pode ser representado por:

a) um adjetivo:

Os consumidores consideraram o aumento **abusivo**.

b) um substantivo:

Os moradores do prédio nomearam Valmir **síndico**.

TIPOS DE PREDICADO

Como vimos, predicado é tudo aquilo que se informa a respeito do sujeito. Dependendo de em que se concentra a informação, temos os seguintes tipos de predicado: verbal, nominal e verbo-nominal.

Predicado verbal

O núcleo da informação veiculada pelo predicado está contido num verbo lexical (transitivo ou intransitivo):

sujeito	predicado verbal	sujeito	predicado verbal	sujeito	predicado verbal
Aureliano	**partiu**.	Eles	**saíram** de casa.	O viajante	**caminhava** pela estrada.

Observe que a informação dada a respeito dos sujeitos está contida basicamente nos verbos.

Predicado nominal

O núcleo da informação veiculada pelo predicado está contido num nome (predicativo do sujeito). O verbo, nesse caso, funciona simplesmente como elemento de ligação entre o sujeito e o predicativo:

sujeito	predicado nominal	sujeito	predicado nominal
A prova	era **difícil**.	O menino	estava **machucado**.

Predicado verbo-nominal

É um predicado misto, em que a informação se concentra em dois elementos: no verbo lexical (transitivo ou intransitivo) e no predicativo (do sujeito ou do objeto). Dessa forma, o predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: o verbo e o predicativo:

sujeito	predicado verbo-nominal
O menino	**chegou** ao colégio **machucado**.

sujeito	predicado verbo-nominal
Os proprietários	**consideraram** a proposta **razoável**.

No predicado verbo-nominal, ocorre o cruzamento de duas estruturas sintáticas: um predicado verbal e um predicado nominal:

O menino chegou ao colégio (e estava) machucado.
Os proprietários consideraram a proposta (como sendo) razoável.

Quadro-resumo

	verbo lexical	verbo de ligação	predicativo
predicado verbal	sim	não	não
predicado nominal	não	sim	sim
predicado verbo-nominal	sim	não	sim

A gramática no dia a dia

VERBO *TER* SUBSTITUINDO *HAVER*

Quando tratamos das orações sem sujeito, vimos que elas ocorrem com os chamados verbos impessoais.

Embora a gramática normativa não considere o verbo **ter** impessoal, é comum na linguagem do dia a dia, e até mesmo em textos de autores consagrados, o emprego desse verbo como impessoal, substituindo o verbo **haver**.

Observe:

"No meio do caminho **tinha** uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho **tinha** uma pedra".

(Carlos Drummond de Andrade)

"**Tem** dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu"

(Chico Buarque)

Tem quatro crianças brincando no jardim.
Na biblioteca, **tinha** inúmeros livros de arte.
Tem mais de uma semana que ele não aparece.

SUJEITO LÓGICO E SUJEITO PLEONÁSTICO

Embora tenhamos afirmado que o sujeito é o termo a respeito do qual se fala, você poderá encontrar exemplos em que o termo de que se fala não exerce a função sintática de sujeito. Nesse caso, dizemos que se trata de um **sujeito lógico**.

Observe:

"As chaves ele tirou no mesmo instante daquele bolso; como da vez anterior, tudo estava em um molho, em um aro de aço. (*Crime e castigo*, Dostoievski)".

Nesse enunciado, o elemento a respeito do qual se fala é **as chaves**; no entanto, do ponto de vista gramatical, a palavra que funciona como sujeito é **ele**, que está concordando com o verbo ("ele tirou"). Nesse exemplo, **as chaves** é complemento do verbo **tirar** e não sujeito ("Ele tirou as chaves").

Também é comum a repetição do sujeito por meio de um pronome. Nesse caso, temos um **sujeito pleonástico**.

Observe:

O Paulo, ele vai sair mais cedo.
As chaves, elas estão na gaveta.

Ressalte-se que esse recurso não é exclusivo da linguagem informal, podendo ser observado também em textos literários, como nos exemplos a seguir:

"A onça, o povo dizia que ela tinha vindo de longe." (Guimarães Rosa)

"Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão." (Carlos Drummond de Andrade)

"Os Vacarianos, esses celebravam o grande acontecimento em família..." (Erico Verissimo)

Atividades

Texto para as questões de 1 a 4.

A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.
(...)

(PONTE PRETA, Stanislaw. A velhinha contrabandista. In: *Contos brasileiros 1*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2003. v. 8. p. 16. (Para gostar de ler).)

1. Aponte expressões do texto que caracterizam a linguagem coloquial.

2. Reescreva a frase "O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.", substituindo "tudo malandro velho" por uma expressão da linguagem culta que tenha sentido equivalente.

3. Na frase do exercício anterior:
   a) aponte o núcleo do sujeito;
   b) indique o tipo de predicado;
   c) classifique, quanto à predicação, o verbo **desconfiar**.

4. Aponte um exemplo de verbo intransitivo presente no texto.

5. Nos textos a seguir, classifique os verbos destacados quanto à predicação.
   a) "Quem não **gosta** de cruzeiro, bom sujeito não **é**"
   (Anúncio publicitário. In: *O Estado de S. Paulo*, 21 jan. 2003, p. V5.)
   b) "Cientistas ingleses **afirmaram** que já é possível **fazer** transplantes de rosto."
   (*Superinteressante*, ed. 179, ago. 2002, p. 18.)
   c) "Mais de mil representantes de 58 etnias indígenas irão **participar** dos V Jogos dos Povos Indígenas, de 15 a 21 de setembro no município de Marapanim, no Pará."
   (*Os caminhos da Terra*, set. 2002, p. 20.)
   d) "Cientistas americanos e coreanos **anunciaram** a criação de um arroz modificado geneticamente capaz de **resistir** a condições críticas, como seca, frio excessivo e alta salinidade do solo."
   (*IstoÉ*, n. 1731, 4 dez. 2002, p. 82.)
   e) "Não se **trata**, entretanto, de um ataque de loucura provocado pela altitude."
   (*Os caminhos da Terra*, n. 97, maio 2000, p. 78.)
   f) "A incerteza na criação dos filhos **é** um dilema recente."
   (*Veja*, n. 1645, abr. 2000, p. 139.)
   g) "As vítimas **apresentavam** graves lesões no sistema nervoso, frequentemente irremediáveis."
   (*Superinteressante*, fev. 2000, p. 73.)
   h) Ontem, **chegou** a Buenos Aires um jumbo da Varig.
   i) **Emprestaram** o dinheiro aos necessitados.
   j) **Investiu**-a na governança da casa, e mais tarde **esposou**-a.

6. Classifique os verbos destacados, utilizando o seguinte código:
   A intransitivo
   B transitivo direto
   C transitivo indireto
   D transitivo direto e indireto
   E de ligação

   a) O gerente **visou** o cheque.
   b) O atirador **visou** o alvo.
   c) **Visamos** a um cargo elevado.
   d) Isto não **procede**.
   e) **Procederemos** a um inquérito.
   f) **Informamos** o desastre ao prefeito.
   g) O prefeito **anda** pelas ruas da cidade.
   h) O prefeito **anda** preocupado.
   i) **Quero** o lápis.
   j) **Quero** a meus amigos.
   k) Juvenal **atualizava** seus conhecimentos.
   l) O cão **desapareceu** na planície vazia.
   m) Os meninos **estavam** nervosos.
   n) **Ofereceram** o cargo ao deputado.
   o) Aqueles soldados não **confiam** em seus superiores.
   p) A noite **chegou** inesperadamente.
   q) Fatos estranhos **sucederam** naquela noite.

7. Identifique o sujeito e o predicado de cada frase; em seguida, destaque seus núcleos.

a) Os dinossauros também viveram nos polos.
b) Têm aumentado ultimamente as denúncias contra cientistas.
c) Existem mais de cem espécies de frutas venenosas.
d) Nos galhos da pitangueira, brincavam livremente os pássaros.
e) Nos últimos dez anos, muitos abandonaram seus sonhos.
f) Nestes livros, muitos autores contam suas experiências pessoais.
g) Naquele momento, foram saindo disfarçadamente os culpados.
h) São inadmissíveis os crimes de guerra da Bósnia.

8. Nas frases a seguir, destaque o termo que funciona como predicativo e diga se ele é predicativo do sujeito ou do objeto.

a) Custa muito caro para a sociedade manter limpos os espaços públicos e recuperar a natureza afetada.
b) Justiça mantém preso acusado de desvio de verbas.
c) O herói achou desprezível o motivo.
d) Muitas pessoas deixaram o local insatisfeitas.
e) Cansados, os viajantes chegaram ao destino.
f) Os náufragos, desesperados, esperavam por socorro.
g) São inadmissíveis atitudes como estas.
h) A notícia deixou triste a aluna.
i) A escolta levava preso o homem.
j) "... não queria ver murchos os talos verdes." (Milton Hatoum)
k) Acho sua atitude imperdoável.
l) O ministro considerou incerta a sua presença no seminário.
m) A falta de notícias deixou preocupados os pais do menino.
n) Todos consideravam arriscada aquela travessia.
o) Os turistas acharam confortável o hotel.
p) Chamaram o técnico de incompetente.
q) Desesperados, ele gritavam por socorro.
r) Encontraram abertas as janelas da casa.
s) Solícito, o médico nos atendeu em seu consultório.
t) Para quem usa caixa eletrônico, a vida fica mais fácil.
u) Aquiles parecia inflexível o tempo todo.
v) Agamenon julgava Aquiles inflexível.

9. Comente a diferença de sentido nas frases a seguir.

"O ex-promotor tinha cerrados os olhos." (Erico Verissimo)

O ex-promotor tinha cerrado os olhos.

10. Substitua os asteriscos e construa frases que apresentem predicado nominal. Use os verbos estar, ser, permanecer, ficar, andar, tornar-se.

a) Os programas da TV Cultura * educativos.
b) A Copa do Mundo * impossível para os países pobres.
c) Meu primeiro texto * brilhante.
d) Nós * gripados.
e) As mochilas * mais caras que os livros.
f) O velho * doente.
g) À minha direita, os prédios * intactos depois do terremoto.

11. Transforme, como no modelo, o predicado verbal em verbo-nominal:

Os jovens **trabalhavam** no laboratório. → Os jovens **trabalhavam entusiasmados** no laboratório.

a) As crianças corriam pelo gramado.
b) Ele deixou-se ficar no sofá da sala.
c) "De repente, você surgiu na minha frente (...)" (Tunai)
d) A família almoçou na varanda naquele domingo.

12. Atribua um predicativo para os sujeitos das frases seguintes.

a) A torcida ficava cada vez mais *.
b) Hoje os computadores são *.
c) Há momentos em que a realidade parece *.
d) O mundo não é *.

13. Substitua as expressões em destaque por um predicativo.

a) A multidão assistia, **em delírio**, ao espetáculo.
b) A mãe relatava, **com desespero**, o desaparecimento da criança.
c) **Com paciência**, o médico ouvia as reclamações dos doentes.

14. Nas orações a seguir, classifique o predicado.

a) "Um dia ele chegou tão diferente (...)" (Chico Buarque e Vinicius de Moraes)
b) "Já conheço os passos dessa estrada." (Antônio Carlos Jobim e Chico Buarque)
c) "Cada um de nós mentiu estupidamente." (Graciliano Ramos)
d) "Este líquido é água." (Antônio Gedeão)
e) O professor deixou o aluno constrangido.

15. Nas frases a seguir, classifique os verbos quanto à predicação e, depois, diga que tipo de predicado ocorre.

a) Pedro está adoentado.
b) Os jogadores deixaram o estádio.
c) Os jogadores deixaram o estádio aborrecidos.
d) "O poeta é um fingidor." (Fernando Pessoa)
e) A população considera aquela atitude inexplicável.
f) Aqueles soldados não confiam em seus superiores.

16. Das orações a seguir, destaque o predicativo do sujeito.

a) Lucrécia morreu infeliz.
b) Otelo estava furioso.
c) O time sagrou-se campeão.
d) O jogador correu para a bola afoito.
e) Ele andava preocupado.
f) As noites chegaram frias.
g) Saiu de casa atrasada.
h) É inevitável esse acontecimento.

17. O predicado verbo-nominal permite formar frases mais concisas, já que nele podemos fundir dois predicados num só. Torne os períodos compostos a seguir mais concisos, transformando-os em períodos simples com predicado verbo-nominal.

a) Os alunos chegaram à solenidade e estavam apreensivos.
b) Todos saíram do hospital e estavam satisfeitos com a recuperação do paciente.
c) Os espectadores assistiram ao jogo e ficaram sentados nas arquibancadas.
d) Os transeuntes caminhavam pelas ruas e estavam apreensivos.
e) Depois de uma longa viagem, os turistas chegaram ao local e estavam cansados.
f) Os jurados assistiam ao julgamento e permaneciam calados.

18. Das orações a seguir, destaque o predicativo do objeto.

a) Consideram razoável o desempenho da equipe.
b) A nota deixou triste a aluna.
c) A escolta levava preso o homem.
d) Deixaram rasgado o livro.
e) Acho sua atitude imperdoável.
f) Sua atitude deixou o pobre homem feliz.
g) Consideraram o excelente jogador imprestável.
h) A herança deixou a pobre menina rica.

19. Classifique o predicado das orações a seguir.

a) Tu pisavas nos astros.
b) Tu estavas distraída.
c) Tu pisavas nos astros distraída.
d) O Sol surgiu no horizonte.
e) O Sol estava radiante.
f) O Sol surgiu radiante no horizonte.
g) O vento virou a canoa.
h) A moça virou freira.

20. Nas frases a seguir, classifique, quanto à predicação, os verbos destacados.

a) A seleção brasileira de vôlei masculino **conquistou** a medalha de ouro.
b) Aquela equipe médica **salvou** o menino da morte.
c) "Na manhã infinita as nuvens **surgiram** como a loucura numa alma." (Vinicius de Moraes)
d) "Nós **merecemos** a morte, / porque **somos** humanos / e a guerra é feita pelas nossas mãos, (...)" (Cecília Meireles)
e) "Meu espaço **é** o dia" (Ferreira Gullar)
f) "Nesse tempo eu não **pensava** mais nela, pensava em ganhar dinheiro." (Graciliano Ramos)

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

CENA VII
Harpagon

HARPAGON (*gritando por socorro, antes de entrar; e entrando em desalinho, alucinado*)

Ladrão!... Ladrão!... Assassino!... Assassino!... Onde está Justiça, meu Deus?... Estou perdido!... Assassinaram-me, degolaram-me, roubaram meu dinheiro... Quem poderia ter sido?... Que fizeram dele?... Onde está ele?... Que farei para encontrá-lo?... Estará lá?...Ou aqui?!... Quem fez isso?!... Ah!... Para, miserável!... devolva o meu dinheiro!... (*agarra o próprio braço, arquejante*) Ah! sou eu mesmo!... Sou eu mesmo!... Meu espírito está perturbado!... Ignoro onde estou, quem sou e o que faço!... ai de mim! meu pobre dinheiro, meu querido dinheiro, meu grande, meu adorado amigo!... Privaram-me de ti!... E visto que me foste arrebatado, perdi minha razão de ser, meu consolo, minha alegria!... Tudo acabou para mim!... Nada mais tenho a fazer no mundo! Longe de ti é impossível continuar a viver! Não posso mais!... Eu sufoco!... Eu morro!... Eu estou morto!... Eu estou enterrado!...

(MOLIÈRE, Jean-Baptiste. *O avarento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 100-1)

1. O texto que você acabou de ler é uma fala de Harpagon, o personagem central da peça *O avarento*, de Molière. Que é um avarento?

2. No texto aparecem duas informações entre parênteses e grafadas com letra diferente (itálico) que não representam a fala do personagem. Que função desempenham essas informações no texto?

3. Você já viu que, com os verbos que exprimem ação, o sujeito pode ser o elemento da oração que pratica, recebe ou pratica e recebe a ação ao mesmo tempo. No texto, é possível identificar o elemento que praticou a ação de roubar o dinheiro de Harpagon? Justifique sua resposta com frases do texto.

4. Numa passagem do texto, Harpagon declara: "E visto que me foste arrebatado, perdi minha razão de ser...". Qual é o sujeito de **foste arrebatado**? Esse sujeito pratica ou recebe a ação?

5. Para caracterizar Harpagon como uma pessoa extremamente avarenta, o autor faz uso da hipérbole, ou seja, da exageração. Transcreva algumas falas do personagem que sejam exemplos de exageração.

CAPÍTULO 13 Termos integrantes da oração

Termos integrantes são aqueles que aparecem na oração completando o sentido de outros termos.

São, portanto, fundamentais para uma correta e completa compreensão da frase. São eles:

- os complementos verbais (objeto direto e objeto indireto);
- o agente da passiva;
- o complemento nominal.

COMPLEMENTOS VERBAIS

OBJETO DIRETO

Objeto direto é o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo direto.

Em geral, o objeto direto não vem introduzido por preposição. Do ponto de vista semântico, ele indica o ser sobre o qual recai a ação expressa por um verbo na voz ativa. Observe:

sujeito		o. d.		sujeito		o. d.
Gabriel	vendia	**livros**.		Os passageiros	esperavam	**o trem**.
	v. t. d.				v. t. d.	

O objeto direto torna-se sujeito da oração se o verbo estiver na voz passiva. Veja:

sujeito			sujeito		
Livros	eram vendidos	por Gabriel.	**O trem**	era esperado	pelos passageiros.
	verbo na voz passiva			verbo na voz passiva	

OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo indireto.

O objeto indireto geralmente vem introduzido por uma preposição exigida pelo verbo. Do ponto de vista semântico, o objeto indireto indica o ser a que se destina ou se refere a ação expressa pelo verbo. Observe:

sujeito		o. i.	sujeito		o. i.
Gabriel	gosta (v. t. i.)	**de música.**	Melquíades	respondeu (v. t. i.)	**a todos os alunos.**

As preposições que introduzem o objeto indireto são vazias de conteúdo significativo, funcionando meramente como conectivos. São elas: **a**, **de**, **em**, **para**, **com**, **por**.

Assistir **a** filmes.	Gostar **de** frutas.	Confiar **em** amigos.
Escrever **para** o jornal.	Brincar **com** as crianças	Lutar **por** um ideal.

Há situações em que o verbo pode ter como complemento dois objetos indiretos. Nesses casos, os objetos indiretos serão regidos por preposições diferentes. Veja:

	o. i.	o. i.		o. i.	o. i.
Queixou-se (v. t. i.)	**ao médico**	**de fortes dores.**	Desculpou-se (v. t. i.)	**do atraso**	**ao público.**

Verbos com dois complementos

Há verbos que são transitivos diretos e indiretos; esses verbos pedem simultaneamente objeto direto e indireto:

	o. d.	o. i.
Oferecemos (v. t. d. i.)	uma medalha	ao primeiro colocado.
Entregaram (v. t. d. i.)	a declaração	ao cartório.

OBJETO CONSTITUÍDO POR UM PRONOME OBLÍQUO

Os pronomes oblíquos, quando funcionam como complementos verbais, podem assumir a função sintática de objeto direto ou objeto indireto.

Os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as** funcionam como **objeto direto**. Os pronomes **lhe**, **lhes** funcionam como **objeto indireto**.

Os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem assumir a função de **objeto direto** ou **objeto indireto**. Para analisá-los corretamente, basta atentar à predicação verbal, isto é, verificar se tais pronomes completam verbo transitivo direto ou verbo transitivo indireto:

	o. d.			o. i.	
O pai deixou- (v. t. d.)	**as**	em casa.	Pertencem- (v. t. i.)	**te**	todos os presentes.

	o. i.			o. d.	
A resposta interessava- (v. t. i.)	**lhe.**		Não	**me**	convidaram. (v. t. d.)

o. d.
Espero- **te** na estação.
v. t. d.

o. i.
Isto **me** convém.
v. t. i.

Como você pôde observar, quando o objeto indireto é representado por um pronome oblíquo átono, ele não virá precedido de preposição.

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Como vimos, o objeto direto é o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo direto sem ser introduzido por preposição obrigatória. Casos há, no entanto, em que o objeto direto **pode ou deve vir introduzido por preposição**. É importante notar que, no caso de o objeto direto vir introduzido por preposição, esta não é exigida pela regência do verbo. Lembre-se de que o objeto direto completa sempre o sentido de um verbo transitivo direto, enquanto o objeto indireto completa o sentido de um verbo transitivo indireto.

O objeto direto deverá ser preposicionado nos seguintes casos:

a) quando for o pronome relativo **quem** com antecedente explícito:

Era a mulher o. d. prep. **a quem** ele **amava**. (v. t. d.)

b) quando for representado por um pronome oblíquo tônico:

Nunca enganaram (v. t. d.) o. d. prep. **a ti**.

c) para evitar ambiguidade:

o. d. prep. **Ao dono** o cão nunca abandona. (v. t. d.)

Em certas construções enfáticas, o objeto direto **pode** aparecer preposicionado:

"A costureira **pegou** (v. t. d.) o. d. prep. **do pano**." (Machado de Assis)

Eles amam (v. t. d.) o. d. prep. **a Deus**.

"Como **beber** (v. t. d.) o. d. prep. **dessa bebida amarga**." (Gilberto Gil e Chico Buarque)

OBJETO DIRETO INTERNO (OU COGNATO)

Vimos que verbos intransitivos são aqueles que, por terem sentido completo, não reclamam um complemento (objeto). É comum, no entanto, o emprego desses verbos com um objeto, representado por um substantivo da mesma área semântica do verbo:

Dormi o **sono** dos justos.
Vivia uma **vida** de rei.
Combati o bom **combate**.

"Os **sonhos** mais lindos **sonhei** (...)"
(F. D. Marchetti, M. de Feraudy e Armando Louzada)

"**Sonhar**
Mais um **sonho** impossível (...)"
(J. Darion, M. Leigh e Chico Buarque)

"(...) E **rir** meu **riso** e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento." (Vinicius de Moraes)

OBJETO PLEONÁSTICO

Muitas vezes, por uma questão de ênfase, antecipamos o objeto, colocando-o no início da frase, e depois o repetimos através de um pronome oblíquo átono. A esse objeto repetido damos o nome de **objeto pleonástico** ou **enfático**:

o. d. — o. d. pleon.
"**Esses versos**, foi o Nicolau que **os** escreveu de próprio punho". (Leon Tolstoi)

o. i. — o. i. pleon.
"**Às suas violetas, na janela**, não **lhes** poupei água e elas murcham". (Dalton Trevisan)

Muitas vezes, o objeto pleonástico está repetindo a forma tônica do pronome oblíquo:

o. d. (tônico) — o.d. pleon. (átono)
A mim, ninguém **me** engana.

MORFOSSINTAXE DOS OBJETOS

Os objetos podem ser representados por:

a) **um substantivo:**

Pilar Ternera comprou (v. t. d.) **flores**. (o. d.)

Pilar Ternera gosta (v. t. i.) **de flores**. (núcleo: **flores**) (o. i.)

b) **um pronome substantivo:**

Nunca vi (v. t. d.) **aquilo**. (o. d.)

Eles confiam (v. t. i.) **em mim**. (núcleo: **mim**) (o. i.)

Convidei- (v. t. d.) **o** (o. d.) para viajar.

Este assunto não **lhe** (o. i.) interessa. (v. t. i.)

c) **um numeral substantivo:**

– Quantos filhos você tem?

– Tenho (v. t. d.) **dois**. (o. d.)

Isto interessa (v. t. i.) **a ambos**. (núcleo: **ambos**) (o. i.)

d) **uma palavra substantivada:**

Como resposta, ele recebeu (v. t. d.) **um sonoro "não"**. (núcleo: **não**) (o. d.)

Precisava (v. t. i.) **de um simples "defiro"** (o. i.) para poder tirar férias. (núcleo: **defiro**)

e) **uma oração subordinada:**

Espero (v. t. d.) **que você me auxilie**. (o. d.)

Necessito (v. t. i.) **de que você me auxilie**. (o. i.)

AGENTE DA PASSIVA

Agente da passiva é o termo da oração que se refere a um verbo na voz passiva, sempre introduzido por preposição.

Do ponto de vista semântico, indica o ser que executa a ação verbal sofrida pelo sujeito. Observe:

sujeito (paciente) — As terras — foram desapropriadas (verbo na voz passiva) — agente da passiva — **pelo governo**.

sujeito (paciente) — O castelo — estava cercado (verbo na voz passiva) — agente da passiva — **de inimigos**.

Se transpusermos para a voz ativa a oração em que aparece o agente da passiva, este assumirá a função sintática de sujeito. Veja:

sujeito — **O governo** desapropriou as terras.

sujeito — **Inimigos** cercavam o castelo.

O agente da passiva ocorre geralmente na voz passiva analítica (verbo auxiliar + particípio). Embora seja menos frequente, poderá também ocorrer na voz passiva sintética (verbo transitivo direto + pronome apassivador):

sujeito (paciente) — Este mar — se navega (verbo na passiva sintética) — agente da passiva — **de cruéis marinheiros**.

sujeito (paciente) — Esta classe — formou-se (verbo na passiva sintética) — agente da passiva — **de bons alunos**.

MORFOSSINTAXE DO AGENTE DA PASSIVA

O agente da passiva é um termo que mantém íntima relação com o sujeito de uma voz ativa. Por essa razão, o agente da passiva é representado por um substantivo ou por uma palavra ou oração com valor de substantivo:

A bola foi arremessada — agente da passiva — **pelo jogador**. (núcleo: **jogador**, substantivo)

A bola foi arremessada — agente da passiva — **por ele**. (núcleo: **ele**, pronome substantivo)

O trabalho foi feito — agente da passiva — **pelos dois**. (núcleo: **dois**, numeral substantivo)

O menino foi socorrido — agente da passiva — **por quem passava por perto**. (oração subordinada substantiva)

COMPLEMENTO NOMINAL

Complemento nominal é o termo da oração que se liga a um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio), sempre por meio de preposição, com a função de completar o sentido desse nome.

Do ponto de vista semântico, o complemento nominal representa o destinatário da ação expressa por um nome. Veja:

O povo tinha — necessidade (nome (subst.)) — compl. nominal — **de alimentos**.

Agiu — contrariamente (nome (adv.)) — compl. nominal — **ao esperado**.

Este remédio é — prejudicial (nome (adj.)) — compl. nominal — **ao organismo**.

Os nomes que exigem complemento nominal, em geral, correspondem a verbos transitivos que possuem mesmo radical. Observe alguns exemplos:

nome	complemento nominal	verbo	objeto
amor	aos filhos	amar	os filhos
respeito	aos pais	respeitar	os pais
combate	às chamas	combater	as chamas
recordação	da cena	recordar	a cena
confiança	na justiça	confiar	na justiça
queima	de estoque	queimar	o estoque
leitura	do texto	ler	o texto

Sugerimos uma consulta ao capítulo 19, página 295, no qual apresentamos, sob o título "Regência de alguns nomes", uma relação de palavras que exigem complemento nominal.

MORFOSSINTAXE DO COMPLEMENTO NOMINAL

O complemento nominal tem função substantiva, ou seja, será representado por um substantivo ou palavra ou oração com valor de substantivo:

compl. nominal
A obediência **ao regulamento** é necessária. (núcleo: **regulamento**, substantivo)

compl. nominal
A necessidade **dela** era a mesma dos outros. (núcleo: **ela**, pronome substantivo)

compl. nominal
A confiança **nos três** é fundamental para o sucesso. (núcleo: **três**, numeral substantivo)

compl. nominal
Tinha necessidade **de que o ajudassem**. (oração subordinada substantiva)

O complemento nominal também pode ser representado por um pronome oblíquo átono. Nesse caso, não virá precedido de preposição:

compl. nominal
Caminhar a pé **lhe** era saudável. (saudável **a ele**)

compl. nominal
Aquele remédio **nos** era prejudicial. (prejudicial **a nós**)

compl. nominal
A sorte **lhe** foi favorável. (favorável **a ele**)

A gramática no dia a dia

AGENTE DA PASSIVA: TERMO INTEGRANTE DE FATO?

Embora a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) classifique o agente da passiva como termo integrante da oração, entendemos que, na verdade, ele não o é, pois não complementa o sentido do verbo. Basta observar que, na linguagem do dia a dia, grande parte das orações passivas (sobretudo as sintéticas) não apresenta o agente da passiva. Veja:

Vendem-se casas.
Alugam-se apartamentos.
Plastificam-se documentos.
As urnas da eleição já foram lacradas.
Mais uma vez, a Seleção Brasileira foi elogiada.

Nos exemplos anteriores não se explicita **quem vende** as casas, **quem aluga** os apartamentos, **quem plastifica** os documentos, **quem lacrou** as urnas e **quem elogiou** a Seleção Brasileira, ou seja, não se informa quem é o agente da passiva.

VOZ PASSIVA E VOZ ATIVA: ÊNFASE SOBRE ELEMENTOS DIFERENTES

Vimos que, dependendo da relação estabelecida entre o sujeito e o verbo, a oração poderá estar na voz ativa ou na voz passiva.

A opção por uma construção passiva ou ativa está relacionada ao destaque que se queira dar a um destes elementos da frase: o agente, o paciente ou a própria ação verbal. Observe:

Os torcedores comemoraram a conquista do título.

A conquista do título foi comemorada pelos torcedores.

No primeiro exemplo, a construção de voz ativa dá maior relevância aos agentes da comemoração (os torcedores, aqueles que comemoraram), que na frase funcionam como sujeito.

Já no segundo exemplo, optando-se pela construção passiva, a relevância é dada ao objeto da comemoração (a conquista do título, aquilo que foi comemorado), que na frase funciona como sujeito.

Quando se opta pela voz passiva sintética (verbo transitivo + pronome apassivador **se**), a relevância recai sobre a própria ação verbal, como nos exemplos abaixo:

Procura-se cachorro desaparecido.

Afinam-se pianos.

Premiaram-se os vencedores.

Atividades

Texto para as atividades de 1 a 4.

"Não é para nós que o leite da vaca brota, mas nós o bebemos. A flor não foi feita para ser olhada por nós nem para que sintamos seu cheiro, e nós a olhamos e cheiramos."

(LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 150.)

1. Indique o sujeito das seguintes formas verbais:
   a) brota
   b) bebemos
   c) foi feita
   d) sintamos

2. Diga que nome é substituído pelos pronomes oblíquos destacados nas frases a seguir e que função sintática eles desempenham na oração de que fazem parte.
   a) "[...] mas nós **o** bebemos."
   b) "[...] e nós **a** olhamos [...]"

3. Qual é o termo que exerce a função sintática de agente da passiva?

4. Em outro trecho do mesmo livro, Clarice Lispector diz:
   "O leite da vaca, nós o bebemos. E se a vaca não deixa, usamos de violência."
   a) O verbo **beber** é transitivo direto (quem bebe, bebe algo). No trecho, qual é o complemento de beber?
   b) O verbo **deixar** geralmente é empregado com complemento. No texto, esse complemento não vem expresso, mas é possível identificá-lo. Levando em conta o contexto, qual é o complemento do verbo **deixar**?
   c) Em que sentido foi empregado o verbo **usar** no texto? Classifique esse verbo quanto à predicação.

5. Nos textos a seguir, dê a função sintática dos termos em destaque.
   a) "O uso **de drogas** para melhorar **a *performance* dos atletas olímpicos** não é **novidade**. O vencedor **da maratona dos Jogos de 1904**, o americano Thomas Hicks, tomou inúmeras doses de estricnina e conhaque durante os 42 quilômetros da corrida. Às vésperas da prova de 100 metros nas Olimpíadas de 1920, **o treinador da delegação dos Estados Unidos** ofereceu **a seus pupilos uma mistura de xerez com gemas de ovos**. Era o fim dos tempos românticos em que se tratava **o *doping*** com a mesma benevolência destinada aos escritores que mergulharam em absinto nos loucos anos 20 em Paris."
   (Fascículo integrante da revista *Época*, 7 ago. 2000, p. 5.)
   b) "Tinha muito medo **da morte** repentina e pra se livrar dela, fazia as nove primeiras sextas-feiras, emendadas. **De defunto** não tinha medo, só **de gente viva**, conforme dizia. Agora, **da perdição eterna**, tinha horror, pra ela e pros outros."
   (PRADO, Adélia. Sem enfeite nenhum. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 349.)

c) "**Os valorosos troianos**, Heitor não deixou que repensassem." (Homero)

6. "Você já mostrou muita nota vermelha para seu pai. Para variar, mostre uma nota preta." (Anúncio publicitário)

a) Da primeira oração, aponte e classifique o sujeito, o predicado e os complementos verbais.

b) Qual o sentido das expressões "nota vermelha" e "nota preta"?

7. Dê a função sintática das palavras em destaque.

Este cartão de crédito é **importante** para você, pois **lhe** dá **acesso às coisas** de que você gosta. Com ele, **você** vive e usufrui os prazeres da vida.

8. Transforme os verbos transitivos em nomes regidos de complemento nominal. Veja o exemplo:

criticar os colegas → crítica aos colegas

a) necessitar de carinho

b) sequestrar o empresário

c) confiar no colega

d) obedecer ao regulamento

e) combater a fome

9. Complete o sentido dos nomes destacados por meio de um complemento nominal.

a) A pressa é **inimiga** *.

b) **Depois** * vem a bonança.

c) Gato escaldado tem **medo** *.

d) Esse lugar está **cheio** *.

e) O atraso causou a **perda** *.

f) A **consulta** * permite saber o sentido das palavras.

g) A **descoberta** * trouxe riqueza àquela cidade.

h) Como estava chovendo, eles ficaram **dentro** *.

i) Eles procederam à **limpeza** *.

j) O **acesso** * foi interditado.

k) Ele vivia **descontente** *.

l) Era um filme **impróprio** *.

m) Ele tinha **horror** *.

10. Nas frases a seguir, destaque e classifique os complementos verbais.

a) "Interrompia a lição com piadinhas." (Clarice Lispector)

b) "Seis semanas depois, uniram eles seus destinos." (Machado de Assis)

c) "Os antigos foram estudar a geologia dos campos santos." (Machado de Assis)

d) Estudamos a lição para a prova.

e) "Levava um canivete no cinto." (Assis Valente)

f) Ele não concorda com você.

g) Gosto do esquadrão canarinho.

h) O jovem deu um presente para a namorada.

i) Ele fez o exercício com calma.

j) Necessitava de medicamentos importados.

11. Marque:

A para objeto direto;

B para objeto indireto;

C para objeto direto preposicionado.

a) Duvido **destas coisas**.

b) Conheço **estas coisas**.

c) Gostou **do vinho** que lhe ofereceram.

d) Bebeu **do vinho** que lhe ofereceram.

e) O fato interessa **a eles**.

f) Devemos amar **a eles** como a nós próprios.

g) Ninguém temia **ao tirano ditador**.

h) Os inimigos cumpriram **com a palavra**.

i) O policial sacou **do revólver** para enfrentar o perigoso bandido.

j) Faltava **de tudo** naquela casa.

k) "**Desta água** não beberei, **deste pão** não comerei."

12. Analise o pronome oblíquo e marque:

A para objeto direto;

B para objeto indireto.

a) Emprestei-lhe o dinheiro.

b) Espero-o na estação.

c) Isto nos pertence.

d) Aquilo não me convinha.

e) Entregaram-te o livro.

f) Desejo-te uma boa viagem.

g) Sua opinião não me importava.

h) Nada nos incomoda.

i) Não me deixe só!

j) O campeão de boxe dá-se muita importância.

k) Alguém te deu o recado?

13. As frases a seguir estão na voz ativa. Passe-as para a voz passiva e destaque o agente da passiva.

a) Lino ensinava música ao garoto.

b) Anfitrião mandou Héracles para o campo.

c) O funcionário recuperou todos os objetos perdidos.

d) Fiz todo o trabalho sem ajuda de ninguém.

e) Uma luz fraca ilumina os quadros em exposição.

f) O aluno resolveu todas as questões da prova.

g) A polícia prendeu os assaltantes.

14. Nas frases seguintes, aponte o complemento nominal.

a) Sempre foi insensível à dor.

b) Comportou-se favoravelmente ao adversário.

c) Tinha uma grande necessidade de férias.
d) Sempre teve medo da morte.
e) Simone tinha uma enorme aversão a baratas.
f) Moro perto do colégio.

15. Dê a função sintática dos termos destacados de acordo com o seguinte código:

A objeto direto;
B objeto indireto;
C complemento nominal;
D agente da passiva.

a) A crença **em dias melhores** animava-os.
b) Ninguém acredita **em você**.
c) Tenho predileção **por morangos**.
d) Todos os exercícios foram resolvidos **pelos alunos**.
e) O professor indicou **um novo livro**.
f) Ontem me esqueci **dos documentos**.

16. Dê a função sintática das palavras em destaque.

a) Ele agradeceu **aos companheiros** – estava, realmente, agradecido **a eles** – pela rejeição **ao projeto**.
b) A recordação **da cena** persegue-**me** até hoje.

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

O assassino era o escriba

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.
Um pleonasmo, o principal predicado de sua vida,
regular como um paradigma da 1.ª conjugação.
Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,
ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito
assindético de nos torturar com um aposto.
Casou com uma regência.
Foi infeliz.
Era possessivo como um pronome.
E ela era bitransitiva.
Tentou ir para os EUA.
Não deu.
Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.
A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,
conectivos e agentes da passiva, o tempo todo.
Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.

(LEMINSKI, Paulo. *Caprichos e relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 24.)

1. Qual é o sentido da palavra **predicado** no verso "Um pleonasmo, o principal predicado da sua vida"?

2. No verso em que aparece a expressão "sujeito inexistente" qual é o sujeito?

3. O autor afirma que o professor "era o tipo do sujeito inexistente". Qual característica do personagem está sendo revelada?

4. No verso "E ela era bitransitiva", qual característica da mulher do professor está sendo revelada?

5. Na frase "Acharam um artigo indefinido em sua bagagem":
a) qual é o sujeito?
b) qual é a função sintática de "um artigo indefinido"?
c) que tipo de predicado ocorre?
d) em que voz verbal se encontra essa oração?

6. Na frase "Foi infeliz":
a) qual é o sujeito?
b) que tipo de predicado ocorre?
c) qual é a função sintática do termo **infeliz**?

CAPÍTULO 14 Termos acessórios da oração e vocativo

Termos acessórios são aqueles cuja função na oração é acrescentar informações secundárias.

São normalmente utlizados para determinar e carcterizar os nomes ou exprimir circunstâncias do processo verbal.

São três os termos acessórios da oração:

- adjunto adnominal;
- adjunto adverbial;
- aposto.

ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo da oração que sempre se refere a um substantivo que funciona como núcleo de um termo, a fim de determiná-lo, indeterminá-lo ou caracterizá-lo.

Veja:

adj. adn.	adj. adn.	adj. adn.			adj. adn.		adj. adn.
Os	**dois**	**primeiros**	colocados	disputarão	**a**	medalha	**de ouro**.
			subst. (núcleo do sujeito)			subst. (núcleo do objeto direto)	

Entre o adjunto adnominal e o substantivo a que ele se refere não ocorre outro termo da oração, exceto outro(s) adjunto(s) adnominal(is). Compare:

Os alunos **inquietos** saíram.

Os alunos saíram **inquietos**.

Na primeira frase, **inquietos** é adjunto adnominal, pois caracteriza o substantivo **alunos** sem mediação de outro termo. Na segunda, **inquietos** é predicativo do sujeito, pois caracteriza o substantivo **aluno** (núcleo do sujeito) por meio de um verbo.

DIFERENÇA ENTRE ADJUNTO ADNOMINAL E COMPLEMENTO NOMINAL

Em alguns casos, quando o adjunto adnominal vem introduzido por preposição, pode ser confundido com o complemento nominal. Para que não haja equívocos, observe o seguinte:

1. Se o termo introduzido por preposição estiver ligado a adjetivo ou advérbio, será – sem dúvida alguma – complemento nominal, pois, como vimos, o adjunto adnominal refere-se sempre a um substantivo:

Era *favorável* (adjetivo) **ao divórcio**. (compl. nominal) — Depôs *favoravelmente* (advérbio) **ao réu**. (compl. nominal)

2. Se o termo introduzido por preposição estiver ligado a substantivo, será:

a) adjunto adnominal, se tiver sentido ativo:

A resposta **do aluno** (adj. adn.) foi satisfatória.
(O aluno deu a resposta: sentido ativo.)

b) complemento nominal, se tiver sentido passivo:

A resposta **ao aluno** (compl. nominal) foi satisfatória.
(O aluno recebeu a resposta: sentido passivo.)

As reclamações **do técnico** (adj. adn.) **aos jogadores** (compl. nominal) tinham fundamento.
(O técnico fez as reclamações: sentido ativo; os jogadores receberam as reclamações: sentido passivo.)

DIFERENÇA ENTRE ADJUNTO ADNOMINAL E PREDICATIVO

O adjunto adnominal refere-se a um nome sem mediação de verbo; o predicativo sempre está relacionado a um nome por meio de verbo (de ligação ou não). O adjunto adnominal, ao contrário do predicativo, não é um termo autônomo, isto é, o adjunto adnominal não existe por si só, ele é sempre parte de um outro termo. Observe:

O elegante Pedro compareceu ao casamento.

Nessa oração, o adjetivo **elegante** exerce a função sintática de adjunto adnominal, pois se liga ao nome (**Pedro**) sem mediação de verbo, e faz parte do sujeito: Ele [o elegante Pedro] compareceu ao casamento.

Pedro compareceu ao casamento elegante.

Nessa oração, o adjetivo **elegante** exerce a função sintática de predicativo do sujeito, pois se liga ao nome **Pedro**, que funciona como sujeito, por meio de verbo.

Todos cumprimentaram o elegante Pedro.

Nessa oração, o adjetivo **elegante** funciona como adjunto adnominal, já que se liga ao nome Pedro, sem mediação de verbo, e faz parte do objeto direto **o elegante Pedro**.

Todos consideram Pedro elegante.

Nessa oração, **elegante** é predicativo do objeto, pois se liga ao nome por meio de verbo (**consideram**), e não faz parte do objeto: Todos o consideram elegante.

Veja outros exemplos:

A aluna inquieta saiu da sala. (adjunto adnominal: Ela saiu da sala)
A aluna saiu da sala inquieta. (predicativo do sujeito: Ela saiu da sala inquieta)
O barulho deixou a aluna inquieta. (predicativo do objeto: O barulho deixou-a inquieta)

MORFOSSINTAXE DO ADJUNTO ADNOMINAL

O adjunto adnominal pode ser representado por:

a) **artigo:**
O menino chegou.

b) **numeral adjetivo:**
Dois meninos chegaram.

c) **pronome adjetivo:**
Aqueles meninos chegaram.

d) **pronome pessoal oblíquo** (equivalendo a pronome possessivo):

Roubaram- **me** (adj. adn.) os documentos. (= Roubaram os **meus** documentos.)

Nem **te** (adj. adn.) reconheci a voz. (Nem reconheci a **tua** voz.)

e) **adjetivo:**

Meninos **tristes** chegaram.

f) **locução adjetiva:**

Meninos **do interior** chegaram.

g) **oração subordinada:**

O homem **que trabalha** progride.

No último exemplo, a oração "que trabalha" equivale ao adjetivo "trabalhador". A oração que exerce a função de adjunto adnominal recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**. O estudo desse tipo de oração será feito no capítulo 16.

ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo da oração que se liga a um verbo, com ou sem preposição, a fim de indicar uma circunstância qualquer.

Observe:

O inverno chegou (verbo) **cedo.** (adj. adv.)

Os viajantes chegaram (verbo) **a São Paulo.** (adj. adv.)

Os estudantes leram (verbo) o livro **na biblioteca.** (adj. adv.)

O adjunto adverbial pode também estar ligado a adjetivos ou advérbios, para lhes intensificar o sentido:

Flávia é **muito** (adj. adv.) estudiosa. (adjetivo)

Aristides fala **muito** (adj. adv.) bem. (advérbio)

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJUNTOS ADVERBIAIS

Embora a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não apresente uma classificação dos adjuntos adverbiais, é comum classificá-los de acordo com as inúmeras circunstâncias que expressam. Vejamos as mais comuns:

a) **lugar:** Moro **em São Paulo**.
b) **tempo:** Cheguei **cedo**.
c) **modo:** Falava **bem**.
d) **instrumento:** Cortou-se **com a faca**.
e) **intensidade:** Falavam **muito**.
f) **meio:** Ele veio **de ônibus**.
g) **assunto:** Falavam **sobre política**.
h) **causa:** Melhorou **com o remédio**.
i) **finalidade:** Estudou **para a prova**.
j) **condição:** Nada se consegue **sem muito trabalho**.
k) **concessão:** Nada conseguiu **apesar de tanto esforço**.
l) **companhia:** Saiu **com os amigos**.
m) **negação:** Ele **nunca** viaja nas férias.
n) **afirmação:** O juiz **certamente** condenará o réu.
o) **dúvida: Talvez** ele se candidate ao cargo de governador.
p) **conformidade:** Dança **conforme a música**.
q) **exclusão:** Todos saíram, **menos ele**.

Ao contrário do que ocorre com o objeto indireto, a preposição que introduz os adjuntos adverbiais tem sempre valor significativo.

MORFOSSINTAXE DO ADJUNTO ADVERBIAL

O adjunto adverbial será representado por um advérbio, por uma locução ou expressão adverbial. Também pode ser expresso por uma oração, que receberá o nome de **oração subordinada adverbial**.

Veja:

Cheguei [or. sub. adverbial] **quando eram 10 horas**.

APOSTO

Aposto é o termo da oração colocado junto a um nome (ou pronome) que o antecede, com a função de explicar, especificar, enumerar, resumir esse nome.

Entre o aposto e o nome a que ele se refere normalmente há uma pausa, marcada na escrita por sinal de pontuação.

No exemplo a seguir, a função do aposto é explicar (**aposto explicativo**):

Lúcia, (nome) [aposto] **aluna do nono ano**, foi bem na prova.

No próximo caso, a função do aposto é enumerar (**aposto enumerativo**):

Na despensa havia os seguintes produtos: (nome) [aposto] **açúcar, café, sal, macarrão e óleo**.

Com a função de resumir (**aposto resumitivo** ou **recapitulativo**), temos o seguinte exemplo de aposto:

Eletrodomésticos, joias, dinheiro, documentos, (nomes) [aposto] **tudo** foi roubado.

Quando a função do aposto é especificar, normalmente não há pausa e, consequentemente, não há sinal de pontuação entre ele e o nome especificado. A esse tipo de aposto dá-se o nome de **aposto especificativo**:

A cidade (nome) [aposto] **de São Paulo** apresenta altos índices de poluição ambiental.

Compraram os presentes na rua (nome) [aposto] **Direita**.

Compraram salsicha (nome) [aposto] **Sadia** e margarina (nome) [aposto] **Doriana**.

No mês (nome) [aposto] **de julho** viajarão para a Europa.

Observe que o aposto especificativo é representado por um nome próprio que determina um nome comum.

O aposto estabelece com o nome a que se refere uma relação de equivalência. É possível ocorrer até mesmo um aposto de outro aposto. Veja:

"Eu, por exemplo, o capitão do mato **Vinicius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil**..." (Vinicius de Moraes)

Geralmente, o aposto vem posposto ao nome a que se refere. Nada impede, no entanto, que ele o anteceda. Observe:

"**Uma das hortaliças mais cultivadas no mundo**, o tomate dá em uma planta herbácea e com caule flexível que, por isso mesmo, não aguenta o peso dos frutos em posição vertical." (*Galileu*, n. 138, jan. 2003, p. 15.)

"**Uma das mais belas regiões da França**, Rhône-Alpes reúne em toda sua extensão encantadoras cidades e vilas." (*O Estado de S. Paulo*, 28 jan. 2003, p. V4.)

Estado preferido pelos turistas argentinos, Santa Catarina possui praias para todos os gostos.

Há casos em que o aposto se refere a uma oração inteira:

As chuvas foram intensas durante todo o dia, **razão de vários pontos de alagamento**.

MORFOSSINTAXE DO APOSTO

O aposto tem função substantiva na oração, o que significa que seu núcleo será representado por um **substantivo** ou por uma **palavra com valor de substantivo**:

O Brasil, [maior **país** da América do Sul], apresenta inúmeros contrastes.
(aposto; núcleo: substantivo)

Algumas pessoas, [**idosos e gestantes**], têm atendimento prioritário.
(aposto; núcleos: palavras com valor de substantivo)

O aposto pode também ser representado por uma oração subordinada, que receberá o nome de **oração subordinada substantiva apositiva**:

Desejamos apenas isto: [**que o novo milênio traga a paz**].
(or. sub. subs. apositiva)

Queremos somente uma coisa: [**encerrar o ano com saúde**].
(or. sub. subs. apositiva)

VOCATIVO

Vocativo é o termo da oração cuja função é a de chamar ou interpelar um interlocutor, real ou imaginário.

O vocativo é um termo independente dentro da oração. Não faz parte nem do sujeito, nem do predicado; por isso, não pertence a nenhum dos grandes grupos de termos da oração (termos essenciais, termos integrantes e termos acessórios). Na escrita, deve vir sempre separado por sinal de pontuação (vírgula ou ponto de exclamação) e, quando se quer enfatizá-lo, costuma-se precedê-lo por interjeição de chamamento. Quanto à posição, o vocativo pode vir no início, no meio ou no final da frase:

"[**Xará**], um rio pode ser o riso líquido das crianças ou as lágrimas secas dos velhos." (Lourenço Diaféria)
(vocativo)

"– Muito bom dia, [**senhora**], que nesta janela está (...)" (João Cabral de Melo Neto)
(vocativo)

"Gosto muito de você, [**leãozinho**]." (Caetano Veloso)
(vocativo)

MORFOSSINTAXE DO VOCATIVO

Como se refere a um ser, o vocativo é representado por um substantivo ou pronome substantivo. Veja:

Gabriela, feche todas as janelas que está começando a chover.

"Como é agradável e espantosa a sua história, **maninha**." (*Livro das mil e uma noites*)

Você, não fique aí parado, volte imediatamente para o seu lugar.

Meninos, eu vi.

A gramática no dia a dia

Como vimos, as preposições que introduzem os adjuntos adverbiais, ao contrário das que introduzem os complementos verbais, têm valor significativo. Dessa forma, uma mesma circunstância pode assumir diferentes matizes, dependendo da preposição que se utilize para introduzir o adjunto adverbial. Observe:

Chegamos cedo **a Aracaju**. (O adjunto adverbial exprime lugar: aonde.)

Chegamos cedo **de Aracaju**. (O adjunto adverbial exprime lugar: donde.)

Estive **em Aracaju**. (O adjunto adverbial exprime lugar: onde.)

Levaram os filhos **para Aracaju**. (O adjunto adverbial exprime lugar: para onde.)

No verão, ele andou **por Aracaju**. (O adjunto adverbial exprime lugar: por onde.)

Indo para Salvador, o avião passou **sobre Aracaju**. (O adjunto adverbial exprime lugar: sobre onde.)

Atividades

1. Leia o texto abaixo para responder às questões que o seguem.

Polícia encontra livro roubado de Borges

A Polícia Federal da Argentina encontrou um exemplar da primeira edição de um livro de poemas de Jorge Luis Borges publicado em 1925 e que havia sido roubado. A obra está avaliada em US$ 10 mil, e estava em uma barraca numa feira de livros de Buenos Aires, segundo informações do jornal *Clarin*. O exemplar de *Luna de Enfrente* pertencia ao colecionador Horacio Porcel e foi roubada [*sic*] dele há menos de um ano. O livro traz uma dedicatória de Borges ao escritor argentino Ricardo Guiraldes.

(*Folha de S.Paulo*, 20 set. 2004, p. E8.)

a) Da forma como está redigido, o título da matéria é ambíguo. Explique quais são as duas leituras possíveis.

b) Reescreva o título a fim de que ele expresse sem ambiguidades a informação constante na notícia.

2. Observe as frases a seguir:

I. A compra do livro foi feita **pela internet**.

II. A compra do livro foi feita **pela própria aluna**.

Agora responda: qual é a função que exerce os termos em destaque?

3. Sobre o período a seguir, indique qual das alternativas não é verdadeira.

Lúcia e Paloma, minhas amigas, estudam Psicologia.

a) **minhas amigas** pode estar exercendo a função de vocativo.

b) **minhas amigas** pode estar exercendo a função de aposto.

c) Se tirarmos a segunda vírgula, **minhas amigas** exerce a função de sujeito.

d) Se tirarmos a segunda vírgula, **Lúcia e Paloma** exerce a função de vocativo.

e) Se tirarmos a segunda vírgula, **minhas amigas** exerce a função de vocativo.

4. Na frase a seguir, a posição do adjunto adverbial possibilita duas leituras. Quais são elas? Explique a razão dessas duas possibilidades.

O livro é entregue gratuitamente aos professores cadastrados no início do ano letivo.

5. Leia: "A indicação do diretor agradou a todos os acionistas". Fora de contexto, essa frase comporta duas interpretações. Quais?

6. Explique a diferença de sentido entre as frases a seguir:
   a) O professor disse à noite que não gosta de dirigir.
   b) O professor disse que à noite não gosta de dirigir.

7. Das orações que seguem, destaque os apostos.
   a) Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope, sempre acreditou que seu pai estava vivo.
   b) Menelau, marido de Helena, era irmão de Agamenon.
   c) A história de Simbad, o marujo, é contada em *As mil e uma noites*.
   d) Segundo a lenda, o Minotauro, um ente mitológico com corpo de homem e cabeça de touro, vivia em Creta, uma das ilhas da Grécia.
   e) Hades, filho de Crono e Reia, vive nos infernos e reina sobre os mortos.
   f) Heitor, um valente guerreiro troiano, foi morto por Aquiles.
   g) As previsões foram feitas por uma pitonisa em quem ninguém acreditava: Cassandra.

8. Amplie as orações a seguir substituindo o asterisco por adjuntos adnominais do nome em destaque. Observe que os adjuntos adnominais devem ser da classe gramatical indicada entre parênteses.
   a) O menino aceitou * desafio. (pronome substantivo)
   b) A corrida aconteceu numa tarde *. (locução adjetiva)
   c) Eles caminhavam por uma estrada *. (adjetivo)
   d) Na corrida entre os animais, o sapo foi o * colocado. (numeral)
   e) O sapo foi desafiado por * coelho para disputar * corrida. (artigo indefinido)
   f) Ao escovar os dentes, costumava fazer uso de cremes *. (adjetivo)
   g) Consulte * dentista regularmente. (pronome substantivo)
   h) Escovar os dentes ajuda a eliminar * placa *. (artigo; adjetivo)
   i) Na floresta havia animais *. (adjetivo)
   j) Nas fábulas há animais *. (oração)
   k) Os gritos * assustaram o menino. (locução adjetiva)
   l) O consulado visou o passaporte *. (adjetivo)
   m) Eles entraram em uma rua *. (locução adjetiva)
   n) O trabalho foi feito por * operários *. (numeral; adjetivo)

9. Certa vez um jornal de grande circulação trazia a seguinte notícia: "A filha de um engenheiro de dezessete anos foi libertada do cativeiro". Da forma como está redigida, a frase pode admitir dupla leitura. No entanto, nosso conhecimento de mundo nos leva a dar um sentido apenas ao enunciado. Quais são os dois sentidos? Qual deles, no entanto, deve ser processado como coerente? Justifique.

10. Nos textos a seguir, dê a função sintática dos termos destacados.
   a) "O alarme se fez **na vila**. Para uns, **os mais adiantados**, era um fabricante **de moeda falsa**; para outros, **os crentes e simples**, um tipo que tinha parte com o tinhoso." (Lima Barreto)
   b) "Nunca foram **claras as razões** que conduzem **as pessoas** ao ar rarefeito das altas montanhas, ao topo do mundo. Quem quiser entender o sentido **dessa busca obsessiva** encontrará **boas** pistas na personalidade **tempestuosa** do austríaco Reinhold Messner, **escalador nascido em 1944 na região do Tirol**."
   (*Os caminhos da Terra*, 5 maio 2000, p. 98.)
   c) "Homens **calvos** podem ter uma tendência maior a desenvolver problemas **cardíacos**. **Durante onze anos**, a saúde de 22 000 médicos americanos foi acompanhada **pela Associação Médica Americana**. Os que ficaram **carecas** – cerca de 14 000 – apresentaram um índice 36% maior de pressão alta e níveis elevados de colesterol do que aqueles que mantiveram **os cabelos**. Acredita-se que o excesso de testosterona, **hormônio culpado pela perda dos pelos**, também afeta **o coração**."
   (*Superinteressante*, fev. 2000, p. 16.)
   d) As águas do lago mais alto do mundo, **o Titicaca**, abrigam uma das principais atrações da cidade peruana de Puno: **as chamadas ilhas flutuantes**.
   (*Galileu*, n. 138, jan. 2003, p. 27.)

11. Certa vez, o jornal *Folha de S.Paulo* publicou a seguinte manchete: "NY vê as primeiras fotos de Marilyn Monroe". Sobre essa frase, pergunta-se:
   a) É ambígua? Por quê?
   b) Qual a função sintática de **de Marilyn Monroe**?

12. Observe os termos destacados nas frases a seguir e marque:
   A para aposto;
   B para adjunto adnominal.
   a) Gostava de comer sanduíche de presunto **magro**.
   b) Entre diversas marcas, preferia o presunto **Perdigão**.
   c) Só bebia guaraná ***diet***.
   d) Preferia guaraná **Antarctica**.
   e) Comprou duas caixas de sabão **Omo**.
   f) Para lavar as roupas só usava sabão **em pó**.

13. Reescreva as frases a seguir, eliminando os termos que funcionam como aposto e vocativo.
   a) "Meu antigo patrão, Salustiano Padilha, que tinha levado uma vida de economias indecentes, para fazer o filho doutor, acabara morrendo do estômago e de fome sem ver na família o título que ambicionava."
   (Graciliano Ramos)
   b) Meus amigos, João das Neves, o responsável pela obra, tomará a palavra para explicar-lhes, com detalhes, sua estrutura.
   c) Meus senhores, a enorme expansão demográfica surge a mim, etnólogo, como um fenômeno capital.
   d) A palestra, meus colegas, será proferida amanhã, sábado, pelo professor, um especialista no assunto.

14. Nas frases a seguir, dê a função sintática dos termos em destaque.
   a) A geladeira está **sempre** cheia.
   b) **Naquele lugar**, não se falava de outra coisa.
   c) A intervenção **do Estado** na economia sempre traz resultados negativos.
   d) "Mamãe morreu **de acidente de carro**, há um ano e meio." (Alair Alves de Carvalho)

e) José de Alencar, **romancista brasileiro**, nasceu no Ceará.
f) **Várias** pessoas viram o terrível acidente.
g) Não conseguiram salvar o **pobre** rapaz.
h) Resolveram o problema **com calma**.

15. Dê a função sintática dos termos destacados.

a) "Posso garantir-**lhe** que é homem **sério**, **rico** e muito **discreto**." (Lima Barreto)
b) "**Durante o jantar** Azevedo Gondim referiu o motivo de **sua** visita: tinha-se descoberto **o paradeiro da velha Margarida**." (Graciliano Ramos)
c) "Os Maias eram uma **antiga** família da Beira, sempre **pouco** numerosa, sem linhas **colaterais**, sem parentelas – e agora reduzida **a dois varões**: o senhor da casa, **Afonso da Maia**, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos, que estudava **medicina**." (Eça de Queirós)
d) "A **primeira** filha de Dona Manuela morreu **aos quatro meses**, **duma gastroenterite**, que zombou tanto da homeopatia e alopatia dos médicos, como do empirismo **solícito** das vizinhas." (Marques Rebelo)

16. Dê a função sintática dos termos destacados em: "Até quem sabe a voz **do dono** gostava do dono **da voz**". (Chico Buarque)

17. Reescreva as orações, eliminando todos os adjuntos adnominais.

a) Seus cabelos pareciam um capacete negro.
b) A nossa escola funcionava num sobradinho amarelo de madeira.
c) O novo romance policial americano venderá bastante.
d) O grupo de *rock* reuniu muitas pessoas.

18. Identifique a alternativa **incorreta**.

a) O advérbio exerce função de adjunto adverbial.
b) O adjunto adverbial indica uma circunstância do verbo.
c) A locução adverbial também exerce a função de adjunto adverbial.
d) Os adjuntos adnominais têm a mesma função dos adjuntos adverbiais.
e) Adjetivos, artigos, numerais e pronomes adjetivos podem exercer a função de adjunto adnominal.

19. Das orações que seguem, destaque os adjuntos adverbiais.

a) O cão desapareceu na planície vazia.
b) Levava um canivete no cinto.
c) Ele chegou ontem a Brasília.
d) Eles vinham de longe ofegantes.
e) Não conseguiram resolver com precisão os diversos problemas.
f) Eles sempre se comportam mal na sala de espera.
g) Resolveram os problemas com coragem.
h) Naquele lugar, não se falava muito alto.
i) Fora de casa, sempre se comportavam muito bem.

20. Nas orações que seguem, identifique os vocativos.

a) Fala, Mangueira!
b) Que é isso, companheiro?
c) "Já meditaste no destino do nariz, amado leitor?" (Machado de Assis)
d) "Dona Glória, a senhora ainda persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?" (Machado de Assis)
e) "Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa / uma boa média que não seja requentada." (Noel Rosa)
f) Mantenha a cabeça no lugar, rapaz.
g) Amigo, por favor, pegue esta carta.
h) Fique quieto, menino!
i) Ó estrelas, inspirem este poeta.

21. Indique as circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais.

a) Expulso a senhora da sala.
b) Ele fez o exercício com calma.
c) Viajou com os amigos.
d) Naquele recinto era proibido falar acerca do desemprego.
e) O aluno preparou-se para o exame.
f) Escreveu a carta com uma caneta-tinteiro.
g) O poço secou com o calor.
h) Ele chegou para uma definição geral.
i) Ele veio de trem.
j) Você efetivamente entendeu o que estou falando.

22. Marque:

A para adjunto adnominal;
B para complemento nominal.

a) A intervenção **do diretor** serenou os ânimos.
b) A compra **do artilheiro** foi comemorada pela torcida.
c) A alegria **dos torcedores** animava os jogadores.
d) O fumo é prejudicial **à saúde**.
e) A resolução **do exercício** estava correta.
f) A construção **do prédio** foi demorada.
g) A construção **do engenheiro** foi elogiada.
h) Todos tinham medo **do professor**.
i) O medo **da criança** preocupava a mãe.

23. Identifique os apostos e os vocativos nas frases seguintes.

a) Olhe, Simone – disse-lhe Nelmara, sua melhor amiga –, não se esqueça de trazer os livros.
b) Eu, minhas senhoras, não quero mais me preocupar com isso.
c) Antônia, a esposa do farmacêutico, espera seu quarto filho.
d) O Rio Tejo nasce na Espanha.
e) Alunos, sejam obedientes.
f) Se pudesse, senhor diretor, trabalharia doze horas por dia.

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Mãe, só tem uma!

A professora passou a lição de casa: fazer uma redação com o tema "Mãe só tem uma".

No dia seguinte, cada aluno leu a sua redação. Todas diziam mais ou menos as mesmas coisas: "(...) a mãe nos amamenta", "(...) é carinhosa conosco", "(...) é a rosa mais linda de nosso jardim" etc. etc. etc. "Portanto, mãe só tem uma."

Aí chegou a vez de Juquinha ler a sua redação: "Domingo recebemos visita lá em casa. As visitas estavam na sala. Elas ficaram com sede e minha mãe pediu para mim [sic] ir buscar coca-cola na cozinha. Aí eu gritei lá da cozinha para minha mãe: 'Mãe, só tem uma!'".

(Texto adaptado de: *Viaje bem, revista de bordo da Vasp*. São Paulo: Dois Pontos, n. 4, 1989.)

1. Todo texto pertence a um gênero. Levando em conta a questão dos gêneros textuais, como você classificaria esse texto?

2. O primeiro período do texto é formado por duas orações. Qual a função da segunda oração em relação à primeira?

3. Uma expressão do texto revela que o fato narrado não ocorreu num único dia. Que expressão é essa? Como ela deve ser analisada sintaticamente?

4. No período "Todas diziam mais ou menos as mesmas coisas: '(...) **a mãe nos amamenta**', '(...) **é carinhosa conosco**', '(...) **é a rosa mais linda de nosso jardim**' etc. etc. etc.", em relação à parte destacada pergunta-se:
   a) Por quantas orações é formada?
   b) Qual é o sujeito dessas orações?
   c) Qual é a função dessa sequência de orações em relação à primeira oração do período?

5. No segundo parágrafo do texto, ocorre a conjunção **portanto**. Que tipo de argumento ela introduz?

6. Em geral, emprega-se o advérbio **aí** para exprimir uma circunstância de lugar. Na frase "Aí chegou a vez de Juquinha ler a sua redação", que tipo de circunstância é expressa por esse advérbio?

7. A palavra *sic*, que no texto aparece entre colchetes, é uma expressão latina que significa **assim**. É usada em textos escritos para indicar que o texto original foi redigido "assim mesmo", daquela forma, por mais errado ou estranho que pareça. Explique por que o autor do texto teria empregado a palavra *sic*.

8. Nas orações em que não há sujeito, os verbos são chamados de impessoais. Você já aprendeu que na linguagem culta o verbo **ter** não deve ser usado como impessoal. No padrão culto de linguagem, como ficariam as frases "Mãe só tem uma." e "Mãe, só tem uma!"?

9. Qual é a função sintática do substantivo **mãe** em cada uma das seguintes orações: "**Mãe** só tem uma." e "**Mãe**, só tem uma!"?

10. Comente o humor do texto.

CAPÍTULO 15

Orações coordenadas

INTRODUÇÃO

Como vimos, **período** é a frase constituída por uma ou mais orações. Dependendo do número de orações que o compõem, o período pode ser simples ou composto.

O **período simples** é formado por uma única oração, que recebe o nome de **oração absoluta**. Veja:

"Minha vida **era** um palco iluminado". (Sílvio Caldas e Orestes Barbosa)

A análise sintática do período simples foi feita nos capítulos anteriores. Neste capítulo e nos próximos, trataremos da análise do período composto.

O **período composto** é formado por mais de uma oração. Observe:

[Não gostava de futebol], [mas acompanhou os amigos ao estádio].

As orações que formam o período composto podem ou não vir ligadas umas às outras por meio de conectivos, que são palavras que servem para fazer a conexão, isto é, a união, a ligação entre palavras ou orações. Os conectivos usados para fazer a ligação de orações são: as **conjunções** (*e, nem, mas, portanto, porque, se, embora, quando, que* etc.) e os **pronomes relativos** (*que, o qual, cujo* etc.).

O uso adequado de conectivos contribui para a legibilidade do texto, pois é por meio deles que as relações entre as orações ficam claras.

Do ponto de vista sintático, podem se organizar de forma independente, ou seja, uma oração não exerce função sintática em relação a outra. Também podem se organizar por meio de dependência sintática, ou seja, uma oração exercerá função sintática em relação a outra, denominada principal e à qual se subordina.

Dessa forma, dependendo do tipo de relação existente entre as orações, podemos ter:

- período composto por coordenação;
- período composto por subordinação;
- período composto por coordenação e subordinação.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO

Vimos, quando estudamos a análise sintática do período simples, que duas ou mais palavras podem estar coordenadas entre si, exercendo a mesma função sintática. É o caso, por exemplo, do sujeito composto em que os núcleos estão coordenados entre si; não há relação hierárquica entre eles, pois ambos são sintaticamente equivalentes.

É importante assinalar que o processo da coordenação não ocorre somente com termos de uma oração: orações também podem estar coordenadas entre si.

or. coord.	or. coord.	or. coord.
"No outro dia tomei o trem,	ferrei no sono	e acordei às dez horas na estação central." (Graciliano Ramos)

or. coord.	or. coord.
Cheguei cedo ao estádio,	mas não arranjei um bom lugar.

O período formado exclusivamente por orações coordenadas recebe o nome de **período composto por coordenação**.

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO

Quando estudamos a análise sintática do período simples, vimos que os termos da oração exercem função sintática em relação a outro termo. Veja:

Aguardamos **sua resposta.**

No exemplo acima o substantivo **resposta** exerce a função sintática de núcleo do objeto direto de **aguardamos**. Ocorre que, muitas vezes, a função sintática (sujeito, objeto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, predicativo etc.) não é exercida por uma palavra (substantivo, pronome, adjetivo, advérbio etc.), mas por uma oração:

Aguardamos **que você responda.**

Em síntese: as orações também podem exercer função sintática em relação a outra oração, denominada principal. Às orações que exercem uma função sintática, damos o nome de **oração subordinada**:

or. princ.	or. subord.
"Um relance de olhos revelou-me	que sua fisionomia não era estranha". (Cyro dos Anjos)

or. princ.	or. subord.
Não conheço a pessoa	que você está procurando.

O período formado por oração principal + subordinada(s) recebe o nome de **período composto por subordinação**.

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

Pode ocorrer num mesmo período a coordenação e a subordinação de ideias. Nesse caso, temos um **período composto por coordenação e subordinação**. Observe:

Encontrei o diretor, cumprimentei-o e entreguei a encomenda que me solicitara.

Esse período composto é formado por quatro orações. Veja que há quatro verbos: **encontrei**, **cumprimentei**, **entreguei**, **solicitara**.

As três primeiras orações estão coordenadas entre si, mas a última oração (**que me solicitara**) é dependente da terceira oração (**entreguei a encomenda**), ou seja, a quarta oração é subordinada à terceira.

Passaremos a estudar as orações que constituem o período composto por coordenação. No próximo capítulo, analisaremos o período composto por subordinação.

ORAÇÕES COORDENADAS

Orações coordenadas são aquelas que, no período, não exercem função sintática umas em relação às outras. São, portanto, orações sintaticamente independentes, embora ligadas pelo sentido ou por elementos gramaticais que explicitam as relações semânticas entre elas (as conjunções), formando um todo coeso e coerente.

No exemplo seguinte, temos três orações sintaticamente independentes; cada oração é, do ponto de vista sintático, uma unidade autônoma:

or. coord.	or. coord.	or. coord.
"O dia nascia,	a chuva cessara,	as nuvens se dissipavam." (Leon Tolstoi)

As orações coordenadas podem ou não estar relacionadas pelas conjunções coordenativas. Quando não vêm introduzidas por conjunção, isto é, quando estiverem simplesmente justapostas, recebem o nome de **coordenadas assindéticas**. Quando vêm introduzidas por conjunção, recebem o nome de **coordenadas sindéticas**.

Entre as orações coordenadas assindéticas de um período haverá sempre uma pausa, marcada na escrita por sinal de pontuação.

***Qual é a origem das palavras* sindética *e* assindética?**

Sindética e **assindética** são palavras provenientes de *súndeto*, termo grego que significa "união", "laço", "conjunção". Daí dar-se o nome de **sindética** à oração coordenada que apresenta conjunção e **assindética** à que não apresenta conjunção.

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

As orações coordenadas sindéticas classificam-se, de acordo com a conjunção que as introduz, em:

a) **aditivas:** exprimem ideia de soma, adição.

or. coord. assind.	or. coord. sind. aditiva
Gabriel estuda	**e trabalha**.

As principais conjunções aditivas são: e, nem, mas também, mas ainda.

As aditivas iniciadas por **mas também** e **mas ainda** são chamadas de **aditivas correlativas**.

Pedro não só estuda, **mas também trabalha**.

Não apenas identificou o problema, **mas ainda apresentou a solução**.

b) **adversativas:** exprimem ideia de adversidade, oposição, contraste.

or. coord. assind.	or. coord. sind. adversativa
Pedro estuda,	**mas não aprende**.

As principais conjunções adversativas são: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto.

c) **alternativas:** exprimem ideia de alternância, escolha. Haverá alternância quando a ocorrência de um fato implicar a não ocorrência de outro.

or. coord. assind.	or. coord. sind. alternativa
Saia mais cedo de casa,	**ou espere o trânsito melhorar**.

As principais conjunções alternativas são: ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, já... já, seja... seja.

As alternativas em conjunção repetida são chamadas **alternativas correlativas**.

Ora estuda, **ora** trabalha.

d) **conclusivas:** exprimem ideia de conclusão.

or. coord. assind.	or. coord. sind. conclusiva
Não saiu cedo,	**logo chegou atrasado**.

As principais conjunções conclusivas são: logo, portanto, então, pois (quando posposta ao verbo).

e) **explicativas:** exprimem ideia de explicação, justificação, confirmação.

or. coord. assind.	or. coord. sind. explicativa
Venha imediatamente,	**pois sua presença é indispensável**.

As principais conjunções explicativas são: pois (quando anteposta ao verbo), porque, que.

Observação:

A conjunção **que** pode introduzir diversos tipos de oração. Funcionará como conjunção coordenativa explicativa quando o verbo da oração anterior estiver no modo imperativo:

or. coord. assind.	or. coord. sind. explicativa	or. coord. assind.	or. coord. sind. explicativa
Aguarda mais alguns minutos,	**que ele te atenderá**.	Não saia daí,	**que eu volto logo**.

Observe que, nos casos citados, a conjunção **que** equivale a **pois**.

Aprofundaremos o estudo a respeito do **que** no capítulo 21, **Morfossintaxe das palavras *que* e *se***.

Posição das conjunções coordenativas

Dissemos que as orações coordenadas sindéticas são introduzidas pelas conjunções coordenativas. Por questão de estilo, algumas conjunções coordenativas podem aparecer não no início, mas no meio ou até mesmo no fim da oração coordenada. Veja:

O orador falava com entusiasmo; a plateia, **porém**, não lhe dava a mínima atenção.
O orador falava com entusiasmo; a plateia não lhe dava a mínima atenção, **porém**.

Era o atleta mais bem preparado; ganhou a corrida, **portanto**.
Era o atleta mais bem preparado; ganhou, **portanto**, a corrida.

ORAÇÕES INTERCALADAS

As **orações intercaladas** (também conhecidas como **orações interferentes**) são orações independentes que não pertencem à sequência do período. São utilizadas para um esclarecimento, um aparte, uma citação:

"Desta vez, oração intercalada **disse ele**, vais para a Europa." (Machado de Assis)

"Tem razão, Capitu, oração intercalada **concordou o agregado**. Você não imagina como a Bíblia é cheia de expressões cruas e grosseiras." (Machado de Assis)

"A cunhadinha oração intercalada **(continuava a dar esse nome a Capitu)** tinha-lhe falado naquilo por ocasião de nossa última visita a Andaraí, e disse-lhe a razão do segredo." (Machado de Assis)

As orações intercaladas vêm separadas por vírgula, travessões ou parênteses.

A gramática no dia a dia

MESMA CONJUNÇÃO EXPRESSANDO RELAÇÕES DIFERENTES

As orações coordenadas sindéticas, como vimos, relacionam-se a uma outra oração coordenada por meio das conjunções coordenativas. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) determina que as orações coordenadas sindéticas sejam classificadas de acordo com a conjunção que as introduz.

Segundo essa orientação, toda oração iniciada pela conjunção coordenativa **e** deve ser classificada como coordenada sindética aditiva. No entanto, cumpre observar que, na linguagem do dia a dia, e até mesmo nos textos de autores consagrados, as conjunções assumem matizes diferentes, de sorte que uma mesma conjunção pode estabelecer diferentes relações semânticas entre orações.

A conjunção **e**, por exemplo, que é classificada como aditiva, pode às vezes indicar adversidade. Veja:

"Os jovens querem ser fiéis, **e** não o são. Os velhos querem ser infiéis, **e** não conseguem." (Oscar Wilde)

Nas duas ocorrências do exemplo acima, a conjunção **e** exprime adversidade, equivalendo a **mas**.

COORDENAÇÃO DE IDEIAS ENTRE PARÁGRAFOS

A coordenação de ideias não ocorre apenas entre orações de um mesmo período. Pode ocorrer também entre parágrafos de um mesmo texto, como nos trechos a seguir.

"(...) Assim como todos os caminhos levam a Roma, todas as teorias levam às obras-primas.
Tal coincidência torna-se sobremaneira instigante quando se constata que teorias que privilegiam elementos tão diferentes como a retórica, a história, a sociologia ou a psicanálise acabam por ancorar igualmente em Flaubert ou Proust, quando não em Dante e Homero.

E ninguém se dá conta de que encontrou o porto já coalhado com embarcações de outras bandeiras, mas idênticos propósitos: tão idênticos, que acabam conferindo à aventura teórico-crítica o caráter de uma alegre confraternização de iguais..."

"(...) Protocolos e convenções da leitura circulam, por exemplo, na escola brasileira, através de materiais didáticos que fazem desfilar as figuras de linguagem a serem reconhecidas, funções da linguagem a serem identificadas, fatos históricos a serem justapostos a certas ocorrências formais, 'interpretando-as' etc.

Mas as teorias que inspiram atividades como as acima descritas são reconhecíveis apenas por certos olhos, que identificam, na utilização de um dado léxico, a teoria diluída. Mas não obstante diluída, a teoria, pela sonoridade acadêmica dos ecos que preserva, legitima a filiação douta da leitura que patrocina."

(LAJOLO, Marisa. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 91-2.)

No primeiro trecho, a conjunção coordenativa **e** estabelece uma relação de adição entre os dois parágrafos transcritos. No segundo, ocorre uma relação adversativa entre os dois parágrafos do texto, explicitada pela conjunção coordenativa **mas**.

Atividades

Texto para as questões de 1 a 5.

A barca da tartaruga

Caiu chuva tão forte, tão forte, que durou dias e noites. A água subiu, saltou dos rios, encobriu os campos, as matas e, por fim, os montes. Não se via árvore, bicho, uma ave que fosse. Todos haviam fugido ou sido levados pela enchente.

A tartaruga, não. Ela não foi boba. Não fugiu para o monte como fizeram os outros. O que fez foi estar sossegada em cima de uma árvore caída na floresta. Levou para lá as suas coisas e comida para muitos dias. A água chegou e foi levando o tronco e a tartaruga em cima do tronco. E lá iam, de um lado para outro, o tronco sobre a água e a tartaruga sobre o tronco.

(...)

(DONATO, Hernâni. *Contos dos meninos índios*. São Paulo: Melhoramentos, 2005. p. 85.)

1. Em relação ao primeiro período do texto, responda:
   a) Por quantas orações ele é formado?
   b) Para caracterizar a chuva, o autor usa o adjetivo **forte**. Quais recursos de linguagem ele usa para intensificar a força da chuva?
   c) O que a segunda oração do período exprime em relação à primeira (causa, condição, comparação ou consequência)?

2. Por quantas orações o segundo período do texto é formado? Quais são elas?

3. As conjunções podem estabelecer diversas relações de sentido entre as orações de um período (causa, condição, comparação, adição, explicação, tempo etc.). Nas frases a seguir, destaque as conjunções e indique que tipo de relação elas estabelecem.
   a) "Todos haviam fugido ou sido levados pela enchente."
   b) "Não fugiu para o monte como fizeram os outros."

4. No trecho "**Caiu chuva** tão forte, tão forte, que durou dias e noites. A água subiu, saltou dos rios, encobriu os campos, as matas e, **por fim**, os montes. Não se via árvore, bicho, uma ave **que fosse**. Todos haviam fugido ou sido levados pela enchente", substitua as expressões em destaque por uma única palavra.

5. Em relação ao período "Todos haviam fugido ou sido levados pela enchente", responda:
   a) Por quantas orações ele é formado?
   b) A que termo da oração se referem as formas verbais **haviam fugido** e **sido levados**?
   c) Dependendo da relação que estabelecem com o sujeito, os verbos podem estar na voz ativa, na voz passiva ou na voz reflexiva. Em que voz estão as formas verbais do referido período?

6. Apresentamos, a seguir, pequenos textos cujos elementos de conexão entre as orações coordenadas foram suprimidos. Sua tarefa será reorganizá-los, restabelecendo as relações de coordenação.
   a) O trânsito estava caótico. / Ninguém chegou atrasado à reunião.

b) Por favor, devolva-me o livro. / Estou precisando dele.

c) Há muitos tipos de colírios destinados ao tratamento de diferentes doenças dos olhos. Os olhos são órgãos de muita sensibilidade. O uso de qualquer tipo de colírio, sem orientação e controle do médico, poderá causar mais problemas do que resultados positivos.

d) Nunca me esqueço de um consórcio de moto que fiz quando tinha 17 anos. Estava começando a ganhar dinheiro. Acabei gastando mais do que podia. A cada mês o valor aumentava. Fui sorteada. Tirei a moto. As parcelas nunca mais acabavam. Hoje os consórcios podem ter mudado. Eu nunca mais fiz um.

7. Forme períodos compostos por coordenação juntando orações das duas colunas a seguir de modo que o todo faça sentido.

Ou vocês conseguem uma autorização...	que ainda dá tempo de pagar as contas.
Aquela empresa triplicou suas exportações para o exterior...	no entanto é capaz de descrever com precisão lugares que nunca viu.
Vá diretamente à bilheteria do teatro...	por isso ninguém mais acredita nela.
Era formado em Odontologia...	pois está ameaçando chover.
Vivia dizendo mentiras...	ou não poderão viajar sozinhos.
Nunca saiu de sua cidade...	que lá você ainda encontrará ingressos.
O banco fecha às quatro horas, corra...	todavia nunca exerceu a profissão.
Leve o guarda-chuva...	não é verdade, portanto, que esteja em crise.

8. Complete os períodos a seguir por meio de uma oração que apresente uma conclusão coerente.

a) Ele morava bem distante do local de trabalho, ...

b) Gabriela nasceu em 1991 e seu irmão em 1992, ...

c) Fumar é prejudicial à saúde...

d) Sabiam que a prova seria difícil...

e) O preço da geladeira na loja A estava mais baixo que na loja B...

9. Destaque e classifique as orações que formam o período a seguir:

"Batia os ovos, segurava a gamela, untava as formas, arrumava nas assadeiras, entregava na boca do forno e socava cascas no pesado almofariz de bronze". (Cora Coralina)

10. A ideia de alternância normalmente é expressa pela conjunção **ou**: "**Ou** você vai **ou** você fica", "Estamos aqui para brincar **ou** para trabalhar?". Em qual das frases a seguir, porém, essa conjunção expressa uma ideia diferente? Reescreva a frase a fim de explicitá-la.

a) Os acidentes perfurantes oculares em adultos ocorrem basicamente no trabalho ou no trânsito.

b) A criança, por sua própria natureza, fica mais exposta a acidentes que atingem os olhos. A maioria deles ocorre dentro ou nas proximidades de sua casa.

c) Não deixe ao alcance de crianças objetos cortantes ou pontiagudos, tais como facas, tesouras, garfos, chaves de fenda, lápis, canetas, varetas e arames.

d) Não esfregue os olhos ou pisque depois de pingar o colírio.

11. Nas questões que seguem, ocorrem duas frases isoladas. Estabeleça entre elas uma relação de coordenação e indique o tipo de relação estabelecida. Siga o modelo:

> Fique quieta. Expulso a senhora da sala.
> **Relacionando:** Fique quieta, ou expulso a senhora da sala.
> **Tipo de relação:** alternância.

a) Ele era o artilheiro do time. Ele não marcou nenhum gol no último campeonato.
Relacionando:
Tipo de relação:

b) O Brasil é um país de grandes riquezas. O padrão de vida de seu povo é um dos mais baixos do mundo.
Relacionando:
Tipo de relação:

c) Vá na frente. Irei depois.
Relacionando:
Tipo de relação:

d) O dia está agradável. Devemos aproveitá-lo.
Relacionando:
Tipo de relação:

12. Nos períodos a seguir, assinale:

A para período simples;
B para período composto por coordenação;
C para período composto por subordinação;
D para período composto por coordenação e subordinação.

a) "Ninguém nos moldará de novo em terra e barro, ninguém animará pela palavra o nosso pó." (Paul Celan)

b) "O autoconhecimento é sempre uma má notícia." (Pasolini)

c) "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá." (Gonçalves Dias)

d) "Já se vê quanto vai do saber aparente ao saber real." (Rui Barbosa)

e) "A injúria equilibrou-me o espanto." (Raul Pompeia)

f) "Duvide-se, divirja-se, objete-se." (Guimarães Rosa)

g) "A morte é para qualquer momento, não se pode estar de pijama." (Guimarães Rosa)

h) "O homem foi até a porta, chamou o carcereiro, e ficou falando com alguém que estava fora." (Rachel de Queiroz)

i) "Carmélia bailava à sombra de árvores que refulgiam ao sol." (Cyro dos Anjos)

j) "(...) confessei a mim mesmo que ele tinha um bom coração e provavelmente não reincidiria." (Graciliano Ramos)

k) "Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez." (Graciliano Ramos)

l) "Todos os pais aconselham, se bem que nem todos possam jurar pelo valor de seus conselhos." (Rui Barbosa)

m) "As mulheres tentam sua sorte, os homens arriscam a sua." (Oscar Wilde)

13. Classifique as orações em destaque.

a) Não só estudou, **mas também trabalhou**.
b) O relógio é de ouro; **não enferruja, pois**.
c) Saí às dez, **voltei às dez e meia**.
d) Não se demore, **porque já estamos atrasados**.
e) Não havia mais passagens, **portanto não puderam viajar**.
f) Apresse-te, **que já é tarde**.
g) Já estamos sem dinheiro; **devemos, pois, retornar logo**.
h) Encontrei a gaveta trancada, **logo não pude pegar os documentos**.
i) Ora chove, **ora faz calor**.
j) Não havia necessidade, **todavia insistiu em chamar o técnico**.
k) "Os loucos não eram só recolhidos, **mas eram também acorrentados**, como se fossem animais ferozes." (Moacyr Scliar)
l) Muita gente estava doente, **mas ninguém faltou à reunião**.
m) Ou resolvemos de vez a situação, **ou o problema continuará**.
n) Não poderei comparecer, **logo não contem com a minha presença**.
o) Muitos titulares não jogaram, **todavia o desempenho da equipe foi satisfatório**.
p) Ele jogou muito bem no último campeonato, **portanto deve ser convocado para a seleção**.
q) Não falte, **pois a festa será animada**.

14. Divida o período a seguir em orações e classifique-as.

"A canoa deslizava brandamente, entrava na boca do rio Canumã e despertava as sardinhas meio-adormecidas entre duas águas, nenhum pássaro cantava, as vozes noturnas da floresta haviam-se calado, mas nós estávamos alerta." (Inglês de Souza)

15. Classifique as orações em destaque.

a) "Diz Tirésias a Creonte: 'Toma cuidado, **que agora tua sorte está por um fio**'." (Sófocles)
b) "**Dr. Sampaio escreveu um bilhete à família** e entregou-me no mesmo dia trinta e seis contos e trezentos." (Graciliano Ramos)
c) "Luís Padilha abriu a boca **e arregalou os olhos miúdos**." (Graciliano Ramos)
d) "Fez por esconder o mau humor, **mas o seu modo de olhar para baixo e para os lados não me enganou**." (Cyro dos Anjos)
e) "Os advogados sempre têm arrazoados urgentes por fazer **e vivem às voltas com os prazos processuais**." (Cyro dos Anjos)
f) "Um sabedor não é armário de sabedoria armazenada, **mas transformador reflexivo de aquisições dirigidas**." (Rui Barbosa)
g) "Nesse tempo eu não pensava mais nela, **pensava em ganhar dinheiro**." (Graciliano Ramos)
h) "Paguei os cem mil-réis **e obtive duzentos com o juro reduzido para três e meio por cento**." (Graciliano Ramos)
i) "As moças nem me notavam, **mas eu bem as via**." (Cyro dos Anjos)
j) "Esperou-me à saída, **deu-me um rápido abraço** e desapareceu." (Cyro dos Anjos)
k) "Eduardo não beijou, **nem chegou perto**." (Fernando Sabino)
l) "Deixe em paz meu coração, / **Que ele é um pote até aqui de mágoa**" (Chico Buarque)
m) "Sinhá Vitória falou assim, **mas Fabiano resmungou**." (Graciliano Ramos)
n) "Desta vez, **disse ele**, vai para a Europa." (Machado de Assis)

16. "Apenas na manhã seguinte, conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio." Do ponto de vista sintático, temos, nesse período escrito por Eça de Queirós:

a) um período simples.
b) um período composto por subordinação, cuja oração principal é: "Apenas na manhã seguinte", com verbo subentendido.
c) um período composto por subordinação, cuja oração principal é: "Apenas na manhã seguinte conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio".
d) um período composto por coordenação e subordinação.
e) um período composto por subordinação, cuja oração principal é: "Conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Basílio".

17. A única alternativa **correta** a respeito do período "Jantamos num restaurante próximo de casa, depois fomos ao cinema." é que ele:

a) é um período simples.
b) apresenta três orações.
c) apresenta duas orações.
d) é composto por coordenação e subordinação.
e) é composto por orações que se caracterizam, todas, por não possuírem sujeito determinado.

18. Há oração coordenada em:

a) A paisagem perdeu o encanto da frescura.
b) O autor sobre quem falávamos fará uma palestra amanhã.
c) Não vejo flores nesta primavera.
d) Estudamos toda a matéria para o vestibular.
e) Vesti-me rapidamente, tomei um táxi, mas ainda cheguei atrasado.

19. Aponte a alternativa em que ocorra oração coordenada sindética conclusiva.

a) Todos estavam presentes, porém ninguém prestou atenção.
b) Saiu cedo, no entanto não chegou na hora combinada.
c) Estes exercícios são mais fáceis, portanto resolva-os agora.
d) Vá embora, que logo começará a chover.
e) Não só compareceram, mas também ajudaram.

20. Classifique as orações em destaque de acordo com o seguinte código:

A coordenada assindética;
B coordenada sindética aditiva;
C coordenada sindética adversativa;
D coordenada sindética alternativa;
E coordenada sindética conclusiva;
F coordenada sindética explicativa.

a) Recebeu o dinheiro da pensão, **mas gastou tudo**.
b) Ora faz frio, **ora faz calor**.
c) Pagou a dívida, **portanto não deve mais nada**.
d) Devolva-me o livro, **pois estou precisando dele**.
e) Saíram cedo **e ainda não chegaram ao destino**.
f) **Partiram tristes**, depois retornaram felizes.

21. Aponte a alternativa em que ocorra oração coordenada sindética adversativa.
a) Ou você resolve o exercício, ou fica sem nota.
b) Ele não resolveu o exercício, logo ficou sem nota.
c) Resolva o exercício, pois ele vale nota.
d) Ele preferia ficar sem nota a resolver o exercício.
e) Ele ficou sem nota, mas não resolveu o exercício.

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Lembrança do mundo antigo

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados, o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo em redor de Clara.
As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas, esperava cartas que custavam a chegar, nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

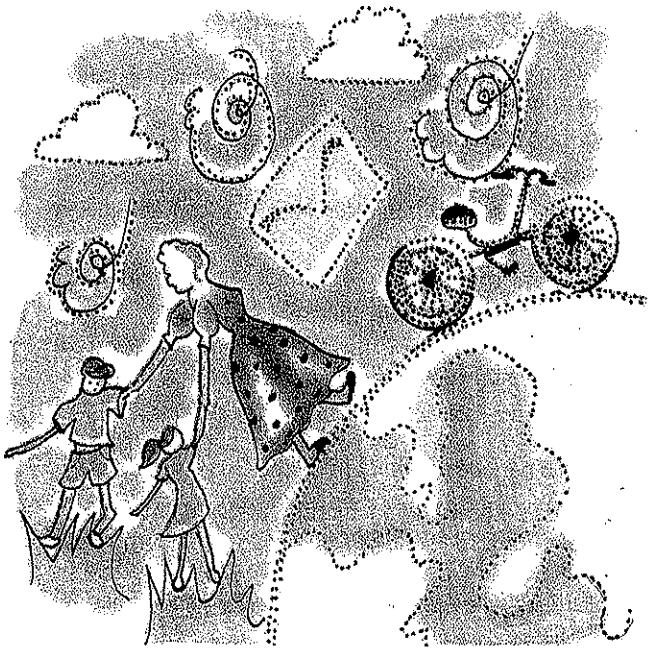

(ANDRADE, Carlos Drummond de. In: Sentimento do mundo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. p. 115.)

1. No poema predomina a coordenação ou a subordinação?

2. O primeiro verso do poema refere-se a uma ação.
a) Que ação é essa?
b) Que tipo de período ocorre?
c) Trata-se de uma ação adequada à situação apresentada em seguida? Explique.

3. O que os três versos seguintes apresentam?

4. Comente os versos "O céu era verde sobre o gramado, / a água era dourada sob as pontes".

5. Retire do poema um exemplo de período composto formado exclusivamente por orações coordenadas assindéticas que não possuam sujeito.

6. Nos versos: "**A boca, o nariz, os olhos** estavam abertos. Não havia perigo. / Os perigos que Clara temia eram **a gripe, o calor, os insetos**.", qual é a função sintática exercida pelos termos em destaque?

7. Dois personagens, no quinto e no sexto versos, comportam-se de forma inesperada.
a) Quais são esses personagens e seus comportamentos?
b) Por que esses comportamentos podem nos surpreender?
c) No mundo apresentado pelo poeta, esses comportamentos causam estranheza?

8. "(...) Mas passeava no jardim, pela manhã!!!" Essa frase representa uma oposição a que ideia?

9. Observe os verbos utilizados no poema.
a) Em geral, em que tempo e modo estão?
b) O que indicam o tempo e o modo usados pelo poeta?

10. Comente a seguinte afirmação: "Apesar do título, esse poema fala mais do presente do que do passado".

CAPÍTULO 16

Orações subordinadas

INTRODUÇÃO

No período composto, as orações se relacionam de tal modo que umas podem exercer funções sintáticas em relação a outras.

Toda oração que exerce uma função sintática em relação a outra denomina-se **oração subordinada**. A oração que tem um de seus termos representado por outra denomina-se **principal**.

Geralmente, a relação de subordinação entre orações é estabelecida pelas conjunções e locuções conjuntivas subordinativas (**quando**, **embora**, **como**, **porque**, **se**, **ainda que**, **contanto que** etc.), pelos pronomes relativos (**que**, **o qual**, **cujo** etc.), ou pelas formas nominais do verbo (**infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**). Quando a subordinação se dá por meio de conectivos (conjunções subordinativas e pronomes relativos), dizemos que a oração subordinada está na forma de **oração desenvolvida**. Caso a subordinação se dê pelas formas nominais do verbo, dizemos que se trata de **oração reduzida**.

As orações subordinadas, conforme a função sintática que exerçam, classificam-se em substantivas, adjetivas ou adverbiais:

a) **substantivas:** exercem as funções próprias de um substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal, aposto). As subordinadas substantivas, quando não aparecem sob a forma de orações reduzidas, são introduzidas, em geral, pelas conjunções integrantes **que** e **se**, as quais não desempenham nenhuma função sintática.

b) **adjetivas:** exercem a função sintática de adjunto adnominal, comumente exercida pelo adjetivo. As subordinadas adjetivas, quando não aparecem sob a forma de orações reduzidas, são introduzidas por pronomes relativos – **que**, **quem**, **quanto**, **como**, **onde**, **cujo** (e flexões), **o qual** (flexões). Os pronomes relativos desempenham diferentes funções sintáticas na oração por eles introduzida.

c) **adverbiais:** exercem a função sintática de adjunto adverbial, característica do advérbio. As subordinadas adverbiais, quando não aparecem sob a forma de orações reduzidas, são introduzidas pelas conjunções subordinativas (exceto as integrantes) e exprimem circunstâncias de tempo, consequência, causa, comparação, concessão, proporção, condição, conformidade, finalidade. Tais conjunções não desempenham função sintática.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As orações subordinadas substantivas, conforme a função sintática que desempenham, classificam-se em: subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, predicativas, completivas nominais e apositivas.

SUBJETIVAS

Exercem a função sintática de sujeito do verbo da oração principal. Observe:

sujeito — I. **Sua presença** é conveniente.

or. sub. subst. subjetiva — II. **Que você esteja presente** é conveniente.

No exemplo I, o núcleo do sujeito é representado por um substantivo: **presença**. No exemplo II, o sujeito é representado por uma oração – **que você esteja presente** – que exerce a mesma função sintática do substantivo **presença**.

À oração que exerce a função sintática de sujeito de outra oração dá-se o nome de:

subordinada	substantiva	subjetiva
porque exerce uma função sintática.	porque exerce uma função própria de um substantivo.	porque exerce a função sintática de sujeito do verbo da oração principal.

Note as ocorrências mais frequentes de orações subordinadas substantivas subjetivas:

or. principal	or. sub. subst. subjetiva
É provável	**que ele chegue ainda hoje.**
Parece	**que ele chegará ainda hoje.**
Conta-se	**que ele chegará ainda hoje.**
Convém	**que ele chegue ainda hoje.**

Observe que, quando há oração subordinada substantiva, a oração principal apresenta o verbo na terceira pessoa do singular e não possui sujeito expresso nela mesma. Construções como "é provável que", "é possível que", "parece que" têm aspecto modalizador, já que revelam baixo comprometimento do enunciador com aquilo que enuncia.

OBJETIVAS DIRETAS

Exercem a função sintática de objeto direto do verbo da oração principal:

or. principal	or. sub. subst. objetiva direta
A Sra. Dalloway disse	**que ela própria iria comprar as flores.** (Virginia Woolf)
Não sei	**se viajarei amanhã.**

OBJETIVAS INDIRETAS

Exercem a função sintática de objeto indireto do verbo da oração principal:

or. principal	or. sub. subst. objetiva indireta
Necessitávamos	**de que nos ajudassem.**
Gostaria	**de que todos me apoiassem.**

Observe que as orações subordinadas objetivas indiretas, assim como o objeto indireto no período simples, completam a significação de um verbo transitivo indireto, sempre com auxílio de uma preposição obrigatória.

PREDICATIVAS

Exercem a função sintática de predicativo do sujeito da oração principal:

or. principal	or. sub. subst. predicativa
Meu maior desejo era	**que todos voltassem.**
Minha esperança é	**que sejas feliz.**

COMPLETIVAS NOMINAIS

Exercem a função sintática de complemento nominal de um nome da oração principal:

or. principal	or. sub. subst. completiva nominal
Tenho medo	**de que me traias.**
Sou favorável	**a que o condenem.**

Observe que as orações subordinadas substantivas completivas nominais se ligam a um nome (nos exemplos acima, **medo** e **favorável**) sempre por meio de preposição.

APOSITIVAS

Exercem a função sintática de aposto de um nome da oração principal:

or. principal	or. sub. subst. apositiva
Desejo uma coisa:	**que sejas feliz**.

or. principal	or. sub. subst. apositiva
Espero sinceramente isto:	**que vocês não faltem mais**.

or. principal	or. sub. subst. apositiva	or. principal
Seu grande desejo,	**que o chefe lhe promovesse**,	foi finalmente atendido.

As orações subordinadas substantivas, quando se apresentam na forma desenvolvida, geralmente são introduzidas pelas conjunções subordinativas integrantes (**que** e **se**). Normalmente a conjunção integrante **que** introduz uma oração substantiva que exprime fato certo, e a conjunção integrante **se**, uma subordinada substantiva que exprime um fato incerto ou duvidoso:

Quero **que** ele me ajude.

Não sei **se** quero a sua ajuda.

Além das conjunções subordinativas integrantes, outras palavras (pronomes ou advérbios interrogativos) podem introduzir orações subordinadas substantivas:

or. principal	or. sub. substantiva
Eles não sabem	**como** você resolveu o problema.
Perguntei	**quando** era o exame.
Não sei	**por que** és tão vaidosa.
Indagamos	**quanto** custou o produto.
Não sei	**quem** disse tal coisa.
Perguntei ao guarda	**onde** ficava o mercado.

As orações introduzidas pela conjunção integrante **se** e pelos pronomes ou advérbios interrogativos formarão com a oração principal uma interrogativa indireta.

É importante observar que duas ou mais orações subordinadas podem estar coordenadas entre si:

or. principal	or. sub. substantiva objetiva direta		or. sub. substantiva objetiva direta
Espero	**que ele venha a São Paulo**	e	**que me faça uma visita**.

or. principal	or. sub. substantiva subjetiva		or. sub. substantiva subjetiva
É importante	**que ele compareça**	e	**que explique sua decisão**.

Por questão de elegância, costuma-se usar o conectivo apenas na primeira oração subordinada, omitindo-o nas demais:

Espero **que** ele venha a São Paulo e me faça uma visita.

É importante **que** ele compareça e explique sua decisão.

As orações substantivas e a pontuação

Como você deve ter notado, as orações subordinadas substantivas (com exceção das apositivas) não se separam da principal por sinal de pontuação, uma vez que não se separam termos imediatos: sujeito e predicado; verbo (ou nome) e seu complemento. Quanto à colocação, as orações subordinadas substantivas costumam vir depois da oração principal.

Como identificar a função sintática das orações substantivas

Existe um recurso muito difundido para reconhecer a função sintática exercida pela oração subordinada substantiva: basta substituí-la pela palavra **isso**. A função sintática da palavra **isso** será a mesma que a oração subordinada exerce. Observe:

Desejo **que todos voltem.**

↓

Desejo **isso.**

Como **isso** exerce a função sintática de objeto direto na oração "Desejo isso", a oração subordinada "que todos voltem" também exerce essa função, sendo, pois, classificada como **oração subordinada substantiva objetiva direta.**

Veja mais exemplos:

Era conveniente [sujeito: **que todos voltassem.**]

↓

Era conveniente **isso.**

(**Isso** era conveniente; **que todos voltassem:** oração subordinada substantiva subjetiva.)

Necessito [objeto indireto: **de que me tragam o material.**]

↓

Necessito **disso.**

(**De que me tragam o material:** oração subordinada substantiva objetiva indireta.)

Meu desejo é [predicativo do sujeito: **que sejas feliz.**]

↓

Meu desejo é **isso.**

(**Que sejas feliz:** oração subordinada substantiva predicativa.)

Tenho certeza [complemento nominal: **de que você virá.**]

↓

Tenho certeza **disso.**

(**De que você virá:** oração subordinada substantiva completiva nominal.)

Atividades

1. Siga o modelo:

Espero **seu telefonema.** → Espero **que você me telefone.**

a) Desejo a sua vinda.
b) Necessitamos da compreensão dos amigos.
c) Minha esperança é a tua felicidade.
d) Tínhamos necessidade de ajuda.
e) Sua ida é urgente.
f) A tua vinda é necessária.
g) Espero a tua resposta.
h) Era esperada a sua chegada.
i) Alfredinho aguardava a tua partida.
j) Percebeu a aproximação dos homens.
k) Observou a agonia da lenha verde.

2. Complete o sentido dos trechos a seguir com uma oração subordinada substantiva. A seguir, classifique as orações substantivas formadas.

a) Perguntei...
b) Tinha receio...
c) Nossa ideia era...
d) É fundamental...
e) Pedro lembrou-se...
f) Havia um grande interesse...
g) Era aguardado ansiosamente...
h) Percebe-se...
i) Muita gente pediu...
j) Ele sugeriu ao colega...
k) Ele se esqueceu...

3. Classifique as orações subordinadas substantivas de acordo com o seguinte código:

A subjetiva; B objetiva direta.

a) O rei berrou que estava cheio dos sermões da rainha.
b) Convém que você fuja imediatamente.

c) Conta-se que naquela torre habita uma bruxa.
d) Contam que naquela torre habita uma bruxa.
e) É provável que ele chegue ainda hoje.
f) Dizem que ele se aposentará.
g) Acontece que ainda te amo.
h) Parece que eles chegaram à cidade.
i) Ele afirmou categoricamente que o fato não era verdadeiro.
j) Comenta-se que poucos foram reprovados.
k) Urge que você retorne ao país.
l) Fala-se que ele abandonará o cargo.
m) Falam que ele abandonará o cargo.

4. Reescreva a oração de acordo com o modelo:

A colaboração dele nos surpreende. → Surpreende-nos que ele colabore.

- A intervenção dele nos convém.

5. Classifique as orações em destaque.

a) A virtude das mulheres é **que elas nunca mentem**.
b) A verdade é **que ele não gosta do emprego**.
c) Ele fez questão **de que nos retirássemos**.
d) Ele ficou com medo **de que eu revelasse seu segredo**.
e) O time precisava **de que toda a torcida esperasse**.
f) Ele sempre quer a mesma coisa: **que a sua presença seja notada**.
g) Os homens sempre se esquecem **de que não são o sexo frágil**.
h) Sou favorável **a que o absolvam**.
i) Havia dúvida **de que o fato fosse verdadeiro**.
j) Ninguém duvidava **de que o fato fosse verdadeiro**.
k) O único consolo é **que não há esperança**.
l) Perguntei **se ele queria voltar**.
m) Sempre alegava a mesma coisa: **que não era o único culpado**.
n) É conveniente **que todos compareçam**.
o) É preciso **que você seja mais responsável**.
p) Foi necessário **que os bombeiros interviessem**.
q) Não sei **se vou voltar**.
r) Meu desejo é **que eles retornem rápido**.
s) Os homens sempre se esquecem **de que somos todos mortais**.

6. Siga o modelo:

Queria **que me ajudasses**. → Queria **a tua ajuda**.

a) Era urgente **que o diretor chegasse**.
b) Ninguém temia **que o professor saísse**.
c) A torcida esperava **que o time reagisse**.
d) "O importante é **que a nossa emoção sobreviva**." (Paulo César Pinheiro e Eduardo Gudim)
e) Percebeu **que os homens oprimiam**.
f) Necessitávamos **de que os amigos nos auxiliassem**.
g) Exigiram do aluno **que comparecesse às aulas**.
h) O professor notou **que o aluno estava inseguro**.
i) Não convinha **que o assunto fosse divulgado**.
j) Exigiu **que o diretor intercedesse**.

7. Classifique as orações subordinadas substantivas de acordo com o seguinte código:

A objetiva indireta; B completiva nominal.

a) Ele tinha medo de que revelassem seus segredos.
b) Não duvide de que ela seja capaz de denunciá-lo.
c) Não se esqueçam de que os convidados deverão chegar ao meio-dia.
d) Nestor tinha certeza de que havia cometido um engano.

8. Classifique as orações destacadas.

a) Esperava-se **que todos comparecessem à reunião**.
b) Os professores esperavam **que todos comparecessem à reunião**.
c) A minha esperança era **que ele voltasse ainda hoje**.
d) Era esperado **que ela voltasse ainda hoje**.
e) "Se eu tivesse uma prova **de que Madalena era inocente**, dar-lhe-ia uma vida como ela nem imaginava." (Graciliano Ramos)
f) "O senhor sabe **que não me dou com ninguém aqui**." (Lima Barreto)
g) "Parecia **que os mortos pediam vingança**." (Lima Barreto)
h) "Tinha plena certeza **de que o retrato não esclarecia coisa alguma a ninguém**." (Oscar Wilde)
i) "Não desperto mais com a sensação **de que meus dias estão contados**." (Milton Hatoum)
j) Não entendi **por que ele não compareceu**.
k) Ignoramos **quando serão distribuídos os ingressos**.
l) "Vejo agora **quanto estava preso a ela**." (Cyro dos Anjos)
m) "(...) tenho a impressão **de que estou vivendo não em Belo Horizonte**..." (Cyro dos Anjos)
n) Não sabemos **como ele se comportou**.
o) Ignoro **onde ele se encontra**.
p) Desconheço **quem fez tal coisa**.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Orações subordinadas adjetivas são, como já definimos, aquelas que exercem a função sintática de **adjunto adnominal**, própria do **adjetivo**. Estão relacionadas a um nome ou pronome da oração principal e vêm introduzidas por um pronome relativo:

I. Admiramos os alunos **estudiosos**. (adjetivo)

II. Admiramos os alunos **que estudam**. (or. sub. adjetiva)

No exemplo I, o adjetivo **estudiosos** exerce a função sintática de adjunto adnominal. No exemplo II, a função sintática de adjunto adnominal não é mais exercida por um adjetivo, mas por uma oração equivalente – **que estudam**. A essa oração, que exerce a função sintática de adjunto adnominal, dá-se o nome de **oração subordinada adjetiva**:

subordinada	adjetiva
porque exerce uma função sintática.	porque exerce uma função sintática de adjunto adnominal, própria do adjetivo.

É fácil reconhecer uma oração subordinada adjetiva, pois, na forma desenvolvida, sempre vem introduzida por um pronome relativo. A oração adjetiva pode estar depois da oração principal, ou nela intercalada:

or. principal: Serão premiados os alunos
or. sub. adj.: **que conseguirem melhor nota**.

or. principal: Os alunos
or. sub. adj.: **que conseguirem melhor nota**
or. principal: serão premiados.

As orações subordinadas adjetivas classificam-se em restritivas e explicativas.

RESTRITIVAS

Restringem, isto é, limitam a significação do nome a que se referem:

or. principal: O homem
or. sub. adj. restritiva: **que fuma**
or. principal: vive menos.

Verifique que a qualidade expressa pela oração adjetiva **que fuma** não se aplica a todos os elementos da espécie "homem". Dizemos que ela restringe a significação do nome a que se refere, na medida em que não se aplica a todos os homens, mas apenas aos que fumam.

Outros exemplos:

Os jogadores [**que foram convocados**] apresentaram-se ontem.
O homem [**que trabalha**] vence na vida.
Resolveram os exercícios [**que faltavam**].

EXPLICATIVAS

Não restringem a significação do nome; ao contrário, atribuem-lhe uma característica que é própria dele:

or. principal: O homem,
or. sub. adj. explicativa: **que é um ser racional**,
or. principal: diferencia-se dos animais pela linguagem.

A oração **que é um ser racional** não restringe a significação do nome a que se refere, uma vez que se aplica a todos os elementos da espécie, atribuindo-lhe tão somente uma característica que lhe é própria, inerente. Dizemos então que ela explica o significado do nome a que se refere.

FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como já mencionamos, os pronomes relativos desempenham função sintática na oração adjetiva. Para analisá-los, o melhor procedimento é montar a oração adjetiva substituindo o pronome relativo pelo seu antecedente. O próximo passo é verificar a função sintática que o antecedente do pronome relativo exerce na oração adjetiva. A função sintática que ele exercer na oração adjetiva será a mesma exercida pelo pronome relativo:

O homem, [**que** é um ser racional], aprende com os erros.
antecedente — pron. relativo

oração principal: O homem aprende com os erros.
oração adjetiva: que é um ser racional
que = o homem → **O homem** é um ser racional.
O homem: sujeito; **que:** sujeito.

No exemplo acima, o pronome relativo **que** desempenha a função sintática de sujeito da oração subordinada adjetiva.

As principais funções sintáticas desempenhadas pelos pronomes relativos são:

a) **sujeito:**

Fortaleza, [**que** é a capital do Ceará], é uma linda cidade.

(**que** substitui **Fortaleza** → **Fortaleza** é a capital do Ceará → **Fortaleza:** sujeito)

b) **objeto direto:**

Os trabalhos [**que** faço] me dão prazer.

(**que** substitui **os trabalhos** → faço **os trabalhos** → **os trabalhos:** objeto direto)

Observação:

Se o objeto direto for representado pelo pronome relativo **quem**, ele virá obrigatoriamente preposicionado. Veja:

[Encontrei ontem um velho amigo] [**a quem** estimo]

(**quem** substitui **um velho amigo** → estimo **um velho amigo** → **um velho amigo:** objeto direto)

c) **objeto indireto:**

As pessoas [**de quem** gostamos] compareceram à festa.

(**quem** substitui **as pessoas** → gostamos **das pessoas** → **das pessoas:** objeto indireto)

d) **predicativo do sujeito:**

O atleta saudável, [**que** ele sempre foi], hoje está fora das pistas por causa de um acidente.

(**que** substitui **o atleta saudável** → ele sempre foi **o atleta saudável** → **o atleta saudável:** predicativo do sujeito)

e) **predicativo do objeto:**

Ele não é mais o jogador ágil [**que** todos o julgavam até o ano passado].

(**que** substitui **o jogador ágil** → todos o julgavam **o jogador ágil** → **o jogador ágil:** predicativo do objeto)

f) **complemento nominal:**

O filme [**a que** fizeram referência] foi premiado.

(**que** substitui **o filme** → fizeram referência **ao filme** → **ao filme:** complemento nominal)

g) **adjunto adnominal:**

O menino [**cujo** pai é médico] deverá seguir a carreira do pai.

(**cujo** substitui **o menino** → o pai **do menino** é médico → **do menino:** adjunto adnominal)

h) **agente da passiva:**

O jornalista [**por quem** fui entrevistado] deixou-me bem à vontade.

(**quem** substitui **o jornalista** → fui entrevistado **pelo jornalista** → **pelo jornalista:** agente da passiva)

i) **adjunto adverbial:**

A cidade [**em que** moro] é bastante tranquila.

(**que** substitui a cidade → moro **na cidade** → **na cidade:** adjunto adverbial)

As orações adjetivas e a pontuação

As orações subordinadas adjetivas virão depois da oração principal ou nela intercaladas.

Como entre as orações subordinadas adjetivas explicativas e a principal há uma pausa, ela será marcada na escrita por sinal de pontuação. As orações adjetivas explicativas virão, portanto, separadas da principal por vírgula:

"O garçom, **que já não era o mesmo de antigamente,** atendeu-os com indiferença." (Fernando Sabino)

O Sol, **que é uma estrela,** é o centro do nosso sistema planetário.

Capitu, **que é uma personagem de Machado de Assis,** tinha olhos de ressaca.

As orações adjetivas restritivas em geral não se separam da principal por vírgula. Podem terminar por vírgula (mas nunca começar por ela!) quando tiverem certa extensão, sobretudo se terminarem por um verbo seguido pelo verbo da oração principal:

> Os trabalhadores que devido a diversos problemas de saúde decorrentes de insalubridade tiveram de se aposentar, serão indenizados.

Atividades

Texto para as questões 1 e 2.

70% dos táxis circulam sem passageiros, diz pesquisa

A cada dez táxis que passam por quatro vias movimentadas da cidade, apenas três levam passageiros, segundo uma pesquisa feita pelo consultor em tráfego Horácio Figueira. Ele atribui a falta de passageiros à tarifa alta praticada pelos taxistas.

O levantamento foi feito a partir de observação visual nas avenidas Paulista, Brigadeiro Luís Antônio, Faria Lima e Berrini.

No total, cerca de 4 mil táxis foram observados no último mês de julho.

Projeto em estudo pela prefeitura prevê a adoção de desconto de 30% nas tarifas de táxis na sexta-feira à noite e no sábado. Os taxistas, que defendem aumento da tarifa, são contrários à proposta.

(Jornal *Destak*, 17 nov. 2009, p. 2.)

1. Que informação do texto comprova a informação do título que afirma que 70% dos táxis circulam sem passageiros?

2. Segundo o texto, todos os taxistas defendem aumento de tarifa? Justifique.

3. Observe os períodos a seguir:

   a) Consultei o processo de Pedro, que corre na 2.ª Vara Cível.

   b) Consultei o processo de Pedro que corre na 2.ª Vara Cível.

   Em qual dos dois períodos, podemos afirmar com certeza que Pedro tem mais de um processo?

4. Explique a diferença de sentido entre os períodos a seguir:

   a) Meu avô, que mora no Rio de Janeiro, virá passar o Natal conosco.

   b) Meu avô que mora no Rio de Janeiro virá passar o Natal conosco.

5. Observe este trecho: "O pai de Arturzinho, um médico que trabalhava muito e preservava o seu descanso, proibira qualquer tipo de zoeira na casa."

   (SCLIAR, Moacyr. *O mistério da casa verde*. São Paulo: Ática, 2006. p. 14.)

   Em relação a ele, responda:

   a) A sequência um médico que trabalhava muito e preservava o seu descanso refere-se a que termo? Que função exerce no período?

   b) No período, há duas orações coordenadas entre si. Identifique essas orações e classifique-as, indicando o termo do período a que elas se referem.

6. "As duas únicas formas para se fabricar álcool que pode ser bebido são a destilação e a fermentação."

   Com relação ao texto acima, podemos afirmar que todo álcool pode ser bebido? Justifique sua resposta.

7. Faça de acordo com o modelo:

   O aluno **estudioso** aprende → O aluno **que estuda** aprende.

   a) O homem trabalhador vence na vida.

   b) O aluno preocupado sente-se inseguro.

   c) O homem sorridente revela despreocupação.

   d) O aluno interessado aprende.

8. Reescreva as frases a seguir, substituindo as expressões destacadas por um adjetivo, conforme o modelo:

   Formavam-se gotículas **que não se podiam perceber**. → Formavam-se gotículas **imperceptíveis**.

   a) O saber é um bem **que não se pode destruir**.

   b) A caneta solta tinta **que não se pode apagar**.

   c) Tem uma letra **que não se consegue ler**.

   d) Foi uma cena **que não se podia imaginar**.

   e) É uma grandeza **que não pode ser medida**.

   f) É uma atitude **que não pode ser compreendida**.

9. Explique a diferença de sentido nas frases a seguir:

   a) Seu primeiro livro, lançado em 2006, também foi publicado na França.

   b) Seu primeiro livro lançado em 2006 também foi publicado na França.

10. Apresentamos a seguir três períodos simples. Reúna-os num único período composto por subordinação utilizando orações adjetivas. Faça as modificações que julgar necessárias.

    a) O atacante Nilmar foi negociado com o Barcelona. O contrato do jogador com o Corinthians foi encerrado. O Barcelona já havia contratado outros jogadores brasileiros.

    b) O voo 3 216 pousará no Aeroporto de Congonhas. O voo 3 216 partiu de Maceió. O Aeroporto de Congonhas foi reformado recentemente.

Texto para as questões de 11 a 14.

"O carteiro, **cujo velho sonho era a formatura do filho**, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que o ano passado conseguiu comprar uma casa, **mas ainda não pudera cercar**, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, **que andava desde anos atrapalhado para arran-**

jar um pasto, passou logo o prado verde do Costa, onde seus bois engordariam e ganhariam forças (...)"

(BARRETO, Lima. A nova Califórnia. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 40.)

11. Classifique as orações destacadas no texto.

12. No segundo período, qual é a oração prinicipal?

13. No texto há duas orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si. Aponte-as.

14. Nos trechos seguintes, dê a função sintática do pronome relativo.
    a) "O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la."
    b) "(...) pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação."
    c) "Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que o ano passado conseguiu comprar uma casa, (...)"
    d) "(...) passou logo o prado verde do Costa, onde seus bois engordariam e ganhariam forças (...)"

15. Destaque e classifique as orações subordinadas adjetivas.
    a) São obras cuja autenticidade é garantida.
    b) Falaram tudo quanto queriam falar.
    c) "Gosto dos homens que têm um futuro e das mulheres que têm um passado." (Oscar Wilde)
    d) "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá." (Gonçalves Dias)
    e) É esta a pessoa em quem confio.
    f) "Chamei ontem o Dr. Fagundes, que é o médico da casa desde anos." (Cyro dos Anjos)
    g) "O velho papagaio, que me parecia humorístico, dá-me, agora, grande pena." (Cyro dos Anjos)
    h) "O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça." (Graciliano Ramos)
    i) "Vários fregueses que sempre procederam bem quebraram tudo de repente." (Graciliano Ramos)
    j) "As criaturas que me serviram durante anos eram bichos." (Graciliano Ramos)
    k) O Dr. João, que é cardiologista, fez a operação.
    l) "(...) não há serenidade moral que corte uma polegada sequer às abas do tempo (...)" (Machado de Assis)
    m) "Cesse tudo o que a Musa antiga canta (...)" (Camões)
    n) "Somos o que somos." (Fernando Pessoa)
    o) "Macabêa, que nunca se irritara com ninguém, arrepiava-se com o hábito que Glória tinha de deixar frase inacabada." (Clarice Lispector)

16. Em qual alternativa temos uma oração adjetiva, sem que ocorra oração principal?
    a) Depositava todas as economias num banco no qual confiava.
    b) Nunca usou o sabão em pó que a propaganda recomendava.
    c) Omo, o sabão que lava mais branco.
    d) Todas as roupas que foram lavadas foram postas para secar.
    e) Menina, que jeito estranho de falar!

17. Com relação aos períodos a seguir, aponte a diferença de significado existente entre eles.
    a) Os homens, que têm seu preço, são fáceis de corromper.
    b) Os homens que têm seu preço são fáceis de corromper.

18. Aponte a alternativa em que ocorre oração subordinada adjetiva.
    a) Faça silêncio, que já é tarde.
    b) Desejo que todos voltem rapidamente.
    c) É esta a rua em que moro.
    d) Percebeu que não havia outra solução.
    e) Soube-se que ele não viria.

19. Em qual das alternativas ocorre oração subordinada adjetiva?
    a) Verificou-se que os argumentos tinham fundamento.
    b) Fiz-lhe um sinal para que se calasse.
    c) Comeu tanto que ficou doente.
    d) A resposta que você me deu foi satisfatória.
    e) Luta que luta e nunca vê recompensa.

20. No período: "Falei o **que querias**", a oração em destaque classifica-se como:
    a) adjetiva restritiva.
    b) adjetiva explicativa.
    c) substantiva completiva nominal.
    d) substantiva objetiva direta.
    e) coordenada assindética.

21. No período "Ele, **que era velho**, sentou-se no sofá", a oração destacada classifica-se como:
    a) adjetiva restritiva.
    b) adjetiva explicativa.
    c) substantiva apositiva.
    d) substantiva predicativa.
    e) coordenada sindética explicativa.

22. No período "Feliz o pai **cujos filhos são ajuizados**", a oração em destaque é:
    a) substantiva completiva nominal.
    b) substantiva predicativa.
    c) coordenada assindética.
    d) coordenada sindética explicativa.
    e) adjetiva restritiva.

23. Assinale o período em que há oração subordinada adjetiva.
    a) Falaram tudo quanto queriam falar.
    b) Recomendei-lhe muita paciência.
    c) Estudou tanto que conseguiu a aprovação.
    d) Urge que tomemos uma providência.
    e) Espera-se que ele retorne ainda hoje.

24. Assinale o período em que há oração subordinada adjetiva.
    a) Não é pessoa em quem se possa confiar.
    b) O medo de que me traias persegue-me.
    c) Preciso de uma coisa: que todos me apoiem.
    d) Desejo-lhe que consiga o prêmio.
    e) Fiquei esperando dez horas até que você chegasse.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Orações subordinadas adverbiais são, conforme definimos anteriormente, aquelas que exercem a função sintática de adjunto adverbial, própria do advérbio.

Observe:

I. Saímos **tarde.**
advérbio

II. Saímos **quando era tarde.**
or. principal — or. sub. adverbial

No exemplo I, o advérbio **tarde** exerce a função sintática de adjunto adverbial. No exemplo II, a função sintática de adjunto adverbial não é mais exercida por um advérbio, mas por uma oração equivalente – **quando era tarde**. A essa oração, que exerce a função sintática de adjunto adverbial, dá-se o nome de **oração subordinada adverbial**:

subordinada	adverbial
porque exerce uma função sintática.	porque exerce uma função sintática de adjunto adverbial, própria do advérbio.

As orações subordinadas adverbiais, na forma desenvolvida, iniciam-se pelas conjunções subordinativas, exceto as integrantes, que, como vimos, introduzem as orações subordinadas substantivas.

As orações subordinadas adverbiais podem exprimir várias circunstâncias. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) faz referência a nove tipos: causal, comparativa, concessiva, condicional, conformativa, consecutiva, final, proporcional, temporal.

CAUSAL

Exprime causa, aqui entendida como motivo, isto é, a razão que determina ou provoca um acontecimento:

or. principal — or. sub. adv. causal
Não viajamos **porque estava chovendo.**

As principais conjunções e locuções conjuntivas causais são: **porque**, **visto que**, **já que**, **uma vez que**, **como** (quando equivale a **porque**).

Em geral, a ênfase recai sobre a oração que inicia o período; por isso, se a oração causal antecede a principal, enfatiza-se a causa; quando ocorre o inverso, enfatiza-se a consequência:

Como chovia, ficamos em casa. (ênfase na causa: a chuva)
Ficamos em casa, porque chovia. (ênfase na consequência: ficar em casa)

Diferença entre adverbiais causais e coordenadas explicativas

As **orações subordinadas adverbiais causais** não devem ser confundidas com **as orações coordenadas sindéticas explicativas**. Como dissemos, causa é o motivo, aquilo que gera ou provoca um fato qualquer. Portanto, a causa é sempre anterior a um fato dela resultante (a consequência). Veja:

Choveu porque o vapor se condensou.

No exemplo acima, a segunda oração exprime causa (o vapor ter se condensado é causa da chuva, pois a provocou). Note-se ainda que o fato de o vapor se condensar é anterior a "choveu".

Observe agora:

Choveu porque eu estou todo molhado.

O fato de "eu estar todo molhado" não provocou a chuva, portanto não é causa de "choveu", mas tão somente a confirmação de que choveu. Observe que o fato de estar todo molhado não é anterior a "choveu", mas posterior a ele. Nesse caso, temos uma explicação e não uma causa.

COMPARATIVA

Exprime comparação, que é o ato de confrontar dois elementos a fim de se conhecer as semelhanças ou diferenças existentes entre eles:

or. principal	or. sub. adv. comparativa
Choveu aqui	**como chove em Belém**.

Na oração comparativa é comum que o verbo seja o mesmo tanto na oração principal quanto na subordinada; por isso, na oração comparativa geralmente ocorre a elipse do verbo:

Choveu aqui **como em Belém**.

Falava **mais que papagaio**.

As principais conjunções comparativas são: **como**, **que** (precedido de **mais** ou de **menos**).

Há casos em que na comparativa se impõe uma condição; temos então uma comparativa hipotética, como nesses versos de Chico Buarque na música "Construção":

"Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo"

(Chico Buarque. Construção. In: *Chico Buarque letra e música I*. 2.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 95.)

Há também orações comparativas correlativas. Nesse caso, a oração subordinada não se prende ao verbo da principal:

Lê mais **que estuda**.

Escreve menos **do que fala**.

CONSECUTIVA

Exprime consequência (resultado ou efeito de uma ação):

or. principal	or. sub. adv. consecutiva
Choveu tanto	**que o jogo foi suspenso**.

A principal conjunção consecutiva é o **que** (precedido de um termo intensivo: **tão**, **tal**, **tanto**).

As orações consecutivas são normalmente do tipo correlativo: **tão... que**, **tanto... que**, **tal... que**.

CONCESSIVA

Exprime concessão. Concessão é o ato de conceder, de permitir, de não negar, de admitir uma ideia contrária. As concessivas apresentam um suposto obstáculo que não impede a realização do fato expresso na oração principal:

or. principal	or. sub. adv. concessiva
Choveu	**embora a meteorologia previsse bom tempo**.

As principais conjunções e locuções conjuntivas concessivas são: **embora**, **se bem que**, **ainda que**, **mesmo que**, **conquanto**.

É fácil reconhecer uma oração concessiva, uma vez que ela sempre traz em si a ideia de **apesar de**:

Tirou boa nota **se bem que não tivesse estudado**. (= Tirou boa nota **apesar de não ter estudado**.)

As orações concessivas podem aparecer sob a forma de concessivas intensivas. Nesse caso, costumam vir introduzidas pelas locuções conjuntivas **por mais que**, **por menos que**, **por muito que**:

or. sub. adv. concessiva	or. principal
Por mais que se esforçasse,	não conseguiria. (= Embora se esforçasse muito, não conseguiria.)

CONDICIONAL

Exprime condição, entendida como uma obrigação que se impõe ou se aceita para que determinado fato se realize:

or. principal	or. sub. adv. condicional
Viajaremos	**se não chover amanhã**.

As principais conjunções e locuções conjuntivas condicionais são: **se**, **caso**, **contanto que**, **desde que**.

A oração condicional traz sempre a ideia de **na hipótese de**:

Terminarei o trabalho amanhã **se tudo der certo**. (= Terminarei o trabalho amanhã **na hipótese de tudo dar certo**.)

A oração subordinada condicional pode aparecer justaposta à principal, isto é, sem conectivo:

or. sub. adv. condicional	or. principal
Tivesse eu dinheiro,	viajaria para a Europa.
Soubesse ele a verdade,	teria agido de outra forma.

CONFORMATIVA

Exprime conformidade, isto é, de acordo, de adequação, de não contradição:

or. principal	or. sub. adv. conformativa
Choveu	**conforme era previsto**.

As principais conjunções conformativas são: **conforme**, **segundo**, **consoante**, **como**.

FINAL

Exprime finalidade. Entende-se por finalidade o objetivo, o propósito de um fato:

or. principal	or. sub. adv. final
Os lavradores utilizaram fertilizantes especiais	**a fim de que a colheita fosse mais abundante**.

As principais conjunções e locuções conjuntivas finais são: **a fim de que**, **para que**, **que**.

PROPORCIONAL

Exprime proporção. Entenda-se por proporção a relação existente entre duas coisas, de modo que qualquer alteração em uma delas implique alteração na outra:

or. sub. adv. proporcional	or. principal
À medida que a ciência progride,	o romantismo se extingue.

As principais locuções conjuntivas proporcionais são: **à proporção que**, **à medida que**.

A ideia de proporção também pode ser expressa por meio de expressões correlativas, como **quanto mais... mais**, **quanto mais... menos**, **quanto menos... mais**, **quanto menos... menos** etc. Observe:

Quanto mais chove, **mais** o trânsito fica caótico. **Quanto menos** trabalha, **mais** quer descansar.

TEMPORAL

Exprime tempo, ou seja, o momento ou o período de ocorrência de um fato.

or. principal	or. sub. adv. temporal
O jogo terminou	**quando eram dez horas**.

As principais conjunções e locuções conjuntivas temporais são: **quando**, **enquanto**, **logo que**, **desde que**, **assim que**, **agora que**.

As orações subordinadas temporais podem aparecer justapostas, isto é, sem conectivo:

or. principal	or. sub. adv. temporal
Esse cantor faz sucesso	**há muito tempo**.

MESMA CONJUNÇÃO COM VALORES SEMÂNTICOS DIFERENTES

Saber classificar as orações subordinadas adverbiais é, antes de mais nada, saber interpretar o que se está lendo ou ouvindo. Evite decorar a relação das conjunções para classificar as orações, já que, como você percebeu, uma mesma conjunção (ou locução conjuntiva) pode iniciar vários tipos de orações subordinadas adverbiais. Observe:

Irás bem na prova **desde que** estudes. (condição)

Ele não para de falar **desde que** chegou. (tempo)

Agiu **como** um herói. (comparação)

Como era um herói, teve coragem de salvar os náufragos. (causa)
Faça os exercícios **como** foi solicitado. (conformidade)
Ela era mais alta **que** eu. (comparação)
Não mexia uma palha **que** não obtivesse lucro com isso. (condição)
Jovem **que** era, deixou-se levar pela emoção. (causa)
Esforçou-se tanto **que** conseguiu o resultado desejado. (consequência)

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS JUSTAPOSTAS

Alguns tipos de orações subordinadas adverbiais podem aparecer justapostas à oração principal. Uma oração está justaposta à outra quando não se relaciona por meio de conectivo.

Para classificar uma oração subordinada adverbial justaposta, basta atentar para o sentido que ela expressa. Veja alguns exemplos:

or. sub. adv. condicional: [Tivesse eu dinheiro,] or. principal: [viajaria para a Europa.]

or. principal: [Os trabalhos de escavação começaram] or. sub. adv. temporal: [há muito tempo.]

Posição das orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais podem ocupar três posições no período: depois da principal, antes da principal ou intercalada na principal. Observe:

or. principal: [As chuvas chegaram] or. sub. adverbial: [como era esperado.]

or. principal: [O brinquedo durará muito tempo] or. sub. adverbial: [se for bem cuidado.]

or. sub. adverbial: [Como era esperado,] or. principal: [as chuvas chegaram.]

or. sub. adverbial: [Se for bem cuidado,] or. principal: [o brinquedo durará muito tempo.]

or. principal: [As chuvas, or. sub. adverbial: [como era esperado,] or. principal: chegaram.]

or. principal: [O brinquedo, or. sub. adverbial: [se for bem cuidado,] or. principal: durará muito tempo.]

Não são todos os tipos de orações subordinadas adverbiais cuja posição no período pode variar. As consecutivas e as comparativas, por exemplo, têm posição fixa: estarão sempre depois da principal.

or. principal: [Falava] or. sub. adverbial comparativa: [como as crianças falam.]

or. principal: [Gastou mais] or. sub. adverbial comparativa: [do que pretendia.]

or. principal: [Atrasaram-se tanto] or. sub. adverbial consecutiva: [que perderam o espetáculo.]

or. principal: [Era uma pessoa tão sensível] or. sub. adverbial consecutiva: [que chorava por qualquer coisa.]

Observe que, nessas orações, há correlação entre a subordinada e a principal, na medida em que uma implica a outra. A conjunção que inicia a subordinada relaciona-se a uma palavra presente na oração principal: o **que** da comparativa relaciona-se com **mais** ou **menos** e o da consecutiva com **tão**, **tal**, **tanto**.

As orações adverbiais e a pontuação

Quanto à pontuação, as orações subordinadas adverbiais antepostas à oração principal ou nela intercaladas devem vir separadas por vírgulas. Caso a oração adverbial venha posposta à oração principal, a vírgula será facultativa.

"**Quando alguém recebia cartas,** ia pedir-lhe a tradução delas." (Graciliano Ramos)

Tais procedimentos, **enquanto não forem devidamente aprovados,** devem ser evitados.

Atividades

1. "A impaciência com o 'baixo clero' corintiano, porém, não se viu com as estrelas do time. Tevez, Carlos Alberto e Sebá, que estreou ontem, mesmo jogando bem, foram festejados pela torcida."

(*Folha de S.Paulo*, 17 fev. 2005. p. D3.)

a) O emprego inadequado de uma oração subordinada adverbial é responsável por uma incoerência no texto acima. Identifique essa oração e comente a incoerência.

b) A que termo do período se refere a oração **que estreou ontem**? Como ela deve ser classificada?

2. Nos itens a seguir apresentamos duas frases isoladas. Reúna-as num período composto por subordinação estabelecendo entre elas a relação indicada entre parênteses.

a) Ele não havia estudado. Ele foi mal na prova. (causa)

b) Caminhar depressa. Chegará a tempo. (condição)

c) Não viajamos. Estava chovendo. (causa)

d) Choveu muito neste ano. No ano passado choveu mais. (comparação)

e) Fomos à praia. Estava chovendo. (concessão)

Texto para as questões de 3 a 10.

"Enquanto a universidade não se refizer da reforma universitária, que deixou de lado a formação humanística, haverá espaço para esse tipo de curso que vê na completa diversidade do público uma prova de que não só a falência universitária empurra multidões para as novas salas de aula."

3. Classifique a oração "Enquanto a universidade não se refizer da reforma universitária".

4. Classifique a oração "que deixou de lado a formação humanística".

5. Classifique a oração "que vê na completa diversidade do público uma prova".

6. Classifique a oração "de que não só a falência universitária empurra multidões para as novas salas de aula".

7. Retire do texto dois exemplos de pronome relativo.

8. Agora dê um exemplo de conjunção subordinativa integrante.

9. Qual é a oração principal do período?

10. Que tipo de período temos? Por quantas orações é formado?

11. Classifique as orações em destaque.

a) "Nada é mais próximo da patologia **do que o culto da normalidade levada ao extremo.**" (Roudinesco)

b) Com pouco me contento, **embora deseje muito.**

c) "Há rios tão grandes **que as pessoas devaneiam o outro lado do horizonte líquido.**" (Lourenço Diaféria)

d) "A verdade era que, **embora fascinasse a muitos**, não eram poucos os que dele desconfiavam." (Oscar Wilde)

e) "**Se um homem encara a vida de um ponto de vista artístico**, seu cérebro passa a ser seu coração." (Oscar Wilde)

f) "**Por mais longe que o espírito vá**, nunca irá mais longe **que o coração.**" (Confúcio)

g) "Chego a mudar de calçada / **Quando aparece uma flor**" (Chico Buarque)

h) "Meu pranto rolou / **Mais do que água na cachoeira** / **Depois que ela me abandonou**" (Raul Sampaio e Benil Santos)

i) "**Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel** / Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu" (Toquinho, Vinicius de Moraes, G. Morra e M. Fabrízio)

j) "A mulherice só lhe nasceria tarde **porque até no capim vagabundo há desejo de sol.**" (Clarice Lispector)

k) **À medida que o tempo passa** você fica mais gordo.

12. Em relação ao período "Como eu sou feliz, eu quero ver feliz quem andar comigo", escrito por Guilherme Arantes, responda:

a) Classifique as orações **Como eu sou feliz** e **quem andar comigo**.

b) O adjetivo **feliz** aparece duas vezes no período. A que termo ele se refere em cada uma das ocorrências? Qual é a sua função sintática em cada caso?

13. Delimite e classifique as orações do período a seguir:

"O coelho corre mais rápido que a raposa porque corre pela sua vida, enquanto a raposa corre apenas pelo seu jantar." (Esopo)

14. "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos." Empregando a conjunção adequada, reescreva o período, estabelecendo entre essas orações:

a) uma relação causal;

b) uma relação de conclusão.

15. Destaque e classifique as orações subordinadas adverbiais.

a) À medida que caminhávamos, mais longe ficávamos da base.
b) Falou mais alto a fim de que todos o ouvissem melhor.
c) Como não tivesse estudado, foi mal na prova.
d) Conforme era previsto, ele não compareceu.
e) Embora fosse rico, vivia na mais extrema penúria.
f) Saí, conquanto estivesse doente.
g) Estava falando alto desde que chegou.
h) Falou tanto que ficou rouco.
i) "Quando serenei, pareceu-me que houvera barulho sem motivo." (Graciliano Ramos)
j) "Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos." (Graciliano Ramos)
k) "À medida, porém, que as horas se passavam, sentia-me cair num estado de perplexidade e covardia." (Graciliano Ramos)
l) "Guiou-me ao canto nono, como a uma rua suspeita." (Raul Pompeia)
m) "Era cedo demais para que eu pudesse pesar filosoficamente a revelação..." (Raul Pompeia)
n) "Emília foi mais forte do que eu." (Cyro dos Anjos)
o) "Desde que houve a reunião em casa de Jandira, eu não pensava mais em Arabela (...)" (Cyro dos Anjos)
p) "Recolheu sua mala para que o intruso se acomodasse." (Fernando Sabino)
q) A prova, como se esperava, foi muito difícil.
r) A chuva foi de tal modo intensa que inundou quase todas as casas.

16. Analise as orações destacadas e marque:

A se for adverbial causal;
B se for adverbial consecutiva.

a) Correram tanto, **que ficaram cansados**.
b) Ficaram cansados **porque correram muito**.
c) Foram punidos **porque se comportaram muito mal**.
d) Comportaram-se tão mal, **que foram punidos**.

17. Classifique as orações destacadas.

a) **Embora não fosse culpado**, foi condenado.
b) Iriam viajar no sábado, **desde que fizesse bom tempo**.
c) Não paravam de conversar **desde que a aula começou**.
d) Comeram tanto, **que passaram mal**.
e) Passaram mal **porque comeram muito**.

18. Indique a circunstância estabelecida pela palavra **que** nas orações que seguem.

a) Jovem que era, atirou-se ao trabalho com grande ímpeto.
b) Não mexia uma palha que não obtivesse algum lucro com isso.
c) Fiz-lhe um sinal que se calasse.
d) Falava mais que os outros.
e) Riu, que se esbugalhou.

19. Classifique as orações em destaque.

a) Ele chegará **quando for necessário**.
b) Perguntei a ele **quando chegariam as encomendas**.
c) Explicarei novamente, **se me derem atenção**.
d) Perguntaram **se ele iria à festa**.

ORAÇÕES SUBORDINADAS REDUZIDAS

Muitas vezes, as orações subordinadas podem aparecer sob a forma de orações reduzidas. As orações subordinadas reduzidas têm duas características:

- apresentam o verbo em uma das formas nominais: gerúndio, particípio, infinitivo;
- não vêm introduzidas por conectivos (conjunções subordinativas ou pronomes relativos).

As orações subordinadas reduzidas classificam-se, de acordo com a forma verbal que apresentam, em:

- subordinada reduzida de gerúndio;
- subordinada reduzida de particípio;
- subordinada reduzida de infinitivo.

Os três tipos de orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais) podem aparecer sob a forma de orações reduzidas. As orações substantivas sempre aparecerão sob a forma de **reduzidas de infinitivo**. As orações que não se apresentam sob a forma de reduzidas são denominadas **orações desenvolvidas**.

As orações subordinadas substantivas reduzidas encaixam-se na oração principal exercendo funções sintáticas próprias dos substantivos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, complemento nominal e aposto). Para classificá-las, basta verificar a função sintática que exercem em relação à oração principal, classificando-as como se fossem orações desenvolvidas acrescentando-se as palavras **reduzida de infinitivo**. Observe:

or. principal	or. sub.
Meu desejo era	**passar um mês fora**.

A oração **passar um mês fora** exerce a função sintática de predicativo do sujeito; deve então ser classificada como **oração subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo**.

Veja:

or. principal	or. sub.
Tinha interesse	**em ser contratado**.

A oração **em ser contratado** exerce a função sintática de complemento nominal; deve então ser classificada como **oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo**.

Observe também:

or. principal	or. sub.
É necessário	**verificar a data de validade do produto**.

A oração **verificar a data de validade do produto** exerce a função sintática de sujeito de **é necessário**; deve então ser classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo**.

Pode-se usar o artifício de substituir a oração subordinada substantiva reduzida pela palavra **isso**, transformando o período composto em um período simples. A função sintática que a palavra **isso** desempenhar no período simples será a mesma que a oração subordinada substantiva reduzida exerce:

or. principal	or. sub.
A equipe de resgate esperava	**encontrar sobreviventes**.
	↓
A equipe de resgate esperava	**isso**. (objeto direto)

Encontrar sobreviventes: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

or. principal	or. sub.
É necessário	**fazer a revisão do carro**.
	↓
É necessário	**isso**. (sujeito) (**Isso** é necessário.)

Fazer a revisão do carro: oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

Para classificar orações subordinadas adjetivas e adverbiais que se apresentam na forma de oração reduzida, costuma-se adotar o seguinte procedimento:

1. desenvolvê-las, isto é, tirá-las da forma reduzida, fazendo aparecer o conectivo (conjunção subordinativa ou pronome relativo);
2. classificar a oração desenvolvida;
3. aplicar a classificação da oração desenvolvida à reduzida, acrescentando as palavras **reduzida de gerúndio**, **reduzida de particípio** ou **reduzida de infinitivo**, conforme o caso.

Observe atentamente os exemplos a seguir:

Havia muitas pessoas **trabalhando no campo**.

Desenvolvendo:

or. principal	or. sub. adj. restritiva
Havia muitas pessoas	**que trabalhavam no campo**. (pron. relativo)

Aplicando a análise à oração reduzida, temos: **oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio**.

Terminado o baile, todos saíram.

Desenvolvendo:

or. sub. adv. temporal	or. principal
Quando terminou o baile, (conjunção)	todos saíram.

Aplicando a análise da oração desenvolvida à reduzida, temos: **oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio**.

Observação:

As orações coordenadas aditivas podem aparecer sob a forma de orações reduzidas. Isso ocorre com o verbo no gerúndio exprimindo fato imediato. Nesse caso, equivale a uma coordenada iniciada pela conjunção **e**:

Chamou o garçom, **pedindo a conta**. (Chamou o garçom **e pediu a conta**.)

É importante observar que, quando o infinitivo, o gerúndio ou o particípio fazem parte de uma locução verbal, não há ocorrência de oração reduzida. Veja:

Todos devem comparecer à reunião. A mãe estava chamando o filho. O deputado foi cassado.

Nesse três exemplos, temos períodos simples, já que o infinitivo, o gerúndio e o particípio funcionam como verbos principais de locuções verbais.

As orações reduzidas e a pontuação

Quanto à pontuação das orações subordinadas reduzidas, devem-se observar as mesmas recomendações que fizemos para o caso de elas se apresentarem desenvolvidas.

- substantivas (exceto as apositivas) não se separam da principal por sinal de pontuação:

  Nossa maior preocupação era **saber o destino das encomendas**.

- adjetivas restritivas não se separam da principal por vírgula:

  Há diversos livros **esperando publicação**.

- adjetivas explicativas separam-se da principal por vírgula:

  O capítulo I da Constituição Federal**, compreendendo os direitos e deveres individuais e coletivos,** assegura a liberdade de expressão.

- adverbias separam-se da principal por vírgula, sobretudo se vierem antepostas à principal ou nela intercaladas:

  Terminado o trabalho, puderam descansar.

  Os condôminos**, por estarem insatisfeitos,** pediram ao síndico uma reunião.

A gramática no dia a dia

ACRÉSCIMO DE PREPOSIÇÃO EM ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Vimos que as orações subordinadas substantivas objetivas diretas completam o sentido de um verbo transitivo direto da oração principal sem auxílio de preposição. No entanto, na linguagem do dia a dia, é comum encontrarmos orações subordinadas substantivas objetivas diretas introduzidas por preposição, como ocorre nos exemplos a seguir:

Não sei **para** onde vou. Diga-me **com** quem andas.

Observe que, apesar de virem introduzidas por preposição, estas orações funcionam como objeto direto, uma vez que completam o sentido de verbos transitivos diretos (quem sabe, sabe alguma coisa; quem diz, diz alguma coisa).

A preposição, nesses casos, não é exigida pela regência do verbo da oração principal, que é transitivo direto, mas por um termo da oração subordinada: "vou para", "andas com".

OMISSÃO DE PREPOSIÇÃO EM ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

É também bastante comum, na linguagem do dia a dia, omitir-se a preposição em orações que deveriam vir por ela introduzidas, como as objetivas indiretas e as completivas nominais:

Gostaria **que ela pudesse sair comigo hoje**.

Tenho absoluta certeza **que ele deverá estar presente na reunião**.

OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELAS ORAÇÕES ADVERBIAIS

Vimos que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) faz referência a nove tipos de oração subordinada adverbial: causal, comparativa, concessiva, condicional, conformativa, consecutiva, final, proporcional,

temporal. No entanto, podemos encontrar orações adverbiais que expressam outras circunstâncias. É o que ocorre, por exemplo, em:

Onde moro, falta água todos os dias. Saiu **sem que fosse notado**.

Observe que as orações **onde moro** e **sem que fosse notado** referem-se aos verbos das orações principais (**falta** e **saiu**), acrescentando a esses verbos circunstâncias de **lugar** e **modo**, respectivamente.

ORAÇÕES REDUZIDAS COMO RECURSO DE CONCISÃO

O emprego de orações reduzidas no lugar de orações desenvolvidas é um importante recurso para dar concisão a um texto, pois, recorrendo às reduzidas, evitamos o excesso de conectivos (conjunções e pronomes relativos). Observe duas versões de um mesmo texto:

Quando terminou a palestra, o orador comentou **que** respondera com clareza a todas as perguntas **que** os ouvintes fizeram, **porque** se preparara muito bem para o evento **que** todos aguardavam.

Terminada a palestra, o orador comentou ter respondido com clareza a todas as perguntas feitas pelos ouvintes, **porque** se preparara muito bem para o evento aguardado por todos.

Percebeu? Dos cinco conectivos da primeira versão, restou apenas um na segunda.

Atividades

1. O texto a seguir é encontrado em agências bancárias:

Prezado cliente

Se desejar, solicite aqui a sua senha de controle para atendimento e dirija-se à fila.

a) Por quantas orações é formado?
b) Que tipo de período ocorre?
c) Qual a circunstância expressa pela primeira oração?

2. Nas propagandas de remédios aparece a seguinte mensagem: "A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado".

a) Que ideia exprime a primeira oração?
b) Sem alterar o sentido, reescreva esse período iniciando-o por uma conjunção subordinativa.

3. Leia: "Custa muito caro para a sociedade manter limpos os espaços públicos e recuperar a natureza afetada".

(Denatran – Departamento Nacional de Trânsito. Direção defensiva.)

a) Nesse período há duas orações coordenadas entre si. Identifique-as e classifique-as.
b) A que termo se referem os adjetivos **limpos** e **afetada**? Que função sintática exercem?
c) A que palavra refere-se **caro**? A que classe de palavras pertence? Qual é sua função sintática?

4. Observe as frases a seguir e indique a função sintática dos trechos destacados.

a) "Limitou-se **a sorrir, a agradecer ao chefe**."
b) "Mas desejo **requerer minha aposentadoria**."

5. Observe os períodos a seguir:

"Não havia necessidade de muita roupa."

Não havia necessidade de usar muita roupa.

Indique quantas orações formam esses períodos e a função sintática de **de muita roupa** e **de usar muita roupa**.

6. Desenvolva as seguintes orações reduzidas e, a seguir, classifique-as.

a) Há sombras vagueando na noite.
b) Temendo consequências mais drásticas, suspenderam a obra.
c) Não comparecendo à reunião, sairás prejudicado.
d) Não dizendo a verdade, nada conseguirás.
e) Terminada a festa, retiraram-se todos os convidados.
f) Precisando, disponha.
g) Foram repreendidas por se queixarem.

7. Explique por que há ambiguidade no período "O guarda encontrou os criminosos correndo em direção à estação".

8. Nos períodos a seguir, destaque as orações reduzidas e, depois, classifique-as.

a) Fiz um atalho, para diminuir o caminho.
b) É necessário fazermos mudanças radicais.
c) Voltou para casa com um único pensamento: rever os filhos.
d) O remédio era ficarmos em casa.
e) É necessário chegares a tempo.
f) "O mal do Brasil é termos advogados demais e médicos de menos." (Erico Verissimo)
g) "Minha intenção é prestar-te um serviço." (Sófocles)
h) "O que eu desejava era ter uma certeza e acabar depressa com aquilo." (Graciliano Ramos)

9. Nos períodos a seguir, indique a circunstância expressa pela oração destacada.

a) **Sabendo que seria preso**, ainda assim saiu à rua.
b) **Não vendo o poste**, colidiu com ele.
c) **Estando em boa fase**, não fez grande partida.
d) Não veio **por estar muito ocupado**.
e) **Apesar de só dizer a verdade**, não lhe deram crédito.
f) **Sem estudar**, você não será aprovado.
g) **Entrando na faculdade**, procurarei emprego.

Dos textos à gramática
Da gramática aos textos

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos vinte e sete anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 5. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 160-1.)

1. Na primeira estrofe do poema, temos um período composto. Identifique e classifique as orações que o formam.

2. O primeiro verbo do poema é **adoçar**, que se repete no último verso. Indique o agente desse verbo nas duas ocorrências.

3. Na primeira estrofe, o poeta utiliza uma construção passiva: "O branco açúcar (...) não foi produzido por mim".
   a) Como seria essa frase na voz ativa?
   b) Por que o poeta teria preferido a construção passiva à construção na voz ativa?

4. Observe: "Vejo-o puro / e afável ao paladar".
   a) O pronome pessoal oblíquo retoma um termo mencionado anteriormente. Indique-o.
   b) **Puro** e **afável** são adjetivos. A que eles se referem? Que função sintática desempenham nessa oração?
   c) Qual a função sintática de **ao paladar**?

5. O poeta compara o açúcar a "beijo de moça", "água na pele", "flor que se dissolve na boca". Qual característica do açúcar é ressaltada por meio dessas comparações?

6. O produto do trabalho – o açúcar – é apresentado como algo branco, doce e puro, agradável como um beijo de moça, como uma flor que se dissolve na boca.
   a) Quais imagens o poeta apresenta em oposição à doçura do açúcar?
   b) A quem elas se referem?

7. Como o poeta caracteriza os homens que plantaram e colheram a cana e produziram o açúcar?

8. Observe este trecho: "Este açúcar era cana / e veio dos canaviais extensos / que não nascem por acaso / no regaço do vale".
   a) Que tipo de período ocorre?
   b) Classifique as orações que o compõem.

9. Reescreva a última estrofe do poema, eliminando os termos que indicam circunstâncias de lugar e de tempo.

10. O pronome relativo, ao contrário das conjunções, exerce função sintática na oração que inicia. Indique a função sintática do pronome relativo nos trechos a seguir:
    a) "O branco açúcar que adoçará meu café / nesta manhã de Ipanema / não foi produzido por mim"
    b) "Em lugares distantes, onde não há hospital / nem escola, / homens que não sabem ler e morrem de fome / aos vinte e sete anos / plantaram e colheram a cana / que viraria açúcar."
    c) "(...) produziram este açúcar / branco e puro / com que adoço meu café esta manhã em Ipanema."

11. No poema observa-se uma relação de aproximação e distanciamento entre o lugar da enunciação do eu poético e o da temática enunciada. Aponte palavras e expressões do texto que indicam essa relação.

CAPÍTULO 17

Concordância verbal

INTRODUÇÃO

Concordância é o mecanismo pelo qual as palavras alteram suas terminações para se adequarem harmonicamente na frase.

Há dois tipos de concordância:

a) **concordância verbal:** o verbo altera suas desinências para ajustar-se em pessoa e número ao seu sujeito:

O ipê floresce em agosto.

As acácias florescem em novembro.

Eu rego as plantas todos os dias.

Nós regamos as plantas todos os dias.

b) **concordância nominal:** os nomes (adjetivos, artigos, numerais e pronomes adjetivos) alteram suas desinências para se ajustarem em número e gênero ao substantivo (ou pronome substantivo) a que se referem:

Aquela flor amarela floresce em agosto.

Aquelas flores brancas florescem em novembro.

Ele mesmo regou as plantas.

Elas próprias cuidavam dos jardins.

Neste capítulo, estudaremos a concordância verbal e, no próximo, a concordância nominal.

CONCORDÂNCIA VERBAL

REGRA

O verbo e seu sujeito deverão concordar em número e pessoa:

Eu	cheguei.
Tu	chegaste.
O aluno	chegou.
Os alunos	chegaram.
sujeito	verbo

Verbo e sujeito deverão concordar mesmo que a frase esteja na ordem inversa (verbo anteposto ao sujeito):

Faltaram, (verbo) naquele dia, **cinco pessoas**. (sujeito)

Sucederam, (verbo) naquela época, **acontecimentos trágicos**. (sujeito)

A regra geral não oferece grandes dificuldades. Os problemas surgem nos inúmeros casos em que a concordância não é feita de acordo com a regra e em outros para os quais ainda não há uma norma definida, já que, mesmo em bons autores, encontram-se concordâncias diferentes para a mesma ocorrência.

CASOS PARTICULARES

Substantivos coletivos

Quando o sujeito é um coletivo, o verbo acompanha o número do substantivo coletivo:

O bando (sujeito (coletivo no singular)) **perturbou** (verbo (3.ª pess. do singular)) a pacata cidade.

Os bandos (sujeito (coletivo no plural)) **perturbaram** (verbo (3.ª pess. do plural)) a pacata cidade.

Se o coletivo vier especificado por um adjunto adnominal, o verbo pode concordar com o substantivo coletivo (conforme a regra), ou com o núcleo do adjunto adnominal:

A **multidão** de fanáticos **torcedores** (sujeito) **aplaudiu** (verbo) (ou **aplaudiram**) (verbo) a linda jogada.

Um **bando** de **aves** (sujeito) **partiu** (verbo) (ou **partiram**) (verbo) em revoada.

Expressões *a maior parte de / grande parte de*

Quando o sujeito for uma expressão partitiva (como **a maioria de**, **a maior parte de**, **grande parte de**, **metade de** etc.) anteposta ao verbo, o verbo pode ficar no singular (o que é mais frequente) ou no plural:

Grande **parte** dos torcedores (sujeito) **compareceu** (verbo) (ou **compareceram**) (verbo) ao estádio.

A maior **parte** dos presentes (sujeito) **aplaudiu** (verbo) (ou **aplaudiram**) (verbo) a jogada.

Se a expressão partitiva vier posposta ao verbo, ele fica no singular concordando com o substantivo que funciona como núcleo da expressão partitiva:

É de São Paulo que **chega** (verbo) **a maioria dos voos**. (sujeito)

Viajou (verbo) para o Nordeste **grande parte dos turistas**. (sujeito)

Nomes que só se usam no plural

Quando o sujeito é um nome que só se usa no plural e não vem precedido de artigo, o verbo fica no singular. Caso esse nome venha precedido de artigo, o verbo deverá estar no mesmo número em que estiver o artigo:

Minas Gerais **produz** muito leite.
As Minas Gerais **produzem** muito leite.
Férias **faz** bem.
As férias **fazem** bem.

Pêsames não **traz** conforto.
Os pêsames não **trazem** conforto.
Os Estados Unidos **enviaram** poderoso reforço.
O Amazonas **fica** longe.

Pronomes de tratamento

Quando o sujeito é representado por um pronome de tratamento, o verbo fica sempre na terceira pessoa (singular ou plural, dependendo do número do pronome de tratamento):

Vossa Alteza sabe o lugar.
Vossas Altezas sabem o lugar.

Vossa Excelência pediu calma.
Vossas Excelências pediram calma.

Pronome relativo *que*

Quando o sujeito é representado pelo pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo:

Paulo foi	**a pessoa**	que	**despachou**	a mercadoria.
Estas foram	**as pessoas**	que	**distribuíram**	a mercadoria.
Todos sabiam que foste	**tu**	que	**entregaste**	a mercadoria.
Ninguém sabia que fomos	**nós**	que	**autorizamos**	a importação.
	antecedente	sujeito	verbo	

Um dos que

Com a expressão **um dos que**, seguida ou não de um nome no plural, o verbo poderá ir para o singular ou para o plural.

O verbo irá para o plural, caso o processo verbal se refira ao nome plural antecedente do pronome **que**:

O Chile é um dos países da América do Sul que não **fazem** fronteira com o Brasil.
(Dois países da América do Sul não **fazem** fronteira com o Brasil: Equador e Chile. O Chile é um deles.)

No exemplo acima, **fazem** refere-se ao substantivo **países**, que funciona como antecedente do pronome **que**.

A atual prefeita foi eleita com mais de um milhão de votos; Camila foi uma das que **votaram** nela.
(Várias pessoas votaram na prefeita e Camila foi uma dentre elas.)

Nesse outro exemplo, **votaram** refere-se ao substantivo **pessoas**, subentendido antes do pronome **que**: Camila foi uma das [pessoas] que votaram nela.

O verbo ficará no singular caso o processo verbal seja atribuído a um dos indivíduos apenas, representado, portanto, por um nome no singular, que funcionará como antecedente do pronome relativo **que**.

É o que nos ensina Carlos Góis. Segundo esse autor, para que se verifique o singular com a expressão **um dos que**

"(...) é indispensável:

a) que haja uma vírgula separando o **que** da palavra que lhe vier antes – a fim de prevenir ao leitor que essa palavra que está antes **não é o antecedente do que**;
b) que o nome plural **não seja precedido de demonstrativo** (este, esse, aquele), caso em que é de rigor o plural."

(GÓIS, Carlos. *Sintaxe de concordância*. 9. ed. Edição e propriedade do autor. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte. Depositários: Paulo de Azevedo & Cia. Ltda., 1945. p. 77.)

Vejamos alguns exemplos que esclarecem a questão:

Francisco é um dos veteranos da Guerra de Canudos, que ainda **sobrevive**.
(Francisco é um dos veteranos da Guerra de Canudos, que, dentre os demais veteranos, ainda sobrevive.)

Nesse exemplo, **sobrevive** refere-se ao substantivo **Francisco**, que funciona como antecedente do pronome **que**.

O Sena é um dos rios europeus, que **atravessa** Paris.

(O Sena é um dos rios europeus, que, dentre os demais rios, é o que atravessa Paris.)

Na frase acima, **atravessa** refere-se ao substantivo **Sena**, que é o antecedente do pronome relativo **que**.

Convém ainda observar que, nas orações com o verbo no singular, temos uma oração subordinada adjetiva explicativa, daí a obrigatoriedade da vírgula antes do relativo **que**. Nos exemplos apresentados, se alterarmos a ordem das frases, teremos:

Francisco, que ainda **sobrevive**, é um dos veteranos da Guerra de Canudos.

O Sena, que **atravessa** Paris, é um dos rios europeus.

Já nas frases a seguir, o verbo vai para o plural porque o nome no plural está precedido de pronomes demonstrativos (aquelas e esses):

Sandra é uma daquelas pessoas que **recusaram** o convite.

O vermelho e o negro é um desses romances que nos **emocionam**.

Nessas frases, a oração iniciada pelo relativo **que** é classificada como adjetiva restritiva.

Pronome relativo *quem*

Quando o sujeito é representado pelo pronome relativo **quem**, o verbo deve ficar na terceira pessoa do singular, concordando com esse pronome:

Desta vez sou eu **quem** (sujeito) **paga** (verbo) a conta.

Na festa foste tu **quem** (sujeito) **cantou**. (verbo)

Entre os diversos interessados fomos nós **quem** (sujeito) **apresentou** (verbo) a melhor proposta.

A lei são eles **quem** (sujeito) **dita**. (verbo)

É fácil verificar que esta concordância é correta, bastando, para tanto, iniciar o período com a oração introduzida pelo pronome **quem**:

Quem paga a conta desta vez sou eu.

Quem cantou na festa foste tu.

Quem apresentou a melhor proposta entre os diversos interessados fomos nós.

São eles **quem dita** a lei.

Por analogia ao pronome relativo **que**, cuja concordância, como vimos, deve ser feita com seu antecedente, é frequente a concordância do verbo com o antecedente do pronome **quem**:

Desta vez sou eu **quem pago** a conta.

Na festa foste tu **quem cantaste**.

Entre os diversos interessados fomos nós **quem apresentamos** a melhor proposta.

São eles **quem ditam** a lei.

Expressões *mais de um / mais de dois / mais de...*

Quando o sujeito é formado pelas expressões **mais de um**, **mais de dois**, **mais de...**, o verbo deverá estar no mesmo número em que estiver o numeral dessas expressões:

Mais de **um** aluno **faltou**.

Mais de **dois** alunos **faltaram**.

"Mais de **oitenta** cidades do país **foram percorridas** para a gravação da fantástica diversidade da música brasileira." (*Os caminhos da Terra*, maio 2000. p. 13.)

Há, porém, dois casos em que, com a expressão **mais de um**, o verbo vai para o plural:

a) quando a expressão **mais de um** vier repetida:

Mais de um aluno, **mais de um** professor **faltaram**.

b) quando o verbo indicar reciprocidade:

Mais de um atleta **agrediram-se**.

Observação:

Com a expressão **cada um** seguida de substantivo ou pronome plural, o verbo fica no singular:

Cada um dos alunos depositou seu voto na urna.

Cada um de nós sabe o que fazer nessas horas.

Expressões *cerca de / perto de*

Quando o sujeito é formado pelas expressões **cerca de** ou **perto de**, que indicam quantidade aproximada, o verbo irá para o plural:

Cerca de cinco alunos **faltaram**.

Perto de vinte pessoas **chegaram**.

Expressões *alguns de nós / poucos de nós*

Quando o sujeito é formado por um pronome indefinido ou interrogativo plural – **alguns**, **poucos**, **muitos**, **quantos**, **quais** etc. – seguido dos pronomes pessoais **nós** ou **vós**, o verbo concordará com o indefinido plural ou com o pronome pessoal:

Alguns de	**nós consideram**	(ou **consideramos**) a situação arriscada.
Quais de	**vós receberam**	(ou **recebestes**) o prêmio?
Muitos dentre	**nós saíram**	(ou **saímos**) antes da hora.

A opção de uma escolha ou outra estará relacionada à intenção do falante. Ao optar pela construção **Alguns de nós consideramos a situação arriscada**, o falante deixa claro para o interlocutor que se inclui no grupo dos que consideram a situação arriscada, o que não ficaria claro se optasse pela construção **Alguns de nós consideram a situação arriscada**. Nesse caso, o falante não pertence necessariamente ao grupo daqueles que consideram a situação arriscada.

Como você vê, nos casos de concordância em que se admitem duas opções, a escolha por uma ou outra sempre deverá levar em conta a intenção do falante.

A opção pela concordância com um pronome ou outro só existe quando ambos estão no plural. Se o pronome indefinido ou interrogativo estiver no singular, o verbo só poderá ficar no singular concordando com ele.

Algum de nós **sabe** onde encontrar o livro.

Quem de nós **entregará** o prêmio?

Verbo com índice de indeterminação do sujeito

Quando o verbo estiver acompanhado pelo índice de indeterminação do sujeito **se**, ficará obrigatoriamente na terceira pessoa do singular:

Precisa-se de datilógrafas.

Acredita-se em marcianos.

Trabalha-se em lugares poluídos.

Vive-se bem aqui.

Observe que nesses casos temos sujeito indeterminado e a palavra **se** ligada a um verbo que não é transitivo direto.

Verbo com pronome apassivador

Quando vier acompanhado pelo pronome apassivador **se**, o verbo concordará normalmente com o sujeito, que estará expresso na oração:

Vende (verbo)	-se	**uma casa de veraneio.** (sujeito)		**Vendem** (verbo)	-se	**casas de veraneio.** (sujeito)	
Consertam (verbo)	-se	**sapatos.** (sujeito)		**Plastificam** (verbo)	-se	**documentos.** (sujeito)	

Observe que o pronome apassivador **se** está ligado a um verbo transitivo direto, numa frase na voz passiva sintética.

Por que é tão comum encontrarmos "Aluga-se casas" em vez de "Alugam-se casas"?

Construções como "Aluga-se casas", "Conserta-se sapatos", que – reiteramos – não são aceitas no padrão culto de linguagem, ocorrem por contaminação com construções em que o **se** é índice de indeterminação do sujeito: "Precisa-se de pedreiros", por exemplo. O falante não identifica os termos **casas** e **sapatos** como sujeitos dos verbos **alugar** e **consertar**, mas **aluga-se** e **conserta-se** como formas de indeterminar o sujeito. Para o falante, em construções como essas o sentido é "alguém aluga casas", "alguém conserta sapatos" e não "casas são alugadas", "sapatos são consertados".

Expressões que representam porcentagem

Quando o sujeito é uma expressão que representa porcentagem, o verbo acompanhará o numeral cardinal que abre essas expressões:

Vinte por cento se **ausentaram**.

Um por cento **faltou**.

Caso a expressão que indica porcentagem venha acompanhada de partitivo (**de** + substantivo), a concordância se faz em geral com esse substantivo (singular ou plural):

Seis por cento dos **eleitores anularam** o voto.

Seis por cento do **eleitorado anulou** o voto.

Vinte por cento dos **habitantes votaram** contra o projeto.

Vinte por cento da **população votou** contra o projeto.

Se a expressão partitiva vier antes do numeral que indica porcentagem, a concordância deve ser feita obrigatoriamente com esse numeral:

Da população da cidade, **vinte** por cento **votaram** contra o projeto.

Numerais fracionários

Quando o sujeito é representado por um numeral fracionário, a concordância deve ser feita com o numerador:

Um terço da herança **coube** ao filho mais velho.

Dois terços do eleitorado já **votaram**.

Três quintos da população **estavam** a favor.

Há uma tendência em se fazer a concordância por atração com o substantivo especificador do numeral fracionário, sobretudo quando este tem por numerador o numeral **um**:

Um terço dos **habitantes** daquela cidade **utilizam** o metrô.

Um quinto dos **alunos concordaram** com a proposta do professor.

Sujeito oracional

Quando o sujeito é representado por uma oração subordinada, o verbo da oração principal deve ficar na terceira pessoa do singular:

Ainda **falta** (verbo da or. principal) **saírem cinco alunos.** (sujeito (or. sub. subjetiva))

Expressão *haja vista*

A expressão **haja vista** não varia, mesmo seguida de expressão no plural:

Vai ser difícil convencer a opinião pública de que não há corrupção, **haja vista** os diversos pedidos de CPI apresentados.

O filme não devia ser muito bom, **haja vista** o pouco interesse do público.

O ator deverá receber vários prêmios, **haja vista** suas excelentes atuações.

Observe que o substantivo **vista** fica sempre no feminino, como nas expressões **ponto de vista**, **tenham em vista**.

Sujeito composto

Regra geral

Quando o sujeito é composto, o verbo deve ir para o plural:

(sujeito composto) **O técnico e os jogadores** **chegaram** (verbo) ao estádio.

Chegaram (verbo) ao estádio (sujeito composto) **o técnico e os jogadores.**

Se o sujeito composto vier posposto, o verbo poderá concordar com o núcleo mais próximo (concordância atrativa):

Ao estádio **chegou** (verbo) **o técnico** e os jogadores. (sujeito composto)

"Depois **veio** (verbo) **a claridade**, os grandes céus, a paz dos campos..." (Vinicius de Moraes) (sujeito composto)

Casos especiais

Há casos em que o sujeito composto, mesmo anteposto, admite o verbo no singular. Observe a seguir:

a) quando os núcleos são sinônimos ou quase sinônimos:

O rancor e o ódio **deixou**-o perplexo.

b) quando os núcleos vierem dispostos em gradação:

Uma indignação, uma raiva profunda, um ódio mortal **dominava**-o.

c) quando o sujeito é formado de dois infinitivos:

Trabalhar e estudar **fazia** dele um homem feliz.

Observação:

Caso os infinitivos exprimam ideias opostas, ocorrerá o plural:

Rir e chorar se **alternam**.

Sujeito composto resumido por um indefinido

Quando o sujeito composto vier resumido por palavras como **tudo**, **nada**, **ninguém** etc., o verbo concordará obrigatoriamente com a palavra resumitiva:

Alunos, mestres, diretores, **ninguém faltou**.

"As roupas, as selas, os arreios, **tudo estava** encharcado." (Leon Tolstoi)

"Um ribeiro, um regato, um riacho, um ribeirão, um córrego, **todos eles fazem** o mar." (Lourenço Diaféria)

Sujeito composto formado de pessoas gramaticais diferentes

Quando o sujeito composto é formado de pessoas gramaticais diferentes e entre elas houver primeira pessoa, o verbo irá obrigatoriamente para a primeira pessoa do plural:

sujeito composto
Eu, tu e ele — **resolvemos** (verbo) — o exercício. (Nós resolvemos...)

sujeito composto
O professor, tu e **eu** — **saímos** (verbo) — apressados. (Nós saímos...)

No caso de o sujeito composto ser formado de segunda e terceira pessoa, o verbo poderá ir para a segunda ou para a terceira pessoa do plural:

sujeito composto
Tu e teu colega — **chegastes** (verbo) — cedo. (Vós chegastes...)

sujeito composto
Tu e **teu colega** — **chegaram** (verbo) — cedo. (Vocês chegaram...)

Núcleos do sujeito composto ligados por *ou*

Quando os núcleos do sujeito composto vierem ligados pela conjunção **ou** vamos distinguir dois casos:

a) se a conjunção **ou** tiver valor excludente (um ou outro, nem um nem outro), o verbo ficará no singular:

sujeito composto
Roma ou Viena — **será** (verbo) — a sede das próximas Olimpíadas.

(Valor excludente = só uma delas **será** a sede.)

b) se a conjunção não tiver valor excludente, o verbo irá para o plural:

sujeito composto
Roma ou Viena — **são** (verbo) — excelentes locais para as próximas Olimpíadas.

(Valor não excludente = ambas **são**.)

Núcleos do sujeito composto ligados por *com*

Quando os núcleos do sujeito composto estiverem ligados por **com**, o verbo irá para o plural:

Marco Antônio **com** outros amigos **consertaram** a cerca.

Pode-se deixar o verbo no singular, caso se queira dar destaque ao primeiro núcleo:

O presidente **com** seus ministros **desembarcou** em Brasília. O rei **com** sua comitiva **presenciou** a cerimônia.

A concordância com o verbo no singular pode deixar a frase ambígua, pois o núcleo introduzido por **com** pode ser interpretado como adjunto adverbial de companhia. Para deixar claro que o termo introduzido por **com** é adjunto adverbial, costuma-se isolá-lo por vírgulas ou colocá-lo após o verbo:

Minha filha**, com suas colegas,** foi ao cinema. Minha filha foi ao cinema **com suas colegas**.

Sujeito formado por expressões correlativas

Quando o sujeito é formado por expressões correlativas como **não só... mas também**, **tanto... quanto**, **nem... nem** etc., o verbo concorda no plural, pois se trata de uma adição:

Não só sua atitude **mas também** seu passado **pesaram** na decisão.

Tanto a grafia **quanto** a concordância **estão** corretas.

Nem o rádio **nem** a TV **noticiaram** o fato.

CONCORDÂNCIA DE ALGUNS VERBOS QUE MERECEM DESTAQUE

Verbos *haver* e *fazer* impessoais

O verbo **haver** (no sentido de existir, ou indicando tempo transcorrido) e o verbo **fazer** (indicando tempo transcorrido) são impessoais, isto é, não possuem sujeito; devem, portanto, ficar na terceira pessoa do singular:

Havia sérios obstáculos.

Fazia dez anos que ele não vinha a São Paulo.

Deve haver sérios obstáculos.

Vai fazer dez anos que ele não vem a São Paulo.

Observe que, quando um verbo auxiliar se junta a um verbo impessoal, ele também fica no singular.

O verbo **existir** não é impessoal; portanto, possui sujeito e com ele deverá concordar normalmente:

Existem (verbo) sérios obstáculos. (sujeito)

Devem **existir** (verbo) sérios obstáculos. (sujeito)

Verbos *dar, bater, soar* indicando horas

Na indicação do número de horas, os verbos **dar**, **bater**, **soar** concordam normalmente com o seu sujeito:

O relógio (sujeito) **deu** (verbo) duas horas.

O sino da igreja (sujeito) **bateu** (verbo) três horas.

Quando não está expresso na frase "quem" deu as horas (o relógio ou equivalente), o sujeito da oração será o número de horas, com o qual o verbo deverá concordar:

Deu (verbo) **uma hora** (sujeito) no relógio da igreja.

Deram (verbo) **duas horas** (sujeito) no relógio da igreja.

É importante observar que, nos exemplos apresentados, a expressão **no relógio da igreja** não é o sujeito (veja que ela vem introduzida por preposição), mas adjunto adverbial de lugar.

Verbo *parecer* seguido de infinitivo

Com o verbo **parecer** seguido de infinitivo, flexiona-se um ou outro:

Os alunos **pareciam** chegar.

Os alunos parecia **chegarem**.

No primeiro exemplo, temos uma única oração: **pareciam chegar** é uma locução verbal, cujo verbo auxiliar está concordando com o sujeito **os alunos**. Lembre-se de que, nas locuções verbais, o verbo auxiliar é o que se flexiona para concordar com o sujeito.

No segundo exemplo, temos duas orações: **parecia** (oração principal) e os **alunos chegarem** (oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo). O sujeito de **parecia** é a oração subordinada **os alunos chegarem** (por isso, o verbo **parecer** deve ficar na terceira pessoa do singular) e o sujeito de **chegarem** é **os alunos**, com o qual está concordando normalmente.

Verbos *dever* e *poder* seguidos de infinitivo

Com os verbos **dever** e **poder** seguidos de infinitivo, há duas opções de concordância:

I. Devem-se procurar os culpados. Podem-se encontrar soluções.

Nesses casos, entende-se que **dever** e **poder** são verbos auxiliares e formam locuções verbais com o infinitivo e concordam com o sujeito plural.

II. Deve-se procurar os culpados. Pode-se encontrar soluções.

Nesses exemplos, entende-se que ocorre sujeito oracional (procurar os culpados e encontrar soluções), por isso os verbos **dever** e **poder** permanecem na terceira pessoa do singular: isso (= procurar os culpados) se deve; isso (= encontrar soluções) se pode.

Verbo *ser*

Não é fácil sistematizar a concordância do verbo **ser**, já que, muitas vezes, ele deixa de concordar com o sujeito para concordar com o seu predicativo. Vejamos, pois, os casos mais comuns:

1. O verbo **ser** concordará obrigatoriamente com o predicativo quando o sujeito for representado por um dos pronomes interrogativos **quem** ou **que**:

sujeito		predicativo
Quem	**foram**	**os artilheiros do campeonato**?
Que	**são**	**parônimos**?
Não sabemos quem	**serão**	**os finalistas**.

2. O verbo **ser** concordará obrigatoriamente com o predicativo quando indicar hora ou distância:

É uma hora.
É um quilômetro.
São duas horas.
São dois quilômetros.
São dez para uma.
Era perto de nove horas.

3. Na indicação de data, o verbo **ser** poderá concordar com o primeiro numeral que aparecer ou com a palavra **dia**, que se considera subentendida:

São quinze de dezembro.
É quinze de dezembro. (Subentende-se: É dia quinze de dezembro.)

4. Havendo pronome pessoal, o verbo **ser** concordará obrigatoriamente com ele, independentemente de o pronome pessoal atuar como sujeito ou como predicativo:

Os culpados **somos nós**.
Nós somos os responsáveis.
O gestor **sou eu**.
Eu sou o gestor.

5. Quando houver nome de pessoa, o verbo **ser** concordará obrigatoriamente com ele, independentemente de o nome de pessoa atuar como sujeito ou como predicativo:

Amaranta era as esperanças do time.
As esperanças do time **era Amaranta**.

6. Havendo dois substantivos comuns de números diferentes, o verbo **ser** concordará, de preferência, com aquele que estiver no plural:

"Um rio **são os olhos insones dos peixes irrequietos**." (Lourenço Diaféria)
A felicidade da mãe **eram os seus dois filhos pequenos**.

Quando se quer dar destaque ao sujeito, faz-se a concordância com ele:

"**O rebanho é** meus pensamentos." (Fernando Pessoa)

7 Quando o sujeito do verbo **ser** for o pronome indefinido **tudo**, ou os demonstrativos **isto**, **isso**, **aquilo**, **o**, a concordância se fará, de preferência, com o predicativo:

Tudo **são flores**.

Isto **são sintomas** menos graves.

Aquilo **eram lembranças** de um triste passado.

O que nos preocupava **eram as atitudes daquele rapaz**.

Neste caso, embora menos frequente, é admissível a concordância com o sujeito:

Tudo é flores.

Aquilo era lembranças de um triste passado.

8 O verbo **ser** que aparece nas expressões **é muito**, **é pouco**, **é suficiente**, **é bastante** (que denotam quantidade, distância, peso etc.) fica sempre no singular:

Cem metros **é** muito.

Dois reais **é** pouco.

Dez quilos **é** suficiente.

A gramática no dia a dia

EXPRESSÃO DE REALCE *É QUE*

Na linguagem do dia a dia, é bastante comum enfatizar um termo da oração com a expressão denotativa de realce **é que**:

Paulo **é que** propôs um acordo para acabar com o problema.

No exemplo, a expressão **é que** não exerce função sintática alguma, foi somente empregada para dar realce ao sujeito **Paulo**, tanto que pode ser eliminada da frase sem prejuízo algum ao sentido:

Paulo propôs um acordo para acabar com o problema.

Mesmo se tratando de uma expressão de realce, o emprego de **é que** deve obedecer às regras de concordância. Acompanhe a seguir como se processa a concordância do verbo **ser** dessa expressão.

1. Quando a expressão **é que** enfatiza o **sujeito** ou o **objeto direto**, o verbo **ser** deve concordar com esses termos:

   São esses alunos que resolveram aqueles exercícios na última semana. (O termo enfatizado é o sujeito **esses alunos**.)

   São aqueles exercícios que os alunos resolveram na última semana. (O termo enfatizado é o objeto direto **aqueles exercícios**.)

2. Quando a expressão **é que** enfatiza qualquer outra função sintática, o verbo **ser** deverá ficar invariável:

   É em momentos difíceis **que** se conhecem os verdadeiros amigos. (A expressão **é que** enfatiza o adjunto adverbial **em momentos difíceis**.)

   É de jogadores talentosos **que** o time precisa para ser campeão. (A expressão **é que** enfatiza o objeto indireto **de jogadores talentosos**.)

3. Quando empregamos a expressão **é que**, normalmente não utilizamos a vírgula que separa a circunstância colocada no início da frase:

   Com muito trabalho, conseguiremos bons resultados.

   É com muito trabalho **que** conseguiremos bons resultados.

4. A expressão **é que** pode aparecer não só no plural (**são que**), mas também em vários tempos, de acordo com outro(s) verbo(s) da frase:

   Era naquele lugar **que** ele passava as férias de verão.

   Será em Berlim **que** se realizarão os Jogos Olímpicos.

Atividades

1. Nas frases a seguir não se observou a concordância prescrita pela gramática normativa. Reescreva as frases de modo a adequá-las ao padrão formal de linguagem.

a) Com certeza, nosso problema estão nas cotas.

b) A distribuição das atividades no final de um subtítulo e/ou no final do capítulo ficam a critério do autor.

c) O argentino prêmio Nobel da Paz acha que a chancelaria dos dois países decidirão o problema.

d) Sebo é o lugar onde se vende livros usados.

e) Toda essa situação gera muitos conflitos dentro da sala de aula, o que não ocorria anos atrás, quando o ritmo de vida e a estrutura familiar era diferente.

f) Ao final da sessão, restava apenas cinco deputados no plenário.

g) A revelação dos acontecimentos ocorridos naquela sessão plenária chocaram muitas pessoas.

h) Faltava apenas dois veículos para que a indústria automobilística aquecesse o mercado de vendas de carros modernos.

i) Num único dia passou boiando três corpos.

j) Em diversos órgãos de imprensa surge especulações a respeito da separação da atriz.

k) Ainda subsiste indícios de que ela foi a autora do crime.

2. Efetue a concordância escolhendo a forma adequada entre parênteses.

a) "Tristeza, indiferença, lágrimas, sorrisos, tudo nela * ter um significado oculto." (Joseph Conrad) (parecia / pareciam)

b) "Folhas secas e sementes, pedaços de madeira, caixas de lápis e tubos de tinta, tudo * desaparecido." (Milton Hatoum) (havia / haviam)

c) "O interior do quarto, os livros, os móveis, o casaco desabotoado do professor, sua atitude diante da mesa, a chama vacilante do fogo, tudo * a história de um trabalho profundo." (Thomas Hardy) (testemunhava / testemunhavam)

d) "No Brasil as coisas acontecem, mas depois, com um simples desmentido, * de acontecer." (Stanilaw Ponte Preta) (deixa / deixam)

3. Observe as frases a seguir:

I. Após a colisão, o motorista e dono do carro compareceu à delegacia para prestar depoimento.

II. Após a colisão, o motorista e o dono do carro compareceram à delegacia para prestar depoimento.

Por que na primeira o verbo está no singular, e na segunda, no plural?

4. Leia o texto a seguir:

"Você será submetido à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Será também realizada uma entrevista para que seja avaliado se realmente você pode ser doador. O resultado dos testes realizados será enviado por correspondência."

O texto anterior foi adaptado de um prospecto do Hemocentro Doe Sangue, produzido pela Universidade Federal Paulista (Unifesp), de São Paulo. Reescreva esse texto, substituindo:

a) **você** por **tu**.

b) **você** por **você e eu**.

c) **uma entrevista** por **algumas entrevistas**.

d) **o resultado** por **os resultados**.

5. Modifique o verbo de acordo com as alterações propostas para o sujeito.

I. O senador vai se filiar a outro partido.

a) O senador e o deputado * a outro partido.

b) Os parlamentares * a outro partido.

II. Os jovens de periferia têm valores próprios.

a) A geração *shopping center* * valores próprios.

b) Você e eu * valores próprios.

c) Os adolescentes * valores próprios.

III. O turista argentino prefere o litoral de Santa Catarina.

a) O turista argentino e o uruguaio * o litoral de Santa Catarina.

b) Os turistas paraguaios * o litoral de Santa Catarina.

c) Tu e eu * o litoral de Santa Catarina.

6. Leia o texto a seguir:

"Acabavam de soar as 9 e três quartos no relógio do castelo e ele a nada se atrevera ainda. Indignado com a própria covardia, Julien pensou: 'Precisamente no momento em que o relógio bater 10 horas, hei de executar o que durante todo o dia me comprometi a fazer, ou então subo ao meu quarto e rebento os miolos'."

(STENDHAL. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Abril, 1979. p. 60.)

Com relação a ele:

a) justifique a concordância de "acabavam de soar".

b) qual a função sintática de "no relógio do castelo"?

c) justifique a concordância de **bater**.

d) reescreva o fragmento "Precisamente no momento em que o relógio bater 10 horas (...)", omitindo o termo **o relógio**.

7. Reescreva as frases a seguir, substituindo os termos destacados pelo que está entre parênteses. Faça as modificações necessárias para que a frase reescrita fique de acordo com o padrão culto de linguagem.

a) Espera-se **solução** para o caso. (soluções)

b) **Tu e ele** devem retornar logo. (Eu e ele)

c) Havia **alguma coisa estranha** naquela casa. (muitas coisas estranhas)

d) Existe **um candidato** com chances de ganhar. (dois candidatos)

e) **O México** aderiu ao acordo. (Os Estados Unidos)

f) Faz **um mês** que ele não aparece. (três meses)

g) **Mais de dois alunos** fazem o estágio obrigatório. (Mais de um aluno)

h) Deu **uma hora** da tarde no relógio do mosteiro. (duas horas)

i) Precisa-se de **padeiro** com prática. (padeiro e confeiteiro)

j) Até o ano passado, naquela cidade não havia **agência bancária**. (agências bancárias)

Nos exercícios de 8 a 83, efetue a concordância, escolhendo a forma verbal adequada.

8. Naquele dia ... dez alunos. (faltou / faltaram)
9. ... naquela época, fatos terríveis. (aconteceu / aconteceram)
10. Ainda ... quarenta blocos. (resta / restam)
11. Ainda não ... os documentos. (chegou / chegaram)
12. ... cinco minutos para começar a aula. (falta / faltam)
13. ... quatro pessoas para fazer o trabalho. (basta / bastam)
14. Um bando ... . (chegou / chegaram)
15. Um bando de alunos ... . (chegou / chegaram)
16. A maior parte da população ... a decisão. (apoiou / apoiaram)
17. A maioria dos alunos ... à aula. (faltou / faltaram)
18. Minas Gerais ... grandes escritores. (revelou / revelaram)
19. As Minas Gerais ... grandes escritores. (revelou / revelaram)
20. Os Estados Unidos ... milho. (exporta / exportam)
21. Campinas ... muito. (prosperou / prosperaram)
22. O Amazonas ... longe do Rio Grande do Sul. (fica / ficam)
23. Doze por cento ... em branco. (votou / votaram)
24. Doze por cento dos eleitores ... o voto. (anulou / anularam)
25. Vossa Majestade ... à reunião? (compareceu / comparecestes)
26. Vossas Excelências ... a decisão. (apoiaram / apoiastes)
27. Vossa Alteza ... os problemas. (conhece / conheceis)
28. Fui eu que ... o problema. (resolvi / resolveu)
29. Fomos nós que ... a dívida. (pagamos / pagou)
30. Fui eu quem ... o exercício. (resolvi / resolveu)
31. Fomos nós quem ... a conta. (pagou / pagamos)
32. Mais de um clube ... o campeonato. (ganhou / ganharam)
33. Mais de duas pessoas ... à reunião. (faltou / faltaram)
34. Mais de um veículo ... . (chocou-se / chocaram-se)
35. Cerca de vinte pessoas ... . (compareceu / compareceram)
36. Perto de trinta soldados ... . (morreu / morreram)
37. Alguns de nós ... o exercício. (resolveremos / resolverão)
38. Quais de vós ... o candidato? (apoiastes / apoiaram)
39. Poucos de nós ... . (viajamos / viajaram)
40. Qual de nós ... a decisão? (aceitará / aceitaremos)
41. Algum de nós ... o prêmio. (entregará / entregaremos)
42. A torre da igreja ... quatro horas. (bateu / bateram)
43. ... quatro horas na torre da igreja. (bateu / bateram)
44. ...-se de assuntos importantes. (tratava / tratavam)
45. ...-se em pessoas honestas. (confia / confiam)
46. ...-se aos critérios de correção. (obedeceu / obedeceram)
47. ...-se aulas de piano. (dá / dão)
48. Não se ... casos semelhantes. (conhece / conhecem)
49. Nunca se ... tanta gente interessada. (viu / viram)
50. Nunca se ... tantas pessoas interessadas. (viu / viram)
51. ... muitos candidatos para poucas vagas. (havia / haviam)
52. ... muitos candidatos para poucas vagas. (existia / existiam)
53. ... de haver sérios problemas. (há / hão)
54. ... de existir sérios problemas. (há / hão)
55. O livro e as encomendas ... . (chegou / chegaram)
56. ... o livro e as encomendas. (chegou / chegaram)
57. ... as encomendas e o livro. (chegou / chegaram)
58. A previsão e os resultados ... . (falhou / falharam)
59. ... a previsão e os resultados. (falhou / falharam)
60. ... os resultados e a previsão. (falhou / falharam)
61. Primos, tios, sobrinhos, ninguém ... . (saiu / saíram)
62. Primos, tios, sobrinhos, todos ... à festa. (foi / foram)
63. Eu, tu e ele ... a tarefa. (fizemos / fizestes)
64. Ele, tu e eu ... o pedido. (confirmamos / confirmastes)
65. Tu e teu colega ... a tempo. (chegastes / chegaram)
66. Teus amigos e tu ... o problema. (sabeis / sabem)
67. Porto Alegre ou Curitiba ... o torneio. (sediará / sediarão)
68. Fortaleza ou Recife ... bons lugares para as férias. (é / são)
69. Que ... sinônimos? (é / são)
70. Quem ... os autores daquele projeto? (foi / foram)
71. ... uma hora, dezesseis minutos e quinze segundos. (é / são)
72. ... muito mais de uma hora. (é / são)

73. ... perto de três horas quando ele chegou. (era / eram)

74. ... das cinco da tarde. (passava / passavam)

75. De São Paulo a Campinas ... cem quilômetros. (é / são)

76. Os indicados para o prêmio ... vós. (são / sois)

77. O compositor daquela música ... eu. (é / sou)

78. Capitu ... as preocupações de Bentinho. (era / eram)

79. Luciana ... as alegrias da casa. (era / eram)

80. Aquilo ... tolices de criança. (era / eram)

81. Isto ... preocupações sem sentido. (seria / seriam)

82. Cem milhões de dólares ... muito dinheiro. (é / são)

83. Quinze metros de fio ... suficiente para fazer a instalação. (é / são)

Para os exercícios de 84 a 104, adote o seguinte código:

A se apenas a sentença I estiver correta;
B se apenas a sentença II estiver correta;
C se apenas a sentença III estiver correta;
D se todas estiverem corretas;
E se nenhuma estiver correta.

84. I. Passará o céu e a terra, mas minhas palavras não passarão.
II. Tu e ele sereis convencidos de que andais em erro.
III. Esta foi uma das cidades que mais sofreram com as inundações.

85. I. Sucedeu, naquela época, acontecimentos inevitáveis.
II. Faltou, naquele dia, cinco alunos.
III. Ocorreu, naquela noite, fatos estranhos.

86. I. Chegaram o mapa e os dicionários.
II. Chegou o mapa e os dicionários.
III. O mapa e os dicionários chegaram.

87. I. Eu, tu e vossos amigos chegamos ao local.
II. Eu, tu e nosso colega saímos de casa.
III. Tu e teus amigos resolvestes o problema.

88. I. Existe casos sem solução.
II. Deve existir muitos casos sem solução.
III. Devem haver muitos casos sem solução.

89. I. Na sala de aula, havia vinte alunos.
II. Na sala de aula, existia vinte alunos.
III. Na sala de aula, tinha vinte alunos.

90. I. Faz dez anos que ele saiu.
II. Devem fazer uns dez anos que ele saiu.
III. Vão fazer uns dez anos que ele saiu.

91. I. Vê-se muitas pessoas.
II. Espera-se os resultados.
III. Via-se, através da janela, os pássaros.

92. I. Tratavam-se de assuntos muito importantes.
II. Acreditavam-se, muitas vezes, em marcianos.
III. Confiam-se em pessoas honestas.

93. I. Obedeceram-se aos regulamentos.
II. Precisa-se de cozinheiras com bastante experiência.
III. Apelam-se para pessoas altruístas.

94. I. Mais de um aluno ausentaram-se.
II. Mais de dois alunos ausentaram-se.
III. Mais de um caso ficaram sem solução.

95. I. Mais de uma pessoa fugiram.
II. Mais de um lápis, mais de uma borracha estava sobre a mesa.
III. Mais de um atleta agrediu-se.

96. I. Quais de vós pretendem fugir?
II. Quais de vós pretendeis fugir?
III. Qual de vós pretende fugir?

97. I. Foram eles que pretenderam o cargo.
II. Fomos nós que pretendemos o cargo.
III. Fui eu que fiz o exercício.

98. I. Fomos nós quem pretendeu o cargo.
II. Fui eu quem fez o exercício.
III. Hoje sou eu quem paga a conta.

99. I. Pedro ou Paulo ganharão as eleições.
II. Maria ou Ângela casarão com Pedro.
III. Mamão ou abacaxi me agradam no café da manhã.

100. I. Vossa Majestade sabeis de tudo.
II. Vossa Excelência autorizastes o negócio.
III. Sua Alteza concedestes o privilégio.

101. I. Ele não chegou, haja visto os últimos compromissos.
II. Eles não saíram, haja vista as dificuldades do trânsito.
III. Eles não chegaram, haja visto os problemas encontrados.

102. I. É uma hora em ponto.
II. É duas horas e trinta minutos.
III. São meio-dia e meia.

103. I. Da capital àquela cidade são uns duzentos quilômetros.
II. Daqui a Itabuna é setenta quilômetros.
III. De São Paulo ao Rio de Janeiro é uns quatrocentos quilômetros.

104. I. O mundo são ilusões perdidas.
II. Tudo são flores no presente.
III. Aquilo não eram suposições dignas de crédito.

Dos textos à gramática
Da gramática aos textos

Eloquência singular

Mal iniciara seu discurso, o deputado embatucou:

– Senhor Presidente: eu não sou daqueles que...

O verbo ia para o singular ou para o plural? Tudo indicava o plural. No entanto, podia perfeitamente ser o singular:

– Não sou daqueles que...

Não sou daqueles que recusam... No plural soava melhor. Mas era preciso precaver-se contra essas armadilhas da linguagem – que recusa? – ele que tão facilmente caía nelas, e era logo massacrado com um aparte. Não sou daqueles que... Resolveu ganhar tempo:

– ...embora perfeitamente cônscio das minhas altas responsabilidades como representante do povo nesta Casa, não sou...

Daqueles que recusa, evidentemente. Como é que podia ter pensado em plural? Era um desses casos que os gramáticos registram nas suas questiúnculas de português: ia para o singular, não tinha dúvida. Idiotismo de linguagem, devia ser.

– ...daqueles que, em momentos de extrema gravidade, como este que o Brasil atravessa...

Safara-se porque nem se lembrava do verbo que pretendia usar:

– Não sou daqueles que...

Daqueles que o quê? Qualquer coisa, contanto que atravessasse de uma vez essa traiçoeira pinguela gramatical em que sua oratória lamentavelmente se havia metido de saída. Mas a concordância? Qualquer verbo servia, desde que conjugado corretamente, no singular. Ou no plural:

– Não sou daqueles que, dizia eu – e é bom que se repita sempre, senhor Presidente, para que possamos ser dignos da confiança em nós depositada...

Intercalava orações e mais orações, voltando sempre ao ponto de partida, incapaz de se definir por esta ou aquela concordância. Ambas com aparência castiça. Ambas legítimas. Ambas gramaticalmente lídimas, segundo o vernáculo:

– Neste momento tão grave para os destinos da nossa nacionalidade.

Ambas legítimas? Não, não podia ser. Sabia bem que a expressão "daqueles que" era coisa já estudada e decidida por tudo quanto é gramaticoide por aí, qualquer um sabia que levava sempre o verbo ao plural:

– ...não sou daqueles que, conforme afirmava...

Ou ao singular? Há exceções, e aquela bem podia ser uma delas. Daqueles que. Não sou UM daqueles que. Um que recusa, daqueles que recusam. Ah! o verbo era recusar:

– Senhor Presidente. Meus nobres colegas.

A concordância que fosse para o diabo. Intercalou mais uma oração e foi em frente com bravura, disposto a tudo, afirmando não ser daqueles que...

– Como?

Acolheu a interrupção com um suspiro de alívio:

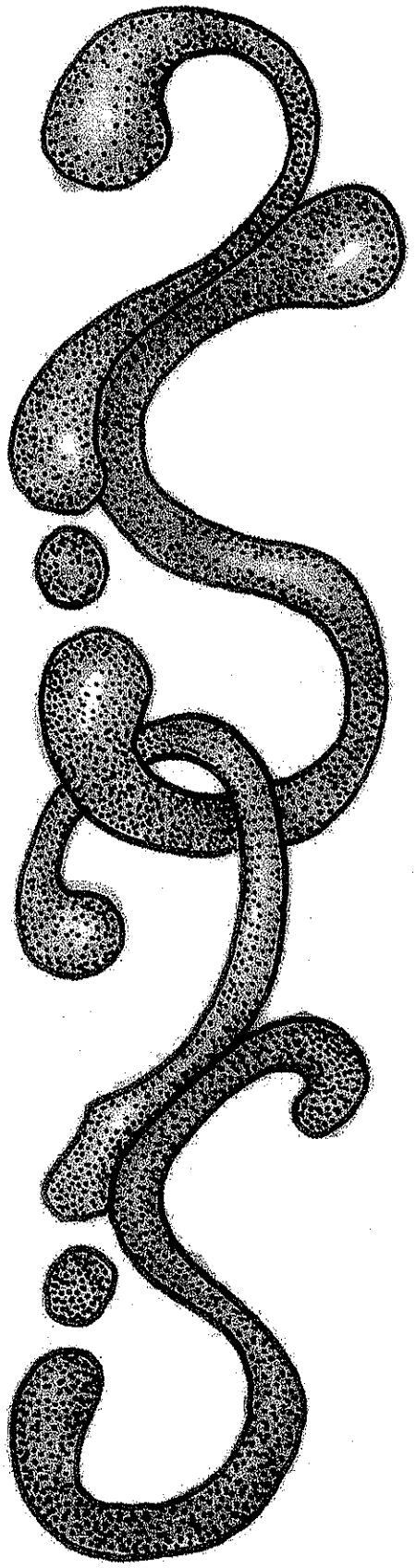

– Não ouvi bem o aparte do nobre deputado.

Silêncio. Ninguém dera aparte nenhum.

– Vossa Excelência, por obséquio, queira falar mais alto, que não ouvi bem – e apontava, agoniado, um dos deputados mais próximos.

– Eu? Mas eu não disse nada...

– Terei o maior prazer em responder ao aparte do nobre colega. Qualquer aparte.

O silêncio continuava. Interessados, os demais deputados se agrupavam em torno do orador, aguardando o desfecho daquela agonia, que agora já era, como no verso de Bilac, a agonia do herói e a agonia da tarde.

– Que é que você acha? – cochichou um.

– Acho que vai para o singular.

– Pois eu não: para o plural, é lógico.

O orador seguia na sua luta:

– Como afirmava no começo de meu discurso, senhor Presidente...

Tirou o lenço do bolso e enxugou o suor da testa. Vontade de aproveitar-se do gesto e pedir ajuda ao próprio Presidente da mesa: por favor, apura aí pra mim, como é que é, me tira desta...

– Quero comunicar ao nobre orador que o seu tempo se acha esgotado.

– Apenas algumas palavras, senhor Presidente, para terminar o meu discurso: e antes de terminar, quero deixar bem claro que, a esta altura de minha existência, depois de mais de vinte anos de vida pública...

E entrava por novos desvios:

– Muito embora... sabendo perfeitamente... os imperativos de minha consciência cívica... senhor Presidente... e o declaro peremptoriamente... não sou daqueles que...

O Presidente voltou a adverti-lo que seu tempo se esgotara. Não havia mais por que fugir:

– Senhor Presidente, meus nobres colegas!

Resolveu arrematar de qualquer maneira. Encheu o peito e desfechou:

– Em suma: não sou daqueles. Tenho dito.

Houve um suspiro de alívio em todo o plenário, as palmas romperam. Muito bem! Muito bem! O orador foi vivamente cumprimentado.

(SABINO, Fernando. *A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1965. p. 139.)

1. O verbo estará no plural ou no singular para se adequar a um outro termo da oração, o sujeito. A esse tipo de relação damos o nome de **concordância verbal**. A dúvida do deputado consistia em saber com que palavra o verbo deveria concordar. Se optasse pelo singular, o deputado concordaria o verbo com que palavra? E se optasse pelo plural?

2. A dúvida do deputado tinha razão de ser? Você já teve alguma dúvida semelhante à dele?

3. Que estratégia o deputado utilizou para ganhar tempo e não cometer um erro de concordância?

4. Reescreva os enunciados a seguir, substituindo os termos em destaque por aqueles indicados entre parênteses. Faça as alterações que julgar necessárias.

   a) "**Eu**? Mas **eu** não disse nada..." (tu / nós / Vossa Excelência)

   b) "Interessados, os demais **deputados** se agrupavam em torno do orador [...]." (senadoras)

5. A regra básica de concordância verbal determina que o verbo e o sujeito deverão concordar em número e pessoa. No entanto, existem exceções. O próprio deputado reconhece esse fato quando afirma "Há exceções, e aquela bem podia ser uma delas".

   Numa frase em que o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo não concorda com o pronome relativo, mas com o termo que ele retoma. Com base nessa explicação, responda: com a expressão "daqueles que", o deputado deveria empregar o verbo no singular ou no plural?

6. Como verbo e sujeito devem concordar, é possível identificar o sujeito pela desinência do verbo, mesmo que o sujeito não venha expresso na oração. Com base nessa informação, aponte o sujeito dos verbos **tirar** e **enxugar** no trecho seguinte.

   "Tirou o lenço do bolso e enxugou o suor da testa. Vontade de aproveitar-se do gesto e pedir ajuda ao próprio Presidente da mesa: por favor, apura aí pra mim, como é que é, me tira desta..."

7. Em determinada passagem do texto, afirma-se que saber se com a expressão "daqueles que" o verbo vai para o plural ou fica no singular é uma questiúncula de português. Em outra, afirma-se que saber se, com a expressão "daqueles que", o verbo fica no singular ou vai para o plural é "coisa já estudada e decidida por tudo quanto é gramaticoide por aí".

   A seleção de palavras com que elaboramos nossos textos revelam a intenção do autor. Levando em conta isso e o sentido do texto como um todo, comente os efeitos de sentido obtidos com o emprego das palavras **questiúncula** e **gramaticoides**.

CAPÍTULO 18

Concordância nominal

REGRA

O artigo, o adjetivo, o pronome adjetivo e o numeral concordam em gênero e número com o nome a que se referem:

Aqueles dois meninos **estudiosos** leram **os** livros **antigos**.

CASOS ESPECIAIS

UM ÚNICO ADJETIVO REFERINDO-SE A MAIS DE UM SUBSTANTIVO

Quando temos um só adjetivo qualificando mais de um substantivo, podemos distinguir dois casos:

a) **o adjetivo vem antes dos substantivos a que se refere**: o adjetivo deverá concordar com o substantivo mais próximo. Veja:

Tiveste **má** ideia e pensamento.
Tiveste **mau** pensamento e ideia.

Quando funciona como predicativo (do sujeito ou do objeto), o adjetivo anteposto poderá concordar com o substantivo mais próximo (conforme a regra acima), ou ir para o plural:

Estava **calmo** o aluno e a aluna.
Estavam **calmos** o aluno e a aluna.
"Casualmente encontrou **desertos** o ponto de parada e seus arredores." (Thomas Mann)

Se o adjetivo anteposto referir-se a nomes próprios, o plural será obrigatório:

As **simpáticas** Flávia e Luciana são irmãs.
Estavam **calmos** André e Fábio.

b) **o adjetivo vem depois dos substantivos**: quando o adjetivo vem posposto aos substantivos a que se refere, haverá duas opções de concordância. Observe:

- o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo:

  Encontramos um **jovem** e um **homem preocupado**.

- o adjetivo vai para o plural, concordando com todos os substantivos:

  Encontramos um **jovem** e um **homem preocupados**.

Quando se opta pela concordância no plural, é preciso levar em conta que, se pelo menos um dos substantivos for masculino, o adjetivo irá para o masculino plural:

Encontrei uma **mulher** e um **homem preocupados**.
Comprou um **computador** e uma **impressora usados**.

Evidentemente, o adjetivo concordará apenas com o último substantivo se apenas ele estiver sendo qualificado:

Comeu peixe e **laranja madura**. (**madura** refere-se apenas a **laranja**)
Da janela avistava sol e **mar azul**. (**azul** refere-se apenas a **mar**)
No mercado comprou carne e feijão **preto**. (**preto** refere-se apenas a **feijão**)

Se o adjetivo posposto aos substantivos funcionar como predicativo, o plural será obrigatório:

O aluno e a aluna estão **aprovados** (predicativo).
Consideraram a aluna e o aluno **aptos** (predicativo).

UM ÚNICO SUBSTANTIVO DETERMINADO POR MAIS DE UM ADJETIVO

Quando vários adjetivos determinam um único substantivo, há duas construções possíveis:

Estudava **os idiomas** francês, inglês e italiano.
Estudava **o idioma** francês, **o** inglês e **o** italiano.

Note que, quando se coloca o substantivo no plural, não se usa artigo antes dos adjetivos. Se, no entanto, o substantivo estiver no singular, será obrigatório o uso do artigo do segundo adjetivo em diante.

AS EXPRESSÕES *É BOM / É NECESSÁRIO / É PROIBIDO*

As expressões formadas de verbo **ser** mais um adjetivo (**é bom**, **é necessário**, **é proibido** etc.) não variam:

Aspirina **é bom** para dor de cabeça.
Bebida alcoólica **é proibido** para menores de 18 anos.
Paciência **é necessário**.

Entretanto, se o sujeito vier antecedido de artigo (ou outro determinante), a concordância será obrigatória:

A aspirina **é boa** para dor de cabeça.
A bebida alcoólica **é proibida** para menores de 18 anos.
Muita paciência **é necessária.**

Verifique este exemplo clássico:

É proibido entrada de estranhos.
É proibida a entrada de estranhos.

AS PALAVRAS *ANEXO / INCLUSO*

Anexo e **incluso** são palavras que funcionam como adjetivo; devem, portanto, concordar com o substantivo (ou pronome substantivo) a que se referem:

Segue **anexo** o **livro**.
Seguem **anexos** os **livros**.
Segue **anexa** a **fotografia**.
Seguem **anexas** as **fotografias**.

Vai **incluso** o **documento**.
Vão **inclusos** os **documentos**.
Vai **inclusa** a **procuração**.
Vão **inclusas** as **procurações**.

Essa regra se aplica também às palavras **mesmo**, **próprio**, **obrigado**, **agradecido**, **grato**, **apenso**, **leso**, **quite**:

"Eu **mesmo** conto tudo", disse **Guilherme**.
"Eu **mesma** conto tudo", disse **Camila**.
Ele próprio disse: "**agradecido**".
Elas próprias disseram: "**agradecidas**".
Ajudei o **menino** e ele me disse: "**obrigado**".
Ajudei a **menina** e ela me disse: "**obrigada**".
O **menino** ficou **grato**.
A **menina** ficou **grata**.

Os **meninos** ficaram **gratos**.
As **meninas** ficaram **gratas**.
O **documento** está **apenso** aos autos.
A **duplicata** está **apensa** aos autos.
Cometeram crime de **leso-patriotismo**.
Cometeram crime de **lesa-soberania**.
O **contribuinte** estava **quite** com a Receita Federal.
Os **alunos** estão **quites** com o serviço militar.

"Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e, conseguintemente que saí **quite** com a vida." (Machado de Assis)

Observações:

- **Anexo** também é usado como substantivo masculino. Nesse caso, as palavras que estiverem se referindo a esse substantivo devem concordar com ele em gênero e número:
  O *e-mail* continha **um anexo infectado** com vírus.
- **Leso** significa o que sofreu lesão, foi ferido, prejudicado, ofendido; também varia em número:
  Eram crimes de **lesas-pátrias**.

A PALAVRA *MENOS* E O ELEMENTO DE COMPOSIÇÃO *PSEUDO*

O advérbio **menos** e o elemento de composição **pseudo** não variam:

Havia **menos** alunos na sala.
Havia **menos** alunas na sala.

Era um **pseudo**artista.
Aquele quadro podia ser chamado de **pseudo**arte.

A PALAVRA *BASTANTE*

A palavra **bastante** pode funcionar como adjetivo ou advérbio.

Como adjetivo, estará se referindo a um substantivo, com o qual concorda normalmente:

Bastantes pessoas compareceram à reunião.
Havia **bastantes razões** para ele comparecer.

As **provisões** foram **bastantes** para as férias.
Não há **provas bastantes** para condenar o réu.

Como advérbio (estará ligada a um verbo, adjetivo ou advérbio), nunca varia:

Elas falam **bastante**.
Elas são **bastante** simpáticas.
Elas chegaram **bastante** cedo.

É muito fácil verificar se a palavra **bastante** deve ou não ser flexionada: basta substituí-la na frase por **muito**. Quando a palavra **muito** se flexiona, **bastante** também deve ser flexionada:
Encontraram **bastantes** motivos para justificar a falta. (= **muitos**)
Na prova havia **bastantes** questões de concordância. (= **muitas**)

Nesta regra, podemos incluir ainda as palavras **meio**, **muito**, **pouco**, **caro**, **barato**, **longe**.

Quando se referem a substantivo, concordam com ele:

Tomou **meio litro** de leite.
Tomou **meia garrafa** de suco.
É **meio-dia** e **meia** (**hora**).
Muitos alunos compareceram à formatura.

Poucas pessoas assistiram ao jogo.
Os **sapatos** eram **caros**.
A **mercadoria** é **barata**.
Andei **longes caminhos** e **longes terras**.

Quando se referem a adjetivo ou a verbo, tais palavras não variam por serem advérbios:

Ela é **meio** louca.
A porta estava **meio** aberta.
Ela anda **meio** aborrecida.
Os alunos estudaram **muito**.

Elas gastaram **pouco**.
Aqueles sapatos custaram **caro**.
Aquelas mercadorias custaram **barato**.
Eles moram **longe**.

A PALAVRA *SÓ*

A palavra **só**, quando é um adjetivo (equivalendo a **sozinho**), concorda normalmente com o nome a que se refere:

Ela ficou **só**.
Elas ficaram **sós**.

Quando é um advérbio, não varia. O advérbio **só**, em geral, pode ser substituído por **apenas**:

Depois da batalha **só** restaram cinzas.
Os artistas **só** esperam ter seu talento reconhecido.

Na expressão **por si só**, **só** é adjetivo, portanto flexiona-se concordando com o nome a que se refere:

A sentença **por si só** não deixava a menor dúvida sobre a culpabilidade do réu.
Não há como negar: os fatos falam **por si sós**.

A locução adverbial **a sós** é invariável:

Eu gostaria de ficar **a sós** com você.
Eles precisam conversar **a sós**.

ADJETIVOS EMPREGADOS COMO ADVÉRBIOS

Adjetivos empregados como advérbios não variam:

Délia quase não comete erros de ortografia, pois sempre escreve **certo** todas as palavras.
Para não incomodar os outros, as meninas falavam **baixo**.
Nossas atletas fizeram **bonito** na competição.

Observe que nos exemplos acima as palavras **certo**, **baixo** e **bonito** referem-se a verbos e não a substantivos, exercendo, pois, a função de advérbios.

A PALAVRA *POSSÍVEL*

A palavra **possível** fica invariável nas expressões **o mais** e **o menos possível**, casos em que "o mais" e "o menos" incidem sobre um adjetivo; não importando a posição do adjetivo ou até mesmo se ele se encontra no plural:

Quero um carro **o mais** econômico **possível**.
Quero um carro econômico **o mais possível**.
Quero um carro **o mais possível** econômico.

Vestia roupas **o menos** coloridas **possível**.
Vestia roupas coloridas **o menos possível**.
Vestia roupas **o menos possível** coloridas.

"A mobília dos Terras era **o mais** resumida **possível**." (Erico Verissimo)
A mobília dos Terras era resumida **o mais possível**.
A mobília dos Terras era **o mais possível** resumida.

Nos exemplos anteriores, as expressões **o mais** e **o menos possível** modificam adjetivos; funcionam, portanto, como locuções adverbiais, por isso não devem ser flexionadas.

Vários autores, entretanto, admitem que tanto o artigo quanto a palavra **possível** podem se flexionar. Trata-se de uma construção mais fácil e mais eufônica, bastante usada na fala dos brasileiros. Nessas construções, o adjetivo **possível**, segundo tais autores, deve concordar com o artigo que encabeça as expressões superlativas:

Escolheu uma praia **a** mais deserta **possível**.
Comia alimentos **os** mais saudáveis **possíveis**.
Usava roupas **as** mais modernas **possíveis**.

A expressão **quanto possível**, que aparece como complemento de comparações, é invariável:

Vocês devem ser tão pontuais **quanto possível**.
Obteve informações tão novas **quanto possível**.

AS EXPRESSÕES *ALGUMA COISA BOA / ALGUMA COISA NOVA / ALGUMA COISA DE BOM / ALGUMA COISA DE NOVO*

Em expressões como **alguma coisa boa** e **alguma coisa nova**, o adjetivo concorda com o substantivo **coisa**:

Alguma coisa boa deve ter acontecido para ele ficar assim tão alegre.
Todos esperavam **alguma coisa nova** para o início do ano.

Em expressões como **alguma coisa de bom** e **alguma coisa de novo**, o adjetivo não concorda com o substantivo **coisa**, devendo permencer no masculino singular:

Alguma coisa de bom deve ter acontecido a eles.
Há **alguma coisa de novo** naquele bairro.

SUBSTANTIVO EMPREGADO COMO ADJETIVO

Um substantivo empregado como adjetivo (derivação imprópria) não varia:

blusa **vinho**	terno **cinza**
blusas **vinho**	ternos **cinza**

PRONOMES DE TRATAMENTO

A concordância (verbal e nominal) dos pronomes de tratamento deve sempre ser feita em terceira pessoa:

Vossa Excelência não **precisa** incomodar-**se** com **seus** problemas.

Vossa Alteza conhece muito bem **seus** inimigos.

Um adjetivo referente a um pronome de tratamento concordará com o sexo da pessoa representada por este pronome:

Vossa Majestade está **preocupado**. (o rei)

Vossa Majestade está **preocupada**. (a rainha)

PARTICÍPIOS

Os particípios concordam normalmente com o substantivo a que se referem:

Iniciado o **trabalho**, todos saíram.
Iniciados os **trabalhos**, todos saíram.
O **material** foi **comprado** pelo pedreiro.
A **aula** foi **iniciada** pelo professor.

Iniciada a aula, o professor fez a chamada.
Iniciadas as **aulas**, os professores fizeram a chamada.
Os **materiais** foram **comprados** pelo pedreiro.
As **aulas** foram **iniciadas** pelo professor.

Quando o particípio integra um tempo composto conjugado na voz ativa, permanece invariável:

O professor tinha **iniciado** a aula.
Os professores tinham **iniciado** a aula.

A professora tinha **iniciado** a aula.
As professoras tinham **iniciado** a aula.

A gramática no dia a dia

CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA (SILEPSE)

Neste capítulo e no anterior, apresentamos as regras de concordância estabelecidas pela gramática normativa.

Você deve ter notado que, em todos os casos apresentados, a concordância se estabelece entre palavras ou expressões presentes na frase. Trata-se, pois, de casos de **concordância gramatical**.

No entanto, é bastante comum encontrarmos, não só na linguagem do dia a dia, mas também em textos de autores consagrados, casos em que a concordância não é feita com a forma gramatical de uma palavra ou de uma expressão presente no texto, mas com a ideia ou com o sentido que está subentendido nelas. A esse tipo de concordância dá-se o nome de **concordância ideológica** ou **silepse**. Veja:

A **dinâmica** e **populosa São Paulo** continua sofrendo com as enchentes.

Nesse exemplo, os adjetivos **dinâmica** e **populosa**, no feminino, não estão concordando com o termo **São Paulo**, que é masculino, mas com a ideia implícita neste termo – **cidade**. Temos, pois, uma concordância ideológica; nesse caso, **silepse de gênero**.

Os **brasileiros lamentamos** a derrota do esquadrão canarinho.

Aqui, o verbo **lamentar** não está concordando com a forma gramatical do sujeito **os brasileiros**, que é de terceira pessoa; ocorre que o falante se inclui no universo representado, estabelecendo a concordância em primeira pessoa do plural: **nós**, os brasileiros. Temos aí outro exemplo de concordância ideológica; nesse caso, **silepse de pessoa**.

***Os sertões* conta** a Guerra de Canudos.

Observe que o verbo **contar** não está concordando em número com a forma gramatical do sujeito *Os sertões*, que é plural, mas com a ideia que se subentende: a **obra** (ou o **livro**) ***Os sertões*** conta a Guerra de Canudos. Temos aí mais um exemplo de concordância ideológica; nesse caso, **silepse de número**.

Atividades

1. Numa loja havia um cartaz em que estava escrito:

"Temos capa para chuva feminina."

Responda:

a) A forma como foi redigida a frase leva a uma interpretação "estranha". Comente-a.

b) Reescreva a frase de forma que impossibilite a interpretação errônea.

Texto para as questões 2 e 3.

O homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos proeminentes e seus olhos ardiam como fogo perpétuo. Calçava sandálias de pastor e a túnica azulão que lhe caía sobre o corpo lembrava o hábito desses missionários que, de quando em quando, visitavam os povoados do sertão batizando multidões de crianças e casando os amancebados. Era impossível saber sua idade, sua procedência, sua história, mas algo havia em seu aspecto tranquilo, em seus costumes frugais, em sua imperturbável seriedade que, mesmo antes de dar conselhos, atraía pessoas.

(VARGAS LLOSA, Mario. *A guerra do fim do mundo*. 8. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1982. p. 15.)

2. O texto informa que o personagem visitava os povoados do sertão casando os amancebados.

a) A que classe de palavras pertencem **do sertão** e **amancebados**?

b) Escreva uma frase utilizando **amancebados** em outra classe de palavra.

3. Reescreva as frases, substituindo as palavras em destaque por aquelas indicadas entre parênteses, observando a concordância.

a) "**O homem** era alto e tão magro que parecia sempre de perfil." (mulher / homem e mulher)

b) "Sua **pele** era escura, seus ossos proeminentes e seus **olhos** ardiam como fogo perpétuo." (rosto / olhar)

4. Numa padaria estava afixado o seguinte cartaz:

"Proibido a venda de bebidas alcoolica
à menores de 18 anos."

A frase do cartaz apresenta desvios em relação à modalidade culta de linguagem. Reescreva-a para adequá-la à linguagem culta.

5. Reescreva as frases, substituindo as palavras em destaque por aquelas indicadas entre parênteses, fazendo a concordância adequada.

a) A **tarde** chuvosa e fria impedia qualquer atividade agitada. (tardes; dias; mês)

b) **Lenço** fino e sedoso foi comprado pelo gentil e educado **rapaz**. (blusas / rapazes; lenço e blusa / garotas; blusa / senhora)

c) Minha **prima** usava **roupa** caríssima. (primas / perfumes; tio /calças e camisas)

6. Complete as lacunas com as palavras indicadas entre parênteses, fazendo a concordância adequada.

a) Naquele lugar não havia água e esgoto ... . (tratado)

b) No local e hora ... , as pessoas receberam as senhas. (marcado)

c) O diretor deu por ... as tarefas. (encerrado)

d) Ele tornou ... as ameaças. (público)

e) Os alunos pagam ... mensalidades para fazer o curso. (caro)

f) Quando chegamos ao clube, estavam ... portas e portões. (fechado)

g) As gêmeas vestiam calças e agasalhos ... . (igual)

h) Tanto o leão como o tigre são animais ... . (feroz)

i) O presidente depositou no ministro esperança e crédito ... . (ilimitado)

j) Encontramos ... e ... a sala e os quartos. (desarrumado / sujo)

k) Conseguiu a liberdade porque tinha residência e emprego ... . (fixo)

l) Tomaram guaraná e soda ... . (gelado)

m) Tinha o coração e a mente ... . (aberto)

n) Depois daquela decisão ficou de corpo e alma ... . (lavado)

Nos exercícios de 7 a 32, faça a concordância com a palavra entre parênteses.

7. Aqueles fatos eram ... para a resolução. (importante)

8. Escolheu ... hora e momento para falar. (péssimo)

9. Escolheu ... momento e hora para falar. (péssimo)

10. Escolheu o momento e a hora ... . (adequado)

11. Aguardava ocasião e momento ... . (oportuno)

12. Manteiga é ... . (bom)

13. A manteiga é ... . (bom)

14. A receita segue ... . (anexo)

15. As receitas seguem ... . (anexo)

16. O contrato vai ... . (incluso)

17. Os contratos vão ... . (incluso)

18. Ela ... entregou o requerimento. (mesmo)

19. Nós ... fizemos o pedido. (próprio)

20. Muito ... , respondeu a menina. (obrigado)

21. Muito ... , responderam as meninas. (obrigado)

22. Eles estavam ... com a tesouraria. (quite)

23. Havia ... pessoas na reunião. (menos)

24. Havia ... razões para ele faltar. (bastante)

25. ... motivos obrigaram-no a faltar. (bastante)

26. Ele faltou ... vezes. (bastante)

27. Ela andava ... preocupada com o resultado. (meio)

28. Ela estava ... aborrecida com os amigos. (meio)

29. A porta estava ... aberta. (meio)

30. São pessoas ... agradáveis. (bastante)

31. Aqueles relógios custaram muito ... . (caro)

32. Pensando bem, essa viagem não será ... . (caro)

33. Explique a diferença de sentido nos pares de frase a seguir.

a) Só os irmãos viajaram. / Os irmãos viajaram sós.

b) O príncipe André era noivo de Natasha Rostov. Ele ia todos os dias à casa dela, mas não a tratava como um noivo. / O príncipe André era noivo de Natasha Rostov. Ele ia todos os dias à casa dela, mas não a tratava como uma noiva.

34. "São proibidas a venda e a entrega de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos."

(Artigo 81, inciso II, do Estatuto da Criança e do Adolescente.)

Reescreva a frase acima, substituindo **venda** e **entrega** por verbos correspondentes a esses substantivos. Faça as modificações que julgar necessárias.

Para os exercícios de 35 a 44, adote o seguinte código:

A. se apenas a sentença I estiver correta
B. se apenas a sentença II estiver correta
C. se apenas a sentença III estiver correta
D. se todas estiverem corretas
E. se nenhuma estiver correta

35. I. Estudava o estilo barroco e clássico.
II. Estudava os estilos barroco e o clássico.
III. É proibido a passagem de pedestres.

36. I. A atitude prejudicou o comércio francês e italiano.
II. A atitude prejudicou os comércios francês e italiano.
III. A atitude prejudicou os comércios francês e o italiano.

37. I. O livreto segue anexo à carta.
II. Seguem anexo os livretos.
III. Vai incluso à carta a minha procuração.

38. I. Ela mesmo disse: "obrigado".
II. Ela próprio falou: "obrigado".
III. "Muito obrigado", respondeu a baronesa.

39. I. Bastantes pessoas faltaram à reunião.
II. Eles faltaram bastantes vezes.
III. Não tinham bastantes motivos para faltar.

40. I. Ainda meio preocupada, ela ausentou-se.
II. Quando ela chegou, a porta estava meia aberta.
III. Ela anda meia aborrecida com o resultado.

41. I. Aquelas mercadorias eram baratas.
II. Aquelas mercadorias custaram caras.
III. Eles pagaram caros aqueles sapatos.

42. I. Feita a apresentação, todos começaram a falar.
II. Adiada a entrega, muitos puderam cumprir o prometido.
III. Dadas as circunstâncias, todos se retiraram.

43. I. Vossa Eminência conhece vossos problemas.
II. Vossa Excelência conhece vossos amigos.
III. Vossas Excelências pareceis preocupados com vossos ministros.

44. I. Esperavam uma boa oportunidade e momento.
II. Esperavam uma oportuna ocasião e momento.
III. Esperavam uma ocasião e momento oportunos.

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

A língua solta

(...)

Você fala direito? Aposto que sim. Mas aposto também que, no calor de uma conversa animada, você já se flagrou engolindo o "r" de um verbo no modo infinitivo. A letra "s", quando indica plural, costuma ser devorada nas rodas mais finas de bate-papo – especialmente em São Paulo. Já os mineiros (até os doutores!) traçam sem piedade o "d" que compõe o gerúndio. No país todo, come-se às toneladas o primeiro "a" da preposição "para". A primeira sílaba de todas as formas do verbo "estar", então, essa já é uma iguaria difícil de achar. Portanto, poucos se espantam ao ouvir uma frase assim:

– Num vô consegui durmi purquê os cara tão tocano muito alto.

Isso é errado?

Depende. Se seus olhos quase saltaram da órbita ao fitar a frase da página anterior, leia em voz alta para perceber que ela não soa tão absurda. Expressões como "tocano" e "vô consegui" atentam contra a norma-padrão da Língua Portuguesa – ensinada na escola para preservar um código comum a todos os falantes do idioma. Do ponto de vista da linguística, entretanto, elas são só objetos de estudo. Retratam fielmente aquilo que o português brasileiro é hoje. E fornecem pistas sobre o que a língua padronizada pode vir a ser daqui a 10, 100 ou 1000 anos.

"Um biológo nunca diria que uma bactéria está errada", afirma o linguista Ronald Beline, da USP. A linguística – ciência que estuda a linguagem assim como a biologia se ocupa dos seres vivos – também pouco pode dizer se uma palavra está certa ou errada. De certo modo, a linguagem também é um organismo vivo. Elementos linguísticos, como células, nascem e morrem o tempo todo, modificando o sistema. Em todos os idiomas, palavras se alongam, encurtam e trocam de significado; expressões são criadas enquanto outras perdem a razão de existir; substantivos, verbos, adjetivos e advérbios emprestam sentido uns aos outros.

(...)

(NOGUEIRA, Marcos. A língua solta. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ed. 225, abr. 2006. p. 62-3.)

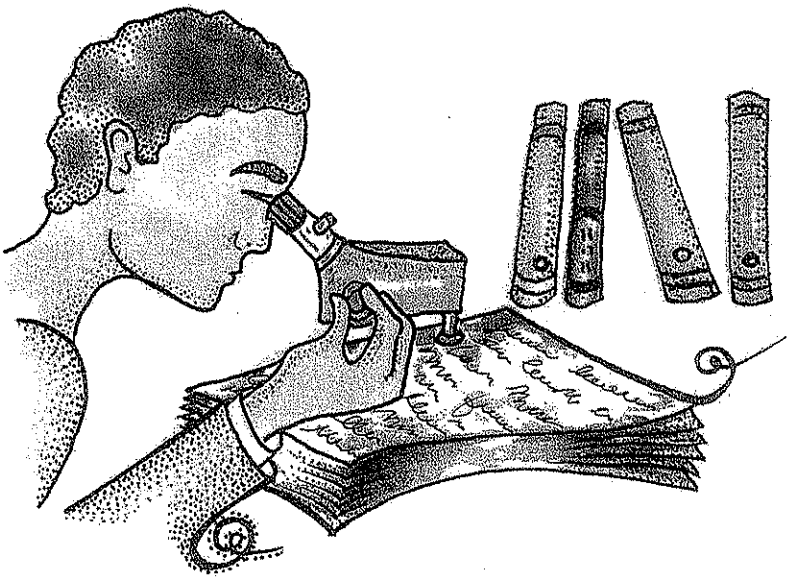

1. O texto começa por uma interrogação: "Você fala direito?". Em que sentido empregou-se a palavra "direito"?

2. Faça o que pede o texto: leia em voz alta a frase "Num vô consegui durmi purquê os cara tão tocano muito alto" e, a seguir, responda:
   a) Por que, segundo o texto, ela não soa tão absurda?
   b) Para a linguística, essa frase é considerada errada? Justifique.
   c) Reescreva a frase de modo a adequá-la àquilo que a gramática normativa considera correto.

3. Uma das funções dos pronomes demonstrativos é retomar algum segmento textual já apresentado. Na frase "Isso é errado?", o que é retomado pelo pronome demonstrativo **isso**?

4. "A letra 's', quando indica plural, costuma ser devorada nas rodas mais finas de bate-papo – especialmente em São Paulo."
   a) Do ponto de vista gramatical, que nome recebe a letra **s** quando indica plural?
   b) Quando alguma pessoa "come" a letra **s** que indica plural, do ponto de vista da gramática normativa, que tipo de erro ela comete?
   c) Na sua opinião, por que na fala muitas pessoas "comem" o **s** que indica plural em construções como **os carro**, **as aula**, **os aluno**, **dois pastel** etc.?

5. "A primeira sílaba de todas as formas do verbo 'estar', então, essa é uma iguaria difícil de achar." Nessa frase, o autor empregou o substantivo "iguaria" em sentido figurado.
   a) Em sentido próprio, o que significa **iguaria**?
   b) Baseado em que o autor chama de iguaria a primeira sílaba das formas do verbo **estar**?

6. O texto afirma que "Em todos os idiomas, palavras se alongam, encurtam e trocam de significado; expressões são criadas enquanto outras perdem a razão de existir". Comprove essa afirmação com palavras ou expressões da língua portuguesa.

7. "Um biológo nunca diria que uma bactéria está errada."
   a) A que palavra da frase se refere **errada**? Como essa palavra deve ser classificada?
   b) Reescreva a frase substituindo **uma bactéria** por **uma bactéria e um vírus**. Faça as modificações que julgar necessárias.
   c) Escreva uma frase empregando a palavra **errado** como advérbio.

8. Você concorda com a afirmação do texto de que os desvios da norma culta cometidos pelos falantes fornecem pistas sobre o que a língua padronizada pode vir a ser daqui a 10, 100 ou 1000 anos?

CAPÍTULO 19 Regência

DEFINIÇÃO

Regência é a parte da gramática que trata das relações entre os termos da frase, verificando como se estabelece a dependência entre eles.

Observe:

I. Nós amamos Maria.
II. Nós gostamos de Maria.

No exemplo I, notamos que o verbo **amar** exige complemento sem preposição (objeto direto); no exemplo II, verificamos que o verbo **gostar** exige complemento introduzido pela preposição **de** (objeto indireto).

Damos o nome de **regente** ao termo que pede o complemento e de **regido** ao complemento.

Quando o termo regente é um nome, dizemos que se trata de **regência nominal**:

Os amigos tinham necessidade (regente (nome)) de apoio. (regido)

Quando o termo regente é um verbo, dizemos que se trata de **regência verbal**:

Os amigos necessitavam (regente (verbo)) de apoio. (regido)

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Alguns verbos causam dúvidas quanto à regência devido ao desacordo entre o uso popular e a norma culta; outros porque possuem mais de um sentido e, consequentemente, mais de uma regência.

VERBOS QUE NA LINGUAGEM COLOQUIAL COSTUMAM APRESENTAR REGÊNCIA EM DESACORDO COM A NORMA CULTA

Agradecer: geralmente constrói-se com dois complementos: um sem preposição (referente a coisa); outro com preposição **a** (referente a pessoa):

Agradeceu (v. t. d. i) **a**o colega (o. i) o favor recebido. (o. d.)

Evidentemente, pode ser usado com apenas um dos complementos: apenas o objeto direto (sempre referente a coisa) ou apenas o objeto indireto (sempre referente a pessoa):

Agradeceu (v. t. d.)	o presente. (o. d. (coisa))		Agradeceu (v. t. i.)	**a**o pai. (o. i. (pessoa))	

Custar: no sentido de "ser custoso", "ser difícil", o verbo **custar** pede complemento com a preposição **a**, e oração infinitiva, que funciona como sujeito de **custar**:

Custou (v. t. i.)	**a**o aluno (o. i.)	**aceitar o fato**. (sujeito)	Custa (v. t .i.)	**a** mim (o. i.)	**saber que ela vai voltar**. (sujeito)

É comum, no entanto, mesmo nas variedades mais prestigiadas, o emprego de custar, no sentido de "ser custoso", com sujeito representado por pessoa.

"Sei que nesse mundo sucede tanta coisa esquisita que a gente custa a acreditar." (Carmo Bernardes)

Namorar: o verbo **namorar** exige complemento sem preposição:

João	namora (v. t. d.)	Maria. (o. d.)	Ele	namora (v. t. d.)	uma aluna do segundo ano. (o. d.)

Observação:

É cada vez mais frequente e aceito por muitos gramáticos o uso do verbo **namorar** no sentido de "manter relação de namoro" como transitivo indireto, regendo a preposição **com**. Tal uso se explica por analogia a **casar com**, **noivar com**:

Paulo	namora (v. t. i.)	**com** Claudete. (o. i.)	Filomena está	namorando (v. t. i.)	**com** Ivã. (o. i.)

Obedecer / desobedecer: esses verbos exigem complemento com a preposição **a**:

O filho	obedece (v. t. i.)	**a**o pai. (o. i.)	Ele	obedecia (v. t. i.)	**a** leis antigas. (o. i.)
Sempre	desobedecia (v. t. i.)	**a** uma ordem recebida. (o. i.)			

Observação:

Embora transitivos indiretos, tais verbos admitem voz passiva:

O **pai é obedecido** pelo filho.

As leis antigas **eram obedecidas** por ele.

O policial **foi desobedecido** pelo infrator.

Pedir: o verbo **pedir** pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo direto e indireto. Nesse caso, o objeto direto é representado por uma coisa e o indireto, por uma pessoa:

Rebeca	pediu (v. t. d.)	licença (o. d.)	e saiu.	Marcos	pediu (v. t. d.)	que todos saíssem. (o. d.)

Rebeca pediu (v. t. d. i.) dinheiro (o. d.) **a**o pai. (o. i.)

Rebeca pediu (v. t. d. i.) **a**o pai (o. i.) que lhe emprestasse o dinheiro. (o. d.)

Só se deve utilizar o verbo **pedir** seguido da preposição **para** quando fica subentendida a palavra **licença** ou **permissão** depois dele, uma vez que esse verbo sempre pede objeto direto (no caso, a palavra **licença** ou **permissão**, que fica subentendida):

Pediu (v. t. d.) (licença) (o. d.) para sair.

Pediu (v. t. d.) (permissão) (o. d.) para ficar.

Preferir: quando empregado com dois complementos (verbo transitivo direto e indireto), o objeto indireto deverá vir regido pela preposição **a** (*quem prefere, prefere alguma coisa – objeto direto – a outra – objeto indireto*).

Prefiro (v. t. d. i.) cinema (o. d.) a teatro. (o. i.)

Prefiro (v. t. d. i.) estudar (o. d.) a trabalhar. (o. i.)

Na linguagem culta, o verbo **preferir** não deve ser empregado com termo intensivo (**mais, muito mais, mil vezes** etc.). Assim, nesse padrão de linguagem, não se deve dizer:

Prefiro mais praia do que campo.

Prefiro mil vezes mais estudar que trabalhar.

Observação:

Na linguagem coloquial, há uma tendência em se usar esse verbo com a preposição **de** no lugar da preposição **a**. Tal uso se explica por analogia com o verbo gostar em comparações:

Gosto mais de cinema do que teatro. ⇒ Prefiro mais cinema do que teatro.

"Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo".

(Raul Seixas)

Responder: é transitivo direto quando tem por complemento a declaração dada como resposta. É transitivo indireto com a preposição **a** quando se quer nomear a coisa ou a pessoa a quem se dá resposta:

Luana respondeu (v. t. d.) que não tinha assistido àquele filme. (o. d.)

Perguntado se gostava de peixe, Paulo respondeu (v. t. d.) que sim. (o. d.)

O entrevistado respondeu (v. t. i.) **a** todas as perguntas que lhe foram feitas. (o. i.)

Embora o amigo lhe mandasse várias cartas, nunca respondeu (v. t. i.) **a** ele. (o. i.)

Evidentemente, o verbo **responder** pode aparecer com os dois complementos. Nesse caso, classifica-se como transitivo direto e indireto, sendo as funções de objeto direto e indireto preenchidas conforme as regras já citadas:

	o. i.	o. d.
Respondeu (v. t. d. i.)	**a**o professor	que tinha lido o livro.

	o. d.	o. i.
Respondeu (v. t. d. i.)	sim	**a** todos os itens da pesquisa.

Observação:

O verbo **responder** também é empregado no sentido de "responsabilizar-se", "ser ou ficar responsável". Nesse caso, exige complemento regido pela preposição **por**:

Todo cidadão responde **por** seus atos.

Simpatizar: o verbo **simpatizar** exige complemento com a preposição **com**:

		o. i.
Simpatizei (v. t. i.)	**com**	aquela pessoa.

			o. i.
A diretoria não	simpatizou (v. t. i.)	**com**	o novo funcionário.

O verbo **simpatizar** não é pronominal. Assim, na linguagem culta não são aceitas construções como:

Simpatizei-**me** com aquela pessoa.
A diretoria não **se** simpatizou com o novo funcionário.

VERBOS QUE APRESENTAM MAIS DE UMA REGÊNCIA

Agradar

a) No sentido de "acariciar", "fazer carinho", "afagar", exige complemento sem preposição:

		o. d.
Deitou-se na rede e pôs-se a	agradar (v. t. d.)	o gato.

b) No sentido de "contentar", "satisfazer", é mais usado com complemento regido da preposição **a**:

		o. i.
O desempenho do artista	agradou (v. t. i.)	**a** todos.

Aspirar

a) No sentido de "inspirar", "sorver", exige complemento sem preposição:

		o. d.
Ela	aspirou (v. t. d.)	o aroma das flores.

		o. d.
Naquele lugar, todos	aspiravam (v. t. d.)	ar poluído.

b) No sentido de "almejar", "pretender", exige complemento com a preposição **a**:

A funcionária aspirava (v. t. i.) **a**o cargo de chefia. (o. i.)

O candidato aspirava (v. t. i.) **a** uma posição de destaque. (o. i.)

Nesse sentido, o verbo **aspirar** não admite a forma oblíqua **lhe**. Assim, não se diz:

Esse cargo? Aspiro-**lhe**. (E sim: Aspiro **a ele**.)

Assistir

a) No sentido de "dar assistência", "dar ajuda", é utilizado de preferência com complemento sem preposição:

Uma junta médica assistiu (v. t. d.) o paciente. (o. d.)

A nova política agrária procurará assistir (v. t. d.) o trabalhador rural. (o. d.)

Nesse sentido, admitem-se também as construções "assistir ao paciente", "assistir ao trabalhador".

b) No sentido de "ver", exige complemento com a preposição **a**:

Assistimos (v. t. i.) **a** um filme. (o. i.)

Assisti (v. t. i.) **a** uma partida de tênis. (o. i.)

Nesse sentido, o verbo assistir não admite a forma oblíqua **lhe**. Assim, não se diz:

Esse filme? Assisti-**lhe**. (E sim: Esse filme? **Assisti a ele**.)

Observação:

Na linguagem atual há uma grande tendência em se usar o verbo **assistir** no sentido de "ver", como transitivo direto:

Uma multidão assistiu o *show* daquela banda.
Heloísa não assiste novelas.

c) No sentido de "caber", "pertencer", exige complemento com a preposição **a**:

É um direito que assiste (v. t. i.) **a**o trabalhador. (o. i.)

Tal direito assiste (v. t. i.) **a**o aluno. (o. i.)

Nesse sentido, o verbo **assistir** admite a forma oblíqua **lhe**. Assim, é correto dizer:

É um direito que **lhe** assiste.

d) no sentido de "morar", "residir", é usado com adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição **em**:

O Presidente assiste **em** Brasília. (adj. adv.)

"Ah, esse Hermôgenes – eu padecia que ele assistisse neste mundo..." (Guimarães Rosa) (adj. adv.)

Observação:

Atualmente, o verbo **assistir** é pouco usado nessa última acepção. Nesse sentido, é um verbo intransitivo que necessita de adjunto adverbial de lugar para constituir o predicado. Alguns autores preferem denominá-lo **verbo transitivo circunstancial** (ver capítulo 12, na página 209).

Na linguagem atual, o verbo **assistir** assumiu outros significados:

a) presenciar: assisti uma briga.
b) observar: assisti a mudança.
c) frequentar: assisti um curso.

Nessas acepções, é normalmente empregado um complemento sem preposição.

Atender

a) no sentido de "acolher", "dar atenção a", é empregado com complemento sem preposição:

O vendedor — atendeu (v. t. d.) — o cliente. (o. d.)

b) no sentido de "responder", "tomar em consideração", deve ser empregado, preferencialmente, com complemento regido pela preposição **a**:

O artista — atendeu (v. t. i.) — **a**o pedido do público. (o. i.)

O médico — atendeu (v. t. i.) — **a** um chamado urgente. (o. i.)

Chamar

a) No sentido de "convocar", "mandar vir", exige complemento sem preposição:

O técnico — chamou (v. t. d.) — os jogadores. (o. d.)

Chame (v. t. d.) — os trabalhadores. (o. d.)

Nesse caso, admite-se também a construção preposicionada:
O técnico chamou **pelos** jogadores.
Chamou **por** seus protetores.

b) No sentido de "cognominar", "dar nome", exige indiferentemente complemento com ou sem a preposição **a** e predicativo com ou sem preposição **de**. Daí admitir quatro construções diferentes:

Chamei (v. t. d.) — Pedro (o. d.) — **de** tolo. (predicativo)

Chamei (v. t. d.) — Pedro (o. d.) — tolo. (predicativo)

Chamei (v. t. i.) — **a** Pedro (o. i.) — **de** tolo. (predicativo)

Chamei (v. t. i.) — **a** Pedro (o. i.) — tolo. (predicativo)

Ou ainda, substituindo-se o substantivo pelo pronome pessoal oblíquo:

Chamei-**o de** tolo.
Chamei-**lhe de** tolo.

Chamei-**o** tolo.
Chamei-**lhe** tolo.

Esquecer / lembrar

a) Quando não são pronominais, os verbos **esquecer** e **lembrar** exigem complemento sem preposição:

Ele esqueceu (v. t. d.) o caderno. (o. d.)

Nós lembramos (v. t. d.) tudo o que aconteceu. (o. d.)

b) Quando são pronominais, tais verbos exigem complemento com a preposição **de**:

Ele se esqueceu (v. t. i.) **d**o caderno. (o. i.)

Nós nos lembramos (v. t. i.) **de** tudo o que aconteceu. (o. i.)

Há uma construção com esses verbos em que a coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito de esquecer ou lembrar, sofrendo os verbos leve alteração no sentido:

Esqueceu-me o ocorrido. (sujeito) (= O ocorrido me caiu no esquecimento.)

"Era, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu." (Machado de Assis) (sujeito)
(= Uma célebre tarde de novembro nunca me caiu no esquecimento.)

Implicar

a) No sentido de "acarretar", exige complemento sem preposição:

Sua atitude implicará (v. t. d.) demissão. (o. d.)

Tal procedimento implicará (v. t. d.) anulação da prova. (o. d.)

b) No sentido de "impacientar-se", "demonstrar antipatia", exige complemento com a preposição **com**:

Vivia implicando (v. t. d.) **com** o irmão mais novo. (o. i.)

Informar

O verbo **informar** pede dois complementos, um sem e outro com preposição. Admite duas construções:

Informei (v. t. d. i.) a nota (o. d.) **a**o aluno. (o. i.)

Informei (v. t. d. i.) o aluno (o. d.) **d**a nota. (o. i.)

Pelos exemplos acima, observamos que, quando o objeto direto se referir a coisas, a pessoa será objeto indireto regido pela preposição **a**; quando o objeto direto se referir a pessoas, a coisa será objeto indireto regido da preposição **de**.

Observações:

- Por analogia ao verbo **falar** ("falar sobre, acerca de, a respeito de"), admite-se uma construção como:
  Informei o aluno **sobre** (**a cerca de, a respeito de**) a nota.
- Em construções como essa, o termo introduzido pela preposição **sobre** ou pelas locuções prepositivas **acerca de, a respeito de** é adjunto adverbial de assunto e não objeto indireto.

A regência do verbo **informar** se aplica também aos verbos **avisar**, **certificar**, **cientificar**, **notificar**, **prevenir**.

Pagar: o verbo **pagar** pede objeto direto (aquilo que é pago), e objeto indireto com a preposição **a**, que representa a pessoa ou a instituição a quem se faz o pagamento:

	o. d. (coisa)	o. i. (pessoa)
Paguei (v. t. d. i.)	o livro	**ao** vendedor.

	o. d. (coisa)	o. i. (pessoa)
Perdoei (v. t. d. i.)	o pecado	**ao** pecador.

	o. d. (coisa)	o. i. (instituição)
Paguei (v. t. d. i.)	o empréstimo	**ao** banco.

O verbo pagar pode ser usado com apenas um dos complementos: apenas o objeto direto (sempre referente a coisa) ou apenas o objeto indireto (sempre referente a pessoa ou instituição):

	o. d. (coisa)
Paguei (v. t. d.)	o livro.

	o. i. (pessoa)
Paguei (v. t. i.)	**ao** vendedor.

	o. d. (coisa)
Paguei (v. t. d.)	o empréstimo.

	o. i. (instituição)
Paguei (v. t. i.)	**ao** banco.

Observação:

A regência do verbo **pagar** aplica-se ao verbo **perdoar**.

Proceder

a) No sentido de "ter fundamento", não exige complemento algum. Trata-se, pois, de um verbo intransitivo:

Aqueles boatos não **procediam**.
Se sua reclamação **proceder**, farei a revisão da prova.

b) No sentido de "executar", "fazer", exige complemento com a preposição **a**:

	o. i.
Procederemos (v. t. i.)	**a** um inquérito.

		o. i.
Tão logo a votação se encerre,	procederemos (v. t. i.)	**às** apurações.

c) No sentido de "originar-se", "vir", pede complemento com a preposição **de**:

		o. i.
Várias palavras da língua portuguesa	procedem (v. t. i.)	**do** árabe.

Observação:

Quando o complemento indica lugar, o verbo **proceder** é classificado como verbo intransitivo ou, segundo alguns autores, como **verbo transitivo circunstancial** (ver capítulo 12, na página 209). Observe:

		adj. adv.
O avião	procede (v. i. (ou v. t. c.))	**de** Roma.

Querer

a) No sentido de "desejar", "ter vontade de", exige complemento sem preposição:

"Eu quero (v. t. d.) uma casa no campo" (o. d.) (Tavito e Zé Rodrix)

"A gente não quer (v. t. d.) só dinheiro, (o. d.)

A gente quer (v. t. d.) dinheiro e felicidade." (o. d.) (Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto)

b) No sentido de "estimar", "ter afeto", exige complemento com a preposição **a**:

Quero (v. t. i.) **a** meus pais. (o. i.)

Quero (v. t. i.) **a** meus colegas. (o. i.)

Visar

a) No sentido de "mirar", exige complemento sem preposição:

Ele visou (v. t. d.) o alvo. (o. d.)

O caçador visou (v. t. d.) a presa, (o. d.) disparou e errou.

b) No sentido de "dar visto", exige complemento sem preposição:

O gerente visou (v. t. d.) o cheque. (o. d.)

O próprio cônsul visou (v. t. d.) meu passaporte. (o. d.)

c) No sentido de "ter em vista", exige complemento com a preposição **a**:

Visamos (v. t. i.) **a** uma posição de destaque. (o. i.)

Ele agia sem visar (v. t. i.) **a** lucros. (o. i.)

Nesse sentido, **visar** não admite a forma oblíqua **lhe**. Assim, não se diz:

Esse cargo? Viso-**lhe**. (E sim: Esse cargo? Viso **a ele**.)

Observação:

É comum o uso de visar no sentido de "ter em vista" com objeto direto, principalmente quando o complemento é representado por uma oração.

Visaram melhores condições de trabalho.

Visaram melhorar as condições de trabalho.

REGÊNCIA DE ALGUNS NOMES

acessível **a**	dúvida **em, sobre, acerca de**	natural **de**
acostumado **a, com**	entendido **em**	necessário **a**
admiração **a, por**	equivalente **a**	negligente **em**
afável **com, para com**	erudito **em**	nocivo **a**
agradável **a**	escasso **de**	obediência **a**
alheio **a**	essencial **para**	ojeriza **a, por**
amante **de**	estranho **a**	paralelo **a**
análogo **a**	fácil **de**	parco **em, de**
ansioso **de, para, por**	fanático **por**	passível **de**
apto **a, para**	favorável **a**	perito **em**
atentado **a, contra**	fiel **a**	permissivo **a**
avesso **a**	firme **em**	perpendicular **a**
ávido **de**	generoso **com**	pertinaz **em**
benéfico **a**	grato **a**	possível **de**
capacidade **de, para**	hábil **em**	possuído **de**
capaz **de, para**	habituado **a**	posterior **a**
certo **de**	horror **a**	preferível **a**
compatível **com**	hostil **a**	prejudicial **a**
compreensível **a**	idêntico **a**	prestes **a, para**
comum **a, de**	impossível **de**	propício **a**
constante **em**	impróprio **para**	próximo **a, de**
contemporâneo **a, de**	incompatível **com**	relacionado **com**
contíguo **a**	inconsequente **com**	respeito **a, com, para com**
contrário **a**	indeciso **em**	responsável **por**
cuidadoso **com**	independente **de, em**	rico **de, em**
curioso **de, por**	indiferente **a**	satisfeito **com, de, em, por**
desatento **a**	indigno **de**	seguro **de, em**
descontente **com**	inerente **a**	semelhante **a**
desejoso **de**	inexorável **a**	sensível **a**
desfavorável **a**	insensível **a**	sito **em**
devoção **a, por, para com**	leal **a**	suspeito **de**
diferente **de**	lento **em**	útil **a, para**
difícil **de**	liberal **com**	vazio **de**
digno **de**	medo **a, de**	versado **em**

Os advérbios terminados em **-mente** seguem a regência dos adjetivos de que se originaram:

agradavelmente **a**	essencialmente **para**	indiferentemente **a**
analogamente **a**	facilmente **de**	necessariamente **a**
compativelmente **com**	favoravelmente **a**	paralelamente **a**
constantemente **em**	identicamente **a**	perpendicularmente **a**
contrariamente **a**	impropriamente **para**	possivelmente **de**
diferentemente **de**	independentemente **de, em**	posteriormente **a**

Observações gerais

1. Os verbos transitivos indiretos (exceção feita ao verbo **obedecer** e seu antônimo **desobedecer**) não admitem voz passiva.

   Assim, não são aceitas pela norma culta construções como:

   O cargo de secretário-geral **era aspirado** por um sueco.

   O cargo **era visado** pelos funcionários.

   Corrija-se para:

   Um sueco aspirava **ao** cargo de secretário-geral.

   Os funcionários visavam **ao** cargo.

Observação:

Na linguagem atual, construções com o verbo **assistir** na voz passiva têm sido aceitas. Isso se justifica porque é cada vez mais frequente o uso do verbo **assistir** com sentido de "ver", "presenciar" como transitivo direto:

Muitos torcedores assistiram o jogo. (= O jogo foi assistido por muitos torcedores.)

2. As formas oblíquas **o**, **a**, **os**, **as** funcionam como complemento de verbos transitivos diretos, enquanto as formas **lhe**, **lhes** funcionam como complemento de verbos transitivos indiretos:

   Convidei (v. t. d.) o amigo. (o. d.) → Convidei- (v. t. d.) **o.** (o. d.)

   Obedeço (v. t. i.) ao amigo. (o. i.) → Obedeço- (v. t. i.) **lhe.** (o. i.)

3. Havendo pronome relativo ou interrogativo, a preposição exigida pelo verbo desloca-se para antes do pronome:

   Esta é a faculdade **a** que aspiro.

   Estes são os filmes **a** que assisti.

   Este é o autor **a** cuja obra me refiro.

   Este é o autor **de** cuja obra gosto.

   Este é o autor **por** cuja obra tenho simpatia.

   Com quem você simpatiza?

   A que cargo aspiras?

4. Alguns verbos transitivos indiretos não admitem como complemento as formas oblíquas átonas **lhe**, **lhes**. Com tais verbos deve-se empregar o pronome **ele** (e suas flexões) regido de preposição. Os principais verbos que não aceitam **lhe** como complemento são: **aludir**, **aspirar**, **assistir**, **carecer**, **concordar**, **depender**, **desconfiar**, **duvidar**, **gostar**, **incorrer**, **insistir**, **pensar**, **recorrer**, **reparar**.

5. Não se deve dar um único complemento para palavras que regem preposições diferentes.

   Assim, não são aceitas pela norma culta construções como:

   Li e **gostei do** livro. (Quem lê, lê **algo** e quem gosta, gosta **de algo**.)

   Você é **contra** ou a **favor da** pena de morte? (Quem é contra, é contra **algo** ou **alguém** e quem é a favor, é a favor **de algo** ou **de alguém**.)

   Na linguagem formal, deve-se dizer:

   Li **o livro** e gostei **dele**.

   Você é contra **a pena de morte** ou a favor **dela**?

A gramática no dia a dia

VERBOS *IR* E *CHEGAR*

Neste capítulo, vimos que a regência trata da relação de dependência entre verbos e nomes e os termos que funcionam como complementos dessas palavras.

Quando estudamos predicação verbal, vimos que existem verbos que não reclamam complemento: os verbos intransitivos.

Ocorre que alguns verbos intransitivos, sozinhos, não possuem sentido completo, exigindo um adjunto adverbial, chamado por alguns gramáticos de complemento circunstancial, uma vez que tais adjuntos têm caráter obrigatório.

Na linguagem do dia a dia, é comum observarmos construções com tais verbos não aceitas pela norma culta, pois se emprega uma preposição no lugar de outra.

Embora frequentes na linguagem popular, não são aceitas na linguagem formal construções como:

Amanhã vou **no** cinema.

Cheguei **na** escola atrasado.

Aos domingos, costumamos ir **na** missa.

Finalmente chegamos **na** praia que procurávamos.

Em tais construções, a norma culta determina que o adjunto adverbial seja introduzido pela preposição **a** e não pela preposição **em**. Assim, nesse padrão de linguagem, deve-se dizer:

Amanhã vou **ao** cinema.

Cheguei **à** escola atrasado.

Aos domingos, costumamos ir **à** missa.

Finalmente chegamos **à** praia que procurávamos.

Na linguagem culta, o verbo **ir** deve ser empregado com a preposição **para** quando o sentido é de "dirigir-se com intenção de permanecer":

Ganhei uma bolsa de estudos, por isso vou **para** a Alemanha estudar Engenharia.

Observação:

No sentido de "começar", "iniciar", o verbo **ir** é transitivo indireto com o objeto indireto regido pela preposição **a**:

Vamos **ao** que interessa.

"PUXOU AO PAI"

Na linguagem do dia a dia, é bastante comum as pessoas dizerem que "o filho puxou o pai" ou "puxou a mãe".

Na linguagem formal, quando queremos dizer que alguém herdou qualidades de um ascendente (ou parente) ou saiu-se semelhante a ele, deve-se empregar o verbo **puxar** com complemento regido pela preposição **a**:

O menino puxou **ao** pai, pois é tão introvertido quanto ele.

Puxar o pai significa literalmente "arrastar o pai".

"MORADOR NA", "RESIDENTE NA"

É frequente encontrarmos em cartas, petições e requerimentos construções como:

"Nestor Nestório, morador **à** rua Itacema, vem, por intermédio desta, requerer (...)"

"Eutanásio Boamorte, residente **à** rua das Flores, Quadra 5, vem solicitar a Vossa Senhoria (...)"

Porém, na linguagem formal, o correto é escrevermos:

"Nestor Nestório, morador **na** rua Itacema, vem, por intermédio desta, requerer (...)"

"Eutanásio Boamorte, residente **na** rua das Flores, Quadra 5, vem solicitar a Vossa Senhoria (...)"

Isso porque esse padrão de linguagem estabelece que os substantivos **morador** e **residente** exigem a preposição **em** e não a preposição **a**.

"SOMOS TRINTA"

Embora frequentes na linguagem do dia a dia, não são aceitas na linguagem formal construções como:

Somos **em** trinta nesta classe. Éramos **em** quatro em casa.

Nesse padrão de linguagem, deve-se dizer:

Somos trinta nesta classe. Éramos quatro em casa.

Atividades

Texto para as questões de 1 a 3.

– Filha minha não casa com filho de carcamano!

A esposa do conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda disse isso e foi brigar com o italiano das batatas. Teresa Rita misturou lágrimas com gemidos e entrou no seu quarto batendo a porta. O conselheiro José Bonifácio limpou as unhas com o palito, suspirou e saiu de casa abotoando o fraque.

(MACHADO, Antônio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda.* Belo Horizonte: Itatiaia, 2001. p. 48-50.)

1. Classifique quanto à predicação o verbo **casar** nas frases a seguir:
   a) "Filha minha não casa com filho de carcamano!"
   b) O padre casou os noivos numa cerimônia simples.
   c) Teresa Rita ainda não casou.
   d) É preciso saber casar paciência com perseverança.

2. Classifique quanto à predicação, isto é, se pedem ou não complementos, os seguintes verbos do texto:
   a) brigar
   b) misturar
   c) limpar
   d) suspirar
   e) abotoar

3. Indique o sentido do verbo **bater** nas frases a seguir:
   a) "Teresa Rita misturou lágrimas com gemidos e entrou no seu quarto batendo a porta."
   b) O pai nunca bateu no filho.
   c) O relógio da igreja bateu dez horas.
   d) Bata os ovos antes de juntá-los à massa.
   e) O atleta bateu mais um recorde.
   f) Sorria que eu vou bater uma foto.
   g) O coração batia compassadamente.
   h) Aquele goleiro adora bater pênaltis.
   i) O valor da nota não bate com as despesas que fizemos.

4. Leia estes versos do poeta piauiense Cineas Santos.

   "Quando o amor bate à porta, tudo é festa
   Quando o amor bate a porta, nada resta"

   Neles há uma oposição de sentido marcada pelo verbo **bater**. Comente-a, explicando a regência do verbo **bater** nas duas ocorrências.

Texto para as questões de 5 a 10.

"Duas versões para a origem do nome gandula, o menino que busca a bola que sai de campo nos jogos de futebol. Ambas incluem Bernardo José Gandulla, o atacante argentino que chegou ao Brasil em 1939, para jogar no Vasco.

1. Gandulla buscava toda bola que saía do jogo, não importando se a reposição pertencia à sua equipe ou ao adversário.

2. Enquanto esperava a legalização dos papéis de transferência, Gandulla só podia assistir aos jogos ao lado do campo. Depois, fez uma temporada fraca e os adversários não perdoaram: Gandulla só servia mesmo para buscar a bola."

(GOULART, Mário (Org.). *O livro dos erros.* Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 65.)

5. No texto a palavra **ambas** substitui um termo anteriormente expresso. Qual?

6. Indique o sentido que estabelecem as preposições na frase a seguir.

   "Ambas incluem Bernardo José Gandulla, o atacante argentino que chegou ao Brasil em 1939, para jogar no Vasco."

7. Os verbos a seguir, extraídos do texto, são transitivos. Indique o termo que funciona como complemento desses verbos.

a) busca
b) incluem
c) pertencia
d) esperava
e) assistir
f) fez

8. No texto, o complemento do verbo **perdoar** ("[...] os adversários não perdoaram.") não aparece expresso, mas pode ser facilmente identificado pelo contexto. Baseando-se nas informações do texto, escreva uma frase usando o verbo **perdoar** com o termo que lhe serve de complemento.

9. O texto informa que Bernardo José Gandulla chegou ao Brasil em 1939, para jogar no Vasco. Observando o sentido do texto e fazendo as alterações necessárias, reescreva a frase, substituindo **Brasil** por **Argentina**.

10. "Depois, **fez** uma temporada fraca e os adversários não perdoaram."

Reescreva essa frase substituindo o verbo destacado por:

a) participou
b) realizou

11. Substitua os ... pela preposição adequada, fazendo a união da preposição com outras palavras, se necessário.

a) A função do gandula é devolver a bola ... o campo.
b) Bernardo José Gandulla desembarcou ... o Brasil em 1939.
c) Gandulla buscava todas as bolas, não importando se a devolução cabia ... sua equipe ou ... o adversário.

12. "O jogador não está em campo para bater no adversário, e sim para bater o adversário, usando para isso sua perícia e seus recursos técnicos." (COUTO, José Geraldo. *Folha de S.Paulo*, 24 abr. 2000, p. 5-7.)

No período acima, o autor emprega duas vezes o verbo **bater**. Explique, comentando também a regência, o sentido de **bater** em cada uma das ocorrências.

13. Ao comentarmos a regência do verbo **preferir**, afirmamos que esse verbo não admite termo intensivo (**mais**, **muito mais**, **mil vezes** etc.). Com base nessa informação, comente se, na frase a seguir, a regência do verbo **preferir** está de acordo com o que preceitua a norma culta.

"Maioria prefere mais dinheiro a tempo livre." (*Folha de S.Paulo*, 7 jun. 2000, p. 1-1.)

14. "No que me tange e concerne (perdão pela frase do finado Jânio Quadros), não gosto do atual governo nem o aprovo, mas não me lembro de ter gostado ou aprovado qualquer governante." (CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*, 17 abr. 2001, p. 1-2.)

Vimos que, no padrão formal de linguagem, não se deve dar um único complemento para palavras que regem preposições diferentes. Dessa forma, não se deve dizer "Entrou e saiu da sala", mas "Entrou na sala e saiu dela". Com base nessa informação, identifique no texto anterior duas construções:

a) uma em que ocorre um desvio daquela regra, reescrevendo o trecho de modo a adequá-lo ao que preconiza a gramática normativa;
b) outra em que o autor segue a regra que estabelece que não se deve dar um único complemento para palavras que regem preposições diferentes.

Nos exercícios de 15 a 28, reescreva as frases de modo a adequá-las ao que estabelece a norma culta quanto à regência.

15. Os alunos chegaram cedo no colégio.

16. O rapaz que lhe falei é aquele com quem fiz estágio na empresa.

17. Os amigos foram no cinema.

18. Chegaram atrasados no concerto, por isso não puderam entrar.

19. Eu esqueci dos compromissos marcados.

20. Custei para resolver este exercício.

21. Os convidados custaram a chegar.

22. Não me simpatizei com ele nem com sua irmã.

23. As constantes faltas ao trabalho implicaram na sua demissão.

24. Fulano de Tal, residente à rua Epaminondas Licurgo.

25. Crianças preferem mais frutas do que verduras.

26. O material que precisamos para a pesquisa não foi encontrado.

27. Ele não obedece os mais velhos.

28. O aluno não se simpatizou com a professora.

Nos exercícios de 29 a 41, indique o sentido dos verbos em destaque.

29. No campo, sempre **aspirava** um ar puro.

30. **Aspiramos** a uma boa classificação.

31. No ano passado, **assistimos** a um importante jogo de futebol.

32. O doente que o médico **assistiu** não passava bem.

33. **Assiste** ao trabalhador o direito de férias.

34. O professor **chamou** os alunos.

35. **Chamei**-o de covarde.

36. **Procederemos** à distribuição das provas.

37. **Quero** o lápis que você pegou.

38. **Quero** a meus amigos.

39. O atirador **visou** o alvo.

40. O gerente **visou** o cheque.

41. O cargo a que **visamos** é disputado por todos.

Nos exercícios de 42 a 55 complete os espaços com a preposição adequada.

42. Eram pessoas carentes ... recursos.

43. Camila é a colega ... quem mais gosto.

44. Estes são os materiais ... que necessitamos.

45. Esta é a pessoa ... quem conversei há pouco.

46. Não encontraram a arma ... que se feriu.

47. Este é um direito ... que não abro mão.

48. Tratava-se de um projeto incompatível ... os recursos ... que dispomos.

49. Prenderam o acusado porque era suspeito ... sequestro.

50. Tinha um salário compatível ... o cargo que exercia.

51. A solução encontrada agradou ... todos os alunos.

52. Antes de começar a prova, todos deverão responder ... o questionário.

53. Perguntado se sabia o endereço, respondeu ... o colega que sim.

54. Agradeceu ... o colega pelo favor prestado.

55. O pai não se opunha ... que o filho fosse viajar sozinho.

Nos exercícios de 56 a 58, substitua o verbo em destaque pelos verbos apresentados e faça as adaptações necessárias.

56. Este é o filme que o aluno **viu**.

a) assistir
b) acreditar
c) gostar
d) opor-se
e) simpatizar

57. São conquistas a que **aspiro**.

a) pensar
b) referir-se
c) crer
d) duvidar
e) acreditar

58. Este é o autor cuja obra **conheço**.

a) gostar
b) referir-se
c) acreditar
d) simpatizar
e) duvidar

59. Complete as lacunas, usando o pronome adequado.

a) Você pagou a dívida? Sim, paguei-... .
b) Você pagou ao homem? Sim, paguei-... .
c) Você ama este rapaz? Não, não ... amo.
d) Isto pertence a esta pessoa? Não, isto não ... pertence.
e) Você cumprimentou o professor? Sim, cumprimentei-... .
f) Você obedece a este homem? Sim, obedeço-... .
g) Você quer a seus amigos? Sim, quero-... .
h) Você quer o livro? Sim, quero-... .
i) Você assistiu a este filme? Sim, assisti... .
j) Você aspira a este cargo? Sim, aspiro... .

60. Copie as frases acrescentando as preposições que faltam. Faça a combinação ou a contração da preposição com outra palavra, se for o caso.

a) Todos pareciam alheios ... tudo.
b) Sempre obedecia ... os mais velhos.
c) Você é favorável ... que ele seja perdoado.
d) Depois de tudo o que aconteceu, a mulher ainda perdoou ... o marido.
e) É um direito que assiste ... todos os empregados.
f) O cargo ... que aspiramos é disputado por todos.
g) Não tenho a menor dúvida ... que ele voltará.
h) Esta decisão é benéfica ... quem?
i) As pessoas se lembraram com tristeza ... o ocorrido.
j) Esqueci-me ... o documento.
k) O filme ... que assisti era nacional.
l) Você é capaz ... fazer isso?
m) Estava ansioso ... uma resposta ... o meu pedido.

61. Complete as lacunas utilizando a preposição exigida pelos nomes. Faça a combinação ou a contração da preposição com outra palavra, se for o caso.

a) Sua atitude é incompatível ... esse ambiente.
b) O fumo é nocivo ... o organismo.
c) Sua atitude é passível ... punição.
d) Aquele filme é impróprio ... menores de dezoito anos.
e) Ele está apto ... frequentar a piscina.
f) Marcos ficou indiferente ... tudo o que ocorria.
g) Este exercício é semelhante ... o outro.
h) Este exercício é acessível ... todos os alunos.
i) Trata-se de um problema que é análogo ... outro.
j) Moro num apartamento contíguo ... o seu.
k) Ele estava descontente ... a nota.
l) Estamos habituados ... resolver os problemas.
m) O pai era liberal ... os filhos.
n) Aquele artista era versado ... música.

62. Aponte a alternativa em que haja **erro** de regência.

a) Aquele rapaz com quem eu me simpatizo prefere mais aventuras desastrosas do que empreendimentos sérios.

b) Nunca perdoarei ao homem a quem eu paguei a dívida.

c) Eu sempre obedeço a mulheres.

d) O assessor do ministro visava a uma posição de destaque.

e) Antes de assistir o doente, o médico assistiu a um programa de televisão porque lhe assistia o direito a um descanso.

63. Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas.

Os ideais ... aspiramos são muitos, mas os recursos ... dispomos são poucos.

a) que – dos quais

b) aos quais – com que

c) a que – que

d) que – que

e) a que – de que

64. Assinale a alternativa que apresenta **erro**.

a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.

b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.

c) A firma toda não se simpatizou com a nova orientação.

d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.

e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor, simpatizou com as novas orientações.

65. Assinale a alternativa em que a regência verbal está **correta**.

a) Prefiro mais a cidade do que o campo.

b) Chegamos finalmente em Santo André.

c) Esta é a cidade que mais gosto.

d) Assisti ao concerto de que você tanto gostou.

e) Ainda não paguei o médico.

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Capítulo I

Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos

Art. 5.º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à igualdade, à segurança e à propriedade nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II – ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III – ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V – é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

(...)

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

XI – a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial;

(...)

XXVII – aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;

(...)

(CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. Texto consolidado até a Emenda Constitucional n. 52 de 8 de março de 2006. Disponível em: <www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_16.02.1998/art_5_.shtm>. Acesso em: 12 abr. 2011.)

1. O texto que você acabou de ler é um trecho do artigo 5.º da Constituição da República Federativa do Brasil. Os números escritos em algarismos romanos indicam os incisos (subdivisões) desse artigo. Quais são os incisos correspondentes aos direitos a seguir? (Se necessário, volte ao capítulo 8, **Numeral**, na seção "Emprego dos numerais", e veja como deve ser feita a leitura de numerais em textos de lei.)

a) homens e mulheres são iguais

b) é livre a manifestação do pensamento

c) é inviolável a liberdade de consciência e de crença

d) é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação

e) são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas

f) a casa é asilo inviolável do indivíduo

g) aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras

2. Você aprendeu que a função das preposições é relacionar dois termos subordinando um ao outro. No título do texto, emprega-se a preposição **de**, sem que ela esteja relacionando termos da oração.

a) Que sentido ela assume no título?

b) Que outra preposição indicaria o mesmo sentido?

3. No início do texto, o adjetivo **iguais** aparece com complemento regido pela preposição **perante**: "Todos são iguais **perante** a lei (...)". Sem alterar o sentido, reescreva o trecho substituindo a preposição **perante** por outra palavra.

4. Vimos que, quando o termo regente é um verbo, temos um caso de regência verbal. Se o termo regente é um nome, temos regência nominal. Nos casos de regência nominal, o termo regente é um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Levando em conta qual é o termo regente, agrupe os trechos a seguir em três categorias, como: o regente é...

1) ... um substantivo;

2) ... um adjetivo;

3) ... um advérbio.

a) residentes no País;

b) manifestação do pensamento;

c) direito à vida, à igualdade, à segurança e à propriedade;

d) liberdade de consciência e de crença;

e) proporcional ao agravo;

f) independentemente de censura ou licença;

g) consentimento do morador;

h) transmissível aos herdeiros.

5. O inciso XI afirma que a casa é asilo inviolável do indivíduo. Em que sentido foram empregadas as palavras **asilo** e **inviolável**?

6. O inciso XXVII afirma que "aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras (...)".

a) Qual é a função sintática de **aos autores** e de **de suas obras**?

b) Sem alterar o sentido e, mantendo a regência, reescreva a frase substituindo o verbo **pertencer** por outro.

7. O inciso VI começa por "é inviolável (...)"; o X por "são invioláveis (...)". Explique por que no inciso VI empregou-se o singular e, no X, o plural.

8. No trecho a seguir, a preposição **salvo** introduz uma oração que acrescenta uma informação ao que foi expresso anteriormente. Explique que tipo de informação é essa. Sem alterar o sentido, que outra preposição poderia ser usada no lugar de **salvo**?

"(...) a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo (...) para prestar socorro, ou durante o dia, por determinação judicial;"

9. No texto, o adjetivo **iguais** aparece regendo preposições diferentes: "iguais **perante** a lei" e "iguais **em** direitos". Atentando para o sentido das frases, complete os pontilhados com a preposição adequada. Se for o caso, faça a combinação da preposição com outra palavra.

a) Este produto é igual ... o outro.

b) O filho era igual ... o pai.

c) Este carro é igual ... conforto ao que você tinha.

d) São duas grandezas iguais ... si.

e) A lei é igual ... todos.

f) Ele é igual ... todo mundo.

g) Tratava todo mundo de igual ... igual.

h) Todos têm direito a um tratamento igual ... os tribunais.

PARTE 4

APÊNDICE

Capítulo 20 • CRASE — página 304

Capítulo 21 • MORFOSSINTAXE DAS PALAVRAS *QUE* E *SE* — página 314

Capítulo 22 • PONTUAÇÃO — página 319

Capítulo 23 • FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM — página 331

Capítulo 24 • EMPREGO DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES — página 344

CAPÍTULO 20

Crase

INTRODUÇÃO

A palavra **crase** provém do grego *krasis* e significa "fusão", "junção", "mistura". No português atual, ocorre a crase com as vogais idênticas **a** + **a**. Tal fusão é indicada pelo acento grave (**à**).

É importante que não se confunda crase com acento grave:

Crase é um fenômeno fonético; pertence, pois, à língua oral.

Acento grave é um símbolo gráfico; pertence, pois, à língua escrita.

É fundamental perceber que, embora idênticas, essas vogais pertencem a categorias gramaticais diferentes. O primeiro **a** é sempre uma preposição; já o segundo pode ser:

a) o artigo feminino **a** ou **as**:

Fui **a** (prep.) + **a** (art.) feira.
Fui **à** feira.

Retornamos **a** (prep.) + **as** (art.) praias.
Retornamos **às** praias.

b) o **a** que inicia os pronomes demonstrativos **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**:

Fui **a** (prep.) + **aquele** (pron.) restaurante.
Fui **àquele** restaurante.

c) o **a** dos pronomes relativos **a qual** ou **as quais**:

A cidade **a** (prep.) + **a** (pron.) qual nos referimos fica longe.
A cidade **à** qual nos referimos fica longe.

d) o pronome demonstrativo **a** ou **as**:

	prep.		pron.	
Esta caneta é semelhante	**a**	+	**a**	que me deste.
Esta caneta é semelhante	**à**			que me deste.

Como vimos no capítulo sobre pronomes, **a** e **as** são pronomes demonstrativos quando equivalem a **aquela** e **aquelas**.

Não é por acaso que apresentamos o estudo da crase imediatamente após o capítulo sobre regência, já que a identificação de sua ocorrência depende fundamentalmente dos conceitos de **termo regente** e de **termo regido**.

CRASE DA PREPOSIÇÃO A COM O ARTIGO A OU AS

REGRA

Haverá crase sempre que o termo regente exigir a preposição **a** e o termo regido admitir o artigo **a** ou **as**:

	regente	prep.		art.	regido
Eu me referi		**a**	+	**a**	diretora.
Eu me referi		**à**			diretora.
Fui		**a**	+	**a**	cidade.
Fui		**à**			cidade.
Era insensível		**a**	+	**a**	dor.
Era insensível		**à**			dor.
Chegou		**a**	+	**as**	seis horas.
Chegou		**às**			seis horas.

Nesses casos, é fácil constatar que ocorreu a crase: basta trocar o termo regido por um masculino correlato. Se obtivermos a combinação **ao(s)** (preposição **a** + artigo **o(s)**), fica demonstrado que ocorreu a preposição e o artigo.

Se, nos exemplos citados, trocarmos os termos regidos **diretora**, **cidade**, **dor** e **seis horas** pelos masculinos **diretor**, **bairro**, **sofrimento** e **meio-dia**, teremos:

Eu me referi **ao** diretor.
Fui **ao** bairro.
Era insensível **ao** sofrimento.
Chegou **ao** meio-dia.

Observe que, para ocorrer a crase, é necessário que o termo regente exija a preposição **a** e o termo regido admita a anteposição do artigo **a**. Se um desses fatores não ocorrer, não haverá crase:

Eu	conheço (regente)	ø (prep.)	**a** (art.)	diretora. (regido)
Eu me	refiro (regente)	**a** (prep.)	ø (art.)	ela. (regido)

No primeiro exemplo, não ocorre a crase porque o termo regente (conheço) não exige preposição **a** ("quem conhece, conhece alguém ou alguma coisa": **verbo transitivo direto**); portanto, ali está presente apenas um **a** (o artigo que determina o termo regido **diretora**).

No segundo exemplo, também não ocorre crase porque temos tão somente a preposição **a**, exigida pelo termo regente **me refiro** ("quem se refere, se refere **a** alguém ou **a** alguma coisa"). Diante do termo regido (**ela**) não ocorre o artigo.

Adotando o procedimento de trocar o termo regido por um masculino correlato, não obteremos a combinação **ao**:

Eu conheço **o** diretor.
Eu me refiro **a** ele.

NÃO OCORRE CRASE

Vimos que uma das condições para que ocorra a crase é o termo regido admitir a anteposição do artigo **a** ou **as**. Quando não houver o artigo, evidentemente não haverá a crase, por isso nunca ocorre crase:

a) diante de palavras masculinas:

As vendas **a** crédito cresceram no último ano.

Gostava de andar **a** pé.

b) diante de verbos:

Ainda há muita coisa **a** fazer.

Estava disposto **a** disputar uma vaga.

c) diante da maioria dos pronomes:

Entregaram o prêmio **a** ela.
Peço licença **a** Vossa Excelência.
Fizeram referência **a** esta carta.
Não fizeram alusão **a** alguma possibilidade de devolução da mercadoria.

Observação:

Alguns pronomes admitem a anteposição do artigo. É possível, então, ocorrer a crase diante desses pronomes, se o termo regente exigir preposição **a**. Veja:

Peço desculpas **à** própria pessoa.
Fizeram referência **à** mesma pessoa.

d) nas expressões formadas por palavras repetidas (gota **a** gota, frente **a** frente, ponta **a** ponta, boca **a** boca etc.). Nesses casos, temos simplesmente a preposição **a**. Observe as expressões masculinas correlatas: lado **a** lado, passo **a** passo (e não "lado **ao** lado", "passo **ao** passo").

Ficou cara **a** cara com o inimigo.

Contava as moedas uma **a** uma.

e) diante de substantivos empregados em sentido genérico:

Falava **a** pessoas desinteressadas.
Fez alusão **a** cidades litorâneas.

Não se referiu **a** criatura alguma.
Crianças têm direito **a** recreação.

CASOS ESPECIAIS

Locuções formadas por palavras femininas

O(s) **a**(**s**) das locuções formadas com palavras femininas – **à tarde**, **à noite**, **à vista**, **à vontade**, **à procura**, **às pressas**, **às escondidas**, **à moda** (mesmo que a palavra **moda** fique subentendida), **à medida que**, **à proporção que**, **à exceção de**, **à beira de** etc. – deve(m) receber o acento grave:

Saímos **à meia-noite**.
Vendi **à vista** o relógio que ganhei numa rifa.
Ando **à procura** de um amigo.
Andava **às** pressas.
Agia **às** escondidas.
Pediu um filé **à** Camões. (= à moda de)
No restaurante pediu uma moqueca **à** capixaba. (= à moda)
À medida que caminhavam, todos iam ficando cansados, **à exceção de** Paulo, que parecia ter um fôlego de gato.
"Mulheres **à beira de** um ataque de nervos" (título de um filme)

É importante notar que nessas expressões ocorre o acento grave (`), mesmo que não haja ocorrido a crase, isto é, a fusão de duas vogais idênticas. Veja:

Saímos **à** meia-noite.

Nesse caso, o acento grave indica a fusão de dois **a**. Verifique que, se substituirmos o termo regido (meia-noite) por um correlato (meio-dia), obteremos a combinação **ao**:

Saímos **ao** meio-dia.

Observe outro caso:

Vendi **à** vista o relógio que ganhei numa rifa.

Nesse caso, o acento grave não está indicando a fusão de dois **a**. Se substituirmos o termo regido (vista) por um masculino correlato (prazo), não obteremos a combinação **ao**:

Vendi **a** prazo o relógio que ganhei numa rifa.

Claro está que se a expressão adverbial for formada por palavra masculina ou se a preposição que introduz a expressão adverbial for outra diferente de **a** não ocorrerá a crase e, consequentemente, o(s) **a**(**s**) de tais expressões **não receberá**(**ão**) acento grave:

Trazia a bolsa **a** tiracolo.
Atravessou o rio **a** nado.
Escreveu a resposta **a** lápis.
Fez tudo **a** toque de caixa.
A cor fica **a** critério do cliente
Chegou **após as** dez horas.
Ele não vê o irmão **desde a** semana passada.
A reunião ficou marcada **para as** cinco da tarde.

Observação:

Não há consenso sobre o emprego do acento grave no **a** que encabeça as expressões adverbiais de instrumento. Alguns autores o utilizam; outros não. Nessas expressões, o uso do acento grave é facultativo:

Escreveu uma carta **a** (ou **à**) máquina.
Feriu-se **a** (ou **à**) faca.
Viajaram num barco **a** (ou **à**) vela.

Pode ou não ocorrer crase

Há três casos em que pode ou não ocorrer a crase. São os seguintes:

a) diante de nomes próprios de pessoas do sexo feminino:

Ele fez referência **a** Sandra. / Ele fez referência **à** Sandra.

b) diante de pronomes possessivos femininos:

Obedeço **a** minha irmã. / Obedeço **à** minha irmã.

Esses dois casos se justificam pelo fato de que diante de tais palavras a presença do artigo é facultativa. Podemos dizer:

Sandra chegou. / **A** Sandra chegou.
Minha irmã saiu. / **A** minha irmã saiu.

c) depois da preposição **até**:

Fomos até **a** feira. / Fomos até **à** feira.

Nesse caso, pode ou não ocorrer a crase, pois podemos indiferentemente usar a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**.

No próximo exemplo, temos a preposição **até** seguida do artigo **a**; portanto, ocorre um **a** apenas:

Fomos até **a** feira.

Já no caso a seguir, há a locução prepositiva **até a**, cujo **a** vai se fundir com o artigo **a** que antecede a palavra **feira**:

Fomos até **à** feira.

Diante de nomes de lugar

Como vimos no capítulo em que estudamos o artigo, alguns nomes de lugar admitem a anteposição do artigo, outros não.

Haverá crase diante de nomes de lugar se o termo regente exigir a preposição **a** e o termo regido (o nome do lugar) admitir a anteposição do artigo **a**. Para verificar se um nome de lugar admite ou não a anteposição do artigo **a**, pode-se utilizar o artifício a seguir.

a) Se, ao formularmos uma frase com um nome de lugar regido pelo verbo **vir**, obtivermos a contração **da**, fica claro que diante dele cabe o artigo, pois **da** é contração da preposição **de** com o artigo **a**:

Vou	**à**	Itália.	Vou	**à**	Argentina.
regente	prep. + art.	regido	regente	prep. + art.	regido
Venho	**da**	Itália.	Venho	**da**	Argentina.
regente	prep. + art.	regido	regente	prep. + art.	regido

b) Se, porém, obtivermos simplesmente a preposição **de**, fica claro que diante de tal nome não ocorre o artigo **a**:

Vou	**a**	Roma.	Vou	**a**	Curitiba.
regente	prep.	regido	regente	prep.	regido
Venho	**de**	Roma.	Venho	**de**	Curitiba.
regente	prep.	regido	regente	prep.	regido

Observação:

Se o nome de lugar que não admite artigo vier especificado, passará a aceitá-lo e, consequentemente, haverá crase, desde que o termo regente exija a preposição **a**:

Vou	**à**	Roma antiga.	Vou	**à**	moderna Curitiba.
regente	prep. + art.	regido	regente	prep. + art.	regido

É evidente que em construções como:

Conheço **a** Bahia. Visitamos **a** Itália.

não ocorre a crase, uma vez que os termos regentes (**conheço** e **visitamos**) não exigem a preposição **a**, pois são verbos transitivos diretos. Nesses exemplos, o **a** é simplesmente artigo.

Diante das palavras *casa* e *terra*

Não ocorre crase diante das palavras **casa** (no sentido de "lar", "moradia") e **terra** (no sentido de "chão firme"), uma vez que tais palavras não admitem a anteposição do artigo **a**:

Voltamos	**a**	casa.	Os marinheiros	desceram	**a**	terra.
regente	prep.	regido		regente	prep.	regido

Se, no entanto, tais palavras vierem especificadas, passam a admitir a anteposição do artigo e, consequentemente, poderá ocorrer a crase, desde que o termo regente exija a preposição **a**:

Voltamos	**à**	casa dos amigos.				
regente	prep. + art.	regido				
Os marinheiros	desceram	**à**	terra dos anões.			
	regente	prep. + art.	regido			

CRASE COM OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS *AQUELE(S), AQUELA(S) E AQUILO*

Haverá crase com os pronomes demonstrativos **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo** sempre que o termo regente exigir a preposição **a**:

Assisti **à**quele filme. Aspiro **à**quela vaga. Prefiro isto **à**quilo.

Observação:

Se o pronome demonstrativo estiver se referindo a alguma entidade superior e, portanto, for grafado com inicial maiúscula, não ocorre a crase:

Agradecemos todos os dias **a A**quele que nos protege.

CRASE DIANTE DE PRONOMES RELATIVOS

A QUAL E AS QUAIS

Ocorrerá crase com os pronomes relativos **a qual** e **as quais** quando esses pronomes vierem antecedidos pela preposição **a**, exigida por um termo da oração que tais pronomes introduzem:

A cidade **à qual** iremos possui praias **às quais** chegaremos.

Observe que, nesse exemplo, os termos **iremos** e **chegaremos** regem a preposição **a**, que migra para antes dos pronomes relativos e com eles se funde.

Também nesses casos, a ocorrência da crase pode ser demonstrada pelo artifício de substituir os termos regidos femininos por masculinos correlatos:

O país **ao** qual iremos possui recantos **aos** quais chegaremos.

QUEM E CUJA

Os pronomes **quem** e **cuja** não admitem a anteposição do artigo; portanto, diante deles não ocorre crase:

Esta é a mulher **a** quem obedeço.

Este é o autor **a** cuja obra me refiro.

Nesses casos, o **a** é simplesmente preposição.

QUE

Diante do pronome relativo **que** normalmente não há crase, pois esse pronome não admite a anteposição do artigo:

Esta é a faculdade **a que** aspiro.

Esta é a cidade **a que** iremos.

Nesses casos, o **a** é simplesmente preposição.

Poderá, no entanto, ocorrer a crase da preposição **a** com os pronomes demonstrativos **a** e **as** (= aquela, aquelas) que aparecem antes do pronome relativo **que**:

Sua caneta era igual **à** que comprei.

Em caso de dúvida, é possível verificar a ocorrência ou não de crase pelo recurso da substituição dos termos regidos por masculinos correlatos:

Este é o curso **a que** aspiro.

Este é o bairro **a que** iremos.

Seu lápis era igual **ao que** comprei.

A gramática no dia a dia

PRONÚNCIA DO À

Vimos, neste capítulo, que a crase é o fenômeno resultante da fusão de duas vogais idênticas. Vimos ainda que, em português, ela é indicada por um recurso gráfico, denominado acento grave (`).

A crase, embora constitua essencialmente um fenômeno de natureza fonética, só é indicada do ponto de vista gráfico. Na linguagem oral brasileira, ao contrário do que ocorre com o português falado em Portugal, esse fenômeno não se evidencia por nenhum traço fonético. Portanto, ocorrendo ou não a crase, o fonema representado pela letra **a** deve ser pronunciado da mesma maneira: / **a** /. Observe:

Chegamos ontem **a** Recife. (Pronuncia-se: Chegamos ontem / **a** / Recife.)

Chegamos ontem **à** Argentina. (Pronuncia-se: Chegamos ontem / **a** / Argentina.)

Em decorrência disso, não se justifica, no Brasil, a pronúncia praticada por algumas pessoas, que prolongam ou nasalizam a pronúncia do **à** resultante da crase:

Chegamos ontem **aa** Argentina. ou Chegamos ontem **ã** Argentina.

Justamente por não haver diferenciação na pronúncia entre o **a** (sem acento grave), o **à** (com acento grave) e o **há** (do verbo haver) é que somente pelo contexto podemos perceber a diferença de significado de frases como:

Ele chegou **à** uma hora. (Isto é: Ele chegou às treze horas ou à uma hora da manhã.)

Ele chegou **há** uma hora. (Isto é: Ele chegou faz uma hora.)

Atividades

1. Daniel Filho dirigiu uma peça de teatro, estrelada por Antonio Fagundes, chamada **As mulheres da minha vida**. Se o **as** estivesse com acento grave, o sentido seria o mesmo? Justifique.

Divulgação

Nos exercícios de 2 a 18, omitiu-se propositalmente o acento indicativo da crase. Reescreva as frases, corrigindo a acentuação quando necessário.

2. "Não era talhado para obedecer a ordens ou deixar de dizer o que pensava por respeito a hierarquia." (Bernardo Carvalho)

3. "Sentado, a princípio, a minha frente, fizera, aos poucos, girar a cadeira, de forma a ficar sentado com o rosto voltado para a porta do aposento." (Edgar Allan Poe)

4. "Só que nenhum dos dois pode ser tão emocionante, nem jamais foi tão disputado tão palmo a palmo ou pé a pé, topada a topada, canelada a canelada, as vezes tapa a tapa." (Rubem Braga)

5. "Tanto o cura quanto o barbeiro fizeram muitas e detalhadas recomendações a ama e a sobrinha, no sentido de recuperar o alquebrado corpo de nosso conhecido herói." (Miguel de Cervantes)

6. "Quando ouviu a voz assim chamá-lo, ele estava de pé a porta de sua guarita, com uma bandeira na mão, enrolada a volta do curto mastro." (Charles Dickens)

7. "Acreditava ter obedecido fielmente as instruções do Conselho. Se fracassara, a culpa deveria ser atribuída a omissão de algum detalhe desconhecido da profecia." (Murilo Rubião)

8. "Devo dizer que o resultado não se fez esperar: pressentindo a tarde que a dor não chegaria ao anoitecer, vasculhei a casa a procura de um instrumento adequado de defesa." (Modesto Carone)

9. "A luz intermitente das lojas refletindo no rosto da moça, a medida que eles iam passando por elas, ajudava a dos lampiões da rua, e mostrava a emoção daquela promessa." (Machado de Assis)

10. "A medida que me afastava, a alegria de ter resistido a tentação tornara-se mais intensa e acabei por entregar-me a ela completamente." (Knut Hamsun)

11. "A noitinha a mãe chegou, viu a caixa, mostrou-se satisfeita, dando a impressão de que já esperava a entrega do volume." (Lourenço Diaféria)

12. "Levantava cedo, tomava seu café com leite e saía as pressas para a rua. Voltava, as vezes, meia hora depois. No jantar era o primeiro a chegar a mesa." (Marcos Rey)

13. "Perguntei por que não tinha ido a escola, respondeu que não ia mais, nunca mais, e me contou a história do cavalo. Disse que não adiantava ir a escola porque estava resolvido a fugir." (J. J. Veiga)

14. "A moça me disse ontem que a Lua estava linda. A noite me telefonou e me animou a chegar a janela." (Otto Lara Resende)

15. "O homem já estava solto, graças a intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas." (Lima Barreto)

16. "Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar a noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui." (Rubem Braga)

17. Caminhava passo a passo a procura de um lugar onde pudesse estar a vontade.

18. Perguntou a ela, a meia voz, se estava disposta a contar as novidades as colegas.

19. O aviso a seguir, afixado na porta de uma padaria de uma cidade do interior de São Paulo, apresenta alguns desvios em relação à linguagem culta. Reescreva-o de forma a adequá-lo ao padrão culto.

20. Retirado de um folheto distribuído em um hotel do Pantanal mato-grossense, o texto a seguir apresenta erros no emprego do acento indicativo da crase. Reescreva o trecho, corrigindo-o, e justifique as correções feitas.

"Os hóspedes do PMG Hotel, por estarem alojados dentro do Pantanal, terão sempre ao seu redor como companhia a fauna e a flora pantaneira. Os programas são pescas a piranhas, focagem de jacarés, caminhadas ecológicas, passeios à cavalo e barco à motor acompanhados de guias com prática do Pantanal."

21. Substitua os *, usando corretamente **a, à, as, às**.

a) "Perdi o fôlego. Respirei e ofereci trinta contos. Ele baixou para setenta e mudamos de conversa. Quando tornamos * barganha, subi * trinta e dois. Padilha fez o abate para sessenta e cinco e jurou por Deus do céu que era * última palavra." (Graciliano Ramos)

b) "Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa. O almoço era servido * onze, comida simples, mas com sabor raro. Ele mesmo, o viúvo Galib, cozinhava, ajudava * servir e cultivava * horta, cobrindo-a com um véu de tule para evitar o sol abrasador." (Milton Hatoum)

c) "Que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai * cabeceira, o relógio de parede * suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraindo tanto como os sinos graves marcando * horas." (Raduan Nassar)

d) "Talvez * nordestina já tivesse chegado * conclusão de que vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo rala como * sua." (Clarice Lispector)

e) "Escrevo * meia-noite, depois de ter andado muito pela cidade, e ainda me acho um pouco transtornado pelo que me ocorreu * tarde." (Cyro dos Anjos)

f) "De noite, * hora dos gatunos e dos barulhos suspeitos, o pai abria * janela do lado sul e disparava um tiro contra * escuridão. Corria depois para o lado oposto, abria * janela e disparava outro tiro." (Aníbal Machado)

g) "Abandonou-me, deu um impulso * rede. Tombando * cabeça, * sombra de um galho de acácias projetou-se em seu rosto." (Lúcio Cardoso)

h) "* vezes vinha * esses serões * mãe de minha avó, Dona Maria de Barros Palácio. O pouco que sei * seu respeito vem de minhas tias * custa de tanto falarem da sua doçura, da sua bondade e das suas lágrimas." (Pedro Nava)

i) "* sete da manhã, cada vez menos bocas bocejavam. Cada vez menos vozes reclamavam da vida * dez e meia e menos sestas balançavam * redes depois do almoço." (Adriana Falcão)

j) "Dirigi-me ao hotel indiferente * chuva que continuava * cair. Ia profundamente vexado e firmemente decidido * abandoná-lo quanto antes. Pressentindo que o hoteleiro tinha insinuado ao delegado que eu bem podia ser o autor do furto, refletia sobre uma decisão * tomar." (Lima Barreto)

22. Explique a diferença de sentido entre:

I. Minha mãe decidiu juntar-se às pessoas de bem.
II. Minha mãe decidiu juntar-se a pessoas de bem.

23. Complete as frases, usando **aquele, aquela, àquele, àquela**.

I. Entreguei o bilhete ... homem.
II. O livro de que preciso está sobre ... mesa.
III. Deram emprego ... senhora.
IV. Não pertenço ... grupo.
V. Assistimos ... novela.

Nos testes de 24 a 40, assinale a alternativa em que não ocorre erro.

24. a) Chegou a uma hora em ponto.
b) O professor se referia às alunas interessadas.
c) Tu costumas andar à pé?
d) Agradeci a própria pessoa.
e) Naquela cidade não se obedece a lei.

25. a) Sempre que visitava o museu dirigia-se à mesma pessoa.
b) Dirigiu-se à ela sem pensar.
c) Chegamos a noite e saímos às pressas.
d) Não estávamos dispostos à estudar.
e) Toda noite assisto à novelas.

26. a) Ele escreve à Machado de Assis.
b) Não disse nada à seu pai e saiu.
c) Teve de sair do recinto as pressas.
d) É proibido fazer a prova à lápis.
e) Usamos sapatos a moda de Luís XV.

27. a) Dei um presente a Eugênia.
b) O jovem à quem deram o prêmio é parente do homem à quem o negaram.
c) A nação a qual te referes é o Brasil.
d) Infelizmente não escreveram à ninguém.
e) Ele pagou a dívida a devedora.

28. a) O advogado se mostrou disposto à rever o processo.
b) Eram duas moças; falei a que estava mais perto.
c) Falávamos à pessoas desinteressadas.
d) Saímos às duas horas e retornamos às três.
e) n.d.a.

29. a) Agradeço à Vossa Senhoria.
b) Nunca vou à festas.
c) Tudo estava as claras.
d) Admirei os quadros à óleo.
e) Esta questão é análoga à que caiu na prova.

30. a) Isto cheira à vinho.
b) Minhas ideias são semelhantes as suas.
c) Fizemos alusão às pessoas presentes na reunião.
d) Era ainda muito cedo quando cheguei à casa.
e) Ele conhece à lei.

31. a) Ele sempre falava as claras, nunca as escondidas.
b) O navio já regressou à terra.
c) Vendas à vista e a prazo.
d) Era ainda muito cedo quando cheguei a casa dos amigos.
e) Nunca desobedeceu a lei.

32. a) A cidade a que iremos fica pertinho da ilha a que eles vão.
b) Quero agradecer aquele rapaz.
c) Não assisto à filmes de guerra.
d) Fomos a Inglaterra, voltamos à Copacabana.
e) A amiga, à quem devia tantas atenções, não chegou à ouvir os agradecimentos.

33. a) Passo à passo, a tarefa era cumprida.
b) Esta questão é análoga àquela.
c) A medida que andava, ficava mais disposto a continuar.
d) Ele pagou à dívida.
e) Disse à ela que a esperaria.

34. a) Esta sala é contígua aquela.
b) Ele procedeu à um inquérito.
c) Estamos dispostos a trabalhar.
d) Encontram-se face à face.
e) Refiro-me aquilo que falaste.

35. a) Sua prova está curiosamente igual a do vizinho.
b) Começou à chover.
c) Ele perdoou à mulher.
d) Obedeça as regras de trânsito.
e) Dei tudo à esta velhinha.

36. a) Entreguei a senhorita todos os documentos.
b) Ele matou o animal à tiro.
c) Estou aqui desde às sete horas.
d) Ele tem um estilo a Eça de Queirós.
e) Revelou toda a verdade à inimiga.

37. a) O almoço será as duas horas.
b) Daqui a pouco, estaremos frente à frente.
c) Ele dirigiu-se à Vossa Senhoria.
d) Obedeçamos à esta senhora.
e) Ele dirigiu-se à mesma senhora.

38. a) Ele almejava à posição principal.
b) Ele procedeu à investigação.
c) Esta estrada liga Espírito Santo à Minas.
d) Estas são as crianças à cujos pais me referi.
e) A tarde iremos a cidade.

39. a) Os trabalhadores levavam fardos as costas.
b) Nunca fui a baile a fantasia.
c) Dedique-se as suas atividades com responsabilidade.
d) Não tenho nada a dizer em relação a isso.
e) Ficou anos à esperar pelas reformas administrativas.

40. a) Daqui à alguns anos o homem será dominado pela máquina.
b) Somos sensíveis a poluição ambiental.
c) Gota à gota, a água da chuva escorria pelo cano.
d) Minhas aulas começam as sete horas da manhã.
e) À fusão de duas vogais idênticas dá-se o nome de crase.

41. Preencha os espaços vazios, usando **a**, **à**, **as**, **às**.
a) Fui ... cidade ... duas horas da tarde ... fim de comprar um sapato.
b) Eu conheço ... aluna que está ... espera do ônibus.
c) Os meninos se referiram ... você.
d) Depois de irem ... Itália, foram ... Viena.
e) Voltaram ... encantadora Recife ... uma hora da manhã.
f) Antes de falarem ... senhorita, fizeram referência ... Sua Excelência.
g) Não chegaram ... conclusão alguma.
h) Pediram ... própria aluna que comparecesse ... secretaria.
i) Fizeram referência ... alunas estudiosas.

j) Retornaram tarde ... casa.
k) Retornaram tarde ... casa dos avós.
l) Agradeceram ... minha amiga o favor recebido.
m) Finalmente, desceram ... terra.

Para os testes de 42 a 46, assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas das frases.

42. Garanto ... você que compete ... ela, pelo menos ... meu ver, tomar providências para resolver o caso.

a) a – a – a
b) à – à – a
c) a – à – à
d) a – à – a
e) à – a – a

43. Não se dirigia ... ninguém em particular, mas punha-se ... gesticular, rindo muito ... vontade.

a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – à – à
d) à – à – a
e) à – a – a

44. Estou ... seu dispor ... qualquer hora, ... menos que surja alguma visita.

a) a – à – à
b) à – à – a
c) à – a – a
d) à – à – à
e) a – a – a

45. A infeliz anda ... toa ... percorrer ... ruas. Todas ... vezes que ... vejo, cumprimento-a, mas, ... vezes, ela não responde.

a) à – à – as – as – a – a
b) à – a – as – as – a – às
c) a – a – às – as – a – às
d) à – à – as – as – a – às
e) a – à – as – as – à – as

46. Ele estava ... voltas com um imprevisto, mas planejava daí ... pouco ir ... casa do comendador.

a) às – a – à
b) às – à – a
c) à – a – à
d) à – à – à
e) a – a – a

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

(Trupe, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 15 maio 2004. Folhinha, p. F8.)

1. Leia atentamente o primeiro quadrinho.

a) Em que sentido foi utilizado o verbo **assistir**?
b) Escreva uma frase usando esse verbo em sentido diferente do empregado no quadrinho.

2. Classifique as duas ocorrências do verbo **assistir** quanto à transitividade verbal.

3. Observe as duas ocorrências do **a** no segundo quadrinho.

a) Classifique-as.
b) Por que não recebem acento grave?

4. Reescreva a frase do segundo quadrinho, substituindo o complemento do verbo **jogar** por um pronome pessoal oblíquo.

CAPÍTULO 21 Morfossintaxe das palavras *que* e *se*

A PALAVRA *QUE*

A palavra **que**, em português, pode ser:

1. **Substantivo:** quando equivale a **alguma coisa**. Nesse caso, virá sempre determinada e acentuada por se tratar de monossílabo tônico terminado em **e**. Como substantivo, designa também a décima sétima letra de nosso alfabeto.

Quando a palavra **que** é um substantivo, exercerá as funções sintáticas próprias desse tipo de palavra (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo etc.):

Esse perfume tem um **quê** de enjoativo. (substantivo na função de núcleo do objeto direto)
Ele tem certo **quê** misterioso. (substantivo na função de núcleo do objeto direto)
Nos dicionários, o **quê** vem depois do pê e antes do erre. (substantivo na função de núcleo do sujeito)

2. **Preposição:** quando vem ligando dois verbos de uma locução verbal. Equivalerá a **de**.

Quando é preposição, a palavra **que** não exerce função sintática:

Tenho **que** sair mais cedo. (= Tenho de sair mais cedo.)
Ela tem **que** dar uma resposta até amanhã. (= Ela tem de dar uma resposta até amanhã.)

3. **Interjeição:** quando exprime espanto, admiração, surpresa. Nesse caso, será acentuada e seguida de ponto de exclamação. Usa-se também a variação **o quê!**.

Quando funciona como interjeição, a palavra **que** não exerce função sintática:

Quê! Você ainda não resolveu os exercícios?! **O quê!** Você por aqui?

4. **Partícula expletiva** ou **de realce:** quando pode ser retirada da frase, sem prejuízo algum ao sentido. Nesse caso, a palavra **que** não exerce função sintática alguma; como o próprio nome indica, é usada apenas para dar realce. Como partícula expletiva, aparece também na expressão **é que**.

Quase **que** não consigo terminar o trabalho. (= Quase não consigo terminar o trabalho.)
Eles **é que** conseguiram terminar o trabalho. (= Eles conseguiram terminar o trabalho.)

5. **Advérbio:** quando modifica um adjetivo ou um advérbio. Equivalerá a **quão**.

Quando funciona como advérbio, a palavra **que** exerce a função sintática de adjunto adverbial; no caso, de intensidade:

Que lindas são aquelas crianças! **Que** longe é aquela cidade!

6. **Pronome:** como pronome, a palavra **que** pode ser:

a) pronome relativo: retoma um termo da oração antecedente, projetando-o na oração consequente. Equivale a **o qual** e flexões.

Como já vimos no capítulo das orações subordinadas adjetivas, o pronome relativo **que** pode exercer inúmeras funções sintáticas:

Não encontramos as pessoas **que** saíram. (pronome relativo na função de sujeito de **saíram**)

Este é o caminho **que** procurávamos. (pronome relativo na função de objeto direto, complementando o sentido de **procurávamos**)

b) pronome indefinido: como pronome indefinido, o **que** pode ser:

- pronome substantivo: equivale a "que coisa". Quando funciona como pronome substantivo, a palavra **que** exercerá as funções próprias do substantivo (sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.):

  Que aconteceu com você? (pronome indefinido substantivo na função de sujeito)

  Você precisa de **quê**? (pronome indefinido substantivo na função de núcleo do objeto indireto)

- pronome adjetivo: determina um substantivo. Nesse caso, exerce a função sintática de adjunto adnominal:

  Que vida é essa? **Que** livros você comprou!

Note que o pronome indefinido **que** pode aparecer em orações exclamativas ou interrogativas. Nas orações interrogativas, é chamado de **pronome interrogativo**.

7 **Conjunção:** relaciona entre si duas orações. Nesse caso, não exerce função sintática. Trata-se de um conectivo. Como conjunção, a palavra **que** pode relacionar tanto orações coordenadas quanto subordinadas, daí classificar-se como **conjunção coordenativa** e **conjunção subordinativa**.

Quando inicia uma oração subordinada substantiva, recebe o nome de **conjunção subordinativa integrante**. Quando inicia outro tipo de oração, assume o nome da oração que inicia:

Todos aguardavam **que** ele refizesse os cálculos. (conjunção subordinativa integrante)

É importante **que** todos falem. (conjunção subordinativa integrante)

Venha logo, **que** é tarde. (conjunção coordenativa explicativa)

Falou tanto **que** ficou rouco. (conjunção subordinativa consecutiva)

Faz dez anos **que** partimos dali. (conjunção subordinativa temporal)

Estou bem mais calmo **que** ontem. (conjunção subordinativa comparativa)

"Fiz-lhe sinal **que** se calasse". (Machado de Assis) (conjunção subordinativa final)

A PALAVRA *SE*

A palavra **se**, em português, pode ser:

1 **Conjunção:** relaciona entre si duas orações. Nesse caso, não exerce função sintática. Como conjunção, a palavra **se** pode ser:

a) conjunção subordinativa integrante: inicia uma oração subordinada substantiva:

Perguntei **se** ele estava satisfeito. Queria saber **se** tudo estava a contento.

b) conjunção subordinativa condicional: inicia uma oração adverbial condicional, equivalendo a **caso**:

Se todos tivessem estudado, as notas seriam altas. Continuarei a história **se** você ficar quieto.

c) conjunção subordinativa causal: inicia uma oração subordinada adverbial causal, equivalendo a **como, já que**:

"**Se** você não me queria, não devia me procurar". (Monsueto Menezes)

Se o Brasil depende do trabalho de todos, então é preciso que cada um cumpra o seu dever.

2 **Partícula expletiva** ou **de realce:** pode ser retirada da frase sem prejuízo algum para o sentido. Nesse caso, a palavra **se** não exerce função sintática. Como o próprio nome indica, é usada apenas para dar realce:

"Mudam-**se** os tempos, mudam-**se** as vontades". (Camões)

Passavam-**se** os dias, e nada acontecia.

Observação:

Além do **se**, outros pronomes oblíquos átonos também podem ser empregados como partícula expletiva ou de realce:

Fui-**me** embora daquele lugar.
"Alma minha gentil que **te** partiste". (Camões)

3 **Parte integrante do verbo:** quando faz parte dos verbos pronominais. Nesse caso, o **se** não exerce função sintática. É também chamado **pronome fossilizado**:

Ele arrependeu-**se** do que fez. Ajoelhou-**se** no chão e rezou.

4 **Pronome apassivador:** ligado a verbo que pede objeto direto, torna a oração passiva. É também chamado **partícula apassivadora**. Nesse caso, não exerce propriamente uma função sintática; seu papel é apenas apassivar um verbo transitivo direto:

Vendem-**se** casas. Aluga-**se** uma casa na praia. Compram-**se** joias.

Lembre-se de que, quando o **se** é pronome apassivador, o sujeito estará presente na oração e o verbo estará na terceira pessoa no mesmo número que o sujeito. Além disso, é possível transformar a oração em voz passiva analítica:

Casas **são vendidas**. Uma casa na praia **é alugada**. Joias **são compradas**.

5 **Índice de indeterminação do sujeito:** vem ligado a um verbo que não é transitivo direto, tornando o sujeito indeterminado. Nesse caso, não exerce propriamente uma função sintática; seu papel é o de indeterminar o sujeito. Lembre-se de que, quando o **se** funciona como índice de indeterminação do sujeito, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular:

Trabalha-**se** de dia. Vive-**se** bem aqui. Precisa-**se** de auxiliares de venda.

Verifique que, nesse caso, não é possível a conversão para a voz passiva analítica.

6 **Pronome reflexivo**

Como vimos no estudo dos pronomes, quando a palavra **se** é pronome pessoal, ela deverá estar sempre na mesma pessoa do sujeito da oração de que faz parte, por isso o pronome oblíquo **se** sempre será **reflexivo** (equivalendo a **a si mesmo**). Como pronome oblíquo reflexivo, o **se** pode assumir as seguintes funções sintáticas:

a) objeto direto:

Ele cortou-**se** com a faca.

b) objeto indireto:

Ele arroga-**se** direitos que não possui.

c) sujeito de um infinitivo:

"Sofia deixou-**se** estar à janela". (Machado de Assis)

A forma plural do pronome reflexivo **se** também pode ser empregada para exprimir reciprocidade de ação. Quando isso ocorre, o pronome reflexivo é classificado como **pronome recíproco**. Nesse caso, podem-se acrescentar as expressões **uns aos outros**, **reciprocamente**, **mutuamente** etc.:

Ivan e Lúcia amavam-**se** intensamente. (amavam um ao outro)
Os inimigos cumprimentaram-**se**. (cumprimentaram-se mutuamente, reciprocamente)

A gramática no dia a dia

O *QUE* NA LINGUAGEM COLOQUIAL

Na linguagem do dia a dia, sobretudo na linguagem oral, costuma-se enfatizar o pronome interrogativo **que** através da expressão de realce **é que**, ou pela repetição do próprio pronome interrogativo:

Que é que você vai fazer amanhã?
Que que você quer ganhar de presente?

Embora condenado pelo padrão formal, na linguagem do dia a dia, muitos falantes frequentemente utilizam o pronome relativo **que** desprovido de qualquer função sintática. A função sintática que deveria ser exercida pelo pronome relativo passa a ser expressa por um substantivo ou pronome empregado adiante:

O menino **que** eu falei **com ele** ontem viajou para Pernambuco.

Na linguagem formal, devemos dizer:

O menino **com quem** (ou **com o qual**) eu falei ontem viajou para Pernambuco.

Atividades

1. Nos textos a seguir, classifique as palavras em destaque.
   a) "Todo governador **que** o Império mandava para Goiás vinha solteiro. **Se** tivesse mulher ela não vinha." (Carmo Bernardes)
   b) "Quando o visitei, antes de me ir embora, quis saber **se** o pássaro ainda lhe frequentava os sonhos. Ele olhou em redor para **se** certificar de **que** estávamos sozinhos." (José Eduardo Agualusa)
   c) "O Negrinho montou no baio e tocou por diante a tropilha, até a coxilha **que** o seu senhor lhe marcara. E assim o Negrinho achou o pastoreio. E **se** riu..." (J. Simões Lopes Neto)
   d) "Mudando de assunto, perguntou-me, em seguida, quando iríamos começar o inquérito do Centro. Respondi-lhe **que** logo **se** encerrassem as aulas." (Cyro dos Anjos)
   e) "Passaram-**se** alguns dias. O Despachante telefonou dizendo **que** tinha um nome. Era de um sujeito milionário, dono da maior rede de construções imobiliárias do país, um tal de M. M. Ziff, um cara de passado sombrio **que** conseguiu construir um presente luminoso." (Rubem Fonseca)

Nos exercícios de 2 a 21, classifique a palavra **que**.

2. "Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar." (Assis Valente)
3. Tínhamos que correr o risco.
4. Dormi tão depressa que nem sei como foi.
5. Aquela pergunta tinha um quê de armadilha.
6. Espero que ninguém falte à reunião.
7. Volte imediatamente, que está chovendo.
8. Jovem que era, atirou-se ao trabalho com grande ímpeto.
9. Somos o que somos.
10. Que desagradável é aquela pessoa!
11. Temos que resolver todos os problemas.
12. Que você fez hoje?
13. Que gravata você pretende usar?
14. Eu é que resolvi chamar o diretor.
15. Recomendo que todos compareçam ao casamento do chefe.
16. Ele estudou bem mais que os colegas.
17. Vá na frente, que irei depois.
18. Quê! Você ainda não tomou banho?!
19. Aquela mulher tem um quê de interessante.
20. Tenho que estudar para a prova.
21. Eu que sei dos meus problemas.

Nos exercícios de 22 a 38, classifique a palavra **se**.

22. Não sei se ela aceitará o vale.
23. Assistiu-se ao espetáculo com muito interesse.
24. Vá-se embora já, senão eu grito.
25. Se você não queria ser multado, não devia estacionar o carro ali.
26. Esta classe formou-se de bons alunos.
27. Penteou-se para sair.
28. Olhava-se no espelho e sorria.
29. Indaguei se todos estavam presentes.
30. Vive-se bem naquele lugar.
31. Plastificam-se documentos.
32. Se chover, não iremos à festa.
33. Não sei se o problema está certo.
34. Eles se queixaram ao diretor.
35. Ele se foi para nunca mais voltar.
36. Descansa-se à noite.
37. Não se conheciam as razões.
38. Tirarás boa nota, se estudares com afinco.

Nos exercícios de 39 a 42, marque:

A para pronome relativo;
B para conjunção integrante.

39. As pessoas que compareceram saíram satisfeitas.

40. Não conheço as pessoas que compareceram.

41. Espero que todos venham à reunião.

42. Meu maior desejo é que todos voltem logo.

Nos exercícios de 43 a 48, marque:

A para pronome apassivador;

B para índice de indeterminação do sujeito.

43. Come-se bem naquele restaurante.

44. Comeu-se a banana.

45. Não se divulgarão os resultados.

46. Confia-se nos resultados.

47. Esperam-se os resultados.

48. Tratava-se de questões sem solução.

Nos exercícios de 49 a 53, dê a função sintática do termo em destaque.

49. Os alunos **que** fizeram o trabalho terão nota.

50. Estes são os exercícios **que** os alunos resolveram.

51. Não abandones as coisas de **que** gostas.

52. Ele cortou-**se** com uma faca.

53. O professor arrogava-**se** o direito de adiar a prova.

54. A classificação da palavra em destaque está **errada** em:

a) Tenho **que** ir embora. (preposição)

b) Não conheço o rapaz **que** entrou. (pronome relativo)

c) Ele disse **que** voltaria cedo. (advérbio)

d) Você é **que** sabe. (partícula de realce)

e) **Que** quer você? (pronome interrogativo)

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Quem paga menos seguro de carro?

Alguns pagam cerca de 3 vezes menos para segurar o mesmíssimo carro. Olha só: se você for mulher, já vai gastar até 60% menos do que quem tem o cromossomo Y. As seguradoras usam estatísticas para determinar o que cobram, e entendem que as Penélopes Charmosas evitam as ruas ermas e usam mais estacionamentos. Já os homens, além de facilitarem a vida da bandidagem, causam batidas mais fortes, que podem acabar em perda total – e em prejuízo para a seguradora. Agora, se você está pensando em se divorciar, saiba que vai sair dessa com um prejuízo adicional: ser casado garante uma economia de 5%. É que maridos e esposas costumam ter rotinas casa-trabalho-casa, e quem está sozinho quer encontrar gente, ir à balada, e expõe mais o carro a batidas, roubos e furtos. Para as seguradoras, diga-se, motorista é que nem vinho: quanto mais velho, melhor. Por isso, quem tem 18 anos paga o dobro do que quem tem 60. (...)

(PAULINO, Raquel. Quem paga menos seguro de carro? *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ed. 225, abr. 2006. p. 46.)

Publicado sob licença da revista *Superinteressante*, Editora Abril. Todos os direitos reservados. Visite o *site* da Super: <www.superinteressante.com.br>.

1. O texto começa com um pronome indefinido que se refere a pessoas: "**Alguns** pagam cerca de 3 vezes menos (...)". Levando em conta as informações do texto, diga quem são as pessoas que pagam menos para segurar um mesmo veículo.

2. Um dos recursos que se usa para dar coesão a um texto é substituir uma palavra por outra que lhe corresponda. Dessa forma, o texto não só fica mais coeso mas também mais elegante na medida em que se evitam repetições de palavras. Quais palavras ou expressões do texto a autora usou para substituir **homens** e **mulheres**?

3. Observe esta frase: "Alguns pagam 3 vezes menos para segurar o mesmíssimo carro; outros pagam 3 vezes mais". Reescreva-a, substituindo as expressões **3 vezes mais** e **3 vezes menos** por numerais fracionários e multiplicativos.

4. Na frase "Agora, se você está pensando em se divorciar, saiba que vai sair dessa com um prejuízo adicional (...)", classifique as palavras **que** e **se**.

5. Observe a frase a seguir: "As seguradoras usam estatísticas para determinar o que cobram, e entendem que as Penélopes Charmosas evitam as ruas ermas e usam mais estacionamentos".

a) A palavra **que** ocorre duas vezes. Classifique-a em cada uma das ocorrências.

b) A palavra **mais** pode ser usada como advérbio ou como pronome indefinido; na frase, a ocorrência é de advérbio ou de pronome indefinido? Justifique sua resposta.

6. No trecho "(...) ir à balada, e expõe mais o carro a batidas, roubos e furtos", por que o primeiro **a** recebe acento grave, e o segundo, não?

7. Segundo o texto, por que o seguro de um mesmo carro é mais caro para as pessoas do sexo masculino do que para as pessoas do sexo feminino?

CAPÍTULO 22 Pontuação

INTRODUÇÃO

Para reproduzirmos, na linguagem escrita, os inumeráveis recursos da fala, contamos com uma série de sinais gráficos denominados **sinais de pontuação**. São eles:

- o ponto (.)
- o ponto de interrogação (?)
- o ponto de exclamação (!)
- a vírgula (,)
- o ponto e vírgula (;)
- os dois-pontos (:)
- as aspas (" ")
- o travessão (–)
- as reticências (...)
- os parênteses (( ))

Alguns sinais de pontuação servem, fundamentalmente, para marcar pausas (o ponto, a vírgula, o ponto e vírgula); outros têm a função de marcar a melodia, a entoação da fala (ponto de exclamação, ponto de interrogação etc.).

Não é simples fixar regras para o emprego correto dos sinais de pontuação. Além dos casos em que o uso dos sinais é obrigatório (determinado pela sintaxe), existem também razões de ordem subjetiva envolvidas em sua utilização (a busca da melhor expressão, que se transforma numa questão de estilística).

A seguir, passaremos a expor algumas orientações sobre o assunto.

O PONTO

É utilizado para marcar o final das frases declarativas e é o sinal que indica maior pausa. Quando encerra um texto escrito, é também chamado **ponto-final**:

Anoitecia. Eu sou estudante. Refiz as contas e não descobri onde errei.

O PONTO DE INTERROGAÇÃO

É usado para marcar o final de frases interrogativas diretas. Nunca é colocado no fim de uma oração interrogativa indireta:

Entendeu? Será que vai chover? Se eu terminar os exercícios, posso ir com você?

O PONTO DE EXCLAMAÇÃO

É colocado após determinadas palavras, como as interjeições, e no final de frases enunciadas com entoação exclamativa. Denota, entre outras coisas, entusiasmo, alegria, dor, surpresa, espanto, ordem:

Olá!
Que susto!
Mãos ao alto!
Ótimo!
Ah!
Entendi!
Não toque em nada!

A VÍRGULA

A vírgula é o sinal de pontuação que indica uma pausa de curta duração, sem marcar o fim do enunciado.

A VÍRGULA NO INTERIOR DA ORAÇÃO

Em português, a ordem normal dos termos na oração é a seguinte: o sujeito costuma vir antes do verbo, e os complementos, o predicativo do sujeito e os adjuntos adverbiais formados por mais de uma palavra costumam vir depois do verbo. Quando os termos da oração se dispõem nessa ordem, dizemos que ocorre **ordem direta**:

sujeito	verbo	obj. direto	adj. adverbial
Muitos alunos	estudaram	a matéria da prova	com afinco.

Quando ocorre qualquer alteração na sequência lógica dos termos, temos a **ordem indireta**:

adj. adv. deslocado	
Com afinco,	muitos alunos estudaram a matéria da prova.

Quando a oração se dispõe em ordem direta, não se separam por vírgulas seus termos imediatos. Assim, não se usa vírgula entre o sujeito e o predicado, entre o verbo e seu complemento e entre o nome e seu complemento ou adjunto, mesmo que na fala haja pausa entre esses termos:

sujeito	predicado
Muitos imigrantes europeus	chegaram ao Brasil naquele ano.

sujeito	verbo	complementos
Todos os alunos	apresentaram	o texto ao professor.

adj. adn.	nome	compl. nominal	predicado
A áspera	resposta	ao candidato	deixou-o magoado.

No interior da oração, utiliza-se a vírgula nos casos a seguir.

Termos intercalados

Os termos que se intercalam na ordem direta, quebrando a sequência natural da frase, devem vir isolados por vírgulas. Assim, separam-se:

a) o predicativo do sujeito intercalado:

	predicativo	
Os espectadores,	**inquietos**,	aguardavam o início do espetáculo.

b) as expressões de caráter explicativo ou corretivo, como **isto é**, **a saber**, **por exemplo**, **ou seja**, **ou melhor** etc.:

A sua atitude, (expr. explicativa) **isto é**, o seu comportamento na aula merece elogios.

Não haverá aula amanhã, (expr. corretiva) **ou melhor**, depois de amanhã.

c) as conjunções coordenativas intercaladas:

A sua atitude, (conj. intercalada) **no entanto**, causou sérios desentendimentos.

Havia, (conj. intercalada) **porém**, um inconveniente sério.

d) os adjuntos adverbiais intercalados:

Os candidatos, (adj. adv. intercalado) **naquele dia**, receberam a imprensa.

Se o adjunto adverbial intercalado for de pequena extensão (um simples advérbio, por exemplo), não se usa a vírgula, uma vez que, nesse caso, não ocorre quebra na sequência lógica do enunciado:

Os candidatos (advérbio) **sempre** receberam a imprensa.

Termos deslocados

Geralmente, quando um termo é deslocado de seu lugar original na frase, deve vir separado por vírgula. Assim, separam-se:

a) o adjunto adverbial anteposto:

(adj. adv. anteposto) **Naquele dia**, os candidatos receberam a imprensa.

Se o adjunto adverbial anteposto for um simples advérbio, a vírgula é dispensável:

(advérbio) **Hoje** os candidatos deverão receber os jornalistas credenciados.

b) o complemento pleonástico antecipado:

(compl. pleonástico antecipado) **Este assunto**, já o li em algum lugar.

c) o predicativo do sujeito antecipado:

(predicativo) **Inquietos**, os espectadores aguardavam o início do espetáculo.

Termos coordenados assindéticos

Os termos coordenados assindéticos, isto é, termos que exercem a mesma função sintática na oração, se não estiverem ligados por conjunção, devem ser separados por vírgulas:

Algumas espécies de psitacídeos comem **brotos, flores, folhas tenras**. Outras procuram **milharais, bananais, cafezais, cacauais, arrozais, capinzais**.

"Quaresma convalesce **longamente, demoradamente, melancolicamente**." (Lima Barreto)

Termos coordenados ligados por *e, ou, nem*

Quando os termos coordenados estiverem ligados pelas conjunções **e**, **ou**, **nem**, não se usa a vírgula:

Aquela paisagem nos despertava confiança, tranquilidade **e** calma.

Pedro **ou** Paulo casará com Heloísa.

Não necessitavam de dinheiro **nem** de auxílio.

Se essas conjunções vierem repetidas para dar ideia de ênfase, usa-se a vírgula:

E os pais, **e** os amigos, **e** os vizinhos magoaram-no.

Não caminhava por montanhas, **ou** florestas, **ou** cavernas, **ou** desertos.

Não estudava Física, **nem** Química, **nem** Matemática, **nem** História.

A repetição de uma mesma conjunção coordenativa constitui uma figura de linguagem denominada **polissíndeto**.

Outros casos

Usa-se também a vírgula no interior da oração para:

a) separar o nome do lugar na indicação de datas.

Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 2012.
Salvador, 15 de dezembro de 2011.

b) marcar a omissão do verbo.

"O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano." (Chico Buarque)

c) isolar o vocativo, esteja ele no começo, no meio ou no fim da frase:

vocativo
"A ordem, **meus amigos**, é a base do governo." (Machado de Assis)

Pode-se, em vez de vírgula, marcar o vocativo com um ponto de exclamação a fim de dar ênfase.

vocativo
"**Deus! ó Deus!** onde estás que não respondes?" (Castro Alves)

d) isolar o aposto:

aposto
Jericoacoara, **uma das mais belas praias do Brasil**, fica no Ceará.

aposto
Estive em Natal, **capital do Rio Grande do Norte**.

Como vimos no capítulo 14, entre o aposto especificativo e o nome a que se refere não se emprega a vírgula.

aposto
Navegaram pelo rio **Amazonas**.

A VÍRGULA ENTRE ORAÇÕES

As orações que compõem um período podem ser separadas por vírgulas ou não, dependendo do tipo de cada oração. Vejamos como isso se dá em cada caso.

Orações subordinadas adjetivas explicativas

As orações subordinadas adjetivas explicativas sempre são separadas por vírgula:

or. princ.	or. sub. adj. explicativa	or. princ.
"O carteiro,	cujo velho sonho era a formatura do filho,	viu ali meios de consegui-la." (Lima Barreto)

Orações subordinadas adjetivas restritivas

As orações adjetivas restritivas em geral não se separam da principal por vírgula. Podem terminar por vírgula (mas nunca começar por ela) quando tiverem certa extensão, sobretudo se terminarem por um verbo seguido pelo verbo da oração principal:

or. princ.	or. sub. adj. restritiva
Os empregados	que por causa de diversos problemas de saúde decorrentes de trabalho insalubre se aposentaram,

or. princ.
serão indenizados.

Orações subordinadas adverbiais

Orações dessa modalidade, sobretudo quando estiverem antepostas à oração principal ou nela intercaladas, separam-se por vírgula:

or. sub. adverbial	or. princ.
Quando o cantor entrou no palco,	todos aplaudiram.

or. sub. adverbial	or. princ.
Entrando o cantor,	todos devem aplaudir.

or. princ.	or. sub. adverbial	or. princ.
O cantor,	como era esperado pela plateia,	cantou seu maior sucesso.

Orações subordinadas substantivas

Orações desta categoria (com exceção das apositivas) não se separam da principal por vírgula:

or. princ.	or. sub. substantiva
Espero	que você me telefone.

or. princ.	or. sub. substantiva
O remédio era	ficar em casa.

Orações coordenadas

As orações coordenadas (exceto as iniciadas pela conjunção aditiva **e**) separam-se por vírgula:

or. coord.	or. coord.	or. coord.	or. coord.
Cheguei,	pedi silêncio,	aguardei alguns minutos	**e** comecei a palestra.

or. coord.	or. coord.
Eles se esforçaram muito,	porém não obtiveram o resultado desejado.

Pode-se usar vírgula antes da conjunção **e** quando:

a) as orações coordenadas tiverem sujeitos diferentes:

or. coord.		or. coord.		
"**Os adjetivos** (sujeito)	passam,	e	**os substantivos** (sujeito)	ficam." (Machado de Assis)

b) quando a conjunção **e** vier repetida enfaticamente (polissíndeto):

E volta, **e** recomeça, **e** se esforça, **e** consegue.

c) quando a conjunção **e** assumir outros valores (adversidade, consequência etc.):

"Os jovens querem ser fiéis, **e** não o são. Os velhos querem ser infiéis, **e** não conseguem". (Oscar Wilde)
(= mas não o são; mas não conseguem)

Esforçou-se muito, **e** conseguiu a aprovação.
(= em consequência conseguiu aprovação)

Orações intercaladas

As orações intercaladas são sempre separadas por vírgulas, duplo travessão ou parênteses:

Eu, [or. intercalada: disse o orador,] não concordo.

O problema das enchentes [or. intercalada: – disse o candidato –] será prioritário.

"A cunhadinha [or. intercalada: (continuava a dar este nome a Capitu)] tinha lhe falado naquilo por ocasião de nossa última visita a Andaraí, e disse-lhe a razão do segredo". (Machado de Assis)

O PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula marca uma pausa mais longa que a vírgula, no entanto menor que a do ponto.

Por ser um sinal intermediário entre a vírgula e o ponto, não é tarefa simples sistematizar seu emprego. Entretanto, há algumas normas para sua utilização.

Emprega-se o ponto e vírgula para:

a) separar orações coordenadas que já venham "quebradas" no seu interior por vírgula:

[or. coord.: "Os burgueses admiravam-lhe a economia;] [or. coord.: os clientes, a polidez;] [or. coord.: os pobres, a caridade". (Gustave Flaubert)]

[or. coord.: "Os espelhos são usados para ver o rosto;] [or. coord.: a arte, para ver a alma". (Bernard Shaw)]

b) separar orações coordenadas que se contrabalançam em força expressiva (formando antítese, por exemplo):

[or. coord.: Muitos se esforçam;] [or. coord.: poucos conseguem.] [or. coord.: Uns trabalham;] [or. coord.: outros descansam.]

c) separar orações coordenadas que tenham certa extensão:

[or. coord.: Os excelentes jogadores de futebol olímpico reclamaram com razão das constantes críticas do técnico;]

[or. coord.: porém o teimoso treinador ficou completamente indiferente às queixas dos jogadores.]

d) separar os diversos itens de enunciados enumerativos em leis, decretos, portarias etc.

Considerando:

a) a alta taxa de desemprego no país;
b) a elevação da taxa de juros;
c) a recessão econômica;

solicitamos especial atenção ao nosso pedido.

"Art. 111. São órgãos da Justiça do Trabalho:

I – o Tribunal Superior do Trabalho;
II – os Tribunais Regionais do Trabalho;
III – Juízes do Trabalho". (Constituição da República Federativa do Brasil)

OS DOIS-PONTOS

Os dois-pontos marcam uma sensível suspensão da melodia de uma frase para introduzir algo bastante importante. Utilizam-se os dois-pontos para:

a) dar início a fala ou citação textual de outrem:

"A porta abriu-se, um brado ressoou:
– Até que enfim, meu rapaz!" (Eça de Queirós)

b) dar início a uma sequência que explica, esclarece, identifica, desenvolve ou discrimina uma ideia anterior:

Descobri a grande razão da minha vida: você.
Já lhe dei tudo: amor, carinho, compreensão, apoio.
Tivemos uma ótima ideia: abandonar a sala.
O resultado não se fez esperar: fomos chamados à diretoria.

AS ASPAS

Empregam-se as aspas para:

a) isolar citação textual colhida a outrem:

Como afirma Caio Prado Jr., em *História econômica do Brasil*: "A questão da imigração europeia do século XIX está intimamente ligada à da escravidão".

Diz Thomas Mann em *A montanha mágica*: "Todo caminho que trilhamos pela primeira vez é muito mais longo e difícil do que o mesmo caminho quando já o conhecemos".

As aspas só aparecem depois da pontuação quando abrangem todo o período:

"Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti." (Machado de Assis)

b) isolar palavras ou expressões estranhas à língua culta, como gírias e expressões populares, estrangeirismos etc.:

Não deixe de fazer "download" do programa. (estrangeirismo)
Ele ficou "grilado" com sua atitude de "mão de vaca". (expressões populares)

c) mostrar que uma palavra está em sentido diverso do usual (geralmente, em sentido irônico):

Sua ideia foi mesmo "brilhante".
Fizeste "excelente" serviço.

d) dar destaque a uma palavra ou expressão:

Já entendi o "porquê" do seu projeto; só não percebo "como" executá-lo.

O TRAVESSÃO

O travessão simples (–) serve para indicar que alguém está falando de viva voz (discurso direto). Emprega-se, pois, o travessão para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos:

"– De quem são as pernas?
– Da Madalena, respondeu Gondim.
– Quem?
– Uma professora. Não conhece? Bonita.
– Educada, atalhou João Nogueira.
– Bonita, disse outra vez Gondim. Uma lourinha aí, de uns trinta anos.
– Quantos?, perguntou João Nogueira.
– Uns trinta, pouco mais ou menos." (Graciliano Ramos)

Alguns autores costumam, em vez do travessão, utilizar as aspas para indicar falas de personagens:

"Você tem dinheiro?"

"Tenho."

"Então compra."

"Eu fico pensando na moça."

"Que moça? Que moça?" (Rubem Fonseca)

Pode-se usar o duplo travessão (– –) para substituir a dupla vírgula, sobretudo quando se quer dar ênfase ou destaque ao termo intercalado:

O ministro – profundo conhecedor do mercado internacional – está consciente das dificuldades.

Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

AS RETICÊNCIAS

As reticências marcam uma interrupção da sequência lógica da frase. Podem ser usadas:

a) com valor estilístico, isto é, com a intenção deliberada de permitir ao leitor completar o pensamento que foi suspenso:

Eu não vou dizer mais nada. Você já deve ter percebido que...

b) para marcar fala quebrada e desconexa, própria de quem está nervoso ou inseguro:

"Depois de um instante, Carlos lançou lá, entre um rumor de água que caía:

– Não sei... Talvez... Logo te digo..." (Eça de Queirós)

– Bem... Sabe... Pois é... Quer dizer... Não era bem assim... Sei lá...

c) para indicar que parte de uma citação foi omitida (nesse caso, as reticências vêm, de preferência, entre parênteses):

"(...) nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada." (Machado de Assis)

"Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui califa (...)" (Machado de Assis)

"Art. 39. É vedado ao fornecedor de produtos ou serviços:

(...)

III – enviar ou entregar ao consumidor, sem solicitação prévia, qualquer produto, ou fornecer qualquer serviço;

(...)

XII – deixar de estipular prazo para o cumprimento de sua obrigação (...)"

(Código de Defesa do Consumidor)

OS PARÊNTESES

Os parênteses servem para isolar explicações, indicações ou comentários acessórios:

"Aborrecido, aporrinhado, recorri a um bacharel (trezentos mil-réis, fora despesas miúdas com automóveis, gorjetas etc.) e embarquei vinte e quatro horas depois (...)" (Graciliano Ramos)

"Fui hoje cedo à casa deste último, apresentar desculpas (deve ter ficado aborrecido com a minha ausência no local determinado para o encontro) e repetir o convite para a pretendida visita." (Cyro dos Anjos)

"Ela (a rainha) é a representação viva da mágoa (...)" (Lima Barreto)

A gramática no dia a dia

A VÍRGULA E O SENTIDO DA FRASE

Como vimos, o emprego da vírgula está condicionado a razões de ordem sintática. Dessa forma, a presença ou não desse sinal de pontuação, além de ser fundamental para determinar a função sintática exercida por um termo, interferirá no sentido da frase. Observe:

> O advogado do jornalista, Mário Duarte, requereu ontem ao Superior Tribunal de Justiça a revogação da prisão temporária de seu cliente.

> O advogado do jornalista Mário Duarte requereu ontem ao Superior Tribunal de Justiça a revogação da prisão temporária de seu cliente.

No primeiro exemplo, a presença das vírgulas indica que **Mário Duarte** é o nome do advogado do jornalista. Nessa frase, o nome do jornalista não vem expresso. No segundo exemplo, a ausência das vírgulas indica que **Mário Duarte** é o nome do jornalista. Nessa frase, o que não vem expresso é o nome do advogado.

Veja agora mais um exemplo:

> Eleitor quer justificar seu voto.

> Eleitor, quer justificar seu voto?

Ambas as frases são formadas por exatamente as mesmas palavras, no entanto a pontuação que se dá a cada uma delas altera significativamente o sentido. No primeiro exemplo, temos uma frase afirmativa, marcada pelo ponto-final, em que o termo **eleitor** funciona como sujeito. No segundo exemplo, temos uma interrogativa direta, em que a vírgula, após o termo **eleitor**, indica que ele funciona como vocativo.

A PONTUAÇÃO E AS RAZÕES ESTILÍSTICAS

Por razões estilísticas, o autor de um texto pode optar por um sinal em lugar de outro. Em vez de utilizar uma vírgula ou dois-pontos para separar duas (ou mais) orações de um período, ele pode, por exemplo, usar o ponto e transformar as duas (ou mais) orações em dois (ou mais) períodos. Observe o texto a seguir:

> "Em forma gasosa, o hidrogênio é o combustível perfeito. Ele pode ser extraído facilmente de uma fonte inesgotável (os oceanos), libera muita energia ao reagir com o oxigênio e não polui, pois o único resíduo da reação é a própria água. **Seria perfeito se não fosse um detalhe. Não dá para usar em carros porque é difícil de armazenar com segurança: ao menor contato com o ar ele explode.**"
> (*Superinteressante*, fev. 2000. p. 46.)

Observe que, depois da palavra **detalhe**, tem-se uma sequência que explica essa palavra. Como vimos, nesse caso, o normal seria a utilização dos dois-pontos. No entanto, o autor preferiu utilizar o ponto, reservando o uso dos dois-pontos para introduzir, com bastante destaque, outra sequência explicativa que aparece depois: "(...): ao menor contato com o ar ele explode.". Convém ainda observar que o autor, em vez de usar os dois-pontos, poderia explicitar o nexo lógico, utilizando uma conjunção.

Veja a seguir outras possíveis formas de pontuar o mesmo texto:

> Em forma gasosa, o hidrogênio é o combustível perfeito. Ele pode ser extraído facilmente de uma fonte inesgotável (os oceanos), libera muita energia ao reagir com o oxigênio e não polui, pois o único resíduo da reação é a própria água. **Seria perfeito se não fosse um detalhe: não dá para usar em carros porque é difícil de armazenar com segurança. Ao menor contato com o ar ele explode.**

> Em forma gasosa, o hidrogênio é o combustível perfeito. Ele pode ser extraído facilmente de uma fonte inesgotável (os oceanos), libera muita energia ao reagir com o oxigênio e não polui, pois o único resíduo da reação é a própria água. **Seria perfeito se não fosse um detalhe: não dá para usar em carros porque é difícil de armazenar com segurança, uma vez que, ao menor contato com o ar, ele explode.**

Observe que, alterando a pontuação, desloca-se o foco para aquilo que o falante quer realçar.

Atividades

1. Com relação aos períodos a seguir, aponte a diferença de significado existente entre eles.

   I. As seguradoras, que se baseiam em estatísticas, afirmam que as batidas de carro causadas por homens são mais fortes do que as causadas por mulheres.

   II. As seguradoras que se baseiam em estatísticas afirmam que as batidas de carro causadas por homens são mais fortes do que as causadas por mulheres.

2. Usando apenas uma vírgula, pontue a frase a seguir de duas maneiras distintas, de modo que tenham sentidos diferentes.

   Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria de rastos à sua procura.

Nos textos de 3 a 16, omitiram-se os sinais de pontuação. Reescreva-os, pontuando-os adequadamente.

3. A poluição sonora provoca muitos efeitos negativos Os principais são distúrbios do sono estresse perda da capacidade auditiva surdez dores de cabeça distúrbios digestivos perda de concentração aumento do batimento cardíaco e alergias (Direção defensiva – Trânsito seguro é um direito de todos. Denatran – Ministério das Cidades)

4. Ao redor da mesa por um instante imobilizados achavam-se o pai a mãe a avó três crianças e uma mocinha magra de dezenove anos (Clarice Lispector)

5. Entro na venda para comprar uns anzóis e o velho está me atendendo quando chega um menino da roça com um burro e dois balaios de lenha fica ali parado esperando o velho parece que não o vê mas afinal olha as achas com desprezo e pergunta quanto o menino hesita coçando o calcanhar de um pé com o dedo de outro quarenta o homem da venda não responde vira a cara aperta mais os olhos miúdos para separar os anzóis pequenos que eu pedi (Rubem Braga)

6. Como eu tinha imaginado uma corrente marítima impele o navio se é que assim se pode designar adequadamente uma onda que rugindo e uivando pelo alvo gelo reboa em direção ao sul com velocidade igual à da queda vertiginosa de uma catarata (Edgar Allan Poe)

7. Para uns os mais adiantados era um fabricante de moeda falsa para outros os crentes e simples um tipo que tinha parte com o tinhoso (Lima Barreto)

8. Ela porém fremia de desejos de raiva de ódio
(Gustave Flaubert)

9. Era inacreditável porém o efeito que aquela momice tinha sobre as pessoas atrás da cerca elas suavam gritavam riam choravam rezavam mordiam os lábios roíam as unhas arrancavam os cabelos e em momentos de cólera atiravam objetos ao gramado (José Roberto Torero)

10. À noite porém o doutor percebendo que a mulher dormia saltou a janela e correu em direção ao cemitério Cora de pés nus com as chinelas nas mãos procurou a criada para irem juntas à colheita de ossos (Lima Barreto)

11. O céu estava cinzento o vento úmido (Thomas Mann)

12. Como porém estivesse com a camisa rasgada o paletó sem a manga direita ligeiras escoriações por todo o corpo e de sunga recebeu ordem superior para retirar-se sob pena de abertura de inquérito administrativo de acordo com os estatutos em vigor (Lourenço Diaféria)

13. As janelas das casas por exemplo só têm a armação Os vidros foram dispensados em 1958 quando chegou o primeiro jato Sempre que levantava voo o jato quebrava todas as vidraças do bairro Os espelhos para não estilhaçarem já são comprados aos cacos
(Carlos Eduardo Novaes)

14. Aos cinquenta anos magro alto de gestos imponentes e uma certa altivez forçada era mais conhecido por sua enorme biblioteca onde empenhava toda a moeda conseguida nas colheitas ou pela venda sucessiva de partes de suas terras do que propriamente por sua esquisita maneira de viver
(CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Adaptação de José Angeli. São Paulo: Scipione, 2002. p. 5.)

15. Por dentro a estalagem lembrava um velho navio abandonado de casco escuro e carcomido Nas paredes além de botijas e frascos de bebidas espalhados por prateleiras suspensas objetos recolhidos dos mais diversos mares por baleeiros de todos os tempos ossos de baleias remos rodas de leme âncoras
(MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Adaptação de Werner Zotz. 8. ed. São Paulo: Scipione, 2005. p. 13.)

16. Escritor crítico de arte cronista jornalista autor de mais de 20 obras entre coletâneas de poemas ensaios e peças de teatro Ferreira Gullar faz 70 anos no dia 10 deste mês
(*Bravo*, set. 2000. p. 82.)

Nos exercícios de 17 a 23, pontue adequadamente as frases, usando a vírgula, e justifique seu emprego.

17. A medida aplicada no entanto não resolveu o problema.

18. Durante o jantar o assunto foi só esse.

19. Ele preferia os salgados e eu os doces.

20. Havia contudo inconvenientes sérios.

21. Estes argumentos não os tenho por verdadeiros.

22. Visitaram Recife Fortaleza Salvador e Maceió.

23. Gostaria de saber entretanto se vão incluir o custo no pedido.

Nos exercícios de 24 a 45, pontue adequadamente as frases, usando a vírgula, se for necessário.

24. "No outro dia sábado matei os carneiros para os eleitores." (Graciliano Ramos)

25. "A casa tinha três quartos duas salas banheiro copa cozinha quarto de empregada porão varanda e quintal." (Fernando Sabino)

26. "Debruçado à janela ele olha a rua." (Fernando Sabino)

27. "Meu querido estou doente de desespero." (Dalton Trevisan)

28. "Depois do enterro de Luísa Jorge despediu as criadas." (Eça de Queirós)

29. "Desde as primeiras chuvas Dona Inácia iniciou seus preparativos de viagem." (Rachel de Queiroz)

30. "Para o coração pois não há passado nem futuro nem ausência." (Rui Barbosa)

31. "Às onze horas a sineta deu o sinal das aulas." (Raul Pompeia)

32. Na área econômica o novo presidente receberá um país ainda envolvido na crise.

33. Não sei se disse que isso se passava em casa de uma comadre de minha avó.

34. Todos sabemos que as inovações em quaisquer das atividades humanas especialmente nas artes área das intimidades profundas e delicadas do sentimento custam a vencer as resistências oriundas da tradição e da inércia.

35. "Meu antigo patrão Salustiano Padilha que tinha levado uma vida de economias indecentes para fazer o filho doutor acabara morrendo do estômago e de fome sem ver na família o título que ambicionava." (Graciliano Ramos)

36. As casas são navios que enquanto mergulhamos no sono levantam âncora para a travessia da noite.

37. "Conforme declarei Madalena possuía um excelente coração." (Graciliano Ramos)

38. "Maria viúva quarenta e nove anos e João barbeiro de vinte e cinco eram amasiados há seis meses." (Dalton Trevisan)

39. "A premiação foi como devia ser exuberante." (Raul Pompeia)

40. "O povo se apinhava na avenida o dinheiro circulava alegremente as lâmpadas de carbureto espargiam sobre o burburinho focos de luz muito branca." (Rachel de Queiroz)

41. "Então tirou o roupão violentamente passou um vestido sem apertar o corpete vestiu por cima um casaco largo de inverno atirou o chapéu para a cabeça despenteada saiu desceu a rua tropeçando nas saias." (Eça de Queirós)

42. "O pêndulo iria de um lado para outro mas nenhum sinal externo mostraria a marcha do tempo." (Machado de Assis)

43. "Já sabes que a minha alma por mais lacerada que tenha sido não ficou aí para um canto." (Machado de Assis)

44. Para psiquiatras psicólogos e sociólogos o conflito familiar é inevitável e inerente à própria família.

45. As economias do imperador no entanto não foram o bastante para levar adiante o projeto que se desenvolvia.

46. Pontue o enunciado a seguir, usando dois-pontos, ponto e vírgula e vírgula.

Machado de Assis e Castro Alves são importantes nomes da literatura brasileira o primeiro escreveu romances o segundo poemas.

47. Pontue o enunciado a seguir, usando dois-pontos e vírgulas.

A literatura portuguesa nos deu dois grandes escritores Camões grande poeta renascentista e Fernando Pessoa grande poeta moderno.

48. Pontue adequadamente o texto a seguir, usando os dois-pontos.

A situação estava clara somente uma jogada individual do atacante resolveria o problema.

49. Pontue adequadamente o texto a seguir, usando vírgulas.

Logo que chegaram sentaram-se no sofá que era velho pediram silêncio e iniciaram a conversa.

50. Pontue o texto a seguir, usando várias vezes a vírgula e o ponto e vírgula.

"A História torna o homem incrédulo a poesia indefeso a matemática frio a filosofia soberbo a moral chato." (Millôr Fernandes)

51. Pontue o texto a seguir, usando vírgulas e dois-pontos.

O raciocínio é o de praxe buscar em Moscou as razões da instabilidade política externa acusar o governo de incapaz e corrupto sugerir a iminência da guerra civil e enfim apresentar-se como garantia exclusiva da população.

52. Pontue adequadamente a frase a seguir, usando os dois-pontos.

A minha expectativa é a seguinte eu me sinto participante do processo.

53. Pontue adequadamente a frase a seguir, usando o duplo travessão.

O país prepara uma verdadeira festa um verdadeiro carnaval para o dia 15.

54. Pontue adequadamente, usando os parênteses.

Desejamos que o novo ministro esperamos que seja um entendido em educação faça as reformas necessárias.

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Tão antiga quanto a escrita

A pontuação é um sistema de sinais visíveis, criado nos primórdios da escrita para ajudar na leitura.

Antigamente, escrevia-se sem separar as palavras – e era difícil distinguir os conjuntos que formavam uma ideia. A leitura em voz alta era essencial para se perceber o sentido do que estava sendo escrito.

Nos séculos 4 e 3 a.C., alguns pergaminhos traziam pontos separando palavras, mas isso logo desapareceu. No século 2 a.C., Aristófanes de Bizâncio consolidou o alfabeto grego e introduziu o que se considera o primeiro sistema de pontuação: um ponto no alto indicava o fim de um grupo de palavras com significado completo; um ponto no meio da altura da letra mostrava que seria feito um acréscimo ao significado corrente; por fim, um ponto na base representava uma frase que se completaria adiante. Ler era difícil, poucos dominavam a técnica. A primeira revolução foi feita pelos sacerdotes da Igreja Católica com o *codex*, precursor do livro atual. Nos seminários, cada padre tinha um exemplar manuscrito da Bíblia. A récita em conjunto exigia sinais comuns que ajudavam a localizar a passagem estudada. Para diminuir o risco de erros, os copistas inventaram as marcas. A mais comum era a maiúscula vermelha, de onde se originou o termo rubrica – de *ruber*, vermelho em latim. No século 8 d.C., quando a separação de palavras passou a ser feita com espaço em branco, a pontuação adquiriu função de separar unidades sintáticas, semânticas, discursivas e prosódicas maiores. Com o surgimento da imprensa, os editores impuseram uma padronização, mas a maioria dos autores não se preocupava com esses "sinais pequenos que parecem vermes", como teria dito o filósofo Voltaire no século 17. Em contrapartida, Victor Hugo, no século 19, travou brigas ferrenhas com seu editor belga, que teimava em acrescentar vírgulas a suas poesias. O francês Hervé Bazin, em meados do século passado, afirmou que os símbolos usados até então eram muito pobres para expressar os sentimentos e inventou uma série de sinais para cumprir essa função. Além do ensaio em que os lançou, ninguém jamais publicou um texto com tais marcações.

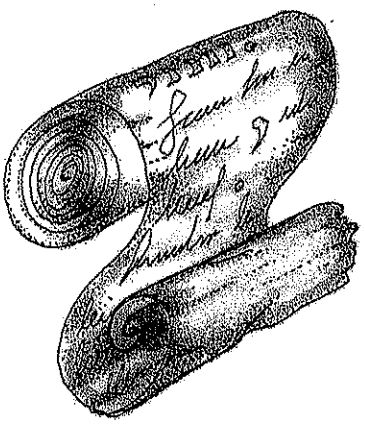

NOVA ESCOLA. São Paulo: Abril, n. 152, maio 2002. p. 27. (Consultoria de Luiz Carlos Cagliari e Veronique Dahlet.)

1. Na sua opinião, o uso de sinais de pontuação facilita a leitura de um texto? Justifique sua resposta.

2. Em certa passagem do texto, afirma-se que, antes de Cristo (a.C.), já se usava um sinal para marcar o final de uma frase. Qual era esse sinal?

3. Ao falar de pontuação, devemos relembrar que ela traz as marcas da oralidade para o texto escrito. No entanto, as marcas gráficas das pausas e do ritmo do texto não seguem as normas da fala, mas da escrita.

   Pensando nisso, observe os sinais de pontuação destacados e justifique o seu uso:

   a) "Ler era difícil, poucos dominavam a técnica."
   b) "Nos seminários, cada padre tinha um exemplar manuscrito da Bíblia."
   c) "A primeira revolução foi feita pelos sacerdotes da Igreja Católica com o *codex*, precursor do livro atual."
   d) "Com o surgimento da imprensa, os editores impuseram uma padronização, mas a maioria dos autores não se preocupava com esses 'sinais pequenos que parecem vermes', como teria dito o filósofo Voltaire no século 17."
   e) "Para diminuir o risco de erros, os copistas inventaram as marcas."

4. Se a pontuação traz marcações como pausa, ritmo e entoação para o texto, ela é um recurso que pode ser utilizado para potencializar a expressividade de um texto, dando ênfase ou destaque. Justifique o emprego do travessão na frase:

   "Antigamente, escrevia-se sem separar as palavras – e era difícil distinguir os conjuntos que formavam uma ideia."

5. O ponto e vírgula marca uma pausa mais longa que a vírgula e menor que a do ponto. Assim como a vírgula, ele não marca o final da frase.

   Os dois-pontos assinalam uma suspensão na melodia da frase, sem marcar o seu final. Levando isso em conta, justifique o emprego dos pontos e vírgulas e dos dois-pontos no trecho abaixo.

   "No século 2 a.C., Aristófanes de Bizâncio consolidou o alfabeto grego e introduziu o que se considera o primeiro sistema de pontuação: um ponto no alto indicava o fim de um grupo de palavras com significado completo; um ponto no meio da altura da letra mostrava que seria feito um acréscimo ao significado corrente; por fim, um ponto na base representava uma frase que se completaria adiante."

6. Dissemos que o ponto é utilizado para marcar o fim de uma frase. No entanto, no texto, ocorre o uso de ponto com outra finalidade. Aponte esse uso e comente-o.

CAPÍTULO 23

Figuras e vícios de linguagem

INTRODUÇÃO

Damos o nome genérico de **figura de linguagem** aos elementos frasais que:

- exploram o sentido conotativo de uma palavra ou de uma expressão;
- realçam a sonoridade das palavras;
- até mesmo organizam a frase fazendo-a desviar-se da norma culta.

Todos esses procedimentos têm como finalidade última a busca de uma forma mais expressiva de elaborar a mensagem.

As figuras de linguagem não são exclusividade da linguagem literária. Você poderá observá-las também na linguagem coloquial, na publicidade, nas letras de música popular, nos ditados populares, nos jargões de determinadas profissões, enfim, em qualquer situação em que se use a linguagem, as figuras poderão estar presentes.

As figuras de linguagem costumam ser classificadas em figuras de som, figuras de construção, figuras de pensamento e figuras de palavras.

FIGURAS DE LINGUAGEM

FIGURAS DE SOM

a) **Aliteração:** consiste na repetição ordenada de mesmos sons consonantais:

"**B**oi **b**em **b**ravo, **b**ate **b**aixo, **b**ota **b**a**b**a, **b**oi **b**errando... **D**ança **d**oi**d**o, **d**á **d**e **d**uro, **d**á **d**e **d**entro, **d**á **d**ireito... **V**ai, **v**em, **v**olta, **v**em na **v**ara, **v**ai não **v**olta, **v**ai **v**arando..." (Guimarães Rosa)

"E**s**pera**n**do, **p**ara**d**a, **p**rega**d**a na **pe**d**r**a do **p**orto" (Dalla, Palotino e Chico Buarque)

b) **Assonância:** consiste na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos:

"(...) **o** que **o** vag**o** **e** incógnit**o** desej**o**
de ser **e**u mesm**o** de meu ser me d**e**u". (Fernando Pessoa)

"S**o**u um mul**a**t**o** nat**o** n**o** sentid**o** l**a**t**o**" (Caetano Veloso)

c) **Paronomásia:** consiste na aproximação de palavras de sons parecidos, mas de significados distintos:

"Conhecer as **manhas** e as **manhãs**
O sabor das **massas** e das **maçãs**" (Almir Sater e Renato Teixeira)

"**Violência, viola, violeiro**" (Edu Lobo e Capinam)

"Eu que **passo, penso** e **peço**" (Sidney Miller)

d) **Onomatopeia:** consiste na criação de uma palavra para imitar um som:

"**Plunct, Plact, Zummm**
Não vai a lugar nenhum" (Raul Seixas)

"**A língua do nhem**
Havia uma velhinha que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.
E estava sempre em casa
a boa da velhinha,
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem..." (Cecília Meireles)

Observações:

- É importante ressaltar que a ocorrência de uma dessas figuras num texto não exclui a possibilidade de outras, ou seja, você poderá encontrar textos em que foram trabalhadas, ao mesmo tempo, aliteração, assonância e paronomásia. Observe que nos exemplos que apontamos de aliteração também ocorre assonância e nos que apontamos de assonância também ocorre aliteração. Nos exemplos apresentados de paronomásia, também ocorrem aliterações e assonâncias.
- Repare que a aliteração sugere um som, explorando a sonoridade de palavras existentes na língua; a onomatopeia, por sua vez, imita um som, criando uma palavra que só tem significação sonora.

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

a) **Elipse:** consiste na omissão intencional de um termo facilmente identificável pelo contexto:

"Na sala, apenas quatro ou cinco convidados". (Machado de Assis)
(omissão de **havia**)

b) **Zeugma:** consiste na omissão de um termo que já apareceu antes:

"Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos,
De um que apanhe esse grito que ele" (João Cabral de Melo Neto)
(omissão de **galo**)

"Nem ele entende a nós, nem nós a ele". (Camões)
(omissão de **entendemos**)

c) **Polissíndeto:** consiste na repetição de conectivos na ligação entre elementos da frase ou do período:

"(...)
e sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens **e** os ventos
e sob as pontes **e** sob os túneis
e sob as labaredas **e** sob o sarcasmo
e sob a gosma **e** sob o vômito (...)" (Carlos Drummond de Andrade)

"Dia virá em que ficarão com sede, muita sede, **e** não terão água para beber: os rios **e** lagoas **e** valos **e** regatos **e** até a água da chuva estarão sujos **e** pobres. **E** chorarão. **E** continuarão com sede porque a água do choro é salgada **e** amarga". (Werner Zotz)

A ausência de conectivos na ligação dos elementos da frase ou do período chama-se **assíndeto**:

"Soltei a pena, Moisés dobrou o jornal, Pimentel roeu as unhas." (Graciliano Ramos)

d) **Inversão:** consiste na mudança da ordem natural dos termos na frase:

"Garruchas há que sozinhas disparam". (Guimarães Rosa)

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante". (Hino Nacional Brasileiro)

Se colocássemos o último exemplo na ordem direta, teríamos: "As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico".

Inversão é o nome genérico atribuído à figura de linguagem que consiste na alteração da ordem dos termos na frase. Conforme o grau de alteração, numa escala crescente de dificuldade, a inversão receberá o nome de **hipérbato**, **anástrofe** ou **sínquise**.

e) **Silepse:** consiste na concordância não com os elementos expressos na frase, mas com aqueles subentendidos, implícitos. A silepse pode ser:

- de gênero:

Vossa Majestade está **preocupado** com estes acontecimentos.
Vossa Excelência é pouco **conhecido** nesta cidade.

Os adjetivos **preocupado** e **conhecido** estão concordando em gênero com o sexo da pessoa representada pelos pronomes de tratamento, e não com o gênero feminino desses pronomes.

- de número:

Os sertões **conta** a Guerra dos Canudos.
"O senhor não duvide – tem gente, neste mundo, que **matam** só para ver alguém fazendo careta." (Guimarães Rosa)

As formas verbais **conta** e **matam** concordam não com os sujeitos expressos nas frases, mas com as ideias subentendidas: **obra** e **pessoas**, respectivamente.

- de pessoa:

"O que me parece inexplicável é que os brasileiros **persistamos** em comer essa coisinha verde e mole que se derrete na boca (...)" (Manuel Bandeira)

A forma verbal **persistamos** está concordando em pessoa com a palavra **nós**, primeira pessoa do plural, que está subentendida, e não com o sujeito expresso, **brasileiros**, que levaria o verbo para a terceira pessoa do plural.

f) **Anacoluto:** consiste em deixar um termo solto na frase. Muitas vezes, inicia-se uma determinada construção sintática e depois se opta por outra:

"Olha, **eu**, até de longe, com os olhos fechados, o senhor não me engana." (Guimarães Rosa)
"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto." (Carlos Drummond de Andrade)

Observação:

Evidentemente, se o termo que se deixar solto na frase não tiver valor expressivo e prejudicar o sentido do enunciado, não poderemos dizer que se trata de uma figura de linguagem, mas de um defeito de construção sintática da frase:

As pessoas que compareceram ao encontro amplamente divulgado pela imprensa, se tivessem sido avisadas a tempo.

Nesse caso, iniciou-se uma oração que deveria ser a oração principal, "As pessoas (...)", mas ela não foi concluída, deixando o período sem sentido.

g) **Pleonasmo:** consiste numa redundância cuja finalidade é reforçar a mensagem:

"A **ti** trocou-**te** a máquina mercante". (Gregório de Matos)

"A **mim me** parece que o senhor se engana". (Miguel de Cervantes)

"E **rir meu riso** e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento". (Vinicius de Moraes)

h) **Anáfora:** consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos ou frases:

"**Olha** a voz que me resta
Olha a veia que salta
Olha a gota que falta" (Chico Buarque)

i) **Quiasmo:** consiste em dispor palavras ou expressões simetricamente em forma cruzada (como um "x"):

"No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho" (Carlos Drummond de Andrade)

"É uma casa portuguesa, com certeza
É, com certeza, uma casa portuguesa!" (Reinaldo Ferreira, V. M. Sequeira, Artur Fonseca)

j) **Hipálage:** consiste em atribuir a uma palavra o que pertence logicamente a outra palavra da mesma frase:

"... ao som do mar e à luz do **céu profundo**". (Hino Nacional Brasileiro)

O adjetivo **profundo** logicamente refere-se a mar e não a céu. O adjetivo **profundo**, que deveria estar determinando **mar**, determina **céu**.

FIGURAS DE PENSAMENTO

a) **Antítese:** consiste na aproximação de termos contrários, de palavras que se opõem pelo sentido:

"Se no desejo você fosse o amor
Durante o **frio**, fosse o **calor**" (Dominguinhos e Nando Cordel)

"Neste momento todos os bares estão **repletos** de homens **vazios**" (Vinicius de Moraes)

Observação:

Damos o nome de **paradoxo** (ou **oxímoro**) à expressão antitética em que os termos opostos pelo sentido se fundem numa expressão pelo menos aparentemente contraditória. Note que o paradoxo é uma antítese radical, pois os termos não são apenas opostos, mas contraditórios:

"Minha alegria é triste". (Roberto Carlos)

"O mito é o nada que é tudo". (Fernando Pessoa)

b) **Ironia:** consiste em utilizar um termo em sentido oposto ao usual, obtendo-se, com isso, efeito crítico e/ou humorístico:

Seu aproveitamento na escola não podia ter sido **melhor**: reprovado em **apenas** seis matérias.

Muitos autores têm feito uso da ironia como recurso estilístico. Às vezes ela é bastante sutil e exige uma análise atenta do texto como um todo para que se possa percebê-la. Veja, a propósito, os trechos a seguir:

"A Rosa garante que é sempre minha
Quietinha, saiu pra comprar cigarro
Que sarro, trouxe umas coisas do Norte
Que sorte
Que sorte, voltou toda sorridente" (Chico Buaque)

"Confesso que Marianinha foi para mim um daqueles amores únicos, dos quais não temos mais que cinco ou seis em toda a vida." (José Roberto Torero)

c) **Eufemismo:** consiste em substituir uma expressão por outra menos brusca; em síntese, consiste em "suavizar" alguma asserção desagradável:

Vossa Excelência está **faltando com a verdade**, uma vez que ficou comprovado que na sua gestão houve **desvio de dinheiro público**.
(**Faltando com a verdade** no lugar de **mentindo**; **desvio de dinheiro público** no lugar de **roubo**.)

Você **não foi feliz nos exames**.
(No lugar de **foi reprovado**.)

Observação:

O contrário do eufemismo é o **disfemismo**, que consiste no emprego de uma palavra ou expressão grosseira ou chula no lugar de uma mais neutra. Atualmente, há uma forte tendência em se condenar o uso de tais expressões por serem consideradas politicamente incorretas. O disfemismo não deve ser considerado uma figura de linguagem, e seu uso deve ser evitado.

d) **Hipérbole:** consiste em exagerar uma ideia com finalidade enfática:

Não vejo você **há séculos**. (No lugar de **há bastante tempo**.)
Estou **morrendo de sede**. (No lugar de **com muita sede**.)
Chorou **rios de lágrimas**. (No lugar de **muito**.)

Observe como Caetano Veloso faz uso da hipérbole nos versos a seguir:

"Queria gritar **setecentas mil vezes**
Como são lindos, como são lindos os burgueses"

e) **Prosopopeia** ou **personificação:** consiste em atribuir a seres inanimados predicados que são próprios de seres animados:

"**O vento beija** meus cabelos
as ondas lambem minhas pernas" (Lulu Santos)

"**A Lua**,
tal qual a dona do bordel,
pedia a cada estrela fria
um brilho de aluguel". (João Bosco e Aldir Blanc)

f) **Gradação** ou **clímax:** consiste na apresentação de ideias em progressão ascendente (**clímax**) ou descendente (**anticlímax**):

"Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo..." (Vicente de Carvalho)
(progressão ascendente)

"Ó não guardes, que a madura idade
te converta essa flor, essa beleza,
em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada". (Gregório de Matos)
(progressão descendente)

g) **Apóstrofe:** consiste na invocação de alguém (ou alguma coisa personificada) com função emotiva:

"**Minha Senhora Dona**, um menino nasceu: o mundo tornou a começar". (Guimarães Rosa)

"**Senhor Deus dos desgraçados**!
Dizei-me vós, **Senhor Deus**!" (Castro Alves)

h) **Lítotes:** consiste em se dizer uma coisa por meio da negação de seu contrário. O uso dessa figura quase sempre vem associado à ironia:

Ele não é nada bobo. (= esperto)
Ela não é nada feia. (= bonita)

FIGURAS DE PALAVRAS (OU TROPOS)

a) **Metáfora:** consiste numa alteração de significado baseada em traços de similaridade entre dois conceitos. Geralmente, uma palavra que designa uma coisa passa a designar outra, por haver entre elas traços de semelhança. A metáfora é, pois, uma comparação implícita, isto é, sem o conectivo comparativo:

"Meu sorriso é **uma fenda escavada no chão**" (Chico Buarque)

Observe que, no contexto, "uma fenda escavada no chão" passa a designar "sorriso", por haver entre esses dois elementos alguma semelhança. A metáfora vem, pois, evidenciar tal semelhança. Se a frase fosse "Meu sorriso é **como** uma fenda escavada no chão", não teríamos metáfora, e sim **comparação**.

Outros exemplos de metáfora:

"A fome é **má conselheira**." (Virgílio)

"Que a saudade é **o revés de um parto**
A saudade é **arrumar o quarto**
Do filho que já morreu" (Chico Buarque)

Observação:

Certas metáforas, pelo uso repetitivo, esteriotipam-se, vulgarizam-se, tornando-se banais. Em decorrência disso, perdem sua força expressiva. A esse tipo de metáfora, que deve ser evitada, dá-se o nome de **clichê**:

O futebol é uma caixinha de surpresas.
Você é um colírio para meus olhos.
Encerrei meu trabalho com chave de ouro.

b) **Metonímia:** como a metáfora, consiste numa transposição de significado, isto é, uma palavra que usualmente designa uma coisa passa a designar outra. Todavia, a transposição de significados não mais é feita com base em traços de semelhança, e sim por uma relação lógica de proximidade entre os termos (a parte pelo todo, o autor pela obra, o efeito pela causa, o continente pelo conteúdo, o instrumento pela pessoa que o utiliza, o concreto pelo abstrato, o lugar pelo produto, o gênero pela espécie, o singular pelo plural, o particular pelo geral etc.). Observe:

Não tinha **teto** em que se abrigasse. (**Teto** em lugar de **casa** = parte pelo todo.)
Procurou no **Aurélio** o significado daquela palavra. (**Aurélio** em lugar de **dicionário** = autor pela obra.)

"Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o **pão** com o **suor** do meu rosto." (Machado de Assis)

(**Pão** no lugar de **alimento** = o particular pelo geral; **suor do meu rosto** no lugar de **trabalho** = o efeito pela causa.)

Evitava tomar **Aspirina** ou **Novalgina**, porque era alérgico a esses medicamentos. (A marca pelo produto: **Aspirina** por **ácido acetilsalicílico**; **Novalgina** por **dipirona sódica**.)

Observação:

Alguns autores distinguem metonímia de sinédoque. Consideram a figura como **sinédoque** quando a relação entre os termos é quantitativa, ou seja, pelo aumento ou diminuição da significação de uma palavra. As relações entre os termos são basicamente as seguintes: parte pelo todo, singular pelo plural, gênero pela espécie, o particular pelo geral (ou vice-versa).

Consideram a figura como metonímia quando a relação entre os termos é qualitativa. Na metonímia, há uma implicação entre os conceitos que decorre de uma relação de contiguidade entre eles. As relações entre os termos são: a causa pelo efeito, o continente pelo conteúdo, o autor pela obra, o lugar pelo produto, o instrumento pela pessoa que o utiliza etc. Há um caso de metonímia que ocorre em nomes próprios. É o caso de artistas que incorporam ao seu nome o nome do instrumento que utilizam: Paulinho da Viola, Jacó do Bandolim, Nélson Cavaquinho, Jackson do Pandeiro.

Como se pode notar, a diferença entre metonímia e sinédoque é bastante sutil e a distinção que se faz entre elas não é de todo relevante. Como o conceito de metonímia abarca o de sinédoque, a maioria dos autores, ao contrário do que acontecia antigamente, não faz mais a distinção entre essas duas figuras, preferindo usar o nome **metonímia** para designar a figura de linguagem em que a transposição de significado decorre de uma relação de contiguidade material ou conceitual existente entre os termos. É essa a posição que adotamos nesta obra.

c) **Catacrese:** é o emprego de palavras fora do seu significado real; entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que estão sendo empregadas em sentido figurado:

O **pé da mesa** estava quebrado.
Não deixe de colocar dois **dentes de alho** na comida.
Quando **embarquei** no avião, fui dominado pelo medo.

A catacrese ocorre quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro por empréstimo. Note que, por falta de uma palavra específica para designar o objeto que sustenta o tampo da mesa, tomamos por empréstimo a palavra **pé** e a usamos fora do seu sentido habitual. Verifique ainda que essa transposição tem por fundamento a vaga semelhança entre um conceito e outro. No caso de "**dentes** de alho", trata-se de uma semelhança de forma. O verbo **embarcar**, por outro lado, que originalmente designava o ingresso em barco, atualmente é empregado com referência a toda espécie de meio de transporte: metrô, avião, ônibus etc.

d) **Antonomásia** ou **perífrase:** consiste em substituir um nome por uma expressão que o identifique com facilidade:

O cavaleiro da triste figura (No lugar de **Dom Quixote**.)
O bruxo do Cosme Velho (No lugar de **Machado de Assis**.)
A rainha dos baixinhos (No lugar de **Xuxa**.)
O homem do baú (No lugar de **Sílvio Santos**.)
A Cidade Eterna (No lugar de **Roma**.)
O poeta da Vila (No lugar de **Noel Rosa**.)

e) **Sinestesia:** consiste em se mesclar numa expressão sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido:

"E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num **gesto mudo** (...)" (Monteiro Lobato)
(**Gesto:** sensação visual; **mudo:** sensação auditiva.)

"Ouviu-se o som **agudo** e **claro** de um trombeta". (Miguel de Cervantes)
(**Agudo:** auditivo; **claro:** visual.)
"O jasmim-verde e o jasmim-azul abrigavam tudo com seu **perfume** – que dava para **adoçar** uma xícara de café". (Guimarães Rosa)
(**Perfume:** sensação olfativa; **adoçar:** sensação gustativa.)

VÍCIOS DE LINGUAGEM

A gramática normativa é um conjunto de regras que estabelecem determinado uso da língua, denominado **norma culta** ou **língua padrão.** Ocorre que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas pelo falante.

Quando o falante desvia do padrão para alcançar maior expressividade, temos as figuras de linguagem, como acabamos de ver. Quando o desvio se dá pelo desconhecimento da norma culta por parte do falante, temos os chamados **vícios de linguagem**.

Apresentamos, a seguir, os principais vícios de linguagem:

a) **Barbarismo:** consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta:

pesqui**za** (No lugar de pesqui**sa**.)
proto**ti**po (No lugar de pro**tó**tipo.)
rúbrica (No lugar de ru**bri**ca.)
exces**são** (No lugar de exce**ção**.)

São também considerados barbarismos os desvios semânticos (uso incorreto de uma palavra semelhante à que deveria ser empregada):

O **iminente** deputado presidiu a sessão. (No lugar de **eminente**.)
É preciso combater com rigor o **tráfego** de drogas. (No lugar de **tráfico**.)

b) **Solecismo:** consiste em desviar-se da norma culta com relação à sintaxe:

Fazem dois meses que ele não aparece.
(Desvio na sintaxe de concordância: **fazem** no lugar de **faz**.)

Não espere-**me**, porque eu não irei.
(Desvio na sintaxe de colocação pronominal: **espere-me** no lugar de **me espere**.)

Assisti **o** filme que você recomendou.
(Desvio na sintaxe de regência: **o** no lugar de **ao**.)

c) **Ambiguidade** ou **anfibologia:** consiste em construir uma frase com mais de um sentido:

O guarda deteve o suspeito em sua casa.
(Na casa de quem: do guarda ou do suspeito?)

O menino viu o incêndio do prédio.
(O menino estava no prédio e viu um incêndio, ou viu um prédio que estava pegando fogo?)

Nos exemplos acima, a ambiguidade deve ser considerada um vício de linguagem, pois uma informação que deveria ser precisa passa a gerar dúvidas de interpretação, prejudicando, dessa forma, a compreensão da mensagem. É importante ressaltar que a ambiguidade nem sempre deve ser considerada um vício de linguagem. Em textos poéticos, publicitários e humorísticos, muitas vezes se recorre à ambiguidade como forma de tornar a linguagem mais expressiva.

d) **Cacófato:** consiste no mau som produzido na junção de palavras:

"O acaso, tal **como o concebo** aqui, inclui os erros ocasionais de jogadores que não costumam errar." (COUTO, José Geraldo. *Folha de S.Paulo*, 5 jul. 2003, p. D3.)
(como-o com sebo)

"Que sentes ao ouvir o **nosso hino**? **Nosso hino**? Cacófato! Serei eu um cacófato vicioso nesse concerto patriótico." (Erico Verissimo)
(nó suíno)

Paguei cinco mil reais **por cada**. (porcada)
Você notou a bo**ca dela**? (cadela)

e) **Neologismo:** consiste na criação desnecessária de palavras novas. Também se considera que há neologismo quando se atribui uma significação nova a uma palavra já existente no léxico:

Passava o dia **tuitando**.
A atriz deu uma **turbinada** no corpo.
O motorista não passou no teste do **bafômetro**.
Vou **descolar** um emprego.

Embora muitos gramáticos, sobretudo os mais puristas, considerem os neologismos um vício de linguagem, entendemos que, na maioria dos casos, eles não devem ser considerados como tal. A língua é viva e palavras novas surgem o tempo todo para designar conceitos novos. Em outros casos, a palavra nova é criada com efeito estilístico. Considerar o neologismo um vício de linguagem ou não dependerá, sobretudo, de se observar se o termo novo é uma criação necessária ou expressiva, ou se ele é absolutamente desnecessário.
Nos exemplos a seguir, os neologismos foram criados para expressar conceitos novos; não devem, portanto, ser considerados vícios de linguagem. Deve-se observar ainda que os neologismos podem ser criados dentro da própria língua (**neologismos intrínsecos** ou **vernáculos**) ou com base em línguas estrangeiras (**neologismos extrínsecos**):

Participou de uma **teleconferência**.
Naquele estúdio, faziam a **remasterização** das gravações.
Para diminuir custo, a empresa resolveu **terceirizar** os serviços.
Para ilustrar seu trabalho, é preciso antes **escanear** estas imagens.

Não é considerado vício de linguagem, nem desnecessário, quando a nova palavra é criada para designar algo igualmente novo ou para obter efeito estilístico:

Depois do cinema, resolveram ir a um **cibercafé**.
"Foram infelizes e felizes **misturadamente**". (Guimarães Rosa)

Segundo Mario Prata, se adolescente é aquele que está entre a infância e a idade adulta, **envelhescente** é aquele que está entre a idade adulta e a velhice.

"Celebrava-a, **ufanático**, tendo-a por justa e averiguada, com convicção manifesta". (Guimarães Rosa)

Um neologismo que é incorporado à língua, com o decorrer do tempo, evidentemente, deixará de ser neologismo. Nesse sentido, é curioso notar que, na *Gramática expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira, cuja primeira edição é de 1907, a palavra **fonógrafo** aparece classificada como um neologismo. Hoje, não teríamos dúvidas em classificá-la como um **arcaísmo**. Veja, a seguir, o verbete **fonógrafo**, extraído do *Dicionário Aurélio eletrônico*:

fonógrafo

[De *fon(o)* - + - *grafo*.]

Substantivo masculino

1. Antigo aparelho destinado a reproduzir sons gravados em cilindros ou discos metálicos.
2. Aparelho que reproduz os sons gravados em discos sob a forma de sulcos espiralados; gramofone.

(FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário eletrônico*. Versão 5.0. Ed. rev. e atual. Parte integrante do *Novo Dicionário Aurélio*. 3 ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.)

f) **Pleonasmo:** consiste na repetição desnecessária de um conceito:

O **vereador municipal** disse que as contas municipais apresentaram um **superávit positivo**.

O documento segue **anexo junto** à carta.

Precisamos **encarar de frente** os problemas.

Faça sua assinatura e **ganhe grátis** um relógio.

Para tirar o carro da garagem, primeiro dê uma **ré para trás**.

O pleonasmo, assim como algumas outras construções e empregos de palavras, tanto pode ser um vício como uma figura de linguagem; isso dependerá, sobretudo, da eficácia e originalidade da mensagem.

g) **Arcaísmo:** consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso:

Um chofer de praça levava os passageiros. (No lugar de **motorista de táxi**.)

O **boticário** não me recomendou este remédio. (No lugar de **farmacêutico**.)

Na TV vi um novo **reclame** de margarina. (No lugar de **propaganda, comercial**.)

Emocionado, o rapaz deu-lhe um **ósculo** ardente. (No lugar de **beijo**.)

Aceite um forte **amplexo** desse seu amigo. (No lugar de **abraço**.)

Os bancos não abriram devido à **parede** dos bancários. (No lugar de **greve**.)

Certas palavras se tornam arcaísmos porque o ser que ela nomeia já não mais existe ou tomou outra forma. É o caso de **vitrola** (aparelho que era usado para reproduzir sons gravados em disco) e **lornhão** (uma espécie de óculos sem hastes).

h) **Eco:** consiste na repetição de palavras terminadas pelo mesmo som:

Vic**ente** s**ente** que som**ente** o aluno repet**ente** m**ente** alegrem**ente**.

A decis**ão** da eleiç**ão** n**ão** causou nenhuma reaç**ão** de comoç**ão** ou indignaç**ão** na populaç**ão**.

A gramática no dia a dia

▪ AS FIGURAS DE LINGUAGEM NA PUBLICIDADE

Como dissemos na introdução deste capítulo, as figuras de linguagem estão presentes tanto em textos literários quanto em textos jornalísticos ou publicitários, e até mesmo na fala coloquial, quando se busca uma linguagem mais expressiva.

Observe alguns exemplos extraídos da publicidade. Neste anúncio, o autor explora basicamente a antítese ao aproximar termos que se opõem pelo sentido (**mais** e **menos**):

"Débito automático: mais comodidade, menos preocupação". (Anúncio publicitário veiculado na revista *Dinheiro*, 9 ago. 2000.)

No próximo caso, ocorre uma silepse de gênero: o pronome possessivo **sua** não está concordando gramaticalmente com a palavra **Dinheiro**, mas com a palavra **revista**, que está subentendida: "Continue recebendo sua (revista) *Dinheiro* (...)":

> "Aproveite esta superpromoção feita só para você. Continue recebendo sua *Dinheiro* por apenas R$ 14,50 mensais e receba 3 meses do jornal *Valor Econômico*." (Anúncio encartado na revista *Dinheiro*, 9 ago. 2000.)

Observe no próximo exemplo que o autor do texto usa a anáfora para enfatizar o prazer que o carro, objeto do anúncio, pode proporcionar a seu proprietário. Prazer esse que, ironicamente, não cessa nem numa situação de congestionamento:

> "O prazer de pegar uma estrada.
> O prazer de percorrer novas paisagens.
> O prazer de fazer uma ultrapassagem.
> O prazer de ficar parado num congestionamento."
>
> (Anúncio publicitário do Fiat Marea, publicado na revista *Época*, 7 ago. 2000.)

No anúncio a seguir, o autor emprega a palavra **rubrica** em sentido metafórico. A palavra **rubrica**, que é normalmente utilizada para designar uma assinatura abreviada, reduzida, aqui é utilizada para destacar a ideia de que o valor da assinatura do jornal é extremamente reduzido:

> "Por este preço não é assinatura. É rubrica.
> Assine 4 meses e só pague 2.
> À vista R$ 66,00 2 × R$ 33,00 3 × R$ 22,00"
>
> (Anúncio publicitário do jornal *Valor Econômico*, publicado na revista *Época*, 7 ago. 2000.)

Observe como o autor joga com o duplo sentido das palavras **assinatura** e **rubrica**, que se opõem no anúncio. Nesse caso, como vimos, a ambiguidade não se configura um vício de linguagem.

Atividades

1. Observe a tirinha abaixo.
   Quais recursos linguísticos o cartunista utilizou para conferir humor ao texto?

Fernando Gonsales

(Níquel Náusea, de Fernando Gonsales. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 10 set. 2005. p. E13.)

2. O trecho a seguir foi extraído da obra *O seminarista*, de Rubem Fonseca.

"Gamela demorou a abrir a porta. Ao seu lado um dos guarda-costas, o mesmo que estava com ele na casa de Suzane, o de gravata vermelha de bolinhas. Acho que ele só tinha aquela gravata. Os dois pareciam estar nervosos. Gamela dispensou o gravata vermelha de bolinhas com um gesto."

(FONSECA, Rubem. *O seminarista*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p. 125.)

Identifique e classifique a figura de linguagem presente na última frase do texto.

3. O trecho a seguir foi extraído da obra *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar.

"[...] e num domingo de repouso, depois do almoço, quando o vinho já estiver dizendo coisas mornas em nossa cabeça, e o sol lá fora já estiver tombando para o outro lado, eu e você sairemos de casa para fruir a plenitude de um passeio [...]"

(NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 127-8.)

Neste trecho, ocorre uma figura de linguagem. Identifique-a e comente seu sentido.

4. Identifique as figuras de linguagem que ocorrem nos itens a seguir:

a) "E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psiu de luz." (Guimarães Rosa)

b) Álcool provocou acidente em Mogi, diz a polícia.

c) "A ordem provém da vida e não a vida da ordem." (Saint Exupery)

d) "... em cada olho um grito castanho de ódio".

e) "Eu, que antes vivera de palavras de caridade ou orgulho ou de qualquer coisa." (Clarice Lispector)

f) "... as lojas loquazes dos barbeiros." (Eça de Queirós)

g) "E o resto do povo tinham feito o pelo-sinal e virado as costas..." (Guimarães Rosa)

h) "Abacateiro acataremos teu ato
Nós também somos do mato
Como o pato e o leão" (Gilberto Gil)

i) "Eu, que chamava de amor a minha esperança." (Clarice Lispector)

j) "De tudo ficou um pouco
Do meu medo. Do teu asco." (Carlos Drummond de Andrade)

k) "O primeiro remédio é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba." (Antônio Vieira)

l) "...um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze..." (Machado de Assis)

m) "O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas" (Carlos Drummond de Andrade)

5. Idem ao anterior.

a) "Depois do areal extenso...
Depois o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
(...)" (Castro Alves)

b) "Então o inesperado acontece: o boneco vive e ri e chora, e morre como gente, e grita feito louco, e faz brotar lágrimas de alegrias e de tristezas que não se esquecem mais." (Evaldo Barros)

c) "Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!" (Fernando Pessoa)

d) "Corria gente de todos os lados e gritavam." (Mário Barreto)

e) "A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade)

f) "A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças." (Monteiro Lobato)

g) "Sou Ana do dique e das docas
Da compra, da venda, das trocas, das pernas
Dos braços, das bocas, do lixo, dos bichos, das fichas" (Chico Buarque e Ruy Guerra)

h) "O meu nome é Severino
Não tenho outro de pia" (João Cabral de Melo Neto)

i) "O esforço é grande e o homem é pequeno." (Fernando Pessoa)

j) "Será que a morena cochila escutando o cochicho do chocalho
Será que desperta gingando e já sai chocalhando pro trabalho" (Chico Buarque)

k) "Quando o tempo está seco, os sapatos ficam tão contentes que se põem a cantar." (Mário Quintana)

l) "Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!" (Augusto dos Anjos)

m) "Duas mulheres, dois mundos. Teresa, santa, deu-se aos pobres. Diana, pecadora, entregou-se aos ricos." (Josias de Souza)

n) "Eu era pobre. Era subalterno. Era nada". (Monteiro Lobato)

o) "De tudo, ao meu amor serei atento
Antes (...)" (Vinicius de Moraes)

p) Como disse Cecília Meireles, "o ritmo é um dourado remo".

6. Identifique e classifique as figuras de construção presentes nos versos de Olavo Bilac:

"Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha..."

7. Leia:

O vento assobia,
a árvore requebra,
o mar balança.

No Planeta Samba,
todo mundo tem gingado.

A chuva batuca,
o rio desfila,
a nuvem dança.

No Planeta Samba,
todo mundo é bem chegado.

(SILVESTRIN, Ricardo. Planeta Samba. *Pequenas observações sobre a vida em outros planetas*. São Paulo: Salamandra, 2004. p. 19.)

Na construção desse poema, o autor usa diversas vezes uma mesma figura de linguagem. Qual?

8. Alterando o sentido original da palavra, construa uma expressão pelo processo da catacrese.

a) asa
b) barriga
c) bico
d) boca
e) braço
f) folha
g) menina
h) olho
i) orelha

9. Leia:

"Há palavras que ninguém emprega. Apenas se encontram nos dicionários como velhas caducas num asilo. Às vezes uma que outra se escapa e vem luzir-se desdentadamente, em público, nalguma oração de paraninfo. Pobres velhinhas... Pobre velhinho!"

(Mário Quintana)

a) A que tipo de palavras Mário Quintana se refere?

b) Mário Quintana se vale de metáforas para designar esse tipo de palavras. Aponte-as.

10. Quando você afirma que "enterrou no dedo um alfinete", que "embarcou no trem" e que "há um engarrafamento de automóveis", está usando uma figura de linguagem. Qual?

11. Na tirinha abaixo, um dos personagens faz uso de uma figura de linguagem. Identifique-a e comente-a.

HAGAR - Dik Browne

(Hagar, de Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 7 maio 2002. p. E5.)

12. Identifique o vício de linguagem que ocorre nas frases seguintes.

a) Cortou o bolo em duas metades iguais.
b) Haviam vários livros sobre a mesa.
c) Aspiro um cargo melhor.
d) Não assistimos o último jogo do torneio.
e) A presença do jogador foi uma surpresa inesperada.
f) Trata-se da última versão definitiva do livro.
g) Ele era um homem ávaro.
h) Todos devem entrar para dentro.
i) Não se deve dirigir com apenas uma mão.
j) Mande-me já os livros.
k) Presidente aceita falar sobre crise na tevê.
l) As exportações para fora do país aumentaram no último ano.
m) As roupas estavam expostas numa vitrine de vidro.
n) É fácil comprar arma roubada no Brasil.

13. Diga a quem se referem as seguintes antonomásias:

a) o rei do futebol
b) a cidade luz

c) o poeta dos escravos
d) a cidade maravilhosa
e) a Veneza brasileira
f) a dádiva do Nilo
g) a pequena notável
h) o maior estádio do mundo
i) o cavaleiro da triste figura
j) o bruxo do Cosme Velho

14. Nos textos seguintes, identifique as figuras de linguagem.

a) Melhor que viver sonhando é sonhar vivendo.
b) Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?
c) Quando contrariado, costuma xingar, fingir mágoa, render-se.
d) Ele enriqueceu por meios ilícitos.
e) Aquela mulher usava um perfume adocicado.
f) Gostava de usar cheiro-verde como tempero.
g) Vossa Senhoria pode ficar descansado.
h) Usava um lenço vermelho berrante.
i) Alfredinho é um bom garfo. No almoço comia dois pratos.
j) O povo estourava de rir.
k) Partimos todos os alunos.
l) A vida, não sei realmente se ela vale alguma coisa.
m) Pagou a conta em dinheiro porque não tinha nenhuma folha de cheque.
n) "Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer por seu país." (John Kennedy)

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

Amor é um fogo que arde sem se ver;
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
e servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(CAMÕES, Luís de. *Lírica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. p. 155.)

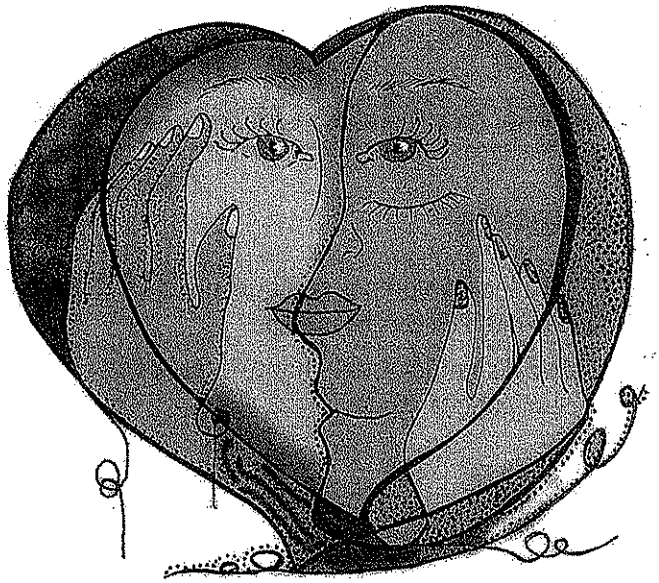

1. Esse poema de Camões apresenta catorze versos, agrupados em dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofes de três versos). Que nome recebe esse tipo de composição poética?

2. Os versos desse poema se dividem em sílabas poéticas (ou métricas) que correspondem ao ritmo do poema. No capítulo 3 dissemos que as sílabas métricas nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais.

a) Quantas sílabas métricas há em cada verso do poema?
b) Que nome recebe esse tipo de verso?

3. O poeta procura nos apresentar uma definição de amor. Que verbo ele usa para isso?

4. A definição de amor que o poeta nos apresenta é dada por termos que exercem a função de predicativo do sujeito. Os termos que funcionam como predicativo constituem uma figura de linguagem. Qual?

5. Uma das características do poema é a repetição de uma mesma palavra no início dos versos. Que nome recebe essa figura de linguagem?

6. Nas expressões utlizadas para definir amor, percebe-se que elas são formadas por dois elementos.

a) O que você nota em relação a esses elementos?
b) Que tipo de figura esses elementos formam?

CAPÍTULO 24 Emprego de algumas palavras e expressões

Nos capítulos anteriores deste livro, apresentamos uma seção denominada "A gramática no dia a dia", em que procuramos mostrar que os conceitos gramaticais estudados podem ser observados na linguagem cotidiana – oral ou escrita – e não somente em textos formais ou literários. Neste capítulo, abordaremos o emprego de algumas palavras e expressões bastante utilizadas na linguagem do dia a dia, que costumam ser fonte de dificuldades para o estudante.

PALAVRAS E EXPRESSÕES QUE CAUSAM DÚVIDAS

A FIM DE / AFIM

A fim de é uma locução prepositiva que indica finalidade; equivale a "para":

Ele saiu cedo **a fim de** chegar a tempo.

Afim é adjetivo e significa "semelhante", "que apresenta afinidade", "que tem parentesco não sanguíneo":

O genro é um parente **afim**. Tratava-se de ideias **afins**.

A PAR / AO PAR

A par significa "ciente de", "informado de":

Fez pesquisa em várias fontes e estava **a par** do que ocorria.

Ao par é usado para indicar que a cotação de algo se iguala ao valor nominal ou oficial:

Houve uma forte desvolarização do dólar, o que o deixou **ao par** do real.

ACERCA DE / CERCA DE / HÁ CERCA DE / A CERCA DE

Acerca de é uma locução prepositiva, equivale a "a respeito de", "relativamente a", "quanto a":

Discutimos **acerca de** uma melhor saída para o caso.

Cerca de é uma expressão que significa "aproximadamente":

Cerca de setenta mil veículos deixaram a capital no feriado prolongado.

Há cerca de é uma expressão formada por **cerca de**, que indica quantidade aproximada, precedida do verbo **haver**, que indica tempo transcorrido:

Há cerca de uns quinze dias, discutíamos uma saída para o caso.

A cerca de é a expressão **cerca de** (aproximadamente) precedida da preposição **a**:

Falaram **a cerca de** setenta pessoas.

AO ENCONTRO / DE ENCONTRO

Ao encontro (rege a preposição **de**) significa "a favor de", "na direção de":

Essas atitudes vão **ao encontro do** que eles pregam.

Ao desembarcar, Filomena foi **ao encontro do** noivo.

De encontro (rege a preposição **a**) significa "contra", "em choque com":

Sua atitude veio **de encontro ao** que eu esperava.

As ideias dela vêm **de encontro às** minhas.

AO INVÉS DE / EM VEZ DE

Ao invés de significa "ao contrário de":

Ao invés do que previu a meteorologia, choveu muito ontem.

Em vez de significa "no lugar de":

Em vez de jogar tênis, preferimos ir ao cinema.

CESSÃO / SESSÃO / SEÇÃO

Cessão provém do latim *cessio, onis*, do verbo *cedere* (**ceder** em português); portanto, cessão é o ato de ceder, de dar:

Ele fez a **cessão** dos seus direitos autorais.

A **cessão** do terreno para a construção da creche agradou a todos os moradores.

Sessão provém do latim *sessio*, forma do verbo *sedere* (**sentar-se**, **assentar-se**). Em português, designa o intervalo de tempo que dura uma reunião, uma assembleia, uma programação, um trabalho:

Assistimos a uma **sessão** de cinema.

Os deputados reuniram-se em **sessão** extraordinária.

Saiu mais aliviado depois da **sessão** de psicanálise.

Assistimos a uma **sessão** espírita.

Seção provém do latim *sectio, onis*, que tem por radical *sectus*, particípio do verbo *secare*, que significa **cortar**. Em português, é um substantivo que designa o resultado de um corte, uma subdivisão, uma fatia, uma parte de um todo:

Lemos a notícia na **seção** de esportes.

Vimos as bolas na **seção** de brinquedos.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

a) é advérbio de intensidade; equivale a "muito", "em excesso":

Elas falam **demais**.

b) também pode ser usado como substantivo (virá precedido de artigo, ou outro determinante), significando "os restantes":

Escalaram onze atletas para jogar, os **demais** ficaram no banco.

De mais é locução prepositiva; possui sentido oposto a "de menos":

Não haviam feito nada **de mais**.

HÁ / A

Na indicação de tempo, emprega-se:

a) **há:** para indicar tempo transcorrido (equivale a "faz"):

Há dois meses que ele não aparece.

Ele estuda essa matéria **há** dois anos.

b) **a:** para indicar tempo futuro:

Daqui **a** dois meses ele aparecerá.

Ela deverá voltar daqui **a** três meses.

Na linguagem formal, exige-se a correlação temporal do **há**.

Há vários meses que ele **repete** a mesma coisa.

Havia vários meses que ele **repetia** a mesma coisa.

MAS / MAIS

Mas é conjunção coordenativa adversativa; equivale a "contudo", "todavia", "entretanto":

Ela estudou muito, **mas** não conseguiu boa nota.

O time terminou o campeonato sem derrota, **mas** não foi o campeão.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade. Tem por antônimo "menos":

Ele leu **mais** livros este ano que no ano anterior. (pronome indefinido)

Ela era a aluna **mais** simpática da classe. (advérbio de intensidade)

Existe também a forma **más**. Trata-se do plural do adjetivo "má":

Eram pessoas extremamente **más**.

MAU / MAL

Mau é sempre adjetivo (seu antônimo é "bom"); refere-se, pois, a um substantivo:

Escolheu um **mau** momento para sair. Era um **mau** aluno.

Mal pode ser:

a) advérbio de modo (antônimo de "bem"):

Ele se comportou **mal**. Seu argumento está **mal** estruturado.

b) conjunção temporal (equivale a "assim que"):

Mal chegou, saiu.

c) substantivo (quando precedido de artigo ou de outro determinante):

"Se o bem e o **mal** existem
Você pode escolher
É preciso saber viver" (Roberto Carlos e Erasmo Carlos)

O bem e o **mal** são nitidamente personificados nas histórias infantis.

NENHUM / NEM UM

Nenhum é pronome indefinido; opõe-se a "algum". Geralmente antecede um substantivo:

Nenhum cantor canta como ele.

Nem um equivale a "nem um só", "nem um sequer". Nessa expressão o **um** é numeral, opõe-se a dois, três etc.:

Nem um dia inteiro foi suficiente para acabar a obra.

ONDE / AONDE / DONDE

Emprega-se **aonde** com os verbos que dão ideia de movimento. Equivale sempre a "para onde":

"Todo artista tem de ir **aonde** o povo está" (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Aonde você vai? **Aonde** nos leva com tal rapidez?

Naturalmente, com os verbos que não dão ideia de movimento emprega-se **onde**:

Onde estão os livros? Não sei **onde** te encontrar.

Donde é a contração da preposição **de** com **onde**. Significa "lugar de que":

Donde você vem? **Donde** provêm essas mercadorias?

Observação:

Não é obrigatória a contração da preposição **de** com a palavra **onde**, ou seja, você também pode dizer:

De onde você vem? / **De onde** provêm essas mercadorias?

Na linguagem formal, **onde** só deve ser empregado com ideia de lugar. Nesse padrão de linguagem, uma construção como "nos dias de hoje, onde as pessoas se preocupam muito com segurança, a venda de alarmes aumentou" é condenada, uma vez que **onde** não se refere a espaço físico, mas a tempo.

POR QUE / POR QUÊ / PORQUE / PORQUÊ

Lembre-se, inicialmente, de que em final de frase a palavra **que** deve ser sempre acentuada, por se tratar de um monossílabo tônico terminado em **e**:

Você vive de **quê**? Ela pensa em **quê**?

1 Escreve-se **por que** (separado e sem acento):

a) quando equivale a "pelo qual" e flexões:

Este é o caminho **por que** passo todos os dias. Aquele é o livro **por que** Paulo se interessou.

Nesse caso, trata-se do pronome relativo **que** precedido da preposição **por**.

b) quando depois dele vier escrita ou subentendida a palavra "razão". Se ocorrer no final da frase, deverá ser acentuado:

Por que ele faltou à reunião?
Você não compareceu **por quê**?
Não sabemos **por que** ele faltou.

Por que razão você não compareceu?
"**Por que** parou, parou **por quê**?" (Moraes Moreira)

Nesse caso, trata-se do pronome interrogativo **que** precedido da preposição **por**.

c) quando equivaler a **por isto**:

Estamos ansiosos **por que** começaram as aulas.

Nesse caso, temos a preposição **por** seguida da conjunção integrante **que**.

2 Escreve-se **porque** (junto e sem acento) quando se trata de uma conjunção explicativa ou causal. Geralmente equivale a "pois":

Tirou boa nota **porque** estudou bastante.
Não compareceu **porque** estava doente.
Não saia agora **porque** está chovendo muito.

3 Escreve-se **porquê** (junto e com acento) quando se tratar de um substantivo. Nesse caso, virá precedido de artigo ou outra palavra determinante:

Nem o governo sabe o **porquê** daquela medida.
Não compreendemos o **porquê** da briga.

SENÃO / SE NÃO

Senão é conjunção alternativa (equivalendo a "do contrário", "de outro modo") ou adversativa (equivalendo a "mas", "mas sim", "porém"). Também funciona como preposição, equivalendo a "exceto", "a não ser":

Devemos entregar o trabalho no prazo, **senão** o contrato será cancelado.
"Era a flor, e não já da escola, **senão** de toda a cidade". (Machado de Assis)
A quem, **senão** a ele, devo fazer referência?

Senão também pode ser classificado como substantivo, significando "mácula", "defeito". Nesse caso, virá precedido de artigo ou outro determinante:

Marina só tem um **senão**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de **não**, advérbio de negação:

Se não chover, iremos acampar.
(conjunção condicional **se** + **não**)

Perguntei **se não** estavam atrasadas.
(conjunção integrante **se** + **não**)

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo pode ser advérbio, significando "especialmente", "principalmente", ou substantivo (casaco grande e pesado):

Fiz a tarefa da maneira que recomendaram, **sobretudo** porque era o jeito mais simples.
Como estava muito frio, para sair à rua vestiu um **sobretudo**.

Sobre tudo significa "a respeito de tudo".

Na reunião falaram **sobre tudo**.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco é advérbio; significa "também não", "muito menos":

Ele não tinha interesse no assunto, **tampouco** eu.

Tão pouco é expressão formada pelo advérbio de intensidade **tão** que modifica o advérbio ou o pronome indefinido **pouco**:

Ele ganha **tão pouco** que mal consegue sustentar a família.

Observação:

Quando **pouco** é pronome indefinido (está determinando um substantivo), ele pode variar em gênero e número:

Havia **tão poucas** pessoas que resolveram suspender a reunião.

Atividades

1. Leia a notícia a seguir.

"O presidente do Corinthians, Alberto Dualib, disse ontem, em depoimento à Polícia Federal, que o magnata russo Boris Berezovski, o georgiano Badri Patarkatsishivili e o israelense Pini Zahavi são investidores da MSI, a parceira do clube. [...]

O russo e o georgiano, parceiros em muitos negócios, são acusados de vários crimes na Rússia, entre eles lavagem de dinheiro. O depoimento de Dualib vai de encontro à conclusão de relatório do Ministério Público Estadual, que aponta Berezovski e Badri como investidores da MSI. O órgão diz haver indícios de que a parceria é usada para lavar dinheiro."

(ARRUDA, Eduardo. À polícia, Dualib "entrega" investidor. *Folha de S.Paulo*, 18 out. 2006. p. D1.)

O trecho "O depoimento de Dualib vai de encontro à conclusão de relatório do Ministério Público Estadual" apresenta uma informação incoerente. Comente-a.

2. No trecho a seguir, Erico Verissimo intencionalmente usa palavras que se afastam do padrão formal de linguagem, caracterizando o personagem como alguém que não tem o domínio desse padrão de linguagem. Destaque e comente algumas dessas palavras, indicando que forma seria usada por uma falante que se expressasse formalmente.

" – Não vou acusar ninguém. Só quero pedir ao meretrício juiz e ao reverendíssimo promotor que não condenem a minha mulher. Se ela envenenou (o que ainda não acredito) foi porque sou mesmo um porcaria, não valo nada. Passava o dia sem trabalhar, de noite saía em bebedeiras e serenatas (não é mesmo, Alambique?) e quando voltava pra casa de madrugada ainda batia na pobre da Natalina. Povo de Antares, ajudem a absorver a minha mulher! Era só o que eu tinha a dizer."

(VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. p. 372.)

3. O texto a seguir, que estava afixado em um estabelecimento comercial, apresenta alguns desvios em relação à linguagem padrão. Reescreva-o de modo a adequá-lo à modalidade culta da língua.

Atenção

Servir bebidas alcoólicas à menores de 18 anos, constitue Contravenção Penal, ficando o infrator sujeito a prisão em fragrante e Processo Criminal. (Artigo 63, n. 1, da Lei das Contravenções Penais)

4. Reescreva o diálogo a seguir, corrigindo-o, se necessário.

– Porque me julgas tão mal?
– Por que tenho minhas razões.
– E não declaras porque?
– Nem eu sei o porque.

5. Preencha as lacunas com **há** ou **a**.

a) Daqui ... três anos atingirei a maioridade.
b) De São Paulo ... Belo Horizonte ... uma distância de 600 km.
c) ... seis meses que não vejo Juliano.
d) Estou te esperando ... horas!
e) O sino soará daqui ... cinco minutos.

6. Copie o diálogo a seguir, corrigindo, se for necessário.

– Porque não veio?
– Não vim porque não quis; esta é a razão porque não vim.
– Afinal nunca se sabe bem o porque das coisas.

7. Utilize **mal** ou **mau** para preencher **corretamente** as lacunas das frases a seguir.

a) Ela foi atacada por um ... incurável.
b) Você agiu muito ... por não repreender aquele ... elemento.
c) Tenha a certeza absoluta de que não te quero ... .
d) Agora é um ... momento para comprar dólares.
e) Trata-se de uma questão muito ... resolvida.
f) Aquele povoado foi atacado por um ... terrível.
g) Para o ..., não há limites para o ...

8. Complete, usando **cessão**, **seção**, **sessão**.

a) Na ... plenária, estudou-se a ... de direitos territoriais a estrangeiros.
b) Lemos a respeito do falecimento do autor na ... de necrologia.
c) Após assistir a uma ... de cinema, comparecemos à ... de auxílio aos desabrigados para efetuar a ... de bens.

9. Complete, usando **porque**, **porquê**, **por que** ou **por quê**.

a) Ele faltou ... ?
b) Não sabemos ... você não compareceu.
c) Como frutas e legumes ... fazem bem à saúde.
d) Pense naquelas coisas ... lutamos há tanto tempo.
e) Eles não vieram à reunião ... ?
f) Não sei ... faltaram, mas sei o ... da minha raiva.
g) Ainda vou descobrir o ... dessa polêmica.

10. As frases a seguir apresentam **erro**. Reescreva-as de modo a adequá-las à modalidade culta.

a) Senão me trouxeres os de mais presentes, ficarei aborrecido.
b) Ela caminhava a toa pelas ruas a mais de duas horas.
c) Discutíamos há cerca da questão ecológica afim de encontrarmos alguma solução para o problema.
d) Estudaram de mais para a prova por que queriam ser aprovados.
e) Ele não compareceu à festa, em vez do que havia prometido.
f) No dia a dia de um motorista sempre ocorre imprevistos.
g) Ele foi de encontro a uma solução para o problema que o afligia.
h) Há dois anos que ele partiu.
i) Luciana era de uma geração onde as pessoas se preocupavam com a idade.

11. Assinale a frase **incorreta**.

a) Se soubéssemos por que razão ela nos abandonou, poderíamos justificar aquele gesto.

b) Por que não vieste à hora aprazada?

c) Ninguém realmente conhece o porquê de sua ausência.

d) Porquê ela fugiu, se não era culpada?

e) Expulsaram-no da assembleia, porque sua presença era incompatível com aquele ambiente.

12. Assinale o item que apresenta **erro**.

a) Não sei por que não vieste ontem. / Não vim porque estava doente.

b) Por que voltaste cedo? / Não sei por que estou nervosa.

c) Eis a razão porque me empenho tanto. / Ela está intranquila sem saber por quê.

d) Não vais por quê? / O teu porquê me aborrece.

13. Complete, corretamente, os espaços dos enunciados a seguir com uma das formas entre parênteses.

a) Ela não está ... de sair comigo hoje. (afim / a fim)

b) A sua obrigação é esta. Você não me está fazendo ... favor. (nenhum / nem um)

c) Ficou esperando mais de duas horas e não lhe ofereceram ... copo de água. (nenhum / nem um)

d) Era uma pessoa eclética: costumava dar opinião ... . (sobretudo / sobre tudo)

e) Muita gente gosta desse tipo de música, ... os mais jovens. (sobretudo / sobre tudo)

f) Se você não está interessado no assunto, devo dizer-lhe que eu ... . (tampouco / tão pouco)

g) Dispunha de ... tempo que resolveu adiar a tarefa. (tampouco / tão pouco)

h) Cheguei a este local ... uma hora. (a cerca de / há cerca de)

Dos textos à gramática

Da gramática aos textos

A questão ortográfica

Neste "Almanhaque" nós não adotámos uma ortografia unificada. A mesma palavra aparece escrita de maneira diferente, por vezes, na mesma pagina. Isto póde parecer ignorancia da nossa parte, o que, aliás, não é mal pensado. Para justificar essas falhas poderiamos usar do classico recurso de explicar que são cochilos da revisão. Mas isso seria uma sujeira. Preferimos dar um sôco na mesa, arregaçar as mangas e assumir corajosamente a responsabilidade dos nossos atos.

A verdade é que ainda existem muitas ortografias no Brasil: – a antiga, a moderna, a fonética, a simplificada, a da Academia Brasileira, a da Academia de Ciências de Lisbôa, a do acôrdo ortográfico luso-brasileiro (...). Nós temos leitores em todas as camadas e, portanto, a bôa política, que é filha natural da moral e da razão, manda que contentemos a todos.

Como consequencia, às vezes, escrevemos *xadrês*, outras vezes *xadrez*. Às vêses, às *vêzes*. E às vezes, às *vêses*.

Outras vezes (e agora já por nossa conta) no mesmo conto, escrevemos *logar* e *lugar*.

Neste caso, a diferença de grafia foi intencional, para mostrar que se tratava de dois lugares diferentes.

Em outra ocasião, registámos o vocabulo *sandwiche* ora como *sandwish* ora como *sandwische*. É evidente que não se trata de sanduiches da mesma qualidade. A ortografia adotada entretanto, não é arbitrária. Quando escrevemos *sandwiche*, queremos dizer que se subentende de um prato de emergência, no qual entram apenas produtos nacionais: – ou queijo de Minas ou pernil de porco ou língua do Rio Grande. Quando escrevemos *sandwich*, trata-se do mesmo prato, mas agora preparado com salame italiano ou queijo suiço ou paté francês. E, finalmente, quando escrevemos *sandwische*, já se vê que estamos deante de um autêntico sanduiche americano, daqueles que levam queijo, presunto, ovo frito, alface e beterraba, respeitando a grafia dos norte-americanos, que escrevem horrivelmente mal inglês.

Fazemos tambem uma sevéra distinção na maneira de escrever a palavra *coléga*. Para nós, *coléga* é todo sujeito que, embora bêbado e salafrário, escreve sobre qualquer assunto que não entende. Quando, porém, se trata de um cronista hípico ou de qualquer carreirista do jornalismo, então, o tratamos respeitosamente de *colégua*.

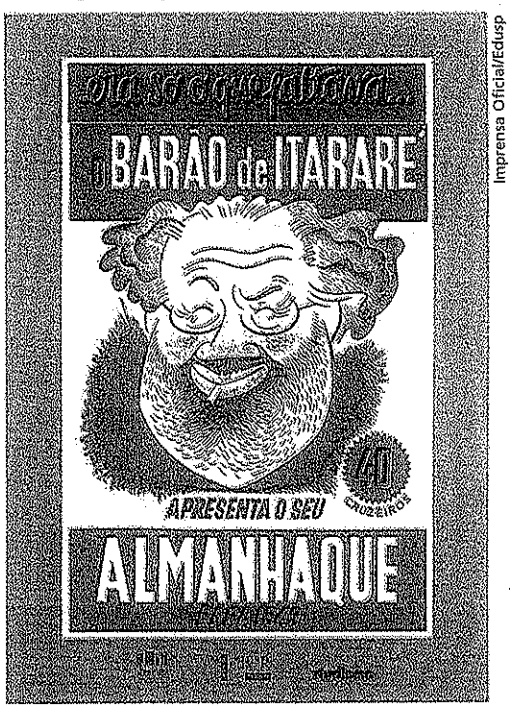

Imprensa Oficial/Edusp

Outra dualidade ortográfica mantemos em relação à palavra *reumatismo*. Quando esta doença das dobradiças ataca uma pessoa moça, sempre escrevemos reumatismo, pela moderna. Quando, porém, enfrentamos um velho reumatismo, alfinetando as articulações de um cidadão de idade avançada, não relaxamos o "H" e escrevemos *rheumatismo chronico*, pela antiga.

Pistola tambem costumamos grafar com um ou com dois "éles", conforme se tratar de uma arma de um ou de dois canos.

(...)

Parece que estas explicações já são suficientes para que se compreenda que nós escrevemos, afinal, como nos vem à cabeça. E, assim é que deve ser. E é por isso que, quando a cabeça não está funcionando muito bem, sai tudo errado.

(TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Impresa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 26.)

1. Tendo em vista o sistema ortográfico vigente, encontramos nesse texto palavras que não deveriam receber acento gráfico e, por outro lado, há outras que deveriam recebê-lo.
   a) Aponte cinco palavras do texto que deveriam ser acentuadas.
   b) Selecione cinco que receberam acento gráfico, mas não deveriam recebê-lo.

2. O que vem a ser uma "ortografia unificada"?

3. No português do Brasil, algumas palavras podem ser grafadas de duas maneiras diferentes, sendo ambas consideradas ortograficamente corretas. Dê exemplos de palavras que admitem dupla grafia.

4. O autor afirma que "(...) às vezes, escrevemos *xadrês*, outras vezes *xadrez*. Às vêses, às *vêzes*. E às vezes, às *vêses*". Que justificativa o autor apresenta para, em seu "Almanhaque", escrever uma mesma palavra com grafias diferentes?

5. Segundo o texto, algumas pessoas usam um recurso para justificar erros de ortografia em seus textos.
   a) Que recurso é esse?
   b) O autor faz uso desse recurso?

6. Explique a diferença de sentido entre:
   a) Respeitando a grafia dos norte-americanos, que escrevem horrivelmente mal inglês.
   b) Respeitando a grafia dos norte-americanos que escrevem horrivelmente mal inglês.

7. Sem alterar o sentido, reescreva as frases a seguir, substituindo adequadamente o termo destacado por uma das formas colocadas entre parênteses. Faça as modificações que julgar necessárias.
   a) **Para** justificar essas falhas poderíamos usar do clássico recurso de explicar que são cochilos da revisão. (a fim de / afim de).
   b) "Parece que estas explicações já são **suficientes** para que se compreenda que nós escrevemos, afinal, como nos vem à cabeça." (bastante / bastantes)
   c) "(...) quando a cabeça não está funcionando **muito bem**, sai tudo errado." (mal / mau)
   d) Para nós, colega é todo sujeito que escreve **sobre** qualquer assunto. (há cerca de / acerca de)
   e) Algumas vezes escrevemos xadrês **no lugar de** xadrez. (ao invés de / em vez de)

8. Para um texto estar adequado à norma culta, não basta que ele esteja escrito de acordo com o sistema ortográfico vigente. É preciso também que se observem as normas de construção de frases (concordância, regência e colocação pronominal), a pontuação e o emprego adequado de palavras e expressões.
   I. No período a seguir, há um desvio da norma culta quanto à sintaxe. Indique e comente essa ocorrência:

      "Quando escrevemos *sandwiche*, queremos dizer que se subentende de um prato de emergência (...)"

   II. Nos casos a seguir, a pontuação não está de acordo com as regras relativas ao assunto. Reescreva esses itens pontuando-os adequadamente. Justifique sua resposta.
   a) "A ortografia adotada entretanto, não é arbitrária."
   b) Trata-se de um prato de emergência, no qual entram apenas produtos nacionais: ou queijo de Minas ou pernil de porco ou língua do Rio Grande. Quando escrevemos *sandwich*, trata-se do mesmo prato, mas agora preparado com salame italiano ou queijo suíço ou patê francês.

9. Em certa passagem, o autor usa a expressão "doença das dobradiças" para designar uma doença chamada reumatismo. Trata-se de uma figura de linguagem. Responda:
   a) A expressão "doença das dobradiças" representa qual figura de linguagem?
   b) Como é possível explicar essa figura de linguagem nesse caso?

10. No último período do texto, o autor empregou um pronome demonstrativo em desacordo com o que estabelece o padrão culto de linguagem. Reescreva esse período, adequando-o ao que a gramática normativa estabelece, e justifique sua correção.

11. A palavra **que** pode ser partícula expletiva ou partícula de realce, como vimos no capítulo 21, **Morfossintaxe das palavras *que* e *se***. Reescreva o último parágrafo do texto, eliminando as partículas expletivas.

Questões de Exames

CAPÍTULO 1

Fonologia

1. (Unicamp-SP) É sabido que as histórias de Chico Bento são situadas no universo rural brasileiro.

TURMA DA MÔNICA - CHICO BENTO/Maurício de Sousa

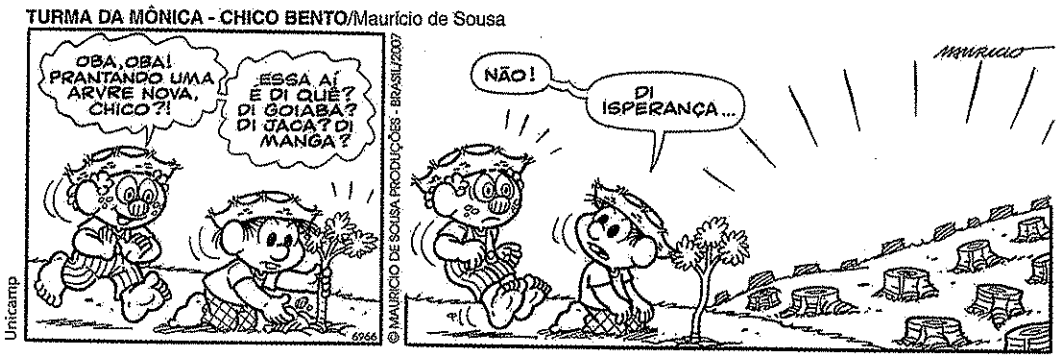

Unicamp

a) Explique o recurso utilizado para caracterizar o modo de falar das personagens na tira.
b) É possível afirmar que esse modo de falar caracterizado na tira é exclusivo do universo rural brasileiro? Justifique.

2. (UFRJ)

Flagra

(Rita Lee & Roberto de Carvalho)

No escurinho do cinema
Chupando drops de anis
Longe de qualquer problema
Perto de um final feliz

Se a Deborah Kerr que o Gregory Peck
Não vou bancar o santinho
Minha garota é Mae West
Eu sou o Sheik Valentino

Mas de repente o filme pifou
E a turma toda logo vaiou
Acenderam as luzes, cruzes!

Que flagra!
Que flagra!
Que flagra!

No texto, a pronúncia dos nomes de atores célebres do cinema americano no 5.º verso leva a um criativo efeito cômico.

Explique esse efeito, valendo-se de elementos fônicos e morfossintáticos.

3. (Cesgranrio-RJ) Atualmente a produção de petroquímicos é feita através do processamento de nafta.

Na frase acima, quantas palavras são classificadas como polissílabas?

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

4. (Cesgranrio-RJ) A separação das sílabas está correta na palavra

a) ha-bi-tu-an-do.
b) in-fe-cto-lo-gis-ta.
c) be-ne-fi-cia-das.
d) res-fria-do.
e) gue-rra.

5. (Cesgranrio-RJ) A relação que apresenta as sílabas corretamente separadas é

a) di-gni-da-de, pa-péis, a-não.
b) dis-cus-são, im-pac-to, nu-vem.
c) co-pe-i-ro, pre-ssão, fi-el.
d) na-sci-men-to, res-pei-to, pa-ssei-o.
e) a-ssa-do, co-chi-cho, pa-jé.

6. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam dígrafo:

a) fixo, auxílio, tóxico, enxame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa
e) exceto, carroça, quase, assado

7. (PUC-PR) Observe as palavras que seguem:

1. choque
2. hotel
3. varre
4. desce
5. passa
6. molha

Das palavras acima, são pronunciadas com 4 fonemas:

a) todas elas
b) todas, menos a primeira
c) todas, menos a segunda
d) a segunda, a quarta e a quinta
e) somente a quarta e a quinta

8. (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm, **em sua sílaba tônica**, uma vogal nasal.

a) cartomante, diferença, rindo, algum
b) consulta, andado, continuou, interrompeu
c) criança, andar, andado, antes
d) mesma, moço, como, medo
e) tinha, motivo, rindo, acreditam

9. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:

a) pai, minha, tua, esse, tragar;
b) afasta, vinho, dessa, dor, seria;
c) queres, vinho, sangue, dessa, filho;
d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho;
e) queres, feita, tinto, melhor, bruta.

10. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que apenas uma das palavras apresenta dígrafo.

a) Alexandra – lhe
b) esquecia – mesinha
c) guardava – enterro
d) assistir – que
e) senhora – então

11. (PUC-PR)

Considerando os encontros vocálicos que aparecem nos vocábulos, numere a segunda coluna pela primeira:

(1) ditongo crescente	( ) Uruguai
(2) ditongo decrescente	( ) depois
(3) tritongo	( ) rainha
(4) hiato	( ) frequente
	( ) caótico
	( ) sermões
	( ) saguão
	( ) país
	( ) pais
	( ) cruel

A sequência correta é:

a) 1, 2, 4, 2, 4, 1, 2, 4, 3, 4;
b) 3, 4, 2, 1, 4, 2, 2, 4, 3, 1;
c) 4, 1, 3, 4, 1, 3, 1, 3, 4, 2;
d) 3, 2, 4, 1, 4, 2, 3, 4, 2, 4;
e) 1, 2, 4, 2, 4, 1, 3, 4, 2, 1.

12. (UEPG-PR) É correta a divisão silábica de todos os vocábulos apenas em:

a) pas-sos, ho-u-ves-se, gar-dê-nia;
b) la-drões, a-zu-la-da; ve-í-cu-los;
c) gu-ar-da, es-tão, cos-en-do;
d) a-fli-çõ-es, des-cans-ar, as-sus-tar;
e) amá-veis, de-li-ca-dez-a, va-zi-os.

13. (Ufal) As palavras **bloco**, **vidro** e **refrão** têm em comum a presença de um:

a) ditongo crescente;
b) encontro consonantal;
c) ditongo decrescente;
d) dígrafo;
e) hiato.

14. (UFG)

O guarda
O guarda veste
a farda
parda
e perde
na guarda
a vida
parca
se guarda
(a sério)
a posse
farta.

No poema supratranscrito, Nequito (Manoel Bueno de Brito) usa certos procedimentos de construção para obter efeitos sonoros e semânticos. Comente os efeitos.

15. (PUC-PR)

Sobre o vocábulo **chuvinha**, afirmamos:

1. Possui oito letras.
2. Possui seis fonemas.
3. Possui dois dígrafos.
4. É proparoxítono.

a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
b) Estão corretas as três primeiras afirmativas.
c) Estão corretas só as duas primeiras afirmativas.
d) As quatro afirmativas estão corretas.
e) Nenhuma das afirmativas está correta.

16. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há palavras somente com ditongos orais.

a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis
e) comprimiu, vieram, averigúem

17. (UFMA) Foneticamente, o vocábulo **passo** contém:

a) um dígrafo;
b) um ditongo;
c) uma vogal e uma semivogal;
d) um encontro consonantal;
e) um hiato.

18. (Cefet-PR) **Ambivalência** possui:

a) 11 fonemas e 12 letras;
b) 12 fonemas e 12 letras;
c) 9 fonemas e 11 letras;
d) 10 fonemas e 12 letras;
e) 10 fonemas e 10 letras.

19. (PUC-SP) Indique a alternativa em que constatamos, em todas as palavras, a semivogal **i**.

a) cativos, minada, livros, tirarem
b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso
c) virgens, decidir, brilharem, servir
d) esmeril, fértil, cinza, inda
e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

20. (UEPG-PR) Assinale a opção em que a letra **x** apresenta, para todas as palavras, o mesmo valor fonético.

a) eixo – léxico – paroxítono – prolixo – excitação
b) hexágono – sintaxe – vexame – tóxico – fluxo
c) máximo – trouxe – próximo – texto – exclamar
d) fixo – auxílio – coxinha – ortodoxo – exoneração
e) peixe – praxe – axila – exíguo – exímio

21. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:

a) graciosa;
b) prognosticava;
c) carrinhos;
d) cadeirinha;
e) trabalhava.

22. (UEL-PR) A sílaba tônica ocupa a mesma posição nas palavras:

a) fuzil – fuso;
b) caracteres – empalideceu;
c) rubrica – sótão;
d) sentimental – volatilidade;
e) colibri – livraria;

23. (Vunesp-SP)

"Dizer, bendizer, maldizer, confundem-se na massa dos sons. Tudo escapando da mesma boca, mas vozes diferentes atropelam-se nesse anunciar-se de juízos, interesses, paixões e estados de espírito que se desmentem uns aos

outros. Contradizer-se é ainda uma solução para o conflito que nossos impulsos sucessivos travam por meio e à custa de palavras." (Carlos Drummond de Andrade)

No fragmento dado, há alguns encontros vocálicos. Identifique um hiato, um ditongo nasal e um ditongo oral decrescente, transcrevendo os vocábulos e assinalando esses encontros.

24. (UPM-SP) As palavras **demarcação, juízo, interpenetram** e **iguais** apresentam diferentes encontros vocálicos. Reescreva os vocábulos e dê a classificação de cada encontro vocálico.

25. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1. des-a-ten-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no

constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na n.º 1
b) apenas na n.º 2
c) apenas na n.º 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

26. (ESPM-SP) Qual é o nome do som capaz de estabelecer distinção de significado entre duas palavras de uma língua?

27. (Uepa)
"... Conto a vocês uma conversa que tive com um índio muito inteligente – o cacique Juruna. Ele me perguntou um dia quem inventou o 'papé'. Eu quis explicar como é que se fabrica papel com madeira esmagada. Juruna reclamou que queria saber é do 'papé' verdadeiro. Esse que levado na mão de um homem o torna dono de terras que nunca viu e onde um povo viveu há séculos." (Darcy Ribeiro)

Comparando-se a pronúncia predominante da palavra *papel* com a do cacique Juruna, [papéw] e [papé] respectivamente, observa-se que a variante fonológica caracteriza-se pela:
a) substituição de um fonema sonoro final por um fonema surdo;
b) supressão de uma vogal final;
c) supressão de uma consoante final;
d) redução de um ditongo aberto a uma vogal aberta;
e) redução de um ditongo aberto a uma vogal fechada.

28. (UFPR) Assinale a(s) alternativa(s) na(s) qual(is) em todas as palavras se destacou corretamente a sílaba tônica. (Atenção: quando a palavra comporta acento gráfico, ele foi propositalmente omitido.) Some o valor das respostas corretas.
(01) – pegada, inaudito, aziago, pudico
(02) – perifrase, estereotipo, bramane, cerebelo
(04) – acropole, refrega, misantropo, notivago
(08) – sanscrito, obsoleto, autoctone, sindrome
(16) – amido, febril, hangar, gracil
(32) – papiro, apoteose, simulacro, denodo

29. (UFC) Em relação à fonética, estão corretas as alternativas:
(01) Em **cantei** há um ditongo;
(02) O vocábulo **dístico** é proparoxítono;
(04) Há só um fonema consonantal em **cheio**;
(08) A palavra **beco** é paroxítona;
(16) Há tritongo em **paixões**.

30. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo.
a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) aguei, caos, mágoa, chato
e) n.d.a.

31. (Uece) Está correta a separação silábica de todas as palavras da opção:
a) cai-xi-nha, ba-lai-o, pro-fes-sor;
b) res-pon-di-a, si-lên-ci-o, a-bo-toan-do;
c) i-gno-ra, po-é-ti-ca, his-tó-ria;
d) me-lan-co-lia, obs-cu-ro, ar-re-ga-ça-va;

32. (UFPI) Os fonemas consonantais da palavra **Badaró** são:
a) labiodental, linguodental, velar;
b) palatal, alveolar, bilabial;
c) velar, labiodental, palatal;
d) velar, labiodental, velar;
e) bilabial, linguodental, alveolar;

33. (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm, em sua sílaba tônica, uma vogal nasal.
a) cartomante, diferença, rindo, algum
b) consulta, andado, continuou, interrompeu
c) criança, andar, andado, antes
d) mesma, moço, como, medo
e) tinha, motivo, rindo, acreditam

34. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético.
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

35. (Aman-RJ) Assinale a opção em que a divisão de sílabas não está corretamente feita.
a) a - bai- xa - do
b) si - me - tria
c) es - fi - a - pa - do
d) ba - i - nhas
e) ha - vi - a

36. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.
a) trans-a-tlân-ti-co / fi-el / sub-ro-gar
b) bis-a-vô / du-e-lo / fo-ga-réu
c) sub-lin-gual / bis-ne-to / de-ses-pe-rar
d) des-li-gar / sub-ju-gar / sub-scre-ver
e) cis-an-di-no / es-pé-cie / a-teu

37. (Febasp) Considere a palavra **Piauí**; podemos afirmar que ela tem:
a) um hiato;
b) um ditongo crescente;
c) dois hiatos e um ditongo;
d) dois ditongos e um hiato.

38. (Fasp-SP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo.
a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

39. (Imes-SP) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.
a) in-te-lec-ção
b) cons-ci-ên-cia
c) oc-ci-pi-tal
d) psi-co-lo-gia
e) ca-a-tin-ga

40. (Unimep-SP) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.
a) estou
b) adeus
c) livro
d) volto
e) daqui

41. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-veis / bo-ia-dei-ro;
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / sub-li-nhar;
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va;
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó;
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

42. (UFV-MG) As sílabas da palavra **psicossocial** e **traído** estão corretamente separadas em ... e ...:
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do;
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do;
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do;
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do;
e) psi-co-sso-ci-al / traí-do.

43. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:
a) 2 ditongos, sendo 1 crescente e 1 decrescente;
b) 3 ditongos, sendo 2 crescentes e 1 decrescente;
c) 3 ditongos, sendo 1 crescente e 2 decrescentes;
d) 4 ditongos, sendo 2 crescentes e 2 decrescentes;
e) 4 ditongos, sendo 3 crescentes e 1 decrescente.

CAPÍTULO 2

Ortografia

(UFSC)
Instrução: O texto seguinte refere-se às questões de números **1** a **4**.

A unidade ortográfica

Velhíssima questão a da unidade ortográfica do português usado no Brasil e em Portugal. Que a prosódia seja diferente, é natural. Num país imenso como o nosso, há diversas formas de pronunciar as palavras, e o próprio vocabulário admite expressões regionais – o mesmo acontecendo com todas as línguas do mundo.

O diabo é a grafia, sobre a qual os portugueses não abrem mão de escrever "director", por exemplo. Não é o mesmo caso de "facto" e "fato", que têm significações diferentes e, com boa vontade, podemos compreender a insistência dos portugueses em se referir à roupa e ao acontecimento.

Arnaldo Niskier, quando presidente da Academia Brasileira de Letras, conseguiu acordo com a Academia de Ciências de Lisboa, assinaram-se tratados com a aprovação dos governos do Brasil e de Portugal. O acordo previa o consenso de todos os países lusófonos. Na época, somente os dois principais interessados estavam em condições de obter um projeto comum – mais tarde, Cabo Verde também toparia.

Numa das últimas sessões da ABL, Sérgio Paulo Rouanet, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara trouxeram o problema ao plenário – um dos temas recorrentes da instituição é a feitura definitiva do vocabulário a ser adotado por todos os países de expressão portuguesa. (...)

Cristão-novo nesta questão, acredito que não será para os meus dias a solução para a nossa unidade ortográfica.

(CONY, Carlos Heitor. A unidade ortográfica. *Folha de S.Paulo*, 10 ago. 2004.)

1. Segundo o texto, pode-se concluir que:
a) a grafia e a prosódia são fatores que impossibilitam a unificação ortográfica;
b) a ABL estuda um vocabulário ortográfico comum aos países lusófonos;
c) a discussão sobre a unificação ortográfica tem origem recente;
d) a unificação ortográfica entre Portugal e Brasil é uma questão de honra;
e) tratados ortográficos já foram assinados por todos os países de expressão portuguesa.

2. A palavra **recorrentes**, no penúltimo parágrafo do texto, tem o sentido de:
a) requerer;
b) socorrer;
c) desentender-se;
d) retornar;
e) vencer.

3. Sobre as palavras **director**, **facto** e **fato**, pode-se dizer que:
a) **director** poderia ser escrito de modo diferente e as outras duas têm o mesmo sentido;
b) **director** deve permanecer com **c**, diferentemente de **facto**, que poderia perder essa letra;
c) **facto** e **fato** significam coisas diferentes e **director** poderia ser escrito sem **c**;
d) as três palavras apresentam diferenças de prosódia e não de grafia;
e) apenas **director** e **fato** constam no vocabulário ortográfico brasileiro.

4. Assinale a alternativa que, no texto, apresenta a palavra ou expressão em itálico em uso figurado:
a) Não é o mesmo caso de "facto" e "*fato*", que têm significações diferentes (...)
b) (...) com *boa vontade*, podemos compreender a insistência dos portugueses (...)
c) (...) um dos temas recorrentes da instituição é a feitura definitiva do *vocabulário* (...)
d) *Cristão-novo* nesta questão (...)
e) Num *país* imenso como o nosso (...)

5. (Unicamp-SP-adaptada) O texto a seguir representa um tipo de anúncio comum nos jornais do século XIX.

Escravo fugido

Fugio no dia 30 de Junho pp o escravo de nome Anacleto; creoulo, representando idade de 30 a 35 annos, com os seguintes signaes: altura mediana, côr fula, corpo delgado, rosto comprido e um pouco entortado, boca regular e falta 2 ou 3 dentes da parte de cima, um signal de cada lado das maçans do rosto, cabello cortado rente; a entrada da testa do lado esquerdo é maior do que a do lado direito, falla manso mostrando humildade. Sabe lêr e escrever e costuma inculcar-se forro e voluntário da pátria. Levou vestido, paletot e calça casimira preta com pouco uso e uma troxa de roupas com calças e paletots brancos. Usa também de bigode e barba rapada

Quem o prender e trouxer em Campinas e pozer na Cadêa receberá gratificação 100$000 do sr Joaquim Candido Thevenar

Gazeta de Campinas, 17 jul. 1870.
(Trecho extraído de: GUEDES, M.; BERLINK, R. de A. *E os preços eram commodos*. São Paulo: Humanitas, 2000.)

a) O texto foi escrito segundo a ortografia vigente na época em que foi publicado. Reescreva-o de modo a adequá-lo à grafia vigente nos dias de hoje.
b) Sem considerar as diferenças de ortografia, identifique no anúncio duas expressões que hoje não seriam correntes e, portanto, para ser adequadamente compreendidas, exigiriam algum tipo de pesquisa histórica ou linguística.

6. (UFMS) Assinale a(s) proposição(ões) em que cada lacuna é corretamente preenchida pela palavra colocada entre parênteses.
01. Você pode confiar nela; é uma pessoa ... . (discreta)
02. Quatro são os pontos ... : Norte, Sul, Leste e Oeste. (cardeais)
04. ... a porta porque está ventando muito. (Serre)
08. Nos jogos olímpicos, um dos atletas vai ... a tocha (ascender)
16. Ele foi ... de impostor. (taxado)
32. Pediu o lenço emprestado para ... o nariz. (assoar)

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a grafia das palavras está correta.
a) beneficiente, asterístico, Ciclano, sombrancelha, excessão
b) estorno, beneficente, pretensão, Sicrano, assessor
c) auto-falante, eletrecista, asterístico, exceção, losângulo
d) estorno, previlégio, prazeiroso, sombrancelha, pretenção
e) estorno, privilégio, beneficiente, acessor, celebral

8. (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas pela letra indicada entre parênteses.
a) *ave, *ale, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
d) *iboia, *unco, *íria, *eito, *ente (j)
e) pure*a, portugue*a, corte*, anali*ar (z)

9. (FGV-SP)
O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE), de suas obras que acabam de chegar no país.
Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que elege é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador.
Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeiam e lhes dá vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos.
Exposição: de 03 de agosto a 02 de setembro, das 10 às 19h.
Nossa língua registra as palavras **espectador** e **expectador**. Explique a diferença de sentido dessas palavras.

10. (PUCCamp-SP) Barbarismos ortográficos acontecem quando as palavras estão grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, portanto, correta.
a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, berinjela, xuxu, atrazado
d) jeito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

11. (UFV-MG) "Tratava-se de opinião sempre relevantíssima, que nos engrandecia no concerto das nações."
É frequente, na língua escrita, a confusão entre homônimos. **Concerto**, na frase acima, tem sentido distinto de seu homônimo **conserto**, usado em **conserto do automóvel**, por exemplo. Das sentenças abaixo, aquela em que se usou **erradamente** um dos homônimos entre parênteses é:
a) Após o **censo** de 2000, o IBGE publicou *Brasil em números*, que contém informações muito úteis aos pesquisadores. (censo / senso)
b) O complexo de inferioridade não diz respeito apenas ao **estrato** mais pobre da população brasileira. (estrato / extrato)
c) Foi necessária a **interseção** do embaixador para que o palestrante parasse de falar asneiras sobre o Brasil (interseção / intercessão)
d) O embaixador **tachou** o comentarista internacional de ignorante. (tachar / taxar)
e) Ninguém gosta de ver o nome de seu país **inserto** no rol das nações subdesenvolvidas. (inserto / incerto)

12. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.
a) auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista
b) advogado, frustado, estrupo, desinteria
c) embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha
d) estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio
e) aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira

13. (Unifenas-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente **correta** quanto à ortografia. Assinale-a.
a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hesito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.
d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

14. (Fuvest-SP) A frase em que a grafia está inteiramente correta é:
a) A rescessão asiática, o colapso russo e a perda de vultuosas quantias roubaram a expontaneidade do mercado de investidores.
b) Nessas inserções, todas as disfunções familiares, sem exceção, vêm à tona, sempre acompanhadas de forte descarga emocional.
c) Sua Magestade não admitiu a indiscreção do ministro, expulsando-o imediatamente da Corte.
d) As medidas tomadas pelo Governo contra a inflação não atendem às espectativas da população e, certamente, não sortirão os resultados esperados.
e) Estudiosos mostram-se apreensivos diante da eminência do recrudecimento das superstições nas sociedades capitalistas.

15. (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro.
a) Aquele **hereje** sempre põe **empecilho** porque é muito **pretencioso**.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a **rigidez** e a falta de **compreensão**.
c) A **obsessão** é prejudicial ao **discernimento**.
d) A **hombridade** de caráter eleva o homem.
e) Eles **quiseram** fazer **concessão** para não **ridicularizar** o **estrangeiro**.

16. (UFPI) Assim como a palavra **fiscalizar**, grafam-se:
a) ridicularizar, conscientizar, racionalizar, desuzar, escandalizar;
b) catequizar, suavizar, revizar, batizar, realizar;
c) entronizar, exorcizar, pressurizar, vulgarizar, lambuzar;
d) estabilizar, paralizar, aclimatizar, amenizar, matizar;
e) avizar, utilizar, radicalizar, universalizar, organizar.

17. (Uema) Indique o conjunto de palavras escritas incorretamente.
a) acento – acesso – excepcional – extenso
b) extender – concessão – acensorista – misto
c) abscesso – exceção – extensão – procissão
d) análise – ênfase – prótese – dose (subst.)
e) estender – defesa – misto – deslizar

18. (Uerj) Diga por que **lisonjeado** é escrito com **j** e **margeado** é escrito com **g**.

19. (UFF-RJ) Assinale nas séries abaixo aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia.
a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

20. (UFS) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase: "... de criticada, a atitude do aluno agradou a muitos, pela ... e ... .".
a) Apezar – espontaniedade – discreção
b) Apesar – expontaniedade – discrição
c) Apezar – esponteniedade – discreção
d) Apesar – espontaneidade – discrição
e) Apezar – expontaneidade – discrição

21. (FGV-SP)
Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.
a) Para sonhar, basta serrar os olhos.
b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.
c) A secretária agiu com muita discrição.
d) Seus gastos foram vultuosos.
e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

22. (Ufam) Assinale a alternativa correta quanto à grafia das palavras.
a) estrupo – paralização – exceção – sargeta
b) assunção – ascensão – majestoso – jiló
c) acessor – berinjela – tijela – jeito
d) gorgeta – Hortência – pesquiza – proficional
e) exarcebação – magestade – enchada – enxente

23. (UFPel-RS) A palavra **discriminação** é parônima de **descriminação**. Como você sabe, parônimas são palavras parecidas na escrita e na pronúncia, causadoras, por isso, de frequentes impropriedades na escrita e na fala.
Considere as frases a seguir e, depois, aponte a alternativa que as completa adequadamente.

I – Preveem-se gastos ... para sustentar a próxima campanha à eleição presidencial.
II – Diante da ... de um colapso geral no fornecimento de energia, o governo decidiu postergar outros planos, para investir no setor energético.
III – No contexto da atual ... econômica e social, perder o emprego representa uma verdadeira tragédia para o trabalhador.
a) vultuosíssimos – eminência – conjetura
b) vultosíssimos – eminência – conjuntura
c) vultuosíssimos – eminência – conjuntura
d) vultosíssimos – iminência – conjuntura
e) vultosíssimos – iminência – conjetura

24. (UEL-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase.
Gestos ... eram uma das expressões de sua ... .
a) majestáticos – extroverção
b) majestáticos – extroversão
c) magestáticos – extroversão
d) magestáticos – extroverção
e) magestáticos – estroverção

25. (UFSM-RS) Um dos conjuntos abaixo apresenta todas as palavras de acordo com as regras ortográficas da língua portuguesa padrão. Assinale-o.
a) nasceu – cresceu – falesceu – ascendeu
b) pensar – dansar – cansar – alcançar
c) marginal – agente – lojista – garagista
d) mochila – xingamento – chifres – mecher
e) freguês – prezado – atrazo – pesquisa

26. (UFSCar-SP)
Em casa, brincava de missa, – um tanto às escondidas, porque minha mãe dizia que missa não era cousa de brincadeira. Arranjávamos um altar, Capitu e eu. Ela servia de sacristão, e alterávamos o ritual, no sentido de dividirmos a hóstia entre nós; a hóstia era sempre um doce. No tempo em que brincávamos assim, era muito comum ouvir à minha vizinha: "Hoje há missa?" Eu já sabia o que isto queria dizer, respondia afirmativamente, e ia pedir hóstia por outro nome. Voltava com ela, arranjávamos o altar, engrolávamos o latim e precipitávamos as cerimônias. Dominus non sum dignus* Isto, que eu devia dizer três vezes, penso que só dizia uma, tal era a gulodice do padre e do sacristão. Não bebíamos vinho nem água; não tínhamos o primeiro, e a segunda viria tirar-nos o gosto do sacrifício.

(MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro, obra completa*.)

*Trecho da fala do sacerdote, no momento da comunhão, que era proferida em latim, antes do Concílio Vaticano II. A fala inteira, que deve ser repetida três vezes, é: *Dominus non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum e sanabitur anima mea*, cuja tradução é: Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva.

A palavra **cousa** é uma variante da palavra **coisa**, assim como **loura** de **loira**. Assinale a alternativa em que as duas palavras são, também, variantes uma da outra.

a) discrição e descrição
b) vultoso e vultuoso
c) catorze e quatorze
d) dispensa e despensa
e) discriminar e descriminar

27. (Ueba) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

A ... resultante da ... de chuvas ... quase todo o rebanho.

a) estiagem – escassês – disimou
b) estiagem – escassês – dizimou
c) estiagem – escassez – dizimou
d) estiajem – escassez – disimou
e) estiajem – escassês – dizimou

28. (UFPR) Assinale a alternativa que corresponde à grafia correta dos vocábulos: desli*e, vi*inho, atravé*, empre*a

a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s, s
d) s, s, z, s
e) z, z, s, z

29. (Ufam) Assinale o item em que todos os vocábulos estão grafados corretamente.

a) berinjela, canjica, jenipapo, jerimum, gengibre
b) muxoxo, cochicho, xicória, xifópagos, xilófago
c) exceção, expansionismo, suscinto, ascenção
d) digladiar, requesito, cardial, substitue, previnir
e) chovisco, usofruto, bússula, óbolo, curtume

30. (UPF-RS) Considere estes períodos:

I – Sabia que, se ... as normas da escola, poderia sofrer consequências desagradáveis.

II – Na campanha política fez ... oposição aos candidatos de direita.

III – Economistas e políticos aguardam com interesse a divulgação dos resultados do último ... .

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) infringisse – fragrante – senso
b) infringisse – flagrante – censo
c) infringisse – fragrante – censo
d) infligisse – flagrante – senso
e) infligisse – flagrante – censo

31. (Unifenas-MG) Em que alternativa as palavras completam corretamente as lacunas da frase abaixo?

Organizamos um ... musical ... e tivemos o ... de contar com um público educado que teve o bom ... de permanecer em silêncio durante o espetáculo.

a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

32. (UCSal-BA) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

... das vidraças de seu apartamento, acompanhou o desenvolvimento ... do bairro, cujo crescimento .... o assustou.

a) Atravez – vertiginosos – derrepente
b) Atravez – vertijinosos – de repente
c) Através – vertijinoso – derrepente
d) Atravez – vertiginoso – de repente
e) Através – vertiginoso – de repente

33. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com **s**, **ss**, **ç**, **sc**, **xc** ou **x**.

a) Exigiu ser re * arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re * endia por toda a casa.
c) A e * entricidade era sua característica mais marcante.

34. (Fuvest-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.

"A ... de uma guerra nuclear provoca uma grande ... na humanidade e a deixa ... quanto ao futuro."

a) espectativa / tensão / exitante
b) espetativa / tenção / hesitante
c) expectativa / tensão / hesitante
d) expectativa / tenção / hezitante
e) espectativa / tenção / exitante

35. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. disenteria **2.** diferimento **3.** esplendor

Verificamos que está(estão) corretamente grafada(s):

a) apenas a palavra n.º 1;
b) apenas a palavra n.º 2;
c) apenas a palavra n.º 3;
d) apenas as palavras n.º 1 e 2;
e) todas as palavras.

36. (Unirio-RJ) Assinale o par em que uma das palavras está **incorretamente** grafada:

a) expectador – expectativa
b) viagem – viajem
c) admirar – pajem
d) advinhar – espectro
e) secção – cessão

37. (Efoa-MG) "Posso falar com **franqueza**?"

O sufixo **-eza**, usado na palavra destacada na citação acima, completará corretamente a grafia de:

a) desp...
b) baron...
c) empr...
d) espert...
e) surpr...

38. (Unifenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abutoe, quase, constróe

39. (UPM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra **u**.

a) c * rtume, escap * lir, man * sear, sin * site
b) esg * elar, reg * rgitar, p * leiro, ent * pir
c) emb * lia, c * rtir, emb * tir, c * ringa
d) * rticária, s * taque, m * cama, z * ar
e) m * chila, tab * leta, m * ela, b * eiro

40. (USJT-SP) Aponte a alternativa correta quanto à grafia.
a) Devido ao aparecimento de várias línguas, ele procurou um médico para evitar uma possível infecção.
b) Embora sejam feitas várias campanhas de conscientização, os pichadores continuam destruindo o patrimônio público.
c) Aquela deputada teve os seus direitos caçados pela CPI que apurou as irregularidades na distribuição de verbas públicas.
d) Os jornais estão sempre noticiando que são roubadas somas vultuosas em assaltos a bancos, e ninguém faz nada.
e) Os sem-terra não se satisfazem com a sessão de terras feita pelo governo federal e foram taxativos quanto à redistribuição das chamadas "áreas improdutivas".

41. (Cesesp-PE) "...ensinando, nos bancos vadios, as aulas da sobrevivência órfã..."

Observe a forma correta de escrever a palavra **sobrevivência** e compare com **sobre-humano**. Nas alternativas dadas, qual a única correta?
a) sobre-estar; sobre-rondar
b) sobre-por; sobrenatural
c) sobre-humano; sobre-passo
d) sobressair; sobre-exaltar
e) sobressaia; sobreaviso

42. (Unimep-SP-adaptada) Suponha que você tenha que agregar o prefixo **sub-** às palavras que aparecem nas alternativas a seguir. Assinale aquela que tem que ser escrita com hífen.
a) (sub) chefe
b) (sub) entender
c) (sub) desenvolvido
d) (sub) reptício
e) (sub) liminar

43. (UFSCar-SP) Qual alternativa completa corretamente as lacunas da frase abaixo?

Fez um esforço ... para vencer o campeonato ... .
a) sobre-humano – inter-regional
b) sobrehumano – interregional
c) sobreumano – interregional
d) sobrehumano – inter-regional
e) sobre-humano – interegional

44. (UPM-SP) Nas frases que seguem, indique a única que apresente a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen.
a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

45. (Esan-SP) Assinale a alternativa em que o emprego do hífen nas palavras esteja correto.
a) sempre-viva, mato-grossense, verde-amarelo
b) auto ônibus, semi-selvagem, ultra-sensível
c) bem vindo, estrada-de-ferro, sobremesa
d) infra-vermelho, anjo-da-guarda, bem-querer
e) nenhuma das alternativas.

CAPÍTULO 3

Acentuação gráfica

1. (UM-SP)

Breve história do tique

A palavra parece nascida da linguagem dos desenhos animados. Segundo alguns, sua clara origem onomatopaica derivaria do alemão *ticken*, que significa "tocar ligeiramente", ou de um termo da medicina veterinária que, já no século XVII, associava *ticq* e *ticquet* a um fenômeno no qual os cavalos sofrem uma súbita suspensão da respiração, seguido por um ruído: uma espécie de soluço que produz no animal comportamentos estranhos e sofrimento. Daí a extensão a várias manifestações que têm em comum a rapidez, o caráter repetitivo e pouco controlável e a piora em situação de *stress*.

(Rosella Castelnuovo)

A alternativa que associa corretamente a palavra à regra que justifica sua acentuação gráfica é:
a) veterinária: paroxítona terminada em "a".
b) século: paroxítona terminada em "o".
c) fenômeno: proparoxítona.
d) ruído: ditongo "uí".
e) têm: forma da 3.ª pessoa do singular de um verbo.

2. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.
01. Os acentos gráficos em **corrupião**, **lá** e **baldeação** são justificados pela mesma regra.
02. São classificadas como oxítonas: **corrupião**, **poder** e **conduzi-lo**.
04. As palavras **beira**, **aérea** e **tédio** possuem a mesma classificação quanto à posição da sílaba tônica.
08. Os acentos gráficos dos vocábulos **você**, **protegê-los** e **contém** seguem as regras de acentuação das oxítonas.
16. Em **idade**, **ainda** e **fluido** temos três palavras com o mesmo número de sílabas.
32. As palavras **gratuito**, **debaixo** e **implicou** são trissílabas.

3. (UCS) Considerando as regras de acentuação vigentes, assinale a única alternativa **INCORRETA**.
a) Os vocábulos **já** e **nós** recebem acento devido à mesma regra de acentuação.
b) O acento em **cenário** e em **história** é motivado pela regra de acentuação das paroxítonas terminadas em ditongo.
c) Acentua-se a palavra **períodos** devido à presença de um hiato, ou seja, o **o** aparece sozinho na sílaba.
d) O acento em **ideológicas** e em **máquina** é motivado pela mesma regra de acentuação.
e) O acento em **céu** e em **constrói** é motivado pela regra de acentuação dos ditongos tônicos abertos.

4. (Ufop-MG-adaptada) Abaixo estão cinco grupos de palavras. Analise-as quanto à acentuação gráfica e marque, depois, a opção correta.
Grupo 1: Satanás, cortês, fé, ônus, ópio
Grupo 2: Conhecê-lo, movê-las, ítem, além, mágna
Grupo 3: Taínha, eles crêem, eles têm, contígua, ele contém
Grupo 4: Boêmia, ínterim, quilômetro, ilhéu
Grupo 5: Juízo, balaústre, papéis, silépse, asteróide

a) Apenas o grupo 1 está totalmente correto.
b) Apenas os grupos 1 e 4 estão totalmente corretos.
c) Todos os grupos estão corretos.
d) Apenas os grupos 3 e 4 estão totalmente corretos.
e) Todos os grupos contêm palavras incorretas.

5. (UFSC) Assinale as alternativas corretas e some os valores correspondentes.

01. Não analisei o programa de governo do Presidente eleito; porisso não tenho opinião formada a respeito.
02. Na palavra **borracha**, existem 6 fonemas e 8 letras. A mesma situação se verifica na palavra **banquinho**.
04. As palavras **abacaxi**, **bambu**, **japonês** e **você** são todas oxítonas e não apresentam erro de acentuação gráfica.
08. Não há erro de ortografia em **extravagante**, **instituíssse**, **quiseram** e **honradez**.
16. As palavras **concluir**, **franqueza** e **objetos** têm o mesmo número de sílabas.

6. (UPM-SP) No começo do século XX, o escritor paranaense Emílio de Meneses era o gênio das frases. Conta-se que certa vez, no Rio de Janeiro, viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro passageiros. O do escritor já estava lotado, quando ele viu, tentando com dificuldade acomodar-se a seu lado, uma conhecida cantora lírica, gorda como ele. Foi a deixa para mais um trocadilho: "Ó, atriz atroz. Atrás, há três!". (Benício Medeiros)

São palavras acentuadas de acordo com a mesma regra:
a) há e Benício;
b) atrás e gênio;
c) só e Emílio;
d) século e lírica;
e) gênio e três.

7. (FGV-SP-adaptada) Assinale a palavra que está graficamente acentuada pela mesma regra que determina o acento em **inadimplência**.
a) mágoa
b) há
c) sabiá
d) herói
e) baú

8. (Enem)

Diante da visão de um prédio com uma placa indicando **Sapataria Papalia**, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra **Papalia**? Levado o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras. Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra **Papalia**:

I. se a sílaba tônica for o segundo **pa**, a escrita deveria ser **Papália**, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente;

II. se a sílaba tônica for **li**, a escrita deveria ser **Papalía**, pois **i** e **a** estariam formando hiato;

III. Se a sílaba tônica for **li**, a escrita deveria ser **Papalia**, pois não haveria razão para o uso de acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) I e III

9. (Unisinos-RS-adaptada) Considere as seguintes afirmações sobre acentuação gráfica:

I. **Raízes** e **países**, no singular, conservam o acento gráfico.

II. **Estratégia**, **tireóideo** e **critério** são acentuadas pelo mesmo motivo.

III. Ao retirarmos o acento de **história**, ocorrerá uma mudança de classe gramatical e de sentido.

a) apenas I está correta;
b) apenas II está correta;
c) apenas III está correta;
d) apenas I e II estão corretas;
e) apenas II e III estão corretas.

10. (PUC-RS) A frase correta quanto a acentuação e grafia é
a) Quem viaja deve mantêr-se em equilíbrio entre a temeridade e a prudência.
b) Os povos indígenas que habitavam as Américas construiram história e cultura extraordináriamente ricas.
c) O periodo das grandes navegações trouxe férteis resultados para algumas nações europeias.
d) Os gregos detêm até hoje a primazia em termos de narrativas mitológicas.
e) Resultados advíndos de pesquisas científicas desfazem frequentemente as dúvidas dos mais céticos.

11. (Ufal) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase a seguir:

Ainda que o curso seja ..., Luís ... com as despesas que surgirão num ... em cidade distante.
a) gratuíto – arcará – estágio
b) gratuito – arcara – estagio
c) gratuíto – arcara – estagio
d) gratuito – arcará – estágio
e) gratuíto – arcará – estagio

12. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra deveria ter recebido acento gráfico.
a) Paiçandu
b) Taxi
c) Gratuito
d) Rubrica
e) Entorno

13. (FGV-SP)
Os dois hiatos das formas verbais devem ser acentuados apenas na alternativa:
a) refluir, intuindo;
b) construindo, destruido;
c) caida, saiste;
d) instruido, intuir;
e) refluira, destruindo.

14. (FGV-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estejam de acordo com as regras de acentuação gráfica.
a) avaro (sovina), íbero, perito, rubrica, aríete, ínterim
b) ávaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
c) ávaro (sovina), íbero, périto, rubrica, aríete, ínterim
d) avaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
e) avaro (sovina), íbero, perito, rubrica, aríete, ínterim

15. (PUC-RS-adaptada) A frase em que ocorre erro de acentuação é:
a) É inegável que a mulher pôde, nas últimas décadas, afirmar sua competência profissional.
b) Homens e mulheres têm, hipoteticamente, a mesma inteligência.
c) De um harmonioso relacionamento homem-mulher, advém vantagens para toda a sociedade.
d) Após inúmeras dificuldades, o homem finalmente para e redefine alguns conceitos ultrapassados.
e) Todos concluíram que as conversações tinham fluído satisfatoriamente.

16. (FGV-RJ-adaptada) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases.
Cada qual faz como melhor lhe ... .
O que ... estes frascos?
Neste momento os teóricos ... os conceitos.
Eles ... a casa do necessário.
a) convém, contêm, reveem, proveem
b) convém, contém, reveem, provém
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, reveem, proveem
e) convêm, contêm, reveem, proveem

17. (Vunesp-SP) Justifique a acentuação nos seguintes vocábulos: conveniência – também – matéria – espírito.

18. (FGV-SP) Instruções para as questões 19 e 20.
Verifique em cada questão qual é a alternativa correta, considerando, também, erros de ortografia e acentuação. Não há erros de pontuação.
a) Quedava-se prostada e exangue, mòrmente nos dias mais quentes de verão.
b) Quedava-se prostada e exangüe, mormente nos dias mais quentes de verão.
c) Quedava-se prostada e exangue, mormente nos dias mais quentes de verão.
d) Quedava-se prostrada e exangue, mormente nos dias mais quentes de verão.
e) Quedava-se prostrada e exangue, mòrmente nos dias mais quentes de verão.

19. a) As pessoas tem normalmente a vontade cerceada e vêm com maus olhos as tentativas de liberação política.
b) As pessoas tem normalmente a vontade cerceiada e vêm com maus olhos as tentativas de liberação política.
c) As pessoas tem normalmente a vontade cerceada e vêem com maus olhos as tentativas de liberação política.
d) As pessoas têm normalmente a vontade cerceada e vêm com maus olhos as tentativas de liberação política.
e) As pessoas têm normalmente a vontade cerceada e veem com maus olhos as tentativas de liberação política.

20. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.
a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.
b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.
d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

21. (Unesp-SP) **Ruínas** é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda: O vocábulo **ruim** deve ou não levar acento? Justifique.

22. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio
b) fluido, geleia, Tatuí, armazém, caráter
c) saúde, melância, gratuito, amendoim, fluído
d) inglês, cipó, cafèzinho, útil, Itú
e) canôa, heroismo, crêem, Sergipe, bambu

23. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1. apoiam **2.** bainha **3.** abençôo
constatamos que está (estão) corretamente grafada(s):
a) apenas a palavra n.º 1;
b) apenas a palavra n.º 2;
c) apenas a palavra n.º 3;
d) todas as palavras;
e) n.d.a.

24. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos estejam corretamente acentuados.
a) rítmo, impossível, enjôos, alcatéia
b) pôquer, sanduíche, seminú, afáveis
c) sótão, môsca, portátil, coronéis
d) carnaúba, caracóis, ítens, vintém
e) ensaísta, antevéspera, protótipo, orquídea

25. (Aman-RJ) Assinale o vocábulo acentuado graficamente por imposição de regra diferente das demais.
a) inúmeros
b) calmíssima
c) cédulas
d) cálculo
e) uísque

26. (ITA-SP) Dados os vocábulos:
1. puni-los **2.** instruí-los **3.** fosse
constatamos que está(estão) devidamente acentuado(s):
a) apenas o vocábulo n.º 1;
b) apenas o vocábulo n.º 2;
c) apenas o vocábulo n.º 3;
d) todos os vocábulos;
e) n.d.a.

27. (ESPM-SP) Quais das palavras abaixo levam acento?
polens, hifens, tupi, ideias, sincope, voce, raiz, item, tainha, ruim, apoio (subst.)

28. (Faap-SP)
Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!
Com o substantivo **acendedor** no plural, escreveríamos os dois primeiros versos assim:
a) Lá veem os acendedores de lampiões da rua
Estes mesmos que veem infatigavelmente
b) Lá vêem os acendedores de lampiões da rua
Estes mesmos que vêem infatigavelmente
c) Lá vêm os acendedores de lampiões da rua
Estes mesmos que vêm infatigavelmente
d) Lá vêem os acendedores de lampiões da rua
Estes mesmos que vêm infatigavelmente
e) Lá vêm os acendedores de lampiões da rua
Estes mesmos que vêem infatigavelmente

29. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
a) terás / límpida
b) necessário / verás
c) dá-lhes / necessário
d) incêndio / também
e) extraordinário / incêndio

30. (Faap-SP) Reescreva, acentuando-os corretamente, os vocábulos em que sejam necessários os sinais de acentuação.
a) No cerebro fervilhavam-lhe ideias originais que ele anotava a lapis nos papeis com que recheava os bolsos.
b) Atras daquele aspecto austero, escondia-se um observador sutil e ironico.

31. (UEPG-PR) O item em que necessariamente o vocábulo deve receber acento gráfico é:
a) historia
b) ciume
c) amem
d) numero
e) ate

32. (Aman-RJ) Das palavras abaixo, uma admite duas formas de justificar o acento gráfico, por enquadrar-se em duas regras de acentuação:
a) combustível;
b) está;
c) três;
d) países;
e) veículos.

33. (Uepa) Sobre o acento gráfico do neologismo **baianês** é correto afirmar:
a) não se justifica por nenhuma regra de acentuação gráfica;
b) é inadequado porque essa palavra não existe em português;
c) justifica-se pelo fato de a palavra ser oxítona terminada em **e(s)**;
d) trata-se de uma palavra paroxítona terminada em **s**;
e) essa palavra é proparoxítona, portanto precisa ser acentuada graficamente.

34. (Fuvest-SP-adaptada) No texto a seguir há palavras em que se omitiu o acento gráfico. Destaque duas delas e justifique a acentuação. "As pessoas presentes na assembleia receberam vários itens do programa e a incumbencia de analisa-los e difundi-los junto aos órgãos públicos."

35. (UFSCar-SP-adaptada) Estas revistas que eles ..., ... artigos curtos e manchetes que todos ... .
a) leem – tem – vêem
b) lêm – têem – vêm
c) leem – têm – veem
d) leem – têm – vêm
e) lêm – tem – veem

36. (FMT-SP) Eles ... em tudo quanto ... .
a) creem – leem
b) crem – lem
c) crêm – lêm
d) crêem – lêem
e) crêem – lêm

37. (ITA-SP) O acento gráfico das palavras **pudico**, **interim**, **aerolito**, **aerodromo** foi aqui, caso ocorra, propositadamente eliminado. Quanto ao acento tônico, sua respectiva classificação é:
a) paroxítona – paroxítona – paroxítona – paroxítona
b) paroxítona – proparoxítona – proparoxítona – proparoxítona
c) proparoxítona – proparoxítona – proparoxítona – proparoxítona
d) paroxítona – proparoxítona – proparoxítona – paroxítona
e) paroxítona – oxítona – paroxítona – proparoxítona

38. (UFSCar-SP) Assinale a série em que todas as palavras estão acentuadas corretamente.
a) idéia – urubú – suíno – ênclise
b) biceps – heróico – item – fóssil
c) tênis – fôsseis – caiste – japonesa
d) fútil – hífen – ânsia – decaído
e) apóia – tapête – órfã – ruína

39. (FCC) O ... era grande. Os exportadores de ... tentavam, inutilmente, ...
a) prejuízo – têxteis – reduzi-lo
b) prejuizo – téxteis – reduzi-lo
c) prejuizo – têxteis – reduzi-lo
d) prejuizo – téxteis – reduzí-lo
e) prejuízo – textis – reduzi-lo

40. (FCMSC-SP) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Assinale a alternativa em que não ocorre nenhuma silabada.
a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade está dividida em duas metades: a dos filântropos e a dos misântropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.
d) Nesse interim chegou o médico com a contagem dos leucocitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

41. (Fuvest-SP) Copie apenas as palavras que devem ser acentuadas graficamente, colocando os respectivos acentos.
boia – boa – doce – substitui-lo – reune – heroico – benção – parti-lo

42. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa em que a palavra **que** está grafada erradamente, isto é, não deveria ser acentuada.
a) Quê! você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

CAPÍTULO 4

Estrutura e formação das palavras

1. (Enem/2010) **Carnavália**

Repique tocou
O surdo escutou
E o meu corasamborim
Cuíca gemeu, será que era meu, quando ela passou por mim?
[...]

(ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M. *Tribalistas*, 2002 (fragmento).)

No terceiro verso, o vocábulo "corasamborim", que é a junção coração + samba + tamborim, refere-se, ao mesmo tempo, a elementos que compõem uma escola de samba e à situação emocional em que se encontra o autor da mensagem, com o coração no ritmo da percussão.

Essa palavra corresponde a um(a)

a) estrangeirismo, uso de elementos linguísticos originados em outras línguas e representativos de outras culturas.
b) neologismo, criação de novos itens linguísticos, pelos mecanismos que o sistema da língua disponibiliza.
c) gíria, que compõe uma linguagem originada em determinado grupo social e que pode vir a se disseminar em uma comunidade mais ampla.
d) regionalismo, por ser palavra característica de determinada área geográfica.
e) termo técnico, dado que designa elemento de área específica de atividade.

2. (Fuvest-SP)

A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo.

Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente.

Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

(Octavio Ianni. Dialética das relações sociais. *Estudos avançados*, n. 50, 2004.)

As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de anterioridade e contiguidade são:

a) "persistente" e "alteridade".
b) "discriminados" e "hierarquização".
c) "preconceituosos" e "cooperação".
d) "subordinados" e "diversidade".
e) "identidade" e "segregados".

3. (PUC-RJ)

Considere as seguintes palavras: **indigno**, **inveja**, **infiel** e **injusta**. Todas possuem o mesmo tipo de estrutura morfológica, exceto uma. Diga qual, justificando sua resposta.

4. (Fuvest-SP)

01 Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda
02 íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e
03 razões não tivesse para julgar, que este amor assim
04 absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós.
05 Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais;
06 nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque
07 soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia,
08 mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É
09 este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o
10 único que, como a própria vida, resiste às idades e às
11 épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o
12 egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a
13 ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas
14 fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica,
15 legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

(João do Rio. *A alma encantadora das ruas*.)

Prefixos que têm o mesmo sentido ocorrem nas seguintes palavras do texto:

a) íntima / agremia.
b) resiste / deslizam.
c) desprazeres / indissolúvel.
d) imperturbável / transforma.
e) revelado / persiste.

5. (Unicamp-SP) Leia os seguintes artigos do Capítulo VIII do novo Código Civil (Lei n.º 10.406, de 10 de janeiro de 2002):

Art. 1.548. É nulo o casamento contraído:

I. pelo enfermo mental sem o necessário discernimento para os atos da vida civil;
II. por infringência de impedimento.
(...)

Art. 1.550. É anulável o casamento:

III. de quem não completou a idade mínima para casar;
(...)
VI. por incompetência da autoridade celebrante.

a) Os enunciados que introduzem os artigos 1.548 e 1.550 têm sentido diferente. Explique essa diferença, comparando, do ponto de vista morfológico, as palavras **nulo** e **anulável**.
b) Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), *infringência* vem de *infringir* (violar, transgredir, desrespeitar) + *ência*. Compare o processo de formação dessa palavra com o de *incompetência*, indicando eventuais diferenças e semelhanças.

6. (FCL-SP) Assinale a opção na qual em todas as palavras a partícula **"in"** tem o mesmo valor semântico apresentado em **"insuspeito"** e **"inverossímil"**:

a) infeliz, inalienável, incandescente.
b) incapaz, inclinado, incaracterístico.
c) incensar, inchado, incinerado.
d) inconformado, inconfessável, íntegro.
e) inconstante, inconsciente, intemporal.

7. (UFRRJ)

(Disponível *on-line*: www.tirashagar.blogspot.com/2006_05_01_archive.html)

No segundo quadrinho da tirinha de "Hagar, o Horrível", há o neologismo "desreclamador", cujo processo de formação se assemelha ao das seguintes palavras do texto:

a) enquadramentos e interrompem.
b) atentamente e impulsionada.
c) atentamente e enquadramento.
d) entrelaçamento e enquadramento.
e) atentamente e entrelaçamento.

8. (FGV-SP) Leia este trecho da letra de Lero-Lero, composição musical de Edu Lobo e Cacaso – e responda à questão.

(.....)
Sou brasileiro de estatura mediana
Gosto muito de fulana, mas sicrana é quem me quer
Porque no amor quem perde quase sempre ganha
Veja só que coisa estranha, saia dessa se puder
Diz um ditado natural da minha terra
Bom cabrito é o que mais berra onde canta o sabiá
Desacredito no azar da minha sina
Tico-tico de rapina ninguém leva o meu fubá

Assinale a única alternativa que menciona um vocábulo pertencente à família etimológica de desacredito.

a) Já se apagavam as luzes do crepúsculo.
b) O governo coopera no incremento da lavoura da cana.
c) O embaixador havia apresentado sua credencial.
d) Nada havendo a acrescentar, encerrou-se a discussão.
e) O cheiro acre do vinho desagradou ao comprador.

9. (FGV-SP) Assinale a palavra que apresente, em relação a afixos, a mesma estrutura que *desigualdade*.

a) distribuição
b) universidade
c) desenvolvimento
d) principalmente
e) harmoniosas

10. (ESPP) Assinale a alternativa em que há uma palavra formada por derivação parassintética:

a) anoitecer
b) infelizmente
c) planalto
d) guarda-chuva

11. (FCC) Assinale a opção em que a consoante destacada faz parte do radical, não sendo consoante de ligação.

a) bambuzal
b) lapisinho
c) cafeteira
d) chaleira
e) paulada

12. (UFPR)

A língua do Brasil amanhã

Ouvimos com frequência opiniões alarmantes a respeito do futuro da nossa língua. Às vezes se diz que ela vai simplesmente desaparecer, em benefício de outras línguas supostamente expansionistas (em especial o inglês, atual candidato número um a língua universal); ou que vai se "misturar" com o espanhol, formando o "portunhol"; ou, simplesmente, que vai se corromper pelo uso da gíria e das formas populares de expressão (do tipo: "o casaco que cê ia sair com ele tá rasgado"). Aqui pretendo trazer uma opinião mais otimista: a nossa língua, estou convencido, não está em perigo de desaparecimento, muito menos de mistura. (...)

O que é que poderia ameaçar a integridade, ou a existência, da nossa língua? O primeiro fator, frequentemente citado, é a influência do inglês – o mundo de empréstimos que andamos fazendo para nos expressarmos sobre certos assuntos.

Não se pode negar que o fenômeno existe; o que mais se faz hoje é surfar, deletar ou tratar do *marketing*. Mas isso não significa o desaparecimento da língua portuguesa; empréstimos são um fato da vida, e sempre existiram. Hoje pouca gente sabe disso, mas **avalanche**, **alfaiate**, **tenor** e **pingue-pongue** são palavras de origem estrangeira; hoje já se naturalizaram, e certamente ninguém vê ameaça nelas. Afinal de contas, quando se começou a jogar aquela bolinha em cima da mesa, precisou-se de um nome; podíamos dizer **tênis de mesa**, e alguns tentaram, mas a palavra estrangeira venceu – só que virou portuguesa, hoje vive entre nós como uma imigrante já casada, com filhos brasileiros etc. Perdeu até o sotaque.

Quero dizer que não há o menor sintoma de que os empréstimos estrangeiros estejam causando lesões na língua portuguesa; a maioria, aliás, desaparece em pouco tempo, e os que ficam se assimilam. O português, como toda língua, precisa crescer para dar conta das novidades sociais, tecnológicas, artísticas e culturais; para isso pode aceitar empréstimos – **ravióli**, **ioga**, **chucrute**, **balé** – e também pode (e com maior frequência) criar palavras a partir de seus próprios recursos – como **computador**, **ecologia**, **poluição** – ou então estender o uso de palavras antigas a novos significados – **executivo** ou **celular**, que significam coisas hoje que não significa-

vam há vinte anos. Isso está acontecendo a todo tempo com todas as línguas, e nunca levou nenhuma delas à extinção. Eu, pessoalmente, desconfio que os falantes possuem um bom-senso inato que os impede de utilizar termos estrangeiros além de um certo limite; por isso, a maioria das palavras de empréstimo são muito efêmeras: quem se lembra hoje do que é um *banlon*, um *goalkeeper* ou mesmo (essa eu lamento, não pela palavra, mas pela coisa) um *fox-trot*? (...)

Como primeira conclusão deste ensaio, direi que não estamos em perigo de ver nossa língua submergida pela maré de empréstimos ingleses. A língua está aí, inteira: a estrutura gramatical não mudou, a pronúncia é ainda inteiramente nossa, e o vocabulário é mais de 99% de fabricação nacional. Por enquanto, falamos português.

(PERINI, Mário A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 11-14.)

O trecho a seguir aborda o mesmo tema discutido por Perini.

"Em primeiro lugar, é importante notar que, embora pareça fácil apontar, hoje, *home banking* e *coffee break* como exemplos claros de estrangeirismos, ninguém garante que daqui a alguns anos não estarão sumindo das bocas e mentes, como o *match* do futebol e o *rouge* da moça; assim como ninguém garante que não terão sido incorporados naturalmente à língua, como o garçom e o sutiã, o esporte e o clube."

(GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria. Estrangeirismos – desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 20.)

Garçom, **sutiã**, **esporte** e **clube**. Esses exemplos são usados no texto para ilustrar o mesmo fenômeno que Perini apresenta ao comentar o surgimento no português das palavras:

a) alfaiate e tenor;
b) *fox-trot* e poluição;
c) computador e ecologia;
d) executivo e celular;
e) *banlon* e *goalkeeper*.

13. (Fuvest-SP) Sobre o emprego do gerúndio em frases como "Nós vamos estar analisando os seus dados e vamos estar dando um retorno assim que possível", um jornalista escreveu uma crônica intitulada "Em 2004, gerundismo zero!", da qual extraímos o seguinte trecho:

"Quando a teleatendente diz: 'O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação', ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que 'eu vou estar transferindo' é errado e 'ela está falando bonito' é certo."

Identifique qual de seus vários sentidos assume o sufixo empregado na formação da palavra "gerundismo".

Cite outra palavra em que se utiliza o mesmo sufixo com esse mesmo sentido.

14. (Enem) Leia com atenção o texto:

"[Em Portugal], você poderá ter alguns probleminhas se entrar numa loja de roupas desconhecendo certas sutilezas da língua. Por exemplo, não adianta pedir para ver os ternos – peça para ver os fatos. Paletó é casaco. Meias são peúgas. Suéter é camisola – mas não se assuste, porque calcinhas femininas são cuecas. (Não é uma delícia?)"

(CASTRO, Ruy. *Viaje bem*, ano VIII, n. 3/78.)

O texto destaca a diferença entre o português do Brasil e o de Portugal quanto:

a) ao vocabulário;
b) à derivação;
c) à pronúncia;
d) ao gênero;
e) à sintaxe.

Texto para as questões 15 e 16.

O autor do texto abaixo critica, ainda que em linguagem metafórica, a sociedade contemporânea em relação aos seus hábitos alimentares.

"Vocês que têm mais de 15 anos, se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteria da esquina? (...)

Mas vocês não se lembram de nada, pô! Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando isso porque agora mesmo peguei um pacote de leite – leite em pacote, imagina, Tereza! – na porta dos fundos e estava escrito que é pasterizado, ou pasteurizado, sei lá, tem vitamina, é garantido pela embromatologia, foi enriquecido e o escambau.

Será que isso é mesmo leite? No dicionário diz que leite é outra coisa: "Líquido branco, contendo água, proteína, açúcar e sais minerais". Um alimento pra ninguém botar defeito. O ser humano o usa há mais de 5.000 anos. É o único alimento só alimento. A carne serve pro animal andar, a fruta serve pra fazer outra fruta, o ovo serve pra fazer outra galinha. (...) O leite é só leite. Ou toma ou bota fora.

Esse aqui, examinando bem, é só pra botar fora. Tem chumbo, tem benzina, tem mais água do que leite, tem serragem, sou capaz de jurar que nem vaca tem por trás desse negócio. Depois o pessoal ainda acha estranho que os meninos não gostem de leite. Mas, como não gostam? Não gostam como? Nunca tomaram! Múúúúúúú!"

(FERNANDES, Millôr. *O Estado de S. Paulo*, 22 ago. 1999.)

15. (Enem) A crítica do autor é dirigida:

a) ao desconhecimento, pelas novas gerações, da importância do gado leiteiro para a economia nacional;
b) à diminuição da produção de leite após o desenvolvimento de tecnologias que têm substituído os produtos naturais por produtos artificiais;
c) à artificialização abusiva de alimentos tradicionais, com perda de critério para julgar sua qualidade e sabor;
d) à permanência de hábitos alimentares a partir da revolução agrícola e da domesticação de animais iniciada há 5000 anos;
e) à importância dada ao pacote de leite para a conservação de um produto perecível e que necessita de aperfeiçoamento tecnológico.

16. (Enem) A palavra **embromatologia** usada pelo autor é:

a) um termo científico que significa estudo dos bromatos;
b) uma composição do termo de gíria "embromação" (enganação) com bromatologia, que é o estudo dos alimentos;
c) uma junção do termo de gíria "embromação" (enganação) com lactologia, que é o estudo das embalagens para leite;
d) um neologismo da química orgânica que significa a técnica de retirar bromatos dos laticínios;
e) uma corruptela de termo da agropecuária que significa a ordenha mecânica.

17. (PUC-RS)

"Todos temos, dentro de nós, um aventureiro em potencial. Todos ansiamos por uma aventura, pequena ou grande. É o antídoto contra a monotonia da rotina, que é necessária – sem rotina nada conseguiríamos –, mas que às vezes se torna mortalmente aborrecida."

(SCLIAR, Moacyr. *Zero Hora*, 21 mar. 2004.)

As palavras **antídoto** e **monotonia** têm, em sua formação, elementos sinônimos dos prefixos presentes, respectivamente, em:

a) antediluviano, onipresente;
b) preconceito, polivalente;
c) imoral, microcosmo;
d) desvendar, multifacetado;
e) contraproducente, unicelular.

18. (UFMS)

A vida em Oblivion

A cidadezinha onde moro lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, à beira do caminho se deixasse ficar, exausto e só, com os olhos saudosos erguidos na nuvem de poeira erguida além.

Atraído pelas terras novas, de feracidade sedutora, abandonaram-na seus filhos. Só permaneceram os de vontade anemiada, débeis, faquirianos. "Mesmeiros", que todos os dias fazem as mesmas coisas, dormem o mesmo sono, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, comentam os mesmos assuntos, esperam o mesmo correio, gabam a passada prosperidade, lamuriam do presente e pitam – pitam longos cigarrões de palha, matadores do tempo.

(MONTEIRO LOBATO. *Cidades Mortas*.)

Sobre a palavra **mesmeiro**, não é correto o que se afirma em:

a) é um neologismo criado pelo autor, para qualificar os moradores da cidadezinha;
b) tem origem na palavra **mesmo**;
c) é formada pelo processo de prefixação;
d) assim como **barbeiro** ou **pedreiro**, é um substantivo que indica ocupação.

19. (Uerj)

Uai, eu?

Se o assunto é meu e seu, lhe digo, lhe conto; que vale enterrar minhocas? De como aqui me vi, sutil assim, por tantas cargas d'água. No engano sem desengano: o de aprender prático o desfeitio da vida.

Sorte? A gente vai – nos passos da história que vem. Quem quer viver faz mágica. Ainda mais eu, que sempre fui arrimo de pai bêbedo. Só que isso se deu, o que quando, deveras comigo, feliz e prosperado. Ah, que saudades que eu não tenha... Ah, meus bons maus-tempos! Eu trabalhava para um senhor Doutor Mimoso.

Sururjão, não; é solorgião. Inteiro na fama – olh'alegre, justo, inteligentudo – de calibre de quilate de caráter. Bom até-onde-que, bom como cobertor, lençol e colcha, bom mesmo quando com dor-de-cabeça: bom, feito mingau adoçado. Versando chefe os solertes preceitos. Ordem, por fora; paciência por dentro. Muito mediante fortes cálculos, imaginado de ladino, só se diga. A fim de comigo ligeiro poder ir ver seus chamados de seus doentes, tinha fechado um piquete no quintal: lá pernoitavam, de diário, à mão, dois animais de sela – prontos para qualquer aurora. Vindo a gente a par, nas ocasiões, ou eu atrás, com a maleta dos remédios e petrechos, renquetrenque, estudante andante. Pois ele comigo proseava, me alentando, cabidamente, por norteação – a conversa manuscrita. Aquela conversa me dava muitos arredores. Ô homem! Inteligente como agulha e linha, feito pulga no escuro, como dinheiro não gastado. Atilado todo em sagacidades e finuras – é de fímplus! de tintínibus... – latim, o senhor sabe, aperfeiçoa... Isso, para ele, era fritada de meio ovo. O que porém bem.

(ROSA, João Guimarães. *Tutameia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.)

A obra de Guimarães Rosa, citado como grande renovador da expressão literária, é também reconhecida pela contribuição linguística, devido à utilização de termos regionais, palavras novas, não dicionarizadas, a que chamamos **neologismos**, especialmente para expressar situações ou opiniões de seus personagens.

a) Retire do primeiro parágrafo um exemplo de neologismo e explique, em uma frase completa, o seu sentido no texto.
b) Compare o adjetivo "inteligentudo" com **barbudo**, **barrigudo**, **sortudo**. Escreva duas formas da língua padrão – a primeira com duas palavras; a segunda com uma palavra – que equivalem semanticamente ao neologismo "inteligentudo".

20. (PUC-RJ) Suponha que você tem de explicar para um estrangeiro como se formam os advérbios terminados em **-mente** em língua portuguesa. Os exemplos do quadro a seguir obedecem a dois padrões de formação. Descreva cada um desses padrões.

falso	falsamente
longo	longamente
natural	naturalmente
perverso	perversamente
simples	simplesmente

21. (UFSCar-SP) Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

(...)

Daí a pouco, em volta das bicas era um zun-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão.

(AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.)

Há, no texto, palavras derivadas por sufixação, como **tumultuosa** e **nudez**.

a) Dê dois exemplos de palavras derivadas com o sufixo da primeira.
b) Dê mais dois exemplos de palavras derivadas com o sufixo da outra.

22. (UEL-PR) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas por prefixos com significação semelhante.
a) adjunto, antebraço, assobio.
b) incômodo, ilegal, impróprio.
c) ingerir, ilógico, imigrar.
d) afônico, adestrar, amável.
e) desfavorável, desabrochar, despedir.

23. (UFC)
Como epígrafe ao livro *Estorvo*, o autor põe termos cognatos cujas raízes sofrem alterações fonológicas: **estorvo**, **perturbação**, **turva**, **torvelinho**, **turbulência**. Examine cada uma destas palavras para responder ao item A.

A – Destaque duas destas raízes e escreva-as no quadro abaixo, como se mostra no exemplo.

raiz	cognato
torv	estorvo

B – Agora escreva, para cada palavra abaixo, um cognato em que haja alteração fonológica da raiz, conforme exemplo apresentado no quadro.

palavra	cognato
pedra	petrificar
vida	
árvore	
touro	

24. (UFC) Assinale a alternativa em que a forma **oni-** apresenta sentido diferente da que se encontra em **onipotente**.
a) onírico
b) onívoro
c) onicolor
d) onisciente
e) onipresente

25. (UFSC)
"*Ethos* – ética em grego – designa a morada humana. O ser humano separa uma parte do mundo para, moldando-a ao seu jeito, construir um abrigo protetor e permanente. A ética, como morada humana, não é algo pronto e construído de uma só vez. O ser humano está sempre tornando habitável a casa que construiu para si.

Ético significa, portanto, tudo aquilo que ajuda a tornar melhor o ambiente para que seja uma morada saudável: materialmente sustentável, psicologicamente integrada e espiritualmente fecunda.

Na ética há o permanente e o mutável. O permanente é a necessidade do ser humano de ter uma moradia: uma maloca indígena, uma casa no campo e um apartamento na cidade. Todos estão envolvidos com a ética, porque todos buscam uma morada permanente.

O mutável é o estilo com que cada grupo constrói sua morada. É sempre diferente: rústico, colonial, moderno, de palha, de pedra. Embora diferente e mutável, o estilo está a serviço do permanente: a necessidade de ter casa. A casa, nos seus mais diferentes estilos, deverá ser habitável."

(BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 90-1.)

Está presente no texto o processo de formação de palavras por derivação imprópria. Assinale a alternativa em que ocorre tal processo.
a) A ética, como morada humana, não é algo pronto e constituído de uma só vez.
b) O ser humano está sempre tornando habitável a casa que constituiu para si.
c) (...) tudo aquilo que ajuda a tornar melhor o ambiente.
d) Na ética, há o permanente e o mutável.
e) A casa, nos seus mais diferentes estilos, deverá ser habitável.

26. (Fuvest-SP)

Capitulação

Delivery
Até pra telepizza
É um exagero.
Há quem negue?
Um povo com vergonha
Da própria língua
Já está entregue.

(Luis Fernando Verissimo)

a) O título dado pelo autor está adequado, tendo em vista o conteúdo do poema? Justifique sua resposta.
b) O exagero que o autor vê no emprego da palavra "*delivery*" se aplicaria também a "telepizza"? Justifique sua resposta.

27. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:
"nove ângulos", "governo de poucos", "som agradável", "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.
a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia, cacofonia, dispneia
d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaleia

28. (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I	coluna II
1) **trans**porte	( ) **hiper**trofia
2) **circun**lóquio	( ) **para**sita
3) **bene**fício	( ) **hipo**crisia
4) **supra**citado	( ) **peri**feria
5) **sub**terrâneo	( ) **diá**logo
6) **ad**vogado	( ) **eu**genia

29. (UFC) No final do século XIX e princípio do século XX, muitas palavras francesas foram incorporadas ao léxico português, dada a influência cultural exercida pela França em todo mundo civilizado da época. Assinale a alternativa que contém apenas palavras de extração francesa.

a) abajur – pôquer – gafe
b) bando – abajur – pôquer
c) gafe – abajur – cachecol
d) cachecol – chaleira – bando
e) organdi – cachecol – chaleira

30. (UFV-RJ) As palavras cujos prefixos traduzem, respectivamente, as noções de **acima** e **em torno** são:
a) supracitado / perímetro;
b) decapitar / circumpolar;
c) hipertensão / perpassar;
d) superposição / semicírculo;
e) subaquático / circum-navegar.

31. (UFC) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

palavra	classificação morfológica	processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo; (2) derivação sufixal; (3) adjetivo; (4) derivação sufixal
b) (1) adjetivo; (2) derivação parassintética; (3) adjetivo; (4) composição
c) (1) adjetivo; (2) derivação sufixal; (3) advérbio; (4) composição
d) (1) substantivo; (2) derivação parassintética; (3) adjetivo; (4) derivação sufixal
e) (1) substantivo; (2) derivação parassintética; (3) advérbio; (4) composição

32. (Enade) Observe a lista de "definições" abaixo, proposta para algumas palavras da língua portuguesa.

"Comensal – Se alimenta com cloreto de sódio
Dogmatizar – Misturar cães ingleses
Paisagem – Progenitores atuam
Vergastar – Assistir a uma pessoa fazendo compras"

(Millôr Fernandes)

É correto afirmar que o autor das "definições" consegue provocar riso porque:
a) cria palavras inexistentes na língua a partir da combinação de radicais efetivamente existentes;
b) utiliza-se do processo de composição lexical denominado hibridismo, como se verifica no exemplo dogmatizar;
c) faz uso de consoantes de ligação ao criar novas palavras, como exemplificado por comensal;
d) identifica mais de um radical em palavras constituídas de apenas um, atribuindo-lhes um conteúdo semântico inesperado;
e) cria neologismos bem formados, com finalidade de obter maior expressividade.

Texto para as questões 33 e 34.

"Em nossa última conversa, dizia-me o grande amigo que não esperava viver muito tempo, por ser um cardisplicente."

– O quê?

– Cardisplicente. Aquele que desdenha do próprio coração.

Entre um copo e outro de cerveja, fui ao dicionário.

– "Cardisplicente" não existe, você inventou – triunfei.

– Mas se eu inventei, como é que não existe? – espantou-se o meu amigo.

Semanas depois deixou em saudades fundas companheiros, parentes e bem-amadas. Homens de bom coração não deveriam ser cardisplicentes."

33. (Fuvest-SP) Conforme sugere o texto, "cardisplicente" é:
a) um jogo fonético curioso, mas arbitrário;
b) palavra técnica constante de dicionários especializados;
c) um neologismo desprovido de indícios de significação;
d) uma criação de palavra pelo processo de composição;
e) termo erudito empregado para criar um efeito cômico.

34. (Fuvest-SP) "– Mas se eu inventei, como é que não existe?" Segundo se deduz da fala espantada do amigo do narrador, a língua, para ele, era um código aberto...
a) ... ao qual se incorporam palavras fixadas no uso popular;
b) ... a ser enriquecido pela criação de gírias;
c) ... pronto para incorporar estrangeirismos;
d) ... que se amplia graças à tradução de termos científicos;
e) ... a ser enriquecido com contribuições pessoais.

35. (UFPE) Estabeleça a combinação dos radicais latinos das duas colunas, de forma a construir termos que signifiquem "quem vaga pela noite", "o que traz sono", "quem assassina o irmão", "o que quer o bem", "o que é relativo ao campo".

1. fratri ( ) vago
2. agri ( ) fero
3. bene ( ) cida
4. nocti ( ) volo
5. soni ( ) cola

a) 5, 2, 3, 4 e 1
b) 4, 5, 1, 3 e 2
c) 1, 2, 3, 4 e 5
d) 2, 4, 5, 1 e 3
e) 2, 5, 1, 3 e 4

36. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos – gregos ou latinos – correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:
dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, flor, livro, vida.
a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular, anfibologia, circum-navegação, contraprova, semicírculo, internato, filósofo, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, anti-higiênico, semidespido, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, anteparo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circum-navegar, antepasto, seminal, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.

37. (Aman-RJ) Assinale a série de palavras em que todas são formadas por parassíntese.
a) acorrentar – esburacar – despedaçar – amanhecer
b) solução – passional – corrupção – visionário
c) enrijecer – deslealdade – tortura – vidente
d) biografia – macróbio – bibliografia – asteroide
e) acromatismo – hidrogênio – litografar – isiotismo

38. (Unifesp) **Pneumotórax**, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois

radicais gregos (*pneum*[o]- + *-tórax*). Significa procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito **infiltrado**". Esta última palavra é formada com base em um radical: **filtro**. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo infiltrado são constituídos, respectivamente, por:

a) composição, e derivação prefixal e sufixal;
b) derivação prefixal e sufixal, e composição;
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal;
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal;
e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

39. (UFPE) Quanto à formação de palavras:

a) **preconceito** é formação parassintética;
b) **pluralismo** e **fragilidade** são formações sufixais;
c) **incontroverso**, **individual** e **interna** são formadas com o prefixo latino **in-**, com sentido de negação;
d) **ampliação**, **repetência**, **preparação** e **cidadania** são substantivos formados a partir de formas verbais;
e) em **fragilizar**, **modernizar** e **democratizar** o sufixo **-izar** forma verbos a partir de adjetivos.

40. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado.

a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo: biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultura)
e) antro: antigo (exemplo: antropologia)

41. (Fuvest-SP) "Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem 'realista' da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a ... obtida dos radares."

O termo que preenche adequadamente a lacuna do texto é:

a) iconologia;
b) iconoclastia;
c) iconografia;
d) iconofilia;
e) iconolatria.

42. (UFPI)

"(...)
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.
(...)"

[ANDRADE, Carlos Drummond de. "Legado".]

No trecho, as palavras **talvez** e **se** são formadas por:

a) derivação sufixal;
b) derivação prefixal;
c) derivação parassintética;
d) derivação imprópria;
e) composição.

43. (UFJF-MG) Leia a sentença abaixo:

"O ***marketing*** venceu mais uma..."

As palavras ***marketing***, ***marqueteiro*** e ***marquetear*** são empregadas com significativa frequência na Língua Portuguesa.

Identifique e descreva os processos de formação responsáveis pela introdução de cada um dos três termos em nossa língua.

44. (FGV-SP) Modelo: nobre – enobrecer

Observe que o termo **enobrecer** formou-se a partir de **nobre** com o auxílio de um prefixo e de um sufixo.

Abaixo, apresentamos pares de palavras. Em apenas um caso não se seguiu o modelo apresentado. Assinale a alternativa correspondente.

a) triste – entristecer
b) escuro – escurecer
c) gordo – engordar
d) duro – endurecer
e) rico – enriquecer

45. (Fatec-SP) Nas palavras **poliglota**, **tecnocracia**, **acrópole**, **demagogo** e **geografia** encontramos elementos gregos que têm as seguintes significações, respectivamente:

a) garganta, ciência, cidade, conduzo, terra;
b) língua, governo, civilização, enganar, terra;
c) muitas, deus, alto, povo, planeta;
d) língua, governo, alto, povo, terra;
e) muitas, poder, cidade, diabo, tratado.

46. (Uerj) "Mas pouca gente sabe o que é lipograma. **Lipo** significa tirar, aspirar, esconder. Portanto, um lipograma é um texto que sofreu a lipoaspiração de uma letra. O autor resolve esconder essa letra por razões lúdicas. Já o grego Píndaro havia escrito uma ode, sem a letra **s**. Os autores barrocos no século XVII também usavam esse tipo de ocultação, porque estavam envolvidos com o ocultismo, com a cabala e com a numerologia."

[ROMANO, Affonso de Sant'Anna. *O Globo*, 15 set. 1999.]

Observando o parágrafo acima, identifique o processo de formação de palavras comum aos termos **ocultação** e **ocultismo** e explique a diferença de sentido entre eles.

47. (UFMG) Em "O girassol da vida e o passatempo do tempo que passa não brincam nos lagos da lua", há, respectivamente:

a) um elemento formado por aglutinação e outro por justaposição;
b) um elemento formado por justaposição e outro por aglutinação;
c) dois elementos formados por justaposição;
d) dois elementos formados por aglutinação;

48. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.

a) menin**a** (-a) – desinência nominal de gênero
b) vend**e**ste (-e-) – vogal de ligação
c) gas**ô**metro (-o-) – vogal temática de segunda conjugação
d) ama**sse**m (-sse-) – desinência de segunda pessoa do plural
e) cantar**íei**s (-is) – desinência do imperfeito do subjuntivo

49. (UFMG) Em que alternativa a palavra em destaque resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã começou o trabalho principal: a **votação**.
b) Pereirinha estava mesmo com a razão. Sigilo... Voto secreto... **Bobagens**, bobagens!
c) Sem radical **reforma** da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa!
d) Não chegaram a trocar um **isto** de prosa, e se entenderam.
e) Dr. Osmírio andaria **desorientado**, senão bufando de raiva.

50. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está **indevidamente** caracterizado.
a) inesperado: derivação prefixal
b) inaudível: derivação parassintética
c) emudecer: derivação parassintética
d) encontrável: derivação sufixal
e) canto: derivação regressiva

51. (Uniube-MG) Os aparelhos ópticos denominados **estereoscópio**, **estetoscópio**, **caleidoscópio**, **periscópio**, **telescópio** têm relação direta respectivamente com a ideia de:
a) esterilidade, auscultação, beleza de formas, distância, relevo;
b) relevo, estética, visão ao redor, distância, beleza de formas;
c) esterilidade, relevo, distância, visão ao redor, beleza de formas;
d) relevo, auscultação, beleza de formas, visão ao redor, distância;
e) exterioridade, estética, calosidade, visão ao redor, auscultação.

52. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que não ocorre correspondência entre o emprego do prefixo grego e o sentido expresso entre parênteses.
a) **a**nônimo (sem nome)
b) **sin**crônico (ao mesmo tempo)
c) **pará**grafo (escrito ao lado)
d) **anti**cristo (contrário a Cristo)
e) **apo**geu (no alto da terra)

53. (Uniube-MG) Todos os verbos seguintes são formados por parassíntese (derivação parassintética), exceto:
a) endireitar;
b) atormentar;
c) enlouquecer;
d) desvalorizar;
e) soterrar.

54. (Uece) Assinale a única opção constituída por palavras formadas apenas por sufixação.
a) agulha, diplomata, costureira
b) silencioso, insuportável, saleta
c) ordinário, orgulhoso, caminho
d) costureira, silencioso, saleta

55. (Unisinos-RS) O item em que a palavra não está corretamente classificada quanto ao seu processo de formação é:
a) ataque – derivação regressiva
b) fornalha – derivação por sufixação
c) acorrentar – derivação parassintética
d) antebraço – derivação prefixal
e) casebre – derivação imprópria

56. (Uece) Pertence à área semântica de **chuva** a palavra:
a) pluvial;
b) fulvo;
c) cúpido;
d) plúmbeo;
e) fluvial.

57. (UEL-PR) A palavra **resgate** é formado por derivação:
a) prefixal;
b) sufixal;
c) regressiva;
d) parassintética;
e) imprópria.

58. (Cesgranrio-RJ) Assinale o par de vocábulos cujos prefixos apresentam significação equivalente à dos elementos iniciais de **impessoal** e **predeterminado**:
a) amoral – epidérmico
b) antiaéreo – hipertenso
c) disforme – ultrapassado
d) contraindicado – transatlântico
e) desumano – antediluviano

59. (Fuvest-SP) As palavras adivinhar – adivinho – adivinhação têm a mesma raiz, por isso são cognatas. Assinalar a alternativa em que **não** ocorrem três cognatos.
a) alguém – algo – algum
b) ler – leitura – lição
c) ensinar – ensino – ensinamento
d) candura – cândido – incandescência
e) viver – vida – vidente

CAPÍTULO 5

Substantivo

1. (Cefet-SC) Analise os textos abaixo:

SE VOCÊ TEM SE DECEPCIONADO COM AMIGOS CACHORROS, ARRUME UM CACHORRO AMIGO.

Cefet

AMARAL, Emília et al. *Novas palavras: língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2005. p.225.

Sabor diferente

No anúncio da margarina Delícia, diz-se que colocaram **quinhentas gramas** na embalagem. Com **tantas gramas**, o sabor deve ser bem diferente.

O Estado de S. Paulo, 23/6/1991.

Cefet

Assinale a alternativa correta.

a) No **texto 02**, se o fabricante de margarina, para se referir a peso, usasse a língua na sua norma culta, deveria escrever no rótulo: "quinhentos gramas".
b) No **texto 01**, na expressão **"amigos cachorros"**, a palavra **"amigos"** exerce a função de adjetivo.
c) Em **"... colocaram quinhentas gramas na embalagem"**, o verbo **"colocar"** está conjugado no pretérito imperfeito do modo indicativo.
d) Em **"Se você tem se decepcionado..."**, o primeiro **"Se"** e o segundo **"se"** são conjunções subordinativas condicionais.
e) Em **"com tantas gramas"**, a palavra **"gramas"** é um numeral.

2. (Vunesp-SP) Assinale a frase correta quanto ao emprego do gênero dos substantivos.
a) A perda das esperanças provocou uma profunda dó na personagem.
b) O advogado não deu o ênfase necessário às milhares de solicitações.
c) Ele vestiu o pijama e sentou-se para beber uma champanha gelada.
d) O omelete e o couve foram acompanhados por doses do melhor aguardente.
e) O beliche não coube na quitinete recém-comprada pelos estudantes.

3. (Vunesp-SP) A alternativa em que o termo em destaque exerce a função de substantivo é:
a) Respondeu à pergunta com um sorriso *amarelo*.
b) Estava pálida, e seu rosto apresentava tons *amarelos*.
c) As cortinas *amarelas* combinavam com o ambiente.
d) Marque com um traço *amarelo* as ruas do mapa.
e) Os *amarelos* de Van Gogh tornaram suas telas famosas.

4. (Cesgranrio-RJ) Qual vocábulo se flexiona em número pela mesma justificativa que "salva-vidas"?
a) guarda-municipal.
b) beija-flor.
c) salário-mínimo.
d) segunda-feira.
e) navio-escola.

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.
a) Leões de chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.
b) Leões de chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.
c) Leões de chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.
d) Leões de chácaras, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.
e) Leões de chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

6. (Fuvest-SP) "A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora – o xixixi e o empapar-se da paisagem – as pestanas til-til. Porém, disse-se-dizia ela, pouco se vê, pelos entrefios: – 'Tanto chove, que me gela!'."

(ROSA, Guimarães. "Partida do audaz navegante". In: *Primeiras estórias*.)

a) Os diminutivos com que o narrador caracteriza a personagem traduzem também sua atitude em relação a ela. Identifique essa atitude, explicando-a brevemente.
b) "Andorinhava" é palavra criada por Guimarães Rosa. Explique o processo de formação dessa palavra. Indique resumidamente o sentido dessa palavra no texto.

7. (UFFRJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.
a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.
b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.
c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.
d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.
e) A parte superior da traqueia é o laringe.

8. (Ufes)

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

(Manuel Bandeira)

Assinale a alternativa em que a forma destacada pertence à mesma categoria de palavras de que faz parte a inventada por Manuel Bandeira:

a) Prometi acabar com (...) o **sem-vergonhismo** atrás do forte e acabei. (Dias Gomes)
b) Este momento há de ficar para sempre nos anais e **menstruais** da história de Sucupira. (Dias Gomes)
c) (...) Aí, nem olhei para Joca Ramiro – eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu **saimento**. (Guimarães Rosa)
d) (...) Um dos **principalmente** da minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (Dias Gomes)
e) (...) Ele **xurugou** – e, vai ver quem e o quê, jamais se saberia. (Guimarães Rosa)

9. (ESPM-SP) Dos diminutivos destacados abaixo, assinale a alternativa em que o uso traduza **ideia pejorativa** (ou depreciativa):
a) Procuram-se **cofrinhos**. Entregar na Caderneta de Poupança Banespa.
b) **Benzinho**, não gostaria de tocar mais nesse assunto.
c) A **folhinha** não indica o Dia do Professor.
d) Eu não quero ler esse **jornaleco**.
e) Vou passar uns **diazinhos** na praia.

10. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.
a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei com um portão, imenso, suntuoso.
c) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

11. (UFMS) De acordo com a Lei Federal n.º 2749/56, o emprego oficial de nome designativo de cargo público deve, quanto ao gênero, atender ao sexo do funcionário a quem se refira, e não ficar sempre no masculino como

era de praxe até então. Assinale a frase que admitiria o cargo na forma masculina, por ser genérico.

a) Minha prima é escriturária-digitadora do Ministério da Fazenda.
b) Não sei se a deputada Fulana de Tal se recandidatou à Câmara.
c) Ela exerce o cargo de professora alfabetizadora.
d) Foi nomeada juíza a Dr.ª Fulana de Tal.
e) Maria da Silva, Técnica em Educação desta Universidade, vem requerer...

12. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino / feminino dos pares.

a) boi – vaca
b) homem – mulher
c) cobra macho – cobra fêmea
d) o capital – a capital
e) o cônjuge (homem) – o cônjuge (mulher)

13. (Faap-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.

Aguardo **que me telefones e me convides para sair**.

14. (UPM-SP) Assinale o período que não contém um substantivo sobrecomum.

a) Ele foi a testemunha ocular do crime ocorrido naquela polêmica reunião.
b) Aquela jovem ainda conserva a ingenuidade meiga e dócil da criança.
c) A intérprete morreu mantendo-se como um ídolo indestrutível na memória de seus admiradores.
d) As famílias desestruturam-se quando os cônjuges agem sem consciência.
e) O pianista executou com melancolia e suavidade a sinfonia preferida pela plateia.

15. (FGV-SP) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural não está correto.

a) mão, mãos; demão, demãos
b) capitão, capitães; ladrão, ladrões
c) pistão, pistões; encontrão, encontrões
d) portão, portões; cidadão, cidadães
e) capelão, capelães; escrivão, escrivães

16. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que todos os vocábulos formam o plural em **-ões**, tal como em **botão – botões**.

a) balão – irmão – tubarão
b) eleição – canção – opinião
c) confissão – nação – cristão
d) limão – cidadão – pagão
e) questão – alemão – operação

17. (UFSM-RS) Passando para o plural os substantivos compostos **mesinha de cabeceira** e **quarta-feira**, a alternativa correta é a seguinte:

a) mesinhas de cabeceira, quartas-feiras;
b) mesinha de cabeceiras, quarta-feiras;
c) mesinha de cabeceira, quartas-feira;
d) mesinhas de cabeceiras, quartas-feiras;
e) mesinha de cabeceiras, quartas-feira.

18. (PUCCamp-SP) Observe: o verbo **atrair** produz **atração**. Usando esse modelo, aponte substantivos para:

a) aspergir; b) isentar; c) mudar.

19. (Fuvest-SP) "O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais."

(Luis Fernando Verissimo, "Diminutivos".)

A alternativa inteiramente de acordo com a definição do autor de diminutivo é:

a) O iogurtinho que vale por um bifinho.
b) Ser brotinho é sorrir dos homens e rir interminavelmente das mulheres.
c) Gosto muito de te ver, Leãozinho.
d) Essa menininha é terrível.
e) Vamos bater um papinho.

20. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado **incorretamente**.

a) a ênfase
b) a grama
c) o alface
d) o crisma
e) o ágape

21. (ESPM-SP) Passe para o plural a frase abaixo, fazendo as devidas concordâncias.

O livre-docente, em seu abaixo-assinado, pediu demissão do cargo.

22. (USJT-SP) São substantivos usados só no masculino:

a) champanha – guaraná – estigma – apêndice
b) capital – grama – omoplata – aluvião
c) cal – radiovitrola – plasma – eclipse
d) comichão – moral – cisma – personagem
e) usucapião – lança-perfume – cal – intérprete

23. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que nem todas as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo.

a) poemeto – maleta
b) rapazola – bandeirola
c) viela – ruela
d) lugarejo – vilarejo
e) menininho – carinho

24. (FEI-SP) Siga o modelo:

difícil → dificuldade

a) magro b) semelhante c) autêntico

25. (Faap-SP) "Subirei no pau de sebo / Mando chamar a mãe-d'água"

Ambos os substantivos compostos no plural:

a) paus de sebo/mães-d'água
b) pau de sebos/mãe-d'águas
c) paus de sebos/mães-d'águas
d) os pau de sebo/as mãe-d'água
e) os pau de sebos/as mãe-d'águas

26. (Ufam) Desejavam transformar os ... em ... do céu.

a) pagões – cidadões
b) pagãos – cidadões
c) pagões – cidadãos
d) pagãos – cidadãos

27. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que está **correta** a forma plural.

a) júnior – júniors
b) gavião – gaviães
c) fuzil – fuzíveis
d) mal – maus
e) atlas – atlas

28. (UniFAI-SP) Observe as frases abaixo:

1) Que papelão você fez ontem no baile!
2) Vestia uma roupinha muito mixuruca.
3) Gostaria de lhe oferecer uns presentinhos bem mimosos.
4) Não precisa fazer dramalhão mexicano.
5) Eta rapazinho difícil!

Aponte a sequência que apresenta substantivos com mudança de grau usada em sentido pejorativo.

a) 1, 2, 3 e 4
b) 1, 2 e 4
c) 1, 2, 4 e 5
d) 1, 2, 3, 4 e 5
e) 3, 4 e 5

29. (UPM-SP) Assinale a alternativa **correta** quanto ao gênero das palavras:

a) A lança-perfume foi proibida no carnaval.
b) Os observadores terrestres esperavam atentos a eclipse da Lua.
c) A gengibre é uma erva de grande utilidade medicinal.
d) A dinamite é um explosivo à base de nitroglicerina.
e) n.d.a.

30. (Unip-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras são do gênero feminino.

a) omoplata, apendicite, cal, ferrugem
b) cal, faringe, dó, alface, telefonema
c) criança, cônjuge, champanha, dó, afã
d) cólera, agente, pianista, guaraná, vitrina
e) jacaré, ordenança, sofisma, análise, nauta

31. (UPM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.

a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades articulares, independentemente da atuação do cientista.
b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembleia.
c) Através da vitrine da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorativos expostos à venda, por preços baratinhos.
d) De momento a momento, surgiram curiosas sombras e vultos na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

32. (Uepa) Ficou com ... quando soube que ... caixa do banco entregara aos ladrões todo o dinheiro ... clã.

a) o moral abalado – o – do
b) a moral abalada – o – da
c) o moral abalado – a – da
d) a moral abalado – a – do
e) a moral abalada – a – da

33. (UEL-PR) Viam-se ... junto aos ... do jardim.

a) papelsinhos – meios-fio
b) papeizinhos – meios-fios
c) papeisinhos – meio-fios
d) papelsinhos – meios-fios
e) papeizinhos – meio-fios

34. (UPM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na sequência **correta**.

(1) óleo santo	( ) a moral
(2) a relva	( ) a crisma
(3) um sacramento	( ) o moral
(4) a ética	( ) o crisma
(5) a unidade de massa	( ) a grama
(6) o ânimo	( ) o grama

a) 6, 1, 4, 3, 5, 2
b) 6, 3, 4, 1, 2, 5
c) 4, 1, 6, 3, 5, 2
d) 4, 3, 6, 1, 2, 5
e) 6, 1, 4, 3, 2, 5

35. (Unirio-RJ) Nas palavras abaixo, há uma com **erro** de flexão. Assinale-a.

a) irmãozinhos
b) papelzinhos
c) exortaçõezinhas
d) heroizinhos
e) lençoizinhos

36. (ESPM-SP) Quais os coletivos mais utilizados em português para designar:

a) cães
b) anjos
c) peixes
d) atores
e) porcos

37. (UEPG-PR) A série de palavras que, no plural, mudam o timbre do **o** tônico:

a) acordo, transtorno, sogro, morro, repolho
b) imposto, povo, corpo, esforço, tijolo
c) logro, toco, soldo, gorro, fofo
d) gafanhoto, globo, bolso, coco, bolo
e) forro, esposo, rolo, sopro, topo

38. (UEPG-PR) Palavras que, originalmente diminutivos ou aumentativos, perderam essa acepção e se constituem hoje em formas normais, independentes do termo derivante:

a) pratinho, papelzinho, livreco, barcaça
b) tampinha, cigarrilha, estantezinha, elefantão
c) cartão, flautim, lingueta, cavalete
d) chapelão, bocarra, vidrinho, martelinho
e) palhacinho, narigão, beiçorra, boquinha

39. (Cesgranrio-RJ) Assinale o par de vocábulos que forma o plural como **balão** e **caneta-tinteiro**.

a) vulcão / abaixo-assinado
b) irmão / salário-família
c) questão / manga-rosa
d) bênção / papel-moeda
e) razão / guarda-chuva

40. (UPM-SP) Assinale o par em que a flexão de gênero está **errada**.

a) patrão – patroa
b) senhor – senhora
c) lebrão – lebre
d) hortelão – hortelã
e) jogral – jogralesa

41. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contém algum **erro**.

a) No choque, quebra-se-lhe a omoplata.
b) A sentinela saiu da guarita e o enxotou sem nenhum dó.

c) Reclinado à sombra da velha árvore, tomou sossegadamente seu champanha.
d) Qual não foi a surpresa do noivo, quando, à pergunta do padre se queria casar-se, sua cônjuge respondeu solenemente que não!
e) O pedreiro, sacolejando o balde, enquanto andava, ia marcando com a cal derramada o seu caminho.

42. (Fuvest-SP) Dê o singular de **reses** e o plural de **rol**.

43. (UPM-SP) Em qual das alternativas colocaríamos o artigo definido feminino para todos os substantivos?
a) sósia – doente – lança-perfume
b) dó – telefonema – diabete
c) clã – eclipse – pijama
d) cal – elipse – dinamite
e) champanha – criança – estudante

44. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que o plural de:
1) cirurgião pode ser cirurgiães;
2) vulcão pode ser vulcãos;
3) bem-te-vi é bem-te-vis;
constatamos que está(estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação n.º 1;
b) apenas a afirmação n.º 2;
c) apenas a afirmação n.º 3;
d) todas as afirmações;
e) n.d.a.

45. (EEM-SP) Dê o substantivo correspondente a:
a) agredir;
b) divergir.

46. (PUC-SP) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Borboleta é substantivo epiceno.
b) Rival é comum de dois gêneros
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n.d.a

47. (FFALM-PR) Identifique o substantivo que só se usa no plural.
a) lápis
b) pires
c) tênis
d) ônibus
e) idos

48. (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está **errado**. Qual?
a) escolas-modelo
b) quebra-nozes
c) chefes de sessões
d) guardas-noturnos
e) redatores-chefes

49. (UniFMU-SP) O plural dos substantivos **couve-flor**, **pão de ló** e **amor-perfeito** é:
a) couves-flores, pães de ló, amores-perfeitos;
b) couves-flor, pão de lós, amores-perfeitos;
c) couves-flores, pão de lós, amores-perfeitos;
d) couves-flores, pão de lós, amor-perfeitos;
e) couves-flores, pão de lós, amor-perfeitos.

50. (UPM-SP) Os femininos de **monge**, **duque**, **papa** e **profeta** são:
a) monja, duqueza, papisa, profetisa;
b) freira, duqueza, papiza, profetisa;
c) freira, duquesa, papisa, profetisa;
d) monja, duquesa, papiza, profetiza;
e) monja, duquesa, papisa, profetisa.

51. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) esforços;
2) portos;
3) impostos;
verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:
a) apenas na palavra n.º 1;
b) apenas na palavra n.º 2;
c) apenas na palavra n.º 3;
d) apenas nas palavras n.ºs 1 e 3;
e) em todas as palavras.

52. (ESPM-SP) Quais das seguintes palavras só se empregam no plural?
núpcias – primícias – limites – belas-artes – males

53. (FEI-SP) Dê o plural, o aumentativo e o diminutivo de **cão**.

54. (FEI-SP) Os adjetivos **cônscio**, **seguro**, **contingente** e **capaz** formam, respectivamente, os substantivos:
a) consciente, segurança, contingência, capacitado;
b) consciência, segurança, contingência, capacidade;
c) consciente, segurado, continente, capacitado;
d) consciencioso, segurado, continência, capacitivo;
e) conscrito, segurável, contíguo, capacitância.

55. (UFPR)
1) O cônjuge se aproximou.
2) O servente veio atender-nos.
3) O gerente chegou cedo.
Não está claro se é homem ou mulher:
a) no primeiro período;
b) no segundo período;
c) no terceiro período;
d) no primeiro e no segundo períodos;
e) no segundo e no terceiro períodos.

56. (Unip-SP) Indique a alternativa que apresenta **erro** na formação do plural.
a) Ele gosta de amores-perfeitos e cultiva-os.
b) Os vice-diretores reunir-se-ão na próxima semana.
c) As aulas serão dadas às segundas-feiras.
d) Há muitos beijas-flores no meu quintal.
e) A moda está voltando às saias-balão.

57. (Unip-SP) Indique o substantivo que tem apenas um gênero.
a) estudante
b) indígena
c) mártir
d) jornalista
e) testemunha

58. (Unip-SP) Indique a alternativa em que houve troca do significado dos substantivos.
a) o cisma: a desconfiança / a cisma: a separação
b) o crisma: o óleo santo / a crisma: a cerimônia religiosa
c) o moral: a coragem / a moral: a ética
d) o grama: a unidade de massa / a grama: a relva
e) o lenho: o tronco / a lenha: a madeira para queimar

CAPÍTULO 6

Artigo

1. (Unicamp-SP)

Unicamp

Nessa tirinha da famosa *Mafalda* do argentino Quino, o humor é construído fundamentalmente por um produtivo jogo de referência.

a) Explicite como o termo 'estrangeiro' é entendido pela personagem Mafalda e pelo personagem Manolito.
b) Identifique duas palavras que, nessa tirinha, contribuem para a construção desse jogo de referência, explicando o papel delas.

2. (Fatec-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.
e) n.d.a.

3. (EEM-SP) Qual a diferença de sentido da palavra **homem** na frase a seguir?
"Suponho que nunca tenha visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem." (Machado de Assis)

4. (Fuvest-SP)
"Ele é o homem,
eu sou apenas
uma mulher"
Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos **homem** e **mulher**.
a) Identifique os recursos linguísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

5. (Fatec-SP) Identifique em qual alternativa é errado colocar, após a palavra destacada, o artigo definido.
a) Afundou na lama **ambos** pés.
b) **Todos** dias passava por lá, sem vê-la.
c) **Toda** noite gotejou a torneira, não pude dormir.
d) A **todo** passante perguntei, nenhum me informou.
e) n.d.a.

6. (USU-RJ) Assinale a alternativa em que a palavra **a** tem valor gramatical diferente de todas as outras.
a) Eu sou **a** indiferença.
b) Sou eu quem te sepulta **a** ideia imensa.
c) Marquei-te **a** fronte, mísero profeta!
d) Hoje veio **a** falar comigo.
e) Beijara **a** fronte sonhadora do poeta.

7. (UFU-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?
a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

8. (UniFMU-SP) Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.
a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo Portugal.
e) Todas cinco, menos uma, estão corretas.

9. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca, a oferta.

10. (Esan-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco.
b) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos cinco livros.
c) Mostraram-me cinco livros. Comprei todos os cinco.
d) Mostraram-me cinco livros. Comprei a todos cinco livros.
e) n.d.a.

11. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.
a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
e) É em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

12. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manuel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) *Os Lusíadas* são um poema épico.

13. (UniFMU-SP) Observe as frases seguintes e depois escolha a única alternativa incorreta.
I. Com a Ana ele vai brigar.
II. Com Fred ele não vai discutir.
a) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, que semanticamente torna Ana mais próxima do emissor.
b) A frase I contém um artigo definido, no feminino e no singular, pois antecede um nome próprio de mesmas características morfológicas.
c) No confronto entre a frase I e a frase II pode-se notar a importância do uso estilístico do artigo.
d) A frase II, dispensando o artigo diante do nome próprio, marca o distanciamento entre o referente e o emissor.
e) A frase II, não contendo artigo definido diante do nome próprio, está errada.

CAPÍTULO 7

Adjetivo

Texto para a questão 1.

Arte suprema

Tal como Pigmalião, a minha ideia
Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;
E ante os meus olhos e a vaidade fátua
Surge, formosa e nua, Galateia.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;
Digo-lhe: "Fala!", ao ver em cada veia
Sangue rubro, que a cora e aformoseia...
E a estátua não falou, porque era estátua.

Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,
Em vão não e que eu digo ao verso: "Fala!"
E ele fala-me sempre, porque é verso.

(Júlio César da Silva. *Arte de amar*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.)

1. (Unesp-SP) Aponte a alternativa que indica o número do verso em que aparecem dois adjetivos ligados por um conectivo aditivo:
a) Verso 3.
b) Verso 4.
c) Verso 5.
d) Verso 7.
e) Verso 11.

2. (UFRJ)

Os diferentes

Descobriu-se na Oceania, mais precisamente na ilha de Ossevaolep, um povo primitivo, que anda de cabeça para baixo e tem vida organizada.

É aparentemente um povo feliz, de cabeça muito sólida e mãos reforçadas. Vendo tudo ao contrário, não perde tempo, entretanto, em refutar a visão normal do mundo. E o que eles dizem com os pés dá a impressão de serem coisas aladas, cheias de sabedoria.

Uma comissão de cientistas europeus e americanos estuda a linguagem desses homens e mulheres, não tendo chegado ainda a conclusões publicáveis. Alguns professores tentaram imitar esses nativos e foram recolhidos ao hospital da ilha. Os cabecences-para-baixo, como foram denominados à falta de melhor classificação, têm vida longa e desconhecem a gripe e a depressão.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Prosa Seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 150.)

No texto, há diversos sintagmas nominais – construções com núcleo substantivo acompanhado ou não de termos com função adjetiva – que caracterizam o "povo primitivo".

Retire do texto dois desses sintagmas.

3. (Vunesp-SP) Em – ... um remédio aparentemente capaz de mascarar os efeitos *do álcool*... – os termos em destaque constituem uma locução adjetiva. Indique a alternativa cuja frase também apresenta uma locução desse tipo.
a) A família viajou *de avião* à Argentina.
b) A energia produzida pela força *dos ventos* é chamada de eólica.
c) Ele resolveu *de imediato* todas as questões pendentes.
d) A secretária gosta *de chantili* em seu café.
e) No fórum, as salas estavam cheias *de gente*.

Texto para a questão 4.

Nova lei torna airbag frontal obrigatório

O projeto de lei que torna o airbag *frontal* para motorista e passageiro *item* de segurança obrigatório em carros, camionetes e picapes, aprovado pela Câmara no mês *passado*, foi sancionado pelo presidente da República e publicado *ontem* no "Diário *Oficial*" da União.

A estimativa é que hoje de 15% a 25% dos veículos vendidos no país tenham o airbag, *índice* que é menor entre os populares (5%).

(*Folha de S.Paulo*, 20.3.2009)

4. (Vunesp-SP) Entre os termos em destaque no texto, os que exercem a função de adjetivo são:
a) frontal, passado e Oficial.
b) frontal, item e passado.
c) Oficial, ontem e índice.
d) Oficial, item e passado.
e) item, ontem e índice.

5. (FGV-SP) "Que faniquito é esse? Respeite a patente e deixe de ficar sestrosa. Foi quando, sem mais nem menos, deu entrada no meu ouvido aquele assobio fininho, vindo não atinei de onde." (CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*.)

No texto, **fininho** apresenta:
a) sufixo aplicado ao adjetivo e tem sentido intensificador;
b) sufixo aplicado ao substantivo e tem sentido emotivo;

c) sufixo aplicado ao advérbio e tem sentido diminutivo;
d) sufixo aplicado ao adjetivo e tem sentido pejorativo;
e) sufixo aplicado ao substantivo e tem sentido aumentativo.

6. (ITA-SP) Durante uma Copa do Mundo, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação:

"Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez."

Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão. Assinale a alternativa em que isso **não** ocorre.

a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

7. (ESPM-SP) Observe a construção do texto a seguir:

"nuvens brancas
passam
em brancas nuvens"

(LEMINSKI, Paulo. *Caprichos & relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.)

Analisando-se o texto acima, a afirmação descabida é:

a) "Nuvens brancas" significam nuvens da cor do leite, da neve.
b) "Brancas nuvens" significam momentos cercados de facilidade, de conforto, de alegria; sem sofrimento.
c) Sempre que se muda o adjetivo de lugar, muda-se o sentido do substantivo.
d) A mudança de posição do adjetivo **brancas** foi o recurso que o poeta utilizou para provocar a alteração de sentido.
e) O autor faz um jogo de palavras utilizando o mesmo adjetivo e substantivo.

8. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que a palavra colocada entre parênteses não substitui adequadamente o termo destacado da frase.

a) A **criação de coelhos** é uma das novas alternativas que se apresentam aos que têm pequenas propriedades. (cunicultura)
b) Sabíamos que o valor **de venda** dos imóveis leiloados era muito superior ao que tinha proposto inicialmente. (venal)
c) Embora não tivesse chegado aos cinquenta anos, apresentava feições **de velho**. (senis)
d) No verão, normalmente chove muito, e as águas **das chuvas** entopem os bueiros das estradas. (fluviais)
e) As inflamações **da pele**, mesmo que pequenas, devem ser tratadas. (cutâneas)

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra destacada **não** tem valor de adjetivo.

a) A malha **azul** estava molhada.
b) O sol desbotou o **verde** da bandeira.
c) Tinha os cabelos **branco-amarelados**.
d) As nuvens tornavam-se **cinzentas**.
e) O mendigo carregava um fardo **amarelado**.

10. (Fuvest-SP) Leia:

"Segundo a ONU, os subsídios dos **ricos** prejudicam o Terceiro Mundo de várias formas: 1. mantêm baixos os preços internacionais, desvalorizando as exportações dos países **pobres**; 2. excluem os **pobres** de vender para os mercados **ricos**; 3. expõem os produtores pobres à concorrência de produtos mais baratos em seus próprios países."

(*Folha de S.Paulo*, 2 nov. 1997.)

Nesse texto, as palavras destacadas, **rico** e **pobre**, pertencem a diferentes classes de palavras, conforme o grupo sintático em que estão inseridas.

a) Obedecendo à ordem em que aparecem no texto, identifique a que classe pertencem, em cada ocorrência destacada, as palavras **rico** e **pobre**.
b) Escreva duas frases com a palavra **brasileiro**, empregando-a cada vez em uma dessas classes.

11. (Unimep-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.

a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

12. (ESPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.

a) programa **da tarde**
b) ciclo **da vida**
c) representante **dos alunos**

13. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

"(...) eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor (...)" (Machado de Assis)

I. No primeiro caso, **autor** é substantivo; **defunto** é adjetivo.
II. No segundo caso, **defunto** é substantivo; **autor**, adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

14. (UFPR) Em qual dos casos o primeiro elemento do adjetivo composto **não** corresponde ao substantivo entre parênteses?

a) indo-europeu (Índia)
b) ítalo-brasileiro (Itália)
c) luso-brasileiro (Portugal)
d) sino-árabe (Sião)
e) anglo-americano (Inglaterra)

15. (Fatec-SP) Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Na oração "eu [a agulha] é que vou entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima", embora apresentando um sufixo próprio do grau do substantivo, o adjetivo **unida** possui valor superlativo.

b) A frase "Toda linguagem muito inteligível é mentirosa" poderia apresentar a forma **inteligibilíssima** em lugar de muito **inteligível**, sem alteração alguma no grau do adjetivo.

c) O uso popular estabelece várias formas "não gramaticais" para intensificar a qualidade expressa pelo adjetivo, como na expressão "podre de rico"; não se pode dizer o mesmo de "magro como um espeto" que é simplesmente uma comparação sem força expressiva.

d) Muitos aumentativos e diminutivos perderam a função, própria do grau do substantivo, de indicar a variação do tamanho do ser, passando a exprimir, conforme o contexto, desprezo ou afetividade, como em "essa gentalha não vê o seu lugar".

e) Cartão e caldeirão são falsos aumentativos ou aumentativos fictícios, pois não possuem sentido de aumento, embora apresentem forma aumentativa.

16. (PUC-SP) "O **desagradável** da questão era vê-lo de **mau** humor depois da **troca** de turno."

Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:

a) substantivo, adjetivo, substantivo;
b) adjetivo, advérbio, verbo;
c) substantivo, adjetivo, verbo;
d) substantivo, advérbio, substantivo;
e) adjetivo, adjetivo, verbo.

17. (UFSC) Observe as proposições a seguir:

01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica pra tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembleia de professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.

Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

18. (FGV-SP) Aponte a alternativa em que corretamente se faz a concordância dos termos destacados.

a) disputas **sino-soviética**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
b) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
c) disputas **sinas-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastéis**
d) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
e) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastel**

19. (Cefet-PR) Siga o exemplo:

Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitute nobre, mas * .

20. (UFU-MG) "Talvez seja bom que o proprietário do **imóvel** possa desconfiar de que ele não é tão **imóvel** assim."

A palavra destacada é, respectivamente:

a) substantivo e substantivo;
b) substantivo e adjetivo;
c) adjetivo e verbo;
d) advérbio e adjetivo;
e) adjetivo e advérbio.

21. (Fuvest-SP) Em: "Consequentemente (os homens que trabalham com a máquina) devem estar muito mais contentes que os bisavós", indique o grau da palavra que é um adjetivo.

22. (USJT-SP) Leia as orações a seguir:

I. Ele é grande e inteligente: mais grande do que inteligente.
II. Ele é bom e trabalhador: mais bom do que trabalhador.
III. As minhas lembranças são mais boas do que as suas.

Quanto ao grau dos adjetivos, percebe-se que:

a) nenhuma oração está correta;
b) apenas a oração I está correta;
c) apenas a oração II está correta;
d) apenas a oração III está correta;
e) as orações I e II estão corretas.

23. (Cesgranrio-RJ) Assinale a oração em que o termo **cego(s)** é um adjetivo.

a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir (...)"
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma (...)"
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "(...) da Terra que é um globo cego girando no caos."

24. (Fumec-MG) O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) "O **coitado** está se queixando dela com toda a razão".
b) "É uma palavra **assustadora**."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque **frio**."
d) "Ele é meu braço **direito**, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho, a diferença, às vezes, é a tragédia **passional**."

25. (FEI-SP) Dê o adjetivo correspondente a:

a) voz; b) asa; c) lago.

26. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que **não** é atribuída ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

27. (UEPG-PR) A frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade é:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

28. (Unirio-RJ) Assinale o item em que houve **erro** na flexão do nome composto.
a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatus-bola.
d) No jogo de contra-ataques, vence a melhor equipe.
e) Os livros iberos-americanos são de fácil importação.

29. (FEI-SP) Em qual alternativa se apresenta o superlativo absoluto sintético destoando da forma erudita?
a) doce / dulcíssimo
b) célebre / celebérrimo
c) baixo / ínfimo
d) amargo / amaríssimo
e) livre / livríssimo

30. (ITA-SP) O plural de "terno azul-claro" e "terno verde-mar" é:
a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar.

31. (FEI-SP) Há exemplo de adjetivo substantivado em:
a) "É de sonho e de pó".
b) "Minha mãe, solidão".
c) "O meu pai foi peão".
d) "Só queria mostrar".
e) "O destino de um só".

32. (Efei-MG) Dê os adjetivos correspondentes a:
a) céu
b) sorriso
c) alegria
d) mão
e) rito

33. (ITA-SP) Os adjetivos **ligneo**, **gipseo**, **níveo**, **braquial** significam, respectivamente:
a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço.
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio.
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio.
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço.
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio.

34. (UPM-SP) Aponte a alternativa **incorreta** quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

35. (Unisinos-RS) O item em que a locução adjetiva **não** corresponde ao adjetivo dado é:
a) hibernal – de inverno.
b) filatélico – de folhas.
c) discente – de aluno.
d) docente – de professor.
e) onírico – de sonho.

36. (Fumec-MG) Dada a sentença "Nem é uma **vida**, é um **comercial** de **cigarro** com **longa metragem**", os vocábulos destacados são, respectivamente:
a) substantivo – adjetivo – substantivo – adjetivo – substantivo.
b) substantivo – substantivo – substantivo – adjetivo – substantivo.
c) substantivo – adjetivo – substantivo – adjetivo – adjetivo.
d) substantivo – adjetivo – adjetivo – adjetivo – substantivo.
e) substantivo – substantivo – adjetivo – adjetivo – substantivo.

37. (UEPG-PR) Os adjetivos que, respectivamente, melhor caracterizam a forma ou a natureza das seguintes expressões **objeto fora de uso**, **caminho com muitas curvas**, **coisa sem peso**, **nariz semelhante a um bico de águia** são:
a) obsoleto, sinuoso, imponderável, aquilino.
b) estagnado, cúbico, portátil, afunilado.
c) vultoso, inacessível, intangível, abaulado.
d) delgado, intransitável, inumerável, abobadado.
e) sombrio, tubular, imensurável, gretado.

38. (Fuvest-SP) Em que alternativa utiliza-se a substantivação como recurso estilístico?
a) "Perdi o bonde e a esperança."
b) "Volto pálido para casa."
c) "Vou subir a ladeira lenta."
d) "(...) com um insolúvel flautim."
e) "(...) nós gritamos: sim! ao eterno."

39. (UEPG-PR) Assinale a alternativa em que **todos** os adjetivos têm uma só forma para os dois gêneros.
a) andaluz, hindu, comum
b) europeu, cortês, feliz
c) fofo, incolor, cru
d) superior, agrícola, morador
e) exemplar, fácil, simples

40. (ESPM-SP) Substitua as palavras em destaque por um adjetivo, sem alterar o sentido da mensagem: Aquilo foi para todos nós uma desilusão, um golpe, um desgosto **que não pode ser expresso**.

41. (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:
a) feliz
b) livre

42. (EEM-SP) Faça conforme o modelo:
alma **de fora** alma **exterior**
a) imagem **do espelho**
b) parede **de vidro**
c) imposição **da lei**
d) comprimento **da linha**

43. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que todos os adjetivos **não** se flexionam em gênero.
a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

44. (UFPR) As frases a seguir deverão ter suas lacunas preenchidas conforme o modelo:
A Lua **não é constante**: é **inconstante**.

Assim:
Apresentou uma redação sem mácula: uma redação ... .
Um argumento sem defesa: um argumento ... .
Aquela casa não é habitada: é ... .
Meu amigo não tem habilidade: é ... .
O rapaz não foi escrupuloso: foi ... .
Qual das alternativas a seguir contém as palavras apropriadas?

a) imaculada, indefensível, inabitável, inabilitado, desescrupuloso
b) imaculável, indefensível, inabitável, inabilitado, desescrupuloso
c) imaculada, indefensível, inabitada, inábil, desescrupuloso
d) imaculável, indefensável, inabitável, inábil, inescrupuloso
e) imaculada, indefensável, inabitada, inábil, inescrupuloso

45. (EEM-SP) Passe para o plural:
a) borboleta azul-clara
b) borboleta cor de laranja

46. (UnB-DF) Relacione a segunda coluna à primeira:

(1) água	( ) pluvial
(2) chuva	( ) ebúrneo
(3) gato	( ) felino
(4) marfim	( ) aquilino
(5) rio	( ) argênteo
(6) prata	
(7) não consta da lista	

a) 7 – 7 – 3 – 1 – 7
b) 6 – 3 – 7 – 1 – 4
c) 2 – 4 – 3 – 7 – 6
d) 2 – 4 – 7 – 1 – 7

47. (FEI-SP) Siga o modelo:
modificação **da paisagem** modificação **paisagística**
a) água da chuva
b) exageros da paixão
c) atitudes de criança
d) soro contra veneno de serpente

48. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos
1) enxofre 2) chumbo 3) prata
são, respectivamente,
1) sulfúreo 2) plúmbeo 3) argênteo
verificamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação n.º 1;
b) apenas a afirmação n.º 2;
c) apenas a afirmação n.º 3;
d) apenas as afirmações n.ºs 1 e 2;
e) todas as afirmações.

49. (Unip-SP) Assinale a alternativa **incorreta** quanto ao emprego do adjetivo.
a) força de leão – força leonina
b) perímetro da cidade – perímetro urbano
c) homem sem cabelo – homem imberbe
d) máquina de guerra – máquina bélica
e) agilidade de gato – agilidade felina

50. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que quem nasce em:
1. Lima é limenho;
2. Buenos Aires é buenairense;
3. Jerusalém é hierosolimitano
verificamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação n.º 1;
b) apenas a afirmação n.º 2;
c) apenas a afirmação n.º 3;
d) apenas as afirmações n.ºs 1 e 2;
e) todas as afirmações.

CAPÍTULO 8

Numeral

1. (Ufes) Milhão tem como ordinal correspondente milionésimo. A relação entre cardinais se apresenta inadequada na opção:
a) cinquenta – quinquagésimo / novecentos e um – nongentésimo primeiro
b) setenta – setuagésimo / quatrocentos e trinta – quadringentésimo trigésimo
c) oitenta – octingentésimo / trezentos e vinte – trecentésimo vigésimo
d) quarenta – quadragésimo / duzentos e quatro – ducentésimo quarto
e) noventa – nonagésimo / seiscentos e sessenta – sexcentésimo sexagésimo

2. (Unesp-SP) Assinale o caso em que **não** haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele foi o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
e) n.d.a.

3. (Cefet-MG) A alternativa em que o numeral está **impropriamente** empregado é:
a) O conteúdo do artigo onze não está claro.
b) Já lhe disseram, pela noningentésima vez, o que fazer.
c) Esses animais viveram, aproximadamente, na Era Terciária.
d) Consulte a Encíclica de Pio Décimo.
e) Essas afirmações encontram-se na página décima quinta.

4. (UFPR) Se a **cinco** vem a corresponder **quinto**, a **onze**, **quarenta**, **cinquenta**, **sessenta** e **setenta**, respectivamente, correspondem:
a) undécimo, quadragésimo, cinquentésimo, sexagésimo, septuagésimo;
b) décimo primeiro, quaresma, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo;
c) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagenário, septuagésimo;
d) décimo primeiro, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagenário;
e) undécimo, quadragésimo, quinquagésimo, sexagésimo, septuagésimo.

5. (FGV-SP) A declaração abaixo, atribuída ao presidente de certa república, apresenta erro de raciocínio. Explique, em bom português, em que o presidente está enganado.

Não utilize as palavras **você** e **eu**. **Nota:** Leve em conta que esta é uma prova de Língua Portuguesa, embora aqui se possam utilizar, **também**, recursos da Matemática.

"Nossa população é hoje composta de 100 000 almas. Como a taxa líquida de crescimento populacional é de 3% ao ano, teremos, dentro de 12 anos, 136 000 habitantes."

6. (Ufam) Assinale o item em que **não** é correto ler o numeral como está indicado entre parênteses.
   a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.
   b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.
   c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).
   d) O que procuras está no artigo 10 (dez) do código que tens aí à mão.
   e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

7. (Faap-SP) Verifique em qual alternativa há um uso **impróprio** de numerais.
   a) No artigo sétimo lia-se que era proibido reclamar; já no artigo dezenove, falava-se em direito de reclamação.
   b) No tomo treze da coleção há uma referência importante ao canto oitavo da Odisseia.
   c) Uma resma equivale a quatrocentas folhas de papel.
   d) Prepare-se para gerir a escola por um período de cinco anos. Não se preocupe: o lustro passa depressa.
   e) n.d.a.

8. (PUCCamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
   a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
   b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
   c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
   d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo.

9. (UniFMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
   a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
   b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário);
   c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
   d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
   e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

10. (FCL-SP) O numeral ordinal de 80 é:
   a) octagésimo;
   b) octogésimo;
   c) octingésimo;
   d) octogentésimo.

11. (Fuvest-SP)
   a) Dê os numerais correspondentes a três vezes maior e a três vezes menor.
   b) A forma **primeira** é um numeral ordinal. Dê o numeral ordinal correspondente a 1 075.

12. (Ufop-MG) Indicou-se corretamente o ordinal correspondente aos algarismos abaixo em:
   a) 349.º – trecentésimo quadragésimo nono
   b) 684.º – sexcentésimo octagésimo quarto
   c) 793.º – setuagésimo nonagésimo terceiro
   d) 867.º – octigentésimo sexagésimo sétimo
   e) 972.º – nongentésimo setingentésimo segundo

CAPÍTULO 9

Pronome

1. (Unifesp) Leia o texto.

   Dimitria cursava a oitava série no colégio e desapareceu durante as férias de julho de 2008. Segundo a polícia, a garota avisou que iria viajar em companhia do caseiro, mas nunca mais foi vista. (...) De acordo com a polícia, [o caseiro] Silva disse que matou a menina porque era apaixonado por ela, mas ela não o correspondia.

   (*Folha de S. Paulo*, 16.8.2010.)

   No texto, há um erro gramatical. O tipo de erro e a versão que o corrige estão, respectivamente, em
   a) uso de conectivo – Silva disse no depoimento o qual matou a menina (...)
   b) uso de pronome – (...) porque era apaixonado por ela, mas ela não correspondia.
   c) uso de conectivo – (...) iria viajar em companhia do caseiro, porém nunca mais foi vista.
   d) uso de adjetivo – (...) porque era obcecado por ela, mas ela não o correspondia.
   e) uso de verbo – Dimitria frequentava a oitava série no colégio (...)

2. (UEMG/2010) Leia atentamente os versos a seguir e, depois, faça o que é pedido.

   Eu sei que vou te amar

   Eu sei que vou te amar
   Por toda a minha vida eu vou te amar
   Em cada despedida, eu vou te amar
   Desesperadamente, eu sei que vou te amar

   E cada verso meu será
   Pra te dizer
   Que eu sei que vou te amar
   Por toda a minha vida

   Eu sei que vou chorar
   A cada ausência tua, eu vou chorar
   Mas cada volta tua há de apagar
   O que esta tua ausência me causou

   Eu sei que vou sofrer
   A eterna desventura de viver
   À espera de viver ao lado teu
   Por toda a minha vida

   (Vinicius de Moraes e Tom Jobim)

   No texto dessa letra de música (MPB), observa-se a presença da linguagem coloquial, quando o leitor verifica

a) o uso da segunda pessoa do singular, em ocorrências como "a cada ausência tua", forma de tratamento empregada em situações comunicativas menos formais, sobretudo quando seu produtor utiliza no texto gírias e jargões.
b) o emprego da expressão "há de apagar", uma vez que, nesse caso específico, o verbo haver, por não ser sinônimo de existir, refere-se a uma forma típica do português falado espontaneamente.
c) a ocorrência da expressão "eu sei que vou te amar", porquanto, na linguagem coloquial, a tendência é não empregar o pronome oblíquo posposto à locução verbal; desse modo, na modalidade padrão, a forma a ser empregada seria: eu sei que vou amar-te.
d) a inversão sintática no verso "A cada ausência tua, eu vou chorar", pois, como a linguagem coloquial ocorre principalmente em situações comunicativas menos tensas e formais, é natural o uso de inversões linguísticas, como a que se observa no verso citado.

3. (Fuvest-SP)
Uma nota diplomática* é semelhante a uma mulher da moda. Só depois de se despojar uma elegante de todas as fitas, rendas, joias, saias e corpetes, é que se encontra o exemplar não correto nem aumentado da edição da mulher, conforme saiu dos prelos da natureza. É preciso desataviar uma nota diplomática de todas as frases, circunlocuções, desvios, adjetivos e advérbios, para tocar a ideia capital e a intenção que lhe dá origem.

(Machado de Assis)

*Nota diplomática: comunicação escrita e oficial entre os governos de dois países, sobre assuntos do interesse de ambos.

Tendo em vista o trecho "para tocar a ideia capital e a intenção que lhe dá origem", indique um sinônimo da palavra "capital" que seja adequado ao contexto e identifique o referente do pronome "lhe".

4. (Fuvest-SP)
Já na segurança da calçada, e passando por um trecho em obras que atravanca nossos passos, lanço à queima-roupa:

– Você conhece alguma cidade mais feia do que São Paulo?

– Agora você me pegou, retruca, rindo. Hã, deixa eu ver... Lembro-me de La Paz, a capital da Bolívia, que me pareceu bem feia. Dizem que Bogotá é muito feiosa também, mas não a conheço. Bem, São Paulo, no geral, é feia, mas as pessoas têm uma disposição para o trabalho aqui, uma vibração empreendedora, que dá uma feição muito particular à cidade. Acordar cedo em São Paulo e ver as pessoas saindo para trabalhar é algo que me toca. Acho emocionante ver a garra dessa gente.

(R. Moraes e R. Linsker. *Estrangeiros em casa: uma caminhada pela selva urbana de São Paulo*. National Geographic Brasil. Adaptado.)

No terceiro parágrafo do texto, a expressão que indica, de modo mais evidente, o distanciamento social do segundo interlocutor em relação às pessoas a que se refere é

a) "disposição para o trabalho".
b) "vibração empreendedora".
c) "feição muito particular".
d) "saindo para trabalhar".
e) "dessa gente".

5. (CPS)
Os alunos dessa sala, após os devidos esclarecimentos feitos pela professora, resolveram transformar o que estudaram em dicas ecopráticas e publicar essas **dicas ecopráticas** no portal da escola. Para isso, redigiram um manual explicativo e digitaram esse **manual explicativo**, acrescentando ilustrações dos próprios colegas.

A repetição dos termos, que estão em destaque no texto, pode ser evitada pelo emprego adequado dos pronomes. Assinale a alternativa em que isso ocorre.

a) publicar-lhes ... o digitaram
b) publicar-lhes ... lhe digitaram
c) publicá-las ... o digitaram
d) publicar-las ... lhe digitaram
e) publicá-las ... digitaram-o

6. (ESPM-SP)
Leia o trecho:

Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já não **o** obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se **o** não fez antes e só agora, fio que torne a pegar o livro e que **o** abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia não há nada mais exato. Foi assim mesmo que Capitu falou, com tais palavras e maneiras.

(Machado de Assis, *D. Casmurro*.)

As ocorrências do vocábulo **o** em negrito referem-se respectivamente a:

a) você (leitor); deitar fora este livro; livro.
b) deitar fora este livro; gesto; livro.
c) você (leitor); gesto; livro.
d) deitar fora este livro; gesto; você (leitor).
e) você (leitor); deitar fora este livro; você (leitor).

7. (FGV-RJ) Em cada frase abaixo, pode haver ou não um pronome relativo. Assinale a alternativa em que, respeitando a norma culta, ele está presente e vem antecedido de preposição.

a) A confiança em que Rosita pudesse tomar toda a bebida ficou abalada depois do segundo copo de cerveja.
b) Tinha necessidade de que o táxi subisse o morro, para levar a roupa do menino.
c) No momento em que o juiz ia pronunciar a sentença, a testemunha tossiu forte, como a querer chamar a atenção.
d) O conjunto de orações de que confiavam as senhoras do fundo da igreja era rezado às quartas-feiras.
e) Em seus sonhos, previra que Mané Araújo seria eleito o maior dos cantadores do gênero.

8. (Fuvest-SP)
Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.

(Marcelo Leite, *Folha de S.Paulo*.)

a) Reescreva o trecho "Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo", iniciando-o com "Embora os jornalistas..."

b) No trecho "Quando **o** fazem não é decerto com a ênfase (...)", a que ideia se refere o termo grifado?

9. (FGV-SP) Além de uma melhor infraestrutura para o turista, a reforma garante também mais leitos durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.

As palavras **melhor** e **mais**, no trecho acima, classificam-se, respectivamente, como

a) advérbio e advérbio.
b) adjetivo e advérbio.
c) adjetivo e pronome.
d) advérbio e pronome.
e) advérbio e adjetivo.

10. (Udesc) Assinale a alternativa com um exemplo de colocação pronominal que deve ser evitada na linguagem culta.

a) Nunca te falaria tal assunto, pois sei que te magoaria.
b) "Não me olhem! Não me olhem!, só para chamar a atenção." (Luis Fernando Veríssimo)
c) O vício que lhe dá origem é a gutembergomania, uma dependência patológica na palavra imprensa.
d) Digam-lhe que as mulheres continuam passando no alto de seus saltos...
e) Quando sentiu-se abandonada, enlouqueceu.

11. (UEPB)

"(...) Quero ver-te de novo, contemplar-te muito, muito; quero-te bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu te contar um segredo que só teus ouvidos podem escutar. (...)"

(FARIA, Paula. *Correspondência amorosa de Maria Lina*. In: Calendário, São Paulo: USP, maio 2006. p. 3.)

Reescrevendo o enunciado acima e substituindo a 2.ª pessoa do discurso para a 3.ª pessoa, considerando a pessoa com quem se fala, a alternativa correta é:

a) Quero ver você de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero-lhe bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a você um segredo que os ouvidos dele podem escutar.
b) Quero ver-lhe de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero ele bem unido a mim para abraçados fortemente eu contá-lo um segredo que só os seus ouvidos podem escutar.
c) Quero vê-lo de novo, contemplá-lo muito, muito; quero você bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu lhe contar um segredo que só seus ouvidos podem escutar.
d) Quero vê-lo de novo, contemplar ele muito, muito; quero-o bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar-lhe um segredo que só seus ouvidos podem escutar.
e) Quero lhe ver de novo, contemplar você muito, muito; lhe quero bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a ele um segredo que só os ouvidos dele podem escutar.

Texto para a questão a seguir.

A Carta de Pero Vaz de Caminha

De ponta a ponta é toda praia rasa, muito plana e bem formosa. Pelo sertão, pareceu-nos do mar muito grande, porque a estender a vista não podíamos ver senão terra e arvoredos, parecendo-nos terra muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro; nem as vimos. Mas, a terra em si é muito boa de ares, tão frios e temperados, como os de Entre-Douro e Minho, porque, neste tempo de agora, assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas e infindas. De tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem.

(In: *Cronistas e viajantes*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 12-23. Literatura Comentada. Com adaptações.)

Considere o período a seguir:

"Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro; nem as vimos."

12. (FGV-SP) Sobre as estruturas linguísticas do trecho em destaque, assinale a afirmativa correta:

a) Os pronomes "nela" e "as" se referem à nova terra.
b) Uma opção correta de acordo com a norma culta seria substituir "nem as vimos" por "nem vimos elas".
c) É possível trocar a expressão "nem as vimos" por "nela" na ordem em que aparecem no período preservando a coerência do texto.
d) O pronome "nela" tem como referência a "terra".
e) Neste trecho, a palavra "nem" pode ser suprimida a partir do 2.º registro sem que haja prejuízo de coesão ou coerência textual.

13. (Cesgranrio-RJ) Assinale a frase que apresenta ERRO de uso de pronome.

a) Maria conversou com nós todos.
b) Vamos se encontrar depois do trabalho.
c) Ela se machucou descendo a escada.
d) A diretora pediu para eu comprar lápis.
e) Tu te lembras dos nomes de teus colegas?

14. (Cesgranrio-RJ) Assinale a frase em que se verifica uma transgressão ao registro culto e formal da língua no que se refere ao emprego do pronome relativo.

a) O resultado a que chegaram confirmou sua intuição.
b) Os colegas de trabalho com quem não simpatizava foram excluídos do processo.
c) Recebi o relatório de um gerente de cujo nome não me recordo.
d) São várias as reivindicações por que estão lutando os trabalhadores.
e) O funcionário o qual me referi não tem nenhuma dose de carisma.

15. (ESPP) Indique a classe gramatical da palavra destacada no trecho abaixo:

"Apertei-**a** com força, sabendo que ela seria maior do que a saudade."

a) pronome demonstrativo
b) pronome pessoal do caso reto
c) pronome pessoal do caso oblíquo
d) pronome indefinido

16. (ESPP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas:

I. Não há nenhum desentendimento entre ____ e Paulo.
II. Quero uma blusa dessas para ____.

a) eu – mim
b) eu – eu
c) mim – mim
d) mim – eu

17. (PUC-PR) Quanto ao uso do pronome demonstrativo, há erro na alternativa ou nas alternativas:

I. Nesse dia, 15 de junho, estamos realizando o concurso da COPEL.

II. Aqui, nesta sala, há pessoas atentas às questões da prova.

III. Aquele fiscal, que está no corredor, desejou-nos boa sorte.

Está **CORRETA** ou estão **CORRETAS**:

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e III
e) I, II e III.

18. (UFPR) "A Universidade **em que** trabalho tem campi em cinco municípios." Em qual das alternativas abaixo a parte em destaque foi substituída de forma correta?

a) A Universidade **onde** trabalho tem campi em cinco municípios.
b) A Universidade **à qual** trabalho tem campi em cinco municípios.
c) A Universidade **que** trabalho tem campi em cinco municípios.
d) A Universidade **que** trabalho **nela** tem campi em cinco municípios.
e) A Universidade **em cuja** trabalho tem campi em cinco municípios.

19. (Vunesp-SP) Indique a alternativa em que o emprego do pronome está correto em consonância com a norma culta.

a) Explique a questão do paraíso terrestre para mim entendê-la.
b) É fácil para eu o entendimento dessa questão.
c) Muitas explicações serão necessárias para mim aceitar essa resposta.
d) Para mim, a questão é facilmente explicável.
e) Entre eu e você as explicações não são necessárias.

Considere o texto para responder à questão a seguir.

O antibafômetro

O Conselho Regional de Farmácia autuou uma drogaria da capital gaúcha que anunciava a venda de um remédio aparentemente capaz de mascarar os efeitos do álcool e enganar o bafômetro. Cartazes no interior da farmácia faziam a propaganda do medicamento. Originalmente destinado a pacientes de alcoolismo crônico, ele não produz os efeitos anunciados. O dono da farmácia deverá responder ainda a um processo por incitar os consumidores a beber e dirigir, crime previsto no Código Penal.

(Revista *Época*, 6 out. 2008. Adaptado.)

20. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa em que os termos em destaque, na frase a seguir, estão corretamente substituídos pelo pronome.

O dono da farmácia deverá sofrer **um processo** por incitar os **consumidores** a beber.

a) sofrê-lo ... incitá-los
b) sofrê-lo ... incitar-lhes
c) sofrer-lo ... incitar-los
d) sofrer-lhe ... incitá-los
e) sofrer-lhe ... incitar-lhes

21. (Enem) Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome **se** e o sentido que ele adquire no contexto. Ⓘ

Ⓘ

(QUINO. *Mafalda inédita*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 42.)

No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome **se**:

a) em I, indica reflexividade e equivale a "a si mesmas";
b) em II, indica reciprocidade e equivale a "a si mesma";
c) em III, indica reciprocidade e equivale a "umas às outras";
d) em I e III, indica reciprocidade e equivale a "umas às outras";
e) em II e III, indica reflexividade e equivale a "a si mesma " e "a si mesmas", respectivamente.

22. (PUC-RJ) No período a seguir, a palavra **você** não está se referindo à pessoa com quem se fala. Ilustre, reescrevendo o período, como o mesmo efeito poderia ser atingido com outro recurso linguístico.

"Dificilmente você encontra um ex-aluno que não tenha conseguido uma boa colocação."

23. (UFRJ) Leia:

De manhã

O hábito de estar aqui agora
aos poucos substitui a compulsão
de ser o tempo todo alguém ou algo.

Um belo dia – por algum motivo
é sempre dia claro nesses casos –
você abre a janela, ou abre um pote

de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
que nunca há de ser lido até o fim
e então a ideia irrompe, clara e nítida:

É necessário? Não. Será possível?
De modo algum. Ao menos dá prazer?
Será prazer essa exigência cega

a latejar na mente o tempo todo?
Então por quê?
E neste exato instante
você por fim entende, e refestela-se
a valer nessa poltrona, a mais cômoda
da casa, e pensa sem rancor:
Perdi o dia, mas ganhei o mundo.

(Mesmo que seja por trinta segundos.)

(BRITTO, Paulo Henriques. As três epifanias – III. In: ___. *Macau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-3.)

Um pronome, para assumir valor indeterminado, não deve estar associado apenas a um interlocutor específico, mas também a outros interlocutores, depreensíveis do contexto.

Considerando a afirmativa acima, explique o valor indeterminado da forma **você** no texto e justifique seu emprego para a construção do sentido do texto.

24. (UFPE) Leia o texto a seguir.

"Falar português não é difícil – me diz um francês residente no Brasil – o diabo é que, mal consigo aprender, a língua portuguesa já ficou diferente. Está sempre mudando.

E como! No Brasil as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Ainda bem a gente não conseguiu aprender uma nova expressão, já vem o pessoal com outra.

Não é somente pela gíria que a gente é apanhado. (Aliás, já não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é "a gente".) A própria linguagem corrente vai-se renovando, e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso. É preciso ficar atento, para não continuar usando palavras que já morreram, vocabulário de velho que só velho entende.

Os que falariam ainda em cinematógrafo, auto-ônibus, aeroplano, estes também já morreram e não sabem. Mas uma amiga minha, que vive preocupada com este assunto, me chama a atenção para os que falam assim:

– Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharem natural esta frase, cuidado! Não saberão dizer que viram um filme com um ator que trabalha bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestidos de roupa de banho em vez de calção ou biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada e percorrer um quarteirão em vez de uma quadra. Viajarão de trem de ferro acompanhados de sua esposa ou sua senhora em vez de sua mulher.

A lista poderia ser enorme, mas vou ficando por aqui, pois entre escrever e publicar há tempo suficiente para que tudo que eu disser caia em desuso – é dito e feito."

(SABINO, Fernando. *Folha de S.Paulo*, 13 abr. 1984.)

O autor do texto constata que "(...) já não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é 'a gente'". Sobre os usos dos pronomes pessoais, no português brasileiro, analise as afirmações a seguir.

1) A forma "a gente", que tem prevalecido em relação a "nós", é uma das marcas do uso informal da língua.
2) Uma construção como "nós estudamos" apresenta duas marcas de "pessoa", uma das quais se encontra inserida na forma verbal.
3) Podemos afirmar que a forma "vós", para designar a segunda pessoa do plural, foi, na língua corrente, substituída pela forma "vocês".
4) Nos usos do Brasil, convivem duas formas de segunda pessoa do singular: "tu" e "você".

Estão corretas:

a) 2, 3 e 4 apenas;
b) 1, 2, 3 e 4;
c) 1 e 4 apenas;
d) 1 e 3 apenas;
e) 2 e 3 apenas.

25. (Ufam) Assinale a opção em que houve **erro** no emprego do pronome, consistente na troca de **o** e **lhe** ou de **eu** e **mim**.

a) Quantos livros você trouxe para eu ler?
b) Eu o respeito e muito o estimo, mas não lhe obedeço cegamente.
c) Essas dimensões eram sempre desgastantes para mim, que verdadeiramente o admirava.
d) Foi penoso, para mim, chegar.
e) Eu lhe convidei para a festa e não o perdoo por você ter faltado.

26. (FGV-SP) Considere o destaque nesta frase:
"Célia marcou um encontro entre **mim** e ele, pois a montagem dependia da aprovação do diretor."

a) Está correto o uso de **mim** neste trecho ou deveria ser utlizado **eu**?
b) Invertendo a ordem, como deveria ficar o trecho: "entre ele e **mim**" ou "entre ele e **eu**"? Justifique.

27. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** no emprego do pronome pessoal.

a) Recebidas as mangas, os meninos as repartiam irmamente entre si.
b) Sempre me presenteava livros, dizendo-me que era para eu adquirir o hábito da leitura.
c) Estas deliciosas balas de mangarataia, eu as trouxe para ti levares ao Píndaro.
d) Os altruístas pensam menos em si e mais nos outros.
e) Leve o jornal consigo, Acácio. Já o li desde cedo.

28. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o pronome destacado foi empregado **corretamente**.

a) Aguarde um instante. Quero falar **consigo**.
b) É lamentável, mas isso sempre ocorre com **nós** dois.
c) O processo está aí para **mim** examinar.
d) Vossa Senhoria preocupa-se com problemas cuja solução foge a **vossa** alçada.
e) Já se tornou impossível haver novos entendimentos entre **eu** e você.

29. (USJT-SP) Os pronomes, de acordo com a norma culta, estão **corretamente** empregados na alternativa:

a) Não houve nada entre mim e ela.
b) Isso é para mim fazer.
c) Eles não conseguem ficar sem você e eu.
d) Entre eu e o jogador não houve nenhum acerto financeiro.
e) Sem eu e você, a reunião não terá êxito.

Texto para as questões 30 e 31.

"Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!
Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente."

30. (Faap-SP) Com pronome no lugar da expressão destacada, escreveríamos:

a) Eles acendem.
b) Ele acende.
c) Acende-lhes.
d) Acende-os.
e) Acende-se.

31. (Faap-SP) No verso "Um, dois, três lampiões, acende e continua" **um** é:

a) artigo definido;
b) artigo indefinido;
c) numeral ordinal;
d) numeral cardinal;
e) pronome.

32. (FGV-RJ) Assinale o item em que há **erro** quanto ao emprego dos pronomes **se**, **si** e **consigo**.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V. S.ª vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espere um momento, pois tenho de falar consigo.

33. (Cefet-MG) Identifique a alternativa em que o emprego do pronome fere a norma culta.

a) O livro? Deram-me para que o devolvesse à biblioteca.
b) Para mim, resolver este exercício é fácil.
c) Não se preocupe, querida, eu vou consigo ao aeroporto.
d) Remetemos o abaixo-assinado a Sua Excelência, o governador.
e) Ela ficou-me observando enquanto eu lia sua mão.

34. (FEI-SP) Assinale a alternativa que completa, corretamente, a frase a seguir.

"Era para ... falar ... ontem, mas não ... localizei em parte alguma."

a) mim, comigo, o
b) eu, com ele, lhe
c) mim, consigo, lhe
d) mim, contigo, te
e) eu, com ele, o

35. (UniFMU-SP) Suponha que você deseje dirigir-se a personalidades eminentes, cujos títulos são: papa, juiz, cardeal, reitor, coronel. Assinale a alternativa que contém a abreviatura certa da expressão de tratamento correspondente ao título enumerado.

a) Papa – V. S.ª
b) Juiz – V. Em.ª
c) Cardeal – V. M.
d) Reitor – V. Mag.ª
e) Coronel – V. A.

36. (UCDB-MS) "Tu não percebes nada e teu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-te." Se o pronome **tu** fosse substituído por **Vossa Senhoria**, teríamos:

a) Vossa Senhoria não percebe nada e seu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-lhe.
b) Vossa Senhoria não percebe nada e vosso pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-te.
c) Vossa Senhoria não percebeis nada e seu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-lhe.
d) Vossa Senhoria não percebeis nada e vosso pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-vos.
e) Vossa Senhoria não percebe nada e seu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-te.

37. (UFV-MG) Das alternativas a seguir, **apenas uma** preenche de modo **correto** as lacunas das frases. Assinale-a.

Quando saíres, avisa-nos, que iremos ... .
Meu pai deu um livro para ... ler.
Não se ponha entre ... e ela.
Mandou um recado para ... e você.

a) contigo, eu, eu, eu
b) com você, mim, mim, mim
c) consigo, mim, mim, eu
d) consigo, eu, eu, mim
e) contigo, eu, mim, mim

38. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas.

"Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Ex.ª que os ... que ... foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ... decisão para que sejam atendidos."

a) abaixos-assinados – lhe – sua
b) abaixos-assinados – vos – vossa
c) abaixo-assinados – lhe – sua
d) abaixo-assinados – vos – vossa
e) abaixo-assinados – lhe – vossa

39. (UEL-PR) "Para ... poder terminar a arrumação da sala, guardem ... material em outro lugar até que eu volte a falar ... , dizendo que já podem entrar."

a) eu – seu – com vocês
b) eu – vosso – convosco
c) eu – vosso – consigo
d) mim – seu – com vocês
e) mim – vosso – consigo

40. (Cefet-PR) Use **eu** ou **mim**.
"É difícil, para ... , esquecer tantas injustiças."
"Se é para ... pagar, desista; não tenho dinheiro."

41. (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome **lhe**, **exceto** em:
a) Tu dirás **a Cecília** que Peri partiu.
b) Cecília viu perto **a Isabel**.
c) O tiro fora destinado **a Peri** por um dos selvagens.
d) Cecília recomendou **a Peri** que estivesse quieto.
e) Peri prometeu **a D.Antônio** levar-te à irmã.

42. (FCMSC-SP) "A carta vinha endereçada para ... e para ... ; ... é que a abri." Assinale a letra correspondente à alternativa que completa corretamente as lacunas da frase apresentada.
a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

43. (FGV-SP) Leia atentamente as seguintes frases:
I. João deu o livro para mim ler.
II. João deu o livro para eu ler.
A respeito das frases anteriores assinale a afirmação **correta**.
a) A frase I está certa, pois a preposição **para** exige o pronome oblíquo **mim**.
b) A frase II está certa, pois o sujeito de **ler** deve ser o pronome do caso reto **eu**.
c) A frase I está certa, pois **mim** é objeto direto de **deu**.
d) A frase II está certa, pois **para** exige o pronome do caso reto **eu**.
e) Ambas as frases estão corretas, pois a preposição **para** pode exigir tanto a forma **mim** quanto a forma **eu**.

44. (Fuvest-SP) "Eu bem sei que para titilar-**lhe** (1) os nervos..."
"Jamais o engenho e a arte **lhe** (2) foram tão propícios."
a) Qual dos dois **lhes** pode ser substituído por um possessivo? E o outro **lhe**, que função exerce na frase?
b) Reescreva as duas frases efetuando a substituição de cada **lhe** por expressões equivalentes.

45. (UFPA) Qual das alternativas abaixo está **correta**?
a) Sabeis Vossas Excelências das vossas responsabilidades?
b) Sabem Vossas Excelências das suas responsabilidades?
c) Sabeis Vossas Excelências das suas responsabilidades?
d) Sabeis Suas Excelências das vossas responsabilidades?
e) Sabem Suas Excelências das vossas responsabilidades?

46. (ESPM-SP) Escreva nos espaços **eu** ou **mim**.
"Deram-me o livro para ... ler, quando entre ... e ela tudo ia bem."

47. (ITA-SP) Dadas as sentenças:
I. Ela comprou um livro para mim ler.
II. Nada há entre mim e ti.
III. Alvimar, gostaria de falar consigo.
verificamos que está(estão) **correta(s)**:
a) apenas a sentença I;
b) apenas a sentença II;
c) apenas a sentença III;
d) apenas as sentenças I e II;
e) todas as sentenças.

48. (Uniube-MG) "Fala com a gerência. Aposto que eles irão conseguir um lugar para ... . Aliás, ... mesmos aconteceu coisa idêntica."
a) ti – com nós
b) ti – conosco
c) si – com nós
d) si – conosco
e) você – conosco

49. (FCC) "Este é encargo para ... assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre ... ."
a) mim – eu e tu
b) mim – mim e tu
c) mim – mim e ti
d) eu – eu e ti
e) eu – mim e ti

50. (ITA-SP) O pronome de tratamento usado para cardeais é:
a) Vossa Santidade;
b) Vossa Magnificência;
c) Vossa Eminência;
d) Vossa Reverendíssima;
e) n.d.a.

51. (UCDB-MS) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas.
Orientaram-... corretamente.
Roubaram-... todas as joias.
Cumprimentei-... afetuosamente.
Informaram-... que a reunião será amanhã.
a) nos, nas, lhes, nos
b) nos, lhes, os, lhes
c) lhes, lhes, os, nos
d) nos, nas, lhes, lhes
e) lhes, nas, lhes, nos

52. (Unicamp-SP) Leia com atenção o diálogo a seguir e responda:
a) A que elemento(s) do texto fazem referência os termos destacados?
b) Que termo você utilizaria para relacionar as duas últimas orações, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?

"**VEJA** – Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?

SARNEY – **Neste momento** estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação – a inflação mais a correção monetária – estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. **Naquela ocasião**, fizemos o que achávamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, **na época**, não era dos melhores. Falava-se em resistência, descontentamento, até em greve geral. Uma vez anunciada a reforma econômica, porém, o que se viu foi uma extraordinária adesão popular. Não podíamos antever que a reação seria tão favorável. O povo tomou

consciência da cidadania. Agora, oito meses depois, não estamos mais na lista dos 'fiscais do Sarney' – os 'fiscais do Sarney', que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de **um momento de emoção**, e **esse momento** passou. Hoje o momento é de racionalidade e é assim que temos que vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova da cidadania." (*Veja*, n.º 949, 12 nov. 1986.)

53. (UPF-RS) Os pronomes muitas vezes retomam palavras enunciadas no texto, constituindo uma opção para que se evitem repetições enfadonhas ao longo dele. Considere, em relação ao uso do pronome **isso**, neste anúncio publicitário, as afirmações que o seguem:

"Motoqueiro, o capacete é sua segurança: ponha isso na cabeça".

I. O pronome **isso** retoma "capacete", admoestando, assim, o leitor a que use esse protetor de cabeça.
II. O pronome **isso** retoma toda a ideia "o capacete é sua segurança", insistindo, dessa forma, em que o leitor adira a esse princípio de ação.
III. O anúncio perde em força apelativa, na medida em que o emprego de **isso** leva o destinatário da mensagem a uma leitura ambígua.
IV. O chamariz apelativo do anúncio encontra-se, precisamente, no fato de o uso de **isso** desencadear uma leitura ambígua.

Dessas afirmativas, são verdadeiras apenas:

a) I e II;
b) III e IV;
c) I, III e IV;
d) I, II e IV;
e) II, III e IV.

54. (Unicamp-SP) Leia: "O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse motivo que o dólar sobe." (RODRIGUES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, 25 set. 2002.parcialmente adaptado.)

Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?

55. (Unifesp)

Juventude além dos anos

Fui à exposição dos czares russos, recentemente encerrada. Em plena quinta-feira à tarde, notei dois grupos distintos: adolescentes e idosos. Ambos animadíssimos. Uma senhora à minha frente comentou, diante de uma vestimenta de veludo, toda bordada:

– Já tive um vestido parecido!

Observei-a. Deve ter ficado parecida com um tapete! Outras se encantavam com bules, saleiros, ícones. Puxei conversa:

– Está gostando? – perguntei a uma delas.

– Ah, sempre é bom conhecer coisas novas!

Surpreendi-me. Fui criado com a ideia de que as pessoas se aposentam e se lamentam por tudo que não fizeram. Diante de mim estava uma senhora cheia de vida, disposta a aprender, apesar dos cabelos grisalhos.

Lembrei-me da mãe de um amigo que, ao ficar viúva, mudou completamente. Deu todos os móveis. E também os porta-retratos, medalhas, jogos de louça, faqueiros, copos. Até presentes que guardava da época do casamento! Alugou seu apartamento de classe média. Foi para um bem menor, mais fácil de cuidar. Com a renda, passou a viajar em excursões. Encontrei-a há pouco tempo. Rejuvenescida. Cabelinhos curtos, roupas práticas e alegres.

– Agora que meus filhos estão criados, quero aproveitar!

Resultado: seus netos a adoram!

(CARRASCO, Walcyr. *Veja SP*, 6 jul. 2005.)

Considere os trechos:

"Observei-**a**."

"Encontrei-**a** há pouco tempo."

"– Agora que **meus** filhos estão criados (...)"

No texto de Walcyr Carrasco, os pronomes em destaque referem-se, respectivamente,

a) a uma senhora, a uma senhora cheia de vida, à mãe de um amigo.
b) à vestimenta de veludo, a uma senhora cheia de vida, ao narrador.
c) a uma senhora, à mãe de um amigo, à mãe de um amigo.
d) à vestimenta de veludo, à mãe de um amigo, ao narrador.
e) a uma senhora, à mãe de um amigo, a uma senhora cheia de vida.

56. (Fuvest-SP) Suponha que, por qualquer motivo, você não queira empregar possessivos. Indique os demonstrativos a que recorreria para designar:

a) sua própria mão;
b) a mão de seu interlocutor.

57. (FCC) "O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber..."

Qual palavra do texto a que se refere diretamente o pronome **este**?

58. (UFU-MG) Assinale o período em que o **lhe** não tem valor de possessivo.

a) "(...) quase sentia morder-lhe a pele o frio úmido da madrugada (...)"
b) "A franja comprida ameaçava entrar-lhe pelos olhos crispados."
c) "Foi de olhos baixos que lhe acendeu o cigarro."
d) "A voz de Margô pareceu-lhe anônima."
e) "Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio."

59. (Unirio-RJ) Assinale o item que completa convenientemente as lacunas do trecho a seguir:

"A maxila e os dentes denotavam a decrepitude do burrinho; ... , porém, estavam mais gastos que ... ".

a) esses / aquela
b) estes / aquela
c) estes / essa
d) aqueles / esta
e) estes / esses

60. (UEL-PR) No início de 2000, a imprensa fez uma série de acusações ao prefeito de São Paulo. Diante da divulgação de sua provável renúncia, o prefeito Celso Pitta declarou que continuaria no governo, o que foi objeto da seguinte manchete de jornal: "Pitta promete ficar no governo municipal até seu final". Sobre essa manchete, considere as seguintes afirmações:

I. A palavra **seu** só pode referir-se à palavra **governo**, por ser a mais próxima.
II. A frase, como está estruturada, pode significar que Pitta será prefeito até o fim de sua vida.
III. A frase, como está estruturada, pode significar que Pitta cumprirá integralmente seu mandato na prefeitura.

a) Apenas I é correta.
b) Apenas II e III são corretas.
c) Apenas II é correta.
d) Apenas I e II são corretas.
e) I, II e III são corretas.

61. (Fuvest-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."
Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

62. (Efoa-MG) Leia: "Toda ciência contém, em seus fundamentos, uma mitologia. Para muitos, **a mitologia** é coisa da fantasia, enquanto **a ciência** se constitui em fala de gente séria". Os pronomes que substituem, pela ordem, os termos destacados, sem que haja alteração de sentido, são:

a) esta – essa
b) aquela – esta
c) essa – aquela
d) esta – aquela
e) aquela – essa

63. (FCMSC-SP) "Por favor, passe ... caneta que está aí perto de você; ... aqui não serve para ... desenhar."

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

64. (Unisinos-RS) O período em que o pronome possessivo destacado está mal empregado é:

a) Dirijo-me a ele, a fim de solicitar **seu** apoio.
b) Dirijo-me a ti, a fim de solicitar o **teu** apoio.
c) Dirijo-me a vós, a fim de solicitar o **vosso** apoio.
d) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o **seu** apoio.
e) Dirijo-me a Vossa Senhoria, a fim de solicitar o **vosso** apoio.

65. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa as lacunas da seguinte frase: "Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência ... sobre cada um ...".

a) desse – daquele
b) daquele – destes
c) deste – daqueles
d) deste – desse
e) deste – desses

66. (Cesgranrio-RJ) "Brandura e grosseria alternam-se em seu comportamento: já não o suporto, pois ... é o traço dominante; ... , o esporádico."

a) esse – este
b) essa – esta
c) aquele – esse
d) esta – aquela
e) esta – essa

67. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa **corretamente** as lacunas da frase abaixo:
"Ciência e desenvolvimento tecnológico não se comportam como mercadorias: uma observação mais cuidadosa revela que tanto ... como ... são bens culturais".

a) este – aquela
b) essa – aquele
c) aquele – essa
d) esta – esse
e) esse – esta

68. (Enem) O uso do pronome átono no início das frases é destacado por um poeta e por um gramático nos textos a seguir.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

(ANDRADE, Oswald de. *Seleção de textos*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.)

"Iniciar a frase com pronome oblíquo átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens (...)."

(CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1980.)

Comparando a explicação dada pelos autores sobre essa regra pode-se afirmar que ambos:

a) condenam essa regra gramatical;
b) acreditam apenas que os esclarecidos sabem essa regra;
c) criticam a presença de regras na gramática;
d) afirmam que não há regras para uso de pronomes;
e) relativizam essa regra gramatical.

69. (UPM-SP) "No começo do século XX, o escritor paranaense Emílio de Meneses era o gênio das frases. Conta-se que certa vez, no Rio de Janeiro, viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro passageiros. O do escritor já estava lotado, quando ele viu, tentando com dificuldade acomodar-se a seu lado, uma conhecida cantora lírica, gorda como ele. Foi a deixa para mais um trocadilho: 'Ó, atriz atroz. Atrás, há três!'"

(Benício Medeiros)

"Viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro passageiros."

Um outro modo de relatar o fato acima, preservando o sentido original e respeitando a gramática normativa da língua, é:

a) Viajava num bonde que os bancos só acomodavam quatro passageiros.
b) Os bancos do bonde em que viajava só comportavam quatro passageiros.
c) Quatro passageiros cabiam só nos bancos do bonde onde ele viajava.
d) Viajava num bonde onde só cabiam bancos com quatro passageiros.
e) Os bancos do bonde que ele viajava só acomodavam quatro passageiros.

70. (UFC)

Canudos não se rendeu

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos

defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir, desmanchando-lhe as casas, 5200, cuidadosamente contadas.

(CUNHA, Euclides da. A luta. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 532.)

Transcreva do texto os termos aos quais se referem os elementos destacados nas frases a seguir.

a) "(...) quando caíram os **seus** últimos defensores (...)"
b) "(...) cerramo-**la** vacilante e sem brilhos."
c) "(...) desmanchando-**lhe** as casas (...)"

71. (UFC) Assinale a alternativa que apresenta corretamente os antecedentes dos relativos destacados no fragmento a seguir.

"Horrorizado da aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento de repulsão levei-a até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um rato **que** (1) me olhava esperto, e com ar **que** (2) me pareceu de zombaria.

Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei-o com a minha luneta; mas o tratante somente me deixou exposto durante minuto e meio, e fugiu-me, deixando-me ouvir certo ruído **que** (3) me pareceu verdadeira risada de rato."

a) um rato – ar – o rato
b) um rato – ar – certo ruído
c) um rato – ar – vivo desejo
d) uma aranha – esperto – vivo desejo
e) uma aranha – esperto – o rato

72. (Fuvest-SP) "Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para conhecer o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver."

(KLINK, Amyr. *Mar sem fim.*)

Na frase "(...) **que** nos faz professores e doutores do que não vimos (...)", o pronome destacado retoma a expressão antecedente:

a) "para lugares";
b) "o mundo";
c) "um homem";
d) "essa arrogância";
e) "como o imaginamos".

73. (FGV-SP) "Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível." Considere o emprego de **onde** no trecho.

a) Seu emprego mostra-se adequado, no contexto? Justifique sua resposta.
b) Reescreva o trecho, empregando outra forma que possa substituir adequadamente a palavra **onde,** nesse contexto.

74. (UFU-MG) Assinale a **única** alternativa em que os elementos em destaque **não** podem ser substituídos por **onde**.

a) "(...) quando estava quase a suceder um desastre na entrada, entre o carro de bois e a sege **em que** a senhora vinha, a senhora, em vez de ficar séria e pensar em Deus, enfiou a cabeça por entre as cortinas para fora, rindo (...)" (Machado de Assis)
b) "Mascarenhas fez-me notar à esquerda da capela o lugar **em que** estava sepultado o ex-ministro." (Machado de Assis)
c) "Lalau sentou-se. A cadeira **em que** se sentou era uma velha cadeira de espaldar de couro lavrado e pés em arco." (Machado de Assis)
d) "(...) falou-me também da piedade e saudade da viúva, da veneração **em que** tinha a memória dele, das relíquias que guardava, das alusões frequentes na conversação." (Machado de Assis)

75. (Unicamp-SP) Leia atentamente os textos a seguir.

a) "Estes são alguns dos equipamentos que a reserva de mercado não permitia a entrada no país sem a autorização do Depin." (*Folha de S.Paulo*, 18 out. 1992)
b) "Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal que todos gostamos e que é dever de nós brasileiros lutar pela conservação de sua isenção." (Adaptado de: Ewerton Almeida, vice-líder do PMDB da Bahia, Painel do Leitor, *Folha de S.Paulo*, 8 jun. 1993.)

Reescreva os trechos citados, introduzindo as sequências **cuja entrada** e **cuja isenção**, respectivamente. (Faça apenas as alterações necessárias, decorrentes da nova estrutura das frases.)

76. (Ufes) Frequentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente **onde** em lugar de **em que**. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego **adequado**.

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.
b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.
c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.
d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde**

a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.

e) A criança começa a frequentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

77. (UFC) No trecho "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)":

I – **algum** e **alguns** são pronomes indefinidos;

II – **alguns** é sujeito do verbo haver;

III – **algum** equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:

a) apenas I é verdadeira;
b) apenas II é verdadeira;
c) apenas I e II são verdadeiras;
d) apenas I e III são verdadeiras;
e) I, II e III são verdadeiras.

78. (FGV-SP) O emprego e a colocação do pronome estão de acordo com a norma culta na alternativa:

a) Trata-se, evidentemente, de material muito simples, mas muitos dos que são alfabetizados não conseguem lê-lo, nem compreendê-lo.
b) Pensemos na desobediência, na heresia e nas seitas e em como o conhecimento lhes introduziu no mundo.
c) Lembre-se das rodas dentadas da pobreza, da ignorância, da falta de esperança e da baixa autoestima e de como usam-as para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo.
d) Temos dilemas que nos perseguem e inteligências brilhantes, que poderiam ajudar a solucionar eles rapidamente.
e) Existe a ideia de que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos; os tiranos e os autocratas sempre compreenderam-na.

79. (UFF-RJ) Leia:

"Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer **nela** aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa."

(MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*.)

O termo destacado (contração da preposição **em** com o pronome reto **ela**) retoma um outro de mesma função sintática. Identifique-o:

a) certidão
b) mocidade
c) mim
d) lacuna
e) pintura

80. (Fuvest-SP) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo que adquira sentido negativo:

"Algum amigo me ajudará."

81. (UFS) "Os projetos que ... estão em ordem; ... ainda hoje, conforme ... ."

a) enviaram-me, devolvê-los-ei, lhes prometi
b) enviaram-me, os devolverei, lhes prometi
c) enviaram-me, os devolverei, prometi-lhes
d) me enviaram, os devolverei, prometi-lhes
e) me enviaram, devolvê-los-ei, lhes prometi

82. (ITA-SP) Assinale a opção em que a palavra **onde** está corretamente empregada:

a) Após o comício, houve briga onde estavam envolvidos estudantes de duas escolas diferentes.
b) Os músicos criaram um clima de alegria onde o anfitrião foi responsabilizado.
c) Foi importante a reforma do estatuto da escola, de onde resultou melhoria de ensino.
d) Viver em um país onde saúde e educação são valorizadas é um direito de qualquer cidadão.
e) Na reunião de segunda-feira, várias decisões foram tomadas pelos sócios da empresa, onde também foi decidido o reajuste das tarifas.

83. (Faap-SP) Examinando a estrofe de Zé Kety, analise o tipo de pronome predominante.

"Uns com tanto
Outros tantos com algum
Mas a maioria
Sem nenhum."

a) pronome pessoal de tratamento
b) pronome do caso oblíquo
c) pronome indefinido
d) pronome demonstrativo
e) n.d.a.

84. (UEL-PR) "Apesar de abominar, por exemplo, a violência e a corrupção, acho-**as** consequência de nossos atos, pelos **quais** somos, em medidas diversas, responsáveis." (João Ubaldo Ribeiro)

As palavras em destaque referem-se respectivamente a:

a) a violência e a corrupção – nossos atos
b) a corrupção – nossos atos
c) a violência e a corrupção – responsáveis
d) a violência – responsáveis
e) medidas diversas – nossos atos

85. (Faap-SP) Fazendo as alterações necessárias, encaixe a frase **b** na frase **a**, usando para isso um dos seguintes pronomes relativos: **que, quem, o qual, cujo, onde.**

a) Os candidatos à carreira diplomática apresentaram-se impecáveis no coquetel do embaixador.
b) Entre eles estava o seu noivo.

86. (Faap-SP) Como na questão anterior.

a) As tropas da Otan estavam confiantes.
b) Suas manobras vinham sendo preparadas por grandes estrategistas.

87. (Cefet-PR) Faça conforme o modelo:

Não li o livro. O resumo do livro foi pedido pelo professor.
= Não li o livro cujo resumo foi pedido pelo professor.

Conheci o poeta mineiro. Seus poemas foram publicados na edição de ontem do *Jornal do Brasil*.

88. (Fuvest-SP) Na frase seguinte, o indefinido **alguma** tem valor positivo: "Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade".

Construa uma frase em que **alguma** tenha valor negativo, correspondendo a **nenhuma**.

89. (Fuvest-SP) Dê o significado de **todo** em:

a) Ai! Por que todo ser nasce chorando?
b) Chegou com o rosto todo machucado.

90. (Fuvest-SP) Na frase: "Volte **outro** dia", a forma destacada é um pronome indefinido. Escreva uma frase empregando essa mesma forma como qualificativo.

Texto para as questões 91 e 92.

"– Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?

– Esquece.

– Não. Como 'esquece'? Você prefere falar errado? E o certo é 'esquece' ou 'esqueça'? Ilumineme.

Mo diga. Ensines-lo-me, vamos.

– Depende.

– Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-melo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o.

– Está bem. Está bem. Desculpe. Fale como quiser."

(VERISSIMO, Luis Fernando. *Jornal do Brasil*, 30 dez. 1994.)

91. (Fuvest-SP) O texto tem por finalidade:

a) satirizar a preocupação com o uso do pronome e a colocação das formas pronominais átonas.
b) ilustrar ludicamente várias possibilidades de combinação de formas pronominais.
c) esclarecer pelo exemplo certos fatos da concordância de pessoa gramatical.
d) exemplificar a diversidade de tratamentos que é comum na fala corrente.
e) valorizar a criatividade na aplicação das regras de uso nas formas pronominais.

92. (Fuvest-SP) "**Ensinar-me-lo-ias**, se **o soubesses**, mas não **sabes-o**."

A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas destacadas:

a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes.
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo.
c) Ensinarias-mo – soubesses-o – o sabes.
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo.
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

93. (Fuvest-SP) Na frase "**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal", o termo **todo** é empregado com significados diferentes.

a) Indique o sentido presente em cada uma das expressões.
b) Justifique sua resposta.

94. (UFC) Substitua os termos destacados por um pronome oblíquo enclítico.

A. Nunca mais há de ver **as terras**.
B. Deixaram **o homem** sonhar com suas estrelas.
C. Acompanhamos **sua agonia** até o fim.
D. Há muito aspirava **o ar da montanha**.

a) vê-las, deixaram-no, acompanhamo-la, aspirava-o
b) vê-las, deixaram-lhe, acompanhamos-lhes, aspirava-o
c) ver-lhes, deixaram-no, acompanhamos-la, aspirava-lhe
d) vê-lhes, deixaram-lhe, acompanhamoslhe, aspirava a ele

95. (UEPG-PR) "**Toda** pessoa deve responder pelos compromissos assumidos." A palavra destacada é:

a) pronome adjetivo indefinido;
b) pronome substantivo indefinido;
c) pronome adjetivo demonstrativo;
d) pronome substantivo demonstrativo;
e) nenhuma das alternativas acima é correta.

96. (UPM-SP) "O antigo conceito de preservação ambiental, **baseado na intocabilidade dos recursos naturais**, há algum tempo foi superado e substituído por outro." Reescrevendo-se o fragmento destacado, obtém-se corretamente:

a) cuja a base é a intocabilidade dos recursos naturais.
b) cuja base é a intocabilidade dos recursos naturais.
c) onde a base é a intocabilidade dos recursos naturais.
d) que a base dela é a intocabilidade dos recursos naturais.
e) que a base é a intocabilidade dos recursos naturais.

97. (Uniube-MG) Assinale o item em que **não** aparece pronome relativo.

a) O que queres não está aqui.
b) Temos que estudar mais.
c) A estrada por que passei é estreita.
d) A prova que faço não é difícil.
e) A festa a que assisti foi ótima.

98. (Fuvest-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado **corretamente**.

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa cuja casa custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar o meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

CAPÍTULO 10

Verbo

1. (Fuvest-SP)

Leia o seguinte texto:

Um músico ambulante toca sua sanfoninha no viaduto do Chá, em São Paulo.

Chega o "rapa" e o interrompe:*

– Você tem licença?

– Não, senhor.

– Então me acompanhe.

– Sim, senhor. E que música o senhor vai cantar?

*rapa: carro de prefeitura municipal que conduz fiscais e policiais para apreender mercadorias de vendedores ambulantes não licenciados. Por extensão, o fiscal ou o policial do rapa.

Para o efeito de humor dessa anedota, contribui, de maneira decisiva, um dos verbos do texto. De que verbo se trata? Justifique sua resposta.

2. (CPS) Considere as afirmações sobre a tirinha em que Hagar está no consultório de seu médico, o doutor Zook.

(BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível* – v. 4 Porto Alegre: L&PM, 2008. Adaptado)

I. As formas verbais **diga** e **seja**, empregadas pelo doutor Zook, pertencem ao modo subjuntivo, pois expressam uma solicitação.
II. Ao dizer para Hagar ser **breve** e **objetivo**, o médico deseja que ele seja sucinto.
III. Pelas reflexões de Hagar, conclui-se que, às quartas de manhã, o doutor Zook pratica golfe, por isso esse horário é inapropriado para consultas.

É correto o que se afirma em

a) I, apenas. b) III, apenas. c) I e II, apenas. d) II e III, apenas. e) I, II e III.

3. (Unicamp-SP) Calvin é personagem de uma conhecida tirinha americana traduzida para várias línguas.

Explique a diferença de sentido entre os verbos ***ter*** e ***haver*** em "Tem que haver um jeito melhor de fazer ele comer!", na segunda tirinha.

4. (ESPM-SP)

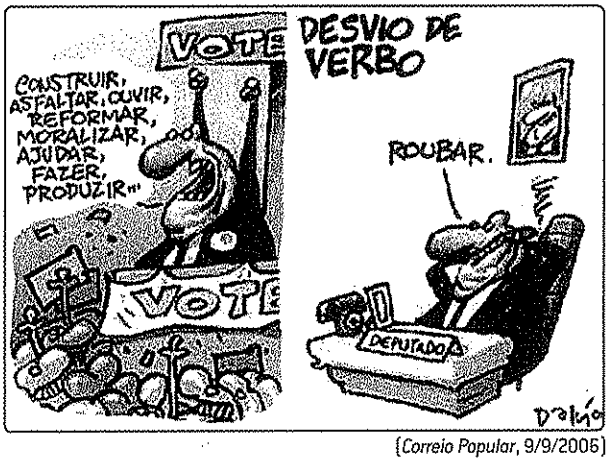

(*Correio Popular*, 9/9/2006)

Observando ainda a relação entre forma e conteúdo da charge, é possível depreender-se que não há comprometimento do político representado com sua plataforma eleitoral. Isso pode ser evidenciado pelo seguinte recurso linguístico:

a) A enumeração de ações sem complemento verbal denunciando sua não realização.
b) O uso das reticências sugerindo a falta de objetivo das promessas do candidato.
c) O imperativo, típico da função apelativa, apontando para uma coerção eleitoral.
d) O infinitivo impessoal ressaltando a ausência de um sujeito responsável pela ação.
e) A sugestão gradativa e crescente dos verbos, culminando na forma "roubar".

5. (CPS) Assinale a alternativa cujos verbos completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

Ontem, um dos capitães dos times de basquete não _____ comparecer à reunião, por isso decidimos adiá-la para o próximo domingo.

_____ na sede do clube, às 10 horas e, quem se _____ a chegar mais cedo, poderá assistir a uma palestra sobre as regras do rúgbi.

a) pôde ... Estejem ... dispor
b) pôde ... Estejem ... dispuser
c) pôde ... Estejam .. dispuser
d) pode ... Estejam ... dispor
e) pode ... Estejem ... dispuser

6. (ETEC) Os **verbos de elocução** são aqueles que introduzem as falas das personagens, como aparece em: *Por isso eu **digo**: devemos amar os animais e não maltratá-los de jeito nenhum.*

Sabendo disso, assinale a alternativa em que os verbos de elocução completam, correta e respectivamente, as situações apresentadas.

- O técnico, nervoso e descontrolado, _____ para o time:
  – Joguem com mais garra, seus preguiçosos!
- Para não perturbar o bebê que dormia, a mãe _____ à filha maior:
  – Vamos sair do quarto sem fazer barulho...
- Desesperado pelo medo de perder o emprego, o rapaz _____ ao chefe:
  – Por favor, reconsidere sua decisão.

a) vociferou – sussurrou – implorou
b) vociferou – sussurrou – interrogou
c) ponderou – explicou – interrogou
d) ponderou – respondeu – inquiriu
e) inquiriu – respondeu – implorou

7. (ESPM-SP)

Frequentemente nos deparamos com frases como "quando eu ***rever*** a matéria, entenderei melhor o assunto" (em vez de "revir"), "se você ***decompor*** essa equação, chegará ao resultado esperado" (em vez de "decompuser").

Linguisticamente ocorrências dessa natureza podem ser explicadas:

a) pelo baixo nível de ensino no país e pela dificuldade de seus falantes em relação à Língua Portuguesa.
b) pela dificuldade que estudantes brasileiros possuem para ter acesso a ensino de qualidade.
c) pela falta do devido conhecimento das regras de conjugação de verbos, principalmente do futuro do subjuntivo.
d) pela normal confusão que se faz entre o futuro do subjuntivo e o presente do indicativo.
e) pela semelhança nos verbos regulares entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo flexionado, fato que não ocorre em muitos verbos irregulares.

8. (ESPM-SP)

A ex-secretária da Receita Federal Lina Vieira **reafirmou** à CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado, nesta terça-feira (18), que teve um encontro particular com a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) e que a ministra pediu para que a fiscalização feita em empresas da família Sarney fosse acelerada. Questionada se a solicitação **teria sido interpretada** pela ex-secretária como uma forma de "deixar pra lá" a fiscalização, Lina negou.

(www.uol.com.br, 18 ago. 2009.)

As formas verbais em negrito indicam respectivamente:

a) Uma ação única e concluída no passado e outra cujo autor não quis responsabilizar-se pela informação do enunciado.
b) Uma ação durativa no passado e outra cujo autor quis situar o fato no futuro em relação a um momento passado.
c) Uma ação anterior a um outro fato no passado e outra cujo emissor não quis comprometer-se com a informação.
d) Uma ação hipotética e outra cujo emissor não assume a responsabilidade por provável falta de comprovação.
e) Uma ação única e acabada no passado e outra cujo autor quis apenas situar o fato no futuro em relação a um momento passado.

9. (Unifei-MG) Assinale a alternativa em que o verbo "ir" é empregado na formação de uma locução verbal.

a) "Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso." (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*)
b) "Meu pai montava a cavalo, ia para o campo." (Infância)
c) "Vai, Carlos! ser *gauche* na vida." (Poema de sete faces)
d) "No entanto, você sabe, você lê os jornais, vai ao cinema." (Prece do brasileiro)

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que os verbos **prever**, **intervir**, **propor** e **manter** estão corretamente conjugados.

a) Previu / interviu / propuser / mantesse.
b) Prevesse / intervisse / proposse / mantesse.
c) Previu / interveio / propusesse / mantera.
d) Preveu / intervim / propuser / mantivesse.
e) Previsse / intervier / propusesse / mantinha.

11. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa cujos verbos preenchem, correta e respectivamente, as frases a seguir.

Se o motor do veículo _____ a temperatura alta, leve-o à oficina mecânica.

Quando você _____ o motorista, informe-lhe os novos endereços do Tribunal de Justiça.

a) manter ... ver
b) manter ... vir
c) manter ... viu
d) mantiver ... ver
e) mantiver ... vir

12. (FGV-SP) *Dai-nos a Graça Divina.*

Assinale a alternativa em que se fez corretamente a passagem do verso acima para a forma negativa.

a) Não nos deis a Graça Divina
b) Não nos dês a Graça Divina
c) Não nos dai a Graça Divina
d) Não nos dê a Graça Divina
e) Não nos dais a Graça Divina

13. (Cesgranrio-RJ) Complete a sentença com a forma verbal correta. *O governo pede que a população...*

a) economiza água todos os dias.
b) esteje atenta ao desperdício.

c) propõe modos de poupar água.
d) não despeje dejetos em rios.
e) não consome água em excesso.

14. (Cesgranrio-RJ) "Isso não quer dizer que seus funcionários **sejam** preguiçosos."
Assinale a opção em que o verbo está flexionado no mesmo tempo e modo que o destacado na passagem acima.
a) **Estejam** atentos na hora da reunião.
b) Os ventos **sopram** em direção ao mar.
c) Gostaria de que ele **fosse** mais educado.
d) Se **reouver** os documentos perdidos, ficarei aliviado.
e) Espero que você **cumpra** o horário do trabalho.

15. (ESPP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas:
I. O tribunal _____ na decisão do juiz.
II. A vítima _____ seus bens.
a) interveio – reouve
b) interveio – reaveu
c) interviu – reouve
d) interviu – reaveu

16. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa em que a flexão verbal está corretamente empregada, de acordo com a norma culta.
a) Quando muitas entidades filantrópicas transporem a barreira da falta de doações, a ajuda chegará mais rapidamente.
b) O Governo interviu na administração daquela instituição.
c) Se as empresas socialmente responsáveis manterem seus programas de ajuda, aquelas famílias ficarão assistidas.
d) Quando você vir uma pessoa necessitada de ajuda, não lhe negue o pedido.
e) Muitas famílias carentes se precavêm em tempo: antes de a enchente chegar.

17. (Vunesp-SP) Na frase – *O Diário Oficial* **sofreu** três reformas, inclusive a que o **transformou** em *Jornal do Estado.* – passando os verbos destacados para o tempo futuro, tem-se:
a) sofre e transformaria.
b) sofrerá e transforma.
c) sofrera e transformara.
d) sofre e transformará.
e) sofrerá e transformará.

18. (Enem) "Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo." (LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.)

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como "camaronando", "caranguejando" e "pequeninando e não mordendo" criam, principalmente, efeitos de
a) esvaziamento de sentido;
b) monotonia do ambiente;
c) estaticidade dos animais;
d) interrupção dos movimentos;
e) dinamicidade do cenário.

19. (UFPI)

O medo social

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. (*Veja*)

Na forma verbal **reconhece**:
a) a vogal temática **e** aparece em todas as pessoas gramaticais;
b) a desinência número-pessoal da primeira pessoa do singular é idêntica à terceira;
c) a desinência número-pessoal da segunda pessoa do plural é **s**;
d) a vogal temática e a desinência modo-temporal são ausentes em todas as pessoas gramaticais;
e) a desinência modo-temporal é ausente em todas as pessoas gramaticais.

20. (UFSCar-SP) Leia o texto seguinte:
"Desculpe-nos pela demora em responder a sua reclamação sobre a sua TV de plasma. Precisávamos ter a certeza de que a nossa matriz aqui no Brasil estaria nos enviando a referida peça. Na próxima semana, estaremos fazendo uma revisão geral no aparelho e vamos estar enviando ele para o senhor. Atenciosamente..." (Texto do *e-mail* de uma empresa, justificando o atraso em consertar um aparelho eletrônico.)

Observa-se, nesse texto, um problema de estilo comum nas correspondências comerciais e nas comunicações de *telemarketing* e também um desvio da norma padrão do português do Brasil.
a) Identifique o problema de estilo e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.
b) Identifique o desvio e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

Leia o seguinte excerto do discurso de posse de Luiz Inácio Lula da Silva, no Congresso Nacional (*Veja*, 8 jan. 2003), e responda às questões **21** e **22**:

"Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de supremo mandatário da nação, vejo e sei, com toda clareza e com toda convicção, que nós podemos muito mais."

21. (UFMS) Ao usar a 3.ª pessoa (ele) em lugar da 1.ª (eu), em grande parte do trecho citado, Lula cria um efeito de sentido de:
a) desprezo por sua origem humilde e por sua luta pela sobrevivência;
b) sintonia com os deputados e senadores presentes à posse;
c) distanciamento e objetividade na avaliação do vivido;

d) transbordamento emocional, diante de um sonho longamente acalentado;
e) subjetividade e aproximação dos anseios manifestados pela população.

22. Leia as afirmações abaixo:

I. Ao usar a 1.ª pessoa do plural, no final do texto, Lula inclui seus interlocutores na capacidade de vencer os obstáculos que a vida impõe.
II. O imperativo afirmativo (**vejo** e **sei**), somado às expressões "com toda clareza" e "com toda convicção", contribui para reafirmar o tom otimista do texto.
III. O emprego do pretérito imperfeito (**vendia**) e do pretérito perfeito (**se tornou, fundou, acreditou, assumiu**) contrapõe uma ação durativa a ações pontuais.
IV. Quanto ao tipo textual, o trecho reproduzido mescla narração e argumentação.

De acordo com o texto, está correto o que se afirma:

a) nas alternativas I, II e III;
b) apenas na alternativa II;
c) nas alternativas I, III e IV;
d) nas alternativas III e IV;
e) nas alternativas II e III.

23. (Fuvest-SP) Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

24. (Fuvest-SP) Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.
b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.
c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.
d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.
e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

25. (UFRJ)

Texto

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

(CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.)

Ao longo do texto, utilizam-se dois tempos verbais. Identifique-os e justifique o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

26. (UFC)

01. Padre Anselmo olhou com tristeza as mulheres ajoelhadas à sua frente. Ia começar a missa e
02. sentia-se extremamente cansado. Onde aquela piedade com que celebrava nos seus tempos de jovem
03. sacerdote, preocupado com a salvação das almas? As coisas haviam mudado. Discutiam-se os novos
04. ritos, as novas fórmulas. (...) Sentia-se tímido, vencido, olhando para os fiéis, pronunciando palavras
05. na língua que falava em casa, na rua. A mesma língua dos bêbedos, dos vagabundos, das meretrizes.
06. De todos. Benzeu-se instintivamente:
07. – Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.

(BEZERRA, João Clímaco. *A vinha dos esquecidos*. Fortaleza: UFC, 2005. p. 32-3.)

Considere as afirmativas sobre o emprego dos verbos do texto e, em seguida, assinale a alternativa correta.

I. **sentia-se** (linha 02) indica anterioridade em relação a **ia começar** (linha 01).
II. **celebrava** (linha 02) indica posterioridade em relação a **sentia-se** (linha 02).
III. **haviam mudado** (linha 03) indica simultaneidade em relação a **ia começar** (linha 01).

a) Apenas I é verdadeira.
b) Apenas II é verdadeira.
c) Apenas III é verdadeira.
d) Apenas I e II são verdadeiras.
e) Apenas I e III são verdadeiras.

27. (UFPR) Em que alternativa a forma passiva apresentada em 2 conserva as mesmas relações de sentido da forma ativa apresentada em 1?

a) 1 – O diretor custou a demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude custou a ser demitido pelo diretor.
b) 1 – O diretor pretende demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude pretende ser demitido pelo diretor.
c) 1 – O diretor gostaria de demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude gostaria de ser demitido pelo diretor.
d) 1 – O diretor tentou demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude tentou ser demitido pelo diretor.
e) 1 – O diretor quer demitir o funcionário suspeito de fraude.
2 – O funcionário suspeito de fraude quer ser demitido pelo diretor.

28. (ESPM-SP) Em meio a um dos depoimentos nas Comissões Parlamentares de Inquérito em Brasília, o então ministro e deputado federal José Dirceu, ante as acusações, soltou um "eu repilo", forma verbal da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **repelir**. Dos verbos abaixo, pertencentes ao grupo do verbo **repelir**, um apresenta conjugação **errônea**. Assinale-a:

a) **cerzir:** eu cerzo meu paletó.
b) **aderir:** eu adiro às suas ideias.
c) **competir:** eu compito com você nessa carreira.
d) **despir:** eu dispo a roupa rapidamente.
e) **discernir:** eu discirno um fato do outro.

29. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** na forma verbal.

a) O grande líder reouve a tempo o prestígio abalado.
b) Bem que ele se precaviu, mas o colega foi mais esperto.
c) Abstende-vos de julgar o próximo.
d) Eles se têm desavindo frequentemente.
e) São os filhos que proveem as necessidades da casa.

30. (UFF-RJ) "**Tenho passado** a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo – uma estrela no céu, algumas mulheres na terra..." (RAMOS, Graciliano. *Caetés*.)

O emprego da forma verbal destacada acima indica, de modo particular:

a) a repetição da ação até o presente;
b) a ocorrência da ação em um passado distante;
c) a necessidade de que a ação ocorra no presente;
d) a atenuação de uma afirmativa sobre determinada ação;
e) a informação de que a ação teve início e fim no passado.

31. (ITA-SP) Leia o texto abaixo e assinale a alternativa correta:

"Sonolento leitor, o jogo do Brasil já aconteceu. Como estou escrevendo ontem, não faço ideia do que ocorreu. Porém, tentei adivinhar a atuação dos jogadores. Cabe ao leitor avaliar minha avaliação e dar-me a nota final."

(TORERO, José Roberto. *Folha de S.Paulo*, 13 jun. 2002, A-1.)

Com o uso do advérbio em "Como estou escrevendo **ontem**...", o autor:

a) marcou que a leitura do texto acontece simultaneamente ao processo de produção do texto;
b) adequou esse elemento à forma verbal composta de auxiliar + gerúndio, para guiar a interpretação do leitor;
c) não observou a regra gramatical que impede o uso do verbo no presente com aspecto durativo juntamente com um marcador de passado;
d) sinalizou explicitamente que a produção e a leitura do texto acontecem em momentos distintos;
e) lançou mão de um recurso que, embora gramaticalmente incorreto, coloca o leitor e o produtor do texto em momentos distintos: passado e presente, respectivamente.

32. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

33. (UFJF-MG) "Terapia ocupacional – É curioso imaginar como seria a implantação do projeto de lei n.º 1676. Primeira questão: quem elaboraria o 'índex' das palavras proibidas? Em seu projeto, Aldo Rebelo sugere que seja a Academia Brasileira de Letras. Sempre que um termo estrangeiro fosse posto em circulação, a ABL teria noventa dias para encontrar um equivalente em português. Seria uma ótima terapia ocupacional para os velhinhos, (...)"

No fragmento acima, temos o uso frequente do **futuro do pretérito**. Justifique essa escolha para o efeito de sentido desejado pelo autor.

34. (ESPM-SP) Leia o trecho:

"Toda a gente dormia com a mulher do Jaqueira. Era só empurrar a porta. Se a mulher não abria logo, Jaqueira ia abrir, bocejando e ameaçando:

– Um dia eu **mato** um peste. Matou. Escondeu-se por detrás de um pau e descarregou a lazarina bem no coração de um freguês." (RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*.)

A forma verbal grifada:

a) está no pretérito, indicando uma ação durativa ou repetitiva que começa num passado mais ou menos distante e perdura ainda no momento em que se fala;
b) está no futuro do pretérito, indicando uma ação hipotética;
c) está no presente, indicando que a ação se dará num tempo futuro;
d) está no futuro, indicando que a ação se dará num tempo presente;
e) está no presente, indicando uma ação momentânea ou pontual.

35. (FGV-SP) "Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia." (Texto de anúncio publicitário, editado.)

Há quebra da uniformidade de tratamento no emprego das formas verbais **quer** e **vem**.

a) Em qual pessoa verbal essas formas estão conjugadas?
b) Reescreva o trecho "Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios" compatibilizando o tratamento com a sequência do texto.

36. (Fuvest-SP)

Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:

As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

a) Reescreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo "Décadas atrás" por "Ainda hoje" e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.
b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de **novinhas em folha** e de **resplandecentes** no comentário feito pelo autor do texto?

37. (UFPR) Entre as afirmações a seguir, extraídas de notícia de jornal, são apresentadas como **fatos**, e não como **hipóteses** ou **opiniões**, as alternativas:

01. Cinto de segurança pode ter falhado em 25 acidentes.
02. A ação das madeireiras da Amazônia está fora de controle, segundo algumas pessoas.
04. Palestinos e israelenses não conseguiram chegar a um acordo para pôr fim à onda de violência que já provocou mais de 100 mortes nos últimos 20 dias.
08. O ex-presidente iugoslavo e seus aliados seriam criminosos que possuem mais de US$ 100 milhões em fundos de investimentos internacionais.
16. Equipes médicas chegam a Uganda para tentar conter a epidemia de febre hemorrágica ebola.
32. Seja qual for o próximo presidente americano, é provável que a população cubana saia perdedora das eleições.

38. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?

a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

39. (PUC-SP) Uma das alternativas abaixo está errada quanto à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é essa alternativa.

a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

40. (ESPM-SP) Assinale o item em que o verbo no presente do indicativo expresse um processo frequentativo:

a) Ronaldinho pega a bola no meio de campo, avança, dribla o zagueiro, chuta no canto e... é goooo!!
b) Ana, onde você estuda? Você trabalha?
c) Hitler toma posse no cargo de chanceler e, a partir daí, começa a ditadura nazista na Alemanha.
d) Por um ponto passam infinitas retas.
e) Deposito o dinheiro na sua conta hoje à noite.

41. (Fuvest-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.

a) A redação de um documento **exige** que a pessoa **conheça** uma fraseologia complexa e arcaizante.
b) Para alguns professores, o ensino da Língua Portuguesa **será** sempre melhor se **houver** domínio das regras de sintaxe.
c) O ensino de português **tornou-se** mais dinâmico depois que textos de autores modernos **foram introduzidos** no currículo.
d) O ensino de português já **sofrera** profundas modificações, quando se **organizou** um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
e) Não **fora** a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos **teremos** liberdade de expressão.

42. (Aman-RJ) Há uma frase com incorreção na flexão verbal. Assinale-a.

a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.
b) Convém que vades ver vosso pai doente.
c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.
d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.
e) Todas as frases acima estão corretas.

43. (FGV-SP) "O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição 'Arte e Sensibilidade', no Museu Brasileiro da Escultura (Mube) de suas obras que acabam de chegar no país.

Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que elege é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador.

Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeam e lhes dá vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos.

Exposição: de 3 de agosto a 2 de setembro, das 10 às 19h."

A conjugação do verbo **rodear** está correta no texto? Justifique sua resposta.

44. (Ibmec) "E, por isso, os espectadores se tornam cada vez mais preguiçosos, mais alérgicos a um entretenimento que requeira esforço intelectual."

Sobre o verbo **requerer** é correto afirmar que:

a) segue o modelo do verbo querer; é irregular; pretérito imperfeito do subjuntivo é requisesse;
b) não segue o modelo do verbo querer; a 3.ª pessoa do singular no pretérito mais-que-perfeito do indicativo é requerera;
c) segue o modelo do verbo querer; a 3.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo é requeira;
d) não segue o modelo do verbo querer; é regular em todos os tempos, a 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo é requereu;
e) não segue o modelo do verbo querer; mas é irregular nos tempos do subjuntivo.

45. (ITA-SP) Considere o uso do particípio nas frases abaixo:

I. Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase (...).
II. Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor.
III. Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses (...).

Considere ainda a seguinte regra gramatical: "(...) a oração de particípio tem sujeito diferente do sujeito da oração principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade".

(CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 484.)

Esta regra se aplica:

a) apenas a I;
b) a I e II;
c) a I e III;
d) apenas a II;
e) a II e III.

46. (ESPM-SP) Na frase: "Qualquer dia desses, **passo** na sua casa, Jacinto.", a forma verbal destacada:

a) está no presente, indicando uma ação momentânea ou pontual;
b) está no pretérito, indicando uma ação durativa ou repetitiva que começa num passado mais ou menos distante e perdura ainda no momento em que se fala;
c) está no presente, indicando uma verdade universal;
d) está no presente, indicando que a ação se dará num tempo futuro.

47. (PUC-SP)

Essas meninas

As alegres meninas que passam na rua, com suas pastas escolares, às vezes com seus namorados. As alegres meninas que estão sempre rindo, comentando o besouro que entrou na classe e pousou no vestido da professora; essas meninas; essas coisas sem importância.

O uniforme as despersonaliza, mas o riso de cada uma as diferencia. Riem alto, riem musical, riem desafinado, riem sem motivo; riem.

Hoje de manhã estavam sérias, era como se nunca mais voltassem a rir e falar coisas sem importância.

Faltava uma delas. O jornal dera notícia do crime. O corpo da menina encontrado naquelas condições, em lugar ermo. A selvageria de um tempo que não deixa mais rir.

As alegres meninas, agora sérias, tornaram-se adultas de uma hora para outra; essas mulheres.

(ANDRADE, C. Drummond de. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. p. 76.)

Sobre o texto, podemos afirmar que o autor utiliza as formas verbais: passam, estão rindo, despersonaliza, diferencia e riem como recurso linguístico, denotando uma declaração que:

a) se verifica ou se prolonga até o momento em que se fala;
b) acontece habitualmente, em qualquer tempo (o "passado contínuo");
c) representa uma verdade universal (o "presente eterno");
d) repete um fato consumado;
e) exprime incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta.

48. (FGV-SP) Examine o termo destacado nos períodos abaixo.

O frasco maior **contém** mais líquido, é evidente.

O relato da testemunha não **condiz** com os fatos apontados pelos peritos.

Ele não **intervirá** na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

49. (Ufac) Considere as oposições entre os seguintes pares:

I. brigar andando × andar brigando
II. sorrir correndo × correr sorrindo
III. trabalhar fumando × fumar trabalhando
IV. dormir roncando × roncar dormindo
V. escrever chorando × chorar escrevendo

Embora pareça pequena, a diferença de sentido entre os pares existe. Em um deles, porém, esta diferença será bem mais acentuada, se um dos verbos for considerado auxiliar do outro. Em que par existe esta possibilidade?

a) par I
b) par II
c) par III
d) par IV
e) par V

50. (PUC-RJ) Reescreva o período abaixo colocando o verbo considerar na voz ativa:

Cinco séculos depois, no dia 12 de outubro de 1989, em uma corte de justiça dos Estados Unidos, um índio mixteco foi considerado "retardado mental" porque não falava corretamente a língua castelhana.

51. (UEPG-PR) Há perfeita correlação entre voz ativa e passiva em:

01) Eu poderia ter contado a história – A história poderia ter sido contada.
02) Eu poderia contar a história – A história poderia ser contada.
04) Eu contaria a história – A história teria sido contada.
08) Eu poderei ter contado a história – A história poderá ter sido contada.
16) Eu poderei contar a história – A história poderá ser contada.

Texto para as questões 52 e 53

Senhor feudal
Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia.

(Oswald de Andrade)

52. (Unifesp) De acordo com a norma padrão, o último verso assumiria a seguinte forma:

a) Eu boto-lhe na cadeia.
b) Boto-no na cadeia.
c) Eu o boto na cadeia.
d) Eu lhe boto na cadeia.
e) Lhe boto na cadeia.

53. (Unifesp) A correlação entre os tempos verbais está correta em:

a) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu botaria ele na cadeia.
b) Se Pedro Segundo vem aqui com história eu botava ele na cadeia.
c) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu boto ele na cadeia.

d) Se Pedro Segundo vinha aqui com história eu botara ele na cadeia.
e) Se Pedro Segundo vier aqui com história eu terei botado ele na cadeia.

54. (UFV-MG) Quase todos os verbos derivados conjugam-se por seus primitivos. Assim, "expor" e "obter", por exemplo, conjugam-se pelos verbos "pôr" e "ter", respectivamente. Assinale a alternativa em que há **erro** na conjugação do verbo derivado em destaque:
a) Devemos agir com rigor sempre que **prevermos** a má intenção do palestrante.
b) Não aceitarei as críticas, provenham elas de onde **provierem**.
c) O diplomata brasileiro **interveio** na palestra do economista americano.
d) Creio que os brasileiros já **reouveram** o tempo perdido.
e) Se o palestrante **mantivesse** a necessária prudência, não ouviria os protestos que ouviu.

55. (ITA-SP) Os versos abaixo são da letra da música *Cobra*, de Rita Lee e Roberto de Carvalho.
"Não me cobre ser existente
Cobra de mim que sou serpente"

Com relação ao emprego do imperativo nos versos, podemos afirmar que:
a) a oposição imperativo negativo e imperativo afirmativo justifica a mudança do verbo "cobre" / "cobra".
b) a diferença de formas ("cobre" / "cobra") não é registrada nas gramáticas normativas, porque há inadequação na flexão do segundo verbo ("cobra").
c) a diferença de forma ("cobre" / "cobra") deve-se ao deslocamento da 3.ª pessoa para a 2.ª pessoa do sujeito verbal.
d) o sujeito verbal (3.ª pessoa) mantém-se o mesmo, portanto o emprego está adequado.
e) o primeiro verbo no imperativo negativo opõe-se ao segundo que se encontra no presente do indicativo.

56. (UFRS) Substituir a expressão destacada por um verbo.
a) Este texto é **proveniente** de um programa teatral.
b) **Somos inclinados** a crer que ele diz a verdade.

57. (Unicamp-SP) Lendo a notícia abaixo, você poderá observar que, além de constar da manchete, o verbo **cobrar** ocorre duas vezes no texto.

Defensor cobra investigações no DSP

O defensor público E. C. K. da 9.ª Vara Criminal levou ao juiz das execuções penais petição cobrando investigação sobre as denúncias de corrupção envolvendo agentes penitenciários. Um grupo de presos da Delegacia Especializada de Roubos e Furtos denunciou que agentes do Departamento do Sistema Penitenciário estariam cobrando CR$ 5 000,00 por uma vaga nos presídios da Capital. O diretor do DSP, P. Vinholi, disse que ainda não está apurando as denúncias porque considera "impossível ocorrer tal tipo de transação".

(*Diário da Serra*, Campo Grande, 26 e 27 set. 1993.)

a) Transcreva os dois trechos em que ocorre aquele verbo, na mesma ordem.
b) Reescreva as duas sentenças usando sinônimos de **cobrar**.

58. (Unicamp-SP) As gramáticas costumam definir os tempos verbais de forma simplificada. C. Cunha e L. Cintra, por exemplo, em sua *Nova gramática do português contemporâneo*, dizem que o futuro designa um fato ocorrido após o momento em que se fala. Observe como Bastos Tigre joga com essa noção de futuro para dar uma interpretação engraçada do sétimo mandamento.
"Não furtarás – prega o Decálogo e cada homem deixa para amanhã a observância do sétimo mandamento." (Citado por Mendes Fradique em sua *Grammatica portugueza pelo methodo confuso*, 1928.)
a) Qual a interpretação usual (feita, por exemplo, por um rabino, um pastor ou um padre) desse mandamento?
b) Qual a interpretação feita por Bastos Tigre?

59. (ESPM-SP) Nas frases abaixo, todas as formas verbais estão incorretas segundo o que preceitua a gramática, exceto uma. Assinale a única correta.
a) Se você decompor esta equação, chegará aos resultados previstos.
b) Eu tenho chego tarde ao trabalho.
c) O investidor ainda não reaveu o dinheiro aplicado nas Bolsas de Valores.
d) Quando você revir esse contrato, entenderá melhor seus direitos.
e) Se o funcionário obter sucesso no desempenho da função, ganhará transferência para a matriz nos EUA.

60. (PUC-RJ) Substitua cada verbo destacado no período abaixo por uma estrutura composta por um outro verbo e um substantivo derivado do verbo destacado. Utilize dois verbos diferentes.
"Com o objetivo de **esclarecer** e **informar** sobre as atuais tendências do mercado, o *Jornal da PUC* inicia, neste número, uma série de reportagens sobre o tema."
a) esclarecer b) informar

61. (UFV-MG) Nos períodos de C. D. de Andrade, citados abaixo, assinale a opção em que o verbo está na voz passiva.
a) "E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
E todas sete foram mortas."
b) "E patati patati patatá...
Sete quedas por nós passaram."
c) "Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida
Que nunca mais renascerá."
d) "Sete quedas por mim passaram.
E todas sete somem no ar."
e) "Aqui outrora retumbaram vozes
Da natureza imaginosa, fértil
Em teatrais encenações de sonhos."

62. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que é incorreto o uso do particípio regular ou irregular.
a) Não haveria mais o que discutir, pois o mancebo havia entregado o livro para Íris.
b) Aquiles sentiu um puxão nas fraldas da camisa, que estavam soltas.
c) Era verdade que a fruta parecia passada, que recendia a podre. Lozardo provocou o pároco, mas percebeu que todas as luzes seriam acesas. Afastou-se da fruteira.
d) A lei tinha já extinto qualquer penalidade para aquele ato, que não mais era considerado ilícito.
e) José Américo tinha soltado o freio da motocicleta, para evitar acidente maior. Mesmo assim, as consequências da queda foram bastante sérias.

63. (Unip-SP) Dos verbos abaixo, assinale o único que não apresenta duplo particípio.

a) abrir
b) imprimir
c) eleger
d) morrer
e) enxugar

64. (UEPG-PR) O verbo que pode ser usado como auxiliar na formação de locuções verbais é:

a) eleger;
b) envolver;
c) trabalhar;
d) ir;
e) cantar.

65. (Unifor-CE) Transpondo para a voz passiva a frase "O capataz havia surpreendido os escravos", a forma verbal resultante será:

a) surpreenderam-se.
b) havia sido surpreendido.
c) haveriam de ser surpreendido.
d) haviam sido surpreendidos.
e) foram surpreendidos.

66. (UFMG) Em qual dos períodos abaixo há incorreção no uso das formas verbais, de acordo com as regras da gramática normativa?

a) Sugira o que lhe aprouver; só nos absteremos de lutar quando virmos que todos os recursos foram esgotados.
b) Todos aqueles que veem o espetáculo voltam novamente; só não vem quem não tem dinheiro.
c) Detive-me à frente deles e intervi na discussão que já se estava tornando séria.
d) Se dispuserem de algum tempo, entretenham-se a caminhar por aqueles bosques e satisfarão toda a sua nostalgia de infância.
e) Se nos desfizéssemos de nossos poucos pertences, não teríamos como enfrentar os rigores do inverno.

67. (UFF-RJ) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque:

"Ao **chegar** da fazenda, espero que já **tenha terminado** a festa."

a) fururo do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo – presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo – presente do subjuntivo
d) infinitivo – imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo – pretérito perfeito do subjuntivo

68. (Unicamp-SP) O caderno Fovest do jornal *Folha de S.Paulo*, de 28 nov. 1991, fez a seguinte recomendação aos vestibulandos, para que fossem bem-sucedidos na prova de redação do vestibular da Unicamp/92.

Como escrever

Olho vivo para não maltratar o português. Preste atenção ao enunciado. Se fugir do tema, copiar o texto apresentado ou fazer uma narração (relato de uma história) onde é pedida uma dissertação (defesa de uma ideia), a redação será anulada.

Apesar de recomendar cuidado no uso do português, o jornal comete um erro gramatical no texto citado.

a) Transcreva a passagem em que há um erro gramatical.
b) Há uma explicação para a ocorrência desse tipo de erro. Qual é?

69. (Unifor-CE) Transpondo para a voz passiva a frase "A comissão já tinha preparado os convites de formatura", obtém-se a forma verbal:

a) prepararam;
b) tinham preparado;
c) foram preparados;
d) tinham sido preparados;
e) fora preparada.

70. (ESPM-SP) Leia o trecho do poema "Aniversário" do heterônimo Álvaro de Campos:

Para, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...

(Álvaro de Campos)

Se as formas verbais "para", "penses" e "deixa" fossem transpostas para a 2.ª pessoa do plural (vós), teríamos:

a) pare, não pense, deixe;
b) parei, não penseis, deixais;
c) parai, não penseis, deixai;
d) pares, não penses, deixes;
e) parais, não pensei, deixais.

71. (UCDB-MS) Assinale a alternativa em que a oração não está na voz passiva.

a) Supervisionaram a obra com cuidado.
b) Supervisionou-se a obra com cuidado.
c) A obra foi supervisionada com cuidado.
d) Supervisionara-se a obra com cuidado.
e) A obra tinha sido supervisionada com cuidado.

72. (Fesb-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "As testemunhas seriam ouvidas pelo juiz corregedor", obtém-se a forma verbal:

a) irão ser ouvidas.
b) estaria ouvindo.
c) ouviria.
d) deviam ser ouvidas.
e) vai ouvir.

73. (ESPM-SP) Passe a oração abaixo da voz passiva analítica para a sintética.

Sejam feitas as apostas, enquanto são elaborados os novos planos.

74. (Fuvest-SP) Leia:

"**Folha** – De todos os ditados envolvendo seu nome, qual o que mais lhe agrada?

Satã – O diabo ri por último.

Folha – Riu por último.

Satã – Se é por último, o verbo não pode vir no passado."

(O inimigo cósmico, *Folha de S.Paulo*, 3 set. 1995.)

Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativo com o mesmo valor que tem em:

a) Romário recebe a bola e chuta. Gooool.
b) D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.

c) Todo dia ela faz tudo sempre igual.
d) O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
e) Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

75. (Fuvest-SP) Assinale a frase que **não** tem sentido passivo.
a) O atleta foi estrondosamente aclamado.
b) Que exercício fácil de resolver!
c) Fizeram-se apenas os reparos mais urgentes.
d) Escolheu-se, infelizmente, o homem errado.
e) Entreolharam-se agressivamente os dois competidores.

76. (Unimep-SP) "Acredito **que Maria tenha feito a lição**." Passando-se a oração destacada para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) foi feita.
b) tenha sido feita.
c) esteja sendo feita.
d) tenha estado feita.
e) seja feita.

77. (Uniube-MG) Transpondo para a voz passiva a frase "Eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal:
a) ia revendo.
b) estava sendo revisto.
c) seriam revistas.
d) comecei a rever.
e) estavam sendo revistas.

78. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa que contém voz passiva.
a) Tínhamos apresentado diversas opções.
b) Dorme-se bem naquele hotel.
c) Precisa-se de gerente de vendas.
d) Difundia-se o boato de que haveria racionamento.
e) n.d.a.

79. (Faap-SP) Dê nova redação à frase abaixo, passando-a para a voz ativa.
"Ela foi nomeada tutora."

80. (UFPel-RS) Transpondo para a voz ativa a oração "Os sócios foram convocados para uma reunião", obtém-se a forma verbal:
a) convocaram-se.
b) convocaram.
c) convocar-se-ia.
d) haviam sido convocados.
e) haverão de ser convocados.

81. (Fuvest-SP) Em "Queria **que me ajudasses**", o trecho destacado pode ser substituído por:
a) a sua ajuda.
b) a vossa ajuda.
c) a ajuda de você.
d) a ajuda deles.
e) a tua ajuda.

82. (FCC) Transpondo para a voz ativa a frase:"O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

83. (Unesp-SP) Explicou **que aprendera aquilo de ouvido**. Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

84. (Uniube-MG) Transpondo para a voz ativa a oração "Os documentos estão sendo destruídos pela umidade e pelos ratos (...)", obtém-se a seguinte forma verbal:
a) destroem.
b) destruíram.
c) vão sendo destruídos.
d) iam destruindo.
e) estão destruindo.

85. (Unimep-SP) "Assim eu **quereria** a minha última crônica: que **fosse** pura como este sorriso." (Fernando Sabino)
Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.
a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo
b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo
d) futuro do pretérito, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

86. (FEI-SP) "**Pôs**-se a correr como pôde." Fazendo as necessárias adaptações, reescreva a frase com o verbo destacado no presente do indicativo.

87. (Fuvest-SP) Em: "Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que ele morra sem que volte para lá, isto é, pra cá", reescreva o segmento, colocando o verbo **rogar** no pretérito perfeito do indicativo.

88. (Unicamp-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas.
I. [Os astecas] não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (*Superinteressante*, out. 1992.)
II. Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike MacSpaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (*Folha de S.Paulo*, 13 fev. 1992.)
a) Identifique as formas verbais inadequadas.
b) Que formas deveriam ter sido empregadas?
c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

89. (Vunesp-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva no:
a) pretérito perfeito do indicativo;
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

90. (UFV-MG) Seguindo o exemplo, assinale a alternativa **correta**.
Jogar? Jogai vós.
Faça o mesmo com os verbos **trazer, tragar, ir, ler**.
a) trazei, tragai, ide, lede
b) tragam, traguem, vão, leiam
c) trazeis, tragais, ides, ledes

d) tragais, tragueis, vades, ledes
e) traze, traga, vão, leia

91. (UPM-SP) Em qual das alternativas todos os verbos estão em tempos do pretérito?
a) Chamei-lhe a atenção porque teria observado de perto seu progresso.
b) Concordei que assim era, mas aleguei que a velhice estava agora no domínio da compensação.
c) Lembra-me de o ver erguer-se assustado e tonto.
d) Meu pai respondia a todos os presentes que eu seria o que Deus quisesse.
e) Se advertirmos constantemente esta moça, perderemos uma excelente profissional.

92. (UFV-MG) Considere:
1. Ele está a ler o livro.
2. Ele vem de ler o livro.
3. Ele vai ler o livro.
4. Ele tem lido o livro.
5. Ele acaba de ler o livro.

Assinale a alternativa cujos números correspondem às orações em que a **leitura do livro** é, necessariamente, um fato **realizado**, portanto, **passado**.
a) 2, 3
b) 4, 5
c) 2, 5
d) 4, 5
e) 1, 3

93. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas.
"Não ... cerimônia, ... que a casa é ... , e ... à vontade."
a) faças – entre – tua – fique
b) faça – entre – sua – fique
c) faças – entra – sua – fica
d) faz – entra – tua – fica
e) faça – entra – tua – fique

94. (Ufop-MG) Indique o tempo e o modo dos verbos em destaque.
"**Tornou**-se uma tarefa obrigatória dos museus de arte a luta para **desmistificar** certos conceitos que **distanciam** o trabalho artístico do homem comum."

95. (Uniube-MG) Assinale o item em que todas as formas verbais pedidas estejam certas.
Haver (presente subjuntivo, 1.ª pessoa do singular)
Crer (presente indicativo, 3.ª pessoa do plural)
Passear (presente subjuntivo, 2.ª pessoa do plural)
a) haja, creem, passeeis
b) haje, crêm, passeieis
c) haje, creem, passeais
d) hajai, creim, passeiais
e) haja, creiem, passeies

96. (UEL-PR) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa **corretamente** os espaços em branco.
"É preciso que ... novidades interessantes que ... e ... ao mesmo tempo."
a) surjam – divertem – instruam
b) surjam – divirtam – instruam
c) surjam – divirtam – instruem
d) surgem – divertem – instruem
e) surgem – divirtam – instruam

97. (Fuvest-SP) "**Voltemos** à casinha." Dê o modo verbal a que pertence a forma destacada.
Dê também a forma de 2.ª pessoa do plural correspondente à forma verbal destacada.

98. (Uece) Passando-se "Faze como eu" para a negativa, temos como forma **correta** a da opção:
a) não faze como eu.
b) não fazes como eu.
c) não faças como eu.
d) não faça como eu.

99. (Fesb-SP) "No desempenho de tuas funções, ... atencioso com todos, ... ser útil sempre e não ... as tuas responsabilidades."
a) sê – procure – negue
b) seja – procura – negue
c) seja – procure – negues
d) sê – procura – negues
e) seja – procura – negues

100. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cala, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor.

101. (Fuvest-SP) Em "Se **aceitas** a comparação, distinguirás (...)", se a forma **aceitas** for substituída por **aceitasses**, a forma **distinguirás** deverá ser alterada para:
a) vais distinguir.
b) distinguindo.
c) distingues.
d) distinguirias.
e) terás distinguido.

102. (Unicamp-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em certos contextos formais, especialmente na escrita.

Trombada

Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais.

(Painel do leitor, *Folha de S.Paulo*, 21 set. 1990.)

a) Identifique essa forma e reescreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.
b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas linguísticas sem nenhuma motivação?

103. (EEM-SP) Siga o modelo:
Provo que **tenho** direito. Se **tens** direito, **prova**-o.
a) Juro que não comprei a máquina.
b) Digo que compus um poema.

104. (Fesp-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo.
a) ouvi; vinde; ide; traze
b) ouvi; vinde; ide; trazei
c) ouvi; venhas; ide; trazei
d) ouça; vinde; vá; tragais
e) ouça; venhas; vás; tragais

105. (Unimep-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:
a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

106. (ITA-SP) Assinale a correta.
a) Peça e receberá; procura e achará; bate à porta e ela lhe será aberta.
b) Pedi e recebereis; procurai e achareis; batei à porta e ela vos será aberta.
c) Pede e receberás; procure e acharás; bate à porta e ela te será aberta.
d) Peçais e recebereis; procurai e achareis; batei à porta e ela vos será aberta.
e) Peça e receberá; procure e achará; bata à porta e ela te será aberta.

107. (Cefet-MG) Empregou-se o verbo no futuro do subjuntivo em:
a) (...) afrontava os perigos (...) para vir vê-la à cidade.
b) Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua (...)
c) Continuaram ainda a dialogar com certo azedume.
d) Tinha-me esquecido de contar-lhe que eu fizera uma promessa (...)
e) (...) e encontrei o faroleiro ocupado em polir os metais da lanterna.

108. (UPM-SP) "Quando você ... aqui, estaremos a seu dispor."
"Quando você ... nosso amigo de infância, convide-o para o evento."

Nas orações acima, as lacunas podem ser preenchidas adequadamente por:
a) vir e ver;
b) vier e vir;
c) ver e vir;
d) vier e ver;
e) vir e vir.

109. (Fuvest-SP) No trecho, "(...) eu duvido que o rei **dissesse** tal palavra nem que ela seja verdadeira", o termo **dissesse** expressa uma:
a) continuidade.
b) improbabilidade.
c) simultaneidade.
d) impossibilidade.
e) alternância.

110. (Cesesp-PE) Assinale o único item em que o emprego do infinitivo está **errado**.
a) Deixei-os sair, mas procurei orientá-los bem.
b) De hoje a três meses podes voltar aqui.
c) Disse ser falsas aquelas assinaturas.
d) Depois de alguns instantes, eles pareciam estarem mais conformados.
e) Viam-se brilhar as primeiras estrelas.

111. (Efoa-MG) Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas das frases apresentadas.
"Mesmo que nós ... , não conseguiríamos que eles ... os papéis que os chefes ... em segredo."
a) interviéssemos, requeressem, mantêm
b) intervíssemos, requeressem, mantém
c) interviéssemos, requisessem, mantêm
d) intervíssemos, requisessem, mantém
e) interviéssemos, requeressem, mantem

112. (Cesesp-PE) Assinale a alternativa que estiver **incorreta** quanto à flexão dos verbos.
a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

113. (FMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos **intervir** e **deter** no pretérito perfeito do indicativo.
"A polícia ... no assalto e ... os ladrões."

114. (UEL-PR) "Requeiro a dispensa da taxa concedida aos que ... , como eu, os bens que ... ."
a) reouveram – pleiteiaram
b) reaveram – pleiteiaram
c) rehouveram – pleiteiaram
d) reouveram – pleitearam
e) rehaveram – pleitearam

115. (Efoa-MG) Assinale a alternativa que contém a forma **correta** dos verbos **medir**, **valer**, **caber** e **datilografar**, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.
a) meço, valo, cabo, datilógrafo
b) meço, valho, caibo, datilografo
c) mido, valo, caibo, datilógrafo
d) mido, valho, caibo, datilografo
e) meço, valho, caibo, datilógrafo

116. (Fuvest-SP) Assinale a frase em que aparece o pretérito mais-que-perfeito do verbo ser.
a) Não seria o caso de você se acusar?
b) Quando cheguei, ele já se fora, muito zangado.
c) Se não fosse ele, tudo estaria perdido.
d) Bem depois se soube que não fora ele o culpado.
e) Embora não tenha sido divulgado, soube-se do caso.

117. (UEL-PR) "Ainda que vários fatores ... a seu favor, estava claro que ele não ... as consequências que ... de seu impensado gesto."
a) intervissem – previra – adveriam
b) interviessem – prevera – adviriam
c) intervissem – prevera – adviriam
d) intervissem – prevera – adveriam
e) interviessem – previra – adviriam

118. (Fatec-SP) Assinale a alternativa cujas formas verbais estão **corretamente** empregadas.
a) O delegado o intimou para que viesse às pressas e deposse sobre o acidente que houve na rua.
b) Quando os jogadores se dispuseram a aceitar as mudanças na cobrança do pênalti, o técnico interveio para que se mantivessem as regras.
c) Nós antevimos o desenlace do casal, quando vimos passar o Natal com eles no ano passado.
d) Quando deteram o caminhão, porque o motorista abalroou um carro, o trânsito ficou restrito a duas pistas.
e) Se você refazer este trecho e trouxer o trabalho pronto até amanhã, a sua nota será revista.

119. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada **incorretamente**.

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

120. (UEL-PR) "Os ouvintes ...-se de opinar, temendo que se ... as críticas e os ânimos não se ... ."

a) absteram – mantivessem – refazessem
b) absteram – mantessem – refizessem
c) abstiveram – mantivessem – refizessem
d) absteram – mantessem – refazessem
e) abstiveram – mantessem – refizessem

121. (Fuvest-SP) Passe o texto para a forma negativa.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

122. (Cesgranrio-RJ) A frase negativa que corresponde a "Põe nela todo o incêndio das auroras" é:

a) Não põe nela todo o incêndio das auroras.
b) Não ponhas nela todo o incêndio das auroras.
c) Não põem nela todo o incêndio das auroras.
d) Não ponha nela todo o incêndio das auroras.
e) Não pondes nela todo o incêndio das auroras.

123. (UEL-PR) "Ele ... com muita prudência, na esperança de que se ... o tempo perdido."

a) interviu – reavesse
b) interveio – reavesse
c) interviu – rehouvesse
d) interveio – reouvesse
e) interviu – rehavesse

124. (FEI-SP) Siga o modelo:
Encampou a compra. → Encampou-a.

a) Encamparam a compra.
b) Temos o direito.

125. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há erro na forma verbal ou no pronome enclítico.

a) tem + o = tem-no
b) faz + o = fá-lo
c) fez + o = fê-lo
d) tens + o = ten-lo
e) pões + o = põe-lo

CAPÍTULO 11

Categorias gramaticais invariáveis

1. (Fuvest-SP) Leia estas duas estrofes da conhecida canção "Asa-Branca", de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira.

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João,
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação.

.....

Quando o verde dos teus olhos
se espalhar na plantação,
eu te asseguro, não chores não, viu,
eu voltarei, viu, meu coração.

Indique uma palavra ou expressão que possa substituir "Qual" (primeira estrofe), sem alterar o sentido do texto.

2. (UFMS) Observe o emprego das conjunções nos períodos abaixo.

I. Ora Maria estuda História, ora ela ouve música.
II. Ou você estuda História, ou você ouve música.
III. Se você for estudar História, não ouvirá música.
IV. Se você for ouvir música, não estudará História.

Levando em consideração que a conjunção é um dos elementos linguísticos responsáveis pela orientação argumentativa do discurso, é correto afirmar:

(001) O sentido de alternância só ocorre no caso de I, pois é possível que a pessoa, no caso Maria, faça as duas coisas: estudar e ouvir música.
(002) Em II, III e IV não existe a possibilidade de as duas coisas se realizarem, porque há a ideia de uma exclusão explícita, marcada tanto pela conjunção "**ou**" como pela conjunção "**se**".
(004) A ideia de alternância está presente em todos os períodos, uma vez que se trata de períodos compostos por orações subordinadas alternativas.
(008) A alternância é nítida em II, III e IV, que são períodos cujas orações classificam-se como "**condicionais**".
(016) A conjunção "**ou**" nem sempre expressa exclusão.

3. (FGV-SP) *O treinamento com armas será realizado nos estandes de tiro da Cactos, empresa vencedora da licitação.*

No período acima há

a) 1 artigo e 3 preposições.
b) 4 artigos e 3 preposições.
c) 3 artigos e 4 preposições.
d) 3 artigos e 4 preposições.
e) 4 artigos e 5 preposições.

4. (Udesc) A palavra **só** pode ser advérbio com a acepção de **somente**, ou adjetivo, equivalendo a **sozinho**.
Observe o emprego dessa palavra, nas frases abaixo.

(I) Marcolina ficou **só**, ao pé do pinheiro carregado.
(II) **Só** Mané Juca para sofrer tanto!
(III) Mané Juca fez **só** o que a mulher lhe pediu.
(IV) Ao entardecer, o homem, **só**, escalou o pinheiro.

Assinale a alternativa que contém a classificação correta, de cima para baixo.

a) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
b) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) adjetivo; (IV) advérbio
c) (I) adjetivo; (II) advérbio; (III) advérbio; (IV) adjetivo
d) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
e) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) advérbio

5. (Fuvest-SP)

Belo Horizonte, 28 de julho de 1942.

Meu caro Mário,

Estou te escrevendo rapidamente, se bem que haja muitíssima coisa que eu quero te falar (a respeito da Conferência, que acabei de ler agora). Vem-me uma vontade imensa de desabafar com você tudo o que ela me fez sentir. Mas é longo, não tenho o direito de tomar seu tempo e te chatear.

(Fernando Sabino)

No texto, o conectivo "se bem que" estabelece relação de

a) conformidade.
b) condição.
c) concessão.
d) alternância.
e) consequência.

6. (FGV-SP)

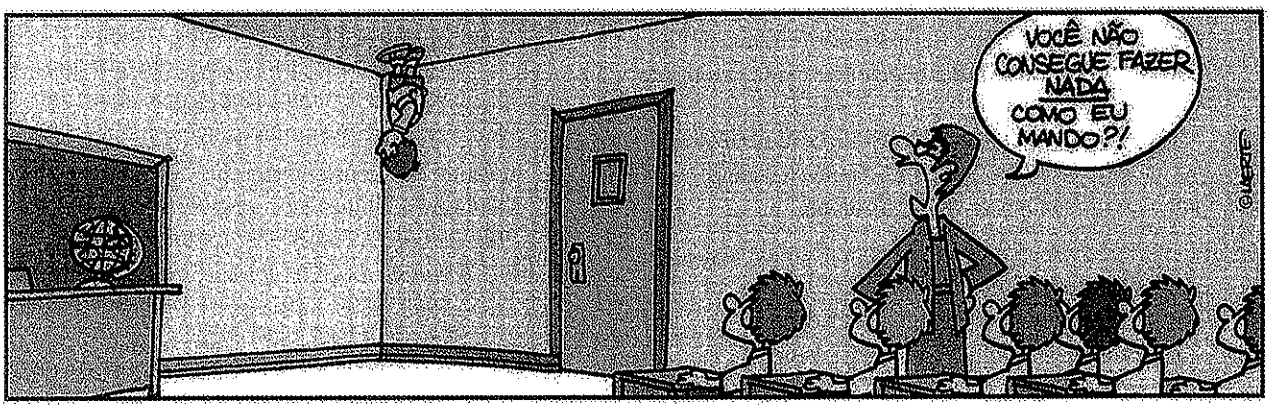

(Laerte. *Folha de S.Paulo*, 19 de outubro de 2010.)

Na fala do professor, a palavra **como** tem valor

a) comparativo.
b) causal.
c) condicional.
d) conformativo.
e) concessivo.

7. (Uerj)

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu a ninar nos **longes** da senzala – e nunca se esqueceu (v. 7-8)

Lá **longe** meu pai campeava no mato sem fim da fazenda. (v. 18-19)

Classifique gramaticalmente as palavras em destaque e aponte a diferença de sentido entre elas.

8. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto às relações de sentido, evidenciadas pelas conjunções empregadas.

a) O livro que a professora mandou comprar está esgotado, já que foi publicado há três semanas.
b) O livro é interessante embora tenha 570 páginas.
c) Mesmo morando no Rio há cinco anos, Lucas ainda não visitou o Corcovado.
d) João, o pintor, foi despedido porque se negou a pintar a casa, uma vez que estava chovendo.
e) Acordei às 7 horas apesar de ter ido deitar às 2 horas. Dormi, portanto, pouco menos de 5 horas.

9. (Ufal) Em: "Acredito ser o espírito da profissão: a busca pelo conhecimento infindável da língua, **para que** a pessoa possa se expressar de todas as formas possíveis e atingir as improváveis.", a expressão destacada tem a função de introduzir:

a) uma conclusão.
b) uma consequência.
c) um propósito.
d) uma causa.
e) uma justificativa.

10. (FEI-SP) Em "**Como** o conselheiro é idoso, pensei vê-lo atacar os costumes e o carnaval", a conjunção em destaque estabelece valor similar à conjunção:

a) embora
b) porque
c) conforme
d) se
e) contudo

11. (Vunesp-SP) Indique a alternativa que completa a frase a seguir, respectivamente, com as circunstâncias de intensidade e de modo.

Após o telefonema, o motorista partiu...

a) às 18 h com o veículo.
b) rapidamente ao meio-dia.
c) bastante alerta.
d) apressadamente com o caminhão.
e) agora calmamente.

12. (Vunesp-SP) Assinale a frase em que a expressão destacada expressa intensidade.

a) Ela estava baseada *principalmente* na observação cotidiana.
b) *À noite* a maioria se dedicava a ver televisão.
c) Elas desapareciam *rapidamente* das máquinas.
d) A estimativa é ainda *mais* preocupante.
e) Os trabalhadores disseram *não* ter tempo.

13. (FGV-SP) No período: "*Demorará, mas não importa o quanto demore para termos um final feliz*", "mas" e "para" estabelecem relações de sentido que indicam, respectivamente:

a) Conclusão, explicação.
b) Explicação, consequência.
c) Oposição, finalidade.
d) Causa, consequência.
e) Causa, explicação.

14. (Vunesp-SP) "Por mais de uma década recaiu sobre o estresse a suspeita de influenciar diretamente o ganho de peso."

A preposição **por** estabelece entre os termos uma relação de

a) causa.
b) lugar.
c) meio.
d) tempo.
e) modo.

15. (Vunesp-SP) "Mas as complicações causadas pelo estresse foram além."

Nesse trecho, a contração **pelo** estabelece entre os termos uma relação de

a) lugar.
b) tempo.
c) modo.
d) causa.
e) distância.

16. (Cesgranrio-RJ) Em "Conclui-se, **então**, que o gerenciamento do estresse passa pelo desenvolvimento pessoal", o conectivo destacado **NÃO** pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) pois.
b) por conseguinte.
c) assim.
d) entretanto.
e) portanto.

17. (Vunesp-SP) A filantropia foi o passo inicial em direção à responsabilidade social, não sendo esta, **portanto**, sinônimo daquela."
A expressão **portanto**, em destaque, expressa o sentido de
a) concessão.
b) condição.
c) conclusão.
d) contrariedade.
e) consequência.

18. (Enem)
"O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar."
(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.)

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:
a) oposição;
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

19. (Enem)
"A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. (...) Na verdade não existem meninos DE rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê."
(COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.)

No terceiro parágrafo em "(...) não existem meninos **DE** rua. Existem meninos **NA** rua.", a troca de **DE** pelo **NA** determina que a relação de sentido entre "menino" e "rua" seja:
a) de localização e não de qualidade;
b) de origem e não de posse;
c) de origem e não de localização;
d) de qualidade e não de origem;
e) de posse e não de localização.

20. (CPS) **Operadores argumentativos** "têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados". Podem indicar que os argumentos se **acrescentam** num mesmo sentido, sendo solidários; ou que se **contrapõem**, ou que se **alternam**, ou que introduzem uma **justificativa**.
Assinale a alternativa em que se encontra um operador cuja função é **contrapor** argumentos:
a) O modo de vida urbano pode, **portanto**, trazer benefícios para a qualidade de vida das pessoas.
b) O que um processo adequado de urbanização produz são condições coletivas de proteção ao homem, **mas** o crescimento urbano não tem sido um processo harmonioso e gradual.
c) Amplia-se a produção e consumo de mercadorias, **seja** alimento, perfumaria, material de limpeza, **seja** máquina ou utensílio doméstico.
d) Meios de transporte mais rápidos e confortáveis, **além de** inovações nos equipamentos domésticos, reduzem o desgaste das pessoas na tarefa de garantir a própria sobrevivência e a de sua família.
e) O impacto será negativo, **pois**, se essas substâncias forem tóxicas, cancerígenas, capazes de provocar alergias ou forem prejudiciais à nutrição ou metabolismo, entre outros males.

21. (UFV-MG) O texto abaixo apresenta um problema associado à coesão textual afetando também a coerência textual:
"O computador vem assumindo um papel cada vez mais importante na educação. Apesar de incluir enciclopédias em CD-ROM, possui jogos que educam e divertem."
a) Identifique o problema de coesão textual.
b) Reescreva o texto acima, de modo a torná-lo coerente e coeso.

22. (FGV-SP) Leia o texto para responder à questão.
"A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão de obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa *The Economist* mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores."
(*Você S/A*, set. 2005.)

Comente o efeito de sentido produzido pelo emprego do futuro do pretérito em "o poder de barganha (...) teria se esfacelado" e do advérbio "provavelmente" (parte final do texto).

23. (UFC)

01. Padre Anselmo olhou com tristeza as mulheres ajoelhadas à sua frente. Ia começar a missa e
02. sentia-se extremamente cansado. Onde aquela piedade com que celebrava nos seus tempos de jovem
03. sacerdote, preocupado com a salvação das almas? As coisas haviam mudado. Discutiam-se os novos
04. ritos, as novas fórmulas. (...) Sentia-se tímido, vencido, olhando para os fiéis, pronunciando palavras
05. na língua que falava em casa, na rua. A mesma língua dos bêbedos, dos vagabundos, das meretrizes.
06. De todos. Benzeu-se instintivamente:
07. – Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.

(BEZERRA, João Clímaco. *A vinha dos esquecidos*. Fortaleza: UFC, 2005. p. 32-3.)

No texto, o advérbio ou a locução adverbial que modifica um adjetivo é:

a) com tristeza (linha 01)
b) extremamente (linha 02)
c) de jovem sacerdote (linhas 02 e 03)
d) na rua (linha 05)
e) instintivamente (linha 06)

24. (ITA-SP)

"Do interior da floresta, no alto das montanhas, em pequenos grotões cercados de muito verde, a água cristalina brota da terra e vai buscando seu caminho por entre as pedras. Ao unir-se às águas de outras nascentes, o filete dessa água cristalina vai se transformando em riachos, córregos e rios.

Descendo a serra em busca do mar, rumo à planície litorânea, as águas vão esculpindo as rochas, formando corredeiras e se lançando pelos vales em cachoeiras que formam os mais belos cenários da Mata Atlântica com suas piscinas naturais. (...)"

(Folheto do Parque Estadual da Serra do Mar. Núcleo de Santa Virgínia.)

O segmento do texto em que a preposição **de** estabelece uma relação de posse é:

a) "no alto das montanhas"
b) "cercados de muito verde"
c) "a água cristalina brota da terra"
d) "águas de outras nascentes"
e) "em busca do mar"

25. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a palavra **pior** assume significado diferente do dos demais casos.

a) Ela agiu da pior forma possível.
b) Quem fica com a pior parte é sempre quem carrega o piano; quem leva as coisas na flauta acaba sendo beneficiado.
c) Ele se comportou pior do que seu filho, que já não era lá muito das gentilezas.
d) O pior livro do autor é, sem dúvida, o editado em 2003.
e) O rapaz tinha sempre o pior desempenho entre os alunos da terceira série.

26. (Enem)

Cidade grande

Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.

(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho "Montes Claros cresceu tanto, / (...), / que já tem cinco favelas", a palavra **que** contribui para estabelecer uma relação de consequência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

a) "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."
b) "No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu / chamava para o café."
c) "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança."
d) "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres."
e) "Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos."

27. (FGV-SP) Observe a palavra destacada no seguinte período: "A implicação é que esses países talvez se saíssem **melhores** economicamente se fossem mais parecidos entre si". Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

28. (UFPE)

"As frutas nordestinas têm muito mais que gostos peculiares e cores exuberantes. Estão presentes na alta gastronomia e ganham, cada vez mais, visibilidade e prestígio na culinária internacional."

(*Veja Recife*, 5 jun. 2002. Adaptado.)

Entre o primeiro e o segundo período do texto, aparece apenas um ponto final. Mas, pelo sentido global do enunciado, se poderia ter usado, em lugar do ponto:

a) a locução "contanto que", para expressar o valor condicional do segundo período;
b) a expressão "se bem que", para explicitar um valor de concessão do segundo período;
c) a locução "por isso", para indicar uma relação de causa/consequência entre os dois períodos;
d) a conjunção "entretanto", para sinalizar uma relação de oposição entre os dois períodos;
e) a conjunção "mas", para refutar um pressuposto do segmento anterior.

29. (UFMG) Leia o conceito e o trecho que se seguem.

Conceito

As conjunções são "vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações e termos semelhantes da mesma oração".

(CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 565.)

Texto

A importância da participação da família no desenvolvimento da criança é indiscutível, mas neste século os pais deixaram de lado a educação dos filhos, já que esperam que tudo venha da escola. Sem a transmissão de valores, a criança tem dificuldade em processar mentalmente estímulos, de relacionar fatos e estabelecer a importância entre eles. Deixa, portanto, de aprender com os erros do passado. O processo de mediação pode estar presente em qualquer situação do dia a dia. Numa viagem de férias, uma mãe estará mediando o aprendizado de seu filho ao juntar ao lazer algumas histórias sobre o local, ao chamar a atenção para a arquitetura ou o comportamento das pessoas.

(MORAES, Rita. *Deixe-me pensar*. ISTOÉ, 30 jun. 1998. Adaptado.)

Identifique a relação existente entre as orações ligadas pelas conjunções e locução conjuntiva destacadas nesse trecho e explicite a função marcada por esses vocábulos.

30. (UFC) Empregando o sufixo **-mente**, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.
b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.
c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.
d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.
e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

31. (Ufes)

"Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio."

(Texto retirado de *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca.)

As palavras **sempre**, **menos** e **depressa** estabelecem, respectivamente, relações de:

a) dúvida, intensidade e tempo;
b) intensidade, tempo e modo;
c) confirmação, modo e tempo;
d) modo, intensidade e tempo;
e) tempo, intensidade e modo.

32. (UFV-MG)

O tabaco consome dinheiro público.

Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros.

É um passo importante para criar uma sociedade mais justa.

(Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil, um país de todos. Governo Federal, 2004.)

"A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde (...)."

O termo **além de**, neste fragmento, estabelece relação lógico-semântica de:

a) condição.
b) concessão.
c) adição.
d) conformidade.
e) consecução.

33. (UFSC)

Mas, afinal, o que é língua padrão?

Já sabemos que as línguas são um conjunto bastante variado de formas linguísticas, cada uma delas com a sua gramática, a sua organização estrutural. Do ponto de vista científico, não há como dizer que uma forma linguística é melhor que outra, a não ser que a gente se esqueça da ciência e adote o preconceito ou o gosto pessoal como critério.

Entretanto, é fato que há uma diferenciação valorativa, que nasce não da diferença desta ou daquela forma em si, mas do significado social que certas formas linguísticas adquirem nas sociedades. Mesmo que nunca tenhamos pensado objetivamente a respeito, nós sabemos (ou procuramos saber o tempo todo) o que é e o que não é permitido... Nós costumamos "medir nossas palavras", entre outras razões, porque nosso ouvinte vai julgar não somente o que se diz, mas também quem diz. E a linguagem é altamente reveladora: ela não transmite só informações neutras; revela também nossa classe social, a região de onde viemos, o nosso ponto de vista, a nossa escolaridade, a nossa intenção...

Nesse sentido, a linguagem também é um índice de poder.

Assim, na rede das linguagens de uma dada sociedade, a língua padrão ocupa um espaço privilegiado: ela é o conjunto de formas consideradas como o modo correto, socialmente aceitável, de falar ou escrever.

(FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 30.)

Sobre o texto, é **correto** afirmar que:

01. o trecho "a não ser que a gente se esqueça da ciência e adote o preconceito ou o gosto pessoal como critério" pode ser assim parafraseado: a não ser que a ciência seja esquecida e seja adotado o preconceito ou o gosto pessoal como critério.
02. os pronomes **a gente** e **nós** foram usados com o mesmo significado referencial. Esse recurso se caracteriza como variação linguística e pode ser observado tanto na linguagem padrão como na linguagem coloquial.
04. o conector **assim** foi usado com valor exemplificativo e complementar. O parágrafo introduzido por ele serviu para confirmar o que foi dito antes.
08. no trecho "ela **não** transmite **só** informações neutras", as palavras destacadas indicam que existem informações neutras, além de outras informações.
16. a expressão **não somente... mas também** em: "nosso ouvinte vai julgar não somente o que se diz, mas também quem diz" estabelece uma relação de retificação do argumento da primeira afirmação com o argumento da segunda e acrescenta uma nova informação.

34. (ESPM-SP) Leia as frases:

1) O presidente almoçou **com** os sindicalistas.
2) O presidente cortou o pão **com** a faca.
3) O presidente ficou irritado **com** as críticas.
4) O presidente falou junto **com** o ministro.

As preposições destacadas traduzem respectivamente ideia de:

a) companhia, instrumento, causa, simultaneidade;
b) companhia, modo, modo, simultaneidade;
c) simultaneidade, causa, companhia, modo;
d) lugar, instrumento, causa, modo;
e) companhia, instrumento, modo, modo.

35. (FGV-SP) Observe o fragmento: "Era no tempo que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz". É possível acrescentar aí uma preposição. Transcreva o fragmento, mas inclua essa preposição.

36. (ITA-SP)

"O projeto Montanha Limpa, desenvolvido desde 1992, por meio da parceria entre o Parque Nacional de Itatiaia e a DuPont, visa amenizar os problemas causados pela poluição em forma de lixo deixado por visitantes desatentos."

(Folheto do Projeto Montanha Limpa do Parque Nacional de Itatiaia)

A preposição que indica que o Projeto Montanha Limpa continua até a publicação do folheto é:

a) entre;
b) por (por visitantes);
c) em;
d) por (pela poluição);
e) desde.

37. (UFC) Assinale a alternativa em que **francamente** só pode estar ligado imediatamente ao verbo, como em "Vendia-me, mas francamente e de boa fé".

a) Francamente, sua atitude nos decepcionou.
b) Ele se porta, nestas ocasiões, francamente.
c) Você, francamente, é merecedor do primeiro lugar.
d) Esta é, francamente, a minha opinião sobre o assunto.
e) Sua indicação para a vaga foi um equívoco, francamente.

38. (Fuvest-SP) Em "Era a flor, e não já da escola, **senão** de toda a cidade", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) mas sim;
b) de outro modo;
c) exceto;
d) portanto;
e) ou.

39. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o termo colocado entre parênteses não substitui com o mesmo sentido o termo destacado da frase.

a) Não merecemos nenhum castigo, **dado que** nada fizemos. (pois que)
b) Ele chegará cedo ao trabalho, **salvo se** o trânsito o impedir. (a não ser que)
c) Eu não quis ofendê-lo; **depois**, nem o conhecia direito. (ademais)
d) Resolvemos partir, **conquanto** tivesse chovido muito à noite. (embora)
e) Você participou da festa; diga-me, **pois**, o que aconteceu. (contudo)

40. (UFRJ) Leia os versos de João Cabral de Melo Neto a seguir.

"Está apenas em que a terra
é por aqui mais macia;
está apenas no pavio,
ou melhor, na lamparina:"

O valor semântico correto para a expressão destacada é de:

a) retificação;
b) comparação;
c) exemplificação;
d) valoração;
e) oposição.

41. (ESPM-SP) Leia as frases:

I. A secretária falou DO gerente.
II. A secretária falou PELO gerente.
III. A secretária falou PARA o gerente.
IV. A secretária falou JUNTO COM o gerente.

As preposições **maiúsculas** traduzem respectivamente ideias de:

a) Companhia, direção, substituição, simultaneidade.
b) Assunto, direção, substituição, companhia.
c) Assunto, substituição, direção, simultaneidade.
d) Assunto, substituição, companhia, direção.
e) Modo, causa, direção, companhia.

42. (Unifesp) A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é:
a) (...) quando estava **com** ela (...)
b) **Do** fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) (...) e fizeram para si coberturas **para** os lombos.
d) (...) ela começou dizer **à** mulher (...)
e) Depois deu também dele **a** seu esposo ...

43. (Fuvest-SP)
O filme *Cazuza – O tempo não para* me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória.

(...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa ideia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não para". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(CALLIGARIS, Contardo. *Folha de S.Paulo.*)

Entre as frases "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" e "A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver" estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de:
a) desde que;
b) tanto assim que;
c) uma vez que;
d) à medida que;
e) apesar de que.

44. (UFJF-MG) "Considerando essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo Estado de Direito, **para** que o homem não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão, (...)"
O conector **para**, destacado no fragmento acima retirado da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, estabelece, com a sentença anterior, uma relação semântica de:
a) causa;
b) consequência;
c) oposição;
d) finalidade;
e) adição.

45. (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.
b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

46. (Faap-SP)
"Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente."
A oração que se inicia com o conectivo **à medida que** oferece à anterior uma ideia de:
a) proporção;
b) concessão;
c) consecução;
d) tempo;
e) condição.

47. (PUC-SP) "Os seus projetos são os ... elaborados, por isso garantem verbas ... para sua execução e evitam ...-entendidos."
a) melhor – suficientes – mal
b) mais bem – suficientes – mal
c) mais bem – suficiente – mal
d) melhor – suficientes – mau
e) melhor – suficiente – mau

48. (Fuvest-SP) "Foi um técnico de sucesso, mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário." Começando a frase por: "Nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário", para manter a mesma relação lógica expressa na frase dada inicialmente, deve-se continuar com:
a) enquanto foi.
b) na medida em que era.
c) ainda que tenha sido.
d) desde que fosse.
e) porquanto era.

49. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a substituição efetuada não altera o sentido fundamental do enunciado: "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram".
a) Através dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
b) Em razão dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
c) A despeito dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
d) Diante dessa propaganda, as dificuldades surgiram.
e) Depois dessa propaganda, as dificuldades surgiram.

50. (Mapofei-SP) Lista de advérbios:

bisonhamente	inexoravelmente
desassombradamente	ironicamente
estoicamente	laconicamente
frugalmente	perfunctoriamente
prolixamente	sibilinamente
puerilmente	sofregamente
quixotescamente	sutilmente
radicalmente	tacitamente

Escolha, na lista acima, o advérbio mais adequado a cada uma das ações enunciadas a seguir, de acordo com o modelo:

Falar com orgulho e insolência. Falar arrogantemente.

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

51. (FCC) Assinale a alternativa em que o termo destacado tem valor de advérbio.

a) Achei-o **meio** triste, com o ar abatido.
b) Não há **meio** mais fácil de estudar.
c) Só preciso de **meio** metro dessa renda.
d) Encarou-nos, esboçando um **meio** sorriso.
e) Ela caiu bem no **meio** do jardim.

52. (Unirio-RJ) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo e advérbio.

a) **Feliz a nação** que emprega **bastantes** recursos na educação.
b) As **escolas** organizadas fazem um **extraordinário bem** à educação.
c) O **governo** que acultura **seu** povo passa à **história**.
d) Educação e **cultura** fazem **forte** um país **bem** promissor.
e) A **preparação** da **juventude** forja o **amanhã** de um país.

53. (Fameca-SP) Em todas as frases, destacaram-se um substantivo, um adjetivo e um advérbio. Exceto em:

a) **Que bela** é a **vida** da criança!
b) **Atualmente**, os bons **livros** são **poucos**.
c) As **obras** estão **bastante adiantadas**.
d) **Que** coisa **horrível** essa **questão**!
e) Estudava **pouco** aquela **garota mimada**.

54. (Fameca-SP) O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.
d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava das cores muito claras.

55. (UEPG-PR) A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

56. (Fuvest-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (*O Estado de S. Paulo*, 15 set. 1995.)

O uso da preposição **com** permite diferentes interpretações da frase acima.

a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição **com**.

57. (Acafe-SC) Na frase "Veio-**me** a desagradável **impressão** de que todo mundo reparava **nas** minhas galochas", as palavras destacadas são, respectivamente:

a) pronome pessoal, substantivo, contração de preposição com artigo.
b) pronome pessoal, adjetivo, contração de preposição com artigo.
c) pronome indefinido, adjetivo, preposição.
d) pronome indefinido, advérbio, preposição.
e) pronome possessivo, substantivo, conjunção.

58. (UFSM-RS) Em que alternativa **salvo** não é preposição?

a) Partiram todos, salvo os doentes.
b) Agora todos estão salvos, exceto o velho barqueiro.
c) No desastre todos se feriram, embora levemente, salvo o motorista que morreu.
d) Salvo melhor juízo, julgo que a expressão é correta.

59. (Unimep-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi **a** que mais me impressionou. Gostaria de ter ido **a** sua festa com ela. Eu **a** convidei, mas ela não aceitou."

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

60. (UEPG-PR) "A cigarra começa a cantar assim que a primavera a desperta."

Nas suas quatro ocorrências do período acima, a palavra **a** classifica-se, respectivamente, como:

a) artigo, preposição, artigo, pronome.
b) artigo, pronome, preposição, pronome.
c) pronome, artigo, pronome, artigo.
d) artigo, pronome, preposição, artigo.
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

61. (Fameca-SP) As relações expressas pelas preposições estão **corretas** na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia; falta; posse; meio; fim
b) falta; companhia; posse; meio; fim
c) companhia; falta; posse; fim; meio
d) companhia; posse; falta; meio; fim
e) companhia; falta; meio; posse; fim

62. (PUCCamp-SP) "Fui até **a** porta. Abri-**a** e vi **os** que estavam esperando **o** ônibus." As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo.
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição.
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo.
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo.
e) n.d.a.

63. (Vunesp-SP) Marque a alternativa que indica as classes das palavras destacadas conforme a ordem em que aparecem abaixo.

"**Ante** essa repulsa **obstinada**, teve as **mais** variadas reações."

"**Isso** produzia nele um constrangimento não só perante todos quantos sabiam da estória como também **perante** si mesmo."

a) advérbio, adjetivo, numeral, pronome demonstrativo, advérbio
b) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, preposição
c) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, advérbio
d) advérbio, verbo, pronome indefinido, pronome relativo, adjetivo
e) conjunção coordenativa, adjetivo, numeral, pronome indefinido, preposição

64. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

65. (Fecap-SP) Classifique a palavra **como** nas construções seguintes. Depois, assinale a alternativa **correta**.

1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo

Perguntamos como chegaste aqui.
Percorrera as salas como eu mandara.
Tinha-o como amigo.
Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2, 4, 5, 3, 1
b) 4, 5, 3, 1, 2
c) 5, 3, 1, 2, 4
d) 3, 1, 2, 4, 5
e) 1, 2, 4, 5, 3

66. (Fuvest-SP) "Bem cuidado como é, o livro apresenta alguns defeitos." Começando com "o livro apresenta alguns defeitos", o sentido da frase não será alterado se se continuar com:

a) desde que bem cuidado.
b) contanto que bem cuidado.
c) à medida que bem cuidado.
d) tanto que é bem cuidado.
e) ainda que bem cuidado.

67. (UEPG-PR) As formas que traduzem vivamente os sentimentos súbitos, espontâneos e instintivos dos falantes são denominadas:

a) conjunções;
b) interjeições;
c) preposições;
d) locuções;
e) coordenações.

68. (ESPM-SP) Que nome damos à palavra, invariável, que liga duas orações ou termos semelhantes de uma mesma oração?

69. (UPM-SP) Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade:

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também a Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

70. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra **como** assume valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

CAPÍTULO 12

Termos essenciais da oração

1. (UFSC) Considere os textos a seguir:

I. "Conversam o carcereiro e o assassino de alta periculosidade. Carcereiro:
– E agora, o que vai fazer?
– Matar o tempo!"

II. "Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:
– Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: Ou mato ou morro.
Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato, e o restante para o morro."

III.

Não se deixe explorar pela concorrência! Compre na nossa loja.

(ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 81; 104; 89.)

Assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. O elemento responsável pelo resultado humorístico no texto I é a quebra de expectativa do interlocutor em relação ao sentido do verbo "matar" usado pelo assassino; no texto II, a graça está na confusão provocada pela mudança de classe gramatical e de sentido das palavras "mato" e "morro".
02. No texto II, a expressão "dito e feito" indica que os soldados corresponderam plenamente à expectativa do general quanto às atitudes da tropa sob seu comando.
04. Tanto o sujeito de "conversam", no texto I, como o sujeito de "deixe", no texto III, é indeterminado.
08. No texto I, "vai fazer" é uma forma alternativa de "fará" para indicar o tempo futuro do presente.
16. Os três textos apresentam verbo no modo imperativo.

2. (Uece) Sobre o período **As manchas na roupa dos passageiros ninguém via porque não havia luz.**, assinale com V ou F, conforme as afirmações sejam verdadeiras ou falsas.

( ) Na ordem direta, teremos *Porque não havia luz, ninguém via as manchas na roupa dos passageiros.*
( ) O período é constituído de duas orações, sendo a segunda um termo sintático da primeira.
( ) O verbo ver (no período, a forma *via*) é pessoal e apresenta como sujeito as manchas.
( ) O verbo haver (no período, a forma *havia*) é impessoal e aparece acompanhado do complemento luz.

Assinale a opção que contém a sequência correta, de cima para baixo.

a) F, V, F, V
b) V, V, V, F
c) F, F, V, V
d) F, V, V, F

3. (Uerj) *Realmente as rosas de suas faces viçavam; era cintilante o brilho que desferia a sua pupila negra.*

No trecho acima há um período constituído de três orações. Os termos essenciais da segunda e terceira orações estão colocados na ordem inversa.

Transcreva separadamente estas duas orações. Em seguida, forme com elas um novo período composto, de modo que o sujeito de cada uma seja colocado antes do respectivo predicado.

4. (UFSCar-SP) A frase **desceu um enxame de almas**, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.

a) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.
b) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.
c) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.
d) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.
e) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

5. (ESPP) Assinale a alternativa em que o sujeito é indeterminado:

a) Fizemos uma boa apresentação ontem.
b) Comentou-se muito aquele crime.
c) Assaltaram novamente o museu.
d) Foi divulgada a lista dos aprovados.

6. (UFPI) Assinale a alternativa que contém a informação correta quanto ao sujeito das orações 1 e 2.

1. Existem homens loucos nas ruas.
2. Há homens sadios nos hospícios.

a) oração sem sujeito – indeterminado
b) oração sem sujeito – homens sadios
c) homens loucos – homens sadios
d) homens loucos – oração sem sujeito
e) indeterminado – oração sem sujeito

7. (Vunesp-SP) O termo oração, entendido como uma construção com sujeito e predicado que formam um período simples, se aplica, adequadamente, apenas a:

a) Amanhã, tempo instável, sujeito a chuvas esparsas no litoral.
b) O vigia abandonou a guarita, assim que cumpriu seu período.
c) O passeio foi adiado para julho, por não ser época de chuvas.
d) Muito riso, pouco siso – provérbio apropriado à falta de juízo.
e) Os concorrentes à vaga de carteiro submeteram-se a exames.

8. (ESPP) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) Ela está no escritório.
b) Trouxemos o relatório para você.
c) O rapaz sofreu um sério acidente.
d) Considero aquele texto um pouco cansativo.

9. (ESPP) Assinale a alternativa em que o predicado é nominal:

a) Ele está em casa agora.
b) A aluna parece nervosa.
c) Achamos o filme monótono.
d) Aguardo sua resposta ansiosamente.

10. (UEL-PR) O período em que há uma oração sem sujeito é:

a) Embarcaríamos, ainda que a ventania aumentasse.
b) Caso ocorram ventos fortes, suspenderemos o embarque.
c) Se ventar, não teremos como embarcar.
d) Chegam do sul, com a chuva, os ventos que impedem o embarque.
e) A ventania ameaçava o nosso embarque, mas, enfim, moderou.

11. (ESPP) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) Considerei injusta a sua afirmação.
b) Ela parece doente.
c) Falaremos com o rapaz acidentado.
d) Trouxe a encomenda para você.

12. (UPM-SP) Leia o seguinte texto:

DESTINO ATROZ

Um poeta sofre três vezes: primeiro quando ele os sente, depois quando os escreve e, por fim, quando declamam seus versos.

(Mário Quintana)

No texto, o sujeito do verbo **declamam** é:
a) os (elíptico)
b) indeterminado
c) eles (oculto)
d) os seus versos (composto)
e) três vezes (simples)

13. (ESPP) Assinale a alternativa em que o sujeito é indeterminado:
a) Vende-se casa.
b) Necessita-se de doação de sangue.
c) Houve briga entre as torcidas.
d) Foi divulgado o gabarito da prova.

14. (UEPG-PR) Assinale a opção cuja frase possui predicado verbo-nominal.
a) O professor entrou na sala pensativo.
b) Ele andava a passos largos.
c) Ninguém lhe era agradável.
d) Em qualquer situação, continuará sorrindo.
e) Foi sofrível sua participação.

15. (PUC-PR) Assinale a alternativa que contém uma oração sem sujeito.
a) No momento, doem-me muito os dentes.
b) Para alguns, ainda havia esperança.
c) Lentamente chegava a noite.
d) Na repartição, existiam muitos documentos secretos.
e) Nada se fazia de proveitoso.

16. (UFV-MG) Leia o texto abaixo e responda à questão.

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo absoluto.

Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...

Principalmente eles!

E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

(QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.)

"Depois transigiu, e muito." (4.º verso)

Considerando a frase no contexto, assinale a alternativa que contém o sujeito do verbo **transigir**.
a) O verbo Ser.
b) A grande catástrofe.
c) Infinito.
d) Isto.
e) Princípio.

17. (Unimep-SP) Quando a oração não tem sujeito, o verbo fica na terceira pessoa do singular. Essa afirmação pode ser comprovada em:
a) Chegou o pacote de livros.
b) Existe muita gente amedrontada.
c) Ainda há criança sem escola.
d) Não procede a acusação contra ele.
e) É proibida a entrada.

18. (UPM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

19. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **você** exerça a função de sujeito do verbo destacado.
a) **Cabe** a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não **enchas** o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao **chegar**, vi você perambulando pelo *shopping center* da Mooca.
d) Ei, você, posso **entrar** por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, **desceu** você.

20. (Ufam) Assinale o item em que o substantivo destacado **não** exerce a função de sujeito.
a) Não se pode derrubar esta **palmeira**.
b) Havia um **mistério** no ar.
c) Sua **salvação** foram os desvelos da mulher.
d) Será que não existia outra **solução**?
e) Na discussão, o **parlamentar** houve-se com perfeito equilíbrio.

21. (Efoa-MG) Há período composto em:
a) "Ao lado da dissertação, deveria restaurar-se também o prestígio da tabuada."
b) "(...) o mesmo não se pode dizer de outros engenhos."
c) "Temos aí, reproduzido, com a máxima fidelidade, o diálogo."
d) "Aí, então, podem contar comigo para aplaudir a máquina."
e) "A ojeriza pelo idioma nacional já estava ultrapassando os limites toleráveis."

22. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.
a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

23. (Acafe-SC) Identifique no conjunto de orações a que não tem sujeito.
a) Hei de vencer todas as dificuldades.
b) Os operários fizeram um bom trabalho.
c) Bateram à porta.
d) As ondas são preguiçosas.
e) Há muitas pessoas honestas.

24. (Uepa) Considere o conjunto de frases para responder à questão abaixo.

I. Nesta granja abatem-se mil galinhas diariamente.
II. Pedem-se mais verbas para a educação.
III. Diariamente destroem-se grandes porções da floresta amazônica.
IV. Cora-se, grita-se, esperneia-se, mas não se resolve nada!
V. No Brasil, trabalha-se muito e ganha-se pouco.
VI. Vive-se feliz quando se ama.

Uma das funções da expressão **se** é funcionar como partícula apassivadora. Em quais frases ela exerce essa função?

a) I, II, III, IV
b) II, III, IV, V
c) III, IV, V, VI
d) I, IV, V, VI
e) II, IV, V, VI

25. (PUC-RJ) Sem alterar substancialmente o sentido do período abaixo, reescreva-o de modo que a expressão "os criminosos" passe a funcionar como sujeito da oração destacada. Faça as adaptações necessárias:

"Quando você não diferencia os criminosos dos tiras, tudo pode acontecer."

26. (FGV-SP) Diga, da perspectiva da norma culta, se a frase abaixo está correta ou incorreta. Justifique sua resposta.

"Este livro trata-se da melhor forma de você se divertir sem gastar muito."

27. (CTA-SP) Assinale a alternativa cujo sujeito **não** é indeterminado.

a) Soa um toque áspero de trompa.
b) Falou-se de tudo na reunião.
c) Precisa-se de carpinteiro.
d) Batem à porta.
e) n.d.a.

28. (Ufac) Considere estas orações:

1. "E havia muitas vozes de homens e de outras mulheres..."
2. "Eleitorado mais esclarecido não poderia haver."
3. "Afinal chovia uma alegre chuva de esperança."
4. "Não havia existido ninguém com tantas qualidades."

Agora, assinale a afirmação correta:

a) todas são sem sujeito;
b) somente a 3 não tem sujeito;
c) somente a 1 e a 3 não têm sujeito;
d) somente a 2 tem sujeito;
e) somente a 3 e a 4 têm sujeito.

29. (Unirio-RJ) Em "Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido", temos oração:

a) sem sujeito;
b) com sujeito simples e claro;
c) com sujeito oculto;
d) com sujeito composto;
e) com sujeito indeterminado.

30. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".

a) Simples, tendo por núcleo chaminé.
b) Simples, tendo por núcleo nuvens.
c) Composto, tendo por núcleo nuvens de fumaça.
d) Simples, tendo por núcleo fumaça
e) Simples, tendo por núcleo usina.

31. (UFPB) Há **oração sem sujeito** no período:

a) Numa terça-feira me chamaram.
b) Abria-se para mim, de repente, um céu.
c) Itabaiana estava a um salto do Santa Rosa.
d) Não há judiação, coronel.

32. (Omec-SP) Assinale a alternativa em que há sujeito indeterminado.

a) Amanheceu radiante o dia de hoje.
b) No inverno anoitece muito cedo.
c) Vive-se bem com Deus.
d) Conta-se que vai haver uma festa.
e) Contam-se muitas coisas de você.

33. (Unirio-RJ) Assinale a frase cujo sujeito se classifica do mesmo modo que o da frase "Faz muito calor no Rio o ano inteiro".

a) Devia haver mais interesse pela boa formação profissional.
b) Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos.
c) Vive-se bem no clima de montanha.
d) Almejamos dias melhores.
e) Haviam chegado cedo todos os candidatos.

34. (Fuvest-SP) Leia atentamente:

"Não verás separar ao hábil negro
do pesado esmeril a grossa areia,
e já brilharem os granetes de oiro
no fundo da bateia."

No texto anterior, o agente da ação expressa pelo verbo **separar** é:

a) tu (oculto);
b) o hábil negro;
c) ela (oculto);
d) a grossa areia;
e) ele (oculto).

35. (FEI-SP) No período "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários." (Paulo Bonfim)

a) qual o sujeito da primeira oração?
b) qual o sujeito da segunda oração?

36. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.

a) Existe um povo que a bandeira empresta.
b) Embora com atraso, haviam chegado.
c) Existem flores que devoram insetos.
d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.
e) Há de haver recurso desta sentença.

37. (UFPA) Na frase "Precisa-se de operários", a partícula **se** é índice de indeterminação do sujeito **porque** o verbo está na terceira pessoa do singular.
a) **asserção**: verdadeira; **razão**: verdadeira (a razão explica corretamente a asserção)
b) **asserção**: verdadeira; **razão**: verdadeira (mas a razão não explica corretamente a asserção)
c) **asserção**: verdadeira; **razão**: falsa
d) **asserção**: falsa; **razão**: verdadeira
e) **asserção**: falsa; **razão**: falsa

38. (Omec-SP) Assinale a oração sem sujeito.
a) Convidaram-me para a festa.
b) Diz-se muita coisa errada.
c) O dia está quente.
d) Alguém se enganou.
e) Vai fazer bom tempo amanhã.

39. (UFPR) Qual a oração sem sujeito?
a) Falaram mal de você.
b) Ninguém se apresentou.
c) Precisa-se de professores.
d) A noite estava agradável.
e) Vai haver um campeonato.

40. (Faenquil-SP) No período "Ser amável e ser egoísta são coisas distintas", o sujeito é:
a) indeterminado;
b) "ser amável";
c) "coisas distintas";
d) "ser amável e ser egoísta";
e) n.d.a.

41. (UFMG) Em todas as alternativas, o termo em negrito exerce a função de sujeito, exceto em:
a) **Quem** sabe de que será capaz a mulher de teu sobrinho?
b) Raramente se entrevê **o céu** nesse aglomerado de edifícios.
c) Amanheceu **um dia lindo**, e por isso todos correram à piscina.
d) Era somente **uma velha**, jogada num catre preto de solteiro.
e) É preciso **que haja muita compreensão para com os amigos**.

42. (Faap-SP) Qual é a alternativa em que há sujeito indeterminado?
a) Comecei a estudar muito tarde para o exame.
b) Em rico estojo de veludo, jazia uma flauta de prata.
c) Soube-se que o proprietário estava doente.
d) Houve muitos feridos no desastre.
e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

43. (PUC-SP) "Em 1949 reuniram-se em Perúgia, Itália, a convite da quase totalidade dos cineastas italianos, seus colegas de diversas partes do mundo." O núcleo do sujeito de **reuniram-se** é:
a) cineastas;
b) convite;
c) colegas;
d) totalidade;
e) se.

44. (Omec-SP) Assinale a frase em que há sujeito indeterminado.
a) Compram-se jornais velhos.
b) Confia-se em suas palavras.
c) Chama-se José o sacerdote.
d) Choveu muito.
e) É noite.

45. (FMPA-MG) Assinale a opção em que o sujeito está indeterminado.
a) Na placa liam-se os dizeres: cobrem-se botões.
b) Acontecem coisas estranhas por aqui.
c) Não se deve nadar em alto-mar.
d) Emprega-se auxiliar de mecânico.
e) Decorreram alguns instantes de silêncio.

46. (Ibmec) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.

Saímos apressados daquela reunião.

a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é **saímos** – verbo intransitivo.
b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é **apressados** – predicativo do sujeito.
c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é **saímos** e **apressados** é um complemento nominal.
d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que **saímos** e **apressados** constituem núcleos do predicado.
e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: **saímos** e **reunião**.

47. (PUC-PR) Sobre o exemplo "A lua brilhou alegre no céu", afirmamos:
I. O verbo **brilhar** é intransitivo;
II. O verbo **brilhar** é transitivo direto;
III. O verbo **brilhar** é transitivo indireto;
IV. O predicado é nominal;
V. O predicado é verbal;
VI. O predicado é verbo-nominal.

a) Estão corretas I e VI.
b) Estão corretas I e V.
c) Estão corretas II e V.
d) Está correta apenas IV.
e) Estão corretas III e VI.

48. (UPM-SP) No período "O homem andava triste porque não conseguiu que seu irmão lhe desse apoio naquela difícil empresa", os verbos **andar** (andava), **conseguir** (conseguiu) e **dar** (desse), quanto à predicação, classificam-se em:
a) intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto
b) de ligação, transitivo direto, transitivo direto e indireto
c) de ligação, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto
d) intransitivo, transitivo direto, transitivo direto e indireto.
e) intransitivo, transitivo direto, transitivo direto.

49. (Cefet-PR) Assinale a alternativa que classifica corretamente, e pela ordem, os predicados das frases a seguir.
I. Os filhos consideraram falsa a atitude da mãe.
II. A atitude da mãe parecia falsa.
III. Finalmente, os filhos consideram a atitude da mãe.

a) verbal – nominal – verbo-nominal
b) verbo-nominal – nominal – verbal
c) nominal – verbo-nominal – verbal
d) verbo-nominal – verbal – nominal
e) verbal – verbo-nominal – nominal

50. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que pelo menos um verbo esteja usado como transitivo direto.
a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.
b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

51. (UFPR) Leia:
1) Durante o carnaval, **fico agitadíssimo.** (predicado verbal)
2) Durante o carnaval, **fico em casa.** (predicado nominal)
3) Durante o carnaval, **fico vendo o movimento das ruas.** (predicado nominal)

Assinale a certa:
a) 1 e 2
b) 2 e 3
c) 1 e 3
d) Todas as alternativas estão certas.
e) Todas as alternativas estão erradas.

52. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o termo destacado tenha a função de predicativo do sujeito.
a) "Eu sob a copa da mangueira **altiva**"
b) "Não sentiram meus lábios **outros lábios**"
c) "Do tamarindo a flor jaz **entreaberta**"
d) "Já solta o bogari mais **doce** aroma"
e) "**Melhor** perfume ao pé da noite exala"

53. (UFU-MG) Assinale a alternativa em que a palavra em destaque está determinando o sujeito.
a) "Sem olhar para o Félix, sentia-o **subjugado**." (Machado de Assis)
b) "(...) e foi esse livro que me meteu em brios. Achei-o seguramente **mediocre** (...) " (Machado de Assis)
c) "Pretas e moleques espiavam-me, **curiosos**, e creio que sem espanto ... " (Machado de Assis)
d) "Aqui teve ele um gesto quase imperceptível de orgulho molestado; achou naturalmente **esquisita** a curiosidade de um estranho." (Machado de Assis)

54. (FGV-RJ) Assinale a análise correta do termo destacado.
"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam **tesouros abandonados**."
a) predicativo do sujeito
b) adjunto adnominal
c) objeto direto
d) complemento nominal
e) predicativo do objeto direto

55. (UFU-MG) "O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo."; "O sol brilhou um pouquinho pela manhã."
Pela ordem, os predicados das orações anteriores classificam-se como:
a) nominal e verbo-nominal.
b) verbal e nominal.
c) verbal e verbo-nominal.
d) verbo-nominal e nominal.
e) verbo-nominal e verbal.

56. (UPM-SP) "E quando o brotinho lhe **telefonou** dias depois, comunicando que **estudava** o Modernismo, e dentro do Modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal ao mesmo tempo."
Os verbos destacados são, respectivamente:
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

57. (Fuvest-SP) Observe a oração: "(...) e Fabiano saiu de costas (...)".
Agora, assinale a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.
a) "(...) Fabiano ajustou o gado (...)"
b) "(...) acreditara na sua velha."
c) "(...) davam-lhe uma ninharia."
d) "Atrevimento não tinha (...)"
e) "Depois que acontecera aquela miséria (...)"

58. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.

a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

59. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

60. (Unip-SP) Em "Se **descobrissem** a desmoralização que **reina** dentro de mim", temos, respectivamente, verbos:
a) transitivo direto e transitivo indireto.
b) transitivo direto e de ligação.
c) transitivo indireto e intransitivo.
d) transitivo direto e intransitivo.
e) intransitivo e intransitivo.

61. (UPM-SP)
"– Muito bom dia, senhora,
Que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?"
(João Cabral de Melo Neto)

No verso "Que nessa janela está", o verbo é:
a) transitivo direto;
b) de ligação;
c) transitivo indireto;
d) transobjetivo;
e) intransitivo.

62. (UPM-SP) "Na manhã seguinte, desci um pouco amargurado, outro pouco satisfeito."

Indique a alternativa que contém o predicado do mesmo tipo que o do período acima.
a) Esta injúria merecia ser lavada com sangue dos inimigos.
b) Na tarde de uma segunda-feira, anunciei-lhe um pouco de minha tristeza, outro pouco de minha satisfação.
c) Recebeu convicto e com certa afeição as verdades do filósofo.
d) Mas eu era moço à semelhança de meu tio Neves.
e) Naquele dia, eram tantos os castelos e tantos os sonhos esboroados...

63. (PUC-SP) No trecho "Se eu **convencesse** Madalena de que ela não **tem** razão... Se lhe **explicasse** que é necessário **vivermos** em paz...", os verbos destacados são, respectivamente:
a) transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto, transitivo indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, intransitivo.
c) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto, intransitivo.
d) transitivo direto e indireto, transitivo direto, intransitivo, transitivo indireto.
e) transitivo direto, transitivo direto, intransitivo, intransitivo.

64. (Efei-MG) Existem verbos chamados significativos e verbos de ligação. Classifique os verbos abaixo, segundo essa indicação.
a) O céu ficava da mesma cor do ovo.
b) Eu achava essa ilusão maravilhosa.
c) E contava história.
d) Às vezes encontro-me feliz.
e) Encontro o jasmineiro em flor.

65. (Ueba) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há predicativo do sujeito.
a) Como o povo anda tristonho!
b) Agradou ao chefe o novo funcionário.
c) Ele nos garantiu que viria.
d) No Rio não faltam diversões.
e) O aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

66. (UFGO) Em uma das alternativas a seguir, o predicativo inicia o período. Assinale-a.
a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

67. (Facens-SP) Assinale a alternativa em que o verbo é transitivo direto.
a) Comprei um terreno e construí a casa.
b) Os guerreiros dormem agora.
c) O cego não vê.
d) João parece zangado.
e) n.d.a.

68. (FMPA-MG) Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo-nominal.
a) A chuva permanecia calma.
b) A tempestade assustou os habitantes da vila.
c) Paulo ficou satisfeito.
d) Os meninos saíram do cinema calados.
e) Os alunos estavam preocupados.

69. (Feaa-SP) O professor **entrou apressado**. O destaque indica:
a) predicado nominal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado verbal;
d) adjunto adverbial;
e) n.d.a.

70. (PUC-SP) Na oração "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) nominal, porque o verbo é de ligação.
c) verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

CAPÍTULO 13

Termos integrantes

1. (UFMS) Leia o fragmento do poema *Canção do vento e da minha vida*, de Manuel Bandeira, e responda à questão a seguir.

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

Tanto o verbo *varrer* quanto o adjetivo *cheia* regem complementos. Observe a presença ou a ausência de preposição nesses dois casos e responda.
01) *Varrer* é um verbo transitivo indireto, o que pressupõe uma ação indireta do eu lírico sobre as coisas que o circundam.
02) O termo *vento* é sujeito do verbo *varrer* que se liga diretamente aos seus complementos.
04) O valor semântico da preposição *de* em "cheia de..." é o de qualidade, caráter.
08) Os complementos do adjetivo *cheia* – frutos, flores, folhas – ligados a ele com o auxílio da preposição *de* exercem a função sintática de complemento nominal.
16) A função sintática dos complementos do verbo *varrer* é a de objeto indireto.

2. (Unesp-SP) O esporte é bom pra gente, fortalece o corpo e emburrece A MENTE. – Antes que o primeiro corredor indignado atire UM TÊNIS em minha direção (...) – Quando estamos correndo, não há PREVISÃO DE PAGAMENTO.

Os termos grafados com letras maiúsculas nas passagens acima identificam-se pelo fato de exercerem a mesma função sintática nas orações de que fazem parte. Indique essa função:

a) Sujeito.
b) Predicativo do sujeito.
c) Predicativo do objeto.
d) Objeto direto.
e) Complemento nominal.

3. (Cesgranrio-RJ) Reescrevendo-se a passagem "Para chegar a esta conclusão foram analisados três fatores:" (l. 28-29) na voz ativa, o correto, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) para chegar a esta conclusão analisou-se três fatores.
b) para chegar a esta conclusão analisaram-se três fatores.
c) para chegar a esta conclusão analisaram três fatores.
d) eram analisados três fatores para chegar a esta conclusão.
e) foram sendo analisados três fatores para chegar a esta conclusão.

4. (ESPP-SP) Assinale a alternativa que contém o pronome que substitui corretamente o termo grifado.

Os técnicos resolveram o **problema**.

a) o
b) no
c) lhe
d) ele

5. (ESPP-SP) Considere a oração:

"Então a donzela lhe oferecera o anel."

O pronome exerce função de:

a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) adjunto adnominal

6. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa que apresenta a voz passiva da frase: *viagens e comunicações marcaram os primórdios da civilização...*

a) ... os primórdios da civilização eram marcados por viagens e comunicações...
b) ... os primórdios da civilização são marcados por viagens e comunicações...
c) ... os primórdios da civilização seriam marcados por viagens e comunicações...
d) ... os primórdios da civilização vêm sendo marcados por viagens e comunicações...
e) ... os primórdios da civilização foram marcados por viagens e comunicações...

7. (UPM-SP)

"... E surgia na Bahia o **anacoreta sombrio**, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apoia o passo tardo dos peregrinos. É desconhecida **a sua existência** durante tão longo período. Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-**me** algo a respeito, **mas** vagamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos. Conhecera-o nos sertões de Pernambuco, um ou dous anos depois da partida do Crato."

Considere as afirmações.

I. O **anacoreta sombrio** e **a sua existência** desempenham função sintática de sujeito.
II. Os pronomes oblíquos assinalados desempenham funções sintáticas diferentes.
III. Depois da conjunção **mas** há elipse de um verbo.

Assinale:

a) se apenas I e II estiverem corretas;
b) se apenas II e III estiverem corretas;
c) se apenas II estiver correta;
d) se todas estiverem corretas;
e) se apenas I e III estiverem corretas.

8. (ESPM-SP)

"Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu."

(Machado de Assis)

A função sintática das palavras **doente**, **grito**, **ninguém** e **me** é, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

9. (FGV-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está destacado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que este termo **não é objeto indireto.**

a) O rapaz aludiu **às histórias passadas**, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia **à novela da Globo**, todos os dias.
c) Quem disse **a Joaquina** que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu **ao público** a melhor das impressões.
e) Foi fiel **à lei** durante todos os anos que passou nos Açores.

10. (PUC-PR) Observe a frase: "Ele não conhecia os pais da menina que tinham sofrido um acidente grave."

Em relação a ela, só não se pode afirmar que:

a) quem sofreu o acidente foram "os pais";
b) quem sofreu o acidente foi "a menina";
c) o "que" tem como antecedente a expressão "os pais da menina";
d) o sujeito de "conhecia" é "Ele";
e) "um acidente grave" é objeto direto de "tinham sofrido".

11. (UPM-SP)

"Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça."

(Tomás Antônio Gonzaga)

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.

a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

12. (FGV-SP) Observe a frase "Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes". Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:

a) no
b) dos
c) pelos
d) ao
e) do

13. (UFSCar-SP) A oração "Vasculhou os bolsos o loiro sueco", extraída de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a:

a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

14. (UFPI)

"(...)
De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho."

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Legado*.)

Marque a opção que analisa corretamente a função sintática de **uma pedra**.

a) aposto
b) sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) predicativo do sujeito

15. (Vunesp-SP)

"Vi ontem **um bicho**
Na imundície do pátio
Catando **comida** entre os detritos."

Faça o que é pedido:

a) Reescreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.
b) Classifique os verbos do período reescrito quanto à predicação.

16. (Efei-MG) Transforme segundo o modelo.

Foi socorrido por amigos. → Amigos o socorreram.

a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

17. (Covest-PE) Assinale a alternativa em que as partes destacadas desempenham a mesma função.

a) 1. "É proibido **pisar na grama**."
2. "Precisa-se de **novos professores**."
b) 1. "É importante **pedir nota fiscal**."
2. "Aqui se vende **picolé**."
c) 1. "Há **algo** de novo no ar."
2. "**Todos** hão de saber da novidade."
d) 1. "Os assaltantes foram presos **pela polícia**."
2. "Ele entrou, de cabeça erguida, **pela porta da frente**."
e) 1. "Alugam-se **casas**."
2. "Disseram **que ele viria**."

18. (Fatec-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.

a) Por **mim** foram exarados estes documentos.
b) De **mim** conseguireis o que quiserdes.
c) Falou-se de **mim** na reunião?
d) Contra **mim** estavam todos eles.
e) n.d.a.

19. (PUC-PR) Observe a frase que segue: "Não posso lhe garantir **que todos estarão presentes à sua festa de formatura**".

Do enunciado acima, pode-se afirmar que a parte destacada desempenha a função de:

a) sujeito de **posso**;
b) objeto direto de **posso**;
c) objeto indireto de **posso**;
d) objeto direto de **garantir**;
e) objeto indireto de **garantir**.

20. (ESPM-SP) "Surgiram **fotógrafos** e **repórteres**." Indique a alternativa que classifica **corretamente** a função sintática e a classe gramatical dos termos destacados.

a) objeto indireto – substantivo
b) objeto direto – substantivo
c) objeto direto – adjetivo
d) sujeito – adjetivo
e) sujeito – substantivo

21. (ESPM-SP) Não **me** preocupa **o futuro**. Julgo-me **capaz** de enfrentar qualquer **dificuldade**.

Os termos destacados são, respectivamente:

a) sujeito – objeto direto – objeto direto – objeto indireto
b) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto – complemento nominal
c) objeto direto – objeto direto – predicativo do objeto – adjunto adnominal.
d) objeto indireto – sujeito – sujeito – objeto direto.
e) objeto direto – sujeito – predicativo do objeto – objeto direto.

22. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações destacadas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu **em que permanecesse no clube**.
II. Não há dúvida **de que disse a verdade**.
III. É preciso **que aprendas ser independente**.
IV. A verdade é **que não saberia viver sem ela**.

a) sujeito – objeto direto – complemento nominal – predicativo do sujeito
b) predicativo do sujeito – complemento nominal – objeto direto – sujeito
c) sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto – complemento nominal
d) objeto indireto – complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito
e) complemento nominal – sujeito – predicativo do sujeito – objeto indireto

23. (UEL-PR) Assinale a alternativa correspondente ao período em que há **agente da passiva**.
a) O rapaz foi preso por um investigador, compadre do Bertolão.
b) O coração não resistiu à prova.
c) Não o sabíamos doente.
d) Tão grande e forte, não era resistente à bebida.
e) Seu apartamento fora interditado poucas horas depois do crime.

24. (Faap-SP) "Pintaram os antigos ao amor menino." **Ao amor** é:
a) sujeito;
b) objeto indireto;
c) objeto direto pleonástico;
d) objeto direto preposicionado;
e) objeto direto cognato.

25. (EEM-SP) Transcreva do parágrafo abaixo dois substantivos com função, respectivamente, de:
a) sujeito;
b) objeto indireto.

"Passou enfim o mês consagrado a matar as saudades do meu tio, e em uma tarde, em que eu me achava à janela do meu quarto saboreando um primoroso havana da Bahia, e lembrando-me da minha boa vida de Paris, entrou o velho e veio sentar-se defronte de mim."

(MACEDO, Joaquim M. *A carteira do meu tio*.)

26. (UFU-MG) No período "Quando enxotada por mim foi pousar na vidraça", qual a função sintática de **por mim**?
a) Objeto direto.
b) Sujeito.
c) Objeto indireto.
d) Complemento nominal.
e) Agente da passiva.

27. (ESPM-SP) Consideradas as frases:
I. Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população.
II. Os meninos de rua, a população rechaça-os, relega-os à lata de lixo da história.

Podemos analisar alguns termos da seguinte forma:
a) Em I e II, meninos de rua é sujeito, trabalho é objeto direto e os pronomes "os" também o são.
b) Em I, meninos de rua é sujeito; em II é objeto direto.
c) Em I e II, meninos de rua é objeto direto; em II, os "os" são objetos pleonásticos.
d) Em I e II, meninos de rua é sujeito; em II, os vários "os" são objetos pleonásticos.
e) n.d.a.

28. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o pronome colocado entre parênteses não preenche corretamente a lacuna.
a) O mal-entendido ... aborreceu demais. (os)
b) Não fiquem preocupados: nós ... ajudaremos. (lhes)
c) Na verdade, em muito pouco ... ajudaríamos. (as)
d) Admiro ... a dedicação para com o irmão. (lhe)
e) Posso dizer que ainda não ... conheço bem. (a)

29. (UniFMU-SP) Observe os termos destacados:
Alugam-se **vagas**.
Precisa-se **de faxineiros**.
Paraibana expansiva machucou-se.
Eles exercem, respectivamente, a função sintática de:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto.
b) sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, objeto indireto, sujeito.
e) sujeito, sujeito, objeto direto.

30. (Uece) Marque a opção que encerra um objeto indireto.
a) Que a deixe, por quê?
b) Que lhe importa o meu ar?
c) Que vale isso.
d) Toda cheia de si.

31. (UEPG-PR) A oração que apresenta complemento nominal é:
a) Os pobres necessitam de ajuda.
b) Sejamos úteis à sociedade.
c) Os homens aspiram à paz.
d) Os pedidos foram feitos por nós.
e) A leitura amplia nossos conhecimentos.

32. (Fuvest-SP) Reescreva as duas frases seguintes, de acordo com o modelo:
Os preços irreais afetaram a previsão orçamentária. → A previsão orçamentária foi afetada pela irrealidade dos preços.
a) Os rostos impassíveis disfarçavam a emoção do povo.
b) A noite negra assustava os viajantes.

33. (UFPR) Na oração "O alvo foi atingido por uma bomba formidável", a locução **por uma bomba formidável** tem a função de:
a) objeto direto;
b) agente da passiva;
c) adjunto adverbial;
d) complemento nominal;
e) adjunto adnominal.

34. (Famema-SP) Classifique **corretamente** os termos integrantes destacados.
"Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana."
a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto
c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto.

35. (Fefasp) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?
a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.
d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

36. (FEI-SP) No período "Sem dúvida, este jovem gosta **de música** e toca **órgão** muito bem", os termos destacados são, respectivamente:
a) complemento nominal e objeto direto;
b) complemento nominal e agente da passiva;
c) objeto indireto e adjunto adverbial de instrumento;
d) objeto direto e objeto indireto;
e) objeto indireto e objeto direto.

37. (FEI-SP) Assinale a alternativa **correta** quanto à função sintática do termo destacado.

A aldeia era povoada de **indígenas**.
a) agente da passiva
b) complemento nominal
c) adjunto adverbial
d) objeto indireto
e) objeto direto

38. (UPM-SP) Em "Chamou-se **um eletricista** para a instalação dos fios", o termo destacado é:
a) objeto direto;
b) sujeito;
c) predicativo do sujeito;
d) objeto indireto;
e) agente da passiva.

39. (UFMG) Assinale o item em que a função **não** corresponde ao termo em destaque.
a) Comer demais é prejudicial **à saúde**. (complemento nominal)
b) Jamais me esquecerei **de ti**. (objeto indireto)
c) Ele foi cercado **de amigos sinceros**. (agente da passiva)
d) Não tens interesse **pelos estudos**. (complemento nominal)
e) Tinha grande amor **à humanidade**. (objeto indireto)

40. (FMPA-MG) Assinale a alternativa em que o termo destacado **não** está **corretamente** classificado.
a) Mozart nasceu **compositor**. (predicativo do sujeito)
b) Não duvides **das verdades divinas**. (objeto indireto)
c) Foi demorado o desembaraço **da bagagem**. (complemento nominal)
d) Vives cercado **por perigos**. (agente da passiva)
e) Caíram **bombas** sobre a cidade. (objeto direto)

41. (FOC-SP) No período "Falsos conceitos, meia ciência por parte de professores, complicação e pedantismo de nomenclatura vazia, tudo isso produziu e produz nos alunos uma sadia aversão pela 'análise lógica'", a expressão **pela análise lógica** é:
a) adjunto adnominal;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) objeto indireto.

42. (UPM-SP) Em "Não eram tais palavras compatíveis **com a sua posição**", o termo em destaque é:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) sujeito;
e) agente da passiva.

43. (ESPM-SP) "**Sorvete Kibon** decora sua cozinha. E dá **nome às latas**." Os termos destacados são, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto indireto.
c) sujeito, objeto indireto, objeto direto.
d) sujeito, sujeito, objeto indireto.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto.

44. (UniFMU-SP) Em "Tinha grande amor **à humanidade**", "As ruas foram lavadas **pela chuva**" e "Ele é rico **em virtudes**", os termos destacados são, respectivamente:
a) complemento nominal, agente da passiva, complemento nominal.
b) objeto indireto, agente da passiva, objeto indireto.
c) complemento nominal, objeto indireto, complemento nominal.
d) objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva.
e) n.d.a.

CAPÍTULO 14

Termos acessórios da oração e vocativo

1. (Unicamp-SP)

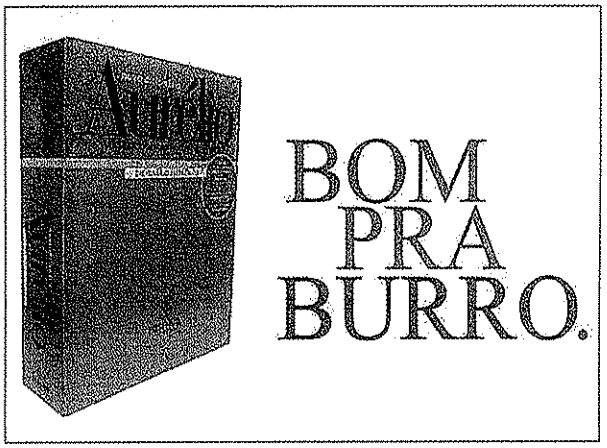

Unicamp

Explique como o uso da expressão "bom pra burro" produz humor nessa propaganda.

2. (UFMS) Faça uma análise sintática da oração abaixo e, a seguir, assinale a(s) proposição(ões) correta(s).
"A ordem, meus amigos, é a base do governo."
(1) A **ordem** é sujeito simples; **é a base do governo** é predicado nominal.
(2) A expressão **meus amigos** é aposto.
(4) **A, meus, a, do governo** são adjuntos adnominais.
(8) **é** – verbo transitivo direto.
(16) **a base do governo** é predicativo do objeto.

3. (PUC-RJ)

Levei vários anos até conquistar o ócio, isso é importante para o poeta, ele não pode ter a cabeça virada só para coisas a resolver. Fiquei muitos anos arrumando minha vida, saldando dívidas, atendendo papagaio. Há oito anos, cheguei aqui pra Mato Grosso, tomei pé aqui. Agora estou vagabundo, tenho direito a isso. Herdei uma fazenda, em campo aberto, terra nua, sou fazendeiro de gado, vaca, não sou "o rei do boi, do gado" mas vivo bem. Este é o meu caso: enquanto estava tomando pé da fazenda não escrevi uma linha. Mas sabemos de outros casos, como o Dostoiévski, que escreveu perseguido por dívidas, ou o Graciliano Ramos, que além das dívidas ainda tinha família pra criar.

(BARROS, Manoel de. Entrevista a André Luís Barros. *Jornal do Brasil – Caderno Ideias*, 24 ago. 1996. p. 8.)

Com relação ao enunciado "**Agora estou vagabundo, tenho direito a isso.**", encontrado no texto, indique que palavra reforça a semântica do verbo **estar**, justificando sua resposta.

4. (Enem) Texto para a questão
1 Torno a ver-vos, ó montes; o destino
2 Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
3 Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
4 Pelo traje da Corte, rico e fino.
5 Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
6 Os meus fiéis, meus doces companheiros,
7 Vendo correr os míseros vaqueiros
8 Atrás de seu cansado desatino.
9 Se o bem desta choupana pode tanto,
10 Que chega a ter mais preço, e mais valia

11 Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,
12 Aqui descanse a louca fantasia,
13 E o que até agora se tornava em pranto
14 Se converta em afetos de alegria.

(Cláudio Manoel da Costa. In: Domício Proença Filho. *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 78-9.)

Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manoel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.

a) "Torno a ver-vos, ó montes; o destino" (v.1)
b) "Aqui estou entre Almendro, entre Corino," (v.5)
c) "Os meus fiéis, meus doces companheiros," (v.6)
d) "Vendo correr os míseros vaqueiros" (v.7)
e) "Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto," (v.11)

5. (UFRRJ) Leia o texto e responda à questão.

Velha Roupa Colorida

Você não sente e não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança, em breve, vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer
Nunca mais teu pai falou: "she's leaving home"
E meteu o pé na estrada like a Rolling Stones
Nunca mais você buscou sua menina
Para correr no seu carro, loucuras, chiclete e som

Nunca mais você saiu à rua em grupo ou reunido
O dedo em V, cabelo ao vento
Amor e flor que é do cartaz

No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais

Como Poe, poeta louco, americano
Eu pergunto ao passarinho blackbird o que se faz
E raven, raven, raven, raven, raven
Blackbird me responde
Tudo já ficou pra trás

(BELCHIOR, Antônio Carlos. Velha roupa colorida. In: Elis Regina. *Falso brilhante* (CD). Polygram, 1976.)

Das sentenças retiradas do texto, é correto afirmar que em

a) "Mas eu não posso deixar de dizer, **meu amigo**", o termo destacado é o sujeito da declaração.
b) "**No presente**, a mente, o corpo, é diferente", o termo destacado é adjunto adverbial de modo antecipado.
c) "O que há algum tempo era novo, **jovem**", o termo destacado é um vocativo.
d) "Como Poe, **poeta louco**, americano", o termo destacado é um aposto.
e) "E **o passado** é uma roupa que não nos serve mais", o termo destacado é um adjunto adverbial de tempo antecipado.

6. (UEL-PR) A questão a seguir refere-se a uma estrofe, transcrita abaixo, de um poema de Fernando Pessoa.

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Em "Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal". A expressão ***Ó mar salgado*** classifica-se, sintaticamente, como:

a) Sujeito, pois expressa o ser de quem se diz algo.
b) Objeto, pois completa o sentido do verbo transitivo direto.
c) Vocativo, pois expressa o ser a quem se dirige a mensagem do narrador.
d) Complemento nominal, pois completa a ideia expressa por um nome.
e) Aposto, pois explica e identifica o termo a que se refere o narrador.

7. (ESPM-SP) Leia as seguintes mensagens e em seguida assinale a alternativa cuja interpretação não corresponde aos textos:

1. Aos sábados, não fazemos trocas. Nesta loja, não aceitamos cheques de terceiros.
2. Não fazemos, aos sábados, trocas. Não aceitamos, nesta loja, cheques de terceiros.
3. Não fazemos trocas. Não aceitamos cheques de terceiros.

a) As mensagens 1 e 3 são mais claras e objetivas.
b) Por intercalar os adjuntos adverbais (de tempo e lugar respectivamente), a mensagem 2 é menos clara.
c) A mensagem 3 apresenta alteração de informação (em relação à 1 e 2) pois entende-se que a loja não troca mercadoria em dia algum e terminantemente não aceita cheques.
d) A posição do adjunto no meio da oração (mensagem 2) sugere que se aceitam cheques em outras filiais da loja, por exemplo.
e) Nas três mensagens, subentende-se que a troca de mercadorias e a aceitação de cheques são optativas, seguindo critérios da loja.

8. (Enem) No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete: "Campanha contra a violência do governo do Estado entra em nova fase". A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:

a) Campanha contra o governo do Estado e a violência entram em nova fase.
b) A violência do governo do Estado entra em nova fase de campanha.
c) Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.
d) A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
e) Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.

9. (FGV-SP) Observe as frases abaixo. Entre elas há diferença na função sintática das palavras **Fabrício** e **pedreiro**. Explique essa diferença.

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço...

Quando o pedreiro Fabrício voltou de um serviço...

10. (PUC-RJ) O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura: "A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa".

a) Explique quais são as leituras possíveis.
b) Desfaça a ambiguidade, deixando clara **uma** dessas leituras.

11. (PUC-SP) "A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa **para os mercados** com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos **em autos e locomotivas** que uns 50 km por hora, **na certa**, desenvolvem."

As circunstâncias destacadas indicam, respectivamente, a ideia de:

a) lugar, meio e finalidade;
b) finalidade, meio e afirmação;
c) finalidade, tempo e dúvida;
d) lugar, meio e afirmação;
e) lugar, instrumento e lugar.

12. (UFRRJ)

Leia os versos abaixo da música *Asa branca* e atente para os termos destacados.

I

Entonce, eu disse: "Adeus, Rosinha,
Guarda contigo **meu coração**".

II

Eu te asseguro, num chore, não, viu!
Que eu voltarei, viu, **meu coração.**

Considerando a função sintática e o valor semântico dos termos destacados nos versos I e II, é correto afirmar que:

a) os termos, em I e II, são objeto direto, e ambos devem ser entendidos no sentido denotativo.
b) o termo em I é sujeito e em II é aposto, e ambos devem ser entendidos no sentido denotativo.
c) o termo em I é sujeito e em II é aposto, e ambos devem ser entendidos como uma metáfora.
d) o termo em I é objeto direto e em II é sujeito, e ambos devem ser entendidos como uma metáfora.
e) o termo em I é objeto direto e em II é vocativo, e ambos devem ser entendidos como uma metáfora.

13. (UFC) Leia o trecho abaixo do conto *Os moradores do casarão*, de Moreira Campos:

"Consultando o relógio da parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente."

Numere a 2.ª coluna, identificando a função sintática do termo, de acordo com a 1.ª coluna.

(1) adjunto adnominal	( ) num gemer de ferros
(2) adjunto adverbial	( ) da parede
	( ) com água quente

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) 2 – 2 – 1
b) 2 – 1 – 1
c) 2 – 1 – 2
d) 1 – 2 – 2
e) 1 – 2 – 1

14. (FGV-SP)

Observe os termos destacados nas seguintes frases:

Chegou a hora **do público** se manifestar contra a publicação desse impostor.

As palmas **do público** ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.

Vista **do público**, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.
b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque a preposição está regendo o sujeito.
c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.
d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.
e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma **de o** em lugar de **do**, porque **o público** é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

15. (Ufal) A infidelidade **às promessas feitas** tornou-o desacreditado perante os amigos.

Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce a mesma função do termo destacado na frase acima.

a) Convém convidá-lo **à participaçao** nos festejos.
b) Os professores entregaram, **satisfeitos**, os prêmios aos alunos.
c) Todos se admiraram **da coragem** do menino.
d) Ele sentiu necessidade **de apoio** do grupo.
e) A felicidade **dos colegas** contagiava o ambiente escolar.

16. (Fuvest-SP) "'É preciso agir, e **rápido**!', disse ontem o ex-presidente do partido."

A frase em que a palavra destacada **não** exerce função sintática idêntica à de **rápido** é:

a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **alto**.
b) Mademoiselle ergueu **súbito** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
c) Estavam acostumados a falar **baixo**.
d) Conversamos por alguns minutos, mas tão **abafado** que nem as paredes ouviram.
e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, **alto**, de jacarandá.

17. (UPF-RS) Em "Não choremos, amigo, a mocidade!" o termo **amigo** tem a mesma função sintática que o segmento destacado na alternativa:

a) Que educação é essa, **meu filho**, que autoriza troçar assim das pessoas de idade?
b) As crianças, **um menino e uma menina**, foram resgatadas a tempo.
c) Para não ter roubado **o dinheiro**, o menino chegou a escondê-lo entre a palma do pé e as meias.
d) Dona Bibiana, **professorinha respeitada**, percorria a cavalo aqueles rincões.
e) O irmão do Nogueira, **o Zeferino**, viveu muito pouco em nossa companhia.

18. (FGV-SP) Observe as duas frases abaixo. Que diferenças existem entre elas?
a) Pega ladrão! b) Pega, ladrão!

19. (Fuvest-SP) Explique por que há ambiguidade na frase: "Ficamos escandalizados com a matança dos animais".

20. (Fuvest-SP) Na frase: "Ele chegou de mansinho", a preposição indica modo. Escreva frases em que a mesma preposição indique:
a) causa; b) lugar.

21. (FCMSC-SP) Examine as três frases a seguir:
I. Comumente a ira se acende em sentimentos desumanos.
II. No campo reina a paz.
III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu um rebuliço extraordinário.
Assinale a alternativa **correta** quanto à existência de **adjunto adverbial**.
a) Não existe em nenhuma.
b) Existe nas três.
c) Existe apenas na I.
d) Existe na II e na III.
e) Existe apenas na III.

22. (Faap-SP)
"Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela."
Identifique a análise **errada**.
a) sete anos – adjunto adverbial
b) de pastor – adjunto adnominal
c) Jacó – sujeito
d) pai de Raquel – aposto de Labão
e) serrana bela – aposto de Raquel

23. (FMIt-MG) Em todas as orações o termo em destaque está corretamente analisado, exceto em:
a) Existe, nesta cidade, **um carpinteiro**. (objeto direto)
b) É importante **o apoio dos operários**. (sujeito)
c) Já tínhamos certeza **da derrota**. (complemento nominal)
d) O estudante permaneceu **inalterável**. (predicativo)
e) Renato, **o engenheiro**, logo protestou. (aposto)

24. (FEI-SP) Resolva as questões abaixo de acordo com o código que segue:
A adjunto adverbial de lugar;
B adjunto adverbial de tempo;
C adjunto adverbial de modo;
D adjunto adverbial de causa.

a) **Segunda-feira** haverá um jogo importante.
b) **Com mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.
c) O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.
d) O automóvel parou **perto do rio.**

25. (PUC-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**." Assinale a alternativa em que se apresenta **corretamente** a função sintática dos termos em destaque, respeitando-se a ordem em que elas ocorrem no período.
a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

26. (Unic-MT)
"Dois pais conversam sobre o futuro dos filhos:
– O que seu filho vai ser quando terminar o primeiro grau? – pergunta **um** deles.
– Pelo jeito, acho que vai ser **um** velho de barbas brancas... – responde o outro."
Um, analisando-se morfológica e sintaticamente, é, respectivamente:
a) artigo indefinido e adjunto adnominal / artigo indefinido e adjunto adnominal.
b) pronome adjetivo e objeto direto / artigo indefinido e objeto direto.
c) pronome substantivo indefinido e sujeito / artigo indefinido e adjunto adnominal.
d) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e sujeito.
e) pronome adjetivo definido e adjunto adnominal / numeral cardinal e objeto direto.

27. (Unimep-SP)
I. Ele é **muito** simpático.
II. Ele trabalha **muito** pouco.
III. Há **muito** livro interessante.
Muito é:
a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em II e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I, II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

28. (Unesp-SP)
"De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, **greve dos patrões**, que suspenderam o trabalho noturno."
"Muitas vezes lhe acontecera bater à campainha de uma casa e ser atendido **por uma empregada ou por uma outra pessoa qualquer**."
"E, às vezes, me julgava **importante**."
Assinalar a alternativa em que os termos em destaque aparecem **corretamente** analisados quanto à função sintática.
a) predicativo, sujeito, objeto direto
b) aposto, agente da passiva, predicativo
c) objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial
d) complemento nominal, adjunto adverbial, aposto
e) vocativo, adjunto adnominal, predicativo

29. (UPM-SP) "Apesar de vistosa, a construção acelerada **daquele edifício** deixou-**nos insatisfeitos** novamente." Os termos em destaque no período são, respectivamente:
a) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adverbial.
b) complemento nominal, objeto direto, adjunto adverbial.
c) adjunto adnominal, objeto direto, predicativo do objeto.
d) complemento nominal, objeto direto, predicativo do objeto.
e) adjunto adnominal, objeto indireto, adjunto adnominal.

30. (UEL-PR) "Ainda que surgissem poucos **recursos** para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade **do chefe**." As palavras em destaque no período exercem, respectivamente, a função sintática de:
a) objeto direto, complemento nominal
b) sujeito, objeto indireto
c) objeto direto, adjunto adnominal
d) objeto direto, objeto indireto
e) sujeito, adjunto adnominal

31. (Unimep-SP) Em "... as empregadas das casas saem **apressadas**, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila **do leite**", os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria
b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal
c) adjunto adnominal e complemento nominal
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal
e) predicativo do objeto e complemento nominal

32. (UFPA) Os termos destacados no trecho "**O pobre índio**, tímido, não se animava a chegar-se a casa, senão quando via de longe a **D. Antônio de Mariz** passeando **sobre a esplanada**", desempenham, respectivamente, as funções de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial
b) sujeito, objeto direto preposicionado e objeto indireto
c) sujeito, objeto direto preposicionado e adjunto adverbial
d) sujeito, objeto indireto e adjunto adverbial
e) sujeito, objeto indireto e objeto indireto

33. (Fuvest-SP) No trecho "Em suma: o servilismo ao código aprioristico – assegurando a comunicação imediata com o público – é o critério básico da sua confecção", as palavras **servilismo**, **código** e **aprioristico** são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal, adjunto adnominal.
b) aposto, objeto indireto, adjunto adverbial.
c) aposto, adjunto adverbial, adjunto adverbial.
d) sujeito, adjunto adverbial, predicativo.
e) aposto, objeto indireto, predicativo.

34. (Unesp-SP) Assinale a alternativa em que a expressão destacada tem a função de complemento nominal.
a) A curiosidade **do homem** incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade **de Londres** merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever **de todos**.
d) O coitado **do velho** mendigava pela cidade.
e) O receio **de errar** dificulta o aprendizado das línguas.

35. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.
a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas (...)
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

36. (FCMSC-SP) Observe as duas frases seguintes:
I. O proprietário da farmácia saiu.
II. O proprietário saiu da farmácia.
Sobre elas são feitas as seguintes considerações:
Na I, **da farmácia** é adjunto adnominal.
Na II, **da farmácia** é adjunto adverbial.
Ambas as frases têm exatamente o mesmo significado.
Tanto em I como em II, **da farmácia** tem a mesma função sintática.
Dessas quatro considerações:
a) apenas uma é verdadeira;
b) apenas duas são verdadeiras;
c) apenas três são verdadeiras;
d) as quatro são verdadeiras;
e) nenhuma é verdadeira.

37. (PUC-SP) Nos trechos:
"Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas **a pau**."
"Não posso ver o mostrador assim **às escuras**."
As expressões destacadas dão, respectivamente, ideia de:
a) modo, especificação
b) lugar, modo
c) instrumento, modo
d) instrumento, origem
e) origem, modo

CAPÍTULO 15

Orações coordenadas

1. (ITA-SP) Indique a opção em que o **MAS** tem função aditiva.
a) Atenção: na minha coluna não usei "careta" como quadrado, estreito, alienado, fiscalizador e moralista, **mas** humano, aberto, atento, cuidadoso.
b) Não apenas no sentido econômico, **mas** emocional e psíquico: os sem autoestima, sem amor, sem sentido de vida, sem esperança e sem projetos.
c) Não solto, não desorientado e desamparado, **mas** amado com verdade e sensatez.
d) [...] não me refiro a nomes importantes, **mas** a seres humanos confiáveis [...].
e) Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, **mas** o pai e a mãe – se tiverem cacife.

2. (ESPP) Considere o período e as afirmações que se seguem:
O juiz decretou a prisão preventiva do rapaz acusado de matar um morador de rua no último sábado.
I. O período é composto por coordenação.
II. Há três orações no período.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I
b) somente II
c) I e II
d) Nenhuma

3. (ESPP) Considere o período e as afirmações que se seguem:
O governo decidiu que será investigado o caso.
I. O período é composto apenas por subordinação.
II. O sujeito da segunda oração é simples.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I
b) somente II
c) I e II
d) nenhuma

4. (UPM-SP) Em relação a "Eles venceram e o sinal está fechado para nós, que somos jovens." (Belchior), é correto afirmar:
a) é um período composto só por coordenação, em que a terceira oração é sindética.
b) é um período composto só por coordenação.
c) é um período composto somente por orações coordenadas assindéticas.
d) é um período composto por coordenação e subordinação em que a terceira oração é subordinada.
e) a segunda oração é subordinada à primeira.

5. (Unimep-SP) No período: "No dia em que eu partir, eu me sentirei mais livre do que todos, **e gozarei de um infantil sentimento de superioridade** ...", a oração destacada é:
   a) coordenada sindética conclusiva
   b) coordenada sindética adversativa
   c) coordenada sindética aditiva
   d) coordenada assindética
   e) coordenada sindética explicativa

6. (UCDB-MS) "Podemos falar qualquer coisa: estou absolutamente calmo."
   Os dois-pontos do período acima poderiam ser substituídos pela conjunção:
   a) e
   b) portanto
   c) logo
   d) pois
   e) mas

7. (UEPG-PR) Quanto às funções sintáticas no período "Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York", estão corretas as afirmações:
   01. Trata-se de um período composto por orações independentes, por isso ditas coordenadas.
   02. O termo "Nova York" complementa o sentido de ambos os verbos.
   04. O verbo "escureceu" é intransitivo.
   08. O sujeito é simples na primeira oração ("uma mancha negra gigantesca") e indeterminado na segunda.
   16. No sintagma "uma mancha negra gigantesca", observa-se um núcleo nominal, "mancha", cujo significado se modifica por força dos atributos "negra" e "gigantesca".

8. (PUC-PR) Observe as frases:
   I. "Eu não me preparei bem para o vestibular. Tenho muita esperança de ser aprovado."
   II. "Eu não me preparei bem para o vestibular, _____ tenho muita esperança de ser aprovado."

   As duas frases de I ficam coerentemente unidas, formando um único período em II, se o espaço for preenchido por:
   a) pois;
   b) contudo;
   c) desde que;
   d) uma vez que;
   e) por conseguinte.

9. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a conjunção **e** está empregada com valor adversativo.
   a) "Deixou viúva e órfãos mudos."
   b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente."
   c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem."
   d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura."
   e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada."

10. (PUC-RS) "Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra."
   (Marina Colasanti)

   O conectivo **mas**, que introduz a conclusão do conto – tornou-se alcoólatra –, permite a seguinte interpretação:
   I. A personagem tornou-se alcoólatra porque nunca recebeu uma resposta.
   II. O fato aconteceu porque a personagem escreveu muitas mensagens.
   III. A solidão sem remédio tem sempre como consequência o vício.
   IV. Esvaziou muitas garrafas. Enviou muitas mensagens. Não recebeu resposta. Mas, como tinha bebido todos os dias, tornou-se alcoólatra.

   Analise as afirmações e, a seguir, assinale a alternativa **correta.**
   a) Somente a afirmação IV está correta.
   b) Somente a afirmação I está correta.
   c) Somente as afirmações I e II estão corretas.
   d) Somente a afirmação III está correta.
   e) Somente as afirmações II e III estão corretas.

11. (Fuvest-SP) Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios abaixo, a lacuna **não** poderá ser corretamente preenchida pela conjunção **mas** apenas em:
   a) Morre o homem, ... fica a fama.
   b) Reino com novo rei, ... povo com nova lei.
   c) Por fora bela viola, ... por dentro pão bolorento.
   d) Amigos, amigos! ... negócios à parte.
   e) A palavra é de prata, ... o silêncio é de ouro.

12. (PUCCamp-SP) A conjunção **e** tem valor adversativo na frase:
   a) Cheguei, vi **e** venci.
   b) Arrumou as malas **e** despediu-se.
   c) Deitei exausto **e** não consegui dormir.
   d) Siga meu conselho **e** não se arrependerá.
   e) Choveu durante a noite **e** não pudemos sair.

13. (UEPB) Veja estas duas frases: "A diferença não é onde você navega. É com quem você navega.". O termo que as uniria em um único período, dando-lhe sentido **adversativo**, é:
   a) portanto;
   b) quando;
   c) todavia;
   d) comumente;
   e) especificamente.

14. (PUC-SP) "Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala." (RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.)

   É **correto** dizer que:
   a) a primeira e a segunda orações são coordenadas assindéticas.
   b) a primeira oração é coordenada assindética e a segunda é adversativa.
   c) há sete orações coordenadas no período.
   d) há seis orações coordenadas e duas subordinadas.
   e) n.d.a.

15. (Fuvest-SP) Dentre os períodos abaixo transcritos, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinale a alternativa que corresponde a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Sejamos francos.
e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

16. (UFF-RJ) Assinale a **única** alternativa em que ocorre oposição entre as ideias estabelecidas nos períodos.

a) Os contratos não vêm mais com a chancela do estado, mas com carimbos de advogados...
b) A mistura é irreversível. É uma exigência do mundo.
c) Eu, um italiano, não torci pela Itália nesta Copa, virei um seguidor apaixonado do Senegal.
d) (...) essa lógica não diz respeito só a equipes de futebol. Ela serve como condição para nossa experiência...

17. (Faap-SP) Reescreva os períodos que seguem, de modo a transformá-los em um único período composto por coordenação:

"Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de gritos: Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio".

18. (Fuvest-SP) Considere as frases abaixo:

1) Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.
2) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
3) Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.
4) Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada!
5) O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo.

Pode-se afirmar que temos orações coordenadas sindéticas aditivas em:

a) 1, 2 e 3.
b) 1, 3 e 4.
c) 1, 3 e 5.
d) 2, 4 e 5.
e) n.d.a.

19. (UniFMU-SP) O conectivo **e** normalmente é usado como conjunção coordenativa aditiva. No entanto, em uma das alternativas abaixo, isso **não** ocorre:

a) Entrou, comprou ingressos e saiu logo.
b) Maria das Dores é amiga de César e Maria do Céu, de Mário.
c) Nem um nem outro conseguiu pagar a conta e, assim, ficaram devendo.
d) Não se preparou para o concurso e conseguiu passar!
e) Saia daí e não volte mais!

20. (Unimep-SP)

I. Mário estudou muito **e** foi reprovado!
II. Mário estudou muito **e** foi aprovado.

Em I e II, a conjunção **e** tem, respectivamente, valor:

a) aditivo e conclusivo.
b) adversativo e aditivo.
c) aditivo e aditivo.
d) adversativo e conclusivo.
e) concessivo e causal.

21. (UFU-MG) Em "Agora não se vira mais cidadão do mundo: você já nasce sendo um", a relação entre as orações pode ser estabelecida por meio de:

a) logo
b) mas
c) desde que
d) pois

22. (FCMSC-SP) Por definição, oração coordenada que seja desprovida de conectivo é denominada **assindética.** Observando os períodos seguintes:

I. Não caía um galho, não balançava uma folha.
II. O filho chegou, a filha saiu, mas a mãe nem notou.
III. O fiscal deu o sinal, os candidatos entregaram a prova. Acabara o exame.

nota-se que existe coordenação assindética em:

a) I apenas.
b) II apenas.
c) III apenas.
d) I, II e III.
e) nenhum deles.

23. (FCMSC-SP) Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada sindética e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça".

Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

24. (FCMSC-SP) Chamando de:

1. o período composto por coordenação sindética;
2. o período composto por coordenação assindética;

assinale a alternativa **correta**.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)
b) Bem depressa chegou o trem; despedimo-nos sem demora. (1)
c) Os dois anos de serviço militar acabaram-se em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou no ofício. (1)
d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)
e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Química. (2)

25. (Fuvest-SP) Assinalar a alternativa que apresenta orações de mesma classificação que as deste período: "Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos".

a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

26. (FCL-SP) "Foi ao cinema, comprou o ingresso, mas não conseguiu entrar." A última oração é coordenada sindética:
a) adjetiva.
b) alternativa.
c) adversativa.
d) conclusiva.

27. (FEI-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, **o açude estancou**, as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)
Classifique sintaticamente a oração destacada.
a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética conclusiva
d) coordenada assindética

28. (FFCLT-SP) No período "Penso, **logo existo**", a oração em destaque é:
a) coordenada sindética conclusiva.
b) coordenada sindética aditiva.
c) coordenada sindética alternativa.
d) coordenada sindética adversativa.
e) n.d.a.

(FCC) As questões de 32 a 38 apresentam um período que você deverá modificar, iniciando-o conforme se sugere, mas sem alterar a ideia contida no primeiro. Em consequência, outras partes da frase sofrerão alterações.

Assinale a alternativa que contém o elemento adequado ao novo período.

Exemplo:
Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.
Comece com: Não pude evitá-lo...
a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

Neste caso, a resposta correta é **e**, pois a frase transformada seria:
Não pude evitá-lo, porque abraçou-me com grande ímpeto.

29. Não se preocupe, que breve estarei de volta.
Comece com: Breve estarei...
a) para que
b) logo que
c) porém
d) logo
e) senão

30. Não posso atendê-lo, porque não é lícito o que requereu.
Comece com: Requereu o que não é lícito...
a) depois
b) porém
c) em que
d) visto que
e) portanto

31. Insiste em sair sozinho, conquanto mal conheça a cidade.
Comece com: Mal conhece a cidade...
a) por isso
b) então
c) no entanto
d) logo
e) em consequência

32. Dada a falta de meios, recorreu à caridade.
Comece com: Faltavam-lhe os meios...
a) mas
b) nem
c) quando
d) portanto
e) visto que

33. Como todos tivessem terminado o trabalho, permiti-lhes que saíssem mais cedo.
Comece com: Todos já tinham terminado o trabalho...
a) visto que
b) porque
c) contudo
d) logo
e) a fim de que

34. Teimou em contratar os serviços de uma empresa, se bem que não houvesse necessidade.
Comece com: Não havia necessidade...
a) porém
b) ainda que
c) visto que
d) portanto
e) porque

35. Espere até tarde, que ele aparecerá.
Comece com: Ele aparecerá...
a) assim que
b) quando
c) para que
d) enquanto
e) portanto

CAPÍTULO 16

Orações subordinadas

1. (UEPG-PR) Sobre o período "A comprovação e o aumento da idade desses artefatos são um trunfo que Niéde pretende utilizar para que cientistas do mundo todo debatam uma nova hipótese para a ocupação das Américas", assinale o que for correto.
01) Contém três orações em sua estrutura.
02) É composto por subordinação.
04) A segunda oração tem valor adjetivo.
08) A última oração expressa circunstância de fim.
16) Não contém orações coordenadas.

2. (Uerj) **Com a inacreditável capacidade humana de ter ideias, sonhar, imaginar, observar, descobrir, constatar, enfim, refletir sobre o mundo e com isso ir crescendo**, a produção textual vem se ampliando ao longo da história.

O trecho destacado anteriormente estabelece uma relação de sentido com o restante da frase.

Essa relação de sentido pode ser definida como:

a) simultaneidade
b) consequência
c) oposição
d) causa

3. (Uerj) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, **porque todos são portadores da mesma humanidade.**

Identifique a relação de sentido que a oração em destaque estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

4. (FCL-SP) Assinale a alternativa em que o período formado com as frases I, II, III estabeleça relação de condição entre I e II e de adição entre II e III.

I. A ginástica artística continua evoluindo.
II. As ginastas brasileiras disputam pódio com as atletas de potência do esporte.
III. As atletas brasileiras são cada vez mais respeitadas.

a) Como a ginástica artística continua evoluindo, as ginastas brasileiras disputarão pódio com as atletas de potências do esporte, sendo cada vez mais respeitadas.
b) Se a ginástica artística continuar evoluindo, as ginastas brasileiras disputarão pódio com as atletas de potências do esporte e serão cada vez mais respeitadas.
c) A ginástica artística continua evoluindo e as ginastas brasileiras disputam pódio com as atletas de potências do esporte, razão pela qual serão cada vez mais respeitadas.
d) Uma vez que a ginástica artística continua evoluindo, as ginastas brasileiras disputarão pódio com as atletas de potência do esporte, além disso serão cada vez mais respeitadas.
e) A ginástica artística continuará evoluindo, mas as ginastas brasileiras disputarão pódio com as atletas de potências do esporte e serão cada vez mais respeitadas.

5. (ESPM-SP) A frase: **"A tecnologia ligou os jovens de uma forma tão intensa que os relacionamentos com adultos estão diminuindo"** estabelece uma relação de:

a) ordem e explicação.
b) causa e consequência.
c) consequência e causa.
d) modo e quantidade.
e) intensidade e proporção.

6. (PUC-RJ) Reescreva as frases abaixo substituindo o termo em destaque por uma oração subordinada, conforme o exemplo:

Escrevi sobre cenas **de minhas lembranças remotas – Escrevi sobre cenas de que me lembrava remotamente.**

(i) Não consigo mais lembrar os motivos **de meu comportamento agressivo naquela ocasião.**

(ii) No que tange ao estudo da memória, ainda são insuficientes os recursos **à disposição dos cientistas.**

7. (UFScar-SP) Assinale a alternativa em que o trecho – **Eu não era mais criança, porém minha alma ficava completamente feliz.** – está parafraseado por meio de uma subordinação.

a) Eu não era mais criança, mas minha alma ficava completamente feliz.
b) Eu não era mais criança, todavia minha alma ficava completamente feliz.
c) Embora eu não fosse mais criança, minha alma ficava completamente feliz.
d) Eu não era mais criança; minha alma ficava, entretanto, completamente feliz.
e) Eu não era mais criança; minha alma, contudo, ficava completamente feliz.

8. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: **"Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes".**

Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de

a) comparação.
b) condição.
c) conformidade.
d) consequência.
e) proporção.

9. (Udesc) Assinale a alternativa em que a classificação da relação de sentido entre as ideias está **correta**.

a) Talvez **porque** nenhuma tivesse os olhos de ressaca, ele permaneceu solteiro. – temporalidade.
b) Falo daquelas coisas que deixamos de fazer **porque** não temos mais condições físicas e a coragem de antigamente. – causal.
c) Você me perguntou **se** poderia fazer uma pergunta? – explicativa.
d) **Quando** ele acordava todo mundo com gritos, Halim se assustava (...) – condicional.
e) Drummond tem escrito ótimos poemas, **mas** eu larguei o Suplemento. – adição.

10. (UFMT) Eis aí em que vai consistir o máximo da minha ação parlamentar, **caso o preclaro eleitorado sufrague o meu nome nas urnas.**

A oração em destaque tem equivalente sintático e expressa igual circunstância na oração grifada em

a) Um deputado **que quisesse fazer qualquer coisa dessas** ver-se-ia bambo.
b) **Desde que minha mulher e os meus filhos passem melhor de cama, mesa e roupas**, a humanidade ganha.
c) De resto, acresce **que nada sei da história social, política e intelectual do país.**
d) Assim, **para poder fazer alguma coisa útil**, não farei coisa alguma.
e) Ganha **porque [...] essa melhoria reflete sobre o todo** de que fazem parte.

11. (PUC-PR) Observe as orações:

1.ª – "O rei que percebia do negócio começou a rir."
2.ª – "O rei, que percebia do negócio, começou a rir."

Assinale a alternativa CORRETA:

a) As duas orações possuem o mesmo sentido.
b) As duas orações só se diferenciam pelo uso da vírgula.
c) Elas não se diferenciam, porque, nesse caso, o emprego da vírgula é opcional.
d) A primeira tem sentido diferente da segunda: a primeira significa que pode haver dois reis, um que percebe do negócio e outro que não.
e) A segunda tem sentido diferente da primeira: a segunda significa que só pode haver um rei e que esse rei percebe do negócio.

12. (ESPP) Assinale a alternativa em que a conjunção estabelece ideia de conformidade:
a) Ele se comporta como se estivesse em casa.
b) Como não sabia nadar, não entrou no mar.
c) Tudo deve ser feito como ele solicitou.
d) Não sabemos como a tragédia aconteceu.

13. (ESPP) Considere o trecho:
"Temendo o castigo do pai, a donzela contou em casa que fora assaltada por um homem no bosque e que ele arrancara o anel de diamante do seu dedo e a deixara desfalecida sobre um canteiro de margarida".
A primeira oração do período, reduzida de gerúndio, é classificada como:
a) subordinada adverbial consecutiva
b) subordinada adverbial concessiva
c) subordinada adverbial condicional
d) subordinada adverbial causal

14. (PUC-PR) Cada uma das opções abaixo apresenta uma oração, seguida de uma justificativa sobre seus aspectos sintáticos. Assinale a alternativa em que a justificativa apresentada seja **improcedente** quanto a esses aspectos sintáticos.
a) Seria importante que os meios de transporte fossem mais eficientes. **Justificativa:** O trecho destacado atua como complemento nominal da oração principal.
b) Os políticos dizem que as promessas e propostas são para as ocasiões. **Justificativa:** O trecho destacado atua como complemento do verbo da oração principal, ou seja, funciona como objeto direto da oração principal.
c) Os congestionamentos e afins devem ser logo combatidos, porque se não forem será impossível locomover-se no futuro. **Justificativa:** A oração sublinhada funciona como condição da ação contida no verbo da oração principal.
d) O carro tornou-se um bem cultural, pois insere determinado indivíduo em uma classe social. **Justificativa:** A conjunção sublinhada relaciona-se à oração anterior, introduzindo uma justificativa, uma explicação para o fato já mencionado.
e) Os congestionamentos e afins devem ser logo combatidos, porque se não forem será impossível locomover-se no futuro. **Justificativa:** A oração sublinhada funciona como causa da ação expressa pelo verbo da oração principal.

15. (UEL-PR) Sua displicência era tanta *que não comunicou o horário de partida do trem.*
A oração destacada exprime:
a) tempo
b) consequência
c) causa
d) explicação
e) concessão

16. (Unicamp-SP) Os computadores facilitam a reelaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada.
"Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa." (*Folha de S.Paulo*)
a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, nesse trecho, ser usadas simultaneamente.
b) Reescreva o trecho de duas maneiras, utilizando a cada vez apenas uma das expressões que você identificou.

17. (UFC) Identifique o período em que a oração destacada exerce a função de sujeito.
a) **É possível** que a prova seja adiada.
b) Consta **que a prova foi adiada**.
c) Não acredito **que haja adiamento da prova**.
d) **Se a prova for adiada**, ficaremos decepcionados.
e) Só irei embora **quando se confirmar o adiamento da prova.**

18. (Faap-SP)
"Ouvindo-te dizer: Eu te amo,
creio, no momento, que sou amado.
No momento anterior e no seguinte
como sabê-lo?"
O pronome **o** está no lugar da oração:
a) ouvindo-te.
b) dizer.
c) eu te amo.
d) que sou amado.
e) como saber.

19. (PUCCamp-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva subjetiva iniciada por conjunção é:
a) Os repórteres que o procuraram já saíram.
b) Reafirmo meu desejo: que todos fiquem à vontade.
c) Vai ser difícil que ele atenda nosso pedido.
d) Foi tão incisivo em suas declarações que convenceu a todos.
e) Pretendemos que todos tenham acesso às facilidades propostas.

20. (Cefet-MG) "Já era noite. Parecia viável **que todos entendessem** que, naquele momento, deviam-se lembrar **de que nada é eternamente assim**. Mas nada acontecia. A verdade é **que todos estavam extasiados** e certos **de que não há prazeres no mundo**."
As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas substantivas:
a) subjetiva, subjetiva, subjetiva e completiva nominal.
b) subjetiva, objetiva direta, subjetiva e completiva nominal.
c) objetiva direta, subjetiva, predicativa e objetiva indireta.
d) subjetiva, objetiva indireta, predicativa e completiva nominal.
e) objetiva direta, objetiva indireta, predicativa e objetiva indireta.

21. (Ufac) No período "Enfim resolveu o Leão sair para fazer sua pesquisa, verificar **se ainda era o Rei dos Animais**", a oração em destaque é:
a) subordinada adverbial condicional.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva predicativa.

22. (UFG) No período "Digo-**vos** que as lágrimas eram **verdadeiras**":
a) indique a função sintática das palavras destacadas.
b) transcreva a oração subordinada e indique a função sintática em relação à principal.

23. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada é uma subordinada completiva nominal.
a) Este é o relatório **de que lhe falei ontem**.
b) Lembraram-se **de que a reunião fora adiada**.
c) Insisto **em que partas logo**.
d) Espalhou-se a notícia **de que ele chegou**.

24. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem no período abaixo são todas subjetivas, **exceto**:
a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio.
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

25. (Ufac) Assinale a alternativa cuja oração é predicativa:
a) É claro que eles não virão.
b) Acontece que ela mentiu.
c) Sabe-se que a notícia não é verdadeira.
d) Parece que tudo mudou.
e) O certo foi que tudo morreu.

26. (ESPM-SP) Classifique sintaticamente a oração destacada: "Pergunta-se **qual seria o destino do povo**".

27. (FCL-SP) "É evidente **que ele não sabe**." Qual a classificação sintática da oração destacada?

28. (FCL-SP) Classifique a oração destacada: "Não julgo **que eles saibam**".

29. (PUC-SP) "Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**."
No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um **se** que é ... :
a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
c) relativa – pronome reflexivo.
d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

30. (PUCCamp-SP) A alternativa em que se encontra uma oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada com a conjunção **se** é:
a) Só obteremos a aprovação se tivermos encaminhado corretamente os papéis.
b) Haverá racionamento de águas em todo o país, se persistir a seca.
c) Falava como se fosse especialista no assunto.
d) Se um deles entrasse, todos exigiriam entrar também.
e) Queria saber dos irmãos se alguém tinha alguma coisa contra o rapaz.

31. (UFU-MG) Na frase "Argumentei **que não é justo que o padeiro ganhe festas**", as orações destacadas, introduzidas por **que**, são, respectivamente:
a) ambas subordinadas substantivas objetivas diretas.
b) ambas subordinadas subjetivas.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada objetiva direta e coordenada assindética.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

32. (UEPG-PR) Em "É possível que comunicassem sobre política", a segunda oração é:
a) subordinada substantiva subjetiva.
b) subordinada adverbial predicativa.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) principal.
e) subordinada substantiva objetiva direta.

33. (Fumec-MG) Classifique a oração destacada.
"No Brasil, temos a impressão **de que só existem diminutivos**."

34. (FEI-SP) Classifique a oração destacada.
"Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso."

35. (Fuvest-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.
"(...) fui **dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce."

36. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.
a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

37. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinativa integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

38. (PUC-MG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:
a) Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
b) Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
c) As estrelas que vemos parecem grandes olhos curiosos.
d) Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito: não admira que ela me preferisse.
e) Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

39. (UFMG) Na frase: "Maria do Carmo tinha a certeza **de que estava para ser mãe**", a oração em destaque é:
a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada substantiva predicativa.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) coordenada sindética explicativa.

40. (UFPA) Qual o período em que há oração subordinada substantiva predicativa?
a) Meu desejo é que você passe nos exames vestibulares.
b) Sou favorável a que o aprovem.
c) Desejo-te isto: que sejas feliz.
d) O aluno que estuda consegue superar as dificuldades do vestibular.
e) Lembre-se de que tudo passa neste mundo.

41. (Fesp-SP) "Lembro-me **de que ele só usava camisas brancas**." A oração em destaque é:
a) substantiva completiva nominal.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

42. (PUC-SP) "As cunhãs tinham ensinado pra ele **que o sagui-açu não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina**." Em relação à oração não destacada, as orações em destaque são, respectivamente:
a) subordinada substantiva objetiva direta, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.
b) subordinada adjetiva restritiva, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta, coordenada sindética aditiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva subjetiva, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

43. (UFSCar-SP) Marque a opção que contém oração subordinada substantiva completiva nominal.
a) "Tanto eu como Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade."
b) "Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro."
c) "Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dele e a cozinha."
d) "Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto."
e) "Pascoal me fez um sinalzinho, eu dei a volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas."

44. (PUC-SP) Nos trechos "(...) não é impossível **que** a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos **que** as lágrimas eram verdadeiras", a palavra **que** está introduzindo, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

45. (FEI-SP) "Estou seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida." A oração em destaque é:
a) objetiva indireta.
b) completiva nominal.
c) objetiva direta.
d) subjetiva.
e) apositiva.

46. (Unip-SP) No período: "É necessário **que todos se esforcem**", a oração destacada é:
a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva objetiva indireta.
c) substantiva completiva nominal.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva predicativa.

47. (Unip-SP) "A verdade é **que a gente não sabia nada...**" Classifica-se a segunda oração como:
a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial conformativa.
c) subordinada substantiva objetiva indireta.
d) subordinada substantiva predicativa.
e) subordinada substantiva apositiva.

48. (FIT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é:
a) substantiva objetiva indireta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva apositiva.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

49. (Unicamp-SP) A organização sintática dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.
"Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido." (*Folha de S.Paulo*)
a) Reescreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.
b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

50. (Unicamp-SP) Observe que, nos trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":
I. "Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159."
II. "Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza." (Notícias da coluna social do *Correio de Mato Grosso*.)

Escolha um dos trechos, diga qual é a interpretação "estranha" que ele pode ter e reescreva-o de forma a evitar o problema.

51. (Fuvest-SP) "Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população."
a) Reescreva a frase, alterando-lhe o sentido apenas com o emprego de vírgulas.
b) Explique a alteração de sentido ocorrida.

52. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que

podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons. (...)

(SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.)

A palavra relacional **que** aparece quatro vezes no parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:

a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.
b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.
d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

53. (UFU-MG) Assinale a **única** alternativa em que o elemento em destaque **não** possui a mesma função dos demais.

a) "Hoje, o mundo se restringe às ligações financeiras **que** vão de indivíduo para indivíduo, saltando as fronteiras nacionais."
b) "Foi divertido (...) ouvir recentemente um nacionalista francês exclamar, diante da multicolorida seleção de seu país, **que** para conquistar a vitória era preciso uma equipe só de brancos (...)"
c) "Não existem mais nações, com as relações sociais, econômicas e financeiras se desenvolvendo em escala universal, **onde** as identidades se esvanecem (...)"
d) "Certo, é um jogo, é uma experiência lúdica **que** não comporta declarações de guerra: batem de frente países, e não diferentes imperialismos."

54. (UFPI) Em que alternativa a expressão destacada é um complemento nominal?

a) O livro **de que** tínhamos necessidade foi extraviado.
b) A cadeira **em que** sentamos era velha demais.
c) Era grande a alegria **de que** estávamos possuídos.
d) A pessoa **a quem** me refiro é teu amigo.
e) A rua **em que** estivemos está desobstruída agora.

55. (UFMA) A oração é adjetiva na opção:

a) Cão que late não morde.
b) Espere, que já estou cansado.
c) O pescador disse que voltaria logo.
d) É bom que saibas essas coisas.

56. (Fuvest-SP) "O ar que respiro, este licor que bebo, pertencem ao meu modo de existir." É composto o sujeito do verbo **pertencem**.

a) Qual é esse sujeito composto?
b) Qual a classificação das orações que acompanham cada membro desse sujeito?

57. (UPM-SP) Em "A beleza da pedra **que ressalta e reluz** é indiscutível", tem-se, respectivamente:

a) oração subordinada adjetiva explicativa e oração coordenada sindética aditiva.
b) oração subordinada adverbial explicativa e oração coordenada assindética aditiva.
c) oração subordinada adjetiva restritiva e oração coordenada sindética aditiva.
d) oração subordinada adjetiva explicativa e oração coordenada sindética aditiva.
e) oração subordinada adverbial restritiva e oração coordenada sindética aditiva.

58. (UFPA) A oração assinalada tem valor de adjetivo em:

a) Não sei **por que há de a gente desenhar objetivamente as coisas**.
b) **Para isso, já existe a fotografia**, com a qual jamais poderemos competir.
c) **Se tivesse o dom da pintura**, eu seria um pintor lírico.
d) E se me dispusesse a pintar Eurídice, **talvez viesse a surgir na tela um hastil, o arco tendido da lua**...
e) É tudo isso e outras coisas **que só os anjos e os demônios saberão**.

59. (Faap-SP)

"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive"

A oração **que nunca tive** é:

a) principal;
b) coordenada;
c) subordinada substantiva;
d) subordinada adverbial;
e) subordinada adjetiva.

60. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:

a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

61. (Fuvest-SP) Modelo: Observou que a lenha verde agonizava. → Observou a agonia da lenha verde.

Seguindo o modelo acima, reescreva a seguinte frase: "Ele se arrogava o direito de inventar leis **que determinavam o comportamento do povo**".

62. (Ueba) "Meu pai, **que havia arrancado três dentes**, não pôde viajar naquele dia."

A oração destacada classifica-se como:

a) adverbial temporal;
b) substantiva predicativa;
c) adjetiva restritiva;
d) substantiva apositiva;
e) adjetiva explicativa.

63. (Unirio-RJ) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me (...)
b) De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?
c) Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês...
d) Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre.
e) Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios...

64. (PUC-SP) Assinale a alternativa que apresenta um período composto em que uma das orações é subordinada adjetiva.

a) (...) a nenhuma pedi ainda que me desse fé: pelo contrário, digo a todas como sou.
b) Todavia, eu a ninguém escondo os sentimentos que ainda há pouco mostrei.
c) (...) em toda a parte confesso que sou volúvel, inconstante e incapaz de amar três dias um mesmo objeto.
d) Mas entre nós há sempre uma grande diferença; vós enganais e eu desengano.
e) – Está romântico!... está romântico... exclamaram os três (...)

65. (Faap-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo**." A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) substantiva objetiva indireta.
e) substantiva completiva nominal.

66. (PUCCamp-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

67. (FGV-SP) "Nota-se facilmente **que nunca perceberam o papel secundário que exerciam naquele período**." A oração em destaque é:
a) substantiva objetiva direta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva predicativa.
d) substantiva subjetiva.
e) n.d.a.

68. (UPM-SP) "Este apartamento é o sítio em **que** as potências da fé e da vontade marcaram um encontro profundo."
"Não peço à vida **que** me dê fortuna, ganância, nem valores superficiais."
Com relação às palavras em destaque nos dois períodos acima, pode-se afirmar que:
a) a primeira dá origem a uma oração subordinada adjetiva e a segunda, a uma adverbial.
b) a primeira marca o início de uma oração subordinada adjetiva e a segunda, de uma substantiva.
c) a primeira principia uma oração subordinada substantiva e a segunda, uma adjetiva.
d) ambas iniciam orações subordinadas adjetivas.
e) ambas introduzem orações subordinadas substantivas.

69. (UFV-MG) Assinale a alternativa que, em sequência, numera **corretamente** as frases a seguir, indicando, assim, a função sintática do **que**.
1) sujeito
2) objeto direto
3) objeto indireto
4) predicativo
5) complemento nominal

( ) Perdeu o único aliado a que se unira.
( ) O artilheiro que o julgaram ser não se revelou na nossa equipe.
( ) À janela, que dava para o mar, assomavam todos.
( ) A prova de que tenho mais receio é a de Matemática.
( ) Os exames que terá pela frente não o assustam.
a) 3, 2, 1, 4, 1
b) 5, 4, 4, 3, 2
c) 3, 1, 2, 5, 4
d) 5, 2, 2, 3, 1

70. (PUC-RS) O período em que se encontra uma circunstância diferente das demais é:
a) Uma viagem constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento, caso possa trazer outros benefícios.
b) Embora uma viagem possa trazer outros benefícios, constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento.
c) Conquanto uma viagem possa trazer outros benefícios, constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento.
d) Se bem que uma viagem possa trazer outros benefícios, constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento.
e) Uma viagem constitui, sobretudo, uma forma de autodescobrimento, ainda que possa trazer outros benefícios.

71. (UFJF-MG) "(...) Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, **seja** de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política **ou** de outra natureza, origem nacional **ou** social, riqueza, nascimento, **ou** qualquer outra condição."
Os termos destacados, no fragmento acima retirado da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, expressam o sentido de:
a) alternância e comparação;
b) adição e simultaneidade;
c) comparação e exclusão;
d) alternância e inclusão;
e) adição e comparação.

72. (UFJF-MG) "Considerando essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo Estado de Direito, **para** que o homem não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão, (...)" **(Parte I)**
O conector **para**, destacado no fragmento acima retirado da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, estabelece, com a sentença anterior, uma relação semântica de:
a) causa;
b) consequência;
c) oposição;
d) finalidade;
e) adição.

73. (PUC-PR) Considerando a ideia expressa pelos termos em destaque nas frases a seguir, numere a 1.ª coluna de acordo com a 2.ª coluna.
1.ª coluna:
( ) Para a partida decisiva, o ingresso, que custava 10 reais, foi para 20; **daí a revolta da torcida**.
( ) Muitos animais morrem **com a seca prolongada**.
( ) **Mesmo com um jogador a menos**, o time venceu o adversário.

( ) **Sem dinheiro**, não pude viajar nessas férias.
( ) Não entre **sem permissão do chefe**.
( ) **Apesar do frio**, iremos à praia amanhã.
( ) Mãe e filha saíram **para um passeio**.

2.ª coluna:

(1) causa
(2) finalidade
(3) consequência
(4) concessão
(5) condição

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

a) 4, 2, 1, 3, 2, 5, 3.
b) 5, 3, 4, 1, 5, 2, 4.
c) 3, 1, 4, 1, 5, 4, 2.
d) 2, 4, 1, 3, 5, 2, 4.
e) 3, 3, 4, 1, 5, 5, 2.

74. (Fuvest-SP) Leia com atenção as seguintes frases, extraídas do termo de garantia de um produto para emagrecimento:

I. Esta garantia ficará automaticamente cancelada **se o produto não for corretamente utilizado**.
II. Não se aceitará a devolução do produto **caso ele contenha menos de 60% de seu conteúdo**.
III. As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrente do envio do produto para troca corre por conta do usuário.

a) Reescreva os trechos destacados nas frases I e II, substituindo as conjunções que os iniciam por outras equivalentes e fazendo as alterações necessárias.
b) Reescreva a frase III, fazendo as correções necessárias.

Sugestão: a) Esta garantia ficará automaticamente cancelada caso o produto não seja corretamente utilizado.

75. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que **não** se uniu adequadamente em 2 as duas frases que constam em 1.

a) 1. Estava fazendo muito calor. Fui, pois, tomar um banho de mar.
2. Como estava fazendo muito calor, fui tomar um banho de mar.
b) 1. Não lhe peço só admiração. Peço-lhe também respeito.
2. Não lhe peço só admiração, mas também respeito.
c) 1. Acalme-se. O caso não é tão grave assim.
2. Acalme-se, que o caso não é tão grave assim.
d) 1. Compreendi que estava errado. Procurei, portanto, corrigir-me.
2. Compreendi que estava errado, procurei, porém, corrigir-me.
e) 1. Ele é meu adversário. Mesmo assim não posso deixar de admirá-lo.
2. Embora ele seja meu adversário, não posso deixar de admirá-lo.

76. (UFJF-MG) "Os apaixonados por Dickens na Itália constituem uma restrita elite de pessoas que, **quando se encontram**, logo começam a falar de episódios e personagens como se fossem amigos comuns."

A **melhor** paráfrase semântica para a informação relativa a **tempo**, no segmento destacado, é:

a) sempre que se encontram;
b) caso se encontrem;
c) depois que se encontram;
d) à medida que se encontram;
e) antes mesmo de se encontrarem.

77. (ESPM-SP) Assinale a alternativa com ideia de **concessão**:

a) "O homem toma os limites do seu campo de visão como limites do mundo." (Schopenhauer)
b) "O pior castigo para aqueles que não se interessam por política é que serão governados pelos que se interessam." (Toynbee)
c) "Tudo é ousado para quem a nada se atreve." (Fernando Pessoa)
d) "A liberdade é ouro. Tem que ser garimpada." (Paulo Leminski)
e) "Ainda que eu falasse a língua dos anjos, eu nada seria sem o amor." (Renato Russo)

78. (UFV-MG) Reescreva cada uma das passagens abaixo, unindo os períodos por meio do conectivo apropriado: conjunção, pronome relativo, preposição ou locução prepositiva. (**Não** use a conjunção "e").

a) O preço do ingresso para o jogo era bastante módico. Havia pouquíssimos torcedores no estádio.
b) Chovia copiosamente em toda a cidade. O concerto teve de ser adiado.
c) Os funcionários relacionavam-se bem com o diretor. Não teriam conseguido levar adiante o projeto sem o apoio dele.

79. (ESPM-SP). No período "Todos o criticam por ter agido imprudentemente; mas, se ele tem defeitos, tem virtudes também.", o conectivo **se**, na oração **se ele tem defeitos**, dá ideia de:

a) proporção;
b) causa;
c) consequência;
d) condição;
e) concessão.

80. (UFF-RJ) Reescreva a frase "Nós, os escritores nacionais, **se** quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua" substituindo o conectivo destacado por outro com valor de causalidade, fazendo os ajustes necessários.

81. (Ufes) A circunstância indicada pelo trecho destacado não está adequada em:

a) **Como se vê**, a pesquisa do Dr. Zisman é muito importante. (conformidade)
b) Os bebês são considerados pigmeus, **desde que não apresentem três quilos de peso.** (condição)
c) Os bebês são tão pequenos, **que são considerados pigmeus.** (consequência)
d) **Caso eu saiba a causa do seu choro**, eu lhe darei atenção. (causa)
e) **Ainda que sejamos um país subdesenvolvido**, não podemos aceitar que nasçam tantas crianças subnutridas. (concessão)

82. (Fuvest-SP)

"Uma forte massa de ar polar veio junto com a frente fria e causou acentuada queda da temperatura. As lavouras de trigo da Região Sul foram danificadas. Isso, associado ao longo período com registro de pouca chuva, deve reduzir o potencial produtivo da cultura."

(Adaptado de: *O Estado de S. Paulo*, Suplemento Agrícola.)

Reescreva o texto anterior, reunindo em um só, composto por subordinação, os três períodos que o compõem, mantendo as relações lógicas existentes entre eles e fazendo as adaptações necessárias.

83. (Unicamp-SP) A história transcrita a seguir contrasta dois mundos, dois estados de coisas: o dia a dia cansativo do carregador e a situação imaginária em que ele se torna presidente da República.

"Dois carregadores estão conversando e um diz: 'Se eu fosse presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carreto.'"

O carregador não consegue passar para o mundo imaginário, e acaba misturando-o de maneira surpreendente com o mundo real. Qual é a construção gramatical usada nessa história para dar acesso ao mundo das fantasias do carregador?

84. (Uerj) "Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar."

Reescreva o trecho acima em um único período constituído de uma oração subordinada concessiva e uma oração principal.

85. (UFPB) A oração destacada no período "(...) **mesmo que eu juntasse um por um, os cacos todos**, nunca mais o espelho seria como antes.", de Lygia Fagundes Telles, é:

a) temporal;
b) concessivo;
c) causal;
d) conformativo;
e) condicional.

86. (Fesp-SP) Observe:

I. Convém que todos participem.
II. Fique quieto, pois está incomodando.
III. Amou daquela vez como se fosse a última.
IV. Machado de Assis, que escreveu *Dom Casmurro*, fundou a Academia Brasileira de Letras.

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações sublinhadas.

a) No item I, oração subordinada substantiva subjetiva.
b) No item II, oração subordinada sindética explicativa.
c) No item III, oração subordinada adverbial comparativa.
d) No item IV, oração subordinada adjetiva explicativa.
e) No item II, a primeira oração é coordenada assindética.

87. (PUC-SP) No período "A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário." temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

88. (ESPM-SP) Das frases a seguir, retiradas do livro *O melhor do mau* humor, de Ruy Castro, marque a que contenha ideia de **concessão**:

a) "Se eu filmasse Cinderela, a plateia pensaria que havia um cadáver na carruagem." (Alfred Hitchcock)
b) "A maior vantagem da comida macrobiótica é que, por mais que você coma, por mais que você encha o estômago, está perfeitamente subalimentado." (Millôr Fernandes)
c) "Sou contra noivados muito longos. Dão tempo às pessoas de conhecer o caráter uma da outra..." (Oscar Wilde)
d) "A democracia é a arte e a ciência de administrar o circo a partir da jaula dos macacos." (H. L. Mencken)
e) "Dizem que escrever é um processo torturante para Sarney. Sem dúvida, mas quem grita de dor é a língua portuguesa." (Paulo Francis)

89. (Unicamp-SP) No texto a seguir, substitua **embora** por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." (MACHADO DE ASSIS, *Missa do galo*)

90. (UPM-SP)

Dois versos para Greta Garbo

"O teu sorriso é imemorial como as Pirâmides
E puro como a flor que abriu na manhã de hoje." (Mário Quintana)

Assinale a alternativa **correta** sobre o texto.

a) O poeta descreveu o sorriso por meio de duas orações subordinadas adverbiais comparativas e uma oração subordinada adjetiva restritiva.
b) A flor com a qual se compara o sorriso da mulher é toda flor de toda manhã da vida do poeta.
c) O poeta fala da mulher, musa inspiradora, mas não a posiciona como sua interlocutora.
d) Os termos que têm a função sintática de predicativo do sujeito insinuam figuras de um leve erotismo na descrição do sorriso da mulher.
e) A oração subordinada adjetiva explicativa, que abriu na manhã de hoje, expande o conceito de flor, a que é comparado o sorriso.

91. (PUCCamp-SP) "**Se não tiverem organizado os documentos**, o coordenador irá solicitar ajuda de outro departamento, **se bem que não o tenham atendido em outra ocasião**." As orações destacadas expressam, respectivamente, as seguintes circunstâncias:

a) conformidade e finalidade.
b) consequência e tempo.
c) finalidade e concessão.
d) condição e concessão.
e) condição e consequência.

92. (UFPB) Classifica-se como subordinada adverbial causal a oração destacada no período:

a) "Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido **quando menos esperasse**." (Graciliano Ramos)
b) "**Se morresse de fome ou nas pontas de um touro**, deixaria filhos robustos." (Idem)
c) "Na luta que travou **para segurar de novo o filho rebelde**, zangou-se de verdade." (Idem)
d) "**Como os pequenos resistissem**, aperreou-se." (Idem)
e) "Examinou o terreno, viu Baleia **coçando-se** a esfregar as peladuras no pé de turco (...)" (Idem)

93. (UFPI) Assinale a alternativa em que há uma relação de causa entre as orações.
a) A ciência é meu emprego, como Itaguaí é o meu universo.
b) D. Evarista não deu filhos a Bacamarte, como ele esperava.
c) Nada era tão importante para o médico como o estudo e a ciência.
d) Como diziam as crônicas, Simão Bacamarte estudara em Coimbra e Pádua.
e) Como D. Evarista era sadia, Simão Bacamarte acreditava que lhe desse filhos.

94. (Faap-SP)
"Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive"
A oração destacada recebe o nome de oração subordinada adverbial:
a) causal;
b) final;
c) condicional;
d) concessiva;
e) consecutiva.

95. (UFV-MG) No seguinte período "Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.", a oração destacada é:
a) subordinada adverbial consecutiva.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) subordinada adverbial consecutiva.

96. (UPM-SP) Examine o período "A soldadela invade o campo da disputa, **enquanto a grita aumenta em berros e assobios rudes**". A oração em destaque é:
a) coordenada sindética temporal.
b) coordenada adverbial temporal.
c) subordinada substantiva temporal.
d) subordinada adjetiva temporal.
e) subordinada adverbial temporal.

Texto para as questões de 97 a 99.

1 2
"Cada pessoa / que chegava /
1 3
se punha na ponta dos pés, / embora não pudesse ver."

97. (Faap-SP) Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira – **cada pessoa se punha na ponta dos pés** – chama-se:
a) absoluta.
b) principal.
c) coordenada assindética.
d) coordenada sindética.
e) subordinada.

98. (Faap-SP) A segunda – **que chegava** – é subordinada:
a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) adverbial causal.
d) adverbial final.
e) adjetiva.

99. (Faap-SP) A terceira – **embora não pudesse ver** – oferece uma ideia de:
a) causa.
b) fim.
c) condição.
d) concessão.
e) consequência.

100. (Cesgranrio-RJ) Classifique a oração iniciada pela conjunção **que** no período abaixo.
"Era uma fada tão suave e pura que ao vê-la o coração me estremecia." (Francisco Otaviano)
a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada adverbial consecutiva
c) oração coordenada sindética explicativa
d) oração independente
e) n.d.a.

101. (Efoa-MG) Assinale a alternativa cujo período tem uma oração subordinada adverbial consecutiva.
a) À medida que subimos, a ilha esplende, verde, aos nossos olhos.
b) Comer pombas é, como diria Saint-Exupéry, a verdade do gavião, mas matar um gavião no ar com um belo tiro pode ser a verdade do caçador.
c) Minha medíocre história anda escrita em tuas ruas e nenhuma entre as cidades é mais formosa do que tu, nem sabe mais coisas de mim.
d) O amor é como a lua, resiste a todos os sonetos e abençoa todos os pântanos.
e) Parece tão lenta a descida desses aviões, tão suaves as nuvens brancas espalhadas pelo céu de um azul estranhamente delicado que dá vontade de viajar para qualquer cidade.

102. (Unicamp-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedades de um círculo vicioso e tenta reproduzi-lo. No entanto, não é bem-sucedido.
"(...) Gera-se, assim, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque ninguém confia no governo as coisas não andam." (DIMENSTEIN, Gilberto. *Folha de S.Paulo*.)
a) Reescreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.
b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

103. (Unifor-CE) Escolha nas alternativas a análise **correta** das orações destacadas no período abaixo.
"**Enquanto vagas assim à distância do vento**, airoso barco, volta às brancas areias a saudade **que te acompanha**." (José de Alencar)
a) oração principal e oração subordinada adjetiva
b) oração subordinada adverbial temporal e oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adverbial proporcional e oração subordinada substantiva adjetiva
d) oração subordinada adverbial temporal e oração subordinada adjetiva
e) n.d.a.

104. (Fesp-SP) "(...) **Quando vinha para casa de táxi**, encontrei **um amigo** e o trouxe até Copacabana..." Na frase, os termos destacados exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) oração subordinada adverbial temporal e objeto direto.
b) oração subordinada adverbial final e objeto direto.
c) oração subordinada substantiva subjetiva e objeto direto.
d) oração subordinada adjetiva e adjunto adnominal.
e) oração subordinada adverbial final e adjunto adnominal.

105. (Fuvest-SP) No período "**Ainda que fosse bom jogador**, não ganharia a partida", a oração destacada encerra ideia de:
a) causa.
b) concessão.
c) fim.
d) condição.
e) proporção.

106. (UPM-SP) Qual das orações subordinadas pode ser considerada adverbial causal?
a) Mesmo que parta antes, precisarei do resultado das provas.
b) Chegamos tão cedo, que o portão da faculdade ainda estava fechado.
c) Já que possuo pouco dinheiro tomarei apenas um lanche.
d) O público aplaudia euforicamente para que o circense bisasse o número.
e) Realizou os exercícios de acordo com as instruções do mestre.

107. (UPM-SP) "A reação do adversário foi tamanha **que assustou o campeão**." A oração em destaque é:
a) subordinada adverbial causal.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial concessiva.
e) subordinada adjetiva explicativa.

108. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor de causa-consequência, não contém oração adverbial causal.
a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, porque fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

109. (FMPA-MG) Nos períodos abaixo aparece, entre as orações, uma relação de concessão. Assinale a letra correspondente ao período em que a relação é outra.
a) Embora estivesse doente, fiz tudo o que me era possível.
b) Fiz tudo o que me era possível, apesar de estar doente.
c) Mesmo estando doente, fiz tudo o que me era possível.
d) Fiz tudo o que me era possível, conquanto estivesse doente.
e) Fiz tudo o que me era possível, mas estava doente.

110. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".
a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

111. (Fuvest-SP) Dê o valor (explicação, consequência ou causa) da sequência destacada em relação à sua antecedente: "Eu o exasperava tanto **que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem**".

112. (FFALM-PR) No período "Embora lhe desaprovassem a forma, justificavam-lhe a essência", podemos afirmar que ocorre uma oração:
a) coordenada explicativa.
b) coordenada adversativa.
c) subordinada adverbial conformativa.
d) subordinada adverbial concessiva.
e) subordinada integrante.

113. (UPM-SP) "(...) e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, **como a última luz na varanda**."
A oração em destaque no período acima classifica-se como:
a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinada adverbial comparativa.
d) subordinada adverbial conformativa.
e) coordenada sindética explicativa.

114. (Fuvest-SP)
Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:
– E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?
– Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.
– E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
– Macabéa.
– Maca – o quê?
– Bea, foi ela obrigada a completar.
– Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.
– Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo – parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor – pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...
– Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.
Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:
– Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?
Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.
(LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*.)

No trecho "Sem nem ao menos **se darem as mãos** caminhavam na chuva", o segmento destacado pode ser corretamente substituído por: "Sem que nem ao menos se

a) deem as mãos".
b) davam as mãos".
c) deram as mãos".
d) dessem as mãos".
e) dariam as mãos".

115. (UFMG) Sem alterar o sentido do período, reescreva-o, eliminando as palavras destacadas e fazendo as adaptações necessárias.

"O **que** é indispensável é **que** se conheça o princípio **que** se adotou para **que** se avaliasse a experiência **que** se realizou ontem, a fim de **que** se compreenda a atitude **que** tomou o grupo **que** foi encarregado do trabalho."

116. (PUC-SP) Construa um só período com as orações a seguir, segundo as instruções entre parênteses. Coloque as orações dentro do período, na ordem que lhe parecer mais elegante e aceita na língua. Evite repetições desnecessárias e a utilização de palavras dispensáveis.

1. O Simbolismo se opõe tanto ao Realismo quanto ao Parnasianismo. (oração principal)
2. O Simbolismo acentua sob alguns aspectos o requinte da arte pela arte. (oração subordinada concessiva da oração principal)
3. O Simbolismo situa-se muito próximo das orientações românticas. (oração subordinada causal reduzida de gerúndio da oração principal)
4. O Simbolismo é, em parte, uma revivescência das orientações românticas. (oração subordinada adjetiva explicativa da oração 3)

(Adaptado de: CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: do Romantismo ao Simbolismo*. 6. ed. São Paulo: Difel, 1976.)

Na avaliação será levada em conta a correção gramatical, isto é, a sua capacidade:

a) de encaixar as orações da forma como foi indicado.
b) de construir um período estilisticamente elegante, sem redundância e bem-aceito na língua.

117. (UFC) "Sempre que chovia à tarde, vinha-nos a todos uma vontade irresistível de tomar café com sonhos fritos."

É **correto** afirmar que no período há:

a) três orações subordinadas além da principal.
b) apenas duas orações, incluindo a principal.
c) uma oração subordinada adverbial causal.
d) uma oração subordinada reduzida de infinitivo completiva nominal.
e) uma só oração, tratando-se, portanto, de um período simples.

118. (UFSCar-SP) Assinale a alternativa em que não há correspondência adequada entre a oração reduzida e a desenvolvida de cada par.

a) **Contendo as despesas**, o governo reduzirá a inflação.
Desde que contenha as despesas, o governo reduzirá a inflação.
b) "Abomina o espírito da fantasia, **sendo dos que mais o possuem.**" (Carlos Drummond de Andrade)
Abomina o espírito da fantasia, **embora seja um dos que mais o possuem.**
c) **Equacionado o problema**, a solução será mais fácil.
Depois que se equacionou o problema, a solução é mais fácil.
d) "**Julgando inúteis as cautelas**, curvei-me à fatalidade." (Graciliano Ramos)
Como julguei inúteis as cautelas, curvei-me à fatalidade.
e) **Tendo tantos amigos**, não achou quem o apoiasse.
Quando tinha tantos amigos, não achou quem o apoiasse.

119. (USJT-SP) Leia os períodos abaixo:

I. **Estando em boa fase**, não fez grande partida.
II. Não veio **por estar muito ocupado**.
III. **Feitas as ressalvas**, encerramos a reunião.

As orações em destaque apresentam, respectivamente, as seguintes circunstâncias:

a) condição, consequência, finalidade.
b) concessão, explicação, proporcionalidade.
c) proporcionalidade, causa, concessão.
d) condição, consequência, tempo.
e) concessão, causa, tempo.

120. (Ufac) Em "Estava tão habituada a se esquecer de si mesma", a segunda oração é subordinada:

a) substantiva objetiva indireta;
b) substantiva completiva nominal;
c) substantiva objetiva direta;
d) substantiva predicativa;
e) substantiva subjetiva.

121. (Ufac) Em "(...) é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso", a segunda oração reduzida é:

a) subordinada substantiva subjetiva.
b) subordinada substantiva predicativa.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada adverbial concessiva.
e) subordinada adjetiva restritiva.

122. (Fatec-SP) A oração destacada está em forma reduzida (de infinitivo): "**Apesar de só dizer a verdade**, não lhe deram crédito". Assinale a alternativa em que ela aparece desenvolvida de forma **correta**.

a) Apesar que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
b) Apesar que só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
c) Visto que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
d) Embora só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
e) Mesmo dizendo a verdade, não lhe deram crédito.

123. (USJT-SP) "Em Quincas Borba recupera-se a narração em terceira pessoa para melhor objetivar o nascimento, a paixão e a morte de um provinciano ingênuo. Rubião, herdeiro improvisado de uma grande fortuna, cai nos laços de um casal ambicioso; a mulher, a ambígua Sofia, vendo-o rico e desfrutável, dá-lhe esperanças, mas se abstém cautelosamente de realizá-las ao perceber no apaixonado traços de crescente loucura."

(BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*.)

As três orações reduzidas denotam circunstâncias que indicam, respectivamente:

a) concessão, finalidade, causa.
b) proporcionalidade, comparação, consequência.
c) finalidade, tempo, tempo.
d) adversidade, condição, tempo.
e) finalidade, concessão, concessão.

124. (Fuvest-SP) No período "É possível **discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumo**", a oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo.
c) subordinada objetiva direta reduzida de particípio.
d) subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.
e) subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo.

125. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque do período abaixo.

"**Ao analisar o desempenho da economia brasileira**, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu."

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

126. (UEPG-PR) Marque a alternativa em que se encontra a oração reduzida de infinitivo, substantiva objetiva direta.

a) Tenho esperança de seres aprovado.
b) Ao chegar, o candidato foi ovacionado.
c) Nada me impede de ir agora.
d) Recomendo-te seres paciente.
e) n.d.a.

127. (Uece) Em "**Ao me deitar**, antes, eu tinha posto uma caixa de fósforos num tamborete (...)", a oração destacada é reduzida:

a) causal.
b) final.
c) temporal.
d) concessiva.

128. (Fuvest-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "ser objeto do ódio" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem".

a) Não seria conveniente **tramar toda aquela história**.
b) Dizia **ser ele homem de moral forte**.
c) O pretexto era **sair daquele lugar incômodo**.

129. (UPM-SP)

A. Sua palavra foi a primeira **a perder o significado naquele agitado contexto**.
B. Tenho necessidade **de me apoiares nesta complicada situação**.
C. **Antes de repelir seus mestres**, procure compreendê-los.

Analisando os períodos A, B e C, concluímos que as frases neles destacadas são três orações reduzidas. Desdobrando-as, obteremos, respectivamente:

a) uma adjetiva, uma substantiva, uma adverbial.
b) uma adjetiva, uma adverbial, uma substantiva.
c) três adverbiais.
d) uma adjetiva, duas adverbiais.
e) uma adverbial, duas adjetivas.

130. (UniFMU-SP) No texto "Um se encarrega **de comprar camarões**", a oração destacada é uma:

a) subordinada substantiva completiva nominal reduzida de gerúndio.
b) subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
c) subordinada substantiva subjetiva reduzida de gerúndio.
d) subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.
e) subordinada substantiva apositiva reduzida de infinitivo.

131. (UPM-SP) Assinale o período que contenha uma oração reduzida com valor de adjetivo.

a) O ônibus parou na rua transversal para assustar passageiros.
b) Correndo assustado, o menino foi chamar o guarda.
c) Os garotos vestindo camisetas velhas reclamavam apenas uma penca de bananas meio amassadas.
d) Faça das entranhas coração para obter, um dia, a rara felicidade dos humanos.
e) Moleques de carrinho dirigiam-se a várias direções, atropelando-se uns aos outros.

132. (Uerj) Em "Interrogados, mentem a princípio, negando", o particípio e o gerúndio assinalam circunstâncias adverbiais do fato expresso em **mentem**. A circunstância denotada pelo particípio e a indicada pelo gerúndio significam respectivamente:

a) tempo e modo
b) causa e proporção
c) concessão e finalidade
d) comparação e consequência

CAPÍTULO 17

Concordância verbal

(FGV-SP) Considere o texto seguinte para responder às questões **1** a **3**.

"Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego." [*Você S/A*, set. 2005.]

1. Reescreva a primeira oração do texto, substituindo **liberdade** por **perspectivas de futuro** e o verbo **existir** pela locução **poder haver**.

2. Reescreva o trecho "se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver", substituindo

a) o conectivo **se** por:

a.1. **caso**;

a.2. **a menos que**;

3. Reescreva o trecho "se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver", substituindo o verbo **ter** pelo verbo **dispor**.

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o uso dos verbos **fazer**, **haver** e **ser** está de acordo com a norma culta.

a) Ele não se olhava no espelho **haviam** três dias. A esposa se queixava muito daquela situação.
b) **Faziam** dias alegres naquele verão. Muito calor e muita mulher bonita.
c) Não **houveram** mais casos de dengue nas redondezas, desde a intervenção do médico.
d) Meu maior incômodo **são** as aves noturnas que vêm **fazer** ninho no forro da casa.
e) Agora **são** meio-dia. As pessoas que **fazem** a sesta se dirigem a casa.

5. (Ibmec) Uma das novidades do poema de Drummond é o uso do verbo "ter" com valor impessoal, em vez de "haver". Em que alternativa o verbo "ter" está empregado em **sentido diferente** do que foi explorado no poema?

"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho"

a) Ela tem os olhos vermelhos de chorar.
b) Não tem água na bica.
c) Teve muitos acidentes no fim de semana, na Via Dutra.
d) Tem lá uma coisa que chamam academias.
e) Tinha muita gente lá ontem.

6. (UFPE) Em português, há casos em que as normas gramaticais permitem flexibilidade no que se refere à concordância verbal. Indique qual dos enunciados permite flexibilidade quanto ao uso singular ou plural da forma verbal.

a) A maior parte das notícias são veiculadas de maneira responsável e inteligente.
b) Cada uma das notícias divulgadas precisam ser profundamente investigadas.
c) Na imprensa nacional e internacional, devem haver informações manipuladas e falseadas.
d) Nenhuma das agências publicitárias estão isentas da responsabilidade social e ética.
e) O resultado das últimas pesquisas mostraram que o jornalismo é bastante respeitado pela sociedade.

7. (FGV-SP) Caetano Veloso acaba de gravar uma canção, do filme *Lisbela e o prisioneiro*. Trata-se de *Você não me ensinou a te esquecer*. A propósito do título da canção, pode-se dizer que:

a) A regra da uniformidade do tratamento é respeitada, e o estilo da frase revela a linguagem regional do autor.
b) O desrespeito à norma sempre revela falta de conhecimento do idioma; nesse caso não é diferente.
c) O correto seria dizer **Você não me ensinou a lhe esquecer**.
d) Não deveria ocorrer a preposição **a** nessa frase, já que o verbo **ensinar** é transitivo direto.
e) Desrespeita-se a regra da uniformidade de tratamento. Com isso, o estilo da frase acaba por aproximar-se do da fala.

8. (PUC-SP) A sintaxe de concordância é determinada por regras presentes na Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Uma delas refere-se ao sujeito constituído por palavras que têm forma plural precedidos ou não de artigo. Identifique o caso em que o sujeito é um plural aparente:

a) "Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi."
b) "A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora."
c) "Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem."
d) "As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza."
e) "E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro."

9. (FGV-SP) Observe as seguintes frases:

1. Por que **rio** se vai a Canudos?
2. Precisa-se de **bom profissional**.
3. Calcule-se **o gasto** da viagem.
4. Elogie-se **o resultado** do seu esforço.
5. Ratificou-se **a decisão** dos associados.

Passando para o plural os elementos destacados, o verbo irá também para o plural nos itens:

a) 1, 2 e 4.
b) 3, 4 e 5.
c) 1, 4 e 5.
d) 2, 3 e 4.
e) 2, 4 e 5.

10. (UFPE) Quanto à concordância, podemos afirmar que estão corretos quais dos seguintes enunciados:

a) Quem de vocês discordaria de que a palavra é um elemento reacionário?
b) O resultado das últimas pesquisas de opinião apontam para a vitória do candidato que melhor manejar a palavra.
c) O poder das palavras, já comprovado desde os tempos remotos das antigas civilizações, ainda intriga os estudiosos modernos.
d) Ficaram evidenciadas, a partir de inúmeras provas incontestáveis, a magia que reveste as palavras.
e) A maior parte das pessoas, ainda que não tenha consciência disso, deixa-se seduzir pela palavra.

11. (UPM-SP)

Digitações
A poética é uma máquina
Há um código central
Em que se digita ANULA
É a máquina do nada
Que anda ao contrário
Da sua meta
A repetição é a morte
Noutro código lateral
Digita-se ENTRA
E os cupins invadem o quarto

(Sebastião Uchoa Leite)

No segmento "Há um código central / Em que se digita ANULA", a concordância verbal está de acordo com a norma culta, assim como em:

a) Devem haver códigos / Em que se digitam teclas.
b) Deve haver código / Em que se digita teclas.
c) Existem códigos / Em que se digita teclas.
d) Deve existir códigos / Em que se digitam teclas.
e) Há códigos / Em que se digitam teclas.

12. (FGV-SP) "Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura."

(ALPHONSUS, João. Galinha cega. In: MORICONI, Italo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Por que **enxugava** está no singular e **secavam** está no plural?

13. (Unifesp) Assinale a frase correta quanto à concordância.
a) Existem possibilidades de o médico não fazer o tratamento adequado, caso não tenha informações adequadas.
b) É possível que os médicos não façam o tratamento adequado, caso não tenha a informação adequada.
c) Sem que hajam informações adequadas, o médico pode não fazer o tratamento correto.
d) Como não têm as informações adequadas, existe a possibilidade de o médico não fazer o tratamento correto.
e) Vislumbra-se possibilidades de os médicos não fazer o tratamento adequado, se não tiver as informações adequadas.

14. (Fuvest-SP) Responda ao que se pede. Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme *Aluga-se moças*, de 1981: "O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria *Alugam-se moças*". O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?

15. (Uerj) Do que eu poderia dizer, resta sempre um *déficit* de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito – o que me deixa um saldo mortal de angústia.
No trecho acima há dois verbos cujos sujeitos exprimem quantidade. Transcreva esses verbos e, com base nas regras de concordância gramatical, indique por que um está no singular e o outro no plural.

16. (Ibmec) Entre as frases abaixo, a única que está de acordo com a concordância estabelecida pela norma culta escrita é:
a) Volta mais vezes, você sempre será muitíssimo bem recebido.
b) Fala mais alto, não estamos lhe ouvindo.
c) Você fez tudo errado, foge daqui!!!
d) Ouça atentamente, minhas palavras servir-te-ão como bálsamo.
e) Fale pausadamente, quero absorver toda sua sabedoria.

17. (ESPM-SP) Assinale o item que contenha **transgressão** às regras de **concordância verbal** segundo as normas gramaticais:
a) Pesquisa feita por psicólogos mostra que 83% dos alunos de cursinho apresentam sintomas de estresse.
b) Das vestibulandas estudadas, 90% tem estresse.
c) Mais de 1/3 dos eleitores admite mudar de candidato.
d) Ibope informa que 46% dos brasileiros só conseguem resolver problemas com apenas uma operação aritmética.
e) Ibope informa que 46% da população só consegue resolver problemas com apenas uma operação aritmética.

18. (Unicamp-SP)

Sem comentários

Do delegado regional do Ministério da Educação no Rio, Antônio Carlos Reboredo, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços..." (Painel do leitor, *Folha de S.Paulo*.)

* **sic**: palavra latina que significa "assim"; no caso é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".

O título da nota acima, "sem comentários", é, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reboredo.
a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?
b) Explicite o comentário que está sugerido, nesse caso específico, pela expressão "sem comentários".

19. (Unicamp-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social. O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta), contém uma construção que é de fato um erro de concordância.
"Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil." (*Folha de S.Paulo*)
a) Transcreva o trecho em que ocorre um **erro** de concordância.
b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?
c) Reescreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

20. (Fuvest-SP) "A Polícia Federal investiga os suspeitos de terem ajudado na fuga para o Paraguai e a Argentina. A polícia desses países não puderam prendê-los porque o governo brasileiro não fez o pedido formal de captura." (Adaptado de: *O Estado de S. Paulo*.)
a) No 2.º período, há uma infração às normas de concordância. Reescreva-o de maneira **correta**.
b) Indique a causa provável dessa infração.

21. (FGV-SP) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível. Explique por que a forma verbal **surgem** foi empregada no plural.

22. (ESPM-SP) Em uma das opções abaixo, o verbo **haver** é impessoal e, por isso, **não** deveria estar no plural. Assinale-a:
a) Os sonegadores de imposto de renda se **haverão** com a Receita Federal;
b) No mês de abril, conhecido como "abril vermelho", **houveram** muitas invasões de terra empreendidas pelo MST, em todo o país;
c) Por **haverem** muitas propriedades rurais, vários deputados e senadores sempre se colocaram contra a reforma agrária;
d) Traficantes da Favela da Rocinha **haviam** ordenado o fechamento do comércio local, como represália à morte de um deles;
e) Times paulistas não se **houveram** bem nos jogos da última rodada.

23. (Ufac) As alternativas que se seguem contêm fragmentos de textos extraídos de jornais locais. Em uma delas, a concordância verbal não está condizente com os ensinamentos da gramática. Identifique-a.
a) "No momento do acidente, cerca de cem operários trabalhavam em obras perto do hangar."
b) "(...) um grupo de jovens matou a chutes o índio caingangue Leopoldo Crespo (...)"
c) "Mesmo com essa gripe forte, que derrubou muita gente, não se encontra vacinas na cidade."

d) "(...) quando um grupo formado por três ou quatro jovens o abordou a chutes."
e) "(...) foi surpreendido por três homens armados de revólveres."

24. (PUC-PR) Observe as frases incompletas que seguem:
I. A maioria dos alunos que _____ bolsa _____ entre 18 e 20 anos. (conseguiram / têm)
II. A maioria dos alunos que _____ bolsa _____ entre 18 e 20 anos. (conseguiu / tem)
III. A maioria dos alunos que _____ bolsa _____ entre 18 e 20 anos. (conseguiu / têm)
Se preenchermos os espaços com as duas formas verbais colocadas entre parênteses, fica gramaticalmente correta, ou ficam gramaticalmente corretas:
a) somente I.
b) somente II.
c) somente III.
d) I e III.
e) II e III.

25. (UFJF-MG) "Minhas mãos, escolhendo um livro que quero levar para a cama ou para a mesa de leitura, para o trem ou para dar de presente, examinam a forma (...)" A forma verbal "examinam" está subordinada a "minhas mãos" por um princípio de:
a) regência verbal;
b) concordância nominal;
c) concordância em número e gênero;
d) colocação pronominal;
e) concordância em número e pessoa.

Texto para a questão 26.

Gols de cocuruto

O melhor momento do futebol para um tático é o minuto de silêncio. É quando os times ficam perfilados, cada jogador com as mãos nas costas e mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema – e parados. Então o tático pode olhar o campo como se fosse um quadro-negro e pensar no futebol como alguma coisa lógica e diagramável. Mas aí começa o jogo e tudo desanda. Os jogadores se movimentam e o futebol passa a ser regido pelo imponderável, esse inimigo mortal de qualquer estrategista. O futebol brasileiro já teve grandes estrategistas cruelmente traídos pela dinâmica do jogo. O Tim, por exemplo. Tático exemplar, planejava todo o jogo numa mesa de botão. Da entrada em campo até a troca de camisetas, incluindo o minuto de silêncio. Foi um técnico de sucesso mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário. Falava um jogo e o time jogava outro. O problema do Tim, diziam todos, era que seus botões eram mais inteligentes do que seus jogadores. (VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*.)

26. (Fuvest-SP) Em "(...) cada jogador com as mãos nas costas e mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema – e parados", o autor usa o plural em **lhes** e **parados** porque:
a) ambas as palavras referem-se a **lugar**, que está aí por **lugares** (um para cada um).
b) associou **lhes** a **mãos** e **parados** a **times**.
c) antecipou a concordância com **os jogadores se movimentam**.
d) estabeleceu relação de concordância entre **lhes** e **mãos** e entre **parados** e **jogadores**.
e) fez **lhes** concordar com o plural implícito em **cada jogador** (considerados todos um a um) e **parados**, com **os times**.

27. (Unicamp-SP) No dia 19 de novembro passado, a *Folha de S.Paulo* publicou a seguinte nota na seção Painel:

Pane gramatical

Os computadores do TSE emitiam o aviso, ontem, no intervalo dos boletins: "Dentro de instantes será divulgado novos (sic) resultados."

Nesse mesmo dia e no mesmo jornal, lê-se o seguinte: "É exatamente essa grande maioria que chamamos, abstratamente, de povo. São os cidadãos humildes, que vivem de pequenos serviços na periferia das grandes cidades (...) São para esses cidadãos anônimos, que ganharam personalidade dia 15 de novembro, que o novo governo deverá estar voltado." (COCHRANE JÚNIOR, Leo Wallace, "O recado do povo".)

a) Que trecho do segundo exemplo poderia também ser considerado um caso de "pane gramatical"?
b) Reescreva **corretamente** os dois trechos problemáticos.

28. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.
a) Um de seus sonhos ... morrer na terra natal. (era / eram)
b) Aqui não ... os sítios onde eu brincava. (existe / existem)
c) Uma porção de sabiás ... na laranjeira. (cantava / cantavam)
d) Não ... em minha terra belezas naturais. (falta / faltam)
e) Sou eu que ... morrer ouvindo o canto do sabiá. (quer / quero)

29. (Ufac) Reescreva as frases abaixo, substituindo os termos destacados conforme se pede, atentando-se para o que prescreve a norma culta da língua.
a) És **tu** que deves pensar e querer por mim.
Substitua **tu** por **vós**.
b) **Luís** e **Cláudio** vão pescar no lago.
Substitua **Luís** e **Cláudio** por **tu** e **ele**.
c) Já deve fazer **um mês** que ela partiu.
Substitua **um mês** por **dois meses**.

30. (UFS) Identifique a alternativa que completa corretamente a frase.
Ele confirmou que nos ouvirá com prazer, mesmo que ... problemas que ... considerados ... .
a) surja – sejam – incontornáveis
b) surjam – sejam – incontornáveis
c) surja – seja – incontornável
d) surja – sejam – incontornável
e) surjam – sejam – incontornável

31. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a concordância verbal contraria a norma culta da língua.
a) Não se assistia a tais espetáculos por aqui.
b) Podem-se respeitar essas convenções.
c) Pode-se perdoar aos exilados.
d) Há de se fazer muitas alterações.
e) Não se trata de problemas graves.

32. (Fuvest-SP) Das frases adiante, a única inteiramente **de acordo** com as normas gramaticais é:
a) Os votos e as sentenças do ministro, por mais que se os vejam de prismas diversos, atestam cultura jurídica indiscutível.

b) Soltam rojões contra o gabinete do ministro e depois se cotizam para pagar os vidros que a explosão dos rojões quebraram.
c) O ministro diz que lhe dói os ouvidos quanto escuta uma nota desafinada.
d) Deve haver uma lei geral e devem haver leis especiais.
e) Nós é que, senhor Presidente, não podemos concordar com tal ilegalidade.

33. (Fatec-SP) Assinale a alternativa **correta** quanto à concordância verbal.
a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.
b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.
c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.
d) Não se admitirá exceções.
e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

34. (PUC-MG) Todas as alternativas apresentam concordância correta, de acordo com a norma padrão, **exceto**:
a) "Formulaste depois o raciocínio: houve roubo."
Formulaste depois o raciocínio: houveram roubos.
b) "A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta."
A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiram-se duas bestas.
c) "(...) entretanto, essas criações voltam a existir porque soubeste descrevê-las."
(...) entretanto, essa criação volta a existir porque soubeste descrevê-la.
d) "Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita (...)"
Não há, sobretudo, esses amores à tarefa bem-feita (...)
e) "Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida."
Não há, sobretudo, esses amores à tarefa bem-feita, que se podem manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

35. (Unibero-SP) Em todas as alternativas, **exceto** em uma, o verbo pode ir para o plural ou ficar no singular:
a) Mais de uma pessoa (atingir) a meta.
b) Um bando de andorinhas (pousar) no varal.
c) Pequena parte dos cantores (dar) um agudo.
d) Um grande número de maritacas (grasnar).

36. (ESPM-SP) Assinale a alternativa que contenha **erro** de concordância.
a) Os resultados pareciam depender da vontade do diretor.
b) A medicina tem avançado pouco, hajam vistas as pesquisas sobre a Aids.
c) Os diagnósticos parecia dependerem do resultado dos exames de laboratório.
d) O poder da propaganda é discutível, haja vista a acentuada queda de consumo.
e) Se houvesse melhores condições de ensino, existiriam melhores resultados.

37. (PUCCamp-SP) A única frase em que há **erro** de concordância verbal é:
a) Na comemoração certamente havia muitas pessoas que não trabalharam no projeto.
b) Se todos houvessem seguido as normas, não teria havido centenas de reclamações.
c) O descuido é tal que, naquela imensa área, já não existem várias espécies de vegetais típicos da região.
d) Eles têm trazido muitas informações sobre os cuidados no cultivo de orquídeas.
e) Se surgir mais fatos duvidosos, não haverão mais dúvidas sobre o comportamento desleal de alguém da equipe.

38. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja **correta**.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a taxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

39. (Fatec-SP) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Em "**Fazia** um pouco mais que manhã", o verbo **fazer** é impessoal e **não** equivale, gramaticalmente, ao verbo **haver** em "Havia-se passado uma semana desde então".
b) O significado de **fazer** corresponde, em "**Fazia** um pouco mais que manhã", ao significado de **ser** ou **estar** em "**Era** pouco mais de meio-dia" ou "**Estava** uma tarde ensolarada".
c) É correto dizer "**Haviam-se formado** dois grupos contrários", assim como "**Devem haver** dois grupos contrários em formação".
d) São igualmente corretas as formas "**Fazia** anos que ela esperava" e "**Eram** anos de espera".
e) Estão corretas as formas verbais em "Até **há** bem pouco tempo, **existiam** senadores com cara de vitória-régia".

40. (Fuvest-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo **existir** por **haver** e vice-versa.
a) **Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda a parte.
b) Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.

41. (FEI-SP) Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal **incorreta**.
a) Crianças, jovens, adultos, ninguém ficou imune a seus encantos.
b) Mais de mil pessoas compareceram ao comício.
c) Não só a educação mas também a saúde precisa de muita atenção do governo.
d) Bastam dois toques para sabermos que você chegou.
e) Boa parte das pessoas está preocupada com o futuro.

42. (Fesp-SP) Assinale o item **correto** quanto à concordância verbal.
a) Fazem quatro anos que não viajo.
b) Batem quatro horas o relógio da matriz.
c) Existem fatos que ainda não foram revelados.
d) Sobra-lhe motivos para poder considerar-se uma pessoa feliz.
e) Partirá amanhã tu, Ramiro e as crianças.

43. (FCC) Assinale a alternativa que completa **corretamente** o período: "... de exigências! Ou será que não ... os sacrifícios que ... por sua causa?"
a) Chega – bastam – foram feitos
b) Chega – bastam – foi feito
c) Chegam – basta – foi feito
d) Chegam – basta – foram feitos
e) Chegam – bastam – foi feito

44. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que apresenta a mesma estrutura que:
"A causa eram provavelmente os seus poucos projetos eclesiásticos". (Machado de Assis)
a) *Os lusíadas* são o poema onde mais aparece a heroicidade do povo português.
b) Tito eram as delícias de Roma.
c) Mais de um de nós outros poderíamos dizer com sinceridade tal coisa.
d) O que nos falta é exemplos de bons costumes.
e) O ordenado eram dez mil-réis.

45. (PUCCamp-SP) "O trabalho da Funai desenvolve-se em nove frentes, que **permitiram**, até agora, a aproximação com cinco novos grupos indígenas." A concordância do verbo com o sujeito na frase acima justifica-se pela mesma razão que determina a concordância verbal em:
a) A área que concentra o maior número de tribos isoladas é o Vale do Javari, na fronteira entre o Amazonas e o Peru.
b) Espero que considerem o problema da demarcação das terras indígenas com a devida severidade.
c) Discutem-se diariamente questões acerca da posse da terra.
d) Fala-se muito sobre os conflitos entre fazendeiros e índios.
e) Alguns fazendeiros chegaram ao local com um grupo de índios cintas-largas.

46. (UFPB) Em relação à concordância verbal, as lacunas dos textos
"Um ofício ou telegrama ... arrancar Batista à comissão política reservada." (Machado de Assis)
"Os ferreiros ... o sustentáculo da Nação." (Carlos Drummond de Andrade)
"... nove horas e os operários das fábricas chegavam para o almoço." (Aluísio Azevedo)
"Algum de vocês ... ir comigo à missa amanhã?" (Machado de Assis)
"Do cortiço, onde esta novidade causou sensação, ...-se nas janelas do sobrado, surgir de vez em quando Leonor ou Isaura, a sacudirem tapetes e capachos." (Aluísio Azevedo)
são preenchidas com as formas:
a) vieram – é – dava – querem – viam
b) veio – é – davam – quer – viam
c) veio – são – dava – querem – viam
d) veio – são – davam – quer – via
e) vieram – são – davam – quer – via

47. (Fecap-SP) A concordância verbal **incorreta** é:
a) *Os lusíadas* imortalizaram Camões.
b) Quais de vós ireis à escola?
c) Outrora poderia existir opiniões diferentes sobre o assunto.
d) Quem de nós pagará as despesas?

48. (Fuvest-SP) Qual a frase com **erro** de concordância?
a) Para o grego antigo a origem de tudo se deu com o caos.
b) Do caos, massa informe, nasceu a terra, ordenadora e mãe de todos os seres.
c) Com a terra tem-se assim o chão, a firmeza de que o homem precisava para o seu equilíbrio.
d) Ela mesma cria um ser semelhante que a protege: o céu.
e) Do céu estrelado, em amplexo com a terra, é que nascerá todos os seres.

49. (UFV-MG) Assinale a alternativa, abaixo, cuja sequência enumera **corretamente** as frases.
(1) Concordância verbal **correta**
(2) Concordância verbal **incorreta**
( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos que ocorreram todos esses fatos.
a) 1, 2, 2, 2, 1
b) 2, 2, 2, 1, 2
c) 2, 1, 1, 1, 1
d) 1, 2, 1, 1, 2
e) 2, 1, 1, 1, 2

50. (UFF-RJ) Quanto à concordância verbal, é **inaceitável**, segundo a norma culta contemporânea, a seguinte frase:
a) Não só o encontro de duas expansões, mas também a expansão de duas formas podem resultar na supressão de uma delas.
b) A guerra é um dos eventos que mais caracterizam a história das civilizações.
c) Havia apenas um campo de batatas para as duas tribos, mas outros poderiam haver na vertente posterior da montanha.
d) A vida ou a morte restará depois da batalha.
e) Cabe às tribos, pela força, definir quem tem direito às batatas.

51. (Fatec-SP) Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à **correta** pluralização do período 1.
a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.
b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito rapidamente.
c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...
d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?
e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

52. (FEI-SP) Assinale a alternativa que apresenta lapso de concordância verbal.
a) Do alto, observavam-se as ruas e as casas; via-se também, nas praças, frondosas árvores.
b) Encontrar-nos-emos amanhã à noite.
c) Ouvia-se o farfalhar das folhas das palmeiras e o marulhar das ondas.
d) Para desenvolver este projeto, precisa-se de engenheiros capazes.
e) Reestabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvesse técnicos de plantão.

53. (Acafe-SC) "Não ... meios de saber que já ... vinte anos que não se ... mais galochas."
a) haviam, faz, usam
b) havia, faz, usam
c) havia, fazem, usa
d) haviam, fazem, usam
e) haviam, fazem, usa

54. (Furg-RS) A alternativa em que a concordância verbal está **correta** é:
a) No centro da cidade, viam-se os representantes dos professores grevistas.
b) Dá-se aulas gratuitamente.
c) Durante a passeata, atirou-se muitos objetos nos falsos grevistas.
d) Responderam-se a todas as cartas.
e) Nesta cidade, assistiram-se aos melhores espetáculos circenses.

55. (UEFS-BA) "Toda a verdade dos fatos ... , ainda que ... as revelações."
a) será apurado – doa
b) será apurados – doa
c) serão apurados – doa
d) serão apurada – doam
e) será apurada – doam

56. (UFV-MG) Assinale a alternativa **correta**.
a) Sem educação não podem haver cidadãos conscientes.
b) Os prefeitos são de opinião que devem haver escolas em todos os bairros.
c) Se as coisas continuarem assim, têm de haver decepções.
d) Quantos há de haver que silenciam o coração.
e) Amanhã vão haver muitas surpresas.

57. (Furg-RS) A alternativa em que a concordância verbal está **correta** é:
a) Fazem anos que não estudo mais.
b) Deveriam haver mais pessoas trabalhando aqui.
c) É justo que hajam as mesmas oportunidades para todos.
d) Houve grandes comemorações na semana passada.

58. (FCMSC-SP) Suponho que ... meios para que se ... os cálculos de modo mais simples.
a) devem haver – realize
b) devem haver – realizem
c) deve haverem – realize
d) deve haver – realizem
e) deve haver – realize

59. (Fuvest-SP) "Disse o sabiá à flauta:
Eu, tu e o artista ... de modo diferente; mas o artista e tu ... de modo igual. Portanto, entre ... e ... há uma grande diferença."
Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas do hipotético texto acima.
a) cantam, cantais, mim, tu
b) cantemos, cantam, eu, ti
c) cantamos, cantas, eu, ti
d) cantamos, cantais, mim, ti
e) cantais, cantam, eu, você

60. (Fuvest-SP) Em "**Há em nosso país duas constantes** que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", reescreva o segmento destacado, substituindo o verbo **haver** por **existir**.

61. (FGV-SP) Aponte a frase gramaticalmente **correta**.
a) Existem uma serie de problemas insolúveis.
b) Existe uma série de problemas inssolúveis.
c) Existe uma serie de problemas insolúveis.
d) Existem uma série de problemas inssolúveis.
e) Existe uma série de problemas insolúveis.

62. (UPM-SP) Assinale a frase em que a concordância verbal não é aceita pelos padrões da norma culta.
a) Minha família e eu gostaríamos de que as lojas de São Paulo acabassem com as incertezas da economia.
b) Faltava apenas dois veículos para que a indústria automobilística aquecesse o mercado de vendas de carros modernos.
c) Um mês, um ano, uma década não é suficiente para estabilizar os problemas deste país.
d) Ocuparam-se, para surpresa das Forças Armadas, todas as instalações militares da capital.
e) Poderão existir combinações afinadíssimas entre imagens e sons nos arranjos desse compositor extraordinário.

63. (FMPA-MG) A concordância verbal **não** está **correta** em:
a) Isso são verdadeiros absurdos.
b) Os Andes ficam na América.
c) Entre nós não haviam segredos.
d) Isso não passa de absurdos comentários.
e) Menos de dois alunos disputam a vaga.

64. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que, na sequência, completa **corretamente** as orações abaixo.
I. Isto ... migalhas.
II. Nossa vida ... loucuras.
III. Vocês ... meu castigo.
IV. As cores vermelha e negra ... a marca do brasão.
V. Hoje ... 12 de janeiro.
a) são, eram, serão, eram, são
b) é, eram, serão, era, é
c) são, era, serão, era, são
d) é, eram, serão, eram, são
e) são, eram, serão, era, é

65. (UPM-SP) Assinale a oração em que o verbo **não** concorda em número e pessoa com o sujeito, ferindo os princípios da concordância.
a) Faltam ainda alguns passos seguros para a aquisição de uma vida pacífica.
b) Existem criações sensatas capazes de superar até as mais espantosas maldades.
c) As desilusões que a perturbam hoje já passaram alguns dias comigo.
d) De sinceras intenções, as pessoas estão saturadas.
e) Exatamente irreais, suas palavras só contem valores supérfluos.

66. (FCC) Se V. Ex.ª ... partir, só me resta desejar-... que ... feliz.
a) pensais – vos – seja
b) pensa – lhe – seja
c) pensais – vos – sejais
d) pensa – vos – sejais
e) pensais – lhe – seja

67. (FCC) Em muito pouco tempo ... vários erros, e ... horas para corrigi-los.
a) foram cometidos – serão necessárias
b) foi cometido – será necessário
c) foram cometidos – será necessárias

d) foi cometido – será necessárias
e) foram cometidos – será necessária

68. (FCC) Alguns sócios deixaram a firma ... alguns meses, mas ainda ... resolver alguns pontos, antes que se ... a partilha das propriedades.
a) faz – faltam – definam
b) faz – falta – defina
c) fazem – faltam – defina
d) fazem – falta – defina
e) fazem – faltam – definam

69. (FCMSC-SP) Não chove ... meses; mas a esperança e o vigor que sempre ... no sertanejo não o ... .
a) faz – existiu – abandonou
b) faz – existiram – abandonaram
c) fazem – existiu – abandonou
d) fazem – existiram – abandonaram
e) fazem – existiu – abandonaram

70. (FCC) ... fazer cinco meses que não a vemos; ... existir motivos imperiosos para a sua ausência, pois, se não ... , ela já nos teria procurado.
a) Vai – deve – houvessem
b) Vai – devem – houvesse
c) Vão – deve – houvessem
d) Vão – devem – houvesse
e) Vão – devem – houvessem

71. (Fuvest-SP) Indique a alternativa **correta**.
a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

72. (Fuvest-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

73. (FCC) Os novos modelos trazem novidades que não ... , mas enfeites que todos ... .
a) se veem – vêm
b) se vê – vêm
c) se vêm – veem
d) se vê – veem
e) se veem – veem

74. (FCC) ... três meses que não ... os pássaros.
a) Faziam – via-se
b) Fazia – viam-se
c) Fazia – se viam
d) Fazia – se via
e) Faziam – se viam

75. (FCC) A essa altura, não ... mais ingressos, pois já ... dias que a casa tem estado com a lotação esgotada.
a) deve haver – faz
b) deve haver – fazem
c) deve haverem – faz
d) devem haver – fazem
e) devem haver – faz

76. (UPM-SP) ... existir discos voadores,mas muitos testemunhos já ... que ... considerar-se absurdos.
a) podem – houve – podem
b) pode – houve – podem
c) podem – houveram – pode
d) pode – houve – pode
e) podem – houveram – podem

77. (Fuvest-SP) "Eu não sou o homem que tu **procuras**, mas desejava **ver-te**, ou, quando menos, possuir o **teu** retrato." Se o pronome **tu** fosse substituído por **Vossa Excelência**, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito teríamos, respectivamente, as seguintes formas:
a) procurais, ver-vos, vosso
b) procura, vê-la, seu
c) procura, vê-lo, vosso
d) procurais, vê-la, vosso
e) procurais, ver-vos, seu

78. (FCMSC-SP) Aponte a concordância menos aceitável.
a) Isto são sintomas menos sérios.
b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
c) Paula foi os sonhos de toda a família.
d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
e) Pedrinho eram as preocupações da família.

79. (Fuvest-SP) ... dez horas que se ... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ... quais seriam os candidatos vitoriosos.
a) fazia – haviam – previsse
b) faziam – haviam – prevesse
c) fazia – havia – previsse
d) faziam – havia – previssem
e) fazia – haviam – prevessem

80. (UnB-DF) Em todas as opções, o verbo pode ir para o plural ou para o singular, **exceto** em:
a) Um grande número de fugitivos (sair) pelas montanhas.
b) Um bando de papagaios (pousar) no laranjal.
c) Mais de um ciclista (cair) da bicicleta.
d) Pequena parte dos visitantes (estar) em silêncio.

81. (UFC) Assinale a opção correta.
a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

82. (UEL-PR) A apuração dos dois crimes ... até que se ... provas decisivas.
a) vai continuar – encontrem
b) vão continuar – encontre
c) vão continuar – encontrem
d) vai continuarem – encontrem
e) vão continuarem – encontrem

83. (UEL-PR) Acredito que ... muitas enchentes, pois ... fatos que ... afirmá-lo.
a) haverão – ocorre – permitem
b) haverá – ocorre – permitem
c) haverá – ocorrem – permitem
d) haverão – ocorre – permite
e) haverão – ocorrem – permite

84. (USM-SP) Ainda que ... eleições, não ... que se ... os resultados.
a) hajam, convém, antecipem
b) haja, convêm, antecipe
c) haja, convem, antecipem
d) haja, convém, antecipem
e) hajam, convém, antecipe

85. (FCC) Sempre ... pessoas revoltadas com pequenas coisas a que não se ... dar maior importância.
a) há de haver, devem
b) há de haverem, deve
c) hão de haver, devem
d) há de haver, deve
e) hão de haver, deve

CAPÍTULO 18

Concordância nominal

1. (ETEC) Assinale a alternativa em que a frase obedece às regras da norma padrão.
a) Fazem vários anos que tentamos erradicar doenças, como o Amarelão, neste município.
b) Aqui em casa, todos mantêm práticas ecológicas como fechar a torneira enquanto escovam os dentes.
c) As aulas de reposição do curso de Meio Ambiente terminarão ao meio-dia e meio.
d) As pessoas continuam alheias aos problemas do planeta, por pior que sejam as perspectivas.
e) Quando discutimos o que é ser ecoprático, os alunos demonstraram interesse e curiosidade aguçadas.

2. (FCL-SP) O anúncio publicitário que segue apresenta uma ocorrência singular ligada à concordância verbal. Assinale a opção que justifica o uso da forma adotada:
"A gente já sabia. Por isso convocamos primeiro. Dunga: o comentarista do BandSports e da Band é o novo técnico da Seleção Brasileira. Parabéns!"
a) Trata-se de um caso de concordância pelo sentido. O conteúdo semântico de pluralidade do sujeito "a gente" (que equivale a "nós") levou ao plural o verbo "convocamos", na oração seguinte.
b) Trata-se simplesmente de um erro de concordância. As únicas formas aceitáveis seriam: "Nós já sabíamos. Por isso convocamos primeiro." ou "A gente já sabia. Por isso convocou primeiro.".
c) Trata-se de um erro de concordância legitimado pelo tipo de público a quem o texto publicitário se refere. No caso, torcedores de futebol de baixa escolaridade. A publicidade está repleta de exemplos desse tipo.
d) Trata-se de um desvio cometido muito comumente na língua oral, na qual grande parte dos textos publicitários se baseia. O falante costuma enunciar o sujeito no singular, porque ainda não pensou na forma como irá dar continuidade à frase.
e) Trata-se de um caso de concordância de palavra para palavra, de natureza parcial (também chamada atrativa). O verbo "convocamos" concordou, atrativamente, com o sujeito mais próximo da série coordenada "a gente/nós".

3. (Cesgranrio-RJ) Segundo a norma culta, há **ERRO** de concordância na opção
a) A revista custa caro.
b) Os funcionários estão meio descrentes.
c) As equipes devem estar sempre alerta.
d) Às faturas estão anexo as listas de preço.
e) Todos chegaram ao continente salvo ele.

4. (Cesgranrio-RJ) A concordância nominal está correta somente em
a) É necessário muita dedicação para vencer os obstáculos.
b) É proibido a entrada de animais na copa.
c) Cuidado com os documentos que seguem anexo aos registros postais.
d) Muito obrigado, disse a mocinha da loja.
e) A reunião começou cedo e terminou ao meio-dia e meia.

5. (ESPP) Considere as orações:
I. É proibido entrada.
II. Estou quite com vocês.
De acordo com a norma culta:
a) somente I está correta
b) somente II está correta
c) I e II estão corretas
d) Nenhuma está correta

6. (ESPP) Considere os períodos:
I. Segue anexos os documentos solicitados.
II. Não sou um daqueles que desistem facilmente.
De acordo com a norma culta:
a) somente I está correto
b) somente II está correto
c) I e II estão corretos
d) Nenhum está correto

7. (ESPP) Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas:
I. Sairemos ao meio-dia e _____.
II. Segue _____ a cópia do documento.
a) meio – anexo
b) meio – anexa
c) meia – anexo
d) meia – anexa

8. (PUC-PR) Assinale a alternativa que NÃO corresponde à concordância nominal.
a) A entrada de funcionários em usinas desativadas é proibida.
b) Ao criar o Banco de Informações de Geração (BIG), os responsáveis foram bastantes inteligentes.
c) É necessária a alteração nos valores das tarifas de energia elétrica.
d) Os agentes que cuidam da segurança da energia fornecida estão alerta.
e) O diretor-geral mandou uma carta aos consumidores e em anexo informações muito importantes.

9. (PUC-PR) Observe as seguintes sentenças da fala informal:
1. Chegou os livros de história infantil na biblioteca da escola.
2. Surgiu muitas ideias na reunião dos professores.
3. Duas obras foi inaugurada no nosso bairro.
4. Desde aquela data, começou a ocorrer muitas coisas estranhas naquela escola.
Na fala ou escrita formal, essas sentenças deveriam ser revistas segundo a norma padrão, uma vez que não estão adequadas à regra de:
a) Concordância nominal.
b) Concordância verbal.
c) Regência verbal.
d) Colocação do verbo, núcleo do predicado frasal.
e) Colocação do sujeito da frase, que deve vir sempre antes do verbo.

10. (UFPR) Assinale a alternativa que está de acordo com a norma culta da língua.
   a) Promotor e advogado de defesa saíram junto do tribunal.
   b) Houveram muitas mudanças no município desde que mudei para cá.
   c) Fazem vinte anos que mudei para o litoral do estado.
   d) Raí é um dos poucos atletas famosos que resistiram à pressão da fama.
   e) O time não precisa de muitos jogadores para a mesma posição, mas para posições diferentes, ou sejam, zagueiros, laterais e atacantes.

11. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa correta, quanto à concordância, conforme a norma padrão culta.
   a) Com a nova legislação, institui-se multas mais severas aos infratores.
   b) Foi destacado a importância de parcerias com estados e municípios.
   c) Deu-se atenção especial a pessoas que tentarem impedir a fiscalização.
   d) Foi encurtado, com a nova lei, os prazos para aplicação de multas.
   e) Com o novo decreto, previu-se novas infrações ambientais.

12. (FGV-SP) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

"E depois da meia-noite dada, ela e Piedade ficaram sozinhas, velando o enfermo. Deliberou-se que este iria pela manhã para a Ordem de Santo Antônio, de que era irmão.

E, com efeito, no dia imediato, enquanto o vendeiro e seu bando andavam lá às voltas com a polícia, e o resto do cortiço formigava, tagarelando em volta do conserto das tinas e jiraus, Jerônimo, ao lado da mulher e da Rita, seguia dentro de um carro para o hospital."

Na primeira frase do texto, se substituirmos **sozinhas** por **só**, deverá esta última palavra flexionar-se em número? Explique.

13. (UFMS) Leia, a seguir, a manchete de uma reportagem jornalística, de autoria de Silvana Abrantes, sobre o filme *Olga*.

(***Olga* casa com o público e se divorcia da crítica.**)

Primeiro longa do diretor de TV Jayme Monjardim lidera bilheteria e apanha de especialistas.

(*Folha de S.Paulo*, 5 set. 2004. Ilustrada, p. E1.)

De acordo com as informações dadas acima, é **correto** afirmar que

1. a concordância nominal em **primeiro longa** está inadequada, uma vez que longa (metragem) é um substantivo feminino.
2. em "e **apanha** de especialistas", o verbo destacado está sendo usado no sentido figurado de **receber críticas**.
4. na frase em negrito, a autora emprega verbos com valor semântico oposto para expressar as diferentes relações do filme com seus destinatários (os espectadores e os especialistas).
8. em ambas as frases, o conector **e** liga enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão: o sucesso incondicional de *Olga*.
16. o numeral **primeiro** instaura o pressuposto de que o diretor Jayme Monjardim não produziu outros filmes do mesmo tipo (longa-metragem) antes de *Olga*.

14. (UEL-PR) Indique a alternativa em que a concordância foi feita segundo as normas do português escrito.
   a) Não existe, na conjuntura atual, soluções perfeitas para o problema da energia no Brasil.
   b) As sondas da Nasa usam um sistema chamado redes neurais, que procura imitar o funcionamento do sistema nervoso de animais.
   c) A história das civilizações pode ser contada como a busca por combustíveis capaz de gerar a energia necessária para nos aquecer no inverno e cozinhar alimentos.
   d) Os críticos da globalização, ao alegar que os ricos estão ficando mais ricos e os pobres mais pobres, escolhe, com frequência, o campo de batalha errado.
   e) Nas obras literárias marcantes está refletido, de algum modo, as tendências dominantes da cultura de cada época.

Instrução: As questões **15** e **16** estão relacionadas ao seguinte anúncio de jornal:

LOJA DE CALÇADOS FEMININO

Vende-se três lojas bem montadas, tradicionais, nos melhores pontos da cidade.

Ótima Oportunidade! F: (__) xxxx-xxxx

(*O Estado de S. Paulo*, 15 ago. 2002.)

15. (Unifesp) De acordo com as normas gramaticais, particularmente no que se refere às regras de concordância, o título deste anúncio deveria ser:
   a) LOJAS DE CALÇADOS FEMININO, porque, na sequência, o texto fala em "três lojas".
   b) LOJAS DE CALÇADOS FEMININOS, porque, na sequência, o texto fala em "três lojas".
   c) LOJA DE CALÇADOS FEMININOS, porque o título não especifica as outras duas lojas "bem montadas" de calçados, implicitamente, masculinos.
   d) LOJA FEMININA DE CALÇADOS, porque o título não se relaciona com o restante do anúncio.
   e) LOJA DE CALÇADOS FEMININO, tal como aparece no anúncio, porque o vocábulo "FEMININO" apenas especifica o tipo de calçado comercializado pelas lojas à venda.

16. (Unifesp) No corpo do anúncio, a expressão *Vende-se 3 lojas bem montadas*
   a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o sujeito paciente.
   b) não apresenta problema de concordância verbal porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o objeto direto.
   c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.
   d) não apresenta problema de concordância verbal, porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.
   e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e *lojas* é o objeto direto.

17. (UFG) No conhecido verso de um *rock* – "a gente somos inútil" –, há uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica essa possibilidade de construção na língua portuguesa?

18. (Ufes) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo destacado se refere a dois ou mais núcleos nominais; a única opção em que a concordância do pronome se faz inadequadamente é:
a) Os grandes escritores e famosos oradores, conhecemo-**los** pelo domínio que têm do idioma.
b) A agilidade mental e a facilidade de expressão, como poderemos consegui-**las**?
c) A inteligência, o amadurecimento mental, a expressão do pensamento, nas **as** conseguiremos desse modo.
d) Aquele escritor e dicionarista, eu **o** conheço através de suas obras.
e) O quociente de inteligência ou nível mental, não **o** avaliamos apenas através desses conhecimentos.

19. (Ufal) Aponte a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase.
... motivos ... para que não ... ao serviço os demais funcionários.
a) Haverá – suficiente - faltem
b) Haverão – suficientes – falte
c) Haverá – suficientes – falte
d) Haverão – suficiente – faltem
e) Haverá – suficientes – faltem

20. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche de forma adequada e correta as lacunas nas frases abaixo, respectivamente.
I. Seguem _____ às cartas minhas poesias para você.
II. Polvo e lula _____ serão servidos no jantar.
III. Para a matrícula, é _____ a documentação pedida.
a) anexa – frescos – necessária
b) anexas – fresca – necessária
c) anexos – frescos – necessários
d) anexas – frescas – necessária
e) anexas – fresco – necessária

21. (UFMA) A concordância nominal está correta na opção:
a) Nós mesmos faremos a prova, disseram os rapazes.
b) Estavam desertas o pátio e as salas.
c) Sr. Governador, Vossa Excelência é bem-vinda.
d) Os bondes rolavam barulhento sobre os trilhos.
e) As mães, contente, reveem seus filhos.

22. (Ufac) Marque a alternativa que completa corretamente a frase.
Remeto, ... a esta carta, retrato do neto que ... muito vocês não ... .
a) anexa – há – veem
b) anexo – há – veem
c) anexa – a – vêm
d) anexa – a – veem
e) anexo – a – veem

23. (UFPE) Assinale a alternativa em que a norma de concordância (verbal e nominal) foi inteiramente respeitada.
a) A rejeição à ideia de inferioridade ou de submissão leva boa parte das pessoas que se preocupam com a questão dos empréstimos linguísticos a exigirem um posicionamento das autoridades.
b) Se, em um país, existe, realmente, fatores de diferenciação que interfere na língua, existe também elementos de unificação com o objetivo de preservá-la.
c) O interesse do Brasil, como o de Portugal, é de que hajam resistências naturais aos modismos e aos empréstimos linguísticos.
d) Aos termos regionais faltam força para atravessarem as fronteiras dos locais em que são empregados.
e) O número de termos regionais cresceram bastantes, mas, por não haverem sido bem aceitos, não se incorporaram à língua nacional.

24. (Vunesp-SP) Esta questão serve-se do parágrafo inicial de um artigo do jornalista Clóvis Rossi.

Sauna Brasil

Os brasileiros fomos informados ontem do caráter de pelo menos uma parcela da base parlamentar governista. É gente com a qual "só se pode conversar na sauna e pelado", avisa quem entende de base parlamentar governista, o ministro das comunicações, Sérgio Motta.
(*Folha de S.Paulo*, 8 maio 1997, p. 1-2.)

O princípio básico da concordância verbal em nosso idioma prevê que o verbo deva ser flexionado em número e pessoa de acordo com o sujeito da oração. Em alguns casos, devido a circunstâncias do contexto, esse princípio pode ser transgredido. Ocorre nesses casos a chamada concordância ideológica. Tomando por base este comentário:
a) aponte uma passagem do texto de Clóvis Rossi em que o verbo não segue uma das flexões impostas pelo sujeito;
b) interprete, com base no contexto, as razões estilísticas que levaram o autor a preferir tal forma de concordância.

25. (UPM-SP) Reescreva as orações que apresentam concordância nominal inconveniente, flexionando as palavras de acordo com o gênero e o número do substantivo a que se referem.
a) Já estão **incluso** no processo as investigações a respeito das manifestações linguísticas das abelhas.
b) Não há **nenhuma** probabilidades de aprofundar as pesquisas sobre a comunicação dos chimpanzés.
c) Foi **desnecessário** a discussão sobre a possibilidade da existência de uma comunicação linguística animal.
d) É **perigoso** a afirmação a respeito da emissão fônica dos vertebrados como um conjunto de símbolos linguísticos.

26. (Faap-SP) Observando as regras de concordância nominal e verbal, reescreva a frase que segue: "Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira".

27. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, **exceto**:
a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexo ao processo.
c) Eram rapazes o mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

28. (Ufac) Assinalar a alternativa em que a concordância nominal está **correta**.
a) Os fatos falam por si só.
b) Seus apartes eram sempre o mais pertinentes possíveis.
c) O relógio bateu meio-dia e meio.
d) Todos se moviam cautelosamente, preocupado com o perigo.
e) Chegada a sua hora e a sua vez, intimidou-se.

29. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."
a) consagrado, devem ser atribuídos
b) consagrada, deve ser atribuído
c) consagrados, devem ser atribuídos
d) consagradas, deve ser atribuído
e) consagrados, deve ser atribuído

30. (FEI-SP) Em qual declaração proibitória ocorre **incorreção** gramatical?
a) É proibida a entrada.
b) Proíbe-se a entrada de estranhos.
c) É proibido entrar.
d) A eles, foi-lhes proibida a entrada.
e) Proibir-se-á, fora do expediente, as entradas de todos os funcionários.

31. (Unisinos-RS) O caso de concordância nominal **inaceitável** aparece em:
a) Nunca houve divergências entre mim e ti.
b) Ela tinha o corpo e o rosto arranhados.
c) Recebeu o cravo e a rosa perfumado.
d) Tinha vãs esperanças e temores.
e) É necessário certeza.

32. (FCC) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está **correta**.
a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!
d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

33. (FFCLBH-MG) Em todas as alternativas há problemas de concordância segundo a norma culta da linguagem, **exceto**:
a) "O embarque de June surpreendeu a maioria das pessoas (aproximadamente 100) que foram ao Aeroporto Internacional do Rio, para a despedida do presidente." (*Folha de S.Paulo*)
b) Compra-se lotes e casas.
c) "(...) mesmo assim, ali está a vergonha escancarada da guerra, no quintal de todos que fazem questão de virar o rosto para o outro lado. O problema é este: não há o outro lado quando se domina as novas tecnologias." (*Folha de S.Paulo*)
d) É proibido a entrada de menores de 18 anos em motéis.

Nas questões **34** e **35**, assinale a alternativa **correta**.

34. (UCS)
a) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extra-classe.
b) Às vezes **era solicitados** alguns trabalhos extra-classe.
c) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extra-classe.
d) Às vezes **eram solicitados** alguns trabalhos extraclasse.
e) Às vezes **era solicitado** alguns trabalhos extraclasse.

35. (UCS)
a) Já **fazem** tantos anos assim?
b) Acho que **devem fazer** uns dez anos.
c) Vossas Excelências já **podeis** considerar o projeto aprovado.
d) Escolhe tu mesmo o que julgas ser melhor para **teu** futuro.
e) Escolhe você mesmo o que julgas ser melhor para o **teu** futuro.

36. (UPM-SP)
I. Os brasileiros somos todos eternos sonhadores.
II. Muito obrigadas! Disseram as moças.
III. Sr. Deputado, V. Ex.ª está enganado.
IV. A pobre senhora ficou meia confusa.
V. São muito estudiosos os alunos e as alunas deste curso.

Há uma concordância inaceitável, de acordo com a gramática normativa:
a) em I e II;
b) em II, III e V;
c) apenas em II;
d) apenas em III;
e) apenas em IV.

37. (UFPel-RS) A alternativa em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:
a) Precisamos ser benevolentes para com nós mesmos.
b) Já tinham bastante motivos para voltar para casa.
c) Que houvesse ou não existido opiniões contraditórias não nos interessava naquele momento.
d) Sr. Ministro, V. Ex.ª sereis recebido com grande entusiasmo pela população.
e) Surgiu, na escuridão da noite, dois vultos enormes.

38. (UFSCar-SP) Aponte a alternativa em que a concordância nominal **não** é adequada.
a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.

d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

39. (FMPA-MG) Todas as concordâncias nominais estão corretas, exceto em:
a) Seguem anexo as notas promissórias.
b) Escolhemos má hora e lugar para a festa.
c) A justiça declarou culpados o réu e a ré.
d) A moça usava uma blusa verde-clara.
e) Estou quite com meus compromissos.

40. (UFSCar-SP) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre sua resposta.
"É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto."

41. (PUC-SP) Apenas uma alternativa preenche **corretamente** os espaços existentes na sentença abaixo.
"Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ... ."
a) justo, menas, cabível
b) justa, menos, cabível
c) justa, menos, cabíveis
d) justo, menos, cabível
e) justo, menas, cabíveis

42. (FMIt-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, **exceto** em:
a) Os soldados, agora, estão todos atentos.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram o mais belas possível.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

43. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.
a) Por ... que sejam as consequências, esta é a única tentativa possível. (pior)
b) Seus propósitos estão ... claros. (bastante)
c) As informações prometidas seguem ... a esta carta. (anexo)

44. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que **meio** funciona como advérbio.
a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

45. (Fameca-SP) Observe a concordância:
1. Entrada proibida.
2. É proibido entrada.
3. A entrada é proibida.
4. Entrada é proibido.
5. Para quem a entrada é proibido?
a) A número 5 está errada.
b) A 4 e a 5 estão erradas.
c) A 2 está errada.
d) Todas estão certas.
e) A 2 e a 5 estão erradas.

46. (ITA-SP) Assinale a alternativa **correta**. "... muitos anos que compramos um compêndio e uma gramática ... para estudar a língua e a literatura ... ."
a) Faz – volumoso – luso-brasileiras
b) Deve fazer – volumosos – portuguesa
c) Fazem – volumosos – portuguesa
d) Devem fazer – volumosa – portuguesa
e) Faz – volumosas – luso-brasileira

47. (Unip-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.
a) O povo brasileiro anseia por uma constituição digna.
b) Era necessário a permanência do médico no hospital.
c) Aconteceu, durante a discussão do processo, graves distúrbios entre os parlamentares.
d) Sua discrição era digna de elogios, pois todos estavam ao par das dificuldades de se manter secreta a negociação.
e) Não mais se lê bons autores naquela escola.

48. (UPM-SP) Marque a alternativa cuja sequência preencha **adequadamente** as lacunas do seguinte período: "Nós ... socorremos o rapaz e a moça ... ."
a) mesmos – bastante – machucados
b) mesmo – bastantes – machucados
c) mesmos – bastantes – machucados
d) mesmo – bastante – machucada
e) mesmos – bastantes – machucada

49. (Fuvest-SP) Aponte a alternativa **correta**.
a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
c) Já faziam meses que ela não a via.
d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
e) A quem pertence essas canetas?

50. (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Reparem no que o conferencista está dizendo.
2. Devem haver muitas pessoas revoltadas naquele país.
3. Depois do que você me fez, acho que estamos quite.
deduzimos que:
a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

51. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier, as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

52. (FCC) "Ainda ... furiosa, mas com ... violência, proferia injúrias ... para escandalizar os mais arrojados."
a) meia – menas – bastantes
b) meia – menos – bastante

c) meio – menos – bastante
d) meio – menos – bastantes
e) meio – menas – bastantes

53. (FCC) "Elas ... providenciaram os atestados, que enviaram ... às procurações, como instrumentos ... para os fins colimados."
a) mesmas – anexos – bastantes
b) mesmo – anexo – bastante
c) mesmas – anexo – bastante
d) mesmo – anexos – bastante
e) mesmas – anexos – bastante

54. (FCC) "Ela ... não sabia se as declarações deviam ou não ... ao processo."
a) mesma – ir anexas
b) mesmo – ir anexo
c) mesma – irem anexas
d) mesmo – ir anexos
e) mesma – ir anexa

CAPÍTULO 19

Regência

1. (PUC-PR) Leia o texto a seguir para responder à questão:
Há uma estrutura especial de sentença que exige uma atenção maior quanto à regência.
Observe esses dois exemplos:
1. Sempre gostei desse tipo de festa.
2. Esse tipo de festa que sempre gostei (não aceito pela gramática normativa).

Eis aí duas estruturas muito comuns na linguagem oral: em 1, a ordem direta conserva a regência natural do verbo gostar: gostei de...; em 2, o **de** desaparece.
Apesar de seu uso, o exemplo 2 não é aceito pela gramática normativa, que exige a presença da preposição, mesmo quando distante do verbo. Assim devemos escrever: Esse tipo de festa de que sempre gostei (gostar de).
(FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. *Oficina de texto*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 175. Texto adaptado.)

A regência verbal está de acordo com a gramática normativa na alternativa:
a) Gostei do filme que ele fez referência.
b) Esse é o argumento com o qual concordei.
c) A rua que moro é escura.
d) A empresa de que eu trabalhava foi fechada.
e) O bolo a que comi estava muito bom.

2. (Fuvest-SP) A única frase que segue as normas da língua escrita padrão é:
a) A janela propiciava uma vista para cuja beleza muito contribuía a mata no alto do morro.
b) Em pouco tempo e gratuitamente, prepare-se para a universidade que você se inscreveu.
c) Apesar do rigor da disciplina, militares se mobilizam no sentido de voltar a cujos postos estavam antes de se licenciarem.
d) Sem pretender passar por herói, aproveito para contar coisas as quais fui testemunha nos idos de 1968 e que hoje tanto se fala.
e) Sem muito sacrifício, adotou um modo de vida a qual o permitia fazer o regime recomendado pelo médico.

3. (FGV-RJ) A frase que está correta, tendo em vista a sintaxe de regência, é:
a) Os jovens não veem a hora de inserir-se ao mercado de trabalho.
b) A falta de informações econômicas seguras nos induz a que planejemos nosso futuro.
c) Lia, com frequência, textos barrocos, estilo que ele era um fervoroso adepto.
d) Há políticos que têm tendência por aderir sempre pelos partidos que estão no poder.
e) Nota-se uma melhoria nos serviços de saúde pelos quais a população carente não tinha.

4. (UFSCar-SP) Em **Tenho ódio mortal dos mosquitos**, a preposição **de** liga a palavra ódio à palavra mosquitos. Poderia, se quisesse, ter usado **a** e escrever: **Tenho ódio mortal aos mosquitos**. Trata-se da opção por uma determinada regência nominal.
Leia os três trechos a seguir e diga em qual deles é possível empregar indiferentemente **de** ou **a**.
I. Eu, que tinha ódio ao menino, afastei-me de ambos. *(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.)*
II. O ódio a Bill Gates se explica com uma palavra bem arcaica e bem humana: inveja. (*Folha de S.Paulo*, 2 jul. 2008.)
III. O desejo de um conde por uma jovem desperta o ódio da mulher do nobre. (*Folha de S.Paulo*, 11 ago. 2008. Adaptado.)

5. (UFABC) Assinale a alternativa em que se observa a norma padrão de concordância e regência e de emprego do sinal indicativo de crase.
a) Proibição é a coisa à que menos se aprecia, apesar de haverem benefícios dela decorrente.
b) Não se pode restringir às liberdades dos indivíduos, sem os afrontarem e à seus valores.
c) A população só sentiu pleno alívio quando se removeram, das ruas, placas às quais já se havia acostumado.
d) Aprovou-se várias leis, entre elas as que proibiu à poluição visual e à ingestão de bebida alcoólica na direção de veículos.
e) Muitas coisas atualmente dificultam à vida nas cidades, razão pela qual ainda falta leis limitando direitos individuais.

6. (UFABC) Assinale a alternativa em que a regência e o emprego do sinal indicativo de crase estão de acordo com a norma culta.
a) Não intenta apenas à relatar acontecimentos de cada expedição militar.
b Refere-se à aldeia que ousou enfrentar a República.
c) Examinou à ecologia muito bem.
d) Não conheço livro idêntico à esse, feito na América.
e) Descreve o tempo seco e quente à que denomina "verão".

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, **INCORRETAMENTE**, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.
a) A rua que eu moro não é asfaltada.
b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.

c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.
d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.
e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

8. (Udesc) Assinale a alternativa em que a regência da forma verbal apresentada não atende à norma padrão da língua.
a) Esqueci o livro em casa.
b) Esqueci-me do livro em casa.
c) Preferimos as histórias bruxólicas às novelas.
d) O motorista consciente obedece os sinais de trânsito.
e) Ontem pagamos o 13.º salário à secretária.

9. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra ou a expressão em destaque, de acordo com o texto.
Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.
(1) **que** (linha 1) – substituir por **de que**;
(2) **passa** (linha 2) – substituir por **passam**;
(4) **elas acabaram** (linha 3) – substituir **por ela acabou**;
(8) **houvessem** (linha 1) – substituir por **houvesse**;
(16) **no mês passado** (linhas 3 e 4) – substituir por **no mês anterior**.

10. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja regência do verbo apresentado é a mesma do verbo destacado na passagem "Ser aceito **implica** mecanismos mais sutis e de maior alcance..." (l. 28-29).
a) Lembrar-se.
b) Obedecer.
c) Visar (no sentido de almejar).
d) Respeitar.
e) Chegar.

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição destacada constitui caso de regência nominal.
a) "se adaptar rapidamente **a** uma nova situação,"
b) "saber se comunicar **com** a equipe..."
c) "ter capacidade **de** negociação são características extras..."
d) "Para chegar **a** esta conclusão foram analisados três fatores:"
e) "e para aqueles **com** quem se relaciona."

12. (Cesgranrio-RJ) Analise as frases abaixo considerando a regência verbal de acordo com o registro formal culto.
I – Esta é a cidade em que todos gostam de morar.
II – Ele estava satisfeito com tudo que aconteceu.
III – Não se esqueça de suas tarefas.
IV – O assunto que o texto trata é muito atual.
Estão corretas **APENAS** as frases
a) I e II.
b) I e III.
c) I e IV.
d) I, II e III.
e) I, II e IV.

13. (ESPP) Considere as orações:
I. Ele estava ansioso por este dia.
II. O rapaz mostrou-se apto ao trabalho.
De acordo com a norma culta:
a) somente I está correta
b) somente II está correta
c) I e II estão corretas
d) Nenhuma está correta

14. (ESPP) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:
Não conhecemos o autor _____ obra o professor fez referência.
a) cuja
b) a cuja
c) a qual
d) que

15. (ESPP) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:
Não encontrei o remédio _____ ela precisa.
a) de que
b) que
c) o qual
d) cujo

16. (ESPP) Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna:
Existem normas _____ todos devem obedecer.
a) que
b) as quais
c) a que
d) onde

17. (ESPP) Considere os períodos:
I. Informamos aos funcionários do reajuste salarial.
II. Lembrou-se da infância ao ver as fotos.
De acordo com a norma culta:
a) somente I está correto
b) somente II está correto
c) I e II estão corretos
d) Nenhum está correto

18. (Vunesp-SP) De acordo com a norma culta, a regência verbal está correta na alternativa:
a) Há muitas ONGs que assistem às pessoas com síndrome de Down.
b) Muitas empresas preferem oferecer um curso do que doar uma cadeira de rodas.
c) Muitas pessoas não recebem a ajuda que necessitam.
d) As empresas pagam caro os professores que dão cursos de geração de renda.
e) Empresas socialmente responsáveis visam a uma posição de destaque no mercado.

19. (Vunesp-SP) Assinale a frase correta quanto às regras de regência nominal/verbal.
a) Não podemos negar que, no tocante da nova lei, nossas opiniões são divergentes.
b) A pressão exercida pela mídia acarretou no pedido de demissão do secretário.
c) A nova proposta mostrou-se aceitável de todas as partes interessadas.
d) O jornalista se predispôs em trabalhar em conjunto com seus colegas.
e) O homem não parecia hesitante em falar do assunto diante das câmeras.

20. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa em que a regência da forma verbal destacada está correta.

a) Vi sua propaganda na TV, com uma norte-americana que teve um vídeo pornô de que **atribui** sua fama.
b) Psicólogos **protestaram** com o modo pelo qual sua profissão era ridicularizada.
c) A questão do humor ou do preconceito é ponto para o qual **convergem** a publicidade e uma preferência dos jornalistas que tratam de entretenimento.
d) Na televisão brasileira, a publicidade de cerveja a alia a mulheres gostosas, sobre como nós **faz recordar** a propaganda da Devassa.
e) Se as mulheres não se **prestam** no papel de objeto, a decisão do Conar pode ser uma conquista delas.

21. (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo:

A enfermeira procede ... exame no paciente.
O gerente visa ... cheque do cliente.
A equipe visa ... primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ... fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ... viver.

a) ao, o, ao, ao, a
b) ao, ao, o, a , do que
c) ao, a , o, o, que
d) o, a, ao, ao, à
e) a, ao, o, ao, que

22. (Fuvest-SP) A chamada jornalística que apresenta um par com regências incompatíveis é:

a) Exposição mostra como a moda interfere e molda a figura da mulher.
b) O MST foi criado e mantido num tempo de impunidade.
c) Israel ataca e invade o QG de Arafat.
d) Estudo comprova que TV incita e amplifica atos de violência.
e) Tecnologia digital faz "E.T." voltar e encantar com imagens inéditas.

23. (Fuvest-SP)

"I – O que mudou na legislação eleitoral

Como era em 89

(...) Apenas pessoas físicas podiam fazer doações.

(...) Entidades de classe ou sindicais não podiam contribuir com os partidos. (...)" *(Folha de S.Paulo)*

"II – Contribuir 1. [...] Tomar parte em despesa comum; pagar contribuição; dar dinheiro, com outros, para determinado fim (...). "Você não contribuiu para as obras da igreja?". "Contribuí com cem cruzados. Poucos paroquianos deixaram de contribuir (...)." (LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de regência verbal.*)

a) O período enquadrado em I apresenta uma incorreção na regência verbal. Redija-o **corretamente**, com base na informação de II.
b) Ainda com base em II, formule uma explicação adequada para o uso da preposição no período enquadrado em I.

24. (Fuvest-SP) "Não tenho dúvidas de que a reportagem esteja à procura da verdade, mas é preciso ressalvar de que a história não pode ser escrita com base exclusivamente em documentos de polícia política." (*O Estado de S. Paulo*)

Das duas ocorrências de **de que**, no excerto, uma está correta e a outra não.

a) Justifique a **correta**.
b) Corrija a **incorreta**, dizendo por quê.

25. (Unicamp-SP) Na *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha, leem-se as seguintes considerações sobre a questão da chamada regência verbal: "A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a **regência verbal** pode (...) fazer-se: **diretamente**, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é o **objeto direto**; **indiretamente**, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é **objeto indireto**." (CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fename, 1980. p. 480.)

Com base nas considerações anteriores, identifique, no trecho abaixo, a passagem em que ocorre um problema de regência verbal.

"Gentil de Araújo, motorista do caminhão que parou o avião na Marginal do rio Tietê, há 20 anos trabalha nas estradas do país dirigindo caminhões para transportadoras. Durante todo esse tempo, diz que já viu muitos acidentes. Mas nenhum se compara, afirma, ao que ele esteve envolvido ontem pela manhã. 'Na estrada a gente vê de tudo. Já vi um barco cair de uma carreta e amassar um Fusca. Só faltava ter visto um avião bater em meu caminhão. Quando contar para os meus amigos, muitos não vão acreditar'."

a) Transcreva e diga em que consiste, na passagem transcrita, o problema de regência verbal.
b) Reescreva, a seguir, essa mesma passagem, de modo a adequá-la à modalidade escrita culta da língua.

26. (FGV-SP) Assinale a alternativa **que não é abonada pela norma culta**, quanto à regência.

a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.
b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.
c) É claro que Jesus a ama!
d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.
e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

27. (UEM-PR)

A maneira como os verbos e os nomes se articulam com seus complementos, nas orações, denomina-se regência. Sobre a regência dos verbos e dos nomes destacados, assinale o que for adequado.

01. Em "(...) **necessita** de melhoramentos (...)" e em "(...) a consequente **necessidade** de alimentos (...)", há, respectivamente, um verbo transitivo indireto e um substantivo que requer um complemento nominal regido por preposição.
02. Em "**Trata-se** de um debate (...)", a forma verbal destacada é um verbo de ligação.
04. Em "(...) como **aconteceu** com Copérnico (...)", a forma verbal destacada é um verbo transitivo direto.
08. Em "(...) **ficarmos atrelados** a uma estagnação (...)", estão destacados um verbo transitivo direto e seu objeto, que é um nome que não rege preposição.
16. Em "(...) porquanto **é próprio** da ciência (...)", estão destacados um verbo de ligação e seu predicativo, que é um nome que rege um complemento com preposição.
32. Em "(...) **tirar** proveito **das descobertas** (...)", estão destacados um verbo transitivo direto e um complemento nominal, regido de preposição pelo antecedente, o substantivo "proveito".

28. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas da frase apresentada: "Desta forma, ... estimular as obras do metrô, uma solução não poluente, ... eficácia supera a de outras modalidades de transporte."
a) impõem-se – da qual a
b) impõe-se – que a
c) impõem-se – cuja
d) impõe-se – a qual a
e) impõe-se – cuja

29. (Unimep-SP) Considerando as frases:
I. O menino quer **a bola**.
II. A mãe quer muito **à filha**.

Podemos dizer que:
a) a frase I está errada, pois o verbo **querer** é sempre transitivo indireto.
b) a frase II está errada, pois o verbo **querer** é sempre transitivo direto.
c) ambas estão corretas, pois o verbo **querer** admite as duas regências.
d) em ambas, podemos substituir as palavras destacadas pelo pronome oblíquo **a**.
e) em ambas, podemos substituir as palavras destacadas pelo pronome oblíquo **lhe**.

30. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a ausência da preposição, antes do pronome relativo **que**, está de acordo com a norma culta.
a) É uma quantia vultosa, **que** o Estado não dispõe: falta-lhe numerário.
b) Vi claramente o bolso **que** você pôs o dinheiro nele.
c) Não interessava perguntar qual a agência **que** o remetente enviou a carta.
d) A garota **que** eu gosto não está namorando mais. Chegou a minha oportunidade.
e) Essa era a declaração **que** o alcaide insistia em fazer.

31. (UFPE) No trecho "Ao considerar que a energia é um dos bens mais valiosos que a Nação dispõe (...)", o *Diário de Pernambuco* registra um tipo de regência comum na linguagem coloquial. De acordo com a norma padrão, a regência seria:
a) a que a Nação dispõe
b) por que a Nação dispõe
c) de que a Nação dispõe
d) contra que a Nação dispõe
e) em que a Nação dispõe

32. (FGV-SP) Observe o seguinte texto, para responder à questão.
"Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia."
(Texto de anúncio publicitário, editado.)

Na passagem "o consórcio que o Brasil inteiro confia" deve ser acrescentada uma preposição. Reescreva a passagem acrescentando essa preposição.

33. (Ufam) Assinale o item em que há erro quanto à regência:
a) São essas as atitudes de que discordo.
b) Há muito já lhe perdoei.
c) Informo-lhe de que paguei o colégio.
d) Costumo obedecer a parceiros éticos.
e) A enfermeira assistiu irrepreensivelmente ao doente.

34. (Unicamp-SP) Os trechos a seguir mostram que certas construções típicas do português falado, consideradas incorretas pela gramática normativa da língua, já estão sendo utilizadas na modalidade escrita.
1. "Concentre sua atenção nas matérias que você tem maior dificuldade." (*Folha de S.Paulo*)
2. "Uma casa, onde na frente funcionava um bar, foi totalmente destruída por um incêndio." (*O Liberal*)
a) Transcreva as marcas típicas da linguagem oral presentes nos trechos acima.
b) Reescreva-as de modo a adequá-las à exigências da gramática normativa.

35. (PUCCamp-SP) As sentenças abaixo, **exceto** uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.
a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.
b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se for o caso.
c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.
d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.
e) A importância que eu preciso é vultuosa.

36. (FGV-SP) Assinale a alternativa que **não obedece** à norma culta em relação à **regência**.
a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

37. (ESPM-SP) Assinale a única frase cuja **regência verbal** esteja **correta** segundo a norma culta:
a) Não somos candidatos mas sabemos como agradar nosso eleitorado. Sky, TV sem limites.
b) A perda do cartão de consumo implica numa multa de R$ 500,00.
c) A diretoria custou a perceber os verdadeiros problemas da equipe.
d) Novo Mercedes-Benz Classe C. A sinalização vai obedecer você.
e) Segundo pesquisas, as brasileiras preferem os morenos aos loiros.

38. (Faap-SP) "Triste ironia atroz que o senso humano irrita: Ele que doira a noite e ilumina a cidade, Talvez não tenha luz na choupana em que habita."

A preposição **em** logo após **choupana** é regida (exigida):

a) pelo substantivo choupana;
b) pelo verbo habitar;
c) pela mesma palavra que rege a preposição em (em + a) antes de choupana;
d) pelo substantivo luz;
e) pelo verbo ter.

39. (PUCCamp-SP) A frase que mantém o padrão culto da linguagem é:

a) O projeto que ele se referiu foi analisado ontem e o texto definitivo que se chegou após as discussões será encaminhado a vocês amanhã mesmo.
b) Aquele assalto a que ele foi vítima só lhe trouxe tristezas, mas as pessoas cujo testemunho ele dependeu são suas amigas até hoje.
c) O grupo de amigos, cujo padrão ele quer pertencer, é o maior responsável por seus problemas, principalmente pelo tipo de lazer que eles estão acostumados.
d) Afirmou, com maior segurança, de que havia posto o assunto em debate na sessão anterior, a qual acabamos de receber a ata.
e) O carinho com que ele sempre se dispõe a atender os mais necessitados faz dele uma pessoa da qual devemos orgulhar-nos muito.

40. (UFPE) Assinale a alternativa em que as normas de regência, nominal e verbal não foram inteiramente cumpridas.

a) O vocabulário e a sintaxe de que se utilizam muitos autores modernistas constituem, muitas vezes, uma linguagem mais difícil do que a linguagem culta.
b) Alguns dos modernistas não repudiavam aos clássicos, nem lhes imitavam, mas conseguiam renovar o idioma sob a influência da língua falada.
c) No Brasil há muitas literaturas regionais que exibem as características da fala local a que procuram ser fiéis.
d) Os defensores de uma literatura regional procuram sempre apresentar explicações e evidências que lhes apoiem os argumentos.
e) A aprendizagem de uma língua se faz, também, lendo-se autores com que se possa aprimorar e fortalecer a experiência pessoal.

41. (UFPB) Quanto à regência, conforme a norma da língua escrita, as lacunas do trecho: "Meu filho foi embora e eu não ... conheci. Acostumei-me ... ele em casa e me esqueci ... conhecê-lo." (Osvaldo França Jr.)

São preenchidas, respectivamente, por:

a) lhe – a – de
b) lhe – a – por
c) o – com – de
d) o – a – por
e) lhe – com – de

42. (PUC-RJ) Frequentemente, frases como as apresentadas abaixo são proferidas em conversas informais. Num texto formal escrito, porém, são inadequadas. Reescreva-as, sem modificar seu sentido e pontuação, mas adequando-as ao padrão da língua escrita.

a) A menina que eu gosto dos olhos dela ainda não chegou.
b) O homem que eu telefonei para ele ontem não estava em casa.
c) A rua que eu gosto de correr é roda arborizada.

43. (ITA-SP) Leia com atenção a seguinte frase de um texto publicitário: "Esta é a escola que os pais confiam".

a) Identifique a preposição exigida pelo verbo e refaça a construção, obedecendo à norma gramatical.
b) Justifique a correção.

44. (ESPM-SP) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) O rapazinho se deteve diante da figura ... jamais se esqueceria.
b) A figura ... o rapazinho deparou pareceu-lhe, a princípio, exótica.
c) O rapazinho não contava se deparar com a figura ... o estarreceu.
d) A função ... o homem-sanduíche é investido é a de portar anúncios.
e) As coisas ... mais estarrecem as pessoas tornam-se, com o tempo, banais.

45. (UFV-MG) "Não nos expomos mais a espetáculos ridículos, tais como o deslocamento maciço de torcedores fanáticos para concursos de misses **aos quais ninguém, a não ser nós, dava importância**."

Das alterações processadas na passagem em destaque, aquela em que há **erro** de regência é:

a) (...) pelos quais ninguém, a não ser nós, se interessava tanto.
b) (...) aos quais ninguém, a não ser nós, se referia tanto.
c) (...) dos quais ninguém, a não ser nós, simpatizava tanto.
d) (...) com os quais ninguém, a não ser nós, se distraía tanto.
e) (...) sobre os quais ninguém, a não ser nós, conversava tanto.

46. (Faap-SP) Observando a norma culta da regência verbal, reconstitua as frases que seguem com as preposições adequadas.

a) O povo tem ido nos bares das ruas para aliviar as constantes decepções diárias.
b) A esperança chegou paulatinamente nos já fatigados corações brasileiros.
c) Mudar de vida implica sempre em difíceis e embaraçosas acomodações.
d) É preferível combater os males do que intimidar as próprias emoções.

47. (Faap-SP)

"... Ninguém assistiu **ao formidável**
enterro de tua última quimera"

Com o pronome no lugar do termo em negrito:

a) Ninguém o assistiu.
b) Ninguém assistiu a ele.

c) Ninguém lhe assistiu.
d) Ninguém a assistiu.
e) Ninguém os assistiu.

48. (ESPM-SP) Assinale o período cuja redação está inteiramente correta quanto à norma culta.
a) Esse esquema que regula os meios de comunicação de massa é peculiar ao meio receptor.
b) A propaganda que tanto falamos é menos poderosa do que se pensa.
c) O Corinthians, que o texto se refere, leva seus torcedores a acenderem velas.
d) O povo, de cujo se espera tanto, traduz a seu modo algumas imagens da televisão.
e) Algumas entidades de macumba que o povo pede socorro estão no imaginário popular.

49. (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.
1. Assistimos **à inauguração da piscina**.
2. O governo assiste **os flagelados**.
3. Ele aspirava **a uma posição de maior destaque**.
4. Ele aspira o **aroma das flores**.
5. O aluno obedece **aos mestres**.
a) lhe, os, a ela, a ele, lhes
b) a ela, os, a ela, o, lhes
c) a ela, os, a, a ele, os
d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes
e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

50. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição aparece empregada indevidamente.
a) De que alternativa discordamos?
b) Em que alternativa confiamos?
c) Para que alternativa caminhamos?
d) Sobre que alternativa optamos?
e) A que alternativa aludimos?

51. (PUCCamp-SP) A alternativa em que os verbos têm a mesma regência e, portanto, o complemento está **corretamente** relacionado com ambos é:
a) Esse novo banco não precisa nem exige o comparecimento diário dos clientes a suas agências.
b) A coordenação do movimento não concordou e quer rever os principais pontos de seu programa.
c) Até há pouco tempo todos podiam consultar e aplicar diariamente nos Fundos de Aplicação Financeira.
d) Gilda de Abreu enfrentou e acabou por enfraquecer os preconceitos de uma sociedade que não aceitava a emancipação da mulher.
e) Todos os artistas citados no documento difundem e contribuem para a campanha contra a discriminação aos contaminados com o vírus HIV.

52. (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, **exceto** em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Luís.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

53. (Cefet-MG) Em todos os trechos abaixo, retirados de *Olhai os lírios do campo*, há exemplos de regência verbal. Marque a opção em que a regência foi alterada, tornando-se **incorreta**.
a) "Lembras-te daquela tarde em que nos encontramos nas escadas da faculdade?"
b) "(...) pensava vagamente num desquite, mesmo sem se sentir ainda com coragem para propô-lo."
c) "O dr. Candia é um solitário, foge dos homens mas gosta muito dos bichos. Simpatizo-me com ele."
d) "(...) aqui estou te escrevendo porque não me perdoaria a mim mesma se fosse embora desta vida sem te dizer umas quantas coisas (...)"
e) "Eles esquecem o que têm de mais humano e sacrificam o que a vida lhes oferece de melhor: as relações de criatura para criatura."

54. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a regência do verbo contraria a norma culta da língua.
a) Ele **queria** aos pais, contudo não **queria** os livros.
b) A vida a que **aspirava** era uma ilusão.
c) Peri ficou imobilizado por centenas de lanças que **visavam** o seu peito.
d) Jamais me **esquecerei** daquele fato marcante em minha vida.
e) **Avisaram**-no que a reunião começaria no horário marcado?

55. (PUC-PR). Observe as frases incompletas:
1. Os elementos _____ se dispõe não permitem tirar grandes conclusões.
2. Com certeza existem pessoas _____ poucas vezes nos lembramos.
3. Há provocações _____ não é possível resistir.
4. Essa foi uma das perguntas _____ não consegui responder.

Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços, completando as frases.
a) a que, que, a que, a que
b) de que, de quem, a que, a que
c) de que, das quais, que, de que
d) a que, de que, das quais, que
e) com que, que, que, a qual

56. (Cesgranrio-RJ) Entre os exemplos abaixo, frequentemente empregados na linguagem informal, apenas um está de acordo com a norma culta. Assinale-o.
a) Com quem você está namorando agora?
b) Lá em casa somos em quatro filhos.
c) Tudo que o pai diz, a mãe acredita.
d) Meu amigo, isto implicará em sua suspensão.
e) O candidato residente na Rua Cosme Velho não compareceu.

57. (UCDB-MS) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas.
"Informamos ... alunos ... a feira de livros começará na próxima semana e ... os convites serão distribuídos amanhã."
a) aos – que – que
b) os – que – que
c) aos – de que – de que
d) aos – de que – que
e) os – que – de que

58. (PUCCamp-SP) A única frase em que a regência verbal, tendendo para a oralidade, afasta-se da norma culta escrita é:

a) A descoberta da tribo perdida colocou mais lenha na fogueira da disputa pela terra na região.
b) Estranhamente, na semana passada alguns fazendeiros levaram no local um ex-funcionário da Funai e um grupo de índios cintas-largas.
c) Os fazendeiros contestam a presença histórica dos índios.
d) Apenas na Amazônia, os sertanistas estão no encalço de 22 tribos.
e) Ali, os sertanistas dão como certa a presença de pelo menos cinco novos grupos.

59. (Ufac) Assinale a alternativa em que a regência verbal está **correta**.

a) Dona Maria não pagou o verdureiro nem o açougueiro.
b) Prefiro brincar do que trabalhar.
c) Este é o aluno que o professor deu nota baixa.
d) O romance cujas características não me lembro agora foi lido há três anos.
e) Pagaremos pela casa o preço justo.

60. (UCDB-MS) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas.

"As informações ... teve acesso comprovam suas suspeitas. Ele só tinha medo ... algo errado acontecesse."

a) a que – de que
b) que – que
c) a que – que
d) que – de que
e) às quais – que

61. (Ufac) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** a lacuna da frase.

"Assim é a obra poética ... origens me referi há pouco."

a) sobre cuja
b) a cujas
c) cujas
d) de cujas
e) em cujas

62. (UFPR) Onde há **erro** de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhes lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

63. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas.

"Esta casa, ... construção assisti, tem mais cômodos do que aquela ... você morou no Rio de Janeiro."

a) cuja – em que
b) de cuja – onde
c) a cuja – na qual
d) a qual – em que
e) da qual – onde

64. (UPM-SP) Indique a alternativa **correta**.

a) Prefiro correr à nadar.
b) Prefiro correr a nadar.
c) Prefiro mais correr a nadar.
d) Prefiro mais correr que nadar.
e) Prefiro correr do que nadar.

65. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna **não** pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam (com)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente (a)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente (em)
d) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam (por)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam (de)

66. (Centec) Há **erro** de regência verbal em:

a) Venha assistir aos debates em minha sala.
b) Ninguém lhe convidou para a festa de despedidas.
c) Perdoa-lhe as faltas, pois não agiu com maldade.
d) Este é certamente um direito que não lhe assiste.
e) Notifiquei-o de havia sido convidado.

67. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preenche, pela ordem, **corretamente** as lacunas.

1. A aurora é o terceiro tom ... fala o poeta.
2. A aurora é o terceiro tom ... se refere o poeta.
3. A aurora é o terceiro tom ... propõe o poeta.
4. A aurora é o terceiro tom ... faz menção o poeta.

a) de que, a que, a que, que
b) que, a que, que, a que
c) de que, a que, que, a que
d) a que, a que, que, que
e) de que, que, de que, a que

68. (PUCCamp-SP) A frase que mantém o padrão culto da linguagem é:

a) A sugestão a qual devemos acatar suas diretrizes sem questioná-la é que me debato: quero poder externar meus pontos de vista.
b) A lei cuja a contravenção pode levar o indivíduo à cadeia, e pela qual ainda estamos subordinados, será submetida a uma nova avaliação.
c) Essas são as ideias das quais ele mais se orgulha, daí poder-se concluir que não abrirá mão delas.
d) Ela solicitou para que ninguém interviesse a seu favor, a fim de não colocar em questão a autoridade que estava investida.
e) O problema o qual relacionei seu medo de escuro, de cujo já lhe falei, merece ser mais bem pesquisado.

69. (Centec) A regência verbal está correta em:

a) Prefiro esforçar-me hoje do que lamentar amanhã.
b) Não lhe procurei mais desde a última discussão.
c) Chame os empregados e pague-os os meses atrasados.
d) Ele aspira muito pouco progresso na vida.
e) Chamei-lhe de bobo, porque perdeu uma grande oportunidade.

70. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa **correta** quanto à regência.

a) O menino preferia contar histórias do que ficar sozinho.

b) O menino preferia mais contar histórias a ficar sozinho.
c) O menino preferia contar histórias a ficar sozinho.
d) O menino preferia contar histórias à ficar sozinho.
e) O menino preferia contar histórias que ficar sozinho.

71. (Aman-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo **chamar**.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

72. (UFV-MG) Assinale a alternativa **correta**.
a) Preferia antes morrer que fugir como covarde.
b) A cortesia mandava obedecer os desejos da minha antiga dama.
c) A legenda ficou, mas a lição esqueceu.
d) O país inteiro simpatizou-se com esse princípio.
e) Jesus perdoou o pecador.

73. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo **pagar** contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

74. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, **corretamente** as lacunas abaixo.
1. O verso ... se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.
2. O verso ... trata o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.
3. O verso ... o poeta monta seu poema é mais belo, mais variado e mais imprevisto.
4. O verso ... o poeta constrói é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

a) em que – a que – que – de que
b) com que – que – com que – de que
c) a que – de que – com que – que
d) a que – de que – que – de que
e) que – de que – com que – que

75. (UEPG-PR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Os professores visam à formação dos alunos.
b) O fiscal visou os documentos.
c) O atirador visa o alvo.
d) Visamos a um futuro mais feliz.
e) Os desempregados visam melhores condições de vida.

76. (UEL-PR) "Cônscio ... sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ... tarefas ... foi incumbido."
a) em – nas – que
b) de – nas – que
c) com – das – a que
d) em – às – de que
e) de – das – de que

77. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente **correta**.
a) Não tenham dúvidas que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece a seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.
e) Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.

78. (UFV-MG) Assinale a alternativa cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.
A lei ... se referiu já foi revogada.
Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.
O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.
a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

79. (Fuvest-SP) Assinale a frase **correta**.
a) Por que motivo preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?
b) Por que você preferiu vim aqui, do que me esperar na rua?
c) Porque você preferiu mais vir aqui que me esperar na rua?
d) Porque motivo você preferiu vir aqui, antes que me esperar na rua?
e) Por que motivo você preferiu vir aqui a me esperar na rua?

80. (Fumec-MG) Com referência à regência do verbo **assistir**, todas as alternativas estão corretas, **exceto**:
a) Assistimos ontem um belo filme na televisão.
b) Os médicos assistiram os feridos durante a guerra.
c) O técnico assistiu os jogadores no treino.
d) Assistiremos amanhã a uma missa de 7.º dia.
e) Machado de Assis assistia em Botafogo.

81. (UFPel-RS) A frase que **não** apresenta problema(s) de regência, levando-se em consideração a língua escrita, é:
a) Preferiu sair antes do que ficar até o fim da peça.
b) O cargo a que todos visavam já foi preenchido.
c) Lembrou de que precisava voltar ao trabalho.
d) As informações que dispomos não são suficientes para esclarecer o caso.
e) Não tenho dúvidas que ele chegará breve.

82. (UFPA) Assinale a alternativa que contém as respostas **corretas**.
I. Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.

IV. Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

a) II, III, IV
b) I, II, III
c) I, III, IV
d) I, III
e) I, II

83. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa **corretamente** as lacunas da seguinte frase: "O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo".

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

84. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o verbo exige a mesma preposição que **referir-se** em "(...) a boneca de pano a que me referi".

a) O homem ... quem conversei há pouco.
b) O livro ... que lhe falei há pouco.
c) A criança ... quem aludi há pouco.
d) O tema ... que escrevi há pouco.
e) A fazenda ... que estive há pouco.

85. (Uece) Assinale a opção em que o verbo **chegar** apresenta regência censurada pela gramática normativa.

a) Ele chegou na hora do almoço.
b) Ao chegar a casa, o filho pródigo foi bem recebido.
c) Era muito tarde quando cheguei ao colégio.
d) O noivo chegou atrasado na igreja.

86. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas.

A arma ... se feriu desapareceu.
Aqui está a foto ... me referi.
Encontrei um amigo de infância ... nome não me lembrava.
Passamos por uma fazenda ... se criam búfalos.

a) que – de que – cujo – que
b) com que – que – cujo qual – onde
c) com que – a que – de cujo – onde
d) com a qual – de que – do qual – onde
e) que – cujas – do cujo – na cuja

87. (UPM-SP)

I. Certifiquei-o ... que uma pessoa muito querida aniversaria neste mês.
II. Lembre-se ... que, baseada em caprichos, não obterá bons resultados.
III. Cientificaram-lhe ... que aquela imagem refletia a alvura de seu mundo interno.

De acordo com a regência verbal, a preposição **de** cabe:

a) nos períodos I e II.
b) apenas no período II.
c) nos períodos I e III.
d) em nenhum dos três períodos.
e) nos três períodos.

88. (PUCCamp-SP) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche **corretamente** as lacunas da frase apresentada.

"O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz."

a) do qual a – que
b) cuja a – da qual
c) de cuja – de que
d) que sua – de cuja
e) cuja – a qual

89. (UPM-SP) Em qual das alternativas ocorre um **erro** de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.
b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.
c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.
d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.
e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

90. (UPM-SP) Em:

1. ... filme você assistirá a noite?
2. ... doentes aquela enfermeira assistiu?
3. ... o candidato pretende chegar?
4. ... o esportista mais gosta?
5. ... você aspira na vida?

Qual a alternativa que melhor preencheria as lacunas?

a) que, a que, a que, que, a que
b) a que, a que, de que, a que
c) que, que, a que, que, que
d) a que, que, a que, de que, a que
e) que, a que, a que, de que, a que

91. (Unimep-SP) Quando **implicar** tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

92. (UniFMU-SP) Assinale a única alternativa **incorreta** quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.
b) Lembrou ao amigo que já era tarde.
c) Moraram na rua da Paz.
d) Meu amigo perdoou ao pai.
e) Lembrou de todos os momentos felizes.

93. (FCL-SP) Marque a alternativa que completa:

Éramos ... assistindo ... jogo.

a) em seis, o
b) em seis, ao
c) seis, o
d) seis, ao

CAPÍTULO 20

Crase

1. (PUC-SP) Em: "**Se a prática leva à perfeição...**", acerca da crase (no caso, a junção da preposição "**a**" com o artigo feminino "**a**"), é linguisticamente adequado afirmar que sua ocorrência é
   a) inadequada, pois, além de não haver junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.
   b) facultativa, porque, mesmo havendo a junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.
   c) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a prática seja resultante da perfeição.
   d) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a perfeição seja resultante da prática.
   e) facultativa, porque, indiferentemente de haver ou não junção de preposição com artigo, crase é uma questão estilística.

2. (UFABC) Assinale a alternativa em que se observa a norma padrão de concordância e regência e de emprego do sinal indicativo de crase.
   a) Proibição é a coisa à que menos se aprecia, apesar de haverem benefícios dela decorrente.
   b) Não se pode restringir às liberdades dos indivíduos, sem os afrontarem e à seus valores.
   c) A população só sentiu pleno alívio quando se removeram, das ruas, placas às quais já se havia acostumado.
   d) Aprovou-se várias leis, entre elas as que proibiu à poluição visual e à ingestão de bebida alcoólica na direção de veículos.
   e) Muitas coisas atualmente dificultam à vida nas cidades, razão pela qual ainda falta leis limitando direitos individuais.

3. (UFC) Assinale a alternativa em que a expressão **a noite** deve receber o acento grave indicador de crase pela mesma razão que a expressão **à toa** em **para não morrer por aí à toa como as outras mulheres dessa espécie**.
   a) Inspirava-os **a noite**, musa de todo poeta.
   b) **A noite** parecia-lhes uma criança, amavam-na.
   c) **A noite** parecia não terminar naqueles dias gélidos.
   d) Elas passaram **a noite** juntas, conversando sem parar.
   e) É aconselhável agasalhar-se **a noite** para evitar resfriado.

4. (ESPM-SP) Entre os usos devidos e indevidos, marque a opção em que o acento grave, indicador da **crase**, é de uso **facultativo**:
   a) EUA, Europa e Canadá levam China **à** OMC (Organização Mundial do Comércio).
   b) Disputa sobre tarifas de peças para automóveis leva países **à** pedir abertura de 1.º painel no órgão contra o país asiático.
   c) A China e o Ocidente estão **à** beira de uma guerra comercial, depois de levarem o tigre asiático a um tribunal internacional.
   d) Regras chinesas impõem taxa de 'veículos complete' **à** certas combinações de peças, aumentando as tarifas.
   e) A China afirma que as medidas se destinam **à** sua proteção, tanto do aspecto do consumidor quanto do das taxas alfandegárias.

5. (ETEC) Assinale a alternativa em que se emprega corretamente o sinal indicativo de crase.
   a) À partir de dezembro, o lixo cresce nas rodovias Anchieta e Imigrantes.
   b) Os motoristas seguem com destino à praias do Litoral Sul.
   c) A Ecovias coleta à quantidade de 110 toneladas de lixo por mês.
   d) A quantidade de lixo recolhida é igual à quantidade produzida em Holambra.
   e) Encontram-se, nessas rodovias, de restos de alimentos à fraldas descartáveis.

6. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o uso do sinal de crase está correto.
   a) A professora estava **à** beira de um colapso nervoso, tanta foi a pressão que recebeu do diretor.
   b) O mosqueteiro estava **à** serviço do rei, por isso não achou necessário apresentar-se ao estalajadeiro.
   c) Distribuiu socos **à** torto e **à** direito, enquanto suas forças o ajudaram. Depois, acabou caindo de cansaço.
   d) O espetáculo era apresentado de segunda **à** quinta-feira.
   e) O texto referia-se **à** outras atividades. Dizia que tínhamos de ir **à** uma reunião no edifício da Federação das Indústrias.

7. (PUC-RJ) Há na passagem abaixo DOIS erros gramaticais. Reescreva o período corrigindo-os.

   Em celebração a passagem do cinquentenário da morte de José Lins do Rego, aconteceu, há pouco mais de um mês, na capital paraibana, várias atividades culturais promovidas pelo Governo do Estado: concurso de redação, espetáculo teatral, exibição de filme e concerto.

8. (UFABC) Assinale a alternativa em que a regência e o emprego do sinal indicativo de crase estão de acordo com a norma culta.
   a) Não intenta apenas à relatar acontecimentos de cada expedição militar.
   b) Refere-se à aldeia que ousou enfrentar a República.
   c) Examinou à ecologia muito bem.
   d) Não conheço livro idêntico à esse, feito na América.
   e) Descreve o tempo seco e quente à que denomina "verão".

9. (Ufal) Observe o uso do sinal indicativo de crase no trecho:

   "Há também os escritores cinematográficos. E não me refiro **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema." Para seguir as regras da regência verbal, esse sinal também deve ser utilizado na alternativa:
   a) Há também os escritores cinematográficos. E não desejo aludir **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.
   b) Há também os escritores cinematográficos. E não quero mencionar **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.
   c) Há também os escritores cinematográficos. E não tenciono citar **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.
   d) Há também os escritores cinematográficos. E não objetivo apontar **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.

e) Há também os escritores cinematográficos. E não pretendo incluir **àqueles** que escrevem imaginando que seus livros serão adaptados ao cinema.

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que **a(as)**, com ou sem o sinal de crase, está utilizado corretamente.

a) Chegou ao trabalho **a** tempo, **às** 8 horas da noite.
b) Teve ímpetos de atirar-se **à** ele, para afogá-lo.
c) Devido **a** morte do tio, foi obrigado **a** vestir-se de preto durante um longo tempo.
d) Faremos homenagem **à** pessoas dignas da nossa sociedade.
e) O curso será ministrado no período de 11 **à** 30 de janeiro.

11. (UEPG-PR) Considerando o emprego de acentuação, assinale o que for correto.

01) ... que ia a um cinema ou a uma festa ... – O verbo **ir** rege preposição **a**, neste caso, sem emprego do acento grave porque a preposição **a** é seguida de artigos indefinidos.
02) ... saltitavam, à mostra, alguns dentes afoitos de um pente. – O verbo **saltitar** não rege preposição **a**, neste caso, emprega-se o acento grave em **à mostra** porque se trata de uma locução adverbial de modo.
04) ... com o tempo, já não voltavam à forma original. – O verbo **voltar** equivale a retomar e rege preposição **a**, neste caso com acento grave porque houve a fusão da preposição **a +** o artigo definido **a** .
08) E todos despertavam a sanha de colecionadores ... – O verbo **despertar** não rege preposição **a**, neste caso, **a** é artigo indefinido.
16) ... exposto à curiosidade pública e ao achincalhe. – O verbo **expor** no sentido de vulnerável, rege preposição **a**, neste caso emprega-se o acento grave, porque a palavra regida é **curiosidade** e precedida do artigo definido.
32) ... exposto à curiosidade e ao achincalhe. – **Achincalhe** é, também, palavra regida por **expor** e deve vir acompanhado da preposição **a**, neste caso, houve a combinação da preposição **a +** artigo **o**.

12. (Unifesp) Considerando os aspectos de concordância e de crase, assinale a alternativa correta.

a) Os jovens, da adolescência à vida adulta, muitas vezes se depara com conflitos referente à sua sexualidade.
b) O mundo atual oferece muitas informações à seus jovens que, para falar em sexo, encontram bastante dúvidas.
c) Dúvidas frequentes e conflito pode fazer com que o jovem não chegue à uma exata dimensão da sua sexualidade.
d) Com informações à disposição, ainda existe dúvidas sobre sexo para o jovem moderno.
e) Hoje, assiste-se a uma transformação dos valores relativos à sexualidade do jovem.

13. (UFF-RJ)

(NANI, *Vereda tropical*.)

A prática da gramática não deve estar desvinculada da percepção das diferenças na produção de sentido, encaminhadas pela língua no processo de comunicação. Explique as diferentes regências do verbo **combater** e as decorrentes produções de sentido no contexto em que se inserem: "Combateremos a sombra. Com crase e sem crase".

14. (ESPM-SP) Em todas as frases abaixo, extraídas da *Revista da Folha*, de 3 de outubro de 2002, está presente o acento grave, indicador da ocorrência de **crase**. Em uma delas o acento foi usado **indevidamente** (de forma proposital em razão da questão). Assinale-a.

a) "Para incentivar a adesão do público jovem à Skol, a Ambev orienta todas as suas ações de comunicação nesse sentido."
b) "Enquanto a marca Omo deu continuidade à sua linha de comunicação voltada ao público feminino (...), a Coca-Cola e a Nestlé foram mais agressivas."
c) "Para as Lojas Americanas, a prioridade é transmitir ao consumidor à ideia de variedade com preço baixo (...)"
d) "O crescimento da marca Garoto, comprada pela Nestlé no primeiro semestre deste ano, é creditado à injeção de novo capital (...)"
e) "Em relação à escolaridade, o Omo tem maior presença (com 89%) entre aqueles que têm nível superior."

15. (FGV-SP) Com a palavra **casa**, no sentido de **lar**, ocorre um fato curioso na língua portuguesa: quando utilizada nesse sentido, sem qualquer modificador, não é acompanhada por artigo definido feminino. Por exemplo, diz-se **estou em casa** e não **estou na casa**. Contudo, quando é seguida por algum modificador, vem o artigo a acompanhá-la: **venho da casa** (de + a) **de José**. Por outro lado, na linguagem familiar, costuma-se dizer **vou na escola** em vez de **vou à escola**, contrariando a norma culta que manda usar a preposição **a** com verbos que indicam movimento.

Pergunta-se: no exemplo abaixo deve ou não ocorrer o acento indicador da crase? Explique.

Vou à casa do novo habitante da cidade.

16. (PUC-PR) Observe este comentário de jornal, do qual se omitiu uma palavra:

Sem perdão

"Os cartazes que anunciam a temporada de Caetano Veloso no Canecão cometem uma falha que o cantor não perdoaria: Ao divulgar as datas, colocaram uma _____ indevida em 'de 7 à 24 de junho'."

(*Gazeta do Povo*. Curitiba, 9 jun. 2001, p. 19.)

Foi retirada do texto a palavra:

a) data;
b) crase;
c) preposição;
d) pontuação;
e) grafia.

17. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o elemento colocado entre parênteses não preenche corretamente os pontilhados.

a) Por favor, entrem e fiquem ... vontade. (à)
b) Ele voltará daqui ... meia hora. (a)

c) Sentou-se ... mesa, mas não comeu nada. (à)
d) Dirigiu-se ao quadro negro e começou ... escrever. (a)
e) O velho matou o gato ... pauladas. (à)

18. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas do texto abaixo.

" _____ anos que não _____ via, parecia que jamais falariam de novo. No entanto, quando _____ mágoa passa, fica aquela vontade de desdizer as ofensas, de reelaborar os pensamentos, de pedir perdão (...) _____ vezes, não é bom voltar _____ que já se fez, é melhor tocar a vida adiante e pensar que dali _____ algum tempo nada mais fará sentido".

a) Há, a, a, Às, aquilo, à.
b) A, a, à, As, àquilo, a.
c) Há, a, a, Às, àquilo, à.
d) Há, a, a, Às, àquilo, a.
e) A, há, à, As, aquilo, à.

19. (FGV-SP) Observe a palavra destacada na frase: "A campanha de meus adversários interpõe-se **à** dos meus parceiros". Assinale a alternativa que **justifica** o uso do sinal de crase:

a) Interpor-se rege preposição **a** e subentende-se um objeto indireto feminino.
b) Interpor-se rege preposição **a** e dos meus parceiros é masculino.
c) Interpor-se rege preposição **a** e subentende-se um objeto direto feminino.
d) Interpor-se rege preposição **a** e o objeto direto explícito é masculino.
e) Interpor-se é verbo intransitivo e dos meus parceiros é adjunto masculino.

20. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase foi empregado de acordo com a norma culta.

a) Graças à essa nova visão de ensino, o professor desenvolve atividades inovadoras.
b) De aluno dedicado à profissional reconhecido: eis aí um homem de sucesso.
c) Ele se dedica à várias espécies de pesquisa experimental.
d) É sempre à partir da experiência que se aprende?
e) O curso se destina àqueles que valorizam o saber que advém da experiência.

21. (PUC-RS) O psicoterapeuta Marco Antônio Vitti não vê com bons olhos a proliferação das câmeras de vigilância. Para ele, o uso _____ desses sistemas, além de não trazer resultados em termos de segurança, ainda representa uma ameaça _____ liberdades individuais, levando as pessoas _____ perderem a _____.

a) indiscriminado; a; a; espontaneidade
b) indiscriminado; à; à; expontaneidade
c) endiscriminado; às; a; espontaneidade
d) indiscriminado; às; a; espontaneidade
e) endescriminado; a; à; expontaniedade

22. (CPS) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas da frase, na sequência.

"Regina estava ... indecisa quanto ... mandar ... faturas ... ... notas fiscais e se ... folha bastaria para o bilhete."

a) meia; à; as; anexo; às; meia
b) meia; à; as; anexas; as; meia
c) meio; a; às; anexo; às; meio
d) meia; a; às; anexo; as; meio
e) meio; a; as; anexas; às; meia

23. (ESPM-SP) Assinale a frase em que o acento grave, indicador da crase, seja facultativo (ou optativo):

a) As barbáries cometidas contra os moradores de rua são semelhantes às que são praticadas contra o cidadão comum.
b) Muitos não querem sair da rua, seja por doença mental, seja pela deterioração e perda de autoestima que os estimula à autodestruição.
c) Muitos não querem sair da rua, seja pela ilusão de maior liberdade, menos compromissos, fuga de situações às quais não querem voltar.
d) Urge debater a real situação do povo de rua, visando à sua reinclusão social.
e) Os programas de reinclusão social devem dar prioridade à cidadania.

24. (Ufam) Assinale a frase em que o **a** deveria levar acento grave (à), em face da ocorrência de crase.

a) Pede a Nossa Senhora que te proteja e que dê vida a teus pais.
b) Sabe-se que a cidade do Rio de Janeiro está ligada a de Niterói por uma majestosa ponte de quatorze quilômetros.
c) Embora sejamos livres, nossa liberdade não é absoluta: está sempre sujeita a restrições.
d) Costuma-se dizer que quem tem boca vai a Roma.
e) Exaustos, os viajantes chegaram a uma árvore frondosa, a cuja sombra descansaram.

25. (UFS) Aponte a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.

Comunique ... professora que a reunião terá início ... oito horas. Peça-lhe que chegue ... tempo.

a) à – às – à
b) à – às – a
c) à – as – à
d) a – às – a
e) a – as – a

26. (UFMS) Aponte a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.

Dirigi-me ... essa professora a fim de colocar-me ... disposição para o trabalho planejado ... tanto tempo.

a) à – à – há
b) a – a – a
c) a – à – há
d) à – a – a
e) a – a – há

27. (Ufac) Assinale a alterntiva que só pode ser completada com **à**.

a) Daqui ... duas horas, estarei em Porto Velho.
b) Infelizmente não escreveram ... ninguém.
c) O barco estava agora ... mercê da correnteza.
d) Não poderão ir ... festa alguma nesta semana.
e) O prêmio foi dado ... quem não merecia.

28. (Ufes) A opção em que o **a** deve receber acento de crase é:

a) Levarei um pedaço das pessoas e dos objetos **a** que eu possa me segurar.
b) Esta é uma forma de autossuficiência **a** que não aspirarei tão cedo.
c) Prefiro as vantagens de estar viva **as** que a morte me ofereceria.

d) Esta forma definitiva de autossuficiência **a** que se referem não me interessa.
e) As vantagens de estar viva suplantam **as** que a morte me ofereceria.

29. (UEL-PR) Foi ... Brasília aprender ... artes políticas, mas retornou ... terra natal sem grandes conhecimentos.
a) a – as – à
b) à – as – a
c) a – às – à
d) a – as – a
e) à – às – à

30. (UFPI) Assinale a alternativa em que haveria acento grave, indicador de crase.
a) Simão Bacamarte preferiu a ciência ao conforto dos amigos.
b) Os amigos pediram a ele que reconsiderasse.
c) Simão Bacamarte obedeceu a voz da razão.
d) Ele respondeu a tudo com muita convicção.
e) Dirigiu-se logo para a Casa Verde.

31. (UFPE) O sinal indicativo de crase é obrigatório na alternativa:
a) Ficava horas a ouvir música.
b) Abraço a causa até as últimas consequências.
c) Convidou-me para uma visita a sua casa.
d) A partir do momento em que resolveu, ficou decididamente exigente.
e) A noite, no largo do Bonsucesso, haverá mais dois comícios.

32. (UFMA) Marque a alternativa correta quanto ao emprego da crase.
a) É árdua a tarefa à que te dedicas.
b) Ofereceu prêmios à todos os concorrentes.
c) Quando chegou a casa, atirou-se à chorar.
d) Não respondeu a todas as questões, somente às que sabia.
e) Seja útil a sociedade e à pátria.

33. (PUC-SP) Use o acento indicativo da crase, quando necessário, nas orações abaixo.
a) Não vai a festas nem a reuniões.
b) Chegamos a universidade as oito horas.

34. (ESPM-SP) Preencha os espaços vazios com **a** ou **as**, marcando ou não com o acento grave, indicador de crase.
"Eu já conhecia ... fazenda, por isso fui ... cidade apreciar ... praças onde fiz referências ... V.S.ª e não ... Sr.ª que o acompanha."

35. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto.
"Chegar cedo ... repartição. Lá ... de estar outra vez o Horácio conversando ... uma das portas com Clementino."
a) à – há – a
b) à – há – à
c) a – há – a
d) à – a – a
e) a – a – à

36. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que há uso **incorreto** do sinal da crase.
a) Toda essa situação se deve à instabilidade da taxa de inflação.
b) Referindo-se à salários do último mês, comentou a inviabilidade de se manter aquele número de funcionários na empresa.
c) Não é à toa que amealhou o dinheiro que tem.
d) Em clima de grande emoção, chegou a tecer elogios inclusive àqueles que sempre o criticaram.
e) Devemos incentivá-los a dar continuidade à sua tarefa de informar a verdade sobre a situação do país.

37. (UEL-PR) Ainda ... pouco, o professor referia-se ... questões interligadas ... prática de ensino.
a) a – à – a
b) há – à – à
c) à – à – à
d) há – a – à
e) a – a – a

38. (Fuvest-SP) No texto abaixo, apenas um **a** deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.
"Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

39. (PUC-SP) Respeitando a regência verbal ou nominal do padrão culto, use, nos períodos abaixo, a preposição adequada.
1. As leis ... quais devemos obedecer são muito rígidas.
2. As mercadorias ... quais me interessei estavam esgotadas.

40. (Fesb-SP) Não me refiro ... essa peça, mas ... a que assistimos sábado ... noite.
a) a – àquela – à
b) a – aquela – a
c) à – aquela – à
d) à – àquela – a
e) à – àquela – à

41. (UFRS) O grupo obedece ... comando de um pernambucano, radicado ... tempos em São Paulo, e se exibe diariamente ... hora do almoço.
a) o, a, à
b) ao, há, à
c) ao, a, a
d) o, há, a
e) o, a, a

42. (Unaerp-SP) Levando em conta que alguns nomes de lugar admitem a anteposição do artigo, assinale a alternativa em que a crase foi empregada **corretamente**.
a) Ele nunca foi à Berlim.
b) Ele nunca foi à Paris.
c) Ele nunca foi à Portugal.
d) Ele nunca foi à Roma.
e) Ele nunca foi à China.

43. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, **corretamente** as lacunas.
"... seis horas da manhã, já estávamos ... esperar o trem que nos levaria ... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca."
a) As – à – a – à – à
b) Às – a – à – à – a
c) As – a – à – a – à
d) Às – a – à – a – à
e) As – à – à – a – a

44. (UFS) Se você for visitar ... região Nordeste, não deixe de ir conhecer ... belas praias ... disposição dos turistas.
a) a – as – a
b) a – as – à
c) à – às – à
d) à – as – à
e) a – às – a

45. (Furg-RS) ... muitos anos, o gaúcho era livre para percorrer ... cavalo largas distâncias, pondo ... prova suas qualidades de cavaleiro.

Selecione a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

a) Há – à – a
b) A – a – à
c) À – à – a
d) Há – a – a
e) Há – a – à

46. (UEL-PR) Quanto ... mim, nada mais direi ... favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ... muito tempo.

a) a – a – há
b) à – à – à
c) a – à – há
d) à – a – à
e) à – à – há

47. (PUC-RS) Em todas as frases deve ser utilizado o acento indicativo da crase, **exceto** na:

a) É preciso resistir a violência.
b) Nem sempre se sobrevive a violência.
c) A dor do agredido sucede a violência.
d) É necessário desaprovar a violência.
e) Não se pode ceder a violência.

48. (UFS) Falando ... equipe que ... aguardava desde cedo, a socióloga apresentou ... proposta inicial de seu trabalho.

a) à – à – à
b) à – a – a
c) a – à – à
d) a – a – a
e) a – à – a

49. (Efoa-MG) Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase está **corretamente** empregado em todos os casos.

a) Foram feitas referências elogiosas à família e à pessoa do desembargador na reunião.
b) À todas as pessoas de bem, é garantido o direito à regalias no clube.
c) Daqui à uma semana, irei à Campinas atender à algumas pessoas.
d) Quando menos se esperam apelos à favor de mudanças, eles acontecem a beça.
e) Às duas horas, sairemos à procura de alguém que possa ficar frente à frente com o preso.

50. (Efoa-MG) O acento gráfico indicativo da ocorrência da crase está **corretamente** empregado em:

a) À família compete obedecer às leis que garantem à criança o direito à vida.
b) À justiça compete garantir à todas as crianças o cumprimento das leis que as protegem.
c) Daqui à algumas semanas, iremos às urnas à fim de elegermos nossos representantes.
d) À noitinha, todos se reúnem à beira da fogueira alimentada à fogo brando.
e) Todo o mundo vive à reclamar mudanças, pois o país está às portas do caos.

51. (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo:

A conclusão do inquérito foi prejudicial ... toda categoria.

Mostrou-se insensível ... qualquer argumentação.

Este prêmio foi atribuído ... melhor aluna do curso.

Faço restrições ... ter mais elementos no grupo.

Indique a alternativa que, na sequência, preenche as lacunas acima **corretamente**.

a) a – a – à – a
b) à – à – à – à
c) à – à – a – a
d) à – à – a – à
e) a – a – à – à

52. (UEFS-BA) Ainda ... pouco, eu ... vi atravessando aquela rua, ali ... direita.

a) há – a – à
b) há – a – a
c) a – a – a
d) a – à – à
e) à – a – a

53. (PUCCamp-SP) A frase em que o acento grave indica **corretamente** a ocorrência de crase é:

a) Eles pareciam aborrecidos, pois chegaram à recusar até mesmo um cafezinho.
b) Todos fizeram severas críticas à redação do texto; quanto à mim, quero ressaltar seus méritos.
c) Em seu discurso, o homenageado dirigiu-se especialmente àqueles que, em passado recente, o haviam censurado.
d) Sugeri que recorrêssemos à pessoas mais preparadas para tratar do assunto.
e) Este documento deve ser encaminhado à seu chefe, para que ele o assine o mais rápido possível.

54. (Unifor-CE) O aluno fará ... tempo as correções relativas ... respostas dadas ao examinador.

a) há – as
b) à – às
c) a – às
d) há – às
e) a – as

55. (Fafeod-MG) Indique a alternativa que permite preencher **corretamente** os vazios do texto abaixo.

Aguardava ... carta ... muito tempo e, como não chegasse, ele referia-se ... todo instante ... consequências desastrosas que ... demora tenderia ... provocar.

a) a – a – a – às – a – a
b) a – há – a – às – a – a
c) a – há – a – as – a – a
d) a – à – a – as – a – a

56. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

57. (UPM-SP) Assinale a alternativa que preencha **corretamente** as lacunas.

Julgo que ... dez anos a situação era diferente.
Daqui ... pouco não poderemos mais ir ... cidade sem receio.

a) há – à – a
b) à – há – a
c) a – a – à
d) a – há – à
e) há – a – à

58. (UCDB-MS) Assinale a opção que completa **corretamente** as lacunas.

... dois dias, ele pegou ... sacola, disse adeus ... filha e saiu ... cavalo.

a) A – a – à – à
b) A – à – a – a
c) Há – a – a – à
d) Há – a – à – a
e) Há – a – à – à

59. (Unifor-CE) Nas compras ... vista ou ... prazo, o desconto oferecido ... clientela é praticamente o mesmo.

a) à – à – a
b) à – a – à
c) a – a – à
d) à – à – à
e) a – a – a

60. (Unifor-CE) Senti, ... partir daquele instante, que ... empresa pouco importara minha dedicação ... campanha de vendas.

a) à – a – a
b) a – à – à
c) a – à – a
d) à – à – a
e) a – a – à

61. (UFSM-RS) Assinale a alternativa que completa, **corretamente**, as lacunas da frase.

Nesta oportunidade, volto ... referir-me ... problemas já expostos ... V. S.ª ... alguns dias.

a) à, àqueles, a, há
b) a, àqueles, a, há
c) a, aqueles, à, a
d) à, àqueles, a, a
e) a, aqueles, à, há

62. (FSA-SP) A alternativa que preenche **corretamente** as lacunas da frase "... muito tempo, devido ... condições político-econômicas do país, não é dado ... população o direito de viver ... salvo de sobressaltos financeiros" é:

a) A – as – à – à
b) À – às – à – a
c) Há – às – à – a
d) Há – às – à – à
e) À – as – à – a

63. (Fafeod-MG) Assinale a opção que completa **corretamente** as lacunas da frase.

Saiu de casa ... oito horas da manhã, ... escondidas, só retornando ... noite, dirigindo-se ... aposento suspeito.

a) às – as – a – aquele
b) as – às – à – àquele
c) às – às – à – aquele
d) às – às – a – aquele
e) às – às – à – àquele

64. (Efoa-MG) Solicito ... V. S.ª que compareça ... qualquer hora ... uma de nossas agências e traga ... filha.

a) à – em – em – vossa
b) a – a – a – sua
c) a – a – à – vossa
d) à – em – a – sua
e) a – a – a – vossa

65. (Unifor-CE) Discordâncias ... parte, dedico meu trabalho ... ela, com quem aprendi ... ler a linguagem da natureza.

a) à – à – à
b) a – a – a
c) a – a – à
d) a – à – a
e) à – a – a

66. (UCDB-MS) Ele falou ... respeito de seus planos. Pode ser que ... partir da próxima semana já haja muitas coisas ... fazer.

a) à – a – a
b) a – a – a
c) à – à – à
d) à – à – a
e) a – a – à

67. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que preencha **corretamente** e respectivamente os espaços da oração.

"Fui ... casa de meu pai ... procura de um livro que ... tempos eu não via."

a) a – a – a
b) a – à – há
c) à – à – há
d) à – a – a
e) à – a – há

68. (Cefet-MG) Observe:

I. Frau Herta estava presente ... acontecimento.
II. Afonso não fez referência ... .
III. No colégio, ele não assistia ... festas.
IV. Não sabia por que traziam ... baila aquelas velhas discórdias.

Os períodos acima ficarão corretos se forem preenchidos, respectivamente, por:

a) aquele – àquilo – à – as
b) aquele – aquilo – a – à
c) aquele – aquilo – à – a
d) àquele – àquilo – a – à
e) aquele – àquilo – a – à

69. (Cefet-PR) O pobre homem fica ... meditar, ... tarde, indiferente ... que acontece ao seu redor.

a) à – a – aquilo
b) a – a – àquilo
c) a – à – àquilo
d) à – à – aquilo
e) à – à – àquilo

70. (Fuvest-SP) Assinale a frase que pode ser completada com **Há – a – à**, nessa ordem:

a) ... tempos não ... via, mas sempre estive ... espera de um encontro.
b) Aqui, ... beira do rio, ... muitos anos, existia ... casa-grande do engenho.
c) Em resposta ... essa solicitação, só posso dizer que não ... vaga ... disposição.
d) Fiz ver ... quem de direito, que não ... possibilidade de atender ... solicitação.
e) ... esperança de obtermos, ... custa de muito empenho, ... vaga de servente.

71. (Furg-RS) Joana foi ... bela Campinas, dirigiu-se ... referida pensão e aí, pondo-se ... vontade, solicitou ... criadas um prato ... portuguesa.

a) a – à – à – as – a
b) a – à – à – às – à
c) à – à – a – às – à
d) à – a – à – as – a
e) à – à – à – às – à

72. (Unirio-RJ) Assinale o item que completa as lacunas: "... uma semana atrás, ... composição de Bandeira, uma ... uma, era enviada ... gráfica".

a) Há – à – a – a
b) A – a – à – a
c) A – à – à – a
d) Há – a – a – à
e) Há – a – à – a

73. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as frases.

I. De ponta ... ponta da rua, viam-se cartazes.
II. Estamos ... procura de melhores oportunidades.
III. Agradeço ... você pelas sugestões que me deu.
IV. A promoção será realizada de 27 ... 29 de julho do corrente ano.

a) a, à, a, a
b) a, à, à, à
c) à, à, a, à
d) à, a, a, à
e) à, a, à, a

74. (FCC) A casa fica ... direita de quem sobe a rua, ... duas quadras da avenida do Contorno.

a) à – há
b) a – à
c) a – há
d) à – a
e) à – à

75. (FMABC-SP) A alternativa que preenche **corretamente** as lacunas da frase "Ele já saiu ... muito tempo; deverá chegar ... terra de seus pais daqui ... alguns dias, se não tiver deixado o carro ... gasolina, com que viajaria, ... espera de revisão" é:

a) a – à – a – à – a
b) há – à – a – a – à
c) à – a – à – a – a
d) há – a – a – a – a
e) à – à – a – à – a

76. (ITA-SP) Assinale a alternativa que corretamente preenche as lacunas.
Quando ... dois dias disse ... ela que ia ... Itália para concluir meus estudos, pôs-se ... chorar.
a) a – a – a – a
b) há – à – à – a
c) a – à – a – à
d) há – a – à – a
e) há – a – a – à

77. (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Lançaram-se a novas conquistas.
2. Não sei a quem puxastes.
3. Procurei você de ponta a ponta.
constatamos que o acento indicador de crase no **a** deve ocorrer:
a) apenas na sentença 1.
b) apenas na sentença 2.
c) apenas na sentença 3.
d) em todas as sentenças.
e) n.d.a.

78. (Fesp-SP) Assinale a alternativa com erro de crase.
a) Você já esteve em Roma? Eu irei a Roma logo.
b) Refiro-me à Roma antiga, na qual viveu César.
c) Fui a Lisboa de meus avós, pois gosto da Lisboa de meus avós.
d) Já não agrada ir a Brasília. A gasolina...

79. (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Meu irmão dedicou-se à áreas literárias.
2. Estamos à espera de socorro.
3. Transmita esta informação à Sua Excelência.
Deduzimos que:
a) apenas a sentença n.º 1 está correta.
b) apenas a sentença n.º 2 está correta.
c) apenas a sentença n.º 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

80. (Fuvest-SP) De ... muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ... que tantos ambicionam por amor ... ostentação.
a) a – há – à – à
b) há – as – a – a
c) há – há – a – à
d) a – hão – a – à
e) há – a – a – a

81. (FCC) Os que assistiram ... peça chegaram ... aplaudi-la de pé, postando-se ... poucos metros do palco.
a) à – à – há
b) à – a – a
c) a – a – à
d) à – a – há
e) a – à – a

82. (FCC) Estou ... espera de uma certa pessoa, ... quem poderei pedir informações ... respeito deste processo.
a) à – à – a
b) a – à – à
c) à – a – a
d) à – a – à
e) a – a – à

83. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa cuja sequência preencha corretamente os espaços: "Chamam ... isto de aventura? Tão logo desceram ... terra, os aviadores foram calmamente assistir ... sessão, depois voltaram ... pressas, deixando os repórteres ... meio quarteirão de distância".
a) a – a – à – às – a
b) a – à – a – as – a
c) a – a – a – às – à
d) à – à – a – as – à
e) a – à – a – as – à

84. (FCMSC-SP) Assinale a sentença em que a crase foi empregada **corretamente**.
a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas, à que situação aspiras?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.
e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois à uma hora da madrugada é um perigo andar à pé, sozinho.

85. (PUC-RS) Foi ... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ... simples matéria: era uma ameaça ... poesia.
a) a – a – à
b) há – à – a
c) há – à – à
d) a – a – a
e) há – a – à

86. (UFPR) Quais as formas que completam, pela ordem, as lacunas das frases seguintes?
Daqui ... pouco vai começar o exame.
Compareci ... cerimônia de posse do novo governador.
Não tendo podido ir ... faculdade hoje, prometo assistir ... todas as aulas amanhã.
a) à – a – a – à
b) há – na – à – a
c) a – há – na – à
d) há – na – à – à
e) a – à – à – a

87. (Fuvest-SP) ... noite, todos os operários voltaram ... fábrica e só deixaram o serviço ... uma hora da manhã.
a) Há – à – à
b) A – a – a
c) À – à – à
d) À – a – há
e) A – à – a

88. (UEL-PR) ... cerimônias, ... início finalmente se procedeu, compareceram muitos curiosos.
a) Às – cujo
b) Às – a cujo
c) As – à cujo
d) As – a cujo
e) Às – à cujo

89. (Fuvest-SP) Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca.
a) à – há – a
b) a – há – à
c) a – a – a
d) à – a – a
e) a – a – à

90. (UEL-PR) No território nacional – ... estatísticas o demonstram – ... cada trinta minutos uma pessoa sucumbe ... tuberculose.
a) as – à – a
b) às – à – à
c) às – à – a
d) as – a – à
e) às – a – a

91. (UEL-PR) Fique ... vontade e confie ... mim tudo que tem ... dizer.
a) a – a – à
b) à – a – a
c) à – a – à
d) à – à – à
e) a – à – a

92. (UEL-PR) Todos acorreram ... praça, ... fim de apreciar os festejos que se iniciaram daí ... alguns instantes.
a) à – a – à
b) à – à – à
c) à – a – a
d) a – à – a
e) à – à – a

93. (Fesp-SP) Refiro-me ... atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças ... rebeldia insensata e ... uma fuga insensata.
a) às – à – à
b) as – à – à
c) às – à – a
d) as – à – a
e) às – a – à

94. (Fuvest-SP) Assinale a frase gramaticalmente **correta**.
a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

95. (UPM-SP) ... vezes, não ... considero como amiga, mas, ... esta hora, sua ausência traz-me grande saudade! Habituei-me ... boa vida de regalias ... mais de quinze anos.

Aponte a alternativa que completa adequadamente os vazios do período acima.
a) As – a – à – aquela – a
b) Às – a – a – àquela – há
c) Às – a – à – aquela – há
d) Às – a – à – aquela – a
e) As – à – a – aquela – há

96. (UPM-SP)
I. Em relação a renda familiar, o emprego intensivo de mão de obra não é a melhor solução.
II. Desde a última década, sinistros presságios atormentam-lhe a mente.
III. Os investidores americanos, habituados à lentidão do ritmo inflacionário, conseguem acumular fortuna.

De acordo com o emprego adequado da crase, deduz-se que:
a) todos os períodos estão corretos.
b) nenhum dos três está correto.
c) estão corretos os períodos I e II.
d) estão corretos os períodos II e III.
e) somente o período III está correto.

97. (Fesp-SP) Assinale a alternativa que completa a frase.
"Após ... reunião, todos foram ... sala, para assistir ... chegada dos hóspedes."
a) a – à – a
b) à – à – à
c) a – à – à
d) à – a – a
e) a – a – a

98. (UPM-SP) Marque o período em que o uso da crase é permitido.
a) Enviei à Roma suas fotografias.
b) Foi à Lapa para inaugurar a gráfica.
c) Alô, franceses, chegamos à Paris.
d) Viajou à Londres a fim de rever antigo amor.
e) Referimo-nos à Niterói, em nossa excursão pelo interior.

99. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.
Trouxe ... mensagem ... Vossa Senhoria e aguardo ... resposta, ... fim de levar ... pessoa que me enviou.
a) a – a – à – a – a
b) a – à – a – à – a
c) à – à – à – à – a
d) a – a – a – a – à
e) à – a – a – a – a

100. (FCL-SP) Assinale a alternativa que completa esta frase.
Diga ... essa menina que estou ... fazer o exercício ... risca.
a) a – a – à
b) à – a – à
c) a – à – a
d) a – à – à

101. (FCMSC-SP) Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria.
a) a – a – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – à – a
e) à – a – à

102. (FCMSC-SP) Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós.
a) a – a – há
b) há – a – a
c) há – à – há
d) à – a – a
e) a – à – há

CAPÍTULO 21

Morfossintaxe das palavras *que* e *se*

1. (Udesc) Assinale a alternativa que contém **correta** a classificação do **se.**
a) **Se** Deus quisesse que todos os homens fossem iguais, teria feito todos americanos. – partícula apassivadora.
b) Trata-**se** de papéis nada importantes. – conectivo integrante.
c) Veremos **se** haverá trégua nesse longo combate. – índice de indeterminação do sujeito.
d) Quando ele entrou, ela nem **se** dignou a olhá-lo. – pronome reflexivo.
e) A criança sorria-**se** feliz. – partícula de realce.

2. (PUC-SP) A partir dos seguintes trechos "... e nunca mais **se** soube o que era blasfêmia..." e "Dentro dos sons movem-**se** cores...", assinale a alternativa correta.
a) O pronome átono **se** exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.
b) O pronome átono **se** exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
c) O pronome átono **se** exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
d) O pronome átono **se** é parte integrante do verbo.
e) O pronome átono **se** exerce a função de pronome reflexivo.

3. (Fesp-SP) Aponte a alternativa que corresponde à seguinte descrição: **se – partícula apassivadora.**
a) O carro sumiu-**se** na poeira da estrada ao longe.
b) O operário **se** mutilara durante à realização de sua atividade diária.
c) Mulheres **se** odeiam subjetivamente.
d) Lavam-**se** cortinas e tapetes por preços módicos e facilitados.
e) Alunos queixavam-**se**, professores queixavam-**se**, só havia queixas...

4. (Faap-SP) No trecho:

"Ouves acaso quando entardece
Vago murmúrio **que** vem do mar."

A palavra **que** pode ser classificada como:

a) pronome interrogativo
b) pronome exclamativo
c) pronome integrante
d) pronome indefinido
e) pronome relativo

5. (Cefet-MG) Identifique a alternativa que classifica corretamente a função do **que** nas frases a seguir:

I – Espero que os homens pensem, com amor, em seu velho planeta.
II – A criança doente que chorava era a felicidade e a esperança da família.

a) pronome substantivo indefinido – preposição
b) conjunção integrante – pronome relativo
c) pronome relativo – substantivo
d) advérbio – pronome adjetivo indefinido
e) conjunção subordinativa causal – partícula expletiva

6. (Ufam) Nos versos de Vinicius de Moraes:

"a beleza **que** não é só minha
que também passa sozinha"

os conectivos destacados classificam-se como:

a) pronome substantivado
b) conjunção integrante
c) conjunção causal
d) conjunção explicativa
e) pronome relativo

7. (Faap-SP) Assinale a alternativa cuja relação é **incorreta**.

a) Sorria às crianças **que** passam. – pronome relativo
b) Declaram **que** nada sabem. – conjunção integrante
c) **Que** alegre manifestação a sua. – advérbio de intensidade
d) **Que** enigmas há nessa vida! – pronome adjetivo indefinido
e) Uma ilha **que** não consta do mapa. – conjunção coordenativa explicative

8. (UFMT) Leia o texto abaixo e assinale corretamente a função sintática do pronome relativo **que**.

Menino **que** mora num planeta
azul feito a cauda de um cometa
quer se corresponder com alguém
de outra galáxia.

a) sujeito
b) objeto direto
c) adjunto adverbial
d) predicativo
e) n.d.a.

9. (Acafe-SC) "Há um **se** empregado incorretamente nesse texto."

A alternativa em que a palavra se tem classificação idêntica à da frase acima é:

a) Ela **se** afastou pensativa.
b) Não **se** queixaram de nada.
c) Quando **se** precisa, ninguém aparece.
d) Algum **se** ficou sem explicação?
e) Verei **se** posso ajudar.

10. (Uepa) Considere o conjunto de frases para responder à questão abaixo.

I. Nesta granja abatem-se mil galinhas diariamente.
II. Pedem-se mais verbas para a educação.
III. Diariamente destroem-se grandes porções da Floresta Amazônica.
IV. Cora-se, grita-se, esperneia-se, mas não se resolve nada!
V. No Brasil, trabalha-se muito e ganha-se pouco.
VI. Vive-se feliz quando se ama.

Uma das funções da expressão **se** é funcionar como partícula apassivadora. Em quais frases ela exerce essa função?

a) I, II, III, IV
b) II, III, IV, V
c) III, IV, V, VI
d) I, IV, V, VI
e) II, IV, V, VI

11. (ESPM-SP) Sobre a frase: "Olhavam-se as mulheres", assinale a **incorreta**:

a) A palavra **se** possui vários valores semânticos.
b) O **se** dá ideia de reflexividade, equivalendo a "a si mesmas".
c) O **se** dá ideia de reciprocidade, equivalendo a "umas às outras".
d) O **se** dá ideia de rivalidade, equivalendo a "invejava-se".
e) O **se** dá ideia de passividade, equivalendo a "eram olhadas".

12. (UEPG-PR) Marque as alternativas corretas, considerando as funções da palavra "que" no período "O protesto dos moradores resultou numa lei que regulamentou a altura das construções".

01. Articulador sintático de causa, pois a lei é o motivo da regulamentação.
02. Mecanismo de coesão por referência, uma vez que se refere ao substantivo "lei", retomando seu significado.
04. Pronome relativo porque se relaciona ao nome antecedente, substituindo-o.
08. Operador argumentativo de fim, já que implica ideia de finalidade na oração que introduz.
16. Conjunção integrante responsável pela ligação de uma oração substantiva à sua principal.

13. (Ufes) O período é simples, por ser o **é que** expletivo em:

a) "A verdade é que não quero ir."
b) "O importante é saber que estou viva."
c) É neste amanhã que os mortos são sempre esquecidos."
d) É preciso que não seja agora.
e) É certo que não quero ir agora.

14. (Ufam) Assinale o item em que a palavra **que** desempenha função de advérbio:

a) Que fizeste de meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

15. (UFMA) Na canção de Caetano Veloso "Mas acontece **que** eu não posso me deixar levar por um papo **que** já não deu", a palavra **que** é, respectivamente:

a) conjunção integrante e pronome relativo
b) palavra de realce e conjunção integrante

c) pronome indefinido e pronome relativo
d) pronome relativo e conjunção integrante
e) pronome relativo e pronome indefinido

16. (Ufam) O pronome **se** tem o mesmo significado e a mesma função nas frases abaixo? Explique.
a) Os recém-casados se amavam intensamente: os olhares que trocaram após a cerimônia anunciaram vivamente a dedicação de cada um ao seu consorte.
b) A matrona feriu-se ao tropeçar no tapete estendido na varanda.
c) Romualdo arrependeu-se de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.

17. (UEPG-PR) Marque a alternativa do advérbio de intensidade.
a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

18. (Ufac) Em "Como as espumas que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, eles são filhos da musa (...)", as palavras **como** e **que** são, respectivamente:
a) preposição – conjunção integrante.
b) conjunção causal – pronome relativo.
c) advérbio de modo – conjunção integrante.
d) conjunção comparativa – pronome relativo.
e) conjunção conformativa – palavra expletiva.

19. (Fesp-SP) A classificação entre parênteses da palavra **que** está **errada** em:
a) Tenho que comprar sapatos novos (preposição)
b) Quê! Você não quer sair daqui?! (interjeição)
c) Que bela apresentação, meu filho! (advérbio)
d) Vamos para casa, que está chovendo. (preposição)
e) Vou descobrir o quê da questão. (substantivo)

20. (UFPI) Em que alternativa a expressão destacada é um complemento nominal?
a) O livro **de que** tínhamos necessidade foi extraviado.
b) A cadeira **em que** sentamos era velha demais.
c) Era grande a alegria **de que** estávamos possuídos.
d) A pessoa **a quem** me refiro é teu amigo.
e) A rua **em que** estivemos está desobstruída agora.

21. (Fuvest-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia... A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste. Procuro recordar o que (3) dizíamos. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos? Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o **que** aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?
a) 1 – 2 – 4
b) 2 – 4 – 6
c) 3 – 4 – 5
d) 2 – 3 – 4
e) 2 – 3 – 5

22. (Cefet-MG) Identifique a alternativa que classifica **corretamente** a função do **que** nas frases a seguir.
I. Espero **que** os homens pensem, com amor, em seu velho planeta.
II. A criança doente **que** chorava era a felicidade e a esperança da família.
a) pronome substantivo indefinido – preposição
b) conjunção integrante – pronome relativo
c) pronome relativo – substantivo
d) advérbio – pronome adjetivo indefinido
e) conjunção subordinativa causal – partícula expletiva

23. (UPM-SP)
"Ó tu
Que és presidente
Do Conselho Mu-
Nicipal

Se é que tens mu-
Lher e filhos,
Manda tapar os bu-
Racos da rua dos Junquilhos." (Artur Azevedo)
A palavra **que** aparece duas vezes no texto com a seguinte classificação morfológica, respectivamente:
a) pronome relativo – partícula expletiva.
b) partícula expletiva – pronome relativo.
c) pronome relativo – conjunção integrante.
d) conjunção integrante – pronome relativo.
e) partícula expletiva – conjunção integrante.

24. (Fuvest-SP) "A cláusula mostra **que** tu não queres enganar."
A classe gramatical da palavra **que**, no trecho, é a mesma da palavra que em:
a) Ficam desde já excluídos os sonhadores, os **que** amam o mistério.
b) Não foi a religião **que** te inspirou este anúncio.
c) **Que** não pedes um diálogo de amor, é claro.
d) **Que** foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência.
e) Quem és tu **que** sabes tanto?

25. (PUC-RS) A frase na qual a palavra **que** estabelece uma relação diversa das demais é:
a) O desejo de compartilhar que a maioria das pessoas sente remonta à infância.
b) Todo jovem deseja ser amado por alguém que o valorize.
c) Os especialistas afirmam frequentemente que as crises do crescimento são positivas.
d) É uma sabedoria saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.
e) Uma vida saudável depende, em parte, da qualidade das relações que mantemos com os nossos semelhantes.

26. (Fuvest-SP) "É da história do mundo **que** as elites nunca introduziram mudanças **que** favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos **que** estas lideranças empresariais teriam motivação para fazer a distribuição de rendas **que** uma nação equilibrada precisa ter." (Ricardo Semler)
No trecho acima, o vocábulo **que** classifica-se pela ordem como:
a) pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo, conjunção integrante.
b) conjunção integrante, pronome relativo, pronome relativo, conjunção integrante.

c) pronome relativo, pronome relativo, conjunção integrante, conjunção integrante.
d) conjunção integrante, pronome relativo, conjunção integrante, pronome relativo.
e) pronome relativo, conjunção integrante, conjunção integrante, pronome relativo.

27. (Fuvest-SP) "**Se** você sair agora, nunca saberá **se** dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao **se** verem diante daquela descoberta."
No texto acima, a partícula **se** é, respectivamente:
a) conjunção condicional – conjunção condicional – partícula apassivadora
b) conjunção integrante – partícula expletiva – partícula apassivadora
c) conjunção integrante – pronome reflexivo – pronome reflexivo
d) conjunção condicional – conjunção integrante – pronome reflexivo
e) conjunção condicional – conjunção integrante – partícula apassivadora

28. (Fafeod-MG) O pronome relativo **que** exerce a função de sujeito em:
a) "Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema."
b) "Sofreu mais d'alma que da ferida."
c) "O sentimento que ele pôs no rosto, não o sei eu."
d) "Venho das terras que teus irmãos já possuíram e hoje têm os meus."
e) "A alva rede que Iracema perfumara com a resina de Benjoim, guardava-lhe um sonho calmo e doce."

29. (UFMA) Ocorre voz passiva com o pronome **se** na opção:
a) O orador referiu-se a fatos recentes.
b) As pessoas presentes cumprimentaram-se rapidamente.
c) Levantem-se, meninos!
d) Vendem-se livros a preço de custo.
e) Ninguém se livra da ação do tempo.

30. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contém um **que** classificado morfologicamente como **partícula expletiva** (ou **de realce**).
a) A vida é tão bela que chega a dar medo.
b) Havia uma escada que parava de repente no ar.
c) Oh! que revoada, que revoada de asas!
d) O vento que vinha desde o princípio do mundo / Estava brincando com teus cabelos...
e) Nós é que vamos empurrando, dia a dia, sua cadeira de rodas.

31. (USJT-SP) A palavra **que** está classificada **incorretamente** na alternativa:
a) Pobre que fosse, vivia confortavelmente. (conjunção subordinativa concessiva)
b) Falou tanto que ficou rouco. (conjunção subordinativa consecutiva)
c) Por que você não compareceu? (pronome interrogativo)
d) Não sei por que motivo você faltou. (pronome relativo)
e) Que você venha é necessário. (conjunção subordinativa integrante)

32. (Faap-SP)
"Lá tenho a mulher **que** eu quero
na cama **que** escolherei"
Ambos os que em negrito são pronomes relativos, respectivamente exercendo a função sintática de:
a) sujeito e objeto direto.
b) objeto direto e sujeito.
c) sujeito e sujeito.
d) objeto direto e objeto direto.
e) objeto direto e complemento nominal.

33. (UPM-SP) A questão seguinte refere-se ao texto "Um epitáfio para Catulo da Paixão Cearense", de Mário Quintana. Leia-o atentamente, antes de respondê-la.
"Catulo não morreu: luarizou-se..."
Em "luarizou-se", o **se** indica:
a) reciprocidade;
b) reflexividade;
c) passividade;
d) indeterminação;
e) condição.

34. (UPM-SP) No trecho "Quando se desenhou a perspectiva da seca (...)", a partícula **se** é:
a) índice de indeterminação do sujeito.
b) pronome apassivador.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) pronome integrante ao verbo.

35. (UFPA) Na frase "Precisa-se de pedreiros", a partícula **se** é índice de indeterminação do sujeito **porque** o verbo está na terceira pessoa do singular.
a) asserção: verdadeira; razão: verdadeira (a razão explica corretamente a asserção)
b) asserção: verdadeira; razão: verdadeira (mas a razão não explica corretamente a asserção)
c) asserção: verdadeira; razão: falsa
d) asserção: falsa; razão: verdadeira
e) asserção: falsa; razão: falsa

36. (Fuvest-SP) Nas passagens: "Bebi o café que eu mesmo preparei (...)" e "(...) pensando humildemente na vida e nas mulheres que amei", tem o **que** a mesma função sintática? Justifique sua resposta.

37. (Ufac) Nos delicados versos de Casimiro de Abreu "Ai **que** saudades **que** eu tenho da aurora da minha vida (...)", a palavra **que** é, respectivamente:
a) pronome relativo e conjunção integrante.
b) pronome indefinido e partícula de realce.
c) partícula de realce e pronome relativo.
d) interjeição e pronome indefinido.
e) pronome indefinido e pronome relativo.

38. (Aman-RJ) "Mas não precisa correr, **que** não é sangria desatada (...)"
Classifica-se a palavra destacada como:
a) pronome relativo, sujeito de **é**.
b) conjunção integrante, conectivo.
c) conjunção concessiva, conectivo.
d) pronome indefinido, sujeito de **é**.
e) conjunção explicativa, conectivo.

39. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que aparece a conjunção final **que**.
a) Não sei que digo a você.
b) Cinco dias são passados que dali saímos.
c) Peço a Deus que te faça venturoso.
d) Crio estas crianças, que vês, que refrigério sejam de minha velhice.
e) n.d.a.

40. (Fasp-SP) "Uma lagartixa passou correndo à sua frente e sumiu-**se** por entre as macegas."
A palavra **se** é:
a) pronome reflexivo e objeto direto.
b) pronome reflexivo recíproco e objeto direto.
c) partícula de realce – sem função sintática.
d) pronome pessoal oblíquo e objeto direto.

41. (Esan-SP) Na frase: "Trabalhou-se com prazer", a palavra **se** é:
a) partícula de realce.
b) partícula expletiva.
c) pronome reflexivo.
d) índice de indeterminação do sujeito.
e) Nenhuma das alternativas.

42. (Faap-SP) Assinale a frase na qual o **se** não é pronome apassivador nem índice de indeterminação do sujeito.
a) Estudou-se este assunto.
b) Ele se suicidou ontem.
c) Falou-se muito sobre aquela festa.
d) Aos inimigos não se estima.
e) Fizeram-se reformas na casa.

43. (Fuvest-SP) "A importância do técnico é muito grande. É ele **que** decide a filosofia do time."
Na frase acima, a palavra **que** é:
a) substantivo.
b) pronome adjetivo.
c) partícula de realce.
d) pronome indefinido.
e) n.d.a.

44. (Ufam) Nos versos de Vinícius de Moraes, "(...) a beleza **que** não é só minha **que** também passa sozinha", os conectivos destacados classificam-se como:
a) pronome substantivado.
b) conjunção integrante.
c) conjunção causal.
d) conjunção explicativa.
e) pronome relativo.

45. (Fuvest-SP) "Na reunião do Colegiado, não faltou, no momento **em que** as discussões se tornaram mais violentas, argumentos e opiniões veementes e contraditórias."
O pronome relativo tem a função sintática de:
a) objeto indireto.
b) complemento nominal.
c) adjunto adverbial.
d) predicativo do sujeito.
e) n.d.a.

46. (Efoa-MG) Assinale a alternativa em que o pronome **que** desempenha a função de objeto indireto na frase.
a) Falo a amigos que envelheceram.
b) A vida separa os amigos que a morte vem juntar bruscamente.
c) Gosto desses fotógrafos silenciosos diante da alameda em que a areia estala sob o passo lépido das crianças.
d) Quero desejar a leitores e amigos as alegrias e suavidades a que o tempo convida.
e) Meu pobre livro inútil, que sempre sonhei escrever e ainda não me deste a honra de te deixares escrever, por onde andas tu?

47. (Faap-SP) No trecho:
"Ouves acaso quando entardece
Vago murmúrio **que** vem do mar",
a palavra **que** pode ser classificada como:
a) pronome interrogativo.
b) pronome exclamativo.
c) pronome integrante.
d) pronome indefinido.
e) pronome relativo.

48. (UPM-SP) Aponte o período em que a palavra **se** seja uma conjunção subordinativa integrante.
a) A tristeza daquela jovem se funda em problemas sociais.
b) Em suas palavras, não se separam mentiras e verdades.
c) Se essa obra fosse impressa no Brasil, teria o valor de oitenta reais.
d) Os dirigentes indagaram se seriam ordens adequadas a seus subalternos.
e) Os chefes administrativos mantêm-se atualizados quanto a questões existenciais das mais complexas.

49. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que o pronome **se** está apassivando o verbo.
a) Tempo não se mede pelos ponteiros do relógio, mas pelo vácuo da comunicação entre dois amigos.
b) Ao entrar no recinto novo da confeitaria, muitos clientes se sentiam enleados com o local de conhecida modéstia.
c) Vão-se embora os mais coloridos sonhos com a chegada de um só momento de maturidade.
d) Esqueceu-se dos fardos diários, enquanto olhava para a inexpressiva lista dos pratos do dia.
e) Precisa-se de muita calma e jeito para o consolo de um singular amigo.

50. (UPM-SP) Uma das alternativas apresenta o pronome reflexivo **se**:
a) "Capitu deixou-se fitar e examinar." (Machado de Assis)
b) Voltarei cedo se quiseres.
c) Queixou-se das questões do concurso.
d) Alugam-se apartamentos.
e) Precisa-se de pedreiros.

51. (Unimep-SP) Quanto ao uso do **se**, a gramática tradicional não admite a construção:
a) Vendem-se casas.
b) Aluga-se apartamento.
c) Não se vá tão cedo!
d) Trabalhou-se muito hoje.
e) Conserta-se sapatos.

52. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que a palavra em destaque é pronome.
a) O homem **que** chegou é meu amigo.
b) Notei um **quê** de tristeza em seu rosto.
c) Importa **que** compareçamos.
d) Ele é **que** disse isso!
e) Vão ter **que** dizer a verdade.

53. (UPM-SP) Na frase "Você é **que** pensa **que** a vida flui segundo as leis do poder!", a palavra **que** classifica-se, respectivamente, como:
a) palavra de realce – pronome relativo.
b) advérbio de intensidade – conjunção integrante.
c) advérbio de intensidade – pronome relativo.
d) conjunção integrante – pronome relativo.
e) palavra de realce – conjunção integrante.

54. (Fasp-SP) Na oração "Há pouco tempo me disse **que** quisera ter nascido princesa", a palavra destacada é:
a) conjunção subordinativa final.
b) conjunção subordinativa consecutiva.
c) conjunção subordinativa integrante.
d) conjunção subordinativa concessiva.

55. (Fatec-SP) Considerando como conjunção integrante aquela que indica uma oração subordinada substantiva, indique em qual das opções nenhum **se** tem esta função.
a) "Se subiu, ninguém sabe, ninguém viu."
b) Comenta-se que ele se feria de propósito.
c) Se vai ou fica é o que eu gostaria de saber.
d) Saberia me dizer se ele já foi?

56. (FCMSC-SP) O **que** está com função de preposição na alternativa:
a) Veja que lindo está o cabelo da nossa amiga!
b) Dize-me com quem andas, que eu te direi quem és.
c) João não estudou mais que José, mas entrou na faculdade.
d) O fiscal teve que acompanhar o candidato ao banheiro.
e) Não chore, que eu já volto.

57. (Omec-SP) Assinale o **que** objeto direto.
a) A casa que você viu é minha.
b) O homem que trabalha vence na vida.
c) Que aconteceu com você?
d) O cargo a que aspiras é nobre.
e) O rapaz que chegou é meu conhecido.

58. (Fuvest-SP) Classifique morfologicamente as ocorrências de **que** nos segmentos abaixo.
a) Há em nosso povo duas constantes que nos induzem a...
b) (...) sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.

59. (FOC-SP) "Nos perigos grandes o temor é maior muitas vezes **que** o perigo." A palavra destacada é:
a) conjunção subordinativa consecutiva.
b) pronome interrogativo.
c) pronome relativo.
d) conjunção subordinativa comparativa.

60. (FAU-SP) Em:
"Vem caindo devagar
Tão devagar vem caindo
Que dá tempo a um passarinho..."
a palavra **que** dá ideia de:
a) comparação.
b) oposição.
c) condição.
d) causa.
e) consequência.

61. (FGV-SP) No período "Não se fazem automóveis como antigamente", a palavra **se** é:
a) partícula apassivadora.
b) índice de indeterminação do sujeito.
c) pronome interrogativo.
d) conjunção integrante.

62. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinativa integrante (por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

63. (UFSCar-SP) No período "Avisou o pai, **que** caminhava para a lavoura", a palavra **que** classifica-se morfologicamente como:
a) conjunção subordinativa integrante.
b) pronome relativo.
c) conjunção subordinativa final.
d) partícula expletiva.
e) conjunção subordinativa causal.

CAPÍTULO 22

Pontuação

1. (Fuvest-SP) Em qual destas frases a vírgula foi empregada para marcar a omissão do verbo?
a) Ter um apartamento no térreo é ter as vantagens de uma casa, além de poder desfrutar de um jardim.
b) Compre sem susto: a loja é virtual; os direitos, reais.
c) Para quem não conhece o mercado financeiro, procuramos usar uma linguagem livre do economês.
d) A sensação é de estar perdido: você não vai encontrar ninguém no Jalapão, mas vai ver a natureza intocada.
e) Esta é a informação mais importante para a preservação da água: sabendo usar, não vai faltar.

2. (UFMS) Leia os provérbios abaixo e assinale a(s) proposição(ões) correta(s).
I. Quem casa muito prontamente, arrepende-se...
II. Quem casa, muito prontamente arrepende-se...

01) Em I e II, a palavra "quem" pode ser substituída por "aquele que".
02) Tanto em I como em II a interpretação dos provérbios é a mesma.
04) A posição da vírgula provoca mudança de sentido entre os provérbios I e II.
08) "Quem" é um pronome demonstrativo em I e II.
16) Em I, está subentendida a palavra "para".

3. (ESPM-SP) Assinale a alternativa cuja **pontuação** esteja correta:
a) Mas, o fim da prisão dos consumidores com programas de tratamento para viciados, repercutiu pouco sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais: a violência, o contrabando de armas e a corrupção dos agentes do Estado.
b) Mas o fim da prisão dos consumidores, com programas de tratamento para viciados repercutiu pouco sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais; a violência, o contrabando de armas e a corrupção dos agentes do Estado.

c) Mas o fim da prisão dos consumidores, com programas de tratamento para viciados, repercutiu pouco sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais; a violência, o contrabando de armas e a corrupção, dos agentes do Estado.

d) Mas o fim da prisão dos consumidores, com programas de tratamento para viciados, repercutiu pouco sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais: a violência, o contrabando de armas e a corrupção dos agentes do Estado.

e) Mas o fim da prisão dos consumidores com programas de tratamento para viciados repercutiu pouco, sobre problemas graves associados ao mercado de drogas ilegais: a violência, o contrabando de armas, e a corrupção dos agentes do Estado.

4. (PUC-RJ)

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.

(Santo Agostinho, *Confissões* I, XI, cap. XIV.)

O trecho abaixo versa sobre essa famosa passagem de Santo Agostinho. Reescreva-o, pontuando-o de acordo com as regras da norma culta.

Muitos séculos atrás refletindo sobre a temporalidade Santo Agostinho confessou que embora tivesse uma noção tácita de tempo aparentemente não problemática não seria capaz de fornecer uma definição explícita desse conceito.

5. (FCL-SP) No primeiro semestre deste ano, uma campanha publicitária veiculada em revistas de circulação nacional estampava o seguinte texto:

"A Chevrolet tem a primeira e única linha 100% Flexpower do país uma linha feita para poluir menos como este anúncio sem ponto e sem vírgula para você não fazer pausa para respirar nem emitir CO_2 enquanto lê 5 de junho Dia do Meio Ambiente".

Assinale a opção que pontua corretamente o período:

a) A Chevrolet tem a primeira e única linha 100% Flexpower do país, uma linha feita para poluir menos como este anúncio. Sem ponto e sem vírgula. Para você não fazer pausa para respirar. Nem emitir CO_2 enquanto lê. 5 de junho, Dia do Meio Ambiente.

b) A Chevrolet tem a primeira e única linha 100% Flexpower do país. Uma linha feita para poluir menos. Como este anúncio, sem ponto e sem vírgula, para você não fazer pausa para respirar nem emitir CO_2, enquanto lê. 5 de junho. Dia do Meio Ambiente.

c) A Chevrolet tem a primeira, e única, linha 100% Flexpower do país. Uma linha feita, para poluir menos, como este anúncio sem ponto e sem vírgula. Para você não fazer pausa, para respirar nem emitir CO_2 enquanto lê, 5 de junho. Dia do Meio Ambiente.

d) A Chevrolet tem a primeira e única linha 100% Flexpower do país. Uma linha feita para poluir menos, como este anúncio, sem ponto e sem vírgula, para você não fazer pausa para respirar, nem, emitir CO_2 enquanto lê. 5 de junho. Dia do Meio Ambiente.

e) A Chevrolet tem a primeira e única linha 100% Flexpower do país, uma linha feita para poluir menos. Como este anúncio. Sem ponto e sem vírgula. Para você não fazer pausa para respirar nem emitir CO_2 enquanto lê. 5 de junho, Dia do Meio Ambiente.

6. (Ufal) No enunciado: "A filosofia não é ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos.", o uso dos dois-pontos evidencia uma relação de

a) enumeração.
b) explicação.
c) causa e efeito.
d) equivalência.
e) reiteração.

7. (Ufal) Qual o sinal de pontuação mais adequado para substituir os parênteses no período abaixo?

"Há conhecimento de dois tipos ( ) sabemos sobre um assunto ou sabemos onde podemos buscar informação sobre ele."

a) ponto-final
b) reticências
c) ponto e vírgula
d) travessão
e) dois-pontos

8. (Unifesp) Em:

"– Ficou talvez mais disponível, e o amor por Doroteia de Seixas o iniciou em ordem nova de sentimentos: o clássico florescimento da primavera no outono. – a vírgula separa orações coordenadas com sujeitos gramaticais .....; os dois pontos introduzem uma ....."

Os espaços devem ser preenchidos, respectivamente, com

a) indeterminados ... síntese das informações precedentes
b) idênticos ... ratificação das informações precedentes
c) inexistentes ... retificação de informação mal definida anteriormente
d) distintos ... explicação de informação anterior
e) ocultos ... citação

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa corretamente pontuada.

a) Quando as mensagens são frias, tornam-se mais acessíveis, pois são mais facilmente interpretadas, esse tipo de mensagem por ser facilmente compreendido, facilita a tomada de decisão.

b) O boiadeiro virou-se para o lado da casa e perguntou: "E daí, companheiro, essa gororoba sai ou não sai?".

c) Diariamente um diretor de empresa recebe mensagens eletrônicas, relatórios, e cartas com muitos dados por exemplo, a respeito dos recursos humanos.

d) Mas, não conseguiu chegar ao poço, antes disso, tropeçou em algo que não parecera estar ali.

e) Era o pé de Antônio, atravessado à sua frente. O que não deveria ser motivo, de surpresa, já que ele havia prometido vingar-se a todo custo.

10. (PUC-RJ) Reescreva o período abaixo pontuando-o corretamente.

"É fato conhecido por muitos que Paulo Lins escritor carioca viveu na Cidade de Deus onde se desenrola a trama de seu famoso livro."

11. (Ufal)

A importância da Literatura... para a Engenharia

A motivação deste texto adveio da frequência com a qual tenho me deparado, ao longo dos quase dez anos como docente da Escola de Engenharia da UFMG, com a velha frase: "O último livro que li foi para o vestibular". O desalento da frase é agravado (salvo exceções) nos trabalhos, pelos

textos incompreensíveis, nos quais sujeitos, predicados, objetos diretos e vírgulas digladiam-se em batalhas cruentas, que nem os corretores ortográficos conseguem minimizar.

O contato com a Literatura não é apenas benfazejo como forma de aprimoramento da expressão oral e escrita. Também fomenta o desenvolvimento do raciocínio abstrato, imprescindível para os estudos de matemática e física, dois pilares das Ciências Exatas e das Engenharias. Todavia, o usufruir da Literatura requer inevitavelmente uma dose de solidão que, parece, os nossos alunos não conseguem se dar. Diferentemente da minha geração, há hoje permanente possibilidade e perspectiva de contato a qualquer tempo (celular), em qualquer lugar (Internet). Desfrutar do prazer da Literatura é essencialmente um momento do exercício da individualidade. Da escolha do livro ao tempo gasto para a leitura.

Em outro contexto, talvez o mais importante, a Literatura influencia a forma de ver o mundo, suscita reflexões, sedimenta valores. Pelo muito que desvela e pelo muito que vela. Lembro-me do impacto de uma obra-prima da escritora belgo-francesa Marguerite Yourcenar, *Alexis – o tratado do vão combate*, que li na juventude e venho relendo pela vida afora, sempre com renovado prazer. Na Literatura nacional, não se passa incólume pelas páginas de *Vidas secas*, *O tempo e o vento*, *Tereza Batista cansada de guerra* ou *Capitães da areia*, sem refletir sobre a nossa realidade, apresentada a cada dia com disfarces imperfeitos. [...]

Recentemente, reli um daqueles exemplares – *Werther* –, cujas folhas já traziam as manchas indeléveis do tempo. O romance marcante da minha adolescência (a)pareceu-me pueril na idade madura. Com a decepção desta releitura, pude redescobrir (em verdade confirmar) velha assertiva.

Há livros adequados para cada fase da nossa existência.

Por fim, muito do meu apreço pela Literatura advém do saber o quão árdua é a produção de um texto. Mesmo científico. Levamos, por vezes, dias para finalizar um parágrafo, na renovada frustração da busca da palavra mais adequada, da frase mais elegante, enfim, na construção do texto mais envolvente. Como na elaboração deste artigo. Situação paradoxal em relação ao tempo despendido por você, leitor, se porventura conseguiu chegar até aqui.

(Marcelo Libânio. *Boletim Informativo da UFMG*, n.º 1398, ano 29, 29/05/2003. Adaptado.)

Acerca dos sinais de pontuação utilizados no texto, analise as proposições a seguir.

1) As reticências utilizadas no título indicam suspensão do pensamento, que acentua o efeito de surpresa da informação que se lhes segue.
2) Em "A motivação deste texto adveio da frequência com a qual tenho me deparado, ao longo dos quase dez anos como docente da Escola de Engenharia da UFMG, com a velha frase: 'O último livro que li foi para o vestibular'.", os dois-pontos introduzem uma citação literal.
3) No trecho: "Por fim, muito do meu apreço pela Literatura advém do saber o quão árdua é a produção de um texto. Mesmo científico.", o autor opta por isolar este último segmento, colocando-o após um ponto final, o que lhe confere maior destaque.
4) No trecho destacado: "Na Literatura nacional, não se passa incólume pelas páginas de ***Vidas secas***, ***O tempo e o vento***, ***Tereza Batista cansada de guerra*** ou ***Capitães da areia***, sem refletir sobre a nossa realidade...", as vírgulas são facultativas, pois há elipse do verbo.

Estão corretas apenas:

a) 1 e 4
b) 2 e 3
c) 3 e 4
d) 1 e 2
e) 1, 2 e 3

12. (PUC-RJ) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois pontos.

"É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas."

13. (FGV-SP) *"A participação da renda pessoal na distribuição da renda nacional deve ser aumentada, e a participação da remuneração do trabalho na distribuição primária também deve ser elevada", diz o comunicado de ontem.* (L.7-11)

Em relação à vírgula antes da palavra E no período acima, é correto afirmar que está

a) incorreta, pois não pode haver vírgula se houver a palavra E.
b) correta, uma vez que o E tem valor não aditivo.
c) incorreta, pois só estaria correta se houvesse uma vírgula após a palavra *primária*.
d) correta, por se tratar de caso de polissíndeto.
e) correta, pois o E inicia oração com sujeito diferente do da anterior.

14. (FGV-SP) No trecho: *"É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo."* a utilização da vírgula se justifica por:

a) Isolar um termo circunstancial de modo.
b) Isolar um termo explicativo.
c) Separar termos enumerativos.
d) Separar um vocativo.
e) Isolar um termo circunstancial deslocado.

15. (ESPP) Considere as duas orações:

I. O sistema educacional no Brasil, necessita de reformas.
II. Maria traga os papéis, por favor.

A pontuação está correta em:

a) somente I
b) somente II
c) I e II
d) Nenhuma

16. (UFPR) Assinale a alternativa em que o texto está de acordo com as normas de pontuação.

a) Omitir informações de doenças preexistentes, mesmo que acidentalmente pode deixá-lo sem cobertura e acarretar: a rescisão do contrato.
b) Omitir: informações de doenças preexistentes mesmo que acidentalmente; pode deixá-lo sem cobertura; e acarretar a rescisão do contrato.
c) Omitir informações de doenças preexistentes, mesmo que acidentalmente, pode deixá-lo sem cobertura e acarretar a rescisão do contrato.
d) Omitir informações, de doenças preexistentes mesmo, que, acidentalmente, pode deixá-lo sem cobertura e acarretar a rescisão do contrato.
e) Omitir informações de doenças preexistentes mesmo que acidentalmente, pode deixá-lo sem cobertura, e acarretar a rescisão do contrato.

17. (Vunesp-SP) Leia a frase do terceiro parágrafo:

Para ele, ao contrário do que dizem os fabricantes, o secador gasta alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

Considerando as regras de pontuação, assinale a alternativa em que a frase está reescrita corretamente e sem alteração de sentido a partir do deslocamento da expressão destacada.

a) Ao contrário do que dizem os fabricantes *para ele*, o secador gasta alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

b) Ao contrário do que dizem os fabricantes, o secador gasta alta quantidade de eletricidade, *para ele* de 1 700 a 2 000 watts.

c) Ao contrário do que dizem os fabricantes, o secador gasta *para ele*, alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

d) Ao contrário *para ele*, do que dizem os fabricantes, o secador gasta alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

e) Ao contrário do que dizem os fabricantes, o secador, *para ele*, gasta alta quantidade de eletricidade, de 1 700 a 2 000 watts.

18. (Vunesp-SP) Assinale a alternativa cuja frase possui pontuação correta.

a) A Imprensa Oficial, no decorrer, da história, passou por várias transformações.

b) A Imprensa Oficial no decorrer da história, passou, por várias transformações.

c) A Imprensa Oficial no decorrer, da história, passou por várias transformações.

d) A Imprensa Oficial, no decorrer da história, passou por várias transformações.

e) A Imprensa Oficial, no decorrer da história, passou, por várias transformações.

19. (Unicamp-SP) Na tira de Garfield, a comicidade se dá por uma dupla possibilidade de leitura.

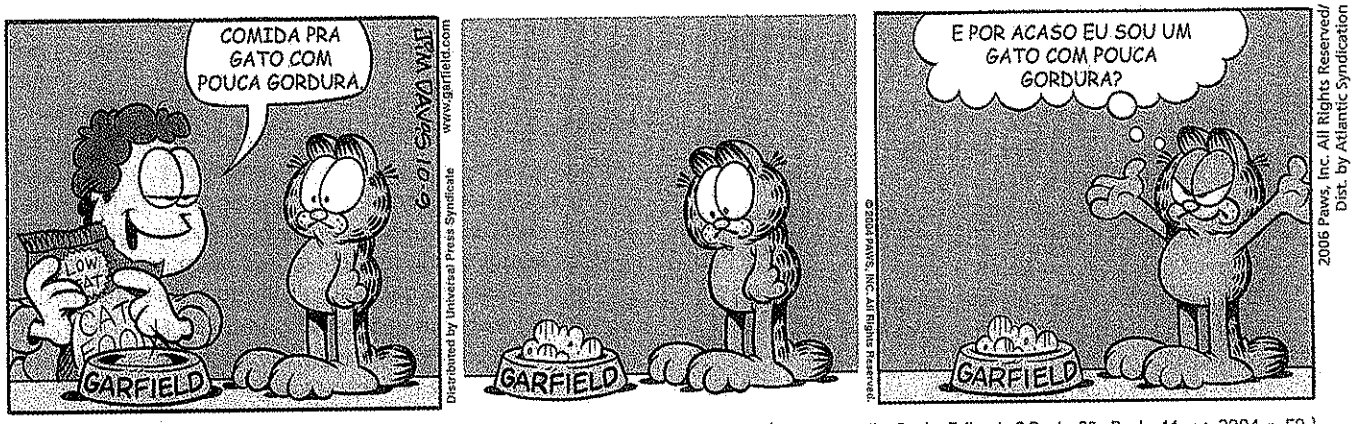

(Garfield, de Jim Davis. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 11 out. 2004. p. E9.)

a) Explicite as duas leituras possíveis e explique como se constrói cada uma delas.

b) Use vírgula(s) para discernir uma leitura da outra.

20. (FGV-SP) Observe a seguinte passagem: "O Brasil para ser feliz não tem necessidade de tratados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio, e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil não precisa dos favores da Inglaterra". Em qual das alternativas esse trecho está pontuado de acordo com a norma culta?

a) O Brasil, para ser feliz, não tem necessidade de tratados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil não precisa dos favores da Inglaterra.

b) O Brasil, para ser feliz não tem necessidade de tratados com nação alguma; pois basta, somente, proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio, e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil não precisa dos favores da Inglaterra.

c) O Brasil para ser feliz, não tem necessidade de tratados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio, e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil não precisa dos favores da Inglaterra.

d) O Brasil, para ser feliz não tem necessidade, de tratados com nação alguma. Pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio e franquear seus portos ao mundo inteiro. O Brasil, não precisa dos favores da Inglaterra.

e) O Brasil, para ser feliz não tem necessidade de tratados com nação alguma, pois basta somente proteger a agricultura, animar a indústria manufatureira, libertar o comércio, e franquear seus portos ao mundo inteiro, o Brasil não precisa dos favores da Inglaterra.

21. (UFPR) Quando o grande navio encalhou, já quase chegando a Salvador, ao bater no banco de Santo Antônio, aproximadamente às 18 horas daquela noite escura e tempestuosa de 5 de maio de 1668, todos a bordo sabiam que havia poucas chances de sobrevivência. Logo depois, o galeão português Sacramento se soltou e começou a afundar. Às 23 horas, só restavam destroços na superfície do mar. A bordo estavam cerca de 600 pessoas, entre tripulantes e passageiros que vinham de Portugal, inclusive o general Francisco Correia da Silva, designado para o cargo de governador do Brasil. Ele não estava entre os que se salvaram, cerca de 70 pessoas,

principalmente marinheiros e soldados. Foi uma grande tragédia, lamentada pelos cronistas dos tempos coloniais. Era um navio de guerra português, construído em 1650, na cidade do Porto, para enfrentar as grandes viagens oceânicas e projetar, além-mar, o poder militar de Portugal. (*História Viva*, ed. n. 20, jun. 2005.)

Indique a alternativa em que as alterações na pontuação resultaram em mudança no sentido original do texto.

a) Logo depois, o galeão português Sacramento se soltou e começou a afundar às 23 horas. Só restavam destroços na superfície do mar.
b) Quando o grande navio encalhou já quase chegando a Salvador, ao bater no banco de Santo Antônio – aproximadamente às 18 horas daquela noite escura e tempestuosa de 5 de maio de 1668 – todos a bordo sabiam que havia poucas chances de sobrevivência.
c) A bordo estavam cerca de 600 pessoas, entre tripulantes e passageiros que vinham de Portugal; inclusive o general Francisco Correia da Silva, designado para o cargo de governador do Brasil.
d) Ele não estava entre os que se salvaram: cerca de 70 pessoas, principalmente marinheiros e soldados.
e) Era um navio de guerra português, construído em 1650 (na cidade do Porto) para enfrentar as grandes viagens oceânicas e projetar além-mar o poder militar de Portugal.

22. (PUC-SP) Leia com atenção o texto abaixo.

Estradas de Rodagem

Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.

O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...

Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora.

Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.

As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.

– Então? Foi bem de viagem?

O carreiro dá uma risadinha.

– Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...

– E o quê?

– ... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.

E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.

(MONTEIRO LOBATO. *Obras completas*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. v. 8, p. 74.)

Responda à pergunta que se segue, baseada no texto lido, assinalando a alternativa correta.

Monteiro Lobato foi um escritor que, quanto ao uso da língua, sempre questionou a obediência aos padrões rígidos da gramática e às normas herdadas de Portugal. No texto, há momentos em que ele não segue as regras de uso da vírgula previstas pela gramática normativa. Assim, observe os fragmentos a seguir:

I. "As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com presteza."
II. "Às vezes, pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro."
III. "O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia."

Quanto ao uso da vírgula, em relação às regras da gramática normativa, desses fragmentos:

a) I e II estão corretos.
b) II e III estão corretos.
c) I e III estão corretos.
d) apenas II está correto.
e) apenas I está correto.

23. (ESPM-SP) Do trecho extraído do jornal *Folha de S.Paulo*, assinale a alternativa que possui a melhor pontuação.

a) Nos últimos quatro anos assisti nos EUA, a dois acontecimentos gravíssimos, causadores de muita morte e destruição, um deles provocado por mão humana, o ataque às Torres Gêmeas –; o outro, natural – o furacão Katrina, que acaba de destruir Nova Orleans.
b) Nos últimos quatro anos, assisti nos EUA a dois acontecimentos gravíssimos, causadores de muita morte e destruição: um deles provocado, por mão humana – o ataque às Torres Gêmeas –; o outro, natural – o furacão Katrina que acaba de destruir Nova Orleans.
c) Nos últimos quatro anos, assisti nos EUA a dois acontecimentos gravíssimos, causadores de muita morte e destruição: um deles provocado por mão humana – o ataque às Torres Gêmeas –; o outro, natural – o furacão Katrina, que acaba de destruir Nova Orleans.
d) Nos últimos quatro anos, assisti nos EUA a dois acontecimentos, gravíssimos, causadores de muita morte, e destruição, um deles provocado por mão humana – o ataque às Torres Gêmeas –; o outro natural – o furacão Katrina, que acaba de destruir, Nova Orleans.
e) Nos últimos quatro anos, assisti, nos EUA a dois acontecimentos gravíssimos, causadores de muita morte e destruição, um deles, provocado por mão humana (o ataque às Torres Gêmeas); o outro, natural, o furacão Katrina, que acaba de destruir Nova Orleans.

24. (PUC-PR)

Estímulo elétrico contra a depressão

Um estímulo elétrico numa área precisa do cérebro de quem sofre de obsessões compulsivas e depressões pode ajudar a conseguir a cura, segundo testes feitos por neurocirurgiões franceses. Uma equipe do Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França acaba de aplicar com sucesso a técnica, que consiste em instalar eletrodos ao nível "da cabeça do núcleo caudado, situado na metade do cérebro". A operação, que dura 12 horas é relatada na edição de outubro da revista *Journal of Neurosurgery*. O estímulo elétrico, já usado para aliviar pacientes que sofrem de mal de Parkinson, ajuda a reduzir a ansiedade de quem sofre de transtornos neurológicos.

(*Folha de S.Paulo*, 30 out. 2004.)

Marque a alternativa correta:

a) A palavra **precisa** (1.ª linha) pode ser substituída por **necessitada**.
b) Na terceira frase, após a palavra **horas**, deveria ter sido usada uma vírgula.
c) Em lugar de **Uma equipe** pode-se colocar **A equipe**.
d) O artigo definido em **acabar de aplicar com sucesso a técnica** pode ser substituído pelo indefinido **uma**.
e) A primeira vírgula da última frase poderia ser excluída.

25. (ESPM-SP) Marque a única opção correta no que se refere ao emprego das vírgulas:

a) Além disso a Rússia, tem poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, o que na prática, torna inviável uma condenação formal, à ação russa no órgão.
b) Além disso, a Rússia tem poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, o que, na prática, torna inviável uma condenação formal à ação russa no órgão.
c) Além disso, a Rússia tem poder, de veto no Conselho de Segurança da ONU o que, na prática torna inviável, uma condenação formal à ação russa, no órgão.
d) Além disso, a Rússia tem poder de veto, no Conselho de Segurança da ONU, o que, na prática torna inviável uma condenação formal à ação russa no órgão.
e) Além disso a Rússia tem poder de veto, no Conselho de Segurança da ONU o que na prática, torna inviável uma condenação formal à ação russa, no órgão.

26. (UFPE) Os enunciados a seguir são fragmentos do livro *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*, de Barbosa Lima Sobrinho (Nova Fronteira, 2000). Em uma das alternativas, a pontuação foi modificada, tornando-se **incorreta**. Assinale-a.

a) A língua literária, quando se torna excessivamente livresca, ou aristocrática, perde sua função natural.
b) Nenhum povo cometeria, hoje, o erro de restringir ainda mais o campo de ação de um determinado idioma, quando a tendência é para alargar as fronteiras.
c) De qualquer modo, porém, o que convém é não perder terreno, isto é, não reduzir o número de pessoas que o utilizam como idioma comum.
d) A conclusão, pois, é de que, se temos o privilégio de nos entendermos facilmente de extremo a extremo do Brasil, devemo-lo à língua portuguesa.
e) A língua portuguesa é, que nos prendeu, através dos séculos da formação; ela é que assiste, ao nosso desenvolvimento e à nossa expansão.

27. (UPM-SP) "E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados? O mundo seria bem menos nojento – essa é a opinião de muita gente. Mas pense bem: as consequências ruins seriam maiores que as boas. Lembre-se das aulas na escola sobre equilíbrio ecológico. Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar da qual você também faz parte. Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos. Odair Correa Bueno dá um exemplo: 'Larvas de mosquitos se alimentam de partículas em suspensão na água e também servem de comida para peixes. Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios e faltaria alimento para os peixes'." (Cláudia de Castro Lima)

Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.

a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar (...)
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
c) Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar (...)
Por mais estranha que a ideia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

28. (UPM-SP)

"Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
(...)
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico"

(Manuel Bandeira)

Reescrevendo os versos de forma linear e respeitando as regras de pontuação prescritas pela gramática normativa, tem-se:

a) Estou farto do lirismo comedido, do lirismo comportado. Do lirismo funcionário público: com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
b) Estou farto do lirismo comedido, do lirismo comportado, do lirismo funcionário público, com livro de ponto, expediente, protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
c) Estou farto do lirismo comedido. Do lirismo comportado. Do lirismo funcionário público. Com livro de ponto, expediente, protocolo e, manifestações de apreço, ao sr. diretor.
d) Estou farto do lirismo namorador: político raquítico e sifilítico.
e) Estou farto do lirismo; Namorador; Político; Raquítico; Sifilítico.

29. (PUC-PR) A língua é bastante flexível, o que permite escolhas no modo de dizer. Indique a alternativa com a alteração **inadequada**:

"Segundo números do Ibope e Ratings, o país tem 20 milhões de internautas que utilizam em média 10 horas mensais de acesso. Entre as páginas mais procuradas estão finanças, comércio eletrônico, notícias e serviços de governo. (Resol, set./out. 2004, p. 12).

a) Inverter a ordem da última frase: "Finanças, comércio eletrônico, notícias e serviços de governo estão entre as páginas mais procuradas".
b) Substituir "o país tem" por "no país há".
c) Substituir "em média" por "cerca de".
d) Substituir "Segundo" por "Conforme".
e) Substituir as vírgulas da última frase por ponto e vírgula.

30. (UFPI) No trecho "Bem sei que só matarei alguém um dia (que Deus me livre e guarde) se for obrigado.", extraído do romance *Palha de Arroz*, de Fontes Ibiapina (p. 75), os parênteses servem para:
a) isolar a voz interior.
b) mudar o interlocutor.
c) introduzir uma explicação.
d) assinalar mudança de registro.
e) destacar expressão de outro texto.

31. (Ufac) Assinale a alternativa que não apresenta erro de pontuação.
a) A obscenidade existe e está diante de nossas caras. É o racismo, a discriminação sexual, o ódio, a ignorância, a miséria. Tem coisa mais obscena do que a guerra?
b) A obscenidade existe e está diante de nossas caras. É o racismo, a discriminação sexual, o ódio, a ignorância, a miséria. Tem coisa mais obscena, do que a guerra?
c) A obscenidade existe e está, diante de nossas caras. É o racismo, a discriminação sexual, o ódio, a ignorância, a miséria. Tem coisa mais obscena do que a guerra?
d) A obscenidade existe e está, diante de nossas caras. É o racismo, a discriminação sexual, o ódio, a ignorância, a miséria. Tem coisa mais obscena, do que a guerra?
e) A obscenidade existe, e está diante de nossas caras. É o racismo, a discriminação sexual, o ódio, a ignorância, a miséria. Tem coisa mais obscena, do que a guerra?

32. (UFF-RJ) A pontuação pode ser substituída, muitas vezes, por conectivos, para estabelecer variados tipos de relações sintático-semânticas. Na frase extraída do capítulo 1 de *Esaú e Jacó*, "A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo.", o conectivo que pode ser usado em substituição ao ponto e vírgula tem valor:
a) explicativo;
b) conclusivo;
c) proporcional;
d) final;
e) adversativo.

33. (Fuvest-SP) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade linguística diversa da que foi usada no restante da frase em:
a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, da apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo;
b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialesca";
c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal;
d) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993;
e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.

34. (UFV-MG) Os sinais de pontuação que preenchem de maneira **correta** as lacunas da sentença abaixo são:
No que tange ao complexo de inferioridade ___ podemos encará-lo sob dois aspectos interessantes ___ é real, acostumados que estamos à submissão aos países desenvolvidos ___ é falso, indicativo apenas de uma humildade brasileira não percebida pelo autor.
a) ponto e vírgula, vírgula, ponto e vírgula.
b) ponto e vírgula, dois-pontos, vírgula.
c) vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos.
d) vírgula, dois-pontos, ponto e vírgula.
e) vírgula, vírgula, vírgula.

35. (PUC-RS) "Viagens são importantes: o mundo mudou por causa dos grandes navegadores. Descobrimos muitas coisas, em nossas aventuras, mas uma das **descobertas**, a mais **importante**, só aos poucos vai aparecendo; **com a maturidade**, constatamos que a grande aventura ainda é a aventura interior, é visitar os estranhos **lugares** que temos dentro de nós, conhecer as estranhas pessoas que somos. É possível fazer essa viagem na companhia de um psicanalista, na companhia de livros; **mas é possível** fazê-la por conta própria. Como toda aventura, esta envolve riscos e frustrações, **mas**, como toda aventura, envolve um componente glorioso. É a glória de estar vivo, a glória de sobreviver. É a grande aventura." (SCLIAR, Moacyr. *Zero Hora*, 21 mar. 2004.)

Instrução: Para responder à questão, analise as alterações propostas.
I. Substituir as vírgulas após "descobertas" e "importante" por travessões.
II. Substituir os pontos e vírgulas (antes de "com a maturidade" e "mas é possível") por dois-pontos.
III. Colocar vírgula após "lugares".
IV. Colocar um ponto seguido de letra maiúscula antes do "mas".

As propostas de alteração que mantêm a correção e o sentido são
a) a I e a II;
b) a I e a III;
c) a I e a IV;
d) a II e a III;
e) a III e a IV.

36. (UEL-PR) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.
I. Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.
Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.
II. De repente, perceberam que estavam brigando à toa.
De repente perceberam que estavam brigando à toa.
III. Os doces visivelmente deteriorados foram postos na lixeira.
Os doces, visivelmente deteriorados, foram postos na lixeira.

Com a alteração da pontuação, houve mudança de sentido somente em:
a) I.
b) II.
c) I e II.
d) I e III.
e) II e III.

37. (PUC-SP) O uso das vírgulas de intercalação está registrado adequadamente em uma das alternativas a seguir. Assinale-a.
a) E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira.

b) Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da polícia que o Papa de araque fosse preso.
c) E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis!
d) (...) e foi para o baile, exigindo da polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: "Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível".
e) Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico.

38. (Ufes) Identifique e justifique as diferentes possibilidades de interpretação nos seguintes exemplos:
Os candidatos ao vestibular, que só querem o diploma, não pensam na sociedade.
Os candidatos ao vestibular que só querem o diploma não pensam na sociedade.

39. (UFPR) Assinale a alternativa em que a oração entre colchetes deve ser necessariamente separada por vírgulas.
a) O presidente da República [que parte para mais uma viagem ao exterior na próxima semana] reuniu os ministros para definir estratégias a fim de combater a fome no Brasil.
b) Os integrantes da comissão [que se mostrarem contrários ao que foi decidido] devem ser substituídos.
c) O candidato [que não concordar com a divulgação das pesquisas de opinião] poderá entrar com processo na justiça.
d) O funcionário público [que for contratado depois da alteração da lei da aposentadoria] não terá mais salário integral quando se aposentar.
e) O eleitor [que se sentir ultrajado pelas campanhas eleitorais] poderá dar uma resposta a esses abusos nas urnas.

40. (UFG) Leia abaixo o fragmento extraído de uma revista.
"Os Estados Unidos, há muito, desejam controlar a Amazônia. Não foi por outra razão que 'ambientalistas' americanos iniciaram um movimento para declarar a Amazônia área de interesse mundial (essa questão foi a pauta não oficial da Eco-92, realizada no Rio, em julho de 1992)." (*Caros amigos*, n. 30, set. 1999. p. 31.)
De acordo com as possibilidades de emprego das aspas, explique o porquê de o autor tê-las usado em **ambientalistas**.

41. (USF-SP) Os períodos apresentam diferenças de pontuação. Indique a alternativa que corresponde ao período de pontuação **correta**.
a) A menina chorando de emoção, recebeu, o presente das mãos do padrinho.
b) A menina, chorando de emoção recebeu o presente, das mãos do padrinho.
c) A menina, chorando de emoção recebeu o presente das mãos, do padrinho.
d) A menina chorando, de emoção recebeu o presente, das mãos do padrinho.
e) A menina, chorando de emoção, recebeu o presente das mãos do padrinho.

42. (UPM-SP) Os trechos a seguir tiveram sinais de pontuação suprimidos e alterados. Aponte aquele cuja pontuação permaneceu gramaticalmente **correta**.
a) A ideia do ministro extraordinário dos esportes, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé de colocar na cadeia "os meninos" que participam de brigas entre torcidas organizadas é para ficar no jargão esportivo, uma "bola fora".
b) Parece que, o Pelé do milésimo gol, que pedia escola para "esses meninos", também era bem mais sábio do que o que hoje lhes propõe "cadeia".
c) Os otimistas olham e dizem: Ah, está meio cheio. Mas os pessimistas, veem o mesmo copo, a mesma quantidade de água e acham que está meio vazio.
d) A pesquisa, descrita na edição de hoje da revista científica britânica *Nature*, é mais um dado na busca pelos cientistas de compreender os mecanismos moleculares da embriogênese, ou seja, a formação e o desenvolvimento dos seres vivos.
e) Como os bens públicos não podem ser penhorados os precatórios entram em ordem cronológica no orçamento do governo.

43. (UFG) Pontue o texto abaixo, empregando os seguintes sinais de pontuação: vírgula, ponto e vírgula e dois-pontos.
"Há mitos Timbira que narram como os índios aprenderam a fazer determinados rituais com animais terrestres aquáticos e aéreos assim nos tempos míticos a situação seria o inverso da atual os ritos existiam no âmbito da natureza mas não no da sociedade." (MELATTI, Júlio C. *Índios do Brasil*, p. 138.)

44. (Fuvest-SP) Do texto abaixo, omitiram-se as vírgulas. Transcreva-o, colocando-as.
"Quando eu pedi três meses depois que casasse comigo Iaiá Lindinha não estranhou nem me despediu."

45. (Faap-SP) Pontue adequadamente o trecho:
"Os que vivem dependentes do dinheiro sujeitos à sua força encarcerados por ele não sabem que a mais nobre das condições humanas é justamente o desprezo do vil metal quando a gente não o tem esclareço"

46. (UPM-SP)
"– Muito bom dia, senhora,
Que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?"
(João Cabral de Melo Neto)

No primeiro verso, **senhora** vem entre vírgulas porque o termo é:
a) um aposto;
b) um sujeito deslocado;
c) um vocativo;
d) um predicativo;
e) um sujeito simples.

47. (Fesb-SP) Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação **correta.**
a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

48. (UFPR) Quais são as frases **corretamente** pontuadas?
a) Os alunos angustiados esperam o resultado dos exames.
b) Os alunos, angustiados, esperam o resultado dos exames.
c) Os alunos, esperam angustiados, o resultado dos exames.

d) Angustiados, os alunos esperam o resultado dos exames.
e) Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.
f) Os alunos esperam angustiados, o resultado dos exames.

49. (Unirio-RJ) Assinale o item em que há **erro** no tocante à pontuação.
a) – D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa nas tinas, representavam o outro lado do mundo.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

50. (Fuvest-SP) Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada.
a) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou e – quanto... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou – e quanto! – o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias – não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto – o número de ratos.
e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

51. (UEPG-PR) A opção em que está **correto** o emprego do ponto e vírgula é:
a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

52. (UFSM-RS) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta.**
a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou, imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempos da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar o homem.

53. (Unisinos-RS) Ocorre pontuação inaceitável em:
a) Doutor, ainda que mal pergunte, que negócio é esse?
b) Se queres distrair-te, ouve cantores italianos.
c) Bento era entre todos os empregados, o mais fiel.
d) Perdoo-te; espero, porém, que não reincidas no erro.
e) Não creias naqueles que não acreditam em ninguém.

54. (Cefet-PR) Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável.
a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

55. (UFRJ) Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.
Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula
b) ponto e vírgula
c) ponto de exclamação
d) aspas
e) reticência

56. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto esteja **corretamente** pontuado.
a) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
b) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
c) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
d) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
e) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina de quatro anos.

57. (Ueba) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **correta.**
a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

58. (PUCCamp-SP) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **correta.**
a) Não, não esgotemos, tudo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia – uma sexta-feira como outra qualquer – receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.

c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia – com bons modos, convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

59. (FCMSC-SP) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **correta**.
a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.
c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.
d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que, já conhecemos.
e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

60. (FCC) Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de cinco formas diferentes. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação **correta.**
a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.
b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.
c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.
d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.
e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

61. (Fuvest-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."
Os dois-pontos (:) usados acima estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?
a) temporal
b) final
c) causal
d) concessiva
e) conclusiva

62. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que está com a pontuação **correta**.
a) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?".
b) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo quando, uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?".
c) Citando, o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada costuma perguntar-lhe: "Gentes quem matou seus cachorrinhos?".
d) Citando o dito da rainha de Navarra, ocorre-me que entre o nosso povo, quando uma pessoa vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: Gentes quem matou seus cachorrinhos?
e) Citando o dito, da rainha de Navarra, ocorre-me, que, entre o nosso povo, quando uma pessoa, vê outra pessoa arrufada, costuma perguntar-lhe: "Gentes, quem matou seus cachorrinhos?".

63. (FCC) Aponte a alternativa pontuada **corretamente**.
a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.
b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.
c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.
d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.
e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

64. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que possuem a mesma função na frase.
a) "Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu."
b) "Respeitei o engenho do dr. Magalhães, juiz."
c) "E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo."
d) "Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca (...)"
e) "Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram."

65. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que contenha emprego **incorreto** da vírgula.
a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

66. (FGV-SP) "Considerando as razões apresentadas, penso, que a solicitação será deferida."
No texto acima, uma das vírgulas separa erradamente:
a) a oração principal e a oração subordinada substantiva objetiva direta.
b) o sujeito e o objeto indireto.
c) o predicativo e a oração subordinada substantiva objetiva indireta.
d) o predicativo do sujeito e o gerúndio.
e) a oração subordinada adverbial causal e a oração principal.

67. (Cesgranrio-RJ) Das seguintes redações abaixo, assinale a que não está pontuada **corretamente**.
a) Os meninos, inquietos, esperavam o resultado do pedido.
b) Inquietos, os meninos esperavam o resultado do pedido.
c) Os meninos esperavam, inquietos, o resultado do pedido.
d) Os meninos inquietos esperavam o resultado do pedido.
e) Os meninos, esperavam inquietos, o resultado do pedido.

68. (UniFMU-SP) Em "A menina, conforme as ordens recebidas, estudou":
a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.
e) n.d.a.

69. (FCC) Assinale a alternativa em que o texto está **corretamente** pontuado.
a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.

b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados a tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

70. (FCC) Assinale a alternativa em que o texto está **corretamente** pontuado.
a) Não, o homem que achei não é nada disso.
b) Não, o homem, que achei, não é nada, disso.
c) Não o homem, que achei, não é nada disso.
d) Não, o homem que, achei, não é, nada disso.
e) Não o homem, que, achei não, é nada disso.

71. (UFRS) Assinale o texto de pontuação **correta**.
a) Eu, posto que creia no bem não sou daqueles que negam o mal.
b) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam, o mal.
c) Eu, posto que creia, no bem, não sou daqueles, que negam o mal.
d) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles que negam o mal.
e) Eu, posto que creia no bem, não sou daqueles, que negam o mal.

72. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está pontuado **corretamente**.
a) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
b) Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão, quando começou o idílio psíquico.
c) Matias cônego honorário e pregador efetivo estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
d) Matias cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.
e) Matias, cônego honorário e, pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico.

73. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila."
Os dois-pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as orações pela conjunção:
a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora.

74. (FCMSC-SP) Assinale o período de pontuação **correta**.
a) Permita-me, portanto cumprimentá-lo, por tão brilhante desempenho.
b) Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por tão, brilhante desempenho.
c) Permita-me portanto, cumprimentá-lo, por tão brilhante desempenho.
d) Permita-me portanto cumprimentá-lo por, tão brilhante desempenho.
e) Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por tão brilhante desempenho.

75. (FMABC-SP) Assinale a alternativa cuja frase está **corretamente** pontuada.
a) O Sol que é uma estrela, é o centro do nosso sistema planetário.
b) Ele, modestamente se retirou.
c) Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia.
d) Confessou-lhe tudo; ciúme, ódio, inveja.
e) Estas cidades se constituem, na maior parte de imigrantes alemães.

CAPÍTULO 23

Figuras e vícios de linguagem

1. (Enem)

Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um site da internet. O nome do teste era tentador: "O que Freud diria de você". Uau. Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte: "Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento". Perfeito! Foi exatamente o que aconteceu comigo. Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise, e ele acertou na mosca.
Estava com tempo sobrando, e curiosidade e algo que não me falta, então resolvi voltar ao teste e responder tudo diferente do que havia respondido antes. Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver com minha personalidade. E fui conferir o resultado, que dizia o seguinte: "Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os 12 anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento".

(MEDEIROS, M. *Doidas e santas*. Porto Alegre, 2008 (adaptado).)

Quanto às influências que a internet pode exercer sobre os usuários, a autora expressa uma reação irônica no trecho:
a) "Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver".
b) "Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos".
c) "Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um site da internet".
d) "Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte".
e) "Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise".

2. (Unicamp-SP) A propaganda a seguir explora a expressão idiomática 'não leve gato por lebre' para construir a imagem de seu produto:

NÃO LEVE GATO POR LEBRE
SÓ BOM BRIL É BOM BRIL

a) Explique a expressão idiomática por meio de duas paráfrases.
b) Mostre como a dupla ocorrência de BOM BRIL no *slogan* 'SÓ BOM BRIL É BOM BRIL', aliada à expressão idiomática, constrói a imagem do produto anunciado.

Texto para a próxima questão:

(http://sustentabilizando.wordpress.com - em 09 de dezembro de 2009)

3. (CPS) Na fala de Calvin, expressa no terceiro quadrinho da tira, percebe-se uma crítica feita por meio da ironia. Que palavra indica essa crítica?

4. (Fuvest) Texto para a próxima questão.

[José Dias] Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. "Esta é a melhor apólice", dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos polos e de Robespierre. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*.)

Considerado o contexto, qual das expressões sublinhadas foi empregada em sentido metafórico?

a) "Teve um pequeno **legado**".
b) "Esta é a melhor **apólice**".
c) "certa **audiência**, ao menos".
d) "**ao cabo**, era amigo".
e) "**o bastante** para divertir".

Texto para a próxima questão:

Science Fiction

O marciano encontrou-me na rua
e teve medo de minha impossibilidade humana.
Como pode existir, pensou consigo, um ser
que no existir põe tamanha anulação de existência?

Afastou-se o marciano, e persegui-o.
Precisava dele como de um testemunho.
Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar constelado de problemas.
E fiquei só em mim, de mim ausente.

(Carlos Drummond de Andrade. *Nova reunião*. São Paulo: José Olympio, 1983.)

5. (Uerj) Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se **no ar constelado de problemas**. (v. 7-8)

O estranhamento provocado no verso destacado constitui um caso de:

a) pleonasmo
b) metonímia
c) hipérbole
d) metáfora

6. (CPS) **Texto 01**

Descuidar do lixo é sujeira

Diariamente, duas horas antes da chegada do caminhão da prefeitura, a gerência [de uma das filiais do McDonald's] deposita na calçada dezenas de sacos plásticos recheados de papelão, isopor, restos de sanduíches. Isso acaba propiciando um lamentável banquete de mendigos.

Dezenas deles vão ali revirar o material e acabam deixando os restos espalhados pelo calçadão.

(*Veja*. São Paulo: Abril, 23 dez. 1992.)

Texto 02

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira. In: *Seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro: J. Olympio/ MEC, 1971. p. 145.)

Analise as seguintes proposições:

I – Os dois textos possuem em comum o mesmo tema: a miséria humana.

II – O **texto 01** se distingue do **texto 02** quanto ao uso da linguagem (no primeiro texto a linguagem é referencial; no segundo, literária).

III – Em "O bicho, **meu Deus**, era um homem.", os vocábulos em destaque constituem um vocativo.

IV – **No texto 01**, o homem é respeitado como ser humano; enquanto que, no **texto 02**, o homem é comparado a um bicho.

Assinale a alternativa correta.

a) Apenas as proposições II e IV são VERDADEIRAS.
b) Apenas as proposições I e III são VERDADEIRAS.
c) Apenas as proposições I, II e III são VERDADEIRAS.
d) Apenas a proposição IV é VERDADEIRA.
e) Apenas a proposição II é VERDADEIRA.

Texto para a próxima questão:

A ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

(Vinicius de Moraes, *Antologia poética*.)

7. (Fuvest-SP) Neste poema,

a) a referência a um acontecimento histórico, ao privilegiar a objetividade, suprime o teor lírico do texto.
b) parte da força poética do texto provém da associação da imagem tradicionalmente positiva da rosa a atributos negativos, ligados à ideia de destruição.
c) o caráter politicamente engajado do texto é responsável pela sua despreocupação com a elaboração formal.
d) o paralelismo da construção sintática revela que o texto foi escrito originalmente como letra de canção popular.
e) o predomínio das metonímias sobre as metáforas responde, em boa medida, pelo caráter concreto do texto e pelo vigor de sua mensagem.

8. (Fuvest-SP)

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... – ruge o rio, como chuva deitada no chão.

Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego...

Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

(João Guimarães Rosa. O burrinho pedrês, *Sagarana*.)

Como exemplos da expressividade sonora presente neste excerto, podemos citar a onomatopeia, em "Chu-áa! Chu-áa...", e a fusão de onomatopeia com aliteração, em

a) "vestindo água".
b) "ruge o rio".
c) "poço doido".
d) "filho do fundo".
e) "fora de hora".

9. (Fuvest-SP) Observe este texto, criado para **propaganda** de embalagens:

"Ao final do processo de reciclagem, aquele lixo de lata vira lata de luxo, embalando as bebidas que todo mundo gosta, das marcas que todo mundo pode confiar".

a) Este texto, representativo das normas urbanas de prestígio, apresenta duas construções gramaticais não recomendadas pelas gramáticas normativas no que se refere à regência de verbos. Aponte essas construções.
b) Transcreva do texto um trecho em que apareça um recurso de estilo que torne a mensagem mais expressiva. Explique em que consiste esse recurso.

10. (PUC-SP)

"Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas."

No texto, o uso repetitivo da expressão **verdes mares** e os verbos **serenai** e **alisai**, indicadores de ação do agente natural, imprimem ao trecho um tom poético apoiado em duas figuras de linguagem:

a) anáfora e prosopopeia.
b) pleonasmo e metáfora.
c) antítese e inversão.
d) apóstrofe e metonímia.
e) metáfora e hipérbole.

11. (ESPM-SP) Assinale a afirmação incorreta sobre uma frase de propaganda, veiculada pela mídia, do refrigerante Coca-Cola: "Todos falamos futebol"

a) A concordância do verbo não é gramatical (com o sujeito "todos"), mas sim ideológica.
b) Ao procedimento usado dá-se o nome de silepse de pessoa.
c) O emissor da mensagem se inclui entre aqueles que falam futebol.

d) O mesmo fenômeno de silepse ocorre na frase: "Vossa Excelência deve estar equivocado", diferenciando-se apenas para a manipulação de gênero.

e) O uso da preposição "de" com o verbo falar é optativo, fazendo com que o complemento "futebol" ou "de futebol" tenham a mesma função sintática.

12. (FGV-SP) Observe os períodos abaixo destacados. A respeito deles, pergunta-se e pede-se:

– Quem ama o feio, bonito lhe parece.

– Quem ama, o feio bonito lhe parece.

a) Há diferença de sentido entre eles? Explique.

b) No segundo dos períodos abaixo, falta uma palavra, que está subentendida. Transcreva esse período, mas inclua a palavra que falta.

13. (Vunesp-SP)

Crônica (15.03.1877)

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar.

O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.

[...]

(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: *Crônicas*.)

O **quiasmo** é um procedimento estilístico que consiste na construção de frases ou de expressões segundo um princípio de retomada que pode ser representado como $\begin{matrix} A & B \\ B & A \end{matrix}$, ou seja, os elementos retomados se repetem em ordem inversa, como neste exemplar de Olavo Bilac: "Vinhas fatigada e triste, e triste e fatigado eu vinha".

a) Demonstre que o segundo período do segundo parágrafo do texto de Machado de Assis foi escrito de acordo com o princípio do **quiasmo**.

b) Explique o que quer significar o cronista com esse período aparentemente contraditório.

14. (ITA-SP) Assinale a opção em que o provérbio apresenta construção sintática semelhante a: De mau corvo, mau ovo.

a) Em boca fechada, não entra mosca.

b) Palavra não quebra osso.

c) Não confies em casa velha, nem tampouco em amigo novo.

d) Longe dos olhos, longe do coração.

e) Quem vê cara, não vê coração.

15. (UFRRJ) Leia atentamente os versos a seguir.

"Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede **meu alazão**"

Considerando que "meu alazão" é sujeito de "morreu", a opção que indica a figura construída pelo autor é

a) próclise.

b) ênclise.

c) inversão.

d) mesóclise.

e) paralelismo.

Texto para a questão 16.

1 É preciso casar João,
2 é preciso suportar Antônio,
3 é preciso odiar Melquíades,
4 é preciso substituir nós todos.
5 É preciso salvar o país,
6 é preciso crer em Deus,
7 é preciso pagar as dívidas,
8 é preciso comprar um rádio,
9 é preciso esquecer fulana.

16. (UPM-SP) O paralelismo dos versos, no contexto contribui para a expressão:

a) de uma visão idealizada das relações humanas.

b) da ideia do caráter ininterrupto das pressões sociais sobre o indivíduo.

c) da interrupção da obrigatoriedade.

d) do constante questionamento sobre a fugacidade do tempo.

e) do bem-estar produzido pela utopia como única possibilidade de realização.

17. (Enem) "Eu começaria dizendo que poesia é uma questão de linguagem. A importância do poeta é que ele torna mais viva a linguagem. Carlos Drummond de Andrade escreveu um dos mais belos versos da língua portuguesa com duas palavras comuns: cão e cheirando. Um cão cheirando o futuro." (Entrevista com Mário Carvalho. Adaptada de: *Folha de S.Paulo*, 24 maio 1988.)

O que deu ao verso de Drummond o caráter de inovador da língua foi

a) o modo raro como foi tratado o **futuro**.

b) a referência ao cão como **animal de estimação**.

c) a flexão pouco comum do verbo **cheirar** (gerúndio).

d) a aproximação não usual do agente citado e a ação de **cheirar**.

e) o emprego do artigo indefinido **um** e do artigo definido **o** na mesma frase.

18. (Fuvest-SP) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos

do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (NAVA, Pedro. *Baú de ossos*.)

O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro *Esquecer para lembrar*, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém:

a) um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.
b) uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.
c) uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.
d) uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.
e) uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

19. (Unicamp-SP) Às vezes, quando um texto é ambíguo, é o conhecimento que o leitor tem dos fatos que lhe permite fazer uma interpretação adequada do que lê. Um bom exemplo é o trecho que segue, no qual há duas ambiguidades, uma decorrente da ordem das palavras e outra, de uma elipse do sujeito: "O presidente americano (...) produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde comeu peru fantasiado de marine (*) no mesmo bandejão em que era servido aos soldados americanos." (*Veja*, 9 jan. 1991.)
* marine: fuzileiro naval americano.

a) Quais as interpretações possíveis das construções ambíguas?
b) Reescreva o trecho de modo a impedir interpretações inadequadas.
c) Que tipo de informação o leitor leva em conta para interpretar adequadamente esse trecho?

20. (Unifesp) Chama-se cacofonia ao "som desagradável, proveniente da união das sílabas finais de uma palavra com as iniciais da seguinte" (*Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*). Normalmente, a palavra produzida é de sentido ridículo e baixo. Podemos encontrar no texto passagem em que o autor poderia ter invertido a ordem dos termos, mas não o fez certamente porque geraria uma cacofonia de muito mau gosto, até mesmo veiculadora de preconceito, o que seria altamente indesejável. Assinale a alternativa que ilustra os comentários sobre essa possibilidade de expressão linguística.

a) Você já ouviu a história de Adão e Eva? = Você já ouviu a história de Eva e Adão?
b) (...) e deve se lembrar do que aconteceu com os dois. = (...) e deve lembrar-se do que aconteceu com os dois.
c) (...) o pobre coitado não resistiu. = (...) não resistiu o pobre coitado.
d) (...) pagar um preço tão alto por uma simples maçã. = (...) pagar um preço tão alto por uma maçã simples.
e) E, assim, nasceu a propaganda. = E a propaganda nasceu assim.

21. (Fuvest-SP)

"(...)
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações
(...)"

(BUARQUE, Chico; HIME, Francis. *Vai passar*.)

a) É correto afirmar que o verbo **dormia** tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.
b) Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima **distraída/subtraída**.)

22. (UFCE) Elabore uma frase em que a expressão **Dar ponto sem nó** seja empregada:

a) no sentido denotativo;
b) no sentido conotativo.

23. (FGV-SP) Considere o texto seguinte para responder à questão: "Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego." (*Você S/A*, set. 2005.)

A palavra **turbinado** está empregada, no contexto, em sentido figurado. Reescreva o trecho "Ter um currículo turbinado" substituindo a palavra em questão por termo ou expressão de sentido não figurado.

24. (ESPM-SP) O escritor Paulo Lins em seu romance *Cidade de Deus* expressa o avanço da violência no Brasil, nas últimas décadas, com a frase "Falha a fala. Fala a bala". Nas duas frases só não se pode identificar a seguinte figura de linguagem:

a) paronomásia, pelo trocadilho ou jogo de palavras com apelo sonoro.
b) aliteração, pela repetição de fonemas consonantais.
c) assonância, pela repetição da vogal a.
d) perífrase, pela substituição de violência por um dos elementos que a compõe (bala).
e) personificação, pela característica humana atribuída à bala.

25. (Uepa) Na expressão "O Brasil voa com mais conforto e tecnologia nas asas da Varig", utilizando-se da conotação para explicitar as intenções comunicativas do texto publicitário, o autor se valeu dos recursos da:

a) metonímia;
b) ironia;
c) pleonasmo;
d) sinestesia;
e) antítese.

26. (Ufac) Atente para a leitura do seguinte fragmento de texto: "Genericamente falando, o sucesso é ingrato com o ídolo. Faca afiada de dois gumes. Roda-gigante que o leva ao topo, num instante, e ao nível do chão, em outro. Aplausos, tapinhas nas costas, sorrisos e rapapés, quando tudo anda bem. Narizes torcidos, olhares enviesados, esquecimento, bagaço de laranja jogado no saco do lixo, quando a onda passa." (DANDÃO, Francisco. Domingos Barbosa (quem?). In: *A arte do chute na rede do improvável: crônicas esportivas*. São Paulo: Obra-prima, 2002. p. 65.)

O trecho de Francisco Dandão vem enriquecido de recursos estilísticos que o tornam bastante expressivo. Dentre estes recursos, dois se destacam, caracterizando a linguagem como:

a) metafórica e eufemística
b) metafórica e antitética
c) hiperbólica e eufemística
d) permeada de inversões e frases quebradas
e) hiperbólica e sinestésica

27. (UFRJ) Leia atentamente a definição a seguir.

"Aliteração é a repetição de um dado fonema num verso, estando estes fonemas seguidos ou próximos."

O verso do poema "O retirante resolve apressar os passos para chegar logo ao Recife", de João Cabral de Melo Neto, que exemplifica a definição é:

a) "Nunca esperei muita coisa"
b) "O que me fez retirar"
c) "da tal velhice que chega"
d) "e entre a Caatinga e aqui a Mata"
e) "se na serra vivi vinte"

28. (Fuvest-SP) Na frase "(...) data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal", ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

a) Meu coração / Não sei por que / Bate feliz, quando te vê.
b) Há tanta vida lá fora, / Aqui dentro, sempre, / Como uma onda no mar.
c) Brasil, meu Brasil brasileiro, / Meu mulato inzoneiro, / Vou cantar-te nos meus versos.
d) Se lembra da fogueira, / Se lembra dos balões, / Se lembra dos luares, dos sertões?
e) Meu bem querer/ É segredo, é sagrado, / Está sacramentado / Em meu coração.

29. (PUC-PR) Quanto ao sentido figurado no texto, considere as três figuras abaixo relacionadas, cada uma identificada por uma de suas características mais genéricas:

I. eufemismo: suavização de uma palavra ou expressão;
II. metonímia: a parte pelo todo;
III. personificação: atribuição de vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas.

A seguir, observe os exemplos e os relacione com as figuras de linguagem:

( ) "A bossa nova ficou mais triste."
( ) "Baden Powell deixou o mundo em saudade."
( ) "Powell tinha a arte na ponta dos dedos."

A sequência correta é:

a) III, I, II.
b) II, III, I.
c) III, II, I.
d) II, I, III.
e) I, III, II.

30. (Unicamp-SP) "(...) a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava de luto (...)". A figura de linguagem empregada pelo autor neste trecho do capítulo 23 de *Lavoura arcaica* é:

a) a metonímia;
b) a antítese;
c) a hipérbole;
d) a metáfora;
e) a prosopopeia ou a personificação.

31. (Aman-RJ) "Ele me encara, vê que não sou nenhum tubarão, rabisca uns números razoáveis, faz umas contas, conclui: 'é tanto'."

Considerando a forma com que o autor montou as orações nesse período, temos:

a) um polissíndeto;
b) uma silepse;
c) um assíndeto;
d) um pleonasmo;
e) um anacoluto.

32. (Unesp-SP) "As demissões também poderão ser revistas em parte. Só não será aceita nas negociações a reversão total de todas as demissões, como queriam os líderes grevistas. Aumento salarial também não poderá entrar em pauta, pelo menos não antes da próxima data-base em setembro."

No texto que lhe apresentamos, recortado de uma notícia publicada em jornal, o revisor "cochilou" naquilo que os gramáticos denominam "pleonasmo vicioso", ou seja, o emprego de mais de uma palavra, desnecessariamente, para expressar o mesmo sentido.

Leia-o atentamente e, a seguir:

a) explique **onde** e **como** ocorre o acidente de texto na notícia;
b) escreva uma versão nova da frase, sem a redundância.

33. (PUC-SP) O trecho de *Lavoura arcaica* "(...) os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos (...)" apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.
b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.
c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.
d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.
e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

34. (Febasp)

"Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse....
Mas você não morre,
você é duro, José!"

Considerando a repetição da expressão "se você" no início dos versos, a repetição dos sons cê (se, cê, sse) e a expressão "você é duro", estilisticamente ocorrem:

a) anáfora, aliteração, metáfora
b) pleonasmo, assonância, prosopopeia
c) anadiplose, polissíndeto, personificação
d) metáfora, silepse, anáfora

35. (UFV-MG) "Fiquei sabendo que mais da metade da população mundial somos crianças."
Ocorre, neste fragmento, um exemplo de:
a) inversão na mudança da ordem natural dos termos no enunciado.
b) omissão de um termo que já apareceu antes.
c) concordância não com o que vem expresso, mas com o que se entende, com a ideia que está implícita.
d) aproximação de termos contrários, que se opõem pelo sentido.
e) exagero na colocação da ideia com finalidade expressiva.

36. (FGV-SP) "Nisso, outro assobio passou rentoso de minha barba (...)"
Nesse período, há um exemplo de sinestesia que, no caso, consiste no acúmulo de duas sensações:
a) visual e olfativa.
b) gustativa e olfativa
c) tátil e visual.
d) olfativa e auditiva
e) auditiva e tátil

37. (Ufal) Está incorreta a classificação da figura de linguagem na frase:
a) Choravam as águas do rio a caminho do mar. (personificação)
b) Ele entregou a alma ao Criador. (eufemismo)
c) Já li esse poeta inteirinho. (metáfora)
d) Suas lágrimas inundaram o quarto (hipérbole)
e) Venho pedir-lhe a mão de sua filha. (metonímia)

38. (Fuvest-SP) Na elaboração de suas obras, os escritores usam diferentes figuras ou recursos estilísticos. Do texto a seguir, cite um exemplo de:
a) gradação;
b) antítese.

"Voltemos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas." (Machado de Assis)

39. (Unicamp-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na conhecida passagem do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*: "(...) Marcela amou-me durante onze meses e quinze contos de réis (...)". Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através da sua combinação, o efeito irônico desejado.

Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado de Assis consegue obter o efeito irônico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que escolheu.

As questões **40** e **41** referem-se à estrofe do texto *Soldados verdes*, de Cassiano Ricardo. Leia-o atentamente para respondê-las.

"O cafezal é a soldadesca verde
que salta morros na distância iluminada
um dois, um dois, de batalhão em batalhão
na sua arremetida acelerada contra o sertão"

40. (UPM-SP) "que **salta** morros na distância iluminada".
A figura de linguagem destacada no verso é:
a) onomatopeia.
b) metáfora.
c) metonímia.
d) prosopopeia.
e) eufemismo.

41. (UPM-SP) O primeiro verso do poema apresenta o emprego da:
a) metonímia.
b) catacrese.
c) metáfora.
d) comparação.
e) onomatopeia.

42. (FGV-SP) O pleonasmo é a reiteração de uma mesma ideia por meio de uma superabundância ou repetição de palavras. Quando este recurso nada acrescenta e pode resultar de uma ignorância do sentido exato da palavra, temos um **pleonasmo vicioso**. Indique, dentre as seguintes alternativas, aquela em que o termo destacado pode ser considerado um **pleonasmo vicioso**.
a) **Paisagens**, quero-as comigo!
b) A plateia gostou do **principal** protagonista.
c) Sei de uma criatura antiga e **formidável**.
d) Como são **charmosas** as primeiras rosas.
e) Os altares eram humildes e **solenes**.

43. (UFSCar-SP) Identifique a alternativa **incorreta** quanto à classificação das figuras de linguagem.
a) A metáfora está presente em: "Deixa em paz meu coração / Que ele é um pote até aqui de mágoa". (Chico Buarque)
b) Existe uma metonímia em: "Gostaria de tocar Chopin".
c) A antítese está presente em: "Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?".
d) Temos a figura da hipérbole em: "Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo". (Fernando Pessoa)
e) Temos uma prosopopeia em: "O livro é um mudo que fala, um surdo que ouve, um cego que guia".

44. (PUC-PR) Marque a opção em que há uma metáfora.
a) "Minha vida é uma colcha de retalhos, todos da mesma cor." (Mário Quintana)
b) Trata-se de uma pessoa que sempre falta com a verdade.
c) Cada qual procurava cuidar de si mesmo.
d) Caminhar para a morte, pensando em vencer na vida.
e) "Olhe, meu filho, os homens são como formigas." (Érico Veríssimo)

45. (FOC-SP) Observe a oração: "O tique-taque do relógio nos perturbava". Qual é a figura de linguagem da expressão destacada?

46. (UPM-SP) Qual dos períodos abaixo apresenta um desvio das normas propostas pela gramática, conhecido no domínio da linguagem figurada como catacrese?
a) Os olhos piscavam mil vezes por minuto diante do horrível espetáculo.

b) Eu parece-me que vivo em função de um áspero orgulho.
c) Com o espinho enterrado no pé, levantou-se rápida à procura do pai.
d) Suas faces avermelhadas traduziam-se em chamas encolerizadas por causa dos males indignados.
e) A perversidade secreta daquelas montanhas selvagens assustava as calmas águas do riacho.

47. (UniFMU-SP) Observe as letras destacadas nos versos:

"O **v**ento **v**oa
a noi**t**e **t**oda se a**t**ordoa"

Nas consoantes que se repetem, você vê:
a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

48. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período a seguir.

"Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta."

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

49. (Fatec-SP)

"Vozes veladas, veludosas vozes.
Volúpias dos violões, vozes veladas.
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."

Indique o recurso literário evidente no trecho de *Violões que choram*, poema de Cruz e Souza.

50. (UPM-SP)

"A luz dos intervalos
de matar o tempo
de anunciar a eternidade
de estourar o momento dos cardíacos
de expulsar os loucos
de aproximar os rejeitados
de providenciar novas experiências
de costurar encontros."

Nos versos acima, há um recurso estilístico reconhecido, no domínio das figuras, como:
a) assíndeto.
b) hipérbato.
c) polissíndeto.
d) anáfora.
e) anacoluto.

51. (UPM-SP) "Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos."

Na segunda oração do período anterior, ocorreu a omissão do verbo **possuir**, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:
a) zeugma.
b) assíndeto.
c) elipse.
d) hipérbato.
e) pleonasmo.

52. (UniFMU-SP) Na expressão "(...) a natureza parece estar chorando (...)", do ponto de vista estilístico, temos:
a) antítese.
b) polissíndeto.
c) ironia.
d) personificação.
e) eufemismo.

53. (Fuvest-SP) Identifique a figura empregada no verso em destaque.

"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria e diga:
– Alô, iniludível!"

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

54. (PUC-SP) Qual figura de linguagem existe em "(...) vento ou ventania varrendo (...)"?
a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

55. (UniFMU-SP) "Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Porque, não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras."

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:
a) ironia.
b) eufemismo.
c) paradoxo.
d) prosopopeia.
e) metonímia.

56. (UniFMU-SP) O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão "mulheres magras, morenas", denomina-se:
a) eco.
b) colisão.
c) hiato.
d) cacófato.
e) aliteração.

57. (UPM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

58. (UPM-SP) Assinale a figura da frase seguinte: "Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro".
a) metáfora
b) silepse de pessoa
c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

59. (UPM-SP) "Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição."

No segmento transcrito acima, aparece uma figura de construção, reconhecida como:
a) pleonasmo.
b) polissíndeto.
c) assíndeto.
d) anacoluto.
e) aliteração.

60. (FOC-SP) Anacoluto:
a) é o emprego repetido de conjunções coordenativas, especialmente aditivas.
b) é a omissão de um termo facilmente subentendido.
c) é a quebra da estruturação lógica da oração.
d) é a repetição de termo já mencionado ou de ideia já expressa.

61. (Unesp-SP) Emprega-se o termo **solecismo** para indicar o uso errado da concordância, regência ou colocação. Aponte a única alternativa em que **não** ocorre tal erro.
a) Faz cinco anos completos que não visito o Rio.
b) Devem haver explicações satisfatórias para este fato.
c) Haviam vários objetos espalhados sobre a mesa.
d) Se lhe amas, deves declarar-te depressa.
e) Fazem já vinte minutos que começaste a prova.

62. (UniFMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos" (Machado de Assis), há:
a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

63. (Cesgranrio-RJ) Na frase "O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se", ocorre processo de gradação. Não há gradação em:
a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro, ouviu um disco e saiu.

64. (UFMA) "Os professores da universidade vimos desejar-lhes boa sorte." Esta oração é um exemplo de silepse de:
a) gênero.
b) número.
c) gênero e número.
d) pessoa.

65. (Unitau-SP) No sintagma "Uma palavra branca e fria", encontramos a figura denominada:
a) sinestesia.
b) eufemismo.
c) onomatopeia.
d) antonomásia.

66. (UFU-MG) Qual o vício de linguagem que se observa na frase "Eu vi ele não faz muito tempo"?
a) solecismo
b) cacófato
c) arcaísmo
d) barbarismo
e) colisão

67. (UPM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela."

No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:
a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

68. (Unimep-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.
a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parecem ignorar a verdade.
e) Os homens parece ignorarem a verdade.

69. (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:
a) antítese
b) pleonasmo
c) elipse
d) hipérbole

CAPÍTULO 24

Emprego de algumas palavras e expressões

(PUC-PR) Texto para as questões **1** e **2**.

Leia o texto a seguir.

S.O.S. PORTUGUÊS

Qual a diferença entre "acerca de", "a cerca de" e "há cerca de"?
J. A. B., Recife, PE.

inicialmente, deve-se lembrar que existe a expressão "cerca de", que pode vir precedida da preposição "a" ("a cerca de"). O sentido de ambas é "aproximadamente" ou "mais ou menos", como se pode observar nas frases "cerca de 70 mil veículos deixaram a capital no feriado prolongado" ou "estávamos a cerca de 2 quilômetros da cidade". Na expressão "há cerca de", temos a referida expressão "cerca de" precedida do verbo haver, o que indica tempo transcorrido e equivale a "faz". Portanto, deve-se empregá-la quando o sentido for algo como "faz aproximadamente", como se nota nas frases "Há cerca de um mês uma reunião decidiu a escolha do candidato" e "definimos o cronograma de reuniões há cerca de um mês". Já a expressão "acerca de" é uma locução prepositiva, ou seja, um conjunto de palavras que funciona como preposição, relacionando dois termos em uma oração. Essa expressão é empregada com o sentido de "a respeito de", "relativamente a", "quanto a", "sobre", como se pode observar nas frases "discutimos acerca de uma boa saída para o caso" e "conversamos acerca da herança". Portanto, para o correto emprego dessas expressões, é preciso estar atento ao sentido delas no texto.

Consultoria ERNANI TERRA, autor de livros didáticos e paradidáticos e doutorando em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

[Fonte: *Nova Escola*, n.º 234, agosto de 2010.]

1. A seção S.O.S. PORTUGUÊS, como o próprio título designa, tem o objetivo de esclarecer dúvidas pontuais dos leitores da revista em que é veiculada.

   Assinale a alternativa que NÃO apresenta uma declaração adequada em relação ao gênero do texto e suas informações.

   a) O texto acima se estrutura no formato pergunta-resposta, muito comum nesse tipo de seção. O leitor da revista faz o questionamento, e o consultor Ernani Terra soluciona a dúvida.
   b) Por se tratar de uma revista da área educativa, é pertinente a existência de uma seção como a S.O.S. PORTUGUÊS em sua composição.
   c) Para empregarmos adequadamente as expressões em análise na seção, é fundamental conhecer o significado de cada uma, o que fica claro na explicação do consultor.
   d) O consultor que responde à pergunta é doutorando em Língua Portuguesa e autor de obras na área. Essa informação é irrelevante para dar respaldo e confiabilidade à resposta apresentada na seção.
   e) Como as expressões "acerca de", "a cerca de" e "há cerca de" são homófonas (apresentam a pronúncia equivalente), o falante não sente dúvidas no seu emprego oral. Para os textos escritos, no entanto, a explicação sobre a diferença de sentido das expressões e as respectivas grafias é fundamental.

2. Após a leitura e interpretação do texto da seção S.O.S. PORTUGUÊS sobre o emprego das expressões "acerca de", "a cerca de" e "há cerca de", analise as sentenças a seguir e assinale a alternativa que exemplifica o emprego ADEQUADO.

   a) A cerca do desenvolvimento sustentável palestrou a candidata ao governo federal.
   b) Ontem o turista mencionou que esteve no Brasil há cerca de nove anos.
   c) O novo museu fica acerca de 300 metros daqui.
   d) O engenheiro está formado a cerca de cinco anos.
   e) O professor falou a cerca das novas metodologias de ensino.

3. (PUC-PR) Leia as frases e assinale a alternativa que contém erro de grafia.

   a) Por que a matriz energética brasileira é a mais renovável do mundo?
   b) A ANEEL possui uma equipe de assessores competentes.
   c) Os processos de Audiências e Consultas Públicas, ao longo de sua condução, contam com a realização de seções públicas.
   d) O Brasil utiliza 45% de fontes renováveis em suas matrizes.
   e) Conforme previsão do Plano Nacional, o Brasil chegará a 47% de fontes renováveis em suas matrizes.

4. (Fuvest-SP) A frase em que todos os vocábulos grifados estão corretamente empregados é:

   a) Descobriu-se, **há** instantes, a verdadeira razão **por que** a criança se recusava à frequentar a escola.
   b) Não se sabe, de fato, **porquê** o engenheiro preferiu destruir o pátio **a** adaptá-lo **às** novas normas.
   c) Disse-nos, já **a** várias semanas, que explicaria o **porque** da decisão tomada **às** pressas naquela reunião.
   d) Chegava tarde, **porque** precisava percorrer **a** pé uma distância de dois **à** três quilômetros.
   e) Não prestou contas **à** associação de moradores, não compareceu **à** audiência e até hoje não disse **por quê**.

5. (UEPG-PR) Assinale as alternativas em que os vocábulos destacados estão empregados em sua forma correta.

   01) Os pescadores africanos chegaram ao Brasil **há** 3 dias.
   02) Do Brasil **a** África é realmente uma distância considerável.
   04) A ilha fica **a** vinte quilômetros da costa.
   08) Os pescadores não conseguiram retornar **à** África.
   16) **Há**, certamente, muita verdade nas palavras da arqueóloga.

6. (Fuvest-SP) A televisão tem de ser vista ... um prisma crítico, principalmente as telenovelas, ... audiência é significativa. Temos de procurar saber ... elas prendem tanto os telespectadores.

   Preenchem de modo correto as lacunas acima, respectivamente,

   a) a nível de – as quais a – por que
   b) sobre – que – porquê
   c) sob – cuja – por que
   d) em nível de – cuja a – porque
   e) sob – cuja a – porque

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as formas **mal** ou **mau** estão utilizadas de acordo com a norma culta.

   a) Mau-agradecidas, as juízas se postaram diante do procurador, a exigir recompensas.
   b) Seu mal humor ultrapassava os limites do suportável.
   c) Mal chegou a dizer isso, e tomou um sopapo que o lançou longe.

d) As respostas estavam mau dispostas sobre a mesa, de forma que ninguém sabia a sequência correta.
e) Então, mau ajeitada, desceu triste para o salão, sem perceber que alguém a observava.

8. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

" _____ anos que não _____ via, parecia que jamais falariam de novo. No entanto, quando _____ mágoa passa, fica aquela vontade de desdizer as ofensas, de reelaborar os pensamentos, de pedir perdão... _____ vezes, não é bom voltar _____ que já se fez, é melhor tocar a vida adiante e pensar que dali _____ algum tempo nada mais fará sentido."

a) Há, a, a, Às, aquilo, à
b) A, a, à, As, àquilo, a
c) Há, a, a, Às, àquilo, à
d) Há, a, a, Às, àquilo, a
e) A, há, à, As, aquilo, à

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente o espaço da frase: Descubra _____ os bons sofrem.

a) porquê
b) o porquê
c) por quê
d) porque
e) por que

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche, de acordo com a norma culta, os espaços da frase: _____ 23 anos _____ o golpe fatal no socialismo de Mitterrand.

a) A – aconteceu
b) Ha – aconteceu
c) À – acontecia
d) Há – acontecia
e) A – acontecia

11. (UFSC) Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que não apresentam desvio gramatical.

01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.
16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.
32. Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

12. (UEL-PR) No jornal de um supermercado aparece um cliente pronunciando-se a respeito da loja: "Compro no supermercado X a 28 anos, pois sou bem tratado pelos funcionários e lá encontro toda a mercadoria que preciso".

Observe como o depoimento do cliente foi reescrito:

I. Compro no supermercado X há 28 anos, pois lá sou bem tratado pelos funcionários e encontro toda a mercadoria de que preciso.
II. Compro no supermercado X à 28 anos, pois sou bem tratado pelos funcionários, onde encontro toda a mercadoria que preciso.
III. Compro no supermercado X há 28 anos, pois sou bem tratado pelos funcionários e lá encontro toda mercadoria cuja qual preciso.

Segue(m) as normas da língua padrão:

a) Apenas a versão I.
b) Apenas as versões I e III.
c) Apenas a versão III.
d) Apenas as versões I e II.
e) Apenas as versões II e III.

13. (PUC-PR-adaptado) Nas frases a seguir, coloque:

(1) onde
(2) aonde

( ) _____ pretende você chegar?
( ) Você sabe _____ fica a Rua das Flores?
( ) _____ será que se esconderam os meninos?
( ) Veja bem _____ eles se dirigem.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta:

a) 1, 2, 1, 2
b) 2, 1, 2, 1
c) 1, 2, 2, 1
d) 2, 1, 1, 2
e) 1, 1, 1, 2

14. (UAM-SP) Observe atentamente as frases abaixo:

I. "Aonde você mora / Aonde você foi morar?" (Cidade Negra)
II. "Moro aonde não mora ninguém." (Agepê)
III. Da onde eu vim, a vida era de uma monotonia ímpar. Não havia televisão.
IV. Aonde eu for não importa, desde que seja onde estiveres.

Assinale a alternativa em que o emprego de **onde**, **aonde** ou **donde** esteja de acordo com a variante culta da linguagem:

a) Somente a I é correta.
b) A I e a IV são corretas.
c) Somente a IV é correta.
d) A II e a III são corretas.
e) Somente a III é correta.

15. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia.

a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimateia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?
d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com frequência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Cerebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

16. (PUC-RS) No período abaixo, existem partes destacadas que podem conter erro ou não. Assinale a alternativa que corresponde à parte destacada que você considera errada.

Outras lembranças me **vêm** à mente ao pensar em "Big Brother Brasil". A mais óbvia é *1984*, o clássico que trata de uma sociedade autoritária, **onde** reina o pensamento único e todos são vigiados pelo Grande Irmão. George Orwell deve estar se revirando no túmulo ao perceber que **a** personagem de sua obra virou sinônimo de **entretenimento** de gosto duvidoso.

a) vêm
b) onde
c) a
d) entretenimento
e) nenhuma das alternativas

17. (Fuvest-SP) Selecione a forma adequada ao preenchimento das lacunas: "O ... aluno foi ... na prova de Inglês, ... não sabe; se você o ..., é bom avisá-lo".

a) mau – mal – mas – vir
b) mal – mau – mas – ver
c) mal – mal – mais – ver
d) mau – mau – mais – vir
e) mau – mal – mais – vir

18. (PUC-PR) Observe as frases:

1. O mar ficava _____ apenas alguns quilômetros de lá. (a)
2. Chegou de viagem _____ cerca de duas semanas. (há)
3. Parou _____ uns 10 metros longe de mim. (a)
4. Não nos vemos _____ alguns anos. (há)
5. Você sabe daqui _____ quanto tempo o ônibus vai partir? (a)

Com os elementos colocados entre parênteses, ficam corretamente preenchidos os espaços:

a) somente das frases 1, 2 e 4;
b) somente das frases 3 e 5;
c) somente das frases 2 e 4;
d) somente das frases 1, 3 e 5;
e) de todas as frases.

19. (Unicamp-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças em relação ao português culto. Identifique na fala desse interlocutor as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e grau de escolaridade).

Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?

Interlocutor 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar alguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

20. (Unicamp-SP) O jornal *Folha de S.Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista com o professor Paulo Freire: 'A gente cheguemos' não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo".

Os trechos da entrevista nos quais a *Folha* se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

"– A criança terá uma escola na qual a sua linguagem será respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua."

"– Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que a linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: 'Mas para tua própria vida tu precisas dizer 'a gente chegou' [em vez de 'a gente cheguemos']'. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade."

Responda de forma sucinta:

a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire com relação à correção dos erros gramaticais na escola?
b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique sua resposta.

21. (Unicamp-SP) As declarações que se seguem são atribuídas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel social.

"Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo sequestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antonio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de 'pessoas influentes e importantes'. 'Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos'."
(Diário do Povo)

22. (Unicamp-SP) Compare os dois trechos a seguir e indique aquele que lhe parece mais adequado ao grau de formalidade exigido por um editorial jornalístico. Justifique sua escolha, comentando o uso, no trecho rejeitado, de recursos vocabulares e gramaticais.

"Um dos mais recentes pontos da falta de sintonia ocorreu quando o presidente, em rede de TV e rádio, falou à Nação, ainda recentemente, procurando comover os 'brasileiros' e 'brasileiras' de que desejava administrar e também que precisava de cinco anos de mandato e apoio político decisivo. Terminada a fala presidencial, os mesmos órgãos de comunicação divulgaram o aumento do preço do combustível, contrastando, pela infelicidade do momento da divulgação, com o objetivo de Sarney."

"Promulgado tal como está, o projeto da Comissão de Sistematização (...) determinaria a inviabilidade econômica do país, o retrocesso tecnológico, a vitória de um sindicalismo arcaico e corporativista; traria avanços no campo da liberdade de expressão, dos direitos individuais e da organização da família; e submeteria o sistema democrático aos equívocos, iniquidades e dúvidas de uma arriscada experimentação parlamentarista."

23. (Faap-SP) "Os homens não amam aquilo que cuidam que amam. Por quê?" (escrito separadamente). Assinale a alternativa em que a lacuna deva ser preenchida pelo **por que** (escrito separado).
a) A fumaça eleva-se ... é mais leve que o ar.
b) Foi condenado ... era culpado.
c) Deus existe ... não há criatura sem Criador.
d) Este livro contém as ideias ...sou conduzido.
e) O Palácio foi reformado ... o teto oferecia perigo.

24. (Unicamp-SP) No texto abaixo, há um trecho que, se tomado literalmente (ao pé da letra), leva a uma interpretação absurda.
"A oncocercose é uma doença típica de comunidades primitivas. Não foi desenvolvido ainda nenhum medicamento ou tratamento que possibilite o restabelecimento da visão. Após ser picado pelo mosquito, o parasita (agente da doença) cai na circulação sanguínea e passa a provocar irritações oculares até a perda total da visão." (*Folha de S.Paulo*, 2 nov. 1990.)
a) Transcreva o trecho problemático.
b) Diga qual interpretação absurda que se pode extrair desse trecho.
c) Qual a interpretação pretendida pelo autor?
d) Reescreva o trecho de forma a deixar explícita tal interpretação.

25. (PUCCamp-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.
I. Afinal, chegou o presente ... tanto esperávamos.
II. ... você vai com tanta pressa?
III. ... de dois meses, mudamos para este bairro.
a) por que, aonde, há cerca
b) porque, onde, acerca
c) por que, onde, a cerca
d) porque, onde, há cerca
e) porque, aonde, a cerca

26. (CPS) Torne o texto a seguir mais enxuto, mais conciso: elimine palavras desnecessárias.
"A árvore, oca por dentro, era muito elevada, tinha vinte metros de altura total, do chão ao topo: estava, por esta razão, prestes a cair, daí a instantes, para baixo."

27. (UGF-RJ) "Lembrei, agora, sabe lá Deus **por quê**."
Apenas uma das opções seguintes será preenchida com **por quê**, idêntico em ortografia e de mesma classe gramatical que a expressão destacada no exemplo acima. Assinale-a.
a) Ele abandonou a Faculdade ...?
b) O motivo ... ele abandonou o curso de Letras é evidente.
c) Foi este o ... de ele ter desistido da faculdade de Letras.
d) Ele não acabou o curso ... não quis.
e) ... ele alegou motivos pessoais, abandonou a faculdade de Letras.

28. (Efoa-MG) Escolha a alternativa que preenche **corretamente** os espaços abaixo.
"... você não resolveu todas as questões da prova? Creio que é ... você não sabe o ... das regras. Talvez seja essa a causa ... você não conseguiu mais sucesso."
a) porque, porque, por quê, porque
b) por que, por que, porquê, por que
c) por que, porque, porquê, por que
d) porque, por quê, por que, porque
e) por que, por que, porque, por que

29. (FCL-SP) Assinale a alternativa **correta.**
a) A dias que não o encontro, porém, daqui a uma semana, encontrá-lo-ei.
b) Há dias que não o encontro, porém, daqui a uma semana, encontrá-lo-ei.
c) Há dias que não lhe encontro, porém, daqui a uma semana, encontrá-lo-ei.
d) A dias que não o encontro, porém, daqui a uma semana, o encontrarei.

30. (UFV-MG) Assinale a única alternativa em que a expressão **porque** deve vir separada.
a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

31. (Unip-SP) Aponte a alternativa que preenche **adequadamente** os pontilhados da frase.
"Nenhum de nós ... dizer ... o ... cidadão portou-se tão ... ."
a) soube, porque, eminente, mau
b) soube, porque, iminente, mau
c) soube, por que, eminente, mal
d) soubemos, por que, iminente, mal
e) soubemos, porquê, iminente, mau

32. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa em que a oração está **incorreta**.
a) Eu não sei por que!
b) As agonias, por que passei, não as revelo.
c) Ela fala tanto porque pretende convencer-nos.
d) Não sei e acho que não saberei, jamais, o porquê.
e) Você não me quer mais. Por quê?

33. (Fuvest-SP) O progresso chegou inesperadamente ... subúrbio. Daqui ... poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.
a) aquela – a – a
b) àquele – à – há
c) àquele – à – à
d) àquele – a – há
e) aquele – à – há

34. (Fuvest-SP) Assinale a frase gramaticalmente **correta.**
a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

Índice analítico

A

a (indicando tempo), 345
a fim de, 344
a gente, 139
a maior parte de, 263
a maioria de, 263
a par, 344
abecedário (v. alfabeto)
abreviação, 65
acento
  agudo, 27
  circunflexo, 27
  diferencial, 46
  gráfico, 16
  grave, 27, 45
  prosódico, 43
  tônico, 16
acentuação
  de formas verbais, 45
  de marcas registradas, 46
  de palavras com elementos ligados por hífen, 46
  gráfica, 43
acerca de, 344
adjetivo, 96
  classificação, 96
    biformes, 102
    pátrios, 96
      pátrios compostos, 99
    uniformes, 102
  empregado como advérbio, 107, 281
  flexão, 102
  grau, 103
    comparativo, 104
    superlativo, 104
      absoluto, 104
      relativo, 104
adjunto adnominal, 226
  diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal, 226
adjunto adverbial, 228
  classificação, 228
advérbio, 181
  classificação, 182
    interrogativos, 183
  de enquadramento nocional, 184
  de enunciação, 182
  grau, 183
    comparativo, 183
      de igualdade, 183
      de inferioridade, 183
      de superioridade, 183
    superlativo, 183
      analítico, 183
      sintético, 183
afim, 344
agente da passiva, 221
agradar (regência), 289
agradecer (regência), 286
agradecido (concordância), 279
alfabeto, 26
alguma coisa
  boa, 281
  de bom, 281
  de novo, 281
  nova, 281
alguns de nós, 266
aliteração, 331
alofone, 20, 21
alomorfe, 51
alteração de um verbo seguido de pronome oblíquo, 168
ambiguidade, 338
anacoluto, 333
anáfora, 334
análise
  mórfica, 51
  sintática, 198
anástrofe (v. inversão)
anexo (concordância), 279
anfibologia (v. ambiguidade)
anticlímax, 335
antítese, 334
antonomásia, 337
ao encontro / de encontro, 345
ao invés de, 345
ao par, 344
aonde (emprego), 346
apenso (v. anexo)
apócope, 21
aposto, 229
  enumerativo, 229
  especificativo, 229
  explicativo, 229
  recapitulativo, 229
  resumitivo, 229
apóstrofe, 335
apóstrofo (emprego), 27
arcaísmo, 53, 339
artigo
  classificação, 90
    com nomes de pessoas, 93
    com valor de superlativo, 93
    definido, 90
    indefinido, 90
  emprego, 91
  propriedades, 91
aspas (emprego), 325
aspecto verbal
  durativo ou cursivo, 144
  incoativo, 144
  iterativo ou frequentativo, 144
  terminativo ou cessativo, 144
aspirar (regência), 289
assindeto, 332
assistir (regência), 290
assonância, 331
atender (regência), 291
aumentativo, 83
avisar (regência), 293

B

barato (concordância), 280
barbarismo, 337
bastante (concordância), 280
bater (indicando horas), 270

C

cacoépia, 17
cacófato, 338
caro (concordância), 280
catacrese, 337
cedilha (emprego), 27
cerca de, 266, 344
certificar (regência), 293
cessão (emprego), 345
chamar (regência), 291
chegar (regência), 297
cientificar (regência), 293
clichê, 336
clímax (v. gradação)
colocação pronominal, 137
combinação, 186
comparação, 336
complemento
  nominal, 221
  verbal, 217
composição, 62
  por aglutinação, 62
  por justaposição, 62
compostos eruditos, 62
concordância
  de nomes que só se usam no plural, 264
  dos particípios, 282
  entre verbo e sujeito, 202
  gramatical, 282
  ideológica (silepse), 282
  nominal, 262
  porcentagem, 267
  verbal, 262
conectivo, 187
conjugação verbal, 160
conjunção, 187
  coordenativa, 188
    aditiva, 188
    adversativa, 188
    alternativa, 188
    conclusiva, 188
    explicativa, 188
  subordinativa, 188

causal, 188
comparativa, 188
concessiva, 188
condicional, 188
conformativa, 188
consecutiva, 188
final, 188
integrante, 188
proporcional, 188
temporal, 188
consoante, 13
de ligação, 53
contração, 187
crase, 304
com os pronomes demonstrativos *aquele(s)*, *aquela(s)* e *aquilo*, 309
da preposição *a* com o artigo *a* ou *as*, 305
depois da preposição *até*, 307
diante das palavras *casa* e *terra*, 308
diante de nomes de lugar, 308
diante de pronomes relativos, 309
em locuções formadas por palavras femininas, 306
em palavras repetidas, 306
não ocorre crase, 306
quando é facultativa, 307
custar (regência), 287

D

dar (indicando horas), 270
de mais, 345
decalque, 67
demais, 345
derivação
imprópria, 64
parassintética, 63
prefixal, 63
regressiva, 64
sufixal, 63
desinência, 51, 145
desobedecer (regência), 287
dever (seguido de infinitivo), 271
diérese, 19
dígrafo, 11
consonantal, 11
vocálico, 11
digrama (v. dígrafo)
diminutivo, 83
disfemismo, 335
dissílabas, 15
divisão silábica, 19
dois-pontos (emprego), 325

E

é
bastante, 272
bom, 279
necessário, 279
muito, 272
pouco, 272
proibido, 279
suficiente, 272
eco, 339
elementos mórficos, 50
afixo, 53
prefixo, 53
sufixo, 53, 60
consoante de ligação, 53
desinência, 51
radical, 51
tema, 53
vogal
de ligação, 53
temática, 52
elipse, 332
em vez de, 345
emprego
dos modos verbais, 150
imperativo, 151
formação do imperativo, 151
indicativo, 150
subjuntivo, 151
dos tempos verbais, 154
ênclise, 137
encontros
consonantais, 19
vocálicos, 18
ditongo, 18, 44
hiato, 18, 44
tritongo, 18
epêntese, 21
esquecer (regência), 292
eufemismo, 334
expressão
de realce *é que*, 272
partitiva, 263

F

fazer (concordância do verbo impessoal), 270
fonema, 10
classificação, 12
consoante, 13
semivogal, 13
vogal, 12
fonologia, 10
fôrma, 47
formas
arrizotônicas, 146
nominais (verbo), 150
rizotônicas, 146
variantes, 33
frase, 198
declarativa, 199
exclamativa, 199
imperativa, 199
interrogativa, 199
nominal, 198
optativa, 199

G

gerúndio, 150
gradação, 335
gráfico (v. acento)
grande parte de, 263
grato (concordância), 279

H

há (emprego), 345
há cerca de, 344
haja vista (concordância), 268
haver (concordância do verbo impessoal), 270
hibridismo, 66
hífen (emprego), 27
com prefixos e sufixos, 37
nos compostos, 36
hipérbato (v. inversão)
hipérbole, 335
homófonas, 34
homógrafas, 34
homônimos, 34

I

implicar (regência), 292
incluso (v. anexo)
índice de indeterminação do sujeito, 316
infinitivo, 150
emprego, 153
informar (regência), 292
interjeição, 191
inversão, 333
ir (regência), 297
ironia, 334

L

lembrar (regência), 292
leso (concordância), 279
letras, 10
léxico, 53
lítotes, 335
locução
adjetiva, 100
adverbial, 182
conjuntiva, 187
interjetiva, 191
prepositiva, 185
pronominal, 135
verbal, 144
longe (concordância), 280

M

mais (emprego), 345
de..., 265
de dois, 265
de um, 265
mais bem, 183
mais mal, 183
mal / mau (emprego), 346
mas (emprego), 345
mas também, 270
meio (concordância), 280
menos (concordância), 280
mesmo (concordância), 279
mesóclise, 138
metade de, 263
metafonia, 79
metáfora, 335
metonímia, 336
mil reais, 117
monossílabas, 15
morador na, 297
morfemas (v. elementos mórficos)

morfologia, 50
morfossintaxe, 84
da conjunção, 189
da interjeição, 191
da preposição, 187
das palavras *que* e *se*, 314, 315, 316
do adjetivo, 106
do adjunto adnominal, 227
do adjunto adverbial, 229
do advérbio, 184
do agente da passiva, 221
do aposto, 230
do artigo, 93
do complemento nominal, 222
do numeral, 116
do predicativo do objeto, 212
do predicativo do sujeito, 211
do pronome demonstrativo, 130
do pronome indefinido, 136
do pronome interrogativo, 136
do pronome pessoal, 123
do pronome possessivo, 128
do pronome relativo, 134
do substantivo, 85
do sujeito, 202
do verbo, 175
do vocativo, 231
dos objetos, 220
muito (concordância), 280

N

nada, 269
namorar (regência), 287
não só..., 270
nem
... nem, 270
um, 346
nenhum, 346
neologismo, 53, 338
ninguém, 269
notações léxicas, 10, 27
notificar (regência), 293
numeral, 112
classificação, 112
adjetivos, 113
cardinais, 112
fracionários, 112, 267
multiplicativos, 112
ordinais, 112
substantivos, 112
coletivos numerais, 115
emprego, 115
flexão, 114

O

obedecer (regência), 287
objeto
constituído por um pronome oblíquo, 218
direto, 217
interno (ou cognato), 219
preposicionado, 219
indireto, 218
pleonástico, 220
obrigado (concordância), 279
onde (emprego), 346
onomatopeia, 64, 332
operadores argumentativos, 189
oração, 200
absoluta, 200, 235
coordenada, 236
assindética, 237
sindética, 237
aditiva, 237
adversativa, 237
alternativa, 237
conclusiva, 237
explicativa, 237
desenvolvida, 257
intercalada, 238
interferente, 238
principal, 243
subordinada, 243
adjetiva, 247
explicativa, 248
restritiva, 248
adverbial, 252
causal, 252
comparativa, 253
concessiva, 253
condicional, 253
conformativa, 254
consecutiva, 253
final, 254
proporcional, 254
temporal, 254
reduzida, 257
substantiva, 243
apositiva, 245
completiva nominal, 244
objetiva
direta, 244
indireta, 244
predicativa, 244
subjetiva, 244
ordem
direta, 201, 320
indireta, 201, 320
inversa (v. ordem indireta)
ortoépia, 17
ortografia, 26
oxímoro, 334

P

pagar (regência), 293
palavra-frase, 191
palavra-valise, 66
palavras
cognatas, 51
compostas, 62
denotativas, 184
derivadas, 62
primitivas, 62
simples, 62
paradoxo, 334
parecer (seguido de infinitivo), 270
parênteses (emprego), 326
parônimos, 33
paronomásia, 331
parte integrante do verbo, 316
particípio, 150
partícula
apassivadora, 316
de realce (v. partícula expletiva)
expletiva, 314, 315
pedir (regência), 287
perdoar (regência), 293
perífrase (v. antonomásia)
período, 200, 235
composto, 235
por coordenação, 235
por coordenação e subordinação (misto), 236
por subordinação, 236
simples, 235
personificação (v. prosopopeia)
perto de, 266
pleonasmo, 333, 339
plural
de modéstia, 123
dos adjetivos
compostos, 103
simples, 102
dos diminutivos terminados em *-zinho* e *-zito*, 81
dos substantivos
compostos, 82
simples, 80
majestático, 123
poder (seguido de infinitivo), 271
polissílabas, 15
polissíndeto, 332
ponto (emprego), 319
de exclamação (emprego), 320
de interrogação (emprego), 319
ponto e vírgula (emprego), 324
por que / por quê / porque / porquê (emprego), 346
possível (concordância), 281
pouco (concordância), 280
poucos de nós, 266
predicação verbal, 209
predicado, 201, 209
tipos, 212
nominal, 212
verbal, 212
verbo-nominal, 212
predicativo
do objeto, 210, 211
do sujeito, 210, 211
preposição, 185
classificação, 186
acidentais, 186
essenciais, 186
preferir (regência), 288
prefixação (v. derivação prefixal)
prevenir (regência), 293
proceder (regência), 293
próclise, 137
pronome, 120
adjetivo, 120
apassivador, 316
classificação
demonstrativo, 128
emprego, 129
indefinido, 134
emprego, 135
interrogativo, 136
pessoal, 121
emprego, 122
reto, 121
oblíquo, 121

possessivo, 126
concordância, 127
emprego, 128
relativo, 132
emprego, 133
funções sintáticas, 248
de tratamento, 121, 264, 282
fossilizado, 316
recíproco, 316
reflexivo, 122
substantivo, 120
uniformidade de tratamento, 123
próprio (concordância), 279
prosódia, 17
prosopopeia, 335
pseudo (elemento de composição), 280
pseudoprefixos, 68
puxou ao pai, 297

Q

quanto possível, 281
querer (regência), 294
quiasmo, 334
quite (concordância), 279

R

radical, 51, 144
raiz, 51
regência, 286
nominal, 185, 286
verbal, 185, 286
regente, 185, 286
regido, 185, 286
residente na, 297
responder (regência), 288
reticências (emprego), 326

S

se não / senão (emprego), 347
seção / sessão (emprego), 345
semivogal, 13
ser (verbo), 271
siglas, 65
sílaba, 15
pós-tônica, 16
pré-tônica, 16
subtônica, 16
tônica, 16
silabada, 17
silepse, 282, 333
gênero, 333
número, 333
pessoa, 333
simpatizar (regência), 289
síncope, 21
sinédoque (v. metonímia)
sinérese, 19
sinestesia, 337
sínquise (v. inversão)
só (concordância), 280
soar (indicando horas), 270
sobre tudo / sobretudo, 347
solecismo, 337
somos trinta, 298
substantivo
abstrato, 75
biforme, 77
coletivo, 75, 263
composto, 74
comum, 74
comum de dois gêneros, 77
concreto, 74
derivado, 74
empregado como adjetivo, 281
epiceno, 77
heterônimo, 77
primitivo, 74
próprio, 74
que só se usa no plural (*pluralia tantum*), 79
que só se usa no singular (*singularia tantum*), 79
simples, 74
sobrecomum, 78
uniforme, 77
sufixação (v. derivação sufixal)
sufixo, 60
adverbial, 61
de valor aumentativo, 60
de valor diminutivo, 60
nominal, 60
verbal, 61
sujeito, 201
quando é formado de dois infinitivos, 268
tipos, 203
composto, 203, 268
formado de pessoas gramaticais diferentes, 269
quando os núcleos estiverem ligados pela conjunção *ou*, 269
quando os núcleos estiverem ligados por *com*, 269
quando os núcleos são sinônimos ou quase sinônimos, 268
quando os núcleos vierem dispostos em gradação, 268
determinado, 204
indeterminado, 204
oculto, 204
oração sem, 205
simples, 203

T

tampouco, 347
tanto... quanto, 270
tão pouco, 347
tema, 53, 145
til (emprego), 27, 46
tônica (v. sílaba)
tônico (v. acento)
travessão (emprego), 325
trissílabas, 15
tudo, 269

U

um
dos que, 264
único adjetivo referindo-se a mais de um substantivo, 278
único substantivo determinado por mais de um adjetivo, 279

V

valor
anafórico, 120
catafórico, 120
verbo, 143
classificação, 156
abundantes, 158
auxiliares, 164
de ligação, 209, 210
defectivos, 157
intransitivos, 209
irregulares, 157
lexicais, 209
pronominais, 160
regulares, 156
transitivos, 209
circunstanciais, 209
diretos, 210
diretos e indiretos, 210
indiretos, 210
com índice de indeterminação do sujeito, 266
com pronome apassivador, 267
flexão, 146
de modo, 147
de número, 147
de pessoa, 148
de tempo, 146
impessoais, 148
reflexivos, 149
tempos simples e compostos, 147
unipessoais, 158
vírgula (emprego), 320
entre orações, 322
visar (regência), 294
vocativo, 230
vogal, 12
de ligação, 53
temática, 52, 145
voz
ativa, 148
passiva, 148
analítica, 148
sintética, 148
reflexiva, 149

Z

zeugma, 332

Lista de instituições promotoras de exames

Acafe-SC – Associação Catarinense das Fundações Educacionais
Aman-RJ – Academia Militar das Agulhas Negras
Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica
Cefet-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Cefet-PR – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná
Cefet-SC – Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina
Centec – Instituto Centro de Ensino Tecnológico
Cesesp-PE – Centro de Seleção ao Ensino Superior de Pernambuco
Cesgranrio-RJ – Fundação Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio
Covest-PE – Comissão do Vestibular das Universidades Federal e Rural de Pernambuco
CPS – Centro Paula Souza
CTA-SP – Centro Técnico Aeroespacial
EEM-SP – Escola de Engenharia de Mauá
Efei-MG – Escola Federal de Engenharia de Itajubá
Efoa-MG – Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas
Enade – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
Enem – Exame Nacional do Ensino Médio
Esan-SP – Escola Superior de Administração de Negócios de São Paulo
ESPM-SP – Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo
ESPP – Empresa de Seleção Pública e Privada
ETEC – Escola Técnica Estadual
Faap-SP – Fundação Armando Álvares Penteado
Facens-SP – Faculdade de Engenharia de Sorocaba
Faenquil-SP – Faculdade de Engenharia Química de Lorena
Fafeod-MG – Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina
Fameca-SP – Faculdade de Medicina de Catanduva
Famema-SP – Faculdade de Medicina de Marília
Fasp-SP – Faculdades Associadas de São Paulo
Fatec-SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo
FAUSantos-SP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos
FCC – Fundação Carlos Chagas
FCC-PR – Fundação Carlos Chagas do Paraná
FCL-SP – Faculdade Cásper Líbero
FCMSC-SP – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo
Feaa-SP – Faculdade de Engenharia e Agrimensura de Araraquara
Febasp – Faculdade de Belas Artes de São Paulo
Fecap-SP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado
Fefasp – Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo
FEI-SP – Faculdade de Engenharia Industrial
Fesb-SP – Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista
Fesp-SP – Faculdade de Engenharia de São Paulo
FFALM-PR – Fundação Faculdades Luiz Meneghel
FFCLBH-MG – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte
FFCLT-SP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Taubaté
FGV-SP – Fundação Getúlio Vargas de São Paulo
FGV-RJ – Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro
FIT-SP – Faculdades Integradas Tibiriçá
FMABC-SP – Faculdade de Medicina da Fundação do ABC
FMIt-MG – Faculdade de Medicina de Itajubá
FMPA-MG – Faculdade de Medicina de Pouso Alegre
FMT-SP – Faculdade de Medicina de Taubaté
FOC-SP – Faculdades Oswaldo Cruz
FSA-SP – Centro Universitário Fundação Santo André
Fumec-MG – Fundação Mineira de Educação e Cultura
Furg-RS – Fundação Universidade Federal do Rio Grande
Fuvest-SP – Fundação Universitária para o Vestibular
Ibmec – Faculdades do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais
Imes-SP – Instituto Municipal de Ensino Superior
ITA-SP – Instituto Tecnológico de Aeronáutica
Mapofei – Antigo exame vestibular unificado para a Escola de Engenharia Mauá (EEM-SP), a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) e a Faculdade de Engenharia Industrial (FEI-SP)
Omec-SP – Organização Mogiana de Educação e Cultura
Osec-SP – Organização Santamarense de Educação e Cultura
PUCCamp-SP – Pontifícia Univesidade Católica de Campinas
PUC-PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC-SP – Pontifícia Univesidade Católica de São Paulo
UAM-SP – Universidade Anhembi-Morumbi
UCDB-MS – Universidade Católica Dom Bosco
UCS – Universidade de Caxias do Sul
UCSal-BA – Universidade Católica de Salvador
Udesc – Universidade do Estado de Santa Catarina
Ueba – Universidade do Estado da Bahia
Uece – Universidade Estadual do Ceará
UEFS-BA – Universidade Estadual de Feira de Santana
UEL-PR – Universidade Estadual de Londrina
Uema – Universidade Estadual do Maranhão
UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
UEM-PR – Universidade Estadual de Maringá
Uepa – Universidade do Estado do Pará
UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
UEPG-PR – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFABC – Universidade Federal do ABC
Ufac – Universidade Federal do Acre
Ufal – Universidade Federal de Alagoas
Ufam – Universidade Federal do Amazonas
UFC – Universidade Federal do Ceará
Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo
UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFJF-MG – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA – Universidade Federal do Maranhão
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso
Ufop-MG – Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPel-RS – Universidade Federal de Pelotas
UFPI – Universidade Federal do Piauí
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS – Universidade Federal de Sergipe
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar-SP – Universidade Federal de São Carlos
UFSM-RS – Universidade Federal de Santa Maria
UFTM-MG – Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU-MG – Universidade Federal de Uberlândia
UFV-MG – Universidade Federal de Viçosa
UGF-RJ – Universidade Gama Filho
UM-SP – Universidade Metodista
UnB-DF – Universidade de Brasília
Unesp-SP – Universidade Estadual Paulista
Unibero-SP – Centro Universitário Ibero-americano
Unicamp-SP – Universidade Estadual de Campinas
Unic-MT – Universidade de Cuiabá
UniFAI-SP – Centro Universitário Assunção
Unifei-MG – Universidade Estadual de Itajubá
Unifenas-MG – Universidade José do Rosário Vellano
Unifesp – Universidade Federal de São Paulo
UniFMU-SP – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas
Unifor-CE – Universidade de Fortaleza
Unimep-SP – Universidade Metodista de Piracicaba
Unip-SP – Universidade Paulista
Unirio-RJ – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Unisinos-RS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Unitau-SP – Universidade de Taubaté
Uniube-MG – Universidade de Uberaba
UPF-RS – Universidade de Passo Fundo
UPM-SP – Universidade Presbiteriana Mackenzie
USF-SP – Universidade São Francisco
USJT-SP – Universidade São Judas Tadeu
USM-SP – Universidade São Marcos
USU-RJ – Universidade Santa Úrsula
Vunesp-SP – Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

Bibliografia

BACCEGA, Maria Aparecida. *Concordância verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 12. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. São Paulo: Nacional/Edusp, 1971.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Fundamentos).

_____. *Subordinação e coordenação:* confrontos e contrastes. São Paulo: Ática, 2000. (Princípios).

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. Porto Alegre: Globo, [s.d.].

_____. *Dicionário de verbos e regimes*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário eletrônico. Versão 5.0. Ed. rev. e atual. Parte integrante do *Novo Dicionário Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

FIGUEIREDO, Olívia Maria; BIZZARO, Rosa Porfírio. *Da palavra ao texto*. Porto: Asa Editores, 2004.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1969.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, [s.d.].

GÓIS, Carlos. *Sintaxe de concordância*. 9. ed. Edição e propriedade do autor. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte. Depositários: Paulo de Azevedo & Cia. Ltda., 1945.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985. (Princípios).

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Princípios).

_____. *Morfemas do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Princípios).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Fundamentos).

LAPA, Manoel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Gramática resumida*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

_____. *Grande manual de ortografia Globo*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfossintática do português*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Caminho, 1989.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *Manual de expressão oral e escrita*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1972.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp 2000.

_____. *Guia de uso do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva (curso superior)*. 67. ed. São Paulo: Nacional, 1945.

PERINI, Mário. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1966.

_____. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Perez de; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português:* morfologia. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Linguística aplicada ao português:* sintaxe. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TERRA, Ernani; NICOLA, José De. *1001 dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. *Ortografia*. 2. ed. São Paulo: Scipione: 2009. (Guias Práticos).

_____. *Verbos:* emprego e conjugação. São Paulo: Scipione, 2009. (Guias Práticos).

TRASK, R. Larry (Org.). *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática:* ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

ERNANI TERRA

CURSO PRÁTICO DE GRAMÁTICA

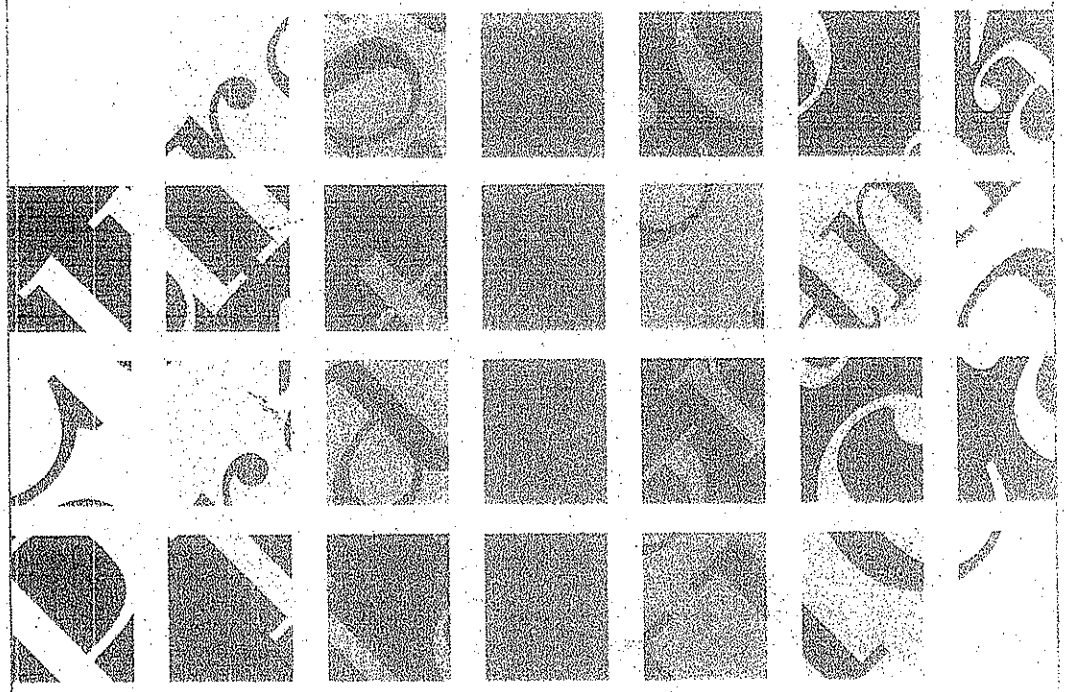

editora scipione

Manual do Professor

editora scipione

Apresentação

Por entendermos que o domínio da gramática se faz pela exercitação contínua, nesta reformulação do *Curso prático de gramática* ampliamos e renovamos sensivelmente as atividades propostas. Ressaltamos que não se trata apenas de uma mudança quantitativa, mas, sobretudo, qualitativa, na medida em que oferecemos questões que exigem reflexão por parte dos estudantes, sobretudo aquelas que têm como referência textos dos mais diversos gêneros. Assim, pretendemos trabalhar com os alunos a percepção de que a gramática é essencial na organização de enunciados bem formados.

Os exercícios são apresentados em três seções com características distintas: **Atividades**, **Dos textos à gramática/Da gramática aos textos** e **Questões de exames**.

A finalidade da seção **Atividades** é fixar a teoria apresentada no capítulo. Nela, ampliamos o número de questões associadas a textos, assim como aquelas que estimulam no estudante a reflexão acerca de ocorrências linguísticas.

Na seção **Dos textos à gramática/Da gramática aos textos**, apresentamos atividades que têm como ponto de partida os mais diversos gêneros textuais, buscando levar o estudante a perceber o importante papel da gramática na organização dos textos.

Na última seção de atividades, são propostas questões recentes de diversas instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, bem como questões do Enem. Com isso, procuramos mostrar a atual tendência dos mais variados processos seletivos do país.

Um livro sempre pode ser melhorado, por isso, desde já, agradecemos aos colegas professores pelas observações e sugestões que porventura venham a ser feitas. Elas são essenciais para o aprimoramento de nosso trabalho, por isso serão sempre bem-vindas.

Um forte abraço,

O autor

Sumário

1 Respostas das atividades 5

Capítulo 1 – Fonologia 5

Capítulo 2 – Ortografia 6

Capítulo 3 – Acentuação gráfica 8

Capítulo 4 – Estrutura e formação das palavras 9

Capítulo 5 – Substantivo 11

Capítulo 6 – Artigo 12

Capítulo 7 – Adjetivo 13

Capítulo 8 – Numeral 14

Capítulo 9 – Pronome 15

Capítulo 10 – Verbo 17

Capítulo 11 – Categorias gramaticais invariáveis 19

Capítulo 12 – Termos essenciais da oração 21

Capítulo 13 – Termos integrantes da oração 23

Capítulo 14 – Termos acessórios da oração e vocativo 24

Capítulo 15 – Orações coordenadas 26

Capítulo 16 – Orações subordinadas 28

Capítulo 17 – Concordância verbal 32

Capítulo 18 – Concordância nominal 34

Capítulo 19 – Regência 35

Capítulo 20 – Crase 37

Capítulo 21 – Morfossintaxe das palavras *que* e *se* 38

Capítulo 22 – Pontuação 39

Capítulo 23 – Figuras e vícios de linguagem 41

Capítulo 24 – Emprego de algumas palavras e expressões 43

2 Respostas das questões de exames 45

1 Respostas das atividades

Capítulo 1 – FONOLOGIA

Notas introdutórias:

1. **Professor(a)**, segundo alguns autores, palavras como **Mário**, **colégio** e **história** admitem uma dupla classificação (que implica uma dupla possibilidade de divisão silábica): tanto podemos afirmar que terminam em ditongo crescente, como podemos considerar a ocorrência de hiato (Má-ri-o, co-lé-gi-o, his-tó-ri-a). Nesta obra optamos por classificar esses encontros como ditongos crescentes e não como hiatos. Em consequência, tais palavras serão classificadas como paroxítonas e não como proparoxítonas eventuais, como fazem alguns autores.
2. Em vários exercícios, temos a ocorrência de ditongos fonéticos, que não são representados na escrita (é o caso, por exemplo, de palavras terminadas em **em** ou **am**, em que, foneticamente, temos os ditongos /ẽj/ e /ãw/); chamamos a atenção para a corriqueira ocorrência desses ditongos em questões de exames. Remeta o aluno para a página 18, em que explicamos como distinguir **am** e **em** dígrafos vocálicos de **am** e **em** ditongos nasais.

Atividades *(p. 22)*

1. A palavra inadequada é **monossilabicamente**, uma vez que a palavra usada pelo dirigente de futebol na resposta (**total**) é dissílaba.
2. a) V
   b) V
   c) F (O ditongo é decrescente.)
   d) V
   e) V
   f) F
   g) V
3. A letra destacada representa fonemas distintos nos pares **b**, **e**, **g**, **h**, **i**, **j** e **k**. **Professor(a)**, seria interessante comentar que nos pares berra – gelo, cedo – belo e loja – moça, a letra destacada ora representa uma vogal aberta (berra, belo, loja), ora representa uma vogal fechada (gelo, cedo, moça).
4. A letra destacada representa o mesmo fonema nos pares **b**, **c**, **d**, **g**, **h**, **i**, **j**, **k**, **m**, **n**.
5. nascimento, crescer, descida, acrescentar, piscina
6. a) e-xa-ge-ro; polissílaba
   b) su-per-la-ti-vo; polissílaba
   c) fic-ção; dissílaba
   d) pri-mei-ra; trissílaba
   e) pas-sou; dissílaba
   f) pa-í-ses; trissílaba
   g) ter-ri-tó-rios; polissílaba
   h) ex-plo-ra-ção; polissílaba
7.

dígrafo	encontro consonantal
nesse	superlativo
milhões	ficção
passou	primeira
territórios	permitido
	metros
	planeta

8. grandioso: hiato (gran-di-o-so)
   pouco: ditongo oral decrescente (pou-co)
   água: ditongo oral crescente (á-gua)
   passou: ditongo oral decrescente (pas-sou)
   missões: ditongo nasal decrescente (mis-sões)
   territórios: ditongo oral crescente (ter-ri-tó-rios)
   países: hiato (pa-í-ses)
   exploração: ditongo nasal decrescente (ex-plo-ra-ção)
   Professor(a), em relação às palavras **água** e **territórios**, vide nota introdutória 1.
9. Alternativa **a**. As palavras **primeira**, **planeta**, **apenas**, **permitido** e **missões** não apresentam dígrafos vocálicos.
10. a
11. Fonema.
12. so-li-dá-rio; so-li-tá-rio. **Professor(a)**, vide nota introdutória 1.
13. Em ambas as palavras, ocorre o ditongo crescente **-io**. **Professor(a)**, vide nota introdutória 1.
14. O primeiro é uma vogal; o segundo, uma semivogal. **Professor(a)**, vide nota introdutória 1.
15. **a** (quatro ocorrências): átono; **ser**: tônico; **o**: átono; **que** (duas ocorrências): átono; **não**: tônico; **é**: tônico; **e**: átono; **tem**: tônico; **de**: átono; **se**: átono; **das**: átono; **faz**: tônico.
16. ra-í-zes (o **i** representa uma vogal); di-rei-to (o primeiro **i** representa uma vogal; o segundo, uma semivogal); mi-ú-do (o **i** e o **u** representam vogais); he-rói (o **i** representa uma semivogal); náu-fra-go (o **u** representa uma semivogal); ba-ú (o **u** representa uma vogal).
17.

lixo	agrotóxico	máximo	existência
xarope	paradoxo	próximo	exagero
caixa	complexo	auxílio	exército
xingar	reflexo	contexto	exame
peixe	anexo	sintaxe	exato

18. a) Em **subsídio**, o segundo **s** deve ser pronunciado como /s/ e não como /z/.
    b) Pronuncia-se "sucita".

c) Pronuncia-se "naceram".

d) Em **descentralizar**, o grupo **sc** não representa um dígrafo. Nesse caso, cada letra representa um fonema; tanto o **s** como o **c** devem ser pronunciados, e ambos têm o som /s/.

19. Deve-se levar em conta que, em decorrência de hábitos linguísticos, muitas pessoas pronunciam o fonema /e/ inicial de algumas palavras de forma reduzida, fazendo-o soar de modo semelhante a /i/. Esse fenômeno é mais comum em palavras em que o fonema /e/ vem seguido por **sc**: isculhambação, iscada, iscama, iscândalo etc. Muito provavelmente, na fala, a apresentadora realiza o fonema inicial de **escola** como /i/, o que a levou a concluir que a grafia da palavra deveria ser com a letra **i**.

20. Em **exuberante** e **exige**, o fonema /z/ é representado pela letra **x**. Em **visita**, pela letra **s**; em **natureza**, pela letra **z**.

21. e

22. Chave

23. Fixo

24. representante: 11; assanhado: 7.

25. Lixo **26.** b **27.** b **28.** b

29. 8 fonemas.

30. Herói, tênue. **Professor(a)**, com relação à tênue, vide nota introdutória 1.

31. caderno, **compor**, laranjal, metafísica, **música**, **herói**, sabonete, **alçapão**, **irmão**, **alemão**, **órfã**, **lâmpada**, vender, talvez, **café**, **japonês**, altivez, mesquinhez, caminhão, maquinaria

32. Apresentam dígrafo: quero, exceto, telha, agulha, exceção, assado, nasça, ficha, esquilo, foguete, murro, cheque (dois dígrafos **ch** e **qu**), descer, chinelo. Apresentam encontro consonantal: lucro, marco, livro, falso, brasa, prato, blusa, apto, aplauso, trava.

33. a) ignorância, demência, trégua, dicionário, leite, mamãe, dispõe, tesoura, irmão. **Professor(a)**, com relação à **ignorância**, **demência**, **trégua** e **dicionário**, vide nota introdutória 1.

b) Saara, raiz, saída, saúva, retribuíssemos

c) Paraguai, averiguei, saguão

d) diário, régua. **Professor(a)**, vide nota introdutória 1.

e) véu, anéis, vou, loira, férteis

f) ninhada, carroça, quilo, guerra, esquilo, tampa, limpo, tinta, canto

34.

se-pa-ra-ção	cre-em	e-lip-se
sí-la-ba	for-tui-to	si-lep-se
fá-ceis	ab-so-lu-tis-mo	men-sa-gei-ro
gá-vea	tungs-tê-nio	disp-nei-a
lí-rio	ob-ses-são	ál-co-ol
cha-péu	ad-jun-to	bar-ro
he-roi-co	ad-ver-bi-al	mai-o
lin-gui-ça	am-né-sia	as-sem-blei-a
qui-lo	psi-co-lo-gi-a	a-poi-o
quen-te	ca-nho-to	e-pi-de-mi-a
chei-ro-so	U-ru-guai	gra-tui-to
bra-si-lei-ro	as-sas-si-no	pneu-má-ti-co
pers-pec-ti-va	as-sa-do	e-gíp-cio
sa-í-mos	mes-tre	abs-cis-sa
mei-a	ap-to	ob-ce-ca-do
co-o-pe-rar	dig-no	qui-ro-man-ci-a
ca-a-tin-ga	gri-sa-lho	mne-mô-ni-co
ex-ce-ção	cáp-su-la	e-pi-lep-si-a

Professor(a), com relação às palavras **gávea**, **lírio**, **egípcio**, **tungstênio** e **amnésia**, vide nota introdutória 1.

35.

novel: a	anátema: c	aerólito: c
recém: a	aríete: c	tulipa: b
refém: a	lêvedo: c	fortuito: b
sutil: a	ibero: b	gratuito: b
ureter: a	têxtil: b	abóbada: c
avaro: b	pegada: b	biótipo: c
decano: b	ômega: c	cizânia: b
efebo: b	ínterim: c	óbolo: c
erudito: b	rubrica: b	

Professor(a), com relação à palavra **cizânia**, vide nota introdutória 1.

36. várias, cárie, língua, paciência, mistério, tábua, tênue, árduo. **Professor(a)**, vide nota introdutória 1.

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 25)*

1. A primeira pessoa do singular é a voz da gata, uma gata de estimação, que vivia em um apartamento cercada de cuidados e conforto. A primeira pessoa do plural é a voz coletiva dos gatos que vivem livres pelas ruas, à qual se junta a voz da gata. **Professor(a)**, destaque os vários indicadores gramaticais de primeira pessoa: me, meu, eu, fui, nós, nascemos.

2. Espera-se que os alunos percebam que o texto reproduz o tom coloquial da fala da gata.

3. Qu (dígrafo consonantal); an, im (dígrafos vocálicos).

4. Sua / lua.

5. Os fragmentos grifados me alimentaram; me acariciaram; me aliciaram; me acostumaram sugerem o miado da gata.

6. A distinção entre sua / lua / rua é estabelecida pela troca dos fonemas iniciais de cada uma das palavras, o que caracteriza o fonema como a menor unidade sonora capaz de estabelecer distinção entre as palavras.

Capítulo 2 – ORTOGRAFIA

Atividades *(p. 38)*

1. Cravos é palavra homônima. Em um jardim, o sentido esperado era o de uma espécie de flor; no entanto, pela figura, o sentido que se dá a cravos é o de um ponto escuro que aparece na pele por obstrução dos poros.

2. As palavras são "panhar" e "maginando".

3. As palavras parônimas são cavaleiro, aquele que cavalga, e cavalheiro, homem cortês.

4. Onze de agosto
Com mais imponência do que nos anos anteriores, realizaram-se ontem as festas comemorativas da fundação dos cursos jurídicos no Brasil. Às 6 horas e meia da tarde, os acadêmicos partiram do largo de S. Francisco, precedidos de uma banda de música, a fim de cumprimentar a imprensa desta capital. Depois de percorrerem as ruas centrais, dirigiram-se todos os estudantes para o Salão Steinway, onde se realizou uma sessão literária, para inaugurar a série de conferências populares sobre educação.

5. a) impermeabilização
b) compensação
c) esquematização
d) improvisação
e) fertilização
f) condensação
g) discriminação
h) paralisação
i) dolarização
j) pulsação

6. A banda, pois preceder significa "anteceder, vir antes". **Professor(a)**, seria interessante comentar a diferença de sentido entre preceder (anteceder, vir antes) e proceder (vir de algum lugar, originar-se, ter fundamento).

7. A palavra sessão foi empregada no sentido de intervalo de tempo que dura a reunião. Cessão significa "o ato de ceder, o ato de dar". Seção significa "parte de um todo, subdivisão".

8. Creta é a mais oriental das ilhas da Grécia, com 250 km de vales, **desfiladeiros** e montanhas. Na costa norte estão as cidades mais importantes. O **sudoeste** é acidentado e árido. A melhor forma de conhecer Creta é em pequenos **jipes japoneses**, valentes e econômicos, oferecidos em todas as locadoras.
Creta era o centro da civilização minoica. No século XV a.C. foi subjugada pelos **helenos**, guerreiros **indo-europeus** que, junto aos **cretenses**, originaram os gregos. Em 65 a.C., a ilha se tornou província romana. Os **bizantinos** chegam no final do século IV da atual era, e no século XII os **venezianos**. Em 1669, foi a vez dos **turco-otomanos**. **Após** anos de **resistência**, em 1913, Creta se integra à Grécia.

9. O que é uma tromba-d'água?
Eis aí uma expressão que costuma provocar uma tremenda bagunça conceitual. Vamos explicar: no sentido popular, tromba-d'água indica uma chuvarada forte e restrita a uma determinada região. Mas, para a maioria dos cientistas, essa definição é errada.

10. a) macaxeira
b) xilindró
c) pichar
d) cochicha; espicha
e) Deixe; xereta; mexa; mochila

11. a) instrumentalizar; teorizar; usar; pesquisar
b) formulação; teorizações; adequação; complementação

12. a) x b) x c) ch d) ch e) x

13. caxumba, cachimbo, chuchu, lagartixa, mexer, xarope, flecha, pechincha, xingar, puxar, piche, tocha, checar

14. consecução, imersão, sinusite, soçobrar

15. carangueijo; previlégio; impecilho; beneficiente; pataquada; porisso; derrepente; prazeirosamente; mixto; mendingo; cabelereiro; mantegueira; desinteria; meretíssimo; mortandela; mixirica

16. a

17. b

18.

visar	agilizar	capataz
agonizar	ajuizar	magazine
alisar	analisar	proeza
avisar	bisar	chafariz
alfabetizar	amenizar	xadrez
batizar	canonizar	prezado
capitalizar	catequizar	despesa
comercializar	democratizar	vizinho
catalisar	dedetizar	catacrese
divisar	frisar	osteoporose
economizar	enraizar	sudorese
fertilizar	generalizar	adipose
imortalizar	ironizar	valorizar
legalizar	magnetizar	urbanizar
nacionalizar	otimizar	sensibilizar
parabenizar	racionalizar	teorizar
hidrolisar	improvisar	reprisar
paralisar	pesquisar	revisar
pisar	precisar	

19. a

20. a) carboidratos
b) montanha-russa
c) Alviverde; semifinais; bicampeão; sul-americana
d) vasoconstritora; hipertensos; contraindicada; hipertensivas

21. a) meio-dia
b) meio dia
c) Bom-dia
d) bom dia
e) pele-vermelha
f) pele vermelha
g) cartão de crédito
h) cheiro-verde
i) não fumantes
j) mesa-redonda

22. segunda-feira, decreto-lei, belo-horizontino, mato-grossense, tenente-coronel, luso-brasileiro, pontapé, paraquedas, girassol, Grã-Bretanha, couve-flor, erva-doce, bem-te-vi, mal-humorado, benfeitor, recém-nascido, recém-casado, arco-da-velha, mais-que-perfeito, fim de semana, sala de jantar

23. aeroespacial, antiácido, antiaéreo, antidepressivo, antifurto, anti-herói, anti-higiênico, anti-histórico, anti-horário, anti-ibérico, anti-imperialista, anti-inflamatório, antijurídico, antirrábica, antirreligioso, antissemita, antibiótico, autoanálise, autoatendimento, autobiografia, autocrítica, autodefesa, autodidata, autoestrada, auto-observação, auto-ônibus, biorritmo, circum-escolar, circum-navegação, co-herdeiro, cooperar, coordenar, cosseno, contra-almirante, contrarregra, contrassenha, desumano, ex-aluno, ex-diretor,

ex-hospedeira, ex-presidente, extraescolar, extra-hospitalar, extrarregulamentar, extrassensorial, hidroelétrico, hiperativo, hipercalórico, hipercorreção, hiper-hedonismo, hiperinflação, hiper-raivoso, hiper-rancoroso, hiper-realismo, hiper-humano, inábil, infraestrutura, infrarrenal, infrassom, infravermelho, intercâmbio, intercontinental, interdisciplinar, inter-helênico, inter-hemisférico, inter-humano, inter-relação, intra-hepático, intramuscular, microssistema, minissaia, pan-africano, pan-helênico, plurianual, pós-graduação, pré-história, pré-natal, pró-africano, semiárido, semideus, semierudito, semifinal, semi-infantil, semi-inteiro, semi-internato, semivogal, superaquecimento, superdotado, superestima, superestrutura, superfaturar, super-herói, super-hidratação, super-homem, super-realidade, super-realismo, super-resfriado, ultrapassado, ultrarrealismo, ultrarrevolucionário, ultrarromântico, ultrassecreto, ultrassensível, ultrassonografia, ultravioleta, vice-almirante, vice-campeão, vice-cônsul, vice-líder, vice-reitor.

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 42)*

1. Trata-se de uma charge, desenho humorístico geralmente veiculado pela imprensa que tem como tema algum acontecimento atual.
2. No sentido de **existir**. **Professor(a)**, pode-se comentar que nesse sentido o verbo **haver** não apresenta sujeito.
3. a) Necessitar. b) Indicar com exatidão.
4. Com o uso da palavra **até**, o autor nos informa que não é apenas o hífen que está sem emprego. Em outras palavras: com o uso de **até**, o autor deixa subentendido que, além do hífen, há também pessoas que estão desempregadas.
5. a) Uso.
   b) Ocupação ou trabalho.
   c) Local onde se trabalha.
6. O duplo sentido da palavra **emprego**. O texto faz referência a uma situação social (a falta de empregos, isto é, de postos de trabalho, explícita na frase "Não há vagas"). Com a frase "Até o hífen está sem emprego", o autor faz humor referindo-se a um erro gramatical constante na placa (o pronome átono **se** deveria estar ligado ao verbo **precisar** por hífen), ou seja, não se empregou o hífen num caso em que seu emprego seria obrigatório.

Capítulo 3 – ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Atividades *(p. 47)*

1. Embora as regras de acentuação não prescrevam acento gráfico na palavra ruim, Guimarães Rosa usou o acento gráfico para indicar como o personagem pronunciou a palavra ruim nas duas ocorrências: na primeira como paroxítona (rúim) e na segunda como oxítona (ruím).

   Professor(a), destaque a pronúncia correta da palavra ruim: com acento tônico na última sílaba (oxítona), mas sem acento gráfico.
2. a) Importante ferramenta didática para todas as disciplinas, a pesquisa precisa ser mais usada em sala de aula. Ao planejá-la e executá-la adequadamente, você possibilita que crianças e jovens aprendam os conteúdos do currículo, enquanto se tornam estudantes autônomos.
   b) O Facebook, empresa emergente mais bem-sucedida da última década, tem somente seis anos de idade. Porém seus funcionários mais antigos vêm desistindo de seus estáveis cargos para abrir os próprios negócios.
   c) O poder dos grandes proprietários de terra, principalmente no Nordeste, era enorme durante o Império (1822-1889). Para mantê-los sob controle, o governo resolveu dar-lhes poder político e militar. Seus capangas também passaram a integrar a Guarda Nacional. Nascia a figura do coronel, homem que comandava a política local e fazia valer seu poder de forma violenta.
   Durante as eleições, em quem o coronel mandava votar era lei. E ai de quem desobedecesse. Os coronéis costumavam marcar presença no dia das eleições, cercados de capangas violentos. Para intimidar, havia os que ofereciam duas cédulas ao pobre do eleitor: uma com o número do candidato em quem deveria votar; outra, com o número do caixão em que seria colocado caso votasse em outro candidato.
   d) Como as plantas e os animais, também as pessoas podem se comunicar, dizer o que pensam e o que sentem, sem utilizar palavras. Um violinista utiliza a música para transmitir ao público o que sente; um pintor demonstra através de seus quadros sua forma de ver o mundo; os bailarinos usam o corpo para expressar emoções... Você também, quando faz um desenho para alguém, quando dança, quando chora ou ri, está se expressando e se comunicando, mesmo sem usar uma palavra sequer.
   e) Este *menu* permite a você fazer mais do que apenas conversar ao telefone. *Download* é a tecnologia de serviços que permite a você baixar aplicativos para seu telefone. Baixar aplicativos é rápido e fácil, para adequar seu telefone ao seu estilo de vida e preferências.
   f) Em consequência da romanização, a língua portuguesa tem a sua origem principal no latim: o chamado latim coloquial tardio.
   O latim coloquial tardio, também designado latim vulgar, era utilizado por funcionários, soldados, comerciantes e foi introduzido durante a romanização; este latim contrapõe-se ao chamado latim clássico, que entrou no português em épocas posteriores, sobretudo durante o Renascimento (séculos XV e XVI).
3. a) ateia c) europeia e) heroína
   b) plebeia d) juíza

4. a) caracóis
b) anzóis
c) anéis
d) coronéis
e) troféus
f) céus
g) véus

5. **Há:** monossílabo tônico terminado em **-a**; **ninguém:** palavra oxítona terminada em **-em**; **punível:** palavra paroxítona terminada em **-l**.

6. a) Antônio é da época em que com um vintém se compravam dois pastéis.
b) É inútil pedir: Maurício insiste em pôr açúcar na chupeta do nenê.
c) Empresário sequestrado é solto no Amapá.
d) O disc-jóquei não para de tocar aquela música.
e) Antropólogos não conseguiram encontrar o pinguim perdido.

7. a) mantém
b) intervém
c) mantêm
d) detêm

8. música – maracujá – júri – ínterim – freguês – bônus – tênis – lápis – régua – hífen – ímã

9. só – pé – café – própria – cortês

10. céu – anéis – pastéis – herói – voo – abençoo – enjoos – chapéu – saída – saímos – coronéis – baú – anzóis – heroico – juízo – mausoléu – carretéis – aquário

11. ômega – álcool – arquétipo – crisântemo – óbolo – pântano – trânsfuga – vermífugo – zênite – leucócito – protótipo – recém – refém – têxtil – ágape – sátrapa – zéfiro

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 48)*

1. Trata-se de palavras homógrafas (*homo* = mesmo; *grafos* = grafia, escrita). **Coco** é palavra paroxítona, e **cocô**, oxítona.

2. a) palavra oxítona terminada em **-o**
b) palavra oxítona terminada em **-em**
c) palavra oxítona terminada em **-a**

3. a) tônico
b) átono
c) tônico
d) átono
e) átono

4. Não. Salvo algumas exceções, entre as quais não se inclui o substantivo **erro**, não se deve colocar acento circunflexo diferencial nas palavras homógrafas.

5. No poema, os versos possuem sete sílabas métricas. Esse tipo de verso é chamado heptassílabo ou redondilha maior.

Co	lo	car	a	cen	to em	**co**	co
É	um	er	ro	bem	da	**na**	do
Prin	ci	pal	men	te	no	**fim**	
Se o a	cen	to	é	co	lo	**ca**	do
Pois	nin	guém	es	tá	ma	**lu**	co
De	be	ber	co	cô	ge	**la**	do
1	2	3	4	5	6	7	**sílaba átona**

6. danado, colocado, gelado

7. A cadência resultante da combinação de sílabas tônicas e átonas e da regularidade do número de sílabas poéticas.

Capítulo 4 – ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Atividades *(p. 68)*

1. Resposta pessoal. Sugestão: *hacker* (inglês): pessoa que viola sistemas de computador; *download* (inglês): baixar programas de um computador para outro, em geral pela internet; *smartphone* (inglês): telefone celular que agrega diversas funções e que permite conectar-se à internet.

2. a) coração
b) olhos
c) estômago e intestino
d) pulmão
e) crianças
f) pele
g) ouvido, nariz e garganta
h) glândulas

3. Grupo 1: ascensorista, azulejista, balconista, cartunista, diarista, eletricista, figurinista, florista, lojista, motorista, propagandista, taxista, radialista. Nessas palavras, o sufixo **-ista** indica profissão, ocupação.
Grupo 2: monarquista, comunista, materialista, abolicionista, socialista, ambientalista, anarquista, racista, budista, humanista, parlamentarista, esquerdista, evolucionista, fascista, feminista, governista, idealista, imperialista, marxista, modernista, nacionalista. Nessas palavras, o sufixo **-ista** indica partidário de alguma doutrina.

4. Violinista é a pessoa que toca violino; violonista é a pessoa que toca violão.

5. São palavras derivadas, pois advérbios foram transformados em substantivos pela anteposição do artigo definido. Trata-se de derivação imprópria.

6. a) **Enem** é uma sigla constituída pelas primeiras letras de Exame Nacional do Ensino Médio.
b) Foi formada por derivação sufixal do verbo **avaliar** (avalia(r) + ção = avaliação).
c) Objetivar, objetivação, objetividade; principalmente; subsidiar, subsidiado, subsidiário; orientação, orientador.
d) Se na palavra **projetos** o prefixo **pro-** significa movimento para a frente (projetar = lançar para a frente), a palavra **futuros** é redundante, já que ninguém faz projetos para o passado.

7. a) As doenças são: sinusites, rinites, laringites, amigdalites e otites. Em todas essas palavras aparece o sufixo **-ite**, que indica inflamação (sinusite: no contexto, inflamação dos seios nasais; rinite: inflamação da mucosa do nariz; laringite: inflamação da laringe; amigdalite: inflamação das amígdalas; otite: inflamação do ouvido).

b) Resposta pessoal. Sugestões: **apendicite**: inflamação do apêndice; **artrite**: inflamação em articulação; **bronquite**: inflamação dos brônquios; **celulite**: inflamação do tecido celular; **cistite**: inflamação da bexiga; **colite**: inflamação do cólon; **conjuntivite**: inflamação da conjuntiva; **dermatite**: inflamação da pele; **diverticulite**: inflamação do divertículo; **duodenite**: inflamação do duodeno; **encefalite**: inflamação do encéfalo; **faringite**: inflamação da faringe; **gastrite**: inflamação do estômago; **gengivite**: inflamação das gengivas; **hepatite**: inflamação do fígado; **meningite**: inflamação das meninges; **nefrite**: inflamação do rim; **odontite**: inflamação de dente; **pancreatite**: inflamação do pâncreas.

8. a) Trata-se de um decalque, ou seja, uma tradução literal da expressão de língua inglesa *serial killer*.
b) **Anglicista** é quem emprega frequentemente anglicismos, isto é, palavras ou expressões tomadas por empréstimo da língua inglesa.
c) suicida; homicida; fratricida; bactericida; formicida

9. a) **Haveres**: derivação imprópria; **privatizações**: derivação sufixal; **parcelamentos**: derivação sufixal.
b) **Inter**: abreviação (de Internacional); **sufoco**: derivação regressiva; **quarta-feira**: composição por justaposição; **brasileiro**: derivação sufixal.
c) Derivação imprópria.

10. São radicais de origem grega **eco** (casa) e **logo** (conhecimento, estudo), presentes na palavra **ecologia**. O radical de origem latina, **cida** (que mata), está na palavra **inseticida**.

11. a) alistar
b) endoidecer
c) despedaçar
d) esverdear
e) esclarecer
f) amolecer
g) desalmado

12. a) **menin**: radical
inh: sufixo
a: desinência nominal
s: desinência nominal
b) **in**: prefixo
apt: radical
o: desinência nominal
c) **agend**: radical
a: vogal temática
d) **cant**: radical
a: vogal temática
sse: desinência verbal
mos: desinência verbal
e) **vend**: radical
e: vogal temática
ra: desinência verbal
mos: desinência verbal

13. a) chuvoso (d), engarrafamentos (d)
b) treinamentos (d), recomeçar (d), época (p)
c) reinício (d), veículos (p)
d) feijoada (d), prato (p), brasileiro (d)

14. a) narcotráfico (c), vítimas (s)
b) mico-leão-dourado (c), espécies (s)
c) autódromo (c), temporada (s)
d) televisão (c), passatempo (c)

15. super-homem, desfazer, desfeito, pré-história, propor, repor, desuso

16. felizmente, realidade, altivez, magreza

17. apedrejar, empalidecer

18. mandioca, aipim, cupuaçu, jacaré, jerimum, mingau, nhe-nhe-nhem

19. Código de Endereçamento Postal; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica; Fundação Nacional do Índio; Instituto Nacional do Seguro Social; Tribunal Regional Eleitoral; Confederação Brasileira de Futebol; Comissão Parlamentar de Inquérito; Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

20. Alternativa **e. Professor(a), hendeca** (grego) e **undeca** (latim) são numerais que indicam **onze**.

21. **hibridismos**: alcoólatra, monocultura, aeroclube; **onomatopeias**: plim-plim, vapt-vupt, miar; **derivação regressiva**: combate, ataque.

22. a) certo – escrever
b) povo – conduzir
c) outro – nome
d) homem – estudo
e) pedra – escrever
f) livro – coleção
g) pequena – vida
h) belo – escrever
i) pássaro – estudo
j) verde – folha
k) falso – nome
l) povo – governo
m) estrangeiro – aversão

23. a) excesso de desenvolvimento
b) ausência de desenvolvimento
c) perturbação do desenvolvimento

24. a) biologia
b) fonologia
c) morfologia
d) patologia
e) psicologia
f) zoologia
g) arqueologia

25. a) hidrofobia
b) hipofobia
c) nosofobia ou patofobia
d) fotofobia
e) cinofobia
f) necrofobia

26. geometria; barômetro; dinamômetro; hidrômetro; termômetro

27. a **28.** b **29.** d **30.** d

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 71)*

1. Ele uniu os radicais latinos **verbi-** e **-fic(o)**; acrescentou a vogal temática **a**, da primeira conjugação, e a desinência do infinitivo **-r**.

2. Criar verbos.

3. Respostas pessoais. **Professor(a)**, os verbos aqui apresentados são sugestões. Solidificar (tornar sólido), liquidificar (tornar líquido), intensificar (tornar intenso), petrificar (transformar em pedra), retificar (tornar reto, corrigir), purificar (tornar puro) etc.

4. O significado de acesso é ingresso, entrada. Essa palavra pertence à classe dos substantivos.

5. É vogal temática, porque a palavra não possui uma forma feminina.

6. Foi usado como sujeito, portanto na função de nome.

7. Esquisitar.

8. Ele não conseguiu seu intento, pois a frase é compreensível. **Professor(a)**, espera-se que os alunos percebam que, embora Calvin tenha transportado o adjetivo para o lugar do verbo na oração, este assumiu a forma de um verbo de primeira conjugação ("esquisitar"), na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Comparando com outros verbos da primeira conjugação, teríamos: tornar → torna, estranhar → estranha, diversificar → diversifica, emperrar → emperra, tumultuar → tumultua etc. Ou seja: radical do verbo (esquisit-) + vogal temática (-a).

9. Eles têm intenções anticomunicativas.

Capítulo 5 – SUBSTANTIVO

Atividades *(p. 86)*

1. a) guardar
   b) perder
   c) extraviar
   d) furtar
   e) emitir

2. a) Tais palavras referem-se ao substantivo **cheques**.
   b) Tem a função de caracterizá-los.
   c) Aos adjetivos.

3. O substantivo **assinatura**: "[...] se a assinatura do emitente não for facilmente reconhecível em confronto com a (assinatura) existente em seus registros [...]".

4. Assim, passa cada noite com uma jovem, mandando matar a jovem no dia seguinte, até que Sherazade se oferece para passar uma noite com o sultão, com a condição de contar ao sultão uma história antes da execução.

5. **Professor(a)**, espera-se que os alunos encontrem no texto os substantivos compostos couve-flor, formado por dois substantivos (couve + flor), e pimenta-do-reino, formado por substantivo (pimenta) + contração da preposição de com o artigo o (do) + substantivo (reino).

6. Resposta pessoal. Sugestões: banho-maria, noz-moscada, cheiro-verde, alho-poró, batata-doce, galinha-d'angola, carne-de-sol, azeite de dendê, feijão-de-corda, feijão-fradinho, erva-doce, cravo-da-índia etc.

7. Substantivo comum de dois gêneros: parentes; substantivos derivados: aventureiros (de aventura) e barbeiro (de barba).

8. Na primeira ocorrência, **o cura** (substantivo masculino) significa o pároco, o vigário. Na segunda, **a cura** (substantivo feminino) foi empregado pela sobrinha para informar que a doença de Dom Quixote não tem mais tratamento ou solução.

9. a) tripulação, convés, passos, semblantes, coisa, ansiedade, esperança, apatia, desespero
   b) impossibilidade, lâmpadas, apartamento, claridade
   c) anos, homem, porteiro, interrupção, porteiros, obstáculo, entrada, lei

10. a) fortes, fracos
    b) rei, gente
    c) basta, imoralidade, caça, Rio Grande do Sul
    d) hipocrisia, Marcelo, animais, esporte
    e) executivo, preço
    f) almoço, opções, entrada

11. a) Os guardas-noturnos perderam os guarda-chuvas.
    b) As ex-alunas compareceram aos chás de cozinha.

12. a) A czarina era uma autêntica dama.
    b) A nora e a sogra criavam ovelhas e cabras.
    c) A juíza e a heroína eram madrinhas da consulesa.
    d) Aquele indivíduo conhecia a jornalista e a estudante.
    e) Aquela artista era o ídolo da dentista.

13. núpcias, pêsames, hemorroidas

14. a) O elenco da novela saiu atrasado.
    b) A esquadra voltou ao mar.
    c) O júri reuniu-se na sala secreta.
    d) A banca aprovou o candidato.

15. a) O rapagão possuía um chapelão.
    b) O homenzarrão fez um dramalhão.

16. a) Na ilhota há um riacho.
    b) Naquele vilarejo morava um rapagão que tinha um narigão.
    c) Na ruela havia casebres e um palacete.
    d) Havia um canzarrão na saleta.
    e) Um burrico foi levado numa barcaça.

17. cantora; profetisa; sacerdotisa; cabra; ovelha; amazona; madre; abadessa; sóror (ou soror); perdiz; sogra; deputada; ministra; governadora; maestrina; solteirona; cirurgiã; consulesa; freira; monja; hebreia; madrinha

18. a) a tristeza do homem
    b) a pobreza das crianças
    c) a altura do edifício
    d) a liberdade do homem
    e) a viuvez da mulher
    f) a recordação da cena
    g) a impressão do livro
    h) a atualização dos conhecimentos
    i) a verificação dos resultados
    j) a concessão dos privilégios

19. a) pedreiro, pedrada, pedregulho
    b) livreco, livraria, livreiro
    c) florista, floreira
    d) maré, maresia
    e) maquinaria, maquinista
    f) telefonista, telefonema
    g) jornaleiro, jornalista, jornaleco, jornalismo

20. a) investidura
    b) brandura
    c) mesquinhez
    d) trabalho
    e) revelação
    f) alegria
    g) maluquice
    h) insensatez
    i) construção
    j) afirmação

21. o apêndice; o anátema; o edema; o telefonema; o trema; o teorema; o axioma; o coala; o grama (unidade de massa); o clã; o dó (pena, compaixão); o lança-perfume; a omoplata; a síndrome; a comichão; o champanha; o eclipse; a aguardente; a alface; a bacanal; a ênfase; o esquema; o guaraná; a libido; a faringe; a dinamite

22.

a) DG	f) S	k) E	p) S	u) E
b) DG	g) S	l) E	q) DG	v) S
c) DG	h) S	m) DG	r) DG	w) DG
d) DG	i) E	n) S	s) DG	
e) S	j) E	o) S	t) S	

23. degraus; troféus; açúcares; balões; canções; gizes; corações; caracteres; questões; portugueses; opiniões; casarões; (os) atlas; paredões; (os) pires; vozeirões; (os) lápis; alemães; (os) ônibus; cães; capitães; cônsules; tabeliães; cidadãos; cristãos; fósseis; fuzis; fusíveis; répteis; projéteis; (os) tórax; (os) látex

24.

a) animalaço	e) fogaréu
b) barcaça	f) homenzarrão
c) cabeçorra	g) vozeirão
d) copázio	h) rapagão

25.

a) generaizinhos	e) cãezinhos
b) papeizinhos	f) colarezinhos
c) chapeuzinhos	g) hoteizinhos
d) jornaizinhos	h) pasteizinhos

26.

a) grânulo	i) película
b) corpúsculo	j) óvulo
c) fascículo	k) porciúncula
d) questiúncula	l) radícula
e) glóbulo	m) montículo
f) gotícula	n) opúsculo
g) versículo	o) partícula
h) homúnculo	p) febrícula

27. roletas-russas; caixas-pretas; águas-de-colônia; tico-ticos; cala-bocas; ex-alunos; marca-textos; teco-tecos; queixa-crimes e queixas-crimes; pingue-pongues; amores-perfeitos; guardas-civis; boas-vidas; guardas-noturnos; canetas-tinteiro (ou canetas-tinteiros); tique-taques; peixes-boi (ou peixes-bois); vira-latas; beija-flores; mangas-rosa (ou mangas-rosas); coautores; guarda-comidas; os(as) salva-vidas; guarda-chuvas; segundas-feiras; os saca-rolhas; os quebra-nozes; bem-amados

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 89)*

1. Com a intenção de apresentar informações a respeito de um assunto, a depressão. Trata-se, portanto, de um texto informativo.

2. Um medicamento usado para combater a depressão.

3. Serotonina, neurotransmissor, antidepressivos, neurônios, estresse, neurogênese. A área de conhecimento é a Medicina.

4. O recurso usado pelo autor foi usar o aposto: um neurotransmissor relacionado a funções como o humor, o sono e o apetite, para explicar o que vem a ser serotonina.

5. a) **Substância** refere-se ao substantivo serotonina.
b) **Remédios** referem-se a antidepressivos.
c) O pronome **los** refere-se a neurônios.
d) O pronome **la** refere-se a depressão e o pronome **dessa** refere-se a serotonina.

6. Na primeira ocorrência, antidepressivos é um substantivo; na segunda, é um adjetivo.

Capítulo 6 – ARTIGO

Atividades *(p. 94)*

1. O fato de ter usado no artigo a expressão "dos outros treinadores" acarreta que o sentido da frase é que Muricy se diferencia de todos os outros treinadores. Na verdade, o que Tostão quis dizer é que Muricy se diferencia de alguns outros treinadores (tanto que afirma que Muricy não é o único que faz bem o óbvio), por isso faz a correção, eliminado o artigo definido antes do substantivo treinadores.

2. Em **a**, a presença do artigo definido na expressão "dos credores" dá ideia de totalidade, isto é, todos os credores estiveram presentes à reunião; em **b**, a ausência do artigo confere à expressão "de credores" um sentido partitivo, isto é, alguns dos credores compareceram à reunião.

3. Em "o jogo" o sentido é de "um grande jogo", "um belo jogo"; em "um jogo", o sentido é de "um jogo qualquer", "um jogo comum".

4. Porque nesses ditados populares (e em diversos outros) os substantivos estão sendo usados de modo genérico.

5. a) Em **I**, **um** é um numeral porque exprime quantidade exata, opondo-se ao numeral **dois**.
b) Em **II**, **a** é preposição exigida pelo verbo **ir** (quem vai, vai a algum lugar). O nome de lugar Roma não admite a anteposição de artigo. Não se diz "A Roma é uma bela cidade", mas "Roma é uma bela cidade".

6. Dona da casa é a proprietária da casa, já dona de casa faz referência à pessoa que dirige ou administra o lar.

7.

a) a omelete	e) os pêsames
b) o champanha	f) as núpcias
c) o guaraná	g) as olheiras
d) a alface	

8. Em **a**, afirma-se que ele leu o livro inteiro; em **b**, que qualquer livro deve ser bem conservado.

9. a) Todos três foram reprovados em Matemática.
b) Li a notícia da demissão do técnico em *O Estado de S. Paulo*.
c) Discutia os assuntos mais profundos.
d) Está correta.
e) Haverá hoje uma reunião com Sua Majestade.
f) Não conheço a escola cuja diretora se aposentou.

10. b **11.** e **12.** c **13.** c **14.** a

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 95)*

1. Trata-se de uma história, uma fábula.
2. Na primeira vez que o autor se refere ao peixinho e ao homem, ele usa o artigo **um**, que não define quem é o homem e o peixinho. Depois, emprega o artigo **o** até o fim do texto. Isso ocorre porque na introdução da história, como nos contos de fadas ou nas fábulas, trata-se apenas de um homem e de um peixinho qualquer; então emprega-se o artigo indefinido; no transcorrer da história, os personagens já foram apresentados, vão se definindo, assumem características próprias, tornam-se "conhecidos" do leitor, pois já foram mencionados, e então passa a se empregar o artigo definido.
3. a) O segundo artigo determina o substantivo animalzinho, por isso é definido.
   b) O primeiro substitui o substantivo peixinho, completando o sentido do verbo; portanto, não é um artigo (no caso, temos um pronome pessoal desempenhando a função de objeto direto).
4. Porque a palavra trote é masculina e diante dela só caberia o artigo **o**. Nesse caso, o **a** é uma preposição. **Professor(a)**, comente com os alunos que o artigo varia e concorda com o substantivo a que se refere.
5. a) O segundo é o peixinho.
   b) O primeiro é o homem.
   c) Essas formas foram utilizadas para evitar a repetição das palavras peixinho e homem, que já haviam sido empregadas pelo autor.
6. Quente ("[...] para que o animalzinho sarasse no quente."). O uso do artigo definido transformou o adjetivo em substantivo. **Professor(a)**, recorde com os alunos que, nesse caso, temos uma derivação imprópria.
7. Mão.

Capítulo 7 – ADJETIVO

Atividades *(p. 108)*

1. O anúncio foi publicado para parabenizar São Paulo pelos seus 453 anos.
2. Adjetivos.
3. Resposta pessoal. **Professor(a)**, muitas pessoas de outras origens moram em São Paulo e acolheram essa cidade como sua. Segundo o texto, para ser paulistano basta ter sonho, esperança e um grande coração.
4. a) No primeiro caso, **paciente** é substantivo; no segundo, adjetivo.
   b) No primeiro caso, **paciente** significa "pessoa que está sob cuidados médicos"; no segundo, significa "tranquilo", "que espera serenamente".
5. a) magra, alta, macilenta, fundo, arqueado, compridos, delgados, largos, grossos, grandes, ossudas, estragadas, grossas, chatas, cinzentas, crespo, indecisa, sujo, grisalho, áspero, espinhento, descaída, longo, engelhado, falhos, cariados.
   b) complexo, penetrante, persistente, agridoce, equilibrado, elegante, balsâmico, maiores, boa, universal; "da Itália", que é uma locução adjetiva (contribuições da Itália = contribuições italianas)
   c) diferente, quente
   d) fraco, desdentado, feio
   e) podres, vermelhos
   f) engenhosa, compendiosa, eloquente, verdadeira, profunda
   g) bonita, agateado
   h) namorador, político, raquítico, sifilítico
6. a) Pedro é um funcionário de estatura elevada.
   b) Pedro é um funcionário graduado (importante).
   c) Aquele homem tinha um amigo idoso.
   d) Visitou-me ontem um amigo de longa data.
7. O adjetivo é **caro**. A forma prescrita pela gramática normativa para o superlativo absoluto sintético desse adjetivo é **caríssimo** (lojas caríssimas).
8. a) René Descartes
   b) Carlos Magno
   c) Cristóvão Colombo
   d) Adão
   e) Pedro Álvares Cabral
   f) Euclides (geômetra grego) ou Euclides da Cunha (escritor brasileiro)
   g) Pitágoras
   h) Aristóteles
   i) Sócrates
   j) Édipo, personagem da tragédia *Édipo Rei*, de Ésquilo
   k) Franz Kafka
   l) Napoleão Bonaparte
   m) Karl Marx
   n) Louis Pasteur
   o) Sigmund Freud
   p) Dante Alighieri
9. a) O espetáculo pirotécnico foi maravilhoso!
   b) Quem viu o acidente diz que a cena foi horrorosa.
   c) Esta comida é saborosa.
   d) Neste ano o inverno veio rigoroso.
   e) É difícil viver com pessoas preconceituosas.
   f) Algumas pessoas são mais poderosas que as próprias instituições governamentais.
10. a) O médico preencheu o formulário com uma letra ilegível.
    b) A atriz usava um perfume inesquecível.
    c) Vai entrar em cartaz um filme imperdível.
    d) O mágico fazia coisas inimagináveis.
    e) O pai deixou para o filho um imóvel impenhorável.
    f) Era uma pessoa imperturbável.
11. Sim. Empregou-se a forma analítica **mais bons** porque se comparam duas qualidades em um mesmo ser.

12. a) amaríssimo
b) antiquíssimo
c) beneficentíssima
d) friíssimo
e) seriíssima
f) pueril ou infantil
g) caprina
h) leonino
i) lacustre

13. a) Os tabeliães corteses falaram com os escrivães cruéis.
b) Os cidadãos fiéis usavam blusas amarelo-escuras.
c) Os guardas-noturnos usavam ternos azul-marinho e camisas verde-esmeralda.
d) Deixaram, nos guarda-roupas, os ternos azul-escuros e as gravatas cinza.

14. a) AU
b) AB
c) AB
d) AB
e) AU
f) AB
g) AU
h) AB
i) AU
j) AU
k) AU
l) AB
m) AU
n) AB
o) AB
p) AU

15. a) atitudes difíceis
b) balõezinhos infláveis
c) alemães capazes
d) opiniões gentis
e) fósseis úteis

16. a) madrinha honesta
b) dama cortês
c) cirurgiã espanhola
d) consulesa impostora
e) heroína ateia
f) nora chorona
g) governadora anterior
h) cadela andaluza

17. a) conflitos sino-russo-americanos
b) operações médico-cirúrgicas
c) literaturas luso-brasileiras
d) gravatas verde-oliva
e) blusas vermelho-claras
f) blusas amarelo-douradas
g) saias amarelo-ouro
h) ternos azul-marinho
i) meninos surdos-mudos
j) blusas gelo
k) camisas laranja
l) camisas alaranjadas

18. a) superlativo absoluto sintético
b) superlativo absoluto analítico
c) comparativo de superioridade
d) superlativo relativo de superioridade
e) comparativo de igualdade
f) superlativo relativo de inferioridade
g) comparativo de inferioridade
h) comparativo de superioridade
i) superlativo relativo de inferioridade
j) superlativo absoluto analítico
k) superlativo absoluto sintético
l) superlativo relativo de superioridade

19. Aparecem adjetivos substantivados nas frases **a** (bom), **b** (engraçado) e **d** (fortes).

20. a) O Maracanã é maior que o Morumbi.
b) Este livro é melhor que aquele.
c) Este carro é pior que o outro.

21. a) As pintoras têm mãos ágeis.
b) Os operários veem as indústrias têxteis.
c) Os economistas vêm às cidades fabris.
d) As turistas creem nos cônsules estrangeiros.
e) Os garis mantêm limpos os lados ímpares.
f) Chegaram os coronéis luso-turco-brasileiros.
g) Viram os caracóis marítimo-fluviais.
h) As batatas-doces são branco-amareladas.
i) Leram as obras-primas político-literárias.

22. a) acordo greco-cipriota
b) relações nipo-brasileiras
c) convênio luso-francês
d) comércio sino-germânico (ou sino-alemão)

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 111)*

1. Gorda, baixa, sardenta (referem-se a ela); crespos e arruivados (referem-se a cabelos); enorme (refere-se a busto); achatadas (refere-se a nós).

2. Com a finalidade de descrever a personagem.

3. a) "éramos achatadas"
b) "de cabelos livres"
c) "esguias, altinhas"

4. a) superlativo absoluto analítico
b) superlativo absoluto sintético

5. **Natalício** refere-se ao dia do nascimento, portanto data natalícia é a data de nascimento de alguém.

6. **Adjunto adnominal**: crespos, arruivados, enorme; **predicativo**: gorda, baixa, sardenta, achatadas, bonitinhas, esguias, altinhas.

7. A crueldade consiste no fato de a filha do dono da livraria não atender aos desejos da personagem narradora (ler os livros), embora pudesse fazê-lo. No aniversário, em vez de livro, enviava um cartão-postal da própria cidade onde moravam.

Capítulo 8 – NUMERAL

Atividades *(p. 118)*

1. Em três casos trata-se do artigo indefinido ("um período", "um eminente professor", "um dos ataques"). A palavra só está funcionando como numeral cardinal na frase "Há sete milhões de pessoas em Moscou e um elefante".

2. a) segunda fase
b) cem por cento vendido
c) duzentos e setenta metros quadrados
d) quilômetro duzentos e nove
e) cento e vinte quilômetros
f) três mil e quinhentos reais o metro quadrado

3. Ocorreu ontem o sorteio do quadragésimo oitavo concurso da quina. O prêmio total de dezessete milhões, quinhentos e noventa e quatro mil, trezentos e vinte e um reais e doze centavos foi dividido entre os

dezesseis acertadores, cabendo a cada um deles a importância de um milhão, noventa e nove mil, seiscentos e quarenta e cinco reais e sete centavos.

4. No trecho, **uma** é numeral cardinal por exprimir quantidade exata, opondo-se a **duas**.

5. a) F (Pertencem ao século XX.)
b) V
c) V
d) V
e) V
f) F (Corresponde a correio.)

6. a) Fracionário
b) Ordinal
c) Multiplicativo
d) Multiplicativo
e) Multiplicativo
f) Cardinal
g) Ordinal
h) Fracionário
i) Multiplicativo

7. a) Está correta.
b) Está correta.
c) Na festa havia mais de cinquenta convidados.
d) Recebeu mais de um milhão em moedas.
e) No concurso, ela foi a octogésima classificada.

8. a) Luís dezesseis
b) Dom João sexto
c) João dezessete
d) Pio doze
e) Henrique sexto
f) capítulo segundo
g) capítulo trinta e três

9. a) centésimo décimo primeiro
b) ducentésimo vigésimo segundo
c) trecentésimo (ou tricentésimo) trigésimo terceiro
d) quadrigentésimo (ou quadringentésimo) quadragésimo quarto
e) quingentésimo quinquagésimo quinto
f) seiscentésimo (ou sexcentésimo) sexagésimo sexto
g) septingentésimo (ou setingentésimo) septuagésimo (ou setuagésimo) sétimo
h) octingentésimo octogésimo oitavo
i) nongentésimo (ou noningentésimo) nonagésimo nono

10. a) Esta é a trigésima vez que venho aqui.
b) Ela foi a octogésima sétima classificada.
c) Amanhã ele completará o septuagésimo (ou setuagésimo) sexto aniversário.
d) Para prestar queixa, compareceram ao quinquagésimo primeiro Distrito Policial.
e) A empresa fica no quadragésimo segundo andar daquele prédio.
f) Com ventos de sessenta quilômetros por hora, uma temperatura de menos vinte graus centígrados (ou vinte graus centígrados negativos) transforma-se em menos cinquenta graus centígrados (ou cinquenta graus centígrados negativos).
g) Uma inflação de quarenta por cento ao mês pode resultar em cinco mil e quinhentos por cento ao ano.
h) A dívida já é de quatro milhões, quinhentos e oitenta e dois mil, seiscentos e dezoito reais e trinta e nove centavos.

11. a) Na geladeira, havia **duas dúzias** de refrigerantes.
b) O Brasil foi descoberto há **cinco séculos**.
c) Já se passaram mais de **quatro décadas** que a Copa do Mundo aconteceu no Brasil.
d) Naquele ano foi comemorado **o centenário** da Independência.
e) No depósito da gráfica havia apenas **uma resma** de papel.
f) A confecção encomendou **uma grosa** de botões.

12. a) dois quartos
b) seis oitavos
c) cinco nonos
d) onze doze avos
e) quatro vinte e três avos
f) um décimo
g) um vigésimo
h) um centésimo
i) um milésimo
j) um milionésimo

13. d **14.** d

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 119)*

1. Em ambas as expressões ficam subentendidas as palavras **mil** e **réis**: "pra pagar três mil e trezentos réis"; "você tem que voltar dezessete mil e setecentos réis".

2. No sentido de mil-réis.

3. Tirar os nove fora, no texto, significa fazer a prova dos nove. A prova dos nove era uma maneira utilizada antigamente para confirmar (provar) se uma operação aritmética elementar estava correta.

4. "Você tem que me voltar dezessete e setecentos"; "Dezessete e setecentos, você tem que me voltar".

5. Resposta pessoal. Sugestão: grana, dindim, cacau, arame, bufunfa etc. As gírias **mango** e **pau** são usadas para substituir o nome da moeda corrente: duzentos mangos, quinhentos paus.

6. Não. Se foi dado 20 000 mil para pagar 3 300, o troco tem de ser 16 700.

Capítulo 9 – PRONOME

Atividades *(p. 125)*

1. São verdadeiras as informações dos itens a, c, e e f.

2. a) Ele, todos, outros
b) Eu (duas ocorrências), me, você, comigo
c) Eu, você

3. a) príncipes
b) papas
c) altas autoridades
d) cardeais
e) reitores de universidades

4. a) Pronome adjetivo
b) Todos são pronomes substantivos.
c) **Tudo** (pronome substantivo); **outra** e **meu** (pronomes adjetivos).

5. a) Convidei-a para a festa de aniversário.
b) Vi-o no cinema.

c) Deram o livro para mim.
d) Emprestaram o caderno para ti.
e) Receberam-nos com muita atenção.
f) Entre ela e mim não há qualquer problema.
g) Jamais houve qualquer problema entre mim e ti.
h) Não vá à festa sem mim.
i) Deram o livro para eu ler.
j) Não deu para eu ir à escola ontem.
k) Falta muito pouco para eu descobrir a verdade.
l) Meu amor, preciso muito falar com você.
m) Querida, eu gosto muito de você.
n) Heloísa, preciso falar com você ainda hoje.
o) Eles queriam falar conosco.
p) Não o(a) convidei para a festa.
q) Não lhe obedeço porque não o(a) respeito.
r) Mandei-a sair.

6. Um príncipe (ou princesa) e um rei (ou rainha).

7. a) Roubaram os seus documentos. (Ou: Roubaram os documentos dele.)
b) Vendaram os meus olhos.

8. a) Não houve condições para eu resolver os problemas.
b) Está correta.
c) Ninguém irá sem mim.
d) Está correta.

9. a) Você sabe da sua capacidade.
b) Vossa Excelência conhece bem seus ministros.
c) Vossa Majestade não confia em seus assessores.

10. a) Aquelas atitudes deixaram-nas magoadas.
b) Gostei muito daquele carro, por isso desejo comprá-lo.
c) Aquela tarefa? Fê-la com satisfação.
d) Aquele livro? Temo-lo para pronta entrega.

11. c **13.** e **15.** a **17.** c **19.** b
12. c **14.** e **16.** b **18.** e

Atividades *(p. 131)*

1. a) A palavra responsável pelo quiproquó é o pronome demonstrativo **isso**.
b) No diálogo, o tenente Escovinha usa esse pronome demonstrativo para retomar as orações que o antecedem. Dentinho, no entanto, não atribui a essa palavra o valor de uso, ou seja, o que ela significa dentro de um contexto. Para ele, tratava-se de simplesmente escrever uma determinada palavra, sem levar em conta seu uso.

2. A palavra **pizza**.

3. a) **Possessivo:** nossos; **demonstrativo:** essa.
b) **Possessivo:** meu; **demonstrativo:** esse.
c) **Possessivos:** minha, nossa.
d) **Possessivos:** minha, meu; **demonstrativos:** esses, isso, esta.
e) **Possessivos:** minha (impureza), minha (bondade), minha (imagem), meu (amor); **demonstrativo:** isso.

4. a) Este b) Esse c) Este d) Esse

5. a) esta / aquela
b) aquele / este
c) esta / aquela
d) Isto
e) Isso
f) Aquilo
g) Esta
h) Estas

6. Os pronomes demonstrativos **aquele** e **esta** recuperam, respectivamente, os termos **meu país** e **minha família**, funcionando como importantes elementos de coesão textual.

7. a) D c) PO e) PR g) D
b) D d) PO f) P h) PO

8. c **9.** e **10.** b **11.** a **12.** e

Atividades *(p. 140)*

1. O drama do treinador, a meu ver, é que **todas as pessoas, no mundo inteiro**, dizem que o Brasil tem hoje o melhor elenco de craques do planeta. Com esse material nas mãos, se a seleção for campeã, todos vão dizer: "Também, com um time desses, até eu".

2. Todos: pronome indefinido; meu: pronome possessivo; que: pronome relativo; nada: pronome indefinido; nos: pronome pessoal oblíquo; nós: pronome pessoal reto; nossa: pronome possessivo; nos: pronome pessoal oblíquo; eu: pronome pessoal reto; que: pronome relativo.

3. a) O pronome relativo está distante de seu antecedente, induzindo o leitor a erro de interpretação ("por ter posto a mão em um doce em uma lanchonete **que** não ia comprar": esse trecho afirma que ele não ia comprar a **lanchonete**). O emprego inadequado do pronome relativo é responsável pela quebra da coesão textual.
b) Foi morto com dois tiros nas costas anteontem, em uma lanchonete, por ter posto a mão em um doce **que** não ia comprar.

4. a) Lembrei-me do tacho velho, **que** era o centro da pequenina casa **onde** vivíamos.
b) Ele, **que** se mostrara sempre tão generoso, tão displicente pelas faltas alheias, não lhe perdoara.
c) Aquele menino, **cujo** pai é professor, disse que não faria o trabalho **que** lhe pediram.
d) Aquelas pessoas **que** compareceram à reunião falaram tudo **quanto** queriam falar.
e) Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, **que** eu conheço de vista e de chapéu.

5. a) Recebi notícias de meu amigo que mora no exterior.
b) O menino cujo pai é professor foi reprovado.
c) Não pude comparecer à festa que você promoveu.
d) A casa onde (em que, na qual) moro é nova.
e) Não li os livros que você recomendou.
f) A cantora de quem sou admirador gravou novo disco.
g) As plantas que estão no jardim precisam ser regadas.
h) Não conheço o escritor a cujo livro você se referiu.
i) Você se referiu ao livro que está esgotado.

6. a) Da forma como está redigida, o pronome relativo está se referindo ao termo **aeroporto de Congonhas**, ou seja, a frase dá a entender que o comandante Carlos Silva é o responsável pelo aeroporto.
   b) Para ficar claro que o comandante Carlos Silva é o responsável pelo voo, e não pelo aeroporto, a frase deveria estar assim redigida: "Este é o voo 3216, que hoje está sob a responsabilidade do comandante Carlos Silva, com destino ao aeroporto de Congonhas".

7. a) a c) c, c e) b g) b i) d
   b) b d) a f) d h) b

8. a) Jamais te enganaria dessa maneira.
   b) Está correta.
   c) Está correta.
   d) Alguém me convenceu da verdade.
   e) Não compreendi os motivos que nos alegaram.
   f) Quem me disse aquela verdade?
   g) Quanto me custa entender os motivos!
   h) Está correta.
   i) Não te devolverão os documentos apresentados.
   j) Nunca te devolveriam os documentos apresentados.

9. **Alguém** e **ninguém**: pronomes indefinidos substantivos; **todo** (três ocorrências) e **algum**: pronomes indefinidos adjetivos.

10. a) numeral
    b) artigo indefinido
    c) **uma** história: artigo indefinido; **uma** sequer: numeral
    d) artigo indefinido
    e) numeral

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 141)*

1. Espera-se que os alunos apontem no texto palavras, expressões e construções sintáticas características de uma variedade de língua não urbana, como: quadra de dormir (quarto em forma de quadrilátero); trempe (chapa de ferro colocada sobre o fogão para segurar as panelas); calango (uma espécie de lagarto); treladas (em vez de atreladas); arriba (acima); anódio (em vez de anódino = insignificante); quenga (prostituta); remancheou (fez algo devagar); bufa (pum, peido).

2. Podem ser apontadas as seguintes construções: "topei a casa vazia" (em vez de topei com a casa vazia); "dizia que ausentava de mim" (em vez de dizia que se ausentava de mim); "que eu não reparasse sua atitude" (em vez de que eu não reparasse em sua atitude).

3. No fragmento, o presente do indicativo (volto) foi empregado com valor de passado (voltei).

4. Tais enunciados, no contexto da narrativa, expressam o ponto de vista do narrador. O primeiro em relação à personagem Lucinda; o segundo em relação às mulheres em geral.

5. a) Ao personagem-narrador: trata-se de uma narrativa em primeira pessoa.
   b) Os verbos aparecem em uma sequência cronológica, do passado para o presente.

6. Ela retoma o substantivo Lucinda anteriormente expresso.

7. O termo implícito é Lucinda.

8. a) Lucinda. b) A portadora do bilhete.

Capítulo 10 – VERBO

Atividades *(p. 177)*

1. É o verbo **contar** em "mais tarde eu contava". A expressão que indica um fato futuro é **mais tarde**.

2. a) Os convites de formatura já tinham sido preparados pela comissão.
   b) Interrogaram-se as testemunhas.
   c) Convocaram os sócios para uma reunião.
   d) Um brasileiro ia pilotar o carro.
   e) Aplaudiu-se com entusiasmo a apresentação do cantor.

3. a) **choveu**: fenômeno da natureza; 2.ª conjugação
   b) **garoou**: fenômeno da natureza; 1.ª conjugação
   c) **derrubou**: ação, 1.ª conjugação; **destelhou**: ação, 1.ª conjugação
   d) **estão**: estado; 1.ª conjugação
   e) **ficaram**: estado (mudança de); 1.ª conjugação
   f) **houve**: existência; 2.ª conjugação
   g) **decretou**: ação; 1.ª conjugação
   h) **estão**: estado, 1.ª conjugação; **ficou**: estado (mudança de), 1.ª conjugação
   i) **causou**: ação; 1.ª conjugação
   j) **transferiu**: ação; 3.ª conjugação

4. a) **radical:** vend-
   vogal temática: -e
   tema: vende-
   desinência modo-temporal: -ri (alomorfe da desinência -ra)
   desinência número-pessoal: -eis
   b) **radical:** part-
   vogal temática: -i
   tema: parti-
   desinência modo-temporal: -ra
   desinência número-pessoal: -s
   c) **radical:** am-
   vogal temática: não há
   tema: não há
   desinência modo-temporal: -e
   desinência número-pessoal: -mos
   d) **radical:** distribu-
   vogal temática: não há
   tema: não há
   desinência modo-temporal: -a
   desinência número-pessoal: -m

e) **radical:** sofr-
vogal temática: não há
tema: não há
desinência modo-temporal: -a
desinência número-pessoal: -s

f) **radical:** escut-
vogal temática: não há
tema: não há
desinência modo-temporal: não há
desinência número-pessoal: -o

g) **radical:** estud-
vogal temática: -a
tema: estuda-
desinência modo-temporal: não há
desinência número-pessoal: -ste

5. a) passiva analítica
b) ativa
c) passiva sintética
d) passiva analítica
e) ativa
f) passiva analítica
g) passiva sintética

6. a) Uma história linda foi contada por mim para as crianças dormirem.
b) As roupas do varal são recolhidas por Joana toda manhã.
c) Um aumento salarial foi concedido aos funcionários pela empresa.
d) Muitos livros são lidos por Pedro todos os anos.
e) Toda a safra de soja deste ano foi queimada.
f) O pianista e o piano são envolvidos pela luz circular do refletor.

7. a) O impostor enganou as moças.
b) O comandante abandonou o navio no cais.
c) O esgrimista comprou o florete.
d) Aquele grupo encenará uma nova peça.
e) O técnico incorporará um novo atleta ao time.

8. a) Os responsáveis não são conhecidos.
b) A compra do imóvel será efetuada.
c) As provas não serão corrigidas.
d) Um requerimento ao diretor foi entregue.
e) A contratação dos aprovados será efetivada.

9. a) Entregar-se-ão as mercadorias.
b) Consertar-se-á a roupa.
c) Regar-se-ão as plantas todos os dias.
d) Tomaram-se as providências.
e) Analisar-se-ão os trabalhos amanhã.

10. a) defectivo
b) irregular
c) defectivo
d) abundante
e) regular

11. a) enxugado
b) enxuta
c) prendido
d) preso
e) acendido
f) aceso
g) entregado
h) entregue
i) expulsado
j) expulso
k) imprimido
l) impresso

12. a) relatou
b) imaginei
c) pensava
d) contarei
e) chegava
f) faltara
g) sofria
h) espia
i) falhara
j) orávamos
k) diz
l) cantaria

13. a) volte
b) chega
c) abandone
d) retire
e) fala

14. a) cantemos
b) saibamos
c) vendamos
d) queiramos
e) partamos
f) durmamos
g) ponhamos
h) recebamos

15. a) chegarmos
b) recebermos
c) sorrirmos
d) pusermos
e) repusermos
f) virmos
g) revirmos
h) trouxermos
i) viermos

16. a) cantássemos
b) vendêssemos
c) ríssemos
d) trouxéssemos
e) puséssemos
f) dispuséssemos
g) víssemos
h) previssemos
i) viéssemos

17. a) **faça:** imperativo afirmativo; **perturbe:** presente do subjuntivo
b) futuro do subjuntivo
c) imperfeito do subjuntivo
d) imperativo negativo

18. a) Pegue o dinheiro e vá comprar pão.
b) Vista a capa de chuva e proteja-se.
c) Tome banho e penteie bem os cabelos.
d) Pare no posto e encha o tanque.
e) Verifique o motor e continue a viagem.

19. a) O erro consiste no emprego de uma forma verbal que não existe: "reavê". O verbo **reaver** é defectivo e só deve ser conjugado nas formas em que o verbo **haver** apresenta a letra **v**.
b) Quando não existe a forma do verbo defectivo, deve-se utilizar uma locução verbal ou um sinônimo que, é claro, também não seja defectivo. Dessa forma, para ficar correta, a manchete deveria ser: "Líderes asseguram vaga, e Corinthians recupera (ou consegue reaver) 2.º lugar".

20. c

21. a) Os homens iam à missa regularmente, embora esquecessem Deus no dia a dia.
b) Crianças pequenas não tinham noção do perigo, embora fossem alertadas sobre ele.
c) Os estudiosos de Medicina afirmavam que o homem poderia viver cento e vinte anos, embora não pudessem provar isso.
d) As grandes cidades tinham frotas de veículos cada vez maiores, embora a poluição automotiva prejudicasse a saúde ambiental e a do homem.

22. a) Se eles saírem tarde, eu também sairei.
b) Se tu puderes viajar de avião, eu também poderei.
c) Se ele quiser viajar, eu também quererei.
d) Se tu frigires os ovos, eu também frigirei.
e) Se vós puserdes os cachorros para dentro, eu também porei.

23. a) Se você passar os fins de semana na chácara, eu também passarei.
b) Se você comprar frutas no supermercado, eu também comprarei.
c) Se você ouvir música de madrugada, eu também ouvirei.

d) Se você vir sombras no jardim, eu também verei.
e) Se você nadar duas horas por dia, eu também nadarei.

24. a) Quando eu ganhar o prêmio, doarei a uma instituição.
b) Quando eu souber inglês, estarei empregado.
c) Quando eu estudar mais, tirarei uma nota melhor.

25. a) Talvez ele viaje nas férias.
b) Talvez Pedro esteja namorando.
c) Talvez ele tenha entrado na faculdade.
d) Talvez o Brasil seja campeão.

26. a) Corretor, venda a fazenda!
b) Daniel, não leia o livro!
c) Adriana, parta à noite!
d) Dênis, entregue as flores!
e) Ana, não saia de casa!
f) Crianças, vejam o cometa!
g) Marcelo, não discuta!

27. a) Canta aquela canção.
b) Sai de casa hoje.
c) Volta tarde.
d) Leia este livro.
e) Escreve neste papel.

28. a) Não volte imediatamente para o seu lugar.
b) Não receba este presente.
c) Não saia de casa imediatamente.
d) Não tranques aquela porta.
e) Não ponhas o livro no armário.

29. a) cortá-la
b) bendizê-lo
c) convidá-lo
d) esquecê-la
e) trazê-lo
f) estudá-la
g) entregamo-nos
h) retém-las
i) costurá-lo
j) senti-lo
k) pu-la
l) qui-la
m) admirá-lo

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 180)*

1. Apresentar objetivamente instruções ao interlocutor sobre como preparar um prato (caldo verde). Trata-se de um texto instrucional.

2. Na primeira parte, enumerar os ingredientes de que o interlocutor precisará para fazer o prato. Na segunda parte, o autor indica os procedimentos necessários para fazer o prato.

3. Na primeira parte, não há orações, pois não há verbos. Na segunda, há orações, pois há verbos.

4. Predominam os verbos lexicais (verbos que exprimem ações), na medida em que a função da segunda parte do texto é relacionar os procedimentos (ações) a serem executados para o preparo da receita.

5. Excetuando as formas verbais presentes na última frase do texto, todas as demais não fazem referência a sujeito algum: estão no infinitivo impessoal. Na última frase, a forma verbal "deverá estar pronta" refere-se ao sujeito "a sopa" e a forma verbal "ter sido colocada" refere-se ao sujeito "a couve".

6. A sopa deverá estar pronta depois de uns dez minutos de a couve ter sido colocada.

7. Com um único verbo a oração ficaria assim: "A sopa estará pronta depois de uns dez minutos". Com um único verbo, passa-se a informação de um fato certo; com o uso do verbo auxiliar (deverá) passa-se a ideia de que é previsível que a sopa esteja pronta após dez minutos.

8. **Professor(a)**, espera-se uma resposta negativa, já que, ao apresentar os ingredientes, o autor informa que a quantidade de azeite a ser usada é de 150 mililitros. Se, ao cozinhar as batatas, temos de juntar a metade do azeite, é óbvio que se teria de juntar 75 mililitros.

9. No texto, os infinitivos impessoais têm valor de imperativo, por isso poderiam ter sido usadas as formas do imperativo afirmativo.

10. Nas receitas culinárias, os momentos da leitura do texto e da execução das instruções costumam coincidir, ou seja, o leitor lê uma instrução e a executa imediatamente. Caso se optasse por uma construção sintática com períodos longos, orações em ordem inversa ou subordinação de ideias, o tempo entre a leitura e a execução seria bem maior, dificultando a realização das instruções de modo imediato.

Capítulo 11– CATEGORIAS GRAMATICAIS INVARIÁVEIS

Atividades *(p. 193)*

1. Não, agora, tarde (duas ocorrências), muito, deliciosamente.

2. **Só**, indica exclusão (pode ser substituída por **apenas**).

3. Muito, advérbio de intensidade, está modificando o advérbio tarde; deliciosamente, advérbio de modo, está modificando o advérbio tarde. **Professor(a)**, comentar que "deliciosamente" expressa um julgamento e que, nesse caso, o advérbio é considerado um modalizador.

4. Em **a**, o falante exprime um fato como certo; em **b**, com o uso do advérbio a afirmação é modalizada, isto é, o comprometimento do falante com aquilo que enuncia é menor, já que coloca a afirmação não como certa, mas como provável.

5. A primeira faixa foi colocada com muita antecedência em relação ao Natal. Os possíveis interlocutores são as pessoas previdentes, que gostam de fazer as compras com bastante antecedência. A segunda faixa foi colocada mais tarde, quase às vésperas do Natal e se destina aos retardatários. **Já** e **ainda** orientam a atenção do interlocutor para essas ideias: é cedo, mas você já pode fazer encomendas; é tarde, mas você ainda pode fazer encomendas.

6. Quanto melhor é a queima do combustível, ou melhor dizendo, quanto mais bem regulado estiver seu veículo, menor será a poluição.

7. Em ambos os casos, a preposição **de** exprime causa.

8. A função do operador argumentativo **até** é introduzir argumento pressuposto, ou seja, disseram várias coisas e, entre elas, que o sol ia nascer antes da madrugada.

9. Em **a**, argumenta-se em favor de Luciano. Tal frase seria proferida pelo defensor de Luciano. Em **b**, argumenta-se contra Luciano. Tal frase seria proferida por aquele que acusa Luciano.

10. a) lugar d) lugar g) lugar
b) assunto e) causa h) lugar
c) meio f) finalidade i) tempo

11. a) **Embora** (conjunção concessiva)
b) Se a vítima ficou bloqueada no trânsito, a região, provavelmente, não era de "pouco movimento". E, se a região era de "pouco movimento", a ausência de fiscalização não caracteriza a concessão marcada pela conjunção **embora**. Se em vez de "pouco movimento" tivéssemos "grande" ou "muito" movimento, não haveria contradição alguma.

12. **Aqui**: Portugal; **lá**: Brasil.

13. Em **a**, "no museu" indica lugar; em **b**, "ao museu" está indicando o destinatário da ação, ou seja, a quem seria vendida a antiguidade.
Professor(a), se julgar conveniente, comente que em **a**, por indicar lugar, "no museu" exerce a função sintática de adjunto adverbial. Já em **b**, por indicar o destinatário da ação, "ao museu" exerce a função sintática de objeto indireto.

14. a) desde, até, em d) de, para, em
b) entre, de e) sem, com, de
c) a, de

15. a) Apesar de, de acordo com
b) Em vez de, perto de, junto de

16. a) rapidamente, não d) devagar
b) sempre e) não, não, aqui
c) hoje

17. a) paulatinamente
b) inutilmente, debalde
c) sorrateiramente
d) repentinamente
e) apressadamente
f) concomitantemente
g) indubitavelmente

18. A expressão **entre outras** remete o interlocutor para um argumento implícito: no Unibanco você tem **inúmeras vantagens**, uma delas é ter um cartão de crédito; já introduz o argumento de que o cartão está aprovado no momento em que o interlocutor lê o texto, ou seja, ele nem precisa esperar pela aprovação; **antes mesmo** introduz o argumento mais forte: pressupondo que o interlocutor vá pedir o cartão e desejando que sua solicitação seja aprovada, o Unibanco antecipa-se ao seu pedido.

19. a) O fato objetivo informado é que Fábio Costa pegou dois jogos de suspensão.
b) **Apenas**.
c) Não, o uso do advérbio **apenas** deixa uma informação implícita: que Fábio Costa deveria ter uma punição superior a dois jogos.

20. a) **que**: consequência; **como**: comparação
b) causa
c) concessão

21. a) interjeição c) substantivo
b) advérbio d) preposição

22. c

23. a) **preposições:** com, a, com; **conjunções:** e, que, e
b) **preposição:** sobre; **conjunção:** quando
c) **preposições:** com, até; **conjunção:** e

24. Ele era artilheiro do time, mas (porém, todavia, contudo etc.) não marcou nenhum gol no campeonato.

25. Ouvimos um ruído, logo (portanto) havia gente nos fundos da casa.

26. Devolva-me o livro, pois (porque, que) estou precisando dele.

27. Ele saiu quando eu cheguei.

28. Chegou atrasado porque (visto que, já que) saiu tarde de casa.

29. Resolvemos tomar banho frio, embora (se bem que) fosse um inverno rigoroso.

30. Estudamos com afinco, de modo que conseguimos boa nota.

31. a) oh, oh c) salve!, pô!
b) olá d) ah

32. a) advertência d) alívio g) desejo
b) silêncio e) dor h) alegria
c) animação f) invocação

33. a) c d) a g) b
b) c e) b h) a
c) a f) c

34. a) modo d) intensidade g) intensidade
b) lugar e) afirmação h) dúvida
c) tempo f) modo i) tempo

35. a) Sugestão: Não sabia que você dirigia **tão** mal.
b) Sugestão: Moro **bastante** longe da escola.
c) Sugestão: Costumo acordar **bem** cedo todos os dias.
d) Sugestão: Apesar do despreparo físico, o time jogou **muito** bem.

36. a) Este jogador está **mais bem** posicionado que aquele.
b) Esta questão está **mais mal** elaborada que aquela.
c) Está na hora **de o** menino sair.
d) Chegou a hora **de este** pintor ser reconhecido.

37. a) conjunção coordenativa conclusiva
b) conjunção coordenativa conclusiva
c) conjunção coordenativa explicativa
d) conjunção coordenativa adversativa
e) conjunção subordinativa concessiva

f) conjunção subordinativa integrante
g) conjunção subordinativa condicional
h) conjunção subordinativa integrante
i) conjunção subordinativa temporal
j) conjunção subordinativa causal

38. a) A b) A c) B d) B e) B f) A

39. a) adversidade b) concessão c) consequência d) causa

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 196)*

1. O termo retomado pelo pronome relativo é **o samba**. "O samba faz dançar os galhos do arvoredo."

2. Os galhos do arvoredo. **Professor(a)**, o verso "Os galhos do arvoredo" exerce a função sintática de sujeito de **dançar**. O samba faz com que os galhos do arvoredo dancem. Observe ainda que, nesse caso, é correto o emprego da forma não flexionada do infinitivo: faz dançar os galhos e não faz dançarem os galhos.

3. No sentido de **produzir**.

4. a) Em **Feitiço da Vila**, a preposição indica relação de posse.
b) O verso que comprova a relação de posse é "A Vila tem um feitiço (...)".

5. Relação de ausência, falta.

6. O feitiço da Vila é decente, nos faz bem.

7. Relação de explicação ao que foi expresso anteriormente: Sol, não venha agora, **pois** as morenas vão logo embora.

8. "O sol na Vila é triste / Samba não assiste"; "(...) o samba (...) faz dançar os galhos do arvoredo".

9. Não. Observar que o advérbio de lugar **lá**, que se refere a Vila Isabel, faz menção a um lugar distante da pessoa que fala. Caso o compositor estivesse na Vila, teria dito: "Quem nasce aqui na Vila (...)".

10. "Modéstia à parte, / Meus senhores, eu sou da Vila!"

Capítulo 12 – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Atividades *(p. 207)*

1. O sujeito é o pronome pessoal reto **nós** (oculto), sujeito determinado simples.

2. O sujeito da segunda oração é **esse**, que é um pronome substantivo demonstrativo, referindo-se a **ódio**.

3. O medo.

4. **Nós**: sujeito determinado simples, oculto.

5. E flores amarelas e medrosas nascerão sobre nossos túmulos. **Sujeito**: flores amarelas e medrosas; **núcleo**: flores.

6. Em a, temos sujeito composto com dois núcleos (motorista e dona): duas pessoas compareceram. Em b, temos sujeito simples, cujo núcleo é motorista. Nesse caso, apenas uma pessoa compareceu: a motorista que é também dona do carro.

7. **Professor(a)**, as respostas apresentadas são apenas sugestões.
a) Muitos livros de História faziam parte da biblioteca.
b) Dois carros antigos estavam em exposição.
c) O apito do trem era ouvido ao longe.
d) Dois experientes jogadores de futebol participaram do evento.
e) Naquele mês, chegaram vários navios de carga ao porto.
f) O novo gerente de vendas foi o responsável pelo bom desempenho da loja.

8. a) núcleo: telefones. Eles eram escassos naquele bairro.
b) núcleos: Gabriela, Camila e Raquel. Elas (ou as três) chegaram atrasadas.
c) núcleo: atitude. Isso (ou aquilo) não me agrada nem um pouco.
d) núcleo: pessoa. Alguém fez alusão ao acontecimento.
e) núcleos: Atos, Portos e Aramis. Três eram os mosqueteiros.

9. a) **ele**: determinado, simples
b) **eu**: determinado, simples (oculto)
c) **nós**: determinado, simples (oculto)
d) **nós**: determinado, simples (oculto)
e) **a mulher dele**: determinado, simples
f) **nós**: determinado, simples (oculto)
g) **você**: determinado, simples
h) **dois signos**: determinado, simples

10. a) A violência explode no beco escuro.
Sujeito: a violência; **núcleo**: violência.
b) Um ramalhete de flores apareceu no jardim da casa de Ana Maria.
Sujeito: um ramalhete de flores; **núcleo**: ramalhete.
c) O presidente da Fifa chegou ontem a São Paulo.
Sujeito: o presidente da Fifa; **núcleo**: presidente.
d) Muitos fenômenos inexplicáveis aconteceram naquela cidade.
Sujeito: muitos fenômenos inexplicáveis; **núcleo**: fenômenos.

11. a) **Sujeito**: aqueles famosos atores da novela; **núcleo**: atores (substantivo).
b) **Sujeito**: aquilo (pronome substantivo demonstrativo).
c) **Sujeito**: viver (verbo substantivado).

12. a) **Núcleo**: robôs. Eles nunca se cansam.
b) **Núcleos**: Ana, Cláudia e Patrícia. Elas (ou as três) já foram almoçar.
c) **Núcleo**: atitude. Isso (ou aquilo) não me surpreendeu nem um pouco.

13. São elas: **b, c, d, f**.

14. a) Na caixa faltam três peças.

b) Nós podemos falar com ele?
c) Que ruídos são esses?
d) Bombeiro e polícia procuram menino.
e) Criança desaparecida é encontrada pelos bombeiros.

15. a) Há muitos cheques sem fundo.
b) Haverá um novo caminho para o sítio?
c) Deve haver situações semelhantes.
d) Há crianças que não têm acesso à educação.

16. a) Vai fazer três anos que ela não aparece.
b) Havia pelo menos cinco pessoas naquela sala.
c) Pode haver mais três pessoas interessadas na vaga.
d) Faz duas semanas que chegamos de viagem.

17. a) Precisa-se de datilógrafos.
b) Vendem-se máquinas.
c) Acredita-se em jogos melhores.
d) Plastificam-se documentos.
e) Apela-se para os céus.
f) Alugam-se apartamentos na praia.

18. a) oração sem sujeito
b) sujeito oculto (eu), determinado simples
c) oração sem sujeito
d) sujeito indeterminado
e) sujeito determinado composto
f) sujeito indeterminado
g) sujeito determinado simples (o casamento)
h) sujeito determinado simples (ele)
i) sujeito determinado simples (pecado)

19.

a) C	e) B	i) E	m) D	q) D
b) A	f) D	j) A	n) A	r) E
c) E	g) A	k) C	o) A	s) E
d) A	h) D	l) B	p) D	

20. d

21. **Sujeito determinado simples:** motocicletas

22. Precisa-se de empregados. Vendem-se casas.

Atividades *(p. 214)*

1. "(...) um bruto saco (...)"; "(...) tudo malandro velho (...)".

2. Resposta pessoal. Sugestão: "O pessoal da Alfândega – pessoas muito experientes – começou a desconfiar da velhinha".

3. a) pessoal b) verbal c) transitivo indireto

4. Passava, em: "Todo dia ela passava (...)".

5. a) **Gosta:** verbo transitivo indireto; **é:** verbo de ligação
b) **Afirmaram:** verbo transitivo direto; **fazer:** verbo transitivo direto
c) **Participar:** verbo transitivo indireto
d) **Anunciaram:** verbo transitivo direto; **resistir:** verbo transitivo indireto
e) **Trata:** verbo transitivo indireto
f) **É:** verbo de ligação
g) **Apresentavam:** verbo transitivo direto
h) **Chegou:** verbo intransitivo
i) **Emprestaram:** verbo transitivo direto e indireto
j) **Investir:** verbo transitivo direto e indireto; **esposar:** verbo transitivo direto

6.

a) B	e) C	i) B	m) E	q) A
b) B	f) D	j) C	n) D	
c) C	g) A	k) B	o) C	
d) A	h) E	l) A	p) A	

7. a) sujeito: os **dinossauros**; predicado: também **viveram** nos polos
b) sujeito: as **denúncias** contra cientistas; predicado: **têm aumentado** ultimamente
c) sujeito: mais de cem **espécies** de frutas venenosas; predicado: **existem**
d) sujeito: os **pássaros**; predicado: nos galhos da pitangueira, **brincavam** livremente
e) sujeito: **muitos**; predicado: nos últimos dez anos, **abandonaram** seus sonhos
f) sujeito: muitos **autores**; predicado: nestes livros, **contam** suas experiências pessoais
g) sujeito: os **culpados**; predicado: naquele momento, **foram saindo** disfarçadamente
h) sujeito: os **crimes** de guerra da Bósnia; predicado: **são** inadmissíveis

Professor(a), os núcleos são as palavras destacadas.

8. a) limpos (do objeto)
b) preso (do objeto)
c) desprezível (do objeto)
d) insatisfeitas (do sujeito)
e) cansados (do sujeito)
f) desesperados (do sujeito)
g) inadmissíveis (do sujeito)
h) triste (do objeto)
i) preso (do objeto)
j) murchos (do objeto)
k) imperdoável (do objeto)
l) incerta (do objeto)
m) preocupados (do objeto)
n) arriscada (do objeto)
o) confortável (do objeto)
p) de incompetente (do objeto)
q) desesperados (do sujeito)
r) abertas (do objeto)
s) solícito (do sujeito)
t) fácil (do sujeito)
u) inflexível (do sujeito)
v) inflexível (do objeto)

9. Na primeira frase, temos o adjetivo **cerrados** na função sintática de predicativo do objeto. Por se tratar de adjetivo, exprime uma característica do substantivo **olhos**, com o qual concorda em gênero e número (olhos cerrados). Na segunda, **cerrado** é particípio do verbo **cerrar** (= fechar), formando com o verbo auxiliar **ter** o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo do verbo **cerrar**; exprime, portanto, uma ação.

10. Respostas pessoais. Sugestões:
a) Os programas da TV Cultura **são** educativos.

b) A Copa do Mundo **tornou-se** impossível para os países pobres.
c) Meu primeiro texto **ficou** brilhante.
d) Nós **estamos** gripados.
e) As mochilas **estão** mais caras que os livros.
f) O velho **anda** doente.
g) À minha direita, os prédios **permanecem** intactos depois do terremoto.

11. Respostas pessoais.

12. Respostas pessoais.

13. a) delirante b) desesperada c) paciente

14. a) predicado verbo-nominal
b) predicado verbal
c) predicado verbal
d) predicado nominal
e) predicado verbo-nominal

15. a) verbo de ligação; predicado nominal
b) verbo transitivo direto; predicado verbal
c) verbo transitivo direto; predicado verbo-nominal
d) verbo de ligação; predicado nominal
e) verbo transitivo direto; predicado verbo-nominal
f) verbo transitivo indireto; predicado verbal

16. a) infeliz e) preocupado
b) furioso f) frias
c) campeão g) atrasada
d) afoito h) inevitável

17. a) Os alunos chegaram à solenidade apreensivos.
b) Todos saíram do hospital satisfeitos com a recuperação do paciente.
c) Os espectadores assistiram ao jogo sentados nas arquibancadas.
d) Os transeuntes caminhavam pelas ruas apreensivos.
e) Depois de uma longa viagem, os turistas chegaram ao local cansados.
f) Os jurados assistiam ao julgamento calados.

18. a) razoável e) imperdoável
b) triste f) feliz
c) preso g) imprestável
d) rasgado h) rica

19. a) predicado verbal
b) predicado nominal
c) predicado verbo-nominal
d) predicado verbal
e) predicado nominal
f) predicado verbo-nominal
g) predicado verbal
h) predicado nominal

20. a) verbo transitivo direto
b) verbo transitivo direto e indireto
c) verbo intransitivo
d) **merecemos:** verbo transitivo direto; **somos:** verbo de ligação
e) verbo de ligação
f) verbo transitivo indireto

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 216)*

1. Avarento é a pessoa obcecada por adquirir e acumular dinheiro; pessoa excessivamente apegada ao dinheiro; pessoa sovina, mesquinha.

2. Essas informações, denominadas rubricas, têm por finalidade indicar como o personagem deve agir no palco.

3. Não é possível identificar o autor da ação de roubar. Temos no caso um sujeito indeterminado. O próprio personagem declara que não sabe quem lhe roubou o dinheiro em frases como "Quem poderia ter sido?", "Quem fez isso?".

4. O sujeito de "foste arrebatado" é tu (= o dinheiro), que recebe a ação expressa pelo verbo. Temos, portanto, um verbo na voz passiva sem indicação do agente.

5. Entre outras, podem-se citar: "Assassinaram-me, degolaram-me"; "Eu estou morto!... Eu estou enterrado!..."

Capítulo 13 – TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Atividades *(p. 223)*

1. a) o leite da vaca c) a flor
b) nós d) nós (implícito)

2. a) Substitui o leite da vaca; exerce a função de objeto direto.
b) Substitui a flor; exerce a função de objeto direto.

3. Por nós.

4. a) O complemento de beber é **o leite da vaca**, que vem repetido por meio do pronome oblíquo **o**.
Professor(a), comente com os alunos que, nesse caso, temos um objeto pleonástico.
b) Tirar o leite.
c) No texto, usar foi empregado no sentido de "fazer uso", "servir-se". Trata-se de um verbo transitivo indireto. Seu complemento é da violência (objeto indireto).

5. a) **De drogas:** complemento nominal; **a performance dos atletas olímpicos:** objeto direto; **novidade:** predicativo do sujeito; **da maratona dos Jogos de 1904:** complemento nominal; **o treinador da delegação dos Estados Unidos:** sujeito; **a seus pupilos:** objeto indireto; **uma mistura de xerez com gemas de ovos:** objeto direto; **o *doping*:** sujeito.
b) Todos os termos destacados exercem a função sintática de complemento nominal.
Professor(a), comentar que os complementos nominais **de defunto** e **da perdição eterna** aparecem antes do nome que completam.
c) **Os valores troianos:** sujeito.

6. a) **Sujeito:** você (determinado, simples); **predicado:** já mostrou muita nota vermelha para seu pai (predica-

do verbal); **complementos verbais**: muita nota vermelha (objeto direto); para seu pai (objeto indireto).

b) **Nota vermelha** significa "nota baixa"; numa escala de zero a dez, trata-se de uma nota abaixo de cinco. **Nota preta** é uma expressão popular que significa "muito dinheiro".

7. Importante: predicativo do sujeito; **lhe**: objeto indireto; **acesso**: objeto direto; **às coisas**: complemento nominal; **você**: sujeito

8. a) necessidade de carinho
b) sequestro do empresário
c) confiança no colega
d) obediência ao regulamento
e) combate à fome

9. a) da perfeição
b) da tempestade
c) de água fria
d) de mosquitos
e) do voo
f) ao dicionário
g) de petróleo
h) da barraca
i) da casa
j) ao parque
k) com o trabalho
l) para menores
m) a baratas

Professor(a), as respostas dadas são apenas sugestões.

10. a) **a lição**: objeto direto
b) **seus destinos**: objeto direto
c) **a geologia dos campos santos**: objeto direto
d) **a lição**: objeto direto
e) **um canivete**: objeto direto
f) **com você**: objeto indireto
g) **do esquadrão canarinho**: objeto indireto
h) **um presente**: objeto direto; **para a namorada**: objeto indireto
i) **o exercício**: objeto direto
j) **de medicamentos importados**: objeto indireto

11. a) B b) A c) B d) C e) B f) C g) C h) C i) C j) C k) C

12. a) B b) A c) B d) B e) B f) B g) B h) A i) A j) B k) B

13. a) Música era ensinada ao garoto **por Lino**.
b) Héracles foi mandado para o campo **por Anfitrião**.
c) Todos os objetos perdidos foram recuperados **pelo funcionário**.
d) Todo o trabalho foi feito **por mim** sem ajuda de ninguém.
e) Os quadros em exposição são iluminados **por uma luz fraca**.
f) Todas as questões da prova foram resolvidas **pelo aluno**.
g) Os assaltantes foram presos **pela polícia**.

Professor(a), destacamos nas respostas o agente da passiva com um recurso gráfico, o negrito; assim, oriente seus alunos a circular ou a grifar, por exemplo, o agente da passiva em suas respostas.

14. a) à dor
b) adversário
c) de férias
d) da morte
e) a baratas
f) do colégio

15. a) C
b) B
c) C
d) D
e) A
f) B

16. a) **aos companheiros**: objeto indireto; **a eles**: complemento nominal; **ao projeto**: complemento nominal
b) **da cena**: complemento nominal; **me**: objeto direto

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 225)*

1. Qualidade, característica, atributo
2. Meu professor de análise sintática.
3. Sua inexpressividade
4. A infidelidade
5. a) Temos um caso de sujeito indeterminado.
b) Objeto direto
c) Predicado verbal
d) Voz ativa
6. a) Ele (determinado oculto)
b) Predicado nominal
c) Predicativo do sujeito

Capítulo 14 – TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

Atividades *(p. 231)*

1. a) Pode-se entender que a polícia encontrou um livro que fora roubado do escritor argentino Jorge Luis Borges, ou seja, o escritor possuía um livro que lhe foi roubado. Outra leitura possível é que a polícia encontrou um livro escrito por Jorge Luis Borges e esse livro havia sido roubado.
b) Uma forma de o título expressar sem ambiguidades o teor da notícia seria "Polícia encontra livro de Borges roubado".

2. Em **I**, **pela internet** não indica o agente da compra, mas o meio utilizado para fazê-la: trata-se, portanto, de um adjunto adverbial de meio; em **II**, **pela própria aluna** indica o elemento que pratica a ação expressa pelo verbo: trata-se, pois, de um agente da passiva.
Professor(a), comente com os alunos que ambas as frases estão na voz passiva analítica, mas em **I**, ao contrário de **II**, não se exprime o agente da ação.

3. e

4. As leituras possíveis são: O livro é entregue aos professores que se cadastraram no início do ano letivo e O livro é entregue no início do ano letivo aos professores que se cadastraram. A ambiguidade decorre do fato de que o adjunto adverbial "no início do ano letivo" pode estar se referindo a cadastrados ou entregue.

5. Pode-se entender que o diretor indicou alguém e esta indicação, feita por ele, agradou a todos os acionistas. Nesse caso, do diretor tem sentido ativo (o diretor é o

agente da indicação), exercendo a função sintática de adjunto adnominal. Numa segunda interpretação, pode-se entender que alguém indicou o diretor e essa indicação agradou aos acionistas. Nesse caso, do diretor tem sentido passivo, exercendo a função sintática de complemento nominal.

6. Em **a**, o adjunto adverbial **à noite** refere-se a **disse**, indicando o momento em que o professor disse que não gosta de dirigir. Em **b**, o adjunto adverbial **à noite** refere-se a **dirigir**, portanto afirma-se que o professor disse (não se esclarece quando) que não gosta de dirigir à noite.

7. a) filho de Ulisses e Penélope
b) marido de Helena
c) o marujo
d) um ente mitológico com corpo de homem e cabeça de touro; uma das ilhas da Grécia
e) filho de Crono e Reia
f) um valente guerreiro troiano
g) Cassandra

8. a) este / aquele
b) de verão / de chuva
c) deserta
d) primeiro
e) um, uma
f) dentais
g) seu
h) a, bacteriana
i) carnívoros / ferozes
j) que falam
k) do animal
l) brasileiro
m) sem saída
n) dois, competentes

Professor(a), as respostas dadas são apenas sugestões.

9. Os dois sentidos possíveis são: A filha de dezessete anos de um engenheiro foi libertada do cativeiro e A filha de um engenheiro de dezessete anos foi libertada do cativeiro, ou seja, o adjunto adnominal "de dezessete anos" pode se referir tanto à filha quanto ao engenheiro. Nosso conhecimento de mundo, no entanto, leva-nos a optar pela leitura em que se afirma que é a filha que tem dezessete anos e não o engenheiro, já que com essa idade é pouco provável que alguém fosse formado em engenharia.

10. a) **Na vila:** adjunto adverbial; **os mais adiantados:** aposto; **de moeda falsa:** complemento nominal; **os crentes e simples:** aposto.
b) **claras:** predicativo do sujeito; **as razões:** sujeito; **as pessoas:** objeto direto; **dessa busca obsessiva:** complemento nominal; **boas:** adjunto adnominal; **tempestuosa:** adjunto adnominal; **escalador nascido em 1944 na região do Tirol:** aposto.
c) **calvos:** adjunto adnominal; **cardíacos:** adjunto adnominal; **durante onze anos:** adjunto adverbial; **pela Associação Médica Americana:** agente da passiva; **carecas:** predicativo do sujeito; **os cabelos:** objeto direto; **hormônio culpado pela perda dos pelos:** aposto; **o coração:** objeto direto.
d) **O Titicaca:** aposto; **as chamadas ilhas flutuantes:** aposto.

11. a) Sim, porque não fica claro se as fotos foram tiradas por Marilyn Monroe ou se foram tiradas fotos dela. Em síntese: não fica claro se Marilyn Monroe é a fotógrafa ou a fotografada.
b) Fora de contexto, é impossível afirmar com precisão qual a função sintática de **de Marilyn Monroe**, já que há ambiguidade no enunciado. Se as fotos foram tiradas por Marilyn, a função sintática será de adjunto adnominal (sentido ativo); se as fotos foram tiradas de Marilyn, será complemento nominal (ou seja, ela foi fotografada, sentido passivo).

12. a) B
b) A
c) B
d) A
e) A
f) B

13. a) Meu antigo patrão, que tinha levado uma vida de economias indecentes, para fazer o filho doutor, acabara morrendo do estômago e de fome sem ver na família o título que ambicionava.
b) João das Neves tomará a palavra para explicar-lhes, com detalhes, sua estrutura.
c) A enorme expansão demográfica surge a mim como um fenômeno capital.
d) A palestra será proferida amanhã pelo professor.

14. a) adjunto adverbial
b) adjunto adverbial
c) adjunto adnominal
d) adjunto adverbial
e) aposto
f) adjunto adnominal
g) adjunto adnominal
h) adjunto adverbial

15. a) **lhe:** objeto indireto; **sério, rico e discreto:** adjuntos adnominais
b) **Durante o jantar:** adjunto adverbial; **sua:** adjunto adnominal; **o paradeiro da velha Margarida:** sujeito
c) **antiga:** adjunto adnominal; **pouco:** adjunto adverbial; **colaterais:** adjunto adnominal; **a dois varões:** complemento nominal; **Afonso da Maia:** aposto; **medicina:** objeto direto
d) **primeira:** adjunto adnominal; **aos quatro meses:** adjunto adverbial; **duma gastroenterite:** adjunto adverbial; **solícito:** adjunto adnominal

16. **Do dono:** adjunto adnominal; **da voz:** complemento nominal

17. a) Cabelos pareciam capacete.
b) Escola funcionava em sobradinho.
c) Romance venderá bastante.
d) Grupo reuniu pessoas.

18. d

19. a) na planície vazia
b) no cinto
c) ontem, a Brasília
d) de longe
e) não, com precisão
f) sempre, mal, na sala de espera
g) com coragem
h) naquele lugar, não, muito, alto
i) fora de casa, sempre, muito, bem

20. a) Mangueira
b) companheiro
c) amado leitor
d) Dona Glória
e) Seu garçom
f) rapaz
g) amigo
h) menino
i) Ó estrelas

21. a) lugar
b) modo
c) companhia
d) **naquele recinto:** lugar; **acerca do desemprego:** assunto
e) finalidade
f) instrumento
g) causa
h) finalidade
i) meio
j) afirmação

22. a) A c) A e) B g) A i) A
b) B d) B f) B h) B

23. a) **vocativo:** Simone; **aposto:** sua melhor amiga
b) **vocativo:** minhas senhoras
c) **aposto:** a esposa do farmacêutico
d) **aposto:** Tejo
e) **vocativo:** alunos
f) **vocativo:** senhor diretor

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 234)*

1. O texto enquadra-se no gênero anedota (ou piada).
2. A segunda oração tem por finalidade explicar, esclarecer qual é a lição de casa. Exerce, portanto, função de um aposto.
3. Trata-se da expressão **no dia seguinte**, que exerce a função sintática de adjunto adverbial de tempo.
4. a) Por três orações.
b) A mãe (expresso na primeira oração) e **subentendido** nas demais.
c) Essa sequência de orações tem por finalidade explicar, esclarecer o sentido da palavra **coisas**. Trata-se de orações com função de aposto.
5. Introduz uma conclusão ao que foi enunciado antes.
6. Circunstância de tempo. Nessa frase, **aí** equivale a **então**.
7. O autor usou a palavra *sic* para mostrar que Juquinha falou exatamente daquela maneira e não como preceitua a norma culta: "(...) minha mãe pediu para eu ir buscar coca-cola na cozinha".
8. "Mãe só há uma." e "Mãe, só há uma!"
9. Na primeira é núcleo do objeto direto; na segunda, vocativo.
10. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que o humor decorre da diferença de sentido existente nas frases "Mãe só tem uma." e "Mãe, só tem uma!".

Capítulo 15 – ORAÇÕES COORDENADAS

Atividades *(p. 239)*

1. a) Por duas orações (1. "Caiu uma chuva **tão forte**"; 2. "que durou dias e noites"). Trata-se de um período composto.
b) O advérbio de intensidade **tão** e a repetição da expressão **tão forte**.
c) Exprime consequência.
2. É formado por três orações: 1. "A água subiu"; 2. "saltou dos rios"; 3. "encobriu os campos, as matas e, por fim, os montes".
3. a) **ou:** alternância b) **como:** comparação
4. **Choveu** tão forte, tão forte, que durou dias e noites. A água subiu, saltou dos rios, encobriu os campos, as matas e, **finalmente**, os montes. Não se via árvore, bicho, uma ave **sequer**.
5. a) Por duas orações (trata-se de um período composto): 1. "Todos haviam fugido"; 2. "ou [haviam] sido levados pela enchente".
b) Referem-se a **todos**, que funciona como sujeito dessas formas verbais.
c) **Haviam fugido** está na voz ativa, e [haviam] **sido levados**, na voz passiva.
6. **Professor(a)**, as respostas a seguir são apenas sugestões.
a) O trânsito estava caótico, **mas** (porém, todavia, contudo etc.) ninguém chegou atrasado à reunião.
b) Por favor, devolva-me o livro, **pois** (porque, que) estou precisando dele.
c) Há muitos tipos de colírios destinados ao tratamento de diferentes doenças dos olhos. Os olhos, **entretanto** (no entanto, porém), são órgãos de muita sensibilidade; **portanto** (logo, assim, por isso), o uso de qualquer tipo de colírio poderá causar mais problemas do que resultados positivos.
d) Nunca me esqueço de um consórcio de moto que fiz quando tinha 17 anos. Estava começando a ganhar dinheiro **e** acabei gastando mais do que podia. A cada mês o valor aumentava. Fui sorteada, tirei a moto, **mas** as parcelas nunca acabavam. Hoje os consórcios podem ter mudado, **mas** eu nunca mais fiz um.
7. Ou vocês conseguem uma autorização ou não poderão viajar sozinhos.
Aquela empresa triplicou suas exportações para o exterior; não é verdade, portanto, que esteja em crise.
Vá diretamente à bilheteria do teatro, que lá você ainda encontrará ingressos.
Era formado em Odontologia, todavia nunca exerceu a profissão.
Vivia dizendo mentiras, por isso ninguém mais acredita nela.
Nunca saiu de sua cidade, no entanto é capaz de descrever lugares que nunca viu.
O banco fecha às quatro horas, então corra, que ainda dá tempo de pagar as contas.
Leve o guarda-chuva, pois está ameaçando chover.
8. Respostas pessoais. Sugestões:
a) Ele morava bem distante do local de trabalho, portanto saía de casa bem cedo.
b) Gabriela nasceu em 1991 e seu irmão, em 1992, logo ela é mais velha que o irmão.

c) Fumar é prejudicial à saúde, então não fume.
d) Sabiam que a prova seria difícil, por isso estudaram com afinco.
e) O preço da geladeira na loja A estava mais baixo que na loja B, portanto preferi comprar na loja A.

9. **Batia os ovos:** oração coordenada assindética; **segurava a gamela:** oração coordenada assindética; **untava as fôrmas:** oração coordenada assindética; **arrumava nas assadeiras:** oração coordenada assindética; **entregava na boca do forno:** oração coordenada assindética; **e socava cascas no pesado almofariz de bronze:** oração coordenada sindética aditiva.

10. Na frase **d**. Reescritura: Não esfregue os olhos nem pisque depois de pingar o colírio.

11. a) **Relacionando:** Ele era o artilheiro do time, mas não marcou nenhum gol no último campeonato.
Tipo de relação: adversidade
b) **Relacionando:** O Brasil é um país de grandes riquezas, porém (mas, todavia, contudo, entretanto) o padrão de vida de seu povo é um dos mais baixos do mundo.
Tipo de relação: adversidade
c) **Relacionando:** Vá na frente, que irei depois.
Tipo de relação: explicação
d) **Relacionando:** O dia está agradável; devemos, pois, aproveitá-lo.
Tipo de relação: conclusão

12. a) B d) C g) B j) D l) C
b) A e) A h) D k) D m) B
c) C f) B i) C

13. a) Oração coordenada sindética aditiva
b) Oração coordenada sindética conclusiva
c) Oração coordenada assindética
d) Oração coordenada sindética explicativa
e) Oração coordenada sindética conclusiva
f) Oração coordenada sindética explicativa
g) Oração coordenada sindética conclusiva
h) Oração coordenada sindética conclusiva
i) Oração coordenada sindética alternativa
j) Oração coordenada sindética adversativa
k) Oração coordenada sindética aditiva
l) Oração coordenada sindética adversativa
m) Oração coordenada sindética alternativa
n) Oração coordenada sindética conclusiva
o) Oração coordenada sindética adversativa
p) Oração coordenada sindética conclusiva
q) Oração coordenada sindética explicativa

14. **A canoa deslizava brandamente:** oração coordenada assindética; **entrava na boca do rio Canumã:** oração coordenada assindética; **e despertava as sardinhas meio-adormecidas entre duas águas:** oração coordenada sindética aditiva; **nenhum pássaro cantava:** oração coordenada assindética; **as vozes noturnas da floresta haviam-se calado:** oração coordenada assindética; **mas nós estávamos alerta:** oração coordenada sindética adversativa.

15. a) Oração coordenada sindética explicativa
b) Oração coordenada assindética
c) Oração coordenada sindética aditiva
d) Oração coordenada sindética adversativa
e) Oração coordenada sindética aditiva
f) Oração coordenada sindética adversativa
g) Oração coordenada assindética
h) Oração coordenada sindética aditiva
i) Oração coordenada sindética adversativa
j) Oração coordenada assindética
k) Oração coordenada sindética aditiva
l) Oração coordenada sindética explicativa
m) Oração coordenada sindética adversativa
n) Oração intercalada (ou interferente)

16. a **17.** c **18.** e **19.** c

20. a) C b) D c) E d) F e) B f) A

21. e

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 242)*

1. A coordenação.

2. a) Refere-se à ação de **passear**.
b) Trata-se de um período simples.
c) Sim. A situação é propícia ao passeio: é manhã e há calma, não há perigos, a paisagem é convidativa.

3. Apresentam a descrição do lugar. Nessa descrição ressalta-se o aspecto visual, expresso pelas cores; a alegria transparece nas cores.

4. Resposta pessoal. Sugestão: É interessante notar, nesses dois versos, a forma como o poeta se refere às cores do céu e da água: na verdade, não são as suas cores, mas as que eles refletem.

5. Sugestão: "Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!".

6. "A boca, o nariz, os olhos" exerce a função sintática de sujeito; trata-se de um sujeito composto. "A gripe, o calor, os insetos" exerce a função sintática de predicativo do sujeito.
Professor(a), comente que, em ambos os casos, temos o processo da coordenação. Cada termo apresenta três núcleos coordenados entre si.

7. a) O guarda-civil, que sorria, e a menina, que pisa na relva.
b) Porque, geralmente, o guarda-civil não sorriria (seria uma atitude em desacordo com a sisudez que se espera de sua função); a menina não pisaria na relva, principalmente se houvesse um guarda por perto, pois isso seria proibido ou ele chamaria a atenção dela.
c) Não, porque reina a harmonia: tudo é perfeito, as pessoas são felizes, não há proibições.

8. Opõe-se à ideia de perigo enunciada anteriormente e a pequenas contrariedades (cartas que demoram a chegar – mas chegam! – ou não poder usar o vestido novo).

9. a) Praticamente todos os verbos estão no pretérito imperfeito do indicativo.
   b) Indicam que as ações e o mundo a que se refere o poeta estão situados num tempo já transcorrido. Eram ações habituais e características que perduraram no passado.

10. Resposta pessoal. Sugestão: Na exata medida em que o poeta afirma ou nega situações passadas, ele afirma ou nega situações presentes. A "Lembrança do mundo antigo" remete imediatamente ao mundo atual: a perfeição daquele é a imperfeição deste; a harmonia daquele é a desarmonia deste; a ausência de perigos ontem é acúmulo de perigos hoje. Além disso, o poeta fala de um mundo ideal (quando, afinal, teria existido um tempo tão perfeito?) e isso nos leva a crer que, na verdade, ele fala das amarguras de um tempo presente.

Capítulo 16 – ORAÇÕES SUBORDINADAS

Atividades *(p. 246)*

1. a) Desejo que você venha.
   b) Necessitamos de que os amigos nos compreendam.
   c) Minha esperança é que sejas feliz.
   d) Tínhamos necessidade de que nos ajudassem.
   e) Que você vá é urgente.
   f) Que venhas é necessário.
   g) Espero que me respondas.
   h) Era esperado que você chegasse.
   i) Alfredinho aguardava que partisses.
   j) Percebeu que os homens se aproximavam.
   k) Observou que a lenha verde agonizava.

2. As frases serão pessoais. Sugestões de respostas:
   a) Perguntei se ele sabia o endereço. Oração subordinada substantiva objetiva direta.
   b) Tinha receio de que ele retornasse. Oração subordinada substantiva completiva nominal.
   c) Nossa ideia era que ele fizesse o trabalho. Oração subordinada substantiva predicativa.
   d) É fundamental que todos se empenhem. Oração subordinada substantiva subjetiva.
   e) Pedro lembrou-se de que era dia de feira. Oração subordinada substantiva objetiva indireta.
   f) Havia um grande interesse em que todos participassem. Oração subordinada substantiva completiva nominal.
   g) Era aguardado ansiosamente que ele se manifestasse. Oração subordinada substantiva subjetiva.
   h) Percebe-se que todos têm interesse. Oração subordinada substantiva subjetiva.
   i) Muita gente pediu que ele se candidatasse. Oração subordinada substantiva objetiva direta.
   j) Ele sugeriu ao colega que retornasse o mais depressa possível. Oração subordinada substantiva objetiva direta.
   k) Ele se esqueceu de que amanhã não haverá expediente. Oração subordinada substantiva objetiva indireta.

3. a) B d) B g) A j) A l) A
   b) A e) A h) A k) A m) B
   c) A f) B i) B

4. Convém-nos que ele intervenha.

5. a) oração subordinada substantiva predicativa
   b) oração subordinada substantiva predicativa
   c) oração subordinada substantiva completiva nominal
   d) oração subordinada substantiva completiva nominal
   e) oração subordinada substantiva objetiva indireta
   f) oração subordinada substantiva apositiva
   g) oração subordinada substantiva objetiva indireta
   h) oração subordinada substantiva completiva nominal
   i) oração subordinada substantiva completiva nominal
   j) oração subordinada substantiva objetiva indireta
   k) oração subordinada substantiva predicativa
   l) oração subordinada substantiva objetiva direta
   m) oração subordinada substantiva apositiva
   n) oração subordinada substantiva subjetiva
   o) oração subordinada substantiva subjetiva
   p) oração subordinada substantiva subjetiva
   q) oração subordinada substantiva objetiva direta
   r) oração subordinada substantiva predicativa
   s) oração subordinada substantiva objetiva indireta

6. a) Era urgente a chegada do diretor.
   b) Ninguém temia a saída do professor.
   c) A torcida esperava a reação do time.
   d) O importante é a sobrevivência da nossa emoção.
   e) Percebeu a opressão dos homens.
   f) Necessitávamos do auxílio dos amigos.
   g) Exigiram do aluno o comparecimento às aulas.
   h) O professor notou a insegurança do aluno.
   i) Não convinha a divulgação do assunto.
   j) Exigiu a intercessão do diretor.

7. a) B b) A c) A d) B

8. a) oração subordinada substantiva subjetiva
   b) oração subordinada substantiva objetiva direta
   c) oração subordinada substantiva predicativa
   d) oração subordinada substantiva subjetiva
   e) oração subordinada substantiva completiva nominal
   f) oração subordinada substantiva objetiva direta
   g) oração subordinada substantiva subjetiva
   h) oração subordinada substantiva completiva nominal
   i) oração subordinada substantiva completiva nominal
   j) oração subordinada substantiva objetiva direta
   k) oração subordinada substantiva objetiva direta

l) oração subordinada substantiva objetiva direta
m) oração subordinada substantiva completiva nominal
n) oração subordinada substantiva objetiva direta
o) oração subordinada substantiva objetiva direta
p) oração subordinada substantiva objetiva direta

Atividades *(p. 250)*

1. A informação de que a cada dez táxis, apenas três levam passageiros.

2. Sim. Segundo o texto, todos os taxistas defendem o aumento de tarifa. A oração "que defendem aumento da tarifa" é adjetiva explicativa, vale dizer, aplica-se a todos os taxistas.

3. No item **b**. Nesse período "que corre na 2.ª Vara Cível" é oração adjetiva restritiva. Quanto ao sentido, a informação é que há outros processos de Pedro e um deles corre na 2.ª Vara Cível. Em **a**, a oração "que corre na 2.ª Vara Cível" é explicativa. Há, portanto, apenas um processo e esse corre na 2.ª Vara Cível.

4. Em **a**, o falante tem apenas um avô. Esse único avô mora no Rio de Janeiro. Em **b**, o falante tem ambos os avós e aquele que mora no Rio de Janeiro virá passar o Natal com ele.

5. a) Refere-se ao termo o **pai de Arturzinho**, identificando-o. Trata-se de um aposto.
b) As orações coordenadas entre si são que trabalhava muito e preservava o seu descanso. Trata-se de duas orações subordinadas adjetivas que se referem ao substantivo **médico**.

Professor(a), comente com os alunos que, nesse período, as orações subordinadas adjetivas não se referem a uma oração principal, mas a um substantivo, **médico**, e que esse tipo de construção (oração adjetiva sem oração principal) é bastante comum, por exemplo: "O sabão **que lava mais branco**", "O banco **que atende a todas as suas necessidades**" etc.

6. Nesta frase, a oração subordinada adjetiva **que pode ser bebido** é restritiva (observe que ela não se separa da principal por sinal de pontuação): atribui ao nome **álcool** uma característica que não é própria de todos os elementos dessa espécie. Portanto, há tipos de álcool que podem ser bebidos e outros que não podem; o texto comenta a fabricação **apenas** daqueles que podem ser bebidos.

7. a) O homem que trabalha vence na vida.
b) O aluno que se preocupa sente-se inseguro.
c) O homem que sorri revela despreocupação.
d) O aluno que se interessa aprende.

8. a) O saber é um bem indestrutível.
b) A caneta solta tinta indelével.
c) Tem uma letra ilegível.
d) Foi uma cena inimaginável.
e) É uma grandeza imensurável (ou incomensurável).
f) É uma atitude incompreensível.

9. Em **a**, "lançado em 2006" mantém com o substantivo **livro** uma relação de explicação, ou seja, trata-se do primeiro livro do autor e foi lançado no ano de 2006. Fica subentendido que, anteriormente a 2006, o autor não teve lançado nenhum livro; em **b**, "lançado em 2006" mantém com o substantivo **livro** uma relação de restrição, ou seja, trata-se do primeiro livro lançado naquele ano, subentende-se que, anteriormente a 2006, o autor tenha lançado outro(s) livro(s).

10. a) O atacante Nilmar, cujo contrato com o Corinthians foi encerrado, foi negociado com o Barcelona, que já havia contratado outros jogadores brasileiros.
b) O voo 3216, que partiu de Maceió, pousará no aeroporto de Congonhas, que foi reformado recentemente.

11. **Cujo velho sonho era a formatura do filho:** oração subordinada adjetiva explicativa
Mas ainda não pudera cercar: oração coordenada sindética adversativa
Que andava desde anos atrapalhado para arranjar um pasto: oração subordinada adjetiva explicativa

12. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, pensou no muro.

13. Onde seus bois engordariam e ganhariam forças.

14. a) adjunto adnominal
b) sujeito
c) sujeito
d) adjunto adverbial

15. a) **Cuja autenticidade é garantida:** oração subordinada adjetiva restritiva
b) **Quanto queriam falar:** oração subordinada adjetiva restritiva
c) **Que têm um futuro:** oração subordinada adjetiva restritiva; **que têm um passado:** oração subordinada adjetiva restritiva
d) **Onde canta o sabiá:** oração subordinada adjetiva restritiva
e) **Em quem confio:** oração subordinada adjetiva restritiva
f) **Que é o médico da casa desde anos:** oração subordinada adjetiva explicativa
g) **Que me parecia humorístico:** oração subordinada adjetiva explicativa
h) **Que encontrei um dia em casa do Mendonça:** oração subordinada adjetiva restritiva
i) **Que sempre procederam bem:** oração subordinada adjetiva restritiva
j) **Que me serviram durante anos:** oração subordinada adjetiva restritiva
k) **Que é cardiologista:** oração subordinada adjetiva explicativa
l) **Que corte uma polegada sequer às abas do tempo:** oração subordinada adjetiva restritiva
m) **Que a Musa antiga canta:** oração subordinada adjetiva restritiva
n) **Que somos:** oração subordinada adjetiva restritiva
o) **Que nunca se irritara com ninguém:** oração subordinada adjetiva explicativa

16. c

17. Em **a**, afirma-se que "todos os homens têm seu preço" e, portanto, são fáceis de serem corrompidos; nesse caso, temos oração subordinada adjetiva explicativa. Em **b**, afirma-se que "apenas alguns homens têm seu preço; esses e apenas esses são fáceis de serem corrompidos"; temos aí oração subordinada adjetiva restritiva.

18. c **20.** a **22.** e **24.** a
19. d **21.** b **23.** a

Atividades *(p. 256)*

1. a) A oração é **mesmo jogando bem**, uma concessiva. A incoerência decorre do fato de que a relação entre jogar bem e ser festejado não é de concessão, mas de causa e efeito: foram festejados porque jogaram bem.
   b) A oração **que estreou ontem** refere-se a Sebá. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva explicativa.
2. a) Ele foi mal na prova porque não havia estudado.
   b) Se caminhar depressa, chegará a tempo.
   c) Não viajamos porque estava chovendo.
   d) No ano passado choveu mais que neste ano.
   e) Fomos à praia embora estivesse chovendo.
3. Oração subordinada adverbial temporal
4. Oração subordinada adjetiva explicativa
5. Oração subordinada adjetiva restritiva
6. Oração subordinada substantiva completiva nominal
7. Que, em "que deixou de lado (...)", e que, em "que vê na completa (...)".
8. Que, em "de que não só a falência (...)".
9. "Haverá espaço para esse tipo de curso."
10. Período composto por subordinação, formado por cinco orações.
11. a) Oração subordinada adverbial comparativa
    b) Oração subordinada adverbial concessiva
    c) Oração subordinada adverbial consecutiva
    d) Oração subordinada adverbial concessiva
    e) Oração subordinada adverbial condicional
    f) **Por mais longe que o espírito vá:** oração subordinada adverbial concessiva; **que o coração:** oração subordinada adverbial comparativa
    g) Oração subordinada adverbial temporal
    h) **Mais do que água na cachoeira:** oração subordinada adverbial comparativa; **depois que ela me abandonou:** oração subordinada adverbial temporal
    i) Oração subordinada adverbial condicional
    j) Oração subordinada adverbial causal
    k) Oração subordinada adverbial proporcional
12. a) **Como eu sou feliz:** oração subordinada adverbial causal; **quem andar comigo:** oração subordinada substantiva objetiva direta.
    b) Na primeira ocorrência, **feliz** refere-se a eu, exercendo a função sintática de predicativo do sujeito; na segunda, refere-se à oração subordinada substantiva objetiva direta, **quem andar comigo**, exercendo a função sintática de predicativo do objeto.
13. "O coelho corre mais rápido": oração principal; "que a raposa": oração subordinada adverbial comparativa; "porque corre pela sua vida": oração subordinada adverbial causal; "enquanto a raposa corre apenas pelo seu jantar": oração subordinada adverbial temporal.
14. a) Os infelizes estavam cansados e famintos porque tinham caminhado o dia inteiro.
    b) Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, logo estavam cansados e famintos.
15. a) **À medida que caminhávamos:** oração subordinada adverbial proporcional
    b) **A fim de que todos o ouvissem melhor:** oração subordinada adverbial final
    c) **Como não tivesse estudado:** oração subordinada adverbial causal
    d) **Conforme era previsto:** oração subordinada adverbial conformativa
    e) **Embora fosse rico:** oração subordinada adverbial concessiva
    f) **Conquanto estivesse doente:** oração subordinada adverbial concessiva
    g) **Desde que chegou:** oração subordinada adverbial temporal
    h) **Que ficou rouco:** oração subordinada adverbial consecutiva
    i) **Quando serenei:** oração subordinada adverbial temporal
    j) **Quando ela morresse:** oração subordinada adverbial temporal
    k) **À medida, porém, que as horas se passavam:** oração subordinada adverbial proporcional
    l) **Como a uma rua suspeita:** oração subordinada adverbial comparativa
    m) **Para que eu pudesse pesar filosoficamente a revelação:** oração subordinada adverbial final
    n) **Do que eu:** oração subordinada adverbial comparativa
    o) **Desde que houve a reunião em casa de Jandira:** oração subordinada adverbial temporal
    p) **Para que o intruso se acomodasse:** oração subordinada adverbial final
    q) **Como se esperava:** oração subordinada adverbial conformativa
    r) **Que inundou quase todas as casas:** oração subordinada adverbial consecutiva

16. a) B b) A c) A d) B
17. a) oração subordinada adverbial concessiva
    b) oração subordinada adverbial condicional
    c) oração subordinada adverbial temporal
    d) oração subordinada adverbial consecutiva
    e) oração subordinada adverbial causal
18. a) causa
    b) condição
    c) finalidade
    d) comparação
    e) consequência

19. a) oração subordinada adverbial temporal
b) oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adverbial condicional
d) oração subordinada substantiva objetiva direta

Atividades *(p. 260)*

1. a) Por três orações.
b) Período composto por coordenação e subordinação (período misto)
c) condição

2. a) Exprime ideia de condição.
b) Se persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado.
Professor(a), comente que em algumas mensagens a frase é "**Ao** persistirem os sintomas, (...)". Nesse caso a ideia é de tempo: "**Quando** persistirem os sintomas, (...)".

3. a) Manter limpos os espaços públicos e recuperar a natureza afetada. Essas orações exercem a função sintática de sujeito do verbo **custar**. Temos, portanto, um sujeito composto oracional. Tais orações devem ser classificadas como orações subordinadas substantivas subjetivas reduzidas de infinitivo coordenadas entre si. A primeira é coordenada assindética; a segunda, coordenada sindética.
b) **Limpos** refere-se ao objeto direto **os espaços públicos**, exercendo a função sintática de predicativo do objeto; o adjetivo **afetada** refere-se ao substantivo **natureza**, que funciona como núcleo do objeto direto, exercendo a função sintática de adjunto adnominal.
c) Caro refere-se a **custa** (verbo); trata-se de um advérbio e exerce a função sintática de adjunto adverbial.

4. a) Objeto indireto de **limitou-se**.
b) Objeto direto de **desejo**.

5. No primeiro período há uma única oração (período simples); no segundo ocorrem duas orações (período composto por subordinação). **De muita roupa** e **de usar muita roupa** exercem a função sintática de complemento nominal.
Professor(a), vale destacar que no segundo período a função de complemento nominal é exercida por uma oração subordinada (oração subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo).

6. a) Há sombras que vagueiam na noite. (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio)
b) Como (porque) temiam consequências mais drásticas, suspenderam a obra. (oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio)
c) Se não compareceres (caso não compareças) à reunião, sairás prejudicado. (oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio)
d) Se não disseres (caso não digas) a verdade, nada conseguirás. (oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio)
e) Assim que (logo que, quando) terminou a festa, retiraram-se todos os convidados. (oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio)
f) Se precisar (caso precise), disponha. (oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio). Ou: Quando (assim que) precisar, disponha. (oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio)
g) Foram repreendidas porque se queixaram. (oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo)

7. Porque a oração **correndo em direção à estação** pode estar se referindo a **guarda** ou a **criminosos**.

8. a) **Para diminuir o caminho:** oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo
b) **Fazermos mudanças radicais:** oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo
c) **Rever os filhos:** oração subordinada substantiva apositiva reduzida de infinitivo
d) **Ficarmos em casa:** oração subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo
e) **Chegares a tempo:** oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo
f) **Termos advogados demais e médicos de menos:** oração subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo
g) **Prestar-te um serviço:** oração subordinada substantiva predicativa reduzida de infinitivo
h) **Ter uma certeza; acabar depressa com aquilo:** orações subordinadas substantivas predicativas reduzidas de infinitivo
Professor(a), em **h**, a função de predicativo do sujeito é exercida por duas orações subordinadas predicativas coordenadas entre si.

9. a) concessão
b) causa
c) concessão
d) causa ou tempo (quando entrar...)
e) concessão
f) condição
g) condição (se entrar...)

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 261)*

1. **O branco açúcar não foi produzido por mim:** oração principal; **que adoçará meu café nesta manhã de Ipanema:** oração subordinada adjetiva restritiva; **nem surgiu dentro do açucareiro por milagre:** oração coordenada sindética aditiva.
Professor(a), destaque a oração **nem surgiu dentro do açucareiro por milagre**, que está coordenada à oração **O branco açúcar não foi produzido por mim.**

2. No primeiro verso, o agente de adoçar é "o branco açúcar" (O branco açúcar adoçará meu café); no último, o agente é o poeta (com que [eu] adoço meu café).

3. a) Eu não produzi o branco açúcar que adoçará meu café nesta manhã de Ipanema.
   b) O tema do poema é o açúcar. O poeta não fala de si próprio, mas do açúcar. O açúcar é que tem relevância no poema, daí empregá-lo como sujeito da oração.

4. a) O açúcar.
   b) Os adjetivos **puro** e **afável** referem-se ao substantivo **açúcar**, que nessa oração está representado pelo pronome oblíquo **o**. Tais adjetivos exercem a função sintática de predicativo do objeto.
   c) Complemento nominal.

5. Por meio dessas comparações, o poeta ressalta que o açúcar é agradável, suave, prazeroso.

6. a) À doçura do açúcar, o poeta contrapõe a vida amarga; ao branco, a vida escura.
   b) Tais imagens referem-se àqueles que produzem o açúcar.

7. São homens que não sabem ler e morrem de fome aos 27 anos; são homens de vida amarga e dura que trabalham em usinas escuras.

8. a) Período composto por coordenação e subordinação (período misto).
   b) São três orações: **este açúcar era cana:** oração coordenada assindética; **e veio dos canaviais extensos:** oração coordenada sindética aditiva; **que não nascem por acaso no regaço do vale:** oração subordinada adjetiva restritiva.

   Professor(a), a oração **e veio dos canaviais extensos** é oração principal em relação à oração subordinada adjetiva.

9. Homens de vida amarga e dura produziram este açúcar branco e puro com que adoço meu café.

10. a) Sujeito.
    b) **Onde:** adjunto adverbial; **que** (que não sabem ler): sujeito; **que** (que viraria): sujeito.
    c) Adjunto adverbial. **Professor(a),** quanto ao tipo de adjunto adverbial, pode-se classificá-lo como de meio, modo ou matéria.

11. Os versos que iniciam e encerram o poema indicam aproximação: "(...) adoçará meu café **nesta manhã de Ipanema** (...)"; "(...) adoço meu café **esta manhã em Ipanema**". Há outros que indicam distanciamento: "(...) açúcar **veio da mercearia da esquina** (...)"; "(...) **veio de uma usina de açúcar em Pernambuco** (...)"; "Este açúcar era cana e **veio dos canaviais extensos** (...)"; "**Em lugares distantes** (...) plantaram e colheram a cana que viraria açúcar".

Capítulo 17 – CONCORDÂNCIA VERBAL

Atividades *(p. 273)*

1. a) Com certeza, nosso problema **está** nas cotas.
   b) A distribuição das atividades no final de um subtítulo e/ou no final do capítulo **fica** a critério do autor.
   c) O argentino prêmio Nobel da Paz acha que a chancelaria dos dois países **decidirá** o problema.
   d) Sebo é o lugar onde se **vendem** livros usados.
   e) Toda essa situação gera muitos conflitos dentro da sala de aula, o que não ocorria anos atrás, quando o ritmo de vida e a estrutura familiar **eram diferentes**.
   f) Ao final da sessão, **restavam** apenas cinco deputados no plenário.
   g) A revelação dos acontecimentos ocorridos naquela sessão plenária **chocou** muitas pessoas.
   h) **Faltavam** apenas dois veículos para que a indústria automobilística aquecesse o mercado de vendas de carros modernos.
   i) Num único dia **passaram** boiando três corpos.
   j) Em diversos órgãos de imprensa **surgem** especulações a respeito da separação da atriz.
   k) Ainda **subsistem** indícios de que ela foi a autora do crime.

2. a) parecia c) testemunhava
   b) havia d) deixam

3. Na primeira, o verbo **compareceu** refere-se a uma única pessoa, o motorista que é dono do carro; na segunda, refere-se a mais de uma pessoa, o motorista e o dono do carro. Na primeira, temos sujeito simples, cujo núcleo é motorista, qualificado pela expressão **é dono do carro**, de valor adjetivo; na segunda, temos sujeito composto com dois núcleos: **motorista** e **dono**.

4. a) Tu serás submetido à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Será também realizada uma entrevista para que seja avaliado se realmente tu podes ser doador. O resultado dos testes realizados será enviado por correspondência.
   b) Você e eu seremos submetidos à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Será também realizada uma entrevista para que seja avaliado se realmente você e eu podemos ser doadores. O resultado dos testes realizados será enviado por correspondência.

   Professor(a), comente com os alunos que é comum o uso da primeira pessoa do plural no lugar de **você** e **eu**.

   c) Você será submetido à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Serão também realizadas algumas entrevistas para que seja avaliado se realmente você pode ser doador. O resultado dos testes realizados será enviado por correspondência.
   d) Você será submetido à verificação de pressão arterial, pulso e temperatura. Será também realizada uma entrevista para que seja avaliado se realmente você pode ser doador. Os resultados dos testes realizados serão enviados por correspondência.

5. I. a) O senador e o deputado vão se filiar a outro partido.
   b) Os parlamentares vão se filiar a outro partido.
   II. a) A geração *shopping center* tem valores próprios.
   b) Você e eu temos valores próprios.
   c) Os adolescentes têm valores próprios.

III. a) O turista argentino e o uruguaio preferem o litoral de Santa Catarina.
b) Os turistas paraguaios preferem o litoral de Santa Catarina.
c) Tu e eu preferimos o litoral de Santa Catarina.

6. a) **Acabavam de soar** se encontra no plural para concordar com o seu sujeito: "as 9 (horas) e três quartos".
b) **No relógio do castelo** exerce a função sintática de adjunto adverbial.
c) **Bater** está no singular e concorda com seu sujeito, **o relógio**.
d) Se omitirmos **o relógio**, que funciona como sujeito de **bater**, o sujeito passaria a ser **10 horas** e o verbo com ele deverá concordar, indo para o plural: Precisamente no momento em que **baterem** 10 horas (...).

7. a) Esperam-se soluções para o caso.
b) Eu e ele devemos retornar logo.
c) Havia muitas coisas estranhas naquela casa.
d) Existem dois candidatos com chances de ganhar.
e) Os Estados Unidos aderiram ao acordo.
f) Faz três meses que ele não aparece.
g) Mais de um aluno faz o estágio obrigatório.
h) Deram duas horas da tarde no relógio do mosteiro.
i) Precisa-se de padeiro e confeiteiro com prática.
j) Até o ano passado, naquela cidade não havia agências bancárias.

8. faltaram
9. aconteceram
10. restam
11. chegaram
12. faltam
13. bastam
14. chegou
15. chegou ou chegaram
16. apoiou ou apoiaram
17. faltou ou faltaram
18. revelou
19. revelaram
20. exportam
21. prosperou
22. fica
23. votaram
24. anularam
25. compareceu
26. apoiaram
27. conhece
28. resolvi
29. pagamos
30. resolveu ou resolvi
31. pagou ou pagamos
32. ganhou
33. faltaram
34. chocaram-se
35. compareceram
36. morreram
37. resolveremos ou resolverão
38. apoiastes ou apoiaram
39. viajamos ou viajaram
40. aceitará
41. entregará
42. bateu
43. bateram
44. tratava
45. confia
46. obedeceu
47. dão
48. conhecem
49. viu
50. viram
51. havia
52. existiam
53. há
54. hão
55. chegaram
56. chegaram ou chegou
57. chegaram
58. falharam
59. falharam ou falhou
60. falharam
61. saiu
62. foram
63. fizemos
64. confirmamos
65. chegastes ou chegaram
66. sabeis ou sabem
67. sediará
68. são
69. são
70. foram
71. é
72. é
73. era
74. passava
75. são
76. sois
77. sou
78. era
79. era
80. eram ou era
81. seriam ou seria
82. é
83. é
84. D
85. E
86. D
87. D
88. E
89. A
90. A
91. E
92. E
93. B
94. B
95. E
96. D
97. D
98. D
99. C
100. E
101. B
102. A
103. A
104. D

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 276)*

1. Ao optar pelo singular, o deputado concordaria o verbo com a palavra **um**, subentendida na expressão "(um) daqueles que". Ao optar pelo plural, concordaria o verbo com o pronome demonstrativo **aqueles**. **Professor(a)**, destaque que, caso o deputado concluísse a fala, o sujeito do verbo seria representado pelo pronome relativo **que**.

2. Resposta pessoal. **Professor(a)**, espera-se que os alunos percebam que, em determinadas construções, pode haver dúvida com relação à concordância estabelecida pela gramática normativa. Isso ocorre, sobretudo, em casos particulares de concordância.

3. A estratégia do deputado foi prolongar o discurso, intercalando orações depois da expressão "daqueles que" de tal forma que a oração inicial de seu discurso nunca fosse concluída.

4. a) Tu? Mas tu não disseste nada...
Nós? Mas nós não dissemos nada...
Vossa Excelência? Mas Vossa Excelência não disse nada...
Professor(a), comente que, com os pronomes de tratamento (Vossa Excelência, Vossa Majestade,

Vossa Alteza etc.), a concordância deve ser feita na terceira pessoa.

b) Interessadas, as demais senadoras se agrupavam em torno do orador.

5. O verbo deveria ir para o plural, uma vez que na frase "não sou daqueles que recusam" o sujeito é o pronome relativo **que**. Nesse caso, a concordância do verbo deve ser feita com o antecedente (o termo que o pronome relativo **que** retoma: o pronome **aqueles**).

6. A desinência número-pessoal **-ou** revela que o sujeito das formas verbais **tirou** e **enxugou** é **ele** (o deputado que fazia o discurso).

7. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam o sentido irônico da palavra gramaticoides e o valor depreciativo com que foi empregada a palavra questiúncula. Para o autor, saber se, com a expressão "daqueles que", o verbo vai para o plural ou fica no singular é uma questão menor, irrelevante, sem importância (questiúncula) e a preocupação com esse fato é típica de pessoas que pensam ser gramáticos, mas que na realidade não são ou de gramáticos incompetentes (os gramaticoides).

Capítulo 18 – CONCORDÂNCIA NOMINAL

Atividades *(p. 283)*

1. a) Da forma como está redigida a frase, o adjetivo **feminina**, pela sua posição, pode estar se referindo ao substantivo **chuva** (chuva feminina). Quanto ao sentido, esse adjetivo não pode caracterizar o substantivo **chuva**. A chuva pode ser fraca, forte, intensa, fina etc., mas nunca feminina.

b) Temos capa feminina para chuva.

2. a) **Do sertão** é uma locução adjetiva; **amancebados** é um substantivo.

Professor(a), destaque que as locuções adjetivas, ao contrário dos adjetivos, não se flexionam: povoado **do sertão** / povoados **do sertão** (locuções adjetivas); povoado **sertanejo** / povoados **sertanejos** (adjetivos).

b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos componham frases em que **amancebados** apareça como adjetivo, exercendo a função sintática de adjunto adnominal ou predicativo. Como adjetivo, deverá concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Por exemplo:

O missionário vivia casando pessoas **amancebadas** (adjetivo na função de adjunto adnominal).

Naquela região as pessoas viviam **amancebadas** (adjetivo na função de predicativo).

3. a) A mulher era alta e tão magra que parecia sempre de perfil.

O homem e a mulher eram altos e tão magros que pareciam sempre de perfil.

b) Seu rosto era escuro, seus ossos proeminentes e seu olhar ardia como fogo perpétuo.

4. Proibida a venda de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos.

5. a) As tardes chuvosas e frias impediam qualquer atividade agitada.

Os dias chuvosos e frios impediam qualquer atividade agitada.

O mês chuvoso e frio impedia qualquer atividade agitada.

b) Blusas finas e sedosas foram compradas pelos gentis e educados rapazes.

Lenço e blusa finos e sedosos (ou fina e sedosa) foram comprados pelas gentis e educadas garotas.

Blusa fina e sedosa foi comprada pela gentil e educada senhora.

c) Minhas primas usavam perfumes caríssimos.

Meu tio usava calças e camisas caríssimas.

6. a) tratado / tratados
b) marcada / marcados
c) encerradas
d) públicas
e) caras
f) fechadas ou fechados
g) iguais
h) ferozes
i) ilimitados ou ilimitado
j) desarrumados e sujos ou desarrumada e suja
k) fixos ou fixo
l) gelados ou gelada
m) abertos ou aberta
n) lavados ou lavada

7. importantes 8. péssima 9. péssimo

10. adequados ou adequada

11. oportunos ou oportuno

12. bom	**19.** próprios	**26.** bastantes
13. boa	**20.** obrigada	**27.** meio
14. anexa	**21.** obrigadas	**28.** meio
15. anexas	**22.** quites	**29.** meio
16. incluso	**23.** menos	**30.** bastante
17. inclusos	**24.** bastantes	**31.** caro
18. mesma	**25.** bastantes	**32.** cara

33. a) A frase **Só os irmãos viajaram** informa que apenas (somente) os irmãos viajaram. Nessa frase, **só** é advérbio, portanto não varia. Na frase **Os irmãos viajaram sós** informa-se que os irmãos viajaram sozinhos, desacompanhados. Nessa frase, **só** é adjetivo e concorda com o substantivo irmãos.

b) A primeira frase informa que o príncipe André não tratava Natasha Rostov da maneira que um noivo deve tratar sua noiva; ele não agia como um noivo deve agir. A segunda frase informa que o príncipe André não tratava Natasha Rostov da forma como uma noiva deve ser tratada.

34. É proibido vender e entregar bebidas alcoólicas a menores de 18 anos.

35. D	**37.** A	**39.** D	**41.** A	**43.** E
36. B	**38.** E	**40.** A	**42.** D	**44.** D

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 284)*

1. No sentido de "certo, corretamente, de acordo com a norma estabelecida pela gramática".
2. a) Porque é comum ouvirmos no dia a dia, quando os falantes fazem uso da linguagem coloquial, palavras pronunciadas da maneira como estão grafadas na frase.
   b) Não. Para a linguística, tal frase não apresenta erro, uma vez que a preocupação da linguística não é dizer se algo está certo ou errado em matéria de linguagem; para ele, uma frase como essa é simplesmente um objeto de estudo.
   c) Sugestão: Não vou conseguir dormir porque as pessoas estão tocando muito alto.
3. Nessa frase, **isso** tem valor anafórico, funcionando como elemento de coesão textual. Na frase **Isso é errado?**, o pronome **isso** retoma a frase que o antecede, ou seja, "Num vô consegui durmi purquê os cara tão tocano muito alto é errado?".
4. a) Recebe o nome de desinência. No caso, uma desinência nominal que indica número.
   b) Um erro de concordância nominal.
   c) Resposta pessoal. **Professor(a)**, procure comentar que, na linguagem oral, sobretudo no nível coloquial, é comum os falantes marcarem o plural somente no primeiro elemento do sintagma. Linguisticamente falando, o **s** que marca o plural nos substantivos precedidos de artigo (ou outro determinante) plural é redundante. Para muitos falantes, do ponto de vista lógico, a indicação de plural já foi feita no determinante do substantivo. Em razão disso, "comem" o **s** de plural dos substantivos.
5. a) Comida fina, apetitosa, delicada.
   b) Baseado numa relação de similaridade: iguaria é aquilo que se come; como os falantes "comem" a primeira sílaba das formas do verbo **estar**, ele realizou uma transferência de significado da palavra. Uma palavra que usualmente designa uma coisa passou a designar outra: trata-se de uma metáfora.
6. Resposta pessoal. Sugestão: Palavras que se alongam: as derivadas, como **terceirização**, **redemocratização**, **reflorestamento** etc.; palavras que se encurtam: **cê** (no lugar de você); **tá** (no lugar de está); **pra** (no lugar de para); **moto** (no lugar de motocicleta); **refri** (no lugar de refrigerante); **zoo** (no lugar de zoológico) etc.; palavras ou expressões criadas: **é do peru!**; **mano**, **vamo pra balada**; **teleconferência**; **intelectualoide** etc.; palavras que estão desaparecendo: **reclame**, **vitrola**, **meirinho**, **beleguim** etc.
7. a) Errada refere-se ao substantivo **bactéria**. Trata-se de um adjetivo.
   b) Um biológo nunca diria que uma bactéria e um vírus estão errados.
   c) Resposta pessoal. Na frase, **errado** estará se referindo a um verbo e não deverá ser flexionado. Sugestão: Ela fala errado.
8. Resposta pessoal. Espera-se uma resposta afirmativa, já que a língua é um organismo em constante evolução e que as transformações que nela ocorrem são naturais. Evidentemente daqui a 100 ou 1000 anos, o português será bastante diferente do que é falado atualmente, e os "desvios" que hoje podemos observar indicam uma tendência do que pode ocorrer com a língua no futuro. Pode-se ilustrar essa afirmação com a palavra **você**, que é resultante da seguinte transformação: vossa mercê > vossemecê > vosmecê > você. Hoje já se observam com frequência as formas "ocê" e "cê".

Capítulo 19 – REGÊNCIA

Atividades *(p. 298)*

1. a) transitivo indireto; objeto indireto: com filho de carcamano
   b) transitivo direto; objeto direto: os noivos
   c) intransitivo
   d) transitivo direto e indireto; objeto direto: paciência; objeto indireto: com perseverança
2. a) transitivo indireto (brigar com o italiano)
   b) transitivo direto e indireto (misturar lágrimas com gemidos)
   c) transitivo direto (limpar as unhas)
   d) intransitivo
   e) transitivo direto (abotoar o fraque)
3. a) fechar, empurrando com força
   b) surrar
   c) soar
   d) mexer
   e) ultrapassar
   f) tirar
   g) pulsar
   h) chutar
   i) conferir
4. A oposição de sentido consiste em chegar e partir. Quando o amor bate à porta, isto é, "chega", anuncia-se, tudo é contentamento. Nesse caso, bater é empregado com a preposição **a**. Quando o amor bate a porta, isto é, "vai embora", nada fica. Nesse caso, bater é empregado com complemento sem preposição (objeto direto).
5. Duas versões ("As duas versões incluem [...]").
6. A (Chegou ao Brasil): lugar; em (em 1939): tempo; para (para jogar no Vasco): finalidade.
7. a) a bola
   b) Bernardo José Gandulla
   c) à sua equipe ou ao adversário
   d) a legalização dos papéis de transferência
   e) aos jogos
   f) uma temporada fraca
8. Os adversários não perdoaram a Bernardo José Gandulla.

9. Bernardo José Gandulla chegou da Argentina em 1939, para jogar no Vasco.

10. a) Depois, participou de uma temporada fraca.
b) Depois, realizou uma temporada fraca.

11. a) a (ao campo) ou para (o campo)
b) em (no Brasil)
c) a (a sua equipe) / a (ao adversário).

12. Na primeira, **bater** é empregado no sentido de "agredir", "surrar", "dar pancada". Nesse sentido, ele é transitivo indireto, exigindo complemento regido pela preposição **em** ("bater **em** alguém"). Na segunda, o verbo **bater** é transitivo direto, exigindo, portanto, complemento sem preposição ("bater alguém"), com o sentido de "vencer", "superar", "sobrepujar".

13. Nesta frase empregou-se o verbo **preferir** de acordo com a norma culta, ou seja, com objeto direto e objeto indireto, este regido pela preposição **a**. Notar que a palavra **mais** presente na frase não está se referindo ao verbo **preferir**, mas ao substantivo **dinheiro**, núcleo do objeto direto **mais dinheiro**.

14. a) O trecho é "(...) ter gostado ou aprovado qualquer governante". **Gostar** exige preposição **de** ("gostar **de** qualquer governante"); **aprovar** não pede preposição ("aprovar alguém ou alguma coisa"). Para ficar adequado ao que estabelece a gramática normativa, o trecho deveria estar assim redigido: (...) não me lembro de ter gostado de qualquer governante ou aprovado qualquer um deles; ou: (...) não me lembro de ter aprovado qualquer governante ou gostado dele.
b) O trecho em que o autor segue a regra estabelecida pela gramática normativa é "(...) não gosto do atual governo nem o aprovo (...)".

15. Os alunos chegaram cedo ao colégio.

16. O rapaz de quem lhe falei é aquele com quem fiz estágio na empresa.

17. Os amigos foram ao cinema.

18. Chegaram atrasados ao concerto, por isso não puderam entrar.

19. Eu me esqueci dos compromissos marcados / Eu esqueci os compromissos marcados.

20. Custou-me resolver este exercício.

21. Custou aos convidados chegar.

22. Não simpatizei com ele nem com sua irmã.

23. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.

24. Fulano de Tal, residente na rua Epaminondas Licurgo.

25. Crianças preferem frutas a verduras.

26. O material de que precisamos para a pesquisa não foi encontrado.

27. Ele não obedece aos mais velhos.

28. O aluno não simpatizou com a professora.

29. sorver, respirar

30. almejar, pretender

31. ver, presenciar

32. dar assistência, dar ajuda

33. caber, pertencer

34. mandar vir, convocar

35. dar nome, cognominar

36. dar início

37. desejar

38. estimar, ter afeto

39. mirar, apontar

40. dar visto, vistar

41. ter em vista, objetivar

42. de	**46.** com	**50.** com	**54.** a
43. de	**47.** de	**51.** a	**55.** a
44. de	**48.** com, de	**52.** a	
45. com	**49.** de	**53.** a	

56. a) Este é o filme a que o aluno assistiu.
b) Este é o filme em que o aluno acreditou.
c) Este é o filme de que o aluno gostou.
d) Este é o filme a que o aluno se opôs.
e) Este é o filme com que o aluno simpatizou.

57. a) São conquistas em que penso.
b) São conquistas a que me refiro.
c) São conquistas em que creio.
d) São conquistas de que duvido.
e) São conquistas em que acredito.

58. a) Este é o autor de cuja obra gosto.
b) Este é o autor a cuja obra me refiro.
c) Este é o autor em cuja obra acredito.
d) Este é o autor com cuja obra simpatizo.
e) Este é o autor de cuja obra duvido.

59. a) a	c) o	e) o	g) lhes	i) a ele
b) lhe	d) lhe	f) lhe	h) o	j) a ele

60. a) a	f) a	k) a
b) a (aos)	g) de	l) de
c) a	h) a	m) por, a (ao)
d) a (ao)	i) de (do)	
e) a	j) de (do)	

61. a) com	f) a	k) com
b) a (ao)	g) a (ao)	l) a
c) de	h) a	m) com
d) a, para	i) a	n) em
e) a, para	j) a (ao)	

62. a **63.** e **64.** c **65.** d

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 301)*

1. a) primeiro	d) nono	g) vinte e sete
b) quarto	e) dez	
c) sexto	f) onze	

Professor(a), aproveite para relembrar aos alunos que, em textos legais, os artigos, incisos e parágra-

fos numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais, e que os artigos e parágrafos devem ser grafados com algarismos arábicos e os incisos com algarismos romanos.

2. a) A preposição **de** indica assunto.
   b) Equivale a **sobre**.
   Professor(a), tal uso da preposição **de** é comumente utilizado em títulos de artigos científicos, tratados, textos legais ("Dos delitos e das penas"; "Dos direitos do consumidor" etc.).

3. Todos são iguais **diante** (na presença) da lei.

4. 1) b, c, d, g
   2) a, e, h
   3) f

5. **Asilo**, no texto, significa "proteção, guarida, abrigo", e **inviolável** significa "o que não pode ser invadido, ocupado pela força".

6. a) **Aos autores:** objeto indireto; **de suas obras:** complemento nominal.
   b) Aos autores assiste (ou cabe) o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras.

7. No VI empregou-se o singular porque "é inviolável" refere-se a um sujeito simples no singular, cujo núcleo é "liberdade", com o qual concorda. No X empregou-se o plural porque o autor optou por fazer a concordância com o sujeito composto. Evidentemente, poderia ser feita a concordância atrativa, deixando-se o verbo e o adjetivo no singular, concordando com o núcleo mais próximo (intimidade).

8. A preposição **salvo** introduz oração que apresenta uma exceção ao que foi afirmado anteriormente. Em vez de **salvo** poderia ser empregada a preposição **exceto**.

9. a) a (ao)
   b) a (ao)
   c) em
   d) entre
   e) para
   f) a, com
   g) a, para
   h) perante

Capítulo 20 – CRASE

Atividades *(p. 310)*

1. Não. Caso o **as** estivesse com acento grave, o acento estaria indicando a ocorrência da preposição **a** que se fundiria com o artigo plural **as** e o sentido seria "Para as mulheres da minha vida".

2. Não era talhado para obedecer a ordens ou deixar de dizer o que pensava por respeito à hierarquia.

3. Sentado, a princípio, à minha frente, fizera, aos poucos, girar a cadeira, de forma a ficar sentado com o rosto voltado para a porta do aposento.

4. Só que nenhum dos dois pode ser tão emocionante, nem jamais foi tão disputado tão palmo a palmo ou pé a pé, topada a topada, canelada a canelada, às vezes tapa a tapa.

5. Tanto o cura quanto o barbeiro fizeram muitas e detalhadas recomendações à ama e à sobrinha, no sentido de recuperar o alquebrado corpo de nosso conhecido herói.

6. Quando ouviu a voz assim chamá-lo, ele estava de pé à porta de sua guarita, com uma bandeira na mão, enrolada à volta do curto mastro.

7. Acreditava ter obedecido fielmente às instruções do Conselho. Se fracassara, a culpa deveria ser atribuída à omissão de algum detalhe desconhecido da profecia.

8. Devo dizer que o resultado não se fez esperar: pressentindo à tarde que a dor não chegaria ao anoitecer, vasculhei a casa à procura de um instrumento adequado de defesa.

9. A luz intermitente das lojas refletindo no rosto da moça, à medida que eles iam passando por elas, ajudava a dos lampiões da rua, e mostrava a emoção daquela promessa.

10. À medida que me afastava, a alegria de ter resistido à tentação tornara-se mais intensa e acabei por entregar-me a ela completamente.

11. À noitinha a mãe chegou, viu a caixa, mostrou-se satisfeita, dando a impressão de que já esperava a entrega do volume.

12. Levantava cedo, tomava seu café com leite e saía às pressas para a rua. Voltava, às vezes, meia hora depois. No jantar era o primeiro a chegar à mesa.

13. Perguntei por que não tinha ido à escola, respondeu que não ia mais, nunca mais, e me contou a história do cavalo. Disse que não adiantava ir à escola porque estava resolvido a fugir.

14. A moça me disse ontem que a lua estava linda. À noite me telefonou e me animou a chegar à janela.

15. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas.

16. Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui.

17. Caminhava passo a passo à procura de um lugar onde pudesse estar à vontade.

18. Perguntou a ela, à meia voz, se estava disposta a contar as novidades às colegas.

19. Proibida a entrada de funcionários pela porta da saída. A direção.

20. Os hóspedes do PMG Hotel, por estarem alojados dentro do Pantanal, terão sempre ao seu redor como companhia a fauna e a flora pantaneira. Os programas são pescas a piranhas, focagem de jacarés, caminhadas ecológicas, passeios a cavalo e barco a motor acompanhados de guias com prática do Pantanal.
   Em **a cavalo** e **a motor**, não ocorre crase porque há apenas a presença da preposição **a**; são expressões formadas por palavras masculinas (cavalo e motor).
   Em **pescas a piranhas** não há crase porque só ocorre a preposição **a**; o **a** está no singular diante de uma palavra no plural (piranhas), o que comprova a não

ocorrência do artigo. O substantivo **piranhas** está empregado em sentido genérico.

Professor(a), comente que, se na frase tivéssemos **pesca às piranhas**, ocorreria a crase, porque o substantivo piranhas estaria precedido pelo artigo **as** e porque o substantivo **pesca** exigiria a preposição **a**.

21. a) "Perdi o fôlego. Respirei e ofereci trinta contos. Ele baixou para setenta e mudamos de conversa. Quando tornamos à barganha, subi a trinta e dois. Padilha fez o abate para sessenta e cinco e jurou por Deus do céu que era a última palavra."

b) "Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa. O almoço era servido às onze, comida simples, mas com sabor raro. Ele mesmo, o viúvo Galib, cozinhava, ajudava a servir e cultivava a horta, cobrindo-a com um véu de tule para evitar o sol abrasador."

c) "Que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraindo tanto como os sinos graves marcando as horas."

d) "Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo rala como a sua."

e) "Escrevo à meia-noite, depois de ter andado muito pela cidade, e ainda me acho um pouco transtornado pelo que me ocorreu à tarde."

f) "De noite, à hora dos gatunos e dos barulhos suspeitos, o pai abria a janela do lado sul e disparava um tiro contra a escuridão. Corria depois para o lado oposto, abria a janela e disparava outro tiro."

g) "Abandonou-me, deu um impulso à rede. Tombando a cabeça, a sombra de um galho de acácias projetou-se em seu rosto."

h) "Às vezes vinha a esses serões a mãe de minha avó, Dona Maria de Barros Palácio. O pouco que sei a seu respeito vem de minhas tias à custa de tanto falarem da sua doçura, da sua bondade e das suas lágrimas."

i) "Às sete da manhã, cada vez menos bocas bocejavam. Cada vez menos vozes reclamavam da vida às dez e meia e menos sestas balançavam as redes depois do almoço."

j) "Dirigi-me ao hotel indiferente à chuva que continuava a cair. Ia profundamente vexado e firmemente decidido a abandoná-lo quanto antes. Pressentindo que o hoteleiro tinha insinuado ao delegado que eu bem podia ser o autor do furto, refletia sobre uma decisão a tomar."

22. Em I, ocorre artigo antes de pessoas: nessa frase, a palavra **pessoas** está empregada de modo preciso, determinado. Em II, não ocorre artigo (e, portanto, não ocorre crase): nessa frase, o substantivo **pessoas** foi empregado de modo vago, indeterminado.

23. I. àquele II. aquela III. àquela IV. àquele V. àquela

24. b	**28.** d	**32.** a	**35.** c	**38.** b
25. a	**29.** e	**33.** b	**36.** e	**39.** d
26. a	**30.** c	**34.** c	**37.** e	**40.** e
27. a	**31.** c			

41. a) à; às; a
b) a; à
c) a
d) à; a
e) à; à
f) à; a
g) a
h) à; à
i) a (ou às)
j) a
k) à
l) à (ou a)
m) a

42. a	**43.** a	**44.** e	**45.** b	**46.** a

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 313)*

1. a) No primeiro quadrinho, o verbo **assistir** foi empregado no sentido de "ver", "presenciar".

b) Resposta pessoal. Sugestão: Pode-se usar o verbo **assistir** no sentido de "dar assistência", "dar ajuda" (O médico assiste o doente) ou no sentido de "caber", "pertencer" (É um direito que assiste a todos).

2. Em ambas as ocorrências **assistir** é verbo transitivo indireto, exigindo complemento regido pela preposição **a**.

3. a) Na primeira ocorrência, o **a** é preposição; na segunda, artigo.

b) Nas duas ocorrências, o **a** não deve receber acento grave porque não ocorreu a crase. Na primeira, há apenas a preposição; na segunda, apenas o artigo.

4. Fui obrigada a jogá-la fora.

Capítulo 21 – MORFOSSINTAXE DAS PALAVRAS *QUE* E *SE*

Atividades *(p. 317)*

1. a) pronome relativo; conjunção subordinativa condicional

b) conjunção subordinativa integrante; parte integrante do verbo; conjunção subordinativa integrante

c) pronome relativo; partícula expletiva

d) conjunção subordinativa integrante; pronome apassivador

e) partícula expletiva; conjunção subordinativa integrante; pronome relativo

2. conjunção subordinativa integrante

3. preposição

4. conjunção subordinativa consecutiva

5. substantivo

6. conjunção subordinativa integrante

7. conjunção coordenativa explicativa

8. conjunção subordinativa causal

9. pronome relativo

10. advérbio
11. preposição
12. pronome substantivo interrogativo
13. pronome adjetivo interrogativo
14. (é que) partícula expletiva ou de realce
15. conjunção subordinativa integrante
16. conjunção subordinativa comparativa
17. conjunção coordenativa explicativa
18. interjeição
19. substantivo
20. preposição
21. partícula expletiva ou de realce
22. conjunção subordinativa integrante
23. índice de indeterminação do sujeito
24. partícula expletiva ou de realce
25. conjunção subordinativa causal
26. pronome apassivador
27. pronome reflexivo
28. pronome reflexivo
29. conjunção subordinativa integrante
30. índice de indeterminação do sujeito
31. pronome apassivador
32. conjunção subordinativa condicional
33. conjunção subordinativa integrante
34. parte integrante do verbo
35. partícula expletiva ou de realce
36. índice de indeterminação do sujeito
37. pronome apassivador
38. conjunção subordinativa condicional

39. A	**41.** B	**43.** B	**45.** A	**47.** A
40. A	**42.** B	**44.** A	**46.** B	**48.** B

49. sujeito
50. objeto direto
51. objeto indireto
52. objeto direto
53. objeto indireto
54. c

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 318)*

1. As mulheres, as pessoas casadas e as pessoas mais velhas.

2. Para substituir **homens** usou a expressão "quem tem o cromossomo Y"; para substituir **mulheres** usou "Penélopes Charmosas".

3. Alguns pagam um terço para segurar o mesmíssimo carro; outros pagam o triplo.

4. A palavra **que** é conjunção subordinativa integrante, por introduzir uma oração subordinada substantiva. O primeiro **se** é uma conjunção subordinativa condicional; o segundo é parte integrante do verbo (**divorciar-se**).

5. a) O primeiro **que** é um pronome relativo, introduzindo uma oração subordinada adjetiva restritiva. No caso, o pronome **que** substitui o seu antecedente, o pronome demonstrativo **o** (= aquilo), exercendo a função sintática de objeto direto de **cobram**. Na segunda ocorrência, a palavra **que** é uma conjunção subordinativa integrante, por introduzir uma oração subordinada substantiva. Nesse caso, não exerce função sintática alguma.

b) Na frase, **mais** foi empregado como advérbio, pois se refere ao verbo **usar** e não ao substantivo **estacionamentos**. Caso se referisse a **estacionamentos**, teríamos um pronome indefinido.

6. Na primeira ocorrência, ocorre a fusão da preposição **a**, exigida pelo verbo **ir**, com o artigo **a**, que determina o substantivo feminino **balada**, usado em sentido preciso (a balada). Na segunda, não ocorre a crase, tem-se apenas a preposição **a**, exigida pelo verbo **expor**. Diante do substantivo **batidas**, não há artigo, pois esse substantivo foi empregado de modo vago, impreciso.

Professor(a), comente que em "a batidas", o a está no singular diante de uma palavra no plural e que os substantivos coordenados a "batidas", **roubos** e **furtos**, aparecem sem artigo.

7. Porque, segundo as seguradoras, que se baseiam em estatísticas, as batidas causadas por homens são mais fortes do que as causadas por mulheres. Além disso, os homens, por usarem menos os estacionamentos do que as mulheres, facilitam a vida dos ladrões de carros.

Capítulo 22 – PONTUAÇÃO

Atividades *(p. 328)*

Professor(a), nestes exercícios, apresentamos como resposta a pontuação dada ao texto conforme consta da fonte em que foram recolhidos os fragmentos. Evidentemente, dado o caráter subjetivo da pontuação, outras respostas também são possíveis.

1. Em **I**, afirma-se que todas as seguradoras se baseiam em estatísticas. Nesse caso, temos oração subordinada adjetiva explicativa. Em **II**, afirma-se que apenas as seguradoras que se baseiam em pesquisas afirmam que as batidas de carro causadas por homens são mais fortes do que as causadas por mulheres; temos aí oração subordinada adjetiva restritiva.

2. Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher andaria de rastos à sua procura. / Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, andaria de rastos à sua procura.

3. "A poluição sonora provoca muitos efeitos negativos. Os principais são: distúrbios do sono, estresse, perda

da capacidade auditiva, surdez, dores de cabeça, distúrbios digestivos, perda de concentração, aumento do batimento cardíaco e alergias."

4. "Ao redor da mesa, por um instante imobilizados, achavam-se o pai, a mãe, a avó, três crianças e uma mocinha magra de dezenove anos."

5. "Entro na venda para comprar uns anzóis, e o velho está me atendendo quando chega um menino da roça com um burro e dois balaios de lenha. Fica ali, parado, esperando. O velho parece que não o vê, mas afinal olha as achas com desprezo e pergunta: 'Quanto?'. O menino hesita, coçando o calcanhar de um pé com o dedo de outro: 'Quarenta'. O homem da venda não responde, vira a cara. Aperta mais os olhos miúdos para separar os anzóis pequenos que eu pedi."

6. "Como eu tinha imaginado, uma corrente marítima impele o navio, se é que assim se pode designar adequadamente uma onda que, rugindo e uivando pelo alvo gelo, reboa em direção ao sul com velocidade igual à da queda vertiginosa de uma catarata."

7. "Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes e simples, um tipo que tinha parte com o tinhoso"

8. "Ela, porém, fremia de desejos, de raiva, de ódio"

9. "Era inacreditável, porém, o efeito que aquela momice tinha sobre as pessoas atrás da cerca: elas suavam, gritavam, riam, choravam, rezavam, mordiam os lábios, roíam as unhas, arrancavam os cabelos e, em momentos de cólera, atiravam objetos ao gramado."

10. "À noite, porém, o doutor percebendo que a mulher dormia, saltou a janela e correu em direção ao cemitério; Cora, de pés nus, com as chinelas nas mãos, procurou a criada para irem juntas à colheita de ossos."

11. "O céu estava cinzento; o vento, úmido."

12. "Como, porém, estivesse com a camisa rasgada, o paletó sem a manga direita, ligeiras escoriações por todo o corpo e de sunga, recebeu ordem superior para retirar-se, sob pena de abertura de inquérito administrativo de acordo com os estatutos em vigor."

13. "As janelas das casas, por exemplo, só têm a armação. Os vidros foram dispensados em 1958 quando chegou o primeiro jato. Sempre que levantava voo, o jato quebrava todas as vidraças do bairro. Os espelhos, para não estilhaçarem, já são comprados aos cacos."

14. "Aos cinquenta anos, magro, alto, de gestos imponentes e uma certa altivez forçada, era mais conhecido por sua enorme biblioteca, onde empenhava toda a moeda conseguida nas colheitas ou pela venda sucessiva de partes de suas terras, do que propriamente por sua esquisita maneira de viver."

15. "Por dentro, a estalagem lembrava um velho navio abandonado, de casco escuro e carcomido. Nas paredes, além de botijas e frascos de bebidas espalhados por prateleiras suspensas, objetos recolhidos dos mais diversos mares por baleeiros de todos os tempos: ossos de baleias, remos, rodas de leme, âncoras..."

16. "Escritor, crítico de arte, cronista, jornalista, autor de mais de 20 obras entre coletâneas de poemas, ensaios e peças de teatro, Ferreira Gullar faz 70 anos no dia 10 deste mês."

17. A medida aplicada, no entanto, não resolveu o problema.
Justificativa: separar conjunção coordenativa intercalada.

18. Durante o jantar, o assunto foi só esse.
Justificativa: isolar o adjunto adverbial antecipado.

19. Ele preferia os salgados e eu, os doces.
Justificativa: marcar omissão do verbo.

20. Havia, contudo, inconvenientes sérios.
Justificativa: separar conjunção coordenativa intercalada.

21. Estes argumentos, não os tenho por verdadeiros.
Justificativa: separar complemento pleonástico antecipado.

22. Visitaram Recife, Fortaleza, Salvador e Maceió.
Justificativa: separar termos coordenados assindéticos.

23. Gostaria de saber, entretanto, se vão incluir os custos no pedido.
Justificativa: separar conjunção coordenativa intercalada.

24. No outro dia, sábado, matei os carneiros para os eleitores.

25. A casa tinha três quartos, duas salas, banheiro, copa, cozinha, quarto de empregada, porão, varanda e quintal.

26. Debruçado à janela, ele olha a rua.

27. Meu querido, estou doente de desespero.

28. Depois do enterro de Luísa, Jorge despediu as criadas.

29. Desde as primeiras chuvas, Dona Inácia iniciou seus preparativos de viagem.

30. Para o coração, pois, não há passado, nem futuro, nem ausência.

31. Às onze horas, a sineta deu o sinal das aulas.

32. Na área econômica, o novo presidente receberá um país ainda envolvido na crise.

33. A frase está pontuada corretamente.

34. Todos sabemos que as inovações, em quaisquer das atividades humanas, especialmente nas artes, área das intimidades profundas e delicadas do sentimento, custam a vencer as resistências oriundas da tradição e da inércia.

35. Meu antigo patrão, Salustiano Padilha, que tinha levado uma vida de economias indecentes para fazer o filho doutor, acabara morrendo do estômago e de fome, sem ver na família o título que ambicionava.

36. As casas são navios que, enquanto mergulhamos no sono, levantam âncora para a travessia da noite.

37. Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração.

38. Maria, viúva, quarenta e nove anos, e João, barbeiro de vinte e cinco, eram amasiados há seis meses.

39. A premiação foi, como devia ser, exuberante.

40. O povo se apinhava na avenida, o dinheiro circulava alegremente, as lâmpadas de carbureto espargiam sobre o burburinho focos de luz muito branca.

41. Então tirou o roupão violentamente, passou um vestido sem apertar o corpete, vestiu por cima um casaco largo de inverno, atirou o chapéu para a cabeça despenteada, saiu, desceu a rua tropeçando nas saias.

42. O pêndulo iria de um lado para outro, mas nenhum sinal externo mostraria a marcha do tempo.

43. Já sabes que a minha alma, por mais lacerada que tenha sido, não ficou aí para um canto.

44. Para psiquiatras, psicólogos e sociólogos, o conflito familiar é inevitável e inerente à própria família.

45. As economias do imperador, no entanto, não foram o bastante para levar adiante o projeto que se desenvolvia.

46. Machado de Assis e Castro Alves são importantes nomes da literatura brasileira: o primeiro escreveu romances; o segundo, poemas.

47. A literatura portuguesa nos deu dois grandes res: Camões, grande poeta renascentista, e Fernando Pessoa, grande poeta moderno.

48. A situação estava clara: somente uma jogada individual do atacante resolveria o problema.

49. Logo que chegaram, sentaram-se no sofá, que era velho, pediram silêncio e iniciaram a conversa.

50. A História torna o homem incrédulo; a poesia, indefeso; a matemática, frio; a filosofia, soberbo; a moral, chato.

51. O raciocínio é o de praxe: buscar em Moscou as razões da instabilidade política externa, acusar o governo de incapaz e corrupto, sugerir a iminência da guerra civil e, enfim, apresentar-se como garantia exclusiva da população.

52. A minha expectativa é a seguinte: eu me sinto participante do processo.

53. O país prepara uma verdadeira festa – um verdadeiro carnaval – para o dia 15.

54. Desejamos que o novo ministro (esperamos que seja um entendido em educação) faça as reformas necessárias.

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 330)*

1. Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam afirmativamente, já que a presença de sinais de pontuação, entre outras coisas, facilita o reconhecimento das unidades de sentido de que se compõe um texto (as frases, os períodos). Além disso, por meio dos sinais de pontuação sabemos com que tipo de entoação devemos ler as frases.

Professor(a), pode-se mostrar a importância dos sinais de pontuação como elementos facilitadores da leitura solicitando aos alunos que leiam um texto do qual foram retirados todos os sinais de pontuação.

2. Um ponto no alto. Observar que o texto afirma que "um ponto no alto indicava o fim de **um grupo de palavras com significado completo**", ou seja, de uma frase.

3. a) A vírgula é usada para separar duas orações coordenadas que formam um período. O ponto marca o final da frase.
   b) A vírgula marca um termo deslocado. O adjunto adverbial aparece, em geral, depois do verbo. O ponto marca o final da frase.
   c) A vírgula é usada para separar um termo explicativo – no caso, o aposto da palavra *codex*. O ponto marca o final da frase.
   d) A primeira vírgula está marcando um termo deslocado. O adjunto adverbial geralmente vem no final da frase. A segunda vírgula separa duas orações coordenadas. As aspas são usadas para destacar que a expressão "sinais pequenos que parecem vermes" seria de Voltaire e não de quem escreveu o texto. O ponto marca o fim da frase.
   e) A vírgula marca a oração subordinada adverbial, que vem deslocada. Normalmente, a oração adverbial vem depois da oração principal. O ponto marca o fim da frase.

4. O travessão realça visualmente a ideia expressa no trecho "e era difícil distinguir os conjuntos que formavam uma ideia". O travessão poderia ter sido substituído por uma vírgula, mas a ênfase não seria a mesma.

5. Os dois-pontos marcam uma suspensão da melodia da frase para introduzir uma sequência que explica, esclarece a expressão **o primeiro sistema de pontuação**. Os pontos e vírgulas separam os três itens dessa sequência explicativa. Como a última frase ("por fim, um ponto na base representava uma frase que se completaria adiante") já apresenta vírgula em seu interior, o autor optou por separar as orações que formam a sequência por ponto e vírgula.
   Professor(a), as vírgulas após "No século 2 a.C." e "por fim" marcam adjuntos adverbiais deslocados.

6. No texto, ocorre uso do ponto para assinalar as abreviaturas **a.C.** (antes de Cristo) e **d.C.** (depois de Cristo). Além de marcar o final da frase, deve-se utilizar o ponto depois de palavras escritas abreviadamente.

Capítulo 23 – FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

Atividades *(p. 340)*

1. O humor da tira decorre do uso de metáforas inusitadas. Partindo de um lugar-comum, o clichê "Você é um colírio para meus olhos", ele cria metáforas que guardam relação com o clichê. As metáforas criadas por associação ao clichê têm caráter surpreendente e, com isso, conferem humor à tirinha.

2. A figura é "o gravata de bolinhas". Trata-se de uma metonímia (a gravata no lugar da pessoa que a utiliza).

3. A figura é "quando o vinho estiver dizendo coisas mornas em nossa cabeça". Temos aí uma metonímia (a causa pelo efeito). Não é o vinho quem diz, mas o efeito do vinho. Ao mesmo tempo, temos uma prosopopeia ou personificação, já que se atribui ao vinho (ser inanimado) um predicado próprio de ser animado (dizer) e um eufemismo, já que podemos entender que "o vinho dizer coisas mornas em nossa cabeça" significa um ligeiro estado de embriaguez. O adjetivo **mornas** está empregado em sentido conotativo, configurando uma metáfora.
Professor(a), o importante nesta atividade é os alunos perceberem as relações de sentido estabelecidas pela figuras.

4. a) sinestesia (psiu = sensação auditiva; luz = sensação visual)
b) prosopopeia ou personificação
c) quiasmo
d) hipálage (o adjetivo castanho deveria determinar olho e não grito)
e) anacoluto
f) hipálage (loquazes deve determinar barbeiros e não lojas)
g) silepse de número
h) aliteração e assonância
i) anacoluto
j) inversão
k) anáfora
l) prosopopeia ou personificação
m) metonímia

5. a) anáfora
b) polissíndeto
c) pleonasmo e apóstrofe
d) silepse de número
e) zeugma
f) ironia
g) aliteração e assonância
h) metonímia (**pia** no lugar de **batismo**)
i) antítese
j) aliteração, assonância e paronomásia
k) prosopopeia (ou personificação)
l) hipérbole
m) antítese (santa/pecadora; pobres/ricos). **Professor(a)**, chame a atenção para o paralelismo sintático.
n) gradação. **Professor(a)**, chame a atenção para o paralelismo sintático.
o) inversão
p) metáfora (**dourado** remo)

6. **Elipse:** (eu) Cheguei; (tu) chegaste; (tu) tinhas.
Polissíndeto: "E triste, e triste e fatigado eu vinha."
Inversão: "(...) fatigado eu vinha" (eu vinha fatigado); "Tinhas a alma de sonhos povoada" (Tinhas a alma povoada de sonhos); "a alma de sonhos povoada eu tinha" (eu tinha a alma povoada de sonhos).
Quiasmo: "Tinhas a alma de sonhos povoada / E alma de sonhos povoada eu tinha."

7. Ele faz uso da prosopopeia ou personificação, atribuindo aos seres inanimados **vento**, **árvore**, **mar**, **chuva**, **rio** e **nuvem**, respectivamente, os predicados **assobia**, **requebra**, **balança**, **batuca**, **desfila** e **dança**, próprios de seres animados.

8. a) asa da xícara, asa do avião
b) barriga da perna
c) bico de gás, bico de pena, bico de papagaio
d) boca da noite, boca do estômago, boca de sino
e) braço da poltrona, braço de mar, braço de ferro
f) folha de rosto, folha de cheque, folha de papel
g) menina dos olhos
h) olho da rua, olho gordo, olho mágico, olho-d'água, olho de gato
i) orelha do livro

9. a) Aos arcaísmos.
b) Velhas caducas e pobres velhinhas.

10. A catacrese.

11. Na frase "Estamos esperando há séculos", a expressão **há séculos** é uma hipérbole. Hagar espera a sopa há bastante tempo e, para enfatizar o tempo de espera, faz uso de um exagero.

12. a) pleonasmo
b) solecismo
c) solecismo
d) solecismo
e) pleonasmo
f) pleonasmo
g) barbarismo
h) pleonasmo
i) cacófato
j) cacófato
k) ambiguidade
l) pleonasmo
m) pleonasmo
n) ambiguidade

13. a) Pelé
b) Paris
c) Castro Alves
d) Rio de Janeiro
e) Recife
f) Egito
g) Carmem Miranda
h) Maracanã
i) Dom Quixote
j) Machado de Assis

14. a) Nessa frase, além do recurso sonoro (aliteração), o efeito estilístico é decorrente do quiasmo produzido pelo cruzamento das expressões "viver sonhando" e "sonhar vivendo".
b) Nessa frase ocorre quiasmo. **Professor(a)**, observe a disposição cruzada dos termos que compõem cada uma das orações.
c) gradação e assíndeto
d) eufemismo
e) sinestesia (perfume: olfativo; adocicado: gustativo)
f) sinestesia (cheiro: olfativo; verde: visual)
g) silepse de gênero
h) sinestesia (vermelho: visual; berrante: auditivo)
i) metonímias: garfo (o instrumento pela pessoa) e pratos (o continente pelo conteúdo)
j) hipérbole
k) silepse de pessoa
l) anacoluto
m) catacrese
n) quiasmo

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 343)*

1. Soneto.
2. a) Os versos do poema apresentam dez sílabas métricas.
   b) Esse tipo de verso denomina-se verso decassílabo.
3. O verbo **ser**
4. Os predicativos que definem o amor são **metáforas**.
5. anáfora
6. a) Resposta pessoal. **Professor(a)**, oriente os alunos a fim de que percebam que os elementos são sempre contraditórios: "dói" / "não se sente"; "contentamento" / "descontente"; "dor que desatina" / "sem doer").
   b) Esses elementos formam **antíteses** e **paradoxos**.

Capítulo 24 – EMPREGO DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Atividades *(p. 348)*

1. A incoerência decorre do emprego de **vai de encontro a** no lugar de **vem ao encontro de**. Segundo o texto, o Ministério Público Estadual aponta Berezovski e Badri como investidores da MSI e o presidente do Corinthians, em seu depoimento, afirma que essas pessoas são investidores da MSI, portanto não há contradição ou choque entre o depoimento de Dualib e a conclusão do Ministério Público Estadual; pelo contrário, o depoimento de Dualib confirma a conclusão do Ministério Público Estadual.
2. Estão inadequadas as palavras: **meretrício** (no lugar de meritíssimo); **reverendíssimo** (não é tratamento dado a promotores, mas a religiosos); **valo** (em vez de valho); **absorver** (no lugar de absolver). Pode-se incluir também a contração **pra** usada no lugar de para.
3. Servir bebidas alcoólicas a menores de 18 anos, constitui contravenção penal, ficando o infrator sujeito à prisão em flagrante e processo criminal. (Artigo 63, n. 1, da Lei das Contravenções Penais)
4. Por que me julgas tão mal?
   Porque tenho minhas razões.
   E não declaras por quê?
   Nem eu sei o porquê.
5. a) a
   b) a; há
   c) Há
   d) há
   e) a
6. Por que não veio?
   Não vim porque não quis; esta é a razão por que não vim.
   Afinal nunca se sabe bem o porquê das coisas.
7. a) mal
   b) mal; mau
   c) mal
   d) mau
   e) mal
   f) mal
   g) mau / mal
8. a) sessão; cessão
   b) seção
   c) sessão; seção; cessão
9. a) por quê
   b) por que
   c) porque
   d) por que
   e) por quê
   f) por que; porquê
   g) porquê
10. a) Se não me trouxeres os demais presentes, ficarei aborrecido.
    b) Ela caminhava à toa pelas ruas há mais de duas horas.
    c) Discutíamos acerca da questão ecológica a fim de encontrarmos alguma solução para o problema.
    d) Estudaram demais para a prova porque queriam ser aprovados.
    e) Ele não compareceu à festa, ao invés do que havia prometido.
    f) No dia a dia de um motorista sempre ocorrem imprevistos.
    g) Ele foi ao encontro de uma solução para o problema que o afligia.
    h) Havia dois anos que ele partiu.
    i) Luciana era de uma geração em que as pessoas se preocupavam com a idade.
11. d
12. c
13. a) a fim
    b) nenhum
    c) nem um
    d) sobre tudo
    e) sobretudo
    f) tampouco
    g) tão pouco
    h) há cerca de

Dos textos à gramática/Da gramática aos textos *(p. 349)*

1. a) Palavras que deveriam receber acento gráfico: pagina (página), ignorancia (ignorância), poderiamos (poderíamos), classico (clássico), consequencia (consequência), sanduiches (sanduíches), suiço (suíço), tambem (também).
   b) Palavras que não deveriam receber acento: póde (pode), sôco (soco), Lisbôa (Lisboa), acôrdo (acordo), bôa (boa), vêzes (vezes), sevéra (severa), colléga (colega), éles (eles).

   Professor(a), pelo Acordo Ortográfico de 1990, é facultativo o uso do acento agudo nas formas da primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação para diferenciar das formas do presente do indicativo, por isso é correto o acento em **adotámos** e **registámos**. Quanto à forma registámos, ela é correta porque esse verbo admite dupla grafia: **registar** ou **registrar**, sendo essa última a mais usual. Quanto à palavra **paté**, na norma brasileira, a pronúncia usual é patê (com o e fechado). Pelo sistema ortográfico atual, **rheumatismo chronico** deve ser grafado **reumatismo crônico**.
2. Uma ortografia unificada é a adoção de um padrão único de grafia das palavras por todos o que usam determinada língua. **Professor(a)**, pode-se comentar que já houve inúmeras tentativas de se unificar a ortografia da língua portuguesa. A primeira, por exem-

plo, ocorreu em 1911. A proposta mais recente é a de 1990, ano em que em Lisboa foi assinado um novo Acordo por representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, que visava à unificação do sistema ortográfico da língua portuguesa. Entre outros pontos discordantes da ortografia desses países, pretendia-se padronizar, por exemplo, o emprego do hífen, algumas regras de acentuação e a queda de consoantes mudas. Estabeleceu-se que tal Acordo entraria em vigor em 1.º de janeiro de 1994, após sua ratificação por todos os países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) e Timor Leste. Como isso não ocorreu, ele não entrou em vigor naquele ano. Em julho de 2004, numa reunião realizada em São Tomé e Príncipe, com a presença do Timor Leste já independente, foi aprovado por unanimidade que o Acordo entraria em vigor, desde que fosse ratificado pelo menos por três países da CPLP. O Brasil o ratificou em 2004, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe em 2006. Portugal o ratificou em 2008. Em 2009, primeiro ano de vigência do novo Acordo, a Academia Brasileira de Letras publicou o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, que registra a grafia atualizada das palavras em português. A adoção desta publicação pelos outros países da CPLP ainda está em discussão.

3. Resposta pessoal. Sugestão: catorze ou quatorze; loira ou loura.

Professor(a), no texto, o autor usa a forma **registamos** em lugar de **registramos**. O verbo **registrar** apresenta a forma variante **registar**, pouco usada no Brasil. No capítulo 2, apresentamos uma relação desse tipo de palavras sob o título "Formas variantes".

4. Ele grafa a mesma palavra com grafias diferentes para contentar a todos os seus leitores, já que, segundo ele, há muitas ortografias no Brasil e seu "Almanhaque" tem leitores em todas as camadas.

5. a) Dizer que o erro se deveu a um "cochilo da revisão".
b) Não, o autor prefere assumir os erros ortográficos que comete.

6. Em a, que é como aparece no texto, afirma-se que se respeita a grafia dos norte-americanos e que todos eles, sem exceção, escrevem horrivelmente mal o inglês. Nesse caso, a oração "que escrevem horrivelmente mal inglês" é uma adjetiva explicativa. Em **b**, afirma-se que se respeita a grafia apenas dos norte-americanos que escrevem horrivelmente mal inglês, ou seja, não são todos os norte-americanos que escrevem horrivelmente mal inglês. Nesse caso, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva.

7. a) **A fim de** justificar essas falhas poderíamos usar do clássico recurso de explicar que são "cochilos da revisão".
b) Parece que estas explicações já são **bastantes** para que se compreenda que nós escrevemos, afinal, como nos vem à cabeça.
c) Quando a cabeça está funcionando **mal**, sai tudo errado.
d) Para nós, colega é todo sujeito que escreve **acerca de** qualquer assunto.
e) Algumas vezes escrevemos xadrês **em vez de** xadrez.

8. I. O trecho em que ocorre o desvio é "se subentende de um prato de emergência". Temos aí um desvio em relação à sintaxe de regência. O verbo **subentender** é transitivo direto, portanto seu complemento não deve vir regido de preposição. Além disso, o verbo vem acompanhado do pronome apassivador **se**. Para ficar adequado à norma culta, a redação deveria ser "(...) que se subentende um prato de emergência".
II. a) A ortografia adotada, entretanto, não é arbitrária. Justificativa: a conjunção intercalada deve ficar entre vírgulas.
b) Trata-se de um prato de emergência, no qual entram apenas produtos nacionais: ou queijo de Minas, ou pernil de porco, ou língua do Rio Grande. Quando escrevemos *sandwich*, trata-se do mesmo prato, mas agora preparado com salame italiano, ou queijo suíço, ou patê francês. Justificativa: no caso, como a conjunção **ou** vem repetida, os termos coordenados devem vir separados por vírgulas.

9. a) Metáfora (doença das dobradiças é uma metáfora de reumatismo).
b) Como via de regra, o reumatismo ataca as articulações; por uma relação de semelhança (articulações / dobradiças), realizou-se a transposição de significado.

10. "Parece que **essas** explicações já são suficientes para que se compreenda que nós escrevemos, afinal, como nos vem à cabeça. E assim é que deve ser. E é por isso que, quando a cabeça não está funcionando muito bem, sai tudo errado."
Quando possuir valor anafórico, isto é, retomar segmento textual anteriormente expresso, a gramática normativa estabelece que se deve empregar **esse** (e flexões), **isso** e não **este** (e flexões), **isto**. No último parágrafo, faz-se referência às explicações já mencionadas, portanto são "**essas** explicações" e não "**estas** explicações".
Professor(a), comente que o mesmo ocorre no trecho "**Isto** póde parecer ignorancia da nossa parte (...)", em que, segundo a gramática normativa, deveria ser empregado o pronome demonstrativo **isso**.

11. Parece que estas explicações já são suficientes para que se compreenda que nós escrevemos, afinal, como nos vem à cabeça. Assim deve ser. E, por isso, quando a cabeça não está funcionando muito bem, sai tudo errado.
Professor(a), se julgar interessante, pode-se comentar que em **parece que** e **compreenda que** a palavra **que** é conjunção subordinativa integrante, e em **para que se compreenda** a palavra **que** faz parte da locução conjuntiva **para que**, que indica finalidade.

2 Respostas das questões de exames

Capítulo 1 – FONOLOGIA

1. a) Resposta esperada: O recurso utilizado é a transgressão da ortografia ou, dito de outra forma, o uso da grafia como transcrição da fala; ou seja, a tira apresenta uma forma de escrita que tenta reproduzir a fala das personagens.

Esse recurso pode ser exemplificado de três maneiras: pela troca da consoante **l** por **r** (como em **prantando**); pela supressão da vogal na proparoxítona (como em **árv[o]re**), processo muito comum na fala; e pela troca da vogal **e** por **i** (como em **di** e **isperança**).

b) Resposta esperada: Não. Os fenômenos representados na tira encontram-se também em regiões urbanas e não refletem, necessariamente, escolaridade ou classe social do falante.

Por exemplo, a troca da consoante **l** por **r** é um processo bastante recorrente nas regiões urbanas. A supressão da vogal em palavras proparoxítonas (xícara, abóbora etc.) faz parte de um processo fonológico amplamente presente no português brasileiro de forma geral. Finalmente, a elevação da vogal átona (**e** _**i**) é uma marca de diferenciação regional e não de oposição rural/urbano.

Não se cobrará o uso de metalinguagem na referência aos fenômenos aqui mencionados.

2. O efeito cômico é dado pela possibilidade de *Kerr* e *Peck* poderem ser associados, pela semelhança sonora, a *quer* e *peque*, o que resulta na alteração de classe gramatical – de substantivo (próprio) a verbo – e, consequentemente, de função sintática.

3. c **6.** c **9.** c **12.** b
4. a **7.** a **10.** c **13.** b
5. b **8.** a **11.** d

14. A aproximação de palavras com sons parecidos (farda/farta, farda/parda, parda/parca, parda/perde). Nesses pares, a troca de fonema (sonoro) implica diferença de significado (semântica). O autor explora também as diferenças de significado entre (o) guarda (*s. m.*, policial), (na) guarda (*s. f.*, ação ou efeito de guardar) e (se) guarda (forma do verbo guardar).

15. b **17.** a **19.** b **21.** e
16. d **18.** d **20.** c **22.** c

23. Hiato em: anunci-**ar**, ju-ízos, a-inda, mei-**o** (em meio considera-se que há hiato de uma vogal com um ditongo – ver a regra número 7 do item **Translineação**). Ditongo nasal em: confundem, atropelam, paixões, desmentem, solução, travam. Ditongo oral decrescente em: aos, outros, meio. **Professor(a)**, vide nota introdutória 2.

24. Demarcação: ditongo nasal decrescente (ão); juízo: hiato das vogais u e i; interpenetram: ditongo nasal decrescente (am); iguais: tritongo oral (uai). **Professor(a)**, vide nota introdutória 2.

25. c

26. Fonema.

27. d

28. 01 + 04 + 16 + 32 = 53

29. 01 + 02 + 04 + 08 = 15.

30. d **31.** a **32.** e **33.** a

34. Alternativa e. **Professor(a)**, vide nota introdutória 2.

35. b **36.** c

37. Alternativa c. **Professor(a)**, a divisão silábica da palavra Piauí é a seguinte: Pi-au-í.

38. d **40.** e **42.** a
39. d **41.** e **43.** c

Capítulo 2 – ORTOGRAFIA

1. b **2.** d

3. Alternativa c. **Professor(a)**, em Portugal, facto é "acontecimento" e fato indica "roupa, traje social, geralmente masculino". Nesse caso, a diferença de pronúncia e grafia corresponde a uma diferença de sentido. Já em director (forma portuguesa) e diretor (forma brasileira), não haveria diferença de pronúncia e sentido, mas apenas de grafia.

4. d

5. a) Escravo fugido

Fugiu no dia 30 de Junho p.p. o escravo de nome Anacleto; crioulo, representando idade de 30 a 35 anos, com os seguintes sinais: altura mediana, cor fula, corpo delgado, rosto comprido e um pouco entortado, boca regular e falta 2 ou 3 dentes da parte de cima, um sinal de cada lado das maçãs do rosto, cabelo cortado rente; a entrada da testa do lado esquerdo é maior do que a do lado direito, fala manso mostrando humildade. Sabe ler e escrever e costuma inculcar-se forro e voluntário da pátria. Levou vestido, paletó e calça casimira preta com pouco uso e uma trouxa de roupas com calças e paletós brancos. Usa também de bigode e barba rapada.

Quem o prender e trouxer em Campinas e puser na Cadeia receberá gratificação 100$000 do sr. Joaquim Candido Thevenar.

b) Fula, forro, voluntário da pátria, levou vestido.

6. 01 + 02 + 32 = 35

7. b **8.** b

9. A palavra **espectador** tem o sentido de "aquele que vê", "aquele que assiste a". A palavra **expectador** significa "aquele que tem expectativa", "aquele que está na expectativa".

10. b **12.** e **14.** b **16.** c

11. c **13.** d **15.** a **17.** b

18. **Lisonjeado** escreve-se com **j** porque provém de **lisonja** (com j); **margeado** escreve-se com **g**, porque provém da palavra **margem** (com g).

19. c **23.** d **27.** c **31.** c

20. d **24.** b **28.** a **32.** e

21. c **25.** c **29.** a

22. b **26.** c **30.** b

33. a) ss
b) c
c) xc

34. c **36.** d **38.** b **40.** b

35. e **37.** d **39.** a

41. Alternativa **e**. Usa-se o hífen depois de **sobre** se a palavra seguinte começar por **h** ou **e**.

42. Alternativa **d**. **Professor(a)**, emprega-se o hífen depois de **sub** se a palavra seguinte começar por **r**.

43. a **44.** b **45.** a

Capítulo 3 – ACENTUAÇÃO GRÁFICA

1. c

2. 2 + 4 + 8 + 32 = 46

3. c

4. b

5. 4 + 8 + 16 = 28

6. d **9.** c

7. a **10.** d

8. e **11.** d

12. b **13.** c **14.** a **15.** c **16.** a

17. Conveniência: palavra paroxítona terminada em ditongo oral crescente; também: palavra oxítona terminada em **-em**; matéria: palavra paroxítona terminada em ditongo oral crescente; espírito: palavra proparoxítona.

18. d **19.** e **20.** b

21. Ruínas é acentuada graficamente porque a letra **i** forma hiato com a vogal anterior e não vem seguida de **nh** (ru-í-nas). Ruim não deve receber acento gráfico porque a letra **i**, embora forme hiato com a vogal anterior, não está sozinha na sílaba (ru-im).

22. b **23.** a **24.** e **25.** e **26.** d

27. Síncope, você

28. c **29.** e

30. a) cérebro, lápis, papéis
b) atrás, irônico

31. b

32. Alternativa **e**. A palavra **veículos** deve ser acentuada porque é uma proparoxítona ou pelo fato de a letra **i** formar hiato com a vogal anterior.

33. c

34. Incumbência: paroxítona terminada em ditongo oral crescente; analisá-los: forma verbal oxítona terminada em **a** tônico.

35. c **37.** b **39.** a

36. a **38.** d **40.** c

41. substituí-lo, reúne, bênção

42. d

Capítulo 4 – ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. b **2.** c

3. Resposta da PUC-RJ: A palavra inveja é a única que não se estrutura por prefixação. Todas as demais apresentam prefixo de negação **in-**, acrescido à base adjetiva.

4. c

5. a) Resposta esperada: No artigo 1548, o casamento é considerado inexistente, isto é, sem efeito, desde que ocorram as condições arroladas. Já no artigo 1550, o casamento é passível de ser tornado sem valor, desde que solicitado e observadas determinadas condições. Essa diferença é produzida pelo acréscimo do sufixo **-ável** (que tem o sentido de possibilidade de praticar ou sofrer uma ação) ao verbo anular. Com isso, anulável tem o sentido de "aquilo que pode ser anulado", implicando assim a possibilidade de realização de um processo. Já em *nulo*, a ideia de processo inexiste, pois o seu sentido é de um evento sem validade. Portanto, conforme o artigo 1548, o casamento não se realiza juridicamente; pelo artigo 1550, o casamento é dado como realizado, porém, é passível de anulação.

b) Resposta esperada: Diferentemente de *infringência*, palavra formada a partir de *infringir* por meio do acréscimo do sufixo **-ência** (que transforma um verbo em substantivo), *incompetência* apresenta um processo suplementar, já que inexiste o verbo *incompetir*. O verbo *competir* recebe igualmente o sufixo **-ência** e, posteriormente, a palavra formada (*competência*) recebe o prefixo **in-**, fornecendo o sentido de 'ausência de competência'.

Espera-se que o candidato seja capaz de perceber a relação entre competência, incompetência e o verbo competir (que, nessa relação específica, tem um sentido associado ao de atribuição, menos usual do que aquele associado a rivalidade e competições).

Não se espera, por outro lado, que o candidato faça qualquer consideração de ordem etimológica sobre **fring-** como um eventual radical latino. Como falante da língua, ele dispõe do conhecimento sincrônico de

que fringir não é um radical de verbo existente. (Não se cobrará o uso de metalinguagem).

6. e **8.** c **10.** a **12.** a
7. d **9.** c **11.** b

13. O sufixo **-ismo** de **gerundismo** (gerúndio + ismo) expressa, nesse caso, a ideia de vício, mania, mau uso. O mesmo valor do sufixo verifica-se, também, por exemplo, em consumismo, oportunismo, modismo.

14. a **15.** c **16.** b **17.** e **18.** c

19. a) Desfeitio. Na expressão "o desfeitio da vida", pode-se ressaltar o sentido de que a vida não tem feição ou configuração certa.
b) Uma dentre as formas: muito inteligente, bastante inteligente, bem inteligente, deveras inteligente, assaz inteligente; inteligentíssimo.

20. As palavras da direita são advérbios formados com base em adjetivos. Há dois padrões de formação. No primeiro, o adjetivo terminado com a vogal **o** passa para o feminino e recebe o acréscimo do sufixo **-mente**. É o caso das palavras **falsamente, longamente** e **perversamente**. No segundo, o adjetivo terminado em consoante apenas recebe o acréscimo do sufixo. É o caso de **naturalmente** e **simplesmente**.

21. a) Palavras derivadas com o sufixo **-osa**: amorosa, horrorosa, cremosa, leitosa.
b) Palavras derivadas com o sufixo **-ez**: aridez, timidez, surdez, altivez.

22. b

23. A

raiz	cognato
torv	estorvo; torvelinho
turb	perturbação; turbulência
turv	turva

B

palavra	cognato
pedra	petrificar
vida	vital
árvore	arbóreo
touro	taurino

24. a **25.** d

26. a) Sim, pois um dos sentidos de capitulação é o ato de capitular, ou seja, de entregar-se, de render-se, de sujeitar-se. No texto, o autor afirma que um povo que tem vergonha da própria língua já está entregue, ou seja, já capitulou.
b) Não, pois *telepizza* é palavra que pertence ao vocabulário ativo do autor, ou seja, trata-se de uma palavra que ele conhece e usa, ao contrário de *delivery*, palavra que o autor conhece, mas não emprega em sua comunicação diária.

27. b

28. 4, 6, 5, 2, 1, 3

29. c **32.** d **35.** b **38.** a **41.** c
30. a **33.** d **36.** a **39.** b **42.** d
31. e **34.** e **37.** a **40.** e

43. Em *marketing*, temos um estrangeirismo, palavra inglesa não aportuguesada. Já nas palavras marqueteiro e marquetear há o aportuguesamento do radical (*market* – marquet) ao qual se acrescentaram os sufixos **-eiro** e **-ear**. Temos, pois, duas palavras formadas por derivação sufixal.

44. b **45.** d

46. Tanto ocultação quanto ocultismo são palavras formadas por acréscimo de sufixos ao radical **ocult-**. Temos, portanto, duas palavras formadas por derivação sufixal. Por se tratarem de sufixos com valor semântico diferente, temos palavras com significações distintas. Ocultação é o ato de ocultar; ocultismo é o estudo daquilo que é oculto, dos fenômenos que não podem ser explicados pelas leis naturais.

47. c **50.** b **53.** d **56.** a **59.** e
48. a **51.** d **54.** d **57.** c
49. d **52.** e **55.** e **58.** e

Capítulo 5 – SUBSTANTIVO

1. a **2.** e **3.** e **4.** b **5.** a

6. a) O emprego dos diminutivos (Brejeirinha, coisicas, carinha, perfilzinho, narizinho) revela, por parte do narrador, uma atitude de afeição e carinho para com a personagem.
b) A palavra **andorinhava** é formada por derivação sufixal (andorinha + ar). No contexto, **andorinhava** significa que a inquieta personagem permanecia por pouco tempo em cada lugar por onde passava.

7. c **8.** e **9.** d **10.** c **11.** c **12.** d

13. Aguardo **teu telefonema** e **teu convite** para sair.

14. e **15.** d **16.** b **17.** a

18. a) aspersão b) isenção c) mutação

19. c **20.** c

21. Os livres-docentes, em seus abaixo-assinados, pediram demissão do cargo.

22. a **23.** e

24. a) magreza; b) semelhança; c) autenticidade.

25. a **26.** d **27.** e **28.** c **29.** d **30.** a

31. Alternativa **c**. **Professor(a)**, na alternativa **c**, baratinhos é adjetivo e não substantivo.

32. a **33.** b **34.** d **35.** b

36. a) matilha; b) legião; c) cardume; d) elenco; e) vara.

37. b **38.** c **39.** c **40.** d **41.** d

42. Rês; róis.

43. d **44.** d

45. a) agressão, agressor
b) divergência, diversidade

46. c 47. e 48. c 49. a 50. e 51. e

52. Núpcias, primícias, belas-artes

53. Cães, canzarrão, cãozinho ou cãozito

54. b 55. a 56. d 57. e 58. a

Capítulo 6 – ARTIGO

1. a) Enquanto para Mafalda "estrangeiro" é todo país que não seja o dela, no caso a Argentina, independentemente de quem fala, para Manolito, é todo aquele que não constitui a sua pátria, a terra onde nasceu. Mafalda não entende que o seu país é estrangeiro para todo aquele que não nasceu nele.
b) As palavras que constituem esse jogo de referência são os artigos "o" e "um", definido e indefinido, em relação a "país" citado duas vezes, "deixar", "veio", "dele", "cá" e "este". Mafalda usa "o" para referir-se ao seu país, Argentina, incluindo todos os outros no grupo de estrangeiros. Já Manolito, filho de imigrantes, usa "um" para referir-se ao país para onde seu pai emigrou, incorporando-o, portanto, num conjunto genérico. As outras palavras assinaladas podem ser usadas também para explicitar a diferença espacial em cada uma das enunciações, como, por exemplo, "deixar" e "veio", que denotam movimentos opostos relativamente ao enunciador.

2. a

3. No primeiro caso, a anteposição do artigo indefinido confere ao substantivo **homem** um caráter genérico, ou seja, trata-se de qualquer elemento da espécie humana. No segundo, o mesmo substantivo se refere à espécie humana.

4. a) A oposição entre os substantivos **homem** e **mulher** é reforçada pelo emprego do artigo definido, **o**, para "homem" e do indefinido, **uma**, para "mulher", ou seja, o homem faz referência a um homem determinado, específico; já uma mulher faz referência a uma mulher qualquer, ideia essa reforçada pelo adjunto adverbial de exclusão **apenas**.
b) A oposição definido / indefinido (o / uma) reforça a oposição homem / mulher. O emprego do artigo definido confere a **homem** um caráter singular. O emprego do artigo indefinido confere a **mulher** um caráter de indiferença, de inferioridade. **Professor(a)**, notar que, no contexto, o artigo indefinido, reforçado pelo adjunto adverbial de exclusão **apenas**, tem caráter pejorativo.

5. d 7. d 9. b 11. a 13. e

6. d 8. a 10. a 12. c

Capítulo 7 – ADJETIVO

1. b

2. Os seguintes sintagmas nominais caracterizam o "povo primitivo": vida organizada; povo feliz; (povo) de cabeça muito sólida e mãos reforçadas; coisas aladas; (coisas) cheias de sabedoria; vida longa; os cabecences-para-baixo.

3. b 5. a 7. c 9. b

4. a 6. a 8. d

10. a) O primeiro **ricos** é substantivo; o segundo, adjetivo; o primeiro **pobres** é adjetivo; o segundo, substantivo.
b) **Professor(a)**, as frases serão pessoais. Sugestões: O brasileiro gosta muito de futebol. (substantivo); O café brasileiro é um dos melhores do mundo. (adjetivo)

11. Alternativa **b**. **Professor(a)**, em **b**, o adjetivo saudável refere-se não a um substantivo, mas a uma oração: "beber água".

12. a) vespertino b) vital c) discente

13. a 14. d 15. c 16. a

17. 01 + 04 + 16 = 21

18. e

19. Nobilíssima.

20. b

21. Comparativo de superioridade.

22. e 23. e 24. a

25. a) vocal ou oral
b) alado
c) lacustre

26. Alternativa **d**. **Professor(a)**, na letra **d**, não há a presença de adjetivo: **bem** é um advérbio de modo, modificado pelo advérbio de intensidade **tremendamente**. Temos aí um caso de advérbio no grau superlativo.

27. e 28. e

29. Alternativa **e**. O superlativo absoluto sintético de livre é **libérrimo**.

30. d 31. e

32. a) celeste, celestia
b) sorridente
c) alegre
d) manual
e) ritual

33. a

34. Alternativa **d**. **Professor(a)**, **viperino** é relativo a **víbora**; o adjetivo correspondente a **vespa** é **vespídeo**.

35. b 37. a 39. e

36. b 38. e

40. Aquilo foi para todos nós uma desilusão, um golpe, um desgosto inefável (ou inexprimível)

41. a) felicíssimo b) libérrimo

42. a) imagem especular
b) parede vítrea
c) imposição legal
d) comprimento linear

43. c 44. e

45. a) borboletas azul-claras
b) borboletas cor de laranja

46. c

47. a) água pluvial
b) exageros passionais
c) atitudes pueris ou infantis
d) soro antiofídico

48. e **49.** c **50.** e

Capítulo 8 – Numeral

1. c **2.** a **3.** e **4.** e

5. O erro de raciocínio do presidente consiste em calcular o crescimento populacional com base na aplicação linear da taxa de 3% sobre 100 000, de ano para ano. O cálculo correto, entretanto, deveria levar em conta a progressão cumulativa de 3%, de ano para ano. Assim, ao final de doze anos, teríamos, aproximadamente, 142 000 habitantes.

6. b **7.** c **8.** b **9.** b **10.** b

11. a) Triplo; terço.
b) Milésimo septuagésimo (ou setuagésimo) quinto.

12. Alternativa **a. Professor(a),** na letra **d**, observar que o numeral ordinal correspondente a 800 é octingentésimo e não octigentésimo.

Capítulo 9 – PRONOME

1. b **2.** c

3. No contexto, capital significa "fundamental, principal, essencial". O pronome pessoal oblíquo **lhe** retoma a expressão "nota diplomática", funcionando como complemento nominal de "origem" ("... dá origem à nota diplomática").

4. e **5.** c **6.** a **7.** c

8. a) "Embora os jornalistas não devessem fazer previsões, fazem-nas o tempo todo."
b) O pronome demonstrativo **o** funciona como elemento de coesão, retomando a ideia de "prestar contas quando erram".

9. c **12.** d **15.** c **18.** a **21.** e
10. e **13.** b **16.** c **19.** d
11. c **14.** e **17.** a **20.** a

22. Dificilmente se encontra um ex-aluno que não tenha conseguido uma boa colocação.

23. A forma **você** assume valor genérico. Pode fazer referência à pluralidade de interlocutores: o próprio eu poético, o leitor, todo ou qualquer homem que se identifique com a experiência representada no poema.

24. b **25.** e

26. a) Sim, pois nesse trecho **mim** está sendo empregado na função de complemento.
b) Deveria ficar "entre ele e mim", pois a forma reta eu só pode ser usada na função de sujeito, que não é o caso nesse trecho.

27. c **29.** a **31.** d **33.** c
28. b **30.** d **32.** e **34.** e

35. Alternativa **d. Professor(a),** a abreviatura para Vossa Santidade é V. S.; V. S.ª é a abreviatura de Vossa Senhoria.

36. a **37.** e **38.** c **39.** a

40. É difícil, para mim, esquecer tantas injustiças.
Se é para eu pagar, desista; não tenho dinheiro.

41. b **42.** c **43.** b

44. a) O primeiro. O outro **lhe** exerce a função de complemento nominal.
b) Eu bem sei que para titilar seus nervos...; Jamais o engenho e a arte foram tão propícios a ele.

45. b

46. Deram-me o livro para eu ler, quando entre mim e ela tudo ia bem.

47. b **48.** a **49.** e **50.** c **51.** b

52. a) A expressão **neste momento** refere-se ao tempo presente vivido pelos interlocutores, oito meses após a implantação da reforma econômica (o Plano Cruzado); **naquela ocasião** e **na época** referem-se aos acontecimentos do mês de fevereiro, quando se implantou o plano; **um momento de emoção** e **esse momento** indicam o período imediatamente posterior à implantação, "de extraordinária adesão popular".
b) As palavras **porque** ou **pois**.

53. d

54. Trata-se do pronome demonstrativo **essa**. Tal pronome deve ser empregado para retomar algo que já foi dito no contexto, ou seja, o demonstrativo **essa** tem caráter anafórico. Dessa forma, ao empregá-lo, o jornalista já havia mencionado a atividade a que o Partido X se dedica.

55. c

56. a) Esta mão. b) Essa mão.

57. À palavra **homem**.

58. d **59.** b **60.** b

61. Resposta pessoal. Sugestões: "Vi, no metrô, uma foto em que você aparece retratado."; "Vi, no metrô, uma foto tirada por você.".

62. d **64.** e **66.** d **68.** e
63. c **65.** c **67.** a **69.** b

70. a) Um velho, dois homens feitos e uma criança.
b) Esta página.
c) Arraial (as casas do arraial).

71. b **72.** d

73. a) Não. O pronome relativo **onde**, no padrão culto de linguagem, deve ser empregado para indicar lugar. Como na frase não há termo que indique lugar, trata-se de um emprego que não está de acordo com a norma culta.
b) "Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, portanto (de modo que / assim) o tempo de retorno do capital investido tem de ser o menor possível.

74. d

75. a) Estes são alguns dos equipamentos cuja entrada no país a reserva de mercado não permitia, sem a autorização do Depin.

b) Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal de que todos gostamos e por cuja isenção é dever de todos nós brasileiros lutar.

76. a **77.** d **78.** a **79.** b

80. Amigo algum me ajudará.

81. e **82.** d **83.** c **84.** a

85. Os candidatos à carreira diplomática, entre os quais estava o seu noivo, apresentaram-se impecáveis no coquetel do embaixador.

86. As tropas da Otan, cujas manobras vinham sendo preparadas por grandes estrategistas, estavam confiantes.

87. Conheci o poeta mineiro cujos poemas foram publicados na edição de ontem do *Jornal do Brasil*.

88. Sugestão: Doença alguma pode ser curada com este remédio.

89. a) qualquer b) inteiro, totalmente

90. Sugestão: Depois daquele dia, ele se sentiu outro.

91. a **92.** a

93. a) **Todo homem** quer dizer "todos os homens" ou "qualquer homem". **Homem todo** quer dizer "homem em sua inteireza", "homem em todas as suas partes".

b) Na primeira ocorrência, todo, anteposto ao substantivo, significa "qualquer": é um pronome indefinido. Na segunda ocorrência, posposto ao substantivo, todo equivale ao adjetivo "inteiro".

94. a **95.** a **96.** b **97.** b **98.** a

Capítulo 10 – VERBO

1. O verbo **acompanhar** é responsável pelo efeito de humor, pois pode ser entendido de duas maneiras: o guarda o utilizou com o sentido de "ir junto"; já o músico ambulante, com o sentido de "tocar junto".

2. d

3. Espera-se que o candidato perceba que o verbo ter, nesse caso específico, é parte da expressão tem que, cujo sentido é o de "ter obrigação de", "ser preciso", "ser necessário", "dever". Por outro lado, o verbo haver tem o sentido de "existir".

4. d **8.** a **12.** a **16.** d

5. c **9.** c **13.** d **17.** e

6. a **10.** e **14.** e **18.** e

7. e **11.** e **15.** a **19.** e

20. a) O "problema de estilo" consiste naquilo que se convencionou chamar de "gerundismo", isto é, a substituição de uma forma verbal simples por uma locução com o verbo auxiliar **estar** seguido do gerúndio do verbo principal. Assim, no texto transcrito, "estaria (...) enviando" substitui "enviaria"; "estaremos fazendo" substitui "faremos" e "vamos estar enviando" substitui "vamos enviar". Reescrito e melhorado em alguns pontos, o trecho em questão poderia assumir a seguinte forma: "Precisávamos ter certeza de que a nossa matriz no Brasil nos enviaria a referida peça. Na próxima semana, faremos uma revisão geral no aparelho e o enviaremos ao senhor".

b) O desvio da norma-padrão está no emprego do pronome reto **ele** em função de objeto. Na linguagem culta, deveria ter sido empregado o pronome oblíquo **o**: "vamos enviá-lo".

21. c **22.** c **23.** c

Professor(a), na alternativa **a**, deveria ser utilizado o verbo **aumentar**, e não **crescer**. Trata-se, portanto, de um problema semântico, e não gramatical.

24. d

25. Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

26. Alternativa **a. Professor(a),** a primeira assertiva é verdadeira, porque **sentia-se** (linha 02), relacionado ao presente da personagem, indica anterioridade em relação a **ia começar** (linha 01), relacionado a uma ação futura. A segunda assertiva é falsa, pois **celebrava** remonta ao passado, sendo, portanto, anterior (e não posterior) a **sentia-se** (linha 02), que expressa o presente da personagem. Igualmente falsa é a terceira assertiva, uma vez que **haviam mudado** (linha 02) indica anterioridade em relação a **ia começar** (linha 01). Portanto, não há simultaneidade entre essas formas verbais. Assim, é correta a alternativa **a**, que apresenta apenas a assertiva I como verdadeira.

27. a

28. Alternativa **a**. O correto é: eu **cirzo** meu paletó.

29. b **30.** a **31.** d **32.** d

33. O autor utiliza o futuro do pretérito para construir uma situação hipotética de implantação do projeto de lei, e mostrar, com isso, as dificuldades que seriam enfrentadas se ele fosse aprovado.

34. c

35. a) Em "Quer ser o próximo?", o verbo querer está na terceira pessoa do singular do presente do indicativo ("Você quer ser o próximo?"). Em "Então vem para a X Consórcios", "vem" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo (vem tu).

b) Para uniformizar o tratamento, deve-se colocar o verbo vir na terceira pessoa do singular: "Quer ser o próximo? Então venha para a X Consórcios".

36. a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada por vozes bem afinadas no rádio.

b) "Novinhas em folha" corresponde, na quadrinha, à expressão "rosas desabrocham"; "resplandecentes", à expressão "luz do Sol".

37. 02 + 04 + 16 = 22

38. b. O correto seria: "Quando Estela descesse da carruagem [...]".

39. e **40.** b **41.** e **42.** a

43. Não está correta. O verbo **rodear** é irregular (conjuga-se como **cear**). A forma correta desse verbo na terceira pessoa do plural é **rodeiam**.

44. b **45.** d **46.** d **47.** b **48.** c **49.** a

50. Cinco séculos depois, no dia 12 de outubro de 1989, uma corte de justiça dos Estados Unidos considerou um índio mixteco "retardado mental" porque não falava corretamente a língua castelhana.

51. 01 + 02 + 08 + 16 = 27

52. c **53.** a **54.** a **55.** c

56. a) provém b) inclinamo-nos

57. a) "[...] levou ao juiz das execuções penais petição cobrando investigações [...]" e "[...] agentes do Departamento do Sistema Penitenciário estariam cobrando CR$ 5 000,00 por uma vaga nos presídios da capital [...]"

b) "[...] levou ao juiz das execuções penais, petição solicitando (ou pedindo ou requerendo) investigações [...] e "[...] agentes do Departamento do Sistema Penitenciário estariam exigindo (ou querendo receber) CR$ 5 000,00 por uma vaga em presídio da capital [...]."

58. a) A interpretação usual é a de que as pessoas não devem furtar. No caso, o futuro do presente é utilizado com valor de imperativo, equivalendo a "não furtes".

b) Bastos Tigre interpreta o mandamento no futuro como uma proibição que deve vigorar posteriormente ao momento em que se fala. No contexto, "não furtarás" [amanhã] é entendida como uma permissão para furtar **hoje**.

59. d

60. a) prestar esclarecimento

b) dar (ou fornecer) informação

61. a **63.** a **65.** d **67.** e

62. d **64.** d **66.** c

68. "... o texto apresentado ou fazer uma narração...". Para ficar correto deveria ser empregada a forma **fizer** (futuro do subjuntivo). O autor utiliza o verbo fazer como se ele fosse regular. Nos verbos regulares, a primeira e a terceira pessoa do futuro do subjuntivo são idênticas ao infinitivo impessoal, porém com o verbo fazer isso não ocorre, já que se trata de um verbo irregular (o futuro do subjuntivo assim se conjuga: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizeram).

69. d **70.** c **71.** a **72.** c

73. Façam-se às apostas, enquanto se elaboram os novos planos.

74. Alternativa **d. Professor(a)**, o presente enuncia uma verdade geral.

75. e **76.** b **77.** e **78.** d

79. Nomearam-na tutora.

80. b **82.** e **84.** e

81. e **83.** c **85.** d

86. Põe-se a correr como pode.

87. Gonçalves Dias rogou a Deus não permitisse que ele morresse sem que voltasse para lá, isto é, pra cá.

88. a) Em I: "mantiam"; em II: "ir".

b) Em I: mantinham; em II: for.

c) Elas foram empregadas por analogia às formas regulares ("mantiam" como venciam, pretérito imperfeito do indicativo de **vencer**, e "ir" como **partir**, futuro do subjuntivo de **partir**).

89. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.

b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.

90. a **91.** b **92.** c **93.** b

94. Tornou: pretérito perfeito do indicativo; desmistificar: infinitivo impessoal; distanciam: presente do indicativo.

95. a **96.** b

97. Modo: imperativo afirmativo; 2.ª pessoa do plural: voltai.

98. c **99.** d **100.** a **101.** d

102. a) A forma é "repor"; "...se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e **repuser** perdas salariais."

b) Os falantes tomam por modelo as conjugações dos verbos regulares, aplicando-as aos irregulares.

103. a) Se não compraste a máquina, jura-o.

b) Se compuseste um poema, dize-o.

104. b **107.** b **110.** c

105. a **108.** b **111.** a

106. b **109.** b **112.** e

113. interveio, deteve

114. d **116.** d **118.** b **120.** c

115. b **117.** e **119.** b

121. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.

122. b **123.** d

124. a) Encamparam-na. b) Temo-lo.

125. d

Capítulo 11 – CATEGORIAS GRAMATICAIS INVARIÁVEIS

1. A conjunção comparativa qual pode ser substituída, sem alteração de sentido, por como ou pelos coloquialismos que nem, feito, igual.

2. 002 + 016 = 018

3. e 4. c 5. c 6. d

7. Resposta da Uerj :
Longes: substantivo comum
Longe: advérbio de lugar
Longes: tempos distantes
Longe: espacialmente distante, longínquo, afastado

8. a 11. c 14. d 17. c 20. b
9. c 12. d 15. d 18. a
10. b 13. c 16. d 19. a

21. a) O problema decorre do mau emprego da expressão "apesar de". A relação entre os dois enunciados não é de concessão, mas de causa e efeito, ou de justificação, explicação. No segundo enunciado, há também uma relação de adição entre as duas orações.
b) Para tornar o texto coerente e coeso, basta substituir a expressão "apesar de" por outra que estabeleça relação de causa e efeito entre os dois enunciados e de explicitar a relação aditiva entre as duas orações do segundo enunciado.
Sugestão: O computador vem assumindo um papel cada vez mais importante na educação porque (pois, uma vez que, já que) inclui enciclopédias em CD-ROM, além de possuir jogos que educam e divertem.

22. O emprego do futuro do pretérito evidencia uma provável causa do esfacelamento do poder de barganha dos sindicatos no mundo inteiro. O emprego do advérbio **provavelmente** ratifica a ideia expressa pelo verbo no futuro do pretérito.

23. b 24. d

25. Alternativa **c**. Nessa frase, a palavra **pior** relaciona-se a verbo indicando modo; nas demais, relaciona-se a substantivos.

26. d

27. Não. O termo em destaque modifica um verbo (saíssem). Trata-se, portanto, de um advérbio e, como tal, não deve ser flexionado. Para que a frase estivesse adequada à norma culta, a redação deveria ser: "A implicação é que esses países talvez se saíssem melhor economicamente se fossem mais parecidos entre si".

28. c

29. **Mas:** conjunção coordenativa adversativa. Estabelece relação de oposição ao afirmado na oração anterior.
Já que: locução conjuntiva subordinativa: estabelece relação de causa em relação ao que foi afirmado na oração precedente.
Portanto: conjunção coordenativa conclusiva: exprime relação de conclusão ao que foi afirmado anteriormente.

30. a) paulatinamente
b) indubitavelmente
c) concomitantemente, simultaneamente
d) ininterruptamente
e) excepcionalmente

31. e 32. c

33. 01 + 02 + 04 + 08 + 16 = 31.

34. Alternativa **a**. Em 4 há ideia de simultaneidade desde que se leve em conta a locução **junto com** e não apenas a preposição **com**.

35. Era no tempo **em** que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.

36. e 38. a 40. a
37. b 39. e 41. c

42. Alternativa **b**. **Professor(a)**, em **b**, a preposição não é necessária, já que o verbo comer não a rege. Trata-se de um verbo transitivo direto: podemos comer o fruto das árvores.

43. b 45. b 47. b 49. c
44. d 46. a 48. c

50. a) Dizer sibilinamente.
b) Falar desassombradamente.
c) Exprimir-se prolixamente.
d) Concordar tacitamente.
e) Agir bisonhamente.
f) Agir sofregamente.
g) Agir puerilmente.
h) Insinuar sutilmente.
i) Eliminar radicalmente.
j) Eliminar inexoravelmente.

51. a 52. d 53. d 54. a 55. d

56. a) 1. No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque [...] sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem que levava confederados.
2. No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque [...] sai à caça do soldado desertor que, com confederados, realizou assalto a trem.
b) Na frase 1, **com** indica que, no trem, havia soldados, ou seja, estabelece relação entre continente (trem) e conteúdo (soldados). Na frase 2, **com** indica companhia, ou seja, o soldado desertor realizou, em companhia dos confederados, assalto a trem.

57. a 62. d 67. b
58. b 63. b 68. Conjunção.
59. b 64. a 69. b
60. a 65. c 70. a
61. a 66. e

Capítulo 12 – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. 01 + 08 = 09

2. a

3. Segunda oração: era cintilante o brilho
Terceira oração: que desferia a sua pupila negra
Colocando o verbo antes do predicado: o brilho que a sua pupila negra desferia era cintilante.

4. b	**9.** b	**14.** a	**19.** e
5. c	**10.** c	**15.** b	**20.** b
6. d	**11.** a	**16.** a	**21.** d
7. e	**12.** b	**17.** c	**22.** d
8. d	**13.** b	**18.** e	**23.** e

24. Alternativa **a. Professor(a),** na frase IV, o **se** é índice de indeterminação do sujeito nas três primeiras orações, mas na quarta oração, "[...] mas não se resolve nada!", é pronome apassivador.

25. Sugestão: colocar a oração na voz passiva sintética: "Quando não se diferenciam os criminosos dos tiras, tudo pode acontecer".

26. Está incorreta. No caso, o **se**, ligado a verbo transitivo indireto, seria um índice de indeterminação do sujeito. Ocorre que, na frase, há um sujeito expresso: **este livro**. Para corrigir a frase, ou se elimina a palavra **se**, ou mantém-se o **se** tirando o sujeito **este livro**: "Este livro trata da melhor forma de você se divertir sem gastar muito."; "Trata-se da melhor forma de você se divertir sem gastar muito.".

27. a	**29.** b	**31.** d	**33.** a
28. e	**30.** b	**32.** c	**34.** b

35. a) "Toda a humanidade".
b) Trata-se de uma oração sem sujeito.

36. e	**41.** d	**46.** d	**51.** e	**56.** d
37. b	**42.** e	**47.** a	**52.** c	**57.** e
38. e	**43.** c	**48.** b	**53.** c	**58.** e
39. e	**44.** b	**49.** b	**54.** a	**59.** d
40. d	**45.** c	**50.** d	**55.** e	**60.** d

61. Alternativa **e. Professor(a),** transobjetivo é o nome que alguns gramáticos dão para os verbos transitivos acompanhados de predicativo do objeto.

62. c **63.** b

64. a) de ligação;
b) significativo;
c) significativo;
d) de ligação;
e) significativo.
Professor(a), verbo significativo é o mesmo que verbo lexical ou nocional.

65. a **66.** c **67.** a **68.** d **69.** b **70.** b

Capítulo 13 – TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

1. 02 + 08 = 10

2. d	**4.** b	**6.** e	**8.** e
3. c	**5.** c	**7.** d	

9. Alternativa **e.**
Nessa frase **à lei** é complemento nominal.

10. Alternativa **b. Professor(a),** caso fosse a menina que tivesse sofrido o acidente, o verbo estaria no singular (a menina tinha sofrido).

11. Alternativa **e. Professor(a),** nessa frase o verbo **avisar** é transitivo direto e indireto, tendo por objeto direto o pronome oblíquo **me** e por objeto indireto **de sua viagem**.

12. Alternativa **b. Professor(a),** o complemento do adjetivo **diferentes** é a palavra **problemas**, mencionada anteriormente e que deveria ser retomada pelo pronome demonstrativo **os** combinado com a preposição **de**, exigida pelo adjetivo **diferentes** (...diferentes dos de todas...).

13. Alternativa **e. Professor(a),** nessa oração, **o loiro sueco** é sujeito e **os bolsos**, objeto direto, devendo ser, pois, substituído pelo pronome oblíquo **o**.

14. b

15. a) Vi-o catando-a.
b) Ambos (**ver** e **catar**) funcionam como verbos transitivos diretos.

16. a) Muitos te ajudaram.
b) Os mestres nos aconselharam.

17. b	**19.** d	**21.** e	**23.** a
18. a	**20.** e	**22.** d	**24.** d

25. Sujeito: mês e velho; objeto indireto: vida.

26. e	**28.** b	**30.** b
27. b	**29.** d	**31.** b

32. a) A emoção do povo era disfarçada pela impassibilidade dos rostos.
b) Os viajantes eram assustados pelo negrume da noite.

33. b	**36.** e	**39.** e	**42.** a
34. a	**37.** a	**40.** e	**43.** a
35. b	**38.** b	**41.** c	**44.** a

Capítulo 14 – TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

1. O humor nasce da ambiguidade de "pra burro", que pode ser adjunto adverbial de intensidade (bom pra burro: "muito bom") ou complemento nominal de bom, remetendo, então, à expressão "pai dos burros" (bom pra burro: "bom para quem precisa de dicionário").

2. 001 + 004 = 005

3. O advérbio **agora** traz implícita a noção de transitoriedade, reforçando o caráter de estado momentâneo do estado do narrador.

4. a	**5.** d	**6.** c	**7.** e	**8.** e

9. Na primeira frase, o substantivo **Fabrício** exerce a função sintática de sujeito e o substantivo **pedreiro**, a função de aposto. Na segunda, o substantivo **pedreiro** exerce a função sintática de núcleo do sujeito e o substantivo **Fabrício** exerce a função de aposto especificativo do substantivo **pedreiro**.

10. a) Sugestão de resposta: Uma das possibilidades de leitura seria considerar o termo **neurocientista** como paciente da ação, ou seja, nesse caso, o neurocientista foi indicado (indicaram o neurocientista) e esse fato trouxe benefícios para a pesquisa. A outra possibilidade seria reconhecer o termo **neurocientista** como agente da ação, isto é, o neurocientista fez a indicação e essa indicação feita por ele trouxe benefícios para a pesquisa. Na primeira leitura, o termo **neurocientista** estaria exercendo a função de complemento nominal; na segunda, de adjunto adnominal.

b) Sugestões de resposta: A indicação que o neurocientista fez trouxe benefícios para a pesquisa; O fato de terem indicado o neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa; A indicação feita pelo neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.

11. d **12.** e

13. Comentários da própria universidade: A questão aborda as funções dos termos na oração. A resposta correta é a da alternativa **b**. Os sintagmas preposicionais **da parede** e **com água quente** são adjuntos adnominais, respectivamente, de **relógio** e de **chaleira**. Já o sintagma **num gemer de ferros** constitui adjunto adverbial e liga-se ao verbo **bate**, especificando o modo como se dá a ação verbal.

14. e **15.** d **16.** e **17.** a

18. Na primeira, **ladrão** é objeto direto de pegar; na segunda, **ladrão** é vocativo.

19. Porque os animais podem ter sido agente ou paciente da matança. Fora de contexto, não fica claro se o termo **dos animais** exerce a função sintática de adjunto adnominal ou de complemento nominal.

20. Resposta pessoal. Sugestão: a) Ele morreu de fome; b) Ele veio de Florianópolis.

21. b **22.** b **23.** a

24. a) B b) D c) C d) A

25. c **28.** b **31.** b **34.** e

26. c **29.** d **32.** c **35.** b

27. a **30.** e **33.** a

36. Alternativa **a**. Somente a segunda consideração é verdadeira.

37. c

Capítulo 15 – ORAÇÕES COORDENADAS

1. b **2.** d **3.** c **4.** d **5.** c **6.** d

7. 01 + 02 +16 = 19

8. b **10.** a **12.** c **14.** a **16.** a

9. c **11.** b **13.** c **15.** e

17. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de gritos: Ateneu! Ateneu!, mas também Aristarco todo era um anúncio.

18. c **22.** d **26.** c **30.** e **34.** a

19. d **23.** d **27.** d **31.** c **35.** e

20. d **24.** c **28.** a **32.** d

21. d **25.** d **29.** d **33.** d

Capítulo 16 – ORAÇÕES SUBORDINADAS

1. 01+ 02+ 04 + 08 + 16 = 31

2. d

3. Resposta da Uerj: Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

Causa: Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros visto que todos são portadores da mesma humanidade; Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros já que todos são portadores da mesma humanidade; Como todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

4. b **5.** b

6. (i) Não consigo mais lembrar os motivos por que me comportei agressivamente naquela ocasião.

(ii) No que tange ao estudo da memória, ainda são insuficientes os recursos de que os cientistas dispõem.

7. c **9.** b **11.** e **13.** d **15.** b

8. b **10.** b **12.** c **14.** a

16. a) "Não é necessário" e "não precisa".

b) Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto precise ainda apresentar sua defesa; Isso porque nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa.

17. b **18.** d **19.** c **20.** d **21.** d

22. a) Vos: objeto indireto, verdadeiras: predicativo do sujeito.

b) Que as lágrimas eram verdadeiras: objeto direto (oração subordinada substantiva objetiva direta).

23. d **24.** c **25.** e

26. Oração subordinada substantiva subjetiva

27. Oração subordinada substantiva subjetiva

28. Oração subordinada substantiva objetiva direta

29. d

30. e

31. Alternativa **c**. **Professor(a)**, a rigor, o objeto direto de "argumentei" é "que não é justo que o padeiro ganhe festas", formado por duas orações, sendo a segunda (que o padeiro ganhe festas) sujeito de "que não é justo", que passa a funcionar como oração principal em relação à terceira oração.

32. a

33. Oração subordinada substantiva completiva nominal

34. Oração subordinada substantiva objetiva direta

35. Que a escrava é que estragara o doce: oração subordinada substantiva objetiva direta. **Professor(a),** nesse fragmento, a expressão **é que** é partícula expletiva (ou de realce), podendo, pois, ser eliminada sem prejuízo ao sentido: fui dizer à minha mãe que a escrava estragara o doce.

36. c **37.** e **38.** e **39.** b **40.** a **41.** b

42. Alternativa **d. Professor(a),** o segmento destacado funciona como objeto direto de "tinham ensinado" e é formado por três orações coordenadas entre si: a segunda ("chamava elevador") é coordenada assindética em relação à primeira ("o sagui-açu não era saguim não") e a terceira ("e era uma máquina") é coordenada sindética aditiva em relação à segunda.

43. a **44.** a **45.** b **46.** d **47.** d **48.** b

49. a) Alzira Alves Filha, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido, recebeu um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar ao chegar ao ancoradouro.

b) O trecho oferece dificuldade de compreensão porque a oração adjetiva está distante do termo ao qual se refere, Alzira Alves Filha.

50. Na primeira frase, a oração adjetiva "localizada na rua Campo Grande, 159", está distante do termo a que se refere, provocando a estranha interpretação de que é a psicóloga que está localizada naquele endereço (na verdade, a localização se refere à clínica). Reescrevendo: Fazendo sucesso com a sua nova clínica, localizada na rua Campo Grande, 159, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte.

Na segunda frase, o pronome relativo **onde**, que indica lugar, deveria referir-se a São Paulo e não a Maria Helena Arruda. Reescrita: Maria Helena Arruda embarcou para São Paulo, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.

51. a) Os meninos de rua, que procuram trabalho, são repelidos pela população.

b) Sem as vírgulas, a oração adjetiva **que procuram trabalho** limita, restringe o termo **meninos.** Entende-se, pois, que uma parte dos meninos de rua procura trabalho e que essa parte é repelida pela população. Com as vírgulas, o sentido da oração adjetiva muda: ela passa a ser explicativa. Entende-se assim que todos os meninos de rua procuram trabalho e são repelidos pela população.

52. a

53. Alternativa **b. Professor(a),** nessa alternativa, a palavra em destaque introduz uma oração subordinada substantiva; trata-se, portanto, de uma conjunção integrante. Nas demais, as palavras em destaque são pronomes relativos e introduzem orações subordinadas adjetivas.

54. Alternativa **a. Professor(a),** na alternativa **c, de que** exerce a função sintática de agente da passiva (Estávamos possuídos por uma grande alegria.).

55. a

56. a) **O ar** (que respiro), **este licor** (que bebo)

b) As orações "que respiro" e "que bebo" são classificadas como orações subordinadas adjetivas restritivas.

57. Alternativa **c. Professor(a),** a rigor, temos duas orações subordinadas adjetivas restritivas coordendas entre si. Na segunda oração adjetiva, omitiu-se o pronome relativo que: "A beleza da pedra que ressalta e que reluz é indiscutível".

58. e **59.** e **60.** d

61. Ele se arrogava o direito de inventar leis determinantes do comportamento do povo.

62. e **63.** c **64.** b **65.** a **66.** a

67. Alternativa **d. Professor(a),** no trecho destacado, temos um conjunto formado por duas orações que funcionam como sujeito de **nota-se facilmente**, que é a oração principal em relação a esse conjunto. A oração **que exerciam naquele período** é adjetiva restritiva em relação a que nunca perceberam o papel secundário, que passa a ser a principal em relação à oração adjetiva.

68. b **69.** e **70.** a **71.** d **72.** d **73.** c

74. a) Não se aceitará a devolução do produto se ele contiver menos de 60% de seu conteúdo.

b) As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrentes do envio do produto para troca correm por conta do usuário.

75. d **76.** a **77.** e

78. Sugestões:

a) Embora o preço do ingresso para o jogo fosse bastante módico, havia pouquíssimos torcedores no estádio.

b) O concerto teve de ser adiado porque chovia copiosamente em toda a cidade.

c) Os funcionários relacionavam-se bem com o diretor, senão não teriam conseguido levar adiante o projeto sem o apoio dele.

79. e

80. Nós, os escritores nacionais, **porque** (já que, visto que, uma vez que) queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua.

81. d

82. As lavouras de trigo da Região Sul foram danificadas, já que uma forte massa de ar polar veio junto com a frente fria, causando acentuada queda da temperatura que, associada ao longo período com registro de chuva, deve reduzir o potencial produtivo da cultura. **Professor(a),** a questão admite variação na estrutura da resposta. O importante é que sejam mantidas as relações de causa e efeito contidas nos períodos simples originais.

83. A construção gramatical utilizada é a da oração subordinada adverbial condicional com a conjunção se e o verbo no imperfeito do subjuntivo, configurando o mundo irreal do presente: **se eu fosse** (subentendido: mas não sou).

84. Embora (ainda que, se bem que, conquanto) seja um bom escutador e um vedor melhor, só trancado e sozinho é que consigo me expressar. Ou: Sou um bom escutador e um vedor melhor, **embora** (se bem que, ainda que, mesmo que, conquanto) só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

85. b

86. Alternativa b. Professor(a), no item **b**, a oração destacada é coordenada sindética explicativa.

87. a 88. b

89. Mesmo sendo magra (apesar de ser magra; ainda que magra), tinha não sei que balanço no andar [...].

90. a 91. d 92. d 93. e 94. e

95. Alternativa b. Professor(a), a oração "porque as ruas estão molhadas" é uma justificativa, uma confirmação do fato expresso na primeira oração. Trata-se, portanto, de uma oração coordenada sindética explicativa. Note que as ruas estarem molhadas é um fato posterior e não anterior a "choveu". A alternativa **c** não é verdadeira, pois nesse caso a oração "porque as ruas estão molhadas" não exprime o motivo, isto é, a causa da chuva. Observe que o fato de as ruas estarem molhadas não provocou a chuva. Num período como: "Choveu **porque o vapor se condensou**", a segunda oração deve ser classificada como causal, já que exprime o motivo (isto é, a causa): a condensação do vapor provocou a chuva.

96. e 98. e 100. b

97. b 99. d 101. e

102. a) As coisas não andam porque ninguém confia no governo e por isso as coisas não andam. Ou: As coisas não andam porque ninguém confia no governo, e ninguém confia no governo porque as coisas não andam.

b) Ele compôs dois períodos com estrutura espelhada, invertendo a ordem das frases, mas mantendo a mesma relação de causa e efeito. Não criou, portanto, um círculo vicioso. Para que se crie um círculo vicioso, é necessário construir uma estrutura em que o que é causa se torne efeito e o que é efeito se torne causa.

103. d 104. a 105. b 106. c 107. c

108. Alternativa c. Professor(a), na alternativa **c**, a primeira oração é principal e a segunda adverbial consecutiva.

109. Alternativa e. Professor(a), na alternativa **e**, a relação é de adversidade e não de concessão.

110. d

111. Consequência.

112. d 113. c 114. d

115. Sugestão: O indispensável é conhecer o princípio adotado para avaliar a experiência realizada ontem, a fim de compreender a atitude tomada pelo grupo encarregado do trabalho.

116. Sugestão: Embora acentue sob alguns aspectos o requinte da arte pela arte, o Simbolismo se opõe tanto ao Romantismo quanto ao Parnasianismo, situando-se muito próximo das orientações românticas, das quais é em parte uma revivescência.

117. d 121. d 125. c 129. a

118. e 122. d 126. d 130. d

119. e 123. c 127. c 131. c

120. b 124. d 128. a 132. a

Capítulo 17 – CONCORDÂNCIA VERBAL

1. Não pode haver perspectivas de futuro sem independência financeira.

2. a. 1) Caso você não tenha também uma reserva financeira para sobreviver.

a. 2) A menos que você tenha também uma reserva financeira para sobreviver.

3. Se você não dispuser também de uma reserva financeira para sobreviver.

4. d 6. a 8. a 10. A, C, E

5. a 7. e 9. b 11. e

12. A forma verbal **enxugava**, núcleo do predicado, estabelece concordância com o sujeito da oração **ele** (o carroceiro). A forma verbal **secavam** estabelece concordância com o termo retomado pelo pronome relativo **que (pingos de água)**.

13. a

14. O comentário não é justificável, uma vez que em **Aluga-se moças** não há erro de ortografia, e sim erro de concordância verbal. A correção feita pelo jornal está apropriada, uma vez que o verbo deve estar no plural concordando com o sujeito plural (moças).

15. Os verbos são **restar** e **corresponder**. **Resta** está no singular porque concorda com o núcleo do sujeito, o substantivo *déficit*, que é singular. **Correspondem** está no plural porque concorda com o numeral vinte, que é núcleo do sujeito.

16. e

17. Alternativa b. Professor(a), na alternativa **b**, como o especificador vem antes do numeral que exprime porcentagem, a concordância deve ser feita obrigatoriamente com o numeral: Das vestibulandas estudadas, 90% têm estresse.

18. a) O problema gramatical que provocou o comentário foi a desobediência a uma regra de concordância verbal básica: o sujeito plural leva o verbo para o plural ("convênios assinados **traduzem** os esforços [...]").

b) O comentário é irônico: a incompetência gramatical do falante é tão evidente que dispensa comentários, principalmente por ocupar o cargo que ocupa.

19. a) "[...] eram previsíveis os percalços que **enfrentariam** qualquer programa de estabilização [...]"

b) A posposição do sujeito ao verbo **enfrentar** faz o falante realizar a concordância com o substantivo plural antecedente mais próximo, percalços.

c) "[...] eram previsíveis os percalços que enfrentaria qualquer programa de estabilização [...]"

20. a) A polícia desses países não **pôde** prendê-los porque o governo brasileiro não fez o pedido formal de captura.

b) A causa provável é o fato de o núcleo do sujeito (polícia) estar acompanhado de um adjunto no plural (desses países). O redator, erroneamente, fez a concordância com o adjunto no plural em lugar de a fazer com o núcleo do sujeito, conforme estabelecem, nesse caso, os princípios de concordância verbal.

21. A forma verbal **surgem** foi empregada na terceira pessoa do plural, porque seu sujeito é **novos desafios**, ou seja, o verbo concordou com o sujeito.

22. b **23.** c **24.** d **25.** e **26.** e

27. a) O trecho "São para esses cidadãos anônimos [...]".

b) "Dentro de instantes serão divulgados novos resultados" e "É para esses cidadãos anônimos [...]"

28. c

29. a) Sois vós que deveis pensar e querer por mim.

b) Tu e ele ireis (ou vão) pescar no lago.

c) Já deve fazer dois meses que ela partiu.

30. b

31. Alternativa **d**. **Professor(a)**, na alternativa **d** temos o pronome apassivador **se** e o sujeito expresso **muitas alterações** com o qual a forma verbal deve concordar: Hão de se fazer muitas alterações (Muitas alterações hão de ser feitas).

32. Alternativa **e**. **Professor(a)**, em **a**, a voz passiva construída com a partícula **se** não deveria vir acompanhada do objeto direto **os**; em **b**, o verbo **quebrar** deveria estar no singular, concordando com o núcleo do sujeito **explosão**; em **c**, o verbo **doer** deveria estar no plural, concordando com o sujeito **os ouvidos**; em **d**, o verbo **dever** da segunda oração deveria estar no singular, uma vez que, nesta oração, o verbo principal **haver** é impessoal.

33. b **35.** a **37.** e **39.** c

34. a **36.** b **38.** e

40. a) Havia jardins e manhãs naquele tempo: existia paz em toda a parte.

b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.

41. c **45.** a **49.** c **53.** b **57.** d

42. c **46.** d **50.** c **54.** a **58.** d

43. a **47.** c **51.** d **55.** e **59.** d

44. e **48.** e **52.** a **56.** d

60. Existem em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.

61. e **66.** b **71.** d **76.** a **81.** a

62. b **67.** a **72.** b **77.** b **82.** a

63. c **68.** b **73.** e **78.** e **83.** c

64. a **69.** b **74.** c **79.** a **84.** d

65. e **70.** b **75.** a **80.** c **85.** d

Capítulo 18 – CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. b **4.** e **7.** d **10.** d

2. a **5.** c **8.** b **11.** c

3. d **6.** b **9.** b

12. Sim, pois se trata de adjetivo em função de predicativo do sujeito; deve, portanto, concordar com o sujeito: Ela e Piedade ficaram sós.

13. 2 + 4 + 16 = 22

14. b **15.** b **16.** c

17. Nesse verso, o verbo **ser** não concorda gramaticalmente com o sujeito expresso na frase, **a gente**, mas com a ideia que se subentende no sujeito, **nós**. Trata-se de um caso de concordância ideológica: silepse de pessoa.

18. c **19.** e **20.** b **21.** a **22.** b **23.** a

24. a) "Os brasileiros **fomos** informados [...]"

b) Ao optar pela concordância ideológica (no caso, silepse de pessoa, com sujeito na terceira pessoa e verbo na primeira), o autor se inclui entre aqueles que foram informados do caráter da base parlamentar. Se tivesse optado pela concordância gramatical, a passagem ficaria "Os brasileiros foram informados [...]", numa fria e distante terceira pessoa do plural.

25. a) Já estão **inclusas** no processo as investigações a respeito das manifestações linguísticas das abelhas.

b) Não há **nenhumas** probabilidades de aprofundar as pesquisas sobre a comunicação dos chimpanzés.

c) Foi **desnecessária** a discussão sobre a possibilidade da existência de uma comunicação linguística animal.

d) É **perigosa** a afirmação a respeito da emissão fônica dos vertebrados como um conjunto de símbolos linguísticos.

26. Ao meio-dia e **meia**, depois de penosa escalada, durante a qual houve perigos o mais surpreendentes **possível**, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

27. b **30.** e **33.** a **36.** e **39.** a

28. e **31.** c **34.** d **37.** a

29. c **32.** a **35.** d **38.** c

40. É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto./É proibido entrada de pessoas estranhas no recinto. **Professor(a)**, convém relembrar que as expressões formadas de verbo ser + adjetivo (é bom, é

necessário, é proibido etc.) não variam. Se, no entanto, o sujeito vier precedido de artigo ou outro determinante, a concordância será feita normalmente.

41. c **42.** b

43. a) Por piores que sejam as consequências, esta é a única tentativa possível.
b) Seus propósitos estão bastante claros.
c) As informações prometidas seguem anexas a esta carta.

44. c **45.** a **46.** b

47. Alternativa a. **Professor(a),** na alternativa **d**, o erro está em **ao par**: o correto é **a par**.

48. a **50.** a **52.** d **54.** a
49. a **51.** b **53.** a

Capítulo 19 – REGÊNCIA

1. b **2.** a **3.** b

4. Em **I**, é possível trocar **a** por **de**: Eu, que tinha ódio do menino...

5. c **11.** c **17.** b
6. b **12.** d **18.** e
7. a **13.** c **19.** e
8. d **14.** b **20.** c
9. 001 + 008 = 009 **15.** a **21.** a
10. d **16.** c **22.** a

23. a) Entidades de classe ou sindicais não podiam contribuir **para** os partidos.
b) Quando se trata do destinatário da ação, o verbo contribuir exige a preposição **para**. A preposição **com** serve para indicar o instrumento da contribuição. O autor, na redação, confundiu as duas preposições, utilizando a preposição **com** no lugar da preposição **para**.

24. a) A primeira ocorrência é a correta. Em "Não tenho dúvidas de que a reportagem [...]", o uso da preposição **de** diante da conjunção subordinativa integrante **que** é obrigatório, pois essa preposição é regida pelo substantivo **dúvidas**.
b) "[...] mas é preciso ressalvar que a história não pode ser escrita [...]"; no texto, o emprego da preposição está incorreto porque não há termo regente que exija a preposição de: o verbo ressalvar é transitivo direto, não exigindo, pois, preposição para introduzir seu complemento.

25. a) "Mas nenhum se compara, afirma, ao que ele esteve envolvido ontem pela manhã."; o problema de regência verbal consiste na ausência da preposição **em** exigida pelo verbo **envolver**.
b) Mas nenhum se compara, afirma, ao em que ele esteve envolvido ontem pela manhã / Mas nenhum se compara, afirma, àquele em que ele esteve envolvido ontem pela manhã.

26. d

27. 01 + 16 + 32 = 49

28. Alternativa **e. Professor(a),** o sujeito de impõe-se é a oração subordinada "estimular as obras do metrô, uma solução não poluente". Como o sujeito é uma oração o verbo da principal deve ficar na terceira pessoa do singular.

29. c **30.** e **31.** c

32. O consórcio **em** que o Brasil inteiro confia. O verbo **confiar** nessa frase rege a preposição **em**.

33. c

34. a) matérias que você tem; onde na frente funcionava um bar
b) Concentre sua atenção nas matérias em que você tem maior dificuldade; uma casa, em cuja frente funcionava um bar, foi totalmente destruída por um incêndio.

35. b **37.** e **39.** e **41.** c
36. c **38.** b **40.** b

42. a) A menina de cujos olhos eu gosto ainda não chegou.
b) O homem para (ou a) quem eu telefonei ontem não estava em casa.
c) A rua em que (ou onde) eu gosto de correr é toda arborizada.

43. a) Esta é a escola **em** que os pais confiam.
b) O verbo **confiar** é transitivo indireto e exige a preposição **em**, que deverá estar antes do pronome relativo **que**.

44. b **45.** c

46. a) O povo tem ido aos bares das ruas para aliviar as constantes decepções diárias.
b) A esperança chegou paulatinamente aos já fatigados corações brasileiros.
c) Mudar de vida implica sempre difíceis e embaraçosas acomodações.
d) É preferível combater os males a intimidar as próprias emoções.

47. b **48.** a **49.** b

50. Alternativa **d. Professor(a),** o verbo **optar** rege a preposição **por**.

51. Alternativa **d. Professor(a),** em **a**, precisar do comparecimento e exigir o comparecimento; em **b**, concordar com os principais pontos do programa e rever os principais pontos do programa; em **c**, consultar os Fundos de Aplicação Financeira e aplicar nos Fundos de Aplicação Financeira; em **e** difundem a campanha e contribuem para a campanha; em **d**, que é a correta, os verbos **enfrentar** e **enfraquecer** são transitivos diretos.

52. c **57.** a **62.** e **67.** c **72.** c
53. c **58.** b **63.** c **68.** c **73.** e
54. e **59.** e **64.** b **69.** e **74.** c
55. b **60.** a **65.** e **70.** c **75.** e
56. e **61.** b **66.** b **71.** e **76.** e

77. e	**81.** b	**85.** d	**89.** d	**93.** d
78. d	**82.** a	**86.** c	**90.** d	
79. e	**83.** e	**87.** a	**91.** e	
80. a	**84.** c	**88.** c	**92.** e	

Capítulo 20 – CRASE

1. d **2.** c **3.** e **4.** e **5.** d **6.** a

7. Em celebração à passagem do cinquentenário da morte de José Lins do Rego, aconteceram há pouco mais de um mês, na capital paraibana, várias atividades promovidas pelo Governo do Estado: concurso de redação, espetáculo teatral, exibição de filme e concerto.

8. b **9.** a **10.** a

11. 01 + 02 + 04 + 16 + 32 = 55

12. e

13. As regências do verbo **combater** como transitivo direto e intransitivo, respectivamente, encaminham a ideia de que: **1.** como transitivo direto, o combate ao pacote do governo será feito pelo que ele traz de ruim ou de danos (a sombra); **2.** como intransitivo, o combate será feito quaisquer que sejam as circunstâncias de conflito (à sombra).

14. c

15. Sim, deve ocorrer acento indicador da crase, uma vez que o verbo **ir** pede preposição **a** (vou **a**) e o substantivo **casa** vêm determinado (casa **do novo habitante da cidade**).

16. b	**20.** e	**24.** b	**28.** c	**32.** d
17. e	**21.** d	**25.** b	**29.** a	
18. d	**22.** e	**26.** c	**30.** c	
19. a	**23.** d	**27.** c	**31.** e	

33. a) Não vai a festas nem a reuniões.
b) Chegamos à universidade às oito horas.

34. Eu já conhecia **a** fazenda, por isso fui **à** cidade apreciar **as** praças onde fiz referências **a** V.S.ª e não **à** Sr.ª que o acompanha.

35. a **36.** b **37.** d

38. Contar tudo à senhora. Ocorre a fusão da preposição **a**, exigida pelo verbo contar com o artigo **a** que antecede o pronome senhora.

39. **1.** As leis **às** quais devemos obedecer são muito rígidas.
2. As mercadorias pelas quais me interessei estavam esgotadas.

40. a	**46.** a	**52.** a	**58.** d
41. b	**47.** d	**53.** c	**59.** b
42. e	**48.** b	**54.** c	**60.** b
43. d	**49.** a	**55.** b	**61.** b
44. b	**50.** a	**56.** c	**62.** c
45. e	**51.** a	**57.** e	**63.** e
64. b	**77.** e	**90.** d	
65. e	**78.** c	**91.** b	
66. b	**79.** b	**92.** c	
67. c	**80.** c	**93.** c	
68. d	**81.** b	**94.** d	
69. c	**82.** c	**95.** b	
70. a	**83.** a	**96.** d	
71. e	**84.** d	**97.** c	
72. d	**85.** e	**98.** b	
73. a	**86.** e	**99.** d	
74. d	**87.** c	**100.** a	
75. b	**88.** b	**101.** c	
76. d	**89.** e	**102.** a	

Capítulo 21 – MORFOSSINTAXE DAS PALAVRAS *QUE* E *SE*

1. e	**3.** d	**5.** b	**7.** e	**9.** d
2. b	**4.** e	**6.** e	**8.** a	

10. Alternativa **a**. **Professor(a)**, no item IV, apenas o último **se** é partícula apassivadora.

11. d

12. 02 + 04 = 06

13. c **14.** b **15.** a

16. Na alternativa **a**, a palavra **se** é pronome reflexivo-recíproco (os recém-casados amavam um ao outro), exercendo a função sintática de objeto direto do verbo **amar**. Em **b**, o **se** é pronome reflexivo (feriu a si mesma), exercendo a função sintática de objeto direto do verbo **ferir**. Em **c**, a palavra **se** é parte integrante do verbo (ou pronome fossilizado), já que arrepender-se é verbo essencialmente pronominal. Quando a palavra **se** é parte integrante do verbo, ela não desempenha função sintática. Portanto, a palavra **se** apresenta sentidos diferentes em cada uma das frases, mas apresenta a mesma função sintática (objeto direto) nas duas primeiras.

17. d	**19.** d	**21.** d	**23.** a
18. d	**20.** a	**22.** b	**24.** c

25. Alternativa **c**. **Professor(a)**, na alternativa **c** a palavra **que** é conjunção subordinativa integrante; em todas as demais é um pronome relativo.

26. d **27.** d **28.** a **29.** d

30. Alternativa **e**. **Professor(a)**, a rigor, trata-se da expressão **é que**.

31. d **32.** d **33.** b **34.** b

35. Alternativa **b**. **Professor(a)**, o **se** realmente é índice de indeterminação do sujeito (asserção verdadeira). O verbo **precisar** está na terceira pessoa do singular (razão verdadeira). Ocorre que a razão, embora verdadeira, não justifica a asserção. O **se** é índice de inde-

terminação do sujeito porque nessa frase ocorre sujeito indeterminado e não porque o verbo está na terceira pessoa do singular. Atenção: Quando o **se** é índice de indeterminação do sujeito, o verbo sempre estará na terceira pessoa do singular, mas não é em todos os casos em que o verbo está na terceira pessoa do singular que o **se** é índice de indeterminação do sujeito.

36. Sim. Em ambas as ocorrências, o pronome relativo **que** exerce a função sintática de objeto direto (preparei o café e amei as mulheres).

37. b	**42.** b	**47.** e	**52.** a	**57.** a
38. e	**43.** c	**48.** d	**53.** e	
39. d	**44.** e	**49.** a	**54.** c	
40. c	**45.** c	**50.** a	**55.** b	
41. d	**46.** d	**51.** e	**56.** d	

58. a) pronome relativo; b) conjunção subordinativa integrante.

59. d **60.** e **61.** a **62.** e **63.** b

Capítulo 22 – PONTUAÇÃO

1. b

2. 01 + 04 = 05

3. d

4. Resposta da PUC-RJ: Muitos séculos atrás, refletindo sobre a temporalidade, Santo Agostinho confessou que, embora tivesse uma noção tácita de tempo aparentemente não problemática, não seria capaz de fornecer uma definição explícita desse conceito.

5. b **6.** d **7.** e **8.** d **9.** b

10. É fato conhecido por muitos que Paulo Lins, escritor carioca, viveu na Cidade de Deus, onde se desenrola a trama de seu famoso livro.

11. Alternativa **e**. Justificativa: A proposição 1 está correta, pois as reticências do título acentuam o efeito de surpresa do segmento "para a engenharia". A proposição 2 está correta, pois os dois-pontos, de fato, introduzem uma citação literal. A proposição 3 está correta, pois o segmento "Mesmo científico", colocado de maneira isolada, ganha saliência. Entretanto, a proposição 4 está incorreta, uma vez que, no trecho sublinhado, as vírgulas são obrigatórias, pois separam itens numa enumeração. Por isso, a resposta correta é a alternativa **e**.

12. É aquela velha história: se você coloca coisas caras em casa, vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

13. e **14.** d **15.** d **16.** c **17.** e **18.** d

19. a) As duas leituras possíveis são:

A comida, que é para gatos, tem pouca gordura. Nesse caso, com pouca gordura é lido como complemento de comida, ou seja, comida que contém baixa concentração de gordura.

A comida é para gatos que tenham pouca gordura. Nesse caso, com pouca gordura é lido como complemento de gato, isto é, gato com baixa concentração de gordura no organismo. Seria o mesmo que dizer "gato magro".

Ambas as leituras se justificam porque a expressão com pouca gordura — na posição em que se encontra — pode ser associada aos vocábulos comida e gato.

b) Primeira leitura: "Comida, para gato, com pouca gordura" ou "Comida para gato, com pouca gordura". Nesses casos, a referência da expressão **com pouca gordura** se estabelece com **comida**. Segunda leitura: "Comida, para gato com pouca gordura".

20. a **21.** a

22. Alternativa **d**. Em **I**, a oração subordinada adverbial condicional ("se um general revolucionário não as pilha em caminho") deve ser separada por vírgulas, conforme as normas gramaticais correntes. O mesmo ocorre, em **III**, com o adjunto adverbial intercalado "apesar das revoluções".

23. c	**26.** e	**29.** e	**32.** e	**35.** c
24. b	**27.** c	**30.** a	**33.** e	**36.** d
25. b	**28.** b	**31.** a	**34.** d	**37.** b

38. Trata-se de duas orações subordinadas adjetivas, a primeira explicativa e a segunda restritiva. As diferenças semânticas são causadas pela pontuação (vírgula na primeira e ausência de vírgula na segunda). Daí, pode-se pressupor que em **a** "todos os candidatos ao vestibular têm interesses individuais", e que em **b** o pressuposto seria outro: "nem todos os candidatos ao vestibular têm interesses individuais". No primeiro exemplo, a oração é explicativa; já no segundo, é restritiva.

39. a

40. As aspas, nesse caso, são empregadas para dar destaque à palavra **ambientalista**, chamando a atenção do leitor para o fato de que ela está sendo empregada em sentido diverso do usual. No texto, ao colocar a palavra **ambientalistas** entre aspas, o autor ressalta que a intenção dos americanos que iniciaram um movimento para declarar a Amazônia área de interesse mundial não é propriamente preservar o meio ambiente, mas outra: controlar a Amazônia.

41. e **42.** d

43. Há mitos Timbira que narram como os índios aprenderam a fazer determinados rituais com animais terrestres, aquáticos e aéreos; assim, nos tempos míticos, a situação seria o inverso da atual: os ritos existiam no âmbito da natureza, mas não no da sociedade.

44. Quando eu pedi, três meses depois, que casasse comigo, Iaiá Lindinha não estranhou, nem me despediu.

45. Os que vivem dependentes do dinheiro, sujeitos à sua força, encarcerados por ele, não sabem que a mais

nobre das condições humanas é justamente o desprezo do vil metal (quando a gente não o tem, esclareço).

46. c	**54.** a	**62.** a	**70.** a
47. a	**55.** d	**63.** b	**71.** d
48. a, b, d	**56.** c	**64.** c	**72.** b
49. e	**57.** b	**65.** c	**73.** d
50. c	**58.** b	**66.** a	**74.** e
51. a	**59.** e	**67.** e	**75.** c
52. e	**60.** a	**68.** d	
53. c	**61.** c	**69.** d	

Capítulo 23 – FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

1. e

2. a) Algumas paráfrases (interpretações livres e adaptadas mas que não alteram o conceito original) são possíveis, como: "Não leve o falso pensando que é o verdadeiro", "Não troque um produto confiável por outro que não o é", "Não compre um produto só pela aparência".

b) A primeira ocorrência aponta o produto pelo seu nome próprio e, através de uma metonímia (marca pelo produto), substitui o substantivo comum **palha de aço**. Na segunda ocorrência destaca-se o produto ao caracterizá-lo como único, ou o melhor entre todos. Associando a expressão idiomática "gato por lebre" ao anúncio específico do produto, deduz-se que "lebre" é BOM BRIL e todos os outros produtos similares são "gato".

3. A palavra **belo** da frase: "Que belo planeta vocês estão deixando para mim, heim?".

4. b **5.** d **6.** c **7.** b **8.** b

9. a) Ao final do processo de reciclagem, aquele lixo de lata vira lata de luxo, embalando as bebidas **de** que todo mundo gosta, das marcas **em** que todo mundo pode confiar.

Professor(a), as gramáticas normativas estabelecem que o verbo **gostar** é transitivo indireto, exigindo a preposição **de** (gostar de) e o verbo **confiar** é transitivo indireto, exigindo a preposição **em** (confiar em). No entanto, como se pode observar, é comum, mesmo nos registros de linguagem mais monitorados, o uso desses verbos sem a preposição.

b) "[...] aquele lixo de lata vira lata de luxo [...]."

Professor(a), comentar a paronomásia na aproximação de **luxo** e **lixo**, e a aliteração decorrente da repetição do fonema consonantal representado pela letra **l**. Além dos recursos sonoros, ocorre a inversão da estrutura **lixo de lata** para **lata de luxo**.

10. a **11.** e

12. a) Sim. Há diferença de sentido. Na primeira frase, afirma-se que aquele que ama o feio, passa a achá-lo bonito, porque o ama. Na segunda, para aquele que ama, o feio parece bonito.

b) No segundo período, subentende-se a preposição **para**: "Para quem ama, o feio bonito lhe parece".

13. a) Nesse período, os termos **contador de histórias** e **historiador** aparecem cruzados, configurando o **quiasmo**. Esquematicamente: "Um **contador de histórias (A)** é justamente o contrário de **historiador (B)**, não sendo um **historiador (B)**, afinal de contas, mais do que um **contador de histórias (A)**".

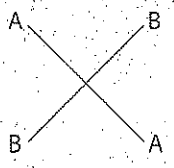

b) No trecho, o "contador de histórias" relata o que não viu, ou seja, o que ele faz "é só fantasiar". Por outro lado, o historiador também conta histórias, mas só se forem verdadeiras.

14. d **15.** c **16.** b **17.** a **18.** a

19. a) Em "peru fantasiado de *marine*", pode-se entender que o presidente estava fantasiado de *marine* ou que era o peru que estava fantasiado de *marine*. Em "[...] que era servido aos soldados americanos", pode-se entender que o peru era servido no bandejão ou o presidente estava sendo servido aos soldados no bandejão.

b) O presidente americano, fantasiado de *marine*, produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, quando comeu peru no mesmo bandejão de que se serviam os soldados americanos.

c) A informação que o leitor deve levar em conta para interpretar adequadamente o trecho é que o presidente americano estava na Arábia Saudita e que seria improvável que se servisse a ele peru fantasiado de *marine* e que o presidente americano não é servido como comida a soldados.

20. a

21. a) Não, pois a pátria estava desatenta ("dormia distraída") enquanto era prejudicada em "tenebrosas transações".

b) A predominância de encontros consonantais em que a segunda consoante é **r** (pátria, distraída, subtraída, transações, tenebrosas) que torna a passagem truncada e difícil de ser lida numa pronúncia rápida, o que evoca o tempo infeliz a que a letra da canção faz referência.

22. a) Resposta pessoal. Sugestão: Ao costurar a roupa, a costureira não pode dar ponto sem nó.

b) Resposta pessoal. Sugestão: Era uma pessoa interesseira: apoiou o candidato visando favores pessoais; realmente, ele não dá ponto sem nó!

23. Ter um bom currículo, ter um currículo qualificado.

24. d

25. Alternativa **a**. Substitui-se a parte pelo todo: asas no lugar de aviões.

26. b **27.** e

28. Alternativa **b.** No enunciado há uma antítese: ("independência política" / "cativeiro pessoal"); que também ocorre na alternativa b: "lá fora" / "aqui dentro".

29. a **30.** e **31.** c

32. a) O pleonasmo vicioso ocorre na passagem "a reversão total de todas as demissões", uma vez que há redundância no emprego das palavras **total** e **todas**.

b) Para evitar a redundância, bastaria suprimir uma dessas duas palavras. Dessa forma, haveria duas redações possíveis: "[...] a reversão total das demissões [...]" ou "[...] a reversão de todas as demissões [...]".

33. a

34. Alternativa a. **Professor(a),** Anadiplose é uma figura de construção que consiste na repetição de palavra(s) que aparece no final de um verso ou de uma oração no início de verso ou oração seguintes, como neste exemplo de Álvaro Moreira: "Contou muitas histórias. Histórias de lembranças.".

35. c **36.** e

37. Alternativa **c.** Em c ocorre metonímia: o autor (esse poeta) pela obra (os poemas, os livros, a obra).

38. a) "[...] envelheceu, enegreceu, apodreceu [...]"

b) "[...] três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira."

39. Ele ironiza o amor de Marcela. Para obter o efeito irônico, aproxima termos que normalmente estariam distantes: o tempo de duração do amor e o valor em dinheiro desperdiçado com esse amor.

40. d **42.** b **44.** a

41. c **43.** c

45. Onomatopeia

46. c **47.** a **48.** b

49. Aliteração e assonância.

50. d	**55.** d	**60.** c	**65.** a
51. a	**56.** e	**61.** a	**66.** a
52. d	**57.** b	**62.** d	**67.** b
53. b	**58.** c	**63.** e	**68.** b
54. b	**59.** b	**64.** d	**69.** a

Capítulo 24 – EMPREGO DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

1. d **2.** b **3.** c **4.** e

5. 01 + 04 + 08 + 16 = 29

6. c **7.** c **8.** d **9.** e

10. d

11. 01 + 02 + 32 = 35

12. a **14.** c **16.** e **18.** e

13. d **15.** c **17.** a

19. Construções que se desviam do padrão formal: "[...] a rapaziada nova agora não são mais [...]"; "[...] nós ia [...]"; "Quando nós saía [...]"; "[...] nós levava [...]"; "Então nós ficava ali [...]"; "nós vinhesse [...]"; "[...] o mestre que saía com nós, né?". No padrão formal, as construções deveriam ser: "[...] a rapaziada nova agora não é mais [...]"; "[...] nós íamos [...]"; "Quando nós saíamos [...]"; "[...] nós levávamos [...]"; "Então nós ficávamos ali [...]"; "nós viéssemos [...]"; "[...] o mestre que saía conosco, não é?".

Provavelmente, trata-se de um falante com pouca ou nenhuma escolaridade formal, pertencente à camada humilde da população.

20. a) A escola deve ensinar o padrão culto da língua como forma de acesso à cidadania, mas sem menosprezo à linguagem utilizada pela criança.

b) Não. O jornal alude apenas ao fato de que a linguagem da criança será aceita pelo educador, desconsiderando a proposta de levar a criança a dominar o padrão formal culto da linguagem como forma de integração social, distorcendo os fatos e assumindo um tom sensacionalista.

21. "Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar [...]" e "[...] doa a quem doer esses fatos."

Há no texto inúmeros desvios em relação à modalidade culta. Regência: falta da preposição de antes do relativo que ("Tudo aquilo de que"); concordância: o verbo doer deveria estar concordando com o seu sujeito ("doam a quem doer esses fatos"). A organização sintática das orações no período é confusa.

22. O segundo trecho é o mais adequado ao grau de formalidade exigido por um editorial jornalístico. O primeiro apresenta problemas relativos à regência ("de que desejava" e "que precisava" em vez de "que desejava" e "de que precisava"), além de impropriedades vocabulares, tais como "comover" em vez de "convencer" e do emprego desnecessário da expressão "ainda recentemente".

23. d

24. a) "Após ser picado pelo mosquito, o parasita (agente da doença) cai na circulação sanguínea [...]."

b) A interpretação absurda é que o parasita é picado pelo mosquito.

c) A interpretação pretendida é: Após uma pessoa ser picada pelo mosquito, o parasita (agente da doença) presente no mosquito cai na circulação sanguínea da pessoa.

d) O parasita (agente da doença) cai na circulação sanguínea da pessoa que foi picada pelo mosquito e passa a provocar irritações oculares até a perda total da visão.

25. a

26. Sugestão: A árvore oca era muito elevada, tinha vinte metros de altura: estava, por esta razão, prestes a cair.

27. a **29.** b **31.** c **33.** d

28. c **30.** a **32.** a **34.** a

Livro Eletrônico

Estratégia CONCURSOS

Aula 00

Português p/ PC-RJ (Auxiliar de Necropsia) Com videoaulas - 2019

Professor: Décio Terror Filho

00000000000 - DEMO

Acentuação gráfica. Separação de sílabas.

Sumário

1 - Fonética 4

1 – Tipos de fonemas: (vogais, semivogais e consoantes) 5

2. Encontros Vocálicos 6

3. Encontros Consonantais 7

4. Dígrafos 8

2 – Separação silábica 26

3 – Acentuação 32

1 – Revisando... 32

1.1 – classificação das palavras quanto ao número de sílabas 32

1.2 – o timbre aberto e fechado das vogais "e" e "o" 33

1.3 – vogais orais e nasais 33

1.4 – semivogais 34

2 – Acentuação tônica 37

2.1 Regras básicas 38

2.2 Regras especiais 41

3 – Resumo do Acordo Ortográfico (acentuação gráfica) 45

4 – Lista de questões 61

5 – Gabarito 77

Olá!

Sou o professor Décio Terror e é com muita satisfação que convido você a participar de nosso **curso de Português para a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro.**

Atuo no ensino da Língua Portuguesa para concurso público há treze anos e venho estudando as principais estratégias de abordagem de prova das diversas bancas. Sou professor concursado na área federal, com especialização na didática, no ensino a distância e na produção de texto.

00000000000 - DEMO

Sou autor do livro **Resoluções de Provas de Português**, banca ESAF, e do livro **Resoluções de Provas de Português + breve teoria**, banca FCC, ambos lançados pela editora Impetus.

Como este é um curso pré-edital e o último concurso ocorreu em 2010 e não há, portanto, uma banca examinadora definida, vamos trabalhar com questões de várias bancas.

Veja como abordaremos o conteúdo programático:

DISPONÍVEL	CONTEÚDO
Aula 00	Acentuação gráfica. Separação de sílabas.
Aula 01	Noções gramaticais: ortografia, emprego de letras, uso de maiúscula, abreviações.
Aula 02	Sintaxe da oração. Pontuação: uso dos sinais de pontuação.
Aula 03	Sintaxe do período (composto por coordenação). Parágrafo. Noções de frase. Pontuação: uso dos sinais de pontuação. Morfologia, classe de palavras (conjunção).
Aula 04	Sintaxe do período (composto por subordinação). Pontuação: uso dos sinais de pontuação. Morfologia, classe de palavras (conjunção).
Aula 05	Concordância do adjetivo com o substantivo, concordância do predicado com o sujeito. Voz ativa, passiva e reflexiva.
Aula 06	Regência verbal e nominal.
Aula 07	Morfologia, classe de palavras (substantivo, adjetivo, advérbio), flexão nominal (gênero, número e grau).
Aula 08	Morfologia, classe de palavras (verbo), flexão verbal (conjugação de verbos regulares).
Aula 09	Morfologia, classe de palavras (verbo), flexão verbal (conjugação de verbos regulares).
Aula 10	Morfologia, classe de palavras (pronomes).
Aula 11	Compreensão de texto. Usos da linguagem.

00000000000 - DEMO

Antes de iniciarmos o nosso curso, vamos a alguns AVISOS IMPORTANTES:

1) Com o objetivo de *otimizar os seus estudos*, você encontrará, em *nossa plataforma (Área do aluno)*, alguns recursos que irão auxiliar bastante a sua aprendizagem, tais como *"Resumos"*, *"Slides"* e *"Mapas Mentais"* dos conteúdos mais importantes deste curso. Essas ferramentas de aprendizagem irão auxiliar você a perceber aqueles tópicos da matéria que você precisa dominar, que você não pode ir para a prova sem ler.

2) Em nossa Plataforma, procure pela *Trilha Estratégica e Monitoria* da sua respectiva área/concurso alvo. A Trilha Estratégica é elaborada pela nossa equipe do *Coaching*. Ela irá lhe indicar qual é exatamente o *melhor caminho* a ser seguido em seus estudos e vai lhe ajudar a *responder às seguintes perguntas*:

- Qual a melhor ordem para estudar as aulas? Quais são os assuntos mais importantes?

- Qual a melhor ordem de estudo das diferentes matérias? Por onde eu começo?

- *"Estou sem tempo e o concurso está próximo!"* Posso estudar apenas algumas partes do curso? O que priorizar?

- O que fazer a cada sessão de estudo? Quais assuntos revisar e quando devo revisá-los?

- A quais questões deve ser dada prioridade? Quais simulados devo resolver?

- Quais são os trechos mais importantes da legislação?

3) Procure, nas instruções iniciais da "Monitoria", pelo *Link* da nossa *"Comunidade de Alunos"* no Telegram da sua área / concurso alvo. Essa comunidade é *exclusiva* para os nossos assinantes e será utilizada para orientá-los melhor sobre a utilização da nossa Trilha Estratégica. As melhores dúvidas apresentadas nas transmissões da "*Monitoria*" também serão respondidas na nossa *Comunidade de Alunos* do Telegram.

(*) O Telegram foi escolhido por ser a única plataforma que preserva a intimidade dos assinantes e que, além disso, tem recursos tecnológicos compatíveis com os objetivos da nossa Comunidade de Alunos.

Vamos à nossa aula!

O primeiro dos assuntos é o reconhecimento dos encontros vocálicos e consonantais e dígrafos. Para tal, devemos falar um pouco sobre a fonética.

00000000000 - DEMO

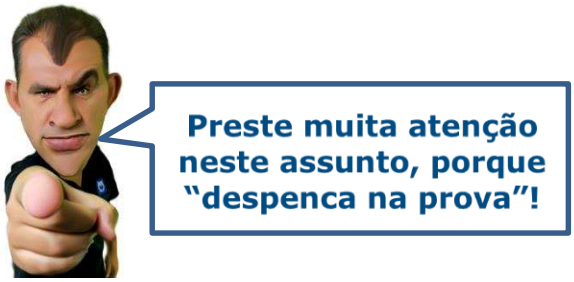

1 - FONÉTICA

Conceito: A Fonética, ou Fonologia, estuda os sons emitidos pelo ser humano, para efetivar a comunicação. Esses sons são chamados de fonemas. Eles se dividem em vogais, consoantes e semivogais.

Primeiramente, é importante diferenciarmos letra de fonema:

Letra: Cada um dos sinais gráficos elementares com que se representam os vocábulos na língua escrita. Por exemplo, a palavra "casa" possui 4 letras.

Fonema: Unidade mínima distintiva no sistema sonoro de uma língua. Essa unidade, para ser diferenciada da letra, é delimitada por duas barras: /... / . Por exemplo, a palavra "*casa*" possui 4 sons /k/, /a/, /z/, /a/.

Há uma relação entre a letra na língua escrita e o fonema na língua oral, mas não há uma correspondência rigorosa entre eles. Por exemplo, o fonema /s/ pode ser representado pelas seguintes letras ou encontro delas:

c (antes de ***e*** e de ***i***): certo, paciência, acenar.

ç (antes de ***a***, de ***o*** e de ***u***): caçar, açucena, açougue.

s: salsicha, semântica, soçobrar.

ss: passar, assassinato, essencial.

sc: nascer, oscilar, piscina.

sç: nasço, desço, cresça.

xc: exceção, excesso, excelente.

xs: exsudar, exsicar, exsolver.

x: máximo.

Note que a letra "s" da palavra "casa", exemplificada acima, não é o fonema /s/, pois não tem nenhum dos sons na lista de palavras vistas acima. Na realidade, a letra "s" nessa palavra tem som /z/. Assim, para diferenciá-lo entre duas vogais, usamos "ss" para o fonema /s/ e apenas a letra "s" para o fonema /z/. Compare:

Casado: a letra "s" tem o fonema /z/.

00000000000 - DEMO

Cassado: as letras "ss" têm o fonema /s/.

1 – TIPOS DE FONEMAS: (VOGAIS, SEMIVOGAIS E CONSOANTES)

Vogais

Sons formados sem obstáculo para a saída do ar. As vogais são a base da sílaba. **Não há sílaba sem vogal**.

São as seguintes vogais existentes na Língua Portuguesa:

5 Letras vogais: *a, e, i, o, u*.

12 Sons vogais: Vogais abertas: *a, é, ó*

Vogais fechadas: *ê, i, ô, u.*

Vogais nasais: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ*

Nas vogais nasais, a corrente de ar flui em parte pela cavidade bucal, em parte pela nasal. Representam-se as vogais nasais, na escrita, pelas cinco letras, da seguinte forma:

a) seguidas de ***m*** ou de ***n***: *lâmpada*, *sândalo*.

b) em sílaba final, o ***a*** grafa-se com til: *amanhã, Ivã, ímã.*

c) o ***nh*** também é um sinal de nasalização: *rainha*, *cânhamo*.

Semivogais

São fonemas vocálicos, ou seja, fonemas semelhantes às vogais, por terem som de vogal, mas com duração de som menor que a das vogais e que nessas se apoiam para constituir sílaba.

As semivogais são representadas pelas seguintes letras:

1) ***e***, ***i***, ***o***, ***u***, ao lado de uma vogal, formando sílaba com ela. Note que as semivogais ***e*** e ***i*** têm som de ***i***, representadas por ***y***. As semivogais ***o*** e ***u*** têm som de ***u***, representadas por ***w***.

Por exemplo, a palavra "*pátio*" possui a letra "i" (semivogal: som mais brando), a qual se encontra ao lado da letra "o" (vogal: som mais forte), formando sílaba com ela. Assim, podemos representar foneticamente tal palavra da seguinte forma: /pat**y**o/.

2) ***m*** e ***n***, somente nas terminações de palavras ***am***, ***em*** e ***en***.

Por exemplo:

amam: o último ***m*** tem som de ***u***, e o ***a*** é nasal. Foneticamente representamos o ***m*** por ***w***: /ãmãw/

bem: o ***m*** tem som de ***i***, com ***e*** nasal. Foneticamente representamos o ***m*** por ***y***: /bẽy/

pólen: o ***n*** tem som de ***i***, com ***e*** nasal. Foneticamente representamos o ***n*** por ***y***: /polẽy/

00000000000 - DEMO

Semivogais			
Letras	Fonemas	Representação gráfica	Representação fonética
e - i	/y/ (som de i)	boi , pães	/boy/ , /pãys
o - u	/w/ (som de u)	cão, touro	/kãw /, /towro/
m *	/y/ e /w/	falam, falem	/falãw/, /falẽy/
n *	/y/	hífen	/ifẽy/
* São semivogais apenas nos encontros *am*, *em* e *en*, em final de palavra.			

Consoantes

As consoantes são obstáculos à corrente de ar (só existem junto de uma vogal). Para a fonética, consoante é um obstáculo realizado pelo aparelho fonador, principalmente pela cavidade bucal.

Existem as seguintes consoantes na Língua Portuguesa: 21 letras consoantes: ***b, c, d, f, g, h, j***, *k*, ***l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, w, y, z***.

19 fonemas consonantais: ***/b/***, ***/k/***, ***/s/***, ***/d/***, ***/f/***, ***/g/***(som: ***gue***), ***/j/***, ***/l/***, ***/λ/***(som: lhe), ***/m/***, ***/n/***, ***/ñ/***, ***/p/***, ***/r/***, ***/R/***, ***/t/***, ***/v/***, ***/x/***, ***/z/***.

Exemplos:

/b/ : bom
/k/ : casa
/s/ : sim
/d/ : dar
/f/ : faca
/g/ : gato
/j/ : gente
/l/ : lado
/λ/ : lhama
/m/ : mão
/n/ : não
/ñ/ : unha
/p/ : pão
/r/ : caro
/R/ : carro
/t/ : tatu
/v/ : via
/x/ : caixa
/z/ : casa

Bom, vimos o que são os fonemas. Agora, vamos estudar a junção de alguns desses fonemas, para entendermos mais à frente a divisão silábica e a acentuação gráfica.

2. Encontros Vocálicos

O encontro vocálico é o agrupamento de vogais e semivogais. Há três tipos de encontros vocálicos:

Hiato = É o agrupamento de **duas vogais**, cada uma em uma sílaba diferente. lu-a-na, a-fi-a-do, pi-a-da

Ditongo = É o agrupamento de uma **vogal** e uma **semivogal**, em uma mesma sílaba. Quando a vogal estiver antes da semivogal, chamaremos de Ditongo Decrescente, e, quando a vogal estiver

00000000000 - DEMO

depois da semivogal, de Ditongo Crescente. Chamaremos ainda de oral e nasal, conforme ocorrer a saída do ar pelas narinas ou pela boca. Por exemplo:

cai-xa = ditongo decrescente oral, pois "a" é uma vogal e "i" é uma semivogal.
cin-quen-ta = ditongo crescente nasal, pois "u" é uma semivogal e "e" é uma vogal. Note que "e" é seguida da letra "n", a qual a nasaliza.

Tritongo = É o agrupamento de uma vogal entre duas semivogais. Também pode ser oral ou nasal. Por exemplo:

a-guei = tritongo oral, pois "u" é semivogal, "e" é vogal e "i" é semivogal.
sa-guão = tritongo nasal, pois "u" é semivogal, "ã" é vogal nasal e "o" é semivogal, pois tem som /u/.

ESQUEMATIZANDO

Hiato	Duas vogais em sílabas diferentes. Ex.: pi-a-da
Ditongo	Vogal e semivogal na mesma sílaba. Ex.: cai-xa
Tritongo	Uma vogal entre duas semivogais. Ex.: a-guei

3. Encontros Consonantais

É o agrupamento de consoantes. Há três tipos de encontros consonantais:

Encontro Consonantal Perfeito = É o agrupamento de consoantes, lado a lado, na mesma sílaba. *Bra-sil, pla-ne-ta, a-dre-na-li-na*

Encontro Consonantal Imperfeito (Disjunto) = É o agrupamento de consoantes, lado a lado, em sílabas diferentes. *ap-to, cac-to, as-pec-to*

Encontro Consonantal Fonético (Dífono) = É a letra *x* com som de */ks/*.

táxi, nexo, axila = /taksi/, /nekso/, /aksila/.

00000000000 - DEMO

Não se esqueça de que as letras ***M*** e ***N*** pós-vocálicas não são consoantes, e sim, semivogais ou simples sinais de nasalização (ressoo nasal): *tampa, tempo, tímpano, tombo e tumba.* (Ver dígrafo vocálico, adiante).

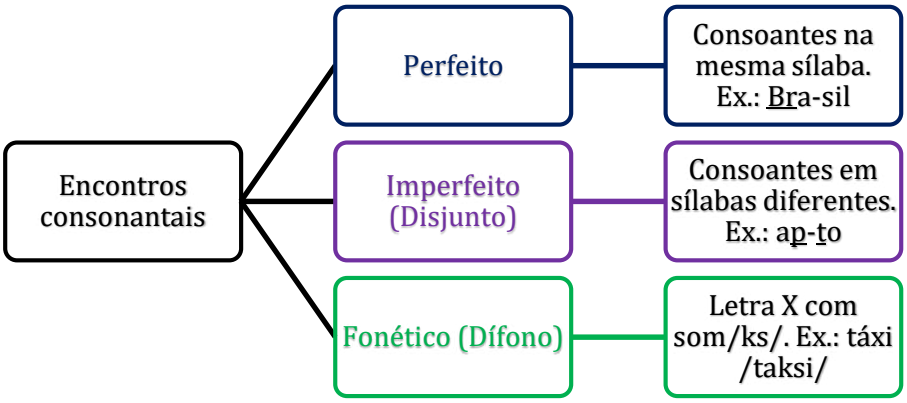

4. DÍGRAFOS

Dígrafo é o agrupamento de duas letras com apenas um fonema. Pode ser consonantal e vocálico.

Dígrafo Consonantal

Os principais são ***rr, ss, sc, sç, xc, xs, lh, nh, ch, qu, gu***.

Algumas observações:

a) representam-se os dígrafos por letras maiores que as demais, exatamente para estabelecer a diferença entre uma letra e um dígrafo.

b) ***qu*** e ***gu*** só serão dígrafos, quando estiverem seguidos de ***e*** ou ***i***.

c) os dígrafos ***rr, ss, sc, sç, xc*** e ***xs*** têm suas letras separadas silabicamente; **lh**, **nh**, **ch**, **qu**, **gu**, não.
arroz = ar-roz - /aRos/;(Não se esqueça de que esse ***z*** final tem som de ***s***)
assar = as-sar - /aSar/;
nascer = nas-cer - /naSer/;
desço = des-ço - /deSo/;
exceção = ex-ce-ção - /eSesãw/;
exsudar = ex-su-dar - /eSudar/;
alho = a-lho - /aλo/;
banho = ba-nho - /baÑo/;
cacho = ca-cho - /kaXo/;
querida = que-ri-da - /Kerida/.

Não confunda dígrafo com encontro consonantal, que é o encontro de consoantes, cada uma representando um fonema. Por exemplo, na palavra "*asco*", o encontro "sc" não forma dígrafo, já que ambas as letras são pronunciadas distintamente: /aSko/. Já em "*nascer*", há um dígrafo, pois ***sc*** tem um som só: /naSer/

Dígrafo Vocálico

É o encontro de uma vogal com ***m*** ou ***n***, na mesma sílaba: ***am***, ***an***, ***em***, ***en***, ***im***, ***in***, ***om***, ***on***, ***um***, ***un***. A única função do ***m*** e do ***n*** é indicar que a vogal é nasal. Não representam, portanto, outro som. Há, então, um dígrafo, pois existem duas letras com apenas um som. Por exemplo:

santo = san-to - /sãto/.

Não se esqueça de que, quando a palavra terminar em ***am***, ***em*** e ***em***, o ***m*** e o ***n*** são semivogais. Não há, portanto, dígrafo nesses encontros, já que o ***m*** e o ***n*** são pronunciados. Por exemplo: decoram = /dekorãw/ (Ver ditongos).

Vamos treinar um pouco esses conceitos com questões comentadas. Em seguida, falaremos um pouco sobre a divisão silábica porque isso depende diretamente do conteúdo visto até agora.

ESQUEMATIZANDO

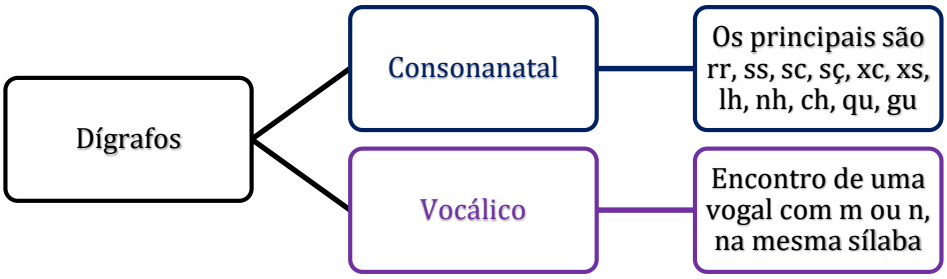

QUESTÕES COMENTADAS

1. (CS-UFG / Prefeitura de Goiânia - GO Agente de Apoio Educacional 2016)

O som de ***ch*** na palavra "lanche" é o mesmo som de ***x*** em

A) relaxa.

B) fixo.

C) exige

D) próximo.

00000000000 - DEMO

Comentário: O som da letra *X* em "rela**x**a" (/X/) é o mesmo da palavra "lan**ch**e" (/X/). Logo, a alternativa (A) é a correta.

A letra *X* em "fixo" tem som /ks/.

A letra *X* em "exige" tem som /z/.

A letra *X* em "próximo" tem som /s/.

Gabarito: A

---

2. (FAURGS / TJ RS Técnico Judiciário – 2017)

I - Apresentam ditongo nasal as palavras ***homem***, ***criam*** e ***antigos***.

II - Apresentam ditongo oral nas suas formas plurais as palavras ***animal***, ***fácil*** e ***nível***.

III- Apresentam encontro consonantal as palavras ***excesso***, ***estilhaçamento*** e ***fluxo***.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas I e III.

Comentário: A primeira afirmação está errada, pois há ditongo nasal em "homem", pois "em" resulta no som /ẽy/. Também há ditongo nasal em "criam", pois "am" resulta no som /ãw/. Porém, na palavra "antigos", ocorre apenas o dígrafo vocálico, pois "an" resulta no som /ã/.

A segunda afirmação está correta, pois as formas plurais *animais*, *fáceis* e *níveis* apresentam os ditongos orais /ai/ e /ei/.

A terceira afirmação está errada, pois "excesso" apresenta dígrafos, e não encontros consonantais: "xc" resulta no som /S/, "ss" resulta no som /S/. A palavra "estilhaçamento" apresenta o encontro consonantal "st" e os dígrafos "lh" com som /λ/ e "en" com som /ẽ/. A palavra "fluxo" apresenta o encontro consonantal "fl".

Assim, a alternativa (B) é a correta.

Gabarito: B

---

3. (Consulpam / Prefeitura Apuiarés – CE Agente Adm – 2017)

O substantivo ***soalheira*** apresenta:

a) Um hiato e um ditongo oral decrescente.

b) Dois ditongos, um oral crescente e um oral decrescente.

c) Dois hiatos.

d) Um hiato e um ditongo oral crescente.

00000000000 - DEMO

Comentário: A palavra "soalheira" apresenta hiato "o-a", dígrafo "lh", ditongo oral decrescente "ei". Assim, a alternativa (A) é a correta.

Gabarito: A

---

4. **(Fundatec / CRQ - 5ª REGIÃO (RS) Auxiliar Adm – 2017)**

Em relação às letras e aos fonemas de palavras do texto, analise as afirmações que seguem e assinale C, se corretas, ou I, se incorretas.

( ) O vocábulo "impressão" apresenta dois dígrafos, um vocálico e um consonantal.

( ) A palavra "pontinha" tem 8 letras e 6 fonemas.

( ) Na palavra "desesperada", o primeiro 'S' tem o som de Z.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) C – C – I.

b) C – I – I.

c) I – C – C.

d) I – C – I.

e) C – C – C.

Comentário: A primeira afirmação está correta, pois "im" apresenta a letra "m", a qual é diacrítica e serve apenas para nasalizar a vogal anterior. Assim, ocorre dígrafo vocálico. As duas letras "ss" representam apenas o som /c/. Assim, ocorre o dígrafo consonantal.

A segunda afirmação está correta, pois realmente há 8 letras e 6 fonemas, tendo em vista que as letras "on" são dígrafo vocálico, cujo fonema é /õ/. Além disso, as letras "nh" são dígrafo consonantal, cujo fonema é /Ñ/.

A terceira afirmação está correta, pois, como o primeiro "s" está entre vogais, é natural o som do "s" ser /z/.

Assim, a alternativa correta é a (E).

Gabarito: E

---

5. **(Fundatec / IGP RS Técnico em Perícias – 2017)**

A respeito das palavras presentes no trecho, analise as seguintes assertivas:

I. As palavras 'crescia' e 'atingir' apresentam dígrafos.

II. Ambas as palavras 'mesmo' e 'outra' apresentam somente um encontro consonantal.

III. As palavras 'quanto' e 'voluntários' não apresentam encontro consonantal, somente dígrafos.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

00000000000 - DEMO

b) Apenas III.

c) Apenas I e II.

d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

Comentário: A primeira afirmação está correta, pois, em "cre**sc**ia", as letras "sc" formam o dígrafo consonantal, cujo som é /S/; e, em "atingir", as letras "in" formam o dígrafo vocálico, cujo som é /ĩ/.

A segunda afirmação está correta, pois a palavra "me**sm**o" apresenta o encontro consonantal "sm" e "ou**tr**a" apresenta o encontro consonantal "tr".

A terceira afirmação está correta, pois realmente as palavras 'quanto' e 'voluntários' não apresentam encontro consonantal, somente dígrafos. Note que, em "qu**an**to", as letras "an" formam o dígrafo vocálico, cujo som é /ã/; e, em "vol**un**tários", as letras "un" formam o dígrafo vocálico, cujo som é /ũ/.

Assim, a alternativa (E) é a correta.

Gabarito: E

---

6. **(IBFC / MGS Nível Médio – 2017)**

Dentre as palavras abaixo, retiradas do primeiro parágrafo, assinale a única que NÃO possui encontro vocálico.

a) acontecendo.

b) ruindade.

c) paciência.

d) familiares.

Comentário: Os encontros vocálicos são os ditongos, tritongos ou hiatos.

A alternativa (A) é a correta, pois não ocorre encontro vocálico.

Na alternativa (B), ocorre hiato em "u-i".

Na alternativa (C), ocorre hiato em "i-e" e o ditongo oral "ia".

Na alternativa (D), ocorre hiato em "i-a".

Gabarito: A

---

7. **(IBFC / MGS Nível Médio – 2016)**

Sobre a palavra destacada em "Aos ouvidos das **lebres** chega", faz o seguinte comentário correto:

a) possui três sílabas

b) apresenta flexão de grau

00000000000 - DEMO

c) notam-se dois encontros vocálicos

d) ocorre um encontro consonantal

Comentário: A palavra "le-bres" apresenta duas sílabas e o encontro consonantal "br". Assim, a alternativa (D) é a correta.

Gabarito: D

---

8. (Fundatec / UNPAMPA Assistente Adm – 2016)

Assinale a alternativa que apresenta o mesmo som que o X na palavra "contexto".

a) êxtase.

b) léxico.

c) convexo.

d) mexilhão.

e) exato.

Comentário: Na palavra "conte**x**to", a letra "x" apresenta o fonema /S/. O mesmo ocorre com a palavra "ê**x**tase" e a alternativa (A) é a correta.

Já, nas palavras "lé**x**ico" e "conve**x**o", a letra "x" apresenta o dífono /ks/; "mexilhão" apresenta o fonema /x/ e "exato" apresenta o fonema /z/.

Gabarito: A

---

9. (Fundatec / Prefeitura de Foz do Iguaçu – PR Agente – 2016)

Assinale a alternativa em que todas as palavras, retiradas do texto, têm o mesmo número de letras e fonemas.

a) Diques – barragens – esporadicamente.

b) Problema – sociedade – extremos.

c) Enxurradas – ambientais – lixo.

d) Consciência – humana – sedimentos.

e) Solo – índices – ocorrência.

Comentário: Para termos certeza de que o número de letras é diferente do número de fonemas, basta acharmos nas palavras dígrafo ou dífono. Assim, para facilitar, vou apontar todas as palavras na ordem em que aparecem, negritando dígrafo. Veja:

Di**qu**es – ba**rr**ag**en**s – esporadicam**en**te; Problema – sociedade – extremos; **En**xu**rr**adas – **am**bi**en**tais – lixo; C**on**s**ciê**ncia – **hu**mana – sedim**en**tos; Solo – **ín**dices – oco**rrê**ncia.

Assim, cada palavra da alternativa (B) apresenta o mesmo número de fonemas e letras.

Gabarito: B

00000000000 - DEMO

10. (Fundatec / SISPREM – RS Procurador Jurídico – 2015)

Analise os seguintes grupos de palavras acentuadas, retiradas do texto:

(01) difícil – políticas - lógica

(02) fácil – barbárie – partidárias

(04) ilógicas – inúmeras – índices

(08) episódios – violência – urgência

(16) país – aplicáveis – indivíduos

A soma dos números que precedem os grupos, cujas palavras são acentuadas pela mesma regra, é:

a) 03.

b) 07.

c) 12.

d) 13.

e) 20.

Comentário: Primeiramente, devemos notar quais são as palavras com a mesma regra de acentuação.

No primeiro grupo, a palavra "difícil" é paroxítona; já "políticas" e "lógica" são proparoxítonas.

No segundo grupo, a palavra "fácil" é acentuada por ser paroxítona terminada em "l"; já "barbárie" e "partidárias" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo oral.

O terceiro grupo apresenta a mesma regra de acentuação, pois "ilógicas", "inúmeras" e "índices" são acentuadas por serem proparoxítonas. Assim, podemos contar com o número 04.

O quarto grupo apresenta a mesma regra de acentuação, pois "episódios", "violência" e "urgência" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo oral. Assim, podemos contar também com o número 08.

No quinto grupo, a palavra "país" apresenta hiato; já "aplicáveis" e "indivíduos" são paroxítonas terminadas em ditongo oral.

Portanto, devemos somar os números 4 e 8. O resultado é 12 e a alternativa (C) é a correta.

Gabarito: C

---

11. (Fundatec / SUSEPE-RS Agente Penitenciário – 2014)

Considere as palavras abaixo, todas retiradas do texto, e assinale aquela que é paroxítona e que possui mais letras que fonemas.

a) Política.

b) Possível.

00000000000 - DEMO

c) Óbvia.

d) Filósofos.

e) Arbítrio.

Comentário: As palavras "política" e "filósofos" são proparoxítonas. Assim, eliminamos as alternativas (A) e (D).

Para sabermos que uma palavra apresenta mais letras que fonemas, basta verificarmos se há dígrafo. A palavra "possível" apresenta o dígrafo "ss", o qual resulta no fonema /S/.

As palavras "óbvia" e "arbítrio" não possuem dígrafos. Assim, apresentam o mesmo número de letras e fonemas.

Portanto, a alternativa (B) é a correta.

Gabarito: B

---

12. (Fundatec / SISPREM – RS Escriturário – 2015)

Analise as seguintes assertivas sobre palavras do texto, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) O vocábulo 'descansar' possui dígrafo vocálico e encontro consonantal.

( ) 'cochilavam' possui o mesmo número de letras e de fonemas.

( ) A palavra 'interessante' tem 12 letras e 9 fonemas.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – V – V.

b) V – V – F.

c) F – V – V.

d) V – F – V.

e) F – F – F.

Comentário: A primeira afirmação está correta, pois, em "descansar", há o encontro consonantal "sc" e o dígrafo vocálico "an", pois tais letras apresentam o fonema /ã/.

A segunda afirmação está errada, pois a palavra "cochilavam" apresenta o dígrafo "ch", o qual produz o fonema /x/. Assim, há 10 letras e 9 fonemas.

A terceira afirmação está correta, pois a palavra "interessante" apresenta três dígrafos. O primeiro é "in", cujo fonema é /ĩ/. O segundo é "ss", cujo fonema é /S/. O terceiro é "an", cujo fonema é /ã/. Assim, há 12 letras e 9 fonemas.

Portanto, a alternativa correta é a (D).

Gabarito: D

00000000000 - DEMO

13. (Fundatec / Prefeitura Liberato Salzano-RS Agente – 2016)

Analise as seguintes assertivas sobre palavras do texto, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) O vocábulo **aplicativos** possui encontro consonantal.

( ) **dermatologista** não possui o mesmo número de letras e de fonemas.

( ) A palavra **ferramenta** tem 10 letras e 8 fonemas.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

A) V – V – V.

B) V – V – F.

C) F – V – V.

D) F – F – F.

E) V – F – V.

Comentário: A primeira afirmação é verdadeira, pois "pl" é um entro consonantal.

A segunda afirmação é falsa, pois, em "dermatologista", cada letra corresponde a um fonema. Assim, há 14 fonemas e 14 letras.

A terceira afirmação é verdadeira, pois, em "ferramenta", há dois dígrafos: "rr" e "en". Assim, realmente há 10 letras e 8 fonemas: /f-e-R-a-m- ẽ-t-a/.

Assim, a alternativa correta é a (E).

Gabarito: E

---

14. (Fundatec / Prefeitura Redentora-RS Agente Adm – 2016)

Sobre as relações entre letras e fonemas, assinale a alternativa INCORRETA sobre palavras do texto.

A) A palavra 'quantidade' possui apenas um dígrafo vocálico.

B) Em 'significam', há encontro consonantal e não há dígrafo.

C) Na palavra 'tecnologia', o fonema C equivale à pronúncia de mais de uma letra.

D) No vocábulo 'conquista', há apenas um dígrafo.

E) Em 'tempo', há cinco letras e quatro fonemas.

Comentário: A alternativa (A) está correta, pois a palavra 'quantidade' apresenta apenas o dígrafo vocálico "an", cuja representação fonética é /ã/. Assim, tal palavra apresenta 10 letras ('quantidade') e 9 fonemas /kwãtidade/.

A alternativa (B) está correta, pois, em "significam", há o encontro consonantal "gn" e não há dígrafo. Note que "am" apresenta dois fonemas: a vogal "a" e a semivogal "m": /ãw/.

00000000000 - DEMO

A alternativa (C) está correta. Houve aqui uma inadequada nomenclatura, pois a letra “c” é o fonema /k/, e não “C”, como afirmou a alternativa. Mas isso não prejudica a análise da alternativa. Realmente, tal fonema equivale à pronúncia de mais de uma letra: “qui”. Assim, nessa palavra, o som da letra “c” é o mesmo de “qui”.

A alternativa (D) é a errada, pois “conquista” apresenta dois dígrafos, e não apenas um. O primeiro está em “on” (/õ/) e o segundo está em “qu” (/k/).

A alternativa (E) está correta, pois, em ‘tempo’, há cinco letras e quatro fonemas, haja vista o dígrafo vocálico “em” (/ẽ/).

Gabarito: D

---

15. (AOCP / EBSERH - UFPA Fisioterapeuta – 2016)

Assinale a alternativa em que todos os vocábulos tenham 6 fonemas.

a) Continua, passagem, grande.

b) Contra, quando, avançar.

c) Alheio, sempre, convívio.

d) Depende, exclui, avançar.

e) Valores, relação, sentido.

Comentário: Na alternativa (A), a palavra “continua” apresenta 8 letras e 7 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /õ/, gerado da junção das letras “on”. A palavra “passagem” apresenta 8 letras e 7 fonemas, haja vista que há o dígrafo consonantal /S/, gerado da junção das letras “ss”. Note que “em” é constituído de dois fonemas: a vogal /ẽ/ e a semivogal /Y/, representada pela letra “m”. A palavra “grande” apresenta 6 letras e 5 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /ã/, gerado da junção das letras “an”.

Na alternativa (B), a palavra “contra” apresenta 6 letras e 5 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /õ/, gerado da junção das letras “on”. A palavra “quando” apresenta 6 letras e 5 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /ã/, gerado da junção das letras “an”. Note que “qu” apresenta duas letras e dois fonemas, pois “q” é consoante e “u” é semivogal. A palavra “avançar” apresenta 7 letras e 6 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /ã/, gerado da junção das letras “an”.

Na alternativa (C), a palavra “alheio” apresenta 6 letras e 5 fonemas, haja vista que há o dígrafo consonantal /λ/, gerado da junção das letras “lh”. A palavra “sempre” apresenta 6 letras e 5 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /ẽ/, gerado da junção das letras “em”. A palavra “convívio” apresenta 8 letras e 7 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /õ/, gerado da junção das letras “on”.

A alternativa (D) é a correta, pois a palavra “depende” apresenta 7 letras e 6 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /ẽ/, gerado da junção das letras “en”. A palavra “exclui” apresenta 6 letras e 6 fonemas, isto é, cada letra é um fonema. A palavra “avançar” apresenta 7 letras e 6 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /ã/, gerado da junção das letras “an”.

00000000000 - DEMO

Na alternativa (E), a palavra “valores” apresenta 7 letras e 7 fonemas, isto é, cada letra é um fonema. A palavra “relação” apresenta 7 letras e 7 fonemas, isto é, cada letra é um fonema. A palavra “sentido” apresenta 7 letras e 6 fonemas, haja vista que há o dígrafo vocálico /ẽ/, gerado da junção das letras “en”.

Gabarito: D

---

16. (AOCP / EBSERH Nacional Enfermeiro – 2016)

Assinale a alternativa correta referente aos encontros das letras e dos sons que ocorrem na língua portuguesa.

a) Na palavra “pesquisa” há, respectivamente, um encontro consonantal e um ditongo.

b) Em “crescente” há, respectivamente, três encontros consonantais: “cr”, “sc” e “nt”.

c) Há dígrafo na palavra “negro”.

d) Há dígrafo na palavra “empreender”.

e) Há dígrafo na palavra “igualdade”.

Comentário: A alternativa (A) está errada, pois há o encontro consonantal “sq”, mas não há ditongo, haja vista que o “u” não é semivogal. Ele apenas auxilia na formação do dígrafo consonantal /k/, por meio das letras “qu”.

A alternativa (B) está errada, pois só há o encontro consonantal “cr”. As letras “sc” formam o dígrafo consonantal /S/ e a letra “n” não é consoante, mas sim a letra que auxilia na formação do dígrafo vocálico /ẽ/.

As alternativas (C) e (E) estão erradas, pois, nas palavras “negro” e “igualdade”, cada letra apresenta seu respectivo fonema.

A alternativa (D) é a correta, pois a palavra “empreender” apresenta dois dígrafos vocálicos, pois as letras “em” e “en” formam dois sons /ẽ/.

Gabarito: D

---

17. (AOCP / EBSERH HE - UFSCAR Técnico – 2015)

Qual das palavras a seguir NÃO apresenta dígrafo?

(A) Lembrar.

(B) Pessoas.

(C) Problema.

(D) Desequilibrada.

(E) Profissional.

Comentário: Na alternativa (A), a palavra “lembrar” apresenta 7 letras, mas 6 fonemas, pois “em” é um dígrafo vocálico, o qual apresenta o fonema /ẽ/.

00000000000 - DEMO

Na alternativa (B), a palavra “pessoas” apresenta 7 letras, mas 6 fonemas, pois “ss” é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/.

A alternativa (C) é a correta, pois a palavra “problema” apresenta 8 letras e 8 fonemas. Assim, não há dígrafo.

Na alternativa (D), a palavra “desequilibrada” apresenta 14 letras, mas 13 fonemas, pois “qu” é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /K/.

Na alternativa (E), a palavra “profissional” apresenta 12 letras, mas 11 fonemas, pois “ss” é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/.

Gabarito: C

---

18. (AOCP / EBSERH HE-UFPEL Enfermeiro – 2015)

Qual das palavras a seguir NÃO apresenta dígrafo?

(A) Lembrança.

(B) Descer.

(C) Professor.

(D) Trabalho.

(E) Pobreza.

Comentário: Na alternativa (A), a palavra “lembrança” apresenta 9 letras, mas 7 fonemas, pois “em” é um dígrafo vocálico, o qual apresenta o fonema /ẽ/, e “an” é um dígrafo vocálico, o qual apresenta o fonema /ã/.

Na alternativa (B), a palavra “descer” apresenta 6 letras, mas 5 fonemas, pois “sc” é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/.

Na alternativa (C), a palavra “professor” apresenta 9 letras, mas 8 fonemas, pois “ss” é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/.

Na alternativa (D), a palavra “trabalho” apresenta 8 letras, mas 7 fonemas, pois “lh” é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /λ/.

A alternativa (E) é a correta, pois “pobreza” apresenta 7 letras e 7 fonemas. Assim, não possui dígrafo.

Gabarito: E

---

19. (AOCP / Pref Camaçari BA Assistente Administrativo – 2014)

Assinale a alternativa em que há dígrafo.

(A) Apenas.

(B) Problemas.

(C) Adolescente.

(D) Papelão.

00000000000 - DEMO

(E) Descobrir.

Comentário: O dígrafo é o agrupamento de duas letras com apenas um fonema. Na alternativa (A), a palavra "apenas" apresenta 6 letras e 6 fonemas. Assim, não há dígrafo.

Na alternativa (B), a palavra "problemas" apresenta 9 letras e 9 fonemas. Assim, não há dígrafo.

A alternativa (C) é a correta, pois a palavra "adolescente" apresenta 11 letras, mas 9 fonemas, pois "sc" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/, e "en" é um dígrafo vocálico, o qual apresenta o fonema /ẽ/.

Na alternativa (D), a palavra "papelão" apresenta 7 letras e 7 fonemas. Assim, não há dígrafo.

Na alternativa (E), a palavra "descobrir" apresenta 9 letras e 9 fonemas. Assim, não há dígrafo.

Gabarito: C

---

20. (AOCP / EBSERH/HU-UFS Assistente Administrativo – 2014)

A palavra que apresenta mais de um dígrafo é

(A) ideia.

(B) risco.

(C) nutriente.

(D) excesso.

(E) pessoas.

Comentário: Na alternativa (A), a palavra "ideia" apresenta 5 letras e 5 fonemas. Assim, não há dígrafo.

Na alternativa (B), a palavra "risco" apresenta 5 letras e 5 fonemas. Assim, não há dígrafo.

Na alternativa (C), a palavra "nutriente" apresenta 9 letras e 8 fonemas. Assim, há apenas o dígrafo vocálico "en", o qual apresenta o fonema /ẽ/.

A alternativa (D) é a correta, pois a palavra "excesso" apresenta 7 letras, mas 5 fonemas, pois "xc" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/, e "ss" também é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/.

Na alternativa (E), a palavra "pessoas" apresenta 7 letras e 6 fonemas. Assim, há apenas o dígrafo consonantal "ss", o qual apresenta o fonema /S/.

Gabarito: D

---

21. (AOCP / EBSERH/HU-UFS Assistente Administrativo – 2014)

Temos um hiato na palavra

(A) ácido.

00000000000 - DEMO

(B) dieta.

(C) necessário.

(D) está.

(E) só.

Comentário: Para haver hiato, duas vogais se aproximam, mas se mantêm em sílabas diferentes.

Na alternativa (A), não há hiato, haja vista que cada vogal é separada por uma consoante: **á**-c**i**-d**o**.

A alternativa (B) é a correta, pois as vogais "i" e "e" se aproximam, mesmo estando em sílabas diferentes: d**i**-**e**-t**a**.

Na alternativa (C), não há hiato, haja vista que cada vogal é separada por uma consoante: n**e**-c**e**s-s**á**-r**i**o.

Na alternativa (D), não há hiato, haja vista que cada vogal é separada por uma consoante: **e**s-t**á**.

Na alternativa (E), não há hiato, tendo em vista que há apenas uma sílaba: v**ó**.

Gabarito: B

---

22. (AOCP / EBSERH/HULW Assistente Administrativo – 2014)

Assinale a alternativa em que NÃO há dígrafo na palavra.

(A) Terreno.

(B) Pouquinho.

(C) Estresse.

(D) Cumprimento.

(E) Briga.

Comentário: Na alternativa (A), a palavra "terreno" apresenta 7 letras, mas 6 fonemas, pois "rr" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /R/.

Na alternativa (B), a palavra "pouquinho" apresenta 9 letras, mas 7 fonemas, pois "qu" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /K/, e "nh" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /Ñ/.

Na alternativa (C), a palavra "estresse" apresenta 8 letras, mas 7 fonemas, pois "ss" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/.

Na alternativa (D), a palavra "cumprimento" apresenta 11 letras, mas 9 fonemas, pois "um" é um dígrafo vocálico, o qual apresenta o fonema /Ũ/ e "en" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /ẽ/.

A alternativa (E) é a correta, pois "briga" apresenta 5 letras e 5 fonemas. Assim, não possui dígrafo.

00000000000 - DEMO

Gabarito: E

---

23. (AOCP / EBSERH/HUJM Assistente Administrativo – 2014)

Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

(A) Maringá acentua-se pela mesma regra de Paraná.

(B) Terra apresenta dígrafo, assim como fecho.

(C) Basta apresenta encontro consonantal, assim como pobres.

(D) Saída apresenta um hiato, assim como ideia.

(E) Esse apresenta três fonemas, assim como por.

Comentário: A alternativa (A) está correta, pois "Maringá" é uma oxítona que termina em vogal "a", assim como "Paraná".

A alternativa (B) está correta, pois a palavra "te**rr**a" apresenta o dígrafo consonantal "rr". A palavra "fe**ch**o" também apresenta um dígrafo consonantal: "ch".

A alternativa (C) está correta, pois "basta" apresenta a junção das consoantes "s" e "t", bem como a palavra "pobres" apresenta a junção das consoantes "b" e "r".

A alternativa (D) é a errada, haja vista que "s**a**-**í**-da" apresenta duas vogais próximas, mas logicamente em sílabas diferentes. Assim, há hiato. Já a palavra "i-dei-a" apresenta o ditongo decrescente aberto "ei", em que "e" é vogal e "i" é semivogal.

A alternativa (E) está correta, pois "esse" apresenta 4 letras e 3 fonemas, pois "ss" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/. A palavra "por" apresenta 3 letras e 3 fonemas.

Gabarito: D

---

24. (AOCP / Colégio Pedro II Médico – 2010)

Todas as alternativas abaixo apresentam palavras que possuem 5 letras e 5 fonemas, EXCETO

a) febre.

b) horas.

c) vírus.

d) exame.

e) gripe.

Comentário: A palavra "horas" é iniciada com a letra "h", a qual não produz som, por isso não é fonema. Assim, tal palavra apresenta 5 letras e 4 fonemas.

As demais alternativas apresentam palavras com 5 letras e 5 fonemas.

Gabarito: B

00000000000 - DEMO

25. (AOCP / Colégio Pedro II Médico – 2010)

Assinale a alternativa que NÃO apresenta um dígrafo.

a) Tendo

b) Pesquisa

c) Pessoa

d) Risco

e) Trabalho

Comentário: Na alternativa (A), a palavra "tendo" apresenta 5 letras, mas 4 fonemas, pois "en" é um dígrafo vocálico, o qual apresenta o fonema /ẽ/.

Na alternativa (B), a palavra "pesquisa" apresenta 8 letras, mas 7 fonemas, pois "qu" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /K/.

Na alternativa (C), a palavra "pessoa" apresenta 6 letras, mas 5 fonemas, pois "ss" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/.

A alternativa (D) é a correta, pois "risco" apresenta 5 letras e 5 fonemas. Assim, não possui dígrafo.

Na alternativa (E), a palavra "trabalho" apresenta 8 letras, mas 7 fonemas, pois "lh" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /λ/.

Gabarito: D

---

26. (AOCP / Colégio Pedro II Assistente – 2010)

Todas as palavras abaixo apresentam 4 letras e 4 fonemas, EXCETO .

a) para.

b) fogo.

c) cada.

d) hoje.

e) zona.

Comentário: A palavra "hoje" é iniciada com a letra "h", a qual não produz som, por isso não é fonema. Assim, tal palavra apresenta 4 letras e 3 fonemas.

As demais alternativas apresentam palavras com 4 letras e 4 fonemas.

Gabarito: D

---

27. (AOCP / Pref Camaçari BA Procurador Municipal – 2010)

Assinale a única alternativa que apresenta dois dígrafos.

a) Planilha

b) Ganham

00000000000 - DEMO

c) Exemplo

d) Excesso

e) Ensino

Comentário: Na alternativa (A), a palavra "planilha" apresenta 8 letras e 7 fonemas. Assim, há apenas o dígrafo consonantal "lh", o qual apresenta o fonema /λ/.

Na alternativa (B), a palavra "ganham" apresenta 6 letras e 5 fonemas. Assim, há apenas o dígrafo consonantal "nh", o qual apresenta o fonema /Ñ/. Note que "am" é apenas o ditongo decrescente nasal /ãw/, pois "a" é vogal nasal e "m" é semivogal.

Na alternativa (C), a palavra "exemplo" apresenta 7 letras e 6 fonemas. Assim, há apenas o dígrafo vocálico "em", o qual apresenta o fonema /ẽ/.

A alternativa (D) é a correta, pois a palavra "excesso" apresenta 7 letras, mas 5 fonemas, pois "xc" é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/, e "ss" também é um dígrafo consonantal, o qual apresenta o fonema /S/.

Na alternativa (E), a palavra "ensino" apresenta 6 letras e 5 fonemas. Assim, há apenas o dígrafo vocálico "en", o qual apresenta o fonema /ẽ/.

Gabarito: D

---

28. (AOCP / Pref Camaçari BA Procurador Municipal – 2010)

Assinale a única alternativa que apresenta dois encontros consonantais.

a) Professores

b) Problema

c) Trabalho

d) Qualquer

e) Processos

Comentário: Na alternativa (A), a palavra "professores" apresenta um encontro consonantal: "pr". Note que "ss" é apenas um dígrafo consonantal.

A alternativa (B) é a correta, pois a palavra "problema" apresenta o encontro consonantal "pr" e em seguida o encontro consonantal "bl".

Na alternativa (C), a palavra "trabalho" apresenta um encontro consonantal: "tr". Note que "lh" é apenas um dígrafo consonantal.

Na alternativa (D), a palavra "qualquer" apresenta um encontro consonantal: "lq".

Na alternativa (E), a palavra "processos" apresenta um encontro consonantal: "pr". Note que "ss" é apenas um dígrafo consonantal.

Gabarito: B

00000000000 - DEMO

29. (AOCP / Pref Camaçari BA Procurador Municipal – 2010)

Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) Relatórios

b) Violência

c) Regionais

d) Reuniões

e) Funcionários

Comentário: O encontro vocálico é a junção de vogal e semivogal (ditongo decrescente), vogal e vogal (hiato), semivogal e vogal (ditongo crescente), semivogal, vogal e semivogal (tritongo).

A alternativa (A) é a correta, pois a palavra "re-la-tó-r**io**s" apresenta somente o ditongo crescente "io".

Na alternativa (B), a palavra "v**i**-**o**-lên-c**ia**" apresenta o hiato "i-o" e o ditongo crescente "ia".

Na alternativa (C), a palavra "re-g**io**-n**ai**s" apresenta o ditongo crescente "io" e o ditongo decrescente "ai".

Na alternativa (D), a palavra "r**eu**-n**i**-**õe**s" apresenta o ditongo decrescente "eu", hiato "i-o" e o ditongo decrescente "õe".

Na alternativa (E), a palavra "fun-c**io**-ná-r**io**s" apresenta os ditongos crescentes "io" e "io".

Gabarito: A

---

30. (AOCP / Pref Camaçari BA nível superior – 2010)

Todas as palavras abaixo apresentam 7 letras e 7 fonemas, EXCETO.

a) Amostra

b) Salário

c) Pedidos

d) Sistema

e) Exemplo

Comentário: Nesta questão, basta perceber qual a palavra que apresenta dígrafo, para notar que a quantidade de fonema será menor que a de letras.

A palavra "exemplo" possui o dígrafo vocálico "em", o qual apresenta o fonema /ẽ/. Assim, tal palavra apresenta 7 letras e 6 fonemas.

As demais alternativas apresentam palavras com 7 letras e 7 fonemas.

Gabarito: E

---

31. (Banca CRS PMMG / PMMG CIFS – 2011)

Assinale a alternativa CORRETA:

00000000000 - DEMO

A. ( ) A palavra *"cachorrinha"* possui 08 fonemas.

B. ( ) Na palavra *"creme"* as letras CR formam um dígrafo.

C. ( ) Há um ditongo na palavra *"Paraguai".*

D. ( ) Não há encontro vocálico na palavra *"papagaio".*

Comentário: A alternativa (A) é a correta. Note que a palavra "cachorrinha" apresenta 11 letras. Nesta palavra, há os dígrafos "ch", "rr" e "nh". Como sabemos que cada dígrafo apresenta duas letras e um fonema, entendemos que esta palavra apresenta 8 fonemas: /k a x o R i ñ a/.

A alternativa (B) está errada, pois na palavra "creme" não há dígrafo. Nela, cada letra tem seu som distinto. As letras "c" e "r" são fonemas consonantais e sua aproximação é chamada de encontro consonantal.

A alternativa (C) está errada, pois a palavra "Pa-ra-g**uai**" apresenta o tritongo "uai", e não um ditongo.

A alternativa (D) está errada, pois na palavra "pa-pa-g**ai**-o" há o ditongo decrescente "ai", o qual é um encontro vocálico.

Gabarito: A

---

32. (Banca CRS PMMG / PMMG CHO Oficial – 2012)

Julgue a afirmação abaixo como (C) certa ou (E) errada.

As palavras "história" e "ruído" são acentuadas pela mesma razão.

Comentário: A afirmação está errada, pois a palavra "his-tó-ria" é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo oral (ia). Já a palavra "ru-í-do" é acentuada por possuir hiato: u-i.

Assim, as regras são diferentes.

Gabarito: E

Bom, agora vamos para o segundo tema!

2 – SEPARAÇÃO SILÁBICA

O assunto divisão silábica cai muito pouco em concurso público. Por isso, vamos dar um passeio nas normas gramaticais sobre esse assunto apenas para termos uma noção básica e vermos como isso pode ser pedido em prova.

A divisão silábica tem por base separar uma vogal em cada sílaba. Não existe sílaba sem vogal, também não existe sílaba com duas ou mais vogais. Para isso, temos de entender alguns conceitos importantes:

a) Não se separam os ditongos e tritongos:

au-las = ditongo decrescente oral.

g**ua**r-da = ditongo crescente oral.

00000000000 - DEMO

a-g**uei** = tritongo oral.

b) Separam-se as vogais dos hiatos:

pi-a-da (i/a)	ca-ir (a/i)	ci-ú-me (i/ú)
com-pre-en-der (e/e)	ca-a-tin-ga (a/a)	re-es-tru-tu-rar (e/e)

c) Não se separam os dígrafos ***ch, lh, nh, qu, gu***:

cho-ca-lho / ch, lh = dígrafos inseparáveis.

qui-nhão / qu, nh = dígrafos inseparáveis.

gui-sa-do / gu = dígrafo inseparável.

d) Separam-se os dígrafos ***rr, ss, sc, sç, xc e xs***:

ex-ces-so / xc, ss = dígrafos separáveis.

flo-res-cer / sc = dígrafo separável.

car-ro-ça / rr = dígrafo separável.

des-ço / sç = dígrafo separável.

e) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue:

cni-do-se	**dz**e-ta	**gn**o-ma	**mn**e-mô-ni-co	**pn**eu-má-ti-co

f) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede **<u>a consoante não seguida de vogal</u>**:

a**<u>b</u>**-di-car	a**<u>c</u>**-ne	be**<u>t</u>**-sa-mi-ta	da**<u>f</u>**-ne	dra**<u>c</u>**-ma
é**<u>t</u>**-ni-co	nu**<u>p</u>**-ci-al	o**<u>b</u>**-fir-mar	o**<u>p</u>**-ção	si**<u>g</u>**-ma-tis-mo
su**<u>b</u>**-por	su**<u>b</u>**-ju-gar	in-te-le**<u>c</u>**-ção	o**<u>c</u>**-ci-pi-tal	con-vi**<u>c</u>**-ção

g) O “s” forma sílaba com o prefixo antecedente que precede consoantes (o “s” não faz parte do prefixo):

ab**<u>s</u>**-tra-ir	ad**<u>s</u>**-cre-ver	in**<u>s</u>**-cri-ção	in**<u>s</u>**-pe-tor	in**<u>s</u>**-tru-ir
in-ter**<u>s</u>**-tí-cio	per**<u>s</u>**-pi-caz	sub**<u>s</u>**-cre-ver	sub**<u>s</u>**-ta-be-le-cer	

h) Prefixos terminados em consoante:

00000000000 - DEMO

1) Ligados a palavras iniciadas por consoante, cada uma fica em sílabas diferentes.

bis-ne-to	cis-pla-ti-no	des-li-gar	dis-tra-ção
trans-por-tar	des-te-mi-do	trans-pa-ren-te	hi-per-mer-ca-do
sub-ter-râ-neo			

2) Ligados a palavras iniciadas por vogal, a consoante do prefixo se liga à vogal da palavra.

bi-sa-vô	ci-san-di-no	de-ses-pe-rar	di-sen-té-ri-co
tran-sa-tlân-ti-co	su-ben-ten-di-do	tran-sal-pi-no	hi-pe-ra-mi-go
su-bal-ter-no			

Questões comentadas

33. (Consulpam / Prefeitura Martinópole-CE Assist Adm – 2015)

Assinale a alternativa em que todas as palavras estão separadas corretamente:

a) a-ve-ri-guei, Pi-au-í, mag-ní-fi-co

b) sa-iu, p-neu, Jó-ia

c) tun-gstê-nio, re-lap-so, pers-cru-tar

d) at-mos-fe-ra, e-gi-pcio, pers-pi-caz

Comentário: Observação: A palavra "**joia**" não é mais acentuada.

Como sabemos que a vogal é a base da sílaba, segue a separação correta de cada alternativa:

a-ve-ri-guei, Pi-au-í, mag-ní-fi-co; sa-iu, **pneu**, **Jói**-a; **tungs**-tê-nio, re-lap-so, pers-cru-tar; at-mos-fe-ra, e-**gíp**-cio, pers-pi-caz.

Assim, a alternativa (A) é a correta.

Gabarito: A

---

34. (Consulpan / SURG Médio – 2014)

A separação silábica das palavras está CORRETO em:

a) Pés.si.mo, pro.fes.so.ra, vi.es.se

b) Vies.se, ain.da, fre.guês

c) Fre.gu.ês. a.in.da. pe.ssi.mo

00000000000 - DEMO

d) Qu.an.do. fre.gu.ês. vi.es.se

Comentário: Cada sílaba tem como base uma vogal, a qual está em negrito nas palavras abaixo:

pés.si.mo, pro.fes.so.ra, vi.es.se; vies.se, a.**in**.da, fre.guês; fre.**guês**. a.in.da. **pes**.**si**.mo; **quan**.do. fre.**guês**. vi.es.se

Assim, a alternativa (A) é a correta.

Gabarito: A

---

35. (Banca CRS PMMG / PMMG CHO Oficial – 2012)

Julgue a afirmação abaixo como (C) certa ou (E) errada.

Na divisão silábica de "filosofia", são aceitas as formas filos/o/fi/a e fi/lo/so/fi/a, uma vez que o radical "filos" pode ser mantido íntegro.

Comentário: A afirmação está errada, pois, no radical "f**i**l**o**s", há duas vogais e sabemos que cada vogal deve se encontrar em sílabas diferentes.

Gabarito: E

---

36. (AOCP / EBSERH HE - UFSCAR Técnico – 2015)

Assinale a alternativa que apresenta a divisão silábica correta.

(A) Pe–sso–as.

(B) Cres–ce.

(C) Sa–úde.

(D) A–rroz.

(E) No–va–me–nte.

Comentário: Na divisão silábica, sabemos que a vogal é a base da sílaba.

A alternativa (A) está errada, pois o dígrafo "ss" deve ter cada letra separada em sílabas diferentes. Veja a correção: p**e**s–s**o**–as.

A alternativa (B) é a correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal, além de o dígrafo "sc" ter cada letra separada em sílabas diferentes: cr**e**s–c**e**.

A alternativa (C) está errada, pois o hiato "a-u" deve ter cada vogal separada em sílabas diferentes. Veja a correção: s**a**–**ú**–de.

A alternativa (D) está errada, pois o dígrafo "rr" deve ter cada letra separada em sílabas diferentes. Veja a correção: **a**r–r**o**z.

A alternativa (E) está errada, pois o dígrafo "en" deve ter as letras na mesma sílaba. Veja a correção: n**o**–v**a**–m**e**n–t**e**.

Gabarito: B

00000000000 - DEMO

37. (AOCP / EBSERH HE-UFPEL Enfermeiro – 2015)

Assinale a alternativa que apresenta a divisão silábica correta.

(A) Tran – smi – ssí - veis.

(B) Pro – fi – ssi – o – nais.

(C) Sa – u – dá – ve - is.

(D) Ob – es – i – da - de.

(E) Pos – si – bi – li – da - de.

Comentário: A alternativa (A) está errada, pois o prefixo "trans" deve ficar numa mesma sílaba, por ser seguido de consoante. Além disso, o dígrafo "ss" deve ter cada letra em sílabas diferentes. Veja a correção: trans–mis–sí–veis.

A alternativa (B) está errada, pois o dígrafo "ss" deve ter cada letra em sílabas diferentes. Além disso, o ditongo crescente "io" deve ficar numa mesma sílaba. Veja a correção: Pro–fis–sio–nais.

A alternativa (C) está errada, pois os ditongos decrescentes "au" e "ei" devem ficar na sua respectiva sílaba. Veja a correção: Sau–dá–veis.

A alternativa (D) está errada, pois cada vogal deve ficar em uma sílaba diferente. Veja a correção: O–be–si–da–de.

A alternativa (E) é a correta, pois cada vogal está em uma sílaba diferente. Além disso, note que o dígrafo "ss" tem cada letra em sílabas diferentes: Pos–si–bi–li–da–de.

Gabarito: E

---

38. (AOCP / Pref Camaçari BA Assistente Administrativo – 2014)

Assinale a alternativa cuja palavra NÃO está separada corretamente.

(A) En-ve-lhe-cer.

(B) In-tei-ra-men-te.

(C) Pres-sões.

(D) Fei-ti-cei-ra.

(E) Al-fo-rri-a.

Comentário: Na divisão silábica, sabemos que a vogal é a base da sílaba.

A alternativa (A) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: **E**n-v**e**-lh**e**-c**e**r.

A alternativa (B) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: **I**n-t**e**i-r**a**-m**e**n-t**e**.

A alternativa (C) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal. Além disso, há de se observar a correta divisão do dígrafo consonantal "ss": Pr**e**s-s**õ**es.

00000000000 - DEMO

A alternativa (D) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: F**e**i-t**i**-c**e**i-r**a**.

A alternativa (E) é a errada, pois o dígrafo consonantal "rr" deve ser separado em sílabas diferentes. Veja a correção: **A**l-f**o**r-r**i**-**a**.

Gabarito: E

---

39. (AOCP / EBSERH/HU-UFS Assistente Administrativo – 2014)

A palavra que NÃO está separada corretamente é

(A) der-ra-mes.

(B) quan-ti-da-des.

(C) anti-oxi-dan-te.

(D) por-ções.

(E) a-gro-tó-xi-cos.

Comentário: A alternativa (A) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal. Além disso, há de se observar a correta divisão do dígrafo consonantal "rr": d**e**r-r**a**-m**e**s.

A alternativa (B) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: qu**a**n-t**i**-d**a**-d**e**s.

A alternativa (C) é a errada, pois duas vogais não podem se encontrar numa mesma sílaba. Veja a correção: **a**n-t**i**-**o**-x**i**-d**a**n-t**e**.

A alternativa (D) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: p**o**r-ç**õ**es.

A alternativa (E) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: **a**-gr**o**-t**ó**-x**i**-c**o**s.

Gabarito: C

---

40. (AOCP / Pref Camaçari BA Procurador Municipal – 2010)

Assinale a alternativa INCORRETA quanto à divisão silábica.

a) Ex – ces – so

b) Pes – qui – sa – dor

c) Sobre – po – si – ção

d) Cons – ta – ta – ção

e) Con – tra – tar

Comentário: Na divisão silábica, sabemos que a vogal é a base da sílaba.

A alternativa (A) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal. Além disso, há de se observar a correta divisão dos dígrafos consonantais "xc" e "ss": **e**x–c**e**s–s**o**.

00000000000 - DEMO

A alternativa (B) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: p**e**s–qu**i**–s**a**–d**o**r.

A alternativa (C) é a errada, pois cada sílaba deve se encontrar com sua respectiva vogal, o que não ocorreu em "sobre". Veja a correção: s**o**-br**e**–p**o**–s**i**–ç**ã**o.

A alternativa (D) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: c**o**ns–t**a**-t**a**–ç**ã**o.

A alternativa (E) está correta, pois cada sílaba encontra-se com sua respectiva vogal: c**o**n – tr**a** – t**a**r.

Gabarito: C

Agora vamos para o último tema desta aula!

3 – Acentuação

1 – Revisando...

Como já vimos na parte anterior da aula, vamos aqui revisar apenas o que é importante para a acentuação gráfica.

Antes de iniciarmos o estudo da acentuação, vamos falar um pouco de algumas peculiaridades na identificação de vogal, semivogal, ditongo, tritongo e hiato. Isso vai nos tirar muitas dúvidas adiante em nossa aula.

A vogal é o som produzido pelo ar que sai dos pulmões, sobe pela traqueia e chega à laringe, fazendo vibrar as cordas vocais, em seguida chega à faringe e, finalmente à cavidade bucal, de onde sai livremente, isto é, sem interrupção dos lábios, dentes e língua. Isso é comprovado, porque, quando falamos as vogais "a", "e", "i", "o" e "u", não fechamos totalmente os lábios, por exemplo.

1.1 – classificação das palavras quanto ao número de sílabas

Dizemos que a vogal é a base da sílaba, isto é, sempre que pronunciamos uma sílaba, há uma vogal. Veja as palavras abaixo:

m**a**r, s**o**m, b**o**m, s**a**l

Cada palavra acima apresenta somente uma vogal, a qual está em negrito e sublinhada. Assim, dizemos que são palavras **monossilábicas**, isto é, apresentam apenas uma vogal, uma sílaba.

c**a**p**a**, **á**g**i**l, p**e**l**e**, c**a**lç**a**s

00000000000 - DEMO

Cada palavra acima apresenta duas vogais, as quais estão em negrito e sublinhadas. Assim, dizemos que são palavras **dissilábicas**, isto é, apresentam duas vogais, duas sílabas.

recado, planalto, córrego, trânsito

Cada palavra acima apresenta três vogais, as quais estão em negrito e sublinhadas. Assim, dizemos que são palavras **trissilábicas**, isto é, apresentam três vogais, três sílabas.

recatada, começando, juntamente, transatlântico

As três primeiras palavras acima apresentam quatro vogais, a última apresenta cinco vogais. Tais vogais estão em negrito e sublinhadas. Assim, dizemos que são palavras **polissilábicas**, isto é, apresentam quatro ou mais vogais, quatro ou mais sílabas.

1.2 – o timbre aberto e fechado das vogais "e" e "o"

Basicamente as vogais "e" e "o" podem apresentar timbres aberto e fechado, pois abrimos mais os lábios para pronunciá-las ou os fechamos, respectivamente.

Note isso comparando a vogal "e" das palavras "perto" e "pera".

Note que, na palavra "perto" ("Eu moro perto de você."), a vogal sublinhada é aberta, isto é, abrimos mais os lábios para pronunciá-la.

Já na palavra "pera" ("Comi uma pera agora."), a vogal sublinhada é fechada, isto é, abrimos os lábios menos para pronunciá-la.

A fim de identificarmos o que é som e não simplesmente a grafia, vou deixar sempre entre barras a pronúncia. Assim, o timbre aberto (perto) vou deixar marcado entre barras da seguinte forma: /**é**/. Já o timbre fechado (pera) vou deixar marcado entre barras da seguinte forma: /**ê**/. Assim, fica mais prático notarmos daqui para frente os timbres aberto e fechado, ok?!

Sempre que eu deixar entre barras, entenda que chamo atenção quanto ao som, quanto ao timbre.

Vamos identificar a diferença de timbre aberto e fechado também na vogal "o".

Compare a vogal "o" das palavras "bolo" e "poste".

Note que "bolo" apresenta duas ocorrências da vogal "o" com timbre fechado: /**ô**/.

Já a palavra "poste" apresenta a vogal "o" com timbre aberto: /**ó**/.

1.3 – vogais orais e nasais

As vogais também podem ser classificadas em orais e nasais.

As vogais são orais quando todo o som produzido é articulado somente na cavidade bucal, como ocorre nas palavras "casa", "perto", "pelo", "corpo", "nu", "corporativista".

00000000000 - DEMO

Para ficar fácil notar a vogal oral, basta notar que a vogal nasal tem parte do som produzido pela cavidade bucal e parte pela cavidade nasal. Graficamente sempre marcamos tal som com o aporte das letras "m" ou "n" em seguida a esta vogal, além de empregarmos o sinal de nasalização "~" (o chamado "til").

Assim, representam-se as vogais nasais na escrita da seguinte forma:

a) vogal seguida de ***m*** ou de ***n***: *lâmpada*, *sândalo*.

b) quando a vogal estiver em sílaba final, o ***a*** grafa-se com til: *amanhã, Ivã, ímã.*

c) o ***nh*** também é um sinal de nasalização: *rainha*, *cânhamo*.

Portanto, fica fácil notarmos a diferença entre vogal oral e nasal na palavra "m**a**ç**ã**". A primeira é oral e a segunda é nasal.

Observe essa diferença também na palavra "t**a**mp**a**". A primeira é nasal e a segunda é oral.

1.4 – semivogais

Vimos que as vogais são os sons pronunciados pela cavidade bucal (ou nasal) sem interrupção da passagem do ar. As semivogais são os sons pronunciados pela cavidade bucal (ou nasal) também sem interrupção da passagem do ar, porém há a particularidade de que este é um som mais brando e só pode ser pronunciado juntamente com a vogal.

Além disso, o som das semivogais são apenas /y/ ou /w/. São sons muito próximos das vogais "i" ou "u", porém são mais brandos.

A semivogal será representada por algumas letras. Veja cada uma delas lembrando que vou representar o som entre barras, ok?!

Note a palavra "pai".

Ela apresenta quantas sílabas?

Naturalmente, você notou que ela apresenta apenas uma sílaba, correto?

Isso quer dizer que você já reconheceu que há apenas a vogal "a": "p**a**i".

A letra "i" é a representação gráfica da semivogal /y/.

Agora, veja a palavra "m**ã**e".

Naturalmente você também percebeu que ela apresenta apenas uma sílaba, pois há apenas a vogal nasal "ã": /ã/. A letra "e" é a representação gráfica da semivogal /y/.

Vamos agora para a palavra "b**e**m".

Ela também apresenta apenas uma sílaba, pois há apenas a vogal nasal "e": /ẽ/. A letra "m", neste caso, não é consoante, mas apenas uma representação gráfica da semivogal /y/.

00000000000 - DEMO

Vamos para a palavra “hífen”.

Ela apresenta duas sílabas, pois há a vogal oral “i” e a vogal nasal “e”: /ẽ/. A letra “n”, neste caso, não é consoante, mas apenas uma representação gráfica da semivogal /y/.

Vamos para a palavra “pau”.

Ela apresenta apenas uma sílaba, pois há apenas a vogal oral “a”. A letra “u” é apenas uma representação gráfica da semivogal /w/.

Vamos para a palavra “não”.

Ela apresenta apenas uma sílaba, pois há apenas a vogal nasal “ã”: /ã/. A letra “o” é apenas uma representação gráfica da semivogal /w/.

Vamos para a palavra “bastam”.

Ela apresenta duas sílabas, pois há a vogal oral “a” e a vogal nasal “a”: /ã/. A letra “m”, neste caso, não é consoante, mas apenas uma representação gráfica da semivogal /w/.

Assim, dizemos que as semivogais são os sons /y/ e /w/, os quais são bem próximos do som /i/ e /u/, respectivamente. Como vimos anteriormente, esses sons mais brandos são representados graficamente pelas letras “i”, “e”, “m” e “n” (som de /y/) e “u”, “o”, “m” (som de /w/).

Ao notarmos que há vogais e semivogais, entramos agora na identificação do ditongo, tritongo e hiato.

O ditongo é a junção de vogal e semivogal e naturalmente, como a vogal é a base da sílaba e a semivogal só pode ser pronunciada numa palavra juntamente com a vogal, o ditongo só ocorre numa mesma sílaba.

Portanto, nas palavras anteriores, vimos que as palavras “pai”, “mãe”, “bem”, “hífen”, “pau”, “não”, “bastam” apresentam os ditongos sublinhados com os respectivos sons: /ay/, /ãy/, /ẽy/, /ẽy/, /aw/, /ãw/, /ãw/.

Os ditongos que apresentam a sequência vogal e semivogal são chamados de **ditongos decrescentes**, pois o som decresce, diminui a intensidade da vogal para a semivogal. Todos os que vimos anteriormente são ditongos decrescentes: “pai”, “mãe”, “bem”, “hífen”, “pau”, “não”, “bastam”.

00000000000 - DEMO

Os ditongos que apresentam a sequência semivogal e vogal são chamados de **ditongos crescentes**, pois o som cresce, aumenta a intensidade da semivogal para a vogal. São exemplos de ditongos crescentes os que constam nas palavras cárie, armário, árduo, história.

Os ditongos podem ser **orais** ou **nasais** e isso basicamente depende da vogal. Se ela for **oral**, o ditongo será oral (pai, pau, boi). Se ela for nasal, o ditongo será **nasal** (mãe, bem, não).

Os ditongos também podem ser **fechados** ou **abertos** e isso depende exclusivamente da vogal. Se ela for aberta, o **ditongo** será **aberto** (véu, papéis, herói, heroico). Note que o som da vogal é /é/, /ó/.

Se a vogal for de timbre fechado, o **ditongo** será **fechado** (camafeu, vôlei, boi, oi). Note que o som da vogal é /ê/, /ô/.

Observação: Essa diferença é extremamente importante adiante, quando falarmos das regras de acentuação.

O tritongo é a junção de vogal e semivogais e obrigatoriamente na seguinte ordem: semivogal, vogal e semivogal. Naturalmente, como a vogal é a base da sílaba e as semivogais só podem ser pronunciadas numa palavra juntamente com a vogal, o tritongo só ocorre numa mesma sílaba.

Assim, as palavras Paraguai, Uruguai, saguão, quais apresentam tritongos. Note que a letra "a" é a vogal e ela está precedida e sucedida de semivogais, "u", "i", "o", as quais apresentam os sons /w/, /y/ e /w/, respectivamente.

Os tritongos também podem ser orais ou nasais a depender exclusivamente da vogal. Assim, dos exemplos colocados anteriormente, "Paraguai", "Uruguai" e "quais" apresentam tritongos orais /way/ e "saguão" apresenta tritongo nasal /wãw/.

Agora, veremos o hiato. O hiato é simplesmente a aproximação de vogais. Mas, como já vimos que ela é a base da sílaba, naturalmente, o hiato apresentará cada vogal em sílaba diferente.

Quando as vogais são dobradas, isto é, elas se repetem, fica fácil perceber que não há desnível do som, como ocorre com os ditongos e naturalmente notamos que há hiato. Assim, palavras como "S**aa**ra", "v**ee**m", "l**ee**m", "cr**ee**m", "d**ee**m", "x**ii**ta", "enj**oo**", "v**oo**", "suc**uu**ba" apresentam os hiatos respectivos "a-a", "e-e", "e-e", "e-e", "e-e", "i-i", "o-o", "o-o", "u-u".

00000000000 - DEMO

ESQUEMATIZANDO

Hiato	Duas vogais em sílabas diferentes. Ex.: pi-a-da
Ditongo	Vogal e semivogal na mesma sílaba. Ex.: cai-xa
Tritongo	Uma vogal entre duas semivogais. Ex.: a-guei

Bom, passadas algumas peculiaridades importantes para entendermos a lógica da acentuação gráfica, sigamos adiante.

Há dois tipos de acentuação das palavras: a tônica e a gráfica.

2 – ACENTUAÇÃO TÔNICA

As palavras podem ser átonas ou tônicas. Algumas preposições ("em", "de", "por"), os artigos (o, a, os, as, um, uns, uma, umas), os pronomes oblíquos átonos ("me", "te", "se", "o", "a", "os", "as", "lhe", "lhes", "nos", "vos") etc são palavras átonas.

Já as palavras-chave de uma frase, como os substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, são tônicas, isto é, possuem sílaba mais forte em relação às outras.

Assim, quando a sílaba tônica de uma palavra é a última, é chamada de **oxítona** (ru**im**, ca**fé**, ji**ló**, al**guém**, an**zol**, con**dor**). Quando a tonicidade recai na penúltima sílaba, é chamada de **paroxítona** (**dó**lar, pla**ne**ta, **ví**rus, **ca**pa, **ja**to, **âm**bar, **hí**fen). Quando a sílaba tônica é a antepenúltima, é chamada de **proparoxítona** (**có**rrego, **cú**pula, **trân**sito, **xí**cara, **mé**dico).

Com base na acentuação tônica, há a acentuação gráfica. Imagine por que ocorrem as regras de acentuação gráfica, vendo esta frase:

*Dona Delia, arquejava para o lado, empunhava a **citara**[1] e fazia um belo som ao fundo, enquanto o poeta, de renome entre a corte, **citara**[2] um pequeno recorte de seus preciosos versos. "Depois dele, quem mais **citara**[3] coisa tão linda!", exclamou Ambrozina, filha de Galdeco.*

1. ***cí**tara*: instrumento musical;

00000000000 - DEMO

2. *cit**a**ra*: verbo “citar” no pretérito-mais-que-perfeito do indicativo;
3. *cita**rá***: verbo “citar” no futuro do presente do indicativo.

Sem a acentuação gráfica nas ocorrências de “*citara*”, temos dificuldade de entender o texto acima, não é?

A Língua Portuguesa já passou por tempos em que não havia a acentuação gráfica e isso fazia com que houvesse alguns problemas de interpretação dos textos da corte, das leis, das ordens.

Houve, portanto, necessidade de padronizar a linguagem de forma a ter mais clareza, disso resultaram as regras de acentuação gráfica.

A acentuação gráfica é a aplicação de sinais diacríticos sobre algumas vogais de forma a representar a tonicidade da palavra. Esses sinais são basicamente os acentos **agudo** (´) e **circunflexo** (**^**).

Além desses, há ainda o acento **grave** (`), que é o indicador da crase, e as **notações léxicas**: o **trema** (¨), o qual foi suprimido das palavras portuguesas ou aportuguesadas pela Reforma Ortográfica, exceto nos casos de derivados de nomes próprios (“m**ü**lleriano”, derivado de “M**ü**ller”), e o **til** (**~**), o qual indica nasalização das vogais ***a*** e ***o***.

Você verá, a partir de agora, que a acentuação é dividida em duas regras fundamentais: a regra geral e a regra especial. Tais regras são subdivididas e você verá isso adiante.

O que importa aqui é entender que os linguistas pensaram primeiro numa regra básica. Em seguida, ao perceberem que tal regra não deu conta da totalidade das palavras, tiveram a necessidade de pensar na regra especial.

2.1 Regras básicas

As regras básicas nasceram da necessidade de padronização:

Vamos estudá-las como foram geradas: **do mais simples** (tonicidade que possui poucas regras) **para o mais trabalhoso** (tonicidade que possui mais regras).

Foi percebido no vocabulário da época que a menor quantidade de vocábulos tônicos se concentrava nas **proparoxítonas**. Por isso, todas são acentuadas: *lâmpada*, *relâmpago*, *Atlântico*, *trôpego*, *Júpiter*, *lúcido*, *ótimo*, *víssemos*, *flácido*.

Assim, ficou mais fácil e prático.

Depois, foi percebido que os **monossílabos tônicos** também tinham, dentre o vocabulário da época, pouca quantidade de palavras e maior incidência das vogais “a”, “e”, “o”, podendo ficar no plural. Então acharam por bem acentuar:

a, as: já, gás, pá.

e, es: pé, mês, três.

o, os: pó, só, nós.

00000000000 - DEMO

Os monossílabos tônicos terminados com os ditongos **abertos** tônicos "ói", "éi", "éu" eram acentuados. Mas, antes da reforma ortográfica assinada em 2009, esses ditongos abertos e tônicos tinham acento em qualquer sílaba tônica. A partir de janeiro de 2009, ela passou a ser fixa do monossílabo tônico. Por isso, acrescentamos:

ói, éu, éi: dói, mói, céu, véu, méis.

Observação: Veja o que falamos anteriormente sobre a diferença entre o ditongo **aberto** /éy/, /óy/, /éw/ e o ditongo de timbre **fechado** /êy/, /êw/, /ôy/. Note a diferença entre os timbres e naturalmente dos ditongos em "dói" e "foi"; "céu" e "meu"; "méis" e "leis".

É por isso que as palavras "dói", "céu" e "méis" são acentuadas, pois esses monossílabos apresentam terminação com ditongo **aberto** tônico.

Por isso as palavras "foi", "meu" e "leis" não são acentuadas, pois esses monossílabos apresentam terminação com ditongo de timbre fechado.

Foi visto, à época – e hoje não é diferente –, que a quantidade de vocábulos paroxítonos é muito maior do que os oxítonos. Percebeu-se, também, que havia muita paroxítona terminada em "a", "e", "o", "em", ens". Então se criou a regra justamente das **oxítonas**, em oposição às paroxítonas, para evitar que tivéssemos que acentuar tanta palavra. Assim:

a, as: cra**chá**, ca**já**, es**tás**.

Por isso, não acentuamos as paroxítonas "**ca**pa, **a**ta, **ta**pas".

e, es: vo**cê**, ca**fé**, jaca**rés**.

Por isso, não acentuamos as paroxítonas "**pe**le, **cre**pe, pa**re**des".

o, os: pale**tó**, ji**ló**, re**trós**.

Por isso, não acentuamos as paroxítonas "**ro**lo, **bo**lo, **co**pos".

em, ens: nin**guém**, tam**bém**, para**béns**.

Por isso, não acentuamos as paroxítonas "ga**ra**gem, **i**tem, **hi**fens".

Como ocorreu nos monossílabos tônicos, as oxítonas terminadas em "ói", "éi", "éu" já eram acentuadas. Mas, antes da reforma ortográfica assinada em 2009, esses ditongos abertos e tônicos tinham acento em qualquer sílaba tônica. A partir de janeiro de 2009, ela passou a ser fixa também das oxítonas. Por isso, acrescentamos: **ói, éu, éi**: herói, corrói, troféu, chapéu, ilhéu, anéis, fiéis, papéis.

Por esse motivo, deixamos de acentuar as paroxítonas que possuem a tonicidade nestes ditongos abertos tônicos, como "assembleia, ideia, heroico, joia".

00000000000 - DEMO

Observação: Veja o que falamos anteriormente sobre a diferença entre o ditongo **aberto** /éy/, /óy/, /éw/ e o ditongo de timbre **fechado** /êy/, /êw/, /ôy/. Note a diferença entre os timbres e naturalmente dos ditongos em "herói" e "depois"; "chapéu" e "camafeu"; "anéis" e "achei".

É por isso que as palavras "herói", "chapéu" e "anéis" são acentuadas, pois essas oxítonas apresentam terminação com ditongo **aberto** tônico.

Por isso as palavras "depois", "camafeu" e "achei" não são acentuadas, pois essas oxítonas apresentam terminação com ditongo de timbre fechado.

Restaram, então, as demais terminações para as **paroxítonas**. Perceba que a acentuação desta regra ocorreu também em oposição à oxítona.

i, is: táxi, beribéri, lápis, grátis, júri.

us, um, uns: vírus, bônus, álbum, parabélum, álbuns, parabéluns.

l, n, r, x, ps: *incrível, útil, ágil, fácil, amável, próton, elétron, herôon*[1]*, éden, hífen, pólen, dólmen, lúmen, líquen, éter, mártir, blêizer,contêiner, destróier, gêiser*[2]*, Méier, caráter, revólver, tórax, ônix, fênix, bíceps, fórceps.*

ã, ãs, ão, ãos: ímã, órfã, ímãs, órfãs, bênção, órgão, órfãos, sótãos.

om, on, ons: iândom, rândom, elétron, elétrons, próton, prótons.

ditongo oral de timbre fechado, crescente ou decrescente, seguido ou não de s:

água, árduo, pônei, vôlei, cáries, mágoas, pôneis, jóqueis.

Por isso, não acentuamos as oxítonas "caqui, jabutis"; "urubu, bambus"; "anel, cateter, durex"; "irmã, irmão" (Perceba que o "til" é apenas um marcador de nasalização); e "voltei, carregarei".

Observações:

a) Veja o que falamos anteriormente sobre a diferença entre o ditongo oral de timbre **fechado** /êy/, /êw/, /ôy/ e o ditongo **aberto** /éy/, /óy/, /éw/.

Acentuamos a paroxítona terminada em ditongo oral de timbre fechado "pônei, "vôlei".

Assim, **não** há regra de contraste com as oxítonas terminadas com ditongo aberto tônico, como em "painéis", "papéis".

---

[1] Herôon: espécie de santuário que era construído em homenagem aos antigos heróis gregos e romanos.

[2] Gêiser: nascente termal que entra em erupção periodicamente, lançando uma coluna de água quente e vapor para o ar.

00000000000 - DEMO

Por isso, tanto as paroxítonas quanto as oxítonas são acentuadas, pois **não** há de regra de contraste entre elas, tendo em vista que o timbre é diferente.

Em "pônei" e "vôlei", há o som fechado /êy/. Em "painéis" e "papéis", há o som aberto /éy/.

b) Note que as palavras "Méier" e "destróier", mesmo apresentando o ditongo aberto tônico "éi" em palavras paroxítonas, apresentam acento por terminarem em "r", como ocorre com a palavra "mártir".

2.2 Regras especiais

Como no Direito, a regra geral não abarca tudo. Deve haver algumas peculiaridades para determinadas situações. No caso da linguagem, há particularidades para algumas palavras. Daí se seguem as regras especiais.

Isso ocorreu primeiro por causa de vocábulos como:

pais, país ***cai, caí*** ***saia, saía***

O vocábulo "*pais*" é um monossílabo tônico e não tem acento porque sua terminação não permite (apenas os monossílabos terminados em "a, e, o", seguidos ou não de "s", são acentuados, ou com ditongos abertos tônicos "éi", "ói", "éu", seguidos ou não de "s"). Esse vocábulo é formado pela vogal "a" (som mais forte) e a semivogal "i" (som mais brando). Assim, percebemos um declínio no som. É um ditongo, pois é construído por uma vogal e uma semivogal.

Veja agora o vocábulo "*país*". Ele possui duas sílabas (pa-ís). Há, na realidade, duas vogais. Assim, obrigatoriamente, devem ficar em sílabas diferentes. Por isso, ocorre aí um HIATO.

Assim, houve necessidade de criar a regra do hiato, para evitar confundir a pronúncia das **vogais "i"** /i/ ou **"u"** /u/ com as **semivogais "i"** /y/ ou **"u"** /w/.

FIQUE ATENTO!

Mas cuidado! Não acentuamos todos os hiatos!

Para acentuarmos de acordo com a regra do hiato, devemos observar os critérios a seguir:

a) **hiato** – as vogais "**i**" ou "**u**" recebem acento, quando nas seguintes condições:

a) *sejam a segunda vogal do hiato;*

b) *sejam tônicas*;

00000000000 - DEMO

c) *estejam sozinhas ou com "s" na mesma sílaba*;

d) *não sofram nasalização.*

e) nem sejam dobradas

Assim, acentuamos as palavras "*saída*" (sa-í-da); "*faísca*" (fa-ís-ca); "*balaústre*" (ba-la-ús-tre); "(nós)*arguímos*" (ar-gu-í-mos); "(vós)*arguís*" (ar-gu-ís); "*possuímos*" (pos-su-í-mos); "*possuía*" (pos-su-í-a); "juíza" (ju-í-za); "juízes" (ju-í-zes); "raízes" (ra-í-zes).

Também por isso não acentuamos palavras que até possuem hiato, mas não satisfazem os critérios vistos anteriormente, como "bainha", "rainha", "xiita", "sucuuba", "raiz", "juiz".

Bom, esta é a regra do hiato, mas há uma extensão dela, que é o hiato formado de ditongo e vogal.

b) **hiato formado de ditongo e vogal**:

O hiato formado de ditongo e vogal, respectivamente, permite a acentuação na segunda vogal. Por isso, acentuamos as palavras "Piau**í**", "tei**ú**", "tuiui**ú**".

Note que esse hiato é formado de ditongos "*au*", "*ei*", "*ui*" e vogais "i" e "u".

Assim, para evitar confusão entre "u" e "i" serem vogais ou não, há o acento na segunda vogal do hiato formado de ditongo e vogal.

Com base nesta regra, as palavras "fei**u**ra", "fei**u**me", "bai**u**ca" tinham acento antes da Reforma ("feiúra", "feiúme", "baiúca"), porque os linguistas à época entendiam que esta seria uma forma prática de diferenciar o que eram semivogais "i" e "u" e vogais "i" e "u". Portanto, com acento, havia vogal; sem acento, havia semivogal.

Porém, com a Nova Reforma Ortográfica, os linguistas entenderam que neste caso não haveria mais confusão entre o "i" e "u" serem vogais ou semivogais. Isso porque, em "fei**u**ra", por exemplo, ocorre seguramente a vogal "e" e a semivogal "i". Assim, é prático perceber que o próximo som vocálico é de uma vogal (e não de uma semivogal): fei**u**ra.

Como as oxítonas "Piau**í**", "tei**ú**", "tuiui**ú**" têm uma vogal final mais forte, entenderam os linguistas, após a Nova Reforma Ortográfica, que se devem acentuar as oxítonas com hiato constituído de ditongo mais vogal, em que a segunda vogal do hiato é tônica. Porém, as paroxítonas deixaram de ser acentuadas, como "fei**u**ra", "fei**u**me", "bai**u**ca".

Depois de tudo isso que aqui falamos, certamente você pode estar com a seguinte dúvida:

Se "fei**u**ra", "bai**u**ca", "fei**u**me" perderam o acento por serem paroxítonas com hiato constituído de ditongo mais vogal, por que as palavras "Gua**í**ba" e "Gua**í**ra", que também são paroxítonas e apresentam hiato constituído de ditongo mais vogal, recebem acento?

Bom, embora o acordo não diga que somente as tônicas precedidas de ditongo decrescente terão o acento gráfico eliminado, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) manteve o acento no "i" após o ditongo crescente. Isso ocorreu por um ajuste interno (no Brasil), em que aparecerem palavras, cuja falta de acento modificaria a tonicidade das mesmas. Note que

00000000000 - DEMO

"Guaíba", sem acento, passaria a ser tônica no "a" /GuAiba/ (Destaquei a vogal em maiúscula para facilitar seu entendimento).

Assim, para evitar tal mudança de tonicidade, arbitrariamente, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa manteve o acento em palavras com hiato formado de ditongo crescente seguido de vogal tônica "i".

Note que, nas palavras do novo acordo em que foi retirado o acento (feiura, feiume, baiuca), a tonicidade das palavras continua recaindo sobre o "u" da sílaba tônica. Isso porque o "i" é semivogal, logo a vogal tônica "u" se encontra após ditongo decrescente.

Já em "Guaíba", "Guaíra", há ditongo **crescente**, e o "a" é vogal. Assim, sem acento, esta vogal "a", junto ao "i", teria força para ser a tônica e passar o "i" para semivogal: /guAira/, /guAiba/ (Destaquei a vogal em maiúscula para facilitar seu entendimento).

Portanto, para evitar mudança de sílaba tônica, alterou-se a regra do novo acordo, criando outra, mesmo sem estar prevista lá, que é a seguinte: "Acentua-se o "i" tônico formado do hiato com **ditongo crescente**: Guaíba, Guaíra."

RESUMINDO

As vogais "i" ou "u", após ditongo nas palavras oxítonas, recebem acento: *Piauí, tuiuiú, teiú.*

Porém, se a palavra for paroxítona e o hiato vier depois de ditongo **decrescente**, NÃO há acento (feiura, baiuca, feiume); se o hiato vier depois de ditongo **crescente**, há acento (Guaíra, Guaíba).

c) **acento diferencial** – é utilizado para diferenciar palavras de grafia semelhante.

I) Usamos o acento diferencial para distinguir o verbo "pôde" (pretérito perfeito do indicativo) do verbo "pode" (presente do indicativo).

II) Também usamos para distinguir o verbo "pôr" da preposição "por".

III) Ele distingue ainda os verbos "vir" e "ter" para marcar plural:

ele tem – eles têm

ele vem – eles vêm

IV) Admite-se o acento circunflexo na acepção de "vasilha" (fôrma de bolo) para diferenciar-se da homógrafa de timbre aberto equivalente a "formato" (forma física) ou relativa à conjugação do verbo FORMAR (ele forma).

Não se esqueça de que acentuamos os verbos oxítonos terminados em "*a*", "*e*", "*o*", seguidos dos pronomes pessoais oblíquos átonos "*-lo*", "*-la*", "*-los*", "*-las*". Veja:

00000000000 - DEMO

Vou cantar a música. → *Vou cant**á**-la.*

Vou beber a água. → *Vou beb**ê**-la.*

Vou compor a música. → *Vou comp**ô**-la.*

Então não acentuamos as oxítonas terminadas em "i":

Vou partir o bolo. → *Vou part**i**-lo.*

Vou dividir as tarefas. → *Vou divid**i**-las.*

Mas não se descuide da oxítona formada por hiato com o "i" tônico, pois há acento nesse caso:

Vou instruir a equipe. → *Vou instru**í**-la.* (ins-tru-**í**)

Vou construir uma ponte. → *Vou constru**í**-la.* (cons-tru-**í**)

ESQUEMATIZANDO

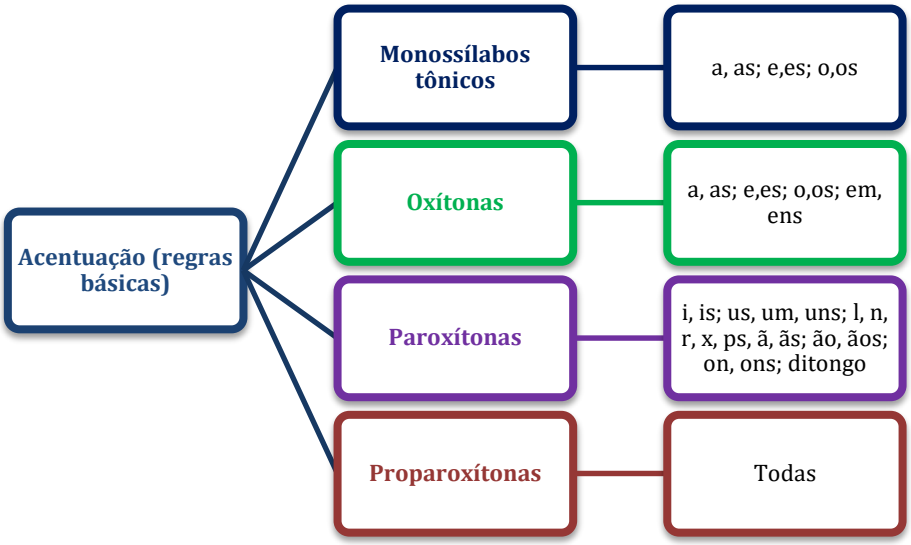

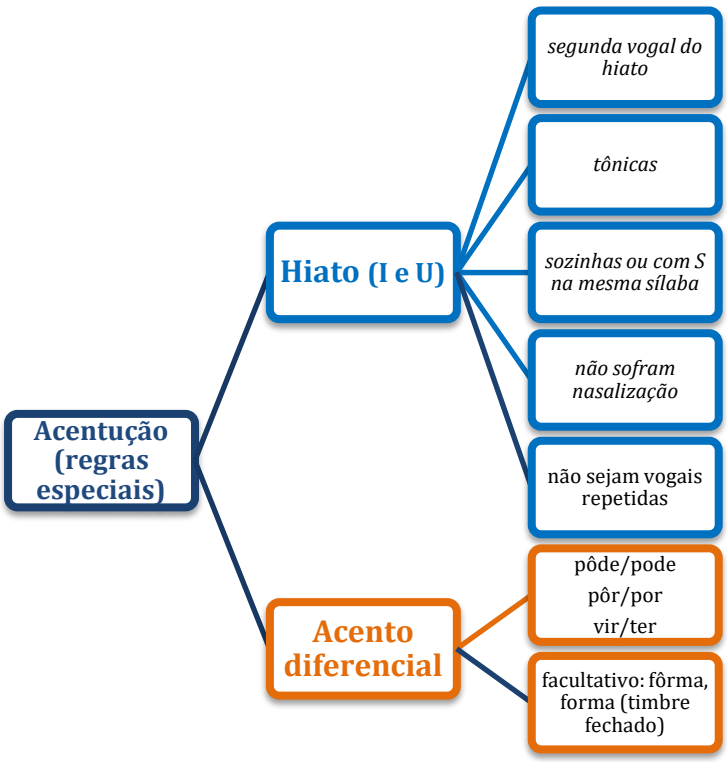

3 – Resumo do Acordo Ortográfico (acentuação gráfica)

Como era	Nova regra	Como é
Alfabeto:		
O alfabeto era formado por **23** letras, mais as letras chamadas de '*especiais*' **k**, **w**, **y**.	O alfabeto é formado por **26** letras.	As letras **k**, **w**, **y** fazem parte do alfabeto. São usadas em siglas, símbolos, nomes próprios estrangeiros e seus derivados. Exemplos: km, watt, Byron, byroniano.
Trema:		
ag**ü**entar, conseq**ü**ência, cinq**ü**enta, q**ü**inq**ü**ênio, freq**ü**ência, freq**ü**ente, eloq**ü**ência, eloq**ü**ente, arg**ü**ição, delinq**ü**ir, ping**ü**im, tranq**ü**ilo, linguiça	O trema é **<u>eliminado</u>** em palavras portuguesas e aportuguesadas.	ag**u**entar, conseq**u**ência, cinq**u**enta, quinq**u**ênio, freq**u**ência, freq**u**ente, eloq**u**ência, eloq**u**ente, arg**u**ição, delinq**u**ir, ping**u**im, tranq**u**ilo, ling**u**iça

- O trema permanece em nomes próprios estrangeiros e seus derivados: **Müller**, **mülleriano**, **hübneriano**.

00000000000 - DEMO

Acentuação		
assembl**éi**a, plat**éi**a, id**éi**a, colm**éi**a, bol**éi**a, panac**éi**a, Cor**éi**a, hebr**éi**a, b**ói**a, paran**ói**a, jib**ói**a, ap**ói**o (forma verbal), her**ói**co, paran**ói**co	**Não** se acentuam os ditongos abertos -**ei** e –**oi** nas palavras paroxítonas.	assembl**ei**a, plat**ei**a, id**ei**a, colm**ei**a, bol**ei**a, panac**ei**a, Cor**ei**a, hebr**ei**a, b**oi**a, paran**oi**a, jib**oi**a, ap**oi**o (forma verbal), her**oi**co, paranoico

- O acento nos ditongos -**éi** e -**ói** permanece nas palavras oxítonas e monossílabos tônicos de som aberto: **herói**, **constrói**, **dói**, **anéis**, **papéis**, **anzóis**.
- O acento no ditongo aberto –**éu** permanece: **chapéu**, **véu**, **céu**, **ilhéu**.

enj**ôo** (subst. e forma verbal), v**ôo** (subst. e forma verbal), cor**ôo**, perd**ôo**, c**ôo**, m**ôo**, abenç**ôo**, pov**ôo**	**Não** se acentua o hiato -**oo**.	enj**oo** (subst. e forma verbal), v**oo** (subst. e forma verbal), coroo, perd**oo**, c**oo**, m**oo**, abenç**oo**, pov**oo**
cr**êe**m, d**êe**m, l**êe**m, v**êe**m descr**êe**m, rel**êe**m, rev**êe**m	**Não** se acentua o hiato -**ee** dos verbos *crer*, *dar*, *ler*, *ver* e seus derivados (3a p. pl.).	cr**ee**m, d**ee**m, l**ee**m, v**ee**m, descr**ee**m, rel**ee**m, rev**ee**m
p**á**ra (verbo), p**é**la (subst. e verbo), p**ê**lo (subst.), p**ê**ra (subst.), p**é**ra (subst.), p**ó**lo (subst.)	**Não** se acentuam as palavras paroxítonas que são homógrafas.	p**a**ra (verbo), p**e**la (subst. e verbo), p**e**lo (subst.), p**e**ra (subst.), p**e**ra (subst.), p**o**lo (subst.)

- O acento diferencial permanece nos homógrafos: **pode** (3ª pessoa do sing. do presente do indicativo do verbo poder) e **pôde** (3ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo).
- O acento diferencial permanece em **pôr** (verbo) em oposição a **por** (preposição).

arg**ú**i, apazig**ú**e, averig**ú**e, enxag**ú**e, obliq**ú**e	**Não** se acentua o **-u** tônico nas formas verbais rizotônicas (acento na raiz), quando precedido de -g ou -q e seguido de –e ou -i (grupos que/qui e gue/gui).	arg**u**i, apazig**u**e, averig**u**e, enxag**u**e, obliq**u**e
bai**ú**ca, boi**ú**na chei**í**nho, sai**í**nha, fei**ú**ra, fei**ú**me	**Não** se acentuam o **-i** e **-u** tônicos das palavras paroxítonas quando precedidas de ditongo.	bai**u**ca, boi**u**na, chei**i**nho, sai**i**nha, fei**u**ra, fei**u**me

00000000000 - DEMO

As palavras proparoxítonas são também conhecidas como esdrúxulas. Até aí tudo bem, não é mesmo?! É só mais um nome meio estranho!!!!

Ocorre que alguns gramáticos entendem também serem proparoxítonas (esdrúxulas) palavras como "história", "cárie", "armário", "tênue", "área", "espontâneo", "trégua".

Mas aí você deve estar pensando:

Espere aí, Terror!

Você não disse que essas palavras são paroxítonas terminadas em ditongo oral?

É isso mesmo! São sim!

É que se pode entender também, **em última instância**, que não há ditongo oral, mas hiato. Em tal entendimento, a divisão silábica seria:

"his-tó-ri-a", "cá-ri-e", "ar-má-ri-o", "tê-nu-e", "á-re-a", "es-pon-tâ-ne-o", "tré-gu-a".

A regra é a seguinte:

Os encontros vocálicos terminais, também chamados de postônicos (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo), são considerados ditongos crescentes ("his-tó-ria", "cá-rie", "ar-má-rio", "tê-nue", "á-rea", "es-pon-tâ-neo", "tré-gua"), mas também há a possibilidade, em última instância, de serem entendidos como hiato. Assim, tais palavras resultariam em proparoxítonas aparentes, falsas proparoxítonas: "his-tó-ri-a", "cá-ri-e", "ar-má-ri-o", "tê-nu-e", "á-re-a", "es-pon-tâ-ne-o", "tré-gu-a".

Mas tome cuidado! Esta é apenas uma possibilidade! Só isso!

Então, vamos às questões!!!

QUESTÕES COMENTADAS

41. (CS-UFG / Aparecida Prev Auxiliar Administrativo 2018)

A alternativa em que a acentuação de todas as palavras se justifica pela mesma regra é:

00000000000 - DEMO

(A) ausência, indivíduo, país.

(B) vivência, más, família.

(C) potável, contrário, água.

(D) análoga, prática, público.

Comentário: Na alternativa (A), as palavras "au-**sê**n-cia" e "in-di-**ví**-duo" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo oral. Já a palavra "pa-**ís**" é acentuada devido ao hiato.

Na alternativa (B), as palavras "vi-**vên**-cia" e "fa-**mí**-lia" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo oral. Já a palavra "más" segue a regra dos monossílabos tônicos terminados em "-as".

Na alternativa (C), a palavra "po-**tá**-vel" é paroxítona terminada em "l". Já as palavras "con-**trá**-rio" e "**á**-gua" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo oral.

A alternativa (D) é a correta, pois as palavras "a-**ná**-lo-ga", "**prá**-ti-ca", "**pú**-bli-co" são acentuadas pela regra das proparoxítonas.

Gabarito: D

---

42. (CS-UFG / IF-GO - Auxiliar em Administração 2017)

As palavras que apresentam a mesma regra de acentuação gráfica são:

A) econômica, será, verídica.

B) públicas, filósofo, país.

C) últimos, presídios, aliás.

D) área, notícia, sábio.

Comentário: Na alternativa (A), as palavras "e-co-**nô**-mi-ca" e "ve-**rí**-di-ca" são acentuadas por serem proparoxítonas. Já a palavra "se-**rá**" é acentuada por ser oxítona terminada em "-a".

Na alternativa (B), as palavras "**pú**-bli-cas" e "fi-**ló**-so-fo" são acentuadas por serem proparoxítonas. Já a palavra "pa-**ís**" é acentuada devido ao hiato.

Na alternativa (C), a palavra "**úl**-ti-mos" segue a regra das proparoxítonas, a palavra "pre-**sí**-dios" segue a regra das paroxítonas terminadas em ditongo oral e a palavra "a-li-**ás**" segue a regra das oxítonas terminadas em "-a".

A alternativa (D) é a correta, pois as palavras "**á**-rea", "no-**tí**-cia", "**sá**-bio" seguem a regra das paroxítonas terminadas em ditongo oral.

Gabarito: D

---

43. (CS-UFG / IF-GO Administrador 2017)

A regra de acentuação gráfica empregada na palavra "público" é a mesma utilizada em:

A) "açúcar".

B) "funcionário".

00000000000 - DEMO

C) “está”.

D) “estômago”.

Comentário: A palavra “**pú**-bli-co” é acentuada por se tratar de palavra proparoxítona. Dessa forma, a questão pede a alternativa em que a palavra é acentuada pela mesma regra.

Na alternativa (A), a palavra “a-**cú**-car” segue a regra das paroxítonas terminadas em “-r”.

Na alternativa (B), a palavra “fun-cio-**ná**-rio” segue a regra das paroxítonas terminadas em ditongo oral.

Na alternativa (C), a palavra “es-**tá**” segue a regra das oxítonas terminadas em “-a”.

A alternativa (D) é a correta, pois a palavra “es-**tô**-ma-go” segue a mesma regra da palavra “público”, qual seja, das paroxítonas.

Gabarito: D

---

44. (CS-UFG / Prefeitura de Goiânia - GO Agente de Apoio Educacional 2016)

A regra que determina a acentuação gráfica de “saudáveis” é a mesma usada na palavra

A) pátios.

B) vírus.

C) tórax

D) úteis.

Comentário: A palavra “sal-**dá**-veis” é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo oral decrescente. Dessa forma, observe que todas as palavras das alternativas são paroxítonas. Entretanto, a terminação muda. Veja:

Na alternativa (B), a palavra “**ví**-rus” é acentuada, pois é paroxítona terminada em “u” seguido de “s”.

Na alternativa (C), a palavra “**tó**-rax” é acentuada, pois é paroxítona terminada em “x”.

Já nas alternativas (A) e (D), as palavras “**pá**-tios” e “**ú**-teis” são paroxítonas terminadas em ditongo oral. Contudo, a primeira termina em ditongo oral crescente (“io”) e a segunda, decrescente (“ei”), seguido de “s”.

Portanto, a alternativa em que a palavra segue exatamente a mesma regra especificada no enunciado é a (D).

Gabarito: D

---

45. (FUNDATEC / DPE SC Técnico Administrativo – 2018)

Entre as alternativas a seguir, assinale aquela em que as duas palavras, retiradas do texto, são acentuadas graficamente por causa de regras diferentes.

a) única – política.

b) atlântico – doméstico.

00000000000 - DEMO

c) três – até.

d) além – também.

e) saúde – país.

Comentário: Na alternativa (A), as palavras "única" e "política" são acentuadas por serem proparoxítonas.

Na alternativa (B), as palavras "atlântico" e "doméstico" são acentuadas por serem proparoxítonas.

A alternativa (C) é a que deve ser marcada, pois "três" é um monossílabo tônico, e "até" é oxítona.

Na alternativa (D), as palavras "além" e "também" são acentuadas por serem oxítonas terminadas em "em".

Na alternativa (E), as palavras "saúde" e "país" são acentuadas por possuírem hiato.

Gabarito: C

---

46. (FUNDEP / CODEMIG Assistente Administrativo – 2018)

Releia o trecho a seguir.

*"[...] além de contribuir para maior projeção de Caxambu e Minas Gerais no segmento **turístico** [...]"*

Entre as palavras destacadas a seguir, assinale aquela que não é acentuada pela mesma regra de acentuação da palavra destacada no trecho anterior.

a) "[...] iluminação e instalações **elétricas** [...]"

b) "Empresa **pública** indutora do desenvolvimento de Minas Gerais [...]"

c) "A Companhia de Desenvolvimento **Econômico** de Minas Gerais [...]"

d) "[...] a Codemig atua em prol do crescimento econômico **sustentável** [...]"

Comentário: A palavra "turístico" é acentuada por ser proparoxítona, mesmo motivo das palavras "elétricas", "pública", "Econômico".

Já "sustentável" é acentuada por ser paroxítona terminada em "l".

Assim, a alternativa (D) é a correta.

Gabarito: D

---

47. (SELECON / Prefeitura de Cuiabá - MT Técnico – 2018)

Belíssimo é uma palavra proparoxítona e por isso mesmo recebe acento gráfico.

É também acentuada pelo mesmo motivo a seguinte palavra:

a) egoísmo

b) impossível

00000000000 - DEMO

c) econômico

d) confiável

Comentário: A palavra "Belíssimo" é acentuada por ser proparoxítona, mesmo motivo da palavra "econômico", por isso a alternativa (C) é a correta.

A palavra "egoísmo" é acentuada por possuir hiato; "impossível" e "confiável" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em "l".

Gabarito: C

---

48. (Cesgranrio / Transpetro Técnico 2018)

Em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente, atendem às regras de acentuação todas as palavras em:

a) andróide, odisseia, residência

b) arguição, refém, mausoléu

c) desbloqueio, pêlo, escarcéu

d) feiúra, enjoo, maniqueísmo

e) sutil, assembléia, arremesso

Comentário: A alternativa (A) está errada, pois "**androide**", em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente, não apresenta mais acento por ser uma paroxítona terminada em "e". As demais palavras estão corretas.

A alternativa (B) é a correta, pois "arguição" apresenta o til como sinal de nasalização, "refém" é acentuada por ser oxítona terminada em "em" e "mausoléu" é acentuada por ser oxítona terminada em ditongo aberto "éu".

A alternativa (C) está errada, pois "**pelo**", em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente, não apresenta mais acento por ser uma paroxítona terminada em "o". As demais palavras estão corretas.

A alternativa (D) está errada, pois "**feiura**", em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente, não apresenta mais acento por ser uma paroxítona terminada em "a". As demais palavras estão corretas.

A alternativa (E) está errada, pois "**assembleia**", em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente, não apresenta mais acento por ser uma paroxítona terminada em "a". As demais palavras estão corretas.

Gabarito: B

---

49. (Cesgranrio / Transpetro Auxiliar de Saúde 2018)

A palavra *tecnológicos* recebe acento gráfico, de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa.

O grupo em que todas as palavras devem ser acentuadas pela mesma regra é

00000000000 - DEMO

a) fácil, orgânico, vítimas

b) satélites, altíssimos, vítimas

c) fotossíntese, atraídos, domínio

d) saúde, possível, biológicos

e) vulneráveis, luminárias, incontável

Comentário: A alternativa (A) está errada, pois "fácil" é paroxítona, mas "orgânico" e "vítimas" são proparoxítonas.

A alternativa (B) é a correta, pois "satélites", "altíssimos" e "vítimas" são proparoxítonas.

A alternativa (C) está errada, pois "fotossíntese" é proparoxítona, "atraídos" é paroxítona e apresenta hiato e "domínio" é paroxítona.

A alternativa (D) está errada, pois "biológicos" é proparoxítona, "saúde" é paroxítona e apresenta hiato e "possível" é paroxítona.

A alternativa (E) também estaria correta, pois "vulneráveis", "luminárias" e "incontável" são paroxítonas. Porém, como vemos que a alternativa (B) realmente é a correta, por haver somente palavras proparoxítonas, entendemos que a banca quis diferenciar, dentre as regras das palavras paroxítonas, aquelas acentuadas por terminarem em ditongos orais (vulneráveis, luminárias) e a terminada em "l" (incontável).

Gabarito: B

---

50. (FGV / TJ AL Especialista Legislativo – 2018)

Duas palavras do texto que obedecem à mesma regra de acentuação gráfica são:

(A) indébita / também;

(B) história / veículo;

(C) crônicas / atribuídos;

(D) coíba / já;

(E) calúnia / plágio.

Comentário: A alternativa correta é a (E), pois "calúnia" e "plágio" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo oral.

Na alternativa (A), "in-**dé**-bi-ta" é proparoxítona, mas "tam-**bém**" é oxítona.

Na alternativa (B), "his-**tó**-ria" é paroxítona, mas "ve-**í**-cu-lo" é proparoxítona.

Na alternativa (C), "**crô**-ni-cas" é proparoxítona, mas "a-tri-bu-**í**-dos" apresenta hiato.

Na alternativa (D), "co-**í**-ba" apresenta hiato, mas "**já**" é monossílabo tônico.

Gabarito: E

00000000000 - DEMO

51. (VUNESP / PC-SP Agente de Telecomunicações Policial – 2018)

Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas obedecendo à mesma regra que determina a acentuação, respectivamente, das palavras "vários" e "análogas".

A) Dívidas; há.

B) Josés; água.

C) Antônios; multiétnica.

D) Deploráveis; inclassificável.

E) País; máxima.

Comentário: A palavra "vários" recebe acento, pois é paroxítona terminada em ditongo oral e a palavra "análogas" recebe acento por ser proparoxítona.

Dessa forma, a alternativa (A) está errada, pois "dívidas" é proparoxítona e "há" é monossílabo tônico.

A alternativa (B) está errada, pois "Josés" é oxítona terminada em "-es" e "água" é paroxítona terminada em ditongo oral.

A alternativa (C) é a correta, pois "Antônios" é paroxítona terminada em ditongo oral e "multiétnica" é proparoxítona.

A alternativa (D) está errada, pois "deploráveis" e "inclassificável" são paroxítonas terminadas em ditongo oral e "-l", respectivamente.

A alternativa (E) está errada, pois em "país" há hiato e "máxima" é proparoxítona.

Gabarito: C

---

52. (VUNESP / PC SP Escrivão de Polícia – 2018)

Assinale a alternativa contendo as palavras que seguem, correta e respectivamente, os princípios de acentuação das palavras destacadas – **Júri; legítima; existência.**

a) série; técnica; assassínio.

b) bônus; violência; tráfico.

c) táxi; excelentíssimo; arbitrária.

d) íris; saído; nítida.

e) estéril; ecumênico; Romênia.

Comentário: A palavra "Júri" é acentuada por ser paroxítona terminada em "i". Como as primeiras palavras de cada alternativa ("série", "bônus", "táxi", "íris" e "estéril") também são paroxítonas, é importante não eliminarmos nenhuma alternativa, por enquanto.

A palavra "legítima" é acentuada por ser proparoxítona. Como somente as segundas palavras das alternativas (A), (C) e (E) apresentam proparoxítonas ("técnica", "excelentíssimo", "ecumênico", respectivamente), podemos eliminar as alternativas (B) e (D).

00000000000 - DEMO

A palavra “existência” é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo oral. Como as palavras das alternativas restantes (A), (C) e (E) apresentam as paroxítonas “assassínio”, “arbitrária” e “Romênia”, não devemos eliminar nenhuma alternativa.

Assim, entendemos que a banca quer, além da mesma regra, efetivamente a mesma terminação, como ocorre na alternativa (C), que é a correta.

Note que “Júri” é acentuada por ser paroxítona terminada em “i”, da mesma forma que “táxi”. A palavra “legítima” é acentuada por ser proparoxítona, da mesma forma que “excelentíssimo”. A palavra “existência” é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo oral “ia”, da mesma forma que “arbitrária”.

Gabarito: C

---

53. (VUNESP / PC SP Investigador de Polícia – 2018)

Assinale a alternativa correta quanto à acentuação, considerando os enunciados adaptados da *Folha de S.Paulo*, de 26.04.2018.

a) Ambientes arejados e higiêne das mãos ajudam na prevenção de doenças infecciosas.

b) Eleita capital da cultura, Palérmo é opção de destino imperdivel no sul da Itália.

c) Pela primeira vez na história, líderes das Coreias se encontram no lado sul-coreano.

d) Estilo transformers: Robô humanóide se transforma em carro no Japão.

e) Além de falar e pensar, até nosso silencio é em português.

Comentário: A alternativa (A) está errada, pois a palavra “**higiene**” não pode ser acentuada por ser paroxítona terminada em “e”. As demais palavras estão de acordo com a norma culta.

A alternativa (B) está errada, pois a palavra “**Palermo**” não pode ser acentuada por ser paroxítona terminada em “o”. Além disso, “***imperdível***” deve ser acentuada por ser paroxítona terminada em “l”. As demais palavras estão de acordo com a norma culta.

A alternativa (C) é a correta, pois “história” é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo oral. “líderes” é acentuada por ser proparoxítona. A palavra “Coreias” não tem acento por ser paroxítona terminada em “a”, seguida de “s”.

A alternativa (D) está errada, pois “**humanoide**” não pode ser acentuada por ser paroxítona terminada em “e”. As demais palavras estão de acordo com a norma culta.

A alternativa (E) está errada, pois “**silêncio**” é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo oral. As demais palavras estão de acordo com a norma culta.

Gabarito: C

---

54. (AOCP / PM-TO Soldado da Polícia Militar – 2018)

Assinale a alternativa em que todas as palavras apresentadas sejam paroxítonas.

00000000000 - DEMO

a) Recompensas – fanatismo – individualmente.

b) Retidão – importância – ocultos.

c) Além – também – retidão.

d) Capítulo – táticas – parágrafo.

e) Sobrevivência – necessária – mal.

Comentário: A alternativa (A) é a correta. Observe que as sílabas tônicas, em negrito nas palavras a seguir, são as penúltimas: recom**pen**sas – fana**tis**mo – individual**men**te.

A alternativa (B) está errada, pois "reti**dão**" é oxítona, "impor**tân**cia" e "o**cul**tos" são paroxítonas.

A alternativa (C) está errada, pois todas as palavras são oxítonas. Observe: a**lém** – tam**bém** – reti**dão**.

A alternativa (D) está errada, pois todas as palavras são proparoxítonas. Observe: ca**pí**tulo – **tá**ticas – pa**rá**grafo.

A alternativa (E) está errada, pois "sobrevi**vên**cia" e "neces**sá**ria" são paroxítonas e "mal" é monossílabo.

Gabarito: A

---

55. (Instituto AOCP / Prefeitura de João Pessoa – Enfermeiro – 2018)

Assinale a alternativa em que as duas palavras recebem acento gráfico devido à mesma regra de acentuação.

a) Milionários/países.

b) África/código.

c) Depósitos/dólar.

d) Japonês/já.

Comentário: A alternativa (A) está errada, pois a palavra "milionários" é acentuada de acordo com a regra das paroxítonas terminadas em ditongo oral e a palavra "países" é acentuada de acordo com a regra dos hiatos.

A alternativa (B) é a correta, pois "África" e "código" são acentuadas de acordo com a regra das proparoxítonas.

A alternativa (C) está errada, pois a palavra "depósitos" é acentuada de acordo com a regra das proparoxítonas e a palavra "dólar" é acentuada de acordo com a regra das paroxítonas terminadas em *-r*.

A alternativa (D) está errada, pois a palavra "japonês" é acentuada de acordo com a regra das oxítonas terminadas em "e", seguido de "s" e a palavra "já" é um monossílabo tônico.

Gabarito: B

00000000000 - DEMO

56. (AOCP / FUNPAPA – Assistente de Administração – 2018)

Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a respeito das palavras em destaque em "Segundo dados da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), as despesas do sistema vêm subindo, em média, 16% ao ano, desde 2010 [...]".

a) Em "vêm", o acento gráfico é opcional.

b) O verbo "vêm" expressa sentido de deslocamento no espaço.

c) "Vêm subindo" é uma locução verbal.

d) "Subindo" é o particípio do verbo "subir".

e) "Vêm" está flexionado na terceira pessoa do singular.

Comentário: Note que "vêm subindo" é uma locução verbal que concorda com núcleo do sujeito "despesas". Dessa forma, o verbo auxiliar "vêm" está flexionado na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Assim, o acento circunflexo sobre a letra "e" é indicativo de plural, sendo, portanto, diferencial do verbo "vem" (terceira pessoa do singular do presente do indicativo).

Note ainda que o verbo "subindo" é o gerúndio do verbo *subir*.

Assim, a alternativa (C) é a correta.

Gabarito: C

---

57. (Instituto AOCP / ITEP – RN - Agente de Necrópsia – 2018)

Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.

a) Lúcido, tendência, lâmina e mágoa.

b) Médico, genética, adolescênte e vacína.

c) Sintôma, pálido, cardiologísta e imagém.

d) Saúde, heróico, sevéro e medicína.

e) Centenário, enjôo, supórte e difícil.

Comentário: A alternativa (A) é a correta, pois as palavras "lúcido" e "lâmina" são acentuadas de acordo com a regra das proparoxítonas e as palavras "tendência" e "mágoa" são acentuadas de acordo com a regra das paroxítonas terminadas em ditongo oral.

A alternativa (B) está errada, pois as palavras "**adolescente**" e "**vacina**" não podem ser acentuadas.

A alternativa (C) está errada, pois as palavras "**sintoma**", "**cardiologista**" e "**imagem**" não podem ser acentuadas.

A alternativa (D) está errada, pois as palavras "**heroico**", "**severo**" e "**medicina**" não podem ser acentuadas.

A alternativa (E) está errada, pois a palavra "**enjoo**" perdeu o acento circunflexo após o novo acordo ortográfico (não se acentua o hiato *oo*) e a palavra "**suporte**" não pode ser acentuada.

00000000000 - DEMO

Gabarito: A

---

58. (IDECAN / IPC ES Procurador Previdenciário 2018)

Na frase "*Passo a observá-los*", o verbo observar recebeu acento porque:

A) É uma paroxítona terminada em LOS.

B) É uma oxítona terminada em LOS.

C) É uma oxítona terminada em A.

D) É uma paroxítona terminada em A.

Comentário: Como o verbo "observá-" é uma palavra oxítona terminada em "a", a alternativa correta é a (C).

Note que **"**-los" é apenas um pronome átono e é outra palavra.

Gabarito: C

---

59. (IDECAN / Câmara de Natividade RJ Agente 2018)

A palavra *"alguém"*, transcrita do texto, é acentuada pelo mesmo motivo que a seguinte palavra:

A) País. B) Água. C) Ônibus. D) Porém.

Comentário: A palavra "alguém" é acentuada por ser oxítona terminada em "em". O mesmo ocorre com "porém", por isso a alternativa (D) é a correta.

Note que "país" apresenta hiato; "água" é paroxítona terminada em ditongo oral; "ônibus" é uma proparoxítona.

Gabarito: D

---

60. (IBADE / Prefeitura de João Pessoa - PB Agente de Controle Urbano – 2018)

Assinale a opção em que a palavra destacada foi acentuada seguindo a mesma regra de SAÚDE.

a) "jogando embalagens DESCARTÁVEIS"

b) "Daqui uma hora a HISTÓRIA se repete."

c) "copos do CAFÉ que comprava"

d) "Aqueles MINHOCÁRIOS práticos"

e) "quinto PAÍS que mais produz"

Comentário: A palavra "saúde" recebe acento agudo devido à regra dos hiatos segundo a qual as vogais "u" e "i", quando sozinhas ou seguidas de "s" na sílaba, recebem acento.

Dessa forma, a alternativa (A) está errada, pois "descartáveis" é acentuada pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo oral.

00000000000 - DEMO

A alternativa (B) está errada, pois "história" é paroxítona terminada em ditongo oral.

A alternativa (C) está errada, pois "café" é oxítona terminada em "-e".

A alternativa (D) está errada, pois "minhocários" é paroxítona terminada em ditongo oral.

A alternativa (E) é a correta, pois "país" recebe acento agudo devido à regra dos hiatos, segundo a qual as vogais "u" e "i", quando sozinhas ou seguidas de "s" na sílaba, recebem acento.

Gabarito: E

---

61. (IADES / SES-DF - Técnico de Contabilidade – 2018)

Com relação à acentuação gráfica de vocábulos do texto, assinale a alternativa que apresenta uma palavra oxítona, uma paroxítona e uma proparoxítona, nessa ordem.

A) "também"; "estável"; "científicas".

B) "alimentação"; "física"; "necessário".

C) "não"; "saúde"; "exercício".

D) "já"; "vício"; "refúgio".

E) "estão"; "hipertensão"; "próximo".

Comentário: A alternativa (A) é a correta, pois, na ordem, há a oxítona "tam**bém**", a paroxítona "es**tá**vel" e a proparoxítona "cien**tí**ficas".

Quanto às demais alternativas, há a oxítona "alimenta**ção**", a proparoxítona "**fí**sica" e a paroxítona "neces**sá**rio"; o monossílabo tônico "não", o hiato em "sa**ú**de" e a paroxítona "exer**cí**cio"; o monossílabo tônico "já" e as paroxítonas "**ví**cio" e "re**fú**gio"; as oxítonas "es**tão**" e "hiperten**são**" e a proparoxítona "**pró**ximo".

Gabarito: A

---

62. (FUNRIO / AL-RR Procurador – 2018)

*No processo convencional de criação de valor para uma marca, a empresa e o consumidor tinham, anteriormente, claramente **papéis** distintos, de produção e consumo.*

***Porém**, o que se observa hoje, é que cada vez mais os consumidores estão se engajando na dupla tarefa de definir e criar valor.*

Assinale a alternativa que relaciona as palavras que seguem, respectivamente, a mesma regra de acentuação gráfica das destacadas no trecho apresentado.

a) jóquei-além

b) espécies - refém

c) herói - parabém

d) pônei – harém

Comentário: A palavra "pa**péis**" é acentuada, pois é oxítona terminada em ditongo oral aberto "éi", seguido de "s", assim, como em "her**ói**".

00000000000 - DEMO

A palavra “po**rém**” é oxítona terminada em “em”. Logo, a palavra “para**bém**” também é acentuada por essa mesma regra.

Portanto a alternativa correta é a (C).

Gabarito: C

---

63. (FUNRIO / AL-RR Procurador – 2018)

*Assim, por exemplo, os **fótons** do sol são para ele, **inúteis**, energia que escapa ao queimar hidrogênio do qual vive. (ℓ.34-35)*

As palavras que seguem, respectivamente, a mesma regra de acentuação gráfica das destacadas no trecho acima, são as seguintes:

a) fácil – útil.

b) prótons – fiéis.

c) vírus – jóquei.

d) elétrons – saudáveis.

Comentário: A palavra “**fó**tons” é acentuada, pois é paroxítona terminada em “-ons”**,** assim como em “**elé**trons”.

A palavra “i**nú**teis” é paroxítona terminada em ditongo oral “ei”, seguido de “s”. Logo, a palavra “sau**dá**veis” também é acentuada por essa mesma regra.

Portanto a alternativa correta é a (D).

Gabarito: D

---

64. (UECE CEV / Detran-CE Analista de Trânsito 2018)

Assinale a opção em que há uma palavra intrusa exatamente por apresentar uma motivação (regra) para a acentuação diferente das demais.

a) necessários — infância — consequências

b) fazê-lo — dará — será

c) além — têm — também

d) trânsito — democrático — prática

Comentário: Na alternativa (A), “necessários”, “infância” e “consequências” são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongos orais, seguidos ou não de “s”.

Na alternativa (B), “fazê-lo”, “dará” e “será” são acentuadas por serem oxítonas terminadas em “e” e “a”.

A alternativa (C) é a que deve ser marcada, pois “além” e “também” são acentuadas por serem oxítonas terminadas em “em”, porém “têm” recebe acento diferencial de plural. Assim, esta é a palavra intrusa, como pediu a questão.

00000000000 - DEMO

Na alternativa (D), “trânsito”, “democrático” e “prática” são acentuadas por serem proparoxítonas.

Gabarito: C

---

65. (FUNDEP / INB Analista de Comunicação – 2018)

O acento diferencial é utilizado para diferenciar palavras que, mesmo com significados diferentes, possuem escrita e pronúncia semelhantes.

Assinale a alternativa que indica uma palavra que pode ser acentuada por esse motivo.

a) Pôr

b) Contínuo

c) Bôrra

d) Pêlo

Comentário: A alternativa (A) é a correta, pois acentuamos o verbo “pôr” para diferenciá-lo da preposição “por”.

A alternativa (B) está errada, pois a palavra “contínuo” é acentuada pela regra geral das paroxítonas.

A alternativa (C) está errada, pois a palavra “**borra**” não pode ser acentuada tendo em vista ser uma paroxítona terminada em vogal “a”.

A alternativa (D) está errada, pois a palavra “**pelo**” perdeu o acento diferencial com a nova regra do acordo ortográfico. Tal palavra é apenas uma paroxítona terminada em “o” e não tem acento.

Gabarito: A

---

66. (FADESP / BANPARÁ Técnico Bancário – 2018)

A sequência de palavras cujos acentos são empregados pelo mesmo motivo é

A) público, função, dói.

B) burocráticos, próximo, século.

C) será, aí, é, está.

D) glória, exercício, publicação.

E) hábito, bancário, poética.

Comentário: A alternativa (A) está errada, pois a palavra “público” é proparoxítona, a palavra “função” não é acentuada, uma vez que o til (~) apenas indica nasalização da vogal “a” e a palavra “dói” é monossílabo tônico terminado em ditongo aberto.

A alternativa (B) é a correta, pois todas as palavras são acentuadas por serem proparoxítonas “buro**crá**ticos”, “**pró**ximo” e “**sé**culo”.

00000000000 - DEMO

A alternativa (C) está errada, pois as palavras “será” e “está” são oxítonas terminadas em “-a”, a palavra “a-í” possui hiato e a palavra e “é” é um monossílabo tônico.

A alternativa (D) está errada, pois as palavras “glória” e “exercício” são paroxítonas terminadas em ditongo oral e a palavra “publicação” não é acentuada, uma vez que o til (~) apenas indica nasalização da vogal “a”.

A alternativa (E) está errada, pois as palavras “hábito” e “poética” são proparoxítonas e a palavra “bancário” é paroxítona terminada em ditongo oral.

Gabarito: B

4 – LISTA DE QUESTÕES

HORA DE PRATICAR!

1. (CS-UFG / Prefeitura de Goiânia - GO Agente de Apoio Educacional 2016)

O som de ***ch*** na palavra “lanche” é o mesmo som de ***x*** em

A) relaxa.

B) fixo.

C) exige

D) próximo.

2. (FAURGS / TJ RS Técnico Judiciário – 2017)

I - Apresentam ditongo nasal as palavras ***homem***, ***criam*** e ***antigos***.

II - Apresentam ditongo oral nas suas formas plurais as palavras ***animal***, ***fácil*** e ***nível***.

III- Apresentam encontro consonantal as palavras ***excesso***, ***estilhaçamento*** e ***fluxo***.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas I e III.

3. (Consulpam / Prefeitura Apuiarés – CE Agente Adm – 2017)

O substantivo ***soalheira*** apresenta:

a) Um hiato e um ditongo oral decrescente.

00000000000 - DEMO

b) Dois ditongos, um oral crescente e um oral decrescente.

c) Dois hiatos.

d) Um hiato e um ditongo oral crescente.

4. (Fundatec / CRQ - 5ª REGIÃO (RS) Auxiliar Adm – 2017)

Em relação às letras e aos fonemas de palavras do texto, analise as afirmações que seguem e assinale C, se corretas, ou I, se incorretas.

( ) O vocábulo "impressão" apresenta dois dígrafos, um vocálico e um consonantal.

( ) A palavra "pontinha" tem 8 letras e 6 fonemas.

( ) Na palavra "desesperada", o primeiro 'S' tem o som de Z.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) C – C – I.

b) C – I – I.

c) I – C – C.

d) I – C – I.

e) C – C – C.

5. (Fundatec / IGP RS Técnico em Perícias – 2017)

A respeito das palavras presentes no trecho, analise as seguintes assertivas:

I. As palavras 'crescia' e 'atingir' apresentam dígrafos.

II. Ambas as palavras 'mesmo' e 'outra' apresentam somente um encontro consonantal.

III. As palavras 'quanto' e 'voluntários' não apresentam encontro consonantal, somente dígrafos.

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas III.

c) Apenas I e II.

d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

6. (IBFC / MGS Nível Médio – 2017)

Dentre as palavras abaixo, retiradas do primeiro parágrafo, assinale a única que NÃO possui encontro vocálico.

a) acontecendo.

b) ruindade.

00000000000 - DEMO

c) paciência.

d) familiares.

7. (IBFC / MGS Nível Médio – 2016)

Sobre a palavra destacada em "Aos ouvidos das **lebres** chega", faz o seguinte comentário correto:

a) possui três sílabas

b) apresenta flexão de grau

c) notam-se dois encontros vocálicos

d) ocorre um encontro consonantal

8. (Fundatec / UNPAMPA Assistente Adm – 2016)

Assinale a alternativa que apresenta o mesmo som que o X na palavra "contexto".

a) êxtase.

b) léxico.

c) convexo.

d) mexilhão.

e) exato.

9. (Fundatec / Prefeitura de Foz do Iguaçu – PR Agente – 2016)

Assinale a alternativa em que todas as palavras, retiradas do texto, têm o mesmo número de letras e fonemas.

a) Diques – barragens – esporadicamente.

b) Problema – sociedade – extremos.

c) Enxurradas – ambientais – lixo.

d) Consciência – humana – sedimentos.

e) Solo – índices – ocorrência.

10. (Fundatec / SISPREM – RS Procurador Jurídico – 2015)

Analise os seguintes grupos de palavras acentuadas, retiradas do texto:

(01) difícil – políticas - lógica

(02) fácil – barbárie – partidárias

(04) ilógicas – inúmeras – índices

(08) episódios – violência – urgência

(16) país – aplicáveis – indivíduos

00000000000 - DEMO

A soma dos números que precedem os grupos, cujas palavras são acentuadas pela mesma regra, é:

a) 03.

b) 07.

c) 12.

d) 13.

e) 20.

11. (Fundatec / SUSEPE-RS Agente Penitenciário – 2014)

Considere as palavras abaixo, todas retiradas do texto, e assinale aquela que é paroxítona e que possui mais letras que fonemas.

a) Política.

b) Possível.

c) Óbvia.

d) Filósofos.

e) Arbítrio.

12. (Fundatec / SISPREM – RS Escriturário – 2015)

Analise as seguintes assertivas sobre palavras do texto, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) O vocábulo 'descansar' possui dígrafo vocálico e encontro consonantal.

( ) 'cochilavam' possui o mesmo número de letras e de fonemas.

( ) A palavra 'interessante' tem 12 letras e 9 fonemas.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – V – V.

b) V – V – F.

c) F – V – V.

d) V – F – V.

e) F – F – F.

13. (Fundatec / Prefeitura Liberato Salzano-RS Agente – 2016)

Analise as seguintes assertivas sobre palavras do texto, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) O vocábulo **aplicativos** possui encontro consonantal.

00000000000 - DEMO

( ) **dermatologista** não possui o mesmo número de letras e de fonemas.

( ) A palavra **ferramenta** tem 10 letras e 8 fonemas.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

A) V – V – V.

B) V – V – F.

C) F – V – V.

D) F – F – F.

E) V – F – V.

14. (Fundatec / Prefeitura Redentora-RS Agente Adm – 2016)

Sobre as relações entre letras e fonemas, assinale a alternativa INCORRETA sobre palavras do texto.

A) A palavra 'quantidade' possui apenas um dígrafo vocálico.

B) Em 'significam', há encontro consonantal e não há dígrafo.

C) Na palavra 'tecnologia', o fonema C equivale à pronúncia de mais de uma letra.

D) No vocábulo 'conquista', há apenas um dígrafo.

E) Em 'tempo', há cinco letras e quatro fonemas.

15. (AOCP / EBSERH - UFPA Fisioterapeuta – 2016)

Assinale a alternativa em que todos os vocábulos tenham 6 fonemas.

a) Continua, passagem, grande.

b) Contra, quando, avançar.

c) Alheio, sempre, convívio.

d) Depende, exclui, avançar.

e) Valores, relação, sentido.

16. (AOCP / EBSERH Nacional Enfermeiro – 2016)

Assinale a alternativa correta referente aos encontros das letras e dos sons que ocorrem na língua portuguesa.

a) Na palavra "pesquisa" há, respectivamente, um encontro consonantal e um ditongo.

b) Em "crescente" há, respectivamente, três encontros consonantais: "cr", "sc" e "nt".

c) Há dígrafo na palavra "negro".

d) Há dígrafo na palavra "empreender".

e) Há dígrafo na palavra "igualdade".

00000000000 - DEMO

17. (AOCP / EBSERH HE - UFSCAR Técnico – 2015)

Qual das palavras a seguir NÃO apresenta dígrafo?

(A) Lembrar.

(B) Pessoas.

(C) Problema.

(D) Desequilibrada.

(E) Profissional.

18. (AOCP / EBSERH HE-UFPEL Enfermeiro – 2015)

Qual das palavras a seguir NÃO apresenta dígrafo?

(A) Lembrança.

(B) Descer.

(C) Professor.

(D) Trabalho.

(E) Pobreza.

19. (AOCP / Pref Camaçari BA Assistente Administrativo – 2014)

Assinale a alternativa em que há dígrafo.

(A) Apenas.

(B) Problemas.

(C) Adolescente.

(D) Papelão.

(E) Descobrir.

20. (AOCP / EBSERH/HU-UFS Assistente Administrativo – 2014)

A palavra que apresenta mais de um dígrafo é

(A) ideia.

(B) risco.

(C) nutriente.

(D) excesso.

(E) pessoas.

21. (AOCP / EBSERH/HU-UFS Assistente Administrativo – 2014)

Temos um hiato na palavra

(A) ácido.

(B) dieta.

00000000000 - DEMO

(C) necessário.

(D) está.

(E) só.

22. (AOCP / EBSERH/HULW Assistente Administrativo – 2014)

Assinale a alternativa em que NÃO há dígrafo na palavra.

(A) Terreno.

(B) Pouquinho.

(C) Estresse.

(D) Cumprimento.

(E) Briga.

23. (AOCP / EBSERH/HUJM Assistente Administrativo – 2014)

Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

(A) Maringá acentua-se pela mesma regra de Paraná.

(B) Terra apresenta dígrafo, assim como fecho.

(C) Basta apresenta encontro consonantal, assim como pobres.

(D) Saída apresenta um hiato, assim como ideia.

(E) Esse apresenta três fonemas, assim como por.

24. (AOCP / Colégio Pedro II Médico – 2010)

Todas as alternativas abaixo apresentam palavras que possuem 5 letras e 5 fonemas, EXCETO

a) febre.

b) horas.

c) vírus.

d) exame.

e) gripe.

25. (AOCP / Colégio Pedro II Médico – 2010)

Assinale a alternativa que NÃO apresenta um dígrafo.

a) Tendo

b) Pesquisa

c) Pessoa

d) Risco

e) Trabalho

00000000000 - DEMO

26. (AOCP / Colégio Pedro II Assistente – 2010)

Todas as palavras abaixo apresentam 4 letras e 4 fonemas, EXCETO .

a) para.

b) fogo.

c) cada.

d) hoje.

e) zona.

27. (AOCP / Pref Camaçari BA Procurador Municipal – 2010)

Assinale a única alternativa que apresenta dois dígrafos.

a) Planilha

b) Ganham

c) Exemplo

d) Excesso

e) Ensino

28. (AOCP / Pref Camaçari BA Procurador Municipal – 2010)

Assinale a única alternativa que apresenta dois encontros consonantais.

a) Professores

b) Problema

c) Trabalho

d) Qualquer

e) Processos

29. (AOCP / Pref Camaçari BA Procurador Municipal – 2010)

Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) Relatórios

b) Violência

c) Regionais

d) Reuniões

e) Funcionários

30. (AOCP / Pref Camaçari BA nível superior – 2010)

Todas as palavras abaixo apresentam 7 letras e 7 fonemas, EXCETO.

a) Amostra

b) Salário

00000000000 - DEMO

c) Pedidos

d) Sistema

e) Exemplo

31. (Banca CRS PMMG / PMMG CIFS – 2011)

Assinale a alternativa CORRETA:

A. ( ) A palavra *"cachorrinha"* possui 08 fonemas.

B. ( ) Na palavra *"creme"* as letras CR formam um dígrafo.

C. ( ) Há um ditongo na palavra *"Paraguai".*

D. ( ) Não há encontro vocálico na palavra *"papagaio".*

32. (Banca CRS PMMG / PMMG CHO Oficial – 2012)

Julgue a afirmação abaixo como (C) certa ou (E) errada.

As palavras "história" e "ruído" são acentuadas pela mesma razão.

33. (Consulpam / Prefeitura Martinópole-CE Assist Adm – 2015)

Assinale a alternativa em que todas as palavras estão separadas corretamente:

a) a-ve-ri-guei, Pi-au-í, mag-ní-fi-co

b) sa-iu, p-neu, Jó-ia

c) tun-gstê-nio, re-lap-so, pers-cru-tar

d) at-mos-fe-ra, e-gi-pcio, pers-pi-caz

34. (Consulpan / SURG Médio – 2014)

A separação silábica das palavras está CORRETO em:

a) Pés.si.mo, pro.fes.so.ra, vi.es.se

b) Vies.se, ain.da, fre.guês

c) Fre.gu.ês. a.in.da. pe.ssi.mo

d) Qu.an.do. fre.gu.ês. vi.es.se

35. (Banca CRS PMMG / PMMG CHO Oficial – 2012)

Julgue a afirmação abaixo como (C) certa ou (E) errada.

Na divisão silábica de "filosofia", são aceitas as formas filos/o/fi/a e fi/lo/so/fi/a, uma vez que o radical "filos" pode ser mantido íntegro.

36. (AOCP / EBSERH HE - UFSCAR Técnico – 2015)

Assinale a alternativa que apresenta a divisão silábica correta.

(A) Pe–sso–as.

00000000000 - DEMO

(B) Cres–ce.

(C) Sa–úde.

(D) A–rroz.

(E) No–va–me–nte.

37. (AOCP / EBSERH HE-UFPEL Enfermeiro – 2015)

Assinale a alternativa que apresenta a divisão silábica correta.

(A) Tran – smi – ssí - veis.

(B) Pro – fi – ssi – o – nais.

(C) Sa – u – dá – ve - is.

(D) Ob – es – i – da - de.

(E) Pos – si – bi – li – da - de.

38. (AOCP / Pref Camaçari BA Assistente Administrativo – 2014)

Assinale a alternativa cuja palavra NÃO está separada corretamente.

(A) En-ve-lhe-cer.

(B) In-tei-ra-men-te.

(C) Pres-sões.

(D) Fei-ti-cei-ra.

(E) Al-fo-rri-a.

39. (AOCP / EBSERH/HU-UFS Assistente Administrativo – 2014)

A palavra que NÃO está separada corretamente é

(A) der-ra-mes.

(B) quan-ti-da-des.

(C) anti-oxi-dan-te.

(D) por-ções.

(E) a-gro-tó-xi-cos.

40. (AOCP / Pref Camaçari BA Procurador Municipal – 2010)

Assinale a alternativa INCORRETA quanto à divisão silábica.

a) Ex – ces – so

b) Pes – qui – sa – dor

c) Sobre – po – si – ção

d) Cons – ta – ta – ção

e) Con – tra – tar

00000000000 - DEMO

41. (CS-UFG / Aparecida Prev Auxiliar Administrativo 2018)

A alternativa em que a acentuação de todas as palavras se justifica pela mesma regra é:

(A) ausência, indivíduo, país.

(B) vivência, más, família.

(C) potável, contrário, água.

(D) análoga, prática, público.

42. (CS-UFG / IF-GO - Auxiliar em Administração 2017)

As palavras que apresentam a mesma regra de acentuação gráfica são:

A) econômica, será, verídica.

B) públicas, filósofo, país.

C) últimos, presídios, aliás.

D) área, notícia, sábio.

43. (CS-UFG / IF-GO Administrador 2017)

A regra de acentuação gráfica empregada na palavra "público" é a mesma utilizada em:

A) "açúcar".

B) "funcionário".

C) "está".

D) "estômago".

44. (CS-UFG / Prefeitura de Goiânia - GO Agente de Apoio Educacional 2016)

A regra que determina a acentuação gráfica de "saudáveis" é a mesma usada na palavra

A) pátios.

B) vírus.

C) tórax

D) úteis.

45. (FUNDATEC / DPE SC Técnico Administrativo – 2018)

Entre as alternativas a seguir, assinale aquela em que as duas palavras, retiradas do texto, são acentuadas graficamente por causa de regras diferentes.

a) única – política.

b) atlântico – doméstico.

c) três – até.

d) além – também.

e) saúde – país.

00000000000 - DEMO

46. (FUNDEP / CODEMIG Assistente Administrativo – 2018)

Releia o trecho a seguir.

*"[...] além de contribuir para maior projeção de Caxambu e Minas Gerais no segmento **turístico** [...]"*

Entre as palavras destacadas a seguir, assinale aquela que não é acentuada pela mesma regra de acentuação da palavra destacada no trecho anterior.

a) "[...] iluminação e instalações **elétricas** [...]"

b) "Empresa **pública** indutora do desenvolvimento de Minas Gerais [...]"

c) "A Companhia de Desenvolvimento **Econômico** de Minas Gerais [...]"

d) "[...] a Codemig atua em prol do crescimento econômico **sustentável** [...]"

47. (SELECON / Prefeitura de Cuiabá - MT Técnico – 2018)

Belíssimo é uma palavra proparoxítona e por isso mesmo recebe acento gráfico.

É também acentuada pelo mesmo motivo a seguinte palavra:

a) egoísmo

b) impossível

c) econômico

d) confiável

48. (Cesgranrio / Transpetro Técnico 2018)

Em conformidade com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente, atendem às regras de acentuação todas as palavras em:

a) andróide, odisseia, residência

b) arguição, refém, mausoléu

c) desbloqueio, pêlo, escarcéu

d) feiúra, enjoo, maniqueísmo

e) sutil, assembléia, arremesso

49. (Cesgranrio / Transpetro Auxiliar de Saúde 2018)

A palavra *tecnológicos* recebe acento gráfico, de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa.

O grupo em que todas as palavras devem ser acentuadas pela mesma regra é

a) fácil, orgânico, vítimas

b) satélites, altíssimos, vítimas

c) fotossíntese, atraídos, domínio

d) saúde, possível, biológicos

00000000000 - DEMO

e) vulneráveis, luminárias, incontável

50. (FGV / TJ AL Especialista Legislativo – 2018)

Duas palavras do texto que obedecem à mesma regra de acentuação gráfica são:

(A) indébita / também;

(B) história / veículo;

(C) crônicas / atribuídos;

(D) coíba / já;

(E) calúnia / plágio.

51. (VUNESP / PC-SP Agente de Telecomunicações Policial – 2018)

Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas obedecendo à mesma regra que determina a acentuação, respectivamente, das palavras "vários" e "análogas".

A) Dívidas; há.

B) Josés; água.

C) Antônios; multiétnica.

D) Deploráveis; inclassificável.

E) País; máxima.

52. (VUNESP / PC SP Escrivão de Polícia – 2018)

Assinale a alternativa contendo as palavras que seguem, correta e respectivamente, os princípios de acentuação das palavras destacadas – **Júri; legítima; existência.**

a) série; técnica; assassínio.

b) bônus; violência; tráfico.

c) táxi; excelentíssimo; arbitrária.

d) íris; saído; nítida.

e) estéril; ecumênico; Romênia.

53. (VUNESP / PC SP Investigador de Polícia – 2018)

Assinale a alternativa correta quanto à acentuação, considerando os enunciados adaptados da *Folha de S.Paulo*, de 26.04.2018.

a) Ambientes arejados e higiêne das mãos ajudam na prevenção de doenças infecciosas.

b) Eleita capital da cultura, Palérmo é opção de destino imperdivel no sul da Itália.

c) Pela primeira vez na história, líderes das Coreias se encontram no lado sul-coreano.

d) Estilo transformers: Robô humanóide se transforma em carro no Japão.

00000000000 - DEMO

e) Além de falar e pensar, até nosso silencio é em português.

54. (AOCP / PM-TO Soldado da Polícia Militar – 2018)

Assinale a alternativa em que todas as palavras apresentadas sejam paroxítonas.

a) Recompensas – fanatismo – individualmente.

b) Retidão – importância – ocultos.

c) Além – também – retidão.

d) Capítulo – táticas – parágrafo.

e) Sobrevivência – necessária – mal.

55. (Instituto AOCP / Prefeitura de João Pessoa – Enfermeiro – 2018)

Assinale a alternativa em que as duas palavras recebem acento gráfico devido à mesma regra de acentuação.

a) Milionários/países.

b) África/código.

c) Depósitos/dólar.

d) Japonês/já.

56. (AOCP / FUNPAPA – Assistente de Administração – 2018)

Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a respeito das palavras em destaque em "Segundo dados da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), as despesas do sistema vêm subindo, em média, 16% ao ano, desde 2010 [...]".

a) Em "vêm", o acento gráfico é opcional.

b) O verbo "vêm" expressa sentido de deslocamento no espaço.

c) "Vêm subindo" é uma locução verbal.

d) "Subindo" é o particípio do verbo "subir".

e) "Vêm" está flexionado na terceira pessoa do singular.

57. (Instituto AOCP / ITEP – RN - Agente de Necrópsia – 2018)

Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.

a) Lúcido, tendência, lâmina e mágoa.

b) Médico, genética, adolescênte e vacína.

c) Sintôma, pálido, cardiologísta e imagém.

d) Saúde, heróico, sevéro e medicína.

e) Centenário, enjôo, supórte e difícil.

00000000000 - DEMO

58. (IDECAN / IPC ES Procurador Previdenciário 2018)

Na frase "*Passo a observá-los*", o verbo observar recebeu acento porque:

A) É uma paroxítona terminada em LOS.

B) É uma oxítona terminada em LOS.

C) É uma oxítona terminada em A.

D) É uma paroxítona terminada em A.

59. (IDECAN / Câmara de Natividade RJ Agente 2018)

A palavra *"alguém"*, transcrita do texto, é acentuada pelo mesmo motivo que a seguinte palavra:

A) País. B) Água. C) Ônibus. D) Porém.

60. (IBADE / Prefeitura de João Pessoa - PB Agente de Controle Urbano – 2018)

Assinale a opção em que a palavra destacada foi acentuada seguindo a mesma regra de SAÚDE.

a) "jogando embalagens DESCARTÁVEIS"

b) "Daqui uma hora a HISTÓRIA se repete."

c) "copos do CAFÉ que comprava"

d) "Aqueles MINHOCÁRIOS práticos"

e) "quinto PAÍS que mais produz"

61. (IADES / SES-DF - Técnico de Contabilidade – 2018)

Com relação à acentuação gráfica de vocábulos do texto, assinale a alternativa que apresenta uma palavra oxítona, uma paroxítona e uma proparoxítona, nessa ordem.

A) "também"; "estável"; "científicas".

B) "alimentação"; "física"; "necessário".

C) "não"; "saúde"; "exercício".

D) "já"; "vício"; "refúgio".

E) "estão"; "hipertensão"; "próximo".

62. (FUNRIO / AL-RR Procurador – 2018)

No processo convencional de criação de valor para uma marca, a empresa e o consumidor tinham, anteriormente, claramente ***papéis*** *distintos, de produção e consumo.*

Porém*, o que se observa hoje, é que cada vez mais os consumidores estão se engajando na dupla tarefa de definir e criar valor.*

Assinale a alternativa que relaciona as palavras que seguem, respectivamente, a mesma regra de acentuação gráfica das destacadas no trecho apresentado.

00000000000 - DEMO

a) jóquei-além

b) espécies - refém

c) herói - parabém

d) pônei – harém

63. (FUNRIO / AL-RR Procurador – 2018)

*Assim, por exemplo, os **fótons** do sol são para ele, **inúteis**, energia que escapa ao queimar hidrogênio do qual vive. (ℓ.34-35)*

As palavras que seguem, respectivamente, a mesma regra de acentuação gráfica das destacadas no trecho acima, são as seguintes:

a) fácil – útil.

b) prótons – fiéis.

c) vírus – jóquei.

d) elétrons – saudáveis.

64. (UECE CEV / Detran-CE Analista de Trânsito 2018)

Assinale a opção em que há uma palavra intrusa exatamente por apresentar uma motivação (regra) para a acentuação diferente das demais.

a) necessários — infância — consequências

b) fazê-lo — dará — será

c) além — têm — também

d) trânsito — democrático — prática

65. (FUNDEP / INB Analista de Comunicação – 2018)

O acento diferencial é utilizado para diferenciar palavras que, mesmo com significados diferentes, possuem escrita e pronúncia semelhantes.

Assinale a alternativa que indica uma palavra que pode ser acentuada por esse motivo.

a) Pôr

b) Contínuo

c) Bôrra

d) Pêlo

66. (FADESP / BANPARÁ Técnico Bancário – 2018)

A sequência de palavras cujos acentos são empregados pelo mesmo motivo é

A) público, função, dói.

B) burocráticos, próximo, século.

C) será, aí, é, está.

00000000000 - DEMO

D) glória, exercício, publicação.

E) hábito, bancário, poética.

5 – GABARITO

GABARITO

1. A	23. D	45. C
2. B	24. B	46. D
3. A	25. D	47. C
4. E	26. D	48. B
5. E	27. D	49. B
6. A	28. B	50. E
7. D	29. A	51. C
8. A	30. E	52. C
9. B	31. A	53. C
10. C	32. E	54. A
11. B	33. A	55. B
12. D	34. A	56. C
13. E	35. E	57. A
14. D	36. B	58. C
15. D	37. E	59. D
16. D	38. E	60. E
17. C	39. C	61. A
18. E	40. C	62. C
19. C	41. D	63. D
20. D	42. D	64. C
21. B	43. D	65. A
22. E	44. D	66. B

00000000000 - DEMO

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1. Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2. Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3. Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4. Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5. Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6. Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7. Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8. O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.

Livro Eletrônico

Estratégia CONCURSOS

Aula 00

História e Geografia p/ Prefeitura de Belo Horizonte (Guarda Municipal) 2019

Professores: Rosy Ellen Freire Viana Santos, Sergio Henrique

00000000000 - DEMO

SUMÁRIO

00. Bate Papo Inicial. 2
1. Introdução. 3
2. Belo Horizonte - Características do Município: Dimensões e População. 10
3. Concepção Urbanística Inicial. 19
4. Exercícios. 27
5. Considerações Finais. 36

00. BATE PAPO INICIAL.

Olá querido amigo concurseiro. Está tentando ingressar no serviço público, uma área que atrai por várias razões: Tanto pela estabilidade e possibilidades de progressão na carreira quanto pelo viés cidadão de ocupar uma vaga de um cargo importante para a sociedade. São várias as motivações pelas quais você está tentando. Um salário melhor, estabilidade para cuidar da família... enfim. São muitas coisas. E elas devem te acompanhar a todo o momento em sua preparação. É onde você encontrará **motivação** nas horas mais difíceis, quando até mesmo podemos ter a ideia absurda de desistir. A motivação é o combustível necessário para a sua preparação. Motivação associada à disciplina de estudos é a chave do sucesso.

Motivação, Disciplina e Estratégia. É o tripé do sucesso e estou aqui com a equipe **Estratégia Concursos** para levá-lo ao sucesso e alcançar seus objetivos. Vamos logo, pois não temos tempo a perder. Nosso tempo é valioso. Mas fique tranquilo. O nosso conteúdo tem uma quantidade razoável de assuntos, mas que distribuídos em bastante aulas, conseguiremos estudar tudo, bem detalhadamente, então pode conter a ansiedade. Tudo vai correr bem e foi devidamente distribuído para que você possa alcançar seu almejado sucesso. Leia e releia suas aulas. Faça e refaça seus exercícios. A repetição é a mãe do aprendizado. A memorização deve vir da repetição dos exercícios e do acúmulo das leituras. É a melhor forma de memorizar o conteúdo. Aos poucos e através da repetição. Caso você já domine o conteúdo teórico pode concentrar-se na resolução de exercícios. Para avaliações que demandam resultado a prática de questões é imprescindível e se tiver que priorizar alguma atividade, que seja a resolução e o estudo dos exercícios, mas lembre-se: o ideal é um ciclo completo: Leitura da teoria e prática dos exercícios.

Então vamos ao trabalho. É um convite aos estudos. Venha comigo. Vamos desmistificar a **História e Geografia** e gabaritar a disciplina!

1. INTRODUÇÃO.

Inaugurada em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte foi projetada e construída para ser a nova capital do Estado de Minas Gerais. A história da idealização da nova capital se inicia, porém, anos antes, nos períodos finais do Império de D. Pedro II. A capital imperial, Ouro Preto deixava de ser vista como a cidade que propiciaria e atrairia o desenvolvimento econômico e social das Minas Gerais. A antiga Vila Rica, capital da Província por mais de 170 anos, confinada entre as montanhas, sentia os efeitos do espírito marcadamente reformista da época, principalmente por causa do recuo econômico com a escassez das minas de ouro e pedras preciosas, e também por causa da ascensão da economia cafeicultora na Zona da Mata e Sul de Minas.

Circulava, pois, por parte das elites políticas, econômicas e intelectuais um projeto inusitado: mudar de lugar o centro administrativo do Estado! As propostas ganharam cada vez mais força com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Ideias novas começaram a surgir e a afetar a vida pública do país. As propostas de ruptura com o sistema imperial estavam na ordem do dia e os adeptos à causa republicana acolhiam com bons olhos a ideia de modernização e progresso para Minas Gerais. Para os "mudancistas" mineiros, era necessário romper com os laços da sociedade colonial e imperial de Ouro Preto. O novo tempo da República pressupunha um novo espaço e uma nova capital[1].

Surgia, contudo, em meio aos interesses regionais, uma divergência na escolha do local. As elites oligárquicas mineiras começaram a entrar em conflito de ideias para saber quem iria manter o controle político e econômico do novo governo. "Onde a nova capital do Estado deveria ser construída?" Cada grupo pretendia escolher o melhor lugar que favorecesse os seus interesses. Os políticos das regiões das minas e pedras preciosas, no Norte e Centro, se organizaram para manter o poder político, que estava enraizado em Ouro Preto. Já os políticos das regiões da Zona da Mata e Sul de Minas, sob o argumento da força econômica do café, defendiam a transferência da capital para as regiões de seus interesses.

As propostas eram variadas, mas foi em 24 de outubro de 1891, com a Lei nº 1, que surgiria oficialmente quatro nomes de lugares para ser a sede da nova capital, a saber: Barbacena, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Paraúna e Várzea do Marçal.

[1] PASSOS, 2009, p. 38.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXRlN2Mvfs4&t=999s>. Acesso em: 29 nov. 2018.

Comissões foram nomeadas pelo Presidente do Estado para avaliar e estudar a possibilidade da construção da Cidade de Minas. As exigências eram as seguintes:

> *Ótimas condições de salubridade, abastecimento abundante de água potável, facilidades oferecidas pelo local para edificação e construção em geral, como pedreiras, jazidas e matas, e ainda uma análise da topografia em relação a livre circulação e a ligação do plano geral da viação estadual e federal, de modo a facilitar a ação política e administrativa dos poderes públicos e a movimentação comercial e industrial do estado*[2].

Haviam engenheiros e médicos sanitaristas na Comissão Construtora que, em certa medida, garantiram que a escolha não se voltasse apenas para os interesses políticos, sendo observado também o posicionamento geográfico, o clima, a salubridade, etc.

[2] MINAS GERAIS apud PASSOS, 2009, p. 41.

Comissão Construtora da Nova Capital (1895)
Disponível em: <https://www.duniverso.com.br/fotos-da-antiga-belo-horizonte-de-volta-ao-passado/>. Acesso em 04 dez. 2018.

Na avaliação advinda dos estudos, Paraúna e Juiz de Fora foram descartadas, por causa da geografia e da localização, e Barbacena não atendeu as exigências de salubridade e demografia. A escolha ficou então entre Várzea do Marçal e Belo Horizonte, pois ambas atendiam aos pré-requisitos. Porém, em Várzea do Marçal, distrito de São João del Rei, suspeitou-se de ser uma região brejeira, pantanosa, por se tratar de uma várzea, podendo ocasionar doenças endêmicas[3].

Decidiu-se, portanto, que aos pés da Serra do Curral se ergueria a Cidade de Minas. Belo Horizonte surgiria como a realização de um sonho das elites mineiras, tendo como ideal ser uma metrópole não somente de Minas Gerais, mas da República, atendendo aos ideais da modernização e da racionalidade, apresentando-se assim, como espaço para a constituição de nova sociabilidade[4].

No local da construção havia um arraial pequeno e modesto que, na perspectiva do rápido início das obras, atraia a visita de inúmeras pessoas. Esse arraial já se chamava Belo Horizonte, de acordo com o decreto estadual nº 36, de 4 de abril de 1890, que alterava o nome de Nossa

[3] REIS apud PASSOS, 2009, p. 42.

[4] PASSOS, 2009, p. 39.

Senhora da Boa Viagem do Curral del Rey para Belo Horizonte[5]. Isto é, quase três anos antes do início das obras.

Vale dizer neste ponto, fazendo um recuo aos tempos coloniais da América Portuguesa, que a região onde se construiria a nova capital era povoada, na ocasião da chegada dos portugueses no século XVII, por índios do tronco linguístico macro-jê. A região, porém, só começou a ser colonizada no início do século XVIII. Foi por volta de 1701 que o bandeirante João Leite da Silva Ortiz, impressionado com os aspectos da topografia, clima ameno e fertilidade do solo na imensa planície que se estendia logo após a Serra do Curral, resolveu lançar ali os fundamentos da sua Fazenda do Cercado, em cujas terras foi aos poucos surgindo o arraial de Curral del Rey. Ortiz também fez construir uma capela que seria, tempos depois, a matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Curral del Rey foi aos poucos se afirmando, de forma tal que em 1707 já aparecia citada em documentos oficiais.

Antiga igreja matriz da Boa Viagem do Curral del Rey.
Disponível em: <https://sumidoiro.wordpress.com/2015/12/01>. Acesso em: 04 dez. 2018.

Em 1711 Ortiz obtém carta de sesmaria das terras com os limites fixados pelas serras do Curral, Jaborema, Jatobá, José Vieira, Pangaré, Taquaril, Navio, Rola Moça e Mutuca, com população aproximada de 2.500 habitantes[6].

[5] IBGE, [2014], p.3.

[6] IBGE, [2014], p.1.

O arraial progrediu apoiado na pequena lavoura, na criação e comercialização de gado e na fabricação de farinha. A topografia da região favoreceu o estabelecimento de uma povoação dada à agricultura e à vida pastoril, fazendo jus ao nome de Curral del Rey, por causa do cercado ou curral ali existente, em que se reunia o gado que havia pago as taxas do Rei. O arraial contava com umas 30 ou 40 cafuas cobertas de sapé e pindoba, entre as quais foi erguida uma capelinha situada à margem do córrego Acaba-Mundo (onde hoje se encontra a catedral), tendo à frente um cruzeiro e ao lado um rancho de tropas[7].

Violeiro, cafua, casal de noivos e capela de Santana (cercanias da praça da Liberdade – 1894)
Disponível em: <https://sumidoiro.wordpress.com/2015/12/01>. Acesso em: 04 dez. 2018.

A propósito, sobre as qualidades do lugar, vale reproduzir um trecho do relatório enviado à Cúria de Mariana pelo vigário Pe. Francisco de Paula Arantes, conservando a ortografia e o pitoresco da época:

> *A Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Curral del Rey está situada em campos amenos na extensa planície de sua serra donde manão imensas fontes de cristalinas e saborosas águas; o clima da região he temperado; a atmosphera he salutifera; está circulada de pedras e mais materiais onde se podem fazer soberbos edifícios; a natureza criou este logar para sua formosa e linda cidade, si algum dia for auxiliada esta lembrança[8].*

Algumas poucas fábricas, ou tendas, ainda primitivas, instalaram-se na região onde se produzia algodão e se fundia ferro e bronze. Das pedreiras extraía-se granito e calcário. Frutas e

[7] BARRETO, 1995, p.108.

[8] IBGE, [2014], p.1.

madeiras eram comercializadas para outros locais. Das trinta ou quarenta famílias inicialmente existentes, a população saltou em algumas décadas para a marca de 18 mil habitantes. Foi então, em 1750, por ordem da Coroa, criado o distrito de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral del Rey, subordinado à Sabará. Mas, mesmo subordinado à Sabará, o Curral del Rey aumentava as suas fronteiras, englobando as regiões (ou curatos) de Sete Lagoas, Contagem das Abóboras, Santa Quitéria (Esmeraldas), Buritis, Capela Nova do Betim, Piedade do Paraopeba, Brumado, Itatiaiuçu, Morro de Mateus Leme, Neves, Aranha e Rio Manso[9].

Porém, enquanto os núcleos mineradores se constituíam em centros populosos e ricos, Curral del Rey e sua vocação para o comércio do gado sertanejo estacionou em seu desenvolvimento, não oferecendo lucro que fixasse ao solo uma população como a de outros lugares. Mais tarde, a jurisdição do Curral del Rey viu-se novamente reduzida ao primeiro arraial, que chegou a ter apenas a 4 mil moradores já ao fim do século XIX, às voltas da construção da nova capital[10].

Segundo o projeto de construção, havia um arraial com 8 ruas, 10 becos, 2 largos e 300 casas. As transformações que se avizinhavam com a aprovação da Lei nº 3, de 17 de dezembro de 1893, designando o exato local, seriam enormes. O antigo arraial cairia ao chão e daria lugar a um imenso canteiro de obras. No projeto, a zona urbana da nova capital foi traçada com 65 ruas, 12 avenidas e 24 praças, na previsão da chegada de 150 a 200 mil pessoas[11].

[9] IBGE, [2014], p.1.

[10] BARRETO, 1995, p.108.

[11] A HISTÓRIA, [1997], 2’14’’.

Maquete do Arraial
Disponível em: <https://sumidoiro.wordpress.com/2015/12/01>. Acesso em: 04 dez. 2018.

A Lei nº 3 também mudava o nome de Belo Horizonte para Cidade de Minas, mas a população havia agradado mais do nome que representava os ares do lugar. Então, em 1º de julho de 1901, a Lei Estadual nº 302 alterava novamente o nome da capital mineira, deixando de ser Cidade de Minas e voltando à toponímica que mais agradou ao público, Belo Horizonte[12].

Nasceu ali, sob a sombra das serras, a nova cidade-capital das Minas Gerais. Para a Comissão Construtora, naquele solo se arquitetava o futuro e se planeja a modernidade, sobre o esquadro e o compasso, em uma cidade que carregaria todo o simbolismo de uma época. O cenário foi assim descrito pela Comissão Construtora: "A impressão é sublime, sente-se a alma satisfeita. A área destinada à grande cidade apresenta-se como vasto e elegante anfiteatro formado pelas duas serras, do Curral e de Contagem"[13].

Não foi apenas a disputa política o fator essencial para se pensar a nova cidade do estado mineiro, mas também o ideal de modernização que foi de fundamental importância. A modernização, atingido as áreas econômicas, políticas e sociais, e o modernismo englobando a arte, a cultura e a sensibilidade, foram fatores chaves para se pensar um novo espaço para a nova Capital, concretizando, assim, o sonho das elites políticas e intelectuais de Minas Gerais no século XIX [14].

[12] IBGE, [2014], p.3.

[13] TERRA DE MINAS, 2004, 4'.

[14] PASSOS, 2009, p. 42.

2. Belo Horizonte - Características do Município: Dimensões e População.

Hoje, mais de 120 anos após a inauguração da cidade planejada, Belo Horizonte é um dos grandes centros urbanos brasileiros. Sua população, segundo as estimativas de 2018 do IBGE, é de 2.501.576 habitantes. Belo Horizonte é o sexto município mais populoso do país, o terceiro mais populoso da Região Sudeste e o mais populoso de Minas Gerais. A cidade integra uma malha viária e ferroviária vinculada aos principais centros e portos do país, recebe voos nacionais e internacionais através do Aeroporto de Confins e voos nacionais e regionais através do Aeroporto da Pampulha, o que fortalece a importância econômica do município.

Cercada pela Serra do Curral, que lhe serve de moldura natural e referência histórica, com uma área de aproximadamente 331 km², Belo Horizonte possui geografia diversificada, com morros e baixadas. A capital mineira está localizada a 716 km de Brasília, 586 km de São Paulo e a 444 km do Rio de Janeiro. Sua altitude média é de 850 metros acima do nível do mar, podendo atingir 1500 metros no topo da Serra do Curral.

O município de Belo Horizonte ocupa posição estratégica nos mapas geopolíticos brasileiros, sendo de fácil acesso. O município faz divisas ao Norte com Vespasiano; ao Sul, com Brumadinho; ao Leste, com Sabará; a Oeste, com Contagem, Ibirité e Ribeirão das Neves; a Sudoeste, com Nova Lima; e a Nordeste, com Santa Luzia. Observe o mapa a seguir:

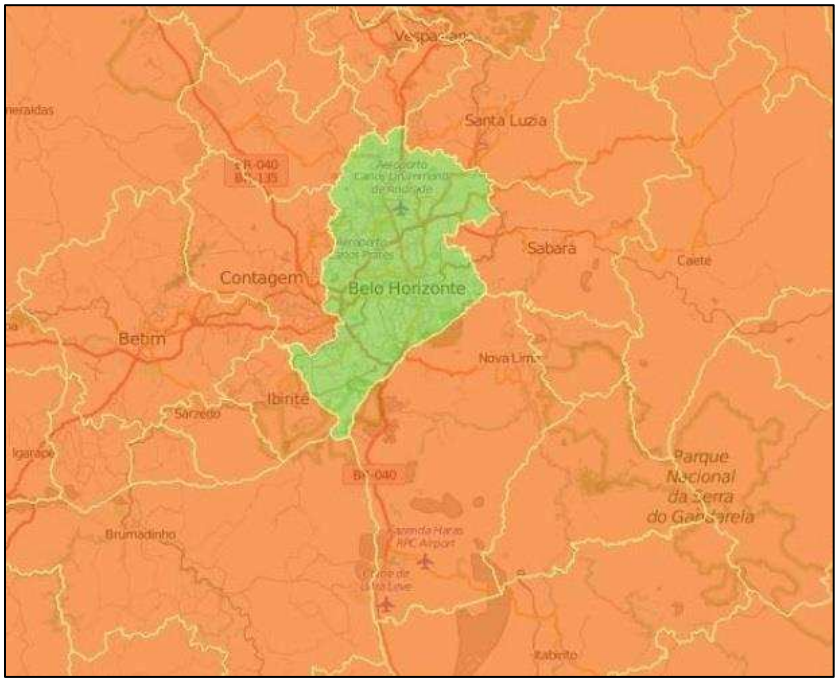

Limites de Belo Horizonte
Disponível em: <http://www.nesp.unb.br/saudelgbt/images/arquivos/Perfil_Belo_Horizonte.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.

Esses 8 municípios limítrofes da capital mineira integram a "Região Metropolitana de Belo Horizonte", que é constituída por 34 municípios no total, sendo a terceira maior aglomeração urbana do Brasil. Os outros municípios da RMBH são: Baldim, Betim, Caeté, Capim Branco, Confins, Esmeraldas, Florestal, Igarapé, Itaguara, Itatiaiuçu, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Nova União, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Rio Manso, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa, Sarzedo e Taquaraçu de Minas. Sua região metropolitana possui um PIB de aproximadamente R$ 74,16 bilhões, dos quais aproximadamente 45% pertenciam ao município de Belo Horizonte, o que corresponde a 34,5% de todo o PIB mineiro em 2006. Segundo dados do IBGE, a rede urbana de influência exercida pela cidade no resto do país abrange 9,1% da população e 7,5% do PIB brasileiro. A influência é percebida em 698 cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e de Minas Gerais[15].

Belo Horizonte é a quarta cidade mais rica do Brasil com 1,38% do PIB nacional, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Segundo dados da Fundação João Pinheiro, em 2008 seu PIB somou R$ 32.725.361.000, o que equivale a aproximadamente 15,2% de toda produção de bens e serviços do Estado. Segundo dados do IBGE, em 2007, o PIB per capita do município é de R$ 13.636,00. A capital tem 77.454 sedes de empresas legalizadas, que abarcam 1.025.205 pessoas ocupadas. Um dos maiores centros financeiros do Brasil, Belo Horizonte é caracterizada pela predominância do setor terciário em sua economia. Mais de 80% da economia do município se concentra nos serviços, com destaque para o comércio, serviços financeiros, atividades imobiliárias e administração pública. Segundo dados do IBGE, em 2006 o setor agropecuário representou apenas 0,0005% de todas as riquezas produzidas na cidade. Vale destacar também a grande variedade de bares que a cidade possui, o que contribui para a movimentação da sua economia, por isso ganha também o título de "a capital dos barzinhos". Devido as suas atrações, o turismo é intenso na região e contribui significativamente para a movimentação dos recursos do município[16].

[15] GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013].

[16] Governo de Minas Gerais, 2015 *apud* NESP, 2016, p.3.

Imagem da Região Metropolitana de Belo Horizonte à noite a partir da Estação Espacial Internacional
Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte>. Acesso em: 04 dez. 2018

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) em Belo Horizonte em 2010 foi de 0,810. O IDHM é calculado considerando três dimensões no município: a Educação, Longevidade e a Renda. Esta abordagem não se limita ao desenvolvimento econômico e permite que seja realizada uma comparação entre índices de diferentes localidades ao longo do tempo, com isso é possível conhecer melhor o perfil de um município e considerar estas informações na tomada de decisão, criação de políticas públicas visando a melhoria da qualidade de vida da população[17].

O IDHM para a educação em Belo Horizonte, no ano de 2010, foi de 0,737, em uma escala de 0 a 1. Este índice teve uma grande ascendência entre os anos de 1991 e 2010, o que caracteriza uma maior escolaridade da população do município, com mais crianças e jovens nas escolas ou completando ciclos do ensino fundamental e médio. No censo de 2010, o índice de alfabetizados foi 2.156.876 pessoas, ao passo que o índice de analfabetos foi de 218.275 pessoas, uma diferença expressiva, como mostra o gráfico a seguir:

[17] NESP, 2016, p.8.

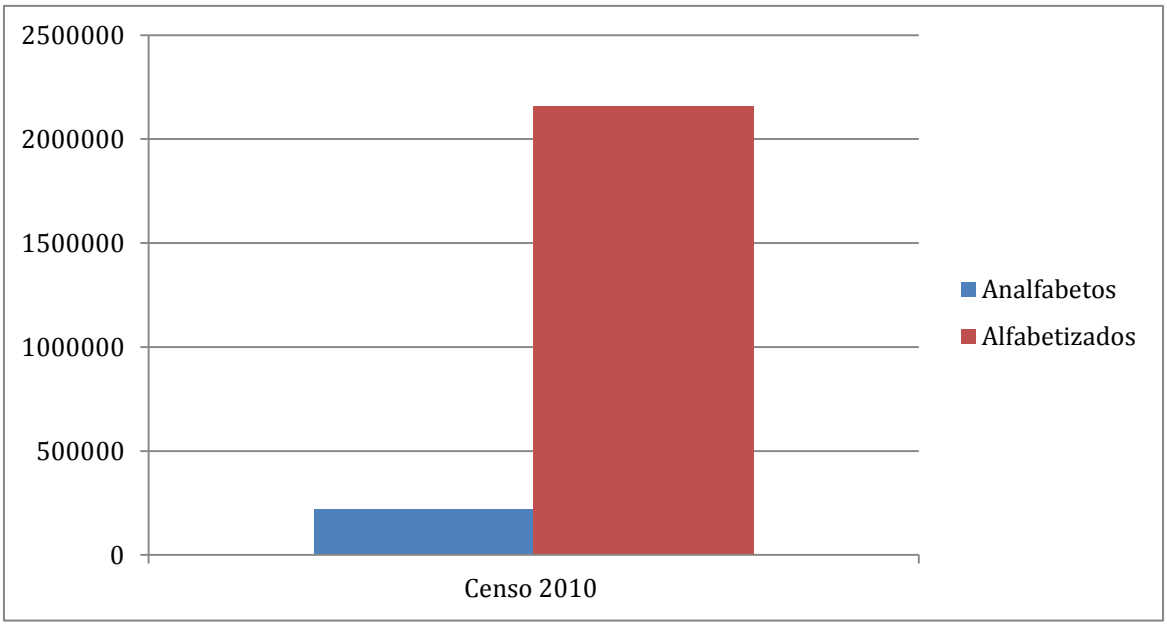

Disponível em: <http://populacao.net.br/populacao-belo-horizonte_mg.html>. Acesso em: 30 nov. 2018.

Com 672 estabelecimentos de ensino fundamental, 587 estabelecimentos de ensino infantil e 251 escolas de nível médio, a rede de ensino da cidade é uma das mais extensas do país. Ao total, são 639.352 matrículas e 153.284 docentes registrados.

A cidade ainda conta com 55 instituições de ensino superior que oferecem 704 cursos/habilitações. Destacam-se importantes universidades públicas e privadas, muitas delas consideradas centros de referência em diversas áreas. Dentre as instituições públicas de ensino, destacam-se: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), a Escola de Governo da Fundação João Pinheiro e a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Entre as instituições privadas, destacam-se: a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), a Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG), a Universidade FUMEC, a Escola Superior Dom Helder Câmara, o Centro Universitário Newton Paiva e o Grupo Ânima, mantedor das faculdades UNA e UNI-BH.

A área da Saúde em Belo Horizonte enfrenta os mesmos problemas na saúde pública que afligem todas as grandes metrópoles. Possui um sistema de saúde pública, considerado ruim e péssimo segundo os dados recolhidos no banco de dados do SUS e do PNUD/2012. Para os cerca 2,5 milhões de habitantes da capital, há água encanada para 98% da população, energia elétrica para 99,8% e coleta de resíduos em 98,4% das casas. Em relação ao sistema de saúde, existem quatro médicos para cada mil habitantes de Belo Horizonte. No Brasil, a média é de 0,27 médicos para cada mil habitantes. Mas, ainda assim, a saúde pública da capital mineira sofre com a falta de recursos humanos. A razão se fundamenta nos baixos salários praticados pelo município e a falta completa de estrutura de referência (encaminhamento de um paciente de uma instalação de

saúde para outra de maior complexidade) e contra-referência (encaminhamento de um paciente para o estabelecimento de origem e que o referiu, após a solução do caso que foi objeto de referência) no sistema[18].

O Centro Metropolitano de Especialidades Médicas em Belo Horizonte dispõe de um total de 36 hospitais, sendo um municipal, dois federais, sete estaduais e o restante filantrópicos e privados. Há cerca de 5.500 leitos na capital (3,2 leitos por mil habitante) e a rede conta com 141 postos de saúde, 150 ambulatórios e 507 equipes do Programa Saúde da Família (PSF), que dão cobertura à 76% da população da capital. Ainda assim, a qualidade do atendimento é precária, com filas e grande espera por especialistas médicos, além da frequente falta de medicamentos básicos nos postos de saúde e sobrecarga de demanda, o que torna o sistema cada vez mais precarizado. As urgências médicas do município, chamadas de unidades de pronto atendimento (UPAs) e os pronto atendimentos conveniados e do SUS também sofrem com a falta crônica de médicos, filas intermináveis e falta de estrutura geral de atendimento[19].

Considerando-se apenas o índice de longevidade, seu valor é de 0,856. Já a mortalidade infantil no município passou de 22,9 óbitos por mil nascidos vivos, em 2000, para 13,0 óbitos por mil nascidos vivos, em 2010. Em 1991, a taxa era de 30,0. Já no país, entre 2000 e 2010, a taxa de mortalidade infantil caiu de 30,6 óbitos por mil nascidos vivos para 16,7 óbitos por mil nascidos vivos. Com a taxa observada em 2010, o Brasil cumpre uma das metas dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas.

Pirâmide Etária de Belo Horizonte – Censo 2010

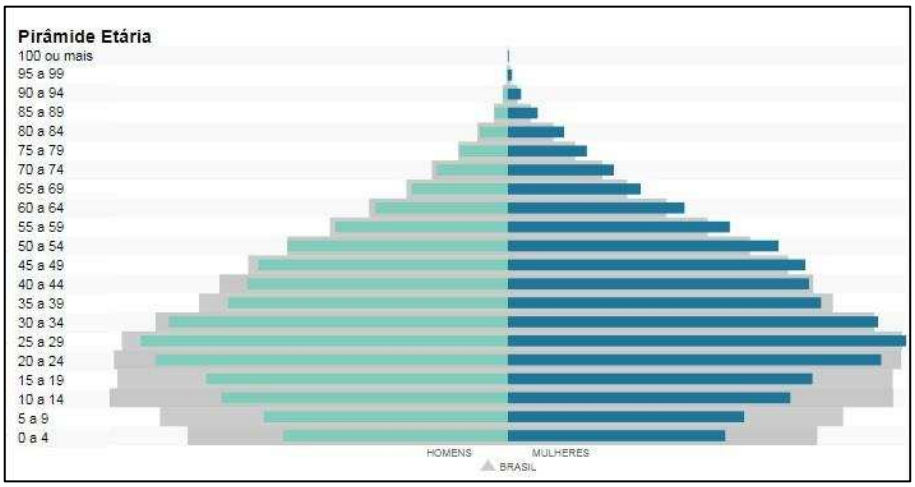

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em: 30 nov. 2018.

[18] GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013].

[19] GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013].

Considerando a renda per capita em Belo Horizonte cresceu aproximadamente 87,8% nas duas últimas décadas e no Estado de Minas Gerais cresceu por volta de 100,5%. Porém, a renda per capita do município ainda é maior do que no Estado. A renda per capita em Belo Horizonte passou de R$ 797,42, em 1991, para R$ 1.101,96, em 2000, e para R$ 1.497,29, em 2010. Isso equivale a uma taxa média anual de crescimento nesse período de 3,37%. A taxa média anual de crescimento foi de 3,66%, entre 1991 e 2000, e 3,11%, entre 2000 e 2010. Enquanto no Estado de Minas Gerais, em 2010, a renda per capita era de R$ 749,69. Além disso, o percentual de extremamente pobres no município caiu 4,25 pontos percentuais. No ano de 2010, em relação as desigualdades sociais, em Belo Horizonte, os 20% da população mais pobre detinham 2,85% de toda a riqueza do município, enquanto os 10% mais ricos detinham 48,33% de toda a riqueza. Ao passo que em Minas Gerais os 20% mais pobres possuíam 3,34% de toda a riqueza do estado, enquanto os 10% mais ricos possuíam 45,98% de toda a riqueza[20].

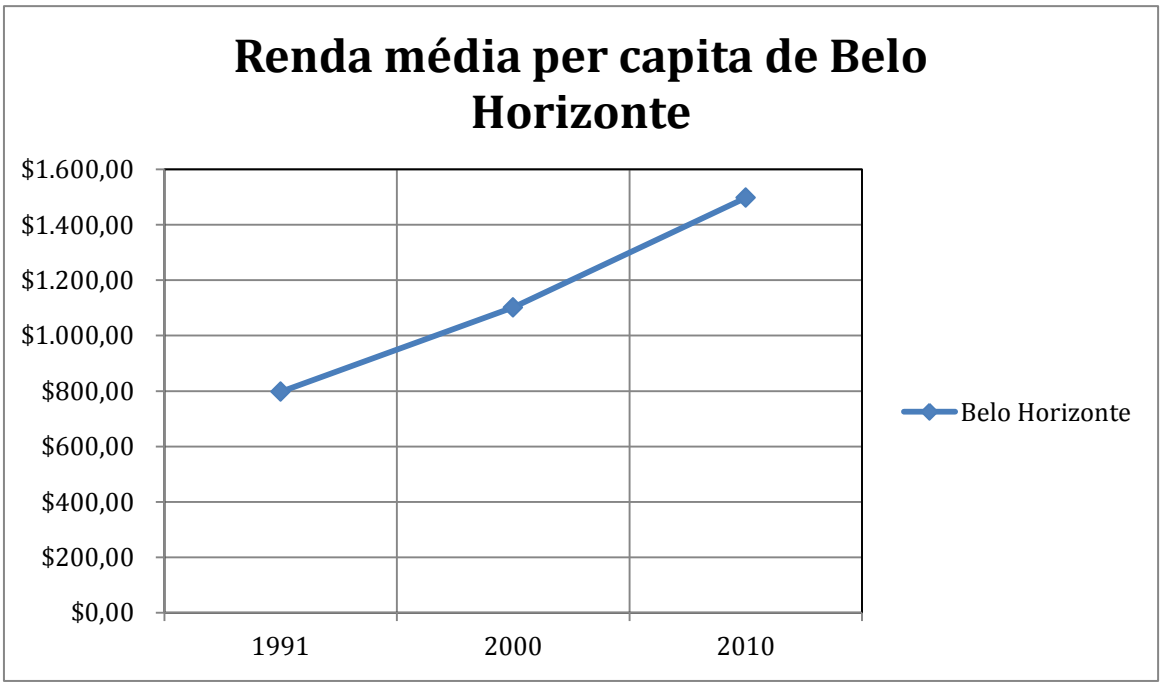

Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/belo-horizonte_mg>. Acesso em: 30 nov. 2018

Em Belo Horizonte, 59,9% da população residente tem como crença a religião Católica Apostólica Romana, ou seja, 1.422.084 pessoas. As religiões Evangélicas representam 25,1% (595.244 pessoas) da população do município, as pessoas sem religião correspondem a 8% (190.414 pessoas) da população de Belo Horizonte, e é seguida pela população Espírita, com 96.639 fiéis (4,1% da população), e outras religiosidades Cristãs que corresponde a 0,8% (19.859

[20] NESP, 2016, pp.11-12.

pessoas) da população residente. As demais religiões juntas correspondem a 2,1% da população do município com 50.909 fiéis[21].

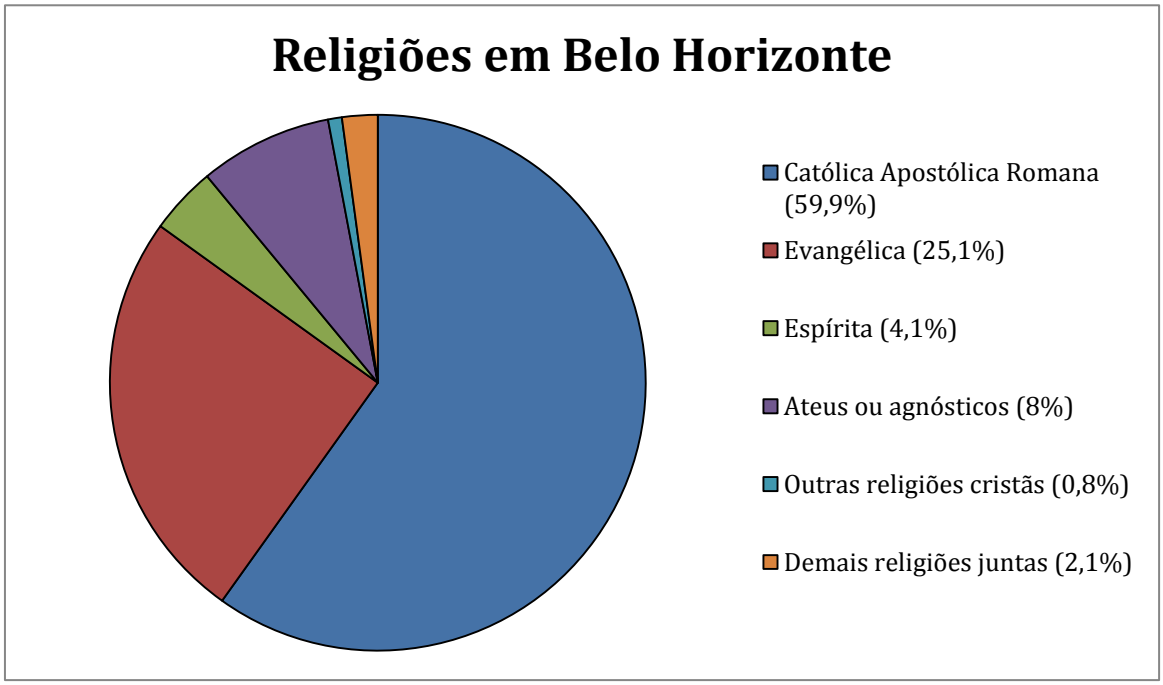

Disponível em: <http://www.nesp.unb.br/saudelgbt/images/arquivos/Perfil_Belo_Horizonte.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.

A população belo-horizontina é marcada pela miscigenação étnica. Belo Horizonte é uma cidade multirracial, fruto de intensa migração. O seu povoamento, depois da fundação como nova capital, foi efetuado de forma gradual principalmente por migrantes atraídos do interior do Estado, além de outras regiões de outros estados e imigrantes oriundos de várias partes da Europa. Vieram brancos, negros e mestiços de diversas origens, o que contribuiu para o equilíbrio entre o número de pessoas brancas, pardas e pretas. Segundo o censo de 2000 do IBGE, em pesquisa de autodeclaração, a população de Belo Horizonte é composta por brancos (53,57%), pardos (37,24%), pretos (8,04%), indígenas (0,34%) e amarelos (0,19%)[22].

[21] NESP, 2016, p.13.

[22] GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013].

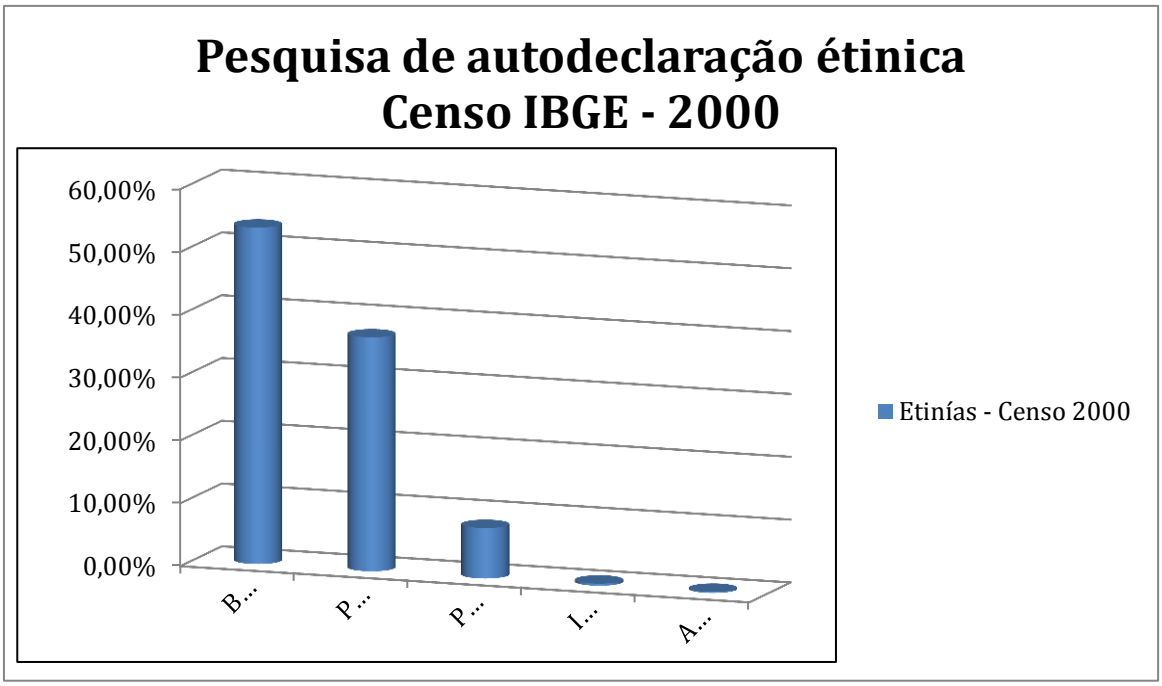

Dados disponíveis em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/mg/belo_horizonte/localizacao.htm>. Acesso em: 01 dez. 2018.

A cidade conta com uma grande população afrodescendente, entre pretos e pardos, que somam 45,28% dos habitantes. A fundação da nova capital atraiu muitas comunidades afrodescendentes, principalmente porque a apenas nove anos antes havia sido assinado a Lei Áurea, que libertava os escravos. A libertação dos escravos não os deu garantia de melhores condições de vida, mas o contrário, sendo excluídos por causa dos preconceitos raciais completamente enraizados e não aceitos em trabalhos formais, quando a preferência era dada aos imigrantes europeus. Mas a notícia de que havia trabalho na construção da nova capital de Minas Gerais trouxe certa esperança para os ex-escravos e seus descendentes, resultando em uma grande migração proveniente do interior do Estado procurando melhores condições de vida. Contudo, em Belo Horizonte não foi muito diferente, forçando-os a ocuparem os subúrbios da cidade planejada, surgindo assim às primeiras favelas[23].

Um dos primeiros grupos de estrangeiros a habitar a cidade foi dos italianos. Em Belo Horizonte, os primeiros italianos chegaram para trabalhar na construção da nova capital, no século XIX. Nos arredores do município foram criadas três colônias agrícolas: Barreiros, Carlos Prates e Américo Werneck. Ali foram assentadas famílias italianas, com o intuito de trabalharem na agricultura para abastecer a cidade com alimentos. Com o crescimento da cidade, essas colônias foram engolidas e urbanizadas e muitos italianos passaram a se dedicar à fabricação de tijolos, enquanto outros se tornaram industriais e comerciantes. Atualmente calcula-se que

[23] GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013].

aproximadamente 30% da população belo-horizontina tenha ascendência italiana. Os imigrantes e seus descendentes contribuíram ativamente para o desenvolvimento da agricultura, da indústria, do comércio e da identidade cultural da cidade, inclusive sendo fundadores do Cruzeiro Esporte Clube, antigo Palestra Itália, um dos maiores times de futebol da América do Sul[24].

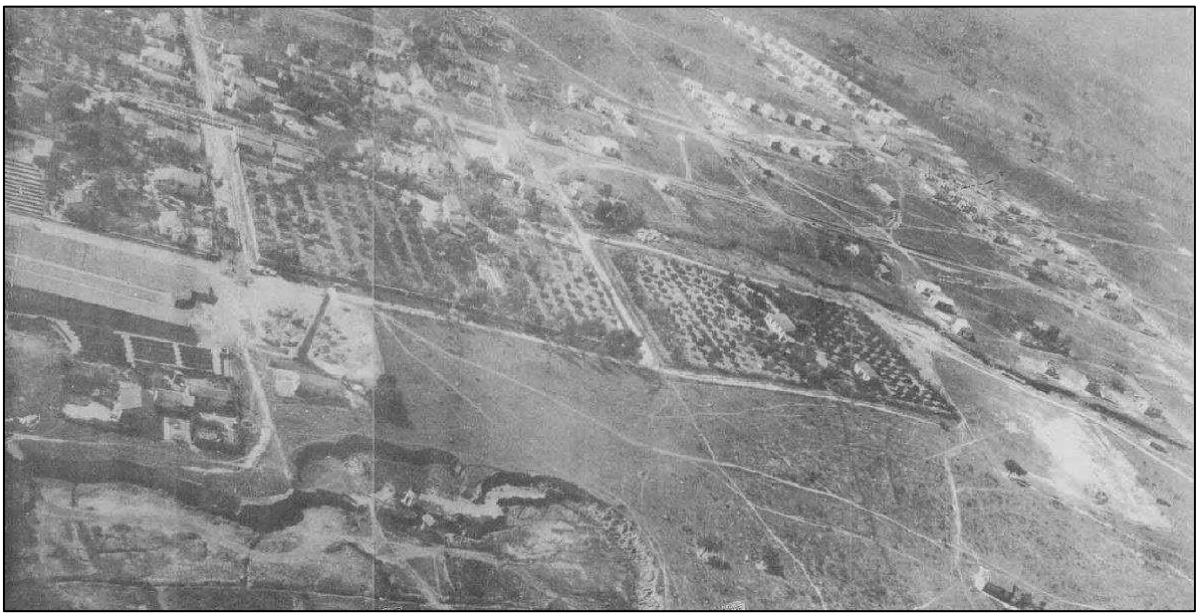

Barreiro (1949)
Disponível em: <http://curraldelrei.blogspot.com/2010/11/os-anos-1940-uma-moderna-metropole-no.html>. Acesso em: 06 dez. 2018.

Depois dos italianos, foram os espanhóis, o grupo de imigrantes que chegou em maior número em Minas Gerais no final do século XIX. Trabalharam, sobretudo, nos núcleos coloniais nos arredores de Belo Horizonte. Houve também um contingente substancial de imigrantes portugueses. O desenvolvimento do comércio e da indústria deve muito ao esforço de acumulação de capital dos imigrantes italianos, portugueses e espanhóis e de outras nacionalidades, em menor escala[25].

Em Belo Horizonte também há uma parcela considerável de povos árabes. A imigração de povos árabes para Minas Gerais se fez notar no início do século XX. Embora chamados de turcos, eram provenientes da Síria e Líbano e, segundo o censo de 1920, 8.684 sírio-libaneses viviam em Minas, dedicados em sua imensa maioria ao comércio. Os árabes chegaram a monopolizar o comércio de várias cidades do interior de Minas Gerais. Em Belo Horizonte, participaram ativamente no comércio, principalmente na Rua dos Caetés e na Av. Santos Dumont[26].

---

[24] GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013].

[25] GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013].

[26] GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013].

3. Concepção Urbanística Inicial.

A Comissão Técnica encarregada para a construção da nova capital mineira, sob a chefia do engenheiro e urbanista paraense Aarão Reis, julgou em igualdade de condições Belo Horizonte e Várzea do Marçal, opinando a final pela última localidade. Voltou o Congresso a pronunciar-se, e depois de novos e extensivos debates surgiu a Lei nº 3, adicional à Constituição, que decretou que fosse a Capital construída em terras do arraial de Belo Horizonte, ex-Curral del Rey, sob o argumento sanitarista, alegando que em Várzea do Marçal os habitantes estariam sujeitos à epidemias.

Então, foi criada pelo Decreto 680, de 14 de fevereiro de 1894, a Comissão Construtora da Nova Capital, que iniciou imediatamente seus trabalhos com o prazo improrrogável fixado em um quinquênio[27].

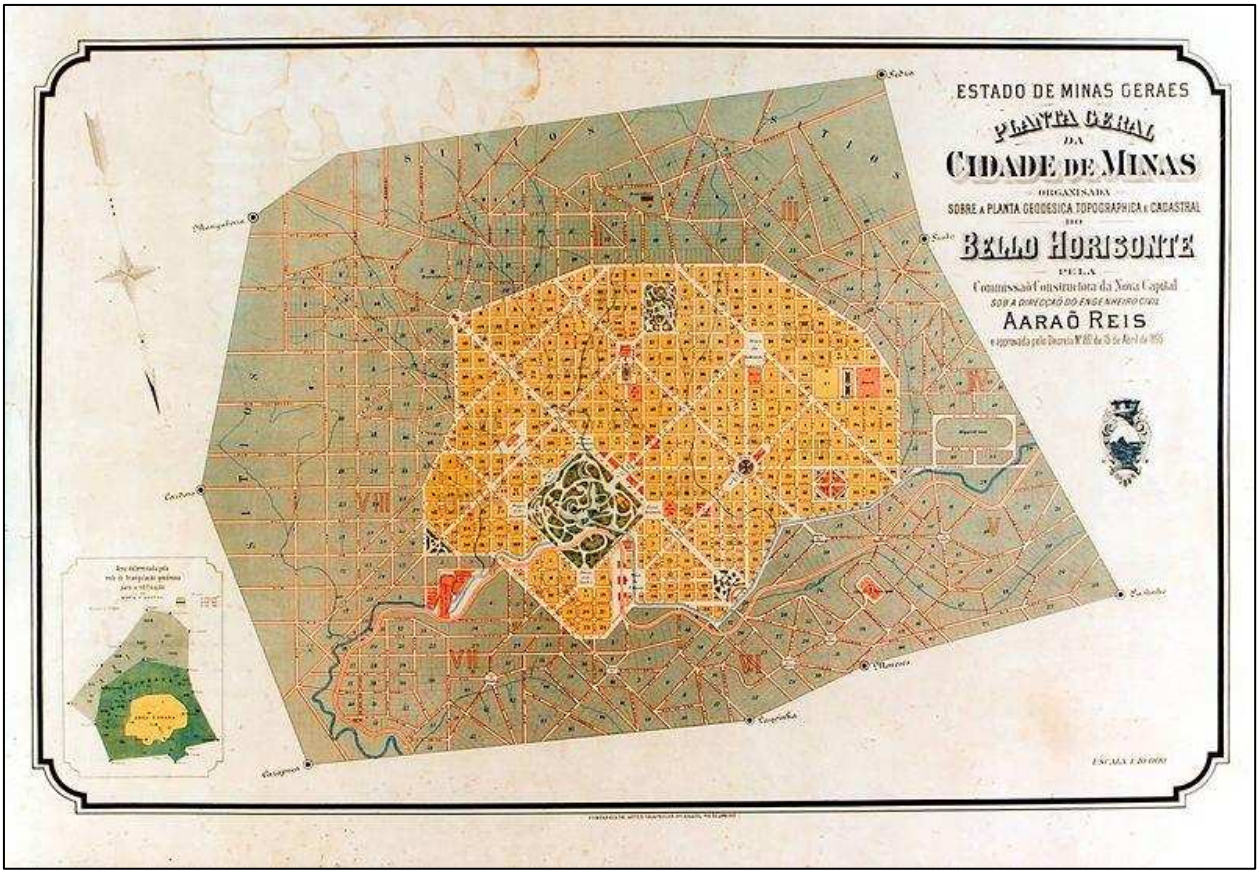

Planta geral da cidade de Belo Horizonte (1895)
Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte>. Acesso em: 04 dez. 2018

[27] Governo de Minas Gerais, 2015 *apud* NESP, 2016, p.3.

A construção da cidade foi planejada por Aarão Reis, inspirado pelos modernos modelos urbanos das capitais dos EUA, Washington-DC, cidade planejada sob o esquadro e o compasso para ser a nova capital do país independente, e da França, Paris, reformada e revitalizada por Haussmann, sob o signo do positivismo. Aarão Reis utilizou o traçado geográfico, as avenidas em sentido diagonal, suas ruas com formatos quadriculados, e suas principais obras de infraestrutura, estabelecimentos comerciais e edifícios públicos estão todos concentrados no limite da Avenida do Contorno, sendo sua arquitetura ainda hoje referência da cidade.

Designado chefe da Comissão, Aarão Reis manteve-se no cargo de março de 1894 até maio de 1895 quando foi substituído, a pedido, pelo engenheiro Francisco de Paula Bicalho. A essa altura já se encontravam os trabalhos em franco desenvolvimento, inclusive a desapropriação da área do arraial e conclusão dos estudos e planos da nova capital. Com a firme determinação de evitar que o prazo não fosse ultrapassado, o engenheiro Bicalho remodelou a Comissão Construtora e imprimiu ritmo novo de ação, atacando a um só tempo as várias frentes de trabalho.

Comissão Construtora no campo de obras
Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte>. Acesso em: 04 dez. 2018

E, com efeito, rigorosamente dentro do prazo constitucional, surgia a cidade nova, com seu traçado de admirável simetria exibindo um vistoso tabuleiro de amplas ruas e avenidas, imponentes edifícios públicos – Palácio, Secretarias de Estado, confortáveis residências ao gosto da época em contraste com alguns prédios antigos e a bela estação da Central do Brasil cujo ramal férreo também fora construído pela Comissão.

Foi assim que entre ruidosas e justas comemorações a cidade viu nascer a Nova Capital de Minas no dia 12 de dezembro de 1897 em ato público solene, presidido pelo Dr. Crispim Jacques

Bias Fortes, então Presidente de Minas. A cidade custara aos cofres do Estado à importância de 36 mil contos de reis[28].

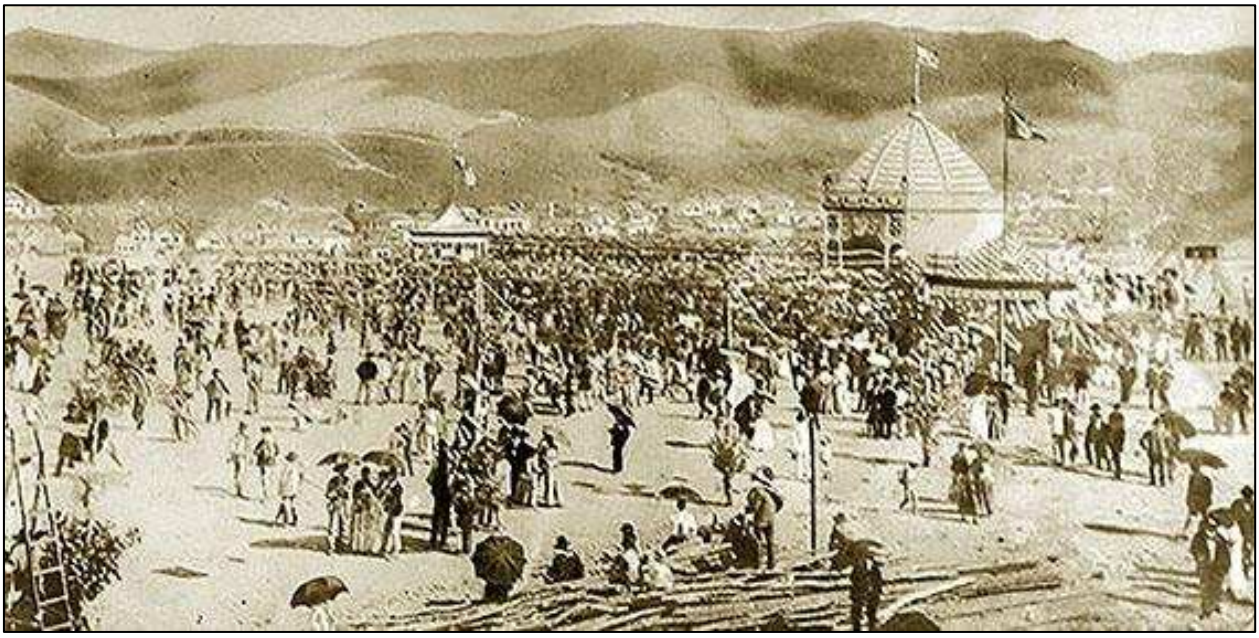

Dia da inauguração, Praça da Liberdade
(À direita, o coreto provisório para o ato solene)
Disponível em: <https://sumidoiro.wordpress.com/2015/12/01>. Acesso em: 04 dez. 2018.

E não bastava um modelo traçado somente em soluções arquitetônicas; a gestão moderna da cidade exigia intervenções das mais diversas possíveis como saberes jurídicos, médicos-sanitaristas, estatísticos, entre outros, na busca por respostas a problemas como miséria, falta de saneamento, doenças, densidade populacional e o potencial de tensões e revoltas sociais[29].

Vale dizer que o planejamento das cidades, durante o século XIX, se baseava em ideais sanitaristas, de um corpo saudável, limpo e deslocando-se com total liberdade, onde a população poderia respirar livremente, por meio do desenho de uma cidade altamente organizada e compreensiva (o que se opunha completamente da colonial cidade de Ouro Preto). As ruas, avenidas e praças representariam uma ruptura radical com o modelo das cidades de então e Belo Horizonte não fugiu a estes ideais. Movido pela nova ordem republicana, positivista e científica, inspirado ainda em um repertório urbanístico em alta no estrangeiro, Aarão Reis (atendendo ao governo da época) planejou a cidade também se baseando em ruas como "artérias e veias". Segundo o artigo nº 2, do decreto de nº 803 do ano de 1895, sobre o levantamento da planta geral da Capital percebemos tal fato: "A sua área será dividida em seções, quarteirões, lotes, com

[28] IBGE, [2014], p.3.

[29] PASSOS, 2009, p. 44.

praças, avenidas e ruas necessárias para a rápida e fácil comunicação dos seus habitantes, boa ventilação e higiene”[30].

A metáfora que compara o traçado das ruas da cidade com artérias e veias é uma projeção da ideia de um corpo orgânico que quando bem ordenado, vive saudável. Esta metáfora advém fortemente dos princípios positivistas franceses do século XIX. O Positivismo foi uma corrente de pensamento difundida por Augusto Comte, que acreditava na ciência como o ponto mais alto e norteador da humanidade. Para ele, se a humanidade fosse ditada pela razão cientifica estaria fadada naturalmente ao progresso. Neste caso, não se trata apenas de um progresso material, mas também ético e espiritual, de tal modo que houve a Igreja Positivista, inclusive no Brasil, que substituiu os Santos pelo panteão de homens virtuosos que engrandeceram as nações com seus feitos históricos. A sua perspectiva de ação política, social e histórica era baseada em três princípios: a Ordem, o Progresso e o Amor; vindo a dizer: “O Amor por princípio. A Ordem por base. O Progresso por fim”. Esse lema influenciou fortemente o pensamento brasileiro, principalmente entre os militares. Não é à toa que eles inscreveram na Bandeira Nacional “Ordem e Progresso”, denotando a crença positivista, porém, se esqueceram do Amor.

Foi neste contexto de efervescência de ideias, que nasceu a nova capital de Minas. A cidade deveria funcionar tão bem como um corpo saudável, bem estruturada, ordenada cientificamente, pois assim traria naturalmente o progresso.

Em um prazo de quatro anos (1893-1897) inaugurou-se a cidade-capital, que nas palavras de Joaquim Nabuco Linhares se resumirá em: “Hercúleos e titânicos foram os trabalhos então realizados. Do nada, pode-se dizer, e em tão curto espaço, surgiram as belas avenidas e ruas que aqui estão e os suntuosos edifícios públicos e particulares que garbosos sustentam nesta cidade”[31].

[30] PASSOS, 2009, p. 43.

[31] PASSOS, 2009, p. 44.

Bomba de gasolina (1920)
Disponível em: <https://www.duniverso.com.br/fotos-da-antiga-belo-horizonte-de-volta-ao-passado/>. Acesso em 04 dez. 2018.

Carregando as características de uma cidade que se deseja moderna, Belo Horizonte não fugiu ao paradigma de ser um local de segmentação. De acordo com o estilo funcional e progressista de urbanismo que se inicia na segunda metade do século XIX, a nova Capital de Minas Gerais também possuía espaços classificados e ordenados de acordo com as funções e necessidades sociais. Tal fato é percebido no projeto/planta do engenheiro Aarão Reis, que dividiu Belo Horizonte em três zonas:

> *[1] A zona urbana que constituía o espaço moderno e ordenado reservado para as elites mineiras. Possuía avenidas largas, retas, geométricas, infra-estrutura sanitária e técnica, área que deveria ser espelho das cidades mais modernas do mundo; [2] a zona suburbana, fora dos limites da Avenida do Contorno que funcionava como uma fronteira que separava a vida urbana da suburbana, onde as moradias eram sofríveis e os serviços precários; e, por fim, [3] a zona rural, um cinturão verde, onde se localizariam os núcleos coloniais que abasteceriam a Capital de frutas, legumes, verduras e matéria prima para a sua construção*[32]*.*

Esta divisão funcionava como instrumento para o controle da cidade. Fixavam-se os seus limites, classificava e hierarquizava os territórios, que deixavam de ser uma dimensão indefinida para se transformarem em áreas delimitadas e identificáveis. O objetivo deste "enquadramento social" era o de estabelecer uma ordem dentro da cidade. Nas ideias de Aarão Reis era necessário

[32] OLIVEIRA, 2004 *apud* PASSOS, 2009, pp.44-45.

"traçar com a régua e o compasso uma ordem social harmônica, unitária, onde não haveria lugar para a chamada desordem urbana" [33].

Dessa forma, nota-se que a concepção urbanística inicial de Belo Horizonte era de uma cidade ampla, aberta e livre para passagens. Os velhos becos e ruas estreitas de Ouro Preto começam a serem substituídos pelo cálculo das aberturas, dos vãos abertos das grandes e largas ruas. Os espaços da nova capital visavam colocar fim à multidão compactada de Ouro Preto e valorizaria a individualidade das almas soltas no vazio das avenidas. Os espaços abertos e iluminados da cidade deveriam colocar todos sob a vista de todos, revelando e neutralizando os perigos da multidão urbana. A luz elétrica, que foi ligada um dia antes da inauguração, demarcava a ideia de progresso da cidade moderna, contrapondo-se aos lampiões antigos. Belo Horizonte foi concebida com o propósito de assegurar condições de vida acima dos padrões correntes no Brasil do século XIX e de início do século XX, padrões esses coerentes com os vigentes ou preconizados nos grandes centros urbanos europeus e norte-americanos; adequando, ainda, seu espaço aos negócios e ao mesmo tempo criando mecanismos de controle sobre a população mais carente e trabalhadora, onde a modernização acabou se dando de maneira desigual nos diferentes pontos da mesma[34].

A rigidez do plano da cidade, que destinava a área interna ao perímetro da Avenida do Contorno a funções específicas, expulsou para as zonas suburbanas e rurais as camadas populares.

Imediações da Rua Sapucaí (1900)
Disponível em: <https://www.duniverso.com.br/fotos-da-antiga-belo-horizonte-de-volta-ao-passado/>. Acesso em 04 dez. 2018.

[33] LETÍCIA JULIÃO *apud* PASSOS, 2009, p.45.
[34] PASSOS, 2009, p.46-47.

Nos planos da Comissão Construtora, ao que se refere à ocupação, tratava-se de atender primeiramente aos funcionários e proprietários, oriundos de Ouro Preto. O governo do Estado cederia gratuitamente um lote de terreno na nova Capital, de acordo com a planta geral, para cada um dos funcionários estaduais que por força de suas funções fossem obrigados a transferir-se para Belo Horizonte; e aos proprietários de casas em Ouro Preto que pagassem o imposto predial (atual IPTU) no exercício do ano de 1890 e que construíssem suas novas residências até o prazo de 17 de dezembro de 1893.

Esta foi uma das formas encontradas pelo governo para vencer a resistência dos que não queriam a mudança. No bairro dos Funcionários concentrou-se a área do funcionalismo público. Tal localidade se constituiu em uma espécie de "cartão de visitas", pois possuía excelentes casas, ruas simétricas (como em todo traçado, dentro da chamada área urbana) e ótimas instalações sanitárias. Já a área Central foi destinada à construção de prédios públicos, do Parque Municipal e da Zona Comercial (atual Av. Santos Dumont e Rua dos Caetés)[35].

Quanto ao Parque Municipal, que no projeto era três vezes maior do que o tamanho atual, este era visto como o "pulmão urbano", órgão respiratório tão importante quanto o coração. O parque era considerado o local de experiência social da cidade. Circulando através de ruas-artérias as pessoas passariam pelo parque, respirando seu ar fresco, da mesma forma que o sangue é refrescado pelos pulmões. No Parque Municipal belo-horizontino, várias construções foram edificadas para enfeitar o "belo jardim", proporcionando entretenimento aos transeuntes; sendo ainda destinados aos parques inúmeros eventos sociais e esportivos[36].

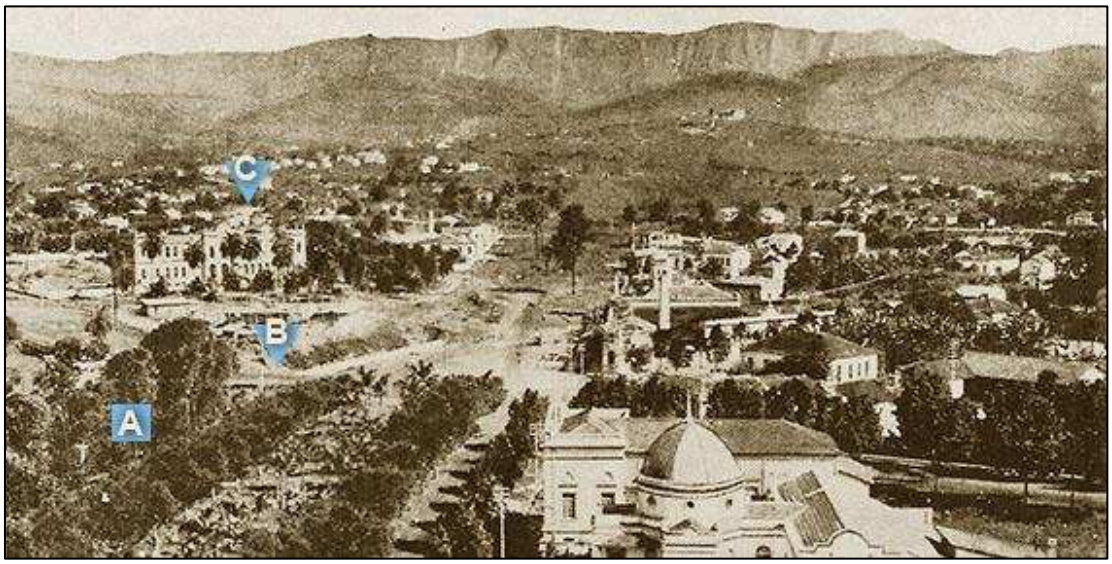

A – Parque Municipal, B – Ponte sobre o Acaba Mundo, C –.Escola Normal (Instituto de Educação)
Disponível em: <https://sumidoiro.wordpress.com/2015/12/01>. Acesso em: 04 dez. 2018.

[35] PASSOS, 2009, p.47.

[36] PASSOS, 2009, p.48.

Assim, a área central era considerada a mais “atraente”, pois concentrava os serviços urbanos modernos como saneamento, iluminação, etc. Obviamente, por ser o território mais elegante era também o menos acessível, já que seus terrenos eram bem valorizados (dentro das leis de mercado da época). Portanto, a área Central, especificamente o bairro dos Funcionários e as partes altas, próximas às ruas da Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo, acabou se tornando o lugar das elites, que construíram suas residências, faziam seus negócios e desfrutavam o seu lazer. Os pobres também estavam localizados na área Central, porém ficavam restritos apenas ao Barro Preto, ao bairro do Quartel (atual Santa Efigênia) e ao bairro do Comércio (atual Hipercentro, ou Centro da cidade)[37].

Já com a população de baixa renda, não houve a mesma preocupação com os assentamentos residenciais. Igual à Paris de Haussmann, nos bairros humildes, a reforma restringiu-se à simples maquiagem, pois atrás dos prédios de fachadas determinadas pelas normas da construção civil, estavam às casas/cortiços com chiqueiros e nenhum tipo de ventilação. Dizia-se que Belo Horizonte cheirava a lenços d´alcobaça e a mofo das secretarias e o outro lado da cidade cheirava a água de colônia, a toucinho e a álcool (da cachaça)[38].

[37] PASSOS, 2009, p.48.

[38] PASSOS, 2009, p.48.

4. EXERCÍCIOS.

QUESTÕES COMENTADAS

1. (IBFC - MGS / 2016)

Preencha a lacuna do texto a seguir com a resposta correta.

A região metropolitana da cidade de Belo Horizonte tem cerca de _____do total de habitantes no estado.

A) 25%

B) 10%.

C) 65%.

D) 48%.

Comentários

A alternativa A é a resposta certa. A Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), também chamada de Grande Belo Horizonte ou Grande BH, foi criada em 1973 pela Lei Complementar Federal n.º 14/73, e, atualmente, é regulamentada por leis complementares do Estado de Minas Gerais (LEC n.º88/2006 e LEC n.º 89/2006). Com uma população de 5 916 189 habitantes, conforme a estimativa de julho de 2018 é a terceira maior aglomeração urbana do Brasil. Mesmo a Grande Belo Horizonte sendo a 3ª maior região metropolitana do Brasil, sua sede, a cidade de Belo Horizonte, ocupa a 6ª posição entre os municípios mais populosos do país. Só nos anos 2000 a população da cidade foi superada pela de Brasília e Fortaleza. Esse fenômeno ocorre porque o município de Belo Horizonte, com área de 331 km², é relativamente pequeno se comparado às duas maiores cidades do Brasil, São Paulo (1.521 km²) e Rio de Janeiro (1.197 km²). A RMBH é o centro político, financeiro, comercial, educacional e cultural de Minas Gerais, representando em torno de 40% da economia e 25% da população do estado de Minas Gerais. Seu produto Interno bruto (PIB) somava em 2012 cerca de R$ 149,4 bilhões, dos quais cerca de 40% pertenciam à cidade de Belo Horizonte.

(IBGE CIDADES, [2018]).

Gabarito: A

---

2. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2010)

Para deslocar do centro de Belo Horizonte ao Aeroporto de Confins, você utiliza a “Linha Verde”, por meio da rodovia:

A) MG 030.

B) MG 010.

C) MG 024.

D) MG 020.

Comentários

A alternativa B é a resposta certa. A Linha Verde é um projeto de vias lançado em 2005 pelo governo do estado de Minas Gerais. Trata-se de um conjunto de obras viárias que envolve Belo Horizonte e a sua região metropolitana. É uma via expressa, com 35,4 km de extensão, liga o centro de BH ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves, no município de Confins. A Linha Verde visa beneficiar mais de 3,5 milhões de pessoas, em quase 100 bairros da capital e mais de dez municípios. O empreendimento inclui intervenções nas avenidas Andradas, do Contorno, Cristiano Machado, e na rodovia MG-010.

(BELO, 2018).

Gabarito: B

---

3. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2010)

Entre as capitais dos Estados brasileiros, abaixo listadas, Belo Horizonte possui maior contigência populacional somente em relação à capital do Estado do:

A) Rio de Janeiro.

B) Bahia.

C) Ceará.

D) Paraná.

Comentários

A alternativa D é a resposta certa. Belo Horizonte é o sexto município mais populoso do Brasil, atrás de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Fortaleza e, mais recentemente, Brasília. Portanto, considerando as opções acima, o contingente populacional de Belo Horizonte é maior somente do que o do município de Curitiba, capital do Estado do Paraná.

(BELO, 2018).

Gabarito: D

---

4. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2007)

Sobre a localização do município de Belo Horizonte é correto afirmar, EXCETO:

A) Belo Horizonte está situada no centro-sul do Estado de Minas Gerais. O município tem extensão territorial de 335 km², sendo delimitado pelas latitudes 19º 46' 35"e 20º 03' 34" sul e pelas longitudes 43º 51' 27"e 44º 03' 47" oeste de Greenwich. Ao sul, tem divisas com Nova Lima e Brumadinho, a leste com Sabará e Santa Luzia, a norte com Santa Luzia e Vespasiano, a oeste com Ribeirão das Neves, Contagem e Ibirité.

B) A sede municipal localiza-se a 852,19 metros de altitude. A maior área está entre 751 e 1000 metros, de norte para sudoeste.

C) As menores altitudes ocorrem a nordeste, entre 650 e 750 metros; as maiores, nos limites ao sul e sudeste, entre 1001 e 1150 metros nas encostas, e maiores que estas, podendo atingir 1500 metros, no topo da Serra do Curral.

D) As características deste domínio são a diversidade litológica e o relevo acidentado que encontra expressão máxima na Serra da Piedade, limite sul do município.

Comentários

A alternativa D é a resposta certa, pois as informações geográficas afirmadas nas alternativas A, B e C estão corretas. Apenas a alternativa D é falsa, uma vez a Serra da Piedade não está dentro dos limites do município de Belo Horizonte e nem faz divisa com estes limites. Além disso, a Serra da Piedade está a noroeste da capital.

Gabarito: D

---

5. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2005)

A Região Metropolitana de Belo Horizonte conta hoje com 34 (trinta e quatro) municípios, dos quais alguns NÃO SÃO limítrofes com Belo Horizonte. MENCIONÁ-LOS:

A) Sabará, Ribeirão das Neves e Ibirité.

B) Santa Luzia, Contagem, Nova Lima.

C) Vespasiano, Brumadinho e Ibirité.

D) Lagoa Santa, Raposos e Betim.

Comentários

A alternativa D é a resposta certa. O município de Belo Horizonte faz divisas ao Norte com Vespasiano; ao Sul, com Brumadinho; ao Leste, com Sabará; a Oeste, com Contagem, Ibirité e Ribeirão das Neves; a Sudoeste, com Nova Lima; e a Nordeste, com Santa Luzia. Os outros municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte que não fazem divisas com a capital são: Baldim, Betim, Caeté, Capim Branco, Confins, Esmeraldas, Florestal, Igarapé, Itaguara, Itatiaiuçu, Jaboticatubas, Juatuba, Lagoa Santa, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Nova União, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Rio Manso, São Joaquim de Bicas, São José da Lapa, Sarzedo e Taquaraçu de Minas.

(GEOGRAFIA DE BELO HORIZONTE, [2013]).

Gabarito: D

---

6. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2005)

Belo Horizonte fica numa região de serras onduladas. O céu, muito claro e azul mesmo no inverno, é recortado pelo perfil da Serra do Curral, que protege a cidade de ventos mais fortes.

Foto de Ricardo P. Coelho. Região Central de Belo Horizonte na atualidade. Ao fundo a Serra do Curral.

São características do município de Belo Horizonte, EXCETO:

A) Belo Horizonte completou 107 anos. A primeira capital planejada do País fica localizada na região Sudeste. Conhecida pelo clima ameno e agradável durante todo o ano, sua temperatura varia em torno de 21º centígrados. O inverno é seco e o verão chuvoso.

B) A cidade é a capital do Estado de Minas Gerais e tem uma população com cerca de 2,3 milhões de habitantes. Foi considerada a metrópole com melhor qualidade de vida da América Latina pelo "Population Crisis Commitee" da ONU e a 45ª entre as cem melhores do mundo.

C) Belo Horizonte, especificamente, fica junto ao pólo automobilístico de Betim, onde se encontra a segunda maior fábrica mundial da FIAT.

D) Em relação às metrópoles do Brasil, Belo Horizonte é o maior entroncamento em termos de transporte aéreo, sendo denominado o aeroporto Presidente Tancredo Neves (Confins) de natureza internacional.

Comentários

A alternativa A não é a resposta certa, pois está correta. Em 12 de dezembro de 2004 a capital mineira completava 107 anos. De fato, foi a primeira capital planejada do País e o clima foi fator importantíssimo para a escolha do local, aos pés da Serra do Curral.

A alternativa B também não é a resposta certa, pois está correta. Cercada pela Serra do Curral, Belo Horizonte foi indicada pelo Population Crisis Commitee, da Organização das Nações Unidas, como a metrópole com melhor qualidade de vida na América Latina e ficou na 45ª posição entre as 100 melhores cidades do mundo. A cidade também exibe o diploma de "Cidade Modelo na Área Ambiental", com seus 32 metros quadrados de área verde por habitante, o triplo do índice recomendado pela Organização Mundial de Saúde.

A alternativa C também não é a resposta certa, pois está correta. Inaugurada em 1976, após três anos de negociações com o governo brasileiro, a sede da Fiat no Brasil fica em Betim, cidade encostada na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Apesar de gigante (é a maior fábrica do Grupo Fiat no planeta), pode ser considerada "pequena" perto da fábrica da Hyundai, em Ulsan, na Coréia do Sul – para se ter uma noção, a unidade de Betim tem área de 701.696 m², sete vezes menor que a coreana. Contudo, a fábrica da FIAT de Betim é a segunda maior fábrica do mundo e a maior do Brasil.

A alternativa D é a resposta certa, pois, apesar do aeroporto Presidente Tancredo Neves (Confins) ser internacional, é falso afirmar que Belo Horizonte é o maior entroncamento em termos de transporte aéreo.

(WRI BRASIL, 2018).

Gabarito: D

LISTA DE QUESTÕES

1. (IBFC - MGS / 2016)

Preencha a lacuna do texto a seguir com a resposta correta.

A região metropolitana da cidade de Belo Horizonte tem cerca de _____do total de habitantes no estado.

A) 25%

B) 10%.

C) 65%.

D) 48%.

2. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2010)

Para deslocar do centro de Belo Horizonte ao Aeroporto de Confins, você utiliza a "Linha Verde", por meio da rodovia:

A) MG 030.

B) MG 010.

C) MG 024.

D) MG 020.

3. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2010)

Entre as capitais dos Estados brasileiros, abaixo listadas, Belo Horizonte possui maior contigência populacional somente em relação à capital do Estado do:

A) Rio de Janeiro.

B) Bahia.

C) Ceará.

D) Paraná.

4. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2007)

Sobre a localização do município de Belo Horizonte é correto afirmar, EXCETO:

A) Belo Horizonte está situada no centro-sul do Estado de Minas Gerais. O município tem extensão territorial de 335 km², sendo delimitado pelas latitudes 19º 46' 35"e 20º 03' 34" sul e pelas longitudes 43º 51' 27"e 44º 03' 47" oeste de Greenwich. Ao sul, tem divisas com Nova Lima e Brumadinho, a leste com Sabará e Santa Luzia, a norte com Santa Luzia e Vespasiano, a oeste com Ribeirão das Neves, Contagem e Ibirité.

B) A sede municipal localiza-se a 852,19 metros de altitude. A maior área está entre 751 e 1000 metros, de norte para sudoeste.

C) As menores altitudes ocorrem a nordeste, entre 650 e 750 metros; as maiores, nos limites ao sul e sudeste, entre 1001 e 1150 metros nas encostas, e maiores que estas, podendo atingir 1500 metros, no topo da Serra do Curral.

D) As características deste domínio são a diversidade litológica e o relevo acidentado que encontra expressão máxima na Serra da Piedade, limite sul do município.

5. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2005)

A Região Metropolitana de Belo Horizonte conta hoje com 34 (trinta e quatro) municípios, dos quais alguns NÃO SÃO limítrofes com Belo Horizonte. MENCIONÁ-LOS:

A) Sabará, Ribeirão das Neves e Ibirité.

B) Santa Luzia, Contagem, Nova Lima.

C) Vespasiano, Brumadinho e Ibirité.

D) Lagoa Santa, Raposos e Betim.

6. (FGR - Pref. BH - Guarda Municipal / 2005)

Belo Horizonte fica numa região de serras onduladas. O céu, muito claro e azul mesmo no inverno, é recortado pelo perfil da Serra do Curral, que protege a cidade de ventos mais fortes.

Foto de Ricardo P. Coelho. Região Central de Belo Horizonte na atualidade. Ao fundo a Serra do Curral.

São características do município de Belo Horizonte, EXCETO:

A) Belo Horizonte completou 107 anos. A primeira capital planejada do País fica localizada na região Sudeste. Conhecida pelo clima ameno e agradável durante todo o ano, sua temperatura varia em torno de 21º centígrados. O inverno é seco e o verão chuvoso.

B) A cidade é a capital do Estado de Minas Gerais e tem uma população com cerca de 2,3 milhões de habitantes. Foi considerada a metrópole com melhor qualidade de vida da América Latina pelo "Population Crisis Commitee" da ONU e a 45ª entre as cem melhores do mundo.

C) Belo Horizonte, especificamente, fica junto ao pólo automobilístico de Betim, onde se encontra a segunda maior fábrica mundial da FIAT.

D) Em relação às metrópoles do Brasil, Belo Horizonte é o maior entroncamento em termos de transporte aéreo, sendo denominado o aeroporto Presidente Tancredo Neves (Confins) de natureza internacional.

Gabarito

1. Alternativa A
2. Alternativa B
3. Alternativa D
4. Alternativa D
5. Alternativa D
6. Alternativa D

5. Considerações Finais.

Muito bem, querido concurseiro. Se você chegou até aqui é um bom sinal: o de que tentou praticar todos os exercícios. Não se esqueça da importância de ler a teoria completa e sempre consultá-la. Não se esqueça, também, dos seus objetivos e dedique-se com toda a força para alcançá-los. Sonhe alto, pois "quem sente o impulso de voar, nunca mais se contentará em rastejar". Encontro você na nossa próxima aula.

Bons estudos, um grande abraço e foco no sucesso.

Até logo...

Prof. Sérgio Henrique Lima Reis.

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1. Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2. Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3. Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4. Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5. Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6. Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7. Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8. O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.

Livro Eletrônico

Estratégia CONCURSOS

Aula 00

Direito da Criança e do Adolescente p/ Defensoria Pública Estadual 2018 (Curso Regular)

Professor: Ricardo Torques

00000000000 - DEMO

AULA 00

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Sumário

Direitos da Criança e do Adolescente para Defensorias 2018 3
Cronograma de Aulas 5
1 - Considerações Iniciais 7
2 - Paradigmas legislativos: evolução histórica do Direito da Criança e do Adolescente 7
2.1 - Aspectos históricos remotos 7
2.2 - Evolução internacional 8
2.3 - Evolução Histórica no Ordenamento Brasileiro 9
3 - A doutrina da situação irregular e a doutrina da proteção integral 13
4 - Regras Constitucionais 17
5 - Questões 22
5.1 – Lista de Questões sem comentários 22
5.2 – Gabarito 32
5.3 – Lista de Questões com comentários 32
6 - Legislação Destacada e Jurisprudência Correlata 50
7 – Resumo 51
8 - Considerações Finais 55

00000000000 - DEMO

APRESENTAÇÃO DO CURSO

Direitos da Criança e do Adolescente para Defensorias 2018

Tenho a felicidade de apresentar a você o nosso **Curso de Direitos da Criança e do Adolescente**. Esse é um **CURSO REGULAR** que tem por objetivo abranger o conteúdo cobrado em todos os concursos de **Defensorias Públicas Estaduais**.

O curso está atualizado com as recentes reformas do Estatuto da Criança e do Adolescente. Além disso, aprofundamos o material para atender às exigências de concursos de Carreiras Jurídicas.

O presente curso abrangerá todos os assuntos que podem ser exigidos nas provas objetivas. Num total de 07 aulas, passaremos por todos os assuntos teóricos da matéria, sem deixar de alertar para as recentes reformas promovidas na legislação.

Os assuntos serão tratados para atender tanto àquele que está iniciando os estudos na área, bem como àquele que está estudando há mais tempo. Os conceitos serão expostos de forma didática, com explicação dos institutos jurídicos e resumos da jurisprudência, quando importante para a prova.

Vejamos a metodologia do nosso curso.

Metodologia do Curso

Podemos afirmar que as aulas levarão em consideração as seguintes "fontes".

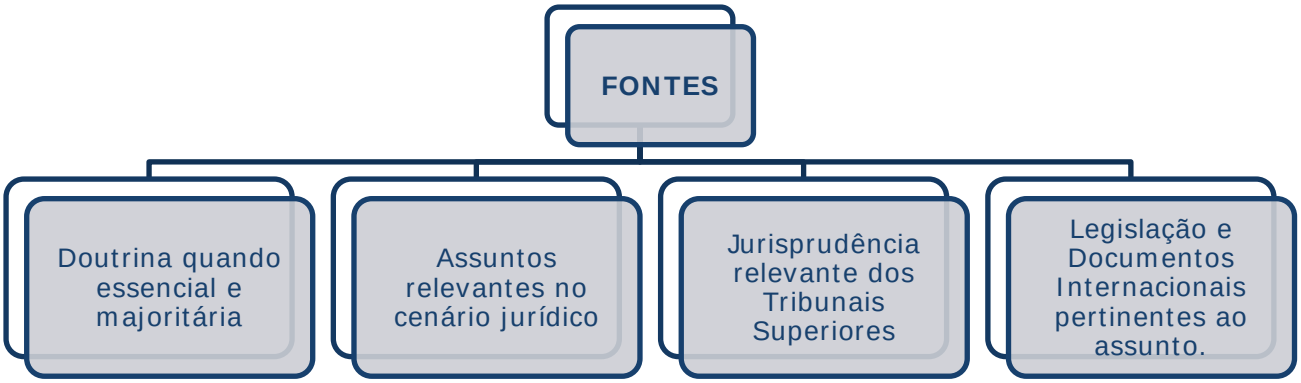

Para tornar o nosso estudo mais completo, é muito importante resolver questões anteriores, para nos situarmos diante das possibilidades de cobrança. Traremos questões variadas para demonstrar como o assunto pode ser cobrado em provas.

Essas observações são importantes, pois permitirão que, dentro da nossa limitação de tempo e com máxima objetividade, possamos organizar o curso de modo focado, voltado para acertar questões de primeira fase.

Esta é a nossa proposta!

00000000000 - DEMO

Vistos alguns aspectos gerais da matéria, teçamos algumas considerações acerca da **metodologia de estudo**.

As aulas em *.pdf* tem por característica essencial a **didática**. Ao contrário do que encontraremos na doutrina especializada, o curso todo se desenvolverá com uma leitura de fácil compreensão e assimilação.

Isso, contudo, não significa superficialidade. Pelo contrário, sempre que necessário e importante os assuntos serão aprofundados. A didática, entretanto, será fundamental para que diante do contingente de disciplinas, do trabalho, dos problemas e questões pessoais de cada aluno, possamos extrair o máximo de informações para hora da prova.

Para tanto, o material será permeado de **esquemas**, **gráficos informativos**, **resumos**, **figuras**, tudo com o fito de "chamar atenção" para as informações que realmente importam.

Com essa estrutura e proposta pretendemos conferir segurança e tranquilidade para uma ***preparação completa, sem necessidade de recurso a outros materiais didáticos***.

Finalmente, destaco que um dos instrumentos mais relevantes para o estudo em .pdf é o **contato direto e pessoal com o Professor**. Além do nosso **fórum de dúvidas**, estamos disponíveis por **e-mail** e, eventualmente, pelo ***Facebook***. Aluno nosso não vai para a prova com dúvida. Por vezes, ao ler o material surgem incompreensões, dúvidas, curiosidades, nesses casos basta acessar o computador e nos escrever. Assim que possível respondemos a todas as dúvidas. É notável a evolução dos alunos que levam a sério a metodologia.

Assim, cada aula será estruturada do seguinte modo:

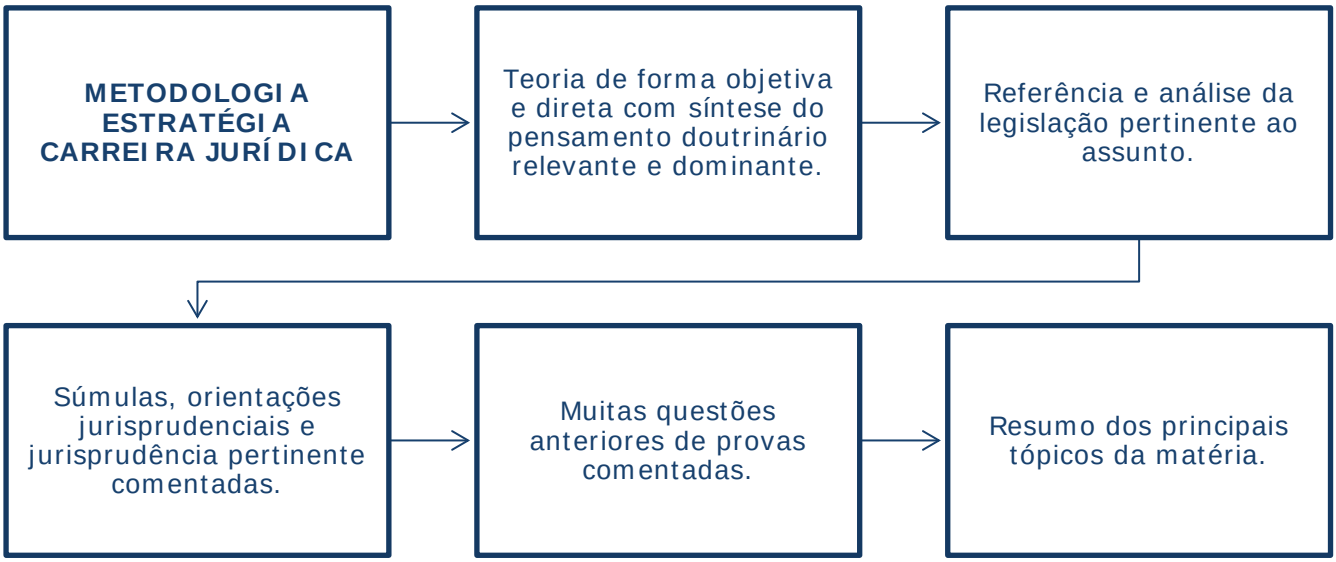

00000000000 - DEMO

Apresentação Pessoal

Por fim, resta uma breve apresentação pessoal. Meu nome é Ricardo Strapasson Torques! Sou graduado em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pós-graduado em Direito Processual.

Estou envolvido com concurso público há 07 anos, aproximadamente, quando ainda na faculdade. Trabalhei no Ministério da Fazenda, no cargo de ATA. Fui aprovado para o cargo Fiscal de Tributos na Prefeitura de São José dos Pinhais/PR e para os cargos de Técnico Administrativo e Analista Judiciário nos TRT 4ª, 1º e 9º Regiões. Atualmente, trabalho exclusivamente como professor.

Quanto à atividade de professor, leciono exclusivamente para concurso, com foco na elaboração de materiais em *pdf*. Temos, atualmente, cursos em Direitos Humanos, Legislação, Direito Eleitoral e Filosofia do Direito.

Deixarei abaixo meus contatos para quaisquer dúvidas ou sugestões. Terei o prazer em orientá-los da melhor forma possível nesta caminhada que estamos iniciando.

E-mail: rst.estrategia@gmail.com

Cronograma de Aulas

Vejamos a distribuição das aulas:

AULA	CONTEÚDO	DATA
Aula 00	Apresentação do curso 1. Paradigmas legislativos em matéria de infância e juventude: a doutrina da situação irregular e a doutrina da proteção integral. 3. Os direitos da criança e do adolescente na Constituição Federal.	07.01
Aula 01	2. A criança e o adolescente na normativa internacional. Declaração Universal dos Direitos da Criança. Convenção Internacional sobre os direitos da Criança. Convenção sobre os aspectos civis do sequestro internacional de crianças. Convenção Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional. Regras Mínimas da ONU para Proteção dos Jovens Privados de Liberdade e para Administração da Justiça da Infância e Juventude (Regras de Beijing). Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil. (parte 01)	14.01
Aula 02	2. A criança e o adolescente na normativa internacional. Declaração Universal dos Direitos da Criança. Convenção Internacional sobre os direitos da Criança. Convenção sobre os	21.01

00000000000 - DEMO

	aspectos civis do sequestro internacional de crianças. Convenção Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional. Regras Mínimas da ONU para Proteção dos Jovens Privados de Liberdade e para Administração da Justiça da Infância e Juventude (Regras de Beijing). Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil. (parte 02)	
Aula 03	4. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90 e alterações posteriores): abrangência, concepção e estrutura. Parte geral, parte especial, disposições preliminares, finais e transitórias. (parte 01)	28.01
Aula 04	4. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90 e alterações posteriores): abrangência, concepção e estrutura. Parte geral, parte especial, disposições preliminares, finais e transitórias. (parte 02)	04.02
Aula 05	4. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90 e alterações posteriores): abrangência, concepção e estrutura. Parte geral, parte especial, disposições preliminares, finais e transitórias. (parte 03)	11.02
Aula 06	13. Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS (Lei nº 8742/93) e Política Nacional de Assistência Social (Resolução do Conselho Nacional de Assistência Social nº 145, de 15/10/2004 – DOU 28/10/2004).	18.02
Aula 07	14. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/96).	25.02
Aula 08	15. Resoluções n.ºs 113/06 e 117/06, ambas do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) que dispõem sobre os parâmetros para a institucionalização e fortalecimento do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente. 16. A Defensoria Pública e proteção dos direitos individuais e coletivos da criança e do adolescente. 17. Sumulas e jurisprudência dos tribunais superiores.	04.03

Essa é a distribuição dos assuntos ao longo do curso. Eventuais ajustes poderão ocorrer, especialmente por questões didáticas. De todo modo, sempre que houver alterações no cronograma acima, vocês serão previamente informados, justificando-se.

00000000000 - DEMO

1 - Considerações Iniciais

Para a nossa aula demonstrativa trataremos dos pontos iniciais da matéria, porque nossa intenção é apresentar a metodologia que será utilizada no desenvolvimento das aulas.

Esses temas são importantes para que possamos compreender toda a estrutura do Direito da Criança e do Adolescente. Eles denotam a mudança de paradigma que tivemos do Código de Menores para o ECA, combinado com a redação da Constituição Federal e da Convenção sobre o Direito das Crianças da ONU.

Bons estudos a todos!

2 - Paradigmas legislativos: evolução histórica do Direito da Criança e do Adolescente

Nesse capítulo faremos uma abordagem histórica da proteção às crianças e aos adolescentes. Com intuito didático, vamos distinguir nossa análise em: aspectos históricos remotos, evolução internacional e evolução histórica no ordenamento jurídico brasileiro. Desses três pontos, o mais relevante é o último, porque é mais incidente em provas.

2.1 - Aspectos históricos remotos

Antiguidade

Nas civilizações antigas as formações familiares giravam **em torno da religião**, não em razão de laços familiares ou por laços afetivos. O *pater familiae* ou chefe da família era o responsável pelo cumprimento dos deveres familiares de todo o grupo, não necessariamente composto apenas por pessoas que tivessem algum laço de consanguinidade. Esse exercia, assim, autoridade religiosa e familiar.

Em relação às crianças e adolescentes, **não havia qualquer tratamento diferenciado**, até porque na antiguidade não havia a distinção que, hoje, é usual. Em face disso, crianças e adolescente eram considerados **objetos de direito** (e não sujeitos), ou seja, eram mera propriedade do *pater familiae*.

Para que você tenha ideia:

00000000000 - DEMO

para os gregos	somente eram mantidas vivas crianças fortes e saudáveis
para os espartanos	as crianças eram consideradas "patrimônio do Estado", que ficavam sob responsabilidade de um tribunal do Estado para serem preparadas para a guerra
no Oriente	algumas crianças eram sacrificadas em razão da sua pureza

Com uma ou outra exceção, **as crianças e adolescentes eram vistos como objeto de direito e como patrimônio a serviço da religião, de autoridades familiares e do Estado**.

Idade Média

Esse período é marcado pelo desenvolvimento da religião cristã, que influenciou diretamente os ordenamentos jurídicos da Europa. Assim, todos estavam a serviço a Igreja, pois o homem, de modo geral, era considerado um ser pecador e não racional, que deveria observar os preceitos religiosos para se salvar.

No que diz respeito ao tratamento dado às crianças e adolescentes temos um salto importante! Muito embora consideradas como objeto de direito, há nítido **reconhecimento da dignidade das crianças e adolescentes**. Isso impôs o respeito às crianças que não poderiam ser maltratadas, abusadas ou abandonadas pelos seus pais.

Por outro lado, as **crianças concebidas fora do casamento religioso** encontravam-se em situação de **dupla vulnerabilidade**: pelo fato de serem crianças e, também, pela discriminação em razão de não serem reconhecidas pela igreja, pois representavam violação do modelo moral da época.

2.2 - Evolução internacional

Em relação à abordagem internacional vamos tratar sobre os diplomas que se voltaram para a proteção de crianças e adolescentes. Se você observar, o edital explicitou alguns desses diplomas, que serão desenvolvidos em aula futura.

Aqui, portanto, vamos apenas minudenciar as principais normas a fim de atender ao expresso em edital, ou seja: considerar os aspectos históricos evolutivos da disciplina.

O primeiro diploma internacional voltado para a tutela de crianças e adolescentes foi a **Convenção para a Repressão do Tráfico de Mulheres e Crianças** aprovada em 1921.

Em 1924 foi aprovada a **Declaração de Genebra** que, pela primeira vez, fez referência aos direitos das crianças.

00000000000 - DEMO

Já no ano de 1948 temos a **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (DUDH), que confere proteção à maternidade e assistência social às crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio.

Em 1946 houve um marco relevante que se relaciona com a criação da UNICEF, entidade criada com o objetivo de promover os direitos voltados para a proteção e para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Em 1959, a UNICEF aprovou a denominada **Declaração Universal dos Direitos da Criança** que fixou alguns princípios basilares à proteção dos direitos das crianças.

No âmbito do sistema regional de Direitos Humanos, destaca-se a **Convenção Americana sobre os Direitos Humanos** denominada de "*Pacto de San José da Costa Rica*", aprovada em 1969, a qual fixa o dever de os Estados-partes promoverem medidas de proteção às crianças.

No âmbito do Sistema Global de Direitos Humanos, sob a égide da ONU, foi aprovada a **Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças**, que estabeleceu diversos direitos e garantias voltados para as crianças. Trata-se de um marco na legislação internacional no que tange à proteção aos direitos humanos de crianças e de adolescentes. É o diploma que guarda o maior número de adesões no Sistema Global.

Esses são os diplomas mais relevantes no âmbito internacional. Parte desses documentos será estudada na próxima aula.

2.3 - Evolução Histórica no Ordenamento Brasileiro

No direito brasileiro podemos destacar alguns períodos:

Antes do Século XVI

Nesse período não temos, na evolução dos Direitos da Criança e do Adolescente, registro de proteção diferenciada. Especula-se, também, que nas civilizações indígenas não havia qualquer tratamento diferenciado para crianças e adolescentes.

A doutrina marca essa fase inicial como de "**absoluta indiferença**". Vale dizer que, sem a existência de normas jurídicas ou mesmo práticas comunitárias específicas para a proteção das crianças e adolescentes, esses eram considerados *objeto de direito* e não sujeitos.

Século XVI e XIX

Na origem da nossa colonização, o ordenamento jurídico vigente era representado pelas Ordenações do Reino. Nesse período, em síntese, destaca-se a **preocupação com os infratores, com aplicação de penas severas e cruéis e a imputabilidade a partir dos 7 anos de idade**.

Em 1830 foi editado o Código Penal do Império, que elevou a maioridade para os 14 anos de idade. As crianças e adolescente entre 7 e 14, quando da prática de

00000000000 - DEMO

algum ato considerado crime pela legislação penal, eram inseridas em *casas de correção*.

Algumas décadas mais tarde, temos a aprovação do Primeiro Código Penal dos Estados Unidos do Brasil (de 1890), o qual continuou com a linha da legislação penal anterior, com poucas diferenças. Para que você tenha ideia, os menores de 9 anos de idade eram considerados inimputáveis. Para a imputabilidade dos menores compreendidos entre 9 e 14 anos seria necessário um procedimento prévio de verificação para que fossem penalizados. Caso isso ocorresse, havia uma regra objetiva que previa a redução da pena para 2/3.

República (1900 a 1930)

Destaca-se a publicação do primeiro Código de Menores no ano de 1926, que tratava sobre a situação jurídica das crianças e adolescentes expostos e abandonados. No ano seguinte esse documento foi substituído, com uma normativa que fixava poderes ao Juiz para decidir a respeito de crianças e adolescentes quando abandonados ou quando envolvidos em ilegalidades. Denominou-se de "**Código de Mello Mattos**".

Importante destacar que a família, nesse período, mantinha o dever de suprir as necessidades básicas das crianças e dos adolescentes de acordo com os padrões definidos pelo Estado. Ao Poder Público competia atuar na adoção de medidas voltadas a minimizar a infância de rua.

É nesse período que **a distinção entre crianças e adolescente é efetivamente criada em nosso ordenamento jurídico**. Temos o conceito de criança abrangendo aqueles entre 0 e 14 anos e os adolescentes entre 14 e 18 anos de idade.

Em relação à atividade do "Juiz de Menores", cumpre destacar que lhe foi conferido poder para, de forma centralizada, controladora e protecionista, acompanhar crianças e adolescentes marginalizados e potencialmente perigosos. Esse **conceito discriminatório e de visão unilateral se manteve até a edição do atual Estatuto da Criança e do Adolescente,** em 1990.

Essa fase – marcada pelo Código de Mello Matos – é considerada como fase da "**mera imputação penal**", pois a norma visava apenas a punição de condutas praticadas pelas crianças e pelos adolescentes.

Estado Novo e redemocratização (1930 a 1964)

Destaca-se a Constituição de 1937 que ampliou a proteção às crianças e adolescentes com a criação de programas de **assistência social**, notadamente em relação aos jovens infratores e às crianças e adolescentes desfavorecidos economicamente.

Além disso, evidencia-se a tentativa de inserção de crianças e adolescentes em diversos vínculos familiares com o objetivo de recuperá-los, ainda que afastados da família de origem.

00000000000 - DEMO

Regime Militar (1964 a 1979)

O progresso obtido foi interrompido com o período de exceção. Em linhas gerais, o período militar foi responsável pelo desvio de recursos públicos que seriam aplicados na área e a utilização dos sistemas institucionais da infância e juventude (especialmente os de caráter infracional) para restringir ameaças e pressões dos jovens contra o sistema ditatorial.

Esse período é marcado também pela **redução da maioridade para 16 anos de idade** e pela aprovação do Código de Menores, publicado em 1979, que consolidou a denominada **doutrina da situação irregular**.

Portanto, o Código de Menores marca uma fase relevante de proteção à criança e ao adolescente, denominada de "**fase tutelar**", cujas normas visam proporcionar programas de assistência e segregação de crianças e adolescentes marginalizados, ou melhor, em situação irregular.

Década de 80 e 90

Esse período, que vai até a promulgação da Constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, é marcado pelo desenvolvimento de movimentos sociais e conquistas efetivas, em especial:

- A **Pastoral da Criança,** em 1983, pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e movimentos sociais da Igreja Católica.
- O **Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua** (MNMMR), em 1985 na cidade de São Bernardo do Campo em São Paulo.

Paralelamente, com as discussões do projeto de lei que deu origem ao ECA, houve a formação de dois polos, um em defesa do Código de Menores e outro em defesa do novo Estatuto. De um lado estava a defesa da doutrina da situação irregular, do outro a doutrina da proteção integral.

A CF e o ECA

A Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente são marcantes por consolidar uma mudança de paradigma na proteção de crianças e adolescentes. Essa é a base fundamental sobre a qual serão desenvolvidas nossas aulas. Desse modo, a título de evolução, vamos trazer de forma sintetizada as principais mudanças vivenciadas:

- Modelo jurídico que privilegia a dignidade da pessoa.
- Adoção da doutrina da proteção integral em substituição da doutrina da situação irregular.
- Tratamento da situação jurídica das crianças e adolescentes como política pública.
- Criação de um sistema de garantia de direitos descentralizado na figura dos Municípios, responsáveis pelo estabelecimento da política de atendimento com a intermediação do CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes).
- Participação de vários atores na proteção das crianças e adolescentes, a exemplo da comunidade local, Conselhos Municipais, Conselho Tutelar, família, Poder Judiciário, Ministério Público.

00000000000 - DEMO

A CF marca a fase atual de desenvolvimento dos Direitos da Criança e do Adolescente pela denominada "**fase da proteção integral**", que representa a superação da doutrina da situação irregular. Dada a importância desse tema para provas veremos o assunto de forma detalhada, em separado.

Antes de iniciarmos, entretanto, é importante ressaltar que marcamos em vermelho 4 fases que sintetizam – para a doutrina majoritária – a evolução do tratamento dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Assim, agregando...

ATENÇÃO DECORE!

FASE	IDEIA CENTRAL	PERÍODO
fase da **ABSOLUTA INDIFERENÇA**	Sem normas tutelares dos direitos de crianças ou adolescentes.	até o início do séc. XVI
fase da **MERA IMPUTAÇÃO PENAL**	Objetiva-se a punição de condutas praticadas por crianças e adolescentes.	do séc. XVI e, especialmente com a edição do Código Mello Matos em 1927, até o Código de Menores de 1979.
fase **TUTELAR**	Objetiva-se promover a proteção de crianças e adolescentes em situação irregular, com assistencialismo e práticas segregatórias.	da edição do Código de Menores de 1979 até a Constituição de 1988
fase da **PROTEÇÃO INTEGRAL**	As crianças e adolescentes são considerados sujeitos de direitos, os quais devem ser assegurados em conjunto pelo Estado, sociedade e famílias, com absoluta prioridade e em consideração da situação peculiar de pessoa em desenvolvimento.	a partir da CF de 1988

Vejamos uma questão muito interessante sobre o assunto:

QUESTÕES PARA MEMORIZAÇÃO

(UFMT/ DPE-MT/ 2016) Sobre a evolução histórica do direito da criança e do adolescente, assinale a afirmativa correta.

a) Antes da doutrina da proteção integral, inexistia preocupação em manter vínculos familiares, até porque a família ou a falta dela era considerada a causa da situação regular.

00000000000 - DEMO

b) Na doutrina da proteção integral, descentralizou-se a atuação, materializando-a na esfera municipal pela participação direta da comunidade por meio do Conselho Municipal de Direitos e do Conselho Tutelar.

c) A doutrina da situação irregular limitava-se basicamente ao tratamento jurídico dispensado ao menor carente, ao menor abandonado e às políticas públicas.

d) Na vigência do Código de Menores, havia a distinção entre criança e adolescente, embora majoritariamente adotava-se apenas a denominação "menor".

e) Além do judiciário, com a doutrina da proteção integral, novos atores entram em cena, como a comunidade local, a família e a Defensoria Pública como um grande agente garantidor de toda a rede, fiscalizando seu funcionamento, exigindo resultados, assegurando o respeito prioritário aos direitos fundamentais infanto-juvenis.

Comentários

Esse é o tipo de questão que esperamos que a banca possa apresentar relativamente a essa parte introdutória da matéria. Vamos analisar cada uma das alternativas.

A **alternativa A** está incorreta pelo uso da palavra "regular". Antes da doutrina da proteção integral inexistia a preocupação com a manutenção dos vínculos familiares.

A **alternativa B** está correta e é o gabarito da questão. A doutrina da proteção integral se baseia na descentralização da atuação com destaque para a esfera municipal.

A **alternativa C** está incorreta. A doutrina da situação irregular tratava o menor como um problema que deveria ser resolvido e não considerava a criança e o adolescente como sujeito de direitos e deveres.

A **alternativa D** está incorreta. No Código de Menores não havia qualquer distinção entre criança e adolescente.

A **alternativa E** está incorreta, pois descreve a função do Ministério Público e não da Defensoria.

3 - A doutrina da situação irregular e a doutrina da proteção integral

Antes de iniciar é importante que você saiba que a expressão "**doutrina**" representa, para fins do nosso estudo, um **conjunto de princípios-base do sistema jurídico da infância e juventude**. O que nós tivemos foi, portanto, uma mudança na base principiológica da nossa matéria. Temos uma nova forma de pensar os direitos das crianças e dos adolescentes.

da doutrina da situação irregular → para a doutrina da proteção integral

A doutrina da proteção integral foi criada pela Constituição de 1988 - no art. 227 da CF – e expandida com a edição do Estatuto da Criança e do Adolescente e com a internalização da Convenção Internacional sobre o Direito das Crianças.

A doutrina da situação irregular foi oficializada pelo Código de Menores de 1979, mas, implicitamente, esteve presente desde o Código de Menores de 1927.

Pelo paradigma da situação irregular tínhamos uma aplicação restrita do Código de Menores, apenas às pessoas que se enquadrassem no art. 2º daquele diploma.

00000000000 - DEMO

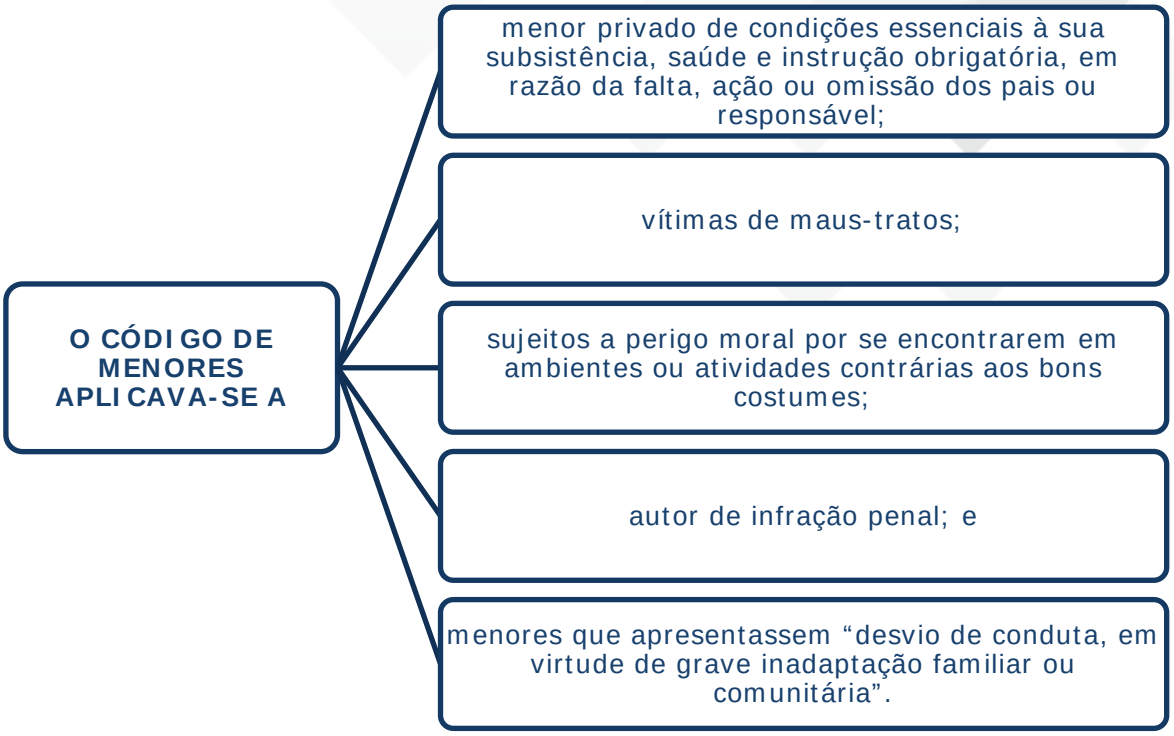

A aplicação do Código de Menores restringe-se ao "**binômio carência-delinquência**", **agindo na consequência e não nas causas** que levam à carência ou à delinquência.

Além disso, outra característica relevante da doutrina da situação irregular é **a concentração das atividades centralizadas na figura do "Juiz de Menores"**.

O resultado dessa sistemática levou a uma **prática segregatória**, com a condução de crianças e adolescentes para internatos no caso de menores abandonados e para os institutos de detenção sob o controle da FEBEM – Fundação Estadual do Bem-estar do Menor.

Não havia também preocupação com a manutenção de vínculos familiares. O entendimento predominante era no sentido de que as crianças e adolescentes que necessitavam de proteção do Código de Menores chegaram a tal ponto devido à falência da família, de forma que não se perquiria a questão dos vínculos consanguíneos para a colocação da criança em família substituta.

Como consequência, conforme ensina a doutrina[1], havia uma dificuldade muito grande no desenvolvimento de políticas públicas na doutrina da situação irregular:

> *Não era uma doutrina garantista, até porque **não enunciava direitos**, mas apenas predefinia situações e **determinava uma atuação de resultados**. Agia-se apenas na consequência e não na causa do problema, "apagando-se incêndios". Era um Direito do*

[1] MACIEL, Kátia Regina Ferreira Lobo Andrade (coord.). **Curso de Direito da Criança e do Adolescente: aspectos teóricos e práticos.** 6º edição, rev. e atual., São Paulo: Editora Saraiva: 2010, *versão digital*.

00000000000 - DEMO

> *Menor, ou seja, que agia sobre ele, como objeto de proteção e não como sujeito de direitos. Daí a grande dificuldade de, por exemplo, exigir do Poder Público construção de escolas, atendimento pré-natal, transporte escolar, direitos fundamentais que, por não encontrarem previsão no código menorista, não eram, em princípio, passíveis de tutela jurídica.*

Na Constituição de 1988 há um **rompimento de paradigma**, pois as crianças e os adolescentes passam a ser titulares de direitos fundamentais, tal como prenuncia a Convenção dos Direitos da Criança, da ONU.

Prevê o *caput* do art. 227, da CF:

> *Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado **assegurar** à criança, ao adolescente e ao jovem, **com absoluta prioridade**, **o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão**. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)*

Note que a CF trata de enunciar um rol de direitos e garantias fundamentais, posteriormente explicitados no ECA. Esses direitos, contudo, não são assegurados segundo a regrativa geral que temos no art. 5º, da CF.

Esses direitos previstos no *caput* do art. 227 devem ser assegurados: a) **com absoluta prioridade**; e b) em consideração do fato de que as crianças são **pessoas em desenvolvimento**. Justifica-se, assim, a normativa específica na parte final da CF.

Em sintonia, o ECA fixa uma série de **políticas públicas** a serem desenvolvidas por todos os entes federativos, mas principalmente pelo município, que está mais próximo da realidade de cada comunidade, em respeito ao **princípio da municipalização** que impera no ECA.

Retira-se o conjunto anterior de atribuições do Juiz da Infância e da Juventude, que mantém, naturalmente, a competência judicante. Destaca-se a atuação do Ministério Público.

Para fins de prova, devemos memorizar esse quadro comparativo, de autoria de Leoberto Narciso Brancher[2]:

[2] BRANCHER, Leoberto Narciso. **Organização e gestão do sistema de garantias de direitos da infância e da juventude. Encontros pela justiça na educação.** Brasília: Fundescola/MEC, 2000, p. 126.

00000000000 - DEMO

ASPECTO	CÓDIGO DE MENORES	ECA
Doutrinário	Situação Irregular	Proteção Integral
Caráter	Filantrópico	Política Pública
Fundamento	Assistencialista	Direito Subjetivo
Centralidade Local	Judiciário	Município
Competência Executória	União/Estados	Município
Decisório	Centralizador	Participativo
Institucional	Estatal	Cogestão Sociedade Civil
Organização	Piramidal e Hierárquica	Rede
Gestão	Monocrática	Democrática

Para além do aspecto doutrinário, sobre o qual já falamos exaustivamente acima. Importante tecer algumas considerações finais.

↳ Pelo caráter, tem-se que a proteção à criança e ao adolescente no Código de Menores era encarado como caridade, prestada pelo Estado e pela sociedade. No ECA, **asseguramos os direitos das crianças e dos adolescentes como política pública**, como dever de o Estado exercer atividades prestacionais.

↳ Pelo fundamento, temos um incremento em relação ao tratamento conferido às crianças e adolescente. De um caráter tão somente assistencial, no qual os menores se apresentam como objeto de tutela jurídica, temos no ECA **a consideração de eles são sujeitos de direitos**. Isso não elide o tratamento assistencial que a própria Constituição determina em relação às crianças e aos adolescentes. Contudo, a proteção se apresenta à luz do ECA de forma mais ampla, integral.

↳ Pela questão da centralidade e da competência, há uma mudança importante, pautada pelo **princípio da municipalização**. Retira-se do Poder Judiciário e da União e dos Estados o papel de destaque, que é transferido aos municípios. A administração municipal, porque mais *próxima da realidade da comunidade*, tem **melhores condições para assumir de forma efetiva esse papel de centralidade e, em razão disso, agrega um volume significativo de competência**.

↳ No que diz respeito à tomada de decisões em matéria de infância e juventude, o ECA, em substituição a uma política centralizadora, adota um **sistema democrático e participativo**, que traz toda a comunidade e organizações à mesa de discussão para fixação de políticas públicas e implemento das ações. É justamente em razão disso que, em termos institucionais, ao invés de um modelo estatal, temos um **modelo de cogestão pela sociedade civil**. Decorrência da mesma linha de pensamento, caracteriza-se o ECA, em relação ao Código de Menores, por estar **organizado em forma de** rede, ao contrário da organização piramidal e hierárquica do modelo anterior.

00000000000 - DEMO

4 - Regras Constitucionais

No que diz respeito às regras constitucionais de proteção aos direitos das crianças e dos adolescentes, nós temos dispositivos esparsos ao longo do texto constitucional, que estão inseridos em outros temas, e um capítulo próprio na CF. Vamos tratar da primeira parte, uma vez que as regras esparsas são estudas nos respectivos temas dentro da disciplina de Direito Constitucional.

Vamos lá!

O art. 226 constitui norma de proteção que arrola, de forma **meramente exemplificativa**, a existência de entidades familiares típicas e entidades familiares atípicas. Dentre as entidades familiares atípicas, citam-se as famílias compostas por pessoas do mesmo sexo.

Nesse contexto, o critério fundamental para definir a formação da família é a socioafetividade.

Vejamos, primeiramente, o dispositivo constitucional:

> *Art. 226. A **família**, **base da sociedade**, tem especial proteção do Estado.*
>
> *§ 1º O casamento é civil e gratuita a celebração.*
>
> *§ 2º O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.*
>
> *§ 3º Para efeito da proteção do Estado, **é reconhecida a união estável** entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.*
>
> *§ 4º Entende-se, também, como **entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes**.*
>
> *§ 5º Os **direitos e deveres** referentes à sociedade conjugal **são exercidos igualmente** pelo homem e pela mulher.*
>
> *§ 6º O **casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio**.*
>
> *§ 7º Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o **planejamento familiar é livre decisão do casal**, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas.*
>
> *§ 8º O **Estado assegurará a assistência à família** na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.*

Visto o dispositivo, faz-se necessário discutir um aprofundamento à luz da jurisprudência do STF:

JURISPRUDÊNCIA

No julgamento do RE 898.061/SC, o STF fixou a seguinte tese jurídica:

> *A paternidade socioafetiva, declarada ou não em registro público, não impede o reconhecimento do vínculo de filiação concomitante baseado na origem biológica, com os efeitos jurídicos próprios.*

00000000000 - DEMO

Esse entendimento, a ser aplicado a casos semelhantes, envolve a conclusão de que a paternidade socioafetiva não afasta a responsabilidade do pai biológico. Assim, o pai biológico deverá arcar com as despesas do filho mesmo que ele tenha sido criado e mantenha laços de afetividade com outra pessoa que reconhece como pai.

Para chegar a essa conclusão, o STF adotou o entendimento de que devemos respeitar situações de pluriparentalidade (ou dupla paternidade). Entre os argumentos, destaca-se:

- o fato de que a CF não restringe modelos familiares, apenas, em rol exemplificativo, reconhece a família monoparental e a união estável. Logo, não excluiria também a possibilidade de famílias pluriparentais;
- o reconhecimento das uniões estáveis homoafetivas está no mesmo sentido de quem defende a pluriparentalidade;
- o conhecimento da origem biológica é direito fundamental relacionado diretamente com a personalidade da pessoa;
- a busca pela felicidade impõe o acolhimento de vínculos de filiação construídos pela relação afetiva e também biológica; e
- o direito comparado adota a tese da pluriparentalidade (por exemplo, a Alemanha e os EUA).

Sigamos!

O art. 227 traz um rol de direitos fundamentais dos adolescentes e fixa o **princípio da prioridade absoluta**. Significa dizer que os direitos declinados no art. 227 devem ser assegurados, com absoluta prioridade, pela **família**, pela **sociedade** e pelo **Estado**, todos atuando de forma conjunta.

Assim...

O Estado... **A Família...** **A Sociedade...**	devem **propiciar** o...	direito à vida direito à saúde, direito à alimentação direito à educação direito ao lazer direito à profissionalização direito à cultura direito à dignidade direito ao respeito direito à liberdade direito à convivência familiar e comunitária
	devem **resguardá-los** de...	toda forma de negligência toda forma de discriminação

00000000000 - DEMO

		toda forma de exploração toda forma de violência, crueldade e opressão

O Texto Constitucional prevê ampla assistência às crianças e aos adolescentes, mediante políticas públicas, com a observância de dois **preceitos**:

1º PRECEITO: destinação de um percentual mínimo de recursos.

2º PRECEITO: criação de programas de atendimento e de prevenção para crianças e adolescentes com deficiência.

Além disso, de acordo com a CF, as leis infraconstitucionais que estabelecerem regras específicas de proteção às crianças e aos adolescentes deverão observar:

- *idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho na condição de aprendiz e do trabalho regular somente após completar 16 anos (7º, XXXIII).*
- *garantia de direitos previdenciários, trabalhistas e acesso à escola ao adolescente que trabalhar.*
- *garantia de ampla defesa, inclusive técnica, quando praticar atos infracionais.*
- *execução da medida socioeducativa com observância dos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.*
- *estímulo do Poder Público, por intermédio de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, ao acolhimento sob a forma de guarda de crianças ou adolescentes órfãos ou abandonados.*
- *criação de programas de prevenção e atendimento especializado à criança e ao adolescente dependente de entorpecentes.*

Agora, vejamos o art. 227, da CF:

> *Art. 227. É **dever** da **família**, da **sociedade** e do **Estado** assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, **com absoluta prioridade**, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.*
>
> *§ 1º O Estado promoverá **programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente** e do jovem, admitida a **participação de entidades não governamentais**, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:*
>
> *I - aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na assistência materno-infantil;*
>
> *II - criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação.*
>
> *§ 2º A lei disporá sobre normas de construção dos logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência.*
>
> *§ 3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:*
>
> *I - **idade mínima de quatorze anos** para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;*

00000000000 - DEMO

> *II - garantia de **direitos previdenciários e trabalhistas**;*
>
> *III - garantia de **acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola**;*
>
> *IV - garantia de **pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional**, **igualdade na relação processual** e **defesa técnica por profissional habilitado**, segundo dispuser a legislação tutelar específica;*
>
> *V - **obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento**, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;*
>
> *VI - **estímulo do Poder Público**, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;*
>
> *VII - **programas de prevenção e atendimento especializado** à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.*
>
> *§ 4º A lei punirá severamente o abuso, violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.*
>
> *§ 5º A adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.*
>
> *§ 6º Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.*
>
> *§ 7º No atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se- á em consideração o disposto no art. 204.*
>
> *§ 8º A lei estabelecerá:*
>
> *I - o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens;*
>
> *II - o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas.*

Aqui é importante que façamos um aprofundamento à luz da jurisprudência do STF.

JURISPRUDÊNCIA

No RE 482.611[3], o Min. Celso de Mello, destacando a importância desse dispositivo para o Texto Constitucional, assevera que os direitos das crianças e dos adolescentes se enquadram na categoria dos **direitos humanos de segunda dimensão**. Nesse contexto, impõem ao Estado dever de prestação positiva, consistente em um *facere*. Essa atuação positiva do Estado não pode ser deixada de lado, sob pena de a Constituição perder a eficácia. Não se admite, portanto, que o Estado, sob alegação de conveniência e de oportunidade não observam as regras descritas no dispositivo acima citado.

[3] RE 482.611, rel. min. Celso de Mello, decisão monocrática, DJE de 7-4-2010.

00000000000 - DEMO

Já o art. 228 refere-se à inimputabilidade penal, que é considerada, por parte da doutrina, como um direito fundamental e, em razão disso, uma cláusula pétrea, o que impediria qualquer redução da maioridade penal.

> *Art. 228. São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial.*

O art. 229 destaca a responsabilidade dos pais em relação às crianças e aos adolescentes, os quais devem assistir, criar e educar os filhos menores.

> *Art. 229. Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.*

Conforme a doutrina, esse dispositivo enuncia o princípio da solidariedade entre ascendentes e descentes.

Vejamos, ainda, o art. 230 da CF:

> *Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.*
>
> *§ 1º Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares.*
>
> *§ 2º Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos.*

Vejamos, por fim, uma questão:

QUESTÕES PARA MEMORIZAÇÃO

(IESES/ TJ-RO/ 2017) Sobre a Ordem Social na Constituição Federal, é INCORRETO afirmar:

a) A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado, sendo que os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

b) O dever da família, da sociedade e do Estado em assegurar à criança, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, não se estende ao adolescente e ao jovem.

c) A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social.

d) As condutas e atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitarão os infratores, pessoas físicas ou jurídicas, a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos causados.

Comentários

A **alternativa A** está correta, com base no art. 226, §5º, da CF:

"Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher".

00000000000 - DEMO

A **alternativa B** está incorreta e é o gabarito da questão. O descrito na alternativa se refere a um dever da família, da sociedade e do Estado à criança, ao adolescente e ao jovem, e não somente à criança. Vejamos o art. 227, *caput*, da Constituição:

"Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão".

A **alternativa C** está correta, pois é o que dispõe o art. 194, *caput*, da CF/88:

"Art. 194. A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social".

A **alternativa D** está correta, segundo o art. 225, §3º, da Constituição Federal:

"§ 3º As condutas e atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitarão os infratores, pessoas físicas ou jurídicas, a sanções penais e administrativas, independentemente da obrigação de reparar os danos causados".

Concluímos a parte teórica da nossa aula. Agora iremos estudar por questões. Não há muitas questões sobre os assuntos tratados na aula de hoje. São convenções muito específicas que foram pouco cobradas em concursos públicos até o momento. Contudo, as questões que possuímos servem para dar ideia de como o assunto pode ser cobrado na sua prova.

Encerramos, com isso, a parte teórica pertinente a essa aula inaugural.

5 - Questões

5.1 – Lista de Questões sem comentários

Q1. FCC/ TJ-AL/ 2015

É característica da doutrina da situação irregular, que inspirou as legislações anteriores do Estatuto da Criança e do Adolescente, a

a) possibilidade de derivar o julgamento, para o sistema penal de adultos, de crimes graves praticados por menores declarados incorrigíveis.

b) exclusão de casos de natureza social da jurisdição de menores, dedicada apenas a dirimir conflitos de natureza jurídica envolvendo a infância desvalida.

c) atribuição, ao Curador de Menores, a partir da doutrina do parens patriae, da função de substituto institucional e processual dos genitores destituídos do pátrio-poder.

d) separação rigorosa entre carentes/abandonados e infratores, com fluxos totalmente distintos para proteção do primeiro grupo e punição para o segundo grupo.

00000000000 - DEMO

e) possibilidade de aplicação da medida de internação a menores carentes, abandonados, inadaptados e infratores, ainda que seu cumprimento possa se dar em unidades distintas e com maior ou menor nível de contenção.

Q2. FCC/ DPE-SP/ 2013

Analisando-se os paradigmas legislativos em matéria de infância e juventude, pode-se afirmar que antes da edição do Código de Mello Mattos, em 1927, vigorava o modelo.

a) higienista

b) da situação irregular.

c) penal indiferenciado.

d) da proteção integral.

e) da institucionalização para a proteção.

Q3. FCC/ TRT - 24ª REGIÃO (MS)/ 2014

A partir da edição do Estatuto da Criança e do Adolescente, passou-se a evitar o vocábulo menor. Porém, no âmbito do Direito do Trabalho, tal palavra não carrega seu efeito negativo, mantendo-se sua utilização nesse campo. Tal discussão foi enfrentada pelo Direito do Trabalho porque o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe consigo a doutrina

a) assistencialista.

b) da situação irregular.

c) da proteção integral

d) da indiferença legal.

e) higienista

Q4. CS-UFG/ DPE-GO/ 2014

Um conjunto articulado de ações por parte do Estado e da sociedade, desde a concepção de políticas públicas até a realização de programas locais de atendimento implementados por entidades governamentais e não governamentais, é corolário dos princípios estabelecidos no texto da Constituição Federal de 1988. Nesse contexto,

a) a criança e o adolescente são objetos do direito e alvos da doutrina jurídica de proteção do menor em situação irregular, nos casos de abandono, prática de infração penal, desvio de conduta, falta de assistência, entre outros.

b) a doutrina da proteção integral originada através da Convenção dos Direitos da Criança aprovada pela ONU, ratificada no Brasil pela Lei Federal n. 728, de 14 de setembro de 1990, reafirma-se na doutrina do menor em situação irregular.

00000000000 - DEMO

c) a Lei n. 8.069/1990 é instrumento de controle social da infância e do adolescente, vítimas de omissões da família, da sociedade e do Estado em seus direitos básicos, dirigindo-se primariamente ao conflito instalado.

d) a lei abrange uma gama variada de disciplinas voltadas à proteção dos direitos da criança e do adolescente, com a responsabilidade solidariamente distribuída entre a família, a sociedade e o Estado.

e) a proteção dos direitos da criança e do adolescente é do Estado, que assume primariamente a responsabilidade, tendo como princípio a adoção do menor em situação irregular.

Q5. CESPE/ DPE-PI / 2009

Com o objetivo de garantir o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade, o Estado brasileiro tem o dever de garantir as necessidades das crianças e dos adolescentes, velando pelo seu direito à vida, à saúde, à educação, à convivência, ao lazer, à liberdade, à profissionalização, entre outros. Nesse sentido, é correto afirmar que o ECA

a) reconhece que as crianças e os adolescentes são sujeitos especiais, titulares de direitos absolutos e merecedores de atenção jurídica preferencial, posto que a CF, ao consagrar o princípio da proteção integral, impõe ao juiz que desconsidere a finalidade social, o bem comum e os direitos individuais e coletivos.

b) baseou-se no princípio da indisponibilidade dos direitos fundamentais, por meio do qual foram estabelecidas as Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil e o critério cronológico da psicologia evolutiva para diferenciar crianças, adolescentes e jovens adultos.

c) aperfeiçoou a doutrina da situação irregular, esposada pelo Código de Menores, estendendo a aplicação das medidas socioeducativas destinadas à reabilitação física, moral e psíquica de crianças e adolescentes infratores.

d) utilizou-se da tipologia de Enrico Ferri para definir os critérios capazes de estipular o grau de periculosidade dos menores infratores e o consequente risco social de sua permanência no seio da sociedade.

e) afastou-se da doutrina de situação irregular que caracterizou o antigo Código de Menores, haja vista este ser voltado apenas aos menores em situação irregular, isto é, àqueles que se encontram em conflito com a lei ou que se encontram privados de assistência, por qualquer motivo. O ECA, ao contrário, segue a doutrina da proteção integral, que se baseia no princípio do melhor interesse da criança.

Q6. CESPE/ TRT - 1ª REGIÃO (RJ)/ 2010

De acordo com a doutrina jurídica da proteção integral adotada pelo ECA, as crianças e os adolescentes

00000000000 - DEMO

a) devem, em função de sua incapacidade, ser tutelados pelo Estado quando se encontrarem em situação irregular.

b) devem ser protegidos por medidas suplementares, caso se encontrem em situação de risco, enquanto aos demais se aplicam os direitos fundamentais da pessoa humana.

c) possuem direitos e prerrogativas diversas, devendo o Estado conceder às crianças, mas não aos adolescentes, a tutela antecipada de seus direitos fundamentais, o que só pode ocorrer plenamente com a participação do Estado no planejamento familiar.

d) são titulares de direitos e não, objetos passivos.

e) podem responder penalmente pela prática de crimes hediondos, quando em concurso formal com maiores de dezoito anos de idade.

Q7. FCC/ AL-PB/ 2013

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no 8.069/90), ao ser editado, alterou substancialmente o paradigma legislativo na área da infância e juventude, implementando a doutrina

a) menorista, pregando-se a proteção do vulnerável que não se ajustava a um padrão estabelecido, justificando a intervenção estatal sobre a sua pessoa.

b) da situação irregular, criando vários institutos de acolhimento para crianças e adolescentes, fossem infratores ou vítimas de abandono por omissão ou maus-tratos.

c) higienista, afastando das ruas as crianças e adolescentes expostos a vulnerabilidades sociais, como medida de saúde pública.

d) retributiva-repressiva, buscando-se medidas na pers pectiva da retribuição e controle das expressões juvenis.

e) da proteção integral, envolvendo Estado, família e sociedade na proteção dos direitos de crianças e adolescentes.

Q8. PUC-PR/ TJ-MS/ 2012

Sobre o direito da criança e do adolescente, assinale a alternativa CORRETA:

a) O Direito do Menor tem a FEBEM - Fundação Estadual de Bem Estar do Menor - como a instituição mais importante para encaminhamento prioritário do adolescente em conflito com a lei.

b) O encaminhamento de crianças em situação de risco dar-se-á preferencialmente a orfanatos e internatos visando ao apoio institucional dos menores, até completarem a maioridade civil.

c) No Direito Brasileiro, a adoção intuito personae faz parte da regra de colocação em família substituta.

00000000000 - DEMO

d) O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) instituiu, entre outros princípios, o da Proteção Integral à infância e à juventude.

e) A Doutrina da Situação Irregular é uma das principais linhas norteadoras do atual direito da infância e juventude.

Q9. CESPE/ MPE-RO/ 2010

A respeito do direito da criança e do adolescente, assinale a opção correta.

a) Com o advento da CF, o dever de cuidado e proteção a toda e qualquer criança e adolescente passou a ser um dever exclusivo do Estado.

b) O princípio do melhor interesse da criança e do adolescente pode ser compreendido como a forma adequada de permitir que a criança e o adolescente possam se desenvolver com dignidade, concretizando, portanto, os seus direitos fundamentais.

c) Os princípios estruturantes do ECA não contemplam a municipalização.

d) O primeiro CP da República, de 1890, estendeu a responsabilização para maiores de quatorze anos de idade, deixando de utilizar o critério do discernimento.

e) Segundo a doutrina da situação irregular do menor, o menor em tal situação era aquele que sempre apresentava problemas de conduta de caráter ilícito, devendo ser, portanto, regulado por lei especial.

Q10. VUNESP/ TJ-MS/ 2015

Com relação à retrospectiva e evolução históricas do tratamento jurídico destinado à criança e ao adolescente no ordenamento pátrio, é correto afirmar que

a) na fase da absoluta indiferença, não havia leis voltadas aos direitos e deveres de crianças e adolescentes.

b) na fase da proteção integral, regida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, as leis se limitam ao reconhecimento de direitos e garantias de crianças e adolescentes, sem intersecção com o direito amplo à infância, porque direito social, amparado pelo artigo 6o da Constituição Federal.

c) a fase da mera imputação criminal não se insere na evolução histórica do tratamento jurídico concedido à criança e ao adolescente no ordenamento jurídico pátrio porque extraída do direito comparado.

d) na fase da mera imputação criminal, regida pelas Ordenações Afonsinas e Filipinas, pelo Código Criminal do Império, de 1830, e pelo Código Penal, de 1890, as leis se limitavam à responsabilização criminal de maiores de 16 (dezesseis) anos por prática de ato equiparado a crime.

e) na fase tutelar, regida pelo Código Mello Mattos, de 1927, e Código de Menores, de 1979, as leis se limitavam à colocação de crianças e

00000000000 - DEMO

adolescentes, em situação de risco, em família substituta, pelo instituto da tutela.

Q11. FUNCAB/ SEDS-TO/ 2014

Historicamente o tratamento conferido a crianças e adolescentes vem sendo modificado gradativamente. Na atualidade a sociedade apresenta significativos avanços no que se refere ao conjunto de legislações que versam sobre esse público-alvo. Mas ainda assim, em uma avaliação crítica, pode-se dizer que:

a) todas as instituições que são destinadas a esse público-alvo apresentam um severo processo de sucateamento, não assegurando nenhum direito estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

b) as atividades voltadas para esse público-alvo não acompanharam o significativo avanço tecnológico, tornando as ações esvaziadas de atual idades, colocando-o à margem da participação.

c) o conjunto de legislações não oferece formas de controle social por parte da população que possibilite a interlocução ativa entre a sociedade e o Poder Público no atendimento das demandas emergenciais desse público-alvo.

d) nas práticas sociais destinadas a esse público-alvo, marcado pelo paradigma da proteção e do acolhimento, identifica-se que a sociedade ainda preserva muitos espaços de confinamento para esses sujeitos de pouca idade.

Q12. CESPE/ TJ-RN/ 2013

No que se refere à proteção dos direitos das crianças e adolescentes, assinale a opção correta.

a) Com a proclamação da doutrina da proteção integral na CF, revogou-se expressamente a Lei n.º 6.697/1979, o que resultou em uma lacuna legal no ordenamento jurídico brasileiro, no que se refere à proteção jurídica a crianças e adolescentes.

b) A Convenção sobre o Direito da Criança tem eficácia de norma constitucional, segundo entendimento do STF.

c) As Regras de Beijing, as Diretrizes de RIAD e as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade, instrumentos internacionais de proteção aos direitos das crianças e adolescentes, não se aplicam ao Brasil, visto que não foram aprovadas pelo Congresso Nacional brasileiro e promulgados pelo presidente da República.

d) Ao romper definitivamente com a doutrina da situação irregular — até então admitida no Código de Menores — e estabelecer como diretriz básica e única no atendimento de crianças e adolescentes a doutrina da proteção integral, o legislador pátrio conferiu eficácia limitada ao texto constitucional,

00000000000 - DEMO

cujos dispositivos careciam de regulamentação específica para a produção de efeitos jurídicos.

e) No texto da CF, foi conferida, pela primeira vez na história brasileira, prioridade absoluta à criança, tendo-se afirmado sua proteção como dever da família, da sociedade e do Estado.

Q13. CESPE/ DPE-ES/ 2012

Julgue os itens subsequentes, relativos à evolução histórica dos direitos da criança e do adolescente no Brasil.

Foi a partir da Proclamação da República que os menores passaram a ser detentores dos direitos fundamentais de liberdade.

Q14. FCC/ TRT - 6ª Região (PE)/ 2015

O art. 227 da Constituição dispõe sobre os direitos que, com absoluta prioridade, devem ser garantidos à criança, ao adolescente e ao jovem. Seu § 3o reserva disciplina específica ao direito à proteção especial. Entre os aspectos abrangidos por esse direito, encontram-se:

a) punição severa ao abuso, à violência e à exploração sexual da criança e do adolescente; educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; e obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade.

b) garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola; garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; e programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins

c) garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; e obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade.

d) adoção assistida pelo Poder Público, especialmente no caso de efetivação por estrangeiros; punição severa ao abuso, à violência e à exploração sexual da criança e do adolescente; e programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.

e) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola; e adoção assistida pelo Poder Público, especialmente no caso de efetivação por estrangeiros.

Q15. MPE-SP/ MPE-SP/ 2015

00000000000 - DEMO

Nos termos da Constituição Federal, o direito a proteção especial à criança, ao adolescente e ao jovem deve abranger, dentre outros, os seguintes aspectos:

I- Garantia de inimputabilidade aos menores de dezoito anos, que ficarão sujeitos às normas da legislação especial.

II- Programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.

III- Proibição de quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação e igualdade de direitos e qualificações em relação aos filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção.

IV- Aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na assistência materno-infantil.

V- Estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado.

Está correto apenas o contido em:

a) I, III e V.

b) II e IV.

c) I, II e III.

d) II e V.

e) II, III, IV e V.

Q16.* FUNIVERSA/ PC-DF/ 2015/ *adaptada

No que diz respeito à ordem social, julgue:

A CF assegura expressamente às crianças, aos adolescentes e aos jovens a garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, a igualdade na relação processual e a defesa técnica por profissional habilitado, segundo lei específica.

Q17. FCC/ DPE-MA/ 2015

Ante o regime estatuído pela Constituição, a obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade:

a) encontra-se entre os objetivos que informam as políticas públicas de amparo aos idosos.

b) encontra-se entre os objetivos que informam o plano nacional da juventude.

c) consiste em aspecto abrangido pelo direito à proteção especial.

00000000000 - DEMO

d) constitui cláusula normativa que transgride o preceito constitucional que considera inimputáveis os menores de dezoito anos.

e) consubstancia direito individual de exercício coletivo.

Q18. CESPE/ DEPEN/ 2015

Por suas características mais definidoras, a Constituição Federal de 1988 (CF) foi chamada de Constituição Cidadã. Com relação aos direitos humanos e aos direitos fundamentais consagrados na Carta Magna brasileira, julgue o item a seguir.

A única forma de censura permitida no Brasil é a que envolve espetáculos teatrais, especialmente os voltados para o público infanto-juvenil, e os livros didáticos a serem utilizados no ensino fundamental.

Q19. FAURGS/ TJ-RS/ 2015

A questão refere-se à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Tendo em vista a previsão do caput do artigo 227, assinale a alternativa que contém assertiva INCORRETA.

a) É dever da família e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem o direito à vida, à moradia, à saúde e à alimentação.

b) É dever do Estado e da sociedade assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem o direito à educação, ao lazer e à profissionalização.

c) É dever da família e da sociedade colocar a salvo de toda a forma de violência, crueldade e opressão a criança, o adolescente e o jovem.

d) É dever da sociedade e do Estado colocar a salvo de toda a forma de negligência, discriminação e exploração a criança, o adolescente e o jovem.

Q20.* VUNESP/ PC-CE/ 2015/ *adaptada

De acordo com o disposto na Constituição Federal a respeito da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso, julgue o item que se segue

São civil e penalmente inimputáveis os menores de vinte e um anos, sujeitos às normas da legislação especial.

Q21.* VUNESP/ PC-CE/ 2015/ *adaptada

De acordo com o disposto na Constituição Federal a respeito da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso, julgue o item que se segue

Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

Q22.* VUNESP/ PC-CE/ 2015/ *adaptada

00000000000 - DEMO

De acordo com o disposto na Constituição Federal a respeito da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso, julgue o item que se segue

A adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de brasileiros natos e naturalizados, vedada a adoção por estrangeiros.

Q23. IDECAN/ SEJUC-RN/ 2017

Nos termos da Constituição Federal, é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. São proteções constitucionais à criança e ao adolescente, EXCETO:

a) Idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, permitida a jornada noturna, mas vedado o trabalho perigoso ou insalubre aos menores.

b) Obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade.

c) Garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica.

d) Estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado.

Q24. FEPESE/ SJC-SC/ 2016

De acordo com a Constituição Federal, a aplicação de qualquer medida privativa de liberdade a adolescente deverá obedecer ao princípio:

1. da brevidade.

2. da excepcionalidade.

3. do respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas corretas.

a) É correta apenas a afirmativa 3.

b) São corretas apenas as afirmativas 1 e 2.

c) São corretas apenas as afirmativas 1 e 3.

d) São corretas apenas as afirmativas 2 e 3.

e) São corretas as afirmativas 1, 2 e 3.

Q25. Quadrix/ CFO-DF/ 2017

00000000000 - DEMO

> Com relação à ordem social, julgue o item.
>
> A CF veda a adoção de crianças e adolescentes por estrangeiros.

5.2 – Gabarito

Q1. E	Q10. A	Q19. A
Q2. C	Q11. D	Q20. INCORRETA
Q3. C	Q12. E	Q21. CORRETA
Q4. D	Q13. INCORRETA	Q22. INCORRETA
Q5. E	Q14. B	Q23. A
Q6. D	Q15. D	Q24. E
Q7. E	Q16. CORRETA	Q25. INCORRETA
Q8. D	Q17. C	
Q9. B	Q18. INCORRETA	

5.3 – Lista de Questões com comentários

Q1. FCC/ TJ-AL/ 2015

> É característica da doutrina da situação irregular, que inspirou as legislações anteriores do Estatuto da Criança e do Adolescente, a
>
> a) possibilidade de derivar o julgamento, para o sistema penal de adultos, de crimes graves praticados por menores declarados incorrigíveis.
>
> b) exclusão de casos de natureza social da jurisdição de menores, dedicada apenas a dirimir conflitos de natureza jurídica envolvendo a infância desvalida.
>
> c) atribuição, ao Curador de Menores, a partir da doutrina do parens patriae, da função de substituto institucional e processual dos genitores destituídos do pátrio-poder.
>
> d) separação rigorosa entre carentes/abandonados e infratores, com fluxos totalmente distintos para proteção do primeiro grupo e punição para o segundo grupo.
>
> e) possibilidade de aplicação da medida de internação a menores carentes, abandonados, inadaptados e infratores, ainda que seu cumprimento possa se dar em unidades distintas e com maior ou menor nível de contenção.

Comentários

Vejamos cada uma das alternativas.

A **alternativa A** está incorreta. Não existiu, na sistemática do Código de Menores, a possibilidade de flexibilização da maioridade penal para menores de 18 anos nos crimes mais graves.

A **alternativa B** também está incorreta, pois as políticas assistencialistas se fizeram presentes no Código de Menores, contudo, a atuação se dava após a

00000000000 - DEMO

violação de direitos, no tratamento das consequências e não no desenvolvimento de políticas públicas de caráter preventivo, com vistas a assegurar direitos.

A **alternativa C** não pode ser o gabarito da questão. Embora não tenhamos explorado o assunto no conteúdo teórico da aula, é pertinente algumas observações aqui, relativa ao assunto.

O curador de menores funcionou no Código de Menores atuava na defesa do adolescente. Essa defesa era exercida por membro do Ministério Público, cuja finalidade era assegurar, dentro da vontade estatal, estabelecer o controle social da situação irregular. Note que temos uma distância enorme a realidade atual, com atuação firme da Defensoria na tutela dos Direitos das Criança e dos Adolescentes.

O erro da alternativa está em assemelhar a atuação do Curador de Menores com a figura do curador atualmente, que atua na ausência dos familiares. No caso do Curador de Menores, a atuação se dá em todos os processos, na defesa técnica do adolescente.

Também está errada a alternativa D está incorreta, pois muito embora tivéssemos os internatos para os menores abandonados e de casas de detenção para os adolescentes infratores, a realidade mostrou-se totalmente diferente. Muitas vezes, embora mantidos em alojamentos separados mantinham contato ao longo do dia na execução de atividades.

Veja, nesse contexto, os ensinamentos de **João Batista Costa Saraiva**:

> *Neste tempo, de vigência do Código de Menores, a grande maioria da população infanto-juvenil recolhida às entidades de internação do sistema FEBEM no Brasil, na ordem de 80%, era formada por crianças e adolescente, "menores", que não eram autores de fatos definidos como crime na legislação penal brasileira. Estava consagrado um sistema de controle da pobreza, que Emílio Garcia Mendez define como sociopenal, na medida em que se aplicavam sanções de privação de liberdade a situações não tipificadas como delito, subtraindo-se garantias processuais. Prendiam a vítima. Esta também era a ordem que imperava nos Juizados de Menores.*

Finalmente, a **alternativa E** é a correta que – de acordo com a citação acima – enuncia a internação como medida de segregação de crianças e adolescentes pobres e marginalizados, independentemente da prática de ato infracional.

Q2. FCC/ DPE-SP/ 2013

> Analisando-se os paradigmas legislativos em matéria de infância e juventude, pode-se afirmar que antes da edição do Código de Mello Mattos, em 1927, vigorava o modelo.
>
> a) higienista
>
> b) da situação irregular.
>
> c) penal indiferenciado.
>
> d) da proteção integral.
>
> e) da institucionalização para a proteção.

00000000000 - DEMO

Comentários

O Código Mello Matos representou a definitiva superação da fase de absoluta indiferença e ingresso na fase da mera imputação penal ou penal indiferenciado, de modo que a **alternativa C** é a correta e gabarito da questão.

Q3. FCC/ TRT - 24ª REGIÃO (MS)/ 2014

> A partir da edição do Estatuto da Criança e do Adolescente, passou-se a evitar o vocábulo menor. Porém, no âmbito do Direito do Trabalho, tal palavra não carrega seu efeito negativo, mantendo-se sua utilização nesse campo. Tal discussão foi enfrentada pelo Direito do Trabalho porque o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe consigo a doutrina
>
> a) assistencialista.
>
> b) da situação irregular.
>
> c) da proteção integral
>
> d) da indiferença legal.
>
> e) higienista

Comentários

Como repetimos exaustivamente em aula, o ECA adotou, já em seu artigo 1º, a doutrina da proteção integral. Tal teoria tem como aspecto central a criança e o adolescente como sujeitos de direitos.

Antes os menores eram tratados como objetos de tutela, tendo em vista a doutrina da situação irregular.

Vejamos um quadro de aula que retrata a diferença entre esses dois modelos.

ASPECTO	CÓDIGO DE MENORES	ECA
Doutrinário	Situação Irregular	Proteção Integral
Caráter	Filantrópico	Política Pública
Fundamento	Assistencialista	Direito Subjetivo
Centralidade Local	Judiciário	Município
Competência Executória	União/Estados	Município
Decisório	Centralizador	Participativo
Institucional	Estatal	Cogestão Sociedade Civil
Organização	Piramidal Hierárquica	Rede
Gestão	Monocrática	Democrática

Portanto, a **alternativa C** está correta e é o gabarito da questão.

Q4. CS-UFG/ DPE-GO/ 2014

00000000000 - DEMO

> Um conjunto articulado de ações por parte do Estado e da sociedade, desde a concepção de políticas públicas até a realização de programas locais de atendimento implementados por entidades governamentais e não governamentais, é corolário dos princípios estabelecidos no texto da Constituição Federal de 1988. Nesse contexto,
>
> a) a criança e o adolescente são objetos do direito e alvos da doutrina jurídica de proteção do menor em situação irregular, nos casos de abandono, prática de infração penal, desvio de conduta, falta de assistência, entre outros.
>
> b) a doutrina da proteção integral originada através da Convenção dos Direitos da Criança aprovada pela ONU, ratificada no Brasil pela Lei Federal n. 728, de 14 de setembro de 1990, reafirma-se na doutrina do menor em situação irregular.
>
> c) a Lei n. 8.069/1990 é instrumento de controle social da infância e do adolescente, vítimas de omissões da família, da sociedade e do Estado em seus direitos básicos, dirigindo-se primariamente ao conflito instalado.
>
> d) a lei abrange uma gama variada de disciplinas voltadas à proteção dos direitos da criança e do adolescente, com a responsabilidade solidariamente distribuída entre a família, a sociedade e o Estado.
>
> e) a proteção dos direitos da criança e do adolescente é do Estado, que assume primariamente a responsabilidade, tendo como princípio a adoção do menor em situação irregular.

Comentários

A **alternativa A** está incorreta. As crianças e os adolescentes são considerados sujeitos de direito e não mais objetos de direito.

A **alternativa B** está incorreta, pois a Convenção dos Direitos das crianças tem por base a doutrina da proteção integral.

A **alternativa C** está incorreta, uma vez que descreve a doutrina da situação irregular e o ECA tem por base a doutrina da proteção integral.

A **alternativa D** está correta e é o gabarito da questão. Vejamos o art.4º do ECA.

> *Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.*

A **alternativa E** está incorreta, como dito na alternativa anterior, a proteção da criança e do adolescente é compartilhada entre a família, a sociedade e o Estado.

Q5. CESPE/ DPE-PI / 2009

> Com o objetivo de garantir o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade, o Estado brasileiro tem o dever de garantir as necessidades das crianças e dos adolescentes,

00000000000 - DEMO

velando pelo seu direito à vida, à saúde, à educação, à convivência, ao lazer, à liberdade, à profissionalização, entre outros. Nesse sentido, é correto afirmar que o ECA

a) reconhece que as crianças e os adolescentes são sujeitos especiais, titulares de direitos absolutos e merecedores de atenção jurídica preferencial, posto que a CF, ao consagrar o princípio da proteção integral, impõe ao juiz que desconsidere a finalidade social, o bem comum e os direitos individuais e coletivos.

b) baseou-se no princípio da indisponibilidade dos direitos fundamentais, por meio do qual foram estabelecidas as Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil e o critério cronológico da psicologia evolutiva para diferenciar crianças, adolescentes e jovens adultos.

c) aperfeiçoou a doutrina da situação irregular, esposada pelo Código de Menores, estendendo a aplicação das medidas socioeducativas destinadas à reabilitação física, moral e psíquica de crianças e adolescentes infratores.

d) utilizou-se da tipologia de Enrico Ferri para definir os critérios capazes de estipular o grau de periculosidade dos menores infratores e o consequente risco social de sua permanência no seio da sociedade.

e) afastou-se da doutrina de situação irregular que caracterizou o antigo Código de Menores, haja vista este ser voltado apenas aos menores em situação irregular, isto é, àqueles que se encontram em conflito com a lei ou que se encontram privados de assistência, por qualquer motivo. O ECA, ao contrário, segue a doutrina da proteção integral, que se baseia no princípio do melhor interesse da criança.

Comentários

Essa questão é para acertar fácil. Já sabemos perfeitamente que o Eca foi responsável por afastar a doutrina da situação irregular e instaurar uma nova fase na proteção dos direitos da criança e do adolescente. Nesse sentido, o ECA representa não só um novo diploma legal, mas uma mudança completa de paradigma ao instaurar a doutrina da proteção integral.

Assim, a **alternativa E** está correta e é o gabarito da questão.

Q6. CESPE/ TRT - 1ª REGIÃO (RJ)/ 2010

De acordo com a doutrina jurídica da proteção integral adotada pelo ECA, as crianças e os adolescentes

a) devem, em função de sua incapacidade, ser tutelados pelo Estado quando se encontrarem em situação irregular.

b) devem ser protegidos por medidas suplementares, caso se encontrem em situação de risco, enquanto aos demais se aplicam os direitos fundamentais da pessoa humana.

00000000000 - DEMO

c) possuem direitos e prerrogativas diversas, devendo o Estado conceder às crianças, mas não aos adolescentes, a tutela antecipada de seus direitos fundamentais, o que só pode ocorrer plenamente com a participação do Estado no planejamento familiar.

d) são titulares de direitos e não, objetos passivos.

e) podem responder penalmente pela prática de crimes hediondos, quando em concurso formal com maiores de dezoito anos de idade.

Comentários

A **alternativa A** está incorreta. O Eca afastou a doutrina da situação irregular e essa expressão não é mais utilizada.

A **alternativa B** está incorreta. Aplica-se a doutrina da proteção integral, por isso não se fala mais em medidas suplementares de proteção.

A **alternativa C** está incorreta. A criança e o adolescente são sujeitos de direitos e deveres. O erro da questão está em excluir o adolescente da proteção integral.

A **alternativa D** está correta e é o gabarito da questão. Essa é exatamente a ideia da proteção integral.

A **alternativa E** está incorreta, pois os menores de 18 anos são inimputáveis.

Q7. FCC/ AL-PB/ 2013

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no 8.069/90), ao ser editado, alterou substancialmente o paradigma legislativo na área da infância e juventude, implementando a doutrina

a) menorista, pregando-se a proteção do vulnerável que não se ajustava a um padrão estabelecido, justificando a intervenção estatal sobre a sua pessoa.

b) da situação irregular, criando vários institutos de acolhimento para crianças e adolescentes, fossem infratores ou vítimas de abandono por omissão ou maus-tratos.

c) higienista, afastando das ruas as crianças e adolescentes expostos a vulnerabilidades sociais, como medida de saúde pública.

d) retributiva-repressiva, buscando-se medidas na pers pectiva da retribuição e controle das expressões juvenis.

e) da proteção integral, envolvendo Estado, família e sociedade na proteção dos direitos de crianças e adolescentes.

Comentários

Mais uma questão que aborda o tema da mudança de paradigma perpetrada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

00000000000 - DEMO

O ECA estabeleceu no Brasil a doutrina da proteção integral. Dessa forma, a **alternativa E** está correta e é o gabarito da questão.

Q8. PUC-PR/ TJ-MS/ 2012

> Sobre o direito da criança e do adolescente, assinale a alternativa CORRETA:
>
> a) O Direito do Menor tem a FEBEM - Fundação Estadual de Bem Estar do Menor - como a instituição mais importante para encaminhamento prioritário do adolescente em conflito com a lei.
>
> b) O encaminhamento de crianças em situação de risco dar-se-á preferencialmente a orfanatos e internatos visando ao apoio institucional dos menores, até completarem a maioridade civil.
>
> c) No Direito Brasileiro, a adoção intuito personae faz parte da regra de colocação em família substituta.
>
> d) O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) instituiu, entre outros princípios, o da Proteção Integral à infância e à juventude.
>
> e) A Doutrina da Situação Irregular é uma das principais linhas norteadoras do atual direito da infância e juventude.

Comentários

Pessoal, essa ideia de que o ECA instituiu a doutrina da proteção integral deve estar bem sedimentada na cabeça de vocês. Observem quantas questões de concursos difíceis cobram esse tema tão simples.

Vamos relembrar um esquema de aula.

FASE	IDEIA CENTRAL	PERÍODO
fase da **ABSOLUTA INDIFERENÇA**	Sem normas tutelares dos direitos de crianças ou adolescentes.	até o início do séc. XVI
fase da **MERA IMPUTAÇÃO PENAL**	Objetiva-se a punição de conduta praticadas por crianças e adolescentes.	do séc. XVI e, especialmente com a edição do Código Mello Matos em 1927, até o Código de Menores de 1979.
fase **TUTELAR**	Objetiva-se promover a proteção de crianças e adolescentes em situação irregular, com assistencialismo e práticas segregatória.	da edição do Código de Menores de 1979 até a Constituição de 1988
fase da **PROTEÇÃO INTEGRAL**	As crianças e adolescentes são considerados sujeitos de direito, que devem ser assegurados em conjunto pelo Estado, sociedade e famílias, com absoluta prioridade e em consideração da situação peculiar de pessoa em desenvolvimento.	a partir da CF de 1988

00000000000 - DEMO

Assim, a **alternativa D** está correta e é o gabarito da questão.

Q9. CESPE/ MPE-RO/ 2010

> A respeito do direito da criança e do adolescente, assinale a opção correta.
>
> a) Com o advento da CF, o dever de cuidado e proteção a toda e qualquer criança e adolescente passou a ser um dever exclusivo do Estado.
>
> b) O princípio do melhor interesse da criança e do adolescente pode ser compreendido como a forma adequada de permitir que a criança e o adolescente possam se desenvolver com dignidade, concretizando, portanto, os seus direitos fundamentais.
>
> c) Os princípios estruturantes do ECA não contemplam a municipalização.
>
> d) O primeiro CP da República, de 1890, estendeu a responsabilização para maiores de quatorze anos de idade, deixando de utilizar o critério do discernimento.
>
> e) Segundo a doutrina da situação irregular do menor, o menor em tal situação era aquele que sempre apresentava problemas de conduta de caráter ilícito, devendo ser, portanto, regulado por lei especial.

Comentários

A **alternativa A** está incorreta. Como vimos em aula, a proteção integral da criança e do adolescente compete à família, à sociedade e ao Estado. Vejamos o art. 227, da CF.

> *Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.*

A **alternativa B** está correta e é o gabarito da questão. Essa é exatamente a ideia do princípio do melhor interesse da criança.

A **alternativa C** está incorreta, pois a municipalização é princípio central do ECA. O sistema de proteção é descentralizado e focado no município.

A **alternativa D** está incorreta. No Código Penal de 1890 os menores de 9 anos de idade eram considerados inimputáveis. Para a imputabilidade dos menores compreendidos entre 9 e 14 anos seria necessário um procedimento prévio de verificação para que fossem penalizados. Desse modo, percebe-se que o CP utilizava o critério do discernimento.

A **alternativa E** está incorreta, pois o menor em situação irregular não era apenas aquele que praticava ilícito. Vejamos um esquema de aula.

00000000000 - DEMO

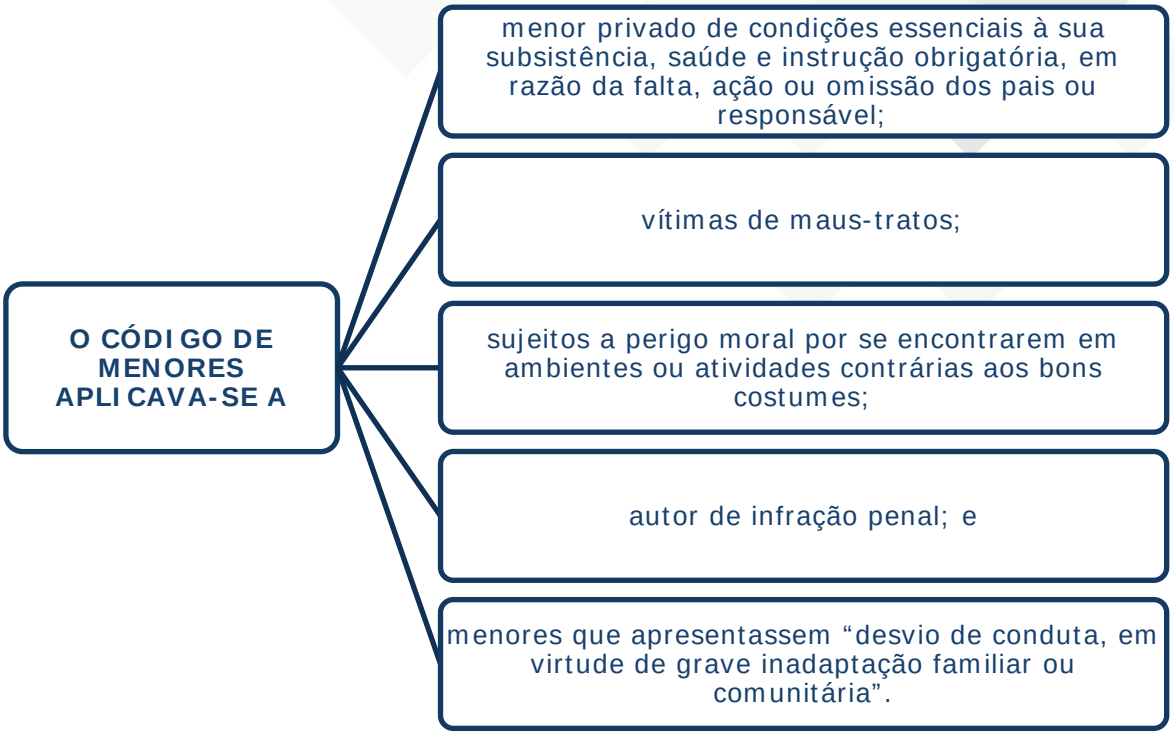

Q10. VUNESP/ TJ-MS/ 2015

Com relação à retrospectiva e evolução históricas do tratamento jurídico destinado à criança e ao adolescente no ordenamento pátrio, é correto afirmar que

a) na fase da absoluta indiferença, não havia leis voltadas aos direitos e deveres de crianças e adolescentes.

b) na fase da proteção integral, regida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, as leis se limitam ao reconhecimento de direitos e garantias de crianças e adolescentes, sem intersecção com o direito amplo à infância, porque direito social, amparado pelo artigo 6o da Constituição Federal.

c) a fase da mera imputação criminal não se insere na evolução histórica do tratamento jurídico concedido à criança e ao adolescente no ordenamento jurídico pátrio porque extraída do direito comparado.

d) na fase da mera imputação criminal, regida pelas Ordenações Afonsinas e Filipinas, pelo Código Criminal do Império, de 1830, e pelo Código Penal, de 1890, as leis se limitavam à responsabilização criminal de maiores de 16 (dezesseis) anos por prática de ato equiparado a crime.

e) na fase tutelar, regida pelo Código Mello Mattos, de 1927, e Código de Menores, de 1979, as leis se limitavam à colocação de crianças e adolescentes, em situação de risco, em família substituta, pelo instituto da tutela.

Comentários

00000000000 - DEMO

A evolução do tratamento da criança e do adolescente pode ser resumida em quatro fases ou sistemas. Vejamos:

1. Fase da absoluta indiferença: não existiam normas relacionadas à criança e ao adolescente.

2. Fase da mera imputação criminal: o propósito das leis era de questão criminal, de coibir a prática de ilícitos pelas crianças e adolescentes.

3. Fase tutelar: o mundo adulto tinha poderes para promover a integração sociofamiliar da criança, com tutela reflexa de seus interesses pessoais.

4. Fase da proteção integral: surgiu em 1988, por meio da CF e do ECA. Reconhecem direitos e garantias às crianças, considerando-as como pessoas em desenvolvimento.

Portanto, a **alternativa A** está correta e é o gabarito da questão.

Q11. FUNCAB/ SEDS-TO/ 2014

> Historicamente o tratamento conferido a crianças e adolescentes vem sendo modificado gradativamente. Na atualidade a sociedade apresenta significativos avanços no que se refere ao conjunto de legislações que versam sobre esse público-alvo. Mas ainda assim, em uma avaliação crítica, pode-se dizer que:
>
> a) todas as instituições que são destinadas a esse público-alvo apresentam um severo processo de sucateamento, não assegurando nenhum direito estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.
>
> b) as atividades voltadas para esse público-alvo não acompanharam o significativo avanço tecnológico, tornando as ações esvaziadas de atual idades, colocando-o à margem da participação.
>
> c) o conjunto de legislações não oferece formas de controle social por parte da população que possibilite a interlocução ativa entre a sociedade e o Poder Público no atendimento das demandas emergenciais desse público-alvo.
>
> d) nas práticas sociais destinadas a esse público-alvo, marcado pelo paradigma da proteção e do acolhimento, identifica-se que a sociedade ainda preserva muitos espaços de confinamento para esses sujeitos de pouca idade.

Comentários

A alternativa A está incorreta, pois não se pode falar que todas as instituições estão sucateadas, tampouco que nenhum direito é assegurado. É verdade que o sistema possui seus defeitos, contudo, há várias instituições que funcionam muito bem. A alternativa peca pelo exagero.

A alternativa B está igualmente incorreta, tendo em vista as iniciativas inovadoras na área promovidas nos últimos tempos, tal como o programa família acolhedora.

00000000000 - DEMO

A alternativa C está incorreta. Como sabemos, há vários órgãos que interligam a sociedade e o Poder Público, tal como o Conselho Tutelar.

A **alternativa D** está correta e é o gabarito da questão. Tal como vimos em aula, a atual fase da proteção dos diretos da criança e do adolescente tem como paradigma a proteção e o acolhimento.

Q12. CESPE/ TJ-RN/ 2013

> No que se refere à proteção dos direitos das crianças e adolescentes, assinale a opção correta.
>
> a) Com a proclamação da doutrina da proteção integral na CF, revogou-se expressamente a Lei n.º 6.697/1979, o que resultou em uma lacuna legal no ordenamento jurídico brasileiro, no que se refere à proteção jurídica a crianças e adolescentes.
>
> b) A Convenção sobre o Direito da Criança tem eficácia de norma constitucional, segundo entendimento do STF.
>
> c) As Regras de Beijing, as Diretrizes de RIAD e as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade, instrumentos internacionais de proteção aos direitos das crianças e adolescentes, não se aplicam ao Brasil, visto que não foram aprovadas pelo Congresso Nacional brasileiro e promulgados pelo presidente da República.
>
> d) Ao romper definitivamente com a doutrina da situação irregular — até então admitida no Código de Menores — e estabelecer como diretriz básica e única no atendimento de crianças e adolescentes a doutrina da proteção integral, o legislador pátrio conferiu eficácia limitada ao texto constitucional, cujos dispositivos careciam de regulamentação específica para a produção de efeitos jurídicos.
>
> e) No texto da CF, foi conferida, pela primeira vez na história brasileira, prioridade absoluta à criança, tendo-se afirmado sua proteção como dever da família, da sociedade e do Estado.

Comentários

A **alternativa A** está incorreta. Não há que se falar em lacuna legal no ordenamento jurídico brasileiro no que se refere à proteção jurídica a crianças e adolescentes. Pois, a Lei nº 6.697/79, foi revogada pela Lei nº 8.069/90.

A **alternativa B** está incorreta. Segundo entendimento do STF, a Convenção sobre o Direito da Criança tem eficácia de norma supralegal, e não constitucional.

A **alternativa C** está incorreta. Serviram de base para elaboração da Lei nº 8.069/90, as Regras de Beijing, as Diretrizes de RIAD e as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade, instrumentos internacionais de proteção aos direitos das crianças e adolescentes.

A **alternativa D** está incorreta. As normas constitucionais que cuidam dos direitos das crianças e dos adolescentes têm eficácia plena.

00000000000 - DEMO

A **alternativa E** está correta e é o gabarito da questão. O art. 227, da CF/88, é considerado a síntese da Convenção das Nações Unidas Sobre os Direitos da Criança. Vejamos:

> *Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.*

Q13. CESPE/ DPE-ES/ 2012

> Julgue os itens subsequentes, relativos à evolução histórica dos direitos da criança e do adolescente no Brasil.
>
> Foi a partir da Proclamação da República que os menores passaram a ser detentores dos direitos fundamentais de liberdade.

Comentários

A assertiva está **incorreta**. A lei que reconhece os direitos e garantias às crianças, considerando-a como uma pessoa em desenvolvimento, foi inserida em 1990, com o Estatuto da Criança e do Adolescente. Portanto, não foi a partir da Proclamação da República (1988) que os menores passaram a ser detentores dos direitos fundamentais de liberdade.

Q14. FCC/ TRT - 6ª Região (PE)/ 2015

> O art. 227 da Constituição dispõe sobre os direitos que, com absoluta prioridade, devem ser garantidos à criança, ao adolescente e ao jovem. Seu § 3o reserva disciplina específica ao direito à proteção especial. Entre os aspectos abrangidos por esse direito, encontram-se:
>
> a) punição severa ao abuso, à violência e à exploração sexual da criança e do adolescente; educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; e obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade.
>
> b) garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola; garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; e programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins
>
> c) garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; e obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade.
>
> d) adoção assistida pelo Poder Público, especialmente no caso de efetivação por estrangeiros; punição severa ao abuso, à violência e à exploração sexual

00000000000 - DEMO

> da criança e do adolescente; e programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.
>
> e) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola; e adoção assistida pelo Poder Público, especialmente no caso de efetivação por estrangeiros.

Comentários

Dada a referência explícita da questão, vejamos o art. 227, §3º, da CF:

> *§ 3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:*
>
> *I - idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;*
>
> *II - garantia de direitos previdenciários e trabalhistas;*
>
> *III - garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola;*
>
> *IV - garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica;*
>
> *V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;*
>
> *VI - estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;*
>
> *VII - programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.*

Da leitura do dispositivo acima podemos concluir que o referido dispositivo traz regras relativas aos direitos dos trabalhadores, garantia de direitos previdenciários, acesso do adolescente trabalhador à escola, responsabilização pela prática de atos infracionais que devem ser breves, excepcionais e respeitar a condição do adolescente de pessoa em desenvolvimento. Além disso, temos disposições que impõe ao Poder Público cuidar dos mecanismos de acolhimento de adolescentes em situação de vulnerabilidade e, também, a adoção de programas de prevenção e atendimento especializado.

Portanto, a **alternativa B** é a que melhor se encaixa em tal diretiva. As demais alternativas retratam regras que não constam do referido parágrafo.

Q15. MPE-SP/ MPE-SP/ 2015

> Nos termos da Constituição Federal, o direito a proteção especial à criança, ao adolescente e ao jovem deve abranger, dentre outros, os seguintes aspectos:
>
> I- Garantia de inimputabilidade aos menores de dezoito anos, que ficarão sujeitos às normas da legislação especial.

00000000000 - DEMO

> II- Programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.
>
> III- Proibição de quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação e igualdade de direitos e qualificações em relação aos filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção.
>
> IV- Aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na assistência materno-infantil.
>
> V- Estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado.
>
> Está correto apenas o contido em:
>
> a) I, III e V.
>
> b) II e IV.
>
> c) I, II e III.
>
> d) II e V.
>
> e) II, III, IV e V.

Comentários

Temos aqui uma questão pouco inteligente que, na realidade, é uma grande pegadinha. Nesse contexto, ao se referir à "proteção especial à criança", o examinador está cobrando o art. 227, §3º, da CF. Desse modo, por mais que as regras colocadas nos itens estejam de acordo com a CF, se não estiverem de acordo com o dispositivo, estão incorretas.

Devido a isso, sugere-se dar o máximo de atenção ao dispositivo.

Veja:

Item I – incorreto, pois previsto o art. 228 da CF.

Item II – correto, pois previsto, no inc. VII do §3º do art. 227 da CF.

Item III – incorreto, pois previsto no §6 do art. 227.

Item IV incorreto, pois previsto no §1º do art. 227.

Item V correto, porque explicita o inc. VI do §3º do art. 227 da CF.

Portanto, a **alternativa D** é a correta e gabarito da questão.

Q16.* FUNIVERSA/ PC-DF/ 2015/ *adaptada

> No que diz respeito à ordem social, julgue:
>
> A CF assegura expressamente às crianças, aos adolescentes e aos jovens a garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, a igualdade na relação processual e a defesa técnica por profissional habilitado, segundo lei específica.

00000000000 - DEMO

Comentários

A assertiva está **correta** em vista do que disciplina o art. 227, §3º, IV, da CF:

> *§ 3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:*
>
> *IV - garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica.*

Q17. FCC/ DPE-MA/ 2015

> Ante o regime estatuído pela Constituição, a obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade:
>
> a) encontra-se entre os objetivos que informam as políticas públicas de amparo aos idosos.
>
> b) encontra-se entre os objetivos que informam o plano nacional da juventude.
>
> c) consiste em aspecto abrangido pelo direito à proteção especial.
>
> d) constitui cláusula normativa que transgride o preceito constitucional que considera inimputáveis os menores de dezoito anos.
>
> e) consubstancia direito individual de exercício coletivo.

Comentários

O §3º do art. 227 prevê expressamente, dentre as regas de proteção especial, três princípios que devem ser considerados na aplicação de medidas socioeducativas

§ 3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;

Desse modo, está correta a **alternativa C**.

Q18. CESPE/ DEPEN/ 2015

> Por suas características mais definidoras, a Constituição Federal de 1988 (CF) foi chamada de Constituição Cidadã. Com relação aos direitos humanos e aos direitos fundamentais consagrados na Carta Magna brasileira, julgue o item a seguir.
>
> A única forma de censura permitida no Brasil é a que envolve espetáculos teatrais, especialmente os voltados para o público infanto-juvenil, e os livros didáticos a serem utilizados no ensino fundamental.

Comentários

00000000000 - DEMO

De acordo com o art. 5º, IX, da CF: "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença".

Não bastasse, a CF explicita que é vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Desse modo, está **incorreta** a assertiva, pois argumenta que é possível a censura espetáculos teatrais, especialmente os voltados para o público infanto-juvenil, e os livros didáticos a serem utilizados no ensino fundamental.

Q19. FAURGS/ TJ-RS/ 2015

> A questão refere-se à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
>
> Tendo em vista a previsão do caput do artigo 227, assinale a alternativa que contém assertiva INCORRETA.
>
> a) É dever da família e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem o direito à vida, à moradia, à saúde e à alimentação.
>
> b) É dever do Estado e da sociedade assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem o direito à educação, ao lazer e à profissionalização.
>
> c) É dever da família e da sociedade colocar a salvo de toda a forma de violência, crueldade e opressão a criança, o adolescente e o jovem.
>
> d) É dever da sociedade e do Estado colocar a salvo de toda a forma de negligência, discriminação e exploração a criança, o adolescente e o jovem.

Comentários

Para respondê-la devemos lembrar do *caput* do art. 227:

> *Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.*

Logo, a **alternativa A** está errada, pois traz expressado o direito à moradia.

Q20.* VUNESP/ PC-CE/ 2015/ *adaptada

> De acordo com o disposto na Constituição Federal a respeito da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso, julgue o item que se segue
>
> São civil e penalmente inimputáveis os menores de vinte e um anos, sujeitos às normas da legislação especial.

Comentários

A assertiva está **incorreta**, pois são penalmente inimputáveis os menos de 18 anos.

> *Art. 228. São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial.*

00000000000 - DEMO

Q21. VUNESP/ PC-CE/ 2015/ *adaptada*

> De acordo com o disposto na Constituição Federal a respeito da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso, julgue o item que se segue
>
> Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

Comentários

A assertiva está **correta**! Vejamos o art. 229, da CF.

> *Art. 229. Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.*

Q22. VUNESP/ PC-CE/ 2015/ *adaptada*

> De acordo com o disposto na Constituição Federal a respeito da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso, julgue o item que se segue
>
> A adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de brasileiros natos e naturalizados, vedada a adoção por estrangeiros.

Comentários

A assertiva está **incorreta**. Como bem sabemos, a adoção internacional é permitida dentro de certas circunstâncias. Vejamos o art. 227, § 5º, da CF, no qual foi baseada a assertiva.

> *§ 5º A adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.*

Q23. IDECAN/ SEJUC-RN/ 2017

> Nos termos da Constituição Federal, é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. São proteções constitucionais à criança e ao adolescente, EXCETO:
>
> a) Idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, permitida a jornada noturna, mas vedado o trabalho perigoso ou insalubre aos menores.
>
> b) Obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade.
>
> c) Garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica.

00000000000 - DEMO

> d) Estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado.

Comentários

A **alternativa A** está incorreta e é o gabarito da questão. De acordo com o art. 227, §3º, I, da Constituição Federal, é considerada proteção constitucional à criança e ao adolescente a idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho.

> *§ 3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:*
>
> *I - idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;*

Porém, com base no art. 7º, XXXIII, da Constituição, é proibido o trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos.

A **alternativa B** está correta, conforme prevê o art. 227, §3º, V, da CF/88:

> *V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;*

A **alternativa C** está correta, conforme prevê o art. 227, §3º, IV, da CF/88:

> *IV - garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica;*

A **alternativa D** está correta, conforme prevê o art. 227, §3º, VI, da CF/88:

> *VI - estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;*

Q24. FEPESE/ SJC-SC/ 2016

> De acordo com a Constituição Federal, a aplicação de qualquer medida privativa de liberdade a adolescente deverá obedecer ao princípio:
>
> 1. da brevidade.
>
> 2. da excepcionalidade.
>
> 3. do respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.
>
> Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas corretas.
>
> a) É correta apenas a afirmativa 3.
>
> b) São corretas apenas as afirmativas 1 e 2.
>
> c) São corretas apenas as afirmativas 1 e 3.
>
> d) São corretas apenas as afirmativas 2 e 3.

00000000000 - DEMO

> e) São corretas as afirmativas 1, 2 e 3.

Comentários

A **alternativa E** está correta e é o gabarito da questão. Vejamos o §3º, V, do art. 227, da CF/88:

> *§ 3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:*
>
> *V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;*

Q25. Quadrix/ CFO-DF/ 2017

> Com relação à ordem social, julgue o item.
>
> A CF veda a adoção de crianças e adolescentes por estrangeiros.

Comentários

A assertiva está **incorreta**. A Constituição Federal não proíbe a adoção de crianças e adolescentes por estrangeiros. Vejamos o §5º, do art. 227:

> *§ 5º A adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.*

6 - Legislação Destacada e Jurisprudência Correlata

- RE 898.061/SC: tese da pluriparentalidade

> *A paternidade socioafetiva, declarada ou não em registro público, não impede o reconhecimento do vínculo de filiação concomitante baseado na origem biológica, com os efeitos jurídicos próprios.*

- art. 227, da CF: proteção constitucional à criança e ao adolescente

> *Art. 227. É **dever** da **família**, da **sociedade** e do **Estado** assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, **com absoluta prioridade**, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.*
>
> *§ 1º O Estado promoverá **programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente** e do jovem, admitida a **participação de entidades não governamentais**, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:*
>
> *I - aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na assistência materno-infantil;*
>
> *II - criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação.*
>
> *§ 2º A lei disporá sobre normas de construção dos logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência.*

00000000000 - DEMO

§ 3º O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

*I - **idade mínima de quatorze anos** para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;*

*II - garantia de **direitos previdenciários e trabalhistas**;*

*III - garantia de **acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola**;*

*IV - garantia de **pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional**, **igualdade na relação processual** e **defesa técnica por profissional habilitado**, segundo dispuser a legislação tutelar específica;*

*V - **obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento**, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;*

*VI - **estímulo do Poder Público**, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;*

*VII - **programas de prevenção e atendimento especializado** à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.*

§ 4º A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.

§ 5º A adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.

§ 6º Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

§ 7º No atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se- á em consideração o disposto no art. 204.

§ 8º A lei estabelecerá:

I - o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens;

II - o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas.

7 – Resumo

RESUMINDO

Para finalizar o estudo da matéria, trazemos um resumo dos principais aspectos estudados ao longo da aula. Sugerimos que esse resumo seja estudado sempre previamente ao início da aula seguinte, como forma de "refrescar" a memória. Além disso, segundo a organização de estudos de vocês, a cada ciclo de estudos é fundamental retomar esses resumos. Caso encontrem dificuldade em compreender alguma informação, não deixem de retornar à aula.

Paradigmas legislativos: evolução histórica do Direito da Criança e do Adolescente

❍ ASPECTOS HISTÓRICOS REMOTOS

↳ Antiguidade: as formações familiares foram estruturadas em torno da religião.

- Sem tratamento diferenciado conferido às crianças e aos adolescentes.

00000000000 - DEMO

- Crianças e adolescentes vistos como objeto de direito e como patrimônio, a serviço de da religião e de autoridades familiares e do Estado.

↳ Idade Média: nítido **reconhecimento da dignidade das crianças e adolescentes**.

- **Crianças havidas fora do casamento religioso**, encontravam-se em situação de **dupla vulnerabilidade**: discriminação por serem crianças e por não serem reconhecidas pela Igreja.

❍ **EVOLUÇÃO INTERNACIONAL**

↳ Convenção para a Repressão do Tráfico de Mulheres e Crianças aprovada em 1921.

↳ Declaração de Genebra, de 1924.

↳ Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), aprovada em 1948.

↳ Criação da UNICEF, em 1946.

↳ Declaração Universal dos Direitos da Criança em 1959.

↳ Convenção Americana sobre os Direitos Humanos denominada de 1969.

↳ Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças.

❍ **EVOLUÇÃO HISTÓRICA NO ORDENAMENTO BRASILEIRO**

↳ fase da ABSOLUTA INDIFERENÇA

- Sem normas tutelares dos direitos de crianças ou adolescentes.
- até o início do séc. XVI

↳ fase da MERA IMPUTAÇÃO PENAL

- Objetiva-se a punição de conduta praticadas por crianças e adolescentes.
- do séc. XVI e, especialmente com a edição do Código Mello Matos em 1927, até o Código de Menores de 1979.

↳ fase TUTELAR

- Objetiva-se promover a proteção de crianças e adolescentes em situação irregular, com assistencialismo e práticas segregatória.
- da edição do Código de Menores de 1979 até a Constituição de 1988

↳ fase da PROTEÇÃO INTEGRAL

- As crianças e adolescentes são considerados sujeitos de direito, que devem ser assegurados em conjunto pelo Estado, sociedade e famílias, com absoluta prioridade e em consideração da situação peculiar de pessoa em desenvolvimento.
- a partir da CF de 1988

00000000000 - DEMO

A doutrina da situação irregular e a doutrina da proteção integral

❍ **MUDANÇA NA BASE PRINCIPIOLÓGICA:** da doutrina da situação irregular para a doutrina da proteção integral.

❍ **CÓDIGO DE MENORES**

↳ limitação de aplicação, destinando-se:

- ao menor privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, em razão da falta, ação ou omissão dos pais ou responsável;
- às vítimas de maus-tratos;
- aos sujeitos a perigo moral por se encontrarem em ambientes ou atividades contrárias aos bons costumes;
- ao autor de infração penal; e
- aos menores que apresentassem "desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária".

↳ "**binômio carência-delinquência**", **agindo na consequência e não nas causas** que levam à carência ou à delinquência.

↳ **concentração das atividades centralizadas na figura do "Juiz de Menores"**.

↳ **prática segregatória**.

↳ **não havia também preocupação com a manutenção de vínculos familiares**.

❍ **CF + ECA**

↳ **rompimento de paradigma.**

↳ a CF trata de enunciar um rol de direitos e garantias fundamentais, posteriormente explicitados no ECA.

Esses direitos devem ser assegurados: a) **com absoluta prioridade**; e b) em consideração do fato de que as crianças são **pessoas em desenvolvimento**.

↳ o ECA fixa uma série de **políticas públicas** a serem desenvolvidas por todos os entes federativos, mas principalmente pelo município, que está mais próximo da realidade de cada comunidade, em respeito ao **princípio da municipalização** que impera no ECA.

❍ **COMPARAÇÃO ENTRE CÓDIGO DE MENORES E O ECA**

ASPECTO	CÓDIGO DE MENORES	ECA
Doutrinário	Situação Irregular	Proteção Integral

00000000000 - DEMO

Caráter	Filantrópico	Política Pública
Fundamento	Assistencialista	Direito Subjetivo
Centralidade Local	Judiciário	Município
Competência Executória	União/Estados	Município
Decisório	Centralizador	Participativo
Institucional	Estatal	Cogestão Sociedade Civil
Organização	Piramidal Hierárquica	Rede
Gestão	Monocrática	Democrática

Normas Constitucionais

O Estado... **A Família...** **A Sociedade...**	devem **propiciar** o...	direito à vida direito à saúde, direito à alimentação direito à educação direito ao lazer direito à profissionalização direito à cultura direito à dignidade direito ao respeito direito à liberdade direito à convivência familiar e comunitária
	devem **resguardá**-los de...	toda forma de negligência toda forma de discriminação toda forma de exploração toda forma de violência, crueldade e opressão

❍☐**PRECEITOS**:

1º PRECEITO: destinação de um percentual mínimo de recursos.

00000000000 - DEMO

2º PRECEITO: criação de programas de atendimento e de prevenção para crianças e adolescentes com deficiência.

❍☐**REGRAS ESPECÍFICAS DE PROTEÇÃO ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES**:

- idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho na condição de aprendiz e do trabalho regular somente após completar 16 anos (7º, XXXIII).
- garantia de direitos previdenciários, trabalhistas e acesso à escola ao adolescente que trabalhar.
- garantia de ampla defesa, inclusive técnica, quando praticar atos infracionais.
- execução da medida socioeducativa com observância dos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.
- estímulo do Poder Público, por intermédio de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, ao acolhimento sob a forma de guarda de crianças ou adolescentes órfãos ou abandonados.
- criação de programas de prevenção e atendimento especializado à criança e ao adolescente dependente de entorpecentes.

8 - Considerações Finais

Chegamos ao final da aula inaugural! Vimos uma pequena parte da matéria, entretanto, um assunto muito relevante para a compreensão da disciplina.

A pretensão desta aula é a de situar vocês no mundo dos Direitos da Criança e do Adolescente, a fim de que não tenham dificuldades em assimilar os conteúdos relevantes que virão na sequência.

Além disso, procuramos demonstrar como será desenvolvido nosso trabalho ao longo do Curso.

Quaisquer dúvidas, sugestões ou críticas entrem em contato conosco. Estou disponível no fórum no Curso e por e-mail.

Aguardo vocês na próxima aula. Até lá!

Ricardo Torques

rst.estrategia@gmail.com

00000000000 - DEMO

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1. Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2. Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3. Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4. Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5. Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6. Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7. Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8. O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.

Seja Bem Vindo!

Curso

Inglês Gramática Básica

Carga horária: 45hs

Dicas importantes

• **Nunca se esqueça** de que o objetivo central é **aprender** o conteúdo, e não apenas **terminar** o curso. Qualquer um **termina**, só os determinados **aprendem!**

• **Leia** cada trecho do conteúdo com **atenção redobrada**, não se deixando dominar pela pressa.

• **Explore profundamente** as **ilustrações explicativas** disponíveis, pois saiba que elas têm uma função bem mais importante que embelezar o texto, são fundamentais para **exemplificar e melhorar o entendimento** sobre o conteúdo.

• Saiba que quanto mais **aprofundaste seus conhecimentos** mais **se diferenciará dos demais alunos** dos cursos.

• Todos têm acesso aos mesmos cursos, mas o **aproveitamento** que cada aluno faz do seu momento de aprendizagem diferencia os **"alunos certificados"** dos **"alunos capacitados"**.

• **Busque complementar** sua formação **fora do ambiente virtual** onde faz o curso, buscando **novas informações e leituras extras**, e quando necessário procurando **executar atividades práticas** que não são possíveis de serem feitas durante o curso.

• **Entenda** que a aprendizagem **não se faz apenas no momento em que está realizando o curso**, mas sim durante todo o dia-a-dia. Ficar atento às coisas que estão à sua volta **permite encontrar elementos para reforçar aquilo que foi aprendido.**

• **Critique** o que está aprendendo, **verificando sempre a aplicação do conteúdo no dia-a-dia**. **O aprendizado só tem sentido quando pode efetivamente ser colocado em prática.**

Conteúdo

Introdução
As classes gramaticais em inglês
Letras maiúsculas
Nouns: os substantivos em inglês
Singular Nouns: substantivos singulares
Plural Nouns: substantivos no plural
Collective Nouns: substantivos coletivos
Masculine and Feminine Nouns: substantivos masculinos e femininos
Personal Pronouns: os pronomes pessoais
Personal Pronouns: os pronomes pessoais (parte 2)
Reflexive Pronouns: os pronomes reflexivos
Interrogative Pronouns: os pronomes interrogativos
Demonstrative Pronouns: os pronomes demonstrativos
Adjectives: os adjetivos em inglês
Adjetivos terminados em –ful e –less
Os comparativos
Os superlativos
Comparativos e superlativos com more e most
Comparativos e superlativos irregulares
Os pronomes possessivos
Os advérbios
Os advérbios de tempo
Advérbios de lugar

Introdução

Antes de começarmos nosso Curso de Básico de Gramática de Inglês, vale a pena parar e pensar sobre o que é gramática. Se formos até a Wikipedia, veremos que:

Gramática (do grego: γραμματική, transl. grammatiké, feminino substantivado de grammatikós) é o conjunto de regras individuais usadas para um determinado uso de uma língua, não necessariamente o que se entende por seu uso "correto". É ramo da Linguística que tem por objetivo estudar a forma, a composição e a inter-relação das palavras dentro da oração ou da frase, bem assim o seu apropriado ou correto uso.

Simplificando, a gramática são as regras do idioma, que definem como as palavras se relacionam umas com as outras. Em português a frase "Eu vou de a escola" está gramaticalmente errada, pois aqui a palavra "de" não pode ser usada, o certo seria "Eu vou para a escola". A gramática chama "de" e "para" de preposições. Interessante é notar que, sabendo ou não que "de" e "para" são palavras chamadas de preposição pela gramática, ainda assim falamos corretamente, não é mesmo? Isso acontece porque a língua não foi feita a partir da gramática, mas sim a gramática a partir da língua.

Antes de começarmos nosso curso, é importante saber que estudar um idioma e estudar gramática são coisas diferentes, mas que se relacionam. O estudo da gramática ajuda no estudo do idioma, mas temos que tomar cuidado para não acabarmos estudando somente a gramática e deixarmos a língua real de lado. Sempre **leia a escute muito em inglês**, usando a gramática como um complemento, que serve para polir as imperfeições que ficarem ao longo do caminho. Um professor me disse que costumava dar KISS em todos os alunos, mas isso não quer dizer que ele beijava todos os alunos! KISS, nesse

caso, quer dizer *Keep It Simple and Short*, ou seja, mantenha tudo simples e curto. Isso vale principalmente para a gramática: quando mais simples, clara e direta, melhor.

As classes gramaticais em inglês

A gramática divide as palavras em várias categorias diferentes: substantivos, adjetivos, advérbios, etc. Você deve lembrar desses nomes da época da escola, não? Pois em inglês esses nomes também existem. Mas calma, antes de você entrar em desespero, quero dizer que tudo isso é muito mais simples do que parece! Primeiramente, dê uma olhada nesse versinho, usado para decorar as categorias gramaticais em inglês.

Every name is called a **noun**,
As **field** and **fountain**, **street** and **town**
In place of noun the **pronoun** stands
As **he** and **she** can clap their hands.
The **adjective** describes a thing,
As **magic** wand or **bridal** ring.
Most **verbs** mean action, something do
To **read** and **write**, to **jump** and **run**.
How things are done the **adverbs** tell
As **quickly**, **slowly**, **badly**, well.
The **preposition** shows relation,
As **in** the street or **at** the station.
Conjunctions join, in many ways,
Sentences, words, **or** phrase **and** phrases
The **interjection** cries out, "**Heed**!
An exclamation point must

follow me!"

Nouns são os substantivos, as palavras que dão nome as coisas, como *field* (campo), *fountain* (fonte), *street* (rua) ou *town* (cidade).
Pronouns são os pronomes, que indicam pessoas e coisas, como *he* (ele) ou *she* (ela).
Adjectives são os adjetivos, que caracterizam as coisas, como *magic* (mágico) ou *bridal* (de noivado).
Verbs são ações, como *read* (ler), *write* (escrever), *jump* (pular) e *run* (correr).
Adverbs são os advérbios, que mostram como as coisas são feitas, como *quickly* (rapidamente), *slowly*(lentamente), *badly* (gra vemente) ou *well* (bom, bem feito).
Prepositions são as preposições, que determinam relações entre as coisas com em ***in*** *the street* (**na** rua) e ***at*** *the station* (**na** estação).
Conjunctions são as conjunções, que ligam as palavras e frases, como *or* (ou) e *and* (e).
Por fim, **interjections** são as interjeições, que representam sons, falas, etc., como *"stop!"* (Pare!).
Você não precisa saber tudo isso de cor e salteado, basta ter uma noção de cada uma das categorias gramaticais. Nas lições futuras, veremos mais um pouco sobre cada categoria, e como elas funcionam.

Letras maiúsculas

Quando usar letras maiúsculas em inglês

Em inglês, letras maiúsculas são chamadas **capital letters**, **big letters** ou **upper-case letters**, ou simplesmente**capitals**. Assim como no português, em alguns casos deve-se usar obrigatoriamente as letras maiúsculas.
Em inglês, usa-se letras maiúsculas…

No começo de uma frase:
The book is on the table. – O livro está em cima da mesa.

You are going home. – Você está indo pra casa.
Please, leave me alone! – Por favor, me deixe sozinho!

Sempre que usamos a palavra I (eu):
I am a teacher. – Eu sou um professor.
John and **I** went to the party. – John e eu fomos para a festa.
I play soccer. – Eu jogo futebol.

Em nomes de pessoas e lugares:
John, **P**eter, **A**lice, **J**ames, **B**razil, **J**apan, **N**ational **U**niversit y

Para dias da semana, meses do ano, festivais e feriados:
Sunday, **M**onday, **T**uesday, **O**ctober, **N**ovember, **D**ecember , **C**hristmas, **M**other's **D**ay, **F**ather's **D**ay

Nouns: os substantivos em inglês

Existem dois tipos de **nouns** (substantivos) em inglês: **common nouns** e **proper nouns**.

Common Nouns

São os nomes das coisas, pessoas, animais, etc.

Alguns **nouns** de coisas/objetos:

table: mesa

door: porta

chair: cadeira

cake: bolo

gate: portão

Alguns **nouns** de pessoas:

teacher: professor

student: estudante

reader: leitor

soldier: soldado

clown: palhaço

Alguns **nouns** de animais:
bird: pássaro

zebra: zebra

bear: urso

cow: vaca

lion: leão

Alguns **nouns** de lugares:
school: escola

mall: shopping center

beach: praia

park: parque

island: ilha

A lista abaixo mostra os 25 **nouns** mais usados no idioma Inglês:

1. time – tempo
2. person – pessoa
3. year – ano
4. way – caminho/modo
5. day – dia
6. thing – coisa

7. man – homem
8. world – mundo
9. life – vida
10. hand – mão
11. part – parte
12. child – criança
13. eye – olho
14. woman – mulher
15. place – lugar
16. work – trabalho
17. week – semana
18. case – caso/caixa
19. point – ponto
20. government – governo
21. company – companhia, empresa
22. number – número
23. group – grupo
24. problem – problema
25. fact – fato

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Most_common_words_in_English

Proper Nouns

Proper Nouns são os nomes próprios, que designam pessoas, lugares e coisas específicas. **Proper nouns** sempre começam com letra maiúscula. Todos os nomes de pessoas, incluindo o seu, são **proper nouns**: John, Peter, Alice, Lisa, Beethoven, Harry Potter, Ali Baba, etc.

Nomes de países e nacionalidades são todos **proper nouns**:

Brazil – Brazilian

Brasil – brasileiro

America – American

América – americano

Japan – Japanese

Japão – japonês

China – Chinese

China – chinês

Egypt – Egyptian

Egito – egípcio

Todos os nomes de cidades, monumentos ou lugares famosos também são **proper nouns**:

London – Londres

New York – Nova Iorque

Tokyo – Tóquio

Statue of Liberty – Estátua da liberdade

Great Wall of China – A grande muralha da China

Niagara Falls – Cataratas do Niágara

Mount Everest – Monte Everest

Dias da semana, meses do ano e datas comemorativos também são **propers nouns**:

Days of the week – dias da semana

Sunday – domingo

Monday – segunda

Tuesday – terça

Wednesday – quarta

Thursday – quinta

Friday – sexta

Saturday – sábado

Months – meses
January – janeiro

February – fevereiro

March – março

April – abril

May – maio

June – junho

July – julho

August – agosto

September – setembro

October – outubro

November – novembro

December – dezembro

Datas comemorativas:
Christmas – Natal

Mother’s Day – Dia das mães

Father’s Day – Dia dos pais

Independence Day – Dia da independência

April Fool’s Day – Dia dos bobos/dia da mentira

Singular Nouns: substantivos singulares

Os nouns podem aparecer nas forma **singular** e **plural**. Quando falamos de uma única pessoa/coisa, o noun é**singular**. Quando falamos de várias pessoas/coisas, o noun é **plural**. Hoje vamos ver como funcionam os **singular nouns**.

Singular Nouns

a boy – um menino
a flower – uma flor
a computer – um computador
a girl – uma menina
a book – um livro

Você notou o "**a**" antes dos nouns? **Esse "a" é o artigo "um/uma".** Ele sempre vai aparecer na frente dos **singular nouns**, afinal, se falarmos simplesmente "boy", estamos falando "menino", sem um sentido específico. Quando dizemos "a boy", agora sim temos o sentido de "um menino". Quando o **noun** for feminino, o "a" pode ser traduzido como "uma", como no caso de "a girl": "uma menina".

Agora, dê uma olhada nos seguintes nouns:

an egg – um ovo
an umbrella – um guarda-chuva
an apple – uma maçã
an envelop – um envelope
an orange – uma laranja

Notou que, em vez de "a", usamos "an". **O Significado de "an" é o mesmo de "a": um/uma.** Porém, usamos **a**antes de palavras que começam com um som de consoante (b,c,d,f,g, etc) e **an** antes de palavras que começam com som de vogal (a,e, i, o, u).

a **p**layer – um jogador – "player" começa com a consoante P, assim usamos "a".

an **a**pple – uma maçã – "apple" começa com a vogal "a", assim usamos "an".

A regra é simples:

antes de vogal = AN
antes de consoante = A

Exceção:

Lembre-se que isso diz respeito ao som, assim, palavras como **university** e **uniform**, embora comecem com vogal ("u"), têm o som de consoante no início: **university** fala-se "yunivãrssiti", e uniforme fala-se "yunifórm". Assim usamos "a", e não "an".

a **u**niversity
a **u**niform

O mesmo ocorre com "hour", que começa com a consonante H, mas tem som de "a" no começo, pois falamos "auãr".

an **h**our

Felizmente, as exceções são poucas. Não fique muito preocupado e foque na regra de modo simples e eficiente:**antes de vogal = AN, antes de consoante = A**.

Plural Nouns: substantivos no plural

Plural Nouns

Na última lição aprendemos sobre os substantivos singulares. Nesta lição aprender sobre os Plural Nouns, que são os substantivos no plural.

Usamos os plural nouns para definir qualquer coisa que exista em quantidades maiores do que um. Vejamos os exemplos:

Plural Nouns com S

book > book**s** (livro > livros)
egg > egg**s** (ovo > ovos)
game > game**s** (jogo > jogos)
photo > photo**s** (foto > fotos)
A regra geral é bem simples, basta adicionar “S” no final no noun. Porém, em alguns casos teremos que adicionar ES, como nos seguintes exemplos.

Plural Nouns com ES

beach > beach**es** (praia >praias)
box > box**es** (caixa > caixas)
watch > watch**es** (relógio > relógios)
glass > glass**es** > (copo > copos)
Uma boa dica é notar que, **geralmente, quando as palavras terminam com CH, SH, S, SS ou X, o plural será feito com ES.**

Plural Nouns com IES

Há também plural nouns que terminam com IES.

butterfly > butterf**lies** (borboleta > borboletas)
baby > bab**ies** (bebê > bebês)
family > famil**ies** (família > famílias)
fairy > fair**ies** (fada > fadas)
Nos nouns acima, trocamos o Y final por IES.
No entanto, caso o noun terminar com Y, mas vier precedido de uma vogal, o plural é feito somente com S:

key > key**s** (chave > chaves)
turkey > turkey**s** (peru > perus)
toy > toy**s** (brinquedo > brinquedos)

day > day**s** (dia > dias)

Nouns que terminam com F

Quandos os nouns terminam com a letra F, geralmente, trocamos o F por V e adicionamos um ES. Veja os exemplos:

leaf > lea**ves** (folha > folhas)
shelf > shel**ves** (prateleira > prateleiras)
thief > thie**ves** (ladrão > ladrões)
wolf > wol**ves** (lobo > lobos)
Porém, como sempre, há exceções.
chef > chefs (chefe de cozinha > chefes de cozinha)

cliff > cliffs (penhasco > penhascos)

handkerchief > handkerchiefs (lenço > lenços)

roof > roofs (teto > tetos)

Além disso, alguns nouns aceitam as duas formas, como, por exemplos **dwarf** (anão), que pode ter seu plural tanto como dwar**ves** ou dwarf**s**. Há também palavras que terminam com FE, que do mesmo modo têm seu plural feito com VES: wife (esposa) > wi**ves**; knife (faca) > kni**ves**.

Nouns que terminam com O

Quando o nomes terminar com O, às vezes vamos acrescentar um S, outras vezes colocamos ES.

video > video**s** (vídeo > vídeos)
zoo > zoo**s** (zoológico > zoológicos)
tomato > tomato**es** (tomate > tomates)
potato > potato**es** (batata > batatas)
hero > hero**es** (herói > heróis)

Plurais irregulares

Algumas palavras mudam completamente no plural. São os chamados **plurais irregulares**. É bom estar atento a essas palavras para não se confundir.

mouse > **mice** (rato > ratos)
foot > **feet** (pé > pés)
child > **children** (criança > crianças)
man > **men** (homem > homens)
woman > **women** (mulher > mulheres)
tooth > **teeth** (dente > dentes)

Algumas palavras apresentam uma única forma, tanto no singular como no plural.

sheep > **sheep** (ovelha > ovelhas)
fish > **fish** (peixe > peixes)
reindeer > **reindeer** (rena > renas)

Outras têm uma única forma, porém no plural.

pajamas (pijama)
sneakers (tênis)
pants (calças)

Pode parecer estranho, mas esses nomes realmente não têm forma singular. Você não pode dizer “a pajama” (um pijama), pois em inglês, é sempre “pijamas”.

Collective Nouns: substantivos coletivos

Depois de aprender sobre substantivos singulares e plurais, vamos ver nesta lição como funcionam os substantivos coletivos em inglês. Da mesma maneira que no português, os substantivos coletivos são palavras usadas para se referir e grupos de pessoas, animais ou coisas. Vejamos alguns exemplos de collective nouns:

family – família
crew – tripulação
orchestra – orquestra
band – banda
choir – coro

team – equipe/time
people – pessoas
O interessante é que esses nomes podem causar confusão na hora de usá-los com o verbo to be, por exemplo: devemos falar **My family is (singular)** ou **My family are (plural)**? **Family** é plural no sentido que são muitas pessoas, mas a palavra ainda é singular. Nesse caso, tanto **is** quando **are** estão certos, porém, para palavras como**people**, só podemos usar a forma plural! Tudo é uma questão de ir se acostumando com o uso, pois decorar o que é regra e o que é exceção é muito difícil.

Vejamos algumas frases usando os collective nouns:
a **band** of musicians – uma banda de músicos
a **collection** of books – uma coleção de livros
a **team** of players – um time de jogadores
a **gang** of robbers – uma gangue de ladrões
a **flock** of sheep – um rebanho de ovelhas

Masculine and Feminine Nouns: substantivos masculinos e femininos

Alguns substantivos em inglês têm formas diferentes para o masculino e o feminino. Isso acontece também em português, como no caso de “boi” e “vaca”. **Masculine Nouns** são os substantivos masculinos. **Feminine Nouns**são os substantivos femininos. Vamos conhecer alguns deles:
bride & bridegroom – noiva e noivo
rooster & hen – galo e galinha
lion & lioness – leão e leoa
king & queen – rei e rainha
boy & girl – menino e menina
man & woman – homem e mulher
brother & sister – irmão e irmã
wizard & witch– bruxo e bruxa
actor & actress – ator e atriz

prince & princess – príncipe e princesa
Note que em muitos casos, teremos a terminação **–ess** ou –**ress** nos substantivos femininos, como **actress**,**princess**, **lioness**, **etc**.

Personal Pronouns: os pronomes pessoais

Já aprendemos sobre os nouns, que são os substantivos em inglês. Continuando nosso **curso de gramática básica**, vamos aprender agora sobre os **pronouns**, que são os **pronomes em inglês**. Para quem não sabe, um pronome é uma palavra que substitui um substantivo ou um nome próprio. Existem diferentes tipos de pronomes e nós vamos ver cada um deles aqui no nosso curso!

Personal Pronouns

Os pronomes mais conhecidos são os pronomes pessoais, que em inglês chamamos de Personal Pronouns. Eles são I (eu), you (você), he (ele), she (ela), it (ele/ela/isto), we (nós) e they (eles). Eles são usados no lugar dos nomes (substantivos) e como sujeito de uma sentença. Vejamos alguns exemplos.

My name is João **I** am a teacher.
Meu nome é João. **Eu** sou professor.
This is my father. **He** is a teacher.
Este é meu pai. **Ele** é professor.
This is my mother. **She** is a lawyer.
Esta é minha mãe. **Ela** é advogada.
I have a blog. **It** is about English.
Eu tenho um blog. **É (meu blog)** sobre inglês.
I have a brother and a sister. **They** are Jorge and Mary.
Eu tenho um irmão e uma irmã. **Eles** são Jorge e Mary.
You are a student.
Você é um estudante.
My family and **I** live in a big city. **We** have an apartment.
Eu e minha família vivemos em uma cidade grande. **Nós** temos um apartamento.

Conhecer os pronomes pessoais é de suma importância. Muitos estudantes ainda
confundem **he** com **she** ou **we**com **they**. É preciso saber todos os pronomes naturalmente, na ponta da língua! Outro ponto importante é o pronome **it**, que significa ela ou ela quando usado para se referir a objetos e animais, sendo muitas vezes traduzido como “isto”. Esse pronome causa muita confusão porque não existe em português, onde temos somente “ele” e “ela”. Futuramente aprenderemos mais sobre o pronome **it**.

Personal Pronouns: os pronomes pessoais (parte 2)

Na lição passada aprendemos sobre os **pronomes pessoais** I (eu), you (você), he (ele), she (ela), it (ele/ela/isto), we (nós) e they (eles). Hoje vamos falar um pouco sobre os pronomes pessoais quando usados com objetos. Complicado? Por exemplo, quando dizemos “Ela gosta de bolo”, “ela” é o sujeito, é quem faz a ação de gostar de bolo. Já quando dizemos “Todo mundo gosta dela”, “dela” é o objeto da frase (o sujeito é “todo mundo”). “Dela” também é um pronome, e são justamente esses pronomes que vamos aprender hoje.
Vamos começar logo com exemplos, pois assim fica mais fácil!

Look at me! (E não “Look at I”)
Olhe pra mim!
My mother is kind. Everybody likes her. (E não “Everybody likes she”)
Minha mãe é gentil. Todo mundo gosta dela.
Lisa, I told you to tidy your bed!
Lisa, eu falei para você arrumar sua cama!
Sharon and Jenny! Dad is waiting for you!
Sharon e Jenny! O pai está esperando por vocês!
Luck and I are playing in the park. Dad is watching us. (E não “Dad is watching we”)

Luck e eu estamos brincando no parque. O pai está nos observando.
Baby birds cannot fly. Mother bird has to feed them. (E não “feed they”)
Pássaros bebês não pode voar. A mãe tem que os alimentar.
Tom likes riding my biclycle. I sometimes lend it to him. (E não “lend it to he”)
Tom gosta de andar na minha bicicleta. Às vezes, eu empresto ela para ele.
Aqui vai uma tabelinha com os pronomes:

Como sujeito	**Como objeto**
I	me
you	you
he	him
she	her
it	it
we	us
you	you
they	them

Reflexive Pronouns: os pronomes reflexivos

Além dos pronomes pessoais e dos pronomes pessoais usados como objetos, temos ainda os pronomes reflexivos. Eles causam um pouco de confusão, pois costumamos estabelecer muitas regras desnecessárias para usá-los. Na minha opinião, o melhor é entender o significado dos pronomes reflexivos e nada mais que isso. Eles são:

myself > eu mesmo
yourself > você mesmo
himself > ele mesmo
herself > ela mesma
itself > si mesmo
ourselves > nós mesmos
yourselves > vocês mesmos
themselves > eles mesmos

Vejamos os exemplos:
I made this cake myself.
Eu mesmo fiz esse bolo.
Be careful with the knife. You'll cut yourself.
Tenha cuidado com a faca. Você vai se cortar. (Você vai cortar você mesmo)
Michael is looking at himself in the mirror.
Michael está se olhando no espelho. (Michael está olhando ele mesmo no espelho)
Susan has hurt herself.
Susan se machucou. (Susan machucou ela mesma)
Our cat washes itself after each meal.
Nosso gato se lava após cada refeição. (Nosso gato lava a si mesmo após cada refeição)
We organized the party all by ourselves.
Organizamos a festa por conta própria. (Organizamos a festa tudo por nós mesmos)
Come in, children, and find yourselves a seat.
Entrem, crianças, e achem seus lugares vocês mesmas.
Baby birds are too young to look after themselves.
Pássaros bêbes são muito novos para tomarem conta de si mesmos. (deles mesmo)

Interrogative Pronouns: os pronomes interrogativos

Nas últimas lições aprendemos sobre pronomes, pronomes como objetos e pronomes reflexivos. Nesta lição, vamos aprender sobre os **pronomes interrogativos**, que são as palavras usadas para fazer perguntas. Os pronomes interrogativos são MUITO importantes, pois se você errar o pronome, mudará totalmente o sentido da frase. Não há regras rígidas para usá-los, você só tem que saber o que cada um deles significa. Vamos ver quais são os pronomes interrogativos!

Who

Who quer dizer "quem?". Veja os exemplos:

Who are you? Quem é você?
Who are those people? Quem são estas pessoas?
Who goes first? Quem vai primeiro?

Whose

Whose quer dizer “de quem”. Cuidado para não confundir Whose com Who, pois eles são bem diferentes!

Whose umbrella is this? De quem é este guarda-chuva?
Whose gloves are these? De quem são estas luvas?
Whose book is this? De quem é este livro?
Colocando de forma simples:

Whose book = livro de quem?
Whose car = carro de quem?
Whose gloves = luvas de quem?

What

What é provavelmente o pronomes interrogativo mais conhecido. Ele que dizer “o que”, “que” ou mesmo “qual”.

What is your name? Qual é o seu nome?
What is the time? Que horas são?
What are you talking about? (Sobre) O que vocês estão falando?
What is your dog’s name? Qual o nome do seu cachorro?

Which

Which quer dizer “qual” e costuma causar confusão com What. Which é usado sempre que temos opções, quando escolhemos entre várias coisas.

Which do you prefer? Qual você prefere?
Which of these bags is yours? Qual mala é a sua?
Which do you like? De qual você gosta?
Veja que se trocarmos Which por What, o sentido muda:

What do you prefer? O que você prefere?
What do you like? O que você gosta?

Demonstrative Pronouns: os pronomes demonstrativos

Continuando nossas lições sobre pronomes, hoje vamos aprender os **pronomes demonstrativos**, que são chamados de **Demonstrative Pronouns** em inglês.
Os pronomes demonstrativos servem para “apontar” coisas que ficam a certa distância de quem fala. Por exemplo: quando você pega uma caneta na mão e diz “Esta caneta é minha”, “esta” é o pronome demonstrativo.

Existem quatro pronomes demonstrativos em inglês: this, these, that e those.

THIS

“This” serve para indicar/apontar coisas que estão perto de você.
This is my house.
Esta é minha casa.
This is a book.
Isto é um livro.
What is this?
O que é isto?
Hi João, this is Maria!
Olá João, esta é a Maria!

THESE

“These” é o plural de “this”. Serve para indicar/apontar coisas que estão perto de você, mas no plural.
These are my books.
Estes são meus livros.
These are my friends.
Estes são meus amigos.
Whose books are these?
De quem são estes livros?

THAT

“That” serve para indicar/apontar coisas que estão longe de você.
That is John’s house.
Aquela é a casa de John.
That is a mountain.
Aquilo é uma montanha.

That's not mine!
Aquilo não é meu?
Hello, is that you, George?
Olá, é você que está aí, George?

THOSE

"Those" é o plural de "that". Serve para indicar/apontar coisas que estão longe de você, mas no plural.
Those are my books.
Aqueles são meus livros.
Those are horses.
Aqueles (animais) são cavalos.
Those people are bad.
Aquelas pessoas são más.

Adjectives: os adjetivos em inglês

Nesta lição vamos falar um pouco sobre os adjetivos! Você se lembra o que são adjetivos? Adjetivos são palavras que servem para descrever/caracterizar outras palavras. Por exemplo: bom, bonito, caro, barato, inteligente, alto, baixo, etc. Todas essas palavras são adjetivos.

Em português, os adjetivos quase sempre vêm depois de um substantivo. Por exemplo: "homem alto". "Homem" é o substantivo, "alto" o adjetivo. Outro exemplo: "tapete vermelho". "Tapete" é o substantivo, "vermelho" o "adjetivo".

Porém em inglês a regra é justamente o contrário: os adjetivos vêm **ANTES** do substantivo. Assim, "homem alto" é "tall man" (tall = alto, man = homem), e "tapete vermelho" é "red carpet" (red = vermelho, carpet = tapete).
Vamos então dar uma olhada em mais alguns adjetivos, todos sempre acompanhados de um substantivo, para ficar mais claro e fácil de entender!

smart dog (smart = inteligente/esperto)
cachorro inteligente/esperto

old house (old = velho/velha)
casa velha
deep sea (deep = fundo/profundo)
mar fundo/profundo
beautiful day (beautiful = bonito/bonita)
dia bonito
difficult problem (difficult = difícil)
problema difícil
large bed (large = grande)
cama grande
dark room (dark = escuro/escura)
sala escura
strong flavor (strong = forte)
sabor forte
good boy (good = bom)
bom menino

Adjetivos terminados em –ful e –less

Os adjetivos em inglês têm diferentes terminações, e isso pode ser muito útil ao aprender essas novas palavras ou mesmo entender o significado de adjetivos que nunca vimos. Como sempre, vamos dar um olhada em alguns exemplos para facilitar!

Adjetivos terminados em -ful

A terminação –ful significa “ter muito, estar cheio de”, por exemplo:

pain = dor (substantivo)
painful = doloroso (adjetivo)
care = cuidado (substantivo)
careful = cuidadoso (adjetivo)
Veja que se soubermos o significado de “pain” e “care” e entendermos a terminação “-ful”, automaticamente entenderemos o significado de “painful” e “careful”. Se eu lhe falar que “color” significa “cor”, como será que dizemos

“colorido”? Pensou… a resposta é “colorful”. E se “hope” é “esperança”, como dizemos “esperançoso”? Pensou… a resposta é “hopeful”. Simples, não?

Adjetivos terminados em –less

Ao contrário de –ful, a terminação –less significa “sem nada, faltando”, por exemplo:

pain = dor (substantivo)
painless = indolor (adjetivo)
care = cuidado (substantivo)
careless = descuidado (adjetivo)

Do mesmo que a terminação –ful, podemos descobrir o sentido de muitas palavras que terminam com –less. Se “hope” é “esperança”, como dizemos “sem esperança”? Dizemos “Hopeless”! E como dizemos “incolor”? A resposta é “colorless”.

Vamos dar uma olhada em mais alguns adjetivos terminados em –ful e –less:

beautiful = bonito
boastful = orgulhoso/prepotente
delightful = prazeroso
doubtful = questionável/duvidoso
dreadful = apavorante
dutiful = dócil/zeloso
successful = bem sucedido
useful = útil
wonderful = maravilhoso
aimless = sem objetivo
brainless = desmiolado
effortless = fácil, sem esforço
endless = infinito, interminável
flawless = impecável, perfeito
merciless = cruel, sem misericórdia
pointless = inútil
reckless = temerário, impulsivo

Os comparativos

Para comparar duas em coisas em inglês precisamos usar palavras chamadas de “comparativos”. Por exemplo, como dizemos que fulano é mais alto que ciclano, ou que beltrano é mais inteligente que ciclano? Em português usamos a construção “mais isso/mais aquilo”, porém em inglês a coisa é um pouco diferente: não podemos dizer “more tall” (more = mais tall = alto) ou more intelligent (more = mais intelligent = inteligente), pois essas são construções erradas em inglês. O correto é usar as palavras “taller” (mais alto) e “smarter” (mais inteligente).

Quase sempre os comparativos são palavras que terminaram com **–er**. Vejamos alguns exemplos:

cheap = barato
cheaper = mais barato
slow = lento
slower = mais lento
new = novo
newer = mais novo
rich = rico
richer = mais rico
small = pequeno
smaller = menor

Todas essas palavras são comparativos. É muito importante conhecê-las e entendê-las para **não usar** construções “more small” ou “more rich”, que são erradas. E por falar em usar, vamos ver como usamos os comparativos para formar frases.

Usando os comparativos para formar frases

Normalmente ao usar um comparativo, ele estará acompanhado da palavra “than”, que significa “que” em sentido de comparação. Vamos aos exemplos:

This book is cheaper than that book.
Este livro é mais barato que aquele livro.

I am richer than you.
Eu sou mais rico que você.
My house is smaller than your house.
Minha casa é menor que a sua.
João is taller than Maria.
João é mais alto que Maria.
My car is slower than your car.
Meu carro é mais lento que o seu carro.
DICA: lembre-se que os adjetivos normalmente são usados com a palavra "than" (que), mas não confunda "than" com "then". THEN, com E, significa ENTÃO.

Os superlativos

Você sabe o que é um superlativo? Superlativos são palavras que exprimem o nível mais alto de alguma coisa, o maior, o supra sumo, etc. Por exemplo: sabemos que "alto" em inglês é "tall", e que "mais alto (que alguma coisa)" é "taller". Mas como falamos "o mais alto de todos"? Pois é aí que entram os superlativos, que são palavras usadas para dizer "o mais alto", "o mais bonito", "o mais rápido", etc. Os superlativos normalmente terminam com –est. Vamos dar uma olhada e alguns deles.

tall = alto
tallest = o mais alto
The **tallest** boy in the room.
O menino **mais alto** na sala.
simple = simples
simplest = o mais simples
The **simplest** form.
A forma **mais simples**.
thin = fino
thinnest = o mais fino
The **thinnest** skin of the body.
A pele **mais fina** no corpo.

hot = quente
hottest = o mais quente
Summer is the **hottest** season.
O verão é a estação **mais quente**.
heavy = pesado
heaviest = o mais pesado
The **heaviest** box.
A caixa **mais pesada**.
easy = fácil
easiest = o mais fácil
The **easiest** problem.
O problema **mais fácil**.

Comparativos e superlativos com more e most

Nas duas últimas lições você aprendeu sobre os comparativos, que normalmente terminam com –er, e os superlativos, que normalmente terminal com -est. Porém, existem comparativos e superlativos que são "exceções" à regra, e são justamente eles que vamos aprender hoje:

Comparativos com MORE

Alguns comparativos são formados com a palavra MORE.

delicious = delicioso
more delicious = mais delicioso
This is **more delicious** than you think.
Isto é **mais delicioso** do que você pensa.
comfortable = confortável
more comfortable = mais confortável (que)
Which sofa is **more comfortable**?
Qual sofá é **mais confortável**?
polite = educado
more polite = mais educado (que)

Please, be **more polite** to people.
Por favor, seja **mais educado** com as pessoas.
charming = charmoso
more charming = mais charmoso
A **more charming** man.
Um homem **mais charmoso**.

Superlativos com MOST
Alguns superlativos são formados com a palavra MOST.

delicious = delicioso
most delicious = mais delicioso (de todos)
The **most delicious** pizza.
A pizza **mais deliciosa**.
comfortable = confortável
most comfortable = mais confortável (de todos)
This is the **most comfortable** place in the house.
Este é o local **mais confortável** na casa.
polite = educado
most polite = mais educado (de todos)
He is the **most polite** person I know.
Ele é a pessoa **mais educada** que eu conheço.
charming = charmoso
more charming = mais charmoso (de todos)
The **most charming** man.
O homem **mais charmoso** (de todos).
Em geral, os adjetivos e superlativos mais curtos usam as terminações -er/-est, e os mais compridos usam as palavras **most** e **more**. Alguns mesmo admitem as duas formas, usando as terminações -er/-est ou as palavras more/most. O melhor para aprender é entender essa diferença e ir se acostumando com os adjetivos através do uso, pois tentar decorar todos eles é muito trabalhoso.

Comparativos e superlativos irregulares

Até aqui aprendemos que certos comparativos e superlativos são formados com as terminações –er/-est ou com as palavras more/most. Porém, para terminar nossas explicações sobre o uso dos comparativos e superlativos, ainda precisamos falar dos comparativos e superlativos irregulares, que são aqueles que não usam nem terminações nem as palavras more/most, mas sim palavras completamente diferentes!

Good, Better e Best

O primeiro caso é “good”. “Good” significa “bom”, mas quando usado como comparativo, não existe “gooder” ou “more good”. A palavra correta é “better”. Para formar o superlativo, também não existe “goodest” ou “most good”. O correto é “best”. Resumindo:

good = bom
better = melhor (que)
best = melhor (de todos)
I’m good at English. = Eu sou bom em inglês.
I’m better than you. = Eu sou melhor que você.
I’m the best soccer player. = Eu sou o melhor jogador de futebol.

Bad, worse e worst.

O segundo caso é “bad”. “Bad” significa “mau/ruim”, mas quando usado como comparativo, não existe “bader” ou “more bad”. A palavra correta é “worse”. Para formar o superlativo, também não existe “badest” ou “most bad”. O correto é “worst”. Resumindo:

bad = mau/ruim
worse = pior (que)
worst = pior (de todos)
I’m bad at English. = Eu sou ruim em inglês.
I’m worse than you. = Eu sou pior que você.
I’m the worst soccer player. = Eu sou o pior jogador de futebol.

Observação
Existem alguns outros casos, algumas outras palavras que se encaixam nessas exceções como far/farther/farthest, few/less/least, many/more/most, porém seus usos são mais específicos e serão cobertos em futuras lições, assim o melhor é você aprender somente good/better/best e bad/worse/worst no momento.

Os pronomes possessivos

Nas lições 9 a 13, falamos sobre diversos tipos de pronomes. Porém, um tipo importante de pronome ainda não foi discutido/estudado aqui: os pronomes possessivos. Como o próprio nome já diz, os pronomes possessivos indicam "posse", ou seja, indicam que alguma coisa pertence a alguém. Vamos dar uma olhada em cada um dos pronomes possessivos, sempre com exemplos de uso.

MY = meu

My car is blue.
Meu carro é azul.
I like **my** computer.
Eu gosto do **meu** computador.
This is **my** son.
Este é **meu** filho.
YOUR = seu

You car is blue.
Seu carro é azul.
I like **your** hair.
Eu gosto do **seu** cabelo.
Let's go to **your** house.
Vamos para **sua** casa.
HIS = dele

His car is blue.
O carro **dele** é azul.
I like **his** hair.
Eu gosto do cabelo **dele**.

Let’s go to **his** house.
Vamos para a casa **dele**.
HER = dela

Her car is blue.
O carro **dela** é azul.
I like **her** hair.
Eu gosto do cabelo **dela**.
Let’s go to **her** house.
Vamos para a casa **dela**.
OUR = nosso

Our car is blue.
Nosso carro é azul.
Our friends are here.
Nossos amigos estão aqui.
Let’s go to our house.
Vamos para **nossa** casa.
YOUR = seus

Your friends are here.
Seus amigos estão aqui.
Where are **your** parents.
Onde estão **seus** pais?
THEIR = deles/delas

Their car is blue.
O carro **deles/delas** é azul. (deles/delas dependerá do contexto)
Let’s go to **their** house.
Vamos para a cara **deles/delas** (deles/delas dependerá do contexto)
Their friends are not here.
Os amigos **deles/delas** são estão aqui. (deles/delas dependerá do contexto)

Os advérbios

Muita gente provavelmente ainda fica meio em dúvida ao ouvir a palavra “advérbio”. O que é isso mesmo? Adjetivo, verbo, substantivo? A maneira mais fácil de entender o que é um “advérbio” é compará-lo com um adjetivo. Um adjetivo é uma palavra que descreve um substantivo. Por exemplo: “carro rápido”. “Rápido” é um adjetivo, que descreve como é o “carro”. “Pessoa inteligente”. “Inteligente” é um adjetivo que descreve como é a “pessoa”. Já os advérbios não descrevem “coisas”, mas sim “como fazemos as coisas”. Eles vêm sempre junto de um verbo. Por exemplo: “andar lentamente”. “Andar” é um verbo, “lentamente” é um advérbio, que descreve como andamos. “Lutar bravamente”. “Lutar” é um verbo, “bravamente” é um advérbio, que descreve a maneira como lutamos. Como você já deve ter notado, os advérbios normalmente são aquelas palavras terminadas em –mente.

Em inglês os advérbios não terminam com –mente, mas sim com **–ly**. Vamos dar uma olhada em alguns exemplos para que você entenda melhor!

brave = bravo
bravely = bravamente
He fights **bravely**.
Ele luta **bravamente**.
bright = brilho
brightly = com brilho (“brilhantemente”)
The sun is shinning **brightly**.
O sol está brilhando **muito (com brilho)**.
slow = lento
slowly = lentamente
The old man walked **slowly**.
O homem velho andava **lentamente**.
Clear = claro
clear = de maneira clara (claramente)
Please speak **clearly**.
Por favor fale **de maneira clara/claramente**.

skillful = habilidoso
skillfullly = com habilidade
She played **skillfully**.
Ela jogou **com habilidade**.
Smart = esperto/inteligente
smartly = de maneira inteligente/esperta
"I never had that trouble", he said **smartly**.
"Nunca tive esse problema", ele falou **de maneira esperta**.
careful = cuidadoso
carefully = cuidadosamente
Watch the movements of the suspicious man **carefully**.
Observar os movimentos do homem suspeito **cuidadosamente**.
efficient = eficiente
efficiently = eficientemente
Which worker works more **efficiently**?
Qual trabalhador trabalha **de forma mais eficiente/mais eficientemente**?

Os advérbios de tempo

Na lição passada aprendemos o que são os advérbios. Hoje, continuaremos a falar sobre eles, mas mais especificamente dos **advérbios de tempo**. Os advérbios de tempo em geral não terminam com a terminação **–ly**, como a grande maioria dos advérbios, mas como eles são muito importantes, é bom estudá-los e conhecê-los. Vamos dar uma olhada em alguns deles:

always = sempre
I **always** study English.
Eu **sempre** estudo inglês.
He **always** plays this game.
Ele **sempre** joga este jogo.
often = frequentemente

I often drink beer.
Eu bebo cerveja **frequentemente**.
They **often** play soccer.
Eles jogam futebol **frequentemente**.
sometimes = às vezes
Sometimes I go to the club.
Às vezes eu vou ao clube.
My friend **sometimes** studies with me.
Às vezes meu amigo estudo comigo.
rarely = raramente
I **rarely** eat junk food.
Eu **raramente** como porcaria (fast food).
I **rarely** study Japanese.
Eu raramente estudo **japonês**.
never = nunca
I **never** go home alone.
Eu **nunca** vou para casa sozinho(a).
You **never** listen to me.
Você **nunca** me escuta.
again = de novo/novamente
I failed **again**.
Eu falhei **novamente/de novo**.
To get good, you have to practice **again and again**. Para ficar bom, você tem que praticar **muitas e muitas vezes ("de novo e de novo")**.
Esses são apenas alguns exemplos, porém existem muitos outros advérbios de tempo como early (cedo), late (tarde), yesterday (ontem), today (hoje), tomorrow (amanhã), this year (este ano), last year (ano passado), next year (ano que vem), this morning (hoje de manhã), etc. Esta lição é apenas uma base, para você tomar conhecimento de como eles funcionam, assim não deixe de continuar estudando!

Advérbios de lugar

Depois de aprendermos sobre os advérbios e os advérbios de tempo, hoje vamos falar um pouco sobre os advérbios de lugar. Eles servem para indicar os lugares onde as coisas acontecem, como dentro, fora, em cima, embaixo,

aqui, lá, etc. Do mesmo modo que os advérbios de tempo, eles não costumam terminar com a terminação **–ly** (como os advérbios regulares).
Vamos então dar uma olhada em alguns advérbios de lugar:

here = aqui
Come **here**!
Venha **aqui**!
I am **here**.
Eu estou **aqui**.
there = lá
Put the book **there**.
Coloque o livro **lá**.
Don't go **there**.
Não vá **lá**.
everywhere = em/por todo lugar
They are **everywhere**!
Eles estão **por/em todo lugar**!
inside = do lado de dentro
Inside the box.
Dentro da caixa.
Inside my house.
Dentro da minha casa.
outside = do lado de fora
Outside the box.
Fora da caixa.
Outside my house.
Fora da minha casa.
abroad = fora do país
I will study **abroad**.
Eu vou estudar **fora do país**.
between = entre
Between you and me.
Entre eu e você.
Between the cinema and the petshop.
Entre o cinema e o petshop;
on = em cima

The book is **on** the table.
O livro está **em cima** da mesa. (Esse você já sabia, certo?)
under = embaixo
The book is **under** the table.
O livro está **embaixo** da mesa.

Esses são apenas alguns exemplos, porém existem muitos outros advérbios de lugar. Esta lição é apenas uma base, para você tomar conhecimento de como eles funcionam, assim não deixe de continuar estudando!

Curso Prático de REDAÇÃO

* 10 lições curtas e objetivas
* Enfoque na prática

JoséAntônio Rosa

JAR.Edições@

Curso Prático de Redação

10 lições em texto
10 vídeos
E-book complementar (Anexo)

José Antônio Rosa

São Paulo, janeiro de 2017
JAR.Edições@

Sumário

Este curso
Lição 1 – Sem planejamento não dá
  Começando errado
  O plano, em três etapas
  Sumário inicial
  LIÇÃO DE CASA
Lição 2 – Ponha informação de valor no seu texto
  Platitudes, blá-blá-blá e *achologia*
  LIÇÃO DE CASA
Lição 3 – Palavras, frases, períodos, parágrafos
  Palavras
  Frases ou orações e períodos
  Parágrafos
  LIÇÃO DE CASA
Lição 4 - Conhecimento essencial de gramática e como adquiri-lo de modo natural
  Identificar problemas e resolver
  Conhecimentos essenciais
  Resolvendo problemas

LIÇÃO DE CASA
Lição 5 – Criatividade na busca e produção de conteúdo
O que é criatividade
O medo e os hábitos são os grandes bloqueios
Checklist para criatividade no texto
LIÇÃO DE CASA
Lição 5 – Usando estruturas básicas de texto
Estruturas e sua importância
LIÇÃO DE CASA
Lição 7 – Textos adequados aos dias de hoje
Estética da época
Comportamento dos leitores
Fragmentação do texto
LIÇÃO DE CASA
Lição 8 – Principais derrapadas na redação e como evitá-las
Derrapadas no texto
Fontes de ambiguidade
Cacófatos
LIÇÃO DE CASA
Lição 9 – Escrevendo um texto longo
Problemas dos textos longos
Bom planejamento é a solução

Elaboração em 7 etapas
LIÇÃO DE CASA
Lição 10 – Usando a escrita como ferramenta de promoção na carreira
Amplie sua competência e use-a
Palavra final
Anexo 1 - Guia para o aprendizado mais fácil de gramática
Este guia
Caminhos de aprendizado
O caminho da prática
Estratégia de aprendizado
Autodidatismo
Dois livros de gramática
Livros sobre erros
Sites de gramática
Testes
Material de consulta
Correções do Word
O autor

Este curso

O *Curso Prático de Redação* compõe-se de dez lições escritas, acompanhadas de exercícios, e dez vídeos curtos e diretos sobre cada um dos tópicos. Foi elaborado com base na prática do autor, profissional da escrita. Ao final do texto, você encontra um anexo com o e-book *Guia para o aprendizado mais fácil de gramática*.

Abaixo o link para os vídeos (pede-se que você compartilhe apenas com pessoas de seu relacionamento próximo, a quem eventualmente queira mostrar o curso).

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzRdCKVxgHrJTLFsdFUSnVHRbR_haeOa0

Lição 1 – Sem planejamento não dá

Começando errado

Frequentemente apresento seminários presenciais de redação. A primeira coisa que faço é pedir às pessoas que escrevam um texto de apresentação pessoal. Com raríssimas exceções, as pessoas começam a escrever imediatamente, sem fazer um plano do texto. Está errado. Ao começar sem um plano a pessoa vai escrevendo de modo errático, à medida que as ideias vão surgindo, e frequentemente o texto final apresenta algum ou alguns dos seguintes vícios:

- Ausência de ideias ou informações relevantes
- Presença de ideias ou informações menos relevantes
- Desproporção no tamanho dos tópicos
- Ênfase onde não é apropriado
- Falta de ênfase naquilo que realmente importa
- Sequência imperfeita

Nunca comece sem um plano. Em todos os concursos, seleções, vestibulares há papel para rascunho – e ele deve ser usado, primeiramente, para se fazer o plano do texto. Também na redação profissional sempre é possível fazer um plano antes de começar a escrever.

Acredite no planejamento. Com o tempo você vai perceber que se mantiver a disciplina nessa atividade seus textos melhorarão muito. Ao planejar regular e

sistematicamente você começará a perceber cada vez melhor as regras básicas de qualidade do conteúdo, da proporção e sequenciamento do texto. Com o passar do tempo, fazer bons planos ficará cada vez mais fácil.

O plano, em três etapas

Quando você for fazer qualquer tipo de texto de alguma importância, faça um plano, em três etapas:

1. Decida o que deve constar no texto
2. Decida a ordem dos tópicos
3. Decida o peso a dar em cada um dos tópicos

O que deve constar no texto

Você vai fazer uma lista das coisas que devem constar no texto. Duas alternativas:

a) Você fez alguma pesquisa e tomou notas? Se sim, dê uma olhada geral nessas notas e vá fazendo uma espécie de rascunho da lista, com os tópicos que inicialmente julga relevantes para o texto. Quando terminar de fazer a lista dê mais uma olhada para ver se tudo que é importante consta nela e se há coisas que são menos relevantes e podem ser tiradas.

b) Se você não fez nenhuma pesquisa e vai recorrer somente àquilo que tem na mente, pense, reflita com atenção, procure liberar sua criatividade e coloque na lista o maior número possível de tópicos. Depois de ter feito isso, dê uma olhada final para ver se não faltou nada de importante ou se há coisas menos relevantes para tirar.

Decidindo a ordem dos tópicos

Agora que você tem uma lista dos tópicos a tratar no texto, decida qual vai ser a ordem desses. Decida inicialmente o tópico que deve vir em primeiro lugar – e escolha para essa posição algo de peso, para segurar o leitor logo de início. Depois, vá numerando os demais tópicos, na sequência que se mostre mais adequada para levar adiante sua mensagem.

Do ponto de vista prático, se se trata de um texto escrito a mão, usualmente (após fazer a lista) costumo numerar os tópicos à direita, colocando os números dentro de círculos. Isso facilita a visualização da ordem.

Decidindo o peso

Com os tópicos já ordenados na lista, analisa-se o todo e cada um dos itens e decide-se o peso que tópico deverá ter no texto final. Se estiver escrevendo à mão coloco o peso igualmente à direita, dentro de um quadrado. Defino o peso em linhas, parágrafos ou páginas.

Fazendo o plano

Um jeito prático e rápido de planejar. No caso abaixo,
estou elaborando um texto de oito páginas sobre marketing digital
para pequenas empresas. O plano mostra a ordem dos tópicos
E qual a dimensão de cada tópico, em páginas.

Como iniciar (10) [1 1/2 P]

Redes sociais ~~(6)~~ (7) [1 P]

O que é MKD (2) [1/2 P]

Características do MKD (3) [1/2 P]

Advento da internet (1) [1/2 P]

Vantagens do MKTD (4) [1/2 P]

Acessível aos pequenos ~~(8)~~ (9) [1/2 P]

Sites e blogs ~~(7)~~ (8) [1 P.]

Práticas principais do MKD ~~(5)~~ casos (6) [1 P]

Tipos de ações do MKTD (5) [1 P]

Sumário inicial

Na verdade, o que é o plano? Nada mais que um sumário do texto – uma estrutura de tópicos ordenada, com a sequência que se mostre mais lógica e o adequado dimensionamento. Sumário é o popular "índice" que se encontra no início de cada livro. Na verdade, o nome certo é sumário, pois índice tem outros sentidos.

Quando se trata de um texto mais longo é útil passar o sumário a limpo, já com a ordem adequada. Esse sumário será provisório, porque no decorrer do texto pode ser que se mostre interessante fazer uma ou outra mudança.

Veja como ficou meu sumário do exemplo acima, com breve resumo do que pretendo tratar em cada unidade:

Sumário

1. *Advento da internet – ½ página* – Discorrer sobre o impacto que o surgimento da internet trouxe para os negócios e o marketing.
2. *O que é marketing digital – ½ página* – Apresentar o conceito de marketing digital.
3. *Características do marketing digital – ½ página* – Falar sobre as características do marketing digital, comparando-as com as do marketing tradicional.
4. *Vantagens do marketing digital – ½ página* – Apresentar as principais vantagens do marketing

digital – Personalização, controle dos resultados, preço, flexibilidade.

5. *Tipos de ações do marketing digital – 1 página* – Discorrer sobre divulgação, vendas e formação de comunidades no contexto do marketing digital.
6. *Práticas principais do marketing digital - casos – 1 página* – Apresentar um exemplo de atuação em rede social, um exemplo de atuação em site e um exemplo de blog promocional.
7. *Redes sociais – 1 página* – Mostrar de modo sucinto as práticas mais adotadas de marketing em redes sociais.
8. *Sites e blogs – 1 página* – Mostrar de modo sucinto as práticas mais adotadas de marketing em sites e blogs.
9. *Acessível aos pequenos – ½ página* – Discorrer sobre a viabilidade o potencial do marketing digital para pequenas empresas.
10. *Como iniciar – 1 e ½ página* – Mostrar passo a passo como uma pequena empresa pode começar a atuar eficientemente no marketing digital.

Na Lição 9 – *Escrevendo um texto longo* voltaremos a este assunto, acrescentando detalhes específicos.

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 2 – O plano é essencial
2. Faça um plano de uma carta de candidatura a uma vaga. Você soube, por meio de seu amigo Geraldo da Silva, que a empresa Hipotética Ltda., precisa de uma pessoa com o seu perfil. Você vai escrever para o dono da empresa, João Aguiar, candidatando-se ao cargo. *Não escreva a carta: faça só o plano*. Você vai escrevê-la apenas no final da próxima lição. Use o que você aprendeu nessa lição para fazer o plano.

Lição 2 – Ponha informação de valor no seu texto

Platitudes, blá-blá-blá e *achologia*

Platitudes são coisas banais, sem relevância ou profundidade. Blá-blá-blá é conversa fiada, vazia, que dá voltas e não chega a lugar nenhum. *Achologia* não tem no dicionário: vem de acho + logia e é o discurso do palpiteiro, que sempre apresenta o que acha, suas opiniões, sem fundamentação. Esses vícios são comuns e contribuem decisivamente para a má qualidade de textos de todas as áreas.

Cuidado com as platitudes

> A alimentação saudável é essencial.
> É preciso ter objetivos claros.
> Alguns consideram que a medida governamental está no rumo certo, outros a consideram um erro.
> É preciso priorizar as coisas mais relevantes.

O que essas frases conseguem trazer de novo a alguém? Nada. São platitudes, banalidades. Seria diferente se os textos fossem assim:

Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde mostrou que perto de 80% dos brasileiros não consomem a quantidade de frutas e hortaliças recomendada pela OMS-Organização Mundial de Saúde, que é de cinco porções por dia.

Há o problema da falta de objetivos ou da falta de clareza nesses, conforme se verá no caso do empreendedor que apresentou oito objetivos, nenhum deles suficientemente claro.

Dentre os que apoiam a medida governamental, destacam-se Fulano, Sicrano, Beltrano. Entre os que não a veem como capaz de atingir os resultados esperados, estão X, Y e Z.

Quando percebi, pelas palavras do médico, que poderia morrer constatei com grande clareza que estava me dedicando a coisas completamente sem sentido para mim. No dia em que recebi alta e percebi que estava vivo, marquei a viagem, assumi de vez a ideia de fazer doutorado, telefonei para meu amigo e....

Todos corremos o risco de escrever inutilidades. É preciso manter a vigilância contra elas. No lugar de banalidades, informação baseada em fatos, números, opiniões fundamentadas de terceiros, casos, experiências pessoais.

Blá-blá-blá

O professor precisa ser valorizado porque é ele que cuida da formação das novas gerações, das pessoas que vão tocar o país amanhã, e quando ele é

desvalorizado as novas gerações não se preparam adequadamente para o desafio, deixando de cumprir sua sagrada missão.

O casamento une duas vidas, que agora se tornam uma só, mas essa união se dá apenas se houver amor e compromisso, sendo que esses dois ingredientes não só devem ser o propósito dos noivos, mas são na prática o cimento do matrimônio.

Juro que já ouvi ou li coisas desse tipo. Cá entre nós, seria muito melhor ter o que dizer e falar ou escrever sem enrolação, certo? São banalidades que todos dizem e, exatamente por todos dizerem, perdem o valor. Seria muito melhor ler um texto com números, fatos, opiniões de pessoas qualificadas, etc. No caso da segunda frase: lógico que o casamento une duas vidas, evidente; não se tornam uma só coisa nenhuma – bobeira total; é banal dizer que a união será boa se houver amor e compromisso... enfim, blá-blá-blá.

Combatendo a *achologia*

Nossos produtos primam pela qualidade.

Essa frase inocente é um mau começo para o texto. Quem é que deve julgar a qualidade dos produtos da empresa? Os clientes, certo? Quando os dirigentes falam bem de sua própria empresa estão apenas dando opiniões – em causa

própria. Quem fala bem de si mesmo não merece credibilidade. Na mesma linha, o candidato solicitado a escrever uma carta de pedido de emprego, diz:

> Sou uma pessoa comprometida, criativa e cooperativa.

Só faltou o candidato dizer mais uma coisa boa sobre si mesmo: que é modesto! Na verdade ele está tentando parecer um bom candidato aos olhos do potencial empregador. Se do outro lado da linha houver alguém com senso crítico, essa pessoa pensará o óbvio: que essas afirmações são meros palpites, propaganda em causa própria. Se esse selecionador levar a coisa a sério para valer vai concluir que o candidato não serve para cargos de maior compromisso, porque ou é metido, "se acha" ou é ingênuo.

Outro exemplo:

> O brasileiro é criativo: sempre busca um "jeitinho" para dar a melhor solução ao problema.

Quando ouço frases assim costumo perguntar: Isso é uma constatação científica ou apenas a manifestação de um consagrado sábio? (rs) As pessoas formam palpites sobre tudo, mas, na maioria das vezes os palpites não têm fundamento. Isso não quer dizer que opiniões não tenham valor. Se o antropólogo Roberto da Matta falar sobre o caráter do brasileiro, certamente essa é uma opinião a ser

considerada, porque: a) ele passou a vida toda estudando o assunto; b) ele tem compromisso com a ciência e não sai por aí falando de modo impensado e inconsequente.

> Os cientistas já comprovaram a existência de Deus.

Quais cientistas? Onde há o relato das conclusões deles? Na verdade as pessoas buscam autoridade da ciência para justificar coisas em que desejam acreditar. Independente do fato de Deus existir ou não, a frase acima é pura *achologia*.

> O impeachment não tem base legal.

Não? Quem afirma tem autoridade na área do direito constitucional ou é apenas alguém que leu essa afirmação em algum lugar e a está passando adiante?

> As pessoas hoje estão perdidas, confusas, e sentem um vazio existencial.

E você, se sente assim? Eu não sinto nada disso: sei o que está acontecendo, não tenho vazio nenhum, etc. Isto é, essa frase peca por falar das outras pessoas sem verificar se elas efetivamente sentem aquilo que se imagina. Pode ser, mas pode não ser nada disso.

Algumas regras práticas:

> Evite opinar favoravelmente em causa própria. Só o faça nas circunstâncias certas, do modo certo,

buscando justificação para suas afirmações. É uma pessoa comprometida? Baseado em que você diz isso? É criativo? Quais conquistas reais o demonstram? É cooperativa? Qual é a opinião das outras pessoas sobre isso?

Evite opinar sobre problemas complexos que você não tenha estudado. Apresente a opinião de gente autorizada.

Em vez de falar de coisas de que não conhece, fale de algo que você conhece: seus próprios interesses, visões, sentimentos. Por exemplo, você estará sempre com legitimidade quando disser coisas como: "Essas questões econômicas são muito complexas e não tenho condições técnicas para apresentar uma opinião. Mas, meu sentimento é de que o ministro e os demais partidários dessa ideia estão com a razão. É uma questão subjetiva: confio neles."

Vejamos diferentes modos de falar:

Em vez de falar...	**Você poderia dizer...**
Nossos produtos primam pela qualidade. Isso é opinião que precisa ser justificada.	Nossos produtos receberam o selo de *qualidade superior* da Associação Internacional de XYZ. Isso é fato que mostra que os

	produtos são bons. Não precisa dizer que são bons, pois o selo o diz.
Sou uma pessoa comprometida, criativa e cooperativa. Isso precisa ser comprovado. Afinal, a tendência natural é que a pessoa se superestime.	Ultimamente tenho <u>trabalhado das 8 da manhã às 22 horas</u>, porque a empresa está precisando de um esforço extra. Embora eu esteja pretendendo sair, <u>preciso ajudá-la</u> até meu último dia. Lá tive oportunidade para realizar muita coisa de que gostei. Ganhei <u>três prêmios por ideias</u> apresentadas no plano de sugestões. Fatos, coisas que está fazendo ou fez. Isso fala mais alto que qualquer opinião.
O brasileiro é criativo: sempre busca um "jeitinho" para dar a melhor solução ao problema. Qual é a base de comparação que demonstra que o brasileiro é criativo? Há algum estudo sério sobre o assunto?	Um teste de criatividade aplicado a 16.000 alunos de segundo grau mostrou que... Pesquisas, publicações em revistas científicas, opiniões de especialistas, isso sim é base para boas afirmações.

Os cientistas já comprovaram a existência de Deus. Como é possível fazer uma comprovação dessas? Quais cientistas?	De acordo com diretrizes da Sociedade Brasileira de Cardiologia, o consumo de ovo deve ser de até um por dia para população em geral e restrito para diabéticos. Quem discorda, que vá discutir com a Sociedade Brasileira de Cardiologia, uma fonte confiável para esse tipo de informação. Assim, a informação não é um palpite.
O *impeachment* não tem base legal. Advogados com elevada qualificação divergem entre si. Quando a afirmação vem de quem nunca estudou direito constitucional (ou estudou apenas alguns anos) soa como palpite arrogante.	A OAB-Ordem dos Advogados do Brasil declarou que... Quando não temos autoridade sobre um assunto, a única maneira de não ser palpiteiro é buscar opinião de quem é autorizado.
As pessoas hoje se acham perdidas, confusas e sentem um vazio existencial. Não sei se é verdade. Só sei que se você falar o que vem aí na segunda coluna ninguém poderá contestar.	Eu me sinto perdido, confuso, com um vazio existencial. Uma expressão pessoal genuína e verdadeira poderá ter valor. Ela cria empatia.

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 3 – Ponha informação de valor no seu texto
2. Com base no plano que você fez no final da Lição 1, no modelo de carta que foi apresentado, nos conhecimentos adquiridos na presente lição, e nas dicas que o vídeo 3 trouxe, escreva uma carta de pedido de emprego.

Lembre-se:

> Você soube, por meio de seu amigo Geraldo da Silva, que a empresa Hipotética Ltda., precisa de uma pessoa com o seu perfil. Você vai escrever para o dono da empresa, João Aguiar, amigo de Geraldo, candidatando-se ao cargo.

Faça seu exercício com envolvimento e disciplina. Se possível, faça-o em Word e guarde-o em uma pasta específica.

Lição 3 – Palavras, frases, períodos, parágrafos

Palavras

Do ponto de vista prático há dois tipos de vocabulário – o ativo, que é o das palavras que a pessoa efetivamente usa, e o passivo, formado pelas palavras que ela conhece mas não usa. Por exemplo, a maioria das pessoas usa raramente as palavras *entretanto* e *contudo*, embora conheça perfeitamente seus sentidos. Fica-se mesmo é com *mas* e *porém*.

Aqui vão duas dicas:

> É importante passar palavras do vocabulário passivo para o ativo. O jeito certo de fazer isso é passar a usar essas palavras, pois o uso repetido é que as torna mentalmente disponíveis na hora de escrever ou falar.
>
> Depois de elaborar um texto importante, faça uma leitura atenta e risque as palavras das quais você conhece sinônimas e substitua-as por essas.

A escolha e o uso adequados das palavras tornam o texto não só mais claro mas também mais expressivo e elegante.

Não seja pedante

O ideal é não tentar mostrar erudição, capacitação técnica ou sofisticação intelectual por meio das palavras escolhidas. O bom conteúdo é o único caminho para

alguém conquistar o aplauso. Assim, tenha um bom conteúdo, mas fale de modo simples e inteligível. Use palavras mais "difíceis" apenas em textos destinados a público qualificado – e só quando necessário.

Em vez de...	**É preferível**
Consonância	Acordo
Encaminhamento	Envio
Emparelhar	Igualar
Obstaculizar	Impedir, dificultar
Prolegômenos	Noções básicas, introdução
Conjectura ou conjetura	Suposição, presunção
Ilação	Conclusão, dedução, inferência
Terminação	Chegar ao fim, concluir, finalizar

Não seja simplório

Por outro lado, uso de gírias, palavras vulgares, termos e expressões excessivamente desgastadas pelo uso (clichês ou lugares-comuns), empobrece o texto, compromete sua expressividade e elegância. Assim, na escolha das palavras, não sofistique, mas também não vulgarize, não

opte pela fala simplória.

Exemplos de palavras e expressões a evitar:

Chega ao fim a novela do impeachment/do assassinato/do julgamento/do conflito, etc.

Desde os primórdios, o homem buscou resolver seus problemas por meio de....

A empresa fechou o ano com *chave de ouro*.

Ressurge o fantasma da ditadura/inflação/recessão, etc.

Agora é necessário colocar a casa em ordem.

Voltaram à estaca zero.

O técnico notou que seria necessário correr atrás do prejuízo.

O restaurante tem uma das melhores feijoadas da cidade. Venha conferir.

Precisamos pensar fora da caixa, pois, fracassar não é uma opção.

Fuja da "cultura" vulgarizada!

Há expressões de grandes pensadores, poetas, romancistas, que caem no gosto popular e passam a ser usadas exaustivamente. Fuja delas, porque vulgarizam seu texto. Exemplos:

Só sei que nada sei. (Sócrates)

Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.

(Fernando Pessoa)

Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia. (Shakespeare)

Pessoas que têm consagrado domínio da escrita usam gíria, expressões populares e até lugares-comuns, mas o fazem de modo certo, no contexto adequado. Deixe isso para gente que tenha um elevado domínio da língua.

Não seja vago

Combine palavras como *estratégia, estrutura, dinâmica, sistêmica, sinergia, modelo, paradigma, totalização, parâmetros, organização, fenômeno* e suas derivadas, ponha nas frases alguns verbos e você consegue falar nada por muito tempo. Não há naturalmente palavra sem sentido, mas, essas e outras similares foram usadas em muitos sentidos diferentes e têm alto grau de abstração. Com isso tornaram-se palavras perigosas, com alto potencial para levar a textos vagos e sem sentido. Por exemplo:

> A sinergia decorrente da junção entre uma estratégica dinâmica e sistêmica e um modelo estrutural de organização consolidado é condição para inovação e sustentabilidade.

Quando usar uma palavra que costuma ter muitos sentidos,

defina-a imediatamente. Exemplo:

> Qualquer *estratégia*, aqui entendida como o conjunto das grandes decisões de uma empresa, traz riscos.
>
> A *estrutura*, isto é, o conjunto das normas, processos, atribuições de poder e responsabilidade que regulam o hospital, afeta decisivamente o desempenho das equipes.

Prefira fatos e números a opiniões

Especial cuidado deve ser tomado com o emprego de adjetivos e advérbios, porque esses refletem opiniões – e não têm precisão. O leitor prefere ter suas próprias opiniões e gostaria mais é de receber boas informações do redator.

Lembrando

Adjetivo – Palavra que atribui qualidade a um substantivo. Exemplos: Homem *alto*, mulher *bonita*, ideia *inviável*.

Advérbio – Palavra que modifica o sentido de um verbo ou intensifica o significado de um adjetivo ou outro advérbio. Exemplos: João escreve *bem*; Maria gosta *muito* de ler; Pedro é *muito* culto. Pode também modificar uma frase toda, como, por exemplo: *Infelizmente*, nem

sempre os professores falam sobre a matéria.

Assim:

Em vez de dizer...	**É melhor dizer...**
O porteiro é *muito alto*.	O porteiro tem 1,94m.
Maria é *bonita*.	Maria foi eleita a mais bonita do colégio três vezes.
Resolveremos isso *rapidamente*.	O problema será resolvido em, no máximo, 45 minutos.

Cuidado com palavras que levam a duplo sentido

Há palavras que costumam gerar duplos sentidos nos textos, como: *Seu, sua, dele, dela, somente, apenas*.

Exemplos:

Frase	**O que quer dizer?**
O diretor disse a João que seu cargo seria extinto.	Qual cargo será extinto – o de João ou o do diretor?
Nelma pediu à filha que fossem no carro dela.	De quem é o carro – de Nelma ou da filha?
O treinador apenas almejava a consolidação	Só o treinador almejava a consolidação da equipe ou

da equipe.	o treinador almejava só a consolidação da equipe?

Deve-se tomar especial cuidado com aquelas palavras que geram duplos sentidos maliciosos. Exemplos:

> Ela estava com muita dificuldade para ganhar a vida, mas quando abriu o negócio tudo mudou.
>
> O noivo disse: Sim, eu a amo e como!

Evite chamar a atenção pela excentricidade

Por fim, cuidado também com palavras estranhas, fora de uso. Exemplos:

> Sói acontecer o pior nessas ocasiões.
>
> Ela dispunha de parcos recursos.
>
> Com arroubo, recebiam as notícias do país.
>
> Apraz-nos comunicar que V.Sa. ganhou o prêmio...

Frases ou orações e períodos

Definimos aqui frase ou oração como um enunciado que contém uma ideia completa. Exemplo:

> Meu nome é José Antônio Rosa.

Pode ter uma só palavra:

> Cuidado!

Eu poderia colocar duas frases juntas, ligadas por uma conjunção. Exemplo:

> Meu nome é José Antônio Rosa e moro em São Paulo.

Formaria, então, um *período* contém uma ou mais frases ou orações. Vejamos três períodos:

> Pedro trouxe os livros. Maria trouxe o laptop. João veio só com a boa vontade.

Fica ridículo, certo? São três frases e também três períodos. Não se deve escrever uma sequência de pequenos períodos simples (com apenas uma oração). Poderia ser um período maior, com três orações. Exemplo:

> Pedro trouxe os livros, Maria trouxe o laptop e João veio só com a boa vontade.

Agora, suponhamos que alguém escrevesse a seguinte

frase:

Maria não veio; José fez o pagamento.

O fato de as duas frases estarem juntas dá a ideia de que há ligação entre elas, certo? Mas, não há palavra alguma fazendo essa ligação. Assim, a frase só é plenamente compreendida por pessoas que conhecem o contexto. Vejamos como essa mensagem, dependendo das palavras de ligação, poderá tomar três sentidos diferentes:

Maria não veio porque José fez o pagamento.
Maria não veio, mas José fez o pagamento.
Maria não veio; logo, José fez o pagamento.

Atenção: Note que as palavras que ligaram as frases fizeram uma grande diferença. No primeiro caso, a frase indica a causa de Maria não ter vindo; no segundo, indica que, apesar de ela não ter vindo, José fez o pagamento; no terceiro, indica-se a razão pela qual José fez o pagamento. Logo, esse tipo de palavra é muito, muito relevante – são as conjunções. É a palavra que liga duas orações ou termos semelhantes de uma mesma oração. Exemplos:

É necessário marcar o dia da reunião **e** avisar todos. (ligando duas orações, dentro de um mesmo período)

Trouxe café **e** biscoitos.

Agora, imaginemos duas frases ou orações dentro de um período:

Meu nome é José Antônio Rosa, embora nem sempre se possa viajar com muito dinheiro.

Parece piada, certo? Pois, esse é um truque de construção de piadas. Por que parece piada? Porque a primeira frase não tem nada a ver com a outra: estão ligadas, há uma construção gramaticalmente correta, mas é uma mensagem maluca. Como a que muitas pessoas fazem quando se distraem ao longo de grandes períodos!

Por fim, é importante ter em mente que há uma ordem natural na oração, que é sujeito, verbo e complemento. Esta deve ser mantida, se queremos que o texto saia mais claro e didático. Inverter essa ordem é legítimo e poderá ser um bom recurso para dar maior expressividade ao texto, mas, frequentemente as inversões mais atrapalham que ajudam, principalmente quando feitas por pessoas menos treinadas na redação.

Algumas dicas:

Atenção para manter a adequada conexão entre as orações dentro do período.

Use palavras de ligação adequadas. Procure conhecê-las bem, entender exatamente seu sentido, passá-las a seu vocabulário ativo - e faça delas ferramentas para construção de períodos claros, elegantes, vigorosos.

Faça períodos do tamanho certo: de duas e meia a

três linhas. Por quê? Primeiro, porque essa extensão resulta em ritmo bom – um ritmo natural e didático da fala. Segundo porque uma sucessão de períodos curtos resulta em leitura tensa e texto final maior. Terceiro, porque com esse tamanho, é muito menos provável que você se perca e acabe criando períodos sem pé nem cabeça. Por fim, períodos dessa dimensão ajudam quem está lendo a não se perder também, obtendo maior entendimento.

Parágrafos

Parágrafo é uma unidade de composição que contém um ou mais períodos que tratam de uma ideia central e ideias relacionadas. Em princípio, para cada ideia (ou parte de uma ideia), um parágrafo. Acima propusemos que cada período tenha entre duas e meia a três linhas. Agora, proporemos que o parágrafo tenha entre dois ou três períodos. Assim ficará entre seis e nove linhas. Por quê? Por duas razões principais:

1. O parágrafo é também uma marcação gráfica. Indica o início e o fim de um bloco de texto específico. Parágrafos longos tornam a diagramação do texto pesada e o leitor tende a ficar com má vontade para ler.
2. Parágrafos muito curtos tornam o texto final muito longo e produz uma dispersão nas ideias, criando algum grau de confusão.

A frase ou período que expressa a ideia central do parágrafo chama-se *tópico frasal*.

Exemplo:

A cada dez anos, a participação feminina aumenta 15 pontos percentuais. O aumento se dá em todas as idades, inclusive entre as mais velhas. Em 1970, a proporção de

mulheres de 50 a 59 anos que trabalhavam era de apenas 15,4%; em 2002 foi de 50,1%. Entre as que tinham 60 anos ou mais, a proporção saltou de 7,9% para 19,7%, grande parte aposentadas.

José Pastore
O trabalho da mulher
O Estado de S. Paulo, 6/3/2007.
www.josepastore.com.br

A frase em azul é o tópico frasal. As outras giram em torno dela. O tópico frasal pode vir em qualquer lugar do parágrafo, mas, se o colocarmos logo no início o texto fica mais didático, claro, e a leitura fica mais confortável porque o leitor conseguirá encaixar as coisas com mais facilidade em um quadro lógico.

Os parágrafos, assim como as palavras e orações, devem ter ligação entre si, porque todos são partes de um mesmo texto. O redator deve ficar atento para ver se essa ligação está bem estabelecida e clara na cabeça do leitor. Se não estiver ou se houver possibilidade de o leitor ter esquecido, o redator deve ser explícito para deixar tudo bem ligado.

Exemplos:

1
No texto abaixo, o primeiro parágrafo termina jogando um grande foco em Ulysses Guimarães. O segundo vai dizer quem é ele. No caso, autor não teve de fazer nenhuma ligação explícita, porque simplesmente retomou o assunto.

> ‘Ulysses’, o histórico romance de James Joyce, com os seus 18 capítulos, é uma das obras literárias mais conhecidas da humanidade. No Brasil, a tradução do imortal Antônio Houaiss, colocando em língua portuguesa os 18 cantos da “Odisseia”, de Homero, tornou mais acessível esse importante trabalho. Mas, cá entre nós, o nosso povo tem mesmo orgulho é de outro Ulysses — o Guimarães —, que se vivo fosse estaria agora comemorando os seus primeiros 100 anos de vida.
>
> A democracia brasileira deve muito a Ulysses Guimarães. Não é à toa que ele foi chamado de “Senhor Diretas” ou “Senhor Palavras”, pois foram muitos os seus discursos que se tornaram históricos. Quando morreu Tancredo Neves, por pouco ele não se tornou presidente da

República. Agora, estamos comemorando os seus 100 anos (dia 6 de outubro). Quis o destino, no entanto, que ele tivesse morrido antes, no dia 12 de outubro de 1992, no trágico desaparecimento do helicóptero em Angra dos Reis. Só o corpo de Ulysses não foi descoberto até hoje.

A odisseia do nosso Ulysses
Arnaldo Niskier
O Globo – 12/10/2016
http://www.academia.org.br/artigos/odisseia-do-nosso-ulysses

2

Neste segundo exemplo o autor estaria discorrendo sobre um conjunto de seis fatores que levam uma empresa ao sucesso. No decorrer do texto apresenta-os em dada ordem e esclarece sua relação com o desempenho da organização. A cada novo tópico, procura voltar à base, para ajudar o leitor a fazer um quadro intelectual adequado.

Continuando nossa análise sobre as seis condições de sucesso da empresa, destacamos

agora a quarta, a *cultura*. Esta pode ser definida como a maneira de sentir, pensar e agir de uma comunidade e toda empresa necessariamente tem uma cultura. Quando esta se caracteriza pelo envolvimento do pessoal com as metas organizacionais.....

Em resumo, vamos a algumas dicas finais desta lição:

- Busque palavras que sejam conhecidas do leitor, variando com sinônimos. Evite as estranhas, "difíceis", capazes de gerar ambiguidade, etc.
- Especial cuidado com as conjunções, para fazer as ligações adequadas entre as orações e termos.
- Faça períodos de duas linhas e meia a três linhas e parágrafos de dois ou três períodos.
- Use um tópico frasal logo no início de cada parágrafo.

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 4 – Ritmo, força, clareza e elegância.
2. Tome a carta que escreveu ao final da lição 2. Você vai corrigi-la. Guarde uma cópia da carta original, do jeito que ela está agora, e tome uma cópia nova para corrigir. As orientações para correção são as seguintes:
   1. Vá à internet, entre no link a seguir, sobre pontuação, e leia. Assim você terá melhores condições de saber se pontuou certo. Note que ao final de cada página do link há um botão para passar à próxima (são 5 ao todo, arejadas e fáceis de ler). O link: http://www.soportugues.com.br/secoes/fono/fono3(
   2. Depois, da leitura, comece a corrigir seu texto, primeiro pela pontuação. Lembre-se: a cada duas linhas e meia ou três linhas, um período (logo, um ponto final).
   3. Veja se os parágrafos estão no tamanho correto – dois ou três períodos, isto é, entre seis e nove linhas.
   4. Veja se usou tópicos frasais logo no início dos parágrafos. Se não, tente usar.
   5. Em seguida, verifique se há palavras que você possa substituir por sinônimas.
   6. Na sequência, veja se colocou alguma palavra

estranha, “difícil”, capazes de gerar ambiguidade, etc. Se sim, mude.

7. Por fim, veja se as ligações entre as orações, dentro do período, e os períodos, dentro do parágrafo estão bem feitas. Especial cuidado com as *conjunções*, para fazer as ligações adequadas entre as orações e termos.

Lição 4 - Conhecimento essencial de gramática e como adquiri-lo de modo natural

Identificar problemas e resolver

Para escrever os textos da vida prática a pessoa não precisa saber o que é um anacoluto ou uma silepse, e nem precisa saber que a pessoa que nasceu em Salvador é soteropolitana. Mas, será essencial ou muito desejável saber algumas coisas que farão a diferença:

- Armadilhas e erros potenciais da gramática
- Qual é o problema, quando estiver com um problema a resolver
- Onde e como procurar a solução para os problemas

Vejamos:

Armadilhas e fontes de erros potenciais da gramática

Há na língua aqueles pontos causadores de dúvidas crônicos. Por exemplo:

> Qual é o nome dado a quem nasceu em Belém, na Palestina? E à pessoa originária de Belém, no Pará? Não há regras. A única maneira de saber isso é ter tido contato com essa informação - pela leitura, pela mídia, pelos relacionamentos. Assim, quando for escrever seu texto e deparar-se com a necessidade de indicar o *adjetivo pátrio* de alguém, consulte. Eu consulto sempre. Sabe como? Adiante voltaremos ao

assunto.

Outra armadilha tradicional é o uso da crase. A crase é a união de uma preposição com um artigo no feminino. Então, preciso ver se o verbo pede a preposição e se o substantivo ou adjetivo pede o artigo. Assim, você deve escrever: "Vou a Salvador" e "Vou à Argentina". Primeiro, porque Salvador é usada sem artigo (Ninguém diz: *A* Salvador é uma cidade bonita), então, só há o a preposição do verbo ir – não precisa da crase. Segundo, porque Argentina, sim, pede artigo e este se encontra com o a preposição do verbo ir; logo, há a crase. Como é impossível lembrar da regência de todos os verbos e nomes é melhor consultar sempre.

É fundamental ter uma boa percepção, um "sexto sentido", um *desconfiômetro* para saber onde pode aparecer erro. Com essa mente desconfiada, o redator consulta e evita erros. Como ele saber quais são os pontos causadores de dúvidas crônicos? Como posso estudá-los? Logo à frente você terá sua resposta.

Qual é o problema

Responda ou complete as frases:

1. Eles _____ pelo lado errado. (presente do verbo *ver*)

2. Quando eu _____o doutor João aviso. (futuro do subjuntivo do verbo *ver*)
3. Refiro-me ___ carta entregue por Maria. (a, com crase ou sem crase)
4. O certo é ínterim ou interim?
5. O governo está no fim. A queda é _____. (eminente ou iminente)

O que está envolvido na solução desses problemas? Nos casos 1 e 2, trata-se de *grafia dos tempos verbais*, acrescentando-se aqui que são duas armadilhas ou fontes de erros clássicas. No caso 3, questão envolve *regência* do verbo *referir* e uso de *artigo*. No caso 4, o problema é vocabulário – sentido e pronúncia das palavras – e regras de acentuação. Por fim, o caso 5 diz respeito aos *parônimos*, também grandes criadores de dúvidas e erros.

O redator tem de saber onde – na gramática – se localizam os problemas, para procurar a solução de modo rápido e acertado.

Como buscar a solução

Se for questão de grafia de palavras (não de tempos verbais) a solução está no Volp e pode ser acessada com enorme rapidez, pela internet, até mesmo com celular (veja adiante, na Lição de Casa). O que é Volp? Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – a lista

oficial das palavras que existem na norma culta do português. O VOLP é mantido pela Academia Brasileira de Letras. Se o problema for a grafia do verbo, a solução está na conjugação – que também poderá ser obtidas de modo rapidíssimo.

O redator precisa ter o conhecimento suficiente das fontes de informação para buscar as soluções. Mais adiante voltaremos à questão.

Conhecimentos essenciais

A pessoa que tiver tempo e interesse, deve tomar, por exemplo, a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, ou outra das boas gramáticas que existem no mercado e fazer um estudo calmo, aprofundado e sistemático da língua. Sugiro que você estude desse modo, principalmente se for de alguma área de trabalho que tenha algo a ver com o idioma - jornalismo, editoração, enfim, que envolva redação de textos de quaisquer espécies.

Quem não dispõe do tempo – ou não tem maior interesse (não há nada errado nisso) – deve pelo menos aprender o essencial para resolver seus problemas de redação do modo mais rápido e eficiente. Entre os conhecimentos essenciais destacamos três que terão reflexo imediato na escrita e facilitarão a busca de solução para outros problemas específicos:

As classes das palavras

São apenas dez e a compreensão dos conceitos é fácil. Na minha experiência com alunos já percebi que ao estudar essa questão a pessoa consegue, com pouco esforço, ter um significativo ganho na compreensão da gramática. Esse conhecimento, embora pequeno, vai ajudar a desenvolver

o “desconfiômetro” e a buscar de modo certo e no lugar certo as soluções para os problemas que aparecem.

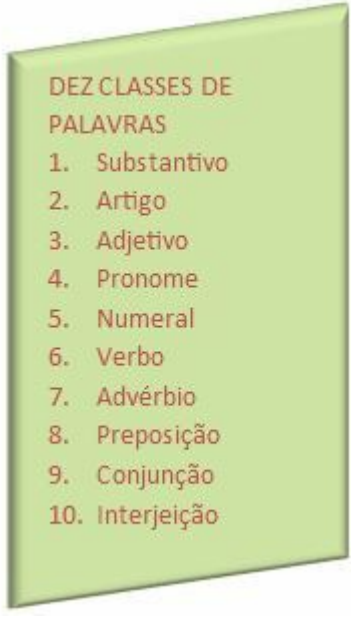

Conceitos gramaticais principais

Aqui se incluem os conceitos de tempos verbais, de concordância e regência. Não estou dizendo que a pessoa deva saber os tempos verbais do verbo *soer* ou *jazer,* por exemplo. Estou dizendo que ela precisa conhecer o *conceito* de tempos verbais, o que quer dizer *futuro do subjuntivo*, por exemplo.

Normas básicas de pontuação

Despois que a pessoa entender o que é uma oração, o que é um período, um parágrafo e passar a adota um parâmetro de tamanho para essas unidades, a pontuação se tornará mais fácil. Ela deve conhecer bem os sinais de pontuação e seu uso. Adquirir esses conhecimentos é muito fácil. Os sinais não chegam a dez e as regras de uso são simples e naturais. Na *Lição de Casa* voltaremos ao assunto.

Resolvendo problemas

Por exemplo, você está escrevendo um texto e coloca a seguinte frase:

> As reclamações relativas as falhas de entrega são duas.

Pergunta: A frase acima está certa? Não. Onde está o erro? Faltou a crase em *às* porque *relativo* é sempre *relativo* *a*, isto é, este *adjetivo* é *regido* da *preposição a*. Então, aqui, para evitar a derrapada é necessário que o redator saiba: a) o que são as *preposições*; b) o que são os *artigos; c)* o que é *regência*; d) e também precisa saber que a crase é a junção de uma preposição e de um artigo. No caso acima:

> Relativas *a* + *as* falhas = Relativas *às* falhas.

Como o redator vai saber se um verbo, substantivo ou adjetivo é regido de preposição – e de qual preposição? Segredo de redator: tenho dúvidas frequentes. Então, entro no Google com o seguinte texto (no caso acima): *Regência de relativo*. Então, logo aparecem bons sites mostrando a regência da palavra que estou buscando.

Logo, você não precisa saber as regências, mas precisa saber que substantivos, adjetivos e verbos podem ser regidos de preposição e que na internet há orientação á mão, objetiva, prática e direta para esclarecer se uma

dada palavra é ou não regida e de que preposição. O importante é ter as dúvidas certas e saber onde e como procurar o esclarecimento.

Do mesmo modo, quando preciso saber qual é o *adjetivo pátrio* da pessoa que nasceu, por exemplo, em Maceió, meramente escrevo no Google: *Adjetivo pátrio de Maceió* e logo aparece lá: *maceioense*. Ou: Adjetivo pátrio de Belém, Palestina, e aparece: *Belemita*.

O assunto não morre aqui. Durante todo o curso irei apresentar dicas de estudo de português e de conhecimentos que são essenciais ao redator. Ao final, você receberá o *e-book* que vai trazer uma visão panorâmica da questão: *Guia para aprendizado mais fácil de gramática.*

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 5 – Aprendendo "de ouvido" - (Já notou que o professor escreve *assista ao* vídeo e não assista *o vídeo*? É que o verbo assistir, nesse sentido, é regido da *preposição a*; do mesmo modo, alguém assiste *ao* jogo ou *à* novela).
2. Busque no Google os adjetivos pátrios das pessoas que nasceram em Santarém, MA, e Anápolis, GO.
3. Já ouviu a palavra *vistar*, no sentido de colocar um visto em algum documento? Pois bem, é um jeito errado de falar. Não existe o verbo *vistar*. Existe, sim, o verbo *visar*. Esse é o jeito certo de falar. Como posso saber se uma palavra existe em português? Busque no *Volp*, na lista oficial. Entre no Google e escreva *Volp* e logo aparecerá o link. Lá, você acha um espaço de busca onde deverá colocar *vistar* e depois *visar*, para fazer o teste. Você pode também baixar o aplicativo do Volp e consultar por meio do seu celular.
4. Entre no site *Só Português* e veja uma tabela prática com regência de nomes (substantivos e adjetivos) que acarretam dúvidas. Copie e cole o link:

http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint7

Lição 5 – Criatividade na busca e produção de conteúdo

O que é criatividade

Criatividade é, pelo menos, duas coisas: 1) Achar solução para os problemas; 2) Fazer algo de modo diferente do usual e melhor. Isso vale para o trabalho de redação. Por exemplo, temos um problema: Como apresentar um conteúdo difícil e maçante de modo que a mensagem fique mais interessante? A resposta eficiente a este problema é uma solução criativa. Por outro lado, fazer algo de modo diferente do usual e melhor pode ser, por exemplo, começar uma carta por um ângulo inesperado. Por exemplo:

Modo convencional de iniciar a carta de pedido de emprego:

1. Venho, por meio dessa, candidatar-me ao cargo que V.Sa. mantém em aberto em seu departamento. Minhas qualificações....

   (No último parágrafo) Informo que obtive o conhecimento a respeito da vaga do nosso amigo comum, Geraldo Silva. Por fim, gostaria de mencionar algo que V.Sa. provavelmente não sabe: tive o prazer de trabalhar por cinco anos com seu pai.....

Modo não convencional de iniciar a mesma carta:

Seu pai, com quem aprendi muito nos cinco anos

> em que fui seu assistente na Hipotetic, uma vez sugeriu-me que me expressasse de modo espontâneo e direto nos momentos importantes da vida, como este. Assim, sem medo de dizer, venho apresentar-me como a pessoa certa para ocupar o cargo XYZ, que me foi indicado por nosso amigo comum Geraldo da Silva.

Suponhamos que o destinatário da carta a tome no dia em que está se preparando para uma viagem ao exterior. A primeira carta tem maior probabilidade de ser encaixada na documentação a ser vista após a viagem – porque logo no primeiro parágrafo já se viu do que se trata. Quanto à segunda, que também diz o propósito no primeiro parágrafo, provavelmente terá resposta imediata, de algum modo. É muito mais impactante que a primeira e o destinatário a tratará com um caráter de maior urgência, provavelmente. Por que o primeiro redator não usou logo no início dois cartuchos ótimos que tinha à mão (ter trabalhado com o pai do destinatário e ser amigo de Geraldo Silva)? Porque simplesmente não pensou nisso ou porque teve medo de criar – e preferiu a solução convencional.

O medo e os hábitos são os grandes bloqueios

A pessoa não cria, muitas vezes, por medo: de passar por tola, de ser inadequada, de causar má impressão, de errar. Até certo ponto esse medo se justifica, porque para criar é necessário tentar novos caminhos. Mas, quem não assume o risco não vai melhorar nunca sua criatividade. Qual é a solução? Buscar a expressão inovadora e desenvolver paralelamente o senso crítico para, depois de produzir suas mensagens, avaliá-las bem – pedindo opinião de amigos sensatos, se necessário – antes de passá-las à frente. Com o tempo a pessoa aprende a ser ao mesmo tempo criativa e adequada na sua expressão.

O hábito, segundo grande bloqueio, dá segurança e conforto, mas, usualmente leva a mensagens eventualmente adequadas, mas quase sempre de baixo impacto. Contudo, prestemos grande atenção ao que Aristóteles observou – esse é um grande ensinamento – que nós somos o que habitualmente fazemos; assim, a excelência não é dom – é hábito, então o hábito não precisa ser ruim. Disse ele, se quer ser corajoso, faça atos de coragem, de quer ser um bom citaredo (quem toca cítara), toque o instrumento. Aí é que está o x da questão: precisamos deixar de lado o hábito de fazer as coisas de modo convencional e adquirir o hábito de buscar alternativas inovadoras. A pessoa tenta, tenta, busca sempre a inovação e, com o tempo,

torna-se mais criativa. Ela se torna aquilo que faz repetidamente.

BUSCANDO A CRIATIVIDADE

A pessoa diz que não é criativa. Às vezes devolvo com perguntas a ela: É por falta de inteligência ou por preguiça? Já fez alguma avaliação objetiva para ver se essa ideia (de que você é uma pessoa tapada) se justifica ou é apenas um palpite? Já fez algum esforço sistemático e orientado para desenvolver a criatividade?

Para tornar-se mais criativa, sugere Roger von Oech, a pessoa precisa:

> Livrar-se dos bloqueios, incluindo essa ideia de que você não é uma pessoa criativa.
>
> Perder o medo de passar por gente boba, de sentir-se inadequada.
>
> Fazer um esforço sistemático para buscar a segunda resposta certa (a primeira é a convencional, provavelmente).
>
> Fazer um esforço sistemático para deixar de seguir as normas, quando elas não são essenciais.
>
> Não se preocupar, na fase da criação, com os erros, que podem ser corrigidos na fase posterior, de avaliação do produto.
>
> Deixar de lado as compulsões para ser lógico, prático, racional. Tudo isso é bom, certamente, mas,

não precisa haver uma *compulsão* para atingir essas condições. Elas não se aplicam a todas as situações da vida.

O QUE FAZER QUANDO "DÁ BRANCO"

Você tem de escrever aquele texto e, de repente, "dá branco", isto é, as ideias somem, secam, desaparecem. O que fazer? Há um truque que aprendi no trabalho e que tenho repassado a alunos de pós-graduação, que funciona bem: Quando der branco, diga: "Vou escrever de qualquer jeito. O leitor que se exploda". E vá escrevendo sem a menor preocupação com qualidade. Depois de pronto o texto, dê uma lida. Na maioria das vezes venho a constatar que o texto que escrevi sem preocupação com qualidade está bom ou até ótimo! Por quê? Porque não havendo censura a criatividade flui.

Clip lápis: Cortesia: barretr. Openclipart.org

É importante buscar os conceitos chaves e as ferramentas da criatividade. Aqui vão duas indicações:

O livro *Um toque na cuca*, de Roger von Oech, Editora Cultura. É gostoso de ler, criativo, e traz conceitos fundamentais.

O site de criatividade da empresa 3M, considerada um modelo de criatividade. É só entrar lá que você vai obter um bom resumo sobre tudo o que precisa saber sobre criatividade. O site é:

http://www.3minovacao.com.br/

Checklist para criatividade no texto

Aqui não temos espaço para estudar mais a criatividade. Vamos entrar direto na aplicação de um *checklist* , uma lista de verificação para busca e produção de material criativo para seu texto. Você deve usar a lista sempre, mas ela terá especial relevância quando você estiver sem ideias sobre o que colocar no texto. Cada item dá uma dica sobre material potencial a buscar e/ou incluir no texto.

Experimente incluir:

Uma definição – do dicionário, de um outro autor, da sua observação prática, do seu modo de ver (pode ser até humorístico).

Um exemplo, real ou fictício. Se não tiver um exemplo da vida real, procure imaginar um que seja acreditável.

Uma história – real ou inventada pode chamar a atenção para o assunto do texto, ilustrar um ponto qualquer ou simplesmente reforçar uma ideia ou preparar o leitor para algo.

Uma experiência pessoal relacionada ao tema. Positiva ou negativa, a experiência cria empatia com o leitor.

Uma regra geral ou prática consagrada. Se não

há nenhuma, que tal propor?

Uma pergunta ou série de perguntas ao leitor. Um bom recurso é fazer as perguntas que serão respondidas pelo texto.

Uma comparação com algo similar ou até com coisas não similares, mas que tenham algo comum. Por exemplo: pode-se fazer uma comparação entre o livro de papel e o *e-book* ou entre o livro de papel e a narrativa oral.

Uma visão ou informação sobre o futuro. Tudo tem futuro e todo futuro comporta muitas visões.

Uma visão ou informação sobre o passado. Por exemplo, ao falar do uso do celular, você pode mencionar objetos do passado que ele substituiu ou está substituindo: caneta, caderninho de anotações, relógio, calculadora, *disk-man*, máquina fotográfica, etc.]

Uma visão do oposto. Por exemplo, ao falar sobre a honestidade, fale também da desonestidade.

Uma análise de causa e efeito. Por exemplo, ao falar da tristeza, fale sobre suas causas e também sobre os efeitos.

Uma análise de prós e contras. Por exemplo, se vai falar da evasão escolar, analise os pró e contras do sistema de ensino atual.

O estabelecimento de uma ordem – cronológica,

espacial, hierárquica.

Uma opinião contundente ou firme sobre algo. Não precisa ser certa. Pode ser um mero caminho para outras considerações. Por exemplo: “Eu acho que os protestos de rua, da forma como estão sendo feitos hoje, deveriam ser tratados a cassetete. Estou errado? Pode ser que eu esteja e é até provável que eu esteja, mas, acho que a democracia está atingindo alguns limites em que se torna disfuncional.”

Uma citação. Qualquer que seja o assunto, alguém interessante já tratou dele. Uma boa citação, bem posicionada, pode ser de grande valor.

Há outros recursos. Você pode, por exemplo, tomar um texto bem escrito e extrair sua estrutura, para usá-la em texto similar, sobre outro assunto.

Todos esses recursos são válidos e eficientes para criação de conteúdo para seu texto, lembrando-se que não se pode usá-los meramente para “encher linguiça”, criar blá-blá-blá, fugir do assunto.

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao Vídeo 6 – Não tenha medo de criar
2. Leia o texto – Práticas para dar um toque de humor, que está disponível no link abaixo:

   https://sites.google.com/site/consultorjoserosa/pr
   para-dar-um-toque-de-humor
3. Após a leitura, escreva um texto humorístico de uma página sobre seu trabalho. Use os truques aprendidos na leitura.

Lição 5 – Usando estruturas básicas de texto

Estruturas e sua importância

Estrutura aqui é um *modelo* que usamos para fazer um texto. Como se fosse um *esquema* ou *base* para a colocação dos conteúdos, ideias, palavras. Esses modelos foram aprimorados ao longo do tempo e por isso mostram-se eficientes para a elaboração de bons textos, com maior rapidez.

De posse de um bom modelo, o redator menos experiente:

Lembra-se dos itens relevantes a serem colocados no texto.

Adota uma ordem lógica que permite maior clareza proporção na mensagem.

Trabalha de modo mais confortável e seguro, sem ter de "reinventar a roda" a cada vez que vai fazer um texto.

Com o tempo, ele incorpora mentalmente as estruturas básicas e pode combiná-las, alterá-las, reduzi-las, ampliá-las (de modo nem sempre percebido) para produzir textos com seu toque pessoal. Pode também (e frequentemente o faz) inventar suas próprias estruturas.

Estruturas básicas

Lembra-se das aulas do ensino fundamental? Aprendemos

que há três tipos básicos de texto: narração, descrição e dissertação. Aqui se encaixa muita coisa! Narração é contar uma história qualquer. Na narração temos o romance em suas várias modalidades, a notícia, o boletim de ocorrência, o relatório de bordo, etc. Descrição é dizer como um objeto físico ou intelectual é: uma cadeira, por exemplo, ou *simpatia*, um objeto intelectual. Na descrição temos os textos referentes ao projeto de um móvel, a caracterização de uma doença, e mais uma infinidade de textos. Dissertar, por fim, é expor um assunto, usualmente de forma mais longa e abrangendo seus vários aspectos. Temos a dissertação de mestrado, a proposição de uma política na empresa, a apresentação de um artigo acadêmico, a discussão de um tópico relevante no jornal, o discurso.

Cada tipo de texto desses pode comportar uma estrutura. Muitos a têm, para uso de comunidades específicas. Por exemplo, a enfermeira tem de fazer relatórios padronizados de acompanhamento do paciente.

Vamos apresentar cinco estruturas básicas que ajudam o redator a produzir sua mensagem em muitas circunstâncias da vida profissional. Aprendendo a usá-las você aprende a buscar outras para uso ou simplesmente a criar as suas próprias.

Estrutura narrativa da notícia

Notícia é um fato relevante, que as pessoas querem saber. Já que as pessoas têm interesse, a ideia é que seja narrado da forma mais direta e capaz de oferecer ao leitor a máxima informação no menor tempo possível. Usa-se uma estrutura padrão para a narração de notícia. Essa está, com pequenas variações, nos manuais de redação dos jornais de todo o mundo – e visa propiciar maior velocidade de leitura ao leitor e maior credibilidade à mídia, porque busca isenção, precisão, clareza, objetividade.

A estrutura básica da narração jornalística tem sofrido adaptações para adequação ao mundo virtual, no qual os textos são mais curtos e frequentemente fragmentados de forma a oferecer ao leitor a possibilidade de fazer suas escolhas de leitura.

Onde se pode usar a estrutura de narração de notícia? Nas comunicações relevantes de um modo geral, principalmente de organizações: em um aviso da empresa aos funcionários ou clientes, na divulgação de um evento esportivo, etc.

Vamos a um exemplo de estrutura de narração jornalística:

Exemplo

ELEIÇÃO NO RIO

Freixo faz mea-culpa sobre atuação de black blocs

Candidato do PSOL diz que poderia ter sido 'enfático' ao reprovar grupo; rival Crivella usa tema contra ele.

Acompanhe no quadro a seguir a estrutura da notícia com o exemplo acima.

Partes	No exemplo
Sobretítulo (opcional) Texto usualmente curto que se sobrepõe ao título e faz referência a tópico com o qual esteja relacionado. Busca contextualizar o título.	Eleição no Rio
Título Diz exatamente de se que trata a matéria. Permite ao leitor decidir se quer ler sobre o assunto ou não. Tem um sujeito, um verbo e um complemento.	Freixo faz mea-culpa sobre atuação de black blocs
Subtítulo (opcional) Eventualmente complementa o título, dando aspectos atuais e relevantes do tópico.	Candidato do PSOL diz que poderia ter sido 'enfático' ao reprovar grupo; rival Crivella usa tema contra ele.
Lead	RIO - O candidato à prefeitura do Rio

Primeiro parágrafo, que traz um resumo do acontecimento, enfocando os aspectos mais importantes desse. Usualmente responde às perguntas: quem, que, quando, onde, como e por que	Marcelo Freixo (PSOL) reconheceu que deveria ter sido enfático ao condenar a tática de violência adotada por grupos de manifestantes como os black blocs. Ele se referiu a uma fala dele, que vem sendo reproduzida pela campanha de seu adversário Marcelo Crivella (PRB), durante as manifestações de 2013, em que afirma não ser "juiz para ficar avaliando os métodos em si". A frase é interpretada pelo senador como defesa da violência.
Corpo É o texto complementar, que é construído em forma de pirâmide invertida, isto é, os fatos vão sendo apresentados dos mais importantes aos menos importantes.	(Sequência do texto)
Fonte: Estadão Online. 25/10/2016	

Alguns detalhes da redação de notícia:

O título, conforme dito, tem um sujeito, um verbo, um complemento e indica exatamente do que fala a matéria. Veja: "Freixo faz mea-culpa sobre atuação de *black blocs*. Jamais pode ser diferente daquilo que o texto contém, causando surpresa ao leitor. Sua função é orientar a leitura, permitir que o leitor escolha se quer ler ou não.

O verbo do título preferencialmente vem no presente, não importando se se refere a fato do

passado ou futuro. No exemplo: “Freixo faz mea-culpa” refere-se ao passado, como se vê no lead: “O candidato à prefeitura do Rio Marcelo Freixo (PSOL) reconheceu...”

O lead, como dito, preferencialmente dá um resumo geral da notícia e responde às perguntas: quem, que, quando, onde, como e por que. Tem usualmente de dois a três períodos, seis a nove linhas. Usualmente responde em primeiro lugar à pergunta mais importante.

Evitam-se os adjetivos e advérbios que denotam opinião. O redator jornalístico narra tudo na terceira pessoa, de modo objetivo, isento, preciso. Não apresenta seus pontos de vista ou ideias. Isso pode ser feito em artigos ou editoriais do jornal. Note que o adjetivo enfático foi dito pelo enfocado pela notícia e que os adjetivos *rival* e o sinônimo *adversário* não revelam opinião, mas um estado objetivamente definido.

O texto deve ser o mais curto possível, contendo só o suficiente para narrar os aspectos relevantes do fato, aqueles que o leitor deseja saber.

A cada dois parágrafos, recomenda-se a colocação de um intertítulo, aquele pequeno título demarcador de assunto.

Estrutura da notícia

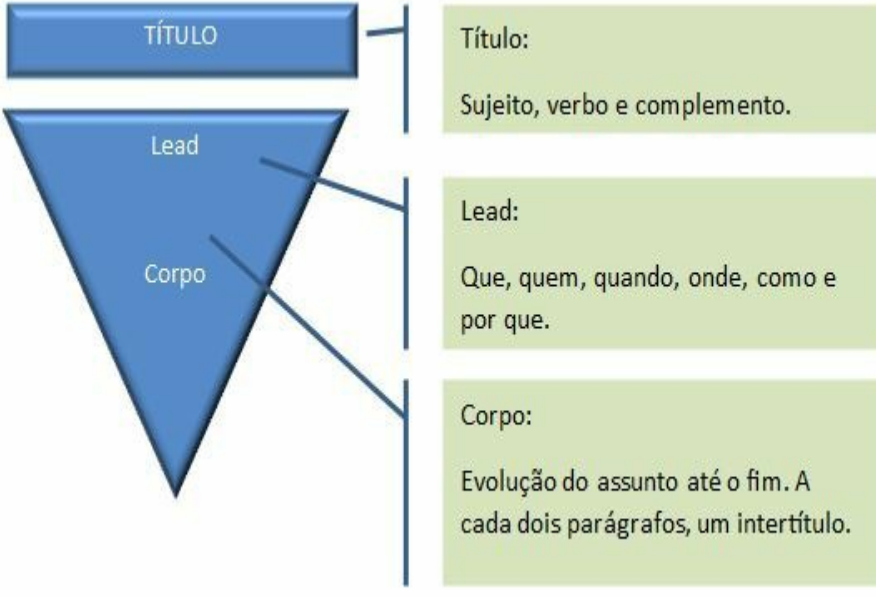

Exemplos de uso de estrutura de narração jornalística:

Um comunicado do colégio sobre alteração no período de férias.

O lançamento de um novo produto pela empresa.

Um aviso do supermercado aos clientes discorrendo sobre premiações.

O texto pode ser divulgado em boletim, em quadro de avisos, em mensagem de alto falante ou qualquer outro meio. Se seguir a boa estrutura, a comunicação será mais fácil e eficiente.

Outro modelo de estrutura narrativa

Um modelo, uma estrutura, serve para algum ou alguns usos específicos. No caso do modelo jornalístico, por exemplo, aplica-se quando se quer informar algo relevante às pessoas – uma notícia do interesse delas. Essa forma, entretanto, não é a única existente para narração.

Vamos ver outras alternativas.

Alternativa de estrutura narrativa

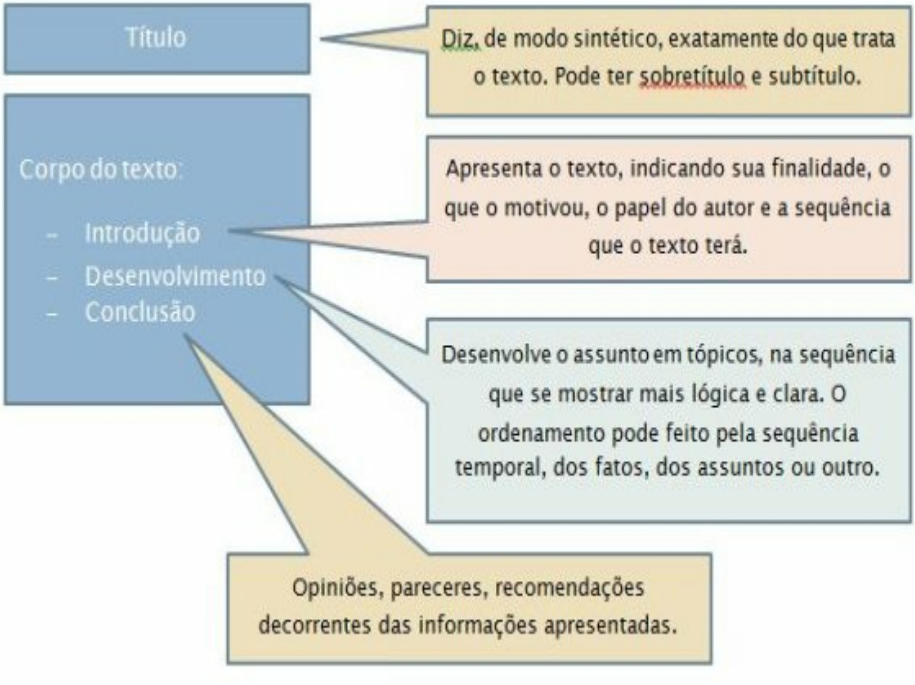

A introdução apresenta o texto e é uma orientação de

leitura. Deve ser clara o suficiente para o leitor saber o que vai encontrar pela frente.

Na parte do desenvolvimento o texto pode ser dividido em capítulos.

UM MODELO DE ESTRUTURA DESCRITIVA

Descrição, conforme observamos, é dizer como é um objeto físico ou intelectual. Quando se trata de objetos físicos – um automóvel, por exemplo - usualmente é bem mais fácil. Quando se trata de um objeto intelectual – *angústia*, por exemplo – as coisas complicam-se.

Vejamos uma alternativa de modelo.

Estrutura do texto descritivo

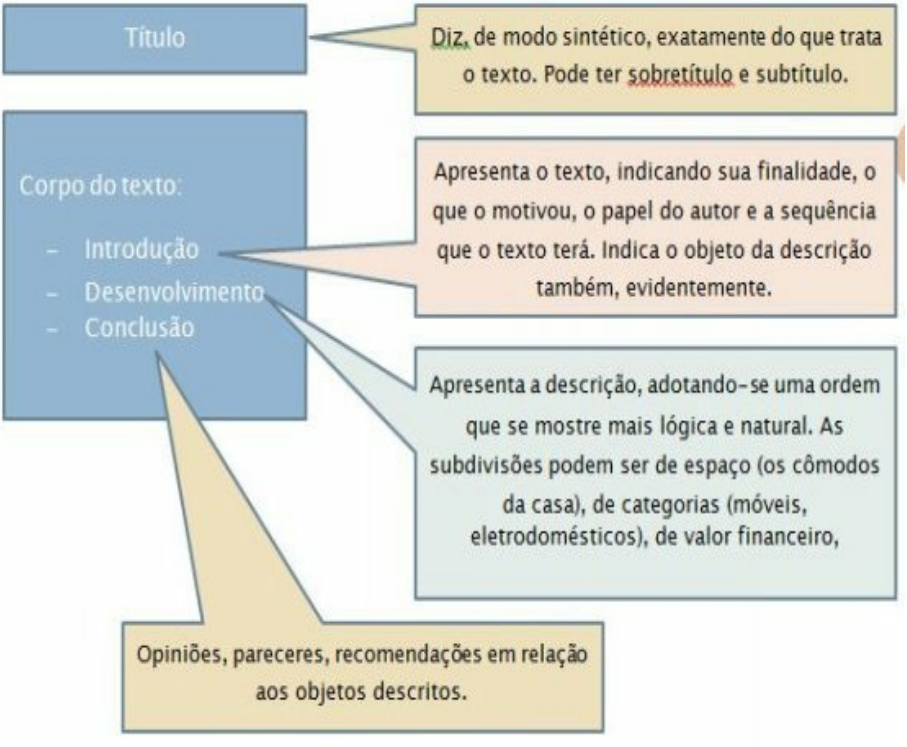

Checklist para a descrição de um objeto físico ((Use o que for relevante):

Cumprimento
Largura
Altura
Profundidade
Peso

Volume
Material de que é feito
Grau de conservação
História
Aparência
Cor
Estilo
Similaridade com outros objetos
Diferenciação em relação a outros
Cheiro
Funcionamento
Potência
Uso principal
Usos secundários
Valor objetivo
Valos subjetivo
Espaço que ocupa
Posicionamento
Localização
Manuseio

Suponha, por exemplo, que você seja solicitado, como perito, a fazer a descrição de uma antiguidade – uma cadeira, por exemplo – que esteja sendo objeto de litígio. Nesse caso, pode usar o *checklist*. Alguns itens poderão não se aplicar e poderá ser necessário também acrescer outros aspectos que não estão contemplados aí, mas, o

checklist é uma base. Quanto ao ordenamento, você cuida disso no plano do texto, e pode adotar o que for mais sensato.

Checklist para a descrição de um objeto intelectual (Use o que for relevante):

Categoria (sentimentos, ideias ou conceitos, comportamentos)
Como se manifesta
Origem
Resultados reais
Resultados potenciais
Como é percebido
Posicionamento entre outros objetos similares
Objetos opostos
Dimensão
Intensidade
Tempo

Suponhamos que você seja professora ou professor de Psicologia e vai dar uma aula sobre *atitudes* ou sobre *ansiedade*. Pode usar o *checklist* para montar seu material e sua explanação.

Checklist para descrição de uma pessoa (use o que for relevante):

Idade
Sexo

Altura
Peso
Cabelo – tipo e cor
Pele – tipo e cor
Raça
Nacionalidade
Tipo
Características distintivas opcionais de aparência: bigode, barba, tamanho cabelo
Roupa
Acessórios
Postura física
Expressão emocional
Expressão verbal
Ocupação
Classe social
Estado civil
Renda
Escolaridade
Comportamento
Religião
Visão política
Opiniões

Digamos que você tenha de descrever o assaltante que fugiu. Alguns itens provavelmente não serão conhecidos, mas pode haver indícios deles em outros . Por exemplo,

suponhamos que ele tenha rezado antes de fazer o assalto! Isso indica algo, risível, mas indica.

MODELO DE UMA ESTRUTURA DE DISSERTAÇÃO

Agora, imagine que você precise expor um assunto, por exemplo, fazer o seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Se for esse o caso, usualmente já há padrões estabelecidos pela faculdade. Mas, há outras circunstâncias em que é necessário dissertar. Eis um modelo de estrutura para fazê-lo:

Estrutura da dissertação

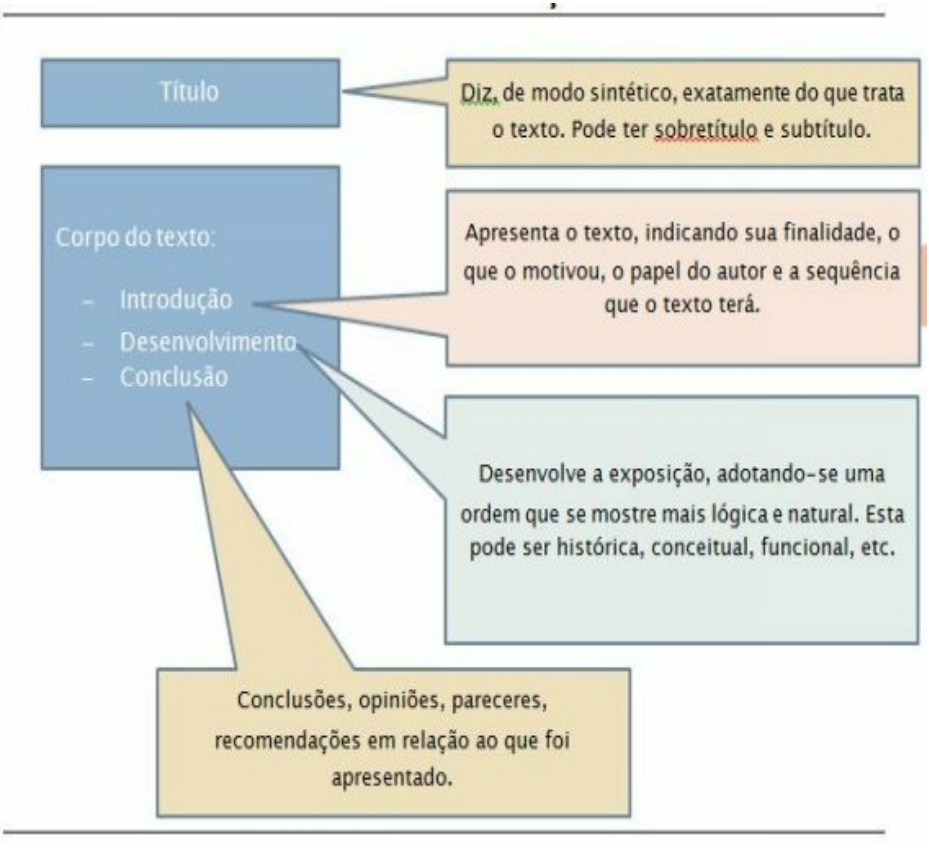

Checklist para a dissertação (use o que for relevante):

Definições

Contexto em que se situa o tema – campo do saber

Situação atual da pesquisa sobre o tema

Histórico

Ideias relevantes

Pessoas relevantes que o discutiram
Principais aspectos
Seus relacionamentos com processos sociais, pessoais, organizacionais
Impacto social
Relacionamento com outros temas ou aspectos da vida
Controvérsias

Modelo de uma estrutura de argumentação

Argumentar – defender uma ideia ou ponto de vista – é necessário em todos os campos da vida. A argumentação pode estar presente na carta de vendas, no texto científico, no texto jurídico, na proposta de implantação de um projeto, etc. Há modelos adaptáveis aos vários casos. Eis um modelo geral:

Estrutura de argumentação

Checklist para a argumentação (use o que for relevante):

Descrição do argumento
Teses contrárias
Teses favoráveis
Autoridades que se manifestaram sobre o tópico
Histórico da discussão
Exemplos
Casos

Experimentos científicos
Estatísticas
Resultados práticos documentados
Abrangência das propostas
Analogias

LIÇÃO DE CASA

1. Veja o vídeo 7 – Estruturas básicas de texto
2. Faça uma descrição de uma a duas páginas sobre saudade. Use o checklist.

Lição 7 – Textos adequados aos dias de hoje

Estética da época

Eis o trecho inicial do conto *O Empréstimo*, de Machado de Assis (1839-1908):

> Vou divulgar uma anedota, mas uma anedota no genuíno sentido do vocábulo, que o vulgo ampliou às historietas de pura invenção. Esta é verdadeira; podia citar algumas pessoas que a sabem tão bem como eu. Nem ela andou recôndita, senão por falta de um espírito repousado, que lhe achasse a filosofia. Como deveis saber, há em todas as coisas um sentido filosófico. Carlyle descobriu o dos coletes, ou, mais propriamente, o do vestuário; e ninguém ignora que os números, muito antes da loteria do Ipiranga, formavam o sistema de Pitágoras. Pela minha parte creio ter decifrado este caso de empréstimo; ides ver se me engano.

Poucas pessoas têm paciência para apreciar essa leitura nos dias de hoje, embora o texto seja de um dos maiores nomes da literatura portuguesa de todos os tempos. As narrativas de hoje têm de ser muito mais diretas e contundentes, para fazer frente à massa de informação

impactante que as pessoas recebem a cada minuto. As preferências vocabulares e as formas verbais também ficariam estranhas em um texto moderno.

Neste curso não tratamos da escrita literária, mas, também para a escrita do dia a dia há uma estética condizente com os tempos.

Comportamento dos leitores

Você faz um relatório que o chefe pediu. Ele mora numa cidade vizinha e pode ser que vá ler seu texto no trajeto do ônibus, ao final do dia, pelo celular. Outra situação: você faz um trabalho de escola. O professor, mais que provável, o lerá no computador, navegando entre seu texto e as notícias que está acompanhando. Ou ainda: você envia um e-mail ao cliente, que recebeu hoje outros 212 e-mails.

Algumas constatações sobre o comportamento do leitor nos dias de hoje:

Ele sofre muita pressão de tempo e dedica-se simultaneamente a muitas tarefas.

Lê em diferentes dispositivos – material impresso como livros, apostilas, revistas, jornais, boletins da empresa, e sistemas digitais - celular, computador ou *tablet*.

Lê em lugares os mais diferentes: no ônibus ou metrô, na sala de aula, no escritório, em casa com a tv ligada.

Lê muita coisa diferente, para dar conta de suas tarefas no trabalho, eventualmente na escola, e para atender necessidades de informação geral, lazer, etc.

Pode obter sem leitura as informações desejadas,

principalmente por meio de vídeos, tv e rádio, em diferentes modalidades.

TEXTOS ADEQUADOS

Em decorrência de tudo isso, os textos têm de ser:

Muito diretos, para que o leitor não tenha de perder tempo esperando pela informação que quer.

Muito curtos, com extensão suficiente apenas para satisfazer a demanda de informação daquele momento, naquela área.

Muito valiosos em conteúdo, para fazer frente à competição com *zilhões* de outros textos que se acham disponíveis.

Fragmentados, para que o leitor possa pegar apenas o que desejar no momento e fluir ou não para outros tópicos com maior aprofundamento.

Vejamos dois textos:

1. Estivemos analisando nossos arquivos e notamos que V.Sas. costumavam comprar em média 500 exemplares de nossa publicação por mês e que atualmente compram apenas 100. Em virtude disso, tomamos a liberdade de vir à sua presença para questionar o motivo da redução e propor uma reunião com a finalidade de verificar se há um modo de continuar fornecendo o número original de exemplares.

2. V.Sas. compravam em média 500 exemplares de nossa publicação por mês e agora compram só 100. Podemos fazer uma reunião para verificar se é possível voltar ao fornecimento de 500 exemplares?

O segundo texto tem por volta de metade das palavras. O leitor gasta apenas metade do tempo com ele e fica agradecido por isso. Quanto ao conteúdo, nenhum prejuízo, certo?

Regra a observar:

Não inclua conteúdo desnecessário: só o que é do interesse imediato do leitor.

Não use palavras e frases desnecessárias à transmissão do conteúdo.

Antes de passar cada texto adiante, verifique se está absolutamente enxuto.

Fragmentação do texto

Digamos que você seja especialista em educação e vai fazer um texto explicando como a pessoa pode entrar para a carreira docente. Você pode, no caso, fazer uma introdução de um único parágrafo e, em seguida, apresentar links para a pessoa direcionar o resto da leitura, conforme seu interesse. Exemplo:

> Há diferentes alternativas para quem deseja tornar-se professor. A mais usual é o ensino regular que engloba o ensino fundamental e médio e o ensino superior, com diferentes exigências para atuação do professor. Além do ensino regular, há os cursos livres ofertados por escolas de todos os tipos – que demandam igualmente professores com perfil específico. Por fim, há o ensino autônomo e particularizado, que oferece hoje muitas oportunidades. Clique abaixo, no link da área de seu maior interesse, para continuar a leitura:
>
> Professores do ensino fundamental e médio
> Professores do ensino superior
> Professores de cursos livres

Professores autônomos

Quando o leitor clicar em “Professores de ensino superior”, ele será direcionado à leitura de texto específico e essa poderá indicar outros tópicos de interesse. Por exemplo:

Professor de tempo integral
Professor de tempo parcial

É possível fazer essas ligações entre páginas de um mesmo documento do Word.

Dessa forma, se a pessoa está buscando informação apenas sobre como dar aulas em faculdade, não vai perder tempo lendo sobre as outras alternativas. Ela vai também aprofundando a leitura conforme seu interesse, seguindo os *links*.

Outras formas de fragmentar:

Fazer dois ou mais textos em vez de um. Por exemplo, se for para uma publicação os textos podem estar juntos na mesma página (de jornal ou site) ou no mesmo relatório, mas separados por títulos.

Apresentar pequenos textos em diferentes momentos.

Subdividir o texto por meio de intertítulos.

TENDÊNCIA À INFORMALIDADE

Há um tipo de redação que tem caráter formal e

padronizado, porque tem finalidades documentais e jurídicas: a correspondência oficial, que trata da troca de mensagens entre órgãos públicos, entre órgãos públicos e pessoas ou organizações privadas, e até entre agentes privados. Essa não é contemplada aqui neste curso, mas, o interessado pode obter o manual oficial para a área:

MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
De: Gilmar Ferreira Mendes e Nestor e José Forster Júnior
Link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

Com exceção dessa área, a comunicação nos tempos de hoje tende à informalidade, principalmente quando se trata de textos destinados ao público em geral.

Algumas recomendações:

Elimine a linguagem pomposa ou formal (deixa esta última reservada à correspondência oficial).

Em vez de	Prefira
Acusamos o recebimento de	Recebemos
Cumpre-nos comunicar	Informamos, comunicamos
Conforme acordado	De acordo com
Conforme assunto em epígrafe	Em referência, acima
Outrossim	Igualmente, ainda, também
Passo às suas mãos	Envio
Rogamos seja avaliado	Pedimos
Sendo o que se nos oferece para o momento	Frase desnecessária

Em textos endereçados ao público não use linguagem reverente nem mesmo o senhor/senhora, mas, nome e cargo ou qualificação. Exemplos: a) O

presidente da empresa, Geraldo Aguiar, informou que...; b) A dentista Luciana Silva esclarece que...c) O juiz Marcos Dias, da 2ª Vara da Infância e Juventude....

Igualmente não se refira a titulações, exceto nas circunstâncias certas. Por exemplo: Em vez de "O Professor Doutor José Antônio Rosa", diga simplesmente "O professor José Antônio Rosa".

Não use "nosso" de modéstia para referir-se a algo seu. Em vez de o "nosso" livro, diga "o meu livro".

Não use "vosso" de majestade. Diga "seu".

Não use linguagem poética fora de contexto. Por exemplo: Imagine uma carta dirigida a uma comunidade, pedindo ajuda para um centro de acolhimento de menores, com o seguinte texto: "Venho rogar a vossos generosos corações, que partilhem conosco dessa utopia de fazer mais pelo próximo. Isso é minorar as dores desses 60 menores já castigados pelas agruras de uma vida sem família". Seria muito melhor dizer: "Aqui cuidamos de 60 menores e os recursos nem sempre são suficientes. Você pode colaborar?"

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 8 – Qualidades do texto moderno
2. Escreva uma notícia sobre um prêmio importante que você receberá (pode imaginar). Use o *checklist* da Lição 6.

Lição 8 – Principais derrapadas na redação e como evitá-las

Derrapadas no texto

Após o ENEM e os vestibulares sempre aparecem as *pérolas* de redação dos candidatos, algumas delas tão chocantes que fica difícil acreditar que efetivamente tenham ocorrido. Mas, quem escreve e ensina redação acredita que possivelmente ocorreram mesmo, pois é fácil derrapar no texto, principalmente quando se tem a pressão do tempo e o estresse natural que acompanha as provas.

Vejamos algumas pérolas coletadas pelo site perolasdoenem.com.br:

1. O povo quer coisas simples, sem muita luxúria.
2. Cada vez mais as pessoas querem conhecer sua família através da árvore ginecológica.
3. Ele tem medo de ficar preso no elevador, pois tem cleptomania.
4. Vamos mostrar que somos semelhantemente iguais.
5. A comunicação é importante porque comunica algo entre duas ou mais pessoas que querem se comunicar.
6. A fé é uma graça através da qual podemos ver o que não vemos.
7. O porco é assim chamado porque é nojento.

Posso confessar uma coisa? Também eu já dei minhas derrapadas. Um exemplo: Como jornalista iniciante, em 1976, escrevi algo assim:

> Como vem acontecendo todos os anos, a comunidade italiana de Campinas comemora hoje o 30º aniversário da sua república.

Captou a estupidez? Como é possível comemorar 30º aniversário todos os anos?!

Todos corremos o risco de derrapar e é sempre bom acreditar naquele provérbio americano que diz: "*Shit happens*!". Não vou traduzir com as palavras devidas por elegância. Mas, *shit* é o termo popular para *fezes* e *happens* é *acontece*.

Há algumas *armadilhas* que levam a derrapadas. Vejamos:

No caso das pérolas 1, 2 e 3 acima o problema são as palavras parecidas. Por exemplo, o redator da pérola número 1 provavelmente queria dizer *luxo* (ostentação, requintes) e não *luxúria* (desejo de prazeres sexuais). O número 2 queria dizer, naturalmente, árvore genealógica (origem) e não ginecológica (de ginecologia, estudo do funcionamento dos órgãos sexuais e da saúde sexual da mulher). Na terceira frase, *cleptomania* (desejo patológico de furtar) aparece no lugar de *claustrofobia* (medo patológico de lugares fechados). Veja quadro 1, adiante.

No quarto caso há um pleonasmo vicioso, repetição inútil de palavras com o mesmo sentido. Poderia tirar o

semelhantemente e a frase teria exatamente o mesmo sentido. Poucas pessoas provavelmente derrapariam de modo tão contundente quanto o fez nosso amigo acima, mas, muitos dizem coisas como:

> *Há cinco anos atrás vi Pedro*. Ora, ou tira o "há", ou tira "atrás". Os dois vocábulos juntos é redundância.

No casos 5 e 6, o problema são as definições e explicações. É comum as pessoas distraírem-se e incluírem, em suas definições e explicações, os termos que estão tentando definir ou explicar. Daí: a *comunicação comunica* entre pessoas que querem *comunicar*!

Por fim, no caso 7, o autor derrapa devido à ingenuidade pura e simples. A associação entre porco e sujeira é comum, dadas as condições das pocilgas, mas não se pode inferir que o nome do animal decorra dessa relação.

Não confundir...	**com...**
Absolver - inocentar, perdoar,	Absorver – consumir, ingerir, aspirar, assimilar.
Acento - sinal gráfico; realce de uma sílaba (ou palavra).	Assento - lugar, superfície ou coisa sobre a qual se senta.
Acessório - que não é fundamental; adicional.	Assessório – referente ou pertencente a assessor.
Acostumar – contrair hábito; adaptar-se.	Costumar – ter por hábito; ter costume.

Aferir – avaliar, julgar por meio de comparação.	Auferir – colher, obter ou receber vantagens.
Aprender – instruir-se, adquirir conhecimento.	Apreender – assimilar mentalmente; captar, compreender.
Atuar - desempenhar um papel como ator; agir;	Autuar - lavrar um auto de infração contra alguém; processar.
Câmara – local onde se reúnem os vereadores, deputados.	Câmera – aparelho que capta e reproduz imagens.
Comprimento – extensão.	Cumprimento – saudação, ato de cumprir, execução.
Concerto – sessão musical.	Conserto – reparo.
Deferir – atender, conceder;	Diferir – distinguir-se, ser diferente; adiar.
Descrição - ato de descrever.	Discrição - reserva, qualidade de discreto.
Granizo – Pedras de gelo que vêm em forma de chuva	Granito – Rocha dura
Infligir - aplicar pena ou castigo.	Infringir - transgredir, violar, não respeitar.
Mandado - ordem judicial.	Mandato - período de permanência em cargo.
Precedente – antecedente.	Procedente - proveniente, oriundo.
Ratificar – confirmar.	Retificar – tornar reto o que está torto; endireitar.
Soar - produzir som.	Suar - transpirar.
Vultoso - volumoso, de grande vulto, enorme.	Vultuoso - vermelho, inchado, atacado de vultuosidade.

O site *Recanto das Letras* traz uma longa lista de palavras

parônimas (grafias parecidas, com sentidos diferentes) e homônimas (iguais na grafia, com sentidos diferentes).
Para acessar:
http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/152254

Fontes de ambiguidade

A ambiguidade, o duplo sentido, é uma potencial fonte de derrapadas na redação. O redator se esquece de que algumas palavras têm mais de um sentido e constrói frases que não deixem claro o sentido em que o vocábulo é empregado. Exemplo:

Como vai a cachorra da sua amiga?
O rapaz comeu maçã e sua prima também.

Muitas palavras têm esses sentidos ou conotações maliciosos, o que leva a ideias ou insinuações indesejadas. Tais são, entre outras, as palavras negócio, penetrar, gozar e praticamente todos os nomes de animais e objetos que eventualmente sejam empregados também com sentido malicioso. Exemplo:

O negócio do Pedro encolheu com a chegada da crise.
O jumento do Nelson invadiu o quintal das freiras.
O Sílvio gosta demais de linguiça.

O sentido malicioso usualmente revela-se a pessoas que são maliciosas. O problema está mais naquelas que nos textos em si. Do ponto de vista da comunicação, entretanto, é melhor evitar, para não provocar nenhum tipo de interpretação inadequada, de quem quer que seja.

Cacófatos

Os cacófatos, encontros de sílabas que formam palavras ou expressões desagradáveis ou deselegantes, também fontes de derrapadas. Exemplos:

Nenhum segurança havia dado.
Governo confisca gado de fazendas.
Usei um pilão de socar alho.
Minha irmã, essa fada, sempre cuidou de mim.
Emagreci graças ao *cooper* feito diariamente.
Nunca gaste além do orçamento.

Cuidado com a palavra *fé*, grande causadora de cacófatos:

Fé de Paulo.
Ele tem pouca fé.
Os dois são muito diferentes quanto à fé: João, fé de mais; Pedro, fé de menos.

Outros encontros de palavras que acarretam sons desagradáveis. Por exemplo: Não se deve terminar uma oração ou um parágrafo e iniciar outro com a mesma palavra ou expressão. Exemplos:

Ele trouxe o amigo para trabalhar na empresa. A empresa estava em fase de expansão e...

Há uma considerável tensão nas relações internacionais nos dias de hoje. Nos dias de hoje percebe-se algo parecido com a retomada da Guerra

Fria.

Especial cuidado com eco, as sequências engraçadas, as combinações que criam dificuldade de pronúncia.

João, após a reunião, marcou o leilão.
O papa pede paz.
U*ma má*quina faz o trabalho de cinco homens.
Criou uma gri*fe fe*minina de grande sucesso.

UMA BOA REVISÃO

Como todos podemos derrapar, o jeito é não passar texto adiante sem uma boa revisão. De minha parte, quando se trata de texto de maior seriedade, costumo fazer o que chamo de revisão ponto por ponto, assim:

Primeiro, reviso com foco nas questões de pontuação;

Depois, reviso com foco em erros gramaticais, principalmente concordância e regência;

Por fim, dou reviso com atenção específica nas questões estéticas.

LIÇÃO DE CASA

3. Veja o vídeo 9 – Cuidado com as derrapadas.
4. Faça uma dissertação de três páginas sobre um tópico que você conhece bem. Use o *checklist* da Lição 6.

Lição 9 – Escrevendo um texto longo

Problemas dos textos longos

Os textos longos feitos por redatores menos qualificados costumam apresentar alguns problemas comuns. Os principais são os seguintes:

Desproporção no conteúdo – Algumas partes do texto ficam maiores ou menores do que deveriam.

Desequilíbrio na qualidade – Algumas partes do texto apresentam qualidade inferior à observada em outras.

Desconexão – Não há adequada ligação entre as partes do texto.

Inclusão de conteúdo irrelevante - Presença de conteúdo desnecessário ou não relacionado com o tópico em discussão.

Repetição – Há reapresentação de conteúdo, com mudanças no palavreado.

Falta de atratividade – Exposição sem vida, entediante.

Bom planejamento é a solução

Ora, se o planejamento é importante em qualquer tipo de texto, quando se trata de um trabalho mais extenso ele é ainda mais relevante. Para fazer um texto longo – um relatório, um artigo acadêmico, um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, uma dissertação, é necessário trabalhar com atenção redobrada no planejamento.

Vejamos como o bom planejamento pode ajudar na eliminação ou redução dos problemas mencionados:

Problema	**Solução no planejamento**
Desproporção no conteúdo	Ao elaborar seu sumário, o redator deve decidir qual é o tamanho que cada parte deve ter para haver coerência. Ele deve definir isso em número de páginas. Com um sumário adequado, ele terá indicações sobre o que deve pesquisar mais, para ter conteúdo relevante para sustentar as partes.
Desequilíbrio na qualidade	Com o sumário em mãos, o redator avaliará também se há equilíbrio no conteúdo disponível. Tenho material de boa qualidade para construir cada parte do texto. Se não tem,

	planeje a busca.
Desconexão	O sumário deverá refletir uma linha mestre de raciocínio. As afirmações da introdução deverão ter desenvolvimento e sustentação claros e específicos no decorrer do texto. Na fixação do sumário o redator poderá marcar as conexões que fará. Ao final deve ter uma visão clara do modo como desenvolverá suas ideias.
Inclusão de conteúdo irrelevante	Uma boa ideia aqui é detalhar bastante o sumário, inicialmente, e questionar cada um dos itens previstos, para decidir se é efetivamente necessário. Depois de fechado esse, com nível de detalhe adequado, deve ser seguido com rigor. Inclusões e exclusões posteriores poderão ser feitas, evidentemente, mas sempre com uma visão geral do texto.
Repetição	Um bom sumário ajuda a evitá-las, mas, elas poderão surgir em decorrência da sequência do

	trabalho de redação em si. O ideal é ir avaliando, de tempos a tempos, se o texto está correspondendo ao sumário e se não há repetições.
Falta de atratividade	Com vistas no sumário o redator poderá planejar atrativos para o texto. Estes serão exemplos, casos, demonstrações, caixas de texto ilustrativos, etc. A ideia é não deixar o ritmo e a força do conteúdo caírem. Adiante falaremos de modos de manter o texto vivo.

Elaboração em 7 etapas

Vamos adotar um processo de planejamento em nove etapas, para garantir que o texto longo não apresente os vícios comuns.

Texto longo – Etapas da elaboração

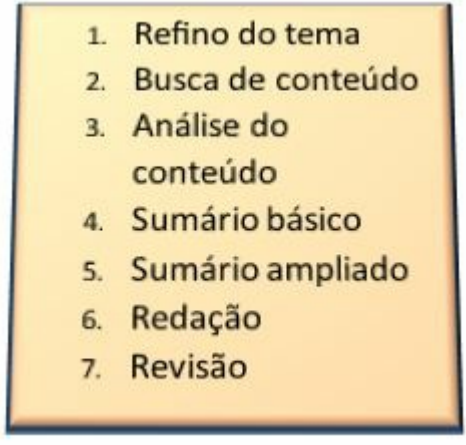

1 - Refino do tema

De algum modo, provavelmente o tema já estará dado. Mas, sempre se pode buscar o seu refino. Por exemplo:

Tema	Refino
Relatório sobre a situação da empresa (que se deseja comprar)	Situação da empresa – potencial de sucesso atual e crescimento

Dissertação sobre assédio moral	Assédio moral – Aspectos psicossociais
Discussão sobre a escola no país	A escola no Brasil – Ineficiências básicas

Para refinar o tema podemos usar uma variação do *Checklist* de Osborn (Alex F. Osborn, criador do *brainstorming*). É um *checklist* criativo que se aplica a tudo o que desejamos mudar para melhorar. Vamos ao nosso *checklist* adaptado, para refinar o tema:

Checklist para refino do tema

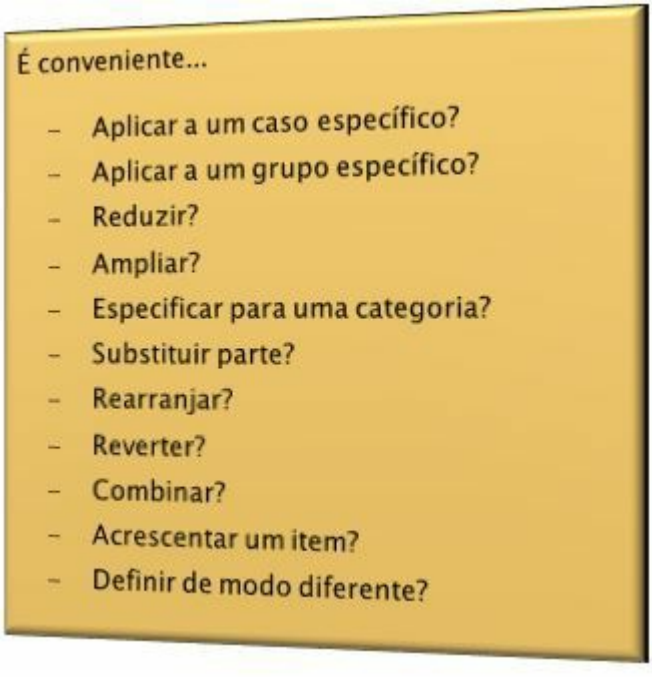

Ao final, o tema deverá estar bem definido, claro e preciso. Isso facilitará as etapas posteriores.

2 - Busca de conteúdo

Agora, tratando-se de um texto longo, é conveniente fazer uma busca adequada de material para o texto. Pode-se começar pela busca de material de terceiros. Junte tudo que estiver disponível, no material produzido por outras pessoas:

Livros
Apostilas
Artigos de jornais e revistas
Textos de Internet impressos
Documentos
Relatórios de entrevistas
Relatórios de pesquisa
Questionários preenchidos

Nessa fase, não se preocupe muito com a avaliação crítica do material. Simplesmente junte o que for possível.

Agregue a esse material suas próprias ideias e informações, igualmente sem se preocupar muito com a qualidade. Simplesmente anote tudo de seu que pretende usar. Para levantar material próprio, use o *checklist* da Lição 5 – *Criatividade na busca e produção de conteúdo*, isto é, pense em exemplos, casos, testemunhos, etc.

3 - Análise do conteúdo

Dê uma olhada geral no material, com os objetivos de:

Formar uma ideia geral sobre como enfocar o tema

Formar uma ideia geral sobre a sequência que o trabalho deverá ter

Identificar e marcar itens relevantes para a composição do sumário

Identificar eventuais lacunas de informação

Identificar material dispensável

Faça uma organização física adequada do material, para facilitar seu trabalho.

4 – Faça um sumário básico

Agora é necessário fazer um sumário inicial, provisório certamente, contendo a espinha dorsal de seu texto. É um sumário que contém só os itens principais, que é útil para você formar uma ideia do conjunto do texto.

Por exemplo: Suponha que você vá escrever um texto sobre treinamento de vendedores. O sumário básico poderia ser:

Exemplo de sumário básico

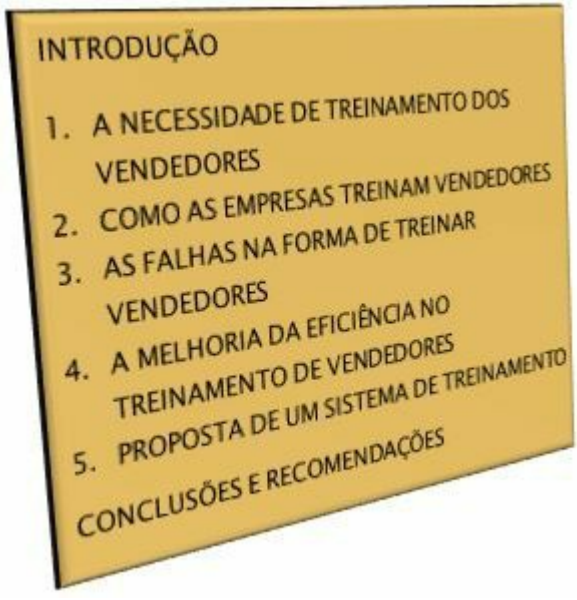

5 - Sumário ampliado

Na sequência, tome o sumário acima e preencha-o com subitens. Veja um exemplo com enfoque nas três primeiras divisões do sumário apresentado.

Exemplo de sumário ampliado

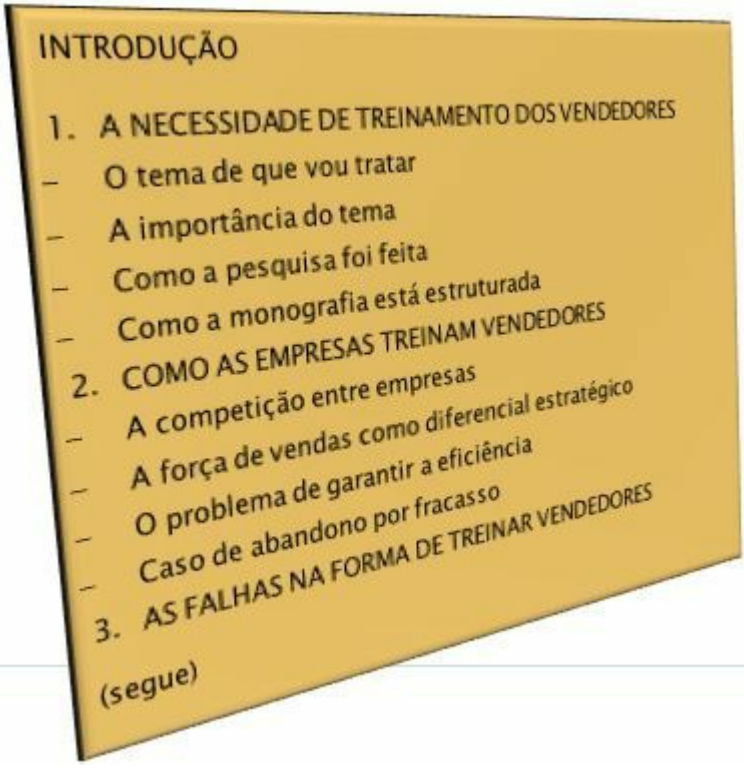

6 - Redação

Agora, redige-se cada um dos tópicos previstos. Para essa redação, pode-se fazer aquele esquema de planejamento de texto explicado na primeira lição.

No decorrer da redação vá fazendo as conexões devidas entre as partes do texto. Use frases que fazem a ligação entre as partes, como:

> Propusemos, na introdução, que... Agora vamos apresentar os argumentos que....

> Se é verdade que, como dissemos no capítulo anterior, o Estado tem de .... então, o que proporemos agora....

Igualmente, faça paradas de leitura, de tempos a tempos, para verificar se as partes estão devidamente vinculadas e se a sequência está dentro do previsto no sumário.

Verifique também o material coletado – seu e de terceiros – para ver se não está deixando nada para traz.

7 – Revisão

Por fim, faça a revisão, preferencialmente ponto por ponto como apresentado na lição anterior. Olhe o conteúdo, primeiramente; depois verifique questões gramaticais e de ortografia; depois, analise questões estéticas.

Você pode, na revisão final, submeter seu texto a um *checklist* de qualidade, conforme a seguir:

***Checklist* de qualidade do texto**
Adequação
• *À situação* – O tom, a extensão, a forma, o tratamento têm de variar conforme a situação em que se acham os interlocutores. Há situações que pedem gravidade e formalidade, outras que demandam maior descontração, outras ainda que exigem textos curtos enquanto que outras exigem textos longos.
• *Assunto* – Igualmente a forma do texto varia

conforme o assunto e *sintonizar-se* adequadamente é fundamental.

- *Leitor* – Quem é o leitor? O que ele sabe? Qual é seu grau de escolaridade? Qual é o nível de intimidade que o redator tem com ele? Há um texto adequado para cada perfil de leitor.
- *Redator* – Uma determinada afirmação do redator X poderá causar reação negativa, enquanto que a mesma afirmação será naturalmente aceita, se vier do redator Y. Quem comunica faz toda a diferença e o texto tem de adequar-se a isso.
- *Mídia* – Que mídia será usada: E-mail? WhatsApp? Carta? O texto tem de adequar-se à mídia.

Concisão

- *Conteúdo* – É só o necessário para a boa comunicação ou tem ideias ou informações extras que foram enxertadas ali por qualquer motivo alheio à busca da melhor comunicação?
- *Objetividade* – O texto está objetivo, isto é, focalizado no assunto e sem trajetos inúteis ou expressões de subjetividade inapropriadas?
- *Economia* – O texto atinge seus objetivos com o menor dispêndio de energia e tempo por parte do leitor?

Clareza

- *Palavras, frases, parágrafos são facilmente inteligíveis?*
- *Há precisão nas afirmações e raciocínios?*
- *Há completeza, isto é, todas as ideias e informações relevantes estão no texto?*

Coerência

- Aquilo que se está afirmando combina com fatos e com a realidade das coisas?
- A vinculação entre as partes é adequada?
- Observa-se coerência entre as afirmações e raciocínios do começo ao fim?
- As premissas ou afirmações levam com lógica às conclusões apresentadas?

Ordem

- A sequência da exposição é adequada?
- Há proporcionalidade no destaque dado às partes?
- Eventuais classificações apresentadas são adequadas?

Vigor e ênfase

O texto é caracterizado por palavras "vivas", fatos, números, coisas concretas?

Elegância

Observa-se simplicidade, equilíbrio, sonoridade, ritmo, bom gosto nas escolhas de vocabulário e na condução do

assunto?

LIÇÃO DE CASA

5. Veja o vídeo 9 – Cuidado com as derrapadas.
6. Faça uma dissertação de três páginas sobre um tópico que você conhece bem. Use o *checklist* da Lição 6.

Lição 10 – Usando a escrita como ferramenta de promoção na carreira

Amplie sua competência e use-a

Por que as pessoas estudam? Para aprender, certo, mas, por que aprender? Vamos à resposta óbvia e direta: salvo raríssimas exceções, as pessoas estudam para ampliar sua empregabilidade, para conquistar um trabalho que satisfaça as expectativas, para ganhar mais. Em síntese, estuda-se para adquirir competência para ganhar a vida de modo mais eficiente e seguro.

O curioso é que às vezes as pessoas adquirem uma nova competência e não sabem usá-la eficientemente. Isso é ruim. De que adianta ter a competência se não se faz um uso adequado dela? É preciso aprender a usar os próprios recursos de maneira mais comercial. Nada errado nisso.

Usando a competência adquirida

Melhorou sua competência para escrever? Então, comece a fazer uso estratégico dessa. Isso é fundamental, porque o uso inteligente é que permitirá que você entre num círculo virtuoso, que funciona assim: o uso traz resultados; esses criam motivação para continuar usando e, paralelamente, leva a maior aprendizado; este, por sua vez, permite chegar a resultados ainda melhores. Por outro lado, se você não usou, a competência “enferruja” e tende a perder-se.

Círculo virtuoso do aprendizado

Certa vez ouvi do grande publicitário e redator Washington Olivetto, em entrevista, uma narrativa que explica bem isso. Perguntado sobre seu sucesso, ele disse que teve sorte de ir trabalhar como estagiário em uma empresa que lhe deu oportunidade de criar e ofereceu clima e suporte para isso. Então, ele disse, conseguiu mostrar resultado, no nível em que estava. Daí, recebeu aplausos e ganhou novas oportunidades para continuar criando. Ficou entusiasmado, sua autoestima e autoconfiança melhoraram e continuou criando. Assim foi crescendo como redator publicitário até chegar ao reconhecimento público.

Aqui vão algumas ideias para você começar a usar a capacidade de redação para ganhar pontos na carreira:

1 - Melhore seus textos do dia a dia do trabalho e mostre-os às pessoas certas

Por exemplo, suponhamos que você trabalhe na área de vendas de uma empresa e que seja responsável para elaboração de um dado relatório. Melhore esse relatório e mostre ao chefe, perguntando-lhe se a mudança está conveniente. É evidente que algumas pessoas têm chefes acomodados e inseguros que não valorizarão as mudanças sugeridas. Paciência. Mas, mesmo que seja esse o caso, continue tentando aplicar a nova competência, porque os ganhos em termos de aprendizado virão e mais cedo ou mais tarde você acha uma oportunidade para mostrar serviço (nessa empresa ou em outra).

O mais provável é que, havendo uma mudança para melhor, na hora da real necessidade essa competência nova adquirida será demandada pelo chefe e pela empresa. Portanto, continue buscando a melhora – e mostrando serviço.

2 - Ofereça-se para escrever

Em praticamente todo tipo de trabalho, uma hora surge a necessidade de escrever algo: um relatório, uma ata, uma proposta. Ofereça-se para a tarefa. Assim, primeiro, você vai escrever mais e mais – e aprender mais e mais.

Segundo, você vai mostrar serviço, apresentando textos bons. Como essa competência é bastante útil em todos os tipos de organização, oportunidades poderão surgir daí.

Já notei que muitas vezes a dificuldade de escrever se deve apenas a um fator: falta de prática. A pessoa sente dificuldade e, por isso, acaba evitando as tarefas de redação. Logo, deixa de aprimorar-se nela. Então, ofereça-se para escrever.

3 – Melhore a qualidade dos textos que você faz em outras atividades

Por exemplo, está fazendo faculdade? Passe a fazer melhores textos nos diferentes trabalhos que são solicitados. As pessoas eventualmente não se esmeram para obter a máxima qualidade porque julgam que não haverá diferença entre algo excelente e algo apenas aceitável. Grande engano. Aquilo que alguém faz necessariamente aparece, para o bem ou para o mal. Assim, aparecer como competente cria oportunidades. Os professores, por exemplo, observam os alunos – e eles podem ter oportunidades a oferecer.

Acredite: o bom trabalho aparece e cria potencial para surgimento de boas oportunidades.

4 – Crie mensagens para estabelecer pontes com pessoas relevantes em sua carreira

A comunicação é a arma da divulgação de sua

competência, de suas credenciais para realizar uma função, de seu interesse, de sua motivação para determinada atividade. Há um tripé dos requisitos do sucesso nos tempos de hoje: popularidade, credibilidade, atratividade.

Tripé do sucesso

Você precisa aparecer para as pessoas certas, precisa mostrar que existe – isto é, atingir a popularidade. Mas, deve fazê-lo de tal modo que a imagem projeta seja positiva, capaz de angariar credibilidade. Por fim, tem de conquistar também a atratividade, porque as pessoas têm tendência a lembrar-se daquelas que são mais interessantes na hora das oportunidades. Assim, textos bons e, ao mesmo tempo, de bom astral, contendo informações agradáveis, tendem a trazer bons resultados.

Exemplos de pontes que você pode criar por meio de textos:

Você leu um livro profissional interessante. Suponha que haja uma pessoa conhecida que trabalhe em um cargo chave em uma organização. Você sabe que essa pessoa tem interesse profissional no assunto tratado. Escreva-lhe apresentando algumas ideias do livro e sugerindo-o. Pode-se, assim, criar um canal para discussão de temas de seu interesse e mostrar que você é pessoa com quem se pode trocar boas ideias.

Suponhamos que você tivesse interesse em trabalhar na área de marketing de uma dada empresa que acabou de lançar um novo produto. Escreva para a empresa falando do produto, que você comprou e está consumindo, e aproveite para tecer elogios (verdadeiros) sobre a estratégia de lançamento adotada.

5 – Escreva um artigo para um veículo de comunicação

Pode ser um jornal, uma revista, um site – todo tipo de veículo aceita colaboração de pessoas que tenham credenciais para falar de determinados assuntos. Por exemplo, se você é contadora ou contador, naturalmente pode falar de uma nova lei que afetará as pequenas empresas. Do mesmo modo, se você está na área de saúde, pode publicar uma orientação específica para prevenção de dada doença. Escrever artigo é um excelente modo de projetar-se – além de ser ótimo exercício para

desenvolver a competência de comunicação. Tome um tema relevante do ponto de vista dos leitores do veículo, faça um bom texto usando uma estrutura de dissertação que aprendeu aqui no curso, e envie-o à pessoa certa, como colaboração.

6 – Publique

Na internet há vários sites de autopublicação. Alguém que escreva um artigo, um livro, até mesmo uma poesia, certamente achará espaço para publicar. Digamos que você tenha alguma competência específica em dada área, tenha um conhecimento a compartilhar (não precisa ser nada extraordinário), é só uma questão de desenvolver a ideia e colocar no ar.

Muita gente faz um grande esforço para escrever, digamos, um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, na faculdade ou na pós-graduação. Por que não publicar esse texto, fazendo as adaptações necessárias? Pode-se advir daí algum benefício – de divulgação ou até financeiro. Quem publica abre janelas de oportunidade.

7 – Faça textos promocionais

Muitas pessoas têm atividades autônomas nos dias de hoje ou têm pequenos negócios. Essas devem usar a competência em redação para elaborar textos promocionais de seus produtos ou serviços. Por exemplo, a pessoa pode fazer um bom e-mail apresentando seu

serviço e endereçá-lo a clientes potenciais escolhidos. Pode igualmente fazer textos para o Facebook ou outro site de relacionamento.

A internet oferece oportunidades de divulgação gratuita extraordinárias. Há muitos sites que mostram como promover-se pela por meio da rede. Se você tem uma atividade autônoma ou um pequeno negócio, estude mais o assunto e, mãos à obra.

CUIDE BEM DE SI MESMO

Bem, uma palavra final sobre o aprendizado de redação: Só você pode aprender por você, só você pode fazer bom uso, só você pode cuidar do seu desenvolvimento pessoal e profissional. Não há curso que ensine você, mas, se você quiser aprender as oportunidades existentes hoje são imensas – e você aprenderá com qualquer curso e com todos os recursos que estiverem disponíveis. Igualmente, depois de aprender, só você poderá cuidar de fazer um bom uso. Se não houver oportunidade na função atual, mude, busque outras alternativas. Use a criatividade para encontrar espaço para usar plenamente seu potencial. Por fim, só você poderá cuidar com a devida atenção do seu desenvolvimento pessoal – conquista de posições com maior oportunidade para contribuir e conquista de maior sucesso.

Então, cuide bem do seu interesse.

Palavra final

Bem, chegamos ao fim de nosso curso. Espero que ele tenha trazido principalmente motivação para o aprendizado, porque esse deve prolongar-se por toda a vida. Espero também que algumas ideias aqui apresentadas tenham provocado mudanças para melhor na sua forma de sentir, pensar e agir – e que você possa colher os frutos disso.

Boa sorte!

Mas, o assunto não acabou. A seguir você encontra um anexo com uma cópia do *e-book Guia para Aprendizado mais Fácil de Gramática.* Sugiro que você leia - e verá que ele é uma complementação do que discutimos aqui.

Anexo 1 - Guia para o aprendizado mais fácil de gramática

Este guia

Fui convidado a dar aulas de redação, gramática e interpretação de textos para profissionais de contabilidade que precisavam fazer o exame do CFC - Conselho Federal de Contabilidade. Argumentei que estava meio “enferrujado” na área, mas, considerando minha formação em Jornalismo e minha prática como escritor, além do fato de eu conhecer a realidade dos profissionais da área contábil, insistiram para que eu aceitasse essas aulas.

Nas aulas, percebi que seria difícil para os profissionais da área estudar a gramática da maneira tradicional, o que eu próprio faço muito pouco. Resolvi então mostrar meu modo de resolver os problemas – e buscar o conhecimento suficiente. Acabei criando a expressão *aprendizado pelo caminho da prática*, que aqui apresento.

Não espere encontrar a erudição que um estudo mais completo da língua requer. Vamos direto às formas de estudar que, a meu ver, são adequadas a pessoas que não são profissionais da área gramatical. O manual será útil para o contador, o economista, o administrador, o

advogado, o executivo, enfim, para gente que tem de escrever (todo o mundo) mas não tem como priorizar o estudo mais aprofundado da gramática.

Este manual passou a fazer parte do meu Curso Prático de Redação, que ofereço na versão online. Os interessados poderão entrar em meu canal do Youtube e ver vídeo sobre ele.

Caminhos de aprendizado

Tenho em mãos dois bons livros de gramática. O primeiro deles é a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara. Este trata, por exemplo, da distinção entre verbos nocionais e relacionais e também do conceito de taxis, que "assinala a posição de um acontecimento em relação a outro sem consideração do ato de fala". O segundo é a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Linley Cintra. Em suas 762 páginas é bem mais acessível que a gramática de Bechara, mas, ainda assim trata de zeugma, anástrofe, hipérbato, e seus exemplos são extraídos da literatura, como: "As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de azedas ou adstringentes que dantes eram" (Marquês de Maricá).

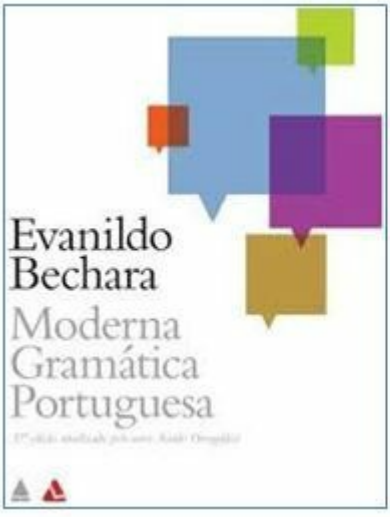

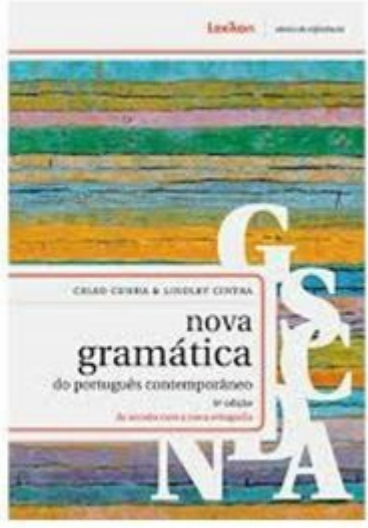

A melhor maneira de aprender gramática é tomar livros como esses e estudar com calma e atenção, refletindo e fazendo os devidos esforços para entender conceitos mais complicados, tomando notas, buscando leituras complementares, ouvindo aulas de professores eruditos, etc. Esse tipo de estudo é recomendado para profissionais: professores de português, escritores do segmento literário, tradutores, críticos, enfim, intelectuais que de um modo ou outro lidam com os problemas da língua.

Profissionais de outras áreas nem sempre têm condições de aprender desse modo erudito, por assim dizer. Não dispõem do tempo e nem da tranquilidade suficiente para estudar a gramática com o necessário aprofundamento e, além disso, frequentemente não têm interesse, porque as

questões que mais os preocupam são de outros campos. Para esses profissionais – o médico, o executivo, o contador, o advogado – a melhor forma de aprender é outra, que chamarei de *caminho da prática*.

O caminho da prática

O caminho da prática pressupõe:

* *Aprender com o uso* – Se a pessoa passar a usar as expressões "*não obstante*" e *"a despeito de"* (que provavelmente conhece mas não usa) em vez de "*apesar de*" acaba por incorporá-las a seu vocabulário ativo, o que refletirá em linguagem mais elegante e variada. O uso repetido leva à consolidação do aprendizado. Logo, pesquise, descubra seus erros, corrija-os e pratique o certo muitas vezes, que esse vai tornar-se natural e automático em sua expressão.

* *Concentração nas áreas de real interesse* – Por que aprender os tempos verbais do verbo "*apoquentar-se*" se ele raríssimas vezes é usado? Por que entender em profundidade o conceito de taxis, se não se vai lidar com as questões técnicas mais complexas da língua? Essas podem bem ser deixadas para os especialistas. Em caso de necessidade, consulte.

* *Estudo sob demanda* – A ideia é buscar apenas a porção certa de conhecimento na hora certa. Por exemplo: Fico na dúvida se devo dizer "*obedecer o pai*" o ou "*obedecer ao pai*" e então vou buscar a solução. Se a palavra ou expressão for muito usada consultarei muitas vezes e acabarei por aprender o uso correto.

* *Do específico para o geral* – Em vez de aprender a regra para extrair a orientação para acentuação de uma palavra, posso aprender a acentuá-la sem me preocupar com a regra. Com o passar do tempo vou percebendo *de ouvido* que certas palavras que têm algo em comum têm também o mesmo tipo de acento: maná, manacá, café, até, avó, carijó. Por outro lado, ao perceber igualmente que "*Parati*" e "*caju*" não têm acento começo a entender também que o mesmo se aplica a "caqui, juriti, Itu". Daí a pessoa começa a entender a diferença entre os dois conjuntos: *a, e, o fortes* no final levam acento, quando *i* e *u* não levam.

* *Aprendizado pela exceção* – Quando a pessoa lê um bom livro sobre erros comuns de português ela descobre, por exemplo, que fala erroneamente "mer***e**tíssimo" e não "mer***i**tíssimo" como deveria. O erro marca. Aprender a evitar erros comuns é um caminho usualmente mais curto que aprender a escrever e falar certo.

* *Aprender pela repetição* – Depois de conferir cinco vezes a tabela do hífen para escrever "autoajuda", a pessoa acaba percebendo que a palavra não tem hífen e que outras formadas por "auto" seguidas de vogal igualmente não têm.

* *Aprender jogando* – Por meio de um aplicativo de jogo simples se pode aprender facilmente a leitura das notas

musicais. Igualmente por meio de exercícios na internet se pode aprender gramática. Depois de fazer 50 exercícios de regência a pessoa passa a entender o que é regência sem ter estudado o assunto. O jogo é prazeroso e torna o aprendizado estimulante e mais fácil.

Usar a tecnologia – O mundo mudou radicalmente com o advento da tecnologia da informação. Tudo que diz respeito a conhecimento e sua aquisição foi afetado pela internet e a revolução que acarretou. Recursos extraordinários abrem novas janelas de oportunidades de aprendizado para todos. Está tudo à mão: vídeos, sites, jogos, *podcasts*, e-books, cursos EAD. O uso dos novos recursos que permitem acelerar como nunca o aprendizado. Use tudo.

Estratégia de aprendizado

Para aprender gramática de modo mais fácil é conveniente estabelecer uma boa estratégia de aprendizado. Isso é decidir o que estudar, o que não estudar, e as formas de estudar. O quadro abaixo ajuda nessa tarefa.

Exemplos sobre o que estudar/não estudar

Tópico	**Observações**
Conceitos gerais de fonologia: vogais, semivogais, consoantes; dígrafos e encontros de vogais e consoantes, sílabas, acento tônico.	**Deve-se estudar** o essencial. Cabe em poucas páginas, não oferece dificuldade à compreensão e ajuda bastante a resolver problemas em outras áreas da gramática.
Grafia de palavras com as letras *x, ch, c, ç, s, z, j, g* e hífen.	**Não estudar**. São muitas regras, algumas complexas, exigem outros conhecimentos (por exemplo, origem das palavras). É melhor ir pela exceção - consultar, no caso de dúvida, e aprender "de ouvido", pelo uso.

Regras de acentuação.	**Deve-se estudar.** As principais são poucas, facilmente assimiláveis e resolvem a maioria dos casos. Caso você não memorize imediatamente algumas, não há problema, pois, com as consultas ao longo do tempo se pode aprender.
Conceitos fundamentais como sinônimas, antônimas, homônimas e parônimas.	**Estudar**. Pouco estudo e melhoria da compreensão geral, para resolver problemas.
Morfologia – estrutura das palavras, origens, processos de formação.	**Não estudar**. Não há aplicação imediata para a solução de dúvidas e problemas. O esforço pode ser mais bem usado em outros tópicos.
Classes de palavras – Substantivo, adjetivo, etc.	**Estudar.** Essencial para compreensão de outras questões, fundamental para resolver problemas. Compreensão rápida e

	fácil – pouco estudo, muito resultado.
Pontuação.	**Estudar.** Muito pouco estudo, enorme impacto na redação. Imprescindível estudar.

O quadro acima é parcial. O importante é você desenvolver a sensibilidade para decidir sobre o que convém e o que não convém estudar, principalmente considerando suas necessidades específicas. Tome a Gramática Completa para Concursos e Vestibulares, de Nílson Teixeira de Almeida (veja adiante). Ela só contém o essencial em cada tópico. Use-a para fazer uma análise sobre o que é relevante estudar ou não. Estabeleça prioridades a partir daí – estude primeiro o que é mais relevante e, se houver tempo e necessidade, estude o resto.

Note que há coisas que não se tem como estudar ou que é difícil estudar. Por exemplo: os adjetivos pátrios, que indicam a origem de uma pessoa ou coisa, como por exemplo, a pessoa que nasce na cidade de São Paulo – paulistana. Qualquer lista que as boas gramáticas apresentem será ridiculamente limitada e dificilmente incluirão o adjetivo pátrio da pessoa nascida, por

exemplo, em Duartina, SP, que é duartinense. Sendo assim, nesse caso é melhor não estudar e sim consultar. Com o tempo se aprendem aqueles de maior interesse.

Autodidatismo

Vale a pena a pessoa adotar práticas para aprender consigo mesma. Isso sempre foi viável e eficiente e nos dias de hoje o é ainda mais. Pessoas que querem realmente aprender conseguem conquistar a competência básica de conversação em uma outra língua por meio de vídeos, cds, programas de tv. Ao fazer um exercício na internet, realizar uma pesquisa específica, escrever um texto para autoavaliação a pessoa vai aprendendo sem mestre.

Aqui vão duas sugestões que levam seguramente ao aprendizado da língua:

1

Faça uma redação no computador, no Word (Office), tomando o cuidado de desabilitar antes o corretor automático do programa. Para fazê-lo, entre em Revisão, siga para Idioma, daí passe a Definir idioma de revisão de texto. Na caixa que aparecer, habilite Não verificar ortografia ou gramática e clique no botão Definir como padrão. Depois que escrever a redação, faça a mesma operação, para reabilitar a revisão. Daí, o Word apresentará com grifo vermelho as palavras grafadas com possível erro e com grifo verde os possíveis problemas gramaticais (ver adiante em Uso do corretor do Word).

Analise as palavras e partes grifadas e descubra seus erros.

Redação

O trabalho do executivo

Muita vezes se pensa que o trabalho do executivo é facil, mas não é. Todo dia tem poblemas os mais diversos e é preciso dar soluções rápida.

2

Peça a alguém para ditar um texto para você e escreva-o no Word, usando o mesmo processo acima.

O autodidatismo é a premissa orientadora básica de todo este guia. Os outros recursos que serão apresentados levam a ele.

Dois livros de gramática

Já mencionamos até o momento três livros de gramática. Dois para o estudo pela via da maior erudição e um para o estudo pela via da prática.

Livros mais completos e aprofundados

* *Gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, Editora Lexicon. Gosto do texto porque é bastante didático, além de ter uma diagramação que torna a leitura mais agradável e produtiva.

* *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, Editora Nova Fronteira. Excelente, mas, mais indicado a quem estiver disposto a fazer um esforço maior para compreensão, pois, aprofunda mais nas questões e não tem preocupações didáticas.

Gramática resumida

* *Gramática completa para concursos e vestibulares* – Nílson Teixeira de Almeida, Editora Saraiva. Excelente porque embora traga textos bastante curtos sobre cada um dos tópicos, enfoca tudo o que é essencial e apresenta mais de 500 testes com respostas comentadas, o que facilita sobremaneira a compreensão.

Minha sugestão é que você tenha dois livros de gramática: um mais completo e aprofundado, como os dois primeiros, e um mais resumido, como o terceiro. Pode escolher entre os sugeridos e os muito outros que se encontram nas grandes livrarias. É bom sempre levar em conta as preferências pessoais em termos de tratamento e diagramação, para tornar a leitura mais produtiva e prazerosa.

Esses livros servirão para consultas pontuais, mas não só para isso. A ideia é que você vá lendo aos poucos, sem propósito específico imediato, o livro resumido, para ir formando um quadro geral da gramática e memorizando os pontos chaves. Paralelamente, com alguma periodicidade e dentro das condições de tempo e interesse, complementa a leitura de um tópico da gramática mais resumida. Assim, vai mantendo-se com ligação com as questões mais aprofundadas da língua.

Que essas leituras sejam feitas sem estresse e sem compromisso com aprimoramento imediato.

Livros sobre erros

Livros de erros comuns fazem sucesso, com razão. Oferecendo um alerta para os erros mais frequentes permitem que as pessoas fiquem vigilantes com relação a eles, melhorando sua fala ou escrita. Têm também a grande vantagem de permitir o estudo por partes – por exemplo, algumas questões pontuais por dia, de modo descontraído, em qualquer lugar e a qualquer hora. Por exemplo, fica difícil ler um texto mais exigente de gramática no metrô. Já o livro de erros, por ser organizado em tópicos independentes, permite a leitura fragmentada, que se amolda bem a condições de tempo e lugar com maior flexibilidade. Sem precisar de forte concentração, a pessoa vai assimilando os alertas de erros.

Há muitos bons livros na área. O ideal é ir à livraria e escolher o que mais se ajuste a seu interesse e estilo de leitura. Algumas sugestões:

- 300 Erros mais Comuns da Língua Portuguesa, de Eduardo Martins, Editora BF&A.

- Corrija-se! de A a Z, de Luiz Antonio Sacconi, Editora Nova Geração.

- Dicionário de Erros Correntes da Língua Portuguesa, de João Bosco Medeiros e Adilson Gobbes, Editora Atlas.

- Erros Nunca Mais, de Ivo Korytowski, Editora Alta Books.

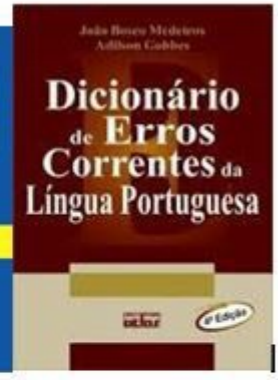

Sites de gramática

Há excelentes sites de gramática à disposição dos interessados, todos gratuitos. O site usualmente reúne conteúdo equivalente ao de muitos livros, apresenta um panorama geral sobre esses assuntos e permite a navegação entre os vários tópicos. Em síntese, possibilita uma nova forma de buscar, captar, associar e assimilar informações. Igualmente permite arquivo de documentos relevantes, cópia de partes, etc. Tudo de modo fácil e dinâmico.

A sugestão é que o leitor faça a experiência de navegar entre alguns deles e escolha os mais convenientes para marcar como favoritos.

Algumas sugestões:

http://www.soportugues.com.br

http://www.gramaticaonline.com.br

http://brasilescola.uol.com.br/gramatica/

http://www.normaculta.com.br/

https://duvidas.dicio.com.br/

http://www.linguabrasil.com.br/

http://www.portuguesaovivo.com.br/

www.linguabrasil.com.br
Dúvidas de português? Pergunte à Professora.
Língua Brasil
Instituto Euclides da Cunha
Não Tropece na Língua | Mural de Consultas | Palavras Compostas | Pesquisa no Sítio
Bem-vindos ao sítio Língua Brasil
Não Tropece na Língua
Veja também:
Sobre Maria Tereza
Livros
Confira nossa promoção

Testes

Aprender de modo lúdico é uma forma de adquirir conhecimento sem maior esforço, de modo natural e com motivação ampliada. Ademais, há a questão do autoconhecimento e autodesafio – todo o mundo gosta de saber como está e se pode resolver questões. Por fim, o teste indica erros – logo, apontas fraquezas a serem corrigidas. Em síntese, ensinam muito. Há uma infinidade de testes na internet

http://exercicios.brasilescola.uol.com.br/exercicios-gramatica/

https://www.pciconcursos.com.br/simulados/portugues/bH

https://www.concursosnobrasil.com.br/questoes/

http://terrorportugues.com.br/simulados.php

http://www.vestibular1.com.br/exercicios/especificos_por

Português

1) Dadas as palavras

I. enchente
II. sensatez
III. paralisia

Verificamos que estão corretas:

a) todas as palavras
b) apenas I e II
c) apenas I e III
d) apenas II e III

2) Designando

I. período composto por coordenação sindética
II. período composto por coordenação assindética

Material de consulta

Há uma antiga piada sobre um general que estava ditando um texto ao seu secretário. Ele disse: “Coloque aí: a reunião será realizada na sexta-feira.” O secretário perguntou: Senhor, sexta-feira escreve com x ou com s?” O general continuou: “Mude, mude: a reunião será realizada quinta-feira.” Eis aí o que não se pode fazer, se se pretende aprender a língua. Não se deve fugir das dificuldades, mas enfrentá-las. Na dúvida, consulte. Consultar é uma ótima maneira de ir aprendendo. Dá um pouco mais de trabalho que mudar a data da reunião, mas compensa em termos de aquisição de conhecimento.

É fundamental manter sempre à mão alguns recursos de consulta. Aqui vão os principais:

Google

Antes de mais nada, o grande oráculo da atualidade, o Google, porque ele comanda quase todas as outras buscas. O Google é excelente para resolver rapidamente problemas pontuais da língua. Basta descrever o problema diretamente na busca e lá aparecem os sites com a solução. Possivelmente você não precisará nem sequer entrar nos sites. Basta ver o descritivo apresentado como resultado da busca, na própria tela do Google. Busque,

por exemplo: “Regência do verbo participar”, “Antônimo de caprichoso”, “Costumar ou acostumar”. As respostas aparecem imediatamente. Uso bastante esse recurso.

Outro recurso que costumo usar, quando percebo que a expressão vai dar algum trabalho na busca convencional, é o seguinte: Entro no Google Notícias e coloco lá o nome de um jornal consagrado pelo cuidado com a língua (Estadão, por exemplo) e a busca que desejo fazer. Por exemplo: “Estadão Nova Iorque”. Rapidamente percebo que o Estadão grafa “Nova Iorque” e também “Nova Iork”. Escolho uma grafia e sigo em frente em meu texto, considerando que a probabilidade de estar correto é quase cem por cento, principalmente em se tratando de coisa relativamente simples, como é o caso.

Volp

Volp – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, mantido pela Academia Brasileira de Letras, é o registro oficial das palavras em uso na língua. Inclui palavras estrangeiras que foram incorporadas pelo idioma (e, portanto, devem ser grafadas sem itálico), como marketing, shopping, internet, etc. Pode ser consultado na internet – bastando para isso inserir a palavra “volp” na busca do Google. Isso facilita a vida de quem está trabalhando no computador e precisa fazer consultas

rápidas, para dirimir dúvidas sobre grafia. Por exemplo: O verbo é “dirimir” ou “diremir”? O Volp esclarece imediatamente.

É o caminho certo também para solucionar controvérsias. É a lista oficial.

Agora já é possível também baixar o aplicativo do Volp no celular.

Dicionário

Um bom dicionário traz muito mais esclarecimento que meramente dar o significado de uma palavra. Ele aponta os diferentes sentidos que um vocábulo apresenta e suas

particularidades, classe, gênero, diferentes regências, usos consagrados, antônimos, expressões em que entra, origem etimológica, etc. Olhar o dicionário com mais atenção é uma boa prática, pois, cada consulta pode ser uma oportunidade de aprendizado.

Os grandes dicionários em brochura costumam ser mais completos. Mas, as versões online também estão ficando cada vez melhores. Eis algumas boas opções:

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis - http://michaelis.uol.com.br/

DPLP – Dicionário Priberam da Língua Portuguesa - https://www.priberam.pt/dlpo/

Aulete Digital - http://www.aulete.com.br/

Manuais de redação

Quando se escreve um numeral com número e quando se escreve por extenso? Se não houver uma normalização, corremos o risco de escrever ora de um jeito, ora de outro, o que é inadequado. Uma boa alternativa é consultar os manuais de redação dos grandes jornais de São Paulo, que dão orientações para a padronização e escrita correta de seus textos – o que vale também para nós. Estão disponíveis online e você pode escolher aquele que for da sua preferência. Sugiro que use com cuidado, porque o do Estadão, está desatualizado (o que não tira

seu valor).

Sugiro que você vá aos sites e navegue lá, para aprender um pouco sobre o que oferecem. Por exemplo, o do Estadão, já citado aqui, traz esclarecimento de dúvidas de A a Z e também um vocabulário de A a Z. Nas dúvidas alerta-se que o certo é “dignitário” e não “dignatário”. Ali se vê também, no vocabulário, que o nome certo da grife é “Hermès”, caso você esteja querendo saber.

http://www.estadao.com.br/manualredacao/

http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_introd

Manual de redação da Presidência

Ainda na categoria dos manuais de redação, há o da Presidência da República. Note que a expressão Presidência da República foi grafada com iniciais maiúsculas, mas, presidência da IBM se grafa com *p* minúsculo (consultei o Manual do Estadão para sanar essa dúvida que tive aqui). Mas, voltemos ao manual da Presidência. Completíssimo, traz tudo o sobre correspondência oficial. Esta é a comunicação entre órgãos do governo e também entre particulares, em questões de relacionamento formal, oficial. Está disponível no link abaixo e é conveniente que você dê uma olhada, para saber em que poderá usá-lo.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

Sites específicos de verbos

Há sites específicos para diferentes questões da língua. Por exemplo, alguns tratam exclusivamente de verbos. No *Conjuga-me* cada verbo é apresentado em um browser com todos os seus tempos.

http://www.conjuga-me.net/

Tabelas

As tabelas também facilitam a solução rápida e fácil de problemas e, com o passar do tempo, acabam funcionando como recurso de aprendizado. Tenho uma específica do

hífen em minha área de trabalho do computador. Consulto com regularidade porque ainda não memorizei as regras do acordo gramatical para o hífen. Há outros tipos: tabela de conectivos, de interjeição, de parônimos, etc. A ideia é verificar as dúvidas frequentes que você tem e pesquisar se há uma tabela que se aplica.

http://redacaoparaconcursos.com.br/tabela-conectivos/

http://educacao.uol.com.br/portugues/reforma-ortografica/2009/01/30/hifen-prefixos.jhtm

Correções do Word

Como já se exemplificou acima, o Windows Office Word, programa mais popular de digitação de textos, traz um excelente recurso para quem deseja aprender de modo mais fácil e direto – o revisor de ortografia e gramática. No item **Revisão** do menu, há, no canto superior esquerdo do browser, o ícone do revisor, que pode ser usado em qualquer ponto do texto que o redator deseje. Ao clicar nesse, inicia-se uma revisão desde o início do documento, com indicação de palavras e expressões com potenciais erros e indicação de sugestões de correção. Indica com grifo vermelho os termos grafados de modo provavelmente errado e com grifo verde os erros prováveis de construção de frases, pontuação, inadequação lexical, regência, concordância, colocação do pronome, etc.

É só uma questão de manter o software atualizado, os recursos habilitados, e de prestar atenção nas sugestões do programa, para aprender com elas.

O autor

José Antônio Rosa é consultor, professor, palestrante e escritor. Fez graduação em Jornalismo (PUC/Campinas), mestrado em Administração de Empresas (PUC/São Paulo) e doutorado em Ciências da Comunicação (USP/SP). Escreve nas áreas de gestão, comunicação, carreira, e produz textos específicos para EAD. Dá aulas de pós-graduação.

Contato

https://sites.google.com/site/consultorjoserosa/

Curso Prático de REDAÇÃO

* 10 lições curtas e objetivas
* Enfoque na prática

JoséAntônio Rosa

JAR.Edições@

Curso Prático de Redação

10 lições em texto
10 vídeos
E-book complementar (Anexo)

José Antônio Rosa

São Paulo, janeiro de 2017
JAR.Edições@

Sumário

Este curso
Lição 1 – Sem planejamento não dá
  Começando errado
  O plano, em três etapas
  Sumário inicial
  LIÇÃO DE CASA
Lição 2 – Ponha informação de valor no seu texto
  Platitudes, blá-blá-blá e *achologia*
  LIÇÃO DE CASA
Lição 3 – Palavras, frases, períodos, parágrafos
  Palavras
  Frases ou orações e períodos
  Parágrafos
  LIÇÃO DE CASA
Lição 4 - Conhecimento essencial de gramática e como adquiri-lo de modo natural
  Identificar problemas e resolver
  Conhecimentos essenciais
  Resolvendo problemas

LIÇÃO DE CASA
Lição 5 – Criatividade na busca e produção de conteúdo
O que é criatividade
O medo e os hábitos são os grandes bloqueios
Checklist para criatividade no texto
LIÇÃO DE CASA
Lição 5 – Usando estruturas básicas de texto
Estruturas e sua importância
LIÇÃO DE CASA
Lição 7 – Textos adequados aos dias de hoje
Estética da época
Comportamento dos leitores
Fragmentação do texto
LIÇÃO DE CASA
Lição 8 – Principais derrapadas na redação e como evitá-las
Derrapadas no texto
Fontes de ambiguidade
Cacófatos
LIÇÃO DE CASA
Lição 9 – Escrevendo um texto longo
Problemas dos textos longos
Bom planejamento é a solução

Elaboração em 7 etapas
LIÇÃO DE CASA
Lição 10 – Usando a escrita como ferramenta de promoção na carreira
Amplie sua competência e use-a
Palavra final
Anexo 1 - Guia para o aprendizado mais fácil de gramática
Este guia
Caminhos de aprendizado
O caminho da prática
Estratégia de aprendizado
Autodidatismo
Dois livros de gramática
Livros sobre erros
Sites de gramática
Testes
Material de consulta
Correções do Word
O autor

Este curso

O *Curso Prático de Redação* compõe-se de dez lições escritas, acompanhadas de exercícios, e dez vídeos curtos e diretos sobre cada um dos tópicos. Foi elaborado com base na prática do autor, profissional da escrita. Ao final do texto, você encontra um anexo com o e-book *Guia para o aprendizado mais fácil de gramática*.

Abaixo o link para os vídeos (pede-se que você compartilhe apenas com pessoas de seu relacionamento próximo, a quem eventualmente queira mostrar o curso).

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzRdCKVxgHrJTLFsdFUSnVHRbR_haeOa0

Lição 1 – Sem planejamento não dá

Começando errado

Frequentemente apresento seminários presenciais de redação. A primeira coisa que faço é pedir às pessoas que escrevam um texto de apresentação pessoal. Com raríssimas exceções, as pessoas começam a escrever imediatamente, sem fazer um plano do texto. Está errado. Ao começar sem um plano a pessoa vai escrevendo de modo errático, à medida que as ideias vão surgindo, e frequentemente o texto final apresenta algum ou alguns dos seguintes vícios:

- Ausência de ideias ou informações relevantes
- Presença de ideias ou informações menos relevantes
- Desproporção no tamanho dos tópicos
- Ênfase onde não é apropriado
- Falta de ênfase naquilo que realmente importa
- Sequência imperfeita

Nunca comece sem um plano. Em todos os concursos, seleções, vestibulares há papel para rascunho – e ele deve ser usado, primeiramente, para se fazer o plano do texto. Também na redação profissional sempre é possível fazer um plano antes de começar a escrever.

Acredite no planejamento. Com o tempo você vai perceber que se mantiver a disciplina nessa atividade seus textos melhorarão muito. Ao planejar regular e

sistematicamente você começará a perceber cada vez melhor as regras básicas de qualidade do conteúdo, da proporção e sequenciamento do texto. Com o passar do tempo, fazer bons planos ficará cada vez mais fácil.

O plano, em três etapas

Quando você for fazer qualquer tipo de texto de alguma importância, faça um plano, em três etapas:

1. Decida o que deve constar no texto
2. Decida a ordem dos tópicos
3. Decida o peso a dar em cada um dos tópicos

O que deve constar no texto

Você vai fazer uma lista das coisas que devem constar no texto. Duas alternativas:

a) Você fez alguma pesquisa e tomou notas? Se sim, dê uma olhada geral nessas notas e vá fazendo uma espécie de rascunho da lista, com os tópicos que inicialmente julga relevantes para o texto. Quando terminar de fazer a lista dê mais uma olhada para ver se tudo que é importante consta nela e se há coisas que são menos relevantes e podem ser tiradas.

b) Se você não fez nenhuma pesquisa e vai recorrer somente àquilo que tem na mente, pense, reflita com atenção, procure liberar sua criatividade e coloque na lista o maior número possível de tópicos. Depois de ter feito isso, dê uma olhada final para ver se não faltou nada de importante ou se há coisas menos relevantes para tirar.

Decidindo a ordem dos tópicos

Agora que você tem uma lista dos tópicos a tratar no texto, decida qual vai ser a ordem desses. Decida inicialmente o tópico que deve vir em primeiro lugar – e escolha para essa posição algo de peso, para segurar o leitor logo de início. Depois, vá numerando os demais tópicos, na sequência que se mostre mais adequada para levar adiante sua mensagem.

Do ponto de vista prático, se se trata de um texto escrito a mão, usualmente (após fazer a lista) costumo numerar os tópicos à direita, colocando os números dentro de círculos. Isso facilita a visualização da ordem.

Decidindo o peso

Com os tópicos já ordenados na lista, analisa-se o todo e cada um dos itens e decide-se o peso que tópico deverá ter no texto final. Se estiver escrevendo à mão coloco o peso igualmente à direita, dentro de um quadrado. Defino o peso em linhas, parágrafos ou páginas.

Fazendo o plano

Um jeito prático e rápido de planejar. No caso abaixo,
estou elaborando um texto de oito páginas sobre marketing digital
para pequenas empresas. O plano mostra a ordem dos tópicos
E qual a dimensão de cada tópico, em páginas.

Como iniciar (10) [1 1/2 P]

Redes sociais ~~(6)~~ (7) [1 P]

O que é MKD (2) [1/2 P]

Características do MKD (3) [1/2 P]

Advento da internet (1) [1/2 P]

Vantagens do MKTD (4) [1/2 P]

Acessível aos pequenos ~~(8)~~ (9) [1/2 P]

Sites e blogs ~~(7)~~ (8) [1 P.]

Práticas principais do MKD ~~(5)~~ casos (6) [1 P]

Tipos de ações do MKTD (5) [1 P]

Sumário inicial

Na verdade, o que é o plano? Nada mais que um sumário do texto – uma estrutura de tópicos ordenada, com a sequência que se mostre mais lógica e o adequado dimensionamento. Sumário é o popular "índice" que se encontra no início de cada livro. Na verdade, o nome certo é sumário, pois índice tem outros sentidos.

Quando se trata de um texto mais longo é útil passar o sumário a limpo, já com a ordem adequada. Esse sumário será provisório, porque no decorrer do texto pode ser que se mostre interessante fazer uma ou outra mudança.

Veja como ficou meu sumário do exemplo acima, com breve resumo do que pretendo tratar em cada unidade:

Sumário

1. *Advento da internet – ½ página* – Discorrer sobre o impacto que o surgimento da internet trouxe para os negócios e o marketing.
2. *O que é marketing digital – ½ página* – Apresentar o conceito de marketing digital.
3. *Características do marketing digital – ½ página* – Falar sobre as características do marketing digital, comparando-as com as do marketing tradicional.
4. *Vantagens do marketing digital – ½ página* – Apresentar as principais vantagens do marketing

digital – Personalização, controle dos resultados, preço, flexibilidade.

5. *Tipos de ações do marketing digital – 1 página* – Discorrer sobre divulgação, vendas e formação de comunidades no contexto do marketing digital.
6. *Práticas principais do marketing digital - casos – 1 página* – Apresentar um exemplo de atuação em rede social, um exemplo de atuação em site e um exemplo de blog promocional.
7. *Redes sociais – 1 página* – Mostrar de modo sucinto as práticas mais adotadas de marketing em redes sociais.
8. *Sites e blogs – 1 página* – Mostrar de modo sucinto as práticas mais adotadas de marketing em sites e blogs.
9. *Acessível aos pequenos – ½ página* – Discorrer sobre a viabilidade o potencial do marketing digital para pequenas empresas.
10. *Como iniciar – 1 e ½ página* – Mostrar passo a passo como uma pequena empresa pode começar a atuar eficientemente no marketing digital.

Na Lição 9 – *Escrevendo um texto longo* voltaremos a este assunto, acrescentando detalhes específicos.

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 2 – O plano é essencial
2. Faça um plano de uma carta de candidatura a uma vaga. Você soube, por meio de seu amigo Geraldo da Silva, que a empresa Hipotética Ltda., precisa de uma pessoa com o seu perfil. Você vai escrever para o dono da empresa, João Aguiar, candidatando-se ao cargo. *Não escreva a carta: faça só o plano*. Você vai escrevê-la apenas no final da próxima lição. Use o que você aprendeu nessa lição para fazer o plano.

Lição 2 – Ponha informação de valor no seu texto

Platitudes, blá-blá-blá e *achologia*

Platitudes são coisas banais, sem relevância ou profundidade. Blá-blá-blá é conversa fiada, vazia, que dá voltas e não chega a lugar nenhum. *Achologia* não tem no dicionário: vem de acho + logia e é o discurso do palpiteiro, que sempre apresenta o que acha, suas opiniões, sem fundamentação. Esses vícios são comuns e contribuem decisivamente para a má qualidade de textos de todas as áreas.

Cuidado com as platitudes

> A alimentação saudável é essencial.
> É preciso ter objetivos claros.
> Alguns consideram que a medida governamental está no rumo certo, outros a consideram um erro.
> É preciso priorizar as coisas mais relevantes.

O que essas frases conseguem trazer de novo a alguém? Nada. São platitudes, banalidades. Seria diferente se os textos fossem assim:

Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde mostrou que perto de 80% dos brasileiros não consomem a quantidade de frutas e hortaliças recomendada pela OMS-Organização Mundial de Saúde, que é de cinco porções por dia.

Há o problema da falta de objetivos ou da falta de clareza nesses, conforme se verá no caso do empreendedor que apresentou oito objetivos, nenhum deles suficientemente claro.

Dentre os que apoiam a medida governamental, destacam-se Fulano, Sicrano, Beltrano. Entre os que não a veem como capaz de atingir os resultados esperados, estão X, Y e Z.

Quando percebi, pelas palavras do médico, que poderia morrer constatei com grande clareza que estava me dedicando a coisas completamente sem sentido para mim. No dia em que recebi alta e percebi que estava vivo, marquei a viagem, assumi de vez a ideia de fazer doutorado, telefonei para meu amigo e....

Todos corremos o risco de escrever inutilidades. É preciso manter a vigilância contra elas. No lugar de banalidades, informação baseada em fatos, números, opiniões fundamentadas de terceiros, casos, experiências pessoais.

Blá-blá-blá

O professor precisa ser valorizado porque é ele que cuida da formação das novas gerações, das pessoas que vão tocar o país amanhã, e quando ele é

desvalorizado as novas gerações não se preparam adequadamente para o desafio, deixando de cumprir sua sagrada missão.

O casamento une duas vidas, que agora se tornam uma só, mas essa união se dá apenas se houver amor e compromisso, sendo que esses dois ingredientes não só devem ser o propósito dos noivos, mas são na prática o cimento do matrimônio.

Juro que já ouvi ou li coisas desse tipo. Cá entre nós, seria muito melhor ter o que dizer e falar ou escrever sem enrolação, certo? São banalidades que todos dizem e, exatamente por todos dizerem, perdem o valor. Seria muito melhor ler um texto com números, fatos, opiniões de pessoas qualificadas, etc. No caso da segunda frase: lógico que o casamento une duas vidas, evidente; não se tornam uma só coisa nenhuma – bobeira total; é banal dizer que a união será boa se houver amor e compromisso... enfim, blá-blá-blá.

Combatendo a *achologia*

Nossos produtos primam pela qualidade.

Essa frase inocente é um mau começo para o texto. Quem é que deve julgar a qualidade dos produtos da empresa? Os clientes, certo? Quando os dirigentes falam bem de sua própria empresa estão apenas dando opiniões – em causa

própria. Quem fala bem de si mesmo não merece credibilidade. Na mesma linha, o candidato solicitado a escrever uma carta de pedido de emprego, diz:

> Sou uma pessoa comprometida, criativa e cooperativa.

Só faltou o candidato dizer mais uma coisa boa sobre si mesmo: que é modesto! Na verdade ele está tentando parecer um bom candidato aos olhos do potencial empregador. Se do outro lado da linha houver alguém com senso crítico, essa pessoa pensará o óbvio: que essas afirmações são meros palpites, propaganda em causa própria. Se esse selecionador levar a coisa a sério para valer vai concluir que o candidato não serve para cargos de maior compromisso, porque ou é metido, "se acha" ou é ingênuo.

Outro exemplo:

> O brasileiro é criativo: sempre busca um "jeitinho" para dar a melhor solução ao problema.

Quando ouço frases assim costumo perguntar: Isso é uma constatação científica ou apenas a manifestação de um consagrado sábio? (rs) As pessoas formam palpites sobre tudo, mas, na maioria das vezes os palpites não têm fundamento. Isso não quer dizer que opiniões não tenham valor. Se o antropólogo Roberto da Matta falar sobre o caráter do brasileiro, certamente essa é uma opinião a ser

considerada, porque: a) ele passou a vida toda estudando o assunto; b) ele tem compromisso com a ciência e não sai por aí falando de modo impensado e inconsequente.

> Os cientistas já comprovaram a existência de Deus.

Quais cientistas? Onde há o relato das conclusões deles? Na verdade as pessoas buscam autoridade da ciência para justificar coisas em que desejam acreditar. Independente do fato de Deus existir ou não, a frase acima é pura *achologia*.

> O impeachment não tem base legal.

Não? Quem afirma tem autoridade na área do direito constitucional ou é apenas alguém que leu essa afirmação em algum lugar e a está passando adiante?

> As pessoas hoje estão perdidas, confusas, e sentem um vazio existencial.

E você, se sente assim? Eu não sinto nada disso: sei o que está acontecendo, não tenho vazio nenhum, etc. Isto é, essa frase peca por falar das outras pessoas sem verificar se elas efetivamente sentem aquilo que se imagina. Pode ser, mas pode não ser nada disso.

Algumas regras práticas:

> Evite opinar favoravelmente em causa própria. Só o faça nas circunstâncias certas, do modo certo,

buscando justificação para suas afirmações. É uma pessoa comprometida? Baseado em que você diz isso? É criativo? Quais conquistas reais o demonstram? É cooperativa? Qual é a opinião das outras pessoas sobre isso?

Evite opinar sobre problemas complexos que você não tenha estudado. Apresente a opinião de gente autorizada.

Em vez de falar de coisas de que não conhece, fale de algo que você conhece: seus próprios interesses, visões, sentimentos. Por exemplo, você estará sempre com legitimidade quando disser coisas como: "Essas questões econômicas são muito complexas e não tenho condições técnicas para apresentar uma opinião. Mas, meu sentimento é de que o ministro e os demais partidários dessa ideia estão com a razão. É uma questão subjetiva: confio neles."

Vejamos diferentes modos de falar:

Em vez de falar...	**Você poderia dizer...**
Nossos produtos primam pela qualidade. Isso é opinião que precisa ser justificada.	Nossos produtos receberam o selo de *qualidade superior* da Associação Internacional de XYZ. Isso é fato que mostra que os

	produtos são bons. Não precisa dizer que são bons, pois o selo o diz.
Sou uma pessoa comprometida, criativa e cooperativa. Isso precisa ser comprovado. Afinal, a tendência natural é que a pessoa se superestime.	Ultimamente tenho <u>trabalhado das 8 da manhã às 22 horas</u>, porque a empresa está precisando de um esforço extra. Embora eu esteja pretendendo sair, <u>preciso ajudá-la</u> até meu último dia. Lá tive oportunidade para realizar muita coisa de que gostei. Ganhei <u>três prêmios por ideias</u> apresentadas no plano de sugestões. Fatos, coisas que está fazendo ou fez. Isso fala mais alto que qualquer opinião.
O brasileiro é criativo: sempre busca um "jeitinho" para dar a melhor solução ao problema. Qual é a base de comparação que demonstra que o brasileiro é criativo? Há algum estudo sério sobre o assunto?	Um teste de criatividade aplicado a 16.000 alunos de segundo grau mostrou que... Pesquisas, publicações em revistas científicas, opiniões de especialistas, isso sim é base para boas afirmações.

Os cientistas já comprovaram a existência de Deus. Como é possível fazer uma comprovação dessas? Quais cientistas?	De acordo com diretrizes da Sociedade Brasileira de Cardiologia, o consumo de ovo deve ser de até um por dia para população em geral e restrito para diabéticos. Quem discorda, que vá discutir com a Sociedade Brasileira de Cardiologia, uma fonte confiável para esse tipo de informação. Assim, a informação não é um palpite.
O *impeachment* não tem base legal. Advogados com elevada qualificação divergem entre si. Quando a afirmação vem de quem nunca estudou direito constitucional (ou estudou apenas alguns anos) soa como palpite arrogante.	A OAB-Ordem dos Advogados do Brasil declarou que... Quando não temos autoridade sobre um assunto, a única maneira de não ser palpiteiro é buscar opinião de quem é autorizado.
As pessoas hoje se acham perdidas, confusas e sentem um vazio existencial. Não sei se é verdade. Só sei que se você falar o que vem aí na segunda coluna ninguém poderá contestar.	Eu me sinto perdido, confuso, com um vazio existencial. Uma expressão pessoal genuína e verdadeira poderá ter valor. Ela cria empatia.

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 3 – Ponha informação de valor no seu texto
2. Com base no plano que você fez no final da Lição 1, no modelo de carta que foi apresentado, nos conhecimentos adquiridos na presente lição, e nas dicas que o vídeo 3 trouxe, escreva uma carta de pedido de emprego.

Lembre-se:

> Você soube, por meio de seu amigo Geraldo da Silva, que a empresa Hipotética Ltda., precisa de uma pessoa com o seu perfil. Você vai escrever para o dono da empresa, João Aguiar, amigo de Geraldo, candidatando-se ao cargo.

Faça seu exercício com envolvimento e disciplina. Se possível, faça-o em Word e guarde-o em uma pasta específica.

Lição 3 – Palavras, frases, períodos, parágrafos

Palavras

Do ponto de vista prático há dois tipos de vocabulário – o ativo, que é o das palavras que a pessoa efetivamente usa, e o passivo, formado pelas palavras que ela conhece mas não usa. Por exemplo, a maioria das pessoas usa raramente as palavras *entretanto* e *contudo*, embora conheça perfeitamente seus sentidos. Fica-se mesmo é com *mas* e *porém*.

Aqui vão duas dicas:

> É importante passar palavras do vocabulário passivo para o ativo. O jeito certo de fazer isso é passar a usar essas palavras, pois o uso repetido é que as torna mentalmente disponíveis na hora de escrever ou falar.
>
> Depois de elaborar um texto importante, faça uma leitura atenta e risque as palavras das quais você conhece sinônimas e substitua-as por essas.

A escolha e o uso adequados das palavras tornam o texto não só mais claro mas também mais expressivo e elegante.

Não seja pedante

O ideal é não tentar mostrar erudição, capacitação técnica ou sofisticação intelectual por meio das palavras escolhidas. O bom conteúdo é o único caminho para

alguém conquistar o aplauso. Assim, tenha um bom conteúdo, mas fale de modo simples e inteligível. Use palavras mais "difíceis" apenas em textos destinados a público qualificado – e só quando necessário.

Em vez de...	**É preferível**
Consonância	Acordo
Encaminhamento	Envio
Emparelhar	Igualar
Obstaculizar	Impedir, dificultar
Prolegômenos	Noções básicas, introdução
Conjectura ou conjetura	Suposição, presunção
Ilação	Conclusão, dedução, inferência
Terminação	Chegar ao fim, concluir, finalizar

Não seja simplório

Por outro lado, uso de gírias, palavras vulgares, termos e expressões excessivamente desgastadas pelo uso (clichês ou lugares-comuns), empobrece o texto, compromete sua expressividade e elegância. Assim, na escolha das palavras, não sofistique, mas também não vulgarize, não

opte pela fala simplória.

Exemplos de palavras e expressões a evitar:

Chega ao fim a novela do impeachment/do assassinato/do julgamento/do conflito, etc.

Desde os primórdios, o homem buscou resolver seus problemas por meio de....

A empresa fechou o ano com *chave de ouro*.

Ressurge o fantasma da ditadura/inflação/recessão, etc.

Agora é necessário colocar a casa em ordem.

Voltaram à estaca zero.

O técnico notou que seria necessário correr atrás do prejuízo.

O restaurante tem uma das melhores feijoadas da cidade. Venha conferir.

Precisamos pensar fora da caixa, pois, fracassar não é uma opção.

Fuja da "cultura" vulgarizada!

Há expressões de grandes pensadores, poetas, romancistas, que caem no gosto popular e passam a ser usadas exaustivamente. Fuja delas, porque vulgarizam seu texto. Exemplos:

Só sei que nada sei. (Sócrates)

Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.

(Fernando Pessoa)

Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia. (Shakespeare)

Pessoas que têm consagrado domínio da escrita usam gíria, expressões populares e até lugares-comuns, mas o fazem de modo certo, no contexto adequado. Deixe isso para gente que tenha um elevado domínio da língua.

Não seja vago

Combine palavras como *estratégia, estrutura, dinâmica, sistêmica, sinergia, modelo, paradigma, totalização, parâmetros, organização, fenômeno* e suas derivadas, ponha nas frases alguns verbos e você consegue falar nada por muito tempo. Não há naturalmente palavra sem sentido, mas, essas e outras similares foram usadas em muitos sentidos diferentes e têm alto grau de abstração. Com isso tornaram-se palavras perigosas, com alto potencial para levar a textos vagos e sem sentido. Por exemplo:

> A sinergia decorrente da junção entre uma estratégica dinâmica e sistêmica e um modelo estrutural de organização consolidado é condição para inovação e sustentabilidade.

Quando usar uma palavra que costuma ter muitos sentidos,

defina-a imediatamente. Exemplo:

> Qualquer *estratégia*, aqui entendida como o conjunto das grandes decisões de uma empresa, traz riscos.
>
> A *estrutura*, isto é, o conjunto das normas, processos, atribuições de poder e responsabilidade que regulam o hospital, afeta decisivamente o desempenho das equipes.

Prefira fatos e números a opiniões

Especial cuidado deve ser tomado com o emprego de adjetivos e advérbios, porque esses refletem opiniões – e não têm precisão. O leitor prefere ter suas próprias opiniões e gostaria mais é de receber boas informações do redator.

Lembrando

Adjetivo – Palavra que atribui qualidade a um substantivo. Exemplos: Homem *alto*, mulher *bonita*, ideia *inviável*.

Advérbio – Palavra que modifica o sentido de um verbo ou intensifica o significado de um adjetivo ou outro advérbio. Exemplos: João escreve *bem*; Maria gosta *muito* de ler; Pedro é *muito* culto. Pode também modificar uma frase toda, como, por exemplo: *Infelizmente*, nem

sempre os professores falam sobre a matéria.

Assim:

Em vez de dizer...	**É melhor dizer...**
O porteiro é *muito alto*.	O porteiro tem 1,94m.
Maria é *bonita*.	Maria foi eleita a mais bonita do colégio três vezes.
Resolveremos isso *rapidamente*.	O problema será resolvido em, no máximo, 45 minutos.

Cuidado com palavras que levam a duplo sentido

Há palavras que costumam gerar duplos sentidos nos textos, como: *Seu, sua, dele, dela, somente, apenas*.

Exemplos:

Frase	**O que quer dizer?**
O diretor disse a João que seu cargo seria extinto.	Qual cargo será extinto – o de João ou o do diretor?
Nelma pediu à filha que fossem no carro dela.	De quem é o carro – de Nelma ou da filha?
O treinador apenas almejava a consolidação	Só o treinador almejava a consolidação da equipe ou

da equipe.	o treinador almejava só a consolidação da equipe?

Deve-se tomar especial cuidado com aquelas palavras que geram duplos sentidos maliciosos. Exemplos:

> Ela estava com muita dificuldade para ganhar a vida, mas quando abriu o negócio tudo mudou.
>
> O noivo disse: Sim, eu a amo e como!

Evite chamar a atenção pela excentricidade

Por fim, cuidado também com palavras estranhas, fora de uso. Exemplos:

> Sói acontecer o pior nessas ocasiões.
>
> Ela dispunha de parcos recursos.
>
> Com arroubo, recebiam as notícias do país.
>
> Apraz-nos comunicar que V.Sa. ganhou o prêmio...

Frases ou orações e períodos

Definimos aqui frase ou oração como um enunciado que contém uma ideia completa. Exemplo:

> Meu nome é José Antônio Rosa.

Pode ter uma só palavra:

> Cuidado!

Eu poderia colocar duas frases juntas, ligadas por uma conjunção. Exemplo:

> Meu nome é José Antônio Rosa e moro em São Paulo.

Formaria, então, um *período* contém uma ou mais frases ou orações. Vejamos três períodos:

> Pedro trouxe os livros. Maria trouxe o laptop. João veio só com a boa vontade.

Fica ridículo, certo? São três frases e também três períodos. Não se deve escrever uma sequência de pequenos períodos simples (com apenas uma oração). Poderia ser um período maior, com três orações. Exemplo:

> Pedro trouxe os livros, Maria trouxe o laptop e João veio só com a boa vontade.

Agora, suponhamos que alguém escrevesse a seguinte

frase:

Maria não veio; José fez o pagamento.

O fato de as duas frases estarem juntas dá a ideia de que há ligação entre elas, certo? Mas, não há palavra alguma fazendo essa ligação. Assim, a frase só é plenamente compreendida por pessoas que conhecem o contexto. Vejamos como essa mensagem, dependendo das palavras de ligação, poderá tomar três sentidos diferentes:

Maria não veio porque José fez o pagamento.
Maria não veio, mas José fez o pagamento.
Maria não veio; logo, José fez o pagamento.

Atenção: Note que as palavras que ligaram as frases fizeram uma grande diferença. No primeiro caso, a frase indica a causa de Maria não ter vindo; no segundo, indica que, apesar de ela não ter vindo, José fez o pagamento; no terceiro, indica-se a razão pela qual José fez o pagamento. Logo, esse tipo de palavra é muito, muito relevante – são as conjunções. É a palavra que liga duas orações ou termos semelhantes de uma mesma oração. Exemplos:

É necessário marcar o dia da reunião **e** avisar todos. (ligando duas orações, dentro de um mesmo período)

Trouxe café **e** biscoitos.

Agora, imaginemos duas frases ou orações dentro de um período:

Meu nome é José Antônio Rosa, embora nem sempre se possa viajar com muito dinheiro.

Parece piada, certo? Pois, esse é um truque de construção de piadas. Por que parece piada? Porque a primeira frase não tem nada a ver com a outra: estão ligadas, há uma construção gramaticalmente correta, mas é uma mensagem maluca. Como a que muitas pessoas fazem quando se distraem ao longo de grandes períodos!

Por fim, é importante ter em mente que há uma ordem natural na oração, que é sujeito, verbo e complemento. Esta deve ser mantida, se queremos que o texto saia mais claro e didático. Inverter essa ordem é legítimo e poderá ser um bom recurso para dar maior expressividade ao texto, mas, frequentemente as inversões mais atrapalham que ajudam, principalmente quando feitas por pessoas menos treinadas na redação.

Algumas dicas:

Atenção para manter a adequada conexão entre as orações dentro do período.

Use palavras de ligação adequadas. Procure conhecê-las bem, entender exatamente seu sentido, passá-las a seu vocabulário ativo - e faça delas ferramentas para construção de períodos claros, elegantes, vigorosos.

Faça períodos do tamanho certo: de duas e meia a

três linhas. Por quê? Primeiro, porque essa extensão resulta em ritmo bom – um ritmo natural e didático da fala. Segundo porque uma sucessão de períodos curtos resulta em leitura tensa e texto final maior. Terceiro, porque com esse tamanho, é muito menos provável que você se perca e acabe criando períodos sem pé nem cabeça. Por fim, períodos dessa dimensão ajudam quem está lendo a não se perder também, obtendo maior entendimento.

Parágrafos

Parágrafo é uma unidade de composição que contém um ou mais períodos que tratam de uma ideia central e ideias relacionadas. Em princípio, para cada ideia (ou parte de uma ideia), um parágrafo. Acima propusemos que cada período tenha entre duas e meia a três linhas. Agora, proporemos que o parágrafo tenha entre dois ou três períodos. Assim ficará entre seis e nove linhas. Por quê? Por duas razões principais:

1. O parágrafo é também uma marcação gráfica. Indica o início e o fim de um bloco de texto específico. Parágrafos longos tornam a diagramação do texto pesada e o leitor tende a ficar com má vontade para ler.
2. Parágrafos muito curtos tornam o texto final muito longo e produz uma dispersão nas ideias, criando algum grau de confusão.

A frase ou período que expressa a ideia central do parágrafo chama-se *tópico frasal*.

Exemplo:

A cada dez anos, a participação feminina aumenta 15 pontos percentuais. O aumento se dá em todas as idades, inclusive entre as mais velhas. Em 1970, a proporção de

mulheres de 50 a 59 anos que trabalhavam era de apenas 15,4%; em 2002 foi de 50,1%. Entre as que tinham 60 anos ou mais, a proporção saltou de 7,9% para 19,7%, grande parte aposentadas.

José Pastore
O trabalho da mulher
O Estado de S. Paulo, 6/3/2007.
www.josepastore.com.br

A frase em azul é o tópico frasal. As outras giram em torno dela. O tópico frasal pode vir em qualquer lugar do parágrafo, mas, se o colocarmos logo no início o texto fica mais didático, claro, e a leitura fica mais confortável porque o leitor conseguirá encaixar as coisas com mais facilidade em um quadro lógico.

Os parágrafos, assim como as palavras e orações, devem ter ligação entre si, porque todos são partes de um mesmo texto. O redator deve ficar atento para ver se essa ligação está bem estabelecida e clara na cabeça do leitor. Se não estiver ou se houver possibilidade de o leitor ter esquecido, o redator deve ser explícito para deixar tudo bem ligado.

Exemplos:

1
No texto abaixo, o primeiro parágrafo termina jogando um grande foco em Ulysses Guimarães. O segundo vai dizer quem é ele. No caso, autor não teve de fazer nenhuma ligação explícita, porque simplesmente retomou o assunto.

> ‘Ulysses’, o histórico romance de James Joyce, com os seus 18 capítulos, é uma das obras literárias mais conhecidas da humanidade. No Brasil, a tradução do imortal Antônio Houaiss, colocando em língua portuguesa os 18 cantos da “Odisseia”, de Homero, tornou mais acessível esse importante trabalho. Mas, cá entre nós, o nosso povo tem mesmo orgulho é de outro Ulysses — o Guimarães —, que se vivo fosse estaria agora comemorando os seus primeiros 100 anos de vida.
>
> A democracia brasileira deve muito a Ulysses Guimarães. Não é à toa que ele foi chamado de “Senhor Diretas” ou “Senhor Palavras”, pois foram muitos os seus discursos que se tornaram históricos. Quando morreu Tancredo Neves, por pouco ele não se tornou presidente da

República. Agora, estamos comemorando os seus 100 anos (dia 6 de outubro). Quis o destino, no entanto, que ele tivesse morrido antes, no dia 12 de outubro de 1992, no trágico desaparecimento do helicóptero em Angra dos Reis. Só o corpo de Ulysses não foi descoberto até hoje.

A odisseia do nosso Ulysses
Arnaldo Niskier
O Globo – 12/10/2016
http://www.academia.org.br/artigos/odisseia-do-nosso-ulysses

2

Neste segundo exemplo o autor estaria discorrendo sobre um conjunto de seis fatores que levam uma empresa ao sucesso. No decorrer do texto apresenta-os em dada ordem e esclarece sua relação com o desempenho da organização. A cada novo tópico, procura voltar à base, para ajudar o leitor a fazer um quadro intelectual adequado.

Continuando nossa análise sobre as seis condições de sucesso da empresa, destacamos

agora a quarta, a *cultura*. Esta pode ser definida como a maneira de sentir, pensar e agir de uma comunidade e toda empresa necessariamente tem uma cultura. Quando esta se caracteriza pelo envolvimento do pessoal com as metas organizacionais.....

Em resumo, vamos a algumas dicas finais desta lição:

- Busque palavras que sejam conhecidas do leitor, variando com sinônimos. Evite as estranhas, "difíceis", capazes de gerar ambiguidade, etc.
- Especial cuidado com as conjunções, para fazer as ligações adequadas entre as orações e termos.
- Faça períodos de duas linhas e meia a três linhas e parágrafos de dois ou três períodos.
- Use um tópico frasal logo no início de cada parágrafo.

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 4 – Ritmo, força, clareza e elegância.
2. Tome a carta que escreveu ao final da lição 2. Você vai corrigi-la. Guarde uma cópia da carta original, do jeito que ela está agora, e tome uma cópia nova para corrigir. As orientações para correção são as seguintes:
   1. Vá à internet, entre no link a seguir, sobre pontuação, e leia. Assim você terá melhores condições de saber se pontuou certo. Note que ao final de cada página do link há um botão para passar à próxima (são 5 ao todo, arejadas e fáceis de ler). O link: http://www.soportugues.com.br/secoes/fono/fono3(
   2. Depois, da leitura, comece a corrigir seu texto, primeiro pela pontuação. Lembre-se: a cada duas linhas e meia ou três linhas, um período (logo, um ponto final).
   3. Veja se os parágrafos estão no tamanho correto – dois ou três períodos, isto é, entre seis e nove linhas.
   4. Veja se usou tópicos frasais logo no início dos parágrafos. Se não, tente usar.
   5. Em seguida, verifique se há palavras que você possa substituir por sinônimas.
   6. Na sequência, veja se colocou alguma palavra

estranha, “difícil”, capazes de gerar ambiguidade, etc. Se sim, mude.

7. Por fim, veja se as ligações entre as orações, dentro do período, e os períodos, dentro do parágrafo estão bem feitas. Especial cuidado com as *conjunções*, para fazer as ligações adequadas entre as orações e termos.

Lição 4 - Conhecimento essencial de gramática e como adquiri-lo de modo natural

Identificar problemas e resolver

Para escrever os textos da vida prática a pessoa não precisa saber o que é um anacoluto ou uma silepse, e nem precisa saber que a pessoa que nasceu em Salvador é soteropolitana. Mas, será essencial ou muito desejável saber algumas coisas que farão a diferença:

- Armadilhas e erros potenciais da gramática
- Qual é o problema, quando estiver com um problema a resolver
- Onde e como procurar a solução para os problemas

Vejamos:

Armadilhas e fontes de erros potenciais da gramática

Há na língua aqueles pontos causadores de dúvidas crônicos. Por exemplo:

> Qual é o nome dado a quem nasceu em Belém, na Palestina? E à pessoa originária de Belém, no Pará? Não há regras. A única maneira de saber isso é ter tido contato com essa informação - pela leitura, pela mídia, pelos relacionamentos. Assim, quando for escrever seu texto e deparar-se com a necessidade de indicar o *adjetivo pátrio* de alguém, consulte. Eu consulto sempre. Sabe como? Adiante voltaremos ao

assunto.

Outra armadilha tradicional é o uso da crase. A crase é a união de uma preposição com um artigo no feminino. Então, preciso ver se o verbo pede a preposição e se o substantivo ou adjetivo pede o artigo. Assim, você deve escrever: "Vou a Salvador" e "Vou à Argentina". Primeiro, porque Salvador é usada sem artigo (Ninguém diz: *A* Salvador é uma cidade bonita), então, só há o a preposição do verbo ir – não precisa da crase. Segundo, porque Argentina, sim, pede artigo e este se encontra com o a preposição do verbo ir; logo, há a crase. Como é impossível lembrar da regência de todos os verbos e nomes é melhor consultar sempre.

É fundamental ter uma boa percepção, um "sexto sentido", um *desconfiômetro* para saber onde pode aparecer erro. Com essa mente desconfiada, o redator consulta e evita erros. Como ele saber quais são os pontos causadores de dúvidas crônicos? Como posso estudá-los? Logo à frente você terá sua resposta.

Qual é o problema

Responda ou complete as frases:

1. Eles _____ pelo lado errado. (presente do verbo *ver*)

2. Quando eu _____o doutor João aviso. (futuro do subjuntivo do verbo *ver*)
3. Refiro-me ___ carta entregue por Maria. (a, com crase ou sem crase)
4. O certo é ínterim ou interim?
5. O governo está no fim. A queda é _____. (eminente ou iminente)

O que está envolvido na solução desses problemas? Nos casos 1 e 2, trata-se de *grafia dos tempos verbais*, acrescentando-se aqui que são duas armadilhas ou fontes de erros clássicas. No caso 3, questão envolve *regência* do verbo *referir* e uso de *artigo*. No caso 4, o problema é vocabulário – sentido e pronúncia das palavras – e regras de acentuação. Por fim, o caso 5 diz respeito aos *parônimos*, também grandes criadores de dúvidas e erros.

O redator tem de saber onde – na gramática – se localizam os problemas, para procurar a solução de modo rápido e acertado.

Como buscar a solução

Se for questão de grafia de palavras (não de tempos verbais) a solução está no Volp e pode ser acessada com enorme rapidez, pela internet, até mesmo com celular (veja adiante, na Lição de Casa). O que é Volp? Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – a lista

oficial das palavras que existem na norma culta do português. O VOLP é mantido pela Academia Brasileira de Letras. Se o problema for a grafia do verbo, a solução está na conjugação – que também poderá ser obtidas de modo rapidíssimo.

O redator precisa ter o conhecimento suficiente das fontes de informação para buscar as soluções. Mais adiante voltaremos à questão.

Conhecimentos essenciais

A pessoa que tiver tempo e interesse, deve tomar, por exemplo, a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, ou outra das boas gramáticas que existem no mercado e fazer um estudo calmo, aprofundado e sistemático da língua. Sugiro que você estude desse modo, principalmente se for de alguma área de trabalho que tenha algo a ver com o idioma - jornalismo, editoração, enfim, que envolva redação de textos de quaisquer espécies.

Quem não dispõe do tempo – ou não tem maior interesse (não há nada errado nisso) – deve pelo menos aprender o essencial para resolver seus problemas de redação do modo mais rápido e eficiente. Entre os conhecimentos essenciais destacamos três que terão reflexo imediato na escrita e facilitarão a busca de solução para outros problemas específicos:

As classes das palavras

São apenas dez e a compreensão dos conceitos é fácil. Na minha experiência com alunos já percebi que ao estudar essa questão a pessoa consegue, com pouco esforço, ter um significativo ganho na compreensão da gramática. Esse conhecimento, embora pequeno, vai ajudar a desenvolver

o “desconfiômetro” e a buscar de modo certo e no lugar certo as soluções para os problemas que aparecem.

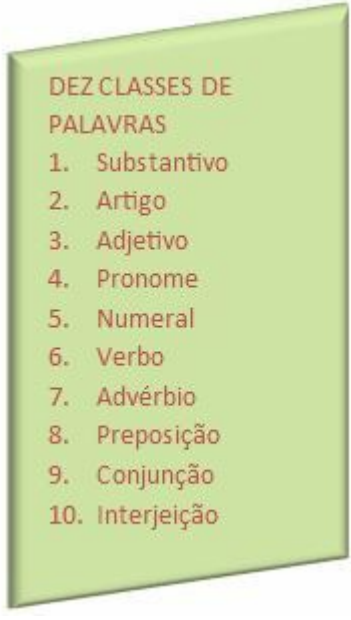

Conceitos gramaticais principais

Aqui se incluem os conceitos de tempos verbais, de concordância e regência. Não estou dizendo que a pessoa deva saber os tempos verbais do verbo *soer* ou *jazer,* por exemplo. Estou dizendo que ela precisa conhecer o *conceito* de tempos verbais, o que quer dizer *futuro do subjuntivo*, por exemplo.

Normas básicas de pontuação

Despois que a pessoa entender o que é uma oração, o que é um período, um parágrafo e passar a adota um parâmetro de tamanho para essas unidades, a pontuação se tornará mais fácil. Ela deve conhecer bem os sinais de pontuação e seu uso. Adquirir esses conhecimentos é muito fácil. Os sinais não chegam a dez e as regras de uso são simples e naturais. Na *Lição de Casa* voltaremos ao assunto.

Resolvendo problemas

Por exemplo, você está escrevendo um texto e coloca a seguinte frase:

> As reclamações relativas as falhas de entrega são duas.

Pergunta: A frase acima está certa? Não. Onde está o erro? Faltou a crase em *às* porque *relativo* é sempre *relativo* *a*, isto é, este *adjetivo* é *regido* da *preposição a*. Então, aqui, para evitar a derrapada é necessário que o redator saiba: a) o que são as *preposições*; b) o que são os *artigos; c)* o que é *regência*; d) e também precisa saber que a crase é a junção de uma preposição e de um artigo. No caso acima:

> Relativas *a* + *as* falhas = Relativas *às* falhas.

Como o redator vai saber se um verbo, substantivo ou adjetivo é regido de preposição – e de qual preposição? Segredo de redator: tenho dúvidas frequentes. Então, entro no Google com o seguinte texto (no caso acima): *Regência de relativo*. Então, logo aparecem bons sites mostrando a regência da palavra que estou buscando.

Logo, você não precisa saber as regências, mas precisa saber que substantivos, adjetivos e verbos podem ser regidos de preposição e que na internet há orientação á mão, objetiva, prática e direta para esclarecer se uma

dada palavra é ou não regida e de que preposição. O importante é ter as dúvidas certas e saber onde e como procurar o esclarecimento.

Do mesmo modo, quando preciso saber qual é o *adjetivo pátrio* da pessoa que nasceu, por exemplo, em Maceió, meramente escrevo no Google: *Adjetivo pátrio de Maceió* e logo aparece lá: *maceioense*. Ou: Adjetivo pátrio de Belém, Palestina, e aparece: *Belemita*.

O assunto não morre aqui. Durante todo o curso irei apresentar dicas de estudo de português e de conhecimentos que são essenciais ao redator. Ao final, você receberá o *e-book* que vai trazer uma visão panorâmica da questão: *Guia para aprendizado mais fácil de gramática.*

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 5 – Aprendendo "de ouvido" - (Já notou que o professor escreve *assista ao* vídeo e não assista *o vídeo*? É que o verbo assistir, nesse sentido, é regido da *preposição a*; do mesmo modo, alguém assiste *ao* jogo ou *à* novela).
2. Busque no Google os adjetivos pátrios das pessoas que nasceram em Santarém, MA, e Anápolis, GO.
3. Já ouviu a palavra *vistar*, no sentido de colocar um visto em algum documento? Pois bem, é um jeito errado de falar. Não existe o verbo *vistar*. Existe, sim, o verbo *visar*. Esse é o jeito certo de falar. Como posso saber se uma palavra existe em português? Busque no *Volp*, na lista oficial. Entre no Google e escreva *Volp* e logo aparecerá o link. Lá, você acha um espaço de busca onde deverá colocar *vistar* e depois *visar*, para fazer o teste. Você pode também baixar o aplicativo do Volp e consultar por meio do seu celular.
4. Entre no site *Só Português* e veja uma tabela prática com regência de nomes (substantivos e adjetivos) que acarretam dúvidas. Copie e cole o link:

http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint7

Lição 5 – Criatividade na busca e produção de conteúdo

O que é criatividade

Criatividade é, pelo menos, duas coisas: 1) Achar solução para os problemas; 2) Fazer algo de modo diferente do usual e melhor. Isso vale para o trabalho de redação. Por exemplo, temos um problema: Como apresentar um conteúdo difícil e maçante de modo que a mensagem fique mais interessante? A resposta eficiente a este problema é uma solução criativa. Por outro lado, fazer algo de modo diferente do usual e melhor pode ser, por exemplo, começar uma carta por um ângulo inesperado. Por exemplo:

Modo convencional de iniciar a carta de pedido de emprego:

1. Venho, por meio dessa, candidatar-me ao cargo que V.Sa. mantém em aberto em seu departamento. Minhas qualificações....

   (No último parágrafo) Informo que obtive o conhecimento a respeito da vaga do nosso amigo comum, Geraldo Silva. Por fim, gostaria de mencionar algo que V.Sa. provavelmente não sabe: tive o prazer de trabalhar por cinco anos com seu pai.....

Modo não convencional de iniciar a mesma carta:

Seu pai, com quem aprendi muito nos cinco anos

> em que fui seu assistente na Hipotetic, uma vez sugeriu-me que me expressasse de modo espontâneo e direto nos momentos importantes da vida, como este. Assim, sem medo de dizer, venho apresentar-me como a pessoa certa para ocupar o cargo XYZ, que me foi indicado por nosso amigo comum Geraldo da Silva.

Suponhamos que o destinatário da carta a tome no dia em que está se preparando para uma viagem ao exterior. A primeira carta tem maior probabilidade de ser encaixada na documentação a ser vista após a viagem – porque logo no primeiro parágrafo já se viu do que se trata. Quanto à segunda, que também diz o propósito no primeiro parágrafo, provavelmente terá resposta imediata, de algum modo. É muito mais impactante que a primeira e o destinatário a tratará com um caráter de maior urgência, provavelmente. Por que o primeiro redator não usou logo no início dois cartuchos ótimos que tinha à mão (ter trabalhado com o pai do destinatário e ser amigo de Geraldo Silva)? Porque simplesmente não pensou nisso ou porque teve medo de criar – e preferiu a solução convencional.

O medo e os hábitos são os grandes bloqueios

A pessoa não cria, muitas vezes, por medo: de passar por tola, de ser inadequada, de causar má impressão, de errar. Até certo ponto esse medo se justifica, porque para criar é necessário tentar novos caminhos. Mas, quem não assume o risco não vai melhorar nunca sua criatividade. Qual é a solução? Buscar a expressão inovadora e desenvolver paralelamente o senso crítico para, depois de produzir suas mensagens, avaliá-las bem – pedindo opinião de amigos sensatos, se necessário – antes de passá-las à frente. Com o tempo a pessoa aprende a ser ao mesmo tempo criativa e adequada na sua expressão.

O hábito, segundo grande bloqueio, dá segurança e conforto, mas, usualmente leva a mensagens eventualmente adequadas, mas quase sempre de baixo impacto. Contudo, prestemos grande atenção ao que Aristóteles observou – esse é um grande ensinamento – que nós somos o que habitualmente fazemos; assim, a excelência não é dom – é hábito, então o hábito não precisa ser ruim. Disse ele, se quer ser corajoso, faça atos de coragem, de quer ser um bom citaredo (quem toca cítara), toque o instrumento. Aí é que está o x da questão: precisamos deixar de lado o hábito de fazer as coisas de modo convencional e adquirir o hábito de buscar alternativas inovadoras. A pessoa tenta, tenta, busca sempre a inovação e, com o tempo,

torna-se mais criativa. Ela se torna aquilo que faz repetidamente.

BUSCANDO A CRIATIVIDADE

A pessoa diz que não é criativa. Às vezes devolvo com perguntas a ela: É por falta de inteligência ou por preguiça? Já fez alguma avaliação objetiva para ver se essa ideia (de que você é uma pessoa tapada) se justifica ou é apenas um palpite? Já fez algum esforço sistemático e orientado para desenvolver a criatividade?

Para tornar-se mais criativa, sugere Roger von Oech, a pessoa precisa:

> Livrar-se dos bloqueios, incluindo essa ideia de que você não é uma pessoa criativa.
>
> Perder o medo de passar por gente boba, de sentir-se inadequada.
>
> Fazer um esforço sistemático para buscar a segunda resposta certa (a primeira é a convencional, provavelmente).
>
> Fazer um esforço sistemático para deixar de seguir as normas, quando elas não são essenciais.
>
> Não se preocupar, na fase da criação, com os erros, que podem ser corrigidos na fase posterior, de avaliação do produto.
>
> Deixar de lado as compulsões para ser lógico, prático, racional. Tudo isso é bom, certamente, mas,

não precisa haver uma *compulsão* para atingir essas condições. Elas não se aplicam a todas as situações da vida.

O QUE FAZER QUANDO "DÁ BRANCO"

Você tem de escrever aquele texto e, de repente, "dá branco", isto é, as ideias somem, secam, desaparecem. O que fazer? Há um truque que aprendi no trabalho e que tenho repassado a alunos de pós-graduação, que funciona bem: Quando der branco, diga: "Vou escrever de qualquer jeito. O leitor que se exploda". E vá escrevendo sem a menor preocupação com qualidade. Depois de pronto o texto, dê uma lida. Na maioria das vezes venho a constatar que o texto que escrevi sem preocupação com qualidade está bom ou até ótimo! Por quê? Porque não havendo censura a criatividade flui.

Clip lápis: Cortesia: barretr. Openclipart.org

É importante buscar os conceitos chaves e as ferramentas da criatividade. Aqui vão duas indicações:

O livro *Um toque na cuca*, de Roger von Oech, Editora Cultura. É gostoso de ler, criativo, e traz conceitos fundamentais.

O site de criatividade da empresa 3M, considerada um modelo de criatividade. É só entrar lá que você vai obter um bom resumo sobre tudo o que precisa saber sobre criatividade. O site é:

http://www.3minovacao.com.br/

Checklist para criatividade no texto

Aqui não temos espaço para estudar mais a criatividade. Vamos entrar direto na aplicação de um *checklist* , uma lista de verificação para busca e produção de material criativo para seu texto. Você deve usar a lista sempre, mas ela terá especial relevância quando você estiver sem ideias sobre o que colocar no texto. Cada item dá uma dica sobre material potencial a buscar e/ou incluir no texto.

Experimente incluir:

Uma definição – do dicionário, de um outro autor, da sua observação prática, do seu modo de ver (pode ser até humorístico).

Um exemplo, real ou fictício. Se não tiver um exemplo da vida real, procure imaginar um que seja acreditável.

Uma história – real ou inventada pode chamar a atenção para o assunto do texto, ilustrar um ponto qualquer ou simplesmente reforçar uma ideia ou preparar o leitor para algo.

Uma experiência pessoal relacionada ao tema. Positiva ou negativa, a experiência cria empatia com o leitor.

Uma regra geral ou prática consagrada. Se não

há nenhuma, que tal propor?

Uma pergunta ou série de perguntas ao leitor. Um bom recurso é fazer as perguntas que serão respondidas pelo texto.

Uma comparação com algo similar ou até com coisas não similares, mas que tenham algo comum. Por exemplo: pode-se fazer uma comparação entre o livro de papel e o *e-book* ou entre o livro de papel e a narrativa oral.

Uma visão ou informação sobre o futuro. Tudo tem futuro e todo futuro comporta muitas visões.

Uma visão ou informação sobre o passado. Por exemplo, ao falar do uso do celular, você pode mencionar objetos do passado que ele substituiu ou está substituindo: caneta, caderninho de anotações, relógio, calculadora, *disk-man*, máquina fotográfica, etc.]

Uma visão do oposto. Por exemplo, ao falar sobre a honestidade, fale também da desonestidade.

Uma análise de causa e efeito. Por exemplo, ao falar da tristeza, fale sobre suas causas e também sobre os efeitos.

Uma análise de prós e contras. Por exemplo, se vai falar da evasão escolar, analise os pró e contras do sistema de ensino atual.

O estabelecimento de uma ordem – cronológica,

espacial, hierárquica.

Uma opinião contundente ou firme sobre algo. Não precisa ser certa. Pode ser um mero caminho para outras considerações. Por exemplo: “Eu acho que os protestos de rua, da forma como estão sendo feitos hoje, deveriam ser tratados a cassetete. Estou errado? Pode ser que eu esteja e é até provável que eu esteja, mas, acho que a democracia está atingindo alguns limites em que se torna disfuncional.”

Uma citação. Qualquer que seja o assunto, alguém interessante já tratou dele. Uma boa citação, bem posicionada, pode ser de grande valor.

Há outros recursos. Você pode, por exemplo, tomar um texto bem escrito e extrair sua estrutura, para usá-la em texto similar, sobre outro assunto.

Todos esses recursos são válidos e eficientes para criação de conteúdo para seu texto, lembrando-se que não se pode usá-los meramente para “encher linguiça”, criar blá-blá-blá, fugir do assunto.

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao Vídeo 6 – Não tenha medo de criar
2. Leia o texto – Práticas para dar um toque de humor, que está disponível no link abaixo:

   https://sites.google.com/site/consultorjoserosa/pr
   para-dar-um-toque-de-humor
3. Após a leitura, escreva um texto humorístico de uma página sobre seu trabalho. Use os truques aprendidos na leitura.

Lição 5 – Usando estruturas básicas de texto

Estruturas e sua importância

Estrutura aqui é um *modelo* que usamos para fazer um texto. Como se fosse um *esquema* ou *base* para a colocação dos conteúdos, ideias, palavras. Esses modelos foram aprimorados ao longo do tempo e por isso mostram-se eficientes para a elaboração de bons textos, com maior rapidez.

De posse de um bom modelo, o redator menos experiente:

Lembra-se dos itens relevantes a serem colocados no texto.

Adota uma ordem lógica que permite maior clareza proporção na mensagem.

Trabalha de modo mais confortável e seguro, sem ter de "reinventar a roda" a cada vez que vai fazer um texto.

Com o tempo, ele incorpora mentalmente as estruturas básicas e pode combiná-las, alterá-las, reduzi-las, ampliá-las (de modo nem sempre percebido) para produzir textos com seu toque pessoal. Pode também (e frequentemente o faz) inventar suas próprias estruturas.

Estruturas básicas

Lembra-se das aulas do ensino fundamental? Aprendemos

que há três tipos básicos de texto: narração, descrição e dissertação. Aqui se encaixa muita coisa! Narração é contar uma história qualquer. Na narração temos o romance em suas várias modalidades, a notícia, o boletim de ocorrência, o relatório de bordo, etc. Descrição é dizer como um objeto físico ou intelectual é: uma cadeira, por exemplo, ou *simpatia*, um objeto intelectual. Na descrição temos os textos referentes ao projeto de um móvel, a caracterização de uma doença, e mais uma infinidade de textos. Dissertar, por fim, é expor um assunto, usualmente de forma mais longa e abrangendo seus vários aspectos. Temos a dissertação de mestrado, a proposição de uma política na empresa, a apresentação de um artigo acadêmico, a discussão de um tópico relevante no jornal, o discurso.

Cada tipo de texto desses pode comportar uma estrutura. Muitos a têm, para uso de comunidades específicas. Por exemplo, a enfermeira tem de fazer relatórios padronizados de acompanhamento do paciente.

Vamos apresentar cinco estruturas básicas que ajudam o redator a produzir sua mensagem em muitas circunstâncias da vida profissional. Aprendendo a usá-las você aprende a buscar outras para uso ou simplesmente a criar as suas próprias.

Estrutura narrativa da notícia

Notícia é um fato relevante, que as pessoas querem saber. Já que as pessoas têm interesse, a ideia é que seja narrado da forma mais direta e capaz de oferecer ao leitor a máxima informação no menor tempo possível. Usa-se uma estrutura padrão para a narração de notícia. Essa está, com pequenas variações, nos manuais de redação dos jornais de todo o mundo – e visa propiciar maior velocidade de leitura ao leitor e maior credibilidade à mídia, porque busca isenção, precisão, clareza, objetividade.

A estrutura básica da narração jornalística tem sofrido adaptações para adequação ao mundo virtual, no qual os textos são mais curtos e frequentemente fragmentados de forma a oferecer ao leitor a possibilidade de fazer suas escolhas de leitura.

Onde se pode usar a estrutura de narração de notícia? Nas comunicações relevantes de um modo geral, principalmente de organizações: em um aviso da empresa aos funcionários ou clientes, na divulgação de um evento esportivo, etc.

Vamos a um exemplo de estrutura de narração jornalística:

Exemplo

ELEIÇÃO NO RIO

Freixo faz mea-culpa sobre atuação de black blocs

Candidato do PSOL diz que poderia ter sido 'enfático' ao reprovar grupo; rival Crivella usa tema contra ele.

Acompanhe no quadro a seguir a estrutura da notícia com o exemplo acima.

Partes	No exemplo
Sobretítulo (opcional) Texto usualmente curto que se sobrepõe ao título e faz referência a tópico com o qual esteja relacionado. Busca contextualizar o título.	Eleição no Rio
Título Diz exatamente de se que trata a matéria. Permite ao leitor decidir se quer ler sobre o assunto ou não. Tem um sujeito, um verbo e um complemento.	Freixo faz mea-culpa sobre atuação de black blocs
Subtítulo (opcional) Eventualmente complementa o título, dando aspectos atuais e relevantes do tópico.	Candidato do PSOL diz que poderia ter sido 'enfático' ao reprovar grupo; rival Crivella usa tema contra ele.
Lead	RIO - O candidato à prefeitura do Rio

Primeiro parágrafo, que traz um resumo do acontecimento, enfocando os aspectos mais importantes desse. Usualmente responde às perguntas: quem, que, quando, onde, como e por que	Marcelo Freixo (PSOL) reconheceu que deveria ter sido enfático ao condenar a tática de violência adotada por grupos de manifestantes como os black blocs. Ele se referiu a uma fala dele, que vem sendo reproduzida pela campanha de seu adversário Marcelo Crivella (PRB), durante as manifestações de 2013, em que afirma não ser "juiz para ficar avaliando os métodos em si". A frase é interpretada pelo senador como defesa da violência.
Corpo É o texto complementar, que é construído em forma de pirâmide invertida, isto é, os fatos vão sendo apresentados dos mais importantes aos menos importantes.	(Sequência do texto)
Fonte: Estadão Online. 25/10/2016	

Alguns detalhes da redação de notícia:

O título, conforme dito, tem um sujeito, um verbo, um complemento e indica exatamente do que fala a matéria. Veja: "Freixo faz mea-culpa sobre atuação de *black blocs*. Jamais pode ser diferente daquilo que o texto contém, causando surpresa ao leitor. Sua função é orientar a leitura, permitir que o leitor escolha se quer ler ou não.

O verbo do título preferencialmente vem no presente, não importando se se refere a fato do

passado ou futuro. No exemplo: “Freixo faz mea-culpa” refere-se ao passado, como se vê no lead: “O candidato à prefeitura do Rio Marcelo Freixo (PSOL) reconheceu...”

O lead, como dito, preferencialmente dá um resumo geral da notícia e responde às perguntas: quem, que, quando, onde, como e por que. Tem usualmente de dois a três períodos, seis a nove linhas. Usualmente responde em primeiro lugar à pergunta mais importante.

Evitam-se os adjetivos e advérbios que denotam opinião. O redator jornalístico narra tudo na terceira pessoa, de modo objetivo, isento, preciso. Não apresenta seus pontos de vista ou ideias. Isso pode ser feito em artigos ou editoriais do jornal. Note que o adjetivo enfático foi dito pelo enfocado pela notícia e que os adjetivos *rival* e o sinônimo *adversário* não revelam opinião, mas um estado objetivamente definido.

O texto deve ser o mais curto possível, contendo só o suficiente para narrar os aspectos relevantes do fato, aqueles que o leitor deseja saber.

A cada dois parágrafos, recomenda-se a colocação de um intertítulo, aquele pequeno título demarcador de assunto.

Estrutura da notícia

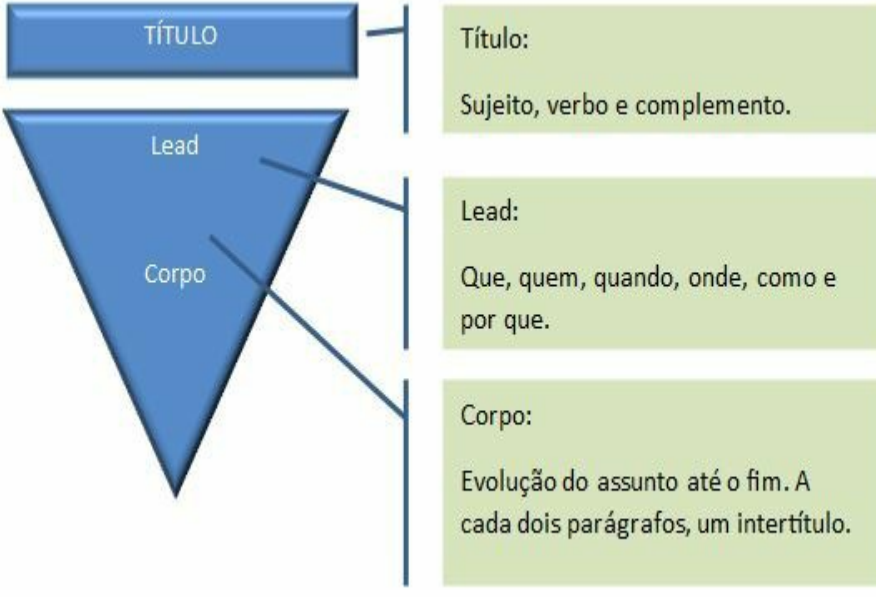

Exemplos de uso de estrutura de narração jornalística:

Um comunicado do colégio sobre alteração no período de férias.

O lançamento de um novo produto pela empresa.

Um aviso do supermercado aos clientes discorrendo sobre premiações.

O texto pode ser divulgado em boletim, em quadro de avisos, em mensagem de alto falante ou qualquer outro meio. Se seguir a boa estrutura, a comunicação será mais fácil e eficiente.

Outro modelo de estrutura narrativa

Um modelo, uma estrutura, serve para algum ou alguns usos específicos. No caso do modelo jornalístico, por exemplo, aplica-se quando se quer informar algo relevante às pessoas – uma notícia do interesse delas. Essa forma, entretanto, não é a única existente para narração.

Vamos ver outras alternativas.

Alternativa de estrutura narrativa

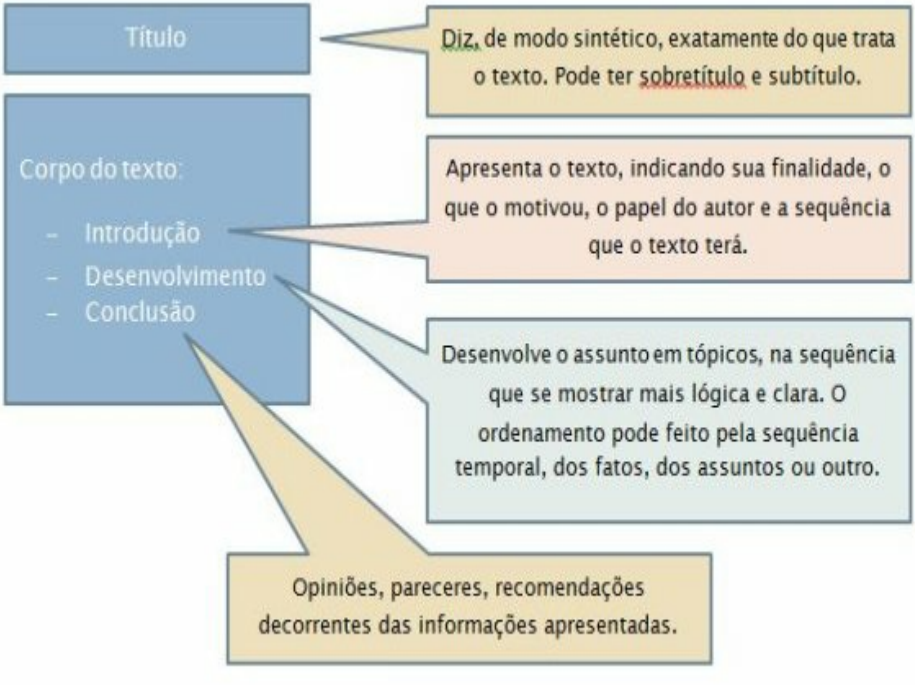

A introdução apresenta o texto e é uma orientação de

leitura. Deve ser clara o suficiente para o leitor saber o que vai encontrar pela frente.

Na parte do desenvolvimento o texto pode ser dividido em capítulos.

UM MODELO DE ESTRUTURA DESCRITIVA

Descrição, conforme observamos, é dizer como é um objeto físico ou intelectual. Quando se trata de objetos físicos – um automóvel, por exemplo - usualmente é bem mais fácil. Quando se trata de um objeto intelectual – *angústia*, por exemplo – as coisas complicam-se.

Vejamos uma alternativa de modelo.

Estrutura do texto descritivo

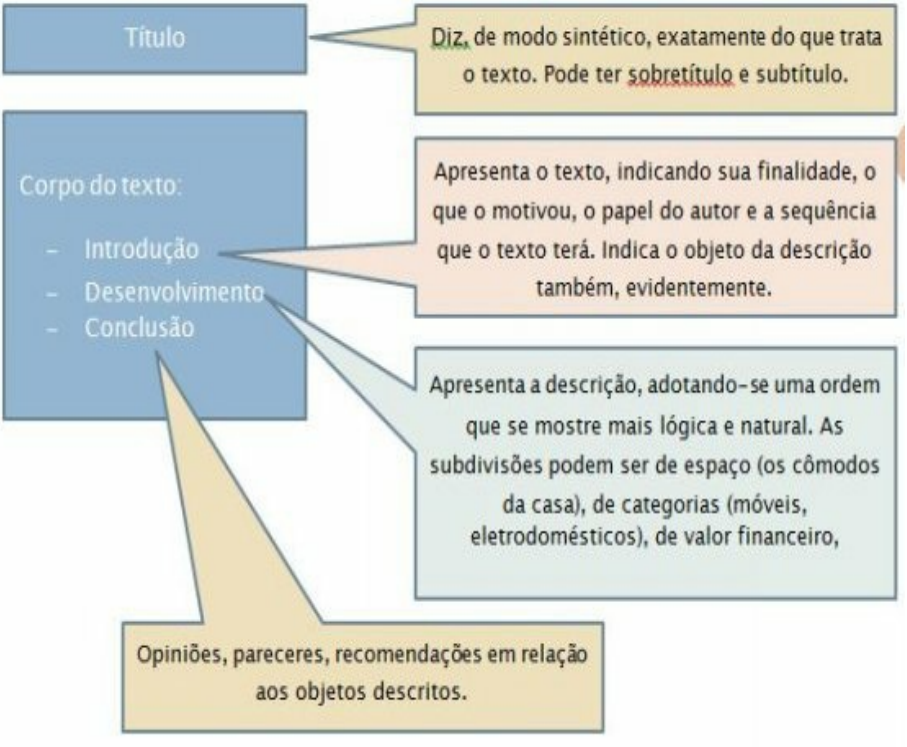

Checklist para a descrição de um objeto físico ((Use o que for relevante):

Cumprimento
Largura
Altura
Profundidade
Peso

Volume
Material de que é feito
Grau de conservação
História
Aparência
Cor
Estilo
Similaridade com outros objetos
Diferenciação em relação a outros
Cheiro
Funcionamento
Potência
Uso principal
Usos secundários
Valor objetivo
Valos subjetivo
Espaço que ocupa
Posicionamento
Localização
Manuseio

Suponha, por exemplo, que você seja solicitado, como perito, a fazer a descrição de uma antiguidade – uma cadeira, por exemplo – que esteja sendo objeto de litígio. Nesse caso, pode usar o *checklist*. Alguns itens poderão não se aplicar e poderá ser necessário também acrescer outros aspectos que não estão contemplados aí, mas, o

checklist é uma base. Quanto ao ordenamento, você cuida disso no plano do texto, e pode adotar o que for mais sensato.

Checklist para a descrição de um objeto intelectual (Use o que for relevante):

Categoria (sentimentos, ideias ou conceitos, comportamentos)
Como se manifesta
Origem
Resultados reais
Resultados potenciais
Como é percebido
Posicionamento entre outros objetos similares
Objetos opostos
Dimensão
Intensidade
Tempo

Suponhamos que você seja professora ou professor de Psicologia e vai dar uma aula sobre *atitudes* ou sobre *ansiedade*. Pode usar o *checklist* para montar seu material e sua explanação.

Checklist para descrição de uma pessoa (use o que for relevante):

Idade
Sexo

Altura
Peso
Cabelo – tipo e cor
Pele – tipo e cor
Raça
Nacionalidade
Tipo
Características distintivas opcionais de aparência: bigode, barba, tamanho cabelo
Roupa
Acessórios
Postura física
Expressão emocional
Expressão verbal
Ocupação
Classe social
Estado civil
Renda
Escolaridade
Comportamento
Religião
Visão política
Opiniões

Digamos que você tenha de descrever o assaltante que fugiu. Alguns itens provavelmente não serão conhecidos, mas pode haver indícios deles em outros . Por exemplo,

suponhamos que ele tenha rezado antes de fazer o assalto! Isso indica algo, risível, mas indica.

MODELO DE UMA ESTRUTURA DE DISSERTAÇÃO

Agora, imagine que você precise expor um assunto, por exemplo, fazer o seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Se for esse o caso, usualmente já há padrões estabelecidos pela faculdade. Mas, há outras circunstâncias em que é necessário dissertar. Eis um modelo de estrutura para fazê-lo:

Estrutura da dissertação

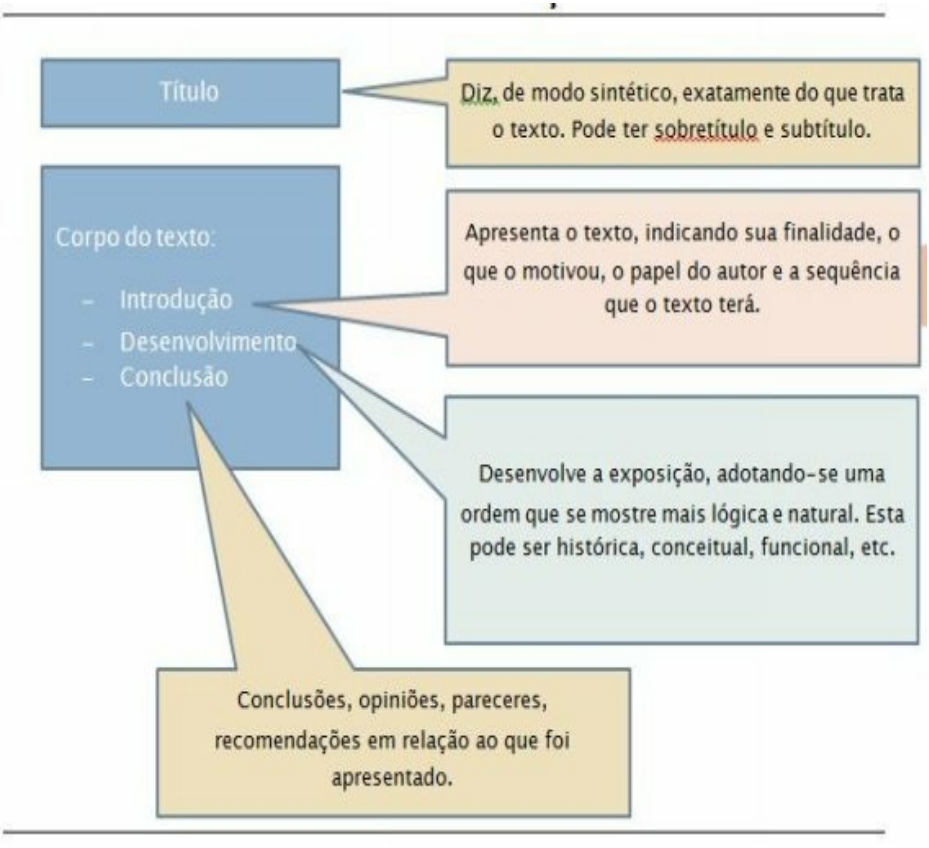

Checklist para a dissertação (use o que for relevante):

Definições

Contexto em que se situa o tema – campo do saber

Situação atual da pesquisa sobre o tema

Histórico

Ideias relevantes

Pessoas relevantes que o discutiram
Principais aspectos
Seus relacionamentos com processos sociais, pessoais, organizacionais
Impacto social
Relacionamento com outros temas ou aspectos da vida
Controvérsias

Modelo de uma estrutura de argumentação

Argumentar – defender uma ideia ou ponto de vista – é necessário em todos os campos da vida. A argumentação pode estar presente na carta de vendas, no texto científico, no texto jurídico, na proposta de implantação de um projeto, etc. Há modelos adaptáveis aos vários casos. Eis um modelo geral:

Estrutura de argumentação

Checklist para a argumentação (use o que for relevante):

Descrição do argumento
Teses contrárias
Teses favoráveis
Autoridades que se manifestaram sobre o tópico
Histórico da discussão
Exemplos
Casos

Experimentos científicos
Estatísticas
Resultados práticos documentados
Abrangência das propostas
Analogias

LIÇÃO DE CASA

1. Veja o vídeo 7 – Estruturas básicas de texto
2. Faça uma descrição de uma a duas páginas sobre saudade. Use o checklist.

Lição 7 – Textos adequados aos dias de hoje

Estética da época

Eis o trecho inicial do conto *O Empréstimo*, de Machado de Assis (1839-1908):

> Vou divulgar uma anedota, mas uma anedota no genuíno sentido do vocábulo, que o vulgo ampliou às historietas de pura invenção. Esta é verdadeira; podia citar algumas pessoas que a sabem tão bem como eu. Nem ela andou recôndita, senão por falta de um espírito repousado, que lhe achasse a filosofia. Como deveis saber, há em todas as coisas um sentido filosófico. Carlyle descobriu o dos coletes, ou, mais propriamente, o do vestuário; e ninguém ignora que os números, muito antes da loteria do Ipiranga, formavam o sistema de Pitágoras. Pela minha parte creio ter decifrado este caso de empréstimo; ides ver se me engano.

Poucas pessoas têm paciência para apreciar essa leitura nos dias de hoje, embora o texto seja de um dos maiores nomes da literatura portuguesa de todos os tempos. As narrativas de hoje têm de ser muito mais diretas e contundentes, para fazer frente à massa de informação

impactante que as pessoas recebem a cada minuto. As preferências vocabulares e as formas verbais também ficariam estranhas em um texto moderno.

Neste curso não tratamos da escrita literária, mas, também para a escrita do dia a dia há uma estética condizente com os tempos.

Comportamento dos leitores

Você faz um relatório que o chefe pediu. Ele mora numa cidade vizinha e pode ser que vá ler seu texto no trajeto do ônibus, ao final do dia, pelo celular. Outra situação: você faz um trabalho de escola. O professor, mais que provável, o lerá no computador, navegando entre seu texto e as notícias que está acompanhando. Ou ainda: você envia um e-mail ao cliente, que recebeu hoje outros 212 e-mails.

Algumas constatações sobre o comportamento do leitor nos dias de hoje:

Ele sofre muita pressão de tempo e dedica-se simultaneamente a muitas tarefas.

Lê em diferentes dispositivos – material impresso como livros, apostilas, revistas, jornais, boletins da empresa, e sistemas digitais - celular, computador ou *tablet*.

Lê em lugares os mais diferentes: no ônibus ou metrô, na sala de aula, no escritório, em casa com a tv ligada.

Lê muita coisa diferente, para dar conta de suas tarefas no trabalho, eventualmente na escola, e para atender necessidades de informação geral, lazer, etc.

Pode obter sem leitura as informações desejadas,

principalmente por meio de vídeos, tv e rádio, em diferentes modalidades.

TEXTOS ADEQUADOS

Em decorrência de tudo isso, os textos têm de ser:

Muito diretos, para que o leitor não tenha de perder tempo esperando pela informação que quer.

Muito curtos, com extensão suficiente apenas para satisfazer a demanda de informação daquele momento, naquela área.

Muito valiosos em conteúdo, para fazer frente à competição com *zilhões* de outros textos que se acham disponíveis.

Fragmentados, para que o leitor possa pegar apenas o que desejar no momento e fluir ou não para outros tópicos com maior aprofundamento.

Vejamos dois textos:

1. Estivemos analisando nossos arquivos e notamos que V.Sas. costumavam comprar em média 500 exemplares de nossa publicação por mês e que atualmente compram apenas 100. Em virtude disso, tomamos a liberdade de vir à sua presença para questionar o motivo da redução e propor uma reunião com a finalidade de verificar se há um modo de continuar fornecendo o número original de exemplares.

2. V.Sas. compravam em média 500 exemplares de nossa publicação por mês e agora compram só 100. Podemos fazer uma reunião para verificar se é possível voltar ao fornecimento de 500 exemplares?

O segundo texto tem por volta de metade das palavras. O leitor gasta apenas metade do tempo com ele e fica agradecido por isso. Quanto ao conteúdo, nenhum prejuízo, certo?

Regra a observar:

Não inclua conteúdo desnecessário: só o que é do interesse imediato do leitor.

Não use palavras e frases desnecessárias à transmissão do conteúdo.

Antes de passar cada texto adiante, verifique se está absolutamente enxuto.

Fragmentação do texto

Digamos que você seja especialista em educação e vai fazer um texto explicando como a pessoa pode entrar para a carreira docente. Você pode, no caso, fazer uma introdução de um único parágrafo e, em seguida, apresentar links para a pessoa direcionar o resto da leitura, conforme seu interesse. Exemplo:

> Há diferentes alternativas para quem deseja tornar-se professor. A mais usual é o ensino regular que engloba o ensino fundamental e médio e o ensino superior, com diferentes exigências para atuação do professor. Além do ensino regular, há os cursos livres ofertados por escolas de todos os tipos – que demandam igualmente professores com perfil específico. Por fim, há o ensino autônomo e particularizado, que oferece hoje muitas oportunidades. Clique abaixo, no link da área de seu maior interesse, para continuar a leitura:
>
> Professores do ensino fundamental e médio
> Professores do ensino superior
> Professores de cursos livres

Professores autônomos

Quando o leitor clicar em “Professores de ensino superior”, ele será direcionado à leitura de texto específico e essa poderá indicar outros tópicos de interesse. Por exemplo:

Professor de tempo integral
Professor de tempo parcial

É possível fazer essas ligações entre páginas de um mesmo documento do Word.

Dessa forma, se a pessoa está buscando informação apenas sobre como dar aulas em faculdade, não vai perder tempo lendo sobre as outras alternativas. Ela vai também aprofundando a leitura conforme seu interesse, seguindo os *links*.

Outras formas de fragmentar:

Fazer dois ou mais textos em vez de um. Por exemplo, se for para uma publicação os textos podem estar juntos na mesma página (de jornal ou site) ou no mesmo relatório, mas separados por títulos.

Apresentar pequenos textos em diferentes momentos.

Subdividir o texto por meio de intertítulos.

TENDÊNCIA À INFORMALIDADE

Há um tipo de redação que tem caráter formal e

padronizado, porque tem finalidades documentais e jurídicas: a correspondência oficial, que trata da troca de mensagens entre órgãos públicos, entre órgãos públicos e pessoas ou organizações privadas, e até entre agentes privados. Essa não é contemplada aqui neste curso, mas, o interessado pode obter o manual oficial para a área:

MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
De: Gilmar Ferreira Mendes e Nestor e José Forster Júnior
Link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

Com exceção dessa área, a comunicação nos tempos de hoje tende à informalidade, principalmente quando se trata de textos destinados ao público em geral.

Algumas recomendações:

Elimine a linguagem pomposa ou formal (deixa esta última reservada à correspondência oficial).

Em vez de	Prefira
Acusamos o recebimento de	Recebemos
Cumpre-nos comunicar	Informamos, comunicamos
Conforme acordado	De acordo com
Conforme assunto em epígrafe	Em referência, acima
Outrossim	Igualmente, ainda, também
Passo às suas mãos	Envio
Rogamos seja avaliado	Pedimos
Sendo o que se nos oferece para o momento	Frase desnecessária

Em textos endereçados ao público não use linguagem reverente nem mesmo o senhor/senhora, mas, nome e cargo ou qualificação. Exemplos: a) O

presidente da empresa, Geraldo Aguiar, informou que...; b) A dentista Luciana Silva esclarece que...c) O juiz Marcos Dias, da 2ª Vara da Infância e Juventude....

Igualmente não se refira a titulações, exceto nas circunstâncias certas. Por exemplo: Em vez de "O Professor Doutor José Antônio Rosa", diga simplesmente "O professor José Antônio Rosa".

Não use "nosso" de modéstia para referir-se a algo seu. Em vez de o "nosso" livro, diga "o meu livro".

Não use "vosso" de majestade. Diga "seu".

Não use linguagem poética fora de contexto. Por exemplo: Imagine uma carta dirigida a uma comunidade, pedindo ajuda para um centro de acolhimento de menores, com o seguinte texto: "Venho rogar a vossos generosos corações, que partilhem conosco dessa utopia de fazer mais pelo próximo. Isso é minorar as dores desses 60 menores já castigados pelas agruras de uma vida sem família". Seria muito melhor dizer: "Aqui cuidamos de 60 menores e os recursos nem sempre são suficientes. Você pode colaborar?"

LIÇÃO DE CASA

1. Assista ao vídeo 8 – Qualidades do texto moderno
2. Escreva uma notícia sobre um prêmio importante que você receberá (pode imaginar). Use o *checklist* da Lição 6.

Lição 8 – Principais derrapadas na redação e como evitá-las

Derrapadas no texto

Após o ENEM e os vestibulares sempre aparecem as *pérolas* de redação dos candidatos, algumas delas tão chocantes que fica difícil acreditar que efetivamente tenham ocorrido. Mas, quem escreve e ensina redação acredita que possivelmente ocorreram mesmo, pois é fácil derrapar no texto, principalmente quando se tem a pressão do tempo e o estresse natural que acompanha as provas.

Vejamos algumas pérolas coletadas pelo site perolasdoenem.com.br:

1. O povo quer coisas simples, sem muita luxúria.
2. Cada vez mais as pessoas querem conhecer sua família através da árvore ginecológica.
3. Ele tem medo de ficar preso no elevador, pois tem cleptomania.
4. Vamos mostrar que somos semelhantemente iguais.
5. A comunicação é importante porque comunica algo entre duas ou mais pessoas que querem se comunicar.
6. A fé é uma graça através da qual podemos ver o que não vemos.
7. O porco é assim chamado porque é nojento.

Posso confessar uma coisa? Também eu já dei minhas derrapadas. Um exemplo: Como jornalista iniciante, em 1976, escrevi algo assim:

> Como vem acontecendo todos os anos, a comunidade italiana de Campinas comemora hoje o 30º aniversário da sua república.

Captou a estupidez? Como é possível comemorar 30º aniversário todos os anos?!

Todos corremos o risco de derrapar e é sempre bom acreditar naquele provérbio americano que diz: "*Shit happens*!". Não vou traduzir com as palavras devidas por elegância. Mas, *shit* é o termo popular para *fezes* e *happens* é *acontece*.

Há algumas *armadilhas* que levam a derrapadas. Vejamos:

No caso das pérolas 1, 2 e 3 acima o problema são as palavras parecidas. Por exemplo, o redator da pérola número 1 provavelmente queria dizer *luxo* (ostentação, requintes) e não *luxúria* (desejo de prazeres sexuais). O número 2 queria dizer, naturalmente, árvore genealógica (origem) e não ginecológica (de ginecologia, estudo do funcionamento dos órgãos sexuais e da saúde sexual da mulher). Na terceira frase, *cleptomania* (desejo patológico de furtar) aparece no lugar de *claustrofobia* (medo patológico de lugares fechados). Veja quadro 1, adiante.

No quarto caso há um pleonasmo vicioso, repetição inútil de palavras com o mesmo sentido. Poderia tirar o

semelhantemente e a frase teria exatamente o mesmo sentido. Poucas pessoas provavelmente derrapariam de modo tão contundente quanto o fez nosso amigo acima, mas, muitos dizem coisas como:

> *Há cinco anos atrás vi Pedro*. Ora, ou tira o "há", ou tira "atrás". Os dois vocábulos juntos é redundância.

No casos 5 e 6, o problema são as definições e explicações. É comum as pessoas distraírem-se e incluírem, em suas definições e explicações, os termos que estão tentando definir ou explicar. Daí: a *comunicação comunica* entre pessoas que querem *comunicar*!

Por fim, no caso 7, o autor derrapa devido à ingenuidade pura e simples. A associação entre porco e sujeira é comum, dadas as condições das pocilgas, mas não se pode inferir que o nome do animal decorra dessa relação.

Não confundir...	**com...**
Absolver - inocentar, perdoar,	Absorver – consumir, ingerir, aspirar, assimilar.
Acento - sinal gráfico; realce de uma sílaba (ou palavra).	Assento - lugar, superfície ou coisa sobre a qual se senta.
Acessório - que não é fundamental; adicional.	Assessório – referente ou pertencente a assessor.
Acostumar – contrair hábito; adaptar-se.	Costumar – ter por hábito; ter costume.

Aferir – avaliar, julgar por meio de comparação.	Auferir – colher, obter ou receber vantagens.
Aprender – instruir-se, adquirir conhecimento.	Apreender – assimilar mentalmente; captar, compreender.
Atuar - desempenhar um papel como ator; agir;	Autuar - lavrar um auto de infração contra alguém; processar.
Câmara – local onde se reúnem os vereadores, deputados.	Câmera – aparelho que capta e reproduz imagens.
Comprimento – extensão.	Cumprimento – saudação, ato de cumprir, execução.
Concerto – sessão musical.	Conserto – reparo.
Deferir – atender, conceder;	Diferir – distinguir-se, ser diferente; adiar.
Descrição - ato de descrever.	Discrição - reserva, qualidade de discreto.
Granizo – Pedras de gelo que vêm em forma de chuva	Granito – Rocha dura
Infligir - aplicar pena ou castigo.	Infringir - transgredir, violar, não respeitar.
Mandado - ordem judicial.	Mandato - período de permanência em cargo.
Precedente – antecedente.	Procedente - proveniente, oriundo.
Ratificar – confirmar.	Retificar – tornar reto o que está torto; endireitar.
Soar - produzir som.	Suar - transpirar.
Vultoso - volumoso, de grande vulto, enorme.	Vultuoso - vermelho, inchado, atacado de vultuosidade.

O site *Recanto das Letras* traz uma longa lista de palavras

parônimas (grafias parecidas, com sentidos diferentes) e homônimas (iguais na grafia, com sentidos diferentes).
Para acessar:
http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/152254

Fontes de ambiguidade

A ambiguidade, o duplo sentido, é uma potencial fonte de derrapadas na redação. O redator se esquece de que algumas palavras têm mais de um sentido e constrói frases que não deixem claro o sentido em que o vocábulo é empregado. Exemplo:

Como vai a cachorra da sua amiga?
O rapaz comeu maçã e sua prima também.

Muitas palavras têm esses sentidos ou conotações maliciosos, o que leva a ideias ou insinuações indesejadas. Tais são, entre outras, as palavras negócio, penetrar, gozar e praticamente todos os nomes de animais e objetos que eventualmente sejam empregados também com sentido malicioso. Exemplo:

O negócio do Pedro encolheu com a chegada da crise.
O jumento do Nelson invadiu o quintal das freiras.
O Sílvio gosta demais de linguiça.

O sentido malicioso usualmente revela-se a pessoas que são maliciosas. O problema está mais naquelas que nos textos em si. Do ponto de vista da comunicação, entretanto, é melhor evitar, para não provocar nenhum tipo de interpretação inadequada, de quem quer que seja.

Cacófatos

Os cacófatos, encontros de sílabas que formam palavras ou expressões desagradáveis ou deselegantes, também fontes de derrapadas. Exemplos:

Nenhum segurança havia dado.
Governo confisca gado de fazendas.
Usei um pilão de socar alho.
Minha irmã, essa fada, sempre cuidou de mim.
Emagreci graças ao *cooper* feito diariamente.
Nunca gaste além do orçamento.

Cuidado com a palavra *fé*, grande causadora de cacófatos:

Fé de Paulo.
Ele tem pouca fé.
Os dois são muito diferentes quanto à fé: João, fé de mais; Pedro, fé de menos.

Outros encontros de palavras que acarretam sons desagradáveis. Por exemplo: Não se deve terminar uma oração ou um parágrafo e iniciar outro com a mesma palavra ou expressão. Exemplos:

Ele trouxe o amigo para trabalhar na empresa. A empresa estava em fase de expansão e...

Há uma considerável tensão nas relações internacionais nos dias de hoje. Nos dias de hoje percebe-se algo parecido com a retomada da Guerra

Fria.

Especial cuidado com eco, as sequências engraçadas, as combinações que criam dificuldade de pronúncia.

João, após a reunião, marcou o leilão.
O papa pede paz.
U*ma má*quina faz o trabalho de cinco homens.
Criou uma gri*fe fe*minina de grande sucesso.

UMA BOA REVISÃO

Como todos podemos derrapar, o jeito é não passar texto adiante sem uma boa revisão. De minha parte, quando se trata de texto de maior seriedade, costumo fazer o que chamo de revisão ponto por ponto, assim:

Primeiro, reviso com foco nas questões de pontuação;

Depois, reviso com foco em erros gramaticais, principalmente concordância e regência;

Por fim, dou reviso com atenção específica nas questões estéticas.

LIÇÃO DE CASA

3. Veja o vídeo 9 – Cuidado com as derrapadas.
4. Faça uma dissertação de três páginas sobre um tópico que você conhece bem. Use o *checklist* da Lição 6.

Lição 9 – Escrevendo um texto longo

Problemas dos textos longos

Os textos longos feitos por redatores menos qualificados costumam apresentar alguns problemas comuns. Os principais são os seguintes:

Desproporção no conteúdo – Algumas partes do texto ficam maiores ou menores do que deveriam.

Desequilíbrio na qualidade – Algumas partes do texto apresentam qualidade inferior à observada em outras.

Desconexão – Não há adequada ligação entre as partes do texto.

Inclusão de conteúdo irrelevante - Presença de conteúdo desnecessário ou não relacionado com o tópico em discussão.

Repetição – Há reapresentação de conteúdo, com mudanças no palavreado.

Falta de atratividade – Exposição sem vida, entediante.

Bom planejamento é a solução

Ora, se o planejamento é importante em qualquer tipo de texto, quando se trata de um trabalho mais extenso ele é ainda mais relevante. Para fazer um texto longo – um relatório, um artigo acadêmico, um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, uma dissertação, é necessário trabalhar com atenção redobrada no planejamento.

Vejamos como o bom planejamento pode ajudar na eliminação ou redução dos problemas mencionados:

Problema	**Solução no planejamento**
Desproporção no conteúdo	Ao elaborar seu sumário, o redator deve decidir qual é o tamanho que cada parte deve ter para haver coerência. Ele deve definir isso em número de páginas. Com um sumário adequado, ele terá indicações sobre o que deve pesquisar mais, para ter conteúdo relevante para sustentar as partes.
Desequilíbrio na qualidade	Com o sumário em mãos, o redator avaliará também se há equilíbrio no conteúdo disponível. Tenho material de boa qualidade para construir cada parte do texto. Se não tem,

	planeje a busca.
Desconexão	O sumário deverá refletir uma linha mestre de raciocínio. As afirmações da introdução deverão ter desenvolvimento e sustentação claros e específicos no decorrer do texto. Na fixação do sumário o redator poderá marcar as conexões que fará. Ao final deve ter uma visão clara do modo como desenvolverá suas ideias.
Inclusão de conteúdo irrelevante	Uma boa ideia aqui é detalhar bastante o sumário, inicialmente, e questionar cada um dos itens previstos, para decidir se é efetivamente necessário. Depois de fechado esse, com nível de detalhe adequado, deve ser seguido com rigor. Inclusões e exclusões posteriores poderão ser feitas, evidentemente, mas sempre com uma visão geral do texto.
Repetição	Um bom sumário ajuda a evitá-las, mas, elas poderão surgir em decorrência da sequência do

	trabalho de redação em si. O ideal é ir avaliando, de tempos a tempos, se o texto está correspondendo ao sumário e se não há repetições.
Falta de atratividade	Com vistas no sumário o redator poderá planejar atrativos para o texto. Estes serão exemplos, casos, demonstrações, caixas de texto ilustrativos, etc. A ideia é não deixar o ritmo e a força do conteúdo caírem. Adiante falaremos de modos de manter o texto vivo.

Elaboração em 7 etapas

Vamos adotar um processo de planejamento em nove etapas, para garantir que o texto longo não apresente os vícios comuns.

Texto longo – Etapas da elaboração

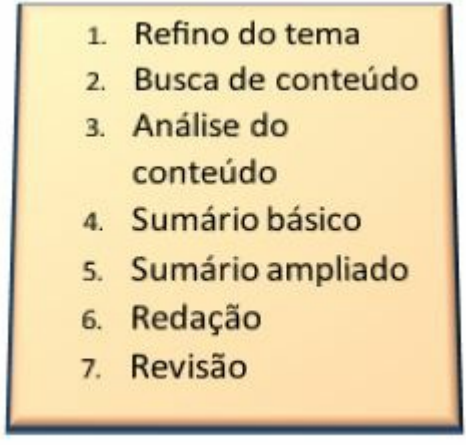

1 - Refino do tema

De algum modo, provavelmente o tema já estará dado. Mas, sempre se pode buscar o seu refino. Por exemplo:

Tema	Refino
Relatório sobre a situação da empresa (que se deseja comprar)	Situação da empresa – potencial de sucesso atual e crescimento

Dissertação sobre assédio moral	Assédio moral – Aspectos psicossociais
Discussão sobre a escola no país	A escola no Brasil – Ineficiências básicas

Para refinar o tema podemos usar uma variação do *Checklist* de Osborn (Alex F. Osborn, criador do *brainstorming*). É um *checklist* criativo que se aplica a tudo o que desejamos mudar para melhorar. Vamos ao nosso *checklist* adaptado, para refinar o tema:

Checklist para refino do tema

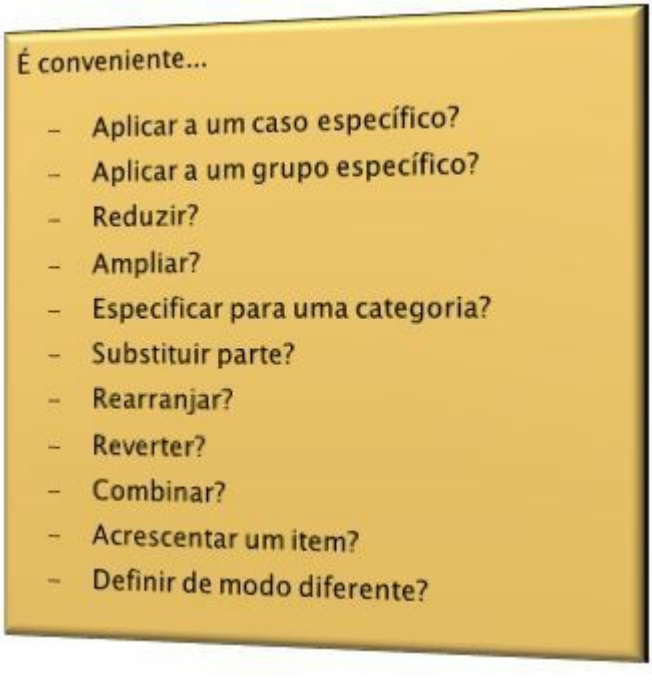

Ao final, o tema deverá estar bem definido, claro e preciso. Isso facilitará as etapas posteriores.

2 - Busca de conteúdo

Agora, tratando-se de um texto longo, é conveniente fazer uma busca adequada de material para o texto. Pode-se começar pela busca de material de terceiros. Junte tudo que estiver disponível, no material produzido por outras pessoas:

Livros
Apostilas
Artigos de jornais e revistas
Textos de Internet impressos
Documentos
Relatórios de entrevistas
Relatórios de pesquisa
Questionários preenchidos

Nessa fase, não se preocupe muito com a avaliação crítica do material. Simplesmente junte o que for possível.

Agregue a esse material suas próprias ideias e informações, igualmente sem se preocupar muito com a qualidade. Simplesmente anote tudo de seu que pretende usar. Para levantar material próprio, use o *checklist* da Lição 5 – *Criatividade na busca e produção de conteúdo*, isto é, pense em exemplos, casos, testemunhos, etc.

3 - Análise do conteúdo

Dê uma olhada geral no material, com os objetivos de:

Formar uma ideia geral sobre como enfocar o tema

Formar uma ideia geral sobre a sequência que o trabalho deverá ter

Identificar e marcar itens relevantes para a composição do sumário

Identificar eventuais lacunas de informação

Identificar material dispensável

Faça uma organização física adequada do material, para facilitar seu trabalho.

4 – Faça um sumário básico

Agora é necessário fazer um sumário inicial, provisório certamente, contendo a espinha dorsal de seu texto. É um sumário que contém só os itens principais, que é útil para você formar uma ideia do conjunto do texto.

Por exemplo: Suponha que você vá escrever um texto sobre treinamento de vendedores. O sumário básico poderia ser:

Exemplo de sumário básico

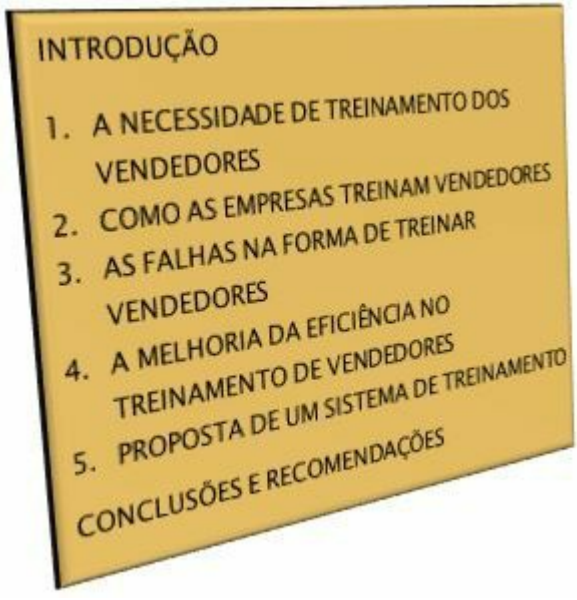

5 - Sumário ampliado

Na sequência, tome o sumário acima e preencha-o com subitens. Veja um exemplo com enfoque nas três primeiras divisões do sumário apresentado.

Exemplo de sumário ampliado

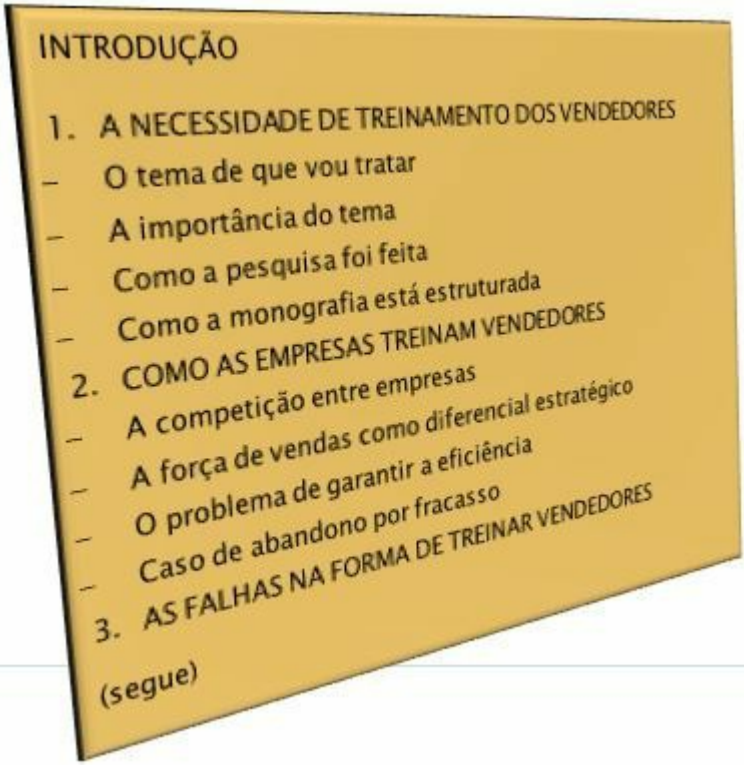

6 - Redação

Agora, redige-se cada um dos tópicos previstos. Para essa redação, pode-se fazer aquele esquema de planejamento de texto explicado na primeira lição.

No decorrer da redação vá fazendo as conexões devidas entre as partes do texto. Use frases que fazem a ligação entre as partes, como:

> Propusemos, na introdução, que... Agora vamos apresentar os argumentos que....

> Se é verdade que, como dissemos no capítulo anterior, o Estado tem de .... então, o que proporemos agora....

Igualmente, faça paradas de leitura, de tempos a tempos, para verificar se as partes estão devidamente vinculadas e se a sequência está dentro do previsto no sumário.

Verifique também o material coletado – seu e de terceiros – para ver se não está deixando nada para traz.

7 – Revisão

Por fim, faça a revisão, preferencialmente ponto por ponto como apresentado na lição anterior. Olhe o conteúdo, primeiramente; depois verifique questões gramaticais e de ortografia; depois, analise questões estéticas.

Você pode, na revisão final, submeter seu texto a um *checklist* de qualidade, conforme a seguir:

***Checklist* de qualidade do texto**
Adequação
• *À situação* – O tom, a extensão, a forma, o tratamento têm de variar conforme a situação em que se acham os interlocutores. Há situações que pedem gravidade e formalidade, outras que demandam maior descontração, outras ainda que exigem textos curtos enquanto que outras exigem textos longos.
• *Assunto* – Igualmente a forma do texto varia

conforme o assunto e *sintonizar-se* adequadamente é fundamental.

- *Leitor* – Quem é o leitor? O que ele sabe? Qual é seu grau de escolaridade? Qual é o nível de intimidade que o redator tem com ele? Há um texto adequado para cada perfil de leitor.
- *Redator* – Uma determinada afirmação do redator X poderá causar reação negativa, enquanto que a mesma afirmação será naturalmente aceita, se vier do redator Y. Quem comunica faz toda a diferença e o texto tem de adequar-se a isso.
- *Mídia* – Que mídia será usada: E-mail? WhatsApp? Carta? O texto tem de adequar-se à mídia.

Concisão

- *Conteúdo* – É só o necessário para a boa comunicação ou tem ideias ou informações extras que foram enxertadas ali por qualquer motivo alheio à busca da melhor comunicação?
- *Objetividade* – O texto está objetivo, isto é, focalizado no assunto e sem trajetos inúteis ou expressões de subjetividade inapropriadas?
- *Economia* – O texto atinge seus objetivos com o menor dispêndio de energia e tempo por parte do leitor?

Clareza

- *Palavras, frases, parágrafos são facilmente inteligíveis?*
- *Há precisão nas afirmações e raciocínios?*
- *Há completeza, isto é, todas as ideias e informações relevantes estão no texto?*

Coerência

- Aquilo que se está afirmando combina com fatos e com a realidade das coisas?
- A vinculação entre as partes é adequada?
- Observa-se coerência entre as afirmações e raciocínios do começo ao fim?
- As premissas ou afirmações levam com lógica às conclusões apresentadas?

Ordem

- A sequência da exposição é adequada?
- Há proporcionalidade no destaque dado às partes?
- Eventuais classificações apresentadas são adequadas?

Vigor e ênfase

O texto é caracterizado por palavras "vivas", fatos, números, coisas concretas?

Elegância

Observa-se simplicidade, equilíbrio, sonoridade, ritmo, bom gosto nas escolhas de vocabulário e na condução do

assunto?

LIÇÃO DE CASA

5. Veja o vídeo 9 – Cuidado com as derrapadas.
6. Faça uma dissertação de três páginas sobre um tópico que você conhece bem. Use o *checklist* da Lição 6.

Lição 10 – Usando a escrita como ferramenta de promoção na carreira

Amplie sua competência e use-a

Por que as pessoas estudam? Para aprender, certo, mas, por que aprender? Vamos à resposta óbvia e direta: salvo raríssimas exceções, as pessoas estudam para ampliar sua empregabilidade, para conquistar um trabalho que satisfaça as expectativas, para ganhar mais. Em síntese, estuda-se para adquirir competência para ganhar a vida de modo mais eficiente e seguro.

O curioso é que às vezes as pessoas adquirem uma nova competência e não sabem usá-la eficientemente. Isso é ruim. De que adianta ter a competência se não se faz um uso adequado dela? É preciso aprender a usar os próprios recursos de maneira mais comercial. Nada errado nisso.

Usando a competência adquirida

Melhorou sua competência para escrever? Então, comece a fazer uso estratégico dessa. Isso é fundamental, porque o uso inteligente é que permitirá que você entre num círculo virtuoso, que funciona assim: o uso traz resultados; esses criam motivação para continuar usando e, paralelamente, leva a maior aprendizado; este, por sua vez, permite chegar a resultados ainda melhores. Por outro lado, se você não usou, a competência “enferruja” e tende a perder-se.

Círculo virtuoso do aprendizado

Certa vez ouvi do grande publicitário e redator Washington Olivetto, em entrevista, uma narrativa que explica bem isso. Perguntado sobre seu sucesso, ele disse que teve sorte de ir trabalhar como estagiário em uma empresa que lhe deu oportunidade de criar e ofereceu clima e suporte para isso. Então, ele disse, conseguiu mostrar resultado, no nível em que estava. Daí, recebeu aplausos e ganhou novas oportunidades para continuar criando. Ficou entusiasmado, sua autoestima e autoconfiança melhoraram e continuou criando. Assim foi crescendo como redator publicitário até chegar ao reconhecimento público.

Aqui vão algumas ideias para você começar a usar a capacidade de redação para ganhar pontos na carreira:

1 - Melhore seus textos do dia a dia do trabalho e mostre-os às pessoas certas

Por exemplo, suponhamos que você trabalhe na área de vendas de uma empresa e que seja responsável para elaboração de um dado relatório. Melhore esse relatório e mostre ao chefe, perguntando-lhe se a mudança está conveniente. É evidente que algumas pessoas têm chefes acomodados e inseguros que não valorizarão as mudanças sugeridas. Paciência. Mas, mesmo que seja esse o caso, continue tentando aplicar a nova competência, porque os ganhos em termos de aprendizado virão e mais cedo ou mais tarde você acha uma oportunidade para mostrar serviço (nessa empresa ou em outra).

O mais provável é que, havendo uma mudança para melhor, na hora da real necessidade essa competência nova adquirida será demandada pelo chefe e pela empresa. Portanto, continue buscando a melhora – e mostrando serviço.

2 - Ofereça-se para escrever

Em praticamente todo tipo de trabalho, uma hora surge a necessidade de escrever algo: um relatório, uma ata, uma proposta. Ofereça-se para a tarefa. Assim, primeiro, você vai escrever mais e mais – e aprender mais e mais.

Segundo, você vai mostrar serviço, apresentando textos bons. Como essa competência é bastante útil em todos os tipos de organização, oportunidades poderão surgir daí.

Já notei que muitas vezes a dificuldade de escrever se deve apenas a um fator: falta de prática. A pessoa sente dificuldade e, por isso, acaba evitando as tarefas de redação. Logo, deixa de aprimorar-se nela. Então, ofereça-se para escrever.

3 – Melhore a qualidade dos textos que você faz em outras atividades

Por exemplo, está fazendo faculdade? Passe a fazer melhores textos nos diferentes trabalhos que são solicitados. As pessoas eventualmente não se esmeram para obter a máxima qualidade porque julgam que não haverá diferença entre algo excelente e algo apenas aceitável. Grande engano. Aquilo que alguém faz necessariamente aparece, para o bem ou para o mal. Assim, aparecer como competente cria oportunidades. Os professores, por exemplo, observam os alunos – e eles podem ter oportunidades a oferecer.

Acredite: o bom trabalho aparece e cria potencial para surgimento de boas oportunidades.

4 – Crie mensagens para estabelecer pontes com pessoas relevantes em sua carreira

A comunicação é a arma da divulgação de sua

competência, de suas credenciais para realizar uma função, de seu interesse, de sua motivação para determinada atividade. Há um tripé dos requisitos do sucesso nos tempos de hoje: popularidade, credibilidade, atratividade.

Tripé do sucesso

Você precisa aparecer para as pessoas certas, precisa mostrar que existe – isto é, atingir a popularidade. Mas, deve fazê-lo de tal modo que a imagem projeta seja positiva, capaz de angariar credibilidade. Por fim, tem de conquistar também a atratividade, porque as pessoas têm tendência a lembrar-se daquelas que são mais interessantes na hora das oportunidades. Assim, textos bons e, ao mesmo tempo, de bom astral, contendo informações agradáveis, tendem a trazer bons resultados.

Exemplos de pontes que você pode criar por meio de textos:

Você leu um livro profissional interessante. Suponha que haja uma pessoa conhecida que trabalhe em um cargo chave em uma organização. Você sabe que essa pessoa tem interesse profissional no assunto tratado. Escreva-lhe apresentando algumas ideias do livro e sugerindo-o. Pode-se, assim, criar um canal para discussão de temas de seu interesse e mostrar que você é pessoa com quem se pode trocar boas ideias.

Suponhamos que você tivesse interesse em trabalhar na área de marketing de uma dada empresa que acabou de lançar um novo produto. Escreva para a empresa falando do produto, que você comprou e está consumindo, e aproveite para tecer elogios (verdadeiros) sobre a estratégia de lançamento adotada.

5 – Escreva um artigo para um veículo de comunicação

Pode ser um jornal, uma revista, um site – todo tipo de veículo aceita colaboração de pessoas que tenham credenciais para falar de determinados assuntos. Por exemplo, se você é contadora ou contador, naturalmente pode falar de uma nova lei que afetará as pequenas empresas. Do mesmo modo, se você está na área de saúde, pode publicar uma orientação específica para prevenção de dada doença. Escrever artigo é um excelente modo de projetar-se – além de ser ótimo exercício para

desenvolver a competência de comunicação. Tome um tema relevante do ponto de vista dos leitores do veículo, faça um bom texto usando uma estrutura de dissertação que aprendeu aqui no curso, e envie-o à pessoa certa, como colaboração.

6 – Publique

Na internet há vários sites de autopublicação. Alguém que escreva um artigo, um livro, até mesmo uma poesia, certamente achará espaço para publicar. Digamos que você tenha alguma competência específica em dada área, tenha um conhecimento a compartilhar (não precisa ser nada extraordinário), é só uma questão de desenvolver a ideia e colocar no ar.

Muita gente faz um grande esforço para escrever, digamos, um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, na faculdade ou na pós-graduação. Por que não publicar esse texto, fazendo as adaptações necessárias? Pode-se advir daí algum benefício – de divulgação ou até financeiro. Quem publica abre janelas de oportunidade.

7 – Faça textos promocionais

Muitas pessoas têm atividades autônomas nos dias de hoje ou têm pequenos negócios. Essas devem usar a competência em redação para elaborar textos promocionais de seus produtos ou serviços. Por exemplo, a pessoa pode fazer um bom e-mail apresentando seu

serviço e endereçá-lo a clientes potenciais escolhidos. Pode igualmente fazer textos para o Facebook ou outro site de relacionamento.

A internet oferece oportunidades de divulgação gratuita extraordinárias. Há muitos sites que mostram como promover-se pela por meio da rede. Se você tem uma atividade autônoma ou um pequeno negócio, estude mais o assunto e, mãos à obra.

CUIDE BEM DE SI MESMO

Bem, uma palavra final sobre o aprendizado de redação: Só você pode aprender por você, só você pode fazer bom uso, só você pode cuidar do seu desenvolvimento pessoal e profissional. Não há curso que ensine você, mas, se você quiser aprender as oportunidades existentes hoje são imensas – e você aprenderá com qualquer curso e com todos os recursos que estiverem disponíveis. Igualmente, depois de aprender, só você poderá cuidar de fazer um bom uso. Se não houver oportunidade na função atual, mude, busque outras alternativas. Use a criatividade para encontrar espaço para usar plenamente seu potencial. Por fim, só você poderá cuidar com a devida atenção do seu desenvolvimento pessoal – conquista de posições com maior oportunidade para contribuir e conquista de maior sucesso.

Então, cuide bem do seu interesse.

Palavra final

Bem, chegamos ao fim de nosso curso. Espero que ele tenha trazido principalmente motivação para o aprendizado, porque esse deve prolongar-se por toda a vida. Espero também que algumas ideias aqui apresentadas tenham provocado mudanças para melhor na sua forma de sentir, pensar e agir – e que você possa colher os frutos disso.

Boa sorte!

Mas, o assunto não acabou. A seguir você encontra um anexo com uma cópia do *e-book Guia para Aprendizado mais Fácil de Gramática.* Sugiro que você leia - e verá que ele é uma complementação do que discutimos aqui.

Anexo 1 - Guia para o aprendizado mais fácil de gramática

Este guia

Fui convidado a dar aulas de redação, gramática e interpretação de textos para profissionais de contabilidade que precisavam fazer o exame do CFC - Conselho Federal de Contabilidade. Argumentei que estava meio “enferrujado” na área, mas, considerando minha formação em Jornalismo e minha prática como escritor, além do fato de eu conhecer a realidade dos profissionais da área contábil, insistiram para que eu aceitasse essas aulas.

Nas aulas, percebi que seria difícil para os profissionais da área estudar a gramática da maneira tradicional, o que eu próprio faço muito pouco. Resolvi então mostrar meu modo de resolver os problemas – e buscar o conhecimento suficiente. Acabei criando a expressão *aprendizado pelo caminho da prática*, que aqui apresento.

Não espere encontrar a erudição que um estudo mais completo da língua requer. Vamos direto às formas de estudar que, a meu ver, são adequadas a pessoas que não são profissionais da área gramatical. O manual será útil para o contador, o economista, o administrador, o

advogado, o executivo, enfim, para gente que tem de escrever (todo o mundo) mas não tem como priorizar o estudo mais aprofundado da gramática.

Este manual passou a fazer parte do meu Curso Prático de Redação, que ofereço na versão online. Os interessados poderão entrar em meu canal do Youtube e ver vídeo sobre ele.

Caminhos de aprendizado

Tenho em mãos dois bons livros de gramática. O primeiro deles é a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara. Este trata, por exemplo, da distinção entre verbos nocionais e relacionais e também do conceito de taxis, que "assinala a posição de um acontecimento em relação a outro sem consideração do ato de fala". O segundo é a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Linley Cintra. Em suas 762 páginas é bem mais acessível que a gramática de Bechara, mas, ainda assim trata de zeugma, anástrofe, hipérbato, e seus exemplos são extraídos da literatura, como: "As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de azedas ou adstringentes que dantes eram" (Marquês de Maricá).

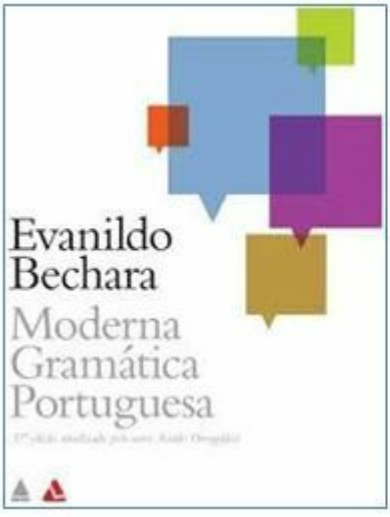

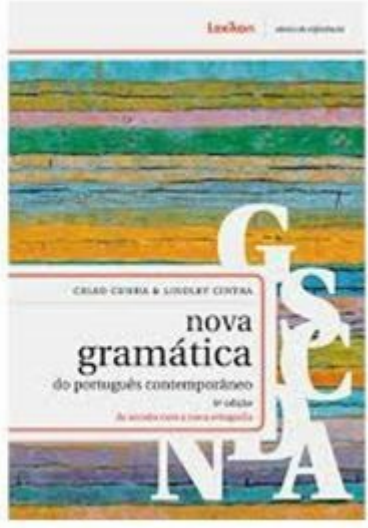

A melhor maneira de aprender gramática é tomar livros como esses e estudar com calma e atenção, refletindo e fazendo os devidos esforços para entender conceitos mais complicados, tomando notas, buscando leituras complementares, ouvindo aulas de professores eruditos, etc. Esse tipo de estudo é recomendado para profissionais: professores de português, escritores do segmento literário, tradutores, críticos, enfim, intelectuais que de um modo ou outro lidam com os problemas da língua.

Profissionais de outras áreas nem sempre têm condições de aprender desse modo erudito, por assim dizer. Não dispõem do tempo e nem da tranquilidade suficiente para estudar a gramática com o necessário aprofundamento e, além disso, frequentemente não têm interesse, porque as

questões que mais os preocupam são de outros campos. Para esses profissionais – o médico, o executivo, o contador, o advogado – a melhor forma de aprender é outra, que chamarei de *caminho da prática*.

O caminho da prática

O caminho da prática pressupõe:

* *Aprender com o uso* – Se a pessoa passar a usar as expressões "*não obstante*" e *"a despeito de"* (que provavelmente conhece mas não usa) em vez de "*apesar de*" acaba por incorporá-las a seu vocabulário ativo, o que refletirá em linguagem mais elegante e variada. O uso repetido leva à consolidação do aprendizado. Logo, pesquise, descubra seus erros, corrija-os e pratique o certo muitas vezes, que esse vai tornar-se natural e automático em sua expressão.

* *Concentração nas áreas de real interesse* – Por que aprender os tempos verbais do verbo "*apoquentar-se*" se ele raríssimas vezes é usado? Por que entender em profundidade o conceito de taxis, se não se vai lidar com as questões técnicas mais complexas da língua? Essas podem bem ser deixadas para os especialistas. Em caso de necessidade, consulte.

* *Estudo sob demanda* – A ideia é buscar apenas a porção certa de conhecimento na hora certa. Por exemplo: Fico na dúvida se devo dizer "*obedecer o pai*" o ou "*obedecer ao pai*" e então vou buscar a solução. Se a palavra ou expressão for muito usada consultarei muitas vezes e acabarei por aprender o uso correto.

* *Do específico para o geral* – Em vez de aprender a regra para extrair a orientação para acentuação de uma palavra, posso aprender a acentuá-la sem me preocupar com a regra. Com o passar do tempo vou percebendo *de ouvido* que certas palavras que têm algo em comum têm também o mesmo tipo de acento: maná, manacá, café, até, avó, carijó. Por outro lado, ao perceber igualmente que "*Parati*" e "*caju*" não têm acento começo a entender também que o mesmo se aplica a "caqui, juriti, Itu". Daí a pessoa começa a entender a diferença entre os dois conjuntos: *a, e, o fortes* no final levam acento, quando *i* e *u* não levam.

* *Aprendizado pela exceção* – Quando a pessoa lê um bom livro sobre erros comuns de português ela descobre, por exemplo, que fala erroneamente "mer***e**tíssimo" e não "mer***i**tíssimo" como deveria. O erro marca. Aprender a evitar erros comuns é um caminho usualmente mais curto que aprender a escrever e falar certo.

* *Aprender pela repetição* – Depois de conferir cinco vezes a tabela do hífen para escrever "autoajuda", a pessoa acaba percebendo que a palavra não tem hífen e que outras formadas por "auto" seguidas de vogal igualmente não têm.

* *Aprender jogando* – Por meio de um aplicativo de jogo simples se pode aprender facilmente a leitura das notas

musicais. Igualmente por meio de exercícios na internet se pode aprender gramática. Depois de fazer 50 exercícios de regência a pessoa passa a entender o que é regência sem ter estudado o assunto. O jogo é prazeroso e torna o aprendizado estimulante e mais fácil.

Usar a tecnologia – O mundo mudou radicalmente com o advento da tecnologia da informação. Tudo que diz respeito a conhecimento e sua aquisição foi afetado pela internet e a revolução que acarretou. Recursos extraordinários abrem novas janelas de oportunidades de aprendizado para todos. Está tudo à mão: vídeos, sites, jogos, *podcasts*, e-books, cursos EAD. O uso dos novos recursos que permitem acelerar como nunca o aprendizado. Use tudo.

Estratégia de aprendizado

Para aprender gramática de modo mais fácil é conveniente estabelecer uma boa estratégia de aprendizado. Isso é decidir o que estudar, o que não estudar, e as formas de estudar. O quadro abaixo ajuda nessa tarefa.

Exemplos sobre o que estudar/não estudar

Tópico	**Observações**
Conceitos gerais de fonologia: vogais, semivogais, consoantes; dígrafos e encontros de vogais e consoantes, sílabas, acento tônico.	**Deve-se estudar** o essencial. Cabe em poucas páginas, não oferece dificuldade à compreensão e ajuda bastante a resolver problemas em outras áreas da gramática.
Grafia de palavras com as letras *x, ch, c, ç, s, z, j, g* e hífen.	**Não estudar**. São muitas regras, algumas complexas, exigem outros conhecimentos (por exemplo, origem das palavras). É melhor ir pela exceção - consultar, no caso de dúvida, e aprender "de ouvido", pelo uso.

Regras de acentuação.	**Deve-se estudar.** As principais são poucas, facilmente assimiláveis e resolvem a maioria dos casos. Caso você não memorize imediatamente algumas, não há problema, pois, com as consultas ao longo do tempo se pode aprender.
Conceitos fundamentais como sinônimas, antônimas, homônimas e parônimas.	**Estudar**. Pouco estudo e melhoria da compreensão geral, para resolver problemas.
Morfologia – estrutura das palavras, origens, processos de formação.	**Não estudar**. Não há aplicação imediata para a solução de dúvidas e problemas. O esforço pode ser mais bem usado em outros tópicos.
Classes de palavras – Substantivo, adjetivo, etc.	**Estudar.** Essencial para compreensão de outras questões, fundamental para resolver problemas. Compreensão rápida e

	fácil – pouco estudo, muito resultado.
Pontuação.	**Estudar.** Muito pouco estudo, enorme impacto na redação. Imprescindível estudar.

O quadro acima é parcial. O importante é você desenvolver a sensibilidade para decidir sobre o que convém e o que não convém estudar, principalmente considerando suas necessidades específicas. Tome a Gramática Completa para Concursos e Vestibulares, de Nílson Teixeira de Almeida (veja adiante). Ela só contém o essencial em cada tópico. Use-a para fazer uma análise sobre o que é relevante estudar ou não. Estabeleça prioridades a partir daí – estude primeiro o que é mais relevante e, se houver tempo e necessidade, estude o resto.

Note que há coisas que não se tem como estudar ou que é difícil estudar. Por exemplo: os adjetivos pátrios, que indicam a origem de uma pessoa ou coisa, como por exemplo, a pessoa que nasce na cidade de São Paulo – paulistana. Qualquer lista que as boas gramáticas apresentem será ridiculamente limitada e dificilmente incluirão o adjetivo pátrio da pessoa nascida, por

exemplo, em Duartina, SP, que é duartinense. Sendo assim, nesse caso é melhor não estudar e sim consultar. Com o tempo se aprendem aqueles de maior interesse.

Autodidatismo

Vale a pena a pessoa adotar práticas para aprender consigo mesma. Isso sempre foi viável e eficiente e nos dias de hoje o é ainda mais. Pessoas que querem realmente aprender conseguem conquistar a competência básica de conversação em uma outra língua por meio de vídeos, cds, programas de tv. Ao fazer um exercício na internet, realizar uma pesquisa específica, escrever um texto para autoavaliação a pessoa vai aprendendo sem mestre.

Aqui vão duas sugestões que levam seguramente ao aprendizado da língua:

1

Faça uma redação no computador, no Word (Office), tomando o cuidado de desabilitar antes o corretor automático do programa. Para fazê-lo, entre em Revisão, siga para Idioma, daí passe a Definir idioma de revisão de texto. Na caixa que aparecer, habilite Não verificar ortografia ou gramática e clique no botão Definir como padrão. Depois que escrever a redação, faça a mesma operação, para reabilitar a revisão. Daí, o Word apresentará com grifo vermelho as palavras grafadas com possível erro e com grifo verde os possíveis problemas gramaticais (ver adiante em Uso do corretor do Word).

Analise as palavras e partes grifadas e descubra seus erros.

Redação

O trabalho do executivo

Muita vezes se pensa que o trabalho do executivo é facil, mas não é. Todo dia tem poblemas os mais diversos e é preciso dar soluções rápida.

2

Peça a alguém para ditar um texto para você e escreva-o no Word, usando o mesmo processo acima.

O autodidatismo é a premissa orientadora básica de todo este guia. Os outros recursos que serão apresentados levam a ele.

Dois livros de gramática

Já mencionamos até o momento três livros de gramática. Dois para o estudo pela via da maior erudição e um para o estudo pela via da prática.

Livros mais completos e aprofundados

* *Gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, Editora Lexicon. Gosto do texto porque é bastante didático, além de ter uma diagramação que torna a leitura mais agradável e produtiva.

* *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, Editora Nova Fronteira. Excelente, mas, mais indicado a quem estiver disposto a fazer um esforço maior para compreensão, pois, aprofunda mais nas questões e não tem preocupações didáticas.

Gramática resumida

* *Gramática completa para concursos e vestibulares* – Nílson Teixeira de Almeida, Editora Saraiva. Excelente porque embora traga textos bastante curtos sobre cada um dos tópicos, enfoca tudo o que é essencial e apresenta mais de 500 testes com respostas comentadas, o que facilita sobremaneira a compreensão.

Minha sugestão é que você tenha dois livros de gramática: um mais completo e aprofundado, como os dois primeiros, e um mais resumido, como o terceiro. Pode escolher entre os sugeridos e os muito outros que se encontram nas grandes livrarias. É bom sempre levar em conta as preferências pessoais em termos de tratamento e diagramação, para tornar a leitura mais produtiva e prazerosa.

Esses livros servirão para consultas pontuais, mas não só para isso. A ideia é que você vá lendo aos poucos, sem propósito específico imediato, o livro resumido, para ir formando um quadro geral da gramática e memorizando os pontos chaves. Paralelamente, com alguma periodicidade e dentro das condições de tempo e interesse, complementa a leitura de um tópico da gramática mais resumida. Assim, vai mantendo-se com ligação com as questões mais aprofundadas da língua.

Que essas leituras sejam feitas sem estresse e sem compromisso com aprimoramento imediato.

Livros sobre erros

Livros de erros comuns fazem sucesso, com razão. Oferecendo um alerta para os erros mais frequentes permitem que as pessoas fiquem vigilantes com relação a eles, melhorando sua fala ou escrita. Têm também a grande vantagem de permitir o estudo por partes – por exemplo, algumas questões pontuais por dia, de modo descontraído, em qualquer lugar e a qualquer hora. Por exemplo, fica difícil ler um texto mais exigente de gramática no metrô. Já o livro de erros, por ser organizado em tópicos independentes, permite a leitura fragmentada, que se amolda bem a condições de tempo e lugar com maior flexibilidade. Sem precisar de forte concentração, a pessoa vai assimilando os alertas de erros.

Há muitos bons livros na área. O ideal é ir à livraria e escolher o que mais se ajuste a seu interesse e estilo de leitura. Algumas sugestões:

- 300 Erros mais Comuns da Língua Portuguesa, de Eduardo Martins, Editora BF&A.

- Corrija-se! de A a Z, de Luiz Antonio Sacconi, Editora Nova Geração.

- Dicionário de Erros Correntes da Língua Portuguesa, de João Bosco Medeiros e Adilson Gobbes, Editora Atlas.

- Erros Nunca Mais, de Ivo Korytowski, Editora Alta Books.

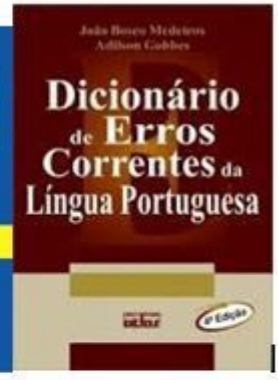

Sites de gramática

Há excelentes sites de gramática à disposição dos interessados, todos gratuitos. O site usualmente reúne conteúdo equivalente ao de muitos livros, apresenta um panorama geral sobre esses assuntos e permite a navegação entre os vários tópicos. Em síntese, possibilita uma nova forma de buscar, captar, associar e assimilar informações. Igualmente permite arquivo de documentos relevantes, cópia de partes, etc. Tudo de modo fácil e dinâmico.

A sugestão é que o leitor faça a experiência de navegar entre alguns deles e escolha os mais convenientes para marcar como favoritos.

Algumas sugestões:

http://www.soportugues.com.br

http://www.gramaticaonline.com.br

http://brasilescola.uol.com.br/gramatica/

http://www.normaculta.com.br/

https://duvidas.dicio.com.br/

http://www.linguabrasil.com.br/

http://www.portuguesaovivo.com.br/

www.linguabrasil.com.br
Dúvidas de português? Pergunte à Professora.
Língua Brasil
Instituto Euclides da Cunha
Não Tropece na Língua | Mural de Consultas | Palavras Compostas | Pesquisa no Sítio
Bem-vindos ao sítio Língua Brasil
Não Tropece na Língua
Veja também:
Sobre Maria Tereza
Livros
Confira nossa promoção

Testes

Aprender de modo lúdico é uma forma de adquirir conhecimento sem maior esforço, de modo natural e com motivação ampliada. Ademais, há a questão do autoconhecimento e autodesafio – todo o mundo gosta de saber como está e se pode resolver questões. Por fim, o teste indica erros – logo, apontas fraquezas a serem corrigidas. Em síntese, ensinam muito. Há uma infinidade de testes na internet

http://exercicios.brasilescola.uol.com.br/exercicios-gramatica/

https://www.pciconcursos.com.br/simulados/portugues/bH

https://www.concursosnobrasil.com.br/questoes/

http://terrorportugues.com.br/simulados.php

http://www.vestibular1.com.br/exercicios/especificos_por

Português

1) Dadas as palavras

I. enchente
II. sensatez
III. paralisia

Verificamos que estão corretas:

a) todas as palavras
b) apenas I e II
c) apenas I e III
d) apenas II e III

2) Designando

I. período composto por coordenação sindética
II. período composto por coordenação assindética

Material de consulta

Há uma antiga piada sobre um general que estava ditando um texto ao seu secretário. Ele disse: “Coloque aí: a reunião será realizada na sexta-feira.” O secretário perguntou: Senhor, sexta-feira escreve com x ou com s?” O general continuou: “Mude, mude: a reunião será realizada quinta-feira.” Eis aí o que não se pode fazer, se se pretende aprender a língua. Não se deve fugir das dificuldades, mas enfrentá-las. Na dúvida, consulte. Consultar é uma ótima maneira de ir aprendendo. Dá um pouco mais de trabalho que mudar a data da reunião, mas compensa em termos de aquisição de conhecimento.

É fundamental manter sempre à mão alguns recursos de consulta. Aqui vão os principais:

Google

Antes de mais nada, o grande oráculo da atualidade, o Google, porque ele comanda quase todas as outras buscas. O Google é excelente para resolver rapidamente problemas pontuais da língua. Basta descrever o problema diretamente na busca e lá aparecem os sites com a solução. Possivelmente você não precisará nem sequer entrar nos sites. Basta ver o descritivo apresentado como resultado da busca, na própria tela do Google. Busque,

por exemplo: “Regência do verbo participar”, “Antônimo de caprichoso”, “Costumar ou acostumar”. As respostas aparecem imediatamente. Uso bastante esse recurso.

Outro recurso que costumo usar, quando percebo que a expressão vai dar algum trabalho na busca convencional, é o seguinte: Entro no Google Notícias e coloco lá o nome de um jornal consagrado pelo cuidado com a língua (Estadão, por exemplo) e a busca que desejo fazer. Por exemplo: “Estadão Nova Iorque”. Rapidamente percebo que o Estadão grafa “Nova Iorque” e também “Nova Iork”. Escolho uma grafia e sigo em frente em meu texto, considerando que a probabilidade de estar correto é quase cem por cento, principalmente em se tratando de coisa relativamente simples, como é o caso.

Volp

Volp – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, mantido pela Academia Brasileira de Letras, é o registro oficial das palavras em uso na língua. Inclui palavras estrangeiras que foram incorporadas pelo idioma (e, portanto, devem ser grafadas sem itálico), como marketing, shopping, internet, etc. Pode ser consultado na internet – bastando para isso inserir a palavra “volp” na busca do Google. Isso facilita a vida de quem está trabalhando no computador e precisa fazer consultas

rápidas, para dirimir dúvidas sobre grafia. Por exemplo: O verbo é “dirimir” ou “diremir”? O Volp esclarece imediatamente.

É o caminho certo também para solucionar controvérsias. É a lista oficial.

Agora já é possível também baixar o aplicativo do Volp no celular.

Dicionário

Um bom dicionário traz muito mais esclarecimento que meramente dar o significado de uma palavra. Ele aponta os diferentes sentidos que um vocábulo apresenta e suas

particularidades, classe, gênero, diferentes regências, usos consagrados, antônimos, expressões em que entra, origem etimológica, etc. Olhar o dicionário com mais atenção é uma boa prática, pois, cada consulta pode ser uma oportunidade de aprendizado.

Os grandes dicionários em brochura costumam ser mais completos. Mas, as versões online também estão ficando cada vez melhores. Eis algumas boas opções:

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis - http://michaelis.uol.com.br/

DPLP – Dicionário Priberam da Língua Portuguesa - https://www.priberam.pt/dlpo/

Aulete Digital - http://www.aulete.com.br/

Manuais de redação

Quando se escreve um numeral com número e quando se escreve por extenso? Se não houver uma normalização, corremos o risco de escrever ora de um jeito, ora de outro, o que é inadequado. Uma boa alternativa é consultar os manuais de redação dos grandes jornais de São Paulo, que dão orientações para a padronização e escrita correta de seus textos – o que vale também para nós. Estão disponíveis online e você pode escolher aquele que for da sua preferência. Sugiro que use com cuidado, porque o do Estadão, está desatualizado (o que não tira

seu valor).

Sugiro que você vá aos sites e navegue lá, para aprender um pouco sobre o que oferecem. Por exemplo, o do Estadão, já citado aqui, traz esclarecimento de dúvidas de A a Z e também um vocabulário de A a Z. Nas dúvidas alerta-se que o certo é “dignitário” e não “dignatário”. Ali se vê também, no vocabulário, que o nome certo da grife é “Hermès”, caso você esteja querendo saber.

http://www.estadao.com.br/manualredacao/

http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_introd

Manual de redação da Presidência

Ainda na categoria dos manuais de redação, há o da Presidência da República. Note que a expressão Presidência da República foi grafada com iniciais maiúsculas, mas, presidência da IBM se grafa com *p* minúsculo (consultei o Manual do Estadão para sanar essa dúvida que tive aqui). Mas, voltemos ao manual da Presidência. Completíssimo, traz tudo o sobre correspondência oficial. Esta é a comunicação entre órgãos do governo e também entre particulares, em questões de relacionamento formal, oficial. Está disponível no link abaixo e é conveniente que você dê uma olhada, para saber em que poderá usá-lo.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm

Sites específicos de verbos

Há sites específicos para diferentes questões da língua. Por exemplo, alguns tratam exclusivamente de verbos. No *Conjuga-me* cada verbo é apresentado em um browser com todos os seus tempos.

http://www.conjuga-me.net/

Tabelas

As tabelas também facilitam a solução rápida e fácil de problemas e, com o passar do tempo, acabam funcionando como recurso de aprendizado. Tenho uma específica do

hífen em minha área de trabalho do computador. Consulto com regularidade porque ainda não memorizei as regras do acordo gramatical para o hífen. Há outros tipos: tabela de conectivos, de interjeição, de parônimos, etc. A ideia é verificar as dúvidas frequentes que você tem e pesquisar se há uma tabela que se aplica.

http://redacaoparaconcursos.com.br/tabela-conectivos/

http://educacao.uol.com.br/portugues/reforma-ortografica/2009/01/30/hifen-prefixos.jhtm

Correções do Word

Como já se exemplificou acima, o Windows Office Word, programa mais popular de digitação de textos, traz um excelente recurso para quem deseja aprender de modo mais fácil e direto – o revisor de ortografia e gramática. No item **Revisão** do menu, há, no canto superior esquerdo do browser, o ícone do revisor, que pode ser usado em qualquer ponto do texto que o redator deseje. Ao clicar nesse, inicia-se uma revisão desde o início do documento, com indicação de palavras e expressões com potenciais erros e indicação de sugestões de correção. Indica com grifo vermelho os termos grafados de modo provavelmente errado e com grifo verde os erros prováveis de construção de frases, pontuação, inadequação lexical, regência, concordância, colocação do pronome, etc.

É só uma questão de manter o software atualizado, os recursos habilitados, e de prestar atenção nas sugestões do programa, para aprender com elas.

O autor

José Antônio Rosa é consultor, professor, palestrante e escritor. Fez graduação em Jornalismo (PUC/Campinas), mestrado em Administração de Empresas (PUC/São Paulo) e doutorado em Ciências da Comunicação (USP/SP). Escreve nas áreas de gestão, comunicação, carreira, e produz textos específicos para EAD. Dá aulas de pós-graduação.

Contato

https://sites.google.com/site/consultorjoserosa/

Lexikon | obras de referência

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição

de acordo com a nova ortografia

nova gramática do português contemporâneo

Lexikon | *obras de referência*

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição - 2ª impressão

Texto atualizado com a nova ortografia, determinada pelo DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008 que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com início de sua vigência em 1º de janeiro de 2009.

© 2017 by titulares dos direitos de Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra

Direitos de edição da obra em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela LEXIKON EDITORA DIGITAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

LEXIKON EDITORA DIGITAL
Rua Luís Câmara, 280 – Ramos – 21031-175
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2221-8740
http://www.lexikon.com.br

sac@lexikon.com.br

Veja também www.aulete.com.br – seu dicionário na internet

7ª edição – 2016

EDITOR
Paulo Geiger

REVISÃO
Ana Lúcia Kronemberger

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PRODUÇÃO
Sonia Hey

CAPA
Luis Saguar

IMAGEM DE CAPA
Serigrafia de Gonçalo Ivo – Rio São Francisco (vista de Ibotirama, BA), 1993, prova do autor.

IMPRESSÃO
Oceano Indústria Gráfica e Editora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C977n
7.ed.

Cunha, Celso
Nova gramática do português contemporâneo [recurso eletrônico] / Celso Cunha, Lindley Cintra. – 7. ed., reimpr. -- Rio de Janeiro : Lexikon, 2017.
800 p., recurso digital

Formato: epdf
Requisitos do sistema: adobe acrobat reader
Modo de acesso: world wide web
Inclui índice
ISBN: 978-85-8300-031-0 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Livros eletrônicos. I. Cintra, Luís F. Lindley (Luis Filipe Lindley),1925-1991. II. Título.

17-41723 CDD:
CDU: 469.5
811.134.3›36

À memória de Serafim da Silva Neto,
amigo comum e mestre da
Filologia Portuguesa.

A Joseph M. Piel,
Jacinto do Prado Coelho,
José V. de Pina Martins,
companheiros e amigos.

Sumário

PREFÁCIO, *xxiii*

ADVERTÊNCIA, *xxvii*

NOTA DO EDITOR, *xxix*

Introdução – CONCEITOS GERAIS, *1*

Linguagem, língua, discurso, estilo, *1*

Língua e sociedade: variação e conservação linguística, *2*

Diversidade geográfica da língua: dialeto e falar, *4*

A noção de correto, *5*

Capítulo 1 – DO LATIM AO PORTUGUÊS ATUAL, *9*

O latim e a expansão romana, *9*

Latim literário e latim vulgar, *10*

As línguas românicas, *11*

A romanização da península, *13*

O domínio visigótico, *16*

O domínio árabe, *17*

O português primitivo, *18*

Períodos evolutivos da língua portuguesa, *18*

Capítulo 2 – DOMÍNIO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, *23*

Unidade e diversidade, *23*

As variedades do português, *24*
Os dialetos do português europeu, *25*
Os dialetos das ilhas atlânticas, *31*
Os dialetos brasileiros, *31*

O português de África, da Ásia e da Oceânia, *34*

Capítulo 3 – FONÉTICA E FONOLOGIA, *37*

Os sons da fala, *37*
O aparelho fonador, *37*
Funcionamento do aparelho fonador, *38*

Som e fonema, *40*
Descrição fonética e fonológica, *41*
Transcrição fonética e fonológica, *42*
Alfabeto fonético utilizado, *42*

Classificação dos sons linguísticos, *4*
Vogais e consoantes, *45*
Semivogais, *45*

Classificação das vogais, *45*
Articulação, *47*
Timbre, *47*
Intensidade e acento, *48*
Vogais orais e vogais nasais, *48*
Vogais tônicas orais, *49*
Vogais tônicas nasais, *49*
Vogais átonas orais, *50*

Classificação das consoantes, *53*
Modo de articulação, *54*
O ponto ou zona de articulação, *55*
O papel das cordas vocais, *56*
O papel das cavidades bucal e nasal, *57*
Quadro das consoantes, *57*
A posição das consoantes, *59*

Encontros vocálicos, *60*
Ditongos, *60*
Ditongos decrescentes e crescentes, *60*
Ditongos orais e nasais, *61*
Tritongos, *62*
Hiatos, *63*
Encontros intraverbais e interverbais, *63*

Encontros consonantais, *64*

Dígrafos, *65*

Sílaba, *66*
Sílabas abertas e sílabas fechadas, *66*
Classificação das palavras quanto ao número de sílabas, *67*

Acento tônico, *67*
Classificação das palavras quanto ao acento tônico, *69*
Observações sobre a pronúncia culta, *70*
Valor distintivo do acento tônico, *71*
Acento principal e acento secundário, *71*
Grupo acentual (ou de intensidade), *72*
Ênclise e próclise, *73*
Acento de insistência, *73*
Acento afetivo, *74*
Acento intelectual, *74*
Distinções fundamentais, *75*

Capítulo 4 – ORTOGRAFIA, *77*

Letra e alfabeto, *77*

Notações léxicas, *78*
O acento, *78*
O til, *79*
O trema, *79*
O apóstrofo, *79*
A cedilha, *79*
O hífen, *79*
Emprego do hífen nos compostos, *80*
Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação, *81*
Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver, *82*
Partição das palavras no fim da linha, *82*

Regras de acentuação, *84*

Divergências entre as ortografias oficialmente adotadas em Portugal e no Brasil, *88*

Capítulo 5 – CLASSE, ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS, *89*

Palavra e morfema, *89*
Tipos de morfemas, *90*
Classes de palavras, *91*

Estrutura das palavras, *92*
Radical, *92*
Desinência, *92*
Afixo, *93*
Vogal temática, *94*
Vogal e consoante de ligação, *95*

Formação de palavras, *96*
Palavras primitivas e derivadas, *96*
Palavras simples e compostas, *96*

Famílias de palavras, *96*

Capítulo 6 – DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO, *97*

Formação de palavras, *97*
Derivação prefixal, *97*
Prefixos de origem latina, *98*
Prefixos de origem grega, *101*
Derivação sufixal, *102*
Sufixos nominais, *102*
Sufixos verbais, *114*
Sufixo adverbial, *115*
Derivação parassintética, *116*
Derivação regressiva, *117*
Derivação imprópria, *118*
Formação de palavras por composição, *119*
Tipos de composição, *119*
Compostos eruditos, *122*
Radicais latinos, *122*
Radicais gregos, *123*
Recomposição, *127*
Pseudoprefixos, *127*
Hibridismo, *129*
Onomatopeia, *230*
Abreviação vocabular, *130*
Siglas, *130*

Capítulo 7 – FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO, *133*

A frase e sua constituição, *133*
Frase e oração, *134*
Oração e período, *135*

A oração e os seus termos essenciais, *136*
Sujeito e predicado, *136*
Sintagma nominal e verbal, *137*

O sujeito, *138*
Representação do sujeito, *138*
Sujeito simples e sujeito composto, *140*
Sujeito oculto (determinado), *141*
Sujeito indeterminado, *142*
Oração sem sujeito, *143*
Da atitude do sujeito, *145*
Com os verbos de ação, *145*
Com os verbos de estado, *146*

O predicado, *146*
Predicado nominal, *146*
Predicado verbal, *149*
Verbos intransitivos, *149*
Verbos transitivos, *150*
Predicado verbo-nominal, *151*
Variabilidade da predicação verbal, *152*

A oração e os seus termos integrantes, *152*

Complemento nominal, *153*

Complementos verbais, *154*
Objeto direto, *154*
Objeto direto preposicionado, *156*
Objeto direto pleonástico, *156*
Objeto indireto, *157*
Objeto indireto pleonástico, *159*
Predicativo do objeto, *160*
Agente da passiva, *161*
Transformação da oração ativa em passiva, *162*

A oração e os seus termos acessórios, *163*
Adjunto adnominal, *164*
Adjunto adverbial, *165*
Classificação dos adjuntos adverbiais, *166*
Aposto, *169*
Valor sintático do aposto, *171*
Aposto predicativo, *173*
Vocativo, *174*

Colocação dos termos na oração, *176*
Ordem direta e ordem inversa, *176*
Inversões de natureza estilística, *176*
Inversões de natureza gramatical, *177*
Inversão verbo + sujeito, *177*
Inversão predicativo + verbo, *181*

Entoação oracional, *181*
Grupo acentual e grupo fônico, *182*
O grupo fônico, unidade melódica, *182*
O grupo fônico e a oração, *183*
Oração declarativa, *183*
Oração interrogativa, *184*
Oração exclamativa, *187*
Conclusão, *189*

Capítulo 8 – SUBSTANTIVO, *191*

Classificação dos substantivos, *192*
Substantivos concretos e abstratos, *192*
Substantivos próprios e comuns, *192*
Substantivos coletivos, *192*

Flexões dos substantivos, *194*
Número, *194*
Formação do plural, *195*
Gênero, *202*
Quanto à significação, *203*
Quanto à terminação, *204*
Formação do feminino, *204*

Substantivos uniformes, *209*
Mudança de sentido na mudança de gênero, *210*
Substantivos masculinos terminados em *-a*, *211*
Substantivos de gênero vacilante, *211*
Grau, *212*
Valor das formas aumentativas e diminutivas, *212*
Especialização de formas, *213*

Emprego do substantivo, *213*
Funções sintáticas do substantivo, *213*
Substantivo como adjunto adnominal, *215*
Substantivo caracterizador de adjetivo, *216*
Substantivo caracterizado por um nome, *217*
O substantivo como núcleo das frases sem verbo, *217*

Capítulo 9 – ARTIGO, *219*

Artigo definido e indefinido, *219*
Formas do artigo, *220*
Formas simples, *220*
Formas combinadas do artigo definido, *221*
Formas combinadas do artigo indefinido, *223*

Valores do artigo, *224*
A determinação, *224*

Emprego do artigo definido, *226*
Com os substantivos comuns, *226*
Empregos particulares, *226*
Emprego genérico, *230*
Emprego em expressões de tempo, *231*
Emprego com expressões de peso e medida, *234*
Com a palavra *casa*, *234*
Com a palavra *palácio*, *235*
Emprego com o superlativo relativo, *236*
Com os nomes próprios, *237*
Com os nomes de pessoas, *238*
Com os nomes geográficos, *240*
Com os nomes de obras literárias e artísticas, *243*
Casos especiais, *243*
Antes da palavra *outro*, *243*
Depois das palavras *ambos* e *todo*, *244*
Repetição do artigo definido, *247*
Com substantivos, *247*
Com adjetivos, *248*
Omissão do artigo definido, *249*
Emprego do artigo indefinido, *251*
Com os substantivos comuns, *251*
Com os nomes próprios, *253*
Omissão do artigo indefinido, *254*
Em expressões de identidade, *255*

Em expressões comparativas, *256*
Em expressões de quantidade, *256*
Com substantivo denotador da espécie, *257*
Outros casos de omissão do artigo indefinido, *257*

Capítulo 10 – ADJETIVO, *259*

Nome substantivo e nome adjetivo, *260*
Substantivação do adjetivo, *260*
Substitutos do adjetivo, *261*

Morfologia dos adjetivos, *262*

Adjetivos pátrios, *262*
Pátrios brasileiros, *262*
Pátrios portugueses, *263*
Pátrios africanos, *263*
Adjetivos pátrios compostos, *263*

Flexões dos adjetivos, *264*
Número, *264*
Plural dos adjetivos simples, *265*
Plural dos adjetivos compostos, *265*
Gênero, *265*
Formação do feminino, *266*
Adjetivos uniformes, *267*
Feminino dos adjetivos compostos, *267*
Graus do adjetivo, *268*
Comparativo e superlativo, *268*
Formação do grau comparativo, *269*
Formação do grau superlativo, *269*
Comparativos e superlativos anômalos, *274*
Adjetivos que não se flexionam em grau, *275*
Emprego do adjetivo, *275*
Funções sintáticas do adjetivo, *275*
Valor estilístico do adjetivo, *279*
Concordância do adjetivo com o substantivo, *284*
Adjetivo referido a um substantivo, *284*
Adjetivo referido a mais de um substantivo, *285*
Adjetivo adjunto adnominal, *285*
Adjetivo predicativo de sujeito composto, *287*

Capítulo 11 – PRONOMES, *289*

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos, *289*

Pronomes pessoais, *290*
Formas dos pronomes pessoais, *291*
Formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, *291*
Pronomes reflexivos e recíprocos, *293*

Emprego dos pronomes retos, *295*
Funções dos pronomes retos, *295*

Omissão do pronome sujeito, *296*
Presença do pronome sujeito, *296*
Extensão de emprego dos pronomes retos, *297*
Realce do pronome sujeito, *300*
Precedência dos pronomes sujeitos, *301*
Equívocos e incorreções, *301*
Contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, *303*

Pronomes de tratamento, *303*
Emprego dos pronomes de tratamento da 2.ª pessoa, *305*
Fórmulas de representação da 1.ª pessoa, *310*

Emprego dos pronomes oblíquos, *310*
Formas tônicas, *310*
Emprego enfático do pronome oblíquo tônico, *312*
Pronomes precedidos de preposição, *312*
Formas átonas, *314*
O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo, *316*
Emprego enfático do pronome oblíquo átono, *316*
O pronome de interesse, *317*
Pronome átono com valor possessivo, *317*
Pronomes complementos de verbos de regência distinta, *318*
Valores e empregos do pronome *se*, *319*
Combinações e contrações dos pronomes átonos, *322*
Colocação dos pronomes átonos, *323*

Pronomes possessivos, *332*
Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, *332*
Formas dos pronomes possessivos, *333*
Valores e empregos dos possessivos, *333*
Concordância do pronome possessivo, *333*
Posição do pronome adjetivo possessivo, *334*
Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa, *335*
Reforço dos possessivos, *336*
Valores dos possessivos, *337*
Valores afetivos, *338*
Nosso de modéstia e de majestade, *340*
Vosso de cerimônia, *340*
Substantivação dos possessivos, *341*
Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico, *341*

Pronomes demonstrativos, *342*
Formas dos pronomes demonstrativos, *343*
Valores gerais, *343*
Diversidade de emprego, *345*
Empregos particulares, *346*
Posição do pronome adjetivo demonstrativo, *347*
Alusão a termos precedentes, *348*
Reforço dos demonstrativos, *350*
Valores afetivos, *350*
O(s), *a(s)* como demonstrativos, *354*

Substitutos dos pronomes demonstrativos, *355*

Pronomes relativos, *356*
Formas dos pronomes relativos, *356*
Natureza do antecedente, *357*
Função sintática dos pronomes relativos, *358*
Pronomes relativos sem antecedente, *360*
Valores e empregos dos relativos, *360*
Que, *360*
Qual, o qual, *361*
Quem, *364*
Cujo, *364*
Quanto, *365*
Onde, *365*

Pronomes interrogativos, *366*
Flexão dos interrogativos, *367*
Valor e emprego dos interrogativos, *367*
Que, *367*
Quem, *368*
Qual, *369*
Quanto, *369*
Emprego exclamativo dos interrogativos, *370*

Pronomes indefinidos, *370*
Formas dos pronomes indefinidos, *371*
Locuções pronominais indefinidas, *371*
Pronomes indefinidos substantivos e adjetivos, *371*
Oposições sistemáticas entre os indefinidos, *373*
Valores de alguns indefinidos, *374*
Algum e nenhum, *374*
Cada, *375*
Certo, *376*
Nada, *377*
Outro, *378*
Qualquer, *379*
Todo, *380*
Tudo, *381*

Capítulo 12 – NUMERAIS, *383*

Espécies de numerais, *383*
Numerais coletivos, *384*

Flexão dos numerais, *384*
Cardinais, *384*
Ordinais, *385*
Multiplicativos, *385*
Fracionários, *385*
Numerais coletivos, *386*

Valores e empregos dos cardinais, *386*

Cardinal como indefinido, *387*
Emprego da conjunção *e* com os cardinais, *387*

Valores e empregos dos ordinais, *387*
Emprego dos cardinais pelos ordinais, *388*

Emprego dos multiplicativos, *389*

Emprego dos fracionários, *389*

Quadro dos numerais, *390*
Numerais cardinais e ordinais, *390*
Numerais multiplicativos e fracionários, *391*

Capítulo 13 – VERBO, *391*

Noções preliminares, *391*

Flexões do verbo, *394*
Números, *394*
Pessoas, *394*
Modos, *394*
Tempos, *395*
Aspectos, *396*
Vozes, *398*

Formas rizotônicas e arrizotônicas, *400*

Classificação do verbo, *400*

Conjugações, *401*
Tempos simples, *402*
Estrutura do verbo, *403*
Formação dos tempos simples, *403*
Verbos auxiliares e o seu emprego, *408*
Distinção importante, *410*
Conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, *413*
Modo indicativo, *413*
Modo subjuntivo, *414*
Modo imperativo, *415*
Formas nominais, *415*
Formação dos tempos compostos, *416*
Modo indicativo, *416*
Modo subjuntivo, *417*
Formas nominais, *418*
Conjugação dos verbos regulares, *419*
Conjugação da voz passiva, *419*
Modo indicativo, *419*
Modo subjuntivo, *420*
Formas nominais, *421*
Voz reflexiva, *421*
Verbo reflexivo e verbo pronominal, *422*
Conjugação de um verbo reflexivo, *422*
Modo indicativo, *422*

Modo subjuntivo, *424*
Modo imperativo, *426*
Formas nominais, *426*
Conjugação dos verbos irregulares, *427*
Irregularidade verbal, *427*
Irregularidade verbal e discordância gráfica, *428*
Verbos com alternância vocálica, *429*
Outros tipos de irregularidade, *436*
Verbos de particípio irregular, *455*
Verbos abundantes, *456*
Verbos impessoais, unipessoais e defectivos, *457*

Sintaxe dos modos e dos tempos, *462*
Modo indicativo, *462*
Emprego dos tempos do indicativo, *462*
Modo subjuntivo, *479*
Indicativo e subjuntivo, *479*
Emprego do subjuntivo, *480*
Subjuntivo independente, *480*
Subjuntivo subordinado, *482*
Substitutos do subjuntivo, *486*
Tempos do subjuntivo, *487*
Modo imperativo, *490*
Formas do imperativo, *490*
Emprego do modo imperativo, *491*
Substitutos do imperativo, *493*
Reforço ou atenuação da ordem, *495*
Emprego das formas nominais, *496*
Características gerais, *496*
Emprego do infinitivo, *498*
Emprego do gerúndio, *504*
Emprego do particípio, *508*

Concordância verbal, *510*
Regras gerais, *511*
Com um só sujeito, *511*
Com mais de um sujeito, *511*
Casos particulares, *513*
Com um só sujeito, *513*
Com mais de um sujeito, *523*

Regência verbal, *530*
Regência, *530*
Regência verbal, *531*
Diversidade e igualdade de regência, *531*
Regência de alguns verbos, *533*

Sintaxe do verbo *haver*, *551*

Capítulo 14 – ADVÉRBIO, *555*

Classificação dos advérbios, *556*
Advérbios interrogativos, *557*

Advérbio relativo, *558*
Locução adverbial, *558*

Colocação dos advérbios, *559*

Repetição de advérbios em *–mente*, *561*

Gradação dos advérbios, *562*
Grau comparativo, *562*
Grau superlativo, *562*
Outras formas de comparativo e superlativo, *563*
Repetição do advérbio, *565*
Diminutivo com valor superlativo, *565*
Advérbios que não se flexionam em grau, *565*

Palavras denotativas, *566*

Capítulo 15 – PREPOSIÇÃO, *569*

Função das preposições, *569*

Forma das preposições, *569*
Preposições simples, *596*
Locuções prepositivas, *570*

Significação das preposições, *570*
Conteúdo significativo e função relacional, *572*
Relações fixas, *574*
Relações necessárias, *574*
Relações livres, *575*

Valores das preposições, *576*
A, *576*
Ante, *578*
Após, *579*
Até, *579*
Com, *580*
Contra, *581*
De, *582*
Desde, *583*
Em, *584*
Entre, *585*
Para, *587*
Perante, *588*
Por (per), *588*
Sem, *590*
Sob, *590*
Sobre, *591*
Trás, *592*

Capítulo 16 – CONJUNÇÃO, *593*

Conjunção coordenativa e subordinativa, *593*
Conjunções coordenativas, *594*

Posição das conjunções coordenativas, *595*
Valores particulares, *596*
Conjunções subordinativas, *600*
Conjunções conformativas e proporcionais, *603*
Polissemia conjuncional, *604*
Locução conjuntiva, *604*

Capítulo 17 – INTERJEIÇÃO, *605*

Classificação das interjeições, *605*

Locução interjectiva, *605*

Capítulo 18 – O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO, *607*

Período simples e período composto, *607*
Composição do período, *607*
Características da oração principal, *609*
Conclusão, *610*

Coordenação, *610*
Orações coordenadas sindéticas e assindéticas, *610*
Orações coordenadas sindéticas, *610*

Subordinação, *612*
A oração subordinada como termo de outra oração, *612*
Classificação das orações subordinadas, *614*
Orações subordinadas substantivas, *614*
Orações subordinadas adjetivas, *615*
Orações subordinadas adverbiais, *618*
Orações reduzidas, *623*

Capítulo 19 – FIGURAS DE SINTAXE, *633*

Elipse, *633*
A elipse como processo gramatical, *634*
A elipse como processo estilístico, *636*

Zeugma, *638*

Pleonasmo, *639*
Pleonasmo vicioso, *639*
Pleonasmo e epíteto de natureza, *639*
Objeto pleonástico, *640*

Hipérbato, *641*

Anástrofe, *641*

Prolepse, *642*

Sínquise, *642*

Assíndeto, *642*

Polissíndeto, *643*

Anacoluto, *644*

Silepse, *645*
Silepse de número, *645*
Silepse de gênero, *646*
Silepse de pessoa, *647*

Capítulo 20 – DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO E DISCURSO INDIRETO LIVRE, *649*

Estruturas de reprodução de enunciações, *649*
Discurso direto, *649*
Características do discurso direto, *650*
Discurso indireto, *651*
Características do discurso indireto, *652*
Transposição do discurso direto para o indireto, *653*
Discurso indireto livre, *655*
Características do discurso indireto livre, *656*

Capítulo 21 – PONTUAÇÃO, *657*

Sinais pausais e sinais melódicos, *657*
Sinais que marcam sobretudo a pausa, *658*
A vírgula, *658*
O ponto, *664*
O ponto e vírgula, *666*
Valor melódico dos sinais pausais, *668*
Sinais que marcam sobretudo a melodia, *669*
Os dois pontos, *669*
O ponto de interrogação, *670*
O ponto de exclamação, *671*
As reticências, *673*
As aspas, *676*
Os parênteses, *679*
Os colchetes, *681*
O travessão, *682*

Capítulo 22 – NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO, *685*

Estrutura do verso, *685*
Ritmo e verso, *685*
Os limites do verso, *686*
As ligações rítmicas, *687*
Sinalefa, elisão e crase, *687*
Ectlipse, *688*
O hiato intervocabular, *689*
A medida das palavras, *690*
Sinérese, *690*
Diérese, *691*
Crase, aférese, síncope e apócope, *692*
A cesura e a pausa final, *693*
Cavalgamento (*enjambement*), *694*
O cavalgamento e a pausa final, *681*

Tipos de verso, *696*
Os versos tradicionais, *696*
Monossílabos, *696*
Dissílabos, *697*
Trissílabos, *697*
Tetrassílabos, *698*
Pentassílabos, *698*
Hexassílabos, *699*
Heptassílabos, *700*
Octossílabos, *701*
Eneassílabos, *702*
Decassílabos, *703*
Hendecassílabos, *705*
Dodecassílabos, *706*
Isossilabismo e versificação flutuante, *708*
O verso livre, *709*

A rima, *711*
A rima e o acento, *711*
Rima perfeita e rima imperfeita, *712*
Rima pobre e rima rica, *714*
Combinações de rimas, *715*
Rima interior, *716*
Indicação esquemática das rimas, *717*
Versos sem rima, *717*

Estrofação, *719*
O dístico, *719*
O terceto, *720*
A quadra, *720*
A quintilha, *720*
A sextilha, *721*
A estrofe de sete versos, *722*
A oitava, *723*
A estrofe de nove versos, *725*
A décima, *725*
Estrofe simples e composta, *727*
Estrofe livre, *727*

Poemas de forma fixa, *727*
O soneto, *727*

ELENCO E DESENVOLVIMENTO DAS ABREVIATURAS USADAS, *731*

ÍNDICE ONOMÁSTICO, *745*

ÍNDICE DE ASSUNTOS, *753*

Prefácio

Esta gramática foi idealizada há muito tempo, quando, unida a forte amizade, já nos ligava uma convergência de formação, interesses e objetivos. Sentíamo-la como uma urgente necessidade para o ensino da língua portuguesa não só em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África, mas em todos os países em que se estuda o nosso idioma.

Parecia-nos faltar uma descrição do português contemporâneo que levasse em conta, simultaneamente, as diversas normas vigentes dentro do seu vasto domínio geográfico (principalmente as admitidas como padrão em Portugal e no Brasil) e servisse, assim, fosse de fonte de informação, tanto quanto possível completa e atualizada, sobre elas, fosse de guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita que, para o presente momento da evolução da língua, se pudesse considerar "correta", de acordo com o conceito de "correção" que adotamos no capítulo 1.

De então para cá várias descrições importantes do português se foram publicando, entre as quais é justo destacar a *Estrutura da língua portuguesa*, de Joaquim Matoso Câmara Júnior (1969); a *Gramática simbólica do português*, de Óscar Lopes (1971); a *Gramática portuguesa*, de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, mormente a partir da 3.ª edição refundida (1971), sobre a qual se fez a tradução portuguesa (1980); e a *Gramática da língua portuguesa*, de Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte e Isabel Hub Faria (1983). Nenhuma no entanto, e por diversas razões, correspondia ao nosso objetivo inicial. A de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, apesar do seu rigor e qualidade, considerava as características do português do ponto de vista de um falante da língua espanhola, com todos os inconvenientes (e também as vantagens) que isso implica. A de Matoso Câmara Júnior baseava-se no padrão do português do

Brasil[1]; as outras duas levavam em conta fundamentalmente a norma de Portugal e tinham como objetivo, não propriamente o ensino da língua portuguesa, mas análises e reflexões, do maior interesse, sobre a sua estrutura e funcionamento interno, expostas numa linguagem técnica de difícil acesso para os não iniciados.

Digno também de particular menção pelo seu alto nível é o *Manuel de la langue portugaise (Portugal — Brésil)*[2], de Paul Teyssier, obra em que pela primeira vez se apresentam sistematicamente em confronto as normas europeia e americana do português.

Por outro lado, um de nós, Celso Cunha, elaborou e publicou em sucessivas edições a sua *Gramática do português contemporâneo* (1.ª ed., 1970 — 10.ª ed., 1983) e a sua *Gramática da língua portuguesa* (1.ª ed., 1972 — 10.ª ed., 1983), que, embora amplamente baseadas, quanto à linguagem escrita, tanto em autores portugueses como brasileiros, tinham principalmente em conta a variedade americana e ainda não correspondiam, portanto, ao projeto primitivo.

Foi esse projeto que há pouco mais de três anos resolvemos retomar, e o resultado do esforço conjunto é a obra que agora apresentamos ao público.

As características gerais desta *Nova gramática do português contemporâneo* são fáceis de definir.

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas.

Não desejamos discorrer sobre o plano da obra, mas não podemos deixar de fazer uma breve referência a alguns aspectos metodológicos.

Como esta gramática pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade, particularmente do ponto de vista diatópico, uma acurada atenção se deu às diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo às que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.

No estudo da fonética e da fonologia, procurou-se estabelecer, sempre que possível, a equivalência entre os conceitos e a terminologia tradicionais e os da fonética acústica e da fonologia moderna; no estudo das classes de palavras,

---

[1] Duas gramáticas de inegáveis méritos e de larga difusão no Brasil – a *Gramática da língua portuguesa*, de Rocha Lima (23.ª ed., 1983), e a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (27.ª ed., 1982) – são bem anteriores ao nosso projeto.

[2] Paris, Klincksieck, 1976.

examinou-se a palavra em sua forma e, a seguir, em sua função, de acordo com os princípios da morfossintaxe.

Notar-se-á, por outro lado, uma permanente preocupação de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro não apenas uma gramática, mas, de certo modo, uma introdução à estilística do português contemporâneo.

Embora, a rigor, o estudo da versificação não faça parte de uma descrição gramatical, incluiu-se um capítulo final sobre o enunciado em verso, complementar, a nosso ver, do estudo da entoação da prosa, a que se deu atenção no capítulo 7.

Toda a obra foi objeto de exame conjunto e de troca de sugestões entre os seus autores. Cumpre-nos, no entanto, dizer, para resguardar as responsabilidades de autoria, que a Lindley Cintra se deve a redação do capítulo 2, da maior parte do capítulo 3 e do tratamento contrastivo do capítulo 13. A Celso Cunha cabe a redação dos demais capítulos, bem como a exemplificação aduzida.

Queremos, por fim, expressar a nossa gratidão a todos os que contribuíram para que esta obra saísse com menos imperfeições, em particular os nossos colegas Joram Pinto de Lima, Maria do Carmo P. Machado, Edila Viana da Silva, Sílvia Figueiredo Brandão e Cilene da Cunha Pereira.

Um agradecimento especial endereçamos a Cinira, permanente animadora da obra, pelo penoso trabalho de ajuda na revisão das provas tipográficas e de confronto textual da versão brasileira com a portuguesa, assim como pela elaboração do Índice Onomástico; a Maurício Marchevsky, por algumas das ilustrações; a Sérgio e Sebastião Lacerda, pela confiança e interesse demonstrados desde o início na execução do projeto.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1985.

CELSO CUNHA
LUÍS F. LINDLEY CINTRA

Advertência

Esta edição da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* vem acrescida do capítulo "Do Latim ao Português", de autoria de Celso Cunha, publicado originalmente sob o título "Noções históricas", na *Gramática da Língua Portuguesa*, editada pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), do Ministério da Educação, na década de 1970.

Ao incorporar ao estudo da gramática o relato do processo de formação e difusão do nosso idioma, espera-se propiciar, além da compreensão da estrutura, da funcionalidade e do uso, a percepção de seu papel no contexto linguístico universal e de como o processo histórico influenciou seus aspectos internos.

Num mundo cada vez mais partilhado e em interação, a visão histórica da Língua Portuguesa – hoje a língua oficial de cerca de 200 milhões de pessoas em oito países – é fundamental para compreender sua atual importância geopolítica, social e cultural.

A presente edição está atualizada segundo as mudanças na ortografia implementadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009.

Rio de Janeiro, dezembro de 2008

Cilene da Cunha Pereira

Nota do Editor

O **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990** é um tratado internacional cujo objetivo é unificar a ortografia do português, para uso de todos os países que têm o português como língua oficial. O acordo foi assinado por representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe em Lisboa, em 16 de Dezembro de 1990, ao fim de uma negociação iniciada em 1980 entre a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Depois de obter a sua independência, Timor-Leste aderiu ao Acordo em 2004. O acordo teve ainda a presença de uma delegação de observadores da Galícia.

O Acordo Ortográfico de 1990 institui uma ortografia oficial única da língua portuguesa e com isso interrompe a existência de duas normas ortográficas oficiais diferentes: uma no Brasil e outra nos restantes países de língua portuguesa. Os proponentes do Acordo dão como exemplo motivador a língua espanhola (o castelhano), que apresenta grande variação, quer na pronúncia quer no vocabulário, entre a Espanha e a América hispânica, mas sujeita a uma só forma de escrita, regulada pela Associação de Academias da Língua Espanhola.

A adoção da nova ortografia, de acordo com os dados da Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (que se baseiam exclusivamente numa lista de 110.000 palavras da Academia das Ciências de Lisboa), irá acarretar alterações na grafia de cerca de 1,6% do total de palavras na norma euro-afro-asiático-oceânica (em Portugal, PALOP, Timor-Leste e Região Administrativa Especial de Macau) e de cerca de 0,5% na brasileira.

A NOVA ORTOGRAFIA

GUIA RÁPIDO E SIMPLIFICADO

Este é um resumo, em linguagem e organização simples, das disposições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado pelos oito países lusófonos (que falam o português como sua língua nacional) em 16 de dezembro de 1990. O texto completo do Acordo está disponível no *site www.filologia.org.br/acordo_ortografico.pdf*. Este resumo trata apenas das mudanças inequívocas, e refere-se somente àquelas que dizem respeito à ortografia adotada no Brasil (em parte, serão outras as mudanças em relação à ortografia até então adotada em Portugal e outros países lusófonos).

AS MUDANÇAS

ALFABETO

Ao alfabeto da língua portuguesa acrescem-se as letras *K*, *W* e *Y*, e ele passa a ter 26 letras*:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

USO DE VOGAIS ÁTONAS *E* E *I*

Em palavras com sufixos *-ano* e *-ense* que se combinam com um *i* que pertence ao tema (havaiano [de Havaí], italiano [de Itália], etc.) ou derivadas de palavras que têm na última sílaba um *e* átono (Acre, Açores), escreve-se antes da sílaba tônica *-iano* e não *-eano*: acriano, açoriano, sofocliano, torriense. Mas escreve-se *-eano* se a última sílaba da palavra de origem tiver *e* tônico: daomeano, guineano ou guineense, etc.

MUDANÇAS NA ACENTUAÇÃO E NO USO DO TREMA

Os ditongos abertos tônicos *éi* e *ói* perdem o acento agudo quando caem na penúltima sílaba (portanto, de palavras paroxítonas):

---

* Na prática, essas letras já se usavam como símbolos de medidas (km, kg, W) e em palavras estrangeiras e suas derivadas em português: know-how, Kant, kantiano, yin-yang, walkman.

idéia(s)	*passa a ser*	ideia(s)
jóia(s)	*passa a ser*	joia(s)
geléia(s)	*passa a ser*	geleia(s)
tramóia(s)	*passa a ser*	tramoia(s)
epopéia(s)	*passa a ser*	epopeia(s)
apóia	*passa a ser*	apoia
diarréico(s)	*passa a ser*	diarreico(s)
heróico(s)	*passa a ser*	heroico(s)
hebréia(s)	*passa a ser*	hebreia(s)
debilóide(s)	*passa a ser*	debiloide(s)

◆ **Cuidado:** o acento não cai se incide nesses ditongos em sílabas tônicas de palavras oxítonas (com acento tônico na última sílaba) ou proparoxítonas (com acento tônico na antepenúltima sílaba):

anéis	*continua*	anéis
herói(s)	*continua*	herói(s)
fiéis	*continua*	fiéis
anzóis	*continua*	anzóis
axóideo(s)	*continua*	axóideo(s)

Cai o acento circunflexo de palavras paroxítonas terminadas em *ôo* e em *êem*:

vôo	*passa a ser*	voo
dêem	*passa a ser*	deem
enjôo	*passa a ser*	enjoo
vêem	*passa a ser*	veem
acôo	*passa a ser*	acoo
crêem	*passa a ser*	creem
abençôo	*passa a ser*	abençoo
lêem	*passa a ser*	leem

◆ **Cuidado**: As flexões dos verbos *ter* e *vir* na 3ª pess. pl. do pres. do indic. mantêm o acento: *têm*, *vêm*, diferençando das flexões de 3ª pess. sing. *tem*, *vem*, bem como os derivados desses verbos, como *mantém* e *mantêm*, *provém* e *provêm*, *retém* e *retêm*, *convém* e *convêm*, etc.

Não se usa acento gráfico (agudo ou circunflexo) em palavras paroxítonas para diferençá-las de outras palavras delas homógrafas (com a mesma grafia). São estas as palavras afetadas:

pára (flexão de parar) e para (preposição)	*passam a ser*	para
péla(s) (subst. fem.), pelas (flexão de pelar) e pela(s) contração por + a(s)	*passam a ser*	pela(s)
pélo (fexão de pelar), pêlo (subst. masc.) e pelo (contração por + o)	*passam a ser*	pelo(s)
péra(s) (subst, fem.= pedra), pêra(s) (subst. fem.) e pera (prep. = para)	*passam a ser*	pera(s)
pólo(s) (subst. masc.) e polo(s) (comb. de por + lo(s)	*passam a ser*	polo(s)

◆ **Lembre-se**: o v. *pôr* (infinitivo) e *pôde* (flexão na 3ª pes. sing. pret. perf. do v. poder) mantêm o acento, diferençando respectivamente da preposição *por* e da flexão de 3ª pess. sing. do pres. indic. *pode*.
É facultativo usar ou não circunflexo em *fôrma* (com *o* fechado) para diferençar de *forma* (com *o* aberto).

Perdem o acento agudo as vogais tônicas *i* e *u* de palavras paroxítonas, quando antecedidas de ditongo:

boiúno	*passa a ser*	boiuno
feiúra	*passa a ser*	feiura
baiúca	*passa a ser*	baiuca
alauíta	*passa a ser*	alauita

◆ **Cuidado**: mantém-se o acento quando a palavra é proparoxítona (*feiíssimo*, *bauínia*) ou oxítona (*tuiuiú*, *teiú*, *teiús*).

Nos verbos *arguir* e *redarguir* deixa-se de usar o acento agudo no *u* tônico nas flexões rizotônicas (ou seja, nas quais o acento tônico cai em sílaba do radical), no caso *argu* e *redargu*:

argúo	*passa a ser*	arguo
redargúo	*passa a ser*	redarguo
argúis	*passa a ser*	arguis
redargúis	*passa a ser*	redarguis
argúi	*passa a ser*	argui
redargúi	*passa a ser*	redargui
argúem	*passa a ser*	arguem

redargúem	*passa a ser*	redarguem
argúa	*passa a ser*	argua
redargúa	*passa a ser*	redargua
reargúas	*passa a ser*	redarguas
reargúam	*passa a ser*	redarguam

Nos verbos terminados em *-guar*, *-quar*, e *-quir* (aguar, apaziguar, enxaguar, obliquar, delinquir, etc.), as flexões podem ser pronunciadas com acento tônico na sílaba do *u* ou, como no Brasil, na sílaba anterior. No primeiro caso cai o acento agudo do *ú*, no segundo, a vogal tônica da sílaba anterior recebe acento agudo:

agúo	*passa a ser*	aguo ou águo
averigúo	*passa a ser*	averiguo ou averíguo
apropinqúo	*passa a ser*	apropinquo ou apropínquo
delinqúo	*passa a ser*	delinquo ou delínquo

O trema deixa de ser usado para assinalar a pronúncia do *u** em sílabas como *güe*, *güi*, *qüe* e *qüi*. Permanece em palavras estrangeiras e suas derivadas:

agüentar	*passa a ser*	aguentar
sagüi	*passa a ser*	sagui
freqüência	*passa a ser*	frequência
tranqüilo	*passa a ser*	tranquilo
mülleriano	*continua*	mülleriano

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS

Usa-se o hífen em palavras compostas cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal compõem uma unidade sintagmática e de significado e mantêm cada um sua acentuação própria (o primeiro elemento pode estar em forma reduzida):

ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-ortopedista, segundo-tenente, guarda-noturno, mato-grossense, afro-brasileiro, quarta-feira, vermelho-claro, primeira-dama, conta-gotas, marca-passo, tira-teima, bota-fora, etc.

◆ **Atenção:** o Acordo menciona explicitamente as exceções (em compostos nos quais se perdeu em certa medida a noção de composição) que se grafam aglutinadamente:

---

*mesmo sem o trema, o u continua a ser pronunciado

girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, etc.

◆ **Comentário**: a definição do conceito da exceção ('em certa medida', 'noção de recomposição') e o 'etc.' final tornam a aplicação desta regra um tanto vaga. A nova edição do Vocabulário Ortográfico define as dúvidas porventura subsistentes. A posição da ABL, no processo de edição do V.O., portanto antes de sua publicação, era de que o *etc.* deve ser desconsiderado valendo como exceção apenas as explicitamente mencionadas (acima). Todas as outras, portanto, manteriam o hífen: para-lama, para-brisa, lero-lero, marca-passo, tira-teima, cata-vento, etc. Outra exceção (ABL): passatempo.

Já vigentes na prática, são agora definidos como **regras**:

a) Nos topônimos (nomes de lugares geográficos) usa-se hífen com os prefixos *Grão-* e *Grã-*, em nomes cujo primeiro elemento é **verbal** e quando os elementos estão ligados por **artigos**:

Grão-Pará, Grã-Bretanha, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Todos-os-Santos

b) Têm hífen palavras compostas que designam espécies **botânicas** e **zoológicas**:

couve-flor, erva-doce, andorinha-do-mar, bem-te-vi, leão-marinho

Usa-se hífen (e não travessão) entre elementos que formam não uma palavra, mas um **encadeamento vocabular**:

ponte Rio-Niterói, Alsácia-Lorena, Liberdade-Igualdade-Fraternidade

Não se usa hífen em locuções (alguns exemplos):

substantivas: café da manhã, fim de semana, cão de guarda
adjetivas: cor de açafrão, cor de vinho
pronominais: cada um, ele mesmo, quem quer que seja
adverbiais: à vontade, à parte, depois de amanhã
prepositivas: a fim de, acerca de, por meio de, a par de
conjuncionais: contanto que, no entanto, logo que

◆ **Exceções consagradas pelo uso:** água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa

◆ **Comentário**: Também é um tanto vaga a noção de 'consagrada pelo uso', o que implica que só com a publicação do V.O. foram definidas todas as locuções

em que se usa (ou não) hífen, como, p.ex., água que passarinho não bebe, arco da aliança, água de cheiro, etc. Pressupõe-se que, na lógica de só serem válidas as exceções explicitamente mencionadas no Acordo, todas perderam o hífen. Mantêm os hifens locuções que formam nomes de plantas e animais.

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS POR PREFIXAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO

Geralmente, a não ser nas exceções que serão estabelecidas na regras seguintes, em palavras compostas com prefixos ou falsos prefixos (radicais gregos ou latinos que ganharam o significado das palavras das quais faziam parte, como aero, radio, tele, etc.) usa-se hífen se o segundo elemento começa por *h*:

anti-histórico, super-homem, multi-horário, mini-habitação

◆ **Atenção**: quando se usam os prefixos *des-* e *in-* caem o *h* e o *hífen*: des*u*mano, *ina*bitável, des*o*nra, *iná*bil
Também com os prefixos *co-* e *re-* caem o *h* e o **hífen**: c*oe*rdar, c*oa*bitar, r*ea*bilitar, r*ea*bitar

Passa a se usar hífen entre o prefixo e o segundo elemento quando o prefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento:

antiinflacionário	*passa a ser*	anti-inflacionário
teleeducação	*passa a ser*	tele-educação
neoortodoxia	*passa a ser*	neo-ortodoxia

Obs.: nos prefixos terminados em *a*, já era o uso vigente, agora consolidado pela regra: contra-almirante, extra-articular, ultra-alto.

◆ **Exceção**: o prefixo *co-* se aglutina com segundo elemento começado por **o**: cooptar, coobrigação.

re- se aglutina com palavras começadas por *e*: reeleição, reestudar. reerguer.

Usa-se hífen com *circum-* e *pan-* quando seguidos de elemento que começa por **vogal**, *m* e *n*, além do já citado *h*:

circunavegação	*passa a ser*	circum-navegação
circumediterrâneo	*passa a ser*	circum-mediterrâneo
circumeridiano	*passa a ser*	circum-meridiano

Obs.: já era uso vigente para *pan-* e alguns usos de *circum-*, agora ratificados como regra, como por exemplo: pan-africano, circum-adjacente.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina **em consoante** usa-se hífen quando o segundo elemento começa com a mesma consoante, ou começa por *r* ou *h*.

Obs.: São casos desta regra, e também de regra específica do Acordo, o uso de hífen com os prefixos hiper-, inter-, super, ciber- e nuper- quando o segundo elemento começa por *r* ou *h* (hiper-requintado, inter-resistente, super-radical, inter-hospitalar); **não** se usa hífen em outros casos nos quais o prefixo termina em **consoante** e o segundo elemento começa por **vogal** ou **consoante diferente de *h* ou *r***: subsequência, sublinear, interativo, hiperativo, superabundante, hiperacidez, interlocução.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por *r* ou *s* **não se usa mais o hífen** e a consoante *r* ou *s* é **duplicada**:

ultra-som	*passa a ser*	ultrassom
anti-semita	*passa a ser*	antissemita
eco-sistema	*passa a ser*	ecossistema
mini-saia	*passa a ser*	minissaia
maxi-resultado	*passa a ser*	maxirresultado
contra-regra	*passa a ser*	contrarregra
co-seno	*passa a ser*	cosseno
semi-reta	*passa a ser*	semirreta

Não se usa hífen quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **vogal diferente** ou **consoante** (se esta for *r* ou *s*, como visto acima, se duplica):

auto-escola	*passa a ser*	autoescola
extra-escolar	*passa a ser*	extraescolar
co-piloto	*passa a ser*	copiloto
supra-estrutura	*passa a ser*	supraestrutura
auto-imune	*passa a ser*	autoimune
contra-ordem	*passa a ser*	contraordem

Obs.: Alguns desses usos (antiaéreo, plurianual, prefixo seguido de consoante, etc.) já eram vigentes, outros não (exemplos acima), agora todos estão submetidos à regra.

Alguns casos que não mudam, mas convém lembrar:

Com os prefixos ou falsos prefixos *ex-*, *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*, *pré-*, *pró-* e *pós-* sempre se usa hífen.

Usa-se hífen antes dos sufixos de função adjetiva de origem tupi-guarani *-açu*, *-guaçu* e *-mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal tônica(cajá--mirim, cipó-guaçu) ou quando se necessita separar a pronúncia da vogal final da do sufixo (anda-açu).

Usa-se hífen nas formas verbais com pronomes átonos (diga-me, vestir-se, vingá-lo, dizer-lhes).

Se a quebra de linha ocorre onde há um hífen gramatical, recomenda-se repetir o hífen no início da linha seguinte.

LOCUÇÕES

Como já foi apontado na página XXXIV, não se usa hífen em locuções de qualquer tipo (nominais, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas, conjuncionais), com as seguintes exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

Assim:

nominais:

água-de-coco,	*passam a ser*	água de coco,
café-da-manhã		café da manhã, etc.

adjetivas:

cor-de-abóbora,	*passam a ser*	cor de abóbora,
cor-de-açafrão		cor de açafrão, etc.

pronominais:
nós mesmos, ela própria

adverbiais:

à-vontade,	*passam a ser*	à vontade,
antes-de-ontem		antes de ontem

prepositivas:
por cima de, a fim de

conjuncionais
ao passo que, logo que

Introdução

Conceitos gerais

LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO, ESTILO

1. LINGUAGEM é "um conjunto complexo de processos — resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social — que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer"[1]. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma LINGUAGEM. À linguística interessa particularmente uma espécie de LINGUAGEM, ou seja, a LINGUAGEM FALADA ou ARTICULADA.

2. LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.

3. DISCURSO é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão

---

[1] Tatiana Slama-Casacu. *Langage et contexte*. Haia, Mouton, 1961, p. 20.

que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se ESTILO.[2]

4. A distinção entre LINGUAGEM, LÍNGUA e DISCURSO, indispensável do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial. Em verdade, as três denominações aplicam-se a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

A interdependência desses aspectos, salienta-a Tatiana Slama-Casacu, ao escrever: "A LÍNGUA é a criação, mas também o fundamento da LINGUAGEM — que não poderia funcionar sem ela —; é, simultaneamente, o instrumento e o resultado da atividade de comunicação. Por outro lado, a LINGUAGEM não pode existir, manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma LÍNGUA qualquer. A mais frequente forma de manifestação da LINGUAGEM — constituída de uma complexidade de processos, de mecanismos, de meios expressivos — é a LINGUAGEM FALADA, concretizada no DISCURSO, ou seja, a realização verbal do processo de comunicação. O DISCURSO é um dos aspectos da LINGUAGEM — o mais importante — e, ao mesmo tempo (...), a forma concreta sob a qual se manifesta a LÍNGUA. O DISCURSO define-se, pois, como o ato de utilização individual e concreto da LÍNGUA no quadro do processo complexo da LINGUAGEM. Os três termos estudados — LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO — designam no fundo três aspectos, diferentes mas estritamente ligados, do mesmo processo unitário e complexo."[3]

LÍNGUA E SOCIEDADE: VARIAÇÃO E CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA

Embora desde princípios deste século linguistas como Antoine Meillet e Ferdinand de Saussure tenham chegado a configurar a língua como um fato social, rigorosamente enquadrado na definição dada por Emile Durkheim[4], só nos últimos vinte anos, com o desenvolvimento da SOCIOLINGUÍSTICA, as relações entre a língua e a sociedade passaram a ser caracterizadas com maior precisão.

---

[2] Aceitando a distinção de Jules Marouzeau, podemos dizer que a LÍNGUA é "a soma dos meios de expressão de que dispomos para formar o enunciado" e o ESTILO "o aspecto e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão" (*Précis de stylistique française*, 2.ª ed. Paris, Masson, 1946, p. 10).

[3] *Obra cit.*, p. 20.

[4] Vejam-se Antoine Meillet. *Linguistique historique et linguistique générale*, 2.ª ed. Paris, Champion, 1926, p. 16, 230 *passim*; Ferdinand de Saussure. *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1973, p. 31.

A sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direcional: a influência da sociedade na língua, ou da língua na sociedade.

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um DIASSISTEMA, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Daí o estudo de uma língua revestir-se de extrema complexidade, não podendo prescindir de uma delimitação precisa dos fatos analisados para controle das variáveis que atuam, em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação. A variação sistemática está, hoje, incorporada à teoria e à descrição da língua.

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);
2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);
3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS[5] (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

A partir da nova concepção da língua como DIASSISTEMA, tornou-se possível o esclarecimento de numerosos casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda a inter-relação dos fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos que atuam no complexo operar de uma língua e orientam a sua deriva.

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais.

---

[5] Veja-se Eugenio Coseriu. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire. In *Actes du premier Colloque International de Linguistique Appliquée*. Nancy, Université de Nancy, 1966, p. 199.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contrarregrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes.

DIVERSIDADE GEOGRÁFICA DA LÍNGUA: DIALETO E FALAR

As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se DIALETOS.

Alguns linguistas, porém, distinguem, entre as variedades diatópicas, o FALAR DO DIALETO.

DIALETO seria "um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem". De modo secundário, poder-se-iam também chamar dialetos "as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua"[6].

FALAR seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrônico, segundo Manuel Alvar, por ser um dialeto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam ainda distinguir, dentro dos FALARES REGIONAIS, OS FALARES LOCAIS, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos "de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com caráter administrativo"[7].

---

[6] Manuel Alvar. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filologia Hispánica*, 15:57, 1961.

[7] *Id., ibid.*, p. 60.

No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática as duas modalidades diatópicas, empregaremos neste livro — e particularmente no capítulo seguinte — o termo DIALETO no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.

A NOÇÃO DE CORRETO

Uma gramática que pretenda registrar e analisar os fatos da língua culta deve fundar-se num claro conceito de norma e de correção idiomática. Permitimo-nos, por isso, uma ligeira digressão a respeito deste controvertido tema.

Os progressos dos estudos linguísticos vieram mostrar a falsidade dos postulados em que a gramática logicista e a latinizante esteavam a correção idiomática e, com isso, deixaram o preceptismo gramatical inerme diante da reação anticorretista que se iniciou no século passado e que vem assumindo, em nossos dias, atitudes violentas, não raro contaminadas de radicalismo ideológico.[8]

Por outro lado, à ideia, sempre renovada, de que o povo tem o poder criador e a soberania em matéria de linguagem associa-se, naturalmente, outra — a de considerar elemento perturbador ou estéril a interferência da força conservadora ou repressiva dos setores cultos.

Contra essa concepção demolidora do edifício gramatical, pacientemente construído desde a época alexandrina com base na analogia, levantam-se alguns linguistas modernos, procurando fundamentar a correção idiomática em fatores mais objetivos.

Dessa nova linha de preocupações foi precursor Adolf Noreen, o linguista sueco a cujas ideias geniais hoje se começa a fazer justiça.[9]

Para Noreen há três critérios principais de correção, por ele denominados *histórico-literário*, *histórico-natural* e *racional*, o último, obviamente, o seu preferido.

De acordo com o critério *histórico-literário*, "a correção estriba-se essencialmente em conformar-se com o uso encontrado nos escritores de uma época

---

[8] Veja-se, a propósito, Angel Rosenblat. *El criterio de corrección lingüística: unidad y pluralidad de normas en el español de España y América*. Separata de P.I.L.E.I. *El Simposio de Indiana*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1967, p. 27. Consulte-se também Celso Cunha. *Língua portuguesa e realidade brasileira*, 8.ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981, p. 35-39, texto em parte aqui reproduzido.

[9] Leiam-se Björn Collinder, *Les origines du structuralisme*, Stockholm – Göteborg – Upsala, Almqvist & Wiksell, 1962, p. 6 e ss.; Bertil Malmberg. *Les nouvelles tendances de la linguistique*, trad. por Jacques Gengoux. Paris, P.U.F., 1966, p. 42, 52-55, 130, 184-186, 197, 279.

pretérita", em geral escolhida arbitrariamente. É o critério tradicional de correção, fundado no exemplo dos clássicos.

O segundo critério, o *histórico-natural* de Noreen e que Jespersen prefere chamar *anárquico*, baseia-se na doutrina, a que nos referimos, de que a linguagem é um organismo que se desenvolve muito melhor em estado de completa liberdade, sem entraves. Dentro desse ponto de vista não pode haver, em princípio, nada correto ou incorreto na língua.

Depois de deixar patente o caráter arbitrário do primeiro critério e o absurdo do segundo, se levado a suas naturais consequências, Noreen tenta justificar o único que resta, o dele Noreen, expresso na fórmula: "o melhor é o que pode ser apreendido mais exata e rapidamente pela audiência presente e pode ser produzido mais facilmente por aquele que fala"; ou no enunciado mais sintético de Flodström: "o melhor é a forma de falar que reúne a maior simplicidade possível com a necessária inteligibilidade."[10]

Jespersen considera a fórmula de Noreen oportunista, individualista, atomística, "pois que divide demasiado a comunidade linguística em indivíduos particulares e olvida excessivamente o conjunto"[11].

Em nome de que princípio se corrige, então, o falar de uma pessoa? Por que uma criança aprende de seus pais que não deve dizer *sube* por *soube*, *fazerei* por *farei* e, à medida que vai crescendo em anos, continua a ter o seu comportamento linguístico ora corrigido por outros, ora por esforço próprio?

Para Jespersen nenhum dos critérios anteriormente lembrados — e enumera sete: o da autoridade, o geográfico, o literário, o aristocrático, o democrático, o lógico e o estético — o explica. É evidente, no entanto, que existe algo que justifica a correção, "algo comum para o que fala e para o que ouve", e que lhes facilita a compreensão. Este elemento comum é "a norma linguística que ambos aceitaram de fora, da comunidade, da sociedade, da nação"[12].

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser corretos. O mesmo sucede com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e mais coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, Jespersen define o "linguisticamente correto" como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. O que difere é o "linguisticamente incorreto". Ou, com suas palavras: "*falar correto* significa o falar que a comunidade espera, e *erro* em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o

---

[10] Citados por Otto Jespersen. Humanidad, nación, individuo, desde el punto de vista lingüístico, trad. por Fernando Vela. Buenos Aires, *Revista de Occidente*, 1947, p. 113 e 114.

[11] *Obra cit.*, p. 120.

[12] *Ibid.*, p. 120 e ss.

valor interno das palavras ou formas." Reconhece, porém, que, independentemente disso, "existe uma valorização da linguagem na qual o seu valor se mede com referência a um ideal linguístico", para cuja formação colabora eficazmente a "fórmula energética de que o mais facilmente enunciado é o que se recebe mais facilmente"[13].

Entre as atitudes extremadas — dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais —, há sempre lugar para uma posição moderada, termo médio que represente o aproveitamento harmônico da energia dessas forças contrárias e que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sã e eficaz política educacional e cultural dos países de língua portuguesa.

"Na linguagem é importante o polo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem 'línguas' como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo."[14]

A hipótese da "linguagem monolítica" não se assenta numa realidade, e a sua corporificação nas gramáticas não tem sido benéfica ao ensino dos diversos idiomas. "Sem nenhuma dúvida", escreve Roman Jakobson, "para qualquer comunidade linguística, para todo indivíduo falante existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de subcódigos em comunicação recíproca; cada língua abarca vários sistemas simultâneos, cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente".[15]

Se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, a sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico. Mas — pondera

---

[13] *Ibid.*, p. 178.

[14] Eugenio Coseriu. *La geografía lingüística*. Montevideo. Universidad de la República, 1956, p. 44-45. A propósito, consultem-se também os magistrais estudos do autor: *Sistema, norma y habla* e *Determinación y entorno*, agora enfeixados no volume *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1962, p. 11-113 e 282-323.

[15] Closing Statement: Linguistics and Poetics. In *Style in Language*. Edited by Thomas A. Sebeok. New York-London, M.I.T. & John Wiley, 1960, p. 352.

Eugenio Coseriu, o lúcido mestre de Tübingen — se "é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente", a norma não corresponde, como pensam certos gramáticos, ao que se pode ou se deve dizer, mas "ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada"[16].

A norma pode variar no seio de uma mesma comunidade linguística, seja de um ponto de vista diatópico (português de Portugal / português do Brasil / português de Angola), seja de um ponto de vista diastrático (linguagem culta / linguagem média / linguagem popular), seja, finalmente, de um ponto de vista diafásico (linguagem poética / linguagem da prosa).[17]

Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o patrimônio comum com formas e construções novas, a patentearem o dinamismo do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos.

"Não se repreende de leve num povo o que geralmente agrada a todos", disse com singeleza o poeta Gonçalves Dias. Com efeito, por cima de todos os critérios de correção — aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros — paira o da aceitabilidade social, a *consuetudo* de Varrão, o único válido em qualquer circunstância.

É justamente para chegarem a um conceito mais preciso de "correção" em cada idioma que os linguistas atuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição minuciosa de suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto.

---

[16] *Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1973, p. 55.

[17] Veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 73-74 e ss.

Capítulo 1

Do latim ao português atual

O LATIM E A EXPANSÃO ROMANA

A língua portuguesa provém do latim, que se entronca, por sua vez, na grande família das línguas indo-europeias, representada hoje em todos os continentes.

De início, simples falar de um povo de cultura rústica, que vivia no centro da Península Itálica (o Lácio), a língua latina veio, com o tempo, a desempenhar um extraordinário papel na história da civilização ocidental, "menos por suas virtudes intrínsecas do que pelo êxito político do povo que dela se servia".[1]

Foram as vitórias de seus soldados e o espírito de organização de seus homens de governo que estenderam e, em parte, consolidaram o enorme império, que, no auge de sua expansão, ia da Lusitânia à Mesopotâmia, e do Norte da África à Grã-Bretanha.

Enumeremos, cronologicamente, as conquistas que dilataram de tal forma os domínios do Império Romano.

Até meados do IV século antes de Cristo, os romanos pouco haviam ampliado as fronteiras do antigo Lácio. Foi com a guerra contra os samnitas, iniciada em 326 a.C. e terminada com a decisiva batalha de Sentino (295 a.C.), que começou a irresistível penetração romana na parte meridional da Península Itálica, concluída em 272 a.C., com a anexação de Tarento.

Principia, então, o longo período das conquistas externas. Sucessivamente, vão sendo subjugados os territórios da Sicília (241 a.C.), da Sardenha e da

---

[1] Edouard Bourciez. *Éléments de Linguistique romane*. 4e éd. Paris: Klincksieck, 1946, p. 26. Com razão, afirma Antoine Meillet: "A história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina." (*Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3e éd. Paris: Hachette, 1933, p. 5.)

Córsega (238 a.C.), da Ilíria (229 a.C.), da costa este e sul da Península Ibérica (218-197 a.C.), dos reinos helenísticos do Oriente (200-168 a.C.), da Gália Cisalpina (191 a.C.), da Ligúria (154 a.C.), de Cartago e Norte da África (146 a.C.), da Macedônia e da Grécia (146 a.C.), da Gália Narbonense (118 a.C.), da Gália do Norte (50 a.C.), da Mésia (29 a.C.), do Noroeste da África (25 a.C.), do resto da Península Ibérica (19 a.C.), da Nórica (16 a.C.), da Récia (15 a.C.), da Panônia (10 d.C.), do resto da Mauritânia (42 d.C.), da Bretanha (43 d.C.), da Trácia (46 d.C.), da Dácia (107 d.C.), da Arábia Petreia, da Armênia e da Mesopotâmia (107 d.C.).

Com a anexação da Dácia (Romênia) e, sem caráter permanente, dessas regiões da Ásia Menor, o Império atingia, sob o governo de Trajano, o máximo de sua expansão geográfica.

Ao mesmo tempo que estendiam os seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras, outras gentes e outras civilizações, ensinavam, mas também aprendiam. Aprenderam, por exemplo, muito com os gregos, e isso desde épocas antigas, através dos etruscos e, principalmente, das colônias helênicas do Sul da Itália, que formavam a Magna Grécia. Lívio Andrônico, o primeiro que tentou elevar à altura de língua poética aquele rude idioma de agricultores e pastores, que era então o latim, procurou diretamente em Homero e nos trágicos gregos os modelos para suas experiências de tradução e adaptação literárias. Ele próprio era um grego de Tarento. E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio e todos os que, pioneiramente, se impuseram a árdua tarefa de criar obras de arte na língua nacional não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos da Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda, a partir de 146 a.C., quando, vencida pelas armas, acabou dominando pelo espírito o cruel vencedor.

"Graecia capta ferum victorem cepit et artes
Intulit agresti Latio",[2]

LATIM LITERÁRIO E LATIM VULGAR

Desde o século III a.C., pois, sob a benéfica influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado até atingir, no século I a.C., a alta perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Vergílio e Horácio. Em consequência, acentuou-se com o tempo a separação entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite, e o latim corrente,

[2] Entenda-se: "A Grécia subjugada subjugou o cruel vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio."

a língua usada no colóquio diário pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias.

Tal diferença era já sentida pelos romanos que opunham ao conservador latim literário ou clássico (*sermo litterarius*) o inovador latim vulgar (*sermo vulgaris*), compreendidas nesta denominação as inúmeras variedades da língua falada,[3] que vão do colóquio polido às linguagens profissionais, e até às gírias (*sermo quotidianus, urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, pedestris, castrensis*, etc.).

Foi esse matizado latim vulgar que os soldados, colonos e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e, sob o influxo de múltiplos fatores, diversificou-se com o tempo nas chamadas línguas românicas.

AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Se dos gregos os romanos foram discípulos atentos, dos outros povos vencidos souberam ser eles os mestres imitados. Não só na Itália, mas também na Gália, na Hispânia, na Récia e na Dácia, as tribos mais diversas cedo assimilaram os seus costumes e instituições, adotaram como própria a língua latina, *romanizaram-se*.

É fácil concluir que, falado em tamanha área geográfica, por povos de raças tão diversas, o latim vulgar não poderia conservar a sua relativa unidade, já precária como a de toda língua que serve de meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos.

Nos centros urbanos mais importantes, o ensino do latim difundia o padrão literário e, com isso, retardava até certo ponto os efeitos das forças de diferenciação. Mas no campo ou nas vilas e aldeias a língua, sem nenhum controle normativo, ia voando com suas próprias asas.

A partir do século III da nossa era, podemos dizer que a unidade linguística do Império não mais existia, embora continuassem os contatos políticos entre as suas diversas partes, interligadas por uma certa comunidade de civilização.[4] É o que se entende por *Romania*, em contraste com *Barbaria*, as regiões habitadas por outros povos.

---

[3] A denominação latim vulgar, embora um tanto imprópria, tornou-se termo técnico da linguística. Por ela devemos entender, de acordo com B. E. Vidos, "a língua falada por todas as camadas da população e em todos os períodos da latinidade". (*Manuale de linguistica romanza*. Traduzione dall'olandese di G. Francescato. Firenze: Olschki, 1959, p. 201.)

[4] Vj. Georges Straka. Observations sur la chronologie et les dates de quelques modifications phonétiques en roman et en français prélittéraire. In: *Revue des Langues Romanes*. Montpellier, 1953, p. 307; Idem, La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. In: *Revue de Linguistique Romane*, XX, 1956, p. 249-267.

Alguns fatos históricos vieram contribuir para ativar o processo de dialetalização. Enumeremos os principais.

Desde 212, o edito de Caracala estendera o direito de cidadania a todos os indivíduos livres do Império, com o que Roma e a Itália perderam a situação privilegiada que desfrutavam.

Diocleciano, que governou de 284 a 305, instituiu a obrigatoriedade do latim como língua da administração. Mas, contraditoriamente, anulou os efeitos dessa medida unificadora ao descentralizar política e administrativamente o Império em doze dioceses, caminho aberto para o aguçamento de nacionalismos regionais e locais.[5] Não sendo mais capital, Roma deixou, consequentemente, de exercer a função reitora da norma linguística.

Em 330, Constantino, que se tornara defensor do Cristianismo, transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla.

Com a morte de Teodósio em 395, o vasto domínio foi dividido entre os seus dois filhos, cabendo a Honório o Ocidente, e a Arcádio o Oriente. O Império do Oriente teve vida longa. Conservou-se até 1453. O do Ocidente, porém, depois de sucessivas invasões de hunos, visigodos, ostrogodos, burguinhões, suevos, alanos e vândalos, sucumbe em 476, quando Odoacro destrona o imperador fantoche Romulus Augustus, apelidado com o diminutivo *Augustulus*, "Augustinho".

As forças linguísticas desagregadoras puderam então agir livremente, e de tal forma que, em fins do século V, os falares regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim. Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua vulgar nessa fase de transição que termina com o aparecimento de textos redigidos em cada uma das línguas românicas: francês (séc. IX), espanhol (séc. X), italiano (séc. X),[6] sardo (séc. XI), provençal (séc. XII), rético (séc. XII), catalão (séc. XII, ou princípios

---

5 "O Império foi então dividido em doze dioceses, e é uma coisa surpreendente ver nascer nesse momento as nacionalidades modernas: houve uma África, uma Espanha, uma Grã-Bretanha, duas Franças (a de Trèves e a de Viena), duas Itálias (a de Milão e a de Roma)." (André Piganiol. *Histoire de Rome*. Paris, 1939, p. 446.)

6 O primeiro texto em que o vulgar italiano aparece conscientemente contraposto ao latim é uma carta capuana de 960 (vj. Bruno Migliorini. Storia della lingua italiana. Firenze: Sansoni, 1960, p. 93). Em 1924, porém, Luigi Schiaparelli descobriu o texto de uma adivinha popular (o chamado "Indovinello Veronese"), de fins do séc. VIII ou princípios do séc. IX, que pode ser considerado o mais antigo monumento redigido em um dialeto românico. Sobre os numerosos problemas que encerra o precioso códice da Biblioteca Capitolare di Verona, leia-se o informativo estudo de Matilde Matarazzo Gargiulo, O "Indovinello Veronese". *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro [s. d.], p. 147-158.

do séc. XIII), português (séc. XIII), franco-provençal (séc. XIII), dálmata (séc. XIV) e romeno (séc. XVI).

A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA

Os romanos chegaram à Península Ibérica no século III a.C., por ocasião da 2ª Guerra Púnica, mas só conseguiram dominá-la por completo, ao fim de longas e cruentas lutas, em 19 a.C., quando Augusto venceu a resistência dos altivos povos das Astúrias e da Cantábria.

Muito pouco se sabe das antigas populações ibéricas. No início da romanização habitava a Península uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados.

Das línguas desses povos quase nada conservaram os idiomas hispânicos. Com relativa segurança, atribui-se origem pré-romana apenas a uns quantos sufixos — como *-arra* (*bocarra*), *-orro* (*beatorro*), *-asco* (*penhasco*) e *-ego* (*borrego*) — e algumas palavras de significação concreta: *arroio, balsa, barro, braga(s), carrasco, gordo, lama, lança, lousa, manteiga, tamuge, tojo, veiga,* etc.

A romanização da Península não se processou uniformemente. Das três províncias em que Agripa (27 a.C.) dividiu a Hispânia — a Tarraconense, correspondente à antiga Hispânia Citerior, a Bética e a Lusitânia, desmembradas da Hispânia Ulterior — foi a Bética a que mais cedo assimilou a civilização romana. No alvorecer da nossa era, o geógrafo grego Estrabão testemunhava que "os turdetanos, especialmente os que habitavam as margens do Bétis, haviam adotado os costumes romanos, e até já nem se lembravam da própria língua". E acrescentava: "Não falta muito para que todos se convertam em romanos."[7]

Por esse tempo, nas outras províncias a romanização estava atrasada. Nas regiões do Norte, em terras da Galiza, das Astúrias e da Cantábria, ainda não se fazia sentir a presença de Roma: os seus habitantes conservavam intactos os rudes costumes transmitidos através de gerações que se perdiam na noite dos séculos.

Em 216, a *Gallaecia et Asturia*, que desde a época de Antonino Pio era uma subdivisão militar e financeira da antiga *Hispânia Citerior*, tornou-se uma província à parte, com o nome de *Nova Hispania Citerior Antoniniana*. Compreendia então o Noroeste peninsular até a Cantábria.

Com a reforma de Diocleciano, todas essas províncias — e mais a Baleárica, a Tingitana e a Cartaginense, destacada da Tarraconense — passaram a constituir a diocese da Hispânia, que dependia da prefeitura das Gálias.

---

[7] Cf. Rafael Lapesa. *Historia de la lengua española*. 5. ed. Madrid: Escelicer, 1962, p. 41.

LÍNGUAS ROMÂNICAS

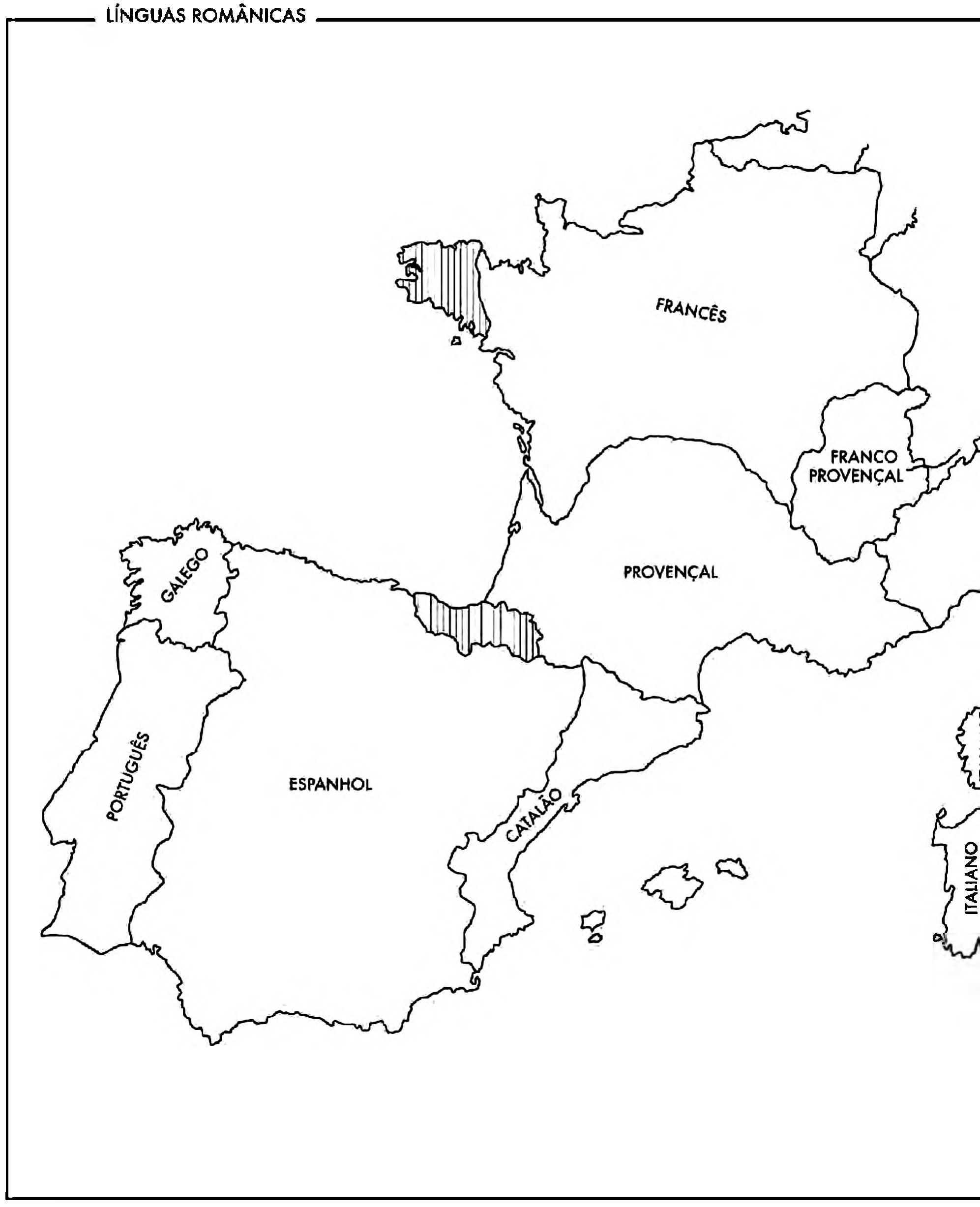

ROMENO
ITALIANO
ITALIANO
SARDO
MACEDO-ROMENO
ITALIANO

O DOMÍNIO VISIGÓTICO

Tal a organização administrativa da Península, quando, em 409, foi invadida por um grupo heterogêneo de povos germânicos — vândalos, suevos e alanos. Os alanos desapareceram rapidamente; os vândalos, depois de se haverem fixado na Bética, transportaram-se, em 429, para a África, onde fundaram um reino, que durou cem anos; os suevos estabeleceram-se na Galécia e na Lusitânia, mas no século VI foram absorvidos pelos visigodos. Estes, que eram os mais civilizados dos povos germânicos, já mantinham antigos contatos com os romanos. Desde 425 estavam sediados na Aquitânia, ao sudoeste da Gália. Daí atravessaram os Pirineus e se estenderam por toda a Península, que iriam dominar durante dois séculos e meio.

Os visigodos cedo se fundiram com a população românica. Três fatos concorreram poderosamente para isso: *a)* a abolição da lei que proibia o casamento de godos com hispanos, ato de Leovegildo; *b)* a conversão, em 586, de Recaredo ao Cristianismo; *c)* o código, promulgado por Recesvindo em 654, que não mais distinguia os direitos das comunidades goda e hispana. Assim, quando Rodrigo, o último rei godo, não pôde deter, em 711, a invasão árabe, com ele ruía não apenas o império visigótico, mas o império romano-visigótico, que tinha como religião o Cristianismo e como língua o hispano-românico, legítimo continuador do latim vulgar.

Excluindo os nomes próprios de pessoas e de lugares, a contribuição goda para a formação do léxico português não ascende a mais de quarenta termos,[8] dos quais cerca de trinta se encontram em outras línguas românicas.

Seguindo o exemplo de Gamillscheg, o professor Joseph M. Piel distribui por quatro grupos as palavras godas que se conservaram em português:

1º) palavras de origem gótica que já pertenciam ao latim vulgar ou medieval: *albergue, arrear, bramar, bando, elmo, espora, guarda, guerra, rapar, trégua*;

2º) palavras comuns a todas as regiões primitivamente ocupadas pelos godos: *aspa, espeto, espia, estala, garbo, mofo, mofino, roca, taco, ufanar-se*;

3º) palavras peculiares à Península Ibérica e à França, ou à Península e à Itália: *agasalhar, brotar, estaca, fato, roupa, sítio, triscar*;

4º) palavras privativas dos idiomas ibero-românicos: *aio, aia, aleive, enguiçar, escanção, ganso, guarecer, íngreme, luva, malado* (arc.), *tascar*.[9]

---

[8] Cf. Joseph M. Piel. *O patrimônio visigodo da língua portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1942, p. 18.

[9] Ibidem, p. 13-17.

O DOMÍNIO ÁRABE

Movidas pela guerra santa, as tribos árabes conquistam o Norte da África e, em 711, desembarcam na Península. Sete anos depois, com exclusão do pequeno reino do Duque Teodomiro, que por meio século ainda conservou sua autonomia, e de alguns focos de resistência nas montanhas das Astúrias, de onde partiria o movimento de Reconquista, o domínio muçulmano cobria toda a anterior Espanha visigótica.

"Os árabes, sírios e berberes que invadem a Península não trazem mulheres: casam com hispano-godas, têm escravas galegas e bascas. Entre os muçulmanos permanecem muitos hispano-godos, os moçárabes, conservadores do saber isidoriano: uns conseguem certa autonomia; os mais exaltados sofrem perseguições e martírio; outros se islamizam; mas todos influem na Espanha moura, onde se fala romance ao lado do árabe."[10]

Com os árabes floresceram na Península as ciências e as artes: houve grande incremento da agricultura, da indústria e do comércio; introduziram-se inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos. Calcula-se em quatro mil o número de vocábulos espanhóis de origem árabe, excluídos os topônimos. Em português o léxico de proveniência árabe tem sido estimado entre quatrocentos e mil termos.

As palavras portuguesas de origem árabe, quase todas substantivos, referem-se, em geral:

a) à organização guerreira: *acicate, adail, adarga, alcaide, alfange, alferes, algarada, aljava, ameia, arrebatar, atalaia, ronda, zaga,* entre outras;
b) à agricultura e à jardinagem: *açafrão, açúcar, açucena, alcachofra, alecrim, alface, alfafa, alfazema, algodão, almécega, benjoim, berinjela,* etc.;
c) ao comércio, a pesos e medidas: *aduana, armazém, arroba, quilate, quintal,* etc.;
d) a ofícios, cargos: *adail, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almotacel, almoxarife, arrais, califa, emir,* etc.;
e) a instrumentos musicais: *adufe, alaúde, anafil, arrabil, tambor,* etc.;
f) às ciências: *álgebra, algoritmo, cifra, zênite, nadir, álcool, álcali,* etc.

Em alguns casos os árabes foram apenas os intermediários de palavras que haviam tomado a outras línguas. São, por exemplo, de origem grega: *alambique, alcaparra, alfândega, alquimia, acelga* e *arroz*; de origem sânscrita: *alcanfor* e *xadrez*; de origem persa: *azul, escarlate, jasmim* e *laranja*. Do próprio latim há uma série de palavras introduzidas sob forma arabizada: *abricó, alcácer, albornoz, almude, alporão.*

---

[10] Rafael Lapesa. *Op. cit.*, p. 95-96.

O PORTUGUÊS PRIMITIVO

Foi durante o domínio árabe que se acentuaram as características distintivas dos romances peninsulares.

Na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho constituiu-se uma unidade linguística particular que conservaria relativa homogeneidade até meados do século XIV — o galego-português.

O galego-português, provavelmente, teria contornos definidos desde o século VI, mas é só a partir do século IX que podemos atestar a sua existência através de palavras que se colhem em textos de latim bárbaro.[11]

PERÍODOS EVOLUTIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Datam do século XIII os primeiros documentos que chegaram até nós integralmente redigidos em galego-português. Inicia-se então a fase propriamente histórica de nossa língua, que, como todo idioma dotado de vitalidade, não se tem mantido uniforme nem no tempo, nem no espaço.

Baseando-nos em parte numa conhecida periodização proposta pelo sábio linguista José Leite de Vasconcelos,[12] distinguiremos as seguintes etapas na evolução do latim ao português atual:

a) latim lusitânico, língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V;
b) romance lusitânico, língua falada na Lusitânia, do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não temos nenhum documento escrito;
c) português proto-histórico, língua falada na Lusitânia, do século IX até fins do século XII, e da qual podemos vislumbrar algumas características nas palavras intercaladas em textos do latim bárbaro;

---

[11] Chama-se latim bárbaro a língua dos documentos forenses da Idade Média, em que, no texto latino, se inserem vocábulos do romance regional.

[12] Cf. *Lições de Filologia Portuguesa*. 2. ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, p. 16-17. Advirta-se que Leite de Vasconcelos situava o começo da fase histórica da língua portuguesa em fins do século XII com fundamento em dois textos, originários do Mosteiro de Vairão, datados respectivamente de 1192 e 1193: o primeiro, um *Auto de Partilhas* dos bens herdados de seus pais pelos irmãos Sánchez; o segundo, o *Testamento* pelo qual Elvira Sánchez deixava todos os seus bens ao Mosteiro de Vairão. Estudo posterior do ilustre filólogo português Luís Filipe Lindley Cintra (Cf. Les anciens textes portugais non littéraires — classement et bibliographie. In: *Les anciens textes romans non littéraires*. Paris, Klincksieck, 1963, p. 169-187), para o qual solicitou a ajuda de dois eminentes paleógrafos, Rui de Azevedo e o Padre Avelino Costa, veio provar que os textos em causa não passam de falsificações de fins do século XIII, ou mesmo do século XIV.

A Península Ibérica no século V, depois de consolidado o domínio político dos invasores germânicos com a formação do Reino dos Suevos e dos Visigodos.

A Península Ibérica no século X, no auge do domínio árabe através do Califado de Córdoba, com os cristãos confinados ao norte no Reino de Leão, Castela, Navarra, Urgelo e Condado de Barcelona.

A Península Ibérica em meados do século XII, com os progressos da Reconquista Cristã. Portugal já ocupa uma faixa do Minho ao Tejo, depois da Tomada de Lisboa aos árabes por D. Afonso Henriques (1147).

A Península Ibérica em meados do século XV. O domínio árabe reduzido ao Reino de Granada, que ruiria em 1492. Portugal, depois da conquista do Algarve (1249) por D. Afonso III, havia atingido praticamente o território atual.

d) português arcaico, que vai de princípios do século XIII até a primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente;[13]
e) português moderno, que se estende da segunda metade do século XVI até os dias que correm.

Os períodos arcaico e moderno da língua portuguesa comportam subdivisões, como reconhecia o próprio Leite de Vasconcelos.

Parece-nos particularmente aconselhável distinguir duas épocas no período compreendido entre o século XIII e a primeira metade do século XVI; uma, a do português arcaico propriamente dito, que abarcaria a língua dos séculos XIII e XIV; outra, a do português médio, que iria do século XV a fins da primeira metade do século XVI e representaria a fase de transição entre a antiga e a moderna do idioma.

Com os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, os portugueses ampliaram enormemente o império de sua língua, levada que foi para os vastos territórios por eles conquistados na África, na América, na Ásia e na Oceânia. Ainda hoje, apesar das consideráveis perdas sofridas, o seu domínio político abarca mais de dez milhões de quilômetros quadrados, aproximadamente a sétima parte da Terra. É o português a língua oficial do Brasil, de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, e de Timor Leste.

Fora das regiões pertencentes ao domínio político de Portugal, do Brasil, das Repúblicas africanas e de Timor Leste, o português é falado em povoações espanholas da zona raiana, tal o caso de Ermisende, na província de Zamora; em Alamedilla, na província de Salamanca; em San Martín de Trevejo, Eljas, Valverde del Fresno, Herrera de Alcântara e Cedillo, na província de Cáceres; em Olivenza e arredores, na província de Badajoz. Também nas áreas fronteiriças do Brasil a língua portuguesa tem penetrado em território de língua espanhola, formando não raro um dialeto misto, como o falado nos departamentos uruguaios de Artigas, Rivera, Cerro Largo, Salto e Tacuarembó.[14]

Não levando em linha de conta os usuários desses falares fronteiriços, nem os do crioulo de Surinam e do papiamento de Curaçau, que o têm por base, nem os do galego, sua covariante; abstraindo-nos também dos núcleos de imigrantes, por vezes consideráveis, como acontece nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, ainda assim o português é o meio natural de comunicação de mais

---

[13] A primeira gramática de nossa língua — a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira — foi impressa em Lisboa, 1536.

[14] Este dialeto foi descoberto pelo sábio linguista José Pedro Rona, que dele nos deu uma excelente descrição em *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevideo, Adolfo Linardi, 1965.

de duzentos milhões de pessoas, o que vale dizer situar-se entre as dez línguas mais faladas do mundo.

A língua portuguesa no mundo

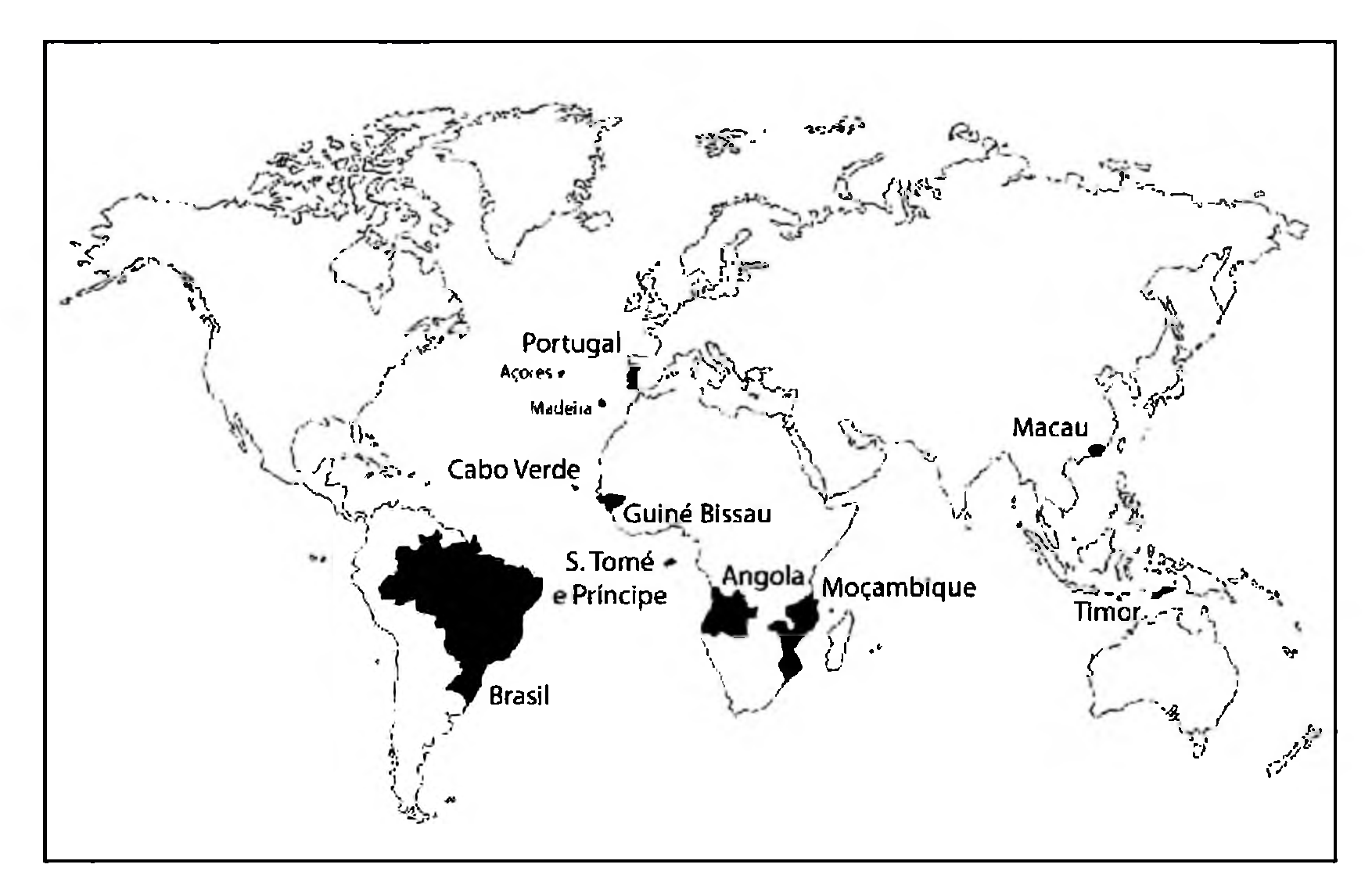

Capítulo 2

Domínio atual da língua portuguesa

UNIDADE E DIVERSIDADE

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma, fato, aliás, salientado até pelos dialectólogos.

Com relação a Portugal, observa o professor Manuel de Paiva Boléo: "Uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar impressionada com a excepcional homogeneidade linguística do País e a sua escassa diferenciação dialectal — ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica."[1]

Com referência à situação linguística do Brasil, escreve Serafim da Silva Neto: "É preciso ter na devida conta que *unidade* não é *igualdade*; no tecido linguístico brasileiro, há, decerto, gradações de cores. Minucioso estudo de campo determinaria, com segurança, várias *áreas*. O que é certo, porém, é que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da *unidade* na *diversidade e* da *diversidade* na *unidade*."[2]

---

[1] Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". *Boletim de Filologia*, 20:85, 1961.

[2] *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963, p. 271.

AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Excetuando-se o caso especial dos CRIOULOS, que estudaremos adiante, temos, pois, de reconhecer esta verdade: apesar da acidentada história que foi a sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, nos distantes e extensíssimos territórios de outros continentes, a língua portuguesa conseguiu manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades por mais afastadas que se encontrem no espaço.

A diversidade interna, contudo, existe e dela importa dar uma visão tanto quanto possível ordenada.[3]

OS DIALETOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresenta-nos um conjunto de DIALETOS que, de acordo com certas características diferenciais de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos:

a) DIALETOS GALEGOS;
b) DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS;
c) DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS.[4]

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português-padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa–Coimbra, e que distinguirão pela fala um galego, um homem do Norte e um homem do Sul.

A distinção funda-se principalmente no sistema das SIBILANTES.

---

[3] Veja-se, sobre o conjunto das variedades do português, a *Bibliografia dialectal galego-portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1974. Sobre o português do Brasil, em particular, possuímos hoje uma bibliografia muito completa: Wolf Dietrich. *Bibliografia da língua portuguesa do Brasil*. Tübingen, Gunter Narr, 1980.

[4] Quanto à classificação dialetal aqui adotada, veja-se Luís Filipe Lindley Cintra. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22: 81-116, Lisboa, 1971. Entre as classificações anteriores, duas merecem realce particular: a de José Leite de Vasconcelos e a de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. A de Leite de Vasconcelos, baseada na divisão de Portugal em províncias, é mais geográfica do que linguística. Foi publicada, inicialmente, no seu *Mappa dialectologico do continente português* (Lisboa, Guillard, Aillaud, 1897), depois reproduzida na *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris-Lisboa, Aillaud, 1901; 2.ª ed., com aditamentos e correções do autor, preparada por Maria Adelaide Valle Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970) e, com alterações, nos *Opúsculos*, IV, Filologia, parte II (Coimbra, 1929, p. 791-796). A de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, exposta em: O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental" (*Boletim de Filologia*, 20: 85-112, Lisboa, 1961), assenta-se em fatos linguísticos, principalmente fonéticos, que se fossem apresentados numa certa e possível hierarquização permitiriam talvez um mais claro agrupamento das variedades.

Assim:

1. Nos dialetos galegos não existe a sibilante sonora /z/: *rosa* articula-se com a mesma sibilante [s̺] ou [s] (surda) de *passo*; *fazer*, com a mesma sibilante [θ] ou [s] (surda) de *caça*. Inexiste também a fricativa palatal sonora [ʒ] grafada em português *j* ou *g* (antes de *e* ou *i*). Em galego, *hoxe* tem a mesma fricativa [ʃ] de *enxada*.

2. Nos dialetos portugueses setentrionais existe a sibilante ápico-alveolar [s̻], idêntica à do castelhano setentrional e padrão, em palavras como *seis*, *passo*. A ela corresponde a sonora [z̻] de *rosa*.
   Em alguns dialetos mais conservadores coexistem com estas sibilantes as pré-dorsodentais [s] (em *cinco*, *caça*) e [z] (em *fazer*), que, noutros dialetos, com elas se fundiram, provocando a igualdade da sibilante de *cinco* e *caça* com a que aparece em *seis* e *passo*, ou seja [s̻], bem como a da de *fazer* com a que se ouve em *rosa*, isto é [z̻].

3. Nos dialetos portugueses centro-meridionais só aparecem as sibilantes pré-dorsodentais que caracterizam a língua padrão:

a) a surda [s], tanto em *seis* e *passo* como em *cinco* e *caça*;[5]
b) a sonora [z], tanto em *rosa* como em *fazer*.

As fronteiras entre as três zonas mencionadas atravessam a faixa galego-portuguesa de oeste a leste, ou, mais precisamente, no caso da fronteira entre dialetos portugueses setentrionais e centro-meridionais, de noroeste a sueste.

Mas há outros traços importantes em que a referida distinção se fundamenta, sem que, no entanto, as suas fronteiras coincidam perfeitamente com as das características já indicadas.

São eles:

a) a pronúncia como [b] ou [β] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *binho*, *abó* por *vinho*, *avó*;
b) a pronúncia como africada palatal [tʃ] do *ch* da grafia (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro-meridionais) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *tchave*, *atchar* por *chave*, *achar*;

---

[5] Pronúncia semelhante à do francês ou do italiano padrão, do castelhano meridional e do hispano-americano.

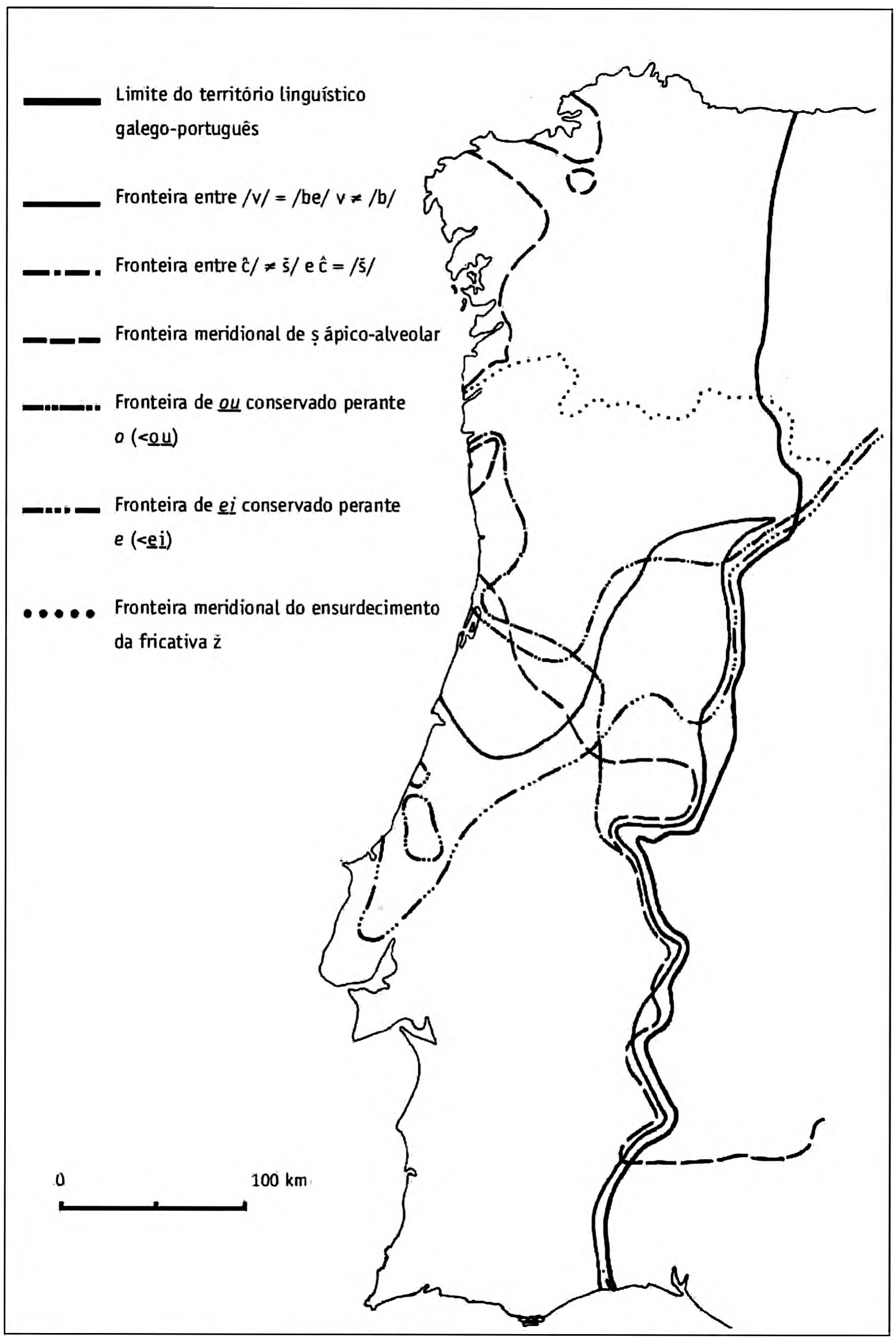

Alguns traços fonéticos diferenciados dos dialetos galego-portugueses

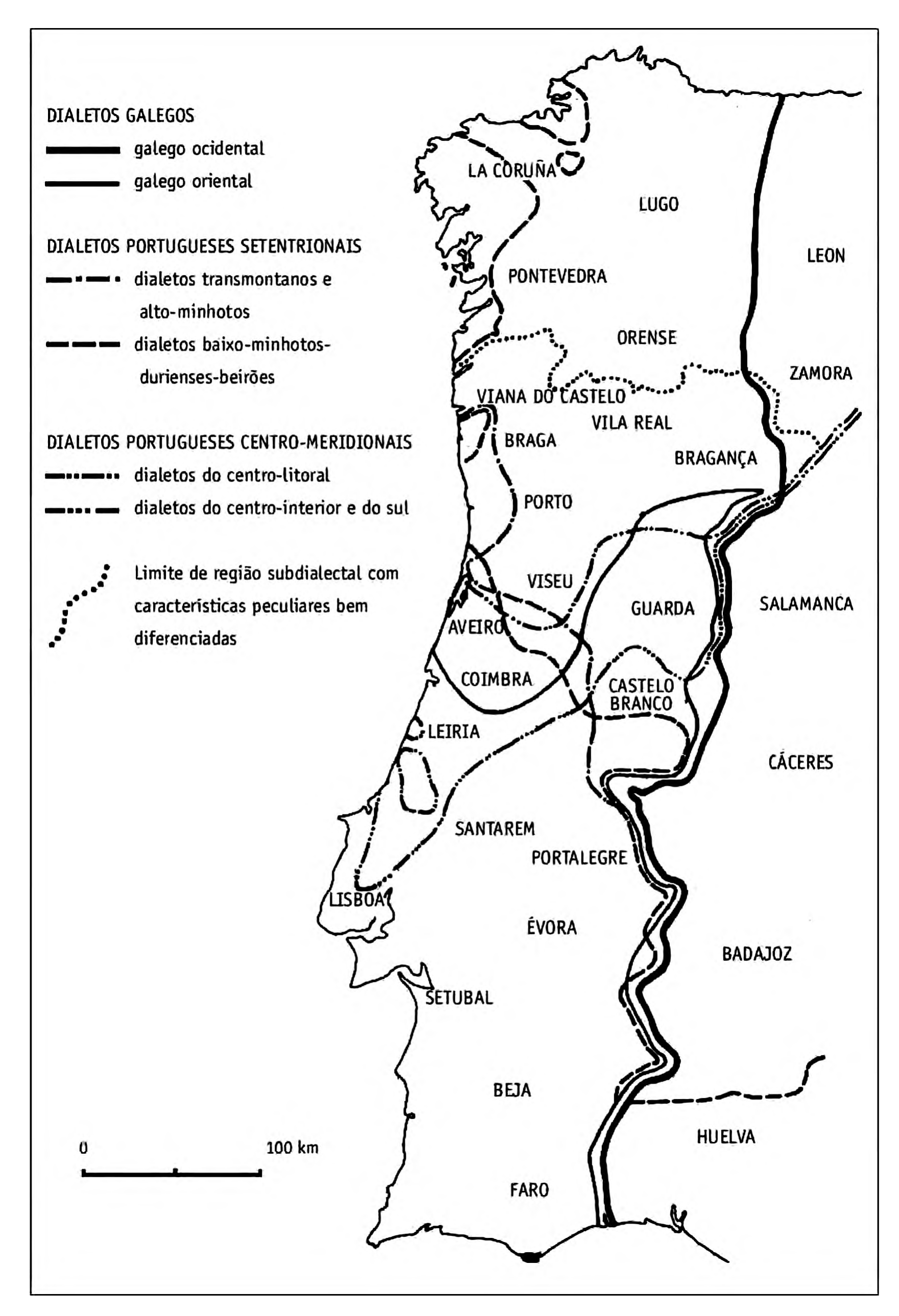

Classificação dos dialetos galego-portugueses

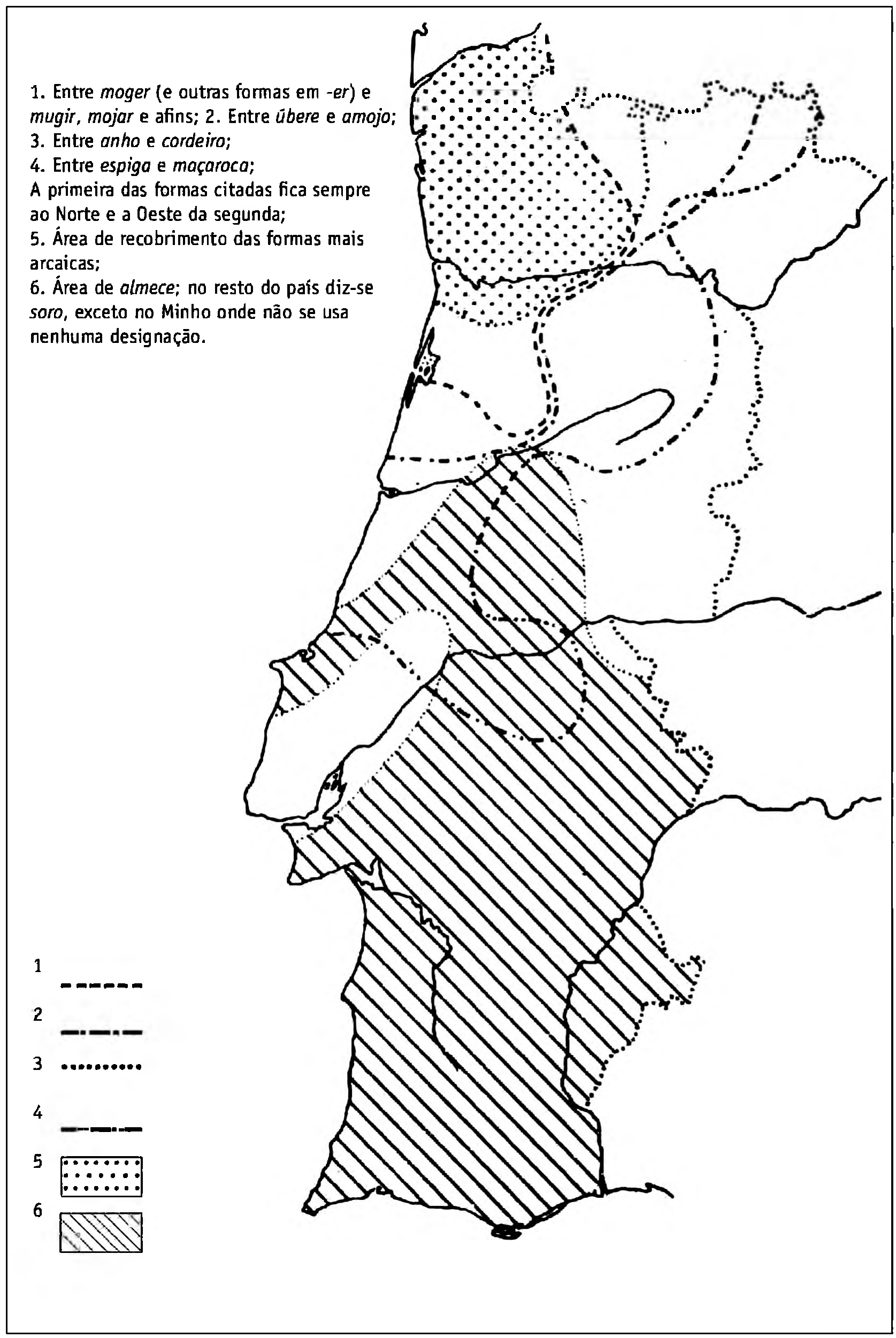

Alguns limites lexicais

c) a monotongação ou não monotongação dos ditongos [ow] e [ej]: a pronúncia [o] e [e] desses ditongos (por exemplo: *ôru* por *ouro*, *ferrêro* por *ferreiro*) caracteriza os dialetos portugueses centro-meridionais e, no caso de [o], a pronúncia padrão perante os dialetos portugueses setentrionais e os dialetos galegos.[6]

Merecem menção especial — mesmo numa apresentação panorâmica dos dialetos portugueses — três regiões em que, a par dos traços gerais que acabamos de apontar, aparecem características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialetos nelas falados de todos os outros do mesmo grupo.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma região (dentro da zona dos dialetos setentrionais) em que se observa regularmente a ditongação de [e] e [o] acentuados: *pjeso* por *peso*, *pworto* por *porto*. Abrange uma grande parte do Minho e do Douro Litoral, incluindo o falar popular da cidade do Porto e de seus arredores.

Em segundo lugar, temos uma extensa área da Beira Baixa e do Alto Alentejo (compreendendo uma faixa pertencente aos dialetos setentrionais, mas, principalmente, uma vasta zona dos dialetos centro-meridionais) em que se registra uma profunda alteração do timbre das vogais. Os traços mais salientes são: *a*) a articulação do *u* tônico como [ü] (próximo do *u* francês), por exemplo: [tü], [´müla], por *tu*, *mula*; *b*) a representação do antigo ditongo grafado *ou* por [ö] (também semelhante ao som correspondente do francês), por exemplo: [´pöka] por *pouca*; *c*) a queda da vogal átona final grafada *-o* ou sua redução ao som [∂], por exemplo: *cop* (∂), *cop* (∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd* (∂) por *tudo*.

Por fim, no ocidente do Algarve situa-se outra região em que se observam coincidências com a anteriormente mencionada, no que se refere às vogais. Em lugar de *u*, encontramos [ü]: [tü], [´müla] (mas o *ou* está representado por [o]). Por outro lado, o *a* tônico evolveu para um som semelhante ao *o* aberto: *bata* é pronunciado quase *bota*, alteração de timbre que não é estranha a alguns lugares da mencionada zona da Beira Baixa e Alto Alentejo, embora seja aí mais frequente a passagem, em determinados contextos fonéticos, de *a* a um som [ä] semelhante a *e* aberto [e], por exemplo: *afilhédo* por *afilhado*, *fumér* por *fumar*. A vogal átona grafada *o* também cai ou se reduz a [∂]: *cop*(∂), *cop*(∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd*(∂) por *tudo*.

---

[6] Com referência ao ditongo [ej], a pronúncia padrão e a de Lisboa (neste caso uma ilhota de conservação ao sul) coincidem com os dialetos setentrionais na sua manutenção. Note-se contudo que, devido a um fenômeno de diferenciação entre os dois elementos do ditongo, este se transformou na referida pronúncia em [αj].

Não são, porém, apenas traços fonéticos que permitem opor os diversos grupos de dialetos galego-portugueses. Se, no que diz respeito a particularidades morfológicas e sintáticas, a grande variedade e irregularidade na distribuição parece impedir um delineamento de áreas que as tome como base[7], já no que se refere à distribuição do léxico podemos observar, ainda que num restrito número de setores e casos, certas regularidades. Não é raro, por exemplo, que os dialetos centro-meridionais se oponham aos setentrionais e aos galegos por neles se designar um objeto ou noção com um termo de origem árabe enquanto nos últimos permanece o descendente da palavra latina ou visigótica. É o caso da oposição *almece / soro* (do queijo), *ceifar / segar*.

Talvez ainda mais frequente seja a oposição lexical entre os dialetos do sul e leste de Portugal, caracterizados por inovações vocabulares de vários tipos, e os dialetos do noroeste e centro-norte, que, como os galegos, se distinguem pelo conservadorismo, pela manutenção de termos mais antigos na língua. É o caso da oposição de *ordenhar* a *moger*, *mugir* e *amojar*; de *amojo* a *úbere*; de *borrego* a *cordeiro* e a *anho*; de *chibo* a *cabrito*; de *maçaroca* a *espiga* (de milho), etc.

Advirta-se, por fim, que em relação a muitas outras noções é grande a variedade terminológica na faixa galego-portuguesa, sem que se observe este ou qualquer outro esquema regular de distribuição. É que a distribuição dos tipos lexicais depende de numerosíssimos fatores, não só linguísticos, mas sobretudo histórico-culturais e sociais, que variam de caso para caso. A regularidade atrás observada parece depender, em alguns casos, da ação de um mesmo fator histórico: a Reconquista aos mouros do Centro e do Sul do território português, movimento que teria criado o contraste entre uma Galiza e um Portugal do Noroeste para Oeste mais conservadores, porque de povoamento antigo, e um Portugal do Nordeste, Este e Sul mais inovador, justamente o que foi repovoado em consequência daquele acontecimento histórico.[8] Trata-se, aliás, de um contraste que tem o seu paralelo na história da arte. Ao Norte, resistência do estilo romântico, enquanto ao Sul, a partir do século XIII, se acentua progressivamente a penetração e a expansão do estilo gótico.

---

[7] Quando muito, poder-se-á dizer, por exemplo, que certos traços, como os perfeitos em *-i* da 1.ª conjugação (*lavi* por *lavei*, *canti* por *cantei*), são exclusivamente centro-meridionais.

[8] Veja-se, a este respeito, principalmente, Luís F. Lindley Cintra. Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 20: 273-307, 1961; e Orlando Ribeiro. A propósito de áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 21: 177-205, 1962-1963 (artigos reproduzidos em Luís F. Lindley Cintra. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 55-94 e 165-202).

OS DIALETOS DAS ILHAS ATLÂNTICAS

Os dialetos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam — como era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento em que os portugueses as descobriram — um prolongamento dos dialetos portugueses continentais.

Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialetos centro-meridionais. Com efeito, não se encontram nos dialetos açorianos e madeirenses nem o [s̪] ápico-alveolar, nem a neutralização da oposição entre [v] e [b], nem a africada [tʃ] dos dialetos setentrionais do continente. Quanto à monotongação dos ditongos decrescentes [ow] e [ej], observam-se as mesmas tendências da língua padrão: o ditongo [ow] reduz-se normalmente a [o], mas a redução de [ej] a [e] é fenômeno esporádico; só ocorre como norma na ilha de São Miguel.

Esta ilha, assim como a da Madeira, constituem casos excepcionais dentro do português insular. Independentemente uma da outra, ambas se afastam do que se pode chamar a norma centro-meridional por acrescentar-lhe um certo número de traços muito peculiares.

No que se refere à ilha de São Miguel, os mais característicos dentre os traços que afastam os seus dialetos dos das outras ilhas coincidem, curiosamente, com os traços que, na Península, distinguem a região da Beira Baixa e do Alto Alentejo (e também, parcialmente, com os que se observam no ocidente do Algarve): *a*) o *u* tônico é articulado como [ü]: *tü*, *müla*; *b*) o antigo ditongo *ou* pronuncia-se como [ö]: *pöca*, *löra*; *c*) o *a* tônico tende para o *o* aberto [ɔ]: quase *bota* por *bata*; *d*) a vogal final grafada *-o* cai ou reduz-se a [ə]: *cop(ə)*, *cop(ə)s*, *tüd(ə)*, *pök(ə)*, por *copo*, *copos*, *tudo*, *pouco*.

Quanto à ilha da Madeira, os seus dialetos apresentam características fonéticas singulares, que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialetos continentais. Assim, o *u* tônico apresenta-se ditongado em [αw], por exemplo: [ˈlαwα] por *lua*; o *i* tônico em [αj], por exemplo:[ˈfαjλα] por *filha*. Por outro lado, a consoante *l*, precedida de *i*, palatiza-se: [ˈvαjλα] por *vila*, [ˈfαjλα] por *fila* (confundindo-se, portanto, desse modo *fila* com *filha*).

OS DIALETOS BRASILEIROS

Com relação ao extensíssimo território brasileiro da língua portuguesa, a insuficiência de informações rigorosamente científicas sobre as diferenças de natureza fonética, morfossintática e lexical que separam as variedades regionais nele existentes não permite classificá-las em bases semelhantes às que foram adotadas

na classificação dos dialetos do português europeu. Deve-se reconhecer, contudo, que a publicação de dois atlas prévios regionais — o do Estado da Bahia[9] e o do Estado de Minas Gerais[10] — e a anunciada impressão do já concluído *Atlas dos falares de Sergipe*[11], bem como a elaboração de algumas monografias dialetais, são passos importantes no sentido de suprir a lacuna apontada.

Entre as classificações de conjunto, propostas em caráter provisório, sobreleva, pela indiscutível autoridade de quem a fez, a de Antenor Nascentes, fundada em observações pessoais colhidas em suas viagens por todos os estados do país.

A base desta proposta reside — como no caso do português europeu — em diferenças de pronúncia.

De acordo com Antenor Nascentes, é possível distinguir dois grupos de dialetos[12] brasileiros — o do Norte e o do Sul —, tendo em conta dois traços fundamentais:

a) a abertura das vogais pretônicas, nos dialetos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em *-mente*: *pègar* por *pegar*, *còrrer* por *correr*;
b) o que ele chama um tanto impressionisticamente a "cadência" da fala: fala "cantada" no Norte, fala "descansada" no Sul.

A fronteira entre os dois grupos de dialetos passa por "uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado do mesmo nome"[13].

Em cada grupo, distingue Antenor Nascentes diversas variedades a que chama SUBFALARES. E enumera dois no grupo Norte:

a) O AMAZÔNICO;
b) O NORDESTINO;

---

[9] Nelson Rossi. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

[10] José Ribeiro *et alii*. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. V.1. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.

[11] Elaborado por Nelson Rossi, com a colaboração de um grupo de professores da Universidade Federal da Bahia.

[12] Empregamos o termo DIALETO pelas razões aduzidas no capítulo 1 e para mantermos o paralelismo com a designação adotada para as variedades regionais portuguesas. Ao que chamamos aqui DIALETO Nascentes denomina SUBFALAR.

[13] Antenor Nascentes. *O linguajar carioca*, 2.ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro, Simões, 1953, p. 25. Por ser quase despovoada, considerava ele incaracterística a área compreendida entre a parte da fronteira boliviana e a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

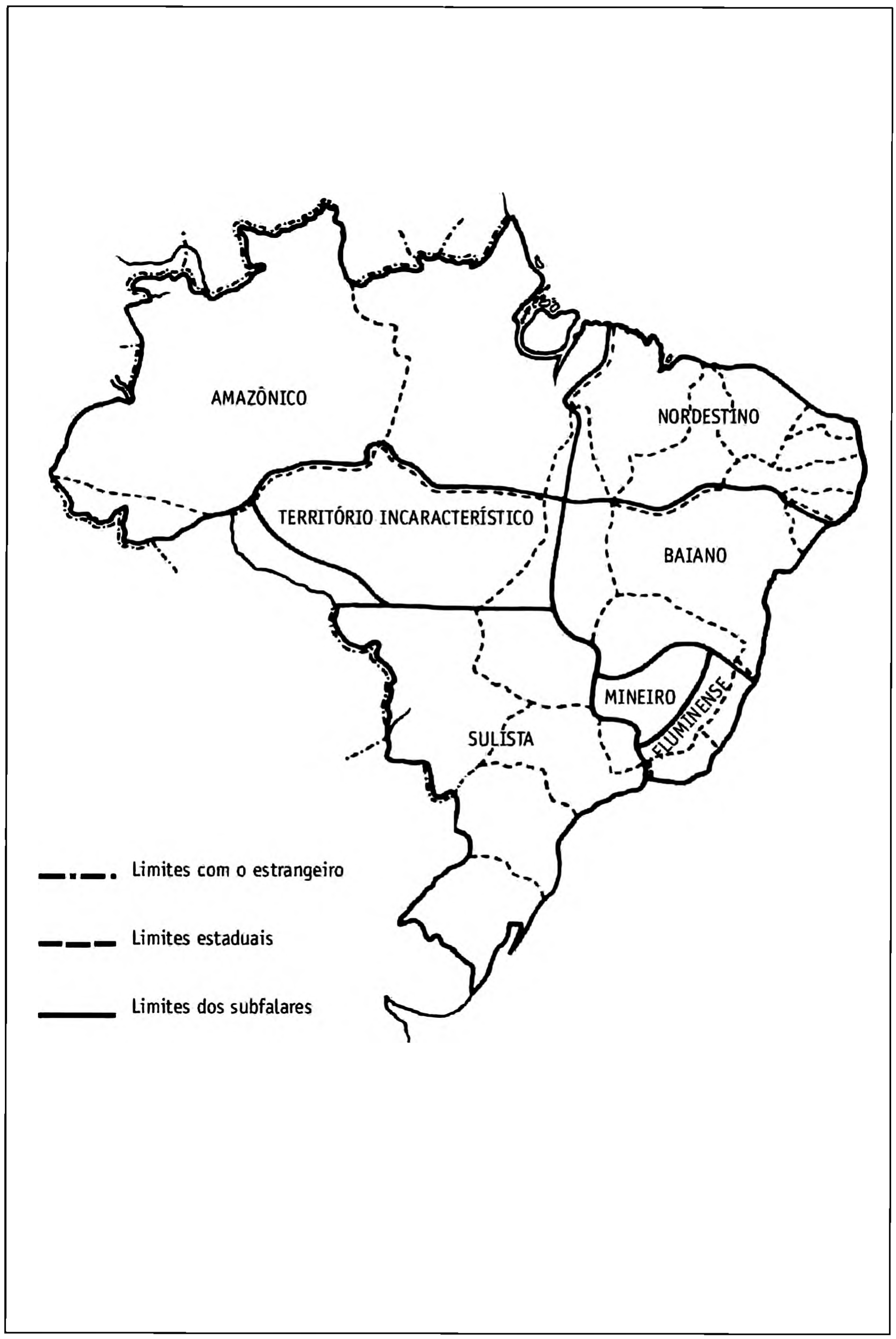

Áreas linguísticas do Brasil (divisão proposta por Antenor Nascentes)

e quatro no grupo Sul:

a) O BAIANO;
b) O FLUMINENSE;
c) O MINEIRO;
d) O SULISTA.

Assinale-se, por fim, que as condições peculiares da formação linguística do Brasil revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa como a portuguesa. Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a europeia.

O PORTUGUÊS DE ÁFRICA, DA ÁSIA E DA OCEÂNIA

No estudo das formas que veio a assumir a língua portuguesa em África, na Ásia e na Oceânia, é necessário distinguir, preliminarmente, dois tipos de variedades: as CRIOULAS e as NÃO CRIOULAS.

As variedades CRIOULAS resultam do contacto que o sistema linguístico português estabeleceu, a partir do século XV, com sistemas linguísticos indígenas. Talvez todas elas derivem do mesmo PROTOCRIOULO OU LÍNGUA FRANCA que, durante os primeiros séculos da expansão portuguesa, serviu de meio de comunicação entre as populações locais e os navegadores, comerciantes e missionários ao longo das costas da África Ocidental e Oriental, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Malásia, da China e do Japão. Aparecem-nos, atualmente, como resultados muito diversificados, mas com algumas características comuns — ou, pelo menos, paralelas —, que se manifestam numa profunda transformação da fonologia e da morfossintaxe do português que lhes deu origem. O grau de afastamento em relação à língua-mãe é hoje de tal ordem que, mais do que como DIALETOS, os crioulos devem ser considerados como línguas derivadas do português.

Os crioulos de origem portuguesa na África, que são os de maior vitalidade, podem ser distribuídos espacialmente em três grupos:

1. Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:

a) de São Tomé;
b) do Príncipe;
c) de Ano Bom (ilha que pertence à Guiné Equatorial).

2. Crioulos do arquipélago de Cabo Verde, com as duas variedades:

a) de Barlavento, ao norte, usada nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista;
b) de Sotavento, ao sul, utilizada nas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

3. Crioulos continentais:
a) da Guiné-Bissau;
b) de Casamance (no Senegal).

Dos crioulos da Ásia subsistem apenas:
a) o de Malaca, conhecido pelas denominações de *papiá cristão*, *malaqueiro*, *malaquês*, *malaquenho*, *malaquense*, *serani*, *bahasa geragau* e *português basu*;
b) o de Macau, *macaísta* ou *macauenho*, ainda falado por algumas famílias de Hong-Kong;
c) o de Sri-Lanka, falado por famílias de Vaipim e Batticaloa;
d) os de Chaul, Korlai, Tellicherry, Cananor e Cochim, no território da União Indiana.

Na Oceânia, sobrevive ainda o crioulo de Tugu, localidade perto de Jacarta, na ilha de Java.[14]

Quanto às variedades NÃO CRIOULAS, há que considerar não só a presença do português, que é a língua oficial das repúblicas de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, mas as variedades faladas por uma parte da população destes Estados e, também, de Goa, Damão, Diu e Macau, na Ásia, e Timor, na Oceânia. Trata-se de um português com base na variedade europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocabulário proveniente das línguas nativas, e a que não faltam algumas características próprias no aspecto fonológico e gramatical.

Estas características, no entanto, que divergem de região para região, ainda não foram suficientemente observadas e descritas, embora muitas delas — principalmente no que se refere a Angola, Cabo Verde e Moçambique — transpareçam na obra de alguns dos modernos escritores desses países.[15]

---

[14] Sobre o estado atual dos crioulos portugueses, veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 37-106, onde se remete à bibliografia especializada; veja-se, também, José Gonçalo Herculano de Carvalho. Deux langues créoles: le *criôl* du Cap Vert et le *forro* de S. Tomé. *Biblos*, 57: 1-15, Coimbra, 1981.

[15] Sobre a linguagem de um deles, do maior significado, o angolano Luandino Vieira, leiam-se: Michel Laban. *L'œuvre litteraire de Luandino Vieira*, tese de 3.º ciclo, apresentada em 1979 à Universidade de Paris-Sorbonne; e Salvato Trigo. *Luandino Vieira, o logoteta*. Porto, Brasília Editora, 1981.

Capítulo 3

Fonética e fonologia

OS SONS DA FALA

Os sons de nossa fala resultam quase todos da ação de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões.

Para a sua produção, três condições se fazem necessárias:

a) a corrente de ar;
b) um obstáculo encontrado por essa corrente de ar;
c) uma caixa de ressonância.

Estas condições são criadas pelos ÓRGÃOS DA FALA, denominados, em seu conjunto, APARELHO FONADOR.

O APARELHO FONADOR

É constituído das seguintes partes:

a) os PULMÕES, os BRÔNQUIOS e a TRAQUEIA – órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar, matéria-prima da fonação;
b) a LARINGE, onde se localizam as CORDAS VOCAIS, que produzem a energia sonora utilizada na fala;
c) as CAVIDADES SUPRALARÍNGEAS (FARINGE, BOCA e FOSSAS NASAIS), que funcionam como caixas de ressonância, sendo que a cavidade bucal pode variar profundamente de forma e de volume, graças aos movimentos dos órgãos ativos, sobretudo da LÍNGUA, que, de tão importante na fonação, se tornou sinônimo de "idioma".

Observação:

Quase todos os sons de nossa fala são produzidos na expiração. A inspiração normalmente funciona para nós como um instante de silêncio, um momento de pausa na elocução. Línguas há, porém, como o hotentote, o zulo, o boximane e outros idiomas africanos, que apresentam uma série de consoantes articuladas na inspiração, os ruídos que se denominam CLIQUES. Em português praticamos alguns CLIQUES, mas sem valor fonético: o beijo, que é uma bilabial inspiratória; o muxoxo, um clique linguoalveolar; o estalido linguodental com que animamos o andar das cavalgaduras; e uns poucos mais. Sobre o assunto consulte-se Rodrigo de Sá Nogueira. *Temas de linguística banta: dos cliques em geral.* Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957.

FUNCIONAMENTO DO APARELHO FONADOR

O ar expelido dos PULMÕES, por via dos BRÔNQUIOS, penetra na TRAQUEIA e chega à LARINGE, onde, ao atravessar a GLOTE, costuma encontrar o primeiro obstáculo à sua passagem.

A GLOTE, que fica na altura do chamado *pomo de adão* ou *gogó*, é a abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da LARINGE, conhecidas pelo nome de CORDAS VOCAIS. O fluxo de ar pode encontrá-la fechada ou aberta, em virtude de estarem aproximados ou afastados os bordos das CORDAS VOCAIS. No primeiro caso, o ar força a passagem através das CORDAS VOCAIS retesadas, fazendo-as vibrar e produzir o som musical característico das articulações SONORAS. No segundo caso, relaxadas as CORDAS VOCAIS, o ar se escapa sem vibrações laríngeas. As articulações produzidas denominam-se, então, SURDAS.

A distinção entre SONORA e SURDA pode ser claramente percebida na pronúncia de duas consoantes que no mais se identificam. Assim:

/b/ [= SONORO] /p/ [= SURDO]

Ao sair da LARINGE, a corrente expiratória entra na CAVIDADE FARÍNGEA, uma encruzilhada, que lhe oferece duas vias de acesso ao exterior: o CANAL BUCAL e o NASAL. Suspenso no entrecruzar desses dois canais fica o VÉU PALATINO, órgão dotado de mobilidade capaz de obstruir ou não o ingresso do ar na CAVIDADE NASAL e, consequentemente, de determinar a natureza ORAL ou NASAL de um som.

Quando levantado, o VÉU PALATINO cola-se à parede posterior da FARINGE, deixando livre apenas o CONDUTO BUCAL. As articulações assim obtidas denominam-se ORAIS (adjetivo derivado do latim *os, oris*, "a boca"). Quando abaixado, o VÉU PALATINO deixa ambas as passagens livres. A corrente expiratória então divide-se, e uma parte dela escoa-se pelas FOSSAS NASAIS, onde adquire a ressonância característica das articulações, por este motivo, também chamadas NASAIS.

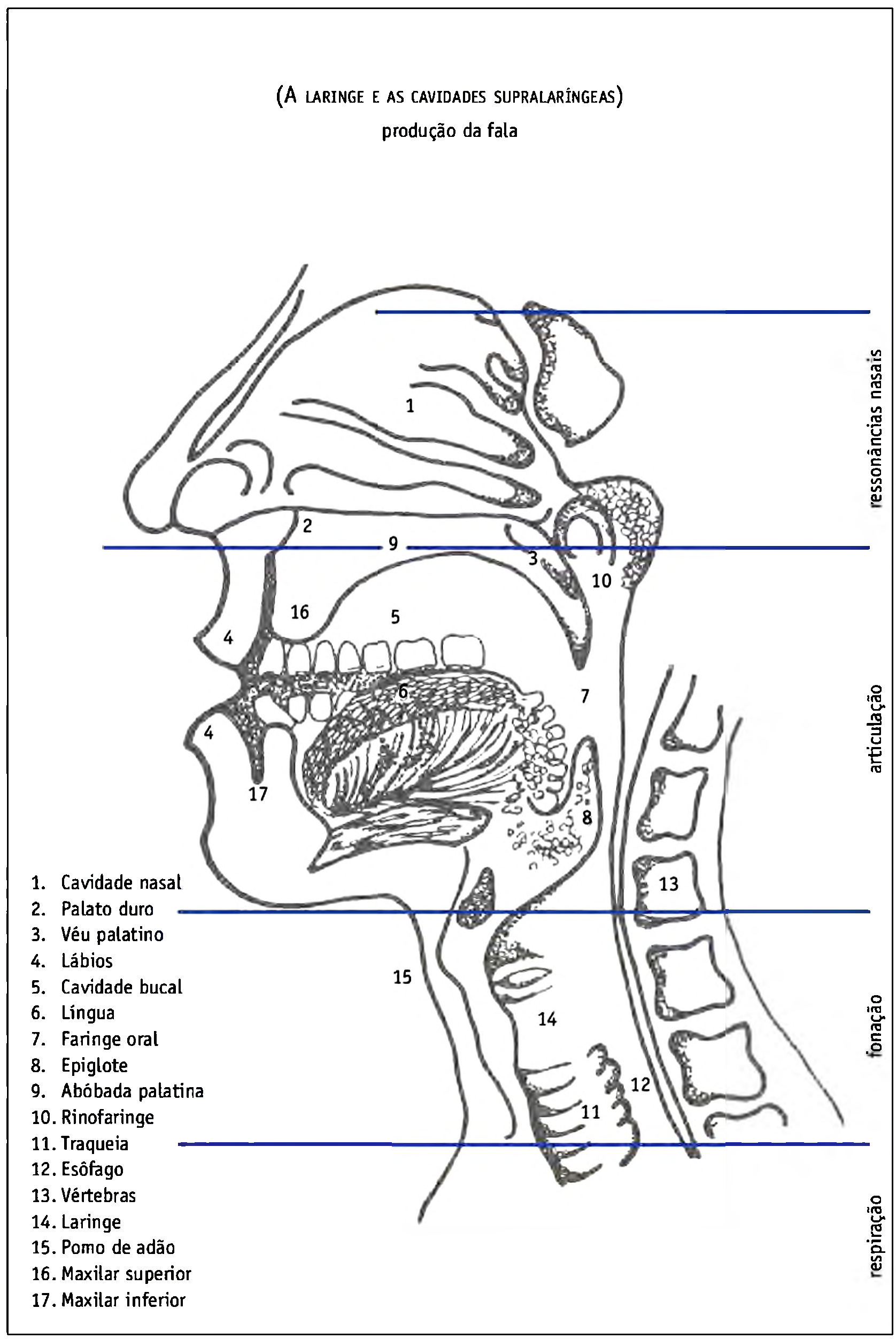

O APARELHO FONADOR

Compare-se, por exemplo, a pronúncia das vogais:

/a/ [= ORAL] /ã/ [= NASAL]

em palavras como:

lá / lã mato / manto

É, porém, na CAVIDADE BUCAL que se produzem os movimentos fonadores mais variados, graças à maior ou menor separação dos MAXILARES, das BOCHECHAS e, sobretudo, à mobilidade da LÍNGUA e dos LÁBIOS.

CORDAS VOCAIS

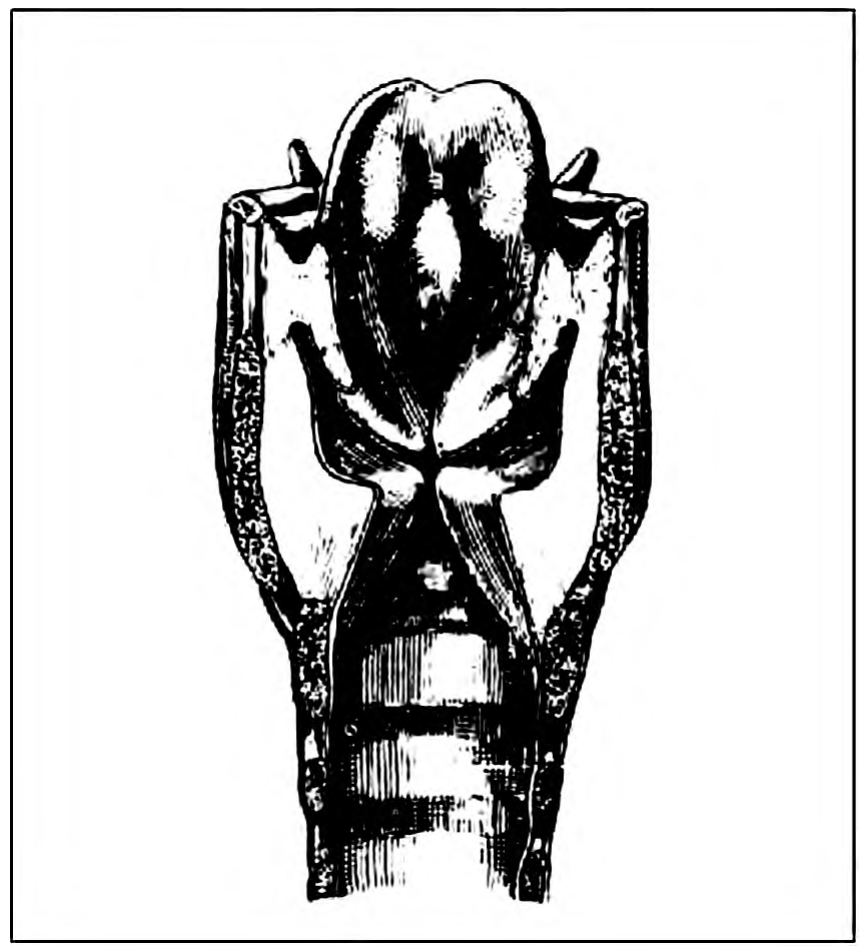

SOM E FONEMA

Nem todos os sons que pronunciamos em português têm o mesmo valor no funcionamento de nossa língua.

Alguns servem para diferenciar palavras que no mais se identificam.

Por exemplo, em:

erro

a diversidade de timbre (fechado ou aberto) da vogal tônica é suficiente para estabelecer uma oposição entre substantivo e verbo.

Na série:

dia	**v**ia	**m**ia
tia	**f**ia	**p**ia

temos seis palavras que se distinguem apenas pelo elemento consonântico inicial.

Toda distinção significativa entre duas palavras de uma língua estabelecida pela oposição ou contraste entre dois sons revela que cada um desses sons representa uma unidade mental sonora diferente. Essa unidade de que o som é representação (ou realização) física recebe o nome de FONEMA.

Correspondem, pois, a FONEMAS diversos os sons vocálicos e consonânticos diferenciadores das palavras atrás mencionadas.

A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala, as múltiplas realizações dos FONEMAS, chama-se FONÉTICA.

A parte da gramática que estuda o comportamento dos FONEMAS numa língua denomina-se FONOLOGIA, FONEMÁTICA ou FONÊMICA.

DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

A descrição dos SONS DA FALA (DESCRIÇÃO FONÉTICA), para ser completa, deveria considerar sempre:

a) como eles são produzidos;
b) como são transmitidos;
c) como são percebidos.

Sobre a impressão auditiva deveria concentrar-se o interesse maior da descrição, pois é ela que nos deixa perceber a variedade dos sons e o seu funcionamento em representação dos FONEMAS. A DESCRIÇÃO FONOLÓGICA mal se compreende que não seja de base acústica.

Acontece, porém, que a descrição do efeito acústico de um fonema não se faz com termos precisos, semelhantes aos que se usam para descrever os movimentos dos órgãos que participam da produção de um som. Os progressos da FONÉTICA ACÚSTICA são, aliás, relativamente recentes.[1]

---

[1] Data de 1952, com o trabalho *Preliminaries to Speech Analysis*, de R. Jakobson, C. G. M. Fant e M. Halle, a primeira tentativa convincente de uma classificação acústica dos fonemas. De então para cá, a utilização de uma nova aparelhagem e, principalmente, o esforço coordenado de foneticistas e engenheiros do som têm permitido progressos sensíveis no particular, de que nos dão mostras as penetrantes análises acústicas de Pierre Delattre, enfeixadas em *Studies in French and Comparative Phonetics* (London – The Hague – Paris, Mouton, 1966), e os estudos recentes sobre a fonética portuguesa de Maria

A FONÉTICA FISIOLÓGICA, de base articulatória, é uma especialidade antiga e muito desenvolvida, porque bem conhecidos são os órgãos fonadores e o seu funcionamento. Daí serem os fonemas frequentemente descritos e classificados em função das suas características articulatórias, embora se note, modernamente, uma tendência de associar a descrição acústica à fisiológica, ou de realizá-las paralelamente.

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o ALFABETO FONÉTICO.

Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes: [ ].

Por exemplo: [ˈkaw], pronúncia popular carioca, [ˈkal], pronúncia portuguesa normal e brasileira do Rio Grande do Sul, para a palavra sempre escrita *cal*.

Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas: / /.

Por exemplo: o fonema /s/ pode ser representado ortograficamente por *s*, como em *saco*; por *ss*, como em *osso*; por *c*, como em *cera*; por *ç*, como em *poço*; por *x*, como em *próximo*; e pode ser realizado como [s], no português normal de Portugal e do Brasil, ou como [s̺], em regiões do Norte de Portugal e da Galiza, conforme se disse no capítulo 2.

ALFABETO FONÉTICO UTILIZADO

Empregamos nas nossas transcrições fonéticas, sempre que possível, o Alfabeto Fonético Internacional. Tivemos, no entanto, de fazer certas adaptações e acrescentar alguns sinais necessários para a transcrição de sons de variedades da língua portuguesa para os quais não existe sinal próprio naquele Alfabeto.[2]

Raquel Delgado Martins, principalmente *Aspects de l'accent en portugais. Voyelles toniques et atones* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1977), publicada em *Hamburger Phonetische Beiträge* (Hamburg, Buske Verlag, 1982), e *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais* (2.ª ed., Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1983) e de Mirian Therezinha da Matta Machado, *Étude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1981). Os dois últimos trabalhos são dissertações policopiadas.

[2] Nessas adaptações e acréscimos seguimos, em geral, o alfabeto fonético utilizado pelo grupo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, encarregado da elaboração do *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza*.

Eis o elenco dos sinais aqui adotados:

1. Vogais:

[a] português normal de Portugal e do Brasil: **pá**, **gato**
português normal do Brasil: pe**dra**, **fa**zer

[ɑ] português normal de Portugal: **cama**, **cana**, pe**dra**, **fa**zer; português de Lisboa: **lei**, **lenha**
português normal do Brasil: **cama**, **cana**

[ɛ] português normal de Portugal e do Brasil: **pé**, **ferro**

[e] português normal de Portugal e do Brasil: **medo**, **saber**
português normal do Brasil: **regar**, **sedento**

[ə] português normal de Portugal: **sede**, **corre**, **regar**, **sedento**

[ɔ] português normal de Portugal e do Brasil: **pó**, **cola**

[o] português normal de Portugal e do Brasil: **morro**, **força**
português normal do Brasil: **correr**, **morar**

[i] português normal de Portugal e do Brasil: **vir**, **bico**
português normal do Brasil: **sede**, **corre**

[u] português normal de Portugal e do Brasil: **bambu**, **sul**, **caro**
português normal de Portugal: **correr**, **morar**

2. Semivogais:

[j] português normal de Portugal e do Brasil: **pai**, **feito**, **vário**

[w] português normal de Portugal e do Brasil: **pau**, **água**

3. Consoantes:

[b] português normal de Portugal e do Brasil: **bravo** (!), **ambos**
português normal do Brasil: **boi**, **aba**, **barba**, **abrir**

[β] português normal de Portugal: **boi**, **aba**, **barba**, **abrir**

[d] português normal de Portugal e do Brasil: **dar** (!), **andar**
português normal do Brasil: **ida**, **espada**

[ð] português normal de Portugal: **dar**, **ida**, **espada**

[d'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: **dia**, **sede**

[dʒ] português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: **dia**, **sede**
português dialectal europeu de zonas fronteiriças muito restritas: **Jesus**, **jaqueta**

[g] português normal de Portugal e do Brasil: **guarda** (!), **frango**
português normal do Brasil: **guarda**, **agora**, **agrado**

[ɣ] português normal de Portugal: **g**uarda, a**g**ora, a**g**rado

[p] português normal de Portugal e do Brasil: **p**ai, ca**p**rino

[t] português normal de Portugal e do Brasil: **t**u, can**t**o

[t'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: **t**io, se**t**e

[tʃ] português de extensas zonas do Norte de Portugal e de áreas não bem delimitadas de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, no Brasil: **ch**ave, en**ch**er

português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: **t**io, se**t**e

[k] português normal de Portugal e do Brasil: **c**asa, por**c**o, **que**

[m] português normal de Portugal e do Brasil: **m**ar, a**m**igo

[n] português normal de Portugal e do Brasil: **n**ada, ca**n**o

[ɲ] português normal de Portugal e do Brasil: vi**nh**a, cami**nh**o

[l] português normal de Portugal e do Brasil: **l**ama, ca**l**o

[ɫ] português normal de Portugal e de certas zonas do Sul do Brasil: a**l**to, Bra**sil**

[ʎ] português normal de Portugal e do Brasil: fi**lh**o, **lh**e

[r] português normal de Portugal e do Brasil: ca**r**o, co**r**es, da**r**

[r̃] português normal de várias regiões de Portugal, do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil: **r**oda, ca**r**ro

[R] português normal de Portugal (principalmente de Lisboa), do Rio de Janeiro e de várias zonas costeiras do Brasil: **r**oda, ca**r**ro

[f] português normal de Portugal e do Brasil: **f**ilho, a**f**iar

[v] português normal de Portugal e do Brasil: **v**inho, u**v**a

[s] português normal de Portugal e do Brasil: **s**aber, po**s**so, **c**éu, ca**ç**a

[z] português normal de Portugal e do Brasil: a**z**ar, ca**s**a

[ʐ] português de certas zonas do Norte de Portugal: **s**aber, po**s**so; e, noutras zonas, também: **c**éu, ca**ç**a

[ʑ] português de certas zonas do Norte de Portugal: ca**s**a; e, noutras zonas, também: a**z**ar

[θ] galego normal: **c**éu, fa**c**er (port. fazer), ca**z**a (port. caça), a**z**ar

[ʃ] português normal de Portugal e do Brasil: **ch**ave, **x**arope

português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: e**s**te

[ʒ] português normal de Portugal e do Brasil: **j**á, **g**enro

português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: me**s**mo

CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS

Os sons linguísticos classificam-se em VOGAIS, CONSOANTES e SEMIVOGAIS.

VOGAIS E CONSOANTES

1. Do ponto de vista articulatório, as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificados segundo a forma das cavidades supralaríngeas, que devem estar sempre abertas ou entreabertas à passagem do ar. Na pronúncia das consoantes, ao contrário, há sempre na cavidade bucal obstáculo à passagem da corrente expiratória.

2. Quanto à função silábica – outro critério de distinção – cabe salientar que, na nossa língua, as vogais são sempre centro de sílaba, ao passo que as consoantes são fonemas marginais: só aparecem na sílaba junto a uma vogal.

SEMIVOGAIS

Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, com ela formam sílaba. Foneticamente estas vogais assilábicas transcrevem-se [j] e [w]. Exemplificando:

Em *riso* [´rizu] e *viu* [´viw] o /i/ é vogal, mas em *rei* [´rej] e *vário* [´varju] é semivogal. Também é vogal o /u/ em *muro* [´muru] e *rua* [´rua], mas semivogal em *meu* [´mew] e *quatro* [´kwatru].

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

1. Segundo a classificação tradicional, de base fundamentalmente articulatória, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à região de articulação
- anteriores ou palatais
- centrais ou médias
- posteriores ou velares

b) quanto ao grau de abertura
- abertas
- semiabertas
- semifechadas
- fechadas

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
- orais
- nasais

É de base acústica a classificação em:

d) quanto à intensidade — tônicas / átonas

2. Tem-se difundido recentemente uma classificação das vogais com base em certo número de traços que são "distintivos" numa perspectiva fonológica ou fonemática, isto é, que apresentam características capazes por si só de opor um segmento fônico a outro segmento fônico.
Por exemplo: o traço distintivo ABERTURA, ligado, do ponto de vista fisiológico, à maior ou menor elevação ou altura da língua no momento da articulação, opõe só por si *peso* (substantivo) a *peso* (forma verbal) e a *piso* (substantivo ou verbo). A presença ou a ausência de cada traço é, neste tipo de classificação, assinalada pelos sinais matemáticos (+) e (–). Assim: /e/ de *peso* (verbo) será [+ baixo], e /e/ de *peso* (substantivo) será [– alto], mas também [– baixo], ao passo que /i/ de *piso* será [+ alto].
Por vezes, torna-se necessário mais do que um traço para descrever a oposição entre duas vogais. Por exemplo, a oposição entre /a/ de *carro* e /o/ de *corro* implica a presença em /a/ de um traço distintivo — a maior abertura e correlativa menor altura da língua [+ baixo] — e a ausência de outro traço, o arredondamento dos lábios durante a articulação [– arredondado].
Os traços distintivos que devem ser considerados na classificação dos fonemas vocálicos portugueses dependem: *a*) da maior ou menor elevação da língua; *b*) do recuo ou avanço da região de articulação; *c*) do arredondamento ou não arredondamento dos lábios.
De acordo com esta classificação, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à maior ou menor elevação da língua — + altas / – altas / – baixas / + baixas

b) quanto ao recuo ou avanço da articulação — + recuadas / – recuadas

c) quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios — + arredondadas / – arredondadas

ARTICULAÇÃO

Dissemos que as vogais são sons que se pronunciam com a via bucal livre. Mas, como acabamos de ver ao apresentar os vários critérios de classificação, isto não significa que seja irrelevante para distingui-las o movimento dos diversos órgãos articulatórios. Pelo contrário. Esses critérios baseiam-se na diversidade de tal movimento.

Assim:

Ao elevarmos a língua na parte anterior da cavidade bucal, aproximando-a do palato duro, produzimos a série das vogais ANTERIORES ou PALATAIS, ou seja [– RECUADAS]:

[ɛ], [e], [i].

Ao elevarmos a língua na parte posterior da cavidade bucal, aproximando-a do véu palatino, produzimos a série das vogais POSTERIORES ou VELARES, isto é, [+ RECUADAS]:

[ɔ], [o], [u].

Dentro da classificação tradicional, que considera a boca dividida em duas regiões (anterior e posterior), as vogais [a] e [ɑ], articuladas com a língua baixa, em posição de repouso, são denominadas MÉDIAS ou CENTRAIS. De acordo com a classificação mais recente, devem ser incluídas entre as [+ RECUADAS].

Também importante como elemento distintivo na articulação das vogais é a posição assumida pelos lábios durante a passagem da corrente de ar expirada. Podem eles dispor-se de modo tal que formem uma saída arredondada para essa corrente, e teremos a série das vogais [+ ARREDONDADAS]:

[ɔ], [o], [u].

ou permanecer numa posição quase de repouso, e teremos a série das vogais [– ARREDONDADAS]:

[a], [e], [ɛ], [i].

TIMBRE

Para a distinção do TIMBRE das vogais – qualidade acústica que resulta de uma composição do tom fundamental com os harmônicos – é ainda determinante, do ponto de vista articulatório, a forma tomada pela cavidade faríngea e, sobretudo, pela cavidade bucal, que funcionam como tubo de ressonância.

A maior largura do tubo de ressonância, provocada principalmente pela menor elevação do dorso da língua em direção ao palato (quer duro, quer mole), produz as vogais chamadas ABERTAS e SEMIABERTAS [+ BAIXAS]:

ABERTA	[a]
SEMIABERTAS	[ɛ], [ɔ].

O estreitamento do tubo de ressonância, causado principalmente pela maior elevação do dorso da língua, produz as vogais chamadas SEMIFECHADAS [– ALTAS, – BAIXAS] e FECHADAS [+ ALTAS]:

SEMIFECHADAS	[e], [ɑ], [o].
FECHADAS	[i], [u].

INTENSIDADE E ACENTO

A INTENSIDADE é a qualidade física da vogal que depende da força expiratória e, portanto, da amplitude da vibração das cordas vocais. As vogais que se encontram nas sílabas pronunciadas com maior intensidade chamam-se TÔNICAS, porque sobre elas recai o ACENTO TÔNICO, que se caracteriza em português principalmente por um reforço da energia expiratória. As vogais que se encontram em sílabas não acentuadas denominam-se ÁTONAS.

VOGAIS ORAIS E VOGAIS NASAIS

Finalmente, é de grande importância na produção e caracterização das vogais, do ponto de vista articulatório, a posição do véu palatino durante a passagem da corrente expiratória. Se, durante essa passagem, o véu palatino estiver levantado contra a parede posterior da faringe, as vogais produzidas serão ORAIS:

[i], [ɛ], [e], [a], [ɔ], [o], [u].

Se, pelo contrário, essa passagem se der com o véu palatino abaixado, uma parte da corrente expiratória ressoará na cavidade nasal e as vogais produzidas serão NASAIS:

[ĩ], [ẽ], [ɑ̃], [õ], [ũ].

VOGAIS TÔNICAS ORAIS

Para o português normal de Portugal e do Brasil é o seguinte o quadro das vogais orais em posição tônica:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIAS OU CENTRAIS	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[i]		[u]	+ altas
Semifechadas	[e]	[ɑ]	[o]	– altas – baixas
Semiabertas	[ɛ]		[ɔ]	+ baixas
Aberta		[a]		
	– recuadas – arredondadas	+ recuadas – arrendondadas	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *li / lê, peso* (s.) / *peso* (v.), *pé / pá, saco / soco, poça / possa, todo / tudo.*

Observação:

No português normal do Brasil a vogal [ɑ] só aparece em posição tônica antes de consoante nasal. Por exemplo: *cama* [ˈkɑma], *cana* [ˈkɑna], *sanha* [ˈs ɑɲa]. Não ocorre nunca em oposição a [a] para distinguir segmentos fônicos de significado diverso. Do ponto de vista fonológico, funciona, pois, como variante do mesmo fonema, e não como fonema autônomo.

No português europeu normal, [ɑ], quando tônico, também aparece, na maioria dos casos, antes de consoante nasal, a exemplo de *cama*, *cana* e *sanha*. Mas nessa mesma situação tônica existe uma oposição de pequeno rendimento entre [ɑ] e [a]. É a que se observa, nos verbos da 1.ª conjugação, entre as primeiras pessoas do plural do presente (ex.: *amamos* [ɑˈmɑmuʃ] e do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *amamos* [ɑˈmamuʃ]). Neste caso, temos, pois, de considerar a existência de fonemas diferentes. Além disso, no falar de Lisboa e de outras zonas de Portugal encontra-se [ɑ] em sílaba tônica antes de semivogal ou de consoante palatal: *rei* [ˈrɑj], *tenho* [ˈtɑjɯ], *telha* [ˈtɑʎɑ].

Advirta-se, por fim, que no português de Portugal, como veremos adiante, o fonema /a/em posição átona é normalmente realizado como [ɑ].

VOGAIS TÔNICAS NASAIS

Além das VOGAIS ORAIS que acabamos de examinar – correspondentes a oito fonemas no português normal de Portugal, e a sete no do Brasil –, possui o nosso

idioma, tanto na sua variante portuguesa como na brasileira, cinco VOGAIS NASAIS, que podem ser assim classificadas:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[□]		[ũ]	+ altas
Semifechadas	[ẽ]	[ɑ̃]	[õ]	– altas – baixas
	– recuadas – arredondadas	+ recuada – arrendondada	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *rim*, *senda*, *canta*, *lã*, *bomba*, *atum*.

Como se vê no quadro acima, as vogais nasais da língua portuguesa são sempre fechadas ou semifechadas. Só em variedades regionais aparecem vogais abertas ou semiabertas como as francesas.

Observação:

Do ponto de vista fonológico ou fonemático, as vogais nasais do português têm sido interpretadas como realizações dos fonemas orais correspondentes em contacto com um fonema consonântico nasal, que, acusticamente, é imperceptível ou quase imperceptível. Vejam-se J. Mattoso Câmara Jr. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p. 67-72; Jorge Morais Barbosa. Les Voyelles nasales portugaises: interpretation phonologique. In *Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences*. The Hague, Mouton, 1962, p. 691-708; ———. *Études de phonologie portugaise*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 91-104; Maria Helena Mira Mateus. *Aspectos da fonologia portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, INIC, 1982, p. 44-71 e 87-95.

VOGAIS ÁTONAS ORAIS

Em posição átona, o quadro das vogais orais do português apresenta diferenças consideráveis em relação à posição tônica, diferenças que, por nem sempre coincidirem nas duas normas principais da língua, serão estudadas separadamente.

1. No português normal do Brasil, em posição átona não final, anulou-se a distinção entre [ɛ] e [e], tendo-se mantido apenas [e] e [i], na série das vogais anteriores ou palatais; paralelamente, anulou-se a distinção entre [ɔ]

e [o], com o que ficou reduzida a [o] e [u] a série das vogais posteriores ou velares.
É, pois, o seguinte o quadro das vogais átonas em posição não final absoluta, particularmente em posição PRETÔNICA:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES OU VELARES
Fechadas	[i]		[u]
Semifechadas	[e]		[o]
Aberta		[α]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [le´gar], *lagar* [la´gar], *lograr* [lo´grar], *lugar* [lu´gar]; *álamo* [´alαmu], *véspera* [´vεspera], *ciclotron* [´siklotron], *diálogo* [di´alugu].

2. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal apresenta-se reduzida a uma única vogal [i], grafada *e*; e a série posterior ou velar também a uma só vogal [u], escrita *o*.
Temos, assim, três vogais em situação POSTÔNICA FINAL ABSOLUTA:

	ANTERIOR OU PALATAL	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIOR OU VELAR
Fechadas	[i]		[u]
Aberta		[α]	

Exemplos: *tarde* [´tardi], *povo* [´povu], *casa* [´kaza].

3. No português normal de Portugal, em posição átona não final, também se anulou a distinção entre [ε] e [e], mas, em lugar de qualquer destas vogais da série das anteriores ou palatais, aparece geralmente a vogal [∂], média ou central, fechada [+ alta + recuada – arredondada], realização que não ocorre em posição tônica e é completamente estranha ao português do Brasil. A série fica, assim, representada apenas pela vogal [i]. Por outro lado, tendo desaparecido a distinção entre [ɔ], [o] e [u], toda a série das vogais posteriores ou velares está hoje reduzida a [u], grafado *o* ou *u*. Finalmente, à vogal média

ou central [a], aberta, corresponde a vogal também média ou central, mas semifechada [α][3], grafada naturalmente *a*.

O que foi dito pode ser expresso no seguinte quadro:

	Anterior ou Palatal	Médias ou Centrais	Posterior ou Velar
Fechadas	[i]	[ə]	[u]
Semifechada		[α]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [lə´gar], *lagar* [lα´gar], *lugar* [lu´gar], *lograr* [lu´grar]; *álamo* [´alαmu], *véspera* [´vεʃperα], *diálogo* [di´alugu].

4. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal desaparece e em seu lugar surge a vogal já descrita [∂], grafada *e*; e a série posterior ou velar reduz-se à vogal [u], escrita *o*. Donde o quadro:

	Média ou Palatais	Posterior ou Velar
Fechadas	[e]	[u]
Semifechada	[α]	

Exemplos: *tarde* [´tard∂], *povo* [´povu], *casa* [´kazα].

Observação:

Cumpre advertir que o fenômeno de REDUÇÃO, ou ELEVAÇÃO, ou CENTRALIZAÇÃO das vogais átonas, que afastou o português europeu do português do Brasil, é um fato que seguramente só se generalizou em Portugal no decurso do século XVIII, embora dele haja claros indícios em séculos anteriores.

Necessário é ainda ressaltar que algumas vogais átonas, por razões em geral relacionadas com a história dos sons ou com a sua posição na palavra, não sofreram esta REDUÇÃO no português de Portugal. Assim aconteceu com as vogais que provêm:

a) da crase entre duas vogais idênticas do português antigo; é o caso do [a] de *padeiro* (< paadeiro), do [ε] de *esquecer* (< esqueecer), do [ɔ] de *corar* (< coorar);

[3] Veja-se o que dissemos sobre VOGAIS TÔNICAS.

b) da monotongação de um antigo ditongo, como o [o] que se ouve na pronúncia normal de *dourar*, *doutrina*.

Também não se reduziram as vogais átonas de cultismos, como o [a] de *actor*; o [ɛ] de *director*; o [ɔ] de *adopção*, e bem assim o [o] inicial absoluto de *ovelha*, *obter*, *opinião*; o [e] inicial absoluto de *enorme*, *erguer*, que se pronuncia geralmente [i], e as vogais [a], [ɛ], [o] protegidas por *l* implosivo de *altar*, *delgado*, *soldado*, *colchão*, *Setúbal* e *amável*.

Finalmente, também não sofreram, em geral, redução as vogais tônicas de palavras simples nos vocábulos delas derivados, particularmente com os sufixos *-mente* ou *-inho* (*-zinho*): *avaramente*, *brevemente*, *docilmente*, *docemente*, *pezinho*, *avezinha*, *amorzinho*. Comparem-se, no entanto, *casinha*, *mesinha*, *folhinha*, com [ɑ], [ə] e [u].

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

1. As consoantes da língua portuguesa, em número de dezenove, são tradicionalmente classificadas em função de quatro critérios, de base essencialmente articulatória:

a) quanto ao modo de articulação, em
- oclusivas
- constritivas
  - fricativas
  - laterais
  - vibrantes

b) quanto ao ponto de articulação, em
- bilabiais
- labiodentais
- linguodentais
- alveolares
- palatais
- velares

c) quanto ao papel das cordas vocais, em
- surdas
- sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em
- orais
- nasais

2. Recentemente, porém, difundiu-se, como para as vogais, outro sistema de classificação, com base em certos TRAÇOS DISTINTIVOS.
   Os traços que se têm em conta neste sistema relacionam-se também com características da articulação, mas nem sempre coincidem com os que estão na base da classificação anterior.
   Segundo o novo sistema classificatório, as consoantes podem ser:

a) quanto ao modo de articulação — [+ contínuas] / [– contínuas] / [+ laterais] / [– laterais]

b) quanto à zona de articulação — [+ anteriores] / [– anteriores] / [+ coronais] / [– coronais]

c) quanto ao papel das cordas vocais — [+ sonoras] / [– sonoras]

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal — [+ nasais] / [– nasais]

É de base mais acústica do que articulatória a classificação:

e) quanto ao efeito acústico mais ou menos próximo ao de uma vogal — [+ soante] / [– soante]

MODO DE ARTICULAÇÃO

A articulação das consoantes não se faz, como a das vogais, com a passagem livre do ar através da cavidade bucal. Na sua pronúncia, a corrente expiratória encontra sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total, que a interrompe momentaneamente, ou um obstáculo parcial, que a comprime sem, contudo, interceptá-la. No primeiro caso, as consoantes dizem-se OCLUSIVAS ou [– CONTÍNUAS]; no segundo, CONSTRITIVAS ou [+ CONTÍNUAS].

São OCLUSIVAS as consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g]: *pala*, *bala*, *tala*, *dá-la*, *cala*, *gala*.

Entre as CONSTRITIVAS, distinguem-se as:

1. FRICATIVAS, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável ao de uma fricção.
   São fricativas as consoantes [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]: *fala*, *vala*, *selo* (*passo*, *céu*, *caça*, *próximo*), *zelo* (*rosa*, *exame*), *xarope* (*encher*), *já* (*gelo*).[4]

2. LATERAIS, caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de um obstáculo formado no centro desta pelo contacto da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato.
   São laterais as consoantes [l] e [λ]: *fila*, *filha*.

3. VIBRANTES, caracterizadas pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções da passagem da corrente expiratória.

São vibrantes as consoantes [r] e [r̄] ou [R]: *caro*, *carro*.

Observação:

Do ponto de vista acústico, as consoantes LATERAIS e VIBRANTES têm em comum um traço que as opõe a todas as outras consoantes: a sua maior proximidade dos sons vocálicos, o que, em certas línguas, chega a ponto de poderem servir de centro de sílaba. Esta qualidade, reconhecida desde tempos antigos, trouxe-lhes as denominações de LÍQUIDAS ou SOANTES. A fonética moderna atribui-lhes o traço distintivo [+ SOANTES]. Acresce salientar que, pelo caráter lateral de sua articulação, [l] e [λ] opõem-se às vibrantes [r], [r̄] ou [R]. Esta diferença explicita-se pela indicação [+ LATERAL] para [l] e [λ], que contrasta com a de [– LATERAL] para as vibrantes [r], [r̄] ou [R].

O PONTO OU ZONA DE ARTICULAÇÃO

O obstáculo (total ou parcial) necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade bucal. Daí o conceito de PONTO DE ARTICULAÇÃO, segundo o qual as consoantes se classificam em:

1. BILABIAIS, formadas pelo contacto dos lábios. São as consoantes [p], [b], [m]: *pato*, *bato*, *mato*.

2. LABIODENTAIS, formadas pela constrição do ar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores. São as consoantes [f], [v]: *faca*, *vaca*.

---

[4] Como dissemos, na pronúncia normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de alguns pontos da costa do Brasil, a fricativa palatal surda [ʃ] aparece em formas como *três* e *dez*, e a sonora [ʒ] em formas como *desde* e *mesmo*.

3. LINGUODENTAIS (ou DORSODENTAIS), formadas pela aproximação do pré-dorso da língua à face interna dos dentes incisivos superiores, ou pelo contacto desses órgãos. São as consoantes [s], [z], [t], [d]: *cinco*, *zinco*, *tardo*, *dardo*.

4. ALVEOLARES (ou ÁPICO-ALVEOLARES), formadas pelo contacto da ponta da língua com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. São as consoantes [n], [l], [r], [r̄]: *nada*, *cala*, *cara*, *carro* (na pronúncia de certas regiões de Portugal e do Brasil).

5. PALATAIS, formadas pelo contacto do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca. São as consoantes [ʃ], [ʒ], [λ], [ɲ]: *acho*, *ajo*, *alho*, *anho*.

6. VELARES, formadas pelo contacto da parte posterior da língua com o palato mole, ou véu palatino. São as consoantes [k], [g], [R]: *calo*, *galo*, *ralo*.

Se considerarmos a zona em que se situam o contacto ou a constrição que caracterizam a consoante, a classificação com base nos traços distintivos será a seguinte:

1. CONSOANTES [+ ANTERIORES], formadas na zona anterior da cavidade bucal: [p], [b], [f], [v], [m], [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r] e [r̄];

2. CONSOANTES [– ANTERIORES], formadas na zona posterior da cavidade bucal: [ʃ], [ʒ], [ɲ], [λ], [R];

3. CONSOANTES [+ CORONAIS], formadas com a intervenção da "coroa", ou seja, do dorso (pré-dorso, médio dorso) da língua: [t], [d], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [n], [ɲ], [l], [λ], [r];

4. CONSOANTES [– CORONAIS], formadas sem a intervenção do dorso da língua: [p], [b], [m], [k], [g], [f], [v], [R].

O PAPEL DAS CORDAS VOCAIS

Enquanto as vogais são normalmente sonoras (só excepcionalmente aparecem ensurdecidas), as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das cordas vocais.

São SURDAS [– SONORAS] as consoantes: [p], [t], [k], [f], [s], [ʃ].

São SONORAS [+ SONORAS] as consoantes: [b], [d], [g], [v], [z], [ʒ], [l], [λ], [r], [r̄], [R], [m], [n], [ɲ].

O PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Como as vogais, as consoantes podem ser ORAIS [– NASAIS] ou NASAIS [+ NASAIS]. Por outras palavras: na sua emissão, a corrente expiratória pode passar apenas pela cavidade bucal, ou ressoar na cavidade nasal, caso encontre abaixado o véu palatino.

São NASAIS as consoantes [m], [n], [ɲ]: *amo*, *ano*, *anho*.

Todas as outras são ORAIS.

Observação:

Quanto ao modo de articulação (bucal), as consoantes nasais são OCLUSIVAS [– CONTÍNUAS]. Atendendo, no entanto, à forte individualidade que lhes confere o seu traço nasal, costuma-se isolá-las das outras oclusivas, tratando-as como classe à parte.

QUADRO DAS CONSOANTES

Resumindo, podemos dizer que o conjunto das consoantes da língua portuguesa é constituído por dezenove unidades, cuja classificação se expõe esquematicamente no quadro seguinte:

PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL	ORAIS [– NASAIS]						NASAIS [+ NASAIS]
MODO DE ARTICULAÇÃO	OCLUSIVAS [– contínuas]		CONSTRITIVAS [+ contínuas]				OCLUSIVAS [–contínuas]
			FRICATIVAS [– soantes] [– laterais]		LATERAIS [+ soantes] [+ laterais]	VIBRANTES [+ soantes] [– laterais]	
PAPEL DAS CORDAS VOCAIS	SURDAS [– sonoras]	SONORAS [+ sonoras]	SURDAS [– sonoras]	SONORAS [+ sonoras]	SONORAS [+sonoras]	SONORAS [+sonoras]	SONORAS [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação: Bilabiais [+ anteriores] [– coronais]	[p]	[b]					[m]
Labiodentais [+ anteriores] [– coronais]			[f]	[v]			
Linguodentais [+ anteriores] [+ coronais]	[t]	[d]	[s]	[z]			

Papel das cavidades bucal e nasal	Orais [– nasais]						Nasais [+ nasais]
Modo de articulação	Oclusivas [– contínuas]		Constritivas [+ contínuas]				Oclusivas [–contínuas]
			Fricativas [– soantes] [– laterais]		Laterais [+ soantes] [+ laterais]	Vibrantes [+ soantes] [– laterais]	
Papel das cordas vocais	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação: Alveolares [+ anteriores] [+ coronais]					[l]	[r]	[n]
Ponto ou zona de articulação: Palatais [– anteriores] [+ coronais]			[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
Ponto ou zona de articulação: Velares [– anteriores] [– coronais]	[k]	[g]				[R]	

Observações:

1.ª) Neste quadro, procuramos integrar a classificação por traços distintivos e a classificação tradicional de base articulatória. Para se fazer a análise em traços distintivos de qualquer som consonântico do português, bastará juntar os vários traços associados no quadro à sua classificação articulatória corrente.

Por exemplo: as consoantes [p] e [b] serão analisadas deste modo:

$$[p] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ -\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [b] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ +\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix}$$

e as consoantes [l] e [λ], do seguinte:

$$[l] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [\lambda] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ -\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix}$$

2.ª) Classificamos a vibrante forte ou múltipla [R] como VELAR ou [– ANTERIOR, – CORONAL], por ser esta a sua pronúncia mais corrente no português de Lisboa[5] e do Rio de Janeiro[6]. A antiga VIBRANTE ALVEOLAR MÚLTIPLA [r̄] mantém-se, no entanto, viva na maior parte de Portugal e em extensas zonas do Brasil, como, por exemplo, o Rio Grande do Sul. Uma realização DORSO-UVULAR MÚLTIPLA ocorre também por vezes em Lisboa e no português popular do Rio de Janeiro. Aponte-se, por fim, a realização LINGUOPALATAL VELARIZADA, que se observa na região Norte de São Paulo, Sul de Minas e outras áreas do Brasil[7] e é conhecida por *r-caipira*. Em Portugal é característica da fala popular de Setúbal, não só a realização VIBRANTE UVULAR do *r* múltiplo de *rua*, *carro*, como a do *r* simples de *caro*, *andar*.

3.ª) Na pronúncia normal do português europeu, a consoante *l*, quando final de sílaba, é velarizada; a sua articulação aproxima-se, pelo recuo da língua, à de um [u] ou [w]. Na transcrição fonética, é costume distinguir este *l* do *l* inicial de sílaba, representando-se o último por [l] e a consoante velarizada por [ɫ]: *lado* [ˈlaðu], *alto* [ˈalɫtu], *mal* [ˈmaɫ]. Na pronúncia normal do Rio de Janeiro e de vastas zonas do Brasil, por perder-se o contacto entre os órgãos da articulação, o *l* final de sílaba vocaliza-se, ou seja, transforma-se na semivogal [w]: *alto* [ˈawtu], *mal* [ˈmaw]. Anulam-se, deste modo, as oposições entre *alto / auto*, *mal / mau*.

4.ª) No português do Brasil, as consoantes *t* e *d*, antes de *i* vogal ou semivogal, sofrem a sua influência e palatalizam-se em grau maior ou menor, conforme as regiões e até as pessoas de cada região. Podem ser pronunciadas [t'], [d'], ou realizar-se como africadas palatais [tʃ] e [dʒ]: *noite* [ˈnojt'i] ou [ˈnojtʃi], *tio* [ˈt'iju] ou [ˈtʃiju], *dia* [ˈd'ija] ou [ˈdʒija], *ódio* [ˈɔd'ju] ou [ˈɔdʒju], *sede* [ˈsed'i] ou [ˈsedʒi].

A POSIÇÃO DAS CONSOANTES

Só em posição intervocálica é possível encontrar as dezenove consoantes portuguesas que acabamos de descrever e classificar. Noutras posições, o número de consoantes possíveis reduz-se sensivelmente.

---

[5] Pode-se dizer mesmo que é a pronúncia mais corrente no português normal contemporâneo, ao contrário do que sucedia há poucos anos, segundo a descrição dos foneticistas.

[6] É a pronúncia normal do Rio de Janeiro e de extensas áreas do país. Sobre o assunto, leia-se a importante contribuição de Dinah Maria Isensee Callou: *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1979 (Tese de doutorado policopiada).

[7] O professor Brian F. Head vem estudando, ultimamente, a vitalidade do *r-caipira* em várias regiões do Brasil. Leiam-se, a propósito, os seus trabalhos: O estudo do "r-caipira" no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*: 67(8): 43-49, ano 67, 1973; *Subsídios do* Atlas prévio dos falares baianos *para o estudo de uma variante dialetal controvertida* (texto policopiado).

Assim, em posição inicial de palavra, além das consoantes OCLUSIVAS e FRICATIVAS, só aparecem: das LATERAIS, o [l]; das VIBRANTES, o [R] ou o[r̄]; das NASAIS, o [m] e o [n]. São casos isolados os de empréstimos, principalmente do espanhol, em que ocorrem [λ] ou [ɲ]: *lhano*, *lhama*, *nhato*.

Em posição final de sílaba ou de palavra, só se encontram normalmente as consoantes:

a) *l*, a que correspondem as pronúncias atrás mencionadas [ɫ] ou [w];
b) *r*, a que corresponde, nas pronúncias normais de Portugal e do Brasil, o [r] simples apical, algumas vezes perdido na pronúncia popular brasileira, quando em final absoluta;
c) *s* ou *z* (esta só em final de palavra), a que correspondem, na pronúncia normal de Portugal, na do Rio de Janeiro e de outras zonas costeiras do Brasil, as realizações [ʃ], em posição final absoluta ou se se lhes segue uma consoante surda, e [ʒ], se antepostas a uma consoante sonora.

As grafias *m* e *n* nesta posição representam normalmente apenas a nasalidade da vogal anterior.

Outras consoantes podem ainda aparecer em final de sílaba ou de palavra, principalmente em formas cultas ou estrangeiras (por exemplo: *ritmo*, *apto*, *club*, *chic*). Manifesta-se, então, particularmente no português do Brasil, uma tendência para apoiar a sua articulação numa breve vogal epentética ou paragógica (por exemplo: [ˈritimu], [ˈapitu], [ˈklubi], [ˈʃiki]. Paralelamente, é possível encontrar, em final absoluta de palavras cultas, a articulação ápico-alveolar da consoante *n*: *abdômen*, *dólmen*, *regimen*.

ENCONTROS VOCÁLICOS

DITONGOS

O encontro de uma VOGAL + uma SEMIVOGAL, ou de uma SEMIVOGAL + uma VOGAL recebe o nome de DITONGO.

Os ditongos podem ser:

a) DECRESCENTES e CRESCENTES;
b) ORAIS e NASAIS.

Ditongos decrescentes e crescentes

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO se denomina DECRESCENTE. Assim:

pai **céu** **muito**

Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO diz-se CRESCENTE. Assim:

q**ua**l	lingu**i**ça	freq**ue**nte

Em português apenas os DECRESCENTES são DITONGOS estáveis. Os DITONGOS CRESCENTES aparecem com frequência no verso. Mas na linguagem do colóquio normal só apresentam estabilidade aqueles que têm a semivogal [w] precedida de [k] (grafado *q*) ou de [g]. Assim:

q**ua**se	i**gua**l	q**ua**ndo	enxa**gua**ndo
eq**ue**stre	go**e**la	ling**ue**ta	q**uin**quênio
q**uo**ta	qui**proquó**	tranq**ui**lo	sa**guiguaç**u

Ditongos orais e nasais

Como as vogais, os DITONGOS podem ser ORAIS e NASAIS, segundo a natureza oral ou nasal dos seus elementos.

1. São os seguintes os DITONGOS ORAIS DECRESCENTES:

[aj] p**ai**
[αj] s**ei**, no português normal de Portugal
[aw] m**au**
[ej] s**ei**, no português normal do Brasil
[εj] pap**éis**
[ew] m**eu**
[εw] c**éu**
[iw] v**iu**
[oj] b**oi**
[ɔj] her**ói**
[uj] az**uis**

Observações:

1.ª) Nem na pronúncia normal de Portugal nem na do Brasil se conserva o antigo ditongo [ow], que ainda se mantém vivo em falares regionais do Norte de Portugal e no galego. Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como *poupa / popa, bouba / boba.*

2.ª) No português do Rio de Janeiro e de algumas outras regiões do Brasil, devido à vocalização do *l* em final absoluta ou em final de sílaba, ouvem-se os ditongos [ow] e [ɔw] em palavras como *gol* [ˈgow], *soltar* [sowˈtar], *sol* [ˈsɔw], *molde* [ˈmɔwdi].

3.ª) Normalmente, se representam por *i* e *u* as semivogais dos ditongos orais. Observe-se, porém, que:

a) as 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do subjuntivo, bem como a 3.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos terminados em *-oar* escrevem-se com *-oe*, e não *-oi*:

abençoe amaldiçoes perdoe

b) as mesmas pessoas dos verbos terminados em *-uar* escrevem-se com *-ue*, e não *-ui*:

cultue habitues preceitue

2. Existem os seguintes DITONGOS NASAIS DECRESCENTES:

[ɑ̃j] correspondente às grafias *ãe*, *ãi* e, no português normal de Portugal, *em* (em posição final absoluta) e *en* (no interior de palavras derivadas): **mãe**, **cãi**bra; no português normal de Portugal: **vem**, lev**em**, b**en**zinho.

[ɑ̃w] correspondente às grafias *ão* e *am*: **mão**, vej**am**.

[ẽj] correspondente, no português do Brasil e em falares meridionais de Portugal, às grafias *em* (em posição final de palavra) e *en* (no interior de palavras derivadas): **vem**, lev**em**, b**en**zinho.

[õj] correspondente à grafia *õe*: **põe**, serm**ões**.

[ũj] correspondente à grafia *ui*: m**ui**to.

TRITONGOS

Denomina-se TRITONGO o encontro formado de SEMIVOGAL + VOGAL + SEMIVOGAL. De acordo com a natureza (oral ou nasal) dos seus componentes, classificam-se também os TRITONGOS em ORAIS e NASAIS.

1. São TRITONGOS ORAIS:

[waj] Urug**uai**

[wɑj] enxag**uei**, no português normal de Portugal

[wej] enxag**uei**, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal.

[wiw] delinq**uiu**

2. São TRITONGOS NASAIS:

[wɑ̃w] correspondente às grafias *ião*, *uam*: sag**uão**, enxág**uam**.

[wɑ̃j] correspondente, no português normal de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.

[wẽj] correspondente, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.
[wõj] correspondente à grafia *uõe*: sag**uõe**s.

HIATOS

Dá-se o nome de HIATO ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verificamos que:
a) na primeira, o encontro *ai* soa numa só sílaba: [ˈpajʃ].
b) na segunda, o *a* pertence a uma sílaba e o *i* a outra: [paˈiʃ].

Observação:

Quando átonos finais, os encontros escritos *-ia*, *-ie*, *-io*, *-oa*, *-ua*, *-ue* e *-uo* são normalmente DITONGOS CRESCENTES: *gló-ria*, *cá-rie*, *vá-rio*, *má-goa*, *á-gua*, *tê-nue*, *ár-duo*. Podem, no entanto, ser emitidos com separação dos dois elementos, formando assim um HIATO: *gló-ri-a*, *cá-ri-e*, *vá-ri-o*, etc. Ressalte-se, porém, que na escrita, em hipótese alguma, os elementos desses encontros vocálicos se separam no fim da linha, como salientamos no capítulo 4.

ENCONTROS INTRAVERBAIS E INTERVERBAIS

Os ENCONTROS VOCÁLICOS podem ocorrer no interior do vocábulo ou entre dois vocábulos, isto é, podem ser INTRAVERBAIS (= INTRAVOCABULARES) ou INTERVERBAIS (= INTERVOCABULARES).

Há ENCONTROS absolutamente estáveis. Assim, quer no verso, quer na prosa, a palavra *lua* possuirá sempre duas sílabas, ao passo que as palavras *mau* e *quais* terão invariavelmente uma. O hiato [ua], da primeira, bem como o ditongo [aw], da segunda, e o tritongo [waj], da terceira, são, pois, as únicas pronúncias que a língua admite para tais ENCONTROS nessas palavras.

Muitos, porém, são instáveis. Por exemplo: numa pronúncia normal, as palavras *luar* e *reais* são dissílabos: [luˈar], [Riˈajʃ]. Emitidas rapidamente, podem elas, no entanto, passar a monossílabos pela transformação do hiato [ua] no ditongo [wa] e pela criação do tritongo [jaj]. Por outro lado, palavras como *vaidade* e *saudade*, trissílabos na língua viva atual, costumam aparecer no verso com quatro sílabas métricas.

À passagem de um hiato a ditongo no interior da palavra dá-se o nome de SINÉRESE. E chama-se DIÉRESE o fenômeno contrário, ou seja, a transformação de um ditongo normal em hiato.

Quando a ditongação do hiato se verifica entre vocábulos, diz-se que há SINALEFA.

Esses fenômenos têm importância particular no verso, e deles tratamos com o necessário desenvolvimento no capítulo 22.

ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de ENCONTRO CONSONANTAL ao agrupamento de consoantes num vocábulo. Entre os ENCONTROS CONSONANTAIS, merecem realce, pela frequência com que se apresentam, aqueles inseparáveis cuja segunda consoante é *l* ou *r*.

Assim:

ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO		ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO	
bl	**bl**oco,	a**bl**uir	**gl**	**gl**utão,	a**gl**utinar
br	**br**anco,	ru**br**o	**gr**	**gr**ande,	re**gr**a
cl	**cl**aro,	te**cl**a	**pl**	**pl**ano,	tri**pl**o
cr	**cr**avo,	A**cr**e	**pr**	**pr**ato,	so**pr**o
dr	**dr**agão,	vi**dr**o	**tl**	—,	a**tl**as
fl	**fl**or,	ru**fl**ar	**tr**	**tr**ibo,	a**tr**ás
fr	**fr**ancês,	re**fr**ão	**vr**	—,	pala**vr**a

ENCONTROS CONSONANTAIS como *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* e outros não aparecem em muitos vocábulos.

Quando iniciais, são naturalmente inseparáveis:

gno-mo	**pn**eu-má-ti-co	**pt**i-a-li-na
mne-mô-ni-co	**ps**i-có-lo-go	**tm**e-se

Quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa só sílaba, ou em sílabas distintas:

a-**pt**o	di-**gn**o	ri-**tm**o
a**p**-to	di**g**-no	ri**t**-mo

Na linguagem coloquial brasileira há, porém, como dissemos, uma acentuada tendência de destruir estes encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal *i* (ou *e*):

dí-gu**i**-no	p**e**-neu	rí-t**i**-mo

Não raro, temos de admitir a existência desta vogal epentética, embora não escrita, para que versos de poetas brasileiros conservem a regularidade. Por exemplo, nestes setissílabos:

Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 376.)

A tua carne não fremia
A ideia da dança inerte
Que teu corpo dançaria
No pélago submerso?
(V. de Moraes, *PCP*, 342.)

as palavras *admirar* e *submerso* devem ser emitidas em quatro sílabas (*a-di-mi-rar* e *su-bi-mer-so*) para que os versos a que pertencem mantenham aquela medida.

DÍGRAFOS

Não é demais recordar ainda uma vez que não se devem confundir CONSOANTES e VOGAIS com LETRAS, que são sinais representativos daqueles sons.

Assim, nas palavras *carro*, *pêssego*, *chave*, *malho* e *canhoto* não há ENCONTRO CONSONANTAL, pois as letras *rr*, *ss*, *ch*, *lh* e *nh* representam uma só consoante. Também não se pode afirmar que exista ENCONTRO CONSONANTAL em palavras como *campo* e *ponto*, embora a análise de palavras como estas, em fonética experimental, revele a existência de um resíduo de consoante nasal imperceptível ao ouvido; o *m* e o *n* funcionam portanto nelas essencialmente como sinal de nasalidade da vogal anterior, equivalendo, no caso, a um TIL (*cãpo*, *põto*).

A esses grupos de letras que simbolizam apenas um som dá-se o nome de DÍGRAFOS.

São DÍGRAFOS, pois:

a) *ch*, que simboliza a palatal [ʃ] também representada por *x*: *ficha* (compare-se com *lixa*);
b) *lh* e *nh*, únicas formas de representar na língua a lateral [λ] e a nasal palatal [ɲ]: *velho*, *tenho*;
c) *rr* e *ss*, que só se empregam entre letras-vogais para representar os mesmos sons ([R] ou [r] e [s]) que se escrevem com *r* e *s* simples no início de palavra: *prorrogar* (compare-se com *rogar*), *assimetria* (comparece-se com *simetria*).

Entre os DÍGRAFOS devem ainda ser incluídas as combinações de letras:

a) *gu* e *qu* antes de *e* e *i*, quando representam os mesmos sons oclusivos que se escrevem, respectivamente, *g* e *c* antes de *a*, *o* e *u*: *guerra*, *seguir* (comparar a: *galo*, *gole*, *gula*); *querer*, *quilo* (comparar a: *calar*, *cobre*, *cubro*);

b) *sc*, *sç* e *xc*, que, entre letras-vogais, podem representar, no português normal do Brasil e no de algumas regiões de Portugal, o mesmo som que se transcreve também por *c* ou *ç*: *florescer* (comparar a: *amanhecer*), *desça* (comparar a: *pareça*), *exceder* (comparar a: *preceder*);

c) *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un*, que servem para representar as vogais nasais: *tampo*, *tanto*, *tempo*, *tento*, *limbo*, *lindo*, *pombo*, *tonto*, *comum*, *mundo*.

SÍLABA

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantos forem as vogais. Assim, uma palavra como

alegrou,

não será por nós emitida

a-l-e-g-r-o-u

mas sim:

a-le-grou

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de SÍLABA.

A SÍLABA pode ser formada:

a) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo:

é eu uai!

b) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo acompanhados de consoantes:

a-plau-dir trans-por U-ru-guai

SÍLABAS ABERTAS E SÍLABAS FECHADAS

1. Chama-se ABERTA a sílaba que termina por uma vogal:

a-pa-ga-do

2. Diz-se FECHADA a sílaba que termina por uma consoante:

al-tar op-tar

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de SÍLABAS, classificam-se as palavras em MONOSSÍLABAS, DISSÍLABAS, TRISSÍLABAS e POLISSÍLABAS.

MONOSSÍLABAS, quando constituídas de uma só sílaba:

a	eu	mão
ti	grou	quais

DISSÍLABAS, quando constituídas de duas sílabas:

ru-a	he-rói	sa-guão
á-gua	li-vro	so-nhar

TRISSÍLABAS, quando constituídas de três sílabas:

a-lu-no	Eu-ro-pa	ban-dei-ra
cri-an-ça	por-tu-guês	en-xa-guou

POLISSÍLABAS, quando constituídas de mais de três sílabas:

es-tu-dan-te	u-ni-ver-si-da-de
li-ber-da-de	em-pre-en-di-men-to

Observação:

Embora a sua unidade seja normalmente percebida pela competência linguística dos usuários de um idioma, a sílaba não é uma noção caracterizada de modo pacífico pelos foneticistas. Uma breve introdução à problemática da sílaba pode ler-se em Bohuslav Hála. *La sílaba: su naturaleza, su origen y sus transformaciones*. Trad. de E. R. Palavecino y A. Quilis. Madrid, C.S.I.C., 1966.

ACENTO TÔNICO

Examinemos este período de Raul Bopp:

Dias e **noi**tes os hori**zon**tes se re**pe**tem.

Nele distinguimos, numa análise fonética elementar, as sílabas ACENTUADAS (em negrito) das INACENTUADAS (em romano).

A percepção distinta das sílabas acentuadas (tônicas) das inacentuadas (átonas) provém da dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas que, vimos, caracterizam os sons da fala humana:

a) a INTENSIDADE, isto é, a força expiratória com que são pronunciados;
b) o TOM (ou altura musical), isto é, a frequência com que vibram as cordas vocais em sua emissão;
c) o TIMBRE (ou metal de voz), isto é, o conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquele nas cavidades por onde passa o ar;
d) a QUANTIDADE, isto é, a duração com que são emitidos.

Assim, pela INTENSIDADE, os sons podem ser FORTES (tônicos) ou FRACOS (átonos); pelo TOM, serão AGUDOS (altos) ou GRAVES (baixos); pelo TIMBRE, ABERTOS ou FECHADOS; pela QUANTIDADE, LONGOS ou BREVES.

Em geral, porém, esses elementos estão intimamente associados, e o conjunto deles, com predominância da intensidade, do tom e da quantidade, é que se chama ACENTO TÔNICO.

Observações:

1.ª) Tanto a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* como a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* classificam as sílabas, quanto à intensidade, em TÔNICAS, SUBTÔNICAS e ÁTONAS (PRETÔNICAS e POSTÔNICAS). Pela nomenclatura aconselhada nos dois países, TOM é, pois, o mesmo que ACENTO DE INTENSIDADE. Cabe advertir, no entanto, que, se na maioria dos casos os dois elementos vêm unidos, por vezes eles não coincidem. "Na linguagem, como na música, qualquer som, seja *agudo* ou *grave*, pode tornar-se *forte* ou *débil*, segundo convenha" (Navarro Tomás. *Manual de pronunciación española*, 14.ª ed., Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 25, nota 1).

2.ª) A quantidade longa ou breve das vogais, fundamental em latim, não tem valor distintivo em português. Os contrastes que nos oferecem, numa pronúncia tensa, pares de formas como *caatinga / catinga*, *coorte / corte* explicam-se não pela oposição de quantidade vocálica, mas pela de duas vogais em face de uma vogal. Sobre fenômeno semelhante em espanhol, veja-se A. Quilis. Phonologie de la quantité en espagnol. *Phonetica*, 13:82-85, 1965.

Em nosso idioma, como nas demais línguas românicas, a duração maior de uma vogal é recurso de ênfase, e está condicionada pelo acento, pelo contexto fonético ou por múltiplas razões de ordem afetiva.

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

1. Quanto ao ACENTO, as palavras de mais de uma sílaba classificam-se em OXÍTONAS, PAROXÍTONAS e PROPAROXÍTONAS.
   OXÍTONAS, quando o acento recai na última sílaba:

   café funil Niterói

   PAROXÍTONAS, quando o acento recai na penúltima sílaba:

   baía escola retorno

   PROPAROXÍTONAS, quando o acento recai na antepenúltima sílaba:

   exército pêndulo quilômetro

2. Quando se combinam certas formas verbais com pronomes átonos, formando um só vocábulo fonético, é possível o acento recuar mais uma sílaba. Diz-se BISESDRÚXULA a acentuação dessas combinações:

   amávamo-lo faça-se-lhe

3. Os MONOSSÍLABOS podem ser ÁTONOS ou TÔNICOS.
   ÁTONOS são aqueles pronunciados tão fracamente que, na frase, precisam apoiar-se no acento tônico de um vocábulo vizinho, formando, por assim dizer, uma sílaba deste. Por exemplo:

   Diga-**me** / **o** preço / **do** livro.

   São MONOSSÍLABOS ÁTONOS:

   a) o artigo definido (*o*, *a*, *os*, *as*) e o indefinido (*um*, *uns*);
   b) os pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes* e suas combinações: *mo*, *to*, *lho*, etc.;
   c) o pronome relativo *que*;
   d) as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*;
   e) as combinações de preposição e artigo: *à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num*, etc.;
   f) as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*;
   g) as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*, *seu* (= *senhor*).

   TÔNICOS são aqueles emitidos fortemente. Por terem acento próprio, não necessitam apoiar-se noutro vocábulo. Exemplos: *cá*, *flor*, *mau*, *mão*, *mês*, *mim*, *pôr*, *vou*, etc.

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRONÚNCIA CULTA

1. Atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma SILABADA, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia:

a) são OXÍTONAS:

aloés	Nobel	recém	sutil
Gibraltar	novel	refém	ureter

b) são PAROXÍTONAS:

alanos	efebo	inaudito	pletora
avaro	erudito	leucemia	policromo
avito	estalido	maquinaria	pudico
aziago	êxul	matula	quiromancia
barbaria	filantropo	misantropo	refrega
batavo	gólfão	mercancia	rubrica
cartomancia	grácil	menúfar	Salonica
ciclope	gratuito (úi)	Normandia	táctil
decano	hosana	onagro	têxtil
diatribe	Hungria	opimo	Tibulo
edito (lei)	ibero	pegada	tulipa

c) são PROPAROXÍTONAS:

ádvena	areópago	égide	númida
aeródromo	aríete	etíope	ômega
aerólito	arquétipo	êxodo	páramo
ágape	autóctone	fac-símile	Pégaso
álacre	azáfama	fagócito	périplo
álcali	azêmola	farândula	plêiade
alcíone	bátega	férula	prístino
alcoólatra	bávaro	gárrulo	prófugo
âmago	bígamo	héjira	protótipo
amálgama	bímano	hipódromo	quadrúmano
anátema	bólido (-e)	idólatra	revérbero
andrógino	brâmane	ímprobo	sátrapa
anêmona	cáfila	ínclito	Tâmisa
anódino	cânhamo	ínterim	trânsfuga
antífona	Cérbero	invólucro	végeto
antífrase	cotilédone	leucócito	zéfiro
antístrofe	édito (ordem judicial)	Niágara	zênite

Prefiram-se ainda as pronúncias:

barbárie boêmia estratégia sinonímia

2. Para alguns vocábulos há, mesmo na língua culta, oscilação de pronúncia. É o caso de:

ambrosia ou ambrósia	ortoepia ou ortoépia
anidrido ou anídrido	projetil ou projétil
crisantemo ou crisântemo	reptil ou réptil
hieroglifo ou hieróglifo	soror ou sóror
Oceania ou Oceânia	zangão ou zângão

Observação:

Há por vezes discordância na pronúncia mais corrente entre Portugal e o Brasil. Os portugueses dizem comumente *púdico* e *rúbrica*; os brasileiros, apegados à acentuação que a etimologia recomenda, pronunciam *pudico* e *rubrica*.

VALOR DISTINTIVO DO ACENTO TÔNICO

Pela variabilidade de sua posição, o acento pode ter em português valor distintivo, fonológico.

Comparando, por exemplo, os vocábulos:

dúvida / duvida

percebemos que a posição do acento tônico é suficiente para estabelecer uma oposição, uma distinção significativa.

Observação:

Este fato ocorre com mais frequência no português do Brasil, pois, no de Portugal, a mudança de posição do acento se faz acompanhar normalmente de uma alteração no timbre das vogais tônicas que passam a átonas. Assim sendo, a distinção significativa assenta também nessa variação. Por exemplo, no português do Brasil *correram* opõe-se a *correrão*, *válido* a *valido*, apenas pela posição do acento; no português de Portugal, porém, a oposição se dá entre [ku´ʀerɑ̃w] e [kuʀə´rɑ̃w], [´validu] e [vɑ´lidu].

ACENTO PRINCIPAL E ACENTO SECUNDÁRIO

Normalmente os vocábulos de pequeno corpo só possuem uma sílaba acentuada em que se apoiam as demais, átonas. Os vocábulos longos, principalmente os derivados, costumam no entanto apresentar, além da sílaba tônica fundamental, uma ou mais subtônicas.

Dizemos, por exemplo, que as palavras *decididamente* e *inacreditavelmente* são PAROXÍTONAS, porque sentimos que em ambas o acento básico recai na penúltima sílaba (*men*). Mas percebemos também que, nas duas palavras, as sílabas restantes não são igualmente átonas. Em *decididamente*, a sílaba -*di*-, mais fraca do que a sílaba -*men*-, é sem dúvida mais forte do que as outras. Em *inacreditavelmente*, as sílabas -*cre*- e -*ta*-, embora mais débeis do que a sílaba -*men*-, são sensivelmente mais fortes do que as demais. Daí considerarmos PRINCIPAL o acento que recai sobre a sílaba -*men*- (nos dois exemplos) e SECUNDÁRIOS os que incidem sobre a sílaba -*di*- (em *decididamente*) ou sobre as sílabas -*cre*- e -*ta*- (em *inacreditavelmente*).

GRUPO ACENTUAL (OU DE INTENSIDADE)

As palavras não costumam vir isoladas. Geralmente se unem, articulando-se umas com as outras, para formar frases, que são as verdadeiras unidades da fala.

Materialmente, a frase constitui uma cadeia sonora com seus acentos principais e secundários a que pode estar subordinado mais de um vocábulo. Cada segmento de frase dependente de um acento tônico chama-se GRUPO ACENTUAL OU DE INTENSIDADE.

Por exemplo, no período atrás mencionado:

Dias e noites os horizontes se repetem.

há sete vocábulos que, de acordo com a rapidez ou lentidão da pronúncia, podem agrupar-se debaixo de três ou quatro acentos principais.

Numa emissão pausada, que ressalte os elementos significativos, o período em exame terá quatro grupos acentuais:

/ Dias / e noites / os horizontes / se repetem./

Se imprimirmos, porém, ritmo acelerado à pronúncia dos dois primeiros grupos:

— / Dias / e noites/ —,

verificamos que a sílaba tônica da palavra *dias* se enfraquece, e esse enfraquecimento impede que ela continue a servir de suporte fônico de um grupo acentual. O acento que nela recai de principal torna-se secundário e, consequentemente, o grupo que o tinha por centro de apoio passa a integrar o seguinte, subordinado ao acento da palavra *noites*:

/ Dias e noites /

ÊNCLISE E PRÓCLISE

Denomina-se ÊNCLISE a situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético. PRÓCLISE é a situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento tônico se subordina. São PROCLÍTICOS, por exemplo, o artigo, as preposições e as conjunções monossilábicas. São geralmente ENCLÍTICOS os pronomes pessoais átonos.

A ÊNCLISE e, sobretudo, a PRÓCLISE são responsáveis por frequentes alterações vocabulares. Perdendo o seu acento tônico (a "alma da palavra", no dizer de Diomedes), um vocábulo perde o seu centro de resistência e fica sujeito a reduções violentas.[8] Vejam-se, por exemplo, estes versos de Raul Bopp:

— Vamos **prás** Índias!
— Olha! Melhor mesmo é buscar vento mais **pro** fundo.

em que aparecem as formas *prás* e *pro*, abreviações de *para as* e *para o* provocadas pela PRÓCLISE. Também a forma *seu* (por *senhor*), que ocorre neste passo de Marques Rebelo:

Segura esta, **seu** Fagundes!...

é um caso de redução proclítica. Se disséssemos, por exemplo:

Fagundes, o **senhor** segura esta!...

não seria mais possível a substituição de *senhor* por *seu*, já que a autonomia acentual da palavra a resguardaria de qualquer mutilação.

ACENTO DE INSISTÊNCIA

Além dos acentos normais (PRINCIPAL e SECUNDÁRIO), uma palavra pode receber outro, chamado de INSISTÊNCIA, que serve para realçá-la em determinado contexto, quer impregnando-a de afetividade (emoção), quer dando ênfase à ideia que expressa. Daí distinguirmos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA: O ACENTO AFETIVO e O ACENTO INTELECTUAL.

---

[8] Explicam-se também como consequência da PRÓCLISE as formas *cem* (por *cento*), *grão* (por *grande*), *quão* (por *quanto*), *são* (por *santo*), *tão* (por *tanto*) e frequentes elisões, sinalefas e sinéreses, que se observam no enunciado versificado ou na linguagem popular. Veja-se, a propósito, Sousa da Silveira. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro, Simões, 1952, especialmente p. 86-125.

Acento afetivo

Se enunciarmos calmamente, sem intenção particular, a frase:

É um homem miserável,

a pronúncia da palavra *miserável* caracteriza-se por apresentar acentuada apenas a sílaba *-rá-*. É ela emitida com maior intensidade, com maior altura e, às vezes, com maior duração que as demais.

Mas a mesma frase pode ser enunciada num momento em que nos achamos presos de certa emoção. Podemos, por exemplo, estar possuídos de um sentimento de cólera ou de desprezo em relação ao indivíduo que consideramos *miserável*. Esse nosso sentimento exprime-se então foneticamente por um realce particular dado à sílaba inicial *mi-*, que passa a competir na palavra com a tônica *-rá-*. Chega a igualá-la, quanto à intensidade e à altura, e até a superá-la, quanto à duração da vogal e, principalmente, da consoante que a antecede.

No primeiro caso, a palavra recebe apenas um acento; no segundo, ela possui dois, quase equivalentes. A esse novo acento, de caráter emocional, chamamos ACENTO AFETIVO.

Acento intelectual

Com o ACENTO AFETIVO impressionamos determinada palavra de emoção particular. É ele uma espécie de comentário sentimental que fazemos a um elemento do enunciado.

Mas nem sempre o realce sonoro de uma sílaba diversa da tônica normal põe em jogo a nossa sensibilidade aguçada. É por vezes um recurso eficaz de que dispomos para valorizar uma noção, para defini-la, para caracterizá-la, geralmente contrastando-a com outra. Por sua função, denominamos ACENTO INTELECTUAL a esse tipo de ACENTO DE INSISTÊNCIA.

Exemplifiquemos com os seguintes dizeres:

Esta medida é arbitrária.
Fez uso exclusivo e abusivo do carro.
Não se trata de um ato imoral, mas amoral.
Quero razões objetivas e não subjetivas.

Se quisermos dar relevo significativo às palavras *arbitrária*, *exclusivo*, *abusivo*, *imoral*, *amoral*, *objetivas* e *subjetivas*, imprimimos à sílaba inicial de cada uma delas maior duração, maior altura e, sobretudo, maior intensidade.

Tal como o ACENTO AFETIVO, o ACENTO INTELECTUAL é inesperado, brusco, violento, características que os estremam do acento tônico normal, suporte do grupo rítmico e, portanto, esperado, regular. São justamente essas peculiaridades dos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA que fazem ressaltar vivamente num contexto as palavras sobre as quais eles incidem.

Distinções fundamentais

O ACENTO INTELECTUAL distingue-se do ACENTO AFETIVO não só pela função, mas também por particularidades fonéticas.

Assim:

a) O ACENTO INTELECTUAL recai sempre na primeira sílaba da palavra, seja ela iniciada por consoante, seja por vogal. O ACENTO AFETIVO incide na primeira sílaba da palavra quando esta se inicia por consoante, mas pode recair na sílaba seguinte, se ela começar por vogal. Nas palavras de pequeno corpo o ACENTO AFETIVO costuma coincidir com o acento tônico normal. Comparem-se:

ACENTO INTELECTUAL	ACENTO AFETIVO
São razões **sub**jetivas!	É um homem **mi**serável!
Foi uma ação **ar**bitrária!	É uma pessoa a**bo**minável!
Trata-se de ato **i**legal!	Esta criança é um a**mor**!

b) Ambos reforçam a consoante inicial da sílaba sobre que recaem, mas o realce que dão à vogal seguinte é de natureza diversa. O ACENTO INTELECTUAL aumenta-a em duração, em altura e, sobretudo, em *intensidade*. O ACENTO AFETIVO aumenta-a em intensidade, mas principalmente em *duração* e *altura*.

Capítulo 4

Ortografia
(segundo o Acordo Ortográfico de 1990)

LETRA E ALFABETO

1. Para reproduzirmos, na escrita, as palavras de nossa língua, empregamos certo número de sinais gráficos chamados LETRAS.
   O conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada denomina-se ALFABETO.

2. O ALFABETO da língua portuguesa consta fundamentalmente das seguintes letras:

   a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

   As letras **k**, **w**, e **y**, só se empregam em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses:

Franklin	Wagner	Byron
frankliniano	wagneriano	byroniano

b) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional:

K (= potássio)	kg (= quilograma)	km (= quilômetro)
W. (= oeste)	w (= watt)	yd. (= jarda)

Observações:

O *h* usa-se apenas:

a) no início de certas palavras:

haver hoje homem

b) no fim de algumas interjeições:

ah! oh! uh!

c) no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por *h*, se une ao primeiro por meio de hífen:

anti-higiênico pré-histórico super-homem

d) nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

chave talho banho

NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras do alfabeto, servimo-nos, na língua escrita, de certo número de sinais auxiliares, destinados a indicar a pronúncia exata da palavra. Esses sinais acessórios da escrita, chamados NOTAÇÕES LÉXICAS, são os seguintes:

O ACENTO

O ACENTO pode ser AGUDO (´), GRAVE (`) e CIRCUNFLEXO (^).

1. O ACENTO AGUDO é empregado para assinalar:

a) as vogais tônicas fechadas *i* e *u*:

aí	horrível	físico
baú	açúcar	lúgubre

b) as vogais tônicas abertas e semiabertas *a*, *e* e *o*:

há	amável	pálido
pé	tivésseis	exército
pó	herói	inóspito

2. O ACENTO GRAVE é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a*, *as*) e com os pronomes demonstrativos *a*(*s*), *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*:

à	àquele(s)	àquilo
às	àquela(s)	

3. O ACENTO CIRCUNFLEXO é empregado para indicar o timbre semifechado das vogais tônicas *a*, *e* e *o*:

câmara	**cânhamo**	hispânico
mês	têxtil	fêmea
avô	pôs	cômoro

O TIL

O TIL (~) emprega-se sobre o *a* e *o* para indicar a nasalidade dessas vogais:

maçã	mãe	pão
caixões	põe	sermões

O TREMA

Não se usa TREMA (¨) na ortografia da língua portuguesa, a não ser em nomes e palavras estrangeiras e suas derivadas em português. Assim:

	aguentar	tranquilo	frequente	sanguíneo,
mas	Mülller e mülleriano		Günter	stürmer

O APÓSTROFO

O APÓSTROFO (') serve para assinalar a supressão de um fonema — geralmente a de uma vogal — no verso, em certas pronúncias populares e em palavras compostas ligadas pela preposição *de*:

c'roa	esp'rança	'tá bem! (popular)
pau-d'alho	pau-d'arco	galinha-d'água

A CEDILHA

A CEDILHA (¸) coloca-se debaixo do *c*, antes de *a*, *o* e *u*, para representar a fricativa linguodental surda [s]:

caçar	maciço	açúcar
praça	poço	muçulmano

O HÍFEN

O HÍFEN (-) usa-se:

a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação:

couve-flor	guarda-marinha	beija-flor
pré-escolar	super-homem	ex-diretor

b) para unir pronomes átonos a verbos:

ofereceram-me	retive-o	levá-la-ei

c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes, ou seja, translinear uma sílaba:

estudan- / te	estu- / dante	es- / tudante

Emprego do hífen nos compostos

O emprego do HÍFEN é uma convenção. Estabeleceu-se que "só se ligam por HÍFEN os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que guardam a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido". Dentro desse princípio, deve-se empregar o HÍFEN:

1.º) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria: *água-marinha, arco-íris, para-choque, bel-prazer, és-sueste, monta-carga, marca-passo, lero-lero, mata-mata* etc.;

Nos seguintes casos os elementos se aglutinam, sem hífen portanto: *girassol, madressilva, mandachuva, passatempo, pontapé, paraquedas, paraquedismo, paraquedista*;

2.º) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não: *afro-asiático, dólico-louro, galego-português, greco-romano, histórico-geográfico, ínfero-anterior, latino-americano, luso-brasileiro, lusitano-castelhano*;

3.º) nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos Grã, Grão, ou por forma verbal, ou quando os elementos estão ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Todos-os-Santos, mas Belo Horizonte, Cabo Verde, Santa Catarina* (estes sem hífen porque não se enquadram na regra) etc.;

4.º) em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas estejam ou não ligadas por preposição ou por qualquer outro elemento: *bem-me-quer, ervilha-de-cheiro, formiga-branca, bem-te-vi* etc.

Obs.: *malmequer* já se escrevia aglutinadamente, e essa exceção é mantida;

5.º) nos compostos com os advérbios *bem-* e *mal-*, quando o elemento seguinte começa por *vogal* ou *h*: *bem-educado, bem-humorado, mal-agradecido, mal-habituado*;

O advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com o segundo elemento quando ele começa por consoante: *bem-nascido, malnascido, bem-falante,*

malfalante, bem-mandado, malmandado etc.; mas, em muitos compostos, *bem* aglutina-se com o segundo elemento: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença* etc.;

6.º) nos compostos com *sem, além, aquém e recém*: *sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado*;

7.º) **não** se usa HÍFEN em locuções de qualquer tipo, sejam, substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo as seguintes exceções: *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia* (pecúlio), *ao deus-dará, à queima-roupa.* Portanto: *fim de semana, sala de jantar, cor de café, cada um, quem quer que seja, à vontade, depois de amanhã, a fim de, acerca de, contanto que, visto que* etc.

Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

1.º) Nas formações com prefixos, como *ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre- extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, sobre-, sub-, super-, ultra-* etc., e em formações por recomposição com falsos prefixos ou pseudoprefixos (de origem grega ou latina) como *aero-, agro-, arqui-, auto-, hio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-* etc, só se usa HÍFEN;

a) nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-histamínico, pan-helênico, sobre-humano, sub-hepático, super-homem* etc.;
   Obs.: como exceção a essa regra, *co-, des-, dis-, in-* e *re* se aglutinam com o segundo elemento, eliminando o *h*: *coabitar, coerdeiro, desumano, disidria, inábil, reabilitar, reospitalizar* etc.;
b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento: *anti-inflacionário, neo-ortodoxo, semi-interno, supra-auricular, arqui-inimigo, sobre-edificar, ante-estreia*;
   Obs.: são exceções a essa regra *co- e re-*: *coordenar, coobrigação, reeleição, reerguer* etc;
c) nas formações com o prefixo circum- e o pseudoprefixo pan- quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (além do *h* já mencionado na regra geral): *circum-navegação, circum-mediterrâneo, circum-oceânico, pan-oftálmico, pan-nacionalismo*;
d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-* e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-religioso, inter-relacionado, super-resistente*;
e) nas formações com os prefixos *ex-* (estado anterior, cessamento), *sota-, soto-, vice-* (ou *vizo*): *ex-aluno, ex-presidente, sota-piloto, soto-mestre, vice-almirante, vice-governador, vizo-rei*
f) nas formações com os prefixos tônicos *pós-, pré-* e *pró-* (as formas átonas se aglutinam com o segundo elemento): *pós-graduação* (mas *pospor*), *pré-universitário* (mas *predizer*), *pró-africano* (mas *proativo*);

g) com *ab-*, *ad-*, *ob-*, *sob-*, *e sub-*, quando seguidos de radical iniciado por *r* ou pela mesma consoante em que termina o prefixo: *ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda sub-reino, ad-digital, sub-bibliotecário;*

2.º) Não se usa HÍFEN:

a) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por r ou s, que devem ser duplicados: *contrarregra, suprarrenal, pseudorreação, antisséptico, ultrassom, minissaia*;

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por vogal diferente ou consoante (com exceção dos casos particulares já mencionados de *h, r* e *s*: *extraescolar, antiaéreo, autoeducação, autodidata, extracurricular, supramencionado, hidroeletricidade, microcâmera, intracelular* etc.

c) em locuções, de qualquer tipo, com exceção de água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa e em nomes de plantas ou animais.

3.º) Nas formações por sufixação, só se emprega o HÍFEN em vocábulos terminados em sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (como *-açu, -guaçu, -mirim*) quando o primeiro elemento termina em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, andá-açu, Ceará-Mirim, capim-açu.*

Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver

1.º) Emprega-se o HÍFEN na ênclise e na mesóclise (ou tmese): *amá-lo, faz-se, dizer-lhe, amá-lo-emos, enviar-lhe-ei.*

2.º) Usa-se HÍFEN nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* e nas combinações de formas pronominais quando em próclise:

eis-me, ei-lo, eis-nos;

no-lo, vo-las.

3.º) Não se usa HÍFEN nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver: hei de, hás de, há de, hão de.*

Partição das palavras no fim da linha

Quando não há espaço no fim da linha para escrevermos uma palavra inteira, podemos dividi-la em duas partes. Essa separação, que se indica por meio de um HÍFEN, obedece às regras de silabação. São inseparáveis os elementos constituintes de cada sílaba.

Convém, portanto, serem respeitadas as seguintes normas:

1.ª) Não se separam as letras com que representamos:

a) os ditongos e os tritongos, bem como os grupos *ia, ie, io, oa, ua, ue* e *uo*, que, quando átonos finais, soam normalmente numa sílaba (DITONGO CRESCENTE), mas podem ser pronunciados em duas (HIATO):

au-ro-ra	Pa-ra-guai	má-goa
mui-to	gló-ria	ré-gua
par-tiu	cá-rie	tê-nue
a-guen-tar	Má-rio	con-tí-guo

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos *ch, lh* e *nh*:

pneu-má-ti-co	a-bro-lhos	ra-char
psi-có-lo-go	es-cla-re-cer	fi-lho
mne-mô-ni-co	re-gre-dir	ma-nhã

2.ª) Separam-se as letras com que representamos:

a) as vogais de hiatos:

co-or-de-nar	fi-el	ra-i-nha
ca-í-eis	mi-ú-do	sa-ú-de

b) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes:

ab-di-car	bis-ne-to	sub-ju-gar
abs-tra-ir	oc-ci-pi-tal	subs-cre-ver

3.ª) Separam-se também as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

ter-ra	des-cer	cres-ça
pro-fes-sor	abs-ces-so	ex-ce-der

Observações:

1.ª) Quando a palavra já se escreve com HÍFEN – quer por ser composta, quer por ser uma forma verbal seguida de pronome átono –, e coincidir o fim da linha com o lugar onde está o hífen, recomenda-se repeti-lo, por clareza, no início da linha seguinte.

Assim:

couve-flor = couve- / -flor
unamo-nos = unamo- / -nos

Observe-se a diferença de significado que ocorre em separação do pronome sem a indicação do hífen:

Prazer de ver- -me	e não	Prazer de ver- me

2.ª) Embora o sistema ortográfico vigente o permita, não se deve escrever no princípio ou no fim da linha uma só vogal. Evite-se, por conseguinte, a partição de vocábulos como *água, aí, aqui, baú, rua,* etc. Melhor será também que se dividam vocábulos como *abrasar, aguentar, agradar, equidade, ortografia, pavio* e outros apenas nos lugares indicados pelo HÍFEN:

abra-sar	aguen-tar	agra-dar
equi-da-de	or-to-gra-fia	pa-vio

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

A acentuação gráfica obedece às seguintes regras:

1.ª) Assinalam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a* aberto, *e* e *o* semiabertos, e com acento circunflexo os que acabam em *e* e *o* semifechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós*; *dendê, lês, trisavô*; etc.

Observação:

Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de *a, e, o*, se assimilaram o *r*, o *s* e o *z* ao *l* dos pronomes *lo, la, los, las*, caindo depois o primeiro *l*: *dá-lo, contá-la, fá-lo-á, fê-los, movê-las-ia, pô-los, qué-los, sabê-lo-emos, trá-lo-ás*, etc.

2.ª) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a* aberta, *e* ou *o* semiabertas, *i* ou *u*; e levam acento circunflexo aquelas em que figuram na sílaba predominante as vogais *a, e* ou *o* semifechadas: *árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; lâmina, lâmpada, devêssemos, lêmures, pêndula, fôlego, recôndito*, etc.

Observações:

1.ª) Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que costumam ser pronunciados como ditongos crescentes: *área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, vácuo*, etc.

2.ª) Nas palavras proparoxítonas que têm, na antepenúltima sílaba, as vogais *a, e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), razão por que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal, podem ser semifechadas ou semiabertas, pelo que a ortografia em vigor faculta que se lhes ponha acento circunflexo, se forem semifechadas, e acento agudo, se semiabertas. Por isso, de acordo com a pronúncia-padrão, escrevem-se no Brasil: *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro* e, da mesma forma, *acadêmico, anêmona, cênico, Amazônia, Antônio, fenômeno, quilômetro*; ao passo que em Portugal, também de acordo com a pronúncia-padrão, se adotam as grafias *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro*, mas *académico, anémona, cénico, Amazónia, António, fenómeno, quilómetro*.

3.ª) Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos, ou não, de *s*, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram *a* aberto, *e* ou

o semiabertos, *i* ou *u fechados*; e com circunflexo quando nela figuram *a*, *e* e *o* semifechados: *lápis, beribéri, miosótis, íris, júri, dândi, tênis, bônus.*

Observações:

1.ª) Paralelamente ao que ocorre com as palavras proparoxítonas, nas paroxítonas, que têm na penúltima sílaba as vogais *a*, *e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), pelo que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal podem ser ou semifechadas ou semiabertas, pelo que recebem acento circunflexo, se são semifechadas, e acento agudo, se semiabertas – essas as razões por que se adotam, no Brasil, as grafias *ânus, certâmen*, e também *fêmur, Fênix, tênis, ônus, bônus*; ao passo que, em Portugal, se escrevem *ânus, certâmen (como no Brasil)*, mas *fémur, Fénix, ténis, ónus, bónus.*

2.ª) Entre as palavras paroxítonas, cumpre ressaltar o caso da 1.ª pessoa do plural dos verbos da 1.ª conjugação, que, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, apresentam *a* tônico seguido de *m*. No português-padrão do Brasil (e em vários dialetos portugueses meridionais) a vogal é igualmente semifechada nos dois tempos, enquanto no português-padrão de Portugal ela é semifechada no presente e aberta no pretérito perfeito do indicativo.[1] Assim sendo, nenhuma das formas é acentuada no Brasil, mas admite-se, facultativamente, o acento agudo na 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito: *amamos* (presente), *amámos* (pretérito perfeito).

3.ª) Também no português-padrão do Brasil, a forma *demos* pronuncia-se com *e* semifechado [e], seja ela 1.ª pessoa do presente do subjuntivo ou do pretérito perfeito do indicativo, razão por que não recebe nenhum acento gráfico. É facultativa a forma *dêmos* no presente do subjuntivo. Já no português-padrão europeu, a vogal é semifechada no presente do subjuntivo [e] e semiaberta no pretérito perfeito do indicativo [ɛ], pelo que a ortografia portuguesa admite apor-lhe um acento agudo no segundo caso. Daí as grafias *demos* (presente do subjuntivo) e *démos* (pretérito perfeito do indicativo).

4.ª) No português-padrão do Brasil, não há mais acento gráfico nas vogais *e* e *o* semiabertas dos ditongos *ei* e *oi* quando em sílaba tônica de palavras paroxítonas: *assembleia, hebreia, ideia, epopeico, joia, tipoia, heroico, apoio*; as mesmas vogais, quando semifechadas, tampouco recebem acento: *meia, cheia, maneira, apoio, joio, açoite.*

No português-padrão de Portugal, não se diferenciam fonicamente *éi* e *ei*, razão por que o *e* nunca foi acentuado. O ditongo é no caso sempre pronunciado [ɐj].

Os ditongos semiabertos *éi, éu, ói*, quando tônicos em palavras oxítonas, proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongos crescentes, recebem o acento: *bacharéis, chapéu, rouxinóis, herói, aracnóideo*, etc.

5.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-oo*, que têm a mesma pronúncia (fechada) em todo o domínio do idioma, não são acentuadas graficamente: *enjoo, voo.*

6.ª) Emprega-se o acento circunflexo sobre a vogal tônica semifechada da forma *pôde*, do pretérito perfeito do indicativo, para distingui-la de *pode*, do presente do indicativo, com vogal tônica semiaberta. Também recebe acento o verbo *pôr* para distingui-lo da preposição *por*. É facultativo o acento circunflexo em *fôrma(s)*, para distinguir do substantivo *formas* e das flexões *formas* e *forma*, do verbo *formar.*

---

[1] Em certos dialetos portugueses setentrionais, a vogal *a* é, em geral, aberta nos dois tempos.

7.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-um*, *-uns* recebem acento agudo na sílaba tônica: *álbum*, *álbuns*, etc.

8.ª) Não se acentuam os pseudoprefixos paroxítonos terminados em *-i*: *semi-oficial*, etc.

4.ª) Põe-se acento agudo no *i* e no *u* tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *aí*, *balaústre*, *cafeína*, *caís*, *contraí-la*, *distribuí-lo*, *egoísta*, *faísca*, *heroína*, *juízo*, *país*, *peúga*, *saía*, *saúde*, *timboúva*, *viúvo*, etc.

Observações:

1.ª) Não se coloca o acento agudo no *i* e no *u* quando, precedidos de vogal que, com eles, não forma ditongo, e são seguidos de *l*, *m*, *n*, *r* ou *z* que não iniciam sílabas e, ainda, *nh*: *adail*, *contribuinte*, *demiurgo*, *juiz*, *paul*, *retribuirdes*, *ruim*, *tainha*, *ventoinha*, etc.

2.ª) Quando as vogais *i* e *u* ocorrem na sílaba tônica de palavras paroxítonas, não recebem acento gráfico se são precedidas de ditongo: *baiuca*, *boiuno*, *feiura*.

Atenção: essa regra não incide em palavras oxítonas e proparoxítonas, como *aiúbida*, *bauínia*, *teiú*, *tuiuiús*.

3.ª) Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos *iu* e *ui* quando precedidos de vogal: *atraiu*, *contribuiu*, *pauis*, etc.

5.ª) Não recebe acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i* nas flexões rizotônicas dos verbos *arguir*, *redarguir*, *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *obliquar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir* e afins: *argui*, *arguis*, *redargui*, *redarguem* etc.

Nos verbos *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *obliquar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir*, as formas rizotônicas ou são acentuadas no *u* , mas sem acento gráfico (como em *arguir* e *redarguir*) ou têm as formas *averíguo*, *averígues*, *enxáguo*, *enxágues*, *delínquo*, *delínquem* etc.

6.ª) Marca-se com o acento agudo o *e* da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas: *alguém*, *armazém*, *convém*, *convéns*, *detém-no*, *mantém-na*, *parabéns*, *retém-no*, *também*, etc.

Observação:

1.ª) Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *em* ou *ens*: *ontem*, *origem*, *imagens*, *jovens*, *nuvens*, etc.

2.ª) A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tônica: (*eles*) *contêm*, (*elas*) *convêm*, (*eles*) *têm*, (*elas*) *vêm*, etc.

3.ª) Não recebem acento circunflexo oriundo do singular *crê*, *dê*, *lê*, *vê* as formas plurais desses verbos e de seus compostos: *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, *descreem*, *desdeem*, *releem*, *reveem*, etc.

7.ª) Sobrepõe-se o acento agudo ao *a* aberto, ao *e* ou *o* semiabertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r*, e *x*; e o acento circunflexo ao *a*, *e* e *o* semifechados: *açúcar*, *afável*, *alúmen*, *córtex*, *éter*, *hífen*, *aljôfar*, *âmbar*, *cânon*, *êxul*, etc.

Observações:

Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r*: *inter-humano*, *super-homem*, etc.

8.ª) Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis*, *devêreis*, *escrevêsseis*, *faríeis*, *férteis*, *fósseis*, *fôsseis*, *imóveis*, *jóquei*, *pênseis*, *pusésseis*, *quisésseis*, *tínheis*, *túneis*, *úteis*, *variáveis*, etc.

9.ª) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã*, *capitães*, *coração*, *devoções*, *põem*, etc.

Observação:

Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: *acórdão*, *bênção*, *órfã*, etc.

10.ª) Como já mencionado, não se usa trema para indicar a pronúncia do *u* quando precedido de *g* e de *q*, a não ser em palavras e nomes estrangeiros e suas derivadas em português; mantém-se a pronúncia do *u* mas grafa-se: *aguentar*, *arguição*, *eloquente*, *tranquilo*, *frequente* etc.

11.ª) Não têm acento diferencial as palavras homógrafas paroxítonas
para (flexão de *parar*), *para* (preposição)
pela(s) (s.f.), *pela(s)* (flexão de *pelar*), *pela(s)* [ê] (por+a[s])
pelo (flexão de *pelar*), *pelo(s)[ê]* (s.m.), *pelo(s)[ê]* (por+o[s])
pera(s)[é] (s.f.), *pera(s)[ê]* (s.f.), *pera [é]* (prep. *para*)
polo(s)[ó] (s.m.), *polo(s)[ô]* (por+lo[s]), *polo(s)[ô] (s.m.)* ('falcão', 'gavião')

---

[2] Em Portugal, a ortografia oficialmente adotada é a do *Acordo ortográfico* de 1945, assinado em Lisboa, a 10 de agosto de 1945, por uma Comissão composta de membros da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Esse *Acordo* não entrou em vigor no Brasil por não ter sido ratificado pelo Congresso Nacional.

[3] No Brasil vigoram oficialmente as normas do *Formulário ortográfico* de 1943, consubstanciadas no *Vocabulário ortográfico*, publicado no mesmo ano, com as leves alterações determinadas pela Lei n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971.

[4] Há, porém, no português-padrão de Portugal, vogais pretônicas, provenientes de antiga crase, que conservam o timbre aberto ([a]) ou semiaberto ([e], [ɔ]), sem que o fato seja assinalado na escrita. Assim: *padeiro*, *pegada*, *corar*.

12.ª) O acento grave assinala as contrações da preposição *a* com o artigo *a* e com os pronomes demonstrativos *a*, *aquele*, *aqueloutro*, *aquilo*, as quais se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*.

DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ORTOGRAFIAS OFICIALMENTE ADOTADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Além das divergências atrás mencionadas que dizem respeito à diversidade de pronúncia de certas vogais tônicas – em virtude da qual admite-se a dupla grafia —, persiste ainda uma importante diferença entre os sistemas ortográficos oficialmente adotados em Portugal e no Brasil[1]: o tratamento das chamadas "consoantes mudas"

No Brasil, por disposição do *Formulário ortográfico* de 1943, as consoantes etimológicas finais de sílaba (implosivas), quando não articuladas — ou seja, quando "mudas" — deixaram de se escrever. Em Portugal, no entanto, em conformidade com o texto do *Acordo* de 1945, continuaram a ser grafadas sempre que se seguem às vogais átonas *a* (aberta), *e* ou *o* (semiabertas), como forma de indicar a abertura dessas vogais. Por uma razão de coerência, mantêm-se tais consoantes em sílaba tônica nas palavras pertencentes à mesma família ou flexão.

Essa forma de distinguir, no português europeu, as pretônicas abertas ou semiabertas das reduzidas não se justifica no Português do Brasil, em cuja pronúncia-padrão não há pretônicas reduzidas, tendo-se as vogais nesta posição neutralizado num *a* aberto e num *e* ou num *o* semifechados. Daí escrever-se em Portugal: *acto*, *acção*, *accionar*, *accionista*, *baptismo*, *baptizar*, *director*, *correcto*, *correcção*, *óptimo*, *optimismo*, *adoptar*, *adopção*; e no Brasil: *ato*, *ação*, *acionar*, *acionista*, *batismo*, *batizar*, *diretor*, *correto*, *correção*, *ótimo*, *otimismo*, *adotar*, *adoção*.

Existe, no entanto, certo número de palavras em que a consoante final de sílaba é articulada tanto em Portugal como no Brasil e, nesse caso, a ortografia dos dois países é uniforme. Assim: *autóctone*, *compacto*, *apto*, *inepto*, etc.

Raríssimos são os exemplos que se apontam em que esta consoante é efetivamente pronunciada em Portugal e não no Brasil, como *facto* (em Portugal) e *fato* (no Brasil).

Finalmente, há casos em que se verifica uma oscilação em ambas as variantes do português e nos quais a ortografia brasileira (e não a portuguesa) admite grafias duplas: *aspecto / aspeto*, *dactilografia / datilografia*, *infecção / infeção*, etc. (em Portugal as únicas grafias admitidas são *aspecto*, *dactilografia*, *infecção* etc.)

---

[5] As regras ortográficas para o Brasil, Portugal e todos os países lusófonos foram modificadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no Brasil a partir de 2009, e que admite esses casos de dupla grafia.

Capítulo 5

Classe, estrutura e formação de palavras

PALAVRA E MORFEMA

1. Uma língua é constituída de um conjunto infinito de frases. Cada uma delas possui uma face sonora, ou seja a cadeia falada, e uma face significativa, que corresponde ao seu conteúdo. Uma frase, por sua vez, pode ser dividida em unidades menores de som e significado — as PALAVRAS — e em unidades ainda menores, que apresentam apenas a face significante — os FONEMAS. As palavras são, pois, unidades menores que a frase e maiores que o fonema. Assim, na frase

   Évora! Ruas ermas sob os céus
   Cor de violetas roxas...
   (F. Espanca, *S*, 149)

   distinguimos dez palavras, todas com independência ortográfica. E em cada uma dessas palavras identificamos um certo número de fonemas. Por exemplo, cinco em *Évora*:

   /e/ /v/ /o/ /r/ /a/,

   e quatro em *ruas*:

   /r/ /u/ /a/ /s/

2. Existem, no entanto, unidades de som e conteúdo menores que as palavras. Assim, em *ruas* temos de reconhecer a existência de duas unidades significati-

vas: *rua* e *-s*. O primeiro elemento – *rua* – também se emprega como palavra isolada ou serve para formar outras palavras isoladas: *arruaça*, *arruamento*, etc. Já a forma plural *-s*, que vai aparecer no final de muitas outras palavras (*ermas*, *céus*, *violetas*, *roxas*, etc.), nunca poderá realizar-se como palavra individual, autônoma.
A essas unidades significativas mínimas dá-se o nome de MORFEMA.

3. Os morfemas podem apresentar variação, por vezes acentuada, em suas realizações fonéticas. É o caso do morfema plural do português, cuja pronúncia está sempre condicionada à natureza do som seguinte.
Nos falares de Lisboa e do Rio de Janeiro, por exemplo, o *-s* plural de *casas* assume forma fonética diferente em cada um dos três enunciados:

Casas amarelas.
Casas bonitas.
Casas pequenas.

Realiza-se:
a) como [z], ao ligar-se à vogal inicial da palavra *amarelas*;
b) como [ʒ], antes da palavra *bonitas*, iniciada por consoante sonora;
c) como [ʃ], antes da palavra *pequenas*, iniciada por consoante surda.

A última realização [ʃ] é também a que apresenta o morfema de plural diante de pausa, como podemos observar nas formas *amarelas*, *bonitas* e *pequenas* dos exemplos citados.
A essas manifestações fonéticas diferentes de um único morfema dá-se o nome de VARIANTE DE MORFEMA ou ALOMORFE.

TIPOS DE MORFEMAS

1. Quando, na análise da palavra *ruas*, distinguimos dois morfemas, observamos que um deles – *rua* – forma por si só um vocábulo, enquanto o morfema *-s* não tem existência autônoma, aparecendo sempre ligado a um morfema anterior. Os linguistas costumam chamar MORFEMAS LIVRES os que podem figurar sozinhos como vocábulos, e MORFEMAS PRESOS aqueles que não se encontram nunca isolados, com autonomia vocabular.

2. Quanto à natureza da significação, os morfemas classificam-se em LEXICAIS e GRAMATICAIS.
Os morfemas lexicais têm significação *externa*, porque referente a fatos do mundo extralinguístico, aos símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou subjetiva.

Assim:

Évora	céu	roxa	tristeza
erma	cor	rua	violeta

Já a significação dos morfemas gramaticais é *interna*, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. Assim, em nossa frase-exemplo, o artigo *o*, as preposições *de* e *sob*, a marca de feminino *-a* (*rox-a, erm-a*) e a de plural *-s* (*rua-s, erma-s, o-s, céu-s, violeta-s, roxa-s*).

3. Outras características, não semânticas, opõem os morfemas lexicais aos gramaticais. Aqueles são de número elevado, indefinido, em virtude de constituírem uma classe aberta, sempre passível de ser acrescida de novos elementos; estes pertencem a uma série fechada, de número definido e restrito no idioma. Em decorrência, se os examinarmos num dado texto, verificaremos que os primeiros apresentam frequência média baixa, em contraste com a frequência média alta dos últimos.

Observações:

1.ª) Os morfemas lexicais são também chamados LEXEMAS ou SEMANTEMAS. Aos morfemas gramaticais linguistas modernos costumam dar o nome de GRAMEMAS ou de FORMANTES.

2.ª) Não se deve confundir o conceito de significação linguística interna, aplicável aos morfemas gramaticais, com a ideia de morfema vazio, desprovido de conteúdo, infelizmente muito vulgarizada. Basta atentarmos nos efeitos que a autora do texto abaixo obtém da oposição entre as preposições *em, com, para* e *por* para nos certificarmos de que os morfemas gramaticais têm a sua significação própria:

Hoje eu queria andar lá em cima,
nas nuvens,
com as nuvens,
pelas nuvens,
para as nuvens.
(C. Meireles, *Q*, I, 119.)

CLASSES DE PALAVRAS

1. Estabelecida a distinção entre morfema lexical e morfema gramatical, podemos agora relacionar cada um deles com as CLASSES DE PALAVRAS.
São morfemas lexicais os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo. São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais,

as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal.

2. As classes de palavras podem ser também agrupadas em VARIÁVEIS e INVARIÁVEIS, de acordo com a possibilidade ou a impossibilidade de se combinarem com os morfemas flexionais ou desinências.
São variáveis os substantivos, os adjetivos, os artigos e certos numerais e pronomes, que se combinam com morfemas gramaticais que expressam o gênero e o número; o verbo, que se liga a morfemas gramaticais denotadores do tempo, do modo, do aspecto, do número e da pessoa.
São invariáveis os advérbios, as preposições, as conjunções e certos pronomes, classes que não admitem se lhes agregue uma desinência.
A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

RADICAL

Ao que chamamos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente o nome de RADICAL. É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação.

A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL), um AFIXO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) ou uma VOGAL TEMÁTICA.

DESINÊNCIA

As DESINÊNCIAS, ou MORFEMAS FLEXIONAIS, servem para indicar:
a) o gênero e o número dos substantivos, dos adjetivos e de certos pronomes;
b) o número e a pessoa dos verbos.

Assim, no adjetivo *ermas* e numa forma verbal como *renovamos*, temos as seguintes desinências:

-a, para caracterizar o feminino (em *ermas*);
-s, para denotar o plural (em *ermas*);
-mos, para expressar a 1.ª pessoa do plural (em *renovamos*).

Há, por conseguinte, em português DESINÊNCIAS NOMINAIS e DESINÊNCIAS VERBAIS.

DESINÊNCIAS NOMINAIS. São:

GÊNERO		NÚMERO	
Masculino	**Feminino**	**Singular**	**Plural**
-o	-a	–	-s

O SINGULAR caracteriza-se pela ausência de qualquer desinência, ou melhor, pela DESINÊNCIA-ZERO, pois a falta, no caso, é um sinal particularizante.

DESINÊNCIAS VERBAIS. As flexões de pessoa e número são expressas nos verbos por desinências especiais, que podemos distribuir por três grupos: desinências do presente do indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo pessoal (= futuro do subjuntivo):

	PRESENTE		PRETÉRITO PERFEITO		INFINITIVO PESSOAL FUT. DO SUBJUNTIVO	
Pessoa	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**
1.ª	-o	-mos	-i	-mos	–	-mos
2.ª	-s	-is (-des)	-ste	-stes	-es	-des
3.ª	–	-m	-u	-ram	–	-em

Nas outras formas finitas, as desinências são as mesmas do presente do indicativo, salvo na primeira pessoa do singular, que, como a terceira, se caracteriza pela falta de qualquer desinência.

Observação:

Para facilitar a aprendizagem, dissemos que a DESINÊNCIA da 3.ª pessoa do plural é *-m* (ou *-ram*, *-em*). Mas, em verdade, o *-m* que aí aparece é um mero símbolo gráfico, pois nestas formas verbais as terminações *-am* e *-em* são apenas modos de representar, na escrita, os ditongos nasais átonos [ɑ̃w] e [ẽj].

AFIXO

Os AFIXOS, ou MORFEMAS DERIVACIONAIS, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam. Os AFIXOS que se antepõem ao radical chamam-se PREFIXOS; os que a ele se pospõem denominam-se SUFIXOS.

Assim, em *desterrar* e *renovamos* aparecem os PREFIXOS:

des-, que empresta ao primeiro verbo a ideia de separação;
re-, que ao segundo acrescenta o sentido de repetição de um fato.

Os SUFIXOS, como as desinências, unem-se à parte final do radical. Mas, enquanto estas caracterizam apenas o gênero, o número ou a pessoa da palavra, sem lhe alterar o sentido lexical ou a classe, os SUFIXOS transformam substancialmente o radical a que se juntam.

Assim, em *terroso*, *terreiro*, *novinho* e *novamente*, encontramos os SUFIXOS:

-oso, que do substantivo *terra* forma um adjetivo (*terroso*);
-eiro, que do substantivo *terra* forma outro substantivo (*terreiro*);
-inho, que do adjetivo *novo* forma um diminutivo (*novinho*);
-mente, que do feminino do adjetivo *novo* forma um advérbio (*novamente*).

Observação:

Esta distinção entre sufixo e desinência, nem sempre observada pelos linguistas modernos, pertence à análise mórfica tradicional.

Poderíamos simplificar a classificação desses morfemas gramaticais:

1.º) considerando-os apenas sob o aspecto formal, caso em que a denominação de sufixo, com abarcá-la, dispensaria a de desinência;

2.º) distinguindo-os pelo aspecto funcional: as desinências identificar-se-iam com os morfemas flexionais, e os sufixos seriam somente morfemas derivacionais.

Nesta última hipótese, as características de tempo e modo e, por extensão, as das formas nominais do verbo ficariam incluídas nas desinências.

VOGAL TEMÁTICA

Na análise da forma verbal *renovamos*, distinguimos três elementos formativos:

a) o RADICAL: *nov-*
b) a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL: *-mos*
c) o PREFIXO: *re-*

Falta identificarmos apenas a vogal *a*, que aparece entre o radical *nov-* e a desinência *-mos*, vogal que encontramos também na forma de infinitivo *fumar*, entre o radical *fum-* e a desinência *-r*.

Nos dois casos, vemos, ela está indicando que os verbos em causa pertencem à 1.ª conjugação. A essas vogais que caracterizam a conjugação dos verbos dá-se o nome de VOGAIS TEMÁTICAS. São elas:

-**a**- , para os verbos da 1.ª conjugação (fum-**a**-r, renov-**a**-mos);
-**e**- , para os da 2.ª (dev-**e**-r, faz-**e**-mos);
-**i**- , para os da 3.ª (part-**i**-r, constru-**í**-mos).

O RADICAL acrescido de uma VOGAL TEMÁTICA, isto é, pronto para receber uma desinência (ou um sufixo), denomina-se TEMA.

Observação:

Não há acordo entre os linguistas quanto à inclusão das VOGAIS TEMÁTICAS entre os morfemas. Parece-nos que, assim como as desinências, elas fazem parte dos morfemas gramaticais categóricos, pois também distribuem os radicais em classes. Por si mesmas nada significam, mas poder-se-ia talvez dizer que, no caso, a função é a significação.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Os elementos mórficos até aqui estudados entram sempre na estrutura do vocábulo com determinado valor significativo externo ou interno. Há, porém, outros que são insignificativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na juntura daqueles elementos.

Se examinarmos, por exemplo, os vocábulos *gasômetro* e *cafeteira*, verificaremos que:

a) o primeiro é formado de dois radicais *gás-* + *-metro*, ligados pela vogal *-o-*, sem valor significativo;
b) o segundo é constituído do radical *café-* + o sufixo *-eira*, entre os quais aparece a consoante insignificativa *-t-* para evitar o desagradável hiato *-éê-*.

A esses sons, empregados para tornar a pronúncia das palavras mais fácil ou eufônica, dá-se o nome de VOGAIS e CONSOANTES DE LIGAÇÃO.

Observação:

Observa-se na linguística moderna a tendência generalizada de não isolar tais elementos na análise mórfica, preferindo-se considerá-los como parte do radical ou do afixo, que, então, se apresentariam sob a forma de variantes (ou ALOMORFES) relativamente a outras ocorrências suas em contextos diversos. Com efeito, à semelhança dos fonemas, os morfemas podem apresentar variantes em sua forma, embora se mantenham semântica e funcionalmente inalterados. Assim, do prefixo *in-* (*im-*) há uma variante *i-*, fonologicamente condicionada, porquanto ocorre tão somente antes de consoante nasal, lateral e vibrante: *infeliz*, *imbatível*, mas *imoral*, *ilegal*, *irregular*.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Chamam-se PRIMITIVAS as palavras que não se formam de nenhuma outra e que, pelo contrário, permitem que delas se originem novas palavras no idioma.

Assim:

fumo	mar	novo	pedra

Denominam-se DERIVADAS as que se formam de outras palavras da língua mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo.

Assim:

fumoso	marinha	novinho	pedreiro
defumar	marear	renovar	empedrar

PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas, sejam derivadas, denominam-se SIMPLES.

Assim:

mar	marinha	pedra	pedreiro

São COMPOSTAS as que contêm mais de um radical:

quebra-mar	guarda-marinha	pedra-sabão	pedreiro-livre
aguardente	pernalta	pontapé	vaivém

Observação:

Note-se que, na língua atual, muitas formas compostas não são mais sentidas como tais pelos falantes. É o caso de *aguardente*, de *pontapé*, etc.

FAMÍLIAS DE PALAVRAS

Denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição que estudaremos desenvolvidamente no capítulo seguinte.

Capítulo 6

Derivação e composição

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Deixando de lado a viva controvérsia entre linguistas contemporâneos sobre a área a que efetivamente pertence a FORMAÇÃO DE PALAVRAS – se à morfologia, o seu domínio tradicional, se ao léxico ou à semântica, ou, mesmo, se à sintaxe –, procuraremos tratar a matéria deste capítulo interligada com a do anterior e com respaldo na seguinte conceituação:

"Chama-se FORMAÇÃO DE PALAVRAS o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição"[1].

Observação:

Cumpre advertir que a DERIVAÇÃO e a COMPOSIÇÃO não são os únicos processos de formação de palavras. Como bem salienta um estudioso do assunto, além destes dois processos mais comuns, há outros de uso restrito, sendo particularmente curiosos os ONIÔNIMOS, os ACRÔNIMOS e as AMÁLGAMAS. (Veja-se a respeito J. R. Fontenele Bessa. Por uma conceituação do termo "opacidade". *Educação, 31*: 17-22, Brasília, julho/setembro, 1979.)

DERIVAÇÃO PREFIXAL

Os PREFIXOS são mais independentes que os SUFIXOS, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua.

---

[1] Jean Dubois *et alii*. *Dictionaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973, s. v.

A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO.

Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação — a DERIVAÇÃO PREFIXAL. Tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

Feitas estas considerações, passemos ao exame dos prefixos que aparecem em palavras portuguesas.[2]

São eles de origem latina ou grega, embora normalmente não sejam sentidos como tais. Alguns sofrem apreciáveis alterações em contacto com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o prefixo grego *an-*, que indica "privação" (*an-ônimo*), assume a forma *a-* antes de consoante: *a-patia; in-*, o seu correspondente latino, toma a forma *i-* antes de *l* e *m*: *in-feliz, in-ativo*; mas *i-legal, i-moral.*

Não se devem confundir tais alterações com as formas vernáculas, oriundas de evolução normal de certos prefixos latinos. Assim: *a-*, de *ad-* (*a-doçar*); *em-* ou *en-*, de *in-* (*em-barcar, en-terrar*).

Na lista abaixo, colocaremos em chave as formas que pode assumir o mesmo prefixo: em primeiro lugar, daremos a forma originária; em último, a vernácula, quando houver.

Prefixos de origem latina

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
ab-	afastamento, separação	abdicar, abjurar
abs-		abster, abstrair
a-		amovível, aversão
ad-	aproximação, direção	adjunto, adventício
a- (ar-, as-)		abeirar, arribar, assentir

[2] Quanto à vitalidade dos prefixos utilizados na língua contemporânea, leia-se Li Ching. Sobre a formação de palavras com prefixos no português atual. *Boletim de Filologia, 22*: 117-176 e 197-234, Lisboa, 1971-1973.
A exemplo de alguns linguistas, os autores observam a distinção entre PREFIXOS e PSEUDOPREFIXOS, como se verá adiante.

Prefixo	Sentido	Exemplificação
ante- **ante-**	anterioridade anterioridade	antebraço, antepor
circum- **(circun-)**	movimento em torno	circum-adjacente, circunvagar
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino
com- (con-) **co- (cor-)**	contiguidade, companhia	compor, conter cooperar, corroborar
contra-	oposição, ação conjunta	contradizer, contrasselar
de-	movimento de cima para baixo	decair, decrescer
des-	separação, ação contrária	desviar, desfazer
dis- **di- (dir-)**	separação, movimento para diversos lados, negação	dissidente, distender dilacerar, dirimir
entre-	posição intermediária	entreabrir, entrelinha
ex- **es-** **e-**	movimento para fora, estado anterior	exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir
extra-	posição exterior (fora de)	extraoficial, extraviar
in-[1] (im-) **i- (ir-)** **em- (en-)**	movimento para dentro	ingerir, impedir imigrar, irromper embarcar, enterrar
in-[2] (im-) **i- (ir-)**	negação, privação	inativo, impermeável ilegal, irrestrito
intra-	posição interior	intradorso, intravenoso
intro-	movimento para dentro	introversão, intrometer
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
ob- **o-**	posição em frente, oposição	objeto, obstáculo ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posterioridade	pospor, postônico
pre-	anterioridade	prefácio, pretônico

Prefixos de origem grega

Eis os principais prefixos de origem grega com as formas que assumem em português:

Prefixo	Sentido	Exemplificação
an- (a-)	privação, negação	anarquia, ateu
aná-	ação ou movimento inverso, repetição	anagrama, anáfora
anfi-	de um e outro lado, em torno	anfíbio, anfiteatro
anti-	oposição, ação contrária	antiaéreo, antípoda
apó-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
arqui- (arc-, arque-, arce-)	superioridade	arquiduque, arcanjo arquétipo, arcebispo
catá-	movimento de cima para baixo, oposição	catadupa, catacrese
diá- (di-)	movimento através de, afastamento	diagnóstico, diocese
dis-	dificuldade, mau estado	dispneia, disenteria
ec- (ex-)	movimento para fora	eclipse, êxodo
en- (em-, e-)	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
endo- (end-)	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose
epi-	posição superior, movimento para, posterioridade	epiderme, epílogo
eu- (ev-)	bem, bom	eufonia, evangelho
hiper-	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
hipó-	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
metá- (met-)	posterioridade, mudança	metacarpo, metátese
pará- (par-)	proximidade, ao lado de	paralogismo, paramnésia
peri-	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
pró-	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba

Prefixo	Sentido	Exemplificação
pro-	movimento para a frente	progresso, prosseguir
re-	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retroceder, retrospectivo
soto- **sota-**	posição inferior	soto-mestre, sotopor sota-vento, sota-voga
sub- **sus-** **su-** **sob-** **so-**	movimento de baixo para cima, inferioridade	subir, subalterno suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar
super- **sobre-**	posição em cima, excesso	superpor, superpovoado sobrepor, sobrecarga
supra-	posição acima, excesso	supradito, suprassumo
trans- **tras-** **tres-**	movimento para além de, posição além de	transpor, transalpino trasladar, traspassar tresvariar, tresmalhar
ultra-	posição além do limite	ultrapassar, ultrassom
vice- **vis- (vizo-)**	substituição, em lugar de	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Observações:

1.ª) As alterações sofridas pelos prefixos são provocadas quase sempre pelo fenômeno chamado ASSIMILAÇÃO, que consiste em absorver um fonema as características de outro que lhe está contíguo. Como, em geral, a ASSIMILAÇÃO identifica os dois fonemas, é comum o desaparecimento de um deles: *in-legal* > *il-legal* > *ilegal.*

Advirta-se, em tempo, que a ASSIMILAÇÃO é um fato fonético, e não deve ser confundida com as acomodações que, na escrita, sofrem certos prefixos por exigência do nosso sistema ortográfico. Assim, *in-fiel*, mas *im-produtivo*; *i-migrar*, mas *ir-romper*; etc. São essas variantes puramente gráficas que colocamos entre parênteses.

2.ª) Cumpre não confundir os dois prefixos que aparecem sob a mesma forma *in-* (ou *i-*). Um indica "movimento para dentro" (*ingerir, imigrar*); o outro denota "privação, negação" (*inativo, ilegal*).

3.ª) As formas numerais *uni-* (*unipessoal*), *bis-* ou *bi-* (*bisneto, bimestral*) e semelhantes são, pela maioria dos gramáticos, tidas por prefixos. Como, pelo emprego, não se diferenciam substancialmente dos elementos numerais que ocorrem em compostos aritméticos e geométricos — a exemplo de *deci-*, *centi-* (latinos), *deca-*, *quilo-* (gregos) — julgamos mais acertado considerá-los verdadeiros RADICAIS, e o processo formativo de que participam um caso de COMPOSIÇÃO.

Observação:

Para um estudo do prefixo *anti-* em relação com os seus concorrentes no âmbito do francês, mas com possibilidade de aplicação ao português, consulte-se A. Rey. Un champ préfixal: les mots français en *anti*. *Cahiers de Lexicologie, 12*: 37-57, Paris, 1968.

DERIVAÇÃO SUFIXAL

Pela DERIVAÇÃO SUFIXAL[3] formaram-se, e ainda se formam, novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em *-mente*). Daí classificar-se o sufixo em:

a) NOMINAL, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo: *pont-eira*, *pont-inha*, *pont-udo*;
b) VERBAL, quando, ligado a um radical, dá origem a um verbo: *bord-ejar*, *suav-izar*, *amanh-ecer*;
c) ADVERBIAL, que é o sufixo *-mente*, acrescentado à forma feminina de um adjetivo: *bondosa-mente*, *fraca-mente*, *perigosa-mente*.

Sufixos nominais

Entre os SUFIXOS NOMINAIS, mencionaremos em primeiro lugar os SUFIXOS AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS, cujo valor é mais afetivo do que lógico.

Sufixos aumentativos

Eis os principais SUFIXOS AUMENTATIVOS usados em português:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ão	caldeirão, paredão	**-anzil**	corpanzil
-alhão	grandalhão, vagalhão	**-aréu**	fogaréu, povaréu
-(z)arrão	gatarrão, homenzarrão	**-arra**	bocarra, naviarra
-eirão	asneirão, toleirão	**-orra**	beiçorra, cabeçorra
-aça	barbaça, barcaça	**-astro**	medicastro, poetastro
-aço	animalaço, ricaço	**-az**	lobaz, roaz
-ázio	copázio, gatázio	**-alhaz**	facalhaz
-uça	dentuça, carduça	**-arraz**	pratarraz

[3] Sobre a origem e a vitalidade dos sufixos empregados em português, veja-se especialmente Joseph H. D. Allen Jr. Portuguese Word-Formation with Suffixes. Supplement to *Language*, vol. 17, n.º 2. Baltimore, 1941.

Observação:

Nem sempre o sufixo aumentativo se junta ao radical de um substantivo. Há derivações feitas sobre adjetivos (*ricaço*, de *rico*; *sabichão*, de *sábio*) e também sobre radicais verbais (*chorão*, de *chorar*; *mandão*, de *mandar*).

Valor e emprego dos sufixos aumentativos

1. **-ão.** É, por excelência, o formador dos aumentativos em português. Pode juntar-se a radicais de substantivos (*papel-ão*), de adjetivos (*solteir-ão*) e de verbos (*chor-ão*), quer diretamente, como nos exemplos citados, quer por intermédio de consoantes de ligação (*chape-l-ão*) ou de outros sufixos (*-alho, -arro, -eiro, -il*), donde os sufixos compostos *-alhão* (*grand-alhão*), *-arrão* (*gat-arrão*), *-eirão* (*voz-eirão*), *-ilão* (*com-ilão*).
   Advirta-se também que, nos aumentativos em *-ão*, o gênero normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante é feminina.
   Assim:

   a parede – o paredão uma mulher – um mulherão

   Só os adjetivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados:

   solteirão – solteirona chorão – chorona

2. **-aça, -aço, -uça** e **-ázio.** Formam substantivos com força aumentativa e pejorativa. Prendem-se a radicais de outros substantivos e, mais raramente, a de adjetivos, sendo de notar que *-uça* apresenta acentuado valor coletivo. Saliente-se ainda que *-ázio* parece ser adaptação do espanhol *-azo.*[4]

3. **-anzil.** Este sufixo, que ocorre em *corpanzil*, deve ser composto de *-ão* + *-il*, com a consoante de ligação *-z-*. Quanto ao valor, é nitidamente pejorativo.

4. **-aréu.** De origem obscura, este sufixo nem sempre é aumentativo. Em *mastaréu* (= pequeno mastro suplementar), por exemplo, é antes diminutivo. Em *fogaréu, fumaréu, mundaréu* e *povaréu* sente-se que o valor aumentativo está associado ao coletivo.

---

[4] Sobre o assunto, veja-se o fundamental estudo de Y. Malkiel. The Two Sources of the Hispanic Suffix *-azo, -aço. Language, 35*: p. 193-258, 1959.

5. **-arra** e **-orra**. Formas femininas dos sufixos *-arro* e *-orro*, ligam-se a radicais de substantivos de qualquer gênero:

   bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

   Nas formações de adjetivos, com base em radicais de verbos ou de outros adjetivos, há, segundo a regra geral, oposição de gênero:

   bebarro – bebarra beatorro – beatorra

   Em épocas mais antigas, estes sufixos não tinham o forte valor depreciativo de hoje. A forma *-orro*, por exemplo, aparece em *cachorro*, palavra que, na acepção primitiva de "filhote de cão e de algumas feras", deveria ter sido um diminutivo.

6. **-astro**. Neste sufixo, que aparece em poucas palavras portuguesas, o valor pejorativo é o mais saliente: *medicastro* "médico ruim, charlatão"; *poetastro* "mau poeta, versejador ordinário". O sufixo assume a forma *-asto, -asta*, em *padrasto* e *madrasta*.

7. **-az**. Como o sufixo *-ão*, pode juntar-se diretamente ao radical (*lob-az*), ou admitir a inserção de uma consoante eufônica (*ladra-v-az*), ou de outros sufixos (*-alho, -arro*), com os quais passa a formar os compostos: *-alhaz* (*fac-alhaz*), *-arraz* (*prat-arraz*).

Sufixos diminutivos

São estes os principais SUFIXOS DIMINUTIVOS empregados em português[5]:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-inho, -a	toquinho, vozinha	**-elho, -a**	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	**-ejo**	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	**-ilho, -a**	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim		

[5] Sobre a formação dos diminutivos nas línguas românicas em geral, leiam-se: Reino Hakamies. *Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes*. Helsinki, Academiae Scientiarum Fennicae, 1951; Bengt Hasserlot. *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957. Quanto ao seu valor e emprego na língua portuguesa, consultem-se especialmente: Silvia Skorge. Os sufixos diminutivos em português. *Boletim de Filologia*, *16*: 50-90 e 222-305, 1956-1957; *17*: 20-53, 1958; Max Leopold Wagner. Das Diminutiv in Portugiesischen.

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-acho, -a	fogacho, riacho	**-ete**	artiguete, lembrete
-icho, a	governicho, barbicha	**-eto, -a**	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	**-ito, -a**	rapazito, casita
		-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	**-ote, -a**	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	**-isco, -a**	chuvisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	**-usco, -a**	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	**-ola**	fazendola, rapazola

Valor e emprego dos sufixos diminutivos

1. **-(z)inho, -ino, -im.** Os sufixos *-inho* e *-ino* provêm do latim *-inus*. A forma tipicamente portuguesa é *-inho*; *-ino*, variante erudita, só aparece com valor diminutivo em um restrito número de palavras; *-im* é importação do francês *-in*, ou do italiano *-ino*, através da forma francesa. Compare-se: *tamborim*, do francês *tambourin*; *festim*, do francês *festin*, por sua vez derivado do italiano *festino*.
   O sufixo *-inho* (*-zinho*) é de enorme vitalidade na língua[6], desde tempos antigos. Junta-se não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis:

   agorinha devagarinho sozinho adeusinho!

Orbis, *1*: 460-476, 1952; Delmira Maçãs. O sufixo *-inho* junto a adjetivos na linguagem familiar portuguesa. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, *8*: 219-232, 1954-1955; Th. Henrique Maurer Jr. Um sufixo de comportamento original: o diminutivo em *-zinho*. In *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro, Simões, s./d., p. 233-246. De importante leitura, à vista da relação com o português, são os seguintes estudos sobre os diminutivos espanhóis: Amado Alonso. Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos. In *Estudios linguísticos: temas españoles*. Madrid, Gredos, 1951, p. 195-229; Fernando González Ollé. *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Madrid, C.S.I.C., 1962; Emilio Náñez Fernández. *El diminutivo: historia y funciones en el español clásico y moderno*. Madrid, Gredos, 1973. (As duas últimas obras trazem extensa bibliografia.)

[6] J. G. Herculano de Carvalho propõe a designação de SUFIXOIDE para o sufixo *-(z)inho* pelas razões que o levaram a adotar a de PREFIXOIDE para certos elementos formativos que não se comportam como prefixos (vj. adiante nossas considerações sobre os PSEUDO-PREFIXOS). Lembra o ilustre linguista o caráter sintagmático deste sufixo, evidenciado morfologicamente pelas variações de gênero e número, que se manifestam duplamente nos derivados: *corpozinho – corpozinhos*, *cãozinho – cãezinhos*, *bonzinho – boazinha* (cf. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 551-552).

Excetuando-se o caso das palavras terminadas em *-s* e *-z*, que naturalmente exigem a forma *-inho* (*pires-inho*, *rapaz-inho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inho* e *-zinho*. Sente-se que muitas vezes a seleção está ligada ao ritmo da frase. Por outro lado, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinho*, no evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, no entanto, simplificadora por excelência, tende para as formações com *-inho*. Camparem-se, por exemplo, as formas alternantes *baldezinho – baldinho*, *xicarazinha – xicrinha*, etc.

Do ponto de vista morfológico, acentue-se que, ao contrário dos aumentativos em *-ão*, os diminutivos em *-inho* (e também em *-ito*) não sofrem mudança de gênero. O diminutivo conserva o gênero da palavra derivante:

casa – casinha – casita cão – cãozinho – canito

Em formações com outros sufixos, não é, porém, estranha tal mudança:

ilha – ilhote – ilhéu chuva – chuvisco

Convém notar ainda que nas formações em que o sufixo *-inho* se junta a particípios, caso estes sejam irregulares, tornam-se regulares.
Exemplo:

Esse dinheiro foi bem *ganhadinho* e bem *gastadinho* por mim.

2. **-acho, -icho, ucho**. Originam-se da acumulação dos sufixos latinos *-ascu* (*-iscu* e *-uscu*) + *-ulus*, e têm geralmente valor pejorativo. As variantes *-echo* e *-ocho* são de emprego raro. Ocorrem em formas dialetais portuguesas, como *ventrecha* "posta de peixe imediata à cabeça", *bagocho* "novelo pequeno" e *realocho* "moeda antiga". A última provavelmente entra no brasileirismo *cabrocha* "moça mestiça escura".

3. **-ebre**. O sufixo *-ebre*, de origem desconhecida, aparece apenas em *casebre*, onde tem caráter pejorativo.

4. **-eco, -ico**. Também não está suficientemente esclarecida a origem dos sufixos *-eco* e *-ico*. O primeiro tem acentuado valor pejorativo: *folheca*, *jornaleco*, *livreco*, etc. Não possui, no entanto, a mesma conotação em *guatemalteco*, provavelmente empréstimo do espanhol. O segundo aparece como diminutivo afetivo não só de substantivos comuns (*abanico*, *amorico*, *burrico*), mas também de nomes próprios: *Anica*, *Joanico*, etc.

5. **-ela**. Continua o latim *-ella*, que tinha força diminutiva e largo emprego na língua vulgar (assim: *dominicella* "senhorita" > port. *donzela*). No português moderno é pouco produtivo; só nas formas nominais em *-dela* apresenta vitalidade: *entaladela*, *mordidela*, etc.

6. **-elho, -ilho**. Os sufixos *-elho* e *-ilho* representam, em português, a evolução normal dos sufixos diminutivos latinos *-ĭculus* e *-īculus*, respectivamente. A forma *-ejo* é o desenvolvimento de *-ĭculus* para o espanhol. Importada dessa língua, tornou-se, em certos casos, autônoma em português. Assim: *lugarejo*, *quintalejo*, etc.

7. **-ete, -eto, -(z)ito, -ote**. É um tanto obscura a origem destes sufixos. Deles o mais usado, principalmente em Portugal e no Sul do Brasil, é *-ito*, com a variante *-zito*. O sufixo *-eto*, como diminutivo, não apresenta vitalidade em português; as palavras que o possuem são, em geral, empréstimos do italiano: *poemeto*, *verseto*, etc. Já as formas *-ete* e *-ote*, provavelmente originárias do francês, aparecem hoje em derivações genuinamente portuguesas: *artiguete*, *lembrete*, *malandrete*, *meninote*, *serrote*, *velhote*, etc. As formas *-ato* e *-oto* são de emprego raro e, hoje, praticamente improdutivas. Ocorrem nuns poucos substantivos que, de regra, designam crias de animais. Assim: *chibato*, *lobato*, *lebroto* e *perdigoto* são nomes que se dão, respectivamente, ao filhote da *chiba* (= *cabra nova*), do *lobo*, da *lebre* e da *perdiz* (masculino = *perdigão*). *Perdigoto* emprega-se também na acepção de "salpico de saliva que se lança ao falar".

8. **-isco, -usco**. O sufixo *-isco* é forma erudita do latim *-iscus*, provavelmente originado da fusão do grego *-iskós* com o germânico *-isk*. O descendente popular é *-esco*, que forma adjetivos denotadores de "referência ou semelhança" (*burlesco, principesco*), sentido que também possui *-isco* em palavras como *levantisco, mourisco*. Por analogia com *-isco*, a língua criou *-usco*: *chamusco*.

9. **-ola**. Este sufixo não deve ser em português o representante direto do latim *-ola*. Chegou-nos provavelmente por intermédio do italiano *-ola*, ou do francês *-ole*. Comparem-se, por exemplo, as palavras portuguesas *bandeirola* e *camisola* às italianas *banderuola* e *camiciuola*, ou às francesas *banderole* e *camisole*. Hoje, porém, generalizou-se o emprego de *-ola* no idioma, principalmente na formação de substantivos sobrecomuns de caráter irônico-pejorativo: *gabarola, mariola*, etc.

Diminutivos eruditos

Na língua literária e culta, especialmente na terminologia científica, aparecem formações modeladas no latim em que entram os sufixos *-ulo* (*-ula*) e *-culo* (*-cula*), com as variantes *-áculo* (*-ácula*), *-ículo* (*-ícula*), *-úsculo* (*-úscula*) e *-únculo* (*-úncula*):

corpo	–	corpúsculo	nota	–	nótula
febre	–	febrícula	obra	–	opúsculo
globo	–	glóbulo	parte	–	partícula
gota	–	gotícula	pele	–	película
grão	–	grânulo	questão	–	questiúncula
homem	–	homúnculo	raiz	–	radícula
modo	–	módulo	rei	–	régulo
monte	–	montículo	verme	–	vermículo
nó	–	nódulo	verso	–	versículo

Observações:

1.ª) Como vemos, nestas formações latinas, ou feitas em idênticos moldes, o sufixo *-culo*(*-a*) e sua variante *-únculo*(*-a*) podem juntar-se ao radical diretamente (*mús-culo, hom-únculo*), ou por intermédio da vogal de ligação *-i-* (*vers-í-culo, quest-i-úncula*).

2.ª) A forma primitiva deste sufixo latino, derivado do indo-europeu **-lo *-olo*, era *-ulo*, que encontramos empregado com substantivos (*ancillula*) e adjetivos (*acutulus*). O acréscimo do *-c* ao sufixo é geralmente explicado como "um reforço da expressividade, fenômeno comum nos diminutivos". Ernout, porém, acha que foi a existência de muitas palavras de radical em *-c* que provocou uma falsa análise do sufixo diminutivo, dando origem a *-culus* (Veja-se Fernando González Ollé. *Obra cit.*, p. 177-179).

Outros sufixos nominais

1. Que formam substantivos de outros substantivos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ada	a) multidão, coleção	boiada, papelada
	b) porção contida num objeto	bocada, colherada
	c) marca feita com um instrumento	penada, pincelada
	d) ferimento ou golpe	dentada, facada
	e) produto alimentar, bebida	bananada, laranjada
	f) duração prolongada	invernada, temporada
	g) ato ou movimento enérgico	cartada, saraivada

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ado	a) território subordinado a titular b) instituição, titulatura	bispado, condado almirantado, doutorado
-ato	a) instituição, titulatura b) na nomenclatura química = sal	baronato, cardinalato carbonato, sulfato
-agem	a) noção coletiva b) ato ou estado	folhagem, plumagem aprendizagem, ladroagem
-al	a) ideia de relação, pertinência b) cultura de vegetais c) noção coletiva ou de quantidade	dedal, portal arrozal, cafezal areal, pombal
-alha	coletivo-pejorativo	canalha, gentalha
-ama	noção coletiva e de quantidade	dinheirama, mourama
-ame	noção coletiva e de quantidade	vasilhame, velame
-aria	a) atividade, ramo de negócio b) noção coletiva c) ação própria de certos indivíduos	carpintaria, livraria gritaria, pedraria patifaria, pirataria
-ário	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo	operário, secretário herbário, vestiário
-edo	a) lugar onde crescem vegetais b) noção coletiva	olivedo, vinhedo lajedo, passaredo
-eiro(a)	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo c) árvore e arbusto d) ideia de intensidade, aumento e) objeto de uso f) noção coletiva	barbeiro, copeira galinheiro, tinteiro laranjeira, craveiro nevoeiro, poeira cinzeiro, pulseira berreiro, formigueiro
-ia	a) profissão, titulatura b) lugar onde se exerce uma atividade c) noção coletiva	advocacia, baronia delegacia, reitoria cavalaria, clerezia
-io	noção coletiva, reunião	gentio, mulherio
-ite	inflamação	bronquite, gastrite
-ugem	semelhança (pejorativo)	ferrugem, penugem
-ume	noção coletiva e de quantidade	cardume, negrume

Observação:

Na terminologia científica empregam-se sufixos com valor particular. Na química, por exemplo, usam-se:

a) **-ato**, **-eto**, **-ito** – na formação dos nomes de sais: *clorato, cloreto, clorito*;
b) **-ina** – na dos alcaloides e álcalis artificiais: *cafeína, anilina*;
c) **-io** – na dos corpos simples: *potássio, sódio*;
d) **-ol** – na dos derivados de hidrocarbonetos: *fenol, naftol.*

A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota os sufixos:

a) **-ita** – para os nomes das espécies minerais: *pirita*;
b) **-ito** – para os das rochas: *granito*;
c) **-ite** – para os dos fósseis: *amonite.*

A linguística moderna faz largo uso do sufixo *-ema* com o sentido de "menor unidade distintiva" ou "significativa": *fonema*, "menor segmento distintivo numa enunciação"; *morfema*, "menor unidade gramatical de forma".

2. Que formam substantivos de adjetivos:
Os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-dade	crueldade, dignidade	**-ice**	tolice, velhice
-(i)dão	gratidão, mansidão	**-ície**	calvície, imundície
-ez	altivez, honradez	**-or**	alvor, amargor
-eza	beleza, riqueza	**-(i)tude**	altitude, magnitude
-ia	alegria, valentia	**-ura**	alvura, doçura

Observações:

1.ª) Antes de receberem o sufixo *-dade*, os adjetivos terminados em *-az, -iz, -oz* e *-vel* retomam a forma latina em *-ac(i)*, *-ic(i)*, *-oc(i)* e *-bil(i)*:

sagaz > sagacidade
feliz > felicidade
atroz > atrocidade
amável > amabilidade

2.ª) O sufixo *-ície* só aparece em palavras modeladas sobre o latim: *calvície* (latim *calvities*), *planície* (latim *planities*), etc. Também *justiça* não apresenta propriamente o sufixo *-iça*, porque a palavra é continuação do latim *justitia*. Da mesma forma *cobiça* (do baixo-latim *cupiditia*), *preguiça* (do latim *pigritia*), etc.

3. Que formam substantivos de substantivos e de adjetivos:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ismo	a) doutrinas ou sistemas	artísticos	realismo, simbolismo
		filosóficos	kantismo, positivismo
		políticos	federalismo, fascismo
		religiosos	budismo, calvinismo
	b) modo de proceder ou pensar		heroísmo, servilismo
	c) forma peculiar da língua		galicismo, neologismo
	d) na terminologia científica		daltonismo, reumatismo

4. Que formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ista	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -**ismo**)	artísticos	realista, simbolista
		filosóficos	kantista, positivista
		políticos	federalista, fascista
		religiosos	budista, calvinista
	b) ocupação, ofício		dentista, pianista
	c) nomes pátrios e gentílicos		nortista, paulista

Observação:

Nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em *-ismo* se formam com o sufixo *-ista*. Por exemplo: a *protestantismo* corresponde *protestante*; a *maometismo*, *maometano*; a *islamismo*, *islamita*.

5. Que formam substantivos de verbos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ança	ação ou o resultado dela, estado	lembrança, vingança
-ância		observância, tolerância
-ença		descrença, diferença
-ência		anuência, concorrência
-ante	agente	estudante, navegante
-ente		afluente, combatente
-inte		ouvinte, pedinte

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-(d)or **-(t)or** **-(s)or**	agente, instrumento da ação	jogador, regador inspetor, interruptor agressor, ascensor
-ção **-são**	ação ou o resultado dela	nomeação, traição agressão, extensão
-douro **-tório**	lugar ou instrumento da ação	bebedouro, suadouro lavatório, vomitório
-(d)ura **-(t)ura** **-(s)ura**	resultado ou instrumento da ação, noção coletiva	pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura
-mento	a) ação ou resultado dela b) instrumento da ação c) noção coletiva	acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento

Observações:

1.ª) Os sufixos *-ância* e *-ência* são semieruditos. Aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim.

2.ª) Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* procedem das terminações do particípio presente latino, com aglutinação da vogal temática da conjugação correspondente.

3.ª) Em *-dor*, *-tor* e *-sor*, bem como em *-dura*, *-tura* e *-sura*, os sufixos são propriamente *-or* e *-ura*. As consoantes *d*, *t* e *s* pertencem ao tema do particípio latino. Apenas as formas *-dor* e *-dura* são evolutivas; as demais são eruditas: só ocorrem em palavras latinas ou formadas sobre o seu modelo.

4.ª) Os sufixos *-ção* e *-são* depreendem-se de substantivos deverbais, quase todos formados no próprio latim.

6. Que formam adjetivos de substantivos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-aco	estado íntimo, pertinência, origem	maníaco, austríaco
-ado	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	barbado, denteado adamado, amarelado
-aico	referência, pertinência	judaico, prosaico
-al **-ar**	relação, pertinência	campal, conjugal escolar, familiar

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ano	a) proveniência, origem, pertença b) sectário ou partidário de c) semelhante ou comparável a	romano, serrano luterano, parnasiano bilaquiano, camoniano
-ão	proveniência, origem	alemão, beirão
-ário **-eiro**	relação, posse, origem	diário, fracionário caseiro, mineiro
-engo **-enho** **-eno**	relação, pertinência, posse semelhança, procedência, origem referência, origem	mulherengo, solarengo ferrenho, estremenho terreno, chileno
-ense **-ês**	relação, procedência, origem	forense, parisiense cortês, norueguês
-(l)ento	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	ciumento, corpulento barrento, vidrento
-eo	relação, semelhança, matéria	róseo, férreo
-esco **-isco**	referência, semelhança	burlesco, dantesco levantisco, mourisco
-este **-estre** **-eu** **-ício** **-ico** **-il** **-ino** **-ita** **-onho** **-oso** **-tico** **-udo**	relação relação relação, procedência, origem referência participação, referência referência, semelhança relação, origem, natureza pertinência, origem propriedade, hábito constante provido ou cheio de relação provido ou cheio de	agreste, celeste campestre, terrestre europeu, hebreu alimentício, natalício geométrico, melancólico febril, senhoril londrino, cristalino ismaelita, israelita enfadonho, risonho brioso, venenoso aromático, rústico pontudo, barbudo

Observações:

1.ª) Alguns desses sufixos servem também para formar adjetivos de outros adjetivos. Por exemplo: *-al* junta-se a *angélico*, formando *angelical*; *-ento* liga-se a *cinza*, originando *cinzento*; *-onho* acrescenta-se a *triste*, produzindo *tristonho*.

2.ª) São peculiares aos adjetivos os sufixos eruditos *-imo* e *-íssimo*, que se ligam a radicais latinos: *humíl-imo*, *fidel-íssimo*. Do seu valor e emprego tratamos no capítulo 10, em GRAUS DO ADJETIVO.

7. Que formam adjetivos de verbos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ante **-ente** **-inte**	ação, qualidade, estado	semelhante, tolerante doente, resistente constituinte, seguinte
-(á)vel **-(í)vel**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação	durável, louvável perecível, punível
-io **-(t)ivo**	ação, referência, modo de ser	fugidio, tardio afirmativo, pensativo
-(d)iço **-(t)ício**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência	movediço, quebradiço acomodatício, factício
-(d)ouro **-(t)ório**	ação, pertinência	duradouro, casadouro preparatório, emigratório

Observação:

Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm, como dissemos, das terminações do particípio presente latino com aglutinação da vogal temática de cada uma das conjugações. Servem para formar substantivos e, com mais frequência, adjetivos, que se substantivam facilmente.

Sufixos verbais

Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos.

Assim:

esqui-ar	radiograf-ar	(a)doç-ar	(a)frances-ar
nivel-ar	telefon-ar	(a)fin-ar	(a)portugues-ar

A terminação *-ar*, já o sabemos, é constituída da vogal temática *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação, e do sufixo *-r*, do infinitivo impessoal.

Por vezes, a vogal temática *-a-* liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou, melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo. É o caso, por exemplo, dos verbos:

afug-ent-ar	lamb-isc-ar	ded-ilh-ar	salt-it-ar
bord-ej-ar	cusp-inh-ar	depen-ic-ar	amen-iz-ar,

em que encontramos alguns sufixos anteriormente estudados: *-ent(o)*, *-ej(o)*, *-isc(o)*, *-inh(o)*, *-ic(o)*, e *-it(o)*.

São tais sufixos que transmitem a esses verbos matizes significativos especiais: FREQUENTATIVO (ação repetida), FACTITIVO (atribuição de uma qualidade ou modo de ser), DIMINUTIVO e PEJORATIVO. Mas, como neles a combinação de SUFIXO + VOGAL TEMÁTICA (*-a-*) + SUFIXO DO INFINITIVO (*-r*) vale por um todo, costuma-se considerar não o sufixo em si, mas o conjunto daqueles elementos mórficos, o verdadeiro SUFIXO VERBAL. Esta conceituação, por simplificadora, apresenta evidentes vantagens didáticas, razão por que a adotamos aqui.

Eis os principais SUFIXOS VERBAIS, com a indicação dos matizes significativos que denotam:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ear	frequentativo, durativo	cabecear, folhear
-ejar	frequentativo, durativo	gotejar, velejar
-entar	factitivo	aformosentar, amolentar
-(i)ficar	factitivo	clarificar, dignificar
-icar	frequentativo-diminutivo	bebericar, depenicar
-ilhar	frequentativo-diminutivo	dedilhar, fervilhar
-inhar	frequentativo-diminutivo-pejorativo	escrevinhar, cuspinhar
-iscar	frequentativo-diminutivo	chuviscar, lambiscar
-itar	frequentativo-diminutivo	dormitar, saltitar
-izar	factitivo	civilizar, utilizar

Das outras conjugações apenas a 2.ª possui um sufixo capaz de formar verbos novos em português. É o sufixo *-ecer* (ou *-escer*), característico dos verbos chamados INCOATIVOS, ou seja, dos verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, o seu desenvolvimento:

alvor-ecer	amadur-ecer	envelh-ecer	flor-escer
anoit-ecer	embranqu-ecer	escur-ecer	rejuven-escer

Em verdade, também *-ecer* não é sufixo. Decompõe-se esta terminação em: SUFIXO (*-e[s]c-*) + VOGAL TEMÁTICA (*-e-*) + SUFIXO (*-r*).

Sufixo adverbial

O único SUFIXO ADVERBIAL que existe em português é *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens, mentis* "a mente, o espírito, o intento". Com o sentido

de "intenção" e, depois, com o de "maneira", passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo.

Assim:

boamente = com boa intenção, de maneira boa.

Como o substantivo latino *mens* era feminino (compare-se o português *a mente*), junta-se o sufixo à forma feminina do adjetivo:

bondosa-mente	nervosa-mente
fraca-mente	pia-mente

Desta norma excetuam-se os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em *-ês*: *burgues-mente, portugues-mente*, etc. Mas o fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como *pedrês* e *montês*, ainda hoje conservam. Assim: *um galo pedrês, uma galinha pedrês*; *um cabrito montês, uma cabra montês*. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Numa análise morfológica do adjetivo *desalmado* e do verbo *repatriar*, verificamos imediatamente que:

a) o primeiro é constituído do PREFIXO *des-* + o RADICAL *alm(a)* + o SUFIXO *-ado*.
b) o segundo é formado do PREFIXO *re-* + o RADICAL *pátri(a)* + o SUFIXO *-ar*.

Um exame mais cuidadoso mostra-nos, porém, que, nos dois casos, o prefixo e o sufixo se aglutinaram a um só tempo aos radicais *alm(a)* e *pátri(a)*, pois que não existem – e não existiram nunca – os substantivos *desalma* e *repátria*, nem tampouco o adjetivo *almado* e o verbo *patriar*.

Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se PARASSINTÉTICOS, palavra derivada do grego *pará-* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina).

A PARASSÍNTESE é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* (*en-*) é a de participar desse tipo especial de derivação:

abotoar	amanhecer
embainhar	ensurdecer

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Nos tipos de derivação até aqui estudados a palavra nova resulta sempre do acréscimo de AFIXOS (PREFIXOS ou SUFIXOS) a determinado RADICAL. Neles há, pois, uma constante: a palavra derivada amplia a primitiva.

Existe, porém, um processo de criação vocabular exatamente contrário. É a chamada DERIVAÇÃO REGRESSIVA, que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.

Um exemplo: proveniente da linguagem dos ciganos espanhóis, entrou na gíria portuguesa o termo *gajão* com o significado de "indivíduo finório, velhaco". Por causa deste sentido pejorativo e da presença da final *-ão*, passou ele, com o tempo, a ser considerado simples aumentativo de um suposto substantivo *gajo*, que é hoje a forma corrente.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA tem importância maior na criação dos SUBSTANTIVOS DEVERBAIS ou PÓS-VERBAIS, formados pela junção de uma das vogais *-o*, *-a* ou *-e* ao radical do verbo.

Exemplos:

VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL
abalar	abalo	amostrar	amostra	alcançar	alcance
adejar	adejo	aparar	apara	atacar	ataque
afagar	afago	buscar	busca	cortar	corte
amparar	amparo	caçar	caça	debater	debate
apelar	apelo	censurar	censura	enlaçar	enlace
arrimar	arrimo	ajudar	ajuda	levantar	levante
chorar	choro	comprar	compra	rebater	rebate
errar	erro	perder	perda	resgatar	resgate
recuar	recuo	pescar	pesca	tocar	toque
sustentar	sustento	vender	venda	sacar	saque

Alguns deverbais possuem forma masculina e feminina:

VERBO	DEVERBAL		VERBO	DEVERBAL	
ameaçar	ameaço	ameaça	gritar	grito	grita
custar	custo	custa	trocar	troco	troca

Observação:

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Há um critério prático para a distinção, sugerido pelo filólogo Mário Barreto: "Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário". (*De Gramática e de linguagem*, II, Rio de Janeiro, 1922, p. 247.) Assim: *dança, ataque* e *amparo*, denotadores, respectivamente, das ações de *dançar, atacar* e *amparar*, são formas derivadas; *âncora, azeite* e *escudo*, ao contrário, são as formas primitivas, que dão origem aos verbos *ancorar, azeitar* e *escudar*.

Há, no entanto, quem não considere relevante a origem da base, mas a relação geral VERBO / NOME, que obedeceria, em princípio, a um padrão derivacional, segundo o qual, "dada a existência de um verbo no léxico do Português, é previsível uma relação lexical entre este verbo e um nome X' ". Este padrão pode ser assim formalizado:

$$[X]_V \text{———} [X]_V \text{———} [X']_N$$

Acrescente-se ainda que esse padrão derivacional "pode abarcar o fato de que os verbos muitas vezes se relacionam a nomes morfologicamente básicos, e não apenas a nomes deverbais" (cf. Margarida Basílio. Padrões derivacionais gerais — o fenômeno da nominalização em português. *Revista Brasileira de Linguística*, 5(1):80-81, 1978).

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo.

Assim:

Ele examinou **os prós** e **os contras** da proposta.
Esperava **um sim** e recebeu **um não**.

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, e por ele se explica a passagem:

a) de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadame* (de MacAdam), *quixote*;
b) de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira*;
c) de adjetivos a substantivos: *capital, circular, veneziana*;
d) de substantivos a adjetivos: *burro*, (café)-*concerto*, (colégio)-*modelo*;
e) de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: *silêncio! bravo! viva!*
f) de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer*;
g) de verbos e advérbios a conjunções: *quer... quer, já... já*;

h) de particípios (presentes e passados) a preposições: *mediante, salvo*;
i) de particípios (passados) a substantivos e adjetivos: *conteúdo, resoluto.*

Observação:

A rigor, a DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA (também denominada CONVERSÃO, HABILITAÇÃO ou HIPÓSTASE por linguistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO

A COMPOSIÇÃO, já o sabemos, consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, o de um doce; *vitória-régia*, o de uma planta.

Tipos de composição

1. Quanto à FORMA, os elementos de uma palavra composta podem estar:

a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

beija-flor	bem-me-quer	madrepérola
segunda-feira	pé-de-meia	tira-teima

b) intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica:

aguardente (água + ardente)	pernalta (perna + alta)
embora (em + boa + hora)	viandante (via + andante)

Daí distinguir-se a COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO da COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO, diferença que a escrita procura refletir, pois que na JUSTAPOSIÇÃO os elementos componentes vêm em geral ligados por hífen, ao passo que na AGLUTINAÇÃO eles se juntam num só vocábulo gráfico.

Observação:

Reitere-se que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos:

passatempo, varapau, etc.; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica: *pai de família, fim de semana, Idade Média*, etc.

2. Quanto ao SENTIDO, distingue-se numa palavra composta o elemento DETERMINADO, que contém a ideia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o DETERMINADO, e *modelo* o DETERMINANTE. Em *mãe-pátria*, ao inverso, *mãe* é o DETERMINANTE, e *pátria* o DETERMINADO.
   Nos compostos tipicamente portugueses, o DETERMINADO de regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, observa-se exatamente o contrário – o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral. Assim:

   agricultura = cultivo do campo,
   suaviloquência = linguagem suave,
   mundividência = visão do mundo,
   etc.

Observação:

Como o DETERMINANTE encerra a noção mais característica, muitas vezes por si só designa o objeto. Assim: *capital* (por *cidade capital*), *vapor* (por *barco a vapor*).

3. Quanto à CLASSE GRAMATICAL dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:
   1.º) SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO:

   manga-rosa porco-espinho tamanduá-bandeira

   2.º) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

   pé-de-meia arco-da-velha cor-de-rosa

   3.º) SUBSTANTIVO + ADJETIVO:
   a) com o adjetivo posposto ao substantivo:

   aguardente amor-perfeito criado-mudo

   b) com o adjetivo anteposto ao substantivo:

   alto-forno belas-artes gentil-homem

4.º) ADJETIVO + ADJETIVO:

azul-marinho luso-brasileiro tragicômico

5.º) NUMERAL + SUBSTANTIVO:

mil-folhas segunda-feira trigêmeo

6.º) PRONOME + SUBSTANTIVO:

meu-bem nossa-amizade Nosso Senhor

7.º) VERBO + SUBSTANTIVO:

beija-flor guarda-roupa cata-vento

8.º) VERBO + VERBO:

corre-corre perde-ganha vaivém

9.º) ADVÉRBIO + ADJETIVO:

bem-bom mal-educado sempre-viva

10.º) ADVÉRBIO (ou ADJETIVO EM FUNÇÃO ADVERBIAL) + VERBO:

bem-aventurar maldizer vangloriar-se

Observações:

1.º) No último grupo poderíamos incluir os numerosos compostos de *bem* e *mal* + SUBSTANTIVO ou ADJETIVO, porque, neles, tanto o substantivo como o adjetivo são quase sempre derivados de verbos, cuja significação ainda conservam. Assim: *bem-aventurança, bem-aventurado, benquerença, bem-vindo, maldizente, mal-encarado, malfeitor, malsoante*, etc.

2.º) Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumeramos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: *bem-te-vi, bem-te-vi-do-bico-chato, louva-a-deus, malmequer, não-me-deixes, não-me-toques, não-te-esqueças-de-mim* (miosótis), etc.

3.º) Empregamos muitas palavras compostas que não são, propriamente, formações portuguesas. Assim, *couve-flor* é tradução do francês *chou-fleur*; *café-concerto*

é também de origem francesa; *bancarrota* provém do italiano *bancarotta*; *vinagre* chegou-nos, provavelmente, por intermédio do espanhol *vinagre*, originário, por sua vez, de uma forma catalã idêntica.

4.º) Algumas palavras de importação que aparentam forma simples são compostas nas línguas de origem. É o caso, por exemplo, de *oxalá*, derivado do árabe *wa sa llâh* (= e queira Deus); e de *aleluia*, proveniente do hebraico *hallelu Yah* (= louvai ao Senhor).

COMPOSTOS ERUDITOS

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante do segundo.

Examinaremos, a seguir, os principais radicais latinos e gregos que participam dessas formações, distribuindo-os por dois grupos, de acordo com a posição que ocupam no composto.

Radicais latinos

1. Entre outros, funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, em geral terminados em *-i*:

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícola
avi-	avis, -is	ave	avifauna
bis- **bi-**	bis	duas vezes	bisavô bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	equilátero
ferri- **ferro-**	ferrum, -i	ferro	ferrífero ferrovia
igni-	ignis, -is	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
olei- **oleo-**	oleum, -i	azeite, óleo	oleígeno oleoduto
oni- **pedi-** **pisci-**	omnis, -e pes, pedis piscis, -is	todo pé peixe	onipotente pedilúvio piscicultor
quadri- **quadru-**	quattuor	quatro	quadrimotor quadrúpede
reti-	rectus, -a, -um	reto	retilíneo
sesqui-	sesqui-	um e meio	sesquicentenário
tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus, -a, -um	um	uníssono
vermi-	vermis, -is	verme	vermífugo

2. Como segundo elemento da composição, empregam-se:

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	regicida, fratricida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Radicais gregos

1. Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos, fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos.

Entre os mais usados, podemos indicar os seguintes, que servem geralmente de primeiro elemento da composição:

Forma	Sentido	Exemplos
anemo-	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
caco-	mau	cacofonia, cacografia
cali-	belo	califasia, caligrafia
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronômetro
da(c)tilo-	dedo	da(c)tilografia, da(c)tiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
di-	dois	dipétalo, dissílabo
enea-	nove	eneágono, eneassílabo
etno-	raça	etnografia, etnologia
farmaco-	medicamento	farmacologia, farmacopeia
fisio-	natureza	fisiologia, fisionomia
helio-	sol	heliografia, helioscópio
hemi-	metade	hemisfério, hemistíquio
hemo- **hemato-**	sangue	hemoglobina, hematócrito
hepta-	sete	heptágono, heptassílabo
hexa-	seis	hexágeno, hexâmetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homógrafo
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
iso-	igual	isócrono, isóscele(s)
lito-	pedra	litografia, litogravura
mega(lo)-	grande	megatério, megalomaníaco
melo-	canto	melodia, melopeia
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia

Forma	Sentido	Exemplos
miria-	dez mil	miriâmetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fábula	mitologia, mitômano
necro-	morto	necrópole, necrotério
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro- **nevro-**	nervo	neurologia, nevralgia
octo-	oito	octossílabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopeia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	reto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
paleo-	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
pedo-	criança	pediatria, pedologia
potamo-	rio	potamografia, potamologia
psico-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiróptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo-	raiz	rizófilo, rizotônico
sidero-	ferro	siderólita, siderurgia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
teo-	deus	teocracia, teólogo
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
xeno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xilo-	madeira	xilógrafo, xilogravura
zoo-	animal	zoógrafo, zoologia

Observação:

Como vemos, a maioria destes radicais assume na composição uma forma terminada em *-o*. Alguns empregam-se também como segundo elemento do composto. É o caso, por exemplo, de *-antropo* (*filantropo*), *-crono* (*isócrono*), *-dáctilo* (*pterodáctilo*), *-filo* (*germanófilo*), *-lito* (*aerólito*), *-pótamo* (*hipopótamo*) e outros.

2. Funcionam, preferentemente, como segundo elemento da composição, entre outros, estes radicais gregos:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
-algia	dor	cefalalgia, nevralgia
-arca	que comanda	heresiarca, monarca
-arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
-astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia
-céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
-cracia	poder	democracia, plutocracia
-doxo	que opina	heterodoxo, ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
-edro	base, face	pentaedro, poliedro
-fagia	ato de comer	aerofagia, antropofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
-fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
-fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
-foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
-gamia	casamento	monogamia, poligamia
-gamo	que casa	bígamo, polígamo
-gêneo	que gera	heterogêneo, homogêneo
-glota, -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia
-grafo	que escreve	calígrafo, polígrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia

Forma	Sentido	Exemplos
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-mancia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monomania
-mano	louco, inclinado	bibliômano, mitômano
-maquia	combate	logomaquia, tauromaquia
-metria	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrômetro, pentâmetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autônomo, metrônomo
-peia	ato de fazer	melopeia, onomatopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	díptero, helicóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, microscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-stico	verso	dístico, monóstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barítono, monótono

RECOMPOSIÇÃO

Pseudoprefixos

Certos radicais latinos e gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas. Assim *auto-* (do grego *autós* = próprio, de si mesmo), que ainda se emprega com o valor originário em numerosos compostos (por exemplo: *autodidata* = que estudou por si mesmo; *autógrafo* = escrito do próprio autor), passou, com a vulgarização de *auto*, forma abreviada de *automóvel* (= veículo movido por si mesmo), a ter este significado em uma série de novos compostos: *autoestrada*, *autódromo*, etc. Também o radical *electro-* (do grego *eléctron* = âmbar), pela propriedade que apresenta o âmbar de atrair os corpos leves,

veio a aplicar-se a tudo o que se relaciona com a "eletricidade": *electrodinâmica*, *electroscópio*, *electroterapia*, etc.

Estes radicais que assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se PSEUDOPREFIXOS ou PREFIXOIDES.[7]

Os PSEUDOPREFIXOS caracterizam-se:

a) por apresentarem um acentuado grau de independência;
b) por possuírem "uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma";[8]
c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Cumpre-nos, pois, fazer distinção entre os PSEUDOPREFIXOS e os RADICAIS ERUDITOS que não apresentam esse comportamento especial. O critério básico para tal distinção é a deriva semântica que se evidencia quando, processada a "decomposição", os elementos ingressam noutras formações com sentido diverso do etimológico.

A deriva semântica desses elementos decorre, portanto, de um procedimento especial, denominado RECOMPOSIÇÃO por André Martinet, termo que lhe pareceu necessário para batizar "uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supõe a combinação de elementos de estatuto diferente".[9]

Eis uma lista de PSEUDOPREFIXOS, ilustrada com exemplos:

PSEUDOPREFIXO	EXEMPLOS
aero-	aeroclube, aeromoça
agro-	agroindustrial, agropecuária
arqui-	arquibanco, arquimilionário
astro-	astronauta, astronave
auto-	autoestrada, autopeça
bio-	biociência, biodegradável

[7] Leiam-se, a propósito, as considerações de Iorgu Iordan e Maria Manoliu. *Manual de linguística románica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar, t. II, Madrid, Gredos, 1972, p. 44-49; J. G. Herculano de Carvalho. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 547-554; Li Ching. *Boletim de Filologia*, 22:213-225.

[8] J. G. Herculano de Carvalho. *Obra cit.*, p. 554.

[9] *Eléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967, p. 135.

Pseudoprefixo	Exemplos
cine-	cineclube, cinerama
demo-	demofilia, demologia
electro-	electrodoméstico, electromagnético
fono-	fonoestilística, fonovisão
foto-	fotomontagem, fotonovela
geo-	geoeconômico, geopolítico
hetero-	heteroagressão, heterorrelação
hidro-	hidroeléctrica, hidrogenização
inter-	interestadual, inter-racial
macro-	macroeconomia, macrobiótica
maxi-	maxidesvalorização, maxissaia
micro-	microfilme, micro-onda
mini-	minifúndio, minissaia
mono-	monobloco, monomotor
moto-	motomecanização, motonave
multi-	multifacetado, multinacional
pluri-	pluripartidarismo, plurisseriado
poli-	policlínica, polimorfismo
proto-	proto-história, protomártir
pseudo-	pseudointelectual, pseudorrealismo
radio-	radiojornal, radioteatro
retro-	retrocontagem, retrovisor
semi-	semioficial, semivogal
tele-	teleguiado, televisão
termo-	termodinâmica, termonuclear

HIBRIDISMO

São PALAVRAS HÍBRIDAS, ou HIBRIDISMOS, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. Assim, em *automóvel* o primeiro radical é grego e o segundo latino, em *sociologia*, ao contrário, o primeiro é latino e o segundo grego.

As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las. É o caso das palavras mencionadas e de outras, como

bicicleta	endovenoso	neolatino
bígamo	monóculo	oleografia

Observação:

Com razão, observa Matoso Câmara Jr.: "Esses compostos decorrem, em princípio, da circunstância de os elementos se terem integrado no mecanismo da língua que faz a composição, e a sua origem diversa só ter um sentido diacrônico" (*Dicionário de filologia e gramática*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964, p. 180).

ONOMATOPEIA

As ONOMATOPEIAS são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos:

tique-taque zás-trás zum-zum

Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopeica.

Assim:

ciciar	cicio (da cigarra)
coaxar	coaxo (da rã, do sapo)

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), *ônibus* (por *auto-ônibus*), *pneu* (por *pneumático*), *quilo* (por *quilograma*), etc. Em todos eles a forma abreviada assumiu o sentido da forma plena.

Siglas

Também moderno – e cada vez mais generalizado – é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras SIGLAS, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Atualmente, instituições de natureza vária – como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações operárias, patronais, estudantis, culturais, recreativas, etc. – são, em geral, mais conhecidas pelas SIGLAS do que pelas denominações completas. Assim:

AD	=	Aliança Democrática
APU	=	Aliança Povo Unido
CD	=	Compact Disc
CGT	=	Confédération Générale du Travail
DEM	=	Democratas
DVD	=	Digital Video Disc
Enem	=	Exame Nacional de Ensino Médio
EU (EU)	=	European Union (União Europeia)
FIFA	=	Fédération Internationale de Football Association
FRELIMO	=	Frente de Libertação de Moçambique
Inep	=	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MPLA	=	Movimento Popular de Libertação de Angola
OEA	=	Organização dos Estados Americanos
ONU	=	Organização das Nações Unidas
OUA	=	Organização de Unidade Africana
PAIGC	=	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PC	=	Personal Computer
PCP	=	Partido Comunista Português
PDS	=	Partido Democrático Social
PDT	=	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	=	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP	=	Partido Progressista
PPM	=	Partido Popular Monárquico
PPS	=	Partido Popular Socialista
PS	=	Partido Socialista
PSB	=	Partido Socialista Brasileiro
PSD	=	Partido Social Democrático
PSDB	=	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	=	Partido dos Trabalhadores
PTB	=	Partido Trabalhista Brasileiro
PV	=	Partido Verde
STF	=	Supremo Tribunal Federal
TAP	=	Transportes Aéreos Portugueses
UNE	=	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	=	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

E não é só. Uma vez criada e vulgarizada, a SIGLA passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *cegetista*, *petebista*, etc.

Observação:

Nem sempre uma instituição é conhecida pela mesma sigla em Portugal e no Brasil. No Brasil, por exemplo, denomina-se OTAN (= Organização do Tratado do Atlântico Norte) o organismo que em Portugal se chama NATO (= North Atlantic Treaty Organization), por ter-se aí vulgarizado a sigla inglesa.

Por vezes há diferença de acentuação da sigla nos dois países. Diz-se, por exemplo, ONÚ em Portugal e ÔNU no Brasil.

Capítulo 7

Frase, oração, período

A FRASE E SUA CONSTITUIÇÃO

1. FRASE é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação.
   A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar FRASES denomina-se SINTAXE.

2. A FRASE pode ser constituída:
   1.º) de uma só palavra:

   Fogo! **Atenção!** **Silêncio!**

   2.º) de várias palavras, entre as quais se inclui ou não um verbo:
   a) com verbo:

   Alguns anos **vivi** em Itabira.
   (C. Drummond de Andrade, *R*, 45.)

   b) sem verbo:

   Que inocência! Que aurora! Que alegria!
   (Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

3. A FRASE é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação. Nas frases organizadas com verbo, a entoação caracteriza o fim do enunciado, geralmente seguido de forte pausa. É o caso destes exemplos:

Bate o vento no postigo... /
Cai a chuva lentamente...
(Da Costa e Silva, *PC*, 307.)

Se a frase não possui verbo, a melodia é a única marca por que podemos reconhecê-la. Sem ela, frases como

Atenção! Que inocência! Que alegria!

seriam simples vocábulos, unidades léxicas sem função, sem valor gramatical.

Observação:

O estudo da frase e o da organização dos elementos que a constituem pressupõem o conhecimento de alguns conceitos nem sempre fáceis de definir. Essa dificuldade resulta não só da própria natureza do assunto, mas também das diferenças dos métodos e técnicas de análise adotados pela linguística clássica e pelas principais correntes da linguística contemporânea.

Neste capítulo, evitar-se-ão discussões teóricas que não tragam esclarecimentos ao estudo descritivo-normativo da sintaxe portuguesa, que é o nosso objetivo principal.

FRASE E ORAÇÃO

A FRASE pode conter uma ou mais ORAÇÕES.

1.º) Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) uma só forma verbal, clara ou oculta:

O dia **decorreu** sem sobressalto.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 491.)

Na cabeça, aquela bonita coroa.
(J. Montello, *A*, 32.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma LOCUÇÃO VERBAL:

— **Podem vir** os dois...
(V. Nemésio, *MTC*, 446.)

Tudo de repente **entrou a viver** uma vida secreta de luz.
(Autran Dourado, *TA*, 13.)

2.º) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto:

Fechei os olhos, / meu coração **doía**.
(Luandino Vieira, *NANV*, 75.)

Busco, / volto, / abandono, / e **chamo** de novo.
(A. Bessa Luís, *AM*, 38.)

O Negrinho **começou a chorar**, / enquanto os cavalos **iam pastando**.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 332.)

Os anos **são** degraus; / a vida, a escada.
(F. de Castro, *ANE*, 73.)

Observação:

A LOCUÇÃO VERBAL é o conjunto formado de um VERBO AUXILIAR + um VERBO PRINCIPAL. Enquanto o último vem sempre numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO, GERÚNDIO, PARTICÍPIO), o primeiro pode vir:

a) numa FORMA FINITA (INDICATIVO, IMPERATIVO, SUBJUNTIVO):

A viticultura **foi**-se **alargando** talvez a partir do terceiro século.
(A. Sérgio, E, *VIII*, 65.)

— **Vá deitar**-se, / **vá coçar** as pulgas / e **descansar**.
(G. Ramos, *AOH*, 117.)

— Você crê deveras que / **venhamos a ser** grandes homens?
(Machado de Assis, *OC*, I, 984.)

b) numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO ou GERÚNDIO):

Ah, não **poder subir** na sombra
Como um ladrão que escala um muro!
(Ribeiro Couto, *PR*, 333.)

Doente, quase não **podendo andar**, fui ter com o Evaristo.
(A. Nobre, *CI*, 156.)

ORAÇÃO E PERÍODO

1. PERÍODO é a frase organizada em oração ou orações. Pode ser:

a) SIMPLES, quando constituído de uma só oração:

Cai o crepúsculo.
(Da Costa e Silva, *PC*, 281.)

Nunca mais recobrou por inteiro a saúde.
(A. Bessa Luís, *S*, 186.)

b) COMPOSTO, quando formado de duas ou mais orações:

Não bulia uma folha, / não cintilava um luzeiro.
(A. Ribeiro, *ES*, 211.)

O senhor tirou o cigarro, / bateu-o na tampa da cigarreira, / levou-o ao canto dos lábios, / premiu a mola do isqueiro.
(J. Montello, *SC*, 173.)

2. O PERÍODO termina sempre por uma pausa bem definida, que se marca na escrita com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ESSENCIAIS

SUJEITO E PREDICADO

1. São termos essenciais da oração o SUJEITO e o PREDICADO.
O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO. Assim, na oração

Este aluno obteve ontem uma boa nota,

temos:

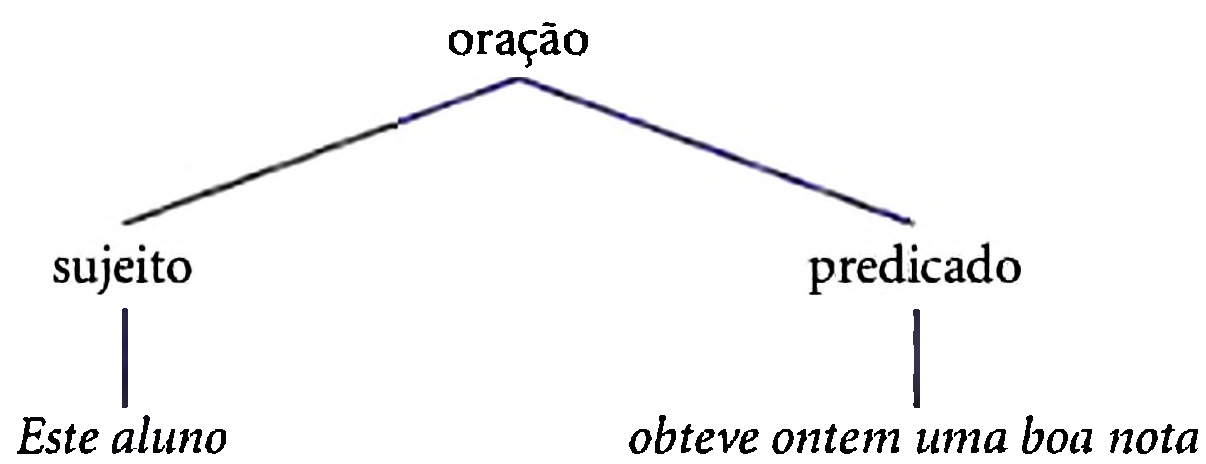

2. Nem sempre o SUJEITO e o PREDICADO vêm materialmente expressos. Assim, em

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento.
(F. Pessoa, *OP*, 59.)

o sujeito de *andei* é *eu*, indicado apenas pela desinência verbal.

Já em

> Boa cidade, Santa Rita.
> (M. Palmério, *VC*, 298.)

é a forma verbal *é* que está subentendida.
Chamam-se ELÍPTICAS as orações a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o SUJEITO ou o PREDICADO estão ELÍPTICOS.

SINTAGMA NOMINAL E VERBAL

1. Na oração:

> Este aluno obteve ontem uma boa nota,

distinguimos duas unidades maiores:
a) o SUJEITO: *este aluno*;
b) o PREDICADO: *obteve ontem uma boa nota.*

Examinando, porém, o SUJEITO, vemos que ele é formado de duas palavras:

> *este aluno*

O demonstrativo *este* é um determinante (DET) do substantivo (N) *aluno*, palavra que constitui o NÚCLEO da unidade.
Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN).
A oração que estamos estudando apresenta, assim, dois SINTAGMAS NOMINAIS:
a) SN^1 = *este aluno*;
b) SN^2 = *uma boa nota.*

2. Podem ocorrer muitos SINTAGMAS NOMINAIS (SN) na oração, mas somente um deles será o SUJEITO. E, como veremos adiante, a sua posição, na ordem direta e lógica do enunciado, é à esquerda do verbo. Os demais SINTAGMAS NOMINAIS encaixam-se no PREDICADO.

3. O substantivo, núcleo de um sintagma nominal, admite a presença de DETERMINANTES (DET) — que são os artigos, os numerais e os pronomes adjetivos — e de MODIFICADORES (MOD), que, no caso, são os adjetivos ou expressões adjetivas.

Os dois sintagmas nominais da oração em exame podem ser assim esquematizados:

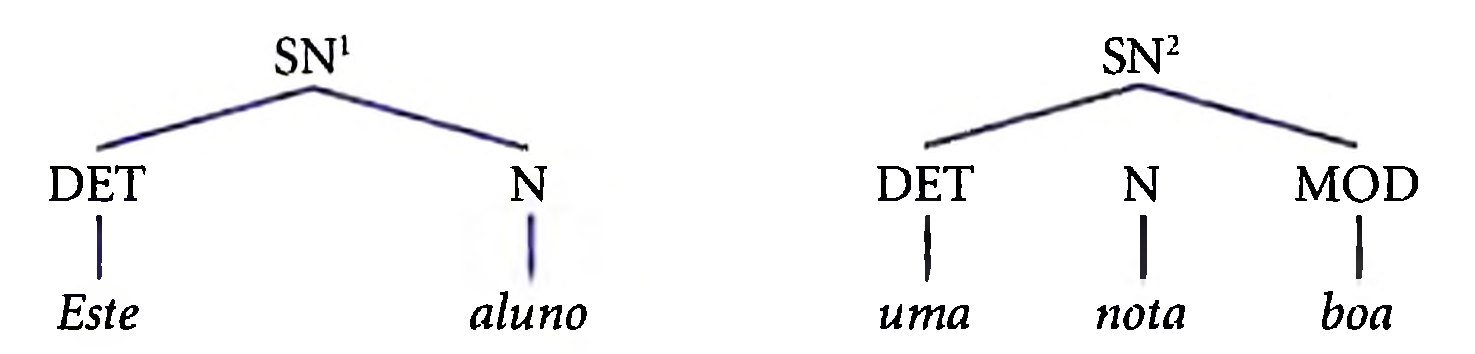

4. O SINTAGMA VERBAL (SV) constitui o predicado. Nele há sempre um verbo, que, quando SIGNIFICATIVO, é o seu núcleo.
O SINTAGMA VERBAL pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbios ou expressões adverbiais (MOD).
A oração que nos serve de exemplo obedece, pois, ao seguinte esquema:

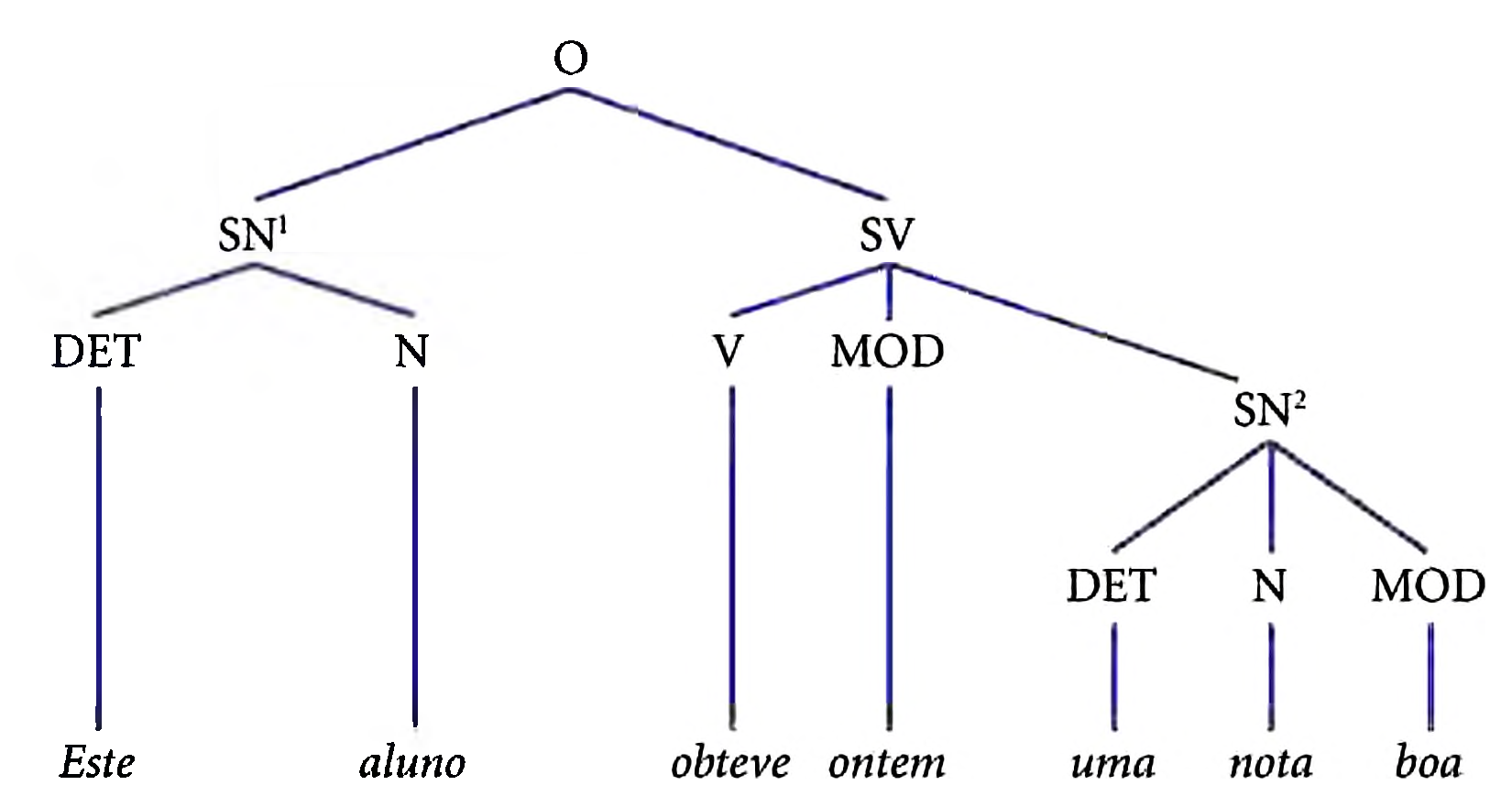

O SUJEITO

REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO

Os SUJEITOS da 1.ª e da 2.ª pessoa são, respectivamente, os pronomes pessoais *eu* e *tu*, no singular; *nós* e *vós* (ou combinações equivalentes: *eu* e *tu*, *tu* e *ele*, etc.), no plural.

Os SUJEITOS da 3.ª pessoa podem ter como núcleo:

a) um substantivo:

> **Matilde** entendia disso.
> (A. Bessa Luís, *OM*, 170.)

Os **olhos** dela estavam secos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 495.)

b) os pronomes pessoais *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural):

Estavam de braços dados, **ele** arrumava a gravata, **ela** ajeitava o chapéu.
(É. Veríssimo, *LS*, 128.)

— Esperam que **eles** as tomem?...
(Alves Redol, *BC*, 333.)

c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

Isto não lhe arrefece o ânimo?
(A. Abelaira, *NC*, 35.)

Achava consolo nos livros, **que** o afastavam cada vez mais da vida.
(É. Veríssimo, *LS*, 131.)

Quem disse isso?
(F. Botelho, *X*, 150.)

Tudo parara ao redor de nós.
(C. Lispector, *BF*, 81.)

d) um numeral:

Os **dois** riram-se satisfeitos.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 65.)

Ambos alteraram os roteiros originais.
(N. Piñon, *FD*, 86.)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

Infanta, no exílio amargo,
só o **existirdes** me consola.
(T. da Silveira, *PC*, 367.)

O **por fazer** é só com Deus.
(F. Pessoa, *OP*, 16.)

f) uma oração substantiva subjetiva:

Era forçoso / **que fosse assim.**
(A. Sérgio, E, *IV*, 245.)

Valeria a pena / **discutir com o Benício?**
(J. Montello, *SC*, 16.)

SUJEITO SIMPLES E SUJEITO COMPOSTO

SUJEITO SIMPLES. Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o SUJEITO é SIMPLES. Esse o caso do sujeito de todos os exemplos atrás mencionados.

SUJEITO COMPOSTO. É COMPOSTO o sujeito que tem mais de um núcleo, ou seja, o sujeito constituído de:

a) mais de um substantivo:

As **vozes** e os **passos** aproximam-se.
(M. da Fonseca, *SV*, 248.)

Pai jovem, **mãe** jovem não deixam menino solto.
(G. Amado, *HMI*, 49.)

b) mais de um pronome:

Ele e **eu** somos da mesma raça.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 98.)

Não vivo sem a sua sombra, **você** e **eu** sabemos.
(N. Piñon, *CC*, 12.)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

Falam por mim **os abandonados de justiça, os simples de coração.**
(C. Drummond de Andrade, *R*, 148.)

Quantos **mortos** e **feridos** não me precederam ali.
(N. Piñon, *CC*, 16.)

d) mais de uma oração substantiva:

> Era melhor **esquecer o nó** e **pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.**
> (G. Ramos, *VS*, 83.)

> Dir-se-ia **que o pano do palco se havia levantado** e **que iam surgir, pelas entradas laterais, as demais figuras da peça.**
> (J. Montello, *LE*, 108.)

Observação:

Outras combinações podem entrar na formação do SUJEITO COMPOSTO, sendo particularmente comum a de pronome + substantivo, ou vice-versa:

> Éramos, meu **pai** e **eu**
> E **um** negro, negro **cavalo.**
> (V. de Morais, *PCP*, 286.)

SUJEITO OCULTO (DETERMINADO)

É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação faz-se:

a) pela desinência verbal:

> Fica**mos** um bocado sem falar.
> (L. B. Honwana, *NMCT*, 10.)

[O sujeito de *ficamos*, indicado pela desinência *-mos*, é *nós*.]

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

> **Soropita** ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 467.)

[O sujeito de *viera*, *dormira* e *retornava* é *Soropita*, mencionado na primeira oração, antes de *viera*.]

> **Guilhermina** bocejou. Iria adormecer? Pôs-se a calcular as horas.
> (C. de Oliveira, *CD*, 115.)

[O sujeito de *bocejou*, *iria adormecer* e *pôs-se a calcular* é *Guilhermina*, mencionado no primeiro período, antes de *bocejou*.]

Observação:

Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência pessoal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

> Antes de comunicar-vos uma descoberta que considero de algum interesse para o nosso país, deixai que vos agradeça.

o sujeito de *considero*, indicado pela desinência *-o*, é *eu*, também sujeito de *comunicar*, verbo na forma infinitiva sem desinência pessoal.

Vejamos um caso similar, com o verbo na forma finita:

> Hoje, à tardinha, acabado o jantar, enquanto esperava a chegada de João, estirei-me no sofá e adormeci.

Eu, sujeito de *estirei-me* e *adormeci*, é também o sujeito de *esperava*, forma verbal finita sem desinência pessoal.

SUJEITO INDETERMINADO

Algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos então, que o SUJEITO é INDETERMINADO.

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo:

a) ou na 3.ª pessoa do plural:

> — **Contaram**-me, quando eu era pequenina, a história duns náufragos, como nós.
> (A. Ribeiro, *SBAM*, 265.)

> **Reputavam**-no o maior comilão da cidade.
> (C. dos Anjos, *MS*, 44.)

b) ou na 3.ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

> Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
> (A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

> **Precisa-se** do carvalho; não **se precisa** do caniço.
> (C. dos Anjos, *MS*, 381.)

Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz.
(Machado de Assis, *OC*, I, 520 P.)

Os dois processos de indeterminação podem concorrer num mesmo período:

Na Casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.
(A. M. Machado, *JT*, 13.)

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Não deve ser confundido o SUJEITO INDETERMINADO, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito.

Em orações como as seguintes

Chove.
Anoitece.
Faz frio.

interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é IMPESSOAL; e o sujeito, INEXISTENTE.

Eis os principais casos de inexistência do sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

Anoitecia e tinham acabado de jantar.
(É. Veríssimo, *LS*, 147.)

De volta, com a garrafa na mão, apenas **chuviscava**.
(L. Jardim, *MP*, 49.)

Amanheceu a chover.
(A. Botto, *AO*, 235.)

Era março e ainda **fazia frio**.
(M. Torga, *NCM*, 120.)

b) com o verbo *haver* na acepção de "existir":

Ainda **há** jasmins, ainda **há** rosas,
Ainda **há** violões e modinhas
Em certas ruas saudosas.
(Ribeiro Couto, *PR*, 315.)

Na sala **havia** ainda três quadros do pintor.
(F. Namora, *DT*, 206.)

c) com os verbos *haver*, *fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

Morava no Rio **havia** muitos anos, desligado das coisas de Minas.
(C. dos Anjos, *MS*, 327.)

Faz hoje oito dias que comecei.
(A. Abelaira, *B*, 133.)

Vai para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo.
(M. Bandeira, *PP*, II, 338.)

d) com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

Era inverno na certa no alto sertão.
(J. Lins do Rego, *ME*, 57.)

Era por altura das lavouras.
(A. Bessa Luís, *S*, 187.)

Observações:

1.ª) Nas orações impessoais, o verbo *ser* concorda em número e pessoa com o predicativo. Veja-se, a propósito, o capítulo 13.

2.ª) Também ocorre a impessoalidade nas locuções verbais:

Como **podia haver** tantas casas e tanta gente?
(G. Ramos, *VS*, 114.)

Devo estar esfacelada, **deve haver** pedaços de mim por todos os cantos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 56.)

3.ª) Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver*. Escritores modernos — e alguns dos maiores — não têm duvidado em alçar a construção à língua literária.

Comparem-se estes passos:

Hoje **tem** festa no brejo!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 16.)

Em Pasárgada **tem** tudo,
É outra civilização...
(M. Bandeira, *PP*, 222.)

O uso de *ter* impessoal deve estender-se ao português das nações africanas. De sua vitalidade em Angola há abundante documentação na obra de Luandino Vieira.

Comparem-se, por exemplo, estes passos:

Não **tem** morte para o riso, não **tem** morte.
(*NM*, 74.)

— Aqui **tem** galinha, **tem** quintal...
(*L*, 63.)

Verdes amores não **tem** mais, nunca mais.
(*NM*, 62.)

4.ª) Em sentido figurado, os verbos que exprimem fenômenos da natureza podem ser empregados com sujeito:

Dormiu mal, mas **amanheceu** alegre.
(É. Veríssimo, *LS*, 146.)

Choviam os ditos ao passo que ela seguia pelas mesas.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

DA ATITUDE DO SUJEITO

Com os verbos de ação

Quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.

Neste exemplo,

Maria levantou o menino,

o sujeito *Maria* executa a ação expressa pela forma verbal *levantou*. O sujeito é, pois, o AGENTE.

Neste exemplo,

O menino foi levantado por Maria,

a ação não é praticada pelo sujeito *o menino*, mas pelo agente da passiva — *Maria*. O sujeito, no caso, sofre a ação; é dela o PACIENTE.

Neste exemplo,

Maria levantou-se,

a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito *Maria*. O sujeito é então, a um tempo, o AGENTE e o PACIENTE dela.

Observação:

Como vemos, na voz ativa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJETO DIRETO. Na voz passiva, o OBJETO (paciente) torna-se o SUJEITO do verbo.

Com os verbos de estado

Quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve:

Pedro é magro.
Antônio permanece doente.
O porteiro ficou pálido.

Observação:

Incluem-se naturalmente entre os verbos que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado, os incoativos como *adoecer, emagrecer, empalidecer*, equivalentes a *ficar doente, ficar magro, ficar pálido.*

O PREDICADO

O PREDICADO pode ser NOMINAL, VERBAL ou VERBO-NOMINAL.

PREDICADO NOMINAL

O PREDICADO NOMINAL é formado por um VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO.

1. O VERBO DE LIGAÇÃO pode expressar:

a) estado permanente:

Hilário **era** o herdeiro da quinta.
(C. de Oliveira, *CD*, 90.)

Eu **sou** a tua sombra.
(N. Piñon, *FD*, 38.)

b) estado transitório:

O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.
(Castro Soromenho, *TM*, 236.)

— Você não **anda** um pouco fatigado pelo excesso de trabalho?
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

c) mudança de estado:

Receava que eu **me tornasse** ingrato.
(A. Abelaira, *NC*, 14.)

Amaro **ficou** muito perturbado.
(É. Veríssimo, *LS*, 137.)

d) continuidade de estado:

Calada estava, calada **permaneceu**.
(J. Condé, *C*, 4.)

O Barbaças **continuava** alheado e sorridente.
(F. Namora, *TJ*, 177.)

e) aparência de estado:

Ela **parecia** uma figura de retrato.
(Autran Dourado, *TA*, 14.)

Os ventos **pareciam** quietos naquela noite.
(Alves Redol, *BC*, 62.)

Observação:

Os VERBOS DE LIGAÇÃO (ou COPULATIVOS) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicativo.

Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam em determinado texto a fim de classificá-los com acerto.

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Estavas triste.	Estavas em casa.
Andei muito preocupado.	Andei muito hoje.
Fiquei pesaroso.	Fiquei no meu posto.
Continuamos silenciosos.	Continuamos a marcha.

Nas primeiras, os verbos *estar, andar, ficar* e *continuar* são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.

2. O PREDICATIVO pode ser representado:

a) por substantivo ou expressão substantivada:

— O boato é um **vício** detestável.
(C. de Oliveira, *AC*, 183.)

Todo momento de achar é **um perder-se a si próprio.**
(C. Lispector, *PSGH*, 12.)

b) por adjetivo ou locução adjetiva:

A praia estava **deserta.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 11.)

— Esta linha é **de morte.**
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

c) por pronome:

Vou calar-me e fingir que eu sou **eu**...
(A. Renault, *LSL*, XVIII.)

O mito é o nada que é **tudo**.
(F. Pessoa, *OP*, 8.)

d) por numeral:

Nós éramos **cinco** e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 5.)

Tua alma o um que são **dois** quando dois são **um**...
(F. Pessoa, *OP*, 298.)

e) por oração substantiva predicativa:

A verdade é / **que eu nunca me ralara muito com isso.**
(M. J. de Carvalho, *AV*, 107.)

Uma tarefa fundamental é / **preservar a história humana.**
(N. Piñon, *FD*, 73.)

Observações:

1.ª) O pronome *o*, quando funciona como PREDICATIVO, é demonstrativo:

Cada coisa é **o** que é.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Eu era **o** que eles me designassem.
(N. Piñon, *CC*, 13.)

2.ª) O PREDICATIVO pode referir-se ao OBJETO, aplicação esta que estudaremos adiante.

3.ª) Quando se deseja dar ênfase ao PREDICATIVO, costuma-se repeti-lo:

— **Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria**, já **o** não sou.
(A. Herculano, *LN*, I, 282.)

Tive depois motivo para crer que **o perverso e a peste** fora-**o** ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço.
(R. Pompeia, *A*, 50.)

É o que se chama PREDICATIVO PLEONÁSTICO.

PREDICADO VERBAL

O PREDICADO VERBAL tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO.

VERBOS SIGNIFICATIVOS são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Verbos intransitivos

Nestas orações de Da Costa e Silva,

Sobe a névoa... A sombra **desce**...
(*PC*, 281.)

verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais *sobe* e *desce*. Tais verbos são, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, não TRANSITIVOS: a ação não vai além do verbo.

Verbos transitivos

Nestas orações de Fernanda Botelho,

Ele não **me agradece**, / nem eu **lhe dou tempo**.
(*X*, 41.)

vemos que as formas verbais *agradece* e *dou* exigem certos termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o pronome *me* na primeira oração, o pronome *lhe* e o substantivo *tempo* na segunda), estes verbos chamam-se TRANSITIVOS.

Os verbos TRANSITIVOS podem ser DIRETOS, INDIRETOS, ou DIRETOS E INDIRETOS ao mesmo tempo.

1. VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Nestas orações de Agustina Bessa Luís,

Vou ver o doente.
(*OM*, 206.)

Ela **invejava os homens**.
(*OM*, 207.)

a ação expressa por *vou ver* e *invejava* transmite-se a outros elementos (*o doente* e *os homens*) diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. São, por isso, chamados VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS, e o termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de OBJETO DIRETO.

2. VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Nestes exemplos,

Da janela da cozinha, as mulheres **assistiam à cena**.
(R. de Queirós, *TR*, 15.)

Perdoem ao pobre tolo.
(C. dos Anjos, *DR*, 235.)

a ação expressa por *assistiam* e *perdoem* transita para outros elementos da oração (*a cena* e *o pobre tolo*) indiretamente, isto é, por meio da preposição *a*. Tais verbos são, por conseguinte, TRANSITIVOS INDIRETOS. O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.

3. VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS
Nestes exemplos,

O sucesso do seu gesto não **deu paz ao Lomba**.
(M. Torga, *NCM*, 51.)

Apenas **lhe aconselho prudência**.
(C. de Oliveira, *CD*, 94.)

a ação expressa por *deu* e *aconselho* transita para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar-lhes o sentido.

Observação:

Seguimos aqui a distinção estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Não é pacífica, ainda hoje, a conceituação de OBJETO INDIRETO, embora desde o século XVIII gramáticos, filólogos e linguistas tenham procurado precisá-la. Leia-se, a propósito, o que escreve André Chervel, na *Histoire de la grammaire scolaire*. Paris, Payot, 1981, p. 76, 120, 121, 172-176, 178-184, 245, 268.

PREDICADO VERBO-NOMINAL

Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também verbos significativos podem ser empregados com ele.

Nestes exemplos,

Paulo **riu despreocupado**.
(A. Peixoto, *RC*, 191.)

Amélia **saiu** da igreja, **muito fatigada, muito pálida**.
(Eça de Queirós, *OC*, I, 421.)

os verbos *rir* e *sair* são significativos. Na primeira oração, *despreocupado* refere-se ao sujeito *Paulo*, qualificando-o. Também *muito fatigada* e *muito pálida* são qualificações de *Amélia*, o sujeito da segunda oração.

A este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicado), dá-se o nome de VERBO-NOMINAL.

Observação:

No PREDICADO VERBO-NOMINAL, o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

O ato foi acusado **de ilegal**.
Carlos saiu estudante e voltou **como doutor**.

VARIABILIDADE DA PREDICAÇÃO VERBAL

A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente, ora com objeto direto, ora com objeto indireto.

Comparem-se estes exemplos:

Perdoai sempre.	[= INTRANSITIVO]
Perdoai **as ofensas**.	[= TRANSITIVO DIRETO]
Perdoai **aos inimigos**.	[= TRANSITIVO INDIRETO]
Perdoai **as ofensas aos inimigos**.	[= TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO]
Por que sonhas, ó jovem poeta?	[= INTRANSITIVO]
Sonhei **um sonho guinholesco**.	[= TRANSITIVO DIRETO]

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS INTEGRANTES

Examinemos as partes assinaladas nas orações abaixo:

Alguns colegas mostravam **interesse por ele**.
(R. Pompeia, *A*, 234.)

Tinha os olhos **rasos de lágrimas**.
(A. Bessa Luís, *QR*, 272.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Não sei que diga do marido **relativamente ao baile da ilha**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 935.)

No primeiro exemplo, o pronome *ele* está relacionado com o substantivo *interesse* por meio da preposição *por*; no segundo, o substantivo *lágrimas* relaciona-se com o adjetivo *rasos* através da preposição *de*; no terceiro, o substantivo *poemas*, modificado pelo adjetivo *bastantes*, integra o sentido da forma verbal *tenho escrito*; no quarto, *o baile da ilha* prende-se ao advérbio *relativamente* por intermédio da preposição *a*.

Vemos, pois, que há palavras que completam o sentido de substantivos, de adjetivos, de verbos e de advérbios. As que se ligam por preposição a substantivo, adjetivo ou advérbio chamam-se COMPLEMENTOS NOMINAIS. Denominam-se COMPLEMENTOS VERBAIS as que integram o sentido do verbo.

COMPLEMENTO NOMINAL

O COMPLEMENTO NOMINAL vem, como dissemos, ligado por preposição ao substantivo, ao adjetivo ou ao advérbio cujo sentido integra ou limita. A palavra que tem o seu sentido completado ou integrado encerra "uma ideia de relação e o complemento é o objeto desta relação"[1].

O COMPLEMENTO NOMINAL pode ser representado por:

a) substantivo (acompanhado ou não dos seus modificadores):

O pior é a demora **do vapor.**
(V. Nemésio, *MTC*, 361.)

Só Joana parecia alheia **a toda essa atividade.**
(F. Namora, *TJ*, 231.)

b) pronome:

Tinha nojo **de si mesma.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 487.)

Ninguém teve notícia **dele.**
(J. Condé, *TC*, 101.)

c) numeral:

A vida dele era necessária **a ambas.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 393.)

Era um repasto de lágrimas **de ambos.**
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 563.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, **de um Além.**
(F. Pessoa, *OP*, 392)

Os dois adversários na luta **do sim** e **do não** trataram do que então lhes interessava, numa conversa breve.
(A. F. Schmidt, *AP*, 105.)

---

[1] Jean Dubois *et alii. Dictionnaire de linguistique.* Paris, Larousse, 1973, p. 103.

e) oração completiva nominal:

Comprei a consciência **de que sou**
Homem de trocas com a natureza.
(M. Torga, *CH*, 11.)

Estou com vontade **de suprimir este capítulo.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 509.)

Observações:

1.ª) O COMPLEMENTO NOMINAL pode estar integrando o sujeito, o predicativo, o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo.

2.ª) Convém ter presente que o nome cujo sentido o COMPLEMENTO NOMINAL integra corresponde, geralmente, a um verbo transitivo de radical semelhante:

amor **da pátria**	amar **a pátria**
ódio **aos injustos**	odiar **os injustos**

COMPLEMENTOS VERBAIS

OBJETO DIRETO

1. OBJETO DIRETO é o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal.
   Pode ser representado por:

a) substantivo:

Vou descobrir **mundos**, quero **glória** e **fama**!...
(Guerra Junqueiro, *S*, 12.)

Não recebo **dinheiro** nenhum.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 82.)

b) pronome (substantivo):

Os jornais **nada** publicaram.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 135.)

Nunca **o** interrompi.
(Alves Redol, *BSL*, 68.)

— Visto-**me** num instante e vou **te** levar de carro.
(Vianna Moog, *T*, 80.)

c) numeral:

— Já tenho **seis** lá em casa, que mal faz inteirar **sete**?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 31.)

Nunca achou **dois** ou **três**?
(A. Abelaira, *NC*, 62.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Tem **um quê** de inexplicável.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 230.)

Como quem compõe roupas
O **outrora** compúnhamos.
(F. Pessoa, *OP*, 206)

Perscrutava na quietude o **inútil de sua vida**.
(Autran Dourado, *TA*, 36.)

e) oração substantiva (objetiva direta):

Não quero **que fiques triste.**
(J. Régio, *SM*, 295.)

Veja **se consegue o mapa dos caminhos**.
(A. M. Machado, *CJ*, 244.)

2. Saliente-se, ainda, que na constituição do OBJETO DIRETO podem entrar mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Tomara-lhe **a mulher e a terra**, mas mandara-lhe entregar **o milho e as abóboras** que nela encontrara.
(Castro Soromenho, *C*, 3.)

Discreto e cauteloso, raramente diz "**sim**" ou "**não**" categóricos; prefere o **vamos ver** protelatório e reflexivo.
(A. M. Machado, *JT*, LI.)

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO[2]

1. O OBJETO DIRETO costuma vir regido da preposição *a*:

a) com os verbos que exprimem sentimentos:

> Não amo **a ninguém**, Pedro.
> (C. dos Anjos, *M*, 196.)

> Só não amava **a Jorge** como amava **ao filho**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 156.)

b) para evitar ambiguidade:

> Sabeis, que **ao Mestre** vai matá-lo.
> (M. Mesquita, *LT*, 66.)

c) quando vem antecipado, como nos provérbios seguintes:

> **A homem pobre** ninguém roube.
> **A médico, confessor e letrado** nunca enganes.

2. O OBJETO DIRETO é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico:

> Não **a ti**, Cristo, odeio ou te não quero.
> (F. Pessoa, *OP*, 218.)

> Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

1. Quando se quer chamar atenção para o OBJETO DIRETO que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono:

---

[2] Sobre o emprego do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO em português, veja-se a excelente monografia de Karl Heinz Delille. *Die geschichtliche Entwicklung des präpositionalen Akkusativs im Portugiesischen*. Bonn, Romanisches Seminar der Universität, 1970.

Palavras cria-**as** o tempo e o tempo **as** mata.
(J. Cardoso Pires, *D*, 300.)

Árvore, filho e livro, queria-**os** perfeitos.
(Vianna Moog, *T*, 330.)

2. O OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO pode também ser constituído de um pronome átono e de uma forma pronominal tônica preposicionada:

A mim, ninguém **me** espera em casa.
(J. Régio, *CL*, 52.)

Quantas vezes, viandante, esta incolor paisagem
Não **te** mirou **a ti**, **a ti** também sem cor!
(A. de Guimaraens, *OC*, 194.)

Mas não encontrou Marcelo nenhum. Encontrou-**nos a nós**.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 23.)

OBJETO INDIRETO

1. OBJETO INDIRETO é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição.
Pode ser representado por:

a) substantivo:

Duvidava **da riqueza da terra**.
(N. Piñon, *CC*, 190.)

Necessitamos **de uma cabeça bem firme na terra, bem fincada na terra**!
(A. Abelaira, *NC*, 74.)

b) pronome (substantivo):

Que ela afaste **de ti** aquelas dores
Que fizeram **de mim** isto que sou!
(F. Espanca, *S*, 24.)

Inserir-se em Roma é mais difícil do que incorporar **a si** o sentimento de Roma.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 25.)

c) numeral:

Os domingos, porém, pertenciam **aos dois**.
(F. Namora, *CS*, 113.)

Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o ministério público **com ambos**, de modo que o homicida granjeou pacificamente suas terras.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 93.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Mas — quem daria dinheiro **aos pobres**?
(C. Lispector, *BF*, 138.)

Seu formidável vulto solitário
Enche **de estar presente** o mar e o céu.
(F. Pessoa, *OP*, 14.)

e) oração substantiva (objetiva indireta):

— Não te esqueças **de que a obediência é o primeiro voto das noviças.**
(J. Montello, *DP*, 236.)

A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se **de que ambas estavam no carro.**
(C. Lispector, *LF*, 90.)

2. Como o OBJETO DIRETO, o OBJETO INDIRETO pode ser constituído de mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se **ao estudo e à cura** de si mesmo.
(Machado de Assis, *OC*, II, 288.)

Embora, não perceba grande coisa do que ouve, está sempre a precisar **disto e daquilo.**
(M. J. de Carvalho, *AV*, 54.)

Observação:

Não vem precedido de preposição o OBJETO INDIRETO representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, e pelo reflexivo *se*. Note-se que o pronome oblíquo *lhe* (*lhes*) é essencialmente OBJETO INDIRETO:

— Você não **me** está insinuando que não vai aceitar?
(Vianna Moog, *T*, 390.)

As noites não **lhe** trouxeram repouso, mas deram-**lhe**, em contrapartida, tempo para a meditação.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1177.)

Luís Garcia dera-**se** pressa em visitar o filho de Valéria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 336.)

A propósito do emprego dos pronomes oblíquos (tônicos e átonos), bem como do modo por que se podem combinar, leia-se o que dizemos no capítulo 11.

OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

Com a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o OBJETO INDIRETO. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal átono. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tônico antecedido de preposição:

A mim ensinou-**me** tudo.
(F. Pessoa, *OP*, 145.)

— Quem **lhe** disse **a você** que estavam no palheiro?
(C. de Oliveira, *AC*, 119.)

Aos meus escritos, não **lhes** dava importância nenhuma.
(G. Amado, *HMI*, 190.)

Observação:

Enquanto a preposição que encabeça um ADJUNTO ADVERBIAL possui claro valor significativo, a que introduz um OBJETO INDIRETO apresenta acentuado esvaziamento de sentido. Comparem-se estes exemplos:

Cantava **para os amigos**.	Não duvides **de mim**.
Viajou **para São Paulo**.	Não saias **de casa**.

Nas duas primeiras orações, em que introduzem OBJETO INDIRETO, as preposições *para* e *de* são simples elos sintáticos. Nas duas últimas, introduzindo ADJUNTOS ADVERBIAIS, servem para indicar, respectivamente, o *lugar para onde* e o *lugar donde*.

A propósito, leia-se o que escrevemos no capítulo 15.

PREDICATIVO DO OBJETO

1. Tanto o OBJETO DIRETO como o INDIRETO podem ser modificados por PREDICATIVO. O PREDICATIVO DO OBJETO só aparece no predicado VERBO-NOMINAL, e é expresso:

a) por substantivo:

Uns **a** nomeiam **primavera**. Eu **lhe** chamo **estado de espírito**.
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 125.)

Chamo-**me Aldemiro**.
(I. Lisboa, *MCN*, 94.)

b) por adjetivo:

Os trabalhadores da Gamboa julgam-**no assombrado**.
(O. Mendes, *P*, 140.)

Naquele ano Ismael achou **o avô mais macambúzio**.
(Autran Dourado, *TA*, 41.)

2. Como o PREDICATIVO DO SUJEITO, o DO OBJETO pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

Quaresma então explicou porque **o** tratavam **por major**.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 215.)

Considero-**o como o primeiro dos precursores do espírito moderno**.
(A. de Quental, *C*, 313.)

Observação:

Somente com o verbo *chamar* pode ocorrer o PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO:

A gente só ouvia o Pancário chamar-**lhe ladrão e mentiroso**.
(Castro Soromenho, *V*. 220.)

Chamam-**lhe fascista** por toda a parte.
(C. dos Anjos, *M*, 277.)

Com os demais verbos que admitem esse predicativo (por exemplo: *crer*, *eleger*, *encontrar*, *estimar*, *fazer*, *julgar*, *nomear*, *proclamar* e sinônimos), ele é sempre um

modificador do OBJETO DIRETO. Baseados nesse fato, filólogos como Epifânio da Silva Dias e Martinz de Aguiar preferem considerar o complemento no caso — seja expresso pelo pronome *lhe*, seja por um substantivo antecedido de preposição — como OBJETO DIRETO.

AGENTE DA PASSIVA

1. AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal — normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *de* — pode ser representado:

a) por substantivo ou palavra substantivada:

— Esta carta foi escrita **por** um **marinheiro** americano.
(F. Namora, *DT*, 120.)

Um jornal é lido **por** muita **gente**.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

b) por pronome:

Ele **dela** é ignorado.
Ela para ele é ninguém.
(F. Pessoa, *OP*, 117.)

A mesma oração foi **por mim** proferida em São José dos Campos, minha cidade natal.
(Cassiano Ricardo, *VTE*, 26.)

c) por numeral:

Tudo quanto os leitores sabem de um e de outro foi ali exposto **por ambos**, e **por ambos** ouvido entre abatimento e cólera.
(Machado de Assis, *OC*, II, 212-213.)

Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas **por um**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 350.)

d) por oração substantiva:

E se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita **por quantos tenham uma experiên-**

cia análoga, e não pensam a América, mas se incorporam nela, sem deixarem de ser Europeus.

(M. Torga, *TU*, 48.)

Mariana era apreciada **por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.**

(Machado de Assis, *OC*, II, 746.)

TRANSFORMAÇÃO DA ORAÇÃO ATIVA EM PASSIVA

1. Quando uma oração contém um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:
   a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva;
   b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
   c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Tomando-se como exemplo a seguinte oração ativa,

A inflação corrói os salários,

poderíamos colocá-la no esquema:

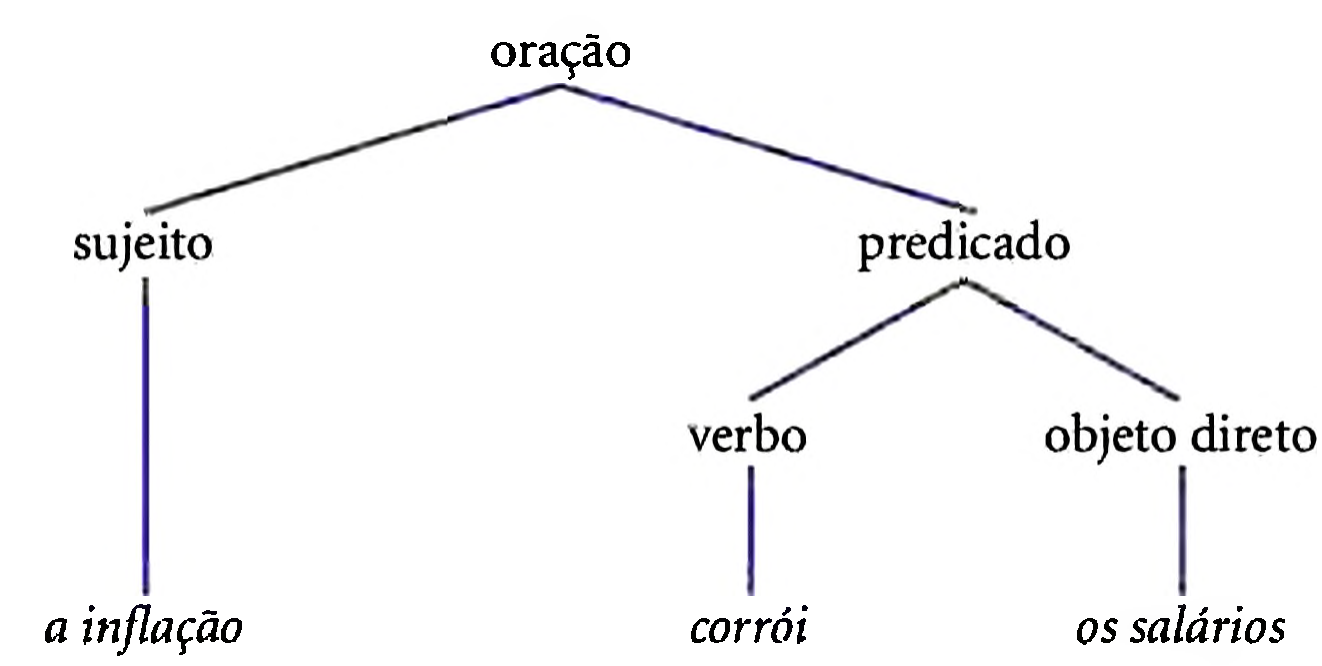

Convertida na oração passiva, teríamos:

Os salários são corroídos pela inflação.

O seu esquema seria então:

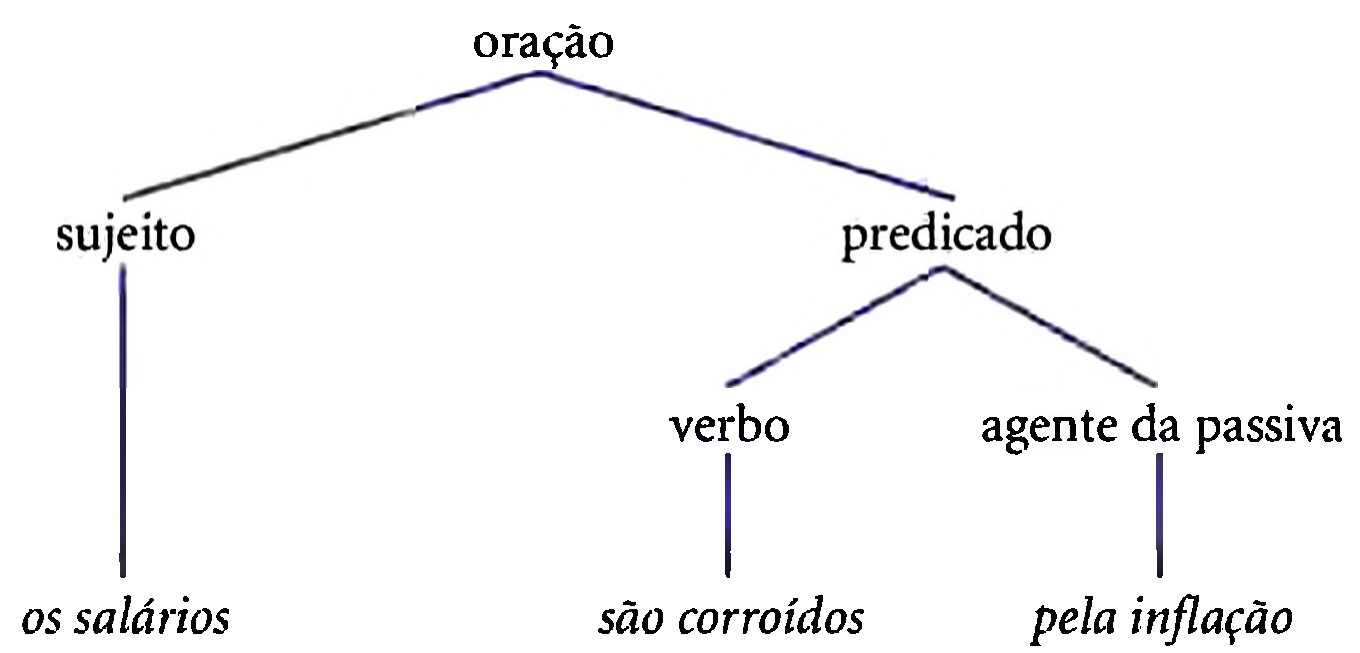

2. Se numa oração da voz ativa o verbo estiver na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente. Assim:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Aumentaram os salários.	Os salários foram aumentados.
Contiveram a inflação.	A inflação foi contida.

Observações:

1.ª) Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

2.ª) Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente:

Aumentou-se o salário dos gráficos.
Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ACESSÓRIOS

Chamam-se ACESSÓRIOS OS TERMOS que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação.

São TERMOS ACESSÓRIOS:

a) O ADJUNTO ADNOMINAL;
b) O ADJUNTO ADVERBIAL;
c) O APOSTO.

ADJUNTO ADNOMINAL

ADJUNTO ADNOMINAL é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.

O ADJUNTO ADNOMINAL pode vir expresso por:

a) adjetivo:

> Na areia podemos fazer até castelos **soberbos**, onde abrigar o nosso **íntimo** sonho.
> (R. Braga, *CCE*, 251.)

> — Tenho pensado que toda esta geringonça **social** precisa de uma **grande** volta.
> (C. de Oliveira, *CD*, 93.)

b) locução adjetiva:

> Tinha uma memória **de prodígio.**
> (J. Lins do Rego, *ME*, 104.)

> Era um homem **de consciência.**
> (A. Abelaira, *NC*, 15.)

> O homem já estava acamado
> Dentro da noite **sem cor.**
> (M. Bandeira, *PP*, I, 339.)

c) artigo (definido ou indefinido):

> **O** ovo é **a** cruz que **a** galinha carrega **na** vida.
> (C. Lispector, *FC*, 51.)

> **As** ondas rebentavam com estrondo, formando **uma** muralha de espuma, para lá da qual **o** mar era **um** lago sereno e azul.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 10.)

d) pronome adjetivo:

> Deposito a **minha** dona no limiar da **sua** moradia.
> (F. Botelho, *X*, 118.)

Vários vendedores de artesanato expunham **suas** mercadorias.
(R. Fonseca, *C*, 76-77.)

e) numeral:

Casara-se havia **duas** semanas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 29.)

Tinha uns **seis** a **oito** meses e eu, proporcionalmente, devia orçar pela sua idade.
(A. Ribeiro, *CRG*, 17.)

f) oração adjetiva:

Os cabelos, **que tinha fartos e lisos**, caíram-lhe todos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 116.)

Venho cumprir uma missão do sacerdócio **que abracei**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 155.)

Observação:

O mesmo substantivo pode estar acompanhado por mais de um ADJUNTO ADNOMINAL:

Ante **o meu** embezerramento, o paizinho sorria **um** sorriso **benévolo** e **desenfadado**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 11.)

Um Cristo **barroco** pendia da cruz, **num** altar **lateral**.
(Vianna Moog, *T*, 86.)

ADJUNTO ADVERBIAL

ADJUNTO ADVERBIAL é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio.

O ADJUNTO ADVERBIAL pode vir representado por:

a) advérbio:

Aqui não passa ninguém.
(F. Namora, *TJ*, 205.)

Amou-a **perdidamente.**
(L. Fagundes Telles, *DA*, 118.)

b) por locução ou expressão adverbial:

De súbito, eu, o Barão e a criada começamos a dançar **no meio da sala.**
(Branquinho da Fonseca, *B*, 61.)

Lá embaixo aparece Jacarecanga **sob o sol do meio-dia.**
(É. Veríssimo, *ML*, 13.)

c) por oração adverbial:

Fechemos os olhos **até que o sol comece a declinar.**
(A. M. Machado, *CJ*, 82.)

Quando acordou, já Lisa ali estava.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 141.)

Classificação dos adjuntos adverbiais

É difícil enumerar todos os tipos de ADJUNTOS ADVERBIAIS. Muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exata. Não obstante, convém conhecer os seguintes:

a) DE CAUSA:

Por que lhes dais tanta dor?!
(A. Gil, *LJ*, 25.)

Não havia de perder o esforço daqueles anos todos, **por causa de um exame só, o derradeiro.**
(C. dos Anjos, *MS*, 343.)

b) DE COMPANHIA:

Lanchas, ide **com Deus**! Ide e voltai **com ele**
Por esse mar de Cristo...
(A. Nobre, *S*, 32.)

Vivi **com Daniel** perto de dois anos.
(C. Lispector, BF, 79.)

c) DE DÚVIDA:

Talvez Nina tivesse razão...
(V. Nemésio, *MTC*, 105.)

Acaso meu pai entenderia mesmo de poemas?
(L. Jardim, *MPM*, 89.)

d) DE FIM:

Há homens **para nada**, muitos **para pouco**, alguns **para muito**, nenhum **para tudo**.
(Marquês de Maricá, *M*, 87.)

Viaja então para se contrafazer, **por penitência**?
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

e) DE INSTRUMENTO:

Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, **a ancinho**, as folhas caídas.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 156.)

Dou-te **com o chicote**, ouviste!
(Luandino Vieira, *L*, 41.)

f) DE INTENSIDADE:

Gosto **muito** de ti.
(M. Torga, *NCM*, 32.)

— Ou ele estuda **demais**, ou não come **bastante** de manhã, disse a mãe.
(C. Lispector, *LF*, 104.)

g) DE LUGAR AONDE [5]:

Cheguei **à taberna do velho** ao fim da tarde.
(Alves Redol, *BSL*, 330.)

---

[5] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, veja-se p. 355-6.

Veja **aonde** vai.
(A. M. Machado, *CJ*, 243.)

h) DE LUGAR ONDE:

No mês passado estive algumas horas **em Cartago.**
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

O vulto escuro entrou **no jardim**, sumiu-se **em meio às árvores.**
(É. Veríssimo, *LS*, 133.)

i) DE LUGAR DONDE:

Dos mares da China não mais virão as quinquilharias.
(M. Rubião, *D*, 144.)

— Some-te **daqui**, ingrato!
(F. Namora, *TJ*, 99.)

j) DE LUGAR PARA ONDE:

Levaram a defunta numa rede **para o cemitério de S. Caetano.**
(L. Jardim, *MP*, 25.)

A chuva levou-os **para casa.**
(C. de Oliveira, *AC*, 166.)

l) DE LUGAR POR ONDE:

Atravessou o Campo da Aclamação, enfiou **pela Rua de São Pedro** e meteu-se **pelo Aterrado acima.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 569.)

Por sobre o navio voejavam ainda gaivotas, com movimentos lentos, ritmados.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 593.)

m) DE MATÉRIA:

Obra de finado. Escrevi-a **com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 413.)

Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento. Era um adeus **com raiva e lágrimas**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 298.)

n) DE MEIO:

Estarei talvez confundindo as coisas, mas Aníbal ainda viajava **de bicicleta**, imaginem!
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

Voltamos **de bote** para a ponta do Caju.
(Lima Barreto, *REIC*, 287.)

o) DE MODO:

Vagarosamente ela foi recolhendo o fio.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 7.)

Henriqueta subiu a escada, **pé ante pé**, como um ladrão.
(V. Nemésio, *MTC*, 79.)

p) DE NEGAÇÃO:

— **Não**, senhor Cônego, vejo. Mas **não** concordo, **não** aceito.
(B. Santareno, *TPM*, 109.)

— **Não** partas, **não**. Aqui todos te querem!
(Castro Alves, *EF*, 154.)

q) DE TEMPO:

Todas as manhãs ele sentava-se **cedo** a essa mesa e escrevia **até as dez, onze horas**.
(P. Nava, *BO*, 330.)

A Custódia esteve **cinco anos** na clausura.
(A. Ribeiro, *CRG*, 28.)

APOSTO

1. APOSTO é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação:

Eles, **os pobres desesperados**, tinham uma euforia de fantoches.
(F. Namora, *DT*, 237.)

Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, **pessoa estimável**, o Chico das Cambraias, **folgazão emérito**, o escrivão **Fabrício**, e ainda outros?
(Machado de Assis, *OC*, II, 269.)

2. Entre o APOSTO e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por uma vírgula, como nos exemplos acima.
Mas pode também não haver pausa entre o APOSTO e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo APOSTO.
Por exemplo:

A cidade **de Lisboa**
O poeta **Bilac**
O rei **D. Manuel**
O mês **de junho**

Este APOSTO, chamado de ESPECIFICAÇÃO, não deve ser confundido com certas construções formalmente semelhantes, como

O clima **de Lisboa**
O soneto **de Bilac**
A época **de D. Manuel**
As festas **de junho**

em que *de Lisboa*, *de Bilac*, *de D. Manuel* e *de junho* equivalem a adjetivos (= *lisboeta*, *bilaquiano*, *manuelina* e *juninas*) e funcionam, portanto, como ATRIBUTOS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3. O APOSTO pode também:
a) ser representado por uma oração:

A outra metade tocara aos sobrinhos, com uma condição expressa: **que o legado só lhes fosse entregue trinta anos depois**.
(J. Montello, *LE*, 202.)

A verdade é esta: **não fala a bem dizer com acento algum**.
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 108.)

b) referir-se a uma oração inteira:

> Pediu que lhe fornecessem papel de carta e que lhe restituíssem a sua caneta, **o** que lhe foi concedido.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1183.)

> O importante é saber para onde puxa mais a corredeira — **coisa**, aliás, **sem grandes mistérios**.
> (M. Palmério, *VC*, 375.)

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

> Tudo o fazia lembrar-se dela: **a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!**
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pé de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, **tudo** na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 289.)

Valor sintático do aposto

O APOSTO tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Pode, assim, haver:

a) aposto no sujeito:

> Ela, **Dora**, foi, de resto, muitíssimo discreta.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 105.)

> A espingarda lazarina, **a melhor espingarda do mundo**, não mentia fogo e alcançava longe, alcançava tanto quanto a vista do dono; a mulher, **Cesária**, fazia renda e adivinhava os pensamentos do marido.
> (G. Ramos, *AOH*, 25.)

b) aposto no predicativo:

> As escrituras eram duas: **a do distrate da hipoteca e a da venda das propriedades**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

O meu projeto é este: **podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto.**
(G. Ramos, *AOH*, 143.)

c) aposto no complemento nominal:

João Viegas está ansioso por um amigo que se demora, **o Calisto.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 521.)

A vida é um contínuo naufrágio de tudo: **de seres e de coisas, de paixões e de indiferenças, de ambições e temores.**
(A. F. Schmidt, *F*, 72.)

d) aposto no objeto direto:

Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, **Sócrates**, que tinha um demônio familiar, **Pascal**, que via um abismo à esquerda, **Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula...**
(Machado de Assis, *OC*, II, 262.)

Jogamos uma partida de xadrez, **uma luta renhida**, quase duas horas...
(A. Abelaira, *NC*, 54.)

e) aposto no objeto indireto:

Devorador da vida lhe chamaram,
A ele, **artista, sábio e pensador,**
Que denodadamente se procura!
(M. Torga, *CH*, 79.)

Meu pai cortava cana para a égua, **sua montaria predileta.**
(J. Amado, *MG*, 13.)

Foi o que sucedeu ao seu maior amigo, **ao Abel**, quando andavam na traineira do Domingos Peixe.
(Alves Redol, *FM*, 173.)

f) aposto no agente da passiva:

Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, **o vereador dissidente**, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas.
(Machado de Assis, *OC*, II, 274.)

As paredes foram levantadas por Tomás Manuel, **avô do Engenheiro.**
(J. Cardoso Pires, *D*, 63.)

g) aposto no adjunto adverbial:

Uma vez empossado da licença começou a construir a casa. Era na rua nova, **a mais bela de Itaguaí.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 256-257.)

Foi em 14 de maio de 1542, **uma segunda-feira.**
(A. Ribeiro, *PST*, 272.)

h) aposto no aposto:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, **filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 255.)

No Recolhimento morreram umas, ficaram desfeadas outras para todo o sempre, cegou a filha do Floriano, fidalgo de Rape, **cunhado de meu padrinho**, D. Nicéforo da Ula Monterroso Barbaleda Fernandes, **moço fidalgo da Casa Real e par do Reino.**
(A. Ribeiro, *CRG*, 29.)

i) aposto no vocativo:

Razão, **irmã do Amor e da Justiça,**
Mais uma vez escuta a minha prece.
(A. de Quental, *SC*, 71.)

Tu, Deus, **o Inspirador, Taumaturgo e Adivinho,**
Dá-me alívio ao pesar, prodigando-me o Vinho
Que é o néctar celestial da eterna Moradia.
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Aposto predicativo

Com o APOSTO atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo objeto, o mesmo fato ou a mesma ideia.

Por isso, o APOSTO não deve ser confundido com o adjetivo que, em função de PREDICATIVO, costuma vir separado do substantivo que modifica por uma pausa sensível (indicada geralmente por vírgula na escrita). Numa oração como a seguinte

E a noite vai descendo **muda e calma**...
(F. Espanca, *S*, 60.)

que também poderia ser enunciada

E a noite, **muda e calma**, vai descendo...

ou

E, **muda e calma**, a noite vai descendo...,

muda e calma é PREDICATIVO de um predicado verbo-nominal.

O mesmo raciocínio aplica-se à análise de orações elípticas, cujo corpo se reduz a um adjetivo, que nelas desempenha a função de PREDICATIVO.

É o caso de frases do tipo:

Rico, desdenhava dos humildes.

em que *rico* não é APOSTO. Equivale a uma oração adverbial de causa [= *porque era rico*], dentro da qual exerce a função de PREDICATIVO.

O adjetivo, enquanto adjetivo, "não pode exercer a função de APOSTO, porque ele designa *uma característica* do ser ou da coisa, e não o próprio ser ou a própria coisa"[4].

VOCATIVO

1. Examinando estes versos de A. Nobre,

Manuel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
(*S*, 51.)

Ó sinos de Santa Clara,
Por quem dobrais, quem morreu?
(*S*, 47.)

---

[4] Georges Galichet. *Grammaire structurale du français moderne*. 2.ª ed. Paris–Limoges, Charles-Lavauzelle, 1968, p. 135.

vemos que, neles, os termos *Manuel* e *Ó sinos de Santa Clara* não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.
A estes termos, de entoação exclamativa e isolados do resto da frase, dá-se o nome de VOCATIVO.

2. Embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o VOCATIVO pode relacionar-se com algum dos termos.
Assim, neste exemplo,

> E, ao vê-la, acordarei, **meu Deus de França!**
> (A. Nobre, *S*, 43.)

o VOCATIVO *meu Deus de França!* não tem relação alguma com os demais termos da frase.
Já nestes exemplos,

> Dizei-me vós, **Senhor Deus!**
> (Castro Alves, *OC*, 281.)

> **Ó lanchas**, Deus vos leve pela mão!
> (A. Nobre, *S*, 31.)

o VOCATIVO *Senhor Deus!* relaciona-se com o sujeito *vós*, da primeira oração; e o VOCATIVO *Ó lanchas* com o objeto direto *vos*, da segunda.

Observações:

1.ª) Quando se quer dar maior ênfase à frase, costuma-se preceder o VOCATIVO da interjeição *ó!*, como neste exemplo de Vinícius de Morais:

> **Ó minha amada,**
> Que olhos os teus!
> (PCP, 334.)

2.ª) Na escrita, o VOCATIVO vem normalmente isolado por vírgula, ou seguido de ponto de exclamação, como nos mostram os exemplos acima.

3.ª) Cumpre distinguir o VOCATIVO do substantivo que, acompanhado ou não de determinação, constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas do tipo:

> **Silêncio!** [= Faça silêncio!]
> **Mãos ao alto!** [= Ponha as mãos ao alto!]

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA

1. Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ORDEM DIRETA, isto é, os termos da oração dispõem-se preferencialmente na sequência:

   SUJEITO + VERBO + OBJETO DIRETO + OBJETO INDIRETO

   ou

   SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO

   Essa preferência pela ORDEM DIRETA é mais sensível nas ORAÇÕES ENUNCIATIVAS OU DECLARATIVAS (afirmativas ou negativas). Assim:

   Carlos ofereceu um livro ao colega.
   Carlos é gentil.
   Paulo não perdoou a ofensa do colega.
   Paulo não é generoso.

2. Ao reconhecermos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

INVERSÕES DE NATUREZA ESTILÍSTICA

Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.

Assim, o realce do SUJEITO provoca geralmente a sua posposição ao VERBO:

Quero levar-te a dédalos profundos,
Onde refervem **sóis... e céus... e mundos...**
(Castro Alves, *EF*, 44.)

És **tu**! És **tu**! Sempre vieste, enfim!
(F. Espanca, *S*, 140.)

Não vês o que te dou **eu**?
(V. de Morais, *PCP*, 297.)

Ao contrário, o realce do PREDICATIVO, do OBJETO (DIRETO ou INDIRETO) e do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

> **Fraca** foi a resistência.
> (C. dos Anjos, *MS*, 313.)

> **Minha espada**, pesada a braços lassos,
> Em mãos viris e calmas entreguei.
> (F. Pessoa, *OP*, 67.)

> **A ela** devia o meu estado psíquico cinzento e melindroso.
> (F. Namora, *DT*, 59.)

> **Acolá, na entrada do Catongo**, é uma festa de mutirão.
> (Adonias Filho, *LP*, 30.)

INVERSÕES DE NATUREZA GRAMATICAL

Em outros lugares deste livro tratamos da colocação de termos da oração. Nos capítulos 10, 11 e 14 estudamos, respectivamente, a posição:

a) do ADJETIVO como ADJUNTO ADNOMINAL;
b) dos PRONOMES, em particular dos PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS que servem de OBJETO DIRETO ou INDIRETO;
c) do ADVÉRBIO e de outras classes de palavras em sua função oracional.

No capítulo 19 examinamos as figuras de sintaxe denominadas HIPÉRBATO, ANÁSTROFE e SÍNQUISE. Por isso, vamos restringir-nos aqui apenas a algumas considerações quanto à posição do VERBO relativamente ao SUJEITO e ao PREDICATIVO.

Inversão verbo + sujeito

1. A inversão VERBO + SUJEITO verifica-se em geral:

a) nas orações interrogativas:

> Que **fazes tu** de grande e bom, contudo?
> (A. de Quental, *SC*, 64.)

> Onde **está a estrela da manhã**?
> (M. Bandeira, *PP*, I, 233.)

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

> **Ouve tu**, meu cansado coração,
> O que te diz a voz da natureza:
> (A. de Quental, *SC*, 51.)

> **Dize**-me **tu**, ó céu deserto,
> **dize**-me **tu** se é muito tarde.
> (C. Meireles, *OP*, 502.)

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

> **Formam-se bolhas** na água...
> (F. Pessoa, *OP*, 160.)

> **Servia-se o almoço** às dez.
> (C. dos Anjos, *MS*, 4.)

d) nas orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, um desejo:

> — Que **venha essa coisa melhor!**
> (M. Rubião, *D*, 17.)

> **Chovam lírios e rosas** no teu colo!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> **Durma**, de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
> **O meu remorso.**
> (O. Bilac, *T*, 192.)

e) nas orações construídas com verbos do tipo *dizer, sugerir, perguntar, responder* e sinônimos que arrematam enunciados em DISCURSO DIRETO ou neles se inserem:

> — Isso não se faz, moço, **protestou Fabiano.**
> (G. Ramos, *VS*, 66.)

> — Traz-se-lhe as duas coisas — **disse o Barão** aflorando a cabeça no ombro da consorte, de mão na porta escura.
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

f) nas orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:

Pelas madrugadas de São João, **ao começarem a morrer as fogueiras,** mocinhas postavam-se diante do Solar.
(G. França de Lima, *JV*, 5.)

Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria, ele o substituiu.
(J. Amado, *MG*, 112.)

Acabada a lenga-lenga, pretendi que bisasse.
(A. Ribeiro, *CRG*, 16.)

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção:

Tivesse eu tomado em meus braços a rapariga e pagaria dentro em pouco em amarguras os momentos fugazes de felicidade.
(A. F. Schmidt, *AP*, 68.)

Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa...
(Machado de Assis, *OC*, I, 505.)

h) em certas construções com verbos unipessoais:

Aconteceu no Rio, como **acontecem tantas coisas**.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Basta o amor ao trabalho...
(A. Abelaira, *NC*, 14.)

Zuzé aproveitou para meter a parte dele, ainda **doía-lhe** no coração **a cabeçada antiga**.
(Luandino Vieira, *L*, 48.)

i) nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por adjunto adverbial:

Este **é o destino dos versos**.
(F. Pessoa, *OP*, 165.)

Essa justiça vulgar, porém, não me **soube fazer o meu velho mestre.**
(R. Barbosa, *R*, 86.)

A nós, homens de letras, **impõe-se o dever da direção deste movimento.**
(O. Bilac, *DN*, 112.)

Num paquete como este não **existe a solidão!**
(A. Abelaira, *NC*, 41.)

2. A oração subordinada substantiva subjetiva coloca-se normalmente depois do verbo da principal:

É provável **que te sintas logo muito melhor.**
(A. O'Neill, *SO*, 37.)

Parece **que vamos ter um belo dia de sol, depois de uma noite de vento e chuva.**
(J. Montello, *A*, 178.)

É preciso **que eles nos temam.**
(Castro Soromenho, *V*, 116.)

3. Em princípio, os verbos intransitivos podem vir sempre antepostos ao seu sujeito:

Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram vales e campinas...
(A. de Quental, *SC*, 114.)

Correm as horas, vem o Sol descambando; **refresca a brisa**, e **sopra** rijo **o vento**. Não **ciciam** mais **os buritis**...
(Visconde de Taunay, *I*, 33.)

Observações:

1.ª) Embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão VERBO + SUJEITO, em quase todos eles é possível — e perfeitamente correta — a construção SUJEITO + VERBO.

2.ª) O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer desempenhe a função de sujeito, quer a de objeto.

Inversão predicativo + verbo

1. O PREDICATIVO segue normalmente o verbo de ligação. Pode, no entanto, precedê-lo:

a) nas orações interrogativas e exclamativas:

> **Que monstro seria** ela?
> (J. Lins do Rego, *E*, 255.)

> **Que lindos eram** os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de ônix líquido dos olhos pequeninos!
> (A. Ribeiro, *CRG*, 91.)

b) em construções afetivas do tipo:

> **Orgulhoso, apaixonado pela própria imagem — isso** ele **o foi**!
> (A. F. Schmidt, *F*, 131.)

> **Probidade — essa foi** realmente a qualidade primacial de Veríssimo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 415.)

2. Na voz passiva analítica, o PARTICÍPIO vem normalmente posposto às formas do auxiliar *ser*. Costuma, no entanto, precedê-las em frases afetivas denotadoras de um desejo:

> **Abençoados sejam** os nossos maiores, que nos deram esta Pátria livre e formosa!
> (O. Bilac, *DN*, 81.)

> **Amaldiçoados sejam** eles, caiam-lhes as almas nas profundezas do inferno.
> (J. Saramago, *LC*, 121.)

ENTOAÇÃO ORACIONAL

1. Dos elementos constitutivos da voz humana é o TOM, ou altura musical, o mais sensível às modificações emocionais. Agrada-nos ou desagrada-nos o tom de voz de uma pessoa. Percebemos imediatamente se ela fala em *tom alto* ou *baixo*, ou se, pobre de inflexões, a sua elocução é *monótona*, isto é, de um "só tom", o que vale dizer "enfadonha". A fala expressiva exige variedade de tons e sua adequação ao pensamento.

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos chama-se ENTOAÇÃO.

2. Os diferentes problemas suscitados pelas tentativas de interpretação da curva melódica têm posto à prova a argúcia dos linguistas contemporâneos.
Entre esses problemas de solução delicada, sobreleva o de caracterizar o valor da entoação na frase, isto é, o de saber se nela a entoação desempenha uma função linguística (significativa ou distintiva) determinada. Por outras palavras: interessa-nos saber preliminarmente se, pela simples diversidade da curva melódica, duas mensagens — no mais foneticamente idênticas — podem ser interpretadas de maneira distinta pelos usuários de uma mesma língua.
Pelas razões que aduziremos a seguir, parece-nos lícito reconhecer a funcionalidade linguística da entoação em nosso idioma.

GRUPO ACENTUAL E GRUPO FÔNICO

Dissemos que GRUPO ACENTUAL é todo segmento de frase que se apoia em um acento tônico principal. A um ou vários grupos acentuais compreendidos entre duas pausas (lógicas, expressivas, ou respiratórias) dá-se o nome de GRUPO FÔNICO.

Por exemplo, numa elocução lenta, o seguinte período de Marques Rebelo

O aguaceiro / desabou, / com estrépito, / mas a folia / persistiu.

apresenta cinco GRUPOS ACENTUAIS, cujos limites marcamos com um traço inclinado. Mas encerra apenas três GRUPOS FÔNICOS:

O aguaceiro desabou, // com estrépito, // mas a folia persistiu.

que separamos por dois traços.

Já numa elocução rápida, que omitisse a pausa (indicada pela vírgula) entre o verbo *desabou* e o seu adjunto adverbial *com estrépito*, o período em exame passaria a ter somente dois GRUPOS FÔNICOS:

O aguaceiro desabou com estrépito, // mas a folia persistiu.

O GRUPO FÔNICO, UNIDADE MELÓDICA

A UNIDADE MELÓDICA é o segmento mínimo de um enunciado com sentido próprio e com forma musical determinada. Os seus limites coincidem com os

do GRUPO FÔNICO. Podemos, pois, considerar o GRUPO FÔNICO o equivalente da UNIDADE MELÓDICA.[5]

Observação:

Em poesia, os versos curtos (até sete sílabas) constam geralmente de um só grupo fônico. Os versos longos costumam apresentar internamente uma deflexão da voz (CESURA), que os divide em hemistíquios. Cada hemistíquio corresponde, de regra, a um grupo fônico.

O GRUPO FÔNICO E A ORAÇÃO

Caracterizada a unidade melódica, passemos à análise das diferenças que se observam na curva tonal descrita por três tipos de oração: a DECLARATIVA, a INTERROGATIVA e a EXCLAMATIVA.

Oração declarativa

1. Examinando a seguinte oração, constituída de um só grupo fônico:

Os alunos chegaram tarde

observamos que a voz descreve, aproximadamente, esta curva melódica:

lu ga tar
nos che ram
a
Os
de

que poderíamos simplificar no esquema:

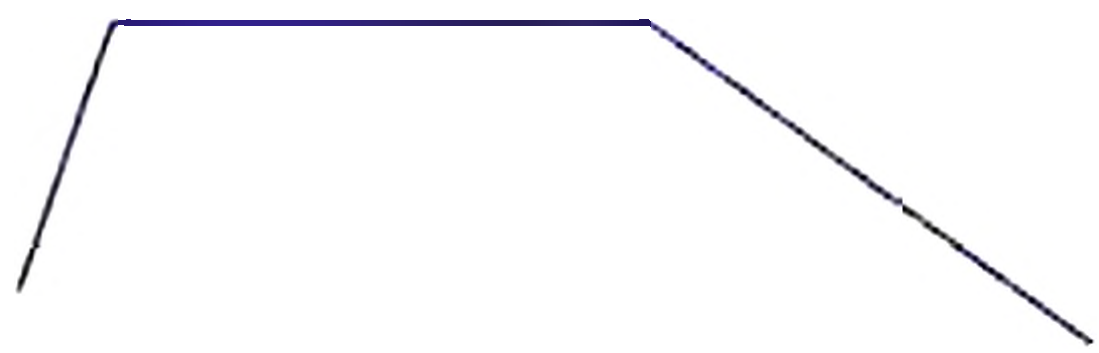

[5] Sobre a identificação do grupo fônico à unidade melódica leiam-se especialmente os estudos de T. Navarro Tomás: El grupo fónico como unidad melódica. *Revista de Filología Hispánica*. Buenos Aires–New York, *1*(1):3-19, 1939; *Manual de entonación española*. New York, Hispanic Institute, 1948, particularmente p. 37 e ss.

2. Notamos, com base no traçado acima, que o grupo fônico em exame compreende três partes distintas:

a) a parte inicial (ou ASCENDENTE), que começa em um nível tonal médio, característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma ascensão da voz, que atinge o seu ponto culminante na primeira sílaba tônica (*lu*);
b) a parte medial, em que a voz, com ligeiras ondulações, permanece, aproximadamente, no nível tonal alcançado;
c) a parte final (ou DESCENDENTE), em que a voz cai progressivamente a partir da sílaba (*tar*), atingindo um nível tonal baixo no final da frase.

3. Dessas três partes, a inicial e a final são as mais importantes da figura da entoação. Toda ORAÇÃO DECLARATIVA completa encerra uma parte inicial *ascendente* e uma parte final *descendente*, ambas muito nítidas.

4. No caso de ser a oração declarativa constituída de mais de um grupo fônico, o primeiro grupo começa por uma parte ascendente, e o último finaliza com uma descendente.

Oração interrogativa

No estudo da ENTOAÇÃO INTERROGATIVA, temos de considerar previamente o fato de iniciar-se ou não a frase por pronome ou advérbio interrogativo, pois que a curva tonal é distinta nos dois casos.

Orações não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

1. Tomando como exemplo a mesma oração declarativa, enunciada, porém, de forma interrogativa,

   Os alunos chegaram tarde?

   observamos que ela descreve a curva melódica

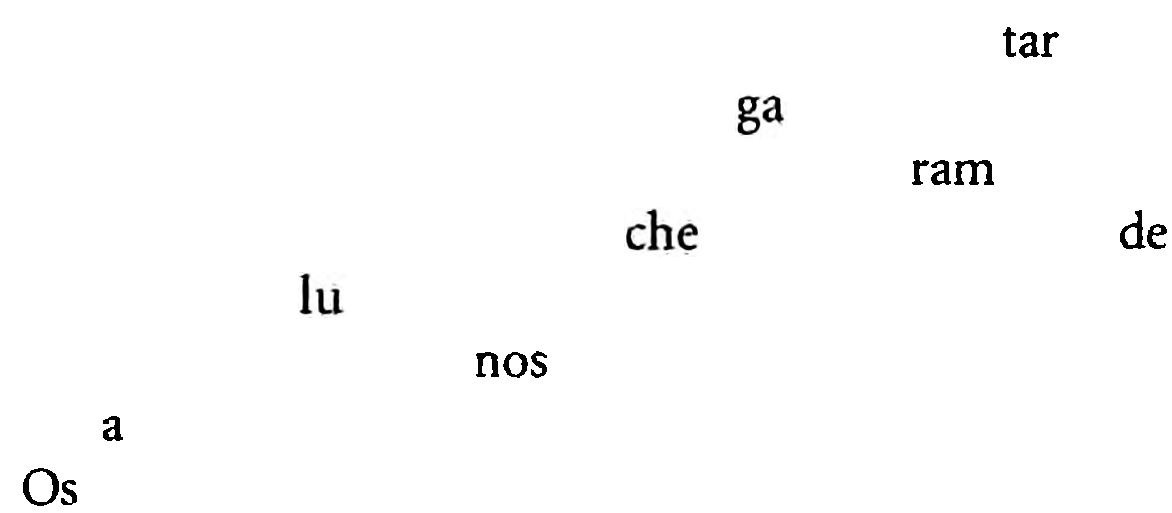

que poderíamos assim representar esquematicamente:

2. São características deste tipo de interrogação, em que se espera sempre uma resposta categórica *sim*, ou *não*:
a) o ataque da frase começar por um nível tonal mais alto do que na oração declarativa;
b) na parte medial do segmento melódico, haver uma queda da voz, que, embora seja mais acentuada do que nas orações declarativas, não altera o caráter ascendente desta modalidade de interrogação;
c) subir a voz acentuadamente na última vogal tônica, ponto culminante da frase; em seguida, sofrer uma queda brusca, apesar de se manter em nível tonal elevado.

3. Comparando esta curva à da oração declarativa estudada, verificamos que elas se assemelham por terem ambas a parte inicial ascendente e a parte medial relativamente uniforme.
Distinguem-se, porém:
a) quanto à parte final: descendente, na declarativa; ascendente, na interrogativa;
b) quanto ao nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa;
c) quanto à queda da voz a partir da última sílaba tônica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa.

4. Por ser a curva melódica descrita pela voz o único elemento que, na frase em exame, contribui para o caráter interrogativo da mensagem, temos de reconhecer que, em casos tais, a entoação apresenta inequívoco valor funcional em nossa língua.

Orações iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

Tomemos como exemplo a oração:

Como soube disto?

Em sua enunciação, a voz descreve a seguinte curva melódica,

Co sou
mo be
dis
to

que poderíamos assim esquematizar:

São características das orações interrogativas deste tipo:

a) o ataque da frase que, iniciado em um nível tonal muito alto, sobe, às vezes, bruscamente, até a primeira sílaba tônica, sílaba esta que, na maioria dos casos, pertence ao pronome ou ao advérbio interrogativo, ou seja, ao elemento que realiza a função interrogativa da oração;
b) a curva melódica, que, após a primeira sílaba tônica, decresce progressivamente e de maneira mais acentuada do que nas frases declarativas.

Interrogação direta e indireta

1. Vimos que a interrogação pode ser expressa:

a) ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, como em:

Os alunos chegaram tarde?

b) ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final apresenta entoação descendente, pelo exemplo:

Como soube disto?

Nestes casos dizemos que a interrogação é DIRETA.

2. Existe, porém, um outro tipo de interrogação, chamada INDIRETA, que se faz por meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente.
Exemplo:

Diga-me como soube disto.

3. Nas orações INTERROGATIVAS INDIRETAS a entoação apresenta as seguintes características:

a) o ataque da frase começa por um nível tonal alto; há uma elevação da voz na primeira sílaba tônica, seguida de um lento declínio da curva melódica até o final da frase;
b) o nível tonal da frase é, em geral, mais baixo que o da interrogação direta;
c) a queda da curva melódica é progressiva, semelhante à que se observa nas orações declarativas.

4. A escrita procura refletir a diferença tonal entre essas formas de interrogação com adotar o PONTO DE INTERROGAÇÃO para marcar o término da interrogação direta, e o simples PONTO, para o da indireta.

Oração exclamativa

Nas exclamações, a entoação depende de múltiplos fatores, especialmente do grau e da natureza da emoção de quem fala.

É a expressão emocional que faz variar o tom, a duração e a intensidade de uma interjeição monossilábica, tal como acontece com a interjeição *oh!* nestes dois versos de Castro Alves:

> **Oh!** que doce harmonia traz-me a brisa!
> **Oh!** ver não posso este labéu maldito!

Nas formas exclamativas de maior corpo, a expressão emocional concentra-se fundamentalmente ou na sílaba que recebe o acento de insistência (se houver), ou na sílaba em que recai o acento normal. Como o primeiro não tem valor rítmico, é o acento normal o ápice da curva melódica.

Assim, nas exclamações,

> **Bandido! Insolente! Fantástico!**

a voz eleva-se até a sílaba tônica e, depois de alguma demora, decai bruscamente. Obedecem elas, pois, ao esquema

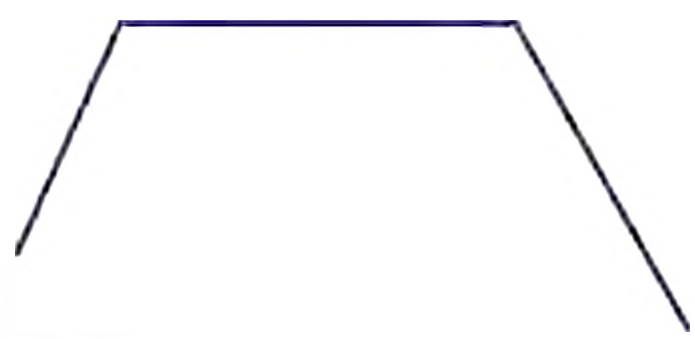

semelhante ao da entoação declarativa.

Já em exclamações como

Jesus! Adeus! Imbecil!

o grupo fônico é ascendente e aproxima-se do esquema da entoação interrogativa:

2. Maior variedade em matizes de entoação encontramos, naturalmente, nas frases exclamativas constituídas de duas ou mais palavras. A curva melódica dependerá sempre da posição da palavra de maior conteúdo expressivo, porque é sobre a sua sílaba acentuada que irão incidir o tom agudo, a intensidade mais forte e a maior duração.

Como a sílaba forte da palavra de maior valor expressivo pode ocupar a posição inicial, medial ou final da oração, três soluções devem ser consideradas:

1.ª) Se a sílaba em causa for a inicial, todo o resto do enunciado terá entoação descendente.

Exemplo:

Deus de minha alma!

2.ª) Se for a final, a frase inteira terá entoação ascendente:

Meu a**mor!**

3.ª) Se for uma das sílabas mediais, a entoação será ascendente até a referida sílaba e descendente dela até a final, como nos mostram estes exemplos colhidos em obra de Marques Rebelo:

Sai da **frente**!
Todo o **mun**do!!!

A linha tonal de cada um desses casos poderia ser assim esquematizada:

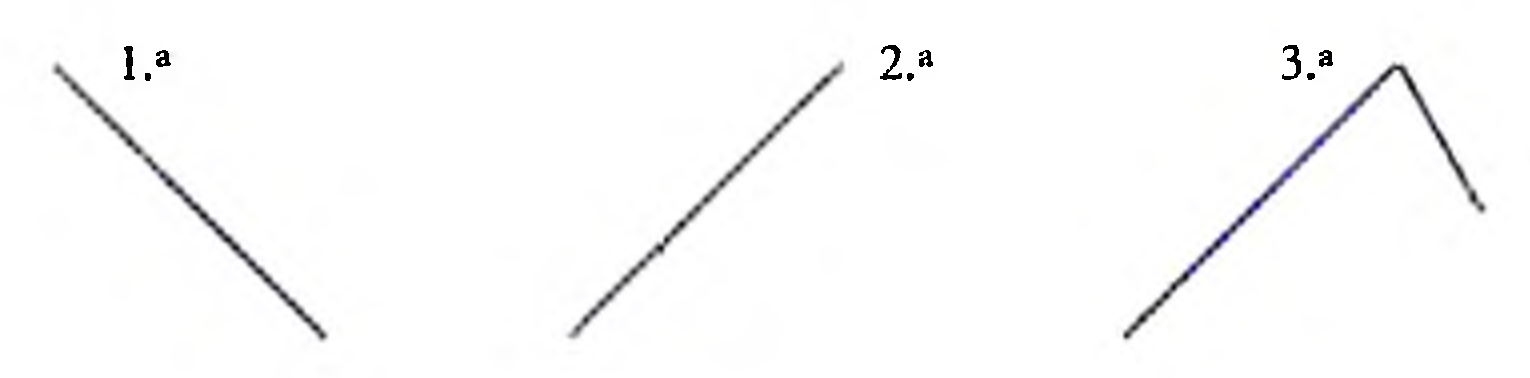

Conclusão

Do exposto, verificamos que a linha melódica tem uma função essencialmente oracional. Com uma simples mudança de tom, podemos reforçar, atenuar ou, mesmo, inverter o sentido literal do que dizemos. É, por exemplo, a entoação particular que permite uma forma imperativa exprimir todos os matizes que vão da ordem à súplica. Pela entoação que lhes dermos, frases como:

Pois não!
Pois sim!

podem ter ora valor afirmativo, ora negativo.

Enfim a entoação reflete e expressa nossos pensamentos e sentimentos. Se o acento é a "alma da palavra", devemos considerá-la a "a alma da oração".[6]

---

[6] As características da entoação portuguesa estão hoje melhor conhecidas graças sobretudo às infatigáveis pesquisas do eminente foneticista de Coimbra, o professor Armando de Lacerda, que em 1975 publicou a sua obra-mestra no particular: *Objectos verbais e significado elocucional. Toemas e entoemas. Entoação.* Coimbra, Instituto de Alta Cultura. Mais recentemente, a mesma matéria voltou a ser tratada, numa nova perspectiva e segundo métodos diversos, por Maria Raquel Delgado Martins na sua obra, anteriormente citada, *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais.* Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras, 1983.

Capítulo 8

Substantivo

1. SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.
São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	otimismo	doçura
glória	opinião	limpeza	caridade	ira

2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *privativamente*, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronome substantivo, numeral ou qualquer palavra substantivada).

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Chamam-se CONCRETOS os substantivos que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

Dá-se o nome de ABSTRATOS aos substantivos que designam noções, ações, estados e qualidades, considerados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	otimismo	doçura
glória	opinião	limpeza	caridade	ira

SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS E COMUNS

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (DESIGNAÇÃO GENÉRICA) ou um indivíduo de determinada espécie (DESIGNAÇÃO ESPECÍFICA).

Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração, o substantivo é chamado COMUM.

Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é PRÓPRIO.

Assim, os substantivos *homem*, *país* e *cidade* são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. *Pedro*, *Brasil* e *Lisboa*, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade.

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

COLETIVOS são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Comparem-se, por exemplo, estas duas afirmações:

Cento e vinte milhões de brasileiros pensam assim.
O **povo** brasileiro pensa assim.

Na primeira enuncia-se um número enorme de brasileiros, mas representados como uma *quantidade de indivíduos*. Na segunda, sem indicação de número, sem indicar gramaticalmente a multiplicidade, isto é, com uma forma de singular, consegue-se agrupar maior número ainda de elementos, ou seja, *todos* os brasileiros como um conjunto harmônico.

Além desses coletivos que exprimem um todo, há na língua outros que designam:

a) uma parte organizada de um todo, como, por exemplo, *regimento*, *batalhão*, *companhia* (partes do coletivo geral *exército*);
b) um grupo acidental, como *grupo*, *multidão*, *bando*: *bando de andorinhas*, *bando de salteadores*, *bando de ciganos*;
c) um grupo de seres de determinada espécie: *boiada* (de bois), *ramaria* (de ramos).

Costuma-se também incluir entre os coletivos os nomes de corporações sociais, culturais e religiosas, como *assembleia*, *congresso*, *congregação*, *concílio*, *conclave* e *consistório*. Tais denominações afastam-se, no entanto, do tipo normal dos coletivos, pois não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, organizadas em uma entidade superior para determinado fim.

Eis alguns coletivos que merecem ser conhecidos:

alcateia (de lobos)
armento (de gado grande: bois, búfalos, etc.)
arquipélago (de ilhas)
atilho (de espigas)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores, etc.)
cacho (de bananas, de uvas, etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros, etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes, etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
falange (de soldados, de anjos)
farândula (de ladrões, de desordeiros, de assassinos, de maltrapilhos e de vadios)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
girândola (de foguetes)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios, etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)

manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
mó (de gente)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
penca (de bananas, de chaves)
plêiade (de poetas, de artistas)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
rebanho (de ovelhas)
récua (de bestas de carga)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores, de médicos)
vara (de porcos)

Observações:

1.ª) Excluímos dessa lista os NUMERAIS COLETIVOS, como *novena, década, dúzia,* etc., que designam um número de seres absolutamente exato. Leia-se, a propósito, o que dizemos na p. 384.

2.ª) O coletivo especial geralmente dispensa a enunciação da pessoa ou coisa a que se refere. Tal omissão é mesmo obrigatória quando o coletivo é um mero derivado do substantivo a que se aplica. Assim, dir-se-á:

A ramaria balouçava ao vento.
A papelada estava em ordem.

Quando, porém, a significação do coletivo não for específica, deve-se nomear o ser a que se refere:

Uma junta de médicos, de bois, etc.
Um feixe de capim, de lenha, etc.

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos podem variar em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

Quanto à flexão de NÚMERO, os substantivos podem estar:

a) no SINGULAR, quando designam um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (SUBSTANTIVO COLETIVO):

aluno	povo
cão	manada
mesa	tropa

b) no PLURAL, quando designam mais de um ser, ou mais de um desses conjuntos orgânicos:

alunos	povos
cães	manadas
mesas	tropas

Formação do plural

Substantivos terminados em vogal ou ditongo

REGRA GERAL: O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se acrescentando-se *-s* ao singular.

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
mesa	mesas	pai	pais
estante	estantes	pau	paus
tinteiro	tinteiros	lei	leis
rajá	rajás	chapéu	chapéus
boné	bonés	camafeu	camafeus
javali	javalis	herói	heróis
cipó	cipós	boi	bois
peru	perus	mãe	mães

Incluem-se nesta regra os substantivos terminados em vogal nasal. Como a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, em posição final, é representada graficamente por *-m*, e não se pode escrever *-ms*, muda-se o *-m* em *-n*. Assim: *bem* faz no plural *bens*; *flautim* faz *flautins*; *som* faz *sons*; *atum* faz *atuns*.

REGRAS ESPECIAIS:

1. Os substantivos terminados em -ão formam o plural de três maneiras:

a) a maioria muda a terminação *-ão* em *-ões*:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
balão	balões	gavião	gaviões
botão	botões	leão	leões
canção	canções	nação	nações
confissão	confissões	operação	operações
coração	corações	opinião	opiniões
eleição	eleições	questão	questões
estação	estações	tubarão	tubarões
fração	frações	vulcão	vulcões

Neste grupo se incluem todos os aumentativos:

Singular	Plural	Singular	Plural
amigalhão	amigalhões	moleirão	moleirões
bobalhão	bobalhões	narigão	narigões
casarão	casarões	paredão	paredões
chapelão	chapelões	pobretão	pobretões
dramalhão	dramalhões	rapagão	rapagões
espertalhão	espertalhões	sabichão	sabichões
facão	facões	vagalhão	vagalhões
figurão	figurões	vozeirão	vozeirões

b) um reduzido número muda a terminação *-ão* em *-ães*:

Singular	Plural	Singular	Plural
alemão	alemães	charlatão	charlatães
bastião	bastiães	escrivão	escrivães
cão	cães	guardião	guardiães
capelão	capelães	pão	pães
capitão	capitães	sacristão	sacristães
catalão	catalães	tabelião	tabeliães

c) um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um *-s* à forma singular:

Singular	Plural	Singular	Plural
cidadão	cidadãos	acórdão	acórdãos
cortesão	cortesãos	bênção	bênçãos
cristão	cristãos	gólfão	gólfãos
desvão	desvãos	órfão	órfãos
irmão	irmãos	órgão	órgãos
pagão	pagãos	sótão	sótãos

Observações:

1.ª) Neste grupo se incluem os monossílabos tônicos *chão, grão, mão* e *vão*, que fazem no plural *chãos, grãos, mãos* e *vãos*.

2.ª) *Artesão*, quando significa "artífice", faz no plural *artesãos*; no sentido de "adorno arquitetônico", o seu plural pode ser *artesãos* ou *artesões*.

2. Para alguns substantivos finalizados em *-ão*, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em *-ões*. É o caso dos seguintes:

Singular	Plural	Singular	Plural
alão	alãos	ermitão	ermitães
	alões		ermitãos
	alães		ermitões
alazão	alazães	hortelão	hortelãos
	alazões		hortelões
aldeão	aldeãos	refrão	refrães
	aldeões		refrãos
	aldeães	rufião	rufiães
anão	anãos		rufiões
	anões	sultão	sultões
ancião	anciãos		sultãos
	anciões		sultães
	anciães	truão	truães
castelão	castelãos		truões
	castelões	verão	verões
corrimão	corrimãos		verãos
	corrimões	vilão	vilãos
deão	deães		vilões
	deões		

Observação:

Corrimão, como composto de *mão*, devia apresentar apenas o plural *corrimãos*; a par desse, existe também *corrimões*, por esquecimento da formação original da palavra.

Plural com alteração de timbre da vogal tônica

1. Alguns substantivos, cuja vogal tônica é *o* fechado, além de receberem a desinência *-s*, mudam, no plural, o *o* fechado [o] para aberto [ɔ]. Apontem-se os seguintes:

abrolho	escolho	olho	rogo
caroço	esforço	osso	sobrolho

contorno	estorvo	ovo	socorro
corcovo	fogo	poço	tijolo
coro	forno	porco	toco
corno	foro	porto	tojo
corpo	fosso	posto	tordo
corvo	imposto	povo	torno
despojo	jogo	reforço	troco
destroço	miolo	renovo	troço

2. Note-se, porém, que muitos substantivos conservam no plural o o fechado do singular. Entre outros, não alteram o timbre da vogal tônica:

acordo	encosto	moço	potro
adorno	engodo	molho	reboco
bojo	estojo	morro	repolho
bolo	ferrolho	mosto	restolho
cachorro	globo	namoro	rolo
coco	golfo	piloto	rosto
colmo	gosto	piolho	sopro
consolo	lobo	poldro	suborno
dorso	logro	polvo	topo

3. Por vezes diverge, na formação desses plurais, a norma culta de Portugal e a do Brasil. É o caso, por exemplo, dos substantivos almoço, bolso e sogro, que, no plural, apresentam a vogal aberta [ɔ] em Portugal e fechada [o] no Brasil.[1]

Cumpre advertir, por fim, que, no curso histórico da língua, certos substantivos alteraram o timbre da vogal tônica no plural e que outros, ainda hoje, vacilam no preferir uma das duas soluções.

Observação:

Atente-se na distinção entre *molho* "condimento" (por ex.: *o molho da carne*) e *molho* "feixe" (por ex.: *um molho de chaves*), palavras que conservam no plural a mesma diferença de timbre da vogal tônica: *môlhos* e *mólhos*.

---

[1] A propósito da formação desses plurais, vejam-se, especialmente: A. d'Almeida Cavacas. *A língua portuguesa e a sua metafonia*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921; Edwaldo Cafezeiro. *A metafonia portuguesa: aspectos sincrônicos e diacrônicos*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981 (texto policopiado).

Substantivos terminados em consoante

1. Os substantivos terminados em *-r*, *-z* e *-n* formam o plural acrescentando *-es* ao singular:

Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
mar	mares	rapaz	rapazes	abdômen	abdômenes
açúcar	açúcares	xadrez	xadrezes	cânon	cânones
colher	colheres	raiz	raízes	dólmen	dólmenes
reitor	reitores	cruz	cruzes	líquen	líquenes

Observações:

1.ª) O plural de *caráter* (escrito *carácter* na ortografia portuguesa) é, tanto no Brasil como em Portugal, *caracteres*, com deslocação do acento tônico e articulação do *c* que possuía de origem.

2.ª) Também com deslocação do acento é o plural dos substantivos *espécimen*, *Júpiter* e *Lúcifer*: *especímenes*, *Jupíteres* e *Lucíferes*.

Advirta-se, porém, que, a par de *Lúcifer*, há *Lucifer*, forma antiga no idioma, cujo plural é, naturalmente, *Luciferes*.

2. Os substantivos terminados em *-s*, quando oxítonos, formam o plural acrescentando também *-es* ao singular; quando paroxítonos, são invariáveis:

Singular	Plural	Singular	Plural
o ananás	os ananases	o atlas	os atlas
o português	os portugueses	o pires	os pires
o revés	os reveses	o lápis	os lápis
o país	os países	o oásis	os oásis
o retrós	os retroses	o ônibus	os ônibus

Observações:

1.ª) O monossílabo *cais* é invariável. *Cós* é geralmente invariável, mas documenta-se também o plural *coses*.

2.ª) Como os paroxítonos terminados em *-s*, os poucos substantivos existentes finalizados em *-x* são invariáveis: *o tórax — os tórax, o ônix — os ônix*.

3. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* substituem no plural o *-l* por *-is*:

Singular	Plural	Singular	Plural
animal	animais	farol	faróis
papel	papéis	lençol	lençóis
móvel	móveis	álcool	álcoois
níquel	níqueis	paul	pauis

Observação:

Excetuam-se as palavras *mal, real* (moeda), *cônsul* e seus derivados, que fazem, respectivamente, *males, réis, cônsules* e, por este, *procônsules, vice-cônsules.*

4. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* mudam o *-l* em *-s*:

Singular	Plural	Singular	Plural
ardil	ardis	funil	funis
barril	barris	fuzil	fuzis
covil	covis	redil	redis

5. Os substantivos paroxítonos terminados em *-il* substituem esta terminação por *-eis*:

Singular	Plural	Singular	Plural
fóssil	fósseis	réptil	répteis

Observações:

1.ª) Além de *projetil*, pronúncia mais generalizada no Brasil, há na língua a variante paroxítona *projétil*, com o plural *projéteis*, que é a pronúncia normal portuguesa.

2.ª) *Réptil*, pronúncia que postula a origem latina da palavra, tem a variante *reptil*, cujo plural é, naturalmente, *reptis.*

6. Nos diminutivos formados com os sufixos *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o *-s* do plural do substantivo primitivo.
Assim:

Singular	Plural
balãozinho	balõe(s) + zinhos > balõezinhos
papelzinho	papéi(s) + zinhos > papeizinhos
colarzinho	colare(s) + zinhos > colarezinhos
cãozito	cãe(s) + zitos > cãezitos

Substantivos de um só número

1. Há substantivos que só se empregam no plural. Assim:

alvíssaras	cãs	fezes	primícias
anais	condolências	matinas	víveres
antolhos	esponsais	núpcias	copas (naipe)
arredores	exéquias	óculos	espadas (naipe)
belas-artes	fastos	olheiras	ouros (naipe)
calendas	férias	pêsames	paus (naipe)

2. Outros substantivos existem que se usam habitualmente no singular. Assim os nomes de metais e os nomes abstratos: *ferro, ouro, cobre*; *fé, esperança, caridade*. Quando aparecem no plural, têm de regra um sentido diferente. Comparem-se, por exemplo, *cobre* (metal) a *cobres* (dinheiro), *ferro* (metal) a *ferros* (ferramentas, aparelhos).

Substantivos compostos

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Observem-se, porém, as seguintes normas, com fundamento na grafia:

1.ª) Quando o substantivo composto é constituído de palavras que se escrevem ligadamente sem hífen, forma o plural como se fosse um substantivo simples:

aguardente(s)	claraboia(s)	malmequer(es)	lobisomem(-mens)
varapau(s)	ferrovia(s)	pontapé(s)	vaivém(-véns)

2.ª) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar todos ou apenas um deles:

Singular	Plural	Singular	Plural
couve-flor	couves-flores	grão-mestre	grão-mestres
obra-prima	obras-primas	guarda-marinha	guardas-marinha
salvo-conduto	salvos-condutos	guarda-roupa	guarda-roupas

Note-se, porém, que:

a) quando o primeiro termo do composto é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
guarda-chuva	guarda-chuvas	bate-boca	bate-bocas
sempre-viva	sempre-vivas	abaixo-assinado	abaixo-assinados
vice-presidente	vice-presidentes	grão-duque	grão-duques

b) quando os termos componentes se ligam por preposição, só o primeiro toma a forma de plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
chapéu de sol	chapéus de sol	peroba-do-campo	perobas-do-campo
pão de ló	pães de ló	joão-de-barro	joões-de-barro
pé de cabra	pés de cabra	mula sem cabeça	mulas sem cabeça

c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico:

Singular	Plural	Singular	Plural
navio-escola	navios-escola	banana-prata	bananas-prata
salário-família	salários-família	manga-espada	mangas-espada

d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjetivo:

Singular	Plural	Singular	Plural
carta-bilhete	cartas-bilhetes	gentil-homem	gentis-homens
tenente-coronel	tenentes-coronéis	água-marinha	águas-marinhas
amor-perfeito	amores-perfeitos	vitória-régia	vitórias-régias

GÊNERO

1. Há dois gêneros em português: o MASCULINO e o FEMININO.
   O masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado.

2. Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

   o aluno o pão o poema o jabuti

Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a casa a mão a ema a juriti

3. O gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.
Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber:

Quanto à significação

1. São geralmente masculinos:
a) os nomes de homens ou de funções por eles exercidas:

João mestre padre rei

b) os nomes de animais do sexo masculino:

cavalo galo gato peru

c) os nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos, nos quais se subentendem as palavras *lago*, *monte*, *oceano*, *rio* e *vento*, que são masculinas:

o Amazonas [= o rio Amazonas]
o Atlântico [= o oceano Atlântico]
o Ládoga [= o lago Ládoga]
o Minuano [= o vento Minuano]
os Alpes [= os montes Alpes]

d) os nomes de meses e dos pontos cardeais:

março findo o Norte
setembro vindouro o Sul

2. São geralmente femininos:
a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas:

Maria professora freira rainha

b) os nomes de animais do sexo feminino:

égua galinha gata perua

c) os nomes de cidades e ilhas, nos quais se subentendem as palavras *cidade* e *ilha*, que são femininas:

a antiga Ouro Preto a Sicília as Antilhas

Observação:

Alguns nomes de cidades, como *Rio de Janeiro*, *Porto*, *Cairo*, *Havre*, são masculinos pelas razões que aduzimos no capítulo seguinte, ao tratarmos do EMPREGO DO ARTIGO.

Quanto à terminação

1. São masculinos os nomes terminados em *-o* átono:

o aluno o livro o lobo o banco

2. São geralmente femininos os nomes terminados em *-a* átono:

a aluna a caneta a loba a mesa

Excetuam-se, porém, *clima*, *cometa*, *dia*, *fantasma*, *mapa*, *planeta*, *telefonema*, *fonema* e outros mais, que serão estudados adiante.

3. Dos substantivos terminados em *-ão*, os concretos são masculinos e os abstratos femininos:

o agrião	o algodão	a educação	a opinião
o balcão	o feijão	a produção	a recordação

Excetua-se *mão*, que, embora concreto, é feminino.

Fora desses casos, é sempre difícil conhecer-se pela terminação o gênero de um dado substantivo.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitoa
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

Dos exemplos acima verifica-se que a forma do feminino pode ser:

a) completamente diversa da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto:

bode cabra homem mulher

b) derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou o acréscimo de desinências:

aluno aluna cantor cantora

Examinemos, pois, à luz desses dois processos, a formação do feminino dos substantivos de nossa língua.

Masculinos e femininos de radicais diferentes

Convém conhecer os seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bode	cabra	genro	nora
boi (ou touro)	vaca	homem	mulher
cão	cadela	macho	fêmea
carneiro	ovelha	marido	mulher
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	padrinho	madrinha
compadre	comadre	pai	mãe
frei	sóror (ou soror)	zangão	abelha

Femininos derivados de radical do masculino

REGRAS GERAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-o* átono formam normalmente o feminino substituindo essa desinência por *-a*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
gato	gata	pombo	pomba
lobo	loba	aluno	aluna

Observação:

Além das formações irregulares que vimos, há um pequeno número de substantivos terminados em *-o* que, no feminino, substituem essa final por desinências especiais.

Assim:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
diácono	diaconisa	maestro	maestrina
galo	galinha	silfo	sílfide

2.ª) Os substantivos terminados em consoante formam normalmente o feminino com o acréscimo da desinência *-a*.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
camponês	camponesa	leitor	leitora
freguês	freguesa	pintor	pintora

REGRAS ESPECIAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino de três maneiras:

a) mudando a terminação *-ão* em *-oa*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
ermitão	ermitoa	leitão	leitoa
hortelão	horteloa	patrão	patroa

b) mudando a terminação *-ão* em *-ã*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
aldeão	aldeã	castelão	castelã
anão	anã	cidadão	cidadã
ancião	anciã	cirurgião	cirurgiã
anfitrião	anfitriã	cortesão	cortesã
campeão	campeã	irmão	irmã

c) mudando a terminação *-ão* em *-ona*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bonachão	bonachona	moleirão	moleirona
comilão	comilona	paspalhão	paspalhona
espertalhão	espertalhona	pobretão	pobretona
figurão	figurona	sabichão	sabichona
folião	foliona	solteirão	solteirona

Observações:

1.ª) Como se vê, os substantivos que fazem o feminino em *-ona* são os aumentativos ou adjetivos substantivados.

2.ª) Além dos anômalos *cão* e *zangão*, a que já nos referimos, não seguem estes três processos de formação os substantivos seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
barão	baronesa	maganão	magana
ladrão	ladra	perdigão	perdiz
lebrão	lebre	sultão	sultana

Usa-se às vezes *ladrona* por *ladra*.

2.ª) Os substantivos terminados em *-or* formam normalmente o feminino, como dissemos, com o acréscimo da desinência *-a*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
pastor	pastora	remador	remadora

Alguns, porém, fazem o feminino em *-eira*. Assim: *cantador – cantadeira*, *cerzidor – cerzideira*.

Outros, dentre os finalizados em *-dor* e *-tor*, mudam estas terminações em *-triz*. Assim: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*.

Observação:

De *embaixador* há, convencionalmente, dois femininos: *embaixatriz* (a esposa de embaixador) e *embaixadora* (funcionária chefe de embaixada).

3.ª) Certos substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-esa*, *-essa* e *-isa*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
abade	abadessa	diácono	diaconisa
barão	baronesa	duque	duquesa
conde	condessa	sacerdote	sacerdotisa

Observação:

De *prior* há o feminino *prioresa* (superiora de certas ordens) e *priora* (irmã de Ordem Terceira). *Príncipe* faz no feminino *princesa*.

4.ª) Os substantivos terminados em *-e*, não incluídos entre os que acabamos de mencionar, são geralmente uniformes. Essa igualdade formal para os dois gêneros é, como veremos adiante, quase que absoluta nos finalizados em *-nte*, de regra originários de particípios presentes e de adjetivos uniformes latinos. Há, porém, um pequeno número que, à semelhança da substituição *-o* (masculino) por *-a* (feminino), troca o *-e* por *-a*.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
elefante	elefanta	mestre	mestra
governante	governanta	monge	monja
infante	infanta	parente	parenta

Observação:

Os femininos *giganta* (de *gigante*), *hóspeda* (de *hóspede*) e *presidenta* (de *presidente*) têm ainda curso restrito no idioma.

5.ª) São dignos de nota os femininos dos seguintes substantivos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
avô	avó	maestro	maestrina
cônsul	consulesa	píton	pitonisa
czar	czarina	poeta	poetisa
felá	felaína	profeta	profetisa

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
frade	freira	rajá	rani
grou	grua	rapaz	rapariga, moça
herói	heroína	rei	rainha
jogral	jogralesa	réu	ré

Observação:

Rapariga é o feminino de *rapaz* mais usado em Portugal. No Brasil, prefere-se *moça* em razão do valor pejorativo que, em certas regiões, o primeiro termo adquiriu.

Substantivos uniformes

Substantivos epicenos

Denominam-se EPICENOS os nomes de *animais* que possuem um só gênero gramatical para designar um e outro sexo.

Assim:

a águia	a mosca	o besouro	o polvo
a baleia	a onça	o condor	o rouxinol
a borboleta	a pulga	o crocodilo	o tatu
a cobra	a sardinha	o gavião	o tigre

Observação:

Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se então ao substantivo as palavras *macho* e *fêmea*: *crocodilo macho*, *crocodilo fêmea*; o *macho* ou a *fêmea do jacaré*.

Substantivos sobrecomuns

Chamam-se SOBRECOMUNS os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar *pessoas* de ambos os sexos.

Assim:

o algoz	o cônjuge	a criança	a testemunha
o apóstolo	o indivíduo	a criatura	a vítima
o carrasco	o verdugo	a pessoa	

Observação:

Neste caso, querendo-se discriminar o sexo, diz-se, por exemplo: *o cônjuge feminino*; *uma pessoa do sexo masculino*.

Substantivos comuns de dois gêneros

Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois gêneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro determinativo acompanhante. Chamam-se COMUNS DE DOIS GÊNEROS estes substantivos.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o agente	a agente	o herege	a herege
o artista	a artista	o imigrante	a imigrante
o camarada	a camarada	o indígena	a indígena
o colega	a colega	o intérprete	a intérprete
o colegial	a colegial	o jovem	a jovem
o cliente	a cliente	o jornalista	a jornalista
o compatriota	a compatriota	o mártir	a mártir
o dentista	a dentista	o selvagem	a selvagem
o estudante	a estudante	o servente	a servente
o gerente	a gerente	o suicida	a suicida

Observações:

1.ª) São COMUNS DE DOIS GÊNEROS todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em *-ista*: *o pianista, a pianista*; *um anarquista, uma anarquista.*

2.ª) Diz-se, indiferentemente, *o personagem* ou *a personagem* com referência ao protagonista homem ou mulher.

Mudança de sentido na mudança de gênero

Há um certo número de substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

Substantivos masculinos terminados em *-a*

Vimos que, embora a terminação *-a* seja de regra denotadora do feminino, há vários masculinos com essa terminação: *artista, camarada, colega, poeta, profeta*, etc. Alguns destes substantivos apresentam uma forma própria para o feminino, como *poeta* (*poetisa*) e *profeta* (*profetisa*); a maioria, no entanto distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado: *o compatriota, a compatriota*; *este jornalista, aquela jornalista*; *meu camarada, minha camarada.*

Um pequeno número de substantivos em *-a* existe, todavia, que só se usa no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Assim:

jesuíta	nauta	patriarca	heresiarca
monarca	papa	pirata	tetrarca

Observações:

1.ª) Entre os substantivos que designam *coisas*, são masculinos os terminados em *-ema* e *-oma* que se originam de palavras gregas:

anátema	edema	sistema	diploma
cinema	estratagema	telefonema	idioma
diadema	fonema	tema	aroma
dilema	poema	teorema	axioma
emblema	problema	trema	coma

2.ª) Embora a palavra *grama* se use também no gênero feminino (*quinhentas gramas*), os seus compostos mantêm-se no gênero masculino: *um miligrama, o quilograma.*

Substantivos de gênero vacilante

Substantivos há em cujo emprego se nota vacilação de gênero. Eis alguns, para os quais se recomenda a seguinte preferência:

a) GÊNERO MASCULINO:

ágape	clã	gengibre	sanduíche
antílope	contralto	lança-perfume	soprano
caudal	diabete(s)	praça (soldado)	suéter

b) GÊNERO FEMININO:

abusão	áspide	jaçanã	ordenança
alcíone	fácies	juriti	sentinela
aluvião	filoxera	omoplata	sucuri

GRAU

Um substantivo pode apresentar-se:

a) com a sua significação normal: *chapéu, boca*;
b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (GRAU AUMENTATIVO): *chapelão, bocarra*; *chapéu grande, boca enorme*;
c) com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (GRAU DIMINUTIVO): *chapeuzinho, boquinha*; *chapéu pequeno, boca minúscula.*

Vemos, portanto, que a GRADAÇÃO do significado de um substantivo se faz por dois processos:

a) SINTETICAMENTE, mediante o emprego de sufixos especiais, que estudamos no capítulo 6; assim: *chape-l-ão, boc-arra*; *chapeu-zinho, boqu-inha*;
b) ANALITICAMENTE, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções: *chapéu grande, boca enorme*; *chapéu pequeno, boca minúscula.*

Valor das formas aumentativas e diminutivas

Convém ter presente que o que denominamos AUMENTATIVO e DIMINUTIVO nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos *grande* e *pequeno*, ou sinônimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim: *narigão, beiçorra, pratalhaz* ou *pratarraz, atrevidaço, porcalhão*, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO.

"O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona — quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga." [2]

---

[2] Silvia Skorge. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 17: 50-51, 1958.

Observação:

A rigor, a flexão de GRAU é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo — o NORMAL, o AUMENTATIVO e o DIMINUTIVO — em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, que, neste ponto, seguem uma longa tradição no ensino do idioma.

Especialização de formas

Muitas formas originariamente aumentativas e diminutivas adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra derivante. Nestes casos, não se pode mais, a rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, na verdade, palavras em sua acepção normal.

Assim:

cartão	portão	corpete	lingueta
ferrão	cartilha	flautim	pastilha
florão	cavalete	folhinha (= calendário)	vidrilho

EMPREGO DO SUBSTANTIVO

FUNÇÕES SINTÁTICAS DO SUBSTANTIVO

O SUBSTANTIVO pode figurar na oração como:

1. SUJEITO:

Samuel está desolado.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 127.)

O **pasmo** e a **felicidade** transtornaram-no.
(C. de Oliveira, *AC*, 122.)

2. PREDICATIVO:

a) DO SUJEITO:

Eu já não sou **funcionário**.
(Castro Soromenho, *TM*, 243.)

De maneiras finas, era um **fidalgo**.
(N. Piñon, *FD*, 61.)

b) DO OBJETO DIRETO:

De toda parte, aclamavam-no **herói**.
(R. Pompeia, *A*, 108.)

O amor... Como adora o marido, como deve ser bom tê-la **por esposa**.
(A. Abelaira, *NC*, 25.)

c) DO OBJETO INDIRETO:

Eram capazes de me chamar **sacristão**.
(F. Namora, *TJ*, 214.)

Irmão lhe chamaria, mas irmão
por quê, se a vida nova
se nutre de outros sais, que não sabemos?
(C. Drummond de Andrade, *R*, 169-170.)

3. OBJETO DIRETO:

Eu arranjo umas **velinhas**.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 203).

O velho não desvia os **olhos**.
(Alves Redol, *FM*, 195.)

4. OBJETO INDIRETO:

O que Amélia, naquele instante, pediria a **Deus**?
(J. Lins do Rego, *FM*, 236.)

Aos **marteleiros**, dá-se um salário, aos **estivadores** e **saibreiros** outro, negócio de "pinchas" outro.
(A. Ribeiro, *V*, 41.)

5. COMPLEMENTO NOMINAL:

O talento é um complexo de virtudes, às vezes inseparáveis de **defeitos**.
(F. Namora, *E*, 119.)

Lúcia era particularmente sensível à **nota** humana.
(A. Peixoto, *RC*, 49.)

6. ADJUNTO ADVERBIAL:

De **Braga** voltamos às **Caldas.**
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 11.)

Contemplaram-se em **silêncio.**
(É. Veríssimo, *LS*, 153.)

7. AGENTE DA PASSIVA:

Fomos apresentados um ao outro por **Silva Jardim.**
(R. Correia, *PCP*, 559.)

A investida é observada de longe pelos **sitiantes.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 355.)

8. APOSTO:

Ia haver um baile na Faculdade de Direito, o **baile** dos calouros, o meu **baile.**
(C. dos Anjos, *MS*, 345.)

Os dois, **governador e filho**, encarregaram-se de todos os aprestos da sua viagem para o Paraguai.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 104.)

9. VOCATIVO:

— **Prima**, venha conhecer o compadre.
(J. C. de Carvalho, *CL*, 69.)

Eu tenho, **Amor**, a cinta esbelta e fina...
(F. Espanca, *S*, 96.)

SUBSTANTIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL

1. Precedido de preposição, pode o SUBSTANTIVO formar uma LOCUÇÃO ADJETIVA, que funciona como ADJUNTO ADNOMINAL.
Assim:

uma vontade **de ferro** [= férrea]
um menino **às direitas** [= correto]
uma pessoa **sem entranhas** [= perversa]
uma força **de Hércules** [= hercúlea]

2. Em função de ADJUNTO ADNOMINAL, pode também o SUBSTANTIVO referir-se diretamente a outro SUBSTANTIVO.
Comparem-se expressões do tipo:

um riso **canalha** — uma recepção **monstro**
um ar **província** — uma atitude **povo**

Exemplos literários:

Durante essas ruas **paris**
de Barcelona, tão **avenida**
entre uma gente meio **londres**
urbanizada em mansas filas,
chegava a desafio
seu caminhar **sevilha**:
que é levando a cabeça
em flor que fosse espiga.
(J. Cabral de Melo Neto, *PC*, 87-88.)

Évora! Ruas ermas sob os céus
Cor de violetas roxas... Ruas **frades**
Pedindo em triste penitência a Deus
Que nos perdoe as míseras vaidades!
(F. Espanca, *S*, 149)

SUBSTANTIVO CARACTERIZADOR DE ADJETIVO

Os adjetivos referentes a cores podem ser modificados por um SUBSTANTIVO que melhor precise uma de suas tonalidades, um de seus matizes.
Assim:

amarelo-**canário** — verde-**garrafa**
azul-**petróleo** — roxo-**batata**

Neste emprego o substantivo equivale a uma advérbio de modo.[3]

---

[3] Cf. R. L. Wagner – J. Pinchon. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1962, p. 76. Sobre a interpretação e a duvidosa vernaculidade das expressões do tipo *ramagens verde-garrafa*, *olhos verde-mar*, leiam-se as observações de Mário Barreto, em

SUBSTANTIVO CARACTERIZADO POR UM NOME

Recurso expressivo, generalizado nas línguas românicas[4], é a caracterização de um SUBSTANTIVO por meio de um NOME (substantivo ou adjetivo) anteposto, ligado pela preposição *de*, num sintagma nominal do tipo:

O raio do menino
A desgraçada da mulher

Em que pese às divergências quanto à interpretação dos valores semânticos e sintáticos que entram em jogo nessa estrutura nominal, todos reconhecem a intensidade afetiva de sua caracterização antecipada. A feição particular desta parece advir de, ao mesmo tempo, estar ligada pelo estreito vínculo de uma preposição e gozar do realce significativo que seria o de um aposto ou de uma predicação nominal.

O SUBSTANTIVO COMO NÚCLEO DAS FRASES SEM VERBO

As FRASES NOMINAIS, organizadas sem verbo, têm o substantivo como centro. É o que se verifica, por exemplo:

a) nas exclamações:

Ó minha amada,
Que olhos os teus!
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Novos estudos da língua portuguesa, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1921, p. 375-377; e de Sousa da Silveira, em *Trechos seletos*, 4.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 68.

4 É já numerosa a bibliografia relativa a esta construção. Citamos aqui apenas as contribuições mais importantes: Alf Lombard. Li fel d'anemis. Ce fripon de valet. *Studier i Modern Sparakvetenskap*, Upsala, 2: 145-215, 1931; André Eskénazi. Quelques remarques sur le type *ce fripon de valet* et sur certaines fonctions syntaxiques de la préposition *de*. *Le Français Moderne*, 35: 184-200, 1967; Mariana Tutescu. Le Type nominal *ce fripon de valet*. *Revue de Linguistique Romane*, 33: 299-316, 1969; M. Regula. Encore une fois "ce fripon de valet". *Ibid.* 36: 107-111, 1972.
Sobre o uso da construção em espanhol, veja-se Rafael Lapesa. Sobre las construcciones *El diablo del toro*, *El bueno de Minaya*, *¡Ay de mí!*, *¡Pobre de Juan!*, *Por malos de pecados*. *Filología*, 8: 169-184, 1962. Quanto ao emprego em português, consulte-se M. M. Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 111-121.

Ó bendita paisagem! Terra estranha
De antigos pinheirais e alegres campos,
Ei-la silêncio, solidão, montanha!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, IV, 34.)

b) nas indicações sumárias:

Fim da tarde, boquinha da noite
com as primeiras estrelas
e os derradeiros sinos.
(J. de Lima, *OC*, I, 225.)

Canto litúrgico em latim abastardado: vozes rurais e gritadas, quase todas femininas. Sobe o pano. Escuro total. Silêncio.
(B. Santareno, *TPM*, 9.)

c) em títulos como:

Amanhã, Benfica e Flamengo no Maracanã.
Nova crise no Oriente Médio.
Terremoto no Japão.

Capítulo 9

Artigo

ARTIGO DEFINIDO E INDEFINIDO

Dá-se o nome de ARTIGOS às palavras *o* (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar:

a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos:

> Levanta-se, vai **à** mesa, tira um cigarro **da** caixa de laca, acende **o** cigarro **no** isqueiro, larga **o** isqueiro, volta **ao** sofá.
> (F. Botelho, *X*, 183.)

> Atravessaram **o** pátio, deixaram **na** escuridão **o** chiqueiro e **o** curral, vazios, de porteiras abertas, **o** carro de bois que apodrecia, **os** juazeiros.
> (G. Ramos, *VS*, 161.)

b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior:

> Vi que estávamos **num** velho solar, de certa imponência. **Uma** fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras **um** alpendre assente em grossas colunas.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 21.)

> Era **uma** casinha nova, a meia encosta, com trepadeiras pela varanda. Tinha **um** pomar pequeno de laranjeiras e marmeleiros e mais **uma** hortazinha, ao longo do rego que descia do morro.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

No primeiro caso, dizemos que o artigo é DEFINIDO; no segundo, INDEFINIDO.

Observação:

"O artigo é um signo que exige a presença de outro (ou outros) com o qual se associa em sintagma: um signo dependente. Por outra parte, pertence ao tipo de signos que se agrupam em paradigmas ou inventários limitados, fechados: os signos morfológicos, cujos conteúdos — os morfemas — constituem o sistema gramatical, em oposição aos signos léxicos, caracterizados por constituírem inventários abertos, ilimitados" (E. Alarcos Llorach. El artículo en español. In *To Honor Roman Jakobson*: Essays on the Occasion of His Seventieth Birthday, 1. The Hague-Paris, Mouton, 1967, p. 19).

FORMAS DO ARTIGO

Formas simples

1. São estas as formas simples do artigo:

	ARTIGO DEFINIDO		ARTIGO INDEFINIDO	
	Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

2. No português antigo havia as formas *lo* (*la*, *los*, *las*) e *el* do artigo definido. *Lo* (e suas variações) só aparece hoje, como artigo, em construções estereotipadas do tipo *mai-lo* (= *mais o*), ocorrentes em falares de Portugal, e que alguns escritores têm incorporado a suas obras, como nos mostra este passo:

> Veio da terra, **mai-lo** seu moinho.
> (A. Nobre, *S*, 26.)

Há resquício da antiga forma feminina *la* em *alfim* (aglutinação de *a la fim*), mas em certas expressões como *a la cria*, *a la fresca*, usadas por alguns escritores gaúchos, o artigo é um mero espanholismo, de introdução moderna. Veja-se este exemplo:

> **A la fresca!**... que ninho!
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 185.)

3. A forma arcaica *el* do artigo masculino fossilizou-se na titulatura *el-rei*, talvez por influência da conservadora linguagem da Corte:

> Então o terceiro a **El-Rei** rogou
> Licença de os buscar, e **El-Rei** negou.
> (F. Pessoa, *OP*, 25.)

Vejam-se topônimos atuais, como *São João del-Rei*, e outros antigos, como *São José del-Rei* (hoje *Tiradentes*) e *Sergipe del-Rei*:

> Dos Azevedos, família antiga na província de **Sergipe d'El-Rei**, viviam na Estância três irmãs, Felicidade, Turíbia, Umbelina e um irmão padre.
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

Formas combinadas do artigo definido

1. Quando o substantivo, em função de complemento ou de adjunto, se constrói com uma das preposições *a*, *de*, *em* e *por*, o ARTIGO DEFINIDO que o acompanha combina-se com essas preposições, dando:

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO			
	o	**a**	**os**	**as**
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

2. **Crase.** O artigo definido feminino quando vem precedido da preposição *a*, funde-se com ela, e tal fusão (= CRASE) é representada na escrita por um acento grave sobre a vogal (*à*).
   Assim:

Vou **a**	+	**a** cidade	=	Vou **à** cidade
preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*.		artigo que determina o substantivo cidade		*a* craseado, a que se aplica o acento grave.

Não raro, o *à* vale como redução sintática da expressão *à moda de* (= *à maneira de, ao estilo de*):

> As bordaduras e os recamos de oiro, os veludos e sedas de fora, talhados **à francesa**, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes.
> (Rebelo da Silva, *CL*, 175.)

> Mas o major? Por que não ria **à inglesa**, nem **à alemã**, nem **à francesa**, nem **à brasileira**? Qual o seu gênero?
> (Monteiro Lobato, *U*, 117.)

Observação:

Como se vê, o conhecimento do emprego da forma feminina do artigo definido é de grande importância para se aplicar acertadamente o acento grave denotador da crase com a preposição *a*. Tal conhecimento torna-se mesmo imprescindível no caso dos falantes do português do Brasil, que não distinguem, pela pronúncia, a vogal singela *a* (do artigo ou da preposição) daquela proveniente de crase. Convém, por isso, atentar-se sempre na construção de determinada palavra com outras preposições para se saber se ela exige ou dispensa o artigo. Assim, escreveremos:

> Vou **à feira** e, depois, irei **a Copacabana**.

porque também diremos:

> Vim **da feira** e, depois, passei **por Copacabana**.

3. Quando a preposição antecede o artigo definido que faz parte do título de obras (livros, revistas, jornais, contos, poemas, etc.), não há uma prática uniforme. Na língua escrita, porém, deve-se neste caso:

a) ou evitar a contração, pelo modelo:

> Camões é o autor **de Os Lusíadas**.
> A notícia saiu **em O Globo**.

b) ou indicar pelo apóstrofo a supressão da vogal da preposição:

> Camões é o autor **d'Os Lusíadas**.
> A notícia saiu **n'O Globo**.

Tenha-se presente que as grafias *dos Lusíadas* e *no Globo* — talvez as mais frequentes — deturpam o título do poema e do jornal em causa.

Observação:

As duas soluções apontadas são admitidas pela ortografia portuguesa. No Brasil, porém, o Formulário Ortográfico de 1943 não preceitua o emprego do apóstrofo para indicar a supressão da vogal da preposição.

4. Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos de sua aglutinação na prática dos melhores escritores:

> A circunstância **de as** vindimas juntarem a família prestava-se a uma reunião anual na Junceda.
> (M. Torga, *V*, 159.)

> — Estou-me esforçando, Sr. Juiz, por conservar o jeito especial **de o** garoto falar.
> (A. M. Machado, *HR*, 27.)

> Dona Rosa, Dona Rosa,
> Quando eras inda botão
> Disseram-te alguma cousa
> **De a** flor não ter coração?
> (F. Pessoa, *QGP*, nº. 160.)

5. A antiga preposição *per* contraía-se com *lo*(*s*), *la*(*s*), formas primitivas do artigo definido, produzindo *pelo*(*s*), *pela*(*s*). Estas contrações vieram substituir *polo*(*s*) e *pola*(*s*), de emprego normal no português clássico, como ilustram estes versos camonianos:

> Pois **polos** doze pares dar-vos quero
> Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço.
> (*L*, I, 12.)

> Da Lua os claros raios rutilavam
> **Polas** argênteas ondas Neptuninas.
> (*L*, I, 58.)

Formas combinadas do artigo indefinido

1. O ARTIGO INDEFINIDO pode contrair-se com as preposições *em* e *de*, originando:

numa	numa	nuns	numas
dum	duma	duns	dumas

2. As preposições *em* e *de*, antepostas ao artigo indefinido que integra o título de obras, separam-se dele na escrita:

> Sofríamos do que, **em Um Olhar sobre a Vida**, qualifiquei de "insônia internacional".
> (Genolino Amado, *RP*, 21.)

> Ou no caso da outra Maria, a **de Um Capitão de Voluntários**, criatura esta "mais quente e mais fria do que ninguém".
> (A. Meyer, *SE*, 45.)

3. Também não é aconselhável a contração do artigo indefinido com a preposição que se relaciona com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz:

> A obra atrasou-se em virtude **de uns operários** se terem acidentado.

VALORES DO ARTIGO

A DETERMINAÇÃO

1. Comparando-se esta frase de Alceu Amoroso Lima,

> Foi chegando **um** caboclinho magro, com **uma** taquara na mão.
> (*AA*, 40.)

às seguintes,

> Foi chegando **o** caboclinho magro, com **a** taquara na mão.
> Foi chegando **este** caboclinho magro, com **esta** taquara na mão.

verifica-se que a determinação dos substantivos *caboclinho* e *taquara* se vai tornando mais precisa, à medida que se passa do ARTIGO INDEFINIDO (*um*, *uma*) para o ARTIGO DEFINIDO (*o*, *a*) e, depois, para o DEMONSTRATIVO (*este*, *esta*). No primeiro caso, indica-se apenas a *espécie* dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos substantivos, com *individualizá-los*, *defini-los*. No terceiro, limita-se ainda

mais o sentido dos substantivos, que aparecem situados no *espaço* e no *tempo*. Exemplificando: *este caboclinho magro* não é *um caboclinho magro qualquer* (INDEFINIDO), nem *o caboclinho magro*, que o interlocutor conhece (DEFINIDO), mas o que está no momento perto da pessoa que fala.
Por outras palavras: o ARTIGO DEFINIDO é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado: o ARTIGO INDEFINIDO, ao contrário, é por excelência um sinal da falta de notoriedade, de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

2. Quer seja DEFINIDO (*o* e suas variações *a*, *os*, *as*), quer seja INDEFINIDO (*um* e suas variações *uma*, *uns*, *umas*), o ARTIGO caracteriza-se por ser a palavra que introduz o substantivo indicando-lhe o gênero e o número.
Assim sendo:

a) qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo se torna substantivo:

O ato literário é o conjunto **do escrever** e **do ler.**
(F. Namora, *E*, 111.)

Tudo no mundo começou com **um sim.**
(C. Lispector, *HE*, 15.)

Que motivo é este **do "não sei quê"**, pergunta o Leitor.
(A. Meyer, *CM*, 79.)

b) o artigo faz aparecer o gênero e o número do substantivo:

o Amazonas	as amazonas	o cliente	a cliente
o pires	os pires	as bibliotecas	os astecas
o pianista	a pianista	um pirata	uma gravata
um quilograma	a ama	o jabuti	a juriti
o pão	a mão	um barão	a produção
o clã	a irmã	um poema	a ema

Com isso, permite a distinção de substantivos homônimos, tais como:

o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO

COM OS SUBSTANTIVOS COMUNS

Na língua de nossos dias, o ARTIGO DEFINIDO é, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie.

Assim:

> **O** aparelho de chá, **o** faqueiro, **os** cristais e **os** tapetes tinham ficado com ele.
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 13.)

> Sumiu-se **a** rapariga.
> (C. de Oliveira, *AC*, 123.)

Este seu valor costuma ser enfatizado, quando se pretende acentuar o caráter único ou universal do elemento representado pelo substantivo, como nestes passos:

> Tive, há alguns meses, um momento crítico, ou talvez, por certos lados, **o** momento crítico, da minha vida.
> (A. de Quental, *C*, 357.)

> Não era uma loja qualquer: era **a** Loja.
> (C. dos Anjos, *MS*, 350.)

É o que se chama ARTIGO DE NOTORIEDADE.

Empregos particulares

Entre os empregos particulares do ARTIGO DEFINIDO devem ser mencionados os seguintes:

Emprego como demonstrativo

1. O artigo definido provém do pronome demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. É o que se observa em frases do tipo:

Permaneceu **a** [= esta, ou aquela] semana inteira em casa.
Partimos **no** [= neste] momento para São Paulo.
Levarei produtos **da** [= desta] região.

2. É também sensível o valor demonstrativo do artigo que faz evocar o substantivo como algo presente no espírito do locutor ou do ouvinte, situado, portanto, no tempo e no espaço.
Sirva de exemplo esta frase:

Pedro foi um ativista desde **a** Faculdade.

[Isto é: aquela Faculdade que os interlocutores sabem qual seja.]

Emprego do artigo pelo possessivo

Este emprego do ARTIGO DEFINIDO é frequente antes de substantivos que designam:

a) partes do corpo:

Passei **a mão** pelo **queixo**.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 15.)

Ela repeliu-o então e firmou-se **nos cotovelos**, enfurnando **a cara** **nas mãos**.
(U. Tavares Rodrigues, *TO*, 71.)

b) peças de vestuário ou objetos de uso marcadamente pessoal:

Abel Matias, calado, veste **as calças** e **a camisa**.
(O. Mendes, *P*, 130.)

Ao anoitecer vestiu **o impermeável**, enfiou **o chapéu** e saiu.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) faculdades do espírito:

Chegou a tomar balanço para **as** habituais **meditações**.
(A. Abelaira, *D*, 19.)

O velho embalava **o pensamento**.
(Autran Dourado, *TA*, 42.)

d) relações de parentesco:

> Nunca mais pude separar a lembrança **da prima** da sensação cromática das escalas musicais.
> (P. Nava, *BO*, 365.)

> — Já não chamou pel**a mãe**!...
> (M. Torga, *V*, 186.)

Observação:

Não se emprega, porém, o artigo quando estes nomes formam com as preposições *de* ou *a* uma locução adverbial.

Pus-me **de joelhos**.
Emagrece **a olhos vistos**.

Emprego do artigo antes dos possessivos

Antes de pronome substantivo possessivo

Em português, o emprego ou a omissão do artigo definido antes de possessivos que funcionam como pronomes substantivos não tem apenas valor estilístico, mas corresponde a uma clara distinção significativa.

Comparem-se, por exemplo, as frases seguintes:

Este cinto é **meu**.
Este cinto é **o meu**.

Com a primeira, pretende-se acentuar a simples ideia de posse. Equivale a dizer-se: "Este cinto pertence-me, é de minha propriedade".

Com a segunda, porém, faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa. O seu sentido será: "Este é o meu cinto, o que possuo".

Antes de pronome adjetivo possessivo

1. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos podem usar-se com artigo ou sem ele:

Meu amor é só teu.
O meu amor é só teu.

A presença do artigo antes de pronome adjetivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde, com exceção dos casos adiante mencionados, ela é praticamente obrigatória.

Comparem-se estes exemplos:

> — **A minha irmã** e **o meu cunhado** costumam receber **os seus amigos** mais íntimos.
> (A. Abelaira, *D*, 107.)

> **Meu avô materno** foi verdadeiramente **minha primeira amizade**, companheiro de brinquedo da **minha primeira infância.**
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

2. O artigo é sistematicamente omitido quando o possessivo:

a) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões como *Nosso Pai* (referente ao Santíssimo), *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*:

> **Sua Excelência Reverendíssima** escusou-se de recebê-los pessoalmente.
> (B. Santareno, *TPM*, 37.)

> **V. Exª.** é sempre lisonjeiro.
> (Castro Alves, *OC*, 604.)

> **Nosso Senhor** tinha o olhar em pranto.
> Chorava **Nossa Senhora.**
> (A. de Guimaraens, *OC*, 121.)

b) faz parte de um vocativo:

> — Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
> (A. Nobre, *S*, 106.)

> — É neto, **meu padrinho**?
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 251.)

c) pertence a certas expressões feitas: *em minha opinião*, *em meu poder*, *a seu bel-prazer*, *por minha vontade*, *por meu mal*, etc.

d) vem precedido de um demonstrativo:

> — Não aguento mais **esse teu silêncio** antipático.
> (U. Tavares Rodrigues, *TO*, 162.)

— Isto, aliás, seria benefício a **este seu criado.**
(C. dos Anjos, *M*, 173.)

Observação:

Se o possessivo estiver posposto ao substantivo, este virá normalmente precedido de ARTIGO:

Quanto mistério
Nos olhos teus...
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Pode, no entanto, dispensá-lo, quando nos referimos a algo de modo impreciso ou vago:

Tenho estado à espera **de notícias tuas**, mas vejo que não chegam nunca.
(A. Nobre, *CI*, 117.)

Emprego genérico

Usa-se às vezes o ARTIGO DEFINIDO junto a um substantivo no singular para exprimir a totalidade específica de um gênero, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

O guarani fez-se aliado d**o espanhol.**
(J. Cortesão, *IHB*, II, 126.)

O relógio é um objeto torturante: parece algemado ao tempo.
(C. Lispector, *SV*, 113.)

Este emprego é frequente nos provérbios:

O homem não é propriedade d**o homem.**
O avarento não tem e **o pródigo** não terá.

Se o substantivo é abstrato, o ARTIGO serve, ademais, para personalizá-lo:

Sacrificou um pouco, sobretudo no exórdio, a articulação do seu discurso para evitar **o brilho, a saliência, a ênfase.**
(M. Bandeira, *AA*, 306.)

Era o deus vivo que os tinha na sua mão, o amigo-inimigo donde lhes vinha todo **o bem** e todo **o mal, a miséria** e **o pão, o luto** e **a alegria.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 173.)

Entre os abstratos incluem-se naturalmente os adjetivos substantivados:

Eu trabalho com **o inesperado**.
(C. Lispector, *SV*, 14.)

O pior é que nos apareceram outros doentes.
(F. Namora, *CS*, 157.)

Observação:

Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

Pobreza não é **vileza**.
Cão que ladra não morde.
Homem não é **bicho**.
Preto como **azeviche**.

Emprego em expressões de tempo

1.º) Os nomes de meses não admitem ARTIGO, a menos que venham acompanhados de qualificativo:

Estou seguro de ir até o Rio em fins **de junho** ou princípios **de julho**.
(M. de Andrade, *CMB*, 102.)

Descobria afinal a manhã carioca, n**o abril de Botafogo**, manhã que antes nunca me dera o ar de sua graça.
(Genolino Amado, *RP*, 22.)

Era **um setembro puro**.
(M. Torga, *NCM*, 63.)

Observação:

Omite-se em geral o ARTIGO antes das datas do mês:

A 28 de setembro, por vinte e sete votos, sai ele vitorioso.
(J. Montello, *PMA*, 276.)

O parecer é **de 28 de janeiro** de 1640.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 218.)

Costuma-se, no entanto, usá-lo:

a) antes de datas célebres (que adquirem o valor de um substantivo composto de NUMERAL + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO):

> Por ser precisamente um dos feriados extintos, **o 19 de Novembro** faz lembrar hoje, aos marmanjos do começo do século, não só a bandeira como a própria infância, tão perdida quanto esse feriado.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 116.)

b) antes de datas mencionadas no curso de uma narração:

> Constituiu-se assim livremente a Academia e a primeira sessão se realizou **aos 15 de dezembro de 1896**, aclamados presidente Machado de Assis e secretários Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1132.)

2.º) Os nomes dos dias da semana vêm precedidos de ARTIGO, principalmente quando enunciados no plural:

> Queres ir comigo à Itália **no domingo**?
> (A. Abelaira, *D*, 45.)

> **Aos domingos** saíam cedo para a missa.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 33.)

Mas podem dispensá-lo (juntamente com a preposição a que se aglutinam), quando funcionam como adjunto adverbial.

Assim:

> **Sexta-feira** fui vê-la sair.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 593.)

> — **Domingo** à tarde. **Domingo** será a vez do teu moinho...
> (F. Namora, *DT*, 221.)

3.º) Não se usa o ARTIGO nas designações das horas do dia, nem com as expressões *meio-dia* e *meia-noite*:

> O relógio marcava **meio-dia e dez...**
> (A. Abelaira, *D*, 124.)

Meia-noite? Não se teria enganado?
(J. Montello, *SC*, 25-26.)

O ARTIGO é, porém, de regra quando, antecedidas de preposição, tais formas se empregam adverbialmente:

Já não se almoça **às 9 da manhã**
e não se janta **às 4.**
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 99.)

Ao meio-dia já as águas do porto eram prata fundida.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 47.)

4.º) Os nomes das quatro estações do ano são precedidos de artigo:

As névoas anunciam **o Inverno.**
(R. Brandão, *P*, 52.)

Talvez tenha acabado **o verão.**
(R. Braga, *CCE*, 293.)

Será goivo **no outono**, assim como era,
Eternamente mal-aventurada,
A alma, que lírio foi **na primavera**...
(A. de Guimaraens, *OC*, 342.)

Podem, no entanto, dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, funcionam como complemento nominal ou como adjunto adnominal:

Que noite **de inverno**! Que frio, que frio!
Gelou meu carvão:
Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol **de verão**!
(A. Nobre, *S*, 13.)

Num meio-dia de fim **de primavera**
Tive um sonho como uma fotografia.
(F. Pessoa, *OP*, 143.)

Hora sagrada dum entardecer
De outono, à beira-mar, cor de safira.
(F. Espanca, *S*, 22.)

5.º) Os nomes de datas festivas dizem-se com ARTIGO:

o ano-bom	**o Natal**
o carnaval	**a Páscoa**

É, porém, de regra a omissão do ARTIGO quando estes nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras *dia*, *noite*, *semana*, *presente*, etc.:

O primeiro **dia de carnaval.**
A **noite de Natal.**
A **semana de Páscoa.**
Um **presente de ano-bom.**

Emprego com expressões de peso e medida

O ARTIGO DEFINIDO é usado com força distributiva em frases do tipo

O feijão está a cento e trinta cruzeiros **o quilo** (= cada quilo)

Este tecido custa dois mil escudos **o metro** (= cada metro),

nas quais se expressa por unidade de peso ou medida o custo ou o valor de determinada coisa.

Com a palavra casa

1. Dispensam o ARTIGO os adjuntos adverbiais de lugar em que entra a palavra *casa*:

a) desacompanhada de determinação ou qualificação, no sentido de "residência", "lar":

Às quatro da madrugada entrou **em casa.**
(M. Torga, *CM*, 32.)

Voltou **para casa** e ficou à espera da hora insuportável.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 105.)

b) em sentido vago, embora acompanhada de qualificação:

Estava **em casa própria** lá para Ipanema.
(A. Ribeiro, *M*, 356.)

A vida na casa de Sinhô era mesquinha como **em casa de pobre**, mas havia lá dentro a bela Pérola.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 306.)

2. Mas a palavra *casa* vem de regra antecedida de ARTIGO:

a) quando usada na acepção própria de "prédio", "edifício", "estabelecimento":

J[osé] O[lympio] em geral não emprega a primeira pessoa; diz: **a casa. A casa** não pode editar um livro nessas condições, **a casa** ficou magoada, **a casa** está feliz...
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 52.)

Estou cansado, preciso de um sócio, alguém que me dirija **a casa**.
(A. Abelaira, *D*, 28.)

b) quando está particularizada por adjunto adnominal:

Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri **à casa de Virgília**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 484.)

Na sua própria casa, Horácio pressentia que a mãe lhe ocultava alguma coisa.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 451.)

Observação:

Diz-se *o dono* (ou *a dona*) **da casa** para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago, dir-se-á, porém: *uma boa dona* **de casa**.

Com a palavra palácio

1. A palavra *palácio* usa-se com ARTIGO:

Absorvendo-me nos exames, suspendi as idas **ao Palácio**.
(Genolino Amado, *RP*, 124.)

Só perto **do palácio** enxugou os olhos.
(Alves Redol, *BC*, 342.)

2. Costuma, no entanto, dispensá-lo, no português do Brasil, quando, em função de adjunto adverbial, designa a residência ou o local de despacho do chefe da

Nação ou do Estado e vem desacompanhada da competente determinação ou qualificação. Poder-se-á dizer, por conseguinte:

> O Governador chamou-o **a Palácio**, pedindo-lhe que desse um termo à luta.
>
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 134-135.)

> — Olhe, nos Governos de gente nossa, não se pode nem comer **em Palácio**...
>
> (A. Deodato, *POBD*, 55.)

Mas dir-se-á sempre com artigo, quando determinada ou qualificada:

> Paladino do amor, busco anelante
> **O palácio encantado da Ventura!**
>
> (A. de Quental, *SC*, 42.)

> Benício tornou a acercar-se da janela, alongou a vista na direção **do Palácio Laranjeiras.**
>
> (J. Montello, *SC*, 25.)

Emprego com o superlativo relativo

O ARTIGO DEFINIDO é de emprego obrigatório com o superlativo relativo. Pode preceder o substantivo:

> Era **o** aluno **mais estudioso da** turma.

ou o superlativo:

> Era **o mais estudioso** aluno **da** turma.
> Era aluno **o mais estudioso da** turma.

Mas não deve ser repetido antes do superlativo quando já acompanha o substantivo, como neste exemplo:

> Era **o** aluno **o mais estudioso da** turma.

Observações:

1.ª) É lícita, no entanto, a repetição do ARTIGO antes do superlativo reforçado pela palavra *ainda* ou sinônima, pois neste caso se pode subentender o substantivo depois do segundo artigo:

Essa façanha **os** marinheiros **ainda os mais audazes** não ousariam cometê-la.

isto é: *ainda os [marinheiros] mais audazes.*

2.ª) O ARTIGO aparece por vezes com valor intensivo em frases da linguagem coloquial de entoação particular. Por exemplo:

Ele é **o** fim!

COM OS NOMES PRÓPRIOS

Sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o ARTIGO. Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do ARTIGO DEFINIDO. Entre essas razões, devem ser mencionadas:

a) a intenção de reforçar a ideia de individualidade, de um todo intimamente unido, como se concebe, em geral, um país, um continente, um oceano:

o Brasil	a América	o Atlântico
a França	a Europa	o Pacífico

b) a de ser o nome próprio originariamente um substantivo comum, construído com o ARTIGO:

a Guarda	o Cairo (árabe *El-Kahira* = a vitoriosa)
o Porto	o Havre (francês *Le Havre* = o porto)

c) a influência sintática do italiano, língua em que os nomes de família, quando empregados isoladamente, vêm precedidos de ARTIGO:

o Tasso	o Ticiano	a Besanzoni

d) a de cercar o nome próprio de uma atmosfera afetiva ou familiar:

> (...) **A Carlota! A Carlota!**
> Boa velhinha, como ela é meiga e devota!
> (A. Nobre, *S*, 166.)

> — Aqui é **o Custódio**. Olhe, achei melhor dizer **ao Cantídio** que você tinha chegado e queria vê-lo.
> (C. dos Anjos, *M*, 160.)

Feitas essas considerações preliminares, particularizemos, agora, os principais casos de emprego do artigo definido com os nomes próprios.

Com os nomes de pessoas

Os nomes próprios de pessoas (de batismo e de família) não levam ARTIGO, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos:

Camões Dante Napoleão

Emprega-se, porém, o ARTIGO DEFINIDO:
1.º) quando o nome de pessoa vem precedido de qualificativo:

O romântico Alencar.
O divino Dante.

2.º) quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo:

Era **o Daniel de outrora** que eu tinha diante de mim.
(J. Montello, *DVP*, 237.)

Estas palavras eram de Raul, **o Raul adolescente.**
(A. Abelaira, *D*, 130.)

3.º) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo, como neste passo de A. Nobre, em que *o Carlos* é o rei D. Carlos I, de Portugal:

Nada me importas, País! seja meu Amo
O Carlos ou **o Zé da T'resa...**
(*S*, 118.)

4.º) quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:
a) seja para indicar indivíduos do mesmo nome:

Os dois Plínios.
Os três Horácios.

b) seja para designar uma coletividade familiar:

Os Andradas.
Os Braganças.

c) seja para caracterizar, enfaticamente, classes ou tipos de indivíduos que se assemelham a um vulto ou personagem célebre, caso em que o nome próprio vale por um nome comum:

> Eu vejo **os Cipiões**, vejo **os Emílios**.
> (C. M. da Costa, *OP*, II, 122.)

> Que importa isso tudo, se, aqui, **os Clemenceaus** andam a monte, **os Hindemburgos** rolam aos tombos, **os Gladstones** pululam aos cardumes, **os Bismarcks** se multiplicam em ninhadas, e **os Thiers** cobrem o sol como nuvens de gafanhotos.
> (R. Barbosa, *EDS*, 484.)

d) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

> **Os Goyas** do Museu do Prado.

Observações:

1.ª) Na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente no Brasil e está praticamente generalizada na linguagem corrente de Portugal a anteposição do ARTIGO DEFINIDO a nomes de batismo de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade. Comparem-se, por exemplo, estas duas frases:

> **Geraldo** saiu agora.
> **O Geraldo** saiu agora.

Na primeira (só possível, em Portugal, na linguagem escrita), a pessoa mencionada vem envolta de certa distinção, sentimo-la mais distante. Na segunda, apontamos a pessoa como conhecida dos presentes, como um elemento familiar, caseiro.

2.ª) As alcunhas são comumente precedidas de ARTIGO:

> — Morreu **o Palhaça**...
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> Gomes Ribeiro, que não se misturava com quem quer que fosse, era conhecido como **o Fonema**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 107.)

3.ª) O artigo definido antecede as palavras *senhor, senhora* e *senhorita* quando citamos uma pessoa por seu nome ou por seu título:

O senhor Fontes está adoentado.
Falei com **a senhora Baronesa**.
Não vi **a senhorita Joana**.

Não empregamos, porém, o artigo quando nos dirigimos à própria pessoa:

— Como vai, **senhor Fontes**?
— Adeus, **senhora Baronesa**.
— Obrigado, **senhorita Joana**.

4.ª) O adjetivo *santo* (ou *são* e *santa*) não vem precedido de artigo quando acompanha um nome próprio do qual consideramos ser parte integrante:

Assim conversam, gloriosos,
Santa Clara e **São Francisco**.
(C. Meireles, *OP*, 903.)

— O senhor formulara um conceito heterodoxo das epístolas de **São Paulo** e do evangelho de **São Marcos**...
(A. Ribeiro, *ES*, 17.)

O artigo é, porém, de regra, se com o nome do santo, precedido do adjetivo em causa, quisermos designar a época em que se festeja:

Já a trago debaixo de olho desde **o Santo Antônio**.
(M. Torga, *V*, 21.)

Ainda há um ano precisamente, assistia eu no Porto **ao São João** mais fantástico deste mundo.
(A. F. Schmidt, *GB*, 146.)

Com os nomes geográficos

O estado atual do uso do ARTIGO com os nomes geográficos é o seguinte:

1.º) Emprega-se normalmente o artigo definido:

a) com os nomes de países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas:

o Brasil	o Himalaia	o Nilo
a França	os Alpes	o Lemano
os Estados Unidos	o Teide	o Atlântico

a Guiné	o Atacama	o Báltico
o Nordeste	o Saara	o Mediterrâneo
a África	o Cruzeiro do Sul	os Açores

b) com os nomes dos pontos cardeais e os dos colaterais, quer no sentido próprio, quer no de regiões ou ventos:

O promontório tapava para **o norte.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 104.)

Os nossos companheiros de viagem — gente **do Sul** — tasquinhavam, cantavam e beberricavam.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

Também os ventos nordestinos se acharam presentes: **o Nordeste** e **o Sudeste...**
(J. Cardoso, *SE*, 60.)

Observações:

1.ª) Certos nomes de países e regiões costumam, no entanto, rejeitar o artigo. Entre outros: *Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor, Andorra, Israel, São Salvador, Aragão, Castela, Leão.*

2.ª) Alguns nomes de países, como *Espanha, França, Inglaterra, Itália* e poucos mais, podem construir-se sem ARTIGO, principalmente quando regidos de preposição:

Viveu muito tempo **em Espanha**, casada.
(F. Namora, *CS*, 93.)

Aquela que reside na esperança
Foi quem me recompôs o sonho antigo
Numa canção de músico mendigo
Pelas estradas líricas **de França.**
(J. Cardoso, *SE*, 49.)

3.ª) Quando indicam apenas direção, os nomes de pontos cardeais podem vir sem ARTIGO:

Marcha **para oeste** Vento **de leste**

2.º) Não se usa em geral o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas:

Barbacena	Águeda	Creta
Lisboa	Campo Grande	Cuba
Paris	Topázio	Malta

b) com os nomes de planetas e de estrelas:

Marte	Canópus
Saturno	Sírius
Vênus	Vega

Observações:

1.ª) Alguns nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam O ARTIGO: *a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz.* O mesmo se dá, como vimos, com o nome de certas cidades estrangeiras: *o Cairo, a Haia, o Havre.*

2.ª) À semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de ilhas: *a Córsega, a Madeira, a Sardenha, a Sicília.*

3.º) Não é uniforme o emprego do ARTIGO DEFINIDO com os nomes dos estados brasileiros e das províncias portuguesas. A maioria leva ARTIGO.

Assim:

o Acre	o Pará	o Alentejo
o Amazonas	a Paraíba	o Algarve
a Bahia	o Paraná	a Beira
o Ceará	o Piauí	o Douro
o Espírito Santo	o Rio de Janeiro	a Estremadura
o Maranhão	o Rio Grande do Norte	o Minho
o Mato Grosso do Sul	o Rio Grande do Sul	o Ribatejo

Não se usam, porém, com artigo:

Alagoas	Pernambuco	Sergipe
Goiás	Rondônia	Trás-os-Montes
Mato Grosso	Santa Catarina	
Minas Gerais	São Paulo	

Observação:

Diz-se também *as Alagoas.*

4.º) Como os nomes de pessoas, os nomes geográficos passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação ou de determinação:

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!
(A. Nobre, *D*, 68.)

Gosto da **Ouro Preto de Guignard.**
(M. Bandeira, *AA*, 57.)

De novo, ungindo-me de Europa, alastrando-me da sua vibração, se encapelava dentro de mim Paris — **o meu Paris, o Paris dos meus vinte e três anos...**
(M. de Sá-Carneiro, *CL*, 131.)

Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, **o Portugal das descobertas e dos clássicos.**
(J. Amado, *MG*, 113.)

Com os nomes de obras literárias e artísticas

Emprega-se em geral o artigo, mesmo quando não pertença ao título:

Ontem, à noite, comecei a ler **a Ana Karenina.**
(A. Abelaira, *D*, 64.)

A chegada de José Veríssimo ao Rio, em 1891, coincide com o aparecimento d**o Quincas Borba**, primeiro romance de Machado de Assis depois d**as Memórias Póstumas.**
(J. Montello, *PMA*, 216.)

CASOS ESPECIAIS

Antes da palavra *outro*

1. Emprega-se o artigo definido quando a palavra *outro* tem sentido determinado:

Tirei do colégio os meus dois filhos: o mais velho era um demônio, **o outro** um anjo.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 290.)

Não era **pela outra**, não, dizia ela consigo, pela centésima vez, era por ele, era **pelo outro.**
(A. Peixoto, *RC*, 517.)

Um era careca, **o outro** tinha bigode.
(A. M. Machado, *HR*, 72.)

2. Cala-se, porém, o artigo quando o seu sentido é indeterminado:

A uns amei, a **outros** estimei, aborreci alguns e alguns mal conheci — mas todos! ai! todos, me impregnaram de suas vidas.
(P. Nava, *BC*, 228.)

Na estrada, os homens apartaram-se, uns grupos para a Covilhã, **outros** para a Aldeia do Carvalho, como nos demais dias.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 463.)

Depois das palavras *ambos* e *todo*

Ambos e *todo* são as únicas palavras que, em português, antecedem o artigo pertencente ao mesmo sintagma.

1. Se o substantivo determinado pelo numeral *ambos* estiver claro, é de regra o emprego do artigo definido:

Eram centenares de pessoas de **ambos os sexos**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 573.)

Vasco apoiou os cotovelos nela e segurou o rosto com **ambas as mãos**.
(É. Veríssimo, *LS*, 166.)

2. A presença ou a ausência do artigo depois da palavra *todo* depende, obviamente, de admitir ou rejeitar o substantivo aquela determinação.
Diremos, por exemplo:

Todo o Brasil pensa assim.
Todo Portugal pensa assim.

por se construírem de modo diverso esses dois nomes geográficos.

3. Há casos, porém, que precisam de ser considerados particularmente.
Assim:
1.º) No PLURAL, anteposto ou posposto ao substantivo, *todos* vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua:

Conheceu **todos os salões** e **todos os antros**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 302.)

Os discípulos amavam-na, prontos a **todos os obséquios**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 100.)

Iam-se-me **as esperanças todas**; terminava a carreira política.
(Machado de Assis, *OC*, I, 536.)

Mas:

Todos estes costumes vão desaparecer.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Todos esses dons do meu amigo ficarão perdidos para sempre.
(A. F. Schmidt, *AP*, 98.)

2.º) Não se usa o artigo antes do numeral em aposição a *todos*:

Vi-os felizes a **todos quatro**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

Elas são, **todas duas**, minhas irmãs que eu ajudei a criar.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 67.)

Se, no entanto, o substantivo estiver claro, o artigo é de regra:

Vi-os felizes a **todos os quatro meninos**.
Todas as duas irmãs eu ajudei a criar.

3.º) No SINGULAR, *todo*:

a) virá acompanhado de artigo, quando indicar a totalidade das partes:

Toda a praia é um único grito de ansiedade.
(Alves Redol, *FM*, 306.)

Estela assistiu **à lição toda**, com a paciência da curiosidade.
(Machado de Assis, *OC*, I, 373.)

b) poderá vir ou não acompanhado de artigo quando exprimir a totalidade numérica:

Falava bem como **todo francês**.
(G. Amado, *PP*, 168.)

—Verdade, a atribuição é lógica: **todo o homem** é bicho, embora nem **todo o bicho** seja homem.
(A. Ribeiro, *AFPB*, 33.)

Neste último caso é obrigatória a sua anteposição ao substantivo.

Observação:

Advirta-se que o uso do artigo neste último caso é muito mais frequente na língua contemporânea de Portugal do que na do Brasil, onde, no ensino médio, de um modo geral, os professores procuram estabelecer uma distinção entre *todo* "qualquer", "cada" e *todo o* "inteiro", "total", pelo modelo:

Toda casa [= qualquer casa] cedo ou tarde precisa de reforma.
Toda a casa [= a casa inteira] foi reformada.

4.º) Anteposto ao artigo indefinido, *todo* significa "inteiro", "completo":

Para conseguir o seu intento cobriu de ridículo **toda uma geração**, e lançou as bases de **toda uma remodelação social.**
(G. Amado, *TL*, 29.)

Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se **toda uma literatura** em rumas de volumes graves.
(Eça de Queirós, *OF*, II, 71.)

5.º) Quando *todo* (ou *toda*) está empregado com força adverbial, não admite naturalmente o acompanhamento do artigo:

Todo barbeado de fresco, as cordoveias do pescoço luziam-lhe grossas como calabres.
(A. Ribeiro, *CRG*, 228.)

Vi então um homem **todo amarrado** de cordas a carregar uma cruz, com outro de chicote na mão batendo nele.
(J. Rins de Rego, *MVA*, 13.)

6.º) Em numerosas locuções do português contemporâneo, *todo* (ou *toda*) vem seguido de artigo. Entre outras, mencionam-se as seguintes:

a todo o custo	a toda a brida
a todo o galope	a toda a hora
a todo o instante	a toda a pressa
a todo o momento	em toda a parte
em todo o caso	por toda a parte

Observação:

Quanto a outros valores e empregos do indefinido *todo*, veja-se p. 380-1.

REPETIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Com substantivos

1. Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

> Cantava para **os** anjos, para **os** presos, para **os** vivos e para **os** mortos.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 347.)

> Para ganhar **o céu**, vendeste **a ira, a luxúria,**
> **A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça** e **a avareza.**
> (Olavo Bilac, *T*, 239.)

> Depois, **a** iniciação, **a** mudança de traje, **o** banho, **o** perfume, **a** visita de belos cavalheiros, **o** primeiro café, **o** licor, **a** queda e algumas lágrimas.
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 93.)

2. Mas a alternância de sequências com artigo e sem ele pode, em certos casos, apresentar efeitos estilísticos apreciáveis:

> Não viram **sumo bem** ao derredor,
> Mas sim **o mal, a tentação, o crime,**
> **Orgulho, humilhações, remorso** e **dor.**
> (A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA*, 213.)

Observação:

Não se repete, porém, o artigo:

a) quando o segundo substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro:

> Presenteou-me este livro **o** compadre e amigo Carlos.
> **A** fruta-de-conde, ou ata, é deliciosa.

b) quando, no pensamento, os substantivos se representam como um todo estreitamente unido:

O estudo [do folclore] era necessitado pela existência **das** histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral.
(J. Ribeiro, *Fl*, 6.)

Com adjetivos

1. Repete-se o artigo antes de dois adjetivos unidos por uma das conjunções *e* e *ou* quando os adjetivos acentuam qualidades opostas de um mesmo substantivo:

   Conhecia **o** novo e **o** velho Testamento.
   A boa ou **a** má fortuna não o alteraram.

2. Não se repete, porém, o artigo se os dois adjetivos ligados pelas conjunções *e*, *ou* (e *mas*) se aplicam a um substantivo com o qual formam um conceito único:

   Mas por que não lhe telefona logo à noite, por que não recomeçam **a velha e quase esquecida** amizade?
   (A. Abelaira, *D*, 22.)

   Esqueceu que já não tinha mais **a sua tristonha mas bela** solidão.
   (É. Veríssimo, *LS*, 148.)

3. Se os adjetivos não vêm unidos pelas conjunções *e* e *ou*, deve-se repetir o artigo. Tal construção empresta ao enunciado ênfase particular:

   Era **o próprio, o exato, o verdadeiro** Escobar.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 867.)

   É o povo, **o verdadeiro, o nobre, o austero** povo português.
   (A. F. Schmidt, *F*, 102.)

4. Se um mesmo substantivo vem qualificado por uma série de superlativos relativos, deve-se antepor o artigo a cada membro da série:

   Que **o mais belo, o mais forte, o mais ardente**
   Destes sujeitos é precisamente
   O mais triste, o mais pálido, o mais feio.
   (E. da Cunha, *OC*, I, 659.)

Vi pela primeira vez a Eleita de minh'alma,
a grande Flor subtil, inigualável alma,
A Maior, a mais Bela, a mais Amada, a Única!
(E. de Castro, *OP*, I, 30.)

OMISSÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Do que foi estudado nas páginas anteriores, verificamos que o artigo definido limita sempre a noção expressa pelo substantivo.

1. O seu emprego é, pois, evitado em certos casos:

1.º) Quando o gênero e o número do substantivo já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.).

Assim, diremos:

Na revolução de 17 muito sofrera **este padre**.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 281.)

Antes, ainda no automóvel, Ramiro achara **duas novas pérolas**.
(A. Abelaira, *D*, 121.)

2.º) Quando queremos indicar a noção expressa pelo substantivo de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado.

Comparem-se, por exemplo, estas três frases:

Foi acusado **do crime** [acusação precisa].
Foi acusado **de um crime** [acusação vaga].
Foi acusado **de crime** [acusação mais vaga ainda].

3.º) Quando, nas enumerações, pretendemos obter um efeito:

a) de acumulação:

Samuel, a princípio com relutância, depois com fúria, finalmente com resignação, pôs-se a morder e a mastigar tudo: **lápis, borrachas, pedacinhos de pau, gomos de cana-de-açúcar**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 143-144.)

b) de dispersão:

Volteiam dentro de mim,
Em rodopio, em novelos,

Milagres, uivos, castelos,
Forças de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim.
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 75.)

Observação:

No exemplo acima, o poeta português M. de Sá-Carneiro procura conjugar num sentido superior (o tema da "incoerência" ou "dispersão") coisas apresentadas em série desconexa. Trata-se de um caso da chamada ENUMERAÇÃO CAÓTICA, recurso estilístico de alto efeito expressivo em alguns escritores modernos. Leia-se a propósito Leo Spitzer. *La enumeración caótica en la poesía moderna*. Trad. de Raimundo Lida, Buenos Aires, Instituto de Filología, 1945.

2. Além desses casos gerais e de outros particulares, anteriormente examinados, omite-se o artigo definido:

a) nos vocativos:

Oh! **dias da minha infância**!
Oh! **meu céu de primavera**!
(C. de Abreu, *O*, 94.)

b) nos apostos que indicam simples apreciação:

Tardes da minha terra, **doce encanto,**
Tardes duma pureza de açucenas.
(F. Espanca, *S*, 35.)

c) antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os verbos *aprender, estudar, cursar, ensinar* e sinônimos:

Aprender **inglês**.
Cursar **direito**.
Estudar **latim**.
Ensinar **geometria**.

d) antes das palavras *tempo, ocasião, motivo, permissão, força, valor, ânimo* (para alguma coisa), complementos dos verbos *ter, dar, pedir* e seus sinônimos:

Não houve **tempo** para descanso.
Não dei **motivo** à crítica.
Pedimos **permissão** para sair.
Não tive **ânimo** para viajar.

EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO

O artigo indefinido provém do numeral latino *unus, una, unum*, que exprime a unidade.

Esse valor numeral, embora enfraquecido em "um certo", transparece ainda hoje nos diversos empregos das formas do singular (*um, uma*), principalmente no mais comum deles, qual seja, o de apresentar o ser ou o objeto expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida.

Desse valor fundamental decorrem certos empregos particulares do artigo indefinido, alguns dos quais devem ser conhecidos.

Com os substantivos comuns

1. O artigo indefinido — já o dissemos — serve principalmente para a apresentação de um ser ou de um objeto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor.
   Retomemos o exemplo de A. Amoroso Lima anteriormente citado:

   > Pouco depois, atraído também pelo espetáculo, foi chegando **um caboclinho** magro, com **uma taquara** na mão.
   > (*AA*, 40.)

   Uma vez apresentados o ser e o objeto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido. É o que se observa na continuação do texto em causa:

   > Pupilas acesas vinham espiar entre as árvores, como que também atraídas pela melodia d**a taquara** d**o caboclinho**.
   > (*Ibid.*)

2. Para se precisar a classe ou a espécie de um substantivo já determinado por artigo definido, costuma-se repeti-lo, na aposição, com o artigo indefinido:

   > Ele sentia o cheiro do impermeável dela: **um cheiro doce de fruta madura.**
   > (É. Veríssimo, *LS*, 140.)

   > A chuva continuava, **uma chuva mansa e igual, quase lenta, sem interesse em tombar.**
   > (M. J. de Carvalho, *AV*, 153.)

3. Por sua força generalizadora, o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie:

> — Aquele, digo-vos eu, aquele é **um homem**.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 165.)

> **Uma mulher** não gosta de profissão nenhuma. **Uma mulher** só gosta sinceramente de duas coisas: casar e ter filhos.
> (I. Losa, *EO*, 106.)

4. A anteposição do plural *uns*, *umas*, a cardinais é a forma preferida do idioma para indicar a aproximação numérica:

> O sítio em que nos instalamos ficava a **uns oito quilômetros** de Barbacena, pela estrada que vai para Remédios.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

> Teria, quando muito, **uns doze anos**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 168.)

Com o mesmo sentido aparece a forma singular *uma* antes da fracionária *meia*:

> Decorreu **uma** boa **meia-hora**.
> (J. de Alencar, *OC*, II, 569.)

> Indaguei de Virgília, depois ficamos a conversar **uma meia hora**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 507.)

5. Antes dos nomes de partes do corpo ou de objetos que se consideram aos pares, usa-se o plural do artigo indefinido para designar um só par:

> Ao parar nos últimos degraus da escada para conversar com alguém que conhecia, dei com **uns pés** enormes ao nível de meus olhos.
> (A. M. Machado, *HR*, 146.)

> Trazia **uns sapatos** rasos, **uns olhos** verdes.
> (A. Abelaira, *CF*, 207.)

Observação:

O artigo indefinido aparece com acentuado valor intensivo em certas frases da linguagem coloquial caracterizadas por uma entoação particular:

Ela é de **uma candura**!...
Tens **umas ideias**!...

A suspensão final da voz faz subentender um adjetivo denotador de qualidade ou defeito de caráter excepcional. Equivale a dizer-se:

Ela é de **uma candura admirável** (ou **comovente**).
Tens **umas ideias estapafúrdias** (ou **ótimas**).

Ressalte-se que a força intensiva do indefinido permite que se complete a estrutura consecutiva com o aparecimento de uma oração iniciada por *que*:

Ela é de **uma candura, que comove**.

Entenda-se:

Ela é de **uma candura tal, que comove**.

Com os nomes próprios

1. Emprega-se o artigo indefinido antes de um nome de pessoa:

a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou um personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:

Papai era **um Quixote**.
(C. dos Anjos, *MS*, 298.)

— É **uma Ofélia**, mas, depravada...
(J. de Araújo Correia, *FX*, 128.)

b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie:

A fortuna, toda nossa, é que não temos **um Kant**.
(J. Ribeiro, *F*, 36.)

Nazaré merecia bem **um Cézanne** ou outro grande pintor a rondar-lhe os sítios, a pintar-lhe os tipos.
(A. F. Schmidt, *F*, 103.)

c) para designar um indivíduo pertencente a determinada família:

José Bonifácio era **um Andrada**.
D. Pedro I do Brasil, que foi D. Pedro IV de Portugal, era **um Bragança**.

d) para evocar aspectos geralmente imprevistos de uma pessoa:

Apesar disso tudo, **um Joaquim risonho**, a satisfação em pessoa.
(Genolino Amado, *RP*, 115.)

Raul Brandão, nas *Memórias*, evocou **um Fialho torturado**, através do estilo imprevisto, "escorrendo sangue, aflição, miséria".
(J. do Prado Coelho, *PHL*, 247.)

e) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Também disse, é verdade, como era necessário aprender a distinguir o fado de uma sinfonia, **um Picasso** de um calendário.
(V. Ferreira, *A*, 28.)

2. Como o artigo definido, o indefinido pode acompanhar os nomes geográficos, se qualificados:

Mais tarde, haveria de ouvir-lhe pessoalmente a sua visão **dum Egeu de deuses vivos**.
(L. Forjaz Trigueiros, *ME*, 269.)

Numa Europa mecanizada, a Espanha surge-nos intemporal.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

OMISSÃO DO ARTIGO INDEFINIDO

Apesar de sua generalização crescente, há circunstâncias que, ainda hoje, pedem ou favorecem a omissão do artigo indefinido.

Assim:

1.º) A existência de outro elemento determinativo anteposto ao nome, como, por exemplo, uma forma de identidade ou de comparação:

De você não esperava **semelhante gesto**.
Não é possível **pior exemplo do que** esse.

2.º) O fato de um substantivo ser empregado no singular para exprimir não a ideia de unidade, mas uma noção partitiva, ou para designar toda a espécie ou categoria a que pertence:

A grande parte do público irritou a cena.
Amigo fiel e prudente é melhor que **parente**.

Observação:

Não existe propriamente omissão do artigo indefinido, mas casos onde ele nunca se empregou de forma regular.

Na fase primitiva das línguas românicas, o artigo indefinido era de uso restrito. Com o correr do tempo, esse determinativo foi-se introduzindo em numerosas construções e, hoje, os variados matizes do seu emprego constituem uma inestimável riqueza estilística de todas elas.

Contra essa generalização e valorização progressiva do indefinido se manifestaram sempre os nossos gramáticos, que nela veem uma simples e desnecessária influência do francês, onde, em verdade, poucas são atualmente as interdições ao uso do determinativo em causa. Mas tal guerra se tem revelado inútil, e inútil precisamente porque não se trata, no caso, de um mero galicismo extirpável, e sim de uma tendência geral dos idiomas neolatinos em busca de formas mais expressivas, de maior clareza e vigor para o enunciado.

Em expressões de identidade

1. Evita-se, em geral, empregar o artigo indefinido quando já existe, anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos *igual*, *semelhante* e *tal*; ou um dos indefinidos *certo*, *outro*, *qualquer* e *tanto*:

   Certo amigo meu já usou de **igual argumento**.
   Em **outra circunstância** eu aprovaria **semelhante atitude**.
   Se continuares com **tal inapetência** e com **tanta febre**, podes tomar o remédio a **qualquer hora**.

2. Advirta-se, porém, que algumas dessas formas, quando pospostas a um substantivo, passam a ser adjetivos, caso em que se constroem normalmente com artigo indefinido:

   Ele disse **uma coisa certa**.
   Quero **um livro igual** a esse.
   Uma hora qualquer irei vê-lo.
   Tens **um modo semelhante** de falar.

   Costuma-se, no entanto, calar o artigo indefinido, quando a frase é negativa ou interrogativa:

Nunca li **coisa igual**.
Jamais se ouviu **barbaridade tal**!
Já viste **trejeitos semelhantes**?

Em expressões comparativas

1. Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido. É o caso:

a) dos comparativos de igualdade formados com *tão* ou *tanto*:

Nunca passei por **lugar tão perigoso como** aquele.
Trabalhava com **tanto cuidado como** o pai.

b) dos comparativos de superioridade ou de inferioridade, principalmente quando expressos sob a forma negativa ou interrogativa:

Não encontrarias **melhor amigo** nesta emergência.
Conseguiste **maior renda** este mês?

2. É dispensável também o artigo indefinido em comparações do tipo:

Qual furacão, revolveu tudo.
Bailava **como nume da floresta**.

Em expressões de quantidade

Costuma-se evitar o artigo indefinido antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas seja por substantivos (como: *coisa*, *gente*, *infinidade*, *multidão*, *número*, *parte*, *pessoa*, *porção*, *quantia*, *quantidade*, *soma* e equivalentes), seja por adjetivos (como: *escasso*, *excessivo*, *suficiente* e sinônimos):

Havia **grande número de pessoas** no casamento.
Reservou para si **boa parte do lucro**.
Disponho de **escasso capital** para o empreendimento.
Não há **suficiente espaço** para o móvel.

Observação:

A presença do numeral fracionário *meio* exclui normalmente a do artigo indefinido:

Comprou **meio quilo** de pão.
Tomou **meia dose** do remédio.

Mas, como vimos, o feminino *meia* constrói-se com o indefinido nas designações de quantidade aproximada. E também pode admiti-lo quando forma com o substantivo uma unidade de uso corrente:

Só tenho **uma meia libra**.
No caso, basta **uma meia-palavra** sua.

Com substantivo denotador da espécie

Quando um substantivo no singular é concebido sob o aspecto de categoria de espécie, e não sob o de unidade, pode-se calar o artigo indefinido. Esta omissão aparece frequentemente em provérbios:

Cão ladrador nunca é **bom caçador**.
Espada na mão de **sandeu, perigo** de quem lha deu.

Advirta-se que, na língua de nossos dias, esta construção é mais frequente no Brasil do que em Portugal.

Comparem-se estes exemplos:

Criança tem amigos e inimigos.
(G. Amado, *HMI*, 8.)

— **Noivo** não se deixa na solta.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 270.)

Vida não tem adjetivo.
(C. Lispector, *SV*, 18.)

Outros casos de omissão do artigo indefinido

Além dos casos mencionados, a língua portuguesa admite a omissão do artigo indefinido em muitos outros. Como o artigo definido, ele pode faltar:

a) nas enumerações:

Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: **avô, tios, amigos de infância, companheiros queridos** — a lista é aterradora...
(A. F. Schmidt, *GB*, 151.)

Casas, árvores, nuvens desagregavam-se numa melancólica paisagem de Outono.
(F. Namora, *TJ*, 232.)

b) nos apostos:

> Meu pai, **homem de boa família**, possuía fortuna grossa, como não ignoram.
>
> (G. Ramos, *AOH*, 28.)

> Chega, hoje, aqui o meu amigo Costa Cabral, **filho do Conde de Tomar, meu antigo condiscípulo em Coimbra e no Laranjo.**
>
> (A. Nobre, *CI*, 74.)

E sempre que a clareza ou a ênfase não o exigirem.

Capítulo 10

Adjetivo

O ADJETIVO é essencialmente um modificador do substantivo. Serve:

1.º) para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito):

inteligência **lúcida** homem **perverso**

b) o modo de ser:

pessoa **simples** rapaz **delicado**

c) o aspecto ou aparência:

céu **azul** vidro **fosco**

d) o estado:

casa **arruinada** laranjeira **florida**

2.º) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (ADJETIVO DE RELAÇÃO):

nota **mensal**	(= nota relativa ao mês)
movimento **estudantil**	(= movimento feito por estudantes)
casa **paterna**	(= casa onde habitam os pais)
vinho **português**	(= vinho proveniente de Portugal)

Observação:

Os adjetivos de relação, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.

NOME SUBSTANTIVO E NOME ADJETIVO

É muito estreita a relação entre o SUBSTANTIVO (termo determinado) e o ADJETIVO (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase.

Comparem-se, por exemplo:

Uma **preta velha** vendia laranjas.
Uma **velha preta** vendia laranjas.

Na primeira oração, *preta* é substantivo, porque é a palavra-núcleo, caracterizada por *velha*, que, por sua vez, é adjetivo na medida em que é a palavra caracterizadora do termo-núcleo. Na segunda oração, ao contrário, *velha* é substantivo e *preta* adjetivo.

Como vemos, a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático, funcional.

SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO

Sempre que a qualidade referida a um ser, objeto ou noção for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixará de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear do sintagma nominal. Dá-se, então, o que se chama SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO, fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral, do artigo) ao adjetivo.[1]

Comparem-se, por exemplo, estas orações:

O céu **cinzento** indica chuva.
O **cinzento** do céu indica chuva.

Na primeira, *cinzento* é adjetivo; na segunda, substantivo.

---

[1] Veja-se o que a respeito dissemos no capítulo 9.

SUBSTITUTOS DO ADJETIVO

1. Palavras ou expressões de outra classe gramatical podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase. Valem, portanto, por verdadeiros adjetivos, semântica e sintaticamente falando. Costuma-se, por exemplo, com tal finalidade:

a) associar ao substantivo principal outro substantivo em forma de aposto:

O tio **Joaquim** Moça **cabeça de vento**

b) empregar locuções formadas quer de PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

barco **a vela** (= veleiro)
coração **de anjo** (= angélico)
indivíduo **sem coragem** (= medroso)

quer de PREPOSIÇÃO + ADVÉRBIO:

jornal **de hoje** (= hodierno)
patas **de trás** (= traseiras)

c) substituir o adjetivo por um substantivo abstrato, que passa a ter como complemento nominal o antigo substantivo nuclear.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Sofreu **o destino cruel.**
Sofreu **a crueldade do destino.**

2. A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração:

a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo):

Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama.
(M. Torga, *V*, 178.)

Há homens **que não acham nunca a sua expressão**.
(G. Amado, *TL*, 9.)

b) seja reduzida:

Jorge via a dor **andando no corpo**, a febre **queimando**, o pai já apodrecia por dentro.
(Adonias Filho, *LP*, 53.)

Surge ao longe um bananal, **oscilando** suas folhas tostadas de vento frio.
(A. M. Machado, *HR*, 73.)

MORFOLOGIA DOS ADJETIVOS

Poucos são os adjetivos que podemos considerar PRIMITIVOS, ou seja, "que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou ação que a representem"[2]. É, por exemplo, o caso de, entre outros, *brando*, *claro*, *curto*, *grande*, *largo*, *liso*, *livre*, *triste* e de boa parte dos adjetivos referentes a cor: *azul*, *branco*, *preto*, *verde*, etc.

A maioria dos adjetivos é constituída por aqueles que derivam de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico.[3]

ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se PÁTRIOS; os segundos, GENTÍLICOS, denominações estas que foram omitidas na *Nomenclatura Gramatical Brasileira* e na *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, mas que nos parecem necessárias.

PÁTRIOS BRASILEIROS

REFERENTES AO PAÍS E AOS ESTADOS:

Brasil – *brasileiro*, *-a*
Acre – *acriano*, *-a*
Alagoas – *alagoano*, *-a*
Amazonas – *amazonense* (m. e f.)
Bahia – *baiano*, *-a*
Ceará – *cearense* (m. e f.)
Espírito Santo – *espírito-santense* (m. e f.)
Goiás – *goiano*, *-a*
Maranhão – *maranhense* (m. e f.)
Mato Grosso – *mato-grossense* (m. e f.)
Mato Grosso do Sul – *mato-grossense-do-sul* (m. e f.)
Minas Gerais – *mineiro*, *-a*
Pará – *paraense* (m. e f.)
Paraíba – *paraibano*, *-a*
Paraná – *paranaense* (m. e f.)
Pernambuco – *pernambucano*, *-a*

---

[2] Gonzalo Sobejano. *El epíteto en la lírica española*. 2.ª ed. Madrid, Gredos. 1970, p. 83.

[3] Quanto aos sufixos que entram na formação destes adjetivos, veja-se o que dissemos no capítulo 6, p. 112-3.

Piauí – *piauiense* (m. e f.)
Rio de Janeiro – *fluminense* (m. e f.)
Rio Grande do Norte – *norte-rio-grandense* (m. e f.)
Rio Grande do Sul – *sul-rio-grandense* (m. e f.)
Rondônia – *rondoniano, -a*
Santa Catarina – *catarinense* (m. e f.)
São Paulo – *paulista* (m. e f.)
Sergipe – *sergipano, -a*

PÁTRIOS PORTUGUESES

REFERENTES AO PAÍS E A ALGUMAS REGIÕES:

Portugal – *português, -a*
Alentejo – *alentejano, -a*
Algarve – *algarvio, -a*
Beira – *beirão, -oa*
Douro – *duriense* (m. e f.)
Estremadura – *estremenho, -a*
Minho – *minhoto, -a*
Ribatejo – *ribatejano, -a*
Trás-os-Montes – *trasmontano, -a* ou *transmontano, -a*

PÁTRIOS AFRICANOS

Angola – *angolano, -a*
Cabo Verde – *cabo-verdiano, -a*
Guiné-Bissau – *guineense* (m. e f.)
Moçambique – *moçambicano, -a*
São Tomé – *são-tomeense* ou *são-tomense* (m. e f.)

Observações:

1.ª) Além de *brasileiro*, que é o pátrio normal, há as formas alatinadas, de emprego mais raro: *brasiliano*, *brasílico* e *brasiliense*. Sirvam de exemplo: Coleção *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional; *Corografia Brasílica*, livro de Aires do Casal; *Correio Brasiliense*, nome do célebre jornal de Hipólito José da Costa.

2.ª) *Fluminense* é derivado do latim *flumen, fluminis* "rio".

3.ª) Chamamos também *rio-grandense-do-norte* e *rio-grandense-do-sul* os naturais dos Estados do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, mais conhecidos pelas alcunhas coletivas de *potiguar* e *gaúcho*, que normalmente não têm, como outras, valor pejorativo.

ADJETIVOS PÁTRIOS COMPOSTOS

Quando dizemos:

a civilização **portuguesa**

referimo-nos à civilização própria do povo português. Se, no entanto, quisermos indicar aquela civilização que é comum ao povo português e ao brasileiro, diremos:

a civilização **luso-brasileira**

assumindo o primeiro adjetivo uma forma alatinada e reduzida.

Entre as formas alatinadas e reduzidas que se empregam como primeiro elemento desses pátrios compostos, as mais frequentes são:

anglo (= inglês)	Amizade **anglo-americana**
austro (= austríaco)	Império **austro-húngaro**
euro (= europeu)	Relações **euro-africanas**
franco (= francês)	Falares **franco-provençais**
greco (= grego)	Antiguidade **greco-romana**
hispano (= hispânico, espanhol)	Literatura **hispano-americana**
indo (= indiano)	Línguas **indo-europeias**
ítalo (= italiano)	Atlas **ítalo-suíço**
galaico (= galego)	Trovadores **galaico-portugueses**
luso (= lusitano, português)	Glossário **luso-asiático**
nipo (= nipônico, japonês)	Comércio **nipo-brasileiro**
sino (= chinês)	Guerra **sino-japonesa**
teuto (= teutônico, alemão)	Ginásio **teuto-brasileiro**

Observação:

Hispano e *hispânico*, embora usados frequentemente como sinônimos de *espanhol* (isto é, relativo à *Espanha*, país), são, em verdade, equivalentes de *ibérico*, pois se referem à *Hispania*, nome que os romanos davam à província que abarcava toda a Península Ibérica.

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

O adjetivo toma a forma SINGULAR ou PLURAL do substantivo que ele qualifica:

aluno **estudioso**	alunos **estudiosos**
mulher **hindu**	mulheres **hindus**
perfume **francês**	perfumes **franceses**

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

consultórios **médico-cirúrgicos**
institutos **afro-asiáticos**
letras **anglo-germânicas**

Observação:

Excetuam-se:

a) *surdo-mudo*, que faz *surdos-mudos*;
b) os adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo:

uniformes **verde-oliva**
saias **azul-ferrete**
canários **amarelo-ouro**
blusas **vermelho-sangue**

GÊNERO

O substantivo tem sempre um GÊNERO, o que não sucede com o adjetivo, que assume o gênero do substantivo.

Do ponto de vista morfológico, o único traço que, na verdade, singulariza o adjetivo como uma parte do discurso diversa das demais é o de poder, na maioria das vezes, apresentar duas terminações de gênero, sem que, com isso, seja uma palavra de gênero determinado e sem que o conceito por ele designado corresponda a um gênero real.

Observação:

Assinale-se que mesmo os adjetivos uniformes, quando no superlativo absoluto sintético, passam a apresentar os morfemas de gênero *-o*, *-a*. Assim:

um **exercício fácil**
uma **questão fácil**
o **momento feliz**
a **solução feliz**

um **exercício facílimo**
uma **questão facílima**
o **momento felicíssimo**
a **solução felicíssima**

Formação do feminino

1. Como dissemos, os adjetivos são geralmente BIFORMES, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
bom	boa	mau	má
formoso	formosa	nu	nua
lindo	linda	português	portuguesa

2. O processo de formação do feminino destes adjetivos é idêntico ao dos substantivos. Assim:

1.º) Os terminados em *-o* átono formam o feminino mudando o *-o* em *-a*:

belo bela ligeiro ligeira

2.º) Os terminados em *-u*, *-ês* e *-or* formam geralmente o feminino acrescentando *-a* ao masculino:

cru	crua	nu	nua
francês	francesa	inglês	inglesa
encantador	encantadora	morador	moradora

Excetuam-se, porém:

a) dos finalizados em *-u*: os gentílicos *hindu* e *zulu*, que são invariáveis;
b) dos finalizados em *-ês*: *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês*, que são invariáveis;
c) dos finalizados em *-or*: os comparativos *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*, *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*, *citerior* e, ainda, formas como *multicor*, *incolor*, *sensabor* e poucas mais, que são invariáveis; *gerador*, *motor* e outros terminados em *-dor* e *-tor*, que mudam estas sílabas em *-triz*: *geratriz*, *motriz*, etc.; e um pequeno número que substitui *-or* por *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira*, etc.

3.º) Os terminados em *-ão* formam o feminino em *-ã* ou em *-ona*:

são sã chorão chorona

Beirão, no entanto, faz no feminino *beiroa*.

4.º) Os terminados em *-eu* (com *e* fechado) formam o feminino em *-eia*:

europeu	europeia	plebeu	plebeia
hebreu	hebreia	pigmeu	pigmeia

Excetuam-se *judeu* e *sandeu*, que fazem, respectivamente, *judia* e *sandia*.

5.º) Os terminados em *-éu* (com *e* aberto) formam o feminino em *-oa*:

ilhéu	ilhoa	tabaréu	tabaroa

6.º) Alguns adjetivos que no masculino possuem *o* tônico fechado [o], além de receberem a desinência *-a*, mudam o *o* fechado para aberto [ɔ], no feminino:

brioso	briosa	formoso	formosa
disposto	disposta	grosso	grossa

Outros, porém, conservam no feminino o *o* fechado [o] do masculino:

chocho	chocha	fosco	fosca
fofo	fofa	oco	oca

Adjetivos uniformes

Há adjetivos que têm uma só forma para os dois gêneros.

São de regra UNIFORMES os adjetivos:

a) terminados em *-a*, muitos dos quais funcionam também como substantivos: *hipócrita, homicida, indígena; asteca, celta, israelita, maia, persa; agrícola, silvícola, vinícola, cosmopolita*, etc.;
b) terminados em *-e*: *árabe, breve, cafre, doce, humilde, terrestre, torpe, triste* e muitos outros, entre os quais se incluem todos os formados com os sufixos *-ense, -ante, -ente* e *-inte*: *cearense, constante, crescente, pedinte*, etc.;
c) terminados em *-l*: *cordial, infiel, amável, pueril, ágil, reinol, azul, êxul*, etc.;
d) terminados em *-ar* e em *-or* (neste caso apenas os comparativos em *-or*): *exemplar, ímpar, maior, superior*, etc.;
e) paroxítonos terminados em *-s*: *reles, simples*, etc.;
f) terminados em *-z*: *audaz, feliz, atroz*, etc.;
g) terminados em *-m* gráfico: *virgem, ruim, comum*, etc.

Observação:

Fazem exceção: *andaluz*, fem. *andaluza*; *bom*, fem. *boa*; *espanhol*, fem. *espanhola*; e a maior parte dos terminados em *-ês* e *-or*.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos ADJETIVOS COMPOSTOS, apenas o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

a literatura **hispano-americana**
uma intervenção **médico-cirúrgica**

A única exceção é *surdo-mudo*, que faz no feminino *surda-muda*:

um menino **surdo-mudo**
uma criança **surda-muda**

GRAUS DO ADJETIVO

A gradação pode ser expressa em português por processos sintáticos ou morfológicos.

Comparativo e superlativo

Dois são os GRAUS do adjetivo: o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO.

1. O COMPARATIVO pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau *superior*, *igual* ou *inferior* a outro:

Pedro é **mais estudioso do que** Paulo.
Álvaro é **tão estudioso como** [ou **quanto**] Pedro.
Paulo é **menos estudioso do que** Álvaro.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é *superior*, *igual* ou *inferior* a outra que possui:

Paulo é **mais inteligente que estudioso.**
Pedro é **tão inteligente quanto estudioso.**
Álvaro é **menos inteligente do que estudioso.**

Daí a existência de um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, de um COMPARATIVO DE IGUALDADE e de um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

2. O SUPERLATIVO pode denotar:

a) que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (SUPERLATIVO ABSOLUTO):

Paulo é **inteligentíssimo.**
Pedro é **muito inteligente.**

b) que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (SUPERLATIVO RELATIVO):

Carlos é **o** aluno **mais estudioso do** Colégio.
João é **o** aluno **menos estudioso do** Colégio.

No primeiro exemplo, o SUPERLATIVO RELATIVO é DE SUPERIORIDADE; no segundo, DE INFERIORIDADE.

Formação do grau comparativo

1. Forma-se o COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Pedro é **mais idoso do que** Carlos.
João é **mais nervoso que desatento.**

2. Forma-se o COMPARATIVO DE IGUALDADE antepondo-se o advérbio *tão* e pospondo-se a conjunção *como* ou *quanto* ao adjetivo:

Carlos é **tão jovem como** Álvaro.
José é **tão nervoso quanto desatento.**

3. Forma-se o COMPARATIVO DE INFERIORIDADE antepondo-se o advérbio *menos* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Paulo é **menos idoso que** Álvaro.
João é **menos nervoso do que desatento.**

Formação do grau superlativo

Vimos que há duas espécies de SUPERLATIVO: ABSOLUTO e RELATIVO.

O SUPERLATIVO ABSOLUTO pode ser:

a) SINTÉTICO, se expresso por uma só palavra (adjetivo + sufixo):

amicíssimo	acérrimo
estudiosíssimo	facílimo
tristíssimo	salubérrimo

b) ANALÍTICO, se formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio indicador de excesso – *muito, imensamente, extraordinariamente, excessivamente, grandemente*, etc.:

muito estudioso	excessivamente fácil
imensamente triste	extraordinariamente salubre
grandemente prejudicial	excepcionalmente cheio

Superlativo absoluto sintético

1. Forma-se pelo acréscimo ao adjetivo do sufixo *-íssimo*:

fértil	fertilíssimo
original	originalíssimo
vulgar	vulgaríssimo

Se o adjetivo terminar em vogal, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo:

belo	belíssimo
lindo	lindíssimo
triste	tristíssimo

2. Muitas vezes o adjetivo, ao receber o sufixo *-íssimo*, reassume a primitiva forma latina.
Assim:
a) os adjetivos terminados em *-vel* formam o superlativo em *-bilíssimo*:

amável	amabilíssimo
indelével	indelebilíssimo
terrível	terribilíssimo
móvel	mobilíssimo
volúvel	volubilíssimo

b) os terminados em *-z* fazem o superlativo em *-císsimo*:

capaz	capacíssimo
feliz	felicíssimo
atroz	atrocíssimo

c) os terminados em vogal nasal (representada com *-m* gráfico) formam o superlativo em *-níssimo*:

comum	comuníssimo

d) os terminados no ditongo *-ão* fazem o superlativo em *-aníssimo*:

pagão	paganíssimo
vão	vaníssimo

3. Não raro a forma portuguesa do adjetivo difere sensivelmente da latina, da qual se deriva o superlativo. Assim:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
amargo	amaríssimo	magnífico	magnificentíssimo
amigo	amicíssimo	maléfico	maleficentíssimo
antigo	antiquíssimo	malévolo	malevolentíssimo
benéfico	beneficentíssimo	miúdo	minutíssimo
benévolo	benevolentíssimo	nobre	nobilíssimo
cristão	cristianíssimo	pessoal	personalíssimo
cruel	crudelíssimo	pródigo	prodigalíssimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
fiel	fidelíssimo	sagrado	sacratíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo (ou simplíssimo)
geral	generalíssimo		
inimigo	inimicíssimo	soberbo	superbíssimo

4. Também os superlativos em *-imo* e *-rimo* representam formações latinas. Com exclusão de *facílimo, dificílimo* e *paupérrimo* (superlativos de *fácil, difícil* e *pobre*), que pertencem à linguagem coloquial, são todos de uso literário e um tanto precioso. Anotem-se os seguintes:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
acre	acérrimo	magro	macérrimo (ou magríssimo)
célebre	celebérrimo		
humilde	humílimo (ou humildíssimo)	negro	nigérrimo (ou negríssimo)
íntegro	integérrimo	pobre	paupérrimo (ou pobríssimo)
livre	libérrimo		
salubre	salubérrimo		

Observação:

Em lugar das formas superlativas *seriíssimo, necessariíssimo* e outras semelhantes, a língua atual prefere *seríssimo, necessaríssimo*, com um só *i*.

Outras formas de superlativo

Pode-se também formar o SUPERLATIVO com:

a) o acréscimo de um prefixo ou de um pseudoprefixo, como *arqui-, extra-, hiper-, super-, ultra-*, etc. (*arquimilionário, extrafino, hipersensível, superexaltado, ultrarrápido*):

> Manuel Torres saiu-lhe ao encontro, prazenteiro, como **ultraprazenteiro** caminhava para ele o eclesiástico.
> (A. Ribeiro, *V*, 32.)

b) a repetição do próprio adjetivo:

> É um Abril de pureza: — é **lindo, lindo**!
> (A. Patrício, *P*, 130.)

> A avó, que tem oitenta anos,
> está tão fraca e velhinha...
> Teve tantos desenganos:
> ficou **branquinha, branquinha**,
> com os desgostos humanos. —
> (O. Bilac, *PI*, 7.)

c) uma comparação breve:

> — Isso é **claro como água**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 101.)

> — Estava **escuro como breu**, e à distância de dez passos um vulto mal se via a negrejar.
> (A. Ribeiro, *V*, 393.)

d) certas expressões fixas, como *podre de rico* [= riquíssimo], *de mão cheia* [= excelente, de grandes recursos técnicos], e outras semelhantes:

> A Zorilda era uma pianista **de mão cheia**.
> (H. Sales, *DBFM*, 120.)

Podre de rico! Nem sabe o que tem de seu!
(V. Nemésio, *NPM*, 102.)

e) o artigo definido, marcado por uma tonicidade e uma duração particular, em frases do tipo:

Ela não é apenas uma excelente cantora, ela é **a cantora** [= **a incomparável, a melhor de todas**].

Diz-se, como vimos, **de notoriedade** este emprego do artigo.

Superlativo relativo

1. O SUPERLATIVO RELATIVO é sempre analítico.
   O DE SUPERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade:

   Este aluno é **o mais estudioso do** Colégio.
   João foi **o** colega **mais leal que** conheci.

   O DE INFERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de inferioridade:

   Este aluno é **o menos estudioso do** Colégio.
   Jorge foi **o** colega **menos leal que** conheci.

2. O termo da comparação é expresso por um complemento nominal introduzido pela preposição *de* (e também *entre, em* e *sobre*), ou por uma oração adjetiva restritiva, como nos exemplos mencionados.

3. O superlativo relativo denotador dos limites da possibilidade forma-se com a posposição da palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente[4]:

   O arraial era **o mais monótono possível.**
   (Guimarães Rosa, *S*, 264.)

---

[4] Sobre os diversos processos de intensificação do superlativo relativo no português contemporâneo, veja-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo.* Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 191-202.

Era **a** pessoa **mais cortês deste mundo**, e não deu corpo às suas aversões.
(A. Ribeiro, *V*, 34.)

Nos livros que eu lia estes todos eram **os mais ricos que se conhecia**.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 297.)

Observação:

A função de superlativo relativo pode ser também desempenhada por um numeral ordinal ou por adjetivos que denotem posições extremas. Assim:

Bartolomeu Dias foi **o primeiro** navegante que dobrou o cabo das Tormentas.
O Amazonas é **o principal** rio do Brasil.

Comparativos e superlativos anômalos

Quatro adjetivos – *bom, mau, grande* e *pequeno* – formam o comparativo e o superlativo de modo especial:

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Observações:

1.ª) Quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer *mais bom, mais mau* e *mais grande*; e sim: *melhor, pior* e *maior*. Possível é, no entanto, usar as formas analíticas desses adjetivos quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser:

Ele foi **mais mau do que desgraçado**.
Ele é bom e inteligente; **mais bom do que inteligente**.

Em lugar de *menor* usa-se também *mais pequeno*, que é a forma preferida em Portugal.

2.ª) A par de *ótimo, péssimo, máximo* e *mínimo*, existem os superlativos absolutos regulares: *boníssimo* e *muito bom, malíssimo* e *muito mau, grandíssimo* e *muito grande, pequeníssimo* e *muito pequeno*.

3.ª) *Grande* e *pequeno* possuem dois superlativos: *o maior* ou *o máximo* e *o menor* ou *o mínimo*.

4.ª) Alguns comparativos e superlativos não têm forma normal usada:

COMPARATIVO	SUPERLATIVO
superior	supremo (ou sumo)
inferior	ínfimo
anterior	—
posterior	póstumo
ulterior	último

As formas *superior* e *inferior*, *supremo* (ou *sumo*) e *ínfimo* podem ser empregadas como comparativo e superlativo de *alto* e *baixo*, respectivamente.

Adjetivos que não se flexionam em grau

Vimos que os chamados ADJETIVOS DE RELAÇÃO não se flexionam em grau. O mesmo se dá com os outros adjetivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. Assim: *atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante, sincrônico*, etc.

Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade.

EMPREGO DO ADJETIVO

Funções sintáticas do adjetivo [5]

A rigor, o ADJETIVO só existe referido a um substantivo. Conforme se estabeleça a relação entre os dois termos na frase, o ADJETIVO desempenhará as funções sintáticas de ADJUNTO ADNOMINAL ou de PREDICATIVO.

Adjetivo em função de adjunto adnominal

Neste caso, o ADJETIVO refere-se, *sem intermediário*, ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela *unidade de acento* e *entoação* e pela *identidade de função sintática*.

---

[5] Sobre a sintaxe do adjetivo em português, veja-se o trabalho fundamental de João Malaca Casteleiro. *Sintaxe transformacional do adjectivo: regência das construções completivas.* Lisboa, INIC, 1981.

Assim, no exemplo

Seus olhos negros me encantam,

o sujeito da oração é não apenas *olhos*, mas toda a *unidade significativa e acentual*

Seus olhos negros.

É dentro deste conjunto que o ADJETIVO desempenhará a função sintática ACESSÓRIA, portanto secundária, de ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *olhos*, núcleo do sujeito.

Adjetivo em função predicativa

Neste caso, a qualidade expressa pelo ADJETIVO transmite-se ao substantivo por intermédio de um verbo, que pode estar explícito ou implícito.

Temos o ADJETIVO em função PREDICATIVA nas seguintes construções:

1. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação explícito:

A cidade parece **encantada**.
(C. Drummond de Andrade, *CM*, 138.)

Doce e brando era o seio de Jesus...
(A. de Quental, *SC*, 57.)

2. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação implícito:

Misterioso e mau, o Urucanã. **Traiçoeiro**, aquele jeito inofensivo de correr macio entre os barrancos altos.
(M. Palmério, *VC*, 27.)

Estranho aquele casal.
(J. Condé, *TC*, 33.)

3. PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO, com verbo nocional transitivo:

Afasto-me para que ele não se sinta tolhido, quero-o **livre**.
(L. Fagundes Telles, *DA*, 144.)

Alguns julgaram-no **inocente** do crime assacado.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 1127.)

4. PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO, com verbo nocional transitivo:

Na escola a professora também lhe chama **teimoso**.
(Alves Redol, *C*, 24.)

A mulher, Juliana Gouveia, toma ar aborrecido e chama-lhe **antipático**.
(C. dos Anjos, *DR*, 10.)

5. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo nocional intransitivo:

A casa-grande respirava **tranquila**.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 275.)

As palavras rolaram **nítidas, desamparadas**.
(C. de Oliveira, *AC*, 10.)

O mar palpita **enorme**.
(A. F. Schmidt, *GB*, 411.)

Nesta última construção, o ADJETIVO encerra sempre, mais ou menos acentuada, uma noção adverbial.

Diferença fundamental:

A diferença entre o ADJETIVO em função de ADJUNTO ADNOMINAL e o ADJETIVO em função de PREDICATIVO baseia-se, principalmente em dois pontos:

1.º) O primeiro é TERMO ACESSÓRIO da oração, parte de um TERMO ESSENCIAL ou INTEGRANTE dela; o segundo é, por si próprio, um TERMO ESSENCIAL da oração.

Se disséssemos, por exemplo:

O campo é **imenso**,

o adjetivo predicativo não poderia faltar, pois, sendo TERMO ESSENCIAL, sem ele a oração não teria sentido.

Se disséssemos, no entanto:

O campo **imenso** está alagado,

o adjetivo *imenso* seria parte do sujeito, uma dispensável qualificação do substantivo que lhe serve de núcleo, um TERMO, por conseguinte, ACESSÓRIO da oração.

2.º) A qualidade expressa por um adjetivo em função PREDICATIVA vem marcada no tempo, e por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser é responsável o verbo que liga o adjetivo ao substantivo.

Comparem-se estas frases:

O **bom** aluno estuda.
Ele está **nervoso**, mas era **calmo**.

Na primeira, acrescentamos a noção de *bom* à de *aluno* sem termos em mente qualquer referência à ideia de tempo. Já, na segunda, as noções expressas pelos adjetivos *nervoso* e *calmo* são por nós atribuídas ao sujeito com a situação de tempo marcada pelo verbo: *nervoso*, no presente; *calmo*, no passado.

Emprego adverbial do adjetivo

1. Examinemos as seguintes orações:

O menino dorme **tranquilo**.
A menina dorme **tranquila**.
Os meninos dormem **tranquilos**.
As meninas dormem **tranquilas**.

Vemos que, nelas, o adjetivo em função predicativa concorda em gênero e número com o substantivo sujeito. Mas verificamos, por outro lado, que, servindo embora de predicativo do sujeito, com o qual concorda, o adjetivo modifica em todas elas a ação expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial.

Esse valor naturalmente será preponderante se, em lugar daquelas construções, usarmos as seguintes:

O menino dorme **tranquilamente**.
A menina dorme **tranquilamente**.
Os meninos dormem **tranquilamente**.
As meninas dormem **tranquilamente**.

Aqui, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjetivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo *dormir*.

2. É esse emprego do adjetivo em predicados verbo-nominais, com valor fronteiriço de advérbio, que nos vai explicar o fenômeno, hoje muito generalizado, da adverbialização de adjetivos sem o acréscimo do sufixo *-mente*.

Por exemplo, nestas orações,

D. Felismina sorriu **amarelo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 519.)

Tinham-se habituado a falar **baixo.**
(C. de Oliveira, *CD*, 56.)

as palavras **amarelo** e **baixo** são advérbios.

Observação:

Embora o adjetivo adverbializado deva permanecer invariável, não faltam abonações, mesmo em bons autores, de sua concordância com o sujeito da oração, fato justificável pela ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio.

O adjetivo *meio*, por exemplo, tornado advérbio quando modifica outro adjetivo, aparece não raro em concordância com um substantivo da oração:

Estes homens rudes combatiam **meios nus** e desprezavam todas as precauções de guerra.
(A. Herculano, *E*, 93.)

Maria necessitava de apoio, **meia espantada**, **meia grata**, deixou-se levar.
(M. de Andrade, *OI*, 64.)

Valor estilístico do adjetivo

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres, o ADJETIVO (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel naquilo que falamos ou escrevemos.

É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue, nomeando-lhes as peculiaridades objetivamente apreensíveis. Ex.:

rapaz **alto**
muro **de pedra**
mesa **redonda**
templo **barroco**

É ele que nos permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui. Assim:

moça **exuberante**
caráter **difícil**
estupenda paisagem
ambiente **acolhedor**

Portanto, quer para a *precisão* do enunciado, quer para a sua *expressividade*, o adjetivo impõe-se como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utilize cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto.

Colocação do adjetivo adjunto adnominal

1. Sabemos que, na oração declarativa, prepondera a ORDEM DIRETA, que corresponde à sequência progressiva do enunciado lógico.
   Como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de ADJUNTO ADNOMINAL deverá, portanto, vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica.

2. Mas sabemos, também, que ao nosso idioma não repugna a ORDEM chamada INVERSA, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a anteposição de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo.

3. Podemos, então, estabelecer previamente que:

a) sendo a sequência SUBSTANTIVO + ADJETIVO a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjetivo posposto possui valor objetivo:

noite **escura**	dia **triste**
rapaz **bom**	campos **verdes**

b) sendo a sequência ADJETIVO + SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjetivo assume um valor subjetivo:

escura noite	**triste** dia
bom rapaz	**verdes** campos

Adjetivo posposto ao substantivo

Colocam-se normalmente depois do substantivo:

a) os adjetivos de natureza classificatória, como os técnicos e os de relação, que indicam uma categoria na espécie designada pelo substantivo:

animal **doméstico**	água **mineral**
flor **silvestre**	deputado **estadual**

b) os adjetivos que designam características muito salientes do substantivo, tais como forma, dimensão, cor e estado:

terreno **plano** calça **preta**
homem **baixo** mamoeiro **carregado**

c) os adjetivos seguidos de um complemento nominal:

um programa **fácil de cumprir**
uma providência **necessária ao ensino**

Adjetivo anteposto ao substantivo

1. De um modo constante, só se colocam antes do substantivo:

a) os superlativos relativos: *o melhor, o pior, o maior, o menor*:

O melhor meio de ganhar é poupar.
O maior castigo da injúria é havê-la feito.

b) certos adjetivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivos compostos:

O pior cego é o que não quer ver.
O menor descuido pode ser fatal.
O mar palpita **enorme.**
bom dia **má hora**

c) adjetivos que nesta posição adquiriram sentido especial, como *simples* (= mero, só, único); comparem-se:

Nessa ocasião ele era um **simples** escrevente [= um mero escrevente].
Este escritor tem um estilo **simples** [= um estilo não complexo].

2. Afora esses casos, o adjetivo anteposto assume, em geral, um sentido figurado. Comparem-se, por exemplo:

um **grande** homem [= grandeza figurada]
um homem **grande** [= grandeza material]
uma **pobre** mulher [= uma mulher infeliz]
uma mulher **pobre** [= uma mulher sem recursos]

Colocação do epíteto retórico

O chamado EPÍTETO RETÓRICO serve:

a) para acentuar uma parte do significado do substantivo com o qual se relaciona (EPÍTETO DE NATUREZA), e, neste caso, pode vir posposto ou anteposto ao substantivo, embora a primeira colocação seja a mais frequente:

a **branca** neve a noite **escura**

b) para exprimir uma conhecida qualidade distintiva e individual de um nome próprio (EPÍTETO CARACTERÍSTICO), caso em que vem sempre anteposto ao substantivo:

o **sábio** Nestor a **fiel** Penélope

A posposição do qualificativo, nesses exemplos, transformaria o epíteto característico num mero adjetivo classificatório.

Observação:

Encontrar o adjetivo preciso e colocá-lo adequadamente junto ao substantivo que qualifica é sempre uma operação artística. Com razão dizia o poeta Vicente Huidobro:

"O adjetivo, quando não dá vida, mata."

A propósito, convém meditar nesta advertência de Samuel Gili y Gaya: "A preferência por uma ou outra posição [do adjetivo], quando as condições lógicas não exigem colocação fixa, é um elemento de caracterização de um estilo, sempre que esteja internamente vivida; ocorre não raro, porém, que apenas pelo afã de dar à linguagem um matiz literário, próprio do estilo elevado e declamatório, alguns escritores principiantes, ou pouco sinceros, antepõem sistematicamente os adjetivos." (*Curso superior de sintaxis española*, 5.ª ed., Barcelona, Ediciones Spes, 1955, p. 195.)

Outras formas de realce do adjetivo

1. Para realçar a caracterização do ser ou do objeto, costumam os escritores não só antepor o adjetivo ao substantivo, mas também:

a) estabelecer uma pausa entre o adjetivo e o substantivo, o que se marca, na escrita, pela colocação do adjetivo entre vírgulas:

A 15 de novembro Floriano Peixoto, **doente**, deixou o governo.
(G. Ramos, *AOH*, 183.)

E o Negrinho, **sarado e risonho**, pulando de em pelo e sem rédeas, no baio, chupou o beiço e tocou a tropilha a galope.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 334.)

b) repetir intencionalmente o adjetivo, que é, como vimos, uma das formas de superlativá-lo:

Por teus olhos **negros, negros**
Trago eu negro o coração
(Almeida Garrett, *O*, II, 127.)

Oh que **duro, duro, duro**
ofício de se exprimir!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 160.)

c) separar o adjetivo do substantivo, colocando-o no fim da frase:

D. Quitéria levou a mão ao bolso, **pensativa**.
(F. Namora, *TJ*, 215.)

Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, **inquieta**.
(G. Ramos, *VS*, 109.)

d) acentuar o sentido do adjetivo por meio de um advérbio:

Deixo nessas pobres linhas a minha saudade do homem Camus, **tão simples, tão simpático, tão despretensioso** na sua glória mundial.
(M. Bandeira, *AA*, 342.)

Trá-la **muito bem tratada, muito bem fechada**, restos da vida moura.
(R. Brandão, *P*, 164.)

2. O adjetivo, ou particípio, que modifica um pronome substantivo vem sempre numa situação enfática, em razão da pausa nítida que separa os dois termos. Por isso, escreve-se isolado por vírgulas:

Eu, **louco**, amara-te, estátua!
(Guimarães Passos, *VS*, 37.)

Mas eu, Senhor!... Eu, **triste**, abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
(Castro Alves, *OC*, 291.)

CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COM O SUBSTANTIVO

O ADJETIVO, dissemos, varia em gênero e número de acordo com o gênero e o número do SUBSTANTIVO ao qual se refere.

É por essa correspondência de flexões que os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase.

Assim:

> Eu amo a **noite solitária** e **muda**;
> Como **formosa dona** em **régios paços**,
> Trajando ao mesmo tempo luto e galas
> **Majestosa** e **sentida**.
> (Gonçalves Dias, *PCP*, 250.)

> Disse o **mostrengo**, e rodou três vezes,
> Três vezes rodou **imundo** e **grosso**...
> (F. Pessoa, *OP*, 17.)

> Os **homens** continuam a passar, **indiferentes**.
> (O. Mendes, *P*, 124.)

Adjetivo referido a um substantivo

O ADJETIVO, quer em função de ADJUNTO ADNOMINAL, quer em função de PREDICATIVO, desde que se refira a *um único substantivo*, com ele concorda em gênero e número.

Assim:

> O Barão continuava a contar aventuras, **pequenos casos** que revivia com um **prazer doentio**.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 27.)

> Saiu de **cabeça baixa**, as **mãos cerradas** no fundo dos bolsos.
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 51.)

> O **Antunes** andava **encantado** por todas as razões.
> (Almada Negreiros, *NG*, 70.)

> A **casa** ficou **vazia**.
> (A. M. Machado, *HR*, 231.)

Adjetivo referido a mais de um substantivo

Quando o ADJETIVO se associa *a mais de um substantivo*, importa considerar:

a) o GÊNERO dos substantivos;
b) a FUNÇÃO do adjetivo (ADJUNTO ADNOMINAL ou PREDICATIVO);
c) a POSIÇÃO do adjetivo (anteposto ou posposto aos substantivos), condições essas que permitem a concordância do adjetivo com os substantivos englobados, ou apenas com o mais próximo.

Examinemos as diversas possibilidades, exemplificando-as.

Adjetivo adjunto adnominal

O adjetivo vem antes dos substantivos

REGRA GERAL: O ADJETIVO concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles:

Vivia em **tranquilos bosques** e montanhas.
Vivia em **tranquilas montanhas** e bosques.
Tinha por ele **alto respeito** e admiração.
Tinha por ele **alta admiração** e respeito.

Observação:

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o ADJETIVO vai sempre para o plural:

Conheci ontem **as gentis irmã e cunhada** de Laura.
Portugal cultua os feitos **dos heroicos Diogo Cão e Bartolomeu Dias**.

O adjetivo vem depois dos substantivos

Neste caso, a concordância depende do gênero e do número dos substantivos.

1. Se os substantivos são do *mesmo gênero* e do *singular*, o adjetivo toma o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e, quanto ao número, vai:

a) para o singular (concordância mais comum):

A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuro**.
Estudo a **língua e** a **literatura portuguesa**.

b) para o plural (concordância mais rara):

A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuros.**
Estudo a **língua e** a **literatura portuguesas.**

2. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *singular*, o adjetivo pode concordar:

a) com o substantivo mais próximo (concordância mais comum):

A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** a **literatura portuguesa.**

b) com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural (concordância mais rara):

A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuros.**
Estudo o **idioma e** a **literatura portugueses.**

3. Se os substantivos são do *mesmo gênero*, mas de *números diversos*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos, e vai:

a) para o plural (concordância mais comum):

Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuros.**
Estudo as **línguas e** a **civilização ibéricas.**

b) para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara):

Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuro.**
Estudo as **línguas e** a **civilização ibérica.**

4. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *plural*, o adjetivo vai:

a) para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéus escuros.**
Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricas.**

b) para o masculino plural (concordância mais rara):

Ela comprou **chapéus e saias escuros.**
Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricos.**

5. Se os substantivos são de *gêneros* e *números diferentes*, o adjetivo pode ir:

a) para o masculino plural (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéu escuros.**
Estudo os **falares e** a **cultura portugueses.**

b) para o gênero e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural):

Ela comprou **saias e chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** as **tradições portuguesas.**

Observação:

Quando está em concordância apenas com o substantivo mais próximo, o adjetivo nem sempre caracteriza de forma precisa o substantivo dele distanciado. Por isso, em todas as hipóteses mencionadas, pode-se e deve-se, caso a concordância origine qualquer dúvida, repetir o adjetivo para cada um dos substantivos:

Ela comprou uma **saia escura e** um **chapéu escuro.**
Estudo os **falares portugueses e** a **cultura portuguesa.**

Adjetivo predicativo do sujeito composto

Quando o adjetivo serve de predicativo a um sujeito múltiplo, constituído de substantivos (ou expressões equivalentes), observa, na maioria dos casos, as mesmas regras de concordância a que está submetido o adjetivo que funciona como adjunto adnominal.

Convém salientar, no entanto, que:

a) se os substantivos sujeitos são do *mesmo gênero*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e vai, preferentemente, para o plural, ainda que os substantivos estejam no singular:

O **livro e** o **caderno** são **novos.**
A **porta e** a **janela** estavam **abertas.**

b) se os substantivos sujeitos são de *gêneros diversos*, o adjetivo vai, normalmente, para o masculino plural:

O **livro e** a **caneta** são **novos.**
A **janela e** o **portão** estavam **abertos.**

Mas, nos dois casos, é também possível que o adjetivo predicativo concorde com o núcleo do sujeito mais próximo se o VERBO DE LIGAÇÃO estiver no singular e anteposto ao sujeito composto, como nos exemplos abaixo:

Era novo o **livro** e a caneta.
Estava aberta a **janela** e o portão.

Observações:

1.ª) O adjetivo predicativo do objeto direto obedece, em geral, às mesmas regras de concordância observadas pelo adjetivo predicativo do sujeito.

2.ª) Como as orações, e as palavras tomadas materialmente, se consideram do número singular e do gênero masculino, quando o sujeito é expresso por uma oração (plena ou reduzida), o adjetivo predicativo fica no masculino singular:

É justo que uma nação venere os seus poetas.
É honroso morrer pela pátria.

Capítulo 11

Pronomes

PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

1. Os PRONOMES desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais.
   Servem, pois:

a) para representar um substantivo:

> Os **campos, que** suportaram a longa presença solar a queimá-**los** incessantemente, recebem agora a água abundante com uma gula feliz.
> (A. Frederico Schmidt, *GB*, 294.)

b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado:

> — Quanto valem, és capaz de dizer? Leques espanhóis, de seda, de **alguma bisavó** do **meu tio** cônego, com **estas pérolas** de prata e oiro!
> (F. Namora, *TJ*, 103.)

No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de PRONOMES SUBSTANTIVOS; no segundo chamam-se PRONOMES ADJETIVOS, porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

2. Facilmente, aliás, se distinguem na prática essas duas classes de pronomes, porque os PRONOMES SUBSTANTIVOS aparecem isolados na frase, ao passo que os PRONOMES ADJETIVOS se empregam sempre junto de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Assim, nas frases:

> Lembranças a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 646.)

> **Teus olhos** são dois desejos.
> (R. Correia, *PCP*, 109.)

a palavra *teus* é pronome substantivo, na primeira, e pronome adjetivo, na segunda.

3. Há seis espécies de pronomes: PESSOAIS, POSSESSIVOS, DEMONSTRATIVOS, RELATIVOS, INTERROGATIVOS e INDEFINIDOS.

PRONOMES PESSOAIS

Os PRONOMES PESSOAIS caracterizam-se:

1.º) por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

a) *quem fala* = 1.ª PESSOA: *eu* (singular), *nós* (plural);
b) *com quem se fala* = 2.ª PESSOA: *tu* (singular), *vós* (plural);
c) *de quem se fala* = 3.ª PESSOA: *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural);

2.º) por poderem representar, quando na 3.ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa:

> Santas virtudes primitivas, ponde
> Bênçãos nesta **Alma** para que **ela** se una
> A Deus, e vá, sabendo bem por onde...
> (A. de Guimaraens, *OC*, 149.)

> Levantaram **Dona Rosário**, quiseram levantá-la, embora **ela** se opusesse, choramingasse um pouco, dissesse que não lhe era possível fazê-lo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 137.)

3.º) por variarem de forma, segundo:

a) a função que desempenham na oração;
b) a acentuação que nela recebem.

Observação:

A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3.ª pessoa. Veja-se o que sobre essas formas e o seu emprego escrevemos adiante.

FORMAS DOS PRONOMES PESSOAIS

Quanto à **função**, as formas do pronome pessoal podem ser RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto).

Quanto à **acentuação**, distinguem-se nos pronomes pessoais as formas TÔNICAS das ÁTONAS.

O quadro abaixo mostra claramente a correspondência entre essas formas:

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1.ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2.ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3.ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1.ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2.ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3.ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

FORMAS *O*, *LO* E *NO* DO PRONOME OBLÍQUO

Quando o pronome oblíquo da 3.ª pessoa, que funciona como objeto direto, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o*, *a*, *os*, *as*.

Assim:

Não **o** ver para mim é um suplício.
Nunca **a** encontramos em casa.
João ainda não fez anos; ele **os** faz hoje.
Eles **as** trouxeram consigo.

Quando, porém, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen (PRONOME ENCLÍTICO), a sua forma depende da terminação do verbo.

Assim:

1.º) Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, empregam-se *o*, *a*, *os*, *as*:

Louvo-**o** Louvei-**os**
Louvava-**a** Louvou-**as**

2.º) Se a forma verbal terminar em -*r*, -s ou -*z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades *lo*, *la*, *los*, *las*, como nestes exemplos:

Vê-**lo** para mim é um suplício.
Encontramo-**la** em casa.
João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.
Não quero vendê-**las**.

O mesmo se dá quando ele vem posposto ao designativo *eis* ou aos pronomes *nos* e *vos*:

Ei-lo sorridente.
O nome não **vo-lo** direi.

3.º) Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume as modalidades *no*, *na*, *nos*, *nas*.

Dão-**no**	Tem-**nos**
Põe-**na**	Trouxeram-**nas**

São também estas as formas que o pronome costuma apresentar, na linguagem popular e na literária popularizante de Portugal, depois dos advérbios *não* e *bem*, assim como dos pronomes *quem*, *alguém*, *ninguém* e outras palavras terminadas em ditongo nasal:

E assim pedia, num dó tamanho,
Não no tirassem lá donde estava.
(A. Nobre, *S*, 77.)

Neto sou de **quem no** sou!
(J. Régio, *F*, 13.)

Observações:

1.ª) As formas antigas do pronome oblíquo objeto direto eram *lo(s)* e *la(s)*, provenientes do acusativo do demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Pospostas a formas verbais terminadas em *-r*, *-s* ou *-z*, o seu *l-* inicial assimilou aquelas consoantes, que depois desapareceram:

faze**r-lo**	>	faze**l-lo**	>	fazê-**lo**
faze**s-lo**	>	faze**l-lo**	>	faze-**lo**
fi**z-lo**	>	fi**l-lo**	>	fi-**lo**

Igual assimilação sofreu o *-s* de *eis*, *nos* e *vos*, quando em contacto com o *l-* do pronome.

2.ª) Com as formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade transmitiu-se ao *l-* do pronome, que passou a *n-*:

fazem-**lo**	>	fazem-**no**
façam-**lo**	>	façam-**no**

3.ª) No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblíquo não pode ser ENCLÍTICO, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a MESÓCLISE do pronome, ou seja, a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo *haver*. O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E, como todo infinitivo termina em *-r*, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante e o pronome toma as formas *lo*, *la*, *los*, *las*.

Assim:

FUTURO DO PRESENTE		FUTURO DO PRETÉRITO	
vender-(h)ei	vendê-lo-ei	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)ás	vendê-lo-ás	vender-(h)ias	vendê-lo-ias
vender-(h)á	vendê-lo-á	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)emos	vendê-lo-emos	vender-(h)íamos	vendê-lo-íamos
vender-(h)eis	vendê-lo-eis	vender-(h)íeis	vendê-lo-íeis
vender-(h)ão	vendê-lo-ão	vender-(h)iam	vendê-lo-iam

4.ª) Quanto às normas que se observam no emprego proclítico, enclítico ou mesoclítico destes pronomes, veja-se o que dizemos adiante, ao tratarmos da COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

PRONOMES REFLEXIVOS E RECÍPROCOS

1. Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um PRONOME REFLEXIVO.
   O REFLEXIVO apresenta três formas próprias — *se*, *si* e *consigo* —, que se aplicam tanto à 3.ª pessoa do singular como à do plural:

   Ele vestiu-**se** rapidamente.
   Ela fala sempre **de si**.
   O pintor não trouxe o quadro **consigo**.
   Eles vestiram-**se** rapidamente.
   Elas falam sempre **de si**.
   Os pintores não trouxeram os quadros **consigo**.

Nas demais pessoas, as suas formas identificam-se com as do pronome oblíquo: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

Eu **me** feri.
Tu **te** lavas.
Nós **nos** vestimos.
Vós **vos** levantais.

2. As formas do REFLEXIVO nas pessoas do plural (*nos*, *vos* e *se*) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é RECÍPROCO.

Carlos e eu **nos** abraçamos.
Vós **vos** queríeis muito.
José e Antônio não **se** cumprimentam.

3. Como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambiguidade com um sujeito plural. Por exemplo, uma frase como a seguinte:

Joaquim e Pedro enganaram-**se**.

pode significar que o grupo formado por Joaquim e Pedro cometeu o engano, ou que Joaquim enganou Pedro e este a Joaquim.
Costuma-se remover a dúvida fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais.
Assim:

a) para marcar expressamente a ação reflexiva, acrescenta-se-lhes, conforme a pessoa, *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo*, etc.:

Joaquim e Pedro enganaram-**se a si mesmos**.

b) para marcar expressamente a ação recíproca, junta-se-lhes, ou uma expressão pronominal, como *um ao outro*, *uns aos outros*, *entre si*:

Joaquim e Pedro enganaram-**se entre si**.
Joaquim e Pedro enganaram-**se um ao outro**.

ou um advérbio como *reciprocamente*, *mutuamente*:

Joaquim e Pedro enganaram-se **mutuamente**.

Não raro, a reciprocidade da ação esclarece-se pelo emprego de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre-*:

As duas **entreolharam-se** e Luísa atendeu.
(Coelho Netto, *OS*, I, 67.)

Marido e mulher **entreolharam-se**.
(V. Nemésio, *MTC*, 360.)

EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

FUNÇÕES DOS PRONOMES RETOS

1. Os PRONOMES RETOS empregam-se como:

a) SUJEITO:

Eu era a desdenhosa, a indiferente.
(F. Espanca, *S*, 55.)

Nós vamos em busca de luz.
(Agostinho Neto, *SE*, 36.)

Se és **tu**, meu pai, **eu** vou contigo...
(A. de Guimaraens, *OC*, 58.)

b) PREDICATIVO DO SUJEITO:

Trata-se do seguinte: eu não sou mais **eu**! Revoguei-me a mim mesmo.
(A.M. Machado, *CJ*, 150.)

Meu Deus!, quando serei **tu**?
(J. Régio, *ED*, 157.)

2. *Tu* e *vós* podem ser VOCATIVOS:

Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso,
De quem o Amor sublime enaltece o Universo...
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece...
(O. Bilac, *P*, 158.)

Observação:

Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il* (*il y a*):

— **Ele** haveria no mundo nada mais acertado.
(M. Torga, *CM*, 24.)

— Pois **ele** pode haver maior colondrina por esses mundos fora.
(A. Ribeiro, *M*, 102.)

— **Ele** há tanta mulher por aí!...
(F. Namora, *TJ*, 258.)

É provável que este pronome expletivo tenha vitalidade em outras áreas do idioma, pois aparece na pena de um escritor angolano:

Ele há tantas amarguras!
(Agostinho Neto, *SE*, 99.)

Os raríssimos exemplos que dele se colhem em escritores brasileiros, como este de Machado de Assis:

Que **ele** também há eleições no Amazonas; é o tempo da salga política, a quadra das barracas e dos regatões.
(*OC*, II, 698.)

representam simples imitação da construção portuguesa.

OMISSÃO DO PRONOME SUJEITO

Os pronomes sujeitos *eu*, *tu*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa:

ando	escreve**s**	dormi**u**
rim**os**	partis**tes**	volta**ram**

PRESENÇA DO PRONOME SUJEITO

Emprega-se o pronome sujeito:

a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:

> **Eu**, náufraga da vida, ando a morrer!
> (F. Espanca, *S*, 31.)

> Sim! **tu** sabes ligar-me a todos os teus crimes. **Tu** me sopras todos os pensamentos maus, **tu** me apontas o abismo...
> (Castro Alves, *OC*, 643.)

b) para opor duas pessoas diferentes:

> Abraçamo-nos ambos contristados,
> **Ele**, porque há de ser, como **eu**, um velho,
> E **eu**, por ter sido já, como **ele**, um moço.
> (E. de Castro, *UV*, 68.)

> **Eu** calo-me — **tu** descantas,
> **Eu** rojo — **tu** te levantas,
> **Tu** és livre — escrava **eu** sou!...
> (Castro Alves, *OC*, 273.)

c) quando a forma verbal é comum à 1.ª e à 3.ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco:

> É preciso que **eu repita** o que **ele disse**?
> É preciso que **ele repita** o que **eu disse**?

EXTENSÃO DE EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

Na linguagem formal, certos pronomes retos adquirem valores especiais. Enumeremos os seguintes:

1. **O plural de modéstia.** Para evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*. Com isso, procuram dar a impressão de que as ideias que expõem são compartilhadas por seus leitores ou ouvintes, pois que se expressam como porta-vozes do pensamento coletivo. A este emprego da 1.ª pessoa do plural pela correspondente do singular chamamos PLURAL DE MODÉSTIA.

   Comparem-se estes exemplos:

> Algumas [cantigas], mas poucas, foram por **nós** colhidas da boca do Povo.
> (J. Cortesão, *CP*, 12.)

> As ocupações oficiais em que **nos achamos** desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Peru e Chile, quer nas próprias Antilhas, não **nos** deram muita ocasião de pensar em semelhante edição, para a qual até aí **nos** faltavam auxílios.
> (F. A. Varnhagen, *CTA*, 9.)

Advirta-se que, quando o sujeito *nós* é um PLURAL DE MODÉSTIA, o predicativo ou particípio, que com ele deve concordar, costuma ficar no singular, como se o sujeito fosse efetivamente *eu*. Assim, em vez de:

> **Fiquei perplexo** com o que ele disse.

podemos dizer:

> **Ficamos perplexo** com o que ele disse.

2. **O plural de majestade.** O pronome *nós* era usado outrora pelos reis de Portugal — e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja — como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

> **Nós**, Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, **fazemos saber...**

É o que se chama PLURAL DE MAJESTADE.

Observação:

De início, o *nós majestático* deveria ser uma fórmula de modéstia: o rei a confundir-se com a nação, que falava por sua boca. Também na Igreja seria, no princípio, uma forma de humildade: os prelados a solidarizarem-se com os seus fiéis dentro de uma comunidade mediante o emprego do *nós*. Mas, perdido o valor originário, este plural com que superiores se dirigiam a inferiores veio a ser sentido como uma enfática expressão de grandeza, de poder, de majestade do cargo.

3. **Fórmula de cortesia (3.ª pessoa pela 1.ª).** Quando fazemos um requerimento, por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, tratamo-nos a nós próprios pela 3.ª pessoa, e não pela 1.ª:

> **Fulano de tal**, aluno desse Colégio, **requer** a V. S.ª se digne de mandar passar por certidão as notas mensais por ele obtidas no presente ano letivo.

O emprego da 1.ª pessoa:

> **Eu**, Fulano de tal, **requeiro...**

soa-nos como uma descortesia de nossa parte para com aquele a quem nos endereçamos. Não seria propriamente um pedido que lhe faríamos, e sim uma exigência ríspida de igual para igual.

4. **O *vós* de cerimônia.** O pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2.ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.
Veja-se este passo com que Olavo Bilac termina o seu discurso de ingresso na Academia das Ciências de Lisboa:

> Ainda de longe, pensarei **em vós**, e pensarei **convosco**. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa história e da nossa língua. E, à míngua do brilho que **vos** posso dar, poderei dar-**vos** o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.
> (*DN*, 56.)

Observações:

1.ª) *Vós*, com referência a uma só pessoa, normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, emprega-se ainda, vez por outra, em linguagem literária de tom arcaizante, para expressar distância, apreço social:

> Por **vós** e todo o nosso temor. Por **vós**, que **sois** o nosso rei!
> (J. Régio, *ERS*, 93.)

> — Não **percebeis vós** que a prudência é para mim um dever?
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 709.)

2.ª) *Vós* foi, durante muito tempo, a forma normal por que os católicos portugueses e brasileiros se dirigiam a Deus, tratamento que ainda prevalece entre eles:

> Pai nosso que **estais** no Céu...

No culto reformado, adota-se a forma *tu*:

> Pai nosso que **estás** no céu...

Na linguagem poética, este tratamento alterna com *vós*, desde a época medieval, e é o predominante no português contemporâneo:[1]

---

[1] Veja-se, a propósito, Luís Filipe Lindley Cintra. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa, Horizonte, 1972, p. 75-122.

Não é mortal o que eu em **ti** adoro.
Que **és tu** aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...
(A. de Quental, *S*, 3.)

Se **te** pedir piedade, **dá**-me lume a comer.
Que com pontas de fogo o podre se adormenta.
O **teu** perdão de Pai ainda não pode ser.
Mas lembre-**te** que é fraca a alma que aguenta.
(V. Nemésio, *VM*, 90.)

Tu, Senhor, **tu** meu Deus, **tu** me **recebes**
Na **tua** santa glória, **alarga** as asas
Do **teu** santo perdão, que ao **teu** conspecto
Humilhado me sinto, como a grama.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 467.)

Deus! ó Deus! onde **estás** que não **respondes**?
Em que mundo, em qu'estrela **tu t'escondes**
Embuçado nos céus?
(Castro Alves, *OC*, 290.)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
(Castro Alves, *OC*, 281.)

REALCE DO PRONOME SUJEITO

Para dar ênfase ao pronome sujeito, costuma-se reforçá-lo:

a) seja com as palavras *mesmo* e *próprio*:

— **Tu mesmo** serás o novo Hércules.
(Machado de Assis, *OC*, II, 548.)

Muitas vezes **eu próprio** me sinto ser o que ela pensa que eu sou.
(A. Abelaira, *B*, 129.)

b) seja com a expressão invariável *é que*:

— Eu **é que** lhe devia pedir desculpas de minha irritação.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

Vocês **é que** morrem, meu alferes, mas nós **é que** pagamos.
(Luandino Vieira, *NM*, 63.)

As dores **é que** eram de matar...
(M. Torga, *CM*, 72.)

PRECEDÊNCIA DOS PRONOMES SUJEITOS

Quando no sujeito composto há um da 1.ª pessoa do singular (*eu*), é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar:

Carlos, Augusto e eu fomos promovidos.

Se, porém, o que se declara contém algo de desagradável ou importa responsabilidade, por ele devemos iniciar a série:

Eu, Carlos e Augusto fomos os culpados do acidente.

Observação:

Convém usar com extrema parcimônia as formas pronominais da 1.ª pessoa do singular, especialmente a forma reta *eu*. O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa impressão de imodéstia de quem o pratica.

Não nos devemos esquecer de que as palavras que designam sentimentos exagerados da própria personalidade começam sempre por *ego*, que era a forma latina do pronome *eu*.

Assim:

egoísmo, egocêntrico, ególatra, egotismo.

EQUÍVOCOS E INCORREÇÕES

1. Como o pronome *ele* (*ela*) pode representar qualquer substantivo anteriormente mencionado, convém ficar bem claro a que elemento da frase ele se refere.
   Por exemplo, uma frase como:

   Álvaro disse a Paulo que **ele** chegaria primeiro.

   é ambígua, pois *ele* pode aplicar-se tanto a *Álvaro* como a *Paulo*.

2. Por outro lado, não devemos empregar o pronome *ele* (*ela*) para substituir um substantivo que, com sentido indeterminado, se fixou em expressões feitas, como *falar verdade*, *pedir perdão*, etc.

Assim, não estariam bem construídas as frases:

Falaste verdade; **ela** me comoveu.
Pedi perdão; **ele** me foi concedido.

3. Se, no entanto, o substantivo estiver determinado, isto é, se não mais pertencer a uma daquelas fórmulas fixas, tem perfeito cabimento o emprego do pronome.
Assim:

Falaste **a verdade**; **ela** me comoveu.
Pedi **o seu perdão**; **ele** me foi concedido.

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil[2] é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo:

Vi **ele**. Encontrei **ela**.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV[3], deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.
Assim:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (*o*, *a*, *os*, *as*):

Não sei se elas me compreendem
Nem se eu **as** compreendo **a elas**.
(F. Pessoa, *OP*, 160.)

---

[2] Veja-se especialmente J. Mattoso Câmara Jr. *Ele* comme un accusatif dans le portugais du Brésil. In *Miscelánea homenaje a André Martinet: estructuralismo e historia*, t. 1. La Laguna, Universidad de La Laguna, 1957, p. 39-46; artigo reproduzido, em tradução portuguesa, nos *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972, p. 47-53.

[3] Sobre o emprego do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em português arcaico, leiam-se: Epifânio Dias. *Syntaxe historica portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, Clássica Editora, 1953, p. 71; Joseph Huber. *Altportugiesisches Elementarburch*. Heidelberg, Carl Winter, 1933, p. 150; Sousa da Silveira, *Trechos seletos*, 4.ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 40 e 50.

Temia-**a**, **a ela**, à mulher que o guiava.
(Guimarães Rosa, *PE*, 126.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

Ricas prendas! **Todas elas**
Me deu ele; sim, donzelas...
Que não vo-lo negarei!
(J. de Deus, *CF*, 65.)

— Conheço bem **todos eles**.
(H. Sales, *DBFM*, 150.)

CONTRAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES *DE* E *EM* COM O PRONOME RETO DA 3.ª PESSOA

As preposições *de* e *em* contraem-se com o pronome reto da 3.ª pessoa *ele*(*s*), *ela*(*s*), dando, respectivamente, *dele*(*s*), *dela*(*s*) e *nele*(*s*), *nela*(*s*).

A pasta é **dele**, e **nela** está o meu caderno.

É de norma, porém, não haver a contração quando o pronome é sujeito; ou, melhor dizendo, quando as preposições *de* e *em* se relacionam com o infinitivo, e não com o pronome.

Assim:

O milagre **de ele** existir tinha-se dado já, no momento em que a mulher lhe anunciara a gravidez.
(M. Torga, *CM*, 74.)

— Para que há **de ele** desconfiar de nós e maltratar-te?
(Machado de Assis, *CO*, I, 690.)

Pouco depois **de eles** saírem, levantei-me da mesa.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 96.)

PRONOMES DE TRATAMENTO

1. Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*.

Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2.ª), esses pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa:

— Onde é que **vocês vão**?
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

— **Vossa Reverendíssima faz** isso brincando, disse o principal dos festeiros.
(Machado de Assis, *OC*, II, 550.)

— **Vossa Senhoria**, senhor Comendador, **terá** de perdoar.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

2. Convém conhecer as seguintes formas de tratamento reverente e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviatura	Tratamento	Usado para
V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiduques, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	No Brasil: altas autoridades do governo e oficiais generais das Forças Armadas; em Portugal: qualquer pessoa a quem se quer manifestar grande respeito.
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores das universidades
V. M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Ex.ª Rev.ma	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e arcebispos
V. P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V. Rev.ª V. Rev.ma	Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V. S.	Vossa Santidade	Papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimônia.

Observações:

1.ª) Como dissemos, estas formas aplicam-se à 2.ª pessoa, àquela com quem falamos; para a 3.ª pessoa, aquela de quem falamos, usam-se as formas *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, etc. Mas as últimas podem empregar-se com o valor das primeiras, como expressão de máxima cerimônia, mormente quando seguidas de aposto que contenha um título determinado por artigo. Assim, em lugar de:

Vossa Excelência, Senhor Ministro, aprova a medida?

é lícito dizer-se:

Sua Excelência, o Senhor Ministro, aprova a medida?

2.ª) Em princípio, os pronomes de tratamento da 2.ª pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com o sujeito da 3.ª pessoa:

Seu irmão cantava, e **você** acompanhava.
Vossa Reverência já leu este livro?

Esta norma é naturalmente observada com maior rigor na linguagem escrita, pois na comunicação oral as possíveis dúvidas são muitas vezes eliminadas pela própria situação.

Não é, porém, necessário repetir tais pronomes quando funcionam como sujeito de vários verbos consecutivos.

Você parece que não **está** com nenhuma vontade de **ver** aquele finório, não é?
(A. Callado, *MC*, 104.)

— **Quer V. Exa. dizer** que antes **queria escrever** uma bonita página do que **receber** assim perto de quinhentas libras?
(Eça de Queirós, *O*, II, 176-177.)

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DA 2.ª PESSOA

1. **Tu e você.** No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita,

em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados.[4] Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente — e em certas camadas sociais altas — aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

2. **O senhor.** *O senhor*, *a senhora* (e *a senhorita*, no Brasil, *a menina*, em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes europeia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a *tu* e *você*, em Portugal, e a *você*, na maior parte do Brasil.

   Em Portugal, quando uma pessoa se dirige a alguém que possui um título profissional ou exerce determinado cargo, costuma fazer acompanhar as formas *o senhor* e *a senhora* da menção do respectivo título ou cargo:

o senhor doutor	o senhor capitão
a senhora doutora	o senhor ministro
o senhor engenheiro	o senhor presidente

   Mais raramente, usa-se como tratamento o título não precedido de *senhor*, *senhora*, o que é considerado menos respeitoso que a forma anterior:

o doutor	o engenheiro

   Neste caso, é mais frequente apor-se ao título o nome próprio (primeiro nome — o que implica certa proximidade — ou o nome de família do interpelado):

o doutor Orlando	o engenheiro Silva

[4] Ressalte-se, porém, que o emprego das formas oblíquas *te*, *ti*, *contigo* apresenta uma difusão bastante maior.

No Brasil, estas formas de tratamento são inusitadas. Aliás, o emprego dos títulos específicos, no tratamento ou fora dele, é sensivelmente maior em Portugal do que no Brasil, onde só em casos especialíssimos vêm precedidos de *o senhor.*

Sistematicamente, só se mencionam no Brasil, seguidos dos nomes próprios:

a) a patente dos militares:

O Tenente Barroso	O Major Fagundes
O Coronel Proença	O Almirante Jaceguai
O General Osório	O Brigadeiro Eduardo Gomes

b) os altos cargos e títulos nobiliárquicos:

O Presidente Bernardes	O Embaixador Ouro Preto
O Príncipe D. João	A Condessa Pereira Carneiro

c) o título *Dom* (escrito abreviadamente *D.*), para os membros da família real ou imperial, para os nobres, para os monges beneditinos e para os dignitários da Igreja a partir dos bispos:

D. Pedro	D. Clemente
D. Duarte	D. Hélder

Observe-se que, se *Dom* tem emprego restrito no idioma, tanto em Portugal como no Brasil, o feminino *Dona* (também abreviado em *D.*) se aplica, em princípio, a senhoras de qualquer classe social.[5]

De uso bastante generalizado em Portugal e no Brasil é o título de *Doutor*. Recebem-no não só os médicos e os que defenderam tese de doutorado, mas, indiscriminadamente, todos os diplomados por escolas superiores.

Também o emprego de *Professor* é muito frequente tanto em Portugal como no Brasil. Mas, enquanto no Brasil se aplica ao docente de qualquer grau de ensino, em Portugal usa-se sobretudo para os docentes do ensino primário e do ensino superior.

Observações:

1.ª) As formas *você* e *o senhor* (*a senhora*) empregam-se normalmente nas funções de sujeito, de agente da passiva e de adjunto:

---

[5] Em Portugal, omite-se ainda, por vezes, com os nomes de senhoras das classes sociais mais humildes.

— **Você** amanhã não vá às ceifas.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

Estava desfeiteado, um portador dele fora maltratado **pelo senhor**.
(J. Lins do Rego, *P*, 59.)

— Deixem-me ir **com vocês**!
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

As formas *você* (no Brasil) e *o senhor, a senhora* (tanto em Portugal como no Brasil) estendem-se também às funções de objeto (direto ou indireto), substituindo com frequência as correspondentes átonas *o, a* e *lhe*:

— Há uma hora estou esperando **você** sozinha, neste escritório.
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Devo **a você** e ao doutor Rodrigo.
(J. Amado, *MM*, 229.)

— Eu aprecio muito **o senhor** e era incapaz de ofendê-lo voluntariamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

2.ª) O pronome *tu* era até bem pouco tempo, no português de Portugal, a forma própria de marcar as distâncias de superior para inferior hierárquico. Este tratamento caiu em quase total desuso e, hoje, tanto na variante idiomática brasileira como na portuguesa, é a forma *o senhor* que, na referida situação, se usa com este valor.

3.ª) Pelas razões aduzidas no capítulo 3, p. 73, quando anteposta a um nome próprio, a palavra *senhor* assume na linguagem corrente de Portugal e, principalmente, do Brasil a forma *seu*:

— **Seu Malhadas, seu Malhadas**, fosse você cavalheiro, não aceitava o meu copo!
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

— **Seu Firmino**, o **senhor** duvida da minha palavra?
— Deus me livre, **seu Alexandre**. Quem é que duvida?
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

— **Seu Coronel** não me verá mais, não **senhor**.
(A. Peixoto, *RC*, 938.)

Observe-se, nos dois últimos exemplos, a concorrência da forma proclítica e da forma plena, esta sob o acento tônico.

3. **Tratamento cerimonioso.** As formas de tratamento propriamente cerimonioso usam-se muito menos no Brasil do que em Portugal.

1.º) *Vossa Excelência* (*V. Ex.ª*). Embora o seu emprego, no português europeu, se tenha restringido bastante nas últimas décadas, e em particular nos últimos anos, ainda se usa a forma *Vossa Excelência*, na linguagem oral, em determinados ambientes (por ex.: academias, corpo diplomático) ou situações (empregado de comércio dirigindo-se a cliente, telefonista dirigindo-se a quem solicita uma ligação, etc.), sem que haja qualquer discriminação nítida quanto à categoria da pessoa interpelada. Por vezes aparece reduzida à forma coloquial *Vossência*.

Na linguagem escrita, sob a forma abreviada *V. Ex.ª*, é largo o seu uso, principalmente na correspondência oficial e comercial.

No Brasil só se emprega para o Presidente da República, ministros, governadores dos estados, senadores, deputados e oficiais-generais. E assim mesmo quase que exclusivamente na comunicação escrita e protocolar. Em requerimentos, petições, etc., o seu uso costuma estender-se a presidentes de instituições, diretores de serviço e altas autoridades em geral.

2.º) *Vossa Senhoria* (*V. S.ª*). É um tratamento praticamente inexistente na língua falada de Portugal e do Brasil. Na língua escrita, emprega-se ainda em ambas as variedades idiomáticas — mas cada vez menos — em cartas comerciais, em requerimentos, em ofícios, etc., quando não é próprio o tratamento de *Vossa Excelência*.

3.º) As outras formas — *Vossa Eminência*, *Vossa Magnificência*, *Vossa Santidade*, etc. — são protocolares e só se aplicam aos ocupantes dos cargos atrás indicados. Por vezes, no tratamento direto, é possível substituí-las por formas também respeitosas, mas menos solenes. A um sacerdote, por exemplo, é comum tratar-se, em lugar de *Vossa Reverência* ou *Vossa Reverendíssima*, por *o senhor*, ou, no português europeu, por *o senhor Padre*.

4. **Outras formas de tratamento.** Frequente no português de Portugal, e muito raro no do Brasil, é o emprego das formas nominais antecedidas de artigo em vez das formas pronominais ou pronominalizadas de tratamento. São exemplos dessas formas nominais:

a) o nome próprio, seja o de batismo, seja o de família:

— **O Manuel** já leu este livro?
— **O Martins** já leu este livro?

b) os nomes de parentesco ou equivalentes:

— **O pai** já leu este livro?
— **A mãe** já leu este livro?
— **O meu filho** já leu este livro?

c) outros nomes que situam o interlocutor em relação à pessoa que fala:

— **O meu amigo** já leu este livro?
— **O patrão** já leu este livro?
— **O cavalheiro** já leu este livro?

FÓRMULAS DE REPRESENTAÇÃO DA 1.ª PESSOA

No colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*:

Houve um momento entre nós
Em que **a gente** não falou.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 270.)

— Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito do dinheiro.
(F. Namora, *TJ*, 165.)

— Você não calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.
(C. dos Anjos, *DR*, 41.)

Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3.ª pessoa do singular. Também na 3.ª pessoa do singular deve ficar o verbo que tem por sujeito outras expressões substantivas que representam a 1.ª pessoa do singular, como o brasileirismo **o degas**, que às gerações mais novas já se afigura um tanto antiquado:

— Então, adeus. Mande cá n**o degas**...
(J. Amado, *MM*, 101.)

Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a d**o degas**!
(C. Drummond de Andrade, *CJB*, 69.)

EMPREGO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

FORMAS TÔNICAS

Sabemos que as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. Como pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição que as acompanhe, podem desempenhar as funções de:

a) COMPLEMENTO NOMINAL:

Vou ver-me livre **de ti**...
(B. Santareno, *TPM*, 24.)

O meu ódio **a ela** crescia dia a dia.
(J. Lins do Rego, *ME*, 54.)

b) OBJETO INDIRETO:

— Posso mandar incumbi-la de mostrar **a ti** os pontos pitorescos de Piratininga...
(C. dos Anjos, *M*, 302.)

Não a diria a ninguém,
Nem **a ti** se eu a soubesse!
(A. Botto, *C*, 261.)

c) OBJETO DIRETO (antecedido da preposição *a* e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento):

Paciente, obreira e dedicada, é **a ela** que em verdade eu amo.
(J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 159.)

Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

d) AGENTE DA PASSIVA:

Eu sou daqueles que foram **por ele** consolados.
(Graça Aranha, *OC*, 79.)

Os nossos amores não serão esquecidos nunca — **por mim**, está claro, e estou certo que nem **por ti**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 688.)

e) ADJUNTO ADVERBIAL:

Eu já te vejo amanhã a colher flores **comigo** pelos campos.
(F. Pessoa, *OP*, 167.)

Contigo, Antônio, Antônio Machado,
contigo quisera passear,
por manhã de serra, por noite de rio,
por nascer de luar.
(C. Meireles, *OP*, 344.)

Observação:

Do cruzamento das duas construções perfeitamente corretas:

Isto não é trabalho **para eu fazer**

e

Isto não é trabalho **para mim**,

surgiu uma terceira:

Isto não é trabalho **para mim fazer**,

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua.

A construção parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma.

Emprego enfático do pronome oblíquo tônico

Para se ressaltar o objeto (direto ou indireto), usa-se, acompanhando um pronome átono, a sua forma tônica regida da preposição *a*:

Ele não via nada, via-**se a si** mesmo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

O Abravezes dava-**lhe** razão **a ela**, em princípio...
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 202.)

Pronomes precedidos de preposição

As formas oblíquas tônicas *mim*, *ti*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) só se usam antecedidas de preposição.

Assim:

Fez isto **para mim**.
Gosto **de ti**.
A ele cabe decidir.

Orai **por nós.**
Confiamos **em vós.**
Não há discordância **entre elas.**

Se o pronome oblíquo for precedido da preposição *com*, dir-se-á *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*. É regular, no entanto, a construção *com ele* (*com ela*, *com eles*, *com elas*):

Estive **com ele** agora mesmo.
Fui **com elas** visitar o irmão.

Normal é também o emprego de *com nós* e *com vós* quando os pronomes vêm reforçados por *outros*, *mesmos*, *próprios*, *todos*, *ambos* ou qualquer numeral:

Terá de resolver **com nós mesmos.**
Estava **com vós outros.**
Saiu **com nós três.**
Contava **com todos vós.**

Observações:

1.ª) Empregam-se as formas *eu* e *tu* depois das preposições acidentais *afora*, *fora*, *exceto*, *menos*, *salvo* e *tirante*:

Afinal, todos **exceto eu**, sabem o que sou...
(C. dos Anjos, *DR*, 43.)

— Toda a gente desconfiava disso, **menos eu**.
(Alves Redol, *BC*, 336.)

2.ª) A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas tônicas depois da preposição *entre*. Exemplo:

— Foi um duelo **entre mim** e a velhice.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1085.)

Que diferença há **entre mim** e um fidalgo qualquer?
(Sttau Monteiro, *FL*, 29.)

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando **entre mim e ti** está a cruz ensanguentada do calvário?
(A. Herculano, *E*, 44.)

Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas retas, construção que se vai insinuando na linguagem literária:

> **Entre eu e tu,**
> Tão profundo é o contrato
> Que não pode haver disputa.
> (J. Régio, *ED*, 91.)

> **Entre eu e minha mãe** existe o mar.
> (Ribeiro Couto, *PR*, 365.)

3.ª) Com a preposição *até* usam-se as formas oblíquas *mim*, *ti*, etc.:

> Curvam-se, agarram a rede, erguem-na **até si.**
> (R. Brandão, *P*, 154.)

> Um grito do velho Zé Paulino chegou **até mim**.
> (J. Lins do Rego, *D*, 255.)

Se, porém, *até* denota inclusão, e equivale a *mesmo*, *também*, *inclusive*, constrói-se com a forma reta do pronome:

> Pois é de pasmar, mas é verdade. E **até eu** já tive hoje quem me oferecesse champanhe.
> (J. Régio, *SM*, 156.)

> **Até eu**, que sou muito avesso a esses corre-corres, a esse espevitamento de tomar o cheiro dos famanazes em trânsito, sai-me dos meus cuidados e fui até o Ministério.
> (M. Bandeira, *AA*, 341.)

FORMAS ÁTONAS

1. São formas próprias do OBJETO DIRETO *o*, *a*, *os*, *as*:

> Eu avisei-**o**.
> (B. Santareno, *TPM*, 20.)

> Ele olhou-**a**, espantado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 481.)

Ângela dominava-**os** a todos, vencia-**os**.
(R. Pompeia, *A*, 222.)

É preciso acompanhá-**las**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 45.)

2. São formas próprias do OBJETO INDIRETO: *lhe*, *lhes*:

O capitão **lhe** garantira que tudo fora um mal-entendido.
(M. Palmério, *VC*, 286.)

Soube inspirar-**lhes** confiança.
(B. Santareno, *TPM*, 84.)

3. Podem empregar-se como OBJETO DIRETO ou INDIRETO: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

a) OBJETO DIRETO:

Queres ouvir-**me** um instante, sensatamente?
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 153.)

Queria-**te** ver lá em cima.
(Luandino Vieira, *NM*, 3.)

Vinde e contemplai-**nos**, que entardece.
(C. Meireles, *OP*, 318.)

Ninguém **vos** abandona, senhor.
(J. Régio, *ERS*, 90.)

b) OBJETO INDIRETO:

Chamava-**me** o seu alferes.
(Machado de Assis, *OC*, II, 234.)

— Ninguém **te** vai agradecer.
(Alves Redol, *BSL*, 355.)

Só a leitura dos grandes livros **nos** pode trazer a compensação das misérias de certos homens de letras.
(A. F. Schmidt, *GB*, 331.)

— Ouvis o que **vos** pergunto?
(J. Régio, *ERS*, 186.)

O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo

Se compararmos as duas frases:

Mandei **que ele saísse...**
Mandei-**o sair.**

verificamos que o objeto direto, exigido pela forma verbal *mandei*, é expresso:

a) na primeira, pela oração *que ele saísse*;
b) na segunda, pelo pronome seguido do infinitivo: *o sair*. E verificamos, também, que o pronome *o* está para o infinitivo *sair* como o pronome *ele* para a forma finita *saísse*, da qual é sujeito. Logo, na frase acima o pronome *o* desempenha a função de sujeito do verbo *sair*.

Construções semelhantes admitem os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos* (e o reflexivo *se*, que estudaremos à parte). Exemplo:

Deixe-**me falar.**
Mandam-**te entrar.**
Fez-**nos sentar.**

Emprego enfático do pronome oblíquo átono

1. Para dar realce ao objeto direto, costuma-se colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

Verdades, quem é que **as** quer?
(F. Pessoa, *OP*, 530.)

O meu avô, nunca **o** vi rezando.
(J. Lins do Rego, *ME*, 83.)

Note-se que, se o objeto direto for constituído de substantivos de gêneros diferentes, o pronome que os resume deve ir para o masculino plural — *os*:

Se Paulo desejava mesmo **escândalo e agitação**, teve-**os** à vontade.
(M. Palmério, *VC*, 307.)

Salas e coração, habita-**os** a saudade!
(A. de Oliveira, *P*, III, 109.)

2. Também o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o objeto indireto colocado no início da frase. Comparem-se os conhecidos provérbios:

> **Ao pobre** não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.
> **Ao médico e ao abade**, fala-**lhes** sempre a verdade.

O pronome de interesse

Em frases como as seguintes:

> Olhem-**me** para ela: é o espelho das donas de casa!
> (A. Ribeiro, *M*, 101.)

> Ânimo, Brás Cubas, não **me** sejas palerma.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 534.)

o pronome *me* não desempenha função sintática alguma. É apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita.

Este PRONOME DE INTERESSE, também conhecido por DATIVO ÉTICO ou DE PROVEITO, é de uso frequente na linguagem coloquial, mas não raro aparece na pena de escritores.

Por vezes o seu valor se dilui num *me* expletivo, produzindo belos efeitos:

> Desde menino **me** choro
> E ainda não **me** achei fim!
> (F. Pessoa, *OP*, 543.)

> Quem pagará o enterro e as flores
> Se eu **me** morrer de amores?
> (V. de Morais, *PCP*, 333.)

Pronome átono com valor possessivo

Os pronomes átonos que funcionam como objeto indireto (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*) podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular:

> Escutaste-**lhe** a voz? Viste-**lhe** o rosto?
> Osculaste-**lhe** as plantas?
> Tocaste-**lhe** os vestidos resplendentes?
> (Fagundes Varela, *PC*, II, 272.)

O barro que em quimeras modelaste
Quebrou-se-**te** nas mãos.
(C. Pessanha, *C*, 64.)

Duas lágrimas toldam-**lhe** a vista, um soluço prende-se-**lhe** no peito.
(O. Mendes, *P*, 166.)

Pronomes complementos de verbos de regência distinta

Podemos empregar um só pronome como complemento de vários verbos quando estes admitem a mesma regência, ou seja, quando o pronome em causa desempenha idêntica função com referência a cada verbo.

Assim, a frase:

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

está perfeita, porque os verbos *ver* e *cumprimentar* pedem objeto direto, que, no caso, vem expresso pelo pronome *me*.

Se disséssemos, porém:

Só Roberto **me** viu e deu as costas,

a frase não estaria bem construída, porque o *me* ficaria sendo, a um tempo, objeto direto de *ver* e indireto de *dar*.

Nesse caso, é de boa norma repetirmos o pronome:

Só Roberto **me** viu e **me** deu as costas,

ainda que da construção abreviada se tenham servido alguns dos melhores escritores da língua.[6]

Observação:

Ainda quando complemento de verbos que tenham a mesma regência, o pronome só deve ser omitido com o segundo verbo e seguintes se estiver proclítico ao primeiro da série, como no exemplo citado:

---

[6] Com razão, diz Mário Barreto que esta regra "não é artificial, e não a combate, nem destrói a infração dela em certos casos, em que praticamente o autorizam os usos e modismos da língua, como as locuções *entrar e sair do carro*, *vão e vêm do campo*, *chegar ou sair de casa*, empregadas por muitos e bons escritores". (*Novíssimos estudos da língua portuguesa*. 2.ª edição revista. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924, p. 112-113, nota).

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

Vindo enclítico ao primeiro, convém repeti-lo com os demais. Dir-se-á, pois:

Viu-**me** e cumprimentou-**me**

ou

Viu-**me** e **me** cumprimentou (construção desusada em Portugal)

e não

Viu-**me** e cumprimentou

O que se disse do pronome enclítico aplica-se ao mesoclítico.
Assim:

Procurar-**me**-ão e encontrar-**me**-ão

ou

Procurar-**me**-ão e **me** encontrarão (desusada em Portugal)

e não

Procurar-**me**-ão e encontrarão

Valores e empregos do pronome *se*

O pronome *se* emprega-se como:

a) OBJETO DIRETO (emprego mais comum):

Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranquilizou-**se** e tranquilizou-o.
(G. Amado, *HMI*, 124.)

Viu-**se** ao espelho, cadavérico.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 107.)

b) OBJETO INDIRETO:

Sofia dera-**se** pressa em tomar-lhe o braço.
(Machado de Assis, *OC*, I, 656.)

Perguntava-**se** a si mesma Teresa se aquela horrorosa situação seria um sonho.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 390.)

Emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:

Os nossos olhos muito perto, imensos
No desespero desse abraço mudo,
Confessaram-**se** tudo!
(J. Régio, *PDD*, 83.)

Os estudantes passavam diante dos examinadores aglomerados, chocando-**se** uns aos outros como gado saindo em redemoinho da porta do curral.
(G. Amado, *HMI*, 191.)

c) SUJEITO DE UM INFINITIVO:

Virgília deixou-**se cair**, no canapé, a rir.
(Machado de Assis, *OC*, I, 497.)

Moura Teles deixou-**se conduzir** passivamente.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 607.)

d) PRONOME APASSIVADOR:

Ouve-**se** ainda o toque de rebate.
(B. Santareno, *TPM*, 121.)

Fez-**se** novo silêncio.
(Coelho Netto, *OS*, I, 97.)

e) SÍMBOLO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (junto à 3.ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

Vive-**se** ao ar livre, come-**se** ao ar livre, dorme-**se** ao ar livre.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Martelava-**se**, serrava-**se**, acepilhava-**se**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 131.)

f) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

As estrelas dirão: — "Ai! nada somos,
Pois ela **se morreu**, silente e fria..."
(A. de Guimaraens, *OC*, 258.)

Foi-se embora e à passagem, mascando o charuto, mediu Maria Antônia de alto a baixo.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 929.)

...**Vão-se** as situações, e eles com elas.
(A. Magalhães, *OC*, 798.)

g) PARTE INTEGRANTE DE CERTOS VERBOS que geralmente exprimem sentimento, ou mudança de estado: *admirar-se*, *arrepender-se*, *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*; *congelar-se*, *derreter-se*, etc.

— **Atreva-se. Atreva-se**, e verá.
(M. Torga, *NCM*, 48.)

D. Adélia **queixava-se** baixinho.
(G. Ramos, *A*, 136.)

Leonel **arrependeu-se** da frase inútil e dura.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 846.)

Observações:

1.ª) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano:

Aqui **se escreverão** novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão.
(*Lus.*, VII, 55.)

Na língua moderna evita-se tal prática. Daí soar-nos artificial uma construção como a seguinte:

Este verbo, em nossa língua, nunca **se usou pelos escritores vernáculos** senão como equivalente de amar.
(R. Barbosa, *R*, n.º 384.)

2.ª) Em frases do tipo:

Vendem-**se** casas.
Compram-**se** móveis.

consideram-se *casas* e *móveis* os sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.

Combinações e contrações dos pronomes átonos

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos, um objeto direto e outro indireto, podem combinar-se, observadas as seguintes regras:

1.ª) *Me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe* e *lhes* (formas de objeto indireto) juntam-se a *o*, *a*, *os*, *as* (de objeto direto), dando:

mo = me + o	ma = me + a	mos = me + os	mas = me + as
to = te + o	ta = te + a	tos = te + os	tas = te + as
lho = lhe + o	lha = lhe + a	lhos = lhe + os	lhas = lhe + as
no-lo = nos + [l]o	no-la = nos + [l]a	no-los = nos + [l]os	no-las = nos + [l]as
vo-lo = vos + [l]o	vo-la = vos + [l]a	vo-los = vos + [l]os	vo-las = vos + [l]as
lho = lhes + o	lha = lhes + a	lhos = lhes + os	lhas = lhes + as

2.ª) O pronome *se* associa-se a *me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe*, e *lhes* (e nunca a *o*, *a*, *os*, *as*). Na escrita, as duas formas conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo, e ligam-se por hífen, quando lhe vêm pospostas:

> O coração **se me confrange**...
> (O. Mariano, *TVP*, I, 216.)

> A aventura **gorou-se-lhe** aos primeiros passos.
> (C. de Oliveira, *AC*, 155.)

3.ª) As formas *me*, *te*, *nos* e *vos*, quando funcionam como objeto direto, ou quando são parte integrante dos chamados verbos pronominais, não admitem a posposição de outra forma pronominal átona. O objeto indireto assume em tais casos a forma tônica preposicionada:

> — Como **me** hei de livrar **de ti**?
> (J. Régio, *JA*, 85.)

> Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
> Para mais doidamente me lembrar,
> Mais doidamente **me** lembrar **de ti**!
> (F. Espanca, *S*, 71.)

Observações:

1.ª) As combinações *lho*, *lha* (equivalentes a *lhes* + *o*, *lhes* + *a*) e *lhos*, *lhas* (equivalentes a *lhes* + *os*, *lhes* + *as*) encontram sua explicação no fato de, na língua antiga,

a forma *lhe* (sem *-s*) ser empregada tanto para o singular como para o plural. Originariamente, eram, pois, contrações em tudo normais.

2.ª) No Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lho, no-lo, vo-lo*, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.

Colocação dos pronomes átonos

1. Em relação ao verbo, o pronome átono pode estar:

a) ENCLÍTICO, isto é, depois dele:

Calei-**me**.

b) PROCLÍTICO, isto é, antes dele:

Eu **me** calei.

c) MESOCLÍTICO, ou seja, no meio dele, colocação que só é possível com formas do FUTURO DO PRESENTE ou do FUTURO DO PRETÉRITO:

Calar-**me**-ei.
Calar-**me**-ia.

2. Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ÊNCLISE:

Agarraram-na conseguindo, a muito custo, **arrastá-la** do quarto.
(Coelho Netto, *OS*, I, 43.)

Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, **parecera-lhe** sentir pelas costas risinhos a **escarnecê-la**.
(Eça de Queirós, *O*, I, 124.)

Há, porém, casos em que, na língua culta, se evita ou se pode evitar essa colocação, sendo por vezes conflitantes, no particular, a norma portuguesa e a brasileira.

Procuraremos, assim, distinguir os casos de PRÓCLISE que representam a norma geral do idioma dos que são optativos e, ambos, daqueles em que se observa uma divergência de normas entre as variantes europeia e americana da língua.

Regras gerais

Com um só verbo

1. Quando o verbo está no FUTURO DO PRESENTE ou no FUTURO DO PRETÉRITO, dá-se tão somente a PRÓCLISE ou a MESÓCLISE do pronome:

Eu **me** calarei.
Eu **me** calaria.
Calar-**me**-ei.
Calar-**me**-ia.

2. É, ainda, preferida a PRÓCLISE:

a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (*não*, *nunca*, *jamais*, *ninguém*, *nada*, etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

— **Não lhes dizia** eu?
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 348.)

Nunca o vi tão sereno e obstinado.
(C. dos Anjos, *M*, 316.)

— **Ninguém me disse** que você estava passando mal!
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

Quem me busca a esta hora tardia?
(M. Bandeira, *PP*, I, 406.)

— **Por que te assustas** de cada vez?
(J. Régio, *JA*, 98.)

Como a julgariam os pais se conhecessem a vida dela?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 23.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Que o vento **te leve** os meus recados de saudade.
(F. Namora, *RT*, 89.)

— Que Deus **o abençoe**!
(B. Santareno, *TPM*, 18.)

— Bons olhos **o vejam**! exclamou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta:

Quando me deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 20.)

— Prefiro **que me desdenhem, que me torturem,** a **que me deixem só.**
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 115.)

— Que é que desejas **te mande** do Rio?
(A. Peixoto, *RC*, 174.)

e) com o gerúndio regido da preposição *em*:

Em se ela **anuviando, em a** não **vendo**,
Já se me a luz de tudo anuviava.
(J. de Deus, *CF*, 205.)

— **Em lhe cheirando** a homem chulo é com ele.
(Machado de Assis, *OC*, I, 755.)

3. Não se dá a ÊNCLISE nem a PRÓCLISE com os PARTICÍPIOS. Quando o PARTICÍPIO vem desacompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição.
Exemplo:

Dada a mim a explicação, saiu.

4. Com os INFINITIVOS soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a PRÓCLISE ou a ÊNCLISE, embora haja acentuada tendência para esta última colocação pronominal:

E ah! que desejo de **a tomar** nos braços...
(O. Bilac, *P*, 72.)

Canta-me cantigas para **me embalar**!
(Guerra Junqueiro, *S*, 118.)

Para **não fitá-lo**, deixei cair os olhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 807.)

Para **assustá-lo**, os soldados atiravam a esmo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 82.)

A ÊNCLISE é mesmo de rigor quando o pronome tem a forma *o* (principalmente no feminino *a*) e o INFINITIVO vem regido da preposição *a*:

Se soubesse, não continuaria **a lê-lo**.
(R. Barbosa, *EDS*, 743.)

Logo os outros, Camponeses e Operários, começam **a imitá-la**.
(B. Santareno, *TPM*, 120.)

5. Pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende à PRÓCLISE pronominal:

a) quando o verbo vem antecedido de certos advérbios (*bem*, *mal*, *ainda*, *já*, *sempre*, *só*, *talvez*, etc.) ou expressões adverbiais e não há pausa que os separe:

Até a voz, dentro em pouco, **já me parecia** a mesma.
(Machado de Assis, *OC*, I, 858.)

Só depois se senta no chão a chorar.
(Alves Redol, *MB*, 255.)

Ao despertar, **ainda as encontro** lá, **sempre se mexendo** e discutindo.
(A. M. Machado, *CJ*, 174.)

Talvez Elisabeth **se decidisse**.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 261.)

Nas pernas me fiava eu.
(A. Ribeiro, *M*, 88.)

b) quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo:

Tiram mais que na ceifa; **isso te digo** eu.
(Alves Redol, *G*, 108.)

— **A grande notícia te dou** agora.
(F. Namora, *NM*, 162.)

Razoável lhe parecia a solução proposta.

c) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo*, *tudo*, *alguém*, *outro*, *qualquer*, etc.):

Ambos se sentiam humildes e embaraçados.
(F. Namora, *TJ*, 293.)

Alguém lhe bate nas costas.
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

Todos os barcos **se perdem**,
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

d) nas orações alternativas:

— Das duas uma: **ou as faz** ela **ou as faço** eu.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 39.)

Maria, **ora se atribulava, ora se abonançava.**
(Ó. Ribas, *EMT*, 18.)

6. Observe-se por fim que, sempre que houver *pausa* entre um elemento capaz de provocar a PRÓCLISE e o verbo, pode ocorrer a ÊNCLISE:

Pouco depois, detiveram-se de novo.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 403.)

A ênclise é naturalmente obrigatória quando aquele elemento, contíguo ao verbo, a ele não se refere, como neste exemplo:

— Sim, sim, disse ela desvairadamente, mas avisemos o cocheiro que nos leve até a casa de Cristiano.
— **Não, apeio-me** aqui...
(Machado de Assis, *OC*, I, 690.)

Observação:

Costumam os escritores do idioma, principalmente os portugueses, inserir uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo, sendo mais comum a intercalação da negativa *não*:

Era impossível que **lhe não deixasse** uma lembrança.
(Machado de Assis, *OC*, I, 563.)

Conformado pelas suas palavras, o tio calara-se, só para **lhe não dar** assentimento.
(Alves Redol, *F*, 310.)

Há tanto tempo que **o não via**!
(Luandino Vieira, *CI*, 64.)

Com uma locução verbal

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:
1.º) *Sempre* a ÊNCLISE ao infinitivo ou ao gerúndio:

O roupeiro **veio interromper-me.**
(R. Pompeia, *A*, 37.)

— Que **poderá dizer-nos** aquele rato de biblioteca?
(A. Ribeiro, *AFPB*, 215.)

Só **quero preveni-lo** contra as exagerações do Prólogo.
(A. de Quental, *C*, 314.)

Nós íamos seguindo; e, em torno, imensa,
Ia desenrolando-se a paisagem.
(R. Correia, *PCP*, 304.)

2.º) A PRÓCLISE ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:

a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa:

Tempo que navegaremos
Não se pode calcular.
(C. Meireles, *OP*, 141.)

Rita é minha irmã, **não me ficaria querendo** mal e acabaria rindo também.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

— **Ninguém o havia de dizer.**
(A. Ribeiro, *M*, 68.)

Jamais me hão de chamar outro mais doce.
(F. Espanca, *S*, 49.)

b) nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos:

— **Que** mal **me havia de fazer**?
(M. Torga, *NCM*, 47.)

Que é que me podia acontecer?
(G. Ramos, *A*, 152.)

— **Em que lhe posso ser útil**, senhor Petra?
(A. Ribeiro, *M*, 268.)

Como te hei de receber em dia tão posterior?
(C. Meireles, *OP*, 406.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Como se vinha trabalhando mal!
Deus **nos há de proteger**!

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta:

O sufrágio **que me vai dar** será para mim uma consagração.
(E. da Cunha, *OC*, II, 634.)

Ega subiu ao seu quarto, **onde** outro criado **lhe estava preparando** o banho.
(Eça de Queirós, *O*, II, 329.)

Eram orações extraordinariamente tocantes, que N. lamenta não ter guardado na memória, ou registrado **à proporção que as ia ouvindo**.
(A. F. Schmidt, *F*, 171.)

Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou **me mandassem buscar** ao seminário.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

3.º) A ENCLISE ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a PRÓCLISE:

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,
Noiva-menina, as doidas caravelas,
Ao ignoto País da minha infância...
(F. Espanca, *S*, 179.)

Ia-me esquecendo dela.
(G. Ramos, *AOH*, 40.)

A cidade **ia-se perdendo** à medida que o veleiro rumava para São Pedro.
(B. Lopes da Silva, *C*, 207.)

2. Quando o verbo principal está no PARTICÍPIO, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, PROCLÍTICO ou ENCLÍTICO ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples:

— **Tenho-o trazido** sempre, só hoje é que o viste?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 152.)

— Arrependa-se do que me disse, e **tudo lhe será perdoado**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 645.)

Que se teria passado?
(Coelho Netto, *OS*, I, 1412.)

Queria mesmo dali adivinhar o **que se tinha passado** na noite da sua ausência.
(Alves Redol, *F*, 195.)

A colocação dos pronomes átonos no Brasil

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no colóquio normal, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Podem-se considerar como características do português do Brasil e, também, do português falado nas Repúblicas africanas:

a) a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente com a forma *me*:

— **Me desculpe** se falei demais.
(É. Veríssimo, *A*, II, 487.)

Me arrepio todo...
(Luandino Vieira, *NM*, 138.)

b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação:

— Se Vossa Reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede.
(J. Montello, *TSL*, 176.)

O usineiro nos entregava o açúcar pelo preço do dia, pagava a comissão e armazenagem e nós especulávamos para as praças do Rio e São Paulo.
(J. Lins do Rego, *U*, 251.)

— **A sua prima Júlia**, do Golungo, **lhe mandou** um cacho de bananas.
(Luandino Vieira, *NM*, 54.)

c) a próclise ao verbo principal nas locuções verbais:

Será que o pai **não ia se dar** ao respeito?
(Autran Dourado, *SA*, 68.)

— Não, não sabes e **não posso te dizer mais**, já não me ouves.
(Luandino Vieira, *NM*, 46.)

Outro **teria se metido** no meio do povo, teria terminado com aquela miséria, sem sangue.
(J. Lins do Rego, *U*, 222.)

Tudo **ia se escurecendo.**
(J. Lins do Rego, *U*, 338.)

Justificando essa última colocação, escreve Martinz de Aguiar:

"Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver*, que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio procliticamente: *Aqueles haviam se-corrompido.*

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do passado): *Poderá se-reduzir*, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhes aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamo-nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamos nos-encontrar*".[7]

PRONOMES POSSESSIVOS

PRONOMES PESSOAIS, POSSESSIVOS E DEMONSTRATIVOS

Estreitamente relacionados com os pronomes pessoais estão os PRONOMES POSSESSIVOS e os DEMONSTRATIVOS.

Os PRONOMES PESSOAIS, vimos, denotam as pessoas gramaticais; os outros dois indicam algo determinado por elas:

a) os POSSESSIVOS, o que lhes cabe ou pertence;
b) os DEMONSTRATIVOS, o que delas se aproxima ou se distancia no espaço e no tempo.

Podemos, assim, estabelecer estas correspondências prévias:

	1.ª PESSOA	2.ª PESSOA	3.ª PESSOA
Pronome pessoal	eu	tu	ele
Pronome possessivo	meu	teu	seu
Pronome demonstrativo	este	esse	aquele

[7] *Notas de português de Filinto a Odorico.* Rio de Janeiro, Simões, 1955, p. 409.

FORMAS DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor.

		UM POSSUIDOR		VÁRIOS POSSUIDORES	
		UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS	UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS
1.ª pessoa	masc.	meu	meus	nosso	nossos
	fem.	minha	minhas	nossa	nossas
2.ª pessoa	masc.	teu	teus	vosso	vossos
	fem.	tua	tuas	vossa	vossas
3.ª pessoa	masc.	seu	seus	seu	seus
	fem.	sua	suas	sua	suas

VALORES E EMPREGOS DOS POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse. São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós, de si*), mas podem empregar-se como pronomes substantivos:

Por exemplo:

Meu livro é este.
Este livro é o **meu**.
Sempre com **suas histórias**!
Fazer das **suas**.

Concordância do pronome possessivo

1. O PRONOME POSSESSIVO concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e, em pessoa, com o possuidor do objeto em causa:

> Cada um tratava de si, do **seu corpo**, da **sua alma**, dos **seus ódios**.
> (M. Torga, *NCM*, 204.)

> Eu estava na porta da **minha casa**, casa de passeio-alto, com a **minha mãe** e o **meu pai**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 178.)

Suas mudanças súbitas, **seu jeito** provocante, **sua mímica** muito feminina me fazem lembrar a Jandira mulher, que tantas vezes desaparece a **meus olhos**, em **nossas conversações.**
(C. dos Anjos, *DR*, 124.)

2. Quando um só POSSESSIVO determina mais de um substantivo, concorda com o que lhe esteja mais próximo:

Rubião estacara o passo; ela pôde vê-lo bem, com os **seus gestos e palavras**, o peito alto, e uma barretada que deu em volta.
(Machado de Assis, *OC*, I, 715.)

E o meu corpo, **minh'alma e coração,**
Tudo em risos poisei em tua mão...
(F. Espanca, *S*, 177.)

Posição do pronome adjetivo possessivo

O PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO precede normalmente o substantivo que determina, como nos mostram os exemplos até aqui citados.

Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

1.º) quando este vem desacompanhado do artigo definido:

Esperava **notícias tuas** para de novo te escrever.
(A. Nobre, *CI*, 119.)

Soube por José Veríssimo que estranhou a ausência de **cartas minhas.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 707.)

2.º) quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido):

Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, **um telegrama seu**, de felicitações...
(E. da Cunha, *OC*, II, 639.)

Note **este erro seu**: não há em mim (que eu seja consciente) o menor espírito de renúncia ou de esquecimento de mim próprio.
(J. de Figueiredo, *C*, 177.)

Como tu foste infiel
A **certas ideias minhas**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 186.)

3.º) nas interrogações diretas:

Onde estais, **cuidados meus**?
(M. Bandeira, *PP*, 23.)

Em todo o caso... Agora ouve-se menos ou é **impressão minha**?
(A. Abelaira, *NC*, 15.)

4.º) quando há ênfase:

— Tu não lustras as unhas! tu trabalhas! tu és digna **filha minha**! pobre, mas honesta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 672.)

Ninguém, **senhores meus**, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças, por saber se o levarão a cabo.
(R. Barbosa, *EDS*, 685.)

A alternância de colocações presta-se a efeitos estilísticos, como nos mostra este exemplo:

És **meu** único **desejo**,
Ah! fosse o **desejo teu**!
(Guimarães Passos, *VS*, 24.)

Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa

As formas *seu*, *sua*, *seus*, *suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3.ª pessoa do singular ou da 3.ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s)*, *sua(s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*, *de você(s)*, *do(s) senhor(es)*, *da(s) senhora(s)* e outras expressões de tratamento.

Por exemplo, a frase:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **seus exames**.

tem um anunciado equívoco: os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia; ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.

Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a intenção que tenha:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dela**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dele**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames deles**.

Reforço dos possessivos

O valor possessivo destes pronomes nem sempre é suficientemente forte. Quando há necessidade de realçar a ideia de posse — quer visando à clareza, quer à ênfase —, costuma-se reforçá-los:

a) com a palavra *próprio* ou *mesmo*:

> Mais unidos sigamos e não tarda
> Que eu ache a vida em **tua própria morte**.
> (Guimarães Passos, *VS*, 46.)

> Era ela mesma; eram os **seus mesmos braços**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 484.)

b) com as expressões *dele(s)*, *dela(s)*, no caso do possessivo da 3.ª pessoa:

> Montaigne explica pelo **seu** modo **dele** a variedade deste livro.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 556.)

> Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse ele a sua vontade; mas que a **sua** vitória **dele**, sobre os protetores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Viseu, estava plenamente obtida.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 415.)

Valores dos possessivos

O PRONOME POSSESSIVO não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido múltiplos valores, por vezes bem distanciados daquele sentido originário.

Mencione-se o seu emprego:

a) como indefinido:

> Tinha tido **o seu orgulho, a sua calma, a sua certeza.**
> (M. Torga, *V*, 216.)

> Tenho tido **os meus vícios.**
> (Alves Redol, *BC*, 43.)

> A senhora há de ter tido **seus apertos** de dinheiro, disse Rubião.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 630.)

b) para indicar aproximação numérica:

> Revejo sempre uma rapariga que só uma vez fitei, tinha eu **meus vinte anos.**
> (A. F. Schmidt, *GB*, 251.)

> Ela media, como um marchante, **o meu metro e oitenta de altura** e pesava, com o mesmo rigor, **os meus setenta e sete quilos.**
> (F. Namora, *RT*, 90.)

> Entrou uma mulherzinha de **seus quarenta anos**, decidida e de passo firme.
> (F. Sabino, *HN*, 164.)

c) para designar um hábito:

> Neste instante, a Judite voltou-se e, abandonando as companheiras, veio desfazer o cumprimento com **um repente dos seus.**
> (Almada Negreiros, *NG*, 110.)

> Nos **nossos dias**, a baianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexível, a passo rápido.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 89.)

— Não sei para onde vou mandar o **meu herói**... — disse com um falso sorriso.
(É. Veríssimo, *LS*, 139.)

Ora bem, deixa-me transcrever **o meu Saint-Exupéry**.
(F. Namora, *RT*, 190.)

Isto feito, meteu-se na cama, rezou uma ode **do seu Horácio** e fechou os olhos. Nem por isso dormiu. Tentou então uma página **do seu Cervantes**, outra **do seu Erasmo**, fechou novamente os olhos, até que dormiu.
(Machado de Assis, *OC*, I, 953.)

— Onde está **o meu Tenentes do Diabo**?
(J. Lins do Rego, *E*, 282.)

d) de ironia, de malícia, de sarcasmo:

Todos aqueles santos varões comiam, bebiam **o seu vinho do Porto** na copa.
(Eça de Queirós, *O*, II, 17.)

Na mesa do major jantei **o meu frango**, comi **a minha boa posta de robalo**, trabalho que afundou em mais de duas horas.
(J. C. de Carvalho, *CL*, 133.)

Em casa de Norberto, as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam **seu chá**, faziam **sua malha** e eram madrinhas das filhas dos criados mais próximos.
(J. Saramago, *LC*, 54.)

Observe-se que, nos dois últimos casos, o POSSESSIVO vem normalmente acompanhado do artigo definido.

2. De acentuado caráter afetivo é também a construção em que uma forma feminina plural do pronome completa a expressão *fazer* (ou *dizer*) *uma das* = praticar uma ação ou dizer algo particular, geralmente passível de crítica:

Com aquele gênio esquentado é capaz de **fazer uma das dele**.
(Castro Soromenho, *TM*, 175.)

Era lindo o bicho, com **sua calma** de passarinho manso.
(R. Braga, *CCE*, 85.)

Sente-se em todos esses empregos do POSSESSIVO uma certa carga afetiva, mais acentuada nos que passamos agora a examinar.

Valores afetivos

1. Variados são os matizes afetivos expressos pelos POSSESSIVOS. Servem, por vezes, para acentuar um sentimento:

a) de deferência, de respeito, de polidez:

"— Quer alguma coisa, **minha senhora**?"
(Eça de Queirós, *OF*, I, 1037.)

Adeus! — Bons dias, **meu Comandante**,
A nossa sorte... morrer, talvez...
E o rude velho segue pra diante
E o rude velho segue pra diante:
— Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
(A. Nobre, *S*, 106.)

— Não posso deixá-lo um instante, **meu Fidalgo**.
(A. Arinos, *OC*, 436.)

— Não é assim, **meus respeitáveis senhores**?
(Ó. Ribas, *EMT*, 123.)

b) de intimidade, de amizade:

— Hoje, **meu caro Antônio**, temos de festejar a presença do meu rapaz.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 203.)

— Dispõe de mim, **meu velho**, estou às suas ordens, bem sabes.
(A. Azevedo, *CFM*, 6.)

— Não há nada mais certo, **meu amigo** — respondia D. Clara.
(A. de Assis Júnior, *SM*, 76.)

c) de simpatia, de interesse (com referência a personagem de uma narrativa, a autor de leitura frequente, a clubes ou associações de que seja sócio ou aficionado, etc.):

> As criadas, junto da porta, casquinaram uns risinhos abafados e o Barbaças voltou-se para elas, disposto a **dizer uma das suas.**
> (F. Namora, *TJ*, 210.)

> — Você andou por aí **fazendo das suas.**
> (J. Lins do Rego, *MR*, 229.)

Nosso de modéstia e de majestade

Paralelamente ao emprego do pronome pessoal *nós* por *eu* nas fórmulas de modéstia e de majestade que estudamos, aparece o do POSSESSIVO *nosso(a)* por *meu* (*minha*).

Comparem-se estes exemplos:

a) de modéstia:

> Este livro nada mais pretende ser do que um pequeno ensaio. Foi **nosso** escopo encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira, para colocar a língua no seu verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização.
> (S. da Silva Neto, *IELPB*, 11.)

b) de majestade:

> Mandamos que os ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com eles andarem, não entrem em **nossos** Reinos e Senhorios.
> (Ordenações Filipinas, livro V, título 69.)

Vosso de cerimônia

O uso do pronome pessoal *vós* como tratamento cerimonioso aplicado a um indivíduo ou a um auditório qualificado leva, naturalmente, a igual emprego do POSSESSIVO *vosso(a)*. Exemplos:

> Nunca **vosso** avô, meu senhor e marido, achou que me não fosse possível compreender o ânimo dum grande português.
> (J. Régio, *ERS*, 69.)

> Levareis, Senhores Delegados, aos vossos Governos, à vossa Pátria, estas declarações que são a expressão sincera dos sentimentos do Governo e do Povo Brasileiro.
> (Barão do Rio Branco, *D*, 98.)

Observação:

Quanto ao emprego das formas de tratamento cerimonioso em que se fixaram os POSSESSIVOS *Sua* e *Vossa* (tipo: *Sua Excelência*, *Vossa Excelência*), veja-se o que dissemos ao estudarmos os PRONOMES PESSOAIS (Pronomes de tratamento).

Substantivação dos possessivos

Os POSSESSIVOS, quando substantivados, designam:

a) no singular, o que pertence a uma pessoa:

> — Eu não tenho mais ambições que fazer fanga e ganhar o que puder, até ter um bocado **de meu**.
> (Alves Redol, *F*, 281.)

> A rapariga não tinha um minuto **de seu**.
> (A. Rangel, *IV*, 61.)

> Eu não tenho **de meu** um momento.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 1415.)

b) no plural, os parentes de alguém, seus companheiros, compatriotas ou correligionários:

> Peço-te que transmitas, em nome de todos **os meus**, sinceros agradecimentos a D. Maria Júlia e a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 705.)

> Saudades a todos **os teus**.
> (R. Correia, *PCP*, 623.)

> Não me podia a Sorte dar guarida
> Por não ser eu d**os seus**.
> (F. Pessoa, *OP*, 12.)

> Impugnaram-na apaixonadamente Dâmaso e **os seus**; defenderam-na com brio e vivacidade Moura Seco, Teodoro e os inimigos do arcipreste.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 264.)

Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico

Em certas locuções prepositivas, o pronome oblíquo tônico, que deve seguir a preposição e com ela formar um complemento nominal do substantivo

anterior, é normalmente substituído pelo PRONOME POSSESSIVO correspondente. Assim:

em frente **de ti**	=	em **tua** frente
ao lado **de mim**	=	ao **meu** lado
em favor **de nós**	=	em **nosso** favor
por causa **de você**	=	por **sua** causa

Veja-se, por exemplo, este passo, no qual a expressão *em teu louvor* equivale a *em louvor de ti*:

> Negrinho do Pastoreio,
> Venho acender a velinha
> Que palpita **em teu louvor.**
> (A. Meyer, *P*, 125.)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo:

> Lia coisas incríveis para **aquele lugar** e **aquele tempo.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 105.)

A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DEÍCTICA (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

2. Mas os DEMONSTRATIVOS empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

> A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> O mal foi **este**: criar os filhos como dois príncipes.
> (M. Torga, *V*, 309.)

É a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego *anaphorikós* = que faz lembrar, que traz à memória).

FORMAS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS apresentam formas variáveis e formas invariáveis, ou neutras:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
este	estes	esta	estas	isto
esse	esses	essa	essas	isso
aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

2. As formas variáveis (*este*, *esse*, *aquele*, etc.) podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos:

   Este livro é meu.
   Meu livro é **este**.

3. As formas invariáveis (*isto*, *isso*, *aquilo*) são sempre pronomes substantivos.

4. Estes DEMONSTRATIVOS combinam-se com as preposições *de* e *em*, tomando as formas: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto*; *desse*, *dessa*, *disso*; *nesse*, *nessa*, *nisso*; *daquele*, *daquela*, *daquilo*; *naquele*, *naquela*, *naquilo*.
   Aquele, *aquela* e *aquilo* contraem-se ainda com a preposição *a*, dando: *àquele*, *àquela* e *àquilo*.

5. Podem também ser DEMONSTRATIVOS *o* (*a*, *os*, *as*), *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*, como veremos adiante.

VALORES GERAIS

Considerando-os em suas relações com as pessoas do discurso, podemos estabelecer as seguintes características gerais para os PRONOMES DEMONSTRATIVOS:

1.º) *Este*, *esta* e *isto* indicam:

a) o que está perto da pessoa que fala:

> **Esta casa** estará cheia de flores!
> Cá te espero amanhã! Não te demores!
> (E. de Castro, *UV*, 59.)

> As mãos que trago, as mãos são **estas**.
> (C. Meireles, *OP*, 216.)

b) o tempo presente em relação à pessoa que fala:

Esta tarde para mim tem uma doçura nova.
(Ribeiro Couto, *PR*, 83.)

Neste momento há um rapaz que gosta de mim, um inglês.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 13.)

2.º) *Esse*, *essa* e *isso* designam:

a) o que está perto da pessoa a quem se fala:

— Que susto você me pregou, entrando aqui com **essa cara** de alma do outro do mundo!
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Ficas aí um pedaço a descansar e a remoer **essas fúrias. Isso**, agora, ainda incha um bocado.
(F. Namora, *NM*, 122.)

Essas tuas **fúrias** avulso, **esse** teu **calor, esse riso, essa amizade** mesmo nos ódios que tinhas, procuro-lhes em vão só, que os teus olhos estão fechados para sempre.
(Luandino Vieira, *NM*, 30.)

b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala:

Bons tempos, Manuel, **esses que já lá vão**!
(A. Nobre, *S*, 51.)

Desses longes imaginados, **dessas expectativas** de sonho, passava ele ao exame da situação da Europa em geral e da Alemanha em particular.
(G. Amado, *DP*, 92.)

3.º) *Aquele*, *aquela* e *aquilo* denotam:

a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala:

— Olhem **aquele monte** ali em frente. É longe, não é?
(G. Ramos, *AOH*, 107.)

— Qualquer dia dizem assim: ali **naquela casa** viveu o Paulino.
(Castro Soromenho, *C*, 116.)

b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota:

Naquele tempo a fogueira crepitava até horas mortas.
(C. dos Anjos, *DR*, 46.)

— **Naquele tempo** era uma boa casa de banho.
— **Naquele tempo**, filho... Ora, **naquele tempo**!
(M. J. de Carvalho, *TM*, 41.)

— **Naquele tempo** as pernas não me pesavam.
(Castro Soromenho, *C*, 118.)

Resumindo, podemos apresentar no seguinte quadro os valores básicos dessas formas pronominais para a pessoa que fala ou escreve:

Demonstrativo	Pessoa	Espaço	Tempo
este	1.ª	situação próxima	presente
esse	2.ª	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distante
aquele	3.ª	situação longínqua	passado vago ou remoto

DIVERSIDADE DE EMPREGO

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática.

Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta*, *isto*) onde seria de esperar *esse* ou *aquele*.

Sirva de exemplo esta frase de um personagem do romance *Fogo morto*, de José Lins do Rego, em que o advérbio *lá* se aplica a sua casa, da qual no momento estava ausente:

— Eu só queria estar lá para receber **estes cachorros** a chicote.
(*FM*, 296.)

Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo *esse* em lugar de *este*. Assim, no seguinte passo de Ferreira de Castro:

> O guarda-livros, num repelão, ordenou:
> — Tire **esse** bandido da minha frente, João! Tome conta dele!
> (*OC*, I, 300.)

EMPREGOS PARTICULARES

1. *Este* (*esta*, *isto*) é a forma de que nos servimos para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou que vamos dizer:

> — Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença?
> **Dizendo isto**, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 564.)

> Minha tristeza é **esta** —
> A das coisas reais.
> (F. Pessoa, *OP*, 100.)

2. Para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado, costumamos usar também o demonstrativo *esse* (*essa*, *isso*):

> Não havia que pedir de fiado nas lojas; a lareira teria sempre lume. **Nisso**, ao menos, o Agostinho Serra abria bem as mãos.
> (Alves Redol, *G*, 94.)

> — **A isso** eu chamaria complexo de Carlitos.
> (C. dos Anjos, *MS*, 383.)

3. *Esse* (*essa*, *isso*) é a forma que empregamos quando nos referimos ao que foi dito por nosso interlocutor:

> — As minhas meditações foram sempre pessoais e intransmissíveis.
> — Sempre. É **nisso** que és extraordinária.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 56.)

> — Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?
> — Já tenho feito **isso**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 586.)

4. Tradicionalmente, usa-se nisto no sentindo de "então", "nesse momento":

> **Nisto**, ouvimos vozes e passos.
> (A. Abelaira, *TM*, 112.)

> Entardeceu.
> **Nisto** correu voz que a noiva estava chorando.
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 210.)

Escritores modernos, entretanto, empregam também *nisso*:

> **Nisso** a orquestra, a boa orquestra romântica dos restaurantes da velha guarda, atacou "Parabéns para você"...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

> **Nisso** bateram à porta.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 261.)

5. Em certas expressões o uso fixou determinada forma do demonstrativo, nem sempre de acordo com o seu sentido básico. É o caso das locuções: *além disso*, *isto é*, *isto de*, *por isso* (raramente *por isto*), *nem por isso*.

POSIÇÃO DO PRONOME ADJETIVO DEMONSTRATIVO

1. O DEMONSTRATIVO, quando PRONOME ADJETIVO, precede normalmente o substantivo que determina:

> Meu pobre coração, **nessa** eterna **ansiedade**,
> **Nesse** eterno **sofrer**, eterno arrastaria
> **Esta** triste, **esta** longa, **esta** eterna **saudade**.
> (M. Pederneiras, *LSMV*, 53.)

> **Estes homens** e **estas mulheres** nasceram para trabalhar.
> (J. Saramago, *LC*, 327.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente:

> Por outro lado, Siá Bina era ainda comadre de Nhô Felício, pois batizara um filho dele, há poucos anos, **filho esse** do segundo casamento.
> (Ribeiro Couto, *C*, 145.)

A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

Porém de que serve a piedade sem a caridade?
ou antes, pode **aquela** existir sem **esta**?
(Almeida Garrett, *O*, I, 721.)

2. Por vezes, os DEMONSTRATIVOS alternados têm valor indefinido:

E vimos isto: homens de todas as idades, tamanhos e cores, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas esfrangalhadas; atitudes diversas, uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, **estes** sentados em pedras, **aqueles** encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas das pupilas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

Outras mulheres, assentadas sobre as esteiras, ladeavam a cama onde momentos antes repousou o corpo. **Esta** soluçava a um canto; **aquela** lacrimejava em silêncio junto a um móvel...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

Depois vieram outros e outros, **estes** fincados de leve, **aqueles** até à cabeça.
(Monteiro Lobato, *U*, 110.)

3. Observe-se também a ocorrência de dois DEMONSTRATIVOS em construções nas quais o predicativo introduzido por *aquele* melhor esclarece o sujeito, expresso por um substantivo determinado por *este* ou *esse*:

Este homem foi **aquele** que me dizia "que não me afligisse que eu ainda estava muito novo para curar-me".
(A. Nobre, *CL*, 144.)

Mas **esses** atos são justamente **aqueles** que os psiquiatras designam como características de qualquer perturbação mental.
(T. Barreto, *QV*, 39.)

Por vezes omite-se o substantivo:

Essa é **aquela** Lélia.
(G. Cruls, *QR*, 498.)

A recepção esteve muito cacete e o Dr. Martiniano Lopes me pegou no terraço para ler um longo discurso que vai pronunciar na Ordem dos Economistas; **martírio esse** que durou uma hora de relógio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 128.)

3. Usa-se para determinar o aposto, geralmente quando este salienta uma característica marcante da pessoa ou do objeto:

Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse**, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.
(M. Palmério, *VC*, 99.)

Arlequim é o D. Quixote, **esse** livro admirável onde se experimentam ao ar livre, de dia e de noite, e através de todas as eventualidades os preceitos da Honra e das outras teorias.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 90.)

Chamava-se "Terminus", porque o proprietário fizera em tempos a sua viagem à Europa, "Terminus" em luzinhas bem nítidas, bem fortes, com um halo, **esse** muito límpido, a uni-las.
(M. J. de Carvalho, *TM*, 10.)

4. *Esse* (e mais raramente *este*) emprega-se também para pôr em relevo um substantivo que lhe venha anteposto:

O padre, **esse** andava de coração em aleluia.
(M. Torga, *CM*, 47.)

O sacrificador, **esse**, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Maria José, **essa**, se comportava no polo oposto, calada e carrancuda.
(A. Ribeiro, *M*, 289.)

ALUSÃO A TERMOS PRECEDENTES

1. Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servimo-nos do DEMONSTRATIVO *aquele* para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO *este* para o que foi nomeado por último:

REFORÇO DOS DEMONSTRATIVOS

Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum gesto indicador, ou reforçá-lo:

a) com os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, *acolá*:

> — Espera aí. **Este aqui** já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 33.)

> — E **esse pacotinho aí**, Seu Xixi?
> — Encomenda: é o relógio do Seu Gustavinho Solé.
> (M. Palmério, *VC*, 17.)

> **Esse aí** sabia mesmo para ensinar aos outros?
> (Pepetela, *AN*, 23.)

> — **Isto aqui** não pode dar saúde a ninguém; basta olhar-se para aquele embondeiro...
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 199.)

b) com as palavras *mesmo* e *próprio*:

> — O Relógio da Sé em casa de Serralheiro?
> — **Esse mesmo.**
> — O da Matriz?
> — **Esse próprio.**
> (D. F. M. de Melo, *AD*, 16.)

> — Recusei. Não sei se fiz bem.
> — É por causa da mulher.
> — **Isso mesmo.**
> (O. Lins, *FP*, 72.)

c) com o pronome *outro*, possibilitando as aglutinações *estoutro*, *essoutro*, *aqueloutro*, evitadas, em geral, no português contemporâneo.

VALORES AFETIVOS

1. Os DEMONSTRATIVOS reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros "gestos verbais", acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos.

A capacidade de fazerem aproximar ou distanciar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos.

2. Nos exemplos a seguir, servem para intensificar, de acordo com a entoação e o contexto, os sentimentos de:

a) surpresa, espanto:

> Passam vinte anos: chega Ele;
> Veem-se (Pasmo) Ele e Ela:
> — Santo Deus! **este** é **aquele**?!...
> — Mas, meu Deus! **esta** é **aquela**?!...
> (Fontoura Xavier, *O*, 172.)

> — **Essa** agora!
> (J. de Sena, *SF*, 518.)

> Ainda mais **esta**! Onde estaria o padre?
> (A. Santos, *P*, 74.)

b) admiração, apreço:

> — Que gente tinha o Pestana, dizia um. Nunca pensei que houvesse homens com **aquela** coragem.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 97.)

> **Aquilo** é que são homens fortes.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

> **Aquilo** são pés de veludo!
> (M. Torga, *NCM*, 27.)

c) indignação:

> — É tudo claro como água: **este** cão roubou-me. Acabo ainda hoje com **este** malandro! **Isto** não fica assim.
> (F. Namora, *NM*, 193.)

> Oiço a voz tosca do pai, a insultar:
> — **Esta** parva!... **Esta** burra!...
> (Luandino Vieira, *NM*, 119.)

— **Aquilo** é uma terra de línguas peçonhentas. Deus os confunda a todos.
(A. Ribeiro, *M*, 346.)

d) pena, comiseração:

Quem mora ali? Mora ela,
Aquela!, —
Que nessa triste viela
Foi a flor da Mouraria!
(A. Botto, *OA*, 225.)

Aquela mulher, flor de poesia, era agora **aquilo**.
(A. M. Machado, *HR*, 67.)

— Há aqui falta de cuidado e asseio — disse consigo —; **esta** pobre mulher vive aqui quase abandonada...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 192.)

e) ironia, malícia:

Tem um decote pequeno,
Um ar modesto e tranquilo;
Mas vá-se lá descobrir
Coisa pior do que **aquilo**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 251.)

— É um malandro, **esse** Barbaças!
(F. Namora, *TJ*, 193.)

— **Este** Brás! **Este** Brás! Não lhes digo nada!
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 57.)

f) sarcasmo, desprezo:

Isso era até uma vergonha!
(M. Torga, *NCM*, 91.)

Aquela desavergonhada da Helena não anda a dizer que é a ela que o tio quer e é a ela que leva para o Rio?!
(A. Ribeiro, *M*, 349-350.)

— Depois transformaram a senhora **nisso**, D. Adélia. Um trapo, uma velha sem-vergonha.
(G. Ramos, *A*, 136.)

3. Digno de nota é o acentuado valor irônico, por vezes fortemente depreciativo, dos neutros *isto*, *isso* e *aquilo*, quando aplicados a pessoas, como nestes passos:

Ninguém sabe onde ele anda, Seu Coronel! **Aquilo** é um desgraçado.
(J. Lins do Rego, *ME*, 80.)

Aquilo, aquele pobre homenzinho amarelento, dessorado, chocho...
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 158.)

Como estivesse a contemplá-lo, à porta, parou um homem, entrou, e olhou com interesse para o retrato. O lojista reparou na expressão; podia ser algum miguelista, mas também podia ser um colecionador...
— Quanto pede o senhor por **isto**?
— **Isto**? Há de perdoar; quer saber quanto peço pelo meu rico senhor D. Miguel?
(Machado de Assis, *OC*, I, 908.)

Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afetivos, podem esses DEMONSTRATIVOS expressar também alto apreço por determinada pessoa.
Assim:

Aquilo é que dava um deputado às direitas!
(C. Castelo Branco, *QA*, 19.)

— Bonita mulher. Como **aquilo** vê-se pouco. Ele teve sorte.
(Castro Soromenho, *C*, 160.)

— Como cozinheira não há outra e **aquilo**... é o apuro de asseio.
(Alves Redol, *G*, 95.)

4. Entre os valores afetivos cabe ressaltar o sentido intensivo, superlativante, que o demonstrativo adquire em frases do tipo[8]:

---

[8] Sobre estas construções, leia-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 35-38.

Qual o quê! Queriam monte. Monte num dia **daqueles**!
(M. Torga, *CM*, 72.)

Ninguém é operado assim com **essa** pressa.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 365.)

Outro homem não podia existir com **aquela** força nos braços, **aquele** riso na boca e **aquele** calor no peito.
(Adonias Filho, *LBB*, 86.)

5. As formas femininas *esta* e *essa* fixaram-se em construções elípticas do tipo:

Ora **essa**!	**Essa** é boa!
Essa, não!	**Essa** cá me fica!
Mais **esta**!...	**Esta** é fina!

6. Fixa também aparece a forma neutra na locução *isto* (ou *isso*) *de*, que equivale a "com referência a", "no tocante a", "a respeito de":

— Ah! meu caro Rubião, **isto de** política pode ser comparado à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; não falta nada, nem o discípulo que nega, nem o discípulo que vende.
(Machado de Assis, *OC*, I, 642.)

— **Isso de** letras é na escola...
(M. Torga, *V*, 174.)

— **Isto de** filhos é um aborrecimento!
(Ó. Ribas, *EMT*, 165.)

O(S), A(S) COMO DEMONSTRATIVOS

O DEMONSTRATIVO *o* (*a*, *os*, *as*) é sempre pronome substantivo e emprega-se nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjetiva, e tem o significado de *aquele*(s), *aquela*(s), *aquilo*:

O homem que ri, liberta-se. **O** que faz rir, esconde-se.
(A. M. Machado, *CJ*, 228.)

— Não vejo **a** que esperei!
— Virá ainda.
(E. Castro, *UV*, 76.)

Ingrata para **os** da terra,
boa para **os** que não são.
(C. Pena Filho, *LG*, 120.)

Era terrível **o** que se passava.
(M. Torga, *NCM*, 20.)

b) quando, no singular masculino, equivale a *isto*, *isso*, *aquilo*, e exerce as funções de objeto direto ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjetivo, ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela:

O valor de uma desilusão, sabia-**o** ela.
(M. Torga, *NCM*, 153.)

Não cuides que não era sincero, era-**o**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 893.)

Seguia-o com o olhar sem me atrever a evitá-**lo**.
(A. Santos, *P*, 125.)

Ser feliz é **o** que importa,
Não importa como **o** ser!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 82.)

SUBSTITUTOS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Podem também funcionar como DEMONSTRATIVOS as palavras *tal*, *mesmo*, *próprio* e *semelhante*.

1. *Tal* é DEMONSTRATIVO quando sinônimo:

a) de "este", "esta", "isto", "esse", "essa", "isso", "aquele", "aquela", "aquilo":

Tal foi a primeira conclusão do Palha; mas vieram outras hipóteses.
(Machado de Assis, *OC*, I, 602.)

— Quando **tal** ouvi, respirei...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 176.)

Como era possível que nunca tivesse dado por **tal**?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 57.)

b) de "semelhante":

Houve tudo quanto se faz em **tais** ocasiões.
(Machado de Assis, *OC*, II, 197.)

A causa verdadeira de **tal** medo, não a sabia dizer.
(M. Torga, *CM*, 151.)

Tal situação contundia-a fortemente, e fazia diminuir aquele vigor e energia com que a conhecemos.
(A. Assis Júnior, *SM*, 198.)

2. *Mesmo* e *próprio* são DEMONSTRATIVOS quando têm o sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa":

Eu não posso viver muito tempo na **mesma** casa, na **mesma** rua, no **mesmo** sítio.
(Luandino Vieira, *JV*, 62.)

— Foi a **própria** Carmélia quem me fez o convite.
(C. dos Anjos, *DR*, 161.)

3. *Semelhante* serve de DEMONSTRATIVO de identidade:

O Lucas reparou nisso e doeu-se intimamente de **semelhante** descuido.
(M. Torga, *CM*, 84.)

Tudo o que disse foi, sem dúvida, convencional, e nem a jovem Aurora podia deixar de recorrer às fórmulas que se usam em **semelhantes** conjunturas.
(C. dos Anjos, *DR*, 284.)

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior — O ANTECEDENTE.

FORMAS DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS apresentam:

a) formas variáveis e formas invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos	—	quantas	onde

b) formas simples: *que*, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde*; e forma composta: *o qual*.

Observação:

Antecedido das preposições *a* e *de*, o pronome *onde* com elas se aglutina, produzindo as formas *aonde* e *donde*.

NATUREZA DO ANTECEDENTE

O ANTECEDENTE do PRONOME RELATIVO pode ser:

a) um SUBSTANTIVO:

> Deem-me **as cigarras que** eu ouvi menino.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 387.)

b) um PRONOME:

> Não serás **tu que** o vês assim?
> (A. Sérgio, *D*, 31.)

c) um ADJETIVO:

> As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de **azedas** ou **adstringentes que** dantes eram.
> (Marquês de Maricá, *M*, 166.)

d) um ADVÉRBIO:

> **Lá, por onde** se perde a fantasia
> No sonho da beleza; **lá, aonde**
> A noite tem mais luz que o nosso dia...
> (A. de Quental, *SC*, 61.)

e) uma ORAÇÃO (de regra resumida pelo demonstrativo *o*):

> Só a febre aumenta um pouco, **o que** não admirará ninguém.
> (A. Nobre, *CI*, 145-6.)

> "Acomodar-se-iam num sítio pequeno,
> **o que** parecia difícil a Fabiano,
> criado solto no mato."
> (G. Ramos, *VS*, 172.)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. Podem ser:

1. SUJEITO:

> Quero ver do alto o horizonte,
> **Que** foge sempre de mim.
> (O. Mariano, *TVP*, II, 434.)

[*que* = sujeito de *foge*].

2. OBJETO DIRETO:

> —Já não se lembra da picardia **que** me fez?
> (A. Ribeiro, *M*, 67.)

[*que* = objeto direto de *fez*].

3. OBJETO INDIRETO:

> Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que** tanto se falava.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 58.)

[*de que* = objeto indireto de *se falava*].

4. PREDICATIVO:

> Não conheço **quem** fui no **que** hoje sou.
> (F. Pessoa, *OP*, 91.)

[*quem* e *que* = predicativos do sujeito *eu*, oculto].

5. ADJUNTO ADNOMINAL:

> Há pessoas **cuja** aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizade.
> (Marquês de Maricá, *M*, 223.)

[*cuja* = adjunto adnominal de *aversão* e *desprezo*, mas em concordância apenas com o primeiro substantivo, o mais próximo].

6. COMPLEMENTO NOMINAL:

> Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com a força **de que** era capaz.
> (Lima Barreto, *REIC*, 287.)

[*de que* = complemento nominal de *capaz*].

7. ADJUNTO ADVERBIAL:

> Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos **onde** eu morava.
> (M. Quintana, *P*, 92.)

[*onde* = adjunto adverbial de *morava*].

8. AGENTE DA PASSIVA:

> — Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e **por quem** sou correspondido com igual ardor!
> (A. Azevedo)

[*por quem* = agente da passiva do verbo *corresponder*].

Observação:

Note-se que o RELATIVO *cujo* funciona sempre como adjunto adnominal; e o relativo *onde*, apenas como adjunto adverbial.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE

1. Os PRONOMES RELATIVOS *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente em frases como as seguintes:

> **Quem** tem amor, e tem calma,
> tem calma... Não tem amor...
> (A. Tavares, *PC*, 81.)

> Passeias **onde** não ando,
> Andas sem eu te encontrar.
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 47.)

Denominam-se, então, RELATIVOS INDEFINIDOS.

2. Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *no lugar em que*. Assim, os exemplos citados se interpretariam:

> **Aquele que** tem amor...
> Passeias **no lugar em que** não ando...

3. O antecedente do RELATIVO *quanto(s)* costuma ser omitido:

> Hoje penso **quanto** faço.
> (F. Pessoa, *OP*, 92.)

> Saibam **quantos** este meu verso virem
> Que te amo...
> (O. de Andrade, *PR*, 167.)

VALORES E EMPREGOS DOS RELATIVOS

Que

1. *Que* é o RELATIVO básico. Usa-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural, e pode iniciar orações ADJETIVAS RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS:

> — Não diz nada **que se aproveite**, esse rapaz!
> (A. Bessa Luís, *QR*, 134.)

O ministro, **que acabava de jantar**, fumava calado e pacífico.
(Machado de Assis, *OC*, I, 638.)

2. O antecedente do RELATIVO pode ser o sentido de uma expressão ou oração anterior:

E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viúvas...
(À maneira o trará das virgens de Belém
Que a Nossa Senhora ficava tão bem!)
(A. Nobre, *S*, 39.)

Neste caso, o *que* vem geralmente antecedido do demonstrativo *o* ou da palavra *coisa* ou equivalente, que resumem a expressão ou oração a que o RELATIVO se refere:

Vendia cautelas, **o que** requer muito cálculo, muito olho e muita porfia.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 54.)

Achou-se mais prudente que eu me safasse pelos fundos do prédio, **o que** fiz tão depressa quanto pude.
(C. dos Anjos, *MS*, 328.)

Ela então consentiu que eu erguesse seu rosto, **gesto que** não me haviam autorizado.
(N. Piñon, *CP*, 65.)

3. Por vezes, o antecedente do *que* não vem expresso:

Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo **que** lhe replicasse.
(Machado de Assis, *OC*, I, 826.)

A uma pergunta assim, a rapariga nem sabia **que** responder.
(M. Torga, *NCM*, 184.)

Qual, o qual

1. Nas orações ADJETIVAS EXPLICATIVAS, o pronome *que*, com antecedente substantivo, pode ser substituído por *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*):

Sei que estou plagiando nosso famoso **cronista, o qual**, certa vez, deu-lhe na telha fazer essa comunicação ao jornal e aos leitores.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

Durante o seu domínio, todavia, acentua-se a evolução do **latim vulgar**, falado na península, **o qual** vinha de há muito diversificando-se em dialetos vários.
(J. Cortesão, *FDFP*, 42.)

Clareava: uma luz baça, em **neblina**, através **da qual** apareciam serranias distantes e o mar liso, esbranquiçado, luzindo a trechos.
(Coelho Netto, *OS*, I, 173.)

2. Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a língua exige o emprego da forma *o qual*.
Precisando melhor:

a) o RELATIVO *que* emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas *a*, *com*, *de*, *em* e *por*:

A verdade é um postigo
A que ninguém vem falar.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 21.)

As artes **com que** o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III, não as sei eu.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 322.)

Indicou-lhe um hotel, **de que** a viúva tomou nota num caderninho.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 137.)

Havia ocasiões **em que** me revoltava.
(L. Jardim, *MPM*, 96.)

A maneira **por que** ele falava é que era apaixonada, dolorosa, comovente.
(Machado de Assis, *OC*, II, 112.)

b) as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, bem como as locuções prepositivas, constroem-se obrigatória ou predominantemente com o pronome *o qual*:

Tinha vindo para se libertar do abismo **sobre o qual** sua negra alma vivia debruçada.
(M. Torga, *NCM*, 49.)

Uma visita de dez minutos apenas, **durante os quais** D. Benedita disse quatro palavras no princípio:
— Vamos para o Norte.
(Machado de Assis, *OC*, II, 316.)

"O livro tinha numa página a figura de um bicho corcunda **ao lado do qual**, em letras graúdas, destacava-se esta palavra: ESTÔMAGO."
(G. Amado, *HMI*, 42.)

Timbrava em manter em casa uma autoridade áspera, **perante a qual** todos os seus tinham de se curvar passivamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 9.)

c) *o qual* é também a forma usada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos:

O Luís, que cuidava da horta de cima, era pai de uns sete ou oito, **alguns dos quais** já principiavam a ajudá-lo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 135.)

Cinco cadeiras **das quais uma** de braços no centro do semicírculo.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

Os filhos, quatro crianças, **a mais velha das quais** teria oito anos, rodeavam-no aos gritos.
(Artur Azevedo, *CFM*, 5.)

3. *Qual*, quando repetido simetricamente, é INDEFINIDO, e equivale a *um... outro*:

— Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, **qual** mais original, **qual** mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime.
(Machado de Assis, *OC*, II, 326.)

Um carrega quatro grandes tábuas ao ombro; outro grimpa, com risco de vida, a precária torre do enguiçado elevador; **qual** bate o martelo; **qual** despeja nas formas o cimento, **qual** mira a planta, **qual** usa a pá, **qual** serra (o bárbaro) os galhos de uma jovem mangueira, **qual** ajusta, neste momento, um pedaço de madeira na serra circular.
(R. Braga, *CCE*, 249.)

Quem

1. Na língua contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a alguma coisa personificada:

> Feliz é **quem** tiver netos
> De **quem** tu sejas avó!
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 118.)

> A mim **quem** converteu foi o sofrimento.
> (Coelho Neto, *OS*, I, 105.)

2. Como simples RELATIVO, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a "o qual" e vem sempre antecedido de preposição:

> A senhora **a quem** cumprimentara era a esposa do tenente-coronel Veiga.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 172.)

> Nada como o mexe-mexe caseiro da mulher **de quem** se gosta — José de Arimateia imaginava.
> (M. Palmério, *CB*, 25.)

Advirta-se, porém, que a língua moderna substitui por *sem o* (*a*) *qual* a dissonante combinação *sem quem*, de emprego corrente no português antigo e médio.

3. Repetido, em fórmulas alternadas, *quem* corresponde ao INDEFINIDO *um... outro*. Esta construção, que não era rara no português médio (cf. Camões. *Lusíadas*, I, 92; IV, 5), só aparece, modernamente, em autores de expressão artificial:

> **Quem** no Rostro pasmando se extasia;
> **Quem** pelo cúneo aos redobrados vivas
> Da plebe e dos patrícios embasbaca;
> Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se...
> (Odorico Mendes, *VB*, 125.)

Cujo

Cujo é, a um tempo, RELATIVO e POSSESSIVO, equivalente pelo sentido a *do qual*, *de quem*, *de que*. Emprega-se apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número:

Convento d'águas do Mar, ó verde Convento,
Cuja Abadessa secular é a Lua
E **cujo** Padre-capelão é o Vento
(A. Nobre, *S*, 28.)

Herculano é para mim, nas letras, depois de Camões, a figura em **cujo** espírito e em **cuja** obra sinto com plenitude o gênio heroico de Portugal.
(G. Amado, *TL*, 36.)

Quanto

Quanto, como simples relativo, tem por antecedente os pronomes indefinidos *tudo*, *todos* (ou *todas*), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido:

Em tudo **quanto** olhei fiquei em parte.
(F. Pessoa, *OP*, 231.)

Soprava dum lado, do outro, e tudo **quanto** foi de garrancho e folha seca se juntou num canto só.
(L. Jardim, *BA*, 115.)

Entre **quantos** te rodeiam,
Tu não enxergas teus pais.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 385.)

Onde

1. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), *onde* costuma ser considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO:

Sob o mar sem borrasca, **onde** enfim se descansa.
(A. Nobre, *S*, 90.)

Ainda não sei mesmo **onde** vou buscar as flores.
(Luandino Vieira, *NM*, 29.)

O mundo ia pouco além do quarteirão de poucas casas e largos terrenos devolutos, **onde** o lixo subia, **onde** o capim crescia, **onde**

catávamos melões de São Caetano, **onde** os pirilampos surgiam aos milhares ao cair da tarde, **onde** o orvalho brilhava como pedras preciosas nas belas manhãs de inverno.
(Marques Rebelo, *SMAP*, 33.)

2. Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre *onde* (= o lugar em que) e *aonde* (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.[9]
Não é, pois, de estranhar o emprego de uma forma por outra em passos como os seguintes:

Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Não perceberam ainda **onde** quero chegar.
(Alves Redol, *BC*, 47.)

Nem mesmo a concorrência de ambas as formas num só enunciado:

Mas **aonde** te vais agora,
Onde vais, esposo meu?[10]
(Machado de Assis, *OC*, III, 109.)

Ela quem é, meu coração? Responde!
Nada me dizes. **Onde** mora? **Aonde**?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 14.)

PRONOMES INTERROGATIVOS

1. Chamam-se INTERROGATIVOS os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta:

---

[9] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, consulte-se a abundante exemplificação coligida pelo professor Aurélio Buarque de Holanda, inserta em sua edição dos *Contos gauchescos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto, 5.ª ed., Porto Alegre, Globo, 1957, p. 79-82.

[10] Na edição de 1902 das *Poesias completas* (Rio de Janeiro – Paris, Garnier, p. 207) lê-se *vás* em ambos os versos.

Que trabalho estão fazendo?
Diga-me **que** trabalho estão fazendo.

Quem disse tal coisa?
Ignoramos **quem** disse tal coisa.

Qual dos livros preferes?
Não sei **qual** dos livros preferes.

Quantos passageiros desembarcaram?
Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.

2. Os PRONOMES INTERROGATIVOS estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado.

FLEXÃO DOS INTERROGATIVOS

Os INTERROGATIVOS *que* e *quem* são invariáveis. *Qual* flexiona-se em número (*qual, quais*); *quanto*, em gênero e em número (*quanto, quanta, quantos, quantas*).

VALOR E EMPREGO DOS INTERROGATIVOS

Que

1. O INTERROGATIVO *que* pode ser:

a) pronome substantivo, quando significa "que coisa":

> **Que** tenciona fazer quando sair daqui?
> (A. Abelaira, *TM*, 86.)

> Mas não sei **que** disse a estrela...
> (A. Tavares, *PC*, 9.)

b) pronome adjetivo, quando significa "que espécie de", e neste caso refere-se a pessoas ou a coisas:

> **Que** mal me havia de fazer?
> (M. Torga, *NCM*, 47.)

> Não sei **que** vento mau turvou de todo o lago.
> (A. de Guimaraens, *OC*, 56.)

2. Para dar maior ênfase à pergunta, em lugar de *que* pronome substantivo, usa-se *o que*:

O mundo? **O que** é o mundo, ó meu amor?
(F. Espanca, *S*, 90.)

Não sei **o que** o trouxe aqui.
(C. de Oliveira, *AC*, 17.)

3. Tanto uma como outra forma pode ser reforçada por *é que*:

— **Que é que** o senhor está fazendo? gritou-lhe.
(C. Lispector, *ME*, 313.)

O que é que eu vejo, nestas tardes tristes?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 24.)

Observação:

Nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do *o* ao *que* interrogativo, como exaustivamente mostraram Heráclito Graça, em *Factos da linguagem*. Rio de Janeiro. Livraria de Viúva Azevedo, 1904, p. 367-383; e Said Ali, em *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 12-20; e *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 112-114.

Quem

1. O INTERROGATIVO *quem* é pronome substantivo e refere-se apenas a pessoas ou a algo personificado:

Quem não a canta? **Quem**? **Quem** não a canta e sente?
(J. de Lima, *OC*, I, 212.)

Perguntei ao doutor **quem** era a velha.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 56.)

Mas a Ideia **quem** é? **Quem** foi que a viu,
Jamais, a essa encoberta peregrina?
(A. de Quental, *SC*, 59.)

2. Em orações com o verbo *ser*, pode servir de predicativo a um sujeito no plural:

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
(A. de Quental, *SC*, 92.)

Sabem, acaso, os vultos, **quem** vão sendo?
(C. Meireles, *OP*, 320.)

Qual

1. O INTERROGATIVO *qual* tem valor seletivo e pode referir-se tanto a pessoas como a coisas. Usa-se geralmente como pronome adjetivo, mas nem sempre com o substantivo contíguo. Nas perguntas feitas com o verbo *ser*, costuma-se empregar o verbo depois de *qual*:

   — **Qual** é o hotel, em que rua fica?
   (U. Tavares Rodrigues, *NR*, 76.)

   Padre Manuel perguntou ao escudeiro do comendador **qual** era a situação de D. Ana Vaz.
   (C. Castelo Branco, *OS*, II, 247.)

2. A ideia seletiva pode ser reforçada pelo emprego da expressão *qual dos* (*das* ou *de*), anteposta a substantivo ou a pronome no plural, bem como a numeral:

   Qual dos senhores é pai dum menino que está de cócoras no jardim há mais de meia hora?
   (A. M. Machado, *JT*, 51.)

   Qual deles tinha coragem para começar?
   (F. Namora, *TJ*, 293.)

   — Então, moça? **qual** foi **dos nove**?
   (C. Castelo Branco, *BP*, 25.)

Quanto

O INTERROGATIVO *quanto* é um quantitativo indefinido. Refere-se a pessoas e a coisas e usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjetivo:

— **Quanto** devo?
(G. Ramos, *A*, 167.)

Quantas sementes lhe dás tu?
(F. Namora, *TJ*, 158.)

EMPREGO EXCLAMATIVO DOS INTERROGATIVOS

Estes pronomes são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração. Conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afetivos.

Comparem-se as frases seguintes:

Que inocência! **Que** aurora! **Que** alegria!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

— **Que** vovozinha **que** nada! explodiu amarga a aniversariante.
(C. Lispector, *LF*, 58.)

— Coitada!... **quem** diria... **quem** imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

Quem me dera ser homem!
(B. Santareno, *TPM*, 101.)

Quais feitios, **qual** vida!
(M. Torga, *CM*, 50.)

— E Sigefredo tem esperneado muito?
— **Qual** nada! Anda no mundo da lua.
(C. dos Anjos *M*, 295.)

Quanto sonho a nascer já desfeito!
(F. Espanca, *S*, 81.)

Ai, **quanto** veludo e seda,
e **quantos** finos brocados!
(C. Meireles, *OP*, 669.)

PRONOMES INDEFINIDOS

Chamam-se INDEFINIDOS os pronomes que se aplicam à 3.ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

FORMAS DOS PRONOMES INDEFINIDOS

Os PRONOMES INDEFINIDOS apresentam formas variáveis e invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
algum	alguns	alguma	algumas	alguém
nenhum	nenhuns	nenhuma	nenhumas	ninguém
todo	todos	toda	todas	tudo
outro	outros	outra	outras	outrem
muito	muitos	muita	muitas	nada
pouco	poucos	pouca	poucas	cada
certo	certos	certa	certas	algo
vário	vários	vária	várias	
tanto	tantos	tanta	tantas	
quanto	quantos	quanta	quantas	
qualquer	quaisquer	qualquer	quaisquer	

LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS

Dá-se o nome de LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS aos grupos de palavras que equivalem a PRONOMES INDEFINIDOS: *cada um*, *cada qual*, *quem quer que*, *todo aquele que*, *seja quem for*, *seja qual for*, etc.

PRONOMES INDEFINIDOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

1. Os INDEFINIDOS *alguém*, *ninguém*, *outrem*, *algo* e *nada* só se usam como pronomes substantivos:

   E se **alguém** fosse avisar a Guarda?
   (M. Torga, *NCM*, 52.)

   Ninguém ainda inventou fósforos contra o vento?
   (A. Abelaira, *QPN*, 25.)

   Outrem a repetiu [a frase do discurso], até que muita gente a fez sua.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 921.)

   Minha Teresa tem **algo** a me dizer, não é?
   (J. Amado, *TBCG*, 289.)

Não devo **nada** a ninguém.
(Alves Redol, *BC*, 43.)

2. *Tudo* é normalmente pronome substantivo, mas tem valor de adjetivo nas combinações *tudo isto*, *tudo isso*, *tudo aquilo*, *tudo o que*, *tudo o mais* e semelhantes:

Subia as escadas que levavam à torre do palácio, meditando em **tudo isto**.
(Alves Redol, *BC*, 58.)

Hoje, **tudo isso**, pássaros e estrelas caídas do céu, são memórias.
(J. C. de Carvalho, *NMAI*, 51.)

Pensando bem, **tudo aquilo**, era muito estranho.
(A. Meyer, *SI*, 25.)

3. *Algum*, *nenhum*, *todo*, *outro*, *muito*, *pouco*, *vário*, *tanto* e *quanto* são pronomes adjetivos que, em certos casos, se empregam como pronomes substantivos. Assim nestes períodos:

Todos estavam admirados.
(Castro Soromenho, *TM*, 186.)

Quando nos tornamos a ver, **nenhum** teve para o **outro** a mínima palavra, ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio.
(R. Pompeia, *A*, 205.)

4. *Certo* só se usa como pronome adjetivo:

Certos homens ergueram-se acima do seu tempo, acima da civilização.
(A. Abelaira, *TM*, 79.)

Em **certo ponto** a água cobria um homem.
(R. Pompeia, *A*, 47.)

5. Também os INDEFINIDOS *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome ou numeral cardinal:

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.
(F. Pessoa, *OP*, 206.)

Está certo, **cada qual** como Deus o fez.
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

Amava a Deus em **cada uma** das suas criaturas.
(B. Santareno, *TPM*, 47.)

Certas palavras não podem ser ditas em **qualquer lugar** e **hora qualquer**.
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 143.)

Qualquer caminho
Em **qualquer ponto** seu em dois se parte.
(F. Pessoa, *OP*, 476.)

OPOSIÇÕES SISTEMÁTICAS ENTRE OS INDEFINIDOS

Observam-se algumas oposições sistemáticas na classe dos PRONOMES INDEFINIDOS. São bastante nítidas, por exemplo, as que se verificam:

a) entre o caráter afirmativo da série:

algum alguém algo

e o negativo da série:

nenhum ninguém nada

b) entre o caráter de totalidade inclusiva de:

tudo todo

e o de totalidade exclusiva de:

nada nenhum

c) entre a presença de ideia de pessoa em:

alguém ninguém

e a ausência dessa ideia em:

algo nada

d) entre o valor particularizante de:

certo

e a total ausência de particularização de:

qualquer

Outras oposições privativas podem ser ainda assinaladas nesta classe tão heterogênea de pronomes (as de *certo / qualquer*, *muito / pouco*, *outro / outrem*, etc.), com vista a apresentá-la, de maneira mais coerente e, assim, justificar-lhe, em parte pelo menos, a tradicional e unitária conceituação.

VALORES DE ALGUNS INDEFINIDOS

Algum e nenhum

1. Anteposto a um substantivo, *algum* tem valor positivo. É, como dissemos, o contrário de *nenhum*:

> — Com ele podes arranjar **alguma coisa**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 248.)

> Não havia nele senão aspiração à grandeza verdadeira; **nenhum cabotinismo, nenhuma vaidade**, e sim um compreensível orgulho.
> (A. F. Schmidt, *F*, 237.)

2. Posposto a um substantivo, *algum* assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por *nenhum*. Em geral, o INDEFINIDO adquire este valor em frases onde já existem formas negativas, como *não*, *nem*, *sem*:

> Já não morria naquele dia e não tinha **pressa alguma** em chegar a casa.
> (Ferreira de Castro, *OC*, II, 694.)

> Não escreveu, que eu saiba, **livro algum**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 71-72.)

No português antigo e médio, podia dar-se a posposição de *algum* com sentido positivo. Veja-se, por exemplo, este passo de *Os lusíadas*, em que a expressão *refresco algum* deve ser entendida como "algum refresco":

Desta gente **refresco algum** tomamos
E do rio fresca água; mas com tudo
Nenhum sinal aqui da Índia achamos
No povo, com nós outros quase mudo.
(Camões, *Lus.*, V, 69.)

3. No feminino, aparece em construções de acentuado valor afetivo:

O lavrador ainda levantou a cabeça para fazer **alguma das dele**.
(Alves Redol, *BC*, 354.)

Alguma ele andou fazendo.
(F. Sabino, *ME*, 31.)

— Você quer sair da casa? Por **alguma** é?
(Eça de Queirós, *O*, I, 89.)

4. Reforçado por negativa, *nenhum* pode equivaler ao INDEFINIDO *um*:

Esse capitão **não** foi **nenhum** oficial de patente, mas um autêntico capitão de terra e mar de Quatrocentos, ao mesmo tempo piloto dos mares de Noroeste e regedor de capitania.
(V. Nemésio, *CI*, 205.)

Eu, Marília, **não** fui **nenhum** vaqueiro
Fui honrado pastor da tua aldeia.
(T. A. Gonzaga, *OC*, I, 137.)

Cada

1. Como dissemos, deve-se empregar o INDEFINIDO *cada* apenas como PRONOME ADJETIVO. Quando falta o substantivo, usa-se *cada um* (*uma*), *cada qual*:

Lá no fundo **cada um** espera o milagre.
(C. de Oliveira, *PB*, 156.)

Cada qual sabe de sua vida.
(J. Amado, *MM*, 95.)

2. *Cada* pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação entre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

De **cada dúzia** de ovos que vendia, a metade era lucro.
Vinha ver-me **cada três** dias.

3. Tem acentuado valor intensivo em frases do tipo:

A ti era o Chiado que te fazia mal! Apanhavas ali **cada constipação...**
(V. Vitorino, *F*, 160.)

— Você tem **cada uma**!
(G. Ramos, *AOH*, 75.)

Observação:
Na linguagem informal é cada dia mais frequente o emprego substantivo deste pronome em construções como a seguinte:

Estas águas-fortes custam dez mil cruzeiros **cada**.

Certo

1. *Certo* é PRONOME INDEFINIDO quando anteposto a um substantivo. Caracteriza-o a capacidade de particularizar o ser expresso pelo substantivo, distinguindo-o dos outros da espécie, mas sem identificá-lo.
Dispensa, em geral, o artigo indefinido. A presença deste torna a expressão menos vaga e dá-lhe um matiz afetivo.
Assim:

Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede **um certo amor**, nomeado e predestinado.
(Machado de Assis, *OC*, II, 552.)

No fim de contas, tinha **uma certa mágoa** da forma como a tratara.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 765.)

No rostinho enrugado e emurchecido, havia ainda uma **certa graça e vivacidade** de menina.
(É. Veríssimo, *A*, II, 306.)

2. É adjetivo, com o significado de "seguro", "verdadeiro", "exato", "fiel", "constante":
a) quando posposto ao substantivo:

— **Idade certa** não sei.
(G. França de Lima, *JV*, 35.)

Homens de **piso certo**, seus passos derivam de suas lagoas interiores de resignação.
(A. Santos, *P.* 177.)

— Não há **carreira** mais **certa**.
(Alves Redol, *F*, 279.)

b) em comparações intensivas, geralmente antecedido de *tão*:

Acredita que é **tão certo** como Deus estar no céu!
(M. Torga)

Estou **tão certo** do que digo como da luz que nos alumia.
(A. Ribeiro)

Neste caso pode ser seguido de substantivo:

Mais certo amigo é João do que Pedro, **tão certo amigo** é João como Paulo.
(Sousa da Silveira, *LP*, 244.)

Nada

1. *Nada* significa "nenhuma coisa", mas equivale a "alguma coisa" em frases interrogativas negativas do tipo:

— O capitão não come **nada**?
— Eu agradeço, minha senhora.
(J. Lins do Rego, *FM*, 317.)

De tempos em tempos aparecia, perguntava se eu não queria **nada**.
(M. de Andrade, *CMB*, 285.)

2. Junto a um adjetivo ou a um verbo intransitivo pode ter força adverbial:

— Não foi **nada caro**, tive um grande desconto.
(A. Abelaira, *QPN*, 14.)

Não tinha um ar **nada inocente**. Mesmo **nada**.
(J. Cardoso Pires, *D*, 298.)

O cavalo não **correu nada**.

Outro

1. Cumpre distinguir as expressões:

a) *outro dia*, ou *o outro dia* = um dia passado mas próximo:

> — **Outro dia** fui à casa do Sebastião e lá aceitei um café.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 209.)

> Contou-me a Ana, **o outro dia**,
> Que Deus, somente o veria
> Quem fosse Anjo, ninguém mais.
> (A. Corrêa d'Oliveira, *M*, 92.)

b) *no outro dia*, ou *ao outro dia* = no dia seguinte:

> **No outro dia**, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim.
> (G. Ramos, *SB*, 52.)

> **No outro dia**, o terceiro, Elmira não pôde sair mais cedo.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 204.)

> **Ao outro dia**, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até ao meio da face.
> (Eça de Queirós, *O*, I, 69.)

> Partiu o navio, **ao outro dia** de manhã.
> (M. Ferreira, *HB*, 135.)

2. Em expressões denotadoras de reciprocidade, como *um ao outro*, *um do outro*, *um para o outro*, conserva-se em geral a forma masculina, ainda que aplicada a indivíduos de sexos diferentes:

> Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava **um ao outro**; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 496.)

> A Judite dava toda a atenção ao seu par, a uma distância perigosa **um do outro**.
> (Almada Negreiros, *NG*, 93.)

Sentou-se no canapé e ficamos a olhar **um para o outro**, ela desfeita em graça, eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1129.)

3. *Outro* pode empregar-se como adjetivo na acepção de "diferente", "mudado", "novo":

Não sabia que assim tão **outra** voltarias:
Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas.
(A. de Guimaraens, *OC*, 105.)

Era **outro** homem, fora fundido **noutro** cadinho.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 93.)

Entrei em casa **outro** homem: calmo e bem humorado.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 127.)

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido:

Não é **uma qualquer coisa**, não!
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Ele não era **um qualquer**.
(M. Ferreira, *HB*, 47.)

— Júlio, se eu te falo assim é porque não te vejo como **um qualquer**.
(J. Lins do Rego, *E*, 253.)

A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa:

Já não era **uma Judite qualquer**, era a Judite do Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 86.)

Hoje é isto que o senhor vê: **um Pestana qualquer** acha-se com o direito de ser deputado.
(J. Lins do Rego, *MR*, 239.)

Todo

No capítulo 9, estudamos o emprego do artigo com este INDEFINIDO. Aqui acrescentaremos o seguinte:

1. No singular e posposto ao substantivo, *todo* indica a totalidade das partes:

   Toda a obra é vã, e vã **a obra toda**.
   (F. Pessoa, *OP*, 486.)

   O conflito acordou **o colégio todo**.
   (G. Amado, *HMI*, 163.)

2. Também indica a totalidade das partes, quando, no singular, antecede um pronome pessoal:

   Todo ele evidenciava um cansaço íntimo.
   (M. Torga, *V*, 105.)

   A casa, **toda** ela, gelava.
   (C. de Oliveira, *AC*, 81.)

3. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica:

   Todos os homens caminhavam em silêncio.
   (Ferreira de Castro, *OC*, I, 446.)

   As culpas todas eram deles; aguentassem com elas!
   (A. Peixoto, *RC*, 449.)

4. Anteposto a um elemento nominal, aposto ou predicativo, emprega-se com o sentido de "inteiramente", "em todas as suas partes", "muito":

   Silva estendeu a guia de trânsito a Vasconcelos, levantando-se da secretária com um sorriso, **todo amável**.
   (Castro Soromenho, *TM*, 132.)

   Paisagem desconhecida, Manuel da Bouça era **todo olhos** para a várzea que atravessavam.
   (Ferreira de Castro, *OC*, 390.)

Eras **toda graça e incompreensão.**
(Ribeiro Couto, *PR*, 226.)

Tudo

Refere-se normalmente a coisas, mas pode aplicar-se também a pessoas:

Não se fala noutra coisa, e está **tudo** furioso.
(A. de Quental, *C*, 358.)

Fidélia chegou, Tristão e a madrinha chegaram, **tudo** chegou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1069.)

Aqui na pensão e na casa da lagoa **tudo** dorme.
(J. Cardoso Pires, *D*, 339.)

Enfim, **tudo aquilo** era a mesma gente, exceto o Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Capítulo 12

Numerais

ESPÉCIES DE NUMERAIS

1. Para indicarmos uma quantidade exata de pessoas ou coisas, ou para assinalarmos o lugar que elas ocupam numa série, empregamos uma classe especial de palavras — os NUMERAIS.

Os NUMERAIS podem ser CARDINAIS, ORDINAIS, MULTIPLICATIVOS e FRACIONÁRIOS.

2. Os NUMERAIS CARDINAIS são os números básicos. Servem para designar:

a) a quantidade em si mesma, caso em que valem por verdadeiros substantivos:

> **Dois** e **dois** são **quatro.**

b) uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo à semelhança dos adjetivos:

> Geraldo Alonso levantou-se, deu **três passos** para a frente.
> (O. Lins, *FP*, 158.)

> Botou a **cinco cântaros** o mel... e a **dois lagares** o azeite.
> (A. Ribeiro, *M*, 44.)

3. Os NUMERAIS ORDINAIS indicam a ordem de sucessão dos seres ou objetos numa dada série. Equivalem a adjetivos, que, no entanto, se substantivam facilmente:

> A senhora Basília de Cedofeita, uma alfarrabista, era viúva e entendida em **primeiras edições.**
> (A. Bessa Luís, *OM*, 126.)

Foi aí que se tornou **a primeira** de sua classe.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 125.)

4. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação. Podem equivaler a adjetivos e, com mais frequência, a substantivos, por virem geralmente antecedidos de artigo:

É **um duplo receber**, que é **um duplo dar**.
(J. M. de Macedo, *RQ*, 2.)

Tinha **o dobro** da minha grossura e era vermelho como malagueta.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

5. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS exprimem a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão:

Já pagamos **a metade** da dívida.
Só recebeu **dois terços** do ordenado.

NUMERAIS COLETIVOS

Assim se denominam certos NUMERAIS que, como os substantivos coletivos, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no entanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exato. É o caso de *novena*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *cento*, *lustro*, *milhar*, *milheiro*, *par*.

FLEXÃO DOS NUMERAIS

CARDINAIS

1. Os NUMERAIS CARDINAIS *um*, *dois*, e as centenas a partir de *duzentos* variam em gênero:

um	uma	duzentos	duzentas
dois	duas	trezentos	trezentas

2. *Milhão*, *bilhão* (ou *bilião*), *trilhão*, etc. comportam-se como substantivos e variam em número:

dois milhões vinte trilhões

3. *Ambos*, que substitui o CARDINAL *os dois*, varia em gênero:

ambos os pés	ambas as mãos

4. Os outros CARDINAIS são invariáveis.

ORDINAIS

Os NUMERAIS ORDINAIS variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
vigésimo	vigésima	vigésimos	vigésimas

MULTIPLICATIVOS

1. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS são invariáveis quando equivalem a substantivos:

   Podia ser meu avô, tem **o triplo** da minha idade.

   Empregados com o valor de adjetivos flexionam-se em gênero e em número:

   Costuma tomar o remédio em **doses duplas**.

2. As formas multiplicativas *dúplice*, *tríplice*, etc. variam apenas em número:

   Deram-se alguns saltos **tríplices**.

FRACIONÁRIOS

1. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

   Subscrevi **um terço** e Carlos **dois terços** do capital.

2. *Meio* concorda em gênero com o designativo da quantidade de que é fração:

   Comprou **três quilos e meio** de carne.
   Andou duas **léguas e meia** a pé.

Observação:

No Brasil, em lugar de *meio-dia e meia* (hora), diz-se normalmente *meio-dia e meio*:

Meio-dia e meio... nada de Luzardo.
(Gilberto Amado, *DP*, 147.)

NUMERAIS COLETIVOS

Todos os NUMERAIS COLETIVOS flexionam-se em número:

três décadas — cinco dúzias
dois milheiros — quatro lustros

VALORES E EMPREGOS DOS CARDINAIS

1. Na lista dos CARDINAIS costuma-se incluir *zero* (0), que equivale a um substantivo, geralmente usado em aposição:

   grau **zero** — desinência **zero**

2. *Cem*, forma reduzida de *cento*, usa-se como um adjetivo invariável:

   cem rapazes — **cem** meninas

   Cento é também invariável. Emprega-se hoje apenas:

a) na designação dos números entre *cem* e *duzentos*:

   cento e dois homens — **cento e duas** mulheres

b) precedido do artigo, com valor de substantivo:

   Comprou **um cento** de bananas.
   Pagou caro pel**o cento** de peras.

c) na expressão *cem por cento*.

3. Usa-se ainda *conto* (antigamente = um milhão de réis) no sentido de "mil escudos" (em Portugal) e "mil reais" (no Brasil):

   A gravura custou **dois contos.**

4. *Bilhão* (que também se escreve *bilião*) significava outrora "um milhão de milhões", valor que ainda conserva em Portugal, Grã-Bretanha, Alemanha e no mundo de língua espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países representa hoje "mil milhões".

Observação:

No Brasil *quatorze* alterna com *catorze*, que é a forma normal portuguesa. Em Portugal empregam-se normalmente *dezasseis*, *dezassete* e *dezanove*, variantes desusadas no Brasil.

CARDINAL COMO INDEFINIDO

O emprego do número determinado pelo indeterminado é um dos processos de superlativação preferidos pelas línguas românicas.

Sirva de exemplo o CARDINAL *mil*, desde os começos da língua largamente usado para expressar a indeterminação exagerada:

Em abril, chuvas **mil**.

EMPREGO DA CONJUNÇÃO *E* COM OS CARDINAIS

1. A conjunção *e* é sempre intercalada entre as centenas, as dezenas e as unidades:

   trinta **e** cinco
   trezentos **e** quarenta **e** nove

2. Não se emprega a conjunção entre os milhares e as centenas, salvo quando o número terminar numa centena com dois zeros:

   1892 = mil oitocentos **e** noventa **e** dois
   1800 = mil **e** oitocentos

3. Em números muito grandes, a conjunção *e* emprega-se entre os membros da mesma ordem de unidades, e omite-se quando se passa de uma ordem a outra:

   293.572 = duzentos **e** noventa **e** três mil quinhentos **e** setenta **e** dois
   332.415.741.211 = trezentos **e** trinta **e** dois bilhões, quatrocentos **e** quinze milhões, setecentos **e** quarenta **e** um mil duzentos **e** onze

VALORES E EMPREGOS DOS ORDINAIS

1. Ao lado de *primeiro*, que é forma própria do ORDINAL, a língua portuguesa conserva o latinismo *primo* (*-a*), empregado:

a) seja como substantivo, para designar parentesco (*os primos*) e, na forma feminina (*a prima*), "a primeira das horas canônicas" e "a mais elevada corda" de alguns instrumentos;

b) seja como adjetivo, fixado em compostos como *obra-prima* e *matéria-prima*, ou em expressões como *números primos*.

2. Certos ORDINAIS, empregados com frequência para exprimir uma qualidade, tornam-se verdadeiros adjetivos. Comparem-se:

Um material de **primeira categoria** [= superior].
Um artigo de **segunda qualidade** [= inferior].

3. Como em certos jogos as cartas, pedras ou pontos são designados pelas palavras *ás*, *duque*, *terno*, *quadra*, a forma *ás*, equivalente a *primeiro*, passou a designar os campeões, especialmente dos esportes:

Os **ases** do automobilismo.

EMPREGO DOS CARDINAIS PELOS ORDINAIS

Em alguns casos, o NUMERAL ORDINAL é substituído pelo CARDINAL correspondente.

Assim:

1.º) Na designação de papas e soberanos, bem como na de séculos e de partes em que se divide uma obra, usam-se os ORDINAIS até *décimo*, e daí por diante o CARDINAL, sempre que o numeral vier depois do substantivo:

Gregório VII (sétimo)	João XXIII (vinte e três)
Pedro II (segundo)	Luís XIV (quatorze)
Século X (décimo)	Século XX (vinte)
Ato III (terceiro)	Capítulo XI (onze)
Canto VI (sexto)	Tomo XV (quinze)

Quando o numeral antecede o substantivo, emprega-se, porém, o ORDINAL:

Décimo século	Vigésimo século
Terceiro ato	Décimo primeiro capítulo
Sexto Canto	Décimo quinto tomo

2.º) Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o ORDINAL até *nono*, e o CARDINAL de *dez* em diante:

Artigo 1.º (primeiro)	Artigo 10 (dez)
Artigo 9.º (nono)	Artigo 41 (quarenta e um)

3.º) Nas referências aos dias do mês, usam-se os CARDINAIS, salvo na designação do primeiro dia, em que é de regra o ORDINAL. Também na indicação dos anos e das horas empregam-se os CARDINAIS:

> Chegaremos às **seis horas** do dia **primeiro de maio.**
> São **duas horas** da tarde do dia **vinte e oito de julho** de **mil novecentos e oitenta e três.**

4.º) Na enumeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes empregam-se os CARDINAIS. Nestes casos sente-se a omissão da palavra *número*:

Página 3 (três)	Casa 31 (trinta e um)
Folha 8 (oito)	Apartamento 102 (cento e dois)
Cabine 2 (dois)	Quarto 18 (dezoito)

Se o numeral vier anteposto, usa-se o ORDINAL:

Terceira página	Segunda cabine
Oitava folha	Trigésima primeira casa

EMPREGO DOS MULTIPLICATIVOS

Dos MULTIPLICATIVOS apenas *dobro*, *duplo* e *triplo* são de uso corrente. Os demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o numeral cardinal seguido da palavra *vezes*: *quatro vezes*, *oito vezes*, *doze vezes*, etc.

EMPREGO DOS FRACIONÁRIOS

1. Os NÚMEROS FRACIONÁRIOS apresentam as formas próprias *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são expressos:
a) pelo ORDINAL correspondente, quando este se compõe de um só radical: *quarto*, *quinto*, *décimo*, *vigésimo*, *milésimo*, etc.;
b) pelo CARDINAL correspondente, seguido da palavra *avos*, quando o ORDINAL é uma forma composta: *treze avos*, *dezoito avos*, *vinte e três avos*, *cento e quinze avos*.

2. Excetuando-se *meio*, os NUMERAIS FRACIONÁRIOS vêm antecedidos de um cardinal, que designa o número de partes da unidade: *um terço*, *três quintos*, *cinco treze avos*.

Observações:

1.ª) No Brasil, a expressão *meia dúzia* (não raro reduzida a *meia*) substitui o cardinal *seis*, principalmente quando se enunciam números de telefone.

2.ª) A forma fracionária *duodécimo* é de uso normal, na linguagem administrativa, nas áreas em que a distribuição orçamentária se processa por parcelas mensais:

O Departamento já recebeu o **segundo duodécimo**.

QUADROS DOS NUMERAIS

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1 000	mil	milésimo
$\bar{X}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\bar{C}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\bar{M}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\bar{\bar{M}}$	1 000 000 000	um bilhão	bilionésimo

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACIONÁRIOS

Multiplicativos	Fracionários
duplo, dobro, dúplice	meio ou metade
triplo, tríplice	terço
quádruplo	quarto
quíntuplo	quinto
sêxtuplo	sexto
séptuplo	sétimo
óctuplo	oitavo
nônuplo	nono
décuplo	décimo
undécuplo	undécimo ou onze avos
duodécuplo	duodécimo ou doze avos
cêntuplo	centésimo

Capítulo 13

Verbo

NOÇÕES PRELIMINARES

1. VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo:

> Um dia, Aparício **desapareceu** para sempre.
> (A. Meyer, *SI*, 25.)

> A mulher **foi educada** por minha mãe.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 343.)

> Como **estavam** velhos!
> (A. Bessa Luís, *S*, 189.)

> **Anoitecera** já de todo.
> (C. de Oliveira, *AC*, 19.)

2. O VERBO não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.[1]

---

[1] Daí a definição de A. Maria Barrenechea: "Os verbos são as palavras que têm a função obrigatória de predicado e um regime próprio" (Las clases de palabras en español como clases funcionales. *Romance Philology*, 17:306-307, 1963).

FLEXÕES DO VERBO

O VERBO apresenta as variações de NÚMERO, de PESSOA, de MODO, de TEMPO, de ASPECTO e de VOZ.

NÚMEROS

Como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o SINGULAR e o PLURAL. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa. Exemplo:

SINGULAR	estudo	estudas	estuda
PLURAL	estudamos	estudais	estudam

PESSOAS

O verbo possui três PESSOAS relacionadas diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

1. A primeira é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais *eu* (singular) e *nós* (plural):

   estudo estudamos

2. A segunda é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *tu* (singular) e *vós* (plural):

   estudas estudais

3. A terceira é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular) *eles*, *elas* (plural):

   estuda estudam

MODOS

Chamam-se MODOS as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português: o INDICATIVO, o SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO. Dos seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante,

neste mesmo capítulo, onde também estudamos as FORMAS NOMINAIS do verbo: O INFINITIVO, O GERÚNDIO E O PARTICÍPIO.

TEMPOS

TEMPO é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Os três tempos naturais são o PRESENTE, o PRETÉRITO (ou PASSADO) e o FUTURO, que designam, respectivamente, um fato ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala* e *após o momento em que se fala.*

O PRESENTE é indivisível, mas o PRETÉRITO e o FUTURO subdividem-se no MODO INDICATIVO e no SUBJUNTIVO, como se vê do seguinte esquema:

- INDICATIVO
  - Presente: **estudo**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudava**
    - perfeito
      - simples: **estudei**
      - composto: **tenho estudado**
    - mais-que-perfeito
      - simples: **estudara**
      - composto: **tinha** ou **havia estudado**
  - Futuro
    - do presente
      - simples: **estudarei**
      - composto: **terei** ou **haverei estudado**
    - do pretérito[2]
      - simples: **estudaria**
      - composto: **teria** ou **haveria estudado**
- SUBJUNTIVO
  - Presente: **estude**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudasse**
    - perfeito: **tenha** ou **haja estudado**
    - mais-que-perfeito: **tivesse** ou **houvesse estudado**
  - Futuro
    - simples: **estudar**
    - composto: **tiver** ou **houver estudado**
- IMPERATIVO
  - Presente
    - **estuda** (tu), **estude** (você), **estudemos** (nós), **estudai** (vós), **estudem** (vocês).

---

[2] De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* — e afastando-nos neste ponto deliberadamente da tradição gramatical portuguesa — adotamos esta designação, em lugar de MODO CONDICIONAL, por a julgarmos mais adequada. Veja-se o que dizemos na página 478 (Observação 3.ª), ao tratarmos do emprego deste tempo.

ASPECTOS

1. Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO designa "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo". Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.[3]
   É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

2. Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de ASPECTO, nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.
   Assim, nestas frases:

   João **começou a comer.**
   João **continua a comer.**
   João **acabou de comer.**

   não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANSIVO e CONCLUSIVO.
   Dentro dessa lata conceituação, poderíamos distinguir, entre outras, as seguintes oposições aspectuais:

1.ª) ASPECTO PONTUAL / ASPECTO DURATIVO. A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal. Assim:

Aspecto pontual	**Acabo de ler** *Os lusíadas.*
Aspecto durativo	**Continuo a ler** *Os lusíadas.*

2.ª) ASPECTO CONTÍNUO / ASPECTO DESCONTÍNUO. Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação:

Aspecto contínuo	**Vou lendo** *Os lusíadas.*
Aspecto descontínuo	**Voltei a ler** *Os lusíadas.*

---

[3] Conrad Bureau. In *Dictionnaire de la linguistique: sous la direction de Georges Mounin.* Paris, P.U.F., 1974, p. 41.

3.ª) ASPECTO INCOATIVO / ASPECTO CONCLUSIVO. O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial; o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final:

Aspecto incoativo	**Comecei a ler** *Os lusíadas.*
Aspecto conclusivo	**Acabei de ler** *Os lusíadas.*

3. São também de natureza aspectual as oposições entre:

a) FORMA SIMPLES / PERÍFRASE DURATIVA:

leio / estou lendo (ou **estou a ler**)

A perífrase de *estar* + GERÚNDIO (ou INFINITIVO precedido da preposição *a*), que designa o "aspecto do momento rigoroso" (Said Ali), estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (*andar*, *ir*, *vir*, *viver*, etc.) ou de implicação (*continuar*, *ficar*, etc.):

Ando lendo (ou **a ler**).	**Continuo lendo** (ou **a ler**).
Vai lendo.	**Ficou lendo** (ou **a ler**).

b) *Ser / estar*:

Ele **foi ferido.**	Ele **está ferido.**

A oposição *ser / estar* corresponde a dois tipos de passividade. *Ser* forma a passiva de ação; *estar*, a passiva de estado.[4]

Como vemos, tais oposições se baseiam fundamentalmente na diversidade de formação das perífrases verbais.

De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o PARTICÍPIO exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com o INFINITIVO ou o GERÚNDIO expressam o aspecto inacabado, não concluído.

Dos seus principais valores aspectuais trataremos adiante ao estudarmos os VERBOS AUXILIARES e as FORMAS NOMINAIS do verbo.

---

[4] Quanto às construções com *ser* e *estar* em espanhol, mas com interesse para o português, veja-se a monografia de Ricardo Navas Ruiz. *Ser y estar. Estudio sobre el sistema atributivo del español.* Salamanca, Acta Salmanticensia, 1963.

Observações:

1.ª) Estudiosos há que, seguindo o eslavista Agrel, distinguem ASPECTO de MODALIDADE DE AÇÃO, considerando o primeiro a categoria gramatical que opõe a ação concluída à não concluída, e a segunda toda oposição expressa por meios lexicais, o que abrange um número ilimitado de possibilidades semânticas. Veja-se a respeito: Robert Martin. *Temps et aspect. Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français*. Paris, Klincksieck, 1971. p. 56; ——— . Temps et aspect en français moderne. Quelques remarques inspirées para la lecture de *Verbe et adverbe* de M. A. Klum. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, 3(1): 67-79, especialmente p. 76-79; L. Jenaro Maclennan. *El problema del aspecto verbal. Estudio crítico de sus presupuestos*. Madrid, Gredos, 1962, p.146-150; Arne Klum. Verbe et adverbe. *Etude sur le système verbal indicatif et sur le système de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain*. Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961, p. 107 passim; Ataliba T. de Castilho. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968, p. 39-44; Claudino Cella. *Système verbal français et système verbal portugais. Etude comparative*. Metz, Université de Metz, 1978, p. 61-65 (com larga bibliografia sobre o assunto).

2.ª) É hoje vastíssima a bibliografia sobre aspecto verbal. Além da que se contém nas obras citadas na observação anterior, veja-se a que dá Marc Wilmet em *Etudes de morpho-syntaxe verbale*. Paris, Klincksieck, 1976, p. 153; e em: Aspect grammatical, aspect sémantique, aspect lexical: un problème de limites. In *La Notion d'Aspect*. Colloque organisé par le Centre d'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz. Actes publiés par Jean David et Robert Martin. Paris, Klincksiek, 1980, p. 51-52. Estas Atas reproduzem o texto das comunicações de Eugenio Coseriu, Martín S. Ruipérez, Joe Larochette, Gérard Moignet, Marc Wilmet, Maurice Gross, Jean-Marie Zemb, Gérold Stahl, J. Hoepelman - C. Rohrer, Frédéric Nef, Antoine Culioli, J.-P. Desclés, Bernard Pottier e representam uma súmula conclusiva das principais questões concernentes ao aspecto em geral.

VOZES

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

João **feriu** Pedro.
Não **vejo** rosas neste jardim.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Pedro **foi ferido** por João.
Não **se veem** [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como *praticado* e *sofrido* pelo sujeito:

João **feriu-se**.
Dei-me pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ATIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

Como se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da VOZ ATIVA corresponde ao sujeito da VOZ PASSIVA; e, na VOZ REFLEXIVA, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

Voz passiva. Exprime-se a VOZ PASSIVA:

a) com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar:

Pedro **foi ferido** por João.

b) com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não **se vê** [=é vista] **uma rosa** neste jardim.
Não **se veem** [são vistas] **rosas** neste jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos* e *se* (singular e plural):

Eu **me feri** [=a mim mesmo]
Tu **te feriste** [= a ti mesmo]
Ele **se feriu** [= a si mesmo]
Nós **nos ferimos** [= a nós mesmos]
Vós **vos feristes** [= a vós mesmos]
Eles **se feriram** [= a si mesmos]

Observações:

1.ª) Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar*, *andar*, *viver*, etc.), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir*, *vir*):

Os homens já **estavam tocados** pela fé.
Ficou atormentado pelo remorso.
Os pais **vinham acompanhados** dos filhos.

2.ª) Nas formas da VOZ PASSIVA, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele foi **ferido**	**Eles** foram **feridos.**
Ela foi **ferida**	**Elas** foram **feridas.**

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Em certas formas verbais, o acento tônico recai no radical. Assim:

ando	andas	anda	andam
ande	andes	ande	andem

Em outras, o acento tônico recai na terminação. Assim:

andamos	andais	andou	andar
andemos	andeis	andava	andará

Às primeiras damos o nome de FORMAS RIZOTÔNICAS; às segundas, de FORMAS ARRIZOTÔNICAS.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO

1. Quanto à FLEXÃO, o verbo pode ser REGULAR, IRREGULAR, DEFECTIVO e ABUNDANTE.

   Os REGULARES flexionam-se de acordo com o PARADIGMA, modelo que representa o tipo comum da conjugação. Tomando-se, por exemplo, *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos como *cantar*; os da 2.ª, como *vender*; os da 3.ª como *partir*.

   São IRREGULARES os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação, como *dar*, *estar*, *fazer*, *ser*, *pedir*, *ir* e vários outros, que no lugar próprio estudaremos.

   VERBOS DEFECTIVOS são aqueles que não têm certas formas, como *abolir*, *falir* e mais alguns de que tratamos adiante. Entre os DEFECTIVOS costumam os gramáticos incluir os UNIPESSOAIS, especialmente os IMPESSOAIS, usados apenas na 3.ª pessoa do singular: *chover*, *ventar*, etc.

   ABUNDANTES são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio. Assim, o verbo *aceitar* apresenta os particípios *aceitado*, *aceito* e *aceite*; o verbo *entregar*, os particípios *entregado* e *entregue*; o verbo *matar*, os particípios *matado* e *morto*.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue VERBOS IRREGULARES de VERBOS ANÔMALOS, aplicando a última denominação a verbos como *estar*, *haver*, *ser*, *ter*, *ir*, *vir* e *pôr*, cujas profundas irregularidades não se enquadram em classificação alguma. Esta distinção não é adotada pela *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*.

2. Quanto à FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL ou AUXILIAR.
PRINCIPAL, é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração.
Assim:

Estudei português.
Haverá uma solução para o caso.
Comprei um livro.

AUXILIAR é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais. Assim:

Tenho estudado português.
Há de haver uma solução para o caso.
Um livro **foi comprado** por mim.

Os AUXILIARES mais comuns são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, de que apresentamos, adiante, a conjugação completa.

CONJUGAÇÕES

CONJUGAR um verbo é dizê-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O agrupamento de todas essas flexões, segundo uma ordem determinada, chama-se CONJUGAÇÃO.
Há três conjugações em português, caracterizadas pela VOGAL TEMÁTICA.
A 1.ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática -*a*-:

estud-**a**-r fic-**a**-r rem-**a**-r

A 2.ª conjugação abarca os verbos que têm a vogal temática -*e*-:

receb-**e**-r dev-**e**-r tem-**e**-r

À 3.ª conjugação pertencem os verbos que têm a vogal temática -*i*-:

dorm-**i**-r part-**i**-r sorr-**i**-r

Como as vogais temáticas se apresentam com maior nitidez no infinitivo, costuma-se indicar pela TERMINAÇÃO deste (= VOGAL TEMÁTICA + SUFIXO *-r*) a conjugação a que pertence um dado verbo. Assim, os verbos de infinitivo terminado em *-ar* são da 1.ª conjugação; os de infinitivo em *-er*, da 2.ª; os de infinitivo em *-ir*, da 3.ª.

TEMPOS SIMPLES

Estrutura do verbo

1. Examinemos os seguintes tempos do indicativo do verbo *cantar*:

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
canto	cantava	cantara
cantas	cantavas	cantaras
canta	cantava	cantara
cantamos	cantávamos	cantáramos
cantais	cantáveis	cantáreis
cantam	cantavam	cantaram

Verificamos que todas as suas formas se irmanam pelo RADICAL *cant-*, a parte invariável que lhes dá a base comum de significação.

Verificamos também que a esse RADICAL VERBAL se junta, em cada forma, uma TERMINAÇÃO, da qual participa pelo menos um dos seguintes elementos:

a) a VOGAL TEMÁTICA *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação:

cant-**a** cant-**a**-va cant-**a**-ra

b) o SUFIXO TEMPORAL (ou MODO-TEMPORAL), que indica o tempo e o modo:

cant-a-**va** cant-a-**ra**

c) a DESINÊNCIA PESSOAL (ou NÚMERO-PESSOAL), que identifica a pessoa e o número:

cant-**o** cant-a-va-**s** cant-á-ra-**mos**

2. Todo o mecanismo da formação dos tempos simples repousa na combinação harmônica desses três elementos flexivos com um determinado radical verbal. Muitas vezes falta um deles, como:

a) a VOGAL TEMÁTICA, no presente do subjuntivo e, em decorrência, nas formas do imperativo dele derivadas: *cante*, *cantes*, *cante*, etc.;
b) o SUFIXO TEMPORAL, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, bem como nas formas do imperativo derivadas do presente do indicativo: *canto*, *cantas*, *canta*, etc.; *cantei*, *cantaste*, *cantou*, etc.; *canta* (tu), *cantai* (vós);
c) a DESINÊNCIA PESSOAL, na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*canta*); na 1.ª e na 3.ª pessoa do singular do imperfeito (*cantava*), do mais-que-perfeito (*cantara*) e do futuro do pretérito (*cantaria*) do indicativo; e nestas mesmas pessoas do presente (*cante*), do imperfeito (*cantasse*) e do futuro (*cantar*) do subjuntivo, assim como nas do infinitivo pessoal (*cantar*).

Mas, salvo no caso em que a falta de DESINÊNCIA iguala duas pessoas de um só tempo, perturbando a clareza, a ausência de qualquer desses elementos flexivos é sempre um sinal particularizante, pois caracteriza a forma lacunosa pelo seu contraste com as que não o são.

Formação dos tempos simples

1. Com exceção do infinitivo pessoal, os tempos simples dos verbos portugueses correspondem a formações existentes no latim clássico ou no latim vulgar, que sofreram, com os séculos, naturais alterações fonéticas. O estudo dessa evolução é matéria que pertence à chamada gramática histórica e excede, naturalmente, os limites deste livro de natureza sincrônica. Podemos, no entanto, adotar aqui um vulgarizado artifício didático para melhor apreendermos o mecanismo das conjugações.
   Consiste tal artifício em admitir que o verbo apresente três tempos PRIMITIVOS, sendo os outros deles DERIVADOS.
   São tempos primitivos: o PRESENTE DO INDICATIVO, o PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e o INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Para mostrar a valia didática deste processo formativo, tomemos como exemplo os verbos *cantar*, *vender* e *partir*, e separemos nos seus tempos simples o RADICAL, ou o TEMA (= RADICAL + VOGAL TEMÁTICA), da TERMINAÇÃO, incluindo nesta o SUFIXO TEMPORAL e a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL.

Derivados do presente do indicativo

Do PRESENTE DO INDICATIVO formam-se o IMPERFEITO DO INDICATIVO, o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO.

1.º) IMPERFEITO DO INDICATIVO. É formado do radical do presente acrescido:

a) na 1.ª conjugação, das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (constituídas da vogal temática *-a-* + sufixo temporal *-va-* + desinências pessoais);
b) na 3.ª conjugação, das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (constituídas da vogal temática *-i-* + sufixo temporal *-a-* + desinências pessoais);
c) na 2.ª conjugação, das mesmas terminações da 3.ª, por ter a vogal temática *-e-* passado a *-i-* antes de *-a-*.
Assim, nos verbos *cantar*, *vender* e *partir*, temos:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PRESENTE	**cant-**	**vend-**	**part-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-avas	vend-ias	part-ias
	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	cant-áveis	vend-íeis	part-íeis
	cant-avam	vend-iam	part-iam

Observação:

Fogem à regra acima os verbos *ser*, *ter*, *vir* e *pôr*, que fazem no IMPERFEITO *era*, *tinha*, *vinha* e *punha*, respectivamente.

2.º) PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Forma-se do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo, substituindo-se a desinência *-o* pelas flexões próprias do presente do subjuntivo: *-e, -es, -emos, -eis, -em*, nos verbos da 1.ª conjugação; *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, nos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação.

Assim:

PRESENTE DO INDICATIVO	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
1.ª pessoa do singular	**cant-o**	**vend-o**	**part-o**
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	cant-e	vend-a	part-a
	cant-es	vend-as	part-as
	cant-e	vend-a	part-a
	cant-emos	vend-amos	part-amos
	cant-eis	vend-ais	part-ais
	cant-em	vend-am	part-am

1.ª) Dentre todos os verbos da língua apenas os seguintes não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*.

2.ª) Os verbos defectivos em que a 1.ª pessoa do presente do indicativo caiu em desuso não têm presente do subjuntivo.

3.º) IMPERATIVO. O imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2.ª pessoa do singular e 2.ª pessoa do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão do *-s* final.

Assim:

canta(s)	vende(s)	parte(s)
cantai(s)	vendei(s)	parti(s)

Observações:

1.ª) Excetua-se o verbo *ser*, que faz *sê* (tu) e *sede* (vós).

2.ª) Costumam perder o *-e* na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos *dizer, fazer, trazer* e os terminados em *-uzir*: *dize* (ou *diz*) tu, *faze* (ou *faz*) tu, *traze* (ou *traz*) tu, *aduze* (ou *aduz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu.

As outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do imperativo negativo, são supridas pelos equivalentes do presente do subjuntivo, com o pronome posposto, quando usado.

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

Do tema do PRETÉRITO PERFEITO formam-se os seguintes tempos simples:

1.º) O MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-ra-* + desinências pessoais) *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO	canta-ra canta-ras canta-ra cantá-ramos cantá-reis canta-ram	vende-ra vende-ras vende-ra vendê-ramos vendê-reis vende-ram	parti-ra parti-ras parti-ra partí-ramos partí-reis parti-ram

2.º) o IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-sse-* + desinências pessoais) *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	canta-sse canta-sses canta-sse cantá-ssemos cantá-sseis canta-ssem	vende-sse vende-sses vende-sse vendê-ssemos vendê-sseis vende-ssem	parti-sse parti-sses parti-sse partí-ssemos partí-sseis parti-ssem

3.º) o FUTURO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-r-* + desinências pessoais) *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	canta-r canta-res canta-r canta-rmos canta-rdes canta-rem	vende-r vende-res vende-r vende-rmos vende-rdes vende-rem	parti-r parti-res parti-r parti-rmos parti-rdes parti-rem

Observações:

1.ª) O TEMA do pretérito perfeito pode ser obtido suprimindo-se a desinência da 2.ª pessoa do singular ou da 1.ª pessoa do plural:

canta(ste)	fize(ste)	vie(ste)	puse(ste)
canta(mos)	fize(mos)	vie(mos)	puse(mos)

2.ª) Embora as suas formas sejam quase sempre idênticas, o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal têm origem diversa, que deve ser conhecida para evitar-se a frequente confusão que se estabelece nos poucos verbos em que as formas são distintas: *fizer* — *fazer*; *for* — *ser*; *souber* — *saber*, etc.

Derivados do infinitivo impessoal

DO INFINITIVO IMPESSOAL formam-se os dois futuros simples do indicativo, o infinitivo pessoal, o gerúndio e o particípio.

1.º) O FUTURO DO PRESENTE, com o simples acréscimo das terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRESENTE	cantar-ei cantar-ás cantar-á cantar-emos cantar-eis cantar-ão	vender-ei vender-ás vender-á vender-emos vender-eis vender-ão	partir-ei partir-ás partir-á partir-emos partir-eis partir-ão

2.º) O FUTURO DO PRETÉRITO, com o acréscimo das terminações *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRETÉRITO	cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-íamos cantar-íeis cantar-iam	vender-ia vender-ias vender-ia vender-íamos vender-íeis vender-iam	partir-ia partir-ias partir-ia partir-íamos partir-íeis partir-iam

Observações:

1.ª) Não seguem esta regra os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, cujas formas do FUTURO DO PRESENTE e DO PRETÉRITO são, respectivamente: *direi*, *diria*, *farei*, *faria*, *trarei*, *traria*.

2.ª) O FUTURO DO PRESENTE e O FUTURO DO PRETÉRITO são formados pela aglutinação do INFINITIVO do verbo principal às formas reduzidas do PRESENTE e do IMPERFEITO DO INDICATIVO do auxiliar *haver*: *amar* + *hei*, *amar* + *hia* (por *havia*), etc.

3.º) O INFINITIVO PESSOAL, com o acréscimo das desinências pessoais: *-es* (2.ª pessoa do singular), *-mos*, *-des*, *-em*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO PESSOAL	cantar cantar-es cantar cantar-mos cantar-des cantar-em	vender vender-es vender vender-mos vender-des vender-em	partir partir-es partir partir-mos partir-des partir-em

4.º) O GERÚNDIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-ndo*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
GERÚNDIO	canta-ndo	vende-ndo	parti-ndo

5.º) O PARTICÍPIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-do*, sendo de notar que, por influência da vogal temática da 3.ª conjugação, a da 2.ª passou a *-i-*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
PARTICÍPIO	canta-do	vendi-do	parti-do

Observação:

Os verbos *dizer*, *escrever*, *fazer*, *ver*, *pôr*, *abrir*, *cobrir*, *vir* e seus derivados formam o PARTICÍPIO irregularmente: *dito*, *escrito*, *feito*, *visto*, *posto*, *aberto*, *coberto*, *vindo*. Dos derivados exclui-se *prover*, cujo PARTICÍPIO é *provido*.

VERBOS AUXILIARES E O SEU EMPREGO

1. Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Os AUXILIARES de uso mais frequente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.[5]

Ter e **haver** empregam-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos compostos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo:

> **Tenho feito** exercícios.
> **Havíamos comprado** livros.

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição de, para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato:

> **Tenho de fazer** exercícios.
> **Havemos de comprar** livros.

Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de ação:

> Exercícios **foram feitos** por mim.
> Livros **serão comprados** por nós.

Estar emprega-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:

> **Estou arrependido** do que fiz.
> **Estamos impressionados** com o fato.

---

[5] Como não há uniformidade de critério linguístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares. Sobre o assunto, no âmbito da língua portuguesa, o estudo mais desenvolvido é o de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. *L'Auxiliarité en langue portugaise* (tese de doutorado apresentada à Universidade de Paris-III, Paris, 1970, mimeografado). Menção particular merecem também os trabalhos de: Eunice Pontes. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, 1973, onde a auxiliaridade, principalmente dos verbos que se constroem com infinitivo, é estudada à luz da gramática transformacional; e de Eduardo Paiva Raposo. *A construção "união de orações" na gramática do português* (dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981, mimeografado), em que se examinam do ponto de vista da gramática relacional as construções de infinitivo com verbos como *fazer*, *mandar*, *deixar*, *ver*, *sentir* e *ouvir*.

b) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

> **Estava ouvindo** música.
> **Estava a ouvir** música.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *para*, para exprimir a iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a ação expressa pelo verbo principal:

> O avião **está para chegar.**
> Há dias **estou para visitá-lo.**

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que já deveria ter sido realizada ainda não o foi:

> O trabalho **está por terminar.**
> A carta **ficou por escrever.**

Distinção importante

A construção de *estar* (ou *andar*) + GERÚNDIO, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores[6] e nos países africanos de língua portuguesa.

No português-padrão e nos dialetos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*) + PREPOSIÇÃO *a* + INFINITIVO, que aparece, vez por outra, na pena de escritores brasileiros. Comparem-se estes exemplos, colhidos na obra de Adonias Filho:

> **Estava a passar** a cera no cordão e **a ouvir** Gonçalo Cintra quando se ergueu de um salto.
> (*LBB*, 126.)

> Três meses ali **estava**, João Joanes, **a pescar** com Pé de Vento, **a visitar** os vizinhos, **a ajoelhar-se** na sepultura da mulher.
> (*LBB*, 133.)

---

[6] Veja-se M. de Paiva Boléo. *Estudos de linguística portuguesa e românica*, I. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, p. 425; ——. *Revista Portuguesa de Filologia*, p. 17:971, 1975-1978.

O filho lá **estava**, correndo na areia, **a brincar** com outros meninos.
(*LBB*, 15.)

3. Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar* e mais alguns que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação. Assim:

Ir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

O navio **ia encostando** no cais (pouco a pouco).
Os convidados **iam chegando** de automóvel (sucessivamente).

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:

Vou procurar um médico.
O navio **vai partir**.

Vir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se desenvolve gradualmente (compare-se a construção similar com *ir*):

Vinha rompendo a madrugada.
Venho tratando desse assunto.

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para indicar movimento em direção a determinado fim ou intenção de realizar um ato:

Veio fazer compras.
Vieste interromper-me o trabalho.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para expressar o resultado final da ação:

Vim a saber dessas coisas muito tarde.
Veio a dar com os burros n'água.

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar o término recente da ação:

Vinha de ajustar contas com o imigrante.
(J. Cardoso Pires, *D*, 290.)

Minha intenção era saudar os jangadeiros que **vêm de chegar.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 56.)

Esta última construção, que desde o século passado se documenta em bons escritores do idioma, tem sido condenada por alguns gramáticos como galicismo.

Andar, à semelhança de *estar*, emprega-se com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

Ando lendo os clássicos.
Ando a ler os clássicos.

A primeira construção, como dissemos, é a mais usada no Brasil; a segunda, a preferida em Portugal.

Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado (*ficou molhado*), emprega-se:

a) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por *estar*; comparem-se:

Ficava cantando	**Ficou esperando**
Estava cantando	**Esteve esperando**
Ficava a cantar	**Ficou a esperar**
Estava a cantar	**Esteve a esperar**

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que deveria ter sido realizada não o foi:

O trabalho **ficou por terminar.**

Compare-se à construção paralela com *estar*:

O trabalho **está por terminar.**

Acabar emprega-se com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar uma ação recém-concluída:

O avião **acabou de aterrissar.**
Os convidados **acabaram de chegar.**

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS *TER*, *HAVER*, *SER* E *ESTAR*

Modo indicativo

Presente			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Modo subjuntivo

Presente			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)

não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

INFINITIVO PESSOAL			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

GERÚNDIO			
tendo	havendo	sendo	estando

PARTICÍPIO			
tido	havido	sido	estado

FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Entre os TEMPOS COMPOSTOS da voz ativa merecem realce particular aqueles que são constituídos de formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar, porque é costume incluí-los nos próprios paradigmas de conjugação.

Eis os tempos em causa:

Modo indicativo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO. Formado do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenho cantado	tenho vendido	tenho partido
tens cantado	tens vendido	tens partido
tem cantado	tem vendido	tem partido
temos cantado	temos vendido	temos partido
tendes cantado	tendes vendido	tendes partido
têm cantado	têm vendido	têm partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO. Formado do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tinhas cantado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos cantado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis cantado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham cantado	tinham vendido	tinham partido

3.º) FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRESENTE SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

terei cantado	terei vendido	terei partido
terás cantado	terás vendido	terás partido
terá cantado	terá vendido	terá partido
teremos cantado	teremos vendido	teremos partido
tereis cantado	tereis vendido	tereis partido
terão cantado	terão vendido	terão partido

4.º) FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

teria cantado	teria vendido	teria partido
terias cantado	terias vendido	terias partido
teria cantado	teria vendido	teria partido
teríamos cantado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam cantado	teriam vendido	teriam partido

Modo subjuntivo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO. Formado do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhas cantado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos cantado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais cantado	tenhais vendido	tenhais partido
tenham cantado	tenham vendido	tenham partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Formado do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses cantado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos cantado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis cantado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem cantado	tivessem vendido	tivessem partido

3.º) FUTURO COMPOSTO. Formado do FUTURO SIMPLES DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tiveres cantado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tivermos cantado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes cantado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem cantado	tiverem vendido	tiverem partido

Formas nominais

1.º) INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO IMPESSOAL). Formado do INFINITIVO IMPESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido

2.º) INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO PESSOAL). Formado do INFINITIVO PESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3.º) GERÚNDIO COMPOSTO (PRETÉRITO). Formado do GERÚNDIO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tendo cantado	tendo vendido	tendo partido

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Como dissemos, são REGULARES os verbos que se flexionam de acordo com o PARADIGMA de sua conjugação. Assim, tomando os verbos *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas, respectivamente, da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos pelo modelo de *cantar*; os da 2.ª, pelo de *vender*; os da 3.ª, pelo de *partir*.

CONJUGAÇÃO DA VOZ PASSIVA

(Modelo: *ser louvado*)

Modo indicativo

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO
sou louvado (-a)	era louvado (-a)
és louvado (-a)	eras louvado (-a)
é louvado (-a)	era louvado (-a)
somos louvados (-as)	éramos louvados (-as)
sois louvados (-as)	éreis louvados (-as)
são louvados (-as)	eram louvados (-as)

PRETÉRITO PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO PERFEITO (COMPOSTO)
fui louvado (-a)	tenho sido louvado (-a)
foste louvado (-a)	tens sido louvado (-a)
foi louvado (-a)	tem sido louvado (-a)
fomos louvados (-as)	temos sido louvados (-as)
fostes louvados (-as)	tendes sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	têm sido louvados (-as)

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (COMPOSTO)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
foras louvado (-a)	tinhas sido louvado (-a)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
fôramos louvados (-as)	tínhamos sido louvados (-as)
fôreis louvados (-as)	tínheis sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	tinham sido louvados (-as)

Futuro do presente (simples)	Futuro do presente (composto)
serei louvado (-a)	terei sido louvado (a)
serás louvado (-a)	terás sido louvado (-a)
será louvado (-a)	terá sido louvado (-a)
seremos louvados (-as)	teremos sido louvados (-as)
sereis louvados (-as)	tereis sido louvados (-as)
serão louvados (-as)	terão sido louvados (-as)

Futuro do pretérito (simples)	Futuro do pretérito (composto)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (a)
serias louvado (-a)	terias sido louvado (-a)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (-a)
seríamos louvados (-as)	teríamos sido louvados (-as)
seríeis louvados (-as)	teríeis sido louvados (-as)
seriam louvados (-as)	teriam sido louvados (-as)

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejas louvado (-a)	fosses louvado (-a)
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejamos louvados (-as)	fôssemos louvados (-as)
sejais louvados (-as)	fôsseis louvados (-as)
sejam louvados (-as)	fossem louvados (-as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhas sido louvado (-a)	tivesses sido louvado (-a)
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhamos sido louvados (-as)	tivéssemos sido louvados (-as)
tenhais sido louvados (-as)	tivésseis sido louvados (-as)
tenham sido louvados (-as)	tivessem sido louvados (-as)

Futuro (simples)	Futuro (composto)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
fores louvado (-a)	tiveres sido louvado (-a)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
formos louvados (-as)	tivermos sido louvados (-as)
fordes louvados (-as)	tiverdes sido louvados (-as)
forem louvados (-as)	tiverem sido louvados (-as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
seres louvado (-a)	teres sido louvado (-a)
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
sermos louvados (-as)	termos sido louvados (-as)
serdes louvados (-as)	terdes sido louvados (-as)
serem louvados (-as)	terem sido louvados (-as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo louvado (-a, -os, -as)	tendo sido louvado (-a, -os, -as)

Particípio
louvado (-a, -os, -as)

Observações:

1.ª) Só há uma forma simples na voz passiva, que é o PARTICÍPIO. Colocamos, no entanto, entre parênteses, as designações SIMPLES e COMPOSTO para lembrar a correspondência das formas assim nomeadas com as da voz ativa, que apresentam semelhante oposição.

2.ª) Na voz passiva não se usa o IMPERATIVO.

VOZ REFLEXIVA

Na VOZ REFLEXIVA o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto e representa a mesma pessoa que o sujeito. Assim:

Eu **me lavo** (ou **lavo-me**).
Ele **se deu** o trabalho de vir a minha casa (ou **deu-se**).

A próclise é preferida no Brasil, a ênclise em Portugal.

O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, uma ação mútua de dois ou mais sujeitos:

Pedro, Paulo e eu **nos estimamos** (**estimamo-nos**) [= mutuamente].

Os dias **se sucedem** (**sucedem-se**) [= um ao outro] calmos.

Verbo reflexivo e verbo pronominal

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chamados VERBOS PRONOMINAIS, de que podemos distinguir dois tipos:

a) os que só se usam na forma pronominal, como:

apiedar-se	queixar-se
condoer-se	suicidar-se

b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo:

debater [= discutir]	enganar alguém
debater-se [= agitar-se]	enganar-se com alguém

Observação:

Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, *a si mesmo*, etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a ser *um ao outro*, *reciprocamente*, *mutuamente*, etc.

Assim:

Feri-me **a mim mesmo**.
Amavam-se **um ao outro**.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO REFLEXIVO

(Modelo: *lavar-se*)

Modo indicativo

COM O PRONOME ENCLÍTICO OU MESOCLÍTICO	COM O PRONOME PROCLÍTICO
Presente	
lavo-me	eu me lavo
lavas-te	tu te lavas
lava-se	ele se lava
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavais-vos	vós vos lavais
lavam-se	eles se lavam

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Pretérito imperfeito	
lavava-me	eu me lavava
lavavas-te	tu te lavavas
lavava-se	ele se lavava
lavávamo-nos	nós nos lavávamos
laváveis-vos	vós vos laváveis
lavavam-se	eles se lavavam
Pretérito perfeito simples	
lavei-me	eu me lavei
lavaste-te	tu te lavaste
lavou-se	ele se lavou
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavastes-vos	vós vos lavastes
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito perfeito composto	
tenho-me lavado	eu me tenho lavado
tens-te lavado	tu te tens lavado
tem-se lavado	ele se tem lavado
temo-nos lavado	nós nos temos lavado
tendes-vos lavado	vós vos tendes lavado
têm-se lavado	eles se têm lavado
Pretérito mais-que-perfeito simples	
lavara-me	eu me lavara
lavaras-te	tu te lavaras
lavara-se	ele se lavara
laváramo-nos	nós nos laváramos
laváreis-vos	vós vos laváreis
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito mais-que-perfeito composto	
tinha-me lavado	eu me tinha lavado
tinhas-te lavado	tu te tinhas lavado
tinha-se lavado	ele se tinha lavado
tínhamo-nos lavado	nós nos tínhamos lavado
tínheis-vos lavado	vós vos tínheis lavado
tinham-se lavado	eles se tinham lavado

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Futuro do presente simples	
lavar-me-ei	eu me lavarei
lavar-te-ás	tu te lavarás
lavar-se-á	ele se lavará
lavar-nos-emos	nós nos lavaremos
lavar-vos-eis	vós vos lavareis
lavar-se-ão	eles se lavarão
Futuro do presente composto	
ter-me-ei lavado	eu me terei lavado
ter-te-ás lavado	tu te terás lavado
ter-se-á lavado	ele se terá lavado
ter-nos-emos lavado	nós nos teremos lavado
ter-vos-eis lavado	vós vos tereis lavado
ter-se-ão lavado	eles se terão lavado
Futuro do pretérito simples	
lavar-me-ia	eu me lavaria
lavar-te-ias	tu te lavarias
lavar-se-ia	ele se lavaria
lavar-nos-íamos	nós nos lavaríamos
lavar-vos-íeis	vós vos lavaríeis
lavar-se-iam	eles se lavariam
Futuro do pretérito composto	
ter-me-ia lavado	eu me teria lavado
ter-te-ias lavado	tu te terias lavado
ter-se-ia lavado	ele se teria lavado
ter-nos-íamos lavado	nós nos teríamos lavado
ter-vos-íeis lavado	vós vos teríeis lavado
ter-se-iam lavado	eles se teriam lavado

Modo subjuntivo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Presente	
lave-me	eu me lave
laves-te	tu te laves
lave-se	ele se lave
lavemo-nos	nós nos lavemos
laveis-vos	vós vos laveis
lavem-se	eles se lavem

Com o pronome enclítico	Com o pronome próclítico
Pretérito imperfeito	
lavasse-me	eu me lavasse
lavasses-te	tu te lavasses
lavasse-se	ele se lavasse
lavássemo-nos	nós nos lavássemos
lavásseis-vos	vós vos lavásseis
lavassem-se	eles se lavassem
Pretérito perfeito	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tenha lavado
	tu te tenhas lavado
	ele se tenha lavado
	nós nos tenhamos lavado
	vós vos tenhais lavado
	eles se tenham lavado
Pretérito mais-que-perfeito	
tivesse-me lavado	eu me tivesse lavado
tivesses-te lavado	tu te tivesses lavado
tivesse-se lavado	ele se tivesse lavado
tivéssemo-nos lavado	nós nos tivéssemos lavado
tivésseis-vos lavado	vós vos tivésseis lavado
tivessem-se lavado	eles se tivessem lavado
Futuro simples	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me lavar
	tu te lavares
	ele se lavar
	nós nos lavarmos
	vós vos lavardes
	eles se lavarem
Futuro composto	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tiver lavado
	tu te tiveres lavado
	ele se tiver lavado
	nós nos tivermos lavado
	vós vos tiverdes lavado
	eles se tiverem lavado

Modo imperativo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Afirmativo	
lava-te lave-se lavemo-nos lavai-vos lavem-se	(Não pode vir proclítico o pronome)
Negativo	
(Não pode vir enclítico o pronome)	não te laves não se lave não nos lavemos não vos laveis não se lavem

Formas nominais

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Infinitivo impessoal presente	
lavar-se	— se lavar
Infinitivo impessoal pretérito	
ter-se lavado	— se ter lavado
Infinitivo pessoal presente	
lavar-me	eu me lavar
lavares-te	tu te lavares
lavar-se	ele se lavar
lavarmo-nos	nós nos lavarmos
lavardes-vos	vós vos lavardes
lavarem-se	eles se lavarem
Infinitivo pessoal pretérito	
ter-me lavado	eu me ter lavado
teres-te lavado	tu te teres lavado
ter-se lavado	ele se ter lavado
termo-nos lavado	nós nos termos lavado
terdes-vos lavado	vós vos terdes lavado
terem-se lavado	eles se terem lavado

COM O PRONOME ENCLÍTICO	COM O PRONOME PRÓCLÍTICO
Gerúndio presente	
lavando-se	— se lavando
Gerúndio pretérito	
tendo-se lavado	— se tendo lavado
Particípio	
O pronome oblíquo não pode vir posposto ao particípio	

Observações:

1.ª) Note-se que, em todas as 1ªs. pessoas do plural deste paradigma, quando o pronome é enclítico, o *-s* final da desinência *-mos* é omitido (em virtude de uma antiga assimilação à nasal inicial do pronome seguinte).

2.ª) Nas formas do modo indicativo, quando o pronome sujeito vem expresso, a ênclise do pronome oblíquo é a construção preferida em Portugal e a próclise, a normal no Brasil. Veja-se o que dissemos a propósito da colocação dos pronomes átonos no capítulo 11.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS IRREGULARES

Irregularidade verbal

A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical.

Se examinarmos, por exemplo, a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *dar* e *medir*, verificamos que:

a) a forma *dou* não recebe a desinência normal *-o* da referida pessoa;
b) a forma *meço* apresenta o radical *meç-*, distinto do radical *med-*, que aparece no INFINITIVO e em outras formas do verbo: *med-ir*, *med-es*, *med-i*, *med-ira*, etc.

Dar e *medir* são, pois, VERBOS IRREGULARES.

Se examinarmos, por outro lado, o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO dos verbos em causa, observamos que as formas:

a) *dava*, *davas*, *dava*, *dávamos*, *dáveis*, *davam* se enquadram no paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação;
b) *media*, *medias*, *media*, *medíamos*, *medíeis*, *mediam*, por sua vez, incorporam-se ao paradigma dos verbos regulares da 3.ª conjugação;

Vemos, assim, que num verbo irregular pode haver determinadas formas perfeitamente regulares.

Observação:

Para mais fácil conhecimento dos verbos irregulares, convém ter em mente o que dissemos sobre a formação dos tempos simples. Excetuando-se a anomalia que apontamos na conjugação dos verbos *dar*, *estar*, *haver*, *querer*, *saber*, *ser* e *ir*, a irregularidade dos demais é sempre constante nas formas de cada um dos grupos:

1.º GRUPO	2.º GRUPO	3.º GRUPO
Pres. do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Futuro do presente
Pres. do subjuntivo	Pret. mais-que-perf. do indicativo	Futuro do pretérito
Imperativo	Pret. imperfeito do subjuntivo	
	Futuro do subjuntivo	

Atentando-se, pois, nas formas do PRESENTE, do PRETÉRITO PERFEITO e do FUTURO DO PRESENTE do MODO INDICATIVO, sabe-se se um verbo é ou não irregular e, também, como conjugá-lo nos tempos de cada um dos três grupos.

Irregularidade verbal e discordância gráfica

É necessário não confundir irregularidade verbal com certas discordâncias gráficas que aparecem em formas do mesmo verbo e que visam apenas a indicar-lhes a uniformidade de pronúncia dentro das convenções do nosso sistema de escrita.

Assim:

a) os verbos da 1.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-ç* e *-g* mudam tais letras, respectivamente, em *-qu*, *-c* e *-gu* sempre que se lhes segue um *-e*:

ficar — fiquei
justiçar — justicei
chegar — cheguei

b) os verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-g* e *-gu* mudam tais letras, respectivamente, em *-ç*, *-j* e *-g* sempre que se lhes segue um *-o* ou um *-a*:

vencer — venço — vença
tanger — tanjo — tanja
erguer — ergo — erga
restringir — restrinjo — restrinja
extinguir — extingo — extinga

São, como vemos, simples acomodações gráficas, que não implicam irregularidade do verbo.

Verbos com alternância vocálica

Muitos verbos da língua portuguesa apresentam diferenças de timbre na vogal do radical conforme nele recaia ou não o acento tônico. Estas diferenças não são exatamente as mesmas na variante europeia e na variante brasileira da língua portuguesa, devido sobretudo ao fenômeno da redução das vogais em sílaba átona, a que nos referimos no capítulo sobre fonética e fonologia. Assim, às formas *levamos* e *levais* — com [ə] fechado no português normal de Portugal e com [e] semifechado no português do Brasil — contrapõem-se *levo*, *levas*, *leva* e *levam*, com *e* semiaberto [ɛ]; às formas *rogamos* e *rogais* — com [u] no português de Portugal e com [o] semifechado no português do Brasil — opõem-se *rogo*, *rogas*, *roga* e *rogam*, com *o* semiaberto[ɔ]. Às vezes a alternância vocálica observa-se nas próprias formas rizotônicas. Por exemplo: *subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*.

Por sofrerem tais mutações vocálicas no radical, esses verbos, ou melhor, os pertencentes à 3.ª conjugação, vêm de regra incluídos no elenco dos VERBOS IRREGULARES. Cumpre ponderar, no entanto, que essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam exceções, mas a norma dentro da nossa complexa morfologia. Saliente-se, ainda, que não é lógico que se considerem regulares verbos como *beber* e *mover*, que, nas formas rizotônicas, apresentam, respectivamente, as alternâncias: *a*) de [ə] fechado no português normal de Portugal e de *e* semifechado [e] no português do Brasil com *e* semiaberto [ɛ]; *b*) de [u] fechado no português normal de Portugal e *o* semifechado [o] no português do Brasil com *o* semiaberto [ɔ]; e, de outro lado, se tenham por irregulares verbos como *frigir* e *acudir*, que alternam [i] com *e* semiaberto [ɛ] e [u] com *o* semiaberto [ɔ]. Há flagrante semelhança nos casos citados. Apenas em *beber* e *mover* não se distinguem na escrita (fato meramente gráfico, por conseguinte) aquelas oposições de fonemas vocálicos a que nos referimos.

Uma palavra deve ainda ser dita com referência aos verbos de qualquer conjugação que têm no radical a vogal *a*.

No português do Brasil não se observa nenhuma alternância na referida vogal, que apresenta o mesmo timbre aberto nas formas rizotônicas e arrizotônicas, embora nestas últimas, naturalmente, ela se articule com menos intensidade. Assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavamos*, *lavais*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavemos*, *laveis*, *lavem* (sempre com o *a* tônico ou pretônico aberto).

No português de Portugal, porém, a vogal radical *a*, sujeita, nas formas arrizotônicas, ao fenômeno da redução vocálica, apresenta, regularmente, o timbre [ɑ]. Temos assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavem* (com *a*

tônico aberto [a]), mas *lavamos, lavais*; *lavemos, laveis*; *lavai* (com *a* pretônico semifechado [α]).

Quando a vogal radical é a nasal [α˜], grafada *an* ou *am*, não se registra qualquer alternância nem no português do Brasil nem no de Portugal, pois a vogal é sempre semifechada, como se disse no capítulo dedicado à Fonética. Assim: *canto, cante, cantamos, cantemos*, etc. (sempre com [α˜]).

Feitas essas considerações, examinemos os principais tipos de alternância vocálica dos verbos em que existem formas rizotônicas: O PRESENTE DO INDICATIVO, O PRESENTE DO SUBJUNTIVO, O IMPERATIVO AFIRMATIVO E O IMPERATIVO NEGATIVO.

De 1.ª conjugação

(Modelos: *levar* e *lograr*)

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
levo	leve	—	—
levas	leves	leva	não leves
leva	leve	leve	não leve
levamos	levemos	levemos	não levemos
levais	leveis	levai	não leveis
levam	levem	levem	não levem
logro	logre	—	—
logras	logres	logra	não logres
logra	logre	logre	não logre
logramos	logremos	logremos	não logremos
lograis	logreis	lograi	não logreis
logram	logrem	logrem	não logrem

Verificamos que, no primeiro, à vogal fechada [ə] do português normal de Portugal e à semifechada [e] do português normal do Brasil, que aparecem na 1.ª e 2.ª pessoas do plural, corresponde a semiaberta [ɛ] na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural. No segundo, há uma mutação semelhante: à vogal fechada [u] do português normal de Portugal e à semifechada [o] do português normal do Brasil, existentes nas formas arrizotônicas, corresponde a semiaberta [ɔ] nas formas rizotônicas.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *levar* os verbos da 1.ª conjugação que têm *e* gráfico[7] no radical, a menos que esta vogal:

a) faça parte do ditongo escrito *ei* — e pronunciado [ej] no português do Brasil e [ɑj] no português normal de Portugal —, como em *cheirar*, por exemplo: *cheiro*, *cheiras*, *cheira*, etc. (sempre com [e] ou [ɑ]);

b) esteja seguida de consoante nasal articulada ([m], [n] ou [ɲ]): *remo*, *remas*, *rema*, etc.; *ordeno*, *ordenas*, *ordena*, etc.; *empenho*, *empenhas*, *empenha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] antes de [ɲ] nas formas rizotônicas, e com [ə] nas arrizotônicas);

c) venha seguida de consoante palatal ([ʃ], [ʒ] ou [ʎ]: *fecho*, *fechas*, *fecha*, etc.; *desejo*, *desejas*, *deseja*, etc.; *aparelho*, *aparelhas*, *aparelha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] nas formas rizotônicas, e com [ə] nas arrizotônicas);

Apenas os verbos *invejar*, *embrechar*, *frechar* e *vexar*, dentre os que ao [e] segue uma consoante palatal, apresentam a vogal [ɛ] nas formas rizotônicas.

2.ª) Embora não se enquadre em nenhuma das exceções apontadas, o verbo *chegar* (e seus derivados, como *achegar*, *aconchegar*, etc.) conserva a vogal semifechada [e] em todas as formas rizotônicas.

3.ª) Seguem o modelo de *lograr* os verbos da 1.ª conjugação que têm *o* gráfico[7] no radical, salvo nos casos em que esta vogal:

a) faz parte do ditongo *oi* (seguido de consoante) e do antigo ditongo *ou*: *pernoito*, *pernoitas*, *pernoita*, etc.; *douro*, *douras*, *doura*, etc. (sempre com [o]);

b) antecede consoante nasal articulada ([m], [n], [ɲ]: *tomo*, *tomas*, *toma*, etc.; *leciono*, *lecionas*, *leciona*, etc.; *sonho*, *sonhas*, *sonha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [o]; no português de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas);

c) pertence a verbos terminados em *-oar*, como *voar*: *voo*, *voas*, *voa*, etc. (tanto no português do Brasil como no de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas.

4.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou *o* [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *tento*, *tentas*, *tenta*, etc.; *conto*, *contas*, *conta*, etc.

---

[7] Como dissemos, no português europeu normal, as vogais radicais escritas *o*, *e*, soam [ə], [u], nas formas arrizotônicas. Os infinitivos *levar* e *lograr* são, pois, pronunciados [lə'var] e [lu'grar].

De 2.ª conjugação

(Modelos: *dever e mover*)

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
devo	deva	—	—
deves	devas	deve	não devas
deve	deva	deva	não deva
devemos	devamos	devamos	não devamos
deveis	devais	devei	não devais
devem	devam	devam	não devam
movo	mova	—	—
moves	movas	move	não movas
move	mova	mova	não mova
movemos	movamos	movamos	não movamos
moveis	movais	movei	não movais
movem	movam	movam	não movam

Verificamos que:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal semifechada [e] e [o] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] e [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a distinção entre as vogais átonas fechadas [ə] e [u] do português de Portugal e as semifechadas [e] e [o] do português do Brasil.

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, o português do Brasil mantém em todas as formas a vogal [e] ou [o], conservada no português de Portugal somente nas formas rizotônicas, pois nas arrizotônicas se dá a redução normal a [ə] ou [u].

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ]; no português do Brasil, a 2.ª pessoa do plural, forma arrizotônica, e as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal semifechada [e] ou [o] deste tempo; no português de Portugal, as formas rizotônicas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO mantêm a vogal semifechada [e] ou [u], mas as formas arrizotônicas apresentam a redução a [ə] ou [u].

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *dever* os verbos da 2.ª conjugação que têm *e* gráfico no radical, com exceção:

a) do verbo *querer*, cujo PRESENTE DO SUBJUNTIVO é irregular (*queira*, *queiras*, etc.) e que, no PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta todas as formas rizotônicas com *e* semiaberto [ɛ]: *quero*, *queres*, *quer*, *querem*.
b) no português do Brasil, dos verbos em que o *e* antecede uma consoante nasal, como *temer*: *temo*, *temes*, *teme*, etc. (sempre com [e]); no português de Portugal estes verbos seguem o modelo de *dever*.

2.ª) Seguem o modelo de *mover* os verbos da 2.ª conjugação que têm *o* gráfico no radical, com exceção:
a) do verbo *poder*, em que a vogal semiaberta [ɔ] aparece também na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *posso*, *podes*, *pode*, *podem*; *possa*, *possas*, *possa*, *possam*;
b) no português do Brasil, dos verbos em que o *o* antecede consoante nasal, a exemplo de *comer*: *como*, *comes*, *come*, etc. (sempre com [o]); no português normal de Portugal estes verbos seguem o modelo de *mover*.

Note-se que em algumas regiões do Brasil os verbos em que o *o* do radical antecede consoante nasal seguem também o modelo de *mover*.

3.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *encho*, *enches*, *enche*, etc.; *rompo*, *rompes*, *rompe*, etc.

De 3.ª conjugação

(Modelos: *servir e dormir)*

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
sirvo	sirva	—	—
serves	sirvas	serve	não sirvas
serve	sirva	sirva	não sirva
servimos	sirvamos	sirvamos	não sirvamos
servis	sirvais	servi	não sirvais
servem	sirvam	sirvam	não sirvam
durmo	durma	—	—
dormes	durmas	dorme	não durmas
dorme	durma	durma	não durma
dormimos	durmamos	durmamos	não durmamos
dormis	durmais	dormi	não durmais
dormem	durmam	durmam	não durmam

Notamos que, nesses verbos, as vogais do radical alternam de modo ainda mais sensível.

Assim:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal fechada [i] ou [u] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a redução vocálica normal a [ə] ou [u] no português europeu e uma oscilação entre [e/i] ou [o/u] no português do Brasil, com predominância da vogal fechada [i] ou [u] por influência assimilatória da vogal tônica;

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, derivado da 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, mantêm-se em todas as formas as vogais daquela pessoa, [i] ou [u], conforme o caso;

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal [ɛ] ou [ɔ]; a 2.ª do plural, em consonância com a do PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta a vogal [ə] ou [u], no português de Portugal, e [e/i] ou [o/u], no português do Brasil; as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal [i] ou [u] deste tempo.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *servir* os verbos da 3.ª conjugação que têm *e* gráfico no INFINITIVO. Assim:

aderir	conferir	digerir	ingerir	repelir
advertir	convergir	discernir	inserir	repetir
aferir	deferir	divergir	preferir	seguir
compelir	desferir	ferir	referir	sugerir
competir	despir	inferir	refletir	vestir

e também *mentir* e *sentir*.

Excetuam-se, no entanto:

a) os verbos *medir*, *pedir*, *despedir* e *impedir*, que apresentam *e* semiaberto [ɛ] em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO e, por conseguinte, nas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO: *meço*, *medes*, *mede*, *medem*; *meça*, *meças*, *meça*, *meçam*, etc.; *peço*, *pedes*, *pede*, *pedem*; *peça*, *peças*, *peça*, *peçam*, etc.

b) os verbos *agredir*, *denegrir*, *prevenir*, *progredir*, *regredir* e *transgredir*, que apresentam [i] nas quatro formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO, em todo o

PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas formas dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO dele derivadas:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
agrido	agrida	—	—
agrides	agridas	agride	não agridas
agride	agrida	agrida	não agrida
agredimos	agridamos	agridamos	não agridamos
agredis	agridais	agredi	não agridais
agridem	agridam	agridam	não agridam

2.ª) Seguem o modelo de *dormir* os verbos da 3.ª conjugação que tem *o* gráfico no INFINITIVO: *tossir*, *engolir*, *cobrir* (e seus derivados, como *descobrir*, *encobrir* e *recobrir*). Excetuam-se, porém:

a) os verbos em que o *o* corresponde ao antigo ditongo [ew], caso em que se conserva como [e] em toda a conjugação: *ouço*, *ouves*, *ouve*, etc.;
b) os verbos *polir* e *sortir*, que apresentam [u] nas formas rizotônicas, formas, aliás, de pouco uso: *pulo*, *pules*, *pule*, *pulem*; *surto*, *surtes*, *surte*, *surtem*.

Modelos: *frigir* e *acudir*

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
frijo	frija	—	—
freges	frijas	frege	não frijas
frege	frija	frija	não frija
frigimos	frijamos	frijamos	não frijamos
frigis	frijais	frigi	não frijais
fregem	frijam	frijam	não frijam
acudo	acuda	—	—
acodes	acudas	acode	não acudas
acode	acuda	acuda	não acuda
acudimos	acudamos	acudamos	não acudamos
acudis	acudais	acudi	não acudais
acodem	acudam	acudam	não acudam

Vemos que, embora tenham [i] e [u] no radical, os verbos *frigir* e *acudir* se comportam como se fossem verbos com *e* e *o* gráficos no INFINITIVO, conjugando-se nos quatro tempos mencionados pelos modelos de *servir* e *dormir*.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *acudir* os seguintes verbos:

bulir	cuspir	fugir	subir
consumir	escapulir	sacudir	sumir

Na língua corrente é também esta a conjugação dos verbos *entupir* e *desentupir*, que num registro mais culto apresentam, por vezes, as formas regulares *entupo*, *entupes*, *entupe*, *entupem*; *desentupo*, *desentupes*, *desentupe*, *desentupem*.

2.ª) Os verbos *construir*, *destruir* e *reconstruir*, dependendo de uma maior ou menor formalização da linguagem, podem ser conjugados: *construo*, *construis* ou *constróis*, *construi* ou *constrói*, *construem* ou *constroem*, etc. Os outros derivados do latim *struĕre*, como *instruir* e *obstruir*, só conhecem a conjugação regular: *instruo*, *instruis*, *instrui*, *instruem*; *obstruo*, *obstruis*, *obstrui*, *obstruem*.

3.ª) Não apresentam alternância vocálica, isto é, conservam o [u] do radical em toda a conjugação, entre outros menos usuais, os verbos:

aludir	curtir	influir	resumir
assumir	iludir	presumir	urdir

e seus derivados.

Pelo modelo de *influir* conjugam-se os demais verbos terminados em *-uir*: *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *instituir*, *restituir*, *redarguir* e *ruir*.

4.ª) Os verbos *aspergir* e *submergir* têm *e* semifechado [e] na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural, a exemplo de *servir*, apresentam *e* semiaberto [ɛ].

Outros tipos de irregularidade

1.ª conjugação

Embora seja a mais rica em número de verbos, a 1.ª conjugação é a mais pobre em número de verbos irregulares. Além de *estar*, cuja conjugação estudamos, há apenas os seguintes:

Dar

Apresenta irregularidades nestes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
dou	dei	dera
dás	deste	deras
dá	deu	dera
damos	demos	déramos
dais	destes	déreis
dão	deram	deram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
dê	desse	der
dês	desses	deres
dê	desse	der
demos	déssemos	dermos
deis	désseis	derdes
deem	dessem	derem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
dá	não dês
dê	não dê
demos	não demos
dai	não deis
deem	não deem

No mais, conjuga-se como um verbo regular da 1.ª conjugação.

Note-se que o derivado *circundar* não apresenta nenhuma destas irregularidades. Segue em tudo o paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

Verbos terminados em *-ear* e *-iar*

1. Os verbos terminados em *-ear* recebem *i* depois do *e* nas formas rizotônicas. Sirva de exemplo o verbo *passear*, que assim se conjuga no PRESENTE DO INDICATIVO, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
passeio	passeie	—	—
passeias	passeies	passeia	não passeies
passeia	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeeis	passeai	não passeeis
passeiam	passeiem	passeiem	não passeiem

2. Os verbos terminados em *-iar* são, em geral, regulares. Sirva de modelo o verbo *anunciar*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
anuncio	anuncie	—	—
anuncias	anuncies	anuncia	não anuncies
anuncia	anuncie	anuncie	não anuncie
anunciamos	anunciemos	anunciemos	não anunciemos
anunciais	anuncieis	anunciai	não anuncieis
anunciam	anunciem	anunciem	não anunciem

Observação:

O verbo *mobiliar* (do português do Brasil) apresenta, nas formas rizotônicas, o acento na sílaba *bi*: PRESENTE DO INDICATIVO: *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobíliam*; PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, *mobíliem*; etc. Mas, em verdade, tal anomalia é mais gráfica do que fonética. Este verbo também se escreve *mobilhar*, variante gráfica admitida pelo Vocabulário Oficial e que melhor reproduz a sua pronúncia corrente. Advirta-se, ainda, que em Portugal a forma preferida é *mobilar*, conjugada regularmente.

3. Por analogia com os verbos em *-ear* (já que na pronúncia se confundem o *e* e o *i* reduzidos), cinco verbos de infinitivo em *-iar* mudam o [i] em [ej] nas formas rizotônicas. São eles: *ansiar*, *incendiar*, *mediar*, *odiar* e *remediar*. Tomemos, como exemplo, o verbo *incendiar*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
incendeio	incendeie	—	—
incendeias	incendeies	incendeia	não incendeies
incendeia	incendeie	incendeie	não incendeie
incendiamos	incendiemos	incendiemos	não incendiemos
incendiais	incendieis	incendiai	não incendieis
incendeiam	incendeiem	incendeiem	não incendeiem

Os demais verbos em *-iar* são regulares na língua culta do Brasil.

4. Finalmente, há um grupo de verbos em *-iar* que, no português de Portugal e na língua popular do Brasil, não seguem uma norma fixa, antes vacilam entre os modelos de *anunciar* e *incendiar*. São, entre outros, os verbos *agenciar*, *comerciar*, *negociar*, *obsequiar*, *premiar* e *sentenciar*.

Observações:

1.ª) *Criar*, em qualquer acepção, conjuga-se como verbo regular em *-iar*: *crio*, *crias*, *cria*, *criamos*, etc.

2.ª) Convém distinguir, cuidadosamente, certos verbos terminados em *-ear* e *-iar*, de forma muito parecida, mas de sentido diverso. Entre outros: *afear* (relacionado com *feio*) e *afiar* (relacionado com *fio*), *enfrear* (relacionado com *freio*) e *enfriar* (com *frio*), *estear* (relacionado com *esteio*) e *estiar* (com *estio*), *estrear* (relacionado com *estreia*) e *estriar* (com *estria*), *mear* (relacionado com *meio*) e *miar* (com *mio*, *miado*), *pear* (relacionado com *peia*) e *piar* (com *pio*), *vadear* (relacionado com *vau*) e *vadiar* (com *vadio*).

2.ª conjugação

Além dos verbos *haver*, *ser* e *ter*, já conhecidos, devem ser mencionados os seguintes:

Caber

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, irregularidades que se transmitem às formas deles derivadas.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	coubera
cabemos	coubemos	coubéramos
cabeis	coubestes	coubéreis
cabem	couberam	couberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
caibam	coubessem	couberem

Observação:

No sentido próprio este verbo não admite IMPERATIVO.

Crer e ler

São irregulares no PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
creio	creia	—	—
crês	creias	crê	não creias
crê	creia	creia	não creia
cremos	creiamos	creiamos	não creiamos
credes	creiais	crede	não creiais
creem	creiam	creiam	não creiam
leio	leia	—	—
lês	leias	lê	não leias
lê	leia	leia	não leia
lemos	leiamos	leiamos	não leiamos
ledes	leiais	lede	não leiais
leem	leiam	leiam	não leiam

Observação:

Assim também se conjugam os derivados destes verbos, como *descrer*, *reler*, etc.

Dizer

Apenas o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares neste verbo. Estas as suas formas simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
digo	dizia	disse
dizes	dizias	disseste
diz	dizia	disse
dizemos	dizíamos	dissemos
dizeis	dizíeis	dissestes
dizem	diziam	disseram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
dissera	direi	diria
disseras	dirás	dirias
dissera	dirá	diria
disséramos	diremos	diríamos
disséreis	direis	diríeis
disseram	dirão	diriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
diga	dissesse	disser
digas	dissesses	disseres
diga	dissesse	disser
digamos	disséssemos	dissermos
digais	dissésseis	disserdes
digam	dissessem	disserem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
dize	não digas
diga	não diga
digamos	não digamos
dizei	não digais
digam	não digam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
dizer	dizer dizeres dizer dizermos dizerdes dizerem	dizendo	dito

Observação:

Segundo o modelo de *dizer* conjugam-se os verbos dele formados: *bendizer*, *desdizer*, *contradizer*, *maldizer*, *predizer*, etc.

Fazer

Também neste verbo só o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares. As formas simples conjugam-se:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
faço	fazia	fiz
fazes	fazias	fizeste
faz	fazia	fez
fazemos	fazíamos	fizemos
fazeis	fazíeis	fizestes
fazem	faziam	fizeram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
fizera	farei	faria
fizeras	farás	farias
fizera	fará	faria
fizéramos	faremos	faríamos
fizéreis	fareis	faríeis
fizeram	farão	fariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
faça	fizesse	fizer
faças	fizesses	fizeres
faça	fizesse	fizer
façamos	fizéssemos	fizermos
façais	fizésseis	fizerdes
façam	fizessem	fizerem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
faze	não faças
faça	não faça
façamos	não façamos
fazei	não façais
façam	não façam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
fazer	fazer fazeres fazer fazermos fazerdes fazerem	fazendo	feito

Observação:

Por *fazer* se conjugam os seus compostos e derivados, como *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer* e *satisfazer*.

Perder

Oferece irregularidade no PRESENTE DO INDICATIVO e esta se transmite às formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

Eis as suas formas irregulares:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
perco	perca	—	—
perdes	percas	perde	não percas
perde	perca	perca	não perca
perdemos	percamos	percamos	não percamos
perdeis	percais	perdei	não percais
perdem	percam	percam	não percam

Poder

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e, em consequência, nas formas derivadas destes dois tempos:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
posso	pude	pudera
podes	pudeste	puderas
pode	pôde	pudera
podemos	pudemos	pudéramos
podeis	pudestes	pudéreis
podem	puderam	puderam

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
possa	pudesse	puder
possas	pudesses	puderes
possa	pudesse	puder
possamos	pudéssemos	pudermos
possais	pudésseis	puderdes
possam	pudessem	puderem

Observação:

É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

Pôr

Pôr, forma contrata do antigo *poer* (ou *põer*, derivado do latim *ponere*), é o único verbo da língua que tem o INFINITIVO irregular.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
ponho	punha	pus
pões	punhas	puseste
põe	punha	pôs
pomos	púnhamos	pusemos
pondes	púnheis	pusestes
põem	punham	puseram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
pusera	porei	poria
puseras	porás	porias
pusera	porá	poria
puséramos	poremos	poríamos
puséreis	poreis	poríeis
puserem	porão	poriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
ponha	pusesse	puser
ponhas	pusesses	puseres
ponha	pusesse	puser
ponhamos	puséssemos	pusermos
ponhais	puséssseis	puserdes
ponham	pusessem	puserem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
põe	não ponhas
ponha	não ponha
ponhamos	não ponhamos
ponde	não ponhais
ponham	não ponham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
pôr	pôr pores pôr pormos pordes porem	pondo	posto

Observações:

1.ª) *Pôr* (antigo *poer*) é um verbo anômalo da 2.ª conjugação, que perdeu sua vogal *-e-* no INFINITIVO PESSOAL e em outros tempos. Esta vogal conservou-se, no entanto, em várias formas do verbo: *pus-e-ste*, *pus-e-mos*, *pus-e-ra*, *pus-e-sse*, etc.

2.ª) Pelo paradigma de *pôr* se conjugam todos os seus derivados: *antepor*, *apor*, *compor*, *contrapor*, *decompor*, *depor*, *descompor*, *dispor*, *expor*, *impor*, *opor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*, etc.

3.ª) Pela anomalia que este verbo apresenta no INFINITIVO, certos gramáticos preferem incluí-lo numa 4.ª conjugação, que seria formada por ele e seus derivados.

Prazer

Empregado apenas na 3.ª pessoa, este verbo apresenta as seguintes formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
praz	prouve	prouvera

MODO SUBJUNTIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
prouvesse	prouver

Observações:

1.ª) As outras formas, inclusive o PRESENTE DO SUBJUNTIVO (= *praza*), são regulares. Por *prazer* se conjugam *aprazer* e *desprazer*.

2.ª) O derivado *comprazer*, além de não ser unipessoal, é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical. Assim, *comprazi*, *comprazeste*, *comprazeu*, etc.; *comprazera*, *comprazeras*, *comprazera*, etc.; *comprazesse*, *comprazesses*, *comprazesse*, etc.; *comprazer*, *comprazeres*, *comprazer*, etc.

Querer

Oferece irregularidades nos seguintes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
quero	quis	quisera
queres	quiseste	quiseras
quer	quis	quisera
queremos	quisemos	quiséramos
quereis	quisestes	quiséreis
querem	quiseram	quiseram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
queira	quisesse	quiser
queiras	quisesses	quiseres
queira	quisesse	quiser
queiramos	quiséssemos	quisermos
queirais	quisésseis	quiserdes
queiram	quisessem	quiserem

Observações:

1.ª) A par de *quer*, 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO, emprega-se também *quere* no português europeu, quando a forma verbal vem acompanhada de um pronome enclítico: *quere-a*.

2.ª) É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

3.ª) O derivado *requerer* faz *requeiro* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical: *requeri*, *requereste*, *requereu*, etc.; *requerera*, *requereras*, *requerera*, etc.; *requeresse*, *requeresses*, *requeresse*, etc.; *requerer*, *requereres*, *requerer*, etc. Além disso, emprega-se no IMPERATIVO.

4.ª) *Bem-querer* e *malquerer* fazem no PARTICÍPIO *benquisto* e *malquisto*, respectivamente.

Saber

Formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
sei	soube	soubera
sabes	soubeste	souberas
sabe	soube	soubera
sabemos	soubemos	soubéramos
sabeis	soubestes	soubéreis
sabem	souberam	souberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
saiba	soubesse	souber
saibas	soubesses	souberes
saiba	soubesse	souber
saibamos	soubéssemos	soubermos
saibais	soubésseis	souberdes
saibam	soubessem	souberem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
sabe	não saibas
saiba	não saiba
saibamos	não saibamos
sabei	não saibais
saibam	não saibam

Trazer

É regular apenas no PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e nas FORMAS NOMINAIS.

Esta a sua conjugação:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
trago	trazia	trouxe
trazes	trazias	trouxeste
traz	trazia	trouxe
trazemos	trazíamos	trouxemos
trazeis	trazíeis	trouxestes
trazem	traziam	trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
trouxera	trarei	traria
trouxeras	trarás	trarias
trouxera	trará	traria
trouxéramos	traremos	traríamos
trouxéreis	trareis	traríeis
trouxeram	trarão	trariam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
traga	trouxesse	trouxer
tragas	trouxesses	trouxeres
traga	trouxesse	trouxer
tragamos	trouxéssemos	trouxermos
tragais	trouxésseis	trouxerdes
tragam	trouxessem	trouxerem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
traze	não tragas
traga	não traga
tragamos	não tragamos
trazei	não tragais
tragam	não tragam

Sobre a complexa morfologia de *trazer*, e em particular sobre as variadas formas de pretérito perfeito que ainda se conservam na linguagem popular, consultem-se especialmente F. Adolfo Coelho. *Theoria da conjugação em latim e portuguez.* Lisboa, s./e., 1870, p. 109-110; Joseph M. Piel. A flexão verbal do português. Separata de *Biblos*, XX. Coimbra, 1945, p. 24, 37, 38 passim. Uma bibliografia sobre o tema pode ler-se em Celso Cunha. *Cancioneiro de Martin Codax.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1956, p. 171.

Valer

Apresenta irregularidade na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, irregularidade que se transmite ao PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às formas do IMPERATIVO dele derivadas. Assim:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
valho	valha	—	—
vales	valhas	vale	não valhas
vale	valha	valha	não valha
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos
valeis	valhais	valei	não valhais
valem	valham	valham	não valham

Observação:

Por *valer* se conjugam *desvaler* e *equivaler*.

Ver

É irregular no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, nas formas deles derivadas, assim como no PARTICÍPIO, que é *visto*.

Enumeremos tais formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
veem	viram	viram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
veja	visse	vir
vejas	visses	vires
veja	visse	vir
vejamos	víssemos	virmos
vejais	vísseis	virdes
vejam	vissem	virem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
vê	não vejas
veja	não veja
vejamos	não vejamos
vede	não vejais
vejam	não vejam

Observações:

1.ª) Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*.

2.ª) *Prover*, embora formado de *ver*, é regular no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e nas formas dele derivadas: *provi*, *proveste*, *proveu*, etc.; *provera*, *proveras*, *provera*, etc.; *provesse*, *provesses*, *provesse*, etc.; *prover*, *proveres*, *prover*, etc. O PARTICÍPIO é *provido*, também regular.

Por *prover* conjuga-se o seu derivado *desprover*.

3.ª conjugação

Excluídos os que sofrem apenas mutação da vogal do radical, que estudamos no início deste capítulo, restam ainda alguns verbos da 3.ª conjugação cujas irregularidades devem ser conhecidas. São eles:

Ir

É verbo anômalo, somente regular no PRETÉRITO IMPERFEITO, no FUTURO DO PRESENTE e no FUTURO DO PRETÉRITO do MODO INDICATIVO: *ia*, *irei*, *iria*; nas FORMAS NOMINAIS — INFINITIVO: *ir*; GERÚNDIO: *indo*; PARTICÍPIO: *ido*.

Suas formas do PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e dos tempos dele derivados identificam-se com as correspondentes do verbo *ser*: *fui*, *fora*, *fosse* e *for*.

Nos demais tempos simples é assim conjugado:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
vou	vá	—	—
vais	vás	vai	não vás
vai	vá	vá	não vá
vamos	vamos	vamos	não vamos
ides	vades	ide	não vades
vão	vão	vão	não vão

Medir e Pedir

Além da alternância vocálica entre as formas rizotônicas e arrizotônicas, estes verbos apresentam modificação do radical *med-* e *ped-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
meço	meça	—	—
medes	meças	mede	não meças
mede	meça	meça	não meça
medimos	meçamos	meçamos	não meçamos
medis	meçais	medi	não meçais
medem	meçam	meçam	não meçam
peço	peça	—	—
pedes	peças	pede	não peças
pede	peça	peça	não peça
pedimos	peçamos	peçamos	não peçamos
pedis	peçais	pedi	não peçais
pedem	peçam	peçam	não peçam

Observações:

1.ª) Por *medir* conjuga-se *desmedir*.

2.ª) Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir*, etc.

Ouvir

Irregularidade semelhante à anterior. O radical *ouv-* muda-se em *ouç-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Assim:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
ouço	ouça	—	—
ouves	ouças	ouve	não ouças
ouve	ouça	ouça	não ouça
ouvimos	ouçamos	ouçamos	não ouçamos
ouvis	ouçais	ouvi	não ouçais
ouvem	ouçam	ouçam	não ouçam

Observação:

Em Portugal, ao lado de *ouço*, há *oiço* para a 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO. Esta dualidade fonética estende-se a todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às pessoas do IMPERATIVO dele derivadas: *ouça* ou *oiça*, *ouças* ou *oiças*, etc.

Rir

Apresenta irregularidades nos seguintes tempos:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
rio	ria	—	—
ris	rias	ri	não rias
ri	ria	ria	não ria
rimos	riamos	riamos	não riamos
rides	riais	ride	não riais
riem	riam	riam	não riam

Pelo modelo de *rir* conjuga-se *sorrir*.

Vir

É verbo anômalo, assim conjugado nos tempos simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
venho	vinha	vim
vens	vinhas	vieste
vem	vinha	veio
vimos	vínhamos	viemos
vindes	vínheis	viestes
vêm	vinham	vieram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
viera	virei	viria
vieras	virás	virias
viera	virá	viria
viéramos	viremos	viríamos
viéreis	vireis	viríeis
vieram	virão	viriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
venha	viesse	vier
venhas	viesses	vieres
venha	viesse	vier
venhamos	viéssemos	viermos
venhais	viésseis	vierdes
venham	viessem	vierem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
vem	não venhas
venha	não venha
venhamos	não venhamos
vinde	não venhais
venham	não venham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
vir	vir vires vir virmos virdes virem	vindo	vindo

Observação:

Por este verbo se conjugam todos os seus derivados, como *advir*, *avir*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir* e *sobrevir*.

Verbos terminados em *-uzir*

Os verbos assim terminados, como *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *induzir*, *introduzir*, *luzir*, *produzir*, *reduzir*, *reluzir*, *traduzir*, etc., não apresentam a vogal *-e* na 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO: (ele) *aduz*, *conduz*, *deduz*, *induz*, *introduz*, etc.

Verbos de particípio irregular

Há alguns verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação que possuem apenas particípio irregular, não tendo conhecido jamais a forma regular em *-ido*. São os seguintes:

INFINITIVO	PARTICÍPIO	INFINITIVO	PARTICÍPIO
dizer	dito	pôr	posto
escrever	escrito	abrir	aberto
fazer	feito	cobrir	coberto
ver	visto	vir	vindo

Observações:

1.ª) Também os derivados destes verbos apresentam somente o particípio irregular. Assim, *desdito*, de *desdizer*; *reescrito*, de *reescrever*; *contrafeito*, de *contrafazer*; *previsto*, de *prever*; *imposto*, de *impor*; *entreaberto*, de *entreabrir*; *descoberto*, de *descobrir*; *convindo*, de *convir*, etc.

2.ª) *Desabrido* não é particípio regular de *desabrir*, mas forma reduzida de *dessaborido*, "sem sabor", provavelmente de origem espanhola. Usa-se apenas como adjetivo, na acepção de "rude", "violento", "descontrolado": *palavras* ***desabridas***, *ventos* ***desabridos***, *discurso* ***desabrido***.

3.ª) Neste grupo devemos incluir três verbos da 1.ª conjugação — *ganhar*, *gastar* e *pagar* — de que outrora se usavam normalmente os dois particípios. Na linguagem atual preferem-se, tanto nas construções com o auxiliar *ser* como naquelas em que entra o auxiliar *ter*, as formas irregulares *ganho*, *gasto* e *pago*, sendo que a última substituiu completamente o antigo *pagado*.

Verbos abundantes

Vimos que são chamados ABUNDANTES os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. Vimos também que, na quase totalidade dos casos, essa abundância ocorre apenas no PARTICÍPIO, o qual, em certos verbos, se apresenta com uma forma reduzida ou anormal ao lado da forma regular em *-ado* ou *-ido*.

De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da VOZ ATIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver*; a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos da VOZ PASSIVA, ou seja, acompanhada do auxiliar *ser*.

Examinemos os principais verbos ABUNDANTES no particípio.

De 1.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito, aceite
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago

De 2.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
suspender	suspendido	suspenso

De 3.ª conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
emergir	emergido	emerso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

Observações:

1.ª) Somente as formas irregulares se usam como adjetivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*.

2.ª) A forma *aceite* é mais usada em Portugal.

3.ª) *Morto* é particípio de *morrer* e estendeu-se também a *matar*.

4.ª) O particípio *rompido* usa-se também com o auxiliar *ser*. Ex.: ***Foram rompidas*** *nossas relações. Roto* emprega-se mais como adjetivo.

5.ª) *Imprimir* possui duplo particípio quando significa "estampar", "gravar". Na acepção de "produzir movimento", "infundir", usa-se apenas o particípio em *-ido*. Dir-se-á, por exemplo: *Este livro* ***foi impresso*** *no Brasil*. Mas, por outro lado: ***Foi imprimida*** *enorme velocidade ao carro.*

6.ª) Pelo modelo de *entregue*, formou-se *empregue*, de uso frequente em Portugal e na linguagem popular do Brasil.

7.ª) Muitos particípios irregulares, que outrora serviam para formar tempos compostos, caíram em desuso. Entre outros, estão nesse caso: *cinto*, do verbo *cingir*; *colheito* do verbo *colher*; *despeso*, do verbo *despender*. Alguns, como *absoluto* (de *absolver*) e *resoluto* (de *resolver*), continuam na língua, mas com valor de adjetivos.

Verbos impessoais, unipessoais e defectivos

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.

As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como *chover*, *trovejar*, *ventar*, só aparecem na 3.ª pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir*, *ladrar*, *zurrar*, normalmente só se empregam na 3.ª pessoa do singular e do plural.

Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos UNIPESSOAIS.

Outras vezes o desuso de uma forma verbal é ocasionado por sua pronúncia desagradável ou por prestar-se a confusão com uma forma de outro verbo, de emprego mais frequente. A razões de ordem eufônica atribui-se, por exemplo, a falta da 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, de todas as pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *abolir*; pela homofonia com formas do verbo *falar*, justifica-se a inexistência das formas rizotônicas do verbo *falir*. Mas, como a própria caracterização do que é agradável ou desagradável ao ouvido é sempre difícil, pois está condicionada ao gosto pessoal, há frequentes discordâncias entre os gramáticos em estabelecer os casos de lacuna verbal aconselhados por motivos eufônicos. Não raro, não se vislumbra mesmo razão maior do que o simples desuso de uma forma para que ela continue sendo evitada pelos que falam ou escrevem.

Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada pelo uso damos o nome de DEFECTIVOS.

Verbos impessoais

Não tendo sujeito, os VERBOS IMPESSOAIS são invariavelmente usados na 3.ª pessoa do singular. Assim:

a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como:

alvorecer	chover	nevar	saraivar
amanhecer	chuviscar	orvalhar	trovejar
anoitecer	estiar	relampejar	ventar

b) o verbo *haver* na acepção de "existir" e o verbo *fazer* quando indica tempo decorrido:

Houve momentos de pânico.
Faz cinco anos que não o vejo.

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo:

Basta de provocações!
Chega de lamúrias.
Dói-me do lado esquerdo.

Verbos unipessoais

São, como dissemos, UNIPESSOAIS os verbos que, pelo sentido, só admitem um sujeito da 3.ª pessoa do singular ou do plural.

Assim:

a) os verbos que exprimem uma ação ou um estado peculiar a determinado animal, como *ladrar*, *rosnar*, *galopar*, *trotar*, *pipilar*, *zurrar*:

> **Zumbem** à porta insetos variegados.
> Os periquitos verdes **grazinavam**.
> Os sapos **coaxavam** nas águas mortas.
> Borboletas tontas **esvoaçavam** de ramo em ramo.
> Os potros **galopavam** incontidos.

b) os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando têm por sujeito um substantivo, ou uma oração substantiva, seja reduzida de infinitivo, seja iniciada pela integrante *que*:

> **Urgem** as providências prometidas.
> **Convém** sair mais cedo.
> **Pareceu**-me que ele chorava.

c) os verbos *acontecer*, *concernir*, *grassar* e outros, como *constar* (= ser constituído), *assentar* (= ajustar uma vestimenta), etc.:

> **Aconteceu** o que eu esperava.
> O exemplo não **concerne** ao caso.
> As epidemias **grassavam** na região.
> O livro **consta** de duas partes.
> Os vestidos **assentaram**-lhe bem.

Observação:

É claro que, em sentido figurado, tanto os verbos que exprimem fenômenos da natureza como os que designam vozes de animais podem aparecer em todas as pessoas.

Vejam-se estes exemplos literários:

> Os oficiais **anoiteceram** e não **amanheceram** na propriedade.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 70.)

> Tanto **ladras**, **rosnei** com os meus botões, que trincas a língua.
> (A. Ribeiro, *ES*, 189.)

Por outro lado, convém ter presente que, nos casos de personificação, como as fábulas, tais verbos podem ser empregados, com o significado próprio, em todas as pessoas.

Verbos defectivos

Os VERBOS DEFECTIVOS, em sua grande maioria pertencentes à 3.ª conjugação, podem ser distribuídos por dois grupos principais:

1.º grupo. Verbos que não possuem a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem as formas do IMPERATIVO que delas se derivam, isto é, todas as do IMPERATIVO NEGATIVO e três do IMPERATIVO AFIRMATIVO: a 3.ª pessoa do singular e a 1.ª e 3.ª do plural.

Sirva de exemplo o verbo *banir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
banes	—	bane	—
bane	—	—	—
banimos	—	—	—
banis	—	bani	—
banem	—	—	—

Pelo modelo de *banir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos:

abolir	carpir	exaurir	imergir
aturdir	colorir	fremir	jungir
brandir	demolir	fulgir	retorquir
brunir	emergir	haurir	ungir

2.º grupo. Verbos que, no PRESENTE DO INDICATIVO, só se conjugam nas formas arrizotônicas e não possuem, portanto, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem do IMPERATIVO NEGATIVO; e, no IMPERATIVO AFIRMATIVO, apresentam apenas a 2.ª pessoa do plural.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Pelo modelo de *falir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos da 3.ª conjugação:

aguerrir	delinquir	empedernir	puir
combalir	descomedir-se	foragir-se	remir
comedir-se	embair	fornir	renhir

bem como o verbo *adequar* da 1.ª conjugação, e *precaver-se* e *reaver*, da 2.ª.

Outros casos de defectividade

1. Os verbos *adequar* e *antiquar* usam-se quase que exclusivamente no INFINITIVO PESSOAL e no PARTICÍPIO. *Transir* só aparece no PARTICÍPIO *transido*:

   Estava **transido** de frio.

2. *Soer* praticamente só se emprega nas seguintes formas: *sói*, *soem* (do PRESENTE DO INDICATIVO) e *soía*, *soías*, *soía*, *soíamos*, *soíeis*, *soíam* (do IMPERFEITO DO INDICATIVO).

3. *Precaver-se*, como dissemos, só possui as formas arrizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO: *precavemo-nos*, *precaveis-vos*; a 2.ª pessoa do plural do IMPERATIVO AFIRMATIVO: *precavei-vos*; e nenhuma do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e do IMPERATIVO NEGATIVO. É um verbo regular, não dependendo nem de *ver*, nem de *vir*. Faz, por conseguinte, *precavi-me*, *precaveste-te*, *precaveu-se*, etc., no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO; *precavesse-me*, *precavesses-te*, *precavesse-se*, etc., no IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, de acordo com o paradigma dos verbos da 2.ª conjugação.

4. *Haver*, mesmo quando pessoal, não se usa na 2.ª pessoa do singular do IMPERATIVO AFIRMATIVO.

5. Há certos verbos que são desusados no PARTICÍPIO e, consequentemente, nos tempos compostos. É o caso de *concernir*, *esplender* e alguns mais.

Substitutos dos defectivos

As carências de um VERBO DEFECTIVO podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perífrases sinônimas. Diremos, por exemplo, *redimo* e *abro falência*, em lugar da lacunosa primeira pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *remir* e *falir*; *acautelo-me*, ou *precato-me*, pela equivalente pessoa de *precaver-se*; e assim por diante.

SINTAXE DOS MODOS E DOS TEMPOS

Entende-se por MODO, como vimos, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e, por TEMPO, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.

MODO INDICATIVO

Com o MODO INDICATIVO exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal.

Emprego dos tempos do indicativo

Presente

O PRESENTE DO INDICATIVO emprega-se:

1.º) para enunciar um fato atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (PRESENTE MOMENTÂNEO):

> **Cai** chuva. **É** noite. Uma pequena brisa
> **Substitui** o calor.
> (F. Pessoa, *OP*, 474.)

> O céu **está** limpo, não **há** nenhuma nuvem acima de nós.
> (R. Braga, *CR*, 51.)

2.º) para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados, como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (PRESENTE DURATIVO):

> A Terra **gira** em torno do próprio eixo.

> Deus **é** Pai! Pai de toda a criatura:
> E a todo o ser o seu amor **assiste**:
> De seus filhos o mal sempre **é lembrado**...
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> A lei não **distingue** entre nacionais e estrangeiros quanto à aquisição e ao gozo dos direitos civis.
> (*Código Civil Brasileiro*, Art. 3.º)

3.º) para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (PRESENTE HABITUAL OU FREQUENTATIVO):

> **Sou** tímido: quando me vejo diante de senhoras, **emburro**, **digo** besteiras.
> (G. Ramos, *A*, 31.)

> **Como** pouquíssimo...
> (M. Torga, *V*, 50.)

4.º) para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO), como nesta descrição de um carnaval antigo, inserta num romance de Marques Rebelo:

> A Avenida **é** o mar dos foliões. Serpentinas **cortam** o ar carregado de éter, **rolam** das sacadas, **pendem** das árvores e dos fios, **unem** com os seus matizes os automóveis do corso. "**Sai** da frente! **Sai** da frente!" — o grupo dos cartolas **empurra** para passar, com a corneta que **arrebenta** os ouvidos. O chão **é** um espesso tapete de confetes. **Há** uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos...
> E o corso movimentava-se vagarosamente com estampidos de motores.
> (*M*, 48 e 51.)

5.º) para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

> Amanhã mesmo **vou** para Belo Horizonte e lá **pego** o avião do Rio.
> (A. Callado, *MC*, 19.)

> Outro dia eu **volto**, talvez depois de amanhã, ou na primavera.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 277.)

Valores afetivos

1. Ao empregarmos o PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO (denominações provenientes do seu tradicional e largo uso nas narrativas históricas), imaginamo-nos no passado, visualizando os fatos que descrevemos ou narramos. É um processo de dramatização linguística de alta eficiência, se utilizado de forma adequada e sóbria, pois que o seu valor expressivo decorre da

aparente impropriedade, de ser acidental num contexto organizado com formas normais do pretérito. O abuso que dele fazem alguns romancistas contemporâneos é contraproducente: torna invariável o estilo e, com isso, elimina a sua intensidade particular.

Como nos ensinam aqueles que o souberam usar com mestria, quando se emprega o presente histórico numa série de orações absolutas, ou coordenadas, deve a última oração conter o verbo novamente no pretérito.

Observe-se, porém, que, sendo o período composto por subordinação, não se deve empregar na principal o pretérito e na subordinada o presente histórico, ou vice-versa. Não são de imitar exemplos clássicos, como o seguinte:

> **Vi** logo por sinais e por acenos
> Que com isto se **alegra** grandemente.
> (Camões, *Lus.*, V, 29.)

2. O emprego comedido do presente para designar uma ação futura pode ser um meio expressivo de valioso efeito por emprestar a certeza da atualidade a um fato por ocorrer. É particularmente sensível tal expressividade em afirmações condicionadas do tipo:

> Se ele partir amanhã, **sigo** com ele.
> Se ele **parte** amanhã, **sigo** com ele.
> Mais um passo e **és** um homem morto!

3. É forma delicada de linguagem, e denota intimidade entre pessoas, um pedido feito no presente do indicativo quando, logicamente, deveria sê-lo no imperativo ou no futuro. Exemplo:

> Você me **resolve** isto amanhã (= **Resolva**-me isto amanhã; ou: Você me **resolverá** isto amanhã.)

4. Para atenuar a rudeza do tom imperativo, costuma-se empregar o presente do verbo *querer* seguido do infinitivo do verbo principal:

> — **Quer sentar**-se, minha senhora?...
> (C. Castelo Branco, *CC*, 198.)

> — **Quer** me **dar** minha carteira?
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 921.)

Pretérito imperfeito

A própria denominação deste tempo — PRETÉRITO IMPERFEITO — ensina-nos o seu valor fundamental: o de designar um fato passado, mas não concluído (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados. Empregamo-lo, assim:

1.º) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> Debaixo de um itapicuru, eu **fumava, pensava** e **apreciava** a tropilha de cavalos, que **retouçavam** no gramado vasto. A cerca **impedia** que eles me vissem. E alguns **estavam** muito perto.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

> O frio **ia aumentando** e o vento **despenteava** o cabelo de ambos.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

2.º) para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra:

> **Falava** alto, e algumas mulheres acordaram.
> (M. Torga, *V*, 183.)

> Quando se **aproximava** a Noite para me servir o sono, meteram-me num conflito...
> (A. M. Machado, *CJ*, 165.)

3.º) para denotar uma ação passada habitual ou repetida (IMPERFEITO FREQUENTATIVO):

> Se o cacique **marchava**, a tribo inteira o **acompanhava**.
> (J. Cortesão, *IHB*, II, 178.)

> Quando eu não a **esperava**, e ela **aparecia**, o coração **vinha**-me à boca, dando pancadas emotivas.
> (L. Jardim, *MP*, 36.)

4.º) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

As índias **adaptavam**-se mais facilmente à civilização, pois se **consideravam** elevadas pela união com os brancos, que não as **desdenhavam**.
(A. Peixoto, *NHLB*, 38.)

Sentou-se no muro que **dava** para o rio, o jornal nas mãos.
(A. Abelaira, *CF*, 173.)

5.º) pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer:

— O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto **virava** um fazendão.
(Monteiro Lobato, *U*, 236.)

— Se eu não fosse mulher, **ia** também!
(M. Torga, *V*, 307.)

6.º) pelo presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (IMPERFEITO DE CORTESIA):

— Tive alta ontem, e **vinha** agradecer a V. Ex.ª.
(M. Torga, *V*, 279.)

Diz-lhe:
— Pedro, eu **vinha** exclusivamente para tratar de negócios.
(C. dos Anjos, *M*, 192.)

7.º) para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. (caso em que se usa o imperfeito do verbo *ser*, com sentido existencial):

Era uma vez uma mulher que queria ver a beleza.
(G. de Almeida, *N*, 25.)

Era uma vez uma rapariga chamada Judite.
(Almada Negreiros, *NG*, 13.)

Valores afetivos

1. Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o IMPERFEITO é, como dissemos, o tempo que

melhor se presta a descrições e narrações, sendo de notar que nas narrações serve menos para enumerar os fatos do que para explicá-los com minúcias. "O imperfeito faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante de nossos olhos: é o presente no passado" (C.-M. Robert).
Com os escritores naturalistas este imperfeito descritivo assume importância capital na língua literária e é, hoje, um dos recursos mais eficazes de que dispõem os romancistas do idioma. Veja-se, por exemplo, o seguinte passo do romance *Mar morto*, de Jorge Amado:

> Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. A chuva **açoitava** sem piedade os homens negros da estiva. O vento **passava** veloz, assoviando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva **embaciava** tudo, **fechava** até os olhos dos homens. Só os guindastes se **moviam** negros.
> (*MM*, 18.)

Este outro, do romance *Vindima*, de Miguel Torga:

> Outros ranchos **desciam** por outros caminhos em direção a outras quintas. **Vinham** numa nuvem de pó e num redemoinho de som de todos os lados da serra. Nos rostos ossudos de cada bando **lia**-se a mesma felicidade nómada de ciganos libertos, com os haveres uma saca. **Cantavam, riam, paravam** a dançar nas encruzilhadas, **comiam, bebiam**, sem horas e sem ave-marias. E do Senhor Jesus a Terra-feita, de Favaios a Vale de Mendiz, **era** um poço de alegria, de cantigas e de sol. A grande festa do mosto **ia** começar.
> (*V*, 15.)

E também este, de *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de José Luandino Vieira:

> Francisco João desceu sem as olhar. O mar **vinha** de longe, murmurante, se roçar nos pés da areia. **Trazia** o bom cheiro da costa angolana... Na praia, as cubatas dos pescadores se **desenhavam** na sombra... Redes **dormiam** embaixo da capa das folhas de coqueiros na praia deserta e canoas **descansavam** das longas viagens nos seus dormentes de mafumeira... Mulheres **sopravam** seus fogareiros de lata, **assavam** peixe ou **cozinhavam** panela de feijão. Velhos pescadores **cachimbavam** nas portas ou **filosofavam** em grupo. Moças de panos, com cheiro de

mar e sol, **riam** em suas conversas. E, no fim da tarde calma, o fumo e o murmúrio das falas **subiam** da sanzala à beira-mar.
(*VVDX*, 40-41.)

2. Relevância particular tem o IMPERFEITO DO INDICATIVO no chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, em que autor e personagem se confundem na narração viva de um fato. Leia-se o que, a propósito de tal meio de expressão, escrevemos no capítulo 20.

Além dos empregos a que nos referimos, o IMPERFEITO pode ter outros, já que, sendo um tempo relativo, o seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham. Nos casos em que a época ou a data em que ocorre a ação vem claramente mencionada, ele pode indicar até um só fato preciso.

Assim:

Em um momento do século XVII colocava-se o autor da *Ulisseia* acima do Camões!
(J. Ribeiro, *PE*, 8.)

Às 6 horas em ponto batia à sua porta.
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 230.)

No dia seguinte Geraldo Viramundo **era expulso** do seminário.
(F. Sabino, *GM*, 42.)

Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, **fugiam** à velocidade espantosa do animal...
(Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Pretérito perfeito

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em português clara distinção no emprego das duas formas do PRETÉRITO PERFEITO: a SIMPLES e a COMPOSTA, constituída do presente do indicativo do auxiliar *ter* e do particípio do verbo principal.

A FORMA SIMPLES indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para "descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente":

Jantei com um apetite devorador e **dormi** como um anjo.
(M. Torga, *V*, 108.)

Ergui-me tonto, e **vi** em rebolo no chão os dois faroleiros.
(Monteiro Lobato, *U*, 103.)

A FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Exemplos:

— **Tenho lutado** contra a adversidade e **tenho compreendido** os homens.
(Cochat Osório, *CV*, 134.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

— Eu **tenho cruzado** o nosso Estado em caprichoso ziguezague.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 123.)

Em síntese:

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma ação completamente concluída, afasta-se do presente; o PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, expressão de um fato repetido ou contínuo, aproxima-se do presente.[8]

Observações:

1.ª) Para exprimir uma ação repetida ou contínua, o PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES exige sempre o acompanhamento de advérbios ou locuções adverbiais, como *sempre*, *frequentemente*, *várias vezes*, *muitas vezes*, *todos os dias*, etc. Assim:

Os homens do mar **tiveram sempre** uma grande ternura pelas aves.
(R. Brandão, *P*, 164.)

Ai, **quantas noites**
no fundo da casa
lavei essa mão,
poli-a, **escovei**-a.
(C. Drummond de Andrade, *R*. 71.)

Em tais casos, a ideia de repetição ou continuidade é dada não pelo verbo mas pelo advérbio que o modifica.

---

[8] Veja-se Manuel de Paiva Boléo. *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas* (*Estudo de caráter sintático-estilístico*). Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

2.ª) Na linguagem coloquial não é raro o emprego do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Assim:

> Quando virmos, lá em baixo, o clarão da fogueira, já ele **morreu**... (= terá morrido).
>
> (Sttau Monteiro, *FHL*, 162.)

Distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito

Convém ter presentes as seguintes distinções de emprego do PRETÉRITO IMPERFEITO e do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES DO INDICATIVO:

a) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime o fato passado habitual; o PRETÉRITO PERFEITO, o não habitual:

> Quando o **via, cumprimentava**-o.
> Quando o **vi, cumprimentei**-o.

b) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o PRETÉRITO PERFEITO, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo. Comparem-se estes dois exemplos:

> O mancebo **desprezava** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtavam** de longe, **levava** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.
>
> O mancebo **desprezou** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtaram** de longe, **levou** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

Pretérito mais-que-perfeito

1. O pretérito MAIS-QUE-PERFEITO indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada:

> O monólogo **tornara-se** tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.
> (F. Namora, *TJ*, 193.)
>
> Quando voltei
> as casuarinas **tinham desaparecido** da cidade.
> (Agostinho Neto, *SE*, 121.)

Samuel aproximou-se para avisar que o táxi **tinha chegado**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 130.)

2. Além desse valor normal, o MAIS-QUE-PERFEITO pode denotar:
a) um fato vagamente situado no passado, em frases como as seguintes:

Casara, **tivera** filhos, mas nada disso o **tocara** por dentro.
(M. Torga, *NCM*, 55.)

Até que afinal **conseguira** o meu carneiro para montar.
(J. Lins do Rego, *ME*, 73.)

No céu azul as últimas arribações **tinham desaparecido**.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou um pedido:

— Eu **tinha vindo** para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse Hermeto.
(C. dos Anjos, *M*, 243.)

3. Na linguagem literária emprega-se, vez por outra, o MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES em lugar:
a) do FUTURO DO PRETÉRITO (SIMPLES OU COMPOSTO):

Um pouco mais de sol — e **fora** [= teria sido] brasa,
Um pouco mais de azul — e **fora** [= teria sido] além,
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 69.)

Oh! se lutei!... mas **devera** [= deveria]
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 270.)

b) do PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO:

Sê propícia para mim, socorre
Quem te adorara, se adorar **pudera**!
(A. de Guimaraens, *OC*, 139.)

Assistimos à divina Tragédia, como se **fôramos**, no prodigioso quadro, os últimos personagens póstumos do Mestre.
(Teixeira de Pascoaes, *VE*, 193.)

Na linguagem corrente este emprego fixou-se em certas frases exclamativas:

Quem me **dera**! [= Quem me desse!]
Prouvera a Deus! [= Prouvesse a Deus!]
Pudera!
Tomara (que)!

Exemplos literários:

Quem me **dera** ser como Casimiro Lopes!
(G. Ramos, *SB*, 178.)

Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!
(F. Pessoa, *OP*, 544.)

Tomara eu ser-lhe útil.
(J. de Araújo Correa, *FX*, 53.)

Futuro do presente

1. O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES emprega-se:

1.º) para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

As aulas **começarão** depois de amanhã.
(C. dos Anjos, *DR*, 222.)

Mudaremos de casa. Uma casa inteiramente nua quando lá entrarmos.
(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Não **escreverei** o poema.
(Agostinho Neto, *SE*, 98.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais:

— "Meu Anjo!" — dizem de mim.
Serei, talvez, porque enfim
Eu vejo Deus em meus Pais...
(A. Correia d'Oliveira, *M*, 91.)

Há uma várzea no meu sonho,
Mas não sei onde **será**...
(A. Meyer, *P*, 265.)

— Quem está aqui? **Será** um ladrão?
(G. Ramos, *Ins.*, 9.)

— **Será** que desta vez ele fica mesmo?
(M. Torga, *CM*, 47.)

3.º) como forma polida de presente:

Não, não posso ser acusado. **Dirá** o senhor: mas como foi que aconteceram? E eu lhe **direi**: sei lá. Aconteceram: eis tudo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 141.)

— E que vou eu fazer para Angola, não me **dirá**?
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 699.)

4.º) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo:

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados...
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 273.)

Morrerás da tua beleza!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 88.)

Honrarás pai e mãe.

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável:

Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, **acharás** tua mãe morta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 444.)

— Se pensares bem, **verás** que não é isto.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 87.)

Se assim fizeres, **dominarás** como rainha.
(Ó. Ribas, *U*, 21.)

Observações:

1.ª) Convém atentar nos efeitos estilísticos opositivos: se o emprego do presente pelo futuro empresta ao fato a ideia de certeza, o uso do futuro pelo presente provoca efeito contrário, por transformar o certo em possível.

2.ª) Em alguns escritores modernos, talvez por influência francesa, vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado. Assim:

João casou-se em 1922, mas Pedro **esperará** ainda dez anos para constituir família.

Tal uso se assemelha ao do presente histórico.

Substitutos do futuro do presente simples

Na língua falada o FUTURO SIMPLES é de emprego relativamente raro. Preferimos, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:

a) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *haver* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um ato futuro[9]:

Ai roupas que **hei de vestir**,
Ai gestos que **hei de fazer**,
Ai frases que **hei de tecer**,
Ai palavras que **hei de ouvir**...
(J. Régio, *ED*, 30.)

Hei de castigá-los; **havemos de castigá**-los.
(Machado de Assis, *OC*, I, 653.)

— Eu sou novo e sei trabalhar... **Hei de arranjar** emprego...
(Cochat Osório, *CV*, 226.)

---

[9] Sobre outros valores desta perífrase, principalmente quando o sujeito não é da 1.ª pessoa, veja-se João de Almeida. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo, ILHPA-HUCITEC, 1980, p. 142-147.

b) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito[10]:

Temos de recriar de novo o mundo...
(T. da Silveira, *PC*, 341.)

Aquela hora **tinha de chegar**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1187.)

Temos de resolver isso em primeiro lugar.
(Pepetela, *M*. 130.)

c) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ir* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata:

— **Vamos entrar** no mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 113.)

Vai casar com o meu melhor amigo.
(A. Abelaira, *CF*, 234.)

O gerente foi demitido e o Costa **vai substituí**-lo.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 613.)

2. O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO emprega-se:
1.º) para indicar que uma ação futura estará consumada antes de outra:

Amanhã procure o dr. Alcebíades, disse o dr. Viriato. Já **terei conversado** com ele.
(Autran Dourado, *IP*, 23.)

Dentro de uns cinco dias **tereis acabado** o esqueleto do segundo andar e então me olhareis de cima.
(R. Braga, *CCE*, 250.)

Os homens serão prisioneiros das estruturas que **terão criado**.
(Pepetela, *M*, 122.)

---

[10] Quanto à distinção estilística entre *ter de* e *ter que* seguidos de INFINITIVO, leiam-se as considerações de João de Almeida. *Obra cit.*, p. 148-154, onde se justifica a vernaculidade da segunda construção, posta em dúvida por alguns gramáticos.

2.º) para exprimir a certeza de uma ação futura:

> Pelágio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora a Deus por nós, que **teremos dormido** o nosso último sono.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> Só o Direito perdurará e não **terá sido** vão o esforço da minha vida inteira.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 721.)

3.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> **Terá passado** o furacão?
> (C. dos Anjos, *DR*, 191.)

> Quanto tempo **terá levado** ele a fazer este caminho?
> (J. Cardoso Pires, *D*, 340.)

> Não sei se me engano, mas creio que nem uma só vez ele **terá falhado.**
> (M. Bandeira, *AA*, 345.)

> O cão regressa do fundo da praia — alguém o **terá abandonado**?
> (V. Ferreira, *NN*, 89.)

Futuro do pretérito

1. O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES emprega-se:
   1.º) para designar ações posteriores à época de que se fala:

> Tens a certeza de que, passadas as primeiras semanas, não **lamentaria** tamanho sacrifício?
> (A. Abelaira, *NC*, 155.)

> Depois de instalada, a Academia **se transformaria** em sua outra casa.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 43.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> Quem **seria** aquele sujeitinho que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?
> (M. Palmério, *VC*, 34.)

Era ela, **seria** ela?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 91.)

Eu **teria**, talvez, uns doze anos.
(J. de Sena, *NAD*, 196.)

3.º) como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

Seríeis capazes, minhas Senhoras,
De amar um homem deste feitio?
(A. Nobre, *S*, 79.)

Desejaríamos ouvi-lo sobre o crime.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 103.)

4.º) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação:

O nosso amor morreu... Quem o **diria**?
(F. Espanca, *S*, 168.)

Seria possível que assim se desvanecessem as esperanças da iminente vitória da verdade à calúnia, urdida contra o pobre moço!...
(D. Olímpio, *LH*, 158.)

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão:

Se não houvesse diferenças, nós **seríamos** uma pessoa só.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Se o meu avô Sebastião pudesse assistir ao meu enleio, **ficaria envergonhado** de mim, pensei naquele momento.
(Alves Redol, *F*, 154.)

Qual a mulher que, se pudesse, o senhor **levaria** para uma volta ao cosmos?
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 105.)

Se tivessem ouvido o conselho, essa desgraça não se **daria**.
(Ó. Ribas, *EMT*, 117.)

Observações:

1.ª) Como dissemos, o FUTURO DO PRETÉRITO pode ser substituído pelo IMPERFEITO DO INDICATIVO nas afirmações condicionadas. Comparem-se as seguintes asserções:

Sem a sua interferência, eu **estaria** perdido.
Sem a sua interferência, eu **estava** perdido.

Na primeira, o fato principal (*estar perdido*) é apresentado como consequência provável da condição que não ocorreu; na segunda, ele aparece como o efeito imediato e inelutável dela.

Frequente é também esta substituição com os verbos modais, como *poder*, *dever*, *saber*, *querer*, *desejar*, *sugerir*, etc.

Que móveis lhe *sugeria* para uma sala?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

Que palavras um sujeito **podia usar** para responder ao Vieirinha?
(F. Namora, *TJ*, 261.)

2.ª) Sobre o uso do MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRETÉRITO, leia-se o que dissemos ao tratar daquele tempo.

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* eliminou a denominação de MODO CONDICIONAL para o FUTURO DO PRETÉRITO. Apesar de, no projeto de *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não se ter adotado esta última designação, decidimos optar pelo seu emprego nesta obra porque, em nossa opinião, se trata de um tempo (e não de um modo) que só se diferencia do FUTURO DO PRESENTE por se referir a fatos passados, ao passo que o último se relaciona com fatos presentes. E acrescente-se que ambos aparecem nas asserções condicionadas, dependendo o emprego de um ou de outro do sentido da oração condicionante. Comparem-se:

Se ele vier, não **sairei**.
Se ele viesse, não **sairia**.

2. O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se:

1.º) para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

Teria sido diferente, se eu o amasse?
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

Se eu estivesse cá, nada disso se **teria passado**.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

Ter-lhe-**ia rido** na cara se não fossem os posteriores acontecimentos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

2.º) para exprimir a possibilidade de um fato passado:

— Sem ti, quem sabe? **teria sido** uma grande cantora.
(A. Abelaira, *B*, 163.)

Calculou que a costureira **teria ido** por ali.
(Machado de Assis, *OC*, I, 637.)

3.º) para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor:

Aquele malandro os **teria engolido**?
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 144.)

Que **teria acontecido** para que Margarida não viesse nem uma vez ao muro?
(V. Nemésio, *MTC*, 111.)

— Quem **teria escrito**? Perdiam-se num silêncio de cogitações.
(J. Amado, *GCC*, 128.)

MODO SUBJUNTIVO

Indicativo e subjuntivo

1. Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo*, *real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.
Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual* ou, mesmo, *irreal*.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

TEMPO	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
PRESENTE	Afirmo que ela estuda	Duvido que ela estude
IMPERFEITO	Afirmei que ela estudava	Duvidei que ela estudasse
PERFEITO	Afirmo que ela estudou (ou tem estudado)	Duvido que ela tenha estudado
MAIS-QUE-PERFEITO	Afirmava que ela tinha estudado (ou estudara)	Duvidava que ela tivesse estudado

2. Em decorrência dessas distinções, podemos, desde já, estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1.º) O INDICATIVO é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *afirmar*, *compreender*, *comprovar*, *crer* (no sentido afirmativo), *dizer*, *pensar*, *ver*, *verificar*.

2.º) O SUBJUNTIVO é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar*, *duvidar*, *implorar*, *lamentar*, *negar*, *ordenar*, *pedir*, *proibir*, *querer*, *rogar* e *suplicar*.

Emprego do subjuntivo

Como o próprio nome indica, o SUBJUNTIVO (do latim *subjunctivus* "que serve para ligar, para subordinar") denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* preferiu a SUBJUNTIVO a designação sinônima CONJUNTIVO (do latim *conjunctivus* "que serve para ligar").

Subjuntivo independente

Empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais, o SUBJUNTIVO pode exprimir, além das noções imperativas que examinaremos adiante:

a) um desejo, um anelo:

> **Chovam** hinos de glória na tua alma!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!
> (A. Meyer, *P*, 254.)

b) uma hipótese, uma concessão:

> **Seja** a minha agonia uma centelha
> De glória!...
> (O. Bilac, *T*, 197.)

Que a tua música
seja o ritmo de uma conquista!
E que o teu ritmo
seja a cadência de uma vida nova!
(F. J. Tenreiro, *OP*, 62.)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio *talvez*):

Paula talvez lhe **telefonasse** à noite.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 34.)

Um cachorro talvez **rosnasse** ou **mordesse**.
(Adonias Filho, *LBB*, 101.)

d) uma ordem, uma proibição (na 3.ª pessoa):

Que **levem** tudo no caixão:
A alma e o suporte!
(M. Torga, *CH*, 31.)

Que não se **apague** este lume!
(A. Meyer, *P*, 126.)

e) uma exclamação denotadora de indignação:

Raios **partam** a vida e quem lá ande!
(F. Pessoa, *OP*, 316.)

— Diabos te **levem**!
(F. Botelho, *X*, 198.)

Observações:

1.ª) Vemos que estas orações geralmente se iniciam por *que*, partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo.

2.ª) A exclamação *viva!* é um antigo subjuntivo, que outrora concordava sempre com o sujeito. Hoje a concordância é facultativa, porque o singular adquiriu o valor de interjeição:

Viva os heróis!
Vivam os heróis!

3.ª) Observe-se, por fim, que alguns linguistas, principalmente os da escola gerativo-transformacional, negam a existência do SUBJUNTIVO INDEPENDENTE, interpretando-o como o efeito do apagamento, na superfície, da oração principal. Leia-se, a propósito, I. Hub Faria. Conjuntivo e a restrição da frase-mais-alta. Separata do *Boletim de Filologia*, XXIII, Lisboa, 1974.

Subjuntivo subordinado

O SUBJUNTIVO é por excelência o modo da oração subordinada. Emprega-se tanto nas SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, como nas ADJETIVAS e nas ADVERBIAIS.

Nas orações substantivas

Usa-se geralmente o SUBJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

a) a *vontade* (nos matizes que vão do *comando* ao *desejo*) com referência ao fato de que se fala:

> Não quero que ele me **julgue** sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender.
> (N. Piñon, *CC*, 145.)

> Em todo o caso, gostava que me **considerasse** um amigo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 119.)

b) um *sentimento*, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa:

> — Pior será que nos **enxotem** daqui...
> (A. Peixoto, *RC*, 273.)

> — Eu bem queria que tu **fosses** como empregado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

c) a *dúvida* que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

> Receava que eu me **tornasse** ingrato, que o **tratasse** mal na velhice.
> (A. Abelaira, *NC*, 14.)

> — Não acredito que ela **chore** aqui.
> (Autran Dourado, *TA*, 75.)

Nas orações adjetivas

O SUBJUNTIVO é de regra nas ORAÇÕES ADJETIVAS que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

> Humana, mulher, a companheira tentava chamá-lo a uma realidade que **reanimasse** fogueiras mortas, sonhos desfeitos.
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> — Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que **dê** gosto a um bom sacerdote como é padre Estêvão.
> (A. Callado, *MC*, 99.)

b) um fato improvável:

> Ainda que eu discordasse deles não diria nada para os não aborrecer, mas que sabia eu que **pudesse contrariar** essa opinião de amigos?
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1081.)

> Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o **convencesse** a voltar lá.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 139.)

> Tristão podia resolver esta minha luta interior cantando alguma coisa que me **obrigasse** a ouvi-lo.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1098.)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

> Então não havia um direito que lhe **garantisse** a sua casa?
> (J. Lins do Rego, *FM*, 159.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem** perdido?
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 138.)

> Sonhara apenas com uma fazenda de gado onde **pudesse viver** no trato da criação, sentindo o cheiro da terra, o contato com a natureza, tendo a companhia de uma mulher ("Ah, Alzira" — suspirou) a quem **amasse** e com quem **partilhasse** de tudo isso.
> (J. Condé, *C*, 10.)

Nas orações adverbiais

1. Nas orações SUBORDINADAS ADVERBIAIS o SUBJUNTIVO, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.
   Em princípio, podemos dizer que o SUBJUNTIVO é de regra depois das conjunções:

a) CAUSAIS, que negam a ideia da causa (*não porque, não que*):

> Não que não **quisesse** amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.
> (L. Fagundes Telles, *DA*, 107.)

> Eu deixei-me ir atrás daquela ternura, não que a **compartisse**, mas fazia-me bem.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> Foi a única coisa grandiosa da minha vida. Não porque me **sentisse** apaixonado, ela também não se apaixonara por mim.
> (A. Abelaira, *B*, 49.)

b) CONCESSIVAS (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que*, etc.):

> O povo não gosta de assassinos, embora **inveje** os valentes.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 7.)

> — Ainda que o morto se **chamasse** Adalardo, não seria o nosso.
> (G. França de Lima, *JV*, 19.)

> Por muito que eu **desejasse** ter aqui uma burra, não trocava a amizade do Barbaças por todas as burras desta freguesia.
> (F. Namora, *TJ*, 165.)

c) FINAIS (*para que, a fim de que, porque*):

> Para que tudo **retomasse** a quietude inicial, e os coelhos se **resolvessem** a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.
> (M. Torga, *NCM*, 64.)

> Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho **liquidasse** a casa.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 670.)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (*antes que*, *até que* e semelhantes):

— Vamos embora, antes que nos **veja**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1030.)

Deu para frequentar, pela manhã, a rua Erê e fica a conversar com Emília até que eu me **levante**.
(C. dos Anjos, *DR*, 183.)

Usa-se também o SUBJUNTIVO, em razão de ser o modo do eventual e do imaginário, nas:

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética *como se*:

As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem golpeados**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 761.)

Cantavam os galos no poleiro como se **fosse** de madrugada.
(J. Lins do Rego, *FM*, 135.)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

Se lhe **tivessem dado** ensino, encontraria meio de entendê-la.
(G. Ramos, *VS*, 47.)

Ó morte, dava-te a vida,
Se tu lha **fosses levar**!...
(Guerra Junqueiro, *S*, 74.)

Se **viesse** o sol, tudo mudava.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem "simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade" (Epifânio Dias):

— Que quer vomecê? — perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela **pudesse** chegar até junto dele.
(F. Namora, *TJ*, 70.)

Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe **apagasse** a cor generosa da lembrança.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1122.)

Substitutos do subjuntivo

Por vezes a construção com o SUBJUNTIVO é pesada ou malsoante. Convém, nesses casos, substituí-la por uma forma expressional equivalente.

Entre os substitutos possíveis do SUBJUNTIVO, devem ser mencionados:

1. O INFINITIVO. Comparem-se estas frases:

   O professor mandou **que** o aluno **lesse** um romance.
   O professor mandou o aluno **ler** um romance.
   Exortava os companheiros **a que continuassem** a resistência.
   Exortava os companheiros **a continuarem** a resistência.

2. O GERÚNDIO, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases:

   Se seguisses o caminho normal, chegarias primeiro.
   Seguindo o caminho normal, chegarias primeiro.
   Se andarmos depressa, ainda o alcançaremos.
   Andando depressa, ainda o alcançaremos.

3. Um SUBSTANTIVO ABSTRATO. Comparem-se estas frases:

   Se tivesses voltado, serias bem recebido.
   Tua volta seria bem recebida.

   Acredito **que ele esteja inocente**.
   Acredito em **sua inocência**.

4. Uma CONSTRUÇÃO ELÍPTICA. Comparem-se estas frases:

   Quer sejam ricos ou pobres, quer sejam brancos ou pretos, são todos iguais perante a lei.
   Ricos ou pobres, brancos ou pretos, todos são iguais perante a lei.
   Se fosse de ferro, a ponte suportaria o peso.
   De ferro, a ponte suportaria o peso.

Observação:

Quanto à substituição do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pelo MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, veja-se o que dissemos ao tratar deste tempo.

Tempos do subjuntivo

Dissemos anteriormente que as formas do SUBJUNTIVO enunciam a ação do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas pelas formas do INDICATIVO, denotadoras de ações concebidas em sua realidade.[11]

Feita essa advertência, examinemos os principais valores dos tempos do SUBJUNTIVO.

1. O PRESENTE DO SUBJUNTIVO pode indicar um fato:

a) presente:

> Não quer dizer que **se conheçam** os homens quando se duvida deles.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 33.)

> Pena é que os meninos **estejam** tão mal providos de roupa.
> (O. Lara Resende, *BD*, 128.)

b) futuro:

> No dia em que não **faça** mais uma criança sorrir, vou vender abacaxi na feira.
> (N. Piñon, *CC*, 152.)

> Meus olhos **apodreçam** se abençoar você.
> (Adonias Filho, *LP*, 140.)

2. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pode ter o valor:

a) de passado:

> Todos os domingos, **chovesse** ou **fizesse** sol, estava eu lá.
> (H. Sales, *DBFM*, 112.)

---

[11] A modalidade subjuntiva é, por princípio, uma modalidade de oposição à modalidade indicativa. Logo, "os tempos do subjuntivo não representam noções de época da forma por que o fazem os do indicativo. Pode-se, no entanto, falar de certos hábitos de concordância dos tempos, que não procedem de um automatismo rígido e puramente formal, antes resultam do funcionamento de mecanismos delicados e complexos". (Gérard Moignet. *Essai sur le mode subjonctif en latin post-classique et en ancien français*, I. Paris-Alger, P. U. F., 1959, p. 131.)

Não havia intenção que ele não lhe **confessasse**, conselho que lhe não **pedisse**.
(A. Bessa Luís, *S*, 58.)

Cuido que **quisesse** mostrar-me as cartas do rapaz, uma só que **fosse**, ou um trecho, uma linha, mas o temor de enfadar fez calar o desejo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1059.)

b) de futuro:

Alberto era inteligente e se não se **deixasse** engazupar, talvez aquilo até lhe **fosse** um bem...
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 87.)

Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que **chegasse** primeiro.
(N. Piñon, *CC*, 144.)

c) de presente:

Tivesses coração, terias tudo.
(Guimarães Passos, *VS*, 166.)

Como imaginar um ser que não **precisasse** de nada?
(C. Lispector, *ME*, 148.)

3. O PRETÉRITO PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode exprimir um fato:
a) passado (supostamente concluído):

— Espero que você **tenha encontrado** esse alguém na rua, depois daquela cena patética do carro.
(F. Sabino, *EM*, 193.)

Espero que não a **tenha ofendido**.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

b) futuro (terminado em relação a outro fato futuro):

Espero que João **tenha feito** o exame quando eu voltar.

4. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode indicar:

a) uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido eventual do modo subjuntivo):

> Esperei-a um pouco, até que **tivesse terminado** sua *toillette* e pudéssemos sair juntos.
> (C. dos Anjos, *DR*, 167.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem perdido**.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 135.)

b) uma ação irreal no passado:

> Se a vitória os **houvesse coroado** com os seus favores, não lhes faltaria o aplauso do mundo e a solicitude dos grandes advogados.
> (R. Barbosa, *EDS*, 794.)

> E a arca estremecia como se de novo **se houvessem aberto** as cataratas do céu.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 303.)

5. O FUTURO DO SUBJUNTIVO SIMPLES marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações SUBORDINADAS:

a) ADVERBIAIS (CONDICIONAIS, CONFORMATIVAS e TEMPORAIS), cuja PRINCIPAL vem enunciada no futuro ou no presente:

> Se **quiser**, irei vê-lo.
> Se **quiser** vê-lo, vá a sua casa.

> Farei conforme **mandares**.
> Faça como **souber**.

> Quando **puder**, passarei por aqui.
> Quando **puder**, venha ver-me.

b) ADJETIVAS, dependentes de uma PRINCIPAL também enunciada no futuro ou no presente:

> Direi uma palavra amiga aos que me **ajudarem**.
> Diga uma palavra amiga aos que o **ajudarem**.

6. O FUTURO DO SUBJUNTIVO COMPOSTO indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do MODO SUBJUNTIVO):

> — D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o **houver lido** até aqui, abandone o resto.
> (Machado de Assis, *OC*, 855.)

> Quando **tiverdes acabado**, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.
> (R. Braga, *CCE*, 250.)

MODO IMPERATIVO

Formas do imperativo

1. Há em português, como sabemos, dois IMPERATIVOS: um AFIRMATIVO, outro NEGATIVO.
   O IMPERATIVO AFIRMATIVO possui formas próprias somente para as segundas pessoas do singular (sujeito *tu*) e do plural (sujeito *vós*). As demais pessoas são expressas pelas formas correspondentes do presente do subjuntivo.
   O IMPERATIVO NEGATIVO não tem nenhuma forma própria. É integralmente suprido pelo presente do subjuntivo.

2. Como no IMPERATIVO o indivíduo que fala se dirige a um interlocutor, só admite este modo as pessoas que indicam *aquele a quem se fala*, isto é:
a) as 2ªs. pessoas do singular e do plural;
b) as 3ªs. pessoas do singular e do plural, quando o sujeito é expresso por pronome de tratamento, como *você*, *o senhor*, *Vossa Senhoria*, etc.;
c) a 1ª. pessoa do plural, que no caso denota estar o indivíduo que fala disposto a associar-se ao cumprimento da ordem, conselho ou súplica que dirige a outros.

3. Cumpre distinguir das correspondentes do IMPERATIVO certas formas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO empregadas sem a anteposição do *que*. O IMPERATIVO, no caso, exprime ordem, ou exortação; o SUBJUNTIVO, desejo, ou anelo. Assim:

> **Caiam** de bruços! (IMPERATIVO)
> **Caiam** sobre vós as bênçãos divinas! (SUBJUNTIVO)

Emprego do modo imperativo

1. Embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* "comandar", não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos desse modo. Há, como veremos, outros meios mais eficazes para expressarmos tal noção. Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.

2. Tanto o IMPERATIVO AFIRMATIVO como o NEGATIVO usam-se somente em orações absolutas, em orações principais, ou em orações coordenadas. Ambos podem exprimir:

a) uma ordem, um comando:

> **Cala**-te, **não** lhe **digas** nada.
> (C. de Oliveira, *AC*, 98.)

> **Cavem, cavem** depressa!
> (L. Jardim, *MP*, 47.)

b) uma exortação, um conselho:

> **Sê** todo em cada coisa. **Põe** quanto és
> No mínimo que fazes.
> (F. Pessoa, *OP*, 239.)

> **Não olhes** para trás quando tomares
> o caminho sonâmbulo que desce.
> **Caminha** — e **esquece**.
> (G. de Almeida, *PV*, 24.)

c) um convite, uma solicitação:

> Georges! **anda** ver meu país de romarias
> E procissões!
> (A. Nobre, *S*, 32.)

> **Vinde** ver! **Vinde** ouvir, homens de terra estranha!
> (O. Mariano, *TVP*, I, 273.)

d) uma súplica:

Sossegai, **esfriai**, olhos febris.
(C. Pessanha, *C*, 44.)

Jesus, **valha-me** Nossa Senhora!
(B. Santareno, *TPM*, 25.)

Não me **deixes** só, meu filho!...
(Luandino Vieira, *NM*, 82.)

3. Emprega-se também o IMPERATIVO para sugerir uma hipótese em lugar de asserções condicionadas expressa por *se* + FUTURO DO SUBJUNTIVO:

Leia este livro, e conhecerá o Brasil.
[Se ler este livro, conhecerá o Brasil.]

Suprima a vírgula, e o sentido ficará mais claro.
[Se suprimir a vírgula, o sentido ficará mais claro.]

Note-se que a voz se eleva no fim da primeira oração, e retoma a segunda em tom sensivelmente mais baixo.

4. Esses diversos valores dependem do significado do verbo, do sentido geral do contexto e, principalmente, da entoação que dermos à frase imperativa. Por exemplo, em frases como:

Desce daí, moço!
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 64.)

Deixe-me ficar sozinha.
(Alves Redol, *BC*, 56.)

Saiam da chuva, meninos!
(L. Jardim, *MP*, 47.)

conforme o tom da voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até chegar à de súplica.

5. Releva ponderar ainda que o IMPERATIVO é enunciado no tempo presente, mas na realidade este "presente do imperativo" tem valor de um futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.

Substitutos do imperativo

A língua oferece-nos outros meios para exprimir os diversos matizes apresentados pelo IMPERATIVO.

Assim:

1. Uma ordem pode ser enunciada por frases nominais, ou por simples interjeições:

   Fogo! Silêncio! Avante! Mãos ao alto!

   Saliente-se, porém, que nessas frases, em que a supressão do verbo reforça o tom de comando, as palavras ou locuções vocabulares perdem o seu valor próprio para denotar uma ideia verbal de ação. Podemos, portanto, estabelecer as seguintes equivalências:

   Fogo! [= Atire! Faça fogo!]
   Silêncio! [= Cale-se! Faça silêncio!]
   Avante! [= Siga avante!]
   Mãos ao alto! [= Levante as mãos! Ponha as mãos ao alto!]

2. Certos tempos do INDICATIVO, como dissemos ao estudar este modo, podem ser utilizados com valor de IMPERATIVO.

   Assim:

a) com o PRESENTE atenuamos a rudeza da forma imperativa em frases como:

   O senhor me **traz** o dinheiro amanhã. [= **Traga**-me o dinheiro amanhã.]
   Você **toma** o remédio indicado. [= **Tome** o remédio indicado.]

b) com o FUTURO DO PRESENTE SIMPLES atenuamos ou reforçamos o caráter imperativo de frases do tipo:

   Tu **irás** comigo. [= **Vem** comigo.]
   Não **matarás.** [= Não **mates.**]

   de acordo com a entoação que lhes emprestarmos.

3. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO transforma a ordem numa simples sugestão em frases como as seguintes:

   (E) se você se **calasse**!? [= **Cale-se!**]
   (E) se **chegasses** na hora exata!? [= **Chega** na hora exata.]

Exemplos literários:

E se **fosses** dar leis para a cozinha?
(M. Torga, *V*, 298.)

E se **tentasses** compreender?
(J. Régio, *SM*, 275.)

4. Com o valor de IMPERATIVO IMPESSOAL, usam-se:

a) o INFINITIVO (principalmente na expressão de um comando, de uma proibição):

Marchar!
Direita, **volver!**
Sublinhar os verbos do texto.
Não assinar a prova.
Não falar ao motorista com o carro em movimento.
Não fumar.

b) o GERÚNDIO (construção elíptica, frequente na linguagem popular, de valor geralmente depreciativo para quem recebe a ordem):

Andando! [= Vá andando! Ande!]
Correndo! [= Vá correndo! Corra!]

5. Ressalta sobremaneira o sentido do verbo a perífrase formada de *ir* (no IMPERATIVO) e do verbo principal (no INFINITIVO):

— Não **vá** se **afogar**, moço.
(A. M. Machado, *JT*, 72.)

— Não **vá** me **dizer** que foi o Diabo.
(O. Lara Resende, *BD*, 121.)

6. Em frases de entoação interrogativa, usa-se não raro o INFINITIVO do verbo que exprime a ordem antecedido de formas do PRESENTE ou do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *querer*:

Quer levantar-se? [= **Levante**-se!]
Queria fechar a janela? [= **Feche** a janela!]

7. Para se fazer sentir a intervenção do indivíduo que fala, costuma-se subordinar o verbo denotador da ação que deve ser cumprida a outro verbo, o qual marca a vontade do locutor:

Quero que **retornes** ao Colégio. [= **Retorna** ao Colégio.]
Ordeno-te que me **respondas**. [= **Responde**-me.]

Reforço ou atenuação da ordem

Além dos processos que examinamos, dispõe a língua de variados recursos estilísticos para reforçar ou atenuar a vontade expressa pelo IMPERATIVO. A sua eficácia, porém, está sempre condicionada ao tom de voz, que é, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial.

Reforço

Pode também ser obtido pelo emprego:

a) da forma verbal repetida:

— **Calai-vos!** Pela Virgem! **calai-vos!**
(Machado de Assis, *OC*, II, 1114.)

— **Vá** embora, **vá** embora, gritou de repente.
(D. Silveira de Queirós, *FS*, 118.)

— **Sente-se**, meu amigo, **sente-se**.
(O. Mendes, *P*, 166.)

— **Fale**, **fale**, que eu vou ouvindo...
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 44.)

b) de um advérbio, de uma expressão de insistência, ou de imprecações:

Escreva por amor de Deus imediatamente para Barcelona!...
(M. de Sá-Carneiro, *CFP*, II, 9.)

— **Abre** a porta, **cachorro**, senão te mando fogo.
(J. Lins do Rego, *C*, 269.)

— Ora, **vá amolar o boi** — disse Marta.
(A. Callado, *MC*, 123.)

— **Deixe-me dormir, seu bêbado.**
(C. de Oliveira, *PB*, 21.)

c) da 3.ª pessoa do subjuntivo aplicada ao interlocutor:

Pega... Pega... Lá se foi... Que o **leve** o diabo.
(Martins Pena, *T*, I, 36.)

Atenuação

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar (além dos já estudados), pela sua eficiência, o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como: *por favor*, *por gentileza*, *digne-se de*, *tenha a bondade de*, etc.:

— **Fale** mais alto, **por favor!**
(F. Botelho, *X*, 177.)

Entrem, por favor, que não ocupam lugar — exclamava Seu Pio.
(A. F. Schmidt, *GB*, 165.)

— **Tenham a bondade de sentar** e **esperar** um momento [= Sentem-se e esperem um momento].
(R. Braga, *CCE*, 272.)

É claro que também aqui o tom de voz é de suma importância. Qualquer dessas frases pode, não obstante as fórmulas de cortesia empregadas, tornar-se rude e seca, ou mesmo insolente, com a simples mudança de entoação.

EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

Características gerais

São FORMAS NOMINAIS do verbo o INFINITIVO, o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO.

Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.

Distinguem-se, fundamentalmente, pelas seguintes peculiaridades:

a) o INFINITIVO apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo:

Não **dizer** nada, **chorar**
Até o pranto **coalhar**
Na retina.
(M. Torga, *CH*, 29.)

Sofrer por **sofrer**,
Somente eu sofria.
(C. Meireles, *OP*, 581.)

b) o GERÚNDIO apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo:

Metendo o barco pela terra dentro, é mesmo possível ir mais além.
(M. Torga, *P*, 86.)

Ouvia-se o cantar de carros de boi, **chorando**, de muito longe.
(J. Lins do Rego, *FM*, 146.)

c) o PARTICÍPIO apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências *-a* de feminino e *-s* de plural:

Umas vezes, tais gaiolas
Vão **penduradas** nos muros.
(J. Cabral de Melo Neto, *AP*, 32.)

Uma das cenas fora **filmada** numa loja do bairro, ampla, bem **iluminada**, com prateleiras **carregadas** dos mais diversos produtos.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 47.)

Tens os olhos **encovados**,
De fundos visos **cercados**,
Sinistros sulcos **deixados**
Por atros vícios talvez;
A fronte escura e **abatida**,
Roxa a boca **comprimida**,
A face magra **tingida**
Da morte na palidez.
(Fagundes Varela, *PC*, I, 211.)

Acrescente-se, ainda, que:

a) o INFINITIVO e o GERÚNDIO possuem, ao lado da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída; apresentam, pois, internamente, uma oposição de ASPECTO:

	ASPECTO NÃO CONCLUÍDO	ASPECTO CONCLUÍDO
INFINITIVO	ler	ter lido
GERÚNDIO	lendo	tendo lido

b) o INFINITIVO assume, em português, duas formas: uma não flexionada; outra flexionada, como qualquer forma pessoal do verbo;

c) o GERÚNDIO é invariável;

d) o PARTICÍPIO não se flexiona em pessoa.

Feitas essas considerações de ordem geral, passemos ao exame de alguns dos valores e empregos particulares das FORMAS NOMINAIS.

Emprego do infinitivo

Infinitivo impessoal e infinitivo pessoal

A par do INFINITIVO IMPESSOAL, isto é, do infinitivo que não tem sujeito, porque não se refere a uma pessoa gramatical, conhece a língua portuguesa o INFINITIVO PESSOAL, que tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Assim, em:

> Se **criar** é **criar-se**,
> **cantar** é **ser**.
> (E. Moura, *IP*, 187.)

> **Amar** é a eterna inocência.
> (F. Pessoa, *OP*, 139.)

O INFINITIVO É IMPESSOAL.

Já nas frases:

> O difícil é **estarmos** atentos.
> (V. Ferreira, *NN*, 128.)

> Indispensável os meninos **entrarem** no bom caminho, **saberem** cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos.
> (G. Ramos, *VS*, 31.)

estamos diante de formas do INFINITIVO PESSOAL.

O INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO possui, como dissemos, desinências especiais para as três pessoas do plural e para a 2.ª pessoa do singular.

Emprego distintivo

O emprego das formas flexionada e não flexionada do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais. Em verdade, os escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no caso, por exclusivas razões de lógica gramatical, mas se viram sempre, no ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão.

Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma do INFINITIVO.

São algumas destas tendências que passamos a indicar.

Emprego da forma não flexionada

1. O INFINITIVO conserva a forma NÃO FLEXIONADA:

1.º) quando é IMPESSOAL, ou seja, quando não se refere a nenhum sujeito:

> **Viver** é **exprimir**-se.
> (G. Amado, *TL*, 9.)

> **Jurar** falso é grande crime.
> (A. Ribeiro, *V*, 415.)

> **Amar** os homens é sempre uma alegria dolorosa.
> (Luandino Vieira, *NM*, 135.)

2.º) quando tem valor de imperativo:

> E Deus responde — "**Marchar!**"
> (Castro Alves, *EF*, 2.)

> — **Formar!** — ordenou o sipaio Jacinto.
> (Castro Soromenho, *V*, 197.)

> Se o indez morre, **deixá**-lo...
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 142.)

3.º) quando, em frase nominal de acentuado caráter afetivo, tem sentido narrativo ou descritivo (INFINITIVO DE NARRAÇÃO):

> O pai nos cabarés, nas casas das mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com amigos bebendo. A mãe **a fenecer** em casa, **a ouvir** e **a obedecer**.
> (J. Amado, *GCC*, 277.)

> Mais dois dias. E Catarina **a piorar**.
> (Ó. Ribas, *U*, 243.)

4.º) quando, precedido da preposição *de*, serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil*, *possível*, *bom*, *raro* e outros semelhantes.[12]

> Já não transitam pelo correio aquelas cartas de letra miudinha, **impossíveis de ler**, **gratas de ler**, pois derramavas nelas uma intacta ternura...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 137.)

> Há decisões **fáceis de manter**, lembranças **difíceis de afastar**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 890.)

5.º) quando, regido da preposição *a*, equivale a um gerúndio em locuções formadas com os verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *viver* e semelhantes:

> Olha, triste viuvinha, já **estou a ouvir** teus passos nos surdos corredores da memória.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 80.)

---

[12] Este emprego da forma não flexionada deve ser incluído, como ensina Theodoro Henrique Maurer Jr., entre aqueles nos quais o INFINITIVO depende "de um adjetivo, de um substantivo ou de um verbo em construções em que corresponde a um supino em *-u* ou a um infinitivo passivo da língua latina. Exemplos: '*As crianças são fáceis de contentar*'; '*Estas nozes são boas de abrir*'; '*Ficaram algumas peças por cortar*'; '*Havia muitas cartas que escrever*'; '*Tais resultados eram de prever*'; '*Ele mandou podar as figueiras*'; '*Contas a pagar*'". (*O infinito flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo. Companhia Editora Nacional / USP, 1968, p. 236.)
Para o ilustre filólogo paulista, que neste ponto acompanha o pensamento de Nyrop e Ferdinand Brunot, o infinitivo não apresenta em tais construções o sentido passivo que costumam atribuir-lhe os gramáticos, mas "um sentido geral, em que a ideia de voz ativa ou passiva se apaga". (*Ibid.*, p. 139.)

Andam a montar casa.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 704.)

E, porque conheceu que o vento era mais da madrugada que da noite, **ficou a esperar** a manhã.
(Adonias Filho, *LBB*, 118.)

2. É também normal o emprego do INFINITIVO NÃO FLEXIONADO:

1.º) quando pertence a uma locução verbal e não está distanciado do seu auxiliar:

Os galos **começaram a cantar**.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

— Amanhã **vamos passar** o dia no Oiteiro.
(J. Lins do Rego, *ME*, 121.)

Importavam menos as palavras, essas talvez **pudessem esquecer**-se, porque outras se lhes **viriam sobrepor** e **cobri**-las, e **assimilá**-las.
(Alves Redol, *BC*, 57.)

2.º) quando depende dos auxiliares causativos (*deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos) ou sensitivos (*ver*, *ouvir*, *sentir* e sinônimos) e vem imediatamente depois desses verbos ou apenas separado deles por seu sujeito, expresso por um pronome oblíquo:

— **Deixas correr** os dias como as águas do Paraíba?
(Machado de Assis, *OC*, II, 119.)

E as lágrimas que choro, branca e calma,
Ninguém as **vê brotar** dentro da alma!
(F. Espanca, *S*, 18.)

Esta **viu**-os **ir** pouco a pouco.
(Machado de Assis, *OC*, II, 509.)

Neste caso, costuma ocorrer também a forma flexionada, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo ou equivalente:

Domingos **mandou** os homens **levantarem-se**.
(Castro Soromenho, *C*, 56.)

Vi teus vestidos **brilharem**
sem qualquer clarão do dia.
(C. Meireles, *OP*, 615.)

Finalmente, **viu** os três pastores **pegarem** nos alforjes e **dirigirem**-se ao regato, para **lavar** as mãos.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 404.)

E, mais raramente, quando o sujeito é um pronome oblíquo:

Ele **viu**-as **entrarem**, **prostrarem**-se de braços estendidos, chorando, e não se comoveu...
(Coelho Netto, *OS*, I, 1328.)

Construções do tipo:

Vi surgirem os primeiros brotos nas árvores, **nascerem** as primeiras flores, e **chegarem** enfim os frutos inocentes e verdes.
(A. F. Schmidt, *AP*, 170.)

não são comuns e explicam-se pelo realce que, no caso, se concede ao sujeito do infinitivo.

Emprego da forma flexionada

O infinitivo assume a forma FLEXIONADA:
1.º) quando tem sujeito claramente expresso:

Mas o curioso é **tu** não **perceberes** que não houve nunca "ilusão" alguma.
(V. Ferreira, *NN*, 312.)

Vila Nova lembrou que o melhor era **irem todos** logo falar ao Bom Jesus.
(A. Arinos, *OC*, 207.)

2.º) quando se refere a um agente não expresso, que se quer dar a conhecer pela desinência verbal:

— Acho melhor não **fazeres** questão.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

Bom seria **andarmos** nus como as feras.
(Adonias Filho, *LBB*, 108.)

3.º) quando, na 3.ª pessoa do plural, indica a indeterminação do sujeito:

Ouvi **dizerem** que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão.
(G. Amado, *HMI*, 143.)

— O culpado de tudo é aquele tal de Doutor Reinaldo. Por que não deixou **levarem** a sujeita para o Recife?
(J. Condé, *TC*, 247.)

4.º) quando se quer dar à frase maior ênfase ou harmonia:

Tomar um tema e trabalhá-lo em variações ou, como na forma sonata, tomar dois temas e opô-los, fazê-los **lutarem**, **embolarem**, **ferirem**-se e **estraçalharem**-se e dar a vitória a um ou, ao contrário, apaziguá-los num entendimento de todo repouso... creio que não pode haver maior delícia em matéria de arte.
(M. Bandeira, *PP*, II, 37.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / a **quebrarem**, / a **espicaçarem**, / a **torturarem** a pedra, / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

O uso do infinitivo flexionado parece ser mais frequente no português europeu do que no do Brasil em razão da vitalidade, em Portugal, do tratamento *tu* e, por consequência, da flexão correspondente a esta pessoa no infinitivo pessoal. Predominando na maior parte do Brasil o tratamento íntimo *você*, que se constrói com o verbo na 3.ª pessoa do singular — pessoa desprovida de desinência, ou melhor, com desinência zero Ø —, daí decorre a identificação desta forma do infinitivo pessoal com a do impessoal.

Conclusão

Como vemos, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da

ação" (Said Ali)[13]. No primeiro caso, preferimos o INFINITIVO NÃO FLEXIONADO; no segundo, o FLEXIONADO.

Trata-se, pois, de um emprego seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática.

Emprego do gerúndio

Forma simples e composta

Vimos que o GERÚNDIO apresenta duas formas: uma SIMPLES (*lendo*), outra COMPOSTA (*tendo* ou *havendo lido*).

A forma COMPOSTA é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal:

> Não **tendo conseguido** dormir, fui escaldar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina.
> (O. Lara Resende, *BD*, 112.)

> Já o sol, **tendo dado** volta às ameias da catedral, vinha muito baixo, por alta fresta, espojar-se no meio dos casacos pretos e vestes eclesiásticas.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 265.)

> Sem que eu soubesse, ele acabava de chegar do Rio, **havendo regressado** às pressas, por causa de complicações políticas.
> (C. dos Anjos, *M*, 126.)

A forma SIMPLES expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.

---

[13] Said Ali. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, s. d., p. 180. Sobre a origem e o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo, consulte-se a excelente monografia histórico-descritiva de Theodoro Henrique Maurer Jr.: *O infinitivo flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional / USP, 1968. A propósito, leiam-se também: Said Ali. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 55-76; Holger Sten. L'Infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne. *Boletim de Filologia*, 13: 83-142, 201-256, 1952; Maurice Molho. Le problème de l'infinitif en portugais. *Bulletin Hispanique*, 61: 26-73, 1959; Knud Togeby. L'enigmatique infinitif personnel en portugais. *Studia Neophilologica*, 27: 211-218, 1955; José Maria Rodrigues. Sobre o uso do infinitivo impessoal e do pessoal em *Os lusíadas*. *Boletim de Filologia*, *1*: 3-7, 177-184, 1932-1933; *2*: 1-2, 1933-1934; Zdenek Hampejs. Nota sintático-estilística sobre o infinitivo flexionado português. *Revista Brasileira de Filologia*, *5*: 115-118, 1959-1960; Jacinto do Prado Coelho. O infinito absoluto no Romanceiro Popular. *Boletim de Filologia*, *11*: 133-140, 1950.

Este valor temporal do GERÚNDIO depende quase sempre de sua colocação na frase.

Gerúndio anteposto à oração principal

Colocado no início do período, o GERÚNDIO exprime:

a) uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

> **Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> **Ganhando** a praça, o engenheiro suspirou livre.
> (A. M. Machado, *HR*, 41.)

b) uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua:

> **Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 51.)

> **Estremecendo**, vejo um casal de sessenta anos.
> (A. Abelaira, *QPN*, 131.)

Gerúndio ao lado do verbo principal

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

> Maciel ouvia **sorrindo**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 506.)

> Chorou **soluçando** sobre a cabeça do cão.
> (Castro Soromenho, *TM*, 203.)

> Arrastou-se penosamente, **gatinhando** na areia.
> (C. de Oliveira, *AC*, 91.)

Gerúndio posposto à oração principal

Colocado depois da oração principal, o GERÚNDIO indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

As trajectórias recomeçaram, **processando**-se a um ritmo regular.
(F. Botelho, *X*, 158.)

No regresso para os musseques elas cantavam-na bem perto da casa, **deturpando** intencionalmente a letra da canção.
(A. Santos, *KOP*, 53.)

No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo.
(L. Jardim, *MP*, 47.)

Gerúndio antecedido da preposição em

Precedido da preposição *em*, o GERÚNDIO marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal:

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, **em** me eu **cansando** da terra,
Batia-as, voava ao céu.
(Almeida Garrett, *O*, II, 123.)

Em se lhe **dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.
(Monteiro Lobato, *U*, 127.)

Construções afetivas

1. O aspecto inacabado do GERÚNDIO permite-lhe exprimir a ideia de progressão indefinida, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida, como nestes passos:

   Viajando, viajando, esquecia-se o mal e o bem.
   (Adonias Filho, *LBB*, 101.)

   Andando, andando, escureceu-nos.
   (A. Ribeiro, *M*, 137.)

2. Na linguagem popular, já o dissemos, o GERÚNDIO substitui por vezes a forma IMPERATIVA:

   Andando! [= Vá andando! Ande!]

O gerúndio na locução verbal

O GERÚNDIO combina-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal.

1. **Estar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa num momento rigoroso:

> **Estavam** todos **dormindo**,
> **Estavam** todos deitados,
> **Dormindo**,
> Profundamente.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 211.)

> Estas delongas **estão afligindo** a curiosidade de quem me ler.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 461.)

2. **Andar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado:

> João Fanhoso **andava amanhecendo** sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos.
> (M. Palmério, *VC*, 97.)

> **Andei buscando** esse dia
> pelos humildes caminhos...
> (C. Meireles, *OP*, 277.)

> A população **andava** agora **vivendo** dias grandes de chuva, ainda meio arrelampada com aquela prodigalidade da natureza.
> (M. Ferreira, *HB*, 146.)

3. **Ir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

> Chamas novas e belas **vão raiando**,
> **Vão-se acendendo** os límpidos altares
> E as almas **vão sorrindo** e **vão orando**...
> (Cruz e Sousa, *OC*, 218.)

> Vagaroso, o tempo **foi passando**.
> (M. Torga, *NCM*, 21.)

A terra **ia crescendo** e a mata **fechando**-se cada vez mais.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 125.)

4. **Vir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

Vinha amanhecendo, ainda havia um resto de escuridão, era difícil enxergar as coisas afastadas.
(G. Ramos, *AOH*, 109.)

A noite **vem chegando** de mansinho.
(F. Namora, *RT*, 86.)

Emprego do particípio

Elemento de tempos compostos

O PARTICÍPIO desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo com permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal.

Emprega-se:

a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa:

Temos estudado muito.
Havia escrito várias cartas.

b) com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação:

A carta **foi escrita** por mim.

c) com o auxiliar *estar*, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estamos impressionados com a situação.

Particípio sem auxiliar

1. Desacompanhado de auxiliar, o PARTICÍPIO exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada:

Achada a solução do problema, não mais torturou a cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

Crucificada em mim, sobre os meus braços,
Hei de poisar a boca nos teus passos
Pra não serem pisados por ninguém.
(F. Espanca, *S*, 115.)

Meia légua **andada**, todos eram irmãos.
(J. Saramago, *MC*, 303.)

Chegada a casa, não os encontrou.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 358.)

2. O PARTICÍPIO dos VERBOS TRANSITIVOS tem de regra valor passivo:

Lidas uma e outra, procedeu-se às assinaturas.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

Pouco a pouco os bichos se finavam, **devorados** pelo carrapato.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

3. O PARTICÍPIO dos VERBOS INTRANSITIVOS tem quase sempre valor ativo:

Chegado aos pés, olhava-me para cima.
(V. Ferreira, *NN*, 66.)

Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, **vindo** de Passa Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão.
(Guimarães Rosa, *S*, 7.)

4. Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o PARTICÍPIO não indica por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma forma pode expressar:

a) ação passada:

Aberta uma exceção, estávamos perdidos.

b) ação presente:

Aberta uma exceção, estamos perdidos.

c) ação futura:

Aberta uma exceção, estaremos perdidos.

Nos casos acima, vemos que a oração de PARTICÍPIO tem sujeito diferente da principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.
Mas a relação temporal entre as duas orações pode ser de simultaneidade, principalmente se o sujeito for o mesmo:

> **Embaraçado**, não **consegui** chegar à porta.
> (O. Lara Resende, *BD*, 121.)

> **Rodeada** do bando, Mariana **comia** em paz na cozinha o caldo caridoso.
> (M. Torga, *NCM*, 126.)

> **Deitada** na terra, a chuva na manta, Imboti não **enxerga** o céu de nuvens pesadas e escuras.
> (Adonias Filho, *LP*, 24.)

5. Quando o PARTICÍPIO exprime apenas o estado, sem estabelecer nenhuma relação temporal, ele se confunde com o adjetivo:

> O vento **enfurecido** açoitava a rancharia.
> (A. Meyer, *SI*, 15.)

> Os gritos das gentes **desoladas** atroavam a vila **revolvida**.
> (V. Nemésio, *MTC*, 365.)

> O corpo **torturado** do tratorista caíra em cima dos presos já **adormecidos** àquela hora da noite.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 76.)

CONCORDÂNCIA VERBAL

1. A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

2. A CONCORDÂNCIA evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada:

> **Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei**, já era tarde, não **vi** meu pai.
> (A. Ribeiro, *CRG*, 257.)

— **Tu tens** razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não **precisas voltar** aqui. Não quero que **te exponhas**.
(J. Montello, *DP*, 296.)

A chuva caía violenta no quintal, **ensopava** a areia vermelha dos caminhos e **invadia** mesmo a cela, colando-lhe a roupa no corpo dorido.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 72.)

REGRAS GERAIS

Com um só sujeito

O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido:

A paisagem ficou espiritualizada.
Tinha adquirido uma alma. E **uma nova poesia**
Desceu do céu, **subiu** do mar, **cantou** na estrada...
(M. Bandeira, *PP*, 70.)

Nada **sou**, nada **posso**, nada **sigo**.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
(F. Pessoa, *OP*, 675.)

Vieste de um país que não **conheço**.
(C. Nejar, *OP*, I, 26.)

Com mais de um sujeito

O verbo que tem mais de um sujeito (SUJEITO COMPOSTO) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1.ª pessoa:

Só **eu e Florêncio ficamos calados**, à margem.
(C. dos Anjos, *DR*, 39.)

Tu por um lado **e eu** por outro o **acautelaremos** das horas más.
(A. Ribeiro, *V*, 415.)

b) para a 2.ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1.ª pessoa, houver um da 2.ª:

Nuvem sólida, rosa virginal, água branca
E tu, antiga sinfonia aérea,
Pertenceis ao anjo, não a mim.
(M. Mendes, *P*, 164.)

Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes.
(C. Castelo Branco, *J*, I, 21.)

c) para a 3.ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3.ª pessoa:

Quando **o Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram.**
(F. Namora, *TJ*, 227.)

Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador, o cego preto Firmino e Das Dores exigiram a história dos tatus, que saiu deste modo.
(G. Ramos, *AOH*, 76.)

Observação:

Na linguagem corrente do Brasil, evitam-se as formas do sujeito composto que levam o verbo à 2.ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento *vós* e, também, da substituição do tratamento *tu* por *você*, na maior parte do país.

Em lugar da 2.ª pessoa do plural, encontramos, vez por outra, tanto em Portugal como no Brasil, o verbo na 3.ª pessoa do plural, quando um dos sujeitos é da 2.ª pessoa do singular (*tu*) e os demais da 3.ª pessoa:

Em que língua **tu e ele falavam?**
(R. Fonseca, *C*, 35.)

Mas **nem tu, nem os teus ulemas e cacizes entendem** estas cousas.
(A. Herculano, *MC*, I, 91.)

— **O Pomar e tu** os **esperam.**
(F. Namora, *NM*, 242.)

— **Tu e o Chico levem** o Sr. Alves para casa.
(Castro Soromenho, *C*, 198.)

CASOS PARTICULARES

Com um só sujeito

O sujeito é uma expressão partitiva

Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de* e equivalentes) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural:

> **A maior parte deles** já não **vai** à fábrica!
> (B. Santareno, *TPM*, 40.)

> **A maior parte destes quartos não tinham** teto, nem portas, nem pavimento.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 196.)

> **Uma porção de moleques me olhavam** admirados.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 29.)

> Para meu desapontamento, **a maioria dos nomes** anotados não **dispunha** de telefone, ou **eram** casas comerciais, que não queriam conversa.
> (C. Drummond de Andrade, *BV*, 12.)

Observação:

A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

O sujeito denota quantidade aproximada

Quando o sujeito, indicador de quantidade aproximada, é formado de um *número plural* precedido das expressões *cerca de, mais de, menos de* e similares, o verbo vai normalmente para o plural:

> Ainda assim, **restavam cerca de cem viragos**...
> (J. Ribeiro, *FE*, 53.)

> ...e afinal, depois de tanto trabalho, de tantas palavras e canseiras, **fugirem-lhe** nada **menos de três!**
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 85.)

Observação:

Enquanto o sujeito de que participa a expressão *menos de dois* leva o verbo ao plural, o sujeito formado pelas expressões *mais de um* ou *mais que um*, seguidas de substantivo, deixa o verbo de regra no singular:

> A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; **mais de um torena coçou** o punho da adaga, **mais de um desapresilhou** a pistola, **mais de um virou** as esporas para o peito do pé...
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 331.)

> **Mais de um sujeito correu** na salvação do pescoço-pelado.
> (J. C. de Carvalho, *CLH*, 137.)

Emprega-se, porém, o verbo no plural quando tais expressões vêm repetidas, ou quando nelas haja ideia de reciprocidade. Assim:

> Mais de um velho, mais de uma criança não **puderam fugir** a tempo.
> Mais de um orador **se criticaram** mutuamente na ocasião.

O sujeito é o pronome relativo que

1. O verbo que tem como sujeito o pronome relativo *que* concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome:

> Fui **eu que** lhe **pedi** que não viesse.
> (J. Montello, *DP*, 245.)

> Sou **eu que** lhe **peço**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 244.)

> És **tu que vais** acompanhá-lo.
> (Alves Redol, *BC*, 343.)

> Não és **tu que** me **dás** felicidade.
> (M. de Andrade, *PC*, 253.)

> Foram **eles que criaram** o Brasil, **que** o **tornaram** independente, **que deram** maior brilho ao nosso passado.
> (G. Amado, *TL*, 193.)

2. Se o antecedente do relativo *que* é um demonstrativo, que serve de predicativo ou aposto de um pronome pessoal sujeito, o verbo do relativo pode:

a) concordar com o pronome pessoal sujeito, principalmente quando o antecedente é o demonstrativo *o* (*a, os, as*):

> Não somos **nós os que vamos chamar** esses leais companheiros de além-mundo.
> (R. Barbosa, *EDS*, 680.)

> Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja agora em todos nós, **nós os que recusamos viver** no arame farpado, **nós os que recusamos** o mundo dos patrões e dos criados, **nós os que queremos** o mel para todos.
> (Pepetela, *AN*, 59.)

b) ir para a 3.ª pessoa, em concordância com o demonstrativo, se não há interesse em acentuar a íntima relação entre o predicativo e o sujeito:

> Fui **Essa que** nas ruas **esmolou**
> E fui **a que habitou** Paços Reais...
> (F. Espanca, *S*, 103.)

> Eu sou **aquele que veio** do imenso rio.
> (M. de Andrade, *PC*, 352.)

3. Quando o relativo *que* vem antecedido das expressões *um dos, uma das* (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3.ª pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3.ª pessoa do singular:

> És **um dos** raros homens **que têm** o mundo nas mãos.
> (A. Abelaira, *NC*, 121.)

> **Uma das** coisas **que** mais me **impressionam** é a terrível carreira em que nos excedemos.
> (G. Amado, *TL*, 8.)

> Foi **um dos** poucos no seu tempo **que reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira.
> (J. Ribeiro, *AC*, 326.)

Acurvado sobre a mesa esconsa de seu lavor mercantil, era, aí mesmo, **um dos** primeiros homens doutos **que escrevia** em português sem mácula.

(C. Castelo Branco, *BE*, 213.)

Observação:

O verbo no singular destaca o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, ao contrário do que ocorre se construirmos a oração com o verbo no plural.

4. Depois de (*um*) *dos que* (= um daqueles que) o verbo vai normalmente para a 3.ª pessoa do plural:

Ela passou-se para outro mais decidido, **um dos que moravam** no quartinho dos grandes.

(J. Lins do Rego, *D*, 107.)

Naqueles dias a meninada do colégio interessava-se vivamente pelos concursos e eu era **um dos que** não **perdiam** o bate-boca das arguições.

(M. Bandeira, *PP*, II, 360-361.)

Por vezes omite-se o *um*:

Não sou **dos que acreditam** no direito divino da velhice.

(J. Nabuco, *A*, 294.)

Eu fui **dos que se meteram** ao lodo.

(Alves Redol, *BSL*, 325.)

João Guimarães Alves foi **dos que se perderam** na distância.

(C. Drummond de Andrade, *OC*, 527.)

São raros exemplos literários contemporâneos como estes:

O homem fora **um dos que** não **resistira** a tal sortilégio.

(F. Namora, *CS*, 168.)

O bispo de Silves foi **um dos que caiu** no erro funesto.

(A. Ribeiro, *PSP*, 250.)

O sujeito é o pronome relativo quem

1. O pronome relativo *quem* constrói-se, de regra, com o verbo na 3.ª pessoa do singular:

> És tu **quem murmura** nas águas,
> Tu és **quem respira** por mim.
> (M. Mendes, *P*, 181.)

> E não fui eu **quem** te **salvou?**
> (D. Mourão-Ferreira, *I*, 91.)

2. Não faltam, porém, exemplos de bons autores em que o verbo concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior. Neste caso, põe-se em relevo, sem rodeios mentais, o sujeito efetivo da ação expressa pelo verbo:

> Não sou **eu quem descrevo.** Eu sou a tela
> E oculta mão colora alguém em mim.
> (F. Pessoa, *OP*, 55.)

> Eram os filhos, estudantes nas Faculdades da Bahia, **quem** os **obrigavam** a abandonar os hábitos frugais.
> (J. Amado, *GCC*, 249.)

É esta a construção preferida da linguagem popular.

O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido plural, seguido de de *(ou* dentre*)* nós *(ou* vós*)*

Se o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos (*quais? quantos?*), dos demonstrativos (*estes, esses, aqueles*) ou dos indefinidos no plural (*alguns, muitos, poucos, quaisquer, vários*), seguido de uma das expressões *de nós, de vós, dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3.ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo:

> Mas, **quantos, dentre nós**, ainda **estão** vivos, devotam à vida a mesma paixão de outrora?
> (N. Piñon, *FD*, 47-48.)

> **Quantos dentre vós** que me ouvis não **tereis** tomado parte em romagens a Aparecida?
> (A. Arinos, *OC*, 770.)

Quais de vós sois, como eu, desterrados no meio do gênero humano?
(A. Herculano, *E*, 170.)

Muitos de nós andam por aí, querendo puxar conversa com vocês.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 163.)

Estou falando, portanto, com **aqueles dentre vós que trabalham** na construção em frente de minha janela.
(R. Braga, *CCE*, 249.)

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, também no singular deverá ficar o verbo:

Quando as nuvens começaram a existir,
qual de nós estava presente?
(C. Meireles, *OP*, 299.)

Nenhum de vós, ao meu enterro,
Irá mais dândi, olhai! do que eu!
(A. Nobre, *S*, 83.)

O sujeito é um plural aparente

Os nomes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo:

Mas **Vassouras** é que não o **esquecerá** tão cedo.
(R. Correia, *PCP*, 492.)

Comparado, por exemplo, com *Agosto azul*, ***Regressos* acusa** nalguns capítulos uma ligeira variação de timbre.
(U. Tavares Rodrigues, *MTG*, 50.)

***Alegrias de Nossa Senhora* tem** a sua história.
(M. Bandeira, *PP*, II, 70.)

Quando esses nomes são precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma plural:

Os Estados Unidos, então, por sua vez, **tentam** uma demonstração espetacular.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 308.)

As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* lhe **davam** uma outra dimensão.
(T. Martins Moreira, *VVT*, 38.)

O sujeito é indeterminado

Nas orações de sujeito indeterminado, já o dissemos, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural:

— **Pediram**-me que a procurasse.
(F. Botelho, *X*, 203.)

Estavam botando o búzio para os que ficavam mais distantes.
(J. Lins do Rego, *ME*, 60.)

Se, no entanto, a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome *se*, o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

Veio a hora do chá. Depois **cantou-se** e **tocou-se** ainda.
(Machado de Assis, *OC*, II, 106.)

Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
(A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

Concordância do verbo ser

1. Em alguns casos o verbo *ser* concorda com o predicativo.
Assim:
1.º) Nas orações começadas pelos pronomes interrogativos substantivos *que?* e *quem?*:

— **Que são seis meses?**
(Machado de Assis, *OC*, I, 1041.)

Quem teriam sido os primeiros deuses?
(A. Sérgio, *E*, IV, 245.)

Quis saber **quem eram meus pais** e **o que faziam**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 567.)

2.º) Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo* ou *o* (= aquilo) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural:

Tudo isto eram sintomas graves.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

— **Isto** não **são conversas** para ti, pequena.
(F. Namora, *TJ*, 196.)

O que há de novo nelas **são as cores.**
(M. Bandeira, *AA*, 51.)

Tudo na vida **são verdades** de relação.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 309.)

Tal concordância explica-se pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nocional, pois esta alude a realidades mais evidentes.

Mas, neste caso, também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido:

Tudo é flores no presente.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 230.)

Se calhar, **tudo é símbolos.**
(F. Pessoa, *OP*, 352.)

Tudo era os estudos, brincadeiras.
(Luandino Vieira, *VE*, 49.)

Nestes exemplos, os três escritores, com o singular (isto é, colocando o verbo em concordância com o pronome indefinido), procuram realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as diferentes realidades transformadas numa só coisa.

Atente-se no efeito estilístico provocado pelo contraste de concordância neste passo de Camilo Castelo Branco:

Há neles muita lágrima, e **o que** não **é lágrimas são algemas.**

3.º) Quando o sujeito é uma expressão de sentido coletivo, como *o resto, o mais*:

O resto são atributos sem importância.
(M. Torga, *V*, 214.)

O mais são casas esparsas.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 73.)

4.º) Nas orações impessoais:

São duas horas da noite.
(A. Botto, *AO*, 141.)

Eram quase **oito horas.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 133.)

Observação:

Empregados com referência às horas do dia, os verbos *dar, bater, soar* e sinônimos concordam com o número que indica as horas:

Soaram doze horas por igrejas daqueles vales.
(C. Castelo Branco, *QA*, 163.)

Batiam oito horas quando ele acordou e abriu as janelas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 92.)

Quando há o sujeito *relógio* (ou *sino*, *sineta*, etc.), o verbo naturalmente concorda com ele:

O sino da Matriz bateu seis horas.
(A. Meyer, *P*, 159.)

O relógio de uma das igrejas bateu duas horas.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 571.)

2. Se o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo normalmente concorda com ele, qualquer que seja o número do predicativo:

Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes.
(A. F. de Castilho, *AO*, 25.)

Todo **eu era** olhos e coração.
(Machado de Assis, *OC*, I, 742.)

Não é rara, porém, a concordância com o predicativo plural quando este representa partes do corpo da pessoa nomeada no sujeito:

Santinha **eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca.**
(M. Bandeira, *PP*, I, 403.)

3. Quando o sujeito é constituído de uma expressão numérica que se considera em sua totalidade, o verbo *ser* fica no singular:

Oito anos sempre **é** alguma coisa.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 146.)

— **Dez contos**?! Não **será** demais?
(Almada Negreiros, *NG*, 80.)

4. Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito:

Tu é que **deves escolher** o sítio.
(Alves Redol, *BC*, 343.)

Eu é que **estou escutando** o assobio no escuro.
(C. Lispector, *AV*, 94.)

Observações:

1.ª) A locução de realce *é que* é invariável e vem sempre colocada entre o sujeito da oração e o verbo a que ele se refere.

Assim:

José **é que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

É uma construção fixa, e não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo *ser* antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos.

Compare-se, por exemplo, ao anterior o seguinte período:

José **é que** trabalhou, mas **foram** os irmãos **que** se aproveitaram do seu esforço.

Ou este:

Foi José **que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

2.ª) Também não deve ser confundido com a expressão de realce *é que* o encontro da forma verbal *é* com a conjunção integrante *que* em contextos do tipo:

Bom **é que** não haja mais discussões.
O certo **é que** ele não voltará.

equivalentes a:

É bom **que** não haja mais discussões.
Que ele não voltará **é** o certo.

3.ª) Sobre estas e outras construções em que se dá a concorrência das formas *é* e *que* e sobre a interpretação cabível em cada caso, vejam-se José Oiticica. *Manual de análise (léxica e sintática)*. 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 235-237; ——. Sobre a expressão "é que". *Revista Filológica*, 7 (27): 217-225, 1944; João Malaca Casteleiro. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*. *Boletim de Filologia*, 25: 97-166, 1976-1979.

Com mais de um sujeito

Concordância com o sujeito mais próximo

Vimos que o adjetivo que modifica vários substantivos pode, em certos casos, concordar com o substantivo mais próximo. Também o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois dele:

Que te **seja** propício **o astro e a flor,**
Que a teus pés **se incline a Terra e o Mar.**
(F. Espanca, *S*, 163.)

Habita-me **o espaço e a desolação.**
(V. Ferreira, *A*, 24.)

Rua da União onde todas as tardes **passava a preta das bananas** com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana.
(M. Bandeira, *PP*, I, 200.)

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos:

A conciliação, a harmonia entre uns e outros **é possível.**
(A. Abelaira, *NC*, 178.)

Todo o seu comentário, toda a sua exegese e todo o seu exame crítico vinha insuflado dessa virtude elucidativa em que a sua contribuição pessoal se fazia sentir, ainda que no campo da hipótese ou da conjectura.
(Joaquim Ribeiro, in J. Ribeiro, *CD*², III.)

O amor e a admiração nas crianças **compraz-se** dos extremos.
(A. Ribeiro, *CRG*, 86.)

c) quando há uma enumeração gradativa:

A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos.
(Monteiro Lobato, *N*, 4.)

O grotesco, o pobre, o sem forças, era triturado agora na pressão dessa grande cidade, ininterrupta de gente, de casos que profundamente a excluíam.
(A. Bessa Luís, *AM*, 54.)

d) quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude:

A grandeza e a significação das coisas **resulta** do grau de transcendência que encerram.
(M. Torga, *TU*, 63.)

Morro, **se a graça e a misericórdia de Deus** me não **acode**.
(C. Castelo Branco, *CE*, 40.)

Infinitivos sujeitos

Quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular:

Olhar e ver era para mim um recurso de defesa.
(J. Lins do Rego, *P*, 93.)

Fazer e escrever é a mesma coisa.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 52.)

Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto.
(R. de Queirós, *CCE*, 95.)

Mas o verbo pode ir para o plural quando os infinitivos exprimem ideias nitidamente contrárias:

> Em sua vida, à porfia,
> **Se alternam rir e chorar.**
> (A. de Oliveira, *Pós*t., 43.)

Sujeitos resumidos por um pronome indefinido

Quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular, em concordância com esse pronome:

> O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, **era tudo** de um cinzento de borralho.
> (R. de Queirós, *TR*, 15.)

> Letras, ciências, costumes, instituições, **nada** disso **é** nacional.
> (Eça de Queirós, *O*, II, 1108.)

A mesma concordância se faz quando o pronome anuncia os sujeitos:

> **Tudo** o **fazia** lembrar-se dela: a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes.
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> E não só dos homens se arreceava — **tudo temia**: o sol do verão, o frio do inverno, os frutos que ela colhia, as flores com que se enfeitava.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

Sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa

Quando os sujeitos, por palavras diferentes, representam uma só pessoa ou uma só coisa, o verbo fica naturalmente no singular:

> **A Ideia, o sumo Bem, o verbo, a Essência,**
> Só **se revela** aos homens e às nações
> No céu incorruptível da Consciência!
> (A. de Quental, *SC*, 62.)

> **Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria,** nunca mais me **esqueceu**, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 741.)

Sujeitos ligados por ou *e por* nem

1. Quando o sujeito composto é formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo costuma ir:

a) para o plural, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos:

> **O mal ou o bem** dali **teriam de vir.**
> (D. Silveira de Queirós, *MLR*, 188.)

> Por muito que **o tempo ou a paisagem se repetissem**, essa teimosia apenas a aproximava da harmonia caprichosa da paisagem da sua infância, lá onde os cheiros, os dias e as cores nunca chegavam a sedimentar.
> (F. Namora, *TJ*, 301.)

> É a nobre dama recém-chegada, à qual **nem o cansaço de trabalhosa jornada nem o hábito dos cômodos do mundo puderam impedir** acompanhasse na oração aquelas que o trato de poucas horas já lhe fazia amar como irmãs.
> (A. Herculano, *E*, 130.)

> **Nem a monotonia nem o tédio a fariam** capitular agora.
> (C. dos Anjos, *M*, 235.)

b) para o *singular*, se o fato expresso pelo verbo só pode ser atribuído a um dos sujeitos, isto é, se há ideia de alternativa:

> Fui devagar, mas **o pé ou o espelho traiu-me.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 763.)

> **Nem tormenta nem tormento**
> nos **poderia parar.**
> (C. Meireles, *OP*, 141.)

2. Nota-se, porém, na linguagem coloquial uma tendência de anular tais distinções, principalmente quando os sujeitos estão ligados pela conjunção *nem*. Encontra-se frequentemente o plural onde seria de esperar o singular. Assim:

> **Nem João nem Carlos serão eleitos** presidente do clube.

O cargo de presidente é exercido por um só indivíduo. Logo, o verbo deveria marcar alternância.

Outras vezes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo, embora a ação se refira a cada um dos sujeitos.

Assim:

> **Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação** de que eu pudesse persegui-los **perturbava** o aconchego.
> (D. Silveira de Queirós, *EHT*, 53.)

> **Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder** mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

3. Se os sujeitos ligados por *ou* ou por *nem* não são da mesma pessoa, isto é, se entre eles há algum expresso por pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa, o verbo irá normalmente para o plural e para a pessoa que tiver precedência.

> **Ou ela ou eu havemos de abandonar** para sempre esta casa; e isto hoje mesmo.
> (B. Guimarães, *EI*, 56.)

> **Nem tu nem eu soubemos ser** nós uma única vez.
> (A. Abelaira, *B*, 122.)

4. As expressões *um* ou *outro* e *nem um nem outro*, empregadas como pronome substantivo ou como pronome adjetivo, exigem normalmente o verbo no singular:

> **Um ou outro porco era** cevado e as salgadeiras de Corrocovo suavizaram o inverno.
> (C. de Oliveira, *CD*, 96.)

> Só **um ou outro menino usava** sapatos; a maioria, de tamanco ou descalça.
> (G. Amado, *HMI*, 57.)

> **Nem um nem outro havia idealizado** previamente este encontro.
> (T. da Silveira, *SC*, 220.)

Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que **um ou outro** lhe **ficava** bem.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

Não é rara, porém, a construção com o verbo no plural quando as expressões se empregam como pronome substantivo:

Mas **nem um nem outro puderam compreender** logo toda a extensão e a gravidade do mal.
(A. Arinos, *OC*, 325.)

Nem um nem outro desejavam questionar.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1145.)

A locução um *e* outro

A locução *um e outro* pode levar o verbo ao plural ou, com menos frequência, ao singular:

Um e outro tinham a sola rota.
(Machado de Assis, *OC*, III, 1000.)

Uma e outra obedecia logo e, à que fazia ouvidos moucos, ele enviava uma pedrada.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 364.)

As duas construções são admissíveis ainda quando a locução é usada como pronome adjetivo, caso em que precede sempre um substantivo no singular:

Mas **uma e outra cousa duraram** apenas rápido instante.
(A. Herculano, *E*, 207.)

Uma e outra cousa existiam em estado latente, mas existiam.
(Machado de Assis, *OC*, II, 287.)

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.
(A. de Quental, *P*, I, 167.)

Sujeito ligados por com

Quando os sujeitos vêm unidos pela partícula *com*, o verbo pode usar-se no plural ou em concordância com o primeiro sujeito, segundo a valorização expressiva que dermos ao elemento regido de *com*.

Assim, o verbo irá normalmente:

a) para o *plural*, quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula *com* os enlaça como se fosse a conjunção *e*:

> **O mestre com o boleeiro fizeram** a emenda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 94.)

> **Garcilaso com Boscán e Petrarca são** os poetas favoritos do grande épico.
> (J. Ribeiro, *F*, 294.)

> **O pontífice, com todos os membros do consistório**, mal **puderam sair** suplentes.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 582.)

b) para o número do primeiro sujeito, quando pretendemos realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia:

> O **Coronel Lula de Holanda**, de preto, com a mulher e a filha, sobranceiro, de cabeça erguida, **mostrava-se** à canalha de olhos compridos, com a família na seda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 229.)

> **A viúva**, com o resto da família, **mudara-se** para Vila Isabel, desde o rompimento.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 71.)

Sujeitos ligados por conjunção comparativa

Quando dois sujeitos estão unidos por uma das conjunções comparativas *como*, *assim como*, *bem como* e equivalentes, a concordância depende da interpretação que dermos ao conjunto:

Assim, o verbo concordará:

a) *Com o primeiro sujeito*, se quisermos destacá-lo:

> **O nome**, como o corpo, **é** nós também.
> (V. Ferreira, *A*, 20.)

> **O dólar**, como a girafa, **não existe**.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 89.)

Neste caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem enunciado entre pausas, que se marcam, na escrita, por vírgulas.

b) *Com os dois sujeitos englobadamente* (isto é: o verbo irá para o plural), se os considerarmos termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente damos, por exemplo, a estruturas correlativas do tipo *tanto... como*:

> É inútil acrescentar que **tanto ele como eu esperamos** que você nos dê sempre notícias.
> (Ribeiro Couto, *C*, 202.)

> **Tanto um como outro se ocupavam** em mercadejar.
> (A. Ribeiro, *PSP*, 265.)

> É um homem excelente, e **tanto Emília como Francisquinha** o **estimam** muito, a seu modo.
> (C. dos Anjos, *DR*, 128.)

Entre os sujeitos não há pausa; logo, não devem ser separados, na escrita, por vírgula.

De modo semelhante se comportam os sujeitos ligados por série aditiva enfática (*não só... mas* [*senão* ou *como*] *também*):

> Qualquer se persuadirá de que **não só a nação mas também o príncipe estariam** pobres.
> (A. Herculano, *HP*, III, 303.)

REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo.

Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama REGÊNCIA. A palavra dependente denomina-se REGIDA, e o termo a que ela se subordina, REGENTE.

As relações de REGÊNCIA podem ser indicadas:

a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração;
b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;
c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

Em outros capítulos deste livro, estudamos parceladamente tais relações: complementos pedidos por substantivos, por adjetivos, por verbos, por advérbios e, mesmo, por orações. Procuraremos, agora, precisar melhor as formas que assume a REGÊNCIA VERBAL.

Observação:

A REGÊNCIA é o movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. Por exemplo: a conjunção *embora* pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo regido. Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. La notion de rection. *Acta Linguística*, *1*: 10-23, 1939.

REGÊNCIA VERBAL

Vimos que, quanto à predicação, os verbos nocionais se dividem em INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Os INTRANSITIVOS expressam uma ideia completa:

A criança **dormiu**. Pedro **viajou**.

Os TRANSITIVOS, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (OBJETO DIRETO ou INDIRETO) para integrar-lhes o sentido:

O menino **comprou um livro**.
O velho **carecia de roupa**.
Pedro **deu um presente ao amigo**.

A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a REGÊNCIA VERBAL, pode, como nos mostram os exemplos acima, fazer-se:

a) *diretamente*, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é OBJETO DIRETO;
b) *indiretamente*, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é OBJETO INDIRETO.

Diversidade e igualdade de regência

Verbos há que admitem mais de uma regência. Em geral, a diversidade de regência corresponde a uma variação significativa do verbo. Assim:

Aspirar [= sorver, respirar] **o ar de montanha.**
Aspirar [= desejar, pretender] **a um alto cargo.**

Alguns verbos, no entanto, usam-se na mesma acepção com mais de uma regência. Assim:

Meditar **num assunto.**
Meditar **sobre um assunto.**

Outros, finalmente, mudam de significação, sem variar de regência. Assim:

Carecer [= não ter] **de dinheiro.**
Carecer [= precisar] **de dinheiro.**

Observação:

No estudo da regência verbal cumpre não esquecer os seguintes fatos:

1.º) O OBJETO INDIRETO só não vem preposicionado quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos* e *lhes*.

2.º) Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJETO INDIRETO) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS ou ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3.º) Os VERBOS INTRANSITIVOS podem, em certos casos, ser seguidos de OBJETO DIRETO. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objeto, é formado da mesma raiz ou contém o sentido fundamental do verbo. Exemplos:

Viver **uma vida alegre.**
Chorar **lágrimas de amargura.**

4.º) Também VERBOS TRANSITIVOS costumam ser usados intransitivamente:

O pior cego é o que não **quer ver.**
Ele é manhoso: não **afirma** nem **nega.**

5.º) Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos adjetivos cognatos:

Obedecer **ao chefe.**
Obediência **ao chefe.**
Obediente **ao chefe.**

Contentar-se **com a sorte.**
Contentamento **com a sorte.**
Contente **com a sorte.**

Regência de alguns verbos

Aspirar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa "sorver", "respirar":

> **Aspirando o frescor do seu vestido...**
> (C. Pessanha, *C*, 82.)

> Destampava as panelas, especulava o que se ia comer, **aspirava** com gosto **o perfume do refogado** — da salsa, do alho, da cebolinha.
> (O. Lara Resende, *RG*, 36.)

> Arregaçou o focinho, **aspirou o ar** lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.
> (G. Ramos, *VS*, 130-131.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "pretender", "desejar". Neste caso, o OBJETO INDIRETO vem introduzido pela preposição *a* (ou *por*), não admitindo a substituição pela forma pronominal *lhe* (ou *lhes*), mas somente por *a ele*(*s*) ou *a ela*(*s*):

> Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me **aspirar**, com ânsia, **à libertação.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 407.)

> **Aspiramos a uma terra pacífica.**
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 830.)

> E a mim, que **aspiro a ele**, a mim, que o amo,
> Que anseio por mais vida e maior brilho,
> Há de negar-me o termo deste anseio?
> (A. de Quental, *SC*, 10.)

Advirta-se, porém, que, embora invariavelmente condenado pelos gramáticos, o regime direto se insinua, vez por outra, na pena de escritores brasileiros modernos e contemporâneos:

> Ele sente, ele **aspira**, ele deseja
> **A grande zona da imortal bonança.**
> (Cruz e Sousa, *OC*, 212.)

Oh! **o que** eu não **aspirava**, no titanismo das minhas ânsias de moço, para o meu país!
(G. Amado, *PP*, 49.)

Assistir

1.º) Uma longa tradição gramatical ensina que este verbo é TRANSITIVO INDIRETO no sentido de "estar presente", "presenciar". Com tal significado, deve o OBJETO INDIRETO ser encabeçado pela preposição *a*, e, se for expresso por pronome de 3.ª pessoa, exigirá a forma *a ele(s)* ou *a ela(s)*, e não *lhe(s)*. Assim:

Assisti **a algumas touradas**.
(A. F. Schmidt, *AP*, 175.)

Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm **assistido a elas** e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável.
(Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com OBJETO DIRETO (cf.: *assistir o jogo, um filme*), e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada. Sirvam de exemplo estes dois passos:

Trata-se de um filme **que** eu **assistia**.
(C. Lispector, *AV*, 32.)

Dava dinheiro e corrompia para fazer passar de novo e sempre as fitas **que** não **assistira**.
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "favorecer", "caber (direito ou razão, a alguém)", mas, neste caso, pode construir-se com a forma pronominal *lhe(s)*:

Ao dono da loja assiste razão de gabar-se, como o fez, por sua iniciativa.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 94.)

Que direito **lhe assistia** de julgar Jacinto?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 31.)

3.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO nos sentidos de "acompanhar", "ajudar", "prestar assistência", "socorrer":

> Deus bom, que **assiste os coitados**.
> (C. dos Anjos, *DR*, 129.)

> Continuarei a **assisti-la** com a discrição requerida pela sua sensibilidade.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 695.)

> — Só esta manhã é que tivemos o doutor no Pomar; veio **assistir à filha do Manuel Calmeiro.**
> (F. Namora, *NM*, 216-217.)

> O encarregado **era assistido por dois homens de bordo**, um deles de olhos muito brancos.
> (B. Lopes, *C*, 64.)

> E ali ficava, animando-o a seu modo, enquanto punha em ordem o quarto, **assistida pelo cão**, que se acomodava ao lado da cama.
> (J. Montello, *DP*, 255.)

4.º) No sentido de "morar", "residir", "habitar", o locativo vem introduzido pela preposição *em*:

> Dois daqueles **assistiam no termo de Vila Nova da Rainha**.
> (A. Arinos, *OC*, 407.)

> — Você então está **assistindo** por aqui, **neste começo de Gerais?**
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 493.)

Este emprego do verbo *assistir*, muito frequente nos clássicos, tem sabor arcaizante num contexto literário contemporâneo.

Chamar

Ressaltem-se os seguintes valores e empregos:

1.º) Com o significado de "fazer vir", "convocar", usa-se com OBJETO DIRETO:

> O presidente do banco **chamou-o** para uma conversa penosa.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

É claro que **chamei o sacristão** e lhe pedi silêncio.
(C. de Oliveira, *AC*, 29.)

2.º) Na acepção de "invocar", pede OBJETO INDIRETO encabeçado pela preposição *por*:

As tias **chamavam por Santa Bárbara e por São Jerônimo.**
(O. Lara Resende, *PM*, 97.)

Tanto valeu tanger a campainha da ordem como **chamar pelo miraculoso padre Antônio.**
(A. Ribeiro, *V*, 421.)

O Negrinho **chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa.**
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 333.)

3.º) No sentido de "qualificar", "apelidar", "dar nome", constrói-se:

a) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO:

O povo **chamava-o maluco.**
(J. Lins do Rego, *U*, 127.)

b) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO, precedido da preposição *de*[14]:

Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 71.)

c) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO:

Chama-lhe amizade, se preferires.
(F. Namora, *RT*, 173.)

d) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO (precedido da preposição *de*):

Chamava-lhe sempre **de miúdo.**
(Luandino Vieira, *L*, 22.)

---

[14] Esta construção, desusada em Portugal e condenada pelos puristas, é a predominante na linguagem coloquial brasileira e tende a sê-lo também na expressão literária modernista.

4.º) Pode ser INTRANSITIVO, quando equivale a "dar ou fazer sinal com a voz ou o gesto, para que alguém venha":

> **Chamasse**, gritando, José Balbino invadiria o quarto.
> (Adonias Filho, *LBB*, 53.)

> — **Chamou**? pergunta-me o guarda.
> — Não **chamei**.
> (V. Ferreira, *NN*, 78.)

Neste sentido também se usa com objeto indireto precedido da preposição *por* (*per*):

> Sampaio correu a porta e **chamou pelos sipaios**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 215.)

> — Ela **chamou por mim**, Barbaças!
> (F. Namora, *TJ*, 45.)

Ensinar

1.º) Na língua atual, constrói-se preferentemente com OBJETO DIRETO de "coisa" e INDIRETO de "pessoa":

> Vou dizer que o Antoninho andou pelas portas a **ensinar-vos a lição** e a prometer-vos peitas.
> (A. Ribeiro, *V*, 410.)

> E eu **lhe ensinei a pura alegria**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

> Se **lhe ensinassem um ofício**, podia fazer um pedaço.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 13.)

2.º) Quando a "coisa" ensinada vem expressa por um infinitivo precedido da preposição *a*, a língua atual oferece-nos dois tipos de construção:
a) *ensinar-lhe a* + INFINITIVO;
b) *ensiná-lo a* + INFINITIVO.

Comparem-se estes exemplos:

> Em vão **ensinara-lhe a proteger** os animais das pragas e dos vendavais.
> (N. Pinõn, *CC*, 52.)

Tinha de o convencer, de **o ensinar a ver** claro.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 154.)

3.º) Quando se silencia a "coisa" ensinada, a denominação da "pessoa" costuma funcionar como OBJETO DIRETO:

Uma moça formada de anel no dedo **podia ensinar as meninas** até o curso secundário.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 189.)

Sem que o Antunes **a tivesse ensinado**, ela tinha aprendido com ele a ver-se de uma maneira diversa da que costumava nos clubes.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

4.º) Nos sentidos de "castigar", "bater", "adestrar", "amestrar", "educar", usa-se normalmente com OBJETO DIRETO:

A tarimba é que viria **ensiná-lo**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 482.)

Era seu luxo montá-lo na vila, exibindo-o em dias de feira no apuro da maestria com que **o mandara ensinar**.
(Alves Redol, *MB*, 263.)

5.º) Apontem-se ainda as construções:

a) com OBJETO DIRETO de "coisa" explícito e OBJETO INDIRETO de "pessoa" não expresso:

Não basta o **que** a vida **ensina**.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Tu deves **ensinar o** que eu hei de fazer.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

b) com OBJETO INDIRETO de "pessoa" explícito e com o OBJETO DIRETO de "coisa" calado:

Pode ser mesmo que em alguma ocasião **lhe tivesse ensinado** mal...
(Machado de Assis, *OC*, II, 534.)

Foi ao lado do motorista para **lhe ensinar**.
(Almada Negreiros, *NG*, 81.)

c) como INTRANSITIVO:

Na vossa terra não há quem **ensine**?
(F. Namora, *TJ*, 294.)

Como mestra, a vida **ensina** mal.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Esquecer

1.º) Na acepção própria de "olvidar", "sair da lembrança", este verbo constrói-se, tradicionalmente:

a) seja com OBJETO DIRETO:

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.
(C. Drummond de Andrade, *R*, 9.)

— Pois é, não deve deixar que **o esqueçam.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 722.)

Eu não **esqueço o bem** que ele me fez.
(Castro Soromenho, *TM*, 244-245.)

b) seja com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *de*, quando pronominal:

Tendo de lutar para obter melhoria de situação, **foi-se esquecendo dos deveres religiosos.**
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 123.)

Diabo: o Barbaças **esquecia-se de deixar as rações** na manjedoura.
(F. Namora, *TJ*, 325.)

2.º) Do cruzamento destas duas construções resultou uma terceira, sem o pronome reflexivo, mas com o OBJETO introduzido por *de*:

Esqueceu os deveres religiosos
Esqueceu-se dos deveres religiosos
↓
Esqueceu dos deveres religiosos

Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito frequente no colóquio diário dos brasileiros, já se vem insinuando na linguagem literária,

principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo. Sirvam de exemplo estes passos:

> Guma **esquece de tudo**, e se deixa ir no doce acalanto dessa toada tão bela.
> (J. Amado, *MM*, 55.)

> Ah, sim, **esqueci de confessar** quando a vi.
> (N. Pinon, *SA*, 155.)

3.º) Também não é raro na língua atual o tipo sintático *esquecer-se que*, com elipse da preposição:

> — Toma esta chave, e não **te esqueças que** o seu poder é sobrenatural.
> (G. Amado, *TL*, 5.)

> — Um homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a **esquecer-se que** é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> — **Esquece-se que** não tenho outra companhia...
> (Alves Redol, *BC*, 296.)

4.º) À semelhança de *lembrar-se*, o verbo *esquecer-se* admite uma construção de estrutura diversa das que até agora examinamos. Os elementos que nestas funcionam como OBJETO (DIRETO OU INDIRETO) vão figurar nela como sujeito:

> E o pior é que **me esqueceu tudo**, valha-me Deus!
> (J. Régio, *SM*, 303.)

> **Esqueceram-me todas as mágoas**, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o salão como se estivesse contemplando o mar.
> (C. dos Anjos, *DR*, 116.)

5.º) Finalmente, do cruzamento das construções

Esqueci-me de tudo

e

Esqueceu-me tudo,

resultou uma nova:

Esqueceu-me de tudo.[15]

Comparem-se estes exemplos:

Não **lhes esqueça de regarem** o passeio adiante da porta.
(Almeida Garrett, *O*, II, 1262.)

Esqueceu-me de citar no texto a formação de *empós*, justaposição de *em* e *pos*, que é o *post* latino.
(M. Barreto, *FLP*, 98.)

Interessar

1.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO, nas acepções de "dizer respeito a", "importar", "ser proveitoso", "ser do interesse de":

Pensei que **os interessasse** estar ao corrente disto.
(C. de Oliveira, *AC*, 161.)

— Fiz uma visita à mulher, o caso **interessou-me.** E também **o** há de **interessar a si.**
(F. Namora, *RT*, 39.)

E eu calculei que talvez a transação **lhe interessasse.**
(G. Ramos, *SB*, 20.)

O mundo mudava, e **a Ternura** não **interessava** mais viver depois que tudo ficara diferente.
(A. M. Machado, *JT*, 220.)

2.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa:

a) "captar ou prender o espírito, a atenção, a curiosidade"; "excitar a":

Ele percebeu então que falara demais, a ponto de **interessá-la**, e olhou-a rapidamente de lado.
(C. Lispector, *ME*, 178.)

---

[15] Esta construção é desusada dos escritores contemporâneos, quer portugueses, quer brasileiros.

As histórias de Zefinha não **o interessavam.**
(J. Lins do Rego, *MVA*, 318.)

b) "alcançar", "ofender", "ferir":

O ferimento **interessou a aorta.**
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

A facada **interessou o pulmão direito.**
(Caldas Aulete, *DCLP*, 986.)

3.º) Emprega-se com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *em* nos sentidos de "ter interesse", "tirar utilidade, lucro ou proveito":

O rei **interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres.**
(A. Herculano, *MC*, II, 78-79.)

É lícito supor que desejava prolongar a luta, porque **interessava em residir na corte de Roma.**
(A. Herculano, *OEIP*, II, 50.)

4.º) É TRANSITIVO DIRETO e INDIRETO quando significa:
a) "dar a alguém parte num negócio ou nos lucros":

Interessei-o nesta empresa.
(M. de Sousa Lima, *GP*, 294.)

Interessei meu irmão na charutaria.
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

b) "atrair", "provocar o interesse ou a curiosidade de":

Foi fácil para ele **interessar toda a cidade na incrível figurinha de Shirley Temple.**
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

A princípio tentara **interessá-lo nos problemas sociais** que o entusiasmavam.
(Castro Soromenho, *TM*, 171.)

Josefina, é verdade que nunca se aproximou de mim para **me interessar nos seus enigmas.**
(A. Bessa Luís, *M*, 296.)

5.º) No sentido de "empenhar-se", "tomar interesse por", tem forma reflexa e faz-se acompanhar de OBJETO INDIRETO encabeçado por uma das preposições *em* ou *por*:

> **Interesso-me em aspirar** todos os aromas que recendem das essências angélicas.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 509.)

> Zazá não **se interessava** muito **pelo futebol**.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 46.)

> **Interessavam-se** as três, humanamente, **pelos alunos, pelos seus casos familiares, pelas inclinações que revelavam, pelas suas singularidades físicas e espirituais**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 198.)

Lembrar

O verbo *lembrar(-se)* apresenta os mesmos tipos de construção que o seu antônimo *esquecer(-se)*.

Assim:

1.º) Com o sentido de "trazer à lembrança", "evocar", "sugerir", "recordar-se" é TRANSITIVO DIRETO:

> O monte **lembrava um lençol esburacado**.
> (A. Ribeiro, *M*, 147.)

> **Lembrei dias de ventanias, sóis de correrias.**
> (Luandino Vieira, *NANV*, 194.)

> **Lembro-a** hoje, com os seus cabelos brancos...
> (A. F. Schmidt, *F*, 43.)

2.º) Na acepção de "sugerir a lembrança", "fazer recordar", "advertir", constrói-se com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> E ali era ele quem mandava, não precisava de **o lembrar à filha**.
> (Alves Redol, *BC*, 29.)

> Para **me lembrar ao senhor**? Para **lembrá-lo a mim**? Nosso entendimento se tornou tão fácil que dispensa a operação da lembrança.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 153.)

3.º) Com o sentido de "vir à memória", que é o mais usual, admite, à semelhança de *esquecer*, três modelos de construção:

a) **Lembro-me do acontecimento.**
b) **Lembra-me o acontecimento.**
c) **Lembra-me do acontecimento.**

O primeiro é o mais frequente, seja na linguagem coloquial, seja na literária:

— Já não **se lembra da picardia** que me fez?
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

Nisto o meu companheiro **lembra-se de cantar.**
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 167.)

— Já não **se lembra de mim**, naturalmente...
(M. Lopes, *FVL*, 85.)

Eu **me lembro do outro cajueiro** que era menor e morreu há tanto tempo. Eu **me lembro dos pés de pinha**...
(R. Braga, *CCE*, 321.)

Lembra-te, Belmiro, **de que essas bodas são impossíveis.**
(C. dos Anjos, *DR*, 44-45.)

Quando o OBJETO INDIRETO vem expresso por uma oração desenvolvida, como no último exemplo, a preposição *de* pode faltar:

Lembro-me que certa vez **juntei uma porção de artigos médicos sobre o assunto.**
(R. Braga, *CCE*, 49.)

Lembrou-me que teria de passar junto de três ou quatro casas conhecidas.
(F. Namora, *HD*, 53.)

Lembro-me que devo voltar à missa solene...
(A. Schmidt, *F*, 37.)

O segundo modelo sintático é mais usado em Portugal do que no Brasil, onde o seu emprego se circunscreve à linguagem formal:

O filme já não **me lembra.**
(V. Ferreira, *NN*, 74.)

Não **me lembra o motivo que alegou.**
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, é de emprego raro na língua atual:

Voltei depois que ela entrou em casa, e só muito abaixo é que **me lembrou de ver as horas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 648.)

Já **me lembrou de** o **esperar** no caminho **e pendurar** pelo gasnete no galho de um sobreiro.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 401.)

4.º) Paralelamente à construção *esquecer de* (*alguém* ou *alguma coisa*), aparece na linguagem coloquial brasileira *lembrar de* (*alguém* ou *alguma coisa*), regência também tida por viciosa.

Um exemplo literário:

Lembrava do negro velho Macário que fora escravo do capitão Tomás e que morrera servindo na casa.
(J. Lins do Rego, *FM*, 55.) [16]

Obedecer (e desobedecer)

1.º) Na língua culta moderna, fixou-se como TRANSITIVO INDIRETO:

Só os lavradores, e alguns, **têm obedecido a este preceito**!
(Alves Redol, *BC*, 48.)

Mas todos **obedeciam a ele**. Ah! Quem disse que não **obedeciam**?
(G. Ramos, *VS*, 29.)

2.º) Admite, no entanto, VOZ PASSIVA:

Sofreste tanto que até perdeste a consciência do teu império; estás pronta a obedecer; admiras-te de **seres obedecida.**
(Machado de Assis, *OC*, III, 1044.)

---

[16] Cf. Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 192-193, onde se mencionam mais exemplos literários desta construção condenada.

Depois de outras muitas e reiteradas ordens **foi** enfim **obedecida**.
(M. Barreto, *CP*, 303.)

Esta construção corresponde ao antigo regime TRANSITIVO DIRETO do verbo, que ainda se documenta em escritores do século passado:

— Meu tio Campelo ordenou-me e eu **o obedeço**.
(J. de Alencar, *OC*, III, 1243.)

3.º) Não é raro o seu emprego como INTRANSITIVO:

Restitua o dinheiro àquela menina. Se ainda o tem. **Obedeci**.
(J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 135.)

A ruína vem muitas vezes dessas naturezas feitas para **obedecer**.
(A. Bessa Luís, *M*, 261.)

Você é o único que **não obedece**!
(C. Lispector, *ME*, 202.)

4.º) Idêntica é a construção do antônimo *desobedecer*.

Perdoar

1.º) Na língua culta de hoje, constrói-se, preferentemente, com OBJETO DIRETO de "coisa" e OBJETO INDIRETO de "pessoa":

Crimes da terra, como **perdoá-los**?
(C. Drummond de Andrade, *R*, 78.)

Perdoai o nosso erro.
(J. Régio, *SM*, 94.)

Ela **perdoara-lhe**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 718.)

Perdoem-lhe esse riso.
(Machado de Assis, *OC*, I, 600.)

2.º) Na VOZ PASSIVA pode o sujeito corresponder também ao OBJETO INDIRETO da ativa:

Todos os demais pecados te **serão perdoados.**
(Vianna Moog, *T*, 353.)

Outras vezes penso o contrário: só **serei perdoada**, se não te amar.
(A. Abelaira, *B*, 127.)

Entre nós, não **se perdoa** a incompetência verbal.
(N. Piñon, *CC*, 26.)

3.º) A construção com OBJETO DIRETO de "pessoa", normal no português antigo e médio, é frequente na linguagem coloquial brasileira, razão por que alguns escritores atuais não têm dúvida em acolhê-la[17]:

A velha tia Neném não **perdoava ninguém.**
(J. Lins do Rego, *U*, 221.)

Ele **havia perdoado os infames.**
(D. Silveira de Queirós, *M*, 367.)

Ela é Maria e Deus **a perdoa** por não odiar o mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 110.)

Responder

Entre as diversas construções que admite, apontem-se as seguintes:

1.º) Na acepção de "dar resposta", "dizer ou escrever em resposta", emprega-se, geralmente:

a) com OBJETO INDIRETO em relação à pergunta:

O Faustino **teve de responder às próprias perguntas.**
(M. Torga, *CM*, 24.)

Por onde erraria a verdadeira Cecília, que, **respondendo à indagação de um curioso**, admitiu ser seu principal defeito uma certa ausência do mundo?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 150.)

---

[17] Veja-se, a propósito, Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 197-198, onde se aduz abonação convincente.

b) com OBJETO DIRETO para exprimir a resposta:

> O homem comum não **responderia o** que ele me responde, se lhe pergunto a que hora gosta de escrever.
> .....
> Nenhum escritor comum, igualmente, **responderia isso**.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 72.)

> O homem **respondeu qualquer coisa de ininteligível**.
> (J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 106.)

podendo, naturalmente, usar-se na passiva:

> ... um violento panfleto contra o Brasil que **foi** vitoriosamente **respondido** por De Ângelis.
> (E. Prado, *IA*, 145.)

c) com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> Quando lhe perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, **respondeu-me que estava passando por uma transformação**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 83.)

> **Respondi-lhe que já tinha lido a receita** em qualquer parte.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

2.º) Na acepção de "replicar", "retorquir", usa-se, normalmente, com OBJETO INDIRETO:

> Quase que **lhe respondera** com escárnio.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 706.)

> **À linguagem do deputado** o jovem médico **respondeu** com igual franqueza.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 60.)

Não é raro, porém, o emprego INTRANSITIVO:

> **Respondia** sem revolta ou renúncia na voz.
> (M. Torga, *CM*, 14.)

> Nascimento não **respondeu** logo.
> (H. Sales, *C*, 209.)

O guarda gritara duas vezes, espaçadas, e como o da Administração não **respondera**, calou-se.
(Castro Soromenho, *TM*, 251.)

Respondeu muito à vontade e com presteza.
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

3.º) Na acepção de "repetir a voz, o som", "dizer, cantar ou tocar em resposta" é INTRANSITIVO:

João Fanhoso cantou outra vez. O mesmo canto rachado de taquaraçu, alto e que ia longe. Mas desta vez **responderam**...
Longe, bem longe, outro canto **respondeu**. E outro. E outro.
(M. Palmério, *VC*, 102.)

Fr. José, depois de ter invocado Nossa Senhora do Salvamento, encetou o terço e as monjas **responderam**.
(A. Ribeiro, *ES*, 210.)

4.º) No sentido, hoje pouco usual, de "corresponder", "equivaler", "condizer" constrói-se com OBJETO INDIRETO:

Quis puxar as mãos de Capitu, para obrigá-la a vir atrás delas, mas ainda agora a ação não **respondeu à intenção**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 769.)

O movimento bem visível da dobadoira era regular, e **respondia ao movimento quase imperceptível das mãos da velha**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 55.)

Legítimo português é *reclamo*, do gênero masculino, que **responde** cabalmente **ao francês** *une réclame*.
(R. Barbosa, *R*, 184.)

5.º) Quando significa "ser ou ficar responsável", "responsabilizar-se", "fazer as vezes (de alguém)", exige complemento introduzido pela preposição *por*:

Parecia que outro personagem **respondia por ele**, a fim de deixá-lo à vontade.
(A. M. Machado, *JT*, 112.)

Nunca me aconteceu **responder por cântara quebrada.**
(A. Bessa Luís, *QR*, 226.)

Um dia será o conjunto
e não o pormenor e a parcela
que **responderá por nós.**
(O. Mendes, *LFNF*, 119.)

Visar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO nas acepções de:

a) "mirar", "apontar (arma de fogo)":

Sem perda de tempo, Jenner disparou um terceiro tiro, e sem demora outro, **visando o alvo** de baixo para cima.
(H. Sales, *AM*, 44.)

O cano da arma aflorou sobre as hastes do feno, **visando o intruso,** precisamente no instante em que Alice, espreitando o silêncio das imediações da casa, transpunha o umbral da porta.
(F. Namora, *TJ*, 330.)

b) "dar ou pôr o visto (em algum documento)":

Visar um passaporte.
Visar o diploma.

2.º) No sentido de "ter em vista", "ter por objetivo", "pretender", pode construir-se:

a) com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *a*:

Não **visava a lucros** e, sim, ajudar o próximo.
(J. Amado, *MG*, 80-81.)

— Não acha que, **visando a Custódio,** o Figueiró busca atingir você?
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

b) com OBJETO DIRETO:

Concentro-me sem **visar nenhum objeto** — e sinto-me tomado por uma luz.
(C. Lispector, *SV*, 35.)

O balde de água fria **visava** também **uma finalidade concreta.**
(M. Torga, *V*, 214.)

Esta última construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo:

O ataque **visava cortar a retaguarda da linha de frente.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 399.)

— Numa palavra, essa revolução **visa derrubar as oligarquias** que nos infelicitam!
(É. Veríssimo, *A*, II, 485.)

SINTAXE DO VERBO *HAVER*

O verbo *haver*, conforme o seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3.ª pessoa do singular.

1. Emprega-se em todas as pessoas:

a) quando é AUXILIAR (com sentido equivalente a *ter*) de VERBO PESSOAL, quer junto a particípio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de*:

Também a mim me **hão ferido.**
(J. Régio, *F*, 56.)

Outros **haverão de ter**
O que **houvermos de perder.**
(F. Pessoa, *OP*, 17.)

b) quando é VERBO PRINCIPAL, com as significações de "conseguir", "obter", "alcançar", "adquirir":

Donde **houveste**, ó pélago revolto,
Esse rugido teu?
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 191.)

— Tão nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as **houvemos** nós e nossos pais.
(J. de Alencar, *OC*, II, 422-423.)

c) quando é VERBO PRINCIPAL, com a forma reflexa, nas acepções de "portar-se", "proceder", "comportar-se", "conduzir-se":

> Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que **se houvera** e se lembrasse de que ele era o seu pai.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 702.)

> Soares **houve-se** como pôde na singular situação em que se achava.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 51.)

d) quando é VERBO PRINCIPAL, também com a forma reflexa, no sentido de "entender-se", "avir-se", "ajustar contas":

> Que para as excomunhões e interditos de Roma, el-rei lá **se haveria com eles**, que podia.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 308.)

> O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que **se houvesse com ele**.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 34.)

e) quando é VERBO PRINCIPAL, acompanhado de infinitivo sem preposição, com o sentido equivalente a "ser possível":

> Não **há** negá-lo, o apito é de uso geral e comum.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 536.)

> Não **há** julgá-lo de outro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 229.)

2. É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver*, como verbo principal, nas acepções de:

a) "ter", "possuir":

> Aos que o bem fizeram, **hei** inveja.
> (A. Ferreira, *C*, v. 688.)

b) "julgar", "pensar", "considerar", "ter para si":

O que eu **hei** por gram crueza.
(C. Falcão, *C*, v. 763.)

Isto é: o que eu julgo (ou considero) grande crueldade.

3. Comparem-se as expressões:

a) *haver por bem* = "dignar-se", "resolver", "assentar", "julgar oportuno ou conveniente":

O coronel, que neste momento lia na rede as folhas recém-chegadas, **houve por bem** interromper a ingestão de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir em apoio ao fedelho.
(Monteiro Lobato, *U*, 178.)

O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário **houvesse por bem** suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco escondido até na sacristia.
(F. Sabino. *HN*, 147.)

b) *haver mister* = "precisar", "necessitar":

Não **há mister** mais que um módulo ou matiz para os descontar como poesia de lei.
(J. Ribeiro, *PE*, 19.)

Deus o auxilie e ilustre, e a todos nós, que bem o **havemos mister**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 1086.)

4. Emprega-se como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa "existir", ou quando indicar tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão somente na 3.ª pessoa do singular:

Há trovoadas em toda a parte...
(M. Torga, *V*, 158.)

Havia simples marinheiros; **havia** inferiores; **havia** escreventes e operários de bordo.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Tinha adoecido, **havia** quinze dias.
(M. Torga, *NCM*, 16.)

Há oito dias que não via Guma.
(J. Amado, *MM*, 20.)

— **Há** dois dias que não vem trabalhar!
(Luandino Vieira, *NM*, 129.)

5. Quando o verbo *haver* exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares *ir*, *dever*, *poder*, etc., a locução assim formada é, naturalmente, impessoal.

— Eu não sei, senhor doutor, mas **deve haver** leis.
(Eça de Queirós, *O*, I, 164.)

— **Deve haver** muitas diferenças entre nós.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Podia haver complicações, quem sabe?
(C. dos Anjos, *M*, 193.)

Observação:

O verbo *haver*, quando sinônimo de "existir", constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.

Dir-se-á, pois:

Há tantas folhas pelas calçadas!
Existem tantas folhas pelas calçadas!

Construções do tipo

Houveram muitas lágrimas de alegria.
(C. Castelo Branco, *V*, 82.)

Ali **haviam vários deputados** que conversavam de política.
(Machado de Assis, *OC*, II, 67-68.)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas.

Capítulo 14

Advérbio

1. O ADVÉRBIO é, fundamentalmente, um modificador do verbo:

   Logo depois, recomeçara a chover.
   (O. Lins, *FP*, 63.)

   Você **compreendeu**-me **mal.**
   (Almada Negreiros, *NG*, 61.)

   O almoço **decorria agora lentamente.**
   (A. Santos, *K*, 103.)

2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas.
   Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido:
   a) de um adjetivo:

   Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, **muito edificante e vasta.**
   (Guimarães Rosa, *S*, 346.)

   Olhei Maria, desesperado, mas ela sorria, sorria um longínquo **tão feliz** sorrir de olhos semicerrados...
   (Luandino Vieira, *NM*, 105.)

   Ficara **completamente imóvel.**
   (Branquinho da Fonseca, *B*, 70.)

b) de um advérbio:

— Mas passei a noite mal! **bem mal**!
(J. Régio, *JA*, 102.)

Já **bem pertinho** estavam Masseu e Ângelo.
(L. Jardim, *AMCA*, 49.)

O homem caminhava **muito devagar.**
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 156.)

3. Saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração[1]:

Infelizmente, nem o médico lhes podia valer.
(M. Torga, *NCM*, 150.)

Possivelmente, não haverá ceia este ano.
(V. Ferreira, *A*, 137.)

— Eu me recuso, **simplesmente.**
(F. Sabino, *EM*, 84.)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.

Observação:

Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação de seu léxico linguístico (Cf. *Introduction à l'étude de la morpho-syntaxe espagnole*, 3.ª ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78.)

CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os ADVÉRBIOS recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam.

---

[1] É o que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* chama ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue as seguintes espécies:

a) ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO: *sim, certamente, efetivamente, realmente*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE DÚVIDA: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez*, etc.;
c) ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão*, etc.;
d) ADVÉRBIOS DE LUGAR: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto*, etc.;
e) ADVÉRBIOS DE MODO: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente*, etc.;
f) ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO: *não;*
g) ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde*, etc.

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* acrescenta a essa lista três outras espécies:

a) ADVÉRBIOS DE ORDEM: *primeiramente, ultimamente, depois*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO; e
c) ADVÉRBIOS DE DESIGNAÇÃO.

Os dois últimos foram incluídos pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira* num grupo à parte, inominado, em razão de não apresentarem as características normais dos advérbios, quais sejam as de modificar o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Deles trataremos adiante sob a denominação de PALAVRAS DENOTATIVAS.

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Por se empregarem nas interrogações diretas e indiretas, os seguintes advérbios de causa, de lugar, de modo e de tempo são chamados INTERROGATIVOS:

a) DE CAUSA: *por que*?

Por que não vieste à festa?
Não sei **por que** não vieste à festa.

b) DE LUGAR: *onde*?

Onde está o livro?
Ignoro **onde** está o livro.

c) DE MODO: *como*?

Como vais de saúde?
Dize-me **como** vais de saúde.

d) DE TEMPO: *quando*?

Quando voltas aqui?
Quero saber **quando** voltas aqui.

ADVÉRBIO RELATIVO

Como dissemos na página 365, o relativo *onde*, por desempenhar normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), é considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO, designação que não consta da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, mas que foi acolhida pela *Portuguesa*.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

1. Denomina-se LOCUÇÃO ADVERBIAL o conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio. De regra, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio.
   Assim:

   Fernanda sorriu **em silêncio.**
   (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

   Sorrindo mais, obedeceu **de novo.**
   (Ferreira de Castro, *OC*, I, 4.)

   — Vou começar **por aqui!...**
   (M. da Fonseca, *SV*, 133.)

   Mas há formações mais complexas, como:

   De onde em onde, para, sussurra frases incompletas.
   (M. da Fonseca, *SV*, 209.)

   O cachimbo de água passou **de mão em mão.**
   (Castro Soromenho, *V*, 205.)

   Respondi-lhe que aquilo devia ser alguma ideia de minha mulher, que **de vez em quando** tem uma.
   (R. Braga, *CCE*, 97.)

   Só **de longe em longe** se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados.
   (S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 184-185.)

2. À semelhança dos advérbios, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS podem ser:
a) DE AFIRMAÇÃO (ou DÚVIDA): *com certeza, por certo, sem dúvida.*
Atente-se na distinção:

Com certeza [= provavelmente] ele virá.
Ele virá **com certeza** [= com segurança].

b) DE INTENSIDADE: *de muito, de pouco, de todo*, etc.;
c) DE LUGAR: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto*, etc.;
d) DE MODO: *à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso*, etc.;
e) DE NEGAÇÃO: *de forma alguma, de modo nenhum*, etc.;
f) DE TEMPO: *à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã*, etc.

Observação:

Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma LOCUÇÃO ADVERBIAL: *de dentro, por detrás*, etc.

Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro transforma-se numa LOCUÇÃO PREPOSITIVA: *dentro de, por detrás de*, etc.

COLOCAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

1. Os ADVÉRBIOS que modificam um ADJETIVO, um PARTICÍPIO isolado, ou um outro ADVÉRBIO colocam-se de regra antes destes:

— Por que me escondeu um segredo **tão grande**?
(Ribeiro Couto, *C*, 195.)

Muito apressado, num visível nervosismo, veio de casa até ali.
(M. da Fonseca, *SV*, 193.)

— O teu pai está **muito mal.**
(Castro Soromenho, *TM*, 206.)

2. Dos ADVÉRBIOS que modificam o VERBO:
a) os DE MODO colocam-se normalmente depois dele:

A mãe e a irmã choravam **tristemente...**
(R. Correia, *PCP*, 309.)

Ela ouvia-o **atentamente.**
(Almada Negreiros, *NG*, 61.)

Quatro jovens vestidas de panos escuros entram **vagarosamente** no local vindas dos lados dos espectadores.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

b) OS DE TEMPO E DE LUGAR podem colocar-se antes ou depois do VERBO:

De manhã, acordei **cedo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 537.)

Hei de atirar com esse tipo **de cá para fora.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 683.)

Cá fora era noite.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

Aqui outrora retumbaram hinos.
(R. Correia, *PCP*, 196.)

A minha sombra há de ficar **aqui!**
(A. dos Anjos, *E*, 21.)

c) O DE NEGAÇÃO antecede sempre o VERBO:

— Então **não** se cava a terra?... **não** se lavra?... **não** se aduba?... **não** se semeia ?...
(A. Ribeiro, *CRG*, 66.)

3. O realce do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

De longe e **reverenciosamente** as cortejei.
(C. Castelo Branco, *OS*, 451.)

Lá ao fundo, à cabeceira, uma cruz, sobranceira, encerrava o círculo de assistentes.
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

REPETIÇÃO DE ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

1. Quando numa frase dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles:

Dir-se-ia que tudo naquele paraíso murado se movimentava **lúdica** e **religiosamente.**
(M. Torga, *CM*, 176.)

É longa a estrada... Aos ríspidos estalos
Do impaciente látego, os cavalos
Correm **veloz, larga** e **fogosamente...**
(R. Correia, *PCP*, 123.)

2. Se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se omitir a conjunção *e* e acrescentar o sufixo a cada um dos advérbios:

Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, **longamente, humanamente**, e foi essa a primeira vez.
(Guimarães Rosa, *S*, 351.)

Cerrou os olhos **profundamente, angustiadamente**, sufocado de comoção.
(V. Ferreira, *CF*, 73.)

De repente, pus-me de pé e aproximei-me **lentamente, ritmadamente, voluptuosamente**, da janela.
(F. Namora, *RT*, 169.)

Observação:

Sobre as fronteiras nem sempre nítidas entre o adjetivo e o advérbio, a que aludimos no capítulo 10, e em particular sobre os tipos de construção com advérbios sucessivos, sua origem e seu emprego, consultem-se especialmente Harri Meier (*Ensaios de filologia românica*. Lisboa, Revista de Portugal, 1948, p. 55-114) e Bernard Pottier (*Linguística moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, 1968, p. 217-231), que

trazem bibliografia referente à questão. Quanto aos valores estilísticos dos advérbios em *-mente* nos escritores modernos da língua, vejam-se Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 180-184; Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1954, p. 168-194; Maria Helena de Novais Paiva. *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 267-272; Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 136-140. Sobre o emprego em espanhol dos advérbios em *-mente*, veja-se em particular Esteban Rafael Egea. *Los advérbios en -mente en el español contemporáneo*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1979, que examina criticamente toda a bibliografia anterior.

GRADAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação. Podem apresentar um COMPARATIVO e um SUPERLATIVO, formados por processos análogos aos que observamos na flexão correspondente dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Forma-se o COMPARATIVO:

a) DE SUPERIORIDADE — antepondo *mais* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O filho andava **mais depressa que** (ou **do que**) o pai.

b) DE IGUALDADE — antepondo *tão* e pospondo *como* ou *quanto* ao advérbio:

O filho andava **tão depressa como** (ou **quanto**) o pai.

c) DE INFERIORIDADE — antepondo *menos* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O pai andava **menos depressa do que** (ou **que**) o filho.

GRAU SUPERLATIVO

Forma-se o SUPERLATIVO ABSOLUTO:

a) SINTÉTICO — com o acréscimo de sufixo:

muitíssimo pouquíssimo

sendo de notar que nos advérbios em *-mente* esta terminação se pospõe à forma superlativa feminina do adjetivo de que se deriva o advérbio:

		SUPERLATIVO
ADJETIVO	lento	lentíssimo
ADVÉRBIO	lentamente	lentissimamente

b) ANALÍTICO — com a ajuda de um advérbio indicador de excesso:

> Machado, o funcionário e diretor de repartição, **muito mal** se conhece.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 78.)

> Sábado, deu-me uma palmada de alegria, muito satisfeito, exclamando "vai belo, vai belo! vai **muitíssimo bem**".
> (A. Nobre, *CI*, 147.)

> — Fizeste **bem mal, muito mal** mesmo — repreendeu Elmira.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 205.)

OUTRAS FORMAS DE COMPARATIVO E SUPERLATIVO

1. *Melhor* e *pior* podem ser COMPARATIVOS dos adjetivos *bom* e *mau* e, também, dos advérbios *bem* e *mal*. Neste caso são, naturalmente, invariáveis.

> Quem escreveu **melhor**? Quem escreveu bem no Brasil?
> (Graça Aranha, *OC*, 708.)

> — E o professor não estaria aqui **pior**?
> (F. Botelho, *X*, 150.)

> — O velho está cada vez **pior**.
> (Castro Soromenho, *C*, 228.)

Não raro, tais formas comparativas são intensificadas com um dos advérbios *muito, bem, bastante*, etc.:

> — Meus irmãos, tudo no mundo **bem melhor** se entenderia, se houvesse mais bem-querer.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

2. A par dessas formas anômalas, existem os COMPARATIVOS regulares *mais bem* e *mais mal*, usados, de preferência, antes de adjetivos-particípios:

   As paredes da sala estão **mais bem pintadas** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **mais mal executado** do que este.

   Advirta-se, porém, que na posposição só se empregam as formas sintéticas:

   As paredes das salas estão **pintadas melhor** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **executado pior** do que este.

3. No SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO, *bem* apresenta a forma *otimamente*; e *mal*, a forma *pessimamente*:

   Maria está passando **otimamente.**
   O cavalo correu **pessimamente.**

4. *Muito* e *pouco*, quando advérbios, têm como COMPARATIVOS *mais* e *menos*, e como SUPERLATIVOS *o mais* ou *muitíssimo* e *o menos* ou *pouquíssimo*, respectivamente:

   — Dom Juan, quando **menos** pensava, lá se foi para as profundas do Inferno.
   (Artur Azevedo, *CFM*, 9.)

   — Imagina tu que a Clara tem um tipo encantador, que a trata **muitíssimo** bem e que... que... a ajuda...
   (Sttau Monteiro, *APJ*, 138.)

   O certo é que tinha em mente gastar **o menos possível** com o enterro.
   (A. Ribeiro, *V*, 368.)

   Esse tipo de publicação, **pouquíssimo** difundido entre nós, é todavia da maior importância e largamente praticado em outros países.
   (E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo, 13.)

5. O SUPERLATIVO INTENSIVO, denotador dos limites da possibilidade, forma-se antepondo *o mais* ou *o menos* ao advérbio e pospondo-lhe a palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

   O administrador ia **o mais depressa possível.**
   (Castro Soromenho, *TM*, 181.)

Escreveram entretanto a D. Madalena, pedindo-lhe que os tirasse daquele purgatório **o mais cedo possível.**
(Rebelo da Silva, *CL*, 72.)

— Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui **o mais cedo que puder**, ou já...
(Machado de Assis, *OC*, I, 794.)

REPETIÇÃO DO ADVÉRBIO

Como a do adjetivo, a repetição do advérbio é uma forma de intensificá-lo:

Vê-se **logo logo** a intenção!...
(M. da Fonseca, *SV*, 30.)

— Pois não lhe digam nada, mas vão buscá-lo, **já, já**, não se demorem.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

E estive **quase quase** a ir de rastos, beijar os degraus da escada...
(Machado de Assis, OC, I, 689.)

DIMINUTIVO COM VALOR SUPERLATIVO

Na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva (com os sufixos *-inho* e *-zinho*), que tem valor de SUPERLATIVO:

Vem **cedinho**, vem logo que amanheça!
(E. de Castro, *UV*, 59.)

Era mais de meia-noite quando ele entrou lento, **devagarinho.**
(Coelho Netto, *OS*, I, 243.)

— Só faltaram os mapas de Marte, diz **baixinho.**
(M. J. de Carvalho, *TM*, 190.)

ADVÉRBIOS QUE NÃO SE FLEXIONAM EM GRAU

Como sucede com alguns adjetivos, há advérbios que não se flexionam em grau porque o próprio significado não admite variação de intensidade. Entre outros, apontem-se: *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, anualmente* e formações semelhantes.

PALAVRAS DENOTATIVAS[2]

1. Certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial.
São palavras que denotam, por exemplo:

a) INCLUSÃO: *até, inclusive, mesmo, também*, etc.:

> Tudo na Vida engana, **até** a Glória.
> (A. Nobre, *D*, 114.)

> Os bichos sentem, o mato sente **também**, quando se fala sem modos, sem carinho e sem perdão.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

b) EXCLUSÃO: *apenas, salvo, senão, só, somente*, etc.:

> Da família **só** elas duas subsistiam.
> (J. Montello, *DP*, 382.)

> Às vezes interrompia-o **apenas** com um gestozinho frio e elegante.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 360.)

c) DESIGNAÇÃO: *eis*:

> **Eis** o dia, **eis** o sol, o esposo amado!
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> Subamos ainda e **eis**-nos na grande Praça de Vila-Rica.
> (A. Arinos, *OC*, 820.)

d) REALCE: *cá, lá, é que, só*, etc.:

> Pior eu sei **lá**, Manuel, pior que uma desgraça!
> (A. Nobre, *S*, 51.)

---

[2] A denominação PALAVRAS DENOTATIVAS foi proposta pelo professor José Oiticica em seu *Manual de análise (léxica e sintática)*, 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 50-55. À falta de uma designação mais precisa e mais generalizada, adotamos provisoriamente esta, embora reconhecendo que "denotar" é próprio das unidades lexicais em geral.

— Eu **cá** tenho mais medo do sol que dos leões.
(Castro Soromenho, *C*, 204.)

e) RETIFICAÇÃO: *aliás, ou antes, isto é, ou melhor*, etc.:

— Sinto que ele me escapa, **ou melhor**: que nunca me pertenceu.
(A. Abelaira, *CF*, 226.)

De repente nasci, **isto é,** senti necessidade de escrever.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

f) SITUAÇÃO: *afinal, agora, então, mas*, etc.:

Desculpe-me... **Mas** sente-se mal?
(A. Abelaira, *NC*, 40.)

— **Então** conheceu o meu irmão?
(É. Veríssimo, *A*, II, 463.)

— **Afinal**, ela não tem culpa de ser filha de ministro.
(F. Sabino, *EM*, 85.)

2. Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: "palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação", etc.

3. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* admite a existência dos ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e DE INCLUSÃO e considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO.

Capítulo 15

Preposição

FUNÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE).

Assim:

ANTECEDENTE	PREPOSIÇÃO	CONSEQUENTE
Vou	a	Roma
Chegaram	a	tempo
Todos saíram	de	casa
Chorava	de	dor
Estive	com	Pedro
Concordo	com	você

FORMA DAS PREPOSIÇÕES

Quanto à forma, as PREPOSIÇÕES podem ser:

a) SIMPLES, quando expressas por um só vocábulo;
b) COMPOSTAS (ou LOCUÇÕES PREPOSITIVAS), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma PREPOSIÇÃO SIMPLES (geralmente *de*).

PREPOSIÇÕES SIMPLES

As PREPOSIÇÕES SIMPLES são:

a	com	em	por (per)
ante	contra	entre	sem
após	de	para	sob
até	desde	perante	sobre
			trás

Tais PREPOSIÇÕES se denominam também ESSENCIAIS, para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS. Assim: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*, etc.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Eis algumas LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

abaixo de	a par com	embaixo de	para cima de
acerca de	apesar de	em cima de	para com
acima de	a respeito de	em frente a	perto de
a despeito de	atrás de	em frente de	por baixo de
adiante de	através de	em lugar de	por causa de
a fim de	de acordo com	em redor de	por cima de
além de	debaixo de	em torno de	por detrás de
antes de	de cima de	em vez de	por diante de
ao lado de	defronte de	graças a	por entre
ao longo de	dentro de	junto a	por trás de
ao redor de	depois de	junto de	por sobre
a par de	diante de	para baixo de	

SIGNIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de PREPOSIÇÃO pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.
   Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente em:

   Vou **a** Roma.
   Todos saíram **de** casa.

   São marcadas pela ausência de movimento as relações que as PREPOSIÇÕES *a*, *de* e *com* estabelecem nas seguintes frases:

   Chegaram **a** tempo.
   Chorava **de** dor.

Estive **com** Pedro.
Concordo **com** você.

2. Tanto o MOVIMENTO como a SITUAÇÃO (termo que adotaremos daqui por diante para indicar a falta de movimento na relação estabelecida) podem ser considerados com referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e à NOÇÃO.
   A PREPOSIÇÃO *de*, por exemplo, estabelece uma relação:

a) ESPACIAL em:

Todos saíram **de** casa.

b) TEMPORAL em:

Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias.

c) NOCIONAL em:

Chorava **de** dor.
Livro **de** Pedro.

Nos três casos a PREPOSIÇÃO *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: "movimento de afastamento de um limite", "procedência". Em outros casos, mais raros, predomina a noção daí derivada, de "situação longe de". Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.

3. Na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou de afastamento (A → C):

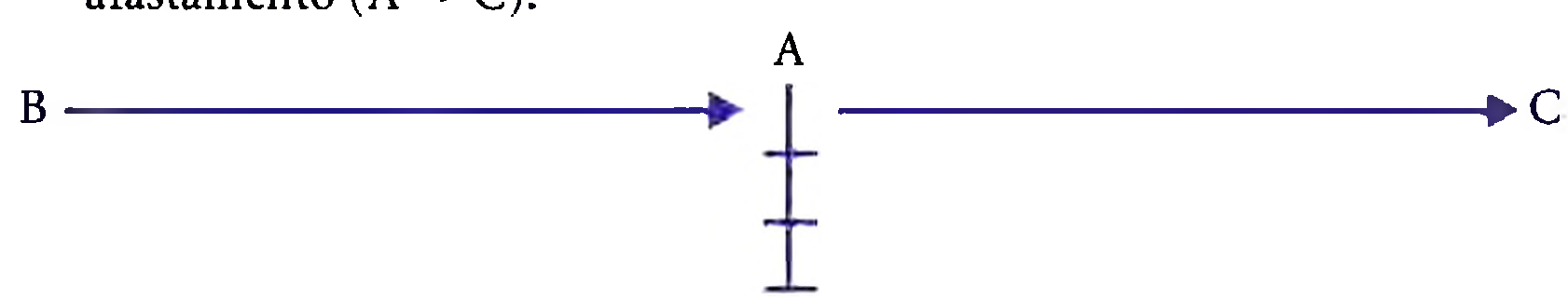

Vou **a** Roma.
Trabalharei **até** amanhã.
Foi **para** o Norte.

Venho **de** Roma.
Estou aqui **desde** ontem.
Saíram **pela** porta.

4. Recapitulando e sintetizando, podemos concluir que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Esquematizando:

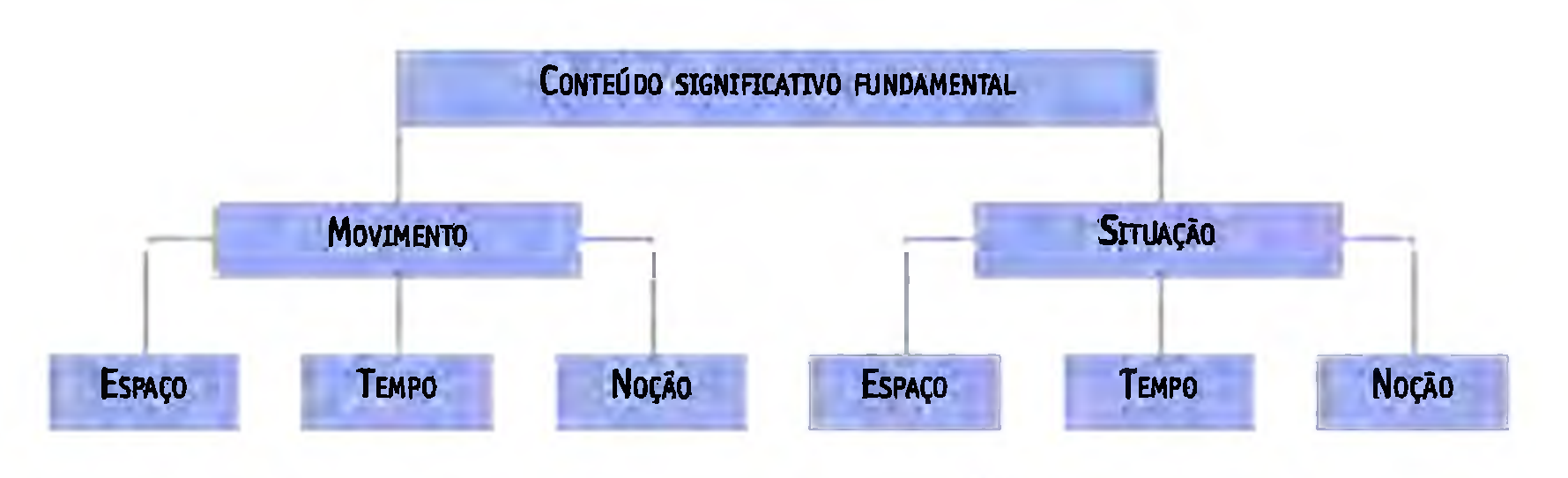

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas.[1]

CONTEÚDO SIGNIFICATIVO E FUNÇÃO RELACIONAL

1. Comparando as frases

   Viajei **com** Pedro
   Concordo **com** você,

   observamos que, em ambas, a PREPOSIÇÃO *com* tem como antecedente uma forma verbal (*viajei* e *concordo*), ligada por ela a um consequente, que, no primeiro caso, é um termo acessório (*com Pedro* = ADJUNTO ADVERBIAL) e, no segundo, um termo integrante (*com você* = OBJETO INDIRETO) da oração.

2. A PREPOSIÇÃO *com* exprime, fundamentalmente, a ideia de "associação", "companhia". E esta ideia básica, sentimo-la muito mais intensa no primeiro exemplo,

---

[1] Para a elaboração deste capítulo inspiramo-nos fundamentalmente nas obras de Bernard Pottier: *Systématique des éléments de relation. Etude de morphosyntaxe structurale romane.* Paris, Klincksieck, 1962; *Sobre la natureza del caso y la preposición* e *Espacio y tiempo en el sistema de las preposiciones*, estudos incluídos no livro *Linguistica moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, p. 137-153. Na mesma linha é o ensaio de María Luísa López. *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones*. Madrid, Gredos, 1970.

Viajei **com** Pedro,

do que no segundo,

Concordo **com** você.

Aqui o uso da partícula *com* após o verbo *concordar*, por ser construção já fixada no idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia", em favor da função relacional pura.

3. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da PREPOSIÇÃO, e considerá-la um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.[2]
   Cumpre, no entanto, salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de PREPOSIÇÃO OBRIGATÓRIA selecionam determinadas PREPOSIÇÕES exatamente por causa do seu significado básico.
   Assim, o verbo *concordar* elege a PREPOSIÇÃO *com* em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de "associação" inerente a *com*.
   O OBJETO INDIRETO, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um "movimento em direção a", coincidente com a base significativa daquelas preposições.

4. Completamente distinto é o caso do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO, em que o emprego de PREPOSIÇÃO não obrigatória transmite à relação um vigor novo, pois o reforço que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objeto:

   Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar com discernimento **a Deus.**
   (R. Barbosa, *EDS*, 653.)

   Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo **a Deus**, na tua face.
   (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 91.)

---

[2] A respeito escreve Bernard Pottier, que tem sistematicamente combatido esta interpretação: "Até já se pôde dizer que há preposições que chegam a não ter significação (a propósito do *de* francês), o que não tem justificativa: se existe um morfema em uma língua, está ele condicionado e, portanto, desempenha um papel na *estrutura* da língua" (*Linguística moderna y filología hispánica*, p. 145).

— Foi vontade **de** Deus.
(G. Ramos, *SB*, 129.)

Ontem fui **a** Cambridge.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 135.)

Um magro procurava saber se a minha roupa preta tinha sido feita **por** alfaiate.
(J. Lins do Rego, *D*, 23.)

as preposições relacionam ao termo principal um consequente sintaticamente necessário:

lembro-me **de** nada (verbo + objeto indireto)
vontade **de** Deus (substantivo + complemento nominal)
fui **a** Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário)[3]
feita **por** alfaiate (particípio + agente da passiva)

Em tais casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos.

Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintática em si.

Relações livres

A comparação dos enunciados:

Encontrar **com um amigo.**
Encontrar **um amigo.**
Procurar **por alguém.**
Procurar **alguém.**

---

[3] A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não distingue os advérbios e locuções adverbiais de valor puramente acidental dos que são necessários ao entendimento da oração. Considera, pois, ADJUNTO ADVERBIAL, ou seja um termo acessório dela, o COMPLEMENTO DIRECIONAL que aparece em frases como *Fui a Cambridge*, *Vim de Lisboa*, *Voltei do colégio*. Julgamos que a *Nomenclatura* deve ser revista neste ponto e que Antenor Nascentes tem razão quando afirma que, "tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório" (*O problema da regência*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960, p. 17-18).

mostra-nos que a presença da PREPOSIÇÃO (possível, mas não necessária sintaticamente) acrescenta, às relações que estabelece, as ideias de "associação" (*com*) e de "movimento que tende a completar-se numa direção determinada" (*por*).

O emprego da PREPOSIÇÃO em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo.

VALORES DAS PREPOSIÇÕES

A

1. *Movimento* = direção a um limite:

a) no espaço:

Do Leme **ao** Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 40.)

Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda.
(A. Ribeiro, *M*, 59.)

Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes **à** casa de nhá Venância.
(M. Ferreira, *HB*, 71.)

b) no tempo:

— Daqui **a** uma semana o senhor vai lá em casa.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 18.)

Lá de ano **a** ano é que vinha procurá-la.
(M. Torga, *B*, 30.)

Daí que de tempos **a** tempos tenha de dar-se uma nova ruptura, que apanhe desprevenida a norma retificadora.
(F. Namora, *E*, 64.)

c) na noção:

A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 937.)

Aquele trabalho em dia destinado **a** descanso causava má impressão e censuravam-no por ali com certo azedume.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 133.)

A prova estava em que durante os nossos encontros nunca deixara entrever tendência **ao** mal.
(Ribeiro Couto, *C*, 148.)

2. *Situação* = coincidência, concomitância:

a) no espaço:

Santos cumpriu tudo **à** risca.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1928.)

O que está **ao** pé é igual ao que está **ao** longe.
(V. Ferreira, *NN*, 43.)

A mulher adormeceu **ao** seu lado.
(N. Piñon, *SA*, 146.)

Meu pai, **à** cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convivas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

b) no tempo:

À sobremesa, antes que ele pedisse, o garçom trouxe as garrafas e a taça.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

Ao entardecer, avistei uma povoação...
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 164.)

A tantos de novembro houve breves períodos de calmaria intermitente.
(M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

Amanhã, **a** frio, poderei dizer-te o contrário.
(Pepetela, *M*, 182.)

— Não podemos gastar dinheiro **à** toa.
(O. Lins, *FP*, 157.)

Os outros dois também não pareciam mais **à** vontade.
(Alves Redol, *BC*, 203.)

ANTE

Situação = anterioridade relativa a um limite:

a) no espaço:

Foi pelo corredor fora quase pé **ante** pé, para não acordar os filhos.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Parou **ante** o corpo de sua mãe que esfriava lentamente nas extremidades.
(A. M. Machado, *HR*, 194.)

A imagem de Carlos Maria veio postar-se **ante** ela, com os seus grandes olhos de espectro querido e aborrecido.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

b) no tempo (substituída por *antes de*):

Tenho de estar de volta **antes d**as sete horas.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 84.)

Antes de chegar lá parou e voltou-se para mim com as mãos a tapar a boca.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 15.)

Antes de seguir, hei de escrever-te outra vez.
(E. da Cunha, *OC*, II, 668.)

c) na noção:

Ante a súbita ideia, Alberto hesitou.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 265.)

Ante a nova aliança daqueles territórios soberanos, o povo manifestou-se aos gritos.
(N. Piñon, *SA*, 25.)

Ante a recordação de todas elas, esforça-se o poeta por mostrar-se equânime, generoso mesmo.
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 249.)

APÓS

Situação = posterioridade relativamente a um limite próximo. No discurso, pode adquirir o efeito secundário de "consequência":

a) no espaço:

Seguiam logo **após do** capitão-mor.
(José de Alencar)

Após eles, iam ficando medas de cereal, restolhos — uma terra saqueada.
(F. Namora, *TJ*, 152.)

Luzia foi subindo **após** eles, sem esforço, lentamente, até a primeira volta da ladeira.
(D. Olímpio, *LH*, 274.)

Enxota Ardila **após** as mulheres.
(M. da Fonseca, *SV*, 221.)

b) no tempo:

Após meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado.
(M. da Fonseca, *SV*, 164.)

Após a afirmativa, o Gigi lembrou-se da alegria dos colegas e começou a pular, a gritar.
(A. Santos, *K*, 31.)

Após alguns momentos, levantou-se grave, a fisionomia desfeita, e se dirigiu à mãe.
(A. M. Machado, *HR*, 267.)

ATÉ

Movimento = aproximação de um limite com insistência nele:

a) no espaço:

Arrastou-se **até** ao quarto.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Subiu o Quembo **até** chegar ao Contuba.
(Pepetela, *AN*, 16.)

Macambira adiantou-se **até** a acácia, sentou-se no banco.
(Coelho Netto, *OS*, I, 1237.)

b) no tempo:

Saúde eu tenho, mas não sei se serei Ministro **até** a semana que vem.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 121.)

Todos passaram a dar-lhe a dignidade que lhe negavam **até** ali.
(M. Torga, *CM*, 96.)

Até meados do mês ventou.
(M. Lopes, *FVL*, 63.)

Observações:

1.ª) No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição *a*:

Ir ao Porto ou, com mais calor familiar, ir **até ao Porto** ou ir **até o Porto**, é sempre uma festa para o duriense — até nos casos em que a festa envolve necessidade.
(J. de Araújo Correia, *PP*.)

Pode-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, atualmente, *até* com a preposição *a*, ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de *até* diretamente ligada ao termo regido.

2.ª) Cumpre distinguir a preposição *até*, que indica movimento, da palavra de forma idêntica, denotadora de inclusão, que estudamos à página 566. Quanto à diferença de construção de uma e outra com o pronome pessoal, leia-se o que escrevemos na p. 314.

COM

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade. Em certos contextos, pode exprimir as noções de modo, meio, causa, concessão:

a) na noção:

Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir **com** alguém, não de alguém, como dizia Dickens.
(G. Amado, *DP*, 254.)

— Vou amanhã de manhã **com** o Rocha.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

A proposta foi recebida **com** reserva.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Saio do hotel **com** o sol já alto.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 273.)

CONTRA

Movimento = direção a um limite próximo, direção contrária. A noção de oposição, hostilidade, é um efeito secundário de sentido decorrente do contexto:

a) no espaço:

Aturdida, a rapariga aperta-se **contra** ele.
(Alves Redol, *MB*, 329.)

Maria projetou o corpo **contra** a parede do celeiro e desviou a cara.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

Eu castigava a mão **contra** o meu próprio rosto
E **contra** a minha sombra erguia a lança em riste...
(O. Bilac, *T*, 175.)

b) na noção:

Era assim, caudalosamente, que os garotos reagiam **contra** alguém que punha desconfiança nas histórias do Choa.
(A. Santos, *K*, 16.)

Revoltei-me **contra** o seu despotismo e não esperei por ele.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 66.)

Começaram a surgir argumentos **contra** eles.
(A. Peixoto, *RC*, 259.)

DE

Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto[4]:

a) no espaço:

Vinha **de** longe o mar...
Vinha **de** longe, **dos** confins do medo...
(M. Torga, *API*, 65.)

O silêncio sobe **da** terra magoada,
O silêncio desce **do** céu luminoso.
(E. Moura, *IP*, 25.)

O Tonecas e o Neco tinham chegado **da** Floresta, com as gaiolas de bordão, e explicavam algo, excitados.
(A. Santos, *K*, 17.)

b) no tempo:

Roma fala **do** passado ao presente.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 27.)

Como pudera desaparecer **de** um momento para outro?
(J. Montello, *LD*, 199.)

O comissário partiu **de** manhã com um pequeno grupo.
(Pepetela, *M*, 75.)

c) na noção:

Mais do que a sombra **do** teu vulto, vi
o claro outrora **do** teu riso largo...
(A. Renault, *LSL*, XLVI.)

---

[4] Sobre as múltiplas e matizadas noções que esta preposição pode assumir no discurso, veja-se, especialmente, Sousa da Silveira. *Sintaxe da preposição* de. Rio de Janeiro, Simões, 1951.

Ela vem falar **da** agricultura, isto é, **da** atividade fundamental **do** seu grupo, que nela assenta a defesa **de** todos os seus valores, materiais e morais.

(A. Margarido, *ELNA*, 317.)

Lá dentro, as discípulas recomeçam o barulho **do** trabalho, **dos** risos e cantigas.

(Luandino Vieira, *L*, 15.)

DESDE

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida (intensivo de *de*):

a) no espaço:

Desde longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeada do poente, irradia como uma assombração.

(M. da Fonseca, *SV*, 204.)

Desde o Luita ao posto, ou seja ao rio Cuílo, toda essa planície pode dizer-se que era uma só senzala.

(Castro Soromenho, *C*, 224.)

Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico **desde** as Flandres até o estreito de Gibraltar.

(J. Cortesão, *FDFP*, 28.)

Esse maciço dos Andes, esse compridíssimo levantamento da crosta da terra, próximo ao Oceano Pacífico, vem **desde** a Patagônia até o Alasca.

(Monteiro Lobato, *GDB*, 107.)

b) no tempo:

— Já a trago debaixo de olho **desde** o Santo Antônio.

(M. Torga, *V*, 21.)

Desde o ano passado guardara essa mágoa.

(A. M. Machado, *HR*, 272.)

O céu azul não tinha nuvens e **desde** manhãzinha a cidade estava debaixo de um calor asfixiante.

(Luandino Vieira, *VVDX*, 53.)

EM

1. *Movimento* = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

a) no espaço:

> A notícia corria a medo, de casa **em** casa, provocando a fuga de muita gente.
> (Adonias Filho, *F*, 36.)

> Os Garcias entraram **em** casa calados.
> (V. Nemésio, *MTC*, 194.)

> Os serventes caminhavam **em** todas as direções transportando padiolas de cimento.
> (A. Santos, *K*, 56.)

b) no tempo:

> Nazário visitava-as de quando **em** quando.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 81.)

> A cicatriz da testa pusera-se mais vermelha e mexia-se de vez **em** quando; também de vez **em** quando ele cerrava os punhos num sinal de desespero.
> (Alves Redol, *MB*, 178.)

c) na noção:

> Meu ser desfolha-se **em** íntimas lembranças, que revivem...
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 140.)

> E a lagoa entrou **em** festa.
> (A. M. Machado, *JT*, 21.)

> D. Jovita embuchava e fervia **em** ira, as faces afogueadas, os olhos duros.
> (Castro Soromenho, *TM*, 125-6.)

2. *Situação* = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

a) no espaço:

Um gato vive um pouco **nas** poltronas, **no** cimento ao sol, **no** telhado sob a lua.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

Trazia **no** sangue
O calor humano da amizade.
(Agostinho Neto, *SE*, 106.)

Ângelo estava estirado **na** casa.
(V. Nemésio, *MTC*, 124.)

b) no tempo:

Tudo aconteceu **em** 24 horas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Em 1815 voltou meu pai.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 183.)

— Sabe quanto custava, **em** quarenta e um, um quilo de uvas?...
(Luandino Vieira, *NANV*, 102.)

c) na noção:

Somos muitos Severinos
Iguais **em** tudo e **na** sina.
(J. Cabral de Melo Neto, *DA*, 172.)

Pareceu-lhe que toda a povoação estava **em** chamas.
(Castro Soromenho, *TM*, 255.)

Um vasto silêncio de cúpulas, de largas superfícies nuas, afoga-me **em** pesadelo.
(V. Ferreira, *A*, 239.)

ENTRE

Situação = posição no interior de dois limites indicados, interioridade:

a) no espaço:

Convém intercalar este capítulo **entre** a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX.
(Machado de Assis, *OC*, I, 531.)

Os seus olhos encontraram-se com a máscara que estava pendurada na parede **entre** duas lanças.
(Castro Soromenho, *V*, 190.)

Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado, **entre** batatas loiras.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 37.)

b) no tempo:

Todos os barcos se perdem
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

A terra nativa lá continuava ainda a acenar. Mas a alma dele ia-se dividindo **entre** o passado e o presente, escanchada sobre o oceano.
(M. Torga, *TU*, 47.)

— O instante **entre** as lágrimas
e o respeito.
Entre a memória
e o primeiro passo
do depois!
(F. Costa Andrade, *NVNT*, 23.)

c) na noção:

Entre o sonho e o desejo
quando nos veremos,
tarde ou cedo?
(Agostinho Neto, *SE*, 111.)

Prossiga ela sempre dividida
entre compensações e desenganos.
(V. de Morais, *LS*, 74.)

PARA

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento:

a) no espaço:

> Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba.
> (Castro Soromenho, *TM*, 200.)

> Eu ia arrastado não sabia **para** onde, ele ia levado **para** onde o chamava a obsessão.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 65.)

> Quando meu Pai deixou Juiz de Fora e mudou-se **para** o Rio veio morar com suas irmãs.
> (P. Nava, *BO*, 335.)

b) no tempo:

> Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, **para** o dia seguinte.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

> — Quando está melhor, quando vai descer à rua, padre?
> — Lá **para** o fim da semana.
> (A. Abelaira, *BI*, 35.)

> O nordeste, de um momento **para** outro, varreu as nuvens em direção ao Sul.
> (M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

> Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 111.)

> Cala-se **para** não mentir.
> (A. Abelaira, *BI*, 95.)

Se trazia qualquer coisa, trazia também assunto **para** conversa.
(M. Lopes, *FVL*, 185.)

PERANTE

Situação = posição de anterioridade relativamente a um limite, presença, confronto (intensivo de *ante*):
a) no espaço:

Permaneceu calada **perante** o olhar escuro de Leonardo.
(A. Abelaira, *CF*, 228.)

— Perderias totalmente o prestígio **perante** eles.
(Pepetela, *M*, 142.)

Poupando-o, queriam colocá-lo mal **perante** companheiros que tinham gramado cadeia.
(C. dos Anjos, *M*, 47.)

b) na noção:

Um arrependimento tardio, **perante** o irremediável.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 151.)

Perante a grandeza e o poder do Céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida.
(M. Lopes, *FVL*, 14.)

Vejo a sua trêmula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, **perante** o mistério e a dor.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 77.)

POR (PER)

1. *Movimento* = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração:
a) no espaço:

Vai-se **por** aí devagarinho.
(Coelho Netto, *OS*, I, 217.)

Pela quinta, ia um movimento desabitual.
(C. de Oliveira, *CD*, 56.)

A rapariga arrastou-se **pelo** capim, fugindo devagarinho.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 93.)

b) no tempo:

Daqui **por** seis meses quero beber água dele.
(Alves Redol, *BC*, 267.)

Mas a permanência em casa do nortista me parecia intolerável **por** muito tempo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 146.)

Devorou-o **por** semanas uma febre ligeira, mas impertinente.
(R. Pompeia, *A*, 235.)

c) na noção:

Este lia os jornais, artigo **por** artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 535.)

A sua morte porém era caprichosa, queria comer a presa devagar, pedaço **por** pedaço, sem pressa, sem precipitação.
(J. Lins do Rego, *U*, 300.)

A noite desfê-los, um **por** um, logo que os vultos se curvaram sobre os degraus das rochas.
(F. Namora, *NM*, 147.)

2. *Situação* = resultado do movimento de aproximação a um limite:
a) no espaço:

Por cima delas, lá em cima, perto da lâmpada do teto, a cara fitava-me, atenta, sorrindo satisfeita.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 54.)

— Vai de calção **por** baixo.
(F. Sabino, *EM*, 101.)

b) no tempo:

Pelo crepúsculo, a chuvada esmoreceu.
(C. de Oliveira, *CD*, 169.)

Era **pelos** anos de 1861 ou 1862.
(Machado de Assis, *OC*, II, 585.)

Pela madrugada, a ventania vibra com um fragor subterrâneo de sentimentos à solta.
(M. da Fonseca, *SV*, 202.)

c) na noção:

Volto-me **por** acaso.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 168.)

— Estou preso; antes que te digam que **por** alguma indignidade, previno: **por** ter dado uma lição ao Malheiro.
(R. Pompeia, *A*, 146.)

Por ti ardem círios.
(Luandino Vieira, *NM*, 55.)

SEM

Situação = subtração, ausência, desacompanhamento:
a) na noção:

É próprio do gato sair **sem** pedir licença, voltar **sem** dar satisfações.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

O sol subia no céu azul **sem** nuvens.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 16.)

Sem o espírito de simpatia, tudo se amesquinha e diminui.
(M. Torga, *P*, 120.)

SOB

Situação = posição de inferioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado):
a) no espaço:

Sob um céu nórdico, opalino, cruzavam-se as gaivotas.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 150.)

O vento da noite roçava sombras duplas gemendo docemente, **sob** uma chuva de jasmins-do-cabo.
(P. Nava, *BO*, 158.)

Sob a camisa, a água escorre-lhe para o peito e para as costas.
(M. da Fonseca, *SV*, 244.)

b) no tempo:

Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.
(Eça de Queirós, *O*, I, 1157.)

A Companhia só voltou a se instalar no Brasil em 1841, **sob** Pedro II Imperador.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 359.)

Sob D. Manuel floresceram as artes e as letras em Portugal como **sob** Leão X na Itália.
(Caldas Aulete, *DCLP*, s.v.)

c) na noção:

Sob o aspecto faunístico, o Novo Mundo trouxe grande decepção aos seus descobridores.
(G. Cruls, *HA*, 95.)

Sob certos aspectos, foi ele, não há dúvida, "o último lusíada".
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 161.)

Mas o tempo arrasta-se, afunda-o de novo **sob** o revolutear dos pensamentos.
(M. da Fonseca, *SV*, 229.)

SOBRE

Situação = posição de superioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado), com contato, com aproximação, ou com alguma distância; tempo aproximado:
a) no espaço:

Veio a criada e pôs quatro taças **sobre** a mesa.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 46.)

Considerai o espaço imenso a vossos pés e **sobre** vossa cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 748.)

Cruzou os braços **sobre** o peito e apertou as mãos às costas.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

b) no tempo:

Entrementes foi acabando o ano e já era **sobre** o Natal.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 255.)

Sobre tarde descíamos à praia ou íamos ao Passeio Público, fazendo ele os seus cálculos, eu os meus sonhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 838.)

Sobre a madrugada o sipaio Tipoia chegou às imediações da aldeia do capita Oxenda.
(Castro Soromenho, *V*, 147.)

c) na noção:

Pouco de preciso se conhece **sobre** a distribuição dos Lusitanos no território.
(J. Cortesão, *FDFP*, 35.)

Preferiu, porém, tomar a sopa inteirinha, antes de me interpelar **sobre** o que pretendia.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 122.)

Conversavam alegremente **sobre** os acontecimentos do dia.
(A. Santos, *K*, 15.)

TRÁS

A PREPOSIÇÃO *trás*, que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de*; mais raramente, por sua sinônima *após*.

O sentido originário desta preposição era "além de", que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*.

Capítulo 16

Conjunção

CONJUNÇÃO COORDENATIVA E SUBORDINATIVA

1. CONJUNÇÕES são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.
   As CONJUNÇÕES que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS. Comparem-se os seguintes dizeres:

   O tempo **e** a maré não esperam por ninguém.
   Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro.

   Denominam-se SUBORDINATIVAS as CONJUNÇÕES que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. Comparem-se:

   Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas.
   (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 183.)

   Pediram-me **que** definisse o Arpoador.
   (C. Drummond de Andrade, *CB*, 106.)

2. Compreende-se facilmente a diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas quando se comparam construções de orações a construções de nomes.
   Assim, nestes enunciados,

Estudar **e** trabalhar	O estudo **e** o trabalho
Estudar **ou** trabalhar	O estudo **ou** o trabalho

vê-se que a CONJUNÇÃO COORDENATIVA não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, no primeiro caso, e de igualdade ou de alternância, no segundo. Já nos enunciados seguintes,

Depois que tiveres estudado, podes trabalhar
Após o estudo, o trabalho

observa-se a dependência do primeiro elemento ao segundo.
No último exemplo, em lugar da conjunção subordinativa (*depois que*), aparece uma preposição (*após*), indicadora da dependência de um termo da oração a outro.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

1. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [= e não]:

   Leonor voltou-se **e** desfaleceu.
   (G. Ramos, *I*, 81.)

   Ele não me agradece, **nem** eu lhe dou tempo.
   (F. Botelho, *X*, 41.)

2. ADVERSATIVAS, que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*:

   Apetece cantar, **mas** ninguém canta.
   (M. Torga, *CH*, 44.)

   Não havia muitas casas — nenhum edifício de apartamentos, **porém** sobravam grandes, extensos terrenos baldios.
   (A. F. Schmidt, *AP*, 20.)

3. ALTERNATIVAS, que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora*, *quer*, *seja*, *nem*, etc.:

O Antunes das duas uma: **ou** não compreendia bem **ou** não ouvia nada do que lhe dizia o seu companheiro.
(Almada Negreiros, *NG*, 19.)

Ora lia, **ora** fingia ler para impressionar aos demais passageiros.
(A. F. Schmidt, *AP*, 74.)

4. CONCLUSIVAS, que servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*, etc.:

Conheci, **pois**, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica Médica, **portanto** em 1924.
(P. Nava, *BM*, 329.)

Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, **logo** prejudica.
(Almada Negreiros, *NG*, 150.)

5. EXPLICATIVAS, que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a ideia contida na primeira. São as conjunções *que*, *porque*, *pois*, *porquanto*, em exemplos como:

Vamos comer, Açucena, **que** estou morrendo de fome.
(Adonias Filho, *LP*, 109.)

Dorme cá, **pois** quero mostrar-lhe as minhas fazendas.
(A. Ribeiro, *M*, 43.)

Posição das conjunções coordenativas

1. Das CONJUNÇÕES COORDENATIVAS, apenas *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* podem vir no início da oração ou após um dos seus termos:

É noite, **mas** toda a noite se pesca.
(R. Brandão, *P*, 139.)

A igreja também era velha, **porém** não tinha o mesmo prestígio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

Este último período poderia ser também enunciado:

A igreja também era velha; não tinha, **porém**, o mesmo prestígio.
A igreja também era velha; não tinha o mesmo prestígio, **porém.**

2. *Pois*, quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence:

Era, **pois**, um homem de grande caráter e foi, **pois**, também um grande estilista.
(J. Ribeiro, *PE*, 17.)

Para ali estavam, **pois**, horas sem conto, esperando, inutilmente, ludibriarem-se a si próprios.
(F. Namora, *CS*, 83.)

3. As CONCLUSIVAS *logo*, *portanto* e *por conseguinte* podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

Valores particulares

Certas CONJUNÇÕES COORDENATIVAS podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados.

1. *E*[1], por exemplo, pode:
a) ter valor adversativo:

Tanto tenho aprendido **e** não sei nada.
(F. Espanca, *S*, 61.)

Era M. C. um homem feio **e** extremamente inteligente.
(A. F. Schmidt, *GB*, 246.)

---

[1] A propósito dos valores que esta conjunção assume no discurso, consultem-se Rocha Lima. Em torno da conjunção "e". *Studia, 9*, 87-96, 1979; *10*: 117-126, 1980; Adriano da Gama Kury. A valorização estilística da conjunção "e" em Graciliano Ramos. In *Miscelânea em honra de Rocha Lima.* Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1980, p. 35-44; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 201-205.

A conjunção coordenativa *e*, por exemplo, pode ter valor adversativo, fronteiriço (próximo), por vezes, do valor concessivo. fronteiriço, por vezes, do concessivo:

Torço as orelhas **e** não dão sangue.
(A. Peixoto, *RC*, 451.)

Fui, como as ervas, **e** não me arrancaram.
(F. Pessoa, *OP*, 328.)

b) indicar uma consequência, uma conclusão:

Qualquer movimento, **e** será um homem morto.
(Adonias Filho, *LP*, 26.)

Embarco amanhã, **e** venho dizer-lhe adeus.
(M. Torga, *CM*, 51.)

c) expressar uma finalidade:

Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.
(G. Ramos, *VS*, 84.)

No elevador, em frente ao espelho, levou um lenço aos olhos **e** retocou a pintura.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 184.)

d) ter valor consecutivo:

Esperei mais algumas palavras. Não vieram — **e** saí desapontado.
(G. Ramos, *I*, 62.)

Estou sonhando, **e** não quero que me acordem.
(C. Castelo Branco, *QA*, 203.)

e) introduzir uma explicação enfática:

Você ignora que quem os cose sou eu, **e** muito eu.
(Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

Que perdoava tudo, menos que lhe mordessem na reputação das filhas. Estavam casadas, **e** muito bem casadas.
(M. Torga, *CM*, 99.)

f) iniciar frases de alta intensidade afetiva, com o valor próximo ao de interjeições:

> — El-rei preso! **E** não se levanta este Minho a livrá-lo!...
> (C. Castelo Branco, *BP*, 170.)

> — **E** os críticos! **E** os leitores! **E** a glória! Esgaravataram tudo, rasparam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixam respirar.
> (A. Meyer, *MA*, 237.)

g) facilitar a passagem de uma ideia a outra, mesmo que não relacionadas, quando vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelísticas que imitam o chamado estilo bíblico:

> **E** a minha terra se chamará a terra de Jafé, **e** a tua se chamará a terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

2. *Mas* é outra partícula que apresenta múltiplos valores afetivos.[2] Além da ideia básica de oposição, de contraste, pode exprimir, por exemplo, as:

a) de restrição:

> Continuou a conversa interrompida com a senhora gorda, que tinha muitos brilhantes, **mas** uma terrível falta de ouvido, porque não se pode ter tudo.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 145.)

> — Vai, se queres, disse-me este, **mas** temporariamente.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 547.)

b) de retificação:

---

[2] Sobre os valores desta conjunção, leiam-se Sousa da Silveira. *Lições de português*, 8.ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 240-245; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, p. 205-208; C. Coelho Pereira Leite. A linguagem: um jogo de valores. In *Actas del XI Congreso Internacional de Linguistica y Filología Románicas*, I, Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 245-254. Sobre o *mas* empregado como palavra de situação, veja-se o que dissemos no capítulo 14.

Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. **Mas** não acanhadas, isso nunca.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 138.)

— O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte.
— Tenho, filho, não de hoje, **mas** de há muito tempo.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 94.)

c) de atenuação ou compensação:

Vinha um pouco transtornado, **mas** dissimulava, afetando sossego e até alegria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 541.)

Uma luz bruxuleante **mas** teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.
(M. Torga, *V*, 252.)

d) de adição:

Anoitece, **mas** a vida não cessa.
(R. Brandão, *P*, 150.)

Era bela, **mas** principalmente rara.
(Machado de Assis, *OC*, I, 639.)

e outras mais.
É particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como o de *porém*) para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso. Assim:

Mas continua. Não te esqueças do que estavas a contar.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 69.)

Mas os dias foram passando.
(J. Lins do Rego, *U*, 16.)

Um dia, **porém**, o Duro regressou à terra.
(M. Torga, *CM*, 131.)

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

1. As CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS classificam-se em CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS, CONSECUTIVAS e INTEGRANTES.
   As CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS iniciam orações adverbiais.
   As INTEGRANTES introduzem orações substantivas.

2. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* inclui ainda as conjunções CONFORMATIVAS e PROPORCIONAIS, que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não distingue das COMPARATIVAS.

Observação:

Saliente-se que as COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo de outra oração.

Exemplifiquemos:

1. CAUSAIS (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa): *porque*, *pois*, *porquanto*, *como* [= porque], *pois que*, *por isso que*, *já que*, *uma vez que*, *visto que*, *visto como*, *que*, etc.:

   Tenho continuado a poetar, **porque** decididamente se me renovou o estro.
   (A. de Quental, *C*, 357.)

   Tio Couto estava sombrio, **pois** aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio.
   (É. Veríssimo, *LS*, 137.)

   Como as pernas trôpegas exigiam repouso, descia raro à cidade.
   (G. Ramos, *I*, 195.)

2. CONCESSIVAS (iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la): *embora*, *conquanto*, *ainda que*, *mesmo que*, *posto que*, *bem que*, *se bem que*, *por mais que*, *por menos que*, *apesar de que*, *nem que*, *que*, etc.:

   Não saberei nunca escrever sobre ele, **embora** tenha tentado mais de uma vez.
   (F. Sabino, *G*, II, 76.)

Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, **posto que** em graus diversos, a todo o Brasil.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 228.)

Nem que a matassem, confessava.
(A. Ribeiro, *M*, 344.)

3. CONDICIONAIS (iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal): *se, caso, contanto que, salvo se, sem que* [= se não], *dado que, desde que, a menos que, a não ser que*, etc.:

Se aquele entrasse, também os outros poderiam tentar...
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 41.)

— A entrevista ficou marcada para as quatro da tarde, **caso** você não prefira ir à noite.
(C. dos Anjos, *M*, 160.)

4. FINAIS (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal): *para que, a fim de que, porque* [= para que]:

Não bastava a sua boa vontade **para que** tudo se arranjasse.
(Almada Negreiros, *NG*, 82.)

Recolheu a carta e a sobrecarta, para mostrá-las a Rubião, **a fim de que** ele visse bem que não era nada.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

5. TEMPORAIS (iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo): *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* [= desde que], etc.:

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito.
(G. Ramos, *Ins.*, 79.)

Sempre que posso, vou onde as recordações me chamam.
(M. Torga, *TU*, 149.)

Tio Cosme vivia com minha mãe, **desde que** ela enviuvou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

Enquanto Tamar e a irmã estavam no colégio, uma rapariga fugiu de lá.
(A. Bessa Luís, *AM*, 89.)

6. CONSECUTIVAS (iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior): *que* (combinada com uma das palavras *tal*, *tanto*, *tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que*, *de sorte que*, etc.:

Deu um filão de tal sorte, **que** eram carros e carros de volfrâmio estreme.
(M. Torga, *CM*, 191.)

Foi tão ágil e rápida a saída **que** Jandira achou graça.
(C. dos Anjos, *DR*, 108.)

O frio é tanto, é tamanho
Que a pena cai-me da mão...
(A. Gil, *LJ*, 143.)

Ainda hoje os marmeleiros carregam, **que** é uma temeridade.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 138.)

7. COMPARATIVAS (iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto): *que*, *do que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor* e *pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*:

Mais **do que** as palavras, falavam os fatos.
(M. Torga, *V*, 278.)

Unidas, **bem como** as penas
Das duas asas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribo de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.
(Castro Alves, *EF*, 125.)

Surgiu, **como** se viesse doutro mundo, inesperada e pálida.
(C. de Oliveira, *AC*, 159.)

Ele comeu-a **que nem** confeitos.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 368.)

8. INTEGRANTES (servem para introduzir uma oração que funciona como SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL ou APOSTO de uma outra oração). São as conjunções *que* e *se*:

Não sei, sequer, **se** me viste,
Não vou jurar **que** me vias.
(J. Régio, *F*, 54.)

Quando o verbo exprime uma certeza, usa-se *que*:

Tenho certeza de **que** gosta de mim.
(C. dos Anjos, *DR*, 103.)

— Tive medo, vi **que** tinha feito uma doidice.
(G. Ramos, *AOH*, 34.)

João Garcia garantiu **que** sim, **que** voltava.
(V. Nemésio, *MTC*, 61.)

Quando o verbo exprime incerteza, usa-se *se*. Por exemplo:

a) numa dúvida:

Ninguém sabia **se** estava ferido ou **se** ferira alguém.
(L. Jardim, *MP*, 54.)

Vê **se** me entendes.
(M. Torga, *TU*, 156.)

b) numa interrogação indireta:

Não sei **se** sentirá saudades, não sei **se** pensará em mim.
(A. Abelaira, *NC*, 26.)

Pergunto a Deus **se** estou viva,
se estou sonhando ou acordada.
(C. Meireles, *OP*, 417.)

Conjunções conformativas e proporcionais

Como dissemos, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue ainda, entre as CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS, as CONFORMATIVAS e as PROPORCIONAIS.

1. As CONFORMATIVAS iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. São as conjunções *conforme*, *como* [= conforme], *segundo*, *consoante*, etc.:

> O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe.
> (A. Meyer, *SI*, 50.)

> **Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.
> (C. de Oliveira, *CD*, 111.)

> Cada um tinha razão levando a vida **consoante** a criação da sua alma.
> (M. Lopes, *FVL*, 167.)

2. As PROPORCIONAIS iniciam uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado ou para realizar-se simultaneamente com o da oração principal. São as conjunções *à medida que*, *ao passo que*, *à proporção que*, *enquanto*, *quanto mais... mais*, *quanto mais... tanto mais*, *quanto mais... menos*, *quanto mais... tanto menos*, *quanto menos... menos*, *quanto menos... tanto menos*, *quanto menos... mais*, *quanto menos... tanto mais*:

> **À medida que** avançavam, iam penetrando no coração da trovoada.
> (M. Torga, *V*, 295.)

> Tornavam-se agressivos, os nervos cada vez mais tensos, **à proporção que** o tempo passava.
> (Adonias Filho, *LBB*, 103.)

> **Quanto mais** se distingue, **mais** se funde.
> (V. Nemésio, *SOP*, 336.)

Polissemia conjuncional

Algumas conjunções subordinativas (*que*, *como*, *porque*, *se*, etc.) podem pertencer a mais de uma classe. Sendo assim, o seu valor está condicionado ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambiguidades, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da consequência, etc.

Locução conjuntiva

Como vimos, há numerosas conjunções formadas da partícula *que* antecedida de advérbios, de preposições e de particípios: *desde que*, *antes que*, *já que*, *até que*, *sem que*, *dado que*, *posto que*, *visto que*, etc.

São as chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS.

Capítulo 17

Interjeição

INTERJEIÇÃO é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

Classificam-se as INTERJEIÇÕES segundo o sentimento que denotam. Entre as mais usadas, podemos enumerar as:

a) DE ALEGRIA: *ah! oh ! oba! opa!*
b) DE ANIMAÇÃO: *avante! coragem! eia! vamos!*
c) DE APLAUSO: *bis! bem! bravo! viva!*
d) DE DESEJO: *oh! oxalá!*
e) DE DOR: *ai! ui!*
f) DE ESPANTO OU SURPRESA: *ah! chi! ih! oh! ué! puxa!*
g) DE IMPACIÊNCIA: *hum! hem!*
h) DE INVOCAÇÃO: *alô! ô! ó! olá! psiu! psit!*
i) DE SILÊNCIO: *psiu! silêncio!*
j) DE SUSPENSÃO: *alto! basta! alto lá!*
l) DE TERROR: *ui! uh!*

LOCUÇÃO INTERJECTIVA

Além das interjeições expressas por um só vocábulo, há outras formadas por grupos de duas ou mais palavras. São as LOCUÇÕES INTERJECTIVAS. Exemplos: *ai de mim! ora, bolas! raios te partam! valha-me Deus!*

Observações:

1.ª) Não incluímos a INTERJEIÇÃO entre as classes de palavras pela razão aduzida no capítulo 5.

Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais.

2.ª) Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação (!).

Capítulo 18

O período e sua construção

PERÍODO SIMPLES E PERÍODO COMPOSTO

No capítulo 7, fizemos a análise interna da oração. Examinamos, aí, os seus TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS; e, para tal estudo, servimo-nos sobretudo de PERÍODOS SIMPLES, isto é, de períodos constituídos de uma só oração, chamada ABSOLUTA.

Incidentemente, porém, mostramos que os TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS de uma oração podem ser representados por outra ORAÇÃO. É agora o momento de examinarmos mais detidamente esse ponto.

COMPOSIÇÃO DO PERÍODO

1. Tomemos o seguinte período:

> As horas passam, os homens caem,
> a poesia fica.
>
> (E. Moura, *IP*, 169.)

Vemos que ele é composto de três orações:

> 1.ª = As horas passam,
> 2.ª = os homens caem,
> 3.ª = a poesia fica.

Vemos, ainda, que as três orações são da *mesma natureza*, pois:

a) são autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio;

b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a *totalidade* da outra.

A tais orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO.

2. Examinemos agora este período:

> O meu André não lhe disse que temos aí um holandês que trouxe material novo...?
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

Aqui, também, estamos diante de um período de três orações:

1.ª = O meu André não lhe disse
2.ª = que temos aí um holandês
3.ª = que trouxe material novo.

Mas a sua estrutura é diferente da do anterior, pois:

a) a primeira oração contém a declaração *principal* do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período; chama-se, por isso, ORAÇÃO PRINCIPAL;
b) a segunda oração tem sua existência dependente da primeira, de cujo verbo é OBJETO DIRETO; funciona, assim, como TERMO INTEGRANTE dela;
c) a terceira oração tem sua existência dependente da segunda, de cujo objeto direto é ADJUNTO ADNOMINAL; funciona, por conseguinte, como TERMO ACESSÓRIO dela.

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

3. Vejamos, por fim, este período:

> Moleque Nicanor arregalou os olhos, e eu pensei que ia ouvir as pancadas do seu coração.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

Ainda aqui temos um período composto de três orações:

1.ª = Moleque Nicanor arregalou os olhos,
2.ª = e eu pensei
3.ª = que ia ouvir as pancadas do seu coração.

Sua estrutura é, porém, distinta das duas que examinamos, ou melhor, é uma espécie de combinação delas, pois:

a) as duas primeiras orações são COORDENADAS (a primeira é COORDENADA ASSINDÉTICA; a segunda, COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA);
b) a última é SUBORDINADA, uma vez que funciona como OBJETO DIRETO da oração anterior.

O período que apresenta orações COORDENADAS e SUBORDINADAS diz-se composto por COORDENAÇÃO e SUBORDINAÇÃO.

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL

Uma ORAÇÃO SUBORDINADA pode depender de um termo de outra ORAÇÃO SUBORDINADA.

No período de Vitorino Nemésio, antes citado, vimos que a ORAÇÃO SUBORDINADA:

que trouxe material novo

é adjunto adnominal do objeto direto (*um holandês*) da ORAÇÃO SUBORDINADA

que temos aí um holandês,

a qual, por sua vez, é objeto direto da ORAÇÃO PRINCIPAL:

O meu André não lhe disse.

Neste caso, alguns gramáticos consideram a 2.ª oração, simultaneamente, SUBORDINADA e PRINCIPAL: SUBORDINADA em relação à 1.ª; PRINCIPAL com referência à 3.ª.

Tal classificação tem o inconveniente de se basear em dois critérios; ou melhor, fazer predominar o critério semântico sobre o sintático.

Em verdade, a ORAÇÃO PRINCIPAL (ou um de seus termos) serve sempre de suporte a uma ORAÇÃO SUBORDINADA. Mas não é esta a sua característica essencial; e, sim, o fato de *não exercer nenhuma função sintática em outra oração do período.* Ora, no PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO só há uma que preenche tal condição. A esta, pois, se deve reservar, com exclusividade, o nome de PRINCIPAL.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* eliminou a designação de ORAÇÃO PRINCIPAL sob o argumento de não fazer falta ao estudo desses processos e de "dar ensejo a duplas interpretações, quer no plano lógico, quer no plano gramatical".

CONCLUSÃO

Na análise de um PERÍODO COMPOSTO, cumpre, pois, ter em mente que:

a) a ORAÇÃO PRINCIPAL não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período;
b) a ORAÇÃO SUBORDINADA desempenha sempre uma função sintática (SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADNOMINAL, ADJUNTO ADVERBIAL ou APOSTO) em outra oração, pois que dela é um termo ou parte de um termo;
c) a ORAÇÃO COORDENADA, como a PRINCIPAL, nunca é termo de outra oração nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra COORDENADA, mas em sua integridade.

COORDENAÇÃO

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

As ORAÇÕES COORDENADAS podem estar:

a) simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace:

> Será uma vida nova, / começará hoje, / não haverá nada para trás. /
> (A. Abelaira, *QPN*, 19.)

b) ligadas por uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA:

> A Grécia seduzia-o, / **mas** Roma dominava-o. /
> (Graça Aranha, *OC*, 701.)

No primeiro caso, dizemos que a ORAÇÃO COORDENADA é ASSINDÉTICA, ou seja, desprovida de conectivo. No segundo, dizemos que ela é SINDÉTICA, e a esta denominação acrescentamos a da espécie da CONJUNÇÃO COORDENATIVA que a inicia.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Classificam-se, pois, as ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em:

1. COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

> Insisti no oferecimento da madeira, / **e ele estremeceu**. /
> (G. Ramos, *SB*, 29.)

Não é chuva, / **nem é gente,** /
Nem é vento com certeza. /
(A. Gil, *LJ*, 24.)

2. COORDENADA SINDÉTICA ADVERSATIVA, se a conjunção é ADVERSATIVA:

Estava frio, / **mas ela não o sentia.** /
(M. J. de Carvalho, *TGM*, 75.)

Ele não exigira dos filhos devoção à lavoura, / **porém nenhum deixara de seguir a fatalidade pela terra.** /
(N. Piñon, *SA*, 102-103.)

3. COORDENADA SINDÉTICA ALTERNATIVA, se a conjunção é ALTERNATIVA:

O bode tinha descido com o senhor / **ou tinha ficado na ribanceira?** /
(G. Ramos, *AOH*, 48.)

Ou eu me engano muito / ou a égua manqueja. /
(C. de Oliveira, *AC*, 23.)

Todas as casas sertanejas são humildes, / **quer sejam de palha só / ou de palha e taipa** / como a dos pobres, / **quer sejam de taipa e telha** / como a dos abastados.
(G. Barroso, *TS*, 181.)

4. COORDENADA SINDÉTICA CONCLUSIVA, se a conjunção é CONCLUSIVA:

Ouço música, / **logo ainda não me enterraram.** /
(P. Mendes Campos, *AB*, 67.)

Não pacteia com a ordem; / **é, pois, uma rebelde.** /
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

Queria casar a filha, bem ao gosto dela, / **não punha, portanto, nenhum obstáculo ao programa de Olga.** /
(Lima Barreto, *TFPQ*, 86.)

5. COORDENADA SINDÉTICA EXPLICATIVA, se a conjunção é EXPLICATIVA:

— Eh, camarada, espere um pouco, / **que isto acaba-se já.** /
(F. Namora, *NM*, 233.)

Um pouquinho só lhe bastava no momento, / **pois estava com fome.** /
(A. M. Machado, *JT*, 105.)

Observação:

No mesmo período podem ocorrer ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS de vários tipos:

O menino olhava, / **mas não falava,** / **nem lamuriava.** /
(J. de Araújo Correia, *FX*, 34.)

Tentei detê-los por mais tempo; / **eles porém tinham pressa,** / **ou estavam desconfiados.** /
(R. de Queirós, *CCE*, 159.)

Como dissemos, nem todas as conjunções coordenativas encabeçam a oração. A conclusiva *pois* vem sempre posposta a um de seus termos. As adversativas *porém*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto* e *todavia*, bem como as conclusivas *logo*, *portanto* e *por conseguinte*, podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

SUBORDINAÇÃO

A ORAÇÃO SUBORDINADA COMO TERMO DE OUTRA ORAÇÃO

Dissemos que as ORAÇÕES SUBORDINADAS funcionam sempre como TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES OU ACESSÓRIOS de outra oração. Esclareçamos melhor tais equivalências.

1. No seguinte exemplo,

É necessária **tua vinda urgente.**

o sujeito da oração é *tua vinda urgente*, TERMO ESSENCIAL, cujo núcleo é o substantivo *vinda*.
Mas, em lugar dessa construção com base no substantivo *vinda*, poderíamos dizer:

É necessário **que venhas urgente.**

O sujeito seria, então, *que venhas urgente*, termo essencial representado por oração.

2. Neste exemplo,

Ninguém esperava **a tua vinda**.

o objeto direto de *esperava* é *a tua vinda*, TERMO INTEGRANTE, cujo núcleo é o substantivo *vinda*.
Em vez dessa construção nominal, poderíamos ter dito:

Ninguém esperava **que viesses**.

Com isso, o objeto direto de *esperava* passaria a ser *que viesses*, TERMO INTEGRANTE representado por uma oração.

3. Neste exemplo,

Não desaprendi as lições **recebidas**.

o adjunto adnominal, TERMO ACESSÓRIO, está expresso pelo adjetivo *recebidas*.
Mas, se quiséssemos, poderíamos ter substituído o adjetivo *recebidas* por *que recebi*.

Não desaprendi as lições **que recebi**.

Teríamos, neste caso, como adjunto adnominal de *lições* a oração *que recebi*.
Por outras palavras: teríamos um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

4. Neste exemplo,

Ainda não o tinha visto **depois da volta**.

são três os adjuntos adverbiais (TERMOS ACESSÓRIOS) da oração:
a) **ainda** — adjunto adverbial de tempo;
b) **não** — adjunto adverbial de negação;
c) **depois da volta** — adjunto adverbial de tempo.

Em lugar da expressão adverbial de tempo *depois da volta*, poderíamos ter empregado uma oração — *depois que voltara*:

Ainda não o tinha visto **depois que voltara**.

Depois que voltara, adjunto adverbial de *tinha visto*, é, pois, um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

5. Do que dissemos uma conclusão se impõe: o PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO é, na essência, equivalente a um PERÍODO SIMPLES. Distingue-os apenas o fato de os TERMOS (ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS) deste serem representados naquele por ORAÇÕES.

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As ORAÇÕES SUBORDINADAS classificam-se em SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS, porque as funções que desempenham são comparáveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios.

Orações subordinadas substantivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE *que* (às vezes, por *se*) e, segundo o seu valor sintático, podem ser:

1. SUBJETIVAS, quando exercem a função de sujeito:

É certo / **que a presença do dono o sossegava um pouco.** /
(M. Torga, *B*, 52-53.)

2. OBJETIVAS DIRETAS, quando exercem a função de objeto direto:

Respondi-lhe / **que já tinha lido a receita em qualquer parte.** /
(J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

Não sei / **se padre Bernardino concordará comigo.** /
(O. Lara Resende, *BD*, 109.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS, quando exercem a função de objeto indireto:

Não me esqueço / **de que estavas doente** / quando ele nasceu.
(J. Montello, *SC*, 31.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS, quando exercem a função de complemento nominal:

Calipso! Ele tem a mania / **de que alho faz bem à saúde!** /
(A. Abelaira, *NC*, 155.)

5. PREDICATIVAS, quando exercem a função de predicativo:

A verdade é / **que eu ia falar outra vez de Noêmia.** /
(A. Bessa Luís, *AM*, 39.)

6. APOSITIVAS, quando exercem a função de aposto:

> É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: / **que a Moral católica está certa / e é irrepreensível. /**
> (O. Lara Resende, *BD*, 163.)

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:

> — As ordens são dadas / **por quem pode. /**
> (F. Namora, *NM*, 215.)

Observação:

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (*quem*, *quantos*, *qualquer*, etc.) precedidos de uma das preposições *por* ou *de*.

Omissão da integrante que

Depois de certos verbos que exprimem uma ordem, um desejo ou uma súplica, a língua portuguesa permite a omissão da INTEGRANTE *que*:

> Penso / **daria um sofrível monge,** / se não fossem estes nervos miseráveis.
> (A. de Quental, *C*, 337.)

> Queira Deus / **não voltes mais triste...** /
> (M. Bandeira, *PP*, 348.)

> Olhar o Brasil como hóspedes em casa alheia, que as regras mandam / **se coloquem** tanto quanto possível **no ponto de vista do anfitrião. /**
> (M. Torga, *TU*, 21.)

Orações subordinadas adjetivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente:

> Susana, / **que não se sentia bem,** / estava de cama.
> (M. Torga, *V*, 178.)

O / **que tu vês** / é belo; / mais belo o / **que suspeitas**; / e o / **que ignoras** / muito mais belo ainda.
(R. Brandão, *H*, 3.)[1]

Relação com o termo antecedente

A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA pode, como todo ADJUNTO ADNOMINAL, depender de qualquer termo da oração, cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: SUJEITO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO e, até mesmo, VOCATIVO.

1. Neste período de Fernando Pessoa,

   Deu-lho a criada
   Velha / **que o trouxe ao colo**. /
   (*OP*, 77.)

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que o trouxe ao colo* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *criada*, SUJEITO de *deu-lho*.

2. Neste período de Agustina Bessa Luís,

   Era uma cachopa um tanto atarracada, / **que usava meias palmilhadas e anéis de latão**. /
   (*AM*, 92.)

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que usava meias palmilhadas e anéis de latão* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *cachopa*, núcleo do PREDICATIVO da oração anterior.

3. Neste período de Machado de Assis,

   Na petição de privilégio / **que então redigi** / chamei a atenção do governo para este resultado, verdadeiramente cristão.

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que então redigi* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *de privilégio*, COMPLEMENTO NOMINAL.

---

[1] Frase que Raul Brandão diz ser de autor desconhecido.

4. Neste período de Carlos de Oliveira,

> Iria remediar o / **que pudesse.** /
> (*CD*, 90.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que pudesse* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *o*, OBJETO DIRETO de *iria remediar.*

5. Neste período de Jorge Amado,

> É mesmo porque vem um apito triste do navio, um pedido de socorro, e a lei do cais manda que se atenda aos / **que no mar pedem socorro.** /
> (*MM*, 74.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que no mar pedem socorro* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *os*, núcleo do OBJETO INDIRETO *aos.*

6. Neste período de Manuel Bandeira,

> O *clou* da festa no Conservatório de Canto Orfeônico foi a saudação lida por um menino / **que é um prodígio.** /
> (*AA*, 106.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que é um prodígio* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *menino*, núcleo do AGENTE DA PASSIVA *por um menino.*

7. Neste período de Antônio Nobre,

> Na vida / **que a Dor povoa,** /
> Há só uma cousa boa,
> Que é dormir, dormir, dormir...
> (*S*, 113.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que a Dor povoa* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *vida*, núcleo do ADJUNTO ADVERBIAL *na vida.*

8. Neste período de Machado de Assis,

> Entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, / **que fundou a Vila de São Vicente.** /
> (OC, I, 417.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que fundou a vila de São Vicente* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *capitão-mor Brás Cubas*, APOSTO.

9. Neste período do *Romance da nau Catarineta*,

Renego de ti, demônio, / **que me estavas a tentar.** /

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que me estavas a tentar* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *demônio*, VOCATIVO.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

Quanto ao sentido, as SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

1. As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. Exemplos:

   És um dos raros homens / **que têm o mundo nas mãos.** /
   (A. Abelaira, *NC*, 121.)

   Certamente não perdoa o abandono / **que lhe votei.** /
   (N. Piñon, *FD*, 98.)

2. As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula:

   Tio Cosme, / **que era advogado,** / confiava-lhe a cópia de papéis de autos.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

   Eu, / **que não tenho nenhuma certeza**, / sou mais certo ou menos certo?
   (F. Pessoa, *OP*, 324.)

Orações subordinadas adverbiais

Funcionam como ADJUNTO ADVERBIAL de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (com exclusão das INTE-

GRANTES que, vimos, iniciam ORAÇÕES SUBSTANTIVAS). Segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, classificam-se em:

1. CAUSAIS, se a conjunção é subordinativa causal:

Não veste com luxo / **porque o tio não é rico.** /
(Machado de Assis, *OC*, II, 204.)

/ **Como anoitecesse,** / recolhi-me pouco depois e deitei-me.
(Monteiro Lobato, *U*, 204.)

Ceamos à lareira, / **que a noite estava fria.** /
(A. Ribeiro, *M*, 44.)

2. CONCESSIVAS, se a conjunção é subordinativa concessiva:

/ **Ainda que não dessem dinheiro,** / poderiam colaborar com um ou outro trabalho.
(O. Lara Resende, *BD*, 134.)

O Albino, / **posto que homem correntão,** / ficou varado.
(A. Ribeiro, *M*, 99.)

A regra era ir sempre desacompanhado, / **mesmo que levasse o gado até os confins da serra.** /
(M. Torga, *B*, 101.)

Observação:

Nas ORAÇÕES CONCESSIVAS, a conjunção subordinativa pode:

a) vir intensificada em *por mais que, por maior que, por melhor que, por menos que, por menor que, por pior que*; ou *mais que, maior que, melhor que, menos que, menor que, pior que*, etc.:

/ **Por mais que quisesse,** / não conseguia decidir-se por nenhum.
(M. Torga, *CM*, 36.)

b) ficar reduzida à palavra *que*, com antecipação do predicativo:

/ **Padre que seja,** / se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

Advirta-se, porém, que não é pacífica a análise que propomos para essas fórmulas concessivas. Filólogos eminentes, como os professores Sousa da Silveira (*Lições de*

português. 8ª. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 166) e Martinz de Aguiar (cf. Evanildo Bechara. *Moderna gramática portuguesa,* 21.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, p. 230) consideram que, em tais construções, o *que* é um pronome relativo em função de predicativo.

3. CONDICIONAIS, se a conjunção é subordinativa condicional:

Tudo vale a pena /
Se a alma não é pequena. /
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

— Eles não dormem, / **sem que primeiro a mãe lhes cante a** *berceuse* **de Jocelyn.** /
(É. Veríssimo, *A*, I, 83.)

Trago uma caixa de metralhadoras para os Gregos, / **caso eles estejam em perigo de ser batidos pelos Troianos.** /
(A. Abelaira, *NC*, 69.)

4. FINAIS, se a conjunção é subordinativa final:

Viera um vestido de Marta, / **para que a vestissem com ele.** /
(J. Lins do Rego, *A-M*, 343.)

Deu-me Deus o seu gládio, / **porque eu faça**
A sua santa guerra. /
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Fiz-lhe sinal / **que se calasse.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

5. TEMPORAIS, se a conjunção é subordinativa temporal:

/ **Quando estiou,** / partiram.
(C. de Oliveira, *AC*, 19.)

Renovaram a fogueira / **até que chegasse a luz da manhã.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 111.)

/ **Mal sentiu rumores dentro de casa,** / ergueu-se.
(M. Torga, *V*, 269.)

6. CONSECUTIVAS, se a conjunção é subordinativa consecutiva:

Há segredos, de natureza tal, / **que é imperdoável imprudência** / descobri-los.
(M. de Maricá, *M*, 416.)

Falava com tanta naturalidade, / **que se convencia a si mesmo.** /
(M. Torga, *V*, 157.)

Era uma voz tão grave, / **que metia medo.** /
(A. Meyer, *SI*, 12.)

O sino tocava / **que se desfazia.** /
(M. Torga, *CM*, 65.)

A conjunção pode vir omitida, como nestes versos de Emílio Moura:

O chamado é tão grave, / **não comporta lágrimas;** /
o caminho é tão longo, / **não chegarias nunca.** /
(*IP*, 171.)

7. COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa:

Não, meu coração não é maior / **que o mundo.** /
(C. Drummond de Andrade, *R*, 60.)

Jurou-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste / **do que podia parecer.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 416.)

Ó choupo magro e velhinho,
Corcundinha, todo aos nós,
És tal / **qual meu Avozinho:** /
Falta-te apenas a voz.
(A. Nobre, *S*, 47.)

Começaste a correr / **que nem uma louca.** /
(A. Abelaira, *QPN*, 190.)

O lavrador revirou os olhos e começou a tremer / **como se tivesse uma sezão.** /
(J. de Araújo Correia, *FX*, 28.)

Observações:

1.ª) O primeiro membro da comparação pode estar oculto: [*tal*] *qual*, [*tal*] *como*, etc.:

> Havia já dous anos que nos não víamos, e eu via-a agora não / **qual era,** / mas / **qual fora,** / **quais fôramos ambos,** / porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 419.)

2.ª) Costuma-se omitir o predicado da ORAÇÃO SUBORDINADA COMPARATIVA, quando repete uma forma do verbo da oração principal. Assim:

> Teus olhos são negros, negros,
> / **como as noites sem luar...** /
> (Castro Alves, *EF*, 35.)

Isto é: como as noites sem luar [são negras].

> Tu vais a correr sozinho,
> Ribeirinho, / **como eu.** /
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 112.)

Ou seja: como eu [vou a correr sozinho].

Orações conformativas e proporcionais

Como na classificação das conjunções subordinativas a Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui as conformativas e as proporcionais, consequentemente admite ela a existência de ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CONFORMATIVAS, quando a conjunção que as inicia é subordinativa conformativa:

> / **Conforme declarei,** / Madalena possuía um excelente coração.
> (G. Ramos, *SB*, 122.)

> As distâncias hoje em dia, / **como sabe,** / contam pouco.
> (M. Torga, *V*, 278.)

> Exteriormente era modesto, / **segundo convém aos sabedores.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 256.)

2. PROPORCIONAIS, quando encabeçadas por conjunção subordinativa proporcional:

/ **À medida que o tempo decorria** / as figuras iam tomando maior vulto na sua retina.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 295.)

Choviam os ditos / **ao passo que ela seguia pelas mesas.** /
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Duas ou três funcionárias aproximaram-se, / **enquanto o servidor** / que fizera a pergunta / **ia dando o fora.** /
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 38.)

Observação:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: *quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos ... tanto mais*:

/ **Quanto mais o conheço**, / tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras *quanto* e *tanto*, é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto. Por exemplo, nas construções:

/ **Quanto mais o conheço**, / mais o admiro.
/ **Mais o conheço**, / tanto mais o admiro.
/ **Mais o conheço**, / mais o admiro.

a primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL.

Orações reduzidas

Orações desenvolvidas e orações reduzidas

Estudamos até aqui as ORAÇÕES SUBORDINADAS encabeçadas por nexo subordinativo (pronomes relativos ou conjunções subordinativas), com o verbo sempre numa FORMA FINITA (do indicativo ou do subjuntivo).

Vejamos agora outro tipo de oração subordinada — a REDUZIDA —, isto é, a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordi-

nativa, e que tem o verbo numa das FORMAS NOMINAIS — O INFINITIVO, O GERÚNDIO, ou O PARTICÍPIO. Assim:

1. Neste período de Machado de Assis,

   Todos nós havemos de morrer; basta / **estarmos vivos.** /
   (*OC*, I, 420.)

   a oração *estarmos vivos* tem valor SUBSTANTIVO. Não a encabeça, porém, a integrante *que*, nem o seu verbo se apresenta numa forma finita, mas na do INFINITIVO PESSOAL.
   A oração denomina-se, por isso, SUBSTANTIVA REDUZIDA DE INFINITIVO, e pode ser equiparada à oração subordinada desenvolvida *que estejamos vivos*:

   Todos nós havemos de morrer; basta / **que estejamos vivos.** /

2. Neste período de Augusto Frederico Schmidt,

   Era o sortilégio, a sedução / **ferindo os corações.** /
   (*AP*, 17.)

   a oração *ferindo os corações* tem valor adjetivo. Não vem, no entanto, encabeçada por pronome relativo, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do gerúndio.
   A oração denomina-se, neste caso, ADJETIVA REDUZIDA DE GERÚNDIO, e corresponde à oração desenvolvida *que feria os corações*:

   Era o sortilégio, a sedução / **que feria os corações.** /

3. Neste período de Manuel da Fonseca,

   / **Ansiado,** / agarrou-se à árvore.
   (*FC*, 126.)

   a oração *ansiado* tem valor ADVERBIAL. Não está, porém, encabeçada por conjunção subordinativa, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do PARTICÍPIO.
   A oração denomina-se, então, ADVERBIAL REDUZIDA DE PARTICÍPIO, e equivale à oração desenvolvida *porque estava ansiado*:

   / **Porque estava ansiado,** / agarrou-se à árvore.

Verifica-se do exposto que as ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS podem estar:

1.º) DESENVOLVIDAS, quando encabeçadas por nexo subordinativo e com verbo num tempo do indicativo ou do subjuntivo:
a) seja numa forma simples:

— Creio / **que não há gente inocente.** /
(M. J. de Carvalho, *AV*, 126.)

Não tinha dinheiro / **que chegasse.** /
(V. Nemésio, *MTC*, 372.)

Eram sete e meia da noite, / **quando avistamos as luzes de Benfica.** /
(F. Sabino, *HN*, 31.)

b) seja numa locução verbal:

Disse / **que ia pôr tudo em pratos limpos,** / não disse?
(U. Tavares Rodrigues, *NS*, 84.)

Vou deitar ao papel as reminiscências / **que me vierem vindo.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

Vira-os a bordo, / **como estava a ver o próprio Vicar.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 84.)

2.º) REDUZIDAS, quando não apresentam nexo subordinativo e têm o verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio:
a) seja numa forma simples:

Os homens do grupo do curral afastaram-se / **para Maria passar.** /
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

/ **Chegando à rua,** / arrependi-me de ter saído.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

Que seria do futuro se trocássemos esses hábitos / **consagrados pela experiência** / e nos deixássemos arrastar pelos falsos profetas?
(A. Abelaira, *NC*, 211.)

b) seja numa locução verbal:

> Bernardo estava certo / **de não poder confiar nas boas intenções dele.** /
> (O. Lins, *FP*, 183.)

> O que me lembrou esta data foi, / **estando a beber café**, / o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1029.)

Orações reduzidas de infinitivo

As ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO podem vir ou não regidas de preposição e, como as desenvolvidas, classificam-se em:

Substantivas

1. SUBJETIVAS:

> É preciso / **caminhar o passo certo.** /
> (Costa Andrade, *NVNT*, 30.)

2. OBJETIVAS DIRETAS:

> Espero também / **poder confiar em ti.** /
> (J. Régio, *SM*, 57.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS:

> Encarregara-a / **de anunciar-se pessoalmente.** /
> (N. Piñon, *FD*, 69.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS:

> Estou ansioso / **por ir vê-lo.** /
> (A. de Quental, *C*, 228.)

5. PREDICATIVAS:

> A sua intenção era / **comunicar a Augusta o resultado da conversa com o pretendente.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 97.)

6. APOSITIVAS:

A coragem é isto: / **meter o pássaro do medo na capanga.** /
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Adjetivas

Mas a visão logo se desvaneceu, ficando apenas os vidros, / **a ocultarem, com o seu brilho, o** / que lá dentro existia. /
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 136.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / **a quebrarem,** / **a espicaçarem,** / **a torturarem a pedra,** / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

As ORAÇÕES ADJETIVAS REDUZIDAS DE INFINITIVO são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil empregam-se de preferência as ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO.

Adverbiais

1. CAUSAIS:

/ **Por serem trivialidades quotidianas tais virtudes,** / ninguém repara nelas.
(M. Torga, *TU*, 63.)

2. CONCESSIVAS:

/ **Mesmo sem saber** / se jamais chegarei, apetece-me rir e cantar em honra da beleza das coisas.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 102.)

3. CONDICIONAIS:

/ **A não ser isto,** / eu preferia ficar na sombra, e trabalhar como simples soldado.
(J. de Alencar, *CD*, 30.)

4. CONSECUTIVAS:

O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo / **a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.** /
(Rebelo da Silva, *CL*, 178.)

5. FINAIS:

Conheces-lhe a vida / **para poderes afirmar tal coisa.** /
(A. Abelaira, *CF*, 148,)

6. TEMPORAIS:

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela / **ao entrares no porto** /
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Orações reduzidas de gerúndio

Podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

Virou-se e viu a mulher / **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse.
(L. Jardim, *BA*, 18.)

Perdeu o desfile da milícia triunfante, / **marchando a quatro de fundo.** /
(J. Saramago, *MC*, 348.)

Viu um grupo de homens / **conversando.** /
(Pepetela, *NA*, 42.)

Observação:

O emprego do GERÚNDIO com valor de ORAÇÃO ADJETIVA tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que é antiga no idioma a construção quando o GERÚNDIO expressa a ideia de atividade atual e passageira.

Veja-se este exemplo de D. Denis, trovador que poetou em fins do século XIII e princípios do século XIV:

> Ela tragia na mão
> um papagai mui fremoso,
> **cantando** [= que cantava] mui saboroso...

Construção em tudo semelhante à que vigorou na língua até começos do século XVIII e que continua no português do Brasil:

> Vi um menino / **cantando.** /

Distinto deste é o emprego, cada vez mais frequente nos dias que correm, do gerúndio como representante de uma ORAÇÃO ADJETIVA que designa um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo a que se refere, construção que é um simples decalque do francês:

> Meu coração é um pórtico partido /
> **Dando excessivamente sobre o mar.** /
> (F. Pessoa, *OP*, 54.)

> De onde estava via as torres da igreja metodista, / **erguendo-se acima da massa de arvoredo dum jardim.** /
> (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

Adverbiais

Como o GERÚNDIO tem principalmente significado temporal, as REDUZIDAS por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS. Comparem-se, por exemplo:

> / **Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro,** / ele me convidou para tomar conta de sua causa.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 279.)

Mas podem equivaler também a outras ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CAUSAIS:

> / **Pressentindo** / que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 89.)

2. CONCESSIVAS:

Aqui mesmo, / **ainda não sendo padre,** / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.
(Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

3. CONDICIONAIS:

Pensando bem, / tudo aquilo era muito estranho.
(A. Meyer, *SI*, 25.)

Orações reduzidas de particípio

Como as REDUZIDAS DE GERÚNDIO, as DE PARTICÍPIO podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

As rosas brancas agrestes /
Trazidas do fim dos montes /
Vós mas tirastes, que as destes...
(F. Pessoa, *OP*, 118.)

Adverbiais

São mais comuns as TEMPORAIS:

/ **Acabada a cerimônia,** / demos a volta ao adro.
(V. Nemésio, *SOP*, 90.)

/ **Armadas as barracas,** / **abrigados caminheiros e camaradas,** / roncou a tormenta.
(A. Amoroso Lima, *AA*, 47.)

Não raro, ocorrem também as:

1. CAUSAIS:

/ **Desesperado,** / parecia um doido por toda a casa.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

2. CONCESSIVAS:

> Creio, porém, que, / **ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio***, / pode-se assegurar que a guerra está concluída.
> (J. de Alencar, *OC*, IV, 1331.)

3. CONDICIONAIS:

> / **Dada essa hipótese,** / espero de nossos amigos dedicados que não sofrerão impassíveis uma oposição injusta.
> (J. de Alencar, *CD*, 33.)

Capítulo 19

Figuras de sintaxe

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.

Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se FIGURAS DE SINTAXE.

Examinemos as principais:

ELIPSE

1. ELIPSE é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

   À esquerda, panos de velhos muros, à direita o campo deserto.
   (V. Ferreira, *A*, 273.)

   Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz.
   (Guimarães Rosa, *S*, 123.)

   A lua, um pequeno disco branco só, lá em cima.
   (Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

   — O senhor está preso.
   — Preso, eu?!
   (C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

2. A ELIPSE é responsável por numerosos casos de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido:

a (cidade) **capital**	**uma** (igreja) **catedral**
um (dente) **canino**	**uma** (carta) **circular**
um (navio a) **vapor**	**uma folha** (de papel)

A ELIPSE COMO PROCESSO GRAMATICAL

1. Em gramática, a ELIPSE de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E, ainda assim, com extrema prudência.
São correntes, por exemplo, as ELIPSES:

a) do sujeito:

> Ternura sacudiu os ombros, no susto. Ergueu a cabeça, fixou Manuel:
> — Para onde? — exclamou.
> (A. M. Machado, *JT*, 135.)

> Levantei-me de mansinho, e mais manso que um ladrão me vesti. Abri a porta da rua, e com cautela a fechei. Num rufo corri ao macho que estava, à mão de largar, no grande alpendre e deitei-lhe o aparelho. E, sem ruído, sem voltar a cabeça, vergonhoso de mim, saí daquela terra.
> (A. Ribeiro, *M*, 46.)

b) do verbo (parcial ou total):

> Vão os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no voo.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 26.)

> Vida ruim, a nossa...
> (Alves Redol, *G*, 105.)

> Um senhor. Até na miséria, um senhor.
> (F. Namora, *RT*, 16.)

c) da preposição que introduz certos adjuntos:

> Miguel foi atrás dela, **mãos nos bolsos,** falando calmo.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 69.)

Olegário debruçou-se sobre ele, **os olhos cheios de espanto,** outro homem naquele momento.
(Adonias Filho, *F*, 40.)

O Bento move-se no assento, **os braços bem apoiados na mesa, a cabeça baixa.**
(F. Botelho, *X*, 200.)

d) da preposição *de* antes da integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais:

Bem me **lembro que** ainda eu mesmo alcancei a casa de dona Rosinha em cuja porta de entrada passei horas seguidas espiando a maré humana.
(A. F. Schmidt, *GB*, 44.)

Tem **medo que** fique alguém fora da malhada!...
(Alves Redol, *G*, 65.)

Uma vez **certa que** morria, ordenou o que prometera a si mesma.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

e) da conjunção integrante *que*:

Não **cuideis seja** a masmorra...
Não **cuideis seja** o degredo...
(C. Meireles, *OP*, 862.)

Querendo poupar à moça e a mim tal vexame, **solicitei fosse** a pena comutada, senão em substância, pelo menos em grau.
(C. dos Anjos, *DR*, 279.)

Hoje me **disseram ele era** um dos bons.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 21.)

2. Na análise dessas e de outras orações manifestamente incompletas convém repor os elementos omitidos. Mas seria uma arbitrariedade pretender reconstruir, nas mesmas bases, formas expressivas elaboradas dentro de princípios linguísticos diversos.
É o caso, por exemplo, da FRASE NOMINAL, organizada sem verbo e, justamente por isso, mais incisiva:

Que talento, que bom gosto, uma delícia!
(A. Meyer, *MA*, 153.)

Oh, a nudez da noite! Que esplendor!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, I, 50.)

Roma em chamas, que espetáculo!
(R. Pompeia, *A*, 144.)

A noite, o vento baixo, algumas estrelas.
(Adonias Filho, *LP*, 101.)

Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!
(C. Pessanha, *C*, 52.)

A ELIPSE COMO PROCESSO ESTILÍSTICO

Recurso condensador da expressão, a elipse é naturalmente usada de preferência naqueles tipos de enunciado que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez.

Seus efeitos estilísticos são, portanto, apreciáveis:

a) na descrição esquemática de ambientes, de estados de alma, de perfis:

Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro. E a voz de uma das filhas, embaixo:
— Papai! O telefone...
(A. M. Machado, *CJ*, 119.)

E o trabalho, as esperanças perdidas, a magreza, a fome de todo o ano. Sezões e tifos. Sonhos e raivas encobertos em xales e saias escuras, em fatos de bombazina de contrabando, gente de luto.
(F. Namora, *NM*, 155.)

Sentou-se na cama a arfar, a gritar que morria. Uma espuma sanguinolenta na boca. Abafava. Escarros de sangue. O coração a falhar. Injeções nas veias. Sangria. Um caixão e quatro velas.
(Cochat Osório, *CV*, 153.)

b) em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

Outubro, 10 — Depressão. Hipocondria. Reações súbitas de ódio. Depois, desalento. Pelo menos, antes havia um mistério algo excitante. Agora, mais melancolia, apenas.
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

> Paris da guerra! De dia apenas o movimento diminuído 25% e os ônibus desaparecidos. Mas imensa gente. Mulheres lindas, muitas — e deliciosamente vestidas. Militares.

ou mais sugestiva:

> Poucos feridos. Rara gente de luto. Nenhuma tristeza. Muitos espetáculos. Cafés do centro, cheios.
> (M. de Sá-Carneiro, *C*, 91.)

c) na enunciação de pensamentos condensados, provérbios, divisas, ditos sentenciosos ou irônicos:

> Cada dia, cada via; cada vida, cada lida.
> (Luandino Vieira, *JV*, 63.)

> Uma vida nova numa terra nova.
> (Castro Soromenho, *V*, 50.)

> — Meu dito, meu feito.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 634.)

> A paciência da Esfinge. Que paciência!
> (A. M. Machado, *CJ*, 244.)

d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, como dissemos no capítulo 9, costuma sugerir as ideias de acumulação, de dispersão:

> Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 281.)

> Quando voltar, à tardinha, minha pele vai estar que é só boi, vaca, ovelha, leite, couro, remédio, pasto, fumaça, sal, sol, suor.
> (A. C. Resende, *LD*, 1.)

> Cristais retinem de medo,
> Precipitam-se estilhaços,
> Chovem garras, manchas, laços...
> Planos, quebras e espaços
> Vertiginam em segredo.
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 76.)

ZEUGMA

1. A ZEUGMA é uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles:

> Na vida dela houve só mudança de personagens; na dele mudança de personagens e de cenários.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 249.)

Isto é: na dele **houve** mudança de personagens e de cenários.
Podemos denominar SIMPLES a zeugma em que o termo omitido é exatamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo de Joaquim Paço d'Arcos.

2. Com mais frequência, a designação aplica-se à chamada zeugma COMPLEXA, que abarca principalmente os casos em que se subentende um verbo já expresso, mas sob outra flexão.
Assim:

> A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 181.)

Entenda-se:

> Os altares **eram** humildes.

3. A ZEUGMA tem na oração comparativa um campo privilegiado de produção de efeitos estilísticos, como nos mostram estes exemplos:

> Unidas, bem como as penas
> Das duas asas pequenas
> De um passarinho do céu...
> Como um casal de rolinhas,
> Como a tribo de andorinhas
> Da tarde no frouxo véu.
> (Castro Alves, *EF*, 125.)

> O perene mistério, que atravessa
> Como um suspiro céus e corações...
> (F. Pessoa, *OP*, 423.)

PLEONASMO

1. PLEONASMO é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

— **Sai lá para fora**, João.
(M. Torga, *NCM*, 228.)

— **Entra pra dentro**, Carlinhos.
(J. Lins do Rego, *ME*, 186.)

— Só o Clemente falou aqui direito. A gente **volta para trás**.
(F. Namora, *NM*, 146.)

2. Cumpre acentuar que o pleonasmo é a reiteração da *ideia*. A repetição da mesma palavra é um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não é, porém, um pleonasmo.

PLEONASMO VICIOSO

O pleonasmo só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força da expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira.

Estão neste caso frases como:

Fazer uma **breve alocução**.
Ter o **monopólio exclusivo**.
Ser o **principal protagonista**.

Em todas elas o adjetivo representa uma demasia condenável: *alocução* é um "discurso breve"; não há *monopólio* que não seja "exclusivo"; e *protagonista* significa "principal personagem".

PLEONASMO E EPÍTETO DE NATUREZA

Cumpre, no entanto, distinguir dessas redundâncias viciosas o emprego do adjetivo como EPÍTETO DE NATUREZA em expressões do tipo *céu azul*, *fria neve*, *prado verde*, *mar salgado*, *noite escura* e equivalentes. Comparem-se estes exemplos:

Ó **mar salgado,** quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

E a Noite sou eu própria! **A Noite escura**!!
(F. Espanca, *S*, 41.)

Aqui não se trata de inútil reiteração da ideia que já se continha no substantivo. O adjetivo insiste sobre o caráter intrínseco, normal ou dominante do objeto. É uma forma de ênfase, um recurso literário.

OBJETO PLEONÁSTICO

1. Vimos que, para dar realce ao OBJETO DIRETO, é costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

   As posições, conquistara-**as** umas após outras.
   (C. dos Anjos, *M*, 163.)

   Paisagens, quero-**as** comigo.
   (F. Pessoa, *OP*, 531.)

   Meu saco de ilusões, bem cheio tive-**o**.
   (M. Quintana, *P*, 115.)

2. Com a mesma finalidade de ênfase, o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o OBJETO INDIRETO expresso por um sintagma nominal colocado no início da frase, como nos provérbios:

   Ao homem mesquinho basta-**lhe** um burrinho.
   Ao pobre não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.

3. Também para ressaltar o OBJETO (DIRETO ou INDIRETO), usa-se fazer acompanhar um pronome átono da correspondente forma tônica regida da preposição *a*:

   Uma mulher preconceituosa que prefere tudo a que digam que o marido a deixou, ou que ela **o** deixou **a ele**.
   (M. J. de Carvalho, *TM*, 188.)

A mim não **me** enganas tu.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

Luzia, por que a ventura
A mim me queres negar?
(J. Cardoso, *SE*, 91.)

A mim até **me** pareceu que o sarrão fosse dela.
(M. Lopes, *FVL*, 162.)

HIPÉRBATO

HIPÉRBATO (do grego *hypérbaton* "inversão", "transposição") é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico, como nestes passos:

Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!
(J. Cardoso, *SE*, 16.)

Que arcanjo **teus sonhos** veio
Velar, **maternos**, um dia?
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Em sentido corrente, porém, hipérbato é termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

ANÁSTROFE

ANÁSTROFE (do grego *anastrophé* "mudança de posição", "inversão", "transposição") é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO) ao determinado, como nestes passos:

Vingai a pátria ou valentes
Da pátria tombai **no chão**!
(Fagundes Varela, *PC*, I, 159.)

Mas esse astro que fulgente
Das águias brilhara **à frente**,
Do Capitólio baixou.
(Soares de Passos, *P*, 91-92.)

PROLEPSE

PROLEPSE (do grego *prólepsis* "ação de tomar antes"), figura também conhecida como ANTECIPAÇÃO, consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce:

> **Os pastores** parece que vivem no fim do mundo.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 435.)

> — **O próprio ministro** dizem que não gostou do ato.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 643.)

> Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, **as pessoas que a gente vê** parece que brincam de tomar conta da natureza.
> (Ribeiro Couto, *C*, 32.)

SÍNQUISE

SÍNQUISE (do grego *sýgchysis* "confusão", "mistura") é a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação.

É o que se observa, por exemplo, nesta quadra do soneto "Taça de coral", de Alberto de Oliveira:

> Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,
> Mugindo, o manso armento e ao largo espraia,
> Em sede abrasa, qual de amor por Febe
> — Sede também, sede maior, desmaia.
> (*P*, II, 111.)

Entenda-se:

> "Lícias, pastor, enquanto o manso armento recebe o sol e, mugindo, espraia ao largo —, abrasa em sede, qual desmaia de amor por Febe, sede também, sede maior."

ASSÍNDETO

Dizemos que há ASSÍNDETO (do grego *asýndeton* "não unido", "não ligado") quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem conjunção coordenativa que poderia enlaçá-las. É um vigoroso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma

atenção maior no exame de cada fato, mantido em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas:

> A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1067.)

> Lavava roupas da Baixa, vestia, usava, lavava outra vez, levava.
> (Luandino Vieira, *JV*, 103.)

> — Veio, esteve aqui, arranjou-se-lhe o emprego que ele queria, embarcou, acabou-se.
> (J. de Sena, *SF*, 512.)

> Arcos de flores, fachos purpurinos,
> Trons festivais, bandeiras desfraldadas,
> Girândolas, clarins, atropeladas
> Legiões de povo, bimbalhar de sinos...
> (R. Correia, *PCP*, 196.)

> Fulgem as velhas almas namoradas...
> — Almas tristes, severas, resignadas,
> De guerreiros, de santos, de poetas.
> (C. Pessanha, *C*, 48.)

POLISSÍNDETO

O POLISSÍNDETO (do grego *polys ndeton* "que contém muitas conjunções") é o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas:

> Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, **e** planta, **e** colhe, **e** mata, **e** vive, **e** morre, **e** come.
> (C. Lispector, *FC*, 92.)

> Fui cisne, **e** lírio, **e** águia, **e** catedral!
> (F. Espanca, *S*, 59.)

> O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo. **Nem** glória, **nem** amores, **nem** santidade, **nem** heroísmo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 10.)

Com o POLISSÍNDETO interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir movimentos ininterruptos ou vertiginosos, como nos mostram os exemplos citados, e também o seguinte, de Vinícius de Morais:

> **E** crescer, **e** saber, **e** ser, **e** haver
> **E** perder, **e** sofrer, **e** ter horror
> De ser **e** amar, **e** se sentir maldito...
> (*LS*, 119.)

É a este emprego da conjunção que se costuma chamar *e* DE MOVIMENTO.[1] Por vezes, a repetição é simétrica rítmica, e o polissíndeto passa a ser o recurso característico do chamado estilo bíblico.

Veja-se este exemplo:

> **E** a minha terra se chamará terra de Jafé, **e** a tua se chamará terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, **e** partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

ANACOLUTO

ANACOLUTO é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível, como nestes exemplos:

> **No berço,** pendente dos ramos floridos,
> Em que eu pequenino feliz dormitava:
> **Quem é que esse berço** com todo o cuidado
> Cantando cantigas **alegre embalava**?
> (C. de Abreu, *O*, 78.)

> **Umas carabinas** que guardava atrás do guarda-roupa, **a gente brincava com elas,** de tão imprestáveis.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 136.)

---

[1] Sobre o chamado *e* DE MOVIMENTO, leiam-se Ernesto Guerra da Cal. *Obra cit.*, p. 256; Raymond Cantel. *Les sermons de Vieira. Etude du style.* Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1959, p. 337; Rocha Lima. *Subsídios para o estudo da partícula "e" em algumas construções da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, 1975, p. 49-50 e 59-60 (mimeografado).

Bom! bom! **eu parece-me** que ainda não ofendi ninguém!
(J. Régio, *SM*, 105.)

No primeiro exemplo, observamos que a oração iniciada por *no berço* não teve seguimento normal no 3.º verso, que devia continuá-la, e, em consequência, aquela expressão ficou solta no período.

Também no exemplo de José Lins do Rego a expressão *umas carabinas* ficou desligada do resto da oração principal.

No exemplo de José Régio foi o pronome *eu*, que se anunciava como sujeito do verbo seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objeto indireto (*me*).

O ANACOLUTO é um fenômeno muito comum, especialmente na linguagem falada, e pode ser assim explicado: "depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase".[2]

SILEPSE

SILEPSE (do grego *sýllepsis*, "ação de reunir, de tomar em conjunto") é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam.

Segundo a acepção originária, o termo SILEPSE deveria referir-se apenas à concordância de número. Cedo, porém, ele passou a ser aplicado a certas anomalias formais na concordância de gênero e pessoa e, hoje, abarca praticamente todo o campo da CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA.

SILEPSE DE NÚMERO

1. Pode ocorrer a SILEPSE DE NÚMERO com todo substantivo singular concebido como plural e, particularmente, com os termos coletivos.
   Assim, neste passo de Machado de Assis:

   Deu-me notícias **da gente Aguiar; estão bons.**
   (*OC*, I, 1093.)

[2] Maurice Dessaintes. *L'Analyse grammaticale. Au seuil de la stylistique.* Namur-Bruxelles--Tournai, La Procure, 1962, p. 371.

A ocorrência desta SILEPSE vai-se acentuando à medida que o verbo se distancia do sujeito coletivo, sendo particularmente comum quando, na oração, o coletivo está subentendido.
Assim:

> — É o costume, mulher! É o costume **desta gente,** quando **gostam** dum branco **querem**-no para padrinho dos filhos ...
> (Luandino Vieira, *NM*, 12.)

> Já toda **a gente** estava indignada. **Queriam ouvir**.
> (M. Torga, *CM*, 88.)

> — E **o povo** de Maravalha? perguntava ele aos canoeiros.
> — **Estão** em São Miguel.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 63.)

2. Há também SILEPSE DE NÚMERO quando o sujeito da oração é um dos pronomes *nós* e *vós*, aplicados a uma só pessoa, e permanecem no singular os adjetivos e particípios que a eles se referem.
Assim:

> **Propelido** por essas ideias e sentimentos, pelas conveniências de **nossas** funções no Ginásio do Estado nesta capital, e **animado** pelo acolhimento que teve o **nosso** curso de gramática expositiva, **pusemos** mão diligente neste trabalho, que ora **entregamos receoso** à mocidade estudiosa e aos homens de letras do **nosso** país.
> (E. C. Pereira, *GH*, IV.)

> **Sois injusto** comigo.
> (A. Herculano, *MC*, II, 35.)

SILEPSE DE GÊNERO

Sabemos que as expressões de tratamento *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc. têm forma gramatical feminina, mas aplicam-se com frequência a pessoas do sexo masculino. Neste caso, quando funciona como predicativo, o adjetivo que a elas se refere vai sempre para o masculino:

> — Imediatamente, pode **Vossa Excelência** ficar **descansado!**...
> (B. Santareno, *TPM*, 119.)

— **V. Ex.ª** parece **magoado**...
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 119.)

SILEPSE DE PESSOA

1. Quando a pessoa que fala ou escreve se inclui num sujeito enunciado na 3.ª pessoa do plural, o verbo pode ir para a 1.ª pessoa do plural:

— Deixa lá, que ainda **havemos de ser** felizes **os dois,** com a nossa casinha e as nossas coisas.
(Almada Negreiros, *NG*, 89.)

Todos entramos imediatamente.
(O. Lara Resende, *BD*, 25.)

Estava designada a noite dum baile em casa de Rita Emília, quando **os convidados recebemos** aviso da súbita doença de Francisco José de Sousa.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 504.)

Sós **os quatro velhos** — o desembargador com os três — **fazíamos** planos futuros.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

2. Se no sujeito expresso na 3.ª pessoa do plural queremos abranger a pessoa a quem nos dirigimos, é lícito usarmos a 2.ª pessoa do plural:

Os dois ora **estais** reunidos
numa aliança bem maior
que o simples elo da terra.
(C. Drummond de Andrade, *R*, 197.)

Mas suponho que **todos sois** da mesma opinião! **Todos acordais** em me condenar e abandonar.
(J. Régio, *ERS*, 83.)

3. No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra *gente* costuma levar o verbo para a 1.ª pessoa do plural:

— **A gente** precisa de mostrar às raparigas que não **somos** nenhuns miseráveis.
(F. Namora, *TJ*, 94.)

— No fundo **a gente** se consolava, **pensávamos** em nós mesmos.
(Autran Dourado, *IP*, 27.)

— **A gente perdemos** sempre, mas nunca que **desistimos**...
(Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

Capítulo 20

Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre

ESTRUTURAS DE REPRODUÇÃO DE ENUNCIAÇÕES

Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes linguísticos diversos, conhecidos pelos nomes de:

a) DISCURSO (ou ESTILO) DIRETO;
b) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO;
c) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO LIVRE.

DISCURSO DIRETO

Examinando este passo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

> Virgília replicou:
> — **Promete que algum dia me fará baronesa?**
> (*OC*, I, 462.)

verificamos que o narrador, após introduzir a personagem, Virgília, deixou-a expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como ela as teria efetivamente selecionado, organizado e emitido.

Também neste trecho do romance *O manto*, de Agustina Bessa Luís:

> — **Posso levar uma rosa**? pergunta o poeta Adriano, avançando a mão para o meio da mesa.
> (*M*, 130.)

ou neste outro de *A chaga*, de Castro Soromenho:

> Lourenço continuou, sem olhar para o seu velho companheiro:
> — **A morte das cousas que criamos é que nos faz sofrer.**
> (*C*, 117.)

ocorre a reprodução textual das falas dos personagens.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos DISCURSO DIRETO.

Nos exemplos acima, distinguimos claramente os narradores — Machado de Assis, Agustina Bessa Luís e Castro Soromenho — dos locutores: Virgília, o poeta Adriano e Lourenço. Mas narrador e locutor podem confundir-se em casos como o das narrativas memorialistas feitas na primeira pessoa.

Assim, na fala de Riobaldo, o personagem-narrador do romance *Grande sertão — veredas*, de Guimarães Rosa:

> Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.
> .....
> Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é ditado: "menino — trem do diabo"?
> (*GS-V*, 12.)

Características do discurso direto

1. No plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo *dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar, responder* e sinônimos, que podem introduzi-lo, arrematá-lo, ou nele se inserir:

> Meneou a cabeça com ar triste e **acrescentou**:
> — O homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a esquecer-se que é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> É esta a gaveta? — **perguntou ele.**
> (O. Lins, *V*, 53.)

— Penso — **disse meu pai** — que te darás melhor em Letras.
(V. Ferreira, *A*, 26.)

Quando falta um desses verbos *dicendi*, cabe ao contexto e a recursos gráficos — tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha — a função de indicar a fala da personagem. É o que observamos nestes passos:

"Todos vamos ficando diferentes, e vinte e cinco anos é uma vida."
"Para muitos é mais do que isso."
"Claro que é."
(M. J. de Carvalho, *TM*, 49.)

O amigo abraçou-o. E logo recuou com certo espanto: — o seu chapéu, Zé Maria?
— Ah, não uso mais!...
— Felizardo!
(A. M. Machado, *HR*, 47.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, a força da narração em DISCURSO DIRETO provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar de emotividade a expressão oral.
   Observe-se, também, que a variedade de verbos introdutores oferecida pela língua portuguesa aos seus usuários permite a quem se sirva do DISCURSO DIRETO caracterizar, com precisão e colorido, a atitude da personagem cuja fala vai ser textualmente reproduzida.
   Daí ser esta a forma de relatar preferentemente adotada nos atos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos que os leem "a comédia humana, com a maior naturalidade possível" (E. Zola).

DISCURSO INDIRETO

Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou **confessando que não era médico.**
(*OC*, I, 733.)

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso direto, o narrador (Machado de Assis) incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação da personagem (José Dias), contentando-se em transmitir ao leitor apenas o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se DISCURSO INDIRETO.

Observação:

Também, neste caso, narrador e personagem podem confundir-se num só:

> Engrosso a voz e **afirmo que sou estudante.**
> (G. Ramos, *Ins.*, 182.)

Características do discurso indireto

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (*dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder*, etc.), as falas das personagens aparecem, no entanto, numa oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida:

> João Garcia garantiu **que sim, que voltava.**
> (V. Nemésio, *MTC*, 11.)

Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

> Como supunha **fôssemos ter ainda uma quinzena de atividade e pudéssemos esgotar o programa**, demorara-me alguns dias em Machado e em Eça.
> (C. dos Anjos, *DR*, 283.)

A integrante falta, naturalmente, quando, numa construção em DISCURSO INDIRETO, a subordinada substantiva assume a forma reduzida:

> Foi nesse sertão primitivo e rude que Arinos me contou **ter sentido talvez a maior, a mais pura das sensações de arte.**
> (A. Amoroso Lima, *AA*, 40.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, assinale-se, em primeiro lugar, que o emprego do DISCURSO INDIRETO pressupõe um tipo de relato de caráter predominantemente informativo e intelectivo, sem a feição teatral e atualizadora do DISCURSO DIRETO. O diálogo é incorporado à narração mediante uma forte subordinação semântico-sintática estabelecida por meio de nexos e correspondências

verbais entre a frase reproduzida e a frase introdutora. Como, na passagem ao DISCURSO INDIRETO, todas as formas de DISCURSO DIRETO de primeira ou de segunda pessoa se apresentam em terceira pessoa, dá-se em geral um esvaecimento das realidades concretas de tempo e lugar a que as pessoas e coisas referidas estariam vinculadas.

Em síntese: no DISCURSO INDIRETO o narrador subordina a si a personagem, com retirar-lhe a forma própria e afetivamente matizada da expressão. Mas não se conclua daí que tal modalidade de discurso seja uma construção estilística pobre. O seu uso ressalta o pensamento, a essência significativa do enunciado reproduzido, deixando em segundo plano as circunstâncias e os detalhes acessórios que o envolvem.

É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais variados efeitos artísticos, em consonância com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

Transposição do discurso direto para o indireto

1. Do confronto destas duas frases,

— A senhora **vai sair** — disse ela olhando-o muito. (Eça de Queirós, *O*, I, 878.)	Ela disse olhando-o muito que a senhora **ia sair**.

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático.

2. As principais transposições que ocorrem são:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
a) enunciado em 1.ª ou em 2.ª pessoa:	a) enunciado em 3.ª pessoa:
— **Preciso** de dinheiro, disse o capitão. (A. Bessa Luís, *M*, 151.)	Disse o capitão que **precisava** de dinheiro.
— **Não achas** melhor tirar esse poncho? — perguntou-lhe Rodrigo (É. Veríssimo, *A*, II, 323.)	Perguntou-lhe Rodrigo se [**ele**] **não achava** melhor tirar aquele poncho.
b) verbo enunciado no presente:	b) verbo enunciado no imperfeito:
— **Sou** a Julieta — disse, hesitante. (A. Abelaira, *B*, 81.)	Disse, hesitante, que **era** a Julieta.

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
c) verbo enunciado no pretérito perfeito: — Nem banho **tomei,** ela esclarecia. (N. Piñon, *CP*, 82.)	c) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito: Ela esclarecia que nem banho **tinha tomado.**
d) verbo enunciado no futuro do presente: — Que **será** feito do senhor padre Brito? perguntou D. Joaquina Gansoso. (Eça de Queirós, *O*, I, 43.)	d) verbo enunciado no futuro do pretérito (condicional): Perguntou D. Joaquina Gansoso que **seria feito** do senhor padre Brito.
e) verbo no modo imperativo: — **Não faça** escândalo — disse a outra. (O. Lins, *V*, 100.)	e) verbo no modo subjuntivo: Disse a outra que **não fizesse** escândalo.
f) enunciado justaposto: — **Foi um tempo** velhaco — disse, concordante e enfastiado. (F. Namora, *NM*, 213.)	f) enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante *que*: Disse, concordante e enfastiado, **que** tinha sido um tempo velhaco.
g) enunciado em forma interrogativa direta: — "**Lá é bom?**" — perguntei. (Guimarães Rosa, *GS-V*, 103.)	g) enunciado em forma interrogativa indireta: Perguntei **se lá era bom.**
h) pronome demonstrativo de 1.ª pessoa (*este, esta, isto*) ou de 2.ª (*esse, essa, isso*): — Não abro a porta a **estas** horas a ninguém — disse Gracia. (A. Bessa Luís, *M*, 266.) — **Isso** é um número muito comprido, respondeu Cesária. (G. Ramos, *AOH*, 108.)	h) pronome demonstrativo de 3.ª pessoa (*aquele, aquela, aquilo*): Disse Gracia que não abria a porta **àquelas** horas a ninguém. Cesária respondeu que **aquilo** era um número muito comprido.
i) advérbio de lugar *aqui*: — **Aqui** amanhece muito cedo — disse Sales. (Castro Soromenho, *C*, 199.)	i) advérbio de lugar *ali*: Disse Sales que **ali** amanhecia muito cedo.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE[1], forma de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRETO), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ele teria dito (DISCURSO INDIRETO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Comparem-se estes exemplos:

> O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. **Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas.** Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família.
>
> (C. Lispector, *LF*, 56.)

> Um empregado de farda amarrotada pegou na mala e também na chave da qual ele se esquecera de tomar posse, começou a subir a escada depois de explicar que o elevador estava avariado havia quase uma semana e na terra ninguém sabia consertá-lo, era preciso virem de Lisboa. **Ora primeiro que se resolvessem... Uma maçada.**
>
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 12.)

> Não era a primeira vez que sucedia aquilo — o fiasco daquele engano. Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.**
>
> João Fanhoso fechou os olhos, mal-humorado. A sola dos pés doía, doía. **Calo miserável!**
>
> (M. Palmério, *VC*, 99.)

---

[1] Este molde linguístico tem recebido variadas denominações. Charles Bally, o primeiro que o analisou, deu-lhe o nome de ESTILO INDIRETO LIVRE. T. Kalepky chamou-o DISCURSO VELADO; Leo Spitzer serviu-se das designações DISCURSO MÍMICO, DISCURSO IRÔNICO e DISCURSO CÊNICO; E. Lorck usou a expressão DISCURSO REVIVIDO, que teve fortuna, especialmente na Itália, onde Nicola Vita sugeriu a denominação DISCURSO NARRATIVO; O. Jespersen caracterizou-o como DISCURSO REPRESENTADO e E. Lerch preferiu chamá-lo DISCURSO DIRETO IMPROPRIAMENTE DITO, mas nenhuma dessas designações conseguiu vulgarizar-se como a de Bally.

Características do discurso indireto livre

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que o emprego do DISCURSO INDIRETO LIVRE "pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical) e a sua completa adesão à vida do personagem (fator estético)"[2]. Os exemplos dados deixam-nos perceber com nitidez os traços mais salientes deste terceiro tipo de construção.
   Assim, examinando os enunciados em negrito, comprovamos:
   a) que eles aparecem liberados de qualquer liame subordinativo, embora mantenham as transposições características do DISCURSO INDIRETO;
   b) ao contrário do que acontece no DISCURSO INDIRETO, o INDIRETO LIVRE conserva as interrogações, as exclamações, as palavras e as frases do personagem na forma por que teriam sido realmente proferidas.

2. No PLANO EXPRESSIVO, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

1.º) Evitando, por um lado, o acúmulo de *quês*, ocorrente no DISCURSO INDIRETO, e, por outro, os cortes das aposições dialogadas, peculiares ao DISCURSO DIRETO, o DISCURSO INDIRETO LIVRE permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados.

2.º) O elo psíquico que se estabelece entre narrador e personagem neste molde frásico torna-o preferido dos escritores memorialistas em suas páginas de monólogo interior.

3.º) Para a apreensão da fala do personagem nos trechos em DISCURSO INDIRETO LIVRE, cobra importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é muitas vezes extremamente sutil, como nos mostra o passo de Mário Palmério atrás mencionado.

4.º) Finalmente, cumpre ressaltar que o DISCURSO INDIRETO LIVRE nem sempre aparece isolado em meio da narração. Sua "riqueza expressiva aumenta quando ele se relaciona, dentro do mesmo parágrafo, com os discursos direto e indireto puro", pois o emprego conjunto faz que para o enunciado confluam, "numa soma total, as características de três estilos diferentes entre si".[3]

---

[2] Nicola Vita in *Cultura Neolatina, 15*:18, Modena, 1955. Vem a propósito o lema naturalista, preconizado por Flaubert: "O artista deve ser na sua obra como Deus na Criação, invisível e todo-poderoso, que seja sentido em tudo, mas que não seja visto em nada." O ideal de perder-se o autor na sua criatura, este culto da impersonalidade dos naturalistas, haveria de encontrar no DISCURSO INDIRETO LIVRE a sua forma de expressão ideal. Zola é o próprio DISCURSO INDIRETO LIVRE "em carne e osso", no dizer de Charles Bally.

[3] G. Verdín Díaz. *Introducción al estilo indirecto libre en español*. Madrid, C. S. I. C., 1970, p. 149.

Capítulo 21

Pontuação

SINAIS PAUSAIS E SINAIS MELÓDICOS

A língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da PONTUAÇÃO.

Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos:

O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as PAUSAS:

a) a VÍRGULA (,)
b) o PONTO (.)
c) o PONTO E VÍRGULA (;)

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a MELODIA, a ENTOAÇÃO:

a) os DOIS PONTOS (:)
b) o PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)
c) o PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)
d) as RETICÊNCIAS (...)
e) as ASPAS (" ")
f) os PARÊNTESES (( ))
g) os COLCHETES ([ ])
h) o TRAVESSÃO (—)

Observações:

1.ª) Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia.

2.ª) Outros sinais podem ter valor expressivo: o HIFEN, o PARÁGRAFO, o emprego de letras maiúsculas e o uso de diversos tipos e cores dos caracteres de imprensa (ITÁLICO, VERSAL, VERSALETE, NEGRITO, etc.).

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A PAUSA

A vírgula

A VÍRGULA marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.

1. No *interior da oração* serve:

1.º) Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*. Exemplos:

> A sua fronte, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas, enchem-lhe a voz de formas e de cores...
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 83.)

> Os homens em geral são escravos; vivem presos às suas profissões, aos seus interesses, aos seus preconceitos.
> (G. Amado, *TL*, 12.)

> Achava os homens declamadores, grosseiros, cansativos, pesados, frívolos, chulos, triviais.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 660-661.)

Observação:

Quando as conjunções *e*, *ou* e *nem* vêm repetidas numa enumeração, costuma-se separar por VÍRGULA os elementos coordenados, como nestes exemplos:

> Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas.
> (A. de Oliveira, *P*, II, 344.)

> Vai o fero Itajuba perseguir-vos
> Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
> Tremei!...
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 523.)

> Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

2.º) Para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada:

a) para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo:

Alice, a menina, estava feliz.
(F. Namora, *TJ*, 30.)

A meu pai, com efeito, ninguém fazia falta.
(O. Lara Resende, *RG*, 93.)

Conheço, sim, o cansaço do nosso corpo.
(F. J. Tenreiro, *OP*, 100.)

b) para isolar o vocativo:

— Que ideias tétricas, minha senhora!
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 366.)

— D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

— Como é que tu te chamas, ó rapaz?
(L. B. Honwana, *NMCT*, 87.)

c) para isolar os elementos repetidos:

— Nada, nada — dizia Vilaça todo amável — cá o nosso solzinho português sempre é melhor.
(Eça de Queirós, *O*, II, 89.)

Contigo, contigo, Antônio Machado,
Fora bom passear.
(C. Meireles, *OP*, 344.)

— Só minha, minha, minha, eu quero!...
(Luandino Vieira, *VE*, 86.)

d) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim.
(C. de Oliveira, *AC*, 17.)

À noite, às vezes, fazia barulho.
(A. F. Schmidt, *AP*, 62.)

Fora, a ave agitou-se medonhamente.
(Ó. Ribas, *EMT*, 86.)

Observação:

Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a VÍRGULA. A VÍRGULA é, porém, de regra quando se pretende realçá-los. Comparem-se estes passos:

Depois levaram Ricardo para a casa da mãe Avelina.
(J. Lins do Rego, *U*, 320.)

Depois, o engraçado são as passagens de nível, os aparelhos de sinalização, os vagões-cisternas...
(A. Abelaira, *D*, 30.)

Depois, tudo caiu em silêncio.
(Castro Soromenho, *TM*, 261.)

3.º) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar:

Paris, 22 de abril de 1983.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras:

No céu azul, dois fiapos de nuvens.
(A. F. Schmidt, *AP*, 176.)

A tarde, de ouro pálido, e o mar, tranquilo como o céu.
(G. Amado, *TL*, 33.)

Chuva, névoa, desconforto,
A imagem da minha vida!
(A. Botto, *AO*, 236.)

2. *Entre orações*, emprega-se a vírgula:

1.º) Para separar as orações coordenadas assindéticas:

Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou as unhas, demorou o olhar em Mana Maria.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 136.)

Pois eu caçava, visgava, alçapava.
(Luandino Vieira, *JV*, 74.)

Veio a hora do almoço, o céu cobriu-se de negro, a chuva desabou, contínua e pesada.
(A. Abelaira, *D*, 178.)

2.º) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*:

— Não me disseste, mas eu vi.
(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma cousa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

Não comas, que o tempo é chegado.
(J. Saramago, *MC*, 356.)

Observações:

1.ª) Separam-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente:

O sol já ia fraco, e a tarde era amena.
(Graça Aranha, *OC*, 148.)

A mulher morreu, e cada um dos filhos procurou o seu destino
(F. Namora, *TJ*, 23.)

Costuma-se também separar por vírgula as orações introduzidas por essa conjunção quando ela vem reiterada:

Comigo, o mundo canta, e cisma, e chora, e reza,
E sonha o que eu sonhar.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 27.)

E eles riem, e eles cantam, e eles dançam.
(Ó. Ribas, *EMT*, 75.)

2.ª) Das CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS, *mas* emprega-se sempre no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, podem vir ora no início da oração, ora após um de seus termos. No primeiro caso, põe-se uma VÍRGULA antes da conjunção; no segundo, vem ela isolada por vírgulas. Compare-se este período de Machado de Assis:

— Vá aonde quiser, **mas** fique morando conosco.
(*OC*, I, 733.)

aos seguintes:

— Vá aonde quiser, **porém** fique morando conosco.
— Vá aonde quiser, fique, **porém**, morando conosco.

Em virtude da acentuada pausa que existe entre as orações acima, podem ser elas separadas, na escrita, por PONTO E VÍRGULA. Ao último período é mesmo a pontuação que melhor lhe convém:

— Vá aonde quiser; fique, **porém**, morando conosco.

3.ª) Quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, *pois* vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence e, portanto, isolado por VÍRGULAS:

Não pacteia com a ordem; é, **pois**, uma rebelde.
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

As demais conjunções conclusivas (*logo*, *portanto*, *por conseguinte*, etc.) podem encabeçar a oração, ou pospor-se a um dos seus termos. À semelhança das adversativas, escrevem-se, conforme o caso, com uma vírgula anteposta, ou entre vírgulas. Veja-se a Observação 2.ª ao PONTO E VÍRGULA.

3.º) Para isolar as orações intercaladas:

— Se o alienista tem razão, disse eu comigo, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba.
(Machado de Assis, *OC*, I, 546.)

— Amanhã mesmo vou encerrá-lo, assegurei, um tanto espantado com a facilidade com que assumia aquele compromisso.
(C. dos Anjos, *DR*, 356.)

"Lá vem ele com as raízes", resmungou Paulino, baixando a cabeça.
(Castro Soromenho, *C*, 137.)

4.º) Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.
(F. Namora, *TJ*, 24.)

Eu, que tinha ido ensinar, agora me via diante de trinta examinadoras.
(Genolino Amado, *RP*, 24.)

D. Apolônia, que se habituara ao desdém das senhoras do Quinaxixe, não amolecia no entanto como patroa.
(A. Santos, *P*, 66.)

Observação:

Como sabemos, as ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

As RESTRITIVAS, necessárias ao sentido da frase, ligam-se a um substantivo (ou pronome) antecedente sem pausa, razão por que dele não se separam, na escrita, por vírgula. Já as EXPLICATIVAS, denotadoras de uma qualidade acessória do antecedente — e, portanto, dispensáveis ao sentido essencial da frase —, separam-se dele por uma pausa, indicada na escrita por VIRGULA.

Comparem-se, por exemplo, estes dois passos:

Não se lembraria do beijo que me jogara de longe, dos cravos que me atirara...
(Ribeiro Couto, *C*, 85.)

Os dois espanhóis e meu tio, que o ouviam, olharam para mim.
(J. de Sena, *SF*, 175.)

No primeiro, há duas orações adjetivas restritivas: *que me jogara de longe* e *que me atirara*; no segundo, uma oração adjetiva explicativa: *que o ouviam*. Daí a diversidade de pontuação.

5.º) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal:

Quando se levantou, os seus olhos tinham uma fria determinação.
(F. Namora, *NM*, 243.)

Se eu o tivesse amado, talvez o odiasse agora.
(C. dos Anjos, *M*, 146.)

De tudo se lembrara nesse momento, porque de tudo queria esquecer depois...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 140.)

6.º) Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais:

A não ser isto, é uma paz regalada.
(Castro Soromenho, *C*, 225.)

Sendo tantos os mortos, enterram-nos onde calha.
(J. Saramago, *MC*, 221.)

Fatigado, ia dormir.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Conclusão

Finalizando as nossas observações, devemos acentuar o seguinte:

a) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso são isolados por vírgulas, na escrita;
b) os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem, assim, ser separados por vírgula. Esta a razão por que não é admissível o uso da vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal;
c) há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa real na fala; é o que se observa, por exemplo, em respostas rápidas do tipo: *Sim, senhor. Não, senhor.*

O ponto

1. O PONTO assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente.
   Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma ORAÇÃO DECLARATIVA, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto:

   Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas.

A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas do que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre.

(É. Veríssimo, *A*, III, 932.)

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão separados por um PONTO SIMPLES.

Observação:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO E VÍRGULA ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, consequentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. Leiam-se, por exemplo, estes passos:

Era, na verdade, um mestre, o mestre. Mestre Goeldi.

(M. Bandeira, *AA*, 60.)

A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. Como desejava.

(Almada Negreiros, *OC*, III, 61.)

A música toca uma valsa lenta. O desânimo aumenta. Os minutos passam. A orquestra se cala. O vento está mais forte.
Clarissa começa a ficar decepcionada. Decerto o poeta está doente. Ou com frio. Ou se esqueceu de aparecer.

(É. Veríssimo, *ML*, 155-156.)

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo PONTO-PARÁGRAFO. Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras.
Assim:

Lá embaixo era um mar que crescia.

Começara a chuviscar um pouco. E o carro subia mais para o alto, com destino à casa de Amâncio, que era a melhor da redondeza. O povo olhava feito besta para o carro com o dr. Juca deitado.

O usineiro gemia com as dores que não duravam a chegar.

Maria Augusta passava as mãos pela sua cabeça quase toda branca.

(J. Lins do Rego, *U*, 337.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de PONTO-FINAL.

Observações:

1.ª) Além de servir para marcar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: *V. S.ª (Vossa Senhoria), dr. (doutor), C. F. C. (Conselho Federal de Cultura), I. N. I. C. (Instituto Nacional de Investigação Científica).*

Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este encerra-se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

2.ª) Quanto ao uso de ponto depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., vejam-se as nossas Observações aos DOIS PONTOS.

O ponto e vírgula

1. Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o PONTO e a VÍRGULA, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de PONTO reduzido; no segundo, assemelha-se a uma VÍRGULA alongada.

2. Esta imprecisão do PONTO E VÍRGULA faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado:

1.º) Para separar num período as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão:

Numa tarde de Outono murmuraste;
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe...

(F. Espanca, *S*, 49.)

Não sabe mostrar-se magoada; é toda perdão e carinho.

(Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

2.º) Para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por VÍRGULA:

> Chamo-me Inácio; ele, Benedito.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 680.)

> Era cedo ainda; mas, depois que saí da farmácia, fiquei ansioso por ver a Mercedes, e com receio de encontrar alguém que me complicasse a vida.
> (J. de Sena, *SF*, 201.)

3.º) Para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). Sirva de exemplo o Título I (*Dos Fins da Educação*) da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

> Art. 1.º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:
> a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
> b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
> c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
> d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
> e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
> f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
> g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Observações:

1.ª) O ponto e vírgula divide longos períodos em partes menores à semelhança da CESURA, ou deflexão interna de um verso longo. Às vezes, os elementos separados são simétricos, e disso resulta um ritmado encadeamento do período, muito ao gosto do estilo oratório. Leia-se este passo de Rui Barbosa em louvor de Machado de Assis:

> Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente a arte, sem deixar de ser bom.
>
> (R. Barbosa, *EDS*, 676.)

2.ª) Em lugar da vírgula, costuma-se empregar o ponto e vírgula antes das conjunções adversativas (*mas, porém, todavia, contudo, no entanto*, etc.) e das conclusivas (*logo, portanto, por isso*, etc.) colocadas no início de uma oração coordenada. Com o alongamento da pausa, acentua-se o sentido adversativo (ou conclusivo) das referidas conjunções.

Comparem-se estes períodos:

> Pode a virtude ser perseguida, mas nunca desprezada.
> Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.

> Ele anda muito ocupado, por isso não tem respondido às suas cartas.
> Ele anda muito ocupado; por isso não tem respondido às suas cartas.

Em certos casos, o tom enfático aconselha mesmo o uso do ponto em tal posição. É o que ocorre, por exemplo, neste passo de Rui Barbosa:

> Qual é a doença reinante? Bubões. Logo, *Tarantula cubensis*. Porque a mordedura desse aracnídeo gera sintoma de peste. Logo, a previne. Logo, há de curá-la.
>
> (*EDS*)

Valor melódico dos sinais pausais

Dizemos que a VÍRGULA, o PONTO e o PONTO E VÍRGULA marcam *sobretudo* — e não *exclusivamente* — a pausa. No correr de nosso estudo, ressaltamos até algumas de suas características melódicas.

É o momento de sintetizá-las:

a) o PONTO corresponde sempre à final descendente de um grupo fônico;
b) a VÍRGULA assinala que a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete;
c) o PONTO E VÍRGULA denota em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído.

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A MELODIA

Os dois-pontos

Os DOIS PONTOS servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:

1.º) uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique *dizer, responder, perguntar* e sinônimos):

> Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
> — Queres ou não queres ir?
> (É. Veríssimo, *A*, III, 675.)

> Nené pareceu por fim compreender, porque desviou o olhar e atalhou secamente:
> — Está bem. Vou-te arranjar o aumento.
> (A. Santos, *P*, 156.)

> Clemente voltou para dizer:
> — Não enxerguei ninguém, camarada. Era bicho.
> (F. Namora, *NM*, 112.)

2.º) uma enumeração explicativa:

> Não fosse ele, outros seriam: pajens, gente de guerra, vadios de estalagens, andejos das estradas.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

> Tínhamos dezenas de amigos: S. João, S. José, Santo Antônio, o beato João de Brito... mas nenhum deles era estabelecido e nenhum deles tinha conta no banco.
> (Sttau Monteiro, *APJ*, 13.)

> À sua volta, tudo lhe parece chorar: as árvores, o capim, os insetos.
> (Ó. Ribas, *EMT*, 104.)

3.º) um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado:

> — A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 495.)

E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se hábitos.
(A Abelaira, *NC*, 154.)

Não era desgosto: era cansaço e vergonha.
(Cochat Osório, *CV*, 178.)

Eu em sua igreja não mando: só assisto e apoio.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 11.)

Observação:

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS-PONTOS, VÍRGULA OU PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:

Prezado senhor:	Prezado senhor.
Prezado senhor,	Prezado senhor

Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de DOIS PONTOS ou de VÍRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão.

O ponto de interrogação

1. É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta:

— Então a coisa sai mesmo?
— Se sai? Já saiu! Não viu os jornais?
(É. Veríssimo, *A*, I, 253.)

— Vão para África, então? O Paulo decidiu-se?
(Luandino Vieira, *NM*, 52.)

Estará surdo? Estará a tentar irritar-me?
(Sttau Monteiro, *APJ*, 101.)

2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto de interrogação:

— Então?... que foi isso?... a comadre?...
(Artur Azevedo, *CFM*, 86.)

— Quem está aí?...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

— Enfim, que direi?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 269.)

3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação:

— Não digas isso! O branco... teu homem... vender-te?!
(Ó. Ribas, *EMT*, 14.)

— Ah, é a senhora?! Pois entre, a casa é sua...
(A. M. Machado, *HR*, 86.)

— Quem é que não conhece Coimbra?!!!
(Branquinho da Fonseca, *B*, 18.)

Observações:

1.ª) O ponto de interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indireta. Como salientamos no capítulo 7, a interrogação indireta termina com entoação descendente, exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

— Quem chegou? [= interrogação direta]
— Diga-me quem chegou. [= interrogação indireta]

2.ª) Há escritores que, para acentuar, nos diálogos, a atitude de expectativa de um dos interlocutores, usam reduzir a sua réplica ao ponto de interrogação, seguido às vezes do ponto de exclamação.

Esses recursos de pontuação não têm apenas valor linguístico; visam a indicar também a expressão do corpo e do espírito que acompanha e valoriza a pausa linguística.

O ponto de exclamação

1. É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades de inflexão exclamativa e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada — se se trata de uma

expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor, de súplica, ou de outra natureza.

2. Normalmente, emprega-se o ponto de exclamação:

a) depois de interjeições ou de termos equivalentes, como os vocativos intensivos, as apóstrofes:

> — Credo em cruz! gemeu Raimundo, assombrado.
> (G. Ramos, *AOH*, 147.)

> Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correção de linhas! Que fidalguia de olhar e falar!
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 87.)

> — Adeus, senhor, adeus!
> (Ó. Ribas, *EMT*, 16.)

b) depois de um imperativo:

> — Não vás! Volta, meu filho! Não vás!
> (É. Veríssimo, *A*, II, 604.)

> Ide, ide de mim!
> (F. Pessoa, *OP*, 166.)

> — Agarrem!
> — Gentes, agarrem! agarrem!
> (Castro Soromenho, *V*, 113.)

3. Tão variado como o seu valor melódico é o valor pausal do ponto de exclamação. Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas — ou para sugerir a mímica emocional que as acompanha —, alguns escritores usam de artifícios semelhantes aos que apontamos no emprego do ponto de interrogação. Costumam, assim:

a) juntar o ponto de exclamação ao de interrogação, para obter os efeitos que indicamos. Quando a entoação é predominantemente interrogativa, o ponto de interrogação antecede o de exclamação; quando é mais sensível o tom exclamativo, o de exclamação precede o de interrogação:

> Ah! minha Nossa Senhora, para que Felícia veio falar dessas histórias agora de noite!?
> (Coelho Netto, *OS*, I, 926.)

— Consentir?! Ele é isso?
(F. Namora, *NM*, 222.)

A referida combinação costuma ser seguida ou antecedida de reticências, o que lhe acrescenta uma nota de incerteza:

— Estás a ver se disfarças?!...
(Alves Redol, *F*, 223.)

— Coitada!... quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

b) repetir o ponto de exclamação, para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz:

— Varo-os como a cães!... Canalhas!!!... Hei de lhes acabar com a manha de andarem atrás de mim!... Não sou menino de mama! Carneirada!!!...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

Ah! Pérfido! Se os teus não lhes respondem mais, para sempre!!!!!!! meus beijos emurchecerão! Triste! Triste da abandonada!...
(M. de Andrade, *OI*, 162.)

4. Às vezes, encadeiam-se em forma dialogada essas tentativas de notação mímica. Veja-se este exemplo de Antônio Nobre:

Enfim, feliz! — ? — ! Desesperado. — Vem!
(*S*, 128.)

As reticências

As RETICÊNCIAS marcam uma interrupção da frase e, consequentemente, a suspensão da sua melodia.

1. Empregam-se em casos muito variados. Assim:
a) para indicar que o narrador ou a personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias:

Peça-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra cousa... Uma vez que você não pode ser padre, e prefere as leis... As leis são belas, sem desfazer na teologia, que é melhor que tudo, como a vida eclesiástica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui?
(Machado de Assis, *OC*, I, 757.)

"Quanto ao seu pai... Às vezes penso... Asseguro-lhe que é verdade. Penso que ela se esqueceu de tudo. Que teve uma crise de amnésia e *perdeu* determinados acontecimentos."
(M. J. de Carvalho, *TM*, 121.)

b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala:

— Homem, vê lá... Pensa bem no que vais fazer... — avisou o prior. — A Raquel é boa rapariga... Mas a geração... Olha, eu não digo nada. Resolve tu...
(M. Torga, *NCM*, 142.)

— Você... tão sozinha... Não lhe ocorre, muitas vezes, que se um homem... Não tem vontade de casar-se...
(O. Lins, *V*, 19.)

— Eu... eu... queria... um agasalho — respondeu soluçando a miserável.
(Graça Aranha, *OC*, 164.)

c) para assinalar certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo, etc.):

— Há tempos que eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope, lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 128.)

Mágoa de o ter perdido, amor ainda.
Ódio por ele? Não... não vale a pena...
(F. Espanca, *S*, 74.)

d) para indicar que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor:

Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim não sei...
Algum dia há de ser dia...
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 98.)

Garoa do meu São Paulo,
— Costureira de malditos —
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...
(M. de Andrade, *PC*, 385.)

2. Empregam-se também as RETICÊNCIAS para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz, mas o corte da frase de um personagem pela interferência da fala de outro:

— A senhora ia dizer que...
— Nada... nada... — atalhou a mulher.
(A. M. Machado, *HR*, 15.)

— Sempre tens vontade de pegar uma fanga?
— Se não tivesse...
— Ias-te embora...
(Alves Redol, *F*, 276.)

— Isso também conta. As raízes...
— Que raízes? — cortou José Paulino, bruscamente.
(Castro Soromenho, *C*, 121.)

Se a fala do personagem continua normalmente depois dessa interferência, costuma-se preceder o seguimento de reticências:

— O que me parece, aventurou o coronel, é que eles vieram ao cheiro dos cobres...
— Decerto.
... e que a tal D. Helena (Deus lhe perdoe!) não estava tão inocente como dizia.
(Machado de Assis, *OC*, II, 866.)

— Eu vi as ondas engolirem-no...
— Chega, meu marido, chega!...
— ... ele ainda voltou à tona duas vezes!
— Já acabou! Não se pensa mais, João.
— ... Eu não queria dizer, para não passar por doido...
(A. M. Machado, *HR*, 247.)

3. Usam-se ainda as RETICÊNCIAS antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar:

E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!...
(F. Espanca, *S*, 30.)

E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho...
Andaria nos doze anos. Filho único.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 225.)

Observações:

1.ª) Como os outros sinais melódicos, as RETICÊNCIAS têm certo valor pausal, que é mais acentuado quando elas se combinam com outro sinal de pontuação.

Duas combinações são possíveis:

a) com um sinal pausal (VÍRGULA, OU PONTO E VÍRGULA). Neste caso as RETICÊNCIAS têm apenas valor melódico; a pausa é indicada pela VÍRGULA, ou pelo PONTO E VÍRGULA que as segue:

Passai, ó vagas..., mas passai de manso!
(Castro Alves, *OC*, 331.)

— É uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem!
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 126.)

b) com um sinal melódico (PONTO DE INTERROGAÇÃO, OU PONTO DE EXCLAMAÇÃO, ou os dois conjugados). Neste caso, as RETICÊNCIAS prolongam a duração das inflexões interrogativa e exclamativa e lhes acrescentam certos matizes particulares, que indicamos ao estudarmos aqueles sinais.

2.ª) Não se devem confundir RETICÊNCIAS, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam, como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio ou no fim de uma citação.

Modernamente, para evitar qualquer dúvida, tende a generalizar-se o uso de quatro pontos para marcar tais supressões, ficando os três pontos como sinal exclusivo das RETICÊNCIAS.

As aspas

1. Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto:

Definiu César toda a figura da ambição quando disse aquelas palavras: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma."
(F. Pessoa, *LD*, 100.)

O poeta espera a hora da morte e só aspira a que ela "não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo".
(M. Bandeira, *PP*, II, 1293.)

Ele me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".
(A. A. Melo Franco, AR, 187.)

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.):

Era melhor que fosse "clown".
(É. Veríssimo, *C*, 227.)

É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô", em "nhonhô", em "ioiô".
(G. Freyre, *OE*, 378.)

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão:

A palavra "nordeste" é hoje uma palavra desfigurada pela expressão "obras do Nordeste" que quer dizer: "obras contra as secas". E quase não sugere senão as secas.
(G. Freyre, *OE*, 611.)

Não é esse meu "abstrato". Ao não sensorial chamo eu "formal".
(A. Sérgio, *E*, VII, 45.)

O "leão espanhol" é a Espanha aspirando a dominar, ou a Império; sem essa significação, a Espanha, ou Castela, são apenas a "grifa".
(F. Pessoa, *SP*, 153.)

d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão:

— Está o mundo perdido, até a Judite já tem "arranjinho"!
(Almada Negreiros, *OC*, II, 135.)

Muda-se a face deste mundo inteiro,
Tudo transformam guerras e procelas:
E há sempre um "ela" na conversa deles,
E há sempre um "ele" na conversa delas.
(D. Andrade, *VEE*, 128.)

2. Usam-se também as ASPAS para indicar:

a) a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira:

> Comentando largamente a definição de Banville, começa Gide pelos vocábulos "magia" e "sortilégio" (*sorcellerie)*
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1275.)

> No Alentejo *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
> (Leite de Vasconcelos, *LFP*, 274.)

b) nos diálogos, a mudança de interlocutor (emprego que em alguns escritores contemporâneos substitui o valor normal do TRAVESSÃO):

> "Como vê. Estava à sua espera."
> "Precisa *muito* de falar comigo?"
> "Precisar talvez seja exagero. *Muito*, nem pensar nisso. Apeteceu-me vê-lo, é mais verdadeiro."
> "É muito verdadeira?" perguntou ele.
> "Às vezes. É conforme."
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 118.)

> "Vamos mudar de assunto", eu disse.
> "Você quer falar de amor?"
> "É. Quero falar de amor."
> (R. Fonseca, *C*, 79.)

c) o título de uma obra:

> Belinha acaba de ler "Elzira, a Morta Virgem".
> (É. Veríssimo, *C*, 197.)

> Já Velázquez, no século XVII, pintava quadros como as "Hilanderas" e as "Meninas", nos quais ignorantemente se profetizava, com três séculos de antecedência, o atual aparelho fotográfico.
> (Almada Negreiros, *OC*, V, 91.)

> Recebi do Vinícius o livrinho com o "Pátria Minha".
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1450.)

Observações:

1.ª) Na escrita, em vez de isolarmos por aspas tais dizeres, costumamos sublinhá-los. Nas obras impressas os elementos sublinhados vêm em tipo diverso, preferentemente em itálico (ou grifo).

2.ª) No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos, aprovados nos acordos ortográficos luso-brasileiros: "Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas."

Os parênteses

1. Empregam-se os PARÊNTESES para intercalar num texto qualquer indicação acessória. Seja, por exemplo:

a) uma explicação dada ou uma circunstância mencionada incidentemente:

> Conseguia controlar a bola que me passavam (quando passavam) jogando em geral (quando deixavam) na ponta direita, por ser pequenino mas veloz.
> (F. Sabino, *ME*, 145.)

> É lá (no café) que se encontra a estalajadeira.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 51.)

b) uma reflexão, um comentário à margem do que se afirma:

> Mais uma vez (tinha consciência disso) decidia o seu destino.
> (A. Alcântara Machado, *NP*, 151.)

> A minha guerra, como a dos que tinham partido (se é que tinham), começava agora.
> (J. de Sena, *SF*, 295.)

c) uma nota emocional, expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa:

> Mais nada. Boas-Noites. Fecha a porta:
> (Que linda noite! Os cravos vão abrir...
> Faz tanto frio!) Apaga a luz! (Que importa?
> A roupa chega para me cobrir...)
> (A. Nobre, *S*, 172.)

> Havia a escola, que era azul e tinha
> Um mestre mau, de assustador pigarro...
> (Meu Deus! Que é isto? Que emoção a minha
> Quando estas coisas tão singelas narro?)
> (B. Lopes, *H*, 65.)

Observação:

A posição dos parênteses com referência aos sinais pausais obedece à seguinte norma: "Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação" (*Formulário Ortográfico* oficial brasileiro).

Os colchetes

Os COLCHETES são uma variedade de PARÊNTESES, mas de uso restrito. Empregam-se:

a) quando, numa transcrição de texto alheio, o autor intercala observações próprias, como nesta nota de Sousa da Silveira a um passo de Casimiro de Abreu:

> Entenda-se, pois: "Obrigado! obrigado [pelo teu canto em que] tu respondes [à minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e 85), embora o que eu percebo no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)]".
>
> (C. de Abreu, *O*, 374.)

b) quando se quer isolar uma construção internamente já separada por PARÊNTESES, à semelhança do que ocorre com os segundos COLCHETES do exemplo anterior;

c) quando se deseja incluir, numa referência bibliográfica, indicação que não conste da obra citada, como neste exemplo:

> Dom Casmurro. Por Machado de Assis, da Academia Brasileira. H. Garnier, Livreiro-Editor — 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, rue des Saints-Pères, 6 — Paris [1899].

Observação:

O uso dos COLCHETES é frequente nos trabalhos de linguística e de filologia.

Como dissemos no capítulo 3, coloca-se entre COLCHETES uma palavra transcrita foneticamente. Por exemplo:

> Mundo ['mũ˜du] fugir [fu'ʒir]

Também entre COLCHETES se colocam, nas edições críticas, os elementos que devem ser introduzidos no texto, encerrando-se entre PARÊNTESES os que dele devem ser eliminados.

No perfil da lua,
Um nimbo mortal.
(Mas quem lê na névoa
o amargo sinal?)
(C. Meireles, *OP*, 796.)

Observação:

Entre as explicações e as circunstâncias acessórias que costumam ser escritas entre PARÊNTESES, incluem-se:

a) referências a datas, a indicações bibliográficas, etc.:

"Boa noite, Maria! Eu vou-me embora."
(Castro Alves, *Espumas fluctuantes. Poesias.* Bahia, 1870, p. 71.)

b) a citação textual de uma palavra ou frase traduzida:

Parece que o duunvirato jurisdicional (*duunviri* ou *quatuorviri juridicundo*), já muito cerceada a sua jurisdição nos últimos tempos do império, deixou de existir.
(S. da Silva Neto, *HLP*, 319.)

c) as indicações cênicas (numa peça de teatro):

1.ª JOVEM — Como te chamas?
PASTORINHO — (*Sorridente.*) Prometeu.
1.º JOVEM — E aquela voz que se ouve?
PASTORINHO — É meu pai. (*Ri.*)
2.ª JOVEM — E como se chama teu pai?
PASTORINHO — (*Dando uma gargalhada.*) Prometeu.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 239.)

2. Usam-se também os parênteses para isolar orações intercaladas com verbos declarativos:

Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Fantasma a quem odeio e a quem amo?
(A. de Quental, *SC*, 79.)

Uma vez (contavam) a polícia tinha conseguido deitar a mão nele.
(Autran Dourado, *RB*, 196.)

o que se faz mais frequentemente por meio de vírgulas ou de travessões.

O travessão

Emprega-se principalmente em dois casos:
1.º) Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor:

— Ele não quer responder.
— Mas por quê?
— Diz que não está autorizado...
(É. Veríssimo, *A*, II, 434.)

— Quem é o seu tabelião, Dâmaso?
— O Nunes, na Rua do Ouro... Por quê?
— Oh! nada.
(Eça de Queirós, *O*, II, 388.)

2.º) Para isolar, num contexto, palavras ou frases. Neste caso, em que desempenha função análoga à dos parênteses, usa-se geralmente o TRAVESSÃO DUPLO:

— Acho — e retomou o discurso — que já assustamos demais o nosso jovem amigo.
(J. de Sena, *G-C*, 179.)

Abel, sem responder, sem voltar-se para mim, cinge mais forte — e não sem brandura — os meus dedos.
(O. Lins, *A*, 64-65.)

Mas não é raro o emprego de um só TRAVESSÃO para destacar, enfaticamente a parte final de um enunciado:

Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.
(F. Pessoa, *OP*, 12.)

Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis — a filosofia e a arte.
(G. Amado, *TL*, 16.)

Observações:

1.ª) Às vezes, para dar maior realce a uma conclusão, que representa a síntese do que se vinha dizendo, usa-se o TRAVESSÃO SIMPLES em lugar dos DOIS PONTOS:

Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar — encher a alma.
(C. Pessanha, *C*, 40.)

No exemplo de Fernando Pessoa, atrás citado, o TRAVESSÃO SIMPLES tem o mesmo valor. Mas aí o seu emprego é especialmente aconselhável por mostrar que o elemento final conclusivo faz parte de uma construção mais ampla, já antecedida de DOIS-PONTOS.

2.ª) Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que se encadeiam em sintagmas do tipo: *A viagem Rio–Lisboa; o percurso Paris–Londres.*

Capítulo 22

Noções de versificação

ESTRUTURA DO VERSO

RITMO E VERSO

1. Examinemos estes versos do poeta Cruz e Sousa:

> **Vai**, Pere**gri**no do ca**min**ho **san**to,
> **Faz** da tu'**al**ma **lâm**pada do **ce**go,
> Ilumi**nan**do, **pe**go sobre **pe**go,
> As invi**sí**veis ampli**dões** do **Pran**to.

Verificamos que as sílabas tônicas, marcadas com negrito, se repetem depois de uma, duas ou três sílabas átonas. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos regulares, ou não muito espaçados (para que a reiteração possa ser esperada e sentida pelo nosso ouvido), é uma fonte do prazer a que chamamos RITMO.[1]

2. A contiguidade de sílabas tônicas prejudica o RITMO e, consequentemente, desagrada ao ouvido. Por isso, a sílaba anterior à última tônica é necessariamente átona. Tão forte é esta exigência rítmica que, mesmo sendo tônica no

---

[1] Esta definição que apresentamos tem finalidade meramente didática. Uma análise crítica das diversas conceituações de RITMO pode ver-se na recente e importante obra de Henri Meschonnic: *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris, Verdier, 1982, com rica bibliografia.

vocábulo isolado, ela se atonifica pela posição. Por exemplo, nestes dissílabos de Casimiro de Abreu,

Tu ontem
Na dança,
Que cansa,
Voavas...

o pronome *tu*, monossílabo tônico, sofre uma deflexão de pronúncia, no primeiro verso, por ser obrigatoriamente acentuado, como sílaba final do verso, o *-õ* de *ontem*, que lhe está contíguo.

3. O RITMO é o elemento essencial do VERSO, pois este se caracteriza, em última análise, por ser *o período rítmico que se agrupa em séries numa composição poética*. Quando tais períodos rítmicos apresentam o mesmo número de sílabas em todo o poema, a versificação diz-se REGULAR. Se não há igualdade silábica entre eles, a versificação é IRREGULAR OU LIVRE.

OS LIMITES DO VERSO

1. A forma do verso é determinada pela combinação das sílabas, acentos e pausas, contando-se as sílabas até a última acentuada. Assim, têm igualmente dez sílabas métricas os seguintes versos de Augusto dos Anjos:

A es	ca	la	dos	la	ti	dos	an	ces	**trais**	
No	tem	po	de	meu	Pai,	sob	es	tes	**ga**	lhos
Sob	a	for	ma	de	mí	ni	mas	ca	**mân**	dulas
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

porque não se leva em conta a átona final da palavra *galhos*, nem tampouco as duas finais da palavra *camândulas*.[2]

[2] Este sistema de escandir o verso até o último acento tônico, segundo o modelo francês, foi introduzido em Portugal no século XVIII por Miguel do Couto Guerreiro (*Tratado de versificação portugueza*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1784, p. 6-7), mas só se vulgarizou em nossa métrica pelo enorme prestígio de Antônio Feliciano de Castilho, que o acolheu no seu *Tratado de metrificação portugueza*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851. Anteriormente, contavam-se os versos portugueses, à semelhança dos espanhóis e italianos, com base no verso grave, ou seja, considerando sempre no cômputo a existência de uma sílaba átona depois da última tônica.

2. O número de unidades silábicas que se contêm num verso, desde o seu início até a última sílaba tônica, é indicado por compostos gregos em que entra a forma do numeral seguida do elemento *-sílabo*: MONOSSÍLABO, DISSÍLABO, TRISSÍLABO, TETRASSÍLABO, PENTASSÍLABO, HEXASSÍLABO, HEPTASSÍLABO, OCTOSSÍLABO, ENEASSÍLABO, DECASSÍLABO, HENDECASSÍLABO e DODECASSÍLABO.
Vejamos agora como se contam estas unidades silábicas.

AS LIGAÇÕES RÍTMICAS

A melodia do verso exige que as palavras venham ligadas umas às outras mais estreitamente do que na prosa.

Sinalefa, elisão e crase

Comparemos estes versos de Olavo Bilac, todos com dez sílabas métricas:

Che	guei.	Che	gas	te.	Vi	nhas	fa	ti	ga	(da)
E	tris	te, e	tris	te e	fa	ti	ga	do eu	vi	(nha.)
Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

Verificamos que no primeiro haverá sempre, de qualquer forma que o leiamos, dez sílabas até a última tônica. Nele a fronteira das sílabas é coincidente, seja numa leitura pausada ou acelerada, seja na prosa ou no verso, seja, enfim, numa emissão isolada das palavras, se abandonarmos a última sílaba átona.

Já não sucede o mesmo com os três outros versos, que só atingem aquela medida pela leitura numa só sílaba da vogal final de uma palavra com a vogal inicial da palavra seguinte.

Assim:

a) no segundo verso, temos de juntar numa só emissão de voz o *e* final de *triste* e a vogal da conjunção aditiva (duas vezes), bem como o *o* de *fatigado* e o ditongo do pronome *eu*;
b) no terceiro verso, ligamos o artigo *a* à vogal inicial de *alma*;
c) no quarto, finalmente, fundimos numa só sílaba as vogais da conjunção *e*, do artigo *a*, e a inicial do substantivo *alma*; e, também, a vogal final do adjetivo *povoada* e o ditongo constituído pelo pronome *eu*.

Na leitura destes versos, sentimos que há três soluções para obtermos a contração numa sílaba de duas ou mais vogais em contacto:

1.ª) A primeira vogal pode perder a sua autonomia silábica e tornar-se uma semivogal, que passa a formar ditongo com a vogal seguinte. É o que se observa, por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / d**wew** / [= fatigad**o eu**]

Dizemos que neste caso há SINALEFA.

2.ª) A primeira vogal pode desaparecer na pronúncia diante de uma vogal de natureza diversa. Por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / d**ew** / [=fatigad**a eu**]

A este fenômeno chamamos ELISÃO.

3.ª) A primeira vogal pode ser igual à seguinte e com ela fundir-se numa só. É o que se dá, por exemplo, com a emissão:

Ti / nhas / **al** / ma / [= Tinhas **a** alma]

Neste caso, verifica-se o que denominamos CRASE.

Ectlipse

Examinamos até aqui encontros vocálicos intervocabulares em que a primeira vogal é ORAL. Mas pode ocorrer que ela seja NASAL, e, neste caso, a regra é manter-se a autonomia silábica, isto é, o HIATO das vogais em contacto.

Há, porém, certos encontros de vogal nasal com vogal (oral ou nasal) que na própria língua corrente costumam ser resolvidos em DITONGO, ou mesmo em CRASE. É o que se observa, por exemplo, em ligações como *co'a*, *c'a*, *c'o* (= *com a*, *com o*), que a própria ortografia oficial admite que se escreva sem apóstrofo, com os elementos totalmente aglutinados (*coa*, *ca*, *co*). A esta fusão vocálica, facilitada pela perda da ressonância nasal da primeira vogal, dá-se o nome de ECTLIPSE.

De acordo com as necessidades métricas, os nossos poetas têm-se servido das duas soluções que a língua lhes oferece no particular: a conservação das duas vogais em sílabas distintas, ou a fusão delas numa só sílaba. Leiam-se, a propósito, estes versos de Casimiro de Abreu, todos de sete sílabas métricas:

Tudo muda **com os** anos:
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos!

No primeiro, temos o encontro *com os* pronunciado em duas sílabas. Já nos seguintes versos do mesmo poeta, também de sete sílabas, por duas vezes dá-se a ECTLIPSE no encontro *com as* (*co'as*):

— Jesus! Como eras bonita,
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Observações:

1.ª) Como nos mostram os exemplos citados, para que um encontro vocálico intervocabular possa ser pronunciado em uma só sílaba, é necessário que a sua primeira vogal seja átona, ou capaz de atonificar-se pela próclise. Sendo tônica, a solução normal é o hiato com a vogal seguinte, seja esta tônica ou átona.

2.ª) Os termos SINALEFA e ELISÃO costumam ser empregados como sinônimos. É, porém, de toda a conveniência aplicá-los distintamente, como fazem os modernos estudiosos de versificação românica.

O hiato intervocabular

Desde os tempos antigos, os poetas têm procurado evitar o HIATO de vogais pertencentes a palavras distintas, encontro que os compêndios de métrica, invariavelmente, consideram um defeito grave no verso, por torná-lo frouxo. Cabe, no entanto, ponderar que nesta, como em outras questões, não se devem estabelecer normas de rigor absoluto, pois nem sempre o poeta quererá ceder à forma o pensamento e, em certos casos, o HIATO INTERVOCABULAR pode ser não um defeito, mas um recurso de alta expressividade para realçar determinada palavra, ou para nos obrigar a emitir o verso num tom pausado. Em alguns poetas torna-se até condenável o excessivo escrúpulo em evitá-lo. É o que se observa, por exemplo, na obra de Hermes Fontes, de méritos inegáveis, mas por vezes artificial. Citemos, a propósito, este seu dodecassílabo:

Luz é saúde, e treva é incerteza, **é ân**sia, é doença —

em que, contra a realidade idiomática, temos de emitir numa só sílaba as vogais marcadas com negrito (*-a é ân-*).

Ora, quando num encontro concorrem duas vogais tônicas, elas não podem fundir-se numa sílaba nem no verso, nem na prosa. Mesmo se houver um enfraquecimento relativo da primeira vogal, como notamos no dissílabo de Casimiro de Abreu:

Tu / on / (tem),

tal enfraquecimento não evitará, normalmente, a separação silábica das vogais.

Excluindo-se, porém, este caso em que o HIATO é inevitável, e outros excepcionais, em que ele vale como recurso de estilo, pode-se afirmar que, desde o século XVI, os poetas da língua manifestaram uma decidida e definitiva opção por solucionarem com SINALEFA ou ELISÃO os encontros vocálicos intervocabulares, a fim de conseguir para os seus versos uma estrutura mais contínua, mais fluente, mais plástica.[3]

A MEDIDA DAS PALAVRAS

Relativamente à contagem das sílabas no interior das palavras, temos de considerar, em primeiro plano, os fatores de ordem gramatical.

Como nos ensina a gramática, também no verso os DITONGOS e os TRITONGOS se contam em uma sílaba e as vogais em HIATO, em sílabas diferentes. Assim, nestes hendecassílabos de Castro Alves:

A	tar	de	mor	ri	a!	dos	ra	mos,	das	las	(cas,)
Das	pe	dras,	do	lí	quen,	das	he	ras,	dos	car	(dos,)
As	tre	vas	ras	tei	ras	com o	ven	tre	por	ter	(ra)
Sa	í	am	quais	ne	gros,	cru	éis	le	o	par	(dos.)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	

a palavra *rasteiras* conta-se em três sílabas, e *quais*, em uma. Esse número de sílabas elas o terão igualmente na prosa, ou, mesmo, se tomadas isoladamente. O DITONGO [ej], que se contém na primeira, e o TRITONGO [waj], que apresenta a segunda, são, pois, as pronúncias normais desses encontros vocálicos em todas as formas da língua.

Por outro lado, as palavras *morria* e *saíam*, em que há os HIATOS /i-a/ e /a-í-a/, serão sempre emitidas em três sílabas, não importando o tipo de enunciado no qual apareçam.

Sinérese

Nas palavras que acabamos de examinar há perfeita coincidência da sílaba gramatical com a sílaba métrica. Mas esta concordância pode não existir, porque, em certas condições, o verso permite a criação de novos DITONGOS, ou melhor, admite que se ditonguem vogais que, na pronúncia normal, formam HIATO.

---

[3] Sobre o HIATO, a SINALEFA e a ELISÃO na métrica medieval e renascentista, consulte-se Celso Ferreira da Cunha. *Estudos de versificação portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris. Centro Cultural Português, 1982, p. 1-168 e 273-319.

Por exemplo, palavras como *povoado* e *magoado* são tetrassílabos na língua corrente, já que apresentam o encontro *-oá-*, pronunciado de regra com as vogais em HIATO. Também no verso costumam ser assim emitidas, como nos mostram estes decassílabos de Olavo Bilac:

Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

e este heptassílabo de Augusto Gil:

Tão	ma	go	a	do,	tão	lin	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Não é raro, porém, o emprego destas palavras no verso como trissílabos, com a transformação do HIATO /o-a/ (= /u-a/) no DITONGO [wa].

Compare-se ao que citamos anteriormente este heptassílabo de Augusto Gil:

Mas	o	seu	o	lhar	ma	goa	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Ambos aparecem até na mesma estrofe:

Gordo, nédio, bem trajado,
Deveria ser feliz,
Deveria estar sorrindo;
Mas o seu olhar **magoado**,
Tão **magoado**, tão lindo,
Que não o é, bem no diz...

Esta passagem de um hiato a ditongo, por exigência métrica, chama-se SINÉRESE.

Diérese

Menos frequente do que a SINÉRESE é o fenômeno inverso, ou seja, a transformação de um DITONGO normal em HIATO. A esse alongamento silábico dá-se o nome de DIÉRESE.

Exemplifiquemos:

Na língua viva de nossos dias a palavra *saudade* é um trissílabo (*sau-da-de*), e como tal se emprega comumente quer na versificação erudita, quer na versificação popular. Mas, vez por outra, ainda aparece usada no verso com a antiga pronúncia tetrassilábica (*sa-u-da-de*). Citem-se, a propósito, estes heptassílabos de duas conhecidas quadrinhas:

Eu não quero, nem brincando,
Dizer adeus a ninguém:
Quem parte leva **saudades**,
Quem fica **saudades** tem.

A ausência tem uma filha,
Que se chama **saüdade**:
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra minha vontade.

Na primeira, por duas vezes, temos a palavra em sua enunciação normal, trissílaba. Na segunda, empregada com DIÉRESE, devemos emiti-la em quatro sílabas: *sa-u-da-de.*

Crase, aférese, síncope e apócope

Além dos que estudamos, outros processos têm sido utilizados por nossos poetas para reduzir ou ampliar o número de sílabas de uma palavra, segundo as necessidades métricas. Entre os processos de redução vocabular, devem ser conhecidos:

1.º) A CRASE, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas numa só, o que ocorre, por exemplo, com os dois *-aa-* contíguos de *Saara* neste decassílabo de Castro Alves:

Quan	do eu	pas	so	no	Saa	ra a	mor	ta	lha	(da)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

2.º) A AFÉRESE, ou seja, a supressão de sons no início da palavra. É o caso do emprego da forma *'Stamos* por *Estamos* neste decassílabo de Castro Alves:

'Sta	mos	em	ple	no	mar...	Do	fir	ma	men	(to)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

3.º) A SINCOPE, ou seja, a supressão de sons no meio da palavra, o que sucede na pronúncia *Esp'ranças* por *Esperanças* neste decassílabo de Casimiro de Abreu:

Es	p'ran	ças	al	tas...	Ei-	las	já	tão	ra	(sas)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

4.º) A APÓCOPE, ou seja, a supressão de sons no fim da palavra. Sirva de exemplo o emprego de *mármor* pela forma *mármore* neste decassílabo de Castro Alves:

Ar	tis	ta –	cor	ta o	már	mor	de	Car	ra	(ra)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

Observação:

Estes processos de redução silábica, muito do agrado dos poetas românticos, caíram em desuso com o parnasianismo.

A CESURA E A PAUSA FINAL[4]

1. O período rítmico formado pelo verso termina sempre numa PAUSA, que o delimita. Esta PAUSA pode consistir numa interrupção mais ou menos longa da cadeia falada, conforme assinale o final de verso, de estrofe, ou do próprio poema, caso em que é absoluta. Pode ser ela brevíssima, ou, mesmo, não passar de um simples abaixamento da voz nos pontos de separação dos versos, mas não pode faltar. Omiti-la é retirar o sinal determinador da extensão e unidade dos períodos rítmicos em que se estrutura o poema.

2. A CESURA é um descanso da voz no interior do verso. Ocorre principalmente nos versos longos, que ficam por ela divididos em GRUPOS FÓNICOS, como dissemos no capítulo 7.

---

[4] Sobre a diferença entre a PAUSA – "elemento essencial, determinador da extensão e unidade do verso", que impede "a sinalefa e permite que versos e hemistíquios terminem com final grave, aguda ou esdrúxula" – e a CESURA, "breve descanso" que "repugna o hiato", "aceita a sinalefa" e "não admite adição nem supressão alguma que afete o número de sílabas", veja-se Tomás Navarro Tomás. *Métrica española*. New York, Syracuse University, 1956, p. 14.

3. Comparem-se estes exemplos de Olavo Bilac:

Cheguei. // Chegaste. // Vinhas fatigada...

E um dia assim! // de um sol assim! // E assim a esfera...

Despencando os rosais, // sacudindo o arvoredo...

Quando o verso apresenta apenas uma CESURA, os dois GRUPOS FÔNICOS por ela formados recebem o nome de HEMISTÍQUIOS (= metades do verso), embora nem sempre contenham o mesmo número de sílabas.

Vejam-se estes exemplos de Alphonsus de Guimaraens:

E os arcanjos dirão // no azul ao vê-la,
Pensando em mim: // — "Por que não vieram juntos?"

Acentue-se, ainda, que, ao contrário da PAUSA FINAL do verso, a CESURA que recaia entre duas vogais não impede que elas se ditonguem ou, até, se fundam pela crase.

Compare-se este decassílabo de Camilo Pessanha:

E um lenço bordado... // Esse hei de o levar...

que temos de ler com SINALEFA do *o* de *bordado* e o *E-* de *Esse*; e o segundo destes outros, do mesmo poeta, em que, apesar de recair a CESURA entre *oiro* e *o*, a emissão se faz com a crase dos dois *oo*:

Muda outra vez: // gorjeios estribilhos
Dum clarim de oiro // — o cheiro de junquilhos,
Vívido e agro! // — tocando a alvorada...

Cavalgamento (*enjambement*)

1. Dissemos que o verso finaliza sempre com uma pausa ou com uma deflexão da voz que, ainda que breve, deve ser suficientemente percebida como o sinal característico do término de um período rítmico.
   Geralmente a pausa final do verso coincide com uma pausa existente, ou possível, na estrutura sintática. É o que observamos nestes decassílabos do soneto *Nel mezzo del cammin...*, de Olavo Bilac:

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada /
E triste, e triste e fatigado eu vinha. /
Tinhas a alma de sonhos povoada, /
E a alma de sonhos povoada eu tinha... /

2. Não raro, no entanto, os poetas servem-se de um recurso estilístico, de alto efeito quando usado comedidamente, recurso este que consiste em terminar o verso em discordância flagrante com a sintaxe, pela separação de palavras estreitamente unidas num grupo fônico. As palavras deslocadas para o verso seguinte adquirem, com isso, um realce extraordinário, como vemos neste passo do mesmo soneto de Bilac:

E paramos de súbito **na estrada**
Da vida: longos anos, **presa à minha**
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

A esta bipartição do grupo fônico pela suspensão inesperada da voz em seu interior e pelo relevo do segundo elemento, ansiosamente esperado pelo ouvinte, dá-se o nome de CAVALGAMENTO ou, na designação francesa, *ENJAMBEMENT*.

O CAVALGAMENTO E A PAUSA FINAL

1. Em geral, nossos compêndios de versificação aconselham que, nos casos de CAVALGAMENTO, a leitura do verso se faça com a supressão da pausa final e, consequentemente, com o prolongamento do enunciado até a primeira depressão da voz no interior do verso seguinte.
Esta forma de ler o verso que cavalga altera-lhe substancialmente o ritmo e modifica a figura tonal do poema. Nos poemas de versificação irregular, será apenas uma outra maneira de dispor a irregularidade de versos que já são flutuantes. Mas, naqueles estruturados com versos regulares, provoca uma mudança rítmica essencial, ou seja, a quebra da própria regularidade. Assim, o soneto de Olavo Bilac atrás mencionado não mais será uma sequência de catorze decassílabos, se lermos numa emissão contínua até a parte conclusiva o verso:

E paramos de súbito na estrada
Da vida:.....

o qual passará a ter treze sílabas métricas:

E	pa	ra	mos	de	sú	bi	to	na es	tra	da	da	vi	(da)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**12**	**13**	

2. A propósito, escreve Maurice Grammont: "Não é exato que o *ENJAMBEMENT* suprima, como dizem alguns, a pausa do fim do verso, nem que ele suprima

ou mesmo enfraqueça o último acento rítmico do verso; longe disso, a pausa final do verso que cavalga é tão nítida e tão longa como as outras, e o seu último acento rítmico é também forte. Tudo se reduz ao seguinte: enquanto nos versos comuns abaixamos a voz no fim de cada verso, deixamo-la interrompida e suspensa no fim daqueles que cavalgam. Daí resulta um aguçamento da atenção do auditor, que fica em ansiosa expectativa durante a pausa. E, como a voz não abaixou, ela deve, na parte excedente, aumentar de intensidade ou mudar de entoação".[5]

Desse fato decorre também que o CAVALGAMENTO, para surtir o efeito desejado, deve ter a parte conclusiva curta e constituída de palavra ou expressão de grande valor significativo.[6]

TIPOS DE VERSO

OS VERSOS TRADICIONAIS

Embora não faltem exemplos de versos de treze e mais sílabas desde a poesia dos trovadores galego-portugueses, podemos considerar o DODECASSÍLABO o verso mais longo normalmente empregado pelos poetas da língua antes da eclosão dos movimentos modernistas em Portugal e no Brasil.

Monossílabos

Os versos de uma sílaba são de uso raro. Geralmente aparecem combinados com outros maiores para obtenção de certos efeitos sonoros.

De Cassiano Ricardo são estes MONOSSÍLABOS, agrupados em dísticos:

Rua
torta.

---

[5] *Petit traité de versification française*, 3.ª ed., Paris, Armand Colin, 1916, p. 92-93. O eminente foneticista desenvolve melhor sua interpretação do cavalgamento em *Le vers français. Ses moyens d'expression. Son harmonie*, 2.ª ed., Paris, Champion, 1913, p. 33-58. Importante estudo sobre o assunto, e com interesse maior para a versificação portuguesa, é a *Estructura del encabalgamiento en la métrica española* (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1964), de Antonio Quilis, que em muitos pontos, contradiz Grammont.

[6] Na métrica francesa chama-se REJET as palavras do grupo fônico deslocadas para o verso seguinte. No exemplo de Olavo Bilac: as expressões *Da vida* e *A tua mão*. Em português, não há uma denominação tradicional para este segmento complementar. Manuel Said Ali, na sua *Versificação portuguesa* (Rio de Janeiro, MEC/INL, 1949, p. 23), propôs chamar-lhe PARTE EXCEDENTE, ou só EXCEDENTE, o que nos parece melhor.

Lua
morta.

Tua
porta.

Dissílabos

Como os MONOSSÍLABOS, os versos de duas sílabas não são frequentes. Também se empregam, de regra, em estrofes polimétricas para obtenção de efeitos expressivos.

Com DISSÍLABOS compôs Casimiro de Abreu o seu harmonioso poema *A valsa*:

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
Eu vi!...

Trissílabos

Com versos de três sílabas se fizeram alguns poemas nas literaturas de língua portuguesa, mas os TRISSÍLABOS costumam ser mais usados em estrofes compostas, geralmente combinados com HEPTASSÍLABOS, como neste passo de *Mimosa e bela*, de Gonçalves Dias:

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva,
Assim perde o colorido
Por um toque irrefletido,
Mal sentido...

Além do acento principal na 3.ª sílaba, podem os TRISSÍLABOS apresentar ou não um acento secundário na 1.ª sílaba:

Sempre **viva**...
Que pa**dece**...

Tetrassílabos

Podem apresentar três cadências, que documentamos com versos do poema *A lua*, de Antônio Botto:

a) acentuação na 2.ª e na 4.ª sílaba (mais comum):

Na **noi**te **ne**gra

b) acentuação na 1.ª e na 4.ª sílaba:

Gente per**di**da

c) acentuação apenas na 4.ª sílaba:

Nos cora**ções**

Como verbo auxiliar, o TETRASSÍLABO é usado de preferência em combinação com o HEPTASSÍLABO e com o DECASSÍLABO. Vejam-se estes exemplos de Gonçalves Dias:

— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa e me sorria...
— **Que riso o seu!**

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flor!
Oh! que bem cedo o talismã quebraste
Do nosso amor!

Pentassílabos

Desde a época trovadoresca, o PENTASSÍLABO, ou verso de REDONDILHA MENOR, tem sido usado nas quatro cadências possíveis no idioma, aqui documentadas com versos de João de Deus:

a) acentuação na 2.ª e na 5.ª sílaba (mais comum):

Bo**ni**na do **va**le

b) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Luz dos **o**lhos **meus!**

c) acentuação na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Ao rom**per** da au**ro**ra

d) acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Pérola do **mar**

Hexassílabos

O verso de seis sílabas teve certa voga na poesia trovadoresca. Depois caiu em desuso, para ressurgir no século XVI em combinações com o DECASSÍLABO HEROICO, razão por que também se denomina HEROICO QUEBRADO. Readquiriu posteriormente sua autonomia e, hoje, tem largo emprego entre nossos poetas.

Pode apresentar as seguintes cadências, que documentamos com versos do poema "Perguntas", de Carlos Drummond de Andrade:

a) acentuação na 2.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Ou **de**sse **mes**mo **enig**ma

b) acentuação na 2.ª e na 6.ª sílaba:

Pro**pí**cios a nau**frá**gio

c) acentuação na 4.ª e na 6.ª sílaba:

De me incli**nar** a**flí**to

d) acentuação na 1.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Desse cala**do** ir**real**

e) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Magras **re**ses, ca**mi**nhos

f) acentuação na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Do pri**mei**ro re**tra**to

Heptassílabos

O verso de sete sílabas ou de REDONDILHA MAIOR foi sempre o verso popular, por excelência, das literaturas de língua portuguesa e espanhola. Verso básico da poesia popular, desde os trovadores medievais aos modernos cantadores do Nordeste brasileiro, o HEPTASSÍLABO nunca foi desprezado pelos poetas cultos, que dele se serviram por vezes em poemas de alta indagação filosófica.

O HEPTASSÍLABO é usado em oito movimentos rítmicos, que passamos a documentar com exemplos colhidos na obra de José Régio:

a) ritmo alternante de sílaba forte e fraca, ou seja, acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Ve**l**ha, **gran**de, **tos**ca e **be**la.

b) variante do tipo anterior, com falta de acentuação na 1.ª sílaba:

O lu**ar** no **mar** es**pra**ia

c) variante do primeiro tipo, sem acentuação na 5.ª sílaba:

Sinto os **o**lhos a tur**var**

d) variante também do primeiro tipo, sem acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Na amu**ra**da dum ve**lei**ro

e) acentuação na 4.ª e na 7.ª sílaba:

Que me di**ria**, afi**nal**,

f) variante do tipo precedente, com acentuação também na 2.ª sílaba:

Nas **ne**gras **noi**tes de in**ver**no

g) variante do tipo e, com acentuação também na 1.ª sílaba:

Choupos tran**si**dos de **má**goa

h) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Da **ban**da de **lá** do **ri**o

A outra cadência possível dentro das peculiaridades fonéticas do idioma — o HEPTASSÍLABO com acentuação na 1.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba —, por sua raridade, não deve agradar ao ouvido dos poetas. Veja-se este exemplo, colhido num poema de Cecília Meireles:

Sobre o compri**men**to do **ar**

Octossílabos

O OCTOSSÍLABO foi um dos versos mais usados pelos trovadores galego-portugueses, principalmente nas cantigas de caráter cortês. Importado da poesia narrativa e didática do Norte e do Sul da França, onde apresentava de regra acento interno na 4.ª sílaba, conservou na Península predominantemente esta forma.

Com o declínio da poesia trovadoresca, o OCTOSSÍLABO caiu em desuso, tendo reaparecido em nossa literatura no século passado, novamente por influência francesa, em cuja versificação desempenha, como verso leve, o papel do nosso HEPTASSÍLABO.

Eis os seus movimentos rítmicos, documentados na prática de Alphonsus de Guimaraens:

a) ritmo alternante de sílaba fraca e forte, isto é, acentuação na 2.ª, na 4.ª, na 6.ª e na 8.ª sílaba:

Bai**xa**va **len**to. A **noi**te **vi**nha.

b) variante do tipo anterior, sem acentuação na 6.ª sílaba:

Es**pec**tros **chei**os de espe**ran**ça

c) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 2.ª sílaba, mas podendo ter ou não a 1.ª sílaba acentuada:

No campa**nár**io, ao **sol** in**cer**to
Basta, tal**vez**, a **co**va **enor**me

d) variante também do primeiro tipo, com acentuação interna apenas na 4.ª sílaba, ou na 1.ª e na 4.ª:

O campa**nár**io do de**ser**to
Cheio de **lú**gubre mis**té**rio

e) variante ainda do primeiro tipo, sem acentuação na 4.ª sílaba:

Paramos de re**pen**te à **por**ta

f) acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Era **tar**de. O **sol** no po**en**te

g) variante do tipo anterior, sem acentuação na 1.ª sílaba:

Com fa**di**gas, **suo**res e **pran**to

h) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 3.ª sílaba:

Quando o Jubi**leu** se apro**xi**ma

i) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Em **on**das o **bas**to ca**be**lo

j) acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 8.ª, podendo ter a 1.ª sílaba também forte:

Entre**va**dos de **mui**tos **a**nos
Junto **des**te cai**xão** in**for**me

Eneassílabos

Há dois tipos de versos de nove sílabas, ambos com raízes antigas na literatura portuguesa:

1.º) O ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO, que apresenta acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba e, por cadência uniforme e pausada, se tem prestado a composições de hinos patrióticos e de poemas cuja expressividade ressalta da absoluta regularidade rítmica. Comparem-se estes versos do *Hino à Bandeira* (letra de Olavo Bilac):

Contem**plan**do o teu **vul**to sa**gra**do,
Compreen**de**mos o **no**sso de**ver**;
E o Bra**sil**, por seus **fil**hos a**ma**do,
Pode**ro**so e fe**liz** há de **ser**.

Note-se que no ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO é tão forte a intensidade da 3.ª, da 6.ª e da 9.ª sílaba, que todas as demais, ainda que de natureza tônica, nele se obscurecem em benefício daquelas.

2.º) O ENEASSÍLABO com acento interno fundamental na 4.ª sílaba, que, por exigência idiomática, recebe forçosamente um outro na 6.ª ou na 7.ª sílaba. Seus movimentos rítmicos são, pois, os seguintes, documentados com exemplos colhidos no *Só*, de Antônio Nobre:

a) acentuação na 4.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba, podendo ter a 1.ª ou a 2.ª sílaba também forte:

O que no **Mun**do **cá** o espe**ra**va,
A**deus**! ó **Lua**, **Lua** dos **Me**ses,
Lua dos **Ma**res, **o**ra por **nós**!...
A**deus**! Na au**sên**cia **me**ses são **a**nos.

b) acentuação na 4.ª, na 7.ª e na 9.ª, com a possibilidade de ser a 1.ª ou a 2.ª também acentuada:

A**deus**! Que es**tra**nha Vi**são** é a**que**la
Que vem an**dan**do por **so**bre o **mar**?
Todos ex**cla**mam de **mãos** para **e**la.
"**No**ssa Se**nho**ra! que **vens** a an**dar**!"

Decassílabos

É longa e complexa a história do DECASSÍLABO nas literaturas de língua portuguesa. Em sua estrutura mais antiga possuía acento interno fundamental na 4.ª sílaba, assemelhando-se, portanto, ao verso primitivo da épica francesa.

Cedo, porém, apareceram outros tipos de DECASSÍLABO. Desenvolveu-se uma forma, na qual a acentuação interna, que por vezes recaía também na 6.ª sílaba, veio a basear-se essencialmente nela. E, posteriormente, com a dissolução do esquema inicial, surgiram ainda novas formas: os DECASSÍLABOS com acentuação interna fundamental na 5.ª e, mais raramente, na 3.ª sílaba.

Eram essas as formas conhecidas do verso de dez sílabas, quando, em princípios do século XVI, por influência italiana, se fixaram os dois tipos, que iriam predominar até os dias de hoje nas literaturas de língua portuguesa.

São eles:

a) o DECASSÍLABO chamado HEROICO, acentuado fundamentalmente na 6.ª e na 10.ª sílaba, mas com possibilidades de ter acentuações secundárias na 8.ª e numa das quatro primeiras sílabas:

As **mi**nhas **mãos** ma**gri**tas, afi**la**das,
Tão **bran**cas como a **á**gua da nas**cen**te,
Lembram **pá**lidas **ro**sas entor**na**das
Dum re**ga**ço de In**fan**ta do Ori**en**te.
(F. Espanca)

b) o DECASSÍLABO chamado SÁFICO, que apresenta acentuação na 4.ª, na 8.ª e na 10.ª sílaba, podendo, naturalmente, ter a 1.ª ou a 2.ª também fortes:

Quando eu te **fu**jo e me des**vio cau**to
Da **luz** de **fo**go que te **cer**ca, oh! **be**la,
Con**ti**go **di**zes, suspi**ran**do **amo**res
"— Meu **Deus**! que **ge**lo, que frieza **aque**la!"
(C. de Abreu)

Mas os antigos ritmos não se perderam. Mesmo os poetas do período clássico não os olvidaram totalmente. Foram, porém, os simbolistas e os modernistas que souberam reabilitá-los, mostrando os apreciáveis movimentos melódicos que se podem obter num poema com o emprego do DECASSÍLABO em suas variadas cadências.

Sirva de exemplo o soneto "No claustro de celas", de Camilo Pessanha:

E **eis** quanto **res**ta do i**dí**lio aca**ba**do
— Prima**ve**ra que du**rou** um mo**men**to...
Como vão **lon**ge as ma**nhãs** do con**ven**to!
— Do a**le**gre conven**ti**nho abando**na**do...

Tudo aca**bou**... **Anê**monas, hi**drân**geas,
Si**lin**dras — **flo**res **tão** nossas a**mi**gas!
No **claus**tro a**go**ra **vi**çam as ur**ti**gas,
Rojam-se **co**bras pelas **ve**lhas **lá**jeas.

Sobre a inscri**ção** do teu **no**me de**li**do!
— Que os meus **ol**hos mal **po**dem sole**trar**,
Can**sa**dos... E o a**ro**ma fene**ci**do

Que se **e**vola... do teu **no**me vul**gar**!
Enobre**ceu**-o a quieta**ção** do ol**vi**do,
Ó **do**ce, in**gê**nua, inscri**ção** tumu**lar**.

Destas formas renovadas merecem referência especial:

a) o DECASSÍLABO acentuado na 4.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba comumente chamado VERSO DE GAITA GALEGA, mas de longa tradição também na poesia italiana e espanhola:

Já vai flo**rir** o po**mar** das ma**ceiras**...
(C. Pessanha)

b) o DECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba:

Primavera que durou um momento...
(C. Pessanha)

c) o DECASSÍLABO com acentuação na 5.ª, na 7.ª (ou na 8.ª) e na 10.ª sílaba, forma que costumava assumir o antigo VERSO DE ARTE-MAIOR e cadência frequente do DECASSÍLABO francês:

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei de prender na volta do mar.
(C. Pessanha)

O sonho passou. Traz magoado o rim,
Magoada a cabeça exposta à humildade.
(M. Bandeira)

Hendecassílabos

O HENDECASSÍLABO foi muito usado pelos nossos poetas românticos numa cadência sempre uniforme, ou seja, com acentuação na 2.ª, na 5.ª, na 8.ª e na 11.ª sílaba:

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sozinho c'oa face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— "Oh filho querido do meu coração!" —
(C. de Abreu)

Este tipo de HENDECASSÍLABO nada mais é do que a simples restauração da forma por que se apresentava com mais frequência o VERSO DE ARTE-MAIOR, o verso longo, de quatro acentos, que servia aos poetas peninsulares em suas composições graves e solenes até princípios do século XVI, quando foi eclipsado pelo decassílabo de origem italiana.

Há outro tipo de HENDECASSÍLABO, empregado por Guerra Junqueiro, com acentuação fixa apenas na 5.ª e na 11.ª sílaba:

(Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!
Ai, o teu menino, como está mudado!
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar?...

Neste século, o poeta Hermes Fontes tentou novos ritmos para o verso de onze sílabas, um dos quais particularmente agradável — o HENDECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 11.ª sílaba:

> Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma...
> Estas **car**tas — estas **flo**res desfo**lha**das...

Dodecassílabos

O DODECASSÍLABO é mais conhecido por VERSO ALEXANDRINO, provavelmente por ter sido o metro adotado num poema que teve larga voga na Idade Média, a versão do *Romance de Alexandre*, de Lambert le Tort, Alexandre de Bernay e Pierre de Saint-Cloud.

Esta denominação tem gerado numerosos equívocos, principalmente pelo fato de existirem, ainda hoje, dois tipos de ALEXANDRINO: O ALEXANDRINO FRANCÊS (de doze sílabas) e o ALEXANDRINO ESPANHOL (de treze sílabas), este último muito pouco cultivado pelos poetas de nossa língua.

O ALEXANDRINO FRANCÊS apresenta dois tipos ritmicamente bem distintos: o CLÁSSICO e o ROMÂNTICO.

O ALEXANDRINO chamado CLÁSSICO tem a CESURA no meio do verso, que fica assim dividido em dois HEMISTÍQUIOS de partes iguais (6 + 6). Daí resulta ser acentuado na 6.ª e na 12.ª sílaba, como se vê destes exemplos de Augusto de Lima:

> Nessas noites de **luz** // mais belas do que a au**ro**ra,
> As errantes vi**sões** // das almas pere**gri**nas
> Vão voando a can**tar** // pela amplidão a**fo**ra...

Como o ritmo de 6 + 6 tende a subdividir-se, por exigência da harmonia interna do verso, em 3 + 3 + 3 + 3, desenvolveu-se um tipo especial dentro do ALEXANDRINO CLÁSSICO — o chamado TETRÂMETRO —, que apresenta, além dos acentos principais (na 6.ª e na 12.ª), dois outros secundários (na 3.ª e na 9.ª). É o caso deste ALEXANDRINO de Alberto de Oliveira:

> Como **len**ços de **long**e a di**ze**rem-lhe a**deus**!

Os românticos franceses não desdenharam do clássico ritmo binário (6 + 6), nem do seu submúltiplo, o TETRÂMETRO (3 + 3 + 3 + 3), mas deram ênfase a uma forma pouco usada pelos clássicos, o ALEXANDRINO de ritmo ternário (4 + 4 + 4), em que a CESURA deixa de coincidir com o HEMISTÍQUIO. A este tipo

de dodecassílabo dá-se o nome de TRIMETRO, ou de ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Leia-se, por exemplo, este verso de Camilo Pessanha:

Adorme**cei**. Não suspi**reis**. Não resp**ireis**.

Vítor Hugo, que foi o grande reformador do ALEXANDRINO FRANCÊS, tentou ainda outras formas de TRÍMETRO, fazendo variar o número de sílabas de suas três partes (3 + 5 + 4, ou 4 + 5 + 3), mas estes ritmos não aparecem nos parnasianos portugueses e brasileiros, dos poetas da língua os que mais se utilizaram do dodecassílabo. Em verdade, os parnasianos nada inovaram no particular. Contentaram-se com as consagradas variações dos acentos secundários do ALEXANDRINO CLÁSSICO e com tímidas explorações da forma usual do ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Por outro lado, seguiram rigorosamente dois princípios na juntura dos hemistíquios:

a) só empregavam palavra grave no final do primeiro hemistíquio se o segundo hemistíquio começasse por vogal, a fim de garantir a integridade do verso pela sinérese das duas vogais em contato, como nos mostra este verso de Amadeu Amaral:

Ora, crespa, referve; // ora é um cristal sem ruga!

b) nunca usavam palavra esdrúxula no final do primeiro hemistíquio.

Finalmente, como os franceses, os poetas de nossa língua infringiram com frequência a regra arbitrária, de Boileau, que manda encerrar em cada hemistíquio uma unidade de sentido, seguindo até o exemplo daqueles na prática amiudada do CAVALGAMENTO (*ENJAMBEMENT*):

Bela! dizia eu, como **uma Feiticeira**
da Tessália, evocando a ensanguentada lua.
(Gomes Leal)

Oh! esse último olhar ao firmamento! **A vida**
Em surtos de paixão e febre repartida,
Toda, num só olhar, devorando as estrelas!
(O. Bilac)

No exemplo de Bilac observa-se o que Maurice Grammont chama *CONTREREJET*: a parte curta é a final de um verso e cavalga sobre todo o verso seguinte, ou, apenas, sobre o primeiro hemistíquio dele.

Observação:

O *Romance de Alexandre (Li Romans d'Alixandre)*, na versão mais vulgarizada na Idade Média, consta de cerca de vinte mil dodecassílabos, escritos em fins do século XII por Lambert le Tort de Châteaudun, Alexandre de Bernay, apelidado de Paris, e Pierre de Saint-Cloud. Aceita-se hoje que estes autores apenas amplificaram um poema anterior de Albéric de Pisançon, cuja fonte seria uma Epítome, feita no século IX, que resumiria a tradução latina de Julius Valerius (séc. IV) da obra do falso Calístenes (séc. II) sobre o herói macedônio. Albéric empregara o verso de oito sílabas, mas, cedo, um outro rimador refez o seu poema em decassílabos. Foi este texto, já amplificado, que serviu de base ao trabalho de refundição empreendido por Lambert le Tort e seus continuadores. O interesse do público pelo poema na versão dodecassilábica teria feito que o metro nele adotado se ligasse ao próprio tema da obra, e viesse a ser conhecido por ALEXANDRINO. Mas cabe advertir que o DODECASSÍLABO não foi usado pela primeira vez no *Romance de Alexandre*, como afirmam alguns. Nele já se haviam composto outros poemas, entre os quais a gesta *Le Pèlerinage de Charlemagne à Jérusalem*, que é do segundo quartel do século XII.

Na forma medieval, o ALEXANDRINO era um verso de doze sílabas, com cesura depois da 6.ª sílaba acentuada. Esta sílaba poderia ser seguida de uma inacentuada, que não se contava na medida do verso. O tipo em causa foi empregado em todo o domínio românico, e as *Cantigas de Santa Maria*, do rei D. Afonso X, o Sábio, dão-nos a prova de sua utilização na literatura galego-portuguesa.

O ALEXANDRINO podia ter assim doze, treze, ou mesmo, quatorze sílabas métricas (tipo este usual na Itália), caso o primeiro hemistíquio terminasse em palavra aguda, grave ou esdrúxula. Em francês, cujo léxico é formado essencialmente por palavras oxítonas, cedo se fixou como padrão o ALEXANDRINO de doze sílabas. Sendo o espanhol e o galego-português línguas em que predominam os paroxítonos, é natural que servisse de modelo o ALEXANDRINO de treze sílabas, forma ainda usual do verso no primeiro desses idiomas.

ISOSSILABISMO E VERSIFICAÇÃO FLUTUANTE

1. Estudamos até aqui a versificação portuguesa de base silábica, ou seja, aquela em que a sílaba é incontestavelmente a unidade de medida do verso.
   Neste sistema de versificação as sílabas são sempre tratadas como isócronas, isto é, não diferenciadas para efeito métrico em longas e breves segundo o modelo quantitativo greco-latino. Daí a tendência ao ISOSSILABISMO — cada tipo de verso a acomodar-se em um número fixo de sílabas, limitado por um acento tônico final, obrigatório.

2. Há, porém, certas formas de versificação cultivadas nas literaturas de língua portuguesa que não obedecem ao princípio isossilábico.

Nas cantigas trovadorescas, por exemplo, especialmente nas paralelísticas e nos refrãos, a tendência ao ISOSSILABISMO era contrarregrada pela forte corrente nativa de VERSIFICAÇÃO ACENTUAL, em cuja estrutura se tornava irrelevante a igualdade silábica, pois que a perfeita ritmia auditiva provinha do número e da disposição dos acentos. Assim as "quatro altas" do VERSO DE ARTE-MAIOR igualavam linhas que podiam oscilar entre nove e treze sílabas. Outra forma de versificação não isossilábica é a chamada MÉTRICA BÁRBARA, tentativa de reproduzir os metros quantitativos latinos, em particular o HEXÂMETRO DACTÍLICO. Na literatura brasileira cultivou-a Carlos Magalhães de Azeredo, sensivelmente influenciado pela técnica de Giosuè Carducci.

O VERSO LIVRE

Tanto os METROS BÁRBAROS como os antigos VERSOS ACENTUAIS contrariam o princípio isossilábico, mas as flutuações que apresentam não excedem predeterminados limites. Não assim no VERSO LIVRE, posto em prática pelo grande poeta norte-americano Walt Whitman na obra *Folhas de relva* (*Leaves of Grass*, 1855), e que, a partir de 1886, iria dominar na poética dos simbolistas de língua francesa: Gustave Kahn, Jules Laforgue, Emile Verhaeren, Francis Vielé-Griffin, Henri de Régnier, Jean Moréas e tantos outros.

Gustave Kahn, poeta e principal teorizador do VERSO LIVRE, procurou estabelecer-lhe os princípios, que podem ser assim resumidos:

a) o verso deve possuir sua existência própria e interior consubstanciada numa coerente unidade semântica e rítmica;
b) a unidade do verso será então definida como o fragmento mais curto possível em que haja uma pausa da voz e uma conclusão de sentido;
c) a estrofe não terá mais um desenho preestabelecido, mas será condicionada pelo pensamento ou pelo sentimento;
d) a inversão e o cavalgamento são recursos que devem ser banidos do verso.

Tais princípios se consubstanciam, por exemplo, na *Ode marítima* de Fernando Pessoa, como nos mostra este passo:

Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!

e no poema *Os ombros suportam o mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, cuja primeira estrofe é a seguinte:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Mas, como bem salienta Henri Morier, não podemos dizer que exista *a priori* uma técnica uniforme do VERSO LIVRE.[7] Cada poeta procura forjar o seu próprio instrumento, não sendo raro o mesmo autor ensaiar várias técnicas, como documenta a obra dos principais poetas modernistas portugueses e brasileiros.

Advirta-se, por fim, que um verso só pode ser considerado LIVRE dentro de certos tipos de estrutura poemática, estrutura que representa sempre uma organização interativa. "A linha só é unidade poética se há poema. É o poema que faz o verso livre, e não o verso livre que faz o poema. Exatamente como nos versos métricos".[8]

Em resumo:

"No verso livre o fator que coordena artisticamente a palavra em seus grupos respectivos se funda na sucessão dos apoios psicossemânticos que o poeta, intuitiva ou intencionalmente, dispõe como efeito da harmonia interior que o orienta na criação de sua obra. Por seu próprio sentido individual, esta espécie de ritmo exige de parte do autor uma fina sensibilidade expressiva e um perfeito domínio do material linguístico".[9]

E concluamos com estas palavras de Pedro Henríquez Ureña:

"Reduzido a sua essência pura, sem apoios rítmicos acessórios, o verso conserva intacto seu poder de expressar, sua razão de existir. Os apoios rítmicos que a uns parecem necessários, a outros sobram ou estorvam. E tais apoios têm vida limitada: atravessam séculos e desaparecem. Desapareceu a quantidade nos velhos idiomas indo-europeus; desapareceu a aliteração nos germânicos... Não há formas universais nem eternas".[10]

---

[7] *Dictionnaire de poétique et de réthorique*, 2.ª ed., Paris, P. U. F., 1975, p. 1.119; e também *Le Rythme du vers libre symboliste*, 3 vols. Genève, Presses Académiques, 1943-1944.

[8] Henri Meschonnic. *Obra cit.*, p. 607.

[9] Tomás Navarro Tomás, *Obra cit.*, p. 444-445.

[10] En busca del verso puro. In *Estudios de versificación española*. Buenos Aires, Eudeba, 1961, p. 267-268.

A RIMA

1. LENDO ESTA QUADRINHA POPULAR,

Tanto limão, tanta **lima**,
Tanta silva, tanta am**ora**,
Tanta menina bon**ita**...
Meu pai sem ter uma n**ora**!

verificamos que:

a) o 1.º e o 3.º verso apresentam uma identidade de vogais a partir da última vogal tônica: **i-a** (*lima* — *bonita*);
b) o 2.º e o 4.º verso apresentam uma correspondência de sons finais ainda mais perfeita, pois, a partir da última vogal tônica, se igualam todos os fonemas (vogais e consoantes): **-ora** (*amora* — *nora*).

2. Esta identidade ou semelhança de sons em lugares determinados dos versos é o que se chama de RIMA.[11] Se a correspondência de sons é completa, a RIMA diz-se SOANTE, CONSOANTE, ou, simplesmente, CONSONÂNCIA. Se há conformidade apenas da vogal tônica, ou das vogais a partir da tônica, a RIMA denomina-se TOANTE, ASSONANTE ou, simplesmente, ASSONÂNCIA.

A RIMA E O ACENTO

Quanto à posição do acento tônico, as RIMAS, como as palavras, podem ser:

a) AGUDAS:

Vinhos dum vinhedo, frutos dum pom**ar**,
Que no céu os anjos regam com lu**ar**...
(Guerra Junqueiro)

b) GRAVES:

Calçou as sandálias, tocou-se de **flores**,
Vestiu-se de Nossa Senhora das D**ores**.
(A. Nobre)

---

[11] Sobre a RIMA na poesia de língua portuguesa, consultem-se especialmente: João da Silva Correia. *A rima e a sua acção linguística, literária e ideológica*. Lisboa, 1930 (conjunto de nove artigos publicados, durante o ano de 1930, em várias revistas portuguesas, enfeixados pelo autor num volume com capa própria); Mello Nóbrega. *Rima e poesia*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1965.

c) ESDRÚXULAS:

No ar lento fumam gomas aromá**ticas**
Brilham as navetas, brilham as dalmá**ticas.**
(E. de Castro)

As rimas agudas são também chamadas RIMAS MASCULINAS; e as graves, RIMAS FEMININAS.

RIMA PERFEITA E RIMA IMPERFEITA

1. A rima é uma coincidência de sons, não de letras. Por exemplo, há RIMA SOANTE PERFEITA nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

Céu puro que o sol tr**ouxe**
Claro de norte a s**ul,**
O teu olhar é d**oce,**
Negro assim, qual se f**osse**
Inteiramente az**ul.**

tanto entre *sul* e *azul*, como entre as formas *trouxe, doce e fosse*, que apresentam a mesma terminação grafada de três maneiras diferentes.

2. Perfeita é também a rima de *tem* com *mãe* nestes versos do poeta português Fernando Pessoa:

Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade t**em**?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
"O menino da sua m**ãe.**" —

porque no falar lisboeta estas palavras soam normalmente [tãj] e [mãj].

3. Mas nem sempre há identidade absoluta entre os sons dispostos em rima, quer soante, quer toante. Algumas discordâncias têm sido mesmo largamente toleradas através dos tempos. Entre os casos de RIMA IMPERFEITA consagrados pelo uso, cabe mencionar:

a) o das vogais acentuadas *e* e *o* semiabertas com semifechadas, prática iniciada por Gil Vicente, no século XVI, e adotada desde então pelos poetas da língua:

Quem disse à estrela o caminho
Que ela há de seguir no **céu**?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprend**eu**?
(Almeida Garrett)

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu outro **fora**,
Pensar que te vejo ag**ora**,
Por culpa minha, infeliz...
(Gonçalves Dias)

b) o de vogal simples com ditongo (*a-ai, e-ei, ó-ói, u-ui*), como nestes versos de Casimiro de Abreu:

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos **ais...**
E a turba andava! Só de vez em quando
Lânguido rosto se volvia atr**ás**!

Ó brisa linda e travessa,
No teu mais doce baf**ejo**,
Em seus lábios cor-de-rosa,
Bem de manso, dá-lhe um b**eijo**.

— Pés descalços, braços n**us** —
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas az**uis**!

c) o de rima de vogal oral com vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se p**õe**,
Imagem moribunda
De um coração que f**oi**...
(J. de Deus)

Observação:

A bem dizer, não existe nestes casos RIMA IMPERFEITA, mas RIMA PARCIAL. Na rima de vogal aberta com vogal fechada, bem como na de vogal oral com vogal nasal, há uma semi-homofonia vocálica, ou seja, identificam-se apenas os traços básicos

dos fonemas em apreço, aqueles que os diferenciam fundamentalmente dos outros fonemas vocálicos. A rima de vogal simples com ditongo, a rigor, nem deve ser considerada RIMA IMPERFEITA, pois corresponde geralmente a uma efetiva igualdade fônica. Palavras como *atrás*, *vez*, *retrós* e *nus*, por exemplo, são pronunciadas [a'trajʃ], ['vejʃ], [re'trɔjʃ] e ['nujʃ] em muitas áreas da língua portuguesa, entre as quais o Rio de Janeiro. Lembre-se, a propósito, estas rimas usadas numa antiga marchinha carnavalesca carioca:

Existem quatrocentas mil mulheres a **mais**
Da Penha ao Posto **Seis**.
São mais de dez mulheres para cada rapa**z**:
Só eu não tenho **vez**...

RIMA POBRE E RIMA RICA

1. Consideram-se POBRES as rimas soantes feitas com terminações muito correntes no idioma, principalmente as de palavras da mesma classe gramatical. É o caso, por exemplo, dos infinitivos em *-ar*, dos particípios em *-ado*, dos gerúndios em *-ando*, dos diminutivos em *-inho*, dos advérbios em *-mente*, dos adjetivos em *-ante*, dos substantivos em *-ão* e *-eza*, das palavras primitivas com os seus derivados por prefixação: *amor-desamor*, *ver-rever*, etc.

2. São RICAS as rimas que se fazem com palavras de classe gramatical diversa ou de finais pouco frequentes, como nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

O teu olhar, Senhora, é a estrela da **alva**
Que entre alfombras de nuvens **irradia**:
Salmo de amor, canto de alívio, e **salva**
De palmas a saudar a luz do **dia**...

Alguns metricistas preferem reservar a qualificação RICAS para as RIMAS com consoante de apoio, do tipo *dia-irradia*.

3. Denominam-se RARAS ou PRECIOSAS as rimas excepcionais, difíceis de encontrar. Foram procuradas sobretudo pelos poetas parnasianos e simbolistas. Veja-se, por exemplo, esta rima de *ditirambos* com *flambos*, que aparece nos *Helenos*, de B. Lopes.

E, a rir, levamos entre **ditirambos**,
Eu, no açafate, as provisões do lanche,
Ela, um beijo a trinar nos lábios **flambos**!

E as de *cálix* com *digitális* e de *leque* com *Utreque*, empregadas nas *Horas* de Eugênio de Castro:

Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em **cálix**
O seu colo! e os seus dedos de **digitális**! —
Vai com suas aias, leva fino **leque**,
Cauda de veludo pálido, de **Utreque**.

4. Por vezes, o poeta procura a raridade não só no campo fonético, mas também no morfológico. Do mesmo Eugênio de Castro são estes versos, em que rima um substantivo com uma forma verbo-pronominal:

Eis que diz uma: — Meus chapins **descalça-mos**,
Unge meus pés brancos com cheirosos **bálsamos**.

COMBINAÇÕES DE RIMAS

1. Os versos de um poema podem ser MONORRIMOS, isto é, podem terminar todos pela mesma consonância ou pela mesma assonância. É o que sucede comumente com os versos dos romances tradicionais, em que uma só assonância liga um número indefinido deles.

2. Mas, em geral, as combinações rímicas processam-se dentro de unidades menores do poema — as ESTROFES —, cujos principais tipos estudaremos adiante. Nas estrofes, as disposições mais frequentes de RIMAS são as seguintes:

a) RIMAS EMPARELHADAS, quando se sucedem duas a duas:

Ele deixava atrás tanta recorda**ção**!
E o pesar, a saudade até no próprio ch**ão**,
Debaixo dos seus pés, parece que gem**ia**,
Levantava-se o sol, vinha rompendo o d**ia**,
E o bosque, a selva, o campo, a pradaria em fl**or**
Vestiam-se de luz, como um preito de am**or**.
(A. de Oliveira)

b) RIMAS ALTERNADAS, quando, de um lado, rimam os versos ímpares (o 1.º com o 3.º, etc.); de outro, os versos pares (o 2.º com o 4.º, etc.):

Tu és um beijo mat**erno**!
Tu és um riso infant**il**,
Sol entre as nuvens de inv**erno**,
Rosa entre as flores de abr**il**!
(J. de Deus)

c) RIMAS OPOSTAS ou INTERPOLADAS, quando o 1.º verso rima com o 4.º, e o 2.º com o 3.º:

Saudade! Olhar de minha mãe rez**ando**
E o pranto lento deslizando em **fio**...
Saudade! Amor da minha terra... O **rio**
Cantigas de águas claras soluç**ando**.
(Da Costa e Silva)

d) RIMAS ENCADEADAS, quando o 1.º verso rima com o 3.º; o 2.º com o 4.º e com o 6.º; o 5.º com o 7.º e o 9.º e assim por diante, como nestes versos do poema *Uma criatura*, de Machado de Assis:

Sei de uma criatura antiga e formid**ável**,
Que a si mesma devora os membros e as entr**anhas**
Com a sofreguidão da fome insaci**ável**.

Habita juntamente os vales e as mont**anhas**
E no mar, que se rasga, à maneira de ab**ismo**,
Espreguiça-se toda em convulsões estr**anhas**.

Traz impresso na fronte o obscuro despot**ismo**.
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de ego**ísmo**.

RIMA INTERIOR

Poetas houve que empregaram RIMAS INTERIORES, das quais alguns tipos merecem referência:

a) a chamada RIMA LEONINA, isto é, a correspondência de sons finais entre os dois hemistíquios de um verso:

Como são chei**rosas** as primeiras **rosas**!
(A. de Guimaraens)

b) a combinação rímica da palavra final de um verso com a palavra que termina o primeiro grupo fônico do verso seguinte:

Anjo sem pátria, branca fada err**ante**,
Perto ou dist**ante** que de mim tu vás,
Há de seguir-te uma saudade in**finda**,
Hebreia **linda**, que dormindo estás.
(T. Ribeiro)

c) a RIMA COM ECO, em que se repetem consonâncias dentro do mesmo grupo fônico:

Donzel**a** bel**a**, que me insp**ira** a l**ira**
Um c**anto** s**anto** de fremente amor
Ao b**ardo** o c**ardo** da trem**enda** s**enda**
Est**anca**, arr**anca**-lhe a terrível dor.
(Castro Alves)

INDICAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS RIMAS

Convencionalmente, indicam-se os versos com as letras do alfabeto. Aos versos presos pela mesma rima correspondem letras iguais. Assim o esquema das RIMAS EMPARELHADAS é *aa-bb-cc*, etc.; o das RIMAS ALTERNADAS é *ababab*, etc.; o das RIMAS OPOSTAS, *abba*; o das RIMAS ENCADEADAS, *aba-bcb-cdc*, etc.

VERSOS SEM RIMA

1. Elemento importantíssimo na poesia dos povos românicos, a rima serve principalmente a dois fins. É uma sonoridade, uma musicalidade que, introduzida no poema, satisfaz o ouvido. E é, por outro lado, uma forma de marcar enfaticamente o término do período rítmico formado pelo verso. Mas não constitui, como se tem dito, um elemento intrínseco, essencial do verso, tanto assim que era desusada na métrica latina de caráter culto e não faltam às literaturas modernas numerosos e admiráveis poemas compostos de versos BRANCOS, o que vale dizer — sem rima.

2. Até os poetas modernos, que, procurando despojar a poesia dos artifícios exteriores, relegaram a rima a uma situação secundária, só encontramos praticamente um verso — o DECASSÍLABO — a servir de base a um poema, sem o auxílio da rima. Veja-se, por exemplo, a estrofe inicial do *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela:

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústia conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,

O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!
Teto, caíste! Crença — já não vives!

3. Advirta-se, porém, que a inexistência da rima é geralmente compensada nesses poemas por uma série de recursos estilísticos de natureza fônica, léxica e sintático-semântica.

Observação:

A rima não é, como se tem afirmado, uma criação da poesia medieval. Embora não desempenhasse na versificação latina o importante papel que adquiriu, posteriormente, na rítmica românica, não se pode asseverar, sem prejuízo da verdade, que os poetas latinos a desconhecessem.

Ênio, que viveu de 238 a 169 antes de Cristo, dela já sabia extrair os mais expressivos efeitos, como nos mostram os seguintes fragmentos:

Haec omnia vidi inflamm**ari**,
Priamo vi vitam evit**ari**,
Iovis aram sanguine turp**ari**!
Caelum nit**escere**, arbores frond**escere**,
Vites laetificae pampinis pub**escere**,
Rami bacarum ubertate incurv**escere**...[12]

Não faltam exemplos de rima em Horácio, Vergílio e outros poetas do período clássico, mas é nos cantos de textura popular, como o *carmen*, que vamos encontrá-los com maior frequência, o que nos leva a considerar tal homofonia de sons finais um de seus elementos característicos.

O fato explica-se pelas necessidades do canto e, principalmente, pelo progressivo predomínio do acento de intensidade.

Numa versificação baseada na quantidade silábica e no acento de altura, como era a latina no período clássico, a rima teria forçosamente o caráter de puro adorno acidental — recurso lúdico ou de harmonia imitativa, quando não uma negligência. Nada, lembra J.-M. Meunier, poderia ser mais contrário ao princípio da métrica erudita do que volver, continuamente, às mesmas terminações. Obrigando a fixar a atenção em certas sílabas em detrimento do conjunto, essas rimas perturbavam a harmonia resultante da sucessão regular e do agrupamento variado das longas e das

[12] Cf. Alfred Ernout. *Recueil de textes latins archaïques*. Paris, Klincksieck, 1938, p. 178.

breves, sobre as quais incidia, ou o tempo forte métrico, ou o acento de altura. Nesta organização rítmica flexível e delicada, elas apareciam como notas discordantes e de tonalidade vulgar.[13]

Já numa versificação puramente silábica, o ritmo é o simples efeito da alternância de sílabas fortes e fracas, ou seja, impressionadas ou não pelo acento intensivo. A igualdade de som ou sons finais dos versos surge então como uma tosca forma de marcar-lhes o término. Gaston Paris chega a afirmar, com certo exagero, que "uma versificação simplesmente silábica não passa de um corpo sem alma; é necessariamente em tudo material, e só pode obter efeitos pelo meio brutal da rima".[14]

A partir do século IV da nossa era, a rima começa a ser empregada de forma sistemática. Aparece, então, na peça que finaliza as *Instructiones* de Comodiano e fixa-se, depois, nos hinos da liturgia cristã. Com o florescimento da poesia trovadoresca, nos séculos XII e XIII, ela assume uma importância capital e é explorada até os limites de seu poder expressivo. Basta para comprová-lo o fato de *Las Leys d'Amors*, tratado de poética do século XIV, enumerar 43 espécies de rimas utilizadas pelos trovadores occitânicos.

ESTROFAÇÃO

ESTROFE (do grego *strophé* "volta", "conversão") é um agrupamento rítmico formado de dois ou mais versos que, em geral, se combinam pela rima. Quanto maior o número de versos, tanto maior a possibilidade de variar a distribuição das rimas.

Eis os principais tipos de ESTROFE:

O DÍSTICO

É a menor estrofe, constituída de dois versos que rimam entre si, pelo esquema: *aa-bb*, etc.:

Filho meu, de nome escri**to**
Da minh'alma no Infini**to**.
Escrito a estrelas e s**angue**
No farol da lua **langue**...
(Cruz e Sousa)

---

[13] Cf. *La Vie de Saint Alexis, poème français du XIe. siècle*. Paris, Droz, 1933, p. 101.

[14] Citado por J.-M. Meunier, à p. 96 da obra mencionada na nota anterior.

O TERCETO

É a estrofe de três versos, hoje mais usada na composição do SONETO, do qual trataremos adiante.

Os poemas estruturados em TERCETOS seguiram largo tempo o modelo célebre da *Divina comédia*, de Dante — a TERZA RIMA —, sequência de TERCETOS decassilábicos em rima ENCADEADA (esquema: *aba-bcb-cdc...*). O segundo verso do último TERCETO devia rimar com um verso final, remate do poema ou do canto (esquema: *xzx-z*).

Posteriormente, compuseram-se TERCETOS com outras combinações rímicas (*aab-ccb*, *abc-abc*, etc.), ou mesmo sem rima, como estes do poema *Rosa da montanha*, de Alphonsus de Guimaraens Filho:

Um luar velho dói sobre o silêncio.
As mãos furtivas despetalam mortes
E o coração se perde em nostalgia.

Fugir na noite inconsolável, ir
Ao teu suplício, rosa da montanha,
Ó delicada pétala de sangue!

A QUADRA

É a estrofe de quatro versos, os quais, na poesia culta, se apresentam geralmente em rima ALTERNADA (*abab*) ou OPOSTA (*abba*), como vimos anteriormente. Na literatura popular, onde vale por um verdadeiro poema de forma fixa, a QUADRA é, por via de regra, constituída de heptassílabos com uma só rima, do 2.º com o 4.º verso. Exemplo:

O pouco que Deus nos deu
Cabe numa mão fech**ada**:
O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é n**ada**.

A QUINTILHA

É a estrofe de cinco versos. Em suas formas comuns, apresenta a combinação de duas rimas dispostas nas séries:

a) *abaab*:

Além dos ares, tremulam**ente**,
Que visão branca das nuvens s**ai**!

Luz entre franças, fria e sil**ente**;
Assim nos ares, tremulam**ente**,
Balão aceso subindo **vai**...
(R. Correia)

b) *ababa*:

O tempo que eu hei sonh**ado**
Quanto tempo foi de **vida**!
Ah, quanto do meu pass**ado**
Foi só a vida ment**ida**
De um futuro imagin**ado**!
(F. Pessoa)

c) *abbab*:

Mas, em vida tão esc**assa**,
Que esperança será **forte**?
Fraqueza da humana s**orte**,
Que quanto da vida p**assa**
Está recitando a M**orte**.
(Camões)

A SEXTILHA

É a estrofe de seis versos. Nela a disposição das rimas pode variar muito. Gregório de Matos, por exemplo, usava o esquema *aabbcc*:

O namorado, todo almiscar**ado**,
Já de amor obrig**ado**,
Faz à dama um poema em um bilh**ete**.
Covarde o faz, e tímido o rem**ete**:
Se lhe responde branda, alegre o g**osta**,
E, se tirana, estima-lhe a resp**osta**.

Nas *Sextilhas de Frei Antão*, Gonçalves Dias rimou apenas os versos pares (*abcbdb*):

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o ver**ei**,
Nem tão inteiros sujeitos,

Um ao outro dando a **lei**:
No Paço o rei ao vassalo,
Na Igreja o vassalo ao **rei**!

E assim fizeram outros poetas românticos, os quais preferiam, no entanto, o esquema *aabccb*:

Simpatia — são dois **galhos**
Banhados de bons orv**alhos**
Nas mangueiras do jard**im**;
Bem longe às vezes nasc**idos**,
Mas que se juntam cresc**idos**
E que se abraçam por **fim**.
(C. de Abreu)

esquema também do agrado de Antônio Nobre:

Às vezes, passo horas int**eiras**,
Olhos fitos nestas bras**eiras**,
Sonhando o tempo que lá v**ai**;
E jornadeio em fantas**ia**
Essas jornadas que eu faz**ia**
Ao velho Douro, mais meu P**ai**.

Poetas contemporâneos continuam a empregar a SEXTILHA nas suas múltiplas combinações rímicas, algumas muito harmoniosas, como o tipo *ababab*:

Por água brava ou ser**ena**
Deixamos nosso cant**ar**,
Vendo a voz como é peq**uena**
Sobre o comprimento do **ar**.
Se alguém ouvir temos p**ena**:
Só cantamos para o m**ar**...
(C. Meireles)

A ESTROFE DE SETE VERSOS

Frequente na poesia trovadoresca de caráter culto, a estrofe de sete versos teve menor fortuna a partir do Renascimento.

Aparece em composições ligeiras de poetas do período clássico, geralmente no esquema *abbaacc*, como nesta volta de uma cantiga de Camões:

Leva na cabeça o **pote**,
o testo nas mãos de pr**ata**,
cinta de fina escarl**ata**,
sainho de chamal**ote**:
traz a vasquinha de c**ote**,
Mais branca que neve p**ura**;
vai fermosa, e não seg**ura**.

Poetas posteriores usaram outras combinações rímicas, entre as quais podem ser citadas as seguintes: *aabcbbc* (Álvares de Azevedo); *abababa*, *aabcddc*, *abbcddc* (Casimiro de Abreu); *abacbac* (Vicente de Carvalho); *aabaaca*, *abbacbc* (Fernando Pessoa); *abcdefd*, *ababcac*, *abcdbec*, *abcabbc* (Cecília Meireles).

A OITAVA

Da estrofe de oito versos há um tipo tradicionalmente fixo, a OITAVA HEROICA, e outro métrica e rimicamente variável, a OITAVA LÍRICA.

A OITAVA HEROICA é formada de oito decassílabos, os seis primeiros com rima alternada e os dois últimos com rima emparelhada (esquema: *abababcc*). Foi a estrofe empregada por Camões em *Os lusíadas*:

De Formião, filósofo eleg**ante**,
Vereis como Aníbal escarnec**ia**,
Quando das artes bélicas di**ante**
Dele com larga voz tratava e **lia**.
A disciplina militar prest**ante**
Não se aprende, senhor, na fantas**ia**
Sonhando, imaginando ou estud**ando**,
Senão vendo, tratando e pelej**ando**.
(*Lus.*, X, 153)

A OITAVA LÍRICA admite grande variedade de combinações rímicas. Por vezes é uma simples justaposição de duas quadras. Assim nos esquemas *ababcdcd* e *abbacddc*. Para lhe dar estrutura mais orgânica, procuram os poetas ligar pela rima um verso da primeira metade com um verso da segunda, geralmente o 4.º com o 8º. Este, por exemplo, o caso dos esquemas:

a) *abbcaddc*:

Uma tarde cor-de-r**osa**...
Uma vila assim mod**esta**,
Assim tristonha como **esta**

De pescadores, também...
Sobre a planície arenosa
Por onde o Jordão deriva,
Pousa a sombra evocativa
Das montanhas de Siquém...
(V. de Carvalho)

b) *ababcccb*:

Ama tudo o que é beleza,
Quer da terra quer dos céus,
Ama toda a natureza,
Ama o seu e nosso Deus;
Ama a doce melodia,
Ama a noite como o dia,
Ama instintiva a poesia,
Que ela tem nos beijos seus!
(Mendes Leal)

c) *aaabcccb*:

Os trêmulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia!
Tudo isso é — amor!
(C. de Abreu)

Os poetas românticos preferiam, não raro, variantes desses tipos com falta de rima no 1.º e no 3.º verso, ou no 1.º e no 5.º, ou em todos os versos ímpares.

Não faltam também oitavas líricas em que os versos se distribuem por duas rimas, como nesta de Gomes Leal, que obedece ao esquema *abaaabab*:

Pegou no copo, com graça,
E brindou, em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,
Como a um punhal que a trespassa,
Encheu de prantos a taça,

E o seu lenço de Bret**anha**...
Chorou baixo, ao ouvir, com gr**aça**,
Esse brinde, em língua estr**anha**!

A ESTROFE DE NOVE VERSOS

Embora tenha raízes antigas na literatura portuguesa, a estrofe de nove versos foi sempre pouco usada. Dela se serviu, por exemplo, Machado de Assis no poema *Visio* (esquema: *aabcdbcdb*), que assim principia:

Eras pálida. E os cab**elos**,
Aéreos, soltos nov**elos**,
Sobre as espáduas ca**íam**...
Os olhos meio cerr**ados**
De volúpia e de tern**ura**
Entre lágrimas luz**iam**...
E os braços entrelaç**ados**,
Como cingindo a vent**ura**,
Ao teu seio me cing**iam**...

Mais recentemente, empregou-a Fernando Pessoa em *O mostrengo* (esquema: *aabaacdcd*), cujo início é o seguinte:

O mostrengo que está no fim do m**ar**
Na noite de breu ergueu-se a vo**ar**;
A roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chi**ar**,
E disse, "Quem é que ousou entr**ar**
Nas minhas cavernas que não desv**endo**,
Meus tetos negros do fim do m**undo**?"
E o homem do leme disse, trem**endo**,
"El-Rei D. João Seg**undo**!"

A DÉCIMA

Em geral, a DÉCIMA é a simples justaposição de uma QUADRA e uma SEXTILHA, ou de duas QUINTILHAS. No período clássico, a DÉCIMA em heptassílabos era usada para poesias ligeiras: cantigas, glosas, vilancetes e esparsas. Sá de Miranda empregou-a nos esquemas *abbacddccd* e *abaabcddcd*; Camões, na forma *abaabcdccd*; e Gregório de Matos, que dela se serviu largamente nas sátiras, preferia o tipo *abbaaccddc*, de que nos dá mostra a seguinte, endereçada "a um livreiro que havia comido um canteiro de alfaces com vinagre":

Levou um livreiro a d**ente**
De alface todo um cant**eiro**,
E comeu, sendo livr**eiro**,
Desencadernadam**ente**.
Porém, eu digo que m**ente**
A quem disso o quer tach**ar**;
Antes é para not**ar**
Que trabalhou como um m**ouro**,
Pois meter folhas no c**ouro**
Também é encadern**ar**.

A esse tipo de décima de setissílabos, agrupados no esquema rímico *abbaaccddc*, dá-se o nome de ESPINELA, por ser atribuída a sua invenção ao poeta espanhol Vicente Espinel.

A partir do romantismo, novos tipos de DÉCIMA têm aparecido, de regra com intercalações de versos brancos. Compare-se este exemplo de Castro Alves (esquema *abcbddeffe*):

Talhado para as grandezas,
Para crescer, criar, sub**ir**,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porv**ir**.
— Estatuário de col**ossos**
Cansado doutros esb**oços**,
Disse um dia Jeov**á**:
"Vai, Colombo, abre a cort**ina**
Da minha eterna ofic**ina**...
Tira a América de **lá**".

E este outro de Antônio Botto (esquema: *abcbdefghg*):

Se eu fosse alguém ou mandasse
Neste mundo de vil**eza**,
Só pensava numa coisa
— Acabar com a pobr**eza**.
Dar à vida outra feição
Mais igual, mais repartida,
Seria o meu grande sonho,
A minha grande alegr**ia**,
E a cada boca, num beijo,
Dar o pão de cada d**ia**.

ESTROFE SIMPLES E COMPOSTA

Chamam-se SIMPLES as estrofes formadas de versos de uma só medida, e COMPOSTAS as que combinam versos maiores com menores.

As combinações mais comuns são:

a) a do decassílabo com o hexassílabo;
b) a do hendecassílabo com o pentassílabo;
c) a do alexandrino com os versos de oito, de seis ou de quatro sílabas;
d) a do heptassílabo com os versos de três ou de quatro sílabas.

ESTROFE LIVRE

Denomina-se LIVRE ou POLIMÉTRICA a estrofe que apresenta versos de diferentes medidas e agrupados sem obediência a qualquer regra. Em verdade, a ESTROFE LIVRE é a negação da estrofe, no sentido tradicional dessa palavra.

POEMAS DE FORMA FIXA

Há poemas que têm uma forma fixa, isto é, submetida a regras determinadas quanto à combinação dos versos, das rimas ou das estrofes. Assim o SONETO, O RONDÓ, O RONDEL, a BALADA, O CANTO REAL, O VILANCETE, a VILANELA, a SEXTINA, O PANTUM, O HAICAI e a QUADRA popular. Dentre eles, merece um comentário particular o SONETO por sua longa vitalidade em várias literaturas, inclusive na portuguesa e na brasileira.

O SONETO

Há duas variedades de SONETO: O SONETO ITALIANO e O SONETO INGLÊS.

1. Compõe-se o SONETO ITALIANO de quatorze versos, geralmente decassílabos ou alexandrinos, agrupados em duas quadras e dois tercetos.

   As rimas das quadras são as mesmas. Um par de rimas serve a ambas, segundo um dos dois esquemas:

   1.º) *abba-abba*, que é o mais usual e se pode ver, por exemplo, no soneto *No claustro de celas*, de Camilo Pessanha, reproduzido à página 704 deste livro.

   2.º) *abab-abab*, disposição de rimas a que obedece, por exemplo, as do soneto *Remissão*, de Carlos Drummond de Andrade:

> Tua memória, pasto de poesi**a**,
> tua poesia, pasto dos vulg**ares**,
> vão se engastando numa coisa fri**a**
> a que tu chamas: vida, e seus pes**ares**.

Mas, pesares de quê? perguntar**ia**,
se esse travo de angústia nos cant**ares**,
se o que dorme na base da eleg**ia**
vai correndo e secando pelos **ares**.

2. Nos tercetos podem combinar-se duas ou, mais frequentemente, três rimas. Quando há apenas duas rimas, dispõem-se elas normalmente de forma alternada: *cdc-dcd*. Assim no soneto de Camilo Pessanha, atrás mencionado. Se as rimas são três, distribuem-se em geral nos esquemas:

1.º) *ccd-eed*, empregado preferentemente por Florbela Espanca, a exemplo destes tercetos de *Languidez*:

Fecho as pálpebras roxas, quase pr**etas**,
Que pousam sobre duas viol**etas**,
Asas leves cansadas de v**oar**...

E a minha boca tem uns beijos m**udos**...
E as minhas mãos, uns pálidos vel**udos**,
Traçam gestos de sonho pel**o ar**...

2.º) *cdc-ede*, que se documenta nos tercetos de *Lar paterno*, de Belmiro Braga:

Serras virentes, que não mais transp**onho**,
Na retina fiel ainda eu vos t**enho**,
E revejo, através de um brando s**onho**,

A casa onde nasci, as mansas r**eses**,
A várzea, o laranjal, a horta, o eng**enho**
E a cruz onde rezei por tantas v**ezes**...

3.º) *cde-cde*, que aparece nestes tercetos de *Zulmira*, de Raimundo Correia:

Não sei porque chorando toda a g**ente**,
Quando Zulmira se casou, est**ava**:
Belo era o noivo... que razões hav**ia**?

A mãe e a irmã choravam tristem**ente**;
Só o pai de Zulmira não chor**ava**...
E era o pai, afinal, quem mais sofr**ia**!

Estas as principais disposições rímicas do SONETO ITALIANO, ou seja, da forma tradicional deste breve e afortunado poema.

3. O SONETO INGLÊS, modernamente introduzido nas literaturas de língua portuguesa, também consta de quatorze versos, mas distribuídos em três quadras e um dístico final, que se escrevem sem espacejamento. Obedece a um dos dois esquemas:

a) *ababbcbccdcd ee*;
b) *ababcdcdefef gg*.

Na literatura inglesa, o primeiro tipo é conhecido por SONETO SPENSERIANO (*spenserian sonnet*), por ter sido cultivado inicialmente pelo poeta Edmund Spenser (1552?-1599); o segundo denomina-se SONETO SHAKESPEARIANO (*Shakespearean sonnet*), ou, simplesmente, SONETO INGLÊS (*English sonnet*), por se haver tornado a forma mais usual do poema desde que dela se serviu o genial dramaturgo nos 154 espécimes do gênero que nos legou.

De Manuel Bandeira é este soneto shakespeariano:

SONETO INGLÊS N.º 2

Aceitar o castigo imerecido,
Não por fraqueza, mas por altivez.
No tormento mais fundo o teu gemido
Trocar num grito de ódio a quem o fez.
As delícias da carne e pensamento
Com que o instinto da espécie nos engana
Sobpor ao generoso sentimento
De uma afeição mais simplesmente humana.
Não tremer de esperança nem de espanto.
Nada pedir nem desejar, senão
A coragem de ser um novo santo
Sem fé num mundo além do mundo. E então
Morrer sem uma lágrima, que a vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.

Elenco e desenvolvimento das abreviaturas usadas

A. A. de Melo Franco, *AR* = FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Amor a Roma*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

A. Abelaira, *B* = ABELAIRA, Augusto. *Bolor*. 3.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

A. Abelaira, *BI* = ——. *As boas intenções*; romance. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1971.

A. Abelaira, *CF* = ——. *A cidade das flores*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

A. Abelaira, *D* = ——. *Os desertores*; romance. 3.ª ed. Amadora, Bertrand [1971].

A. Abelaira, *NC* = ——. *O nariz de Cleópatra*. Comédia em 3 atos. Amadora, Bertrand [1962].

A. Abelaira, *QPN* = ——. *Quatro paredes nuas*; contos. Amadora, Bertrand, 1972.

A. Abelaira, *TM* = ——. *O triunfo da morte*. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

A. Amoroso Lima, *AA* = LIMA, Alceu Amoroso [Tristão de Ataíde]. *Afonso Arinos*. Rio de Janeiro-Lisboa-Porto, 1922.

A. Arinos, *OC* = ARINOS, Afonso. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

A. Azevedo, *C* = AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Segundo milheiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1890.

A. Bessa Luís, *AM* = LUÍS, Agustina Bessa. *A muralha*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, 1957.

A. Bessa Luís, *M* = ——. *O manto*; romance. Amadora, Bertrand, s. d.

A. Bessa Luís, *OM* = ——. *O mosteiro*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., 1980.

A. Bessa Luís, *QR* = ——. *As relações humanas: Os quatro rios*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, s. d.

A. Bessa Luís, *S* = ——. *A sibila*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., s. d.

A. Botto, *C* = BOTTO, Antônio. *Canções*. Nova edição definitiva. Lisboa, Bertrand, 1941.

A. Botto, *OA* = ——. *Ódio e amor*. Lisboa, Ática, 1947.

A. Callado, *MC* = CALLADO, Antônio. *A madona de cedro*. 2.ª ed. Nova Fronteira, 1981.

A. Callado, *Q* = ——. *Quarup*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1967.

A. Carlos Resende, *LD* = RESENDE, Antônio Carlos. *O louva-a-deus*; novela. Porto Alegre, Globo, 1980.

A. Corrêa d'Oliveira, *M* = OLIVEIRA, Antônio Corrêa d'. *Menino*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand; Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA* = ——. *Verbo ser e verbo amar*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1926.

A. de Alcântara Machado, *NP* = MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; Mana Maria; Contos avulsos*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

A. de Assis Júnior, *SM* = ASSIS JÚNIOR, Antônio de. *O segredo da morta*; romance de costumes angolenses. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1979.

A. de Guimaraens, *OC* = GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

A. de Oliveira, *P* = OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*; 1.ª e 2.ª séries, edição melhorada. Rio de Janeiro, Garnier, 1912; 3.ª série. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913; 4.ª série, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1928.

A. de Oliveira, *Pós.* = ——. *Póstuma*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1944.

A. de Quental, *C* = QUENTAL, Antero de. *Cartas*. 2.ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

A. de Quental, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Couto Martins-Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923-1931. 3 v.

A. de Quental, *SC* = ——. *Sonetos completos*, publicados por J. P. Oliveira Martins. 2.ª ed. aumentada. Porto, Portuense, 1890.

A. Deodato, *POBD* = DEODATO, Alberto. *Políticos e outros bichos domésticos*; crônicas. 2.ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963.

A. dos Anjos, *E* = ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Rio de Janeiro, s. ed. 1912.

A. Frederico Schmidt, *AP* = SCHMIDT, Augusto Frederico. *Antologia de prosa*. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.

A. Frederico Schmidt, *F* = ——. *As florestas*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. Frederico Schmidt, *GB* = ——. *O galo branco*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. Frederico Schmidt, *PE* = ——. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro, Américc-Edit., 1946.

A. Feliciano de Castilho, *AO* = CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Os amores de P. Ovídio Nasão*. Rio de Janeiro, Ed. Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1858. 4 t.

A. Feliciano de Castilho, *F* = ——. *Os fastos de Públio Ovídio Nasão*. Lisboa, Imprensa da Academia Real das Sciencias, 1862. 3 t.

A. Ferreira, *C* = FERREIRA, Antônio. *Castro*. In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas*; estabelecidos e comentados por ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 143-262.

A. Gil, *LJ* = GIL, Augusto. *Luar de janeiro*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, 1917.

A. Herculano, *E* = HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. 32.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Herculano, *HP* = ——. *História de Portugal, desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Afonso III*. 8.ª ed., dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 8 t.

A. Herculano, *LN* = ——. *Lendas e narrativas*. 22.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa-Rio de Janeiro, Bertrand/Francisco Alves, s. d. 2 t.

A. Herculano, *MC* = ——. *O monge de Císter, ou a epocha de D. João I*. 19.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d. 2 t.

A. Herculano, *OEIP* = ——. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*; tentativa histórica. Lisboa, Imprensa Nacional, 1855-1864. 3 v.

A. M. Machado, *CJ* = MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. M. Machado, *HR* = ——. *Histórias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. M. Machado, *JT* = ——. *João Ternura*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

A. Magalhães, *OC* = MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

A. Margarido, *ELNA* = MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

A. Meyer, *CM* = MEYER, Augusto. *A chave e a máscara*. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.

A. Meyer, *MA* = ——. *Machado de Assis* (1935-1958). Rio de Janeiro, São José, 1958.

A. Meyer, *P* = ——. *Poesias* (1922-1955). Rio de Janeiro, São José, 1957.

A. Meyer, *SI* = ——. *Segredos da infância*. Porto Alegre, Globo, 1949.

A. Nascentes, *PR* = Nascentes, Antenor. *O problema da regência: regência integral e viva*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1944.

A. Nobre, *CI* = Nobre, Antônio. *Cartas inéditas*. Coimbra, Presença, 1934.

A. Nobre, *D* = ——. *Despedidas* (1895-1899). Porto, s. ed., 1902.

A. Nobre, *S* = ——. *Só*. 2.ª ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.

A. O'Neill, *SO* = O'Neill, Alexandre. *A saca de orelhas*. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

A. Patrício, *P* = Patrício, Antônio. *Poesias*. Lisboa, Ática, 1954.

A. Peixoto, *NHLB* = Peixoto, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

A. Peixoto, *RC* = ——. *Romances completos*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

A. Rangel, *IV* = Rangel, Alberto. *Inferno verde: scenas e scenários do Amazonas*. 3.ª ed. Tours, Typ. E. Arrault, 1920.

A. Renault, *LSL* = Renault, Abgar. *A lápide sob a lua*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1968.

A. Ribeiro, *AFPB* = Ribeiro, Aquilino. *Andam faunos pelo bosque*; romance. Lisboa, Bertrand, 1962.

A. Ribeiro, *CRG* = ——. *Cinco réis de gente*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *ES* = ——. *Estrada de Santiago*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1922.

A. Ribeiro, *M* = ——. *O Malhadinhas – mina de diamantes*. Lisboa, Bertrand, 1958.

A. Ribeiro, *PSP* = ——. *Portugueses das sete partidas*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *SBAM* = ——. *São Banaboião, anacoreta e mártir*. 2.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *V* = ——. *Volfrâmio*. Nova ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Santos, *K* = Santos, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo, Ática, 1981.

A. Santos, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Edições 70, 1977.

A. Sérgio, *D* = Sérgio, Antônio. *Obras completas: Democracia*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

A. Sérgio, *E* = ——. *Obras completas: ensaios*. Lisboa, Sá da Costa, 1972-1974. 8 t.

A. Tavares, *PC* = Tavares, Adelmar. *Poesias completas*. Nova ed. Rio de Janeiro, São José, 1958.

Adonias Filho, *LP* = Aguiar Filho, Adonias. *Léguas da promissão*; novelas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Adonias Filho, *LBB* = ——. *Luanda, Beira, Bahia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

Adonias Filho, *F* = ——. *O forte*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

Agostinho Neto, *SE* = Agostinho Neto, Antônio. *Sagrada esperança*; poemas. 9.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Almada Negreiros, *NG* = Negreiros, José de Almada. *Nome de guerra*. Lisboa, Verbo, 1972.

Almada Negreiros, *OC* = ——. *Obras completas*. Lisboa, Estampa, 1970-1972. 6 v.

Almeida Garrett, *O* = Garrett, J. B. de Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto, Lello & Irmão, 1966. 2 v.

Almeida Garrett, *RCG* = ——. *Romanceiro e cancioneiro geral. I. Adozinda e outros*. Lisboa, Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, 1843.

Alves Redol, *BC* = Redol, Antônio Alves. *Barranco de cegos*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1973.

Alves Redol, *BSL* = ——. *A barca dos sete lemes*. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *C* = ——. *Constantino, guardador de vacas e de sonhos*. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *F* = ——. *Fanga*, 8.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *FM* = ——. *Uma fenda na muralha*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Alves Redol, *G* = ——. *Gaibéus*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *MB* = ——. *O muro branco*. 3.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Artur Azevedo, *CFM* = AZEVEDO, Arthur. *Contos fora de moda*. 7.ª ed. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.

Autran Dourado, *IP* = DOURADO, Valdomiro Freitas Autran. *As imaginações pecaminosas*. Rio de Janeiro, Record, 1981.

Autran Dourado, *RB* = ——. *O risco do bordado*; romance. 6.ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro, Difel, 1976.

Autran Dourado, *TA* = ——. *Tempo de amor*. [São Paulo] Difel, 1979.

Branquinho da Fonseca, *B* = FONSECA, Antônio José Branquinho da. *O barão*, 6.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

Branquinho da Fonseca, *MS* = ——. *Mar santo*; novela. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1964.

B. Guimarães, *EI* = GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*; romance. Rio de Janeiro, Garnier, 1875.

B. Lopes, *H* = LOPES, Bernardino da Costa. *Helenos*. Rio de Janeiro, s. ed., 1901.

B. Lopes da Silva, *C* = SILVA, Baltasar Lopes da. *Chiquinho*; romance. São Vicente-Cabo Verde, Claridade, 1947.

B. Santareno, *TPM* = SANTARENO, Bernardo. *A traição do padre Martinho*; narrativa dramática em dois actos. Lisboa, Ática, 1969.

Barão do Rio Branco, *D* = RIO BRANCO, José M. S. Paranhos Júnior, barão do. *Obras do Barão do Rio Branco, IX. Discursos*. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1948.

C. Castelo Branco, *BE* = BRANCO, Camillo Castello. *Bohemia do espírito*. Porto, Livraria Civilização, 1886.

C. Castelo Branco, *BP* = ——. *A brazileira de Prazins; Scenas do Minho*. Porto, Ernesto Chardron, 1883.

C. Castelo Branco, *CC* = ——. *Scenas contemporâneas*. 2.ª ed. Porto, Cruz Coutinho, 1862.

C. Castelo Branco, *CE* = ——. *Coisas espantosas*. 2.ª ed. Lisboa, Antônio Maria Pereira, 1864.

C. Castelo Branco, *J* = ——. *O judeu*; romance histórico. Porto, Casa de Viúva Moré, 1866.

C. Castelo Branco, *OS* = ——. *Obra selecta*. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960-1963. 2 v.

C. Castelo Branco, *QA* = ——. *A queda d'um anjo*. Edição definitiva, revista e corrigida pelo autor. Lisboa-Rio de Janeiro, Campos & Cia., 1887.

C. Castelo Branco, *RI* = ——. Prefacio biographico. In: CASTRO, Antônio Serrão de. *Os ratos da Inquisição*. Porto, Ernesto Chardron, 1883, p. 5-109.

C. Castelo Branco, *V* = ——. *Vingança*. Porto, Cruz Coutinho, 1863.

C. de Abreu, *O* = ABREU, Casimiro de. *Obras de Casimiro de Abreu*. Apuração e revisão do texto, escorço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

C. de Oliveira, *AC* = OLIVEIRA, Carlos de. *Uma abelha na chuva*; romance. 8.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1975.

C. de Oliveira, *CD* = ——. *Casa na duna*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

C. de Oliveira, *PB* = ——. *Pequenos burgueses*; romance. 7.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

C. dos Anjos, *DR* = ANJOS, Ciro dos. *2 romances: O amanuense Belmiro; Abdias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. dos Anjos, *M* = ——. *Montanha*; romance. Rio de Janeiro, 1956.

C. dos Anjos, *MS* = ——. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1979.

C. Drummond de Andrade, *BV* = ANDRADE, Carlos Drummond de. *A bolsa & a vida*. Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1962.

C. Drummond de Andrade, *CA* = ——. *Contos de aprendiz*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

C. Drummond de Andrade, *CB* = ——. *Cadeira de balanço*; crônicas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

C. Drummond de Andrade, *CJB* = ——. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

C. Drummond de Andrade, *CM* = ——. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro, Américc-Edit., 1944.

C. Drummond de Andrade, *FA* = ——. *Fala, amendoeira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. Drummond de Andrade, *IB* = ——. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *MA* = ——. *Menino antigo (Boitempo II)*. Rio de Janeiro, Sabiá/José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964.

C. Drummond de Andrade, *R* = ——. *Reunião*; 10 livros de poesias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

C. Falcão, *C* = Falcão, Cristóvão. *Crisfal*. In Silveira, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas; estabelecidos e comentados por* ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 57-142.

C. Lispector, *AV* = Lispector, Clarice. *Água viva*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *BF* = ——. *A bela e a fera*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *FC* = ——. *Felicidade clandestina*; contos. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *HE* = ——. *A hora da estrela*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

C. Lispector, *LF* = ——. *Laços de família*; contos. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1965.

C. Lispector, *L* = ——. *O lustre*; romance. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

C. Lispector, *ME* = ——. *A maçã no escuro*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *PSGH* = ——. *A paixão segundo GH*; romance. 7.ª ed. Rio de Janeiro, 1980.

C. Lispector, *SV* = ——. *Um sopro de vida (Pulsações)*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. M. da Costa, *OP* = Costa, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas*. Nova edição... por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1903. 2 t.

C. Meireles, *OP* = Meireles, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

C. Meireles, *Q, I* = Meireles, Cecília et alii. *Quadrante I*; crônicas. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.

C. Nejar, *OP* = Nejar, Carlos.

C. Pena Filho, *LG* = Pena Filho, Carlos. *Livro geral*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

C. Pessanha, *C* = Pessanha, Camilo. *Clepsidra*. Lisboa, Ática, 1945.

Caldas Aulete, *DCLP* = Aulete, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*; feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa, Antônio Maria Pereira [1902]. 2 v.

Castro Alves, *EF* = Alves, Antônio de Castro. *Espumas fluctuantes*; poesias. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson, 1870.

Castro Alves, *OC* = ——. *Obra completa*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1976.

Castro Soromenho, *C* = Soromenho, Fernando Monteiro de Castro. *A chaga*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Castro Soromenho, *TM* = ——. *Terra morta*; romance. Lisboa, Sá da Costa, s. d.

Castro Soromenho, *V* = ——. *Viragem*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Cochat Osório, *CV* = Osorio, Ernesto Cochat. *Capim verde*; contos, Luanda, Lello, 1957.

Coelho Netto, *OS* = Coelho Netto, Henrique Maximiano. *Obra seleta, I. Romances*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

Costa Andrade, *NVNT* = Andrade, Fernando Costa. *No velho ninguém toca*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

Cruz e Sousa, *OC* = Sousa, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro. Aguilar, 1961.

D. Andrade, *VEE* = Andrade, Djalma. *Versos escolhidos e epigramas*. 3.ª ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952.

D. Mourão-Ferreira, *HL* = Mourão-Ferreira, David. *Hospital das letras*; ensaios. Lisboa, Guimarães Editores, 1966.

D. Mourão-Ferreira, *I* = ——. *O irmão*; peça em 2 atos. Lisboa, Guimarães Editores, 1965.

D. Olímpio, *LH* = Olímpio, Domingos. *Luzia homem*. Rio de Janeiro, Companhia Litho-Typographia, 1903.

D. Silveira de Queirós, *EHT* = Queirós, Dinah Silveira de. *Eles herdarão a terra*. Rio de Janeiro, GRD, 1960.

D. Silveira de Queirós, *FS* = ——. *Floradas na serra*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.

D. Silveira de Queirós, *M* = ——. *A muralha*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

D. Silveira de Queirós, *MLR* = ——. *Margarida La Rocque*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.

D. Silveira de Queirós, *VI* = ——. *Verão dos infiéis*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1971.

Da Costa e Silva, *PC* = SILVA, Antônio Francisco da Costa e. *Poesias completas*. 2.ª ed. revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 1976.

E. C. Pereira, *GH* = PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

E. da Cunha, *OC* = CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966. 2 v.

E. de Castro, *OP* = CASTRO, Eugénio de. *Obras poéticas*. Lisboa, Lumen, 1927-1940; Barcelos, Portucalense, 1944. 10 v.

E. de Castro, *UV* = ——. *Últimos versos*. Lisboa, Bertrand, 1938.

E. Moura, *EP* = MOURA, Emílio. *Itinerário poético*; poemas reunidos. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969.

E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo = PEREIRA FILHO, Emanuel. In: GÂNDAVO, Pedro de Magalhães de. *Tratado da província do Brasil*. Edição crítica. MEC/INL, 1965.

E. Prado, *IA* = Prado, Eduardo. *A ilusão americana*. 3.ª ed. São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1902.

É. Veríssimo, *A* = VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento, III. O arquipélago*. 1.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1962-1966. 3 v.

É. Veríssimo, *C* = ——. *Clarissa*. 6.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1947.

É. Veríssimo, *GPCN* = ——. *Gato preto em campo de neve*. 9.ª ed. Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo, Globo, 1952.

É. Veríssimo, *LS* = ——. *Um lugar ao sol*. 2.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1963.

É. Veríssimo, *ML* = ——. *Música ao longe*. 8.ª ed. Porto Alegre, 1947.

Eça de Queirós, *O* = *Obras de Eça de Queirós*. Porto, Lello & Irmão, 1958. 3 v.

F. A. Varnhagen, *CTA* = VARNHAGEN, Francisco Adolpho. *Cancioneirinho de trovas antigas coligidas de um grande cancioneiro da Biblioteca do Vaticano*. Viena, Typ. I. e R. do E. e da Corte, 1870.

F. Botelho, *X* = BOTELHO, Fernanda. *Xerazade e os outros*; romance (tragédia em forma de). Amadora, Bertrand, s. d.

F. de Castro, *ANE* = CASTRO, Fernanda de. *Asa no espaço*. Lisboa, Ática, 1955.

F. Espanca, *S* = ESPANCA, Florbela. *Sonetos*; edição integral. 10.ª ed. Porto, Tavares Martins, 1962.

F. J. Tenreiro, *OP* = TENREIRO, Francisco José. *Obra poética*. Lisboa, Associação dos Antigos Alunos do ISCSPU, 1967.

F. Namora, *CS* = NAMORA, Fernando. *Cidade solitária*; narrativas. 4.ª ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1969.

F. Namora, *DT* = ——. *Domingo à tarde*; romance. 11.ª ed. Amadora, Bertrand, 1975.

F. Namora, *E* = ——. *Encontros com Fernando Namora*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1981.

F. Namora, *HD* = ——. *O homem disfarçado*; romance. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1970.

F. Namora, *NM* = ——. *A noite e a madrugada*; romance. 5.ª ed. Paris, Europa-Brasil, 1968.

F. Namora, *RT* = ——. *O rio triste*; romance. Rio de Janeiro, Nórdica, 1982.

F. Namora, *TJ* = ——. *O trigo e o joio*. 12.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

F. Pessoa, *LD* = PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.

F. Pessoa, *OP* = ——. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

F. Pessoa, *QGP* = ——. *Quadras ao gosto popular*. Lisboa, Ática, 1965.

F. Pessoa, *SP* = ——. *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Recolha de textos:

dra. Maria Isabel Rocheta, dra. Maria Paula Morão. Introdução e organização: Joel Serrão. Lisboa, Ática, 1978.

F. Sabino, *EM* = SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.

F. Sabino, *G* = ——. *Gente*. Rio de Janeiro, Record, 1975. 2 t.

F. Sabino, *GM* = ——. *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro, Record [1979].

F. Sabino, *HN* = ——. *O homem nu*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

F. Sabino, *ME* = ——. *O menino no espelho*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1982.

Fagundes Varela, *PC* = VARELA, L. N. Fagundes. *Poesias completas*. Organização e apuração do texto de Miécio Táti e E. Carreiro Guerra. São Paulo, Ed. Nacional, 1957. 3 v.

Fagundes Varela, *VA* = ——. *Vozes de America*; poesias. 2.ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

Ferreira de Castro, *OC* = CASTRO, José Maria Ferreira de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958-1961. 3 v.

Fontoura Xavier, *O* = XAVIER, A. Fontoura. *Opalas*; edição definitiva, muito aumentada. Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1905.

G. Amado, *DP* = AMADO, Gilberto. *Depois da política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

G. Amado, *HMI* = ——. *História da minha infância*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

G. Amado, *PP* = ——. *Presença na política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Amado, *TL* = ——. *Três livros: A chave de Salomão e outros escritos, Grão de areia e estudos brasileiros, A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

G. Barroso, *TS* = BARROSO, Gustavo. *Terra de sol (Natureza e costumes do Norte)*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, São José, 1956.

G. Cruls, *HA* = CRULS, Gastão. *Hileia amazônica*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Cruls, *QR* = ——. *Quatro romances*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. de Almeida, *N* = ALMEIDA, Guilherme de. *Natalika*. Rio de Janeiro, Candeia Azul, 1924.

G. de Almeida, *PV* = ——. *Poesia vária*. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1963.

G. de Almeida, *TP* = ——. *Toda a poesia*. São Paulo, Martins, 1952. 7 t.

G. França de Lima, *JV* = LIMA, Geraldo França de. *Jazigo dos vivos*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

G. Freyre, *OE* = FREYRE, Gilberto. *Obra escolhida*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

G. Ramos, *A* = RAMOS, Graciliano. *Angústia*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *AOH* = ——. *Alexandre e outros heróis*; obra póstuma. 4.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

G. Ramos, *C* = ——. *Caetés*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *I* = ——. *Infância*, 9.ª ed. São Paulo, Martins, 1972.

G. Ramos, *Ins.* = ——. *Insônia*; contos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *SB* = ——. *São Bernardo*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *VS* = ——. *Vidas secas*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Genolino Amado, *RP* = AMADO, Genolino. *O reino perdido. (Histórias de um professor de História)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

Gonçalves Dias, *PCPE* = DIAS, António Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

Graça Aranha, *OC* = ARANHA, José Pereira da Graça. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

Guerra Junqueiro, *S* = JUNQUEIRO, Abílio Manuel de Guerra. *Os simples*. Porto, Typ. Occidental, 1892.

Guimarães Passos, *VS* = PASSOS, Sebastião Cícero dos Guimarães. *Versos de um simples* (1886-1891). Rio de Janeiro, s. ed., 1891.

Guimarães Rosa, *CB* = ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*; sete novelas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. 2 v.

Guimarães Rosa, *GS-V* = ——. *Grande sertão: veredas*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Guimarães Rosa, *PE* = ——. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

Guimarães Rosa, *S* = ——. *Sagarana*. 4.ª ed. Versão definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

Guimarães Rosa, *T* = ——. *Tutameia. Terceiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

H. Sales, *AM* = Sales, Herberto. *Além dos marimbus*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

H. Sales, *C* = ——. *Cascalho*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

H. Sales, *DBFM* = ——. *Dados biográficos do finado Marcelino*; romance. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965.

H. Sales, *HO* = ——. *Histórias ordinárias*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

I. Losa, *EO* = Losa, Ilse. *Encontro no outono*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

I. Lisboa, *MCN* = Lisboa, Irene. *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma*; historietas. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Amado, *GCC* = Amado, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*; crônica de uma cidade do interior. 15.ª ed. São Paulo, Martins, 1960.

J. Amado, *MG* = ——. *O menino grapiúna*. Rio de Janeiro, Record, 1982.

J. Amado, *MM* = ——. *Mar morto*; romance. 18.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

J. Amado, *TBCG* = ——. *Teresa Batista cansada de guerra*. São Paulo, Martins, 1972.

J. Cabral de Melo Neto, *DA* = Melo Neto, João Cabral de. *Duas águas*; poemas reunidos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Cabral de Melo Neto, *PC* = ——. *Poesias completas* (1940-1965). Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

J. Cândido de Carvalho, *CL* = Carvalho, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.

J. Cândido de Carvalho, *NMAI* = ——. *Não matem o arco-íris*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

J. Cardoso, *SE* = Cardozo, Joaquim. *Signo estrelado*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960.

J. Cardoso Pires, *D* = Pires, José Cardoso. *O delfim*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Moraes, 1969.

J. Condé, *C* = Condé, José. *As chuvas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

J. Condé, *TC* = ——. *Terra de Caruaru*. 2.ª ed. [Rio de Janeiro] Bloch, 1968.

J. Cortesão, *CP* = Cortesão, Jaime. *Cancioneiro popular*. Porto, Renascença, 1914.

J. Cortesão, *FDFP* = ——. *Os factores democráticos na formação de Portugal*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

J. Cortesão, *IHB* = ——. *Introdução à história das bandeiras*. Lisboa, Portugália, 1964. 2 v.

J. de Alencar, *CD* = Alencar, José de. In: Menezes, Raimundo de. *Cartas e documentos de José de Alencar*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967.

J. de Alencar, *G* = ——. *O Guarani*; romance brasileiro. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958.

J. de Alencar, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959-1960. 4 v.

J. de Araújo Correia, *FX* = Correia, João de Araújo. *Folhas de xisto*; contos. Régua, Imprensa do Douro, 1959.

J. de Deus, *CF* = Deus, João de. *Campo de flores*; poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor por Teophilo Braga. 2.ª ed. – ne varietur. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

J. de Deus, *FS* = ——. *Folhas soltas*. Porto, Magalhães & Moniz, 1876.

J. de Figueiredo, *C* = Figueiredo, Jackson de. *Correspondência*. Rio de Janeiro, A. B. C. [1938].

J. de Lima, *OC* = Lima, Jorge de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1.º vol.

J. de Sena, *G-C* = Sena, Jorge de. *Os grão-capitães*; contos. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1982.

J. de Sena, *NAD* = ——. *Novas andanças do demônio*; contos. Lisboa, Portugália, 1966.

J. de Sena, *SF* = ——. *Sinais de fogo (Monte cativo - I)*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1971.

J. do Prado Coelho, *PHL* = Coelho, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. Lisboa, Ática, 1961.

J. Lins do Rego, *A-M* = Rego, José Lins do. *Água-mãe*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *C* = ——. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

J. Lins do Rego, *D* = ——. *Doidinho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *E* = ——. *Eurídice*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *FM* = ——. *Fogo morto*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

J. Lins do Rego, *ME* = ——. *Menino de engenho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MR* = ——. *O moleque Ricardo*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MVA* = ——. *Meus verdes anos*; memórias. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

J. Lins do Rego, *P* = ——. *Pureza*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *RD* = ——. *Riacho doce*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *U* = ——. *Usina*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Manuel de Macedo, *RQ* = Macedo, Joaquim Manoel de. *O rio do quarto*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

J. Montello, *A* = Montello, Josué. *Aleluia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

J. Montello, *DP* = ——. *Os degraus do paraíso*; romance. São Paulo, Martins, 1965.

J. Montello, *DVP* = ——. *Duas vezes perdida*; novelas. São Paulo, Martins, 1966.

J. Montello, *LE* = ——. *Labirinto de espelhos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

J. Montello, *PMA* = ——. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo, Martins, 1961.

J. Montello, *SC* = ——. *O silêncio da confissão*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

J. Montello, *TSL* = ——. *Os tambores de São Luís*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1975.

J. Nabuco, *A* = Nabuco, Joaquim. *O abolicionismo*. Conferências e discursos abolicionistas. São Paulo, IPÊ, 1949.

J. Nabuco, *MF* = ——. *Minha formação*, São Paulo, IPÊ, 1947.

J. Paço d'Arcos, *CVL* = Arcos, Joaquim Paço d'. *Crónica da vida lisboeta*. Organização e introdução do prof. Antônio Soares Amora. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.

J. Régio, *CL* = Régio, José. *A chaga do lado*; sátiras e epigramas. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1956.

J. Régio, *ED* = ——. *As encruzilhadas de Deus*; poema. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Régio, *ERS* = ——. *El-Rei Sebastião*; poema espectacular em três actos. Coimbra, Atlântida, 1949.

J. Régio, *F* = ——. *Fado*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1957.

J. Régio, *JA* = ——. *Jacob e o anjo*; mistério em três actos, um prólogo e um epílogo. 2.ª ed. Vila do Conde, Edições "Ser", 1953.

J. Régio, *PDD* = ——. *Poemas de Deus e do Diabo*. 4.ª ed. Lisboa, Portugália, 1955.

J. Régio, *SM* = ——. *A salvação do mundo*; tragicomédia em três actos. Lisboa, Inquérito, 1954.

J. Ribeiro, *AC* = Ribeiro, João. *Autores contemporâneos*. Excerptos de escriptores brazileiros e portuguezes contemporâneos. 25.ª ed. refundida, annotada e actualizada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1937.

J. Ribeiro, *CD*[2] = ——. *Cartas devolvidas*. 2.ª ed., com prefácio de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, São José, s. d.

J. Ribeiro, *F* = ——. *O fabordão;* crónica de vário assunto. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1910.

J. Ribeiro, *FE* = ——. *Floresta de exemplos*. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1931.

J. Ribeiro, *FL* = ——. *O folk-lore*. Estudos de literatura popular. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

J. Ribeiro, *PE* = ——. *Páginas de esthetica*. Lisboa, Clássica Editora, 1905.

J. Rodrigues Miguéis, *GTC* = Miguéis, José Rodrigues. *Gente de terceira classe*; contos e novelas. 2.ª ed. Lisboa, Estúdios Cor, 1971.

J. Saramago, *LC* = SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. 3.ª ed. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

J. Saramago, *MC* = ——. *Memorial do convento*; romance. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

L. B. Honwana, *NMCT* = HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso*. São Paulo, Ática, 1980.

L. Fagundes Telles, *ABV* = TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

L. Fagundes Telles, *DA* = ——. *A disciplina do amor*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

L. Fagundes Telles, *M* = ——. *Mistério*; ficções. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

L. Fagundes Telles, *SR* = ——. *Seminário dos ratos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

L. Forjaz Trigueiros, *ME* = TRIGUEIROS, Luís Forjaz. *Monólogo em Éfeso*. Amadora, Bertrand, s. d.

L. Jardim, *AMCA* = JARDIM, Luís. *Aventuras do menino Chico de Assis*. Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1971.

L. Jardim, *BA* = ——. *O boi aruá*. Rio de Janeiro, Alba, 1940.

L. Jardim, *CTG* = ——. *Confissões do meu tio Gonzaga*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

L. Jardim, *MP* = ——. *Maria perigosa*. 2.ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

L. Jardim, *MPM* = ——. *O meu pequeno mundo: algumas lembranças de mim mesmo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

Leite de Vasconcellos, *LFP* = VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de filosofia portuguesa*. 2.ª ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

Lima Barreto, *REIC* = BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.

Lima Barreto, *TFPQ* = ——. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1965.

Luandino Vieira, *CI* = VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*; estórias. 2.ª ed. Lisboa, União dos Escritores Angolanos – Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *JV* = ——. *João Vêncio: os seus amores*; estória. Lisboa, Edições 70, 1979.

Luandino Vieira, *L* = ——. *Luanda*; estórias. São Paulo, Ática, 1982.

Luandino Vieira, *NANV* = ——. *No antigamente, na vida*; estórias. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *NM* = ——. *Nós, os do Makulusu*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

Luandino Vieira, *VE* = ——. *Velhas estórias*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1976.

Luandino Vieira, *VVDX* = ——. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, São Paulo, Ática, s. d.

M. Bandeira, *AA* = BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

M. Bandeira, *PP* = ——. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 2 v.

M. Barreto, *CP* = BARRETO, Mário. *Cartas persas*, de Montesquieu. Versão portuguesa e anotações de ——. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1923.

M. Barreto, *FLP* = ——. *Fatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.

M. da Fonseca, *FC* = FONSECA, Manuel da. *O fogo e as cinzas*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1965.

M. da Fonseca, *SV* = ——. *Seara de vento*, 9.ª ed. [Lisboa] Forja, 1979.

M. de Andrade, *CMB* = ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Simões, 1958.

M. de Andrade, *OI* = ——. *Obra imatura*. São Paulo, Martins, 1960.

M. de Andrade, *PC* = ——. *Poesias completas*. São Paulo, Martins, 1955.

M. de Sá-Carneiro, *C* = SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco*. Leitura, seleção e notas de Arnaldo Saraiva, Porto, Limiar, 1977.

M. de Sá-Carneiro, *CF* = ——. *Céu em fogo*; novelas. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1956.

M. de Sá-Carneiro, *CFP* = ——. *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa, Ática, 1958-1959. 2 v.

M. de Sá-Carneiro, *CL* = ——. *A confissão de Lúcio*. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1945.

M. de Sá-Carneiro, *P* = ——. *Poesias*, Lisboa, Ática, 1953.

M. de Sousa Lima, *GP* = LIMA, Mário Pereira de Sousa. *Gramática portuguesa*. Edição revista e aumentada de acordo com o Programa Oficial, para as quatro séries. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.

M. Ferreira, *HB* = FERREIRA, Manuel. *Hora di bai*. São Paulo, Ática, 1980.

M. J. de Carvalho, *AV* = CARVALHO, Maria Judite de. *Os armários vazios*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1978.

M. J. de Carvalho, *PSB* = ——. *Paisagem sem barcos*. Lisboa, Arcádia, s. d.

M. J. de Carvalho, *TGM* = ——. *Tanta gente, Mariana...* 2.ª ed. Lisboa, Arcádia, 1960.

M. J. de Carvalho, *TM* = ——. *Tempo de mercês*. Lisboa, Seara Nova, 1973.

M. Lopes, *FVL* = LOPES, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. São Paulo, Ática, 1979.

M. Mendes, *P* = MENDES, Murilo. *Poesias* (1925-1955). Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

M. Mesquita, *LT* = MESQUITA, Marcelino. *Leonor Teles*. Lisboa, s. ed., 1892.

M. Palmério, *CB* = PALMÉRIO, Mário. *Chapadão do Bugre*; romance. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

M. Palmério, *VC* = ——. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

M. Pederneiras, *LSMV* = PEDERNEIRAS, Mário. *Ao léu do sonho e à mercê da vida*. Rio de Janeiro, s. ed., 1912.

M. Quintana, *P* = QUINTANA, Mário. *Poesias*. 2.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1975.

M. Rubião, *D* = RUBIÃO, Murilo. *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte, Edições MP, 1965.

M. Torga, *API* = TORGA, Miguel. *Alguns poemas ibéricos*. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *B* = ——. *Bichos*. 9.ª ed. Coimbra, s. ed., 1978.

M. Torga, *CH* = ——. *Cântico do homem*; poesia, 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1954.

M. Torga, *CM* = ——. *Contos da montanha*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Pongetti, 1955.

M. Torga, *NCM* = ——. *Novos contos da montanha*. 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *P* = ——. *Portugal*. Coimbra, s. ed., 1950.

M. Torga, *TU* = ——. *Traço de união*; temas portugueses e brasileiros. Coimbra, s. ed., 1955.

M. Torga, *V* = ——. *Vindima*. 2.ª ed., refundida. Coimbra, s. ed., 1954.

Machado de Assis, *OC* = ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959. 3 v.

Marquês de Maricá, *M* = MARICÁ, M. J. Pereira da Fonseca, marquês de. *Máximas, pensamentos e reflexões do marquês de Maricá*. Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

Marques Rebelo, *M* = REBELO, Marques. *Marafa*. 3.ª ed. São Paulo, Martins, 1956.

Marques Rebelo, *SMAP* = ——. *Stela me abriu a porta*; contos. Porto Alegre, Globo, 1942.

Martins Pena, *T* = PENA, L. C. Martins. *Teatro*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. 2 v.

Monteiro Lobato, *GDB* = LOBATO, J. B. Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1950.

Monteiro Lobato, *N* = ——. *Negrinha*; contos. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1951.

Monteiro Lobato, *U* = ——. *Urupês*. 12.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1962.

N. Piñon, *CC* = PIÑON, Nélida. *O calor das coisas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *CP* = ——. *A casa da paixão*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

N. Piñon, *FD* = ——. *A força do destino*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *SA* = ——. *Sala de armas*; contos. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

O. Bilac, *DN* = BILAC, Olavo. *A defesa nacional*; discursos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.

O. Bilac, *P* = ——. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro, Garnier, 1904.

O. Bilac, *T* = ——. *Tarde*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.

O. de Andrade, *PR* = ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1966.

O. Lara Resende, *BD* = RESENDE, Otto Lara. *O braço direito*; romance. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

O. Lara Resende, *PM* = ——. *As pompas do mundo*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1975.

O. Lara Resende, *RG* = ——. *O retrato na gaveta*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971.

O. Lins, *A* = LINS, Osman. *Avalovara*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

O. Lins, *FP* = ——. *O fiel e a pedra*; romance. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1967.

O. Lins, *V* = ——. *O visitante*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Summus, 1979.

O. Mariano, *TVP* = MARIANO, Olegário. *Toda uma vida de poesia*; poesias completas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 2 v.

O. Mendes, *LFNF* = MENDES, Orlando. *Lume florindo na forja*. Lisboa, Edições 70, 1980.

O. Mendes, *P* = ——. *Portagem*. São Paulo, Ática, 1981.

Ó. Ribas, *EMT* = RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Lisboa, Distribuidora Lello & Cia., s. d.

Ó. Ribas, *U* = ——. *Uanga: feitiço*; romance folclórico angolano. Lisboa, Lello & Cia. Distribuidores, s. d.

Ó. Soares, *DF* = SOARES, Órris. *Dicionário de filosofia*, volume I – A-D. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1952.

O. Mendes, *VB* = MENDES, Manuel Odorico. *Virgílio brazileiro*. Tradução do Poeta Latino. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, s. d.

P. Mendes Campos, *AB* = CAMPOS, Paulo Mendes. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.

P. Nava, *BC* = NAVA, Pedro. *Balão cativo*; 2.º volume de suas memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

P. Nava, *B-M* = ——. *Beira-mar*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

P. Nava, *BO* = ——. *Baú de ossos*; memórias I. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/Sabiá, 1974.

Pepetela, *NA* = PEPETELA (Artur Carlos Pestana dos Santos). *As aventuras de Ngunga*. São Paulo, Ática, 1980.

Pepetela, *M* = ——. *Mayombe*; romance. São Paulo, Ática, 1982.

R. Barbosa, *EDS* = BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Seleção, organização e notas de Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

R. Barbosa, *R* = ——. *Réplica do senador Ruy Barbosa às defesas da redação do projeto da Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

R. Braga, *CCE* = BRAGA, Rubem. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. Braga, *CR* = ——. *A cidade e a roça e três primitivos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1964.

R. Brandão, *H* = BRANDÃO, Raul. *Húmus*. 4.ª ed. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d.

R. Brandão, *P* = ——. *Os pescadores*, Lisboa, Estúdios Cor, 1957.

R. Correia, *PCP* = CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Texto, cronologia, notas e estudo biográfico por Waldir Ribeiro do Val. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

R. Fonseca, *C* = FONSECA, Rubem. *O cobrador*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

R. de Queirós, *CCE* = QUEIROZ, Rachel de. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. de Queirós, *TR* = ——. *3 romances: O Quinze, João Miguel, Caminho de pedra*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

R. M. F. de Andrade, *V* = ANDRADE, Rodrigo M. F. de. *Velórios*. Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, s. d.

R. Pompeia, *A* = POMPEIA, Raul. *O Atheneu*; crônica de saudades, 4.ª ed. definitiva. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

Rebelo da Silva, *CL* = SILVA, Luís Augusto Rebello da. *Contos e lendas*. Lisboa, Mattos Moreira, 1873.

Ribeiro Couto, *C* = Couto, Rui Ribeiro. *Cabocla*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1945.

Ribeiro Couto, *NC* = ——. *Uma noite de chuva e outros contos*. Lisboa, Inquérito, 1944.

Ribeiro Couto, *PR* = ——. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

S. da Silva Neto, *HLP* = Silva Neto, Serafim P. da. *História da língua portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.

S. da Silva Neto, *IELPB* = ——. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

S. de Mello Breyner Andresen, *CE* = Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Contos exemplares*. 6.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

Said Ali, *DLP* = Ali, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

Said Ali, *GS* = ——. *Grammatica secundaria da língua portuguesa*. 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s. d.

Simões Lopes Neto, *CGLS* = Lopes Neto, J. Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Ed. crítica por Aurélio Buarque de Holanda. 5.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1957.

Soares de Passos, *P* = Passos, A. Augusto Soares de. *Poesias*. 9.ª ed. Porto, Chardron, 1909.

Sousa da Silveira, *LP* = Silveira, A. F. de Sousa da. *Lições de português*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972.

Sttau Monteiro, *APJ* = Monteiro, Luís Sttau. *Angústia para o jantar*. 5.ª ed. Lisboa, Ática, 1967.

Sttau Monteiro, *FHL* = ——. *Felizmente há luar!*; teatro. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1962.

T. Barreto, *QV* = Barreto, Tobias. *Questões vigentes*. In: *Obras completas*. Ed. do Estado de Sergipe, 1962. 9 t.

T. A. Gonzaga, *OC* = Gonzaga, Tomás Antônio. *Obras completas*. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. 2 v.

T. da Silveira, *PC* = Silveira, Tasso da. *Puro canto*; poemas completos. Rio de Janeiro, GRD, 1962.

T. da Silveira, *SC* = ——. *Sombras do caos*. Rio de Janeiro, GRD, s. d.

T. Martins Moreira, *MP* = Moreira, Thiers Martins. *O menino e o palacete*. Rio de Janeiro, Simões, 1954.

T. Martins Moreira, *VVT* = ——. *Visão em vários tempos*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1970.

Teixeira de Pascoaes, *OC* = Pascoaes, Joaquim P. Teixeira de. *Obras completas*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 7 v.

Trindade Coelho, *AL* = Coelho, Trindade. *Ao leitor*. In: Deus, João de. *A cartilha maternal e a crítica*. Lisboa, Bertrand/José Bastos, 1897.

U. Tavares Rodrigues, *AM* = Rodrigues, Urbano Tavares. *As aves da madrugada*; novelas. Amadora, Bertrand, 1959.

U. Tavares Rodrigues, *JE* = ——. *Jornadas na Europa*. [Lisboa] Europa-América, 1958.

U. Tavares Rodrigues, *MTG* = ——. *Manuel Teixeira Gomes*; introdução ao estudo de sua obra. Lisboa, Portugália, 1950.

U. Tavares Rodrigues, *NR* = ——. *A noite roxa*; novelas. Amadora, Bertrand, 1956.

U. Tavares Rodrigues, *NS* = ——. *Nus e suplicantes*; novelas. Amadora, Bertrand, 1960.

U. Tavares Rodrigues, *PC* = ——. *Uma pedrada no charco*. Lisboa, Bertrand, 1957.

U. Tavares Rodrigues, *TO* = ——. *Terra ocupada*; novelas. Amadora, Bertrand, s. d.

U. Tavares Rodrigues, *VP* = ——. *Vida perigosa*; novelas. Lisboa, Bertrand, 1955.

V. de Moraes, *LS* = Moraes, Vinícius de. *Livro de sonetos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

V. de Moraes, *PCP* = ——. *Poesias completas e prosa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1980.

V. Ferreira, *A* = Ferreira, Vergílio. *Aparição*. 7.ª ed. Lisboa, Portugália, 1971.

V. Ferreira, *CF* = ——. *Cântico final*. Lisboa, Ulisseia, s. d.

V. Ferreira, *NN* = ——. *Nítido nulo*; romance, 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

V. Nemésio, *CI* = Nemésio, Vitorino. *Corsário das ilhas*. Lisboa, Bertrand [1956].

V. Nemésio, *MPM* = ——. *O mistério do Paço de Milhafre*. Lisboa, Bertrand, 1949.

V. Nemésio, *MTC* = ——. *Mau tempo no canal*; romance. 5.ª ed. Amadora, Bertrand, s. d.

V. Nemésio, *SOP* = ——. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Lisboa, Bertrand, 1954.

V. Nemésio, *VM* = ——. *Violão de morro*. Lisboa, Edições Panorama, 1968.

V. Vitorino, *F* = VITORINO, Virgínia, *Fascinação*. Lisboa, J. Rodrigues & Cia., 1933.

Visconde de Taunay, *I* = TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, visconde de. *Innocencia*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1899.

Vianna Moog, *T* = MOOG, Clodomir Viana. *Toia*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

Índice onomástico

A

ABELAIRA, A.: 139, 144, 147, 155, 157, 164, 167, 168, 169, 172, 179, 214, 227, 229, 232, 235, 238, 243, 248, 249, 300, 335, 347, 367, 371, 372, 377, 466, 472, 475, 476, 479, 482, 484, 505, 515, 523, 527, 547, 567, 587, 588, 603, 610, 614, 618, 620, 621, 625, 628, 653, 661, 670.
ABREU, C. de: 250, 644, 681, 686, 689, 693, 697, 704, 705, 713, 722, 724.
ADONIAS FILHO: 177, 261, 411, 475, 481, 487, 501, 503, 506, 510, 537, 547, 584, 595, 597, 604, 620, 625, 635, 636.
AFONSO X, d.: 708.
AGOSTINHO NETO: 265, 296, 470, 472, 585, 586.
AGREL: 398.
AGUIAR, Martinz de: 161, 620.
ALARCOS LLORACH, E.: 220.
ALENCAR, J. de: 252, 546, 551, 627, 631.
ALI, M. Said: 368, 504, 696.
ALLEN JR., J. H. D.: 102.
ALMEIDA, G. de: 466, 491.
ALMEIDA, João de: 474, 475.
ALONSO, A.: 105.
ALVAR, M.: 128.
ALVES, Castro: 169, 175, 176, 187, 229, 283, 297, 300, 499, 602, 622, 638, 676, 680, 690, 692, 717, 726.
AMADO, Genolino: 224, 231, 235, 254, 663.
AMADO, G.: 140, 159, 221, 229, 245, 246, 257, 261, 319, 344, 363, 365, 380, 386, 499, 503, 514, 527, 534, 540, 581, 658, 660, 682.
AMADO, J.: 172, 179, 308, 310, 371, 375, 467, 479, 499, 517, 540, 550, 554, 617.
AMARAL, Amadeu: 714.
ANDRADE, C. Drummond de: 133, 140, 144, 147, 148, 154, 160, 161, 165, 179, 213, 214, 233, 234, 249, 276, 283, 310, 325, 326, 347, 348, 350, 361, 362, 373, 378, 464, 469, 471, 473, 477, 479, 484, 492, 500, 513, 516, 518, 521, 522, 529, 533, 534, 535, 539, 543, 545, 546, 547, 560, 567, 574, 576, 577, 580, 581, 585, 587, 590, 593, 595, 621, 623, 633, 634, 638, 647, 699, 709, 727.
ANDRADE, D.: 677.
ANDRADE, F. Costa: 363, 560, 586, 626.
ANDRADE, M. de: 231, 279, 377, 514, 515, 574, 673, 675.
ANDRADE, O. de: 360.
ANDRADE, R. M. F. de: 219, 245, 252, 300, 308, 363, 379, 577, 589, 592.
ANDRESEN, S. de Mello Breyner: 556, 558, 627, 670.
ANJOS, A. dos: 560, 686.
ANJOS, C. dos: 142, 144, 150, 156, 160, 166, 177, 178, 215, 226, 230, 237, 253, 277, 308,

310, 311, 313, 324, 334, 342, 344, 345, 346, 356, 361, 370, 466, 471, 472, 476, 478, 485, 504, 511, 526, 530, 533, 535, 540, 544, 549, 550, 554, 588, 602, 603, 635, 636, 640, 652, 662, 663.
ARANHA, Graça: 311, 563, 610, 661, 674.
ARCOS, J. Paço d': 134, 156, 159, 161, 168, 171, 215, 321, 354, 376, 473, 475, 476, 500, 509, 528, 535, 539, 546, 548, 552, 560, 576, 623, 638, 659.
ARINOS, A.: 338, 500, 502, 508, 517, 528, 535, 566, 592.
ASSIS JÚNIOR, A. de: 338, 349, 350, 352, 355, 370, 378, 561, 563, 664, 671, 673.
ASSIS, Machado de: 135, 139, 153, 156, 158, 159, 161, 165, 168, 170, 172, 173, 179, 232, 235, 245, 248, 252, 279, 296, 300, 303, 311, 312, 313, 315, 317, 319, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 334, 335, 336, 337, 339, 342, 346, 349, 353, 354, 355, 361, 362, 363, 364, 366, 371, 376, 378, 379, 381, 393, 473, 474, 479, 483, 484, 485, 488, 489, 495, 501, 505, 519, 520, 521, 525, 526, 528, 529, 538, 545, 546, 548, 549, 552, 554,565, 574, 577, 578, 586, 587, 589, 590, 592, 597, 598, 599, 601, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 624, 625, 626, 630, 635, 637, 642, 643, 644, 645, 647,649, 650, 651, 658, 659, 661,662, 666, 667, 669, 673, 675, 681, 716, 725.
AULETE, Caldas: 542, 591.
AZEREDO, C. Magalhães de: 709.
AZEVEDO, A.: 359, 503, 627.
AZEVEDO, Álvares de: 723.
AZEVEDO, Artur: 338, 363, 564, 670.

B

BALLY, Charles: 655, 656.
BANDEIRA, M.: 144, 164, 177, 181, 230, 232, 243, 283, 314, 324, 334, 357, 476, 503, 507, 511, 516, 518, 520, 522, 523, 615, 617, 665, 677, 678, 705, 729.
BARBOSA, R.: 180, 239, 321, 326, 335, 489, 515, 549, 573, 667, 668.
BARRENECHEA, A. Maria: 393.
BARRETO, Lima: 160, 167, 169, 359, 553, 599, 611, 664.
BARRETO, M.: 118, 318, 541, 546.
BARRETO, T.: 349.
BARROSO, G.: 611.
BASÍLIO, M.: 118.
BECHARA, Evanildo: 620.
BERNAY, A. de: 706, 708.
BESSA, J. R. Fontenele: 97.
BILAC, O.: 178, 180, 181, 247, 272, 295, 299, 325, 480, 581, 687, 691, 694, 695, 702, 707.
BOILEAU: 707.
BOLÉO, M. de Paiva: 23, 24, 410, 469.
BOPP, R.: 68, 73.
BOTELHO, F.: 139, 150, 164, 219, 481, 496, 506, 519, 563, 594, 635.
BOTTO, A.: 143, 311, 352, 521, 660, 698, 726.
BRAGA, B.: 728.
BRAGA, R.: 164, 233, 338, 363, 462, 475, 490, 496, 518, 544, 558.
BRANCO, C. Castelo: 153, 158, 169, 215, 243, 244, 276, 319, 336, 362, 369, 464, 485, 507, 512, 513, 521, 524, 543, 545, 552, 554, 574, 577, 585, 597, 602, 647, 672.
BRANDÃO, R.: 233, 245, 283, 314, 320, 469, 595, 599, 616.
BRUNOT, Ferdinand: 500.
BUREAU, Conrad: 396.

C

CAFEZEIRO, E.: 198.
CALÍSTENES (falso): 708.
CALLADO, A.: 305, 463, 483, 495.
CALLOU, D. M. Isensee: 59.
CÂMARA JR., J. Mattoso: 50, 130, 302.
CAMÕES, L. de: 364, 375, 464, 721, 722, 725.
CAMPOS, P. Mendes: 611.
CANTEL, R.: 644.
CARDOSO, J.: 241, 641.
CARDUCCI, Giosuè: 709.
CARVALHO, J. C. de: 339, 372, 514.
CARVALHO, J. G. Herculano de: 105, 128.
CARVALHO, M. J. de: 144, 148, 158, 165, 166, 171, 251, 290, 330, 345, 346, 348, 355, 465, 477, 478, 479, 481, 482, 483, 488, 565, 578, 598, 611, 625, 640, 651, 655, 674, 678.
CARVALHO, Vicente de: 723, 724.
CASAL, Aires do: 263.
CASTELEIRO, João Malaca: 275, 523.

CASTILHO, A. F. de: 521, 686.
CASTILHO, Ataliba T. de: 398.
CASTRO, E. de: 249, 297, 343, 354, 565, 712, 715.
CASTRO, Fernanda de: 135.
CASTRO, Ferreira de: 235, 244, 314, 326, 327, 346, 351, 374, 379, 380, 384, 475, 482, 488, 502, 508, 513, 521, 528, 558, 578, 627, 629, 642.
CAVACAS, A. d'Almeida: 198.
CELA, Claudino: 398.
CHERVEL, A.: 151.
CHING, L.: 98, 128.
CINTRA, L. F. Lindley: 24, 30, 299.
CINTRA, M. A. Valle: 24.
COELHO, F. Adolfo: 450.
COELHO, Jacinto do Prado: 254, 504.
COELHO NETTO: 232, 295, 315, 320, 323, 330, 364, 502, 525, 565, 580, 584, 588, 669, 672.
COLLINDER, B.: 19.
COMODIANO: 719.
CONDÉ, J.: 147, 153, 276, 483, 503.
CORREIA, J. da Silva: 711.
CORREIA, J. de Araújo: 247, 253, 361, 368, 472, 524, 580, 612, 621.
CORREIA, R.: 215, 290, 328, 341, 518, 560, 561, 643, 721, 728.
CORTESÃO, J.: 215, 230, 231, 297, 362, 465, 583, 592, 601.
COSERIU, E.: 17, 21, 398.
COSTA, Hipólito José da: 263.
COSTA, C. M. da: 239.
COUTO, Ribeiro: 135, 143, 314, 337, 344, 347, 381, 529, 543, 559, 577, 642, 663.
CRULS, G.: 349, 591.
CULIOLI, Antoine: 398.
CUNHA, C.: 19, 22, 35, 450, 690.
CUNHA, E. da: 248, 290, 329, 334, 341, 551, 578.

D

DANTE: 720.
DAVID, Jean: 398.
DELATTRE, P.: 41.
DELILLE, K. Heinz: 156.
DENIS, D.: 629.
DEODATO, A.: 236.
DESCLÉS, J.-P.: 398.
DESSAINTES, Maurice: 645.
DEUS, J. de: 303, 325, 698, 713, 715.
DIAS, Epifânio da Silva: 161, 303.
DIAS, Gonçalves: 22, 65, 155, 284, 299, 300, 365, 471, 473, 520, 551, 658, 698, 713, 721.
DÍAZ, G. Verdín: 656.
DIETRICH, W.: 24.
DIOMEDES: 73.
DOURADO, Autran: 134, 147, 155, 160, 227, 331, 475, 482, 534, 542, 648, 680.
DUBOIS, J.: 97, 153.

E

EGEA, Esteban Rafael: 552.
ÊNIO: 718.
ERNOUT, Alfred: 718.
ESKÉNAZI, A.: 217.
ESPANCA, F.: 157, 174, 176, 215, 216, 233, 250, 295, 297, 322,329, 330, 334, 368, 370, 477, 501, 509, 515, 523, 596, 640, 643, 666, 674, 676,703, 728.
ESPINEL, Vicente: 726.

F

FALCÃO, C.: 553.
FANT, C. G. M.: 41.
FARIA, I. Hub: 482.
FERREIRA, A.: 552.
FERREIRA, M.: 378, 379, 576.
FERREIRA, V.: 254, 476, 498, 502, 509, 523, 529, 537, 544, 556, 561, 577, 585, 633, 651.
FIGUEIREDO, J. de: 334.
FLAUBERT: 656.
FLODSTRÖM, I.: 20.
FONSECA, Branquinho da: 148, 164, 166, 219, 230, 241, 252, 284, 555, 581, 586, 587, 591, 601, 671, 673.
FONSECA, M. da: 140, 558, 559, 565, 579, 583, 590, 591, 624.
FONSECA, R.: 165, 512, 678.

FONTES, Hermes: 689, 706.
FRANCO, A. A. de Melo: 157, 582, 591, 677.
FREYRE, G.: 677.

G

GALICHET, Georges: 174.
GARRETT, Almeida: 283, 341, 349, 506, 541, 549, 552, 553, 713.
GENGOUX, J.: 19.
GIL, A.: 166, 602, 611, 691.
GILI Y GAYA, Samuel: 282.
GONZAGA, T. A.: 375.
GONZÁLEZ OLLÉ, F.: 105.
GRAÇA, Heráclito: 368.
GRAMMONT, Maurice: 695, 707.
GROSS, Maurice: 398.
GUERRA DA CAL, Ernesto: 562, 644.
GUERREIRO, Miguel do Couto: 686.
GUIMARAENS, A. de: 157, 173, 229, 233, 290, 295, 320, 367, 379, 471, 694, 701, 712, 716.
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus: 720.
GUIMARÃES, B.: 527.

H

HAKAMIES, R.: 104.
HAMPEJS, Zdenek: 504.
HASSERLOT, B.: 104.
HEAD, B. F.: 59.
HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro: 710.
HERCULANO, A.: 149, 279, 313, 476, 505, 512, 518, 526, 528, 530, 542, 646.
HJELMSLEV, Louis: 531.
HOEPELMAN, J.: 398.
HOLANDA, Aurélio Buarque de: 366.
HONWANA, L. B.: 139, 141, 303, 578, 581, 589, 592, 625, 659.
HORÁCIO: 720.
HUBER, Joseph: 302.
HUGO, Vítor: 707.
HUIDOBRO, Vicente: 282.

I

IORDAN, I.: 126.

J

JAKOBSON, R.: 21, 41.
JARDIM, L.: 143, 167, 168, 362, 465, 491, 492, 506, 556, 563, 566, 603, 628.
JESPERSEN, O.: 20, 655.
JUCÁ, C.: 119.
JUNQUEIRO, Guerra: 154, 326, 485, 705, 711.

K

KALEPKY, T.: 655.
KAHN, Gustave: 709.
KLUM, Arne: 398.
KURY, Adriano da Gama: 596.

L

LABAN, M.: 35.
LACERDA, Armando de: 189.
LAFORGUE, Jules: 709.
LAPA, Rodrigues: 562, 596, 598.
LAPESA, R.: 217.
LAROCHETTE, Joe: 398.
LEAL, Gomes: 707, 724.
LEITE, C. Coelho Pereira: 598.
LERCH, E.: 655.
LESSA, Luís Carlos: 545, 547.
LIDA, Raimundo: 250.
LIMA, A. Amoroso: 224, 251, 630, 652.
LIMA, Augusto de: 706.
LIMA, G. França de: 179, 376, 484.
LIMA, J. de: 218, 368.
LIMA, M. de Sousa: 542.
LIMA, Rocha: 596, 644.
LINS, O.: 350, 383, 543, 577, 626, 650, 654, 674, 682.
LISBOA, I.: 160.
LISPECTOR, C.: 139, 148, 158, 164, 166, 225, 230, 257, 368, 370, 488, 522, 534, 541, 546, 550, 643, 655.
LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro: 409.
LOBATO, Monteiro: 222, 349, 466, 469, 506, 524, 553, 583, 619.
LOMBARD, A.: 217.
LOPES, B.: 535, 679, 714.
LOPES, M.: 544, 577, 580, 587, 604, 641.

LOPES NETO, Simões: 135, 220, 274, 283, 347, 366, 469, 514, 536, 592, 602, 674, 676.
LÓPEZ, Maria Luísa: 572.
LORCK, E.: 655.
LOSA, I.: 252.
LUÍS, A. Bessa: 135, 136, 138, 142, 144, 150, 152, 360, 383, 393, 463, 483, 487, 519, 524, 542, 546, 550, 566, 602, 614, 616, 649, 650, 653, 654.

M

MAÇÃS, D.: 105.
MACEDO, J. M. de: 384.
MACHADO, A. de Alcântara: 214, 352, 384, 661, 679.
MACHADO, A. M.: 143, 155, 166, 168, 223, 244, 252, 262, 284, 295, 324, 326, 327, 352, 354, 369, 465, 494, 505, 541, 549, 579, 583, 584, 612, 634, 636, 637, 651, 671, 675.
MACHADO, M. T. da Matta: 42.
MACLENNAN, L. Jenaro: 398.
MAGALHÃES, A.: 321.
MALKIEL, Y.: 103.
MALMBERG, B.: 19.
MANOLIU, M.: 128.
MARGARIDO, A.: 583.
MARIANO, O.: 322, 358, 491.
MARICÁ, marquês de: 167, 357, 358, 621.
MARTIN, Robert: 398.
MARTINET, A.: 128.
MARTINS, Maria Raquel Delgado: 41-42, 189.
MATEUS, M. H. Mira: 50.
MATOS, Gregório de: 721, 725.
MAURER JR., Theodoro Henrique: 105, 500, 504.
MAURO, T. de: 16.
MEIER, Harri: 561.
MEILLET, A.: 16.
MEIRELES, C.: 91, 178, 240, 312, 315, 327, 328, 329, 343, 369, 370, 497, 502, 507, 518, 526, 603, 635, 659, 680, 701, 722.
MELO, D. F. M. de: 350.
MELO NETO, J. Cabral de: 216, 497, 585.
MENDES, M.: 512, 517.
MENDES, Odorico: 364.
MENDES, O.: 160, 227, 284, 318, 495, 550.
MESCHONNIC, Henri: 685, 710.
MESQUITA, M.: 156.
MEUNIER, J. M.: 719.
MEYER, A.: 224, 225, 342, 372, 393, 473, 480, 510, 521, 598, 604, 621, 630, 636.
MIGUÉIS, J. Rodrigues: 311, 546, 548.
MIRANDA, Sá de: 725.
MOIGNET, Gérard: 398, 487.
MOLHO, Maurice: 504.
MONTEIRO, Sttau: 313, 327, 338, 470, 474, 497, 564, 669, 670.
MONTELLO, J.: 134, 136, 140, 141, 158, 170, 180, 233, 236, 238, 243, 331, 511, 514, 535, 566, 582, 614.
MOOG, Vianna: 155, 157, 159, 165, 547.
MORAIS BARBOSA, J.: 50.
MORAIS, V.: 65, 141, 175, 176, 217, 230, 317, 586, 644.
MORÉAS, Jean: 709.
MOREIRA, T. Martins: 476, 519, 563.
MORIER, Henri: 710.
MOUNIN, George: 396.
MOURA, E.: 498, 582, 607, 621.
MOURÃO-FERREIRA, D.: 140, 157, 495, 517, 579, 591.

N

NABUCO, J.: 516.
NAMORA, F.: 144, 147, 153, 158, 161, 165, 168, 170, 177, 214, 225, 231, 232, 241, 257, 283, 289, 296, 310,324, 327, 337, 339, 340, 344, 351, 352, 369, 470, 478, 484, 485, 508, 512, 516, 520, 526, 535, 536, 539, 541, 544, 550, 561, 576, 579, 589, 596, 611, 615, 634, 636, 647, 654, 659, 661, 663, 669, 673.
NÁÑEZ FERNÁNDEZ, E.: 105.
NASCENTES, A.: 32, 33, 542, 575.
NAVA, P.: 169, 228, 244, 587, 591.
NAVARRO TOMÁS, T.: 183, 693, 710.
NAVAS RUIZ, Ricardo: 397.
NEF, Fréderic: 398.
NEGREIROS, Almada: 145, 171, 284, 337, 348, 378, 379, 381, 466, 522, 525, 538, 555, 560, 595, 601, 623, 647, 665, 677, 678, 680.

NEJAR, C.: 511.
NEMÉSIO, V.: 134, 153, 167, 169, 178, 273, 295, 300, 375, 479, 510, 584, 585, 603, 604, 608, 609, 625, 630, 652.
NOBRE, A.: 135, 166, 175, 220, 229, 233, 237, 243, 258, 292, 334, 338, 344, 349, 358, 361, 365, 477, 491, 518, 563, 566, 617, 621, 679, 703, 711.
NÓBREGA, Mello: 711.
NOGUEIRA, R. Sá: 38.
NOREEN, A.:19, 20.
NYROP: 500.

O

OITICICA, José: 523, 566.
OLÍMPIO, D.: 477, 579.
OLIVEIRA, A. Corrêa d': 247, 378, 473.
OLIVEIRA, A. de: 316, 525, 642, 658, 706, 715.
OLIVEIRA, C. de: 141, 146, 148, 151, 159, 164, 168, 213, 226, 277, 279, 322, 368, 375, 380, 393, 491, 496, 505, 527, 536, 541, 588, 589, 602, 604, 611, 617, 620, 659.
OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de: 217, 273, 353, 562.
O'NEILL, A.: 180.
OSÓRIO, Cochat: 469, 474, 636, 670.

P

PAIVA, Maria Helena de Novais: 562.
PALMÉRIO, M.: 137, 171, 276, 315, 316, 348, 350, 364, 476, 507, 549, 655, 656.
PARIS, Gaston: 719.
PASCOAES, Teixeira de: 133, 218, 368, 370, 472, 473, 573, 584, 588, 636, 658.
PASSOS, Guimarães: 283, 335, 336, 488.
PASSOS, Soares de: 641.
PATRÍCIO, A.: 272.
PEDERNEIRAS, M.: 347.
PEIXOTO, A.: 151, 214, 243, 308, 325, 380, 466, 482, 581, 597.
PENA FILHO, C.: 355.
PENA, Martins: 496.
PEPETELA: 350, 475, 515, 577, 580, 582, 588, 628.
PEREIRA, E. C.: 646.
PEREIRA FILHO, E.: 564.
PESSANHA, C.: 318, 492, 533, 636, 643, 683, 694, 704, 705, 727, 728.
PESSOA, F.: 136, 139, 148, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 177, 178, 179, 221, 223, 233, 284, 302, 310, 311, 316, 317, 335, 341 346, 352, 355, 359, 360, 362, 364, 365, 372, 373, 380, 462, 469, 472, 481, 491,498, 511, 517, 520,551, 597, 616, 618, 620, 622, 629, 630, 638, 640, 641, 674, 676, 677, 682, 709, 712, 721, 723, 725.
PIEL, Joseph M.: 450.
PINCHON, J.: 216.
PIÑON, N.: 139, 140, 146, 149, 157, 213, 361, 482, 487, 517, 537, 540, 547, 577, 578, 611, 618, 626, 654.
PIRES, J. Cardoso: 157, 173, 377, 381, 412, 476, 548, 614, 679.
PISANÇON, Albéric de: 708.
POMPEIA, R.: 149, 152, 214, 315, 328, 372, 589, 590, 636.
PONTES, Eunice: 409.
POTTIER, Bernard: 398, 556, 561, 572, 573.
PRADO, E.: 548.

Q

QUEIRÓS, D. Silveira de: 495, 526, 527, 547.
QUEIRÓS, Eça de: 246, 305, 323, 329, 338, 339, 375, 378, 525, 554, 591 653, 654, 659, 682.
QUEIRÓS, R. de: 150, 524, 525, 612.
QUENTAL, A. de: 160, 173, 177, 178, 180, 226, 236, 276, 300, 328, 357, 368, 369, 381, 462, 480, 525, 528, 533, 566, 600, 615, 626, 680.
QUILIS, A.: 68, 696.
QUINTANA, M.: 359, 640.

R

RAMOS, G.: 135, 141, 144, 171, 172, 178, 219, 258, 282, 283, 308, 321, 329, 330, 344, 353, 358, 369, 373, 376, 378, 463, 471, 472, 473, 477, 485, 498, 508, 509, 512, 533, 541, 545, 554, 575, 594, 597, 600, 601, 603, 610, 622, 652, 654, 672.

RANGEL, A.: 341.
RAPOSO, Eduardo Paiva: 409.
REBELO, Marques: 73, 182, 188, 366, 463.
REDOL, Alves: 139, 147, 154, 167, 172, 214, 235, 245, 277, 313, 315, 326, 328, 330, 337, 341, 346, 353, 366, 372, 375, 377, 477, 492, 501, 514, 516, 522, 538, 540, 543, 545, 578, 581, 584, 589, 634, 635, 673, 675.
RÉGIO, J.: 155, 157, 292, 295, 299, 314, 315, 320, 322, 324, 340, 474, 494, 540, 546, 551, 556, 603, 626, 645, 647, 700.
RÉGNIER, Henri de: 709.
REGO, J. Lins do: 144, 164, 171, 181, 214, 229, 236, 246, 247, 249, 257, 277, 308, 311, 314, 316, 331, 339, 340, 345, 351, 353, 358, 377, 379, 459, 471, 483, 485, 495, 497, 501, 513, 516, 519, 524, 529, 536, 537, 538, 542, 545, 547, 552, 575, 589, 599, 620, 629, 639, 644, 646, 660, 666.
REGULA, M.: 217.
RENAULT, A.: 148, 582.
RESENDE, A. C.: 637.
RESENDE, O. Lara: 487, 494, 504, 505, 510, 533, 536, 614, 615, 619, 643, 647, 659.
REY, A.: 102.
RIBAS, Ó.: 327, 338, 354, 474, 477, 500, 660, 661, 669, 671, 672.
RIBEIRO, A.: 136, 142, 165, 169, 173, 179, 181, 214, 234, 240, 245, 246, 272, 274, 296, 304, 308, 317, 326, 328, 329, 341, 348, 352, 358, 377, 383, 459, 499, 504, 506, 510, 511, 516, 524, 530, 536, 537, 543, 544, 549, 560, 564, 574, 576, 595, 601, 619, 634.
RIBEIRO, J.: 32, 248, 253, 468, 513, 515, 529, 553, 596, 611, 662.
RIBEIRO, Joaquim: 524.
RIBEIRO, O.: 30.
RIBEIRO, T.: 716.
RICARDO, Cassiano: 161, 696.
RIO BRANCO, barão do: 340.
ROBERT, C.-M.: 467.
RODRIGUES, José Maria: 504.
RODRIGUES, U. Tavares: 227, 229, 233, 241, 262, 312, 315, 319, 324, 325, 344, 353, 369, 518, 520, 534, 538, 543, 544, 575, 578, 579, 581, 588, 590, 593, 625.
ROHRER, C.: 398.
ROSA, Guimarães: 141, 273, 303, 465, 509, 535, 555, 561, 608, 633, 650, 654.
ROSENBLAT, A.: 19.
ROSSI, N.: 32.
RUBIÃO, M.: 168, 178.
RUIPÉREZ, Martín S.: 398.

S

SABINO, F.: 337, 375, 468, 488, 553, 556, 589, 600, 625, 679.
SÁ-CARNEIRO, M. de: 170, 250, 324, 468, 471, 495, 499, 637.
SAINT-CLOUD, Pierre de: 706, 708.
SALES, H.: 272, 303, 487, 548, 550.
SANTARENO, B.: 169, 218, 229, 311, 314, 315, 320, 325, 326, 370, 373, 492, 513, 646.
SANTOS, A.: 351, 377, 506, 555, 579, 581, 582, 584, 592, 663, 669.
SARAMAGO, J.: 181, 339, 347, 509, 628, 661, 664.
SAUSSURE, F. de: 16.
SCHMIDT, A. F.: 153, 172, 179, 181, 239, 245, 248, 253, 257, 277, 289, 315, 329, 337, 374, 412, 496, 502, 521, 534, 543, 544, 594, 596, 624, 635, 660.
SEBEOK, T. A.: 21.
SENA, J. de: 351, 477, 643, 663, 667, 679, 682.
SÉRGIO, A.: 135, 140, 357, 519, 677.
SILVA, B. Lopes da: 330.
SILVA, Da Costa e: 134, 135, 149, 716.
SILVA, M. H. Santos: 24.
SILVA NETO, S. da: 23, 340, 680.
SILVA, Rebelo da: 222, 468, 534, 565, 628.
SILVEIRA, Sousa da: 73, 217, 302, 377, 582, 598, 619, 681.
SILVEIRA, T. da: 139, 475, 528.
SKORGE, S.: 104, 212.
SLAMA-CASACU, T.: 15, 16.
SOARES, Ó.: 538, 539.
SOBEJANO, Gonzalo: 262.
SOROMENHO, Castro: 147, 160, 180, 213, 272, 339, 345, 353, 372, 374, 380, 478, 499, 501, 505, 512, 514, 537, 539, 540, 542, 558, 559, 563, 564, 567, 581, 583, 584, 587, 592, 637, 650, 654, 660, 662, 664, 672, 675.
SOUSA, Cruz e: 533, 684, 719.
SPENSER, Edmund: 729.

SPITZER, Leo: 250, 655.
STAHL, Gérold: 398.
STEN, Holger: 504.

T

TAUNAY, visconde de: 180.
TAVARES, A.: 360, 367.
TELLES, L. Fagundes: 166, 169, 226, 227, 276, 284, 484.
TENREIRO, F. J.: 481, 659.
TOGEBY, Knud: 504.
TORGA, M.: 143, 151, 154, 162, 167, 172, 223, 228, 231, 234, 239, 261, 296, 301, 303, 321, 329, 333, 337, 342, 348, 351, 352, 354, 355, 356, 361, 362, 367, 370, 371, 377, 380, 463, 465, 466, 467, 468, 471, 473, 481, 483, 484, 494, 497, 510, 520, 524, 547, 548, 551, 553, 556, 561, 574, 576, 580, 582, 583, 590, 594, 597, 599, 601, 602, 603, 604, 614, 615, 619, 620, 622, 627, 630, 639, 641, 646, 674.
TORT, Lambert le: 706, 708.
TRIGO, S.: 35.
TRIGUEIROS, L. Forjaz: 254.
TUTESCU, M.: 217.

V

VALERIUS, Julius: 708.
VARELA, Fagundes: 317, 366, 497, 628, 641, 717.
VARNHAGEN, F. A.: 298.
VARRÃO: 22.
VASCONCELOS, J. Leite de: 24, 678.
VELA, F.: 20.
VERGÍLIO: 718.
VERHAEREN, Emile: 709.
VERÍSSIMO, É.: 139, 143, 145, 147, 166, 168, 215, 227, 244, 248, 251, 331, 339, 376, 485, 551, 558, 567, 600, 620, 629, 653, 665, 669, 670, 672, 677, 678, 682.
VICENTE, GIL: 712.
VIEIRA, Luandino: 35, 135, 167, 179, 301, 304, 308, 315, 328, 331, 333, 344, 351, 356, 365, 379, 467, 492, 499, 500, 510, 520, 537, 543, 554, 555, 560, 583, 585, 590, 627, 633, 634, 635, 637, 643, 646, 648, 659, 661, 670.
VIELÉ-GRIFFIN, Francis: 709.
VITA, Nicola: 655, 656.
VITORINO, V.: 376.

W

WAGNER, M. L.: 104.
WAGNER, R. L.: 216.
WHITMAN, Walt: 709.
WILMET, Marc: 398.

X

XAVIER, Fontoura: 351.

Z

ZEMB, Jean-Marie: 398.
ZOLA, E.: 651, 656.

Índice de assuntos

A

ABREVIAÇÃO VOCABULAR: 130.
ABSTRATOS (substantivos): 191, 192.
ABUNDANTES (verbos): 456-457.
ACENTO: 67-75, 78-79; tônico, 67-75; classificação das palavras quanto ao acento tônico, 69-70; pronúncia culta, 70-71; valor distintivo do acento tônico, 71; acento principal, 71-72; acento secundário, 71-72; grupo acentual (ou de intensidade), 72; ênclise e próclise, 73; de insistência, 73; afetivo, 74; intelectual, 74-76; agudo, 78; grave, 78; circunflexo, 79; regras de acentuação gráfica, 84-88.
ACENTUAÇÃO GRÁFICA: 84-88.
ADJETIVO: 91-92, 259-288; definição, 259; adjetivo de relação, 259-260; nome substantivo e nome adjetivo, 260; substantivação do adjetivo, 260; substitutos do adjetivo, 261-262; morfologia dos adjetivos, 262-275; pátrios, 262; pátrios brasileiros, 262-263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263-264; gentílicos, 262; flexões dos adjetivos, 264-275; número, 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; gênero, 265-268; formação do feminino, 266-267; adjetivos uniformes, 267-268; feminino dos adjetivos compostos, 268; graus do adjetivo, 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268-269; de inferioridade, 268-269; comparativo anômalo, 274-275; superlativo, 268-269; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269-270, 273-274 de superioridade, 268-269; de inferioridade, 268-269; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; funções sintáticas do adjetivo, 275-278; adjunto adnominal, 275-278; predicativo do sujeito, 276-278, 281-282; predicativo do objeto direto, 276, 277; predicativo do objeto indireto, 277; emprego adverbial do adjetivo, 278-279; valor estilístico do adjetivo, 279-280; colocação do adjetivo adjunto adnominal, 280-282; epíteto retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282-283; epíteto de natureza, 275, 639-640; epíteto característico, 281; outras formas de realce do adjetivo, 282-283; concordância do adjetivo com o substantivo, 284-288; adjetivo referente a um substantivo, 284-285; adjetivo referente a mais de um substantivo, 284-287; silepse de gênero, 646-647.
ADJUNTO: adnominal, 164-165; adverbial, 165, 166-169; classificação dos adjuntos adverbiais, 166-169.

ADVÉRBIO: 91-92, 555-567; advérbios que não se flexionam em grau, 565; classificação, 544-557; colocação, 559-561; diminutivo com valor superlativo, 565; gradação, 562-565; interrogativo, 557-558; locução adverbial, 558-559; palavras denotativas, 554-555; relativo, 558; repetição do advérbio, 565; repetição de advérbios em *-mente*, 561.
AFÉRESE: 692.
AFETIVO (acento): 74, 75.
AFIXO: 93-94.
AGENTE DA PASSIVA: 161-163; transformação de oração ativa em passiva, 162-163.
AGLUTINAÇÃO: 119-120.
ALEXANDRINO (verso): 706-708.
ALFABETO: 77.
ALFABETO FONÉTICO: 42-44.
ANÁSTROFE: 641.
ANACOLUTO: 644-645.
APARELHO FONADOR: 37-40.
APÓCOPE: 692-693.
APOSTO: 163, 169-174; valor sintático do aposto, 171-173; aposto e predicativo, 173-174.
APÓSTROFO: 79.
ARTIGO: 91-92, 219-258; definido, 219-250; formas simples, 220-221; formas combinadas, 221-223; crase, 221-222; valor determinativo, 224-225; empregos, 226-247; com os substantivos comuns, 226-237; como demonstrativo, 226-227; pelo possessivo, 227-228; antes dos possessivos, 228-230; emprego genérico, 230-231; em expressões de tempo, 231-234; com expressões de peso e medida, 234; com a palavra *casa*, 234; com a palavra *palácio*, 235; com o superlativo relativo, 236-237; com os nomes próprios, 237-243; com os nomes de pessoas, 238-240; com os nomes geográficos, 240-243; com os nomes de obras literárias e artísticas, 243; casos especiais, 243-247; antes da palavra *outro*, 243-244; depois da palavra *ambos* e *todos*, 244-247; repetição do artigo, 247-249; com substantivos, 247-248; com adjetivos, 248-249; omissão do artigo, 249-250; indefinido, 219, 251-258; formas combinadas, 223-224; valor, 225; emprego, 251-254; com os substantivos comuns, 251-253; com os nomes próprios, 253-254; omissão do artigo, 254-258; em expressões de identidade, 255-256; em expressões comparativas, 256; em expressões de quantidade, 256-257; com substantivo denotador de espécie, 257; nas enumerações, 257; nos opostos, 257-258.
ASSÍNDETO: 642-643.
ASPAS: 676-679.
ASPECTO (verbal): 396-398.

B

BISESDRÚXULA (acentuação): 69.
BILABIAIS (consoantes): 53, 55, 58-59.

C

CARDINAIS: 383-391; cardinal como indefinido, 387; emprego da conjunção *e* com os cardinais, 387; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 384-386; quadro, 390-391; valores e empregos, 386-387.
CAVALGAMENTO (*emjambement*); 694-696.
CEDILHA: 79.
CESURA: 693-694.
CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS: 45-60.
CLIQUE: 38.
COLCHETES: 681.
COLETIVOS (substantivos): 192-194.
COLOCAÇÃO: do adjetivo adjunto adnominal, 280-281; do epíteto retórico, 282; dos termos da oração, 176; inversões de natureza estilística, 176-177; ordem direta e inversa, 176; inversões de natureza gramatical, 177-181; inversão verbo + sujeito, 177-180; inversão predicativo + verbo, 181; posição das conjunções coordenativas adversativas, 595-596; posição das conjunções coordenativas conclusivas, 596; do advérbio, 559-561; colocação dos pronomes átonos, 323-332; colocação dos pronomes átonos no Brasil, 330-332.
COMBINAÇÃO: contração de pronomes átonos, 322-323; de preposição com artigo, 221-224.

COMPARATIVO (grau): 268, 269, 274, 275.
COMPLEMENTO: nominal, 153-154; verbal, 154-163 (ver também: objeto direto, objeto indireto e agente da passiva).
COMPOSIÇÃO: 96, 97, 119-129; tipos de, 119-122; compostos eruditos, 122-129; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; recomposição, 127-129; hibridismo, 129-130.
COMUM (substantivo): 192-193.
CONCORDÂNCIA: do adjetivo com o substantivo, 284-288; do pronome possessivo, 333-334; verbal, 510-530.
CONCRETO (substantivo): 192.
CONJUGAÇÕES: 401-402; conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, 413-416; verbos regulares, 419; voz passiva, 419-421; verbo reflexivo, 422-427; verbos irregulares, 427-456; abundantes, 456-457; impessoais, 457, 458; unipessoais, 458-459; defectivos, 457, 460-461.
CONJUNÇÕES: 91, 593-604; coordenativas: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas, 594, 595; posição das conjunções coordenativas, 595-596; valores particulares, 596-599; subordinativas: causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, consecutivas, comparativas integrantes, conformativas, proporcionais, 600-604; polissemia conjuncional, 604; locução conjuntiva, 604.
CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA: 16-18.
CONSOANTE: 45, 53-60, 64-66; classificação, 53-60; modo de articulação, 54-55; ponto de articulação, 55-56; papel das cordas vocais, 56; papel das cavidades bucal e nasal, 57; quadro das consoantes, 57-59; posição das consoantes, 59-60; encontros consonantais, 64-66; consoante de ligação, 95.
CONSONÂNCIA: 711.
CONSTRITIVAS (consoantes): 53-55.
CONTRE-REJET: 707.
COORDENAÇÃO: 609, 610-612; oração coordenada assindética, 610; orações coordenadas sindéticas: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612.
CORDAS VOCAIS: 40; papel das cordas vocais, 56.
CORREÇÃO: 19-22.
CRASE: 221-223 (ver também: emprego do artigo definido; versificação).
CRIOULO: 23, 34-35; de Ano Bom, 34; de Cabo Verde, 35; de Cananor, 35; de Casamance, 35; de Chaul, 35; de Cochim, 35; de Guiné-Bissau, 35; de Korlai, 35; de Macau, 35; de Malaca, 35; de Príncipe, 34; de São Tomé, 35; de Tellicherry, 35; de Tugu, 35; de Sri-Lanka, 35.

D

DECASSÍLABO (verso): 703-705.
DÉCIMA: 725-726.
DEFECTIVOS (verbos): 457, 460-461.
DEMONSTRATIVO (pronome): 342-356; diversidade de emprego, 345-346; formas, 343; *o(s)*, *a(s)* como demonstrativo, 354-355; posição do pronome adjetivo demonstrativo, 347-349; reforço, 350; substitutos dos pronomes demonstrativos, 355-356; valores afetivos, 350-354; valores gerais, 343-345.
DERIVAÇÃO: 96, 97-119; prefixal, 97-102; sufixal, 102-116; parassintética, 116; regressiva, 117-118; imprópria, 118-119.
DESINÊNCIA: 92-93.
DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 41-42.
DIALETO: 18-19; dialetos galegos, 24-25, 26, 29, 30; portugueses setentrionais, 24, 25, 29; portugueses centro-meridionais, 24, 29, 30; das ilhas atlânticas, 31; brasileiros, 31-34.
DIASSISTEMA: 17-18.
DIÉRESE: 63.
DÍGRAFO: 65-66.
DISCURSO: 15-16, 649-656; características do discurso direto, 650-651; características do discurso indireto, 652-653; características do discurso indireto livre, 656; discurso direto, 649-651; discurso indireto, 651-653; discurso indireto livre, 655-656; transposição do discurso direto para o indireto, 653-654.
DISSÍLABO: 67; verso, 697.

DÍSTICO: 719.
DITONGO: 60-62.
DIVERSIDADE GEOGRÁFICA: 18-19, 23-35 (ver também: variações diatópicas).
DODECASSÍLABO (verso): 706-708.
DOIS PONTOS: 669-670.

E

ECTLIPSE: 688-689.
ELIPSE: 633-637; sujeito e predicado elípticos, 137.
ELISÃO: 687, 688, 689.
ÊNCLISE: 73, 74, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330.
ENCONTROS: vocálicos, 60-64; intraverbais e interverbais, 63-64; consonantais, 64-65 (ver também: sinérese, diérese, crase, sinalefa, elisão).
ENEASSÍLABO (verso): 702-703.
ENTOAÇÃO ORACIONAL: 181-189; grupo acentual, 182; grupo fônico, 182; oração declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; interrogação direta e indireta, 186-187; exclamativa, 187-188.
ENJAMBEMENT (ver: cavalgamento).
ENUMERAÇÃO CAÓTICA: 250.
EPÍTETO: retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282; epíteto de natureza, 282, 639-640; epíteto característico, 282.
ERRO: 20-21.
ESTILO: 15-16; valor estilístico do adjetivo, 279-280.
ESTROFAÇÃO: 719-729.
ESTROFE: 696-727; décima, 725-726; dístico, 719; livre, 727; de nove versos, 725; oitava, 723-725; quadra, 720; quintilha, 720-721; de sete versos, 722-723; sextilha, 721-722; simples, 727; composta, 727; terceto, 720.
ESTRUTURA: das palavras, 92-95; do verbo, 402-403; do verso, 685-696.

F

FALAR: 18-19.
FAMÍLIAS DE PALAVRAS: 96.
FIGURAS DE SINTAXE: 633-648; anacoluto, 644-645; anástrofe, 641; assíndeto, 642-643; elipse, 633-637; hipérbato, 641; objeto pleonástico, 640-641; pleonasmo, 639-640; polissíndeto, 643-644; prolepse, 642; silepse, 645-648; sínquise, 642; zeugma, 638.
FLEXÃO: dos adjetivos, 264-275; dos artigos, 220-221; dos substantivos, 194-213; dos verbos, 394-401.
FONEMA: 40-41; 89.
FONÉTICA E FONOLOGIA: 37-75; sons da fala, 37, 41; aparelho fonador, 39-40; som e fonema, 40-41; descrição fonética e fonológica, 41-42; fonética acústica, 41; fonética fisiológica, 42; transcrição fonética, 42; transcrição fonológica, 42; alfabeto fonético, 42-44; vogais, 45; classificação das vogais, 45-53; consoantes, 45; classificação das consoantes, 53-60; posição das consoantes, 59-60; semivogais, 45; encontros vocálicos, 60-64; encontros consonantais, 64-65; dígrafos, 65-66; sílaba, 66-67; acento tônico, 67-75.
FRACIONÁRIOS: 372, 385-386, 389-390; emprego, 389-390; flexão, 389-390; quadro, 390-391.
FRASE: 133-135; constituição da frase, 133-134; frase e oração, 134-135.
FRICATIVAS (consoantes): 53, 54, 57-58, 60.
FUNÇÕES SINTÁTICAS: dos adjetivos: 163; adjunto adnominal, 164-165, 275-278; predicativo do sujeito, 148-149, 276-277; predicativo do objeto direto, 160, 276, 277, 278; predicativo do objeto indireto, 277; dos artigos: 164-165; dos substantivos: 213-216; sujeito, 213; predicativo do sujeito, 213; predicativo do objeto direto, 214; predicativo do objeto indireto, 214; objeto direto, 214; objeto indireto, 214; complemento nominal, 214; adjunto adverbial, 215; agente da passiva, 215; aposto, 215; vocativo, 215.
FUTURO: do presente, 395, 407, 472-476; do pretérito, 395, 476-479; do subjuntivo, 395, 489.

G

GÊNERO: dos adjetivos: 265-268; adjetivos uniformes, 265, 267; feminino dos adjetivos compostos, 268; formação do feminino, 266-267; dos substantivos: 202-211; comum de dois gêneros, 210;

epicenos, 209; feminino derivado de radical do masculino, 206-209; formação do feminino, 204-205; gênero vacilante, 211; masculino e feminino de radicais diferentes, 205; masculinos terminados em *a*, 211; mudança de sentido na mudança de gênero, 210; quanto à significação, 203-204; quanto à terminação, 204; sobrecomum, 203; uniforme, 209-210.
GENTÍLICOS: 262.
GERÚNDIO: 395, 407, 408; emprego, 497, 498, 504-508.
GRAU: dos adjetivos: 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268; de inferioridade, 268; comparativo anômalo, 268; superlativo, 268; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269, 273-274; de superioridade, 273; de inferioridade, 273; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; dos substantivos: 206-207; especialização de formas, 207; valor das formas aumentativas e diminutivas, 206-207; dos advérbios: 562-565; grau comparativo dos advérbios, 562; grau superlativo dos advérbios, 562-563; outras formas de comparativo e superlativo, 563-565; diminutivo com valor superlativo, 565; advérbios que não se flexionam em grau, 565.
GRUPO: acentual, 182; fônico, 182; grupo fônico e unidade melódica, 182-183; grupo fônico e a oração, 183-189.

H

HEMISTÍQUIO: 706.
HENDECASSÍLABO (verso): 705-706.
HEPTASSÍLABO (verso): 700-701.
HEXASSÍLABO (verso): 699.
HIATO: 49; intervocabular, 689-692.
HIBRIDISMO: 129-130.
HÍFEN: 79-84; emprego do hífen, 80-84; nos compostos, 80-81; na prefixação, 81-82; com o verbo *haver*, 82; na separação de sílabas, 82-84.
HIPÉRBATO: do indicativo: 403-404; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.

I

IMPERFEITO: do indicativo: 403-405; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.
IMPESSOAIS (verbos): 457-458.
INDEPENDENTES (orações): 607.
INDEFINIDO: pronome: 370-381; forma, 371; locuções pronominais indefinidas, 371; oposições sistemáticas, 373-374; substantivo e adjetivo, 371-372; valores de alguns indefinidos, 374-381; artigo: 219; emprego do artigo indefinido, 251-254; omissão do artigo indefinido, 254-258.
INDICATIVO (modo): 462-479, 480.
INFINITIVO: 395; impessoal: 407, 496, 497, 498; emprego do infinitivo impessoal, 498-502; pessoal: 407; emprego do infinitivo pessoal, 498, 499, 502-503; emprego distintivo das formas flexionadas e não flexionadas, 499; orações reduzidas de infinitivo, 626-628.
INTEGRANTES: termos da oração, 152-163; conjunções, 600, 603.
INTENSIDADE: acento, 67-68; grupo, 72; advérbio, 555, 557.
INSISTÊNCIA (acento de), 73.
INTELECTUAL (acento): 74, 75.
INTERJEIÇÃO: 605-606; classificação, 605; locução interjectiva, 605-606.
INTERROGAÇÃO (ponto de): 670-671; interrogação direta e indireta, 186-187.
INTERROGATIVO: pronome: 366-370; emprego exclamativo dos interrogativos, 370; flexão, 367-368; forma, 367; valor e emprego, 367-370; advérbio: 557-558.
INTRANSITIVO (verbo): 146.
IRREGULARIDADE VERBAL: 427-457; irregularidade verbal e discordância gráfica, 428; verbos com alternância vocálica, 429-436.
INVARIÁVEIS (palavras): 92.
INVERSÃO DOS TERMOS DA ORAÇÃO: 176-182.
ITÁLICO: 658.
ISOSSILABISMO: 708-709.

J

JUSTAPOSIÇÃO: 119-122.

L

LETRA: 77-78.
LIGAÇÕES RÍTMICAS: 687-688 (ver também: crase, ectlipse, elisão, sinalefa).
LÍNGUA: 15-16, 23; unidade, 23.
LINGUAGEM: 15-16; linguagem monolítica, 21-22; culta, 22; média, 22; popular, 22; poética, 22; da prosa, 22.
LINHA MELÓDICA (função oracional): 188-189.
LIMITES DO VERSO: 686-687.
LOCUÇÕES: adverbiais, 558-559; conjuntivas, 604; interjectivas, 605-606; prepositivas, 570; pronominais, 371; verbais, 134-135.

M

MAJESTADE (plural de): 298-299.
MELÓDICOS (sinais): 657, 668-683.
MODÉSTIA (plural de): 297-298.
MODO (do verbo): 394; indicativo, 462-479; subjuntivo, 479-490; imperativo, 490-496; sintaxe dos modos, 462-510.
MONOSSÍLABO: 67; verso, 696.
MORFEMA: 90-94; tipos de, 90-91; flexional, 92-93; derivacional, 93-94; lexical, 90-92; gramatical, 90-92.
MUDANÇA DE SENTIDO NA MUDANÇA DE GÊNERO: 210.
MULTIPLICATIVOS: 383, 384, 385, 389; emprego, 389; flexão, 385; quadro, 391.

N

NEGRITO (sinal de): 658.
NOME: adjetivo, 260-261; substantivo, 260.
NOMINAL: complemento, 153-154; predicado, 146-149; sufixo, 102-103.
NOTAÇÕES LÉXICAS: 78-80.
NORMA: 21-22.
NUMERAIS: 383-390; cardinais, 383, 384, 385, 386-388; fracionários, 383, 385-386; multiplicativos, 383, 384, 385, 389; ordinais, 383, 384, 385, 387-389.
NÚMERO: dos adjetivos: 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; dos substantivos: 194-202; formação, 194-202; plural dos compostos, 201-202; plural com alteração de timbre da vogal tônica, 197-198; plural dos diminutivos, 200; plural dos substantivos terminados em consoante, 199-200; substantivos terminados em vogal ou ditongo, 195-197; substantivos de um só número, 201.

O

OBJETO: direto: 154-157; objeto direto preposicionado, 156; objeto direto pleonástico, 156-157; indireto: 157-159; objeto indireto pleonástico, 159; predicativo do objeto, 160-161.
OCLUSIVAS (consoantes): 53, 54, 59-60.
OCTOSSÍLABO (verso): 701-702.
OITAVA: 723-725.
ONOMATOPEIA: 130.
ORAÇÃO: 134-189, 607-631; e período, 135-136; termos essenciais, 136-152; sem sujeito, 143-145; termos integrantes, 152-163; termos acessórios, 163-175; colocação dos termos na oração, 176-181; entoação oracional, 181-189; declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; exclamativa, 187-189; independente, 607; principal, 609; coordenada assindética, 610; coordenada sindética: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612; oração subordinada como termo de outra oração, 612-614; classificação das orações subordinadas, 614; oração subordinada substantiva: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa, apositiva, agente da passiva, 614-615; omissão da integrante *que*, 615; oração subordinada adjetiva, 615-618; adjetivas restritivas e explicativas, 618; oração subordinada adverbial: causal, concessiva, condicional, final, temporal, consecutiva, comparativa, 618-622; orações conformativas e proporcionais, 622-623; reduzida,

623-626; reduzida de infinitivo, 626-628; reduzida de gerúndio, 628-630; reduzida de particípio, 630-631.
ORAIS E NASAIS (sons): 48-53.
ORDEM DIRETA E INVERSA: 176.
ORDINAIS: 383, 385, 386, 387, 388; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 385; quadro, 390-391; valores e empregos, 387-388.
ORTOGRAFIA: 77-88; letra e alfabeto, 77-78; notações léxicas, 78-84; regras de acentuação, 84-88; divergências entre as ortografias adotadas em Portugal e no Brasil, 88.
OSCILAÇÃO DE PRONÚNCIA: 70-71.

P

PALAVRA: 89-131; classes de, 91-92; estrutura da, 92-95; formação de, 96-131; famílias de, 96; denotativa, 566-567; primitiva, 96; derivada, 96; simples, 96; composta, 96.
PALAVRAS DENOTATIVAS: 566-567.
PALATAIS: vogais, 45, 49-52; consoantes, 53, 56-59.
POSTERIORES ou velares (vogais): 45, 49-52.
PARÊNTESES: 679-680.
PARTICÍPIO: 498, 508-510; oração reduzida de particípio, 630-631.
PÁTRIOS: 262-264; pátrios brasileiros, 262, 263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263, 264.
PAUSA (verso): 693-694.
PENTASSÍLABO (verso): 698-699.
PERÍODO: 135-136, 607-631; simples, 135, 607; composto, 136, 607-631; composto por coordenação, 607-608, 610-612; composto por subordinação, 608, 612-631; características da oração principal, 609-610.
PESSOAL (pronome): 290-332; colocação dos pronomes átonos, 323-332; combinações e contrações dos pronomes átonos, 322-323; contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, 303; emprego dos pronomes oblíquos tônicos e átonos, 310-321; emprego do pronome sujeito, 296-297; equívocos e incorreções, 301-303; extensão de emprego dos pronomes retos, 297-300; formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, 291-293; funções dos pronomes retos, 295, 296; omissão do pronome sujeito, 296; realce do pronome sujeito, 300, 301; reflexivo e recíproco, 293-295; pronomes de tratamento, 303-310.
PLEONASMO: 639-640.
PLURAL: dos adjetivos simples e compostos, 265; plural de modéstia e de majestade, 297-299; dos substantivos simples e compostos, 195-202.
POLISSÍNDETO: 643-644.
PONTO: 664-666.
PONTO DE EXCLAMAÇÃO: 671-673.
PONTO DE INTERROGAÇÃO: 670-671.
PONTO E VÍRGULA: 666-668.
PONTUAÇÃO: 657-683; aspas, 676-679; colchetes, 681; dois pontos, 669-670; parênteses, 679-681; ponto, 664-666; ponto de exclamação, 671-673; ponto de interrogação, 670-671; ponto e vírgula, 666-668; reticências, 673-676; vírgula, 658-664; travessão, 682-683.
PORTUGUÊS: de África, 34; de Ásia, 34, 35; da Oceania, 34, 35 (ver também: crioulos).
POSSESSIVO (pronome): 332-342; concordância, 333-334; forma, 333; valor e emprego, 333-342.
PREDICADO: 146-151; nominal, 146-149; verbal, 149-151; verbo-nominal, 151; variabilidade de predicação verbal, 152 (ver também: concordância).
PREFIXO: 98-102; de origem latina, 98-100; de origem grega, 101-102.
PREPOSIÇÃO: 569-592; conteúdo significativo, 572-574; função, 569; locuções prepositivas, 570; relações fixas, 574; relações livres, 575-576; relações necessárias, 574-575; significação, 570-572; simples, 569-570; valor, 576-592; *a*, 576-578; *ante*, 578-579; *após*, 579; *até*, 579-580; *com*, 580-581; *contra*, 581; *de*, 582-583; *desde*, 583; *em*, 584; *entre*, 585-586; *para*, 587-588; *perante*, 588; *por* (*per*), 588-590; *sem*, 590; *sob*, 590-591; *sobre*, 591-592; *trás*, 592.

PRETÉRITO: imperfeito do indicativo, 395, 403-405, 465-468; perfeito do indicativo, 468-470; distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito, 470; mais-que-perfeito do indicativo, 395, 405, 470-472; futuro, 395, 407-408, 472-479; perfeito do subjuntivo, 395, 488; mais-que-perfeito, 395, 489.
PRÓCLISE: 73, 308, 323-332.
PROLEPSE: 642.
PRONOME: 91, 289-381; demonstrativo, 342-356; indefinido, 370-381; interrogativo, 366-370; pessoal, 290-332; possessivo, 332-342; relativo, 356-366; substantivo e adjetivo, 289-290; de tratamento, 303-310.
PSEUDOPREFIXOS: 127-129 (ver também: recomposição).

Q

QUADRA: 720.
QUANTIDADE: 68.
QUINTILHA: 720, 721.

R

RADICAIS: 92; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; hibridismo, 129-130.
RECOMPOSIÇÃO: 127-129.
REGÊNCIA VERBAL: 530-551; diversidade e igualdade de regência, 531-532; regência de alguns verbos: *aspirar*, 533-534; *assistir*, 534-535; *chamar*, 535-537; *ensinar*, 537-539; *esquecer*, 539-541; *interessar*, 541-543; *lembrar*, 543-545; *obedecer* e *desobedecer*, 545-546; *perdoar*, 546-547; *responder*, 547-550; *visar*, 550-551.
REFORÇO: dos possessivos, 336; dos demonstrativos, 350.
RELATIVO (pronome): 356-367; forma, 356-357; função sintática, 358-359; natureza do antecedente, 357-358; pronome relativo sem antecedente, 360; valor e emprego, 360-366.
RETICÊNCIAS: 673-676.
RIMA: 711-719; aguda, 711; alternada, 715; assonante, 711; consoante, 711; consonância, 711; emparelhada, 715; encadeada, 716; esdrúxula, 712; esquema de rima, 717; grave, 711; imperfeita, 712-713; de vogal semiaberta com vogal semifechada, 712-713; de vogal simples com ditongo, 713; de vogal oral com vogal nasal, 713; interior: com eco, 717; leonina, 716; interpolada, 716; oposta, 716; perfeita, 712; pobre, 714; rica, 714; raras ou preciosas, 714-715; soante, 711; toante, 711; versos brancos, 717-718.
RITMO: 685.

S

SEMIVOGAIS: 45.
SEXTILHA: 721-722.
SIGLAS: 130-131.
SÍLABA: 66-67; aberta e fechada, 66-67; classificação das palavras quanto ao número de sílabas, 67.
SILEPSE: de gênero, 646-647; de número, 645-646; de pessoa, 647-648.
SINAIS: pausais, 657, 658-668; melódicos, 657, 669-683.
SINALEFA: 63, 687-688, 689.
SÍNCOPE: 692-693.
SINÉRESE: 63, 690-691.
SÍNQUISE: 642.
SINTAGMA: nominal, 137-138; verbal, 137-138.
SINTAXE: dos modos e dos tempos, 462-510; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
SISTEMA: 21, 22.
SOM: 40, 41.
SONETO: 727-729; inglês, 727, 729; italiano, 727-729; shakespeariano, 729; spenseriano, 729.
SONS DA FALA: 37.
SUBJUNTIVO (modo): 394, 395, 479-480.
SUBSTANTIVO: 91, 191-218, 260; abstrato, 192; coletivo, 192-193; composto, 201-202; comum, 192; comum de dois gêneros, 210; concreto, 192; de gênero vacilante, 211; de um só número, 201; epiceno, 209; flexão, 194-213; formação do plural, 195-200; funções sintáticas do substantivo, 213-218; gênero, 202-211; grau, 212-213; masculino terminado em *a*, 211; mudança de sentido

na mudança de gênero, 210; número, 194-202; sobrecomum, 209; uniforme, 210-211; próprio, 192.
SUBORDINAÇÃO: 608-609, 612-631; classificação das orações subordinadas: substantivas, 614-615; adjetivas, 615-618; adverbiais, 618-631; orações reduzidas: 623-631; de infinitivo, 626-628; de gerúndio, 628-630; de particípio, 630-631.
SUFIXO: 102-116; nominal, 103-114; aumentativo, 102-104; diminutivo, 104-108; diminutivo erudito, 108; verbal, 114-115; adverbial, 115-116.
SUJEITO: 136-146; representação do sujeito, 138-140; simples, 140; concordância com o sujeito simples, 511; composto, 140-141; concordância com o sujeito composto, 511-512; oculto (determinado), 141-142; indeterminado, 142-143; oração sem sujeito, 143-145; da atitude do sujeito, 145-146; com verbos de ação, 145; com verbos de estado, 146.
SUPERLATIVO (grau): 268; 269-275.

T

TEMPO (verbal): 395; tempo simples, 402-408; composto, 416-418; formação dos tempos simples, 403-409; derivados do presente do indicativo, 403-405; derivados do pretérito do indicativo, 405-406; derivados do infinitivo impessoal, 407-408; formação dos tempos compostos, 416-418; locuções verbais, 408-412; sintaxe dos tempos, 462-490.
TERCETO: 720.
TERMOS: essenciais, 136-152, 607-609; integrantes, 152-163, 607-609; acessórios, 163-176, 607-609.
TETRASSÍLABO (verso): 698.
TIL: 79.
TIMBRE: 47-48.
TIPOS DE VERSO: 696-710; decassílabo, 703-705; dissílabo, 697; dodecassílabo, 706-707; eneassílabo, 702-703; endecassílabo, 705-706; heptassílabo, 700-701; hexassílabo, 699-700; monossílabo, 696-697; octossílabo, 701-702; pentassílabo, 698-699; tetrassílabo, 698; trissílabo, 697; isossilabismo e versificação flutuante, 708-709; verso livre, 709-710.
TOM: 68.
TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 42.
TRANSITIVO (verbo) 150-151.
TRATAMENTO (pronome): 303-310 (ver também: pessoal)
TRAVESSÃO: 639, 682-683.
TREMA: 79.
TRISSÍLABO: 67, 697-698.
TRITONGO: 62-63, 690.

U

UNIDADE LINGUÍSTICA: 23.
UNIDADE MELÓDICA (ver: grupo fônico).
UNIPESSOAIS (verbos): 457, 458-459.

V

VARIÁVEIS (palavras): 92.
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, 16-18; variações diatópicas, 17, 18, 22, 23-35; variações diastráticas, 17, 22; variações diafásicas, 17, 22.
VELARES (vogais): (ver: posteriores ou velares)
VERBO: 92, 393-554; abundantes, 456-457; aspecto, 396-398; defectivo, 457, 460-461; definição, 393; flexão, 393-400; modo, 394-395; número, 394; pessoa, 394; tempo, 395; simples, 402-408; composto, 416-418; impessoais, 457, 458; unipessoais, 457, 458, 459; irregular, 427-457; auxiliar e o seu emprego, 408-412; emprego dos tempos do indicativo, 462-479; emprego dos tempos do subjuntivo, 479-490; emprego do imperativo, 490-496; emprego das formas nominais, 496-498; emprego do infinitivo, 498-504; emprego do gerúndio, 504-508; emprego do particípio, 508-510; voz: 398-400; voz ativa, 398, 399; voz passiva, 399, 400, 419-421; voz reflexiva, 398, 399, 421-427; formas rizotônicas, 400; formas arrizotônicas, 400; classificação do verbo,

400-401; conjugação, 401, 418-554; concordância, 510-529; regência, 530-551; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
VERSIFICAÇÃO: 685-729; versificação flutuante, 708-709.
VERSO: 685; limite, 686-687; tipos, 696-712; verso livre, 709-710.
VÍRGULA: 657, 658-664.
VOCATIVO: 174-175.
VOGAIS: 45-53, 60-63; classificação, 45-53; articulação, 47; timbre, 47-48; intensidade e acento, 48; orais, 48-50; nasais, 48-50; tônicas orais, 49; tônicas nasais, 49-50; átonas orais, 50-53; encontros vocálicos, 60-64; vogal temática, 94-95; vogal de ligação, 95.
VOZ: 398-400; ativa, 398-399; passiva, 399-400, 419-421; reflexiva, 399, 421-427.

Z

ZEUGMA: 638.

nova gramática do português contemporâneo

Esta Gramática é uma descrição do português atual em sua forma culta, ou seja, da língua como a têm utilizado os escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá.
Como pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa em sua natural diversidade, uma atenção particular foi dada às diferenças de uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo as que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.
Houve também uma preocupação de examinar a palavra em sua forma e função, de acordo com os princípios da morfossintaxe, e de destacar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro, a um tempo, uma gramática e uma estilística do português contemporâneo.

Lexikon | obras de referência

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição

de acordo com a nova ortografia

nova gramática do português contemporâneo

Lexikon | *obras de referência*

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição - 2ª impressão

Texto atualizado com a nova ortografia, determinada pelo DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008 que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com início de sua vigência em 1º de janeiro de 2009.

© 2017 by titulares dos direitos de Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra

Direitos de edição da obra em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela LEXIKON EDITORA DIGITAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

LEXIKON EDITORA DIGITAL
Rua Luís Câmara, 280 – Ramos – 21031-175
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2221-8740
http://www.lexikon.com.br

sac@lexikon.com.br

Veja também www.aulete.com.br – seu dicionário na internet

7ª edição – 2016

EDITOR
Paulo Geiger

REVISÃO
Ana Lúcia Kronemberger

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PRODUÇÃO
Sonia Hey

CAPA
Luis Saguar

IMAGEM DE CAPA
Serigrafia de Gonçalo Ivo – Rio São Francisco (vista de Ibotirama, BA), 1993, prova do autor.

IMPRESSÃO
Oceano Indústria Gráfica e Editora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C977n
7.ed.

Cunha, Celso
Nova gramática do português contemporâneo [recurso eletrônico] / Celso Cunha, Lindley Cintra. – 7. ed., reimpr. -- Rio de Janeiro : Lexikon, 2017.
800 p., recurso digital

Formato: epdf
Requisitos do sistema: adobe acrobat reader
Modo de acesso: world wide web
Inclui índice
ISBN: 978-85-8300-031-0 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Livros eletrônicos. I. Cintra, Luís F. Lindley (Luis Filipe Lindley),1925-1991. II. Título.

17-41723 CDD:
CDU: 469.5
811.134.3›36

À memória de Serafim da Silva Neto,
amigo comum e mestre da
Filologia Portuguesa.

A Joseph M. Piel,
Jacinto do Prado Coelho,
José V. de Pina Martins,
companheiros e amigos.

Sumário

PREFÁCIO, *xxiii*

ADVERTÊNCIA, *xxvii*

NOTA DO EDITOR, *xxix*

Introdução – CONCEITOS GERAIS, *1*

Linguagem, língua, discurso, estilo, *1*

Língua e sociedade: variação e conservação linguística, *2*

Diversidade geográfica da língua: dialeto e falar, *4*

A noção de correto, *5*

Capítulo 1 – DO LATIM AO PORTUGUÊS ATUAL, *9*

O latim e a expansão romana, *9*

Latim literário e latim vulgar, *10*

As línguas românicas, *11*

A romanização da península, *13*

O domínio visigótico, *16*

O domínio árabe, *17*

O português primitivo, *18*

Períodos evolutivos da língua portuguesa, *18*

Capítulo 2 – DOMÍNIO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, *23*

Unidade e diversidade, *23*

As variedades do português, *24*
Os dialetos do português europeu, *25*
Os dialetos das ilhas atlânticas, *31*
Os dialetos brasileiros, *31*

O português de África, da Ásia e da Oceânia, *34*

Capítulo 3 – FONÉTICA E FONOLOGIA, *37*

Os sons da fala, *37*
O aparelho fonador, *37*
Funcionamento do aparelho fonador, *38*

Som e fonema, *40*
Descrição fonética e fonológica, *41*
Transcrição fonética e fonológica, *42*
Alfabeto fonético utilizado, *42*

Classificação dos sons linguísticos, *4*
Vogais e consoantes, *45*
Semivogais, *45*

Classificação das vogais, *45*
Articulação, *47*
Timbre, *47*
Intensidade e acento, *48*
Vogais orais e vogais nasais, *48*
Vogais tônicas orais, *49*
Vogais tônicas nasais, *49*
Vogais átonas orais, *50*

Classificação das consoantes, *53*
Modo de articulação, *54*
O ponto ou zona de articulação, *55*
O papel das cordas vocais, *56*
O papel das cavidades bucal e nasal, *57*
Quadro das consoantes, *57*
A posição das consoantes, *59*

Encontros vocálicos, *60*
Ditongos, *60*
Ditongos decrescentes e crescentes, *60*
Ditongos orais e nasais, *61*
Tritongos, *62*
Hiatos, *63*
Encontros intraverbais e interverbais, *63*

Encontros consonantais, *64*

Dígrafos, *65*

Sílaba, *66*
Sílabas abertas e sílabas fechadas, *66*
Classificação das palavras quanto ao número de sílabas, *67*

Acento tônico, *67*
Classificação das palavras quanto ao acento tônico, *69*
Observações sobre a pronúncia culta, *70*
Valor distintivo do acento tônico, *71*
Acento principal e acento secundário, *71*
Grupo acentual (ou de intensidade), *72*
Ênclise e próclise, *73*
Acento de insistência, *73*
Acento afetivo, *74*
Acento intelectual, *74*
Distinções fundamentais, *75*

Capítulo 4 – ORTOGRAFIA, *77*

Letra e alfabeto, *77*

Notações léxicas, *78*
O acento, *78*
O til, *79*
O trema, *79*
O apóstrofo, *79*
A cedilha, *79*
O hífen, *79*
Emprego do hífen nos compostos, *80*
Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação, *81*
Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver, *82*
Partição das palavras no fim da linha, *82*

Regras de acentuação, *84*

Divergências entre as ortografias oficialmente adotadas em Portugal e no Brasil, *88*

Capítulo 5 – CLASSE, ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS, *89*

Palavra e morfema, *89*
Tipos de morfemas, *90*
Classes de palavras, *91*

Estrutura das palavras, *92*
Radical, *92*
Desinência, *92*
Afixo, *93*
Vogal temática, *94*
Vogal e consoante de ligação, *95*

Formação de palavras, *96*
Palavras primitivas e derivadas, *96*
Palavras simples e compostas, *96*

Famílias de palavras, *96*

Capítulo 6 – DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO, *97*

Formação de palavras, *97*
Derivação prefixal, *97*
Prefixos de origem latina, *98*
Prefixos de origem grega, *101*
Derivação sufixal, *102*
Sufixos nominais, *102*
Sufixos verbais, *114*
Sufixo adverbial, *115*
Derivação parassintética, *116*
Derivação regressiva, *117*
Derivação imprópria, *118*
Formação de palavras por composição, *119*
Tipos de composição, *119*
Compostos eruditos, *122*
Radicais latinos, *122*
Radicais gregos, *123*
Recomposição, *127*
Pseudoprefixos, *127*
Hibridismo, *129*
Onomatopeia, *230*
Abreviação vocabular, *130*
Siglas, *130*

Capítulo 7 – FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO, *133*

A frase e sua constituição, *133*
Frase e oração, *134*
Oração e período, *135*

A oração e os seus termos essenciais, *136*
Sujeito e predicado, *136*
Sintagma nominal e verbal, *137*

O sujeito, *138*
Representação do sujeito, *138*
Sujeito simples e sujeito composto, *140*
Sujeito oculto (determinado), *141*
Sujeito indeterminado, *142*
Oração sem sujeito, *143*
Da atitude do sujeito, *145*
Com os verbos de ação, *145*
Com os verbos de estado, *146*

O predicado, *146*
Predicado nominal, *146*
Predicado verbal, *149*
Verbos intransitivos, *149*
Verbos transitivos, *150*
Predicado verbo-nominal, *151*
Variabilidade da predicação verbal, *152*

A oração e os seus termos integrantes, *152*

Complemento nominal, *153*

Complementos verbais, *154*
Objeto direto, *154*
Objeto direto preposicionado, *156*
Objeto direto pleonástico, *156*
Objeto indireto, *157*
Objeto indireto pleonástico, *159*
Predicativo do objeto, *160*
Agente da passiva, *161*
Transformação da oração ativa em passiva, *162*

A oração e os seus termos acessórios, *163*
Adjunto adnominal, *164*
Adjunto adverbial, *165*
Classificação dos adjuntos adverbiais, *166*
Aposto, *169*
Valor sintático do aposto, *171*
Aposto predicativo, *173*
Vocativo, *174*

Colocação dos termos na oração, *176*
Ordem direta e ordem inversa, *176*
Inversões de natureza estilística, *176*
Inversões de natureza gramatical, *177*
Inversão verbo + sujeito, *177*
Inversão predicativo + verbo, *181*

Entoação oracional, *181*
Grupo acentual e grupo fônico, *182*
O grupo fônico, unidade melódica, *182*
O grupo fônico e a oração, *183*
Oração declarativa, *183*
Oração interrogativa, *184*
Oração exclamativa, *187*
Conclusão, *189*

Capítulo 8 – SUBSTANTIVO, *191*

Classificação dos substantivos, *192*
Substantivos concretos e abstratos, *192*
Substantivos próprios e comuns, *192*
Substantivos coletivos, *192*

Flexões dos substantivos, *194*
Número, *194*
Formação do plural, *195*
Gênero, *202*
Quanto à significação, *203*
Quanto à terminação, *204*
Formação do feminino, *204*

Substantivos uniformes, *209*
Mudança de sentido na mudança de gênero, *210*
Substantivos masculinos terminados em *-a*, *211*
Substantivos de gênero vacilante, *211*
Grau, *212*
Valor das formas aumentativas e diminutivas, *212*
Especialização de formas, *213*

Emprego do substantivo, *213*
Funções sintáticas do substantivo, *213*
Substantivo como adjunto adnominal, *215*
Substantivo caracterizador de adjetivo, *216*
Substantivo caracterizado por um nome, *217*
O substantivo como núcleo das frases sem verbo, *217*

Capítulo 9 – ARTIGO, *219*

Artigo definido e indefinido, *219*
Formas do artigo, *220*
Formas simples, *220*
Formas combinadas do artigo definido, *221*
Formas combinadas do artigo indefinido, *223*

Valores do artigo, *224*
A determinação, *224*

Emprego do artigo definido, *226*
Com os substantivos comuns, *226*
Empregos particulares, *226*
Emprego genérico, *230*
Emprego em expressões de tempo, *231*
Emprego com expressões de peso e medida, *234*
Com a palavra *casa*, *234*
Com a palavra *palácio*, *235*
Emprego com o superlativo relativo, *236*
Com os nomes próprios, *237*
Com os nomes de pessoas, *238*
Com os nomes geográficos, *240*
Com os nomes de obras literárias e artísticas, *243*
Casos especiais, *243*
Antes da palavra *outro*, *243*
Depois das palavras *ambos* e *todo*, *244*
Repetição do artigo definido, *247*
Com substantivos, *247*
Com adjetivos, *248*
Omissão do artigo definido, *249*
Emprego do artigo indefinido, *251*
Com os substantivos comuns, *251*
Com os nomes próprios, *253*
Omissão do artigo indefinido, *254*
Em expressões de identidade, *255*

Em expressões comparativas, *256*
Em expressões de quantidade, *256*
Com substantivo denotador da espécie, *257*
Outros casos de omissão do artigo indefinido, *257*

Capítulo 10 – ADJETIVO, *259*

Nome substantivo e nome adjetivo, *260*
Substantivação do adjetivo, *260*
Substitutos do adjetivo, *261*

Morfologia dos adjetivos, *262*

Adjetivos pátrios, *262*
Pátrios brasileiros, *262*
Pátrios portugueses, *263*
Pátrios africanos, *263*
Adjetivos pátrios compostos, *263*

Flexões dos adjetivos, *264*
Número, *264*
Plural dos adjetivos simples, *265*
Plural dos adjetivos compostos, *265*
Gênero, *265*
Formação do feminino, *266*
Adjetivos uniformes, *267*
Feminino dos adjetivos compostos, *267*
Graus do adjetivo, *268*
Comparativo e superlativo, *268*
Formação do grau comparativo, *269*
Formação do grau superlativo, *269*
Comparativos e superlativos anômalos, *274*
Adjetivos que não se flexionam em grau, *275*
Emprego do adjetivo, *275*
Funções sintáticas do adjetivo, *275*
Valor estilístico do adjetivo, *279*
Concordância do adjetivo com o substantivo, *284*
Adjetivo referido a um substantivo, *284*
Adjetivo referido a mais de um substantivo, *285*
Adjetivo adjunto adnominal, *285*
Adjetivo predicativo de sujeito composto, *287*

Capítulo 11 – PRONOMES, *289*

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos, *289*

Pronomes pessoais, *290*
Formas dos pronomes pessoais, *291*
Formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, *291*
Pronomes reflexivos e recíprocos, *293*

Emprego dos pronomes retos, *295*
Funções dos pronomes retos, *295*

Omissão do pronome sujeito, *296*
Presença do pronome sujeito, *296*
Extensão de emprego dos pronomes retos, *297*
Realce do pronome sujeito, *300*
Precedência dos pronomes sujeitos, *301*
Equívocos e incorreções, *301*
Contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, *303*

Pronomes de tratamento, *303*
Emprego dos pronomes de tratamento da 2.ª pessoa, *305*
Fórmulas de representação da 1.ª pessoa, *310*

Emprego dos pronomes oblíquos, *310*
Formas tônicas, *310*
Emprego enfático do pronome oblíquo tônico, *312*
Pronomes precedidos de preposição, *312*
Formas átonas, *314*
O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo, *316*
Emprego enfático do pronome oblíquo átono, *316*
O pronome de interesse, *317*
Pronome átono com valor possessivo, *317*
Pronomes complementos de verbos de regência distinta, *318*
Valores e empregos do pronome *se*, *319*
Combinações e contrações dos pronomes átonos, *322*
Colocação dos pronomes átonos, *323*

Pronomes possessivos, *332*
Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, *332*
Formas dos pronomes possessivos, *333*
Valores e empregos dos possessivos, *333*
Concordância do pronome possessivo, *333*
Posição do pronome adjetivo possessivo, *334*
Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa, *335*
Reforço dos possessivos, *336*
Valores dos possessivos, *337*
Valores afetivos, *338*
Nosso de modéstia e de majestade, *340*
Vosso de cerimônia, *340*
Substantivação dos possessivos, *341*
Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico, *341*

Pronomes demonstrativos, *342*
Formas dos pronomes demonstrativos, *343*
Valores gerais, *343*
Diversidade de emprego, *345*
Empregos particulares, *346*
Posição do pronome adjetivo demonstrativo, *347*
Alusão a termos precedentes, *348*
Reforço dos demonstrativos, *350*
Valores afetivos, *350*
O(s), *a(s)* como demonstrativos, *354*

Substitutos dos pronomes demonstrativos, *355*

Pronomes relativos, *356*
Formas dos pronomes relativos, *356*
Natureza do antecedente, *357*
Função sintática dos pronomes relativos, *358*
Pronomes relativos sem antecedente, *360*
Valores e empregos dos relativos, *360*
Que, *360*
Qual, o qual, *361*
Quem, *364*
Cujo, *364*
Quanto, *365*
Onde, *365*

Pronomes interrogativos, *366*
Flexão dos interrogativos, *367*
Valor e emprego dos interrogativos, *367*
Que, *367*
Quem, *368*
Qual, *369*
Quanto, *369*
Emprego exclamativo dos interrogativos, *370*

Pronomes indefinidos, *370*
Formas dos pronomes indefinidos, *371*
Locuções pronominais indefinidas, *371*
Pronomes indefinidos substantivos e adjetivos, *371*
Oposições sistemáticas entre os indefinidos, *373*
Valores de alguns indefinidos, *374*
Algum e nenhum, *374*
Cada, *375*
Certo, *376*
Nada, *377*
Outro, *378*
Qualquer, *379*
Todo, *380*
Tudo, *381*

Capítulo 12 – NUMERAIS, *383*

Espécies de numerais, *383*
Numerais coletivos, *384*

Flexão dos numerais, *384*
Cardinais, *384*
Ordinais, *385*
Multiplicativos, *385*
Fracionários, *385*
Numerais coletivos, *386*

Valores e empregos dos cardinais, *386*

Cardinal como indefinido, *387*
Emprego da conjunção *e* com os cardinais, *387*

Valores e empregos dos ordinais, *387*
Emprego dos cardinais pelos ordinais, *388*

Emprego dos multiplicativos, *389*

Emprego dos fracionários, *389*

Quadro dos numerais, *390*
Numerais cardinais e ordinais, *390*
Numerais multiplicativos e fracionários, *391*

Capítulo 13 – VERBO, *391*

Noções preliminares, *391*

Flexões do verbo, *394*
Números, *394*
Pessoas, *394*
Modos, *394*
Tempos, *395*
Aspectos, *396*
Vozes, *398*

Formas rizotônicas e arrizotônicas, *400*

Classificação do verbo, *400*

Conjugações, *401*
Tempos simples, *402*
Estrutura do verbo, *403*
Formação dos tempos simples, *403*
Verbos auxiliares e o seu emprego, *408*
Distinção importante, *410*
Conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, *413*
Modo indicativo, *413*
Modo subjuntivo, *414*
Modo imperativo, *415*
Formas nominais, *415*
Formação dos tempos compostos, *416*
Modo indicativo, *416*
Modo subjuntivo, *417*
Formas nominais, *418*
Conjugação dos verbos regulares, *419*
Conjugação da voz passiva, *419*
Modo indicativo, *419*
Modo subjuntivo, *420*
Formas nominais, *421*
Voz reflexiva, *421*
Verbo reflexivo e verbo pronominal, *422*
Conjugação de um verbo reflexivo, *422*
Modo indicativo, *422*

Modo subjuntivo, *424*
Modo imperativo, *426*
Formas nominais, *426*
Conjugação dos verbos irregulares, *427*
Irregularidade verbal, *427*
Irregularidade verbal e discordância gráfica, *428*
Verbos com alternância vocálica, *429*
Outros tipos de irregularidade, *436*
Verbos de particípio irregular, *455*
Verbos abundantes, *456*
Verbos impessoais, unipessoais e defectivos, *457*

Sintaxe dos modos e dos tempos, *462*
Modo indicativo, *462*
Emprego dos tempos do indicativo, *462*
Modo subjuntivo, *479*
Indicativo e subjuntivo, *479*
Emprego do subjuntivo, *480*
Subjuntivo independente, *480*
Subjuntivo subordinado, *482*
Substitutos do subjuntivo, *486*
Tempos do subjuntivo, *487*
Modo imperativo, *490*
Formas do imperativo, *490*
Emprego do modo imperativo, *491*
Substitutos do imperativo, *493*
Reforço ou atenuação da ordem, *495*
Emprego das formas nominais, *496*
Características gerais, *496*
Emprego do infinitivo, *498*
Emprego do gerúndio, *504*
Emprego do particípio, *508*

Concordância verbal, *510*
Regras gerais, *511*
Com um só sujeito, *511*
Com mais de um sujeito, *511*
Casos particulares, *513*
Com um só sujeito, *513*
Com mais de um sujeito, *523*

Regência verbal, *530*
Regência, *530*
Regência verbal, *531*
Diversidade e igualdade de regência, *531*
Regência de alguns verbos, *533*

Sintaxe do verbo *haver*, *551*

Capítulo 14 – ADVÉRBIO, *555*

Classificação dos advérbios, *556*
Advérbios interrogativos, *557*

Advérbio relativo, *558*
Locução adverbial, *558*

Colocação dos advérbios, *559*

Repetição de advérbios em *–mente*, *561*

Gradação dos advérbios, *562*
Grau comparativo, *562*
Grau superlativo, *562*
Outras formas de comparativo e superlativo, *563*
Repetição do advérbio, *565*
Diminutivo com valor superlativo, *565*
Advérbios que não se flexionam em grau, *565*

Palavras denotativas, *566*

Capítulo 15 – PREPOSIÇÃO, *569*

Função das preposições, *569*

Forma das preposições, *569*
Preposições simples, *596*
Locuções prepositivas, *570*

Significação das preposições, *570*
Conteúdo significativo e função relacional, *572*
Relações fixas, *574*
Relações necessárias, *574*
Relações livres, *575*

Valores das preposições, *576*
A, *576*
Ante, *578*
Após, *579*
Até, *579*
Com, *580*
Contra, *581*
De, *582*
Desde, *583*
Em, *584*
Entre, *585*
Para, *587*
Perante, *588*
Por (per), *588*
Sem, *590*
Sob, *590*
Sobre, *591*
Trás, *592*

Capítulo 16 – CONJUNÇÃO, *593*

Conjunção coordenativa e subordinativa, *593*
Conjunções coordenativas, *594*

Posição das conjunções coordenativas, *595*
Valores particulares, *596*
Conjunções subordinativas, *600*
Conjunções conformativas e proporcionais, *603*
Polissemia conjuncional, *604*
Locução conjuntiva, *604*

Capítulo 17 – INTERJEIÇÃO, *605*

Classificação das interjeições, *605*

Locução interjectiva, *605*

Capítulo 18 – O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO, *607*

Período simples e período composto, *607*
Composição do período, *607*
Características da oração principal, *609*
Conclusão, *610*

Coordenação, *610*
Orações coordenadas sindéticas e assindéticas, *610*
Orações coordenadas sindéticas, *610*

Subordinação, *612*
A oração subordinada como termo de outra oração, *612*
Classificação das orações subordinadas, *614*
Orações subordinadas substantivas, *614*
Orações subordinadas adjetivas, *615*
Orações subordinadas adverbiais, *618*
Orações reduzidas, *623*

Capítulo 19 – FIGURAS DE SINTAXE, *633*

Elipse, *633*
A elipse como processo gramatical, *634*
A elipse como processo estilístico, *636*

Zeugma, *638*

Pleonasmo, *639*
Pleonasmo vicioso, *639*
Pleonasmo e epíteto de natureza, *639*
Objeto pleonástico, *640*

Hipérbato, *641*

Anástrofe, *641*

Prolepse, *642*

Sínquise, *642*

Assíndeto, *642*

Polissíndeto, *643*

Anacoluto, *644*

Silepse, *645*
Silepse de número, *645*
Silepse de gênero, *646*
Silepse de pessoa, *647*

Capítulo 20 – DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO E DISCURSO INDIRETO LIVRE, *649*

Estruturas de reprodução de enunciações, *649*
Discurso direto, *649*
Características do discurso direto, *650*
Discurso indireto, *651*
Características do discurso indireto, *652*
Transposição do discurso direto para o indireto, *653*
Discurso indireto livre, *655*
Características do discurso indireto livre, *656*

Capítulo 21 – PONTUAÇÃO, *657*

Sinais pausais e sinais melódicos, *657*
Sinais que marcam sobretudo a pausa, *658*
A vírgula, *658*
O ponto, *664*
O ponto e vírgula, *666*
Valor melódico dos sinais pausais, *668*
Sinais que marcam sobretudo a melodia, *669*
Os dois pontos, *669*
O ponto de interrogação, *670*
O ponto de exclamação, *671*
As reticências, *673*
As aspas, *676*
Os parênteses, *679*
Os colchetes, *681*
O travessão, *682*

Capítulo 22 – NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO, *685*

Estrutura do verso, *685*
Ritmo e verso, *685*
Os limites do verso, *686*
As ligações rítmicas, *687*
Sinalefa, elisão e crase, *687*
Ectlipse, *688*
O hiato intervocabular, *689*
A medida das palavras, *690*
Sinérese, *690*
Diérese, *691*
Crase, aférese, síncope e apócope, *692*
A cesura e a pausa final, *693*
Cavalgamento (*enjambement*), *694*
O cavalgamento e a pausa final, *681*

Tipos de verso, *696*
Os versos tradicionais, *696*
Monossílabos, *696*
Dissílabos, *697*
Trissílabos, *697*
Tetrassílabos, *698*
Pentassílabos, *698*
Hexassílabos, *699*
Heptassílabos, *700*
Octossílabos, *701*
Eneassílabos, *702*
Decassílabos, *703*
Hendecassílabos, *705*
Dodecassílabos, *706*
Isossilabismo e versificação flutuante, *708*
O verso livre, *709*

A rima, *711*
A rima e o acento, *711*
Rima perfeita e rima imperfeita, *712*
Rima pobre e rima rica, *714*
Combinações de rimas, *715*
Rima interior, *716*
Indicação esquemática das rimas, *717*
Versos sem rima, *717*

Estrofação, *719*
O dístico, *719*
O terceto, *720*
A quadra, *720*
A quintilha, *720*
A sextilha, *721*
A estrofe de sete versos, *722*
A oitava, *723*
A estrofe de nove versos, *725*
A décima, *725*
Estrofe simples e composta, *727*
Estrofe livre, *727*

Poemas de forma fixa, *727*
O soneto, *727*

ELENCO E DESENVOLVIMENTO DAS ABREVIATURAS USADAS, *731*

ÍNDICE ONOMÁSTICO, *745*

ÍNDICE DE ASSUNTOS, *753*

Prefácio

Esta gramática foi idealizada há muito tempo, quando, unida a forte amizade, já nos ligava uma convergência de formação, interesses e objetivos. Sentíamo-la como uma urgente necessidade para o ensino da língua portuguesa não só em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África, mas em todos os países em que se estuda o nosso idioma.

Parecia-nos faltar uma descrição do português contemporâneo que levasse em conta, simultaneamente, as diversas normas vigentes dentro do seu vasto domínio geográfico (principalmente as admitidas como padrão em Portugal e no Brasil) e servisse, assim, fosse de fonte de informação, tanto quanto possível completa e atualizada, sobre elas, fosse de guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita que, para o presente momento da evolução da língua, se pudesse considerar "correta", de acordo com o conceito de "correção" que adotamos no capítulo 1.

De então para cá várias descrições importantes do português se foram publicando, entre as quais é justo destacar a *Estrutura da língua portuguesa*, de Joaquim Matoso Câmara Júnior (1969); a *Gramática simbólica do português*, de Óscar Lopes (1971); a *Gramática portuguesa*, de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, mormente a partir da 3.ª edição refundida (1971), sobre a qual se fez a tradução portuguesa (1980); e a *Gramática da língua portuguesa*, de Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte e Isabel Hub Faria (1983). Nenhuma no entanto, e por diversas razões, correspondia ao nosso objetivo inicial. A de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, apesar do seu rigor e qualidade, considerava as características do português do ponto de vista de um falante da língua espanhola, com todos os inconvenientes (e também as vantagens) que isso implica. A de Matoso Câmara Júnior baseava-se no padrão do português do

Brasil[1]; as outras duas levavam em conta fundamentalmente a norma de Portugal e tinham como objetivo, não propriamente o ensino da língua portuguesa, mas análises e reflexões, do maior interesse, sobre a sua estrutura e funcionamento interno, expostas numa linguagem técnica de difícil acesso para os não iniciados.

Digno também de particular menção pelo seu alto nível é o *Manuel de la langue portugaise (Portugal — Brésil)*[2], de Paul Teyssier, obra em que pela primeira vez se apresentam sistematicamente em confronto as normas europeia e americana do português.

Por outro lado, um de nós, Celso Cunha, elaborou e publicou em sucessivas edições a sua *Gramática do português contemporâneo* (1.ª ed., 1970 — 10.ª ed., 1983) e a sua *Gramática da língua portuguesa* (1.ª ed., 1972 — 10.ª ed., 1983), que, embora amplamente baseadas, quanto à linguagem escrita, tanto em autores portugueses como brasileiros, tinham principalmente em conta a variedade americana e ainda não correspondiam, portanto, ao projeto primitivo.

Foi esse projeto que há pouco mais de três anos resolvemos retomar, e o resultado do esforço conjunto é a obra que agora apresentamos ao público.

As características gerais desta *Nova gramática do português contemporâneo* são fáceis de definir.

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas.

Não desejamos discorrer sobre o plano da obra, mas não podemos deixar de fazer uma breve referência a alguns aspectos metodológicos.

Como esta gramática pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade, particularmente do ponto de vista diatópico, uma acurada atenção se deu às diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo às que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.

No estudo da fonética e da fonologia, procurou-se estabelecer, sempre que possível, a equivalência entre os conceitos e a terminologia tradicionais e os da fonética acústica e da fonologia moderna; no estudo das classes de palavras,

---

[1] Duas gramáticas de inegáveis méritos e de larga difusão no Brasil – a *Gramática da língua portuguesa*, de Rocha Lima (23.ª ed., 1983), e a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (27.ª ed., 1982) – são bem anteriores ao nosso projeto.

[2] Paris, Klincksieck, 1976.

examinou-se a palavra em sua forma e, a seguir, em sua função, de acordo com os princípios da morfossintaxe.

Notar-se-á, por outro lado, uma permanente preocupação de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro não apenas uma gramática, mas, de certo modo, uma introdução à estilística do português contemporâneo.

Embora, a rigor, o estudo da versificação não faça parte de uma descrição gramatical, incluiu-se um capítulo final sobre o enunciado em verso, complementar, a nosso ver, do estudo da entoação da prosa, a que se deu atenção no capítulo 7.

Toda a obra foi objeto de exame conjunto e de troca de sugestões entre os seus autores. Cumpre-nos, no entanto, dizer, para resguardar as responsabilidades de autoria, que a Lindley Cintra se deve a redação do capítulo 2, da maior parte do capítulo 3 e do tratamento contrastivo do capítulo 13. A Celso Cunha cabe a redação dos demais capítulos, bem como a exemplificação aduzida.

Queremos, por fim, expressar a nossa gratidão a todos os que contribuíram para que esta obra saísse com menos imperfeições, em particular os nossos colegas Joram Pinto de Lima, Maria do Carmo P. Machado, Edila Viana da Silva, Sílvia Figueiredo Brandão e Cilene da Cunha Pereira.

Um agradecimento especial endereçamos a Cinira, permanente animadora da obra, pelo penoso trabalho de ajuda na revisão das provas tipográficas e de confronto textual da versão brasileira com a portuguesa, assim como pela elaboração do Índice Onomástico; a Maurício Marchevsky, por algumas das ilustrações; a Sérgio e Sebastião Lacerda, pela confiança e interesse demonstrados desde o início na execução do projeto.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1985.

CELSO CUNHA
LUÍS F. LINDLEY CINTRA

Advertência

Esta edição da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* vem acrescida do capítulo "Do Latim ao Português", de autoria de Celso Cunha, publicado originalmente sob o título "Noções históricas", na *Gramática da Língua Portuguesa*, editada pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), do Ministério da Educação, na década de 1970.

Ao incorporar ao estudo da gramática o relato do processo de formação e difusão do nosso idioma, espera-se propiciar, além da compreensão da estrutura, da funcionalidade e do uso, a percepção de seu papel no contexto linguístico universal e de como o processo histórico influenciou seus aspectos internos.

Num mundo cada vez mais partilhado e em interação, a visão histórica da Língua Portuguesa – hoje a língua oficial de cerca de 200 milhões de pessoas em oito países – é fundamental para compreender sua atual importância geopolítica, social e cultural.

A presente edição está atualizada segundo as mudanças na ortografia implementadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009.

Rio de Janeiro, dezembro de 2008

Cilene da Cunha Pereira

Nota do Editor

O **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990** é um tratado internacional cujo objetivo é unificar a ortografia do português, para uso de todos os países que têm o português como língua oficial. O acordo foi assinado por representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe em Lisboa, em 16 de Dezembro de 1990, ao fim de uma negociação iniciada em 1980 entre a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Depois de obter a sua independência, Timor-Leste aderiu ao Acordo em 2004. O acordo teve ainda a presença de uma delegação de observadores da Galícia.

O Acordo Ortográfico de 1990 institui uma ortografia oficial única da língua portuguesa e com isso interrompe a existência de duas normas ortográficas oficiais diferentes: uma no Brasil e outra nos restantes países de língua portuguesa. Os proponentes do Acordo dão como exemplo motivador a língua espanhola (o castelhano), que apresenta grande variação, quer na pronúncia quer no vocabulário, entre a Espanha e a América hispânica, mas sujeita a uma só forma de escrita, regulada pela Associação de Academias da Língua Espanhola.

A adoção da nova ortografia, de acordo com os dados da Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (que se baseiam exclusivamente numa lista de 110.000 palavras da Academia das Ciências de Lisboa), irá acarretar alterações na grafia de cerca de 1,6% do total de palavras na norma euro-afro-asiático-oceânica (em Portugal, PALOP, Timor-Leste e Região Administrativa Especial de Macau) e de cerca de 0,5% na brasileira.

A NOVA ORTOGRAFIA

GUIA RÁPIDO E SIMPLIFICADO

Este é um resumo, em linguagem e organização simples, das disposições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado pelos oito países lusófonos (que falam o português como sua língua nacional) em 16 de dezembro de 1990. O texto completo do Acordo está disponível no *site www.filologia.org.br/acordo_ortografico.pdf*. Este resumo trata apenas das mudanças inequívocas, e refere-se somente àquelas que dizem respeito à ortografia adotada no Brasil (em parte, serão outras as mudanças em relação à ortografia até então adotada em Portugal e outros países lusófonos).

AS MUDANÇAS

ALFABETO

Ao alfabeto da língua portuguesa acrescem-se as letras *K*, *W* e *Y*, e ele passa a ter 26 letras*:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

USO DE VOGAIS ÁTONAS *E* E *I*

Em palavras com sufixos *-ano* e *-ense* que se combinam com um *i* que pertence ao tema (havaiano [de Havaí], italiano [de Itália], etc.) ou derivadas de palavras que têm na última sílaba um *e* átono (Acre, Açores), escreve-se antes da sílaba tônica *-iano* e não *-eano*: acriano, açoriano, sofocliano, torriense. Mas escreve-se *-eano* se a última sílaba da palavra de origem tiver *e* tônico: daomeano, guineano ou guineense, etc.

MUDANÇAS NA ACENTUAÇÃO E NO USO DO TREMA

Os ditongos abertos tônicos *éi* e *ói* perdem o acento agudo quando caem na penúltima sílaba (portanto, de palavras paroxítonas):

---

* Na prática, essas letras já se usavam como símbolos de medidas (km, kg, W) e em palavras estrangeiras e suas derivadas em português: know-how, Kant, kantiano, yin-yang, walkman.

idéia(s)	*passa a ser*	ideia(s)
jóia(s)	*passa a ser*	joia(s)
geléia(s)	*passa a ser*	geleia(s)
tramóia(s)	*passa a ser*	tramoia(s)
epopéia(s)	*passa a ser*	epopeia(s)
apóia	*passa a ser*	apoia
diarréico(s)	*passa a ser*	diarreico(s)
heróico(s)	*passa a ser*	heroico(s)
hebréia(s)	*passa a ser*	hebreia(s)
debilóide(s)	*passa a ser*	debiloide(s)

◆ **Cuidado:** o acento não cai se incide nesses ditongos em sílabas tônicas de palavras oxítonas (com acento tônico na última sílaba) ou proparoxítonas (com acento tônico na antepenúltima sílaba):

anéis	*continua*	anéis
herói(s)	*continua*	herói(s)
fiéis	*continua*	fiéis
anzóis	*continua*	anzóis
axóideo(s)	*continua*	axóideo(s)

Cai o acento circunflexo de palavras paroxítonas terminadas em *ôo* e em *êem*:

vôo	*passa a ser*	voo
dêem	*passa a ser*	deem
enjôo	*passa a ser*	enjoo
vêem	*passa a ser*	veem
acôo	*passa a ser*	acoo
crêem	*passa a ser*	creem
abençôo	*passa a ser*	abençoo
lêem	*passa a ser*	leem

◆ **Cuidado**: As flexões dos verbos *ter* e *vir* na 3ª pess. pl. do pres. do indic. mantêm o acento: *têm*, *vêm*, diferençando das flexões de 3ª pess. sing. *tem*, *vem*, bem como os derivados desses verbos, como *mantém* e *mantêm*, *provém* e *provêm*, *retém* e *retêm*, *convém* e *convêm*, etc.

Não se usa acento gráfico (agudo ou circunflexo) em palavras paroxítonas para diferençá-las de outras palavras delas homógrafas (com a mesma grafia). São estas as palavras afetadas:

pára (flexão de parar) e para (preposição)	*passam a ser*	para
péla(s) (subst. fem.), pelas (flexão de pelar) e pela(s) contração por + a(s)	*passam a ser*	pela(s)
pélo (fexão de pelar), pêlo (subst. masc.) e pelo (contração por + o)	*passam a ser*	pelo(s)
péra(s) (subst, fem.= pedra), pêra(s) (subst. fem.) e pera (prep. = para)	*passam a ser*	pera(s)
pólo(s) (subst. masc.) e polo(s) (comb. de por + lo(s)	*passam a ser*	polo(s)

◆ **Lembre-se**: o v. *pôr* (infinitivo) e *pôde* (flexão na 3ª pes. sing. pret. perf. do v. poder) mantêm o acento, diferençando respectivamente da preposição *por* e da flexão de 3ª pess. sing. do pres. indic. *pode*.
É facultativo usar ou não circunflexo em *fôrma* (com *o* fechado) para diferençar de *forma* (com *o* aberto).

Perdem o acento agudo as vogais tônicas *i* e *u* de palavras paroxítonas, quando antecedidas de ditongo:

boiúno	*passa a ser*	boiuno
feiúra	*passa a ser*	feiura
baiúca	*passa a ser*	baiuca
alauíta	*passa a ser*	alauita

◆ **Cuidado**: mantém-se o acento quando a palavra é proparoxítona (*feiíssimo*, *bauínia*) ou oxítona (*tuiuiú*, *teiú*, *teiús*).

Nos verbos *arguir* e *redarguir* deixa-se de usar o acento agudo no *u* tônico nas flexões rizotônicas (ou seja, nas quais o acento tônico cai em sílaba do radical), no caso *argu* e *redargu*:

argúo	*passa a ser*	arguo
redargúo	*passa a ser*	redarguo
argúis	*passa a ser*	arguis
redargúis	*passa a ser*	redarguis
argúi	*passa a ser*	argui
redargúi	*passa a ser*	redargui
argúem	*passa a ser*	arguem

redargúem	*passa a ser*	redarguem
argúa	*passa a ser*	argua
redargúa	*passa a ser*	redargua
reargúas	*passa a ser*	redarguas
reargúam	*passa a ser*	redarguam

Nos verbos terminados em *-guar*, *-quar*, e *-quir* (aguar, apaziguar, enxaguar, obliquar, delinquir, etc.), as flexões podem ser pronunciadas com acento tônico na sílaba do *u* ou, como no Brasil, na sílaba anterior. No primeiro caso cai o acento agudo do *ú*, no segundo, a vogal tônica da sílaba anterior recebe acento agudo:

agúo	*passa a ser*	aguo ou águo
averigúo	*passa a ser*	averiguo ou averíguo
apropinqúo	*passa a ser*	apropinquo ou apropínquo
delinqúo	*passa a ser*	delinquo ou delínquo

O trema deixa de ser usado para assinalar a pronúncia do *u** em sílabas como *güe*, *güi*, *qüe* e *qüi*. Permanece em palavras estrangeiras e suas derivadas:

agüentar	*passa a ser*	aguentar
sagüi	*passa a ser*	sagui
freqüência	*passa a ser*	frequência
tranqüilo	*passa a ser*	tranquilo
mülleriano	*continua*	mülleriano

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS

Usa-se o hífen em palavras compostas cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal compõem uma unidade sintagmática e de significado e mantêm cada um sua acentuação própria (o primeiro elemento pode estar em forma reduzida):

ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-ortopedista, segundo-tenente, guarda-noturno, mato-grossense, afro-brasileiro, quarta-feira, vermelho-claro, primeira-dama, conta-gotas, marca-passo, tira-teima, bota-fora, etc.

◆ **Atenção:** o Acordo menciona explicitamente as exceções (em compostos nos quais se perdeu em certa medida a noção de composição) que se grafam aglutinadamente:

---

*mesmo sem o trema, o u continua a ser pronunciado

girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, etc.

◆ **Comentário**: a definição do conceito da exceção ('em certa medida', 'noção de recomposição') e o 'etc.' final tornam a aplicação desta regra um tanto vaga. A nova edição do Vocabulário Ortográfico define as dúvidas porventura subsistentes. A posição da ABL, no processo de edição do V.O., portanto antes de sua publicação, era de que o *etc.* deve ser desconsiderado valendo como exceção apenas as explicitamente mencionadas (acima). Todas as outras, portanto, manteriam o hífen: para-lama, para-brisa, lero-lero, marca-passo, tira-teima, cata-vento, etc. Outra exceção (ABL): passatempo.

Já vigentes na prática, são agora definidos como **regras**:

a) Nos topônimos (nomes de lugares geográficos) usa-se hífen com os prefixos *Grão-* e *Grã-*, em nomes cujo primeiro elemento é **verbal** e quando os elementos estão ligados por **artigos**:

Grão-Pará, Grã-Bretanha, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Todos-os-Santos

b) Têm hífen palavras compostas que designam espécies **botânicas** e **zoológicas**:

couve-flor, erva-doce, andorinha-do-mar, bem-te-vi, leão-marinho

Usa-se hífen (e não travessão) entre elementos que formam não uma palavra, mas um **encadeamento vocabular**:

ponte Rio-Niterói, Alsácia-Lorena, Liberdade-Igualdade-Fraternidade

Não se usa hífen em locuções (alguns exemplos):

substantivas: café da manhã, fim de semana, cão de guarda
adjetivas: cor de açafrão, cor de vinho
pronominais: cada um, ele mesmo, quem quer que seja
adverbiais: à vontade, à parte, depois de amanhã
prepositivas: a fim de, acerca de, por meio de, a par de
conjuncionais: contanto que, no entanto, logo que

◆ **Exceções consagradas pelo uso:** água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa

◆ **Comentário**: Também é um tanto vaga a noção de 'consagrada pelo uso', o que implica que só com a publicação do V.O. foram definidas todas as locuções

em que se usa (ou não) hífen, como, p.ex., água que passarinho não bebe, arco da aliança, água de cheiro, etc. Pressupõe-se que, na lógica de só serem válidas as exceções explicitamente mencionadas no Acordo, todas perderam o hífen. Mantêm os hifens locuções que formam nomes de plantas e animais.

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS POR PREFIXAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO

Geralmente, a não ser nas exceções que serão estabelecidas na regras seguintes, em palavras compostas com prefixos ou falsos prefixos (radicais gregos ou latinos que ganharam o significado das palavras das quais faziam parte, como aero, radio, tele, etc.) usa-se hífen se o segundo elemento começa por *h*:

anti-histórico, super-homem, multi-horário, mini-habitação

◆ **Atenção**: quando se usam os prefixos *des-* e *in-* caem o *h* e o *hífen*: des*u*mano, *ina*bitável, des*o*nra, *iná*bil
Também com os prefixos *co-* e *re-* caem o *h* e o **hífen**: c*oe*rdar, c*oa*bitar, r*ea*bilitar, r*ea*bitar

Passa a se usar hífen entre o prefixo e o segundo elemento quando o prefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento:

antiinflacionário	*passa a ser*	anti-inflacionário
teleeducação	*passa a ser*	tele-educação
neoortodoxia	*passa a ser*	neo-ortodoxia

Obs.: nos prefixos terminados em *a*, já era o uso vigente, agora consolidado pela regra: contra-almirante, extra-articular, ultra-alto.

◆ **Exceção**: o prefixo *co-* se aglutina com segundo elemento começado por **o**: cooptar, coobrigação.

re- se aglutina com palavras começadas por *e*: reeleição, reestudar. reerguer.

Usa-se hífen com *circum-* e *pan-* quando seguidos de elemento que começa por **vogal**, *m* e *n*, além do já citado *h*:

circunavegação	*passa a ser*	circum-navegação
circumediterrâneo	*passa a ser*	circum-mediterrâneo
circumeridiano	*passa a ser*	circum-meridiano

Obs.: já era uso vigente para *pan-* e alguns usos de *circum-*, agora ratificados como regra, como por exemplo: pan-africano, circum-adjacente.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina **em consoante** usa-se hífen quando o segundo elemento começa com a mesma consoante, ou começa por *r* ou *h*.

Obs.: São casos desta regra, e também de regra específica do Acordo, o uso de hífen com os prefixos hiper-, inter-, super, ciber- e nuper- quando o segundo elemento começa por *r* ou *h* (hiper-requintado, inter-resistente, super-radical, inter-hospitalar); **não** se usa hífen em outros casos nos quais o prefixo termina em **consoante** e o segundo elemento começa por **vogal** ou **consoante diferente de *h* ou *r***: subsequência, sublinear, interativo, hiperativo, superabundante, hiperacidez, interlocução.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por *r* ou *s* **não se usa mais o hífen** e a consoante *r* ou *s* é **duplicada**:

ultra-som	*passa a ser*	ultrassom
anti-semita	*passa a ser*	antissemita
eco-sistema	*passa a ser*	ecossistema
mini-saia	*passa a ser*	minissaia
maxi-resultado	*passa a ser*	maxirresultado
contra-regra	*passa a ser*	contrarregra
co-seno	*passa a ser*	cosseno
semi-reta	*passa a ser*	semirreta

Não se usa hífen quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **vogal diferente** ou **consoante** (se esta for *r* ou *s*, como visto acima, se duplica):

auto-escola	*passa a ser*	autoescola
extra-escolar	*passa a ser*	extraescolar
co-piloto	*passa a ser*	copiloto
supra-estrutura	*passa a ser*	supraestrutura
auto-imune	*passa a ser*	autoimune
contra-ordem	*passa a ser*	contraordem

Obs.: Alguns desses usos (antiaéreo, plurianual, prefixo seguido de consoante, etc.) já eram vigentes, outros não (exemplos acima), agora todos estão submetidos à regra.

Alguns casos que não mudam, mas convém lembrar:

Com os prefixos ou falsos prefixos *ex-*, *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*, *pré-*, *pró-* e *pós-* sempre se usa hífen.

Usa-se hífen antes dos sufixos de função adjetiva de origem tupi-guarani *-açu*, *-guaçu* e *-mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal tônica(cajá--mirim, cipó-guaçu) ou quando se necessita separar a pronúncia da vogal final da do sufixo (anda-açu).

Usa-se hífen nas formas verbais com pronomes átonos (diga-me, vestir-se, vingá-lo, dizer-lhes).

Se a quebra de linha ocorre onde há um hífen gramatical, recomenda-se repetir o hífen no início da linha seguinte.

LOCUÇÕES

Como já foi apontado na página XXXIV, não se usa hífen em locuções de qualquer tipo (nominais, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas, conjuncionais), com as seguintes exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

Assim:

nominais:

água-de-coco,	*passam a ser*	água de coco,
café-da-manhã		café da manhã, etc.

adjetivas:

cor-de-abóbora,	*passam a ser*	cor de abóbora,
cor-de-açafrão		cor de açafrão, etc.

pronominais:
nós mesmos, ela própria

adverbiais:

à-vontade,	*passam a ser*	à vontade,
antes-de-ontem		antes de ontem

prepositivas:
por cima de, a fim de

conjuncionais
ao passo que, logo que

Introdução

Conceitos gerais

LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO, ESTILO

1. LINGUAGEM é "um conjunto complexo de processos — resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social — que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer"[1]. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma LINGUAGEM. À linguística interessa particularmente uma espécie de LINGUAGEM, ou seja, a LINGUAGEM FALADA ou ARTICULADA.

2. LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.

3. DISCURSO é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão

---

[1] Tatiana Slama-Casacu. *Langage et contexte*. Haia, Mouton, 1961, p. 20.

que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se ESTILO.[2]

4. A distinção entre LINGUAGEM, LÍNGUA e DISCURSO, indispensável do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial. Em verdade, as três denominações aplicam-se a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

A interdependência desses aspectos, salienta-a Tatiana Slama-Casacu, ao escrever: "A LÍNGUA é a criação, mas também o fundamento da LINGUAGEM — que não poderia funcionar sem ela —; é, simultaneamente, o instrumento e o resultado da atividade de comunicação. Por outro lado, a LINGUAGEM não pode existir, manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma LÍNGUA qualquer. A mais frequente forma de manifestação da LINGUAGEM — constituída de uma complexidade de processos, de mecanismos, de meios expressivos — é a LINGUAGEM FALADA, concretizada no DISCURSO, ou seja, a realização verbal do processo de comunicação. O DISCURSO é um dos aspectos da LINGUAGEM — o mais importante — e, ao mesmo tempo (...), a forma concreta sob a qual se manifesta a LÍNGUA. O DISCURSO define-se, pois, como o ato de utilização individual e concreto da LÍNGUA no quadro do processo complexo da LINGUAGEM. Os três termos estudados — LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO — designam no fundo três aspectos, diferentes mas estritamente ligados, do mesmo processo unitário e complexo."[3]

LÍNGUA E SOCIEDADE: VARIAÇÃO E CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA

Embora desde princípios deste século linguistas como Antoine Meillet e Ferdinand de Saussure tenham chegado a configurar a língua como um fato social, rigorosamente enquadrado na definição dada por Emile Durkheim[4], só nos últimos vinte anos, com o desenvolvimento da SOCIOLINGUÍSTICA, as relações entre a língua e a sociedade passaram a ser caracterizadas com maior precisão.

---

[2] Aceitando a distinção de Jules Marouzeau, podemos dizer que a LÍNGUA é "a soma dos meios de expressão de que dispomos para formar o enunciado" e o ESTILO "o aspecto e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão" (*Précis de stylistique française*, 2.ª ed. Paris, Masson, 1946, p. 10).

[3] *Obra cit.*, p. 20.

[4] Vejam-se Antoine Meillet. *Linguistique historique et linguistique générale*, 2.ª ed. Paris, Champion, 1926, p. 16, 230 *passim*; Ferdinand de Saussure. *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1973, p. 31.

A sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direcional: a influência da sociedade na língua, ou da língua na sociedade.

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um DIASSISTEMA, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Daí o estudo de uma língua revestir-se de extrema complexidade, não podendo prescindir de uma delimitação precisa dos fatos analisados para controle das variáveis que atuam, em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação. A variação sistemática está, hoje, incorporada à teoria e à descrição da língua.

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);
2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);
3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS[5] (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

A partir da nova concepção da língua como DIASSISTEMA, tornou-se possível o esclarecimento de numerosos casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda a inter-relação dos fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos que atuam no complexo operar de uma língua e orientam a sua deriva.

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais.

---

[5] Veja-se Eugenio Coseriu. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire. In *Actes du premier Colloque International de Linguistique Appliquée*. Nancy, Université de Nancy, 1966, p. 199.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contrarregrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes.

DIVERSIDADE GEOGRÁFICA DA LÍNGUA: DIALETO E FALAR

As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se DIALETOS.

Alguns linguistas, porém, distinguem, entre as variedades diatópicas, o FALAR DO DIALETO.

DIALETO seria "um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem". De modo secundário, poder-se-iam também chamar dialetos "as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua"[6].

FALAR seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrônico, segundo Manuel Alvar, por ser um dialeto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam ainda distinguir, dentro dos FALARES REGIONAIS, OS FALARES LOCAIS, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos "de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com caráter administrativo"[7].

---

[6] Manuel Alvar. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filologia Hispánica*, 15:57, 1961.

[7] *Id., ibid.*, p. 60.

No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática as duas modalidades diatópicas, empregaremos neste livro — e particularmente no capítulo seguinte — o termo DIALETO no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.

A NOÇÃO DE CORRETO

Uma gramática que pretenda registrar e analisar os fatos da língua culta deve fundar-se num claro conceito de norma e de correção idiomática. Permitimo-nos, por isso, uma ligeira digressão a respeito deste controvertido tema.

Os progressos dos estudos linguísticos vieram mostrar a falsidade dos postulados em que a gramática logicista e a latinizante esteavam a correção idiomática e, com isso, deixaram o preceptismo gramatical inerme diante da reação anticorretista que se iniciou no século passado e que vem assumindo, em nossos dias, atitudes violentas, não raro contaminadas de radicalismo ideológico.[8]

Por outro lado, à ideia, sempre renovada, de que o povo tem o poder criador e a soberania em matéria de linguagem associa-se, naturalmente, outra — a de considerar elemento perturbador ou estéril a interferência da força conservadora ou repressiva dos setores cultos.

Contra essa concepção demolidora do edifício gramatical, pacientemente construído desde a época alexandrina com base na analogia, levantam-se alguns linguistas modernos, procurando fundamentar a correção idiomática em fatores mais objetivos.

Dessa nova linha de preocupações foi precursor Adolf Noreen, o linguista sueco a cujas ideias geniais hoje se começa a fazer justiça.[9]

Para Noreen há três critérios principais de correção, por ele denominados *histórico-literário*, *histórico-natural* e *racional*, o último, obviamente, o seu preferido.

De acordo com o critério *histórico-literário*, "a correção estriba-se essencialmente em conformar-se com o uso encontrado nos escritores de uma época

---

[8] Veja-se, a propósito, Angel Rosenblat. *El criterio de corrección lingüística: unidad y pluralidad de normas en el español de España y América*. Separata de P.I.L.E.I. *El Simposio de Indiana*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1967, p. 27. Consulte-se também Celso Cunha. *Língua portuguesa e realidade brasileira*, 8.ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981, p. 35-39, texto em parte aqui reproduzido.

[9] Leiam-se Björn Collinder, *Les origines du structuralisme*, Stockholm – Göteborg – Upsala, Almqvist & Wiksell, 1962, p. 6 e ss.; Bertil Malmberg. *Les nouvelles tendances de la linguistique*, trad. por Jacques Gengoux. Paris, P.U.F., 1966, p. 42, 52-55, 130, 184-186, 197, 279.

pretérita", em geral escolhida arbitrariamente. É o critério tradicional de correção, fundado no exemplo dos clássicos.

O segundo critério, o *histórico-natural* de Noreen e que Jespersen prefere chamar *anárquico*, baseia-se na doutrina, a que nos referimos, de que a linguagem é um organismo que se desenvolve muito melhor em estado de completa liberdade, sem entraves. Dentro desse ponto de vista não pode haver, em princípio, nada correto ou incorreto na língua.

Depois de deixar patente o caráter arbitrário do primeiro critério e o absurdo do segundo, se levado a suas naturais consequências, Noreen tenta justificar o único que resta, o dele Noreen, expresso na fórmula: "o melhor é o que pode ser apreendido mais exata e rapidamente pela audiência presente e pode ser produzido mais facilmente por aquele que fala"; ou no enunciado mais sintético de Flodström: "o melhor é a forma de falar que reúne a maior simplicidade possível com a necessária inteligibilidade."[10]

Jespersen considera a fórmula de Noreen oportunista, individualista, atomística, "pois que divide demasiado a comunidade linguística em indivíduos particulares e olvida excessivamente o conjunto"[11].

Em nome de que princípio se corrige, então, o falar de uma pessoa? Por que uma criança aprende de seus pais que não deve dizer *sube* por *soube*, *fazerei* por *farei* e, à medida que vai crescendo em anos, continua a ter o seu comportamento linguístico ora corrigido por outros, ora por esforço próprio?

Para Jespersen nenhum dos critérios anteriormente lembrados — e enumera sete: o da autoridade, o geográfico, o literário, o aristocrático, o democrático, o lógico e o estético — o explica. É evidente, no entanto, que existe algo que justifica a correção, "algo comum para o que fala e para o que ouve", e que lhes facilita a compreensão. Este elemento comum é "a norma linguística que ambos aceitaram de fora, da comunidade, da sociedade, da nação"[12].

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser corretos. O mesmo sucede com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e mais coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, Jespersen define o "linguisticamente correto" como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. O que difere é o "linguisticamente incorreto". Ou, com suas palavras: "*falar correto* significa o falar que a comunidade espera, e *erro* em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o

---

[10] Citados por Otto Jespersen. Humanidad, nación, individuo, desde el punto de vista lingüístico, trad. por Fernando Vela. Buenos Aires, *Revista de Occidente*, 1947, p. 113 e 114.

[11] *Obra cit.*, p. 120.

[12] *Ibid.*, p. 120 e ss.

valor interno das palavras ou formas." Reconhece, porém, que, independentemente disso, "existe uma valorização da linguagem na qual o seu valor se mede com referência a um ideal linguístico", para cuja formação colabora eficazmente a "fórmula energética de que o mais facilmente enunciado é o que se recebe mais facilmente"[13].

Entre as atitudes extremadas — dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais —, há sempre lugar para uma posição moderada, termo médio que represente o aproveitamento harmônico da energia dessas forças contrárias e que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sã e eficaz política educacional e cultural dos países de língua portuguesa.

"Na linguagem é importante o polo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem 'línguas' como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo."[14]

A hipótese da "linguagem monolítica" não se assenta numa realidade, e a sua corporificação nas gramáticas não tem sido benéfica ao ensino dos diversos idiomas. "Sem nenhuma dúvida", escreve Roman Jakobson, "para qualquer comunidade linguística, para todo indivíduo falante existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de subcódigos em comunicação recíproca; cada língua abarca vários sistemas simultâneos, cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente".[15]

Se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, a sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico. Mas — pondera

---

[13] *Ibid.*, p. 178.

[14] Eugenio Coseriu. *La geografía lingüística*. Montevideo. Universidad de la República, 1956, p. 44-45. A propósito, consultem-se também os magistrais estudos do autor: *Sistema, norma y habla* e *Determinación y entorno*, agora enfeixados no volume *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1962, p. 11-113 e 282-323.

[15] Closing Statement: Linguistics and Poetics. In *Style in Language*. Edited by Thomas A. Sebeok. New York-London, M.I.T. & John Wiley, 1960, p. 352.

Eugenio Coseriu, o lúcido mestre de Tübingen — se "é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente", a norma não corresponde, como pensam certos gramáticos, ao que se pode ou se deve dizer, mas "ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada"[16].

A norma pode variar no seio de uma mesma comunidade linguística, seja de um ponto de vista diatópico (português de Portugal / português do Brasil / português de Angola), seja de um ponto de vista diastrático (linguagem culta / linguagem média / linguagem popular), seja, finalmente, de um ponto de vista diafásico (linguagem poética / linguagem da prosa).[17]

Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o patrimônio comum com formas e construções novas, a patentearem o dinamismo do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos.

"Não se repreende de leve num povo o que geralmente agrada a todos", disse com singeleza o poeta Gonçalves Dias. Com efeito, por cima de todos os critérios de correção — aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros — paira o da aceitabilidade social, a *consuetudo* de Varrão, o único válido em qualquer circunstância.

É justamente para chegarem a um conceito mais preciso de "correção" em cada idioma que os linguistas atuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição minuciosa de suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto.

---

[16] *Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1973, p. 55.

[17] Veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 73-74 e ss.

Capítulo 1

Do latim ao português atual

O LATIM E A EXPANSÃO ROMANA

A língua portuguesa provém do latim, que se entronca, por sua vez, na grande família das línguas indo-europeias, representada hoje em todos os continentes.

De início, simples falar de um povo de cultura rústica, que vivia no centro da Península Itálica (o Lácio), a língua latina veio, com o tempo, a desempenhar um extraordinário papel na história da civilização ocidental, "menos por suas virtudes intrínsecas do que pelo êxito político do povo que dela se servia".[1]

Foram as vitórias de seus soldados e o espírito de organização de seus homens de governo que estenderam e, em parte, consolidaram o enorme império, que, no auge de sua expansão, ia da Lusitânia à Mesopotâmia, e do Norte da África à Grã-Bretanha.

Enumeremos, cronologicamente, as conquistas que dilataram de tal forma os domínios do Império Romano.

Até meados do IV século antes de Cristo, os romanos pouco haviam ampliado as fronteiras do antigo Lácio. Foi com a guerra contra os samnitas, iniciada em 326 a.C. e terminada com a decisiva batalha de Sentino (295 a.C.), que começou a irresistível penetração romana na parte meridional da Península Itálica, concluída em 272 a.C., com a anexação de Tarento.

Principia, então, o longo período das conquistas externas. Sucessivamente, vão sendo subjugados os territórios da Sicília (241 a.C.), da Sardenha e da

---

[1] Edouard Bourciez. *Éléments de Linguistique romane*. 4e éd. Paris: Klincksieck, 1946, p. 26. Com razão, afirma Antoine Meillet: "A história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina." (*Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3e éd. Paris: Hachette, 1933, p. 5.)

Córsega (238 a.C.), da Ilíria (229 a.C.), da costa este e sul da Península Ibérica (218-197 a.C.), dos reinos helenísticos do Oriente (200-168 a.C.), da Gália Cisalpina (191 a.C.), da Ligúria (154 a.C.), de Cartago e Norte da África (146 a.C.), da Macedônia e da Grécia (146 a.C.), da Gália Narbonense (118 a.C.), da Gália do Norte (50 a.C.), da Mésia (29 a.C.), do Noroeste da África (25 a.C.), do resto da Península Ibérica (19 a.C.), da Nórica (16 a.C.), da Récia (15 a.C.), da Panônia (10 d.C.), do resto da Mauritânia (42 d.C.), da Bretanha (43 d.C.), da Trácia (46 d.C.), da Dácia (107 d.C.), da Arábia Petreia, da Armênia e da Mesopotâmia (107 d.C.).

Com a anexação da Dácia (Romênia) e, sem caráter permanente, dessas regiões da Ásia Menor, o Império atingia, sob o governo de Trajano, o máximo de sua expansão geográfica.

Ao mesmo tempo que estendiam os seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras, outras gentes e outras civilizações, ensinavam, mas também aprendiam. Aprenderam, por exemplo, muito com os gregos, e isso desde épocas antigas, através dos etruscos e, principalmente, das colônias helênicas do Sul da Itália, que formavam a Magna Grécia. Lívio Andrônico, o primeiro que tentou elevar à altura de língua poética aquele rude idioma de agricultores e pastores, que era então o latim, procurou diretamente em Homero e nos trágicos gregos os modelos para suas experiências de tradução e adaptação literárias. Ele próprio era um grego de Tarento. E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio e todos os que, pioneiramente, se impuseram a árdua tarefa de criar obras de arte na língua nacional não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos da Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda, a partir de 146 a.C., quando, vencida pelas armas, acabou dominando pelo espírito o cruel vencedor.

"Graecia capta ferum victorem cepit et artes
Intulit agresti Latio",[2]

LATIM LITERÁRIO E LATIM VULGAR

Desde o século III a.C., pois, sob a benéfica influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado até atingir, no século I a.C., a alta perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Vergílio e Horácio. Em consequência, acentuou-se com o tempo a separação entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite, e o latim corrente,

[2] Entenda-se: "A Grécia subjugada subjugou o cruel vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio."

a língua usada no colóquio diário pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias.

Tal diferença era já sentida pelos romanos que opunham ao conservador latim literário ou clássico (*sermo litterarius*) o inovador latim vulgar (*sermo vulgaris*), compreendidas nesta denominação as inúmeras variedades da língua falada,[3] que vão do colóquio polido às linguagens profissionais, e até às gírias (*sermo quotidianus, urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, pedestris, castrensis*, etc.).

Foi esse matizado latim vulgar que os soldados, colonos e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e, sob o influxo de múltiplos fatores, diversificou-se com o tempo nas chamadas línguas românicas.

AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Se dos gregos os romanos foram discípulos atentos, dos outros povos vencidos souberam ser eles os mestres imitados. Não só na Itália, mas também na Gália, na Hispânia, na Récia e na Dácia, as tribos mais diversas cedo assimilaram os seus costumes e instituições, adotaram como própria a língua latina, *romanizaram-se*.

É fácil concluir que, falado em tamanha área geográfica, por povos de raças tão diversas, o latim vulgar não poderia conservar a sua relativa unidade, já precária como a de toda língua que serve de meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos.

Nos centros urbanos mais importantes, o ensino do latim difundia o padrão literário e, com isso, retardava até certo ponto os efeitos das forças de diferenciação. Mas no campo ou nas vilas e aldeias a língua, sem nenhum controle normativo, ia voando com suas próprias asas.

A partir do século III da nossa era, podemos dizer que a unidade linguística do Império não mais existia, embora continuassem os contatos políticos entre as suas diversas partes, interligadas por uma certa comunidade de civilização.[4] É o que se entende por *Romania*, em contraste com *Barbaria*, as regiões habitadas por outros povos.

---

[3] A denominação latim vulgar, embora um tanto imprópria, tornou-se termo técnico da linguística. Por ela devemos entender, de acordo com B. E. Vidos, "a língua falada por todas as camadas da população e em todos os períodos da latinidade". (*Manuale de linguistica romanza*. Traduzione dall'olandese di G. Francescato. Firenze: Olschki, 1959, p. 201.)

[4] Vj. Georges Straka. Observations sur la chronologie et les dates de quelques modifications phonétiques en roman et en français prélittéraire. In: *Revue des Langues Romanes*. Montpellier, 1953, p. 307; Idem, La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. In: *Revue de Linguistique Romane*, XX, 1956, p. 249-267.

Alguns fatos históricos vieram contribuir para ativar o processo de dialetalização. Enumeremos os principais.

Desde 212, o edito de Caracala estendera o direito de cidadania a todos os indivíduos livres do Império, com o que Roma e a Itália perderam a situação privilegiada que desfrutavam.

Diocleciano, que governou de 284 a 305, instituiu a obrigatoriedade do latim como língua da administração. Mas, contraditoriamente, anulou os efeitos dessa medida unificadora ao descentralizar política e administrativamente o Império em doze dioceses, caminho aberto para o aguçamento de nacionalismos regionais e locais.[5] Não sendo mais capital, Roma deixou, consequentemente, de exercer a função reitora da norma linguística.

Em 330, Constantino, que se tornara defensor do Cristianismo, transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla.

Com a morte de Teodósio em 395, o vasto domínio foi dividido entre os seus dois filhos, cabendo a Honório o Ocidente, e a Arcádio o Oriente. O Império do Oriente teve vida longa. Conservou-se até 1453. O do Ocidente, porém, depois de sucessivas invasões de hunos, visigodos, ostrogodos, burguinhões, suevos, alanos e vândalos, sucumbe em 476, quando Odoacro destrona o imperador fantoche Romulus Augustus, apelidado com o diminutivo *Augustulus*, "Augustinho".

As forças linguísticas desagregadoras puderam então agir livremente, e de tal forma que, em fins do século V, os falares regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim. Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua vulgar nessa fase de transição que termina com o aparecimento de textos redigidos em cada uma das línguas românicas: francês (séc. IX), espanhol (séc. X), italiano (séc. X),[6] sardo (séc. XI), provençal (séc. XII), rético (séc. XII), catalão (séc. XII, ou princípios

---

5 "O Império foi então dividido em doze dioceses, e é uma coisa surpreendente ver nascer nesse momento as nacionalidades modernas: houve uma África, uma Espanha, uma Grã-Bretanha, duas Franças (a de Trèves e a de Viena), duas Itálias (a de Milão e a de Roma)." (André Piganiol. *Histoire de Rome*. Paris, 1939, p. 446.)

6 O primeiro texto em que o vulgar italiano aparece conscientemente contraposto ao latim é uma carta capuana de 960 (vj. Bruno Migliorini. Storia della lingua italiana. Firenze: Sansoni, 1960, p. 93). Em 1924, porém, Luigi Schiaparelli descobriu o texto de uma adivinha popular (o chamado "Indovinello Veronese"), de fins do séc. VIII ou princípios do séc. IX, que pode ser considerado o mais antigo monumento redigido em um dialeto românico. Sobre os numerosos problemas que encerra o precioso códice da Biblioteca Capitolare di Verona, leia-se o informativo estudo de Matilde Matarazzo Gargiulo, O "Indovinello Veronese". *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro [s. d.], p. 147-158.

do séc. XIII), português (séc. XIII), franco-provençal (séc. XIII), dálmata (séc. XIV) e romeno (séc. XVI).

A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA

Os romanos chegaram à Península Ibérica no século III a.C., por ocasião da 2ª Guerra Púnica, mas só conseguiram dominá-la por completo, ao fim de longas e cruentas lutas, em 19 a.C., quando Augusto venceu a resistência dos altivos povos das Astúrias e da Cantábria.

Muito pouco se sabe das antigas populações ibéricas. No início da romanização habitava a Península uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados.

Das línguas desses povos quase nada conservaram os idiomas hispânicos. Com relativa segurança, atribui-se origem pré-romana apenas a uns quantos sufixos — como *-arra* (*bocarra*), *-orro* (*beatorro*), *-asco* (*penhasco*) e *-ego* (*borrego*) — e algumas palavras de significação concreta: *arroio, balsa, barro, braga(s), carrasco, gordo, lama, lança, lousa, manteiga, tamuge, tojo, veiga,* etc.

A romanização da Península não se processou uniformemente. Das três províncias em que Agripa (27 a.C.) dividiu a Hispânia — a Tarraconense, correspondente à antiga Hispânia Citerior, a Bética e a Lusitânia, desmembradas da Hispânia Ulterior — foi a Bética a que mais cedo assimilou a civilização romana. No alvorecer da nossa era, o geógrafo grego Estrabão testemunhava que "os turdetanos, especialmente os que habitavam as margens do Bétis, haviam adotado os costumes romanos, e até já nem se lembravam da própria língua". E acrescentava: "Não falta muito para que todos se convertam em romanos."[7]

Por esse tempo, nas outras províncias a romanização estava atrasada. Nas regiões do Norte, em terras da Galiza, das Astúrias e da Cantábria, ainda não se fazia sentir a presença de Roma: os seus habitantes conservavam intactos os rudes costumes transmitidos através de gerações que se perdiam na noite dos séculos.

Em 216, a *Gallaecia et Asturia*, que desde a época de Antonino Pio era uma subdivisão militar e financeira da antiga *Hispânia Citerior*, tornou-se uma província à parte, com o nome de *Nova Hispania Citerior Antoniniana*. Compreendia então o Noroeste peninsular até a Cantábria.

Com a reforma de Diocleciano, todas essas províncias — e mais a Baleárica, a Tingitana e a Cartaginense, destacada da Tarraconense — passaram a constituir a diocese da Hispânia, que dependia da prefeitura das Gálias.

---

[7] Cf. Rafael Lapesa. *Historia de la lengua española*. 5. ed. Madrid: Escelicer, 1962, p. 41.

LÍNGUAS ROMÂNICAS

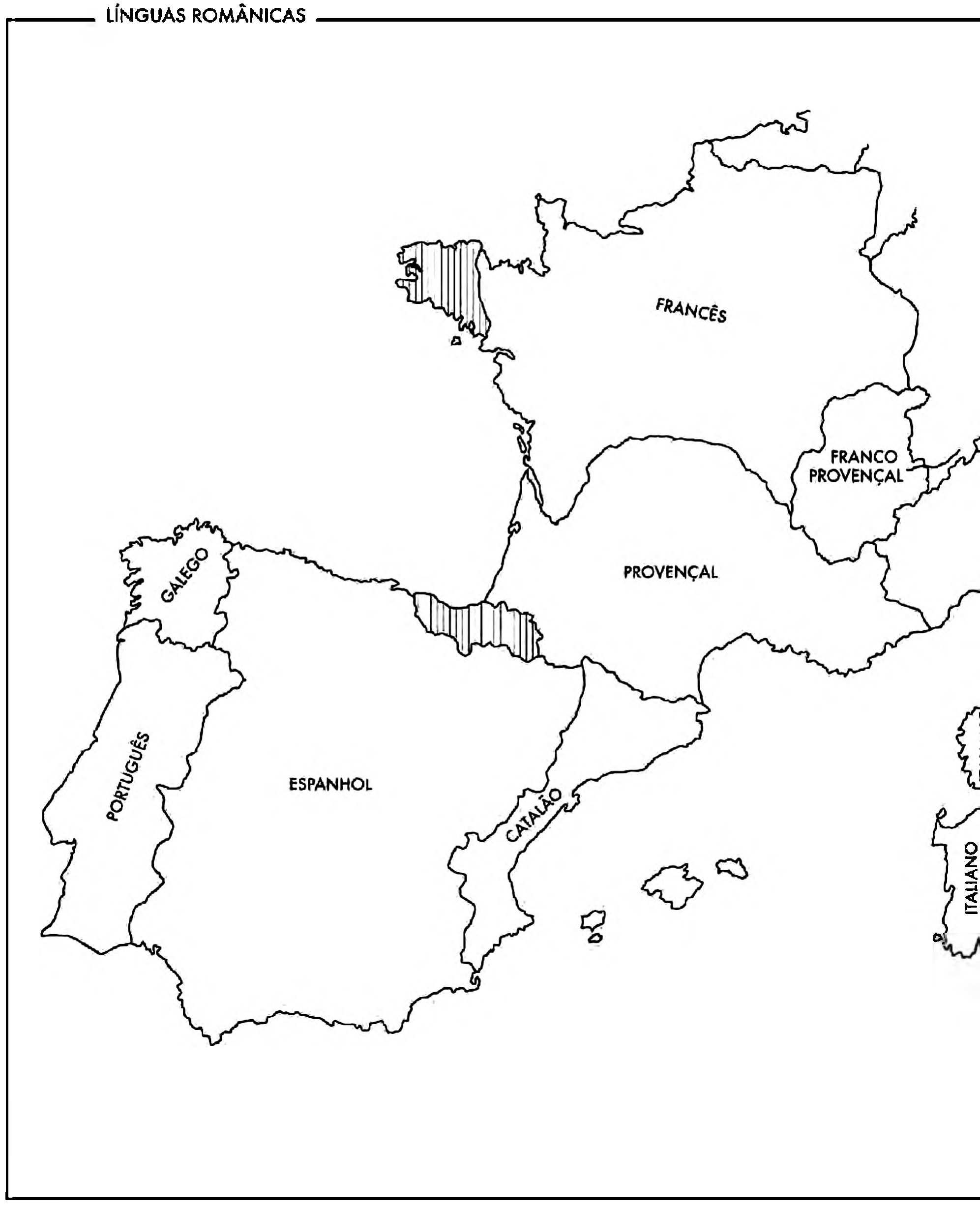

ROMENO
ITALIANO
ITALIANO
SARDO
MACEDO-ROMENO
ITALIANO

O DOMÍNIO VISIGÓTICO

Tal a organização administrativa da Península, quando, em 409, foi invadida por um grupo heterogêneo de povos germânicos — vândalos, suevos e alanos. Os alanos desapareceram rapidamente; os vândalos, depois de se haverem fixado na Bética, transportaram-se, em 429, para a África, onde fundaram um reino, que durou cem anos; os suevos estabeleceram-se na Galécia e na Lusitânia, mas no século VI foram absorvidos pelos visigodos. Estes, que eram os mais civilizados dos povos germânicos, já mantinham antigos contatos com os romanos. Desde 425 estavam sediados na Aquitânia, ao sudoeste da Gália. Daí atravessaram os Pirineus e se estenderam por toda a Península, que iriam dominar durante dois séculos e meio.

Os visigodos cedo se fundiram com a população românica. Três fatos concorreram poderosamente para isso: *a)* a abolição da lei que proibia o casamento de godos com hispanos, ato de Leovegildo; *b)* a conversão, em 586, de Recaredo ao Cristianismo; *c)* o código, promulgado por Recesvindo em 654, que não mais distinguia os direitos das comunidades goda e hispana. Assim, quando Rodrigo, o último rei godo, não pôde deter, em 711, a invasão árabe, com ele ruía não apenas o império visigótico, mas o império romano-visigótico, que tinha como religião o Cristianismo e como língua o hispano-românico, legítimo continuador do latim vulgar.

Excluindo os nomes próprios de pessoas e de lugares, a contribuição goda para a formação do léxico português não ascende a mais de quarenta termos,[8] dos quais cerca de trinta se encontram em outras línguas românicas.

Seguindo o exemplo de Gamillscheg, o professor Joseph M. Piel distribui por quatro grupos as palavras godas que se conservaram em português:

1º) palavras de origem gótica que já pertenciam ao latim vulgar ou medieval: *albergue, arrear, bramar, bando, elmo, espora, guarda, guerra, rapar, trégua*;

2º) palavras comuns a todas as regiões primitivamente ocupadas pelos godos: *aspa, espeto, espia, estala, garbo, mofo, mofino, roca, taco, ufanar-se*;

3º) palavras peculiares à Península Ibérica e à França, ou à Península e à Itália: *agasalhar, brotar, estaca, fato, roupa, sítio, triscar*;

4º) palavras privativas dos idiomas ibero-românicos: *aio, aia, aleive, enguiçar, escanção, ganso, guarecer, íngreme, luva, malado* (arc.), *tascar*.[9]

---

[8] Cf. Joseph M. Piel. *O patrimônio visigodo da língua portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1942, p. 18.

[9] Ibidem, p. 13-17.

O DOMÍNIO ÁRABE

Movidas pela guerra santa, as tribos árabes conquistam o Norte da África e, em 711, desembarcam na Península. Sete anos depois, com exclusão do pequeno reino do Duque Teodomiro, que por meio século ainda conservou sua autonomia, e de alguns focos de resistência nas montanhas das Astúrias, de onde partiria o movimento de Reconquista, o domínio muçulmano cobria toda a anterior Espanha visigótica.

"Os árabes, sírios e berberes que invadem a Península não trazem mulheres: casam com hispano-godas, têm escravas galegas e bascas. Entre os muçulmanos permanecem muitos hispano-godos, os moçárabes, conservadores do saber isidoriano: uns conseguem certa autonomia; os mais exaltados sofrem perseguições e martírio; outros se islamizam; mas todos influem na Espanha moura, onde se fala romance ao lado do árabe."[10]

Com os árabes floresceram na Península as ciências e as artes: houve grande incremento da agricultura, da indústria e do comércio; introduziram-se inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos. Calcula-se em quatro mil o número de vocábulos espanhóis de origem árabe, excluídos os topônimos. Em português o léxico de proveniência árabe tem sido estimado entre quatrocentos e mil termos.

As palavras portuguesas de origem árabe, quase todas substantivos, referem-se, em geral:

a) à organização guerreira: *acicate, adail, adarga, alcaide, alfange, alferes, algarada, aljava, ameia, arrebatar, atalaia, ronda, zaga,* entre outras;
b) à agricultura e à jardinagem: *açafrão, açúcar, açucena, alcachofra, alecrim, alface, alfafa, alfazema, algodão, almécega, benjoim, berinjela,* etc.;
c) ao comércio, a pesos e medidas: *aduana, armazém, arroba, quilate, quintal,* etc.;
d) a ofícios, cargos: *adail, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almotacel, almoxarife, arrais, califa, emir,* etc.;
e) a instrumentos musicais: *adufe, alaúde, anafil, arrabil, tambor,* etc.;
f) às ciências: *álgebra, algoritmo, cifra, zênite, nadir, álcool, álcali,* etc.

Em alguns casos os árabes foram apenas os intermediários de palavras que haviam tomado a outras línguas. São, por exemplo, de origem grega: *alambique, alcaparra, alfândega, alquimia, acelga* e *arroz*; de origem sânscrita: *alcanfor* e *xadrez*; de origem persa: *azul, escarlate, jasmim* e *laranja*. Do próprio latim há uma série de palavras introduzidas sob forma arabizada: *abricó, alcácer, albornoz, almude, alporão.*

---

[10] Rafael Lapesa. *Op. cit.*, p. 95-96.

O PORTUGUÊS PRIMITIVO

Foi durante o domínio árabe que se acentuaram as características distintivas dos romances peninsulares.

Na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho constituiu-se uma unidade linguística particular que conservaria relativa homogeneidade até meados do século XIV — o galego-português.

O galego-português, provavelmente, teria contornos definidos desde o século VI, mas é só a partir do século IX que podemos atestar a sua existência através de palavras que se colhem em textos de latim bárbaro.[11]

PERÍODOS EVOLUTIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Datam do século XIII os primeiros documentos que chegaram até nós integralmente redigidos em galego-português. Inicia-se então a fase propriamente histórica de nossa língua, que, como todo idioma dotado de vitalidade, não se tem mantido uniforme nem no tempo, nem no espaço.

Baseando-nos em parte numa conhecida periodização proposta pelo sábio linguista José Leite de Vasconcelos,[12] distinguiremos as seguintes etapas na evolução do latim ao português atual:

a) latim lusitânico, língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V;
b) romance lusitânico, língua falada na Lusitânia, do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não temos nenhum documento escrito;
c) português proto-histórico, língua falada na Lusitânia, do século IX até fins do século XII, e da qual podemos vislumbrar algumas características nas palavras intercaladas em textos do latim bárbaro;

---

[11] Chama-se latim bárbaro a língua dos documentos forenses da Idade Média, em que, no texto latino, se inserem vocábulos do romance regional.

[12] Cf. *Lições de Filologia Portuguesa*. 2. ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, p. 16-17. Advirta-se que Leite de Vasconcelos situava o começo da fase histórica da língua portuguesa em fins do século XII com fundamento em dois textos, originários do Mosteiro de Vairão, datados respectivamente de 1192 e 1193: o primeiro, um *Auto de Partilhas* dos bens herdados de seus pais pelos irmãos Sánchez; o segundo, o *Testamento* pelo qual Elvira Sánchez deixava todos os seus bens ao Mosteiro de Vairão. Estudo posterior do ilustre filólogo português Luís Filipe Lindley Cintra (Cf. Les anciens textes portugais non littéraires — classement et bibliographie. In: *Les anciens textes romans non littéraires*. Paris, Klincksieck, 1963, p. 169-187), para o qual solicitou a ajuda de dois eminentes paleógrafos, Rui de Azevedo e o Padre Avelino Costa, veio provar que os textos em causa não passam de falsificações de fins do século XIII, ou mesmo do século XIV.

A Península Ibérica no século V, depois de consolidado o domínio político dos invasores germânicos com a formação do Reino dos Suevos e dos Visigodos.

A Península Ibérica no século X, no auge do domínio árabe através do Califado de Córdoba, com os cristãos confinados ao norte no Reino de Leão, Castela, Navarra, Urgelo e Condado de Barcelona.

A Península Ibérica em meados do século XII, com os progressos da Reconquista Cristã. Portugal já ocupa uma faixa do Minho ao Tejo, depois da Tomada de Lisboa aos árabes por D. Afonso Henriques (1147).

A Península Ibérica em meados do século XV. O domínio árabe reduzido ao Reino de Granada, que ruiria em 1492. Portugal, depois da conquista do Algarve (1249) por D. Afonso III, havia atingido praticamente o território atual.

d) português arcaico, que vai de princípios do século XIII até a primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente;[13]
e) português moderno, que se estende da segunda metade do século XVI até os dias que correm.

Os períodos arcaico e moderno da língua portuguesa comportam subdivisões, como reconhecia o próprio Leite de Vasconcelos.

Parece-nos particularmente aconselhável distinguir duas épocas no período compreendido entre o século XIII e a primeira metade do século XVI; uma, a do português arcaico propriamente dito, que abarcaria a língua dos séculos XIII e XIV; outra, a do português médio, que iria do século XV a fins da primeira metade do século XVI e representaria a fase de transição entre a antiga e a moderna do idioma.

Com os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, os portugueses ampliaram enormemente o império de sua língua, levada que foi para os vastos territórios por eles conquistados na África, na América, na Ásia e na Oceânia. Ainda hoje, apesar das consideráveis perdas sofridas, o seu domínio político abarca mais de dez milhões de quilômetros quadrados, aproximadamente a sétima parte da Terra. É o português a língua oficial do Brasil, de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, e de Timor Leste.

Fora das regiões pertencentes ao domínio político de Portugal, do Brasil, das Repúblicas africanas e de Timor Leste, o português é falado em povoações espanholas da zona raiana, tal o caso de Ermisende, na província de Zamora; em Alamedilla, na província de Salamanca; em San Martín de Trevejo, Eljas, Valverde del Fresno, Herrera de Alcântara e Cedillo, na província de Cáceres; em Olivenza e arredores, na província de Badajoz. Também nas áreas fronteiriças do Brasil a língua portuguesa tem penetrado em território de língua espanhola, formando não raro um dialeto misto, como o falado nos departamentos uruguaios de Artigas, Rivera, Cerro Largo, Salto e Tacuarembó.[14]

Não levando em linha de conta os usuários desses falares fronteiriços, nem os do crioulo de Surinam e do papiamento de Curaçau, que o têm por base, nem os do galego, sua covariante; abstraindo-nos também dos núcleos de imigrantes, por vezes consideráveis, como acontece nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, ainda assim o português é o meio natural de comunicação de mais

---

[13] A primeira gramática de nossa língua — a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira — foi impressa em Lisboa, 1536.

[14] Este dialeto foi descoberto pelo sábio linguista José Pedro Rona, que dele nos deu uma excelente descrição em *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevideo, Adolfo Linardi, 1965.

de duzentos milhões de pessoas, o que vale dizer situar-se entre as dez línguas mais faladas do mundo.

A língua portuguesa no mundo

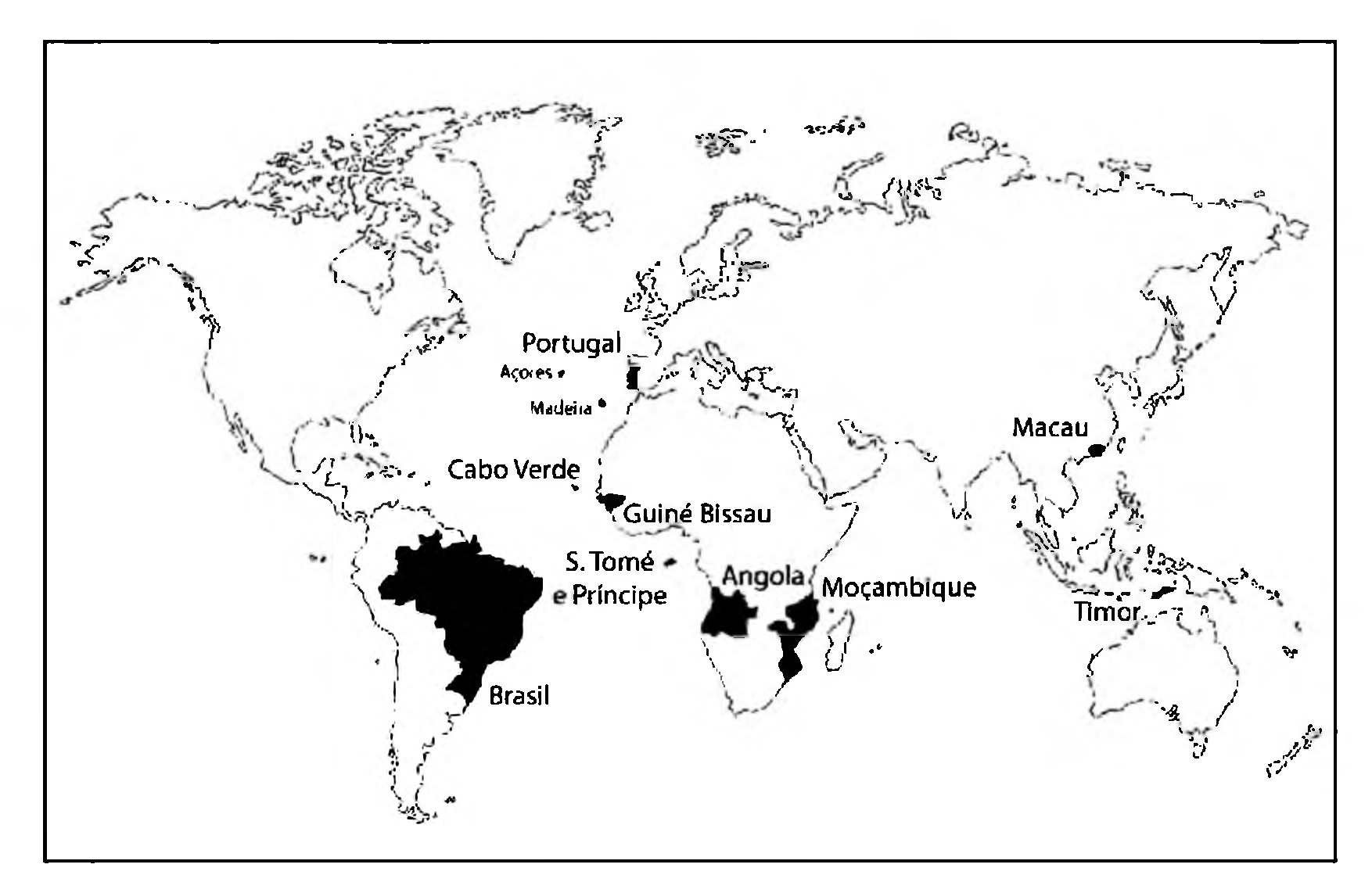

Capítulo 2

Domínio atual da língua portuguesa

UNIDADE E DIVERSIDADE

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma, fato, aliás, salientado até pelos dialectólogos.

Com relação a Portugal, observa o professor Manuel de Paiva Boléo: "Uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar impressionada com a excepcional homogeneidade linguística do País e a sua escassa diferenciação dialectal — ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica."[1]

Com referência à situação linguística do Brasil, escreve Serafim da Silva Neto: "É preciso ter na devida conta que *unidade* não é *igualdade*; no tecido linguístico brasileiro, há, decerto, gradações de cores. Minucioso estudo de campo determinaria, com segurança, várias *áreas*. O que é certo, porém, é que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da *unidade* na *diversidade e* da *diversidade* na *unidade*."[2]

---

[1] Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". *Boletim de Filologia*, 20:85, 1961.

[2] *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963, p. 271.

AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Excetuando-se o caso especial dos CRIOULOS, que estudaremos adiante, temos, pois, de reconhecer esta verdade: apesar da acidentada história que foi a sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, nos distantes e extensíssimos territórios de outros continentes, a língua portuguesa conseguiu manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades por mais afastadas que se encontrem no espaço.

A diversidade interna, contudo, existe e dela importa dar uma visão tanto quanto possível ordenada.[3]

OS DIALETOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresenta-nos um conjunto de DIALETOS que, de acordo com certas características diferenciais de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos:

a) DIALETOS GALEGOS;
b) DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS;
c) DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS.[4]

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português-padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa–Coimbra, e que distinguirão pela fala um galego, um homem do Norte e um homem do Sul.

A distinção funda-se principalmente no sistema das SIBILANTES.

---

[3] Veja-se, sobre o conjunto das variedades do português, a *Bibliografia dialectal galego-portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1974. Sobre o português do Brasil, em particular, possuímos hoje uma bibliografia muito completa: Wolf Dietrich. *Bibliografia da língua portuguesa do Brasil*. Tübingen, Gunter Narr, 1980.

[4] Quanto à classificação dialetal aqui adotada, veja-se Luís Filipe Lindley Cintra. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22: 81-116, Lisboa, 1971. Entre as classificações anteriores, duas merecem realce particular: a de José Leite de Vasconcelos e a de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. A de Leite de Vasconcelos, baseada na divisão de Portugal em províncias, é mais geográfica do que linguística. Foi publicada, inicialmente, no seu *Mappa dialectologico do continente português* (Lisboa, Guillard, Aillaud, 1897), depois reproduzida na *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris-Lisboa, Aillaud, 1901; 2.ª ed., com aditamentos e correções do autor, preparada por Maria Adelaide Valle Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970) e, com alterações, nos *Opúsculos*, IV, Filologia, parte II (Coimbra, 1929, p. 791-796). A de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, exposta em: O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental" (*Boletim de Filologia*, 20: 85-112, Lisboa, 1961), assenta-se em fatos linguísticos, principalmente fonéticos, que se fossem apresentados numa certa e possível hierarquização permitiriam talvez um mais claro agrupamento das variedades.

Assim:

1. Nos dialetos galegos não existe a sibilante sonora /z/: *rosa* articula-se com a mesma sibilante [s̺] ou [s] (surda) de *passo*; *fazer*, com a mesma sibilante [θ] ou [s] (surda) de *caça*. Inexiste também a fricativa palatal sonora [ʒ] grafada em português *j* ou *g* (antes de *e* ou *i*). Em galego, *hoxe* tem a mesma fricativa [ʃ] de *enxada*.

2. Nos dialetos portugueses setentrionais existe a sibilante ápico-alveolar [s̻], idêntica à do castelhano setentrional e padrão, em palavras como *seis*, *passo*. A ela corresponde a sonora [z̻] de *rosa*.
   Em alguns dialetos mais conservadores coexistem com estas sibilantes as pré-dorsodentais [s] (em *cinco*, *caça*) e [z] (em *fazer*), que, noutros dialetos, com elas se fundiram, provocando a igualdade da sibilante de *cinco* e *caça* com a que aparece em *seis* e *passo*, ou seja [s̻], bem como a da de *fazer* com a que se ouve em *rosa*, isto é [z̻].

3. Nos dialetos portugueses centro-meridionais só aparecem as sibilantes pré-dorsodentais que caracterizam a língua padrão:

a) a surda [s], tanto em *seis* e *passo* como em *cinco* e *caça*;[5]
b) a sonora [z], tanto em *rosa* como em *fazer*.

As fronteiras entre as três zonas mencionadas atravessam a faixa galego-portuguesa de oeste a leste, ou, mais precisamente, no caso da fronteira entre dialetos portugueses setentrionais e centro-meridionais, de noroeste a sueste.

Mas há outros traços importantes em que a referida distinção se fundamenta, sem que, no entanto, as suas fronteiras coincidam perfeitamente com as das características já indicadas.

São eles:

a) a pronúncia como [b] ou [β] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *binho*, *abó* por *vinho*, *avó*;
b) a pronúncia como africada palatal [tʃ] do *ch* da grafia (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro-meridionais) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *tchave*, *atchar* por *chave*, *achar*;

---

[5] Pronúncia semelhante à do francês ou do italiano padrão, do castelhano meridional e do hispano-americano.

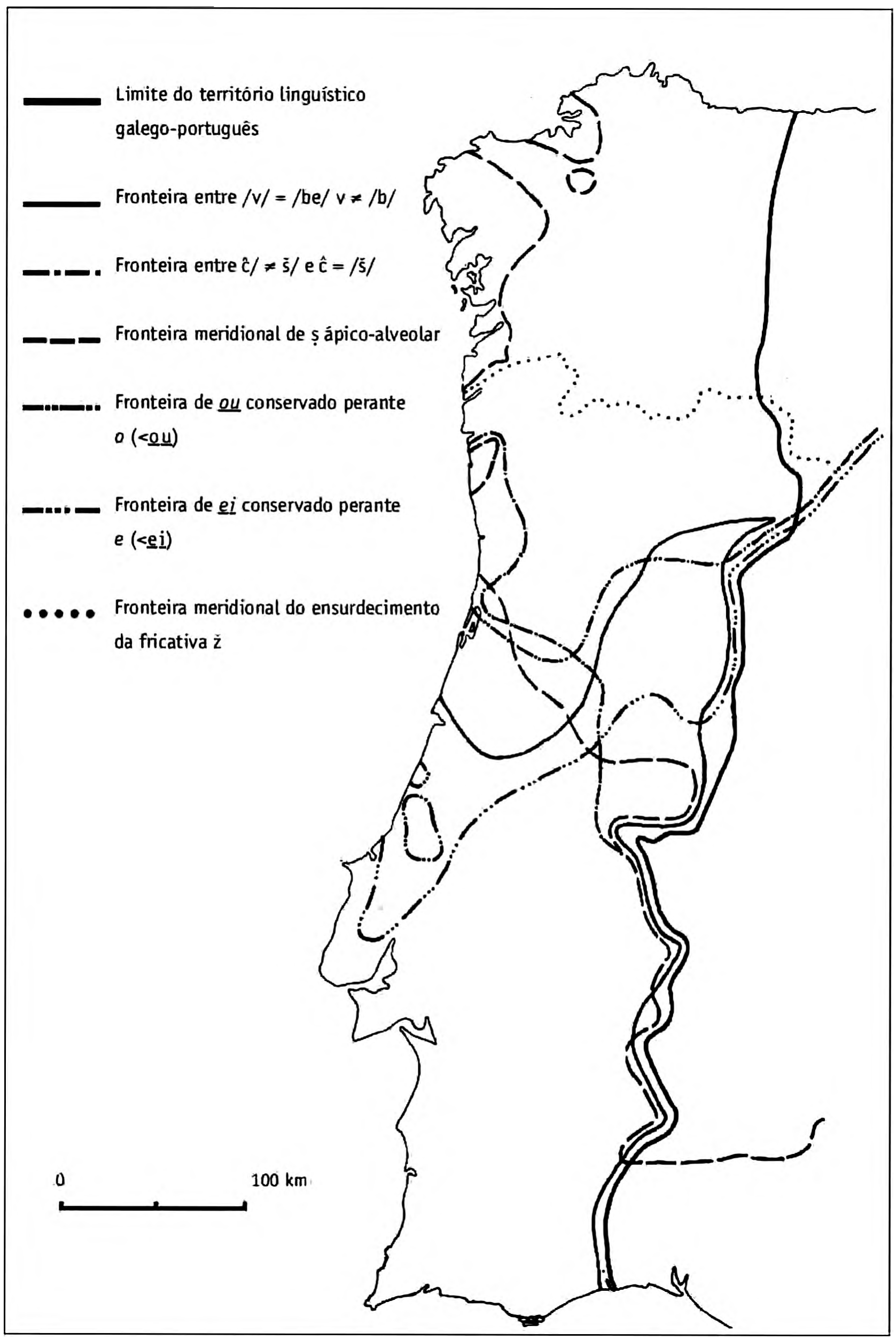

Alguns traços fonéticos diferenciados dos dialetos galego-portugueses

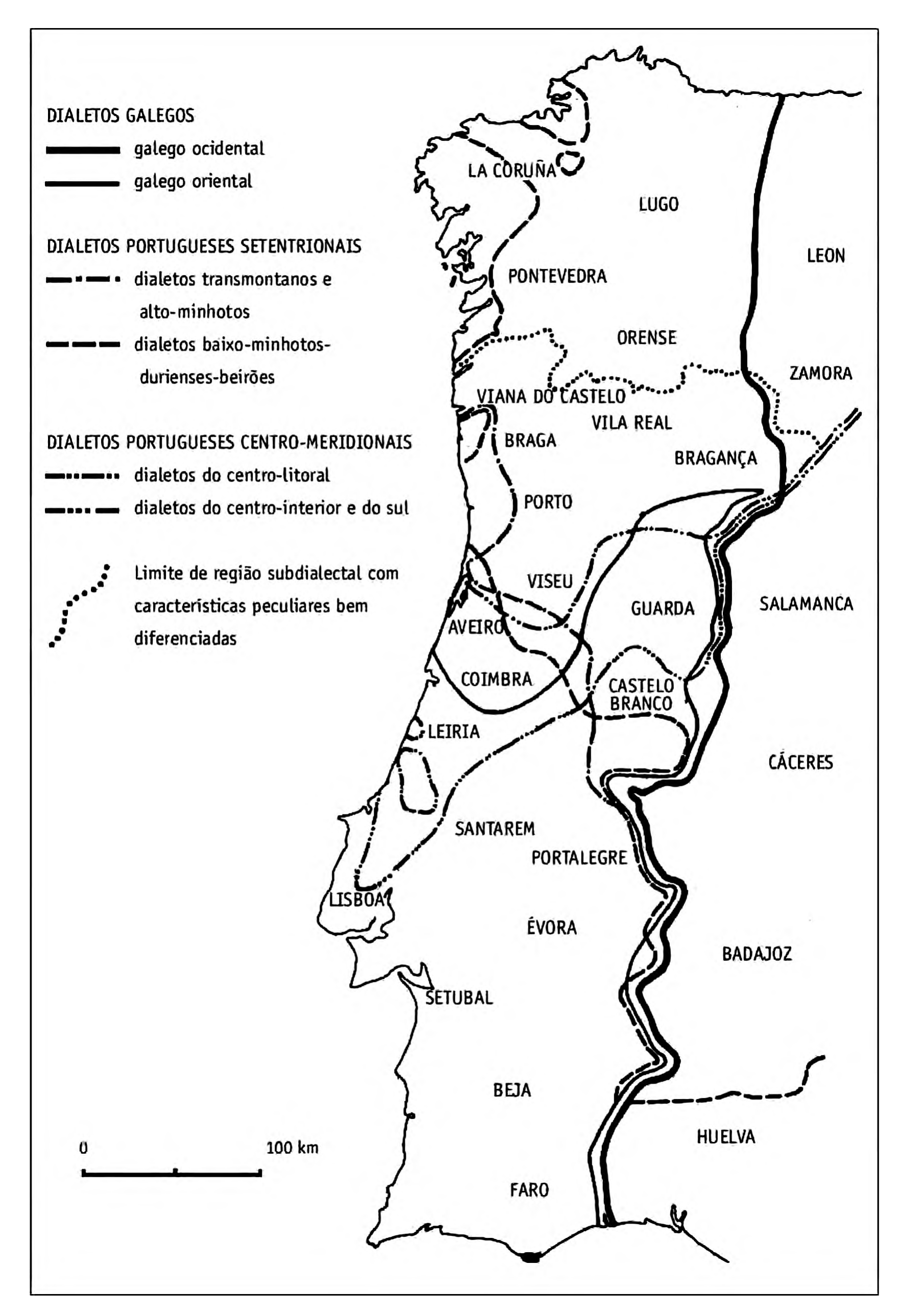

Classificação dos dialetos galego-portugueses

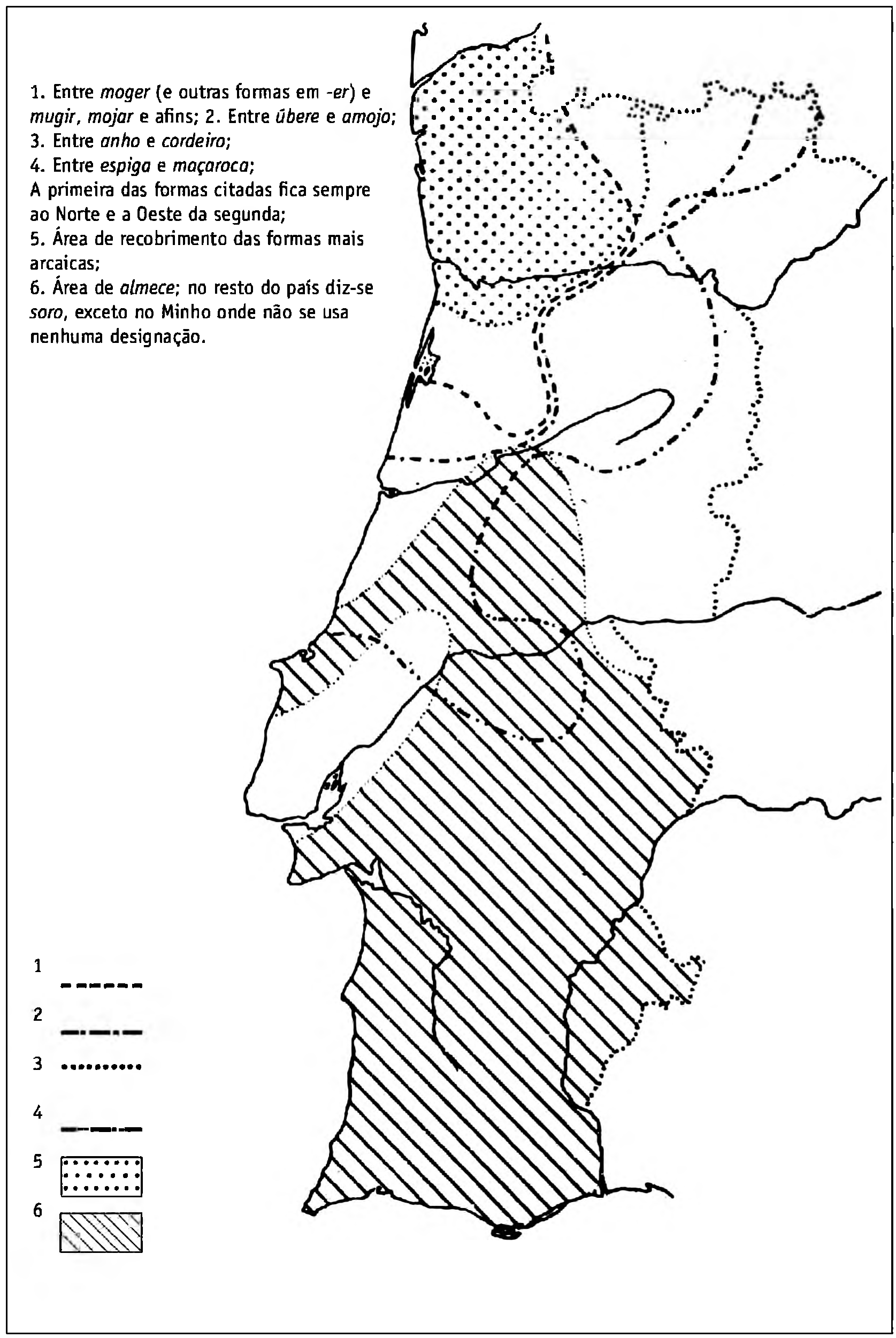

Alguns limites lexicais

c) a monotongação ou não monotongação dos ditongos [ow] e [ej]: a pronúncia [o] e [e] desses ditongos (por exemplo: *ôru* por *ouro*, *ferrêro* por *ferreiro*) caracteriza os dialetos portugueses centro-meridionais e, no caso de [o], a pronúncia padrão perante os dialetos portugueses setentrionais e os dialetos galegos.[6]

Merecem menção especial — mesmo numa apresentação panorâmica dos dialetos portugueses — três regiões em que, a par dos traços gerais que acabamos de apontar, aparecem características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialetos nelas falados de todos os outros do mesmo grupo.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma região (dentro da zona dos dialetos setentrionais) em que se observa regularmente a ditongação de [e] e [o] acentuados: *pjeso* por *peso*, *pworto* por *porto*. Abrange uma grande parte do Minho e do Douro Litoral, incluindo o falar popular da cidade do Porto e de seus arredores.

Em segundo lugar, temos uma extensa área da Beira Baixa e do Alto Alentejo (compreendendo uma faixa pertencente aos dialetos setentrionais, mas, principalmente, uma vasta zona dos dialetos centro-meridionais) em que se registra uma profunda alteração do timbre das vogais. Os traços mais salientes são: *a*) a articulação do *u* tônico como [ü] (próximo do *u* francês), por exemplo: [tü], [´müla], por *tu*, *mula*; *b*) a representação do antigo ditongo grafado *ou* por [ö] (também semelhante ao som correspondente do francês), por exemplo: [´pöka] por *pouca*; *c*) a queda da vogal átona final grafada *-o* ou sua redução ao som [∂], por exemplo: *cop* (∂), *cop* (∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd* (∂) por *tudo*.

Por fim, no ocidente do Algarve situa-se outra região em que se observam coincidências com a anteriormente mencionada, no que se refere às vogais. Em lugar de *u*, encontramos [ü]: [tü], [´müla] (mas o *ou* está representado por [o]). Por outro lado, o *a* tônico evolveu para um som semelhante ao *o* aberto: *bata* é pronunciado quase *bota*, alteração de timbre que não é estranha a alguns lugares da mencionada zona da Beira Baixa e Alto Alentejo, embora seja aí mais frequente a passagem, em determinados contextos fonéticos, de *a* a um som [ä] semelhante a *e* aberto [e], por exemplo: *afilhédo* por *afilhado*, *fumér* por *fumar*. A vogal átona grafada *o* também cai ou se reduz a [∂]: *cop*(∂), *cop*(∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd*(∂) por *tudo*.

---

[6] Com referência ao ditongo [ej], a pronúncia padrão e a de Lisboa (neste caso uma ilhota de conservação ao sul) coincidem com os dialetos setentrionais na sua manutenção. Note-se contudo que, devido a um fenômeno de diferenciação entre os dois elementos do ditongo, este se transformou na referida pronúncia em [αj].

Não são, porém, apenas traços fonéticos que permitem opor os diversos grupos de dialetos galego-portugueses. Se, no que diz respeito a particularidades morfológicas e sintáticas, a grande variedade e irregularidade na distribuição parece impedir um delineamento de áreas que as tome como base[7], já no que se refere à distribuição do léxico podemos observar, ainda que num restrito número de setores e casos, certas regularidades. Não é raro, por exemplo, que os dialetos centro-meridionais se oponham aos setentrionais e aos galegos por neles se designar um objeto ou noção com um termo de origem árabe enquanto nos últimos permanece o descendente da palavra latina ou visigótica. É o caso da oposição *almece / soro* (do queijo), *ceifar / segar*.

Talvez ainda mais frequente seja a oposição lexical entre os dialetos do sul e leste de Portugal, caracterizados por inovações vocabulares de vários tipos, e os dialetos do noroeste e centro-norte, que, como os galegos, se distinguem pelo conservadorismo, pela manutenção de termos mais antigos na língua. É o caso da oposição de *ordenhar* a *moger*, *mugir* e *amojar*; de *amojo* a *úbere*; de *borrego* a *cordeiro* e a *anho*; de *chibo* a *cabrito*; de *maçaroca* a *espiga* (de milho), etc.

Advirta-se, por fim, que em relação a muitas outras noções é grande a variedade terminológica na faixa galego-portuguesa, sem que se observe este ou qualquer outro esquema regular de distribuição. É que a distribuição dos tipos lexicais depende de numerosíssimos fatores, não só linguísticos, mas sobretudo histórico-culturais e sociais, que variam de caso para caso. A regularidade atrás observada parece depender, em alguns casos, da ação de um mesmo fator histórico: a Reconquista aos mouros do Centro e do Sul do território português, movimento que teria criado o contraste entre uma Galiza e um Portugal do Noroeste para Oeste mais conservadores, porque de povoamento antigo, e um Portugal do Nordeste, Este e Sul mais inovador, justamente o que foi repovoado em consequência daquele acontecimento histórico.[8] Trata-se, aliás, de um contraste que tem o seu paralelo na história da arte. Ao Norte, resistência do estilo romântico, enquanto ao Sul, a partir do século XIII, se acentua progressivamente a penetração e a expansão do estilo gótico.

---

[7] Quando muito, poder-se-á dizer, por exemplo, que certos traços, como os perfeitos em *-i* da 1.ª conjugação (*lavi* por *lavei*, *canti* por *cantei*), são exclusivamente centro-meridionais.

[8] Veja-se, a este respeito, principalmente, Luís F. Lindley Cintra. Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 20: 273-307, 1961; e Orlando Ribeiro. A propósito de áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 21: 177-205, 1962-1963 (artigos reproduzidos em Luís F. Lindley Cintra. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 55-94 e 165-202).

OS DIALETOS DAS ILHAS ATLÂNTICAS

Os dialetos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam — como era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento em que os portugueses as descobriram — um prolongamento dos dialetos portugueses continentais.

Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialetos centro-meridionais. Com efeito, não se encontram nos dialetos açorianos e madeirenses nem o [s̪] ápico-alveolar, nem a neutralização da oposição entre [v] e [b], nem a africada [tʃ] dos dialetos setentrionais do continente. Quanto à monotongação dos ditongos decrescentes [ow] e [ej], observam-se as mesmas tendências da língua padrão: o ditongo [ow] reduz-se normalmente a [o], mas a redução de [ej] a [e] é fenômeno esporádico; só ocorre como norma na ilha de São Miguel.

Esta ilha, assim como a da Madeira, constituem casos excepcionais dentro do português insular. Independentemente uma da outra, ambas se afastam do que se pode chamar a norma centro-meridional por acrescentar-lhe um certo número de traços muito peculiares.

No que se refere à ilha de São Miguel, os mais característicos dentre os traços que afastam os seus dialetos dos das outras ilhas coincidem, curiosamente, com os traços que, na Península, distinguem a região da Beira Baixa e do Alto Alentejo (e também, parcialmente, com os que se observam no ocidente do Algarve): *a*) o *u* tônico é articulado como [ü]: *tü*, *müla*; *b*) o antigo ditongo *ou* pronuncia-se como [ö]: *pöca*, *löra*; *c*) o *a* tônico tende para o *o* aberto [ɔ]: quase *bota* por *bata*; *d*) a vogal final grafada *-o* cai ou reduz-se a [ə]: *cop(ə)*, *cop(ə)s*, *tüd(ə)*, *pök(ə)*, por *copo*, *copos*, *tudo*, *pouco*.

Quanto à ilha da Madeira, os seus dialetos apresentam características fonéticas singulares, que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialetos continentais. Assim, o *u* tônico apresenta-se ditongado em [αw], por exemplo: [ˈlαwα] por *lua*; o *i* tônico em [αj], por exemplo:[ˈfαjλα] por *filha*. Por outro lado, a consoante *l*, precedida de *i*, palatiza-se: [ˈvαjλα] por *vila*, [ˈfαjλα] por *fila* (confundindo-se, portanto, desse modo *fila* com *filha*).

OS DIALETOS BRASILEIROS

Com relação ao extensíssimo território brasileiro da língua portuguesa, a insuficiência de informações rigorosamente científicas sobre as diferenças de natureza fonética, morfossintática e lexical que separam as variedades regionais nele existentes não permite classificá-las em bases semelhantes às que foram adotadas

na classificação dos dialetos do português europeu. Deve-se reconhecer, contudo, que a publicação de dois atlas prévios regionais — o do Estado da Bahia[9] e o do Estado de Minas Gerais[10] — e a anunciada impressão do já concluído *Atlas dos falares de Sergipe*[11], bem como a elaboração de algumas monografias dialetais, são passos importantes no sentido de suprir a lacuna apontada.

Entre as classificações de conjunto, propostas em caráter provisório, sobreleva, pela indiscutível autoridade de quem a fez, a de Antenor Nascentes, fundada em observações pessoais colhidas em suas viagens por todos os estados do país.

A base desta proposta reside — como no caso do português europeu — em diferenças de pronúncia.

De acordo com Antenor Nascentes, é possível distinguir dois grupos de dialetos[12] brasileiros — o do Norte e o do Sul —, tendo em conta dois traços fundamentais:

a) a abertura das vogais pretônicas, nos dialetos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em *-mente*: *pègar* por *pegar*, *còrrer* por *correr*;
b) o que ele chama um tanto impressionisticamente a "cadência" da fala: fala "cantada" no Norte, fala "descansada" no Sul.

A fronteira entre os dois grupos de dialetos passa por "uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado do mesmo nome"[13].

Em cada grupo, distingue Antenor Nascentes diversas variedades a que chama SUBFALARES. E enumera dois no grupo Norte:

a) O AMAZÔNICO;
b) O NORDESTINO;

---

[9] Nelson Rossi. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

[10] José Ribeiro *et alii*. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. V.1. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.

[11] Elaborado por Nelson Rossi, com a colaboração de um grupo de professores da Universidade Federal da Bahia.

[12] Empregamos o termo DIALETO pelas razões aduzidas no capítulo 1 e para mantermos o paralelismo com a designação adotada para as variedades regionais portuguesas. Ao que chamamos aqui DIALETO Nascentes denomina SUBFALAR.

[13] Antenor Nascentes. *O linguajar carioca*, 2.ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro, Simões, 1953, p. 25. Por ser quase despovoada, considerava ele incaracterística a área compreendida entre a parte da fronteira boliviana e a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

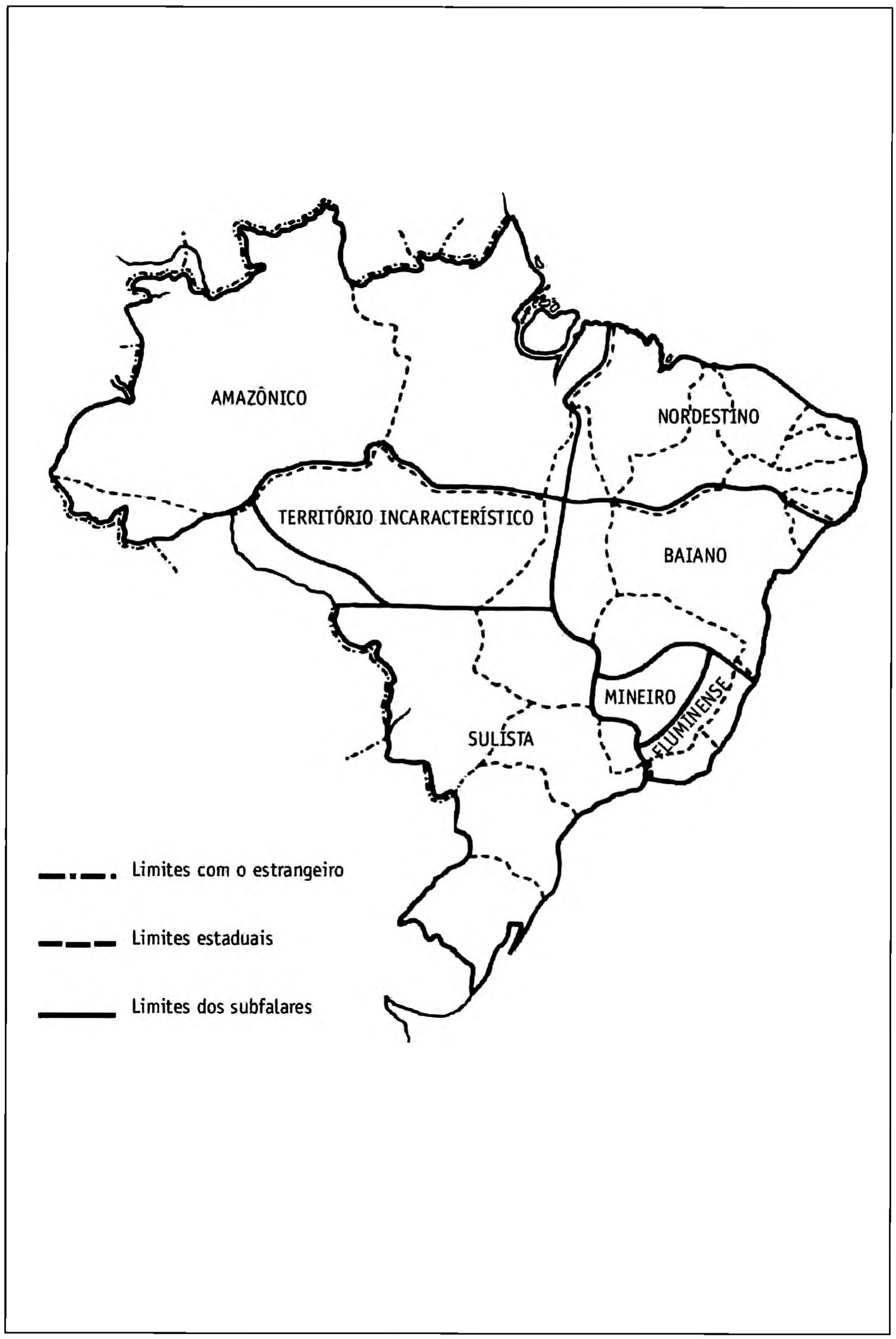

Áreas linguísticas do Brasil (divisão proposta por Antenor Nascentes)

e quatro no grupo Sul:

a) O BAIANO;
b) O FLUMINENSE;
c) O MINEIRO;
d) O SULISTA.

Assinale-se, por fim, que as condições peculiares da formação linguística do Brasil revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa como a portuguesa. Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a europeia.

O PORTUGUÊS DE ÁFRICA, DA ÁSIA E DA OCEÂNIA

No estudo das formas que veio a assumir a língua portuguesa em África, na Ásia e na Oceânia, é necessário distinguir, preliminarmente, dois tipos de variedades: as CRIOULAS e as NÃO CRIOULAS.

As variedades CRIOULAS resultam do contacto que o sistema linguístico português estabeleceu, a partir do século XV, com sistemas linguísticos indígenas. Talvez todas elas derivem do mesmo PROTOCRIOULO OU LÍNGUA FRANCA que, durante os primeiros séculos da expansão portuguesa, serviu de meio de comunicação entre as populações locais e os navegadores, comerciantes e missionários ao longo das costas da África Ocidental e Oriental, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Malásia, da China e do Japão. Aparecem-nos, atualmente, como resultados muito diversificados, mas com algumas características comuns — ou, pelo menos, paralelas —, que se manifestam numa profunda transformação da fonologia e da morfossintaxe do português que lhes deu origem. O grau de afastamento em relação à língua-mãe é hoje de tal ordem que, mais do que como DIALETOS, os crioulos devem ser considerados como línguas derivadas do português.

Os crioulos de origem portuguesa na África, que são os de maior vitalidade, podem ser distribuídos espacialmente em três grupos:

1. Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:

a) de São Tomé;
b) do Príncipe;
c) de Ano Bom (ilha que pertence à Guiné Equatorial).

2. Crioulos do arquipélago de Cabo Verde, com as duas variedades:

a) de Barlavento, ao norte, usada nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista;
b) de Sotavento, ao sul, utilizada nas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

3. Crioulos continentais:
a) da Guiné-Bissau;
b) de Casamance (no Senegal).

Dos crioulos da Ásia subsistem apenas:
a) o de Malaca, conhecido pelas denominações de *papiá cristão*, *malaqueiro*, *malaquês*, *malaquenho*, *malaquense*, *serani*, *bahasa geragau* e *português basu*;
b) o de Macau, *macaísta* ou *macauenho*, ainda falado por algumas famílias de Hong-Kong;
c) o de Sri-Lanka, falado por famílias de Vaipim e Batticaloa;
d) os de Chaul, Korlai, Tellicherry, Cananor e Cochim, no território da União Indiana.

Na Oceânia, sobrevive ainda o crioulo de Tugu, localidade perto de Jacarta, na ilha de Java.[14]

Quanto às variedades NÃO CRIOULAS, há que considerar não só a presença do português, que é a língua oficial das repúblicas de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, mas as variedades faladas por uma parte da população destes Estados e, também, de Goa, Damão, Diu e Macau, na Ásia, e Timor, na Oceânia. Trata-se de um português com base na variedade europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocabulário proveniente das línguas nativas, e a que não faltam algumas características próprias no aspecto fonológico e gramatical.

Estas características, no entanto, que divergem de região para região, ainda não foram suficientemente observadas e descritas, embora muitas delas — principalmente no que se refere a Angola, Cabo Verde e Moçambique — transpareçam na obra de alguns dos modernos escritores desses países.[15]

---

[14] Sobre o estado atual dos crioulos portugueses, veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 37-106, onde se remete à bibliografia especializada; veja-se, também, José Gonçalo Herculano de Carvalho. Deux langues créoles: le *criôl* du Cap Vert et le *forro* de S. Tomé. *Biblos*, 57: 1-15, Coimbra, 1981.

[15] Sobre a linguagem de um deles, do maior significado, o angolano Luandino Vieira, leiam-se: Michel Laban. *L'œuvre litteraire de Luandino Vieira*, tese de 3.º ciclo, apresentada em 1979 à Universidade de Paris-Sorbonne; e Salvato Trigo. *Luandino Vieira, o logoteta*. Porto, Brasília Editora, 1981.

Capítulo 3

Fonética e fonologia

OS SONS DA FALA

Os sons de nossa fala resultam quase todos da ação de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões.

Para a sua produção, três condições se fazem necessárias:

a) a corrente de ar;
b) um obstáculo encontrado por essa corrente de ar;
c) uma caixa de ressonância.

Estas condições são criadas pelos ÓRGÃOS DA FALA, denominados, em seu conjunto, APARELHO FONADOR.

O APARELHO FONADOR

É constituído das seguintes partes:

a) os PULMÕES, os BRÔNQUIOS e a TRAQUEIA – órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar, matéria-prima da fonação;
b) a LARINGE, onde se localizam as CORDAS VOCAIS, que produzem a energia sonora utilizada na fala;
c) as CAVIDADES SUPRALARÍNGEAS (FARINGE, BOCA e FOSSAS NASAIS), que funcionam como caixas de ressonância, sendo que a cavidade bucal pode variar profundamente de forma e de volume, graças aos movimentos dos órgãos ativos, sobretudo da LÍNGUA, que, de tão importante na fonação, se tornou sinônimo de "idioma".

Observação:

Quase todos os sons de nossa fala são produzidos na expiração. A inspiração normalmente funciona para nós como um instante de silêncio, um momento de pausa na elocução. Línguas há, porém, como o hotentote, o zulo, o boximane e outros idiomas africanos, que apresentam uma série de consoantes articuladas na inspiração, os ruídos que se denominam CLIQUES. Em português praticamos alguns CLIQUES, mas sem valor fonético: o beijo, que é uma bilabial inspiratória; o muxoxo, um clique linguoalveolar; o estalido linguodental com que animamos o andar das cavalgaduras; e uns poucos mais. Sobre o assunto consulte-se Rodrigo de Sá Nogueira. *Temas de linguística banta: dos cliques em geral.* Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957.

FUNCIONAMENTO DO APARELHO FONADOR

O ar expelido dos PULMÕES, por via dos BRÔNQUIOS, penetra na TRAQUEIA e chega à LARINGE, onde, ao atravessar a GLOTE, costuma encontrar o primeiro obstáculo à sua passagem.

A GLOTE, que fica na altura do chamado *pomo de adão* ou *gogó*, é a abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da LARINGE, conhecidas pelo nome de CORDAS VOCAIS. O fluxo de ar pode encontrá-la fechada ou aberta, em virtude de estarem aproximados ou afastados os bordos das CORDAS VOCAIS. No primeiro caso, o ar força a passagem através das CORDAS VOCAIS retesadas, fazendo-as vibrar e produzir o som musical característico das articulações SONORAS. No segundo caso, relaxadas as CORDAS VOCAIS, o ar se escapa sem vibrações laríngeas. As articulações produzidas denominam-se, então, SURDAS.

A distinção entre SONORA e SURDA pode ser claramente percebida na pronúncia de duas consoantes que no mais se identificam. Assim:

/b/ [= SONORO] /p/ [= SURDO]

Ao sair da LARINGE, a corrente expiratória entra na CAVIDADE FARÍNGEA, uma encruzilhada, que lhe oferece duas vias de acesso ao exterior: o CANAL BUCAL e o NASAL. Suspenso no entrecruzar desses dois canais fica o VÉU PALATINO, órgão dotado de mobilidade capaz de obstruir ou não o ingresso do ar na CAVIDADE NASAL e, consequentemente, de determinar a natureza ORAL ou NASAL de um som.

Quando levantado, o VÉU PALATINO cola-se à parede posterior da FARINGE, deixando livre apenas o CONDUTO BUCAL. As articulações assim obtidas denominam-se ORAIS (adjetivo derivado do latim *os, oris*, "a boca"). Quando abaixado, o VÉU PALATINO deixa ambas as passagens livres. A corrente expiratória então divide-se, e uma parte dela escoa-se pelas FOSSAS NASAIS, onde adquire a ressonância característica das articulações, por este motivo, também chamadas NASAIS.

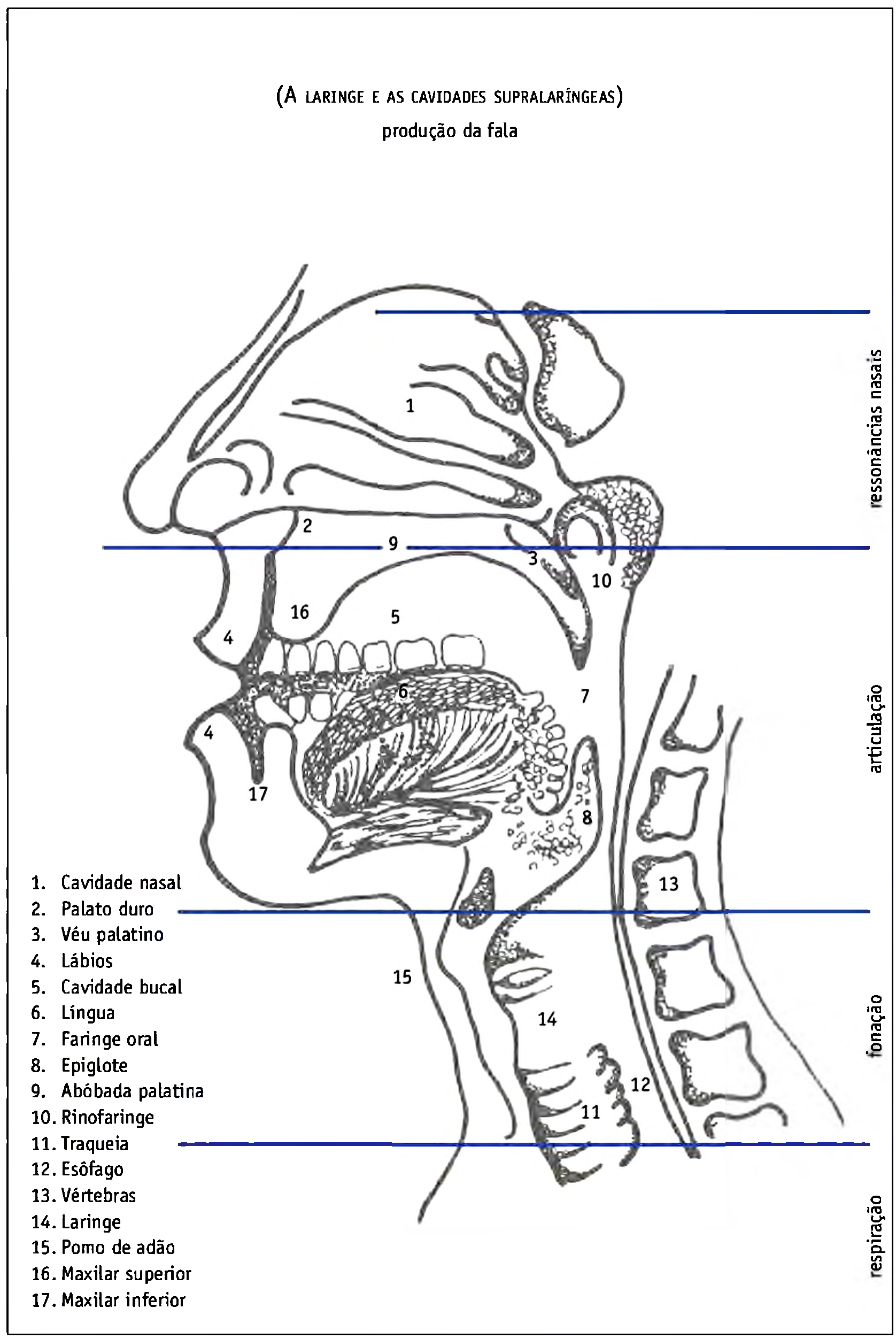

O APARELHO FONADOR

Compare-se, por exemplo, a pronúncia das vogais:

/a/ [= ORAL] /ã/ [= NASAL]

em palavras como:

lá / lã mato / manto

É, porém, na CAVIDADE BUCAL que se produzem os movimentos fonadores mais variados, graças à maior ou menor separação dos MAXILARES, das BOCHECHAS e, sobretudo, à mobilidade da LÍNGUA e dos LÁBIOS.

CORDAS VOCAIS

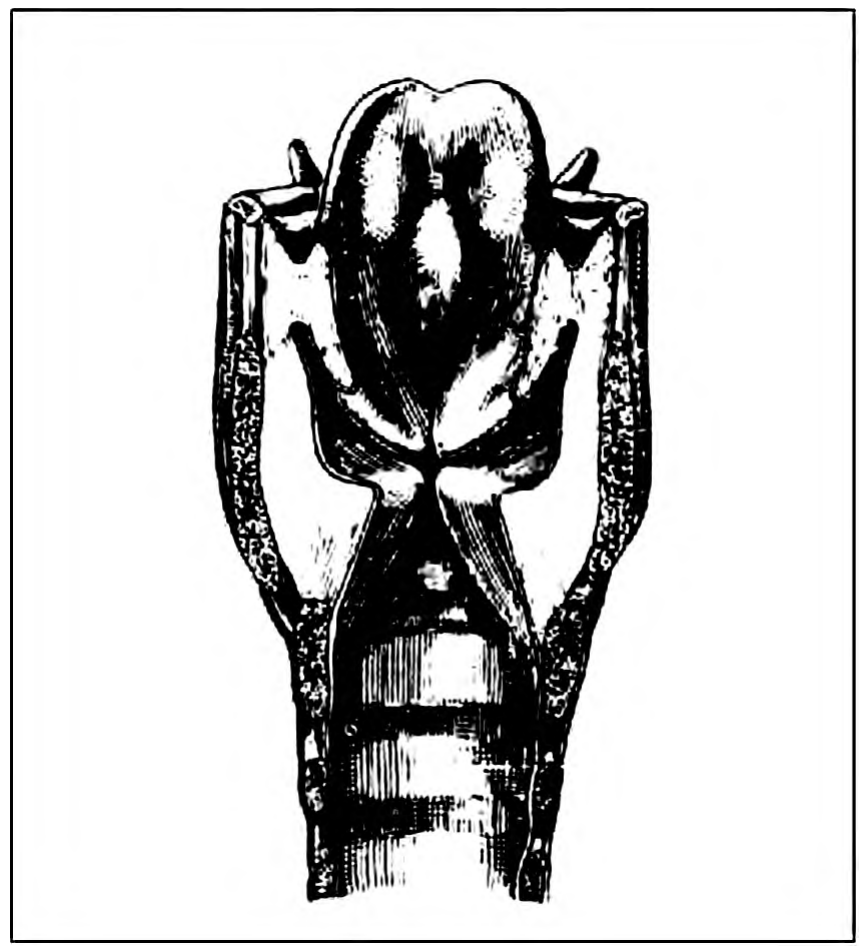

SOM E FONEMA

Nem todos os sons que pronunciamos em português têm o mesmo valor no funcionamento de nossa língua.

Alguns servem para diferenciar palavras que no mais se identificam.

Por exemplo, em:

erro

a diversidade de timbre (fechado ou aberto) da vogal tônica é suficiente para estabelecer uma oposição entre substantivo e verbo.

Na série:

dia	**v**ia	**m**ia
tia	**f**ia	**p**ia

temos seis palavras que se distinguem apenas pelo elemento consonântico inicial.

Toda distinção significativa entre duas palavras de uma língua estabelecida pela oposição ou contraste entre dois sons revela que cada um desses sons representa uma unidade mental sonora diferente. Essa unidade de que o som é representação (ou realização) física recebe o nome de FONEMA.

Correspondem, pois, a FONEMAS diversos os sons vocálicos e consonânticos diferenciadores das palavras atrás mencionadas.

A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala, as múltiplas realizações dos FONEMAS, chama-se FONÉTICA.

A parte da gramática que estuda o comportamento dos FONEMAS numa língua denomina-se FONOLOGIA, FONEMÁTICA ou FONÊMICA.

DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

A descrição dos SONS DA FALA (DESCRIÇÃO FONÉTICA), para ser completa, deveria considerar sempre:

a) como eles são produzidos;
b) como são transmitidos;
c) como são percebidos.

Sobre a impressão auditiva deveria concentrar-se o interesse maior da descrição, pois é ela que nos deixa perceber a variedade dos sons e o seu funcionamento em representação dos FONEMAS. A DESCRIÇÃO FONOLÓGICA mal se compreende que não seja de base acústica.

Acontece, porém, que a descrição do efeito acústico de um fonema não se faz com termos precisos, semelhantes aos que se usam para descrever os movimentos dos órgãos que participam da produção de um som. Os progressos da FONÉTICA ACÚSTICA são, aliás, relativamente recentes.[1]

---

[1] Data de 1952, com o trabalho *Preliminaries to Speech Analysis*, de R. Jakobson, C. G. M. Fant e M. Halle, a primeira tentativa convincente de uma classificação acústica dos fonemas. De então para cá, a utilização de uma nova aparelhagem e, principalmente, o esforço coordenado de foneticistas e engenheiros do som têm permitido progressos sensíveis no particular, de que nos dão mostras as penetrantes análises acústicas de Pierre Delattre, enfeixadas em *Studies in French and Comparative Phonetics* (London – The Hague – Paris, Mouton, 1966), e os estudos recentes sobre a fonética portuguesa de Maria

A FONÉTICA FISIOLÓGICA, de base articulatória, é uma especialidade antiga e muito desenvolvida, porque bem conhecidos são os órgãos fonadores e o seu funcionamento. Daí serem os fonemas frequentemente descritos e classificados em função das suas características articulatórias, embora se note, modernamente, uma tendência de associar a descrição acústica à fisiológica, ou de realizá-las paralelamente.

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o ALFABETO FONÉTICO.

Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes: [ ].

Por exemplo: [ˈkaw], pronúncia popular carioca, [ˈkal], pronúncia portuguesa normal e brasileira do Rio Grande do Sul, para a palavra sempre escrita *cal*.

Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas: / /.

Por exemplo: o fonema /s/ pode ser representado ortograficamente por *s*, como em *saco*; por *ss*, como em *osso*; por *c*, como em *cera*; por *ç*, como em *poço*; por *x*, como em *próximo*; e pode ser realizado como [s], no português normal de Portugal e do Brasil, ou como [s̺], em regiões do Norte de Portugal e da Galiza, conforme se disse no capítulo 2.

ALFABETO FONÉTICO UTILIZADO

Empregamos nas nossas transcrições fonéticas, sempre que possível, o Alfabeto Fonético Internacional. Tivemos, no entanto, de fazer certas adaptações e acrescentar alguns sinais necessários para a transcrição de sons de variedades da língua portuguesa para os quais não existe sinal próprio naquele Alfabeto.[2]

Raquel Delgado Martins, principalmente *Aspects de l'accent en portugais. Voyelles toniques et atones* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1977), publicada em *Hamburger Phonetische Beiträge* (Hamburg, Buske Verlag, 1982), e *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais* (2.ª ed., Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1983) e de Mirian Therezinha da Matta Machado, *Étude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1981). Os dois últimos trabalhos são dissertações policopiadas.

[2] Nessas adaptações e acréscimos seguimos, em geral, o alfabeto fonético utilizado pelo grupo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, encarregado da elaboração do *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza*.

Eis o elenco dos sinais aqui adotados:

1. Vogais:

[a] português normal de Portugal e do Brasil: **pá**, **gato**
português normal do Brasil: pe**dra**, **fa**zer

[ɑ] português normal de Portugal: **cama**, **cana**, pe**dra**, **fa**zer; português de Lisboa: **lei**, **lenha**
português normal do Brasil: **cama**, **cana**

[ɛ] português normal de Portugal e do Brasil: **pé**, **ferro**

[e] português normal de Portugal e do Brasil: **medo**, **saber**
português normal do Brasil: **regar**, **sedento**

[ə] português normal de Portugal: **sede**, **corre**, **regar**, **sedento**

[ɔ] português normal de Portugal e do Brasil: **pó**, **cola**

[o] português normal de Portugal e do Brasil: **morro**, **força**
português normal do Brasil: **correr**, **morar**

[i] português normal de Portugal e do Brasil: **vir**, **bico**
português normal do Brasil: **sede**, **corre**

[u] português normal de Portugal e do Brasil: **bambu**, **sul**, **caro**
português normal de Portugal: **correr**, **morar**

2. Semivogais:

[j] português normal de Portugal e do Brasil: **pai**, **feito**, **vário**

[w] português normal de Portugal e do Brasil: **pau**, **água**

3. Consoantes:

[b] português normal de Portugal e do Brasil: **bravo** (!), **ambos**
português normal do Brasil: **boi**, **aba**, **barba**, **abrir**

[β] português normal de Portugal: **boi**, **aba**, **barba**, **abrir**

[d] português normal de Portugal e do Brasil: **dar** (!), **andar**
português normal do Brasil: **ida**, **espada**

[ð] português normal de Portugal: **dar**, **ida**, **espada**

[d'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: **dia**, **sede**

[dʒ] português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: **dia**, **sede**
português dialectal europeu de zonas fronteiriças muito restritas: **Jesus**, **jaqueta**

[g] português normal de Portugal e do Brasil: **guarda** (!), **frango**
português normal do Brasil: **guarda**, **agora**, **agrado**

[ɣ] português normal de Portugal: **g**uarda, a**g**ora, a**g**rado

[p] português normal de Portugal e do Brasil: **p**ai, ca**p**rino

[t] português normal de Portugal e do Brasil: **t**u, can**t**o

[t'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: **t**io, se**t**e

[tʃ] português de extensas zonas do Norte de Portugal e de áreas não bem delimitadas de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, no Brasil: **ch**ave, en**ch**er

português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: **t**io, se**t**e

[k] português normal de Portugal e do Brasil: **c**asa, por**c**o, **que**

[m] português normal de Portugal e do Brasil: **m**ar, a**m**igo

[n] português normal de Portugal e do Brasil: **n**ada, ca**n**o

[ɲ] português normal de Portugal e do Brasil: vi**nh**a, cami**nh**o

[l] português normal de Portugal e do Brasil: **l**ama, ca**l**o

[ɫ] português normal de Portugal e de certas zonas do Sul do Brasil: a**l**to, Bra**sil**

[ʎ] português normal de Portugal e do Brasil: fi**lh**o, **lh**e

[r] português normal de Portugal e do Brasil: ca**r**o, co**r**es, da**r**

[r̃] português normal de várias regiões de Portugal, do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil: **r**oda, ca**r**ro

[R] português normal de Portugal (principalmente de Lisboa), do Rio de Janeiro e de várias zonas costeiras do Brasil: **r**oda, ca**r**ro

[f] português normal de Portugal e do Brasil: **f**ilho, a**f**iar

[v] português normal de Portugal e do Brasil: **v**inho, u**v**a

[s] português normal de Portugal e do Brasil: **s**aber, po**s**so, **c**éu, ca**ç**a

[z] português normal de Portugal e do Brasil: a**z**ar, ca**s**a

[ʐ] português de certas zonas do Norte de Portugal: **s**aber, po**s**so; e, noutras zonas, também: **c**éu, ca**ç**a

[ʑ] português de certas zonas do Norte de Portugal: ca**s**a; e, noutras zonas, também: a**z**ar

[θ] galego normal: **c**éu, fa**c**er (port. fazer), ca**z**a (port. caça), a**z**ar

[ʃ] português normal de Portugal e do Brasil: **ch**ave, **x**arope

português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: e**s**te

[ʒ] português normal de Portugal e do Brasil: **j**á, **g**enro

português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: me**s**mo

CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS

Os sons linguísticos classificam-se em VOGAIS, CONSOANTES e SEMIVOGAIS.

VOGAIS E CONSOANTES

1. Do ponto de vista articulatório, as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificados segundo a forma das cavidades supralaríngeas, que devem estar sempre abertas ou entreabertas à passagem do ar. Na pronúncia das consoantes, ao contrário, há sempre na cavidade bucal obstáculo à passagem da corrente expiratória.

2. Quanto à função silábica – outro critério de distinção – cabe salientar que, na nossa língua, as vogais são sempre centro de sílaba, ao passo que as consoantes são fonemas marginais: só aparecem na sílaba junto a uma vogal.

SEMIVOGAIS

Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, com ela formam sílaba. Foneticamente estas vogais assilábicas transcrevem-se [j] e [w]. Exemplificando:

Em *riso* [´rizu] e *viu* [´viw] o /i/ é vogal, mas em *rei* [´rej] e *vário* [´varju] é semivogal. Também é vogal o /u/ em *muro* [´muru] e *rua* [´rua], mas semivogal em *meu* [´mew] e *quatro* [´kwatru].

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

1. Segundo a classificação tradicional, de base fundamentalmente articulatória, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à região de articulação
- anteriores ou palatais
- centrais ou médias
- posteriores ou velares

b) quanto ao grau de abertura
- abertas
- semiabertas
- semifechadas
- fechadas

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
- orais
- nasais

É de base acústica a classificação em:

d) quanto à intensidade — tônicas / átonas

2. Tem-se difundido recentemente uma classificação das vogais com base em certo número de traços que são "distintivos" numa perspectiva fonológica ou fonemática, isto é, que apresentam características capazes por si só de opor um segmento fônico a outro segmento fônico.
Por exemplo: o traço distintivo ABERTURA, ligado, do ponto de vista fisiológico, à maior ou menor elevação ou altura da língua no momento da articulação, opõe só por si *peso* (substantivo) a *peso* (forma verbal) e a *piso* (substantivo ou verbo). A presença ou a ausência de cada traço é, neste tipo de classificação, assinalada pelos sinais matemáticos (+) e (–). Assim: /e/ de *peso* (verbo) será [+ baixo], e /e/ de *peso* (substantivo) será [– alto], mas também [– baixo], ao passo que /i/ de *piso* será [+ alto].
Por vezes, torna-se necessário mais do que um traço para descrever a oposição entre duas vogais. Por exemplo, a oposição entre /a/ de *carro* e /o/ de *corro* implica a presença em /a/ de um traço distintivo — a maior abertura e correlativa menor altura da língua [+ baixo] — e a ausência de outro traço, o arredondamento dos lábios durante a articulação [– arredondado].
Os traços distintivos que devem ser considerados na classificação dos fonemas vocálicos portugueses dependem: *a*) da maior ou menor elevação da língua; *b*) do recuo ou avanço da região de articulação; *c*) do arredondamento ou não arredondamento dos lábios.
De acordo com esta classificação, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à maior ou menor elevação da língua — + altas / – altas / – baixas / + baixas

b) quanto ao recuo ou avanço da articulação — + recuadas / – recuadas

c) quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios — + arredondadas / – arredondadas

ARTICULAÇÃO

Dissemos que as vogais são sons que se pronunciam com a via bucal livre. Mas, como acabamos de ver ao apresentar os vários critérios de classificação, isto não significa que seja irrelevante para distingui-las o movimento dos diversos órgãos articulatórios. Pelo contrário. Esses critérios baseiam-se na diversidade de tal movimento.

Assim:

Ao elevarmos a língua na parte anterior da cavidade bucal, aproximando-a do palato duro, produzimos a série das vogais ANTERIORES ou PALATAIS, ou seja [– RECUADAS]:

[ɛ], [e], [i].

Ao elevarmos a língua na parte posterior da cavidade bucal, aproximando-a do véu palatino, produzimos a série das vogais POSTERIORES ou VELARES, isto é, [+ RECUADAS]:

[ɔ], [o], [u].

Dentro da classificação tradicional, que considera a boca dividida em duas regiões (anterior e posterior), as vogais [a] e [ɑ], articuladas com a língua baixa, em posição de repouso, são denominadas MÉDIAS ou CENTRAIS. De acordo com a classificação mais recente, devem ser incluídas entre as [+ RECUADAS].

Também importante como elemento distintivo na articulação das vogais é a posição assumida pelos lábios durante a passagem da corrente de ar expirada. Podem eles dispor-se de modo tal que formem uma saída arredondada para essa corrente, e teremos a série das vogais [+ ARREDONDADAS]:

[ɔ], [o], [u].

ou permanecer numa posição quase de repouso, e teremos a série das vogais [– ARREDONDADAS]:

[a], [e], [ɛ], [i].

TIMBRE

Para a distinção do TIMBRE das vogais – qualidade acústica que resulta de uma composição do tom fundamental com os harmônicos – é ainda determinante, do ponto de vista articulatório, a forma tomada pela cavidade faríngea e, sobretudo, pela cavidade bucal, que funcionam como tubo de ressonância.

A maior largura do tubo de ressonância, provocada principalmente pela menor elevação do dorso da língua em direção ao palato (quer duro, quer mole), produz as vogais chamadas ABERTAS e SEMIABERTAS [+ BAIXAS]:

ABERTA	[a]
SEMIABERTAS	[ɛ], [ɔ].

O estreitamento do tubo de ressonância, causado principalmente pela maior elevação do dorso da língua, produz as vogais chamadas SEMIFECHADAS [– ALTAS, – BAIXAS] e FECHADAS [+ ALTAS]:

SEMIFECHADAS	[e], [ɑ], [o].
FECHADAS	[i], [u].

INTENSIDADE E ACENTO

A INTENSIDADE é a qualidade física da vogal que depende da força expiratória e, portanto, da amplitude da vibração das cordas vocais. As vogais que se encontram nas sílabas pronunciadas com maior intensidade chamam-se TÔNICAS, porque sobre elas recai o ACENTO TÔNICO, que se caracteriza em português principalmente por um reforço da energia expiratória. As vogais que se encontram em sílabas não acentuadas denominam-se ÁTONAS.

VOGAIS ORAIS E VOGAIS NASAIS

Finalmente, é de grande importância na produção e caracterização das vogais, do ponto de vista articulatório, a posição do véu palatino durante a passagem da corrente expiratória. Se, durante essa passagem, o véu palatino estiver levantado contra a parede posterior da faringe, as vogais produzidas serão ORAIS:

[i], [ɛ], [e], [a], [ɔ], [o], [u].

Se, pelo contrário, essa passagem se der com o véu palatino abaixado, uma parte da corrente expiratória ressoará na cavidade nasal e as vogais produzidas serão NASAIS:

[ĩ], [ẽ], [ɑ̃], [õ], [ũ].

VOGAIS TÔNICAS ORAIS

Para o português normal de Portugal e do Brasil é o seguinte o quadro das vogais orais em posição tônica:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIAS OU CENTRAIS	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[i]		[u]	+ altas
Semifechadas	[e]	[ɑ]	[o]	– altas – baixas
Semiabertas	[ɛ]		[ɔ]	+ baixas
Aberta		[a]		
	– recuadas – arredondadas	+ recuadas – arrendondadas	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *li / lê, peso* (s.) / *peso* (v.), *pé / pá, saco / soco, poça / possa, todo / tudo.*

Observação:

No português normal do Brasil a vogal [ɑ] só aparece em posição tônica antes de consoante nasal. Por exemplo: *cama* [ˈkɑma], *cana* [ˈkɑna], *sanha* [ˈs ɑɲa]. Não ocorre nunca em oposição a [a] para distinguir segmentos fônicos de significado diverso. Do ponto de vista fonológico, funciona, pois, como variante do mesmo fonema, e não como fonema autônomo.

No português europeu normal, [ɑ], quando tônico, também aparece, na maioria dos casos, antes de consoante nasal, a exemplo de *cama*, *cana* e *sanha*. Mas nessa mesma situação tônica existe uma oposição de pequeno rendimento entre [ɑ] e [a]. É a que se observa, nos verbos da 1.ª conjugação, entre as primeiras pessoas do plural do presente (ex.: *amamos* [ɑˈmɑmuʃ] e do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *amamos* [ɑˈmamuʃ]). Neste caso, temos, pois, de considerar a existência de fonemas diferentes. Além disso, no falar de Lisboa e de outras zonas de Portugal encontra-se [ɑ] em sílaba tônica antes de semivogal ou de consoante palatal: *rei* [ˈrɑj], *tenho* [ˈtɑjɯ], *telha* [ˈtɑʎɑ].

Advirta-se, por fim, que no português de Portugal, como veremos adiante, o fonema /a/em posição átona é normalmente realizado como [ɑ].

VOGAIS TÔNICAS NASAIS

Além das VOGAIS ORAIS que acabamos de examinar – correspondentes a oito fonemas no português normal de Portugal, e a sete no do Brasil –, possui o nosso

idioma, tanto na sua variante portuguesa como na brasileira, cinco VOGAIS NASAIS, que podem ser assim classificadas:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[□]		[ũ]	+ altas
Semifechadas	[ẽ]	[ɑ̃]	[õ]	– altas – baixas
	– recuadas – arredondadas	+ recuada – arrendondada	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *rim*, *senda*, *canta*, *lã*, *bomba*, *atum*.

Como se vê no quadro acima, as vogais nasais da língua portuguesa são sempre fechadas ou semifechadas. Só em variedades regionais aparecem vogais abertas ou semiabertas como as francesas.

Observação:

Do ponto de vista fonológico ou fonemático, as vogais nasais do português têm sido interpretadas como realizações dos fonemas orais correspondentes em contacto com um fonema consonântico nasal, que, acusticamente, é imperceptível ou quase imperceptível. Vejam-se J. Mattoso Câmara Jr. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p. 67-72; Jorge Morais Barbosa. Les Voyelles nasales portugaises: interpretation phonologique. In *Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences*. The Hague, Mouton, 1962, p. 691-708; ———. *Études de phonologie portugaise*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 91-104; Maria Helena Mira Mateus. *Aspectos da fonologia portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, INIC, 1982, p. 44-71 e 87-95.

VOGAIS ÁTONAS ORAIS

Em posição átona, o quadro das vogais orais do português apresenta diferenças consideráveis em relação à posição tônica, diferenças que, por nem sempre coincidirem nas duas normas principais da língua, serão estudadas separadamente.

1. No português normal do Brasil, em posição átona não final, anulou-se a distinção entre [ɛ] e [e], tendo-se mantido apenas [e] e [i], na série das vogais anteriores ou palatais; paralelamente, anulou-se a distinção entre [ɔ]

e [o], com o que ficou reduzida a [o] e [u] a série das vogais posteriores ou velares.
É, pois, o seguinte o quadro das vogais átonas em posição não final absoluta, particularmente em posição PRETÔNICA:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES OU VELARES
Fechadas	[i]		[u]
Semifechadas	[e]		[o]
Aberta		[α]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [le´gar], *lagar* [la´gar], *lograr* [lo´grar], *lugar* [lu´gar]; *álamo* [´alαmu], *véspera* [´vεspera], *ciclotron* [´siklotron], *diálogo* [di´alugu].

2. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal apresenta-se reduzida a uma única vogal [i], grafada *e*; e a série posterior ou velar também a uma só vogal [u], escrita *o*.
Temos, assim, três vogais em situação POSTÔNICA FINAL ABSOLUTA:

	ANTERIOR OU PALATAL	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIOR OU VELAR
Fechadas	[i]		[u]
Aberta		[α]	

Exemplos: *tarde* [´tardi], *povo* [´povu], *casa* [´kaza].

3. No português normal de Portugal, em posição átona não final, também se anulou a distinção entre [ε] e [e], mas, em lugar de qualquer destas vogais da série das anteriores ou palatais, aparece geralmente a vogal [∂], média ou central, fechada [+ alta + recuada – arredondada], realização que não ocorre em posição tônica e é completamente estranha ao português do Brasil. A série fica, assim, representada apenas pela vogal [i]. Por outro lado, tendo desaparecido a distinção entre [ɔ], [o] e [u], toda a série das vogais posteriores ou velares está hoje reduzida a [u], grafado *o* ou *u*. Finalmente, à vogal média

ou central [a], aberta, corresponde a vogal também média ou central, mas semifechada [α][3], grafada naturalmente *a*.

O que foi dito pode ser expresso no seguinte quadro:

	Anterior ou Palatal	Médias ou Centrais	Posterior ou Velar
Fechadas	[i]	[ə]	[u]
Semifechada		[α]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [lə´gar], *lagar* [lα´gar], *lugar* [lu´gar], *lograr* [lu´grar]; *álamo* [´alαmu], *véspera* [´vεʃperα], *diálogo* [di´alugu].

4. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal desaparece e em seu lugar surge a vogal já descrita [∂], grafada *e*; e a série posterior ou velar reduz-se à vogal [u], escrita *o*. Donde o quadro:

	Média ou Palatais	Posterior ou Velar
Fechadas	[e]	[u]
Semifechada	[α]	

Exemplos: *tarde* [´tard∂], *povo* [´povu], *casa* [´kazα].

Observação:

Cumpre advertir que o fenômeno de REDUÇÃO, ou ELEVAÇÃO, ou CENTRALIZAÇÃO das vogais átonas, que afastou o português europeu do português do Brasil, é um fato que seguramente só se generalizou em Portugal no decurso do século XVIII, embora dele haja claros indícios em séculos anteriores.

Necessário é ainda ressaltar que algumas vogais átonas, por razões em geral relacionadas com a história dos sons ou com a sua posição na palavra, não sofreram esta REDUÇÃO no português de Portugal. Assim aconteceu com as vogais que provêm:

a) da crase entre duas vogais idênticas do português antigo; é o caso do [a] de *padeiro* (< paadeiro), do [ε] de *esquecer* (< esqueecer), do [ɔ] de *corar* (< coorar);

[3] Veja-se o que dissemos sobre VOGAIS TÔNICAS.

b) da monotongação de um antigo ditongo, como o [o] que se ouve na pronúncia normal de *dourar*, *doutrina*.

Também não se reduziram as vogais átonas de cultismos, como o [a] de *actor*; o [ɛ] de *director*; o [ɔ] de *adopção*, e bem assim o [o] inicial absoluto de *ovelha*, *obter*, *opinião*; o [e] inicial absoluto de *enorme*, *erguer*, que se pronuncia geralmente [i], e as vogais [a], [ɛ], [o] protegidas por *l* implosivo de *altar*, *delgado*, *soldado*, *colchão*, *Setúbal* e *amável*.

Finalmente, também não sofreram, em geral, redução as vogais tônicas de palavras simples nos vocábulos delas derivados, particularmente com os sufixos *-mente* ou *-inho* (*-zinho*): *avaramente*, *brevemente*, *docilmente*, *docemente*, *pezinho*, *avezinha*, *amorzinho*. Comparem-se, no entanto, *casinha*, *mesinha*, *folhinha*, com [ɑ], [ə] e [u].

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

1. As consoantes da língua portuguesa, em número de dezenove, são tradicionalmente classificadas em função de quatro critérios, de base essencialmente articulatória:

a) quanto ao modo de articulação, em
- oclusivas
- constritivas
  - fricativas
  - laterais
  - vibrantes

b) quanto ao ponto de articulação, em
- bilabiais
- labiodentais
- linguodentais
- alveolares
- palatais
- velares

c) quanto ao papel das cordas vocais, em
- surdas
- sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em
- orais
- nasais

2. Recentemente, porém, difundiu-se, como para as vogais, outro sistema de classificação, com base em certos TRAÇOS DISTINTIVOS.
   Os traços que se têm em conta neste sistema relacionam-se também com características da articulação, mas nem sempre coincidem com os que estão na base da classificação anterior.
   Segundo o novo sistema classificatório, as consoantes podem ser:

a) quanto ao modo de articulação — [+ contínuas] / [– contínuas] / [+ laterais] / [– laterais]

b) quanto à zona de articulação — [+ anteriores] / [– anteriores] / [+ coronais] / [– coronais]

c) quanto ao papel das cordas vocais — [+ sonoras] / [– sonoras]

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal — [+ nasais] / [– nasais]

É de base mais acústica do que articulatória a classificação:

e) quanto ao efeito acústico mais ou menos próximo ao de uma vogal — [+ soante] / [– soante]

MODO DE ARTICULAÇÃO

A articulação das consoantes não se faz, como a das vogais, com a passagem livre do ar através da cavidade bucal. Na sua pronúncia, a corrente expiratória encontra sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total, que a interrompe momentaneamente, ou um obstáculo parcial, que a comprime sem, contudo, interceptá-la. No primeiro caso, as consoantes dizem-se OCLUSIVAS ou [– CONTÍNUAS]; no segundo, CONSTRITIVAS ou [+ CONTÍNUAS].

São OCLUSIVAS as consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g]: *pala*, *bala*, *tala*, *dá-la*, *cala*, *gala*.

Entre as CONSTRITIVAS, distinguem-se as:

1. FRICATIVAS, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável ao de uma fricção.
   São fricativas as consoantes [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]: *fala*, *vala*, *selo* (*passo*, *céu*, *caça*, *próximo*), *zelo* (*rosa*, *exame*), *xarope* (*encher*), *já* (*gelo*).[4]

2. LATERAIS, caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de um obstáculo formado no centro desta pelo contacto da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato.
   São laterais as consoantes [l] e [λ]: *fila*, *filha*.

3. VIBRANTES, caracterizadas pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções da passagem da corrente expiratória.

São vibrantes as consoantes [r] e [r̄] ou [R]: *caro*, *carro*.

Observação:

Do ponto de vista acústico, as consoantes LATERAIS e VIBRANTES têm em comum um traço que as opõe a todas as outras consoantes: a sua maior proximidade dos sons vocálicos, o que, em certas línguas, chega a ponto de poderem servir de centro de sílaba. Esta qualidade, reconhecida desde tempos antigos, trouxe-lhes as denominações de LÍQUIDAS ou SOANTES. A fonética moderna atribui-lhes o traço distintivo [+ SOANTES]. Acresce salientar que, pelo caráter lateral de sua articulação, [l] e [λ] opõem-se às vibrantes [r], [r̄] ou [R]. Esta diferença explicita-se pela indicação [+ LATERAL] para [l] e [λ], que contrasta com a de [– LATERAL] para as vibrantes [r], [r̄] ou [R].

O PONTO OU ZONA DE ARTICULAÇÃO

O obstáculo (total ou parcial) necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade bucal. Daí o conceito de PONTO DE ARTICULAÇÃO, segundo o qual as consoantes se classificam em:

1. BILABIAIS, formadas pelo contacto dos lábios. São as consoantes [p], [b], [m]: *pato*, *bato*, *mato*.

2. LABIODENTAIS, formadas pela constrição do ar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores. São as consoantes [f], [v]: *faca*, *vaca*.

---

[4] Como dissemos, na pronúncia normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de alguns pontos da costa do Brasil, a fricativa palatal surda [ʃ] aparece em formas como *três* e *dez*, e a sonora [ʒ] em formas como *desde* e *mesmo*.

3. LINGUODENTAIS (ou DORSODENTAIS), formadas pela aproximação do pré-dorso da língua à face interna dos dentes incisivos superiores, ou pelo contacto desses órgãos. São as consoantes [s], [z], [t], [d]: *cinco*, *zinco*, *tardo*, *dardo*.

4. ALVEOLARES (ou ÁPICO-ALVEOLARES), formadas pelo contacto da ponta da língua com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. São as consoantes [n], [l], [r], [r̄]: *nada*, *cala*, *cara*, *carro* (na pronúncia de certas regiões de Portugal e do Brasil).

5. PALATAIS, formadas pelo contacto do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca. São as consoantes [ʃ], [ʒ], [λ], [ɲ]: *acho*, *ajo*, *alho*, *anho*.

6. VELARES, formadas pelo contacto da parte posterior da língua com o palato mole, ou véu palatino. São as consoantes [k], [g], [R]: *calo*, *galo*, *ralo*.

Se considerarmos a zona em que se situam o contacto ou a constrição que caracterizam a consoante, a classificação com base nos traços distintivos será a seguinte:

1. CONSOANTES [+ ANTERIORES], formadas na zona anterior da cavidade bucal: [p], [b], [f], [v], [m], [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r] e [r̄];

2. CONSOANTES [– ANTERIORES], formadas na zona posterior da cavidade bucal: [ʃ], [ʒ], [ɲ], [λ], [R];

3. CONSOANTES [+ CORONAIS], formadas com a intervenção da "coroa", ou seja, do dorso (pré-dorso, médio dorso) da língua: [t], [d], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [n], [ɲ], [l], [λ], [r];

4. CONSOANTES [– CORONAIS], formadas sem a intervenção do dorso da língua: [p], [b], [m], [k], [g], [f], [v], [R].

O PAPEL DAS CORDAS VOCAIS

Enquanto as vogais são normalmente sonoras (só excepcionalmente aparecem ensurdecidas), as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das cordas vocais.

São SURDAS [– SONORAS] as consoantes: [p], [t], [k], [f], [s], [ʃ].

São SONORAS [+ SONORAS] as consoantes: [b], [d], [g], [v], [z], [ʒ], [l], [λ], [r], [r̄], [R], [m], [n], [ɲ].

O PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Como as vogais, as consoantes podem ser ORAIS [– NASAIS] ou NASAIS [+ NASAIS]. Por outras palavras: na sua emissão, a corrente expiratória pode passar apenas pela cavidade bucal, ou ressoar na cavidade nasal, caso encontre abaixado o véu palatino.

São NASAIS as consoantes [m], [n], [ɲ]: *amo*, *ano*, *anho*.

Todas as outras são ORAIS.

Observação:

Quanto ao modo de articulação (bucal), as consoantes nasais são OCLUSIVAS [– CONTÍNUAS]. Atendendo, no entanto, à forte individualidade que lhes confere o seu traço nasal, costuma-se isolá-las das outras oclusivas, tratando-as como classe à parte.

QUADRO DAS CONSOANTES

Resumindo, podemos dizer que o conjunto das consoantes da língua portuguesa é constituído por dezenove unidades, cuja classificação se expõe esquematicamente no quadro seguinte:

PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL	ORAIS [– NASAIS]						NASAIS [+ NASAIS]
MODO DE ARTICULAÇÃO	OCLUSIVAS [– contínuas]		CONSTRITIVAS [+ contínuas]				OCLUSIVAS [–contínuas]
			FRICATIVAS [– soantes] [– laterais]		LATERAIS [+ soantes] [+ laterais]	VIBRANTES [+ soantes] [– laterais]	
PAPEL DAS CORDAS VOCAIS	SURDAS [– sonoras]	SONORAS [+ sonoras]	SURDAS [– sonoras]	SONORAS [+ sonoras]	SONORAS [+sonoras]	SONORAS [+sonoras]	SONORAS [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação: Bilabiais [+ anteriores] [– coronais]	[p]	[b]					[m]
Labiodentais [+ anteriores] [– coronais]			[f]	[v]			
Linguodentais [+ anteriores] [+ coronais]	[t]	[d]	[s]	[z]			

Papel das cavidades bucal e nasal	Orais [– nasais]						Nasais [+ nasais]
Modo de articulação	Oclusivas [– contínuas]		Constritivas [+ contínuas]				Oclusivas [–contínuas]
			Fricativas [– soantes] [– laterais]		Laterais [+ soantes] [+ laterais]	Vibrantes [+ soantes] [– laterais]	
Papel das cordas vocais	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação: Alveolares [+ anteriores] [+ coronais]					[l]	[r]	[n]
Ponto ou zona de articulação: Palatais [– anteriores] [+ coronais]			[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
Ponto ou zona de articulação: Velares [– anteriores] [– coronais]	[k]	[g]				[R]	

Observações:

1.ª) Neste quadro, procuramos integrar a classificação por traços distintivos e a classificação tradicional de base articulatória. Para se fazer a análise em traços distintivos de qualquer som consonântico do português, bastará juntar os vários traços associados no quadro à sua classificação articulatória corrente.

Por exemplo: as consoantes [p] e [b] serão analisadas deste modo:

$$[p] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ -\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [b] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ +\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix}$$

e as consoantes [l] e [λ], do seguinte:

$$[l] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [\lambda] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ -\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix}$$

2.ª) Classificamos a vibrante forte ou múltipla [R] como VELAR ou [– ANTERIOR, – CORONAL], por ser esta a sua pronúncia mais corrente no português de Lisboa[5] e do Rio de Janeiro[6]. A antiga VIBRANTE ALVEOLAR MÚLTIPLA [r̄] mantém-se, no entanto, viva na maior parte de Portugal e em extensas zonas do Brasil, como, por exemplo, o Rio Grande do Sul. Uma realização DORSO-UVULAR MÚLTIPLA ocorre também por vezes em Lisboa e no português popular do Rio de Janeiro. Aponte-se, por fim, a realização LINGUOPALATAL VELARIZADA, que se observa na região Norte de São Paulo, Sul de Minas e outras áreas do Brasil[7] e é conhecida por *r-caipira*. Em Portugal é característica da fala popular de Setúbal, não só a realização VIBRANTE UVULAR do *r* múltiplo de *rua*, *carro*, como a do *r* simples de *caro*, *andar*.

3.ª) Na pronúncia normal do português europeu, a consoante *l*, quando final de sílaba, é velarizada; a sua articulação aproxima-se, pelo recuo da língua, à de um [u] ou [w]. Na transcrição fonética, é costume distinguir este *l* do *l* inicial de sílaba, representando-se o último por [l] e a consoante velarizada por [ɫ]: *lado* [ˈlaðu], *alto* [ˈalɫtu], *mal* [ˈmaɫ]. Na pronúncia normal do Rio de Janeiro e de vastas zonas do Brasil, por perder-se o contacto entre os órgãos da articulação, o *l* final de sílaba vocaliza-se, ou seja, transforma-se na semivogal [w]: *alto* [ˈawtu], *mal* [ˈmaw]. Anulam-se, deste modo, as oposições entre *alto / auto*, *mal / mau*.

4.ª) No português do Brasil, as consoantes *t* e *d*, antes de *i* vogal ou semivogal, sofrem a sua influência e palatalizam-se em grau maior ou menor, conforme as regiões e até as pessoas de cada região. Podem ser pronunciadas [t'], [d'], ou realizar-se como africadas palatais [tʃ] e [dʒ]: *noite* [ˈnojt'i] ou [ˈnojtʃi], *tio* [ˈt'iju] ou [ˈtʃiju], *dia* [ˈd'ija] ou [ˈdʒija], *ódio* [ˈɔd'ju] ou [ˈɔdʒju], *sede* [ˈsed'i] ou [ˈsedʒi].

A POSIÇÃO DAS CONSOANTES

Só em posição intervocálica é possível encontrar as dezenove consoantes portuguesas que acabamos de descrever e classificar. Noutras posições, o número de consoantes possíveis reduz-se sensivelmente.

---

[5] Pode-se dizer mesmo que é a pronúncia mais corrente no português normal contemporâneo, ao contrário do que sucedia há poucos anos, segundo a descrição dos foneticistas.

[6] É a pronúncia normal do Rio de Janeiro e de extensas áreas do país. Sobre o assunto, leia-se a importante contribuição de Dinah Maria Isensee Callou: *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1979 (Tese de doutorado policopiada).

[7] O professor Brian F. Head vem estudando, ultimamente, a vitalidade do *r-caipira* em várias regiões do Brasil. Leiam-se, a propósito, os seus trabalhos: O estudo do "r-caipira" no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*: 67(8): 43-49, ano 67, 1973; *Subsídios do* Atlas prévio dos falares baianos *para o estudo de uma variante dialetal controvertida* (texto policopiado).

Assim, em posição inicial de palavra, além das consoantes OCLUSIVAS e FRICATIVAS, só aparecem: das LATERAIS, o [l]; das VIBRANTES, o [R] ou o[r̄]; das NASAIS, o [m] e o [n]. São casos isolados os de empréstimos, principalmente do espanhol, em que ocorrem [λ] ou [ɲ]: *lhano*, *lhama*, *nhato*.

Em posição final de sílaba ou de palavra, só se encontram normalmente as consoantes:

a) *l*, a que correspondem as pronúncias atrás mencionadas [ɫ] ou [w];
b) *r*, a que corresponde, nas pronúncias normais de Portugal e do Brasil, o [r] simples apical, algumas vezes perdido na pronúncia popular brasileira, quando em final absoluta;
c) *s* ou *z* (esta só em final de palavra), a que correspondem, na pronúncia normal de Portugal, na do Rio de Janeiro e de outras zonas costeiras do Brasil, as realizações [ʃ], em posição final absoluta ou se se lhes segue uma consoante surda, e [ʒ], se antepostas a uma consoante sonora.

As grafias *m* e *n* nesta posição representam normalmente apenas a nasalidade da vogal anterior.

Outras consoantes podem ainda aparecer em final de sílaba ou de palavra, principalmente em formas cultas ou estrangeiras (por exemplo: *ritmo*, *apto*, *club*, *chic*). Manifesta-se, então, particularmente no português do Brasil, uma tendência para apoiar a sua articulação numa breve vogal epentética ou paragógica (por exemplo: [ˈritimu], [ˈapitu], [ˈklubi], [ˈʃiki]. Paralelamente, é possível encontrar, em final absoluta de palavras cultas, a articulação ápico-alveolar da consoante *n*: *abdômen*, *dólmen*, *regimen*.

ENCONTROS VOCÁLICOS

DITONGOS

O encontro de uma VOGAL + uma SEMIVOGAL, ou de uma SEMIVOGAL + uma VOGAL recebe o nome de DITONGO.

Os ditongos podem ser:

a) DECRESCENTES e CRESCENTES;
b) ORAIS e NASAIS.

Ditongos decrescentes e crescentes

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO se denomina DECRESCENTE. Assim:

pai **céu** **muito**

Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO diz-se CRESCENTE. Assim:

q**ua**l	lingu**i**ça	freq**ue**nte

Em português apenas os DECRESCENTES são DITONGOS estáveis. Os DITONGOS CRESCENTES aparecem com frequência no verso. Mas na linguagem do colóquio normal só apresentam estabilidade aqueles que têm a semivogal [w] precedida de [k] (grafado *q*) ou de [g]. Assim:

q**ua**se	i**gua**l	q**ua**ndo	enxa**gua**ndo
eq**ue**stre	go**e**la	ling**ue**ta	q**uin**quênio
q**uo**ta	qui**proquó**	tranq**ui**lo	sa**guiguaç**u

Ditongos orais e nasais

Como as vogais, os DITONGOS podem ser ORAIS e NASAIS, segundo a natureza oral ou nasal dos seus elementos.

1. São os seguintes os DITONGOS ORAIS DECRESCENTES:

[aj] p**ai**
[αj] s**ei**, no português normal de Portugal
[aw] m**au**
[ej] s**ei**, no português normal do Brasil
[εj] pap**éis**
[ew] m**eu**
[εw] c**éu**
[iw] v**iu**
[oj] b**oi**
[ɔj] her**ói**
[uj] az**uis**

Observações:

1.ª) Nem na pronúncia normal de Portugal nem na do Brasil se conserva o antigo ditongo [ow], que ainda se mantém vivo em falares regionais do Norte de Portugal e no galego. Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como *poupa / popa, bouba / boba.*

2.ª) No português do Rio de Janeiro e de algumas outras regiões do Brasil, devido à vocalização do *l* em final absoluta ou em final de sílaba, ouvem-se os ditongos [ow] e [ɔw] em palavras como *gol* [ˈgow], *soltar* [sowˈtar], *sol* [ˈsɔw], *molde* [ˈmɔwdi].

3.ª) Normalmente, se representam por *i* e *u* as semivogais dos ditongos orais. Observe-se, porém, que:

a) as 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do subjuntivo, bem como a 3.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos terminados em *-oar* escrevem-se com *-oe*, e não *-oi*:

abençoe amaldiçoes perdoe

b) as mesmas pessoas dos verbos terminados em *-uar* escrevem-se com *-ue*, e não *-ui*:

cultue habitues preceitue

2. Existem os seguintes DITONGOS NASAIS DECRESCENTES:

[ɑ̃j] correspondente às grafias *ãe*, *ãi* e, no português normal de Portugal, *em* (em posição final absoluta) e *en* (no interior de palavras derivadas): **mãe**, **cãi**bra; no português normal de Portugal: **vem**, lev**em**, b**en**zinho.

[ɑ̃w] correspondente às grafias *ão* e *am*: **mão**, vej**am**.

[ẽj] correspondente, no português do Brasil e em falares meridionais de Portugal, às grafias *em* (em posição final de palavra) e *en* (no interior de palavras derivadas): **vem**, lev**em**, b**en**zinho.

[õj] correspondente à grafia *õe*: **põe**, serm**ões**.

[ũj] correspondente à grafia *ui*: m**ui**to.

TRITONGOS

Denomina-se TRITONGO o encontro formado de SEMIVOGAL + VOGAL + SEMIVOGAL. De acordo com a natureza (oral ou nasal) dos seus componentes, classificam-se também os TRITONGOS em ORAIS e NASAIS.

1. São TRITONGOS ORAIS:

[waj] Urug**uai**

[wɑj] enxag**uei**, no português normal de Portugal

[wej] enxag**uei**, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal.

[wiw] delinq**uiu**

2. São TRITONGOS NASAIS:

[wɑ̃w] correspondente às grafias *ião*, *uam*: sag**uão**, enxág**uam**.

[wɑ̃j] correspondente, no português normal de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.

[wẽj] correspondente, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.
[wõj] correspondente à grafia *uõe*: sag**uõe**s.

HIATOS

Dá-se o nome de HIATO ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verificamos que:
a) na primeira, o encontro *ai* soa numa só sílaba: [ˈpajʃ].
b) na segunda, o *a* pertence a uma sílaba e o *i* a outra: [paˈiʃ].

Observação:

Quando átonos finais, os encontros escritos *-ia*, *-ie*, *-io*, *-oa*, *-ua*, *-ue* e *-uo* são normalmente DITONGOS CRESCENTES: *gló-ria*, *cá-rie*, *vá-rio*, *má-goa*, *á-gua*, *tê-nue*, *ár-duo*. Podem, no entanto, ser emitidos com separação dos dois elementos, formando assim um HIATO: *gló-ri-a*, *cá-ri-e*, *vá-ri-o*, etc. Ressalte-se, porém, que na escrita, em hipótese alguma, os elementos desses encontros vocálicos se separam no fim da linha, como salientamos no capítulo 4.

ENCONTROS INTRAVERBAIS E INTERVERBAIS

Os ENCONTROS VOCÁLICOS podem ocorrer no interior do vocábulo ou entre dois vocábulos, isto é, podem ser INTRAVERBAIS (= INTRAVOCABULARES) ou INTERVERBAIS (= INTERVOCABULARES).

Há ENCONTROS absolutamente estáveis. Assim, quer no verso, quer na prosa, a palavra *lua* possuirá sempre duas sílabas, ao passo que as palavras *mau* e *quais* terão invariavelmente uma. O hiato [ua], da primeira, bem como o ditongo [aw], da segunda, e o tritongo [waj], da terceira, são, pois, as únicas pronúncias que a língua admite para tais ENCONTROS nessas palavras.

Muitos, porém, são instáveis. Por exemplo: numa pronúncia normal, as palavras *luar* e *reais* são dissílabos: [luˈar], [Riˈajʃ]. Emitidas rapidamente, podem elas, no entanto, passar a monossílabos pela transformação do hiato [ua] no ditongo [wa] e pela criação do tritongo [jaj]. Por outro lado, palavras como *vaidade* e *saudade*, trissílabos na língua viva atual, costumam aparecer no verso com quatro sílabas métricas.

À passagem de um hiato a ditongo no interior da palavra dá-se o nome de SINÉRESE. E chama-se DIÉRESE o fenômeno contrário, ou seja, a transformação de um ditongo normal em hiato.

Quando a ditongação do hiato se verifica entre vocábulos, diz-se que há SINALEFA.

Esses fenômenos têm importância particular no verso, e deles tratamos com o necessário desenvolvimento no capítulo 22.

ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de ENCONTRO CONSONANTAL ao agrupamento de consoantes num vocábulo. Entre os ENCONTROS CONSONANTAIS, merecem realce, pela frequência com que se apresentam, aqueles inseparáveis cuja segunda consoante é *l* ou *r*.

Assim:

ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO		ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO	
bl	**bl**oco,	a**bl**uir	**gl**	**gl**utão,	a**gl**utinar
br	**br**anco,	ru**br**o	**gr**	**gr**ande,	re**gr**a
cl	**cl**aro,	te**cl**a	**pl**	**pl**ano,	tri**pl**o
cr	**cr**avo,	A**cr**e	**pr**	**pr**ato,	so**pr**o
dr	**dr**agão,	vi**dr**o	**tl**	—,	a**tl**as
fl	**fl**or,	ru**fl**ar	**tr**	**tr**ibo,	a**tr**ás
fr	**fr**ancês,	re**fr**ão	**vr**	—,	pala**vr**a

ENCONTROS CONSONANTAIS como *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* e outros não aparecem em muitos vocábulos.

Quando iniciais, são naturalmente inseparáveis:

gno-mo	**pn**eu-má-ti-co	**pt**i-a-li-na
mne-mô-ni-co	**ps**i-có-lo-go	**tm**e-se

Quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa só sílaba, ou em sílabas distintas:

a-**pt**o	di-**gn**o	ri-**tm**o
a**p**-to	di**g**-no	ri**t**-mo

Na linguagem coloquial brasileira há, porém, como dissemos, uma acentuada tendência de destruir estes encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal *i* (ou *e*):

dí-gu**i**-no	p**e**-neu	rí-t**i**-mo

Não raro, temos de admitir a existência desta vogal epentética, embora não escrita, para que versos de poetas brasileiros conservem a regularidade. Por exemplo, nestes setissílabos:

Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 376.)

A tua carne não fremia
A ideia da dança inerte
Que teu corpo dançaria
No pélago submerso?
(V. de Moraes, *PCP*, 342.)

as palavras *admirar* e *submerso* devem ser emitidas em quatro sílabas (*a-di-mi-rar* e *su-bi-mer-so*) para que os versos a que pertencem mantenham aquela medida.

DÍGRAFOS

Não é demais recordar ainda uma vez que não se devem confundir CONSOANTES e VOGAIS com LETRAS, que são sinais representativos daqueles sons.

Assim, nas palavras *carro*, *pêssego*, *chave*, *malho* e *canhoto* não há ENCONTRO CONSONANTAL, pois as letras *rr*, *ss*, *ch*, *lh* e *nh* representam uma só consoante. Também não se pode afirmar que exista ENCONTRO CONSONANTAL em palavras como *campo* e *ponto*, embora a análise de palavras como estas, em fonética experimental, revele a existência de um resíduo de consoante nasal imperceptível ao ouvido; o *m* e o *n* funcionam portanto nelas essencialmente como sinal de nasalidade da vogal anterior, equivalendo, no caso, a um TIL (*cãpo*, *põto*).

A esses grupos de letras que simbolizam apenas um som dá-se o nome de DÍGRAFOS.

São DÍGRAFOS, pois:

a) *ch*, que simboliza a palatal [ʃ] também representada por *x*: *ficha* (compare-se com *lixa*);
b) *lh* e *nh*, únicas formas de representar na língua a lateral [λ] e a nasal palatal [ɲ]: *velho*, *tenho*;
c) *rr* e *ss*, que só se empregam entre letras-vogais para representar os mesmos sons ([R] ou [r] e [s]) que se escrevem com *r* e *s* simples no início de palavra: *prorrogar* (compare-se com *rogar*), *assimetria* (comparece-se com *simetria*).

Entre os DÍGRAFOS devem ainda ser incluídas as combinações de letras:

a) *gu* e *qu* antes de *e* e *i*, quando representam os mesmos sons oclusivos que se escrevem, respectivamente, *g* e *c* antes de *a*, *o* e *u*: *guerra*, *seguir* (comparar a: *galo*, *gole*, *gula*); *querer*, *quilo* (comparar a: *calar*, *cobre*, *cubro*);

b) *sc*, *sç* e *xc*, que, entre letras-vogais, podem representar, no português normal do Brasil e no de algumas regiões de Portugal, o mesmo som que se transcreve também por *c* ou *ç*: *florescer* (comparar a: *amanhecer*), *desça* (comparar a: *pareça*), *exceder* (comparar a: *preceder*);

c) *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un*, que servem para representar as vogais nasais: *tampo*, *tanto*, *tempo*, *tento*, *limbo*, *lindo*, *pombo*, *tonto*, *comum*, *mundo*.

SÍLABA

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantos forem as vogais. Assim, uma palavra como

alegrou,

não será por nós emitida

a-l-e-g-r-o-u

mas sim:

a-le-grou

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de SÍLABA.

A SÍLABA pode ser formada:

a) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo:

é eu uai!

b) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo acompanhados de consoantes:

a-plau-dir trans-por U-ru-guai

SÍLABAS ABERTAS E SÍLABAS FECHADAS

1. Chama-se ABERTA a sílaba que termina por uma vogal:

a-pa-ga-do

2. Diz-se FECHADA a sílaba que termina por uma consoante:

al-tar op-tar

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de SÍLABAS, classificam-se as palavras em MONOSSÍLABAS, DISSÍLABAS, TRISSÍLABAS e POLISSÍLABAS.

MONOSSÍLABAS, quando constituídas de uma só sílaba:

a	eu	mão
ti	grou	quais

DISSÍLABAS, quando constituídas de duas sílabas:

ru-a	he-rói	sa-guão
á-gua	li-vro	so-nhar

TRISSÍLABAS, quando constituídas de três sílabas:

a-lu-no	Eu-ro-pa	ban-dei-ra
cri-an-ça	por-tu-guês	en-xa-guou

POLISSÍLABAS, quando constituídas de mais de três sílabas:

es-tu-dan-te	u-ni-ver-si-da-de
li-ber-da-de	em-pre-en-di-men-to

Observação:

Embora a sua unidade seja normalmente percebida pela competência linguística dos usuários de um idioma, a sílaba não é uma noção caracterizada de modo pacífico pelos foneticistas. Uma breve introdução à problemática da sílaba pode ler-se em Bohuslav Hála. *La sílaba: su naturaleza, su origen y sus transformaciones*. Trad. de E. R. Palavecino y A. Quilis. Madrid, C.S.I.C., 1966.

ACENTO TÔNICO

Examinemos este período de Raul Bopp:

Dias e **noi**tes os hori**zon**tes se re**pe**tem.

Nele distinguimos, numa análise fonética elementar, as sílabas ACENTUADAS (em negrito) das INACENTUADAS (em romano).

A percepção distinta das sílabas acentuadas (tônicas) das inacentuadas (átonas) provém da dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas que, vimos, caracterizam os sons da fala humana:

a) a INTENSIDADE, isto é, a força expiratória com que são pronunciados;
b) o TOM (ou altura musical), isto é, a frequência com que vibram as cordas vocais em sua emissão;
c) o TIMBRE (ou metal de voz), isto é, o conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquele nas cavidades por onde passa o ar;
d) a QUANTIDADE, isto é, a duração com que são emitidos.

Assim, pela INTENSIDADE, os sons podem ser FORTES (tônicos) ou FRACOS (átonos); pelo TOM, serão AGUDOS (altos) ou GRAVES (baixos); pelo TIMBRE, ABERTOS ou FECHADOS; pela QUANTIDADE, LONGOS ou BREVES.

Em geral, porém, esses elementos estão intimamente associados, e o conjunto deles, com predominância da intensidade, do tom e da quantidade, é que se chama ACENTO TÔNICO.

Observações:

1.ª) Tanto a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* como a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* classificam as sílabas, quanto à intensidade, em TÔNICAS, SUBTÔNICAS e ÁTONAS (PRETÔNICAS e POSTÔNICAS). Pela nomenclatura aconselhada nos dois países, TOM é, pois, o mesmo que ACENTO DE INTENSIDADE. Cabe advertir, no entanto, que, se na maioria dos casos os dois elementos vêm unidos, por vezes eles não coincidem. "Na linguagem, como na música, qualquer som, seja *agudo* ou *grave*, pode tornar-se *forte* ou *débil*, segundo convenha" (Navarro Tomás. *Manual de pronunciación española*, 14.ª ed., Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 25, nota 1).

2.ª) A quantidade longa ou breve das vogais, fundamental em latim, não tem valor distintivo em português. Os contrastes que nos oferecem, numa pronúncia tensa, pares de formas como *caatinga / catinga*, *coorte / corte* explicam-se não pela oposição de quantidade vocálica, mas pela de duas vogais em face de uma vogal. Sobre fenômeno semelhante em espanhol, veja-se A. Quilis. Phonologie de la quantité en espagnol. *Phonetica*, 13:82-85, 1965.

Em nosso idioma, como nas demais línguas românicas, a duração maior de uma vogal é recurso de ênfase, e está condicionada pelo acento, pelo contexto fonético ou por múltiplas razões de ordem afetiva.

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

1. Quanto ao ACENTO, as palavras de mais de uma sílaba classificam-se em OXÍTONAS, PAROXÍTONAS e PROPAROXÍTONAS.
   OXÍTONAS, quando o acento recai na última sílaba:

   café funil Niterói

   PAROXÍTONAS, quando o acento recai na penúltima sílaba:

   baía escola retorno

   PROPAROXÍTONAS, quando o acento recai na antepenúltima sílaba:

   exército pêndulo quilômetro

2. Quando se combinam certas formas verbais com pronomes átonos, formando um só vocábulo fonético, é possível o acento recuar mais uma sílaba. Diz-se BISESDRÚXULA a acentuação dessas combinações:

   amávamo-lo faça-se-lhe

3. Os MONOSSÍLABOS podem ser ÁTONOS ou TÔNICOS.
   ÁTONOS são aqueles pronunciados tão fracamente que, na frase, precisam apoiar-se no acento tônico de um vocábulo vizinho, formando, por assim dizer, uma sílaba deste. Por exemplo:

   Diga-**me** / **o** preço / **do** livro.

   São MONOSSÍLABOS ÁTONOS:

   a) o artigo definido (*o*, *a*, *os*, *as*) e o indefinido (*um*, *uns*);
   b) os pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes* e suas combinações: *mo*, *to*, *lho*, etc.;
   c) o pronome relativo *que*;
   d) as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*;
   e) as combinações de preposição e artigo: *à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num*, etc.;
   f) as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*;
   g) as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*, *seu* (= *senhor*).

   TÔNICOS são aqueles emitidos fortemente. Por terem acento próprio, não necessitam apoiar-se noutro vocábulo. Exemplos: *cá*, *flor*, *mau*, *mão*, *mês*, *mim*, *pôr*, *vou*, etc.

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRONÚNCIA CULTA

1. Atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma SILABADA, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia:

a) são OXÍTONAS:

aloés	Nobel	recém	sutil
Gibraltar	novel	refém	ureter

b) são PAROXÍTONAS:

alanos	efebo	inaudito	pletora
avaro	erudito	leucemia	policromo
avito	estalido	maquinaria	pudico
aziago	êxul	matula	quiromancia
barbaria	filantropo	misantropo	refrega
batavo	gólfão	mercancia	rubrica
cartomancia	grácil	menúfar	Salonica
ciclope	gratuito (úi)	Normandia	táctil
decano	hosana	onagro	têxtil
diatribe	Hungria	opimo	Tibulo
edito (lei)	ibero	pegada	tulipa

c) são PROPAROXÍTONAS:

ádvena	areópago	égide	númida
aeródromo	aríete	etíope	ômega
aerólito	arquétipo	êxodo	páramo
ágape	autóctone	fac-símile	Pégaso
álacre	azáfama	fagócito	périplo
álcali	azêmola	farândula	plêiade
alcíone	bátega	férula	prístino
alcoólatra	bávaro	gárrulo	prófugo
âmago	bígamo	héjira	protótipo
amálgama	bímano	hipódromo	quadrúmano
anátema	bólido (-e)	idólatra	revérbero
andrógino	brâmane	ímprobo	sátrapa
anêmona	cáfila	ínclito	Tâmisa
anódino	cânhamo	ínterim	trânsfuga
antífona	Cérbero	invólucro	végeto
antífrase	cotilédone	leucócito	zéfiro
antístrofe	édito (ordem judicial)	Niágara	zênite

Prefiram-se ainda as pronúncias:

barbárie boêmia estratégia sinonímia

2. Para alguns vocábulos há, mesmo na língua culta, oscilação de pronúncia. É o caso de:

ambrosia ou ambrósia	ortoepia ou ortoépia
anidrido ou anídrido	projetil ou projétil
crisantemo ou crisântemo	reptil ou réptil
hieroglifo ou hieróglifo	soror ou sóror
Oceania ou Oceânia	zangão ou zângão

Observação:

Há por vezes discordância na pronúncia mais corrente entre Portugal e o Brasil. Os portugueses dizem comumente *púdico* e *rúbrica*; os brasileiros, apegados à acentuação que a etimologia recomenda, pronunciam *pudico* e *rubrica*.

VALOR DISTINTIVO DO ACENTO TÔNICO

Pela variabilidade de sua posição, o acento pode ter em português valor distintivo, fonológico.

Comparando, por exemplo, os vocábulos:

dúvida / duvida

percebemos que a posição do acento tônico é suficiente para estabelecer uma oposição, uma distinção significativa.

Observação:

Este fato ocorre com mais frequência no português do Brasil, pois, no de Portugal, a mudança de posição do acento se faz acompanhar normalmente de uma alteração no timbre das vogais tônicas que passam a átonas. Assim sendo, a distinção significativa assenta também nessa variação. Por exemplo, no português do Brasil *correram* opõe-se a *correrão*, *válido* a *valido*, apenas pela posição do acento; no português de Portugal, porém, a oposição se dá entre [ku´ʀerɑ̃w] e [kuʀə´rɑ̃w], [´validu] e [vɑ´lidu].

ACENTO PRINCIPAL E ACENTO SECUNDÁRIO

Normalmente os vocábulos de pequeno corpo só possuem uma sílaba acentuada em que se apoiam as demais, átonas. Os vocábulos longos, principalmente os derivados, costumam no entanto apresentar, além da sílaba tônica fundamental, uma ou mais subtônicas.

Dizemos, por exemplo, que as palavras *decididamente* e *inacreditavelmente* são PAROXÍTONAS, porque sentimos que em ambas o acento básico recai na penúltima sílaba (*men*). Mas percebemos também que, nas duas palavras, as sílabas restantes não são igualmente átonas. Em *decididamente*, a sílaba -*di*-, mais fraca do que a sílaba -*men*-, é sem dúvida mais forte do que as outras. Em *inacreditavelmente*, as sílabas -*cre*- e -*ta*-, embora mais débeis do que a sílaba -*men*-, são sensivelmente mais fortes do que as demais. Daí considerarmos PRINCIPAL o acento que recai sobre a sílaba -*men*- (nos dois exemplos) e SECUNDÁRIOS os que incidem sobre a sílaba -*di*- (em *decididamente*) ou sobre as sílabas -*cre*- e -*ta*- (em *inacreditavelmente*).

GRUPO ACENTUAL (OU DE INTENSIDADE)

As palavras não costumam vir isoladas. Geralmente se unem, articulando-se umas com as outras, para formar frases, que são as verdadeiras unidades da fala.

Materialmente, a frase constitui uma cadeia sonora com seus acentos principais e secundários a que pode estar subordinado mais de um vocábulo. Cada segmento de frase dependente de um acento tônico chama-se GRUPO ACENTUAL OU DE INTENSIDADE.

Por exemplo, no período atrás mencionado:

Dias e noites os horizontes se repetem.

há sete vocábulos que, de acordo com a rapidez ou lentidão da pronúncia, podem agrupar-se debaixo de três ou quatro acentos principais.

Numa emissão pausada, que ressalte os elementos significativos, o período em exame terá quatro grupos acentuais:

/ Dias / e noites / os horizontes / se repetem./

Se imprimirmos, porém, ritmo acelerado à pronúncia dos dois primeiros grupos:

— / Dias / e noites/ —,

verificamos que a sílaba tônica da palavra *dias* se enfraquece, e esse enfraquecimento impede que ela continue a servir de suporte fônico de um grupo acentual. O acento que nela recai de principal torna-se secundário e, consequentemente, o grupo que o tinha por centro de apoio passa a integrar o seguinte, subordinado ao acento da palavra *noites*:

/ Dias e noites /

ÊNCLISE E PRÓCLISE

Denomina-se ÊNCLISE a situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético. PRÓCLISE é a situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento tônico se subordina. São PROCLÍTICOS, por exemplo, o artigo, as preposições e as conjunções monossilábicas. São geralmente ENCLÍTICOS os pronomes pessoais átonos.

A ÊNCLISE e, sobretudo, a PRÓCLISE são responsáveis por frequentes alterações vocabulares. Perdendo o seu acento tônico (a "alma da palavra", no dizer de Diomedes), um vocábulo perde o seu centro de resistência e fica sujeito a reduções violentas.[8] Vejam-se, por exemplo, estes versos de Raul Bopp:

— Vamos **prás** Índias!
— Olha! Melhor mesmo é buscar vento mais **pro** fundo.

em que aparecem as formas *prás* e *pro*, abreviações de *para as* e *para o* provocadas pela PRÓCLISE. Também a forma *seu* (por *senhor*), que ocorre neste passo de Marques Rebelo:

Segura esta, **seu** Fagundes!...

é um caso de redução proclítica. Se disséssemos, por exemplo:

Fagundes, o **senhor** segura esta!...

não seria mais possível a substituição de *senhor* por *seu*, já que a autonomia acentual da palavra a resguardaria de qualquer mutilação.

ACENTO DE INSISTÊNCIA

Além dos acentos normais (PRINCIPAL e SECUNDÁRIO), uma palavra pode receber outro, chamado de INSISTÊNCIA, que serve para realçá-la em determinado contexto, quer impregnando-a de afetividade (emoção), quer dando ênfase à ideia que expressa. Daí distinguirmos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA: O ACENTO AFETIVO e O ACENTO INTELECTUAL.

---

[8] Explicam-se também como consequência da PRÓCLISE as formas *cem* (por *cento*), *grão* (por *grande*), *quão* (por *quanto*), *são* (por *santo*), *tão* (por *tanto*) e frequentes elisões, sinalefas e sinéreses, que se observam no enunciado versificado ou na linguagem popular. Veja-se, a propósito, Sousa da Silveira. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro, Simões, 1952, especialmente p. 86-125.

Acento afetivo

Se enunciarmos calmamente, sem intenção particular, a frase:

É um homem miserável,

a pronúncia da palavra *miserável* caracteriza-se por apresentar acentuada apenas a sílaba *-rá-*. É ela emitida com maior intensidade, com maior altura e, às vezes, com maior duração que as demais.

Mas a mesma frase pode ser enunciada num momento em que nos achamos presos de certa emoção. Podemos, por exemplo, estar possuídos de um sentimento de cólera ou de desprezo em relação ao indivíduo que consideramos *miserável*. Esse nosso sentimento exprime-se então foneticamente por um realce particular dado à sílaba inicial *mi-*, que passa a competir na palavra com a tônica *-rá-*. Chega a igualá-la, quanto à intensidade e à altura, e até a superá-la, quanto à duração da vogal e, principalmente, da consoante que a antecede.

No primeiro caso, a palavra recebe apenas um acento; no segundo, ela possui dois, quase equivalentes. A esse novo acento, de caráter emocional, chamamos ACENTO AFETIVO.

Acento intelectual

Com o ACENTO AFETIVO impressionamos determinada palavra de emoção particular. É ele uma espécie de comentário sentimental que fazemos a um elemento do enunciado.

Mas nem sempre o realce sonoro de uma sílaba diversa da tônica normal põe em jogo a nossa sensibilidade aguçada. É por vezes um recurso eficaz de que dispomos para valorizar uma noção, para defini-la, para caracterizá-la, geralmente contrastando-a com outra. Por sua função, denominamos ACENTO INTELECTUAL a esse tipo de ACENTO DE INSISTÊNCIA.

Exemplifiquemos com os seguintes dizeres:

Esta medida é arbitrária.
Fez uso exclusivo e abusivo do carro.
Não se trata de um ato imoral, mas amoral.
Quero razões objetivas e não subjetivas.

Se quisermos dar relevo significativo às palavras *arbitrária*, *exclusivo*, *abusivo*, *imoral*, *amoral*, *objetivas* e *subjetivas*, imprimimos à sílaba inicial de cada uma delas maior duração, maior altura e, sobretudo, maior intensidade.

Tal como o ACENTO AFETIVO, o ACENTO INTELECTUAL é inesperado, brusco, violento, características que os estremam do acento tônico normal, suporte do grupo rítmico e, portanto, esperado, regular. São justamente essas peculiaridades dos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA que fazem ressaltar vivamente num contexto as palavras sobre as quais eles incidem.

Distinções fundamentais

O ACENTO INTELECTUAL distingue-se do ACENTO AFETIVO não só pela função, mas também por particularidades fonéticas.

Assim:

a) O ACENTO INTELECTUAL recai sempre na primeira sílaba da palavra, seja ela iniciada por consoante, seja por vogal. O ACENTO AFETIVO incide na primeira sílaba da palavra quando esta se inicia por consoante, mas pode recair na sílaba seguinte, se ela começar por vogal. Nas palavras de pequeno corpo o ACENTO AFETIVO costuma coincidir com o acento tônico normal. Comparem-se:

ACENTO INTELECTUAL	ACENTO AFETIVO
São razões **sub**jetivas!	É um homem **mi**serável!
Foi uma ação **ar**bitrária!	É uma pessoa a**bo**minável!
Trata-se de ato **i**legal!	Esta criança é um a**mor**!

b) Ambos reforçam a consoante inicial da sílaba sobre que recaem, mas o realce que dão à vogal seguinte é de natureza diversa. O ACENTO INTELECTUAL aumenta-a em duração, em altura e, sobretudo, em *intensidade*. O ACENTO AFETIVO aumenta-a em intensidade, mas principalmente em *duração* e *altura*.

Capítulo 4

Ortografia
(segundo o Acordo Ortográfico de 1990)

LETRA E ALFABETO

1. Para reproduzirmos, na escrita, as palavras de nossa língua, empregamos certo número de sinais gráficos chamados LETRAS.
   O conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada denomina-se ALFABETO.

2. O ALFABETO da língua portuguesa consta fundamentalmente das seguintes letras:

   a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

   As letras **k**, **w**, e **y**, só se empregam em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses:

Franklin	Wagner	Byron
frankliniano	wagneriano	byroniano

b) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional:

K (= potássio)	kg (= quilograma)	km (= quilômetro)
W. (= oeste)	w (= watt)	yd. (= jarda)

Observações:

O *h* usa-se apenas:

a) no início de certas palavras:

haver hoje homem

b) no fim de algumas interjeições:

ah! oh! uh!

c) no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por *h*, se une ao primeiro por meio de hífen:

anti-higiênico pré-histórico super-homem

d) nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

chave talho banho

NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras do alfabeto, servimo-nos, na língua escrita, de certo número de sinais auxiliares, destinados a indicar a pronúncia exata da palavra. Esses sinais acessórios da escrita, chamados NOTAÇÕES LÉXICAS, são os seguintes:

O ACENTO

O ACENTO pode ser AGUDO (´), GRAVE (`) e CIRCUNFLEXO (^).

1. O ACENTO AGUDO é empregado para assinalar:

a) as vogais tônicas fechadas *i* e *u*:

aí	horrível	físico
baú	açúcar	lúgubre

b) as vogais tônicas abertas e semiabertas *a*, *e* e *o*:

há	amável	pálido
pé	tivésseis	exército
pó	herói	inóspito

2. O ACENTO GRAVE é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a*, *as*) e com os pronomes demonstrativos *a*(*s*), *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*:

à	àquele(s)	àquilo
às	àquela(s)	

3. O ACENTO CIRCUNFLEXO é empregado para indicar o timbre semifechado das vogais tônicas *a*, *e* e *o*:

câmara	**cânhamo**	hispânico
mês	têxtil	fêmea
avô	pôs	cômoro

O TIL

O TIL (~) emprega-se sobre o *a* e *o* para indicar a nasalidade dessas vogais:

maçã	mãe	pão
caixões	põe	sermões

O TREMA

Não se usa TREMA (¨) na ortografia da língua portuguesa, a não ser em nomes e palavras estrangeiras e suas derivadas em português. Assim:

	aguentar	tranquilo	frequente	sanguíneo,
mas	Mülller e mülleriano		Günter	stürmer

O APÓSTROFO

O APÓSTROFO (') serve para assinalar a supressão de um fonema — geralmente a de uma vogal — no verso, em certas pronúncias populares e em palavras compostas ligadas pela preposição *de*:

c'roa	esp'rança	'tá bem! (popular)
pau-d'alho	pau-d'arco	galinha-d'água

A CEDILHA

A CEDILHA (¸) coloca-se debaixo do *c*, antes de *a*, *o* e *u*, para representar a fricativa linguodental surda [s]:

caçar	maciço	açúcar
praça	poço	muçulmano

O HÍFEN

O HÍFEN (-) usa-se:

a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação:

couve-flor	guarda-marinha	beija-flor
pré-escolar	super-homem	ex-diretor

b) para unir pronomes átonos a verbos:

ofereceram-me	retive-o	levá-la-ei

c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes, ou seja, translinear uma sílaba:

estudan- / te	estu- / dante	es- / tudante

Emprego do hífen nos compostos

O emprego do HÍFEN é uma convenção. Estabeleceu-se que "só se ligam por HÍFEN os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que guardam a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido". Dentro desse princípio, deve-se empregar o HÍFEN:

1.º) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria: *água-marinha, arco-íris, para-choque, bel-prazer, és-sueste, monta-carga, marca-passo, lero-lero, mata-mata* etc.;

Nos seguintes casos os elementos se aglutinam, sem hífen portanto: *girassol, madressilva, mandachuva, passatempo, pontapé, paraquedas, paraquedismo, paraquedista*;

2.º) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não: *afro-asiático, dólico-louro, galego-português, greco-romano, histórico-geográfico, ínfero-anterior, latino-americano, luso-brasileiro, lusitano-castelhano*;

3.º) nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos Grã, Grão, ou por forma verbal, ou quando os elementos estão ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Todos-os-Santos, mas Belo Horizonte, Cabo Verde, Santa Catarina* (estes sem hífen porque não se enquadram na regra) etc.;

4.º) em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas estejam ou não ligadas por preposição ou por qualquer outro elemento: *bem-me-quer, ervilha-de-cheiro, formiga-branca, bem-te-vi* etc.

Obs.: *malmequer* já se escrevia aglutinadamente, e essa exceção é mantida;

5.º) nos compostos com os advérbios *bem-* e *mal-*, quando o elemento seguinte começa por *vogal* ou *h*: *bem-educado, bem-humorado, mal-agradecido, mal-habituado*;

O advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com o segundo elemento quando ele começa por consoante: *bem-nascido, malnascido, bem-falante,*

malfalante, bem-mandado, malmandado etc.; mas, em muitos compostos, *bem* aglutina-se com o segundo elemento: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença* etc.;

6.º) nos compostos com *sem, além, aquém e recém*: *sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado*;

7.º) **não** se usa HÍFEN em locuções de qualquer tipo, sejam, substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo as seguintes exceções: *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia* (pecúlio), *ao deus-dará, à queima-roupa.* Portanto: *fim de semana, sala de jantar, cor de café, cada um, quem quer que seja, à vontade, depois de amanhã, a fim de, acerca de, contanto que, visto que* etc.

Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

1.º) Nas formações com prefixos, como *ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre- extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, sobre-, sub-, super-, ultra-* etc., e em formações por recomposição com falsos prefixos ou pseudoprefixos (de origem grega ou latina) como *aero-, agro-, arqui-, auto-, hio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-* etc, só se usa HÍFEN;

a) nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-histamínico, pan-helênico, sobre-humano, sub-hepático, super-homem* etc.;
   Obs.: como exceção a essa regra, *co-, des-, dis-, in-* e *re* se aglutinam com o segundo elemento, eliminando o *h*: *coabitar, coerdeiro, desumano, disidria, inábil, reabilitar, reospitalizar* etc.;
b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento: *anti-inflacionário, neo-ortodoxo, semi-interno, supra-auricular, arqui-inimigo, sobre-edificar, ante-estreia*;
   Obs.: são exceções a essa regra *co- e re-*: *coordenar, coobrigação, reeleição, reerguer* etc;
c) nas formações com o prefixo circum- e o pseudoprefixo pan- quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (além do *h* já mencionado na regra geral): *circum-navegação, circum-mediterrâneo, circum-oceânico, pan-oftálmico, pan-nacionalismo*;
d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-* e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-religioso, inter-relacionado, super-resistente*;
e) nas formações com os prefixos *ex-* (estado anterior, cessamento), *sota-, soto-, vice-* (ou *vizo*): *ex-aluno, ex-presidente, sota-piloto, soto-mestre, vice-almirante, vice-governador, vizo-rei*
f) nas formações com os prefixos tônicos *pós-, pré-* e *pró-* (as formas átonas se aglutinam com o segundo elemento): *pós-graduação* (mas *pospor*), *pré-universitário* (mas *predizer*), *pró-africano* (mas *proativo*);

g) com *ab-*, *ad-*, *ob-*, *sob-*, *e sub-*, quando seguidos de radical iniciado por *r* ou pela mesma consoante em que termina o prefixo: *ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda sub-reino, ad-digital, sub-bibliotecário;*

2.º) Não se usa HÍFEN:

a) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por r ou s, que devem ser duplicados: *contrarregra, suprarrenal, pseudorreação, antisséptico, ultrassom, minissaia*;

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por vogal diferente ou consoante (com exceção dos casos particulares já mencionados de *h, r* e *s*: *extraescolar, antiaéreo, autoeducação, autodidata, extracurricular, supramencionado, hidroeletricidade, microcâmera, intracelular* etc.

c) em locuções, de qualquer tipo, com exceção de água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa e em nomes de plantas ou animais.

3.º) Nas formações por sufixação, só se emprega o HÍFEN em vocábulos terminados em sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (como *-açu, -guaçu, -mirim*) quando o primeiro elemento termina em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, andá-açu, Ceará-Mirim, capim-açu.*

Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver

1.º) Emprega-se o HÍFEN na ênclise e na mesóclise (ou tmese): *amá-lo, faz-se, dizer-lhe, amá-lo-emos, enviar-lhe-ei.*

2.º) Usa-se HÍFEN nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* e nas combinações de formas pronominais quando em próclise:

eis-me, ei-lo, eis-nos;

no-lo, vo-las.

3.º) Não se usa HÍFEN nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver: hei de, hás de, há de, hão de.*

Partição das palavras no fim da linha

Quando não há espaço no fim da linha para escrevermos uma palavra inteira, podemos dividi-la em duas partes. Essa separação, que se indica por meio de um HÍFEN, obedece às regras de silabação. São inseparáveis os elementos constituintes de cada sílaba.

Convém, portanto, serem respeitadas as seguintes normas:

1.ª) Não se separam as letras com que representamos:

a) os ditongos e os tritongos, bem como os grupos *ia, ie, io, oa, ua, ue* e *uo*, que, quando átonos finais, soam normalmente numa sílaba (DITONGO CRESCENTE), mas podem ser pronunciados em duas (HIATO):

au-ro-ra	Pa-ra-guai	má-goa
mui-to	gló-ria	ré-gua
par-tiu	cá-rie	tê-nue
a-guen-tar	Má-rio	con-tí-guo

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos *ch, lh* e *nh*:

pneu-má-ti-co	a-bro-lhos	ra-char
psi-có-lo-go	es-cla-re-cer	fi-lho
mne-mô-ni-co	re-gre-dir	ma-nhã

2.ª) Separam-se as letras com que representamos:

a) as vogais de hiatos:

co-or-de-nar	fi-el	ra-i-nha
ca-í-eis	mi-ú-do	sa-ú-de

b) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes:

ab-di-car	bis-ne-to	sub-ju-gar
abs-tra-ir	oc-ci-pi-tal	subs-cre-ver

3.ª) Separam-se também as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

ter-ra	des-cer	cres-ça
pro-fes-sor	abs-ces-so	ex-ce-der

Observações:

1.ª) Quando a palavra já se escreve com HÍFEN – quer por ser composta, quer por ser uma forma verbal seguida de pronome átono –, e coincidir o fim da linha com o lugar onde está o hífen, recomenda-se repeti-lo, por clareza, no início da linha seguinte.

Assim:

couve-flor = couve- / -flor
unamo-nos = unamo- / -nos

Observe-se a diferença de significado que ocorre em separação do pronome sem a indicação do hífen:

Prazer de ver- -me	e não	Prazer de ver- me

2.ª) Embora o sistema ortográfico vigente o permita, não se deve escrever no princípio ou no fim da linha uma só vogal. Evite-se, por conseguinte, a partição de vocábulos como *água, aí, aqui, baú, rua,* etc. Melhor será também que se dividam vocábulos como *abrasar, aguentar, agradar, equidade, ortografia, pavio* e outros apenas nos lugares indicados pelo HÍFEN:

abra-sar	aguen-tar	agra-dar
equi-da-de	or-to-gra-fia	pa-vio

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

A acentuação gráfica obedece às seguintes regras:

1.ª) Assinalam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a* aberto, *e* e *o* semiabertos, e com acento circunflexo os que acabam em *e* e *o* semifechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós*; *dendê, lês, trisavô*; etc.

Observação:

Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de *a, e, o*, se assimilaram o *r*, o *s* e o *z* ao *l* dos pronomes *lo, la, los, las*, caindo depois o primeiro *l*: *dá-lo, contá-la, fá-lo-á, fê-los, movê-las-ia, pô-los, qué-los, sabê-lo-emos, trá-lo-ás*, etc.

2.ª) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a* aberta, *e* ou *o* semiabertas, *i* ou *u*; e levam acento circunflexo aquelas em que figuram na sílaba predominante as vogais *a, e* ou *o* semifechadas: *árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; lâmina, lâmpada, devêssemos, lêmures, pêndula, fôlego, recôndito*, etc.

Observações:

1.ª) Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que costumam ser pronunciados como ditongos crescentes: *área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, vácuo*, etc.

2.ª) Nas palavras proparoxítonas que têm, na antepenúltima sílaba, as vogais *a, e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), razão por que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal, podem ser semifechadas ou semiabertas, pelo que a ortografia em vigor faculta que se lhes ponha acento circunflexo, se forem semifechadas, e acento agudo, se semiabertas. Por isso, de acordo com a pronúncia-padrão, escrevem-se no Brasil: *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro* e, da mesma forma, *acadêmico, anêmona, cênico, Amazônia, Antônio, fenômeno, quilômetro*; ao passo que em Portugal, também de acordo com a pronúncia-padrão, se adotam as grafias *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro*, mas *académico, anémona, cénico, Amazónia, António, fenómeno, quilómetro*.

3.ª) Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos, ou não, de *s*, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram *a* aberto, *e* ou

o semiabertos, *i* ou *u fechados*; e com circunflexo quando nela figuram *a*, *e* e *o* semifechados: *lápis, beribéri, miosótis, íris, júri, dândi, tênis, bônus.*

Observações:

1.ª) Paralelamente ao que ocorre com as palavras proparoxítonas, nas paroxítonas, que têm na penúltima sílaba as vogais *a*, *e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), pelo que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal podem ser ou semifechadas ou semiabertas, pelo que recebem acento circunflexo, se são semifechadas, e acento agudo, se semiabertas – essas as razões por que se adotam, no Brasil, as grafias *ânus, certâmen*, e também *fêmur, Fênix, tênis, ônus, bônus*; ao passo que, em Portugal, se escrevem *ânus, certâmen (como no Brasil)*, mas *fémur, Fénix, ténis, ónus, bónus.*

2.ª) Entre as palavras paroxítonas, cumpre ressaltar o caso da 1.ª pessoa do plural dos verbos da 1.ª conjugação, que, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, apresentam *a* tônico seguido de *m*. No português-padrão do Brasil (e em vários dialetos portugueses meridionais) a vogal é igualmente semifechada nos dois tempos, enquanto no português-padrão de Portugal ela é semifechada no presente e aberta no pretérito perfeito do indicativo.[1] Assim sendo, nenhuma das formas é acentuada no Brasil, mas admite-se, facultativamente, o acento agudo na 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito: *amamos* (presente), *amámos* (pretérito perfeito).

3.ª) Também no português-padrão do Brasil, a forma *demos* pronuncia-se com *e* semifechado [e], seja ela 1.ª pessoa do presente do subjuntivo ou do pretérito perfeito do indicativo, razão por que não recebe nenhum acento gráfico. É facultativa a forma *dêmos* no presente do subjuntivo. Já no português-padrão europeu, a vogal é semifechada no presente do subjuntivo [e] e semiaberta no pretérito perfeito do indicativo [ɛ], pelo que a ortografia portuguesa admite apor-lhe um acento agudo no segundo caso. Daí as grafias *demos* (presente do subjuntivo) e *démos* (pretérito perfeito do indicativo).

4.ª) No português-padrão do Brasil, não há mais acento gráfico nas vogais *e* e *o* semiabertas dos ditongos *ei* e *oi* quando em sílaba tônica de palavras paroxítonas: *assembleia, hebreia, ideia, epopeico, joia, tipoia, heroico, apoio*; as mesmas vogais, quando semifechadas, tampouco recebem acento: *meia, cheia, maneira, apoio, joio, açoite.*

No português-padrão de Portugal, não se diferenciam fonicamente *éi* e *ei*, razão por que o *e* nunca foi acentuado. O ditongo é no caso sempre pronunciado [ɐj].

Os ditongos semiabertos *éi, éu, ói*, quando tônicos em palavras oxítonas, proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongos crescentes, recebem o acento: *bacharéis, chapéu, rouxinóis, herói, aracnóideo*, etc.

5.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-oo*, que têm a mesma pronúncia (fechada) em todo o domínio do idioma, não são acentuadas graficamente: *enjoo, voo.*

6.ª) Emprega-se o acento circunflexo sobre a vogal tônica semifechada da forma *pôde*, do pretérito perfeito do indicativo, para distingui-la de *pode*, do presente do indicativo, com vogal tônica semiaberta. Também recebe acento o verbo *pôr* para distingui-lo da preposição *por*. É facultativo o acento circunflexo em *fôrma(s)*, para distinguir do substantivo *formas* e das flexões *formas* e *forma*, do verbo *formar.*

---

[1] Em certos dialetos portugueses setentrionais, a vogal *a* é, em geral, aberta nos dois tempos.

7.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-um*, *-uns* recebem acento agudo na sílaba tônica: *álbum*, *álbuns*, etc.

8.ª) Não se acentuam os pseudoprefixos paroxítonos terminados em *-i*: *semi-oficial*, etc.

4.ª) Põe-se acento agudo no *i* e no *u* tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *aí*, *balaústre*, *cafeína*, *caís*, *contraí-la*, *distribuí-lo*, *egoísta*, *faísca*, *heroína*, *juízo*, *país*, *peúga*, *saía*, *saúde*, *timboúva*, *viúvo*, etc.

Observações:

1.ª) Não se coloca o acento agudo no *i* e no *u* quando, precedidos de vogal que, com eles, não forma ditongo, e são seguidos de *l*, *m*, *n*, *r* ou *z* que não iniciam sílabas e, ainda, *nh*: *adail*, *contribuinte*, *demiurgo*, *juiz*, *paul*, *retribuirdes*, *ruim*, *tainha*, *ventoinha*, etc.

2.ª) Quando as vogais *i* e *u* ocorrem na sílaba tônica de palavras paroxítonas, não recebem acento gráfico se são precedidas de ditongo: *baiuca*, *boiuno*, *feiura*.

Atenção: essa regra não incide em palavras oxítonas e proparoxítonas, como *aiúbida*, *bauínia*, *teiú*, *tuiuiús*.

3.ª) Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos *iu* e *ui* quando precedidos de vogal: *atraiu*, *contribuiu*, *pauis*, etc.

5.ª) Não recebe acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i* nas flexões rizotônicas dos verbos *arguir*, *redarguir*, *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *obliquar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir* e afins: *argui*, *arguis*, *redargui*, *redarguem* etc.

Nos verbos *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *obliquar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir*, as formas rizotônicas ou são acentuadas no *u* , mas sem acento gráfico (como em *arguir* e *redarguir*) ou têm as formas *averíguo*, *averígues*, *enxáguo*, *enxágues*, *delínquo*, *delínquem* etc.

6.ª) Marca-se com o acento agudo o *e* da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas: *alguém*, *armazém*, *convém*, *convéns*, *detém-no*, *mantém-na*, *parabéns*, *retém-no*, *também*, etc.

Observação:

1.ª) Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *em* ou *ens*: *ontem*, *origem*, *imagens*, *jovens*, *nuvens*, etc.

2.ª) A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tônica: (*eles*) *contêm*, (*elas*) *convêm*, (*eles*) *têm*, (*elas*) *vêm*, etc.

3.ª) Não recebem acento circunflexo oriundo do singular *crê*, *dê*, *lê*, *vê* as formas plurais desses verbos e de seus compostos: *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, *descreem*, *desdeem*, *releem*, *reveem*, etc.

7.ª) Sobrepõe-se o acento agudo ao *a* aberto, ao *e* ou *o* semiabertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r*, e *x*; e o acento circunflexo ao *a*, *e* e *o* semifechados: *açúcar*, *afável*, *alúmen*, *córtex*, *éter*, *hífen*, *aljôfar*, *âmbar*, *cânon*, *êxul*, etc.

Observações:

Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r*: *inter-humano*, *super-homem*, etc.

8.ª) Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis*, *devêreis*, *escrevêsseis*, *faríeis*, *férteis*, *fósseis*, *fôsseis*, *imóveis*, *jóquei*, *pênseis*, *pusésseis*, *quisésseis*, *tínheis*, *túneis*, *úteis*, *variáveis*, etc.

9.ª) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã*, *capitães*, *coração*, *devoções*, *põem*, etc.

Observação:

Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: *acórdão*, *bênção*, *órfã*, etc.

10.ª) Como já mencionado, não se usa trema para indicar a pronúncia do *u* quando precedido de *g* e de *q*, a não ser em palavras e nomes estrangeiros e suas derivadas em português; mantém-se a pronúncia do *u* mas grafa-se: *aguentar*, *arguição*, *eloquente*, *tranquilo*, *frequente* etc.

11.ª) Não têm acento diferencial as palavras homógrafas paroxítonas
para (flexão de *parar*), *para* (preposição)
pela(s) (s.f.), *pela(s)* (flexão de *pelar*), *pela(s)* [ê] (por+a[s])
pelo (flexão de *pelar*), *pelo(s)[ê]* (s.m.), *pelo(s)[ê]* (por+o[s])
pera(s)[é] (s.f.), *pera(s)[ê]* (s.f.), *pera [é]* (prep. *para*)
polo(s)[ó] (s.m.), *polo(s)[ô]* (por+lo[s]), *polo(s)[ô] (s.m.)* ('falcão', 'gavião')

---

[2] Em Portugal, a ortografia oficialmente adotada é a do *Acordo ortográfico* de 1945, assinado em Lisboa, a 10 de agosto de 1945, por uma Comissão composta de membros da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Esse *Acordo* não entrou em vigor no Brasil por não ter sido ratificado pelo Congresso Nacional.

[3] No Brasil vigoram oficialmente as normas do *Formulário ortográfico* de 1943, consubstanciadas no *Vocabulário ortográfico*, publicado no mesmo ano, com as leves alterações determinadas pela Lei n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971.

[4] Há, porém, no português-padrão de Portugal, vogais pretônicas, provenientes de antiga crase, que conservam o timbre aberto ([a]) ou semiaberto ([e], [ɔ]), sem que o fato seja assinalado na escrita. Assim: *padeiro*, *pegada*, *corar*.

12.ª) O acento grave assinala as contrações da preposição *a* com o artigo *a* e com os pronomes demonstrativos *a*, *aquele*, *aqueloutro*, *aquilo*, as quais se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*.

DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ORTOGRAFIAS OFICIALMENTE ADOTADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Além das divergências atrás mencionadas que dizem respeito à diversidade de pronúncia de certas vogais tônicas – em virtude da qual admite-se a dupla grafia —, persiste ainda uma importante diferença entre os sistemas ortográficos oficialmente adotados em Portugal e no Brasil[1]: o tratamento das chamadas "consoantes mudas"

No Brasil, por disposição do *Formulário ortográfico* de 1943, as consoantes etimológicas finais de sílaba (implosivas), quando não articuladas — ou seja, quando "mudas" — deixaram de se escrever. Em Portugal, no entanto, em conformidade com o texto do *Acordo* de 1945, continuaram a ser grafadas sempre que se seguem às vogais átonas *a* (aberta), *e* ou *o* (semiabertas), como forma de indicar a abertura dessas vogais. Por uma razão de coerência, mantêm-se tais consoantes em sílaba tônica nas palavras pertencentes à mesma família ou flexão.

Essa forma de distinguir, no português europeu, as pretônicas abertas ou semiabertas das reduzidas não se justifica no Português do Brasil, em cuja pronúncia-padrão não há pretônicas reduzidas, tendo-se as vogais nesta posição neutralizado num *a* aberto e num *e* ou num *o* semifechados. Daí escrever-se em Portugal: *acto*, *acção*, *accionar*, *accionista*, *baptismo*, *baptizar*, *director*, *correcto*, *correcção*, *óptimo*, *optimismo*, *adoptar*, *adopção*; e no Brasil: *ato*, *ação*, *acionar*, *acionista*, *batismo*, *batizar*, *diretor*, *correto*, *correção*, *ótimo*, *otimismo*, *adotar*, *adoção*.

Existe, no entanto, certo número de palavras em que a consoante final de sílaba é articulada tanto em Portugal como no Brasil e, nesse caso, a ortografia dos dois países é uniforme. Assim: *autóctone*, *compacto*, *apto*, *inepto*, etc.

Raríssimos são os exemplos que se apontam em que esta consoante é efetivamente pronunciada em Portugal e não no Brasil, como *facto* (em Portugal) e *fato* (no Brasil).

Finalmente, há casos em que se verifica uma oscilação em ambas as variantes do português e nos quais a ortografia brasileira (e não a portuguesa) admite grafias duplas: *aspecto / aspeto*, *dactilografia / datilografia*, *infecção / infeção*, etc. (em Portugal as únicas grafias admitidas são *aspecto*, *dactilografia*, *infecção* etc.)

---

[5] As regras ortográficas para o Brasil, Portugal e todos os países lusófonos foram modificadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no Brasil a partir de 2009, e que admite esses casos de dupla grafia.

Capítulo 5

Classe, estrutura e formação de palavras

PALAVRA E MORFEMA

1. Uma língua é constituída de um conjunto infinito de frases. Cada uma delas possui uma face sonora, ou seja a cadeia falada, e uma face significativa, que corresponde ao seu conteúdo. Uma frase, por sua vez, pode ser dividida em unidades menores de som e significado — as PALAVRAS — e em unidades ainda menores, que apresentam apenas a face significante — os FONEMAS. As palavras são, pois, unidades menores que a frase e maiores que o fonema. Assim, na frase

   Évora! Ruas ermas sob os céus
   Cor de violetas roxas...
   (F. Espanca, *S*, 149)

   distinguimos dez palavras, todas com independência ortográfica. E em cada uma dessas palavras identificamos um certo número de fonemas. Por exemplo, cinco em *Évora*:

   /e/ /v/ /o/ /r/ /a/,

   e quatro em *ruas*:

   /r/ /u/ /a/ /s/

2. Existem, no entanto, unidades de som e conteúdo menores que as palavras. Assim, em *ruas* temos de reconhecer a existência de duas unidades significati-

vas: *rua* e *-s*. O primeiro elemento – *rua* – também se emprega como palavra isolada ou serve para formar outras palavras isoladas: *arruaça*, *arruamento*, etc. Já a forma plural *-s*, que vai aparecer no final de muitas outras palavras (*ermas*, *céus*, *violetas*, *roxas*, etc.), nunca poderá realizar-se como palavra individual, autônoma.
A essas unidades significativas mínimas dá-se o nome de MORFEMA.

3. Os morfemas podem apresentar variação, por vezes acentuada, em suas realizações fonéticas. É o caso do morfema plural do português, cuja pronúncia está sempre condicionada à natureza do som seguinte.
Nos falares de Lisboa e do Rio de Janeiro, por exemplo, o *-s* plural de *casas* assume forma fonética diferente em cada um dos três enunciados:

Casas amarelas.
Casas bonitas.
Casas pequenas.

Realiza-se:
a) como [z], ao ligar-se à vogal inicial da palavra *amarelas*;
b) como [ʒ], antes da palavra *bonitas*, iniciada por consoante sonora;
c) como [ʃ], antes da palavra *pequenas*, iniciada por consoante surda.

A última realização [ʃ] é também a que apresenta o morfema de plural diante de pausa, como podemos observar nas formas *amarelas*, *bonitas* e *pequenas* dos exemplos citados.
A essas manifestações fonéticas diferentes de um único morfema dá-se o nome de VARIANTE DE MORFEMA ou ALOMORFE.

TIPOS DE MORFEMAS

1. Quando, na análise da palavra *ruas*, distinguimos dois morfemas, observamos que um deles – *rua* – forma por si só um vocábulo, enquanto o morfema *-s* não tem existência autônoma, aparecendo sempre ligado a um morfema anterior. Os linguistas costumam chamar MORFEMAS LIVRES os que podem figurar sozinhos como vocábulos, e MORFEMAS PRESOS aqueles que não se encontram nunca isolados, com autonomia vocabular.

2. Quanto à natureza da significação, os morfemas classificam-se em LEXICAIS e GRAMATICAIS.
Os morfemas lexicais têm significação *externa*, porque referente a fatos do mundo extralinguístico, aos símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou subjetiva.

Assim:

Évora	céu	roxa	tristeza
erma	cor	rua	violeta

Já a significação dos morfemas gramaticais é *interna*, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. Assim, em nossa frase-exemplo, o artigo *o*, as preposições *de* e *sob*, a marca de feminino *-a* (*rox-a, erm-a*) e a de plural *-s* (*rua-s, erma-s, o-s, céu-s, violeta-s, roxa-s*).

3. Outras características, não semânticas, opõem os morfemas lexicais aos gramaticais. Aqueles são de número elevado, indefinido, em virtude de constituírem uma classe aberta, sempre passível de ser acrescida de novos elementos; estes pertencem a uma série fechada, de número definido e restrito no idioma. Em decorrência, se os examinarmos num dado texto, verificaremos que os primeiros apresentam frequência média baixa, em contraste com a frequência média alta dos últimos.

Observações:

1.ª) Os morfemas lexicais são também chamados LEXEMAS ou SEMANTEMAS. Aos morfemas gramaticais linguistas modernos costumam dar o nome de GRAMEMAS ou de FORMANTES.

2.ª) Não se deve confundir o conceito de significação linguística interna, aplicável aos morfemas gramaticais, com a ideia de morfema vazio, desprovido de conteúdo, infelizmente muito vulgarizada. Basta atentarmos nos efeitos que a autora do texto abaixo obtém da oposição entre as preposições *em, com, para* e *por* para nos certificarmos de que os morfemas gramaticais têm a sua significação própria:

Hoje eu queria andar lá em cima,
nas nuvens,
com as nuvens,
pelas nuvens,
para as nuvens.
(C. Meireles, *Q*, I, 119.)

CLASSES DE PALAVRAS

1. Estabelecida a distinção entre morfema lexical e morfema gramatical, podemos agora relacionar cada um deles com as CLASSES DE PALAVRAS.
São morfemas lexicais os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo. São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais,

as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal.

2. As classes de palavras podem ser também agrupadas em VARIÁVEIS e INVARIÁVEIS, de acordo com a possibilidade ou a impossibilidade de se combinarem com os morfemas flexionais ou desinências.
São variáveis os substantivos, os adjetivos, os artigos e certos numerais e pronomes, que se combinam com morfemas gramaticais que expressam o gênero e o número; o verbo, que se liga a morfemas gramaticais denotadores do tempo, do modo, do aspecto, do número e da pessoa.
São invariáveis os advérbios, as preposições, as conjunções e certos pronomes, classes que não admitem se lhes agregue uma desinência.
A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

RADICAL

Ao que chamamos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente o nome de RADICAL. É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação.

A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL), um AFIXO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) ou uma VOGAL TEMÁTICA.

DESINÊNCIA

As DESINÊNCIAS, ou MORFEMAS FLEXIONAIS, servem para indicar:
a) o gênero e o número dos substantivos, dos adjetivos e de certos pronomes;
b) o número e a pessoa dos verbos.

Assim, no adjetivo *ermas* e numa forma verbal como *renovamos*, temos as seguintes desinências:

-a, para caracterizar o feminino (em *ermas*);
-s, para denotar o plural (em *ermas*);
-mos, para expressar a 1.ª pessoa do plural (em *renovamos*).

Há, por conseguinte, em português DESINÊNCIAS NOMINAIS e DESINÊNCIAS VERBAIS.

DESINÊNCIAS NOMINAIS. São:

GÊNERO		NÚMERO	
Masculino	**Feminino**	**Singular**	**Plural**
-o	-a	–	-s

O SINGULAR caracteriza-se pela ausência de qualquer desinência, ou melhor, pela DESINÊNCIA-ZERO, pois a falta, no caso, é um sinal particularizante.

DESINÊNCIAS VERBAIS. As flexões de pessoa e número são expressas nos verbos por desinências especiais, que podemos distribuir por três grupos: desinências do presente do indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo pessoal (= futuro do subjuntivo):

	PRESENTE		PRETÉRITO PERFEITO		INFINITIVO PESSOAL FUT. DO SUBJUNTIVO	
Pessoa	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**
1.ª	-o	-mos	-i	-mos	–	-mos
2.ª	-s	-is (-des)	-ste	-stes	-es	-des
3.ª	–	-m	-u	-ram	–	-em

Nas outras formas finitas, as desinências são as mesmas do presente do indicativo, salvo na primeira pessoa do singular, que, como a terceira, se caracteriza pela falta de qualquer desinência.

Observação:

Para facilitar a aprendizagem, dissemos que a DESINÊNCIA da 3.ª pessoa do plural é *-m* (ou *-ram*, *-em*). Mas, em verdade, o *-m* que aí aparece é um mero símbolo gráfico, pois nestas formas verbais as terminações *-am* e *-em* são apenas modos de representar, na escrita, os ditongos nasais átonos [ɑ̃w] e [ẽj].

AFIXO

Os AFIXOS, ou MORFEMAS DERIVACIONAIS, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam. Os AFIXOS que se antepõem ao radical chamam-se PREFIXOS; os que a ele se pospõem denominam-se SUFIXOS.

Assim, em *desterrar* e *renovamos* aparecem os PREFIXOS:

des-, que empresta ao primeiro verbo a ideia de separação;
re-, que ao segundo acrescenta o sentido de repetição de um fato.

Os SUFIXOS, como as desinências, unem-se à parte final do radical. Mas, enquanto estas caracterizam apenas o gênero, o número ou a pessoa da palavra, sem lhe alterar o sentido lexical ou a classe, os SUFIXOS transformam substancialmente o radical a que se juntam.

Assim, em *terroso*, *terreiro*, *novinho* e *novamente*, encontramos os SUFIXOS:

-oso, que do substantivo *terra* forma um adjetivo (*terroso*);
-eiro, que do substantivo *terra* forma outro substantivo (*terreiro*);
-inho, que do adjetivo *novo* forma um diminutivo (*novinho*);
-mente, que do feminino do adjetivo *novo* forma um advérbio (*novamente*).

Observação:

Esta distinção entre sufixo e desinência, nem sempre observada pelos linguistas modernos, pertence à análise mórfica tradicional.

Poderíamos simplificar a classificação desses morfemas gramaticais:

1.º) considerando-os apenas sob o aspecto formal, caso em que a denominação de sufixo, com abarcá-la, dispensaria a de desinência;

2.º) distinguindo-os pelo aspecto funcional: as desinências identificar-se-iam com os morfemas flexionais, e os sufixos seriam somente morfemas derivacionais.

Nesta última hipótese, as características de tempo e modo e, por extensão, as das formas nominais do verbo ficariam incluídas nas desinências.

VOGAL TEMÁTICA

Na análise da forma verbal *renovamos*, distinguimos três elementos formativos:

a) o RADICAL: *nov-*
b) a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL: *-mos*
c) o PREFIXO: *re-*

Falta identificarmos apenas a vogal *a*, que aparece entre o radical *nov-* e a desinência *-mos*, vogal que encontramos também na forma de infinitivo *fumar*, entre o radical *fum-* e a desinência *-r*.

Nos dois casos, vemos, ela está indicando que os verbos em causa pertencem à 1.ª conjugação. A essas vogais que caracterizam a conjugação dos verbos dá-se o nome de VOGAIS TEMÁTICAS. São elas:

-**a**- , para os verbos da 1.ª conjugação (fum-**a**-r, renov-**a**-mos);
-**e**- , para os da 2.ª (dev-**e**-r, faz-**e**-mos);
-**i**- , para os da 3.ª (part-**i**-r, constru-**í**-mos).

O RADICAL acrescido de uma VOGAL TEMÁTICA, isto é, pronto para receber uma desinência (ou um sufixo), denomina-se TEMA.

Observação:

Não há acordo entre os linguistas quanto à inclusão das VOGAIS TEMÁTICAS entre os morfemas. Parece-nos que, assim como as desinências, elas fazem parte dos morfemas gramaticais categóricos, pois também distribuem os radicais em classes. Por si mesmas nada significam, mas poder-se-ia talvez dizer que, no caso, a função é a significação.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Os elementos mórficos até aqui estudados entram sempre na estrutura do vocábulo com determinado valor significativo externo ou interno. Há, porém, outros que são insignificativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na juntura daqueles elementos.

Se examinarmos, por exemplo, os vocábulos *gasômetro* e *cafeteira*, verificaremos que:

a) o primeiro é formado de dois radicais *gás-* + *-metro*, ligados pela vogal *-o-*, sem valor significativo;
b) o segundo é constituído do radical *café-* + o sufixo *-eira*, entre os quais aparece a consoante insignificativa *-t-* para evitar o desagradável hiato *-éê-*.

A esses sons, empregados para tornar a pronúncia das palavras mais fácil ou eufônica, dá-se o nome de VOGAIS e CONSOANTES DE LIGAÇÃO.

Observação:

Observa-se na linguística moderna a tendência generalizada de não isolar tais elementos na análise mórfica, preferindo-se considerá-los como parte do radical ou do afixo, que, então, se apresentariam sob a forma de variantes (ou ALOMORFES) relativamente a outras ocorrências suas em contextos diversos. Com efeito, à semelhança dos fonemas, os morfemas podem apresentar variantes em sua forma, embora se mantenham semântica e funcionalmente inalterados. Assim, do prefixo *in-* (*im-*) há uma variante *i-*, fonologicamente condicionada, porquanto ocorre tão somente antes de consoante nasal, lateral e vibrante: *infeliz*, *imbatível*, mas *imoral*, *ilegal*, *irregular*.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Chamam-se PRIMITIVAS as palavras que não se formam de nenhuma outra e que, pelo contrário, permitem que delas se originem novas palavras no idioma.

Assim:

fumo	mar	novo	pedra

Denominam-se DERIVADAS as que se formam de outras palavras da língua mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo.

Assim:

fumoso	marinha	novinho	pedreiro
defumar	marear	renovar	empedrar

PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas, sejam derivadas, denominam-se SIMPLES.

Assim:

mar	marinha	pedra	pedreiro

São COMPOSTAS as que contêm mais de um radical:

quebra-mar	guarda-marinha	pedra-sabão	pedreiro-livre
aguardente	pernalta	pontapé	vaivém

Observação:

Note-se que, na língua atual, muitas formas compostas não são mais sentidas como tais pelos falantes. É o caso de *aguardente*, de *pontapé*, etc.

FAMÍLIAS DE PALAVRAS

Denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição que estudaremos desenvolvidamente no capítulo seguinte.

Capítulo 6

Derivação e composição

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Deixando de lado a viva controvérsia entre linguistas contemporâneos sobre a área a que efetivamente pertence a FORMAÇÃO DE PALAVRAS – se à morfologia, o seu domínio tradicional, se ao léxico ou à semântica, ou, mesmo, se à sintaxe –, procuraremos tratar a matéria deste capítulo interligada com a do anterior e com respaldo na seguinte conceituação:

"Chama-se FORMAÇÃO DE PALAVRAS o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição"[1].

Observação:

Cumpre advertir que a DERIVAÇÃO e a COMPOSIÇÃO não são os únicos processos de formação de palavras. Como bem salienta um estudioso do assunto, além destes dois processos mais comuns, há outros de uso restrito, sendo particularmente curiosos os ONIÔNIMOS, os ACRÔNIMOS e as AMÁLGAMAS. (Veja-se a respeito J. R. Fontenele Bessa. Por uma conceituação do termo "opacidade". *Educação, 31*: 17-22, Brasília, julho/setembro, 1979.)

DERIVAÇÃO PREFIXAL

Os PREFIXOS são mais independentes que os SUFIXOS, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua.

---

[1] Jean Dubois *et alii*. *Dictionaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973, s. v.

A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO.

Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação — a DERIVAÇÃO PREFIXAL. Tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

Feitas estas considerações, passemos ao exame dos prefixos que aparecem em palavras portuguesas.[2]

São eles de origem latina ou grega, embora normalmente não sejam sentidos como tais. Alguns sofrem apreciáveis alterações em contacto com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o prefixo grego *an-*, que indica "privação" (*an-ônimo*), assume a forma *a-* antes de consoante: *a-patia; in-*, o seu correspondente latino, toma a forma *i-* antes de *l* e *m*: *in-feliz, in-ativo*; mas *i-legal, i-moral.*

Não se devem confundir tais alterações com as formas vernáculas, oriundas de evolução normal de certos prefixos latinos. Assim: *a-*, de *ad-* (*a-doçar*); *em-* ou *en-*, de *in-* (*em-barcar, en-terrar*).

Na lista abaixo, colocaremos em chave as formas que pode assumir o mesmo prefixo: em primeiro lugar, daremos a forma originária; em último, a vernácula, quando houver.

Prefixos de origem latina

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
ab-	afastamento, separação	abdicar, abjurar
abs-		abster, abstrair
a-		amovível, aversão
ad-	aproximação, direção	adjunto, adventício
a- (ar-, as-)		abeirar, arribar, assentir

[2] Quanto à vitalidade dos prefixos utilizados na língua contemporânea, leia-se Li Ching. Sobre a formação de palavras com prefixos no português atual. *Boletim de Filologia, 22*: 117-176 e 197-234, Lisboa, 1971-1973.
A exemplo de alguns linguistas, os autores observam a distinção entre PREFIXOS e PSEUDOPREFIXOS, como se verá adiante.

Prefixo	Sentido	Exemplificação
ante- **ante-**	anterioridade anterioridade	antebraço, antepor
circum- **(circun-)**	movimento em torno	circum-adjacente, circunvagar
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino
com- (con-) **co- (cor-)**	contiguidade, companhia	compor, conter cooperar, corroborar
contra-	oposição, ação conjunta	contradizer, contrasselar
de-	movimento de cima para baixo	decair, decrescer
des-	separação, ação contrária	desviar, desfazer
dis- **di- (dir-)**	separação, movimento para diversos lados, negação	dissidente, distender dilacerar, dirimir
entre-	posição intermediária	entreabrir, entrelinha
ex- **es-** **e-**	movimento para fora, estado anterior	exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir
extra-	posição exterior (fora de)	extraoficial, extraviar
in-[1] (im-) **i- (ir-)** **em- (en-)**	movimento para dentro	ingerir, impedir imigrar, irromper embarcar, enterrar
in-[2] (im-) **i- (ir-)**	negação, privação	inativo, impermeável ilegal, irrestrito
intra-	posição interior	intradorso, intravenoso
intro-	movimento para dentro	introversão, intrometer
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
ob- **o-**	posição em frente, oposição	objeto, obstáculo ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posterioridade	pospor, postônico
pre-	anterioridade	prefácio, pretônico

Prefixos de origem grega

Eis os principais prefixos de origem grega com as formas que assumem em português:

Prefixo	Sentido	Exemplificação
an- (a-)	privação, negação	anarquia, ateu
aná-	ação ou movimento inverso, repetição	anagrama, anáfora
anfi-	de um e outro lado, em torno	anfíbio, anfiteatro
anti-	oposição, ação contrária	antiaéreo, antípoda
apó-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
arqui- (arc-, arque-, arce-)	superioridade	arquiduque, arcanjo arquétipo, arcebispo
catá-	movimento de cima para baixo, oposição	catadupa, catacrese
diá- (di-)	movimento através de, afastamento	diagnóstico, diocese
dis-	dificuldade, mau estado	dispneia, disenteria
ec- (ex-)	movimento para fora	eclipse, êxodo
en- (em-, e-)	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
endo- (end-)	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose
epi-	posição superior, movimento para, posterioridade	epiderme, epílogo
eu- (ev-)	bem, bom	eufonia, evangelho
hiper-	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
hipó-	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
metá- (met-)	posterioridade, mudança	metacarpo, metátese
pará- (par-)	proximidade, ao lado de	paralogismo, paramnésia
peri-	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
pró-	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba

Prefixo	Sentido	Exemplificação
pro-	movimento para a frente	progresso, prosseguir
re-	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retroceder, retrospectivo
soto- **sota-**	posição inferior	soto-mestre, sotopor sota-vento, sota-voga
sub- **sus-** **su-** **sob-** **so-**	movimento de baixo para cima, inferioridade	subir, subalterno suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar
super- **sobre-**	posição em cima, excesso	superpor, superpovoado sobrepor, sobrecarga
supra-	posição acima, excesso	supradito, suprassumo
trans- **tras-** **tres-**	movimento para além de, posição além de	transpor, transalpino trasladar, traspassar tresvariar, tresmalhar
ultra-	posição além do limite	ultrapassar, ultrassom
vice- **vis- (vizo-)**	substituição, em lugar de	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Observações:

1.ª) As alterações sofridas pelos prefixos são provocadas quase sempre pelo fenômeno chamado ASSIMILAÇÃO, que consiste em absorver um fonema as características de outro que lhe está contíguo. Como, em geral, a ASSIMILAÇÃO identifica os dois fonemas, é comum o desaparecimento de um deles: *in-legal* > *il-legal* > *ilegal.*

Advirta-se, em tempo, que a ASSIMILAÇÃO é um fato fonético, e não deve ser confundida com as acomodações que, na escrita, sofrem certos prefixos por exigência do nosso sistema ortográfico. Assim, *in-fiel*, mas *im-produtivo*; *i-migrar*, mas *ir-romper*; etc. São essas variantes puramente gráficas que colocamos entre parênteses.

2.ª) Cumpre não confundir os dois prefixos que aparecem sob a mesma forma *in-* (ou *i-*). Um indica "movimento para dentro" (*ingerir, imigrar*); o outro denota "privação, negação" (*inativo, ilegal*).

3.ª) As formas numerais *uni-* (*unipessoal*), *bis-* ou *bi-* (*bisneto, bimestral*) e semelhantes são, pela maioria dos gramáticos, tidas por prefixos. Como, pelo emprego, não se diferenciam substancialmente dos elementos numerais que ocorrem em compostos aritméticos e geométricos — a exemplo de *deci-*, *centi-* (latinos), *deca-*, *quilo-* (gregos) — julgamos mais acertado considerá-los verdadeiros RADICAIS, e o processo formativo de que participam um caso de COMPOSIÇÃO.

Observação:

Para um estudo do prefixo *anti-* em relação com os seus concorrentes no âmbito do francês, mas com possibilidade de aplicação ao português, consulte-se A. Rey. Un champ préfixal: les mots français en *anti*. *Cahiers de Lexicologie, 12*: 37-57, Paris, 1968.

DERIVAÇÃO SUFIXAL

Pela DERIVAÇÃO SUFIXAL[3] formaram-se, e ainda se formam, novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em *-mente*). Daí classificar-se o sufixo em:

a) NOMINAL, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo: *pont-eira*, *pont-inha*, *pont-udo*;
b) VERBAL, quando, ligado a um radical, dá origem a um verbo: *bord-ejar*, *suav-izar*, *amanh-ecer*;
c) ADVERBIAL, que é o sufixo *-mente*, acrescentado à forma feminina de um adjetivo: *bondosa-mente*, *fraca-mente*, *perigosa-mente*.

Sufixos nominais

Entre os SUFIXOS NOMINAIS, mencionaremos em primeiro lugar os SUFIXOS AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS, cujo valor é mais afetivo do que lógico.

Sufixos aumentativos

Eis os principais SUFIXOS AUMENTATIVOS usados em português:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ão	caldeirão, paredão	**-anzil**	corpanzil
-alhão	grandalhão, vagalhão	**-aréu**	fogaréu, povaréu
-(z)arrão	gatarrão, homenzarrão	**-arra**	bocarra, naviarra
-eirão	asneirão, toleirão	**-orra**	beiçorra, cabeçorra
-aça	barbaça, barcaça	**-astro**	medicastro, poetastro
-aço	animalaço, ricaço	**-az**	lobaz, roaz
-ázio	copázio, gatázio	**-alhaz**	facalhaz
-uça	dentuça, carduça	**-arraz**	pratarraz

[3] Sobre a origem e a vitalidade dos sufixos empregados em português, veja-se especialmente Joseph H. D. Allen Jr. Portuguese Word-Formation with Suffixes. Supplement to *Language*, vol. 17, n.º 2. Baltimore, 1941.

Observação:

Nem sempre o sufixo aumentativo se junta ao radical de um substantivo. Há derivações feitas sobre adjetivos (*ricaço*, de *rico*; *sabichão*, de *sábio*) e também sobre radicais verbais (*chorão*, de *chorar*; *mandão*, de *mandar*).

Valor e emprego dos sufixos aumentativos

1. **-ão.** É, por excelência, o formador dos aumentativos em português. Pode juntar-se a radicais de substantivos (*papel-ão*), de adjetivos (*solteir-ão*) e de verbos (*chor-ão*), quer diretamente, como nos exemplos citados, quer por intermédio de consoantes de ligação (*chape-l-ão*) ou de outros sufixos (*-alho, -arro, -eiro, -il*), donde os sufixos compostos *-alhão* (*grand-alhão*), *-arrão* (*gat-arrão*), *-eirão* (*voz-eirão*), *-ilão* (*com-ilão*).
   Advirta-se também que, nos aumentativos em *-ão*, o gênero normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante é feminina.
   Assim:

   a parede – o paredão uma mulher – um mulherão

   Só os adjetivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados:

   solteirão – solteirona chorão – chorona

2. **-aça, -aço, -uça** e **-ázio.** Formam substantivos com força aumentativa e pejorativa. Prendem-se a radicais de outros substantivos e, mais raramente, a de adjetivos, sendo de notar que *-uça* apresenta acentuado valor coletivo. Saliente-se ainda que *-ázio* parece ser adaptação do espanhol *-azo.*[4]

3. **-anzil.** Este sufixo, que ocorre em *corpanzil*, deve ser composto de *-ão* + *-il*, com a consoante de ligação *-z-*. Quanto ao valor, é nitidamente pejorativo.

4. **-aréu.** De origem obscura, este sufixo nem sempre é aumentativo. Em *mastaréu* (= pequeno mastro suplementar), por exemplo, é antes diminutivo. Em *fogaréu, fumaréu, mundaréu* e *povaréu* sente-se que o valor aumentativo está associado ao coletivo.

---

[4] Sobre o assunto, veja-se o fundamental estudo de Y. Malkiel. The Two Sources of the Hispanic Suffix *-azo, -aço. Language, 35*: p. 193-258, 1959.

5. **-arra** e **-orra**. Formas femininas dos sufixos *-arro* e *-orro*, ligam-se a radicais de substantivos de qualquer gênero:

   bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

   Nas formações de adjetivos, com base em radicais de verbos ou de outros adjetivos, há, segundo a regra geral, oposição de gênero:

   bebarro – bebarra beatorro – beatorra

   Em épocas mais antigas, estes sufixos não tinham o forte valor depreciativo de hoje. A forma *-orro*, por exemplo, aparece em *cachorro*, palavra que, na acepção primitiva de "filhote de cão e de algumas feras", deveria ter sido um diminutivo.

6. **-astro**. Neste sufixo, que aparece em poucas palavras portuguesas, o valor pejorativo é o mais saliente: *medicastro* "médico ruim, charlatão"; *poetastro* "mau poeta, versejador ordinário". O sufixo assume a forma *-asto, -asta*, em *padrasto* e *madrasta*.

7. **-az**. Como o sufixo *-ão*, pode juntar-se diretamente ao radical (*lob-az*), ou admitir a inserção de uma consoante eufônica (*ladra-v-az*), ou de outros sufixos (*-alho, -arro*), com os quais passa a formar os compostos: *-alhaz* (*fac-alhaz*), *-arraz* (*prat-arraz*).

Sufixos diminutivos

São estes os principais SUFIXOS DIMINUTIVOS empregados em português[5]:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-inho, -a	toquinho, vozinha	**-elho, -a**	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	**-ejo**	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	**-ilho, -a**	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim		

[5] Sobre a formação dos diminutivos nas línguas românicas em geral, leiam-se: Reino Hakamies. *Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes*. Helsinki, Academiae Scientiarum Fennicae, 1951; Bengt Hasserlot. *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957. Quanto ao seu valor e emprego na língua portuguesa, consultem-se especialmente: Silvia Skorge. Os sufixos diminutivos em português. *Boletim de Filologia*, *16*: 50-90 e 222-305, 1956-1957; *17*: 20-53, 1958; Max Leopold Wagner. Das Diminutiv in Portugiesischen.

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-acho, -a	fogacho, riacho	**-ete**	artiguete, lembrete
-icho, a	governicho, barbicha	**-eto, -a**	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	**-ito, -a**	rapazito, casita
		-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	**-ote, -a**	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	**-isco, -a**	chuvisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	**-usco, -a**	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	**-ola**	fazendola, rapazola

Valor e emprego dos sufixos diminutivos

1. **-(z)inho, -ino, -im.** Os sufixos *-inho* e *-ino* provêm do latim *-inus*. A forma tipicamente portuguesa é *-inho*; *-ino*, variante erudita, só aparece com valor diminutivo em um restrito número de palavras; *-im* é importação do francês *-in*, ou do italiano *-ino*, através da forma francesa. Compare-se: *tamborim*, do francês *tambourin*; *festim*, do francês *festin*, por sua vez derivado do italiano *festino*.
   O sufixo *-inho* (*-zinho*) é de enorme vitalidade na língua[6], desde tempos antigos. Junta-se não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis:

   agorinha devagarinho sozinho adeusinho!

Orbis, *1*: 460-476, 1952; Delmira Maçãs. O sufixo *-inho* junto a adjetivos na linguagem familiar portuguesa. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, *8*: 219-232, 1954-1955; Th. Henrique Maurer Jr. Um sufixo de comportamento original: o diminutivo em *-zinho*. In *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro, Simões, s./d., p. 233-246. De importante leitura, à vista da relação com o português, são os seguintes estudos sobre os diminutivos espanhóis: Amado Alonso. Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos. In *Estudios linguísticos: temas españoles*. Madrid, Gredos, 1951, p. 195-229; Fernando González Ollé. *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Madrid, C.S.I.C., 1962; Emilio Náñez Fernández. *El diminutivo: historia y funciones en el español clásico y moderno*. Madrid, Gredos, 1973. (As duas últimas obras trazem extensa bibliografia.)

[6] J. G. Herculano de Carvalho propõe a designação de SUFIXOIDE para o sufixo *-(z)inho* pelas razões que o levaram a adotar a de PREFIXOIDE para certos elementos formativos que não se comportam como prefixos (vj. adiante nossas considerações sobre os PSEUDO-PREFIXOS). Lembra o ilustre linguista o caráter sintagmático deste sufixo, evidenciado morfologicamente pelas variações de gênero e número, que se manifestam duplamente nos derivados: *corpozinho – corpozinhos*, *cãozinho – cãezinhos*, *bonzinho – boazinha* (cf. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 551-552).

Excetuando-se o caso das palavras terminadas em *-s* e *-z*, que naturalmente exigem a forma *-inho* (*pires-inho*, *rapaz-inho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inho* e *-zinho*. Sente-se que muitas vezes a seleção está ligada ao ritmo da frase. Por outro lado, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinho*, no evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, no entanto, simplificadora por excelência, tende para as formações com *-inho*. Camparem-se, por exemplo, as formas alternantes *baldezinho – baldinho*, *xicarazinha – xicrinha*, etc.

Do ponto de vista morfológico, acentue-se que, ao contrário dos aumentativos em *-ão*, os diminutivos em *-inho* (e também em *-ito*) não sofrem mudança de gênero. O diminutivo conserva o gênero da palavra derivante:

casa – casinha – casita cão – cãozinho – canito

Em formações com outros sufixos, não é, porém, estranha tal mudança:

ilha – ilhote – ilhéu chuva – chuvisco

Convém notar ainda que nas formações em que o sufixo *-inho* se junta a particípios, caso estes sejam irregulares, tornam-se regulares.
Exemplo:

Esse dinheiro foi bem *ganhadinho* e bem *gastadinho* por mim.

2. **-acho, -icho, ucho**. Originam-se da acumulação dos sufixos latinos *-ascu* (*-iscu* e *-uscu*) + *-ulus*, e têm geralmente valor pejorativo. As variantes *-echo* e *-ocho* são de emprego raro. Ocorrem em formas dialetais portuguesas, como *ventrecha* "posta de peixe imediata à cabeça", *bagocho* "novelo pequeno" e *realocho* "moeda antiga". A última provavelmente entra no brasileirismo *cabrocha* "moça mestiça escura".

3. **-ebre**. O sufixo *-ebre*, de origem desconhecida, aparece apenas em *casebre*, onde tem caráter pejorativo.

4. **-eco, -ico**. Também não está suficientemente esclarecida a origem dos sufixos *-eco* e *-ico*. O primeiro tem acentuado valor pejorativo: *folheca*, *jornaleco*, *livreco*, etc. Não possui, no entanto, a mesma conotação em *guatemalteco*, provavelmente empréstimo do espanhol. O segundo aparece como diminutivo afetivo não só de substantivos comuns (*abanico*, *amorico*, *burrico*), mas também de nomes próprios: *Anica*, *Joanico*, etc.

5. **-ela**. Continua o latim *-ella*, que tinha força diminutiva e largo emprego na língua vulgar (assim: *dominicella* "senhorita" > port. *donzela*). No português moderno é pouco produtivo; só nas formas nominais em *-dela* apresenta vitalidade: *entaladela*, *mordidela*, etc.

6. **-elho, -ilho**. Os sufixos *-elho* e *-ilho* representam, em português, a evolução normal dos sufixos diminutivos latinos *-ĭculus* e *-īculus*, respectivamente. A forma *-ejo* é o desenvolvimento de *-ĭculus* para o espanhol. Importada dessa língua, tornou-se, em certos casos, autônoma em português. Assim: *lugarejo*, *quintalejo*, etc.

7. **-ete, -eto, -(z)ito, -ote**. É um tanto obscura a origem destes sufixos. Deles o mais usado, principalmente em Portugal e no Sul do Brasil, é *-ito*, com a variante *-zito*. O sufixo *-eto*, como diminutivo, não apresenta vitalidade em português; as palavras que o possuem são, em geral, empréstimos do italiano: *poemeto*, *verseto*, etc. Já as formas *-ete* e *-ote*, provavelmente originárias do francês, aparecem hoje em derivações genuinamente portuguesas: *artiguete*, *lembrete*, *malandrete*, *meninote*, *serrote*, *velhote*, etc. As formas *-ato* e *-oto* são de emprego raro e, hoje, praticamente improdutivas. Ocorrem nuns poucos substantivos que, de regra, designam crias de animais. Assim: *chibato*, *lobato*, *lebroto* e *perdigoto* são nomes que se dão, respectivamente, ao filhote da *chiba* (= *cabra nova*), do *lobo*, da *lebre* e da *perdiz* (masculino = *perdigão*). *Perdigoto* emprega-se também na acepção de "salpico de saliva que se lança ao falar".

8. **-isco, -usco**. O sufixo *-isco* é forma erudita do latim *-iscus*, provavelmente originado da fusão do grego *-iskós* com o germânico *-isk*. O descendente popular é *-esco*, que forma adjetivos denotadores de "referência ou semelhança" (*burlesco, principesco*), sentido que também possui *-isco* em palavras como *levantisco, mourisco*. Por analogia com *-isco*, a língua criou *-usco*: *chamusco*.

9. **-ola**. Este sufixo não deve ser em português o representante direto do latim *-ola*. Chegou-nos provavelmente por intermédio do italiano *-ola*, ou do francês *-ole*. Comparem-se, por exemplo, as palavras portuguesas *bandeirola* e *camisola* às italianas *banderuola* e *camiciuola*, ou às francesas *banderole* e *camisole*. Hoje, porém, generalizou-se o emprego de *-ola* no idioma, principalmente na formação de substantivos sobrecomuns de caráter irônico-pejorativo: *gabarola, mariola*, etc.

Diminutivos eruditos

Na língua literária e culta, especialmente na terminologia científica, aparecem formações modeladas no latim em que entram os sufixos *-ulo* (*-ula*) e *-culo* (*-cula*), com as variantes *-áculo* (*-ácula*), *-ículo* (*-ícula*), *-úsculo* (*-úscula*) e *-únculo* (*-úncula*):

corpo	–	corpúsculo	nota	–	nótula
febre	–	febrícula	obra	–	opúsculo
globo	–	glóbulo	parte	–	partícula
gota	–	gotícula	pele	–	película
grão	–	grânulo	questão	–	questiúncula
homem	–	homúnculo	raiz	–	radícula
modo	–	módulo	rei	–	régulo
monte	–	montículo	verme	–	vermículo
nó	–	nódulo	verso	–	versículo

Observações:

1.ª) Como vemos, nestas formações latinas, ou feitas em idênticos moldes, o sufixo *-culo*(*-a*) e sua variante *-únculo*(*-a*) podem juntar-se ao radical diretamente (*mús-culo, hom-únculo*), ou por intermédio da vogal de ligação *-i-* (*vers-í-culo, quest-i-úncula*).

2.ª) A forma primitiva deste sufixo latino, derivado do indo-europeu **-lo *-olo*, era *-ulo*, que encontramos empregado com substantivos (*ancillula*) e adjetivos (*acutulus*). O acréscimo do *-c* ao sufixo é geralmente explicado como "um reforço da expressividade, fenômeno comum nos diminutivos". Ernout, porém, acha que foi a existência de muitas palavras de radical em *-c* que provocou uma falsa análise do sufixo diminutivo, dando origem a *-culus* (Veja-se Fernando González Ollé. *Obra cit.*, p. 177-179).

Outros sufixos nominais

1. Que formam substantivos de outros substantivos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ada	a) multidão, coleção	boiada, papelada
	b) porção contida num objeto	bocada, colherada
	c) marca feita com um instrumento	penada, pincelada
	d) ferimento ou golpe	dentada, facada
	e) produto alimentar, bebida	bananada, laranjada
	f) duração prolongada	invernada, temporada
	g) ato ou movimento enérgico	cartada, saraivada

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ado	a) território subordinado a titular b) instituição, titulatura	bispado, condado almirantado, doutorado
-ato	a) instituição, titulatura b) na nomenclatura química = sal	baronato, cardinalato carbonato, sulfato
-agem	a) noção coletiva b) ato ou estado	folhagem, plumagem aprendizagem, ladroagem
-al	a) ideia de relação, pertinência b) cultura de vegetais c) noção coletiva ou de quantidade	dedal, portal arrozal, cafezal areal, pombal
-alha	coletivo-pejorativo	canalha, gentalha
-ama	noção coletiva e de quantidade	dinheirama, mourama
-ame	noção coletiva e de quantidade	vasilhame, velame
-aria	a) atividade, ramo de negócio b) noção coletiva c) ação própria de certos indivíduos	carpintaria, livraria gritaria, pedraria patifaria, pirataria
-ário	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo	operário, secretário herbário, vestiário
-edo	a) lugar onde crescem vegetais b) noção coletiva	olivedo, vinhedo lajedo, passaredo
-eiro(a)	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo c) árvore e arbusto d) ideia de intensidade, aumento e) objeto de uso f) noção coletiva	barbeiro, copeira galinheiro, tinteiro laranjeira, craveiro nevoeiro, poeira cinzeiro, pulseira berreiro, formigueiro
-ia	a) profissão, titulatura b) lugar onde se exerce uma atividade c) noção coletiva	advocacia, baronia delegacia, reitoria cavalaria, clerezia
-io	noção coletiva, reunião	gentio, mulherio
-ite	inflamação	bronquite, gastrite
-ugem	semelhança (pejorativo)	ferrugem, penugem
-ume	noção coletiva e de quantidade	cardume, negrume

Observação:

Na terminologia científica empregam-se sufixos com valor particular. Na química, por exemplo, usam-se:

a) **-ato**, **-eto**, **-ito** – na formação dos nomes de sais: *clorato, cloreto, clorito*;
b) **-ina** – na dos alcaloides e álcalis artificiais: *cafeína, anilina*;
c) **-io** – na dos corpos simples: *potássio, sódio*;
d) **-ol** – na dos derivados de hidrocarbonetos: *fenol, naftol.*

A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota os sufixos:

a) **-ita** – para os nomes das espécies minerais: *pirita*;
b) **-ito** – para os das rochas: *granito*;
c) **-ite** – para os dos fósseis: *amonite.*

A linguística moderna faz largo uso do sufixo *-ema* com o sentido de "menor unidade distintiva" ou "significativa": *fonema*, "menor segmento distintivo numa enunciação"; *morfema*, "menor unidade gramatical de forma".

2. Que formam substantivos de adjetivos:
Os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-dade	crueldade, dignidade	**-ice**	tolice, velhice
-(i)dão	gratidão, mansidão	**-ície**	calvície, imundície
-ez	altivez, honradez	**-or**	alvor, amargor
-eza	beleza, riqueza	**-(i)tude**	altitude, magnitude
-ia	alegria, valentia	**-ura**	alvura, doçura

Observações:

1.ª) Antes de receberem o sufixo *-dade*, os adjetivos terminados em *-az, -iz, -oz* e *-vel* retomam a forma latina em *-ac(i)*, *-ic(i)*, *-oc(i)* e *-bil(i)*:

sagaz > sagacidade
feliz > felicidade
atroz > atrocidade
amável > amabilidade

2.ª) O sufixo *-ície* só aparece em palavras modeladas sobre o latim: *calvície* (latim *calvities*), *planície* (latim *planities*), etc. Também *justiça* não apresenta propriamente o sufixo *-iça*, porque a palavra é continuação do latim *justitia*. Da mesma forma *cobiça* (do baixo-latim *cupiditia*), *preguiça* (do latim *pigritia*), etc.

3. Que formam substantivos de substantivos e de adjetivos:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ismo	a) doutrinas ou sistemas	artísticos	realismo, simbolismo
		filosóficos	kantismo, positivismo
		políticos	federalismo, fascismo
		religiosos	budismo, calvinismo
	b) modo de proceder ou pensar		heroísmo, servilismo
	c) forma peculiar da língua		galicismo, neologismo
	d) na terminologia científica		daltonismo, reumatismo

4. Que formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ista	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -**ismo**)	artísticos	realista, simbolista
		filosóficos	kantista, positivista
		políticos	federalista, fascista
		religiosos	budista, calvinista
	b) ocupação, ofício		dentista, pianista
	c) nomes pátrios e gentílicos		nortista, paulista

Observação:

Nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em *-ismo* se formam com o sufixo *-ista*. Por exemplo: a *protestantismo* corresponde *protestante*; a *maometismo*, *maometano*; a *islamismo*, *islamita*.

5. Que formam substantivos de verbos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ança	ação ou o resultado dela, estado	lembrança, vingança
-ância		observância, tolerância
-ença		descrença, diferença
-ência		anuência, concorrência
-ante	agente	estudante, navegante
-ente		afluente, combatente
-inte		ouvinte, pedinte

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-(d)or **-(t)or** **-(s)or**	agente, instrumento da ação	jogador, regador inspetor, interruptor agressor, ascensor
-ção **-são**	ação ou o resultado dela	nomeação, traição agressão, extensão
-douro **-tório**	lugar ou instrumento da ação	bebedouro, suadouro lavatório, vomitório
-(d)ura **-(t)ura** **-(s)ura**	resultado ou instrumento da ação, noção coletiva	pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura
-mento	a) ação ou resultado dela b) instrumento da ação c) noção coletiva	acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento

Observações:

1.ª) Os sufixos *-ância* e *-ência* são semieruditos. Aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim.

2.ª) Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* procedem das terminações do particípio presente latino, com aglutinação da vogal temática da conjugação correspondente.

3.ª) Em *-dor*, *-tor* e *-sor*, bem como em *-dura*, *-tura* e *-sura*, os sufixos são propriamente *-or* e *-ura*. As consoantes *d*, *t* e *s* pertencem ao tema do particípio latino. Apenas as formas *-dor* e *-dura* são evolutivas; as demais são eruditas: só ocorrem em palavras latinas ou formadas sobre o seu modelo.

4.ª) Os sufixos *-ção* e *-são* depreendem-se de substantivos deverbais, quase todos formados no próprio latim.

6. Que formam adjetivos de substantivos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-aco	estado íntimo, pertinência, origem	maníaco, austríaco
-ado	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	barbado, denteado adamado, amarelado
-aico	referência, pertinência	judaico, prosaico
-al **-ar**	relação, pertinência	campal, conjugal escolar, familiar

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ano	a) proveniência, origem, pertença b) sectário ou partidário de c) semelhante ou comparável a	romano, serrano luterano, parnasiano bilaquiano, camoniano
-ão	proveniência, origem	alemão, beirão
-ário **-eiro**	relação, posse, origem	diário, fracionário caseiro, mineiro
-engo **-enho** **-eno**	relação, pertinência, posse semelhança, procedência, origem referência, origem	mulherengo, solarengo ferrenho, estremenho terreno, chileno
-ense **-ês**	relação, procedência, origem	forense, parisiense cortês, norueguês
-(l)ento	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	ciumento, corpulento barrento, vidrento
-eo	relação, semelhança, matéria	róseo, férreo
-esco **-isco**	referência, semelhança	burlesco, dantesco levantisco, mourisco
-este **-estre** **-eu** **-ício** **-ico** **-il** **-ino** **-ita** **-onho** **-oso** **-tico** **-udo**	relação relação relação, procedência, origem referência participação, referência referência, semelhança relação, origem, natureza pertinência, origem propriedade, hábito constante provido ou cheio de relação provido ou cheio de	agreste, celeste campestre, terrestre europeu, hebreu alimentício, natalício geométrico, melancólico febril, senhoril londrino, cristalino ismaelita, israelita enfadonho, risonho brioso, venenoso aromático, rústico pontudo, barbudo

Observações:

1.ª) Alguns desses sufixos servem também para formar adjetivos de outros adjetivos. Por exemplo: *-al* junta-se a *angélico*, formando *angelical*; *-ento* liga-se a *cinza*, originando *cinzento*; *-onho* acrescenta-se a *triste*, produzindo *tristonho*.

2.ª) São peculiares aos adjetivos os sufixos eruditos *-imo* e *-íssimo*, que se ligam a radicais latinos: *humíl-imo*, *fidel-íssimo*. Do seu valor e emprego tratamos no capítulo 10, em GRAUS DO ADJETIVO.

7. Que formam adjetivos de verbos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ante **-ente** **-inte**	ação, qualidade, estado	semelhante, tolerante doente, resistente constituinte, seguinte
-(á)vel **-(í)vel**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação	durável, louvável perecível, punível
-io **-(t)ivo**	ação, referência, modo de ser	fugidio, tardio afirmativo, pensativo
-(d)iço **-(t)ício**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência	movediço, quebradiço acomodatício, factício
-(d)ouro **-(t)ório**	ação, pertinência	duradouro, casadouro preparatório, emigratório

Observação:

Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm, como dissemos, das terminações do particípio presente latino com aglutinação da vogal temática de cada uma das conjugações. Servem para formar substantivos e, com mais frequência, adjetivos, que se substantivam facilmente.

Sufixos verbais

Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos.

Assim:

esqui-ar	radiograf-ar	(a)doç-ar	(a)frances-ar
nivel-ar	telefon-ar	(a)fin-ar	(a)portugues-ar

A terminação *-ar*, já o sabemos, é constituída da vogal temática *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação, e do sufixo *-r*, do infinitivo impessoal.

Por vezes, a vogal temática *-a-* liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou, melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo. É o caso, por exemplo, dos verbos:

afug-ent-ar	lamb-isc-ar	ded-ilh-ar	salt-it-ar
bord-ej-ar	cusp-inh-ar	depen-ic-ar	amen-iz-ar,

em que encontramos alguns sufixos anteriormente estudados: *-ent(o)*, *-ej(o)*, *-isc(o)*, *-inh(o)*, *-ic(o)*, e *-it(o)*.

São tais sufixos que transmitem a esses verbos matizes significativos especiais: FREQUENTATIVO (ação repetida), FACTITIVO (atribuição de uma qualidade ou modo de ser), DIMINUTIVO e PEJORATIVO. Mas, como neles a combinação de SUFIXO + VOGAL TEMÁTICA (*-a-*) + SUFIXO DO INFINITIVO (*-r*) vale por um todo, costuma-se considerar não o sufixo em si, mas o conjunto daqueles elementos mórficos, o verdadeiro SUFIXO VERBAL. Esta conceituação, por simplificadora, apresenta evidentes vantagens didáticas, razão por que a adotamos aqui.

Eis os principais SUFIXOS VERBAIS, com a indicação dos matizes significativos que denotam:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ear	frequentativo, durativo	cabecear, folhear
-ejar	frequentativo, durativo	gotejar, velejar
-entar	factitivo	aformosentar, amolentar
-(i)ficar	factitivo	clarificar, dignificar
-icar	frequentativo-diminutivo	bebericar, depenicar
-ilhar	frequentativo-diminutivo	dedilhar, fervilhar
-inhar	frequentativo-diminutivo-pejorativo	escrevinhar, cuspinhar
-iscar	frequentativo-diminutivo	chuviscar, lambiscar
-itar	frequentativo-diminutivo	dormitar, saltitar
-izar	factitivo	civilizar, utilizar

Das outras conjugações apenas a 2.ª possui um sufixo capaz de formar verbos novos em português. É o sufixo *-ecer* (ou *-escer*), característico dos verbos chamados INCOATIVOS, ou seja, dos verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, o seu desenvolvimento:

alvor-ecer	amadur-ecer	envelh-ecer	flor-escer
anoit-ecer	embranqu-ecer	escur-ecer	rejuven-escer

Em verdade, também *-ecer* não é sufixo. Decompõe-se esta terminação em: SUFIXO (*-e[s]c-*) + VOGAL TEMÁTICA (*-e-*) + SUFIXO (*-r*).

Sufixo adverbial

O único SUFIXO ADVERBIAL que existe em português é *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens, mentis* "a mente, o espírito, o intento". Com o sentido

de "intenção" e, depois, com o de "maneira", passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo.

Assim:

boamente = com boa intenção, de maneira boa.

Como o substantivo latino *mens* era feminino (compare-se o português *a mente*), junta-se o sufixo à forma feminina do adjetivo:

bondosa-mente	nervosa-mente
fraca-mente	pia-mente

Desta norma excetuam-se os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em *-ês*: *burgues-mente, portugues-mente*, etc. Mas o fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como *pedrês* e *montês*, ainda hoje conservam. Assim: *um galo pedrês, uma galinha pedrês*; *um cabrito montês, uma cabra montês*. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Numa análise morfológica do adjetivo *desalmado* e do verbo *repatriar*, verificamos imediatamente que:

a) o primeiro é constituído do PREFIXO *des-* + o RADICAL *alm(a)* + o SUFIXO *-ado*.
b) o segundo é formado do PREFIXO *re-* + o RADICAL *pátri(a)* + o SUFIXO *-ar*.

Um exame mais cuidadoso mostra-nos, porém, que, nos dois casos, o prefixo e o sufixo se aglutinaram a um só tempo aos radicais *alm(a)* e *pátri(a)*, pois que não existem – e não existiram nunca – os substantivos *desalma* e *repátria*, nem tampouco o adjetivo *almado* e o verbo *patriar*.

Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se PARASSINTÉTICOS, palavra derivada do grego *pará-* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina).

A PARASSÍNTESE é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* (*en-*) é a de participar desse tipo especial de derivação:

abotoar	amanhecer
embainhar	ensurdecer

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Nos tipos de derivação até aqui estudados a palavra nova resulta sempre do acréscimo de AFIXOS (PREFIXOS ou SUFIXOS) a determinado RADICAL. Neles há, pois, uma constante: a palavra derivada amplia a primitiva.

Existe, porém, um processo de criação vocabular exatamente contrário. É a chamada DERIVAÇÃO REGRESSIVA, que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.

Um exemplo: proveniente da linguagem dos ciganos espanhóis, entrou na gíria portuguesa o termo *gajão* com o significado de "indivíduo finório, velhaco". Por causa deste sentido pejorativo e da presença da final *-ão*, passou ele, com o tempo, a ser considerado simples aumentativo de um suposto substantivo *gajo*, que é hoje a forma corrente.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA tem importância maior na criação dos SUBSTANTIVOS DEVERBAIS ou PÓS-VERBAIS, formados pela junção de uma das vogais *-o*, *-a* ou *-e* ao radical do verbo.

Exemplos:

VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL
abalar	abalo	amostrar	amostra	alcançar	alcance
adejar	adejo	aparar	apara	atacar	ataque
afagar	afago	buscar	busca	cortar	corte
amparar	amparo	caçar	caça	debater	debate
apelar	apelo	censurar	censura	enlaçar	enlace
arrimar	arrimo	ajudar	ajuda	levantar	levante
chorar	choro	comprar	compra	rebater	rebate
errar	erro	perder	perda	resgatar	resgate
recuar	recuo	pescar	pesca	tocar	toque
sustentar	sustento	vender	venda	sacar	saque

Alguns deverbais possuem forma masculina e feminina:

VERBO	DEVERBAL		VERBO	DEVERBAL	
ameaçar	ameaço	ameaça	gritar	grito	grita
custar	custo	custa	trocar	troco	troca

Observação:

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Há um critério prático para a distinção, sugerido pelo filólogo Mário Barreto: "Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário". (*De Gramática e de linguagem*, II, Rio de Janeiro, 1922, p. 247.) Assim: *dança, ataque* e *amparo*, denotadores, respectivamente, das ações de *dançar, atacar* e *amparar*, são formas derivadas; *âncora, azeite* e *escudo*, ao contrário, são as formas primitivas, que dão origem aos verbos *ancorar, azeitar* e *escudar*.

Há, no entanto, quem não considere relevante a origem da base, mas a relação geral VERBO / NOME, que obedeceria, em princípio, a um padrão derivacional, segundo o qual, "dada a existência de um verbo no léxico do Português, é previsível uma relação lexical entre este verbo e um nome X' ". Este padrão pode ser assim formalizado:

$$[X]_V \text{———} [X]_V \text{———} [X']_N$$

Acrescente-se ainda que esse padrão derivacional "pode abarcar o fato de que os verbos muitas vezes se relacionam a nomes morfologicamente básicos, e não apenas a nomes deverbais" (cf. Margarida Basílio. Padrões derivacionais gerais — o fenômeno da nominalização em português. *Revista Brasileira de Linguística*, 5(1):80-81, 1978).

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo.

Assim:

Ele examinou **os prós** e **os contras** da proposta.
Esperava **um sim** e recebeu **um não**.

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, e por ele se explica a passagem:

a) de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadame* (de MacAdam), *quixote*;
b) de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira*;
c) de adjetivos a substantivos: *capital, circular, veneziana*;
d) de substantivos a adjetivos: *burro*, (café)-*concerto*, (colégio)-*modelo*;
e) de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: *silêncio! bravo! viva!*
f) de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer*;
g) de verbos e advérbios a conjunções: *quer... quer, já... já*;

h) de particípios (presentes e passados) a preposições: *mediante, salvo*;
i) de particípios (passados) a substantivos e adjetivos: *conteúdo, resoluto.*

Observação:

A rigor, a DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA (também denominada CONVERSÃO, HABILITAÇÃO ou HIPÓSTASE por linguistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO

A COMPOSIÇÃO, já o sabemos, consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, o de um doce; *vitória-régia*, o de uma planta.

Tipos de composição

1. Quanto à FORMA, os elementos de uma palavra composta podem estar:

a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

beija-flor	bem-me-quer	madrepérola
segunda-feira	pé-de-meia	tira-teima

b) intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica:

aguardente (água + ardente)	pernalta (perna + alta)
embora (em + boa + hora)	viandante (via + andante)

Daí distinguir-se a COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO da COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO, diferença que a escrita procura refletir, pois que na JUSTAPOSIÇÃO os elementos componentes vêm em geral ligados por hífen, ao passo que na AGLUTINAÇÃO eles se juntam num só vocábulo gráfico.

Observação:

Reitere-se que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos:

passatempo, varapau, etc.; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica: *pai de família, fim de semana, Idade Média*, etc.

2. Quanto ao SENTIDO, distingue-se numa palavra composta o elemento DETERMINADO, que contém a ideia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o DETERMINADO, e *modelo* o DETERMINANTE. Em *mãe-pátria*, ao inverso, *mãe* é o DETERMINANTE, e *pátria* o DETERMINADO.
   Nos compostos tipicamente portugueses, o DETERMINADO de regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, observa-se exatamente o contrário – o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral. Assim:

   agricultura = cultivo do campo,
   suaviloquência = linguagem suave,
   mundividência = visão do mundo,
   etc.

Observação:

Como o DETERMINANTE encerra a noção mais característica, muitas vezes por si só designa o objeto. Assim: *capital* (por *cidade capital*), *vapor* (por *barco a vapor*).

3. Quanto à CLASSE GRAMATICAL dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:
   1.º) SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO:

   manga-rosa porco-espinho tamanduá-bandeira

   2.º) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

   pé-de-meia arco-da-velha cor-de-rosa

   3.º) SUBSTANTIVO + ADJETIVO:
   a) com o adjetivo posposto ao substantivo:

   aguardente amor-perfeito criado-mudo

   b) com o adjetivo anteposto ao substantivo:

   alto-forno belas-artes gentil-homem

4.º) ADJETIVO + ADJETIVO:

azul-marinho luso-brasileiro tragicômico

5.º) NUMERAL + SUBSTANTIVO:

mil-folhas segunda-feira trigêmeo

6.º) PRONOME + SUBSTANTIVO:

meu-bem nossa-amizade Nosso Senhor

7.º) VERBO + SUBSTANTIVO:

beija-flor guarda-roupa cata-vento

8.º) VERBO + VERBO:

corre-corre perde-ganha vaivém

9.º) ADVÉRBIO + ADJETIVO:

bem-bom mal-educado sempre-viva

10.º) ADVÉRBIO (ou ADJETIVO EM FUNÇÃO ADVERBIAL) + VERBO:

bem-aventurar maldizer vangloriar-se

Observações:

1.º) No último grupo poderíamos incluir os numerosos compostos de *bem* e *mal* + SUBSTANTIVO ou ADJETIVO, porque, neles, tanto o substantivo como o adjetivo são quase sempre derivados de verbos, cuja significação ainda conservam. Assim: *bem-aventurança, bem-aventurado, benquerença, bem-vindo, maldizente, mal-encarado, malfeitor, malsoante*, etc.

2.º) Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumeramos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: *bem-te-vi, bem-te-vi-do-bico-chato, louva-a-deus, malmequer, não-me-deixes, não-me-toques, não-te-esqueças-de-mim* (miosótis), etc.

3.º) Empregamos muitas palavras compostas que não são, propriamente, formações portuguesas. Assim, *couve-flor* é tradução do francês *chou-fleur*; *café-concerto*

é também de origem francesa; *bancarrota* provém do italiano *bancarotta*; *vinagre* chegou-nos, provavelmente, por intermédio do espanhol *vinagre*, originário, por sua vez, de uma forma catalã idêntica.

4.º) Algumas palavras de importação que aparentam forma simples são compostas nas línguas de origem. É o caso, por exemplo, de *oxalá*, derivado do árabe *wa sa llâh* (= e queira Deus); e de *aleluia*, proveniente do hebraico *hallelu Yah* (= louvai ao Senhor).

COMPOSTOS ERUDITOS

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante do segundo.

Examinaremos, a seguir, os principais radicais latinos e gregos que participam dessas formações, distribuindo-os por dois grupos, de acordo com a posição que ocupam no composto.

Radicais latinos

1. Entre outros, funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, em geral terminados em *-i*:

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícola
avi-	avis, -is	ave	avifauna
bis- **bi-**	bis	duas vezes	bisavô bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	equilátero
ferri- **ferro-**	ferrum, -i	ferro	ferrífero ferrovia
igni-	ignis, -is	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
olei- **oleo-**	oleum, -i	azeite, óleo	oleígeno oleoduto
oni- **pedi-** **pisci-**	omnis, -e pes, pedis piscis, -is	todo pé peixe	onipotente pedilúvio piscicultor
quadri- **quadru-**	quattuor	quatro	quadrimotor quadrúpede
reti-	rectus, -a, -um	reto	retilíneo
sesqui-	sesqui-	um e meio	sesquicentenário
tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus, -a, -um	um	uníssono
vermi-	vermis, -is	verme	vermífugo

2. Como segundo elemento da composição, empregam-se:

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	regicida, fratricida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Radicais gregos

1. Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos, fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos.

Entre os mais usados, podemos indicar os seguintes, que servem geralmente de primeiro elemento da composição:

Forma	Sentido	Exemplos
anemo-	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
caco-	mau	cacofonia, cacografia
cali-	belo	califasia, caligrafia
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronômetro
da(c)tilo-	dedo	da(c)tilografia, da(c)tiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
di-	dois	dipétalo, dissílabo
enea-	nove	eneágono, eneassílabo
etno-	raça	etnografia, etnologia
farmaco-	medicamento	farmacologia, farmacopeia
fisio-	natureza	fisiologia, fisionomia
helio-	sol	heliografia, helioscópio
hemi-	metade	hemisfério, hemistíquio
hemo- **hemato-**	sangue	hemoglobina, hematócrito
hepta-	sete	heptágono, heptassílabo
hexa-	seis	hexágeno, hexâmetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homógrafo
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
iso-	igual	isócrono, isóscele(s)
lito-	pedra	litografia, litogravura
mega(lo)-	grande	megatério, megalomaníaco
melo-	canto	melodia, melopeia
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia

Forma	Sentido	Exemplos
miria-	dez mil	miriâmetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fábula	mitologia, mitômano
necro-	morto	necrópole, necrotério
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro- **nevro-**	nervo	neurologia, nevralgia
octo-	oito	octossílabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopeia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	reto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
paleo-	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
pedo-	criança	pediatria, pedologia
potamo-	rio	potamografia, potamologia
psico-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiróptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo-	raiz	rizófilo, rizotônico
sidero-	ferro	siderólita, siderurgia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
teo-	deus	teocracia, teólogo
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
xeno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xilo-	madeira	xilógrafo, xilogravura
zoo-	animal	zoógrafo, zoologia

Observação:

Como vemos, a maioria destes radicais assume na composição uma forma terminada em *-o*. Alguns empregam-se também como segundo elemento do composto. É o caso, por exemplo, de *-antropo* (*filantropo*), *-crono* (*isócrono*), *-dáctilo* (*pterodáctilo*), *-filo* (*germanófilo*), *-lito* (*aerólito*), *-pótamo* (*hipopótamo*) e outros.

2. Funcionam, preferentemente, como segundo elemento da composição, entre outros, estes radicais gregos:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
-algia	dor	cefalalgia, nevralgia
-arca	que comanda	heresiarca, monarca
-arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
-astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia
-céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
-cracia	poder	democracia, plutocracia
-doxo	que opina	heterodoxo, ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
-edro	base, face	pentaedro, poliedro
-fagia	ato de comer	aerofagia, antropofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
-fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
-fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
-foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
-gamia	casamento	monogamia, poligamia
-gamo	que casa	bígamo, polígamo
-gêneo	que gera	heterogêneo, homogêneo
-glota, -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia
-grafo	que escreve	calígrafo, polígrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia

Forma	Sentido	Exemplos
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-mancia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monomania
-mano	louco, inclinado	bibliômano, mitômano
-maquia	combate	logomaquia, tauromaquia
-metria	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrômetro, pentâmetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autônomo, metrônomo
-peia	ato de fazer	melopeia, onomatopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	díptero, helicóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, microscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-stico	verso	dístico, monóstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barítono, monótono

RECOMPOSIÇÃO

Pseudoprefixos

Certos radicais latinos e gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas. Assim *auto-* (do grego *autós* = próprio, de si mesmo), que ainda se emprega com o valor originário em numerosos compostos (por exemplo: *autodidata* = que estudou por si mesmo; *autógrafo* = escrito do próprio autor), passou, com a vulgarização de *auto*, forma abreviada de *automóvel* (= veículo movido por si mesmo), a ter este significado em uma série de novos compostos: *autoestrada*, *autódromo*, etc. Também o radical *electro-* (do grego *eléctron* = âmbar), pela propriedade que apresenta o âmbar de atrair os corpos leves,

veio a aplicar-se a tudo o que se relaciona com a "eletricidade": *electrodinâmica*, *electroscópio*, *electroterapia*, etc.

Estes radicais que assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se PSEUDOPREFIXOS ou PREFIXOIDES.[7]

Os PSEUDOPREFIXOS caracterizam-se:

a) por apresentarem um acentuado grau de independência;
b) por possuírem "uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma";[8]
c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Cumpre-nos, pois, fazer distinção entre os PSEUDOPREFIXOS e os RADICAIS ERUDITOS que não apresentam esse comportamento especial. O critério básico para tal distinção é a deriva semântica que se evidencia quando, processada a "decomposição", os elementos ingressam noutras formações com sentido diverso do etimológico.

A deriva semântica desses elementos decorre, portanto, de um procedimento especial, denominado RECOMPOSIÇÃO por André Martinet, termo que lhe pareceu necessário para batizar "uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supõe a combinação de elementos de estatuto diferente".[9]

Eis uma lista de PSEUDOPREFIXOS, ilustrada com exemplos:

PSEUDOPREFIXO	EXEMPLOS
aero-	aeroclube, aeromoça
agro-	agroindustrial, agropecuária
arqui-	arquibanco, arquimilionário
astro-	astronauta, astronave
auto-	autoestrada, autopeça
bio-	biociência, biodegradável

[7] Leiam-se, a propósito, as considerações de Iorgu Iordan e Maria Manoliu. *Manual de linguística románica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar, t. II, Madrid, Gredos, 1972, p. 44-49; J. G. Herculano de Carvalho. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 547-554; Li Ching. *Boletim de Filologia*, 22:213-225.

[8] J. G. Herculano de Carvalho. *Obra cit.*, p. 554.

[9] *Eléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967, p. 135.

Pseudoprefixo	Exemplos
cine-	cineclube, cinerama
demo-	demofilia, demologia
electro-	electrodoméstico, electromagnético
fono-	fonoestilística, fonovisão
foto-	fotomontagem, fotonovela
geo-	geoeconômico, geopolítico
hetero-	heteroagressão, heterorrelação
hidro-	hidroeléctrica, hidrogenização
inter-	interestadual, inter-racial
macro-	macroeconomia, macrobiótica
maxi-	maxidesvalorização, maxissaia
micro-	microfilme, micro-onda
mini-	minifúndio, minissaia
mono-	monobloco, monomotor
moto-	motomecanização, motonave
multi-	multifacetado, multinacional
pluri-	pluripartidarismo, plurisseriado
poli-	policlínica, polimorfismo
proto-	proto-história, protomártir
pseudo-	pseudointelectual, pseudorrealismo
radio-	radiojornal, radioteatro
retro-	retrocontagem, retrovisor
semi-	semioficial, semivogal
tele-	teleguiado, televisão
termo-	termodinâmica, termonuclear

HIBRIDISMO

São PALAVRAS HÍBRIDAS, ou HIBRIDISMOS, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. Assim, em *automóvel* o primeiro radical é grego e o segundo latino, em *sociologia*, ao contrário, o primeiro é latino e o segundo grego.

As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las. É o caso das palavras mencionadas e de outras, como

bicicleta	endovenoso	neolatino
bígamo	monóculo	oleografia

Observação:

Com razão, observa Matoso Câmara Jr.: "Esses compostos decorrem, em princípio, da circunstância de os elementos se terem integrado no mecanismo da língua que faz a composição, e a sua origem diversa só ter um sentido diacrônico" (*Dicionário de filologia e gramática*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964, p. 180).

ONOMATOPEIA

As ONOMATOPEIAS são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos:

tique-taque zás-trás zum-zum

Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopeica.

Assim:

ciciar	cicio (da cigarra)
coaxar	coaxo (da rã, do sapo)

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), *ônibus* (por *auto-ônibus*), *pneu* (por *pneumático*), *quilo* (por *quilograma*), etc. Em todos eles a forma abreviada assumiu o sentido da forma plena.

Siglas

Também moderno – e cada vez mais generalizado – é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras SIGLAS, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Atualmente, instituições de natureza vária – como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações operárias, patronais, estudantis, culturais, recreativas, etc. – são, em geral, mais conhecidas pelas SIGLAS do que pelas denominações completas. Assim:

AD	=	Aliança Democrática
APU	=	Aliança Povo Unido
CD	=	Compact Disc
CGT	=	Confédération Générale du Travail
DEM	=	Democratas
DVD	=	Digital Video Disc
Enem	=	Exame Nacional de Ensino Médio
EU (EU)	=	European Union (União Europeia)
FIFA	=	Fédération Internationale de Football Association
FRELIMO	=	Frente de Libertação de Moçambique
Inep	=	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MPLA	=	Movimento Popular de Libertação de Angola
OEA	=	Organização dos Estados Americanos
ONU	=	Organização das Nações Unidas
OUA	=	Organização de Unidade Africana
PAIGC	=	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PC	=	Personal Computer
PCP	=	Partido Comunista Português
PDS	=	Partido Democrático Social
PDT	=	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	=	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP	=	Partido Progressista
PPM	=	Partido Popular Monárquico
PPS	=	Partido Popular Socialista
PS	=	Partido Socialista
PSB	=	Partido Socialista Brasileiro
PSD	=	Partido Social Democrático
PSDB	=	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	=	Partido dos Trabalhadores
PTB	=	Partido Trabalhista Brasileiro
PV	=	Partido Verde
STF	=	Supremo Tribunal Federal
TAP	=	Transportes Aéreos Portugueses
UNE	=	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	=	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

E não é só. Uma vez criada e vulgarizada, a SIGLA passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *cegetista*, *petebista*, etc.

Observação:

Nem sempre uma instituição é conhecida pela mesma sigla em Portugal e no Brasil. No Brasil, por exemplo, denomina-se OTAN (= Organização do Tratado do Atlântico Norte) o organismo que em Portugal se chama NATO (= North Atlantic Treaty Organization), por ter-se aí vulgarizado a sigla inglesa.

Por vezes há diferença de acentuação da sigla nos dois países. Diz-se, por exemplo, ONÚ em Portugal e ÔNU no Brasil.

Capítulo 7

Frase, oração, período

A FRASE E SUA CONSTITUIÇÃO

1. FRASE é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação.
   A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar FRASES denomina-se SINTAXE.

2. A FRASE pode ser constituída:
   1.º) de uma só palavra:

   Fogo! **Atenção!** **Silêncio!**

   2.º) de várias palavras, entre as quais se inclui ou não um verbo:
   a) com verbo:

   Alguns anos **vivi** em Itabira.
   (C. Drummond de Andrade, *R*, 45.)

   b) sem verbo:

   Que inocência! Que aurora! Que alegria!
   (Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

3. A FRASE é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação. Nas frases organizadas com verbo, a entoação caracteriza o fim do enunciado, geralmente seguido de forte pausa. É o caso destes exemplos:

Bate o vento no postigo... /
Cai a chuva lentamente...
(Da Costa e Silva, *PC*, 307.)

Se a frase não possui verbo, a melodia é a única marca por que podemos reconhecê-la. Sem ela, frases como

Atenção! Que inocência! Que alegria!

seriam simples vocábulos, unidades léxicas sem função, sem valor gramatical.

Observação:

O estudo da frase e o da organização dos elementos que a constituem pressupõem o conhecimento de alguns conceitos nem sempre fáceis de definir. Essa dificuldade resulta não só da própria natureza do assunto, mas também das diferenças dos métodos e técnicas de análise adotados pela linguística clássica e pelas principais correntes da linguística contemporânea.

Neste capítulo, evitar-se-ão discussões teóricas que não tragam esclarecimentos ao estudo descritivo-normativo da sintaxe portuguesa, que é o nosso objetivo principal.

FRASE E ORAÇÃO

A FRASE pode conter uma ou mais ORAÇÕES.

1.º) Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) uma só forma verbal, clara ou oculta:

O dia **decorreu** sem sobressalto.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 491.)

Na cabeça, aquela bonita coroa.
(J. Montello, *A*, 32.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma LOCUÇÃO VERBAL:

— **Podem vir** os dois...
(V. Nemésio, *MTC*, 446.)

Tudo de repente **entrou a viver** uma vida secreta de luz.
(Autran Dourado, *TA*, 13.)

2.º) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto:

Fechei os olhos, / meu coração **doía**.
(Luandino Vieira, *NANV*, 75.)

Busco, / volto, / abandono, / e **chamo** de novo.
(A. Bessa Luís, *AM*, 38.)

O Negrinho **começou a chorar**, / enquanto os cavalos **iam pastando**.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 332.)

Os anos **são** degraus; / a vida, a escada.
(F. de Castro, *ANE*, 73.)

Observação:

A LOCUÇÃO VERBAL é o conjunto formado de um VERBO AUXILIAR + um VERBO PRINCIPAL. Enquanto o último vem sempre numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO, GERÚNDIO, PARTICÍPIO), o primeiro pode vir:

a) numa FORMA FINITA (INDICATIVO, IMPERATIVO, SUBJUNTIVO):

A viticultura **foi**-se **alargando** talvez a partir do terceiro século.
(A. Sérgio, E, *VIII*, 65.)

— **Vá deitar**-se, / **vá coçar** as pulgas / e **descansar**.
(G. Ramos, *AOH*, 117.)

— Você crê deveras que / **venhamos a ser** grandes homens?
(Machado de Assis, *OC*, I, 984.)

b) numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO ou GERÚNDIO):

Ah, não **poder subir** na sombra
Como um ladrão que escala um muro!
(Ribeiro Couto, *PR*, 333.)

Doente, quase não **podendo andar**, fui ter com o Evaristo.
(A. Nobre, *CI*, 156.)

ORAÇÃO E PERÍODO

1. PERÍODO é a frase organizada em oração ou orações. Pode ser:

a) SIMPLES, quando constituído de uma só oração:

Cai o crepúsculo.
(Da Costa e Silva, *PC*, 281.)

Nunca mais recobrou por inteiro a saúde.
(A. Bessa Luís, *S*, 186.)

b) COMPOSTO, quando formado de duas ou mais orações:

Não bulia uma folha, / não cintilava um luzeiro.
(A. Ribeiro, *ES*, 211.)

O senhor tirou o cigarro, / bateu-o na tampa da cigarreira, / levou-o ao canto dos lábios, / premiu a mola do isqueiro.
(J. Montello, *SC*, 173.)

2. O PERÍODO termina sempre por uma pausa bem definida, que se marca na escrita com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ESSENCIAIS

SUJEITO E PREDICADO

1. São termos essenciais da oração o SUJEITO e o PREDICADO.
O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO. Assim, na oração

Este aluno obteve ontem uma boa nota,

temos:

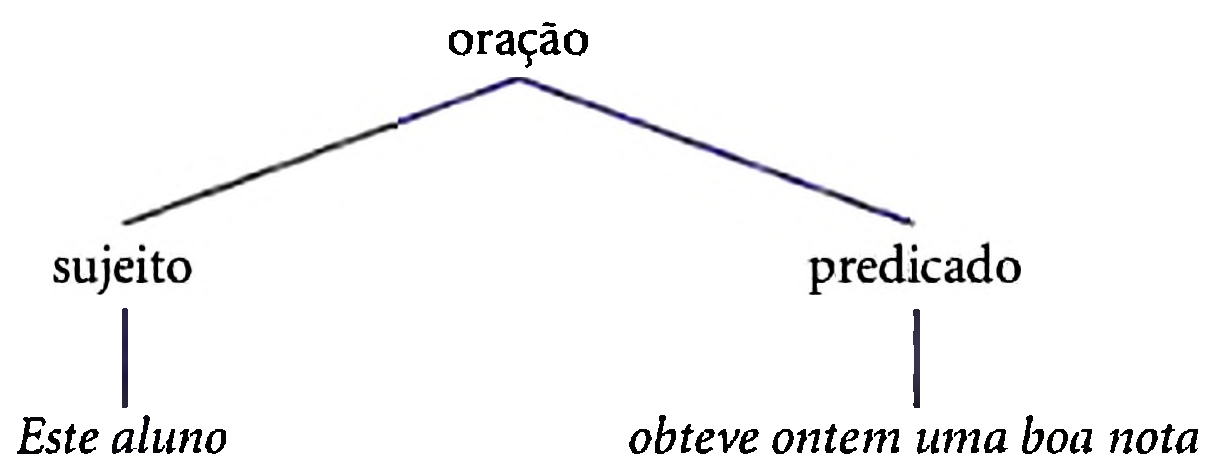

2. Nem sempre o SUJEITO e o PREDICADO vêm materialmente expressos. Assim, em

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento.
(F. Pessoa, *OP*, 59.)

o sujeito de *andei* é *eu*, indicado apenas pela desinência verbal.

Já em

> Boa cidade, Santa Rita.
> (M. Palmério, *VC*, 298.)

é a forma verbal *é* que está subentendida.
Chamam-se ELÍPTICAS as orações a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o SUJEITO ou o PREDICADO estão ELÍPTICOS.

SINTAGMA NOMINAL E VERBAL

1. Na oração:

> Este aluno obteve ontem uma boa nota,

distinguimos duas unidades maiores:
a) o SUJEITO: *este aluno*;
b) o PREDICADO: *obteve ontem uma boa nota.*

Examinando, porém, o SUJEITO, vemos que ele é formado de duas palavras:

> *este aluno*

O demonstrativo *este* é um determinante (DET) do substantivo (N) *aluno*, palavra que constitui o NÚCLEO da unidade.
Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN).
A oração que estamos estudando apresenta, assim, dois SINTAGMAS NOMINAIS:
a) SN^1 = *este aluno*;
b) SN^2 = *uma boa nota.*

2. Podem ocorrer muitos SINTAGMAS NOMINAIS (SN) na oração, mas somente um deles será o SUJEITO. E, como veremos adiante, a sua posição, na ordem direta e lógica do enunciado, é à esquerda do verbo. Os demais SINTAGMAS NOMINAIS encaixam-se no PREDICADO.

3. O substantivo, núcleo de um sintagma nominal, admite a presença de DETERMINANTES (DET) — que são os artigos, os numerais e os pronomes adjetivos — e de MODIFICADORES (MOD), que, no caso, são os adjetivos ou expressões adjetivas.

Os dois sintagmas nominais da oração em exame podem ser assim esquematizados:

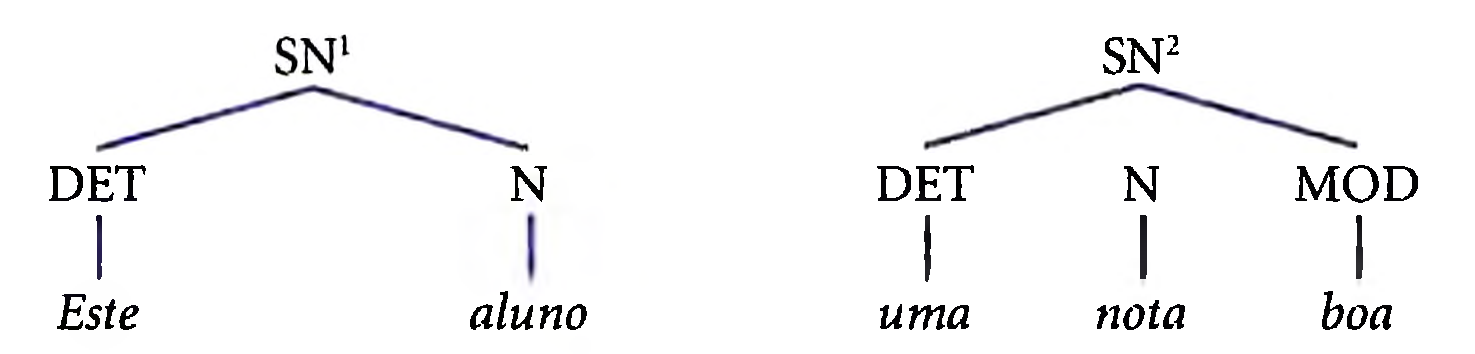

4. O SINTAGMA VERBAL (SV) constitui o predicado. Nele há sempre um verbo, que, quando SIGNIFICATIVO, é o seu núcleo.
O SINTAGMA VERBAL pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbios ou expressões adverbiais (MOD).
A oração que nos serve de exemplo obedece, pois, ao seguinte esquema:

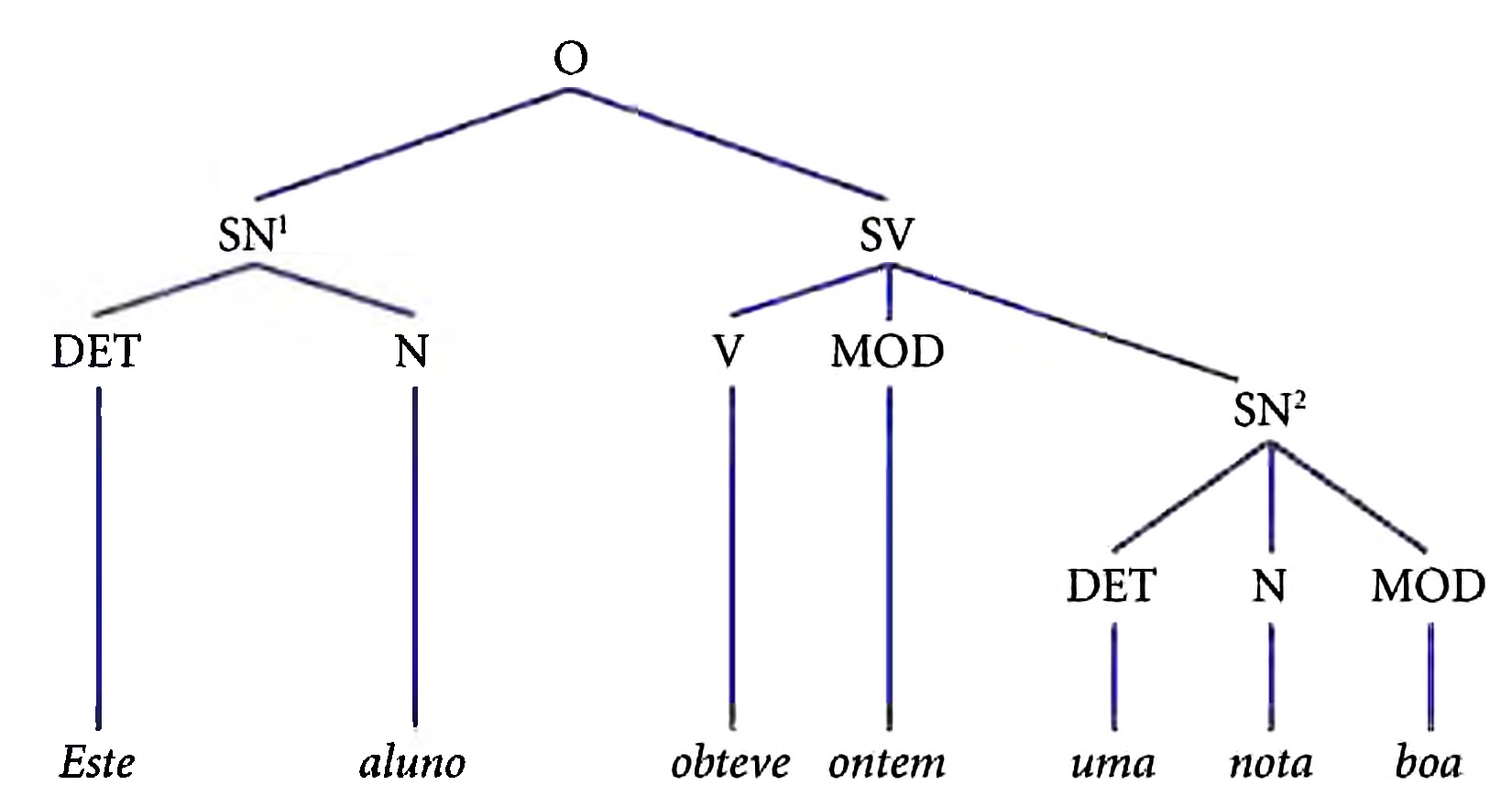

O SUJEITO

REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO

Os SUJEITOS da 1.ª e da 2.ª pessoa são, respectivamente, os pronomes pessoais *eu* e *tu*, no singular; *nós* e *vós* (ou combinações equivalentes: *eu* e *tu*, *tu* e *ele*, etc.), no plural.

Os SUJEITOS da 3.ª pessoa podem ter como núcleo:

a) um substantivo:

> **Matilde** entendia disso.
> (A. Bessa Luís, *OM*, 170.)

Os **olhos** dela estavam secos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 495.)

b) os pronomes pessoais *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural):

Estavam de braços dados, **ele** arrumava a gravata, **ela** ajeitava o chapéu.
(É. Veríssimo, *LS*, 128.)

— Esperam que **eles** as tomem?...
(Alves Redol, *BC*, 333.)

c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

Isto não lhe arrefece o ânimo?
(A. Abelaira, *NC*, 35.)

Achava consolo nos livros, **que** o afastavam cada vez mais da vida.
(É. Veríssimo, *LS*, 131.)

Quem disse isso?
(F. Botelho, *X*, 150.)

Tudo parara ao redor de nós.
(C. Lispector, *BF*, 81.)

d) um numeral:

Os **dois** riram-se satisfeitos.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 65.)

Ambos alteraram os roteiros originais.
(N. Piñon, *FD*, 86.)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

Infanta, no exílio amargo,
só o **existirdes** me consola.
(T. da Silveira, *PC*, 367.)

O **por fazer** é só com Deus.
(F. Pessoa, *OP*, 16.)

f) uma oração substantiva subjetiva:

Era forçoso / **que fosse assim.**
(A. Sérgio, E, *IV*, 245.)

Valeria a pena / **discutir com o Benício?**
(J. Montello, *SC*, 16.)

SUJEITO SIMPLES E SUJEITO COMPOSTO

SUJEITO SIMPLES. Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o SUJEITO é SIMPLES. Esse o caso do sujeito de todos os exemplos atrás mencionados.

SUJEITO COMPOSTO. É COMPOSTO o sujeito que tem mais de um núcleo, ou seja, o sujeito constituído de:

a) mais de um substantivo:

As **vozes** e os **passos** aproximam-se.
(M. da Fonseca, *SV*, 248.)

Pai jovem, **mãe** jovem não deixam menino solto.
(G. Amado, *HMI*, 49.)

b) mais de um pronome:

Ele e **eu** somos da mesma raça.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 98.)

Não vivo sem a sua sombra, **você** e **eu** sabemos.
(N. Piñon, *CC*, 12.)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

Falam por mim **os abandonados de justiça, os simples de coração.**
(C. Drummond de Andrade, *R*, 148.)

Quantos **mortos** e **feridos** não me precederam ali.
(N. Piñon, *CC*, 16.)

d) mais de uma oração substantiva:

> Era melhor **esquecer o nó** e **pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.**
> (G. Ramos, *VS*, 83.)

> Dir-se-ia **que o pano do palco se havia levantado** e **que iam surgir, pelas entradas laterais, as demais figuras da peça.**
> (J. Montello, *LE*, 108.)

Observação:

Outras combinações podem entrar na formação do SUJEITO COMPOSTO, sendo particularmente comum a de pronome + substantivo, ou vice-versa:

> Éramos, meu **pai** e **eu**
> E **um** negro, negro **cavalo.**
> (V. de Morais, *PCP*, 286.)

SUJEITO OCULTO (DETERMINADO)

É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação faz-se:

a) pela desinência verbal:

> Fica**mos** um bocado sem falar.
> (L. B. Honwana, *NMCT*, 10.)

[O sujeito de *ficamos*, indicado pela desinência *-mos*, é *nós*.]

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

> **Soropita** ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 467.)

[O sujeito de *viera*, *dormira* e *retornava* é *Soropita*, mencionado na primeira oração, antes de *viera*.]

> **Guilhermina** bocejou. Iria adormecer? Pôs-se a calcular as horas.
> (C. de Oliveira, *CD*, 115.)

[O sujeito de *bocejou*, *iria adormecer* e *pôs-se a calcular* é *Guilhermina*, mencionado no primeiro período, antes de *bocejou*.]

Observação:

Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência pessoal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

> Antes de comunicar-vos uma descoberta que considero de algum interesse para o nosso país, deixai que vos agradeça.

o sujeito de *considero*, indicado pela desinência *-o*, é *eu*, também sujeito de *comunicar*, verbo na forma infinitiva sem desinência pessoal.

Vejamos um caso similar, com o verbo na forma finita:

> Hoje, à tardinha, acabado o jantar, enquanto esperava a chegada de João, estirei-me no sofá e adormeci.

Eu, sujeito de *estirei-me* e *adormeci*, é também o sujeito de *esperava*, forma verbal finita sem desinência pessoal.

SUJEITO INDETERMINADO

Algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos então, que o SUJEITO é INDETERMINADO.

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo:

a) ou na 3.ª pessoa do plural:

> — **Contaram**-me, quando eu era pequenina, a história duns náufragos, como nós.
> (A. Ribeiro, *SBAM*, 265.)

> **Reputavam**-no o maior comilão da cidade.
> (C. dos Anjos, *MS*, 44.)

b) ou na 3.ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

> Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
> (A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

> **Precisa-se** do carvalho; não **se precisa** do caniço.
> (C. dos Anjos, *MS*, 381.)

Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz.
(Machado de Assis, *OC*, I, 520 P.)

Os dois processos de indeterminação podem concorrer num mesmo período:

Na Casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.
(A. M. Machado, *JT*, 13.)

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Não deve ser confundido o SUJEITO INDETERMINADO, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito.

Em orações como as seguintes

Chove.
Anoitece.
Faz frio.

interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é IMPESSOAL; e o sujeito, INEXISTENTE.

Eis os principais casos de inexistência do sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

Anoitecia e tinham acabado de jantar.
(É. Veríssimo, *LS*, 147.)

De volta, com a garrafa na mão, apenas **chuviscava**.
(L. Jardim, *MP*, 49.)

Amanheceu a chover.
(A. Botto, *AO*, 235.)

Era março e ainda **fazia frio**.
(M. Torga, *NCM*, 120.)

b) com o verbo *haver* na acepção de "existir":

Ainda **há** jasmins, ainda **há** rosas,
Ainda **há** violões e modinhas
Em certas ruas saudosas.
(Ribeiro Couto, *PR*, 315.)

Na sala **havia** ainda três quadros do pintor.
(F. Namora, *DT*, 206.)

c) com os verbos *haver*, *fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

Morava no Rio **havia** muitos anos, desligado das coisas de Minas.
(C. dos Anjos, *MS*, 327.)

Faz hoje oito dias que comecei.
(A. Abelaira, *B*, 133.)

Vai para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo.
(M. Bandeira, *PP*, II, 338.)

d) com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

Era inverno na certa no alto sertão.
(J. Lins do Rego, *ME*, 57.)

Era por altura das lavouras.
(A. Bessa Luís, *S*, 187.)

Observações:

1.ª) Nas orações impessoais, o verbo *ser* concorda em número e pessoa com o predicativo. Veja-se, a propósito, o capítulo 13.

2.ª) Também ocorre a impessoalidade nas locuções verbais:

Como **podia haver** tantas casas e tanta gente?
(G. Ramos, *VS*, 114.)

Devo estar esfacelada, **deve haver** pedaços de mim por todos os cantos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 56.)

3.ª) Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver*. Escritores modernos — e alguns dos maiores — não têm duvidado em alçar a construção à língua literária.

Comparem-se estes passos:

Hoje **tem** festa no brejo!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 16.)

Em Pasárgada **tem** tudo,
É outra civilização...
(M. Bandeira, *PP*, 222.)

O uso de *ter* impessoal deve estender-se ao português das nações africanas. De sua vitalidade em Angola há abundante documentação na obra de Luandino Vieira.

Comparem-se, por exemplo, estes passos:

Não **tem** morte para o riso, não **tem** morte.
(*NM*, 74.)

— Aqui **tem** galinha, **tem** quintal...
(*L*, 63.)

Verdes amores não **tem** mais, nunca mais.
(*NM*, 62.)

4.ª) Em sentido figurado, os verbos que exprimem fenômenos da natureza podem ser empregados com sujeito:

Dormiu mal, mas **amanheceu** alegre.
(É. Veríssimo, *LS*, 146.)

Choviam os ditos ao passo que ela seguia pelas mesas.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

DA ATITUDE DO SUJEITO

Com os verbos de ação

Quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.

Neste exemplo,

Maria levantou o menino,

o sujeito *Maria* executa a ação expressa pela forma verbal *levantou*. O sujeito é, pois, o AGENTE.

Neste exemplo,

O menino foi levantado por Maria,

a ação não é praticada pelo sujeito *o menino*, mas pelo agente da passiva — *Maria*. O sujeito, no caso, sofre a ação; é dela o PACIENTE.

Neste exemplo,

Maria levantou-se,

a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito *Maria*. O sujeito é então, a um tempo, o AGENTE e o PACIENTE dela.

Observação:

Como vemos, na voz ativa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJETO DIRETO. Na voz passiva, o OBJETO (paciente) torna-se o SUJEITO do verbo.

Com os verbos de estado

Quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve:

Pedro é magro.
Antônio permanece doente.
O porteiro ficou pálido.

Observação:

Incluem-se naturalmente entre os verbos que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado, os incoativos como *adoecer, emagrecer, empalidecer*, equivalentes a *ficar doente, ficar magro, ficar pálido.*

O PREDICADO

O PREDICADO pode ser NOMINAL, VERBAL ou VERBO-NOMINAL.

PREDICADO NOMINAL

O PREDICADO NOMINAL é formado por um VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO.

1. O VERBO DE LIGAÇÃO pode expressar:

a) estado permanente:

Hilário **era** o herdeiro da quinta.
(C. de Oliveira, *CD*, 90.)

Eu **sou** a tua sombra.
(N. Piñon, *FD*, 38.)

b) estado transitório:

O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.
(Castro Soromenho, *TM*, 236.)

— Você não **anda** um pouco fatigado pelo excesso de trabalho?
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

c) mudança de estado:

Receava que eu **me tornasse** ingrato.
(A. Abelaira, *NC*, 14.)

Amaro **ficou** muito perturbado.
(É. Veríssimo, *LS*, 137.)

d) continuidade de estado:

Calada estava, calada **permaneceu**.
(J. Condé, *C*, 4.)

O Barbaças **continuava** alheado e sorridente.
(F. Namora, *TJ*, 177.)

e) aparência de estado:

Ela **parecia** uma figura de retrato.
(Autran Dourado, *TA*, 14.)

Os ventos **pareciam** quietos naquela noite.
(Alves Redol, *BC*, 62.)

Observação:

Os VERBOS DE LIGAÇÃO (ou COPULATIVOS) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicativo.

Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam em determinado texto a fim de classificá-los com acerto.

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Estavas triste.	Estavas em casa.
Andei muito preocupado.	Andei muito hoje.
Fiquei pesaroso.	Fiquei no meu posto.
Continuamos silenciosos.	Continuamos a marcha.

Nas primeiras, os verbos *estar, andar, ficar* e *continuar* são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.

2. O PREDICATIVO pode ser representado:

a) por substantivo ou expressão substantivada:

— O boato é um **vício** detestável.
(C. de Oliveira, *AC*, 183.)

Todo momento de achar é **um perder-se a si próprio.**
(C. Lispector, *PSGH*, 12.)

b) por adjetivo ou locução adjetiva:

A praia estava **deserta.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 11.)

— Esta linha é **de morte.**
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

c) por pronome:

Vou calar-me e fingir que eu sou **eu**...
(A. Renault, *LSL*, XVIII.)

O mito é o nada que é **tudo**.
(F. Pessoa, *OP*, 8.)

d) por numeral:

Nós éramos **cinco** e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 5.)

Tua alma o um que são **dois** quando dois são **um**...
(F. Pessoa, *OP*, 298.)

e) por oração substantiva predicativa:

A verdade é / **que eu nunca me ralara muito com isso.**
(M. J. de Carvalho, *AV*, 107.)

Uma tarefa fundamental é / **preservar a história humana.**
(N. Piñon, *FD*, 73.)

Observações:

1.ª) O pronome *o*, quando funciona como PREDICATIVO, é demonstrativo:

Cada coisa é **o** que é.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Eu era **o** que eles me designassem.
(N. Piñon, *CC*, 13.)

2.ª) O PREDICATIVO pode referir-se ao OBJETO, aplicação esta que estudaremos adiante.

3.ª) Quando se deseja dar ênfase ao PREDICATIVO, costuma-se repeti-lo:

— **Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria**, já **o** não sou.
(A. Herculano, *LN*, I, 282.)

Tive depois motivo para crer que **o perverso e a peste** fora-**o** ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço.
(R. Pompeia, *A*, 50.)

É o que se chama PREDICATIVO PLEONÁSTICO.

PREDICADO VERBAL

O PREDICADO VERBAL tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO.

VERBOS SIGNIFICATIVOS são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Verbos intransitivos

Nestas orações de Da Costa e Silva,

Sobe a névoa... A sombra **desce**...
(*PC*, 281.)

verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais *sobe* e *desce*. Tais verbos são, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, não TRANSITIVOS: a ação não vai além do verbo.

Verbos transitivos

Nestas orações de Fernanda Botelho,

Ele não **me agradece**, / nem eu **lhe dou tempo**.
(*X*, 41.)

vemos que as formas verbais *agradece* e *dou* exigem certos termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o pronome *me* na primeira oração, o pronome *lhe* e o substantivo *tempo* na segunda), estes verbos chamam-se TRANSITIVOS.

Os verbos TRANSITIVOS podem ser DIRETOS, INDIRETOS, ou DIRETOS E INDIRETOS ao mesmo tempo.

1. VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Nestas orações de Agustina Bessa Luís,

Vou ver o doente.
(*OM*, 206.)

Ela **invejava os homens**.
(*OM*, 207.)

a ação expressa por *vou ver* e *invejava* transmite-se a outros elementos (*o doente* e *os homens*) diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. São, por isso, chamados VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS, e o termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de OBJETO DIRETO.

2. VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Nestes exemplos,

Da janela da cozinha, as mulheres **assistiam à cena**.
(R. de Queirós, *TR*, 15.)

Perdoem ao pobre tolo.
(C. dos Anjos, *DR*, 235.)

a ação expressa por *assistiam* e *perdoem* transita para outros elementos da oração (*a cena* e *o pobre tolo*) indiretamente, isto é, por meio da preposição *a*. Tais verbos são, por conseguinte, TRANSITIVOS INDIRETOS. O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.

3. VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS
Nestes exemplos,

O sucesso do seu gesto não **deu paz ao Lomba**.
(M. Torga, *NCM*, 51.)

Apenas **lhe aconselho prudência**.
(C. de Oliveira, *CD*, 94.)

a ação expressa por *deu* e *aconselho* transita para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar-lhes o sentido.

Observação:

Seguimos aqui a distinção estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Não é pacífica, ainda hoje, a conceituação de OBJETO INDIRETO, embora desde o século XVIII gramáticos, filólogos e linguistas tenham procurado precisá-la. Leia-se, a propósito, o que escreve André Chervel, na *Histoire de la grammaire scolaire*. Paris, Payot, 1981, p. 76, 120, 121, 172-176, 178-184, 245, 268.

PREDICADO VERBO-NOMINAL

Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também verbos significativos podem ser empregados com ele.

Nestes exemplos,

Paulo **riu despreocupado**.
(A. Peixoto, *RC*, 191.)

Amélia **saiu** da igreja, **muito fatigada, muito pálida**.
(Eça de Queirós, *OC*, I, 421.)

os verbos *rir* e *sair* são significativos. Na primeira oração, *despreocupado* refere-se ao sujeito *Paulo*, qualificando-o. Também *muito fatigada* e *muito pálida* são qualificações de *Amélia*, o sujeito da segunda oração.

A este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicado), dá-se o nome de VERBO-NOMINAL.

Observação:

No PREDICADO VERBO-NOMINAL, o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

O ato foi acusado **de ilegal**.
Carlos saiu estudante e voltou **como doutor**.

VARIABILIDADE DA PREDICAÇÃO VERBAL

A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente, ora com objeto direto, ora com objeto indireto.

Comparem-se estes exemplos:

Perdoai sempre.	[= INTRANSITIVO]
Perdoai **as ofensas**.	[= TRANSITIVO DIRETO]
Perdoai **aos inimigos**.	[= TRANSITIVO INDIRETO]
Perdoai **as ofensas aos inimigos**.	[= TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO]
Por que sonhas, ó jovem poeta?	[= INTRANSITIVO]
Sonhei **um sonho guinholesco**.	[= TRANSITIVO DIRETO]

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS INTEGRANTES

Examinemos as partes assinaladas nas orações abaixo:

Alguns colegas mostravam **interesse por ele**.
(R. Pompeia, *A*, 234.)

Tinha os olhos **rasos de lágrimas**.
(A. Bessa Luís, *QR*, 272.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Não sei que diga do marido **relativamente ao baile da ilha**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 935.)

No primeiro exemplo, o pronome *ele* está relacionado com o substantivo *interesse* por meio da preposição *por*; no segundo, o substantivo *lágrimas* relaciona-se com o adjetivo *rasos* através da preposição *de*; no terceiro, o substantivo *poemas*, modificado pelo adjetivo *bastantes*, integra o sentido da forma verbal *tenho escrito*; no quarto, *o baile da ilha* prende-se ao advérbio *relativamente* por intermédio da preposição *a*.

Vemos, pois, que há palavras que completam o sentido de substantivos, de adjetivos, de verbos e de advérbios. As que se ligam por preposição a substantivo, adjetivo ou advérbio chamam-se COMPLEMENTOS NOMINAIS. Denominam-se COMPLEMENTOS VERBAIS as que integram o sentido do verbo.

COMPLEMENTO NOMINAL

O COMPLEMENTO NOMINAL vem, como dissemos, ligado por preposição ao substantivo, ao adjetivo ou ao advérbio cujo sentido integra ou limita. A palavra que tem o seu sentido completado ou integrado encerra "uma ideia de relação e o complemento é o objeto desta relação"[1].

O COMPLEMENTO NOMINAL pode ser representado por:

a) substantivo (acompanhado ou não dos seus modificadores):

O pior é a demora **do vapor.**
(V. Nemésio, *MTC*, 361.)

Só Joana parecia alheia **a toda essa atividade.**
(F. Namora, *TJ*, 231.)

b) pronome:

Tinha nojo **de si mesma.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 487.)

Ninguém teve notícia **dele.**
(J. Condé, *TC*, 101.)

c) numeral:

A vida dele era necessária **a ambas.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 393.)

Era um repasto de lágrimas **de ambos.**
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 563.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, **de um Além.**
(F. Pessoa, *OP*, 392)

Os dois adversários na luta **do sim** e **do não** trataram do que então lhes interessava, numa conversa breve.
(A. F. Schmidt, *AP*, 105.)

---

[1] Jean Dubois *et alii. Dictionnaire de linguistique.* Paris, Larousse, 1973, p. 103.

e) oração completiva nominal:

Comprei a consciência **de que sou**
Homem de trocas com a natureza.
(M. Torga, *CH*, 11.)

Estou com vontade **de suprimir este capítulo.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 509.)

Observações:

1.ª) O COMPLEMENTO NOMINAL pode estar integrando o sujeito, o predicativo, o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo.

2.ª) Convém ter presente que o nome cujo sentido o COMPLEMENTO NOMINAL integra corresponde, geralmente, a um verbo transitivo de radical semelhante:

amor **da pátria**	amar **a pátria**
ódio **aos injustos**	odiar **os injustos**

COMPLEMENTOS VERBAIS

OBJETO DIRETO

1. OBJETO DIRETO é o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal.
   Pode ser representado por:

a) substantivo:

Vou descobrir **mundos**, quero **glória** e **fama**!...
(Guerra Junqueiro, *S*, 12.)

Não recebo **dinheiro** nenhum.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 82.)

b) pronome (substantivo):

Os jornais **nada** publicaram.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 135.)

Nunca **o** interrompi.
(Alves Redol, *BSL*, 68.)

— Visto-**me** num instante e vou **te** levar de carro.
(Vianna Moog, *T*, 80.)

c) numeral:

— Já tenho **seis** lá em casa, que mal faz inteirar **sete**?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 31.)

Nunca achou **dois** ou **três**?
(A. Abelaira, *NC*, 62.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Tem **um quê** de inexplicável.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 230.)

Como quem compõe roupas
O **outrora** compúnhamos.
(F. Pessoa, *OP*, 206)

Perscrutava na quietude o **inútil de sua vida**.
(Autran Dourado, *TA*, 36.)

e) oração substantiva (objetiva direta):

Não quero **que fiques triste.**
(J. Régio, *SM*, 295.)

Veja **se consegue o mapa dos caminhos**.
(A. M. Machado, *CJ*, 244.)

2. Saliente-se, ainda, que na constituição do OBJETO DIRETO podem entrar mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Tomara-lhe **a mulher e a terra**, mas mandara-lhe entregar **o milho e as abóboras** que nela encontrara.
(Castro Soromenho, *C*, 3.)

Discreto e cauteloso, raramente diz "**sim**" ou "**não**" categóricos; prefere o **vamos ver** protelatório e reflexivo.
(A. M. Machado, *JT*, LI.)

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO[2]

1. O OBJETO DIRETO costuma vir regido da preposição *a*:

a) com os verbos que exprimem sentimentos:

> Não amo **a ninguém**, Pedro.
> (C. dos Anjos, *M*, 196.)

> Só não amava **a Jorge** como amava **ao filho**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 156.)

b) para evitar ambiguidade:

> Sabeis, que **ao Mestre** vai matá-lo.
> (M. Mesquita, *LT*, 66.)

c) quando vem antecipado, como nos provérbios seguintes:

> **A homem pobre** ninguém roube.
> **A médico, confessor e letrado** nunca enganes.

2. O OBJETO DIRETO é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico:

> Não **a ti**, Cristo, odeio ou te não quero.
> (F. Pessoa, *OP*, 218.)

> Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

1. Quando se quer chamar atenção para o OBJETO DIRETO que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono:

---

[2] Sobre o emprego do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO em português, veja-se a excelente monografia de Karl Heinz Delille. *Die geschichtliche Entwicklung des präpositionalen Akkusativs im Portugiesischen*. Bonn, Romanisches Seminar der Universität, 1970.

Palavras cria-**as** o tempo e o tempo **as** mata.
(J. Cardoso Pires, *D*, 300.)

Árvore, filho e livro, queria-**os** perfeitos.
(Vianna Moog, *T*, 330.)

2. O OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO pode também ser constituído de um pronome átono e de uma forma pronominal tônica preposicionada:

A mim, ninguém **me** espera em casa.
(J. Régio, *CL*, 52.)

Quantas vezes, viandante, esta incolor paisagem
Não **te** mirou **a ti**, **a ti** também sem cor!
(A. de Guimaraens, *OC*, 194.)

Mas não encontrou Marcelo nenhum. Encontrou-**nos a nós**.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 23.)

OBJETO INDIRETO

1. OBJETO INDIRETO é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição.
Pode ser representado por:

a) substantivo:

Duvidava **da riqueza da terra**.
(N. Piñon, *CC*, 190.)

Necessitamos **de uma cabeça bem firme na terra, bem fincada na terra**!
(A. Abelaira, *NC*, 74.)

b) pronome (substantivo):

Que ela afaste **de ti** aquelas dores
Que fizeram **de mim** isto que sou!
(F. Espanca, *S*, 24.)

Inserir-se em Roma é mais difícil do que incorporar **a si** o sentimento de Roma.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 25.)

c) numeral:

Os domingos, porém, pertenciam **aos dois**.
(F. Namora, *CS*, 113.)

Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o ministério público **com ambos**, de modo que o homicida granjeou pacificamente suas terras.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 93.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Mas — quem daria dinheiro **aos pobres**?
(C. Lispector, *BF*, 138.)

Seu formidável vulto solitário
Enche **de estar presente** o mar e o céu.
(F. Pessoa, *OP*, 14.)

e) oração substantiva (objetiva indireta):

— Não te esqueças **de que a obediência é o primeiro voto das noviças.**
(J. Montello, *DP*, 236.)

A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se **de que ambas estavam no carro.**
(C. Lispector, *LF*, 90.)

2. Como o OBJETO DIRETO, o OBJETO INDIRETO pode ser constituído de mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se **ao estudo e à cura** de si mesmo.
(Machado de Assis, *OC*, II, 288.)

Embora, não perceba grande coisa do que ouve, está sempre a precisar **disto e daquilo.**
(M. J. de Carvalho, *AV*, 54.)

Observação:

Não vem precedido de preposição o OBJETO INDIRETO representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, e pelo reflexivo *se*. Note-se que o pronome oblíquo *lhe* (*lhes*) é essencialmente OBJETO INDIRETO:

— Você não **me** está insinuando que não vai aceitar?
(Vianna Moog, *T*, 390.)

As noites não **lhe** trouxeram repouso, mas deram-**lhe**, em contrapartida, tempo para a meditação.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1177.)

Luís Garcia dera-**se** pressa em visitar o filho de Valéria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 336.)

A propósito do emprego dos pronomes oblíquos (tônicos e átonos), bem como do modo por que se podem combinar, leia-se o que dizemos no capítulo 11.

OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

Com a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o OBJETO INDIRETO. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal átono. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tônico antecedido de preposição:

A mim ensinou-**me** tudo.
(F. Pessoa, *OP*, 145.)

— Quem **lhe** disse **a você** que estavam no palheiro?
(C. de Oliveira, *AC*, 119.)

Aos meus escritos, não **lhes** dava importância nenhuma.
(G. Amado, *HMI*, 190.)

Observação:

Enquanto a preposição que encabeça um ADJUNTO ADVERBIAL possui claro valor significativo, a que introduz um OBJETO INDIRETO apresenta acentuado esvaziamento de sentido. Comparem-se estes exemplos:

Cantava **para os amigos**.	Não duvides **de mim**.
Viajou **para São Paulo**.	Não saias **de casa**.

Nas duas primeiras orações, em que introduzem OBJETO INDIRETO, as preposições *para* e *de* são simples elos sintáticos. Nas duas últimas, introduzindo ADJUNTOS ADVERBIAIS, servem para indicar, respectivamente, o *lugar para onde* e o *lugar donde*.

A propósito, leia-se o que escrevemos no capítulo 15.

PREDICATIVO DO OBJETO

1. Tanto o OBJETO DIRETO como o INDIRETO podem ser modificados por PREDICATIVO. O PREDICATIVO DO OBJETO só aparece no predicado VERBO-NOMINAL, e é expresso:

a) por substantivo:

Uns **a** nomeiam **primavera**. Eu **lhe** chamo **estado de espírito**.
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 125.)

Chamo-**me Aldemiro**.
(I. Lisboa, *MCN*, 94.)

b) por adjetivo:

Os trabalhadores da Gamboa julgam-**no assombrado**.
(O. Mendes, *P*, 140.)

Naquele ano Ismael achou **o avô mais macambúzio**.
(Autran Dourado, *TA*, 41.)

2. Como o PREDICATIVO DO SUJEITO, o DO OBJETO pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

Quaresma então explicou porque **o** tratavam **por major**.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 215.)

Considero-**o como o primeiro dos precursores do espírito moderno**.
(A. de Quental, *C*, 313.)

Observação:

Somente com o verbo *chamar* pode ocorrer o PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO:

A gente só ouvia o Pancário chamar-**lhe ladrão e mentiroso**.
(Castro Soromenho, *V*. 220.)

Chamam-**lhe fascista** por toda a parte.
(C. dos Anjos, *M*, 277.)

Com os demais verbos que admitem esse predicativo (por exemplo: *crer*, *eleger*, *encontrar*, *estimar*, *fazer*, *julgar*, *nomear*, *proclamar* e sinônimos), ele é sempre um

modificador do OBJETO DIRETO. Baseados nesse fato, filólogos como Epifânio da Silva Dias e Martinz de Aguiar preferem considerar o complemento no caso — seja expresso pelo pronome *lhe*, seja por um substantivo antecedido de preposição — como OBJETO DIRETO.

AGENTE DA PASSIVA

1. AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal — normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *de* — pode ser representado:

a) por substantivo ou palavra substantivada:

— Esta carta foi escrita **por** um **marinheiro** americano.
(F. Namora, *DT*, 120.)

Um jornal é lido **por** muita **gente**.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

b) por pronome:

Ele **dela** é ignorado.
Ela para ele é ninguém.
(F. Pessoa, *OP*, 117.)

A mesma oração foi **por mim** proferida em São José dos Campos, minha cidade natal.
(Cassiano Ricardo, *VTE*, 26.)

c) por numeral:

Tudo quanto os leitores sabem de um e de outro foi ali exposto **por ambos**, e **por ambos** ouvido entre abatimento e cólera.
(Machado de Assis, *OC*, II, 212-213.)

Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas **por um**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 350.)

d) por oração substantiva:

E se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita **por quantos tenham uma experiên-**

cia análoga, e não pensam a América, mas se incorporam nela, sem deixarem de ser Europeus.

(M. Torga, *TU*, 48.)

Mariana era apreciada **por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.**

(Machado de Assis, *OC*, II, 746.)

TRANSFORMAÇÃO DA ORAÇÃO ATIVA EM PASSIVA

1. Quando uma oração contém um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:
   a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva;
   b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
   c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Tomando-se como exemplo a seguinte oração ativa,

A inflação corrói os salários,

poderíamos colocá-la no esquema:

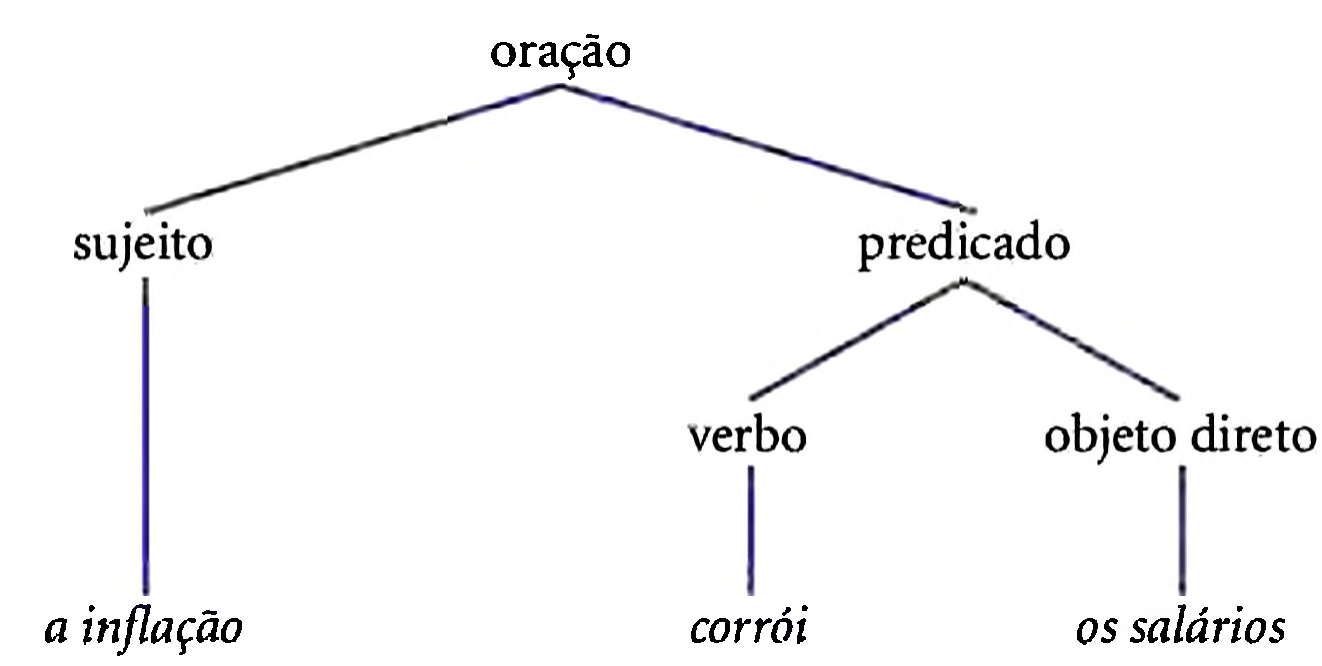

Convertida na oração passiva, teríamos:

Os salários são corroídos pela inflação.

O seu esquema seria então:

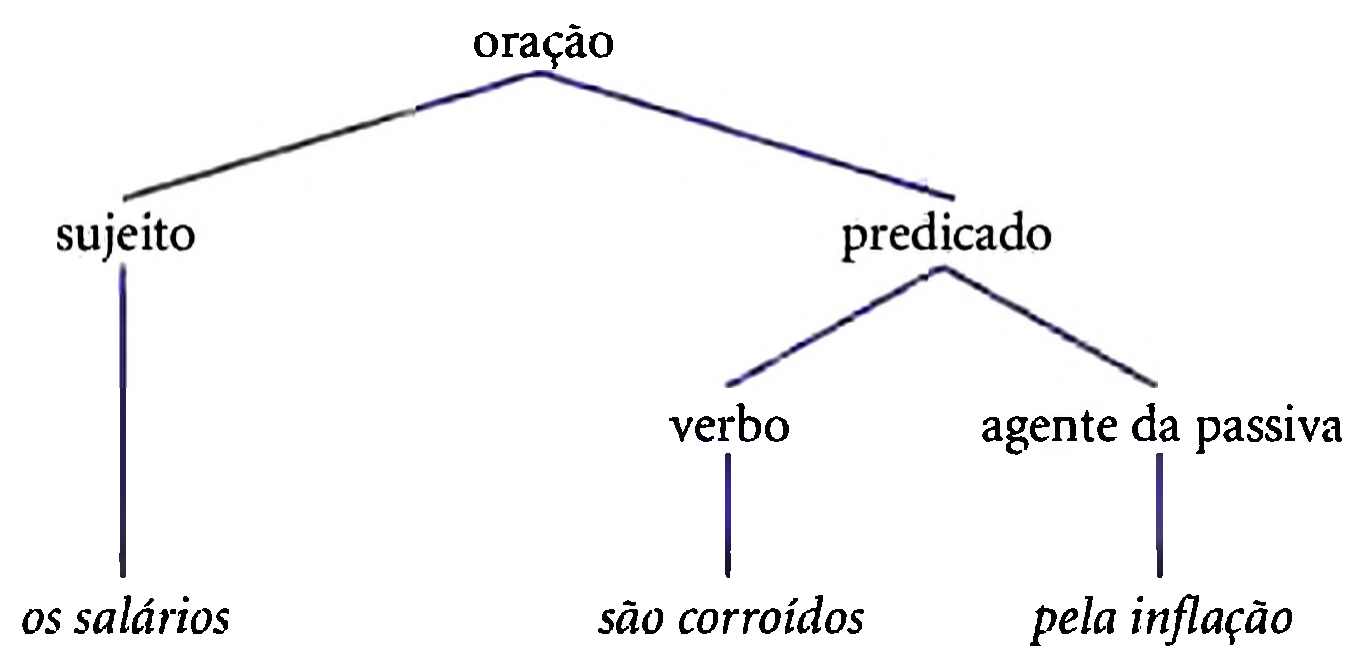

2. Se numa oração da voz ativa o verbo estiver na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente. Assim:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Aumentaram os salários.	Os salários foram aumentados.
Contiveram a inflação.	A inflação foi contida.

Observações:

1.ª) Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

2.ª) Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente:

Aumentou-se o salário dos gráficos.
Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ACESSÓRIOS

Chamam-se ACESSÓRIOS OS TERMOS que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação.

São TERMOS ACESSÓRIOS:

a) O ADJUNTO ADNOMINAL;
b) O ADJUNTO ADVERBIAL;
c) O APOSTO.

ADJUNTO ADNOMINAL

ADJUNTO ADNOMINAL é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.

O ADJUNTO ADNOMINAL pode vir expresso por:

a) adjetivo:

> Na areia podemos fazer até castelos **soberbos**, onde abrigar o nosso **íntimo** sonho.
> (R. Braga, *CCE*, 251.)

> — Tenho pensado que toda esta geringonça **social** precisa de uma **grande** volta.
> (C. de Oliveira, *CD*, 93.)

b) locução adjetiva:

> Tinha uma memória **de prodígio.**
> (J. Lins do Rego, *ME*, 104.)

> Era um homem **de consciência.**
> (A. Abelaira, *NC*, 15.)

> O homem já estava acamado
> Dentro da noite **sem cor.**
> (M. Bandeira, *PP*, I, 339.)

c) artigo (definido ou indefinido):

> **O** ovo é **a** cruz que **a** galinha carrega **na** vida.
> (C. Lispector, *FC*, 51.)

> **As** ondas rebentavam com estrondo, formando **uma** muralha de espuma, para lá da qual **o** mar era **um** lago sereno e azul.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 10.)

d) pronome adjetivo:

> Deposito a **minha** dona no limiar da **sua** moradia.
> (F. Botelho, *X*, 118.)

Vários vendedores de artesanato expunham **suas** mercadorias.
(R. Fonseca, *C*, 76-77.)

e) numeral:

Casara-se havia **duas** semanas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 29.)

Tinha uns **seis** a **oito** meses e eu, proporcionalmente, devia orçar pela sua idade.
(A. Ribeiro, *CRG*, 17.)

f) oração adjetiva:

Os cabelos, **que tinha fartos e lisos**, caíram-lhe todos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 116.)

Venho cumprir uma missão do sacerdócio **que abracei**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 155.)

Observação:

O mesmo substantivo pode estar acompanhado por mais de um ADJUNTO ADNOMINAL:

Ante **o meu** embezerramento, o paizinho sorria **um** sorriso **benévolo** e **desenfadado**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 11.)

Um Cristo **barroco** pendia da cruz, **num** altar **lateral**.
(Vianna Moog, *T*, 86.)

ADJUNTO ADVERBIAL

ADJUNTO ADVERBIAL é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio.

O ADJUNTO ADVERBIAL pode vir representado por:

a) advérbio:

Aqui não passa ninguém.
(F. Namora, *TJ*, 205.)

Amou-a **perdidamente.**
(L. Fagundes Telles, *DA*, 118.)

b) por locução ou expressão adverbial:

De súbito, eu, o Barão e a criada começamos a dançar **no meio da sala.**
(Branquinho da Fonseca, *B*, 61.)

Lá embaixo aparece Jacarecanga **sob o sol do meio-dia.**
(É. Veríssimo, *ML*, 13.)

c) por oração adverbial:

Fechemos os olhos **até que o sol comece a declinar.**
(A. M. Machado, *CJ*, 82.)

Quando acordou, já Lisa ali estava.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 141.)

Classificação dos adjuntos adverbiais

É difícil enumerar todos os tipos de ADJUNTOS ADVERBIAIS. Muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exata. Não obstante, convém conhecer os seguintes:

a) DE CAUSA:

Por que lhes dais tanta dor?!
(A. Gil, *LJ*, 25.)

Não havia de perder o esforço daqueles anos todos, **por causa de um exame só, o derradeiro.**
(C. dos Anjos, *MS*, 343.)

b) DE COMPANHIA:

Lanchas, ide **com Deus**! Ide e voltai **com ele**
Por esse mar de Cristo...
(A. Nobre, *S*, 32.)

Vivi **com Daniel** perto de dois anos.
(C. Lispector, BF, 79.)

c) DE DÚVIDA:

Talvez Nina tivesse razão...
(V. Nemésio, *MTC*, 105.)

Acaso meu pai entenderia mesmo de poemas?
(L. Jardim, *MPM*, 89.)

d) DE FIM:

Há homens **para nada**, muitos **para pouco**, alguns **para muito**, nenhum **para tudo**.
(Marquês de Maricá, *M*, 87.)

Viaja então para se contrafazer, **por penitência**?
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

e) DE INSTRUMENTO:

Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, **a ancinho**, as folhas caídas.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 156.)

Dou-te **com o chicote**, ouviste!
(Luandino Vieira, *L*, 41.)

f) DE INTENSIDADE:

Gosto **muito** de ti.
(M. Torga, *NCM*, 32.)

— Ou ele estuda **demais**, ou não come **bastante** de manhã, disse a mãe.
(C. Lispector, *LF*, 104.)

g) DE LUGAR AONDE [5]:

Cheguei **à taberna do velho** ao fim da tarde.
(Alves Redol, *BSL*, 330.)

---

[5] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, veja-se p. 355-6.

Veja **aonde** vai.
(A. M. Machado, *CJ*, 243.)

h) DE LUGAR ONDE:

No mês passado estive algumas horas **em Cartago.**
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

O vulto escuro entrou **no jardim**, sumiu-se **em meio às árvores.**
(É. Veríssimo, *LS*, 133.)

i) DE LUGAR DONDE:

Dos mares da China não mais virão as quinquilharias.
(M. Rubião, *D*, 144.)

— Some-te **daqui**, ingrato!
(F. Namora, *TJ*, 99.)

j) DE LUGAR PARA ONDE:

Levaram a defunta numa rede **para o cemitério de S. Caetano.**
(L. Jardim, *MP*, 25.)

A chuva levou-os **para casa.**
(C. de Oliveira, *AC*, 166.)

l) DE LUGAR POR ONDE:

Atravessou o Campo da Aclamação, enfiou **pela Rua de São Pedro** e meteu-se **pelo Aterrado acima.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 569.)

Por sobre o navio voejavam ainda gaivotas, com movimentos lentos, ritmados.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 593.)

m) DE MATÉRIA:

Obra de finado. Escrevi-a **com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 413.)

Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento. Era um adeus **com raiva e lágrimas**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 298.)

n) DE MEIO:

Estarei talvez confundindo as coisas, mas Aníbal ainda viajava **de bicicleta**, imaginem!
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

Voltamos **de bote** para a ponta do Caju.
(Lima Barreto, *REIC*, 287.)

o) DE MODO:

Vagarosamente ela foi recolhendo o fio.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 7.)

Henriqueta subiu a escada, **pé ante pé**, como um ladrão.
(V. Nemésio, *MTC*, 79.)

p) DE NEGAÇÃO:

— **Não**, senhor Cônego, vejo. Mas **não** concordo, **não** aceito.
(B. Santareno, *TPM*, 109.)

— **Não** partas, **não**. Aqui todos te querem!
(Castro Alves, *EF*, 154.)

q) DE TEMPO:

Todas as manhãs ele sentava-se **cedo** a essa mesa e escrevia **até as dez, onze horas**.
(P. Nava, *BO*, 330.)

A Custódia esteve **cinco anos** na clausura.
(A. Ribeiro, *CRG*, 28.)

APOSTO

1. APOSTO é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação:

Eles, **os pobres desesperados**, tinham uma euforia de fantoches.
(F. Namora, *DT*, 237.)

Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, **pessoa estimável**, o Chico das Cambraias, **folgazão emérito**, o escrivão **Fabrício**, e ainda outros?
(Machado de Assis, *OC*, II, 269.)

2. Entre o APOSTO e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por uma vírgula, como nos exemplos acima.
Mas pode também não haver pausa entre o APOSTO e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo APOSTO.
Por exemplo:

A cidade **de Lisboa**
O poeta **Bilac**
O rei **D. Manuel**
O mês **de junho**

Este APOSTO, chamado de ESPECIFICAÇÃO, não deve ser confundido com certas construções formalmente semelhantes, como

O clima **de Lisboa**
O soneto **de Bilac**
A época **de D. Manuel**
As festas **de junho**

em que *de Lisboa*, *de Bilac*, *de D. Manuel* e *de junho* equivalem a adjetivos (= *lisboeta*, *bilaquiano*, *manuelina* e *juninas*) e funcionam, portanto, como ATRIBUTOS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3. O APOSTO pode também:
a) ser representado por uma oração:

A outra metade tocara aos sobrinhos, com uma condição expressa: **que o legado só lhes fosse entregue trinta anos depois**.
(J. Montello, *LE*, 202.)

A verdade é esta: **não fala a bem dizer com acento algum**.
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 108.)

b) referir-se a uma oração inteira:

> Pediu que lhe fornecessem papel de carta e que lhe restituíssem a sua caneta, **o** que lhe foi concedido.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1183.)

> O importante é saber para onde puxa mais a corredeira — **coisa**, aliás, **sem grandes mistérios**.
> (M. Palmério, *VC*, 375.)

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

> Tudo o fazia lembrar-se dela: **a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!**
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pé de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, **tudo** na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 289.)

Valor sintático do aposto

O APOSTO tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Pode, assim, haver:

a) aposto no sujeito:

> Ela, **Dora**, foi, de resto, muitíssimo discreta.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 105.)

> A espingarda lazarina, **a melhor espingarda do mundo**, não mentia fogo e alcançava longe, alcançava tanto quanto a vista do dono; a mulher, **Cesária**, fazia renda e adivinhava os pensamentos do marido.
> (G. Ramos, *AOH*, 25.)

b) aposto no predicativo:

> As escrituras eram duas: **a do distrate da hipoteca e a da venda das propriedades**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

O meu projeto é este: **podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto.**
(G. Ramos, *AOH*, 143.)

c) aposto no complemento nominal:

João Viegas está ansioso por um amigo que se demora, **o Calisto.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 521.)

A vida é um contínuo naufrágio de tudo: **de seres e de coisas, de paixões e de indiferenças, de ambições e temores.**
(A. F. Schmidt, *F*, 72.)

d) aposto no objeto direto:

Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, **Sócrates**, que tinha um demônio familiar, **Pascal**, que via um abismo à esquerda, **Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula...**
(Machado de Assis, *OC*, II, 262.)

Jogamos uma partida de xadrez, **uma luta renhida**, quase duas horas...
(A. Abelaira, *NC*, 54.)

e) aposto no objeto indireto:

Devorador da vida lhe chamaram,
A ele, **artista, sábio e pensador,**
Que denodadamente se procura!
(M. Torga, *CH*, 79.)

Meu pai cortava cana para a égua, **sua montaria predileta.**
(J. Amado, *MG*, 13.)

Foi o que sucedeu ao seu maior amigo, **ao Abel**, quando andavam na traineira do Domingos Peixe.
(Alves Redol, *FM*, 173.)

f) aposto no agente da passiva:

Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, **o vereador dissidente**, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas.
(Machado de Assis, *OC*, II, 274.)

As paredes foram levantadas por Tomás Manuel, **avô do Engenheiro.**
(J. Cardoso Pires, *D*, 63.)

g) aposto no adjunto adverbial:

Uma vez empossado da licença começou a construir a casa. Era na rua nova, **a mais bela de Itaguaí.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 256-257.)

Foi em 14 de maio de 1542, **uma segunda-feira.**
(A. Ribeiro, *PST*, 272.)

h) aposto no aposto:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, **filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 255.)

No Recolhimento morreram umas, ficaram desfeadas outras para todo o sempre, cegou a filha do Floriano, fidalgo de Rape, **cunhado de meu padrinho**, D. Nicéforo da Ula Monterroso Barbaleda Fernandes, **moço fidalgo da Casa Real e par do Reino.**
(A. Ribeiro, *CRG*, 29.)

i) aposto no vocativo:

Razão, **irmã do Amor e da Justiça,**
Mais uma vez escuta a minha prece.
(A. de Quental, *SC*, 71.)

Tu, Deus, **o Inspirador, Taumaturgo e Adivinho,**
Dá-me alívio ao pesar, prodigando-me o Vinho
Que é o néctar celestial da eterna Moradia.
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Aposto predicativo

Com o APOSTO atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo objeto, o mesmo fato ou a mesma ideia.

Por isso, o APOSTO não deve ser confundido com o adjetivo que, em função de PREDICATIVO, costuma vir separado do substantivo que modifica por uma pausa sensível (indicada geralmente por vírgula na escrita). Numa oração como a seguinte

E a noite vai descendo **muda e calma**...
(F. Espanca, *S*, 60.)

que também poderia ser enunciada

E a noite, **muda e calma**, vai descendo...

ou

E, **muda e calma**, a noite vai descendo...,

muda e calma é PREDICATIVO de um predicado verbo-nominal.

O mesmo raciocínio aplica-se à análise de orações elípticas, cujo corpo se reduz a um adjetivo, que nelas desempenha a função de PREDICATIVO.

É o caso de frases do tipo:

Rico, desdenhava dos humildes.

em que *rico* não é APOSTO. Equivale a uma oração adverbial de causa [= *porque era rico*], dentro da qual exerce a função de PREDICATIVO.

O adjetivo, enquanto adjetivo, "não pode exercer a função de APOSTO, porque ele designa *uma característica* do ser ou da coisa, e não o próprio ser ou a própria coisa"[4].

VOCATIVO

1. Examinando estes versos de A. Nobre,

Manuel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
(*S*, 51.)

Ó sinos de Santa Clara,
Por quem dobrais, quem morreu?
(*S*, 47.)

---

[4] Georges Galichet. *Grammaire structurale du français moderne*. 2.ª ed. Paris–Limoges, Charles-Lavauzelle, 1968, p. 135.

vemos que, neles, os termos *Manuel* e *Ó sinos de Santa Clara* não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.
A estes termos, de entoação exclamativa e isolados do resto da frase, dá-se o nome de VOCATIVO.

2. Embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o VOCATIVO pode relacionar-se com algum dos termos.
Assim, neste exemplo,

> E, ao vê-la, acordarei, **meu Deus de França!**
> (A. Nobre, *S*, 43.)

o VOCATIVO *meu Deus de França!* não tem relação alguma com os demais termos da frase.
Já nestes exemplos,

> Dizei-me vós, **Senhor Deus!**
> (Castro Alves, *OC*, 281.)

> **Ó lanchas**, Deus vos leve pela mão!
> (A. Nobre, *S*, 31.)

o VOCATIVO *Senhor Deus!* relaciona-se com o sujeito *vós*, da primeira oração; e o VOCATIVO *Ó lanchas* com o objeto direto *vos*, da segunda.

Observações:

1.ª) Quando se quer dar maior ênfase à frase, costuma-se preceder o VOCATIVO da interjeição *ó!*, como neste exemplo de Vinícius de Morais:

> **Ó minha amada,**
> Que olhos os teus!
> (PCP, 334.)

2.ª) Na escrita, o VOCATIVO vem normalmente isolado por vírgula, ou seguido de ponto de exclamação, como nos mostram os exemplos acima.

3.ª) Cumpre distinguir o VOCATIVO do substantivo que, acompanhado ou não de determinação, constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas do tipo:

> **Silêncio!** [= Faça silêncio!]
> **Mãos ao alto!** [= Ponha as mãos ao alto!]

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA

1. Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ORDEM DIRETA, isto é, os termos da oração dispõem-se preferencialmente na sequência:

   SUJEITO + VERBO + OBJETO DIRETO + OBJETO INDIRETO

   ou

   SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO

   Essa preferência pela ORDEM DIRETA é mais sensível nas ORAÇÕES ENUNCIATIVAS OU DECLARATIVAS (afirmativas ou negativas). Assim:

   Carlos ofereceu um livro ao colega.
   Carlos é gentil.
   Paulo não perdoou a ofensa do colega.
   Paulo não é generoso.

2. Ao reconhecermos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

INVERSÕES DE NATUREZA ESTILÍSTICA

Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.

Assim, o realce do SUJEITO provoca geralmente a sua posposição ao VERBO:

Quero levar-te a dédalos profundos,
Onde refervem **sóis... e céus... e mundos...**
(Castro Alves, *EF*, 44.)

És **tu**! És **tu**! Sempre vieste, enfim!
(F. Espanca, *S*, 140.)

Não vês o que te dou **eu**?
(V. de Morais, *PCP*, 297.)

Ao contrário, o realce do PREDICATIVO, do OBJETO (DIRETO ou INDIRETO) e do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

> **Fraca** foi a resistência.
> (C. dos Anjos, *MS*, 313.)

> **Minha espada**, pesada a braços lassos,
> Em mãos viris e calmas entreguei.
> (F. Pessoa, *OP*, 67.)

> **A ela** devia o meu estado psíquico cinzento e melindroso.
> (F. Namora, *DT*, 59.)

> **Acolá, na entrada do Catongo**, é uma festa de mutirão.
> (Adonias Filho, *LP*, 30.)

INVERSÕES DE NATUREZA GRAMATICAL

Em outros lugares deste livro tratamos da colocação de termos da oração. Nos capítulos 10, 11 e 14 estudamos, respectivamente, a posição:

a) do ADJETIVO como ADJUNTO ADNOMINAL;
b) dos PRONOMES, em particular dos PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS que servem de OBJETO DIRETO ou INDIRETO;
c) do ADVÉRBIO e de outras classes de palavras em sua função oracional.

No capítulo 19 examinamos as figuras de sintaxe denominadas HIPÉRBATO, ANÁSTROFE e SÍNQUISE. Por isso, vamos restringir-nos aqui apenas a algumas considerações quanto à posição do VERBO relativamente ao SUJEITO e ao PREDICATIVO.

Inversão verbo + sujeito

1. A inversão VERBO + SUJEITO verifica-se em geral:

a) nas orações interrogativas:

> Que **fazes tu** de grande e bom, contudo?
> (A. de Quental, *SC*, 64.)

> Onde **está a estrela da manhã**?
> (M. Bandeira, *PP*, I, 233.)

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

> **Ouve tu**, meu cansado coração,
> O que te diz a voz da natureza:
> (A. de Quental, *SC*, 51.)

> **Dize**-me **tu**, ó céu deserto,
> **dize**-me **tu** se é muito tarde.
> (C. Meireles, *OP*, 502.)

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

> **Formam-se bolhas** na água...
> (F. Pessoa, *OP*, 160.)

> **Servia-se o almoço** às dez.
> (C. dos Anjos, *MS*, 4.)

d) nas orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, um desejo:

> — Que **venha essa coisa melhor!**
> (M. Rubião, *D*, 17.)

> **Chovam lírios e rosas** no teu colo!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> **Durma**, de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
> **O meu remorso.**
> (O. Bilac, *T*, 192.)

e) nas orações construídas com verbos do tipo *dizer, sugerir, perguntar, responder* e sinônimos que arrematam enunciados em DISCURSO DIRETO ou neles se inserem:

> — Isso não se faz, moço, **protestou Fabiano.**
> (G. Ramos, *VS*, 66.)

> — Traz-se-lhe as duas coisas — **disse o Barão** aflorando a cabeça no ombro da consorte, de mão na porta escura.
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

f) nas orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:

Pelas madrugadas de São João, **ao começarem a morrer as fogueiras,** mocinhas postavam-se diante do Solar.
(G. França de Lima, *JV*, 5.)

Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria, ele o substituiu.
(J. Amado, *MG*, 112.)

Acabada a lenga-lenga, pretendi que bisasse.
(A. Ribeiro, *CRG*, 16.)

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção:

Tivesse eu tomado em meus braços a rapariga e pagaria dentro em pouco em amarguras os momentos fugazes de felicidade.
(A. F. Schmidt, *AP*, 68.)

Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa...
(Machado de Assis, *OC*, I, 505.)

h) em certas construções com verbos unipessoais:

Aconteceu no Rio, como **acontecem tantas coisas**.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Basta o amor ao trabalho...
(A. Abelaira, *NC*, 14.)

Zuzé aproveitou para meter a parte dele, ainda **doía-lhe** no coração **a cabeçada antiga**.
(Luandino Vieira, *L*, 48.)

i) nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por adjunto adverbial:

Este **é o destino dos versos**.
(F. Pessoa, *OP*, 165.)

Essa justiça vulgar, porém, não me **soube fazer o meu velho mestre.**
(R. Barbosa, *R*, 86.)

A nós, homens de letras, **impõe-se o dever da direção deste movimento.**
(O. Bilac, *DN*, 112.)

Num paquete como este não **existe a solidão!**
(A. Abelaira, *NC*, 41.)

2. A oração subordinada substantiva subjetiva coloca-se normalmente depois do verbo da principal:

É provável **que te sintas logo muito melhor.**
(A. O'Neill, *SO*, 37.)

Parece **que vamos ter um belo dia de sol, depois de uma noite de vento e chuva.**
(J. Montello, *A*, 178.)

É preciso **que eles nos temam.**
(Castro Soromenho, *V*, 116.)

3. Em princípio, os verbos intransitivos podem vir sempre antepostos ao seu sujeito:

Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram vales e campinas...
(A. de Quental, *SC*, 114.)

Correm as horas, vem o Sol descambando; **refresca a brisa**, e **sopra** rijo **o vento**. Não **ciciam** mais **os buritis**...
(Visconde de Taunay, *I*, 33.)

Observações:

1.ª) Embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão VERBO + SUJEITO, em quase todos eles é possível — e perfeitamente correta — a construção SUJEITO + VERBO.

2.ª) O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer desempenhe a função de sujeito, quer a de objeto.

Inversão predicativo + verbo

1. O PREDICATIVO segue normalmente o verbo de ligação. Pode, no entanto, precedê-lo:

a) nas orações interrogativas e exclamativas:

> **Que monstro seria** ela?
> (J. Lins do Rego, *E*, 255.)

> **Que lindos eram** os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de ônix líquido dos olhos pequeninos!
> (A. Ribeiro, *CRG*, 91.)

b) em construções afetivas do tipo:

> **Orgulhoso, apaixonado pela própria imagem — isso** ele **o foi**!
> (A. F. Schmidt, *F*, 131.)

> **Probidade — essa foi** realmente a qualidade primacial de Veríssimo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 415.)

2. Na voz passiva analítica, o PARTICÍPIO vem normalmente posposto às formas do auxiliar *ser*. Costuma, no entanto, precedê-las em frases afetivas denotadoras de um desejo:

> **Abençoados sejam** os nossos maiores, que nos deram esta Pátria livre e formosa!
> (O. Bilac, *DN*, 81.)

> **Amaldiçoados sejam** eles, caiam-lhes as almas nas profundezas do inferno.
> (J. Saramago, *LC*, 121.)

ENTOAÇÃO ORACIONAL

1. Dos elementos constitutivos da voz humana é o TOM, ou altura musical, o mais sensível às modificações emocionais. Agrada-nos ou desagrada-nos o tom de voz de uma pessoa. Percebemos imediatamente se ela fala em *tom alto* ou *baixo*, ou se, pobre de inflexões, a sua elocução é *monótona*, isto é, de um "só tom", o que vale dizer "enfadonha". A fala expressiva exige variedade de tons e sua adequação ao pensamento.

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos chama-se ENTOAÇÃO.

2. Os diferentes problemas suscitados pelas tentativas de interpretação da curva melódica têm posto à prova a argúcia dos linguistas contemporâneos.
Entre esses problemas de solução delicada, sobreleva o de caracterizar o valor da entoação na frase, isto é, o de saber se nela a entoação desempenha uma função linguística (significativa ou distintiva) determinada. Por outras palavras: interessa-nos saber preliminarmente se, pela simples diversidade da curva melódica, duas mensagens — no mais foneticamente idênticas — podem ser interpretadas de maneira distinta pelos usuários de uma mesma língua.
Pelas razões que aduziremos a seguir, parece-nos lícito reconhecer a funcionalidade linguística da entoação em nosso idioma.

GRUPO ACENTUAL E GRUPO FÔNICO

Dissemos que GRUPO ACENTUAL é todo segmento de frase que se apoia em um acento tônico principal. A um ou vários grupos acentuais compreendidos entre duas pausas (lógicas, expressivas, ou respiratórias) dá-se o nome de GRUPO FÔNICO.

Por exemplo, numa elocução lenta, o seguinte período de Marques Rebelo

O aguaceiro / desabou, / com estrépito, / mas a folia / persistiu.

apresenta cinco GRUPOS ACENTUAIS, cujos limites marcamos com um traço inclinado. Mas encerra apenas três GRUPOS FÔNICOS:

O aguaceiro desabou, // com estrépito, // mas a folia persistiu.

que separamos por dois traços.

Já numa elocução rápida, que omitisse a pausa (indicada pela vírgula) entre o verbo *desabou* e o seu adjunto adverbial *com estrépito*, o período em exame passaria a ter somente dois GRUPOS FÔNICOS:

O aguaceiro desabou com estrépito, // mas a folia persistiu.

O GRUPO FÔNICO, UNIDADE MELÓDICA

A UNIDADE MELÓDICA é o segmento mínimo de um enunciado com sentido próprio e com forma musical determinada. Os seus limites coincidem com os

do GRUPO FÔNICO. Podemos, pois, considerar o GRUPO FÔNICO o equivalente da UNIDADE MELÓDICA.[5]

Observação:

Em poesia, os versos curtos (até sete sílabas) constam geralmente de um só grupo fônico. Os versos longos costumam apresentar internamente uma deflexão da voz (CESURA), que os divide em hemistíquios. Cada hemistíquio corresponde, de regra, a um grupo fônico.

O GRUPO FÔNICO E A ORAÇÃO

Caracterizada a unidade melódica, passemos à análise das diferenças que se observam na curva tonal descrita por três tipos de oração: a DECLARATIVA, a INTERROGATIVA e a EXCLAMATIVA.

Oração declarativa

1. Examinando a seguinte oração, constituída de um só grupo fônico:

Os alunos chegaram tarde

observamos que a voz descreve, aproximadamente, esta curva melódica:

lu ga tar
nos che ram
a
Os
de

que poderíamos simplificar no esquema:

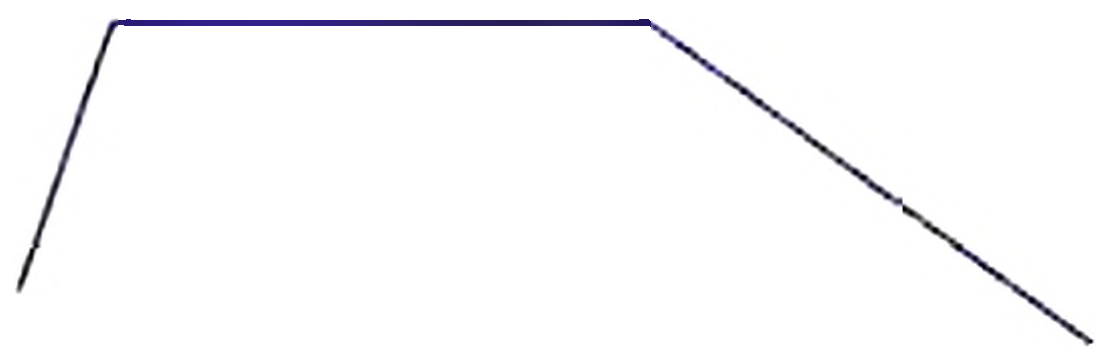

[5] Sobre a identificação do grupo fônico à unidade melódica leiam-se especialmente os estudos de T. Navarro Tomás: El grupo fónico como unidad melódica. *Revista de Filología Hispánica*. Buenos Aires–New York, *1*(1):3-19, 1939; *Manual de entonación española*. New York, Hispanic Institute, 1948, particularmente p. 37 e ss.

2. Notamos, com base no traçado acima, que o grupo fônico em exame compreende três partes distintas:

a) a parte inicial (ou ASCENDENTE), que começa em um nível tonal médio, característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma ascensão da voz, que atinge o seu ponto culminante na primeira sílaba tônica (*lu*);
b) a parte medial, em que a voz, com ligeiras ondulações, permanece, aproximadamente, no nível tonal alcançado;
c) a parte final (ou DESCENDENTE), em que a voz cai progressivamente a partir da sílaba (*tar*), atingindo um nível tonal baixo no final da frase.

3. Dessas três partes, a inicial e a final são as mais importantes da figura da entoação. Toda ORAÇÃO DECLARATIVA completa encerra uma parte inicial *ascendente* e uma parte final *descendente*, ambas muito nítidas.

4. No caso de ser a oração declarativa constituída de mais de um grupo fônico, o primeiro grupo começa por uma parte ascendente, e o último finaliza com uma descendente.

Oração interrogativa

No estudo da ENTOAÇÃO INTERROGATIVA, temos de considerar previamente o fato de iniciar-se ou não a frase por pronome ou advérbio interrogativo, pois que a curva tonal é distinta nos dois casos.

Orações não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

1. Tomando como exemplo a mesma oração declarativa, enunciada, porém, de forma interrogativa,

   Os alunos chegaram tarde?

   observamos que ela descreve a curva melódica

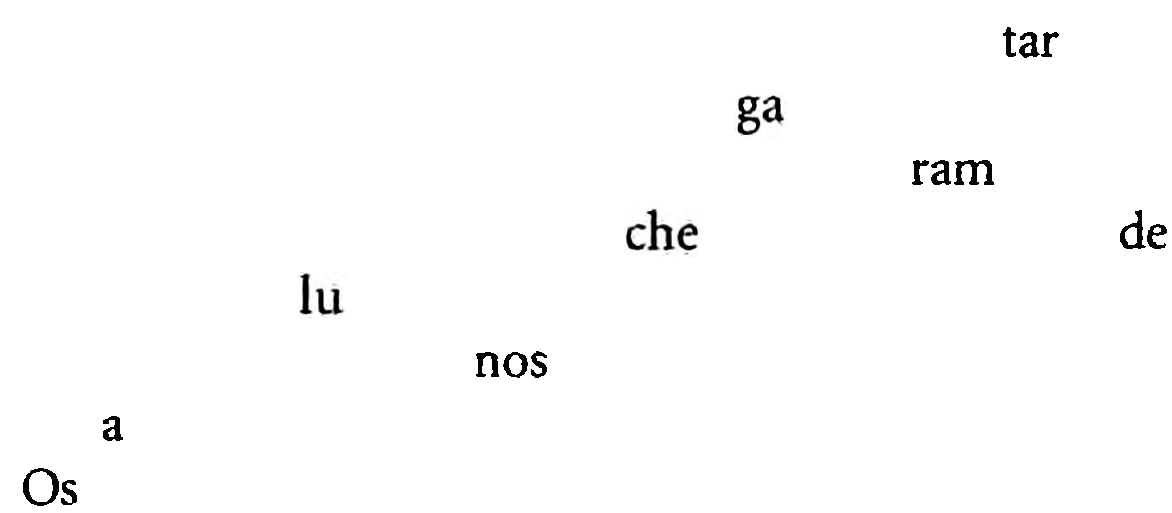

que poderíamos assim representar esquematicamente:

2. São características deste tipo de interrogação, em que se espera sempre uma resposta categórica *sim*, ou *não*:
a) o ataque da frase começar por um nível tonal mais alto do que na oração declarativa;
b) na parte medial do segmento melódico, haver uma queda da voz, que, embora seja mais acentuada do que nas orações declarativas, não altera o caráter ascendente desta modalidade de interrogação;
c) subir a voz acentuadamente na última vogal tônica, ponto culminante da frase; em seguida, sofrer uma queda brusca, apesar de se manter em nível tonal elevado.

3. Comparando esta curva à da oração declarativa estudada, verificamos que elas se assemelham por terem ambas a parte inicial ascendente e a parte medial relativamente uniforme.
Distinguem-se, porém:
a) quanto à parte final: descendente, na declarativa; ascendente, na interrogativa;
b) quanto ao nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa;
c) quanto à queda da voz a partir da última sílaba tônica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa.

4. Por ser a curva melódica descrita pela voz o único elemento que, na frase em exame, contribui para o caráter interrogativo da mensagem, temos de reconhecer que, em casos tais, a entoação apresenta inequívoco valor funcional em nossa língua.

Orações iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

Tomemos como exemplo a oração:

Como soube disto?

Em sua enunciação, a voz descreve a seguinte curva melódica,

Co sou
mo be
dis
to

que poderíamos assim esquematizar:

São características das orações interrogativas deste tipo:

a) o ataque da frase que, iniciado em um nível tonal muito alto, sobe, às vezes, bruscamente, até a primeira sílaba tônica, sílaba esta que, na maioria dos casos, pertence ao pronome ou ao advérbio interrogativo, ou seja, ao elemento que realiza a função interrogativa da oração;
b) a curva melódica, que, após a primeira sílaba tônica, decresce progressivamente e de maneira mais acentuada do que nas frases declarativas.

Interrogação direta e indireta

1. Vimos que a interrogação pode ser expressa:

a) ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, como em:

Os alunos chegaram tarde?

b) ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final apresenta entoação descendente, pelo exemplo:

Como soube disto?

Nestes casos dizemos que a interrogação é DIRETA.

2. Existe, porém, um outro tipo de interrogação, chamada INDIRETA, que se faz por meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente.
Exemplo:

Diga-me como soube disto.

3. Nas orações INTERROGATIVAS INDIRETAS a entoação apresenta as seguintes características:

a) o ataque da frase começa por um nível tonal alto; há uma elevação da voz na primeira sílaba tônica, seguida de um lento declínio da curva melódica até o final da frase;
b) o nível tonal da frase é, em geral, mais baixo que o da interrogação direta;
c) a queda da curva melódica é progressiva, semelhante à que se observa nas orações declarativas.

4. A escrita procura refletir a diferença tonal entre essas formas de interrogação com adotar o PONTO DE INTERROGAÇÃO para marcar o término da interrogação direta, e o simples PONTO, para o da indireta.

Oração exclamativa

Nas exclamações, a entoação depende de múltiplos fatores, especialmente do grau e da natureza da emoção de quem fala.

É a expressão emocional que faz variar o tom, a duração e a intensidade de uma interjeição monossilábica, tal como acontece com a interjeição *oh!* nestes dois versos de Castro Alves:

> **Oh!** que doce harmonia traz-me a brisa!
> **Oh!** ver não posso este labéu maldito!

Nas formas exclamativas de maior corpo, a expressão emocional concentra-se fundamentalmente ou na sílaba que recebe o acento de insistência (se houver), ou na sílaba em que recai o acento normal. Como o primeiro não tem valor rítmico, é o acento normal o ápice da curva melódica.

Assim, nas exclamações,

> **Bandido! Insolente! Fantástico!**

a voz eleva-se até a sílaba tônica e, depois de alguma demora, decai bruscamente. Obedecem elas, pois, ao esquema

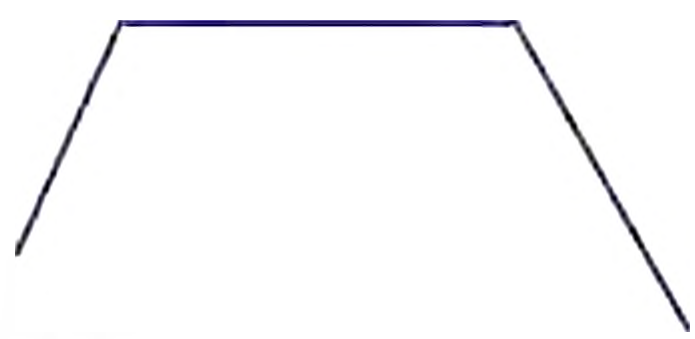

semelhante ao da entoação declarativa.

Já em exclamações como

Jesus! Adeus! Imbecil!

o grupo fônico é ascendente e aproxima-se do esquema da entoação interrogativa:

2. Maior variedade em matizes de entoação encontramos, naturalmente, nas frases exclamativas constituídas de duas ou mais palavras. A curva melódica dependerá sempre da posição da palavra de maior conteúdo expressivo, porque é sobre a sua sílaba acentuada que irão incidir o tom agudo, a intensidade mais forte e a maior duração.

Como a sílaba forte da palavra de maior valor expressivo pode ocupar a posição inicial, medial ou final da oração, três soluções devem ser consideradas:

1.ª) Se a sílaba em causa for a inicial, todo o resto do enunciado terá entoação descendente.

Exemplo:

Deus de minha alma!

2.ª) Se for a final, a frase inteira terá entoação ascendente:

Meu a**mor!**

3.ª) Se for uma das sílabas mediais, a entoação será ascendente até a referida sílaba e descendente dela até a final, como nos mostram estes exemplos colhidos em obra de Marques Rebelo:

Sai da **frente**!
Todo o **mun**do!!!

A linha tonal de cada um desses casos poderia ser assim esquematizada:

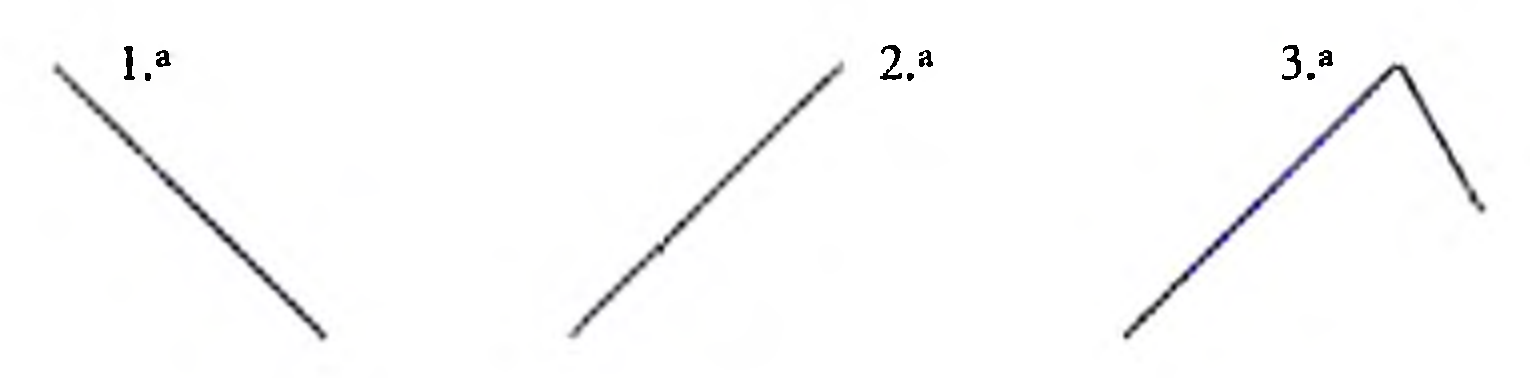

Conclusão

Do exposto, verificamos que a linha melódica tem uma função essencialmente oracional. Com uma simples mudança de tom, podemos reforçar, atenuar ou, mesmo, inverter o sentido literal do que dizemos. É, por exemplo, a entoação particular que permite uma forma imperativa exprimir todos os matizes que vão da ordem à súplica. Pela entoação que lhes dermos, frases como:

Pois não!
Pois sim!

podem ter ora valor afirmativo, ora negativo.

Enfim a entoação reflete e expressa nossos pensamentos e sentimentos. Se o acento é a "alma da palavra", devemos considerá-la a "a alma da oração".[6]

---

[6] As características da entoação portuguesa estão hoje melhor conhecidas graças sobretudo às infatigáveis pesquisas do eminente foneticista de Coimbra, o professor Armando de Lacerda, que em 1975 publicou a sua obra-mestra no particular: *Objectos verbais e significado elocucional. Toemas e entoemas. Entoação.* Coimbra, Instituto de Alta Cultura. Mais recentemente, a mesma matéria voltou a ser tratada, numa nova perspectiva e segundo métodos diversos, por Maria Raquel Delgado Martins na sua obra, anteriormente citada, *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais.* Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras, 1983.

Capítulo 8

Substantivo

1. SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.
São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	otimismo	doçura
glória	opinião	limpeza	caridade	ira

2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *privativamente*, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronome substantivo, numeral ou qualquer palavra substantivada).

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Chamam-se CONCRETOS os substantivos que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

Dá-se o nome de ABSTRATOS aos substantivos que designam noções, ações, estados e qualidades, considerados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	otimismo	doçura
glória	opinião	limpeza	caridade	ira

SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS E COMUNS

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (DESIGNAÇÃO GENÉRICA) ou um indivíduo de determinada espécie (DESIGNAÇÃO ESPECÍFICA).

Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração, o substantivo é chamado COMUM.

Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é PRÓPRIO.

Assim, os substantivos *homem*, *país* e *cidade* são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. *Pedro*, *Brasil* e *Lisboa*, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade.

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

COLETIVOS são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Comparem-se, por exemplo, estas duas afirmações:

Cento e vinte milhões de brasileiros pensam assim.
O **povo** brasileiro pensa assim.

Na primeira enuncia-se um número enorme de brasileiros, mas representados como uma *quantidade de indivíduos*. Na segunda, sem indicação de número, sem indicar gramaticalmente a multiplicidade, isto é, com uma forma de singular, consegue-se agrupar maior número ainda de elementos, ou seja, *todos* os brasileiros como um conjunto harmônico.

Além desses coletivos que exprimem um todo, há na língua outros que designam:

a) uma parte organizada de um todo, como, por exemplo, *regimento*, *batalhão*, *companhia* (partes do coletivo geral *exército*);
b) um grupo acidental, como *grupo*, *multidão*, *bando*: *bando de andorinhas*, *bando de salteadores*, *bando de ciganos*;
c) um grupo de seres de determinada espécie: *boiada* (de bois), *ramaria* (de ramos).

Costuma-se também incluir entre os coletivos os nomes de corporações sociais, culturais e religiosas, como *assembleia*, *congresso*, *congregação*, *concílio*, *conclave* e *consistório*. Tais denominações afastam-se, no entanto, do tipo normal dos coletivos, pois não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, organizadas em uma entidade superior para determinado fim.

Eis alguns coletivos que merecem ser conhecidos:

alcateia (de lobos)
armento (de gado grande: bois, búfalos, etc.)
arquipélago (de ilhas)
atilho (de espigas)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores, etc.)
cacho (de bananas, de uvas, etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros, etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes, etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
falange (de soldados, de anjos)
farândula (de ladrões, de desordeiros, de assassinos, de maltrapilhos e de vadios)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
girândola (de foguetes)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios, etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)

manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
mó (de gente)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
penca (de bananas, de chaves)
plêiade (de poetas, de artistas)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
rebanho (de ovelhas)
récua (de bestas de carga)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores, de médicos)
vara (de porcos)

Observações:

1.ª) Excluímos dessa lista os NUMERAIS COLETIVOS, como *novena, década, dúzia,* etc., que designam um número de seres absolutamente exato. Leia-se, a propósito, o que dizemos na p. 384.

2.ª) O coletivo especial geralmente dispensa a enunciação da pessoa ou coisa a que se refere. Tal omissão é mesmo obrigatória quando o coletivo é um mero derivado do substantivo a que se aplica. Assim, dir-se-á:

A ramaria balouçava ao vento.
A papelada estava em ordem.

Quando, porém, a significação do coletivo não for específica, deve-se nomear o ser a que se refere:

Uma junta de médicos, de bois, etc.
Um feixe de capim, de lenha, etc.

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos podem variar em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

Quanto à flexão de NÚMERO, os substantivos podem estar:

a) no SINGULAR, quando designam um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (SUBSTANTIVO COLETIVO):

aluno	povo
cão	manada
mesa	tropa

b) no PLURAL, quando designam mais de um ser, ou mais de um desses conjuntos orgânicos:

alunos	povos
cães	manadas
mesas	tropas

Formação do plural

Substantivos terminados em vogal ou ditongo

REGRA GERAL: O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se acrescentando-se *-s* ao singular.

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
mesa	mesas	pai	pais
estante	estantes	pau	paus
tinteiro	tinteiros	lei	leis
rajá	rajás	chapéu	chapéus
boné	bonés	camafeu	camafeus
javali	javalis	herói	heróis
cipó	cipós	boi	bois
peru	perus	mãe	mães

Incluem-se nesta regra os substantivos terminados em vogal nasal. Como a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, em posição final, é representada graficamente por *-m*, e não se pode escrever *-ms*, muda-se o *-m* em *-n*. Assim: *bem* faz no plural *bens*; *flautim* faz *flautins*; *som* faz *sons*; *atum* faz *atuns*.

REGRAS ESPECIAIS:

1. Os substantivos terminados em -ão formam o plural de três maneiras:

a) a maioria muda a terminação *-ão* em *-ões*:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
balão	balões	gavião	gaviões
botão	botões	leão	leões
canção	canções	nação	nações
confissão	confissões	operação	operações
coração	corações	opinião	opiniões
eleição	eleições	questão	questões
estação	estações	tubarão	tubarões
fração	frações	vulcão	vulcões

Neste grupo se incluem todos os aumentativos:

Singular	Plural	Singular	Plural
amigalhão	amigalhões	moleirão	moleirões
bobalhão	bobalhões	narigão	narigões
casarão	casarões	paredão	paredões
chapelão	chapelões	pobretão	pobretões
dramalhão	dramalhões	rapagão	rapagões
espertalhão	espertalhões	sabichão	sabichões
facão	facões	vagalhão	vagalhões
figurão	figurões	vozeirão	vozeirões

b) um reduzido número muda a terminação *-ão* em *-ães*:

Singular	Plural	Singular	Plural
alemão	alemães	charlatão	charlatães
bastião	bastiães	escrivão	escrivães
cão	cães	guardião	guardiães
capelão	capelães	pão	pães
capitão	capitães	sacristão	sacristães
catalão	catalães	tabelião	tabeliães

c) um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um *-s* à forma singular:

Singular	Plural	Singular	Plural
cidadão	cidadãos	acórdão	acórdãos
cortesão	cortesãos	bênção	bênçãos
cristão	cristãos	gólfão	gólfãos
desvão	desvãos	órfão	órfãos
irmão	irmãos	órgão	órgãos
pagão	pagãos	sótão	sótãos

Observações:

1.ª) Neste grupo se incluem os monossílabos tônicos *chão, grão, mão* e *vão*, que fazem no plural *chãos, grãos, mãos* e *vãos*.

2.ª) *Artesão*, quando significa "artífice", faz no plural *artesãos*; no sentido de "adorno arquitetônico", o seu plural pode ser *artesãos* ou *artesões*.

2. Para alguns substantivos finalizados em *-ão*, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em *-ões*. É o caso dos seguintes:

Singular	Plural	Singular	Plural
alão	alãos	ermitão	ermitães
	alões		ermitãos
	alães		ermitões
alazão	alazães	hortelão	hortelãos
	alazões		hortelões
aldeão	aldeãos	refrão	refrães
	aldeões		refrãos
	aldeães	rufião	rufiães
anão	anãos		rufiões
	anões	sultão	sultões
ancião	anciãos		sultãos
	anciões		sultães
	anciães	truão	truães
castelão	castelãos		truões
	castelões	verão	verões
corrimão	corrimãos		verãos
	corrimões	vilão	vilãos
deão	deães		vilões
	deões		

Observação:

Corrimão, como composto de *mão*, devia apresentar apenas o plural *corrimãos*; a par desse, existe também *corrimões*, por esquecimento da formação original da palavra.

Plural com alteração de timbre da vogal tônica

1. Alguns substantivos, cuja vogal tônica é *o* fechado, além de receberem a desinência *-s*, mudam, no plural, o *o* fechado [o] para aberto [ɔ]. Apontem-se os seguintes:

abrolho	escolho	olho	rogo
caroço	esforço	osso	sobrolho

contorno	estorvo	ovo	socorro
corcovo	fogo	poço	tijolo
coro	forno	porco	toco
corno	foro	porto	tojo
corpo	fosso	posto	tordo
corvo	imposto	povo	torno
despojo	jogo	reforço	troco
destroço	miolo	renovo	troço

2. Note-se, porém, que muitos substantivos conservam no plural o o fechado do singular. Entre outros, não alteram o timbre da vogal tônica:

acordo	encosto	moço	potro
adorno	engodo	molho	reboco
bojo	estojo	morro	repolho
bolo	ferrolho	mosto	restolho
cachorro	globo	namoro	rolo
coco	golfo	piloto	rosto
colmo	gosto	piolho	sopro
consolo	lobo	poldro	suborno
dorso	logro	polvo	topo

3. Por vezes diverge, na formação desses plurais, a norma culta de Portugal e a do Brasil. É o caso, por exemplo, dos substantivos almoço, bolso e sogro, que, no plural, apresentam a vogal aberta [ɔ] em Portugal e fechada [o] no Brasil.[1]

Cumpre advertir, por fim, que, no curso histórico da língua, certos substantivos alteraram o timbre da vogal tônica no plural e que outros, ainda hoje, vacilam no preferir uma das duas soluções.

Observação:

Atente-se na distinção entre *molho* "condimento" (por ex.: *o molho da carne*) e *molho* "feixe" (por ex.: *um molho de chaves*), palavras que conservam no plural a mesma diferença de timbre da vogal tônica: *môlhos* e *mólhos*.

---

[1] A propósito da formação desses plurais, vejam-se, especialmente: A. d'Almeida Cavacas. *A língua portuguesa e a sua metafonia*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921; Edwaldo Cafezeiro. *A metafonia portuguesa: aspectos sincrônicos e diacrônicos*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981 (texto policopiado).

Substantivos terminados em consoante

1. Os substantivos terminados em *-r*, *-z* e *-n* formam o plural acrescentando *-es* ao singular:

Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
mar	mares	rapaz	rapazes	abdômen	abdômenes
açúcar	açúcares	xadrez	xadrezes	cânon	cânones
colher	colheres	raiz	raízes	dólmen	dólmenes
reitor	reitores	cruz	cruzes	líquen	líquenes

Observações:

1.ª) O plural de *caráter* (escrito *carácter* na ortografia portuguesa) é, tanto no Brasil como em Portugal, *caracteres*, com deslocação do acento tônico e articulação do *c* que possuía de origem.

2.ª) Também com deslocação do acento é o plural dos substantivos *espécimen*, *Júpiter* e *Lúcifer*: *especímenes*, *Jupíteres* e *Lucíferes*.

Advirta-se, porém, que, a par de *Lúcifer*, há *Lucifer*, forma antiga no idioma, cujo plural é, naturalmente, *Luciferes*.

2. Os substantivos terminados em *-s*, quando oxítonos, formam o plural acrescentando também *-es* ao singular; quando paroxítonos, são invariáveis:

Singular	Plural	Singular	Plural
o ananás	os ananases	o atlas	os atlas
o português	os portugueses	o pires	os pires
o revés	os reveses	o lápis	os lápis
o país	os países	o oásis	os oásis
o retrós	os retroses	o ônibus	os ônibus

Observações:

1.ª) O monossílabo *cais* é invariável. *Cós* é geralmente invariável, mas documenta-se também o plural *coses*.

2.ª) Como os paroxítonos terminados em *-s*, os poucos substantivos existentes finalizados em *-x* são invariáveis: *o tórax — os tórax, o ônix — os ônix*.

3. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* substituem no plural o *-l* por *-is*:

Singular	Plural	Singular	Plural
animal	animais	farol	faróis
papel	papéis	lençol	lençóis
móvel	móveis	álcool	álcoois
níquel	níqueis	paul	pauis

Observação:

Excetuam-se as palavras *mal, real* (moeda), *cônsul* e seus derivados, que fazem, respectivamente, *males, réis, cônsules* e, por este, *procônsules, vice-cônsules.*

4. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* mudam o *-l* em *-s*:

Singular	Plural	Singular	Plural
ardil	ardis	funil	funis
barril	barris	fuzil	fuzis
covil	covis	redil	redis

5. Os substantivos paroxítonos terminados em *-il* substituem esta terminação por *-eis*:

Singular	Plural	Singular	Plural
fóssil	fósseis	réptil	répteis

Observações:

1.ª) Além de *projetil*, pronúncia mais generalizada no Brasil, há na língua a variante paroxítona *projétil*, com o plural *projéteis*, que é a pronúncia normal portuguesa.

2.ª) *Réptil*, pronúncia que postula a origem latina da palavra, tem a variante *reptil*, cujo plural é, naturalmente, *reptis.*

6. Nos diminutivos formados com os sufixos *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o *-s* do plural do substantivo primitivo.
Assim:

Singular	Plural
balãozinho	balõe(s) + zinhos > balõezinhos
papelzinho	papéi(s) + zinhos > papeizinhos
colarzinho	colare(s) + zinhos > colarezinhos
cãozito	cãe(s) + zitos > cãezitos

Substantivos de um só número

1. Há substantivos que só se empregam no plural. Assim:

alvíssaras	cãs	fezes	primícias
anais	condolências	matinas	víveres
antolhos	esponsais	núpcias	copas (naipe)
arredores	exéquias	óculos	espadas (naipe)
belas-artes	fastos	olheiras	ouros (naipe)
calendas	férias	pêsames	paus (naipe)

2. Outros substantivos existem que se usam habitualmente no singular. Assim os nomes de metais e os nomes abstratos: *ferro, ouro, cobre*; *fé, esperança, caridade*. Quando aparecem no plural, têm de regra um sentido diferente. Comparem-se, por exemplo, *cobre* (metal) a *cobres* (dinheiro), *ferro* (metal) a *ferros* (ferramentas, aparelhos).

Substantivos compostos

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Observem-se, porém, as seguintes normas, com fundamento na grafia:

1.ª) Quando o substantivo composto é constituído de palavras que se escrevem ligadamente sem hífen, forma o plural como se fosse um substantivo simples:

aguardente(s)	claraboia(s)	malmequer(es)	lobisomem(-mens)
varapau(s)	ferrovia(s)	pontapé(s)	vaivém(-véns)

2.ª) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar todos ou apenas um deles:

Singular	Plural	Singular	Plural
couve-flor	couves-flores	grão-mestre	grão-mestres
obra-prima	obras-primas	guarda-marinha	guardas-marinha
salvo-conduto	salvos-condutos	guarda-roupa	guarda-roupas

Note-se, porém, que:

a) quando o primeiro termo do composto é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
guarda-chuva	guarda-chuvas	bate-boca	bate-bocas
sempre-viva	sempre-vivas	abaixo-assinado	abaixo-assinados
vice-presidente	vice-presidentes	grão-duque	grão-duques

b) quando os termos componentes se ligam por preposição, só o primeiro toma a forma de plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
chapéu de sol	chapéus de sol	peroba-do-campo	perobas-do-campo
pão de ló	pães de ló	joão-de-barro	joões-de-barro
pé de cabra	pés de cabra	mula sem cabeça	mulas sem cabeça

c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico:

Singular	Plural	Singular	Plural
navio-escola	navios-escola	banana-prata	bananas-prata
salário-família	salários-família	manga-espada	mangas-espada

d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjetivo:

Singular	Plural	Singular	Plural
carta-bilhete	cartas-bilhetes	gentil-homem	gentis-homens
tenente-coronel	tenentes-coronéis	água-marinha	águas-marinhas
amor-perfeito	amores-perfeitos	vitória-régia	vitórias-régias

GÊNERO

1. Há dois gêneros em português: o MASCULINO e o FEMININO.
   O masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado.

2. Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

   o aluno o pão o poema o jabuti

Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a casa a mão a ema a juriti

3. O gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.
Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber:

Quanto à significação

1. São geralmente masculinos:
a) os nomes de homens ou de funções por eles exercidas:

João mestre padre rei

b) os nomes de animais do sexo masculino:

cavalo galo gato peru

c) os nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos, nos quais se subentendem as palavras *lago*, *monte*, *oceano*, *rio* e *vento*, que são masculinas:

o Amazonas [= o rio Amazonas]
o Atlântico [= o oceano Atlântico]
o Ládoga [= o lago Ládoga]
o Minuano [= o vento Minuano]
os Alpes [= os montes Alpes]

d) os nomes de meses e dos pontos cardeais:

março findo o Norte
setembro vindouro o Sul

2. São geralmente femininos:
a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas:

Maria professora freira rainha

b) os nomes de animais do sexo feminino:

égua galinha gata perua

c) os nomes de cidades e ilhas, nos quais se subentendem as palavras *cidade* e *ilha*, que são femininas:

a antiga Ouro Preto a Sicília as Antilhas

Observação:

Alguns nomes de cidades, como *Rio de Janeiro*, *Porto*, *Cairo*, *Havre*, são masculinos pelas razões que aduzimos no capítulo seguinte, ao tratarmos do EMPREGO DO ARTIGO.

Quanto à terminação

1. São masculinos os nomes terminados em *-o* átono:

o aluno o livro o lobo o banco

2. São geralmente femininos os nomes terminados em *-a* átono:

a aluna a caneta a loba a mesa

Excetuam-se, porém, *clima*, *cometa*, *dia*, *fantasma*, *mapa*, *planeta*, *telefonema*, *fonema* e outros mais, que serão estudados adiante.

3. Dos substantivos terminados em *-ão*, os concretos são masculinos e os abstratos femininos:

o agrião	o algodão	a educação	a opinião
o balcão	o feijão	a produção	a recordação

Excetua-se *mão*, que, embora concreto, é feminino.

Fora desses casos, é sempre difícil conhecer-se pela terminação o gênero de um dado substantivo.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitoa
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

Dos exemplos acima verifica-se que a forma do feminino pode ser:

a) completamente diversa da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto:

bode cabra homem mulher

b) derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou o acréscimo de desinências:

aluno aluna cantor cantora

Examinemos, pois, à luz desses dois processos, a formação do feminino dos substantivos de nossa língua.

Masculinos e femininos de radicais diferentes

Convém conhecer os seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bode	cabra	genro	nora
boi (ou touro)	vaca	homem	mulher
cão	cadela	macho	fêmea
carneiro	ovelha	marido	mulher
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	padrinho	madrinha
compadre	comadre	pai	mãe
frei	sóror (ou soror)	zangão	abelha

Femininos derivados de radical do masculino

REGRAS GERAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-o* átono formam normalmente o feminino substituindo essa desinência por *-a*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
gato	gata	pombo	pomba
lobo	loba	aluno	aluna

Observação:

Além das formações irregulares que vimos, há um pequeno número de substantivos terminados em *-o* que, no feminino, substituem essa final por desinências especiais.

Assim:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
diácono	diaconisa	maestro	maestrina
galo	galinha	silfo	sílfide

2.ª) Os substantivos terminados em consoante formam normalmente o feminino com o acréscimo da desinência *-a*.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
camponês	camponesa	leitor	leitora
freguês	freguesa	pintor	pintora

REGRAS ESPECIAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino de três maneiras:

a) mudando a terminação *-ão* em *-oa*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
ermitão	ermitoa	leitão	leitoa
hortelão	horteloa	patrão	patroa

b) mudando a terminação *-ão* em *-ã*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
aldeão	aldeã	castelão	castelã
anão	anã	cidadão	cidadã
ancião	anciã	cirurgião	cirurgiã
anfitrião	anfitriã	cortesão	cortesã
campeão	campeã	irmão	irmã

c) mudando a terminação *-ão* em *-ona*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bonachão	bonachona	moleirão	moleirona
comilão	comilona	paspalhão	paspalhona
espertalhão	espertalhona	pobretão	pobretona
figurão	figurona	sabichão	sabichona
folião	foliona	solteirão	solteirona

Observações:

1.ª) Como se vê, os substantivos que fazem o feminino em *-ona* são os aumentativos ou adjetivos substantivados.

2.ª) Além dos anômalos *cão* e *zangão*, a que já nos referimos, não seguem estes três processos de formação os substantivos seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
barão	baronesa	maganão	magana
ladrão	ladra	perdigão	perdiz
lebrão	lebre	sultão	sultana

Usa-se às vezes *ladrona* por *ladra*.

2.ª) Os substantivos terminados em *-or* formam normalmente o feminino, como dissemos, com o acréscimo da desinência *-a*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
pastor	pastora	remador	remadora

Alguns, porém, fazem o feminino em *-eira*. Assim: *cantador – cantadeira*, *cerzidor – cerzideira*.

Outros, dentre os finalizados em *-dor* e *-tor*, mudam estas terminações em *-triz*. Assim: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*.

Observação:

De *embaixador* há, convencionalmente, dois femininos: *embaixatriz* (a esposa de embaixador) e *embaixadora* (funcionária chefe de embaixada).

3.ª) Certos substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-esa*, *-essa* e *-isa*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
abade	abadessa	diácono	diaconisa
barão	baronesa	duque	duquesa
conde	condessa	sacerdote	sacerdotisa

Observação:

De *prior* há o feminino *prioresa* (superiora de certas ordens) e *priora* (irmã de Ordem Terceira). *Príncipe* faz no feminino *princesa*.

4.ª) Os substantivos terminados em *-e*, não incluídos entre os que acabamos de mencionar, são geralmente uniformes. Essa igualdade formal para os dois gêneros é, como veremos adiante, quase que absoluta nos finalizados em *-nte*, de regra originários de particípios presentes e de adjetivos uniformes latinos. Há, porém, um pequeno número que, à semelhança da substituição *-o* (masculino) por *-a* (feminino), troca o *-e* por *-a*.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
elefante	elefanta	mestre	mestra
governante	governanta	monge	monja
infante	infanta	parente	parenta

Observação:

Os femininos *giganta* (de *gigante*), *hóspeda* (de *hóspede*) e *presidenta* (de *presidente*) têm ainda curso restrito no idioma.

5.ª) São dignos de nota os femininos dos seguintes substantivos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
avô	avó	maestro	maestrina
cônsul	consulesa	píton	pitonisa
czar	czarina	poeta	poetisa
felá	felaína	profeta	profetisa

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
frade	freira	rajá	rani
grou	grua	rapaz	rapariga, moça
herói	heroína	rei	rainha
jogral	jogralesa	réu	ré

Observação:

Rapariga é o feminino de *rapaz* mais usado em Portugal. No Brasil, prefere-se *moça* em razão do valor pejorativo que, em certas regiões, o primeiro termo adquiriu.

Substantivos uniformes

Substantivos epicenos

Denominam-se EPICENOS os nomes de *animais* que possuem um só gênero gramatical para designar um e outro sexo.

Assim:

a águia	a mosca	o besouro	o polvo
a baleia	a onça	o condor	o rouxinol
a borboleta	a pulga	o crocodilo	o tatu
a cobra	a sardinha	o gavião	o tigre

Observação:

Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se então ao substantivo as palavras *macho* e *fêmea*: *crocodilo macho*, *crocodilo fêmea*; o *macho* ou a *fêmea do jacaré*.

Substantivos sobrecomuns

Chamam-se SOBRECOMUNS os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar *pessoas* de ambos os sexos.

Assim:

o algoz	o cônjuge	a criança	a testemunha
o apóstolo	o indivíduo	a criatura	a vítima
o carrasco	o verdugo	a pessoa	

Observação:

Neste caso, querendo-se discriminar o sexo, diz-se, por exemplo: *o cônjuge feminino*; *uma pessoa do sexo masculino*.

Substantivos comuns de dois gêneros

Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois gêneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro determinativo acompanhante. Chamam-se COMUNS DE DOIS GÊNEROS estes substantivos.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o agente	a agente	o herege	a herege
o artista	a artista	o imigrante	a imigrante
o camarada	a camarada	o indígena	a indígena
o colega	a colega	o intérprete	a intérprete
o colegial	a colegial	o jovem	a jovem
o cliente	a cliente	o jornalista	a jornalista
o compatriota	a compatriota	o mártir	a mártir
o dentista	a dentista	o selvagem	a selvagem
o estudante	a estudante	o servente	a servente
o gerente	a gerente	o suicida	a suicida

Observações:

1.ª) São COMUNS DE DOIS GÊNEROS todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em *-ista*: *o pianista, a pianista*; *um anarquista, uma anarquista.*

2.ª) Diz-se, indiferentemente, *o personagem* ou *a personagem* com referência ao protagonista homem ou mulher.

Mudança de sentido na mudança de gênero

Há um certo número de substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

Substantivos masculinos terminados em *-a*

Vimos que, embora a terminação *-a* seja de regra denotadora do feminino, há vários masculinos com essa terminação: *artista, camarada, colega, poeta, profeta*, etc. Alguns destes substantivos apresentam uma forma própria para o feminino, como *poeta* (*poetisa*) e *profeta* (*profetisa*); a maioria, no entanto distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado: *o compatriota, a compatriota*; *este jornalista, aquela jornalista*; *meu camarada, minha camarada.*

Um pequeno número de substantivos em *-a* existe, todavia, que só se usa no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Assim:

jesuíta	nauta	patriarca	heresiarca
monarca	papa	pirata	tetrarca

Observações:

1.ª) Entre os substantivos que designam *coisas*, são masculinos os terminados em *-ema* e *-oma* que se originam de palavras gregas:

anátema	edema	sistema	diploma
cinema	estratagema	telefonema	idioma
diadema	fonema	tema	aroma
dilema	poema	teorema	axioma
emblema	problema	trema	coma

2.ª) Embora a palavra *grama* se use também no gênero feminino (*quinhentas gramas*), os seus compostos mantêm-se no gênero masculino: *um miligrama, o quilograma.*

Substantivos de gênero vacilante

Substantivos há em cujo emprego se nota vacilação de gênero. Eis alguns, para os quais se recomenda a seguinte preferência:

a) GÊNERO MASCULINO:

ágape	clã	gengibre	sanduíche
antílope	contralto	lança-perfume	soprano
caudal	diabete(s)	praça (soldado)	suéter

b) GÊNERO FEMININO:

abusão	áspide	jaçanã	ordenança
alcíone	fácies	juriti	sentinela
aluvião	filoxera	omoplata	sucuri

GRAU

Um substantivo pode apresentar-se:

a) com a sua significação normal: *chapéu, boca*;
b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (GRAU AUMENTATIVO): *chapelão, bocarra*; *chapéu grande, boca enorme*;
c) com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (GRAU DIMINUTIVO): *chapeuzinho, boquinha*; *chapéu pequeno, boca minúscula.*

Vemos, portanto, que a GRADAÇÃO do significado de um substantivo se faz por dois processos:

a) SINTETICAMENTE, mediante o emprego de sufixos especiais, que estudamos no capítulo 6; assim: *chape-l-ão, boc-arra*; *chapeu-zinho, boqu-inha*;
b) ANALITICAMENTE, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções: *chapéu grande, boca enorme*; *chapéu pequeno, boca minúscula.*

Valor das formas aumentativas e diminutivas

Convém ter presente que o que denominamos AUMENTATIVO e DIMINUTIVO nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos *grande* e *pequeno*, ou sinônimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim: *narigão, beiçorra, pratalhaz* ou *pratarraz, atrevidaço, porcalhão*, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO.

"O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona — quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga." [2]

---

[2] Silvia Skorge. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 17: 50-51, 1958.

Observação:

A rigor, a flexão de GRAU é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo — o NORMAL, o AUMENTATIVO e o DIMINUTIVO — em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, que, neste ponto, seguem uma longa tradição no ensino do idioma.

Especialização de formas

Muitas formas originariamente aumentativas e diminutivas adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra derivante. Nestes casos, não se pode mais, a rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, na verdade, palavras em sua acepção normal.

Assim:

cartão	portão	corpete	lingueta
ferrão	cartilha	flautim	pastilha
florão	cavalete	folhinha (= calendário)	vidrilho

EMPREGO DO SUBSTANTIVO

FUNÇÕES SINTÁTICAS DO SUBSTANTIVO

O SUBSTANTIVO pode figurar na oração como:

1. SUJEITO:

Samuel está desolado.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 127.)

O **pasmo** e a **felicidade** transtornaram-no.
(C. de Oliveira, *AC*, 122.)

2. PREDICATIVO:

a) DO SUJEITO:

Eu já não sou **funcionário**.
(Castro Soromenho, *TM*, 243.)

De maneiras finas, era um **fidalgo**.
(N. Piñon, *FD*, 61.)

b) DO OBJETO DIRETO:

De toda parte, aclamavam-no **herói**.
(R. Pompeia, *A*, 108.)

O amor... Como adora o marido, como deve ser bom tê-la **por esposa**.
(A. Abelaira, *NC*, 25.)

c) DO OBJETO INDIRETO:

Eram capazes de me chamar **sacristão**.
(F. Namora, *TJ*, 214.)

Irmão lhe chamaria, mas irmão
por quê, se a vida nova
se nutre de outros sais, que não sabemos?
(C. Drummond de Andrade, *R*, 169-170.)

3. OBJETO DIRETO:

Eu arranjo umas **velinhas**.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 203).

O velho não desvia os **olhos**.
(Alves Redol, *FM*, 195.)

4. OBJETO INDIRETO:

O que Amélia, naquele instante, pediria a **Deus**?
(J. Lins do Rego, *FM*, 236.)

Aos **marteleiros**, dá-se um salário, aos **estivadores** e **saibreiros** outro, negócio de "pinchas" outro.
(A. Ribeiro, *V*, 41.)

5. COMPLEMENTO NOMINAL:

O talento é um complexo de virtudes, às vezes inseparáveis de **defeitos**.
(F. Namora, *E*, 119.)

Lúcia era particularmente sensível à **nota** humana.
(A. Peixoto, *RC*, 49.)

6. ADJUNTO ADVERBIAL:

De **Braga** voltamos às **Caldas.**
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 11.)

Contemplaram-se em **silêncio.**
(É. Veríssimo, *LS*, 153.)

7. AGENTE DA PASSIVA:

Fomos apresentados um ao outro por **Silva Jardim.**
(R. Correia, *PCP*, 559.)

A investida é observada de longe pelos **sitiantes.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 355.)

8. APOSTO:

Ia haver um baile na Faculdade de Direito, o **baile** dos calouros, o meu **baile.**
(C. dos Anjos, *MS*, 345.)

Os dois, **governador e filho**, encarregaram-se de todos os aprestos da sua viagem para o Paraguai.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 104.)

9. VOCATIVO:

— **Prima**, venha conhecer o compadre.
(J. C. de Carvalho, *CL*, 69.)

Eu tenho, **Amor**, a cinta esbelta e fina...
(F. Espanca, *S*, 96.)

SUBSTANTIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL

1. Precedido de preposição, pode o SUBSTANTIVO formar uma LOCUÇÃO ADJETIVA, que funciona como ADJUNTO ADNOMINAL.
Assim:

uma vontade **de ferro** [= férrea]
um menino **às direitas** [= correto]
uma pessoa **sem entranhas** [= perversa]
uma força **de Hércules** [= hercúlea]

2. Em função de ADJUNTO ADNOMINAL, pode também o SUBSTANTIVO referir-se diretamente a outro SUBSTANTIVO.
Comparem-se expressões do tipo:

um riso **canalha** — uma recepção **monstro**
um ar **província** — uma atitude **povo**

Exemplos literários:

Durante essas ruas **paris**
de Barcelona, tão **avenida**
entre uma gente meio **londres**
urbanizada em mansas filas,
chegava a desafio
seu caminhar **sevilha**:
que é levando a cabeça
em flor que fosse espiga.
(J. Cabral de Melo Neto, *PC*, 87-88.)

Évora! Ruas ermas sob os céus
Cor de violetas roxas... Ruas **frades**
Pedindo em triste penitência a Deus
Que nos perdoe as míseras vaidades!
(F. Espanca, *S*, 149)

SUBSTANTIVO CARACTERIZADOR DE ADJETIVO

Os adjetivos referentes a cores podem ser modificados por um SUBSTANTIVO que melhor precise uma de suas tonalidades, um de seus matizes.
Assim:

amarelo-**canário** — verde-**garrafa**
azul-**petróleo** — roxo-**batata**

Neste emprego o substantivo equivale a uma advérbio de modo.[3]

---

[3] Cf. R. L. Wagner – J. Pinchon. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1962, p. 76. Sobre a interpretação e a duvidosa vernaculidade das expressões do tipo *ramagens verde-garrafa*, *olhos verde-mar*, leiam-se as observações de Mário Barreto, em

SUBSTANTIVO CARACTERIZADO POR UM NOME

Recurso expressivo, generalizado nas línguas românicas[4], é a caracterização de um SUBSTANTIVO por meio de um NOME (substantivo ou adjetivo) anteposto, ligado pela preposição *de*, num sintagma nominal do tipo:

O raio do menino
A desgraçada da mulher

Em que pese às divergências quanto à interpretação dos valores semânticos e sintáticos que entram em jogo nessa estrutura nominal, todos reconhecem a intensidade afetiva de sua caracterização antecipada. A feição particular desta parece advir de, ao mesmo tempo, estar ligada pelo estreito vínculo de uma preposição e gozar do realce significativo que seria o de um aposto ou de uma predicação nominal.

O SUBSTANTIVO COMO NÚCLEO DAS FRASES SEM VERBO

As FRASES NOMINAIS, organizadas sem verbo, têm o substantivo como centro. É o que se verifica, por exemplo:

a) nas exclamações:

Ó minha amada,
Que olhos os teus!
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Novos estudos da língua portuguesa, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1921, p. 375-377; e de Sousa da Silveira, em *Trechos seletos*, 4.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 68.

4 É já numerosa a bibliografia relativa a esta construção. Citamos aqui apenas as contribuições mais importantes: Alf Lombard. Li fel d'anemis. Ce fripon de valet. *Studier i Modern Sparakvetenskap*, Upsala, 2: 145-215, 1931; André Eskénazi. Quelques remarques sur le type *ce fripon de valet* et sur certaines fonctions syntaxiques de la préposition *de*. *Le Français Moderne*, 35: 184-200, 1967; Mariana Tutescu. Le Type nominal *ce fripon de valet*. *Revue de Linguistique Romane*, 33: 299-316, 1969; M. Regula. Encore une fois "ce fripon de valet". *Ibid.* 36: 107-111, 1972.
Sobre o uso da construção em espanhol, veja-se Rafael Lapesa. Sobre las construcciones *El diablo del toro*, *El bueno de Minaya*, *¡Ay de mí!*, *¡Pobre de Juan!*, *Por malos de pecados*. *Filología*, 8: 169-184, 1962. Quanto ao emprego em português, consulte-se M. M. Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 111-121.

Ó bendita paisagem! Terra estranha
De antigos pinheirais e alegres campos,
Ei-la silêncio, solidão, montanha!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, IV, 34.)

b) nas indicações sumárias:

Fim da tarde, boquinha da noite
com as primeiras estrelas
e os derradeiros sinos.
(J. de Lima, *OC*, I, 225.)

Canto litúrgico em latim abastardado: vozes rurais e gritadas, quase todas femininas. Sobe o pano. Escuro total. Silêncio.
(B. Santareno, *TPM*, 9.)

c) em títulos como:

Amanhã, Benfica e Flamengo no Maracanã.
Nova crise no Oriente Médio.
Terremoto no Japão.

Capítulo 9

Artigo

ARTIGO DEFINIDO E INDEFINIDO

Dá-se o nome de ARTIGOS às palavras *o* (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar:

a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos:

> Levanta-se, vai **à** mesa, tira um cigarro **da** caixa de laca, acende **o** cigarro **no** isqueiro, larga **o** isqueiro, volta **ao** sofá.
> (F. Botelho, *X*, 183.)

> Atravessaram **o** pátio, deixaram **na** escuridão **o** chiqueiro e **o** curral, vazios, de porteiras abertas, **o** carro de bois que apodrecia, **os** juazeiros.
> (G. Ramos, *VS*, 161.)

b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior:

> Vi que estávamos **num** velho solar, de certa imponência. **Uma** fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras **um** alpendre assente em grossas colunas.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 21.)

> Era **uma** casinha nova, a meia encosta, com trepadeiras pela varanda. Tinha **um** pomar pequeno de laranjeiras e marmeleiros e mais **uma** hortazinha, ao longo do rego que descia do morro.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

No primeiro caso, dizemos que o artigo é DEFINIDO; no segundo, INDEFINIDO.

Observação:

"O artigo é um signo que exige a presença de outro (ou outros) com o qual se associa em sintagma: um signo dependente. Por outra parte, pertence ao tipo de signos que se agrupam em paradigmas ou inventários limitados, fechados: os signos morfológicos, cujos conteúdos — os morfemas — constituem o sistema gramatical, em oposição aos signos léxicos, caracterizados por constituírem inventários abertos, ilimitados" (E. Alarcos Llorach. El artículo en español. In *To Honor Roman Jakobson*: Essays on the Occasion of His Seventieth Birthday, 1. The Hague-Paris, Mouton, 1967, p. 19).

FORMAS DO ARTIGO

Formas simples

1. São estas as formas simples do artigo:

	ARTIGO DEFINIDO		ARTIGO INDEFINIDO	
	Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

2. No português antigo havia as formas *lo* (*la*, *los*, *las*) e *el* do artigo definido. *Lo* (e suas variações) só aparece hoje, como artigo, em construções estereotipadas do tipo *mai-lo* (= *mais o*), ocorrentes em falares de Portugal, e que alguns escritores têm incorporado a suas obras, como nos mostra este passo:

> Veio da terra, **mai-lo** seu moinho.
> (A. Nobre, *S*, 26.)

Há resquício da antiga forma feminina *la* em *alfim* (aglutinação de *a la fim*), mas em certas expressões como *a la cria*, *a la fresca*, usadas por alguns escritores gaúchos, o artigo é um mero espanholismo, de introdução moderna. Veja-se este exemplo:

> **A la fresca!**... que ninho!
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 185.)

3. A forma arcaica *el* do artigo masculino fossilizou-se na titulatura *el-rei*, talvez por influência da conservadora linguagem da Corte:

> Então o terceiro a **El-Rei** rogou
> Licença de os buscar, e **El-Rei** negou.
> (F. Pessoa, *OP*, 25.)

Vejam-se topônimos atuais, como *São João del-Rei*, e outros antigos, como *São José del-Rei* (hoje *Tiradentes*) e *Sergipe del-Rei*:

> Dos Azevedos, família antiga na província de **Sergipe d'El-Rei**, viviam na Estância três irmãs, Felicidade, Turíbia, Umbelina e um irmão padre.
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

Formas combinadas do artigo definido

1. Quando o substantivo, em função de complemento ou de adjunto, se constrói com uma das preposições *a*, *de*, *em* e *por*, o ARTIGO DEFINIDO que o acompanha combina-se com essas preposições, dando:

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO			
	o	**a**	**os**	**as**
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

2. **Crase.** O artigo definido feminino quando vem precedido da preposição *a*, funde-se com ela, e tal fusão (= CRASE) é representada na escrita por um acento grave sobre a vogal (*à*).
   Assim:

Vou **a**	+	**a** cidade	=	Vou **à** cidade
preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*.		artigo que determina o substantivo cidade		*a* craseado, a que se aplica o acento grave.

Não raro, o *à* vale como redução sintática da expressão *à moda de* (= *à maneira de, ao estilo de*):

> As bordaduras e os recamos de oiro, os veludos e sedas de fora, talhados **à francesa**, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes.
> (Rebelo da Silva, *CL*, 175.)

> Mas o major? Por que não ria **à inglesa**, nem **à alemã**, nem **à francesa**, nem **à brasileira**? Qual o seu gênero?
> (Monteiro Lobato, *U*, 117.)

Observação:

Como se vê, o conhecimento do emprego da forma feminina do artigo definido é de grande importância para se aplicar acertadamente o acento grave denotador da crase com a preposição *a*. Tal conhecimento torna-se mesmo imprescindível no caso dos falantes do português do Brasil, que não distinguem, pela pronúncia, a vogal singela *a* (do artigo ou da preposição) daquela proveniente de crase. Convém, por isso, atentar-se sempre na construção de determinada palavra com outras preposições para se saber se ela exige ou dispensa o artigo. Assim, escreveremos:

> Vou **à feira** e, depois, irei **a Copacabana**.

porque também diremos:

> Vim **da feira** e, depois, passei **por Copacabana**.

3. Quando a preposição antecede o artigo definido que faz parte do título de obras (livros, revistas, jornais, contos, poemas, etc.), não há uma prática uniforme. Na língua escrita, porém, deve-se neste caso:

a) ou evitar a contração, pelo modelo:

> Camões é o autor **de Os Lusíadas**.
> A notícia saiu **em O Globo**.

b) ou indicar pelo apóstrofo a supressão da vogal da preposição:

> Camões é o autor **d'Os Lusíadas**.
> A notícia saiu **n'O Globo**.

Tenha-se presente que as grafias *dos Lusíadas* e *no Globo* — talvez as mais frequentes — deturpam o título do poema e do jornal em causa.

Observação:

As duas soluções apontadas são admitidas pela ortografia portuguesa. No Brasil, porém, o Formulário Ortográfico de 1943 não preceitua o emprego do apóstrofo para indicar a supressão da vogal da preposição.

4. Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos de sua aglutinação na prática dos melhores escritores:

> A circunstância **de as** vindimas juntarem a família prestava-se a uma reunião anual na Junceda.
> (M. Torga, *V*, 159.)

> — Estou-me esforçando, Sr. Juiz, por conservar o jeito especial **de o** garoto falar.
> (A. M. Machado, *HR*, 27.)

> Dona Rosa, Dona Rosa,
> Quando eras inda botão
> Disseram-te alguma cousa
> **De a** flor não ter coração?
> (F. Pessoa, *QGP*, nº. 160.)

5. A antiga preposição *per* contraía-se com *lo*(*s*), *la*(*s*), formas primitivas do artigo definido, produzindo *pelo*(*s*), *pela*(*s*). Estas contrações vieram substituir *polo*(*s*) e *pola*(*s*), de emprego normal no português clássico, como ilustram estes versos camonianos:

> Pois **polos** doze pares dar-vos quero
> Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço.
> (*L*, I, 12.)

> Da Lua os claros raios rutilavam
> **Polas** argênteas ondas Neptuninas.
> (*L*, I, 58.)

Formas combinadas do artigo indefinido

1. O ARTIGO INDEFINIDO pode contrair-se com as preposições *em* e *de*, originando:

numa	numa	nuns	numas
dum	duma	duns	dumas

2. As preposições *em* e *de*, antepostas ao artigo indefinido que integra o título de obras, separam-se dele na escrita:

> Sofríamos do que, **em Um Olhar sobre a Vida**, qualifiquei de "insônia internacional".
> (Genolino Amado, *RP*, 21.)

> Ou no caso da outra Maria, a **de Um Capitão de Voluntários**, criatura esta "mais quente e mais fria do que ninguém".
> (A. Meyer, *SE*, 45.)

3. Também não é aconselhável a contração do artigo indefinido com a preposição que se relaciona com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz:

> A obra atrasou-se em virtude **de uns operários** se terem acidentado.

VALORES DO ARTIGO

A DETERMINAÇÃO

1. Comparando-se esta frase de Alceu Amoroso Lima,

> Foi chegando **um** caboclinho magro, com **uma** taquara na mão.
> (*AA*, 40.)

às seguintes,

> Foi chegando **o** caboclinho magro, com **a** taquara na mão.
> Foi chegando **este** caboclinho magro, com **esta** taquara na mão.

verifica-se que a determinação dos substantivos *caboclinho* e *taquara* se vai tornando mais precisa, à medida que se passa do ARTIGO INDEFINIDO (*um*, *uma*) para o ARTIGO DEFINIDO (*o*, *a*) e, depois, para o DEMONSTRATIVO (*este*, *esta*). No primeiro caso, indica-se apenas a *espécie* dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos substantivos, com *individualizá-los*, *defini-los*. No terceiro, limita-se ainda

mais o sentido dos substantivos, que aparecem situados no *espaço* e no *tempo*. Exemplificando: *este caboclinho magro* não é *um caboclinho magro qualquer* (INDEFINIDO), nem *o caboclinho magro*, que o interlocutor conhece (DEFINIDO), mas o que está no momento perto da pessoa que fala.
Por outras palavras: o ARTIGO DEFINIDO é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado: o ARTIGO INDEFINIDO, ao contrário, é por excelência um sinal da falta de notoriedade, de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

2. Quer seja DEFINIDO (*o* e suas variações *a*, *os*, *as*), quer seja INDEFINIDO (*um* e suas variações *uma*, *uns*, *umas*), o ARTIGO caracteriza-se por ser a palavra que introduz o substantivo indicando-lhe o gênero e o número.
Assim sendo:

a) qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo se torna substantivo:

O ato literário é o conjunto **do escrever** e **do ler.**
(F. Namora, *E*, 111.)

Tudo no mundo começou com **um sim.**
(C. Lispector, *HE*, 15.)

Que motivo é este **do "não sei quê"**, pergunta o Leitor.
(A. Meyer, *CM*, 79.)

b) o artigo faz aparecer o gênero e o número do substantivo:

o Amazonas	as amazonas	o cliente	a cliente
o pires	os pires	as bibliotecas	os astecas
o pianista	a pianista	um pirata	uma gravata
um quilograma	a ama	o jabuti	a juriti
o pão	a mão	um barão	a produção
o clã	a irmã	um poema	a ema

Com isso, permite a distinção de substantivos homônimos, tais como:

o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO

COM OS SUBSTANTIVOS COMUNS

Na língua de nossos dias, o ARTIGO DEFINIDO é, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie.

Assim:

> **O** aparelho de chá, **o** faqueiro, **os** cristais e **os** tapetes tinham ficado com ele.
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 13.)

> Sumiu-se **a** rapariga.
> (C. de Oliveira, *AC*, 123.)

Este seu valor costuma ser enfatizado, quando se pretende acentuar o caráter único ou universal do elemento representado pelo substantivo, como nestes passos:

> Tive, há alguns meses, um momento crítico, ou talvez, por certos lados, **o** momento crítico, da minha vida.
> (A. de Quental, *C*, 357.)

> Não era uma loja qualquer: era **a** Loja.
> (C. dos Anjos, *MS*, 350.)

É o que se chama ARTIGO DE NOTORIEDADE.

Empregos particulares

Entre os empregos particulares do ARTIGO DEFINIDO devem ser mencionados os seguintes:

Emprego como demonstrativo

1. O artigo definido provém do pronome demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. É o que se observa em frases do tipo:

Permaneceu **a** [= esta, ou aquela] semana inteira em casa.
Partimos **no** [= neste] momento para São Paulo.
Levarei produtos **da** [= desta] região.

2. É também sensível o valor demonstrativo do artigo que faz evocar o substantivo como algo presente no espírito do locutor ou do ouvinte, situado, portanto, no tempo e no espaço.
Sirva de exemplo esta frase:

Pedro foi um ativista desde **a** Faculdade.

[Isto é: aquela Faculdade que os interlocutores sabem qual seja.]

Emprego do artigo pelo possessivo

Este emprego do ARTIGO DEFINIDO é frequente antes de substantivos que designam:

a) partes do corpo:

Passei **a mão** pelo **queixo**.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 15.)

Ela repeliu-o então e firmou-se **nos cotovelos**, enfurnando **a cara** **nas mãos**.
(U. Tavares Rodrigues, *TO*, 71.)

b) peças de vestuário ou objetos de uso marcadamente pessoal:

Abel Matias, calado, veste **as calças** e **a camisa**.
(O. Mendes, *P*, 130.)

Ao anoitecer vestiu **o impermeável**, enfiou **o chapéu** e saiu.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) faculdades do espírito:

Chegou a tomar balanço para **as** habituais **meditações**.
(A. Abelaira, *D*, 19.)

O velho embalava **o pensamento**.
(Autran Dourado, *TA*, 42.)

d) relações de parentesco:

> Nunca mais pude separar a lembrança **da prima** da sensação cromática das escalas musicais.
> (P. Nava, *BO*, 365.)

> — Já não chamou pel**a mãe**!...
> (M. Torga, *V*, 186.)

Observação:

Não se emprega, porém, o artigo quando estes nomes formam com as preposições *de* ou *a* uma locução adverbial.

Pus-me **de joelhos**.
Emagrece **a olhos vistos**.

Emprego do artigo antes dos possessivos

Antes de pronome substantivo possessivo

Em português, o emprego ou a omissão do artigo definido antes de possessivos que funcionam como pronomes substantivos não tem apenas valor estilístico, mas corresponde a uma clara distinção significativa.

Comparem-se, por exemplo, as frases seguintes:

Este cinto é **meu**.
Este cinto é **o meu**.

Com a primeira, pretende-se acentuar a simples ideia de posse. Equivale a dizer-se: "Este cinto pertence-me, é de minha propriedade".

Com a segunda, porém, faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa. O seu sentido será: "Este é o meu cinto, o que possuo".

Antes de pronome adjetivo possessivo

1. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos podem usar-se com artigo ou sem ele:

Meu amor é só teu.
O meu amor é só teu.

A presença do artigo antes de pronome adjetivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde, com exceção dos casos adiante mencionados, ela é praticamente obrigatória.

Comparem-se estes exemplos:

> — **A minha irmã** e **o meu cunhado** costumam receber **os seus amigos** mais íntimos.
> (A. Abelaira, *D*, 107.)

> **Meu avô materno** foi verdadeiramente **minha primeira amizade**, companheiro de brinquedo da **minha primeira infância.**
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

2. O artigo é sistematicamente omitido quando o possessivo:

a) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões como *Nosso Pai* (referente ao Santíssimo), *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*:

> **Sua Excelência Reverendíssima** escusou-se de recebê-los pessoalmente.
> (B. Santareno, *TPM*, 37.)

> **V. Exª.** é sempre lisonjeiro.
> (Castro Alves, *OC*, 604.)

> **Nosso Senhor** tinha o olhar em pranto.
> Chorava **Nossa Senhora.**
> (A. de Guimaraens, *OC*, 121.)

b) faz parte de um vocativo:

> — Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
> (A. Nobre, *S*, 106.)

> — É neto, **meu padrinho**?
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 251.)

c) pertence a certas expressões feitas: *em minha opinião*, *em meu poder*, *a seu bel-prazer*, *por minha vontade*, *por meu mal*, etc.

d) vem precedido de um demonstrativo:

> — Não aguento mais **esse teu silêncio** antipático.
> (U. Tavares Rodrigues, *TO*, 162.)

— Isto, aliás, seria benefício a **este seu criado.**
(C. dos Anjos, *M*, 173.)

Observação:

Se o possessivo estiver posposto ao substantivo, este virá normalmente precedido de ARTIGO:

Quanto mistério
Nos olhos teus...
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Pode, no entanto, dispensá-lo, quando nos referimos a algo de modo impreciso ou vago:

Tenho estado à espera **de notícias tuas**, mas vejo que não chegam nunca.
(A. Nobre, *CI*, 117.)

Emprego genérico

Usa-se às vezes o ARTIGO DEFINIDO junto a um substantivo no singular para exprimir a totalidade específica de um gênero, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

O guarani fez-se aliado d**o espanhol.**
(J. Cortesão, *IHB*, II, 126.)

O relógio é um objeto torturante: parece algemado ao tempo.
(C. Lispector, *SV*, 113.)

Este emprego é frequente nos provérbios:

O homem não é propriedade d**o homem.**
O avarento não tem e **o pródigo** não terá.

Se o substantivo é abstrato, o ARTIGO serve, ademais, para personalizá-lo:

Sacrificou um pouco, sobretudo no exórdio, a articulação do seu discurso para evitar **o brilho, a saliência, a ênfase.**
(M. Bandeira, *AA*, 306.)

Era o deus vivo que os tinha na sua mão, o amigo-inimigo donde lhes vinha todo **o bem** e todo **o mal, a miséria** e **o pão, o luto** e **a alegria.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 173.)

Entre os abstratos incluem-se naturalmente os adjetivos substantivados:

Eu trabalho com **o inesperado**.
(C. Lispector, *SV*, 14.)

O pior é que nos apareceram outros doentes.
(F. Namora, *CS*, 157.)

Observação:

Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

Pobreza não é **vileza**.
Cão que ladra não morde.
Homem não é **bicho**.
Preto como **azeviche**.

Emprego em expressões de tempo

1.º) Os nomes de meses não admitem ARTIGO, a menos que venham acompanhados de qualificativo:

Estou seguro de ir até o Rio em fins **de junho** ou princípios **de julho**.
(M. de Andrade, *CMB*, 102.)

Descobria afinal a manhã carioca, n**o abril de Botafogo**, manhã que antes nunca me dera o ar de sua graça.
(Genolino Amado, *RP*, 22.)

Era **um setembro puro**.
(M. Torga, *NCM*, 63.)

Observação:

Omite-se em geral o ARTIGO antes das datas do mês:

A 28 de setembro, por vinte e sete votos, sai ele vitorioso.
(J. Montello, *PMA*, 276.)

O parecer é **de 28 de janeiro** de 1640.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 218.)

Costuma-se, no entanto, usá-lo:

a) antes de datas célebres (que adquirem o valor de um substantivo composto de NUMERAL + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO):

> Por ser precisamente um dos feriados extintos, **o 19 de Novembro** faz lembrar hoje, aos marmanjos do começo do século, não só a bandeira como a própria infância, tão perdida quanto esse feriado.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 116.)

b) antes de datas mencionadas no curso de uma narração:

> Constituiu-se assim livremente a Academia e a primeira sessão se realizou **aos 15 de dezembro de 1896**, aclamados presidente Machado de Assis e secretários Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1132.)

2.º) Os nomes dos dias da semana vêm precedidos de ARTIGO, principalmente quando enunciados no plural:

> Queres ir comigo à Itália **no domingo**?
> (A. Abelaira, *D*, 45.)

> **Aos domingos** saíam cedo para a missa.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 33.)

Mas podem dispensá-lo (juntamente com a preposição a que se aglutinam), quando funcionam como adjunto adverbial.

Assim:

> **Sexta-feira** fui vê-la sair.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 593.)

> — **Domingo** à tarde. **Domingo** será a vez do teu moinho...
> (F. Namora, *DT*, 221.)

3.º) Não se usa o ARTIGO nas designações das horas do dia, nem com as expressões *meio-dia* e *meia-noite*:

> O relógio marcava **meio-dia e dez...**
> (A. Abelaira, *D*, 124.)

Meia-noite? Não se teria enganado?
(J. Montello, *SC*, 25-26.)

O ARTIGO é, porém, de regra quando, antecedidas de preposição, tais formas se empregam adverbialmente:

Já não se almoça **às 9 da manhã**
e não se janta **às 4.**
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 99.)

Ao meio-dia já as águas do porto eram prata fundida.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 47.)

4.º) Os nomes das quatro estações do ano são precedidos de artigo:

As névoas anunciam **o Inverno.**
(R. Brandão, *P*, 52.)

Talvez tenha acabado **o verão.**
(R. Braga, *CCE*, 293.)

Será goivo **no outono**, assim como era,
Eternamente mal-aventurada,
A alma, que lírio foi **na primavera**...
(A. de Guimaraens, *OC*, 342.)

Podem, no entanto, dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, funcionam como complemento nominal ou como adjunto adnominal:

Que noite **de inverno**! Que frio, que frio!
Gelou meu carvão:
Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol **de verão**!
(A. Nobre, *S*, 13.)

Num meio-dia de fim **de primavera**
Tive um sonho como uma fotografia.
(F. Pessoa, *OP*, 143.)

Hora sagrada dum entardecer
De outono, à beira-mar, cor de safira.
(F. Espanca, *S*, 22.)

5.º) Os nomes de datas festivas dizem-se com ARTIGO:

o ano-bom	**o Natal**
o carnaval	**a Páscoa**

É, porém, de regra a omissão do ARTIGO quando estes nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras *dia*, *noite*, *semana*, *presente*, etc.:

O primeiro **dia de carnaval.**
A **noite de Natal.**
A **semana de Páscoa.**
Um **presente de ano-bom.**

Emprego com expressões de peso e medida

O ARTIGO DEFINIDO é usado com força distributiva em frases do tipo

O feijão está a cento e trinta cruzeiros **o quilo** (= cada quilo)

Este tecido custa dois mil escudos **o metro** (= cada metro),

nas quais se expressa por unidade de peso ou medida o custo ou o valor de determinada coisa.

Com a palavra casa

1. Dispensam o ARTIGO os adjuntos adverbiais de lugar em que entra a palavra *casa*:

a) desacompanhada de determinação ou qualificação, no sentido de "residência", "lar":

Às quatro da madrugada entrou **em casa.**
(M. Torga, *CM*, 32.)

Voltou **para casa** e ficou à espera da hora insuportável.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 105.)

b) em sentido vago, embora acompanhada de qualificação:

Estava **em casa própria** lá para Ipanema.
(A. Ribeiro, *M*, 356.)

A vida na casa de Sinhô era mesquinha como **em casa de pobre**, mas havia lá dentro a bela Pérola.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 306.)

2. Mas a palavra *casa* vem de regra antecedida de ARTIGO:

a) quando usada na acepção própria de "prédio", "edifício", "estabelecimento":

J[osé] O[lympio] em geral não emprega a primeira pessoa; diz: **a casa. A casa** não pode editar um livro nessas condições, **a casa** ficou magoada, **a casa** está feliz...
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 52.)

Estou cansado, preciso de um sócio, alguém que me dirija **a casa**.
(A. Abelaira, *D*, 28.)

b) quando está particularizada por adjunto adnominal:

Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri **à casa de Virgília**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 484.)

Na sua própria casa, Horácio pressentia que a mãe lhe ocultava alguma coisa.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 451.)

Observação:

Diz-se *o dono* (ou *a dona*) **da casa** para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago, dir-se-á, porém: *uma boa dona* **de casa**.

Com a palavra palácio

1. A palavra *palácio* usa-se com ARTIGO:

Absorvendo-me nos exames, suspendi as idas **ao Palácio**.
(Genolino Amado, *RP*, 124.)

Só perto **do palácio** enxugou os olhos.
(Alves Redol, *BC*, 342.)

2. Costuma, no entanto, dispensá-lo, no português do Brasil, quando, em função de adjunto adverbial, designa a residência ou o local de despacho do chefe da

Nação ou do Estado e vem desacompanhada da competente determinação ou qualificação. Poder-se-á dizer, por conseguinte:

> O Governador chamou-o **a Palácio**, pedindo-lhe que desse um termo à luta.
>
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 134-135.)

> — Olhe, nos Governos de gente nossa, não se pode nem comer **em Palácio**...
>
> (A. Deodato, *POBD*, 55.)

Mas dir-se-á sempre com artigo, quando determinada ou qualificada:

> Paladino do amor, busco anelante
> **O palácio encantado da Ventura!**
>
> (A. de Quental, *SC*, 42.)

> Benício tornou a acercar-se da janela, alongou a vista na direção **do Palácio Laranjeiras.**
>
> (J. Montello, *SC*, 25.)

Emprego com o superlativo relativo

O ARTIGO DEFINIDO é de emprego obrigatório com o superlativo relativo. Pode preceder o substantivo:

> Era **o** aluno **mais estudioso da** turma.

ou o superlativo:

> Era **o mais estudioso** aluno **da** turma.
> Era aluno **o mais estudioso da** turma.

Mas não deve ser repetido antes do superlativo quando já acompanha o substantivo, como neste exemplo:

> Era **o** aluno **o mais estudioso da** turma.

Observações:

1.ª) É lícita, no entanto, a repetição do ARTIGO antes do superlativo reforçado pela palavra *ainda* ou sinônima, pois neste caso se pode subentender o substantivo depois do segundo artigo:

Essa façanha **os** marinheiros **ainda os mais audazes** não ousariam cometê-la.

isto é: *ainda os [marinheiros] mais audazes.*

2.ª) O ARTIGO aparece por vezes com valor intensivo em frases da linguagem coloquial de entoação particular. Por exemplo:

Ele é **o** fim!

COM OS NOMES PRÓPRIOS

Sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o ARTIGO. Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do ARTIGO DEFINIDO. Entre essas razões, devem ser mencionadas:

a) a intenção de reforçar a ideia de individualidade, de um todo intimamente unido, como se concebe, em geral, um país, um continente, um oceano:

o Brasil	a América	o Atlântico
a França	a Europa	o Pacífico

b) a de ser o nome próprio originariamente um substantivo comum, construído com o ARTIGO:

a Guarda	o Cairo (árabe *El-Kahira* = a vitoriosa)
o Porto	o Havre (francês *Le Havre* = o porto)

c) a influência sintática do italiano, língua em que os nomes de família, quando empregados isoladamente, vêm precedidos de ARTIGO:

o Tasso	o Ticiano	a Besanzoni

d) a de cercar o nome próprio de uma atmosfera afetiva ou familiar:

> (...) **A Carlota! A Carlota!**
> Boa velhinha, como ela é meiga e devota!
> (A. Nobre, *S*, 166.)

> — Aqui é **o Custódio**. Olhe, achei melhor dizer **ao Cantídio** que você tinha chegado e queria vê-lo.
> (C. dos Anjos, *M*, 160.)

Feitas essas considerações preliminares, particularizemos, agora, os principais casos de emprego do artigo definido com os nomes próprios.

Com os nomes de pessoas

Os nomes próprios de pessoas (de batismo e de família) não levam ARTIGO, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos:

Camões Dante Napoleão

Emprega-se, porém, o ARTIGO DEFINIDO:
1.º) quando o nome de pessoa vem precedido de qualificativo:

O romântico Alencar.
O divino Dante.

2.º) quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo:

Era **o Daniel de outrora** que eu tinha diante de mim.
(J. Montello, *DVP*, 237.)

Estas palavras eram de Raul, **o Raul adolescente.**
(A. Abelaira, *D*, 130.)

3.º) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo, como neste passo de A. Nobre, em que *o Carlos* é o rei D. Carlos I, de Portugal:

Nada me importas, País! seja meu Amo
O Carlos ou **o Zé da T'resa...**
(*S*, 118.)

4.º) quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:
a) seja para indicar indivíduos do mesmo nome:

Os dois Plínios.
Os três Horácios.

b) seja para designar uma coletividade familiar:

Os Andradas.
Os Braganças.

c) seja para caracterizar, enfaticamente, classes ou tipos de indivíduos que se assemelham a um vulto ou personagem célebre, caso em que o nome próprio vale por um nome comum:

> Eu vejo **os Cipiões**, vejo **os Emílios**.
> (C. M. da Costa, *OP*, II, 122.)

> Que importa isso tudo, se, aqui, **os Clemenceaus** andam a monte, **os Hindemburgos** rolam aos tombos, **os Gladstones** pululam aos cardumes, **os Bismarcks** se multiplicam em ninhadas, e **os Thiers** cobrem o sol como nuvens de gafanhotos.
> (R. Barbosa, *EDS*, 484.)

d) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

> **Os Goyas** do Museu do Prado.

Observações:

1.ª) Na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente no Brasil e está praticamente generalizada na linguagem corrente de Portugal a anteposição do ARTIGO DEFINIDO a nomes de batismo de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade. Comparem-se, por exemplo, estas duas frases:

> **Geraldo** saiu agora.
> **O Geraldo** saiu agora.

Na primeira (só possível, em Portugal, na linguagem escrita), a pessoa mencionada vem envolta de certa distinção, sentimo-la mais distante. Na segunda, apontamos a pessoa como conhecida dos presentes, como um elemento familiar, caseiro.

2.ª) As alcunhas são comumente precedidas de ARTIGO:

> — Morreu **o Palhaça**...
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> Gomes Ribeiro, que não se misturava com quem quer que fosse, era conhecido como **o Fonema**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 107.)

3.ª) O artigo definido antecede as palavras *senhor, senhora* e *senhorita* quando citamos uma pessoa por seu nome ou por seu título:

O senhor Fontes está adoentado.
Falei com **a senhora Baronesa**.
Não vi **a senhorita Joana**.

Não empregamos, porém, o artigo quando nos dirigimos à própria pessoa:

— Como vai, **senhor Fontes**?
— Adeus, **senhora Baronesa**.
— Obrigado, **senhorita Joana**.

4.ª) O adjetivo *santo* (ou *são* e *santa*) não vem precedido de artigo quando acompanha um nome próprio do qual consideramos ser parte integrante:

Assim conversam, gloriosos,
Santa Clara e **São Francisco**.
(C. Meireles, *OP*, 903.)

— O senhor formulara um conceito heterodoxo das epístolas de **São Paulo** e do evangelho de **São Marcos**...
(A. Ribeiro, *ES*, 17.)

O artigo é, porém, de regra, se com o nome do santo, precedido do adjetivo em causa, quisermos designar a época em que se festeja:

Já a trago debaixo de olho desde **o Santo Antônio**.
(M. Torga, *V*, 21.)

Ainda há um ano precisamente, assistia eu no Porto **ao São João** mais fantástico deste mundo.
(A. F. Schmidt, *GB*, 146.)

Com os nomes geográficos

O estado atual do uso do ARTIGO com os nomes geográficos é o seguinte:

1.º) Emprega-se normalmente o artigo definido:

a) com os nomes de países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas:

o Brasil	o Himalaia	o Nilo
a França	os Alpes	o Lemano
os Estados Unidos	o Teide	o Atlântico

a Guiné	o Atacama	o Báltico
o Nordeste	o Saara	o Mediterrâneo
a África	o Cruzeiro do Sul	os Açores

b) com os nomes dos pontos cardeais e os dos colaterais, quer no sentido próprio, quer no de regiões ou ventos:

O promontório tapava para **o norte.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 104.)

Os nossos companheiros de viagem — gente **do Sul** — tasquinhavam, cantavam e beberricavam.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

Também os ventos nordestinos se acharam presentes: **o Nordeste** e **o Sudeste...**
(J. Cardoso, *SE*, 60.)

Observações:

1.ª) Certos nomes de países e regiões costumam, no entanto, rejeitar o artigo. Entre outros: *Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor, Andorra, Israel, São Salvador, Aragão, Castela, Leão.*

2.ª) Alguns nomes de países, como *Espanha, França, Inglaterra, Itália* e poucos mais, podem construir-se sem ARTIGO, principalmente quando regidos de preposição:

Viveu muito tempo **em Espanha**, casada.
(F. Namora, *CS*, 93.)

Aquela que reside na esperança
Foi quem me recompôs o sonho antigo
Numa canção de músico mendigo
Pelas estradas líricas **de França.**
(J. Cardoso, *SE*, 49.)

3.ª) Quando indicam apenas direção, os nomes de pontos cardeais podem vir sem ARTIGO:

Marcha **para oeste** Vento **de leste**

2.º) Não se usa em geral o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas:

Barbacena	Águeda	Creta
Lisboa	Campo Grande	Cuba
Paris	Topázio	Malta

b) com os nomes de planetas e de estrelas:

Marte	Canópus
Saturno	Sírius
Vênus	Vega

Observações:

1.ª) Alguns nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam O ARTIGO: *a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz.* O mesmo se dá, como vimos, com o nome de certas cidades estrangeiras: *o Cairo, a Haia, o Havre.*

2.ª) À semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de ilhas: *a Córsega, a Madeira, a Sardenha, a Sicília.*

3.º) Não é uniforme o emprego do ARTIGO DEFINIDO com os nomes dos estados brasileiros e das províncias portuguesas. A maioria leva ARTIGO.

Assim:

o Acre	o Pará	o Alentejo
o Amazonas	a Paraíba	o Algarve
a Bahia	o Paraná	a Beira
o Ceará	o Piauí	o Douro
o Espírito Santo	o Rio de Janeiro	a Estremadura
o Maranhão	o Rio Grande do Norte	o Minho
o Mato Grosso do Sul	o Rio Grande do Sul	o Ribatejo

Não se usam, porém, com artigo:

Alagoas	Pernambuco	Sergipe
Goiás	Rondônia	Trás-os-Montes
Mato Grosso	Santa Catarina	
Minas Gerais	São Paulo	

Observação:

Diz-se também *as Alagoas.*

4.º) Como os nomes de pessoas, os nomes geográficos passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação ou de determinação:

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!
(A. Nobre, *D*, 68.)

Gosto da **Ouro Preto de Guignard.**
(M. Bandeira, *AA*, 57.)

De novo, ungindo-me de Europa, alastrando-me da sua vibração, se encapelava dentro de mim Paris — **o meu Paris, o Paris dos meus vinte e três anos...**
(M. de Sá-Carneiro, *CL*, 131.)

Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, **o Portugal das descobertas e dos clássicos.**
(J. Amado, *MG*, 113.)

Com os nomes de obras literárias e artísticas

Emprega-se em geral o artigo, mesmo quando não pertença ao título:

Ontem, à noite, comecei a ler **a Ana Karenina.**
(A. Abelaira, *D*, 64.)

A chegada de José Veríssimo ao Rio, em 1891, coincide com o aparecimento d**o Quincas Borba**, primeiro romance de Machado de Assis depois d**as Memórias Póstumas.**
(J. Montello, *PMA*, 216.)

CASOS ESPECIAIS

Antes da palavra *outro*

1. Emprega-se o artigo definido quando a palavra *outro* tem sentido determinado:

Tirei do colégio os meus dois filhos: o mais velho era um demônio, **o outro** um anjo.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 290.)

Não era **pela outra**, não, dizia ela consigo, pela centésima vez, era por ele, era **pelo outro.**
(A. Peixoto, *RC*, 517.)

Um era careca, **o outro** tinha bigode.
(A. M. Machado, *HR*, 72.)

2. Cala-se, porém, o artigo quando o seu sentido é indeterminado:

A uns amei, a **outros** estimei, aborreci alguns e alguns mal conheci — mas todos! ai! todos, me impregnaram de suas vidas.
(P. Nava, *BC*, 228.)

Na estrada, os homens apartaram-se, uns grupos para a Covilhã, **outros** para a Aldeia do Carvalho, como nos demais dias.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 463.)

Depois das palavras *ambos* e *todo*

Ambos e *todo* são as únicas palavras que, em português, antecedem o artigo pertencente ao mesmo sintagma.

1. Se o substantivo determinado pelo numeral *ambos* estiver claro, é de regra o emprego do artigo definido:

Eram centenares de pessoas de **ambos os sexos**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 573.)

Vasco apoiou os cotovelos nela e segurou o rosto com **ambas as mãos**.
(É. Veríssimo, *LS*, 166.)

2. A presença ou a ausência do artigo depois da palavra *todo* depende, obviamente, de admitir ou rejeitar o substantivo aquela determinação.
Diremos, por exemplo:

Todo o Brasil pensa assim.
Todo Portugal pensa assim.

por se construírem de modo diverso esses dois nomes geográficos.

3. Há casos, porém, que precisam de ser considerados particularmente.
Assim:
1.º) No PLURAL, anteposto ou posposto ao substantivo, *todos* vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua:

Conheceu **todos os salões** e **todos os antros**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 302.)

Os discípulos amavam-na, prontos a **todos os obséquios**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 100.)

Iam-se-me **as esperanças todas**; terminava a carreira política.
(Machado de Assis, *OC*, I, 536.)

Mas:

Todos estes costumes vão desaparecer.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Todos esses dons do meu amigo ficarão perdidos para sempre.
(A. F. Schmidt, *AP*, 98.)

2.º) Não se usa o artigo antes do numeral em aposição a *todos*:

Vi-os felizes a **todos quatro**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

Elas são, **todas duas**, minhas irmãs que eu ajudei a criar.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 67.)

Se, no entanto, o substantivo estiver claro, o artigo é de regra:

Vi-os felizes a **todos os quatro meninos**.
Todas as duas irmãs eu ajudei a criar.

3.º) No SINGULAR, *todo*:

a) virá acompanhado de artigo, quando indicar a totalidade das partes:

Toda a praia é um único grito de ansiedade.
(Alves Redol, *FM*, 306.)

Estela assistiu **à lição toda**, com a paciência da curiosidade.
(Machado de Assis, *OC*, I, 373.)

b) poderá vir ou não acompanhado de artigo quando exprimir a totalidade numérica:

Falava bem como **todo francês**.
(G. Amado, *PP*, 168.)

—Verdade, a atribuição é lógica: **todo o homem** é bicho, embora nem **todo o bicho** seja homem.
(A. Ribeiro, *AFPB*, 33.)

Neste último caso é obrigatória a sua anteposição ao substantivo.

Observação:

Advirta-se que o uso do artigo neste último caso é muito mais frequente na língua contemporânea de Portugal do que na do Brasil, onde, no ensino médio, de um modo geral, os professores procuram estabelecer uma distinção entre *todo* "qualquer", "cada" e *todo o* "inteiro", "total", pelo modelo:

Toda casa [= qualquer casa] cedo ou tarde precisa de reforma.
Toda a casa [= a casa inteira] foi reformada.

4.º) Anteposto ao artigo indefinido, *todo* significa "inteiro", "completo":

Para conseguir o seu intento cobriu de ridículo **toda uma geração**, e lançou as bases de **toda uma remodelação social.**
(G. Amado, *TL*, 29.)

Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se **toda uma literatura** em rumas de volumes graves.
(Eça de Queirós, *OF*, II, 71.)

5.º) Quando *todo* (ou *toda*) está empregado com força adverbial, não admite naturalmente o acompanhamento do artigo:

Todo barbeado de fresco, as cordoveias do pescoço luziam-lhe grossas como calabres.
(A. Ribeiro, *CRG*, 228.)

Vi então um homem **todo amarrado** de cordas a carregar uma cruz, com outro de chicote na mão batendo nele.
(J. Rins de Rego, *MVA*, 13.)

6.º) Em numerosas locuções do português contemporâneo, *todo* (ou *toda*) vem seguido de artigo. Entre outras, mencionam-se as seguintes:

a todo o custo	a toda a brida
a todo o galope	a toda a hora
a todo o instante	a toda a pressa
a todo o momento	em toda a parte
em todo o caso	por toda a parte

Observação:

Quanto a outros valores e empregos do indefinido *todo*, veja-se p. 380-1.

REPETIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Com substantivos

1. Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

> Cantava para **os** anjos, para **os** presos, para **os** vivos e para **os** mortos.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 347.)

> Para ganhar **o céu**, vendeste **a ira, a luxúria,**
> **A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça** e **a avareza.**
> (Olavo Bilac, *T*, 239.)

> Depois, **a** iniciação, **a** mudança de traje, **o** banho, **o** perfume, **a** visita de belos cavalheiros, **o** primeiro café, **o** licor, **a** queda e algumas lágrimas.
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 93.)

2. Mas a alternância de sequências com artigo e sem ele pode, em certos casos, apresentar efeitos estilísticos apreciáveis:

> Não viram **sumo bem** ao derredor,
> Mas sim **o mal, a tentação, o crime,**
> **Orgulho, humilhações, remorso** e **dor.**
> (A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA*, 213.)

Observação:

Não se repete, porém, o artigo:

a) quando o segundo substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro:

> Presenteou-me este livro **o** compadre e amigo Carlos.
> **A** fruta-de-conde, ou ata, é deliciosa.

b) quando, no pensamento, os substantivos se representam como um todo estreitamente unido:

O estudo [do folclore] era necessitado pela existência **das** histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral.
(J. Ribeiro, *Fl*, 6.)

Com adjetivos

1. Repete-se o artigo antes de dois adjetivos unidos por uma das conjunções *e* e *ou* quando os adjetivos acentuam qualidades opostas de um mesmo substantivo:

   Conhecia **o** novo e **o** velho Testamento.
   A boa ou **a** má fortuna não o alteraram.

2. Não se repete, porém, o artigo se os dois adjetivos ligados pelas conjunções *e*, *ou* (e *mas*) se aplicam a um substantivo com o qual formam um conceito único:

   Mas por que não lhe telefona logo à noite, por que não recomeçam **a velha e quase esquecida** amizade?
   (A. Abelaira, *D*, 22.)

   Esqueceu que já não tinha mais **a sua tristonha mas bela** solidão.
   (É. Veríssimo, *LS*, 148.)

3. Se os adjetivos não vêm unidos pelas conjunções *e* e *ou*, deve-se repetir o artigo. Tal construção empresta ao enunciado ênfase particular:

   Era **o próprio, o exato, o verdadeiro** Escobar.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 867.)

   É o povo, **o verdadeiro, o nobre, o austero** povo português.
   (A. F. Schmidt, *F*, 102.)

4. Se um mesmo substantivo vem qualificado por uma série de superlativos relativos, deve-se antepor o artigo a cada membro da série:

   Que **o mais belo, o mais forte, o mais ardente**
   Destes sujeitos é precisamente
   O mais triste, o mais pálido, o mais feio.
   (E. da Cunha, *OC*, I, 659.)

Vi pela primeira vez a Eleita de minh'alma,
a grande Flor subtil, inigualável alma,
A Maior, a mais Bela, a mais Amada, a Única!
(E. de Castro, *OP*, I, 30.)

OMISSÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Do que foi estudado nas páginas anteriores, verificamos que o artigo definido limita sempre a noção expressa pelo substantivo.

1. O seu emprego é, pois, evitado em certos casos:

1.º) Quando o gênero e o número do substantivo já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.).

Assim, diremos:

Na revolução de 17 muito sofrera **este padre**.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 281.)

Antes, ainda no automóvel, Ramiro achara **duas novas pérolas**.
(A. Abelaira, *D*, 121.)

2.º) Quando queremos indicar a noção expressa pelo substantivo de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado.

Comparem-se, por exemplo, estas três frases:

Foi acusado **do crime** [acusação precisa].
Foi acusado **de um crime** [acusação vaga].
Foi acusado **de crime** [acusação mais vaga ainda].

3.º) Quando, nas enumerações, pretendemos obter um efeito:

a) de acumulação:

Samuel, a princípio com relutância, depois com fúria, finalmente com resignação, pôs-se a morder e a mastigar tudo: **lápis, borrachas, pedacinhos de pau, gomos de cana-de-açúcar**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 143-144.)

b) de dispersão:

Volteiam dentro de mim,
Em rodopio, em novelos,

Milagres, uivos, castelos,
Forças de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim.
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 75.)

Observação:

No exemplo acima, o poeta português M. de Sá-Carneiro procura conjugar num sentido superior (o tema da "incoerência" ou "dispersão") coisas apresentadas em série desconexa. Trata-se de um caso da chamada ENUMERAÇÃO CAÓTICA, recurso estilístico de alto efeito expressivo em alguns escritores modernos. Leia-se a propósito Leo Spitzer. *La enumeración caótica en la poesía moderna*. Trad. de Raimundo Lida, Buenos Aires, Instituto de Filología, 1945.

2. Além desses casos gerais e de outros particulares, anteriormente examinados, omite-se o artigo definido:

a) nos vocativos:

Oh! **dias da minha infância**!
Oh! **meu céu de primavera**!
(C. de Abreu, *O*, 94.)

b) nos apostos que indicam simples apreciação:

Tardes da minha terra, **doce encanto,**
Tardes duma pureza de açucenas.
(F. Espanca, *S*, 35.)

c) antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os verbos *aprender, estudar, cursar, ensinar* e sinônimos:

Aprender **inglês**.
Cursar **direito**.
Estudar **latim**.
Ensinar **geometria**.

d) antes das palavras *tempo, ocasião, motivo, permissão, força, valor, ânimo* (para alguma coisa), complementos dos verbos *ter, dar, pedir* e seus sinônimos:

Não houve **tempo** para descanso.
Não dei **motivo** à crítica.
Pedimos **permissão** para sair.
Não tive **ânimo** para viajar.

EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO

O artigo indefinido provém do numeral latino *unus, una, unum*, que exprime a unidade.

Esse valor numeral, embora enfraquecido em "um certo", transparece ainda hoje nos diversos empregos das formas do singular (*um, uma*), principalmente no mais comum deles, qual seja, o de apresentar o ser ou o objeto expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida.

Desse valor fundamental decorrem certos empregos particulares do artigo indefinido, alguns dos quais devem ser conhecidos.

Com os substantivos comuns

1. O artigo indefinido — já o dissemos — serve principalmente para a apresentação de um ser ou de um objeto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor.
   Retomemos o exemplo de A. Amoroso Lima anteriormente citado:

   > Pouco depois, atraído também pelo espetáculo, foi chegando **um caboclinho** magro, com **uma taquara** na mão.
   > (*AA*, 40.)

   Uma vez apresentados o ser e o objeto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido. É o que se observa na continuação do texto em causa:

   > Pupilas acesas vinham espiar entre as árvores, como que também atraídas pela melodia d**a taquara** d**o caboclinho**.
   > (*Ibid.*)

2. Para se precisar a classe ou a espécie de um substantivo já determinado por artigo definido, costuma-se repeti-lo, na aposição, com o artigo indefinido:

   > Ele sentia o cheiro do impermeável dela: **um cheiro doce de fruta madura.**
   > (É. Veríssimo, *LS*, 140.)

   > A chuva continuava, **uma chuva mansa e igual, quase lenta, sem interesse em tombar.**
   > (M. J. de Carvalho, *AV*, 153.)

3. Por sua força generalizadora, o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie:

> — Aquele, digo-vos eu, aquele é **um homem**.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 165.)

> **Uma mulher** não gosta de profissão nenhuma. **Uma mulher** só gosta sinceramente de duas coisas: casar e ter filhos.
> (I. Losa, *EO*, 106.)

4. A anteposição do plural *uns*, *umas*, a cardinais é a forma preferida do idioma para indicar a aproximação numérica:

> O sítio em que nos instalamos ficava a **uns oito quilômetros** de Barbacena, pela estrada que vai para Remédios.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

> Teria, quando muito, **uns doze anos**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 168.)

Com o mesmo sentido aparece a forma singular *uma* antes da fracionária *meia*:

> Decorreu **uma** boa **meia-hora**.
> (J. de Alencar, *OC*, II, 569.)

> Indaguei de Virgília, depois ficamos a conversar **uma meia hora**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 507.)

5. Antes dos nomes de partes do corpo ou de objetos que se consideram aos pares, usa-se o plural do artigo indefinido para designar um só par:

> Ao parar nos últimos degraus da escada para conversar com alguém que conhecia, dei com **uns pés** enormes ao nível de meus olhos.
> (A. M. Machado, *HR*, 146.)

> Trazia **uns sapatos** rasos, **uns olhos** verdes.
> (A. Abelaira, *CF*, 207.)

Observação:

O artigo indefinido aparece com acentuado valor intensivo em certas frases da linguagem coloquial caracterizadas por uma entoação particular:

Ela é de **uma candura**!...
Tens **umas ideias**!...

A suspensão final da voz faz subentender um adjetivo denotador de qualidade ou defeito de caráter excepcional. Equivale a dizer-se:

Ela é de **uma candura admirável** (ou **comovente**).
Tens **umas ideias estapafúrdias** (ou **ótimas**).

Ressalte-se que a força intensiva do indefinido permite que se complete a estrutura consecutiva com o aparecimento de uma oração iniciada por *que*:

Ela é de **uma candura, que comove**.

Entenda-se:

Ela é de **uma candura tal, que comove**.

Com os nomes próprios

1. Emprega-se o artigo indefinido antes de um nome de pessoa:

a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou um personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:

Papai era **um Quixote**.
(C. dos Anjos, *MS*, 298.)

— É **uma Ofélia**, mas, depravada...
(J. de Araújo Correia, *FX*, 128.)

b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie:

A fortuna, toda nossa, é que não temos **um Kant**.
(J. Ribeiro, *F*, 36.)

Nazaré merecia bem **um Cézanne** ou outro grande pintor a rondar-lhe os sítios, a pintar-lhe os tipos.
(A. F. Schmidt, *F*, 103.)

c) para designar um indivíduo pertencente a determinada família:

José Bonifácio era **um Andrada**.
D. Pedro I do Brasil, que foi D. Pedro IV de Portugal, era **um Bragança**.

d) para evocar aspectos geralmente imprevistos de uma pessoa:

Apesar disso tudo, **um Joaquim risonho**, a satisfação em pessoa.
(Genolino Amado, *RP*, 115.)

Raul Brandão, nas *Memórias*, evocou **um Fialho torturado**, através do estilo imprevisto, "escorrendo sangue, aflição, miséria".
(J. do Prado Coelho, *PHL*, 247.)

e) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Também disse, é verdade, como era necessário aprender a distinguir o fado de uma sinfonia, **um Picasso** de um calendário.
(V. Ferreira, *A*, 28.)

2. Como o artigo definido, o indefinido pode acompanhar os nomes geográficos, se qualificados:

Mais tarde, haveria de ouvir-lhe pessoalmente a sua visão **dum Egeu de deuses vivos**.
(L. Forjaz Trigueiros, *ME*, 269.)

Numa Europa mecanizada, a Espanha surge-nos intemporal.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

OMISSÃO DO ARTIGO INDEFINIDO

Apesar de sua generalização crescente, há circunstâncias que, ainda hoje, pedem ou favorecem a omissão do artigo indefinido.

Assim:

1.º) A existência de outro elemento determinativo anteposto ao nome, como, por exemplo, uma forma de identidade ou de comparação:

De você não esperava **semelhante gesto**.
Não é possível **pior exemplo do que** esse.

2.º) O fato de um substantivo ser empregado no singular para exprimir não a ideia de unidade, mas uma noção partitiva, ou para designar toda a espécie ou categoria a que pertence:

A grande parte do público irritou a cena.
Amigo fiel e prudente é melhor que **parente**.

Observação:

Não existe propriamente omissão do artigo indefinido, mas casos onde ele nunca se empregou de forma regular.

Na fase primitiva das línguas românicas, o artigo indefinido era de uso restrito. Com o correr do tempo, esse determinativo foi-se introduzindo em numerosas construções e, hoje, os variados matizes do seu emprego constituem uma inestimável riqueza estilística de todas elas.

Contra essa generalização e valorização progressiva do indefinido se manifestaram sempre os nossos gramáticos, que nela veem uma simples e desnecessária influência do francês, onde, em verdade, poucas são atualmente as interdições ao uso do determinativo em causa. Mas tal guerra se tem revelado inútil, e inútil precisamente porque não se trata, no caso, de um mero galicismo extirpável, e sim de uma tendência geral dos idiomas neolatinos em busca de formas mais expressivas, de maior clareza e vigor para o enunciado.

Em expressões de identidade

1. Evita-se, em geral, empregar o artigo indefinido quando já existe, anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos *igual*, *semelhante* e *tal*; ou um dos indefinidos *certo*, *outro*, *qualquer* e *tanto*:

   Certo amigo meu já usou de **igual argumento**.
   Em **outra circunstância** eu aprovaria **semelhante atitude**.
   Se continuares com **tal inapetência** e com **tanta febre**, podes tomar o remédio a **qualquer hora**.

2. Advirta-se, porém, que algumas dessas formas, quando pospostas a um substantivo, passam a ser adjetivos, caso em que se constroem normalmente com artigo indefinido:

   Ele disse **uma coisa certa**.
   Quero **um livro igual** a esse.
   Uma hora qualquer irei vê-lo.
   Tens **um modo semelhante** de falar.

   Costuma-se, no entanto, calar o artigo indefinido, quando a frase é negativa ou interrogativa:

Nunca li **coisa igual**.
Jamais se ouviu **barbaridade tal**!
Já viste **trejeitos semelhantes**?

Em expressões comparativas

1. Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido. É o caso:

a) dos comparativos de igualdade formados com *tão* ou *tanto*:

Nunca passei por **lugar tão perigoso como** aquele.
Trabalhava com **tanto cuidado como** o pai.

b) dos comparativos de superioridade ou de inferioridade, principalmente quando expressos sob a forma negativa ou interrogativa:

Não encontrarias **melhor amigo** nesta emergência.
Conseguiste **maior renda** este mês?

2. É dispensável também o artigo indefinido em comparações do tipo:

Qual furacão, revolveu tudo.
Bailava **como nume da floresta**.

Em expressões de quantidade

Costuma-se evitar o artigo indefinido antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas seja por substantivos (como: *coisa*, *gente*, *infinidade*, *multidão*, *número*, *parte*, *pessoa*, *porção*, *quantia*, *quantidade*, *soma* e equivalentes), seja por adjetivos (como: *escasso*, *excessivo*, *suficiente* e sinônimos):

Havia **grande número de pessoas** no casamento.
Reservou para si **boa parte do lucro**.
Disponho de **escasso capital** para o empreendimento.
Não há **suficiente espaço** para o móvel.

Observação:

A presença do numeral fracionário *meio* exclui normalmente a do artigo indefinido:

Comprou **meio quilo** de pão.
Tomou **meia dose** do remédio.

Mas, como vimos, o feminino *meia* constrói-se com o indefinido nas designações de quantidade aproximada. E também pode admiti-lo quando forma com o substantivo uma unidade de uso corrente:

Só tenho **uma meia libra**.
No caso, basta **uma meia-palavra** sua.

Com substantivo denotador da espécie

Quando um substantivo no singular é concebido sob o aspecto de categoria de espécie, e não sob o de unidade, pode-se calar o artigo indefinido. Esta omissão aparece frequentemente em provérbios:

Cão ladrador nunca é **bom caçador**.
Espada na mão de **sandeu, perigo** de quem lha deu.

Advirta-se que, na língua de nossos dias, esta construção é mais frequente no Brasil do que em Portugal.

Comparem-se estes exemplos:

Criança tem amigos e inimigos.
(G. Amado, *HMI*, 8.)

— **Noivo** não se deixa na solta.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 270.)

Vida não tem adjetivo.
(C. Lispector, *SV*, 18.)

Outros casos de omissão do artigo indefinido

Além dos casos mencionados, a língua portuguesa admite a omissão do artigo indefinido em muitos outros. Como o artigo definido, ele pode faltar:

a) nas enumerações:

Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: **avô, tios, amigos de infância, companheiros queridos** — a lista é aterradora...
(A. F. Schmidt, *GB*, 151.)

Casas, árvores, nuvens desagregavam-se numa melancólica paisagem de Outono.
(F. Namora, *TJ*, 232.)

b) nos apostos:

> Meu pai, **homem de boa família**, possuía fortuna grossa, como não ignoram.
>
> (G. Ramos, *AOH*, 28.)

> Chega, hoje, aqui o meu amigo Costa Cabral, **filho do Conde de Tomar, meu antigo condiscípulo em Coimbra e no Laranjo.**
>
> (A. Nobre, *CI*, 74.)

E sempre que a clareza ou a ênfase não o exigirem.

Capítulo 10

Adjetivo

O ADJETIVO é essencialmente um modificador do substantivo. Serve:

1.º) para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito):

inteligência **lúcida** homem **perverso**

b) o modo de ser:

pessoa **simples** rapaz **delicado**

c) o aspecto ou aparência:

céu **azul** vidro **fosco**

d) o estado:

casa **arruinada** laranjeira **florida**

2.º) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (ADJETIVO DE RELAÇÃO):

nota **mensal**	(= nota relativa ao mês)
movimento **estudantil**	(= movimento feito por estudantes)
casa **paterna**	(= casa onde habitam os pais)
vinho **português**	(= vinho proveniente de Portugal)

Observação:

Os adjetivos de relação, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.

NOME SUBSTANTIVO E NOME ADJETIVO

É muito estreita a relação entre o SUBSTANTIVO (termo determinado) e o ADJETIVO (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase.

Comparem-se, por exemplo:

Uma **preta velha** vendia laranjas.
Uma **velha preta** vendia laranjas.

Na primeira oração, *preta* é substantivo, porque é a palavra-núcleo, caracterizada por *velha*, que, por sua vez, é adjetivo na medida em que é a palavra caracterizadora do termo-núcleo. Na segunda oração, ao contrário, *velha* é substantivo e *preta* adjetivo.

Como vemos, a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático, funcional.

SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO

Sempre que a qualidade referida a um ser, objeto ou noção for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixará de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear do sintagma nominal. Dá-se, então, o que se chama SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO, fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral, do artigo) ao adjetivo.[1]

Comparem-se, por exemplo, estas orações:

O céu **cinzento** indica chuva.
O **cinzento** do céu indica chuva.

Na primeira, *cinzento* é adjetivo; na segunda, substantivo.

---

[1] Veja-se o que a respeito dissemos no capítulo 9.

SUBSTITUTOS DO ADJETIVO

1. Palavras ou expressões de outra classe gramatical podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase. Valem, portanto, por verdadeiros adjetivos, semântica e sintaticamente falando. Costuma-se, por exemplo, com tal finalidade:

a) associar ao substantivo principal outro substantivo em forma de aposto:

O tio **Joaquim** Moça **cabeça de vento**

b) empregar locuções formadas quer de PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

barco **a vela** (= veleiro)
coração **de anjo** (= angélico)
indivíduo **sem coragem** (= medroso)

quer de PREPOSIÇÃO + ADVÉRBIO:

jornal **de hoje** (= hodierno)
patas **de trás** (= traseiras)

c) substituir o adjetivo por um substantivo abstrato, que passa a ter como complemento nominal o antigo substantivo nuclear.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Sofreu **o destino cruel.**
Sofreu **a crueldade do destino.**

2. A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração:

a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo):

Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama.
(M. Torga, *V*, 178.)

Há homens **que não acham nunca a sua expressão**.
(G. Amado, *TL*, 9.)

b) seja reduzida:

Jorge via a dor **andando no corpo**, a febre **queimando**, o pai já apodrecia por dentro.
(Adonias Filho, *LP*, 53.)

Surge ao longe um bananal, **oscilando** suas folhas tostadas de vento frio.
(A. M. Machado, *HR*, 73.)

MORFOLOGIA DOS ADJETIVOS

Poucos são os adjetivos que podemos considerar PRIMITIVOS, ou seja, "que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou ação que a representem"[2]. É, por exemplo, o caso de, entre outros, *brando*, *claro*, *curto*, *grande*, *largo*, *liso*, *livre*, *triste* e de boa parte dos adjetivos referentes a cor: *azul*, *branco*, *preto*, *verde*, etc.

A maioria dos adjetivos é constituída por aqueles que derivam de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico.[3]

ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se PÁTRIOS; os segundos, GENTÍLICOS, denominações estas que foram omitidas na *Nomenclatura Gramatical Brasileira* e na *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, mas que nos parecem necessárias.

PÁTRIOS BRASILEIROS

REFERENTES AO PAÍS E AOS ESTADOS:

Brasil – *brasileiro*, *-a*
Acre – *acriano*, *-a*
Alagoas – *alagoano*, *-a*
Amazonas – *amazonense* (m. e f.)
Bahia – *baiano*, *-a*
Ceará – *cearense* (m. e f.)
Espírito Santo – *espírito-santense* (m. e f.)
Goiás – *goiano*, *-a*
Maranhão – *maranhense* (m. e f.)
Mato Grosso – *mato-grossense* (m. e f.)
Mato Grosso do Sul – *mato-grossense-do-sul* (m. e f.)
Minas Gerais – *mineiro*, *-a*
Pará – *paraense* (m. e f.)
Paraíba – *paraibano*, *-a*
Paraná – *paranaense* (m. e f.)
Pernambuco – *pernambucano*, *-a*

---

[2] Gonzalo Sobejano. *El epíteto en la lírica española*. 2.ª ed. Madrid, Gredos. 1970, p. 83.

[3] Quanto aos sufixos que entram na formação destes adjetivos, veja-se o que dissemos no capítulo 6, p. 112-3.

Piauí – *piauiense* (m. e f.)
Rio de Janeiro – *fluminense* (m. e f.)
Rio Grande do Norte – *norte-rio-grandense* (m. e f.)
Rio Grande do Sul – *sul-rio-grandense* (m. e f.)
Rondônia – *rondoniano, -a*
Santa Catarina – *catarinense* (m. e f.)
São Paulo – *paulista* (m. e f.)
Sergipe – *sergipano, -a*

PÁTRIOS PORTUGUESES

REFERENTES AO PAÍS E A ALGUMAS REGIÕES:

Portugal – *português, -a*
Alentejo – *alentejano, -a*
Algarve – *algarvio, -a*
Beira – *beirão, -oa*
Douro – *duriense* (m. e f.)
Estremadura – *estremenho, -a*
Minho – *minhoto, -a*
Ribatejo – *ribatejano, -a*
Trás-os-Montes – *trasmontano, -a* ou *transmontano, -a*

PÁTRIOS AFRICANOS

Angola – *angolano, -a*
Cabo Verde – *cabo-verdiano, -a*
Guiné-Bissau – *guineense* (m. e f.)
Moçambique – *moçambicano, -a*
São Tomé – *são-tomeense* ou *são-tomense* (m. e f.)

Observações:

1.ª) Além de *brasileiro*, que é o pátrio normal, há as formas alatinadas, de emprego mais raro: *brasiliano*, *brasílico* e *brasiliense*. Sirvam de exemplo: Coleção *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional; *Corografia Brasílica*, livro de Aires do Casal; *Correio Brasiliense*, nome do célebre jornal de Hipólito José da Costa.

2.ª) *Fluminense* é derivado do latim *flumen, fluminis* "rio".

3.ª) Chamamos também *rio-grandense-do-norte* e *rio-grandense-do-sul* os naturais dos Estados do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, mais conhecidos pelas alcunhas coletivas de *potiguar* e *gaúcho*, que normalmente não têm, como outras, valor pejorativo.

ADJETIVOS PÁTRIOS COMPOSTOS

Quando dizemos:

a civilização **portuguesa**

referimo-nos à civilização própria do povo português. Se, no entanto, quisermos indicar aquela civilização que é comum ao povo português e ao brasileiro, diremos:

a civilização **luso-brasileira**

assumindo o primeiro adjetivo uma forma alatinada e reduzida.

Entre as formas alatinadas e reduzidas que se empregam como primeiro elemento desses pátrios compostos, as mais frequentes são:

anglo (= inglês)	Amizade **anglo-americana**
austro (= austríaco)	Império **austro-húngaro**
euro (= europeu)	Relações **euro-africanas**
franco (= francês)	Falares **franco-provençais**
greco (= grego)	Antiguidade **greco-romana**
hispano (= hispânico, espanhol)	Literatura **hispano-americana**
indo (= indiano)	Línguas **indo-europeias**
ítalo (= italiano)	Atlas **ítalo-suíço**
galaico (= galego)	Trovadores **galaico-portugueses**
luso (= lusitano, português)	Glossário **luso-asiático**
nipo (= nipônico, japonês)	Comércio **nipo-brasileiro**
sino (= chinês)	Guerra **sino-japonesa**
teuto (= teutônico, alemão)	Ginásio **teuto-brasileiro**

Observação:

Hispano e *hispânico*, embora usados frequentemente como sinônimos de *espanhol* (isto é, relativo à *Espanha*, país), são, em verdade, equivalentes de *ibérico*, pois se referem à *Hispania*, nome que os romanos davam à província que abarcava toda a Península Ibérica.

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

O adjetivo toma a forma SINGULAR ou PLURAL do substantivo que ele qualifica:

aluno **estudioso**	alunos **estudiosos**
mulher **hindu**	mulheres **hindus**
perfume **francês**	perfumes **franceses**

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

consultórios **médico-cirúrgicos**
institutos **afro-asiáticos**
letras **anglo-germânicas**

Observação:

Excetuam-se:

a) *surdo-mudo*, que faz *surdos-mudos*;
b) os adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo:

uniformes **verde-oliva**
saias **azul-ferrete**
canários **amarelo-ouro**
blusas **vermelho-sangue**

GÊNERO

O substantivo tem sempre um GÊNERO, o que não sucede com o adjetivo, que assume o gênero do substantivo.

Do ponto de vista morfológico, o único traço que, na verdade, singulariza o adjetivo como uma parte do discurso diversa das demais é o de poder, na maioria das vezes, apresentar duas terminações de gênero, sem que, com isso, seja uma palavra de gênero determinado e sem que o conceito por ele designado corresponda a um gênero real.

Observação:

Assinale-se que mesmo os adjetivos uniformes, quando no superlativo absoluto sintético, passam a apresentar os morfemas de gênero *-o*, *-a*. Assim:

um **exercício fácil**
uma **questão fácil**
o **momento feliz**
a **solução feliz**

um **exercício facílimo**
uma **questão facílima**
o **momento felicíssimo**
a **solução felicíssima**

Formação do feminino

1. Como dissemos, os adjetivos são geralmente BIFORMES, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
bom	boa	mau	má
formoso	formosa	nu	nua
lindo	linda	português	portuguesa

2. O processo de formação do feminino destes adjetivos é idêntico ao dos substantivos. Assim:

1.º) Os terminados em *-o* átono formam o feminino mudando o *-o* em *-a*:

belo bela ligeiro ligeira

2.º) Os terminados em *-u*, *-ês* e *-or* formam geralmente o feminino acrescentando *-a* ao masculino:

cru	crua	nu	nua
francês	francesa	inglês	inglesa
encantador	encantadora	morador	moradora

Excetuam-se, porém:

a) dos finalizados em *-u*: os gentílicos *hindu* e *zulu*, que são invariáveis;
b) dos finalizados em *-ês*: *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês*, que são invariáveis;
c) dos finalizados em *-or*: os comparativos *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*, *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*, *citerior* e, ainda, formas como *multicor*, *incolor*, *sensabor* e poucas mais, que são invariáveis; *gerador*, *motor* e outros terminados em *-dor* e *-tor*, que mudam estas sílabas em *-triz*: *geratriz*, *motriz*, etc.; e um pequeno número que substitui *-or* por *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira*, etc.

3.º) Os terminados em *-ão* formam o feminino em *-ã* ou em *-ona*:

são sã chorão chorona

Beirão, no entanto, faz no feminino *beiroa*.

4.º) Os terminados em *-eu* (com *e* fechado) formam o feminino em *-eia*:

europeu	europeia	plebeu	plebeia
hebreu	hebreia	pigmeu	pigmeia

Excetuam-se *judeu* e *sandeu*, que fazem, respectivamente, *judia* e *sandia*.

5.º) Os terminados em *-éu* (com *e* aberto) formam o feminino em *-oa*:

ilhéu	ilhoa	tabaréu	tabaroa

6.º) Alguns adjetivos que no masculino possuem *o* tônico fechado [o], além de receberem a desinência *-a*, mudam o *o* fechado para aberto [ɔ], no feminino:

brioso	briosa	formoso	formosa
disposto	disposta	grosso	grossa

Outros, porém, conservam no feminino o *o* fechado [o] do masculino:

chocho	chocha	fosco	fosca
fofo	fofa	oco	oca

Adjetivos uniformes

Há adjetivos que têm uma só forma para os dois gêneros.

São de regra UNIFORMES os adjetivos:

a) terminados em *-a*, muitos dos quais funcionam também como substantivos: *hipócrita, homicida, indígena; asteca, celta, israelita, maia, persa; agrícola, silvícola, vinícola, cosmopolita*, etc.;
b) terminados em *-e*: *árabe, breve, cafre, doce, humilde, terrestre, torpe, triste* e muitos outros, entre os quais se incluem todos os formados com os sufixos *-ense, -ante, -ente* e *-inte*: *cearense, constante, crescente, pedinte*, etc.;
c) terminados em *-l*: *cordial, infiel, amável, pueril, ágil, reinol, azul, êxul*, etc.;
d) terminados em *-ar* e em *-or* (neste caso apenas os comparativos em *-or*): *exemplar, ímpar, maior, superior*, etc.;
e) paroxítonos terminados em *-s*: *reles, simples*, etc.;
f) terminados em *-z*: *audaz, feliz, atroz*, etc.;
g) terminados em *-m* gráfico: *virgem, ruim, comum*, etc.

Observação:

Fazem exceção: *andaluz*, fem. *andaluza*; *bom*, fem. *boa*; *espanhol*, fem. *espanhola*; e a maior parte dos terminados em *-ês* e *-or*.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos ADJETIVOS COMPOSTOS, apenas o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

a literatura **hispano-americana**
uma intervenção **médico-cirúrgica**

A única exceção é *surdo-mudo*, que faz no feminino *surda-muda*:

um menino **surdo-mudo**
uma criança **surda-muda**

GRAUS DO ADJETIVO

A gradação pode ser expressa em português por processos sintáticos ou morfológicos.

Comparativo e superlativo

Dois são os GRAUS do adjetivo: o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO.

1. O COMPARATIVO pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau *superior*, *igual* ou *inferior* a outro:

Pedro é **mais estudioso do que** Paulo.
Álvaro é **tão estudioso como** [ou **quanto**] Pedro.
Paulo é **menos estudioso do que** Álvaro.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é *superior*, *igual* ou *inferior* a outra que possui:

Paulo é **mais inteligente que estudioso.**
Pedro é **tão inteligente quanto estudioso.**
Álvaro é **menos inteligente do que estudioso.**

Daí a existência de um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, de um COMPARATIVO DE IGUALDADE e de um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

2. O SUPERLATIVO pode denotar:

a) que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (SUPERLATIVO ABSOLUTO):

Paulo é **inteligentíssimo.**
Pedro é **muito inteligente.**

b) que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (SUPERLATIVO RELATIVO):

Carlos é **o** aluno **mais estudioso do** Colégio.
João é **o** aluno **menos estudioso do** Colégio.

No primeiro exemplo, o SUPERLATIVO RELATIVO é DE SUPERIORIDADE; no segundo, DE INFERIORIDADE.

Formação do grau comparativo

1. Forma-se o COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Pedro é **mais idoso do que** Carlos.
João é **mais nervoso que desatento.**

2. Forma-se o COMPARATIVO DE IGUALDADE antepondo-se o advérbio *tão* e pospondo-se a conjunção *como* ou *quanto* ao adjetivo:

Carlos é **tão jovem como** Álvaro.
José é **tão nervoso quanto desatento.**

3. Forma-se o COMPARATIVO DE INFERIORIDADE antepondo-se o advérbio *menos* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Paulo é **menos idoso que** Álvaro.
João é **menos nervoso do que desatento.**

Formação do grau superlativo

Vimos que há duas espécies de SUPERLATIVO: ABSOLUTO e RELATIVO.

O SUPERLATIVO ABSOLUTO pode ser:

a) SINTÉTICO, se expresso por uma só palavra (adjetivo + sufixo):

amicíssimo	acérrimo
estudiosíssimo	facílimo
tristíssimo	salubérrimo

b) ANALÍTICO, se formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio indicador de excesso – *muito, imensamente, extraordinariamente, excessivamente, grandemente*, etc.:

muito estudioso	excessivamente fácil
imensamente triste	extraordinariamente salubre
grandemente prejudicial	excepcionalmente cheio

Superlativo absoluto sintético

1. Forma-se pelo acréscimo ao adjetivo do sufixo *-íssimo*:

fértil	fertilíssimo
original	originalíssimo
vulgar	vulgaríssimo

Se o adjetivo terminar em vogal, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo:

belo	belíssimo
lindo	lindíssimo
triste	tristíssimo

2. Muitas vezes o adjetivo, ao receber o sufixo *-íssimo*, reassume a primitiva forma latina.
Assim:
a) os adjetivos terminados em *-vel* formam o superlativo em *-bilíssimo*:

amável	amabilíssimo
indelével	indelebilíssimo
terrível	terribilíssimo
móvel	mobilíssimo
volúvel	volubilíssimo

b) os terminados em *-z* fazem o superlativo em *-císsimo*:

capaz	capacíssimo
feliz	felicíssimo
atroz	atrocíssimo

c) os terminados em vogal nasal (representada com *-m* gráfico) formam o superlativo em *-níssimo*:

comum	comuníssimo

d) os terminados no ditongo *-ão* fazem o superlativo em *-aníssimo*:

pagão	paganíssimo
vão	vaníssimo

3. Não raro a forma portuguesa do adjetivo difere sensivelmente da latina, da qual se deriva o superlativo. Assim:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
amargo	amaríssimo	magnífico	magnificentíssimo
amigo	amicíssimo	maléfico	maleficentíssimo
antigo	antiquíssimo	malévolo	malevolentíssimo
benéfico	beneficentíssimo	miúdo	minutíssimo
benévolo	benevolentíssimo	nobre	nobilíssimo
cristão	cristianíssimo	pessoal	personalíssimo
cruel	crudelíssimo	pródigo	prodigalíssimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
fiel	fidelíssimo	sagrado	sacratíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo (ou simplíssimo)
geral	generalíssimo		
inimigo	inimicíssimo	soberbo	superbíssimo

4. Também os superlativos em *-imo* e *-rimo* representam formações latinas. Com exclusão de *facílimo, dificílimo* e *paupérrimo* (superlativos de *fácil, difícil* e *pobre*), que pertencem à linguagem coloquial, são todos de uso literário e um tanto precioso. Anotem-se os seguintes:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
acre	acérrimo	magro	macérrimo (ou magríssimo)
célebre	celebérrimo		
humilde	humílimo (ou humildíssimo)	negro	nigérrimo (ou negríssimo)
íntegro	integérrimo	pobre	paupérrimo (ou pobríssimo)
livre	libérrimo		
salubre	salubérrimo		

Observação:

Em lugar das formas superlativas *seriíssimo, necessariíssimo* e outras semelhantes, a língua atual prefere *seríssimo, necessaríssimo*, com um só *i*.

Outras formas de superlativo

Pode-se também formar o SUPERLATIVO com:

a) o acréscimo de um prefixo ou de um pseudoprefixo, como *arqui-, extra-, hiper-, super-, ultra-*, etc. (*arquimilionário, extrafino, hipersensível, superexaltado, ultrarrápido*):

> Manuel Torres saiu-lhe ao encontro, prazenteiro, como **ultraprazenteiro** caminhava para ele o eclesiástico.
> (A. Ribeiro, *V*, 32.)

b) a repetição do próprio adjetivo:

> É um Abril de pureza: — é **lindo, lindo**!
> (A. Patrício, *P*, 130.)

> A avó, que tem oitenta anos,
> está tão fraca e velhinha...
> Teve tantos desenganos:
> ficou **branquinha, branquinha**,
> com os desgostos humanos. —
> (O. Bilac, *PI*, 7.)

c) uma comparação breve:

> — Isso é **claro como água**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 101.)

> — Estava **escuro como breu**, e à distância de dez passos um vulto mal se via a negrejar.
> (A. Ribeiro, *V*, 393.)

d) certas expressões fixas, como *podre de rico* [= riquíssimo], *de mão cheia* [= excelente, de grandes recursos técnicos], e outras semelhantes:

> A Zorilda era uma pianista **de mão cheia**.
> (H. Sales, *DBFM*, 120.)

Podre de rico! Nem sabe o que tem de seu!
(V. Nemésio, *NPM*, 102.)

e) o artigo definido, marcado por uma tonicidade e uma duração particular, em frases do tipo:

Ela não é apenas uma excelente cantora, ela é **a cantora** [= **a incomparável, a melhor de todas**].

Diz-se, como vimos, **de notoriedade** este emprego do artigo.

Superlativo relativo

1. O SUPERLATIVO RELATIVO é sempre analítico.
   O DE SUPERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade:

   Este aluno é **o mais estudioso do** Colégio.
   João foi **o** colega **mais leal que** conheci.

   O DE INFERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de inferioridade:

   Este aluno é **o menos estudioso do** Colégio.
   Jorge foi **o** colega **menos leal que** conheci.

2. O termo da comparação é expresso por um complemento nominal introduzido pela preposição *de* (e também *entre, em* e *sobre*), ou por uma oração adjetiva restritiva, como nos exemplos mencionados.

3. O superlativo relativo denotador dos limites da possibilidade forma-se com a posposição da palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente[4]:

   O arraial era **o mais monótono possível.**
   (Guimarães Rosa, *S*, 264.)

---

[4] Sobre os diversos processos de intensificação do superlativo relativo no português contemporâneo, veja-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo.* Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 191-202.

Era **a** pessoa **mais cortês deste mundo**, e não deu corpo às suas aversões.
(A. Ribeiro, *V*, 34.)

Nos livros que eu lia estes todos eram **os mais ricos que se conhecia**.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 297.)

Observação:

A função de superlativo relativo pode ser também desempenhada por um numeral ordinal ou por adjetivos que denotem posições extremas. Assim:

Bartolomeu Dias foi **o primeiro** navegante que dobrou o cabo das Tormentas.
O Amazonas é **o principal** rio do Brasil.

Comparativos e superlativos anômalos

Quatro adjetivos – *bom, mau, grande* e *pequeno* – formam o comparativo e o superlativo de modo especial:

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Observações:

1.ª) Quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer *mais bom, mais mau* e *mais grande*; e sim: *melhor, pior* e *maior*. Possível é, no entanto, usar as formas analíticas desses adjetivos quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser:

Ele foi **mais mau do que desgraçado**.
Ele é bom e inteligente; **mais bom do que inteligente**.

Em lugar de *menor* usa-se também *mais pequeno*, que é a forma preferida em Portugal.

2.ª) A par de *ótimo, péssimo, máximo* e *mínimo*, existem os superlativos absolutos regulares: *boníssimo* e *muito bom, malíssimo* e *muito mau, grandíssimo* e *muito grande, pequeníssimo* e *muito pequeno*.

3.ª) *Grande* e *pequeno* possuem dois superlativos: *o maior* ou *o máximo* e *o menor* ou *o mínimo*.

4.ª) Alguns comparativos e superlativos não têm forma normal usada:

COMPARATIVO	SUPERLATIVO
superior	supremo (ou sumo)
inferior	ínfimo
anterior	—
posterior	póstumo
ulterior	último

As formas *superior* e *inferior*, *supremo* (ou *sumo*) e *ínfimo* podem ser empregadas como comparativo e superlativo de *alto* e *baixo*, respectivamente.

Adjetivos que não se flexionam em grau

Vimos que os chamados ADJETIVOS DE RELAÇÃO não se flexionam em grau. O mesmo se dá com os outros adjetivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. Assim: *atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante, sincrônico*, etc.

Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade.

EMPREGO DO ADJETIVO

Funções sintáticas do adjetivo [5]

A rigor, o ADJETIVO só existe referido a um substantivo. Conforme se estabeleça a relação entre os dois termos na frase, o ADJETIVO desempenhará as funções sintáticas de ADJUNTO ADNOMINAL ou de PREDICATIVO.

Adjetivo em função de adjunto adnominal

Neste caso, o ADJETIVO refere-se, *sem intermediário*, ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela *unidade de acento* e *entoação* e pela *identidade de função sintática*.

---

[5] Sobre a sintaxe do adjetivo em português, veja-se o trabalho fundamental de João Malaca Casteleiro. *Sintaxe transformacional do adjectivo: regência das construções completivas.* Lisboa, INIC, 1981.

Assim, no exemplo

Seus olhos negros me encantam,

o sujeito da oração é não apenas *olhos*, mas toda a *unidade significativa e acentual*

Seus olhos negros.

É dentro deste conjunto que o ADJETIVO desempenhará a função sintática ACESSÓRIA, portanto secundária, de ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *olhos*, núcleo do sujeito.

Adjetivo em função predicativa

Neste caso, a qualidade expressa pelo ADJETIVO transmite-se ao substantivo por intermédio de um verbo, que pode estar explícito ou implícito.

Temos o ADJETIVO em função PREDICATIVA nas seguintes construções:

1. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação explícito:

A cidade parece **encantada**.
(C. Drummond de Andrade, *CM*, 138.)

Doce e brando era o seio de Jesus...
(A. de Quental, *SC*, 57.)

2. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação implícito:

Misterioso e mau, o Urucanã. **Traiçoeiro**, aquele jeito inofensivo de correr macio entre os barrancos altos.
(M. Palmério, *VC*, 27.)

Estranho aquele casal.
(J. Condé, *TC*, 33.)

3. PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO, com verbo nocional transitivo:

Afasto-me para que ele não se sinta tolhido, quero-o **livre**.
(L. Fagundes Telles, *DA*, 144.)

Alguns julgaram-no **inocente** do crime assacado.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 1127.)

4. PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO, com verbo nocional transitivo:

Na escola a professora também lhe chama **teimoso**.
(Alves Redol, *C*, 24.)

A mulher, Juliana Gouveia, toma ar aborrecido e chama-lhe **antipático**.
(C. dos Anjos, *DR*, 10.)

5. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo nocional intransitivo:

A casa-grande respirava **tranquila**.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 275.)

As palavras rolaram **nítidas, desamparadas**.
(C. de Oliveira, *AC*, 10.)

O mar palpita **enorme**.
(A. F. Schmidt, *GB*, 411.)

Nesta última construção, o ADJETIVO encerra sempre, mais ou menos acentuada, uma noção adverbial.

Diferença fundamental:

A diferença entre o ADJETIVO em função de ADJUNTO ADNOMINAL e o ADJETIVO em função de PREDICATIVO baseia-se, principalmente em dois pontos:

1.º) O primeiro é TERMO ACESSÓRIO da oração, parte de um TERMO ESSENCIAL ou INTEGRANTE dela; o segundo é, por si próprio, um TERMO ESSENCIAL da oração.

Se disséssemos, por exemplo:

O campo é **imenso**,

o adjetivo predicativo não poderia faltar, pois, sendo TERMO ESSENCIAL, sem ele a oração não teria sentido.

Se disséssemos, no entanto:

O campo **imenso** está alagado,

o adjetivo *imenso* seria parte do sujeito, uma dispensável qualificação do substantivo que lhe serve de núcleo, um TERMO, por conseguinte, ACESSÓRIO da oração.

2.º) A qualidade expressa por um adjetivo em função PREDICATIVA vem marcada no tempo, e por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser é responsável o verbo que liga o adjetivo ao substantivo.

Comparem-se estas frases:

O **bom** aluno estuda.
Ele está **nervoso**, mas era **calmo**.

Na primeira, acrescentamos a noção de *bom* à de *aluno* sem termos em mente qualquer referência à ideia de tempo. Já, na segunda, as noções expressas pelos adjetivos *nervoso* e *calmo* são por nós atribuídas ao sujeito com a situação de tempo marcada pelo verbo: *nervoso*, no presente; *calmo*, no passado.

Emprego adverbial do adjetivo

1. Examinemos as seguintes orações:

O menino dorme **tranquilo**.
A menina dorme **tranquila**.
Os meninos dormem **tranquilos**.
As meninas dormem **tranquilas**.

Vemos que, nelas, o adjetivo em função predicativa concorda em gênero e número com o substantivo sujeito. Mas verificamos, por outro lado, que, servindo embora de predicativo do sujeito, com o qual concorda, o adjetivo modifica em todas elas a ação expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial.

Esse valor naturalmente será preponderante se, em lugar daquelas construções, usarmos as seguintes:

O menino dorme **tranquilamente**.
A menina dorme **tranquilamente**.
Os meninos dormem **tranquilamente**.
As meninas dormem **tranquilamente**.

Aqui, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjetivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo *dormir*.

2. É esse emprego do adjetivo em predicados verbo-nominais, com valor fronteiriço de advérbio, que nos vai explicar o fenômeno, hoje muito generalizado, da adverbialização de adjetivos sem o acréscimo do sufixo *-mente*.

Por exemplo, nestas orações,

D. Felismina sorriu **amarelo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 519.)

Tinham-se habituado a falar **baixo.**
(C. de Oliveira, *CD*, 56.)

as palavras **amarelo** e **baixo** são advérbios.

Observação:

Embora o adjetivo adverbializado deva permanecer invariável, não faltam abonações, mesmo em bons autores, de sua concordância com o sujeito da oração, fato justificável pela ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio.

O adjetivo *meio*, por exemplo, tornado advérbio quando modifica outro adjetivo, aparece não raro em concordância com um substantivo da oração:

Estes homens rudes combatiam **meios nus** e desprezavam todas as precauções de guerra.
(A. Herculano, *E*, 93.)

Maria necessitava de apoio, **meia espantada**, **meia grata**, deixou-se levar.
(M. de Andrade, *OI*, 64.)

Valor estilístico do adjetivo

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres, o ADJETIVO (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel naquilo que falamos ou escrevemos.

É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue, nomeando-lhes as peculiaridades objetivamente apreensíveis. Ex.:

rapaz **alto**
muro **de pedra**
mesa **redonda**
templo **barroco**

É ele que nos permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui. Assim:

moça **exuberante**
caráter **difícil**
estupenda paisagem
ambiente **acolhedor**

Portanto, quer para a *precisão* do enunciado, quer para a sua *expressividade*, o adjetivo impõe-se como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utilize cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto.

Colocação do adjetivo adjunto adnominal

1. Sabemos que, na oração declarativa, prepondera a ORDEM DIRETA, que corresponde à sequência progressiva do enunciado lógico.
   Como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de ADJUNTO ADNOMINAL deverá, portanto, vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica.

2. Mas sabemos, também, que ao nosso idioma não repugna a ORDEM chamada INVERSA, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a anteposição de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo.

3. Podemos, então, estabelecer previamente que:

a) sendo a sequência SUBSTANTIVO + ADJETIVO a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjetivo posposto possui valor objetivo:

noite **escura**	dia **triste**
rapaz **bom**	campos **verdes**

b) sendo a sequência ADJETIVO + SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjetivo assume um valor subjetivo:

escura noite	**triste** dia
bom rapaz	**verdes** campos

Adjetivo posposto ao substantivo

Colocam-se normalmente depois do substantivo:

a) os adjetivos de natureza classificatória, como os técnicos e os de relação, que indicam uma categoria na espécie designada pelo substantivo:

animal **doméstico**	água **mineral**
flor **silvestre**	deputado **estadual**

b) os adjetivos que designam características muito salientes do substantivo, tais como forma, dimensão, cor e estado:

terreno **plano** calça **preta**
homem **baixo** mamoeiro **carregado**

c) os adjetivos seguidos de um complemento nominal:

um programa **fácil de cumprir**
uma providência **necessária ao ensino**

Adjetivo anteposto ao substantivo

1. De um modo constante, só se colocam antes do substantivo:

a) os superlativos relativos: *o melhor, o pior, o maior, o menor*:

O melhor meio de ganhar é poupar.
O maior castigo da injúria é havê-la feito.

b) certos adjetivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivos compostos:

O pior cego é o que não quer ver.
O menor descuido pode ser fatal.
O mar palpita **enorme.**
bom dia **má hora**

c) adjetivos que nesta posição adquiriram sentido especial, como *simples* (= mero, só, único); comparem-se:

Nessa ocasião ele era um **simples** escrevente [= um mero escrevente].
Este escritor tem um estilo **simples** [= um estilo não complexo].

2. Afora esses casos, o adjetivo anteposto assume, em geral, um sentido figurado. Comparem-se, por exemplo:

um **grande** homem [= grandeza figurada]
um homem **grande** [= grandeza material]
uma **pobre** mulher [= uma mulher infeliz]
uma mulher **pobre** [= uma mulher sem recursos]

Colocação do epíteto retórico

O chamado EPÍTETO RETÓRICO serve:

a) para acentuar uma parte do significado do substantivo com o qual se relaciona (EPÍTETO DE NATUREZA), e, neste caso, pode vir posposto ou anteposto ao substantivo, embora a primeira colocação seja a mais frequente:

a **branca** neve a noite **escura**

b) para exprimir uma conhecida qualidade distintiva e individual de um nome próprio (EPÍTETO CARACTERÍSTICO), caso em que vem sempre anteposto ao substantivo:

o **sábio** Nestor a **fiel** Penélope

A posposição do qualificativo, nesses exemplos, transformaria o epíteto característico num mero adjetivo classificatório.

Observação:

Encontrar o adjetivo preciso e colocá-lo adequadamente junto ao substantivo que qualifica é sempre uma operação artística. Com razão dizia o poeta Vicente Huidobro:

"O adjetivo, quando não dá vida, mata."

A propósito, convém meditar nesta advertência de Samuel Gili y Gaya: "A preferência por uma ou outra posição [do adjetivo], quando as condições lógicas não exigem colocação fixa, é um elemento de caracterização de um estilo, sempre que esteja internamente vivida; ocorre não raro, porém, que apenas pelo afã de dar à linguagem um matiz literário, próprio do estilo elevado e declamatório, alguns escritores principiantes, ou pouco sinceros, antepõem sistematicamente os adjetivos." (*Curso superior de sintaxis española*, 5.ª ed., Barcelona, Ediciones Spes, 1955, p. 195.)

Outras formas de realce do adjetivo

1. Para realçar a caracterização do ser ou do objeto, costumam os escritores não só antepor o adjetivo ao substantivo, mas também:

a) estabelecer uma pausa entre o adjetivo e o substantivo, o que se marca, na escrita, pela colocação do adjetivo entre vírgulas:

A 15 de novembro Floriano Peixoto, **doente**, deixou o governo.
(G. Ramos, *AOH*, 183.)

E o Negrinho, **sarado e risonho**, pulando de em pelo e sem rédeas, no baio, chupou o beiço e tocou a tropilha a galope.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 334.)

b) repetir intencionalmente o adjetivo, que é, como vimos, uma das formas de superlativá-lo:

Por teus olhos **negros, negros**
Trago eu negro o coração
(Almeida Garrett, *O*, II, 127.)

Oh que **duro, duro, duro**
ofício de se exprimir!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 160.)

c) separar o adjetivo do substantivo, colocando-o no fim da frase:

D. Quitéria levou a mão ao bolso, **pensativa**.
(F. Namora, *TJ*, 215.)

Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, **inquieta**.
(G. Ramos, *VS*, 109.)

d) acentuar o sentido do adjetivo por meio de um advérbio:

Deixo nessas pobres linhas a minha saudade do homem Camus, **tão simples, tão simpático, tão despretensioso** na sua glória mundial.
(M. Bandeira, *AA*, 342.)

Trá-la **muito bem tratada, muito bem fechada**, restos da vida moura.
(R. Brandão, *P*, 164.)

2. O adjetivo, ou particípio, que modifica um pronome substantivo vem sempre numa situação enfática, em razão da pausa nítida que separa os dois termos. Por isso, escreve-se isolado por vírgulas:

Eu, **louco**, amara-te, estátua!
(Guimarães Passos, *VS*, 37.)

Mas eu, Senhor!... Eu, **triste**, abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
(Castro Alves, *OC*, 291.)

CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COM O SUBSTANTIVO

O ADJETIVO, dissemos, varia em gênero e número de acordo com o gênero e o número do SUBSTANTIVO ao qual se refere.

É por essa correspondência de flexões que os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase.

Assim:

> Eu amo a **noite solitária** e **muda**;
> Como **formosa dona** em **régios paços**,
> Trajando ao mesmo tempo luto e galas
> **Majestosa** e **sentida**.
> (Gonçalves Dias, *PCP*, 250.)

> Disse o **mostrengo**, e rodou três vezes,
> Três vezes rodou **imundo** e **grosso**...
> (F. Pessoa, *OP*, 17.)

> Os **homens** continuam a passar, **indiferentes**.
> (O. Mendes, *P*, 124.)

Adjetivo referido a um substantivo

O ADJETIVO, quer em função de ADJUNTO ADNOMINAL, quer em função de PREDICATIVO, desde que se refira a *um único substantivo*, com ele concorda em gênero e número.

Assim:

> O Barão continuava a contar aventuras, **pequenos casos** que revivia com um **prazer doentio**.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 27.)

> Saiu de **cabeça baixa**, as **mãos cerradas** no fundo dos bolsos.
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 51.)

> O **Antunes** andava **encantado** por todas as razões.
> (Almada Negreiros, *NG*, 70.)

> A **casa** ficou **vazia**.
> (A. M. Machado, *HR*, 231.)

Adjetivo referido a mais de um substantivo

Quando o ADJETIVO se associa *a mais de um substantivo*, importa considerar:

a) o GÊNERO dos substantivos;
b) a FUNÇÃO do adjetivo (ADJUNTO ADNOMINAL ou PREDICATIVO);
c) a POSIÇÃO do adjetivo (anteposto ou posposto aos substantivos), condições essas que permitem a concordância do adjetivo com os substantivos englobados, ou apenas com o mais próximo.

Examinemos as diversas possibilidades, exemplificando-as.

Adjetivo adjunto adnominal

O adjetivo vem antes dos substantivos

REGRA GERAL: O ADJETIVO concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles:

Vivia em **tranquilos bosques** e montanhas.
Vivia em **tranquilas montanhas** e bosques.
Tinha por ele **alto respeito** e admiração.
Tinha por ele **alta admiração** e respeito.

Observação:

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o ADJETIVO vai sempre para o plural:

Conheci ontem **as gentis irmã e cunhada** de Laura.
Portugal cultua os feitos **dos heroicos Diogo Cão e Bartolomeu Dias**.

O adjetivo vem depois dos substantivos

Neste caso, a concordância depende do gênero e do número dos substantivos.

1. Se os substantivos são do *mesmo gênero* e do *singular*, o adjetivo toma o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e, quanto ao número, vai:

a) para o singular (concordância mais comum):

A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuro**.
Estudo a **língua e** a **literatura portuguesa**.

b) para o plural (concordância mais rara):

A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuros.**
Estudo a **língua e** a **literatura portuguesas.**

2. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *singular*, o adjetivo pode concordar:

a) com o substantivo mais próximo (concordância mais comum):

A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** a **literatura portuguesa.**

b) com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural (concordância mais rara):

A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuros.**
Estudo o **idioma e** a **literatura portugueses.**

3. Se os substantivos são do *mesmo gênero*, mas de *números diversos*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos, e vai:

a) para o plural (concordância mais comum):

Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuros.**
Estudo as **línguas e** a **civilização ibéricas.**

b) para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara):

Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuro.**
Estudo as **línguas e** a **civilização ibérica.**

4. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *plural*, o adjetivo vai:

a) para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéus escuros.**
Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricas.**

b) para o masculino plural (concordância mais rara):

Ela comprou **chapéus e saias escuros.**
Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricos.**

5. Se os substantivos são de *gêneros* e *números diferentes*, o adjetivo pode ir:

a) para o masculino plural (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéu escuros.**
Estudo os **falares e** a **cultura portugueses.**

b) para o gênero e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural):

Ela comprou **saias e chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** as **tradições portuguesas.**

Observação:

Quando está em concordância apenas com o substantivo mais próximo, o adjetivo nem sempre caracteriza de forma precisa o substantivo dele distanciado. Por isso, em todas as hipóteses mencionadas, pode-se e deve-se, caso a concordância origine qualquer dúvida, repetir o adjetivo para cada um dos substantivos:

Ela comprou uma **saia escura e** um **chapéu escuro.**
Estudo os **falares portugueses e** a **cultura portuguesa.**

Adjetivo predicativo do sujeito composto

Quando o adjetivo serve de predicativo a um sujeito múltiplo, constituído de substantivos (ou expressões equivalentes), observa, na maioria dos casos, as mesmas regras de concordância a que está submetido o adjetivo que funciona como adjunto adnominal.

Convém salientar, no entanto, que:

a) se os substantivos sujeitos são do *mesmo gênero*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e vai, preferentemente, para o plural, ainda que os substantivos estejam no singular:

O **livro e** o **caderno** são **novos.**
A **porta e** a **janela** estavam **abertas.**

b) se os substantivos sujeitos são de *gêneros diversos*, o adjetivo vai, normalmente, para o masculino plural:

O **livro e** a **caneta** são **novos.**
A **janela e** o **portão** estavam **abertos.**

Mas, nos dois casos, é também possível que o adjetivo predicativo concorde com o núcleo do sujeito mais próximo se o VERBO DE LIGAÇÃO estiver no singular e anteposto ao sujeito composto, como nos exemplos abaixo:

Era novo o **livro** e a caneta.
Estava aberta a **janela** e o portão.

Observações:

1.ª) O adjetivo predicativo do objeto direto obedece, em geral, às mesmas regras de concordância observadas pelo adjetivo predicativo do sujeito.

2.ª) Como as orações, e as palavras tomadas materialmente, se consideram do número singular e do gênero masculino, quando o sujeito é expresso por uma oração (plena ou reduzida), o adjetivo predicativo fica no masculino singular:

É justo que uma nação venere os seus poetas.
É honroso morrer pela pátria.

Capítulo 11

Pronomes

PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

1. Os PRONOMES desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais.
   Servem, pois:

a) para representar um substantivo:

> Os **campos, que** suportaram a longa presença solar a queimá-**los** incessantemente, recebem agora a água abundante com uma gula feliz.
> (A. Frederico Schmidt, *GB*, 294.)

b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado:

> — Quanto valem, és capaz de dizer? Leques espanhóis, de seda, de **alguma bisavó** do **meu tio** cônego, com **estas pérolas** de prata e oiro!
> (F. Namora, *TJ*, 103.)

No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de PRONOMES SUBSTANTIVOS; no segundo chamam-se PRONOMES ADJETIVOS, porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

2. Facilmente, aliás, se distinguem na prática essas duas classes de pronomes, porque os PRONOMES SUBSTANTIVOS aparecem isolados na frase, ao passo que os PRONOMES ADJETIVOS se empregam sempre junto de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Assim, nas frases:

> Lembranças a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 646.)

> **Teus olhos** são dois desejos.
> (R. Correia, *PCP*, 109.)

a palavra *teus* é pronome substantivo, na primeira, e pronome adjetivo, na segunda.

3. Há seis espécies de pronomes: PESSOAIS, POSSESSIVOS, DEMONSTRATIVOS, RELATIVOS, INTERROGATIVOS e INDEFINIDOS.

PRONOMES PESSOAIS

Os PRONOMES PESSOAIS caracterizam-se:

1.º) por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

a) *quem fala* = 1.ª PESSOA: *eu* (singular), *nós* (plural);
b) *com quem se fala* = 2.ª PESSOA: *tu* (singular), *vós* (plural);
c) *de quem se fala* = 3.ª PESSOA: *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural);

2.º) por poderem representar, quando na 3.ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa:

> Santas virtudes primitivas, ponde
> Bênçãos nesta **Alma** para que **ela** se una
> A Deus, e vá, sabendo bem por onde...
> (A. de Guimaraens, *OC*, 149.)

> Levantaram **Dona Rosário**, quiseram levantá-la, embora **ela** se opusesse, choramingasse um pouco, dissesse que não lhe era possível fazê-lo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 137.)

3.º) por variarem de forma, segundo:

a) a função que desempenham na oração;
b) a acentuação que nela recebem.

Observação:

A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3.ª pessoa. Veja-se o que sobre essas formas e o seu emprego escrevemos adiante.

FORMAS DOS PRONOMES PESSOAIS

Quanto à **função**, as formas do pronome pessoal podem ser RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto).

Quanto à **acentuação**, distinguem-se nos pronomes pessoais as formas TÔNICAS das ÁTONAS.

O quadro abaixo mostra claramente a correspondência entre essas formas:

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1.ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2.ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3.ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1.ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2.ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3.ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

FORMAS *O*, *LO* E *NO* DO PRONOME OBLÍQUO

Quando o pronome oblíquo da 3.ª pessoa, que funciona como objeto direto, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o*, *a*, *os*, *as*.

Assim:

Não **o** ver para mim é um suplício.
Nunca **a** encontramos em casa.
João ainda não fez anos; ele **os** faz hoje.
Eles **as** trouxeram consigo.

Quando, porém, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen (PRONOME ENCLÍTICO), a sua forma depende da terminação do verbo.

Assim:

1.º) Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, empregam-se *o*, *a*, *os*, *as*:

Louvo-**o** Louvei-**os**
Louvava-**a** Louvou-**as**

2.º) Se a forma verbal terminar em -*r*, -s ou -*z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades *lo*, *la*, *los*, *las*, como nestes exemplos:

Vê-**lo** para mim é um suplício.
Encontramo-**la** em casa.
João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.
Não quero vendê-**las**.

O mesmo se dá quando ele vem posposto ao designativo *eis* ou aos pronomes *nos* e *vos*:

Ei-lo sorridente.
O nome não **vo-lo** direi.

3.º) Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume as modalidades *no*, *na*, *nos*, *nas*.

Dão-**no**	Tem-**nos**
Põe-**na**	Trouxeram-**nas**

São também estas as formas que o pronome costuma apresentar, na linguagem popular e na literária popularizante de Portugal, depois dos advérbios *não* e *bem*, assim como dos pronomes *quem*, *alguém*, *ninguém* e outras palavras terminadas em ditongo nasal:

E assim pedia, num dó tamanho,
Não no tirassem lá donde estava.
(A. Nobre, *S*, 77.)

Neto sou de **quem no** sou!
(J. Régio, *F*, 13.)

Observações:

1.ª) As formas antigas do pronome oblíquo objeto direto eram *lo(s)* e *la(s)*, provenientes do acusativo do demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Pospostas a formas verbais terminadas em *-r*, *-s* ou *-z*, o seu *l-* inicial assimilou aquelas consoantes, que depois desapareceram:

faze**r-lo**	>	faze**l-lo**	>	fazê-**lo**
faze**s-lo**	>	faze**l-lo**	>	faze-**lo**
fi**z-lo**	>	fi**l-lo**	>	fi-**lo**

Igual assimilação sofreu o *-s* de *eis*, *nos* e *vos*, quando em contacto com o *l-* do pronome.

2.ª) Com as formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade transmitiu-se ao *l-* do pronome, que passou a *n-*:

fazem-**lo**	>	fazem-**no**
façam-**lo**	>	façam-**no**

3.ª) No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblíquo não pode ser ENCLÍTICO, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a MESÓCLISE do pronome, ou seja, a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo *haver*. O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E, como todo infinitivo termina em *-r*, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante e o pronome toma as formas *lo*, *la*, *los*, *las*.

Assim:

FUTURO DO PRESENTE		FUTURO DO PRETÉRITO	
vender-(h)ei	vendê-lo-ei	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)ás	vendê-lo-ás	vender-(h)ias	vendê-lo-ias
vender-(h)á	vendê-lo-á	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)emos	vendê-lo-emos	vender-(h)íamos	vendê-lo-íamos
vender-(h)eis	vendê-lo-eis	vender-(h)íeis	vendê-lo-íeis
vender-(h)ão	vendê-lo-ão	vender-(h)iam	vendê-lo-iam

4.ª) Quanto às normas que se observam no emprego proclítico, enclítico ou mesoclítico destes pronomes, veja-se o que dizemos adiante, ao tratarmos da COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

PRONOMES REFLEXIVOS E RECÍPROCOS

1. Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um PRONOME REFLEXIVO.
   O REFLEXIVO apresenta três formas próprias — *se*, *si* e *consigo* —, que se aplicam tanto à 3.ª pessoa do singular como à do plural:

   Ele vestiu-**se** rapidamente.
   Ela fala sempre **de si**.
   O pintor não trouxe o quadro **consigo**.
   Eles vestiram-**se** rapidamente.
   Elas falam sempre **de si**.
   Os pintores não trouxeram os quadros **consigo**.

Nas demais pessoas, as suas formas identificam-se com as do pronome oblíquo: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

Eu **me** feri.
Tu **te** lavas.
Nós **nos** vestimos.
Vós **vos** levantais.

2. As formas do REFLEXIVO nas pessoas do plural (*nos*, *vos* e *se*) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é RECÍPROCO.

Carlos e eu **nos** abraçamos.
Vós **vos** queríeis muito.
José e Antônio não **se** cumprimentam.

3. Como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambiguidade com um sujeito plural. Por exemplo, uma frase como a seguinte:

Joaquim e Pedro enganaram-**se**.

pode significar que o grupo formado por Joaquim e Pedro cometeu o engano, ou que Joaquim enganou Pedro e este a Joaquim.
Costuma-se remover a dúvida fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais.
Assim:

a) para marcar expressamente a ação reflexiva, acrescenta-se-lhes, conforme a pessoa, *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo*, etc.:

Joaquim e Pedro enganaram-**se a si mesmos**.

b) para marcar expressamente a ação recíproca, junta-se-lhes, ou uma expressão pronominal, como *um ao outro*, *uns aos outros*, *entre si*:

Joaquim e Pedro enganaram-**se entre si**.
Joaquim e Pedro enganaram-**se um ao outro**.

ou um advérbio como *reciprocamente*, *mutuamente*:

Joaquim e Pedro enganaram-se **mutuamente**.

Não raro, a reciprocidade da ação esclarece-se pelo emprego de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre-*:

As duas **entreolharam-se** e Luísa atendeu.
(Coelho Netto, *OS*, I, 67.)

Marido e mulher **entreolharam-se**.
(V. Nemésio, *MTC*, 360.)

EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

FUNÇÕES DOS PRONOMES RETOS

1. Os PRONOMES RETOS empregam-se como:

a) SUJEITO:

Eu era a desdenhosa, a indiferente.
(F. Espanca, *S*, 55.)

Nós vamos em busca de luz.
(Agostinho Neto, *SE*, 36.)

Se és **tu**, meu pai, **eu** vou contigo...
(A. de Guimaraens, *OC*, 58.)

b) PREDICATIVO DO SUJEITO:

Trata-se do seguinte: eu não sou mais **eu**! Revoguei-me a mim mesmo.
(A.M. Machado, *CJ*, 150.)

Meu Deus!, quando serei **tu**?
(J. Régio, *ED*, 157.)

2. *Tu* e *vós* podem ser VOCATIVOS:

Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso,
De quem o Amor sublime enaltece o Universo...
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece...
(O. Bilac, *P*, 158.)

Observação:

Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il* (*il y a*):

— **Ele** haveria no mundo nada mais acertado.
(M. Torga, *CM*, 24.)

— Pois **ele** pode haver maior colondrina por esses mundos fora.
(A. Ribeiro, *M*, 102.)

— **Ele** há tanta mulher por aí!...
(F. Namora, *TJ*, 258.)

É provável que este pronome expletivo tenha vitalidade em outras áreas do idioma, pois aparece na pena de um escritor angolano:

Ele há tantas amarguras!
(Agostinho Neto, *SE*, 99.)

Os raríssimos exemplos que dele se colhem em escritores brasileiros, como este de Machado de Assis:

Que **ele** também há eleições no Amazonas; é o tempo da salga política, a quadra das barracas e dos regatões.
(*OC*, II, 698.)

representam simples imitação da construção portuguesa.

OMISSÃO DO PRONOME SUJEITO

Os pronomes sujeitos *eu*, *tu*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa:

ando	escreve**s**	dormi**u**
rim**os**	partis**tes**	volta**ram**

PRESENÇA DO PRONOME SUJEITO

Emprega-se o pronome sujeito:

a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:

> **Eu**, náufraga da vida, ando a morrer!
> (F. Espanca, *S*, 31.)

> Sim! **tu** sabes ligar-me a todos os teus crimes. **Tu** me sopras todos os pensamentos maus, **tu** me apontas o abismo...
> (Castro Alves, *OC*, 643.)

b) para opor duas pessoas diferentes:

> Abraçamo-nos ambos contristados,
> **Ele**, porque há de ser, como **eu**, um velho,
> E **eu**, por ter sido já, como **ele**, um moço.
> (E. de Castro, *UV*, 68.)

> **Eu** calo-me — **tu** descantas,
> **Eu** rojo — **tu** te levantas,
> **Tu** és livre — escrava **eu** sou!...
> (Castro Alves, *OC*, 273.)

c) quando a forma verbal é comum à 1.ª e à 3.ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco:

> É preciso que **eu repita** o que **ele disse**?
> É preciso que **ele repita** o que **eu disse**?

EXTENSÃO DE EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

Na linguagem formal, certos pronomes retos adquirem valores especiais. Enumeremos os seguintes:

1. **O plural de modéstia.** Para evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*. Com isso, procuram dar a impressão de que as ideias que expõem são compartilhadas por seus leitores ou ouvintes, pois que se expressam como porta-vozes do pensamento coletivo. A este emprego da 1.ª pessoa do plural pela correspondente do singular chamamos PLURAL DE MODÉSTIA.

   Comparem-se estes exemplos:

> Algumas [cantigas], mas poucas, foram por **nós** colhidas da boca do Povo.
> (J. Cortesão, *CP*, 12.)

> As ocupações oficiais em que **nos achamos** desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Peru e Chile, quer nas próprias Antilhas, não **nos** deram muita ocasião de pensar em semelhante edição, para a qual até aí **nos** faltavam auxílios.
> (F. A. Varnhagen, *CTA*, 9.)

Advirta-se que, quando o sujeito *nós* é um PLURAL DE MODÉSTIA, o predicativo ou particípio, que com ele deve concordar, costuma ficar no singular, como se o sujeito fosse efetivamente *eu*. Assim, em vez de:

> **Fiquei perplexo** com o que ele disse.

podemos dizer:

> **Ficamos perplexo** com o que ele disse.

2. **O plural de majestade.** O pronome *nós* era usado outrora pelos reis de Portugal — e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja — como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

> **Nós**, Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, **fazemos saber...**

É o que se chama PLURAL DE MAJESTADE.

Observação:

De início, o *nós majestático* deveria ser uma fórmula de modéstia: o rei a confundir-se com a nação, que falava por sua boca. Também na Igreja seria, no princípio, uma forma de humildade: os prelados a solidarizarem-se com os seus fiéis dentro de uma comunidade mediante o emprego do *nós*. Mas, perdido o valor originário, este plural com que superiores se dirigiam a inferiores veio a ser sentido como uma enfática expressão de grandeza, de poder, de majestade do cargo.

3. **Fórmula de cortesia (3.ª pessoa pela 1.ª).** Quando fazemos um requerimento, por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, tratamo-nos a nós próprios pela 3.ª pessoa, e não pela 1.ª:

> **Fulano de tal**, aluno desse Colégio, **requer** a V. S.ª se digne de mandar passar por certidão as notas mensais por ele obtidas no presente ano letivo.

O emprego da 1.ª pessoa:

> **Eu**, Fulano de tal, **requeiro...**

soa-nos como uma descortesia de nossa parte para com aquele a quem nos endereçamos. Não seria propriamente um pedido que lhe faríamos, e sim uma exigência ríspida de igual para igual.

4. **O *vós* de cerimônia.** O pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2.ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.
Veja-se este passo com que Olavo Bilac termina o seu discurso de ingresso na Academia das Ciências de Lisboa:

> Ainda de longe, pensarei **em vós**, e pensarei **convosco**. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa história e da nossa língua. E, à míngua do brilho que **vos** posso dar, poderei dar-**vos** o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.
> (*DN*, 56.)

Observações:

1.ª) *Vós*, com referência a uma só pessoa, normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, emprega-se ainda, vez por outra, em linguagem literária de tom arcaizante, para expressar distância, apreço social:

> Por **vós** e todo o nosso temor. Por **vós**, que **sois** o nosso rei!
> (J. Régio, *ERS*, 93.)

> — Não **percebeis vós** que a prudência é para mim um dever?
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 709.)

2.ª) *Vós* foi, durante muito tempo, a forma normal por que os católicos portugueses e brasileiros se dirigiam a Deus, tratamento que ainda prevalece entre eles:

> Pai nosso que **estais** no Céu...

No culto reformado, adota-se a forma *tu*:

> Pai nosso que **estás** no céu...

Na linguagem poética, este tratamento alterna com *vós*, desde a época medieval, e é o predominante no português contemporâneo:[1]

---

[1] Veja-se, a propósito, Luís Filipe Lindley Cintra. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa, Horizonte, 1972, p. 75-122.

Não é mortal o que eu em **ti** adoro.
Que **és tu** aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...
(A. de Quental, *S*, 3.)

Se **te** pedir piedade, **dá**-me lume a comer.
Que com pontas de fogo o podre se adormenta.
O **teu** perdão de Pai ainda não pode ser.
Mas lembre-**te** que é fraca a alma que aguenta.
(V. Nemésio, *VM*, 90.)

Tu, Senhor, **tu** meu Deus, **tu** me **recebes**
Na **tua** santa glória, **alarga** as asas
Do **teu** santo perdão, que ao **teu** conspecto
Humilhado me sinto, como a grama.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 467.)

Deus! ó Deus! onde **estás** que não **respondes**?
Em que mundo, em qu'estrela **tu t'escondes**
Embuçado nos céus?
(Castro Alves, *OC*, 290.)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
(Castro Alves, *OC*, 281.)

REALCE DO PRONOME SUJEITO

Para dar ênfase ao pronome sujeito, costuma-se reforçá-lo:

a) seja com as palavras *mesmo* e *próprio*:

— **Tu mesmo** serás o novo Hércules.
(Machado de Assis, *OC*, II, 548.)

Muitas vezes **eu próprio** me sinto ser o que ela pensa que eu sou.
(A. Abelaira, *B*, 129.)

b) seja com a expressão invariável *é que*:

— Eu **é que** lhe devia pedir desculpas de minha irritação.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

Vocês **é que** morrem, meu alferes, mas nós **é que** pagamos.
(Luandino Vieira, *NM*, 63.)

As dores **é que** eram de matar...
(M. Torga, *CM*, 72.)

PRECEDÊNCIA DOS PRONOMES SUJEITOS

Quando no sujeito composto há um da 1.ª pessoa do singular (*eu*), é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar:

Carlos, Augusto e eu fomos promovidos.

Se, porém, o que se declara contém algo de desagradável ou importa responsabilidade, por ele devemos iniciar a série:

Eu, Carlos e Augusto fomos os culpados do acidente.

Observação:

Convém usar com extrema parcimônia as formas pronominais da 1.ª pessoa do singular, especialmente a forma reta *eu*. O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa impressão de imodéstia de quem o pratica.

Não nos devemos esquecer de que as palavras que designam sentimentos exagerados da própria personalidade começam sempre por *ego*, que era a forma latina do pronome *eu*.

Assim:

egoísmo, egocêntrico, ególatra, egotismo.

EQUÍVOCOS E INCORREÇÕES

1. Como o pronome *ele* (*ela*) pode representar qualquer substantivo anteriormente mencionado, convém ficar bem claro a que elemento da frase ele se refere.
   Por exemplo, uma frase como:

   Álvaro disse a Paulo que **ele** chegaria primeiro.

   é ambígua, pois *ele* pode aplicar-se tanto a *Álvaro* como a *Paulo*.

2. Por outro lado, não devemos empregar o pronome *ele* (*ela*) para substituir um substantivo que, com sentido indeterminado, se fixou em expressões feitas, como *falar verdade*, *pedir perdão*, etc.

Assim, não estariam bem construídas as frases:

Falaste verdade; **ela** me comoveu.
Pedi perdão; **ele** me foi concedido.

3. Se, no entanto, o substantivo estiver determinado, isto é, se não mais pertencer a uma daquelas fórmulas fixas, tem perfeito cabimento o emprego do pronome.
Assim:

Falaste **a verdade**; **ela** me comoveu.
Pedi **o seu perdão**; **ele** me foi concedido.

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil[2] é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo:

Vi **ele**. Encontrei **ela**.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV[3], deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.
Assim:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (*o*, *a*, *os*, *as*):

Não sei se elas me compreendem
Nem se eu **as** compreendo **a elas**.
(F. Pessoa, *OP*, 160.)

---

[2] Veja-se especialmente J. Mattoso Câmara Jr. *Ele* comme un accusatif dans le portugais du Brésil. In *Miscelánea homenaje a André Martinet: estructuralismo e historia*, t. 1. La Laguna, Universidad de La Laguna, 1957, p. 39-46; artigo reproduzido, em tradução portuguesa, nos *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972, p. 47-53.

[3] Sobre o emprego do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em português arcaico, leiam-se: Epifânio Dias. *Syntaxe historica portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, Clássica Editora, 1953, p. 71; Joseph Huber. *Altportugiesisches Elementarburch*. Heidelberg, Carl Winter, 1933, p. 150; Sousa da Silveira, *Trechos seletos*, 4.ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 40 e 50.

Temia-**a**, **a ela**, à mulher que o guiava.
(Guimarães Rosa, *PE*, 126.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

Ricas prendas! **Todas elas**
Me deu ele; sim, donzelas...
Que não vo-lo negarei!
(J. de Deus, *CF*, 65.)

— Conheço bem **todos eles**.
(H. Sales, *DBFM*, 150.)

CONTRAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES *DE* E *EM* COM O PRONOME RETO DA 3.ª PESSOA

As preposições *de* e *em* contraem-se com o pronome reto da 3.ª pessoa *ele*(*s*), *ela*(*s*), dando, respectivamente, *dele*(*s*), *dela*(*s*) e *nele*(*s*), *nela*(*s*).

A pasta é **dele**, e **nela** está o meu caderno.

É de norma, porém, não haver a contração quando o pronome é sujeito; ou, melhor dizendo, quando as preposições *de* e *em* se relacionam com o infinitivo, e não com o pronome.

Assim:

O milagre **de ele** existir tinha-se dado já, no momento em que a mulher lhe anunciara a gravidez.
(M. Torga, *CM*, 74.)

— Para que há **de ele** desconfiar de nós e maltratar-te?
(Machado de Assis, *CO*, I, 690.)

Pouco depois **de eles** saírem, levantei-me da mesa.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 96.)

PRONOMES DE TRATAMENTO

1. Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*.

Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2.ª), esses pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa:

— Onde é que **vocês vão**?
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

— **Vossa Reverendíssima faz** isso brincando, disse o principal dos festeiros.
(Machado de Assis, *OC*, II, 550.)

— **Vossa Senhoria**, senhor Comendador, **terá** de perdoar.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

2. Convém conhecer as seguintes formas de tratamento reverente e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviatura	Tratamento	Usado para
V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiduques, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	No Brasil: altas autoridades do governo e oficiais generais das Forças Armadas; em Portugal: qualquer pessoa a quem se quer manifestar grande respeito.
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores das universidades
V. M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Ex.ª Rev.ma	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e arcebispos
V. P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V. Rev.ª V. Rev.ma	Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V. S.	Vossa Santidade	Papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimônia.

Observações:

1.ª) Como dissemos, estas formas aplicam-se à 2.ª pessoa, àquela com quem falamos; para a 3.ª pessoa, aquela de quem falamos, usam-se as formas *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, etc. Mas as últimas podem empregar-se com o valor das primeiras, como expressão de máxima cerimônia, mormente quando seguidas de aposto que contenha um título determinado por artigo. Assim, em lugar de:

Vossa Excelência, Senhor Ministro, aprova a medida?

é lícito dizer-se:

Sua Excelência, o Senhor Ministro, aprova a medida?

2.ª) Em princípio, os pronomes de tratamento da 2.ª pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com o sujeito da 3.ª pessoa:

Seu irmão cantava, e **você** acompanhava.
Vossa Reverência já leu este livro?

Esta norma é naturalmente observada com maior rigor na linguagem escrita, pois na comunicação oral as possíveis dúvidas são muitas vezes eliminadas pela própria situação.

Não é, porém, necessário repetir tais pronomes quando funcionam como sujeito de vários verbos consecutivos.

Você parece que não **está** com nenhuma vontade de **ver** aquele finório, não é?
(A. Callado, *MC*, 104.)

— **Quer V. Exa. dizer** que antes **queria escrever** uma bonita página do que **receber** assim perto de quinhentas libras?
(Eça de Queirós, *O*, II, 176-177.)

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DA 2.ª PESSOA

1. **Tu e você.** No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita,

em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados.[4] Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente — e em certas camadas sociais altas — aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

2. **O senhor.** *O senhor*, *a senhora* (e *a senhorita*, no Brasil, *a menina*, em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes europeia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a *tu* e *você*, em Portugal, e a *você*, na maior parte do Brasil.

   Em Portugal, quando uma pessoa se dirige a alguém que possui um título profissional ou exerce determinado cargo, costuma fazer acompanhar as formas *o senhor* e *a senhora* da menção do respectivo título ou cargo:

o senhor doutor	o senhor capitão
a senhora doutora	o senhor ministro
o senhor engenheiro	o senhor presidente

   Mais raramente, usa-se como tratamento o título não precedido de *senhor*, *senhora*, o que é considerado menos respeitoso que a forma anterior:

o doutor	o engenheiro

   Neste caso, é mais frequente apor-se ao título o nome próprio (primeiro nome — o que implica certa proximidade — ou o nome de família do interpelado):

o doutor Orlando	o engenheiro Silva

[4] Ressalte-se, porém, que o emprego das formas oblíquas *te*, *ti*, *contigo* apresenta uma difusão bastante maior.

No Brasil, estas formas de tratamento são inusitadas. Aliás, o emprego dos títulos específicos, no tratamento ou fora dele, é sensivelmente maior em Portugal do que no Brasil, onde só em casos especialíssimos vêm precedidos de *o senhor.*

Sistematicamente, só se mencionam no Brasil, seguidos dos nomes próprios:

a) a patente dos militares:

O Tenente Barroso	O Major Fagundes
O Coronel Proença	O Almirante Jaceguai
O General Osório	O Brigadeiro Eduardo Gomes

b) os altos cargos e títulos nobiliárquicos:

O Presidente Bernardes	O Embaixador Ouro Preto
O Príncipe D. João	A Condessa Pereira Carneiro

c) o título *Dom* (escrito abreviadamente *D.*), para os membros da família real ou imperial, para os nobres, para os monges beneditinos e para os dignitários da Igreja a partir dos bispos:

D. Pedro	D. Clemente
D. Duarte	D. Hélder

Observe-se que, se *Dom* tem emprego restrito no idioma, tanto em Portugal como no Brasil, o feminino *Dona* (também abreviado em *D.*) se aplica, em princípio, a senhoras de qualquer classe social.[5]

De uso bastante generalizado em Portugal e no Brasil é o título de *Doutor*. Recebem-no não só os médicos e os que defenderam tese de doutorado, mas, indiscriminadamente, todos os diplomados por escolas superiores.

Também o emprego de *Professor* é muito frequente tanto em Portugal como no Brasil. Mas, enquanto no Brasil se aplica ao docente de qualquer grau de ensino, em Portugal usa-se sobretudo para os docentes do ensino primário e do ensino superior.

Observações:

1.ª) As formas *você* e *o senhor* (*a senhora*) empregam-se normalmente nas funções de sujeito, de agente da passiva e de adjunto:

---

[5] Em Portugal, omite-se ainda, por vezes, com os nomes de senhoras das classes sociais mais humildes.

— **Você** amanhã não vá às ceifas.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

Estava desfeiteado, um portador dele fora maltratado **pelo senhor**.
(J. Lins do Rego, *P*, 59.)

— Deixem-me ir **com vocês**!
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

As formas *você* (no Brasil) e *o senhor, a senhora* (tanto em Portugal como no Brasil) estendem-se também às funções de objeto (direto ou indireto), substituindo com frequência as correspondentes átonas *o, a* e *lhe*:

— Há uma hora estou esperando **você** sozinha, neste escritório.
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Devo **a você** e ao doutor Rodrigo.
(J. Amado, *MM*, 229.)

— Eu aprecio muito **o senhor** e era incapaz de ofendê-lo voluntariamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

2.ª) O pronome *tu* era até bem pouco tempo, no português de Portugal, a forma própria de marcar as distâncias de superior para inferior hierárquico. Este tratamento caiu em quase total desuso e, hoje, tanto na variante idiomática brasileira como na portuguesa, é a forma *o senhor* que, na referida situação, se usa com este valor.

3.ª) Pelas razões aduzidas no capítulo 3, p. 73, quando anteposta a um nome próprio, a palavra *senhor* assume na linguagem corrente de Portugal e, principalmente, do Brasil a forma *seu*:

— **Seu Malhadas, seu Malhadas**, fosse você cavalheiro, não aceitava o meu copo!
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

— **Seu Firmino**, o **senhor** duvida da minha palavra?
— Deus me livre, **seu Alexandre**. Quem é que duvida?
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

— **Seu Coronel** não me verá mais, não **senhor**.
(A. Peixoto, *RC*, 938.)

Observe-se, nos dois últimos exemplos, a concorrência da forma proclítica e da forma plena, esta sob o acento tônico.

3. **Tratamento cerimonioso.** As formas de tratamento propriamente cerimonioso usam-se muito menos no Brasil do que em Portugal.

1.º) *Vossa Excelência* (*V. Ex.ª*). Embora o seu emprego, no português europeu, se tenha restringido bastante nas últimas décadas, e em particular nos últimos anos, ainda se usa a forma *Vossa Excelência*, na linguagem oral, em determinados ambientes (por ex.: academias, corpo diplomático) ou situações (empregado de comércio dirigindo-se a cliente, telefonista dirigindo-se a quem solicita uma ligação, etc.), sem que haja qualquer discriminação nítida quanto à categoria da pessoa interpelada. Por vezes aparece reduzida à forma coloquial *Vossência*.

Na linguagem escrita, sob a forma abreviada *V. Ex.ª*, é largo o seu uso, principalmente na correspondência oficial e comercial.

No Brasil só se emprega para o Presidente da República, ministros, governadores dos estados, senadores, deputados e oficiais-generais. E assim mesmo quase que exclusivamente na comunicação escrita e protocolar. Em requerimentos, petições, etc., o seu uso costuma estender-se a presidentes de instituições, diretores de serviço e altas autoridades em geral.

2.º) *Vossa Senhoria* (*V. S.ª*). É um tratamento praticamente inexistente na língua falada de Portugal e do Brasil. Na língua escrita, emprega-se ainda em ambas as variedades idiomáticas — mas cada vez menos — em cartas comerciais, em requerimentos, em ofícios, etc., quando não é próprio o tratamento de *Vossa Excelência*.

3.º) As outras formas — *Vossa Eminência*, *Vossa Magnificência*, *Vossa Santidade*, etc. — são protocolares e só se aplicam aos ocupantes dos cargos atrás indicados. Por vezes, no tratamento direto, é possível substituí-las por formas também respeitosas, mas menos solenes. A um sacerdote, por exemplo, é comum tratar-se, em lugar de *Vossa Reverência* ou *Vossa Reverendíssima*, por *o senhor*, ou, no português europeu, por *o senhor Padre*.

4. **Outras formas de tratamento.** Frequente no português de Portugal, e muito raro no do Brasil, é o emprego das formas nominais antecedidas de artigo em vez das formas pronominais ou pronominalizadas de tratamento. São exemplos dessas formas nominais:

a) o nome próprio, seja o de batismo, seja o de família:

— **O Manuel** já leu este livro?
— **O Martins** já leu este livro?

b) os nomes de parentesco ou equivalentes:

— **O pai** já leu este livro?
— **A mãe** já leu este livro?
— **O meu filho** já leu este livro?

c) outros nomes que situam o interlocutor em relação à pessoa que fala:

— **O meu amigo** já leu este livro?
— **O patrão** já leu este livro?
— **O cavalheiro** já leu este livro?

FÓRMULAS DE REPRESENTAÇÃO DA 1.ª PESSOA

No colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*:

Houve um momento entre nós
Em que **a gente** não falou.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 270.)

— Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito do dinheiro.
(F. Namora, *TJ*, 165.)

— Você não calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.
(C. dos Anjos, *DR*, 41.)

Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3.ª pessoa do singular. Também na 3.ª pessoa do singular deve ficar o verbo que tem por sujeito outras expressões substantivas que representam a 1.ª pessoa do singular, como o brasileirismo **o degas**, que às gerações mais novas já se afigura um tanto antiquado:

— Então, adeus. Mande cá n**o degas**...
(J. Amado, *MM*, 101.)

Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a d**o degas**!
(C. Drummond de Andrade, *CJB*, 69.)

EMPREGO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

FORMAS TÔNICAS

Sabemos que as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. Como pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição que as acompanhe, podem desempenhar as funções de:

a) COMPLEMENTO NOMINAL:

Vou ver-me livre **de ti**...
(B. Santareno, *TPM*, 24.)

O meu ódio **a ela** crescia dia a dia.
(J. Lins do Rego, *ME*, 54.)

b) OBJETO INDIRETO:

— Posso mandar incumbi-la de mostrar **a ti** os pontos pitorescos de Piratininga...
(C. dos Anjos, *M*, 302.)

Não a diria a ninguém,
Nem **a ti** se eu a soubesse!
(A. Botto, *C*, 261.)

c) OBJETO DIRETO (antecedido da preposição *a* e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento):

Paciente, obreira e dedicada, é **a ela** que em verdade eu amo.
(J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 159.)

Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

d) AGENTE DA PASSIVA:

Eu sou daqueles que foram **por ele** consolados.
(Graça Aranha, *OC*, 79.)

Os nossos amores não serão esquecidos nunca — **por mim**, está claro, e estou certo que nem **por ti**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 688.)

e) ADJUNTO ADVERBIAL:

Eu já te vejo amanhã a colher flores **comigo** pelos campos.
(F. Pessoa, *OP*, 167.)

Contigo, Antônio, Antônio Machado,
contigo quisera passear,
por manhã de serra, por noite de rio,
por nascer de luar.
(C. Meireles, *OP*, 344.)

Observação:

Do cruzamento das duas construções perfeitamente corretas:

Isto não é trabalho **para eu fazer**

e

Isto não é trabalho **para mim**,

surgiu uma terceira:

Isto não é trabalho **para mim fazer**,

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua.

A construção parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma.

Emprego enfático do pronome oblíquo tônico

Para se ressaltar o objeto (direto ou indireto), usa-se, acompanhando um pronome átono, a sua forma tônica regida da preposição *a*:

Ele não via nada, via-**se a si** mesmo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

O Abravezes dava-**lhe** razão **a ela**, em princípio...
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 202.)

Pronomes precedidos de preposição

As formas oblíquas tônicas *mim*, *ti*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) só se usam antecedidas de preposição.

Assim:

Fez isto **para mim**.
Gosto **de ti**.
A ele cabe decidir.

Orai **por nós.**
Confiamos **em vós.**
Não há discordância **entre elas.**

Se o pronome oblíquo for precedido da preposição *com*, dir-se-á *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*. É regular, no entanto, a construção *com ele* (*com ela*, *com eles*, *com elas*):

Estive **com ele** agora mesmo.
Fui **com elas** visitar o irmão.

Normal é também o emprego de *com nós* e *com vós* quando os pronomes vêm reforçados por *outros*, *mesmos*, *próprios*, *todos*, *ambos* ou qualquer numeral:

Terá de resolver **com nós mesmos.**
Estava **com vós outros.**
Saiu **com nós três.**
Contava **com todos vós.**

Observações:

1.ª) Empregam-se as formas *eu* e *tu* depois das preposições acidentais *afora*, *fora*, *exceto*, *menos*, *salvo* e *tirante*:

Afinal, todos **exceto eu**, sabem o que sou...
(C. dos Anjos, *DR*, 43.)

— Toda a gente desconfiava disso, **menos eu**.
(Alves Redol, *BC*, 336.)

2.ª) A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas tônicas depois da preposição *entre*. Exemplo:

— Foi um duelo **entre mim** e a velhice.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1085.)

Que diferença há **entre mim** e um fidalgo qualquer?
(Sttau Monteiro, *FL*, 29.)

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando **entre mim e ti** está a cruz ensanguentada do calvário?
(A. Herculano, *E*, 44.)

Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas retas, construção que se vai insinuando na linguagem literária:

> **Entre eu e tu,**
> Tão profundo é o contrato
> Que não pode haver disputa.
> (J. Régio, *ED*, 91.)

> **Entre eu e minha mãe** existe o mar.
> (Ribeiro Couto, *PR*, 365.)

3.ª) Com a preposição *até* usam-se as formas oblíquas *mim*, *ti*, etc.:

> Curvam-se, agarram a rede, erguem-na **até si.**
> (R. Brandão, *P*, 154.)

> Um grito do velho Zé Paulino chegou **até mim**.
> (J. Lins do Rego, *D*, 255.)

Se, porém, *até* denota inclusão, e equivale a *mesmo*, *também*, *inclusive*, constrói-se com a forma reta do pronome:

> Pois é de pasmar, mas é verdade. E **até eu** já tive hoje quem me oferecesse champanhe.
> (J. Régio, *SM*, 156.)

> **Até eu**, que sou muito avesso a esses corre-corres, a esse espevitamento de tomar o cheiro dos famanazes em trânsito, sai-me dos meus cuidados e fui até o Ministério.
> (M. Bandeira, *AA*, 341.)

FORMAS ÁTONAS

1. São formas próprias do OBJETO DIRETO *o*, *a*, *os*, *as*:

> Eu avisei-**o**.
> (B. Santareno, *TPM*, 20.)

> Ele olhou-**a**, espantado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 481.)

Ângela dominava-**os** a todos, vencia-**os**.
(R. Pompeia, *A*, 222.)

É preciso acompanhá-**las**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 45.)

2. São formas próprias do OBJETO INDIRETO: *lhe*, *lhes*:

O capitão **lhe** garantira que tudo fora um mal-entendido.
(M. Palmério, *VC*, 286.)

Soube inspirar-**lhes** confiança.
(B. Santareno, *TPM*, 84.)

3. Podem empregar-se como OBJETO DIRETO ou INDIRETO: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

a) OBJETO DIRETO:

Queres ouvir-**me** um instante, sensatamente?
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 153.)

Queria-**te** ver lá em cima.
(Luandino Vieira, *NM*, 3.)

Vinde e contemplai-**nos**, que entardece.
(C. Meireles, *OP*, 318.)

Ninguém **vos** abandona, senhor.
(J. Régio, *ERS*, 90.)

b) OBJETO INDIRETO:

Chamava-**me** o seu alferes.
(Machado de Assis, *OC*, II, 234.)

— Ninguém **te** vai agradecer.
(Alves Redol, *BSL*, 355.)

Só a leitura dos grandes livros **nos** pode trazer a compensação das misérias de certos homens de letras.
(A. F. Schmidt, *GB*, 331.)

— Ouvis o que **vos** pergunto?
(J. Régio, *ERS*, 186.)

O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo

Se compararmos as duas frases:

Mandei **que ele saísse...**
Mandei-**o sair.**

verificamos que o objeto direto, exigido pela forma verbal *mandei*, é expresso:

a) na primeira, pela oração *que ele saísse*;
b) na segunda, pelo pronome seguido do infinitivo: *o sair*. E verificamos, também, que o pronome *o* está para o infinitivo *sair* como o pronome *ele* para a forma finita *saísse*, da qual é sujeito. Logo, na frase acima o pronome *o* desempenha a função de sujeito do verbo *sair*.

Construções semelhantes admitem os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos* (e o reflexivo *se*, que estudaremos à parte). Exemplo:

Deixe-**me falar.**
Mandam-**te entrar.**
Fez-**nos sentar.**

Emprego enfático do pronome oblíquo átono

1. Para dar realce ao objeto direto, costuma-se colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

Verdades, quem é que **as** quer?
(F. Pessoa, *OP*, 530.)

O meu avô, nunca **o** vi rezando.
(J. Lins do Rego, *ME*, 83.)

Note-se que, se o objeto direto for constituído de substantivos de gêneros diferentes, o pronome que os resume deve ir para o masculino plural — *os*:

Se Paulo desejava mesmo **escândalo e agitação**, teve-**os** à vontade.
(M. Palmério, *VC*, 307.)

Salas e coração, habita-**os** a saudade!
(A. de Oliveira, *P*, III, 109.)

2. Também o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o objeto indireto colocado no início da frase. Comparem-se os conhecidos provérbios:

> **Ao pobre** não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.
> **Ao médico e ao abade**, fala-**lhes** sempre a verdade.

O pronome de interesse

Em frases como as seguintes:

> Olhem-**me** para ela: é o espelho das donas de casa!
> (A. Ribeiro, *M*, 101.)

> Ânimo, Brás Cubas, não **me** sejas palerma.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 534.)

o pronome *me* não desempenha função sintática alguma. É apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita.

Este PRONOME DE INTERESSE, também conhecido por DATIVO ÉTICO ou DE PROVEITO, é de uso frequente na linguagem coloquial, mas não raro aparece na pena de escritores.

Por vezes o seu valor se dilui num *me* expletivo, produzindo belos efeitos:

> Desde menino **me** choro
> E ainda não **me** achei fim!
> (F. Pessoa, *OP*, 543.)

> Quem pagará o enterro e as flores
> Se eu **me** morrer de amores?
> (V. de Morais, *PCP*, 333.)

Pronome átono com valor possessivo

Os pronomes átonos que funcionam como objeto indireto (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*) podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular:

> Escutaste-**lhe** a voz? Viste-**lhe** o rosto?
> Osculaste-**lhe** as plantas?
> Tocaste-**lhe** os vestidos resplendentes?
> (Fagundes Varela, *PC*, II, 272.)

O barro que em quimeras modelaste
Quebrou-se-**te** nas mãos.
(C. Pessanha, *C*, 64.)

Duas lágrimas toldam-**lhe** a vista, um soluço prende-se-**lhe** no peito.
(O. Mendes, *P*, 166.)

Pronomes complementos de verbos de regência distinta

Podemos empregar um só pronome como complemento de vários verbos quando estes admitem a mesma regência, ou seja, quando o pronome em causa desempenha idêntica função com referência a cada verbo.

Assim, a frase:

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

está perfeita, porque os verbos *ver* e *cumprimentar* pedem objeto direto, que, no caso, vem expresso pelo pronome *me*.

Se disséssemos, porém:

Só Roberto **me** viu e deu as costas,

a frase não estaria bem construída, porque o *me* ficaria sendo, a um tempo, objeto direto de *ver* e indireto de *dar*.

Nesse caso, é de boa norma repetirmos o pronome:

Só Roberto **me** viu e **me** deu as costas,

ainda que da construção abreviada se tenham servido alguns dos melhores escritores da língua.[6]

Observação:

Ainda quando complemento de verbos que tenham a mesma regência, o pronome só deve ser omitido com o segundo verbo e seguintes se estiver proclítico ao primeiro da série, como no exemplo citado:

---

[6] Com razão, diz Mário Barreto que esta regra "não é artificial, e não a combate, nem destrói a infração dela em certos casos, em que praticamente o autorizam os usos e modismos da língua, como as locuções *entrar e sair do carro*, *vão e vêm do campo*, *chegar ou sair de casa*, empregadas por muitos e bons escritores". (*Novíssimos estudos da língua portuguesa*. 2.ª edição revista. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924, p. 112-113, nota).

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

Vindo enclítico ao primeiro, convém repeti-lo com os demais. Dir-se-á, pois:

Viu-**me** e cumprimentou-**me**

ou

Viu-**me** e **me** cumprimentou (construção desusada em Portugal)

e não

Viu-**me** e cumprimentou

O que se disse do pronome enclítico aplica-se ao mesoclítico.
Assim:

Procurar-**me**-ão e encontrar-**me**-ão

ou

Procurar-**me**-ão e **me** encontrarão (desusada em Portugal)

e não

Procurar-**me**-ão e encontrarão

Valores e empregos do pronome *se*

O pronome *se* emprega-se como:

a) OBJETO DIRETO (emprego mais comum):

Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranquilizou-**se** e tranquilizou-o.
(G. Amado, *HMI*, 124.)

Viu-**se** ao espelho, cadavérico.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 107.)

b) OBJETO INDIRETO:

Sofia dera-**se** pressa em tomar-lhe o braço.
(Machado de Assis, *OC*, I, 656.)

Perguntava-**se** a si mesma Teresa se aquela horrorosa situação seria um sonho.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 390.)

Emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:

Os nossos olhos muito perto, imensos
No desespero desse abraço mudo,
Confessaram-**se** tudo!
(J. Régio, *PDD*, 83.)

Os estudantes passavam diante dos examinadores aglomerados, chocando-**se** uns aos outros como gado saindo em redemoinho da porta do curral.
(G. Amado, *HMI*, 191.)

c) SUJEITO DE UM INFINITIVO:

Virgília deixou-**se cair**, no canapé, a rir.
(Machado de Assis, *OC*, I, 497.)

Moura Teles deixou-**se conduzir** passivamente.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 607.)

d) PRONOME APASSIVADOR:

Ouve-**se** ainda o toque de rebate.
(B. Santareno, *TPM*, 121.)

Fez-**se** novo silêncio.
(Coelho Netto, *OS*, I, 97.)

e) SÍMBOLO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (junto à 3.ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

Vive-**se** ao ar livre, come-**se** ao ar livre, dorme-**se** ao ar livre.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Martelava-**se**, serrava-**se**, acepilhava-**se**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 131.)

f) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

As estrelas dirão: — "Ai! nada somos,
Pois ela **se morreu**, silente e fria..."
(A. de Guimaraens, *OC*, 258.)

Foi-se embora e à passagem, mascando o charuto, mediu Maria Antônia de alto a baixo.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 929.)

...**Vão-se** as situações, e eles com elas.
(A. Magalhães, *OC*, 798.)

g) PARTE INTEGRANTE DE CERTOS VERBOS que geralmente exprimem sentimento, ou mudança de estado: *admirar-se*, *arrepender-se*, *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*; *congelar-se*, *derreter-se*, etc.

— **Atreva-se. Atreva-se**, e verá.
(M. Torga, *NCM*, 48.)

D. Adélia **queixava-se** baixinho.
(G. Ramos, *A*, 136.)

Leonel **arrependeu-se** da frase inútil e dura.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 846.)

Observações:

1.ª) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano:

Aqui **se escreverão** novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão.
(*Lus.*, VII, 55.)

Na língua moderna evita-se tal prática. Daí soar-nos artificial uma construção como a seguinte:

Este verbo, em nossa língua, nunca **se usou pelos escritores vernáculos** senão como equivalente de amar.
(R. Barbosa, *R*, n.º 384.)

2.ª) Em frases do tipo:

Vendem-**se** casas.
Compram-**se** móveis.

consideram-se *casas* e *móveis* os sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.

Combinações e contrações dos pronomes átonos

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos, um objeto direto e outro indireto, podem combinar-se, observadas as seguintes regras:

1.ª) *Me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe* e *lhes* (formas de objeto indireto) juntam-se a *o*, *a*, *os*, *as* (de objeto direto), dando:

mo = me + o	ma = me + a	mos = me + os	mas = me + as
to = te + o	ta = te + a	tos = te + os	tas = te + as
lho = lhe + o	lha = lhe + a	lhos = lhe + os	lhas = lhe + as
no-lo = nos + [l]o	no-la = nos + [l]a	no-los = nos + [l]os	no-las = nos + [l]as
vo-lo = vos + [l]o	vo-la = vos + [l]a	vo-los = vos + [l]os	vo-las = vos + [l]as
lho = lhes + o	lha = lhes + a	lhos = lhes + os	lhas = lhes + as

2.ª) O pronome *se* associa-se a *me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe*, e *lhes* (e nunca a *o*, *a*, *os*, *as*). Na escrita, as duas formas conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo, e ligam-se por hífen, quando lhe vêm pospostas:

> O coração **se me confrange**...
> (O. Mariano, *TVP*, I, 216.)

> A aventura **gorou-se-lhe** aos primeiros passos.
> (C. de Oliveira, *AC*, 155.)

3.ª) As formas *me*, *te*, *nos* e *vos*, quando funcionam como objeto direto, ou quando são parte integrante dos chamados verbos pronominais, não admitem a posposição de outra forma pronominal átona. O objeto indireto assume em tais casos a forma tônica preposicionada:

> — Como **me** hei de livrar **de ti**?
> (J. Régio, *JA*, 85.)

> Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
> Para mais doidamente me lembrar,
> Mais doidamente **me** lembrar **de ti**!
> (F. Espanca, *S*, 71.)

Observações:

1.ª) As combinações *lho*, *lha* (equivalentes a *lhes* + *o*, *lhes* + *a*) e *lhos*, *lhas* (equivalentes a *lhes* + *os*, *lhes* + *as*) encontram sua explicação no fato de, na língua antiga,

a forma *lhe* (sem *-s*) ser empregada tanto para o singular como para o plural. Originariamente, eram, pois, contrações em tudo normais.

2.ª) No Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lho, no-lo, vo-lo*, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.

Colocação dos pronomes átonos

1. Em relação ao verbo, o pronome átono pode estar:

a) ENCLÍTICO, isto é, depois dele:

Calei-**me**.

b) PROCLÍTICO, isto é, antes dele:

Eu **me** calei.

c) MESOCLÍTICO, ou seja, no meio dele, colocação que só é possível com formas do FUTURO DO PRESENTE ou do FUTURO DO PRETÉRITO:

Calar-**me**-ei.
Calar-**me**-ia.

2. Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ÊNCLISE:

Agarraram-na conseguindo, a muito custo, **arrastá-la** do quarto.
(Coelho Netto, *OS*, I, 43.)

Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, **parecera-lhe** sentir pelas costas risinhos a **escarnecê-la**.
(Eça de Queirós, *O*, I, 124.)

Há, porém, casos em que, na língua culta, se evita ou se pode evitar essa colocação, sendo por vezes conflitantes, no particular, a norma portuguesa e a brasileira.

Procuraremos, assim, distinguir os casos de PRÓCLISE que representam a norma geral do idioma dos que são optativos e, ambos, daqueles em que se observa uma divergência de normas entre as variantes europeia e americana da língua.

Regras gerais

Com um só verbo

1. Quando o verbo está no FUTURO DO PRESENTE ou no FUTURO DO PRETÉRITO, dá-se tão somente a PRÓCLISE ou a MESÓCLISE do pronome:

Eu **me** calarei.
Eu **me** calaria.
Calar-**me**-ei.
Calar-**me**-ia.

2. É, ainda, preferida a PRÓCLISE:

a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (*não*, *nunca*, *jamais*, *ninguém*, *nada*, etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

— **Não lhes dizia** eu?
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 348.)

Nunca o vi tão sereno e obstinado.
(C. dos Anjos, *M*, 316.)

— **Ninguém me disse** que você estava passando mal!
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

Quem me busca a esta hora tardia?
(M. Bandeira, *PP*, I, 406.)

— **Por que te assustas** de cada vez?
(J. Régio, *JA*, 98.)

Como a julgariam os pais se conhecessem a vida dela?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 23.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Que o vento **te leve** os meus recados de saudade.
(F. Namora, *RT*, 89.)

— Que Deus **o abençoe**!
(B. Santareno, *TPM*, 18.)

— Bons olhos **o vejam**! exclamou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta:

Quando me deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 20.)

— Prefiro **que me desdenhem, que me torturem,** a **que me deixem só.**
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 115.)

— Que é que desejas **te mande** do Rio?
(A. Peixoto, *RC*, 174.)

e) com o gerúndio regido da preposição *em*:

Em se ela **anuviando, em a** não **vendo**,
Já se me a luz de tudo anuviava.
(J. de Deus, *CF*, 205.)

— **Em lhe cheirando** a homem chulo é com ele.
(Machado de Assis, *OC*, I, 755.)

3. Não se dá a ÊNCLISE nem a PRÓCLISE com os PARTICÍPIOS. Quando o PARTICÍPIO vem desacompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição.
Exemplo:

Dada a mim a explicação, saiu.

4. Com os INFINITIVOS soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a PRÓCLISE ou a ÊNCLISE, embora haja acentuada tendência para esta última colocação pronominal:

E ah! que desejo de **a tomar** nos braços...
(O. Bilac, *P*, 72.)

Canta-me cantigas para **me embalar**!
(Guerra Junqueiro, *S*, 118.)

Para **não fitá-lo**, deixei cair os olhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 807.)

Para **assustá-lo**, os soldados atiravam a esmo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 82.)

A ÊNCLISE é mesmo de rigor quando o pronome tem a forma *o* (principalmente no feminino *a*) e o INFINITIVO vem regido da preposição *a*:

Se soubesse, não continuaria **a lê-lo**.
(R. Barbosa, *EDS*, 743.)

Logo os outros, Camponeses e Operários, começam **a imitá-la**.
(B. Santareno, *TPM*, 120.)

5. Pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende à PRÓCLISE pronominal:

a) quando o verbo vem antecedido de certos advérbios (*bem*, *mal*, *ainda*, *já*, *sempre*, *só*, *talvez*, etc.) ou expressões adverbiais e não há pausa que os separe:

Até a voz, dentro em pouco, **já me parecia** a mesma.
(Machado de Assis, *OC*, I, 858.)

Só depois se senta no chão a chorar.
(Alves Redol, *MB*, 255.)

Ao despertar, **ainda as encontro** lá, **sempre se mexendo** e discutindo.
(A. M. Machado, *CJ*, 174.)

Talvez Elisabeth **se decidisse**.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 261.)

Nas pernas me fiava eu.
(A. Ribeiro, *M*, 88.)

b) quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo:

Tiram mais que na ceifa; **isso te digo** eu.
(Alves Redol, *G*, 108.)

— **A grande notícia te dou** agora.
(F. Namora, *NM*, 162.)

Razoável lhe parecia a solução proposta.

c) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo*, *tudo*, *alguém*, *outro*, *qualquer*, etc.):

Ambos se sentiam humildes e embaraçados.
(F. Namora, *TJ*, 293.)

Alguém lhe bate nas costas.
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

Todos os barcos **se perdem**,
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

d) nas orações alternativas:

— Das duas uma: **ou as faz** ela **ou as faço** eu.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 39.)

Maria, **ora se atribulava, ora se abonançava.**
(Ó. Ribas, *EMT*, 18.)

6. Observe-se por fim que, sempre que houver *pausa* entre um elemento capaz de provocar a PRÓCLISE e o verbo, pode ocorrer a ÊNCLISE:

Pouco depois, detiveram-se de novo.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 403.)

A ênclise é naturalmente obrigatória quando aquele elemento, contíguo ao verbo, a ele não se refere, como neste exemplo:

— Sim, sim, disse ela desvairadamente, mas avisemos o cocheiro que nos leve até a casa de Cristiano.
— **Não, apeio-me** aqui...
(Machado de Assis, *OC*, I, 690.)

Observação:

Costumam os escritores do idioma, principalmente os portugueses, inserir uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo, sendo mais comum a intercalação da negativa *não*:

Era impossível que **lhe não deixasse** uma lembrança.
(Machado de Assis, *OC*, I, 563.)

Conformado pelas suas palavras, o tio calara-se, só para **lhe não dar** assentimento.
(Alves Redol, *F*, 310.)

Há tanto tempo que **o não via**!
(Luandino Vieira, *CI*, 64.)

Com uma locução verbal

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:
1.º) *Sempre* a ÊNCLISE ao infinitivo ou ao gerúndio:

O roupeiro **veio interromper-me.**
(R. Pompeia, *A*, 37.)

— Que **poderá dizer-nos** aquele rato de biblioteca?
(A. Ribeiro, *AFPB*, 215.)

Só **quero preveni-lo** contra as exagerações do Prólogo.
(A. de Quental, *C*, 314.)

Nós íamos seguindo; e, em torno, imensa,
Ia desenrolando-se a paisagem.
(R. Correia, *PCP*, 304.)

2.º) A PRÓCLISE ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:

a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa:

Tempo que navegaremos
Não se pode calcular.
(C. Meireles, *OP*, 141.)

Rita é minha irmã, **não me ficaria querendo** mal e acabaria rindo também.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

— **Ninguém o havia de dizer.**
(A. Ribeiro, *M*, 68.)

Jamais me hão de chamar outro mais doce.
(F. Espanca, *S*, 49.)

b) nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos:

— **Que** mal **me havia de fazer**?
(M. Torga, *NCM*, 47.)

Que é que me podia acontecer?
(G. Ramos, *A*, 152.)

— **Em que lhe posso ser útil**, senhor Petra?
(A. Ribeiro, *M*, 268.)

Como te hei de receber em dia tão posterior?
(C. Meireles, *OP*, 406.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Como se vinha trabalhando mal!
Deus **nos há de proteger**!

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta:

O sufrágio **que me vai dar** será para mim uma consagração.
(E. da Cunha, *OC*, II, 634.)

Ega subiu ao seu quarto, **onde** outro criado **lhe estava preparando** o banho.
(Eça de Queirós, *O*, II, 329.)

Eram orações extraordinariamente tocantes, que N. lamenta não ter guardado na memória, ou registrado **à proporção que as ia ouvindo**.
(A. F. Schmidt, *F*, 171.)

Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou **me mandassem buscar** ao seminário.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

3.º) A ENCLISE ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a PRÓCLISE:

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,
Noiva-menina, as doidas caravelas,
Ao ignoto País da minha infância...
(F. Espanca, *S*, 179.)

Ia-me esquecendo dela.
(G. Ramos, *AOH*, 40.)

A cidade **ia-se perdendo** à medida que o veleiro rumava para São Pedro.
(B. Lopes da Silva, *C*, 207.)

2. Quando o verbo principal está no PARTICÍPIO, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, PROCLÍTICO ou ENCLÍTICO ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples:

— **Tenho-o trazido** sempre, só hoje é que o viste?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 152.)

— Arrependa-se do que me disse, e **tudo lhe será perdoado**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 645.)

Que se teria passado?
(Coelho Netto, *OS*, I, 1412.)

Queria mesmo dali adivinhar o **que se tinha passado** na noite da sua ausência.
(Alves Redol, *F*, 195.)

A colocação dos pronomes átonos no Brasil

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no colóquio normal, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Podem-se considerar como características do português do Brasil e, também, do português falado nas Repúblicas africanas:

a) a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente com a forma *me*:

— **Me desculpe** se falei demais.
(É. Veríssimo, *A*, II, 487.)

Me arrepio todo...
(Luandino Vieira, *NM*, 138.)

b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação:

— Se Vossa Reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede.
(J. Montello, *TSL*, 176.)

O usineiro nos entregava o açúcar pelo preço do dia, pagava a comissão e armazenagem e nós especulávamos para as praças do Rio e São Paulo.
(J. Lins do Rego, *U*, 251.)

— **A sua prima Júlia**, do Golungo, **lhe mandou** um cacho de bananas.
(Luandino Vieira, *NM*, 54.)

c) a próclise ao verbo principal nas locuções verbais:

Será que o pai **não ia se dar** ao respeito?
(Autran Dourado, *SA*, 68.)

— Não, não sabes e **não posso te dizer mais**, já não me ouves.
(Luandino Vieira, *NM*, 46.)

Outro **teria se metido** no meio do povo, teria terminado com aquela miséria, sem sangue.
(J. Lins do Rego, *U*, 222.)

Tudo **ia se escurecendo.**
(J. Lins do Rego, *U*, 338.)

Justificando essa última colocação, escreve Martinz de Aguiar:

"Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver*, que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio procliticamente: *Aqueles haviam se-corrompido.*

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do passado): *Poderá se-reduzir*, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhes aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamo-nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamos nos-encontrar*".[7]

PRONOMES POSSESSIVOS

PRONOMES PESSOAIS, POSSESSIVOS E DEMONSTRATIVOS

Estreitamente relacionados com os pronomes pessoais estão os PRONOMES POSSESSIVOS e os DEMONSTRATIVOS.

Os PRONOMES PESSOAIS, vimos, denotam as pessoas gramaticais; os outros dois indicam algo determinado por elas:

a) os POSSESSIVOS, o que lhes cabe ou pertence;
b) os DEMONSTRATIVOS, o que delas se aproxima ou se distancia no espaço e no tempo.

Podemos, assim, estabelecer estas correspondências prévias:

	1.ª PESSOA	2.ª PESSOA	3.ª PESSOA
Pronome pessoal	eu	tu	ele
Pronome possessivo	meu	teu	seu
Pronome demonstrativo	este	esse	aquele

[7] *Notas de português de Filinto a Odorico.* Rio de Janeiro, Simões, 1955, p. 409.

FORMAS DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor.

		UM POSSUIDOR		VÁRIOS POSSUIDORES	
		UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS	UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS
1.ª pessoa	masc.	meu	meus	nosso	nossos
	fem.	minha	minhas	nossa	nossas
2.ª pessoa	masc.	teu	teus	vosso	vossos
	fem.	tua	tuas	vossa	vossas
3.ª pessoa	masc.	seu	seus	seu	seus
	fem.	sua	suas	sua	suas

VALORES E EMPREGOS DOS POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse. São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós, de si*), mas podem empregar-se como pronomes substantivos:

Por exemplo:

Meu livro é este.
Este livro é o **meu**.
Sempre com **suas histórias**!
Fazer das **suas**.

Concordância do pronome possessivo

1. O PRONOME POSSESSIVO concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e, em pessoa, com o possuidor do objeto em causa:

> Cada um tratava de si, do **seu corpo**, da **sua alma**, dos **seus ódios**.
> (M. Torga, *NCM*, 204.)

> Eu estava na porta da **minha casa**, casa de passeio-alto, com a **minha mãe** e o **meu pai**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 178.)

Suas mudanças súbitas, **seu jeito** provocante, **sua mímica** muito feminina me fazem lembrar a Jandira mulher, que tantas vezes desaparece a **meus olhos**, em **nossas conversações.**
(C. dos Anjos, *DR*, 124.)

2. Quando um só POSSESSIVO determina mais de um substantivo, concorda com o que lhe esteja mais próximo:

Rubião estacara o passo; ela pôde vê-lo bem, com os **seus gestos e palavras**, o peito alto, e uma barretada que deu em volta.
(Machado de Assis, *OC*, I, 715.)

E o meu corpo, **minh'alma e coração,**
Tudo em risos poisei em tua mão...
(F. Espanca, *S*, 177.)

Posição do pronome adjetivo possessivo

O PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO precede normalmente o substantivo que determina, como nos mostram os exemplos até aqui citados.

Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

1.º) quando este vem desacompanhado do artigo definido:

Esperava **notícias tuas** para de novo te escrever.
(A. Nobre, *CI*, 119.)

Soube por José Veríssimo que estranhou a ausência de **cartas minhas.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 707.)

2.º) quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido):

Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, **um telegrama seu**, de felicitações...
(E. da Cunha, *OC*, II, 639.)

Note **este erro seu**: não há em mim (que eu seja consciente) o menor espírito de renúncia ou de esquecimento de mim próprio.
(J. de Figueiredo, *C*, 177.)

Como tu foste infiel
A **certas ideias minhas**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 186.)

3.º) nas interrogações diretas:

Onde estais, **cuidados meus**?
(M. Bandeira, *PP*, 23.)

Em todo o caso... Agora ouve-se menos ou é **impressão minha**?
(A. Abelaira, *NC*, 15.)

4.º) quando há ênfase:

— Tu não lustras as unhas! tu trabalhas! tu és digna **filha minha**! pobre, mas honesta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 672.)

Ninguém, **senhores meus**, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças, por saber se o levarão a cabo.
(R. Barbosa, *EDS*, 685.)

A alternância de colocações presta-se a efeitos estilísticos, como nos mostra este exemplo:

És **meu** único **desejo**,
Ah! fosse o **desejo teu**!
(Guimarães Passos, *VS*, 24.)

Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa

As formas *seu*, *sua*, *seus*, *suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3.ª pessoa do singular ou da 3.ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s)*, *sua(s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*, *de você(s)*, *do(s) senhor(es)*, *da(s) senhora(s)* e outras expressões de tratamento.

Por exemplo, a frase:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **seus exames**.

tem um anunciado equívoco: os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia; ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.

Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a intenção que tenha:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dela**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dele**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames deles**.

Reforço dos possessivos

O valor possessivo destes pronomes nem sempre é suficientemente forte. Quando há necessidade de realçar a ideia de posse — quer visando à clareza, quer à ênfase —, costuma-se reforçá-los:

a) com a palavra *próprio* ou *mesmo*:

> Mais unidos sigamos e não tarda
> Que eu ache a vida em **tua própria morte**.
> (Guimarães Passos, *VS*, 46.)

> Era ela mesma; eram os **seus mesmos braços**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 484.)

b) com as expressões *dele(s)*, *dela(s)*, no caso do possessivo da 3.ª pessoa:

> Montaigne explica pelo **seu** modo **dele** a variedade deste livro.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 556.)

> Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse ele a sua vontade; mas que a **sua** vitória **dele**, sobre os protetores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Viseu, estava plenamente obtida.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 415.)

Valores dos possessivos

O PRONOME POSSESSIVO não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido múltiplos valores, por vezes bem distanciados daquele sentido originário.

Mencione-se o seu emprego:

a) como indefinido:

> Tinha tido **o seu orgulho, a sua calma, a sua certeza.**
> (M. Torga, *V*, 216.)

> Tenho tido **os meus vícios.**
> (Alves Redol, *BC*, 43.)

> A senhora há de ter tido **seus apertos** de dinheiro, disse Rubião.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 630.)

b) para indicar aproximação numérica:

> Revejo sempre uma rapariga que só uma vez fitei, tinha eu **meus vinte anos.**
> (A. F. Schmidt, *GB*, 251.)

> Ela media, como um marchante, **o meu metro e oitenta de altura** e pesava, com o mesmo rigor, **os meus setenta e sete quilos.**
> (F. Namora, *RT*, 90.)

> Entrou uma mulherzinha de **seus quarenta anos**, decidida e de passo firme.
> (F. Sabino, *HN*, 164.)

c) para designar um hábito:

> Neste instante, a Judite voltou-se e, abandonando as companheiras, veio desfazer o cumprimento com **um repente dos seus.**
> (Almada Negreiros, *NG*, 110.)

> Nos **nossos dias**, a baianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexível, a passo rápido.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 89.)

— Não sei para onde vou mandar o **meu herói**... — disse com um falso sorriso.
(É. Veríssimo, *LS*, 139.)

Ora bem, deixa-me transcrever **o meu Saint-Exupéry**.
(F. Namora, *RT*, 190.)

Isto feito, meteu-se na cama, rezou uma ode **do seu Horácio** e fechou os olhos. Nem por isso dormiu. Tentou então uma página **do seu Cervantes**, outra **do seu Erasmo**, fechou novamente os olhos, até que dormiu.
(Machado de Assis, *OC*, I, 953.)

— Onde está **o meu Tenentes do Diabo**?
(J. Lins do Rego, *E*, 282.)

d) de ironia, de malícia, de sarcasmo:

Todos aqueles santos varões comiam, bebiam **o seu vinho do Porto** na copa.
(Eça de Queirós, *O*, II, 17.)

Na mesa do major jantei **o meu frango**, comi **a minha boa posta de robalo**, trabalho que afundou em mais de duas horas.
(J. C. de Carvalho, *CL*, 133.)

Em casa de Norberto, as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam **seu chá**, faziam **sua malha** e eram madrinhas das filhas dos criados mais próximos.
(J. Saramago, *LC*, 54.)

Observe-se que, nos dois últimos casos, o POSSESSIVO vem normalmente acompanhado do artigo definido.

2. De acentuado caráter afetivo é também a construção em que uma forma feminina plural do pronome completa a expressão *fazer* (ou *dizer*) *uma das* = praticar uma ação ou dizer algo particular, geralmente passível de crítica:

Com aquele gênio esquentado é capaz de **fazer uma das dele**.
(Castro Soromenho, *TM*, 175.)

Era lindo o bicho, com **sua calma** de passarinho manso.
(R. Braga, *CCE*, 85.)

Sente-se em todos esses empregos do POSSESSIVO uma certa carga afetiva, mais acentuada nos que passamos agora a examinar.

Valores afetivos

1. Variados são os matizes afetivos expressos pelos POSSESSIVOS. Servem, por vezes, para acentuar um sentimento:

a) de deferência, de respeito, de polidez:

"— Quer alguma coisa, **minha senhora**?"
(Eça de Queirós, *OF*, I, 1037.)

Adeus! — Bons dias, **meu Comandante**,
A nossa sorte... morrer, talvez...
E o rude velho segue pra diante
E o rude velho segue pra diante:
— Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
(A. Nobre, *S*, 106.)

— Não posso deixá-lo um instante, **meu Fidalgo**.
(A. Arinos, *OC*, 436.)

— Não é assim, **meus respeitáveis senhores**?
(Ó. Ribas, *EMT*, 123.)

b) de intimidade, de amizade:

— Hoje, **meu caro Antônio**, temos de festejar a presença do meu rapaz.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 203.)

— Dispõe de mim, **meu velho**, estou às suas ordens, bem sabes.
(A. Azevedo, *CFM*, 6.)

— Não há nada mais certo, **meu amigo** — respondia D. Clara.
(A. de Assis Júnior, *SM*, 76.)

c) de simpatia, de interesse (com referência a personagem de uma narrativa, a autor de leitura frequente, a clubes ou associações de que seja sócio ou aficionado, etc.):

> As criadas, junto da porta, casquinaram uns risinhos abafados e o Barbaças voltou-se para elas, disposto a **dizer uma das suas.**
> (F. Namora, *TJ*, 210.)

> — Você andou por aí **fazendo das suas.**
> (J. Lins do Rego, *MR*, 229.)

Nosso de modéstia e de majestade

Paralelamente ao emprego do pronome pessoal *nós* por *eu* nas fórmulas de modéstia e de majestade que estudamos, aparece o do POSSESSIVO *nosso(a)* por *meu* (*minha*).

Comparem-se estes exemplos:

a) de modéstia:

> Este livro nada mais pretende ser do que um pequeno ensaio. Foi **nosso** escopo encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira, para colocar a língua no seu verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização.
> (S. da Silva Neto, *IELPB*, 11.)

b) de majestade:

> Mandamos que os ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com eles andarem, não entrem em **nossos** Reinos e Senhorios.
> (Ordenações Filipinas, livro V, título 69.)

Vosso de cerimônia

O uso do pronome pessoal *vós* como tratamento cerimonioso aplicado a um indivíduo ou a um auditório qualificado leva, naturalmente, a igual emprego do POSSESSIVO *vosso(a)*. Exemplos:

> Nunca **vosso** avô, meu senhor e marido, achou que me não fosse possível compreender o ânimo dum grande português.
> (J. Régio, *ERS*, 69.)

> Levareis, Senhores Delegados, aos vossos Governos, à vossa Pátria, estas declarações que são a expressão sincera dos sentimentos do Governo e do Povo Brasileiro.
> (Barão do Rio Branco, *D*, 98.)

Observação:

Quanto ao emprego das formas de tratamento cerimonioso em que se fixaram os POSSESSIVOS *Sua* e *Vossa* (tipo: *Sua Excelência*, *Vossa Excelência*), veja-se o que dissemos ao estudarmos os PRONOMES PESSOAIS (Pronomes de tratamento).

Substantivação dos possessivos

Os POSSESSIVOS, quando substantivados, designam:

a) no singular, o que pertence a uma pessoa:

> — Eu não tenho mais ambições que fazer fanga e ganhar o que puder, até ter um bocado **de meu**.
> (Alves Redol, *F*, 281.)

> A rapariga não tinha um minuto **de seu**.
> (A. Rangel, *IV*, 61.)

> Eu não tenho **de meu** um momento.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 1415.)

b) no plural, os parentes de alguém, seus companheiros, compatriotas ou correligionários:

> Peço-te que transmitas, em nome de todos **os meus**, sinceros agradecimentos a D. Maria Júlia e a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 705.)

> Saudades a todos **os teus**.
> (R. Correia, *PCP*, 623.)

> Não me podia a Sorte dar guarida
> Por não ser eu d**os seus**.
> (F. Pessoa, *OP*, 12.)

> Impugnaram-na apaixonadamente Dâmaso e **os seus**; defenderam-na com brio e vivacidade Moura Seco, Teodoro e os inimigos do arcipreste.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 264.)

Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico

Em certas locuções prepositivas, o pronome oblíquo tônico, que deve seguir a preposição e com ela formar um complemento nominal do substantivo

anterior, é normalmente substituído pelo PRONOME POSSESSIVO correspondente. Assim:

em frente **de ti**	=	em **tua** frente
ao lado **de mim**	=	ao **meu** lado
em favor **de nós**	=	em **nosso** favor
por causa **de você**	=	por **sua** causa

Veja-se, por exemplo, este passo, no qual a expressão *em teu louvor* equivale a *em louvor de ti*:

> Negrinho do Pastoreio,
> Venho acender a velinha
> Que palpita **em teu louvor.**
> (A. Meyer, *P*, 125.)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo:

> Lia coisas incríveis para **aquele lugar** e **aquele tempo.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 105.)

A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DEÍCTICA (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

2. Mas os DEMONSTRATIVOS empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

> A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> O mal foi **este**: criar os filhos como dois príncipes.
> (M. Torga, *V*, 309.)

É a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego *anaphorikós* = que faz lembrar, que traz à memória).

FORMAS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS apresentam formas variáveis e formas invariáveis, ou neutras:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
este	estes	esta	estas	isto
esse	esses	essa	essas	isso
aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

2. As formas variáveis (*este*, *esse*, *aquele*, etc.) podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos:

   Este livro é meu.
   Meu livro é **este**.

3. As formas invariáveis (*isto*, *isso*, *aquilo*) são sempre pronomes substantivos.

4. Estes DEMONSTRATIVOS combinam-se com as preposições *de* e *em*, tomando as formas: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto*; *desse*, *dessa*, *disso*; *nesse*, *nessa*, *nisso*; *daquele*, *daquela*, *daquilo*; *naquele*, *naquela*, *naquilo*.
   Aquele, *aquela* e *aquilo* contraem-se ainda com a preposição *a*, dando: *àquele*, *àquela* e *àquilo*.

5. Podem também ser DEMONSTRATIVOS *o* (*a*, *os*, *as*), *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*, como veremos adiante.

VALORES GERAIS

Considerando-os em suas relações com as pessoas do discurso, podemos estabelecer as seguintes características gerais para os PRONOMES DEMONSTRATIVOS:

1.º) *Este*, *esta* e *isto* indicam:

a) o que está perto da pessoa que fala:

> **Esta casa** estará cheia de flores!
> Cá te espero amanhã! Não te demores!
> (E. de Castro, *UV*, 59.)

> As mãos que trago, as mãos são **estas**.
> (C. Meireles, *OP*, 216.)

b) o tempo presente em relação à pessoa que fala:

Esta tarde para mim tem uma doçura nova.
(Ribeiro Couto, *PR*, 83.)

Neste momento há um rapaz que gosta de mim, um inglês.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 13.)

2.º) *Esse*, *essa* e *isso* designam:

a) o que está perto da pessoa a quem se fala:

— Que susto você me pregou, entrando aqui com **essa cara** de alma do outro do mundo!
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Ficas aí um pedaço a descansar e a remoer **essas fúrias. Isso**, agora, ainda incha um bocado.
(F. Namora, *NM*, 122.)

Essas tuas **fúrias** avulso, **esse** teu **calor, esse riso, essa amizade** mesmo nos ódios que tinhas, procuro-lhes em vão só, que os teus olhos estão fechados para sempre.
(Luandino Vieira, *NM*, 30.)

b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala:

Bons tempos, Manuel, **esses que já lá vão**!
(A. Nobre, *S*, 51.)

Desses longes imaginados, **dessas expectativas** de sonho, passava ele ao exame da situação da Europa em geral e da Alemanha em particular.
(G. Amado, *DP*, 92.)

3.º) *Aquele*, *aquela* e *aquilo* denotam:

a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala:

— Olhem **aquele monte** ali em frente. É longe, não é?
(G. Ramos, *AOH*, 107.)

— Qualquer dia dizem assim: ali **naquela casa** viveu o Paulino.
(Castro Soromenho, *C*, 116.)

b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota:

Naquele tempo a fogueira crepitava até horas mortas.
(C. dos Anjos, *DR*, 46.)

— **Naquele tempo** era uma boa casa de banho.
— **Naquele tempo**, filho... Ora, **naquele tempo**!
(M. J. de Carvalho, *TM*, 41.)

— **Naquele tempo** as pernas não me pesavam.
(Castro Soromenho, *C*, 118.)

Resumindo, podemos apresentar no seguinte quadro os valores básicos dessas formas pronominais para a pessoa que fala ou escreve:

Demonstrativo	Pessoa	Espaço	Tempo
este	1.ª	situação próxima	presente
esse	2.ª	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distante
aquele	3.ª	situação longínqua	passado vago ou remoto

DIVERSIDADE DE EMPREGO

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática.

Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta*, *isto*) onde seria de esperar *esse* ou *aquele*.

Sirva de exemplo esta frase de um personagem do romance *Fogo morto*, de José Lins do Rego, em que o advérbio *lá* se aplica a sua casa, da qual no momento estava ausente:

— Eu só queria estar lá para receber **estes cachorros** a chicote.
(*FM*, 296.)

Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo *esse* em lugar de *este*. Assim, no seguinte passo de Ferreira de Castro:

> O guarda-livros, num repelão, ordenou:
> — Tire **esse** bandido da minha frente, João! Tome conta dele!
> (*OC*, I, 300.)

EMPREGOS PARTICULARES

1. *Este* (*esta*, *isto*) é a forma de que nos servimos para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou que vamos dizer:

> — Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença?
> **Dizendo isto**, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 564.)

> Minha tristeza é **esta** —
> A das coisas reais.
> (F. Pessoa, *OP*, 100.)

2. Para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado, costumamos usar também o demonstrativo *esse* (*essa*, *isso*):

> Não havia que pedir de fiado nas lojas; a lareira teria sempre lume. **Nisso**, ao menos, o Agostinho Serra abria bem as mãos.
> (Alves Redol, *G*, 94.)

> — **A isso** eu chamaria complexo de Carlitos.
> (C. dos Anjos, *MS*, 383.)

3. *Esse* (*essa*, *isso*) é a forma que empregamos quando nos referimos ao que foi dito por nosso interlocutor:

> — As minhas meditações foram sempre pessoais e intransmissíveis.
> — Sempre. É **nisso** que és extraordinária.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 56.)

> — Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?
> — Já tenho feito **isso**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 586.)

4. Tradicionalmente, usa-se nisto no sentindo de "então", "nesse momento":

> **Nisto**, ouvimos vozes e passos.
> (A. Abelaira, *TM*, 112.)

> Entardeceu.
> **Nisto** correu voz que a noiva estava chorando.
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 210.)

Escritores modernos, entretanto, empregam também *nisso*:

> **Nisso** a orquestra, a boa orquestra romântica dos restaurantes da velha guarda, atacou "Parabéns para você"...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

> **Nisso** bateram à porta.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 261.)

5. Em certas expressões o uso fixou determinada forma do demonstrativo, nem sempre de acordo com o seu sentido básico. É o caso das locuções: *além disso*, *isto é*, *isto de*, *por isso* (raramente *por isto*), *nem por isso*.

POSIÇÃO DO PRONOME ADJETIVO DEMONSTRATIVO

1. O DEMONSTRATIVO, quando PRONOME ADJETIVO, precede normalmente o substantivo que determina:

> Meu pobre coração, **nessa** eterna **ansiedade**,
> **Nesse** eterno **sofrer**, eterno arrastaria
> **Esta** triste, **esta** longa, **esta** eterna **saudade**.
> (M. Pederneiras, *LSMV*, 53.)

> **Estes homens** e **estas mulheres** nasceram para trabalhar.
> (J. Saramago, *LC*, 327.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente:

> Por outro lado, Siá Bina era ainda comadre de Nhô Felício, pois batizara um filho dele, há poucos anos, **filho esse** do segundo casamento.
> (Ribeiro Couto, *C*, 145.)

A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

Porém de que serve a piedade sem a caridade?
ou antes, pode **aquela** existir sem **esta**?
(Almeida Garrett, *O*, I, 721.)

2. Por vezes, os DEMONSTRATIVOS alternados têm valor indefinido:

E vimos isto: homens de todas as idades, tamanhos e cores, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas esfrangalhadas; atitudes diversas, uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, **estes** sentados em pedras, **aqueles** encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas das pupilas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

Outras mulheres, assentadas sobre as esteiras, ladeavam a cama onde momentos antes repousou o corpo. **Esta** soluçava a um canto; **aquela** lacrimejava em silêncio junto a um móvel...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

Depois vieram outros e outros, **estes** fincados de leve, **aqueles** até à cabeça.
(Monteiro Lobato, *U*, 110.)

3. Observe-se também a ocorrência de dois DEMONSTRATIVOS em construções nas quais o predicativo introduzido por *aquele* melhor esclarece o sujeito, expresso por um substantivo determinado por *este* ou *esse*:

Este homem foi **aquele** que me dizia "que não me afligisse que eu ainda estava muito novo para curar-me".
(A. Nobre, *CL*, 144.)

Mas **esses** atos são justamente **aqueles** que os psiquiatras designam como características de qualquer perturbação mental.
(T. Barreto, *QV*, 39.)

Por vezes omite-se o substantivo:

Essa é **aquela** Lélia.
(G. Cruls, *QR*, 498.)

A recepção esteve muito cacete e o Dr. Martiniano Lopes me pegou no terraço para ler um longo discurso que vai pronunciar na Ordem dos Economistas; **martírio esse** que durou uma hora de relógio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 128.)

3. Usa-se para determinar o aposto, geralmente quando este salienta uma característica marcante da pessoa ou do objeto:

Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse**, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.
(M. Palmério, *VC*, 99.)

Arlequim é o D. Quixote, **esse** livro admirável onde se experimentam ao ar livre, de dia e de noite, e através de todas as eventualidades os preceitos da Honra e das outras teorias.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 90.)

Chamava-se "Terminus", porque o proprietário fizera em tempos a sua viagem à Europa, "Terminus" em luzinhas bem nítidas, bem fortes, com um halo, **esse** muito límpido, a uni-las.
(M. J. de Carvalho, *TM*, 10.)

4. *Esse* (e mais raramente *este*) emprega-se também para pôr em relevo um substantivo que lhe venha anteposto:

O padre, **esse** andava de coração em aleluia.
(M. Torga, *CM*, 47.)

O sacrificador, **esse**, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Maria José, **essa**, se comportava no polo oposto, calada e carrancuda.
(A. Ribeiro, *M*, 289.)

ALUSÃO A TERMOS PRECEDENTES

1. Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servimo-nos do DEMONSTRATIVO *aquele* para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO *este* para o que foi nomeado por último:

REFORÇO DOS DEMONSTRATIVOS

Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum gesto indicador, ou reforçá-lo:

a) com os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, *acolá*:

> — Espera aí. **Este aqui** já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 33.)

> — E **esse pacotinho aí**, Seu Xixi?
> — Encomenda: é o relógio do Seu Gustavinho Solé.
> (M. Palmério, *VC*, 17.)

> **Esse aí** sabia mesmo para ensinar aos outros?
> (Pepetela, *AN*, 23.)

> — **Isto aqui** não pode dar saúde a ninguém; basta olhar-se para aquele embondeiro...
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 199.)

b) com as palavras *mesmo* e *próprio*:

> — O Relógio da Sé em casa de Serralheiro?
> — **Esse mesmo.**
> — O da Matriz?
> — **Esse próprio.**
> (D. F. M. de Melo, *AD*, 16.)

> — Recusei. Não sei se fiz bem.
> — É por causa da mulher.
> — **Isso mesmo.**
> (O. Lins, *FP*, 72.)

c) com o pronome *outro*, possibilitando as aglutinações *estoutro*, *essoutro*, *aqueloutro*, evitadas, em geral, no português contemporâneo.

VALORES AFETIVOS

1. Os DEMONSTRATIVOS reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros "gestos verbais", acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos.

A capacidade de fazerem aproximar ou distanciar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos.

2. Nos exemplos a seguir, servem para intensificar, de acordo com a entoação e o contexto, os sentimentos de:

a) surpresa, espanto:

> Passam vinte anos: chega Ele;
> Veem-se (Pasmo) Ele e Ela:
> — Santo Deus! **este** é **aquele**?!...
> — Mas, meu Deus! **esta** é **aquela**?!...
> (Fontoura Xavier, *O*, 172.)

> — **Essa** agora!
> (J. de Sena, *SF*, 518.)

> Ainda mais **esta**! Onde estaria o padre?
> (A. Santos, *P*, 74.)

b) admiração, apreço:

> — Que gente tinha o Pestana, dizia um. Nunca pensei que houvesse homens com **aquela** coragem.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 97.)

> **Aquilo** é que são homens fortes.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

> **Aquilo** são pés de veludo!
> (M. Torga, *NCM*, 27.)

c) indignação:

> — É tudo claro como água: **este** cão roubou-me. Acabo ainda hoje com **este** malandro! **Isto** não fica assim.
> (F. Namora, *NM*, 193.)

> Oiço a voz tosca do pai, a insultar:
> — **Esta** parva!... **Esta** burra!...
> (Luandino Vieira, *NM*, 119.)

— **Aquilo** é uma terra de línguas peçonhentas. Deus os confunda a todos.
(A. Ribeiro, *M*, 346.)

d) pena, comiseração:

Quem mora ali? Mora ela,
Aquela!, —
Que nessa triste viela
Foi a flor da Mouraria!
(A. Botto, *OA*, 225.)

Aquela mulher, flor de poesia, era agora **aquilo**.
(A. M. Machado, *HR*, 67.)

— Há aqui falta de cuidado e asseio — disse consigo —; **esta** pobre mulher vive aqui quase abandonada...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 192.)

e) ironia, malícia:

Tem um decote pequeno,
Um ar modesto e tranquilo;
Mas vá-se lá descobrir
Coisa pior do que **aquilo**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 251.)

— É um malandro, **esse** Barbaças!
(F. Namora, *TJ*, 193.)

— **Este** Brás! **Este** Brás! Não lhes digo nada!
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 57.)

f) sarcasmo, desprezo:

Isso era até uma vergonha!
(M. Torga, *NCM*, 91.)

Aquela desavergonhada da Helena não anda a dizer que é a ela que o tio quer e é a ela que leva para o Rio?!
(A. Ribeiro, *M*, 349-350.)

— Depois transformaram a senhora **nisso**, D. Adélia. Um trapo, uma velha sem-vergonha.
(G. Ramos, *A*, 136.)

3. Digno de nota é o acentuado valor irônico, por vezes fortemente depreciativo, dos neutros *isto*, *isso* e *aquilo*, quando aplicados a pessoas, como nestes passos:

Ninguém sabe onde ele anda, Seu Coronel! **Aquilo** é um desgraçado.
(J. Lins do Rego, *ME*, 80.)

Aquilo, aquele pobre homenzinho amarelento, dessorado, chocho...
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 158.)

Como estivesse a contemplá-lo, à porta, parou um homem, entrou, e olhou com interesse para o retrato. O lojista reparou na expressão; podia ser algum miguelista, mas também podia ser um colecionador...
— Quanto pede o senhor por **isto**?
— **Isto**? Há de perdoar; quer saber quanto peço pelo meu rico senhor D. Miguel?
(Machado de Assis, *OC*, I, 908.)

Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afetivos, podem esses DEMONSTRATIVOS expressar também alto apreço por determinada pessoa.
Assim:

Aquilo é que dava um deputado às direitas!
(C. Castelo Branco, *QA*, 19.)

— Bonita mulher. Como **aquilo** vê-se pouco. Ele teve sorte.
(Castro Soromenho, *C*, 160.)

— Como cozinheira não há outra e **aquilo**... é o apuro de asseio.
(Alves Redol, *G*, 95.)

4. Entre os valores afetivos cabe ressaltar o sentido intensivo, superlativante, que o demonstrativo adquire em frases do tipo[8]:

---

[8] Sobre estas construções, leia-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 35-38.

Qual o quê! Queriam monte. Monte num dia **daqueles**!
(M. Torga, *CM*, 72.)

Ninguém é operado assim com **essa** pressa.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 365.)

Outro homem não podia existir com **aquela** força nos braços, **aquele** riso na boca e **aquele** calor no peito.
(Adonias Filho, *LBB*, 86.)

5. As formas femininas *esta* e *essa* fixaram-se em construções elípticas do tipo:

Ora **essa**!	**Essa** é boa!
Essa, não!	**Essa** cá me fica!
Mais **esta**!...	**Esta** é fina!

6. Fixa também aparece a forma neutra na locução *isto* (ou *isso*) *de*, que equivale a "com referência a", "no tocante a", "a respeito de":

— Ah! meu caro Rubião, **isto de** política pode ser comparado à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; não falta nada, nem o discípulo que nega, nem o discípulo que vende.
(Machado de Assis, *OC*, I, 642.)

— **Isso de** letras é na escola...
(M. Torga, *V*, 174.)

— **Isto de** filhos é um aborrecimento!
(Ó. Ribas, *EMT*, 165.)

O(S), A(S) COMO DEMONSTRATIVOS

O DEMONSTRATIVO *o* (*a*, *os*, *as*) é sempre pronome substantivo e emprega-se nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjetiva, e tem o significado de *aquele*(s), *aquela*(s), *aquilo*:

O homem que ri, liberta-se. **O** que faz rir, esconde-se.
(A. M. Machado, *CJ*, 228.)

— Não vejo **a** que esperei!
— Virá ainda.
(E. Castro, *UV*, 76.)

Ingrata para **os** da terra,
boa para **os** que não são.
(C. Pena Filho, *LG*, 120.)

Era terrível **o** que se passava.
(M. Torga, *NCM*, 20.)

b) quando, no singular masculino, equivale a *isto*, *isso*, *aquilo*, e exerce as funções de objeto direto ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjetivo, ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela:

O valor de uma desilusão, sabia-**o** ela.
(M. Torga, *NCM*, 153.)

Não cuides que não era sincero, era-**o**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 893.)

Seguia-o com o olhar sem me atrever a evitá-**lo**.
(A. Santos, *P*, 125.)

Ser feliz é **o** que importa,
Não importa como **o** ser!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 82.)

SUBSTITUTOS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Podem também funcionar como DEMONSTRATIVOS as palavras *tal*, *mesmo*, *próprio* e *semelhante*.

1. *Tal* é DEMONSTRATIVO quando sinônimo:

a) de "este", "esta", "isto", "esse", "essa", "isso", "aquele", "aquela", "aquilo":

Tal foi a primeira conclusão do Palha; mas vieram outras hipóteses.
(Machado de Assis, *OC*, I, 602.)

— Quando **tal** ouvi, respirei...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 176.)

Como era possível que nunca tivesse dado por **tal**?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 57.)

b) de "semelhante":

Houve tudo quanto se faz em **tais** ocasiões.
(Machado de Assis, *OC*, II, 197.)

A causa verdadeira de **tal** medo, não a sabia dizer.
(M. Torga, *CM*, 151.)

Tal situação contundia-a fortemente, e fazia diminuir aquele vigor e energia com que a conhecemos.
(A. Assis Júnior, *SM*, 198.)

2. *Mesmo* e *próprio* são DEMONSTRATIVOS quando têm o sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa":

Eu não posso viver muito tempo na **mesma** casa, na **mesma** rua, no **mesmo** sítio.
(Luandino Vieira, *JV*, 62.)

— Foi a **própria** Carmélia quem me fez o convite.
(C. dos Anjos, *DR*, 161.)

3. *Semelhante* serve de DEMONSTRATIVO de identidade:

O Lucas reparou nisso e doeu-se intimamente de **semelhante** descuido.
(M. Torga, *CM*, 84.)

Tudo o que disse foi, sem dúvida, convencional, e nem a jovem Aurora podia deixar de recorrer às fórmulas que se usam em **semelhantes** conjunturas.
(C. dos Anjos, *DR*, 284.)

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior — O ANTECEDENTE.

FORMAS DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS apresentam:

a) formas variáveis e formas invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos	—	quantas	onde

b) formas simples: *que*, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde*; e forma composta: *o qual*.

Observação:

Antecedido das preposições *a* e *de*, o pronome *onde* com elas se aglutina, produzindo as formas *aonde* e *donde*.

NATUREZA DO ANTECEDENTE

O ANTECEDENTE do PRONOME RELATIVO pode ser:

a) um SUBSTANTIVO:

> Deem-me **as cigarras que** eu ouvi menino.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 387.)

b) um PRONOME:

> Não serás **tu que** o vês assim?
> (A. Sérgio, *D*, 31.)

c) um ADJETIVO:

> As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de **azedas** ou **adstringentes que** dantes eram.
> (Marquês de Maricá, *M*, 166.)

d) um ADVÉRBIO:

> **Lá, por onde** se perde a fantasia
> No sonho da beleza; **lá, aonde**
> A noite tem mais luz que o nosso dia...
> (A. de Quental, *SC*, 61.)

e) uma ORAÇÃO (de regra resumida pelo demonstrativo *o*):

> Só a febre aumenta um pouco, **o que** não admirará ninguém.
> (A. Nobre, *CI*, 145-6.)

> "Acomodar-se-iam num sítio pequeno,
> **o que** parecia difícil a Fabiano,
> criado solto no mato."
> (G. Ramos, *VS*, 172.)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. Podem ser:

1. SUJEITO:

> Quero ver do alto o horizonte,
> **Que** foge sempre de mim.
> (O. Mariano, *TVP*, II, 434.)

[*que* = sujeito de *foge*].

2. OBJETO DIRETO:

> —Já não se lembra da picardia **que** me fez?
> (A. Ribeiro, *M*, 67.)

[*que* = objeto direto de *fez*].

3. OBJETO INDIRETO:

> Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que** tanto se falava.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 58.)

[*de que* = objeto indireto de *se falava*].

4. PREDICATIVO:

> Não conheço **quem** fui no **que** hoje sou.
> (F. Pessoa, *OP*, 91.)

[*quem* e *que* = predicativos do sujeito *eu*, oculto].

5. ADJUNTO ADNOMINAL:

> Há pessoas **cuja** aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizade.
> (Marquês de Maricá, *M*, 223.)

[*cuja* = adjunto adnominal de *aversão* e *desprezo*, mas em concordância apenas com o primeiro substantivo, o mais próximo].

6. COMPLEMENTO NOMINAL:

> Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com a força **de que** era capaz.
> (Lima Barreto, *REIC*, 287.)

[*de que* = complemento nominal de *capaz*].

7. ADJUNTO ADVERBIAL:

> Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos **onde** eu morava.
> (M. Quintana, *P*, 92.)

[*onde* = adjunto adverbial de *morava*].

8. AGENTE DA PASSIVA:

> — Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e **por quem** sou correspondido com igual ardor!
> (A. Azevedo)

[*por quem* = agente da passiva do verbo *corresponder*].

Observação:

Note-se que o RELATIVO *cujo* funciona sempre como adjunto adnominal; e o relativo *onde*, apenas como adjunto adverbial.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE

1. Os PRONOMES RELATIVOS *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente em frases como as seguintes:

> **Quem** tem amor, e tem calma,
> tem calma... Não tem amor...
> (A. Tavares, *PC*, 81.)

> Passeias **onde** não ando,
> Andas sem eu te encontrar.
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 47.)

Denominam-se, então, RELATIVOS INDEFINIDOS.

2. Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *no lugar em que*. Assim, os exemplos citados se interpretariam:

> **Aquele que** tem amor...
> Passeias **no lugar em que** não ando...

3. O antecedente do RELATIVO *quanto(s)* costuma ser omitido:

> Hoje penso **quanto** faço.
> (F. Pessoa, *OP*, 92.)

> Saibam **quantos** este meu verso virem
> Que te amo...
> (O. de Andrade, *PR*, 167.)

VALORES E EMPREGOS DOS RELATIVOS

Que

1. *Que* é o RELATIVO básico. Usa-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural, e pode iniciar orações ADJETIVAS RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS:

> — Não diz nada **que se aproveite**, esse rapaz!
> (A. Bessa Luís, *QR*, 134.)

O ministro, **que acabava de jantar**, fumava calado e pacífico.
(Machado de Assis, *OC*, I, 638.)

2. O antecedente do RELATIVO pode ser o sentido de uma expressão ou oração anterior:

E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viúvas...
(À maneira o trará das virgens de Belém
Que a Nossa Senhora ficava tão bem!)
(A. Nobre, *S*, 39.)

Neste caso, o *que* vem geralmente antecedido do demonstrativo *o* ou da palavra *coisa* ou equivalente, que resumem a expressão ou oração a que o RELATIVO se refere:

Vendia cautelas, **o que** requer muito cálculo, muito olho e muita porfia.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 54.)

Achou-se mais prudente que eu me safasse pelos fundos do prédio, **o que** fiz tão depressa quanto pude.
(C. dos Anjos, *MS*, 328.)

Ela então consentiu que eu erguesse seu rosto, **gesto que** não me haviam autorizado.
(N. Piñon, *CP*, 65.)

3. Por vezes, o antecedente do *que* não vem expresso:

Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo **que** lhe replicasse.
(Machado de Assis, *OC*, I, 826.)

A uma pergunta assim, a rapariga nem sabia **que** responder.
(M. Torga, *NCM*, 184.)

Qual, o qual

1. Nas orações ADJETIVAS EXPLICATIVAS, o pronome *que*, com antecedente substantivo, pode ser substituído por *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*):

Sei que estou plagiando nosso famoso **cronista, o qual**, certa vez, deu-lhe na telha fazer essa comunicação ao jornal e aos leitores.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

Durante o seu domínio, todavia, acentua-se a evolução do **latim vulgar**, falado na península, **o qual** vinha de há muito diversificando-se em dialetos vários.
(J. Cortesão, *FDFP*, 42.)

Clareava: uma luz baça, em **neblina**, através **da qual** apareciam serranias distantes e o mar liso, esbranquiçado, luzindo a trechos.
(Coelho Netto, *OS*, I, 173.)

2. Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a língua exige o emprego da forma *o qual*.
Precisando melhor:

a) o RELATIVO *que* emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas *a*, *com*, *de*, *em* e *por*:

A verdade é um postigo
A que ninguém vem falar.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 21.)

As artes **com que** o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III, não as sei eu.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 322.)

Indicou-lhe um hotel, **de que** a viúva tomou nota num caderninho.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 137.)

Havia ocasiões **em que** me revoltava.
(L. Jardim, *MPM*, 96.)

A maneira **por que** ele falava é que era apaixonada, dolorosa, comovente.
(Machado de Assis, *OC*, II, 112.)

b) as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, bem como as locuções prepositivas, constroem-se obrigatória ou predominantemente com o pronome *o qual*:

Tinha vindo para se libertar do abismo **sobre o qual** sua negra alma vivia debruçada.
(M. Torga, *NCM*, 49.)

Uma visita de dez minutos apenas, **durante os quais** D. Benedita disse quatro palavras no princípio:
— Vamos para o Norte.
(Machado de Assis, *OC*, II, 316.)

"O livro tinha numa página a figura de um bicho corcunda **ao lado do qual**, em letras graúdas, destacava-se esta palavra: ESTÔMAGO."
(G. Amado, *HMI*, 42.)

Timbrava em manter em casa uma autoridade áspera, **perante a qual** todos os seus tinham de se curvar passivamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 9.)

c) *o qual* é também a forma usada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos:

O Luís, que cuidava da horta de cima, era pai de uns sete ou oito, **alguns dos quais** já principiavam a ajudá-lo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 135.)

Cinco cadeiras **das quais uma** de braços no centro do semicírculo.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

Os filhos, quatro crianças, **a mais velha das quais** teria oito anos, rodeavam-no aos gritos.
(Artur Azevedo, *CFM*, 5.)

3. *Qual*, quando repetido simetricamente, é INDEFINIDO, e equivale a *um... outro*:

— Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, **qual** mais original, **qual** mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime.
(Machado de Assis, *OC*, II, 326.)

Um carrega quatro grandes tábuas ao ombro; outro grimpa, com risco de vida, a precária torre do enguiçado elevador; **qual** bate o martelo; **qual** despeja nas formas o cimento, **qual** mira a planta, **qual** usa a pá, **qual** serra (o bárbaro) os galhos de uma jovem mangueira, **qual** ajusta, neste momento, um pedaço de madeira na serra circular.
(R. Braga, *CCE*, 249.)

Quem

1. Na língua contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a alguma coisa personificada:

> Feliz é **quem** tiver netos
> De **quem** tu sejas avó!
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 118.)

> A mim **quem** converteu foi o sofrimento.
> (Coelho Neto, *OS*, I, 105.)

2. Como simples RELATIVO, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a "o qual" e vem sempre antecedido de preposição:

> A senhora **a quem** cumprimentara era a esposa do tenente-coronel Veiga.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 172.)

> Nada como o mexe-mexe caseiro da mulher **de quem** se gosta — José de Arimateia imaginava.
> (M. Palmério, *CB*, 25.)

Advirta-se, porém, que a língua moderna substitui por *sem o* (*a*) *qual* a dissonante combinação *sem quem*, de emprego corrente no português antigo e médio.

3. Repetido, em fórmulas alternadas, *quem* corresponde ao INDEFINIDO *um... outro*. Esta construção, que não era rara no português médio (cf. Camões. *Lusíadas*, I, 92; IV, 5), só aparece, modernamente, em autores de expressão artificial:

> **Quem** no Rostro pasmando se extasia;
> **Quem** pelo cúneo aos redobrados vivas
> Da plebe e dos patrícios embasbaca;
> Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se...
> (Odorico Mendes, *VB*, 125.)

Cujo

Cujo é, a um tempo, RELATIVO e POSSESSIVO, equivalente pelo sentido a *do qual*, *de quem*, *de que*. Emprega-se apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número:

Convento d'águas do Mar, ó verde Convento,
Cuja Abadessa secular é a Lua
E **cujo** Padre-capelão é o Vento
(A. Nobre, *S*, 28.)

Herculano é para mim, nas letras, depois de Camões, a figura em **cujo** espírito e em **cuja** obra sinto com plenitude o gênio heroico de Portugal.
(G. Amado, *TL*, 36.)

Quanto

Quanto, como simples relativo, tem por antecedente os pronomes indefinidos *tudo*, *todos* (ou *todas*), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido:

Em tudo **quanto** olhei fiquei em parte.
(F. Pessoa, *OP*, 231.)

Soprava dum lado, do outro, e tudo **quanto** foi de garrancho e folha seca se juntou num canto só.
(L. Jardim, *BA*, 115.)

Entre **quantos** te rodeiam,
Tu não enxergas teus pais.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 385.)

Onde

1. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), *onde* costuma ser considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO:

Sob o mar sem borrasca, **onde** enfim se descansa.
(A. Nobre, *S*, 90.)

Ainda não sei mesmo **onde** vou buscar as flores.
(Luandino Vieira, *NM*, 29.)

O mundo ia pouco além do quarteirão de poucas casas e largos terrenos devolutos, **onde** o lixo subia, **onde** o capim crescia, **onde**

catávamos melões de São Caetano, **onde** os pirilampos surgiam aos milhares ao cair da tarde, **onde** o orvalho brilhava como pedras preciosas nas belas manhãs de inverno.
(Marques Rebelo, *SMAP*, 33.)

2. Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre *onde* (= o lugar em que) e *aonde* (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.[9]
Não é, pois, de estranhar o emprego de uma forma por outra em passos como os seguintes:

Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Não perceberam ainda **onde** quero chegar.
(Alves Redol, *BC*, 47.)

Nem mesmo a concorrência de ambas as formas num só enunciado:

Mas **aonde** te vais agora,
Onde vais, esposo meu?[10]
(Machado de Assis, *OC*, III, 109.)

Ela quem é, meu coração? Responde!
Nada me dizes. **Onde** mora? **Aonde**?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 14.)

PRONOMES INTERROGATIVOS

1. Chamam-se INTERROGATIVOS os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta:

---

[9] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, consulte-se a abundante exemplificação coligida pelo professor Aurélio Buarque de Holanda, inserta em sua edição dos *Contos gauchescos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto, 5.ª ed., Porto Alegre, Globo, 1957, p. 79-82.

[10] Na edição de 1902 das *Poesias completas* (Rio de Janeiro – Paris, Garnier, p. 207) lê-se *vás* em ambos os versos.

Que trabalho estão fazendo?
Diga-me **que** trabalho estão fazendo.

Quem disse tal coisa?
Ignoramos **quem** disse tal coisa.

Qual dos livros preferes?
Não sei **qual** dos livros preferes.

Quantos passageiros desembarcaram?
Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.

2. Os PRONOMES INTERROGATIVOS estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado.

FLEXÃO DOS INTERROGATIVOS

Os INTERROGATIVOS *que* e *quem* são invariáveis. *Qual* flexiona-se em número (*qual, quais*); *quanto*, em gênero e em número (*quanto, quanta, quantos, quantas*).

VALOR E EMPREGO DOS INTERROGATIVOS

Que

1. O INTERROGATIVO *que* pode ser:

a) pronome substantivo, quando significa "que coisa":

> **Que** tenciona fazer quando sair daqui?
> (A. Abelaira, *TM*, 86.)

> Mas não sei **que** disse a estrela...
> (A. Tavares, *PC*, 9.)

b) pronome adjetivo, quando significa "que espécie de", e neste caso refere-se a pessoas ou a coisas:

> **Que** mal me havia de fazer?
> (M. Torga, *NCM*, 47.)

> Não sei **que** vento mau turvou de todo o lago.
> (A. de Guimaraens, *OC*, 56.)

2. Para dar maior ênfase à pergunta, em lugar de *que* pronome substantivo, usa-se *o que*:

O mundo? **O que** é o mundo, ó meu amor?
(F. Espanca, *S*, 90.)

Não sei **o que** o trouxe aqui.
(C. de Oliveira, *AC*, 17.)

3. Tanto uma como outra forma pode ser reforçada por *é que*:

— **Que é que** o senhor está fazendo? gritou-lhe.
(C. Lispector, *ME*, 313.)

O que é que eu vejo, nestas tardes tristes?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 24.)

Observação:

Nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do *o* ao *que* interrogativo, como exaustivamente mostraram Heráclito Graça, em *Factos da linguagem*. Rio de Janeiro. Livraria de Viúva Azevedo, 1904, p. 367-383; e Said Ali, em *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 12-20; e *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 112-114.

Quem

1. O INTERROGATIVO *quem* é pronome substantivo e refere-se apenas a pessoas ou a algo personificado:

Quem não a canta? **Quem**? **Quem** não a canta e sente?
(J. de Lima, *OC*, I, 212.)

Perguntei ao doutor **quem** era a velha.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 56.)

Mas a Ideia **quem** é? **Quem** foi que a viu,
Jamais, a essa encoberta peregrina?
(A. de Quental, *SC*, 59.)

2. Em orações com o verbo *ser*, pode servir de predicativo a um sujeito no plural:

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
(A. de Quental, *SC*, 92.)

Sabem, acaso, os vultos, **quem** vão sendo?
(C. Meireles, *OP*, 320.)

Qual

1. O INTERROGATIVO *qual* tem valor seletivo e pode referir-se tanto a pessoas como a coisas. Usa-se geralmente como pronome adjetivo, mas nem sempre com o substantivo contíguo. Nas perguntas feitas com o verbo *ser*, costuma-se empregar o verbo depois de *qual*:

   — **Qual** é o hotel, em que rua fica?
   (U. Tavares Rodrigues, *NR*, 76.)

   Padre Manuel perguntou ao escudeiro do comendador **qual** era a situação de D. Ana Vaz.
   (C. Castelo Branco, *OS*, II, 247.)

2. A ideia seletiva pode ser reforçada pelo emprego da expressão *qual dos* (*das* ou *de*), anteposta a substantivo ou a pronome no plural, bem como a numeral:

   Qual dos senhores é pai dum menino que está de cócoras no jardim há mais de meia hora?
   (A. M. Machado, *JT*, 51.)

   Qual deles tinha coragem para começar?
   (F. Namora, *TJ*, 293.)

   — Então, moça? **qual** foi **dos nove**?
   (C. Castelo Branco, *BP*, 25.)

Quanto

O INTERROGATIVO *quanto* é um quantitativo indefinido. Refere-se a pessoas e a coisas e usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjetivo:

— **Quanto** devo?
(G. Ramos, *A*, 167.)

Quantas sementes lhe dás tu?
(F. Namora, *TJ*, 158.)

EMPREGO EXCLAMATIVO DOS INTERROGATIVOS

Estes pronomes são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração. Conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afetivos.

Comparem-se as frases seguintes:

Que inocência! **Que** aurora! **Que** alegria!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

— **Que** vovozinha **que** nada! explodiu amarga a aniversariante.
(C. Lispector, *LF*, 58.)

— Coitada!... **quem** diria... **quem** imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

Quem me dera ser homem!
(B. Santareno, *TPM*, 101.)

Quais feitios, **qual** vida!
(M. Torga, *CM*, 50.)

— E Sigefredo tem esperneado muito?
— **Qual** nada! Anda no mundo da lua.
(C. dos Anjos *M*, 295.)

Quanto sonho a nascer já desfeito!
(F. Espanca, *S*, 81.)

Ai, **quanto** veludo e seda,
e **quantos** finos brocados!
(C. Meireles, *OP*, 669.)

PRONOMES INDEFINIDOS

Chamam-se INDEFINIDOS os pronomes que se aplicam à 3.ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

FORMAS DOS PRONOMES INDEFINIDOS

Os PRONOMES INDEFINIDOS apresentam formas variáveis e invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
algum	alguns	alguma	algumas	alguém
nenhum	nenhuns	nenhuma	nenhumas	ninguém
todo	todos	toda	todas	tudo
outro	outros	outra	outras	outrem
muito	muitos	muita	muitas	nada
pouco	poucos	pouca	poucas	cada
certo	certos	certa	certas	algo
vário	vários	vária	várias	
tanto	tantos	tanta	tantas	
quanto	quantos	quanta	quantas	
qualquer	quaisquer	qualquer	quaisquer	

LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS

Dá-se o nome de LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS aos grupos de palavras que equivalem a PRONOMES INDEFINIDOS: *cada um*, *cada qual*, *quem quer que*, *todo aquele que*, *seja quem for*, *seja qual for*, etc.

PRONOMES INDEFINIDOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

1. Os INDEFINIDOS *alguém*, *ninguém*, *outrem*, *algo* e *nada* só se usam como pronomes substantivos:

   E se **alguém** fosse avisar a Guarda?
   (M. Torga, *NCM*, 52.)

   Ninguém ainda inventou fósforos contra o vento?
   (A. Abelaira, *QPN*, 25.)

   Outrem a repetiu [a frase do discurso], até que muita gente a fez sua.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 921.)

   Minha Teresa tem **algo** a me dizer, não é?
   (J. Amado, *TBCG*, 289.)

Não devo **nada** a ninguém.
(Alves Redol, *BC*, 43.)

2. *Tudo* é normalmente pronome substantivo, mas tem valor de adjetivo nas combinações *tudo isto*, *tudo isso*, *tudo aquilo*, *tudo o que*, *tudo o mais* e semelhantes:

Subia as escadas que levavam à torre do palácio, meditando em **tudo isto**.
(Alves Redol, *BC*, 58.)

Hoje, **tudo isso**, pássaros e estrelas caídas do céu, são memórias.
(J. C. de Carvalho, *NMAI*, 51.)

Pensando bem, **tudo aquilo**, era muito estranho.
(A. Meyer, *SI*, 25.)

3. *Algum*, *nenhum*, *todo*, *outro*, *muito*, *pouco*, *vário*, *tanto* e *quanto* são pronomes adjetivos que, em certos casos, se empregam como pronomes substantivos. Assim nestes períodos:

Todos estavam admirados.
(Castro Soromenho, *TM*, 186.)

Quando nos tornamos a ver, **nenhum** teve para o **outro** a mínima palavra, ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio.
(R. Pompeia, *A*, 205.)

4. *Certo* só se usa como pronome adjetivo:

Certos homens ergueram-se acima do seu tempo, acima da civilização.
(A. Abelaira, *TM*, 79.)

Em **certo ponto** a água cobria um homem.
(R. Pompeia, *A*, 47.)

5. Também os INDEFINIDOS *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome ou numeral cardinal:

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.
(F. Pessoa, *OP*, 206.)

Está certo, **cada qual** como Deus o fez.
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

Amava a Deus em **cada uma** das suas criaturas.
(B. Santareno, *TPM*, 47.)

Certas palavras não podem ser ditas em **qualquer lugar** e **hora qualquer**.
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 143.)

Qualquer caminho
Em **qualquer ponto** seu em dois se parte.
(F. Pessoa, *OP*, 476.)

OPOSIÇÕES SISTEMÁTICAS ENTRE OS INDEFINIDOS

Observam-se algumas oposições sistemáticas na classe dos PRONOMES INDEFINIDOS. São bastante nítidas, por exemplo, as que se verificam:

a) entre o caráter afirmativo da série:

algum alguém algo

e o negativo da série:

nenhum ninguém nada

b) entre o caráter de totalidade inclusiva de:

tudo todo

e o de totalidade exclusiva de:

nada nenhum

c) entre a presença de ideia de pessoa em:

alguém ninguém

e a ausência dessa ideia em:

algo nada

d) entre o valor particularizante de:

certo

e a total ausência de particularização de:

qualquer

Outras oposições privativas podem ser ainda assinaladas nesta classe tão heterogênea de pronomes (as de *certo / qualquer*, *muito / pouco*, *outro / outrem*, etc.), com vista a apresentá-la, de maneira mais coerente e, assim, justificar-lhe, em parte pelo menos, a tradicional e unitária conceituação.

VALORES DE ALGUNS INDEFINIDOS

Algum e nenhum

1. Anteposto a um substantivo, *algum* tem valor positivo. É, como dissemos, o contrário de *nenhum*:

> — Com ele podes arranjar **alguma coisa**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 248.)

> Não havia nele senão aspiração à grandeza verdadeira; **nenhum cabotinismo, nenhuma vaidade**, e sim um compreensível orgulho.
> (A. F. Schmidt, *F*, 237.)

2. Posposto a um substantivo, *algum* assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por *nenhum*. Em geral, o INDEFINIDO adquire este valor em frases onde já existem formas negativas, como *não*, *nem*, *sem*:

> Já não morria naquele dia e não tinha **pressa alguma** em chegar a casa.
> (Ferreira de Castro, *OC*, II, 694.)

> Não escreveu, que eu saiba, **livro algum**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 71-72.)

No português antigo e médio, podia dar-se a posposição de *algum* com sentido positivo. Veja-se, por exemplo, este passo de *Os lusíadas*, em que a expressão *refresco algum* deve ser entendida como "algum refresco":

Desta gente **refresco algum** tomamos
E do rio fresca água; mas com tudo
Nenhum sinal aqui da Índia achamos
No povo, com nós outros quase mudo.
(Camões, *Lus.*, V, 69.)

3. No feminino, aparece em construções de acentuado valor afetivo:

O lavrador ainda levantou a cabeça para fazer **alguma das dele**.
(Alves Redol, *BC*, 354.)

Alguma ele andou fazendo.
(F. Sabino, *ME*, 31.)

— Você quer sair da casa? Por **alguma** é?
(Eça de Queirós, *O*, I, 89.)

4. Reforçado por negativa, *nenhum* pode equivaler ao INDEFINIDO *um*:

Esse capitão **não** foi **nenhum** oficial de patente, mas um autêntico capitão de terra e mar de Quatrocentos, ao mesmo tempo piloto dos mares de Noroeste e regedor de capitania.
(V. Nemésio, *CI*, 205.)

Eu, Marília, **não** fui **nenhum** vaqueiro
Fui honrado pastor da tua aldeia.
(T. A. Gonzaga, *OC*, I, 137.)

Cada

1. Como dissemos, deve-se empregar o INDEFINIDO *cada* apenas como PRONOME ADJETIVO. Quando falta o substantivo, usa-se *cada um* (*uma*), *cada qual*:

Lá no fundo **cada um** espera o milagre.
(C. de Oliveira, *PB*, 156.)

Cada qual sabe de sua vida.
(J. Amado, *MM*, 95.)

2. *Cada* pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação entre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

De **cada dúzia** de ovos que vendia, a metade era lucro.
Vinha ver-me **cada três** dias.

3. Tem acentuado valor intensivo em frases do tipo:

A ti era o Chiado que te fazia mal! Apanhavas ali **cada constipação...**
(V. Vitorino, *F*, 160.)

— Você tem **cada uma**!
(G. Ramos, *AOH*, 75.)

Observação:
Na linguagem informal é cada dia mais frequente o emprego substantivo deste pronome em construções como a seguinte:

Estas águas-fortes custam dez mil cruzeiros **cada**.

Certo

1. *Certo* é PRONOME INDEFINIDO quando anteposto a um substantivo. Caracteriza-o a capacidade de particularizar o ser expresso pelo substantivo, distinguindo-o dos outros da espécie, mas sem identificá-lo.
Dispensa, em geral, o artigo indefinido. A presença deste torna a expressão menos vaga e dá-lhe um matiz afetivo.
Assim:

Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede **um certo amor**, nomeado e predestinado.
(Machado de Assis, *OC*, II, 552.)

No fim de contas, tinha **uma certa mágoa** da forma como a tratara.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 765.)

No rostinho enrugado e emurchecido, havia ainda uma **certa graça e vivacidade** de menina.
(É. Veríssimo, *A*, II, 306.)

2. É adjetivo, com o significado de "seguro", "verdadeiro", "exato", "fiel", "constante":
a) quando posposto ao substantivo:

— **Idade certa** não sei.
(G. França de Lima, *JV*, 35.)

Homens de **piso certo**, seus passos derivam de suas lagoas interiores de resignação.
(A. Santos, *P.* 177.)

— Não há **carreira** mais **certa**.
(Alves Redol, *F*, 279.)

b) em comparações intensivas, geralmente antecedido de *tão*:

Acredita que é **tão certo** como Deus estar no céu!
(M. Torga)

Estou **tão certo** do que digo como da luz que nos alumia.
(A. Ribeiro)

Neste caso pode ser seguido de substantivo:

Mais certo amigo é João do que Pedro, **tão certo amigo** é João como Paulo.
(Sousa da Silveira, *LP*, 244.)

Nada

1. *Nada* significa "nenhuma coisa", mas equivale a "alguma coisa" em frases interrogativas negativas do tipo:

— O capitão não come **nada**?
— Eu agradeço, minha senhora.
(J. Lins do Rego, *FM*, 317.)

De tempos em tempos aparecia, perguntava se eu não queria **nada**.
(M. de Andrade, *CMB*, 285.)

2. Junto a um adjetivo ou a um verbo intransitivo pode ter força adverbial:

— Não foi **nada caro**, tive um grande desconto.
(A. Abelaira, *QPN*, 14.)

Não tinha um ar **nada inocente**. Mesmo **nada**.
(J. Cardoso Pires, *D*, 298.)

O cavalo não **correu nada**.

Outro

1. Cumpre distinguir as expressões:

a) *outro dia*, ou *o outro dia* = um dia passado mas próximo:

> — **Outro dia** fui à casa do Sebastião e lá aceitei um café.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 209.)

> Contou-me a Ana, **o outro dia**,
> Que Deus, somente o veria
> Quem fosse Anjo, ninguém mais.
> (A. Corrêa d'Oliveira, *M*, 92.)

b) *no outro dia*, ou *ao outro dia* = no dia seguinte:

> **No outro dia**, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim.
> (G. Ramos, *SB*, 52.)

> **No outro dia**, o terceiro, Elmira não pôde sair mais cedo.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 204.)

> **Ao outro dia**, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até ao meio da face.
> (Eça de Queirós, *O*, I, 69.)

> Partiu o navio, **ao outro dia** de manhã.
> (M. Ferreira, *HB*, 135.)

2. Em expressões denotadoras de reciprocidade, como *um ao outro*, *um do outro*, *um para o outro*, conserva-se em geral a forma masculina, ainda que aplicada a indivíduos de sexos diferentes:

> Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava **um ao outro**; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 496.)

> A Judite dava toda a atenção ao seu par, a uma distância perigosa **um do outro**.
> (Almada Negreiros, *NG*, 93.)

Sentou-se no canapé e ficamos a olhar **um para o outro**, ela desfeita em graça, eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1129.)

3. *Outro* pode empregar-se como adjetivo na acepção de "diferente", "mudado", "novo":

Não sabia que assim tão **outra** voltarias:
Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas.
(A. de Guimaraens, *OC*, 105.)

Era **outro** homem, fora fundido **noutro** cadinho.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 93.)

Entrei em casa **outro** homem: calmo e bem humorado.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 127.)

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido:

Não é **uma qualquer coisa**, não!
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Ele não era **um qualquer**.
(M. Ferreira, *HB*, 47.)

— Júlio, se eu te falo assim é porque não te vejo como **um qualquer**.
(J. Lins do Rego, *E*, 253.)

A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa:

Já não era **uma Judite qualquer**, era a Judite do Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 86.)

Hoje é isto que o senhor vê: **um Pestana qualquer** acha-se com o direito de ser deputado.
(J. Lins do Rego, *MR*, 239.)

Todo

No capítulo 9, estudamos o emprego do artigo com este INDEFINIDO. Aqui acrescentaremos o seguinte:

1. No singular e posposto ao substantivo, *todo* indica a totalidade das partes:

   Toda a obra é vã, e vã **a obra toda**.
   (F. Pessoa, *OP*, 486.)

   O conflito acordou **o colégio todo**.
   (G. Amado, *HMI*, 163.)

2. Também indica a totalidade das partes, quando, no singular, antecede um pronome pessoal:

   Todo ele evidenciava um cansaço íntimo.
   (M. Torga, *V*, 105.)

   A casa, **toda** ela, gelava.
   (C. de Oliveira, *AC*, 81.)

3. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica:

   Todos os homens caminhavam em silêncio.
   (Ferreira de Castro, *OC*, I, 446.)

   As culpas todas eram deles; aguentassem com elas!
   (A. Peixoto, *RC*, 449.)

4. Anteposto a um elemento nominal, aposto ou predicativo, emprega-se com o sentido de "inteiramente", "em todas as suas partes", "muito":

   Silva estendeu a guia de trânsito a Vasconcelos, levantando-se da secretária com um sorriso, **todo amável**.
   (Castro Soromenho, *TM*, 132.)

   Paisagem desconhecida, Manuel da Bouça era **todo olhos** para a várzea que atravessavam.
   (Ferreira de Castro, *OC*, 390.)

Eras **toda graça e incompreensão.**
(Ribeiro Couto, *PR*, 226.)

Tudo

Refere-se normalmente a coisas, mas pode aplicar-se também a pessoas:

Não se fala noutra coisa, e está **tudo** furioso.
(A. de Quental, *C*, 358.)

Fidélia chegou, Tristão e a madrinha chegaram, **tudo** chegou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1069.)

Aqui na pensão e na casa da lagoa **tudo** dorme.
(J. Cardoso Pires, *D*, 339.)

Enfim, **tudo aquilo** era a mesma gente, exceto o Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Capítulo 12

Numerais

ESPÉCIES DE NUMERAIS

1. Para indicarmos uma quantidade exata de pessoas ou coisas, ou para assinalarmos o lugar que elas ocupam numa série, empregamos uma classe especial de palavras — os NUMERAIS.

Os NUMERAIS podem ser CARDINAIS, ORDINAIS, MULTIPLICATIVOS e FRACIONÁRIOS.

2. Os NUMERAIS CARDINAIS são os números básicos. Servem para designar:

a) a quantidade em si mesma, caso em que valem por verdadeiros substantivos:

> **Dois** e **dois** são **quatro.**

b) uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo à semelhança dos adjetivos:

> Geraldo Alonso levantou-se, deu **três passos** para a frente.
> (O. Lins, *FP*, 158.)

> Botou a **cinco cântaros** o mel... e a **dois lagares** o azeite.
> (A. Ribeiro, *M*, 44.)

3. Os NUMERAIS ORDINAIS indicam a ordem de sucessão dos seres ou objetos numa dada série. Equivalem a adjetivos, que, no entanto, se substantivam facilmente:

> A senhora Basília de Cedofeita, uma alfarrabista, era viúva e entendida em **primeiras edições.**
> (A. Bessa Luís, *OM*, 126.)

Foi aí que se tornou **a primeira** de sua classe.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 125.)

4. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação. Podem equivaler a adjetivos e, com mais frequência, a substantivos, por virem geralmente antecedidos de artigo:

É **um duplo receber**, que é **um duplo dar**.
(J. M. de Macedo, *RQ*, 2.)

Tinha **o dobro** da minha grossura e era vermelho como malagueta.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

5. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS exprimem a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão:

Já pagamos **a metade** da dívida.
Só recebeu **dois terços** do ordenado.

NUMERAIS COLETIVOS

Assim se denominam certos NUMERAIS que, como os substantivos coletivos, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no entanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exato. É o caso de *novena*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *cento*, *lustro*, *milhar*, *milheiro*, *par*.

FLEXÃO DOS NUMERAIS

CARDINAIS

1. Os NUMERAIS CARDINAIS *um*, *dois*, e as centenas a partir de *duzentos* variam em gênero:

um	uma	duzentos	duzentas
dois	duas	trezentos	trezentas

2. *Milhão*, *bilhão* (ou *bilião*), *trilhão*, etc. comportam-se como substantivos e variam em número:

dois milhões vinte trilhões

3. *Ambos*, que substitui o CARDINAL *os dois*, varia em gênero:

ambos os pés	ambas as mãos

4. Os outros CARDINAIS são invariáveis.

ORDINAIS

Os NUMERAIS ORDINAIS variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
vigésimo	vigésima	vigésimos	vigésimas

MULTIPLICATIVOS

1. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS são invariáveis quando equivalem a substantivos:

   Podia ser meu avô, tem **o triplo** da minha idade.

   Empregados com o valor de adjetivos flexionam-se em gênero e em número:

   Costuma tomar o remédio em **doses duplas**.

2. As formas multiplicativas *dúplice*, *tríplice*, etc. variam apenas em número:

   Deram-se alguns saltos **tríplices**.

FRACIONÁRIOS

1. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

   Subscrevi **um terço** e Carlos **dois terços** do capital.

2. *Meio* concorda em gênero com o designativo da quantidade de que é fração:

   Comprou **três quilos e meio** de carne.
   Andou duas **léguas e meia** a pé.

Observação:

No Brasil, em lugar de *meio-dia e meia* (hora), diz-se normalmente *meio-dia e meio*:

Meio-dia e meio... nada de Luzardo.
(Gilberto Amado, *DP*, 147.)

NUMERAIS COLETIVOS

Todos os NUMERAIS COLETIVOS flexionam-se em número:

três décadas — cinco dúzias
dois milheiros — quatro lustros

VALORES E EMPREGOS DOS CARDINAIS

1. Na lista dos CARDINAIS costuma-se incluir *zero* (0), que equivale a um substantivo, geralmente usado em aposição:

   grau **zero** — desinência **zero**

2. *Cem*, forma reduzida de *cento*, usa-se como um adjetivo invariável:

   cem rapazes — **cem** meninas

   Cento é também invariável. Emprega-se hoje apenas:

a) na designação dos números entre *cem* e *duzentos*:

   cento e dois homens — **cento e duas** mulheres

b) precedido do artigo, com valor de substantivo:

   Comprou **um cento** de bananas.
   Pagou caro pel**o cento** de peras.

c) na expressão *cem por cento*.

3. Usa-se ainda *conto* (antigamente = um milhão de réis) no sentido de "mil escudos" (em Portugal) e "mil reais" (no Brasil):

   A gravura custou **dois contos.**

4. *Bilhão* (que também se escreve *bilião*) significava outrora "um milhão de milhões", valor que ainda conserva em Portugal, Grã-Bretanha, Alemanha e no mundo de língua espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países representa hoje "mil milhões".

Observação:

No Brasil *quatorze* alterna com *catorze*, que é a forma normal portuguesa. Em Portugal empregam-se normalmente *dezasseis*, *dezassete* e *dezanove*, variantes desusadas no Brasil.

CARDINAL COMO INDEFINIDO

O emprego do número determinado pelo indeterminado é um dos processos de superlativação preferidos pelas línguas românicas.

Sirva de exemplo o CARDINAL *mil*, desde os começos da língua largamente usado para expressar a indeterminação exagerada:

Em abril, chuvas **mil**.

EMPREGO DA CONJUNÇÃO *E* COM OS CARDINAIS

1. A conjunção *e* é sempre intercalada entre as centenas, as dezenas e as unidades:

   trinta **e** cinco
   trezentos **e** quarenta **e** nove

2. Não se emprega a conjunção entre os milhares e as centenas, salvo quando o número terminar numa centena com dois zeros:

   1892 = mil oitocentos **e** noventa **e** dois
   1800 = mil **e** oitocentos

3. Em números muito grandes, a conjunção *e* emprega-se entre os membros da mesma ordem de unidades, e omite-se quando se passa de uma ordem a outra:

   293.572 = duzentos **e** noventa **e** três mil quinhentos **e** setenta **e** dois
   332.415.741.211 = trezentos **e** trinta **e** dois bilhões, quatrocentos **e** quinze milhões, setecentos **e** quarenta **e** um mil duzentos **e** onze

VALORES E EMPREGOS DOS ORDINAIS

1. Ao lado de *primeiro*, que é forma própria do ORDINAL, a língua portuguesa conserva o latinismo *primo* (*-a*), empregado:

a) seja como substantivo, para designar parentesco (*os primos*) e, na forma feminina (*a prima*), "a primeira das horas canônicas" e "a mais elevada corda" de alguns instrumentos;

b) seja como adjetivo, fixado em compostos como *obra-prima* e *matéria-prima*, ou em expressões como *números primos*.

2. Certos ORDINAIS, empregados com frequência para exprimir uma qualidade, tornam-se verdadeiros adjetivos. Comparem-se:

Um material de **primeira categoria** [= superior].
Um artigo de **segunda qualidade** [= inferior].

3. Como em certos jogos as cartas, pedras ou pontos são designados pelas palavras *ás*, *duque*, *terno*, *quadra*, a forma *ás*, equivalente a *primeiro*, passou a designar os campeões, especialmente dos esportes:

Os **ases** do automobilismo.

EMPREGO DOS CARDINAIS PELOS ORDINAIS

Em alguns casos, o NUMERAL ORDINAL é substituído pelo CARDINAL correspondente.

Assim:

1.º) Na designação de papas e soberanos, bem como na de séculos e de partes em que se divide uma obra, usam-se os ORDINAIS até *décimo*, e daí por diante o CARDINAL, sempre que o numeral vier depois do substantivo:

Gregório VII (sétimo)	João XXIII (vinte e três)
Pedro II (segundo)	Luís XIV (quatorze)
Século X (décimo)	Século XX (vinte)
Ato III (terceiro)	Capítulo XI (onze)
Canto VI (sexto)	Tomo XV (quinze)

Quando o numeral antecede o substantivo, emprega-se, porém, o ORDINAL:

Décimo século	Vigésimo século
Terceiro ato	Décimo primeiro capítulo
Sexto Canto	Décimo quinto tomo

2.º) Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o ORDINAL até *nono*, e o CARDINAL de *dez* em diante:

Artigo 1.º (primeiro)	Artigo 10 (dez)
Artigo 9.º (nono)	Artigo 41 (quarenta e um)

3.º) Nas referências aos dias do mês, usam-se os CARDINAIS, salvo na designação do primeiro dia, em que é de regra o ORDINAL. Também na indicação dos anos e das horas empregam-se os CARDINAIS:

> Chegaremos às **seis horas** do dia **primeiro de maio.**
> São **duas horas** da tarde do dia **vinte e oito de julho** de **mil novecentos e oitenta e três.**

4.º) Na enumeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes empregam-se os CARDINAIS. Nestes casos sente-se a omissão da palavra *número*:

Página 3 (três)	Casa 31 (trinta e um)
Folha 8 (oito)	Apartamento 102 (cento e dois)
Cabine 2 (dois)	Quarto 18 (dezoito)

Se o numeral vier anteposto, usa-se o ORDINAL:

Terceira página	Segunda cabine
Oitava folha	Trigésima primeira casa

EMPREGO DOS MULTIPLICATIVOS

Dos MULTIPLICATIVOS apenas *dobro*, *duplo* e *triplo* são de uso corrente. Os demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o numeral cardinal seguido da palavra *vezes*: *quatro vezes*, *oito vezes*, *doze vezes*, etc.

EMPREGO DOS FRACIONÁRIOS

1. Os NÚMEROS FRACIONÁRIOS apresentam as formas próprias *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são expressos:
a) pelo ORDINAL correspondente, quando este se compõe de um só radical: *quarto*, *quinto*, *décimo*, *vigésimo*, *milésimo*, etc.;
b) pelo CARDINAL correspondente, seguido da palavra *avos*, quando o ORDINAL é uma forma composta: *treze avos*, *dezoito avos*, *vinte e três avos*, *cento e quinze avos*.

2. Excetuando-se *meio*, os NUMERAIS FRACIONÁRIOS vêm antecedidos de um cardinal, que designa o número de partes da unidade: *um terço*, *três quintos*, *cinco treze avos*.

Observações:

1.ª) No Brasil, a expressão *meia dúzia* (não raro reduzida a *meia*) substitui o cardinal *seis*, principalmente quando se enunciam números de telefone.

2.ª) A forma fracionária *duodécimo* é de uso normal, na linguagem administrativa, nas áreas em que a distribuição orçamentária se processa por parcelas mensais:

O Departamento já recebeu o **segundo duodécimo**.

QUADROS DOS NUMERAIS

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1 000	mil	milésimo
$\bar{X}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\bar{C}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\bar{M}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\bar{\bar{M}}$	1 000 000 000	um bilhão	bilionésimo

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACIONÁRIOS

Multiplicativos	Fracionários
duplo, dobro, dúplice	meio ou metade
triplo, tríplice	terço
quádruplo	quarto
quíntuplo	quinto
sêxtuplo	sexto
séptuplo	sétimo
óctuplo	oitavo
nônuplo	nono
décuplo	décimo
undécuplo	undécimo ou onze avos
duodécuplo	duodécimo ou doze avos
cêntuplo	centésimo

Capítulo 13

Verbo

NOÇÕES PRELIMINARES

1. VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo:

> Um dia, Aparício **desapareceu** para sempre.
> (A. Meyer, *SI*, 25.)

> A mulher **foi educada** por minha mãe.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 343.)

> Como **estavam** velhos!
> (A. Bessa Luís, *S*, 189.)

> **Anoitecera** já de todo.
> (C. de Oliveira, *AC*, 19.)

2. O VERBO não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.[1]

---

[1] Daí a definição de A. Maria Barrenechea: "Os verbos são as palavras que têm a função obrigatória de predicado e um regime próprio" (Las clases de palabras en español como clases funcionales. *Romance Philology*, 17:306-307, 1963).

FLEXÕES DO VERBO

O VERBO apresenta as variações de NÚMERO, de PESSOA, de MODO, de TEMPO, de ASPECTO e de VOZ.

NÚMEROS

Como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o SINGULAR e o PLURAL. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa. Exemplo:

SINGULAR	estudo	estudas	estuda
PLURAL	estudamos	estudais	estudam

PESSOAS

O verbo possui três PESSOAS relacionadas diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

1. A primeira é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais *eu* (singular) e *nós* (plural):

   estudo estudamos

2. A segunda é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *tu* (singular) e *vós* (plural):

   estudas estudais

3. A terceira é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular) *eles*, *elas* (plural):

   estuda estudam

MODOS

Chamam-se MODOS as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português: o INDICATIVO, o SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO. Dos seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante,

neste mesmo capítulo, onde também estudamos as FORMAS NOMINAIS do verbo: O INFINITIVO, O GERÚNDIO E O PARTICÍPIO.

TEMPOS

TEMPO é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Os três tempos naturais são o PRESENTE, o PRETÉRITO (ou PASSADO) e o FUTURO, que designam, respectivamente, um fato ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala* e *após o momento em que se fala.*

O PRESENTE é indivisível, mas o PRETÉRITO e o FUTURO subdividem-se no MODO INDICATIVO e no SUBJUNTIVO, como se vê do seguinte esquema:

- INDICATIVO
  - Presente: **estudo**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudava**
    - perfeito
      - simples: **estudei**
      - composto: **tenho estudado**
    - mais-que-perfeito
      - simples: **estudara**
      - composto: **tinha** ou **havia estudado**
  - Futuro
    - do presente
      - simples: **estudarei**
      - composto: **terei** ou **haverei estudado**
    - do pretérito[2]
      - simples: **estudaria**
      - composto: **teria** ou **haveria estudado**
- SUBJUNTIVO
  - Presente: **estude**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudasse**
    - perfeito: **tenha** ou **haja estudado**
    - mais-que-perfeito: **tivesse** ou **houvesse estudado**
  - Futuro
    - simples: **estudar**
    - composto: **tiver** ou **houver estudado**
- IMPERATIVO
  - Presente
    - **estuda** (tu), **estude** (você), **estudemos** (nós), **estudai** (vós), **estudem** (vocês).

---

[2] De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* — e afastando-nos neste ponto deliberadamente da tradição gramatical portuguesa — adotamos esta designação, em lugar de MODO CONDICIONAL, por a julgarmos mais adequada. Veja-se o que dizemos na página 478 (Observação 3.ª), ao tratarmos do emprego deste tempo.

ASPECTOS

1. Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO designa "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo". Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.[3]
   É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

2. Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de ASPECTO, nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.
   Assim, nestas frases:

   João **começou a comer.**
   João **continua a comer.**
   João **acabou de comer.**

   não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANSIVO e CONCLUSIVO.
   Dentro dessa lata conceituação, poderíamos distinguir, entre outras, as seguintes oposições aspectuais:

1.ª) ASPECTO PONTUAL / ASPECTO DURATIVO. A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal. Assim:

Aspecto pontual	**Acabo de ler** *Os lusíadas.*
Aspecto durativo	**Continuo a ler** *Os lusíadas.*

2.ª) ASPECTO CONTÍNUO / ASPECTO DESCONTÍNUO. Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação:

Aspecto contínuo	**Vou lendo** *Os lusíadas.*
Aspecto descontínuo	**Voltei a ler** *Os lusíadas.*

---

[3] Conrad Bureau. In *Dictionnaire de la linguistique: sous la direction de Georges Mounin.* Paris, P.U.F., 1974, p. 41.

3.ª) ASPECTO INCOATIVO / ASPECTO CONCLUSIVO. O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial; o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final:

Aspecto incoativo	**Comecei a ler** *Os lusíadas.*
Aspecto conclusivo	**Acabei de ler** *Os lusíadas.*

3. São também de natureza aspectual as oposições entre:

a) FORMA SIMPLES / PERÍFRASE DURATIVA:

leio / estou lendo (ou **estou a ler**)

A perífrase de *estar* + GERÚNDIO (ou INFINITIVO precedido da preposição *a*), que designa o "aspecto do momento rigoroso" (Said Ali), estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (*andar*, *ir*, *vir*, *viver*, etc.) ou de implicação (*continuar*, *ficar*, etc.):

Ando lendo (ou **a ler**).	**Continuo lendo** (ou **a ler**).
Vai lendo.	**Ficou lendo** (ou **a ler**).

b) *Ser / estar*:

Ele **foi ferido.**	Ele **está ferido.**

A oposição *ser / estar* corresponde a dois tipos de passividade. *Ser* forma a passiva de ação; *estar*, a passiva de estado.[4]

Como vemos, tais oposições se baseiam fundamentalmente na diversidade de formação das perífrases verbais.

De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o PARTICÍPIO exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com o INFINITIVO ou o GERÚNDIO expressam o aspecto inacabado, não concluído.

Dos seus principais valores aspectuais trataremos adiante ao estudarmos os VERBOS AUXILIARES e as FORMAS NOMINAIS do verbo.

---

[4] Quanto às construções com *ser* e *estar* em espanhol, mas com interesse para o português, veja-se a monografia de Ricardo Navas Ruiz. *Ser y estar. Estudio sobre el sistema atributivo del español.* Salamanca, Acta Salmanticensia, 1963.

Observações:

1.ª) Estudiosos há que, seguindo o eslavista Agrel, distinguem ASPECTO de MODALIDADE DE AÇÃO, considerando o primeiro a categoria gramatical que opõe a ação concluída à não concluída, e a segunda toda oposição expressa por meios lexicais, o que abrange um número ilimitado de possibilidades semânticas. Veja-se a respeito: Robert Martin. *Temps et aspect. Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français*. Paris, Klincksieck, 1971. p. 56; ——— . Temps et aspect en français moderne. Quelques remarques inspirées para la lecture de *Verbe et adverbe* de M. A. Klum. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, 3(1): 67-79, especialmente p. 76-79; L. Jenaro Maclennan. *El problema del aspecto verbal. Estudio crítico de sus presupuestos*. Madrid, Gredos, 1962, p.146-150; Arne Klum. Verbe et adverbe. *Etude sur le système verbal indicatif et sur le système de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain*. Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961, p. 107 passim; Ataliba T. de Castilho. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968, p. 39-44; Claudino Cella. *Système verbal français et système verbal portugais. Etude comparative*. Metz, Université de Metz, 1978, p. 61-65 (com larga bibliografia sobre o assunto).

2.ª) É hoje vastíssima a bibliografia sobre aspecto verbal. Além da que se contém nas obras citadas na observação anterior, veja-se a que dá Marc Wilmet em *Etudes de morpho-syntaxe verbale*. Paris, Klincksieck, 1976, p. 153; e em: Aspect grammatical, aspect sémantique, aspect lexical: un problème de limites. In *La Notion d'Aspect*. Colloque organisé par le Centre d'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz. Actes publiés par Jean David et Robert Martin. Paris, Klincksiek, 1980, p. 51-52. Estas Atas reproduzem o texto das comunicações de Eugenio Coseriu, Martín S. Ruipérez, Joe Larochette, Gérard Moignet, Marc Wilmet, Maurice Gross, Jean-Marie Zemb, Gérold Stahl, J. Hoepelman - C. Rohrer, Frédéric Nef, Antoine Culioli, J.-P. Desclés, Bernard Pottier e representam uma súmula conclusiva das principais questões concernentes ao aspecto em geral.

VOZES

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

João **feriu** Pedro.
Não **vejo** rosas neste jardim.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Pedro **foi ferido** por João.
Não **se veem** [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como *praticado* e *sofrido* pelo sujeito:

João **feriu-se**.
Dei-me pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ATIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

Como se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da VOZ ATIVA corresponde ao sujeito da VOZ PASSIVA; e, na VOZ REFLEXIVA, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

Voz passiva. Exprime-se a VOZ PASSIVA:

a) com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar:

Pedro **foi ferido** por João.

b) com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não **se vê** [=é vista] **uma rosa** neste jardim.
Não **se veem** [são vistas] **rosas** neste jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos* e *se* (singular e plural):

Eu **me feri** [=a mim mesmo]
Tu **te feriste** [= a ti mesmo]
Ele **se feriu** [= a si mesmo]
Nós **nos ferimos** [= a nós mesmos]
Vós **vos feristes** [= a vós mesmos]
Eles **se feriram** [= a si mesmos]

Observações:

1.ª) Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar*, *andar*, *viver*, etc.), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir*, *vir*):

Os homens já **estavam tocados** pela fé.
Ficou atormentado pelo remorso.
Os pais **vinham acompanhados** dos filhos.

2.ª) Nas formas da VOZ PASSIVA, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele foi **ferido**	**Eles** foram **feridos.**
Ela foi **ferida**	**Elas** foram **feridas.**

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Em certas formas verbais, o acento tônico recai no radical. Assim:

ando	andas	anda	andam
ande	andes	ande	andem

Em outras, o acento tônico recai na terminação. Assim:

andamos	andais	andou	andar
andemos	andeis	andava	andará

Às primeiras damos o nome de FORMAS RIZOTÔNICAS; às segundas, de FORMAS ARRIZOTÔNICAS.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO

1. Quanto à FLEXÃO, o verbo pode ser REGULAR, IRREGULAR, DEFECTIVO e ABUNDANTE.

   Os REGULARES flexionam-se de acordo com o PARADIGMA, modelo que representa o tipo comum da conjugação. Tomando-se, por exemplo, *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos como *cantar*; os da 2.ª, como *vender*; os da 3.ª como *partir*.

   São IRREGULARES os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação, como *dar*, *estar*, *fazer*, *ser*, *pedir*, *ir* e vários outros, que no lugar próprio estudaremos.

   VERBOS DEFECTIVOS são aqueles que não têm certas formas, como *abolir*, *falir* e mais alguns de que tratamos adiante. Entre os DEFECTIVOS costumam os gramáticos incluir os UNIPESSOAIS, especialmente os IMPESSOAIS, usados apenas na 3.ª pessoa do singular: *chover*, *ventar*, etc.

   ABUNDANTES são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio. Assim, o verbo *aceitar* apresenta os particípios *aceitado*, *aceito* e *aceite*; o verbo *entregar*, os particípios *entregado* e *entregue*; o verbo *matar*, os particípios *matado* e *morto*.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue VERBOS IRREGULARES de VERBOS ANÔMALOS, aplicando a última denominação a verbos como *estar*, *haver*, *ser*, *ter*, *ir*, *vir* e *pôr*, cujas profundas irregularidades não se enquadram em classificação alguma. Esta distinção não é adotada pela *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*.

2. Quanto à FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL ou AUXILIAR.
PRINCIPAL, é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração.
Assim:

Estudei português.
Haverá uma solução para o caso.
Comprei um livro.

AUXILIAR é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais. Assim:

Tenho estudado português.
Há de haver uma solução para o caso.
Um livro **foi comprado** por mim.

Os AUXILIARES mais comuns são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, de que apresentamos, adiante, a conjugação completa.

CONJUGAÇÕES

CONJUGAR um verbo é dizê-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O agrupamento de todas essas flexões, segundo uma ordem determinada, chama-se CONJUGAÇÃO.
Há três conjugações em português, caracterizadas pela VOGAL TEMÁTICA.
A 1.ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática -*a*-:

estud-**a**-r fic-**a**-r rem-**a**-r

A 2.ª conjugação abarca os verbos que têm a vogal temática -*e*-:

receb-**e**-r dev-**e**-r tem-**e**-r

À 3.ª conjugação pertencem os verbos que têm a vogal temática -*i*-:

dorm-**i**-r part-**i**-r sorr-**i**-r

Como as vogais temáticas se apresentam com maior nitidez no infinitivo, costuma-se indicar pela TERMINAÇÃO deste (= VOGAL TEMÁTICA + SUFIXO *-r*) a conjugação a que pertence um dado verbo. Assim, os verbos de infinitivo terminado em *-ar* são da 1.ª conjugação; os de infinitivo em *-er*, da 2.ª; os de infinitivo em *-ir*, da 3.ª.

TEMPOS SIMPLES

Estrutura do verbo

1. Examinemos os seguintes tempos do indicativo do verbo *cantar*:

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
canto	cantava	cantara
cantas	cantavas	cantaras
canta	cantava	cantara
cantamos	cantávamos	cantáramos
cantais	cantáveis	cantáreis
cantam	cantavam	cantaram

Verificamos que todas as suas formas se irmanam pelo RADICAL *cant-*, a parte invariável que lhes dá a base comum de significação.

Verificamos também que a esse RADICAL VERBAL se junta, em cada forma, uma TERMINAÇÃO, da qual participa pelo menos um dos seguintes elementos:

a) a VOGAL TEMÁTICA *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação:

cant-**a** cant-**a**-va cant-**a**-ra

b) o SUFIXO TEMPORAL (ou MODO-TEMPORAL), que indica o tempo e o modo:

cant-a-**va** cant-a-**ra**

c) a DESINÊNCIA PESSOAL (ou NÚMERO-PESSOAL), que identifica a pessoa e o número:

cant-**o** cant-a-va-**s** cant-á-ra-**mos**

2. Todo o mecanismo da formação dos tempos simples repousa na combinação harmônica desses três elementos flexivos com um determinado radical verbal. Muitas vezes falta um deles, como:

a) a VOGAL TEMÁTICA, no presente do subjuntivo e, em decorrência, nas formas do imperativo dele derivadas: *cante*, *cantes*, *cante*, etc.;
b) o SUFIXO TEMPORAL, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, bem como nas formas do imperativo derivadas do presente do indicativo: *canto*, *cantas*, *canta*, etc.; *cantei*, *cantaste*, *cantou*, etc.; *canta* (tu), *cantai* (vós);
c) a DESINÊNCIA PESSOAL, na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*canta*); na 1.ª e na 3.ª pessoa do singular do imperfeito (*cantava*), do mais-que-perfeito (*cantara*) e do futuro do pretérito (*cantaria*) do indicativo; e nestas mesmas pessoas do presente (*cante*), do imperfeito (*cantasse*) e do futuro (*cantar*) do subjuntivo, assim como nas do infinitivo pessoal (*cantar*).

Mas, salvo no caso em que a falta de DESINÊNCIA iguala duas pessoas de um só tempo, perturbando a clareza, a ausência de qualquer desses elementos flexivos é sempre um sinal particularizante, pois caracteriza a forma lacunosa pelo seu contraste com as que não o são.

Formação dos tempos simples

1. Com exceção do infinitivo pessoal, os tempos simples dos verbos portugueses correspondem a formações existentes no latim clássico ou no latim vulgar, que sofreram, com os séculos, naturais alterações fonéticas. O estudo dessa evolução é matéria que pertence à chamada gramática histórica e excede, naturalmente, os limites deste livro de natureza sincrônica. Podemos, no entanto, adotar aqui um vulgarizado artifício didático para melhor apreendermos o mecanismo das conjugações.
   Consiste tal artifício em admitir que o verbo apresente três tempos PRIMITIVOS, sendo os outros deles DERIVADOS.
   São tempos primitivos: o PRESENTE DO INDICATIVO, o PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e o INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Para mostrar a valia didática deste processo formativo, tomemos como exemplo os verbos *cantar*, *vender* e *partir*, e separemos nos seus tempos simples o RADICAL, ou o TEMA (= RADICAL + VOGAL TEMÁTICA), da TERMINAÇÃO, incluindo nesta o SUFIXO TEMPORAL e a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL.

Derivados do presente do indicativo

Do PRESENTE DO INDICATIVO formam-se o IMPERFEITO DO INDICATIVO, o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO.

1.º) IMPERFEITO DO INDICATIVO. É formado do radical do presente acrescido:

a) na 1.ª conjugação, das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (constituídas da vogal temática *-a-* + sufixo temporal *-va-* + desinências pessoais);
b) na 3.ª conjugação, das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (constituídas da vogal temática *-i-* + sufixo temporal *-a-* + desinências pessoais);
c) na 2.ª conjugação, das mesmas terminações da 3.ª, por ter a vogal temática *-e-* passado a *-i-* antes de *-a-*.
Assim, nos verbos *cantar*, *vender* e *partir*, temos:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PRESENTE	**cant-**	**vend-**	**part-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-avas	vend-ias	part-ias
	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	cant-áveis	vend-íeis	part-íeis
	cant-avam	vend-iam	part-iam

Observação:

Fogem à regra acima os verbos *ser*, *ter*, *vir* e *pôr*, que fazem no IMPERFEITO *era*, *tinha*, *vinha* e *punha*, respectivamente.

2.º) PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Forma-se do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo, substituindo-se a desinência *-o* pelas flexões próprias do presente do subjuntivo: *-e, -es, -emos, -eis, -em*, nos verbos da 1.ª conjugação; *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, nos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação.

Assim:

PRESENTE DO INDICATIVO	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
1.ª pessoa do singular	**cant-o**	**vend-o**	**part-o**
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	cant-e	vend-a	part-a
	cant-es	vend-as	part-as
	cant-e	vend-a	part-a
	cant-emos	vend-amos	part-amos
	cant-eis	vend-ais	part-ais
	cant-em	vend-am	part-am

1.ª) Dentre todos os verbos da língua apenas os seguintes não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*.

2.ª) Os verbos defectivos em que a 1.ª pessoa do presente do indicativo caiu em desuso não têm presente do subjuntivo.

3.º) IMPERATIVO. O imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2.ª pessoa do singular e 2.ª pessoa do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão do *-s* final.

Assim:

canta(s)	vende(s)	parte(s)
cantai(s)	vendei(s)	parti(s)

Observações:

1.ª) Excetua-se o verbo *ser*, que faz *sê* (tu) e *sede* (vós).

2.ª) Costumam perder o *-e* na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos *dizer, fazer, trazer* e os terminados em *-uzir*: *dize* (ou *diz*) tu, *faze* (ou *faz*) tu, *traze* (ou *traz*) tu, *aduze* (ou *aduz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu.

As outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do imperativo negativo, são supridas pelos equivalentes do presente do subjuntivo, com o pronome posposto, quando usado.

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

Do tema do PRETÉRITO PERFEITO formam-se os seguintes tempos simples:

1.º) O MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-ra-* + desinências pessoais) *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO	canta-ra canta-ras canta-ra cantá-ramos cantá-reis canta-ram	vende-ra vende-ras vende-ra vendê-ramos vendê-reis vende-ram	parti-ra parti-ras parti-ra partí-ramos partí-reis parti-ram

2.º) o IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-sse-* + desinências pessoais) *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	canta-sse canta-sses canta-sse cantá-ssemos cantá-sseis canta-ssem	vende-sse vende-sses vende-sse vendê-ssemos vendê-sseis vende-ssem	parti-sse parti-sses parti-sse partí-ssemos partí-sseis parti-ssem

3.º) o FUTURO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-r-* + desinências pessoais) *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	canta-r canta-res canta-r canta-rmos canta-rdes canta-rem	vende-r vende-res vende-r vende-rmos vende-rdes vende-rem	parti-r parti-res parti-r parti-rmos parti-rdes parti-rem

Observações:

1.ª) O TEMA do pretérito perfeito pode ser obtido suprimindo-se a desinência da 2.ª pessoa do singular ou da 1.ª pessoa do plural:

canta(ste)	fize(ste)	vie(ste)	puse(ste)
canta(mos)	fize(mos)	vie(mos)	puse(mos)

2.ª) Embora as suas formas sejam quase sempre idênticas, o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal têm origem diversa, que deve ser conhecida para evitar-se a frequente confusão que se estabelece nos poucos verbos em que as formas são distintas: *fizer* — *fazer*; *for* — *ser*; *souber* — *saber*, etc.

Derivados do infinitivo impessoal

DO INFINITIVO IMPESSOAL formam-se os dois futuros simples do indicativo, o infinitivo pessoal, o gerúndio e o particípio.

1.º) O FUTURO DO PRESENTE, com o simples acréscimo das terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRESENTE	cantar-ei cantar-ás cantar-á cantar-emos cantar-eis cantar-ão	vender-ei vender-ás vender-á vender-emos vender-eis vender-ão	partir-ei partir-ás partir-á partir-emos partir-eis partir-ão

2.º) O FUTURO DO PRETÉRITO, com o acréscimo das terminações *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRETÉRITO	cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-íamos cantar-íeis cantar-iam	vender-ia vender-ias vender-ia vender-íamos vender-íeis vender-iam	partir-ia partir-ias partir-ia partir-íamos partir-íeis partir-iam

Observações:

1.ª) Não seguem esta regra os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, cujas formas do FUTURO DO PRESENTE e DO PRETÉRITO são, respectivamente: *direi*, *diria*, *farei*, *faria*, *trarei*, *traria*.

2.ª) O FUTURO DO PRESENTE e O FUTURO DO PRETÉRITO são formados pela aglutinação do INFINITIVO do verbo principal às formas reduzidas do PRESENTE e do IMPERFEITO DO INDICATIVO do auxiliar *haver*: *amar* + *hei*, *amar* + *hia* (por *havia*), etc.

3.º) O INFINITIVO PESSOAL, com o acréscimo das desinências pessoais: *-es* (2.ª pessoa do singular), *-mos*, *-des*, *-em*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO PESSOAL	cantar cantar-es cantar cantar-mos cantar-des cantar-em	vender vender-es vender vender-mos vender-des vender-em	partir partir-es partir partir-mos partir-des partir-em

4.º) O GERÚNDIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-ndo*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
GERÚNDIO	canta-ndo	vende-ndo	parti-ndo

5.º) O PARTICÍPIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-do*, sendo de notar que, por influência da vogal temática da 3.ª conjugação, a da 2.ª passou a *-i-*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
PARTICÍPIO	canta-do	vendi-do	parti-do

Observação:

Os verbos *dizer*, *escrever*, *fazer*, *ver*, *pôr*, *abrir*, *cobrir*, *vir* e seus derivados formam o PARTICÍPIO irregularmente: *dito*, *escrito*, *feito*, *visto*, *posto*, *aberto*, *coberto*, *vindo*. Dos derivados exclui-se *prover*, cujo PARTICÍPIO é *provido*.

VERBOS AUXILIARES E O SEU EMPREGO

1. Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Os AUXILIARES de uso mais frequente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.[5]

Ter e **haver** empregam-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos compostos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo:

> **Tenho feito** exercícios.
> **Havíamos comprado** livros.

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição de, para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato:

> **Tenho de fazer** exercícios.
> **Havemos de comprar** livros.

Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de ação:

> Exercícios **foram feitos** por mim.
> Livros **serão comprados** por nós.

Estar emprega-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:

> **Estou arrependido** do que fiz.
> **Estamos impressionados** com o fato.

---

[5] Como não há uniformidade de critério linguístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares. Sobre o assunto, no âmbito da língua portuguesa, o estudo mais desenvolvido é o de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. *L'Auxiliarité en langue portugaise* (tese de doutorado apresentada à Universidade de Paris-III, Paris, 1970, mimeografado). Menção particular merecem também os trabalhos de: Eunice Pontes. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, 1973, onde a auxiliaridade, principalmente dos verbos que se constroem com infinitivo, é estudada à luz da gramática transformacional; e de Eduardo Paiva Raposo. *A construção "união de orações" na gramática do português* (dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981, mimeografado), em que se examinam do ponto de vista da gramática relacional as construções de infinitivo com verbos como *fazer*, *mandar*, *deixar*, *ver*, *sentir* e *ouvir*.

b) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

> **Estava ouvindo** música.
> **Estava a ouvir** música.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *para*, para exprimir a iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a ação expressa pelo verbo principal:

> O avião **está para chegar.**
> Há dias **estou para visitá-lo.**

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que já deveria ter sido realizada ainda não o foi:

> O trabalho **está por terminar.**
> A carta **ficou por escrever.**

Distinção importante

A construção de *estar* (ou *andar*) + GERÚNDIO, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores[6] e nos países africanos de língua portuguesa.

No português-padrão e nos dialetos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*) + PREPOSIÇÃO *a* + INFINITIVO, que aparece, vez por outra, na pena de escritores brasileiros. Comparem-se estes exemplos, colhidos na obra de Adonias Filho:

> **Estava a passar** a cera no cordão e **a ouvir** Gonçalo Cintra quando se ergueu de um salto.
> (*LBB*, 126.)

> Três meses ali **estava**, João Joanes, **a pescar** com Pé de Vento, **a visitar** os vizinhos, **a ajoelhar-se** na sepultura da mulher.
> (*LBB*, 133.)

---

[6] Veja-se M. de Paiva Boléo. *Estudos de linguística portuguesa e românica*, I. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, p. 425; ——. *Revista Portuguesa de Filologia*, p. 17:971, 1975-1978.

O filho lá **estava**, correndo na areia, **a brincar** com outros meninos.
(*LBB*, 15.)

3. Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar* e mais alguns que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação. Assim:

Ir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

O navio **ia encostando** no cais (pouco a pouco).
Os convidados **iam chegando** de automóvel (sucessivamente).

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:

Vou procurar um médico.
O navio **vai partir**.

Vir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se desenvolve gradualmente (compare-se a construção similar com *ir*):

Vinha rompendo a madrugada.
Venho tratando desse assunto.

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para indicar movimento em direção a determinado fim ou intenção de realizar um ato:

Veio fazer compras.
Vieste interromper-me o trabalho.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para expressar o resultado final da ação:

Vim a saber dessas coisas muito tarde.
Veio a dar com os burros n'água.

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar o término recente da ação:

Vinha de ajustar contas com o imigrante.
(J. Cardoso Pires, *D*, 290.)

Minha intenção era saudar os jangadeiros que **vêm de chegar.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 56.)

Esta última construção, que desde o século passado se documenta em bons escritores do idioma, tem sido condenada por alguns gramáticos como galicismo.

Andar, à semelhança de *estar*, emprega-se com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

Ando lendo os clássicos.
Ando a ler os clássicos.

A primeira construção, como dissemos, é a mais usada no Brasil; a segunda, a preferida em Portugal.

Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado (*ficou molhado*), emprega-se:

a) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por *estar*; comparem-se:

Ficava cantando	**Ficou esperando**
Estava cantando	**Esteve esperando**
Ficava a cantar	**Ficou a esperar**
Estava a cantar	**Esteve a esperar**

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que deveria ter sido realizada não o foi:

O trabalho **ficou por terminar.**

Compare-se à construção paralela com *estar*:

O trabalho **está por terminar.**

Acabar emprega-se com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar uma ação recém-concluída:

O avião **acabou de aterrissar.**
Os convidados **acabaram de chegar.**

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS *TER*, *HAVER*, *SER* E *ESTAR*

Modo indicativo

Presente			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Modo subjuntivo

Presente			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)

não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

INFINITIVO PESSOAL			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

GERÚNDIO			
tendo	havendo	sendo	estando

PARTICÍPIO			
tido	havido	sido	estado

FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Entre os TEMPOS COMPOSTOS da voz ativa merecem realce particular aqueles que são constituídos de formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar, porque é costume incluí-los nos próprios paradigmas de conjugação.

Eis os tempos em causa:

Modo indicativo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO. Formado do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenho cantado	tenho vendido	tenho partido
tens cantado	tens vendido	tens partido
tem cantado	tem vendido	tem partido
temos cantado	temos vendido	temos partido
tendes cantado	tendes vendido	tendes partido
têm cantado	têm vendido	têm partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO. Formado do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tinhas cantado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos cantado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis cantado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham cantado	tinham vendido	tinham partido

3.º) FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRESENTE SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

terei cantado	terei vendido	terei partido
terás cantado	terás vendido	terás partido
terá cantado	terá vendido	terá partido
teremos cantado	teremos vendido	teremos partido
tereis cantado	tereis vendido	tereis partido
terão cantado	terão vendido	terão partido

4.º) FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

teria cantado	teria vendido	teria partido
terias cantado	terias vendido	terias partido
teria cantado	teria vendido	teria partido
teríamos cantado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam cantado	teriam vendido	teriam partido

Modo subjuntivo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO. Formado do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhas cantado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos cantado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais cantado	tenhais vendido	tenhais partido
tenham cantado	tenham vendido	tenham partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Formado do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses cantado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos cantado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis cantado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem cantado	tivessem vendido	tivessem partido

3.º) FUTURO COMPOSTO. Formado do FUTURO SIMPLES DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tiveres cantado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tivermos cantado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes cantado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem cantado	tiverem vendido	tiverem partido

Formas nominais

1.º) INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO IMPESSOAL). Formado do INFINITIVO IMPESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido

2.º) INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO PESSOAL). Formado do INFINITIVO PESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3.º) GERÚNDIO COMPOSTO (PRETÉRITO). Formado do GERÚNDIO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tendo cantado	tendo vendido	tendo partido

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Como dissemos, são REGULARES os verbos que se flexionam de acordo com o PARADIGMA de sua conjugação. Assim, tomando os verbos *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas, respectivamente, da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos pelo modelo de *cantar*; os da 2.ª, pelo de *vender*; os da 3.ª, pelo de *partir*.

CONJUGAÇÃO DA VOZ PASSIVA

(Modelo: *ser louvado*)

Modo indicativo

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO
sou louvado (-a)	era louvado (-a)
és louvado (-a)	eras louvado (-a)
é louvado (-a)	era louvado (-a)
somos louvados (-as)	éramos louvados (-as)
sois louvados (-as)	éreis louvados (-as)
são louvados (-as)	eram louvados (-as)

PRETÉRITO PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO PERFEITO (COMPOSTO)
fui louvado (-a)	tenho sido louvado (-a)
foste louvado (-a)	tens sido louvado (-a)
foi louvado (-a)	tem sido louvado (-a)
fomos louvados (-as)	temos sido louvados (-as)
fostes louvados (-as)	tendes sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	têm sido louvados (-as)

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (COMPOSTO)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
foras louvado (-a)	tinhas sido louvado (-a)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
fôramos louvados (-as)	tínhamos sido louvados (-as)
fôreis louvados (-as)	tínheis sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	tinham sido louvados (-as)

Futuro do presente (simples)	Futuro do presente (composto)
serei louvado (-a)	terei sido louvado (a)
serás louvado (-a)	terás sido louvado (-a)
será louvado (-a)	terá sido louvado (-a)
seremos louvados (-as)	teremos sido louvados (-as)
sereis louvados (-as)	tereis sido louvados (-as)
serão louvados (-as)	terão sido louvados (-as)

Futuro do pretérito (simples)	Futuro do pretérito (composto)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (a)
serias louvado (-a)	terias sido louvado (-a)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (-a)
seríamos louvados (-as)	teríamos sido louvados (-as)
seríeis louvados (-as)	teríeis sido louvados (-as)
seriam louvados (-as)	teriam sido louvados (-as)

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejas louvado (-a)	fosses louvado (-a)
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejamos louvados (-as)	fôssemos louvados (-as)
sejais louvados (-as)	fôsseis louvados (-as)
sejam louvados (-as)	fossem louvados (-as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhas sido louvado (-a)	tivesses sido louvado (-a)
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhamos sido louvados (-as)	tivéssemos sido louvados (-as)
tenhais sido louvados (-as)	tivésseis sido louvados (-as)
tenham sido louvados (-as)	tivessem sido louvados (-as)

Futuro (simples)	Futuro (composto)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
fores louvado (-a)	tiveres sido louvado (-a)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
formos louvados (-as)	tivermos sido louvados (-as)
fordes louvados (-as)	tiverdes sido louvados (-as)
forem louvados (-as)	tiverem sido louvados (-as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
seres louvado (-a)	teres sido louvado (-a)
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
sermos louvados (-as)	termos sido louvados (-as)
serdes louvados (-as)	terdes sido louvados (-as)
serem louvados (-as)	terem sido louvados (-as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo louvado (-a, -os, -as)	tendo sido louvado (-a, -os, -as)

Particípio
louvado (-a, -os, -as)

Observações:

1.ª) Só há uma forma simples na voz passiva, que é o PARTICÍPIO. Colocamos, no entanto, entre parênteses, as designações SIMPLES e COMPOSTO para lembrar a correspondência das formas assim nomeadas com as da voz ativa, que apresentam semelhante oposição.

2.ª) Na voz passiva não se usa o IMPERATIVO.

VOZ REFLEXIVA

Na VOZ REFLEXIVA o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto e representa a mesma pessoa que o sujeito. Assim:

Eu **me lavo** (ou **lavo-me**).
Ele **se deu** o trabalho de vir a minha casa (ou **deu-se**).

A próclise é preferida no Brasil, a ênclise em Portugal.

O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, uma ação mútua de dois ou mais sujeitos:

Pedro, Paulo e eu **nos estimamos** (**estimamo-nos**) [= mutuamente].

Os dias **se sucedem** (**sucedem-se**) [= um ao outro] calmos.

Verbo reflexivo e verbo pronominal

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chamados VERBOS PRONOMINAIS, de que podemos distinguir dois tipos:

a) os que só se usam na forma pronominal, como:

apiedar-se	queixar-se
condoer-se	suicidar-se

b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo:

debater [= discutir]	enganar alguém
debater-se [= agitar-se]	enganar-se com alguém

Observação:

Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, *a si mesmo*, etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a ser *um ao outro*, *reciprocamente*, *mutuamente*, etc.

Assim:

Feri-me **a mim mesmo**.
Amavam-se **um ao outro**.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO REFLEXIVO

(Modelo: *lavar-se*)

Modo indicativo

COM O PRONOME ENCLÍTICO OU MESOCLÍTICO	COM O PRONOME PROCLÍTICO
Presente	
lavo-me	eu me lavo
lavas-te	tu te lavas
lava-se	ele se lava
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavais-vos	vós vos lavais
lavam-se	eles se lavam

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Pretérito imperfeito	
lavava-me	eu me lavava
lavavas-te	tu te lavavas
lavava-se	ele se lavava
lavávamo-nos	nós nos lavávamos
laváveis-vos	vós vos laváveis
lavavam-se	eles se lavavam
Pretérito perfeito simples	
lavei-me	eu me lavei
lavaste-te	tu te lavaste
lavou-se	ele se lavou
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavastes-vos	vós vos lavastes
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito perfeito composto	
tenho-me lavado	eu me tenho lavado
tens-te lavado	tu te tens lavado
tem-se lavado	ele se tem lavado
temo-nos lavado	nós nos temos lavado
tendes-vos lavado	vós vos tendes lavado
têm-se lavado	eles se têm lavado
Pretérito mais-que-perfeito simples	
lavara-me	eu me lavara
lavaras-te	tu te lavaras
lavara-se	ele se lavara
laváramo-nos	nós nos laváramos
laváreis-vos	vós vos laváreis
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito mais-que-perfeito composto	
tinha-me lavado	eu me tinha lavado
tinhas-te lavado	tu te tinhas lavado
tinha-se lavado	ele se tinha lavado
tínhamo-nos lavado	nós nos tínhamos lavado
tínheis-vos lavado	vós vos tínheis lavado
tinham-se lavado	eles se tinham lavado

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Futuro do presente simples	
lavar-me-ei	eu me lavarei
lavar-te-ás	tu te lavarás
lavar-se-á	ele se lavará
lavar-nos-emos	nós nos lavaremos
lavar-vos-eis	vós vos lavareis
lavar-se-ão	eles se lavarão
Futuro do presente composto	
ter-me-ei lavado	eu me terei lavado
ter-te-ás lavado	tu te terás lavado
ter-se-á lavado	ele se terá lavado
ter-nos-emos lavado	nós nos teremos lavado
ter-vos-eis lavado	vós vos tereis lavado
ter-se-ão lavado	eles se terão lavado
Futuro do pretérito simples	
lavar-me-ia	eu me lavaria
lavar-te-ias	tu te lavarias
lavar-se-ia	ele se lavaria
lavar-nos-íamos	nós nos lavaríamos
lavar-vos-íeis	vós vos lavaríeis
lavar-se-iam	eles se lavariam
Futuro do pretérito composto	
ter-me-ia lavado	eu me teria lavado
ter-te-ias lavado	tu te terias lavado
ter-se-ia lavado	ele se teria lavado
ter-nos-íamos lavado	nós nos teríamos lavado
ter-vos-íeis lavado	vós vos teríeis lavado
ter-se-iam lavado	eles se teriam lavado

Modo subjuntivo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Presente	
lave-me	eu me lave
laves-te	tu te laves
lave-se	ele se lave
lavemo-nos	nós nos lavemos
laveis-vos	vós vos laveis
lavem-se	eles se lavem

Com o pronome enclítico	Com o pronome próclítico
Pretérito imperfeito	
lavasse-me	eu me lavasse
lavasses-te	tu te lavasses
lavasse-se	ele se lavasse
lavássemo-nos	nós nos lavássemos
lavásseis-vos	vós vos lavásseis
lavassem-se	eles se lavassem
Pretérito perfeito	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tenha lavado
	tu te tenhas lavado
	ele se tenha lavado
	nós nos tenhamos lavado
	vós vos tenhais lavado
	eles se tenham lavado
Pretérito mais-que-perfeito	
tivesse-me lavado	eu me tivesse lavado
tivesses-te lavado	tu te tivesses lavado
tivesse-se lavado	ele se tivesse lavado
tivéssemo-nos lavado	nós nos tivéssemos lavado
tivésseis-vos lavado	vós vos tivésseis lavado
tivessem-se lavado	eles se tivessem lavado
Futuro simples	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me lavar
	tu te lavares
	ele se lavar
	nós nos lavarmos
	vós vos lavardes
	eles se lavarem
Futuro composto	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tiver lavado
	tu te tiveres lavado
	ele se tiver lavado
	nós nos tivermos lavado
	vós vos tiverdes lavado
	eles se tiverem lavado

Modo imperativo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Afirmativo	
lava-te lave-se lavemo-nos lavai-vos lavem-se	(Não pode vir proclítico o pronome)
Negativo	
(Não pode vir enclítico o pronome)	não te laves não se lave não nos lavemos não vos laveis não se lavem

Formas nominais

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Infinitivo impessoal presente	
lavar-se	— se lavar
Infinitivo impessoal pretérito	
ter-se lavado	— se ter lavado
Infinitivo pessoal presente	
lavar-me	eu me lavar
lavares-te	tu te lavares
lavar-se	ele se lavar
lavarmo-nos	nós nos lavarmos
lavardes-vos	vós vos lavardes
lavarem-se	eles se lavarem
Infinitivo pessoal pretérito	
ter-me lavado	eu me ter lavado
teres-te lavado	tu te teres lavado
ter-se lavado	ele se ter lavado
termo-nos lavado	nós nos termos lavado
terdes-vos lavado	vós vos terdes lavado
terem-se lavado	eles se terem lavado

COM O PRONOME ENCLÍTICO	COM O PRONOME PRÓCLÍTICO
Gerúndio presente	
lavando-se	— se lavando
Gerúndio pretérito	
tendo-se lavado	— se tendo lavado
Particípio	
O pronome oblíquo não pode vir posposto ao particípio	

Observações:

1.ª) Note-se que, em todas as 1ªs. pessoas do plural deste paradigma, quando o pronome é enclítico, o *-s* final da desinência *-mos* é omitido (em virtude de uma antiga assimilação à nasal inicial do pronome seguinte).

2.ª) Nas formas do modo indicativo, quando o pronome sujeito vem expresso, a ênclise do pronome oblíquo é a construção preferida em Portugal e a próclise, a normal no Brasil. Veja-se o que dissemos a propósito da colocação dos pronomes átonos no capítulo 11.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS IRREGULARES

Irregularidade verbal

A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical.

Se examinarmos, por exemplo, a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *dar* e *medir*, verificamos que:

a) a forma *dou* não recebe a desinência normal *-o* da referida pessoa;
b) a forma *meço* apresenta o radical *meç-*, distinto do radical *med-*, que aparece no INFINITIVO e em outras formas do verbo: *med-ir*, *med-es*, *med-i*, *med-ira*, etc.

Dar e *medir* são, pois, VERBOS IRREGULARES.

Se examinarmos, por outro lado, o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO dos verbos em causa, observamos que as formas:

a) *dava*, *davas*, *dava*, *dávamos*, *dáveis*, *davam* se enquadram no paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação;
b) *media*, *medias*, *media*, *medíamos*, *medíeis*, *mediam*, por sua vez, incorporam-se ao paradigma dos verbos regulares da 3.ª conjugação;

Vemos, assim, que num verbo irregular pode haver determinadas formas perfeitamente regulares.

Observação:

Para mais fácil conhecimento dos verbos irregulares, convém ter em mente o que dissemos sobre a formação dos tempos simples. Excetuando-se a anomalia que apontamos na conjugação dos verbos *dar*, *estar*, *haver*, *querer*, *saber*, *ser* e *ir*, a irregularidade dos demais é sempre constante nas formas de cada um dos grupos:

1.º GRUPO	2.º GRUPO	3.º GRUPO
Pres. do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Futuro do presente
Pres. do subjuntivo	Pret. mais-que-perf. do indicativo	Futuro do pretérito
Imperativo	Pret. imperfeito do subjuntivo	
	Futuro do subjuntivo	

Atentando-se, pois, nas formas do PRESENTE, do PRETÉRITO PERFEITO e do FUTURO DO PRESENTE do MODO INDICATIVO, sabe-se se um verbo é ou não irregular e, também, como conjugá-lo nos tempos de cada um dos três grupos.

Irregularidade verbal e discordância gráfica

É necessário não confundir irregularidade verbal com certas discordâncias gráficas que aparecem em formas do mesmo verbo e que visam apenas a indicar-lhes a uniformidade de pronúncia dentro das convenções do nosso sistema de escrita.

Assim:

a) os verbos da 1.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-ç* e *-g* mudam tais letras, respectivamente, em *-qu*, *-c* e *-gu* sempre que se lhes segue um *-e*:

ficar — fiquei
justiçar — justicei
chegar — cheguei

b) os verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-g* e *-gu* mudam tais letras, respectivamente, em *-ç*, *-j* e *-g* sempre que se lhes segue um *-o* ou um *-a*:

vencer — venço — vença
tanger — tanjo — tanja
erguer — ergo — erga
restringir — restrinjo — restrinja
extinguir — extingo — extinga

São, como vemos, simples acomodações gráficas, que não implicam irregularidade do verbo.

Verbos com alternância vocálica

Muitos verbos da língua portuguesa apresentam diferenças de timbre na vogal do radical conforme nele recaia ou não o acento tônico. Estas diferenças não são exatamente as mesmas na variante europeia e na variante brasileira da língua portuguesa, devido sobretudo ao fenômeno da redução das vogais em sílaba átona, a que nos referimos no capítulo sobre fonética e fonologia. Assim, às formas *levamos* e *levais* — com [ə] fechado no português normal de Portugal e com [e] semifechado no português do Brasil — contrapõem-se *levo*, *levas*, *leva* e *levam*, com *e* semiaberto [ɛ]; às formas *rogamos* e *rogais* — com [u] no português de Portugal e com [o] semifechado no português do Brasil — opõem-se *rogo*, *rogas*, *roga* e *rogam*, com *o* semiaberto[ɔ]. Às vezes a alternância vocálica observa-se nas próprias formas rizotônicas. Por exemplo: *subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*.

Por sofrerem tais mutações vocálicas no radical, esses verbos, ou melhor, os pertencentes à 3.ª conjugação, vêm de regra incluídos no elenco dos VERBOS IRREGULARES. Cumpre ponderar, no entanto, que essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam exceções, mas a norma dentro da nossa complexa morfologia. Saliente-se, ainda, que não é lógico que se considerem regulares verbos como *beber* e *mover*, que, nas formas rizotônicas, apresentam, respectivamente, as alternâncias: *a*) de [ə] fechado no português normal de Portugal e de *e* semifechado [e] no português do Brasil com *e* semiaberto [ɛ]; *b*) de [u] fechado no português normal de Portugal e *o* semifechado [o] no português do Brasil com *o* semiaberto [ɔ]; e, de outro lado, se tenham por irregulares verbos como *frigir* e *acudir*, que alternam [i] com *e* semiaberto [ɛ] e [u] com *o* semiaberto [ɔ]. Há flagrante semelhança nos casos citados. Apenas em *beber* e *mover* não se distinguem na escrita (fato meramente gráfico, por conseguinte) aquelas oposições de fonemas vocálicos a que nos referimos.

Uma palavra deve ainda ser dita com referência aos verbos de qualquer conjugação que têm no radical a vogal *a*.

No português do Brasil não se observa nenhuma alternância na referida vogal, que apresenta o mesmo timbre aberto nas formas rizotônicas e arrizotônicas, embora nestas últimas, naturalmente, ela se articule com menos intensidade. Assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavamos*, *lavais*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavemos*, *laveis*, *lavem* (sempre com o *a* tônico ou pretônico aberto).

No português de Portugal, porém, a vogal radical *a*, sujeita, nas formas arrizotônicas, ao fenômeno da redução vocálica, apresenta, regularmente, o timbre [ɑ]. Temos assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavem* (com *a*

tônico aberto [a]), mas *lavamos, lavais*; *lavemos, laveis*; *lavai* (com *a* pretônico semifechado [α]).

Quando a vogal radical é a nasal [α˜], grafada *an* ou *am*, não se registra qualquer alternância nem no português do Brasil nem no de Portugal, pois a vogal é sempre semifechada, como se disse no capítulo dedicado à Fonética. Assim: *canto, cante, cantamos, cantemos*, etc. (sempre com [α˜]).

Feitas essas considerações, examinemos os principais tipos de alternância vocálica dos verbos em que existem formas rizotônicas: O PRESENTE DO INDICATIVO, O PRESENTE DO SUBJUNTIVO, O IMPERATIVO AFIRMATIVO E O IMPERATIVO NEGATIVO.

De 1.ª conjugação

(Modelos: *levar* e *lograr*)

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
levo	leve	—	—
levas	leves	leva	não leves
leva	leve	leve	não leve
levamos	levemos	levemos	não levemos
levais	leveis	levai	não leveis
levam	levem	levem	não levem
logro	logre	—	—
logras	logres	logra	não logres
logra	logre	logre	não logre
logramos	logremos	logremos	não logremos
lograis	logreis	lograi	não logreis
logram	logrem	logrem	não logrem

Verificamos que, no primeiro, à vogal fechada [ə] do português normal de Portugal e à semifechada [e] do português normal do Brasil, que aparecem na 1.ª e 2.ª pessoas do plural, corresponde a semiaberta [ɛ] na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural. No segundo, há uma mutação semelhante: à vogal fechada [u] do português normal de Portugal e à semifechada [o] do português normal do Brasil, existentes nas formas arrizotônicas, corresponde a semiaberta [ɔ] nas formas rizotônicas.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *levar* os verbos da 1.ª conjugação que têm *e* gráfico[7] no radical, a menos que esta vogal:

a) faça parte do ditongo escrito *ei* — e pronunciado [ej] no português do Brasil e [ɑj] no português normal de Portugal —, como em *cheirar*, por exemplo: *cheiro*, *cheiras*, *cheira*, etc. (sempre com [e] ou [ɑ]);

b) esteja seguida de consoante nasal articulada ([m], [n] ou [ɲ]): *remo*, *remas*, *rema*, etc.; *ordeno*, *ordenas*, *ordena*, etc.; *empenho*, *empenhas*, *empenha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] antes de [ɲ] nas formas rizotônicas, e com [ə] nas arrizotônicas);

c) venha seguida de consoante palatal ([ʃ], [ʒ] ou [ʎ]: *fecho*, *fechas*, *fecha*, etc.; *desejo*, *desejas*, *deseja*, etc.; *aparelho*, *aparelhas*, *aparelha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] nas formas rizotônicas, e com [ə] nas arrizotônicas);

Apenas os verbos *invejar*, *embrechar*, *frechar* e *vexar*, dentre os que ao [e] segue uma consoante palatal, apresentam a vogal [ɛ] nas formas rizotônicas.

2.ª) Embora não se enquadre em nenhuma das exceções apontadas, o verbo *chegar* (e seus derivados, como *achegar*, *aconchegar*, etc.) conserva a vogal semifechada [e] em todas as formas rizotônicas.

3.ª) Seguem o modelo de *lograr* os verbos da 1.ª conjugação que têm *o* gráfico[7] no radical, salvo nos casos em que esta vogal:

a) faz parte do ditongo *oi* (seguido de consoante) e do antigo ditongo *ou*: *pernoito*, *pernoitas*, *pernoita*, etc.; *douro*, *douras*, *doura*, etc. (sempre com [o]);

b) antecede consoante nasal articulada ([m], [n], [ɲ]: *tomo*, *tomas*, *toma*, etc.; *leciono*, *lecionas*, *leciona*, etc.; *sonho*, *sonhas*, *sonha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [o]; no português de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas);

c) pertence a verbos terminados em *-oar*, como *voar*: *voo*, *voas*, *voa*, etc. (tanto no português do Brasil como no de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas.

4.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou *o* [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *tento*, *tentas*, *tenta*, etc.; *conto*, *contas*, *conta*, etc.

---

[7] Como dissemos, no português europeu normal, as vogais radicais escritas *o*, *e*, soam [ə], [u], nas formas arrizotônicas. Os infinitivos *levar* e *lograr* são, pois, pronunciados [lə'var] e [lu'grar].

De 2.ª conjugação

(Modelos: *dever e mover*)

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
devo	deva	—	—
deves	devas	deve	não devas
deve	deva	deva	não deva
devemos	devamos	devamos	não devamos
deveis	devais	devei	não devais
devem	devam	devam	não devam
movo	mova	—	—
moves	movas	move	não movas
move	mova	mova	não mova
movemos	movamos	movamos	não movamos
moveis	movais	movei	não movais
movem	movam	movam	não movam

Verificamos que:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal semifechada [e] e [o] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] e [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a distinção entre as vogais átonas fechadas [ə] e [u] do português de Portugal e as semifechadas [e] e [o] do português do Brasil.

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, o português do Brasil mantém em todas as formas a vogal [e] ou [o], conservada no português de Portugal somente nas formas rizotônicas, pois nas arrizotônicas se dá a redução normal a [ə] ou [u].

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ]; no português do Brasil, a 2.ª pessoa do plural, forma arrizotônica, e as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal semifechada [e] ou [o] deste tempo; no português de Portugal, as formas rizotônicas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO mantêm a vogal semifechada [e] ou [u], mas as formas arrizotônicas apresentam a redução a [ə] ou [u].

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *dever* os verbos da 2.ª conjugação que têm *e* gráfico no radical, com exceção:

a) do verbo *querer*, cujo PRESENTE DO SUBJUNTIVO é irregular (*queira*, *queiras*, etc.) e que, no PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta todas as formas rizotônicas com *e* semiaberto [ɛ]: *quero*, *queres*, *quer*, *querem*.
b) no português do Brasil, dos verbos em que o *e* antecede uma consoante nasal, como *temer*: *temo*, *temes*, *teme*, etc. (sempre com [e]); no português de Portugal estes verbos seguem o modelo de *dever*.

2.ª) Seguem o modelo de *mover* os verbos da 2.ª conjugação que têm *o* gráfico no radical, com exceção:
a) do verbo *poder*, em que a vogal semiaberta [ɔ] aparece também na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *posso*, *podes*, *pode*, *podem*; *possa*, *possas*, *possa*, *possam*;
b) no português do Brasil, dos verbos em que o *o* antecede consoante nasal, a exemplo de *comer*: *como*, *comes*, *come*, etc. (sempre com [o]); no português normal de Portugal estes verbos seguem o modelo de *mover*.

Note-se que em algumas regiões do Brasil os verbos em que o *o* do radical antecede consoante nasal seguem também o modelo de *mover*.

3.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *encho*, *enches*, *enche*, etc.; *rompo*, *rompes*, *rompe*, etc.

De 3.ª conjugação

(Modelos: *servir e dormir)*

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
sirvo	sirva	—	—
serves	sirvas	serve	não sirvas
serve	sirva	sirva	não sirva
servimos	sirvamos	sirvamos	não sirvamos
servis	sirvais	servi	não sirvais
servem	sirvam	sirvam	não sirvam
durmo	durma	—	—
dormes	durmas	dorme	não durmas
dorme	durma	durma	não durma
dormimos	durmamos	durmamos	não durmamos
dormis	durmais	dormi	não durmais
dormem	durmam	durmam	não durmam

Notamos que, nesses verbos, as vogais do radical alternam de modo ainda mais sensível.

Assim:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal fechada [i] ou [u] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a redução vocálica normal a [ə] ou [u] no português europeu e uma oscilação entre [e/i] ou [o/u] no português do Brasil, com predominância da vogal fechada [i] ou [u] por influência assimilatória da vogal tônica;

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, derivado da 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, mantêm-se em todas as formas as vogais daquela pessoa, [i] ou [u], conforme o caso;

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal [ɛ] ou [ɔ]; a 2.ª do plural, em consonância com a do PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta a vogal [ə] ou [u], no português de Portugal, e [e/i] ou [o/u], no português do Brasil; as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal [i] ou [u] deste tempo.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *servir* os verbos da 3.ª conjugação que têm *e* gráfico no INFINITIVO. Assim:

aderir	conferir	digerir	ingerir	repelir
advertir	convergir	discernir	inserir	repetir
aferir	deferir	divergir	preferir	seguir
compelir	desferir	ferir	referir	sugerir
competir	despir	inferir	refletir	vestir

e também *mentir* e *sentir*.

Excetuam-se, no entanto:

a) os verbos *medir*, *pedir*, *despedir* e *impedir*, que apresentam *e* semiaberto [ɛ] em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO e, por conseguinte, nas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO: *meço*, *medes*, *mede*, *medem*; *meça*, *meças*, *meça*, *meçam*, etc.; *peço*, *pedes*, *pede*, *pedem*; *peça*, *peças*, *peça*, *peçam*, etc.

b) os verbos *agredir*, *denegrir*, *prevenir*, *progredir*, *regredir* e *transgredir*, que apresentam [i] nas quatro formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO, em todo o

PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas formas dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO dele derivadas:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
agrido	agrida	—	—
agrides	agridas	agride	não agridas
agride	agrida	agrida	não agrida
agredimos	agridamos	agridamos	não agridamos
agredis	agridais	agredi	não agridais
agridem	agridam	agridam	não agridam

2.ª) Seguem o modelo de *dormir* os verbos da 3.ª conjugação que tem *o* gráfico no INFINITIVO: *tossir*, *engolir*, *cobrir* (e seus derivados, como *descobrir*, *encobrir* e *recobrir*). Excetuam-se, porém:

a) os verbos em que o *o* corresponde ao antigo ditongo [ew], caso em que se conserva como [e] em toda a conjugação: *ouço*, *ouves*, *ouve*, etc.;
b) os verbos *polir* e *sortir*, que apresentam [u] nas formas rizotônicas, formas, aliás, de pouco uso: *pulo*, *pules*, *pule*, *pulem*; *surto*, *surtes*, *surte*, *surtem*.

Modelos: *frigir* e *acudir*

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
frijo	frija	—	—
freges	frijas	frege	não frijas
frege	frija	frija	não frija
frigimos	frijamos	frijamos	não frijamos
frigis	frijais	frigi	não frijais
fregem	frijam	frijam	não frijam
acudo	acuda	—	—
acodes	acudas	acode	não acudas
acode	acuda	acuda	não acuda
acudimos	acudamos	acudamos	não acudamos
acudis	acudais	acudi	não acudais
acodem	acudam	acudam	não acudam

Vemos que, embora tenham [i] e [u] no radical, os verbos *frigir* e *acudir* se comportam como se fossem verbos com *e* e *o* gráficos no INFINITIVO, conjugando-se nos quatro tempos mencionados pelos modelos de *servir* e *dormir*.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *acudir* os seguintes verbos:

bulir	cuspir	fugir	subir
consumir	escapulir	sacudir	sumir

Na língua corrente é também esta a conjugação dos verbos *entupir* e *desentupir*, que num registro mais culto apresentam, por vezes, as formas regulares *entupo*, *entupes*, *entupe*, *entupem*; *desentupo*, *desentupes*, *desentupe*, *desentupem*.

2.ª) Os verbos *construir*, *destruir* e *reconstruir*, dependendo de uma maior ou menor formalização da linguagem, podem ser conjugados: *construo*, *construis* ou *constróis*, *construi* ou *constrói*, *construem* ou *constroem*, etc. Os outros derivados do latim *struĕre*, como *instruir* e *obstruir*, só conhecem a conjugação regular: *instruo*, *instruis*, *instrui*, *instruem*; *obstruo*, *obstruis*, *obstrui*, *obstruem*.

3.ª) Não apresentam alternância vocálica, isto é, conservam o [u] do radical em toda a conjugação, entre outros menos usuais, os verbos:

aludir	curtir	influir	resumir
assumir	iludir	presumir	urdir

e seus derivados.

Pelo modelo de *influir* conjugam-se os demais verbos terminados em *-uir*: *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *instituir*, *restituir*, *redarguir* e *ruir*.

4.ª) Os verbos *aspergir* e *submergir* têm *e* semifechado [e] na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural, a exemplo de *servir*, apresentam *e* semiaberto [ɛ].

Outros tipos de irregularidade

1.ª conjugação

Embora seja a mais rica em número de verbos, a 1.ª conjugação é a mais pobre em número de verbos irregulares. Além de *estar*, cuja conjugação estudamos, há apenas os seguintes:

Dar

Apresenta irregularidades nestes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
dou	dei	dera
dás	deste	deras
dá	deu	dera
damos	demos	déramos
dais	destes	déreis
dão	deram	deram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
dê	desse	der
dês	desses	deres
dê	desse	der
demos	déssemos	dermos
deis	désseis	derdes
deem	dessem	derem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
dá	não dês
dê	não dê
demos	não demos
dai	não deis
deem	não deem

No mais, conjuga-se como um verbo regular da 1.ª conjugação.

Note-se que o derivado *circundar* não apresenta nenhuma destas irregularidades. Segue em tudo o paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

Verbos terminados em *-ear* e *-iar*

1. Os verbos terminados em *-ear* recebem *i* depois do *e* nas formas rizotônicas. Sirva de exemplo o verbo *passear*, que assim se conjuga no PRESENTE DO INDICATIVO, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
passeio	passeie	—	—
passeias	passeies	passeia	não passeies
passeia	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeeis	passeai	não passeeis
passeiam	passeiem	passeiem	não passeiem

2. Os verbos terminados em *-iar* são, em geral, regulares. Sirva de modelo o verbo *anunciar*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
anuncio	anuncie	—	—
anuncias	anuncies	anuncia	não anuncies
anuncia	anuncie	anuncie	não anuncie
anunciamos	anunciemos	anunciemos	não anunciemos
anunciais	anuncieis	anunciai	não anuncieis
anunciam	anunciem	anunciem	não anunciem

Observação:

O verbo *mobiliar* (do português do Brasil) apresenta, nas formas rizotônicas, o acento na sílaba *bi*: PRESENTE DO INDICATIVO: *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobíliam*; PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, *mobíliem*; etc. Mas, em verdade, tal anomalia é mais gráfica do que fonética. Este verbo também se escreve *mobilhar*, variante gráfica admitida pelo Vocabulário Oficial e que melhor reproduz a sua pronúncia corrente. Advirta-se, ainda, que em Portugal a forma preferida é *mobilar*, conjugada regularmente.

3. Por analogia com os verbos em *-ear* (já que na pronúncia se confundem o *e* e o *i* reduzidos), cinco verbos de infinitivo em *-iar* mudam o [i] em [ej] nas formas rizotônicas. São eles: *ansiar*, *incendiar*, *mediar*, *odiar* e *remediar*. Tomemos, como exemplo, o verbo *incendiar*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
incendeio	incendeie	—	—
incendeias	incendeies	incendeia	não incendeies
incendeia	incendeie	incendeie	não incendeie
incendiamos	incendiemos	incendiemos	não incendiemos
incendiais	incendieis	incendiai	não incendieis
incendeiam	incendeiem	incendeiem	não incendeiem

Os demais verbos em *-iar* são regulares na língua culta do Brasil.

4. Finalmente, há um grupo de verbos em *-iar* que, no português de Portugal e na língua popular do Brasil, não seguem uma norma fixa, antes vacilam entre os modelos de *anunciar* e *incendiar*. São, entre outros, os verbos *agenciar*, *comerciar*, *negociar*, *obsequiar*, *premiar* e *sentenciar*.

Observações:

1.ª) *Criar*, em qualquer acepção, conjuga-se como verbo regular em *-iar*: *crio*, *crias*, *cria*, *criamos*, etc.

2.ª) Convém distinguir, cuidadosamente, certos verbos terminados em *-ear* e *-iar*, de forma muito parecida, mas de sentido diverso. Entre outros: *afear* (relacionado com *feio*) e *afiar* (relacionado com *fio*), *enfrear* (relacionado com *freio*) e *enfriar* (com *frio*), *estear* (relacionado com *esteio*) e *estiar* (com *estio*), *estrear* (relacionado com *estreia*) e *estriar* (com *estria*), *mear* (relacionado com *meio*) e *miar* (com *mio*, *miado*), *pear* (relacionado com *peia*) e *piar* (com *pio*), *vadear* (relacionado com *vau*) e *vadiar* (com *vadio*).

2.ª conjugação

Além dos verbos *haver*, *ser* e *ter*, já conhecidos, devem ser mencionados os seguintes:

Caber

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, irregularidades que se transmitem às formas deles derivadas.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	coubera
cabemos	coubemos	coubéramos
cabeis	coubestes	coubéreis
cabem	couberam	couberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
caibam	coubessem	couberem

Observação:

No sentido próprio este verbo não admite IMPERATIVO.

Crer e ler

São irregulares no PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
creio	creia	—	—
crês	creias	crê	não creias
crê	creia	creia	não creia
cremos	creiamos	creiamos	não creiamos
credes	creiais	crede	não creiais
creem	creiam	creiam	não creiam
leio	leia	—	—
lês	leias	lê	não leias
lê	leia	leia	não leia
lemos	leiamos	leiamos	não leiamos
ledes	leiais	lede	não leiais
leem	leiam	leiam	não leiam

Observação:

Assim também se conjugam os derivados destes verbos, como *descrer*, *reler*, etc.

Dizer

Apenas o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares neste verbo. Estas as suas formas simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
digo	dizia	disse
dizes	dizias	disseste
diz	dizia	disse
dizemos	dizíamos	dissemos
dizeis	dizíeis	dissestes
dizem	diziam	disseram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
dissera	direi	diria
disseras	dirás	dirias
dissera	dirá	diria
disséramos	diremos	diríamos
disséreis	direis	diríeis
disseram	dirão	diriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
diga	dissesse	disser
digas	dissesses	disseres
diga	dissesse	disser
digamos	disséssemos	dissermos
digais	dissésseis	disserdes
digam	dissessem	disserem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
dize	não digas
diga	não diga
digamos	não digamos
dizei	não digais
digam	não digam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
dizer	dizer dizeres dizer dizermos dizerdes dizerem	dizendo	dito

Observação:

Segundo o modelo de *dizer* conjugam-se os verbos dele formados: *bendizer*, *desdizer*, *contradizer*, *maldizer*, *predizer*, etc.

Fazer

Também neste verbo só o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares. As formas simples conjugam-se:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
faço	fazia	fiz
fazes	fazias	fizeste
faz	fazia	fez
fazemos	fazíamos	fizemos
fazeis	fazíeis	fizestes
fazem	faziam	fizeram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
fizera	farei	faria
fizeras	farás	farias
fizera	fará	faria
fizéramos	faremos	faríamos
fizéreis	fareis	faríeis
fizeram	farão	fariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
faça	fizesse	fizer
faças	fizesses	fizeres
faça	fizesse	fizer
façamos	fizéssemos	fizermos
façais	fizésseis	fizerdes
façam	fizessem	fizerem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
faze	não faças
faça	não faça
façamos	não façamos
fazei	não façais
façam	não façam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
fazer	fazer fazeres fazer fazermos fazerdes fazerem	fazendo	feito

Observação:

Por *fazer* se conjugam os seus compostos e derivados, como *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer* e *satisfazer*.

Perder

Oferece irregularidade no PRESENTE DO INDICATIVO e esta se transmite às formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

Eis as suas formas irregulares:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
perco	perca	—	—
perdes	percas	perde	não percas
perde	perca	perca	não perca
perdemos	percamos	percamos	não percamos
perdeis	percais	perdei	não percais
perdem	percam	percam	não percam

Poder

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e, em consequência, nas formas derivadas destes dois tempos:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
posso	pude	pudera
podes	pudeste	puderas
pode	pôde	pudera
podemos	pudemos	pudéramos
podeis	pudestes	pudéreis
podem	puderam	puderam

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
possa	pudesse	puder
possas	pudesses	puderes
possa	pudesse	puder
possamos	pudéssemos	pudermos
possais	pudésseis	puderdes
possam	pudessem	puderem

Observação:

É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

Pôr

Pôr, forma contrata do antigo *poer* (ou *põer*, derivado do latim *ponere*), é o único verbo da língua que tem o INFINITIVO irregular.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
ponho	punha	pus
pões	punhas	puseste
põe	punha	pôs
pomos	púnhamos	pusemos
pondes	púnheis	pusestes
põem	punham	puseram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
pusera	porei	poria
puseras	porás	porias
pusera	porá	poria
puséramos	poremos	poríamos
puséreis	poreis	poríeis
puserem	porão	poriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
ponha	pusesse	puser
ponhas	pusesses	puseres
ponha	pusesse	puser
ponhamos	puséssemos	pusermos
ponhais	puséssseis	puserdes
ponham	pusessem	puserem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
põe	não ponhas
ponha	não ponha
ponhamos	não ponhamos
ponde	não ponhais
ponham	não ponham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
pôr	pôr pores pôr pormos pordes porem	pondo	posto

Observações:

1.ª) *Pôr* (antigo *poer*) é um verbo anômalo da 2.ª conjugação, que perdeu sua vogal *-e-* no INFINITIVO PESSOAL e em outros tempos. Esta vogal conservou-se, no entanto, em várias formas do verbo: *pus-e-ste*, *pus-e-mos*, *pus-e-ra*, *pus-e-sse*, etc.

2.ª) Pelo paradigma de *pôr* se conjugam todos os seus derivados: *antepor*, *apor*, *compor*, *contrapor*, *decompor*, *depor*, *descompor*, *dispor*, *expor*, *impor*, *opor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*, etc.

3.ª) Pela anomalia que este verbo apresenta no INFINITIVO, certos gramáticos preferem incluí-lo numa 4.ª conjugação, que seria formada por ele e seus derivados.

Prazer

Empregado apenas na 3.ª pessoa, este verbo apresenta as seguintes formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
praz	prouve	prouvera

MODO SUBJUNTIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
prouvesse	prouver

Observações:

1.ª) As outras formas, inclusive o PRESENTE DO SUBJUNTIVO (= *praza*), são regulares. Por *prazer* se conjugam *aprazer* e *desprazer*.

2.ª) O derivado *comprazer*, além de não ser unipessoal, é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical. Assim, *comprazi*, *comprazeste*, *comprazeu*, etc.; *comprazera*, *comprazeras*, *comprazera*, etc.; *comprazesse*, *comprazesses*, *comprazesse*, etc.; *comprazer*, *comprazeres*, *comprazer*, etc.

Querer

Oferece irregularidades nos seguintes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
quero	quis	quisera
queres	quiseste	quiseras
quer	quis	quisera
queremos	quisemos	quiséramos
quereis	quisestes	quiséreis
querem	quiseram	quiseram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
queira	quisesse	quiser
queiras	quisesses	quiseres
queira	quisesse	quiser
queiramos	quiséssemos	quisermos
queirais	quisésseis	quiserdes
queiram	quisessem	quiserem

Observações:

1.ª) A par de *quer*, 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO, emprega-se também *quere* no português europeu, quando a forma verbal vem acompanhada de um pronome enclítico: *quere-a*.

2.ª) É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

3.ª) O derivado *requerer* faz *requeiro* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical: *requeri*, *requereste*, *requereu*, etc.; *requerera*, *requereras*, *requerera*, etc.; *requeresse*, *requeresses*, *requeresse*, etc.; *requerer*, *requereres*, *requerer*, etc. Além disso, emprega-se no IMPERATIVO.

4.ª) *Bem-querer* e *malquerer* fazem no PARTICÍPIO *benquisto* e *malquisto*, respectivamente.

Saber

Formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
sei	soube	soubera
sabes	soubeste	souberas
sabe	soube	soubera
sabemos	soubemos	soubéramos
sabeis	soubestes	soubéreis
sabem	souberam	souberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
saiba	soubesse	souber
saibas	soubesses	souberes
saiba	soubesse	souber
saibamos	soubéssemos	soubermos
saibais	soubésseis	souberdes
saibam	soubessem	souberem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
sabe	não saibas
saiba	não saiba
saibamos	não saibamos
sabei	não saibais
saibam	não saibam

Trazer

É regular apenas no PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e nas FORMAS NOMINAIS.

Esta a sua conjugação:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
trago	trazia	trouxe
trazes	trazias	trouxeste
traz	trazia	trouxe
trazemos	trazíamos	trouxemos
trazeis	trazíeis	trouxestes
trazem	traziam	trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
trouxera	trarei	traria
trouxeras	trarás	trarias
trouxera	trará	traria
trouxéramos	traremos	traríamos
trouxéreis	trareis	traríeis
trouxeram	trarão	trariam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
traga	trouxesse	trouxer
tragas	trouxesses	trouxeres
traga	trouxesse	trouxer
tragamos	trouxéssemos	trouxermos
tragais	trouxésseis	trouxerdes
tragam	trouxessem	trouxerem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
traze	não tragas
traga	não traga
tragamos	não tragamos
trazei	não tragais
tragam	não tragam

Sobre a complexa morfologia de *trazer*, e em particular sobre as variadas formas de pretérito perfeito que ainda se conservam na linguagem popular, consultem-se especialmente F. Adolfo Coelho. *Theoria da conjugação em latim e portuguez.* Lisboa, s./e., 1870, p. 109-110; Joseph M. Piel. A flexão verbal do português. Separata de *Biblos*, XX. Coimbra, 1945, p. 24, 37, 38 passim. Uma bibliografia sobre o tema pode ler-se em Celso Cunha. *Cancioneiro de Martin Codax.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1956, p. 171.

Valer

Apresenta irregularidade na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, irregularidade que se transmite ao PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às formas do IMPERATIVO dele derivadas. Assim:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
valho	valha	—	—
vales	valhas	vale	não valhas
vale	valha	valha	não valha
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos
valeis	valhais	valei	não valhais
valem	valham	valham	não valham

Observação:

Por *valer* se conjugam *desvaler* e *equivaler*.

Ver

É irregular no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, nas formas deles derivadas, assim como no PARTICÍPIO, que é *visto*.

Enumeremos tais formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
veem	viram	viram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
veja	visse	vir
vejas	visses	vires
veja	visse	vir
vejamos	víssemos	virmos
vejais	vísseis	virdes
vejam	vissem	virem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
vê	não vejas
veja	não veja
vejamos	não vejamos
vede	não vejais
vejam	não vejam

Observações:

1.ª) Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*.

2.ª) *Prover*, embora formado de *ver*, é regular no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e nas formas dele derivadas: *provi*, *proveste*, *proveu*, etc.; *provera*, *proveras*, *provera*, etc.; *provesse*, *provesses*, *provesse*, etc.; *prover*, *proveres*, *prover*, etc. O PARTICÍPIO é *provido*, também regular.

Por *prover* conjuga-se o seu derivado *desprover*.

3.ª conjugação

Excluídos os que sofrem apenas mutação da vogal do radical, que estudamos no início deste capítulo, restam ainda alguns verbos da 3.ª conjugação cujas irregularidades devem ser conhecidas. São eles:

Ir

É verbo anômalo, somente regular no PRETÉRITO IMPERFEITO, no FUTURO DO PRESENTE e no FUTURO DO PRETÉRITO do MODO INDICATIVO: *ia*, *irei*, *iria*; nas FORMAS NOMINAIS — INFINITIVO: *ir*; GERÚNDIO: *indo*; PARTICÍPIO: *ido*.

Suas formas do PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e dos tempos dele derivados identificam-se com as correspondentes do verbo *ser*: *fui*, *fora*, *fosse* e *for*.

Nos demais tempos simples é assim conjugado:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
vou	vá	—	—
vais	vás	vai	não vás
vai	vá	vá	não vá
vamos	vamos	vamos	não vamos
ides	vades	ide	não vades
vão	vão	vão	não vão

Medir e Pedir

Além da alternância vocálica entre as formas rizotônicas e arrizotônicas, estes verbos apresentam modificação do radical *med-* e *ped-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
meço	meça	—	—
medes	meças	mede	não meças
mede	meça	meça	não meça
medimos	meçamos	meçamos	não meçamos
medis	meçais	medi	não meçais
medem	meçam	meçam	não meçam
peço	peça	—	—
pedes	peças	pede	não peças
pede	peça	peça	não peça
pedimos	peçamos	peçamos	não peçamos
pedis	peçais	pedi	não peçais
pedem	peçam	peçam	não peçam

Observações:

1.ª) Por *medir* conjuga-se *desmedir*.

2.ª) Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir*, etc.

Ouvir

Irregularidade semelhante à anterior. O radical *ouv-* muda-se em *ouç-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Assim:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
ouço	ouça	—	—
ouves	ouças	ouve	não ouças
ouve	ouça	ouça	não ouça
ouvimos	ouçamos	ouçamos	não ouçamos
ouvis	ouçais	ouvi	não ouçais
ouvem	ouçam	ouçam	não ouçam

Observação:

Em Portugal, ao lado de *ouço*, há *oiço* para a 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO. Esta dualidade fonética estende-se a todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às pessoas do IMPERATIVO dele derivadas: *ouça* ou *oiça*, *ouças* ou *oiças*, etc.

Rir

Apresenta irregularidades nos seguintes tempos:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
rio	ria	—	—
ris	rias	ri	não rias
ri	ria	ria	não ria
rimos	riamos	riamos	não riamos
rides	riais	ride	não riais
riem	riam	riam	não riam

Pelo modelo de *rir* conjuga-se *sorrir*.

Vir

É verbo anômalo, assim conjugado nos tempos simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
venho	vinha	vim
vens	vinhas	vieste
vem	vinha	veio
vimos	vínhamos	viemos
vindes	vínheis	viestes
vêm	vinham	vieram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
viera	virei	viria
vieras	virás	virias
viera	virá	viria
viéramos	viremos	viríamos
viéreis	vireis	viríeis
vieram	virão	viriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
venha	viesse	vier
venhas	viesses	vieres
venha	viesse	vier
venhamos	viéssemos	viermos
venhais	viésseis	vierdes
venham	viessem	vierem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
vem	não venhas
venha	não venha
venhamos	não venhamos
vinde	não venhais
venham	não venham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
vir	vir vires vir virmos virdes virem	vindo	vindo

Observação:

Por este verbo se conjugam todos os seus derivados, como *advir*, *avir*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir* e *sobrevir*.

Verbos terminados em *-uzir*

Os verbos assim terminados, como *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *induzir*, *introduzir*, *luzir*, *produzir*, *reduzir*, *reluzir*, *traduzir*, etc., não apresentam a vogal *-e* na 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO: (ele) *aduz*, *conduz*, *deduz*, *induz*, *introduz*, etc.

Verbos de particípio irregular

Há alguns verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação que possuem apenas particípio irregular, não tendo conhecido jamais a forma regular em *-ido*. São os seguintes:

INFINITIVO	PARTICÍPIO	INFINITIVO	PARTICÍPIO
dizer	dito	pôr	posto
escrever	escrito	abrir	aberto
fazer	feito	cobrir	coberto
ver	visto	vir	vindo

Observações:

1.ª) Também os derivados destes verbos apresentam somente o particípio irregular. Assim, *desdito*, de *desdizer*; *reescrito*, de *reescrever*; *contrafeito*, de *contrafazer*; *previsto*, de *prever*; *imposto*, de *impor*; *entreaberto*, de *entreabrir*; *descoberto*, de *descobrir*; *convindo*, de *convir*, etc.

2.ª) *Desabrido* não é particípio regular de *desabrir*, mas forma reduzida de *dessaborido*, "sem sabor", provavelmente de origem espanhola. Usa-se apenas como adjetivo, na acepção de "rude", "violento", "descontrolado": *palavras* ***desabridas***, *ventos* ***desabridos***, *discurso* ***desabrido***.

3.ª) Neste grupo devemos incluir três verbos da 1.ª conjugação — *ganhar*, *gastar* e *pagar* — de que outrora se usavam normalmente os dois particípios. Na linguagem atual preferem-se, tanto nas construções com o auxiliar *ser* como naquelas em que entra o auxiliar *ter*, as formas irregulares *ganho*, *gasto* e *pago*, sendo que a última substituiu completamente o antigo *pagado*.

Verbos abundantes

Vimos que são chamados ABUNDANTES os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. Vimos também que, na quase totalidade dos casos, essa abundância ocorre apenas no PARTICÍPIO, o qual, em certos verbos, se apresenta com uma forma reduzida ou anormal ao lado da forma regular em *-ado* ou *-ido*.

De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da VOZ ATIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver*; a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos da VOZ PASSIVA, ou seja, acompanhada do auxiliar *ser*.

Examinemos os principais verbos ABUNDANTES no particípio.

De 1.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito, aceite
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago

De 2.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
suspender	suspendido	suspenso

De 3.ª conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
emergir	emergido	emerso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

Observações:

1.ª) Somente as formas irregulares se usam como adjetivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*.

2.ª) A forma *aceite* é mais usada em Portugal.

3.ª) *Morto* é particípio de *morrer* e estendeu-se também a *matar*.

4.ª) O particípio *rompido* usa-se também com o auxiliar *ser*. Ex.: ***Foram rompidas*** *nossas relações. Roto* emprega-se mais como adjetivo.

5.ª) *Imprimir* possui duplo particípio quando significa "estampar", "gravar". Na acepção de "produzir movimento", "infundir", usa-se apenas o particípio em *-ido*. Dir-se-á, por exemplo: *Este livro* ***foi impresso*** *no Brasil*. Mas, por outro lado: ***Foi imprimida*** *enorme velocidade ao carro.*

6.ª) Pelo modelo de *entregue*, formou-se *empregue*, de uso frequente em Portugal e na linguagem popular do Brasil.

7.ª) Muitos particípios irregulares, que outrora serviam para formar tempos compostos, caíram em desuso. Entre outros, estão nesse caso: *cinto*, do verbo *cingir*; *colheito* do verbo *colher*; *despeso*, do verbo *despender*. Alguns, como *absoluto* (de *absolver*) e *resoluto* (de *resolver*), continuam na língua, mas com valor de adjetivos.

Verbos impessoais, unipessoais e defectivos

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.

As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como *chover*, *trovejar*, *ventar*, só aparecem na 3.ª pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir*, *ladrar*, *zurrar*, normalmente só se empregam na 3.ª pessoa do singular e do plural.

Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos UNIPESSOAIS.

Outras vezes o desuso de uma forma verbal é ocasionado por sua pronúncia desagradável ou por prestar-se a confusão com uma forma de outro verbo, de emprego mais frequente. A razões de ordem eufônica atribui-se, por exemplo, a falta da 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, de todas as pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *abolir*; pela homofonia com formas do verbo *falar*, justifica-se a inexistência das formas rizotônicas do verbo *falir*. Mas, como a própria caracterização do que é agradável ou desagradável ao ouvido é sempre difícil, pois está condicionada ao gosto pessoal, há frequentes discordâncias entre os gramáticos em estabelecer os casos de lacuna verbal aconselhados por motivos eufônicos. Não raro, não se vislumbra mesmo razão maior do que o simples desuso de uma forma para que ela continue sendo evitada pelos que falam ou escrevem.

Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada pelo uso damos o nome de DEFECTIVOS.

Verbos impessoais

Não tendo sujeito, os VERBOS IMPESSOAIS são invariavelmente usados na 3.ª pessoa do singular. Assim:

a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como:

alvorecer	chover	nevar	saraivar
amanhecer	chuviscar	orvalhar	trovejar
anoitecer	estiar	relampejar	ventar

b) o verbo *haver* na acepção de "existir" e o verbo *fazer* quando indica tempo decorrido:

Houve momentos de pânico.
Faz cinco anos que não o vejo.

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo:

Basta de provocações!
Chega de lamúrias.
Dói-me do lado esquerdo.

Verbos unipessoais

São, como dissemos, UNIPESSOAIS os verbos que, pelo sentido, só admitem um sujeito da 3.ª pessoa do singular ou do plural.

Assim:

a) os verbos que exprimem uma ação ou um estado peculiar a determinado animal, como *ladrar*, *rosnar*, *galopar*, *trotar*, *pipilar*, *zurrar*:

> **Zumbem** à porta insetos variegados.
> Os periquitos verdes **grazinavam**.
> Os sapos **coaxavam** nas águas mortas.
> Borboletas tontas **esvoaçavam** de ramo em ramo.
> Os potros **galopavam** incontidos.

b) os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando têm por sujeito um substantivo, ou uma oração substantiva, seja reduzida de infinitivo, seja iniciada pela integrante *que*:

> **Urgem** as providências prometidas.
> **Convém** sair mais cedo.
> **Pareceu**-me que ele chorava.

c) os verbos *acontecer*, *concernir*, *grassar* e outros, como *constar* (= ser constituído), *assentar* (= ajustar uma vestimenta), etc.:

> **Aconteceu** o que eu esperava.
> O exemplo não **concerne** ao caso.
> As epidemias **grassavam** na região.
> O livro **consta** de duas partes.
> Os vestidos **assentaram**-lhe bem.

Observação:

É claro que, em sentido figurado, tanto os verbos que exprimem fenômenos da natureza como os que designam vozes de animais podem aparecer em todas as pessoas.

Vejam-se estes exemplos literários:

> Os oficiais **anoiteceram** e não **amanheceram** na propriedade.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 70.)

> Tanto **ladras**, **rosnei** com os meus botões, que trincas a língua.
> (A. Ribeiro, *ES*, 189.)

Por outro lado, convém ter presente que, nos casos de personificação, como as fábulas, tais verbos podem ser empregados, com o significado próprio, em todas as pessoas.

Verbos defectivos

Os VERBOS DEFECTIVOS, em sua grande maioria pertencentes à 3.ª conjugação, podem ser distribuídos por dois grupos principais:

1.º grupo. Verbos que não possuem a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem as formas do IMPERATIVO que delas se derivam, isto é, todas as do IMPERATIVO NEGATIVO e três do IMPERATIVO AFIRMATIVO: a 3.ª pessoa do singular e a 1.ª e 3.ª do plural.

Sirva de exemplo o verbo *banir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
banes	—	bane	—
bane	—	—	—
banimos	—	—	—
banis	—	bani	—
banem	—	—	—

Pelo modelo de *banir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos:

abolir	carpir	exaurir	imergir
aturdir	colorir	fremir	jungir
brandir	demolir	fulgir	retorquir
brunir	emergir	haurir	ungir

2.º grupo. Verbos que, no PRESENTE DO INDICATIVO, só se conjugam nas formas arrizotônicas e não possuem, portanto, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem do IMPERATIVO NEGATIVO; e, no IMPERATIVO AFIRMATIVO, apresentam apenas a 2.ª pessoa do plural.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Pelo modelo de *falir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos da 3.ª conjugação:

aguerrir	delinquir	empedernir	puir
combalir	descomedir-se	foragir-se	remir
comedir-se	embair	fornir	renhir

bem como o verbo *adequar* da 1.ª conjugação, e *precaver-se* e *reaver*, da 2.ª.

Outros casos de defectividade

1. Os verbos *adequar* e *antiquar* usam-se quase que exclusivamente no INFINITIVO PESSOAL e no PARTICÍPIO. *Transir* só aparece no PARTICÍPIO *transido*:

   Estava **transido** de frio.

2. *Soer* praticamente só se emprega nas seguintes formas: *sói*, *soem* (do PRESENTE DO INDICATIVO) e *soía*, *soías*, *soía*, *soíamos*, *soíeis*, *soíam* (do IMPERFEITO DO INDICATIVO).

3. *Precaver-se*, como dissemos, só possui as formas arrizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO: *precavemo-nos*, *precaveis-vos*; a 2.ª pessoa do plural do IMPERATIVO AFIRMATIVO: *precavei-vos*; e nenhuma do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e do IMPERATIVO NEGATIVO. É um verbo regular, não dependendo nem de *ver*, nem de *vir*. Faz, por conseguinte, *precavi-me*, *precaveste-te*, *precaveu-se*, etc., no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO; *precavesse-me*, *precavesses-te*, *precavesse-se*, etc., no IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, de acordo com o paradigma dos verbos da 2.ª conjugação.

4. *Haver*, mesmo quando pessoal, não se usa na 2.ª pessoa do singular do IMPERATIVO AFIRMATIVO.

5. Há certos verbos que são desusados no PARTICÍPIO e, consequentemente, nos tempos compostos. É o caso de *concernir*, *esplender* e alguns mais.

Substitutos dos defectivos

As carências de um VERBO DEFECTIVO podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perífrases sinônimas. Diremos, por exemplo, *redimo* e *abro falência*, em lugar da lacunosa primeira pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *remir* e *falir*; *acautelo-me*, ou *precato-me*, pela equivalente pessoa de *precaver-se*; e assim por diante.

SINTAXE DOS MODOS E DOS TEMPOS

Entende-se por MODO, como vimos, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e, por TEMPO, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.

MODO INDICATIVO

Com o MODO INDICATIVO exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal.

Emprego dos tempos do indicativo

Presente

O PRESENTE DO INDICATIVO emprega-se:

1.º) para enunciar um fato atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (PRESENTE MOMENTÂNEO):

> **Cai** chuva. **É** noite. Uma pequena brisa
> **Substitui** o calor.
> (F. Pessoa, *OP*, 474.)

> O céu **está** limpo, não **há** nenhuma nuvem acima de nós.
> (R. Braga, *CR*, 51.)

2.º) para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados, como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (PRESENTE DURATIVO):

> A Terra **gira** em torno do próprio eixo.

> Deus **é** Pai! Pai de toda a criatura:
> E a todo o ser o seu amor **assiste**:
> De seus filhos o mal sempre **é lembrado**...
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> A lei não **distingue** entre nacionais e estrangeiros quanto à aquisição e ao gozo dos direitos civis.
> (*Código Civil Brasileiro*, Art. 3.º)

3.º) para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (PRESENTE HABITUAL OU FREQUENTATIVO):

> **Sou** tímido: quando me vejo diante de senhoras, **emburro**, **digo** besteiras.
> (G. Ramos, *A*, 31.)

> **Como** pouquíssimo...
> (M. Torga, *V*, 50.)

4.º) para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO), como nesta descrição de um carnaval antigo, inserta num romance de Marques Rebelo:

> A Avenida **é** o mar dos foliões. Serpentinas **cortam** o ar carregado de éter, **rolam** das sacadas, **pendem** das árvores e dos fios, **unem** com os seus matizes os automóveis do corso. "**Sai** da frente! **Sai** da frente!" — o grupo dos cartolas **empurra** para passar, com a corneta que **arrebenta** os ouvidos. O chão **é** um espesso tapete de confetes. **Há** uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos...
> E o corso movimentava-se vagarosamente com estampidos de motores.
> (*M*, 48 e 51.)

5.º) para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

> Amanhã mesmo **vou** para Belo Horizonte e lá **pego** o avião do Rio.
> (A. Callado, *MC*, 19.)

> Outro dia eu **volto**, talvez depois de amanhã, ou na primavera.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 277.)

Valores afetivos

1. Ao empregarmos o PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO (denominações provenientes do seu tradicional e largo uso nas narrativas históricas), imaginamo-nos no passado, visualizando os fatos que descrevemos ou narramos. É um processo de dramatização linguística de alta eficiência, se utilizado de forma adequada e sóbria, pois que o seu valor expressivo decorre da

aparente impropriedade, de ser acidental num contexto organizado com formas normais do pretérito. O abuso que dele fazem alguns romancistas contemporâneos é contraproducente: torna invariável o estilo e, com isso, elimina a sua intensidade particular.

Como nos ensinam aqueles que o souberam usar com mestria, quando se emprega o presente histórico numa série de orações absolutas, ou coordenadas, deve a última oração conter o verbo novamente no pretérito.

Observe-se, porém, que, sendo o período composto por subordinação, não se deve empregar na principal o pretérito e na subordinada o presente histórico, ou vice-versa. Não são de imitar exemplos clássicos, como o seguinte:

> **Vi** logo por sinais e por acenos
> Que com isto se **alegra** grandemente.
> (Camões, *Lus.*, V, 29.)

2. O emprego comedido do presente para designar uma ação futura pode ser um meio expressivo de valioso efeito por emprestar a certeza da atualidade a um fato por ocorrer. É particularmente sensível tal expressividade em afirmações condicionadas do tipo:

> Se ele partir amanhã, **sigo** com ele.
> Se ele **parte** amanhã, **sigo** com ele.
> Mais um passo e **és** um homem morto!

3. É forma delicada de linguagem, e denota intimidade entre pessoas, um pedido feito no presente do indicativo quando, logicamente, deveria sê-lo no imperativo ou no futuro. Exemplo:

> Você me **resolve** isto amanhã (= **Resolva**-me isto amanhã; ou: Você me **resolverá** isto amanhã.)

4. Para atenuar a rudeza do tom imperativo, costuma-se empregar o presente do verbo *querer* seguido do infinitivo do verbo principal:

> — **Quer sentar**-se, minha senhora?...
> (C. Castelo Branco, *CC*, 198.)

> — **Quer** me **dar** minha carteira?
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 921.)

Pretérito imperfeito

A própria denominação deste tempo — PRETÉRITO IMPERFEITO — ensina-nos o seu valor fundamental: o de designar um fato passado, mas não concluído (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados. Empregamo-lo, assim:

1.º) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> Debaixo de um itapicuru, eu **fumava, pensava** e **apreciava** a tropilha de cavalos, que **retouçavam** no gramado vasto. A cerca **impedia** que eles me vissem. E alguns **estavam** muito perto.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

> O frio **ia aumentando** e o vento **despenteava** o cabelo de ambos.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

2.º) para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra:

> **Falava** alto, e algumas mulheres acordaram.
> (M. Torga, *V*, 183.)

> Quando se **aproximava** a Noite para me servir o sono, meteram-me num conflito...
> (A. M. Machado, *CJ*, 165.)

3.º) para denotar uma ação passada habitual ou repetida (IMPERFEITO FREQUENTATIVO):

> Se o cacique **marchava**, a tribo inteira o **acompanhava**.
> (J. Cortesão, *IHB*, II, 178.)

> Quando eu não a **esperava**, e ela **aparecia**, o coração **vinha**-me à boca, dando pancadas emotivas.
> (L. Jardim, *MP*, 36.)

4.º) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

As índias **adaptavam**-se mais facilmente à civilização, pois se **consideravam** elevadas pela união com os brancos, que não as **desdenhavam**.
(A. Peixoto, *NHLB*, 38.)

Sentou-se no muro que **dava** para o rio, o jornal nas mãos.
(A. Abelaira, *CF*, 173.)

5.º) pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer:

— O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto **virava** um fazendão.
(Monteiro Lobato, *U*, 236.)

— Se eu não fosse mulher, **ia** também!
(M. Torga, *V*, 307.)

6.º) pelo presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (IMPERFEITO DE CORTESIA):

— Tive alta ontem, e **vinha** agradecer a V. Ex.ª.
(M. Torga, *V*, 279.)

Diz-lhe:
— Pedro, eu **vinha** exclusivamente para tratar de negócios.
(C. dos Anjos, *M*, 192.)

7.º) para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. (caso em que se usa o imperfeito do verbo *ser*, com sentido existencial):

Era uma vez uma mulher que queria ver a beleza.
(G. de Almeida, *N*, 25.)

Era uma vez uma rapariga chamada Judite.
(Almada Negreiros, *NG*, 13.)

Valores afetivos

1. Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o IMPERFEITO é, como dissemos, o tempo que

melhor se presta a descrições e narrações, sendo de notar que nas narrações serve menos para enumerar os fatos do que para explicá-los com minúcias. "O imperfeito faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante de nossos olhos: é o presente no passado" (C.-M. Robert).
Com os escritores naturalistas este imperfeito descritivo assume importância capital na língua literária e é, hoje, um dos recursos mais eficazes de que dispõem os romancistas do idioma. Veja-se, por exemplo, o seguinte passo do romance *Mar morto*, de Jorge Amado:

> Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. A chuva **açoitava** sem piedade os homens negros da estiva. O vento **passava** veloz, assoviando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva **embaciava** tudo, **fechava** até os olhos dos homens. Só os guindastes se **moviam** negros.
> (*MM*, 18.)

Este outro, do romance *Vindima*, de Miguel Torga:

> Outros ranchos **desciam** por outros caminhos em direção a outras quintas. **Vinham** numa nuvem de pó e num redemoinho de som de todos os lados da serra. Nos rostos ossudos de cada bando **lia**-se a mesma felicidade nómada de ciganos libertos, com os haveres uma saca. **Cantavam, riam, paravam** a dançar nas encruzilhadas, **comiam, bebiam**, sem horas e sem ave-marias. E do Senhor Jesus a Terra-feita, de Favaios a Vale de Mendiz, **era** um poço de alegria, de cantigas e de sol. A grande festa do mosto **ia** começar.
> (*V*, 15.)

E também este, de *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de José Luandino Vieira:

> Francisco João desceu sem as olhar. O mar **vinha** de longe, murmurante, se roçar nos pés da areia. **Trazia** o bom cheiro da costa angolana... Na praia, as cubatas dos pescadores se **desenhavam** na sombra... Redes **dormiam** embaixo da capa das folhas de coqueiros na praia deserta e canoas **descansavam** das longas viagens nos seus dormentes de mafumeira... Mulheres **sopravam** seus fogareiros de lata, **assavam** peixe ou **cozinhavam** panela de feijão. Velhos pescadores **cachimbavam** nas portas ou **filosofavam** em grupo. Moças de panos, com cheiro de

mar e sol, **riam** em suas conversas. E, no fim da tarde calma, o fumo e o murmúrio das falas **subiam** da sanzala à beira-mar.
(*VVDX*, 40-41.)

2. Relevância particular tem o IMPERFEITO DO INDICATIVO no chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, em que autor e personagem se confundem na narração viva de um fato. Leia-se o que, a propósito de tal meio de expressão, escrevemos no capítulo 20.

Além dos empregos a que nos referimos, o IMPERFEITO pode ter outros, já que, sendo um tempo relativo, o seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham. Nos casos em que a época ou a data em que ocorre a ação vem claramente mencionada, ele pode indicar até um só fato preciso.

Assim:

Em um momento do século XVII colocava-se o autor da *Ulisseia* acima do Camões!
(J. Ribeiro, *PE*, 8.)

Às 6 horas em ponto batia à sua porta.
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 230.)

No dia seguinte Geraldo Viramundo **era expulso** do seminário.
(F. Sabino, *GM*, 42.)

Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, **fugiam** à velocidade espantosa do animal...
(Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Pretérito perfeito

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em português clara distinção no emprego das duas formas do PRETÉRITO PERFEITO: a SIMPLES e a COMPOSTA, constituída do presente do indicativo do auxiliar *ter* e do particípio do verbo principal.

A FORMA SIMPLES indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para "descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente":

Jantei com um apetite devorador e **dormi** como um anjo.
(M. Torga, *V*, 108.)

Ergui-me tonto, e **vi** em rebolo no chão os dois faroleiros.
(Monteiro Lobato, *U*, 103.)

A FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Exemplos:

— **Tenho lutado** contra a adversidade e **tenho compreendido** os homens.
(Cochat Osório, *CV*, 134.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

— Eu **tenho cruzado** o nosso Estado em caprichoso ziguezague.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 123.)

Em síntese:

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma ação completamente concluída, afasta-se do presente; o PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, expressão de um fato repetido ou contínuo, aproxima-se do presente.[8]

Observações:

1.ª) Para exprimir uma ação repetida ou contínua, o PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES exige sempre o acompanhamento de advérbios ou locuções adverbiais, como *sempre*, *frequentemente*, *várias vezes*, *muitas vezes*, *todos os dias*, etc. Assim:

Os homens do mar **tiveram sempre** uma grande ternura pelas aves.
(R. Brandão, *P*, 164.)

Ai, **quantas noites**
no fundo da casa
lavei essa mão,
poli-a, **escovei**-a.
(C. Drummond de Andrade, *R*. 71.)

Em tais casos, a ideia de repetição ou continuidade é dada não pelo verbo mas pelo advérbio que o modifica.

---

[8] Veja-se Manuel de Paiva Boléo. *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas* (*Estudo de caráter sintático-estilístico*). Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

2.ª) Na linguagem coloquial não é raro o emprego do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Assim:

> Quando virmos, lá em baixo, o clarão da fogueira, já ele **morreu**... (= terá morrido).
>
> (Sttau Monteiro, *FHL*, 162.)

Distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito

Convém ter presentes as seguintes distinções de emprego do PRETÉRITO IMPERFEITO e do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES DO INDICATIVO:

a) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime o fato passado habitual; o PRETÉRITO PERFEITO, o não habitual:

> Quando o **via, cumprimentava**-o.
> Quando o **vi, cumprimentei**-o.

b) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o PRETÉRITO PERFEITO, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo. Comparem-se estes dois exemplos:

> O mancebo **desprezava** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtavam** de longe, **levava** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.
>
> O mancebo **desprezou** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtaram** de longe, **levou** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

Pretérito mais-que-perfeito

1. O pretérito MAIS-QUE-PERFEITO indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada:

> O monólogo **tornara-se** tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.
> (F. Namora, *TJ*, 193.)
>
> Quando voltei
> as casuarinas **tinham desaparecido** da cidade.
> (Agostinho Neto, *SE*, 121.)

Samuel aproximou-se para avisar que o táxi **tinha chegado**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 130.)

2. Além desse valor normal, o MAIS-QUE-PERFEITO pode denotar:
a) um fato vagamente situado no passado, em frases como as seguintes:

Casara, **tivera** filhos, mas nada disso o **tocara** por dentro.
(M. Torga, *NCM*, 55.)

Até que afinal **conseguira** o meu carneiro para montar.
(J. Lins do Rego, *ME*, 73.)

No céu azul as últimas arribações **tinham desaparecido**.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou um pedido:

— Eu **tinha vindo** para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse Hermeto.
(C. dos Anjos, *M*, 243.)

3. Na linguagem literária emprega-se, vez por outra, o MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES em lugar:
a) do FUTURO DO PRETÉRITO (SIMPLES OU COMPOSTO):

Um pouco mais de sol — e **fora** [= teria sido] brasa,
Um pouco mais de azul — e **fora** [= teria sido] além,
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 69.)

Oh! se lutei!... mas **devera** [= deveria]
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 270.)

b) do PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO:

Sê propícia para mim, socorre
Quem te adorara, se adorar **pudera**!
(A. de Guimaraens, *OC*, 139.)

Assistimos à divina Tragédia, como se **fôramos**, no prodigioso quadro, os últimos personagens póstumos do Mestre.
(Teixeira de Pascoaes, *VE*, 193.)

Na linguagem corrente este emprego fixou-se em certas frases exclamativas:

Quem me **dera**! [= Quem me desse!]
Prouvera a Deus! [= Prouvesse a Deus!]
Pudera!
Tomara (que)!

Exemplos literários:

Quem me **dera** ser como Casimiro Lopes!
(G. Ramos, *SB*, 178.)

Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!
(F. Pessoa, *OP*, 544.)

Tomara eu ser-lhe útil.
(J. de Araújo Correa, *FX*, 53.)

Futuro do presente

1. O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES emprega-se:

1.º) para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

As aulas **começarão** depois de amanhã.
(C. dos Anjos, *DR*, 222.)

Mudaremos de casa. Uma casa inteiramente nua quando lá entrarmos.
(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Não **escreverei** o poema.
(Agostinho Neto, *SE*, 98.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais:

— "Meu Anjo!" — dizem de mim.
Serei, talvez, porque enfim
Eu vejo Deus em meus Pais...
(A. Correia d'Oliveira, *M*, 91.)

Há uma várzea no meu sonho,
Mas não sei onde **será**...
(A. Meyer, *P*, 265.)

— Quem está aqui? **Será** um ladrão?
(G. Ramos, *Ins.*, 9.)

— **Será** que desta vez ele fica mesmo?
(M. Torga, *CM*, 47.)

3.º) como forma polida de presente:

Não, não posso ser acusado. **Dirá** o senhor: mas como foi que aconteceram? E eu lhe **direi**: sei lá. Aconteceram: eis tudo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 141.)

— E que vou eu fazer para Angola, não me **dirá**?
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 699.)

4.º) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo:

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados...
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 273.)

Morrerás da tua beleza!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 88.)

Honrarás pai e mãe.

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável:

Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, **acharás** tua mãe morta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 444.)

— Se pensares bem, **verás** que não é isto.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 87.)

Se assim fizeres, **dominarás** como rainha.
(Ó. Ribas, *U*, 21.)

Observações:

1.ª) Convém atentar nos efeitos estilísticos opositivos: se o emprego do presente pelo futuro empresta ao fato a ideia de certeza, o uso do futuro pelo presente provoca efeito contrário, por transformar o certo em possível.

2.ª) Em alguns escritores modernos, talvez por influência francesa, vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado. Assim:

João casou-se em 1922, mas Pedro **esperará** ainda dez anos para constituir família.

Tal uso se assemelha ao do presente histórico.

Substitutos do futuro do presente simples

Na língua falada o FUTURO SIMPLES é de emprego relativamente raro. Preferimos, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:

a) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *haver* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um ato futuro[9]:

Ai roupas que **hei de vestir**,
Ai gestos que **hei de fazer**,
Ai frases que **hei de tecer**,
Ai palavras que **hei de ouvir**...
(J. Régio, *ED*, 30.)

Hei de castigá-los; **havemos de castigá**-los.
(Machado de Assis, *OC*, I, 653.)

— Eu sou novo e sei trabalhar... **Hei de arranjar** emprego...
(Cochat Osório, *CV*, 226.)

---

[9] Sobre outros valores desta perífrase, principalmente quando o sujeito não é da 1.ª pessoa, veja-se João de Almeida. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo, ILHPA-HUCITEC, 1980, p. 142-147.

b) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito[10]:

Temos de recriar de novo o mundo...
(T. da Silveira, *PC*, 341.)

Aquela hora **tinha de chegar**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1187.)

Temos de resolver isso em primeiro lugar.
(Pepetela, *M*. 130.)

c) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ir* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata:

— **Vamos entrar** no mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 113.)

Vai casar com o meu melhor amigo.
(A. Abelaira, *CF*, 234.)

O gerente foi demitido e o Costa **vai substituí**-lo.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 613.)

2. O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO emprega-se:
1.º) para indicar que uma ação futura estará consumada antes de outra:

Amanhã procure o dr. Alcebíades, disse o dr. Viriato. Já **terei conversado** com ele.
(Autran Dourado, *IP*, 23.)

Dentro de uns cinco dias **tereis acabado** o esqueleto do segundo andar e então me olhareis de cima.
(R. Braga, *CCE*, 250.)

Os homens serão prisioneiros das estruturas que **terão criado**.
(Pepetela, *M*, 122.)

---

[10] Quanto à distinção estilística entre *ter de* e *ter que* seguidos de INFINITIVO, leiam-se as considerações de João de Almeida. *Obra cit.*, p. 148-154, onde se justifica a vernaculidade da segunda construção, posta em dúvida por alguns gramáticos.

2.º) para exprimir a certeza de uma ação futura:

> Pelágio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora a Deus por nós, que **teremos dormido** o nosso último sono.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> Só o Direito perdurará e não **terá sido** vão o esforço da minha vida inteira.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 721.)

3.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> **Terá passado** o furacão?
> (C. dos Anjos, *DR*, 191.)

> Quanto tempo **terá levado** ele a fazer este caminho?
> (J. Cardoso Pires, *D*, 340.)

> Não sei se me engano, mas creio que nem uma só vez ele **terá falhado.**
> (M. Bandeira, *AA*, 345.)

> O cão regressa do fundo da praia — alguém o **terá abandonado**?
> (V. Ferreira, *NN*, 89.)

Futuro do pretérito

1. O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES emprega-se:
   1.º) para designar ações posteriores à época de que se fala:

> Tens a certeza de que, passadas as primeiras semanas, não **lamentaria** tamanho sacrifício?
> (A. Abelaira, *NC*, 155.)

> Depois de instalada, a Academia **se transformaria** em sua outra casa.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 43.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> Quem **seria** aquele sujeitinho que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?
> (M. Palmério, *VC*, 34.)

Era ela, **seria** ela?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 91.)

Eu **teria**, talvez, uns doze anos.
(J. de Sena, *NAD*, 196.)

3.º) como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

Seríeis capazes, minhas Senhoras,
De amar um homem deste feitio?
(A. Nobre, *S*, 79.)

Desejaríamos ouvi-lo sobre o crime.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 103.)

4.º) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação:

O nosso amor morreu... Quem o **diria**?
(F. Espanca, *S*, 168.)

Seria possível que assim se desvanecessem as esperanças da iminente vitória da verdade à calúnia, urdida contra o pobre moço!...
(D. Olímpio, *LH*, 158.)

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão:

Se não houvesse diferenças, nós **seríamos** uma pessoa só.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Se o meu avô Sebastião pudesse assistir ao meu enleio, **ficaria envergonhado** de mim, pensei naquele momento.
(Alves Redol, *F*, 154.)

Qual a mulher que, se pudesse, o senhor **levaria** para uma volta ao cosmos?
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 105.)

Se tivessem ouvido o conselho, essa desgraça não se **daria**.
(Ó. Ribas, *EMT*, 117.)

Observações:

1.ª) Como dissemos, o FUTURO DO PRETÉRITO pode ser substituído pelo IMPERFEITO DO INDICATIVO nas afirmações condicionadas. Comparem-se as seguintes asserções:

Sem a sua interferência, eu **estaria** perdido.
Sem a sua interferência, eu **estava** perdido.

Na primeira, o fato principal (*estar perdido*) é apresentado como consequência provável da condição que não ocorreu; na segunda, ele aparece como o efeito imediato e inelutável dela.

Frequente é também esta substituição com os verbos modais, como *poder*, *dever*, *saber*, *querer*, *desejar*, *sugerir*, etc.

Que móveis lhe *sugeria* para uma sala?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

Que palavras um sujeito **podia usar** para responder ao Vieirinha?
(F. Namora, *TJ*, 261.)

2.ª) Sobre o uso do MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRETÉRITO, leia-se o que dissemos ao tratar daquele tempo.

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* eliminou a denominação de MODO CONDICIONAL para o FUTURO DO PRETÉRITO. Apesar de, no projeto de *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não se ter adotado esta última designação, decidimos optar pelo seu emprego nesta obra porque, em nossa opinião, se trata de um tempo (e não de um modo) que só se diferencia do FUTURO DO PRESENTE por se referir a fatos passados, ao passo que o último se relaciona com fatos presentes. E acrescente-se que ambos aparecem nas asserções condicionadas, dependendo o emprego de um ou de outro do sentido da oração condicionante. Comparem-se:

Se ele vier, não **sairei**.
Se ele viesse, não **sairia**.

2. O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se:

1.º) para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

Teria sido diferente, se eu o amasse?
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

Se eu estivesse cá, nada disso se **teria passado**.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

Ter-lhe-**ia rido** na cara se não fossem os posteriores acontecimentos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

2.º) para exprimir a possibilidade de um fato passado:

— Sem ti, quem sabe? **teria sido** uma grande cantora.
(A. Abelaira, *B*, 163.)

Calculou que a costureira **teria ido** por ali.
(Machado de Assis, *OC*, I, 637.)

3.º) para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor:

Aquele malandro os **teria engolido**?
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 144.)

Que **teria acontecido** para que Margarida não viesse nem uma vez ao muro?
(V. Nemésio, *MTC*, 111.)

— Quem **teria escrito**? Perdiam-se num silêncio de cogitações.
(J. Amado, *GCC*, 128.)

MODO SUBJUNTIVO

Indicativo e subjuntivo

1. Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo*, *real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.
Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual* ou, mesmo, *irreal*.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

TEMPO	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
PRESENTE	Afirmo que ela estuda	Duvido que ela estude
IMPERFEITO	Afirmei que ela estudava	Duvidei que ela estudasse
PERFEITO	Afirmo que ela estudou (ou tem estudado)	Duvido que ela tenha estudado
MAIS-QUE-PERFEITO	Afirmava que ela tinha estudado (ou estudara)	Duvidava que ela tivesse estudado

2. Em decorrência dessas distinções, podemos, desde já, estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1.º) O INDICATIVO é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *afirmar*, *compreender*, *comprovar*, *crer* (no sentido afirmativo), *dizer*, *pensar*, *ver*, *verificar*.

2.º) O SUBJUNTIVO é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar*, *duvidar*, *implorar*, *lamentar*, *negar*, *ordenar*, *pedir*, *proibir*, *querer*, *rogar* e *suplicar*.

Emprego do subjuntivo

Como o próprio nome indica, o SUBJUNTIVO (do latim *subjunctivus* "que serve para ligar, para subordinar") denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* preferiu a SUBJUNTIVO a designação sinônima CONJUNTIVO (do latim *conjunctivus* "que serve para ligar").

Subjuntivo independente

Empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais, o SUBJUNTIVO pode exprimir, além das noções imperativas que examinaremos adiante:

a) um desejo, um anelo:

> **Chovam** hinos de glória na tua alma!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!
> (A. Meyer, *P*, 254.)

b) uma hipótese, uma concessão:

> **Seja** a minha agonia uma centelha
> De glória!...
> (O. Bilac, *T*, 197.)

Que a tua música
seja o ritmo de uma conquista!
E que o teu ritmo
seja a cadência de uma vida nova!
(F. J. Tenreiro, *OP*, 62.)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio *talvez*):

Paula talvez lhe **telefonasse** à noite.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 34.)

Um cachorro talvez **rosnasse** ou **mordesse**.
(Adonias Filho, *LBB*, 101.)

d) uma ordem, uma proibição (na 3.ª pessoa):

Que **levem** tudo no caixão:
A alma e o suporte!
(M. Torga, *CH*, 31.)

Que não se **apague** este lume!
(A. Meyer, *P*, 126.)

e) uma exclamação denotadora de indignação:

Raios **partam** a vida e quem lá ande!
(F. Pessoa, *OP*, 316.)

— Diabos te **levem**!
(F. Botelho, *X*, 198.)

Observações:

1.ª) Vemos que estas orações geralmente se iniciam por *que*, partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo.

2.ª) A exclamação *viva!* é um antigo subjuntivo, que outrora concordava sempre com o sujeito. Hoje a concordância é facultativa, porque o singular adquiriu o valor de interjeição:

Viva os heróis!
Vivam os heróis!

3.ª) Observe-se, por fim, que alguns linguistas, principalmente os da escola gerativo-transformacional, negam a existência do SUBJUNTIVO INDEPENDENTE, interpretando-o como o efeito do apagamento, na superfície, da oração principal. Leia-se, a propósito, I. Hub Faria. Conjuntivo e a restrição da frase-mais-alta. Separata do *Boletim de Filologia*, XXIII, Lisboa, 1974.

Subjuntivo subordinado

O SUBJUNTIVO é por excelência o modo da oração subordinada. Emprega-se tanto nas SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, como nas ADJETIVAS e nas ADVERBIAIS.

Nas orações substantivas

Usa-se geralmente o SUBJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

a) a *vontade* (nos matizes que vão do *comando* ao *desejo*) com referência ao fato de que se fala:

> Não quero que ele me **julgue** sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender.
> (N. Piñon, *CC*, 145.)

> Em todo o caso, gostava que me **considerasse** um amigo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 119.)

b) um *sentimento*, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa:

> — Pior será que nos **enxotem** daqui...
> (A. Peixoto, *RC*, 273.)

> — Eu bem queria que tu **fosses** como empregado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

c) a *dúvida* que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

> Receava que eu me **tornasse** ingrato, que o **tratasse** mal na velhice.
> (A. Abelaira, *NC*, 14.)

> — Não acredito que ela **chore** aqui.
> (Autran Dourado, *TA*, 75.)

Nas orações adjetivas

O SUBJUNTIVO é de regra nas ORAÇÕES ADJETIVAS que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

> Humana, mulher, a companheira tentava chamá-lo a uma realidade que **reanimasse** fogueiras mortas, sonhos desfeitos.
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> — Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que **dê** gosto a um bom sacerdote como é padre Estêvão.
> (A. Callado, *MC*, 99.)

b) um fato improvável:

> Ainda que eu discordasse deles não diria nada para os não aborrecer, mas que sabia eu que **pudesse contrariar** essa opinião de amigos?
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1081.)

> Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o **convencesse** a voltar lá.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 139.)

> Tristão podia resolver esta minha luta interior cantando alguma coisa que me **obrigasse** a ouvi-lo.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1098.)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

> Então não havia um direito que lhe **garantisse** a sua casa?
> (J. Lins do Rego, *FM*, 159.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem** perdido?
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 138.)

> Sonhara apenas com uma fazenda de gado onde **pudesse viver** no trato da criação, sentindo o cheiro da terra, o contato com a natureza, tendo a companhia de uma mulher ("Ah, Alzira" — suspirou) a quem **amasse** e com quem **partilhasse** de tudo isso.
> (J. Condé, *C*, 10.)

Nas orações adverbiais

1. Nas orações SUBORDINADAS ADVERBIAIS o SUBJUNTIVO, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.
   Em princípio, podemos dizer que o SUBJUNTIVO é de regra depois das conjunções:

a) CAUSAIS, que negam a ideia da causa (*não porque, não que*):

> Não que não **quisesse** amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.
> (L. Fagundes Telles, *DA*, 107.)

> Eu deixei-me ir atrás daquela ternura, não que a **compartisse**, mas fazia-me bem.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> Foi a única coisa grandiosa da minha vida. Não porque me **sentisse** apaixonado, ela também não se apaixonara por mim.
> (A. Abelaira, *B*, 49.)

b) CONCESSIVAS (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que*, etc.):

> O povo não gosta de assassinos, embora **inveje** os valentes.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 7.)

> — Ainda que o morto se **chamasse** Adalardo, não seria o nosso.
> (G. França de Lima, *JV*, 19.)

> Por muito que eu **desejasse** ter aqui uma burra, não trocava a amizade do Barbaças por todas as burras desta freguesia.
> (F. Namora, *TJ*, 165.)

c) FINAIS (*para que, a fim de que, porque*):

> Para que tudo **retomasse** a quietude inicial, e os coelhos se **resolvessem** a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.
> (M. Torga, *NCM*, 64.)

> Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho **liquidasse** a casa.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 670.)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (*antes que*, *até que* e semelhantes):

— Vamos embora, antes que nos **veja**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1030.)

Deu para frequentar, pela manhã, a rua Erê e fica a conversar com Emília até que eu me **levante**.
(C. dos Anjos, *DR*, 183.)

Usa-se também o SUBJUNTIVO, em razão de ser o modo do eventual e do imaginário, nas:

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética *como se*:

As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem golpeados**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 761.)

Cantavam os galos no poleiro como se **fosse** de madrugada.
(J. Lins do Rego, *FM*, 135.)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

Se lhe **tivessem dado** ensino, encontraria meio de entendê-la.
(G. Ramos, *VS*, 47.)

Ó morte, dava-te a vida,
Se tu lha **fosses levar**!...
(Guerra Junqueiro, *S*, 74.)

Se **viesse** o sol, tudo mudava.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem "simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade" (Epifânio Dias):

— Que quer vomecê? — perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela **pudesse** chegar até junto dele.
(F. Namora, *TJ*, 70.)

Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe **apagasse** a cor generosa da lembrança.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1122.)

Substitutos do subjuntivo

Por vezes a construção com o SUBJUNTIVO é pesada ou malsoante. Convém, nesses casos, substituí-la por uma forma expressional equivalente.

Entre os substitutos possíveis do SUBJUNTIVO, devem ser mencionados:

1. O INFINITIVO. Comparem-se estas frases:

   O professor mandou **que** o aluno **lesse** um romance.
   O professor mandou o aluno **ler** um romance.
   Exortava os companheiros **a que continuassem** a resistência.
   Exortava os companheiros **a continuarem** a resistência.

2. O GERÚNDIO, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases:

   Se seguisses o caminho normal, chegarias primeiro.
   Seguindo o caminho normal, chegarias primeiro.
   Se andarmos depressa, ainda o alcançaremos.
   Andando depressa, ainda o alcançaremos.

3. Um SUBSTANTIVO ABSTRATO. Comparem-se estas frases:

   Se tivesses voltado, serias bem recebido.
   Tua volta seria bem recebida.

   Acredito **que ele esteja inocente**.
   Acredito em **sua inocência**.

4. Uma CONSTRUÇÃO ELÍPTICA. Comparem-se estas frases:

   Quer sejam ricos ou pobres, quer sejam brancos ou pretos, são todos iguais perante a lei.
   Ricos ou pobres, brancos ou pretos, todos são iguais perante a lei.
   Se fosse de ferro, a ponte suportaria o peso.
   De ferro, a ponte suportaria o peso.

Observação:

Quanto à substituição do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pelo MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, veja-se o que dissemos ao tratar deste tempo.

Tempos do subjuntivo

Dissemos anteriormente que as formas do SUBJUNTIVO enunciam a ação do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas pelas formas do INDICATIVO, denotadoras de ações concebidas em sua realidade.[11]

Feita essa advertência, examinemos os principais valores dos tempos do SUBJUNTIVO.

1. O PRESENTE DO SUBJUNTIVO pode indicar um fato:

a) presente:

> Não quer dizer que **se conheçam** os homens quando se duvida deles.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 33.)

> Pena é que os meninos **estejam** tão mal providos de roupa.
> (O. Lara Resende, *BD*, 128.)

b) futuro:

> No dia em que não **faça** mais uma criança sorrir, vou vender abacaxi na feira.
> (N. Piñon, *CC*, 152.)

> Meus olhos **apodreçam** se abençoar você.
> (Adonias Filho, *LP*, 140.)

2. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pode ter o valor:

a) de passado:

> Todos os domingos, **chovesse** ou **fizesse** sol, estava eu lá.
> (H. Sales, *DBFM*, 112.)

---

[11] A modalidade subjuntiva é, por princípio, uma modalidade de oposição à modalidade indicativa. Logo, "os tempos do subjuntivo não representam noções de época da forma por que o fazem os do indicativo. Pode-se, no entanto, falar de certos hábitos de concordância dos tempos, que não procedem de um automatismo rígido e puramente formal, antes resultam do funcionamento de mecanismos delicados e complexos". (Gérard Moignet. *Essai sur le mode subjonctif en latin post-classique et en ancien français*, I. Paris-Alger, P. U. F., 1959, p. 131.)

Não havia intenção que ele não lhe **confessasse**, conselho que lhe não **pedisse**.
(A. Bessa Luís, *S*, 58.)

Cuido que **quisesse** mostrar-me as cartas do rapaz, uma só que **fosse**, ou um trecho, uma linha, mas o temor de enfadar fez calar o desejo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1059.)

b) de futuro:

Alberto era inteligente e se não se **deixasse** engazupar, talvez aquilo até lhe **fosse** um bem...
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 87.)

Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que **chegasse** primeiro.
(N. Piñon, *CC*, 144.)

c) de presente:

Tivesses coração, terias tudo.
(Guimarães Passos, *VS*, 166.)

Como imaginar um ser que não **precisasse** de nada?
(C. Lispector, *ME*, 148.)

3. O PRETÉRITO PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode exprimir um fato:
a) passado (supostamente concluído):

— Espero que você **tenha encontrado** esse alguém na rua, depois daquela cena patética do carro.
(F. Sabino, *EM*, 193.)

Espero que não a **tenha ofendido**.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

b) futuro (terminado em relação a outro fato futuro):

Espero que João **tenha feito** o exame quando eu voltar.

4. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode indicar:

a) uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido eventual do modo subjuntivo):

> Esperei-a um pouco, até que **tivesse terminado** sua *toillette* e pudéssemos sair juntos.
> (C. dos Anjos, *DR*, 167.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem perdido**.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 135.)

b) uma ação irreal no passado:

> Se a vitória os **houvesse coroado** com os seus favores, não lhes faltaria o aplauso do mundo e a solicitude dos grandes advogados.
> (R. Barbosa, *EDS*, 794.)

> E a arca estremecia como se de novo **se houvessem aberto** as cataratas do céu.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 303.)

5. O FUTURO DO SUBJUNTIVO SIMPLES marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações SUBORDINADAS:

a) ADVERBIAIS (CONDICIONAIS, CONFORMATIVAS e TEMPORAIS), cuja PRINCIPAL vem enunciada no futuro ou no presente:

> Se **quiser**, irei vê-lo.
> Se **quiser** vê-lo, vá a sua casa.

> Farei conforme **mandares**.
> Faça como **souber**.

> Quando **puder**, passarei por aqui.
> Quando **puder**, venha ver-me.

b) ADJETIVAS, dependentes de uma PRINCIPAL também enunciada no futuro ou no presente:

> Direi uma palavra amiga aos que me **ajudarem**.
> Diga uma palavra amiga aos que o **ajudarem**.

6. O FUTURO DO SUBJUNTIVO COMPOSTO indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do MODO SUBJUNTIVO):

> — D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o **houver lido** até aqui, abandone o resto.
> (Machado de Assis, *OC*, 855.)

> Quando **tiverdes acabado**, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.
> (R. Braga, *CCE*, 250.)

MODO IMPERATIVO

Formas do imperativo

1. Há em português, como sabemos, dois IMPERATIVOS: um AFIRMATIVO, outro NEGATIVO.
   O IMPERATIVO AFIRMATIVO possui formas próprias somente para as segundas pessoas do singular (sujeito *tu*) e do plural (sujeito *vós*). As demais pessoas são expressas pelas formas correspondentes do presente do subjuntivo.
   O IMPERATIVO NEGATIVO não tem nenhuma forma própria. É integralmente suprido pelo presente do subjuntivo.

2. Como no IMPERATIVO o indivíduo que fala se dirige a um interlocutor, só admite este modo as pessoas que indicam *aquele a quem se fala*, isto é:
a) as 2ªs. pessoas do singular e do plural;
b) as 3ªs. pessoas do singular e do plural, quando o sujeito é expresso por pronome de tratamento, como *você*, *o senhor*, *Vossa Senhoria*, etc.;
c) a 1ª. pessoa do plural, que no caso denota estar o indivíduo que fala disposto a associar-se ao cumprimento da ordem, conselho ou súplica que dirige a outros.

3. Cumpre distinguir das correspondentes do IMPERATIVO certas formas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO empregadas sem a anteposição do *que*. O IMPERATIVO, no caso, exprime ordem, ou exortação; o SUBJUNTIVO, desejo, ou anelo. Assim:

> **Caiam** de bruços! (IMPERATIVO)
> **Caiam** sobre vós as bênçãos divinas! (SUBJUNTIVO)

Emprego do modo imperativo

1. Embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* "comandar", não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos desse modo. Há, como veremos, outros meios mais eficazes para expressarmos tal noção. Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.

2. Tanto o IMPERATIVO AFIRMATIVO como o NEGATIVO usam-se somente em orações absolutas, em orações principais, ou em orações coordenadas. Ambos podem exprimir:

a) uma ordem, um comando:

> **Cala**-te, **não** lhe **digas** nada.
> (C. de Oliveira, *AC*, 98.)

> **Cavem, cavem** depressa!
> (L. Jardim, *MP*, 47.)

b) uma exortação, um conselho:

> **Sê** todo em cada coisa. **Põe** quanto és
> No mínimo que fazes.
> (F. Pessoa, *OP*, 239.)

> **Não olhes** para trás quando tomares
> o caminho sonâmbulo que desce.
> **Caminha** — e **esquece**.
> (G. de Almeida, *PV*, 24.)

c) um convite, uma solicitação:

> Georges! **anda** ver meu país de romarias
> E procissões!
> (A. Nobre, *S*, 32.)

> **Vinde** ver! **Vinde** ouvir, homens de terra estranha!
> (O. Mariano, *TVP*, I, 273.)

d) uma súplica:

Sossegai, **esfriai**, olhos febris.
(C. Pessanha, *C*, 44.)

Jesus, **valha-me** Nossa Senhora!
(B. Santareno, *TPM*, 25.)

Não me **deixes** só, meu filho!...
(Luandino Vieira, *NM*, 82.)

3. Emprega-se também o IMPERATIVO para sugerir uma hipótese em lugar de asserções condicionadas expressa por *se* + FUTURO DO SUBJUNTIVO:

Leia este livro, e conhecerá o Brasil.
[Se ler este livro, conhecerá o Brasil.]

Suprima a vírgula, e o sentido ficará mais claro.
[Se suprimir a vírgula, o sentido ficará mais claro.]

Note-se que a voz se eleva no fim da primeira oração, e retoma a segunda em tom sensivelmente mais baixo.

4. Esses diversos valores dependem do significado do verbo, do sentido geral do contexto e, principalmente, da entoação que dermos à frase imperativa. Por exemplo, em frases como:

Desce daí, moço!
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 64.)

Deixe-me ficar sozinha.
(Alves Redol, *BC*, 56.)

Saiam da chuva, meninos!
(L. Jardim, *MP*, 47.)

conforme o tom da voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até chegar à de súplica.

5. Releva ponderar ainda que o IMPERATIVO é enunciado no tempo presente, mas na realidade este "presente do imperativo" tem valor de um futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.

Substitutos do imperativo

A língua oferece-nos outros meios para exprimir os diversos matizes apresentados pelo IMPERATIVO.

Assim:

1. Uma ordem pode ser enunciada por frases nominais, ou por simples interjeições:

   Fogo! Silêncio! Avante! Mãos ao alto!

   Saliente-se, porém, que nessas frases, em que a supressão do verbo reforça o tom de comando, as palavras ou locuções vocabulares perdem o seu valor próprio para denotar uma ideia verbal de ação. Podemos, portanto, estabelecer as seguintes equivalências:

   Fogo! [= Atire! Faça fogo!]
   Silêncio! [= Cale-se! Faça silêncio!]
   Avante! [= Siga avante!]
   Mãos ao alto! [= Levante as mãos! Ponha as mãos ao alto!]

2. Certos tempos do INDICATIVO, como dissemos ao estudar este modo, podem ser utilizados com valor de IMPERATIVO.

   Assim:

a) com o PRESENTE atenuamos a rudeza da forma imperativa em frases como:

   O senhor me **traz** o dinheiro amanhã. [= **Traga**-me o dinheiro amanhã.]
   Você **toma** o remédio indicado. [= **Tome** o remédio indicado.]

b) com o FUTURO DO PRESENTE SIMPLES atenuamos ou reforçamos o caráter imperativo de frases do tipo:

   Tu **irás** comigo. [= **Vem** comigo.]
   Não **matarás.** [= Não **mates.**]

   de acordo com a entoação que lhes emprestarmos.

3. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO transforma a ordem numa simples sugestão em frases como as seguintes:

   (E) se você se **calasse**!? [= **Cale-se!**]
   (E) se **chegasses** na hora exata!? [= **Chega** na hora exata.]

Exemplos literários:

E se **fosses** dar leis para a cozinha?
(M. Torga, *V*, 298.)

E se **tentasses** compreender?
(J. Régio, *SM*, 275.)

4. Com o valor de IMPERATIVO IMPESSOAL, usam-se:

a) o INFINITIVO (principalmente na expressão de um comando, de uma proibição):

Marchar!
Direita, **volver!**
Sublinhar os verbos do texto.
Não assinar a prova.
Não falar ao motorista com o carro em movimento.
Não fumar.

b) o GERÚNDIO (construção elíptica, frequente na linguagem popular, de valor geralmente depreciativo para quem recebe a ordem):

Andando! [= Vá andando! Ande!]
Correndo! [= Vá correndo! Corra!]

5. Ressalta sobremaneira o sentido do verbo a perífrase formada de *ir* (no IMPERATIVO) e do verbo principal (no INFINITIVO):

— Não **vá** se **afogar**, moço.
(A. M. Machado, *JT*, 72.)

— Não **vá** me **dizer** que foi o Diabo.
(O. Lara Resende, *BD*, 121.)

6. Em frases de entoação interrogativa, usa-se não raro o INFINITIVO do verbo que exprime a ordem antecedido de formas do PRESENTE ou do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *querer*:

Quer levantar-se? [= **Levante**-se!]
Queria fechar a janela? [= **Feche** a janela!]

7. Para se fazer sentir a intervenção do indivíduo que fala, costuma-se subordinar o verbo denotador da ação que deve ser cumprida a outro verbo, o qual marca a vontade do locutor:

Quero que **retornes** ao Colégio. [= **Retorna** ao Colégio.]
Ordeno-te que me **respondas**. [= **Responde**-me.]

Reforço ou atenuação da ordem

Além dos processos que examinamos, dispõe a língua de variados recursos estilísticos para reforçar ou atenuar a vontade expressa pelo IMPERATIVO. A sua eficácia, porém, está sempre condicionada ao tom de voz, que é, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial.

Reforço

Pode também ser obtido pelo emprego:

a) da forma verbal repetida:

— **Calai-vos!** Pela Virgem! **calai-vos!**
(Machado de Assis, *OC*, II, 1114.)

— **Vá** embora, **vá** embora, gritou de repente.
(D. Silveira de Queirós, *FS*, 118.)

— **Sente-se**, meu amigo, **sente-se**.
(O. Mendes, *P*, 166.)

— **Fale**, **fale**, que eu vou ouvindo...
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 44.)

b) de um advérbio, de uma expressão de insistência, ou de imprecações:

Escreva por amor de Deus imediatamente para Barcelona!...
(M. de Sá-Carneiro, *CFP*, II, 9.)

— **Abre** a porta, **cachorro**, senão te mando fogo.
(J. Lins do Rego, *C*, 269.)

— Ora, **vá amolar o boi** — disse Marta.
(A. Callado, *MC*, 123.)

— **Deixe-me dormir, seu bêbado.**
(C. de Oliveira, *PB*, 21.)

c) da 3.ª pessoa do subjuntivo aplicada ao interlocutor:

Pega... Pega... Lá se foi... Que o **leve** o diabo.
(Martins Pena, *T*, I, 36.)

Atenuação

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar (além dos já estudados), pela sua eficiência, o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como: *por favor*, *por gentileza*, *digne-se de*, *tenha a bondade de*, etc.:

— **Fale** mais alto, **por favor!**
(F. Botelho, *X*, 177.)

Entrem, por favor, que não ocupam lugar — exclamava Seu Pio.
(A. F. Schmidt, *GB*, 165.)

— **Tenham a bondade de sentar** e **esperar** um momento [= Sentem-se e esperem um momento].
(R. Braga, *CCE*, 272.)

É claro que também aqui o tom de voz é de suma importância. Qualquer dessas frases pode, não obstante as fórmulas de cortesia empregadas, tornar-se rude e seca, ou mesmo insolente, com a simples mudança de entoação.

EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

Características gerais

São FORMAS NOMINAIS do verbo o INFINITIVO, o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO.

Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.

Distinguem-se, fundamentalmente, pelas seguintes peculiaridades:

a) o INFINITIVO apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo:

Não **dizer** nada, **chorar**
Até o pranto **coalhar**
Na retina.
(M. Torga, *CH*, 29.)

Sofrer por **sofrer**,
Somente eu sofria.
(C. Meireles, *OP*, 581.)

b) o GERÚNDIO apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo:

Metendo o barco pela terra dentro, é mesmo possível ir mais além.
(M. Torga, *P*, 86.)

Ouvia-se o cantar de carros de boi, **chorando**, de muito longe.
(J. Lins do Rego, *FM*, 146.)

c) o PARTICÍPIO apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências *-a* de feminino e *-s* de plural:

Umas vezes, tais gaiolas
Vão **penduradas** nos muros.
(J. Cabral de Melo Neto, *AP*, 32.)

Uma das cenas fora **filmada** numa loja do bairro, ampla, bem **iluminada**, com prateleiras **carregadas** dos mais diversos produtos.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 47.)

Tens os olhos **encovados**,
De fundos visos **cercados**,
Sinistros sulcos **deixados**
Por atros vícios talvez;
A fronte escura e **abatida**,
Roxa a boca **comprimida**,
A face magra **tingida**
Da morte na palidez.
(Fagundes Varela, *PC*, I, 211.)

Acrescente-se, ainda, que:

a) o INFINITIVO e o GERÚNDIO possuem, ao lado da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída; apresentam, pois, internamente, uma oposição de ASPECTO:

	ASPECTO NÃO CONCLUÍDO	ASPECTO CONCLUÍDO
INFINITIVO	ler	ter lido
GERÚNDIO	lendo	tendo lido

b) o INFINITIVO assume, em português, duas formas: uma não flexionada; outra flexionada, como qualquer forma pessoal do verbo;

c) o GERÚNDIO é invariável;

d) o PARTICÍPIO não se flexiona em pessoa.

Feitas essas considerações de ordem geral, passemos ao exame de alguns dos valores e empregos particulares das FORMAS NOMINAIS.

Emprego do infinitivo

Infinitivo impessoal e infinitivo pessoal

A par do INFINITIVO IMPESSOAL, isto é, do infinitivo que não tem sujeito, porque não se refere a uma pessoa gramatical, conhece a língua portuguesa o INFINITIVO PESSOAL, que tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Assim, em:

> Se **criar** é **criar-se**,
> **cantar** é **ser**.
> (E. Moura, *IP*, 187.)

> **Amar** é a eterna inocência.
> (F. Pessoa, *OP*, 139.)

O INFINITIVO É IMPESSOAL.

Já nas frases:

> O difícil é **estarmos** atentos.
> (V. Ferreira, *NN*, 128.)

> Indispensável os meninos **entrarem** no bom caminho, **saberem** cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos.
> (G. Ramos, *VS*, 31.)

estamos diante de formas do INFINITIVO PESSOAL.

O INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO possui, como dissemos, desinências especiais para as três pessoas do plural e para a 2.ª pessoa do singular.

Emprego distintivo

O emprego das formas flexionada e não flexionada do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais. Em verdade, os escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no caso, por exclusivas razões de lógica gramatical, mas se viram sempre, no ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão.

Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma do INFINITIVO.

São algumas destas tendências que passamos a indicar.

Emprego da forma não flexionada

1. O INFINITIVO conserva a forma NÃO FLEXIONADA:

1.º) quando é IMPESSOAL, ou seja, quando não se refere a nenhum sujeito:

> **Viver** é **exprimir**-se.
> (G. Amado, *TL*, 9.)

> **Jurar** falso é grande crime.
> (A. Ribeiro, *V*, 415.)

> **Amar** os homens é sempre uma alegria dolorosa.
> (Luandino Vieira, *NM*, 135.)

2.º) quando tem valor de imperativo:

> E Deus responde — "**Marchar!**"
> (Castro Alves, *EF*, 2.)

> — **Formar!** — ordenou o sipaio Jacinto.
> (Castro Soromenho, *V*, 197.)

> Se o indez morre, **deixá**-lo...
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 142.)

3.º) quando, em frase nominal de acentuado caráter afetivo, tem sentido narrativo ou descritivo (INFINITIVO DE NARRAÇÃO):

> O pai nos cabarés, nas casas das mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com amigos bebendo. A mãe **a fenecer** em casa, **a ouvir** e **a obedecer**.
> (J. Amado, *GCC*, 277.)

> Mais dois dias. E Catarina **a piorar**.
> (Ó. Ribas, *U*, 243.)

4.º) quando, precedido da preposição *de*, serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil*, *possível*, *bom*, *raro* e outros semelhantes.[12]

> Já não transitam pelo correio aquelas cartas de letra miudinha, **impossíveis de ler**, **gratas de ler**, pois derramavas nelas uma intacta ternura...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 137.)

> Há decisões **fáceis de manter**, lembranças **difíceis de afastar**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 890.)

5.º) quando, regido da preposição *a*, equivale a um gerúndio em locuções formadas com os verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *viver* e semelhantes:

> Olha, triste viuvinha, já **estou a ouvir** teus passos nos surdos corredores da memória.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 80.)

---

[12] Este emprego da forma não flexionada deve ser incluído, como ensina Theodoro Henrique Maurer Jr., entre aqueles nos quais o INFINITIVO depende "de um adjetivo, de um substantivo ou de um verbo em construções em que corresponde a um supino em *-u* ou a um infinitivo passivo da língua latina. Exemplos: '*As crianças são fáceis de contentar*'; '*Estas nozes são boas de abrir*'; '*Ficaram algumas peças por cortar*'; '*Havia muitas cartas que escrever*'; '*Tais resultados eram de prever*'; '*Ele mandou podar as figueiras*'; '*Contas a pagar*'". (*O infinito flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo. Companhia Editora Nacional / USP, 1968, p. 236.)
Para o ilustre filólogo paulista, que neste ponto acompanha o pensamento de Nyrop e Ferdinand Brunot, o infinitivo não apresenta em tais construções o sentido passivo que costumam atribuir-lhe os gramáticos, mas "um sentido geral, em que a ideia de voz ativa ou passiva se apaga". (*Ibid.*, p. 139.)

Andam a montar casa.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 704.)

E, porque conheceu que o vento era mais da madrugada que da noite, **ficou a esperar** a manhã.
(Adonias Filho, *LBB*, 118.)

2. É também normal o emprego do INFINITIVO NÃO FLEXIONADO:

1.º) quando pertence a uma locução verbal e não está distanciado do seu auxiliar:

Os galos **começaram a cantar**.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

— Amanhã **vamos passar** o dia no Oiteiro.
(J. Lins do Rego, *ME*, 121.)

Importavam menos as palavras, essas talvez **pudessem esquecer**-se, porque outras se lhes **viriam sobrepor** e **cobri**-las, e **assimilá**-las.
(Alves Redol, *BC*, 57.)

2.º) quando depende dos auxiliares causativos (*deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos) ou sensitivos (*ver*, *ouvir*, *sentir* e sinônimos) e vem imediatamente depois desses verbos ou apenas separado deles por seu sujeito, expresso por um pronome oblíquo:

— **Deixas correr** os dias como as águas do Paraíba?
(Machado de Assis, *OC*, II, 119.)

E as lágrimas que choro, branca e calma,
Ninguém as **vê brotar** dentro da alma!
(F. Espanca, *S*, 18.)

Esta **viu**-os **ir** pouco a pouco.
(Machado de Assis, *OC*, II, 509.)

Neste caso, costuma ocorrer também a forma flexionada, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo ou equivalente:

Domingos **mandou** os homens **levantarem-se**.
(Castro Soromenho, *C*, 56.)

Vi teus vestidos **brilharem**
sem qualquer clarão do dia.
(C. Meireles, *OP*, 615.)

Finalmente, **viu** os três pastores **pegarem** nos alforjes e **dirigirem**-se ao regato, para **lavar** as mãos.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 404.)

E, mais raramente, quando o sujeito é um pronome oblíquo:

Ele **viu**-as **entrarem**, **prostrarem**-se de braços estendidos, chorando, e não se comoveu...
(Coelho Netto, *OS*, I, 1328.)

Construções do tipo:

Vi surgirem os primeiros brotos nas árvores, **nascerem** as primeiras flores, e **chegarem** enfim os frutos inocentes e verdes.
(A. F. Schmidt, *AP*, 170.)

não são comuns e explicam-se pelo realce que, no caso, se concede ao sujeito do infinitivo.

Emprego da forma flexionada

O infinitivo assume a forma FLEXIONADA:
1.º) quando tem sujeito claramente expresso:

Mas o curioso é **tu** não **perceberes** que não houve nunca "ilusão" alguma.
(V. Ferreira, *NN*, 312.)

Vila Nova lembrou que o melhor era **irem todos** logo falar ao Bom Jesus.
(A. Arinos, *OC*, 207.)

2.º) quando se refere a um agente não expresso, que se quer dar a conhecer pela desinência verbal:

— Acho melhor não **fazeres** questão.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

Bom seria **andarmos** nus como as feras.
(Adonias Filho, *LBB*, 108.)

3.º) quando, na 3.ª pessoa do plural, indica a indeterminação do sujeito:

Ouvi **dizerem** que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão.
(G. Amado, *HMI*, 143.)

— O culpado de tudo é aquele tal de Doutor Reinaldo. Por que não deixou **levarem** a sujeita para o Recife?
(J. Condé, *TC*, 247.)

4.º) quando se quer dar à frase maior ênfase ou harmonia:

Tomar um tema e trabalhá-lo em variações ou, como na forma sonata, tomar dois temas e opô-los, fazê-los **lutarem**, **embolarem**, **ferirem**-se e **estraçalharem**-se e dar a vitória a um ou, ao contrário, apaziguá-los num entendimento de todo repouso... creio que não pode haver maior delícia em matéria de arte.
(M. Bandeira, *PP*, II, 37.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / a **quebrarem**, / a **espicaçarem**, / a **torturarem** a pedra, / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

O uso do infinitivo flexionado parece ser mais frequente no português europeu do que no do Brasil em razão da vitalidade, em Portugal, do tratamento *tu* e, por consequência, da flexão correspondente a esta pessoa no infinitivo pessoal. Predominando na maior parte do Brasil o tratamento íntimo *você*, que se constrói com o verbo na 3.ª pessoa do singular — pessoa desprovida de desinência, ou melhor, com desinência zero Ø —, daí decorre a identificação desta forma do infinitivo pessoal com a do impessoal.

Conclusão

Como vemos, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da

ação" (Said Ali)[13]. No primeiro caso, preferimos o INFINITIVO NÃO FLEXIONADO; no segundo, o FLEXIONADO.

Trata-se, pois, de um emprego seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática.

Emprego do gerúndio

Forma simples e composta

Vimos que o GERÚNDIO apresenta duas formas: uma SIMPLES (*lendo*), outra COMPOSTA (*tendo* ou *havendo lido*).

A forma COMPOSTA é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal:

> Não **tendo conseguido** dormir, fui escaldar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina.
> (O. Lara Resende, *BD*, 112.)

> Já o sol, **tendo dado** volta às ameias da catedral, vinha muito baixo, por alta fresta, espojar-se no meio dos casacos pretos e vestes eclesiásticas.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 265.)

> Sem que eu soubesse, ele acabava de chegar do Rio, **havendo regressado** às pressas, por causa de complicações políticas.
> (C. dos Anjos, *M*, 126.)

A forma SIMPLES expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.

---

[13] Said Ali. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, s. d., p. 180. Sobre a origem e o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo, consulte-se a excelente monografia histórico-descritiva de Theodoro Henrique Maurer Jr.: *O infinitivo flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional / USP, 1968. A propósito, leiam-se também: Said Ali. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 55-76; Holger Sten. L'Infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne. *Boletim de Filologia*, 13: 83-142, 201-256, 1952; Maurice Molho. Le problème de l'infinitif en portugais. *Bulletin Hispanique*, 61: 26-73, 1959; Knud Togeby. L'enigmatique infinitif personnel en portugais. *Studia Neophilologica*, 27: 211-218, 1955; José Maria Rodrigues. Sobre o uso do infinitivo impessoal e do pessoal em *Os lusíadas*. *Boletim de Filologia*, *1*: 3-7, 177-184, 1932-1933; *2*: 1-2, 1933-1934; Zdenek Hampejs. Nota sintático-estilística sobre o infinitivo flexionado português. *Revista Brasileira de Filologia*, *5*: 115-118, 1959-1960; Jacinto do Prado Coelho. O infinito absoluto no Romanceiro Popular. *Boletim de Filologia*, *11*: 133-140, 1950.

Este valor temporal do GERÚNDIO depende quase sempre de sua colocação na frase.

Gerúndio anteposto à oração principal

Colocado no início do período, o GERÚNDIO exprime:

a) uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

> **Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> **Ganhando** a praça, o engenheiro suspirou livre.
> (A. M. Machado, *HR*, 41.)

b) uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua:

> **Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 51.)

> **Estremecendo**, vejo um casal de sessenta anos.
> (A. Abelaira, *QPN*, 131.)

Gerúndio ao lado do verbo principal

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

> Maciel ouvia **sorrindo**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 506.)

> Chorou **soluçando** sobre a cabeça do cão.
> (Castro Soromenho, *TM*, 203.)

> Arrastou-se penosamente, **gatinhando** na areia.
> (C. de Oliveira, *AC*, 91.)

Gerúndio posposto à oração principal

Colocado depois da oração principal, o GERÚNDIO indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

As trajectórias recomeçaram, **processando**-se a um ritmo regular.
(F. Botelho, *X*, 158.)

No regresso para os musseques elas cantavam-na bem perto da casa, **deturpando** intencionalmente a letra da canção.
(A. Santos, *KOP*, 53.)

No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo.
(L. Jardim, *MP*, 47.)

Gerúndio antecedido da preposição em

Precedido da preposição *em*, o GERÚNDIO marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal:

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, **em** me eu **cansando** da terra,
Batia-as, voava ao céu.
(Almeida Garrett, *O*, II, 123.)

Em se lhe **dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.
(Monteiro Lobato, *U*, 127.)

Construções afetivas

1. O aspecto inacabado do GERÚNDIO permite-lhe exprimir a ideia de progressão indefinida, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida, como nestes passos:

   Viajando, viajando, esquecia-se o mal e o bem.
   (Adonias Filho, *LBB*, 101.)

   Andando, andando, escureceu-nos.
   (A. Ribeiro, *M*, 137.)

2. Na linguagem popular, já o dissemos, o GERÚNDIO substitui por vezes a forma IMPERATIVA:

   Andando! [= Vá andando! Ande!]

O gerúndio na locução verbal

O GERÚNDIO combina-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal.

1. **Estar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa num momento rigoroso:

> **Estavam** todos **dormindo**,
> **Estavam** todos deitados,
> **Dormindo**,
> Profundamente.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 211.)

> Estas delongas **estão afligindo** a curiosidade de quem me ler.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 461.)

2. **Andar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado:

> João Fanhoso **andava amanhecendo** sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos.
> (M. Palmério, *VC*, 97.)

> **Andei buscando** esse dia
> pelos humildes caminhos...
> (C. Meireles, *OP*, 277.)

> A população **andava** agora **vivendo** dias grandes de chuva, ainda meio arrelampada com aquela prodigalidade da natureza.
> (M. Ferreira, *HB*, 146.)

3. **Ir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

> Chamas novas e belas **vão raiando**,
> **Vão-se acendendo** os límpidos altares
> E as almas **vão sorrindo** e **vão orando**...
> (Cruz e Sousa, *OC*, 218.)

> Vagaroso, o tempo **foi passando**.
> (M. Torga, *NCM*, 21.)

A terra **ia crescendo** e a mata **fechando**-se cada vez mais.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 125.)

4. **Vir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

Vinha amanhecendo, ainda havia um resto de escuridão, era difícil enxergar as coisas afastadas.
(G. Ramos, *AOH*, 109.)

A noite **vem chegando** de mansinho.
(F. Namora, *RT*, 86.)

Emprego do particípio

Elemento de tempos compostos

O PARTICÍPIO desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo com permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal.

Emprega-se:

a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa:

Temos estudado muito.
Havia escrito várias cartas.

b) com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação:

A carta **foi escrita** por mim.

c) com o auxiliar *estar*, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estamos impressionados com a situação.

Particípio sem auxiliar

1. Desacompanhado de auxiliar, o PARTICÍPIO exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada:

Achada a solução do problema, não mais torturou a cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

Crucificada em mim, sobre os meus braços,
Hei de poisar a boca nos teus passos
Pra não serem pisados por ninguém.
(F. Espanca, *S*, 115.)

Meia légua **andada**, todos eram irmãos.
(J. Saramago, *MC*, 303.)

Chegada a casa, não os encontrou.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 358.)

2. O PARTICÍPIO dos VERBOS TRANSITIVOS tem de regra valor passivo:

Lidas uma e outra, procedeu-se às assinaturas.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

Pouco a pouco os bichos se finavam, **devorados** pelo carrapato.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

3. O PARTICÍPIO dos VERBOS INTRANSITIVOS tem quase sempre valor ativo:

Chegado aos pés, olhava-me para cima.
(V. Ferreira, *NN*, 66.)

Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, **vindo** de Passa Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão.
(Guimarães Rosa, *S*, 7.)

4. Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o PARTICÍPIO não indica por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma forma pode expressar:

a) ação passada:

Aberta uma exceção, estávamos perdidos.

b) ação presente:

Aberta uma exceção, estamos perdidos.

c) ação futura:

Aberta uma exceção, estaremos perdidos.

Nos casos acima, vemos que a oração de PARTICÍPIO tem sujeito diferente da principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.
Mas a relação temporal entre as duas orações pode ser de simultaneidade, principalmente se o sujeito for o mesmo:

> **Embaraçado**, não **consegui** chegar à porta.
> (O. Lara Resende, *BD*, 121.)

> **Rodeada** do bando, Mariana **comia** em paz na cozinha o caldo caridoso.
> (M. Torga, *NCM*, 126.)

> **Deitada** na terra, a chuva na manta, Imboti não **enxerga** o céu de nuvens pesadas e escuras.
> (Adonias Filho, *LP*, 24.)

5. Quando o PARTICÍPIO exprime apenas o estado, sem estabelecer nenhuma relação temporal, ele se confunde com o adjetivo:

> O vento **enfurecido** açoitava a rancharia.
> (A. Meyer, *SI*, 15.)

> Os gritos das gentes **desoladas** atroavam a vila **revolvida**.
> (V. Nemésio, *MTC*, 365.)

> O corpo **torturado** do tratorista caíra em cima dos presos já **adormecidos** àquela hora da noite.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 76.)

CONCORDÂNCIA VERBAL

1. A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

2. A CONCORDÂNCIA evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada:

> **Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei**, já era tarde, não **vi** meu pai.
> (A. Ribeiro, *CRG*, 257.)

— **Tu tens** razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não **precisas voltar** aqui. Não quero que **te exponhas**.
(J. Montello, *DP*, 296.)

A chuva caía violenta no quintal, **ensopava** a areia vermelha dos caminhos e **invadia** mesmo a cela, colando-lhe a roupa no corpo dorido.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 72.)

REGRAS GERAIS

Com um só sujeito

O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido:

A paisagem ficou espiritualizada.
Tinha adquirido uma alma. E **uma nova poesia**
Desceu do céu, **subiu** do mar, **cantou** na estrada...
(M. Bandeira, *PP*, 70.)

Nada **sou**, nada **posso**, nada **sigo**.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
(F. Pessoa, *OP*, 675.)

Vieste de um país que não **conheço**.
(C. Nejar, *OP*, I, 26.)

Com mais de um sujeito

O verbo que tem mais de um sujeito (SUJEITO COMPOSTO) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1.ª pessoa:

Só **eu e Florêncio ficamos calados**, à margem.
(C. dos Anjos, *DR*, 39.)

Tu por um lado **e eu** por outro o **acautelaremos** das horas más.
(A. Ribeiro, *V*, 415.)

b) para a 2.ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1.ª pessoa, houver um da 2.ª:

Nuvem sólida, rosa virginal, água branca
E tu, antiga sinfonia aérea,
Pertenceis ao anjo, não a mim.
(M. Mendes, *P*, 164.)

Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes.
(C. Castelo Branco, *J*, I, 21.)

c) para a 3.ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3.ª pessoa:

Quando **o Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram.**
(F. Namora, *TJ*, 227.)

Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador, o cego preto Firmino e Das Dores exigiram a história dos tatus, que saiu deste modo.
(G. Ramos, *AOH*, 76.)

Observação:

Na linguagem corrente do Brasil, evitam-se as formas do sujeito composto que levam o verbo à 2.ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento *vós* e, também, da substituição do tratamento *tu* por *você*, na maior parte do país.

Em lugar da 2.ª pessoa do plural, encontramos, vez por outra, tanto em Portugal como no Brasil, o verbo na 3.ª pessoa do plural, quando um dos sujeitos é da 2.ª pessoa do singular (*tu*) e os demais da 3.ª pessoa:

Em que língua **tu e ele falavam?**
(R. Fonseca, *C*, 35.)

Mas **nem tu, nem os teus ulemas e cacizes entendem** estas cousas.
(A. Herculano, *MC*, I, 91.)

— **O Pomar e tu** os **esperam.**
(F. Namora, *NM*, 242.)

— **Tu e o Chico levem** o Sr. Alves para casa.
(Castro Soromenho, *C*, 198.)

CASOS PARTICULARES

Com um só sujeito

O sujeito é uma expressão partitiva

Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de* e equivalentes) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural:

> **A maior parte deles** já não **vai** à fábrica!
> (B. Santareno, *TPM*, 40.)

> **A maior parte destes quartos não tinham** teto, nem portas, nem pavimento.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 196.)

> **Uma porção de moleques me olhavam** admirados.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 29.)

> Para meu desapontamento, **a maioria dos nomes** anotados não **dispunha** de telefone, ou **eram** casas comerciais, que não queriam conversa.
> (C. Drummond de Andrade, *BV*, 12.)

Observação:

A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

O sujeito denota quantidade aproximada

Quando o sujeito, indicador de quantidade aproximada, é formado de um *número plural* precedido das expressões *cerca de, mais de, menos de* e similares, o verbo vai normalmente para o plural:

> Ainda assim, **restavam cerca de cem viragos**...
> (J. Ribeiro, *FE*, 53.)

> ...e afinal, depois de tanto trabalho, de tantas palavras e canseiras, **fugirem-lhe** nada **menos de três!**
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 85.)

Observação:

Enquanto o sujeito de que participa a expressão *menos de dois* leva o verbo ao plural, o sujeito formado pelas expressões *mais de um* ou *mais que um*, seguidas de substantivo, deixa o verbo de regra no singular:

> A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; **mais de um torena coçou** o punho da adaga, **mais de um desapresilhou** a pistola, **mais de um virou** as esporas para o peito do pé...
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 331.)

> **Mais de um sujeito correu** na salvação do pescoço-pelado.
> (J. C. de Carvalho, *CLH*, 137.)

Emprega-se, porém, o verbo no plural quando tais expressões vêm repetidas, ou quando nelas haja ideia de reciprocidade. Assim:

> Mais de um velho, mais de uma criança não **puderam fugir** a tempo.
> Mais de um orador **se criticaram** mutuamente na ocasião.

O sujeito é o pronome relativo que

1. O verbo que tem como sujeito o pronome relativo *que* concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome:

> Fui **eu que** lhe **pedi** que não viesse.
> (J. Montello, *DP*, 245.)

> Sou **eu que** lhe **peço**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 244.)

> És **tu que vais** acompanhá-lo.
> (Alves Redol, *BC*, 343.)

> Não és **tu que** me **dás** felicidade.
> (M. de Andrade, *PC*, 253.)

> Foram **eles que criaram** o Brasil, **que** o **tornaram** independente, **que deram** maior brilho ao nosso passado.
> (G. Amado, *TL*, 193.)

2. Se o antecedente do relativo *que* é um demonstrativo, que serve de predicativo ou aposto de um pronome pessoal sujeito, o verbo do relativo pode:

a) concordar com o pronome pessoal sujeito, principalmente quando o antecedente é o demonstrativo *o* (*a, os, as*):

> Não somos **nós os que vamos chamar** esses leais companheiros de além-mundo.
> (R. Barbosa, *EDS*, 680.)

> Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja agora em todos nós, **nós os que recusamos viver** no arame farpado, **nós os que recusamos** o mundo dos patrões e dos criados, **nós os que queremos** o mel para todos.
> (Pepetela, *AN*, 59.)

b) ir para a 3.ª pessoa, em concordância com o demonstrativo, se não há interesse em acentuar a íntima relação entre o predicativo e o sujeito:

> Fui **Essa que** nas ruas **esmolou**
> E fui **a que habitou** Paços Reais...
> (F. Espanca, *S*, 103.)

> Eu sou **aquele que veio** do imenso rio.
> (M. de Andrade, *PC*, 352.)

3. Quando o relativo *que* vem antecedido das expressões *um dos, uma das* (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3.ª pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3.ª pessoa do singular:

> És **um dos** raros homens **que têm** o mundo nas mãos.
> (A. Abelaira, *NC*, 121.)

> **Uma das** coisas **que** mais me **impressionam** é a terrível carreira em que nos excedemos.
> (G. Amado, *TL*, 8.)

> Foi **um dos** poucos no seu tempo **que reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira.
> (J. Ribeiro, *AC*, 326.)

Acurvado sobre a mesa esconsa de seu lavor mercantil, era, aí mesmo, **um dos** primeiros homens doutos **que escrevia** em português sem mácula.

(C. Castelo Branco, *BE*, 213.)

Observação:

O verbo no singular destaca o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, ao contrário do que ocorre se construirmos a oração com o verbo no plural.

4. Depois de (*um*) *dos que* (= um daqueles que) o verbo vai normalmente para a 3.ª pessoa do plural:

Ela passou-se para outro mais decidido, **um dos que moravam** no quartinho dos grandes.

(J. Lins do Rego, *D*, 107.)

Naqueles dias a meninada do colégio interessava-se vivamente pelos concursos e eu era **um dos que** não **perdiam** o bate-boca das arguições.

(M. Bandeira, *PP*, II, 360-361.)

Por vezes omite-se o *um*:

Não sou **dos que acreditam** no direito divino da velhice.

(J. Nabuco, *A*, 294.)

Eu fui **dos que se meteram** ao lodo.

(Alves Redol, *BSL*, 325.)

João Guimarães Alves foi **dos que se perderam** na distância.

(C. Drummond de Andrade, *OC*, 527.)

São raros exemplos literários contemporâneos como estes:

O homem fora **um dos que** não **resistira** a tal sortilégio.

(F. Namora, *CS*, 168.)

O bispo de Silves foi **um dos que caiu** no erro funesto.

(A. Ribeiro, *PSP*, 250.)

O sujeito é o pronome relativo quem

1. O pronome relativo *quem* constrói-se, de regra, com o verbo na 3.ª pessoa do singular:

> És tu **quem murmura** nas águas,
> Tu és **quem respira** por mim.
> (M. Mendes, *P*, 181.)

> E não fui eu **quem** te **salvou?**
> (D. Mourão-Ferreira, *I*, 91.)

2. Não faltam, porém, exemplos de bons autores em que o verbo concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior. Neste caso, põe-se em relevo, sem rodeios mentais, o sujeito efetivo da ação expressa pelo verbo:

> Não sou **eu quem descrevo.** Eu sou a tela
> E oculta mão colora alguém em mim.
> (F. Pessoa, *OP*, 55.)

> Eram os filhos, estudantes nas Faculdades da Bahia, **quem** os **obrigavam** a abandonar os hábitos frugais.
> (J. Amado, *GCC*, 249.)

É esta a construção preferida da linguagem popular.

O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido plural, seguido de de *(ou* dentre*)* nós *(ou* vós*)*

Se o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos (*quais? quantos?*), dos demonstrativos (*estes, esses, aqueles*) ou dos indefinidos no plural (*alguns, muitos, poucos, quaisquer, vários*), seguido de uma das expressões *de nós, de vós, dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3.ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo:

> Mas, **quantos, dentre nós**, ainda **estão** vivos, devotam à vida a mesma paixão de outrora?
> (N. Piñon, *FD*, 47-48.)

> **Quantos dentre vós** que me ouvis não **tereis** tomado parte em romagens a Aparecida?
> (A. Arinos, *OC*, 770.)

Quais de vós sois, como eu, desterrados no meio do gênero humano?
(A. Herculano, *E*, 170.)

Muitos de nós andam por aí, querendo puxar conversa com vocês.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 163.)

Estou falando, portanto, com **aqueles dentre vós que trabalham** na construção em frente de minha janela.
(R. Braga, *CCE*, 249.)

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, também no singular deverá ficar o verbo:

Quando as nuvens começaram a existir,
qual de nós estava presente?
(C. Meireles, *OP*, 299.)

Nenhum de vós, ao meu enterro,
Irá mais dândi, olhai! do que eu!
(A. Nobre, *S*, 83.)

O sujeito é um plural aparente

Os nomes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo:

Mas **Vassouras** é que não o **esquecerá** tão cedo.
(R. Correia, *PCP*, 492.)

Comparado, por exemplo, com *Agosto azul*, ***Regressos* acusa** nalguns capítulos uma ligeira variação de timbre.
(U. Tavares Rodrigues, *MTG*, 50.)

***Alegrias de Nossa Senhora* tem** a sua história.
(M. Bandeira, *PP*, II, 70.)

Quando esses nomes são precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma plural:

Os Estados Unidos, então, por sua vez, **tentam** uma demonstração espetacular.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 308.)

As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* lhe **davam** uma outra dimensão.
(T. Martins Moreira, *VVT*, 38.)

O sujeito é indeterminado

Nas orações de sujeito indeterminado, já o dissemos, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural:

— **Pediram**-me que a procurasse.
(F. Botelho, *X*, 203.)

Estavam botando o búzio para os que ficavam mais distantes.
(J. Lins do Rego, *ME*, 60.)

Se, no entanto, a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome *se*, o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

Veio a hora do chá. Depois **cantou-se** e **tocou-se** ainda.
(Machado de Assis, *OC*, II, 106.)

Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
(A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

Concordância do verbo ser

1. Em alguns casos o verbo *ser* concorda com o predicativo.
Assim:
1.º) Nas orações começadas pelos pronomes interrogativos substantivos *que?* e *quem?*:

— **Que são seis meses?**
(Machado de Assis, *OC*, I, 1041.)

Quem teriam sido os primeiros deuses?
(A. Sérgio, *E*, IV, 245.)

Quis saber **quem eram meus pais** e **o que faziam**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 567.)

2.º) Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo* ou *o* (= aquilo) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural:

Tudo isto eram sintomas graves.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

— **Isto** não **são conversas** para ti, pequena.
(F. Namora, *TJ*, 196.)

O que há de novo nelas **são as cores.**
(M. Bandeira, *AA*, 51.)

Tudo na vida **são verdades** de relação.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 309.)

Tal concordância explica-se pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nocional, pois esta alude a realidades mais evidentes.

Mas, neste caso, também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido:

Tudo é flores no presente.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 230.)

Se calhar, **tudo é símbolos.**
(F. Pessoa, *OP*, 352.)

Tudo era os estudos, brincadeiras.
(Luandino Vieira, *VE*, 49.)

Nestes exemplos, os três escritores, com o singular (isto é, colocando o verbo em concordância com o pronome indefinido), procuram realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as diferentes realidades transformadas numa só coisa.

Atente-se no efeito estilístico provocado pelo contraste de concordância neste passo de Camilo Castelo Branco:

Há neles muita lágrima, e **o que** não **é lágrimas são algemas.**

3.º) Quando o sujeito é uma expressão de sentido coletivo, como *o resto, o mais*:

O resto são atributos sem importância.
(M. Torga, *V*, 214.)

O mais são casas esparsas.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 73.)

4.º) Nas orações impessoais:

São duas horas da noite.
(A. Botto, *AO*, 141.)

Eram quase **oito horas.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 133.)

Observação:

Empregados com referência às horas do dia, os verbos *dar, bater, soar* e sinônimos concordam com o número que indica as horas:

Soaram doze horas por igrejas daqueles vales.
(C. Castelo Branco, *QA*, 163.)

Batiam oito horas quando ele acordou e abriu as janelas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 92.)

Quando há o sujeito *relógio* (ou *sino*, *sineta*, etc.), o verbo naturalmente concorda com ele:

O sino da Matriz bateu seis horas.
(A. Meyer, *P*, 159.)

O relógio de uma das igrejas bateu duas horas.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 571.)

2. Se o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo normalmente concorda com ele, qualquer que seja o número do predicativo:

Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes.
(A. F. de Castilho, *AO*, 25.)

Todo **eu era** olhos e coração.
(Machado de Assis, *OC*, I, 742.)

Não é rara, porém, a concordância com o predicativo plural quando este representa partes do corpo da pessoa nomeada no sujeito:

Santinha **eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca.**
(M. Bandeira, *PP*, I, 403.)

3. Quando o sujeito é constituído de uma expressão numérica que se considera em sua totalidade, o verbo *ser* fica no singular:

Oito anos sempre **é** alguma coisa.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 146.)

— **Dez contos**?! Não **será** demais?
(Almada Negreiros, *NG*, 80.)

4. Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito:

Tu é que **deves escolher** o sítio.
(Alves Redol, *BC*, 343.)

Eu é que **estou escutando** o assobio no escuro.
(C. Lispector, *AV*, 94.)

Observações:

1.ª) A locução de realce *é que* é invariável e vem sempre colocada entre o sujeito da oração e o verbo a que ele se refere.

Assim:

José **é que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

É uma construção fixa, e não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo *ser* antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos.

Compare-se, por exemplo, ao anterior o seguinte período:

José **é que** trabalhou, mas **foram** os irmãos **que** se aproveitaram do seu esforço.

Ou este:

Foi José **que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

2.ª) Também não deve ser confundido com a expressão de realce *é que* o encontro da forma verbal *é* com a conjunção integrante *que* em contextos do tipo:

Bom **é que** não haja mais discussões.
O certo **é que** ele não voltará.

equivalentes a:

É bom **que** não haja mais discussões.
Que ele não voltará **é** o certo.

3.ª) Sobre estas e outras construções em que se dá a concorrência das formas *é* e *que* e sobre a interpretação cabível em cada caso, vejam-se José Oiticica. *Manual de análise (léxica e sintática)*. 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 235-237; ——. Sobre a expressão "é que". *Revista Filológica*, 7 (27): 217-225, 1944; João Malaca Casteleiro. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*. *Boletim de Filologia*, 25: 97-166, 1976-1979.

Com mais de um sujeito

Concordância com o sujeito mais próximo

Vimos que o adjetivo que modifica vários substantivos pode, em certos casos, concordar com o substantivo mais próximo. Também o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois dele:

Que te **seja** propício **o astro e a flor,**
Que a teus pés **se incline a Terra e o Mar.**
(F. Espanca, *S*, 163.)

Habita-me **o espaço e a desolação.**
(V. Ferreira, *A*, 24.)

Rua da União onde todas as tardes **passava a preta das bananas** com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana.
(M. Bandeira, *PP*, I, 200.)

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos:

A conciliação, a harmonia entre uns e outros **é possível.**
(A. Abelaira, *NC*, 178.)

Todo o seu comentário, toda a sua exegese e todo o seu exame crítico vinha insuflado dessa virtude elucidativa em que a sua contribuição pessoal se fazia sentir, ainda que no campo da hipótese ou da conjectura.
(Joaquim Ribeiro, in J. Ribeiro, *CD*², III.)

O amor e a admiração nas crianças **compraz-se** dos extremos.
(A. Ribeiro, *CRG*, 86.)

c) quando há uma enumeração gradativa:

A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos.
(Monteiro Lobato, *N*, 4.)

O grotesco, o pobre, o sem forças, era triturado agora na pressão dessa grande cidade, ininterrupta de gente, de casos que profundamente a excluíam.
(A. Bessa Luís, *AM*, 54.)

d) quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude:

A grandeza e a significação das coisas **resulta** do grau de transcendência que encerram.
(M. Torga, *TU*, 63.)

Morro, **se a graça e a misericórdia de Deus** me não **acode**.
(C. Castelo Branco, *CE*, 40.)

Infinitivos sujeitos

Quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular:

Olhar e ver era para mim um recurso de defesa.
(J. Lins do Rego, *P*, 93.)

Fazer e escrever é a mesma coisa.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 52.)

Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto.
(R. de Queirós, *CCE*, 95.)

Mas o verbo pode ir para o plural quando os infinitivos exprimem ideias nitidamente contrárias:

> Em sua vida, à porfia,
> **Se alternam rir e chorar.**
> (A. de Oliveira, *Pós*t., 43.)

Sujeitos resumidos por um pronome indefinido

Quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular, em concordância com esse pronome:

> O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, **era tudo** de um cinzento de borralho.
> (R. de Queirós, *TR*, 15.)

> Letras, ciências, costumes, instituições, **nada** disso **é** nacional.
> (Eça de Queirós, *O*, II, 1108.)

A mesma concordância se faz quando o pronome anuncia os sujeitos:

> **Tudo** o **fazia** lembrar-se dela: a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes.
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> E não só dos homens se arreceava — **tudo temia**: o sol do verão, o frio do inverno, os frutos que ela colhia, as flores com que se enfeitava.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

Sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa

Quando os sujeitos, por palavras diferentes, representam uma só pessoa ou uma só coisa, o verbo fica naturalmente no singular:

> **A Ideia, o sumo Bem, o verbo, a Essência,**
> Só **se revela** aos homens e às nações
> No céu incorruptível da Consciência!
> (A. de Quental, *SC*, 62.)

> **Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria,** nunca mais me **esqueceu**, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 741.)

Sujeitos ligados por ou *e por* nem

1. Quando o sujeito composto é formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo costuma ir:

a) para o plural, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos:

> **O mal ou o bem** dali **teriam de vir.**
> (D. Silveira de Queirós, *MLR*, 188.)

> Por muito que **o tempo ou a paisagem se repetissem**, essa teimosia apenas a aproximava da harmonia caprichosa da paisagem da sua infância, lá onde os cheiros, os dias e as cores nunca chegavam a sedimentar.
> (F. Namora, *TJ*, 301.)

> É a nobre dama recém-chegada, à qual **nem o cansaço de trabalhosa jornada nem o hábito dos cômodos do mundo puderam impedir** acompanhasse na oração aquelas que o trato de poucas horas já lhe fazia amar como irmãs.
> (A. Herculano, *E*, 130.)

> **Nem a monotonia nem o tédio a fariam** capitular agora.
> (C. dos Anjos, *M*, 235.)

b) para o *singular*, se o fato expresso pelo verbo só pode ser atribuído a um dos sujeitos, isto é, se há ideia de alternativa:

> Fui devagar, mas **o pé ou o espelho traiu-me.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 763.)

> **Nem tormenta nem tormento**
> nos **poderia parar.**
> (C. Meireles, *OP*, 141.)

2. Nota-se, porém, na linguagem coloquial uma tendência de anular tais distinções, principalmente quando os sujeitos estão ligados pela conjunção *nem*. Encontra-se frequentemente o plural onde seria de esperar o singular. Assim:

> **Nem João nem Carlos serão eleitos** presidente do clube.

O cargo de presidente é exercido por um só indivíduo. Logo, o verbo deveria marcar alternância.

Outras vezes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo, embora a ação se refira a cada um dos sujeitos.

Assim:

> **Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação** de que eu pudesse persegui-los **perturbava** o aconchego.
> (D. Silveira de Queirós, *EHT*, 53.)

> **Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder** mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

3. Se os sujeitos ligados por *ou* ou por *nem* não são da mesma pessoa, isto é, se entre eles há algum expresso por pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa, o verbo irá normalmente para o plural e para a pessoa que tiver precedência.

> **Ou ela ou eu havemos de abandonar** para sempre esta casa; e isto hoje mesmo.
> (B. Guimarães, *EI*, 56.)

> **Nem tu nem eu soubemos ser** nós uma única vez.
> (A. Abelaira, *B*, 122.)

4. As expressões *um* ou *outro* e *nem um nem outro*, empregadas como pronome substantivo ou como pronome adjetivo, exigem normalmente o verbo no singular:

> **Um ou outro porco era** cevado e as salgadeiras de Corrocovo suavizaram o inverno.
> (C. de Oliveira, *CD*, 96.)

> Só **um ou outro menino usava** sapatos; a maioria, de tamanco ou descalça.
> (G. Amado, *HMI*, 57.)

> **Nem um nem outro havia idealizado** previamente este encontro.
> (T. da Silveira, *SC*, 220.)

Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que **um ou outro** lhe **ficava** bem.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

Não é rara, porém, a construção com o verbo no plural quando as expressões se empregam como pronome substantivo:

Mas **nem um nem outro puderam compreender** logo toda a extensão e a gravidade do mal.
(A. Arinos, *OC*, 325.)

Nem um nem outro desejavam questionar.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1145.)

A locução um *e* outro

A locução *um e outro* pode levar o verbo ao plural ou, com menos frequência, ao singular:

Um e outro tinham a sola rota.
(Machado de Assis, *OC*, III, 1000.)

Uma e outra obedecia logo e, à que fazia ouvidos moucos, ele enviava uma pedrada.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 364.)

As duas construções são admissíveis ainda quando a locução é usada como pronome adjetivo, caso em que precede sempre um substantivo no singular:

Mas **uma e outra cousa duraram** apenas rápido instante.
(A. Herculano, *E*, 207.)

Uma e outra cousa existiam em estado latente, mas existiam.
(Machado de Assis, *OC*, II, 287.)

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.
(A. de Quental, *P*, I, 167.)

Sujeito ligados por com

Quando os sujeitos vêm unidos pela partícula *com*, o verbo pode usar-se no plural ou em concordância com o primeiro sujeito, segundo a valorização expressiva que dermos ao elemento regido de *com*.

Assim, o verbo irá normalmente:

a) para o *plural*, quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula *com* os enlaça como se fosse a conjunção *e*:

> **O mestre com o boleeiro fizeram** a emenda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 94.)

> **Garcilaso com Boscán e Petrarca são** os poetas favoritos do grande épico.
> (J. Ribeiro, *F*, 294.)

> **O pontífice, com todos os membros do consistório**, mal **puderam sair** suplentes.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 582.)

b) para o número do primeiro sujeito, quando pretendemos realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia:

> O **Coronel Lula de Holanda**, de preto, com a mulher e a filha, sobranceiro, de cabeça erguida, **mostrava-se** à canalha de olhos compridos, com a família na seda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 229.)

> **A viúva**, com o resto da família, **mudara-se** para Vila Isabel, desde o rompimento.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 71.)

Sujeitos ligados por conjunção comparativa

Quando dois sujeitos estão unidos por uma das conjunções comparativas *como*, *assim como*, *bem como* e equivalentes, a concordância depende da interpretação que dermos ao conjunto:

Assim, o verbo concordará:

a) *Com o primeiro sujeito*, se quisermos destacá-lo:

> **O nome**, como o corpo, **é** nós também.
> (V. Ferreira, *A*, 20.)

> **O dólar**, como a girafa, **não existe**.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 89.)

Neste caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem enunciado entre pausas, que se marcam, na escrita, por vírgulas.

b) *Com os dois sujeitos englobadamente* (isto é: o verbo irá para o plural), se os considerarmos termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente damos, por exemplo, a estruturas correlativas do tipo *tanto... como*:

> É inútil acrescentar que **tanto ele como eu esperamos** que você nos dê sempre notícias.
> (Ribeiro Couto, *C*, 202.)

> **Tanto um como outro se ocupavam** em mercadejar.
> (A. Ribeiro, *PSP*, 265.)

> É um homem excelente, e **tanto Emília como Francisquinha** o **estimam** muito, a seu modo.
> (C. dos Anjos, *DR*, 128.)

Entre os sujeitos não há pausa; logo, não devem ser separados, na escrita, por vírgula.

De modo semelhante se comportam os sujeitos ligados por série aditiva enfática (*não só... mas* [*senão* ou *como*] *também*):

> Qualquer se persuadirá de que **não só a nação mas também o príncipe estariam** pobres.
> (A. Herculano, *HP*, III, 303.)

REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo.

Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama REGÊNCIA. A palavra dependente denomina-se REGIDA, e o termo a que ela se subordina, REGENTE.

As relações de REGÊNCIA podem ser indicadas:

a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração;
b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;
c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

Em outros capítulos deste livro, estudamos parceladamente tais relações: complementos pedidos por substantivos, por adjetivos, por verbos, por advérbios e, mesmo, por orações. Procuraremos, agora, precisar melhor as formas que assume a REGÊNCIA VERBAL.

Observação:

A REGÊNCIA é o movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. Por exemplo: a conjunção *embora* pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo regido. Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. La notion de rection. *Acta Linguística*, *1*: 10-23, 1939.

REGÊNCIA VERBAL

Vimos que, quanto à predicação, os verbos nocionais se dividem em INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Os INTRANSITIVOS expressam uma ideia completa:

A criança **dormiu**. Pedro **viajou**.

Os TRANSITIVOS, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (OBJETO DIRETO ou INDIRETO) para integrar-lhes o sentido:

O menino **comprou um livro**.
O velho **carecia de roupa**.
Pedro **deu um presente ao amigo**.

A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a REGÊNCIA VERBAL, pode, como nos mostram os exemplos acima, fazer-se:

a) *diretamente*, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é OBJETO DIRETO;
b) *indiretamente*, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é OBJETO INDIRETO.

Diversidade e igualdade de regência

Verbos há que admitem mais de uma regência. Em geral, a diversidade de regência corresponde a uma variação significativa do verbo. Assim:

Aspirar [= sorver, respirar] **o ar de montanha.**
Aspirar [= desejar, pretender] **a um alto cargo.**

Alguns verbos, no entanto, usam-se na mesma acepção com mais de uma regência. Assim:

Meditar **num assunto.**
Meditar **sobre um assunto.**

Outros, finalmente, mudam de significação, sem variar de regência. Assim:

Carecer [= não ter] **de dinheiro.**
Carecer [= precisar] **de dinheiro.**

Observação:

No estudo da regência verbal cumpre não esquecer os seguintes fatos:

1.º) O OBJETO INDIRETO só não vem preposicionado quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos* e *lhes*.

2.º) Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJETO INDIRETO) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS ou ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3.º) Os VERBOS INTRANSITIVOS podem, em certos casos, ser seguidos de OBJETO DIRETO. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objeto, é formado da mesma raiz ou contém o sentido fundamental do verbo. Exemplos:

Viver **uma vida alegre.**
Chorar **lágrimas de amargura.**

4.º) Também VERBOS TRANSITIVOS costumam ser usados intransitivamente:

O pior cego é o que não **quer ver.**
Ele é manhoso: não **afirma** nem **nega.**

5.º) Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos adjetivos cognatos:

Obedecer **ao chefe.**
Obediência **ao chefe.**
Obediente **ao chefe.**

Contentar-se **com a sorte.**
Contentamento **com a sorte.**
Contente **com a sorte.**

Regência de alguns verbos

Aspirar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa "sorver", "respirar":

> **Aspirando o frescor do seu vestido...**
> (C. Pessanha, *C*, 82.)

> Destampava as panelas, especulava o que se ia comer, **aspirava** com gosto **o perfume do refogado** — da salsa, do alho, da cebolinha.
> (O. Lara Resende, *RG*, 36.)

> Arregaçou o focinho, **aspirou o ar** lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.
> (G. Ramos, *VS*, 130-131.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "pretender", "desejar". Neste caso, o OBJETO INDIRETO vem introduzido pela preposição *a* (ou *por*), não admitindo a substituição pela forma pronominal *lhe* (ou *lhes*), mas somente por *a ele*(*s*) ou *a ela*(*s*):

> Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me **aspirar**, com ânsia, **à libertação.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 407.)

> **Aspiramos a uma terra pacífica.**
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 830.)

> E a mim, que **aspiro a ele**, a mim, que o amo,
> Que anseio por mais vida e maior brilho,
> Há de negar-me o termo deste anseio?
> (A. de Quental, *SC*, 10.)

Advirta-se, porém, que, embora invariavelmente condenado pelos gramáticos, o regime direto se insinua, vez por outra, na pena de escritores brasileiros modernos e contemporâneos:

> Ele sente, ele **aspira**, ele deseja
> **A grande zona da imortal bonança.**
> (Cruz e Sousa, *OC*, 212.)

Oh! **o que** eu não **aspirava**, no titanismo das minhas ânsias de moço, para o meu país!
(G. Amado, *PP*, 49.)

Assistir

1.º) Uma longa tradição gramatical ensina que este verbo é TRANSITIVO INDIRETO no sentido de "estar presente", "presenciar". Com tal significado, deve o OBJETO INDIRETO ser encabeçado pela preposição *a*, e, se for expresso por pronome de 3.ª pessoa, exigirá a forma *a ele(s)* ou *a ela(s)*, e não *lhe(s)*. Assim:

Assisti **a algumas touradas**.
(A. F. Schmidt, *AP*, 175.)

Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm **assistido a elas** e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável.
(Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com OBJETO DIRETO (cf.: *assistir o jogo, um filme*), e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada. Sirvam de exemplo estes dois passos:

Trata-se de um filme **que** eu **assistia**.
(C. Lispector, *AV*, 32.)

Dava dinheiro e corrompia para fazer passar de novo e sempre as fitas **que** não **assistira**.
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "favorecer", "caber (direito ou razão, a alguém)", mas, neste caso, pode construir-se com a forma pronominal *lhe(s)*:

Ao dono da loja assiste razão de gabar-se, como o fez, por sua iniciativa.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 94.)

Que direito **lhe assistia** de julgar Jacinto?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 31.)

3.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO nos sentidos de "acompanhar", "ajudar", "prestar assistência", "socorrer":

> Deus bom, que **assiste os coitados**.
> (C. dos Anjos, *DR*, 129.)

> Continuarei a **assisti-la** com a discrição requerida pela sua sensibilidade.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 695.)

> — Só esta manhã é que tivemos o doutor no Pomar; veio **assistir à filha do Manuel Calmeiro.**
> (F. Namora, *NM*, 216-217.)

> O encarregado **era assistido por dois homens de bordo**, um deles de olhos muito brancos.
> (B. Lopes, *C*, 64.)

> E ali ficava, animando-o a seu modo, enquanto punha em ordem o quarto, **assistida pelo cão**, que se acomodava ao lado da cama.
> (J. Montello, *DP*, 255.)

4.º) No sentido de "morar", "residir", "habitar", o locativo vem introduzido pela preposição *em*:

> Dois daqueles **assistiam no termo de Vila Nova da Rainha**.
> (A. Arinos, *OC*, 407.)

> — Você então está **assistindo** por aqui, **neste começo de Gerais?**
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 493.)

Este emprego do verbo *assistir*, muito frequente nos clássicos, tem sabor arcaizante num contexto literário contemporâneo.

Chamar

Ressaltem-se os seguintes valores e empregos:

1.º) Com o significado de "fazer vir", "convocar", usa-se com OBJETO DIRETO:

> O presidente do banco **chamou-o** para uma conversa penosa.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

É claro que **chamei o sacristão** e lhe pedi silêncio.
(C. de Oliveira, *AC*, 29.)

2.º) Na acepção de "invocar", pede OBJETO INDIRETO encabeçado pela preposição *por*:

As tias **chamavam por Santa Bárbara e por São Jerônimo.**
(O. Lara Resende, *PM*, 97.)

Tanto valeu tanger a campainha da ordem como **chamar pelo miraculoso padre Antônio.**
(A. Ribeiro, *V*, 421.)

O Negrinho **chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa.**
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 333.)

3.º) No sentido de "qualificar", "apelidar", "dar nome", constrói-se:

a) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO:

O povo **chamava-o maluco.**
(J. Lins do Rego, *U*, 127.)

b) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO, precedido da preposição *de*[14]:

Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 71.)

c) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO:

Chama-lhe amizade, se preferires.
(F. Namora, *RT*, 173.)

d) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO (precedido da preposição *de*):

Chamava-lhe sempre **de miúdo.**
(Luandino Vieira, *L*, 22.)

---

[14] Esta construção, desusada em Portugal e condenada pelos puristas, é a predominante na linguagem coloquial brasileira e tende a sê-lo também na expressão literária modernista.

4.º) Pode ser INTRANSITIVO, quando equivale a "dar ou fazer sinal com a voz ou o gesto, para que alguém venha":

> **Chamasse**, gritando, José Balbino invadiria o quarto.
> (Adonias Filho, *LBB*, 53.)

> — **Chamou**? pergunta-me o guarda.
> — Não **chamei**.
> (V. Ferreira, *NN*, 78.)

Neste sentido também se usa com objeto indireto precedido da preposição *por* (*per*):

> Sampaio correu a porta e **chamou pelos sipaios**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 215.)

> — Ela **chamou por mim**, Barbaças!
> (F. Namora, *TJ*, 45.)

Ensinar

1.º) Na língua atual, constrói-se preferentemente com OBJETO DIRETO de "coisa" e INDIRETO de "pessoa":

> Vou dizer que o Antoninho andou pelas portas a **ensinar-vos a lição** e a prometer-vos peitas.
> (A. Ribeiro, *V*, 410.)

> E eu **lhe ensinei a pura alegria**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

> Se **lhe ensinassem um ofício**, podia fazer um pedaço.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 13.)

2.º) Quando a "coisa" ensinada vem expressa por um infinitivo precedido da preposição *a*, a língua atual oferece-nos dois tipos de construção:
a) *ensinar-lhe a* + INFINITIVO;
b) *ensiná-lo a* + INFINITIVO.

Comparem-se estes exemplos:

> Em vão **ensinara-lhe a proteger** os animais das pragas e dos vendavais.
> (N. Pinõn, *CC*, 52.)

Tinha de o convencer, de **o ensinar a ver** claro.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 154.)

3.º) Quando se silencia a "coisa" ensinada, a denominação da "pessoa" costuma funcionar como OBJETO DIRETO:

Uma moça formada de anel no dedo **podia ensinar as meninas** até o curso secundário.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 189.)

Sem que o Antunes **a tivesse ensinado**, ela tinha aprendido com ele a ver-se de uma maneira diversa da que costumava nos clubes.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

4.º) Nos sentidos de "castigar", "bater", "adestrar", "amestrar", "educar", usa-se normalmente com OBJETO DIRETO:

A tarimba é que viria **ensiná-lo**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 482.)

Era seu luxo montá-lo na vila, exibindo-o em dias de feira no apuro da maestria com que **o mandara ensinar**.
(Alves Redol, *MB*, 263.)

5.º) Apontem-se ainda as construções:

a) com OBJETO DIRETO de "coisa" explícito e OBJETO INDIRETO de "pessoa" não expresso:

Não basta o **que** a vida **ensina**.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Tu deves **ensinar o** que eu hei de fazer.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

b) com OBJETO INDIRETO de "pessoa" explícito e com o OBJETO DIRETO de "coisa" calado:

Pode ser mesmo que em alguma ocasião **lhe tivesse ensinado** mal...
(Machado de Assis, *OC*, II, 534.)

Foi ao lado do motorista para **lhe ensinar**.
(Almada Negreiros, *NG*, 81.)

c) como INTRANSITIVO:

Na vossa terra não há quem **ensine**?
(F. Namora, *TJ*, 294.)

Como mestra, a vida **ensina** mal.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Esquecer

1.º) Na acepção própria de "olvidar", "sair da lembrança", este verbo constrói-se, tradicionalmente:

a) seja com OBJETO DIRETO:

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.
(C. Drummond de Andrade, *R*, 9.)

— Pois é, não deve deixar que **o esqueçam.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 722.)

Eu não **esqueço o bem** que ele me fez.
(Castro Soromenho, *TM*, 244-245.)

b) seja com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *de*, quando pronominal:

Tendo de lutar para obter melhoria de situação, **foi-se esquecendo dos deveres religiosos.**
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 123.)

Diabo: o Barbaças **esquecia-se de deixar as rações** na manjedoura.
(F. Namora, *TJ*, 325.)

2.º) Do cruzamento destas duas construções resultou uma terceira, sem o pronome reflexivo, mas com o OBJETO introduzido por *de*:

Esqueceu os deveres religiosos
Esqueceu-se dos deveres religiosos
↓
Esqueceu dos deveres religiosos

Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito frequente no colóquio diário dos brasileiros, já se vem insinuando na linguagem literária,

principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo. Sirvam de exemplo estes passos:

> Guma **esquece de tudo**, e se deixa ir no doce acalanto dessa toada tão bela.
> (J. Amado, *MM*, 55.)

> Ah, sim, **esqueci de confessar** quando a vi.
> (N. Pinon, *SA*, 155.)

3.º) Também não é raro na língua atual o tipo sintático *esquecer-se que*, com elipse da preposição:

> — Toma esta chave, e não **te esqueças que** o seu poder é sobrenatural.
> (G. Amado, *TL*, 5.)

> — Um homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a **esquecer-se que** é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> — **Esquece-se que** não tenho outra companhia...
> (Alves Redol, *BC*, 296.)

4.º) À semelhança de *lembrar-se*, o verbo *esquecer-se* admite uma construção de estrutura diversa das que até agora examinamos. Os elementos que nestas funcionam como OBJETO (DIRETO OU INDIRETO) vão figurar nela como sujeito:

> E o pior é que **me esqueceu tudo**, valha-me Deus!
> (J. Régio, *SM*, 303.)

> **Esqueceram-me todas as mágoas**, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o salão como se estivesse contemplando o mar.
> (C. dos Anjos, *DR*, 116.)

5.º) Finalmente, do cruzamento das construções

Esqueci-me de tudo

e

Esqueceu-me tudo,

resultou uma nova:

Esqueceu-me de tudo.[15]

Comparem-se estes exemplos:

Não **lhes esqueça de regarem** o passeio adiante da porta.
(Almeida Garrett, *O*, II, 1262.)

Esqueceu-me de citar no texto a formação de *empós*, justaposição de *em* e *pos*, que é o *post* latino.
(M. Barreto, *FLP*, 98.)

Interessar

1.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO, nas acepções de "dizer respeito a", "importar", "ser proveitoso", "ser do interesse de":

Pensei que **os interessasse** estar ao corrente disto.
(C. de Oliveira, *AC*, 161.)

— Fiz uma visita à mulher, o caso **interessou-me.** E também **o** há de **interessar a si.**
(F. Namora, *RT*, 39.)

E eu calculei que talvez a transação **lhe interessasse.**
(G. Ramos, *SB*, 20.)

O mundo mudava, e **a Ternura** não **interessava** mais viver depois que tudo ficara diferente.
(A. M. Machado, *JT*, 220.)

2.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa:

a) "captar ou prender o espírito, a atenção, a curiosidade"; "excitar a":

Ele percebeu então que falara demais, a ponto de **interessá-la**, e olhou-a rapidamente de lado.
(C. Lispector, *ME*, 178.)

---

[15] Esta construção é desusada dos escritores contemporâneos, quer portugueses, quer brasileiros.

As histórias de Zefinha não **o interessavam.**
(J. Lins do Rego, *MVA*, 318.)

b) "alcançar", "ofender", "ferir":

O ferimento **interessou a aorta.**
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

A facada **interessou o pulmão direito.**
(Caldas Aulete, *DCLP*, 986.)

3.º) Emprega-se com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *em* nos sentidos de "ter interesse", "tirar utilidade, lucro ou proveito":

O rei **interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres.**
(A. Herculano, *MC*, II, 78-79.)

É lícito supor que desejava prolongar a luta, porque **interessava em residir na corte de Roma.**
(A. Herculano, *OEIP*, II, 50.)

4.º) É TRANSITIVO DIRETO e INDIRETO quando significa:
a) "dar a alguém parte num negócio ou nos lucros":

Interessei-o nesta empresa.
(M. de Sousa Lima, *GP*, 294.)

Interessei meu irmão na charutaria.
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

b) "atrair", "provocar o interesse ou a curiosidade de":

Foi fácil para ele **interessar toda a cidade na incrível figurinha de Shirley Temple.**
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

A princípio tentara **interessá-lo nos problemas sociais** que o entusiasmavam.
(Castro Soromenho, *TM*, 171.)

Josefina, é verdade que nunca se aproximou de mim para **me interessar nos seus enigmas.**
(A. Bessa Luís, *M*, 296.)

5.º) No sentido de "empenhar-se", "tomar interesse por", tem forma reflexa e faz-se acompanhar de OBJETO INDIRETO encabeçado por uma das preposições *em* ou *por*:

> **Interesso-me em aspirar** todos os aromas que recendem das essências angélicas.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 509.)

> Zazá não **se interessava** muito **pelo futebol**.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 46.)

> **Interessavam-se** as três, humanamente, **pelos alunos, pelos seus casos familiares, pelas inclinações que revelavam, pelas suas singularidades físicas e espirituais**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 198.)

Lembrar

O verbo *lembrar(-se)* apresenta os mesmos tipos de construção que o seu antônimo *esquecer(-se)*.

Assim:

1.º) Com o sentido de "trazer à lembrança", "evocar", "sugerir", "recordar-se" é TRANSITIVO DIRETO:

> O monte **lembrava um lençol esburacado**.
> (A. Ribeiro, *M*, 147.)

> **Lembrei dias de ventanias, sóis de correrias.**
> (Luandino Vieira, *NANV*, 194.)

> **Lembro-a** hoje, com os seus cabelos brancos...
> (A. F. Schmidt, *F*, 43.)

2.º) Na acepção de "sugerir a lembrança", "fazer recordar", "advertir", constrói-se com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> E ali era ele quem mandava, não precisava de **o lembrar à filha**.
> (Alves Redol, *BC*, 29.)

> Para **me lembrar ao senhor**? Para **lembrá-lo a mim**? Nosso entendimento se tornou tão fácil que dispensa a operação da lembrança.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 153.)

3.º) Com o sentido de "vir à memória", que é o mais usual, admite, à semelhança de *esquecer*, três modelos de construção:

a) **Lembro-me do acontecimento.**
b) **Lembra-me o acontecimento.**
c) **Lembra-me do acontecimento.**

O primeiro é o mais frequente, seja na linguagem coloquial, seja na literária:

— Já não **se lembra da picardia** que me fez?
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

Nisto o meu companheiro **lembra-se de cantar.**
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 167.)

— Já não **se lembra de mim**, naturalmente...
(M. Lopes, *FVL*, 85.)

Eu **me lembro do outro cajueiro** que era menor e morreu há tanto tempo. Eu **me lembro dos pés de pinha**...
(R. Braga, *CCE*, 321.)

Lembra-te, Belmiro, **de que essas bodas são impossíveis.**
(C. dos Anjos, *DR*, 44-45.)

Quando o OBJETO INDIRETO vem expresso por uma oração desenvolvida, como no último exemplo, a preposição *de* pode faltar:

Lembro-me que certa vez **juntei uma porção de artigos médicos sobre o assunto.**
(R. Braga, *CCE*, 49.)

Lembrou-me que teria de passar junto de três ou quatro casas conhecidas.
(F. Namora, *HD*, 53.)

Lembro-me que devo voltar à missa solene...
(A. Schmidt, *F*, 37.)

O segundo modelo sintático é mais usado em Portugal do que no Brasil, onde o seu emprego se circunscreve à linguagem formal:

O filme já não **me lembra.**
(V. Ferreira, *NN*, 74.)

Não **me lembra o motivo que alegou.**
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, é de emprego raro na língua atual:

Voltei depois que ela entrou em casa, e só muito abaixo é que **me lembrou de ver as horas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 648.)

Já **me lembrou de** o **esperar** no caminho **e pendurar** pelo gasnete no galho de um sobreiro.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 401.)

4.º) Paralelamente à construção *esquecer de* (*alguém* ou *alguma coisa*), aparece na linguagem coloquial brasileira *lembrar de* (*alguém* ou *alguma coisa*), regência também tida por viciosa.

Um exemplo literário:

Lembrava do negro velho Macário que fora escravo do capitão Tomás e que morrera servindo na casa.
(J. Lins do Rego, *FM*, 55.) [16]

Obedecer (e desobedecer)

1.º) Na língua culta moderna, fixou-se como TRANSITIVO INDIRETO:

Só os lavradores, e alguns, **têm obedecido a este preceito**!
(Alves Redol, *BC*, 48.)

Mas todos **obedeciam a ele**. Ah! Quem disse que não **obedeciam**?
(G. Ramos, *VS*, 29.)

2.º) Admite, no entanto, VOZ PASSIVA:

Sofreste tanto que até perdeste a consciência do teu império; estás pronta a obedecer; admiras-te de **seres obedecida.**
(Machado de Assis, *OC*, III, 1044.)

---

[16] Cf. Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 192-193, onde se mencionam mais exemplos literários desta construção condenada.

Depois de outras muitas e reiteradas ordens **foi** enfim **obedecida**.
(M. Barreto, *CP*, 303.)

Esta construção corresponde ao antigo regime TRANSITIVO DIRETO do verbo, que ainda se documenta em escritores do século passado:

— Meu tio Campelo ordenou-me e eu **o obedeço**.
(J. de Alencar, *OC*, III, 1243.)

3.º) Não é raro o seu emprego como INTRANSITIVO:

Restitua o dinheiro àquela menina. Se ainda o tem. **Obedeci**.
(J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 135.)

A ruína vem muitas vezes dessas naturezas feitas para **obedecer**.
(A. Bessa Luís, *M*, 261.)

Você é o único que **não obedece**!
(C. Lispector, *ME*, 202.)

4.º) Idêntica é a construção do antônimo *desobedecer*.

Perdoar

1.º) Na língua culta de hoje, constrói-se, preferentemente, com OBJETO DIRETO de "coisa" e OBJETO INDIRETO de "pessoa":

Crimes da terra, como **perdoá-los**?
(C. Drummond de Andrade, *R*, 78.)

Perdoai o nosso erro.
(J. Régio, *SM*, 94.)

Ela **perdoara-lhe**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 718.)

Perdoem-lhe esse riso.
(Machado de Assis, *OC*, I, 600.)

2.º) Na VOZ PASSIVA pode o sujeito corresponder também ao OBJETO INDIRETO da ativa:

Todos os demais pecados te **serão perdoados.**
(Vianna Moog, *T*, 353.)

Outras vezes penso o contrário: só **serei perdoada**, se não te amar.
(A. Abelaira, *B*, 127.)

Entre nós, não **se perdoa** a incompetência verbal.
(N. Piñon, *CC*, 26.)

3.º) A construção com OBJETO DIRETO de "pessoa", normal no português antigo e médio, é frequente na linguagem coloquial brasileira, razão por que alguns escritores atuais não têm dúvida em acolhê-la[17]:

A velha tia Neném não **perdoava ninguém.**
(J. Lins do Rego, *U*, 221.)

Ele **havia perdoado os infames.**
(D. Silveira de Queirós, *M*, 367.)

Ela é Maria e Deus **a perdoa** por não odiar o mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 110.)

Responder

Entre as diversas construções que admite, apontem-se as seguintes:

1.º) Na acepção de "dar resposta", "dizer ou escrever em resposta", emprega-se, geralmente:

a) com OBJETO INDIRETO em relação à pergunta:

O Faustino **teve de responder às próprias perguntas.**
(M. Torga, *CM*, 24.)

Por onde erraria a verdadeira Cecília, que, **respondendo à indagação de um curioso**, admitiu ser seu principal defeito uma certa ausência do mundo?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 150.)

---

[17] Veja-se, a propósito, Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 197-198, onde se aduz abonação convincente.

b) com OBJETO DIRETO para exprimir a resposta:

> O homem comum não **responderia o** que ele me responde, se lhe pergunto a que hora gosta de escrever.
> .....
> Nenhum escritor comum, igualmente, **responderia isso**.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 72.)

> O homem **respondeu qualquer coisa de ininteligível**.
> (J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 106.)

podendo, naturalmente, usar-se na passiva:

> ... um violento panfleto contra o Brasil que **foi** vitoriosamente **respondido** por De Ângelis.
> (E. Prado, *IA*, 145.)

c) com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> Quando lhe perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, **respondeu-me que estava passando por uma transformação**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 83.)

> **Respondi-lhe que já tinha lido a receita** em qualquer parte.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

2.º) Na acepção de "replicar", "retorquir", usa-se, normalmente, com OBJETO INDIRETO:

> Quase que **lhe respondera** com escárnio.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 706.)

> **À linguagem do deputado** o jovem médico **respondeu** com igual franqueza.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 60.)

Não é raro, porém, o emprego INTRANSITIVO:

> **Respondia** sem revolta ou renúncia na voz.
> (M. Torga, *CM*, 14.)

> Nascimento não **respondeu** logo.
> (H. Sales, *C*, 209.)

O guarda gritara duas vezes, espaçadas, e como o da Administração não **respondera**, calou-se.
(Castro Soromenho, *TM*, 251.)

Respondeu muito à vontade e com presteza.
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

3.º) Na acepção de "repetir a voz, o som", "dizer, cantar ou tocar em resposta" é INTRANSITIVO:

João Fanhoso cantou outra vez. O mesmo canto rachado de taquaraçu, alto e que ia longe. Mas desta vez **responderam**...
Longe, bem longe, outro canto **respondeu**. E outro. E outro.
(M. Palmério, *VC*, 102.)

Fr. José, depois de ter invocado Nossa Senhora do Salvamento, encetou o terço e as monjas **responderam**.
(A. Ribeiro, *ES*, 210.)

4.º) No sentido, hoje pouco usual, de "corresponder", "equivaler", "condizer" constrói-se com OBJETO INDIRETO:

Quis puxar as mãos de Capitu, para obrigá-la a vir atrás delas, mas ainda agora a ação não **respondeu à intenção**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 769.)

O movimento bem visível da dobadoira era regular, e **respondia ao movimento quase imperceptível das mãos da velha**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 55.)

Legítimo português é *reclamo*, do gênero masculino, que **responde** cabalmente **ao francês** *une réclame*.
(R. Barbosa, *R*, 184.)

5.º) Quando significa "ser ou ficar responsável", "responsabilizar-se", "fazer as vezes (de alguém)", exige complemento introduzido pela preposição *por*:

Parecia que outro personagem **respondia por ele**, a fim de deixá-lo à vontade.
(A. M. Machado, *JT*, 112.)

Nunca me aconteceu **responder por cântara quebrada.**
(A. Bessa Luís, *QR*, 226.)

Um dia será o conjunto
e não o pormenor e a parcela
que **responderá por nós.**
(O. Mendes, *LFNF*, 119.)

Visar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO nas acepções de:

a) "mirar", "apontar (arma de fogo)":

Sem perda de tempo, Jenner disparou um terceiro tiro, e sem demora outro, **visando o alvo** de baixo para cima.
(H. Sales, *AM*, 44.)

O cano da arma aflorou sobre as hastes do feno, **visando o intruso,** precisamente no instante em que Alice, espreitando o silêncio das imediações da casa, transpunha o umbral da porta.
(F. Namora, *TJ*, 330.)

b) "dar ou pôr o visto (em algum documento)":

Visar um passaporte.
Visar o diploma.

2.º) No sentido de "ter em vista", "ter por objetivo", "pretender", pode construir-se:

a) com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *a*:

Não **visava a lucros** e, sim, ajudar o próximo.
(J. Amado, *MG*, 80-81.)

— Não acha que, **visando a Custódio,** o Figueiró busca atingir você?
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

b) com OBJETO DIRETO:

Concentro-me sem **visar nenhum objeto** — e sinto-me tomado por uma luz.
(C. Lispector, *SV*, 35.)

O balde de água fria **visava** também **uma finalidade concreta.**
(M. Torga, *V*, 214.)

Esta última construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo:

O ataque **visava cortar a retaguarda da linha de frente.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 399.)

— Numa palavra, essa revolução **visa derrubar as oligarquias** que nos infelicitam!
(É. Veríssimo, *A*, II, 485.)

SINTAXE DO VERBO *HAVER*

O verbo *haver*, conforme o seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3.ª pessoa do singular.

1. Emprega-se em todas as pessoas:

a) quando é AUXILIAR (com sentido equivalente a *ter*) de VERBO PESSOAL, quer junto a particípio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de*:

Também a mim me **hão ferido.**
(J. Régio, *F*, 56.)

Outros **haverão de ter**
O que **houvermos de perder.**
(F. Pessoa, *OP*, 17.)

b) quando é VERBO PRINCIPAL, com as significações de "conseguir", "obter", "alcançar", "adquirir":

Donde **houveste**, ó pélago revolto,
Esse rugido teu?
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 191.)

— Tão nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as **houvemos** nós e nossos pais.
(J. de Alencar, *OC*, II, 422-423.)

c) quando é VERBO PRINCIPAL, com a forma reflexa, nas acepções de "portar-se", "proceder", "comportar-se", "conduzir-se":

> Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que **se houvera** e se lembrasse de que ele era o seu pai.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 702.)

> Soares **houve-se** como pôde na singular situação em que se achava.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 51.)

d) quando é VERBO PRINCIPAL, também com a forma reflexa, no sentido de "entender-se", "avir-se", "ajustar contas":

> Que para as excomunhões e interditos de Roma, el-rei lá **se haveria com eles**, que podia.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 308.)

> O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que **se houvesse com ele**.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 34.)

e) quando é VERBO PRINCIPAL, acompanhado de infinitivo sem preposição, com o sentido equivalente a "ser possível":

> Não **há** negá-lo, o apito é de uso geral e comum.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 536.)

> Não **há** julgá-lo de outro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 229.)

2. É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver*, como verbo principal, nas acepções de:

a) "ter", "possuir":

> Aos que o bem fizeram, **hei** inveja.
> (A. Ferreira, *C*, v. 688.)

b) "julgar", "pensar", "considerar", "ter para si":

O que eu **hei** por gram crueza.
(C. Falcão, *C*, v. 763.)

Isto é: o que eu julgo (ou considero) grande crueldade.

3. Comparem-se as expressões:

a) *haver por bem* = "dignar-se", "resolver", "assentar", "julgar oportuno ou conveniente":

O coronel, que neste momento lia na rede as folhas recém-chegadas, **houve por bem** interromper a ingestão de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir em apoio ao fedelho.
(Monteiro Lobato, *U*, 178.)

O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário **houvesse por bem** suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco escondido até na sacristia.
(F. Sabino. *HN*, 147.)

b) *haver mister* = "precisar", "necessitar":

Não **há mister** mais que um módulo ou matiz para os descontar como poesia de lei.
(J. Ribeiro, *PE*, 19.)

Deus o auxilie e ilustre, e a todos nós, que bem o **havemos mister**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 1086.)

4. Emprega-se como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa "existir", ou quando indicar tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão somente na 3.ª pessoa do singular:

Há trovoadas em toda a parte...
(M. Torga, *V*, 158.)

Havia simples marinheiros; **havia** inferiores; **havia** escreventes e operários de bordo.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Tinha adoecido, **havia** quinze dias.
(M. Torga, *NCM*, 16.)

Há oito dias que não via Guma.
(J. Amado, *MM*, 20.)

— **Há** dois dias que não vem trabalhar!
(Luandino Vieira, *NM*, 129.)

5. Quando o verbo *haver* exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares *ir*, *dever*, *poder*, etc., a locução assim formada é, naturalmente, impessoal.

— Eu não sei, senhor doutor, mas **deve haver** leis.
(Eça de Queirós, *O*, I, 164.)

— **Deve haver** muitas diferenças entre nós.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Podia haver complicações, quem sabe?
(C. dos Anjos, *M*, 193.)

Observação:

O verbo *haver*, quando sinônimo de "existir", constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.

Dir-se-á, pois:

Há tantas folhas pelas calçadas!
Existem tantas folhas pelas calçadas!

Construções do tipo

Houveram muitas lágrimas de alegria.
(C. Castelo Branco, *V*, 82.)

Ali **haviam vários deputados** que conversavam de política.
(Machado de Assis, *OC*, II, 67-68.)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas.

Capítulo 14

Advérbio

1. O ADVÉRBIO é, fundamentalmente, um modificador do verbo:

   Logo depois, recomeçara a chover.
   (O. Lins, *FP*, 63.)

   Você **compreendeu**-me **mal.**
   (Almada Negreiros, *NG*, 61.)

   O almoço **decorria agora lentamente.**
   (A. Santos, *K*, 103.)

2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas.
   Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido:
   a) de um adjetivo:

   Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, **muito edificante e vasta.**
   (Guimarães Rosa, *S*, 346.)

   Olhei Maria, desesperado, mas ela sorria, sorria um longínquo **tão feliz** sorrir de olhos semicerrados...
   (Luandino Vieira, *NM*, 105.)

   Ficara **completamente imóvel.**
   (Branquinho da Fonseca, *B*, 70.)

b) de um advérbio:

— Mas passei a noite mal! **bem mal**!
(J. Régio, *JA*, 102.)

Já **bem pertinho** estavam Masseu e Ângelo.
(L. Jardim, *AMCA*, 49.)

O homem caminhava **muito devagar.**
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 156.)

3. Saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração[1]:

Infelizmente, nem o médico lhes podia valer.
(M. Torga, *NCM*, 150.)

Possivelmente, não haverá ceia este ano.
(V. Ferreira, *A*, 137.)

— Eu me recuso, **simplesmente.**
(F. Sabino, *EM*, 84.)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.

Observação:

Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação de seu léxico linguístico (Cf. *Introduction à l'étude de la morpho-syntaxe espagnole*, 3.ª ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78.)

CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os ADVÉRBIOS recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam.

---

[1] É o que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* chama ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue as seguintes espécies:

a) ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO: *sim, certamente, efetivamente, realmente*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE DÚVIDA: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez*, etc.;
c) ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão*, etc.;
d) ADVÉRBIOS DE LUGAR: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto*, etc.;
e) ADVÉRBIOS DE MODO: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente*, etc.;
f) ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO: *não;*
g) ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde*, etc.

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* acrescenta a essa lista três outras espécies:

a) ADVÉRBIOS DE ORDEM: *primeiramente, ultimamente, depois*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO; e
c) ADVÉRBIOS DE DESIGNAÇÃO.

Os dois últimos foram incluídos pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira* num grupo à parte, inominado, em razão de não apresentarem as características normais dos advérbios, quais sejam as de modificar o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Deles trataremos adiante sob a denominação de PALAVRAS DENOTATIVAS.

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Por se empregarem nas interrogações diretas e indiretas, os seguintes advérbios de causa, de lugar, de modo e de tempo são chamados INTERROGATIVOS:

a) DE CAUSA: *por que*?

Por que não vieste à festa?
Não sei **por que** não vieste à festa.

b) DE LUGAR: *onde*?

Onde está o livro?
Ignoro **onde** está o livro.

c) DE MODO: *como*?

Como vais de saúde?
Dize-me **como** vais de saúde.

d) DE TEMPO: *quando*?

Quando voltas aqui?
Quero saber **quando** voltas aqui.

ADVÉRBIO RELATIVO

Como dissemos na página 365, o relativo *onde*, por desempenhar normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), é considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO, designação que não consta da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, mas que foi acolhida pela *Portuguesa*.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

1. Denomina-se LOCUÇÃO ADVERBIAL o conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio. De regra, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio.
   Assim:

   Fernanda sorriu **em silêncio.**
   (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

   Sorrindo mais, obedeceu **de novo.**
   (Ferreira de Castro, *OC*, I, 4.)

   — Vou começar **por aqui!...**
   (M. da Fonseca, *SV*, 133.)

   Mas há formações mais complexas, como:

   De onde em onde, para, sussurra frases incompletas.
   (M. da Fonseca, *SV*, 209.)

   O cachimbo de água passou **de mão em mão.**
   (Castro Soromenho, *V*, 205.)

   Respondi-lhe que aquilo devia ser alguma ideia de minha mulher, que **de vez em quando** tem uma.
   (R. Braga, *CCE*, 97.)

   Só **de longe em longe** se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados.
   (S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 184-185.)

2. À semelhança dos advérbios, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS podem ser:
a) DE AFIRMAÇÃO (ou DÚVIDA): *com certeza, por certo, sem dúvida.*
Atente-se na distinção:

Com certeza [= provavelmente] ele virá.
Ele virá **com certeza** [= com segurança].

b) DE INTENSIDADE: *de muito, de pouco, de todo*, etc.;
c) DE LUGAR: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto*, etc.;
d) DE MODO: *à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso*, etc.;
e) DE NEGAÇÃO: *de forma alguma, de modo nenhum*, etc.;
f) DE TEMPO: *à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã*, etc.

Observação:

Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma LOCUÇÃO ADVERBIAL: *de dentro, por detrás*, etc.

Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro transforma-se numa LOCUÇÃO PREPOSITIVA: *dentro de, por detrás de*, etc.

COLOCAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

1. Os ADVÉRBIOS que modificam um ADJETIVO, um PARTICÍPIO isolado, ou um outro ADVÉRBIO colocam-se de regra antes destes:

— Por que me escondeu um segredo **tão grande**?
(Ribeiro Couto, *C*, 195.)

Muito apressado, num visível nervosismo, veio de casa até ali.
(M. da Fonseca, *SV*, 193.)

— O teu pai está **muito mal.**
(Castro Soromenho, *TM*, 206.)

2. Dos ADVÉRBIOS que modificam o VERBO:
a) os DE MODO colocam-se normalmente depois dele:

A mãe e a irmã choravam **tristemente...**
(R. Correia, *PCP*, 309.)

Ela ouvia-o **atentamente.**
(Almada Negreiros, *NG*, 61.)

Quatro jovens vestidas de panos escuros entram **vagarosamente** no local vindas dos lados dos espectadores.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

b) OS DE TEMPO E DE LUGAR podem colocar-se antes ou depois do VERBO:

De manhã, acordei **cedo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 537.)

Hei de atirar com esse tipo **de cá para fora.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 683.)

Cá fora era noite.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

Aqui outrora retumbaram hinos.
(R. Correia, *PCP*, 196.)

A minha sombra há de ficar **aqui!**
(A. dos Anjos, *E*, 21.)

c) O DE NEGAÇÃO antecede sempre o VERBO:

— Então **não** se cava a terra?... **não** se lavra?... **não** se aduba?... **não** se semeia ?...
(A. Ribeiro, *CRG*, 66.)

3. O realce do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

De longe e **reverenciosamente** as cortejei.
(C. Castelo Branco, *OS*, 451.)

Lá ao fundo, à cabeceira, uma cruz, sobranceira, encerrava o círculo de assistentes.
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

REPETIÇÃO DE ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

1. Quando numa frase dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles:

Dir-se-ia que tudo naquele paraíso murado se movimentava **lúdica** e **religiosamente.**
(M. Torga, *CM*, 176.)

É longa a estrada... Aos ríspidos estalos
Do impaciente látego, os cavalos
Correm **veloz, larga** e **fogosamente...**
(R. Correia, *PCP*, 123.)

2. Se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se omitir a conjunção *e* e acrescentar o sufixo a cada um dos advérbios:

Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, **longamente, humanamente**, e foi essa a primeira vez.
(Guimarães Rosa, *S*, 351.)

Cerrou os olhos **profundamente, angustiadamente**, sufocado de comoção.
(V. Ferreira, *CF*, 73.)

De repente, pus-me de pé e aproximei-me **lentamente, ritmadamente, voluptuosamente**, da janela.
(F. Namora, *RT*, 169.)

Observação:

Sobre as fronteiras nem sempre nítidas entre o adjetivo e o advérbio, a que aludimos no capítulo 10, e em particular sobre os tipos de construção com advérbios sucessivos, sua origem e seu emprego, consultem-se especialmente Harri Meier (*Ensaios de filologia românica*. Lisboa, Revista de Portugal, 1948, p. 55-114) e Bernard Pottier (*Linguística moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, 1968, p. 217-231), que

trazem bibliografia referente à questão. Quanto aos valores estilísticos dos advérbios em *-mente* nos escritores modernos da língua, vejam-se Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 180-184; Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1954, p. 168-194; Maria Helena de Novais Paiva. *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 267-272; Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 136-140. Sobre o emprego em espanhol dos advérbios em *-mente*, veja-se em particular Esteban Rafael Egea. *Los advérbios en -mente en el español contemporáneo*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1979, que examina criticamente toda a bibliografia anterior.

GRADAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação. Podem apresentar um COMPARATIVO e um SUPERLATIVO, formados por processos análogos aos que observamos na flexão correspondente dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Forma-se o COMPARATIVO:

a) DE SUPERIORIDADE — antepondo *mais* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O filho andava **mais depressa que** (ou **do que**) o pai.

b) DE IGUALDADE — antepondo *tão* e pospondo *como* ou *quanto* ao advérbio:

O filho andava **tão depressa como** (ou **quanto**) o pai.

c) DE INFERIORIDADE — antepondo *menos* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O pai andava **menos depressa do que** (ou **que**) o filho.

GRAU SUPERLATIVO

Forma-se o SUPERLATIVO ABSOLUTO:

a) SINTÉTICO — com o acréscimo de sufixo:

muitíssimo pouquíssimo

sendo de notar que nos advérbios em *-mente* esta terminação se pospõe à forma superlativa feminina do adjetivo de que se deriva o advérbio:

		SUPERLATIVO
ADJETIVO	lento	lentíssimo
ADVÉRBIO	lentamente	lentissimamente

b) ANALÍTICO — com a ajuda de um advérbio indicador de excesso:

> Machado, o funcionário e diretor de repartição, **muito mal** se conhece.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 78.)

> Sábado, deu-me uma palmada de alegria, muito satisfeito, exclamando "vai belo, vai belo! vai **muitíssimo bem**".
> (A. Nobre, *CI*, 147.)

> — Fizeste **bem mal, muito mal** mesmo — repreendeu Elmira.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 205.)

OUTRAS FORMAS DE COMPARATIVO E SUPERLATIVO

1. *Melhor* e *pior* podem ser COMPARATIVOS dos adjetivos *bom* e *mau* e, também, dos advérbios *bem* e *mal*. Neste caso são, naturalmente, invariáveis.

> Quem escreveu **melhor**? Quem escreveu bem no Brasil?
> (Graça Aranha, *OC*, 708.)

> — E o professor não estaria aqui **pior**?
> (F. Botelho, *X*, 150.)

> — O velho está cada vez **pior**.
> (Castro Soromenho, *C*, 228.)

Não raro, tais formas comparativas são intensificadas com um dos advérbios *muito, bem, bastante*, etc.:

> — Meus irmãos, tudo no mundo **bem melhor** se entenderia, se houvesse mais bem-querer.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

2. A par dessas formas anômalas, existem os COMPARATIVOS regulares *mais bem* e *mais mal*, usados, de preferência, antes de adjetivos-particípios:

   As paredes da sala estão **mais bem pintadas** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **mais mal executado** do que este.

   Advirta-se, porém, que na posposição só se empregam as formas sintéticas:

   As paredes das salas estão **pintadas melhor** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **executado pior** do que este.

3. No SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO, *bem* apresenta a forma *otimamente*; e *mal*, a forma *pessimamente*:

   Maria está passando **otimamente.**
   O cavalo correu **pessimamente.**

4. *Muito* e *pouco*, quando advérbios, têm como COMPARATIVOS *mais* e *menos*, e como SUPERLATIVOS *o mais* ou *muitíssimo* e *o menos* ou *pouquíssimo*, respectivamente:

   — Dom Juan, quando **menos** pensava, lá se foi para as profundas do Inferno.
   (Artur Azevedo, *CFM*, 9.)

   — Imagina tu que a Clara tem um tipo encantador, que a trata **muitíssimo** bem e que... que... a ajuda...
   (Sttau Monteiro, *APJ*, 138.)

   O certo é que tinha em mente gastar **o menos possível** com o enterro.
   (A. Ribeiro, *V*, 368.)

   Esse tipo de publicação, **pouquíssimo** difundido entre nós, é todavia da maior importância e largamente praticado em outros países.
   (E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo, 13.)

5. O SUPERLATIVO INTENSIVO, denotador dos limites da possibilidade, forma-se antepondo *o mais* ou *o menos* ao advérbio e pospondo-lhe a palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

   O administrador ia **o mais depressa possível.**
   (Castro Soromenho, *TM*, 181.)

Escreveram entretanto a D. Madalena, pedindo-lhe que os tirasse daquele purgatório **o mais cedo possível.**
(Rebelo da Silva, *CL*, 72.)

— Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui **o mais cedo que puder**, ou já...
(Machado de Assis, *OC*, I, 794.)

REPETIÇÃO DO ADVÉRBIO

Como a do adjetivo, a repetição do advérbio é uma forma de intensificá-lo:

Vê-se **logo logo** a intenção!...
(M. da Fonseca, *SV*, 30.)

— Pois não lhe digam nada, mas vão buscá-lo, **já, já**, não se demorem.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

E estive **quase quase** a ir de rastos, beijar os degraus da escada...
(Machado de Assis, OC, I, 689.)

DIMINUTIVO COM VALOR SUPERLATIVO

Na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva (com os sufixos *-inho* e *-zinho*), que tem valor de SUPERLATIVO:

Vem **cedinho**, vem logo que amanheça!
(E. de Castro, *UV*, 59.)

Era mais de meia-noite quando ele entrou lento, **devagarinho.**
(Coelho Netto, *OS*, I, 243.)

— Só faltaram os mapas de Marte, diz **baixinho.**
(M. J. de Carvalho, *TM*, 190.)

ADVÉRBIOS QUE NÃO SE FLEXIONAM EM GRAU

Como sucede com alguns adjetivos, há advérbios que não se flexionam em grau porque o próprio significado não admite variação de intensidade. Entre outros, apontem-se: *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, anualmente* e formações semelhantes.

PALAVRAS DENOTATIVAS[2]

1. Certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial.
São palavras que denotam, por exemplo:

a) INCLUSÃO: *até, inclusive, mesmo, também*, etc.:

> Tudo na Vida engana, **até** a Glória.
> (A. Nobre, *D*, 114.)

> Os bichos sentem, o mato sente **também**, quando se fala sem modos, sem carinho e sem perdão.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

b) EXCLUSÃO: *apenas, salvo, senão, só, somente*, etc.:

> Da família **só** elas duas subsistiam.
> (J. Montello, *DP*, 382.)

> Às vezes interrompia-o **apenas** com um gestozinho frio e elegante.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 360.)

c) DESIGNAÇÃO: *eis*:

> **Eis** o dia, **eis** o sol, o esposo amado!
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> Subamos ainda e **eis**-nos na grande Praça de Vila-Rica.
> (A. Arinos, *OC*, 820.)

d) REALCE: *cá, lá, é que, só*, etc.:

> Pior eu sei **lá**, Manuel, pior que uma desgraça!
> (A. Nobre, *S*, 51.)

---

[2] A denominação PALAVRAS DENOTATIVAS foi proposta pelo professor José Oiticica em seu *Manual de análise (léxica e sintática)*, 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 50-55. À falta de uma designação mais precisa e mais generalizada, adotamos provisoriamente esta, embora reconhecendo que "denotar" é próprio das unidades lexicais em geral.

— Eu **cá** tenho mais medo do sol que dos leões.
(Castro Soromenho, *C*, 204.)

e) RETIFICAÇÃO: *aliás, ou antes, isto é, ou melhor*, etc.:

— Sinto que ele me escapa, **ou melhor**: que nunca me pertenceu.
(A. Abelaira, *CF*, 226.)

De repente nasci, **isto é,** senti necessidade de escrever.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

f) SITUAÇÃO: *afinal, agora, então, mas*, etc.:

Desculpe-me... **Mas** sente-se mal?
(A. Abelaira, *NC*, 40.)

— **Então** conheceu o meu irmão?
(É. Veríssimo, *A*, II, 463.)

— **Afinal**, ela não tem culpa de ser filha de ministro.
(F. Sabino, *EM*, 85.)

2. Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: "palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação", etc.

3. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* admite a existência dos ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e DE INCLUSÃO e considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO.

Capítulo 15

Preposição

FUNÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE).

Assim:

ANTECEDENTE	PREPOSIÇÃO	CONSEQUENTE
Vou	a	Roma
Chegaram	a	tempo
Todos saíram	de	casa
Chorava	de	dor
Estive	com	Pedro
Concordo	com	você

FORMA DAS PREPOSIÇÕES

Quanto à forma, as PREPOSIÇÕES podem ser:

a) SIMPLES, quando expressas por um só vocábulo;
b) COMPOSTAS (ou LOCUÇÕES PREPOSITIVAS), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma PREPOSIÇÃO SIMPLES (geralmente *de*).

PREPOSIÇÕES SIMPLES

As PREPOSIÇÕES SIMPLES são:

a	com	em	por (per)
ante	contra	entre	sem
após	de	para	sob
até	desde	perante	sobre
			trás

Tais PREPOSIÇÕES se denominam também ESSENCIAIS, para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS. Assim: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*, etc.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Eis algumas LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

abaixo de	a par com	embaixo de	para cima de
acerca de	apesar de	em cima de	para com
acima de	a respeito de	em frente a	perto de
a despeito de	atrás de	em frente de	por baixo de
adiante de	através de	em lugar de	por causa de
a fim de	de acordo com	em redor de	por cima de
além de	debaixo de	em torno de	por detrás de
antes de	de cima de	em vez de	por diante de
ao lado de	defronte de	graças a	por entre
ao longo de	dentro de	junto a	por trás de
ao redor de	depois de	junto de	por sobre
a par de	diante de	para baixo de	

SIGNIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de PREPOSIÇÃO pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.
   Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente em:

   Vou **a** Roma.
   Todos saíram **de** casa.

   São marcadas pela ausência de movimento as relações que as PREPOSIÇÕES *a*, *de* e *com* estabelecem nas seguintes frases:

   Chegaram **a** tempo.
   Chorava **de** dor.

Estive **com** Pedro.
Concordo **com** você.

2. Tanto o MOVIMENTO como a SITUAÇÃO (termo que adotaremos daqui por diante para indicar a falta de movimento na relação estabelecida) podem ser considerados com referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e à NOÇÃO.
   A PREPOSIÇÃO *de*, por exemplo, estabelece uma relação:

a) ESPACIAL em:

Todos saíram **de** casa.

b) TEMPORAL em:

Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias.

c) NOCIONAL em:

Chorava **de** dor.
Livro **de** Pedro.

Nos três casos a PREPOSIÇÃO *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: "movimento de afastamento de um limite", "procedência". Em outros casos, mais raros, predomina a noção daí derivada, de "situação longe de". Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.

3. Na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou de afastamento (A → C):

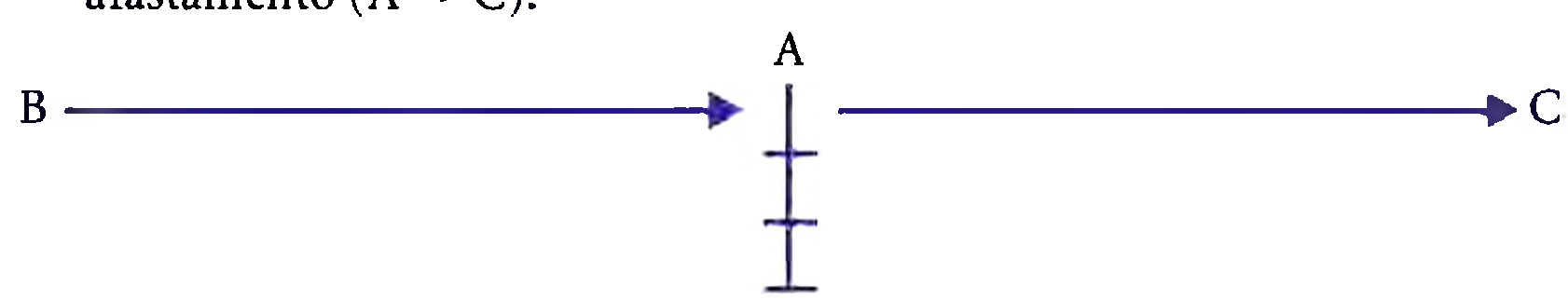

Vou **a** Roma.
Trabalharei **até** amanhã.
Foi **para** o Norte.

Venho **de** Roma.
Estou aqui **desde** ontem.
Saíram **pela** porta.

4. Recapitulando e sintetizando, podemos concluir que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Esquematizando:

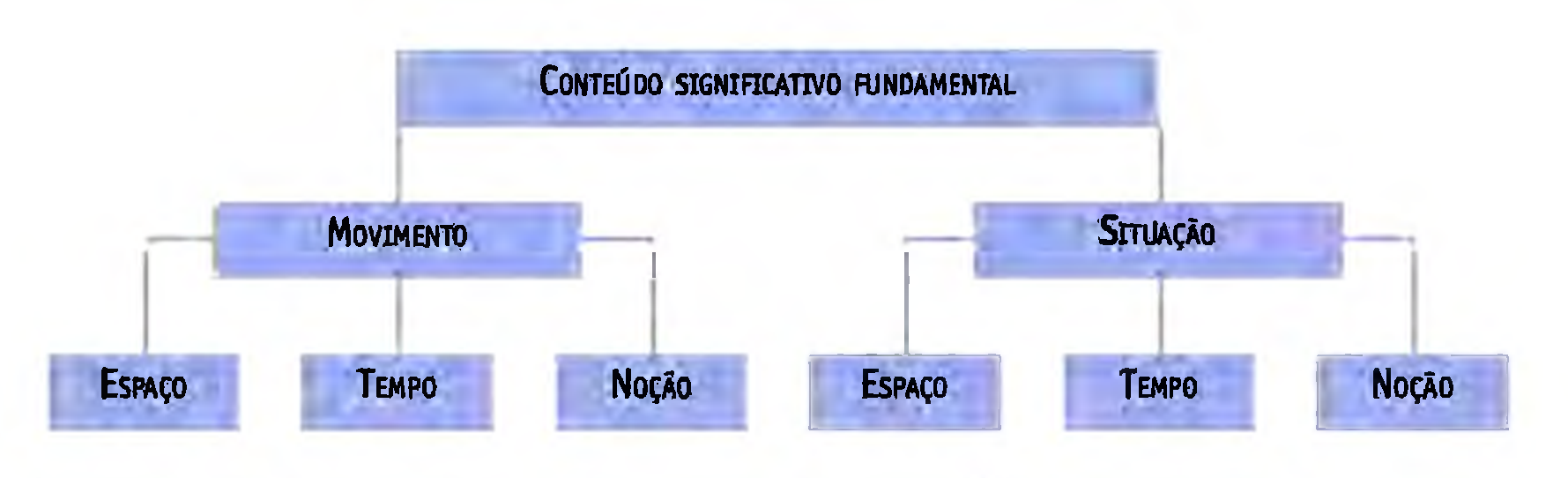

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas.[1]

CONTEÚDO SIGNIFICATIVO E FUNÇÃO RELACIONAL

1. Comparando as frases

   Viajei **com** Pedro
   Concordo **com** você,

   observamos que, em ambas, a PREPOSIÇÃO *com* tem como antecedente uma forma verbal (*viajei* e *concordo*), ligada por ela a um consequente, que, no primeiro caso, é um termo acessório (*com Pedro* = ADJUNTO ADVERBIAL) e, no segundo, um termo integrante (*com você* = OBJETO INDIRETO) da oração.

2. A PREPOSIÇÃO *com* exprime, fundamentalmente, a ideia de "associação", "companhia". E esta ideia básica, sentimo-la muito mais intensa no primeiro exemplo,

---

[1] Para a elaboração deste capítulo inspiramo-nos fundamentalmente nas obras de Bernard Pottier: *Systématique des éléments de relation. Etude de morphosyntaxe structurale romane.* Paris, Klincksieck, 1962; *Sobre la natureza del caso y la preposición* e *Espacio y tiempo en el sistema de las preposiciones*, estudos incluídos no livro *Linguistica moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, p. 137-153. Na mesma linha é o ensaio de María Luísa López. *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones*. Madrid, Gredos, 1970.

Viajei **com** Pedro,

do que no segundo,

Concordo **com** você.

Aqui o uso da partícula *com* após o verbo *concordar*, por ser construção já fixada no idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia", em favor da função relacional pura.

3. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da PREPOSIÇÃO, e considerá-la um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.[2]
   Cumpre, no entanto, salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de PREPOSIÇÃO OBRIGATÓRIA selecionam determinadas PREPOSIÇÕES exatamente por causa do seu significado básico.
   Assim, o verbo *concordar* elege a PREPOSIÇÃO *com* em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de "associação" inerente a *com*.
   O OBJETO INDIRETO, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um "movimento em direção a", coincidente com a base significativa daquelas preposições.

4. Completamente distinto é o caso do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO, em que o emprego de PREPOSIÇÃO não obrigatória transmite à relação um vigor novo, pois o reforço que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objeto:

   Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar com discernimento **a Deus.**
   (R. Barbosa, *EDS*, 653.)

   Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo **a Deus**, na tua face.
   (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 91.)

---

[2] A respeito escreve Bernard Pottier, que tem sistematicamente combatido esta interpretação: "Até já se pôde dizer que há preposições que chegam a não ter significação (a propósito do *de* francês), o que não tem justificativa: se existe um morfema em uma língua, está ele condicionado e, portanto, desempenha um papel na *estrutura* da língua" (*Linguística moderna y filología hispánica*, p. 145).

— Foi vontade **de** Deus.
(G. Ramos, *SB*, 129.)

Ontem fui **a** Cambridge.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 135.)

Um magro procurava saber se a minha roupa preta tinha sido feita **por** alfaiate.
(J. Lins do Rego, *D*, 23.)

as preposições relacionam ao termo principal um consequente sintaticamente necessário:

lembro-me **de** nada (verbo + objeto indireto)
vontade **de** Deus (substantivo + complemento nominal)
fui **a** Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário)[3]
feita **por** alfaiate (particípio + agente da passiva)

Em tais casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos.

Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintática em si.

Relações livres

A comparação dos enunciados:

Encontrar **com um amigo.**
Encontrar **um amigo.**
Procurar **por alguém.**
Procurar **alguém.**

---

[3] A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não distingue os advérbios e locuções adverbiais de valor puramente acidental dos que são necessários ao entendimento da oração. Considera, pois, ADJUNTO ADVERBIAL, ou seja um termo acessório dela, o COMPLEMENTO DIRECIONAL que aparece em frases como *Fui a Cambridge*, *Vim de Lisboa*, *Voltei do colégio*. Julgamos que a *Nomenclatura* deve ser revista neste ponto e que Antenor Nascentes tem razão quando afirma que, "tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório" (*O problema da regência*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960, p. 17-18).

mostra-nos que a presença da PREPOSIÇÃO (possível, mas não necessária sintaticamente) acrescenta, às relações que estabelece, as ideias de "associação" (*com*) e de "movimento que tende a completar-se numa direção determinada" (*por*).

O emprego da PREPOSIÇÃO em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo.

VALORES DAS PREPOSIÇÕES

A

1. *Movimento* = direção a um limite:

a) no espaço:

Do Leme **ao** Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 40.)

Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda.
(A. Ribeiro, *M*, 59.)

Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes **à** casa de nhá Venância.
(M. Ferreira, *HB*, 71.)

b) no tempo:

— Daqui **a** uma semana o senhor vai lá em casa.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 18.)

Lá de ano **a** ano é que vinha procurá-la.
(M. Torga, *B*, 30.)

Daí que de tempos **a** tempos tenha de dar-se uma nova ruptura, que apanhe desprevenida a norma retificadora.
(F. Namora, *E*, 64.)

c) na noção:

A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 937.)

Aquele trabalho em dia destinado **a** descanso causava má impressão e censuravam-no por ali com certo azedume.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 133.)

A prova estava em que durante os nossos encontros nunca deixara entrever tendência **ao** mal.
(Ribeiro Couto, *C*, 148.)

2. *Situação* = coincidência, concomitância:

a) no espaço:

Santos cumpriu tudo **à** risca.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1928.)

O que está **ao** pé é igual ao que está **ao** longe.
(V. Ferreira, *NN*, 43.)

A mulher adormeceu **ao** seu lado.
(N. Piñon, *SA*, 146.)

Meu pai, **à** cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convivas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

b) no tempo:

À sobremesa, antes que ele pedisse, o garçom trouxe as garrafas e a taça.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

Ao entardecer, avistei uma povoação...
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 164.)

A tantos de novembro houve breves períodos de calmaria intermitente.
(M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

Amanhã, **a** frio, poderei dizer-te o contrário.
(Pepetela, *M*, 182.)

— Não podemos gastar dinheiro **à** toa.
(O. Lins, *FP*, 157.)

Os outros dois também não pareciam mais **à** vontade.
(Alves Redol, *BC*, 203.)

ANTE

Situação = anterioridade relativa a um limite:

a) no espaço:

Foi pelo corredor fora quase pé **ante** pé, para não acordar os filhos.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Parou **ante** o corpo de sua mãe que esfriava lentamente nas extremidades.
(A. M. Machado, *HR*, 194.)

A imagem de Carlos Maria veio postar-se **ante** ela, com os seus grandes olhos de espectro querido e aborrecido.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

b) no tempo (substituída por *antes de*):

Tenho de estar de volta **antes d**as sete horas.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 84.)

Antes de chegar lá parou e voltou-se para mim com as mãos a tapar a boca.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 15.)

Antes de seguir, hei de escrever-te outra vez.
(E. da Cunha, *OC*, II, 668.)

c) na noção:

Ante a súbita ideia, Alberto hesitou.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 265.)

Ante a nova aliança daqueles territórios soberanos, o povo manifestou-se aos gritos.
(N. Piñon, *SA*, 25.)

Ante a recordação de todas elas, esforça-se o poeta por mostrar-se equânime, generoso mesmo.
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 249.)

APÓS

Situação = posterioridade relativamente a um limite próximo. No discurso, pode adquirir o efeito secundário de "consequência":

a) no espaço:

Seguiam logo **após do** capitão-mor.
(José de Alencar)

Após eles, iam ficando medas de cereal, restolhos — uma terra saqueada.
(F. Namora, *TJ*, 152.)

Luzia foi subindo **após** eles, sem esforço, lentamente, até a primeira volta da ladeira.
(D. Olímpio, *LH*, 274.)

Enxota Ardila **após** as mulheres.
(M. da Fonseca, *SV*, 221.)

b) no tempo:

Após meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado.
(M. da Fonseca, *SV*, 164.)

Após a afirmativa, o Gigi lembrou-se da alegria dos colegas e começou a pular, a gritar.
(A. Santos, *K*, 31.)

Após alguns momentos, levantou-se grave, a fisionomia desfeita, e se dirigiu à mãe.
(A. M. Machado, *HR*, 267.)

ATÉ

Movimento = aproximação de um limite com insistência nele:

a) no espaço:

Arrastou-se **até** ao quarto.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Subiu o Quembo **até** chegar ao Contuba.
(Pepetela, *AN*, 16.)

Macambira adiantou-se **até** a acácia, sentou-se no banco.
(Coelho Netto, *OS*, I, 1237.)

b) no tempo:

Saúde eu tenho, mas não sei se serei Ministro **até** a semana que vem.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 121.)

Todos passaram a dar-lhe a dignidade que lhe negavam **até** ali.
(M. Torga, *CM*, 96.)

Até meados do mês ventou.
(M. Lopes, *FVL*, 63.)

Observações:

1.ª) No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição *a*:

Ir ao Porto ou, com mais calor familiar, ir **até ao Porto** ou ir **até o Porto**, é sempre uma festa para o duriense — até nos casos em que a festa envolve necessidade.
(J. de Araújo Correia, *PP*.)

Pode-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, atualmente, *até* com a preposição *a*, ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de *até* diretamente ligada ao termo regido.

2.ª) Cumpre distinguir a preposição *até*, que indica movimento, da palavra de forma idêntica, denotadora de inclusão, que estudamos à página 566. Quanto à diferença de construção de uma e outra com o pronome pessoal, leia-se o que escrevemos na p. 314.

COM

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade. Em certos contextos, pode exprimir as noções de modo, meio, causa, concessão:

a) na noção:

Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir **com** alguém, não de alguém, como dizia Dickens.
(G. Amado, *DP*, 254.)

— Vou amanhã de manhã **com** o Rocha.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

A proposta foi recebida **com** reserva.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Saio do hotel **com** o sol já alto.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 273.)

CONTRA

Movimento = direção a um limite próximo, direção contrária. A noção de oposição, hostilidade, é um efeito secundário de sentido decorrente do contexto:

a) no espaço:

Aturdida, a rapariga aperta-se **contra** ele.
(Alves Redol, *MB*, 329.)

Maria projetou o corpo **contra** a parede do celeiro e desviou a cara.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

Eu castigava a mão **contra** o meu próprio rosto
E **contra** a minha sombra erguia a lança em riste...
(O. Bilac, *T*, 175.)

b) na noção:

Era assim, caudalosamente, que os garotos reagiam **contra** alguém que punha desconfiança nas histórias do Choa.
(A. Santos, *K*, 16.)

Revoltei-me **contra** o seu despotismo e não esperei por ele.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 66.)

Começaram a surgir argumentos **contra** eles.
(A. Peixoto, *RC*, 259.)

DE

Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto[4]:

a) no espaço:

Vinha **de** longe o mar...
Vinha **de** longe, **dos** confins do medo...
(M. Torga, *API*, 65.)

O silêncio sobe **da** terra magoada,
O silêncio desce **do** céu luminoso.
(E. Moura, *IP*, 25.)

O Tonecas e o Neco tinham chegado **da** Floresta, com as gaiolas de bordão, e explicavam algo, excitados.
(A. Santos, *K*, 17.)

b) no tempo:

Roma fala **do** passado ao presente.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 27.)

Como pudera desaparecer **de** um momento para outro?
(J. Montello, *LD*, 199.)

O comissário partiu **de** manhã com um pequeno grupo.
(Pepetela, *M*, 75.)

c) na noção:

Mais do que a sombra **do** teu vulto, vi
o claro outrora **do** teu riso largo...
(A. Renault, *LSL*, XLVI.)

---

[4] Sobre as múltiplas e matizadas noções que esta preposição pode assumir no discurso, veja-se, especialmente, Sousa da Silveira. *Sintaxe da preposição* de. Rio de Janeiro, Simões, 1951.

Ela vem falar **da** agricultura, isto é, **da** atividade fundamental **do** seu grupo, que nela assenta a defesa **de** todos os seus valores, materiais e morais.

(A. Margarido, *ELNA*, 317.)

Lá dentro, as discípulas recomeçam o barulho **do** trabalho, **dos** risos e cantigas.

(Luandino Vieira, *L*, 15.)

DESDE

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida (intensivo de *de*):

a) no espaço:

Desde longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeada do poente, irradia como uma assombração.

(M. da Fonseca, *SV*, 204.)

Desde o Luita ao posto, ou seja ao rio Cuílo, toda essa planície pode dizer-se que era uma só senzala.

(Castro Soromenho, *C*, 224.)

Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico **desde** as Flandres até o estreito de Gibraltar.

(J. Cortesão, *FDFP*, 28.)

Esse maciço dos Andes, esse compridíssimo levantamento da crosta da terra, próximo ao Oceano Pacífico, vem **desde** a Patagônia até o Alasca.

(Monteiro Lobato, *GDB*, 107.)

b) no tempo:

— Já a trago debaixo de olho **desde** o Santo Antônio.

(M. Torga, *V*, 21.)

Desde o ano passado guardara essa mágoa.

(A. M. Machado, *HR*, 272.)

O céu azul não tinha nuvens e **desde** manhãzinha a cidade estava debaixo de um calor asfixiante.

(Luandino Vieira, *VVDX*, 53.)

EM

1. *Movimento* = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

a) no espaço:

> A notícia corria a medo, de casa **em** casa, provocando a fuga de muita gente.
> (Adonias Filho, *F*, 36.)

> Os Garcias entraram **em** casa calados.
> (V. Nemésio, *MTC*, 194.)

> Os serventes caminhavam **em** todas as direções transportando padiolas de cimento.
> (A. Santos, *K*, 56.)

b) no tempo:

> Nazário visitava-as de quando **em** quando.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 81.)

> A cicatriz da testa pusera-se mais vermelha e mexia-se de vez **em** quando; também de vez **em** quando ele cerrava os punhos num sinal de desespero.
> (Alves Redol, *MB*, 178.)

c) na noção:

> Meu ser desfolha-se **em** íntimas lembranças, que revivem...
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 140.)

> E a lagoa entrou **em** festa.
> (A. M. Machado, *JT*, 21.)

> D. Jovita embuchava e fervia **em** ira, as faces afogueadas, os olhos duros.
> (Castro Soromenho, *TM*, 125-6.)

2. *Situação* = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

a) no espaço:

Um gato vive um pouco **nas** poltronas, **no** cimento ao sol, **no** telhado sob a lua.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

Trazia **no** sangue
O calor humano da amizade.
(Agostinho Neto, *SE*, 106.)

Ângelo estava estirado **na** casa.
(V. Nemésio, *MTC*, 124.)

b) no tempo:

Tudo aconteceu **em** 24 horas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Em 1815 voltou meu pai.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 183.)

— Sabe quanto custava, **em** quarenta e um, um quilo de uvas?...
(Luandino Vieira, *NANV*, 102.)

c) na noção:

Somos muitos Severinos
Iguais **em** tudo e **na** sina.
(J. Cabral de Melo Neto, *DA*, 172.)

Pareceu-lhe que toda a povoação estava **em** chamas.
(Castro Soromenho, *TM*, 255.)

Um vasto silêncio de cúpulas, de largas superfícies nuas, afoga-me **em** pesadelo.
(V. Ferreira, *A*, 239.)

ENTRE

Situação = posição no interior de dois limites indicados, interioridade:

a) no espaço:

Convém intercalar este capítulo **entre** a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX.
(Machado de Assis, *OC*, I, 531.)

Os seus olhos encontraram-se com a máscara que estava pendurada na parede **entre** duas lanças.
(Castro Soromenho, *V*, 190.)

Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado, **entre** batatas loiras.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 37.)

b) no tempo:

Todos os barcos se perdem
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

A terra nativa lá continuava ainda a acenar. Mas a alma dele ia-se dividindo **entre** o passado e o presente, escanchada sobre o oceano.
(M. Torga, *TU*, 47.)

— O instante **entre** as lágrimas
e o respeito.
Entre a memória
e o primeiro passo
do depois!
(F. Costa Andrade, *NVNT*, 23.)

c) na noção:

Entre o sonho e o desejo
quando nos veremos,
tarde ou cedo?
(Agostinho Neto, *SE*, 111.)

Prossiga ela sempre dividida
entre compensações e desenganos.
(V. de Morais, *LS*, 74.)

PARA

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento:

a) no espaço:

> Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba.
> (Castro Soromenho, *TM*, 200.)

> Eu ia arrastado não sabia **para** onde, ele ia levado **para** onde o chamava a obsessão.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 65.)

> Quando meu Pai deixou Juiz de Fora e mudou-se **para** o Rio veio morar com suas irmãs.
> (P. Nava, *BO*, 335.)

b) no tempo:

> Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, **para** o dia seguinte.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

> — Quando está melhor, quando vai descer à rua, padre?
> — Lá **para** o fim da semana.
> (A. Abelaira, *BI*, 35.)

> O nordeste, de um momento **para** outro, varreu as nuvens em direção ao Sul.
> (M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

> Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 111.)

> Cala-se **para** não mentir.
> (A. Abelaira, *BI*, 95.)

Se trazia qualquer coisa, trazia também assunto **para** conversa.
(M. Lopes, *FVL*, 185.)

PERANTE

Situação = posição de anterioridade relativamente a um limite, presença, confronto (intensivo de *ante*):
a) no espaço:

Permaneceu calada **perante** o olhar escuro de Leonardo.
(A. Abelaira, *CF*, 228.)

— Perderias totalmente o prestígio **perante** eles.
(Pepetela, *M*, 142.)

Poupando-o, queriam colocá-lo mal **perante** companheiros que tinham gramado cadeia.
(C. dos Anjos, *M*, 47.)

b) na noção:

Um arrependimento tardio, **perante** o irremediável.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 151.)

Perante a grandeza e o poder do Céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida.
(M. Lopes, *FVL*, 14.)

Vejo a sua trêmula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, **perante** o mistério e a dor.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 77.)

POR (PER)

1. *Movimento* = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração:
a) no espaço:

Vai-se **por** aí devagarinho.
(Coelho Netto, *OS*, I, 217.)

Pela quinta, ia um movimento desabitual.
(C. de Oliveira, *CD*, 56.)

A rapariga arrastou-se **pelo** capim, fugindo devagarinho.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 93.)

b) no tempo:

Daqui **por** seis meses quero beber água dele.
(Alves Redol, *BC*, 267.)

Mas a permanência em casa do nortista me parecia intolerável **por** muito tempo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 146.)

Devorou-o **por** semanas uma febre ligeira, mas impertinente.
(R. Pompeia, *A*, 235.)

c) na noção:

Este lia os jornais, artigo **por** artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 535.)

A sua morte porém era caprichosa, queria comer a presa devagar, pedaço **por** pedaço, sem pressa, sem precipitação.
(J. Lins do Rego, *U*, 300.)

A noite desfê-los, um **por** um, logo que os vultos se curvaram sobre os degraus das rochas.
(F. Namora, *NM*, 147.)

2. *Situação* = resultado do movimento de aproximação a um limite:
a) no espaço:

Por cima delas, lá em cima, perto da lâmpada do teto, a cara fitava-me, atenta, sorrindo satisfeita.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 54.)

— Vai de calção **por** baixo.
(F. Sabino, *EM*, 101.)

b) no tempo:

Pelo crepúsculo, a chuvada esmoreceu.
(C. de Oliveira, *CD*, 169.)

Era **pelos** anos de 1861 ou 1862.
(Machado de Assis, *OC*, II, 585.)

Pela madrugada, a ventania vibra com um fragor subterrâneo de sentimentos à solta.
(M. da Fonseca, *SV*, 202.)

c) na noção:

Volto-me **por** acaso.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 168.)

— Estou preso; antes que te digam que **por** alguma indignidade, previno: **por** ter dado uma lição ao Malheiro.
(R. Pompeia, *A*, 146.)

Por ti ardem círios.
(Luandino Vieira, *NM*, 55.)

SEM

Situação = subtração, ausência, desacompanhamento:
a) na noção:

É próprio do gato sair **sem** pedir licença, voltar **sem** dar satisfações.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

O sol subia no céu azul **sem** nuvens.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 16.)

Sem o espírito de simpatia, tudo se amesquinha e diminui.
(M. Torga, *P*, 120.)

SOB

Situação = posição de inferioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado):
a) no espaço:

Sob um céu nórdico, opalino, cruzavam-se as gaivotas.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 150.)

O vento da noite roçava sombras duplas gemendo docemente, **sob** uma chuva de jasmins-do-cabo.
(P. Nava, *BO*, 158.)

Sob a camisa, a água escorre-lhe para o peito e para as costas.
(M. da Fonseca, *SV*, 244.)

b) no tempo:

Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.
(Eça de Queirós, *O*, I, 1157.)

A Companhia só voltou a se instalar no Brasil em 1841, **sob** Pedro II Imperador.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 359.)

Sob D. Manuel floresceram as artes e as letras em Portugal como **sob** Leão X na Itália.
(Caldas Aulete, *DCLP*, s.v.)

c) na noção:

Sob o aspecto faunístico, o Novo Mundo trouxe grande decepção aos seus descobridores.
(G. Cruls, *HA*, 95.)

Sob certos aspectos, foi ele, não há dúvida, "o último lusíada".
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 161.)

Mas o tempo arrasta-se, afunda-o de novo **sob** o revolutear dos pensamentos.
(M. da Fonseca, *SV*, 229.)

SOBRE

Situação = posição de superioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado), com contato, com aproximação, ou com alguma distância; tempo aproximado:
a) no espaço:

Veio a criada e pôs quatro taças **sobre** a mesa.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 46.)

Considerai o espaço imenso a vossos pés e **sobre** vossa cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 748.)

Cruzou os braços **sobre** o peito e apertou as mãos às costas.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

b) no tempo:

Entrementes foi acabando o ano e já era **sobre** o Natal.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 255.)

Sobre tarde descíamos à praia ou íamos ao Passeio Público, fazendo ele os seus cálculos, eu os meus sonhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 838.)

Sobre a madrugada o sipaio Tipoia chegou às imediações da aldeia do capita Oxenda.
(Castro Soromenho, *V*, 147.)

c) na noção:

Pouco de preciso se conhece **sobre** a distribuição dos Lusitanos no território.
(J. Cortesão, *FDFP*, 35.)

Preferiu, porém, tomar a sopa inteirinha, antes de me interpelar **sobre** o que pretendia.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 122.)

Conversavam alegremente **sobre** os acontecimentos do dia.
(A. Santos, *K*, 15.)

TRÁS

A PREPOSIÇÃO *trás*, que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de*; mais raramente, por sua sinônima *após*.

O sentido originário desta preposição era "além de", que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*.

Capítulo 16

Conjunção

CONJUNÇÃO COORDENATIVA E SUBORDINATIVA

1. CONJUNÇÕES são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.
   As CONJUNÇÕES que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS. Comparem-se os seguintes dizeres:

   O tempo **e** a maré não esperam por ninguém.
   Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro.

   Denominam-se SUBORDINATIVAS as CONJUNÇÕES que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. Comparem-se:

   Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas.
   (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 183.)

   Pediram-me **que** definisse o Arpoador.
   (C. Drummond de Andrade, *CB*, 106.)

2. Compreende-se facilmente a diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas quando se comparam construções de orações a construções de nomes.
   Assim, nestes enunciados,

Estudar **e** trabalhar	O estudo **e** o trabalho
Estudar **ou** trabalhar	O estudo **ou** o trabalho

vê-se que a CONJUNÇÃO COORDENATIVA não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, no primeiro caso, e de igualdade ou de alternância, no segundo. Já nos enunciados seguintes,

Depois que tiveres estudado, podes trabalhar
Após o estudo, o trabalho

observa-se a dependência do primeiro elemento ao segundo.
No último exemplo, em lugar da conjunção subordinativa (*depois que*), aparece uma preposição (*após*), indicadora da dependência de um termo da oração a outro.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

1. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [= e não]:

   Leonor voltou-se **e** desfaleceu.
   (G. Ramos, *I*, 81.)

   Ele não me agradece, **nem** eu lhe dou tempo.
   (F. Botelho, *X*, 41.)

2. ADVERSATIVAS, que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*:

   Apetece cantar, **mas** ninguém canta.
   (M. Torga, *CH*, 44.)

   Não havia muitas casas — nenhum edifício de apartamentos, **porém** sobravam grandes, extensos terrenos baldios.
   (A. F. Schmidt, *AP*, 20.)

3. ALTERNATIVAS, que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora*, *quer*, *seja*, *nem*, etc.:

O Antunes das duas uma: **ou** não compreendia bem **ou** não ouvia nada do que lhe dizia o seu companheiro.
(Almada Negreiros, *NG*, 19.)

Ora lia, **ora** fingia ler para impressionar aos demais passageiros.
(A. F. Schmidt, *AP*, 74.)

4. CONCLUSIVAS, que servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*, etc.:

Conheci, **pois**, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica Médica, **portanto** em 1924.
(P. Nava, *BM*, 329.)

Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, **logo** prejudica.
(Almada Negreiros, *NG*, 150.)

5. EXPLICATIVAS, que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a ideia contida na primeira. São as conjunções *que*, *porque*, *pois*, *porquanto*, em exemplos como:

Vamos comer, Açucena, **que** estou morrendo de fome.
(Adonias Filho, *LP*, 109.)

Dorme cá, **pois** quero mostrar-lhe as minhas fazendas.
(A. Ribeiro, *M*, 43.)

Posição das conjunções coordenativas

1. Das CONJUNÇÕES COORDENATIVAS, apenas *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* podem vir no início da oração ou após um dos seus termos:

É noite, **mas** toda a noite se pesca.
(R. Brandão, *P*, 139.)

A igreja também era velha, **porém** não tinha o mesmo prestígio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

Este último período poderia ser também enunciado:

A igreja também era velha; não tinha, **porém**, o mesmo prestígio.
A igreja também era velha; não tinha o mesmo prestígio, **porém.**

2. *Pois*, quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence:

Era, **pois**, um homem de grande caráter e foi, **pois**, também um grande estilista.
(J. Ribeiro, *PE*, 17.)

Para ali estavam, **pois**, horas sem conto, esperando, inutilmente, ludibriarem-se a si próprios.
(F. Namora, *CS*, 83.)

3. As CONCLUSIVAS *logo*, *portanto* e *por conseguinte* podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

Valores particulares

Certas CONJUNÇÕES COORDENATIVAS podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados.

1. *E*[1], por exemplo, pode:
a) ter valor adversativo:

Tanto tenho aprendido **e** não sei nada.
(F. Espanca, *S*, 61.)

Era M. C. um homem feio **e** extremamente inteligente.
(A. F. Schmidt, *GB*, 246.)

---

[1] A propósito dos valores que esta conjunção assume no discurso, consultem-se Rocha Lima. Em torno da conjunção "e". *Studia, 9*, 87-96, 1979; *10*: 117-126, 1980; Adriano da Gama Kury. A valorização estilística da conjunção "e" em Graciliano Ramos. In *Miscelânea em honra de Rocha Lima.* Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1980, p. 35-44; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 201-205.

A conjunção coordenativa *e*, por exemplo, pode ter valor adversativo, fronteiriço (próximo), por vezes, do valor concessivo. fronteiriço, por vezes, do concessivo:

Torço as orelhas **e** não dão sangue.
(A. Peixoto, *RC*, 451.)

Fui, como as ervas, **e** não me arrancaram.
(F. Pessoa, *OP*, 328.)

b) indicar uma consequência, uma conclusão:

Qualquer movimento, **e** será um homem morto.
(Adonias Filho, *LP*, 26.)

Embarco amanhã, **e** venho dizer-lhe adeus.
(M. Torga, *CM*, 51.)

c) expressar uma finalidade:

Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.
(G. Ramos, *VS*, 84.)

No elevador, em frente ao espelho, levou um lenço aos olhos **e** retocou a pintura.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 184.)

d) ter valor consecutivo:

Esperei mais algumas palavras. Não vieram — **e** saí desapontado.
(G. Ramos, *I*, 62.)

Estou sonhando, **e** não quero que me acordem.
(C. Castelo Branco, *QA*, 203.)

e) introduzir uma explicação enfática:

Você ignora que quem os cose sou eu, **e** muito eu.
(Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

Que perdoava tudo, menos que lhe mordessem na reputação das filhas. Estavam casadas, **e** muito bem casadas.
(M. Torga, *CM*, 99.)

f) iniciar frases de alta intensidade afetiva, com o valor próximo ao de interjeições:

> — El-rei preso! **E** não se levanta este Minho a livrá-lo!...
> (C. Castelo Branco, *BP*, 170.)

> — **E** os críticos! **E** os leitores! **E** a glória! Esgaravataram tudo, rasparam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixam respirar.
> (A. Meyer, *MA*, 237.)

g) facilitar a passagem de uma ideia a outra, mesmo que não relacionadas, quando vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelísticas que imitam o chamado estilo bíblico:

> **E** a minha terra se chamará a terra de Jafé, **e** a tua se chamará a terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

2. *Mas* é outra partícula que apresenta múltiplos valores afetivos.[2] Além da ideia básica de oposição, de contraste, pode exprimir, por exemplo, as:

a) de restrição:

> Continuou a conversa interrompida com a senhora gorda, que tinha muitos brilhantes, **mas** uma terrível falta de ouvido, porque não se pode ter tudo.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 145.)

> — Vai, se queres, disse-me este, **mas** temporariamente.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 547.)

b) de retificação:

---

[2] Sobre os valores desta conjunção, leiam-se Sousa da Silveira. *Lições de português*, 8.ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 240-245; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, p. 205-208; C. Coelho Pereira Leite. A linguagem: um jogo de valores. In *Actas del XI Congreso Internacional de Linguistica y Filología Románicas*, I, Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 245-254. Sobre o *mas* empregado como palavra de situação, veja-se o que dissemos no capítulo 14.

Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. **Mas** não acanhadas, isso nunca.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 138.)

— O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte.
— Tenho, filho, não de hoje, **mas** de há muito tempo.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 94.)

c) de atenuação ou compensação:

Vinha um pouco transtornado, **mas** dissimulava, afetando sossego e até alegria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 541.)

Uma luz bruxuleante **mas** teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.
(M. Torga, *V*, 252.)

d) de adição:

Anoitece, **mas** a vida não cessa.
(R. Brandão, *P*, 150.)

Era bela, **mas** principalmente rara.
(Machado de Assis, *OC*, I, 639.)

e outras mais.
É particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como o de *porém*) para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso. Assim:

Mas continua. Não te esqueças do que estavas a contar.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 69.)

Mas os dias foram passando.
(J. Lins do Rego, *U*, 16.)

Um dia, **porém**, o Duro regressou à terra.
(M. Torga, *CM*, 131.)

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

1. As CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS classificam-se em CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS, CONSECUTIVAS e INTEGRANTES.
   As CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS iniciam orações adverbiais.
   As INTEGRANTES introduzem orações substantivas.

2. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* inclui ainda as conjunções CONFORMATIVAS e PROPORCIONAIS, que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não distingue das COMPARATIVAS.

Observação:

Saliente-se que as COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo de outra oração.

Exemplifiquemos:

1. CAUSAIS (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa): *porque*, *pois*, *porquanto*, *como* [= porque], *pois que*, *por isso que*, *já que*, *uma vez que*, *visto que*, *visto como*, *que*, etc.:

   Tenho continuado a poetar, **porque** decididamente se me renovou o estro.
   (A. de Quental, *C*, 357.)

   Tio Couto estava sombrio, **pois** aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio.
   (É. Veríssimo, *LS*, 137.)

   Como as pernas trôpegas exigiam repouso, descia raro à cidade.
   (G. Ramos, *I*, 195.)

2. CONCESSIVAS (iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la): *embora*, *conquanto*, *ainda que*, *mesmo que*, *posto que*, *bem que*, *se bem que*, *por mais que*, *por menos que*, *apesar de que*, *nem que*, *que*, etc.:

   Não saberei nunca escrever sobre ele, **embora** tenha tentado mais de uma vez.
   (F. Sabino, *G*, II, 76.)

Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, **posto que** em graus diversos, a todo o Brasil.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 228.)

Nem que a matassem, confessava.
(A. Ribeiro, *M*, 344.)

3. CONDICIONAIS (iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal): *se, caso, contanto que, salvo se, sem que* [= se não], *dado que, desde que, a menos que, a não ser que*, etc.:

Se aquele entrasse, também os outros poderiam tentar...
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 41.)

— A entrevista ficou marcada para as quatro da tarde, **caso** você não prefira ir à noite.
(C. dos Anjos, *M*, 160.)

4. FINAIS (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal): *para que, a fim de que, porque* [= para que]:

Não bastava a sua boa vontade **para que** tudo se arranjasse.
(Almada Negreiros, *NG*, 82.)

Recolheu a carta e a sobrecarta, para mostrá-las a Rubião, **a fim de que** ele visse bem que não era nada.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

5. TEMPORAIS (iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo): *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* [= desde que], etc.:

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito.
(G. Ramos, *Ins.*, 79.)

Sempre que posso, vou onde as recordações me chamam.
(M. Torga, *TU*, 149.)

Tio Cosme vivia com minha mãe, **desde que** ela enviuvou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

Enquanto Tamar e a irmã estavam no colégio, uma rapariga fugiu de lá.
(A. Bessa Luís, *AM*, 89.)

6. CONSECUTIVAS (iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior): *que* (combinada com uma das palavras *tal*, *tanto*, *tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que*, *de sorte que*, etc.:

Deu um filão de tal sorte, **que** eram carros e carros de volfrâmio estreme.
(M. Torga, *CM*, 191.)

Foi tão ágil e rápida a saída **que** Jandira achou graça.
(C. dos Anjos, *DR*, 108.)

O frio é tanto, é tamanho
Que a pena cai-me da mão...
(A. Gil, *LJ*, 143.)

Ainda hoje os marmeleiros carregam, **que** é uma temeridade.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 138.)

7. COMPARATIVAS (iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto): *que*, *do que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor* e *pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*:

Mais **do que** as palavras, falavam os fatos.
(M. Torga, *V*, 278.)

Unidas, **bem como** as penas
Das duas asas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribo de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.
(Castro Alves, *EF*, 125.)

Surgiu, **como** se viesse doutro mundo, inesperada e pálida.
(C. de Oliveira, *AC*, 159.)

Ele comeu-a **que nem** confeitos.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 368.)

8. INTEGRANTES (servem para introduzir uma oração que funciona como SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL ou APOSTO de uma outra oração). São as conjunções *que* e *se*:

Não sei, sequer, **se** me viste,
Não vou jurar **que** me vias.
(J. Régio, *F*, 54.)

Quando o verbo exprime uma certeza, usa-se *que*:

Tenho certeza de **que** gosta de mim.
(C. dos Anjos, *DR*, 103.)

— Tive medo, vi **que** tinha feito uma doidice.
(G. Ramos, *AOH*, 34.)

João Garcia garantiu **que** sim, **que** voltava.
(V. Nemésio, *MTC*, 61.)

Quando o verbo exprime incerteza, usa-se *se*. Por exemplo:

a) numa dúvida:

Ninguém sabia **se** estava ferido ou **se** ferira alguém.
(L. Jardim, *MP*, 54.)

Vê **se** me entendes.
(M. Torga, *TU*, 156.)

b) numa interrogação indireta:

Não sei **se** sentirá saudades, não sei **se** pensará em mim.
(A. Abelaira, *NC*, 26.)

Pergunto a Deus **se** estou viva,
se estou sonhando ou acordada.
(C. Meireles, *OP*, 417.)

Conjunções conformativas e proporcionais

Como dissemos, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue ainda, entre as CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS, as CONFORMATIVAS e as PROPORCIONAIS.

1. As CONFORMATIVAS iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. São as conjunções *conforme*, *como* [= conforme], *segundo*, *consoante*, etc.:

> O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe.
> (A. Meyer, *SI*, 50.)

> **Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.
> (C. de Oliveira, *CD*, 111.)

> Cada um tinha razão levando a vida **consoante** a criação da sua alma.
> (M. Lopes, *FVL*, 167.)

2. As PROPORCIONAIS iniciam uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado ou para realizar-se simultaneamente com o da oração principal. São as conjunções *à medida que*, *ao passo que*, *à proporção que*, *enquanto*, *quanto mais... mais*, *quanto mais... tanto mais*, *quanto mais... menos*, *quanto mais... tanto menos*, *quanto menos... menos*, *quanto menos... tanto menos*, *quanto menos... mais*, *quanto menos... tanto mais*:

> **À medida que** avançavam, iam penetrando no coração da trovoada.
> (M. Torga, *V*, 295.)

> Tornavam-se agressivos, os nervos cada vez mais tensos, **à proporção que** o tempo passava.
> (Adonias Filho, *LBB*, 103.)

> **Quanto mais** se distingue, **mais** se funde.
> (V. Nemésio, *SOP*, 336.)

Polissemia conjuncional

Algumas conjunções subordinativas (*que*, *como*, *porque*, *se*, etc.) podem pertencer a mais de uma classe. Sendo assim, o seu valor está condicionado ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambiguidades, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da consequência, etc.

Locução conjuntiva

Como vimos, há numerosas conjunções formadas da partícula *que* antecedida de advérbios, de preposições e de particípios: *desde que*, *antes que*, *já que*, *até que*, *sem que*, *dado que*, *posto que*, *visto que*, etc.

São as chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS.

Capítulo 17

Interjeição

INTERJEIÇÃO é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

Classificam-se as INTERJEIÇÕES segundo o sentimento que denotam. Entre as mais usadas, podemos enumerar as:

a) DE ALEGRIA: *ah! oh ! oba! opa!*
b) DE ANIMAÇÃO: *avante! coragem! eia! vamos!*
c) DE APLAUSO: *bis! bem! bravo! viva!*
d) DE DESEJO: *oh! oxalá!*
e) DE DOR: *ai! ui!*
f) DE ESPANTO OU SURPRESA: *ah! chi! ih! oh! ué! puxa!*
g) DE IMPACIÊNCIA: *hum! hem!*
h) DE INVOCAÇÃO: *alô! ô! ó! olá! psiu! psit!*
i) DE SILÊNCIO: *psiu! silêncio!*
j) DE SUSPENSÃO: *alto! basta! alto lá!*
l) DE TERROR: *ui! uh!*

LOCUÇÃO INTERJECTIVA

Além das interjeições expressas por um só vocábulo, há outras formadas por grupos de duas ou mais palavras. São as LOCUÇÕES INTERJECTIVAS. Exemplos: *ai de mim! ora, bolas! raios te partam! valha-me Deus!*

Observações:

1.ª) Não incluímos a INTERJEIÇÃO entre as classes de palavras pela razão aduzida no capítulo 5.

Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais.

2.ª) Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação (!).

Capítulo 18

O período e sua construção

PERÍODO SIMPLES E PERÍODO COMPOSTO

No capítulo 7, fizemos a análise interna da oração. Examinamos, aí, os seus TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS; e, para tal estudo, servimo-nos sobretudo de PERÍODOS SIMPLES, isto é, de períodos constituídos de uma só oração, chamada ABSOLUTA.

Incidentemente, porém, mostramos que os TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS de uma oração podem ser representados por outra ORAÇÃO. É agora o momento de examinarmos mais detidamente esse ponto.

COMPOSIÇÃO DO PERÍODO

1. Tomemos o seguinte período:

> As horas passam, os homens caem,
> a poesia fica.
>
> (E. Moura, *IP*, 169.)

Vemos que ele é composto de três orações:

> 1.ª = As horas passam,
> 2.ª = os homens caem,
> 3.ª = a poesia fica.

Vemos, ainda, que as três orações são da *mesma natureza*, pois:

a) são autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio;

b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a *totalidade* da outra.

A tais orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO.

2. Examinemos agora este período:

> O meu André não lhe disse que temos aí um holandês que trouxe material novo...?
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

Aqui, também, estamos diante de um período de três orações:

1.ª = O meu André não lhe disse
2.ª = que temos aí um holandês
3.ª = que trouxe material novo.

Mas a sua estrutura é diferente da do anterior, pois:

a) a primeira oração contém a declaração *principal* do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período; chama-se, por isso, ORAÇÃO PRINCIPAL;
b) a segunda oração tem sua existência dependente da primeira, de cujo verbo é OBJETO DIRETO; funciona, assim, como TERMO INTEGRANTE dela;
c) a terceira oração tem sua existência dependente da segunda, de cujo objeto direto é ADJUNTO ADNOMINAL; funciona, por conseguinte, como TERMO ACESSÓRIO dela.

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

3. Vejamos, por fim, este período:

> Moleque Nicanor arregalou os olhos, e eu pensei que ia ouvir as pancadas do seu coração.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

Ainda aqui temos um período composto de três orações:

1.ª = Moleque Nicanor arregalou os olhos,
2.ª = e eu pensei
3.ª = que ia ouvir as pancadas do seu coração.

Sua estrutura é, porém, distinta das duas que examinamos, ou melhor, é uma espécie de combinação delas, pois:

a) as duas primeiras orações são COORDENADAS (a primeira é COORDENADA ASSINDÉTICA; a segunda, COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA);
b) a última é SUBORDINADA, uma vez que funciona como OBJETO DIRETO da oração anterior.

O período que apresenta orações COORDENADAS e SUBORDINADAS diz-se composto por COORDENAÇÃO e SUBORDINAÇÃO.

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL

Uma ORAÇÃO SUBORDINADA pode depender de um termo de outra ORAÇÃO SUBORDINADA.

No período de Vitorino Nemésio, antes citado, vimos que a ORAÇÃO SUBORDINADA:

que trouxe material novo

é adjunto adnominal do objeto direto (*um holandês*) da ORAÇÃO SUBORDINADA

que temos aí um holandês,

a qual, por sua vez, é objeto direto da ORAÇÃO PRINCIPAL:

O meu André não lhe disse.

Neste caso, alguns gramáticos consideram a 2.ª oração, simultaneamente, SUBORDINADA e PRINCIPAL: SUBORDINADA em relação à 1.ª; PRINCIPAL com referência à 3.ª.

Tal classificação tem o inconveniente de se basear em dois critérios; ou melhor, fazer predominar o critério semântico sobre o sintático.

Em verdade, a ORAÇÃO PRINCIPAL (ou um de seus termos) serve sempre de suporte a uma ORAÇÃO SUBORDINADA. Mas não é esta a sua característica essencial; e, sim, o fato de *não exercer nenhuma função sintática em outra oração do período.* Ora, no PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO só há uma que preenche tal condição. A esta, pois, se deve reservar, com exclusividade, o nome de PRINCIPAL.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* eliminou a designação de ORAÇÃO PRINCIPAL sob o argumento de não fazer falta ao estudo desses processos e de "dar ensejo a duplas interpretações, quer no plano lógico, quer no plano gramatical".

CONCLUSÃO

Na análise de um PERÍODO COMPOSTO, cumpre, pois, ter em mente que:

a) a ORAÇÃO PRINCIPAL não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período;
b) a ORAÇÃO SUBORDINADA desempenha sempre uma função sintática (SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADNOMINAL, ADJUNTO ADVERBIAL ou APOSTO) em outra oração, pois que dela é um termo ou parte de um termo;
c) a ORAÇÃO COORDENADA, como a PRINCIPAL, nunca é termo de outra oração nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra COORDENADA, mas em sua integridade.

COORDENAÇÃO

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

As ORAÇÕES COORDENADAS podem estar:

a) simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace:

> Será uma vida nova, / começará hoje, / não haverá nada para trás. /
> (A. Abelaira, *QPN*, 19.)

b) ligadas por uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA:

> A Grécia seduzia-o, / **mas** Roma dominava-o. /
> (Graça Aranha, *OC*, 701.)

No primeiro caso, dizemos que a ORAÇÃO COORDENADA é ASSINDÉTICA, ou seja, desprovida de conectivo. No segundo, dizemos que ela é SINDÉTICA, e a esta denominação acrescentamos a da espécie da CONJUNÇÃO COORDENATIVA que a inicia.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Classificam-se, pois, as ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em:

1. COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

> Insisti no oferecimento da madeira, / **e ele estremeceu**. /
> (G. Ramos, *SB*, 29.)

Não é chuva, / **nem é gente,** /
Nem é vento com certeza. /
(A. Gil, *LJ*, 24.)

2. COORDENADA SINDÉTICA ADVERSATIVA, se a conjunção é ADVERSATIVA:

Estava frio, / **mas ela não o sentia.** /
(M. J. de Carvalho, *TGM*, 75.)

Ele não exigira dos filhos devoção à lavoura, / **porém nenhum deixara de seguir a fatalidade pela terra.** /
(N. Piñon, *SA*, 102-103.)

3. COORDENADA SINDÉTICA ALTERNATIVA, se a conjunção é ALTERNATIVA:

O bode tinha descido com o senhor / **ou tinha ficado na ribanceira?** /
(G. Ramos, *AOH*, 48.)

Ou eu me engano muito / ou a égua manqueja. /
(C. de Oliveira, *AC*, 23.)

Todas as casas sertanejas são humildes, / **quer sejam de palha só / ou de palha e taipa** / como a dos pobres, / **quer sejam de taipa e telha** / como a dos abastados.
(G. Barroso, *TS*, 181.)

4. COORDENADA SINDÉTICA CONCLUSIVA, se a conjunção é CONCLUSIVA:

Ouço música, / **logo ainda não me enterraram.** /
(P. Mendes Campos, *AB*, 67.)

Não pacteia com a ordem; / **é, pois, uma rebelde.** /
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

Queria casar a filha, bem ao gosto dela, / **não punha, portanto, nenhum obstáculo ao programa de Olga.** /
(Lima Barreto, *TFPQ*, 86.)

5. COORDENADA SINDÉTICA EXPLICATIVA, se a conjunção é EXPLICATIVA:

— Eh, camarada, espere um pouco, / **que isto acaba-se já.** /
(F. Namora, *NM*, 233.)

Um pouquinho só lhe bastava no momento, / **pois estava com fome.** /
(A. M. Machado, *JT*, 105.)

Observação:

No mesmo período podem ocorrer ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS de vários tipos:

O menino olhava, / **mas não falava,** / **nem lamuriava.** /
(J. de Araújo Correia, *FX*, 34.)

Tentei detê-los por mais tempo; / **eles porém tinham pressa,** / **ou estavam desconfiados.** /
(R. de Queirós, *CCE*, 159.)

Como dissemos, nem todas as conjunções coordenativas encabeçam a oração. A conclusiva *pois* vem sempre posposta a um de seus termos. As adversativas *porém*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto* e *todavia*, bem como as conclusivas *logo*, *portanto* e *por conseguinte*, podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

SUBORDINAÇÃO

A ORAÇÃO SUBORDINADA COMO TERMO DE OUTRA ORAÇÃO

Dissemos que as ORAÇÕES SUBORDINADAS funcionam sempre como TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES OU ACESSÓRIOS de outra oração. Esclareçamos melhor tais equivalências.

1. No seguinte exemplo,

É necessária **tua vinda urgente.**

o sujeito da oração é *tua vinda urgente*, TERMO ESSENCIAL, cujo núcleo é o substantivo *vinda*.
Mas, em lugar dessa construção com base no substantivo *vinda*, poderíamos dizer:

É necessário **que venhas urgente.**

O sujeito seria, então, *que venhas urgente*, termo essencial representado por oração.

2. Neste exemplo,

Ninguém esperava **a tua vinda**.

o objeto direto de *esperava* é *a tua vinda*, TERMO INTEGRANTE, cujo núcleo é o substantivo *vinda*.
Em vez dessa construção nominal, poderíamos ter dito:

Ninguém esperava **que viesses**.

Com isso, o objeto direto de *esperava* passaria a ser *que viesses*, TERMO INTEGRANTE representado por uma oração.

3. Neste exemplo,

Não desaprendi as lições **recebidas**.

o adjunto adnominal, TERMO ACESSÓRIO, está expresso pelo adjetivo *recebidas*.
Mas, se quiséssemos, poderíamos ter substituído o adjetivo *recebidas* por *que recebi*.

Não desaprendi as lições **que recebi**.

Teríamos, neste caso, como adjunto adnominal de *lições* a oração *que recebi*.
Por outras palavras: teríamos um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

4. Neste exemplo,

Ainda não o tinha visto **depois da volta**.

são três os adjuntos adverbiais (TERMOS ACESSÓRIOS) da oração:
a) **ainda** — adjunto adverbial de tempo;
b) **não** — adjunto adverbial de negação;
c) **depois da volta** — adjunto adverbial de tempo.

Em lugar da expressão adverbial de tempo *depois da volta*, poderíamos ter empregado uma oração — *depois que voltara*:

Ainda não o tinha visto **depois que voltara**.

Depois que voltara, adjunto adverbial de *tinha visto*, é, pois, um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

5. Do que dissemos uma conclusão se impõe: o PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO é, na essência, equivalente a um PERÍODO SIMPLES. Distingue-os apenas o fato de os TERMOS (ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS) deste serem representados naquele por ORAÇÕES.

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As ORAÇÕES SUBORDINADAS classificam-se em SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS, porque as funções que desempenham são comparáveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios.

Orações subordinadas substantivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE *que* (às vezes, por *se*) e, segundo o seu valor sintático, podem ser:

1. SUBJETIVAS, quando exercem a função de sujeito:

É certo / **que a presença do dono o sossegava um pouco.** /
(M. Torga, *B*, 52-53.)

2. OBJETIVAS DIRETAS, quando exercem a função de objeto direto:

Respondi-lhe / **que já tinha lido a receita em qualquer parte.** /
(J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

Não sei / **se padre Bernardino concordará comigo.** /
(O. Lara Resende, *BD*, 109.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS, quando exercem a função de objeto indireto:

Não me esqueço / **de que estavas doente** / quando ele nasceu.
(J. Montello, *SC*, 31.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS, quando exercem a função de complemento nominal:

Calipso! Ele tem a mania / **de que alho faz bem à saúde!** /
(A. Abelaira, *NC*, 155.)

5. PREDICATIVAS, quando exercem a função de predicativo:

A verdade é / **que eu ia falar outra vez de Noêmia.** /
(A. Bessa Luís, *AM*, 39.)

6. APOSITIVAS, quando exercem a função de aposto:

> É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: / **que a Moral católica está certa / e é irrepreensível. /**
> (O. Lara Resende, *BD*, 163.)

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:

> — As ordens são dadas / **por quem pode. /**
> (F. Namora, *NM*, 215.)

Observação:

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (*quem*, *quantos*, *qualquer*, etc.) precedidos de uma das preposições *por* ou *de*.

Omissão da integrante que

Depois de certos verbos que exprimem uma ordem, um desejo ou uma súplica, a língua portuguesa permite a omissão da INTEGRANTE *que*:

> Penso / **daria um sofrível monge,** / se não fossem estes nervos miseráveis.
> (A. de Quental, *C*, 337.)

> Queira Deus / **não voltes mais triste...** /
> (M. Bandeira, *PP*, 348.)

> Olhar o Brasil como hóspedes em casa alheia, que as regras mandam / **se coloquem** tanto quanto possível **no ponto de vista do anfitrião. /**
> (M. Torga, *TU*, 21.)

Orações subordinadas adjetivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente:

> Susana, / **que não se sentia bem,** / estava de cama.
> (M. Torga, *V*, 178.)

O / **que tu vês** / é belo; / mais belo o / **que suspeitas**; / e o / **que ignoras** / muito mais belo ainda.
(R. Brandão, *H*, 3.)[1]

Relação com o termo antecedente

A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA pode, como todo ADJUNTO ADNOMINAL, depender de qualquer termo da oração, cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: SUJEITO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO e, até mesmo, VOCATIVO.

1. Neste período de Fernando Pessoa,

   Deu-lho a criada
   Velha / **que o trouxe ao colo**. /
   (*OP*, 77.)

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que o trouxe ao colo* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *criada*, SUJEITO de *deu-lho*.

2. Neste período de Agustina Bessa Luís,

   Era uma cachopa um tanto atarracada, / **que usava meias palmilhadas e anéis de latão**. /
   (*AM*, 92.)

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que usava meias palmilhadas e anéis de latão* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *cachopa*, núcleo do PREDICATIVO da oração anterior.

3. Neste período de Machado de Assis,

   Na petição de privilégio / **que então redigi** / chamei a atenção do governo para este resultado, verdadeiramente cristão.

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que então redigi* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *de privilégio*, COMPLEMENTO NOMINAL.

---

[1] Frase que Raul Brandão diz ser de autor desconhecido.

4. Neste período de Carlos de Oliveira,

> Iria remediar o / **que pudesse.** /
> (*CD*, 90.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que pudesse* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *o*, OBJETO DIRETO de *iria remediar.*

5. Neste período de Jorge Amado,

> É mesmo porque vem um apito triste do navio, um pedido de socorro, e a lei do cais manda que se atenda aos / **que no mar pedem socorro.** /
> (*MM*, 74.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que no mar pedem socorro* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *os*, núcleo do OBJETO INDIRETO *aos.*

6. Neste período de Manuel Bandeira,

> O *clou* da festa no Conservatório de Canto Orfeônico foi a saudação lida por um menino / **que é um prodígio.** /
> (*AA*, 106.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que é um prodígio* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *menino*, núcleo do AGENTE DA PASSIVA *por um menino.*

7. Neste período de Antônio Nobre,

> Na vida / **que a Dor povoa,** /
> Há só uma cousa boa,
> Que é dormir, dormir, dormir...
> (*S*, 113.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que a Dor povoa* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *vida*, núcleo do ADJUNTO ADVERBIAL *na vida.*

8. Neste período de Machado de Assis,

> Entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, / **que fundou a Vila de São Vicente.** /
> (OC, I, 417.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que fundou a vila de São Vicente* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *capitão-mor Brás Cubas*, APOSTO.

9. Neste período do *Romance da nau Catarineta*,

Renego de ti, demônio, / **que me estavas a tentar.** /

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que me estavas a tentar* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *demônio*, VOCATIVO.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

Quanto ao sentido, as SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

1. As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. Exemplos:

   És um dos raros homens / **que têm o mundo nas mãos.** /
   (A. Abelaira, *NC*, 121.)

   Certamente não perdoa o abandono / **que lhe votei.** /
   (N. Piñon, *FD*, 98.)

2. As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula:

   Tio Cosme, / **que era advogado,** / confiava-lhe a cópia de papéis de autos.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

   Eu, / **que não tenho nenhuma certeza**, / sou mais certo ou menos certo?
   (F. Pessoa, *OP*, 324.)

Orações subordinadas adverbiais

Funcionam como ADJUNTO ADVERBIAL de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (com exclusão das INTE-

GRANTES que, vimos, iniciam ORAÇÕES SUBSTANTIVAS). Segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, classificam-se em:

1. CAUSAIS, se a conjunção é subordinativa causal:

Não veste com luxo / **porque o tio não é rico.** /
(Machado de Assis, *OC*, II, 204.)

/ **Como anoitecesse,** / recolhi-me pouco depois e deitei-me.
(Monteiro Lobato, *U*, 204.)

Ceamos à lareira, / **que a noite estava fria.** /
(A. Ribeiro, *M*, 44.)

2. CONCESSIVAS, se a conjunção é subordinativa concessiva:

/ **Ainda que não dessem dinheiro,** / poderiam colaborar com um ou outro trabalho.
(O. Lara Resende, *BD*, 134.)

O Albino, / **posto que homem correntão,** / ficou varado.
(A. Ribeiro, *M*, 99.)

A regra era ir sempre desacompanhado, / **mesmo que levasse o gado até os confins da serra.** /
(M. Torga, *B*, 101.)

Observação:

Nas ORAÇÕES CONCESSIVAS, a conjunção subordinativa pode:

a) vir intensificada em *por mais que, por maior que, por melhor que, por menos que, por menor que, por pior que*; ou *mais que, maior que, melhor que, menos que, menor que, pior que*, etc.:

/ **Por mais que quisesse,** / não conseguia decidir-se por nenhum.
(M. Torga, *CM*, 36.)

b) ficar reduzida à palavra *que*, com antecipação do predicativo:

/ **Padre que seja,** / se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

Advirta-se, porém, que não é pacífica a análise que propomos para essas fórmulas concessivas. Filólogos eminentes, como os professores Sousa da Silveira (*Lições de*

português. 8ª. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 166) e Martinz de Aguiar (cf. Evanildo Bechara. *Moderna gramática portuguesa,* 21.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, p. 230) consideram que, em tais construções, o *que* é um pronome relativo em função de predicativo.

3. CONDICIONAIS, se a conjunção é subordinativa condicional:

Tudo vale a pena /
Se a alma não é pequena. /
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

— Eles não dormem, / **sem que primeiro a mãe lhes cante a** *berceuse* **de Jocelyn.** /
(É. Veríssimo, *A*, I, 83.)

Trago uma caixa de metralhadoras para os Gregos, / **caso eles estejam em perigo de ser batidos pelos Troianos.** /
(A. Abelaira, *NC*, 69.)

4. FINAIS, se a conjunção é subordinativa final:

Viera um vestido de Marta, / **para que a vestissem com ele.** /
(J. Lins do Rego, *A-M*, 343.)

Deu-me Deus o seu gládio, / **porque eu faça**
A sua santa guerra. /
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Fiz-lhe sinal / **que se calasse.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

5. TEMPORAIS, se a conjunção é subordinativa temporal:

/ **Quando estiou,** / partiram.
(C. de Oliveira, *AC*, 19.)

Renovaram a fogueira / **até que chegasse a luz da manhã.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 111.)

/ **Mal sentiu rumores dentro de casa,** / ergueu-se.
(M. Torga, *V*, 269.)

6. CONSECUTIVAS, se a conjunção é subordinativa consecutiva:

Há segredos, de natureza tal, / **que é imperdoável imprudência** / descobri-los.
(M. de Maricá, *M*, 416.)

Falava com tanta naturalidade, / **que se convencia a si mesmo.** /
(M. Torga, *V*, 157.)

Era uma voz tão grave, / **que metia medo.** /
(A. Meyer, *SI*, 12.)

O sino tocava / **que se desfazia.** /
(M. Torga, *CM*, 65.)

A conjunção pode vir omitida, como nestes versos de Emílio Moura:

O chamado é tão grave, / **não comporta lágrimas;** /
o caminho é tão longo, / **não chegarias nunca.** /
(*IP*, 171.)

7. COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa:

Não, meu coração não é maior / **que o mundo.** /
(C. Drummond de Andrade, *R*, 60.)

Jurou-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste / **do que podia parecer.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 416.)

Ó choupo magro e velhinho,
Corcundinha, todo aos nós,
És tal / **qual meu Avozinho:** /
Falta-te apenas a voz.
(A. Nobre, *S*, 47.)

Começaste a correr / **que nem uma louca.** /
(A. Abelaira, *QPN*, 190.)

O lavrador revirou os olhos e começou a tremer / **como se tivesse uma sezão.** /
(J. de Araújo Correia, *FX*, 28.)

Observações:

1.ª) O primeiro membro da comparação pode estar oculto: [*tal*] *qual*, [*tal*] *como*, etc.:

> Havia já dous anos que nos não víamos, e eu via-a agora não / **qual era,** / mas / **qual fora,** / **quais fôramos ambos,** / porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 419.)

2.ª) Costuma-se omitir o predicado da ORAÇÃO SUBORDINADA COMPARATIVA, quando repete uma forma do verbo da oração principal. Assim:

> Teus olhos são negros, negros,
> / **como as noites sem luar...** /
> (Castro Alves, *EF*, 35.)

Isto é: como as noites sem luar [são negras].

> Tu vais a correr sozinho,
> Ribeirinho, / **como eu.** /
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 112.)

Ou seja: como eu [vou a correr sozinho].

Orações conformativas e proporcionais

Como na classificação das conjunções subordinativas a Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui as conformativas e as proporcionais, consequentemente admite ela a existência de ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CONFORMATIVAS, quando a conjunção que as inicia é subordinativa conformativa:

> / **Conforme declarei,** / Madalena possuía um excelente coração.
> (G. Ramos, *SB*, 122.)

> As distâncias hoje em dia, / **como sabe,** / contam pouco.
> (M. Torga, *V*, 278.)

> Exteriormente era modesto, / **segundo convém aos sabedores.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 256.)

2. PROPORCIONAIS, quando encabeçadas por conjunção subordinativa proporcional:

/ **À medida que o tempo decorria** / as figuras iam tomando maior vulto na sua retina.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 295.)

Choviam os ditos / **ao passo que ela seguia pelas mesas.** /
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Duas ou três funcionárias aproximaram-se, / **enquanto o servidor** / que fizera a pergunta / **ia dando o fora.** /
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 38.)

Observação:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: *quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos ... tanto mais*:

/ **Quanto mais o conheço**, / tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras *quanto* e *tanto*, é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto. Por exemplo, nas construções:

/ **Quanto mais o conheço**, / mais o admiro.
/ **Mais o conheço**, / tanto mais o admiro.
/ **Mais o conheço**, / mais o admiro.

a primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL.

Orações reduzidas

Orações desenvolvidas e orações reduzidas

Estudamos até aqui as ORAÇÕES SUBORDINADAS encabeçadas por nexo subordinativo (pronomes relativos ou conjunções subordinativas), com o verbo sempre numa FORMA FINITA (do indicativo ou do subjuntivo).

Vejamos agora outro tipo de oração subordinada — a REDUZIDA —, isto é, a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordi-

nativa, e que tem o verbo numa das FORMAS NOMINAIS — O INFINITIVO, O GERÚNDIO, ou O PARTICÍPIO. Assim:

1. Neste período de Machado de Assis,

   Todos nós havemos de morrer; basta / **estarmos vivos.** /
   (*OC*, I, 420.)

   a oração *estarmos vivos* tem valor SUBSTANTIVO. Não a encabeça, porém, a integrante *que*, nem o seu verbo se apresenta numa forma finita, mas na do INFINITIVO PESSOAL.
   A oração denomina-se, por isso, SUBSTANTIVA REDUZIDA DE INFINITIVO, e pode ser equiparada à oração subordinada desenvolvida *que estejamos vivos*:

   Todos nós havemos de morrer; basta / **que estejamos vivos.** /

2. Neste período de Augusto Frederico Schmidt,

   Era o sortilégio, a sedução / **ferindo os corações.** /
   (*AP*, 17.)

   a oração *ferindo os corações* tem valor adjetivo. Não vem, no entanto, encabeçada por pronome relativo, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do gerúndio.
   A oração denomina-se, neste caso, ADJETIVA REDUZIDA DE GERÚNDIO, e corresponde à oração desenvolvida *que feria os corações*:

   Era o sortilégio, a sedução / **que feria os corações.** /

3. Neste período de Manuel da Fonseca,

   / **Ansiado,** / agarrou-se à árvore.
   (*FC*, 126.)

   a oração *ansiado* tem valor ADVERBIAL. Não está, porém, encabeçada por conjunção subordinativa, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do PARTICÍPIO.
   A oração denomina-se, então, ADVERBIAL REDUZIDA DE PARTICÍPIO, e equivale à oração desenvolvida *porque estava ansiado*:

   / **Porque estava ansiado,** / agarrou-se à árvore.

Verifica-se do exposto que as ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS podem estar:

1.º) DESENVOLVIDAS, quando encabeçadas por nexo subordinativo e com verbo num tempo do indicativo ou do subjuntivo:
a) seja numa forma simples:

— Creio / **que não há gente inocente.** /
(M. J. de Carvalho, *AV*, 126.)

Não tinha dinheiro / **que chegasse.** /
(V. Nemésio, *MTC*, 372.)

Eram sete e meia da noite, / **quando avistamos as luzes de Benfica.** /
(F. Sabino, *HN*, 31.)

b) seja numa locução verbal:

Disse / **que ia pôr tudo em pratos limpos,** / não disse?
(U. Tavares Rodrigues, *NS*, 84.)

Vou deitar ao papel as reminiscências / **que me vierem vindo.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

Vira-os a bordo, / **como estava a ver o próprio Vicar.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 84.)

2.º) REDUZIDAS, quando não apresentam nexo subordinativo e têm o verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio:
a) seja numa forma simples:

Os homens do grupo do curral afastaram-se / **para Maria passar.** /
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

/ **Chegando à rua,** / arrependi-me de ter saído.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

Que seria do futuro se trocássemos esses hábitos / **consagrados pela experiência** / e nos deixássemos arrastar pelos falsos profetas?
(A. Abelaira, *NC*, 211.)

b) seja numa locução verbal:

> Bernardo estava certo / **de não poder confiar nas boas intenções dele.** /
> (O. Lins, *FP*, 183.)

> O que me lembrou esta data foi, / **estando a beber café**, / o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1029.)

Orações reduzidas de infinitivo

As ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO podem vir ou não regidas de preposição e, como as desenvolvidas, classificam-se em:

Substantivas

1. SUBJETIVAS:

> É preciso / **caminhar o passo certo.** /
> (Costa Andrade, *NVNT*, 30.)

2. OBJETIVAS DIRETAS:

> Espero também / **poder confiar em ti.** /
> (J. Régio, *SM*, 57.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS:

> Encarregara-a / **de anunciar-se pessoalmente.** /
> (N. Piñon, *FD*, 69.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS:

> Estou ansioso / **por ir vê-lo.** /
> (A. de Quental, *C*, 228.)

5. PREDICATIVAS:

> A sua intenção era / **comunicar a Augusta o resultado da conversa com o pretendente.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 97.)

6. APOSITIVAS:

A coragem é isto: / **meter o pássaro do medo na capanga.** /
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Adjetivas

Mas a visão logo se desvaneceu, ficando apenas os vidros, / **a ocultarem, com o seu brilho, o** / que lá dentro existia. /
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 136.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / **a quebrarem,** / **a espicaçarem,** / **a torturarem a pedra,** / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

As ORAÇÕES ADJETIVAS REDUZIDAS DE INFINITIVO são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil empregam-se de preferência as ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO.

Adverbiais

1. CAUSAIS:

/ **Por serem trivialidades quotidianas tais virtudes,** / ninguém repara nelas.
(M. Torga, *TU*, 63.)

2. CONCESSIVAS:

/ **Mesmo sem saber** / se jamais chegarei, apetece-me rir e cantar em honra da beleza das coisas.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 102.)

3. CONDICIONAIS:

/ **A não ser isto,** / eu preferia ficar na sombra, e trabalhar como simples soldado.
(J. de Alencar, *CD*, 30.)

4. CONSECUTIVAS:

O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo / **a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.** /
(Rebelo da Silva, *CL*, 178.)

5. FINAIS:

Conheces-lhe a vida / **para poderes afirmar tal coisa.** /
(A. Abelaira, *CF*, 148,)

6. TEMPORAIS:

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela / **ao entrares no porto** /
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Orações reduzidas de gerúndio

Podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

Virou-se e viu a mulher / **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse.
(L. Jardim, *BA*, 18.)

Perdeu o desfile da milícia triunfante, / **marchando a quatro de fundo.** /
(J. Saramago, *MC*, 348.)

Viu um grupo de homens / **conversando.** /
(Pepetela, *NA*, 42.)

Observação:

O emprego do GERÚNDIO com valor de ORAÇÃO ADJETIVA tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que é antiga no idioma a construção quando o GERÚNDIO expressa a ideia de atividade atual e passageira.

Veja-se este exemplo de D. Denis, trovador que poetou em fins do século XIII e princípios do século XIV:

> Ela tragia na mão
> um papagai mui fremoso,
> **cantando** [= que cantava] mui saboroso...

Construção em tudo semelhante à que vigorou na língua até começos do século XVIII e que continua no português do Brasil:

> Vi um menino / **cantando.** /

Distinto deste é o emprego, cada vez mais frequente nos dias que correm, do gerúndio como representante de uma ORAÇÃO ADJETIVA que designa um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo a que se refere, construção que é um simples decalque do francês:

> Meu coração é um pórtico partido /
> **Dando excessivamente sobre o mar.** /
> (F. Pessoa, *OP*, 54.)

> De onde estava via as torres da igreja metodista, / **erguendo-se acima da massa de arvoredo dum jardim.** /
> (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

Adverbiais

Como o GERÚNDIO tem principalmente significado temporal, as REDUZIDAS por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS. Comparem-se, por exemplo:

> / **Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro,** / ele me convidou para tomar conta de sua causa.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 279.)

Mas podem equivaler também a outras ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CAUSAIS:

> / **Pressentindo** / que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 89.)

2. CONCESSIVAS:

Aqui mesmo, / **ainda não sendo padre,** / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.
(Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

3. CONDICIONAIS:

Pensando bem, / tudo aquilo era muito estranho.
(A. Meyer, *SI*, 25.)

Orações reduzidas de particípio

Como as REDUZIDAS DE GERÚNDIO, as DE PARTICÍPIO podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

As rosas brancas agrestes /
Trazidas do fim dos montes /
Vós mas tirastes, que as destes...
(F. Pessoa, *OP*, 118.)

Adverbiais

São mais comuns as TEMPORAIS:

/ **Acabada a cerimônia,** / demos a volta ao adro.
(V. Nemésio, *SOP*, 90.)

/ **Armadas as barracas,** / **abrigados caminheiros e camaradas,** / roncou a tormenta.
(A. Amoroso Lima, *AA*, 47.)

Não raro, ocorrem também as:

1. CAUSAIS:

/ **Desesperado,** / parecia um doido por toda a casa.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

2. CONCESSIVAS:

> Creio, porém, que, / **ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio***, / pode-se assegurar que a guerra está concluída.
> (J. de Alencar, *OC*, IV, 1331.)

3. CONDICIONAIS:

> / **Dada essa hipótese,** / espero de nossos amigos dedicados que não sofrerão impassíveis uma oposição injusta.
> (J. de Alencar, *CD*, 33.)

Capítulo 19

Figuras de sintaxe

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.

Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se FIGURAS DE SINTAXE.

Examinemos as principais:

ELIPSE

1. ELIPSE é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

   À esquerda, panos de velhos muros, à direita o campo deserto.
   (V. Ferreira, *A*, 273.)

   Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz.
   (Guimarães Rosa, *S*, 123.)

   A lua, um pequeno disco branco só, lá em cima.
   (Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

   — O senhor está preso.
   — Preso, eu?!
   (C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

2. A ELIPSE é responsável por numerosos casos de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido:

a (cidade) **capital**	**uma** (igreja) **catedral**
um (dente) **canino**	**uma** (carta) **circular**
um (navio a) **vapor**	**uma folha** (de papel)

A ELIPSE COMO PROCESSO GRAMATICAL

1. Em gramática, a ELIPSE de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E, ainda assim, com extrema prudência.
São correntes, por exemplo, as ELIPSES:

a) do sujeito:

> Ternura sacudiu os ombros, no susto. Ergueu a cabeça, fixou Manuel:
> — Para onde? — exclamou.
> (A. M. Machado, *JT*, 135.)

> Levantei-me de mansinho, e mais manso que um ladrão me vesti. Abri a porta da rua, e com cautela a fechei. Num rufo corri ao macho que estava, à mão de largar, no grande alpendre e deitei-lhe o aparelho. E, sem ruído, sem voltar a cabeça, vergonhoso de mim, saí daquela terra.
> (A. Ribeiro, *M*, 46.)

b) do verbo (parcial ou total):

> Vão os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no voo.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 26.)

> Vida ruim, a nossa...
> (Alves Redol, *G*, 105.)

> Um senhor. Até na miséria, um senhor.
> (F. Namora, *RT*, 16.)

c) da preposição que introduz certos adjuntos:

> Miguel foi atrás dela, **mãos nos bolsos,** falando calmo.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 69.)

Olegário debruçou-se sobre ele, **os olhos cheios de espanto,** outro homem naquele momento.
(Adonias Filho, *F*, 40.)

O Bento move-se no assento, **os braços bem apoiados na mesa, a cabeça baixa.**
(F. Botelho, *X*, 200.)

d) da preposição *de* antes da integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais:

Bem me **lembro que** ainda eu mesmo alcancei a casa de dona Rosinha em cuja porta de entrada passei horas seguidas espiando a maré humana.
(A. F. Schmidt, *GB*, 44.)

Tem **medo que** fique alguém fora da malhada!...
(Alves Redol, *G*, 65.)

Uma vez **certa que** morria, ordenou o que prometera a si mesma.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

e) da conjunção integrante *que*:

Não **cuideis seja** a masmorra...
Não **cuideis seja** o degredo...
(C. Meireles, *OP*, 862.)

Querendo poupar à moça e a mim tal vexame, **solicitei fosse** a pena comutada, senão em substância, pelo menos em grau.
(C. dos Anjos, *DR*, 279.)

Hoje me **disseram ele era** um dos bons.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 21.)

2. Na análise dessas e de outras orações manifestamente incompletas convém repor os elementos omitidos. Mas seria uma arbitrariedade pretender reconstruir, nas mesmas bases, formas expressivas elaboradas dentro de princípios linguísticos diversos.
É o caso, por exemplo, da FRASE NOMINAL, organizada sem verbo e, justamente por isso, mais incisiva:

Que talento, que bom gosto, uma delícia!
(A. Meyer, *MA*, 153.)

Oh, a nudez da noite! Que esplendor!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, I, 50.)

Roma em chamas, que espetáculo!
(R. Pompeia, *A*, 144.)

A noite, o vento baixo, algumas estrelas.
(Adonias Filho, *LP*, 101.)

Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!
(C. Pessanha, *C*, 52.)

A ELIPSE COMO PROCESSO ESTILÍSTICO

Recurso condensador da expressão, a elipse é naturalmente usada de preferência naqueles tipos de enunciado que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez.

Seus efeitos estilísticos são, portanto, apreciáveis:

a) na descrição esquemática de ambientes, de estados de alma, de perfis:

Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro. E a voz de uma das filhas, embaixo:
— Papai! O telefone...
(A. M. Machado, *CJ*, 119.)

E o trabalho, as esperanças perdidas, a magreza, a fome de todo o ano. Sezões e tifos. Sonhos e raivas encobertos em xales e saias escuras, em fatos de bombazina de contrabando, gente de luto.
(F. Namora, *NM*, 155.)

Sentou-se na cama a arfar, a gritar que morria. Uma espuma sanguinolenta na boca. Abafava. Escarros de sangue. O coração a falhar. Injeções nas veias. Sangria. Um caixão e quatro velas.
(Cochat Osório, *CV*, 153.)

b) em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

Outubro, 10 — Depressão. Hipocondria. Reações súbitas de ódio. Depois, desalento. Pelo menos, antes havia um mistério algo excitante. Agora, mais melancolia, apenas.
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

> Paris da guerra! De dia apenas o movimento diminuído 25% e os ônibus desaparecidos. Mas imensa gente. Mulheres lindas, muitas — e deliciosamente vestidas. Militares.

ou mais sugestiva:

> Poucos feridos. Rara gente de luto. Nenhuma tristeza. Muitos espetáculos. Cafés do centro, cheios.
> (M. de Sá-Carneiro, *C*, 91.)

c) na enunciação de pensamentos condensados, provérbios, divisas, ditos sentenciosos ou irônicos:

> Cada dia, cada via; cada vida, cada lida.
> (Luandino Vieira, *JV*, 63.)

> Uma vida nova numa terra nova.
> (Castro Soromenho, *V*, 50.)

> — Meu dito, meu feito.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 634.)

> A paciência da Esfinge. Que paciência!
> (A. M. Machado, *CJ*, 244.)

d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, como dissemos no capítulo 9, costuma sugerir as ideias de acumulação, de dispersão:

> Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 281.)

> Quando voltar, à tardinha, minha pele vai estar que é só boi, vaca, ovelha, leite, couro, remédio, pasto, fumaça, sal, sol, suor.
> (A. C. Resende, *LD*, 1.)

> Cristais retinem de medo,
> Precipitam-se estilhaços,
> Chovem garras, manchas, laços...
> Planos, quebras e espaços
> Vertiginam em segredo.
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 76.)

ZEUGMA

1. A ZEUGMA é uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles:

> Na vida dela houve só mudança de personagens; na dele mudança de personagens e de cenários.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 249.)

Isto é: na dele **houve** mudança de personagens e de cenários.
Podemos denominar SIMPLES a zeugma em que o termo omitido é exatamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo de Joaquim Paço d'Arcos.

2. Com mais frequência, a designação aplica-se à chamada zeugma COMPLEXA, que abarca principalmente os casos em que se subentende um verbo já expresso, mas sob outra flexão.
Assim:

> A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 181.)

Entenda-se:

> Os altares **eram** humildes.

3. A ZEUGMA tem na oração comparativa um campo privilegiado de produção de efeitos estilísticos, como nos mostram estes exemplos:

> Unidas, bem como as penas
> Das duas asas pequenas
> De um passarinho do céu...
> Como um casal de rolinhas,
> Como a tribo de andorinhas
> Da tarde no frouxo véu.
> (Castro Alves, *EF*, 125.)

> O perene mistério, que atravessa
> Como um suspiro céus e corações...
> (F. Pessoa, *OP*, 423.)

PLEONASMO

1. PLEONASMO é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

— **Sai lá para fora**, João.
(M. Torga, *NCM*, 228.)

— **Entra pra dentro**, Carlinhos.
(J. Lins do Rego, *ME*, 186.)

— Só o Clemente falou aqui direito. A gente **volta para trás**.
(F. Namora, *NM*, 146.)

2. Cumpre acentuar que o pleonasmo é a reiteração da *ideia*. A repetição da mesma palavra é um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não é, porém, um pleonasmo.

PLEONASMO VICIOSO

O pleonasmo só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força da expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira.

Estão neste caso frases como:

Fazer uma **breve alocução**.
Ter o **monopólio exclusivo**.
Ser o **principal protagonista**.

Em todas elas o adjetivo representa uma demasia condenável: *alocução* é um "discurso breve"; não há *monopólio* que não seja "exclusivo"; e *protagonista* significa "principal personagem".

PLEONASMO E EPÍTETO DE NATUREZA

Cumpre, no entanto, distinguir dessas redundâncias viciosas o emprego do adjetivo como EPÍTETO DE NATUREZA em expressões do tipo *céu azul*, *fria neve*, *prado verde*, *mar salgado*, *noite escura* e equivalentes. Comparem-se estes exemplos:

Ó **mar salgado,** quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

E a Noite sou eu própria! **A Noite escura**!!
(F. Espanca, *S*, 41.)

Aqui não se trata de inútil reiteração da ideia que já se continha no substantivo. O adjetivo insiste sobre o caráter intrínseco, normal ou dominante do objeto. É uma forma de ênfase, um recurso literário.

OBJETO PLEONÁSTICO

1. Vimos que, para dar realce ao OBJETO DIRETO, é costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

   As posições, conquistara-**as** umas após outras.
   (C. dos Anjos, *M*, 163.)

   Paisagens, quero-**as** comigo.
   (F. Pessoa, *OP*, 531.)

   Meu saco de ilusões, bem cheio tive-**o**.
   (M. Quintana, *P*, 115.)

2. Com a mesma finalidade de ênfase, o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o OBJETO INDIRETO expresso por um sintagma nominal colocado no início da frase, como nos provérbios:

   Ao homem mesquinho basta-**lhe** um burrinho.
   Ao pobre não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.

3. Também para ressaltar o OBJETO (DIRETO ou INDIRETO), usa-se fazer acompanhar um pronome átono da correspondente forma tônica regida da preposição *a*:

   Uma mulher preconceituosa que prefere tudo a que digam que o marido a deixou, ou que ela **o** deixou **a ele**.
   (M. J. de Carvalho, *TM*, 188.)

A mim não **me** enganas tu.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

Luzia, por que a ventura
A mim me queres negar?
(J. Cardoso, *SE*, 91.)

A mim até **me** pareceu que o sarrão fosse dela.
(M. Lopes, *FVL*, 162.)

HIPÉRBATO

HIPÉRBATO (do grego *hypérbaton* "inversão", "transposição") é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico, como nestes passos:

Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!
(J. Cardoso, *SE*, 16.)

Que arcanjo **teus sonhos** veio
Velar, **maternos**, um dia?
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Em sentido corrente, porém, hipérbato é termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

ANÁSTROFE

ANÁSTROFE (do grego *anastrophé* "mudança de posição", "inversão", "transposição") é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO) ao determinado, como nestes passos:

Vingai a pátria ou valentes
Da pátria tombai **no chão**!
(Fagundes Varela, *PC*, I, 159.)

Mas esse astro que fulgente
Das águias brilhara **à frente**,
Do Capitólio baixou.
(Soares de Passos, *P*, 91-92.)

PROLEPSE

PROLEPSE (do grego *prólepsis* "ação de tomar antes"), figura também conhecida como ANTECIPAÇÃO, consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce:

> **Os pastores** parece que vivem no fim do mundo.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 435.)

> — **O próprio ministro** dizem que não gostou do ato.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 643.)

> Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, **as pessoas que a gente vê** parece que brincam de tomar conta da natureza.
> (Ribeiro Couto, *C*, 32.)

SÍNQUISE

SÍNQUISE (do grego *sýgchysis* "confusão", "mistura") é a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação.

É o que se observa, por exemplo, nesta quadra do soneto "Taça de coral", de Alberto de Oliveira:

> Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,
> Mugindo, o manso armento e ao largo espraia,
> Em sede abrasa, qual de amor por Febe
> — Sede também, sede maior, desmaia.
> (*P*, II, 111.)

Entenda-se:

> "Lícias, pastor, enquanto o manso armento recebe o sol e, mugindo, espraia ao largo —, abrasa em sede, qual desmaia de amor por Febe, sede também, sede maior."

ASSÍNDETO

Dizemos que há ASSÍNDETO (do grego *asýndeton* "não unido", "não ligado") quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem conjunção coordenativa que poderia enlaçá-las. É um vigoroso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma

atenção maior no exame de cada fato, mantido em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas:

> A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1067.)

> Lavava roupas da Baixa, vestia, usava, lavava outra vez, levava.
> (Luandino Vieira, *JV*, 103.)

> — Veio, esteve aqui, arranjou-se-lhe o emprego que ele queria, embarcou, acabou-se.
> (J. de Sena, *SF*, 512.)

> Arcos de flores, fachos purpurinos,
> Trons festivais, bandeiras desfraldadas,
> Girândolas, clarins, atropeladas
> Legiões de povo, bimbalhar de sinos...
> (R. Correia, *PCP*, 196.)

> Fulgem as velhas almas namoradas...
> — Almas tristes, severas, resignadas,
> De guerreiros, de santos, de poetas.
> (C. Pessanha, *C*, 48.)

POLISSÍNDETO

O POLISSÍNDETO (do grego *polys ndeton* "que contém muitas conjunções") é o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas:

> Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, **e** planta, **e** colhe, **e** mata, **e** vive, **e** morre, **e** come.
> (C. Lispector, *FC*, 92.)

> Fui cisne, **e** lírio, **e** águia, **e** catedral!
> (F. Espanca, *S*, 59.)

> O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo. **Nem** glória, **nem** amores, **nem** santidade, **nem** heroísmo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 10.)

Com o POLISSÍNDETO interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir movimentos ininterruptos ou vertiginosos, como nos mostram os exemplos citados, e também o seguinte, de Vinícius de Morais:

> **E** crescer, **e** saber, **e** ser, **e** haver
> **E** perder, **e** sofrer, **e** ter horror
> De ser **e** amar, **e** se sentir maldito...
> (*LS*, 119.)

É a este emprego da conjunção que se costuma chamar *e* DE MOVIMENTO.[1] Por vezes, a repetição é simétrica rítmica, e o polissíndeto passa a ser o recurso característico do chamado estilo bíblico.

Veja-se este exemplo:

> **E** a minha terra se chamará terra de Jafé, **e** a tua se chamará terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, **e** partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

ANACOLUTO

ANACOLUTO é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível, como nestes exemplos:

> **No berço,** pendente dos ramos floridos,
> Em que eu pequenino feliz dormitava:
> **Quem é que esse berço** com todo o cuidado
> Cantando cantigas **alegre embalava**?
> (C. de Abreu, *O*, 78.)

> **Umas carabinas** que guardava atrás do guarda-roupa, **a gente brincava com elas,** de tão imprestáveis.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 136.)

---

[1] Sobre o chamado *e* DE MOVIMENTO, leiam-se Ernesto Guerra da Cal. *Obra cit.*, p. 256; Raymond Cantel. *Les sermons de Vieira. Etude du style.* Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1959, p. 337; Rocha Lima. *Subsídios para o estudo da partícula "e" em algumas construções da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, 1975, p. 49-50 e 59-60 (mimeografado).

Bom! bom! **eu parece-me** que ainda não ofendi ninguém!
(J. Régio, *SM*, 105.)

No primeiro exemplo, observamos que a oração iniciada por *no berço* não teve seguimento normal no 3.º verso, que devia continuá-la, e, em consequência, aquela expressão ficou solta no período.

Também no exemplo de José Lins do Rego a expressão *umas carabinas* ficou desligada do resto da oração principal.

No exemplo de José Régio foi o pronome *eu*, que se anunciava como sujeito do verbo seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objeto indireto (*me*).

O ANACOLUTO é um fenômeno muito comum, especialmente na linguagem falada, e pode ser assim explicado: "depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase".[2]

SILEPSE

SILEPSE (do grego *sýllepsis*, "ação de reunir, de tomar em conjunto") é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam.

Segundo a acepção originária, o termo SILEPSE deveria referir-se apenas à concordância de número. Cedo, porém, ele passou a ser aplicado a certas anomalias formais na concordância de gênero e pessoa e, hoje, abarca praticamente todo o campo da CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA.

SILEPSE DE NÚMERO

1. Pode ocorrer a SILEPSE DE NÚMERO com todo substantivo singular concebido como plural e, particularmente, com os termos coletivos.
   Assim, neste passo de Machado de Assis:

   Deu-me notícias **da gente Aguiar; estão bons.**
   (*OC*, I, 1093.)

[2] Maurice Dessaintes. *L'Analyse grammaticale. Au seuil de la stylistique.* Namur-Bruxelles--Tournai, La Procure, 1962, p. 371.

A ocorrência desta SILEPSE vai-se acentuando à medida que o verbo se distancia do sujeito coletivo, sendo particularmente comum quando, na oração, o coletivo está subentendido.
Assim:

> — É o costume, mulher! É o costume **desta gente,** quando **gostam** dum branco **querem**-no para padrinho dos filhos ...
> (Luandino Vieira, *NM*, 12.)

> Já toda **a gente** estava indignada. **Queriam ouvir**.
> (M. Torga, *CM*, 88.)

> — E **o povo** de Maravalha? perguntava ele aos canoeiros.
> — **Estão** em São Miguel.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 63.)

2. Há também SILEPSE DE NÚMERO quando o sujeito da oração é um dos pronomes *nós* e *vós*, aplicados a uma só pessoa, e permanecem no singular os adjetivos e particípios que a eles se referem.
Assim:

> **Propelido** por essas ideias e sentimentos, pelas conveniências de **nossas** funções no Ginásio do Estado nesta capital, e **animado** pelo acolhimento que teve o **nosso** curso de gramática expositiva, **pusemos** mão diligente neste trabalho, que ora **entregamos receoso** à mocidade estudiosa e aos homens de letras do **nosso** país.
> (E. C. Pereira, *GH*, IV.)

> **Sois injusto** comigo.
> (A. Herculano, *MC*, II, 35.)

SILEPSE DE GÊNERO

Sabemos que as expressões de tratamento *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc. têm forma gramatical feminina, mas aplicam-se com frequência a pessoas do sexo masculino. Neste caso, quando funciona como predicativo, o adjetivo que a elas se refere vai sempre para o masculino:

> — Imediatamente, pode **Vossa Excelência** ficar **descansado!**...
> (B. Santareno, *TPM*, 119.)

— **V. Ex.ª** parece **magoado**...
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 119.)

SILEPSE DE PESSOA

1. Quando a pessoa que fala ou escreve se inclui num sujeito enunciado na 3.ª pessoa do plural, o verbo pode ir para a 1.ª pessoa do plural:

— Deixa lá, que ainda **havemos de ser** felizes **os dois,** com a nossa casinha e as nossas coisas.
(Almada Negreiros, *NG*, 89.)

Todos entramos imediatamente.
(O. Lara Resende, *BD*, 25.)

Estava designada a noite dum baile em casa de Rita Emília, quando **os convidados recebemos** aviso da súbita doença de Francisco José de Sousa.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 504.)

Sós **os quatro velhos** — o desembargador com os três — **fazíamos** planos futuros.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

2. Se no sujeito expresso na 3.ª pessoa do plural queremos abranger a pessoa a quem nos dirigimos, é lícito usarmos a 2.ª pessoa do plural:

Os dois ora **estais** reunidos
numa aliança bem maior
que o simples elo da terra.
(C. Drummond de Andrade, *R*, 197.)

Mas suponho que **todos sois** da mesma opinião! **Todos acordais** em me condenar e abandonar.
(J. Régio, *ERS*, 83.)

3. No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra *gente* costuma levar o verbo para a 1.ª pessoa do plural:

— **A gente** precisa de mostrar às raparigas que não **somos** nenhuns miseráveis.
(F. Namora, *TJ*, 94.)

— No fundo **a gente** se consolava, **pensávamos** em nós mesmos.
(Autran Dourado, *IP*, 27.)

— **A gente perdemos** sempre, mas nunca que **desistimos**...
(Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

Capítulo 20

Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre

ESTRUTURAS DE REPRODUÇÃO DE ENUNCIAÇÕES

Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes linguísticos diversos, conhecidos pelos nomes de:

a) DISCURSO (ou ESTILO) DIRETO;
b) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO;
c) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO LIVRE.

DISCURSO DIRETO

Examinando este passo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

> Virgília replicou:
> — **Promete que algum dia me fará baronesa?**
> (*OC*, I, 462.)

verificamos que o narrador, após introduzir a personagem, Virgília, deixou-a expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como ela as teria efetivamente selecionado, organizado e emitido.

Também neste trecho do romance *O manto*, de Agustina Bessa Luís:

> — **Posso levar uma rosa**? pergunta o poeta Adriano, avançando a mão para o meio da mesa.
> (*M*, 130.)

ou neste outro de *A chaga*, de Castro Soromenho:

> Lourenço continuou, sem olhar para o seu velho companheiro:
> — **A morte das cousas que criamos é que nos faz sofrer.**
> (*C*, 117.)

ocorre a reprodução textual das falas dos personagens.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos DISCURSO DIRETO.

Nos exemplos acima, distinguimos claramente os narradores — Machado de Assis, Agustina Bessa Luís e Castro Soromenho — dos locutores: Virgília, o poeta Adriano e Lourenço. Mas narrador e locutor podem confundir-se em casos como o das narrativas memorialistas feitas na primeira pessoa.

Assim, na fala de Riobaldo, o personagem-narrador do romance *Grande sertão — veredas*, de Guimarães Rosa:

> Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.
> .....
> Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é ditado: "menino — trem do diabo"?
> (*GS-V*, 12.)

Características do discurso direto

1. No plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo *dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar, responder* e sinônimos, que podem introduzi-lo, arrematá-lo, ou nele se inserir:

> Meneou a cabeça com ar triste e **acrescentou**:
> — O homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a esquecer-se que é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> É esta a gaveta? — **perguntou ele.**
> (O. Lins, *V*, 53.)

— Penso — **disse meu pai** — que te darás melhor em Letras.
(V. Ferreira, *A*, 26.)

Quando falta um desses verbos *dicendi*, cabe ao contexto e a recursos gráficos — tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha — a função de indicar a fala da personagem. É o que observamos nestes passos:

"Todos vamos ficando diferentes, e vinte e cinco anos é uma vida."
"Para muitos é mais do que isso."
"Claro que é."
(M. J. de Carvalho, *TM*, 49.)

O amigo abraçou-o. E logo recuou com certo espanto: — o seu chapéu, Zé Maria?
— Ah, não uso mais!...
— Felizardo!
(A. M. Machado, *HR*, 47.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, a força da narração em DISCURSO DIRETO provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar de emotividade a expressão oral.
   Observe-se, também, que a variedade de verbos introdutores oferecida pela língua portuguesa aos seus usuários permite a quem se sirva do DISCURSO DIRETO caracterizar, com precisão e colorido, a atitude da personagem cuja fala vai ser textualmente reproduzida.
   Daí ser esta a forma de relatar preferentemente adotada nos atos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos que os leem "a comédia humana, com a maior naturalidade possível" (E. Zola).

DISCURSO INDIRETO

Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou **confessando que não era médico.**
(*OC*, I, 733.)

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso direto, o narrador (Machado de Assis) incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação da personagem (José Dias), contentando-se em transmitir ao leitor apenas o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se DISCURSO INDIRETO.

Observação:

Também, neste caso, narrador e personagem podem confundir-se num só:

> Engrosso a voz e **afirmo que sou estudante.**
> (G. Ramos, *Ins.*, 182.)

Características do discurso indireto

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (*dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder*, etc.), as falas das personagens aparecem, no entanto, numa oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida:

> João Garcia garantiu **que sim, que voltava.**
> (V. Nemésio, *MTC*, 11.)

Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

> Como supunha **fôssemos ter ainda uma quinzena de atividade e pudéssemos esgotar o programa**, demorara-me alguns dias em Machado e em Eça.
> (C. dos Anjos, *DR*, 283.)

A integrante falta, naturalmente, quando, numa construção em DISCURSO INDIRETO, a subordinada substantiva assume a forma reduzida:

> Foi nesse sertão primitivo e rude que Arinos me contou **ter sentido talvez a maior, a mais pura das sensações de arte.**
> (A. Amoroso Lima, *AA*, 40.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, assinale-se, em primeiro lugar, que o emprego do DISCURSO INDIRETO pressupõe um tipo de relato de caráter predominantemente informativo e intelectivo, sem a feição teatral e atualizadora do DISCURSO DIRETO. O diálogo é incorporado à narração mediante uma forte subordinação semântico-sintática estabelecida por meio de nexos e correspondências

verbais entre a frase reproduzida e a frase introdutora. Como, na passagem ao DISCURSO INDIRETO, todas as formas de DISCURSO DIRETO de primeira ou de segunda pessoa se apresentam em terceira pessoa, dá-se em geral um esvaecimento das realidades concretas de tempo e lugar a que as pessoas e coisas referidas estariam vinculadas.

Em síntese: no DISCURSO INDIRETO o narrador subordina a si a personagem, com retirar-lhe a forma própria e afetivamente matizada da expressão. Mas não se conclua daí que tal modalidade de discurso seja uma construção estilística pobre. O seu uso ressalta o pensamento, a essência significativa do enunciado reproduzido, deixando em segundo plano as circunstâncias e os detalhes acessórios que o envolvem.

É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais variados efeitos artísticos, em consonância com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

Transposição do discurso direto para o indireto

1. Do confronto destas duas frases,

— A senhora **vai sair** — disse ela olhando-o muito. (Eça de Queirós, *O*, I, 878.)	Ela disse olhando-o muito que a senhora **ia sair**.

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático.

2. As principais transposições que ocorrem são:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
a) enunciado em 1.ª ou em 2.ª pessoa:	a) enunciado em 3.ª pessoa:
— **Preciso** de dinheiro, disse o capitão. (A. Bessa Luís, *M*, 151.)	Disse o capitão que **precisava** de dinheiro.
— **Não achas** melhor tirar esse poncho? — perguntou-lhe Rodrigo (É. Veríssimo, *A*, II, 323.)	Perguntou-lhe Rodrigo se [**ele**] **não achava** melhor tirar aquele poncho.
b) verbo enunciado no presente:	b) verbo enunciado no imperfeito:
— **Sou** a Julieta — disse, hesitante. (A. Abelaira, *B*, 81.)	Disse, hesitante, que **era** a Julieta.

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
c) verbo enunciado no pretérito perfeito: — Nem banho **tomei,** ela esclarecia. (N. Piñon, *CP*, 82.)	c) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito: Ela esclarecia que nem banho **tinha tomado.**
d) verbo enunciado no futuro do presente: — Que **será** feito do senhor padre Brito? perguntou D. Joaquina Gansoso. (Eça de Queirós, *O*, I, 43.)	d) verbo enunciado no futuro do pretérito (condicional): Perguntou D. Joaquina Gansoso que **seria feito** do senhor padre Brito.
e) verbo no modo imperativo: — **Não faça** escândalo — disse a outra. (O. Lins, *V*, 100.)	e) verbo no modo subjuntivo: Disse a outra que **não fizesse** escândalo.
f) enunciado justaposto: — **Foi um tempo** velhaco — disse, concordante e enfastiado. (F. Namora, *NM*, 213.)	f) enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante *que*: Disse, concordante e enfastiado, **que** tinha sido um tempo velhaco.
g) enunciado em forma interrogativa direta: — "**Lá é bom?**" — perguntei. (Guimarães Rosa, *GS-V*, 103.)	g) enunciado em forma interrogativa indireta: Perguntei **se lá era bom.**
h) pronome demonstrativo de 1.ª pessoa (*este, esta, isto*) ou de 2.ª (*esse, essa, isso*): — Não abro a porta a **estas** horas a ninguém — disse Gracia. (A. Bessa Luís, *M*, 266.) — **Isso** é um número muito comprido, respondeu Cesária. (G. Ramos, *AOH*, 108.)	h) pronome demonstrativo de 3.ª pessoa (*aquele, aquela, aquilo*): Disse Gracia que não abria a porta **àquelas** horas a ninguém. Cesária respondeu que **aquilo** era um número muito comprido.
i) advérbio de lugar *aqui*: — **Aqui** amanhece muito cedo — disse Sales. (Castro Soromenho, *C*, 199.)	i) advérbio de lugar *ali*: Disse Sales que **ali** amanhecia muito cedo.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE[1], forma de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRETO), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ele teria dito (DISCURSO INDIRETO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Comparem-se estes exemplos:

> O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. **Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas.** Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família.
>
> (C. Lispector, *LF*, 56.)

> Um empregado de farda amarrotada pegou na mala e também na chave da qual ele se esquecera de tomar posse, começou a subir a escada depois de explicar que o elevador estava avariado havia quase uma semana e na terra ninguém sabia consertá-lo, era preciso virem de Lisboa. **Ora primeiro que se resolvessem... Uma maçada.**
>
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 12.)

> Não era a primeira vez que sucedia aquilo — o fiasco daquele engano. Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.**
>
> João Fanhoso fechou os olhos, mal-humorado. A sola dos pés doía, doía. **Calo miserável!**
>
> (M. Palmério, *VC*, 99.)

---

[1] Este molde linguístico tem recebido variadas denominações. Charles Bally, o primeiro que o analisou, deu-lhe o nome de ESTILO INDIRETO LIVRE. T. Kalepky chamou-o DISCURSO VELADO; Leo Spitzer serviu-se das designações DISCURSO MÍMICO, DISCURSO IRÔNICO e DISCURSO CÊNICO; E. Lorck usou a expressão DISCURSO REVIVIDO, que teve fortuna, especialmente na Itália, onde Nicola Vita sugeriu a denominação DISCURSO NARRATIVO; O. Jespersen caracterizou-o como DISCURSO REPRESENTADO e E. Lerch preferiu chamá-lo DISCURSO DIRETO IMPROPRIAMENTE DITO, mas nenhuma dessas designações conseguiu vulgarizar-se como a de Bally.

Características do discurso indireto livre

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que o emprego do DISCURSO INDIRETO LIVRE "pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical) e a sua completa adesão à vida do personagem (fator estético)"[2]. Os exemplos dados deixam-nos perceber com nitidez os traços mais salientes deste terceiro tipo de construção.
   Assim, examinando os enunciados em negrito, comprovamos:
   a) que eles aparecem liberados de qualquer liame subordinativo, embora mantenham as transposições características do DISCURSO INDIRETO;
   b) ao contrário do que acontece no DISCURSO INDIRETO, o INDIRETO LIVRE conserva as interrogações, as exclamações, as palavras e as frases do personagem na forma por que teriam sido realmente proferidas.

2. No PLANO EXPRESSIVO, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

1.º) Evitando, por um lado, o acúmulo de *quês*, ocorrente no DISCURSO INDIRETO, e, por outro, os cortes das aposições dialogadas, peculiares ao DISCURSO DIRETO, o DISCURSO INDIRETO LIVRE permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados.

2.º) O elo psíquico que se estabelece entre narrador e personagem neste molde frásico torna-o preferido dos escritores memorialistas em suas páginas de monólogo interior.

3.º) Para a apreensão da fala do personagem nos trechos em DISCURSO INDIRETO LIVRE, cobra importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é muitas vezes extremamente sutil, como nos mostra o passo de Mário Palmério atrás mencionado.

4.º) Finalmente, cumpre ressaltar que o DISCURSO INDIRETO LIVRE nem sempre aparece isolado em meio da narração. Sua "riqueza expressiva aumenta quando ele se relaciona, dentro do mesmo parágrafo, com os discursos direto e indireto puro", pois o emprego conjunto faz que para o enunciado confluam, "numa soma total, as características de três estilos diferentes entre si".[3]

---

[2] Nicola Vita in *Cultura Neolatina, 15*:18, Modena, 1955. Vem a propósito o lema naturalista, preconizado por Flaubert: "O artista deve ser na sua obra como Deus na Criação, invisível e todo-poderoso, que seja sentido em tudo, mas que não seja visto em nada." O ideal de perder-se o autor na sua criatura, este culto da impersonalidade dos naturalistas, haveria de encontrar no DISCURSO INDIRETO LIVRE a sua forma de expressão ideal. Zola é o próprio DISCURSO INDIRETO LIVRE "em carne e osso", no dizer de Charles Bally.

[3] G. Verdín Díaz. *Introducción al estilo indirecto libre en español*. Madrid, C. S. I. C., 1970, p. 149.

Capítulo 21

Pontuação

SINAIS PAUSAIS E SINAIS MELÓDICOS

A língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da PONTUAÇÃO.

Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos:

O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as PAUSAS:

a) a VÍRGULA (,)
b) o PONTO (.)
c) o PONTO E VÍRGULA (;)

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a MELODIA, a ENTOAÇÃO:

a) os DOIS PONTOS (:)
b) o PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)
c) o PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)
d) as RETICÊNCIAS (...)
e) as ASPAS (" ")
f) os PARÊNTESES (( ))
g) os COLCHETES ([ ])
h) o TRAVESSÃO (—)

Observações:

1.ª) Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia.

2.ª) Outros sinais podem ter valor expressivo: o HIFEN, o PARÁGRAFO, o emprego de letras maiúsculas e o uso de diversos tipos e cores dos caracteres de imprensa (ITÁLICO, VERSAL, VERSALETE, NEGRITO, etc.).

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A PAUSA

A vírgula

A VÍRGULA marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.

1. No *interior da oração* serve:

1.º) Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*. Exemplos:

> A sua fronte, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas, enchem-lhe a voz de formas e de cores...
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 83.)

> Os homens em geral são escravos; vivem presos às suas profissões, aos seus interesses, aos seus preconceitos.
> (G. Amado, *TL*, 12.)

> Achava os homens declamadores, grosseiros, cansativos, pesados, frívolos, chulos, triviais.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 660-661.)

Observação:

Quando as conjunções *e*, *ou* e *nem* vêm repetidas numa enumeração, costuma-se separar por VÍRGULA os elementos coordenados, como nestes exemplos:

> Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas.
> (A. de Oliveira, *P*, II, 344.)

> Vai o fero Itajuba perseguir-vos
> Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
> Tremei!...
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 523.)

> Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

2.º) Para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada:

a) para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo:

Alice, a menina, estava feliz.
(F. Namora, *TJ*, 30.)

A meu pai, com efeito, ninguém fazia falta.
(O. Lara Resende, *RG*, 93.)

Conheço, sim, o cansaço do nosso corpo.
(F. J. Tenreiro, *OP*, 100.)

b) para isolar o vocativo:

— Que ideias tétricas, minha senhora!
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 366.)

— D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

— Como é que tu te chamas, ó rapaz?
(L. B. Honwana, *NMCT*, 87.)

c) para isolar os elementos repetidos:

— Nada, nada — dizia Vilaça todo amável — cá o nosso solzinho português sempre é melhor.
(Eça de Queirós, *O*, II, 89.)

Contigo, contigo, Antônio Machado,
Fora bom passear.
(C. Meireles, *OP*, 344.)

— Só minha, minha, minha, eu quero!...
(Luandino Vieira, *VE*, 86.)

d) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim.
(C. de Oliveira, *AC*, 17.)

À noite, às vezes, fazia barulho.
(A. F. Schmidt, *AP*, 62.)

Fora, a ave agitou-se medonhamente.
(Ó. Ribas, *EMT*, 86.)

Observação:

Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a VÍRGULA. A VÍRGULA é, porém, de regra quando se pretende realçá-los. Comparem-se estes passos:

Depois levaram Ricardo para a casa da mãe Avelina.
(J. Lins do Rego, *U*, 320.)

Depois, o engraçado são as passagens de nível, os aparelhos de sinalização, os vagões-cisternas...
(A. Abelaira, *D*, 30.)

Depois, tudo caiu em silêncio.
(Castro Soromenho, *TM*, 261.)

3.º) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar:

Paris, 22 de abril de 1983.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras:

No céu azul, dois fiapos de nuvens.
(A. F. Schmidt, *AP*, 176.)

A tarde, de ouro pálido, e o mar, tranquilo como o céu.
(G. Amado, *TL*, 33.)

Chuva, névoa, desconforto,
A imagem da minha vida!
(A. Botto, *AO*, 236.)

2. *Entre orações*, emprega-se a vírgula:

1.º) Para separar as orações coordenadas assindéticas:

Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou as unhas, demorou o olhar em Mana Maria.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 136.)

Pois eu caçava, visgava, alçapava.
(Luandino Vieira, *JV*, 74.)

Veio a hora do almoço, o céu cobriu-se de negro, a chuva desabou, contínua e pesada.
(A. Abelaira, *D*, 178.)

2.º) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*:

— Não me disseste, mas eu vi.
(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma cousa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

Não comas, que o tempo é chegado.
(J. Saramago, *MC*, 356.)

Observações:

1.ª) Separam-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente:

O sol já ia fraco, e a tarde era amena.
(Graça Aranha, *OC*, 148.)

A mulher morreu, e cada um dos filhos procurou o seu destino
(F. Namora, *TJ*, 23.)

Costuma-se também separar por vírgula as orações introduzidas por essa conjunção quando ela vem reiterada:

Comigo, o mundo canta, e cisma, e chora, e reza,
E sonha o que eu sonhar.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 27.)

E eles riem, e eles cantam, e eles dançam.
(Ó. Ribas, *EMT*, 75.)

2.ª) Das CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS, *mas* emprega-se sempre no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, podem vir ora no início da oração, ora após um de seus termos. No primeiro caso, põe-se uma VÍRGULA antes da conjunção; no segundo, vem ela isolada por vírgulas. Compare-se este período de Machado de Assis:

— Vá aonde quiser, **mas** fique morando conosco.
(*OC*, I, 733.)

aos seguintes:

— Vá aonde quiser, **porém** fique morando conosco.
— Vá aonde quiser, fique, **porém**, morando conosco.

Em virtude da acentuada pausa que existe entre as orações acima, podem ser elas separadas, na escrita, por PONTO E VÍRGULA. Ao último período é mesmo a pontuação que melhor lhe convém:

— Vá aonde quiser; fique, **porém**, morando conosco.

3.ª) Quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, *pois* vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence e, portanto, isolado por VÍRGULAS:

Não pacteia com a ordem; é, **pois**, uma rebelde.
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

As demais conjunções conclusivas (*logo*, *portanto*, *por conseguinte*, etc.) podem encabeçar a oração, ou pospor-se a um dos seus termos. À semelhança das adversativas, escrevem-se, conforme o caso, com uma vírgula anteposta, ou entre vírgulas. Veja-se a Observação 2.ª ao PONTO E VÍRGULA.

3.º) Para isolar as orações intercaladas:

— Se o alienista tem razão, disse eu comigo, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba.
(Machado de Assis, *OC*, I, 546.)

— Amanhã mesmo vou encerrá-lo, assegurei, um tanto espantado com a facilidade com que assumia aquele compromisso.
(C. dos Anjos, *DR*, 356.)

"Lá vem ele com as raízes", resmungou Paulino, baixando a cabeça.
(Castro Soromenho, *C*, 137.)

4.º) Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.
(F. Namora, *TJ*, 24.)

Eu, que tinha ido ensinar, agora me via diante de trinta examinadoras.
(Genolino Amado, *RP*, 24.)

D. Apolônia, que se habituara ao desdém das senhoras do Quinaxixe, não amolecia no entanto como patroa.
(A. Santos, *P*, 66.)

Observação:

Como sabemos, as ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

As RESTRITIVAS, necessárias ao sentido da frase, ligam-se a um substantivo (ou pronome) antecedente sem pausa, razão por que dele não se separam, na escrita, por vírgula. Já as EXPLICATIVAS, denotadoras de uma qualidade acessória do antecedente — e, portanto, dispensáveis ao sentido essencial da frase —, separam-se dele por uma pausa, indicada na escrita por VIRGULA.

Comparem-se, por exemplo, estes dois passos:

Não se lembraria do beijo que me jogara de longe, dos cravos que me atirara...
(Ribeiro Couto, *C*, 85.)

Os dois espanhóis e meu tio, que o ouviam, olharam para mim.
(J. de Sena, *SF*, 175.)

No primeiro, há duas orações adjetivas restritivas: *que me jogara de longe* e *que me atirara*; no segundo, uma oração adjetiva explicativa: *que o ouviam*. Daí a diversidade de pontuação.

5.º) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal:

Quando se levantou, os seus olhos tinham uma fria determinação.
(F. Namora, *NM*, 243.)

Se eu o tivesse amado, talvez o odiasse agora.
(C. dos Anjos, *M*, 146.)

De tudo se lembrara nesse momento, porque de tudo queria esquecer depois...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 140.)

6.º) Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais:

A não ser isto, é uma paz regalada.
(Castro Soromenho, *C*, 225.)

Sendo tantos os mortos, enterram-nos onde calha.
(J. Saramago, *MC*, 221.)

Fatigado, ia dormir.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Conclusão

Finalizando as nossas observações, devemos acentuar o seguinte:

a) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso são isolados por vírgulas, na escrita;
b) os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem, assim, ser separados por vírgula. Esta a razão por que não é admissível o uso da vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal;
c) há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa real na fala; é o que se observa, por exemplo, em respostas rápidas do tipo: *Sim, senhor. Não, senhor.*

O ponto

1. O PONTO assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente.
   Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma ORAÇÃO DECLARATIVA, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto:

   Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas.

A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas do que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre.

(É. Veríssimo, *A*, III, 932.)

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão separados por um PONTO SIMPLES.

Observação:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO E VÍRGULA ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, consequentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. Leiam-se, por exemplo, estes passos:

Era, na verdade, um mestre, o mestre. Mestre Goeldi.

(M. Bandeira, *AA*, 60.)

A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. Como desejava.

(Almada Negreiros, *OC*, III, 61.)

A música toca uma valsa lenta. O desânimo aumenta. Os minutos passam. A orquestra se cala. O vento está mais forte.
Clarissa começa a ficar decepcionada. Decerto o poeta está doente. Ou com frio. Ou se esqueceu de aparecer.

(É. Veríssimo, *ML*, 155-156.)

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo PONTO-PARÁGRAFO. Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras.
Assim:

Lá embaixo era um mar que crescia.

Começara a chuviscar um pouco. E o carro subia mais para o alto, com destino à casa de Amâncio, que era a melhor da redondeza. O povo olhava feito besta para o carro com o dr. Juca deitado.

O usineiro gemia com as dores que não duravam a chegar.

Maria Augusta passava as mãos pela sua cabeça quase toda branca.

(J. Lins do Rego, *U*, 337.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de PONTO-FINAL.

Observações:

1.ª) Além de servir para marcar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: *V. S.ª (Vossa Senhoria), dr. (doutor), C. F. C. (Conselho Federal de Cultura), I. N. I. C. (Instituto Nacional de Investigação Científica).*

Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este encerra-se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

2.ª) Quanto ao uso de ponto depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., vejam-se as nossas Observações aos DOIS PONTOS.

O ponto e vírgula

1. Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o PONTO e a VÍRGULA, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de PONTO reduzido; no segundo, assemelha-se a uma VÍRGULA alongada.

2. Esta imprecisão do PONTO E VÍRGULA faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado:

1.º) Para separar num período as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão:

Numa tarde de Outono murmuraste;
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe...

(F. Espanca, *S*, 49.)

Não sabe mostrar-se magoada; é toda perdão e carinho.

(Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

2.º) Para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por VÍRGULA:

> Chamo-me Inácio; ele, Benedito.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 680.)

> Era cedo ainda; mas, depois que saí da farmácia, fiquei ansioso por ver a Mercedes, e com receio de encontrar alguém que me complicasse a vida.
> (J. de Sena, *SF*, 201.)

3.º) Para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). Sirva de exemplo o Título I (*Dos Fins da Educação*) da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

> Art. 1.º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:
> a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
> b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
> c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
> d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
> e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
> f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
> g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Observações:

1.ª) O ponto e vírgula divide longos períodos em partes menores à semelhança da CESURA, ou deflexão interna de um verso longo. Às vezes, os elementos separados são simétricos, e disso resulta um ritmado encadeamento do período, muito ao gosto do estilo oratório. Leia-se este passo de Rui Barbosa em louvor de Machado de Assis:

> Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente a arte, sem deixar de ser bom.
>
> (R. Barbosa, *EDS*, 676.)

2.ª) Em lugar da vírgula, costuma-se empregar o ponto e vírgula antes das conjunções adversativas (*mas, porém, todavia, contudo, no entanto*, etc.) e das conclusivas (*logo, portanto, por isso*, etc.) colocadas no início de uma oração coordenada. Com o alongamento da pausa, acentua-se o sentido adversativo (ou conclusivo) das referidas conjunções.

Comparem-se estes períodos:

> Pode a virtude ser perseguida, mas nunca desprezada.
> Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.

> Ele anda muito ocupado, por isso não tem respondido às suas cartas.
> Ele anda muito ocupado; por isso não tem respondido às suas cartas.

Em certos casos, o tom enfático aconselha mesmo o uso do ponto em tal posição. É o que ocorre, por exemplo, neste passo de Rui Barbosa:

> Qual é a doença reinante? Bubões. Logo, *Tarantula cubensis*. Porque a mordedura desse aracnídeo gera sintoma de peste. Logo, a previne. Logo, há de curá-la.
>
> (*EDS*)

Valor melódico dos sinais pausais

Dizemos que a VÍRGULA, o PONTO e o PONTO E VÍRGULA marcam *sobretudo* — e não *exclusivamente* — a pausa. No correr de nosso estudo, ressaltamos até algumas de suas características melódicas.

É o momento de sintetizá-las:

a) o PONTO corresponde sempre à final descendente de um grupo fônico;
b) a VÍRGULA assinala que a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete;
c) o PONTO E VÍRGULA denota em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído.

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A MELODIA

Os dois-pontos

Os DOIS PONTOS servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:

1.º) uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique *dizer, responder, perguntar* e sinônimos):

> Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
> — Queres ou não queres ir?
> (É. Veríssimo, *A*, III, 675.)

> Nené pareceu por fim compreender, porque desviou o olhar e atalhou secamente:
> — Está bem. Vou-te arranjar o aumento.
> (A. Santos, *P*, 156.)

> Clemente voltou para dizer:
> — Não enxerguei ninguém, camarada. Era bicho.
> (F. Namora, *NM*, 112.)

2.º) uma enumeração explicativa:

> Não fosse ele, outros seriam: pajens, gente de guerra, vadios de estalagens, andejos das estradas.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

> Tínhamos dezenas de amigos: S. João, S. José, Santo Antônio, o beato João de Brito... mas nenhum deles era estabelecido e nenhum deles tinha conta no banco.
> (Sttau Monteiro, *APJ*, 13.)

> À sua volta, tudo lhe parece chorar: as árvores, o capim, os insetos.
> (Ó. Ribas, *EMT*, 104.)

3.º) um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado:

> — A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 495.)

E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se hábitos.
(A Abelaira, *NC*, 154.)

Não era desgosto: era cansaço e vergonha.
(Cochat Osório, *CV*, 178.)

Eu em sua igreja não mando: só assisto e apoio.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 11.)

Observação:

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS-PONTOS, VÍRGULA OU PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:

Prezado senhor:	Prezado senhor.
Prezado senhor,	Prezado senhor

Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de DOIS PONTOS ou de VÍRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão.

O ponto de interrogação

1. É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta:

— Então a coisa sai mesmo?
— Se sai? Já saiu! Não viu os jornais?
(É. Veríssimo, *A*, I, 253.)

— Vão para África, então? O Paulo decidiu-se?
(Luandino Vieira, *NM*, 52.)

Estará surdo? Estará a tentar irritar-me?
(Sttau Monteiro, *APJ*, 101.)

2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto de interrogação:

— Então?... que foi isso?... a comadre?...
(Artur Azevedo, *CFM*, 86.)

— Quem está aí?...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

— Enfim, que direi?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 269.)

3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação:

— Não digas isso! O branco... teu homem... vender-te?!
(Ó. Ribas, *EMT*, 14.)

— Ah, é a senhora?! Pois entre, a casa é sua...
(A. M. Machado, *HR*, 86.)

— Quem é que não conhece Coimbra?!!!
(Branquinho da Fonseca, *B*, 18.)

Observações:

1.ª) O ponto de interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indireta. Como salientamos no capítulo 7, a interrogação indireta termina com entoação descendente, exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

— Quem chegou? [= interrogação direta]
— Diga-me quem chegou. [= interrogação indireta]

2.ª) Há escritores que, para acentuar, nos diálogos, a atitude de expectativa de um dos interlocutores, usam reduzir a sua réplica ao ponto de interrogação, seguido às vezes do ponto de exclamação.

Esses recursos de pontuação não têm apenas valor linguístico; visam a indicar também a expressão do corpo e do espírito que acompanha e valoriza a pausa linguística.

O ponto de exclamação

1. É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades de inflexão exclamativa e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada — se se trata de uma

expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor, de súplica, ou de outra natureza.

2. Normalmente, emprega-se o ponto de exclamação:

a) depois de interjeições ou de termos equivalentes, como os vocativos intensivos, as apóstrofes:

> — Credo em cruz! gemeu Raimundo, assombrado.
> (G. Ramos, *AOH*, 147.)

> Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correção de linhas! Que fidalguia de olhar e falar!
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 87.)

> — Adeus, senhor, adeus!
> (Ó. Ribas, *EMT*, 16.)

b) depois de um imperativo:

> — Não vás! Volta, meu filho! Não vás!
> (É. Veríssimo, *A*, II, 604.)

> Ide, ide de mim!
> (F. Pessoa, *OP*, 166.)

> — Agarrem!
> — Gentes, agarrem! agarrem!
> (Castro Soromenho, *V*, 113.)

3. Tão variado como o seu valor melódico é o valor pausal do ponto de exclamação. Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas — ou para sugerir a mímica emocional que as acompanha —, alguns escritores usam de artifícios semelhantes aos que apontamos no emprego do ponto de interrogação. Costumam, assim:

a) juntar o ponto de exclamação ao de interrogação, para obter os efeitos que indicamos. Quando a entoação é predominantemente interrogativa, o ponto de interrogação antecede o de exclamação; quando é mais sensível o tom exclamativo, o de exclamação precede o de interrogação:

> Ah! minha Nossa Senhora, para que Felícia veio falar dessas histórias agora de noite!?
> (Coelho Netto, *OS*, I, 926.)

— Consentir?! Ele é isso?
(F. Namora, *NM*, 222.)

A referida combinação costuma ser seguida ou antecedida de reticências, o que lhe acrescenta uma nota de incerteza:

— Estás a ver se disfarças?!...
(Alves Redol, *F*, 223.)

— Coitada!... quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

b) repetir o ponto de exclamação, para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz:

— Varo-os como a cães!... Canalhas!!!... Hei de lhes acabar com a manha de andarem atrás de mim!... Não sou menino de mama! Carneirada!!!...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

Ah! Pérfido! Se os teus não lhes respondem mais, para sempre!!!!!!! meus beijos emurchecerão! Triste! Triste da abandonada!...
(M. de Andrade, *OI*, 162.)

4. Às vezes, encadeiam-se em forma dialogada essas tentativas de notação mímica. Veja-se este exemplo de Antônio Nobre:

Enfim, feliz! — ? — ! Desesperado. — Vem!
(*S*, 128.)

As reticências

As RETICÊNCIAS marcam uma interrupção da frase e, consequentemente, a suspensão da sua melodia.

1. Empregam-se em casos muito variados. Assim:
a) para indicar que o narrador ou a personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias:

Peça-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra cousa... Uma vez que você não pode ser padre, e prefere as leis... As leis são belas, sem desfazer na teologia, que é melhor que tudo, como a vida eclesiástica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui?
(Machado de Assis, *OC*, I, 757.)

"Quanto ao seu pai... Às vezes penso... Asseguro-lhe que é verdade. Penso que ela se esqueceu de tudo. Que teve uma crise de amnésia e *perdeu* determinados acontecimentos."
(M. J. de Carvalho, *TM*, 121.)

b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala:

— Homem, vê lá... Pensa bem no que vais fazer... — avisou o prior. — A Raquel é boa rapariga... Mas a geração... Olha, eu não digo nada. Resolve tu...
(M. Torga, *NCM*, 142.)

— Você... tão sozinha... Não lhe ocorre, muitas vezes, que se um homem... Não tem vontade de casar-se...
(O. Lins, *V*, 19.)

— Eu... eu... queria... um agasalho — respondeu soluçando a miserável.
(Graça Aranha, *OC*, 164.)

c) para assinalar certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo, etc.):

— Há tempos que eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope, lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 128.)

Mágoa de o ter perdido, amor ainda.
Ódio por ele? Não... não vale a pena...
(F. Espanca, *S*, 74.)

d) para indicar que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor:

Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim não sei...
Algum dia há de ser dia...
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 98.)

Garoa do meu São Paulo,
— Costureira de malditos —
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...
(M. de Andrade, *PC*, 385.)

2. Empregam-se também as RETICÊNCIAS para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz, mas o corte da frase de um personagem pela interferência da fala de outro:

— A senhora ia dizer que...
— Nada... nada... — atalhou a mulher.
(A. M. Machado, *HR*, 15.)

— Sempre tens vontade de pegar uma fanga?
— Se não tivesse...
— Ias-te embora...
(Alves Redol, *F*, 276.)

— Isso também conta. As raízes...
— Que raízes? — cortou José Paulino, bruscamente.
(Castro Soromenho, *C*, 121.)

Se a fala do personagem continua normalmente depois dessa interferência, costuma-se preceder o seguimento de reticências:

— O que me parece, aventurou o coronel, é que eles vieram ao cheiro dos cobres...
— Decerto.
... e que a tal D. Helena (Deus lhe perdoe!) não estava tão inocente como dizia.
(Machado de Assis, *OC*, II, 866.)

— Eu vi as ondas engolirem-no...
— Chega, meu marido, chega!...
— ... ele ainda voltou à tona duas vezes!
— Já acabou! Não se pensa mais, João.
— ... Eu não queria dizer, para não passar por doido...
(A. M. Machado, *HR*, 247.)

3. Usam-se ainda as RETICÊNCIAS antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar:

E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!...
(F. Espanca, *S*, 30.)

E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho...
Andaria nos doze anos. Filho único.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 225.)

Observações:

1.ª) Como os outros sinais melódicos, as RETICÊNCIAS têm certo valor pausal, que é mais acentuado quando elas se combinam com outro sinal de pontuação.

Duas combinações são possíveis:

a) com um sinal pausal (VÍRGULA, OU PONTO E VÍRGULA). Neste caso as RETICÊNCIAS têm apenas valor melódico; a pausa é indicada pela VÍRGULA, ou pelo PONTO E VÍRGULA que as segue:

Passai, ó vagas..., mas passai de manso!
(Castro Alves, *OC*, 331.)

— É uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem!
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 126.)

b) com um sinal melódico (PONTO DE INTERROGAÇÃO, OU PONTO DE EXCLAMAÇÃO, ou os dois conjugados). Neste caso, as RETICÊNCIAS prolongam a duração das inflexões interrogativa e exclamativa e lhes acrescentam certos matizes particulares, que indicamos ao estudarmos aqueles sinais.

2.ª) Não se devem confundir RETICÊNCIAS, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam, como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio ou no fim de uma citação.

Modernamente, para evitar qualquer dúvida, tende a generalizar-se o uso de quatro pontos para marcar tais supressões, ficando os três pontos como sinal exclusivo das RETICÊNCIAS.

As aspas

1. Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto:

Definiu César toda a figura da ambição quando disse aquelas palavras: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma."
(F. Pessoa, *LD*, 100.)

O poeta espera a hora da morte e só aspira a que ela "não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo".
(M. Bandeira, *PP*, II, 1293.)

Ele me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".
(A. A. Melo Franco, AR, 187.)

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.):

Era melhor que fosse "clown".
(É. Veríssimo, *C*, 227.)

É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô", em "nhonhô", em "ioiô".
(G. Freyre, *OE*, 378.)

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão:

A palavra "nordeste" é hoje uma palavra desfigurada pela expressão "obras do Nordeste" que quer dizer: "obras contra as secas". E quase não sugere senão as secas.
(G. Freyre, *OE*, 611.)

Não é esse meu "abstrato". Ao não sensorial chamo eu "formal".
(A. Sérgio, *E*, VII, 45.)

O "leão espanhol" é a Espanha aspirando a dominar, ou a Império; sem essa significação, a Espanha, ou Castela, são apenas a "grifa".
(F. Pessoa, *SP*, 153.)

d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão:

— Está o mundo perdido, até a Judite já tem "arranjinho"!
(Almada Negreiros, *OC*, II, 135.)

Muda-se a face deste mundo inteiro,
Tudo transformam guerras e procelas:
E há sempre um "ela" na conversa deles,
E há sempre um "ele" na conversa delas.
(D. Andrade, *VEE*, 128.)

2. Usam-se também as ASPAS para indicar:

a) a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira:

> Comentando largamente a definição de Banville, começa Gide pelos vocábulos "magia" e "sortilégio" (*sorcellerie)*
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1275.)

> No Alentejo *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
> (Leite de Vasconcelos, *LFP*, 274.)

b) nos diálogos, a mudança de interlocutor (emprego que em alguns escritores contemporâneos substitui o valor normal do TRAVESSÃO):

> "Como vê. Estava à sua espera."
> "Precisa *muito* de falar comigo?"
> "Precisar talvez seja exagero. *Muito*, nem pensar nisso. Apeteceu-me vê-lo, é mais verdadeiro."
> "É muito verdadeira?" perguntou ele.
> "Às vezes. É conforme."
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 118.)

> "Vamos mudar de assunto", eu disse.
> "Você quer falar de amor?"
> "É. Quero falar de amor."
> (R. Fonseca, *C*, 79.)

c) o título de uma obra:

> Belinha acaba de ler "Elzira, a Morta Virgem".
> (É. Veríssimo, *C*, 197.)

> Já Velázquez, no século XVII, pintava quadros como as "Hilanderas" e as "Meninas", nos quais ignorantemente se profetizava, com três séculos de antecedência, o atual aparelho fotográfico.
> (Almada Negreiros, *OC*, V, 91.)

> Recebi do Vinícius o livrinho com o "Pátria Minha".
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1450.)

Observações:

1.ª) Na escrita, em vez de isolarmos por aspas tais dizeres, costumamos sublinhá-los. Nas obras impressas os elementos sublinhados vêm em tipo diverso, preferentemente em itálico (ou grifo).

2.ª) No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos, aprovados nos acordos ortográficos luso-brasileiros: "Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas."

Os parênteses

1. Empregam-se os PARÊNTESES para intercalar num texto qualquer indicação acessória. Seja, por exemplo:

a) uma explicação dada ou uma circunstância mencionada incidentemente:

> Conseguia controlar a bola que me passavam (quando passavam) jogando em geral (quando deixavam) na ponta direita, por ser pequenino mas veloz.
> (F. Sabino, *ME*, 145.)

> É lá (no café) que se encontra a estalajadeira.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 51.)

b) uma reflexão, um comentário à margem do que se afirma:

> Mais uma vez (tinha consciência disso) decidia o seu destino.
> (A. Alcântara Machado, *NP*, 151.)

> A minha guerra, como a dos que tinham partido (se é que tinham), começava agora.
> (J. de Sena, *SF*, 295.)

c) uma nota emocional, expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa:

> Mais nada. Boas-Noites. Fecha a porta:
> (Que linda noite! Os cravos vão abrir...
> Faz tanto frio!) Apaga a luz! (Que importa?
> A roupa chega para me cobrir...)
> (A. Nobre, *S*, 172.)

> Havia a escola, que era azul e tinha
> Um mestre mau, de assustador pigarro...
> (Meu Deus! Que é isto? Que emoção a minha
> Quando estas coisas tão singelas narro?)
> (B. Lopes, *H*, 65.)

Observação:

A posição dos parênteses com referência aos sinais pausais obedece à seguinte norma: "Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação" (*Formulário Ortográfico* oficial brasileiro).

Os colchetes

Os COLCHETES são uma variedade de PARÊNTESES, mas de uso restrito. Empregam-se:

a) quando, numa transcrição de texto alheio, o autor intercala observações próprias, como nesta nota de Sousa da Silveira a um passo de Casimiro de Abreu:

> Entenda-se, pois: "Obrigado! obrigado [pelo teu canto em que] tu respondes [à minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e 85), embora o que eu percebo no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)]".
>
> (C. de Abreu, *O*, 374.)

b) quando se quer isolar uma construção internamente já separada por PARÊNTESES, à semelhança do que ocorre com os segundos COLCHETES do exemplo anterior;

c) quando se deseja incluir, numa referência bibliográfica, indicação que não conste da obra citada, como neste exemplo:

> Dom Casmurro. Por Machado de Assis, da Academia Brasileira. H. Garnier, Livreiro-Editor — 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, rue des Saints-Pères, 6 — Paris [1899].

Observação:

O uso dos COLCHETES é frequente nos trabalhos de linguística e de filologia.

Como dissemos no capítulo 3, coloca-se entre COLCHETES uma palavra transcrita foneticamente. Por exemplo:

> Mundo ['mũ˜du] fugir [fu'ʒir]

Também entre COLCHETES se colocam, nas edições críticas, os elementos que devem ser introduzidos no texto, encerrando-se entre PARÊNTESES os que dele devem ser eliminados.

No perfil da lua,
Um nimbo mortal.
(Mas quem lê na névoa
o amargo sinal?)
(C. Meireles, *OP*, 796.)

Observação:

Entre as explicações e as circunstâncias acessórias que costumam ser escritas entre PARÊNTESES, incluem-se:

a) referências a datas, a indicações bibliográficas, etc.:

"Boa noite, Maria! Eu vou-me embora."
(Castro Alves, *Espumas fluctuantes. Poesias.* Bahia, 1870, p. 71.)

b) a citação textual de uma palavra ou frase traduzida:

Parece que o duunvirato jurisdicional (*duunviri* ou *quatuorviri juridicundo*), já muito cerceada a sua jurisdição nos últimos tempos do império, deixou de existir.
(S. da Silva Neto, *HLP*, 319.)

c) as indicações cênicas (numa peça de teatro):

1.ª JOVEM — Como te chamas?
PASTORINHO — (*Sorridente.*) Prometeu.
1.º JOVEM — E aquela voz que se ouve?
PASTORINHO — É meu pai. (*Ri.*)
2.ª JOVEM — E como se chama teu pai?
PASTORINHO — (*Dando uma gargalhada.*) Prometeu.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 239.)

2. Usam-se também os parênteses para isolar orações intercaladas com verbos declarativos:

Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Fantasma a quem odeio e a quem amo?
(A. de Quental, *SC*, 79.)

Uma vez (contavam) a polícia tinha conseguido deitar a mão nele.
(Autran Dourado, *RB*, 196.)

o que se faz mais frequentemente por meio de vírgulas ou de travessões.

O travessão

Emprega-se principalmente em dois casos:
1.º) Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor:

— Ele não quer responder.
— Mas por quê?
— Diz que não está autorizado...
(É. Veríssimo, *A*, II, 434.)

— Quem é o seu tabelião, Dâmaso?
— O Nunes, na Rua do Ouro... Por quê?
— Oh! nada.
(Eça de Queirós, *O*, II, 388.)

2.º) Para isolar, num contexto, palavras ou frases. Neste caso, em que desempenha função análoga à dos parênteses, usa-se geralmente o TRAVESSÃO DUPLO:

— Acho — e retomou o discurso — que já assustamos demais o nosso jovem amigo.
(J. de Sena, *G-C*, 179.)

Abel, sem responder, sem voltar-se para mim, cinge mais forte — e não sem brandura — os meus dedos.
(O. Lins, *A*, 64-65.)

Mas não é raro o emprego de um só TRAVESSÃO para destacar, enfaticamente a parte final de um enunciado:

Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.
(F. Pessoa, *OP*, 12.)

Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis — a filosofia e a arte.
(G. Amado, *TL*, 16.)

Observações:

1.ª) Às vezes, para dar maior realce a uma conclusão, que representa a síntese do que se vinha dizendo, usa-se o TRAVESSÃO SIMPLES em lugar dos DOIS PONTOS:

Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar — encher a alma.
(C. Pessanha, *C*, 40.)

No exemplo de Fernando Pessoa, atrás citado, o TRAVESSÃO SIMPLES tem o mesmo valor. Mas aí o seu emprego é especialmente aconselhável por mostrar que o elemento final conclusivo faz parte de uma construção mais ampla, já antecedida de DOIS-PONTOS.

2.ª) Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que se encadeiam em sintagmas do tipo: *A viagem Rio–Lisboa; o percurso Paris–Londres.*

Capítulo 22

Noções de versificação

ESTRUTURA DO VERSO

RITMO E VERSO

1. Examinemos estes versos do poeta Cruz e Sousa:

> **Vai**, Pere**gri**no do ca**min**ho **san**to,
> **Faz** da tu'**al**ma **lâm**pada do **ce**go,
> Ilumi**nan**do, **pe**go sobre **pe**go,
> As invi**sí**veis ampli**dões** do **Pran**to.

Verificamos que as sílabas tônicas, marcadas com negrito, se repetem depois de uma, duas ou três sílabas átonas. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos regulares, ou não muito espaçados (para que a reiteração possa ser esperada e sentida pelo nosso ouvido), é uma fonte do prazer a que chamamos RITMO.[1]

2. A contiguidade de sílabas tônicas prejudica o RITMO e, consequentemente, desagrada ao ouvido. Por isso, a sílaba anterior à última tônica é necessariamente átona. Tão forte é esta exigência rítmica que, mesmo sendo tônica no

---

[1] Esta definição que apresentamos tem finalidade meramente didática. Uma análise crítica das diversas conceituações de RITMO pode ver-se na recente e importante obra de Henri Meschonnic: *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris, Verdier, 1982, com rica bibliografia.

vocábulo isolado, ela se atonifica pela posição. Por exemplo, nestes dissílabos de Casimiro de Abreu,

Tu ontem
Na dança,
Que cansa,
Voavas...

o pronome *tu*, monossílabo tônico, sofre uma deflexão de pronúncia, no primeiro verso, por ser obrigatoriamente acentuado, como sílaba final do verso, o *-õ* de *ontem*, que lhe está contíguo.

3. O RITMO é o elemento essencial do VERSO, pois este se caracteriza, em última análise, por ser *o período rítmico que se agrupa em séries numa composição poética*. Quando tais períodos rítmicos apresentam o mesmo número de sílabas em todo o poema, a versificação diz-se REGULAR. Se não há igualdade silábica entre eles, a versificação é IRREGULAR OU LIVRE.

OS LIMITES DO VERSO

1. A forma do verso é determinada pela combinação das sílabas, acentos e pausas, contando-se as sílabas até a última acentuada. Assim, têm igualmente dez sílabas métricas os seguintes versos de Augusto dos Anjos:

A es	ca	la	dos	la	ti	dos	an	ces	**trais**	
No	tem	po	de	meu	Pai,	sob	es	tes	**ga**	lhos
Sob	a	for	ma	de	mí	ni	mas	ca	**mân**	dulas
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

porque não se leva em conta a átona final da palavra *galhos*, nem tampouco as duas finais da palavra *camândulas*.[2]

[2] Este sistema de escandir o verso até o último acento tônico, segundo o modelo francês, foi introduzido em Portugal no século XVIII por Miguel do Couto Guerreiro (*Tratado de versificação portugueza*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1784, p. 6-7), mas só se vulgarizou em nossa métrica pelo enorme prestígio de Antônio Feliciano de Castilho, que o acolheu no seu *Tratado de metrificação portugueza*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851. Anteriormente, contavam-se os versos portugueses, à semelhança dos espanhóis e italianos, com base no verso grave, ou seja, considerando sempre no cômputo a existência de uma sílaba átona depois da última tônica.

2. O número de unidades silábicas que se contêm num verso, desde o seu início até a última sílaba tônica, é indicado por compostos gregos em que entra a forma do numeral seguida do elemento *-sílabo*: MONOSSÍLABO, DISSÍLABO, TRISSÍLABO, TETRASSÍLABO, PENTASSÍLABO, HEXASSÍLABO, HEPTASSÍLABO, OCTOSSÍLABO, ENEASSÍLABO, DECASSÍLABO, HENDECASSÍLABO e DODECASSÍLABO.
Vejamos agora como se contam estas unidades silábicas.

AS LIGAÇÕES RÍTMICAS

A melodia do verso exige que as palavras venham ligadas umas às outras mais estreitamente do que na prosa.

Sinalefa, elisão e crase

Comparemos estes versos de Olavo Bilac, todos com dez sílabas métricas:

Che	guei.	Che	gas	te.	Vi	nhas	fa	ti	ga	(da)
E	tris	te, e	tris	te e	fa	ti	ga	do eu	vi	(nha.)
Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

Verificamos que no primeiro haverá sempre, de qualquer forma que o leiamos, dez sílabas até a última tônica. Nele a fronteira das sílabas é coincidente, seja numa leitura pausada ou acelerada, seja na prosa ou no verso, seja, enfim, numa emissão isolada das palavras, se abandonarmos a última sílaba átona.

Já não sucede o mesmo com os três outros versos, que só atingem aquela medida pela leitura numa só sílaba da vogal final de uma palavra com a vogal inicial da palavra seguinte.

Assim:

a) no segundo verso, temos de juntar numa só emissão de voz o *e* final de *triste* e a vogal da conjunção aditiva (duas vezes), bem como o *o* de *fatigado* e o ditongo do pronome *eu*;
b) no terceiro verso, ligamos o artigo *a* à vogal inicial de *alma*;
c) no quarto, finalmente, fundimos numa só sílaba as vogais da conjunção *e*, do artigo *a*, e a inicial do substantivo *alma*; e, também, a vogal final do adjetivo *povoada* e o ditongo constituído pelo pronome *eu*.

Na leitura destes versos, sentimos que há três soluções para obtermos a contração numa sílaba de duas ou mais vogais em contacto:

1.ª) A primeira vogal pode perder a sua autonomia silábica e tornar-se uma semivogal, que passa a formar ditongo com a vogal seguinte. É o que se observa, por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / d**wew** / [= fatigad**o eu**]

Dizemos que neste caso há SINALEFA.

2.ª) A primeira vogal pode desaparecer na pronúncia diante de uma vogal de natureza diversa. Por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / d**ew** / [=fatigad**a eu**]

A este fenômeno chamamos ELISÃO.

3.ª) A primeira vogal pode ser igual à seguinte e com ela fundir-se numa só. É o que se dá, por exemplo, com a emissão:

Ti / nhas / **al** / ma / [= Tinhas **a** alma]

Neste caso, verifica-se o que denominamos CRASE.

Ectlipse

Examinamos até aqui encontros vocálicos intervocabulares em que a primeira vogal é ORAL. Mas pode ocorrer que ela seja NASAL, e, neste caso, a regra é manter-se a autonomia silábica, isto é, o HIATO das vogais em contacto.

Há, porém, certos encontros de vogal nasal com vogal (oral ou nasal) que na própria língua corrente costumam ser resolvidos em DITONGO, ou mesmo em CRASE. É o que se observa, por exemplo, em ligações como *co'a*, *c'a*, *c'o* (= *com a*, *com o*), que a própria ortografia oficial admite que se escreva sem apóstrofo, com os elementos totalmente aglutinados (*coa*, *ca*, *co*). A esta fusão vocálica, facilitada pela perda da ressonância nasal da primeira vogal, dá-se o nome de ECTLIPSE.

De acordo com as necessidades métricas, os nossos poetas têm-se servido das duas soluções que a língua lhes oferece no particular: a conservação das duas vogais em sílabas distintas, ou a fusão delas numa só sílaba. Leiam-se, a propósito, estes versos de Casimiro de Abreu, todos de sete sílabas métricas:

Tudo muda **com os** anos:
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos!

No primeiro, temos o encontro *com os* pronunciado em duas sílabas. Já nos seguintes versos do mesmo poeta, também de sete sílabas, por duas vezes dá-se a ECTLIPSE no encontro *com as* (*co'as*):

— Jesus! Como eras bonita,
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Observações:

1.ª) Como nos mostram os exemplos citados, para que um encontro vocálico intervocabular possa ser pronunciado em uma só sílaba, é necessário que a sua primeira vogal seja átona, ou capaz de atonificar-se pela próclise. Sendo tônica, a solução normal é o hiato com a vogal seguinte, seja esta tônica ou átona.

2.ª) Os termos SINALEFA e ELISÃO costumam ser empregados como sinônimos. É, porém, de toda a conveniência aplicá-los distintamente, como fazem os modernos estudiosos de versificação românica.

O hiato intervocabular

Desde os tempos antigos, os poetas têm procurado evitar o HIATO de vogais pertencentes a palavras distintas, encontro que os compêndios de métrica, invariavelmente, consideram um defeito grave no verso, por torná-lo frouxo. Cabe, no entanto, ponderar que nesta, como em outras questões, não se devem estabelecer normas de rigor absoluto, pois nem sempre o poeta quererá ceder à forma o pensamento e, em certos casos, o HIATO INTERVOCABULAR pode ser não um defeito, mas um recurso de alta expressividade para realçar determinada palavra, ou para nos obrigar a emitir o verso num tom pausado. Em alguns poetas torna-se até condenável o excessivo escrúpulo em evitá-lo. É o que se observa, por exemplo, na obra de Hermes Fontes, de méritos inegáveis, mas por vezes artificial. Citemos, a propósito, este seu dodecassílabo:

Luz é saúde, e treva é incerteza, **é ân**sia, é doença —

em que, contra a realidade idiomática, temos de emitir numa só sílaba as vogais marcadas com negrito (*-a é ân-*).

Ora, quando num encontro concorrem duas vogais tônicas, elas não podem fundir-se numa sílaba nem no verso, nem na prosa. Mesmo se houver um enfraquecimento relativo da primeira vogal, como notamos no dissílabo de Casimiro de Abreu:

Tu / on / (tem),

tal enfraquecimento não evitará, normalmente, a separação silábica das vogais.

Excluindo-se, porém, este caso em que o HIATO é inevitável, e outros excepcionais, em que ele vale como recurso de estilo, pode-se afirmar que, desde o século XVI, os poetas da língua manifestaram uma decidida e definitiva opção por solucionarem com SINALEFA ou ELISÃO os encontros vocálicos intervocabulares, a fim de conseguir para os seus versos uma estrutura mais contínua, mais fluente, mais plástica.[3]

A MEDIDA DAS PALAVRAS

Relativamente à contagem das sílabas no interior das palavras, temos de considerar, em primeiro plano, os fatores de ordem gramatical.

Como nos ensina a gramática, também no verso os DITONGOS e os TRITONGOS se contam em uma sílaba e as vogais em HIATO, em sílabas diferentes. Assim, nestes hendecassílabos de Castro Alves:

A	tar	de	mor	ri	a!	dos	ra	mos,	das	las	(cas,)
Das	pe	dras,	do	lí	quen,	das	he	ras,	dos	car	(dos,)
As	tre	vas	ras	tei	ras	com o	ven	tre	por	ter	(ra)
Sa	í	am	quais	ne	gros,	cru	éis	le	o	par	(dos.)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	

a palavra *rasteiras* conta-se em três sílabas, e *quais*, em uma. Esse número de sílabas elas o terão igualmente na prosa, ou, mesmo, se tomadas isoladamente. O DITONGO [ej], que se contém na primeira, e o TRITONGO [waj], que apresenta a segunda, são, pois, as pronúncias normais desses encontros vocálicos em todas as formas da língua.

Por outro lado, as palavras *morria* e *saíam*, em que há os HIATOS /i-a/ e /a-í-a/, serão sempre emitidas em três sílabas, não importando o tipo de enunciado no qual apareçam.

Sinérese

Nas palavras que acabamos de examinar há perfeita coincidência da sílaba gramatical com a sílaba métrica. Mas esta concordância pode não existir, porque, em certas condições, o verso permite a criação de novos DITONGOS, ou melhor, admite que se ditonguem vogais que, na pronúncia normal, formam HIATO.

---

[3] Sobre o HIATO, a SINALEFA e a ELISÃO na métrica medieval e renascentista, consulte-se Celso Ferreira da Cunha. *Estudos de versificação portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris. Centro Cultural Português, 1982, p. 1-168 e 273-319.

Por exemplo, palavras como *povoado* e *magoado* são tetrassílabos na língua corrente, já que apresentam o encontro *-oá-*, pronunciado de regra com as vogais em HIATO. Também no verso costumam ser assim emitidas, como nos mostram estes decassílabos de Olavo Bilac:

Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

e este heptassílabo de Augusto Gil:

Tão	ma	go	a	do,	tão	lin	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Não é raro, porém, o emprego destas palavras no verso como trissílabos, com a transformação do HIATO /o-a/ (= /u-a/) no DITONGO [wa].

Compare-se ao que citamos anteriormente este heptassílabo de Augusto Gil:

Mas	o	seu	o	lhar	ma	goa	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Ambos aparecem até na mesma estrofe:

Gordo, nédio, bem trajado,
Deveria ser feliz,
Deveria estar sorrindo;
Mas o seu olhar **magoado**,
Tão **magoado**, tão lindo,
Que não o é, bem no diz...

Esta passagem de um hiato a ditongo, por exigência métrica, chama-se SINÉRESE.

Diérese

Menos frequente do que a SINÉRESE é o fenômeno inverso, ou seja, a transformação de um DITONGO normal em HIATO. A esse alongamento silábico dá-se o nome de DIÉRESE.

Exemplifiquemos:

Na língua viva de nossos dias a palavra *saudade* é um trissílabo (*sau-da-de*), e como tal se emprega comumente quer na versificação erudita, quer na versificação popular. Mas, vez por outra, ainda aparece usada no verso com a antiga pronúncia tetrassilábica (*sa-u-da-de*). Citem-se, a propósito, estes heptassílabos de duas conhecidas quadrinhas:

Eu não quero, nem brincando,
Dizer adeus a ninguém:
Quem parte leva **saudades**,
Quem fica **saudades** tem.

A ausência tem uma filha,
Que se chama **saüdade**:
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra minha vontade.

Na primeira, por duas vezes, temos a palavra em sua enunciação normal, trissílaba. Na segunda, empregada com DIÉRESE, devemos emiti-la em quatro sílabas: *sa-u-da-de.*

Crase, aférese, síncope e apócope

Além dos que estudamos, outros processos têm sido utilizados por nossos poetas para reduzir ou ampliar o número de sílabas de uma palavra, segundo as necessidades métricas. Entre os processos de redução vocabular, devem ser conhecidos:

1.º) A CRASE, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas numa só, o que ocorre, por exemplo, com os dois *-aa-* contíguos de *Saara* neste decassílabo de Castro Alves:

Quan	do eu	pas	so	no	Saa	ra a	mor	ta	lha	(da)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

2.º) A AFÉRESE, ou seja, a supressão de sons no início da palavra. É o caso do emprego da forma *'Stamos* por *Estamos* neste decassílabo de Castro Alves:

'Sta	mos	em	ple	no	mar...	Do	fir	ma	men	(to)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

3.º) A SINCOPE, ou seja, a supressão de sons no meio da palavra, o que sucede na pronúncia *Esp'ranças* por *Esperanças* neste decassílabo de Casimiro de Abreu:

Es	p'ran	ças	al	tas...	Ei-	las	já	tão	ra	(sas)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

4.º) A APÓCOPE, ou seja, a supressão de sons no fim da palavra. Sirva de exemplo o emprego de *mármor* pela forma *mármore* neste decassílabo de Castro Alves:

Ar	tis	ta –	cor	ta o	már	mor	de	Car	ra	(ra)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

Observação:

Estes processos de redução silábica, muito do agrado dos poetas românticos, caíram em desuso com o parnasianismo.

A CESURA E A PAUSA FINAL[4]

1. O período rítmico formado pelo verso termina sempre numa PAUSA, que o delimita. Esta PAUSA pode consistir numa interrupção mais ou menos longa da cadeia falada, conforme assinale o final de verso, de estrofe, ou do próprio poema, caso em que é absoluta. Pode ser ela brevíssima, ou, mesmo, não passar de um simples abaixamento da voz nos pontos de separação dos versos, mas não pode faltar. Omiti-la é retirar o sinal determinador da extensão e unidade dos períodos rítmicos em que se estrutura o poema.

2. A CESURA é um descanso da voz no interior do verso. Ocorre principalmente nos versos longos, que ficam por ela divididos em GRUPOS FÓNICOS, como dissemos no capítulo 7.

---

[4] Sobre a diferença entre a PAUSA – "elemento essencial, determinador da extensão e unidade do verso", que impede "a sinalefa e permite que versos e hemistíquios terminem com final grave, aguda ou esdrúxula" – e a CESURA, "breve descanso" que "repugna o hiato", "aceita a sinalefa" e "não admite adição nem supressão alguma que afete o número de sílabas", veja-se Tomás Navarro Tomás. *Métrica española*. New York, Syracuse University, 1956, p. 14.

3. Comparem-se estes exemplos de Olavo Bilac:

Cheguei. // Chegaste. // Vinhas fatigada...

E um dia assim! // de um sol assim! // E assim a esfera...

Despencando os rosais, // sacudindo o arvoredo...

Quando o verso apresenta apenas uma CESURA, os dois GRUPOS FÔNICOS por ela formados recebem o nome de HEMISTÍQUIOS (= metades do verso), embora nem sempre contenham o mesmo número de sílabas.

Vejam-se estes exemplos de Alphonsus de Guimaraens:

E os arcanjos dirão // no azul ao vê-la,
Pensando em mim: // — "Por que não vieram juntos?"

Acentue-se, ainda, que, ao contrário da PAUSA FINAL do verso, a CESURA que recaia entre duas vogais não impede que elas se ditonguem ou, até, se fundam pela crase.

Compare-se este decassílabo de Camilo Pessanha:

E um lenço bordado... // Esse hei de o levar...

que temos de ler com SINALEFA do *o* de *bordado* e o *E-* de *Esse*; e o segundo destes outros, do mesmo poeta, em que, apesar de recair a CESURA entre *oiro* e *o*, a emissão se faz com a crase dos dois *oo*:

Muda outra vez: // gorjeios estribilhos
Dum clarim de oiro // — o cheiro de junquilhos,
Vívido e agro! // — tocando a alvorada...

Cavalgamento (*enjambement*)

1. Dissemos que o verso finaliza sempre com uma pausa ou com uma deflexão da voz que, ainda que breve, deve ser suficientemente percebida como o sinal característico do término de um período rítmico.
   Geralmente a pausa final do verso coincide com uma pausa existente, ou possível, na estrutura sintática. É o que observamos nestes decassílabos do soneto *Nel mezzo del cammin...*, de Olavo Bilac:

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada /
E triste, e triste e fatigado eu vinha. /
Tinhas a alma de sonhos povoada, /
E a alma de sonhos povoada eu tinha... /

2. Não raro, no entanto, os poetas servem-se de um recurso estilístico, de alto efeito quando usado comedidamente, recurso este que consiste em terminar o verso em discordância flagrante com a sintaxe, pela separação de palavras estreitamente unidas num grupo fônico. As palavras deslocadas para o verso seguinte adquirem, com isso, um realce extraordinário, como vemos neste passo do mesmo soneto de Bilac:

E paramos de súbito **na estrada**
Da vida: longos anos, **presa à minha**
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

A esta bipartição do grupo fônico pela suspensão inesperada da voz em seu interior e pelo relevo do segundo elemento, ansiosamente esperado pelo ouvinte, dá-se o nome de CAVALGAMENTO ou, na designação francesa, *ENJAMBEMENT*.

O CAVALGAMENTO E A PAUSA FINAL

1. Em geral, nossos compêndios de versificação aconselham que, nos casos de CAVALGAMENTO, a leitura do verso se faça com a supressão da pausa final e, consequentemente, com o prolongamento do enunciado até a primeira depressão da voz no interior do verso seguinte.
Esta forma de ler o verso que cavalga altera-lhe substancialmente o ritmo e modifica a figura tonal do poema. Nos poemas de versificação irregular, será apenas uma outra maneira de dispor a irregularidade de versos que já são flutuantes. Mas, naqueles estruturados com versos regulares, provoca uma mudança rítmica essencial, ou seja, a quebra da própria regularidade. Assim, o soneto de Olavo Bilac atrás mencionado não mais será uma sequência de catorze decassílabos, se lermos numa emissão contínua até a parte conclusiva o verso:

E paramos de súbito na estrada
Da vida:.....

o qual passará a ter treze sílabas métricas:

E	pa	ra	mos	de	sú	bi	to	na es	tra	da	da	vi	(da)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**12**	**13**	

2. A propósito, escreve Maurice Grammont: "Não é exato que o *ENJAMBEMENT* suprima, como dizem alguns, a pausa do fim do verso, nem que ele suprima

ou mesmo enfraqueça o último acento rítmico do verso; longe disso, a pausa final do verso que cavalga é tão nítida e tão longa como as outras, e o seu último acento rítmico é também forte. Tudo se reduz ao seguinte: enquanto nos versos comuns abaixamos a voz no fim de cada verso, deixamo-la interrompida e suspensa no fim daqueles que cavalgam. Daí resulta um aguçamento da atenção do auditor, que fica em ansiosa expectativa durante a pausa. E, como a voz não abaixou, ela deve, na parte excedente, aumentar de intensidade ou mudar de entoação".[5]

Desse fato decorre também que o CAVALGAMENTO, para surtir o efeito desejado, deve ter a parte conclusiva curta e constituída de palavra ou expressão de grande valor significativo.[6]

TIPOS DE VERSO

OS VERSOS TRADICIONAIS

Embora não faltem exemplos de versos de treze e mais sílabas desde a poesia dos trovadores galego-portugueses, podemos considerar o DODECASSÍLABO o verso mais longo normalmente empregado pelos poetas da língua antes da eclosão dos movimentos modernistas em Portugal e no Brasil.

Monossílabos

Os versos de uma sílaba são de uso raro. Geralmente aparecem combinados com outros maiores para obtenção de certos efeitos sonoros.

De Cassiano Ricardo são estes MONOSSÍLABOS, agrupados em dísticos:

Rua
torta.

---

[5] *Petit traité de versification française*, 3.ª ed., Paris, Armand Colin, 1916, p. 92-93. O eminente foneticista desenvolve melhor sua interpretação do cavalgamento em *Le vers français. Ses moyens d'expression. Son harmonie*, 2.ª ed., Paris, Champion, 1913, p. 33-58. Importante estudo sobre o assunto, e com interesse maior para a versificação portuguesa, é a *Estructura del encabalgamiento en la métrica española* (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1964), de Antonio Quilis, que em muitos pontos, contradiz Grammont.

[6] Na métrica francesa chama-se REJET as palavras do grupo fônico deslocadas para o verso seguinte. No exemplo de Olavo Bilac: as expressões *Da vida* e *A tua mão*. Em português, não há uma denominação tradicional para este segmento complementar. Manuel Said Ali, na sua *Versificação portuguesa* (Rio de Janeiro, MEC/INL, 1949, p. 23), propôs chamar-lhe PARTE EXCEDENTE, ou só EXCEDENTE, o que nos parece melhor.

Lua
morta.

Tua
porta.

Dissílabos

Como os MONOSSÍLABOS, os versos de duas sílabas não são frequentes. Também se empregam, de regra, em estrofes polimétricas para obtenção de efeitos expressivos.

Com DISSÍLABOS compôs Casimiro de Abreu o seu harmonioso poema *A valsa*:

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
Eu vi!...

Trissílabos

Com versos de três sílabas se fizeram alguns poemas nas literaturas de língua portuguesa, mas os TRISSÍLABOS costumam ser mais usados em estrofes compostas, geralmente combinados com HEPTASSÍLABOS, como neste passo de *Mimosa e bela*, de Gonçalves Dias:

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva,
Assim perde o colorido
Por um toque irrefletido,
Mal sentido...

Além do acento principal na 3.ª sílaba, podem os TRISSÍLABOS apresentar ou não um acento secundário na 1.ª sílaba:

Sempre **viva**...
Que pa**dece**...

Tetrassílabos

Podem apresentar três cadências, que documentamos com versos do poema *A lua*, de Antônio Botto:

a) acentuação na 2.ª e na 4.ª sílaba (mais comum):

Na **noi**te **ne**gra

b) acentuação na 1.ª e na 4.ª sílaba:

Gente per**di**da

c) acentuação apenas na 4.ª sílaba:

Nos cora**ções**

Como verbo auxiliar, o TETRASSÍLABO é usado de preferência em combinação com o HEPTASSÍLABO e com o DECASSÍLABO. Vejam-se estes exemplos de Gonçalves Dias:

— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa e me sorria...
— **Que riso o seu!**

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flor!
Oh! que bem cedo o talismã quebraste
Do nosso amor!

Pentassílabos

Desde a época trovadoresca, o PENTASSÍLABO, ou verso de REDONDILHA MENOR, tem sido usado nas quatro cadências possíveis no idioma, aqui documentadas com versos de João de Deus:

a) acentuação na 2.ª e na 5.ª sílaba (mais comum):

Bo**ni**na do **va**le

b) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Luz dos **o**lhos **meus!**

c) acentuação na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Ao rom**per** da au**ro**ra

d) acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Pérola do **mar**

Hexassílabos

O verso de seis sílabas teve certa voga na poesia trovadoresca. Depois caiu em desuso, para ressurgir no século XVI em combinações com o DECASSÍLABO HEROICO, razão por que também se denomina HEROICO QUEBRADO. Readquiriu posteriormente sua autonomia e, hoje, tem largo emprego entre nossos poetas.

Pode apresentar as seguintes cadências, que documentamos com versos do poema "Perguntas", de Carlos Drummond de Andrade:

a) acentuação na 2.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Ou **de**sse **mes**mo **enig**ma

b) acentuação na 2.ª e na 6.ª sílaba:

Pro**pí**cios a nau**frá**gio

c) acentuação na 4.ª e na 6.ª sílaba:

De me incli**nar** a**flí**to

d) acentuação na 1.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Desse cala**do** ir**real**

e) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Magras **re**ses, ca**mi**nhos

f) acentuação na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Do pri**mei**ro re**tra**to

Heptassílabos

O verso de sete sílabas ou de REDONDILHA MAIOR foi sempre o verso popular, por excelência, das literaturas de língua portuguesa e espanhola. Verso básico da poesia popular, desde os trovadores medievais aos modernos cantadores do Nordeste brasileiro, o HEPTASSÍLABO nunca foi desprezado pelos poetas cultos, que dele se serviram por vezes em poemas de alta indagação filosófica.

O HEPTASSÍLABO é usado em oito movimentos rítmicos, que passamos a documentar com exemplos colhidos na obra de José Régio:

a) ritmo alternante de sílaba forte e fraca, ou seja, acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Ve**l**ha, **gran**de, **tos**ca e **be**la.

b) variante do tipo anterior, com falta de acentuação na 1.ª sílaba:

O lu**ar** no **mar** es**pra**ia

c) variante do primeiro tipo, sem acentuação na 5.ª sílaba:

Sinto os **o**lhos a tur**var**

d) variante também do primeiro tipo, sem acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Na amu**ra**da dum ve**lei**ro

e) acentuação na 4.ª e na 7.ª sílaba:

Que me di**ria**, afi**nal**,

f) variante do tipo precedente, com acentuação também na 2.ª sílaba:

Nas **ne**gras **noi**tes de in**ver**no

g) variante do tipo e, com acentuação também na 1.ª sílaba:

Choupos tran**si**dos de **má**goa

h) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Da **ban**da de **lá** do **ri**o

A outra cadência possível dentro das peculiaridades fonéticas do idioma — o HEPTASSÍLABO com acentuação na 1.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba —, por sua raridade, não deve agradar ao ouvido dos poetas. Veja-se este exemplo, colhido num poema de Cecília Meireles:

Sobre o compri**men**to do **ar**

Octossílabos

O OCTOSSÍLABO foi um dos versos mais usados pelos trovadores galego-portugueses, principalmente nas cantigas de caráter cortês. Importado da poesia narrativa e didática do Norte e do Sul da França, onde apresentava de regra acento interno na 4.ª sílaba, conservou na Península predominantemente esta forma.

Com o declínio da poesia trovadoresca, o OCTOSSÍLABO caiu em desuso, tendo reaparecido em nossa literatura no século passado, novamente por influência francesa, em cuja versificação desempenha, como verso leve, o papel do nosso HEPTASSÍLABO.

Eis os seus movimentos rítmicos, documentados na prática de Alphonsus de Guimaraens:

a) ritmo alternante de sílaba fraca e forte, isto é, acentuação na 2.ª, na 4.ª, na 6.ª e na 8.ª sílaba:

Bai**xa**va **len**to. A **noi**te **vi**nha.

b) variante do tipo anterior, sem acentuação na 6.ª sílaba:

Es**pec**tros **chei**os de espe**ran**ça

c) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 2.ª sílaba, mas podendo ter ou não a 1.ª sílaba acentuada:

No campa**nár**io, ao **sol** in**cer**to
Basta, tal**vez**, a **co**va **enor**me

d) variante também do primeiro tipo, com acentuação interna apenas na 4.ª sílaba, ou na 1.ª e na 4.ª:

O campa**nár**io do de**ser**to
Cheio de **lú**gubre mis**té**rio

e) variante ainda do primeiro tipo, sem acentuação na 4.ª sílaba:

Paramos de re**pen**te à **por**ta

f) acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Era **tar**de. O **sol** no po**en**te

g) variante do tipo anterior, sem acentuação na 1.ª sílaba:

Com fa**di**gas, **suo**res e **pran**to

h) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 3.ª sílaba:

Quando o Jubi**leu** se apro**xi**ma

i) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Em **on**das o **bas**to ca**be**lo

j) acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 8.ª, podendo ter a 1.ª sílaba também forte:

Entre**va**dos de **mui**tos **a**nos
Junto **des**te cai**xão** in**for**me

Eneassílabos

Há dois tipos de versos de nove sílabas, ambos com raízes antigas na literatura portuguesa:

1.º) O ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO, que apresenta acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba e, por cadência uniforme e pausada, se tem prestado a composições de hinos patrióticos e de poemas cuja expressividade ressalta da absoluta regularidade rítmica. Comparem-se estes versos do *Hino à Bandeira* (letra de Olavo Bilac):

Contem**plan**do o teu **vul**to sa**gra**do,
Compreen**de**mos o **no**sso de**ver**;
E o Bra**sil**, por seus **fil**hos a**ma**do,
Pode**ro**so e fe**liz** há de **ser**.

Note-se que no ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO é tão forte a intensidade da 3.ª, da 6.ª e da 9.ª sílaba, que todas as demais, ainda que de natureza tônica, nele se obscurecem em benefício daquelas.

2.º) O ENEASSÍLABO com acento interno fundamental na 4.ª sílaba, que, por exigência idiomática, recebe forçosamente um outro na 6.ª ou na 7.ª sílaba. Seus movimentos rítmicos são, pois, os seguintes, documentados com exemplos colhidos no *Só*, de Antônio Nobre:

a) acentuação na 4.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba, podendo ter a 1.ª ou a 2.ª sílaba também forte:

O que no **Mun**do **cá** o espe**ra**va,
A**deus**! ó **Lua**, **Lua** dos **Me**ses,
Lua dos **Ma**res, **o**ra por **nós**!...
A**deus**! Na au**sên**cia **me**ses são **a**nos.

b) acentuação na 4.ª, na 7.ª e na 9.ª, com a possibilidade de ser a 1.ª ou a 2.ª também acentuada:

A**deus**! Que es**tra**nha Vi**são** é a**que**la
Que vem an**dan**do por **so**bre o **mar**?
Todos ex**cla**mam de **mãos** para **e**la.
"**No**ssa Se**nho**ra! que **vens** a an**dar**!"

Decassílabos

É longa e complexa a história do DECASSÍLABO nas literaturas de língua portuguesa. Em sua estrutura mais antiga possuía acento interno fundamental na 4.ª sílaba, assemelhando-se, portanto, ao verso primitivo da épica francesa.

Cedo, porém, apareceram outros tipos de DECASSÍLABO. Desenvolveu-se uma forma, na qual a acentuação interna, que por vezes recaía também na 6.ª sílaba, veio a basear-se essencialmente nela. E, posteriormente, com a dissolução do esquema inicial, surgiram ainda novas formas: os DECASSÍLABOS com acentuação interna fundamental na 5.ª e, mais raramente, na 3.ª sílaba.

Eram essas as formas conhecidas do verso de dez sílabas, quando, em princípios do século XVI, por influência italiana, se fixaram os dois tipos, que iriam predominar até os dias de hoje nas literaturas de língua portuguesa.

São eles:

a) o DECASSÍLABO chamado HEROICO, acentuado fundamentalmente na 6.ª e na 10.ª sílaba, mas com possibilidades de ter acentuações secundárias na 8.ª e numa das quatro primeiras sílabas:

As **mi**nhas **mãos** ma**gri**tas, afi**la**das,
Tão **bran**cas como a **á**gua da nas**cen**te,
Lembram **pá**lidas **ro**sas entor**na**das
Dum re**ga**ço de In**fan**ta do Ori**en**te.
(F. Espanca)

b) o DECASSÍLABO chamado SÁFICO, que apresenta acentuação na 4.ª, na 8.ª e na 10.ª sílaba, podendo, naturalmente, ter a 1.ª ou a 2.ª também fortes:

Quando eu te **fu**jo e me des**vio cau**to
Da **luz** de **fo**go que te **cer**ca, oh! **be**la,
Con**ti**go **di**zes, suspi**ran**do **amo**res
"— Meu **Deus**! que **ge**lo, que frieza **aque**la!"
(C. de Abreu)

Mas os antigos ritmos não se perderam. Mesmo os poetas do período clássico não os olvidaram totalmente. Foram, porém, os simbolistas e os modernistas que souberam reabilitá-los, mostrando os apreciáveis movimentos melódicos que se podem obter num poema com o emprego do DECASSÍLABO em suas variadas cadências.

Sirva de exemplo o soneto "No claustro de celas", de Camilo Pessanha:

E **eis** quanto **res**ta do i**dí**lio aca**ba**do
— Prima**ve**ra que du**rou** um mo**men**to...
Como vão **lon**ge as ma**nhãs** do con**ven**to!
— Do a**le**gre conven**ti**nho abando**na**do...

Tudo aca**bou**... **Anê**monas, hi**drân**geas,
Si**lin**dras — **flo**res **tão** nossas a**mi**gas!
No **claus**tro a**go**ra **vi**çam as ur**ti**gas,
Rojam-se **co**bras pelas **ve**lhas **lá**jeas.

Sobre a inscri**ção** do teu **no**me de**li**do!
— Que os meus **ol**hos mal **po**dem sole**trar**,
Can**sa**dos... E o a**ro**ma fene**ci**do

Que se **e**vola... do teu **no**me vul**gar**!
Enobre**ceu**-o a quieta**ção** do ol**vi**do,
Ó **do**ce, in**gê**nua, inscri**ção** tumu**lar**.

Destas formas renovadas merecem referência especial:

a) o DECASSÍLABO acentuado na 4.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba comumente chamado VERSO DE GAITA GALEGA, mas de longa tradição também na poesia italiana e espanhola:

Já vai flo**rir** o po**mar** das ma**ceiras**...
(C. Pessanha)

b) o DECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba:

Primavera que durou um momento...
(C. Pessanha)

c) o DECASSÍLABO com acentuação na 5.ª, na 7.ª (ou na 8.ª) e na 10.ª sílaba, forma que costumava assumir o antigo VERSO DE ARTE-MAIOR e cadência frequente do DECASSÍLABO francês:

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei de prender na volta do mar.
(C. Pessanha)

O sonho passou. Traz magoado o rim,
Magoada a cabeça exposta à humildade.
(M. Bandeira)

Hendecassílabos

O HENDECASSÍLABO foi muito usado pelos nossos poetas românticos numa cadência sempre uniforme, ou seja, com acentuação na 2.ª, na 5.ª, na 8.ª e na 11.ª sílaba:

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sozinho c'oa face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— "Oh filho querido do meu coração!" —
(C. de Abreu)

Este tipo de HENDECASSÍLABO nada mais é do que a simples restauração da forma por que se apresentava com mais frequência o VERSO DE ARTE-MAIOR, o verso longo, de quatro acentos, que servia aos poetas peninsulares em suas composições graves e solenes até princípios do século XVI, quando foi eclipsado pelo decassílabo de origem italiana.

Há outro tipo de HENDECASSÍLABO, empregado por Guerra Junqueiro, com acentuação fixa apenas na 5.ª e na 11.ª sílaba:

(Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!
Ai, o teu menino, como está mudado!
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar?...

Neste século, o poeta Hermes Fontes tentou novos ritmos para o verso de onze sílabas, um dos quais particularmente agradável — o HENDECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 11.ª sílaba:

> Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma...
> Estas **car**tas — estas **flo**res desfo**lha**das...

Dodecassílabos

O DODECASSÍLABO é mais conhecido por VERSO ALEXANDRINO, provavelmente por ter sido o metro adotado num poema que teve larga voga na Idade Média, a versão do *Romance de Alexandre*, de Lambert le Tort, Alexandre de Bernay e Pierre de Saint-Cloud.

Esta denominação tem gerado numerosos equívocos, principalmente pelo fato de existirem, ainda hoje, dois tipos de ALEXANDRINO: O ALEXANDRINO FRANCÊS (de doze sílabas) e o ALEXANDRINO ESPANHOL (de treze sílabas), este último muito pouco cultivado pelos poetas de nossa língua.

O ALEXANDRINO FRANCÊS apresenta dois tipos ritmicamente bem distintos: o CLÁSSICO e o ROMÂNTICO.

O ALEXANDRINO chamado CLÁSSICO tem a CESURA no meio do verso, que fica assim dividido em dois HEMISTÍQUIOS de partes iguais (6 + 6). Daí resulta ser acentuado na 6.ª e na 12.ª sílaba, como se vê destes exemplos de Augusto de Lima:

> Nessas noites de **luz** // mais belas do que a au**ro**ra,
> As errantes vi**sões** // das almas pere**gri**nas
> Vão voando a can**tar** // pela amplidão a**fo**ra...

Como o ritmo de 6 + 6 tende a subdividir-se, por exigência da harmonia interna do verso, em 3 + 3 + 3 + 3, desenvolveu-se um tipo especial dentro do ALEXANDRINO CLÁSSICO — o chamado TETRÂMETRO —, que apresenta, além dos acentos principais (na 6.ª e na 12.ª), dois outros secundários (na 3.ª e na 9.ª). É o caso deste ALEXANDRINO de Alberto de Oliveira:

> Como **len**ços de **long**e a di**ze**rem-lhe a**deus**!

Os românticos franceses não desdenharam do clássico ritmo binário (6 + 6), nem do seu submúltiplo, o TETRÂMETRO (3 + 3 + 3 + 3), mas deram ênfase a uma forma pouco usada pelos clássicos, o ALEXANDRINO de ritmo ternário (4 + 4 + 4), em que a CESURA deixa de coincidir com o HEMISTÍQUIO. A este tipo

de dodecassílabo dá-se o nome de TRIMETRO, ou de ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Leia-se, por exemplo, este verso de Camilo Pessanha:

Adorme**cei**. Não suspi**reis**. Não resp**ireis**.

Vítor Hugo, que foi o grande reformador do ALEXANDRINO FRANCÊS, tentou ainda outras formas de TRÍMETRO, fazendo variar o número de sílabas de suas três partes (3 + 5 + 4, ou 4 + 5 + 3), mas estes ritmos não aparecem nos parnasianos portugueses e brasileiros, dos poetas da língua os que mais se utilizaram do dodecassílabo. Em verdade, os parnasianos nada inovaram no particular. Contentaram-se com as consagradas variações dos acentos secundários do ALEXANDRINO CLÁSSICO e com tímidas explorações da forma usual do ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Por outro lado, seguiram rigorosamente dois princípios na juntura dos hemistíquios:

a) só empregavam palavra grave no final do primeiro hemistíquio se o segundo hemistíquio começasse por vogal, a fim de garantir a integridade do verso pela sinérese das duas vogais em contato, como nos mostra este verso de Amadeu Amaral:

Ora, crespa, referve; // ora é um cristal sem ruga!

b) nunca usavam palavra esdrúxula no final do primeiro hemistíquio.

Finalmente, como os franceses, os poetas de nossa língua infringiram com frequência a regra arbitrária, de Boileau, que manda encerrar em cada hemistíquio uma unidade de sentido, seguindo até o exemplo daqueles na prática amiudada do CAVALGAMENTO (*ENJAMBEMENT*):

Bela! dizia eu, como **uma Feiticeira**
da Tessália, evocando a ensanguentada lua.
(Gomes Leal)

Oh! esse último olhar ao firmamento! **A vida**
Em surtos de paixão e febre repartida,
Toda, num só olhar, devorando as estrelas!
(O. Bilac)

No exemplo de Bilac observa-se o que Maurice Grammont chama *CONTREREJET*: a parte curta é a final de um verso e cavalga sobre todo o verso seguinte, ou, apenas, sobre o primeiro hemistíquio dele.

Observação:

O *Romance de Alexandre (Li Romans d'Alixandre)*, na versão mais vulgarizada na Idade Média, consta de cerca de vinte mil dodecassílabos, escritos em fins do século XII por Lambert le Tort de Châteaudun, Alexandre de Bernay, apelidado de Paris, e Pierre de Saint-Cloud. Aceita-se hoje que estes autores apenas amplificaram um poema anterior de Albéric de Pisançon, cuja fonte seria uma Epítome, feita no século IX, que resumiria a tradução latina de Julius Valerius (séc. IV) da obra do falso Calístenes (séc. II) sobre o herói macedônio. Albéric empregara o verso de oito sílabas, mas, cedo, um outro rimador refez o seu poema em decassílabos. Foi este texto, já amplificado, que serviu de base ao trabalho de refundição empreendido por Lambert le Tort e seus continuadores. O interesse do público pelo poema na versão dodecassilábica teria feito que o metro nele adotado se ligasse ao próprio tema da obra, e viesse a ser conhecido por ALEXANDRINO. Mas cabe advertir que o DODECASSÍLABO não foi usado pela primeira vez no *Romance de Alexandre*, como afirmam alguns. Nele já se haviam composto outros poemas, entre os quais a gesta *Le Pèlerinage de Charlemagne à Jérusalem*, que é do segundo quartel do século XII.

Na forma medieval, o ALEXANDRINO era um verso de doze sílabas, com cesura depois da 6.ª sílaba acentuada. Esta sílaba poderia ser seguida de uma inacentuada, que não se contava na medida do verso. O tipo em causa foi empregado em todo o domínio românico, e as *Cantigas de Santa Maria*, do rei D. Afonso X, o Sábio, dão-nos a prova de sua utilização na literatura galego-portuguesa.

O ALEXANDRINO podia ter assim doze, treze, ou mesmo, quatorze sílabas métricas (tipo este usual na Itália), caso o primeiro hemistíquio terminasse em palavra aguda, grave ou esdrúxula. Em francês, cujo léxico é formado essencialmente por palavras oxítonas, cedo se fixou como padrão o ALEXANDRINO de doze sílabas. Sendo o espanhol e o galego-português línguas em que predominam os paroxítonos, é natural que servisse de modelo o ALEXANDRINO de treze sílabas, forma ainda usual do verso no primeiro desses idiomas.

ISOSSILABISMO E VERSIFICAÇÃO FLUTUANTE

1. Estudamos até aqui a versificação portuguesa de base silábica, ou seja, aquela em que a sílaba é incontestavelmente a unidade de medida do verso.
   Neste sistema de versificação as sílabas são sempre tratadas como isócronas, isto é, não diferenciadas para efeito métrico em longas e breves segundo o modelo quantitativo greco-latino. Daí a tendência ao ISOSSILABISMO — cada tipo de verso a acomodar-se em um número fixo de sílabas, limitado por um acento tônico final, obrigatório.

2. Há, porém, certas formas de versificação cultivadas nas literaturas de língua portuguesa que não obedecem ao princípio isossilábico.

Nas cantigas trovadorescas, por exemplo, especialmente nas paralelísticas e nos refrãos, a tendência ao ISOSSILABISMO era contrarregrada pela forte corrente nativa de VERSIFICAÇÃO ACENTUAL, em cuja estrutura se tornava irrelevante a igualdade silábica, pois que a perfeita ritmia auditiva provinha do número e da disposição dos acentos. Assim as "quatro altas" do VERSO DE ARTE-MAIOR igualavam linhas que podiam oscilar entre nove e treze sílabas. Outra forma de versificação não isossilábica é a chamada MÉTRICA BÁRBARA, tentativa de reproduzir os metros quantitativos latinos, em particular o HEXÂMETRO DACTÍLICO. Na literatura brasileira cultivou-a Carlos Magalhães de Azeredo, sensivelmente influenciado pela técnica de Giosuè Carducci.

O VERSO LIVRE

Tanto os METROS BÁRBAROS como os antigos VERSOS ACENTUAIS contrariam o princípio isossilábico, mas as flutuações que apresentam não excedem predeterminados limites. Não assim no VERSO LIVRE, posto em prática pelo grande poeta norte-americano Walt Whitman na obra *Folhas de relva* (*Leaves of Grass*, 1855), e que, a partir de 1886, iria dominar na poética dos simbolistas de língua francesa: Gustave Kahn, Jules Laforgue, Emile Verhaeren, Francis Vielé-Griffin, Henri de Régnier, Jean Moréas e tantos outros.

Gustave Kahn, poeta e principal teorizador do VERSO LIVRE, procurou estabelecer-lhe os princípios, que podem ser assim resumidos:

a) o verso deve possuir sua existência própria e interior consubstanciada numa coerente unidade semântica e rítmica;
b) a unidade do verso será então definida como o fragmento mais curto possível em que haja uma pausa da voz e uma conclusão de sentido;
c) a estrofe não terá mais um desenho preestabelecido, mas será condicionada pelo pensamento ou pelo sentimento;
d) a inversão e o cavalgamento são recursos que devem ser banidos do verso.

Tais princípios se consubstanciam, por exemplo, na *Ode marítima* de Fernando Pessoa, como nos mostra este passo:

Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!

e no poema *Os ombros suportam o mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, cuja primeira estrofe é a seguinte:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Mas, como bem salienta Henri Morier, não podemos dizer que exista *a priori* uma técnica uniforme do VERSO LIVRE.[7] Cada poeta procura forjar o seu próprio instrumento, não sendo raro o mesmo autor ensaiar várias técnicas, como documenta a obra dos principais poetas modernistas portugueses e brasileiros.

Advirta-se, por fim, que um verso só pode ser considerado LIVRE dentro de certos tipos de estrutura poemática, estrutura que representa sempre uma organização interativa. "A linha só é unidade poética se há poema. É o poema que faz o verso livre, e não o verso livre que faz o poema. Exatamente como nos versos métricos".[8]

Em resumo:

"No verso livre o fator que coordena artisticamente a palavra em seus grupos respectivos se funda na sucessão dos apoios psicossemânticos que o poeta, intuitiva ou intencionalmente, dispõe como efeito da harmonia interior que o orienta na criação de sua obra. Por seu próprio sentido individual, esta espécie de ritmo exige de parte do autor uma fina sensibilidade expressiva e um perfeito domínio do material linguístico".[9]

E concluamos com estas palavras de Pedro Henríquez Ureña:

"Reduzido a sua essência pura, sem apoios rítmicos acessórios, o verso conserva intacto seu poder de expressar, sua razão de existir. Os apoios rítmicos que a uns parecem necessários, a outros sobram ou estorvam. E tais apoios têm vida limitada: atravessam séculos e desaparecem. Desapareceu a quantidade nos velhos idiomas indo-europeus; desapareceu a aliteração nos germânicos... Não há formas universais nem eternas".[10]

---

[7] *Dictionnaire de poétique et de réthorique*, 2.ª ed., Paris, P. U. F., 1975, p. 1.119; e também *Le Rythme du vers libre symboliste*, 3 vols. Genève, Presses Académiques, 1943-1944.

[8] Henri Meschonnic. *Obra cit.*, p. 607.

[9] Tomás Navarro Tomás, *Obra cit.*, p. 444-445.

[10] En busca del verso puro. In *Estudios de versificación española*. Buenos Aires, Eudeba, 1961, p. 267-268.

A RIMA

1. LENDO ESTA QUADRINHA POPULAR,

Tanto limão, tanta **lima**,
Tanta silva, tanta am**ora**,
Tanta menina bon**ita**...
Meu pai sem ter uma n**ora**!

verificamos que:

a) o 1.º e o 3.º verso apresentam uma identidade de vogais a partir da última vogal tônica: **i-a** (*lima* — *bonita*);
b) o 2.º e o 4.º verso apresentam uma correspondência de sons finais ainda mais perfeita, pois, a partir da última vogal tônica, se igualam todos os fonemas (vogais e consoantes): **-ora** (*amora* — *nora*).

2. Esta identidade ou semelhança de sons em lugares determinados dos versos é o que se chama de RIMA.[11] Se a correspondência de sons é completa, a RIMA diz-se SOANTE, CONSOANTE, ou, simplesmente, CONSONÂNCIA. Se há conformidade apenas da vogal tônica, ou das vogais a partir da tônica, a RIMA denomina-se TOANTE, ASSONANTE ou, simplesmente, ASSONÂNCIA.

A RIMA E O ACENTO

Quanto à posição do acento tônico, as RIMAS, como as palavras, podem ser:

a) AGUDAS:

Vinhos dum vinhedo, frutos dum pom**ar**,
Que no céu os anjos regam com lu**ar**...
(Guerra Junqueiro)

b) GRAVES:

Calçou as sandálias, tocou-se de **flores**,
Vestiu-se de Nossa Senhora das D**ores**.
(A. Nobre)

---

[11] Sobre a RIMA na poesia de língua portuguesa, consultem-se especialmente: João da Silva Correia. *A rima e a sua acção linguística, literária e ideológica*. Lisboa, 1930 (conjunto de nove artigos publicados, durante o ano de 1930, em várias revistas portuguesas, enfeixados pelo autor num volume com capa própria); Mello Nóbrega. *Rima e poesia*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1965.

c) ESDRÚXULAS:

No ar lento fumam gomas aromá**ticas**
Brilham as navetas, brilham as dalmá**ticas.**
(E. de Castro)

As rimas agudas são também chamadas RIMAS MASCULINAS; e as graves, RIMAS FEMININAS.

RIMA PERFEITA E RIMA IMPERFEITA

1. A rima é uma coincidência de sons, não de letras. Por exemplo, há RIMA SOANTE PERFEITA nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

Céu puro que o sol tr**ouxe**
Claro de norte a s**ul,**
O teu olhar é d**oce,**
Negro assim, qual se f**osse**
Inteiramente az**ul.**

tanto entre *sul* e *azul*, como entre as formas *trouxe, doce e fosse*, que apresentam a mesma terminação grafada de três maneiras diferentes.

2. Perfeita é também a rima de *tem* com *mãe* nestes versos do poeta português Fernando Pessoa:

Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade t**em**?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
"O menino da sua m**ãe.**" —

porque no falar lisboeta estas palavras soam normalmente [tãj] e [mãj].

3. Mas nem sempre há identidade absoluta entre os sons dispostos em rima, quer soante, quer toante. Algumas discordâncias têm sido mesmo largamente toleradas através dos tempos. Entre os casos de RIMA IMPERFEITA consagrados pelo uso, cabe mencionar:

a) o das vogais acentuadas *e* e *o* semiabertas com semifechadas, prática iniciada por Gil Vicente, no século XVI, e adotada desde então pelos poetas da língua:

Quem disse à estrela o caminho
Que ela há de seguir no **céu**?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprend**eu**?
(Almeida Garrett)

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu outro **fora**,
Pensar que te vejo ag**ora**,
Por culpa minha, infeliz...
(Gonçalves Dias)

b) o de vogal simples com ditongo (*a-ai, e-ei, ó-ói, u-ui*), como nestes versos de Casimiro de Abreu:

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos **ais...**
E a turba andava! Só de vez em quando
Lânguido rosto se volvia atr**ás**!

Ó brisa linda e travessa,
No teu mais doce baf**ejo**,
Em seus lábios cor-de-rosa,
Bem de manso, dá-lhe um b**eijo**.

— Pés descalços, braços n**us** —
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas az**uis**!

c) o de rima de vogal oral com vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se p**õe**,
Imagem moribunda
De um coração que f**oi**...
(J. de Deus)

Observação:

A bem dizer, não existe nestes casos RIMA IMPERFEITA, mas RIMA PARCIAL. Na rima de vogal aberta com vogal fechada, bem como na de vogal oral com vogal nasal, há uma semi-homofonia vocálica, ou seja, identificam-se apenas os traços básicos

dos fonemas em apreço, aqueles que os diferenciam fundamentalmente dos outros fonemas vocálicos. A rima de vogal simples com ditongo, a rigor, nem deve ser considerada RIMA IMPERFEITA, pois corresponde geralmente a uma efetiva igualdade fônica. Palavras como *atrás*, *vez*, *retrós* e *nus*, por exemplo, são pronunciadas [a'trajʃ], ['vejʃ], [re'trɔjʃ] e ['nujʃ] em muitas áreas da língua portuguesa, entre as quais o Rio de Janeiro. Lembre-se, a propósito, estas rimas usadas numa antiga marchinha carnavalesca carioca:

Existem quatrocentas mil mulheres a **mais**
Da Penha ao Posto **Seis**.
São mais de dez mulheres para cada rapa**z**:
Só eu não tenho **vez**...

RIMA POBRE E RIMA RICA

1. Consideram-se POBRES as rimas soantes feitas com terminações muito correntes no idioma, principalmente as de palavras da mesma classe gramatical. É o caso, por exemplo, dos infinitivos em *-ar*, dos particípios em *-ado*, dos gerúndios em *-ando*, dos diminutivos em *-inho*, dos advérbios em *-mente*, dos adjetivos em *-ante*, dos substantivos em *-ão* e *-eza*, das palavras primitivas com os seus derivados por prefixação: *amor-desamor*, *ver-rever*, etc.

2. São RICAS as rimas que se fazem com palavras de classe gramatical diversa ou de finais pouco frequentes, como nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

O teu olhar, Senhora, é a estrela da **alva**
Que entre alfombras de nuvens **irradia**:
Salmo de amor, canto de alívio, e **salva**
De palmas a saudar a luz do **dia**...

Alguns metricistas preferem reservar a qualificação RICAS para as RIMAS com consoante de apoio, do tipo *dia-irradia*.

3. Denominam-se RARAS ou PRECIOSAS as rimas excepcionais, difíceis de encontrar. Foram procuradas sobretudo pelos poetas parnasianos e simbolistas. Veja-se, por exemplo, esta rima de *ditirambos* com *flambos*, que aparece nos *Helenos*, de B. Lopes.

E, a rir, levamos entre **ditirambos**,
Eu, no açafate, as provisões do lanche,
Ela, um beijo a trinar nos lábios **flambos**!

E as de *cálix* com *digitális* e de *leque* com *Utreque*, empregadas nas *Horas* de Eugênio de Castro:

Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em **cálix**
O seu colo! e os seus dedos de **digitális**! —
Vai com suas aias, leva fino **leque**,
Cauda de veludo pálido, de **Utreque**.

4. Por vezes, o poeta procura a raridade não só no campo fonético, mas também no morfológico. Do mesmo Eugênio de Castro são estes versos, em que rima um substantivo com uma forma verbo-pronominal:

Eis que diz uma: — Meus chapins **descalça-mos**,
Unge meus pés brancos com cheirosos **bálsamos**.

COMBINAÇÕES DE RIMAS

1. Os versos de um poema podem ser MONORRIMOS, isto é, podem terminar todos pela mesma consonância ou pela mesma assonância. É o que sucede comumente com os versos dos romances tradicionais, em que uma só assonância liga um número indefinido deles.

2. Mas, em geral, as combinações rímicas processam-se dentro de unidades menores do poema — as ESTROFES —, cujos principais tipos estudaremos adiante. Nas estrofes, as disposições mais frequentes de RIMAS são as seguintes:

a) RIMAS EMPARELHADAS, quando se sucedem duas a duas:

Ele deixava atrás tanta recorda**ção**!
E o pesar, a saudade até no próprio ch**ão**,
Debaixo dos seus pés, parece que gem**ia**,
Levantava-se o sol, vinha rompendo o d**ia**,
E o bosque, a selva, o campo, a pradaria em fl**or**
Vestiam-se de luz, como um preito de am**or**.
(A. de Oliveira)

b) RIMAS ALTERNADAS, quando, de um lado, rimam os versos ímpares (o 1.º com o 3.º, etc.); de outro, os versos pares (o 2.º com o 4.º, etc.):

Tu és um beijo mat**erno**!
Tu és um riso infant**il**,
Sol entre as nuvens de inv**erno**,
Rosa entre as flores de abr**il**!
(J. de Deus)

c) RIMAS OPOSTAS ou INTERPOLADAS, quando o 1.º verso rima com o 4.º, e o 2.º com o 3.º:

Saudade! Olhar de minha mãe rez**ando**
E o pranto lento deslizando em **fio**...
Saudade! Amor da minha terra... O **rio**
Cantigas de águas claras soluç**ando**.
(Da Costa e Silva)

d) RIMAS ENCADEADAS, quando o 1.º verso rima com o 3.º; o 2.º com o 4.º e com o 6.º; o 5.º com o 7.º e o 9.º e assim por diante, como nestes versos do poema *Uma criatura*, de Machado de Assis:

Sei de uma criatura antiga e formid**ável**,
Que a si mesma devora os membros e as entr**anhas**
Com a sofreguidão da fome insaci**ável**.

Habita juntamente os vales e as mont**anhas**
E no mar, que se rasga, à maneira de ab**ismo**,
Espreguiça-se toda em convulsões estr**anhas**.

Traz impresso na fronte o obscuro despot**ismo**.
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de ego**ísmo**.

RIMA INTERIOR

Poetas houve que empregaram RIMAS INTERIORES, das quais alguns tipos merecem referência:

a) a chamada RIMA LEONINA, isto é, a correspondência de sons finais entre os dois hemistíquios de um verso:

Como são chei**rosas** as primeiras **rosas**!
(A. de Guimaraens)

b) a combinação rímica da palavra final de um verso com a palavra que termina o primeiro grupo fônico do verso seguinte:

Anjo sem pátria, branca fada err**ante**,
Perto ou dist**ante** que de mim tu vás,
Há de seguir-te uma saudade in**finda**,
Hebreia **linda**, que dormindo estás.
(T. Ribeiro)

c) a RIMA COM ECO, em que se repetem consonâncias dentro do mesmo grupo fônico:

Donzel**a** bel**a**, que me insp**ira** a l**ira**
Um c**anto** s**anto** de fremente amor
Ao b**ardo** o c**ardo** da trem**enda** s**enda**
Est**anca**, arr**anca**-lhe a terrível dor.
(Castro Alves)

INDICAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS RIMAS

Convencionalmente, indicam-se os versos com as letras do alfabeto. Aos versos presos pela mesma rima correspondem letras iguais. Assim o esquema das RIMAS EMPARELHADAS é *aa-bb-cc*, etc.; o das RIMAS ALTERNADAS é *ababab*, etc.; o das RIMAS OPOSTAS, *abba*; o das RIMAS ENCADEADAS, *aba-bcb-cdc*, etc.

VERSOS SEM RIMA

1. Elemento importantíssimo na poesia dos povos românicos, a rima serve principalmente a dois fins. É uma sonoridade, uma musicalidade que, introduzida no poema, satisfaz o ouvido. E é, por outro lado, uma forma de marcar enfaticamente o término do período rítmico formado pelo verso. Mas não constitui, como se tem dito, um elemento intrínseco, essencial do verso, tanto assim que era desusada na métrica latina de caráter culto e não faltam às literaturas modernas numerosos e admiráveis poemas compostos de versos BRANCOS, o que vale dizer — sem rima.

2. Até os poetas modernos, que, procurando despojar a poesia dos artifícios exteriores, relegaram a rima a uma situação secundária, só encontramos praticamente um verso — o DECASSÍLABO — a servir de base a um poema, sem o auxílio da rima. Veja-se, por exemplo, a estrofe inicial do *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela:

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústia conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,

O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!
Teto, caíste! Crença — já não vives!

3. Advirta-se, porém, que a inexistência da rima é geralmente compensada nesses poemas por uma série de recursos estilísticos de natureza fônica, léxica e sintático-semântica.

Observação:

A rima não é, como se tem afirmado, uma criação da poesia medieval. Embora não desempenhasse na versificação latina o importante papel que adquiriu, posteriormente, na rítmica românica, não se pode asseverar, sem prejuízo da verdade, que os poetas latinos a desconhecessem.

Ênio, que viveu de 238 a 169 antes de Cristo, dela já sabia extrair os mais expressivos efeitos, como nos mostram os seguintes fragmentos:

Haec omnia vidi inflamm**ari**,
Priamo vi vitam evit**ari**,
Iovis aram sanguine turp**ari**!
Caelum nit**escere**, arbores frond**escere**,
Vites laetificae pampinis pub**escere**,
Rami bacarum ubertate incurv**escere**...[12]

Não faltam exemplos de rima em Horácio, Vergílio e outros poetas do período clássico, mas é nos cantos de textura popular, como o *carmen*, que vamos encontrá-los com maior frequência, o que nos leva a considerar tal homofonia de sons finais um de seus elementos característicos.

O fato explica-se pelas necessidades do canto e, principalmente, pelo progressivo predomínio do acento de intensidade.

Numa versificação baseada na quantidade silábica e no acento de altura, como era a latina no período clássico, a rima teria forçosamente o caráter de puro adorno acidental — recurso lúdico ou de harmonia imitativa, quando não uma negligência. Nada, lembra J.-M. Meunier, poderia ser mais contrário ao princípio da métrica erudita do que volver, continuamente, às mesmas terminações. Obrigando a fixar a atenção em certas sílabas em detrimento do conjunto, essas rimas perturbavam a harmonia resultante da sucessão regular e do agrupamento variado das longas e das

[12] Cf. Alfred Ernout. *Recueil de textes latins archaïques*. Paris, Klincksieck, 1938, p. 178.

breves, sobre as quais incidia, ou o tempo forte métrico, ou o acento de altura. Nesta organização rítmica flexível e delicada, elas apareciam como notas discordantes e de tonalidade vulgar.[13]

Já numa versificação puramente silábica, o ritmo é o simples efeito da alternância de sílabas fortes e fracas, ou seja, impressionadas ou não pelo acento intensivo. A igualdade de som ou sons finais dos versos surge então como uma tosca forma de marcar-lhes o término. Gaston Paris chega a afirmar, com certo exagero, que "uma versificação simplesmente silábica não passa de um corpo sem alma; é necessariamente em tudo material, e só pode obter efeitos pelo meio brutal da rima".[14]

A partir do século IV da nossa era, a rima começa a ser empregada de forma sistemática. Aparece, então, na peça que finaliza as *Instructiones* de Comodiano e fixa-se, depois, nos hinos da liturgia cristã. Com o florescimento da poesia trovadoresca, nos séculos XII e XIII, ela assume uma importância capital e é explorada até os limites de seu poder expressivo. Basta para comprová-lo o fato de *Las Leys d'Amors*, tratado de poética do século XIV, enumerar 43 espécies de rimas utilizadas pelos trovadores occitânicos.

ESTROFAÇÃO

ESTROFE (do grego *strophé* "volta", "conversão") é um agrupamento rítmico formado de dois ou mais versos que, em geral, se combinam pela rima. Quanto maior o número de versos, tanto maior a possibilidade de variar a distribuição das rimas.

Eis os principais tipos de ESTROFE:

O DÍSTICO

É a menor estrofe, constituída de dois versos que rimam entre si, pelo esquema: *aa-bb*, etc.:

Filho meu, de nome escri**to**
Da minh'alma no Infini**to**.
Escrito a estrelas e s**angue**
No farol da lua **langue**...
(Cruz e Sousa)

---

[13] Cf. *La Vie de Saint Alexis, poème français du XIe. siècle*. Paris, Droz, 1933, p. 101.

[14] Citado por J.-M. Meunier, à p. 96 da obra mencionada na nota anterior.

O TERCETO

É a estrofe de três versos, hoje mais usada na composição do SONETO, do qual trataremos adiante.

Os poemas estruturados em TERCETOS seguiram largo tempo o modelo célebre da *Divina comédia*, de Dante — a TERZA RIMA —, sequência de TERCETOS decassilábicos em rima ENCADEADA (esquema: *aba-bcb-cdc...*). O segundo verso do último TERCETO devia rimar com um verso final, remate do poema ou do canto (esquema: *xzx-z*).

Posteriormente, compuseram-se TERCETOS com outras combinações rímicas (*aab-ccb*, *abc-abc*, etc.), ou mesmo sem rima, como estes do poema *Rosa da montanha*, de Alphonsus de Guimaraens Filho:

Um luar velho dói sobre o silêncio.
As mãos furtivas despetalam mortes
E o coração se perde em nostalgia.

Fugir na noite inconsolável, ir
Ao teu suplício, rosa da montanha,
Ó delicada pétala de sangue!

A QUADRA

É a estrofe de quatro versos, os quais, na poesia culta, se apresentam geralmente em rima ALTERNADA (*abab*) ou OPOSTA (*abba*), como vimos anteriormente. Na literatura popular, onde vale por um verdadeiro poema de forma fixa, a QUADRA é, por via de regra, constituída de heptassílabos com uma só rima, do 2.º com o 4.º verso. Exemplo:

O pouco que Deus nos deu
Cabe numa mão fech**ada**:
O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é n**ada**.

A QUINTILHA

É a estrofe de cinco versos. Em suas formas comuns, apresenta a combinação de duas rimas dispostas nas séries:

a) *abaab*:

Além dos ares, tremulam**ente**,
Que visão branca das nuvens s**ai**!

Luz entre franças, fria e sil**ente**;
Assim nos ares, tremulam**ente**,
Balão aceso subindo **vai**...
(R. Correia)

b) *ababa*:

O tempo que eu hei sonh**ado**
Quanto tempo foi de **vida**!
Ah, quanto do meu pass**ado**
Foi só a vida ment**ida**
De um futuro imagin**ado**!
(F. Pessoa)

c) *abbab*:

Mas, em vida tão esc**assa**,
Que esperança será **forte**?
Fraqueza da humana s**orte**,
Que quanto da vida p**assa**
Está recitando a M**orte**.
(Camões)

A SEXTILHA

É a estrofe de seis versos. Nela a disposição das rimas pode variar muito. Gregório de Matos, por exemplo, usava o esquema *aabbcc*:

O namorado, todo almiscar**ado**,
Já de amor obrig**ado**,
Faz à dama um poema em um bilh**ete**.
Covarde o faz, e tímido o rem**ete**:
Se lhe responde branda, alegre o g**osta**,
E, se tirana, estima-lhe a resp**osta**.

Nas *Sextilhas de Frei Antão*, Gonçalves Dias rimou apenas os versos pares (*abcbdb*):

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o ver**ei**,
Nem tão inteiros sujeitos,

Um ao outro dando a **lei**:
No Paço o rei ao vassalo,
Na Igreja o vassalo ao **rei**!

E assim fizeram outros poetas românticos, os quais preferiam, no entanto, o esquema *aabccb*:

Simpatia — são dois **galhos**
Banhados de bons orv**alhos**
Nas mangueiras do jard**im**;
Bem longe às vezes nasc**idos**,
Mas que se juntam cresc**idos**
E que se abraçam por **fim**.
(C. de Abreu)

esquema também do agrado de Antônio Nobre:

Às vezes, passo horas int**eiras**,
Olhos fitos nestas bras**eiras**,
Sonhando o tempo que lá v**ai**;
E jornadeio em fantas**ia**
Essas jornadas que eu faz**ia**
Ao velho Douro, mais meu P**ai**.

Poetas contemporâneos continuam a empregar a SEXTILHA nas suas múltiplas combinações rímicas, algumas muito harmoniosas, como o tipo *ababab*:

Por água brava ou ser**ena**
Deixamos nosso cant**ar**,
Vendo a voz como é peq**uena**
Sobre o comprimento do **ar**.
Se alguém ouvir temos p**ena**:
Só cantamos para o m**ar**...
(C. Meireles)

A ESTROFE DE SETE VERSOS

Frequente na poesia trovadoresca de caráter culto, a estrofe de sete versos teve menor fortuna a partir do Renascimento.

Aparece em composições ligeiras de poetas do período clássico, geralmente no esquema *abbaacc*, como nesta volta de uma cantiga de Camões:

Leva na cabeça o **pote**,
o testo nas mãos de pr**ata**,
cinta de fina escarl**ata**,
sainho de chamal**ote**:
traz a vasquinha de c**ote**,
Mais branca que neve p**ura**;
vai fermosa, e não seg**ura**.

Poetas posteriores usaram outras combinações rímicas, entre as quais podem ser citadas as seguintes: *aabcbbc* (Álvares de Azevedo); *abababa*, *aabcddc*, *abbcddc* (Casimiro de Abreu); *abacbac* (Vicente de Carvalho); *aabaaca*, *abbacbc* (Fernando Pessoa); *abcdefd*, *ababcac*, *abcdbec*, *abcabbc* (Cecília Meireles).

A OITAVA

Da estrofe de oito versos há um tipo tradicionalmente fixo, a OITAVA HEROICA, e outro métrica e rimicamente variável, a OITAVA LÍRICA.

A OITAVA HEROICA é formada de oito decassílabos, os seis primeiros com rima alternada e os dois últimos com rima emparelhada (esquema: *abababcc*). Foi a estrofe empregada por Camões em *Os lusíadas*:

De Formião, filósofo eleg**ante**,
Vereis como Aníbal escarnec**ia**,
Quando das artes bélicas di**ante**
Dele com larga voz tratava e **lia**.
A disciplina militar prest**ante**
Não se aprende, senhor, na fantas**ia**
Sonhando, imaginando ou estud**ando**,
Senão vendo, tratando e pelej**ando**.
(*Lus.*, X, 153)

A OITAVA LÍRICA admite grande variedade de combinações rímicas. Por vezes é uma simples justaposição de duas quadras. Assim nos esquemas *ababcdcd* e *abbacddc*. Para lhe dar estrutura mais orgânica, procuram os poetas ligar pela rima um verso da primeira metade com um verso da segunda, geralmente o 4.º com o 8º. Este, por exemplo, o caso dos esquemas:

a) *abbcaddc*:

Uma tarde cor-de-r**osa**...
Uma vila assim mod**esta**,
Assim tristonha como **esta**

De pescadores, também...
Sobre a planície arenosa
Por onde o Jordão deriva,
Pousa a sombra evocativa
Das montanhas de Siquém...
(V. de Carvalho)

b) *ababcccb*:

Ama tudo o que é beleza,
Quer da terra quer dos céus,
Ama toda a natureza,
Ama o seu e nosso Deus;
Ama a doce melodia,
Ama a noite como o dia,
Ama instintiva a poesia,
Que ela tem nos beijos seus!
(Mendes Leal)

c) *aaabcccb*:

Os trêmulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia!
Tudo isso é — amor!
(C. de Abreu)

Os poetas românticos preferiam, não raro, variantes desses tipos com falta de rima no 1.º e no 3.º verso, ou no 1.º e no 5.º, ou em todos os versos ímpares.

Não faltam também oitavas líricas em que os versos se distribuem por duas rimas, como nesta de Gomes Leal, que obedece ao esquema *abaaabab*:

Pegou no copo, com graça,
E brindou, em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,
Como a um punhal que a trespassa,
Encheu de prantos a taça,

E o seu lenço de Bret**anha**...
Chorou baixo, ao ouvir, com gr**aça**,
Esse brinde, em língua estr**anha**!

A ESTROFE DE NOVE VERSOS

Embora tenha raízes antigas na literatura portuguesa, a estrofe de nove versos foi sempre pouco usada. Dela se serviu, por exemplo, Machado de Assis no poema *Visio* (esquema: *aabcdbcdb*), que assim principia:

Eras pálida. E os cab**elos**,
Aéreos, soltos nov**elos**,
Sobre as espáduas ca**íam**...
Os olhos meio cerr**ados**
De volúpia e de tern**ura**
Entre lágrimas luz**iam**...
E os braços entrelaç**ados**,
Como cingindo a vent**ura**,
Ao teu seio me cing**iam**...

Mais recentemente, empregou-a Fernando Pessoa em *O mostrengo* (esquema: *aabaacdcd*), cujo início é o seguinte:

O mostrengo que está no fim do m**ar**
Na noite de breu ergueu-se a vo**ar**;
A roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chi**ar**,
E disse, "Quem é que ousou entr**ar**
Nas minhas cavernas que não desv**endo**,
Meus tetos negros do fim do m**undo**?"
E o homem do leme disse, trem**endo**,
"El-Rei D. João Seg**undo**!"

A DÉCIMA

Em geral, a DÉCIMA é a simples justaposição de uma QUADRA e uma SEXTILHA, ou de duas QUINTILHAS. No período clássico, a DÉCIMA em heptassílabos era usada para poesias ligeiras: cantigas, glosas, vilancetes e esparsas. Sá de Miranda empregou-a nos esquemas *abbacddccd* e *abaabcddcd*; Camões, na forma *abaabcdccd*; e Gregório de Matos, que dela se serviu largamente nas sátiras, preferia o tipo *abbaaccddc*, de que nos dá mostra a seguinte, endereçada "a um livreiro que havia comido um canteiro de alfaces com vinagre":

Levou um livreiro a d**ente**
De alface todo um cant**eiro**,
E comeu, sendo livr**eiro**,
Desencadernadam**ente**.
Porém, eu digo que m**ente**
A quem disso o quer tach**ar**;
Antes é para not**ar**
Que trabalhou como um m**ouro**,
Pois meter folhas no c**ouro**
Também é encadern**ar**.

A esse tipo de décima de setissílabos, agrupados no esquema rímico *abbaaccddc*, dá-se o nome de ESPINELA, por ser atribuída a sua invenção ao poeta espanhol Vicente Espinel.

A partir do romantismo, novos tipos de DÉCIMA têm aparecido, de regra com intercalações de versos brancos. Compare-se este exemplo de Castro Alves (esquema *abcbddeffe*):

Talhado para as grandezas,
Para crescer, criar, sub**ir**,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porv**ir**.
— Estatuário de col**ossos**
Cansado doutros esb**oços**,
Disse um dia Jeov**á**:
"Vai, Colombo, abre a cort**ina**
Da minha eterna ofic**ina**...
Tira a América de **lá**".

E este outro de Antônio Botto (esquema: *abcbdefghg*):

Se eu fosse alguém ou mandasse
Neste mundo de vil**eza**,
Só pensava numa coisa
— Acabar com a pobr**eza**.
Dar à vida outra feição
Mais igual, mais repartida,
Seria o meu grande sonho,
A minha grande alegr**ia**,
E a cada boca, num beijo,
Dar o pão de cada d**ia**.

ESTROFE SIMPLES E COMPOSTA

Chamam-se SIMPLES as estrofes formadas de versos de uma só medida, e COMPOSTAS as que combinam versos maiores com menores.

As combinações mais comuns são:

a) a do decassílabo com o hexassílabo;
b) a do hendecassílabo com o pentassílabo;
c) a do alexandrino com os versos de oito, de seis ou de quatro sílabas;
d) a do heptassílabo com os versos de três ou de quatro sílabas.

ESTROFE LIVRE

Denomina-se LIVRE ou POLIMÉTRICA a estrofe que apresenta versos de diferentes medidas e agrupados sem obediência a qualquer regra. Em verdade, a ESTROFE LIVRE é a negação da estrofe, no sentido tradicional dessa palavra.

POEMAS DE FORMA FIXA

Há poemas que têm uma forma fixa, isto é, submetida a regras determinadas quanto à combinação dos versos, das rimas ou das estrofes. Assim o SONETO, O RONDÓ, O RONDEL, a BALADA, O CANTO REAL, O VILANCETE, a VILANELA, a SEXTINA, O PANTUM, O HAICAI e a QUADRA popular. Dentre eles, merece um comentário particular o SONETO por sua longa vitalidade em várias literaturas, inclusive na portuguesa e na brasileira.

O SONETO

Há duas variedades de SONETO: O SONETO ITALIANO e O SONETO INGLÊS.

1. Compõe-se o SONETO ITALIANO de quatorze versos, geralmente decassílabos ou alexandrinos, agrupados em duas quadras e dois tercetos.

   As rimas das quadras são as mesmas. Um par de rimas serve a ambas, segundo um dos dois esquemas:

   1.º) *abba-abba*, que é o mais usual e se pode ver, por exemplo, no soneto *No claustro de celas*, de Camilo Pessanha, reproduzido à página 704 deste livro.

   2.º) *abab-abab*, disposição de rimas a que obedece, por exemplo, as do soneto *Remissão*, de Carlos Drummond de Andrade:

> Tua memória, pasto de poesi**a**,
> tua poesia, pasto dos vulg**ares**,
> vão se engastando numa coisa fri**a**
> a que tu chamas: vida, e seus pes**ares**.

Mas, pesares de quê? perguntar**ia**,
se esse travo de angústia nos cant**ares**,
se o que dorme na base da eleg**ia**
vai correndo e secando pelos **ares**.

2. Nos tercetos podem combinar-se duas ou, mais frequentemente, três rimas. Quando há apenas duas rimas, dispõem-se elas normalmente de forma alternada: *cdc-dcd*. Assim no soneto de Camilo Pessanha, atrás mencionado. Se as rimas são três, distribuem-se em geral nos esquemas:

1.º) *ccd-eed*, empregado preferentemente por Florbela Espanca, a exemplo destes tercetos de *Languidez*:

Fecho as pálpebras roxas, quase pr**etas**,
Que pousam sobre duas viol**etas**,
Asas leves cansadas de v**oar**...

E a minha boca tem uns beijos m**udos**...
E as minhas mãos, uns pálidos vel**udos**,
Traçam gestos de sonho pel**o ar**...

2.º) *cdc-ede*, que se documenta nos tercetos de *Lar paterno*, de Belmiro Braga:

Serras virentes, que não mais transp**onho**,
Na retina fiel ainda eu vos t**enho**,
E revejo, através de um brando s**onho**,

A casa onde nasci, as mansas r**eses**,
A várzea, o laranjal, a horta, o eng**enho**
E a cruz onde rezei por tantas v**ezes**...

3.º) *cde-cde*, que aparece nestes tercetos de *Zulmira*, de Raimundo Correia:

Não sei porque chorando toda a g**ente**,
Quando Zulmira se casou, est**ava**:
Belo era o noivo... que razões hav**ia**?

A mãe e a irmã choravam tristem**ente**;
Só o pai de Zulmira não chor**ava**...
E era o pai, afinal, quem mais sofr**ia**!

Estas as principais disposições rímicas do SONETO ITALIANO, ou seja, da forma tradicional deste breve e afortunado poema.

3. O SONETO INGLÊS, modernamente introduzido nas literaturas de língua portuguesa, também consta de quatorze versos, mas distribuídos em três quadras e um dístico final, que se escrevem sem espacejamento. Obedece a um dos dois esquemas:

a) *ababbcbccdcd ee*;
b) *ababcdcdefef gg*.

Na literatura inglesa, o primeiro tipo é conhecido por SONETO SPENSERIANO (*spenserian sonnet*), por ter sido cultivado inicialmente pelo poeta Edmund Spenser (1552?-1599); o segundo denomina-se SONETO SHAKESPEARIANO (*Shakespearean sonnet*), ou, simplesmente, SONETO INGLÊS (*English sonnet*), por se haver tornado a forma mais usual do poema desde que dela se serviu o genial dramaturgo nos 154 espécimes do gênero que nos legou.

De Manuel Bandeira é este soneto shakespeariano:

SONETO INGLÊS N.º 2

Aceitar o castigo imerecido,
Não por fraqueza, mas por altivez.
No tormento mais fundo o teu gemido
Trocar num grito de ódio a quem o fez.
As delícias da carne e pensamento
Com que o instinto da espécie nos engana
Sobpor ao generoso sentimento
De uma afeição mais simplesmente humana.
Não tremer de esperança nem de espanto.
Nada pedir nem desejar, senão
A coragem de ser um novo santo
Sem fé num mundo além do mundo. E então
Morrer sem uma lágrima, que a vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.

Elenco e desenvolvimento das abreviaturas usadas

A. A. de Melo Franco, *AR* = FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Amor a Roma*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

A. Abelaira, *B* = ABELAIRA, Augusto. *Bolor*. 3.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

A. Abelaira, *BI* = ——. *As boas intenções*; romance. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1971.

A. Abelaira, *CF* = ——. *A cidade das flores*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

A. Abelaira, *D* = ——. *Os desertores*; romance. 3.ª ed. Amadora, Bertrand [1971].

A. Abelaira, *NC* = ——. *O nariz de Cleópatra*. Comédia em 3 atos. Amadora, Bertrand [1962].

A. Abelaira, *QPN* = ——. *Quatro paredes nuas*; contos. Amadora, Bertrand, 1972.

A. Abelaira, *TM* = ——. *O triunfo da morte*. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

A. Amoroso Lima, *AA* = LIMA, Alceu Amoroso [Tristão de Ataíde]. *Afonso Arinos*. Rio de Janeiro-Lisboa-Porto, 1922.

A. Arinos, *OC* = ARINOS, Afonso. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

A. Azevedo, *C* = AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Segundo milheiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1890.

A. Bessa Luís, *AM* = LUÍS, Agustina Bessa. *A muralha*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, 1957.

A. Bessa Luís, *M* = ——. *O manto*; romance. Amadora, Bertrand, s. d.

A. Bessa Luís, *OM* = ——. *O mosteiro*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., 1980.

A. Bessa Luís, *QR* = ——. *As relações humanas: Os quatro rios*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, s. d.

A. Bessa Luís, *S* = ——. *A sibila*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., s. d.

A. Botto, *C* = BOTTO, Antônio. *Canções*. Nova edição definitiva. Lisboa, Bertrand, 1941.

A. Botto, *OA* = ——. *Ódio e amor*. Lisboa, Ática, 1947.

A. Callado, *MC* = CALLADO, Antônio. *A madona de cedro*. 2.ª ed. Nova Fronteira, 1981.

A. Callado, *Q* = ——. *Quarup*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1967.

A. Carlos Resende, *LD* = RESENDE, Antônio Carlos. *O louva-a-deus*; novela. Porto Alegre, Globo, 1980.

A. Corrêa d'Oliveira, *M* = OLIVEIRA, Antônio Corrêa d'. *Menino*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand; Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA* = ——. *Verbo ser e verbo amar*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1926.

A. de Alcântara Machado, *NP* = MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; Mana Maria; Contos avulsos*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

A. de Assis Júnior, *SM* = ASSIS JÚNIOR, Antônio de. *O segredo da morta*; romance de costumes angolenses. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1979.

A. de Guimaraens, *OC* = GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

A. de Oliveira, *P* = OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*; 1.ª e 2.ª séries, edição melhorada. Rio de Janeiro, Garnier, 1912; 3.ª série. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913; 4.ª série, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1928.

A. de Oliveira, *Pós.* = ——. *Póstuma*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1944.

A. de Quental, *C* = QUENTAL, Antero de. *Cartas*. 2.ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

A. de Quental, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Couto Martins-Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923-1931. 3 v.

A. de Quental, *SC* = ——. *Sonetos completos*, publicados por J. P. Oliveira Martins. 2.ª ed. aumentada. Porto, Portuense, 1890.

A. Deodato, *POBD* = DEODATO, Alberto. *Políticos e outros bichos domésticos*; crônicas. 2.ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963.

A. dos Anjos, *E* = ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Rio de Janeiro, s. ed. 1912.

A. Frederico Schmidt, *AP* = SCHMIDT, Augusto Frederico. *Antologia de prosa*. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.

A. Frederico Schmidt, *F* = ——. *As florestas*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. Frederico Schmidt, *GB* = ——. *O galo branco*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. Frederico Schmidt, *PE* = ——. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro, Américc-Edit., 1946.

A. Feliciano de Castilho, *AO* = CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Os amores de P. Ovídio Nasão*. Rio de Janeiro, Ed. Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1858. 4 t.

A. Feliciano de Castilho, *F* = ——. *Os fastos de Públio Ovídio Nasão*. Lisboa, Imprensa da Academia Real das Sciencias, 1862. 3 t.

A. Ferreira, *C* = FERREIRA, Antônio. *Castro*. In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas*; estabelecidos e comentados por ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 143-262.

A. Gil, *LJ* = GIL, Augusto. *Luar de janeiro*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, 1917.

A. Herculano, *E* = HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. 32.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Herculano, *HP* = ——. *História de Portugal, desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Afonso III*. 8.ª ed., dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 8 t.

A. Herculano, *LN* = ——. *Lendas e narrativas*. 22.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa-Rio de Janeiro, Bertrand/Francisco Alves, s. d. 2 t.

A. Herculano, *MC* = ——. *O monge de Císter, ou a epocha de D. João I*. 19.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d. 2 t.

A. Herculano, *OEIP* = ——. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*; tentativa histórica. Lisboa, Imprensa Nacional, 1855-1864. 3 v.

A. M. Machado, *CJ* = MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. M. Machado, *HR* = ——. *Histórias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. M. Machado, *JT* = ——. *João Ternura*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

A. Magalhães, *OC* = MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

A. Margarido, *ELNA* = MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

A. Meyer, *CM* = MEYER, Augusto. *A chave e a máscara*. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.

A. Meyer, *MA* = ——. *Machado de Assis* (1935-1958). Rio de Janeiro, São José, 1958.

A. Meyer, *P* = ——. *Poesias* (1922-1955). Rio de Janeiro, São José, 1957.

A. Meyer, *SI* = ——. *Segredos da infância*. Porto Alegre, Globo, 1949.

A. Nascentes, *PR* = Nascentes, Antenor. *O problema da regência: regência integral e viva*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1944.

A. Nobre, *CI* = Nobre, Antônio. *Cartas inéditas*. Coimbra, Presença, 1934.

A. Nobre, *D* = ——. *Despedidas* (1895-1899). Porto, s. ed., 1902.

A. Nobre, *S* = ——. *Só*. 2.ª ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.

A. O'Neill, *SO* = O'Neill, Alexandre. *A saca de orelhas*. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

A. Patrício, *P* = Patrício, Antônio. *Poesias*. Lisboa, Ática, 1954.

A. Peixoto, *NHLB* = Peixoto, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

A. Peixoto, *RC* = ——. *Romances completos*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

A. Rangel, *IV* = Rangel, Alberto. *Inferno verde: scenas e scenários do Amazonas*. 3.ª ed. Tours, Typ. E. Arrault, 1920.

A. Renault, *LSL* = Renault, Abgar. *A lápide sob a lua*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1968.

A. Ribeiro, *AFPB* = Ribeiro, Aquilino. *Andam faunos pelo bosque*; romance. Lisboa, Bertrand, 1962.

A. Ribeiro, *CRG* = ——. *Cinco réis de gente*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *ES* = ——. *Estrada de Santiago*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1922.

A. Ribeiro, *M* = ——. *O Malhadinhas – mina de diamantes*. Lisboa, Bertrand, 1958.

A. Ribeiro, *PSP* = ——. *Portugueses das sete partidas*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *SBAM* = ——. *São Banaboião, anacoreta e mártir*. 2.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *V* = ——. *Volfrâmio*. Nova ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Santos, *K* = Santos, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo, Ática, 1981.

A. Santos, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Edições 70, 1977.

A. Sérgio, *D* = Sérgio, Antônio. *Obras completas: Democracia*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

A. Sérgio, *E* = ——. *Obras completas: ensaios*. Lisboa, Sá da Costa, 1972-1974. 8 t.

A. Tavares, *PC* = Tavares, Adelmar. *Poesias completas*. Nova ed. Rio de Janeiro, São José, 1958.

Adonias Filho, *LP* = Aguiar Filho, Adonias. *Léguas da promissão*; novelas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Adonias Filho, *LBB* = ——. *Luanda, Beira, Bahia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

Adonias Filho, *F* = ——. *O forte*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

Agostinho Neto, *SE* = Agostinho Neto, Antônio. *Sagrada esperança*; poemas. 9.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Almada Negreiros, *NG* = Negreiros, José de Almada. *Nome de guerra*. Lisboa, Verbo, 1972.

Almada Negreiros, *OC* = ——. *Obras completas*. Lisboa, Estampa, 1970-1972. 6 v.

Almeida Garrett, *O* = Garrett, J. B. de Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto, Lello & Irmão, 1966. 2 v.

Almeida Garrett, *RCG* = ——. *Romanceiro e cancioneiro geral. I. Adozinda e outros*. Lisboa, Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, 1843.

Alves Redol, *BC* = Redol, Antônio Alves. *Barranco de cegos*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1973.

Alves Redol, *BSL* = ——. *A barca dos sete lemes*. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *C* = ——. *Constantino, guardador de vacas e de sonhos*. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *F* = ——. *Fanga*, 8.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *FM* = ——. *Uma fenda na muralha*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Alves Redol, *G* = ——. *Gaibéus*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *MB* = ——. *O muro branco*. 3.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Artur Azevedo, *CFM* = AZEVEDO, Arthur. *Contos fora de moda*. 7.ª ed. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.

Autran Dourado, *IP* = DOURADO, Valdomiro Freitas Autran. *As imaginações pecaminosas*. Rio de Janeiro, Record, 1981.

Autran Dourado, *RB* = ——. *O risco do bordado*; romance. 6.ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro, Difel, 1976.

Autran Dourado, *TA* = ——. *Tempo de amor*. [São Paulo] Difel, 1979.

Branquinho da Fonseca, *B* = FONSECA, Antônio José Branquinho da. *O barão*, 6.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

Branquinho da Fonseca, *MS* = ——. *Mar santo*; novela. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1964.

B. Guimarães, *EI* = GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*; romance. Rio de Janeiro, Garnier, 1875.

B. Lopes, *H* = LOPES, Bernardino da Costa. *Helenos*. Rio de Janeiro, s. ed., 1901.

B. Lopes da Silva, *C* = SILVA, Baltasar Lopes da. *Chiquinho*; romance. São Vicente-Cabo Verde, Claridade, 1947.

B. Santareno, *TPM* = SANTARENO, Bernardo. *A traição do padre Martinho*; narrativa dramática em dois actos. Lisboa, Ática, 1969.

Barão do Rio Branco, *D* = RIO BRANCO, José M. S. Paranhos Júnior, barão do. *Obras do Barão do Rio Branco, IX. Discursos*. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1948.

C. Castelo Branco, *BE* = BRANCO, Camillo Castello. *Bohemia do espírito*. Porto, Livraria Civilização, 1886.

C. Castelo Branco, *BP* = ——. *A brazileira de Prazins; Scenas do Minho*. Porto, Ernesto Chardron, 1883.

C. Castelo Branco, *CC* = ——. *Scenas contemporâneas*. 2.ª ed. Porto, Cruz Coutinho, 1862.

C. Castelo Branco, *CE* = ——. *Coisas espantosas*. 2.ª ed. Lisboa, Antônio Maria Pereira, 1864.

C. Castelo Branco, *J* = ——. *O judeu*; romance histórico. Porto, Casa de Viúva Moré, 1866.

C. Castelo Branco, *OS* = ——. *Obra selecta*. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960-1963. 2 v.

C. Castelo Branco, *QA* = ——. *A queda d'um anjo*. Edição definitiva, revista e corrigida pelo autor. Lisboa-Rio de Janeiro, Campos & Cia., 1887.

C. Castelo Branco, *RI* = ——. Prefacio biographico. In: CASTRO, Antônio Serrão de. *Os ratos da Inquisição*. Porto, Ernesto Chardron, 1883, p. 5-109.

C. Castelo Branco, *V* = ——. *Vingança*. Porto, Cruz Coutinho, 1863.

C. de Abreu, *O* = ABREU, Casimiro de. *Obras de Casimiro de Abreu*. Apuração e revisão do texto, escorço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

C. de Oliveira, *AC* = OLIVEIRA, Carlos de. *Uma abelha na chuva*; romance. 8.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1975.

C. de Oliveira, *CD* = ——. *Casa na duna*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

C. de Oliveira, *PB* = ——. *Pequenos burgueses*; romance. 7.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

C. dos Anjos, *DR* = ANJOS, Ciro dos. *2 romances: O amanuense Belmiro; Abdias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. dos Anjos, *M* = ——. *Montanha*; romance. Rio de Janeiro, 1956.

C. dos Anjos, *MS* = ——. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1979.

C. Drummond de Andrade, *BV* = ANDRADE, Carlos Drummond de. *A bolsa & a vida*. Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1962.

C. Drummond de Andrade, *CA* = ——. *Contos de aprendiz*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

C. Drummond de Andrade, *CB* = ——. *Cadeira de balanço*; crônicas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

C. Drummond de Andrade, *CJB* = ——. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

C. Drummond de Andrade, *CM* = ——. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro, Américc-Edit., 1944.

C. Drummond de Andrade, *FA* = ——. *Fala, amendoeira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. Drummond de Andrade, *IB* = ——. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *MA* = ——. *Menino antigo (Boitempo II)*. Rio de Janeiro, Sabiá/José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964.

C. Drummond de Andrade, *R* = ——. *Reunião*; 10 livros de poesias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

C. Falcão, *C* = Falcão, Cristóvão. *Crisfal*. In Silveira, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas; estabelecidos e comentados por* ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 57-142.

C. Lispector, *AV* = Lispector, Clarice. *Água viva*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *BF* = ——. *A bela e a fera*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *FC* = ——. *Felicidade clandestina*; contos. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *HE* = ——. *A hora da estrela*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

C. Lispector, *LF* = ——. *Laços de família*; contos. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1965.

C. Lispector, *L* = ——. *O lustre*; romance. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

C. Lispector, *ME* = ——. *A maçã no escuro*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *PSGH* = ——. *A paixão segundo GH*; romance. 7.ª ed. Rio de Janeiro, 1980.

C. Lispector, *SV* = ——. *Um sopro de vida (Pulsações)*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. M. da Costa, *OP* = Costa, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas*. Nova edição... por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1903. 2 t.

C. Meireles, *OP* = Meireles, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

C. Meireles, *Q, I* = Meireles, Cecília et alii. *Quadrante I*; crônicas. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.

C. Nejar, *OP* = Nejar, Carlos.

C. Pena Filho, *LG* = Pena Filho, Carlos. *Livro geral*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

C. Pessanha, *C* = Pessanha, Camilo. *Clepsidra*. Lisboa, Ática, 1945.

Caldas Aulete, *DCLP* = Aulete, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*; feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa, Antônio Maria Pereira [1902]. 2 v.

Castro Alves, *EF* = Alves, Antônio de Castro. *Espumas fluctuantes*; poesias. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson, 1870.

Castro Alves, *OC* = ——. *Obra completa*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1976.

Castro Soromenho, *C* = Soromenho, Fernando Monteiro de Castro. *A chaga*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Castro Soromenho, *TM* = ——. *Terra morta*; romance. Lisboa, Sá da Costa, s. d.

Castro Soromenho, *V* = ——. *Viragem*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Cochat Osório, *CV* = Osorio, Ernesto Cochat. *Capim verde*; contos, Luanda, Lello, 1957.

Coelho Netto, *OS* = Coelho Netto, Henrique Maximiano. *Obra seleta, I. Romances*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

Costa Andrade, *NVNT* = Andrade, Fernando Costa. *No velho ninguém toca*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

Cruz e Sousa, *OC* = Sousa, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro. Aguilar, 1961.

D. Andrade, *VEE* = Andrade, Djalma. *Versos escolhidos e epigramas*. 3.ª ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952.

D. Mourão-Ferreira, *HL* = Mourão-Ferreira, David. *Hospital das letras*; ensaios. Lisboa, Guimarães Editores, 1966.

D. Mourão-Ferreira, *I* = ——. *O irmão*; peça em 2 atos. Lisboa, Guimarães Editores, 1965.

D. Olímpio, *LH* = Olímpio, Domingos. *Luzia homem*. Rio de Janeiro, Companhia Litho-Typographia, 1903.

D. Silveira de Queirós, *EHT* = Queirós, Dinah Silveira de. *Eles herdarão a terra*. Rio de Janeiro, GRD, 1960.

D. Silveira de Queirós, *FS* = ——. *Floradas na serra*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.

D. Silveira de Queirós, *M* = ——. *A muralha*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

D. Silveira de Queirós, *MLR* = ——. *Margarida La Rocque*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.

D. Silveira de Queirós, *VI* = ——. *Verão dos infiéis*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1971.

Da Costa e Silva, *PC* = SILVA, Antônio Francisco da Costa e. *Poesias completas*. 2.ª ed. revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 1976.

E. C. Pereira, *GH* = PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

E. da Cunha, *OC* = CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966. 2 v.

E. de Castro, *OP* = CASTRO, Eugénio de. *Obras poéticas*. Lisboa, Lumen, 1927-1940; Barcelos, Portucalense, 1944. 10 v.

E. de Castro, *UV* = ——. *Últimos versos*. Lisboa, Bertrand, 1938.

E. Moura, *EP* = MOURA, Emílio. *Itinerário poético*; poemas reunidos. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969.

E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo = PEREIRA FILHO, Emanuel. In: GÂNDAVO, Pedro de Magalhães de. *Tratado da província do Brasil*. Edição crítica. MEC/INL, 1965.

E. Prado, *IA* = Prado, Eduardo. *A ilusão americana*. 3.ª ed. São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1902.

É. Veríssimo, *A* = VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento, III. O arquipélago*. 1.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1962-1966. 3 v.

É. Veríssimo, *C* = ——. *Clarissa*. 6.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1947.

É. Veríssimo, *GPCN* = ——. *Gato preto em campo de neve*. 9.ª ed. Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo, Globo, 1952.

É. Veríssimo, *LS* = ——. *Um lugar ao sol*. 2.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1963.

É. Veríssimo, *ML* = ——. *Música ao longe*. 8.ª ed. Porto Alegre, 1947.

Eça de Queirós, *O* = *Obras de Eça de Queirós*. Porto, Lello & Irmão, 1958. 3 v.

F. A. Varnhagen, *CTA* = VARNHAGEN, Francisco Adolpho. *Cancioneirinho de trovas antigas coligidas de um grande cancioneiro da Biblioteca do Vaticano*. Viena, Typ. I. e R. do E. e da Corte, 1870.

F. Botelho, *X* = BOTELHO, Fernanda. *Xerazade e os outros*; romance (tragédia em forma de). Amadora, Bertrand, s. d.

F. de Castro, *ANE* = CASTRO, Fernanda de. *Asa no espaço*. Lisboa, Ática, 1955.

F. Espanca, *S* = ESPANCA, Florbela. *Sonetos*; edição integral. 10.ª ed. Porto, Tavares Martins, 1962.

F. J. Tenreiro, *OP* = TENREIRO, Francisco José. *Obra poética*. Lisboa, Associação dos Antigos Alunos do ISCSPU, 1967.

F. Namora, *CS* = NAMORA, Fernando. *Cidade solitária*; narrativas. 4.ª ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1969.

F. Namora, *DT* = ——. *Domingo à tarde*; romance. 11.ª ed. Amadora, Bertrand, 1975.

F. Namora, *E* = ——. *Encontros com Fernando Namora*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1981.

F. Namora, *HD* = ——. *O homem disfarçado*; romance. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1970.

F. Namora, *NM* = ——. *A noite e a madrugada*; romance. 5.ª ed. Paris, Europa-Brasil, 1968.

F. Namora, *RT* = ——. *O rio triste*; romance. Rio de Janeiro, Nórdica, 1982.

F. Namora, *TJ* = ——. *O trigo e o joio*. 12.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

F. Pessoa, *LD* = PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.

F. Pessoa, *OP* = ——. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

F. Pessoa, *QGP* = ——. *Quadras ao gosto popular*. Lisboa, Ática, 1965.

F. Pessoa, *SP* = ——. *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Recolha de textos:

dra. Maria Isabel Rocheta, dra. Maria Paula Morão. Introdução e organização: Joel Serrão. Lisboa, Ática, 1978.

F. Sabino, *EM* = SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.

F. Sabino, *G* = ——. *Gente*. Rio de Janeiro, Record, 1975. 2 t.

F. Sabino, *GM* = ——. *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro, Record [1979].

F. Sabino, *HN* = ——. *O homem nu*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

F. Sabino, *ME* = ——. *O menino no espelho*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1982.

Fagundes Varela, *PC* = VARELA, L. N. Fagundes. *Poesias completas*. Organização e apuração do texto de Miécio Táti e E. Carreiro Guerra. São Paulo, Ed. Nacional, 1957. 3 v.

Fagundes Varela, *VA* = ——. *Vozes de America*; poesias. 2.ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

Ferreira de Castro, *OC* = CASTRO, José Maria Ferreira de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958-1961. 3 v.

Fontoura Xavier, *O* = XAVIER, A. Fontoura. *Opalas*; edição definitiva, muito aumentada. Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1905.

G. Amado, *DP* = AMADO, Gilberto. *Depois da política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

G. Amado, *HMI* = ——. *História da minha infância*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

G. Amado, *PP* = ——. *Presença na política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Amado, *TL* = ——. *Três livros: A chave de Salomão e outros escritos, Grão de areia e estudos brasileiros, A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

G. Barroso, *TS* = BARROSO, Gustavo. *Terra de sol (Natureza e costumes do Norte)*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, São José, 1956.

G. Cruls, *HA* = CRULS, Gastão. *Hileia amazônica*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Cruls, *QR* = ——. *Quatro romances*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. de Almeida, *N* = ALMEIDA, Guilherme de. *Natalika*. Rio de Janeiro, Candeia Azul, 1924.

G. de Almeida, *PV* = ——. *Poesia vária*. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1963.

G. de Almeida, *TP* = ——. *Toda a poesia*. São Paulo, Martins, 1952. 7 t.

G. França de Lima, *JV* = LIMA, Geraldo França de. *Jazigo dos vivos*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

G. Freyre, *OE* = FREYRE, Gilberto. *Obra escolhida*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

G. Ramos, *A* = RAMOS, Graciliano. *Angústia*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *AOH* = ——. *Alexandre e outros heróis*; obra póstuma. 4.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

G. Ramos, *C* = ——. *Caetés*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *I* = ——. *Infância*, 9.ª ed. São Paulo, Martins, 1972.

G. Ramos, *Ins.* = ——. *Insônia*; contos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *SB* = ——. *São Bernardo*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *VS* = ——. *Vidas secas*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Genolino Amado, *RP* = AMADO, Genolino. *O reino perdido. (Histórias de um professor de História)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

Gonçalves Dias, *PCPE* = DIAS, António Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

Graça Aranha, *OC* = ARANHA, José Pereira da Graça. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

Guerra Junqueiro, *S* = JUNQUEIRO, Abílio Manuel de Guerra. *Os simples*. Porto, Typ. Occidental, 1892.

Guimarães Passos, *VS* = PASSOS, Sebastião Cícero dos Guimarães. *Versos de um simples* (1886-1891). Rio de Janeiro, s. ed., 1891.

Guimarães Rosa, *CB* = ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*; sete novelas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. 2 v.

Guimarães Rosa, *GS-V* = ——. *Grande sertão: veredas*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Guimarães Rosa, *PE* = ——. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

Guimarães Rosa, *S* = ——. *Sagarana*. 4.ª ed. Versão definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

Guimarães Rosa, *T* = ——. *Tutameia. Terceiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

H. Sales, *AM* = Sales, Herberto. *Além dos marimbus*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

H. Sales, *C* = ——. *Cascalho*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

H. Sales, *DBFM* = ——. *Dados biográficos do finado Marcelino*; romance. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965.

H. Sales, *HO* = ——. *Histórias ordinárias*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

I. Losa, *EO* = Losa, Ilse. *Encontro no outono*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

I. Lisboa, *MCN* = Lisboa, Irene. *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma*; historietas. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Amado, *GCC* = Amado, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*; crônica de uma cidade do interior. 15.ª ed. São Paulo, Martins, 1960.

J. Amado, *MG* = ——. *O menino grapiúna*. Rio de Janeiro, Record, 1982.

J. Amado, *MM* = ——. *Mar morto*; romance. 18.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

J. Amado, *TBCG* = ——. *Teresa Batista cansada de guerra*. São Paulo, Martins, 1972.

J. Cabral de Melo Neto, *DA* = Melo Neto, João Cabral de. *Duas águas*; poemas reunidos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Cabral de Melo Neto, *PC* = ——. *Poesias completas* (1940-1965). Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

J. Cândido de Carvalho, *CL* = Carvalho, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.

J. Cândido de Carvalho, *NMAI* = ——. *Não matem o arco-íris*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

J. Cardoso, *SE* = Cardozo, Joaquim. *Signo estrelado*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960.

J. Cardoso Pires, *D* = Pires, José Cardoso. *O delfim*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Moraes, 1969.

J. Condé, *C* = Condé, José. *As chuvas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

J. Condé, *TC* = ——. *Terra de Caruaru*. 2.ª ed. [Rio de Janeiro] Bloch, 1968.

J. Cortesão, *CP* = Cortesão, Jaime. *Cancioneiro popular*. Porto, Renascença, 1914.

J. Cortesão, *FDFP* = ——. *Os factores democráticos na formação de Portugal*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

J. Cortesão, *IHB* = ——. *Introdução à história das bandeiras*. Lisboa, Portugália, 1964. 2 v.

J. de Alencar, *CD* = Alencar, José de. In: Menezes, Raimundo de. *Cartas e documentos de José de Alencar*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967.

J. de Alencar, *G* = ——. *O Guarani*; romance brasileiro. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958.

J. de Alencar, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959-1960. 4 v.

J. de Araújo Correia, *FX* = Correia, João de Araújo. *Folhas de xisto*; contos. Régua, Imprensa do Douro, 1959.

J. de Deus, *CF* = Deus, João de. *Campo de flores*; poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor por Teophilo Braga. 2.ª ed. – ne varietur. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

J. de Deus, *FS* = ——. *Folhas soltas*. Porto, Magalhães & Moniz, 1876.

J. de Figueiredo, *C* = Figueiredo, Jackson de. *Correspondência*. Rio de Janeiro, A. B. C. [1938].

J. de Lima, *OC* = Lima, Jorge de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1.º vol.

J. de Sena, *G-C* = Sena, Jorge de. *Os grão-capitães*; contos. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1982.

J. de Sena, *NAD* = ——. *Novas andanças do demônio*; contos. Lisboa, Portugália, 1966.

J. de Sena, *SF* = ——. *Sinais de fogo (Monte cativo - I)*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1971.

J. do Prado Coelho, *PHL* = Coelho, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. Lisboa, Ática, 1961.

J. Lins do Rego, *A-M* = Rego, José Lins do. *Água-mãe*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *C* = ——. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

J. Lins do Rego, *D* = ——. *Doidinho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *E* = ——. *Eurídice*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *FM* = ——. *Fogo morto*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

J. Lins do Rego, *ME* = ——. *Menino de engenho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MR* = ——. *O moleque Ricardo*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MVA* = ——. *Meus verdes anos*; memórias. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

J. Lins do Rego, *P* = ——. *Pureza*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *RD* = ——. *Riacho doce*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *U* = ——. *Usina*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Manuel de Macedo, *RQ* = Macedo, Joaquim Manoel de. *O rio do quarto*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

J. Montello, *A* = Montello, Josué. *Aleluia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

J. Montello, *DP* = ——. *Os degraus do paraíso*; romance. São Paulo, Martins, 1965.

J. Montello, *DVP* = ——. *Duas vezes perdida*; novelas. São Paulo, Martins, 1966.

J. Montello, *LE* = ——. *Labirinto de espelhos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

J. Montello, *PMA* = ——. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo, Martins, 1961.

J. Montello, *SC* = ——. *O silêncio da confissão*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

J. Montello, *TSL* = ——. *Os tambores de São Luís*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1975.

J. Nabuco, *A* = Nabuco, Joaquim. *O abolicionismo*. Conferências e discursos abolicionistas. São Paulo, IPÊ, 1949.

J. Nabuco, *MF* = ——. *Minha formação*, São Paulo, IPÊ, 1947.

J. Paço d'Arcos, *CVL* = Arcos, Joaquim Paço d'. *Crónica da vida lisboeta*. Organização e introdução do prof. Antônio Soares Amora. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.

J. Régio, *CL* = Régio, José. *A chaga do lado*; sátiras e epigramas. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1956.

J. Régio, *ED* = ——. *As encruzilhadas de Deus*; poema. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Régio, *ERS* = ——. *El-Rei Sebastião*; poema espectacular em três actos. Coimbra, Atlântida, 1949.

J. Régio, *F* = ——. *Fado*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1957.

J. Régio, *JA* = ——. *Jacob e o anjo*; mistério em três actos, um prólogo e um epílogo. 2.ª ed. Vila do Conde, Edições "Ser", 1953.

J. Régio, *PDD* = ——. *Poemas de Deus e do Diabo*. 4.ª ed. Lisboa, Portugália, 1955.

J. Régio, *SM* = ——. *A salvação do mundo*; tragicomédia em três actos. Lisboa, Inquérito, 1954.

J. Ribeiro, *AC* = Ribeiro, João. *Autores contemporâneos*. Excerptos de escriptores brazileiros e portuguezes contemporâneos. 25.ª ed. refundida, annotada e actualizada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1937.

J. Ribeiro, *CD*[2] = ——. *Cartas devolvidas*. 2.ª ed., com prefácio de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, São José, s. d.

J. Ribeiro, *F* = ——. *O fabordão;* crónica de vário assunto. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1910.

J. Ribeiro, *FE* = ——. *Floresta de exemplos*. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1931.

J. Ribeiro, *FL* = ——. *O folk-lore*. Estudos de literatura popular. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

J. Ribeiro, *PE* = ——. *Páginas de esthetica*. Lisboa, Clássica Editora, 1905.

J. Rodrigues Miguéis, *GTC* = Miguéis, José Rodrigues. *Gente de terceira classe*; contos e novelas. 2.ª ed. Lisboa, Estúdios Cor, 1971.

J. Saramago, *LC* = SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. 3.ª ed. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

J. Saramago, *MC* = ——. *Memorial do convento*; romance. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

L. B. Honwana, *NMCT* = HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso*. São Paulo, Ática, 1980.

L. Fagundes Telles, *ABV* = TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

L. Fagundes Telles, *DA* = ——. *A disciplina do amor*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

L. Fagundes Telles, *M* = ——. *Mistério*; ficções. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

L. Fagundes Telles, *SR* = ——. *Seminário dos ratos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

L. Forjaz Trigueiros, *ME* = TRIGUEIROS, Luís Forjaz. *Monólogo em Éfeso*. Amadora, Bertrand, s. d.

L. Jardim, *AMCA* = JARDIM, Luís. *Aventuras do menino Chico de Assis*. Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1971.

L. Jardim, *BA* = ——. *O boi aruá*. Rio de Janeiro, Alba, 1940.

L. Jardim, *CTG* = ——. *Confissões do meu tio Gonzaga*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

L. Jardim, *MP* = ——. *Maria perigosa*. 2.ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

L. Jardim, *MPM* = ——. *O meu pequeno mundo: algumas lembranças de mim mesmo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

Leite de Vasconcellos, *LFP* = VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de filosofia portuguesa*. 2.ª ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

Lima Barreto, *REIC* = BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.

Lima Barreto, *TFPQ* = ——. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1965.

Luandino Vieira, *CI* = VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*; estórias. 2.ª ed. Lisboa, União dos Escritores Angolanos – Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *JV* = ——. *João Vêncio: os seus amores*; estória. Lisboa, Edições 70, 1979.

Luandino Vieira, *L* = ——. *Luanda*; estórias. São Paulo, Ática, 1982.

Luandino Vieira, *NANV* = ——. *No antigamente, na vida*; estórias. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *NM* = ——. *Nós, os do Makulusu*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

Luandino Vieira, *VE* = ——. *Velhas estórias*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1976.

Luandino Vieira, *VVDX* = ——. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, São Paulo, Ática, s. d.

M. Bandeira, *AA* = BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

M. Bandeira, *PP* = ——. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 2 v.

M. Barreto, *CP* = BARRETO, Mário. *Cartas persas*, de Montesquieu. Versão portuguesa e anotações de ——. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1923.

M. Barreto, *FLP* = ——. *Fatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.

M. da Fonseca, *FC* = FONSECA, Manuel da. *O fogo e as cinzas*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1965.

M. da Fonseca, *SV* = ——. *Seara de vento*, 9.ª ed. [Lisboa] Forja, 1979.

M. de Andrade, *CMB* = ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Simões, 1958.

M. de Andrade, *OI* = ——. *Obra imatura*. São Paulo, Martins, 1960.

M. de Andrade, *PC* = ——. *Poesias completas*. São Paulo, Martins, 1955.

M. de Sá-Carneiro, *C* = SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco*. Leitura, seleção e notas de Arnaldo Saraiva, Porto, Limiar, 1977.

M. de Sá-Carneiro, *CF* = ——. *Céu em fogo*; novelas. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1956.

M. de Sá-Carneiro, *CFP* = ——. *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa, Ática, 1958-1959. 2 v.

M. de Sá-Carneiro, *CL* = ——. *A confissão de Lúcio*. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1945.

M. de Sá-Carneiro, *P* = ——. *Poesias*, Lisboa, Ática, 1953.

M. de Sousa Lima, *GP* = LIMA, Mário Pereira de Sousa. *Gramática portuguesa*. Edição revista e aumentada de acordo com o Programa Oficial, para as quatro séries. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.

M. Ferreira, *HB* = FERREIRA, Manuel. *Hora di bai*. São Paulo, Ática, 1980.

M. J. de Carvalho, *AV* = CARVALHO, Maria Judite de. *Os armários vazios*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1978.

M. J. de Carvalho, *PSB* = ——. *Paisagem sem barcos*. Lisboa, Arcádia, s. d.

M. J. de Carvalho, *TGM* = ——. *Tanta gente, Mariana...* 2.ª ed. Lisboa, Arcádia, 1960.

M. J. de Carvalho, *TM* = ——. *Tempo de mercês*. Lisboa, Seara Nova, 1973.

M. Lopes, *FVL* = LOPES, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. São Paulo, Ática, 1979.

M. Mendes, *P* = MENDES, Murilo. *Poesias* (1925-1955). Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

M. Mesquita, *LT* = MESQUITA, Marcelino. *Leonor Teles*. Lisboa, s. ed., 1892.

M. Palmério, *CB* = PALMÉRIO, Mário. *Chapadão do Bugre*; romance. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

M. Palmério, *VC* = ——. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

M. Pederneiras, *LSMV* = PEDERNEIRAS, Mário. *Ao léu do sonho e à mercê da vida*. Rio de Janeiro, s. ed., 1912.

M. Quintana, *P* = QUINTANA, Mário. *Poesias*. 2.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1975.

M. Rubião, *D* = RUBIÃO, Murilo. *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte, Edições MP, 1965.

M. Torga, *API* = TORGA, Miguel. *Alguns poemas ibéricos*. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *B* = ——. *Bichos*. 9.ª ed. Coimbra, s. ed., 1978.

M. Torga, *CH* = ——. *Cântico do homem*; poesia, 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1954.

M. Torga, *CM* = ——. *Contos da montanha*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Pongetti, 1955.

M. Torga, *NCM* = ——. *Novos contos da montanha*. 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *P* = ——. *Portugal*. Coimbra, s. ed., 1950.

M. Torga, *TU* = ——. *Traço de união*; temas portugueses e brasileiros. Coimbra, s. ed., 1955.

M. Torga, *V* = ——. *Vindima*. 2.ª ed., refundida. Coimbra, s. ed., 1954.

Machado de Assis, *OC* = ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959. 3 v.

Marquês de Maricá, *M* = MARICÁ, M. J. Pereira da Fonseca, marquês de. *Máximas, pensamentos e reflexões do marquês de Maricá*. Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

Marques Rebelo, *M* = REBELO, Marques. *Marafa*. 3.ª ed. São Paulo, Martins, 1956.

Marques Rebelo, *SMAP* = ——. *Stela me abriu a porta*; contos. Porto Alegre, Globo, 1942.

Martins Pena, *T* = PENA, L. C. Martins. *Teatro*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. 2 v.

Monteiro Lobato, *GDB* = LOBATO, J. B. Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1950.

Monteiro Lobato, *N* = ——. *Negrinha*; contos. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1951.

Monteiro Lobato, *U* = ——. *Urupês*. 12.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1962.

N. Piñon, *CC* = PIÑON, Nélida. *O calor das coisas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *CP* = ——. *A casa da paixão*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

N. Piñon, *FD* = ——. *A força do destino*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *SA* = ——. *Sala de armas*; contos. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

O. Bilac, *DN* = BILAC, Olavo. *A defesa nacional*; discursos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.

O. Bilac, *P* = ——. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro, Garnier, 1904.

O. Bilac, *T* = ——. *Tarde*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.

O. de Andrade, *PR* = ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1966.

O. Lara Resende, *BD* = RESENDE, Otto Lara. *O braço direito*; romance. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

O. Lara Resende, *PM* = ——. *As pompas do mundo*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1975.

O. Lara Resende, *RG* = ——. *O retrato na gaveta*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971.

O. Lins, *A* = LINS, Osman. *Avalovara*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

O. Lins, *FP* = ——. *O fiel e a pedra*; romance. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1967.

O. Lins, *V* = ——. *O visitante*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Summus, 1979.

O. Mariano, *TVP* = MARIANO, Olegário. *Toda uma vida de poesia*; poesias completas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 2 v.

O. Mendes, *LFNF* = MENDES, Orlando. *Lume florindo na forja*. Lisboa, Edições 70, 1980.

O. Mendes, *P* = ——. *Portagem*. São Paulo, Ática, 1981.

Ó. Ribas, *EMT* = RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Lisboa, Distribuidora Lello & Cia., s. d.

Ó. Ribas, *U* = ——. *Uanga: feitiço*; romance folclórico angolano. Lisboa, Lello & Cia. Distribuidores, s. d.

Ó. Soares, *DF* = SOARES, Órris. *Dicionário de filosofia*, volume I – A-D. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1952.

O. Mendes, *VB* = MENDES, Manuel Odorico. *Virgílio brazileiro*. Tradução do Poeta Latino. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, s. d.

P. Mendes Campos, *AB* = CAMPOS, Paulo Mendes. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.

P. Nava, *BC* = NAVA, Pedro. *Balão cativo*; 2.º volume de suas memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

P. Nava, *B-M* = ——. *Beira-mar*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

P. Nava, *BO* = ——. *Baú de ossos*; memórias I. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/Sabiá, 1974.

Pepetela, *NA* = PEPETELA (Artur Carlos Pestana dos Santos). *As aventuras de Ngunga*. São Paulo, Ática, 1980.

Pepetela, *M* = ——. *Mayombe*; romance. São Paulo, Ática, 1982.

R. Barbosa, *EDS* = BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Seleção, organização e notas de Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

R. Barbosa, *R* = ——. *Réplica do senador Ruy Barbosa às defesas da redação do projeto da Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

R. Braga, *CCE* = BRAGA, Rubem. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. Braga, *CR* = ——. *A cidade e a roça e três primitivos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1964.

R. Brandão, *H* = BRANDÃO, Raul. *Húmus*. 4.ª ed. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d.

R. Brandão, *P* = ——. *Os pescadores*, Lisboa, Estúdios Cor, 1957.

R. Correia, *PCP* = CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Texto, cronologia, notas e estudo biográfico por Waldir Ribeiro do Val. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

R. Fonseca, *C* = FONSECA, Rubem. *O cobrador*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

R. de Queirós, *CCE* = QUEIROZ, Rachel de. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. de Queirós, *TR* = ——. *3 romances: O Quinze, João Miguel, Caminho de pedra*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

R. M. F. de Andrade, *V* = ANDRADE, Rodrigo M. F. de. *Velórios*. Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, s. d.

R. Pompeia, *A* = POMPEIA, Raul. *O Atheneu*; crônica de saudades, 4.ª ed. definitiva. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

Rebelo da Silva, *CL* = SILVA, Luís Augusto Rebello da. *Contos e lendas*. Lisboa, Mattos Moreira, 1873.

Ribeiro Couto, *C* = Couto, Rui Ribeiro. *Cabocla*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1945.

Ribeiro Couto, *NC* = ——. *Uma noite de chuva e outros contos*. Lisboa, Inquérito, 1944.

Ribeiro Couto, *PR* = ——. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

S. da Silva Neto, *HLP* = Silva Neto, Serafim P. da. *História da língua portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.

S. da Silva Neto, *IELPB* = ——. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

S. de Mello Breyner Andresen, *CE* = Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Contos exemplares*. 6.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

Said Ali, *DLP* = Ali, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

Said Ali, *GS* = ——. *Grammatica secundaria da língua portuguesa*. 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s. d.

Simões Lopes Neto, *CGLS* = Lopes Neto, J. Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Ed. crítica por Aurélio Buarque de Holanda. 5.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1957.

Soares de Passos, *P* = Passos, A. Augusto Soares de. *Poesias*. 9.ª ed. Porto, Chardron, 1909.

Sousa da Silveira, *LP* = Silveira, A. F. de Sousa da. *Lições de português*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972.

Sttau Monteiro, *APJ* = Monteiro, Luís Sttau. *Angústia para o jantar*. 5.ª ed. Lisboa, Ática, 1967.

Sttau Monteiro, *FHL* = ——. *Felizmente há luar!*; teatro. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1962.

T. Barreto, *QV* = Barreto, Tobias. *Questões vigentes*. In: *Obras completas*. Ed. do Estado de Sergipe, 1962. 9 t.

T. A. Gonzaga, *OC* = Gonzaga, Tomás Antônio. *Obras completas*. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. 2 v.

T. da Silveira, *PC* = Silveira, Tasso da. *Puro canto*; poemas completos. Rio de Janeiro, GRD, 1962.

T. da Silveira, *SC* = ——. *Sombras do caos*. Rio de Janeiro, GRD, s. d.

T. Martins Moreira, *MP* = Moreira, Thiers Martins. *O menino e o palacete*. Rio de Janeiro, Simões, 1954.

T. Martins Moreira, *VVT* = ——. *Visão em vários tempos*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1970.

Teixeira de Pascoaes, *OC* = Pascoaes, Joaquim P. Teixeira de. *Obras completas*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 7 v.

Trindade Coelho, *AL* = Coelho, Trindade. *Ao leitor*. In: Deus, João de. *A cartilha maternal e a crítica*. Lisboa, Bertrand/José Bastos, 1897.

U. Tavares Rodrigues, *AM* = Rodrigues, Urbano Tavares. *As aves da madrugada*; novelas. Amadora, Bertrand, 1959.

U. Tavares Rodrigues, *JE* = ——. *Jornadas na Europa*. [Lisboa] Europa-América, 1958.

U. Tavares Rodrigues, *MTG* = ——. *Manuel Teixeira Gomes*; introdução ao estudo de sua obra. Lisboa, Portugália, 1950.

U. Tavares Rodrigues, *NR* = ——. *A noite roxa*; novelas. Amadora, Bertrand, 1956.

U. Tavares Rodrigues, *NS* = ——. *Nus e suplicantes*; novelas. Amadora, Bertrand, 1960.

U. Tavares Rodrigues, *PC* = ——. *Uma pedrada no charco*. Lisboa, Bertrand, 1957.

U. Tavares Rodrigues, *TO* = ——. *Terra ocupada*; novelas. Amadora, Bertrand, s. d.

U. Tavares Rodrigues, *VP* = ——. *Vida perigosa*; novelas. Lisboa, Bertrand, 1955.

V. de Moraes, *LS* = Moraes, Vinícius de. *Livro de sonetos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

V. de Moraes, *PCP* = ——. *Poesias completas e prosa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1980.

V. Ferreira, *A* = Ferreira, Vergílio. *Aparição*. 7.ª ed. Lisboa, Portugália, 1971.

V. Ferreira, *CF* = ——. *Cântico final*. Lisboa, Ulisseia, s. d.

V. Ferreira, *NN* = ——. *Nítido nulo*; romance, 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

V. Nemésio, *CI* = Nemésio, Vitorino. *Corsário das ilhas*. Lisboa, Bertrand [1956].

V. Nemésio, *MPM* = ——. *O mistério do Paço de Milhafre*. Lisboa, Bertrand, 1949.

V. Nemésio, *MTC* = ——. *Mau tempo no canal*; romance. 5.ª ed. Amadora, Bertrand, s. d.

V. Nemésio, *SOP* = ——. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Lisboa, Bertrand, 1954.

V. Nemésio, *VM* = ——. *Violão de morro*. Lisboa, Edições Panorama, 1968.

V. Vitorino, *F* = VITORINO, Virgínia, *Fascinação*. Lisboa, J. Rodrigues & Cia., 1933.

Visconde de Taunay, *I* = TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, visconde de. *Innocencia*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1899.

Vianna Moog, *T* = MOOG, Clodomir Viana. *Toia*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

Índice onomástico

A

ABELAIRA, A.: 139, 144, 147, 155, 157, 164, 167, 168, 169, 172, 179, 214, 227, 229, 232, 235, 238, 243, 248, 249, 300, 335, 347, 367, 371, 372, 377, 466, 472, 475, 476, 479, 482, 484, 505, 515, 523, 527, 547, 567, 587, 588, 603, 610, 614, 618, 620, 621, 625, 628, 653, 661, 670.
ABREU, C. de: 250, 644, 681, 686, 689, 693, 697, 704, 705, 713, 722, 724.
ADONIAS FILHO: 177, 261, 411, 475, 481, 487, 501, 503, 506, 510, 537, 547, 584, 595, 597, 604, 620, 625, 635, 636.
AFONSO X, d.: 708.
AGOSTINHO NETO: 265, 296, 470, 472, 585, 586.
AGREL: 398.
AGUIAR, Martinz de: 161, 620.
ALARCOS LLORACH, E.: 220.
ALENCAR, J. de: 252, 546, 551, 627, 631.
ALI, M. Said: 368, 504, 696.
ALLEN JR., J. H. D.: 102.
ALMEIDA, G. de: 466, 491.
ALMEIDA, João de: 474, 475.
ALONSO, A.: 105.
ALVAR, M.: 128.
ALVES, Castro: 169, 175, 176, 187, 229, 283, 297, 300, 499, 602, 622, 638, 676, 680, 690, 692, 717, 726.
AMADO, Genolino: 224, 231, 235, 254, 663.
AMADO, G.: 140, 159, 221, 229, 245, 246, 257, 261, 319, 344, 363, 365, 380, 386, 499, 503, 514, 527, 534, 540, 581, 658, 660, 682.
AMADO, J.: 172, 179, 308, 310, 371, 375, 467, 479, 499, 517, 540, 550, 554, 617.
AMARAL, Amadeu: 714.
ANDRADE, C. Drummond de: 133, 140, 144, 147, 148, 154, 160, 161, 165, 179, 213, 214, 233, 234, 249, 276, 283, 310, 325, 326, 347, 348, 350, 361, 362, 373, 378, 464, 469, 471, 473, 477, 479, 484, 492, 500, 513, 516, 518, 521, 522, 529, 533, 534, 535, 539, 543, 545, 546, 547, 560, 567, 574, 576, 577, 580, 581, 585, 587, 590, 593, 595, 621, 623, 633, 634, 638, 647, 699, 709, 727.
ANDRADE, D.: 677.
ANDRADE, F. Costa: 363, 560, 586, 626.
ANDRADE, M. de: 231, 279, 377, 514, 515, 574, 673, 675.
ANDRADE, O. de: 360.
ANDRADE, R. M. F. de: 219, 245, 252, 300, 308, 363, 379, 577, 589, 592.
ANDRESEN, S. de Mello Breyner: 556, 558, 627, 670.
ANJOS, A. dos: 560, 686.
ANJOS, C. dos: 142, 144, 150, 156, 160, 166, 177, 178, 215, 226, 230, 237, 253, 277, 308,

310, 311, 313, 324, 334, 342, 344, 345, 346, 356, 361, 370, 466, 471, 472, 476, 478, 485, 504, 511, 526, 530, 533, 535, 540, 544, 549, 550, 554, 588, 602, 603, 635, 636, 640, 652, 662, 663.
ARANHA, Graça: 311, 563, 610, 661, 674.
ARCOS, J. Paço d': 134, 156, 159, 161, 168, 171, 215, 321, 354, 376, 473, 475, 476, 500, 509, 528, 535, 539, 546, 548, 552, 560, 576, 623, 638, 659.
ARINOS, A.: 338, 500, 502, 508, 517, 528, 535, 566, 592.
ASSIS JÚNIOR, A. de: 338, 349, 350, 352, 355, 370, 378, 561, 563, 664, 671, 673.
ASSIS, Machado de: 135, 139, 153, 156, 158, 159, 161, 165, 168, 170, 172, 173, 179, 232, 235, 245, 248, 252, 279, 296, 300, 303, 311, 312, 313, 315, 317, 319, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 334, 335, 336, 337, 339, 342, 346, 349, 353, 354, 355, 361, 362, 363, 364, 366, 371, 376, 378, 379, 381, 393, 473, 474, 479, 483, 484, 485, 488, 489, 495, 501, 505, 519, 520, 521, 525, 526, 528, 529, 538, 545, 546, 548, 549, 552, 554,565, 574, 577, 578, 586, 587, 589, 590, 592, 597, 598, 599, 601, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 624, 625, 626, 630, 635, 637, 642, 643, 644, 645, 647,649, 650, 651, 658, 659, 661,662, 666, 667, 669, 673, 675, 681, 716, 725.
AULETE, Caldas: 542, 591.
AZEREDO, C. Magalhães de: 709.
AZEVEDO, A.: 359, 503, 627.
AZEVEDO, Álvares de: 723.
AZEVEDO, Artur: 338, 363, 564, 670.

B

BALLY, Charles: 655, 656.
BANDEIRA, M.: 144, 164, 177, 181, 230, 232, 243, 283, 314, 324, 334, 357, 476, 503, 507, 511, 516, 518, 520, 522, 523, 615, 617, 665, 677, 678, 705, 729.
BARBOSA, R.: 180, 239, 321, 326, 335, 489, 515, 549, 573, 667, 668.
BARRENECHEA, A. Maria: 393.
BARRETO, Lima: 160, 167, 169, 359, 553, 599, 611, 664.
BARRETO, M.: 118, 318, 541, 546.
BARRETO, T.: 349.
BARROSO, G.: 611.
BASÍLIO, M.: 118.
BECHARA, Evanildo: 620.
BERNAY, A. de: 706, 708.
BESSA, J. R. Fontenele: 97.
BILAC, O.: 178, 180, 181, 247, 272, 295, 299, 325, 480, 581, 687, 691, 694, 695, 702, 707.
BOILEAU: 707.
BOLÉO, M. de Paiva: 23, 24, 410, 469.
BOPP, R.: 68, 73.
BOTELHO, F.: 139, 150, 164, 219, 481, 496, 506, 519, 563, 594, 635.
BOTTO, A.: 143, 311, 352, 521, 660, 698, 726.
BRAGA, B.: 728.
BRAGA, R.: 164, 233, 338, 363, 462, 475, 490, 496, 518, 544, 558.
BRANCO, C. Castelo: 153, 158, 169, 215, 243, 244, 276, 319, 336, 362, 369, 464, 485, 507, 512, 513, 521, 524, 543, 545, 552, 554, 574, 577, 585, 597, 602, 647, 672.
BRANDÃO, R.: 233, 245, 283, 314, 320, 469, 595, 599, 616.
BRUNOT, Ferdinand: 500.
BUREAU, Conrad: 396.

C

CAFEZEIRO, E.: 198.
CALÍSTENES (falso): 708.
CALLADO, A.: 305, 463, 483, 495.
CALLOU, D. M. Isensee: 59.
CÂMARA JR., J. Mattoso: 50, 130, 302.
CAMÕES, L. de: 364, 375, 464, 721, 722, 725.
CAMPOS, P. Mendes: 611.
CANTEL, R.: 644.
CARDOSO, J.: 241, 641.
CARDUCCI, Giosuè: 709.
CARVALHO, J. C. de: 339, 372, 514.
CARVALHO, J. G. Herculano de: 105, 128.
CARVALHO, M. J. de: 144, 148, 158, 165, 166, 171, 251, 290, 330, 345, 346, 348, 355, 465, 477, 478, 479, 481, 482, 483, 488, 565, 578, 598, 611, 625, 640, 651, 655, 674, 678.
CARVALHO, Vicente de: 723, 724.
CASAL, Aires do: 263.
CASTELEIRO, João Malaca: 275, 523.

CASTILHO, A. F. de: 521, 686.
CASTILHO, Ataliba T. de: 398.
CASTRO, E. de: 249, 297, 343, 354, 565, 712, 715.
CASTRO, Fernanda de: 135.
CASTRO, Ferreira de: 235, 244, 314, 326, 327, 346, 351, 374, 379, 380, 384, 475, 482, 488, 502, 508, 513, 521, 528, 558, 578, 627, 629, 642.
CAVACAS, A. d'Almeida: 198.
CELA, Claudino: 398.
CHERVEL, A.: 151.
CHING, L.: 98, 128.
CINTRA, L. F. Lindley: 24, 30, 299.
CINTRA, M. A. Valle: 24.
COELHO, F. Adolfo: 450.
COELHO, Jacinto do Prado: 254, 504.
COELHO NETTO: 232, 295, 315, 320, 323, 330, 364, 502, 525, 565, 580, 584, 588, 669, 672.
COLLINDER, B.: 19.
COMODIANO: 719.
CONDÉ, J.: 147, 153, 276, 483, 503.
CORREIA, J. da Silva: 711.
CORREIA, J. de Araújo: 247, 253, 361, 368, 472, 524, 580, 612, 621.
CORREIA, R.: 215, 290, 328, 341, 518, 560, 561, 643, 721, 728.
CORTESÃO, J.: 215, 230, 231, 297, 362, 465, 583, 592, 601.
COSERIU, E.: 17, 21, 398.
COSTA, Hipólito José da: 263.
COSTA, C. M. da: 239.
COUTO, Ribeiro: 135, 143, 314, 337, 344, 347, 381, 529, 543, 559, 577, 642, 663.
CRULS, G.: 349, 591.
CULIOLI, Antoine: 398.
CUNHA, C.: 19, 22, 35, 450, 690.
CUNHA, E. da: 248, 290, 329, 334, 341, 551, 578.

D

DANTE: 720.
DAVID, Jean: 398.
DELATTRE, P.: 41.
DELILLE, K. Heinz: 156.
DENIS, D.: 629.
DEODATO, A.: 236.
DESCLÉS, J.-P.: 398.
DESSAINTES, Maurice: 645.
DEUS, J. de: 303, 325, 698, 713, 715.
DIAS, Epifânio da Silva: 161, 303.
DIAS, Gonçalves: 22, 65, 155, 284, 299, 300, 365, 471, 473, 520, 551, 658, 698, 713, 721.
DÍAZ, G. Verdín: 656.
DIETRICH, W.: 24.
DIOMEDES: 73.
DOURADO, Autran: 134, 147, 155, 160, 227, 331, 475, 482, 534, 542, 648, 680.
DUBOIS, J.: 97, 153.

E

EGEA, Esteban Rafael: 552.
ÊNIO: 718.
ERNOUT, Alfred: 718.
ESKÉNAZI, A.: 217.
ESPANCA, F.: 157, 174, 176, 215, 216, 233, 250, 295, 297, 322,329, 330, 334, 368, 370, 477, 501, 509, 515, 523, 596, 640, 643, 666, 674, 676,703, 728.
ESPINEL, Vicente: 726.

F

FALCÃO, C.: 553.
FANT, C. G. M.: 41.
FARIA, I. Hub: 482.
FERREIRA, A.: 552.
FERREIRA, M.: 378, 379, 576.
FERREIRA, V.: 254, 476, 498, 502, 509, 523, 529, 537, 544, 556, 561, 577, 585, 633, 651.
FIGUEIREDO, J. de: 334.
FLAUBERT: 656.
FLODSTRÖM, I.: 20.
FONSECA, Branquinho da: 148, 164, 166, 219, 230, 241, 252, 284, 555, 581, 586, 587, 591, 601, 671, 673.
FONSECA, M. da: 140, 558, 559, 565, 579, 583, 590, 591, 624.
FONSECA, R.: 165, 512, 678.

FONTES, Hermes: 689, 706.
FRANCO, A. A. de Melo: 157, 582, 591, 677.
FREYRE, G.: 677.

G

GALICHET, Georges: 174.
GARRETT, Almeida: 283, 341, 349, 506, 541, 549, 552, 553, 713.
GENGOUX, J.: 19.
GIL, A.: 166, 602, 611, 691.
GILI Y GAYA, Samuel: 282.
GONZAGA, T. A.: 375.
GONZÁLEZ OLLÉ, F.: 105.
GRAÇA, Heráclito: 368.
GRAMMONT, Maurice: 695, 707.
GROSS, Maurice: 398.
GUERRA DA CAL, Ernesto: 562, 644.
GUERREIRO, Miguel do Couto: 686.
GUIMARAENS, A. de: 157, 173, 229, 233, 290, 295, 320, 367, 379, 471, 694, 701, 712, 716.
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus: 720.
GUIMARÃES, B.: 527.

H

HAKAMIES, R.: 104.
HAMPEJS, Zdenek: 504.
HASSERLOT, B.: 104.
HEAD, B. F.: 59.
HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro: 710.
HERCULANO, A.: 149, 279, 313, 476, 505, 512, 518, 526, 528, 530, 542, 646.
HJELMSLEV, Louis: 531.
HOEPELMAN, J.: 398.
HOLANDA, Aurélio Buarque de: 366.
HONWANA, L. B.: 139, 141, 303, 578, 581, 589, 592, 625, 659.
HORÁCIO: 720.
HUBER, Joseph: 302.
HUGO, Vítor: 707.
HUIDOBRO, Vicente: 282.

I

IORDAN, I.: 126.

J

JAKOBSON, R.: 21, 41.
JARDIM, L.: 143, 167, 168, 362, 465, 491, 492, 506, 556, 563, 566, 603, 628.
JESPERSEN, O.: 20, 655.
JUCÁ, C.: 119.
JUNQUEIRO, Guerra: 154, 326, 485, 705, 711.

K

KALEPKY, T.: 655.
KAHN, Gustave: 709.
KLUM, Arne: 398.
KURY, Adriano da Gama: 596.

L

LABAN, M.: 35.
LACERDA, Armando de: 189.
LAFORGUE, Jules: 709.
LAPA, Rodrigues: 562, 596, 598.
LAPESA, R.: 217.
LAROCHETTE, Joe: 398.
LEAL, Gomes: 707, 724.
LEITE, C. Coelho Pereira: 598.
LERCH, E.: 655.
LESSA, Luís Carlos: 545, 547.
LIDA, Raimundo: 250.
LIMA, A. Amoroso: 224, 251, 630, 652.
LIMA, Augusto de: 706.
LIMA, G. França de: 179, 376, 484.
LIMA, J. de: 218, 368.
LIMA, M. de Sousa: 542.
LIMA, Rocha: 596, 644.
LINS, O.: 350, 383, 543, 577, 626, 650, 654, 674, 682.
LISBOA, I.: 160.
LISPECTOR, C.: 139, 148, 158, 164, 166, 225, 230, 257, 368, 370, 488, 522, 534, 541, 546, 550, 643, 655.
LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro: 409.
LOBATO, Monteiro: 222, 349, 466, 469, 506, 524, 553, 583, 619.
LOMBARD, A.: 217.
LOPES, B.: 535, 679, 714.
LOPES, M.: 544, 577, 580, 587, 604, 641.

LOPES NETO, Simões: 135, 220, 274, 283, 347, 366, 469, 514, 536, 592, 602, 674, 676.
LÓPEZ, Maria Luísa: 572.
LORCK, E.: 655.
LOSA, I.: 252.
LUÍS, A. Bessa: 135, 136, 138, 142, 144, 150, 152, 360, 383, 393, 463, 483, 487, 519, 524, 542, 546, 550, 566, 602, 614, 616, 649, 650, 653, 654.

M

MAÇÃS, D.: 105.
MACEDO, J. M. de: 384.
MACHADO, A. de Alcântara: 214, 352, 384, 661, 679.
MACHADO, A. M.: 143, 155, 166, 168, 223, 244, 252, 262, 284, 295, 324, 326, 327, 352, 354, 369, 465, 494, 505, 541, 549, 579, 583, 584, 612, 634, 636, 637, 651, 671, 675.
MACHADO, M. T. da Matta: 42.
MACLENNAN, L. Jenaro: 398.
MAGALHÃES, A.: 321.
MALKIEL, Y.: 103.
MALMBERG, B.: 19.
MANOLIU, M.: 128.
MARGARIDO, A.: 583.
MARIANO, O.: 322, 358, 491.
MARICÁ, marquês de: 167, 357, 358, 621.
MARTIN, Robert: 398.
MARTINET, A.: 128.
MARTINS, Maria Raquel Delgado: 41-42, 189.
MATEUS, M. H. Mira: 50.
MATOS, Gregório de: 721, 725.
MAURER JR., Theodoro Henrique: 105, 500, 504.
MAURO, T. de: 16.
MEIER, Harri: 561.
MEILLET, A.: 16.
MEIRELES, C.: 91, 178, 240, 312, 315, 327, 328, 329, 343, 369, 370, 497, 502, 507, 518, 526, 603, 635, 659, 680, 701, 722.
MELO, D. F. M. de: 350.
MELO NETO, J. Cabral de: 216, 497, 585.
MENDES, M.: 512, 517.
MENDES, Odorico: 364.
MENDES, O.: 160, 227, 284, 318, 495, 550.
MESCHONNIC, Henri: 685, 710.
MESQUITA, M.: 156.
MEUNIER, J. M.: 719.
MEYER, A.: 224, 225, 342, 372, 393, 473, 480, 510, 521, 598, 604, 621, 630, 636.
MIGUÉIS, J. Rodrigues: 311, 546, 548.
MIRANDA, Sá de: 725.
MOIGNET, Gérard: 398, 487.
MOLHO, Maurice: 504.
MONTEIRO, Sttau: 313, 327, 338, 470, 474, 497, 564, 669, 670.
MONTELLO, J.: 134, 136, 140, 141, 158, 170, 180, 233, 236, 238, 243, 331, 511, 514, 535, 566, 582, 614.
MOOG, Vianna: 155, 157, 159, 165, 547.
MORAIS BARBOSA, J.: 50.
MORAIS, V.: 65, 141, 175, 176, 217, 230, 317, 586, 644.
MORÉAS, Jean: 709.
MOREIRA, T. Martins: 476, 519, 563.
MORIER, Henri: 710.
MOUNIN, George: 396.
MOURA, E.: 498, 582, 607, 621.
MOURÃO-FERREIRA, D.: 140, 157, 495, 517, 579, 591.

N

NABUCO, J.: 516.
NAMORA, F.: 144, 147, 153, 158, 161, 165, 168, 170, 177, 214, 225, 231, 232, 241, 257, 283, 289, 296, 310,324, 327, 337, 339, 340, 344, 351, 352, 369, 470, 478, 484, 485, 508, 512, 516, 520, 526, 535, 536, 539, 541, 544, 550, 561, 576, 579, 589, 596, 611, 615, 634, 636, 647, 654, 659, 661, 663, 669, 673.
NÁÑEZ FERNÁNDEZ, E.: 105.
NASCENTES, A.: 32, 33, 542, 575.
NAVA, P.: 169, 228, 244, 587, 591.
NAVARRO TOMÁS, T.: 183, 693, 710.
NAVAS RUIZ, Ricardo: 397.
NEF, Fréderic: 398.
NEGREIROS, Almada: 145, 171, 284, 337, 348, 378, 379, 381, 466, 522, 525, 538, 555, 560, 595, 601, 623, 647, 665, 677, 678, 680.

NEJAR, C.: 511.
NEMÉSIO, V.: 134, 153, 167, 169, 178, 273, 295, 300, 375, 479, 510, 584, 585, 603, 604, 608, 609, 625, 630, 652.
NOBRE, A.: 135, 166, 175, 220, 229, 233, 237, 243, 258, 292, 334, 338, 344, 349, 358, 361, 365, 477, 491, 518, 563, 566, 617, 621, 679, 703, 711.
NÓBREGA, Mello: 711.
NOGUEIRA, R. Sá: 38.
NOREEN, A.:19, 20.
NYROP: 500.

O

OITICICA, José: 523, 566.
OLÍMPIO, D.: 477, 579.
OLIVEIRA, A. Corrêa d': 247, 378, 473.
OLIVEIRA, A. de: 316, 525, 642, 658, 706, 715.
OLIVEIRA, C. de: 141, 146, 148, 151, 159, 164, 168, 213, 226, 277, 279, 322, 368, 375, 380, 393, 491, 496, 505, 527, 536, 541, 588, 589, 602, 604, 611, 617, 620, 659.
OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de: 217, 273, 353, 562.
O'NEILL, A.: 180.
OSÓRIO, Cochat: 469, 474, 636, 670.

P

PAIVA, Maria Helena de Novais: 562.
PALMÉRIO, M.: 137, 171, 276, 315, 316, 348, 350, 364, 476, 507, 549, 655, 656.
PARIS, Gaston: 719.
PASCOAES, Teixeira de: 133, 218, 368, 370, 472, 473, 573, 584, 588, 636, 658.
PASSOS, Guimarães: 283, 335, 336, 488.
PASSOS, Soares de: 641.
PATRÍCIO, A.: 272.
PEDERNEIRAS, M.: 347.
PEIXOTO, A.: 151, 214, 243, 308, 325, 380, 466, 482, 581, 597.
PENA FILHO, C.: 355.
PENA, Martins: 496.
PEPETELA: 350, 475, 515, 577, 580, 582, 588, 628.
PEREIRA, E. C.: 646.
PEREIRA FILHO, E.: 564.
PESSANHA, C.: 318, 492, 533, 636, 643, 683, 694, 704, 705, 727, 728.
PESSOA, F.: 136, 139, 148, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 177, 178, 179, 221, 223, 233, 284, 302, 310, 311, 316, 317, 335, 341 346, 352, 355, 359, 360, 362, 364, 365, 372, 373, 380, 462, 469, 472, 481, 491,498, 511, 517, 520,551, 597, 616, 618, 620, 622, 629, 630, 638, 640, 641, 674, 676, 677, 682, 709, 712, 721, 723, 725.
PIEL, Joseph M.: 450.
PINCHON, J.: 216.
PIÑON, N.: 139, 140, 146, 149, 157, 213, 361, 482, 487, 517, 537, 540, 547, 577, 578, 611, 618, 626, 654.
PIRES, J. Cardoso: 157, 173, 377, 381, 412, 476, 548, 614, 679.
PISANÇON, Albéric de: 708.
POMPEIA, R.: 149, 152, 214, 315, 328, 372, 589, 590, 636.
PONTES, Eunice: 409.
POTTIER, Bernard: 398, 556, 561, 572, 573.
PRADO, E.: 548.

Q

QUEIRÓS, D. Silveira de: 495, 526, 527, 547.
QUEIRÓS, Eça de: 246, 305, 323, 329, 338, 339, 375, 378, 525, 554, 591 653, 654, 659, 682.
QUEIRÓS, R. de: 150, 524, 525, 612.
QUENTAL, A. de: 160, 173, 177, 178, 180, 226, 236, 276, 300, 328, 357, 368, 369, 381, 462, 480, 525, 528, 533, 566, 600, 615, 626, 680.
QUILIS, A.: 68, 696.
QUINTANA, M.: 359, 640.

R

RAMOS, G.: 135, 141, 144, 171, 172, 178, 219, 258, 282, 283, 308, 321, 329, 330, 344, 353, 358, 369, 373, 376, 378, 463, 471, 472, 473, 477, 485, 498, 508, 509, 512, 533, 541, 545, 554, 575, 594, 597, 600, 601, 603, 610, 622, 652, 654, 672.

RANGEL, A.: 341.
RAPOSO, Eduardo Paiva: 409.
REBELO, Marques: 73, 182, 188, 366, 463.
REDOL, Alves: 139, 147, 154, 167, 172, 214, 235, 245, 277, 313, 315, 326, 328, 330, 337, 341, 346, 353, 366, 372, 375, 377, 477, 492, 501, 514, 516, 522, 538, 540, 543, 545, 578, 581, 584, 589, 634, 635, 673, 675.
RÉGIO, J.: 155, 157, 292, 295, 299, 314, 315, 320, 322, 324, 340, 474, 494, 540, 546, 551, 556, 603, 626, 645, 647, 700.
RÉGNIER, Henri de: 709.
REGO, J. Lins do: 144, 164, 171, 181, 214, 229, 236, 246, 247, 249, 257, 277, 308, 311, 314, 316, 331, 339, 340, 345, 351, 353, 358, 377, 379, 459, 471, 483, 485, 495, 497, 501, 513, 516, 519, 524, 529, 536, 537, 538, 542, 545, 547, 552, 575, 589, 599, 620, 629, 639, 644, 646, 660, 666.
REGULA, M.: 217.
RENAULT, A.: 148, 582.
RESENDE, A. C.: 637.
RESENDE, O. Lara: 487, 494, 504, 505, 510, 533, 536, 614, 615, 619, 643, 647, 659.
REY, A.: 102.
RIBAS, Ó.: 327, 338, 354, 474, 477, 500, 660, 661, 669, 671, 672.
RIBEIRO, A.: 136, 142, 165, 169, 173, 179, 181, 214, 234, 240, 245, 246, 272, 274, 296, 304, 308, 317, 326, 328, 329, 341, 348, 352, 358, 377, 383, 459, 499, 504, 506, 510, 511, 516, 524, 530, 536, 537, 543, 544, 549, 560, 564, 574, 576, 595, 601, 619, 634.
RIBEIRO, J.: 32, 248, 253, 468, 513, 515, 529, 553, 596, 611, 662.
RIBEIRO, Joaquim: 524.
RIBEIRO, O.: 30.
RIBEIRO, T.: 716.
RICARDO, Cassiano: 161, 696.
RIO BRANCO, barão do: 340.
ROBERT, C.-M.: 467.
RODRIGUES, José Maria: 504.
RODRIGUES, U. Tavares: 227, 229, 233, 241, 262, 312, 315, 319, 324, 325, 344, 353, 369, 518, 520, 534, 538, 543, 544, 575, 578, 579, 581, 588, 590, 593, 625.
ROHRER, C.: 398.
ROSA, Guimarães: 141, 273, 303, 465, 509, 535, 555, 561, 608, 633, 650, 654.
ROSENBLAT, A.: 19.
ROSSI, N.: 32.
RUBIÃO, M.: 168, 178.
RUIPÉREZ, Martín S.: 398.

S

SABINO, F.: 337, 375, 468, 488, 553, 556, 589, 600, 625, 679.
SÁ-CARNEIRO, M. de: 170, 250, 324, 468, 471, 495, 499, 637.
SAINT-CLOUD, Pierre de: 706, 708.
SALES, H.: 272, 303, 487, 548, 550.
SANTARENO, B.: 169, 218, 229, 311, 314, 315, 320, 325, 326, 370, 373, 492, 513, 646.
SANTOS, A.: 351, 377, 506, 555, 579, 581, 582, 584, 592, 663, 669.
SARAMAGO, J.: 181, 339, 347, 509, 628, 661, 664.
SAUSSURE, F. de: 16.
SCHMIDT, A. F.: 153, 172, 179, 181, 239, 245, 248, 253, 257, 277, 289, 315, 329, 337, 374, 412, 496, 502, 521, 534, 543, 544, 594, 596, 624, 635, 660.
SEBEOK, T. A.: 21.
SENA, J. de: 351, 477, 643, 663, 667, 679, 682.
SÉRGIO, A.: 135, 140, 357, 519, 677.
SILVA, B. Lopes da: 330.
SILVA, Da Costa e: 134, 135, 149, 716.
SILVA, M. H. Santos: 24.
SILVA NETO, S. da: 23, 340, 680.
SILVA, Rebelo da: 222, 468, 534, 565, 628.
SILVEIRA, Sousa da: 73, 217, 302, 377, 582, 598, 619, 681.
SILVEIRA, T. da: 139, 475, 528.
SKORGE, S.: 104, 212.
SLAMA-CASACU, T.: 15, 16.
SOARES, Ó.: 538, 539.
SOBEJANO, Gonzalo: 262.
SOROMENHO, Castro: 147, 160, 180, 213, 272, 339, 345, 353, 372, 374, 380, 478, 499, 501, 505, 512, 514, 537, 539, 540, 542, 558, 559, 563, 564, 567, 581, 583, 584, 587, 592, 637, 650, 654, 660, 662, 664, 672, 675.
SOUSA, Cruz e: 533, 684, 719.
SPENSER, Edmund: 729.

SPITZER, Leo: 250, 655.
STAHL, Gérold: 398.
STEN, Holger: 504.

T

TAUNAY, visconde de: 180.
TAVARES, A.: 360, 367.
TELLES, L. Fagundes: 166, 169, 226, 227, 276, 284, 484.
TENREIRO, F. J.: 481, 659.
TOGEBY, Knud: 504.
TORGA, M.: 143, 151, 154, 162, 167, 172, 223, 228, 231, 234, 239, 261, 296, 301, 303, 321, 329, 333, 337, 342, 348, 351, 352, 354, 355, 356, 361, 362, 367, 370, 371, 377, 380, 463, 465, 466, 467, 468, 471, 473, 481, 483, 484, 494, 497, 510, 520, 524, 547, 548, 551, 553, 556, 561, 574, 576, 580, 582, 583, 590, 594, 597, 599, 601, 602, 603, 604, 614, 615, 619, 620, 622, 627, 630, 639, 641, 646, 674.
TORT, Lambert le: 706, 708.
TRIGO, S.: 35.
TRIGUEIROS, L. Forjaz: 254.
TUTESCU, M.: 217.

V

VALERIUS, Julius: 708.
VARELA, Fagundes: 317, 366, 497, 628, 641, 717.
VARNHAGEN, F. A.: 298.
VARRÃO: 22.
VASCONCELOS, J. Leite de: 24, 678.
VELA, F.: 20.
VERGÍLIO: 718.
VERHAEREN, Emile: 709.
VERÍSSIMO, É.: 139, 143, 145, 147, 166, 168, 215, 227, 244, 248, 251, 331, 339, 376, 485, 551, 558, 567, 600, 620, 629, 653, 665, 669, 670, 672, 677, 678, 682.
VICENTE, GIL: 712.
VIEIRA, Luandino: 35, 135, 167, 179, 301, 304, 308, 315, 328, 331, 333, 344, 351, 356, 365, 379, 467, 492, 499, 500, 510, 520, 537, 543, 554, 555, 560, 583, 585, 590, 627, 633, 634, 635, 637, 643, 646, 648, 659, 661, 670.
VIELÉ-GRIFFIN, Francis: 709.
VITA, Nicola: 655, 656.
VITORINO, V.: 376.

W

WAGNER, M. L.: 104.
WAGNER, R. L.: 216.
WHITMAN, Walt: 709.
WILMET, Marc: 398.

X

XAVIER, Fontoura: 351.

Z

ZEMB, Jean-Marie: 398.
ZOLA, E.: 651, 656.

Índice de assuntos

A

ABREVIAÇÃO VOCABULAR: 130.
ABSTRATOS (substantivos): 191, 192.
ABUNDANTES (verbos): 456-457.
ACENTO: 67-75, 78-79; tônico, 67-75; classificação das palavras quanto ao acento tônico, 69-70; pronúncia culta, 70-71; valor distintivo do acento tônico, 71; acento principal, 71-72; acento secundário, 71-72; grupo acentual (ou de intensidade), 72; ênclise e próclise, 73; de insistência, 73; afetivo, 74; intelectual, 74-76; agudo, 78; grave, 78; circunflexo, 79; regras de acentuação gráfica, 84-88.
ACENTUAÇÃO GRÁFICA: 84-88.
ADJETIVO: 91-92, 259-288; definição, 259; adjetivo de relação, 259-260; nome substantivo e nome adjetivo, 260; substantivação do adjetivo, 260; substitutos do adjetivo, 261-262; morfologia dos adjetivos, 262-275; pátrios, 262; pátrios brasileiros, 262-263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263-264; gentílicos, 262; flexões dos adjetivos, 264-275; número, 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; gênero, 265-268; formação do feminino, 266-267; adjetivos uniformes, 267-268; feminino dos adjetivos compostos, 268; graus do adjetivo, 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268-269; de inferioridade, 268-269; comparativo anômalo, 274-275; superlativo, 268-269; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269-270, 273-274 de superioridade, 268-269; de inferioridade, 268-269; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; funções sintáticas do adjetivo, 275-278; adjunto adnominal, 275-278; predicativo do sujeito, 276-278, 281-282; predicativo do objeto direto, 276, 277; predicativo do objeto indireto, 277; emprego adverbial do adjetivo, 278-279; valor estilístico do adjetivo, 279-280; colocação do adjetivo adjunto adnominal, 280-282; epíteto retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282-283; epíteto de natureza, 275, 639-640; epíteto característico, 281; outras formas de realce do adjetivo, 282-283; concordância do adjetivo com o substantivo, 284-288; adjetivo referente a um substantivo, 284-285; adjetivo referente a mais de um substantivo, 284-287; silepse de gênero, 646-647.
ADJUNTO: adnominal, 164-165; adverbial, 165, 166-169; classificação dos adjuntos adverbiais, 166-169.

ADVÉRBIO: 91-92, 555-567; advérbios que não se flexionam em grau, 565; classificação, 544-557; colocação, 559-561; diminutivo com valor superlativo, 565; gradação, 562-565; interrogativo, 557-558; locução adverbial, 558-559; palavras denotativas, 554-555; relativo, 558; repetição do advérbio, 565; repetição de advérbios em *-mente*, 561.
AFÉRESE: 692.
AFETIVO (acento): 74, 75.
AFIXO: 93-94.
AGENTE DA PASSIVA: 161-163; transformação de oração ativa em passiva, 162-163.
AGLUTINAÇÃO: 119-120.
ALEXANDRINO (verso): 706-708.
ALFABETO: 77.
ALFABETO FONÉTICO: 42-44.
ANÁSTROFE: 641.
ANACOLUTO: 644-645.
APARELHO FONADOR: 37-40.
APÓCOPE: 692-693.
APOSTO: 163, 169-174; valor sintático do aposto, 171-173; aposto e predicativo, 173-174.
APÓSTROFO: 79.
ARTIGO: 91-92, 219-258; definido, 219-250; formas simples, 220-221; formas combinadas, 221-223; crase, 221-222; valor determinativo, 224-225; empregos, 226-247; com os substantivos comuns, 226-237; como demonstrativo, 226-227; pelo possessivo, 227-228; antes dos possessivos, 228-230; emprego genérico, 230-231; em expressões de tempo, 231-234; com expressões de peso e medida, 234; com a palavra *casa*, 234; com a palavra *palácio*, 235; com o superlativo relativo, 236-237; com os nomes próprios, 237-243; com os nomes de pessoas, 238-240; com os nomes geográficos, 240-243; com os nomes de obras literárias e artísticas, 243; casos especiais, 243-247; antes da palavra *outro*, 243-244; depois da palavra *ambos* e *todos*, 244-247; repetição do artigo, 247-249; com substantivos, 247-248; com adjetivos, 248-249; omissão do artigo, 249-250; indefinido, 219, 251-258; formas combinadas, 223-224; valor, 225; emprego, 251-254; com os substantivos comuns, 251-253; com os nomes próprios, 253-254; omissão do artigo, 254-258; em expressões de identidade, 255-256; em expressões comparativas, 256; em expressões de quantidade, 256-257; com substantivo denotador de espécie, 257; nas enumerações, 257; nos opostos, 257-258.
ASSÍNDETO: 642-643.
ASPAS: 676-679.
ASPECTO (verbal): 396-398.

B

BISESDRÚXULA (acentuação): 69.
BILABIAIS (consoantes): 53, 55, 58-59.

C

CARDINAIS: 383-391; cardinal como indefinido, 387; emprego da conjunção *e* com os cardinais, 387; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 384-386; quadro, 390-391; valores e empregos, 386-387.
CAVALGAMENTO (*emjambement*); 694-696.
CEDILHA: 79.
CESURA: 693-694.
CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS: 45-60.
CLIQUE: 38.
COLCHETES: 681.
COLETIVOS (substantivos): 192-194.
COLOCAÇÃO: do adjetivo adjunto adnominal, 280-281; do epíteto retórico, 282; dos termos da oração, 176; inversões de natureza estilística, 176-177; ordem direta e inversa, 176; inversões de natureza gramatical, 177-181; inversão verbo + sujeito, 177-180; inversão predicativo + verbo, 181; posição das conjunções coordenativas adversativas, 595-596; posição das conjunções coordenativas conclusivas, 596; do advérbio, 559-561; colocação dos pronomes átonos, 323-332; colocação dos pronomes átonos no Brasil, 330-332.
COMBINAÇÃO: contração de pronomes átonos, 322-323; de preposição com artigo, 221-224.

COMPARATIVO (grau): 268, 269, 274, 275.
COMPLEMENTO: nominal, 153-154; verbal, 154-163 (ver também: objeto direto, objeto indireto e agente da passiva).
COMPOSIÇÃO: 96, 97, 119-129; tipos de, 119-122; compostos eruditos, 122-129; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; recomposição, 127-129; hibridismo, 129-130.
COMUM (substantivo): 192-193.
CONCORDÂNCIA: do adjetivo com o substantivo, 284-288; do pronome possessivo, 333-334; verbal, 510-530.
CONCRETO (substantivo): 192.
CONJUGAÇÕES: 401-402; conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, 413-416; verbos regulares, 419; voz passiva, 419-421; verbo reflexivo, 422-427; verbos irregulares, 427-456; abundantes, 456-457; impessoais, 457, 458; unipessoais, 458-459; defectivos, 457, 460-461.
CONJUNÇÕES: 91, 593-604; coordenativas: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas, 594, 595; posição das conjunções coordenativas, 595-596; valores particulares, 596-599; subordinativas: causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, consecutivas, comparativas integrantes, conformativas, proporcionais, 600-604; polissemia conjuncional, 604; locução conjuntiva, 604.
CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA: 16-18.
CONSOANTE: 45, 53-60, 64-66; classificação, 53-60; modo de articulação, 54-55; ponto de articulação, 55-56; papel das cordas vocais, 56; papel das cavidades bucal e nasal, 57; quadro das consoantes, 57-59; posição das consoantes, 59-60; encontros consonantais, 64-66; consoante de ligação, 95.
CONSONÂNCIA: 711.
CONSTRITIVAS (consoantes): 53-55.
CONTRE-REJET: 707.
COORDENAÇÃO: 609, 610-612; oração coordenada assindética, 610; orações coordenadas sindéticas: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612.
CORDAS VOCAIS: 40; papel das cordas vocais, 56.
CORREÇÃO: 19-22.
CRASE: 221-223 (ver também: emprego do artigo definido; versificação).
CRIOULO: 23, 34-35; de Ano Bom, 34; de Cabo Verde, 35; de Cananor, 35; de Casamance, 35; de Chaul, 35; de Cochim, 35; de Guiné-Bissau, 35; de Korlai, 35; de Macau, 35; de Malaca, 35; de Príncipe, 34; de São Tomé, 35; de Tellicherry, 35; de Tugu, 35; de Sri-Lanka, 35.

D

DECASSÍLABO (verso): 703-705.
DÉCIMA: 725-726.
DEFECTIVOS (verbos): 457, 460-461.
DEMONSTRATIVO (pronome): 342-356; diversidade de emprego, 345-346; formas, 343; *o(s)*, *a(s)* como demonstrativo, 354-355; posição do pronome adjetivo demonstrativo, 347-349; reforço, 350; substitutos dos pronomes demonstrativos, 355-356; valores afetivos, 350-354; valores gerais, 343-345.
DERIVAÇÃO: 96, 97-119; prefixal, 97-102; sufixal, 102-116; parassintética, 116; regressiva, 117-118; imprópria, 118-119.
DESINÊNCIA: 92-93.
DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 41-42.
DIALETO: 18-19; dialetos galegos, 24-25, 26, 29, 30; portugueses setentrionais, 24, 25, 29; portugueses centro-meridionais, 24, 29, 30; das ilhas atlânticas, 31; brasileiros, 31-34.
DIASSISTEMA: 17-18.
DIÉRESE: 63.
DÍGRAFO: 65-66.
DISCURSO: 15-16, 649-656; características do discurso direto, 650-651; características do discurso indireto, 652-653; características do discurso indireto livre, 656; discurso direto, 649-651; discurso indireto, 651-653; discurso indireto livre, 655-656; transposição do discurso direto para o indireto, 653-654.
DISSÍLABO: 67; verso, 697.

DÍSTICO: 719.
DITONGO: 60-62.
DIVERSIDADE GEOGRÁFICA: 18-19, 23-35 (ver também: variações diatópicas).
DODECASSÍLABO (verso): 706-708.
DOIS PONTOS: 669-670.

E

ECTLIPSE: 688-689.
ELIPSE: 633-637; sujeito e predicado elípticos, 137.
ELISÃO: 687, 688, 689.
ÊNCLISE: 73, 74, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330.
ENCONTROS: vocálicos, 60-64; intraverbais e interverbais, 63-64; consonantais, 64-65 (ver também: sinérese, diérese, crase, sinalefa, elisão).
ENEASSÍLABO (verso): 702-703.
ENTOAÇÃO ORACIONAL: 181-189; grupo acentual, 182; grupo fônico, 182; oração declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; interrogação direta e indireta, 186-187; exclamativa, 187-188.
ENJAMBEMENT (ver: cavalgamento).
ENUMERAÇÃO CAÓTICA: 250.
EPÍTETO: retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282; epíteto de natureza, 282, 639-640; epíteto característico, 282.
ERRO: 20-21.
ESTILO: 15-16; valor estilístico do adjetivo, 279-280.
ESTROFAÇÃO: 719-729.
ESTROFE: 696-727; décima, 725-726; dístico, 719; livre, 727; de nove versos, 725; oitava, 723-725; quadra, 720; quintilha, 720-721; de sete versos, 722-723; sextilha, 721-722; simples, 727; composta, 727; terceto, 720.
ESTRUTURA: das palavras, 92-95; do verbo, 402-403; do verso, 685-696.

F

FALAR: 18-19.
FAMÍLIAS DE PALAVRAS: 96.
FIGURAS DE SINTAXE: 633-648; anacoluto, 644-645; anástrofe, 641; assíndeto, 642-643; elipse, 633-637; hipérbato, 641; objeto pleonástico, 640-641; pleonasmo, 639-640; polissíndeto, 643-644; prolepse, 642; silepse, 645-648; sínquise, 642; zeugma, 638.
FLEXÃO: dos adjetivos, 264-275; dos artigos, 220-221; dos substantivos, 194-213; dos verbos, 394-401.
FONEMA: 40-41; 89.
FONÉTICA E FONOLOGIA: 37-75; sons da fala, 37, 41; aparelho fonador, 39-40; som e fonema, 40-41; descrição fonética e fonológica, 41-42; fonética acústica, 41; fonética fisiológica, 42; transcrição fonética, 42; transcrição fonológica, 42; alfabeto fonético, 42-44; vogais, 45; classificação das vogais, 45-53; consoantes, 45; classificação das consoantes, 53-60; posição das consoantes, 59-60; semivogais, 45; encontros vocálicos, 60-64; encontros consonantais, 64-65; dígrafos, 65-66; sílaba, 66-67; acento tônico, 67-75.
FRACIONÁRIOS: 372, 385-386, 389-390; emprego, 389-390; flexão, 389-390; quadro, 390-391.
FRASE: 133-135; constituição da frase, 133-134; frase e oração, 134-135.
FRICATIVAS (consoantes): 53, 54, 57-58, 60.
FUNÇÕES SINTÁTICAS: dos adjetivos: 163; adjunto adnominal, 164-165, 275-278; predicativo do sujeito, 148-149, 276-277; predicativo do objeto direto, 160, 276, 277, 278; predicativo do objeto indireto, 277; dos artigos: 164-165; dos substantivos: 213-216; sujeito, 213; predicativo do sujeito, 213; predicativo do objeto direto, 214; predicativo do objeto indireto, 214; objeto direto, 214; objeto indireto, 214; complemento nominal, 214; adjunto adverbial, 215; agente da passiva, 215; aposto, 215; vocativo, 215.
FUTURO: do presente, 395, 407, 472-476; do pretérito, 395, 476-479; do subjuntivo, 395, 489.

G

GÊNERO: dos adjetivos: 265-268; adjetivos uniformes, 265, 267; feminino dos adjetivos compostos, 268; formação do feminino, 266-267; dos substantivos: 202-211; comum de dois gêneros, 210;

epicenos, 209; feminino derivado de radical do masculino, 206-209; formação do feminino, 204-205; gênero vacilante, 211; masculino e feminino de radicais diferentes, 205; masculinos terminados em *a*, 211; mudança de sentido na mudança de gênero, 210; quanto à significação, 203-204; quanto à terminação, 204; sobrecomum, 203; uniforme, 209-210.
GENTÍLICOS: 262.
GERÚNDIO: 395, 407, 408; emprego, 497, 498, 504-508.
GRAU: dos adjetivos: 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268; de inferioridade, 268; comparativo anômalo, 268; superlativo, 268; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269, 273-274; de superioridade, 273; de inferioridade, 273; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; dos substantivos: 206-207; especialização de formas, 207; valor das formas aumentativas e diminutivas, 206-207; dos advérbios: 562-565; grau comparativo dos advérbios, 562; grau superlativo dos advérbios, 562-563; outras formas de comparativo e superlativo, 563-565; diminutivo com valor superlativo, 565; advérbios que não se flexionam em grau, 565.
GRUPO: acentual, 182; fônico, 182; grupo fônico e unidade melódica, 182-183; grupo fônico e a oração, 183-189.

H

HEMISTÍQUIO: 706.
HENDECASSÍLABO (verso): 705-706.
HEPTASSÍLABO (verso): 700-701.
HEXASSÍLABO (verso): 699.
HIATO: 49; intervocabular, 689-692.
HIBRIDISMO: 129-130.
HÍFEN: 79-84; emprego do hífen, 80-84; nos compostos, 80-81; na prefixação, 81-82; com o verbo *haver*, 82; na separação de sílabas, 82-84.
HIPÉRBATO: do indicativo: 403-404; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.

I

IMPERFEITO: do indicativo: 403-405; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.
IMPESSOAIS (verbos): 457-458.
INDEPENDENTES (orações): 607.
INDEFINIDO: pronome: 370-381; forma, 371; locuções pronominais indefinidas, 371; oposições sistemáticas, 373-374; substantivo e adjetivo, 371-372; valores de alguns indefinidos, 374-381; artigo: 219; emprego do artigo indefinido, 251-254; omissão do artigo indefinido, 254-258.
INDICATIVO (modo): 462-479, 480.
INFINITIVO: 395; impessoal: 407, 496, 497, 498; emprego do infinitivo impessoal, 498-502; pessoal: 407; emprego do infinitivo pessoal, 498, 499, 502-503; emprego distintivo das formas flexionadas e não flexionadas, 499; orações reduzidas de infinitivo, 626-628.
INTEGRANTES: termos da oração, 152-163; conjunções, 600, 603.
INTENSIDADE: acento, 67-68; grupo, 72; advérbio, 555, 557.
INSISTÊNCIA (acento de), 73.
INTELECTUAL (acento): 74, 75.
INTERJEIÇÃO: 605-606; classificação, 605; locução interjectiva, 605-606.
INTERROGAÇÃO (ponto de): 670-671; interrogação direta e indireta, 186-187.
INTERROGATIVO: pronome: 366-370; emprego exclamativo dos interrogativos, 370; flexão, 367-368; forma, 367; valor e emprego, 367-370; advérbio: 557-558.
INTRANSITIVO (verbo): 146.
IRREGULARIDADE VERBAL: 427-457; irregularidade verbal e discordância gráfica, 428; verbos com alternância vocálica, 429-436.
INVARIÁVEIS (palavras): 92.
INVERSÃO DOS TERMOS DA ORAÇÃO: 176-182.
ITÁLICO: 658.
ISOSSILABISMO: 708-709.

J

JUSTAPOSIÇÃO: 119-122.

L

LETRA: 77-78.
LIGAÇÕES RÍTMICAS: 687-688 (ver também: crase, ectlipse, elisão, sinalefa).
LÍNGUA: 15-16, 23; unidade, 23.
LINGUAGEM: 15-16; linguagem monolítica, 21-22; culta, 22; média, 22; popular, 22; poética, 22; da prosa, 22.
LINHA MELÓDICA (função oracional): 188-189.
LIMITES DO VERSO: 686-687.
LOCUÇÕES: adverbiais, 558-559; conjuntivas, 604; interjectivas, 605-606; prepositivas, 570; pronominais, 371; verbais, 134-135.

M

MAJESTADE (plural de): 298-299.
MELÓDICOS (sinais): 657, 668-683.
MODÉSTIA (plural de): 297-298.
MODO (do verbo): 394; indicativo, 462-479; subjuntivo, 479-490; imperativo, 490-496; sintaxe dos modos, 462-510.
MONOSSÍLABO: 67; verso, 696.
MORFEMA: 90-94; tipos de, 90-91; flexional, 92-93; derivacional, 93-94; lexical, 90-92; gramatical, 90-92.
MUDANÇA DE SENTIDO NA MUDANÇA DE GÊNERO: 210.
MULTIPLICATIVOS: 383, 384, 385, 389; emprego, 389; flexão, 385; quadro, 391.

N

NEGRITO (sinal de): 658.
NOME: adjetivo, 260-261; substantivo, 260.
NOMINAL: complemento, 153-154; predicado, 146-149; sufixo, 102-103.
NOTAÇÕES LÉXICAS: 78-80.
NORMA: 21-22.
NUMERAIS: 383-390; cardinais, 383, 384, 385, 386-388; fracionários, 383, 385-386; multiplicativos, 383, 384, 385, 389; ordinais, 383, 384, 385, 387-389.
NÚMERO: dos adjetivos: 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; dos substantivos: 194-202; formação, 194-202; plural dos compostos, 201-202; plural com alteração de timbre da vogal tônica, 197-198; plural dos diminutivos, 200; plural dos substantivos terminados em consoante, 199-200; substantivos terminados em vogal ou ditongo, 195-197; substantivos de um só número, 201.

O

OBJETO: direto: 154-157; objeto direto preposicionado, 156; objeto direto pleonástico, 156-157; indireto: 157-159; objeto indireto pleonástico, 159; predicativo do objeto, 160-161.
OCLUSIVAS (consoantes): 53, 54, 59-60.
OCTOSSÍLABO (verso): 701-702.
OITAVA: 723-725.
ONOMATOPEIA: 130.
ORAÇÃO: 134-189, 607-631; e período, 135-136; termos essenciais, 136-152; sem sujeito, 143-145; termos integrantes, 152-163; termos acessórios, 163-175; colocação dos termos na oração, 176-181; entoação oracional, 181-189; declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; exclamativa, 187-189; independente, 607; principal, 609; coordenada assindética, 610; coordenada sindética: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612; oração subordinada como termo de outra oração, 612-614; classificação das orações subordinadas, 614; oração subordinada substantiva: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa, apositiva, agente da passiva, 614-615; omissão da integrante *que*, 615; oração subordinada adjetiva, 615-618; adjetivas restritivas e explicativas, 618; oração subordinada adverbial: causal, concessiva, condicional, final, temporal, consecutiva, comparativa, 618-622; orações conformativas e proporcionais, 622-623; reduzida,

623-626; reduzida de infinitivo, 626-628; reduzida de gerúndio, 628-630; reduzida de particípio, 630-631.
ORAIS E NASAIS (sons): 48-53.
ORDEM DIRETA E INVERSA: 176.
ORDINAIS: 383, 385, 386, 387, 388; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 385; quadro, 390-391; valores e empregos, 387-388.
ORTOGRAFIA: 77-88; letra e alfabeto, 77-78; notações léxicas, 78-84; regras de acentuação, 84-88; divergências entre as ortografias adotadas em Portugal e no Brasil, 88.
OSCILAÇÃO DE PRONÚNCIA: 70-71.

P

PALAVRA: 89-131; classes de, 91-92; estrutura da, 92-95; formação de, 96-131; famílias de, 96; denotativa, 566-567; primitiva, 96; derivada, 96; simples, 96; composta, 96.
PALAVRAS DENOTATIVAS: 566-567.
PALATAIS: vogais, 45, 49-52; consoantes, 53, 56-59.
POSTERIORES ou velares (vogais): 45, 49-52.
PARÊNTESES: 679-680.
PARTICÍPIO: 498, 508-510; oração reduzida de particípio, 630-631.
PÁTRIOS: 262-264; pátrios brasileiros, 262, 263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263, 264.
PAUSA (verso): 693-694.
PENTASSÍLABO (verso): 698-699.
PERÍODO: 135-136, 607-631; simples, 135, 607; composto, 136, 607-631; composto por coordenação, 607-608, 610-612; composto por subordinação, 608, 612-631; características da oração principal, 609-610.
PESSOAL (pronome): 290-332; colocação dos pronomes átonos, 323-332; combinações e contrações dos pronomes átonos, 322-323; contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, 303; emprego dos pronomes oblíquos tônicos e átonos, 310-321; emprego do pronome sujeito, 296-297; equívocos e incorreções, 301-303; extensão de emprego dos pronomes retos, 297-300; formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, 291-293; funções dos pronomes retos, 295, 296; omissão do pronome sujeito, 296; realce do pronome sujeito, 300, 301; reflexivo e recíproco, 293-295; pronomes de tratamento, 303-310.
PLEONASMO: 639-640.
PLURAL: dos adjetivos simples e compostos, 265; plural de modéstia e de majestade, 297-299; dos substantivos simples e compostos, 195-202.
POLISSÍNDETO: 643-644.
PONTO: 664-666.
PONTO DE EXCLAMAÇÃO: 671-673.
PONTO DE INTERROGAÇÃO: 670-671.
PONTO E VÍRGULA: 666-668.
PONTUAÇÃO: 657-683; aspas, 676-679; colchetes, 681; dois pontos, 669-670; parênteses, 679-681; ponto, 664-666; ponto de exclamação, 671-673; ponto de interrogação, 670-671; ponto e vírgula, 666-668; reticências, 673-676; vírgula, 658-664; travessão, 682-683.
PORTUGUÊS: de África, 34; de Ásia, 34, 35; da Oceania, 34, 35 (ver também: crioulos).
POSSESSIVO (pronome): 332-342; concordância, 333-334; forma, 333; valor e emprego, 333-342.
PREDICADO: 146-151; nominal, 146-149; verbal, 149-151; verbo-nominal, 151; variabilidade de predicação verbal, 152 (ver também: concordância).
PREFIXO: 98-102; de origem latina, 98-100; de origem grega, 101-102.
PREPOSIÇÃO: 569-592; conteúdo significativo, 572-574; função, 569; locuções prepositivas, 570; relações fixas, 574; relações livres, 575-576; relações necessárias, 574-575; significação, 570-572; simples, 569-570; valor, 576-592; *a*, 576-578; *ante*, 578-579; *após*, 579; *até*, 579-580; *com*, 580-581; *contra*, 581; *de*, 582-583; *desde*, 583; *em*, 584; *entre*, 585-586; *para*, 587-588; *perante*, 588; *por* (*per*), 588-590; *sem*, 590; *sob*, 590-591; *sobre*, 591-592; *trás*, 592.

PRETÉRITO: imperfeito do indicativo, 395, 403-405, 465-468; perfeito do indicativo, 468-470; distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito, 470; mais-que-perfeito do indicativo, 395, 405, 470-472; futuro, 395, 407-408, 472-479; perfeito do subjuntivo, 395, 488; mais-que-perfeito, 395, 489.
PRÓCLISE: 73, 308, 323-332.
PROLEPSE: 642.
PRONOME: 91, 289-381; demonstrativo, 342-356; indefinido, 370-381; interrogativo, 366-370; pessoal, 290-332; possessivo, 332-342; relativo, 356-366; substantivo e adjetivo, 289-290; de tratamento, 303-310.
PSEUDOPREFIXOS: 127-129 (ver também: recomposição).

Q

QUADRA: 720.
QUANTIDADE: 68.
QUINTILHA: 720, 721.

R

RADICAIS: 92; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; hibridismo, 129-130.
RECOMPOSIÇÃO: 127-129.
REGÊNCIA VERBAL: 530-551; diversidade e igualdade de regência, 531-532; regência de alguns verbos: *aspirar*, 533-534; *assistir*, 534-535; *chamar*, 535-537; *ensinar*, 537-539; *esquecer*, 539-541; *interessar*, 541-543; *lembrar*, 543-545; *obedecer* e *desobedecer*, 545-546; *perdoar*, 546-547; *responder*, 547-550; *visar*, 550-551.
REFORÇO: dos possessivos, 336; dos demonstrativos, 350.
RELATIVO (pronome): 356-367; forma, 356-357; função sintática, 358-359; natureza do antecedente, 357-358; pronome relativo sem antecedente, 360; valor e emprego, 360-366.
RETICÊNCIAS: 673-676.
RIMA: 711-719; aguda, 711; alternada, 715; assonante, 711; consoante, 711; consonância, 711; emparelhada, 715; encadeada, 716; esdrúxula, 712; esquema de rima, 717; grave, 711; imperfeita, 712-713; de vogal semiaberta com vogal semifechada, 712-713; de vogal simples com ditongo, 713; de vogal oral com vogal nasal, 713; interior: com eco, 717; leonina, 716; interpolada, 716; oposta, 716; perfeita, 712; pobre, 714; rica, 714; raras ou preciosas, 714-715; soante, 711; toante, 711; versos brancos, 717-718.
RITMO: 685.

S

SEMIVOGAIS: 45.
SEXTILHA: 721-722.
SIGLAS: 130-131.
SÍLABA: 66-67; aberta e fechada, 66-67; classificação das palavras quanto ao número de sílabas, 67.
SILEPSE: de gênero, 646-647; de número, 645-646; de pessoa, 647-648.
SINAIS: pausais, 657, 658-668; melódicos, 657, 669-683.
SINALEFA: 63, 687-688, 689.
SÍNCOPE: 692-693.
SINÉRESE: 63, 690-691.
SÍNQUISE: 642.
SINTAGMA: nominal, 137-138; verbal, 137-138.
SINTAXE: dos modos e dos tempos, 462-510; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
SISTEMA: 21, 22.
SOM: 40, 41.
SONETO: 727-729; inglês, 727, 729; italiano, 727-729; shakespeariano, 729; spenseriano, 729.
SONS DA FALA: 37.
SUBJUNTIVO (modo): 394, 395, 479-480.
SUBSTANTIVO: 91, 191-218, 260; abstrato, 192; coletivo, 192-193; composto, 201-202; comum, 192; comum de dois gêneros, 210; concreto, 192; de gênero vacilante, 211; de um só número, 201; epiceno, 209; flexão, 194-213; formação do plural, 195-200; funções sintáticas do substantivo, 213-218; gênero, 202-211; grau, 212-213; masculino terminado em *a*, 211; mudança de sentido

na mudança de gênero, 210; número, 194-202; sobrecomum, 209; uniforme, 210-211; próprio, 192.
SUBORDINAÇÃO: 608-609, 612-631; classificação das orações subordinadas: substantivas, 614-615; adjetivas, 615-618; adverbiais, 618-631; orações reduzidas: 623-631; de infinitivo, 626-628; de gerúndio, 628-630; de particípio, 630-631.
SUFIXO: 102-116; nominal, 103-114; aumentativo, 102-104; diminutivo, 104-108; diminutivo erudito, 108; verbal, 114-115; adverbial, 115-116.
SUJEITO: 136-146; representação do sujeito, 138-140; simples, 140; concordância com o sujeito simples, 511; composto, 140-141; concordância com o sujeito composto, 511-512; oculto (determinado), 141-142; indeterminado, 142-143; oração sem sujeito, 143-145; da atitude do sujeito, 145-146; com verbos de ação, 145; com verbos de estado, 146.
SUPERLATIVO (grau): 268; 269-275.

T

TEMPO (verbal): 395; tempo simples, 402-408; composto, 416-418; formação dos tempos simples, 403-409; derivados do presente do indicativo, 403-405; derivados do pretérito do indicativo, 405-406; derivados do infinitivo impessoal, 407-408; formação dos tempos compostos, 416-418; locuções verbais, 408-412; sintaxe dos tempos, 462-490.
TERCETO: 720.
TERMOS: essenciais, 136-152, 607-609; integrantes, 152-163, 607-609; acessórios, 163-176, 607-609.
TETRASSÍLABO (verso): 698.
TIL: 79.
TIMBRE: 47-48.
TIPOS DE VERSO: 696-710; decassílabo, 703-705; dissílabo, 697; dodecassílabo, 706-707; eneassílabo, 702-703; endecassílabo, 705-706; heptassílabo, 700-701; hexassílabo, 699-700; monossílabo, 696-697; octossílabo, 701-702; pentassílabo, 698-699; tetrassílabo, 698; trissílabo, 697; isossilabismo e versificação flutuante, 708-709; verso livre, 709-710.
TOM: 68.
TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 42.
TRANSITIVO (verbo) 150-151.
TRATAMENTO (pronome): 303-310 (ver também: pessoal)
TRAVESSÃO: 639, 682-683.
TREMA: 79.
TRISSÍLABO: 67, 697-698.
TRITONGO: 62-63, 690.

U

UNIDADE LINGUÍSTICA: 23.
UNIDADE MELÓDICA (ver: grupo fônico).
UNIPESSOAIS (verbos): 457, 458-459.

V

VARIÁVEIS (palavras): 92.
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, 16-18; variações diatópicas, 17, 18, 22, 23-35; variações diastráticas, 17, 22; variações diafásicas, 17, 22.
VELARES (vogais): (ver: posteriores ou velares)
VERBO: 92, 393-554; abundantes, 456-457; aspecto, 396-398; defectivo, 457, 460-461; definição, 393; flexão, 393-400; modo, 394-395; número, 394; pessoa, 394; tempo, 395; simples, 402-408; composto, 416-418; impessoais, 457, 458; unipessoais, 457, 458, 459; irregular, 427-457; auxiliar e o seu emprego, 408-412; emprego dos tempos do indicativo, 462-479; emprego dos tempos do subjuntivo, 479-490; emprego do imperativo, 490-496; emprego das formas nominais, 496-498; emprego do infinitivo, 498-504; emprego do gerúndio, 504-508; emprego do particípio, 508-510; voz: 398-400; voz ativa, 398, 399; voz passiva, 399, 400, 419-421; voz reflexiva, 398, 399, 421-427; formas rizotônicas, 400; formas arrizotônicas, 400; classificação do verbo,

400-401; conjugação, 401, 418-554; concordância, 510-529; regência, 530-551; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
VERSIFICAÇÃO: 685-729; versificação flutuante, 708-709.
VERSO: 685; limite, 686-687; tipos, 696-712; verso livre, 709-710.
VÍRGULA: 657, 658-664.
VOCATIVO: 174-175.
VOGAIS: 45-53, 60-63; classificação, 45-53; articulação, 47; timbre, 47-48; intensidade e acento, 48; orais, 48-50; nasais, 48-50; tônicas orais, 49; tônicas nasais, 49-50; átonas orais, 50-53; encontros vocálicos, 60-64; vogal temática, 94-95; vogal de ligação, 95.
VOZ: 398-400; ativa, 398-399; passiva, 399-400, 419-421; reflexiva, 399, 421-427.

Z

ZEUGMA: 638.

nova gramática do português contemporâneo

Esta Gramática é uma descrição do português atual em sua forma culta, ou seja, da língua como a têm utilizado os escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá.
Como pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa em sua natural diversidade, uma atenção particular foi dada às diferenças de uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo as que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.
Houve também uma preocupação de examinar a palavra em sua forma e função, de acordo com os princípios da morfossintaxe, e de destacar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro, a um tempo, uma gramática e uma estilística do português contemporâneo.

Lexikon | obras de referência

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição

de acordo com a nova ortografia

nova gramática do português contemporâneo

Lexikon | *obras de referência*

CELSO CUNHA & LINDLEY CINTRA

nova gramática do português contemporâneo

7ª edição - 2ª impressão

Texto atualizado com a nova ortografia, determinada pelo DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008 que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com início de sua vigência em 1º de janeiro de 2009.

© 2017 by titulares dos direitos de Celso Ferreira da Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra

Direitos de edição da obra em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela LEXIKON EDITORA DIGITAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

LEXIKON EDITORA DIGITAL
Rua Luís Câmara, 280 – Ramos – 21031-175
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2221-8740
http://www.lexikon.com.br

sac@lexikon.com.br

Veja também www.aulete.com.br – seu dicionário na internet

7ª edição – 2016

EDITOR
Paulo Geiger

REVISÃO
Ana Lúcia Kronemberger

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PRODUÇÃO
Sonia Hey

CAPA
Luis Saguar

IMAGEM DE CAPA
Serigrafia de Gonçalo Ivo – Rio São Francisco (vista de Ibotirama, BA), 1993, prova do autor.

IMPRESSÃO
Oceano Indústria Gráfica e Editora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C977n
7.ed.

Cunha, Celso
Nova gramática do português contemporâneo [recurso eletrônico] / Celso Cunha, Lindley Cintra. – 7. ed., reimpr. -- Rio de Janeiro : Lexikon, 2017.
800 p., recurso digital

Formato: epdf
Requisitos do sistema: adobe acrobat reader
Modo de acesso: world wide web
Inclui índice
ISBN: 978-85-8300-031-0 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Livros eletrônicos. I. Cintra, Luís F. Lindley (Luis Filipe Lindley),1925-1991. II. Título.

17-41723 CDD:
CDU: 469.5
811.134.3›36

À memória de Serafim da Silva Neto,
amigo comum e mestre da
Filologia Portuguesa.

A Joseph M. Piel,
Jacinto do Prado Coelho,
José V. de Pina Martins,
companheiros e amigos.

Sumário

PREFÁCIO, *xxiii*

ADVERTÊNCIA, *xxvii*

NOTA DO EDITOR, *xxix*

Introdução – CONCEITOS GERAIS, *1*

Linguagem, língua, discurso, estilo, *1*

Língua e sociedade: variação e conservação linguística, *2*

Diversidade geográfica da língua: dialeto e falar, *4*

A noção de correto, *5*

Capítulo 1 – DO LATIM AO PORTUGUÊS ATUAL, *9*

O latim e a expansão romana, *9*

Latim literário e latim vulgar, *10*

As línguas românicas, *11*

A romanização da península, *13*

O domínio visigótico, *16*

O domínio árabe, *17*

O português primitivo, *18*

Períodos evolutivos da língua portuguesa, *18*

Capítulo 2 – DOMÍNIO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, *23*

Unidade e diversidade, *23*

As variedades do português, *24*
Os dialetos do português europeu, *25*
Os dialetos das ilhas atlânticas, *31*
Os dialetos brasileiros, *31*

O português de África, da Ásia e da Oceânia, *34*

Capítulo 3 – FONÉTICA E FONOLOGIA, *37*

Os sons da fala, *37*
O aparelho fonador, *37*
Funcionamento do aparelho fonador, *38*

Som e fonema, *40*
Descrição fonética e fonológica, *41*
Transcrição fonética e fonológica, *42*
Alfabeto fonético utilizado, *42*

Classificação dos sons linguísticos, *4*
Vogais e consoantes, *45*
Semivogais, *45*

Classificação das vogais, *45*
Articulação, *47*
Timbre, *47*
Intensidade e acento, *48*
Vogais orais e vogais nasais, *48*
Vogais tônicas orais, *49*
Vogais tônicas nasais, *49*
Vogais átonas orais, *50*

Classificação das consoantes, *53*
Modo de articulação, *54*
O ponto ou zona de articulação, *55*
O papel das cordas vocais, *56*
O papel das cavidades bucal e nasal, *57*
Quadro das consoantes, *57*
A posição das consoantes, *59*

Encontros vocálicos, *60*
Ditongos, *60*
Ditongos decrescentes e crescentes, *60*
Ditongos orais e nasais, *61*
Tritongos, *62*
Hiatos, *63*
Encontros intraverbais e interverbais, *63*

Encontros consonantais, *64*

Dígrafos, *65*

Sílaba, *66*
Sílabas abertas e sílabas fechadas, *66*
Classificação das palavras quanto ao número de sílabas, *67*

Acento tônico, *67*
Classificação das palavras quanto ao acento tônico, *69*
Observações sobre a pronúncia culta, *70*
Valor distintivo do acento tônico, *71*
Acento principal e acento secundário, *71*
Grupo acentual (ou de intensidade), *72*
Ênclise e próclise, *73*
Acento de insistência, *73*
Acento afetivo, *74*
Acento intelectual, *74*
Distinções fundamentais, *75*

Capítulo 4 – ORTOGRAFIA, *77*

Letra e alfabeto, *77*

Notações léxicas, *78*
O acento, *78*
O til, *79*
O trema, *79*
O apóstrofo, *79*
A cedilha, *79*
O hífen, *79*
Emprego do hífen nos compostos, *80*
Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação, *81*
Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver, *82*
Partição das palavras no fim da linha, *82*

Regras de acentuação, *84*

Divergências entre as ortografias oficialmente adotadas em Portugal e no Brasil, *88*

Capítulo 5 – CLASSE, ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS, *89*

Palavra e morfema, *89*
Tipos de morfemas, *90*
Classes de palavras, *91*

Estrutura das palavras, *92*
Radical, *92*
Desinência, *92*
Afixo, *93*
Vogal temática, *94*
Vogal e consoante de ligação, *95*

Formação de palavras, *96*
Palavras primitivas e derivadas, *96*
Palavras simples e compostas, *96*

Famílias de palavras, *96*

Capítulo 6 – DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO, *97*

Formação de palavras, *97*
Derivação prefixal, *97*
Prefixos de origem latina, *98*
Prefixos de origem grega, *101*
Derivação sufixal, *102*
Sufixos nominais, *102*
Sufixos verbais, *114*
Sufixo adverbial, *115*
Derivação parassintética, *116*
Derivação regressiva, *117*
Derivação imprópria, *118*
Formação de palavras por composição, *119*
Tipos de composição, *119*
Compostos eruditos, *122*
Radicais latinos, *122*
Radicais gregos, *123*
Recomposição, *127*
Pseudoprefixos, *127*
Hibridismo, *129*
Onomatopeia, *230*
Abreviação vocabular, *130*
Siglas, *130*

Capítulo 7 – FRASE, ORAÇÃO, PERÍODO, *133*

A frase e sua constituição, *133*
Frase e oração, *134*
Oração e período, *135*

A oração e os seus termos essenciais, *136*
Sujeito e predicado, *136*
Sintagma nominal e verbal, *137*

O sujeito, *138*
Representação do sujeito, *138*
Sujeito simples e sujeito composto, *140*
Sujeito oculto (determinado), *141*
Sujeito indeterminado, *142*
Oração sem sujeito, *143*
Da atitude do sujeito, *145*
Com os verbos de ação, *145*
Com os verbos de estado, *146*

O predicado, *146*
Predicado nominal, *146*
Predicado verbal, *149*
Verbos intransitivos, *149*
Verbos transitivos, *150*
Predicado verbo-nominal, *151*
Variabilidade da predicação verbal, *152*

A oração e os seus termos integrantes, *152*

Complemento nominal, *153*

Complementos verbais, *154*
Objeto direto, *154*
Objeto direto preposicionado, *156*
Objeto direto pleonástico, *156*
Objeto indireto, *157*
Objeto indireto pleonástico, *159*
Predicativo do objeto, *160*
Agente da passiva, *161*
Transformação da oração ativa em passiva, *162*

A oração e os seus termos acessórios, *163*
Adjunto adnominal, *164*
Adjunto adverbial, *165*
Classificação dos adjuntos adverbiais, *166*
Aposto, *169*
Valor sintático do aposto, *171*
Aposto predicativo, *173*
Vocativo, *174*

Colocação dos termos na oração, *176*
Ordem direta e ordem inversa, *176*
Inversões de natureza estilística, *176*
Inversões de natureza gramatical, *177*
Inversão verbo + sujeito, *177*
Inversão predicativo + verbo, *181*

Entoação oracional, *181*
Grupo acentual e grupo fônico, *182*
O grupo fônico, unidade melódica, *182*
O grupo fônico e a oração, *183*
Oração declarativa, *183*
Oração interrogativa, *184*
Oração exclamativa, *187*
Conclusão, *189*

Capítulo 8 – SUBSTANTIVO, *191*

Classificação dos substantivos, *192*
Substantivos concretos e abstratos, *192*
Substantivos próprios e comuns, *192*
Substantivos coletivos, *192*

Flexões dos substantivos, *194*
Número, *194*
Formação do plural, *195*
Gênero, *202*
Quanto à significação, *203*
Quanto à terminação, *204*
Formação do feminino, *204*

Substantivos uniformes, *209*
Mudança de sentido na mudança de gênero, *210*
Substantivos masculinos terminados em *-a*, *211*
Substantivos de gênero vacilante, *211*
Grau, *212*
Valor das formas aumentativas e diminutivas, *212*
Especialização de formas, *213*

Emprego do substantivo, *213*
Funções sintáticas do substantivo, *213*
Substantivo como adjunto adnominal, *215*
Substantivo caracterizador de adjetivo, *216*
Substantivo caracterizado por um nome, *217*
O substantivo como núcleo das frases sem verbo, *217*

Capítulo 9 – ARTIGO, *219*

Artigo definido e indefinido, *219*
Formas do artigo, *220*
Formas simples, *220*
Formas combinadas do artigo definido, *221*
Formas combinadas do artigo indefinido, *223*

Valores do artigo, *224*
A determinação, *224*

Emprego do artigo definido, *226*
Com os substantivos comuns, *226*
Empregos particulares, *226*
Emprego genérico, *230*
Emprego em expressões de tempo, *231*
Emprego com expressões de peso e medida, *234*
Com a palavra *casa*, *234*
Com a palavra *palácio*, *235*
Emprego com o superlativo relativo, *236*
Com os nomes próprios, *237*
Com os nomes de pessoas, *238*
Com os nomes geográficos, *240*
Com os nomes de obras literárias e artísticas, *243*
Casos especiais, *243*
Antes da palavra *outro*, *243*
Depois das palavras *ambos* e *todo*, *244*
Repetição do artigo definido, *247*
Com substantivos, *247*
Com adjetivos, *248*
Omissão do artigo definido, *249*
Emprego do artigo indefinido, *251*
Com os substantivos comuns, *251*
Com os nomes próprios, *253*
Omissão do artigo indefinido, *254*
Em expressões de identidade, *255*

Em expressões comparativas, *256*
Em expressões de quantidade, *256*
Com substantivo denotador da espécie, *257*
Outros casos de omissão do artigo indefinido, *257*

Capítulo 10 – ADJETIVO, *259*

Nome substantivo e nome adjetivo, *260*
Substantivação do adjetivo, *260*
Substitutos do adjetivo, *261*

Morfologia dos adjetivos, *262*

Adjetivos pátrios, *262*
Pátrios brasileiros, *262*
Pátrios portugueses, *263*
Pátrios africanos, *263*
Adjetivos pátrios compostos, *263*

Flexões dos adjetivos, *264*
Número, *264*
Plural dos adjetivos simples, *265*
Plural dos adjetivos compostos, *265*
Gênero, *265*
Formação do feminino, *266*
Adjetivos uniformes, *267*
Feminino dos adjetivos compostos, *267*
Graus do adjetivo, *268*
Comparativo e superlativo, *268*
Formação do grau comparativo, *269*
Formação do grau superlativo, *269*
Comparativos e superlativos anômalos, *274*
Adjetivos que não se flexionam em grau, *275*
Emprego do adjetivo, *275*
Funções sintáticas do adjetivo, *275*
Valor estilístico do adjetivo, *279*
Concordância do adjetivo com o substantivo, *284*
Adjetivo referido a um substantivo, *284*
Adjetivo referido a mais de um substantivo, *285*
Adjetivo adjunto adnominal, *285*
Adjetivo predicativo de sujeito composto, *287*

Capítulo 11 – PRONOMES, *289*

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos, *289*

Pronomes pessoais, *290*
Formas dos pronomes pessoais, *291*
Formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, *291*
Pronomes reflexivos e recíprocos, *293*

Emprego dos pronomes retos, *295*
Funções dos pronomes retos, *295*

Omissão do pronome sujeito, *296*
Presença do pronome sujeito, *296*
Extensão de emprego dos pronomes retos, *297*
Realce do pronome sujeito, *300*
Precedência dos pronomes sujeitos, *301*
Equívocos e incorreções, *301*
Contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, *303*

Pronomes de tratamento, *303*
Emprego dos pronomes de tratamento da 2.ª pessoa, *305*
Fórmulas de representação da 1.ª pessoa, *310*

Emprego dos pronomes oblíquos, *310*
Formas tônicas, *310*
Emprego enfático do pronome oblíquo tônico, *312*
Pronomes precedidos de preposição, *312*
Formas átonas, *314*
O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo, *316*
Emprego enfático do pronome oblíquo átono, *316*
O pronome de interesse, *317*
Pronome átono com valor possessivo, *317*
Pronomes complementos de verbos de regência distinta, *318*
Valores e empregos do pronome *se*, *319*
Combinações e contrações dos pronomes átonos, *322*
Colocação dos pronomes átonos, *323*

Pronomes possessivos, *332*
Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, *332*
Formas dos pronomes possessivos, *333*
Valores e empregos dos possessivos, *333*
Concordância do pronome possessivo, *333*
Posição do pronome adjetivo possessivo, *334*
Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa, *335*
Reforço dos possessivos, *336*
Valores dos possessivos, *337*
Valores afetivos, *338*
Nosso de modéstia e de majestade, *340*
Vosso de cerimônia, *340*
Substantivação dos possessivos, *341*
Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico, *341*

Pronomes demonstrativos, *342*
Formas dos pronomes demonstrativos, *343*
Valores gerais, *343*
Diversidade de emprego, *345*
Empregos particulares, *346*
Posição do pronome adjetivo demonstrativo, *347*
Alusão a termos precedentes, *348*
Reforço dos demonstrativos, *350*
Valores afetivos, *350*
O(s), *a(s)* como demonstrativos, *354*

Substitutos dos pronomes demonstrativos, *355*

Pronomes relativos, *356*
Formas dos pronomes relativos, *356*
Natureza do antecedente, *357*
Função sintática dos pronomes relativos, *358*
Pronomes relativos sem antecedente, *360*
Valores e empregos dos relativos, *360*
Que, *360*
Qual, o qual, *361*
Quem, *364*
Cujo, *364*
Quanto, *365*
Onde, *365*

Pronomes interrogativos, *366*
Flexão dos interrogativos, *367*
Valor e emprego dos interrogativos, *367*
Que, *367*
Quem, *368*
Qual, *369*
Quanto, *369*
Emprego exclamativo dos interrogativos, *370*

Pronomes indefinidos, *370*
Formas dos pronomes indefinidos, *371*
Locuções pronominais indefinidas, *371*
Pronomes indefinidos substantivos e adjetivos, *371*
Oposições sistemáticas entre os indefinidos, *373*
Valores de alguns indefinidos, *374*
Algum e nenhum, *374*
Cada, *375*
Certo, *376*
Nada, *377*
Outro, *378*
Qualquer, *379*
Todo, *380*
Tudo, *381*

Capítulo 12 – NUMERAIS, *383*

Espécies de numerais, *383*
Numerais coletivos, *384*

Flexão dos numerais, *384*
Cardinais, *384*
Ordinais, *385*
Multiplicativos, *385*
Fracionários, *385*
Numerais coletivos, *386*

Valores e empregos dos cardinais, *386*

Cardinal como indefinido, *387*
Emprego da conjunção *e* com os cardinais, *387*

Valores e empregos dos ordinais, *387*
Emprego dos cardinais pelos ordinais, *388*

Emprego dos multiplicativos, *389*

Emprego dos fracionários, *389*

Quadro dos numerais, *390*
Numerais cardinais e ordinais, *390*
Numerais multiplicativos e fracionários, *391*

Capítulo 13 – VERBO, *391*

Noções preliminares, *391*

Flexões do verbo, *394*
Números, *394*
Pessoas, *394*
Modos, *394*
Tempos, *395*
Aspectos, *396*
Vozes, *398*

Formas rizotônicas e arrizotônicas, *400*

Classificação do verbo, *400*

Conjugações, *401*
Tempos simples, *402*
Estrutura do verbo, *403*
Formação dos tempos simples, *403*
Verbos auxiliares e o seu emprego, *408*
Distinção importante, *410*
Conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, *413*
Modo indicativo, *413*
Modo subjuntivo, *414*
Modo imperativo, *415*
Formas nominais, *415*
Formação dos tempos compostos, *416*
Modo indicativo, *416*
Modo subjuntivo, *417*
Formas nominais, *418*
Conjugação dos verbos regulares, *419*
Conjugação da voz passiva, *419*
Modo indicativo, *419*
Modo subjuntivo, *420*
Formas nominais, *421*
Voz reflexiva, *421*
Verbo reflexivo e verbo pronominal, *422*
Conjugação de um verbo reflexivo, *422*
Modo indicativo, *422*

Modo subjuntivo, *424*
Modo imperativo, *426*
Formas nominais, *426*
Conjugação dos verbos irregulares, *427*
Irregularidade verbal, *427*
Irregularidade verbal e discordância gráfica, *428*
Verbos com alternância vocálica, *429*
Outros tipos de irregularidade, *436*
Verbos de particípio irregular, *455*
Verbos abundantes, *456*
Verbos impessoais, unipessoais e defectivos, *457*

Sintaxe dos modos e dos tempos, *462*
Modo indicativo, *462*
Emprego dos tempos do indicativo, *462*
Modo subjuntivo, *479*
Indicativo e subjuntivo, *479*
Emprego do subjuntivo, *480*
Subjuntivo independente, *480*
Subjuntivo subordinado, *482*
Substitutos do subjuntivo, *486*
Tempos do subjuntivo, *487*
Modo imperativo, *490*
Formas do imperativo, *490*
Emprego do modo imperativo, *491*
Substitutos do imperativo, *493*
Reforço ou atenuação da ordem, *495*
Emprego das formas nominais, *496*
Características gerais, *496*
Emprego do infinitivo, *498*
Emprego do gerúndio, *504*
Emprego do particípio, *508*

Concordância verbal, *510*
Regras gerais, *511*
Com um só sujeito, *511*
Com mais de um sujeito, *511*
Casos particulares, *513*
Com um só sujeito, *513*
Com mais de um sujeito, *523*

Regência verbal, *530*
Regência, *530*
Regência verbal, *531*
Diversidade e igualdade de regência, *531*
Regência de alguns verbos, *533*

Sintaxe do verbo *haver*, *551*

Capítulo 14 – ADVÉRBIO, *555*

Classificação dos advérbios, *556*
Advérbios interrogativos, *557*

Advérbio relativo, *558*
Locução adverbial, *558*

Colocação dos advérbios, *559*

Repetição de advérbios em *–mente*, *561*

Gradação dos advérbios, *562*
Grau comparativo, *562*
Grau superlativo, *562*
Outras formas de comparativo e superlativo, *563*
Repetição do advérbio, *565*
Diminutivo com valor superlativo, *565*
Advérbios que não se flexionam em grau, *565*

Palavras denotativas, *566*

Capítulo 15 – PREPOSIÇÃO, *569*

Função das preposições, *569*

Forma das preposições, *569*
Preposições simples, *596*
Locuções prepositivas, *570*

Significação das preposições, *570*
Conteúdo significativo e função relacional, *572*
Relações fixas, *574*
Relações necessárias, *574*
Relações livres, *575*

Valores das preposições, *576*
A, *576*
Ante, *578*
Após, *579*
Até, *579*
Com, *580*
Contra, *581*
De, *582*
Desde, *583*
Em, *584*
Entre, *585*
Para, *587*
Perante, *588*
Por (per), *588*
Sem, *590*
Sob, *590*
Sobre, *591*
Trás, *592*

Capítulo 16 – CONJUNÇÃO, *593*

Conjunção coordenativa e subordinativa, *593*
Conjunções coordenativas, *594*

Posição das conjunções coordenativas, *595*
Valores particulares, *596*
Conjunções subordinativas, *600*
Conjunções conformativas e proporcionais, *603*
Polissemia conjuncional, *604*
Locução conjuntiva, *604*

Capítulo 17 – INTERJEIÇÃO, *605*

Classificação das interjeições, *605*

Locução interjectiva, *605*

Capítulo 18 – O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO, *607*

Período simples e período composto, *607*
Composição do período, *607*
Características da oração principal, *609*
Conclusão, *610*

Coordenação, *610*
Orações coordenadas sindéticas e assindéticas, *610*
Orações coordenadas sindéticas, *610*

Subordinação, *612*
A oração subordinada como termo de outra oração, *612*
Classificação das orações subordinadas, *614*
Orações subordinadas substantivas, *614*
Orações subordinadas adjetivas, *615*
Orações subordinadas adverbiais, *618*
Orações reduzidas, *623*

Capítulo 19 – FIGURAS DE SINTAXE, *633*

Elipse, *633*
A elipse como processo gramatical, *634*
A elipse como processo estilístico, *636*

Zeugma, *638*

Pleonasmo, *639*
Pleonasmo vicioso, *639*
Pleonasmo e epíteto de natureza, *639*
Objeto pleonástico, *640*

Hipérbato, *641*

Anástrofe, *641*

Prolepse, *642*

Sínquise, *642*

Assíndeto, *642*

Polissíndeto, *643*

Anacoluto, *644*

Silepse, *645*
Silepse de número, *645*
Silepse de gênero, *646*
Silepse de pessoa, *647*

Capítulo 20 – DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO E DISCURSO INDIRETO LIVRE, *649*

Estruturas de reprodução de enunciações, *649*
Discurso direto, *649*
Características do discurso direto, *650*
Discurso indireto, *651*
Características do discurso indireto, *652*
Transposição do discurso direto para o indireto, *653*
Discurso indireto livre, *655*
Características do discurso indireto livre, *656*

Capítulo 21 – PONTUAÇÃO, *657*

Sinais pausais e sinais melódicos, *657*
Sinais que marcam sobretudo a pausa, *658*
A vírgula, *658*
O ponto, *664*
O ponto e vírgula, *666*
Valor melódico dos sinais pausais, *668*
Sinais que marcam sobretudo a melodia, *669*
Os dois pontos, *669*
O ponto de interrogação, *670*
O ponto de exclamação, *671*
As reticências, *673*
As aspas, *676*
Os parênteses, *679*
Os colchetes, *681*
O travessão, *682*

Capítulo 22 – NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO, *685*

Estrutura do verso, *685*
Ritmo e verso, *685*
Os limites do verso, *686*
As ligações rítmicas, *687*
Sinalefa, elisão e crase, *687*
Ectlipse, *688*
O hiato intervocabular, *689*
A medida das palavras, *690*
Sinérese, *690*
Diérese, *691*
Crase, aférese, síncope e apócope, *692*
A cesura e a pausa final, *693*
Cavalgamento (*enjambement*), *694*
O cavalgamento e a pausa final, *681*

Tipos de verso, *696*
Os versos tradicionais, *696*
Monossílabos, *696*
Dissílabos, *697*
Trissílabos, *697*
Tetrassílabos, *698*
Pentassílabos, *698*
Hexassílabos, *699*
Heptassílabos, *700*
Octossílabos, *701*
Eneassílabos, *702*
Decassílabos, *703*
Hendecassílabos, *705*
Dodecassílabos, *706*
Isossilabismo e versificação flutuante, *708*
O verso livre, *709*

A rima, *711*
A rima e o acento, *711*
Rima perfeita e rima imperfeita, *712*
Rima pobre e rima rica, *714*
Combinações de rimas, *715*
Rima interior, *716*
Indicação esquemática das rimas, *717*
Versos sem rima, *717*

Estrofação, *719*
O dístico, *719*
O terceto, *720*
A quadra, *720*
A quintilha, *720*
A sextilha, *721*
A estrofe de sete versos, *722*
A oitava, *723*
A estrofe de nove versos, *725*
A décima, *725*
Estrofe simples e composta, *727*
Estrofe livre, *727*

Poemas de forma fixa, *727*
O soneto, *727*

ELENCO E DESENVOLVIMENTO DAS ABREVIATURAS USADAS, *731*

ÍNDICE ONOMÁSTICO, *745*

ÍNDICE DE ASSUNTOS, *753*

Prefácio

Esta gramática foi idealizada há muito tempo, quando, unida a forte amizade, já nos ligava uma convergência de formação, interesses e objetivos. Sentíamo-la como uma urgente necessidade para o ensino da língua portuguesa não só em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África, mas em todos os países em que se estuda o nosso idioma.

Parecia-nos faltar uma descrição do português contemporâneo que levasse em conta, simultaneamente, as diversas normas vigentes dentro do seu vasto domínio geográfico (principalmente as admitidas como padrão em Portugal e no Brasil) e servisse, assim, fosse de fonte de informação, tanto quanto possível completa e atualizada, sobre elas, fosse de guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita que, para o presente momento da evolução da língua, se pudesse considerar "correta", de acordo com o conceito de "correção" que adotamos no capítulo 1.

De então para cá várias descrições importantes do português se foram publicando, entre as quais é justo destacar a *Estrutura da língua portuguesa*, de Joaquim Matoso Câmara Júnior (1969); a *Gramática simbólica do português*, de Óscar Lopes (1971); a *Gramática portuguesa*, de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, mormente a partir da 3.ª edição refundida (1971), sobre a qual se fez a tradução portuguesa (1980); e a *Gramática da língua portuguesa*, de Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Silva Duarte e Isabel Hub Faria (1983). Nenhuma no entanto, e por diversas razões, correspondia ao nosso objetivo inicial. A de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, apesar do seu rigor e qualidade, considerava as características do português do ponto de vista de um falante da língua espanhola, com todos os inconvenientes (e também as vantagens) que isso implica. A de Matoso Câmara Júnior baseava-se no padrão do português do

Brasil[1]; as outras duas levavam em conta fundamentalmente a norma de Portugal e tinham como objetivo, não propriamente o ensino da língua portuguesa, mas análises e reflexões, do maior interesse, sobre a sua estrutura e funcionamento interno, expostas numa linguagem técnica de difícil acesso para os não iniciados.

Digno também de particular menção pelo seu alto nível é o *Manuel de la langue portugaise (Portugal — Brésil)*[2], de Paul Teyssier, obra em que pela primeira vez se apresentam sistematicamente em confronto as normas europeia e americana do português.

Por outro lado, um de nós, Celso Cunha, elaborou e publicou em sucessivas edições a sua *Gramática do português contemporâneo* (1.ª ed., 1970 — 10.ª ed., 1983) e a sua *Gramática da língua portuguesa* (1.ª ed., 1972 — 10.ª ed., 1983), que, embora amplamente baseadas, quanto à linguagem escrita, tanto em autores portugueses como brasileiros, tinham principalmente em conta a variedade americana e ainda não correspondiam, portanto, ao projeto primitivo.

Foi esse projeto que há pouco mais de três anos resolvemos retomar, e o resultado do esforço conjunto é a obra que agora apresentamos ao público.

As características gerais desta *Nova gramática do português contemporâneo* são fáceis de definir.

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas.

Não desejamos discorrer sobre o plano da obra, mas não podemos deixar de fazer uma breve referência a alguns aspectos metodológicos.

Como esta gramática pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade, particularmente do ponto de vista diatópico, uma acurada atenção se deu às diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo às que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.

No estudo da fonética e da fonologia, procurou-se estabelecer, sempre que possível, a equivalência entre os conceitos e a terminologia tradicionais e os da fonética acústica e da fonologia moderna; no estudo das classes de palavras,

---

[1] Duas gramáticas de inegáveis méritos e de larga difusão no Brasil – a *Gramática da língua portuguesa*, de Rocha Lima (23.ª ed., 1983), e a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (27.ª ed., 1982) – são bem anteriores ao nosso projeto.

[2] Paris, Klincksieck, 1976.

examinou-se a palavra em sua forma e, a seguir, em sua função, de acordo com os princípios da morfossintaxe.

Notar-se-á, por outro lado, uma permanente preocupação de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro não apenas uma gramática, mas, de certo modo, uma introdução à estilística do português contemporâneo.

Embora, a rigor, o estudo da versificação não faça parte de uma descrição gramatical, incluiu-se um capítulo final sobre o enunciado em verso, complementar, a nosso ver, do estudo da entoação da prosa, a que se deu atenção no capítulo 7.

Toda a obra foi objeto de exame conjunto e de troca de sugestões entre os seus autores. Cumpre-nos, no entanto, dizer, para resguardar as responsabilidades de autoria, que a Lindley Cintra se deve a redação do capítulo 2, da maior parte do capítulo 3 e do tratamento contrastivo do capítulo 13. A Celso Cunha cabe a redação dos demais capítulos, bem como a exemplificação aduzida.

Queremos, por fim, expressar a nossa gratidão a todos os que contribuíram para que esta obra saísse com menos imperfeições, em particular os nossos colegas Joram Pinto de Lima, Maria do Carmo P. Machado, Edila Viana da Silva, Sílvia Figueiredo Brandão e Cilene da Cunha Pereira.

Um agradecimento especial endereçamos a Cinira, permanente animadora da obra, pelo penoso trabalho de ajuda na revisão das provas tipográficas e de confronto textual da versão brasileira com a portuguesa, assim como pela elaboração do Índice Onomástico; a Maurício Marchevsky, por algumas das ilustrações; a Sérgio e Sebastião Lacerda, pela confiança e interesse demonstrados desde o início na execução do projeto.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1985.

CELSO CUNHA
LUÍS F. LINDLEY CINTRA

Advertência

Esta edição da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* vem acrescida do capítulo "Do Latim ao Português", de autoria de Celso Cunha, publicado originalmente sob o título "Noções históricas", na *Gramática da Língua Portuguesa*, editada pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), do Ministério da Educação, na década de 1970.

Ao incorporar ao estudo da gramática o relato do processo de formação e difusão do nosso idioma, espera-se propiciar, além da compreensão da estrutura, da funcionalidade e do uso, a percepção de seu papel no contexto linguístico universal e de como o processo histórico influenciou seus aspectos internos.

Num mundo cada vez mais partilhado e em interação, a visão histórica da Língua Portuguesa – hoje a língua oficial de cerca de 200 milhões de pessoas em oito países – é fundamental para compreender sua atual importância geopolítica, social e cultural.

A presente edição está atualizada segundo as mudanças na ortografia implementadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil a partir de janeiro de 2009.

Rio de Janeiro, dezembro de 2008

Cilene da Cunha Pereira

Nota do Editor

O **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990** é um tratado internacional cujo objetivo é unificar a ortografia do português, para uso de todos os países que têm o português como língua oficial. O acordo foi assinado por representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe em Lisboa, em 16 de Dezembro de 1990, ao fim de uma negociação iniciada em 1980 entre a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Depois de obter a sua independência, Timor-Leste aderiu ao Acordo em 2004. O acordo teve ainda a presença de uma delegação de observadores da Galícia.

O Acordo Ortográfico de 1990 institui uma ortografia oficial única da língua portuguesa e com isso interrompe a existência de duas normas ortográficas oficiais diferentes: uma no Brasil e outra nos restantes países de língua portuguesa. Os proponentes do Acordo dão como exemplo motivador a língua espanhola (o castelhano), que apresenta grande variação, quer na pronúncia quer no vocabulário, entre a Espanha e a América hispânica, mas sujeita a uma só forma de escrita, regulada pela Associação de Academias da Língua Espanhola.

A adoção da nova ortografia, de acordo com os dados da Nota Explicativa do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (que se baseiam exclusivamente numa lista de 110.000 palavras da Academia das Ciências de Lisboa), irá acarretar alterações na grafia de cerca de 1,6% do total de palavras na norma euro-afro-asiático-oceânica (em Portugal, PALOP, Timor-Leste e Região Administrativa Especial de Macau) e de cerca de 0,5% na brasileira.

A NOVA ORTOGRAFIA

GUIA RÁPIDO E SIMPLIFICADO

Este é um resumo, em linguagem e organização simples, das disposições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado pelos oito países lusófonos (que falam o português como sua língua nacional) em 16 de dezembro de 1990. O texto completo do Acordo está disponível no *site www.filologia.org.br/acordo_ortografico.pdf*. Este resumo trata apenas das mudanças inequívocas, e refere-se somente àquelas que dizem respeito à ortografia adotada no Brasil (em parte, serão outras as mudanças em relação à ortografia até então adotada em Portugal e outros países lusófonos).

AS MUDANÇAS

ALFABETO

Ao alfabeto da língua portuguesa acrescem-se as letras *K*, *W* e *Y*, e ele passa a ter 26 letras*:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

USO DE VOGAIS ÁTONAS *E* E *I*

Em palavras com sufixos *-ano* e *-ense* que se combinam com um *i* que pertence ao tema (havaiano [de Havaí], italiano [de Itália], etc.) ou derivadas de palavras que têm na última sílaba um *e* átono (Acre, Açores), escreve-se antes da sílaba tônica *-iano* e não *-eano*: acriano, açoriano, sofocliano, torriense. Mas escreve-se *-eano* se a última sílaba da palavra de origem tiver *e* tônico: daomeano, guineano ou guineense, etc.

MUDANÇAS NA ACENTUAÇÃO E NO USO DO TREMA

Os ditongos abertos tônicos *éi* e *ói* perdem o acento agudo quando caem na penúltima sílaba (portanto, de palavras paroxítonas):

---

* Na prática, essas letras já se usavam como símbolos de medidas (km, kg, W) e em palavras estrangeiras e suas derivadas em português: know-how, Kant, kantiano, yin-yang, walkman.

idéia(s)	*passa a ser*	ideia(s)
jóia(s)	*passa a ser*	joia(s)
geléia(s)	*passa a ser*	geleia(s)
tramóia(s)	*passa a ser*	tramoia(s)
epopéia(s)	*passa a ser*	epopeia(s)
apóia	*passa a ser*	apoia
diarréico(s)	*passa a ser*	diarreico(s)
heróico(s)	*passa a ser*	heroico(s)
hebréia(s)	*passa a ser*	hebreia(s)
debilóide(s)	*passa a ser*	debiloide(s)

◆ **Cuidado:** o acento não cai se incide nesses ditongos em sílabas tônicas de palavras oxítonas (com acento tônico na última sílaba) ou proparoxítonas (com acento tônico na antepenúltima sílaba):

anéis	*continua*	anéis
herói(s)	*continua*	herói(s)
fiéis	*continua*	fiéis
anzóis	*continua*	anzóis
axóideo(s)	*continua*	axóideo(s)

Cai o acento circunflexo de palavras paroxítonas terminadas em *ôo* e em *êem*:

vôo	*passa a ser*	voo
dêem	*passa a ser*	deem
enjôo	*passa a ser*	enjoo
vêem	*passa a ser*	veem
acôo	*passa a ser*	acoo
crêem	*passa a ser*	creem
abençôo	*passa a ser*	abençoo
lêem	*passa a ser*	leem

◆ **Cuidado**: As flexões dos verbos *ter* e *vir* na 3ª pess. pl. do pres. do indic. mantêm o acento: *têm*, *vêm*, diferençando das flexões de 3ª pess. sing. *tem*, *vem*, bem como os derivados desses verbos, como *mantém* e *mantêm*, *provém* e *provêm*, *retém* e *retêm*, *convém* e *convêm*, etc.

Não se usa acento gráfico (agudo ou circunflexo) em palavras paroxítonas para diferençá-las de outras palavras delas homógrafas (com a mesma grafia). São estas as palavras afetadas:

pára (flexão de parar) e para (preposição)	*passam a ser*	para
péla(s) (subst. fem.), pelas (flexão de pelar) e pela(s) contração por + a(s)	*passam a ser*	pela(s)
pélo (fexão de pelar), pêlo (subst. masc.) e pelo (contração por + o)	*passam a ser*	pelo(s)
péra(s) (subst, fem.= pedra), pêra(s) (subst. fem.) e pera (prep. = para)	*passam a ser*	pera(s)
pólo(s) (subst. masc.) e polo(s) (comb. de por + lo(s)	*passam a ser*	polo(s)

◆ **Lembre-se**: o v. *pôr* (infinitivo) e *pôde* (flexão na 3ª pes. sing. pret. perf. do v. poder) mantêm o acento, diferençando respectivamente da preposição *por* e da flexão de 3ª pess. sing. do pres. indic. *pode*.
É facultativo usar ou não circunflexo em *fôrma* (com *o* fechado) para diferençar de *forma* (com *o* aberto).

Perdem o acento agudo as vogais tônicas *i* e *u* de palavras paroxítonas, quando antecedidas de ditongo:

boiúno	*passa a ser*	boiuno
feiúra	*passa a ser*	feiura
baiúca	*passa a ser*	baiuca
alauíta	*passa a ser*	alauita

◆ **Cuidado**: mantém-se o acento quando a palavra é proparoxítona (*feiíssimo*, *bauínia*) ou oxítona (*tuiuiú*, *teiú*, *teiús*).

Nos verbos *arguir* e *redarguir* deixa-se de usar o acento agudo no *u* tônico nas flexões rizotônicas (ou seja, nas quais o acento tônico cai em sílaba do radical), no caso *argu* e *redargu*:

argúo	*passa a ser*	arguo
redargúo	*passa a ser*	redarguo
argúis	*passa a ser*	arguis
redargúis	*passa a ser*	redarguis
argúi	*passa a ser*	argui
redargúi	*passa a ser*	redargui
argúem	*passa a ser*	arguem

redargúem	*passa a ser*	redarguem
argúa	*passa a ser*	argua
redargúa	*passa a ser*	redargua
reargúas	*passa a ser*	redarguas
reargúam	*passa a ser*	redarguam

Nos verbos terminados em *-guar*, *-quar*, e *-quir* (aguar, apaziguar, enxaguar, obliquar, delinquir, etc.), as flexões podem ser pronunciadas com acento tônico na sílaba do *u* ou, como no Brasil, na sílaba anterior. No primeiro caso cai o acento agudo do *ú*, no segundo, a vogal tônica da sílaba anterior recebe acento agudo:

agúo	*passa a ser*	aguo ou águo
averigúo	*passa a ser*	averiguo ou averíguo
apropinqúo	*passa a ser*	apropinquo ou apropínquo
delinqúo	*passa a ser*	delinquo ou delínquo

O trema deixa de ser usado para assinalar a pronúncia do *u** em sílabas como *güe*, *güi*, *qüe* e *qüi*. Permanece em palavras estrangeiras e suas derivadas:

agüentar	*passa a ser*	aguentar
sagüi	*passa a ser*	sagui
freqüência	*passa a ser*	frequência
tranqüilo	*passa a ser*	tranquilo
mülleriano	*continua*	mülleriano

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS

Usa-se o hífen em palavras compostas cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal compõem uma unidade sintagmática e de significado e mantêm cada um sua acentuação própria (o primeiro elemento pode estar em forma reduzida):

ano-luz, arco-íris, decreto-lei, médico-ortopedista, segundo-tenente, guarda-noturno, mato-grossense, afro-brasileiro, quarta-feira, vermelho-claro, primeira-dama, conta-gotas, marca-passo, tira-teima, bota-fora, etc.

◆ **Atenção:** o Acordo menciona explicitamente as exceções (em compostos nos quais se perdeu em certa medida a noção de composição) que se grafam aglutinadamente:

---

*mesmo sem o trema, o u continua a ser pronunciado

girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, etc.

◆ **Comentário**: a definição do conceito da exceção ('em certa medida', 'noção de recomposição') e o 'etc.' final tornam a aplicação desta regra um tanto vaga. A nova edição do Vocabulário Ortográfico define as dúvidas porventura subsistentes. A posição da ABL, no processo de edição do V.O., portanto antes de sua publicação, era de que o *etc.* deve ser desconsiderado valendo como exceção apenas as explicitamente mencionadas (acima). Todas as outras, portanto, manteriam o hífen: para-lama, para-brisa, lero-lero, marca-passo, tira-teima, cata-vento, etc. Outra exceção (ABL): passatempo.

Já vigentes na prática, são agora definidos como **regras**:

a) Nos topônimos (nomes de lugares geográficos) usa-se hífen com os prefixos *Grão-* e *Grã-*, em nomes cujo primeiro elemento é **verbal** e quando os elementos estão ligados por **artigos**:

Grão-Pará, Grã-Bretanha, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Todos-os-Santos

b) Têm hífen palavras compostas que designam espécies **botânicas** e **zoológicas**:

couve-flor, erva-doce, andorinha-do-mar, bem-te-vi, leão-marinho

Usa-se hífen (e não travessão) entre elementos que formam não uma palavra, mas um **encadeamento vocabular**:

ponte Rio-Niterói, Alsácia-Lorena, Liberdade-Igualdade-Fraternidade

Não se usa hífen em locuções (alguns exemplos):

substantivas: café da manhã, fim de semana, cão de guarda
adjetivas: cor de açafrão, cor de vinho
pronominais: cada um, ele mesmo, quem quer que seja
adverbiais: à vontade, à parte, depois de amanhã
prepositivas: a fim de, acerca de, por meio de, a par de
conjuncionais: contanto que, no entanto, logo que

◆ **Exceções consagradas pelo uso:** água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa

◆ **Comentário**: Também é um tanto vaga a noção de 'consagrada pelo uso', o que implica que só com a publicação do V.O. foram definidas todas as locuções

em que se usa (ou não) hífen, como, p.ex., água que passarinho não bebe, arco da aliança, água de cheiro, etc. Pressupõe-se que, na lógica de só serem válidas as exceções explicitamente mencionadas no Acordo, todas perderam o hífen. Mantêm os hifens locuções que formam nomes de plantas e animais.

MUDANÇAS NO USO DO HÍFEN EM PALAVRAS COMPOSTAS POR PREFIXAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO

Geralmente, a não ser nas exceções que serão estabelecidas na regras seguintes, em palavras compostas com prefixos ou falsos prefixos (radicais gregos ou latinos que ganharam o significado das palavras das quais faziam parte, como aero, radio, tele, etc.) usa-se hífen se o segundo elemento começa por *h*:

anti-histórico, super-homem, multi-horário, mini-habitação

◆ **Atenção**: quando se usam os prefixos *des-* e *in-* caem o *h* e o *hífen*: des*u*mano, *ina*bitável, des*o*nra, *iná*bil
Também com os prefixos *co-* e *re-* caem o *h* e o **hífen**: c*oe*rdar, c*oa*bitar, r*ea*bilitar, r*ea*bitar

Passa a se usar hífen entre o prefixo e o segundo elemento quando o prefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento:

antiinflacionário	*passa a ser*	anti-inflacionário
teleeducação	*passa a ser*	tele-educação
neoortodoxia	*passa a ser*	neo-ortodoxia

Obs.: nos prefixos terminados em *a*, já era o uso vigente, agora consolidado pela regra: contra-almirante, extra-articular, ultra-alto.

◆ **Exceção**: o prefixo *co-* se aglutina com segundo elemento começado por **o**: cooptar, coobrigação.

re- se aglutina com palavras começadas por *e*: reeleição, reestudar. reerguer.

Usa-se hífen com *circum-* e *pan-* quando seguidos de elemento que começa por **vogal**, *m* e *n*, além do já citado *h*:

circunavegação	*passa a ser*	circum-navegação
circumediterrâneo	*passa a ser*	circum-mediterrâneo
circumeridiano	*passa a ser*	circum-meridiano

Obs.: já era uso vigente para *pan-* e alguns usos de *circum-*, agora ratificados como regra, como por exemplo: pan-africano, circum-adjacente.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina **em consoante** usa-se hífen quando o segundo elemento começa com a mesma consoante, ou começa por *r* ou *h*.

Obs.: São casos desta regra, e também de regra específica do Acordo, o uso de hífen com os prefixos hiper-, inter-, super, ciber- e nuper- quando o segundo elemento começa por *r* ou *h* (hiper-requintado, inter-resistente, super-radical, inter-hospitalar); **não** se usa hífen em outros casos nos quais o prefixo termina em **consoante** e o segundo elemento começa por **vogal** ou **consoante diferente de *h* ou *r***: subsequência, sublinear, interativo, hiperativo, superabundante, hiperacidez, interlocução.

Quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por *r* ou *s* **não se usa mais o hífen** e a consoante *r* ou *s* é **duplicada**:

ultra-som	*passa a ser*	ultrassom
anti-semita	*passa a ser*	antissemita
eco-sistema	*passa a ser*	ecossistema
mini-saia	*passa a ser*	minissaia
maxi-resultado	*passa a ser*	maxirresultado
contra-regra	*passa a ser*	contrarregra
co-seno	*passa a ser*	cosseno
semi-reta	*passa a ser*	semirreta

Não se usa hífen quando o prefixo ou falso prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **vogal diferente** ou **consoante** (se esta for *r* ou *s*, como visto acima, se duplica):

auto-escola	*passa a ser*	autoescola
extra-escolar	*passa a ser*	extraescolar
co-piloto	*passa a ser*	copiloto
supra-estrutura	*passa a ser*	supraestrutura
auto-imune	*passa a ser*	autoimune
contra-ordem	*passa a ser*	contraordem

Obs.: Alguns desses usos (antiaéreo, plurianual, prefixo seguido de consoante, etc.) já eram vigentes, outros não (exemplos acima), agora todos estão submetidos à regra.

Alguns casos que não mudam, mas convém lembrar:

Com os prefixos ou falsos prefixos *ex-*, *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*, *pré-*, *pró-* e *pós-* sempre se usa hífen.

Usa-se hífen antes dos sufixos de função adjetiva de origem tupi-guarani *-açu*, *-guaçu* e *-mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal tônica(cajá--mirim, cipó-guaçu) ou quando se necessita separar a pronúncia da vogal final da do sufixo (anda-açu).

Usa-se hífen nas formas verbais com pronomes átonos (diga-me, vestir-se, vingá-lo, dizer-lhes).

Se a quebra de linha ocorre onde há um hífen gramatical, recomenda-se repetir o hífen no início da linha seguinte.

LOCUÇÕES

Como já foi apontado na página XXXIV, não se usa hífen em locuções de qualquer tipo (nominais, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas, conjuncionais), com as seguintes exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

Assim:

nominais:

água-de-coco,	*passam a ser*	água de coco,
café-da-manhã		café da manhã, etc.

adjetivas:

cor-de-abóbora,	*passam a ser*	cor de abóbora,
cor-de-açafrão		cor de açafrão, etc.

pronominais:
nós mesmos, ela própria

adverbiais:

à-vontade,	*passam a ser*	à vontade,
antes-de-ontem		antes de ontem

prepositivas:
por cima de, a fim de

conjuncionais
ao passo que, logo que

Introdução

Conceitos gerais

LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO, ESTILO

1. LINGUAGEM é "um conjunto complexo de processos — resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social — que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma LÍNGUA qualquer"[1]. Usa-se também o termo para designar todo sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma LINGUAGEM. À linguística interessa particularmente uma espécie de LINGUAGEM, ou seja, a LINGUAGEM FALADA ou ARTICULADA.

2. LÍNGUA é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.

3. DISCURSO é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão

---

[1] Tatiana Slama-Casacu. *Langage et contexte*. Haia, Mouton, 1961, p. 20.

que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se ESTILO.[2]

4. A distinção entre LINGUAGEM, LÍNGUA e DISCURSO, indispensável do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial. Em verdade, as três denominações aplicam-se a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

A interdependência desses aspectos, salienta-a Tatiana Slama-Casacu, ao escrever: "A LÍNGUA é a criação, mas também o fundamento da LINGUAGEM — que não poderia funcionar sem ela —; é, simultaneamente, o instrumento e o resultado da atividade de comunicação. Por outro lado, a LINGUAGEM não pode existir, manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma LÍNGUA qualquer. A mais frequente forma de manifestação da LINGUAGEM — constituída de uma complexidade de processos, de mecanismos, de meios expressivos — é a LINGUAGEM FALADA, concretizada no DISCURSO, ou seja, a realização verbal do processo de comunicação. O DISCURSO é um dos aspectos da LINGUAGEM — o mais importante — e, ao mesmo tempo (...), a forma concreta sob a qual se manifesta a LÍNGUA. O DISCURSO define-se, pois, como o ato de utilização individual e concreto da LÍNGUA no quadro do processo complexo da LINGUAGEM. Os três termos estudados — LINGUAGEM, LÍNGUA, DISCURSO — designam no fundo três aspectos, diferentes mas estritamente ligados, do mesmo processo unitário e complexo."[3]

LÍNGUA E SOCIEDADE: VARIAÇÃO E CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA

Embora desde princípios deste século linguistas como Antoine Meillet e Ferdinand de Saussure tenham chegado a configurar a língua como um fato social, rigorosamente enquadrado na definição dada por Emile Durkheim[4], só nos últimos vinte anos, com o desenvolvimento da SOCIOLINGUÍSTICA, as relações entre a língua e a sociedade passaram a ser caracterizadas com maior precisão.

---

[2] Aceitando a distinção de Jules Marouzeau, podemos dizer que a LÍNGUA é "a soma dos meios de expressão de que dispomos para formar o enunciado" e o ESTILO "o aspecto e a qualidade que resultam da escolha entre esses meios de expressão" (*Précis de stylistique française*, 2.ª ed. Paris, Masson, 1946, p. 10).

[3] *Obra cit.*, p. 20.

[4] Vejam-se Antoine Meillet. *Linguistique historique et linguistique générale*, 2.ª ed. Paris, Champion, 1926, p. 16, 230 *passim*; Ferdinand de Saussure. *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1973, p. 31.

A sociolinguística, ramo da linguística que estuda a língua como fenômeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenômeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direcional: a influência da sociedade na língua, ou da língua na sociedade.

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um DIASSISTEMA, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Daí o estudo de uma língua revestir-se de extrema complexidade, não podendo prescindir de uma delimitação precisa dos fatos analisados para controle das variáveis que atuam, em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação. A variação sistemática está, hoje, incorporada à teoria e à descrição da língua.

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1º) diferenças no espaço geográfico, ou VARIAÇÕES DIATÓPICAS (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);
2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.);
3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou VARIAÇÕES DIAFÁSICAS[5] (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.).

A partir da nova concepção da língua como DIASSISTEMA, tornou-se possível o esclarecimento de numerosos casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda a inter-relação dos fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos que atuam no complexo operar de uma língua e orientam a sua deriva.

Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais.

---

[5] Veja-se Eugenio Coseriu. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire. In *Actes du premier Colloque International de Linguistique Appliquée*. Nancy, Université de Nancy, 1966, p. 199.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades diatópicas, diastráticas e diafásicas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contrarregrando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes.

DIVERSIDADE GEOGRÁFICA DA LÍNGUA: DIALETO E FALAR

As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se DIALETOS.

Alguns linguistas, porém, distinguem, entre as variedades diatópicas, o FALAR DO DIALETO.

DIALETO seria "um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem". De modo secundário, poder-se-iam também chamar dialetos "as estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de língua"[6].

FALAR seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialeto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrônico, segundo Manuel Alvar, por ser um dialeto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam ainda distinguir, dentro dos FALARES REGIONAIS, OS FALARES LOCAIS, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos "de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com caráter administrativo"[7].

---

[6] Manuel Alvar. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filologia Hispánica*, 15:57, 1961.

[7] *Id., ibid.*, p. 60.

No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática as duas modalidades diatópicas, empregaremos neste livro — e particularmente no capítulo seguinte — o termo DIALETO no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.

A NOÇÃO DE CORRETO

Uma gramática que pretenda registrar e analisar os fatos da língua culta deve fundar-se num claro conceito de norma e de correção idiomática. Permitimo-nos, por isso, uma ligeira digressão a respeito deste controvertido tema.

Os progressos dos estudos linguísticos vieram mostrar a falsidade dos postulados em que a gramática logicista e a latinizante esteavam a correção idiomática e, com isso, deixaram o preceptismo gramatical inerme diante da reação anticorretista que se iniciou no século passado e que vem assumindo, em nossos dias, atitudes violentas, não raro contaminadas de radicalismo ideológico.[8]

Por outro lado, à ideia, sempre renovada, de que o povo tem o poder criador e a soberania em matéria de linguagem associa-se, naturalmente, outra — a de considerar elemento perturbador ou estéril a interferência da força conservadora ou repressiva dos setores cultos.

Contra essa concepção demolidora do edifício gramatical, pacientemente construído desde a época alexandrina com base na analogia, levantam-se alguns linguistas modernos, procurando fundamentar a correção idiomática em fatores mais objetivos.

Dessa nova linha de preocupações foi precursor Adolf Noreen, o linguista sueco a cujas ideias geniais hoje se começa a fazer justiça.[9]

Para Noreen há três critérios principais de correção, por ele denominados *histórico-literário*, *histórico-natural* e *racional*, o último, obviamente, o seu preferido.

De acordo com o critério *histórico-literário*, "a correção estriba-se essencialmente em conformar-se com o uso encontrado nos escritores de uma época

---

[8] Veja-se, a propósito, Angel Rosenblat. *El criterio de corrección lingüística: unidad y pluralidad de normas en el español de España y América*. Separata de P.I.L.E.I. *El Simposio de Indiana*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1967, p. 27. Consulte-se também Celso Cunha. *Língua portuguesa e realidade brasileira*, 8.ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981, p. 35-39, texto em parte aqui reproduzido.

[9] Leiam-se Björn Collinder, *Les origines du structuralisme*, Stockholm – Göteborg – Upsala, Almqvist & Wiksell, 1962, p. 6 e ss.; Bertil Malmberg. *Les nouvelles tendances de la linguistique*, trad. por Jacques Gengoux. Paris, P.U.F., 1966, p. 42, 52-55, 130, 184-186, 197, 279.

pretérita", em geral escolhida arbitrariamente. É o critério tradicional de correção, fundado no exemplo dos clássicos.

O segundo critério, o *histórico-natural* de Noreen e que Jespersen prefere chamar *anárquico*, baseia-se na doutrina, a que nos referimos, de que a linguagem é um organismo que se desenvolve muito melhor em estado de completa liberdade, sem entraves. Dentro desse ponto de vista não pode haver, em princípio, nada correto ou incorreto na língua.

Depois de deixar patente o caráter arbitrário do primeiro critério e o absurdo do segundo, se levado a suas naturais consequências, Noreen tenta justificar o único que resta, o dele Noreen, expresso na fórmula: "o melhor é o que pode ser apreendido mais exata e rapidamente pela audiência presente e pode ser produzido mais facilmente por aquele que fala"; ou no enunciado mais sintético de Flodström: "o melhor é a forma de falar que reúne a maior simplicidade possível com a necessária inteligibilidade."[10]

Jespersen considera a fórmula de Noreen oportunista, individualista, atomística, "pois que divide demasiado a comunidade linguística em indivíduos particulares e olvida excessivamente o conjunto"[11].

Em nome de que princípio se corrige, então, o falar de uma pessoa? Por que uma criança aprende de seus pais que não deve dizer *sube* por *soube*, *fazerei* por *farei* e, à medida que vai crescendo em anos, continua a ter o seu comportamento linguístico ora corrigido por outros, ora por esforço próprio?

Para Jespersen nenhum dos critérios anteriormente lembrados — e enumera sete: o da autoridade, o geográfico, o literário, o aristocrático, o democrático, o lógico e o estético — o explica. É evidente, no entanto, que existe algo que justifica a correção, "algo comum para o que fala e para o que ouve", e que lhes facilita a compreensão. Este elemento comum é "a norma linguística que ambos aceitaram de fora, da comunidade, da sociedade, da nação"[12].

Todo o nosso comportamento social está regulado por normas a que devemos obedecer, se quisermos ser corretos. O mesmo sucede com a linguagem, apenas com a diferença de que as suas normas, de um modo geral, são mais complexas e mais coercitivas. Por isso, e para simplificar as coisas, Jespersen define o "linguisticamente correto" como aquilo que é exigido pela comunidade linguística a que se pertence. O que difere é o "linguisticamente incorreto". Ou, com suas palavras: "*falar correto* significa o falar que a comunidade espera, e *erro* em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o

---

[10] Citados por Otto Jespersen. Humanidad, nación, individuo, desde el punto de vista lingüístico, trad. por Fernando Vela. Buenos Aires, *Revista de Occidente*, 1947, p. 113 e 114.

[11] *Obra cit.*, p. 120.

[12] *Ibid.*, p. 120 e ss.

valor interno das palavras ou formas." Reconhece, porém, que, independentemente disso, "existe uma valorização da linguagem na qual o seu valor se mede com referência a um ideal linguístico", para cuja formação colabora eficazmente a "fórmula energética de que o mais facilmente enunciado é o que se recebe mais facilmente"[13].

Entre as atitudes extremadas — dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais —, há sempre lugar para uma posição moderada, termo médio que represente o aproveitamento harmônico da energia dessas forças contrárias e que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sã e eficaz política educacional e cultural dos países de língua portuguesa.

"Na linguagem é importante o polo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem 'línguas' como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo."[14]

A hipótese da "linguagem monolítica" não se assenta numa realidade, e a sua corporificação nas gramáticas não tem sido benéfica ao ensino dos diversos idiomas. "Sem nenhuma dúvida", escreve Roman Jakobson, "para qualquer comunidade linguística, para todo indivíduo falante existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de subcódigos em comunicação recíproca; cada língua abarca vários sistemas simultâneos, cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente".[15]

Se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, a sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também admitir várias normas, que representam modelos, escolhas que se consagraram dentro das possibilidades de realizações de um sistema linguístico. Mas — pondera

---

[13] *Ibid.*, p. 178.

[14] Eugenio Coseriu. *La geografía lingüística*. Montevideo. Universidad de la República, 1956, p. 44-45. A propósito, consultem-se também os magistrais estudos do autor: *Sistema, norma y habla* e *Determinación y entorno*, agora enfeixados no volume *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1962, p. 11-113 e 282-323.

[15] Closing Statement: Linguistics and Poetics. In *Style in Language*. Edited by Thomas A. Sebeok. New York-London, M.I.T. & John Wiley, 1960, p. 352.

Eugenio Coseriu, o lúcido mestre de Tübingen — se "é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente", a norma não corresponde, como pensam certos gramáticos, ao que se pode ou se deve dizer, mas "ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada"[16].

A norma pode variar no seio de uma mesma comunidade linguística, seja de um ponto de vista diatópico (português de Portugal / português do Brasil / português de Angola), seja de um ponto de vista diastrático (linguagem culta / linguagem média / linguagem popular), seja, finalmente, de um ponto de vista diafásico (linguagem poética / linguagem da prosa).[17]

Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o patrimônio comum com formas e construções novas, a patentearem o dinamismo do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos.

"Não se repreende de leve num povo o que geralmente agrada a todos", disse com singeleza o poeta Gonçalves Dias. Com efeito, por cima de todos os critérios de correção — aplicáveis nuns casos, inaplicáveis noutros — paira o da aceitabilidade social, a *consuetudo* de Varrão, o único válido em qualquer circunstância.

É justamente para chegarem a um conceito mais preciso de "correção" em cada idioma que os linguistas atuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição minuciosa de suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto.

---

[16] *Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1973, p. 55.

[17] Veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 73-74 e ss.

Capítulo 1

Do latim ao português atual

O LATIM E A EXPANSÃO ROMANA

A língua portuguesa provém do latim, que se entronca, por sua vez, na grande família das línguas indo-europeias, representada hoje em todos os continentes.

De início, simples falar de um povo de cultura rústica, que vivia no centro da Península Itálica (o Lácio), a língua latina veio, com o tempo, a desempenhar um extraordinário papel na história da civilização ocidental, "menos por suas virtudes intrínsecas do que pelo êxito político do povo que dela se servia".[1]

Foram as vitórias de seus soldados e o espírito de organização de seus homens de governo que estenderam e, em parte, consolidaram o enorme império, que, no auge de sua expansão, ia da Lusitânia à Mesopotâmia, e do Norte da África à Grã-Bretanha.

Enumeremos, cronologicamente, as conquistas que dilataram de tal forma os domínios do Império Romano.

Até meados do IV século antes de Cristo, os romanos pouco haviam ampliado as fronteiras do antigo Lácio. Foi com a guerra contra os samnitas, iniciada em 326 a.C. e terminada com a decisiva batalha de Sentino (295 a.C.), que começou a irresistível penetração romana na parte meridional da Península Itálica, concluída em 272 a.C., com a anexação de Tarento.

Principia, então, o longo período das conquistas externas. Sucessivamente, vão sendo subjugados os territórios da Sicília (241 a.C.), da Sardenha e da

---

[1] Edouard Bourciez. *Éléments de Linguistique romane*. 4e éd. Paris: Klincksieck, 1946, p. 26. Com razão, afirma Antoine Meillet: "A história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina." (*Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3e éd. Paris: Hachette, 1933, p. 5.)

Córsega (238 a.C.), da Ilíria (229 a.C.), da costa este e sul da Península Ibérica (218-197 a.C.), dos reinos helenísticos do Oriente (200-168 a.C.), da Gália Cisalpina (191 a.C.), da Ligúria (154 a.C.), de Cartago e Norte da África (146 a.C.), da Macedônia e da Grécia (146 a.C.), da Gália Narbonense (118 a.C.), da Gália do Norte (50 a.C.), da Mésia (29 a.C.), do Noroeste da África (25 a.C.), do resto da Península Ibérica (19 a.C.), da Nórica (16 a.C.), da Récia (15 a.C.), da Panônia (10 d.C.), do resto da Mauritânia (42 d.C.), da Bretanha (43 d.C.), da Trácia (46 d.C.), da Dácia (107 d.C.), da Arábia Petreia, da Armênia e da Mesopotâmia (107 d.C.).

Com a anexação da Dácia (Romênia) e, sem caráter permanente, dessas regiões da Ásia Menor, o Império atingia, sob o governo de Trajano, o máximo de sua expansão geográfica.

Ao mesmo tempo que estendiam os seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras, outras gentes e outras civilizações, ensinavam, mas também aprendiam. Aprenderam, por exemplo, muito com os gregos, e isso desde épocas antigas, através dos etruscos e, principalmente, das colônias helênicas do Sul da Itália, que formavam a Magna Grécia. Lívio Andrônico, o primeiro que tentou elevar à altura de língua poética aquele rude idioma de agricultores e pastores, que era então o latim, procurou diretamente em Homero e nos trágicos gregos os modelos para suas experiências de tradução e adaptação literárias. Ele próprio era um grego de Tarento. E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio e todos os que, pioneiramente, se impuseram a árdua tarefa de criar obras de arte na língua nacional não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos da Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda, a partir de 146 a.C., quando, vencida pelas armas, acabou dominando pelo espírito o cruel vencedor.

"Graecia capta ferum victorem cepit et artes
Intulit agresti Latio",[2]

LATIM LITERÁRIO E LATIM VULGAR

Desde o século III a.C., pois, sob a benéfica influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado até atingir, no século I a.C., a alta perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Vergílio e Horácio. Em consequência, acentuou-se com o tempo a separação entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite, e o latim corrente,

[2] Entenda-se: "A Grécia subjugada subjugou o cruel vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio."

a língua usada no colóquio diário pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias.

Tal diferença era já sentida pelos romanos que opunham ao conservador latim literário ou clássico (*sermo litterarius*) o inovador latim vulgar (*sermo vulgaris*), compreendidas nesta denominação as inúmeras variedades da língua falada,[3] que vão do colóquio polido às linguagens profissionais, e até às gírias (*sermo quotidianus, urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, pedestris, castrensis*, etc.).

Foi esse matizado latim vulgar que os soldados, colonos e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e, sob o influxo de múltiplos fatores, diversificou-se com o tempo nas chamadas línguas românicas.

AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Se dos gregos os romanos foram discípulos atentos, dos outros povos vencidos souberam ser eles os mestres imitados. Não só na Itália, mas também na Gália, na Hispânia, na Récia e na Dácia, as tribos mais diversas cedo assimilaram os seus costumes e instituições, adotaram como própria a língua latina, *romanizaram-se*.

É fácil concluir que, falado em tamanha área geográfica, por povos de raças tão diversas, o latim vulgar não poderia conservar a sua relativa unidade, já precária como a de toda língua que serve de meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos.

Nos centros urbanos mais importantes, o ensino do latim difundia o padrão literário e, com isso, retardava até certo ponto os efeitos das forças de diferenciação. Mas no campo ou nas vilas e aldeias a língua, sem nenhum controle normativo, ia voando com suas próprias asas.

A partir do século III da nossa era, podemos dizer que a unidade linguística do Império não mais existia, embora continuassem os contatos políticos entre as suas diversas partes, interligadas por uma certa comunidade de civilização.[4] É o que se entende por *Romania*, em contraste com *Barbaria*, as regiões habitadas por outros povos.

---

[3] A denominação latim vulgar, embora um tanto imprópria, tornou-se termo técnico da linguística. Por ela devemos entender, de acordo com B. E. Vidos, "a língua falada por todas as camadas da população e em todos os períodos da latinidade". (*Manuale de linguistica romanza*. Traduzione dall'olandese di G. Francescato. Firenze: Olschki, 1959, p. 201.)

[4] Vj. Georges Straka. Observations sur la chronologie et les dates de quelques modifications phonétiques en roman et en français prélittéraire. In: *Revue des Langues Romanes*. Montpellier, 1953, p. 307; Idem, La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. In: *Revue de Linguistique Romane*, XX, 1956, p. 249-267.

Alguns fatos históricos vieram contribuir para ativar o processo de dialetalização. Enumeremos os principais.

Desde 212, o edito de Caracala estendera o direito de cidadania a todos os indivíduos livres do Império, com o que Roma e a Itália perderam a situação privilegiada que desfrutavam.

Diocleciano, que governou de 284 a 305, instituiu a obrigatoriedade do latim como língua da administração. Mas, contraditoriamente, anulou os efeitos dessa medida unificadora ao descentralizar política e administrativamente o Império em doze dioceses, caminho aberto para o aguçamento de nacionalismos regionais e locais.[5] Não sendo mais capital, Roma deixou, consequentemente, de exercer a função reitora da norma linguística.

Em 330, Constantino, que se tornara defensor do Cristianismo, transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla.

Com a morte de Teodósio em 395, o vasto domínio foi dividido entre os seus dois filhos, cabendo a Honório o Ocidente, e a Arcádio o Oriente. O Império do Oriente teve vida longa. Conservou-se até 1453. O do Ocidente, porém, depois de sucessivas invasões de hunos, visigodos, ostrogodos, burguinhões, suevos, alanos e vândalos, sucumbe em 476, quando Odoacro destrona o imperador fantoche Romulus Augustus, apelidado com o diminutivo *Augustulus*, "Augustinho".

As forças linguísticas desagregadoras puderam então agir livremente, e de tal forma que, em fins do século V, os falares regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim. Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua vulgar nessa fase de transição que termina com o aparecimento de textos redigidos em cada uma das línguas românicas: francês (séc. IX), espanhol (séc. X), italiano (séc. X),[6] sardo (séc. XI), provençal (séc. XII), rético (séc. XII), catalão (séc. XII, ou princípios

---

5 "O Império foi então dividido em doze dioceses, e é uma coisa surpreendente ver nascer nesse momento as nacionalidades modernas: houve uma África, uma Espanha, uma Grã-Bretanha, duas Franças (a de Trèves e a de Viena), duas Itálias (a de Milão e a de Roma)." (André Piganiol. *Histoire de Rome*. Paris, 1939, p. 446.)

6 O primeiro texto em que o vulgar italiano aparece conscientemente contraposto ao latim é uma carta capuana de 960 (vj. Bruno Migliorini. Storia della lingua italiana. Firenze: Sansoni, 1960, p. 93). Em 1924, porém, Luigi Schiaparelli descobriu o texto de uma adivinha popular (o chamado "Indovinello Veronese"), de fins do séc. VIII ou princípios do séc. IX, que pode ser considerado o mais antigo monumento redigido em um dialeto românico. Sobre os numerosos problemas que encerra o precioso códice da Biblioteca Capitolare di Verona, leia-se o informativo estudo de Matilde Matarazzo Gargiulo, O "Indovinello Veronese". *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro [s. d.], p. 147-158.

do séc. XIII), português (séc. XIII), franco-provençal (séc. XIII), dálmata (séc. XIV) e romeno (séc. XVI).

A ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA

Os romanos chegaram à Península Ibérica no século III a.C., por ocasião da 2ª Guerra Púnica, mas só conseguiram dominá-la por completo, ao fim de longas e cruentas lutas, em 19 a.C., quando Augusto venceu a resistência dos altivos povos das Astúrias e da Cantábria.

Muito pouco se sabe das antigas populações ibéricas. No início da romanização habitava a Península uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados.

Das línguas desses povos quase nada conservaram os idiomas hispânicos. Com relativa segurança, atribui-se origem pré-romana apenas a uns quantos sufixos — como *-arra* (*bocarra*), *-orro* (*beatorro*), *-asco* (*penhasco*) e *-ego* (*borrego*) — e algumas palavras de significação concreta: *arroio, balsa, barro, braga(s), carrasco, gordo, lama, lança, lousa, manteiga, tamuge, tojo, veiga,* etc.

A romanização da Península não se processou uniformemente. Das três províncias em que Agripa (27 a.C.) dividiu a Hispânia — a Tarraconense, correspondente à antiga Hispânia Citerior, a Bética e a Lusitânia, desmembradas da Hispânia Ulterior — foi a Bética a que mais cedo assimilou a civilização romana. No alvorecer da nossa era, o geógrafo grego Estrabão testemunhava que "os turdetanos, especialmente os que habitavam as margens do Bétis, haviam adotado os costumes romanos, e até já nem se lembravam da própria língua". E acrescentava: "Não falta muito para que todos se convertam em romanos."[7]

Por esse tempo, nas outras províncias a romanização estava atrasada. Nas regiões do Norte, em terras da Galiza, das Astúrias e da Cantábria, ainda não se fazia sentir a presença de Roma: os seus habitantes conservavam intactos os rudes costumes transmitidos através de gerações que se perdiam na noite dos séculos.

Em 216, a *Gallaecia et Asturia*, que desde a época de Antonino Pio era uma subdivisão militar e financeira da antiga *Hispânia Citerior*, tornou-se uma província à parte, com o nome de *Nova Hispania Citerior Antoniniana*. Compreendia então o Noroeste peninsular até a Cantábria.

Com a reforma de Diocleciano, todas essas províncias — e mais a Baleárica, a Tingitana e a Cartaginense, destacada da Tarraconense — passaram a constituir a diocese da Hispânia, que dependia da prefeitura das Gálias.

---

[7] Cf. Rafael Lapesa. *Historia de la lengua española*. 5. ed. Madrid: Escelicer, 1962, p. 41.

LÍNGUAS ROMÂNICAS

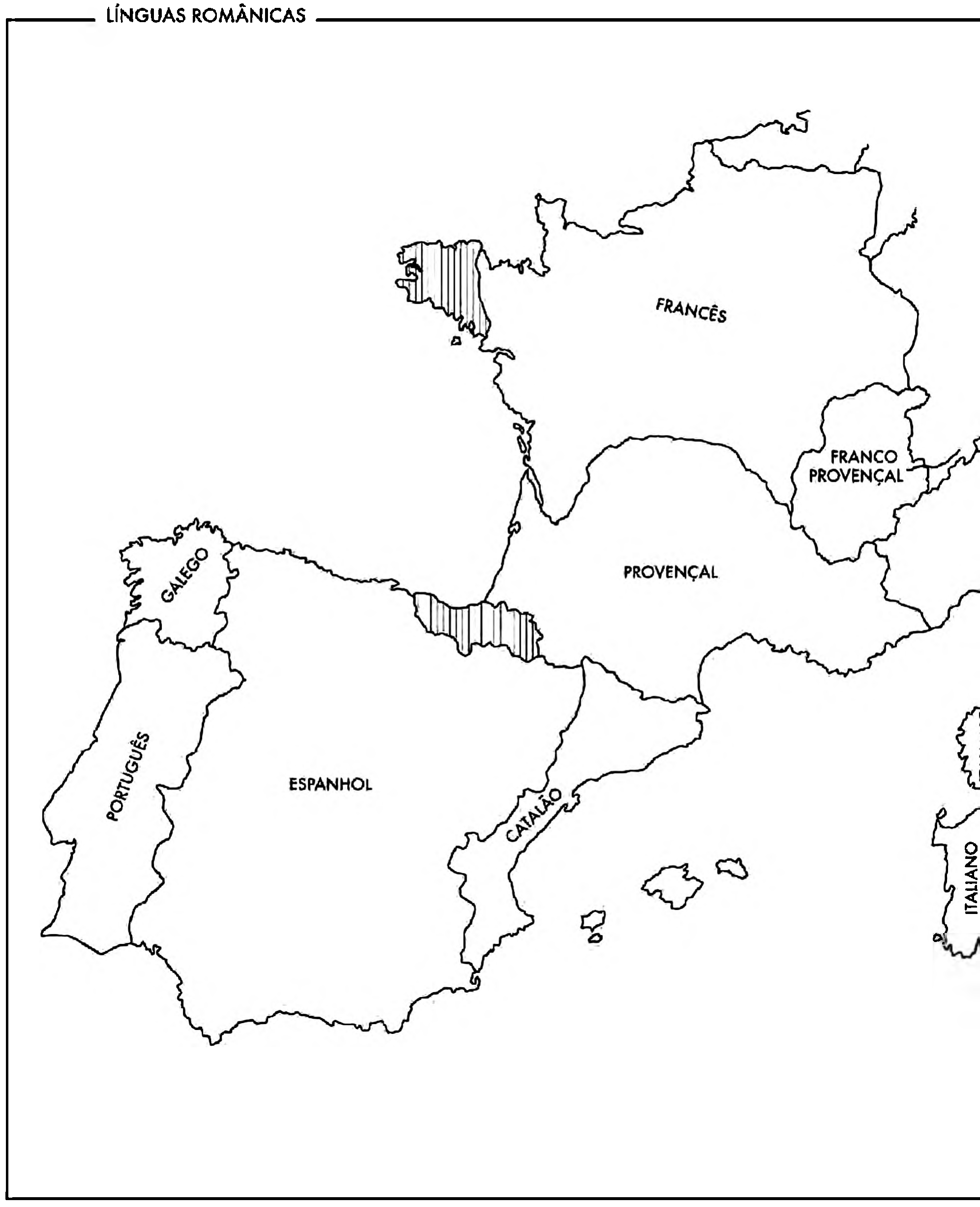

ROMENO
ITALIANO
ITALIANO
SARDO
MACEDO-ROMENO
ITALIANO

O DOMÍNIO VISIGÓTICO

Tal a organização administrativa da Península, quando, em 409, foi invadida por um grupo heterogêneo de povos germânicos — vândalos, suevos e alanos. Os alanos desapareceram rapidamente; os vândalos, depois de se haverem fixado na Bética, transportaram-se, em 429, para a África, onde fundaram um reino, que durou cem anos; os suevos estabeleceram-se na Galécia e na Lusitânia, mas no século VI foram absorvidos pelos visigodos. Estes, que eram os mais civilizados dos povos germânicos, já mantinham antigos contatos com os romanos. Desde 425 estavam sediados na Aquitânia, ao sudoeste da Gália. Daí atravessaram os Pirineus e se estenderam por toda a Península, que iriam dominar durante dois séculos e meio.

Os visigodos cedo se fundiram com a população românica. Três fatos concorreram poderosamente para isso: *a)* a abolição da lei que proibia o casamento de godos com hispanos, ato de Leovegildo; *b)* a conversão, em 586, de Recaredo ao Cristianismo; *c)* o código, promulgado por Recesvindo em 654, que não mais distinguia os direitos das comunidades goda e hispana. Assim, quando Rodrigo, o último rei godo, não pôde deter, em 711, a invasão árabe, com ele ruía não apenas o império visigótico, mas o império romano-visigótico, que tinha como religião o Cristianismo e como língua o hispano-românico, legítimo continuador do latim vulgar.

Excluindo os nomes próprios de pessoas e de lugares, a contribuição goda para a formação do léxico português não ascende a mais de quarenta termos,[8] dos quais cerca de trinta se encontram em outras línguas românicas.

Seguindo o exemplo de Gamillscheg, o professor Joseph M. Piel distribui por quatro grupos as palavras godas que se conservaram em português:

1º) palavras de origem gótica que já pertenciam ao latim vulgar ou medieval: *albergue, arrear, bramar, bando, elmo, espora, guarda, guerra, rapar, trégua*;

2º) palavras comuns a todas as regiões primitivamente ocupadas pelos godos: *aspa, espeto, espia, estala, garbo, mofo, mofino, roca, taco, ufanar-se*;

3º) palavras peculiares à Península Ibérica e à França, ou à Península e à Itália: *agasalhar, brotar, estaca, fato, roupa, sítio, triscar*;

4º) palavras privativas dos idiomas ibero-românicos: *aio, aia, aleive, enguiçar, escanção, ganso, guarecer, íngreme, luva, malado* (arc.), *tascar*.[9]

---

[8] Cf. Joseph M. Piel. *O patrimônio visigodo da língua portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora, 1942, p. 18.

[9] Ibidem, p. 13-17.

O DOMÍNIO ÁRABE

Movidas pela guerra santa, as tribos árabes conquistam o Norte da África e, em 711, desembarcam na Península. Sete anos depois, com exclusão do pequeno reino do Duque Teodomiro, que por meio século ainda conservou sua autonomia, e de alguns focos de resistência nas montanhas das Astúrias, de onde partiria o movimento de Reconquista, o domínio muçulmano cobria toda a anterior Espanha visigótica.

"Os árabes, sírios e berberes que invadem a Península não trazem mulheres: casam com hispano-godas, têm escravas galegas e bascas. Entre os muçulmanos permanecem muitos hispano-godos, os moçárabes, conservadores do saber isidoriano: uns conseguem certa autonomia; os mais exaltados sofrem perseguições e martírio; outros se islamizam; mas todos influem na Espanha moura, onde se fala romance ao lado do árabe."[10]

Com os árabes floresceram na Península as ciências e as artes: houve grande incremento da agricultura, da indústria e do comércio; introduziram-se inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos. Calcula-se em quatro mil o número de vocábulos espanhóis de origem árabe, excluídos os topônimos. Em português o léxico de proveniência árabe tem sido estimado entre quatrocentos e mil termos.

As palavras portuguesas de origem árabe, quase todas substantivos, referem-se, em geral:

a) à organização guerreira: *acicate, adail, adarga, alcaide, alfange, alferes, algarada, aljava, ameia, arrebatar, atalaia, ronda, zaga,* entre outras;
b) à agricultura e à jardinagem: *açafrão, açúcar, açucena, alcachofra, alecrim, alface, alfafa, alfazema, algodão, almécega, benjoim, berinjela,* etc.;
c) ao comércio, a pesos e medidas: *aduana, armazém, arroba, quilate, quintal,* etc.;
d) a ofícios, cargos: *adail, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almotacel, almoxarife, arrais, califa, emir,* etc.;
e) a instrumentos musicais: *adufe, alaúde, anafil, arrabil, tambor,* etc.;
f) às ciências: *álgebra, algoritmo, cifra, zênite, nadir, álcool, álcali,* etc.

Em alguns casos os árabes foram apenas os intermediários de palavras que haviam tomado a outras línguas. São, por exemplo, de origem grega: *alambique, alcaparra, alfândega, alquimia, acelga* e *arroz*; de origem sânscrita: *alcanfor* e *xadrez*; de origem persa: *azul, escarlate, jasmim* e *laranja*. Do próprio latim há uma série de palavras introduzidas sob forma arabizada: *abricó, alcácer, albornoz, almude, alporão.*

---

[10] Rafael Lapesa. *Op. cit.*, p. 95-96.

O PORTUGUÊS PRIMITIVO

Foi durante o domínio árabe que se acentuaram as características distintivas dos romances peninsulares.

Na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho constituiu-se uma unidade linguística particular que conservaria relativa homogeneidade até meados do século XIV — o galego-português.

O galego-português, provavelmente, teria contornos definidos desde o século VI, mas é só a partir do século IX que podemos atestar a sua existência através de palavras que se colhem em textos de latim bárbaro.[11]

PERÍODOS EVOLUTIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Datam do século XIII os primeiros documentos que chegaram até nós integralmente redigidos em galego-português. Inicia-se então a fase propriamente histórica de nossa língua, que, como todo idioma dotado de vitalidade, não se tem mantido uniforme nem no tempo, nem no espaço.

Baseando-nos em parte numa conhecida periodização proposta pelo sábio linguista José Leite de Vasconcelos,[12] distinguiremos as seguintes etapas na evolução do latim ao português atual:

a) latim lusitânico, língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V;
b) romance lusitânico, língua falada na Lusitânia, do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não temos nenhum documento escrito;
c) português proto-histórico, língua falada na Lusitânia, do século IX até fins do século XII, e da qual podemos vislumbrar algumas características nas palavras intercaladas em textos do latim bárbaro;

---

[11] Chama-se latim bárbaro a língua dos documentos forenses da Idade Média, em que, no texto latino, se inserem vocábulos do romance regional.

[12] Cf. *Lições de Filologia Portuguesa*. 2. ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926, p. 16-17. Advirta-se que Leite de Vasconcelos situava o começo da fase histórica da língua portuguesa em fins do século XII com fundamento em dois textos, originários do Mosteiro de Vairão, datados respectivamente de 1192 e 1193: o primeiro, um *Auto de Partilhas* dos bens herdados de seus pais pelos irmãos Sánchez; o segundo, o *Testamento* pelo qual Elvira Sánchez deixava todos os seus bens ao Mosteiro de Vairão. Estudo posterior do ilustre filólogo português Luís Filipe Lindley Cintra (Cf. Les anciens textes portugais non littéraires — classement et bibliographie. In: *Les anciens textes romans non littéraires*. Paris, Klincksieck, 1963, p. 169-187), para o qual solicitou a ajuda de dois eminentes paleógrafos, Rui de Azevedo e o Padre Avelino Costa, veio provar que os textos em causa não passam de falsificações de fins do século XIII, ou mesmo do século XIV.

A Península Ibérica no século V, depois de consolidado o domínio político dos invasores germânicos com a formação do Reino dos Suevos e dos Visigodos.

A Península Ibérica no século X, no auge do domínio árabe através do Califado de Córdoba, com os cristãos confinados ao norte no Reino de Leão, Castela, Navarra, Urgelo e Condado de Barcelona.

A Península Ibérica em meados do século XII, com os progressos da Reconquista Cristã. Portugal já ocupa uma faixa do Minho ao Tejo, depois da Tomada de Lisboa aos árabes por D. Afonso Henriques (1147).

A Península Ibérica em meados do século XV. O domínio árabe reduzido ao Reino de Granada, que ruiria em 1492. Portugal, depois da conquista do Algarve (1249) por D. Afonso III, havia atingido praticamente o território atual.

d) português arcaico, que vai de princípios do século XIII até a primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente;[13]
e) português moderno, que se estende da segunda metade do século XVI até os dias que correm.

Os períodos arcaico e moderno da língua portuguesa comportam subdivisões, como reconhecia o próprio Leite de Vasconcelos.

Parece-nos particularmente aconselhável distinguir duas épocas no período compreendido entre o século XIII e a primeira metade do século XVI; uma, a do português arcaico propriamente dito, que abarcaria a língua dos séculos XIII e XIV; outra, a do português médio, que iria do século XV a fins da primeira metade do século XVI e representaria a fase de transição entre a antiga e a moderna do idioma.

Com os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, os portugueses ampliaram enormemente o império de sua língua, levada que foi para os vastos territórios por eles conquistados na África, na América, na Ásia e na Oceânia. Ainda hoje, apesar das consideráveis perdas sofridas, o seu domínio político abarca mais de dez milhões de quilômetros quadrados, aproximadamente a sétima parte da Terra. É o português a língua oficial do Brasil, de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, e de Timor Leste.

Fora das regiões pertencentes ao domínio político de Portugal, do Brasil, das Repúblicas africanas e de Timor Leste, o português é falado em povoações espanholas da zona raiana, tal o caso de Ermisende, na província de Zamora; em Alamedilla, na província de Salamanca; em San Martín de Trevejo, Eljas, Valverde del Fresno, Herrera de Alcântara e Cedillo, na província de Cáceres; em Olivenza e arredores, na província de Badajoz. Também nas áreas fronteiriças do Brasil a língua portuguesa tem penetrado em território de língua espanhola, formando não raro um dialeto misto, como o falado nos departamentos uruguaios de Artigas, Rivera, Cerro Largo, Salto e Tacuarembó.[14]

Não levando em linha de conta os usuários desses falares fronteiriços, nem os do crioulo de Surinam e do papiamento de Curaçau, que o têm por base, nem os do galego, sua covariante; abstraindo-nos também dos núcleos de imigrantes, por vezes consideráveis, como acontece nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, ainda assim o português é o meio natural de comunicação de mais

---

[13] A primeira gramática de nossa língua — a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira — foi impressa em Lisboa, 1536.

[14] Este dialeto foi descoberto pelo sábio linguista José Pedro Rona, que dele nos deu uma excelente descrição em *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevideo, Adolfo Linardi, 1965.

de duzentos milhões de pessoas, o que vale dizer situar-se entre as dez línguas mais faladas do mundo.

A língua portuguesa no mundo

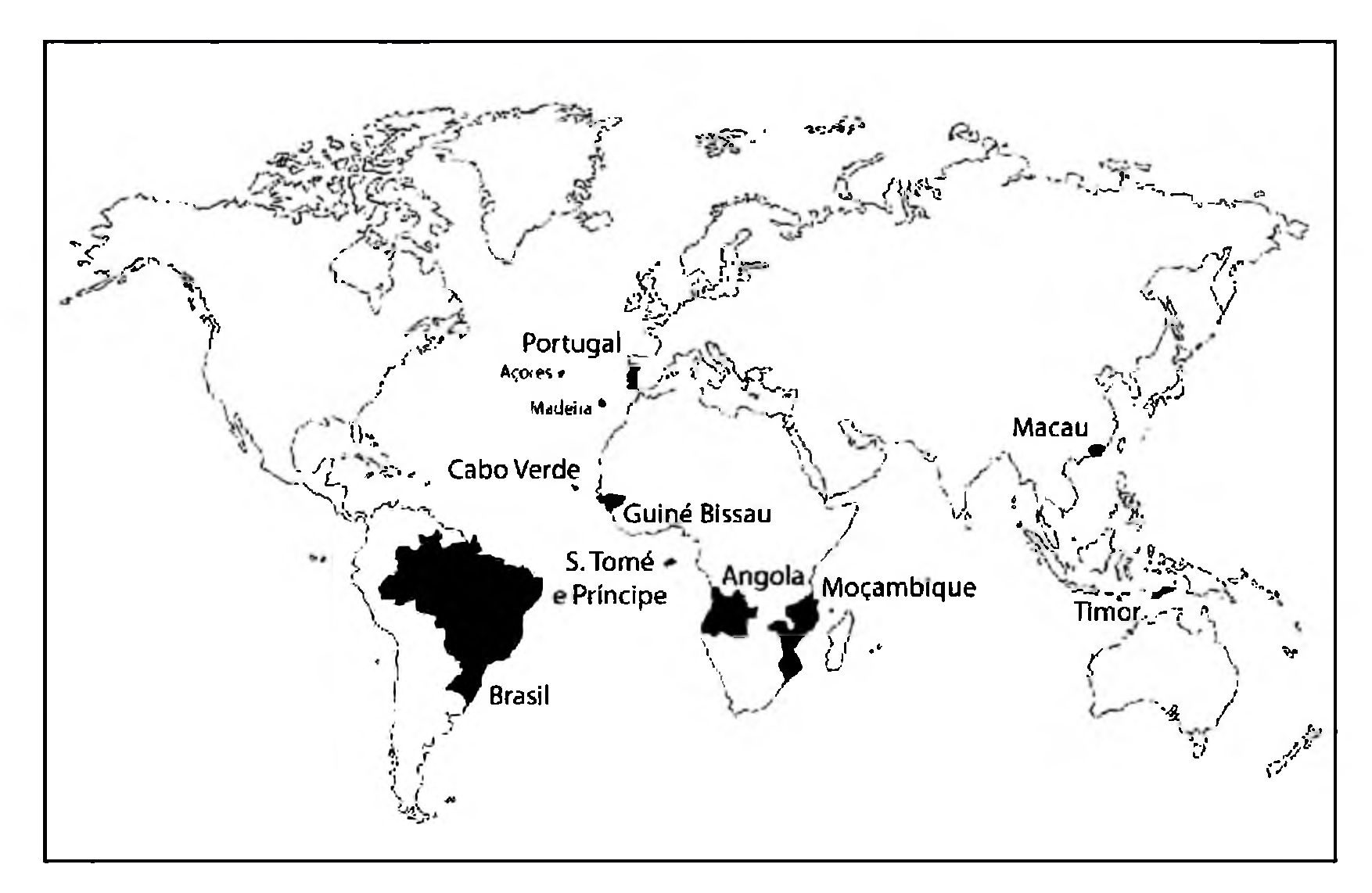

Capítulo 2

Domínio atual da língua portuguesa

UNIDADE E DIVERSIDADE

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma, fato, aliás, salientado até pelos dialectólogos.

Com relação a Portugal, observa o professor Manuel de Paiva Boléo: "Uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar impressionada com a excepcional homogeneidade linguística do País e a sua escassa diferenciação dialectal — ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica."[1]

Com referência à situação linguística do Brasil, escreve Serafim da Silva Neto: "É preciso ter na devida conta que *unidade* não é *igualdade*; no tecido linguístico brasileiro, há, decerto, gradações de cores. Minucioso estudo de campo determinaria, com segurança, várias *áreas*. O que é certo, porém, é que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da *unidade* na *diversidade e* da *diversidade* na *unidade*."[2]

---

[1] Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". *Boletim de Filologia*, 20:85, 1961.

[2] *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963, p. 271.

AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Excetuando-se o caso especial dos CRIOULOS, que estudaremos adiante, temos, pois, de reconhecer esta verdade: apesar da acidentada história que foi a sua expansão na Europa e, principalmente, fora dela, nos distantes e extensíssimos territórios de outros continentes, a língua portuguesa conseguiu manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades por mais afastadas que se encontrem no espaço.

A diversidade interna, contudo, existe e dela importa dar uma visão tanto quanto possível ordenada.[3]

OS DIALETOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galego-português apresenta-nos um conjunto de DIALETOS que, de acordo com certas características diferenciais de tipo fonético, podem ser classificados em três grandes grupos:

a) DIALETOS GALEGOS;
b) DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS;
c) DIALETOS PORTUGUESES CENTRO-MERIDIONAIS.[4]

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português-padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa–Coimbra, e que distinguirão pela fala um galego, um homem do Norte e um homem do Sul.

A distinção funda-se principalmente no sistema das SIBILANTES.

---

[3] Veja-se, sobre o conjunto das variedades do português, a *Bibliografia dialectal galego-portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1974. Sobre o português do Brasil, em particular, possuímos hoje uma bibliografia muito completa: Wolf Dietrich. *Bibliografia da língua portuguesa do Brasil*. Tübingen, Gunter Narr, 1980.

[4] Quanto à classificação dialetal aqui adotada, veja-se Luís Filipe Lindley Cintra. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22: 81-116, Lisboa, 1971. Entre as classificações anteriores, duas merecem realce particular: a de José Leite de Vasconcelos e a de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. A de Leite de Vasconcelos, baseada na divisão de Portugal em províncias, é mais geográfica do que linguística. Foi publicada, inicialmente, no seu *Mappa dialectologico do continente português* (Lisboa, Guillard, Aillaud, 1897), depois reproduzida na *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris-Lisboa, Aillaud, 1901; 2.ª ed., com aditamentos e correções do autor, preparada por Maria Adelaide Valle Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970) e, com alterações, nos *Opúsculos*, IV, Filologia, parte II (Coimbra, 1929, p. 791-796). A de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, exposta em: O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental" (*Boletim de Filologia*, 20: 85-112, Lisboa, 1961), assenta-se em fatos linguísticos, principalmente fonéticos, que se fossem apresentados numa certa e possível hierarquização permitiriam talvez um mais claro agrupamento das variedades.

Assim:

1. Nos dialetos galegos não existe a sibilante sonora /z/: *rosa* articula-se com a mesma sibilante [s̺] ou [s] (surda) de *passo*; *fazer*, com a mesma sibilante [θ] ou [s] (surda) de *caça*. Inexiste também a fricativa palatal sonora [ʒ] grafada em português *j* ou *g* (antes de *e* ou *i*). Em galego, *hoxe* tem a mesma fricativa [ʃ] de *enxada*.

2. Nos dialetos portugueses setentrionais existe a sibilante ápico-alveolar [s̻], idêntica à do castelhano setentrional e padrão, em palavras como *seis*, *passo*. A ela corresponde a sonora [z̻] de *rosa*.
   Em alguns dialetos mais conservadores coexistem com estas sibilantes as pré-dorsodentais [s] (em *cinco*, *caça*) e [z] (em *fazer*), que, noutros dialetos, com elas se fundiram, provocando a igualdade da sibilante de *cinco* e *caça* com a que aparece em *seis* e *passo*, ou seja [s̻], bem como a da de *fazer* com a que se ouve em *rosa*, isto é [z̻].

3. Nos dialetos portugueses centro-meridionais só aparecem as sibilantes pré-dorsodentais que caracterizam a língua padrão:

a) a surda [s], tanto em *seis* e *passo* como em *cinco* e *caça*;[5]
b) a sonora [z], tanto em *rosa* como em *fazer*.

As fronteiras entre as três zonas mencionadas atravessam a faixa galego-portuguesa de oeste a leste, ou, mais precisamente, no caso da fronteira entre dialetos portugueses setentrionais e centro-meridionais, de noroeste a sueste.

Mas há outros traços importantes em que a referida distinção se fundamenta, sem que, no entanto, as suas fronteiras coincidam perfeitamente com as das características já indicadas.

São eles:

a) a pronúncia como [b] ou [β] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *binho*, *abó* por *vinho*, *avó*;
b) a pronúncia como africada palatal [tʃ] do *ch* da grafia (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro-meridionais) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *tchave*, *atchar* por *chave*, *achar*;

---

[5] Pronúncia semelhante à do francês ou do italiano padrão, do castelhano meridional e do hispano-americano.

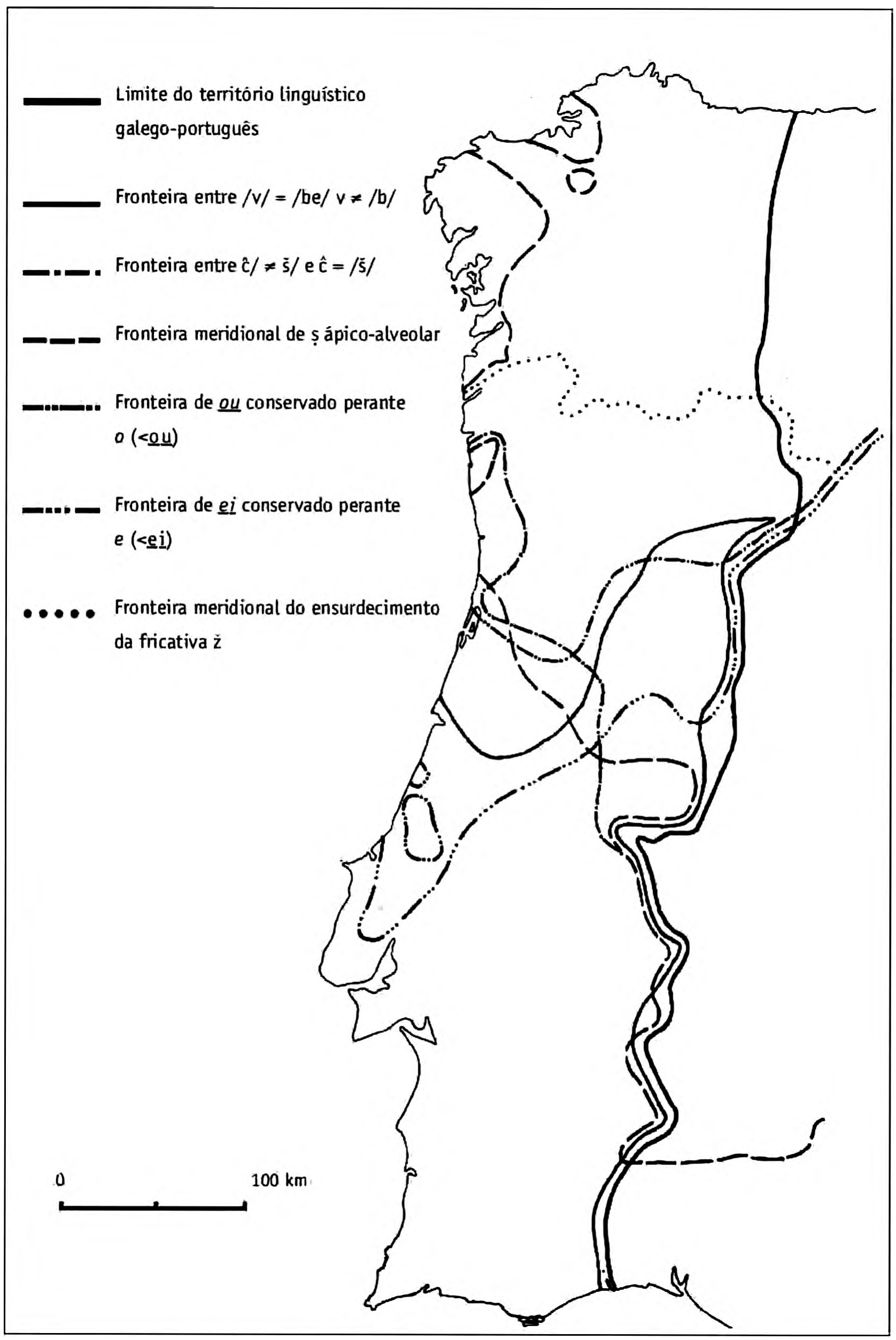

Alguns traços fonéticos diferenciados dos dialetos galego-portugueses

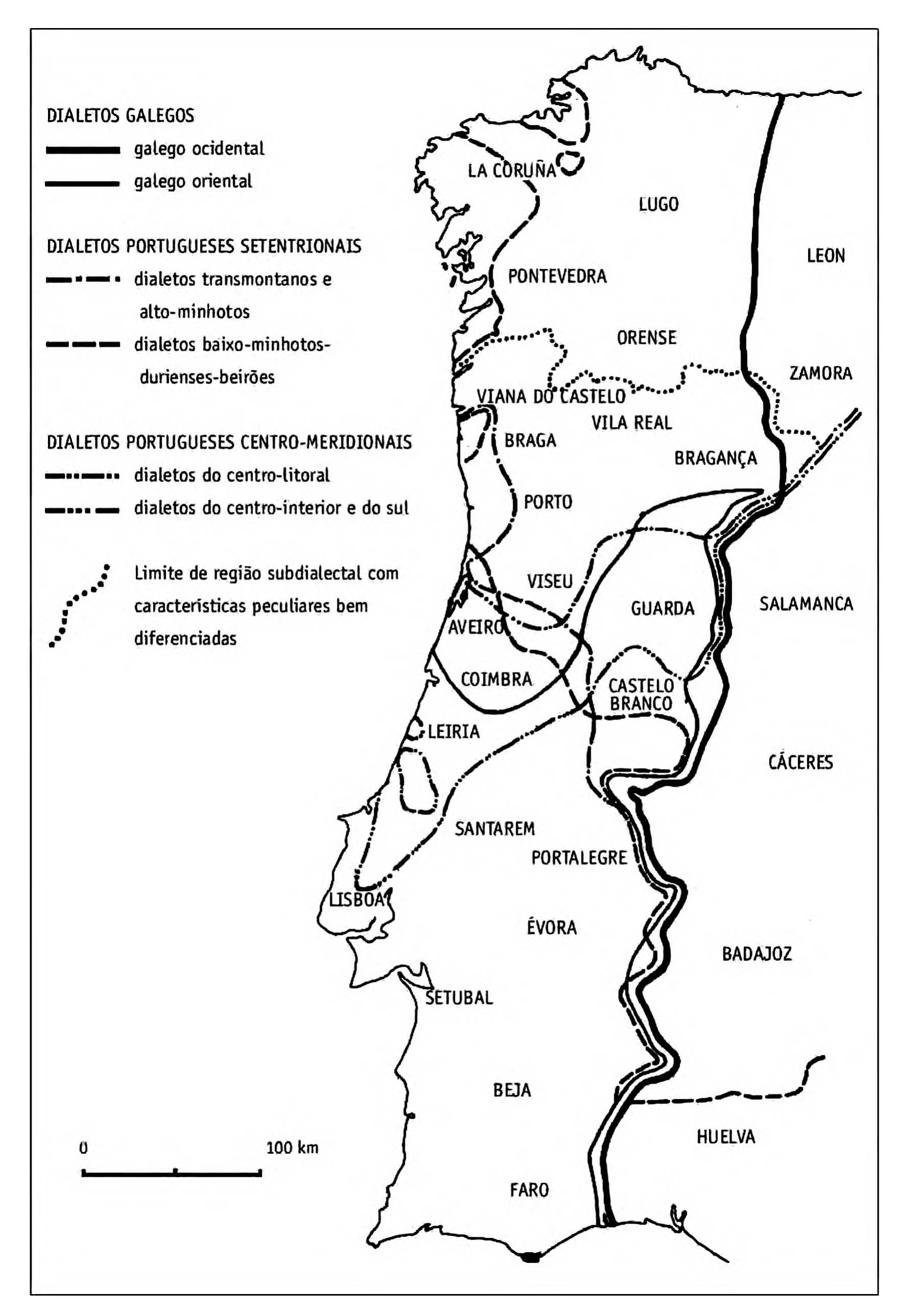

Classificação dos dialetos galego-portugueses

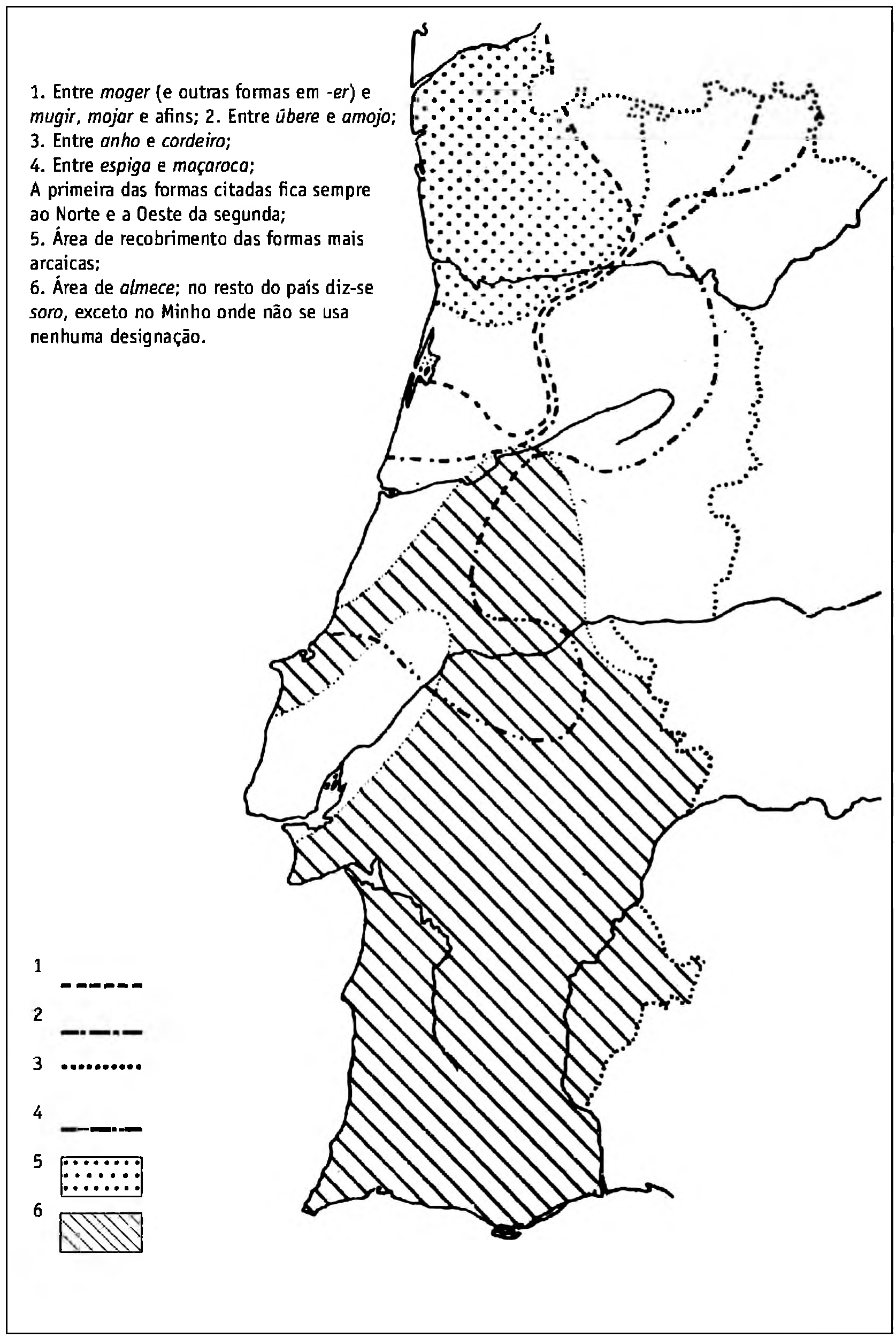

Alguns limites lexicais

c) a monotongação ou não monotongação dos ditongos [ow] e [ej]: a pronúncia [o] e [e] desses ditongos (por exemplo: *ôru* por *ouro*, *ferrêro* por *ferreiro*) caracteriza os dialetos portugueses centro-meridionais e, no caso de [o], a pronúncia padrão perante os dialetos portugueses setentrionais e os dialetos galegos.[6]

Merecem menção especial — mesmo numa apresentação panorâmica dos dialetos portugueses — três regiões em que, a par dos traços gerais que acabamos de apontar, aparecem características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialetos nelas falados de todos os outros do mesmo grupo.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma região (dentro da zona dos dialetos setentrionais) em que se observa regularmente a ditongação de [e] e [o] acentuados: *pjeso* por *peso*, *pworto* por *porto*. Abrange uma grande parte do Minho e do Douro Litoral, incluindo o falar popular da cidade do Porto e de seus arredores.

Em segundo lugar, temos uma extensa área da Beira Baixa e do Alto Alentejo (compreendendo uma faixa pertencente aos dialetos setentrionais, mas, principalmente, uma vasta zona dos dialetos centro-meridionais) em que se registra uma profunda alteração do timbre das vogais. Os traços mais salientes são: *a*) a articulação do *u* tônico como [ü] (próximo do *u* francês), por exemplo: [tü], [´müla], por *tu*, *mula*; *b*) a representação do antigo ditongo grafado *ou* por [ö] (também semelhante ao som correspondente do francês), por exemplo: [´pöka] por *pouca*; *c*) a queda da vogal átona final grafada *-o* ou sua redução ao som [∂], por exemplo: *cop* (∂), *cop* (∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd* (∂) por *tudo*.

Por fim, no ocidente do Algarve situa-se outra região em que se observam coincidências com a anteriormente mencionada, no que se refere às vogais. Em lugar de *u*, encontramos [ü]: [tü], [´müla] (mas o *ou* está representado por [o]). Por outro lado, o *a* tônico evolveu para um som semelhante ao *o* aberto: *bata* é pronunciado quase *bota*, alteração de timbre que não é estranha a alguns lugares da mencionada zona da Beira Baixa e Alto Alentejo, embora seja aí mais frequente a passagem, em determinados contextos fonéticos, de *a* a um som [ä] semelhante a *e* aberto [e], por exemplo: *afilhédo* por *afilhado*, *fumér* por *fumar*. A vogal átona grafada *o* também cai ou se reduz a [∂]: *cop*(∂), *cop*(∂)s, por *copo*, *copos*; *tüd*(∂) por *tudo*.

---

[6] Com referência ao ditongo [ej], a pronúncia padrão e a de Lisboa (neste caso uma ilhota de conservação ao sul) coincidem com os dialetos setentrionais na sua manutenção. Note-se contudo que, devido a um fenômeno de diferenciação entre os dois elementos do ditongo, este se transformou na referida pronúncia em [αj].

Não são, porém, apenas traços fonéticos que permitem opor os diversos grupos de dialetos galego-portugueses. Se, no que diz respeito a particularidades morfológicas e sintáticas, a grande variedade e irregularidade na distribuição parece impedir um delineamento de áreas que as tome como base[7], já no que se refere à distribuição do léxico podemos observar, ainda que num restrito número de setores e casos, certas regularidades. Não é raro, por exemplo, que os dialetos centro-meridionais se oponham aos setentrionais e aos galegos por neles se designar um objeto ou noção com um termo de origem árabe enquanto nos últimos permanece o descendente da palavra latina ou visigótica. É o caso da oposição *almece / soro* (do queijo), *ceifar / segar*.

Talvez ainda mais frequente seja a oposição lexical entre os dialetos do sul e leste de Portugal, caracterizados por inovações vocabulares de vários tipos, e os dialetos do noroeste e centro-norte, que, como os galegos, se distinguem pelo conservadorismo, pela manutenção de termos mais antigos na língua. É o caso da oposição de *ordenhar* a *moger*, *mugir* e *amojar*; de *amojo* a *úbere*; de *borrego* a *cordeiro* e a *anho*; de *chibo* a *cabrito*; de *maçaroca* a *espiga* (de milho), etc.

Advirta-se, por fim, que em relação a muitas outras noções é grande a variedade terminológica na faixa galego-portuguesa, sem que se observe este ou qualquer outro esquema regular de distribuição. É que a distribuição dos tipos lexicais depende de numerosíssimos fatores, não só linguísticos, mas sobretudo histórico-culturais e sociais, que variam de caso para caso. A regularidade atrás observada parece depender, em alguns casos, da ação de um mesmo fator histórico: a Reconquista aos mouros do Centro e do Sul do território português, movimento que teria criado o contraste entre uma Galiza e um Portugal do Noroeste para Oeste mais conservadores, porque de povoamento antigo, e um Portugal do Nordeste, Este e Sul mais inovador, justamente o que foi repovoado em consequência daquele acontecimento histórico.[8] Trata-se, aliás, de um contraste que tem o seu paralelo na história da arte. Ao Norte, resistência do estilo romântico, enquanto ao Sul, a partir do século XIII, se acentua progressivamente a penetração e a expansão do estilo gótico.

---

[7] Quando muito, poder-se-á dizer, por exemplo, que certos traços, como os perfeitos em *-i* da 1.ª conjugação (*lavi* por *lavei*, *canti* por *cantei*), são exclusivamente centro-meridionais.

[8] Veja-se, a este respeito, principalmente, Luís F. Lindley Cintra. Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 20: 273-307, 1961; e Orlando Ribeiro. A propósito de áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, 21: 177-205, 1962-1963 (artigos reproduzidos em Luís F. Lindley Cintra. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 55-94 e 165-202).

OS DIALETOS DAS ILHAS ATLÂNTICAS

Os dialetos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam — como era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento em que os portugueses as descobriram — um prolongamento dos dialetos portugueses continentais.

Considerando a maior parte das características fonéticas que neles se observam, pode-se afirmar, com maior precisão, que prolongam o grupo dos dialetos centro-meridionais. Com efeito, não se encontram nos dialetos açorianos e madeirenses nem o [s̪] ápico-alveolar, nem a neutralização da oposição entre [v] e [b], nem a africada [tʃ] dos dialetos setentrionais do continente. Quanto à monotongação dos ditongos decrescentes [ow] e [ej], observam-se as mesmas tendências da língua padrão: o ditongo [ow] reduz-se normalmente a [o], mas a redução de [ej] a [e] é fenômeno esporádico; só ocorre como norma na ilha de São Miguel.

Esta ilha, assim como a da Madeira, constituem casos excepcionais dentro do português insular. Independentemente uma da outra, ambas se afastam do que se pode chamar a norma centro-meridional por acrescentar-lhe um certo número de traços muito peculiares.

No que se refere à ilha de São Miguel, os mais característicos dentre os traços que afastam os seus dialetos dos das outras ilhas coincidem, curiosamente, com os traços que, na Península, distinguem a região da Beira Baixa e do Alto Alentejo (e também, parcialmente, com os que se observam no ocidente do Algarve): *a*) o *u* tônico é articulado como [ü]: *tü*, *müla*; *b*) o antigo ditongo *ou* pronuncia-se como [ö]: *pöca*, *löra*; *c*) o *a* tônico tende para o *o* aberto [ɔ]: quase *bota* por *bata*; *d*) a vogal final grafada *-o* cai ou reduz-se a [ə]: *cop(ə)*, *cop(ə)s*, *tüd(ə)*, *pök(ə)*, por *copo*, *copos*, *tudo*, *pouco*.

Quanto à ilha da Madeira, os seus dialetos apresentam características fonéticas singulares, que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialetos continentais. Assim, o *u* tônico apresenta-se ditongado em [αw], por exemplo: [ˈlαwα] por *lua*; o *i* tônico em [αj], por exemplo:[ˈfαjλα] por *filha*. Por outro lado, a consoante *l*, precedida de *i*, palatiza-se: [ˈvαjλα] por *vila*, [ˈfαjλα] por *fila* (confundindo-se, portanto, desse modo *fila* com *filha*).

OS DIALETOS BRASILEIROS

Com relação ao extensíssimo território brasileiro da língua portuguesa, a insuficiência de informações rigorosamente científicas sobre as diferenças de natureza fonética, morfossintática e lexical que separam as variedades regionais nele existentes não permite classificá-las em bases semelhantes às que foram adotadas

na classificação dos dialetos do português europeu. Deve-se reconhecer, contudo, que a publicação de dois atlas prévios regionais — o do Estado da Bahia[9] e o do Estado de Minas Gerais[10] — e a anunciada impressão do já concluído *Atlas dos falares de Sergipe*[11], bem como a elaboração de algumas monografias dialetais, são passos importantes no sentido de suprir a lacuna apontada.

Entre as classificações de conjunto, propostas em caráter provisório, sobreleva, pela indiscutível autoridade de quem a fez, a de Antenor Nascentes, fundada em observações pessoais colhidas em suas viagens por todos os estados do país.

A base desta proposta reside — como no caso do português europeu — em diferenças de pronúncia.

De acordo com Antenor Nascentes, é possível distinguir dois grupos de dialetos[12] brasileiros — o do Norte e o do Sul —, tendo em conta dois traços fundamentais:

a) a abertura das vogais pretônicas, nos dialetos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em *-mente*: *pègar* por *pegar*, *còrrer* por *correr*;
b) o que ele chama um tanto impressionisticamente a "cadência" da fala: fala "cantada" no Norte, fala "descansada" no Sul.

A fronteira entre os dois grupos de dialetos passa por "uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado do mesmo nome"[13].

Em cada grupo, distingue Antenor Nascentes diversas variedades a que chama SUBFALARES. E enumera dois no grupo Norte:

a) O AMAZÔNICO;
b) O NORDESTINO;

---

[9] Nelson Rossi. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

[10] José Ribeiro *et alii*. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. V.1. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa/UFJF, 1977.

[11] Elaborado por Nelson Rossi, com a colaboração de um grupo de professores da Universidade Federal da Bahia.

[12] Empregamos o termo DIALETO pelas razões aduzidas no capítulo 1 e para mantermos o paralelismo com a designação adotada para as variedades regionais portuguesas. Ao que chamamos aqui DIALETO Nascentes denomina SUBFALAR.

[13] Antenor Nascentes. *O linguajar carioca*, 2.ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro, Simões, 1953, p. 25. Por ser quase despovoada, considerava ele incaracterística a área compreendida entre a parte da fronteira boliviana e a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

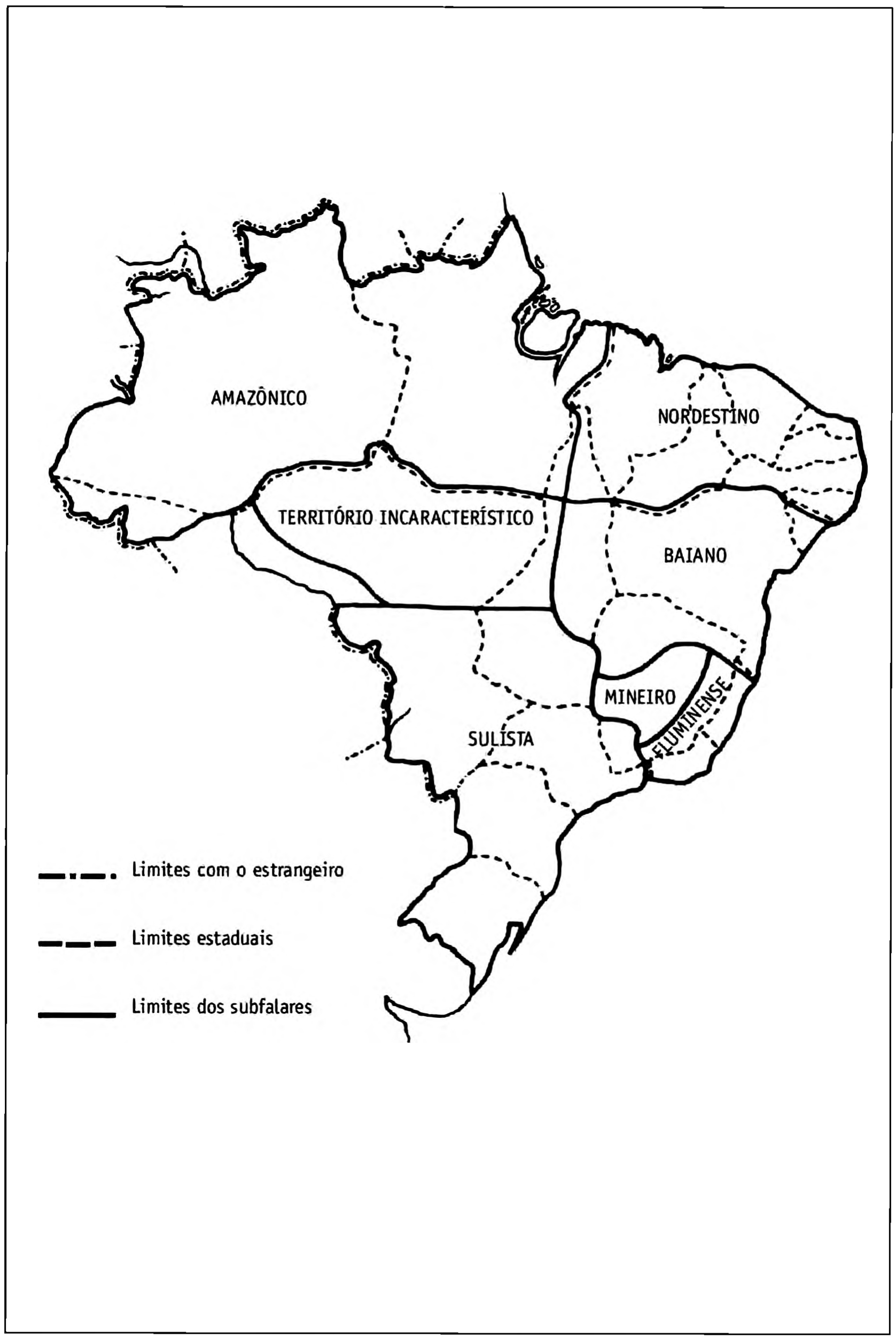

Áreas linguísticas do Brasil (divisão proposta por Antenor Nascentes)

e quatro no grupo Sul:

a) O BAIANO;
b) O FLUMINENSE;
c) O MINEIRO;
d) O SULISTA.

Assinale-se, por fim, que as condições peculiares da formação linguística do Brasil revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa como a portuguesa. Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a europeia.

O PORTUGUÊS DE ÁFRICA, DA ÁSIA E DA OCEÂNIA

No estudo das formas que veio a assumir a língua portuguesa em África, na Ásia e na Oceânia, é necessário distinguir, preliminarmente, dois tipos de variedades: as CRIOULAS e as NÃO CRIOULAS.

As variedades CRIOULAS resultam do contacto que o sistema linguístico português estabeleceu, a partir do século XV, com sistemas linguísticos indígenas. Talvez todas elas derivem do mesmo PROTOCRIOULO OU LÍNGUA FRANCA que, durante os primeiros séculos da expansão portuguesa, serviu de meio de comunicação entre as populações locais e os navegadores, comerciantes e missionários ao longo das costas da África Ocidental e Oriental, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Malásia, da China e do Japão. Aparecem-nos, atualmente, como resultados muito diversificados, mas com algumas características comuns — ou, pelo menos, paralelas —, que se manifestam numa profunda transformação da fonologia e da morfossintaxe do português que lhes deu origem. O grau de afastamento em relação à língua-mãe é hoje de tal ordem que, mais do que como DIALETOS, os crioulos devem ser considerados como línguas derivadas do português.

Os crioulos de origem portuguesa na África, que são os de maior vitalidade, podem ser distribuídos espacialmente em três grupos:

1. Crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:

a) de São Tomé;
b) do Príncipe;
c) de Ano Bom (ilha que pertence à Guiné Equatorial).

2. Crioulos do arquipélago de Cabo Verde, com as duas variedades:

a) de Barlavento, ao norte, usada nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista;
b) de Sotavento, ao sul, utilizada nas ilhas de Santiago, Maio, Fogo e Brava.

3. Crioulos continentais:
a) da Guiné-Bissau;
b) de Casamance (no Senegal).

Dos crioulos da Ásia subsistem apenas:
a) o de Malaca, conhecido pelas denominações de *papiá cristão*, *malaqueiro*, *malaquês*, *malaquenho*, *malaquense*, *serani*, *bahasa geragau* e *português basu*;
b) o de Macau, *macaísta* ou *macauenho*, ainda falado por algumas famílias de Hong-Kong;
c) o de Sri-Lanka, falado por famílias de Vaipim e Batticaloa;
d) os de Chaul, Korlai, Tellicherry, Cananor e Cochim, no território da União Indiana.

Na Oceânia, sobrevive ainda o crioulo de Tugu, localidade perto de Jacarta, na ilha de Java.[14]

Quanto às variedades NÃO CRIOULAS, há que considerar não só a presença do português, que é a língua oficial das repúblicas de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, mas as variedades faladas por uma parte da população destes Estados e, também, de Goa, Damão, Diu e Macau, na Ásia, e Timor, na Oceânia. Trata-se de um português com base na variedade europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocabulário proveniente das línguas nativas, e a que não faltam algumas características próprias no aspecto fonológico e gramatical.

Estas características, no entanto, que divergem de região para região, ainda não foram suficientemente observadas e descritas, embora muitas delas — principalmente no que se refere a Angola, Cabo Verde e Moçambique — transpareçam na obra de alguns dos modernos escritores desses países.[15]

---

[14] Sobre o estado atual dos crioulos portugueses, veja-se Celso Cunha. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 37-106, onde se remete à bibliografia especializada; veja-se, também, José Gonçalo Herculano de Carvalho. Deux langues créoles: le *criôl* du Cap Vert et le *forro* de S. Tomé. *Biblos*, 57: 1-15, Coimbra, 1981.

[15] Sobre a linguagem de um deles, do maior significado, o angolano Luandino Vieira, leiam-se: Michel Laban. *L'œuvre litteraire de Luandino Vieira*, tese de 3.º ciclo, apresentada em 1979 à Universidade de Paris-Sorbonne; e Salvato Trigo. *Luandino Vieira, o logoteta*. Porto, Brasília Editora, 1981.

Capítulo 3

Fonética e fonologia

OS SONS DA FALA

Os sons de nossa fala resultam quase todos da ação de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões.

Para a sua produção, três condições se fazem necessárias:

a) a corrente de ar;
b) um obstáculo encontrado por essa corrente de ar;
c) uma caixa de ressonância.

Estas condições são criadas pelos ÓRGÃOS DA FALA, denominados, em seu conjunto, APARELHO FONADOR.

O APARELHO FONADOR

É constituído das seguintes partes:

a) os PULMÕES, os BRÔNQUIOS e a TRAQUEIA – órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar, matéria-prima da fonação;
b) a LARINGE, onde se localizam as CORDAS VOCAIS, que produzem a energia sonora utilizada na fala;
c) as CAVIDADES SUPRALARÍNGEAS (FARINGE, BOCA e FOSSAS NASAIS), que funcionam como caixas de ressonância, sendo que a cavidade bucal pode variar profundamente de forma e de volume, graças aos movimentos dos órgãos ativos, sobretudo da LÍNGUA, que, de tão importante na fonação, se tornou sinônimo de "idioma".

Observação:

Quase todos os sons de nossa fala são produzidos na expiração. A inspiração normalmente funciona para nós como um instante de silêncio, um momento de pausa na elocução. Línguas há, porém, como o hotentote, o zulo, o boximane e outros idiomas africanos, que apresentam uma série de consoantes articuladas na inspiração, os ruídos que se denominam CLIQUES. Em português praticamos alguns CLIQUES, mas sem valor fonético: o beijo, que é uma bilabial inspiratória; o muxoxo, um clique linguoalveolar; o estalido linguodental com que animamos o andar das cavalgaduras; e uns poucos mais. Sobre o assunto consulte-se Rodrigo de Sá Nogueira. *Temas de linguística banta: dos cliques em geral.* Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1957.

FUNCIONAMENTO DO APARELHO FONADOR

O ar expelido dos PULMÕES, por via dos BRÔNQUIOS, penetra na TRAQUEIA e chega à LARINGE, onde, ao atravessar a GLOTE, costuma encontrar o primeiro obstáculo à sua passagem.

A GLOTE, que fica na altura do chamado *pomo de adão* ou *gogó*, é a abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da LARINGE, conhecidas pelo nome de CORDAS VOCAIS. O fluxo de ar pode encontrá-la fechada ou aberta, em virtude de estarem aproximados ou afastados os bordos das CORDAS VOCAIS. No primeiro caso, o ar força a passagem através das CORDAS VOCAIS retesadas, fazendo-as vibrar e produzir o som musical característico das articulações SONORAS. No segundo caso, relaxadas as CORDAS VOCAIS, o ar se escapa sem vibrações laríngeas. As articulações produzidas denominam-se, então, SURDAS.

A distinção entre SONORA e SURDA pode ser claramente percebida na pronúncia de duas consoantes que no mais se identificam. Assim:

/b/ [= SONORO] /p/ [= SURDO]

Ao sair da LARINGE, a corrente expiratória entra na CAVIDADE FARÍNGEA, uma encruzilhada, que lhe oferece duas vias de acesso ao exterior: o CANAL BUCAL e o NASAL. Suspenso no entrecruzar desses dois canais fica o VÉU PALATINO, órgão dotado de mobilidade capaz de obstruir ou não o ingresso do ar na CAVIDADE NASAL e, consequentemente, de determinar a natureza ORAL ou NASAL de um som.

Quando levantado, o VÉU PALATINO cola-se à parede posterior da FARINGE, deixando livre apenas o CONDUTO BUCAL. As articulações assim obtidas denominam-se ORAIS (adjetivo derivado do latim *os, oris*, "a boca"). Quando abaixado, o VÉU PALATINO deixa ambas as passagens livres. A corrente expiratória então divide-se, e uma parte dela escoa-se pelas FOSSAS NASAIS, onde adquire a ressonância característica das articulações, por este motivo, também chamadas NASAIS.

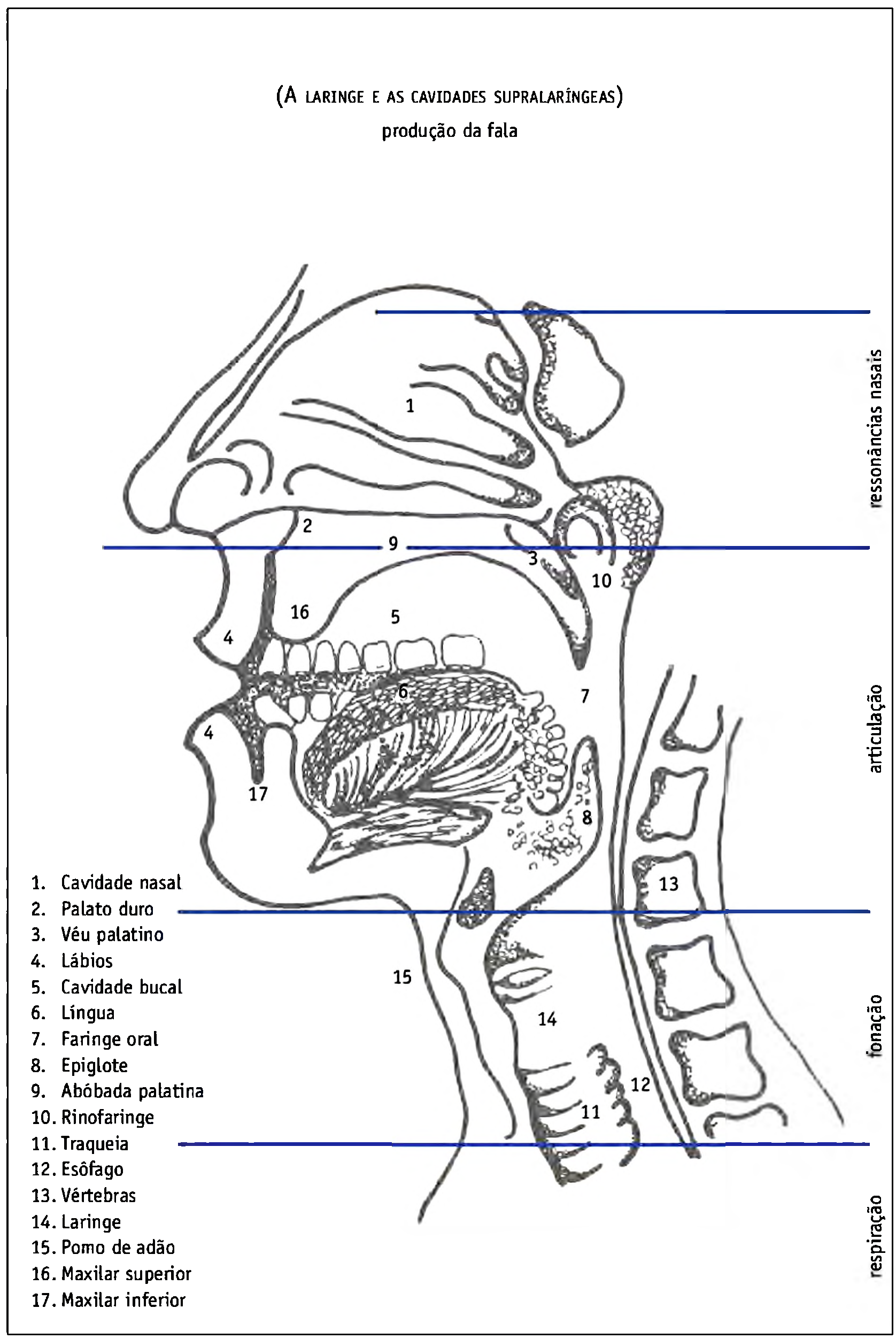

O APARELHO FONADOR

Compare-se, por exemplo, a pronúncia das vogais:

/a/ [= ORAL] /ã/ [= NASAL]

em palavras como:

lá / lã mato / manto

É, porém, na CAVIDADE BUCAL que se produzem os movimentos fonadores mais variados, graças à maior ou menor separação dos MAXILARES, das BOCHECHAS e, sobretudo, à mobilidade da LÍNGUA e dos LÁBIOS.

CORDAS VOCAIS

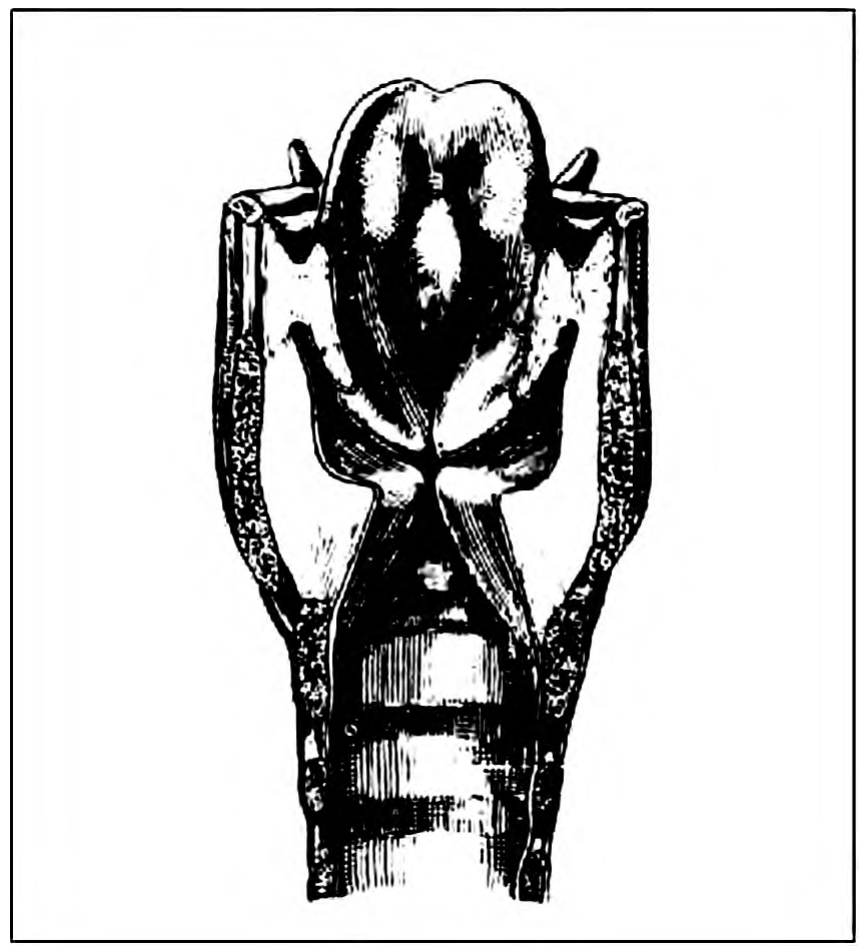

SOM E FONEMA

Nem todos os sons que pronunciamos em português têm o mesmo valor no funcionamento de nossa língua.

Alguns servem para diferenciar palavras que no mais se identificam.

Por exemplo, em:

erro

a diversidade de timbre (fechado ou aberto) da vogal tônica é suficiente para estabelecer uma oposição entre substantivo e verbo.

Na série:

dia	**v**ia	**m**ia
tia	**f**ia	**p**ia

temos seis palavras que se distinguem apenas pelo elemento consonântico inicial.

Toda distinção significativa entre duas palavras de uma língua estabelecida pela oposição ou contraste entre dois sons revela que cada um desses sons representa uma unidade mental sonora diferente. Essa unidade de que o som é representação (ou realização) física recebe o nome de FONEMA.

Correspondem, pois, a FONEMAS diversos os sons vocálicos e consonânticos diferenciadores das palavras atrás mencionadas.

A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala, as múltiplas realizações dos FONEMAS, chama-se FONÉTICA.

A parte da gramática que estuda o comportamento dos FONEMAS numa língua denomina-se FONOLOGIA, FONEMÁTICA ou FONÊMICA.

DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

A descrição dos SONS DA FALA (DESCRIÇÃO FONÉTICA), para ser completa, deveria considerar sempre:

a) como eles são produzidos;
b) como são transmitidos;
c) como são percebidos.

Sobre a impressão auditiva deveria concentrar-se o interesse maior da descrição, pois é ela que nos deixa perceber a variedade dos sons e o seu funcionamento em representação dos FONEMAS. A DESCRIÇÃO FONOLÓGICA mal se compreende que não seja de base acústica.

Acontece, porém, que a descrição do efeito acústico de um fonema não se faz com termos precisos, semelhantes aos que se usam para descrever os movimentos dos órgãos que participam da produção de um som. Os progressos da FONÉTICA ACÚSTICA são, aliás, relativamente recentes.[1]

---

[1] Data de 1952, com o trabalho *Preliminaries to Speech Analysis*, de R. Jakobson, C. G. M. Fant e M. Halle, a primeira tentativa convincente de uma classificação acústica dos fonemas. De então para cá, a utilização de uma nova aparelhagem e, principalmente, o esforço coordenado de foneticistas e engenheiros do som têm permitido progressos sensíveis no particular, de que nos dão mostras as penetrantes análises acústicas de Pierre Delattre, enfeixadas em *Studies in French and Comparative Phonetics* (London – The Hague – Paris, Mouton, 1966), e os estudos recentes sobre a fonética portuguesa de Maria

A FONÉTICA FISIOLÓGICA, de base articulatória, é uma especialidade antiga e muito desenvolvida, porque bem conhecidos são os órgãos fonadores e o seu funcionamento. Daí serem os fonemas frequentemente descritos e classificados em função das suas características articulatórias, embora se note, modernamente, uma tendência de associar a descrição acústica à fisiológica, ou de realizá-las paralelamente.

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o ALFABETO FONÉTICO.

Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes: [ ].

Por exemplo: [ˈkaw], pronúncia popular carioca, [ˈkal], pronúncia portuguesa normal e brasileira do Rio Grande do Sul, para a palavra sempre escrita *cal*.

Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas: / /.

Por exemplo: o fonema /s/ pode ser representado ortograficamente por *s*, como em *saco*; por *ss*, como em *osso*; por *c*, como em *cera*; por *ç*, como em *poço*; por *x*, como em *próximo*; e pode ser realizado como [s], no português normal de Portugal e do Brasil, ou como [s̺], em regiões do Norte de Portugal e da Galiza, conforme se disse no capítulo 2.

ALFABETO FONÉTICO UTILIZADO

Empregamos nas nossas transcrições fonéticas, sempre que possível, o Alfabeto Fonético Internacional. Tivemos, no entanto, de fazer certas adaptações e acrescentar alguns sinais necessários para a transcrição de sons de variedades da língua portuguesa para os quais não existe sinal próprio naquele Alfabeto.[2]

Raquel Delgado Martins, principalmente *Aspects de l'accent en portugais. Voyelles toniques et atones* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1977), publicada em *Hamburger Phonetische Beiträge* (Hamburg, Buske Verlag, 1982), e *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais* (2.ª ed., Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1983) e de Mirian Therezinha da Matta Machado, *Étude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro* (Thèse de doctorat de troisième cycle, Strasbourg, 1981). Os dois últimos trabalhos são dissertações policopiadas.

[2] Nessas adaptações e acréscimos seguimos, em geral, o alfabeto fonético utilizado pelo grupo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, encarregado da elaboração do *Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza*.

Eis o elenco dos sinais aqui adotados:

1. Vogais:

[a] português normal de Portugal e do Brasil: **pá**, **gato**
português normal do Brasil: pe**dra**, **fa**zer

[ɑ] português normal de Portugal: **cama**, **cana**, pe**dra**, **fa**zer; português de Lisboa: **lei**, **lenha**
português normal do Brasil: **cama**, **cana**

[ɛ] português normal de Portugal e do Brasil: **pé**, **ferro**

[e] português normal de Portugal e do Brasil: **medo**, **saber**
português normal do Brasil: **regar**, **sedento**

[ə] português normal de Portugal: **sede**, **corre**, **regar**, **sedento**

[ɔ] português normal de Portugal e do Brasil: **pó**, **cola**

[o] português normal de Portugal e do Brasil: **morro**, **força**
português normal do Brasil: **correr**, **morar**

[i] português normal de Portugal e do Brasil: **vir**, **bico**
português normal do Brasil: **sede**, **corre**

[u] português normal de Portugal e do Brasil: **bambu**, **sul**, **caro**
português normal de Portugal: **correr**, **morar**

2. Semivogais:

[j] português normal de Portugal e do Brasil: **pai**, **feito**, **vário**

[w] português normal de Portugal e do Brasil: **pau**, **água**

3. Consoantes:

[b] português normal de Portugal e do Brasil: **bravo** (!), **ambos**
português normal do Brasil: **boi**, **aba**, **barba**, **abrir**

[β] português normal de Portugal: **boi**, **aba**, **barba**, **abrir**

[d] português normal de Portugal e do Brasil: **dar** (!), **andar**
português normal do Brasil: **ida**, **espada**

[ð] português normal de Portugal: **dar**, **ida**, **espada**

[d'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: **dia**, **sede**

[dʒ] português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: **dia**, **sede**
português dialectal europeu de zonas fronteiriças muito restritas: **Jesus**, **jaqueta**

[g] português normal de Portugal e do Brasil: **guarda** (!), **frango**
português normal do Brasil: **guarda**, **agora**, **agrado**

[ɣ] português normal de Portugal: **g**uarda, a**g**ora, a**g**rado

[p] português normal de Portugal e do Brasil: **p**ai, ca**p**rino

[t] português normal de Portugal e do Brasil: **t**u, can**t**o

[t'] português do Rio de Janeiro, de São Paulo e de extensas zonas do Brasil: **t**io, se**t**e

[tʃ] português de extensas zonas do Norte de Portugal e de áreas não bem delimitadas de Mato Grosso e regiões circunvizinhas, no Brasil: **ch**ave, en**ch**er

português popular do Rio de Janeiro e de algumas zonas próximas: **t**io, se**t**e

[k] português normal de Portugal e do Brasil: **c**asa, por**c**o, **que**

[m] português normal de Portugal e do Brasil: **m**ar, a**m**igo

[n] português normal de Portugal e do Brasil: **n**ada, ca**n**o

[ɲ] português normal de Portugal e do Brasil: vi**nh**a, cami**nh**o

[l] português normal de Portugal e do Brasil: **l**ama, ca**l**o

[ɫ] português normal de Portugal e de certas zonas do Sul do Brasil: a**l**to, Bra**sil**

[ʎ] português normal de Portugal e do Brasil: fi**lh**o, **lh**e

[r] português normal de Portugal e do Brasil: ca**r**o, co**r**es, da**r**

[r̃] português normal de várias regiões de Portugal, do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil: **r**oda, ca**r**ro

[R] português normal de Portugal (principalmente de Lisboa), do Rio de Janeiro e de várias zonas costeiras do Brasil: **r**oda, ca**r**ro

[f] português normal de Portugal e do Brasil: **f**ilho, a**f**iar

[v] português normal de Portugal e do Brasil: **v**inho, u**v**a

[s] português normal de Portugal e do Brasil: **s**aber, po**s**so, **c**éu, ca**ç**a

[z] português normal de Portugal e do Brasil: a**z**ar, ca**s**a

[ʐ] português de certas zonas do Norte de Portugal: **s**aber, po**s**so; e, noutras zonas, também: **c**éu, ca**ç**a

[ʑ] português de certas zonas do Norte de Portugal: ca**s**a; e, noutras zonas, também: a**z**ar

[θ] galego normal: **c**éu, fa**c**er (port. fazer), ca**z**a (port. caça), a**z**ar

[ʃ] português normal de Portugal e do Brasil: **ch**ave, **x**arope

português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: e**s**te

[ʒ] português normal de Portugal e do Brasil: **j**á, **g**enro

português normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de algumas zonas costeiras do Brasil: me**s**mo

CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS

Os sons linguísticos classificam-se em VOGAIS, CONSOANTES e SEMIVOGAIS.

VOGAIS E CONSOANTES

1. Do ponto de vista articulatório, as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificados segundo a forma das cavidades supralaríngeas, que devem estar sempre abertas ou entreabertas à passagem do ar. Na pronúncia das consoantes, ao contrário, há sempre na cavidade bucal obstáculo à passagem da corrente expiratória.

2. Quanto à função silábica – outro critério de distinção – cabe salientar que, na nossa língua, as vogais são sempre centro de sílaba, ao passo que as consoantes são fonemas marginais: só aparecem na sílaba junto a uma vogal.

SEMIVOGAIS

Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, com ela formam sílaba. Foneticamente estas vogais assilábicas transcrevem-se [j] e [w]. Exemplificando:

Em *riso* [´rizu] e *viu* [´viw] o /i/ é vogal, mas em *rei* [´rej] e *vário* [´varju] é semivogal. Também é vogal o /u/ em *muro* [´muru] e *rua* [´rua], mas semivogal em *meu* [´mew] e *quatro* [´kwatru].

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

1. Segundo a classificação tradicional, de base fundamentalmente articulatória, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à região de articulação
- anteriores ou palatais
- centrais ou médias
- posteriores ou velares

b) quanto ao grau de abertura
- abertas
- semiabertas
- semifechadas
- fechadas

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
- orais
- nasais

É de base acústica a classificação em:

d) quanto à intensidade — tônicas / átonas

2. Tem-se difundido recentemente uma classificação das vogais com base em certo número de traços que são "distintivos" numa perspectiva fonológica ou fonemática, isto é, que apresentam características capazes por si só de opor um segmento fônico a outro segmento fônico.
Por exemplo: o traço distintivo ABERTURA, ligado, do ponto de vista fisiológico, à maior ou menor elevação ou altura da língua no momento da articulação, opõe só por si *peso* (substantivo) a *peso* (forma verbal) e a *piso* (substantivo ou verbo). A presença ou a ausência de cada traço é, neste tipo de classificação, assinalada pelos sinais matemáticos (+) e (–). Assim: /e/ de *peso* (verbo) será [+ baixo], e /e/ de *peso* (substantivo) será [– alto], mas também [– baixo], ao passo que /i/ de *piso* será [+ alto].
Por vezes, torna-se necessário mais do que um traço para descrever a oposição entre duas vogais. Por exemplo, a oposição entre /a/ de *carro* e /o/ de *corro* implica a presença em /a/ de um traço distintivo — a maior abertura e correlativa menor altura da língua [+ baixo] — e a ausência de outro traço, o arredondamento dos lábios durante a articulação [– arredondado].
Os traços distintivos que devem ser considerados na classificação dos fonemas vocálicos portugueses dependem: *a*) da maior ou menor elevação da língua; *b*) do recuo ou avanço da região de articulação; *c*) do arredondamento ou não arredondamento dos lábios.
De acordo com esta classificação, as vogais da língua portuguesa podem ser:

a) quanto à maior ou menor elevação da língua — + altas / – altas / – baixas / + baixas

b) quanto ao recuo ou avanço da articulação — + recuadas / – recuadas

c) quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios — + arredondadas / – arredondadas

ARTICULAÇÃO

Dissemos que as vogais são sons que se pronunciam com a via bucal livre. Mas, como acabamos de ver ao apresentar os vários critérios de classificação, isto não significa que seja irrelevante para distingui-las o movimento dos diversos órgãos articulatórios. Pelo contrário. Esses critérios baseiam-se na diversidade de tal movimento.

Assim:

Ao elevarmos a língua na parte anterior da cavidade bucal, aproximando-a do palato duro, produzimos a série das vogais ANTERIORES ou PALATAIS, ou seja [– RECUADAS]:

[ɛ], [e], [i].

Ao elevarmos a língua na parte posterior da cavidade bucal, aproximando-a do véu palatino, produzimos a série das vogais POSTERIORES ou VELARES, isto é, [+ RECUADAS]:

[ɔ], [o], [u].

Dentro da classificação tradicional, que considera a boca dividida em duas regiões (anterior e posterior), as vogais [a] e [ɑ], articuladas com a língua baixa, em posição de repouso, são denominadas MÉDIAS ou CENTRAIS. De acordo com a classificação mais recente, devem ser incluídas entre as [+ RECUADAS].

Também importante como elemento distintivo na articulação das vogais é a posição assumida pelos lábios durante a passagem da corrente de ar expirada. Podem eles dispor-se de modo tal que formem uma saída arredondada para essa corrente, e teremos a série das vogais [+ ARREDONDADAS]:

[ɔ], [o], [u].

ou permanecer numa posição quase de repouso, e teremos a série das vogais [– ARREDONDADAS]:

[a], [e], [ɛ], [i].

TIMBRE

Para a distinção do TIMBRE das vogais – qualidade acústica que resulta de uma composição do tom fundamental com os harmônicos – é ainda determinante, do ponto de vista articulatório, a forma tomada pela cavidade faríngea e, sobretudo, pela cavidade bucal, que funcionam como tubo de ressonância.

A maior largura do tubo de ressonância, provocada principalmente pela menor elevação do dorso da língua em direção ao palato (quer duro, quer mole), produz as vogais chamadas ABERTAS e SEMIABERTAS [+ BAIXAS]:

ABERTA	[a]
SEMIABERTAS	[ɛ], [ɔ].

O estreitamento do tubo de ressonância, causado principalmente pela maior elevação do dorso da língua, produz as vogais chamadas SEMIFECHADAS [– ALTAS, – BAIXAS] e FECHADAS [+ ALTAS]:

SEMIFECHADAS	[e], [ɑ], [o].
FECHADAS	[i], [u].

INTENSIDADE E ACENTO

A INTENSIDADE é a qualidade física da vogal que depende da força expiratória e, portanto, da amplitude da vibração das cordas vocais. As vogais que se encontram nas sílabas pronunciadas com maior intensidade chamam-se TÔNICAS, porque sobre elas recai o ACENTO TÔNICO, que se caracteriza em português principalmente por um reforço da energia expiratória. As vogais que se encontram em sílabas não acentuadas denominam-se ÁTONAS.

VOGAIS ORAIS E VOGAIS NASAIS

Finalmente, é de grande importância na produção e caracterização das vogais, do ponto de vista articulatório, a posição do véu palatino durante a passagem da corrente expiratória. Se, durante essa passagem, o véu palatino estiver levantado contra a parede posterior da faringe, as vogais produzidas serão ORAIS:

[i], [ɛ], [e], [a], [ɔ], [o], [u].

Se, pelo contrário, essa passagem se der com o véu palatino abaixado, uma parte da corrente expiratória ressoará na cavidade nasal e as vogais produzidas serão NASAIS:

[ĩ], [ẽ], [ɑ̃], [õ], [ũ].

VOGAIS TÔNICAS ORAIS

Para o português normal de Portugal e do Brasil é o seguinte o quadro das vogais orais em posição tônica:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIAS OU CENTRAIS	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[i]		[u]	+ altas
Semifechadas	[e]	[ɑ]	[o]	– altas – baixas
Semiabertas	[ɛ]		[ɔ]	+ baixas
Aberta		[a]		
	– recuadas – arredondadas	+ recuadas – arrendondadas	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *li / lê, peso* (s.) / *peso* (v.), *pé / pá, saco / soco, poça / possa, todo / tudo.*

Observação:

No português normal do Brasil a vogal [ɑ] só aparece em posição tônica antes de consoante nasal. Por exemplo: *cama* [ˈkɑma], *cana* [ˈkɑna], *sanha* [ˈs ɑɲa]. Não ocorre nunca em oposição a [a] para distinguir segmentos fônicos de significado diverso. Do ponto de vista fonológico, funciona, pois, como variante do mesmo fonema, e não como fonema autônomo.

No português europeu normal, [ɑ], quando tônico, também aparece, na maioria dos casos, antes de consoante nasal, a exemplo de *cama*, *cana* e *sanha*. Mas nessa mesma situação tônica existe uma oposição de pequeno rendimento entre [ɑ] e [a]. É a que se observa, nos verbos da 1.ª conjugação, entre as primeiras pessoas do plural do presente (ex.: *amamos* [ɑˈmɑmuʃ] e do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *amamos* [ɑˈmamuʃ]). Neste caso, temos, pois, de considerar a existência de fonemas diferentes. Além disso, no falar de Lisboa e de outras zonas de Portugal encontra-se [ɑ] em sílaba tônica antes de semivogal ou de consoante palatal: *rei* [ˈrɑj], *tenho* [ˈtɑjɯ], *telha* [ˈtɑʎɑ].

Advirta-se, por fim, que no português de Portugal, como veremos adiante, o fonema /a/em posição átona é normalmente realizado como [ɑ].

VOGAIS TÔNICAS NASAIS

Além das VOGAIS ORAIS que acabamos de examinar – correspondentes a oito fonemas no português normal de Portugal, e a sete no do Brasil –, possui o nosso

idioma, tanto na sua variante portuguesa como na brasileira, cinco VOGAIS NASAIS, que podem ser assim classificadas:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES OU VELARES	
Fechadas	[□]		[ũ]	+ altas
Semifechadas	[ẽ]	[ɑ̃]	[õ]	– altas – baixas
	– recuadas – arredondadas	+ recuada – arrendondada	+ recuadas + arredondadas	

Exemplos: *rim*, *senda*, *canta*, *lã*, *bomba*, *atum*.

Como se vê no quadro acima, as vogais nasais da língua portuguesa são sempre fechadas ou semifechadas. Só em variedades regionais aparecem vogais abertas ou semiabertas como as francesas.

Observação:

Do ponto de vista fonológico ou fonemático, as vogais nasais do português têm sido interpretadas como realizações dos fonemas orais correspondentes em contacto com um fonema consonântico nasal, que, acusticamente, é imperceptível ou quase imperceptível. Vejam-se J. Mattoso Câmara Jr. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1977, p. 67-72; Jorge Morais Barbosa. Les Voyelles nasales portugaises: interpretation phonologique. In *Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences*. The Hague, Mouton, 1962, p. 691-708; ———. *Études de phonologie portugaise*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 91-104; Maria Helena Mira Mateus. *Aspectos da fonologia portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, INIC, 1982, p. 44-71 e 87-95.

VOGAIS ÁTONAS ORAIS

Em posição átona, o quadro das vogais orais do português apresenta diferenças consideráveis em relação à posição tônica, diferenças que, por nem sempre coincidirem nas duas normas principais da língua, serão estudadas separadamente.

1. No português normal do Brasil, em posição átona não final, anulou-se a distinção entre [ɛ] e [e], tendo-se mantido apenas [e] e [i], na série das vogais anteriores ou palatais; paralelamente, anulou-se a distinção entre [ɔ]

e [o], com o que ficou reduzida a [o] e [u] a série das vogais posteriores ou velares.
É, pois, o seguinte o quadro das vogais átonas em posição não final absoluta, particularmente em posição PRETÔNICA:

	ANTERIORES OU PALATAIS	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIORES OU VELARES
Fechadas	[i]		[u]
Semifechadas	[e]		[o]
Aberta		[α]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [le´gar], *lagar* [la´gar], *lograr* [lo´grar], *lugar* [lu´gar]; *álamo* [´alαmu], *véspera* [´vεspera], *ciclotron* [´siklotron], *diálogo* [di´alugu].

2. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal apresenta-se reduzida a uma única vogal [i], grafada *e*; e a série posterior ou velar também a uma só vogal [u], escrita *o*.
Temos, assim, três vogais em situação POSTÔNICA FINAL ABSOLUTA:

	ANTERIOR OU PALATAL	MÉDIA OU CENTRAL	POSTERIOR OU VELAR
Fechadas	[i]		[u]
Aberta		[α]	

Exemplos: *tarde* [´tardi], *povo* [´povu], *casa* [´kaza].

3. No português normal de Portugal, em posição átona não final, também se anulou a distinção entre [ε] e [e], mas, em lugar de qualquer destas vogais da série das anteriores ou palatais, aparece geralmente a vogal [∂], média ou central, fechada [+ alta + recuada – arredondada], realização que não ocorre em posição tônica e é completamente estranha ao português do Brasil. A série fica, assim, representada apenas pela vogal [i]. Por outro lado, tendo desaparecido a distinção entre [ɔ], [o] e [u], toda a série das vogais posteriores ou velares está hoje reduzida a [u], grafado *o* ou *u*. Finalmente, à vogal média

ou central [a], aberta, corresponde a vogal também média ou central, mas semifechada [α][3], grafada naturalmente *a*.

O que foi dito pode ser expresso no seguinte quadro:

	Anterior ou Palatal	Médias ou Centrais	Posterior ou Velar
Fechadas	[i]	[ə]	[u]
Semifechada		[α]	

Exemplos: *ligar* [li´gar], *legar* [lə´gar], *lagar* [lα´gar], *lugar* [lu´gar], *lograr* [lu´grar]; *álamo* [´alαmu], *véspera* [´vεʃperα], *diálogo* [di´alugu].

4. Em posição final absoluta, a série anterior ou palatal desaparece e em seu lugar surge a vogal já descrita [∂], grafada *e*; e a série posterior ou velar reduz-se à vogal [u], escrita *o*. Donde o quadro:

	Média ou Palatais	Posterior ou Velar
Fechadas	[e]	[u]
Semifechada	[α]	

Exemplos: *tarde* [´tard∂], *povo* [´povu], *casa* [´kazα].

Observação:

Cumpre advertir que o fenômeno de REDUÇÃO, ou ELEVAÇÃO, ou CENTRALIZAÇÃO das vogais átonas, que afastou o português europeu do português do Brasil, é um fato que seguramente só se generalizou em Portugal no decurso do século XVIII, embora dele haja claros indícios em séculos anteriores.

Necessário é ainda ressaltar que algumas vogais átonas, por razões em geral relacionadas com a história dos sons ou com a sua posição na palavra, não sofreram esta REDUÇÃO no português de Portugal. Assim aconteceu com as vogais que provêm:

a) da crase entre duas vogais idênticas do português antigo; é o caso do [a] de *padeiro* (< paadeiro), do [ε] de *esquecer* (< esqueecer), do [ɔ] de *corar* (< coorar);

[3] Veja-se o que dissemos sobre VOGAIS TÔNICAS.

b) da monotongação de um antigo ditongo, como o [o] que se ouve na pronúncia normal de *dourar*, *doutrina*.

Também não se reduziram as vogais átonas de cultismos, como o [a] de *actor*; o [ɛ] de *director*; o [ɔ] de *adopção*, e bem assim o [o] inicial absoluto de *ovelha*, *obter*, *opinião*; o [e] inicial absoluto de *enorme*, *erguer*, que se pronuncia geralmente [i], e as vogais [a], [ɛ], [o] protegidas por *l* implosivo de *altar*, *delgado*, *soldado*, *colchão*, *Setúbal* e *amável*.

Finalmente, também não sofreram, em geral, redução as vogais tônicas de palavras simples nos vocábulos delas derivados, particularmente com os sufixos *-mente* ou *-inho* (*-zinho*): *avaramente*, *brevemente*, *docilmente*, *docemente*, *pezinho*, *avezinha*, *amorzinho*. Comparem-se, no entanto, *casinha*, *mesinha*, *folhinha*, com [ɑ], [ə] e [u].

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

1. As consoantes da língua portuguesa, em número de dezenove, são tradicionalmente classificadas em função de quatro critérios, de base essencialmente articulatória:

a) quanto ao modo de articulação, em
- oclusivas
- constritivas
  - fricativas
  - laterais
  - vibrantes

b) quanto ao ponto de articulação, em
- bilabiais
- labiodentais
- linguodentais
- alveolares
- palatais
- velares

c) quanto ao papel das cordas vocais, em
- surdas
- sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em
- orais
- nasais

2. Recentemente, porém, difundiu-se, como para as vogais, outro sistema de classificação, com base em certos TRAÇOS DISTINTIVOS.
   Os traços que se têm em conta neste sistema relacionam-se também com características da articulação, mas nem sempre coincidem com os que estão na base da classificação anterior.
   Segundo o novo sistema classificatório, as consoantes podem ser:

a) quanto ao modo de articulação — [+ contínuas] / [– contínuas] / [+ laterais] / [– laterais]

b) quanto à zona de articulação — [+ anteriores] / [– anteriores] / [+ coronais] / [– coronais]

c) quanto ao papel das cordas vocais — [+ sonoras] / [– sonoras]

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal — [+ nasais] / [– nasais]

É de base mais acústica do que articulatória a classificação:

e) quanto ao efeito acústico mais ou menos próximo ao de uma vogal — [+ soante] / [– soante]

MODO DE ARTICULAÇÃO

A articulação das consoantes não se faz, como a das vogais, com a passagem livre do ar através da cavidade bucal. Na sua pronúncia, a corrente expiratória encontra sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total, que a interrompe momentaneamente, ou um obstáculo parcial, que a comprime sem, contudo, interceptá-la. No primeiro caso, as consoantes dizem-se OCLUSIVAS ou [– CONTÍNUAS]; no segundo, CONSTRITIVAS ou [+ CONTÍNUAS].

São OCLUSIVAS as consoantes [p], [b], [t], [d], [k], [g]: *pala*, *bala*, *tala*, *dá-la*, *cala*, *gala*.

Entre as CONSTRITIVAS, distinguem-se as:

1. FRICATIVAS, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável ao de uma fricção.
   São fricativas as consoantes [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]: *fala*, *vala*, *selo* (*passo*, *céu*, *caça*, *próximo*), *zelo* (*rosa*, *exame*), *xarope* (*encher*), *já* (*gelo*).[4]

2. LATERAIS, caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de um obstáculo formado no centro desta pelo contacto da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato.
   São laterais as consoantes [l] e [λ]: *fila*, *filha*.

3. VIBRANTES, caracterizadas pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções da passagem da corrente expiratória.

São vibrantes as consoantes [r] e [r̄] ou [R]: *caro*, *carro*.

Observação:

Do ponto de vista acústico, as consoantes LATERAIS e VIBRANTES têm em comum um traço que as opõe a todas as outras consoantes: a sua maior proximidade dos sons vocálicos, o que, em certas línguas, chega a ponto de poderem servir de centro de sílaba. Esta qualidade, reconhecida desde tempos antigos, trouxe-lhes as denominações de LÍQUIDAS ou SOANTES. A fonética moderna atribui-lhes o traço distintivo [+ SOANTES]. Acresce salientar que, pelo caráter lateral de sua articulação, [l] e [λ] opõem-se às vibrantes [r], [r̄] ou [R]. Esta diferença explicita-se pela indicação [+ LATERAL] para [l] e [λ], que contrasta com a de [– LATERAL] para as vibrantes [r], [r̄] ou [R].

O PONTO OU ZONA DE ARTICULAÇÃO

O obstáculo (total ou parcial) necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade bucal. Daí o conceito de PONTO DE ARTICULAÇÃO, segundo o qual as consoantes se classificam em:

1. BILABIAIS, formadas pelo contacto dos lábios. São as consoantes [p], [b], [m]: *pato*, *bato*, *mato*.

2. LABIODENTAIS, formadas pela constrição do ar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores. São as consoantes [f], [v]: *faca*, *vaca*.

---

[4] Como dissemos, na pronúncia normal de Portugal, do Rio de Janeiro e de alguns pontos da costa do Brasil, a fricativa palatal surda [ʃ] aparece em formas como *três* e *dez*, e a sonora [ʒ] em formas como *desde* e *mesmo*.

3. LINGUODENTAIS (ou DORSODENTAIS), formadas pela aproximação do pré-dorso da língua à face interna dos dentes incisivos superiores, ou pelo contacto desses órgãos. São as consoantes [s], [z], [t], [d]: *cinco*, *zinco*, *tardo*, *dardo*.

4. ALVEOLARES (ou ÁPICO-ALVEOLARES), formadas pelo contacto da ponta da língua com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. São as consoantes [n], [l], [r], [r̄]: *nada*, *cala*, *cara*, *carro* (na pronúncia de certas regiões de Portugal e do Brasil).

5. PALATAIS, formadas pelo contacto do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca. São as consoantes [ʃ], [ʒ], [λ], [ɲ]: *acho*, *ajo*, *alho*, *anho*.

6. VELARES, formadas pelo contacto da parte posterior da língua com o palato mole, ou véu palatino. São as consoantes [k], [g], [R]: *calo*, *galo*, *ralo*.

Se considerarmos a zona em que se situam o contacto ou a constrição que caracterizam a consoante, a classificação com base nos traços distintivos será a seguinte:

1. CONSOANTES [+ ANTERIORES], formadas na zona anterior da cavidade bucal: [p], [b], [f], [v], [m], [t], [d], [s], [z], [n], [l], [r] e [r̄];

2. CONSOANTES [– ANTERIORES], formadas na zona posterior da cavidade bucal: [ʃ], [ʒ], [ɲ], [λ], [R];

3. CONSOANTES [+ CORONAIS], formadas com a intervenção da "coroa", ou seja, do dorso (pré-dorso, médio dorso) da língua: [t], [d], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [n], [ɲ], [l], [λ], [r];

4. CONSOANTES [– CORONAIS], formadas sem a intervenção do dorso da língua: [p], [b], [m], [k], [g], [f], [v], [R].

O PAPEL DAS CORDAS VOCAIS

Enquanto as vogais são normalmente sonoras (só excepcionalmente aparecem ensurdecidas), as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das cordas vocais.

São SURDAS [– SONORAS] as consoantes: [p], [t], [k], [f], [s], [ʃ].

São SONORAS [+ SONORAS] as consoantes: [b], [d], [g], [v], [z], [ʒ], [l], [λ], [r], [r̄], [R], [m], [n], [ɲ].

O PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL

Como as vogais, as consoantes podem ser ORAIS [– NASAIS] ou NASAIS [+ NASAIS]. Por outras palavras: na sua emissão, a corrente expiratória pode passar apenas pela cavidade bucal, ou ressoar na cavidade nasal, caso encontre abaixado o véu palatino.

São NASAIS as consoantes [m], [n], [ɲ]: *amo*, *ano*, *anho*.

Todas as outras são ORAIS.

Observação:

Quanto ao modo de articulação (bucal), as consoantes nasais são OCLUSIVAS [– CONTÍNUAS]. Atendendo, no entanto, à forte individualidade que lhes confere o seu traço nasal, costuma-se isolá-las das outras oclusivas, tratando-as como classe à parte.

QUADRO DAS CONSOANTES

Resumindo, podemos dizer que o conjunto das consoantes da língua portuguesa é constituído por dezenove unidades, cuja classificação se expõe esquematicamente no quadro seguinte:

PAPEL DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL	ORAIS [– NASAIS]						NASAIS [+ NASAIS]
MODO DE ARTICULAÇÃO	OCLUSIVAS [– contínuas]		CONSTRITIVAS [+ contínuas]				OCLUSIVAS [–contínuas]
			FRICATIVAS [– soantes] [– laterais]		LATERAIS [+ soantes] [+ laterais]	VIBRANTES [+ soantes] [– laterais]	
PAPEL DAS CORDAS VOCAIS	SURDAS [– sonoras]	SONORAS [+ sonoras]	SURDAS [– sonoras]	SONORAS [+ sonoras]	SONORAS [+sonoras]	SONORAS [+sonoras]	SONORAS [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação: Bilabiais [+ anteriores] [– coronais]	[p]	[b]					[m]
Labiodentais [+ anteriores] [– coronais]			[f]	[v]			
Linguodentais [+ anteriores] [+ coronais]	[t]	[d]	[s]	[z]			

Papel das cavidades bucal e nasal	Orais [– nasais]						Nasais [+ nasais]
Modo de articulação	Oclusivas [– contínuas]		Constritivas [+ contínuas]				Oclusivas [–contínuas]
			Fricativas [– soantes] [– laterais]		Laterais [+ soantes] [+ laterais]	Vibrantes [+ soantes] [– laterais]	
Papel das cordas vocais	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Surdas [– sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]	Sonoras [+ sonoras]
Ponto ou zona de articulação: Alveolares [+ anteriores] [+ coronais]					[l]	[r]	[n]
Ponto ou zona de articulação: Palatais [– anteriores] [+ coronais]			[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
Ponto ou zona de articulação: Velares [– anteriores] [– coronais]	[k]	[g]				[R]	

Observações:

1.ª) Neste quadro, procuramos integrar a classificação por traços distintivos e a classificação tradicional de base articulatória. Para se fazer a análise em traços distintivos de qualquer som consonântico do português, bastará juntar os vários traços associados no quadro à sua classificação articulatória corrente.

Por exemplo: as consoantes [p] e [b] serão analisadas deste modo:

$$[p] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ -\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [b] \quad \begin{bmatrix} -\text{contínua} \\ +\text{sonora} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix}$$

e as consoantes [l] e [λ], do seguinte:

$$[l] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ +\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix} \qquad [\lambda] \quad \begin{bmatrix} +\text{contínua} \\ +\text{soante} \\ +\text{lateral} \\ -\text{nasal} \\ -\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix}$$

2.ª) Classificamos a vibrante forte ou múltipla [R] como VELAR ou [– ANTERIOR, – CORONAL], por ser esta a sua pronúncia mais corrente no português de Lisboa[5] e do Rio de Janeiro[6]. A antiga VIBRANTE ALVEOLAR MÚLTIPLA [r̄] mantém-se, no entanto, viva na maior parte de Portugal e em extensas zonas do Brasil, como, por exemplo, o Rio Grande do Sul. Uma realização DORSO-UVULAR MÚLTIPLA ocorre também por vezes em Lisboa e no português popular do Rio de Janeiro. Aponte-se, por fim, a realização LINGUOPALATAL VELARIZADA, que se observa na região Norte de São Paulo, Sul de Minas e outras áreas do Brasil[7] e é conhecida por *r-caipira*. Em Portugal é característica da fala popular de Setúbal, não só a realização VIBRANTE UVULAR do *r* múltiplo de *rua*, *carro*, como a do *r* simples de *caro*, *andar*.

3.ª) Na pronúncia normal do português europeu, a consoante *l*, quando final de sílaba, é velarizada; a sua articulação aproxima-se, pelo recuo da língua, à de um [u] ou [w]. Na transcrição fonética, é costume distinguir este *l* do *l* inicial de sílaba, representando-se o último por [l] e a consoante velarizada por [ɫ]: *lado* [ˈlaðu], *alto* [ˈalɫtu], *mal* [ˈmaɫ]. Na pronúncia normal do Rio de Janeiro e de vastas zonas do Brasil, por perder-se o contacto entre os órgãos da articulação, o *l* final de sílaba vocaliza-se, ou seja, transforma-se na semivogal [w]: *alto* [ˈawtu], *mal* [ˈmaw]. Anulam-se, deste modo, as oposições entre *alto / auto*, *mal / mau*.

4.ª) No português do Brasil, as consoantes *t* e *d*, antes de *i* vogal ou semivogal, sofrem a sua influência e palatalizam-se em grau maior ou menor, conforme as regiões e até as pessoas de cada região. Podem ser pronunciadas [t'], [d'], ou realizar-se como africadas palatais [tʃ] e [dʒ]: *noite* [ˈnojt'i] ou [ˈnojtʃi], *tio* [ˈt'iju] ou [ˈtʃiju], *dia* [ˈd'ija] ou [ˈdʒija], *ódio* [ˈɔd'ju] ou [ˈɔdʒju], *sede* [ˈsed'i] ou [ˈsedʒi].

A POSIÇÃO DAS CONSOANTES

Só em posição intervocálica é possível encontrar as dezenove consoantes portuguesas que acabamos de descrever e classificar. Noutras posições, o número de consoantes possíveis reduz-se sensivelmente.

---

[5] Pode-se dizer mesmo que é a pronúncia mais corrente no português normal contemporâneo, ao contrário do que sucedia há poucos anos, segundo a descrição dos foneticistas.

[6] É a pronúncia normal do Rio de Janeiro e de extensas áreas do país. Sobre o assunto, leia-se a importante contribuição de Dinah Maria Isensee Callou: *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1979 (Tese de doutorado policopiada).

[7] O professor Brian F. Head vem estudando, ultimamente, a vitalidade do *r-caipira* em várias regiões do Brasil. Leiam-se, a propósito, os seus trabalhos: O estudo do "r-caipira" no contexto social. *Revista de Cultura Vozes*: 67(8): 43-49, ano 67, 1973; *Subsídios do* Atlas prévio dos falares baianos *para o estudo de uma variante dialetal controvertida* (texto policopiado).

Assim, em posição inicial de palavra, além das consoantes OCLUSIVAS e FRICATIVAS, só aparecem: das LATERAIS, o [l]; das VIBRANTES, o [R] ou o[r̄]; das NASAIS, o [m] e o [n]. São casos isolados os de empréstimos, principalmente do espanhol, em que ocorrem [λ] ou [ɲ]: *lhano*, *lhama*, *nhato*.

Em posição final de sílaba ou de palavra, só se encontram normalmente as consoantes:

a) *l*, a que correspondem as pronúncias atrás mencionadas [ɫ] ou [w];
b) *r*, a que corresponde, nas pronúncias normais de Portugal e do Brasil, o [r] simples apical, algumas vezes perdido na pronúncia popular brasileira, quando em final absoluta;
c) *s* ou *z* (esta só em final de palavra), a que correspondem, na pronúncia normal de Portugal, na do Rio de Janeiro e de outras zonas costeiras do Brasil, as realizações [ʃ], em posição final absoluta ou se se lhes segue uma consoante surda, e [ʒ], se antepostas a uma consoante sonora.

As grafias *m* e *n* nesta posição representam normalmente apenas a nasalidade da vogal anterior.

Outras consoantes podem ainda aparecer em final de sílaba ou de palavra, principalmente em formas cultas ou estrangeiras (por exemplo: *ritmo*, *apto*, *club*, *chic*). Manifesta-se, então, particularmente no português do Brasil, uma tendência para apoiar a sua articulação numa breve vogal epentética ou paragógica (por exemplo: [ˈritimu], [ˈapitu], [ˈklubi], [ˈʃiki]. Paralelamente, é possível encontrar, em final absoluta de palavras cultas, a articulação ápico-alveolar da consoante *n*: *abdômen*, *dólmen*, *regimen*.

ENCONTROS VOCÁLICOS

DITONGOS

O encontro de uma VOGAL + uma SEMIVOGAL, ou de uma SEMIVOGAL + uma VOGAL recebe o nome de DITONGO.

Os ditongos podem ser:

a) DECRESCENTES e CRESCENTES;
b) ORAIS e NASAIS.

Ditongos decrescentes e crescentes

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o DITONGO se denomina DECRESCENTE. Assim:

pai **céu** **muito**

Quando a semivogal antecede a vogal, o DITONGO diz-se CRESCENTE. Assim:

q**ua**l	lingu**i**ça	freq**ue**nte

Em português apenas os DECRESCENTES são DITONGOS estáveis. Os DITONGOS CRESCENTES aparecem com frequência no verso. Mas na linguagem do colóquio normal só apresentam estabilidade aqueles que têm a semivogal [w] precedida de [k] (grafado *q*) ou de [g]. Assim:

q**ua**se	i**gua**l	q**ua**ndo	enxa**gua**ndo
eq**ue**stre	go**e**la	ling**ue**ta	q**uin**quênio
q**uo**ta	qui**proquó**	tranq**ui**lo	sa**guiguaç**u

Ditongos orais e nasais

Como as vogais, os DITONGOS podem ser ORAIS e NASAIS, segundo a natureza oral ou nasal dos seus elementos.

1. São os seguintes os DITONGOS ORAIS DECRESCENTES:

[aj] p**ai**
[αj] s**ei**, no português normal de Portugal
[aw] m**au**
[ej] s**ei**, no português normal do Brasil
[εj] pap**éis**
[ew] m**eu**
[εw] c**éu**
[iw] v**iu**
[oj] b**oi**
[ɔj] her**ói**
[uj] az**uis**

Observações:

1.ª) Nem na pronúncia normal de Portugal nem na do Brasil se conserva o antigo ditongo [ow], que ainda se mantém vivo em falares regionais do Norte de Portugal e no galego. Na pronúncia normal reduziu-se a [o], desaparecendo assim a distinção de formas como *poupa / popa, bouba / boba.*

2.ª) No português do Rio de Janeiro e de algumas outras regiões do Brasil, devido à vocalização do *l* em final absoluta ou em final de sílaba, ouvem-se os ditongos [ow] e [ɔw] em palavras como *gol* [ˈgow], *soltar* [sowˈtar], *sol* [ˈsɔw], *molde* [ˈmɔwdi].

3.ª) Normalmente, se representam por *i* e *u* as semivogais dos ditongos orais. Observe-se, porém, que:

a) as 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do subjuntivo, bem como a 3.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos terminados em *-oar* escrevem-se com *-oe*, e não *-oi*:

abençoe amaldiçoes perdoe

b) as mesmas pessoas dos verbos terminados em *-uar* escrevem-se com *-ue*, e não *-ui*:

cultue habitues preceitue

2. Existem os seguintes DITONGOS NASAIS DECRESCENTES:

[ɑ̃j] correspondente às grafias *ãe*, *ãi* e, no português normal de Portugal, *em* (em posição final absoluta) e *en* (no interior de palavras derivadas): **mãe**, **cãi**bra; no português normal de Portugal: **vem**, lev**em**, b**en**zinho.

[ɑ̃w] correspondente às grafias *ão* e *am*: **mão**, vej**am**.

[ẽj] correspondente, no português do Brasil e em falares meridionais de Portugal, às grafias *em* (em posição final de palavra) e *en* (no interior de palavras derivadas): **vem**, lev**em**, b**en**zinho.

[õj] correspondente à grafia *õe*: **põe**, serm**ões**.

[ũj] correspondente à grafia *ui*: m**ui**to.

TRITONGOS

Denomina-se TRITONGO o encontro formado de SEMIVOGAL + VOGAL + SEMIVOGAL. De acordo com a natureza (oral ou nasal) dos seus componentes, classificam-se também os TRITONGOS em ORAIS e NASAIS.

1. São TRITONGOS ORAIS:

[waj] Urug**uai**

[wɑj] enxag**uei**, no português normal de Portugal

[wej] enxag**uei**, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal.

[wiw] delinq**uiu**

2. São TRITONGOS NASAIS:

[wɑ̃w] correspondente às grafias *ião*, *uam*: sag**uão**, enxág**uam**.

[wɑ̃j] correspondente, no português normal de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.

[wẽj] correspondente, no português normal do Brasil e em falares meridionais de Portugal, à grafia *uem* (em posição final de palavra): delinq**uem**.
[wõj] correspondente à grafia *uõe*: sag**uõe**s.

HIATOS

Dá-se o nome de HIATO ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verificamos que:
a) na primeira, o encontro *ai* soa numa só sílaba: [ˈpajʃ].
b) na segunda, o *a* pertence a uma sílaba e o *i* a outra: [paˈiʃ].

Observação:

Quando átonos finais, os encontros escritos *-ia*, *-ie*, *-io*, *-oa*, *-ua*, *-ue* e *-uo* são normalmente DITONGOS CRESCENTES: *gló-ria*, *cá-rie*, *vá-rio*, *má-goa*, *á-gua*, *tê-nue*, *ár-duo*. Podem, no entanto, ser emitidos com separação dos dois elementos, formando assim um HIATO: *gló-ri-a*, *cá-ri-e*, *vá-ri-o*, etc. Ressalte-se, porém, que na escrita, em hipótese alguma, os elementos desses encontros vocálicos se separam no fim da linha, como salientamos no capítulo 4.

ENCONTROS INTRAVERBAIS E INTERVERBAIS

Os ENCONTROS VOCÁLICOS podem ocorrer no interior do vocábulo ou entre dois vocábulos, isto é, podem ser INTRAVERBAIS (= INTRAVOCABULARES) ou INTERVERBAIS (= INTERVOCABULARES).

Há ENCONTROS absolutamente estáveis. Assim, quer no verso, quer na prosa, a palavra *lua* possuirá sempre duas sílabas, ao passo que as palavras *mau* e *quais* terão invariavelmente uma. O hiato [ua], da primeira, bem como o ditongo [aw], da segunda, e o tritongo [waj], da terceira, são, pois, as únicas pronúncias que a língua admite para tais ENCONTROS nessas palavras.

Muitos, porém, são instáveis. Por exemplo: numa pronúncia normal, as palavras *luar* e *reais* são dissílabos: [luˈar], [Riˈajʃ]. Emitidas rapidamente, podem elas, no entanto, passar a monossílabos pela transformação do hiato [ua] no ditongo [wa] e pela criação do tritongo [jaj]. Por outro lado, palavras como *vaidade* e *saudade*, trissílabos na língua viva atual, costumam aparecer no verso com quatro sílabas métricas.

À passagem de um hiato a ditongo no interior da palavra dá-se o nome de SINÉRESE. E chama-se DIÉRESE o fenômeno contrário, ou seja, a transformação de um ditongo normal em hiato.

Quando a ditongação do hiato se verifica entre vocábulos, diz-se que há SINALEFA.

Esses fenômenos têm importância particular no verso, e deles tratamos com o necessário desenvolvimento no capítulo 22.

ENCONTROS CONSONANTAIS

Dá-se o nome de ENCONTRO CONSONANTAL ao agrupamento de consoantes num vocábulo. Entre os ENCONTROS CONSONANTAIS, merecem realce, pela frequência com que se apresentam, aqueles inseparáveis cuja segunda consoante é *l* ou *r*.

Assim:

ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO		ENCONTRO CONSONANTAL	EXEMPLIFICAÇÃO	
bl	**bl**oco,	a**bl**uir	**gl**	**gl**utão,	a**gl**utinar
br	**br**anco,	ru**br**o	**gr**	**gr**ande,	re**gr**a
cl	**cl**aro,	te**cl**a	**pl**	**pl**ano,	tri**pl**o
cr	**cr**avo,	A**cr**e	**pr**	**pr**ato,	so**pr**o
dr	**dr**agão,	vi**dr**o	**tl**	—,	a**tl**as
fl	**fl**or,	ru**fl**ar	**tr**	**tr**ibo,	a**tr**ás
fr	**fr**ancês,	re**fr**ão	**vr**	—,	pala**vr**a

ENCONTROS CONSONANTAIS como *gn*, *mn*, *pn*, *ps*, *pt*, *tm* e outros não aparecem em muitos vocábulos.

Quando iniciais, são naturalmente inseparáveis:

gno-mo	**pn**eu-má-ti-co	**pt**i-a-li-na
mne-mô-ni-co	**ps**i-có-lo-go	**tm**e-se

Quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa só sílaba, ou em sílabas distintas:

a-**pt**o	di-**gn**o	ri-**tm**o
a**p**-to	di**g**-no	ri**t**-mo

Na linguagem coloquial brasileira há, porém, como dissemos, uma acentuada tendência de destruir estes encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal *i* (ou *e*):

dí-gu**i**-no	p**e**-neu	rí-t**i**-mo

Não raro, temos de admitir a existência desta vogal epentética, embora não escrita, para que versos de poetas brasileiros conservem a regularidade. Por exemplo, nestes setissílabos:

Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 376.)

A tua carne não fremia
A ideia da dança inerte
Que teu corpo dançaria
No pélago submerso?
(V. de Moraes, *PCP*, 342.)

as palavras *admirar* e *submerso* devem ser emitidas em quatro sílabas (*a-di-mi-rar* e *su-bi-mer-so*) para que os versos a que pertencem mantenham aquela medida.

DÍGRAFOS

Não é demais recordar ainda uma vez que não se devem confundir CONSOANTES e VOGAIS com LETRAS, que são sinais representativos daqueles sons.

Assim, nas palavras *carro*, *pêssego*, *chave*, *malho* e *canhoto* não há ENCONTRO CONSONANTAL, pois as letras *rr*, *ss*, *ch*, *lh* e *nh* representam uma só consoante. Também não se pode afirmar que exista ENCONTRO CONSONANTAL em palavras como *campo* e *ponto*, embora a análise de palavras como estas, em fonética experimental, revele a existência de um resíduo de consoante nasal imperceptível ao ouvido; o *m* e o *n* funcionam portanto nelas essencialmente como sinal de nasalidade da vogal anterior, equivalendo, no caso, a um TIL (*cãpo*, *põto*).

A esses grupos de letras que simbolizam apenas um som dá-se o nome de DÍGRAFOS.

São DÍGRAFOS, pois:

a) *ch*, que simboliza a palatal [ʃ] também representada por *x*: *ficha* (compare-se com *lixa*);
b) *lh* e *nh*, únicas formas de representar na língua a lateral [λ] e a nasal palatal [ɲ]: *velho*, *tenho*;
c) *rr* e *ss*, que só se empregam entre letras-vogais para representar os mesmos sons ([R] ou [r] e [s]) que se escrevem com *r* e *s* simples no início de palavra: *prorrogar* (compare-se com *rogar*), *assimetria* (comparece-se com *simetria*).

Entre os DÍGRAFOS devem ainda ser incluídas as combinações de letras:

a) *gu* e *qu* antes de *e* e *i*, quando representam os mesmos sons oclusivos que se escrevem, respectivamente, *g* e *c* antes de *a*, *o* e *u*: *guerra*, *seguir* (comparar a: *galo*, *gole*, *gula*); *querer*, *quilo* (comparar a: *calar*, *cobre*, *cubro*);

b) *sc*, *sç* e *xc*, que, entre letras-vogais, podem representar, no português normal do Brasil e no de algumas regiões de Portugal, o mesmo som que se transcreve também por *c* ou *ç*: *florescer* (comparar a: *amanhecer*), *desça* (comparar a: *pareça*), *exceder* (comparar a: *preceder*);

c) *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, *un*, que servem para representar as vogais nasais: *tampo*, *tanto*, *tempo*, *tento*, *limbo*, *lindo*, *pombo*, *tonto*, *comum*, *mundo*.

SÍLABA

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantos forem as vogais. Assim, uma palavra como

alegrou,

não será por nós emitida

a-l-e-g-r-o-u

mas sim:

a-le-grou

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de SÍLABA.

A SÍLABA pode ser formada:

a) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo:

é eu uai!

b) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo acompanhados de consoantes:

a-plau-dir trans-por U-ru-guai

SÍLABAS ABERTAS E SÍLABAS FECHADAS

1. Chama-se ABERTA a sílaba que termina por uma vogal:

a-pa-ga-do

2. Diz-se FECHADA a sílaba que termina por uma consoante:

al-tar op-tar

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO NÚMERO DE SÍLABAS

Quanto ao número de SÍLABAS, classificam-se as palavras em MONOSSÍLABAS, DISSÍLABAS, TRISSÍLABAS e POLISSÍLABAS.

MONOSSÍLABAS, quando constituídas de uma só sílaba:

a	eu	mão
ti	grou	quais

DISSÍLABAS, quando constituídas de duas sílabas:

ru-a	he-rói	sa-guão
á-gua	li-vro	so-nhar

TRISSÍLABAS, quando constituídas de três sílabas:

a-lu-no	Eu-ro-pa	ban-dei-ra
cri-an-ça	por-tu-guês	en-xa-guou

POLISSÍLABAS, quando constituídas de mais de três sílabas:

es-tu-dan-te	u-ni-ver-si-da-de
li-ber-da-de	em-pre-en-di-men-to

Observação:

Embora a sua unidade seja normalmente percebida pela competência linguística dos usuários de um idioma, a sílaba não é uma noção caracterizada de modo pacífico pelos foneticistas. Uma breve introdução à problemática da sílaba pode ler-se em Bohuslav Hála. *La sílaba: su naturaleza, su origen y sus transformaciones*. Trad. de E. R. Palavecino y A. Quilis. Madrid, C.S.I.C., 1966.

ACENTO TÔNICO

Examinemos este período de Raul Bopp:

Dias e **noi**tes os hori**zon**tes se re**pe**tem.

Nele distinguimos, numa análise fonética elementar, as sílabas ACENTUADAS (em negrito) das INACENTUADAS (em romano).

A percepção distinta das sílabas acentuadas (tônicas) das inacentuadas (átonas) provém da dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas que, vimos, caracterizam os sons da fala humana:

a) a INTENSIDADE, isto é, a força expiratória com que são pronunciados;
b) o TOM (ou altura musical), isto é, a frequência com que vibram as cordas vocais em sua emissão;
c) o TIMBRE (ou metal de voz), isto é, o conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquele nas cavidades por onde passa o ar;
d) a QUANTIDADE, isto é, a duração com que são emitidos.

Assim, pela INTENSIDADE, os sons podem ser FORTES (tônicos) ou FRACOS (átonos); pelo TOM, serão AGUDOS (altos) ou GRAVES (baixos); pelo TIMBRE, ABERTOS ou FECHADOS; pela QUANTIDADE, LONGOS ou BREVES.

Em geral, porém, esses elementos estão intimamente associados, e o conjunto deles, com predominância da intensidade, do tom e da quantidade, é que se chama ACENTO TÔNICO.

Observações:

1.ª) Tanto a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* como a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* classificam as sílabas, quanto à intensidade, em TÔNICAS, SUBTÔNICAS e ÁTONAS (PRETÔNICAS e POSTÔNICAS). Pela nomenclatura aconselhada nos dois países, TOM é, pois, o mesmo que ACENTO DE INTENSIDADE. Cabe advertir, no entanto, que, se na maioria dos casos os dois elementos vêm unidos, por vezes eles não coincidem. "Na linguagem, como na música, qualquer som, seja *agudo* ou *grave*, pode tornar-se *forte* ou *débil*, segundo convenha" (Navarro Tomás. *Manual de pronunciación española*, 14.ª ed., Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 25, nota 1).

2.ª) A quantidade longa ou breve das vogais, fundamental em latim, não tem valor distintivo em português. Os contrastes que nos oferecem, numa pronúncia tensa, pares de formas como *caatinga / catinga*, *coorte / corte* explicam-se não pela oposição de quantidade vocálica, mas pela de duas vogais em face de uma vogal. Sobre fenômeno semelhante em espanhol, veja-se A. Quilis. Phonologie de la quantité en espagnol. *Phonetica*, 13:82-85, 1965.

Em nosso idioma, como nas demais línguas românicas, a duração maior de uma vogal é recurso de ênfase, e está condicionada pelo acento, pelo contexto fonético ou por múltiplas razões de ordem afetiva.

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS QUANTO AO ACENTO TÔNICO

1. Quanto ao ACENTO, as palavras de mais de uma sílaba classificam-se em OXÍTONAS, PAROXÍTONAS e PROPAROXÍTONAS.
   OXÍTONAS, quando o acento recai na última sílaba:

   café funil Niterói

   PAROXÍTONAS, quando o acento recai na penúltima sílaba:

   baía escola retorno

   PROPAROXÍTONAS, quando o acento recai na antepenúltima sílaba:

   exército pêndulo quilômetro

2. Quando se combinam certas formas verbais com pronomes átonos, formando um só vocábulo fonético, é possível o acento recuar mais uma sílaba. Diz-se BISESDRÚXULA a acentuação dessas combinações:

   amávamo-lo faça-se-lhe

3. Os MONOSSÍLABOS podem ser ÁTONOS ou TÔNICOS.
   ÁTONOS são aqueles pronunciados tão fracamente que, na frase, precisam apoiar-se no acento tônico de um vocábulo vizinho, formando, por assim dizer, uma sílaba deste. Por exemplo:

   Diga-**me** / **o** preço / **do** livro.

   São MONOSSÍLABOS ÁTONOS:

   a) o artigo definido (*o*, *a*, *os*, *as*) e o indefinido (*um*, *uns*);
   b) os pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes* e suas combinações: *mo*, *to*, *lho*, etc.;
   c) o pronome relativo *que*;
   d) as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*;
   e) as combinações de preposição e artigo: *à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num*, etc.;
   f) as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*;
   g) as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*, *seu* (= *senhor*).

   TÔNICOS são aqueles emitidos fortemente. Por terem acento próprio, não necessitam apoiar-se noutro vocábulo. Exemplos: *cá*, *flor*, *mau*, *mão*, *mês*, *mim*, *pôr*, *vou*, etc.

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRONÚNCIA CULTA

1. Atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma SILABADA, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia:

a) são OXÍTONAS:

aloés	Nobel	recém	sutil
Gibraltar	novel	refém	ureter

b) são PAROXÍTONAS:

alanos	efebo	inaudito	pletora
avaro	erudito	leucemia	policromo
avito	estalido	maquinaria	pudico
aziago	êxul	matula	quiromancia
barbaria	filantropo	misantropo	refrega
batavo	gólfão	mercancia	rubrica
cartomancia	grácil	menúfar	Salonica
ciclope	gratuito (úi)	Normandia	táctil
decano	hosana	onagro	têxtil
diatribe	Hungria	opimo	Tibulo
edito (lei)	ibero	pegada	tulipa

c) são PROPAROXÍTONAS:

ádvena	areópago	égide	númida
aeródromo	aríete	etíope	ômega
aerólito	arquétipo	êxodo	páramo
ágape	autóctone	fac-símile	Pégaso
álacre	azáfama	fagócito	périplo
álcali	azêmola	farândula	plêiade
alcíone	bátega	férula	prístino
alcoólatra	bávaro	gárrulo	prófugo
âmago	bígamo	héjira	protótipo
amálgama	bímano	hipódromo	quadrúmano
anátema	bólido (-e)	idólatra	revérbero
andrógino	brâmane	ímprobo	sátrapa
anêmona	cáfila	ínclito	Tâmisa
anódino	cânhamo	ínterim	trânsfuga
antífona	Cérbero	invólucro	végeto
antífrase	cotilédone	leucócito	zéfiro
antístrofe	édito (ordem judicial)	Niágara	zênite

Prefiram-se ainda as pronúncias:

barbárie boêmia estratégia sinonímia

2. Para alguns vocábulos há, mesmo na língua culta, oscilação de pronúncia. É o caso de:

ambrosia ou ambrósia	ortoepia ou ortoépia
anidrido ou anídrido	projetil ou projétil
crisantemo ou crisântemo	reptil ou réptil
hieroglifo ou hieróglifo	soror ou sóror
Oceania ou Oceânia	zangão ou zângão

Observação:

Há por vezes discordância na pronúncia mais corrente entre Portugal e o Brasil. Os portugueses dizem comumente *púdico* e *rúbrica*; os brasileiros, apegados à acentuação que a etimologia recomenda, pronunciam *pudico* e *rubrica*.

VALOR DISTINTIVO DO ACENTO TÔNICO

Pela variabilidade de sua posição, o acento pode ter em português valor distintivo, fonológico.

Comparando, por exemplo, os vocábulos:

dúvida / duvida

percebemos que a posição do acento tônico é suficiente para estabelecer uma oposição, uma distinção significativa.

Observação:

Este fato ocorre com mais frequência no português do Brasil, pois, no de Portugal, a mudança de posição do acento se faz acompanhar normalmente de uma alteração no timbre das vogais tônicas que passam a átonas. Assim sendo, a distinção significativa assenta também nessa variação. Por exemplo, no português do Brasil *correram* opõe-se a *correrão*, *válido* a *valido*, apenas pela posição do acento; no português de Portugal, porém, a oposição se dá entre [ku´ʀerɑ̃w] e [kuʀə´rɑ̃w], [´validu] e [vɑ´lidu].

ACENTO PRINCIPAL E ACENTO SECUNDÁRIO

Normalmente os vocábulos de pequeno corpo só possuem uma sílaba acentuada em que se apoiam as demais, átonas. Os vocábulos longos, principalmente os derivados, costumam no entanto apresentar, além da sílaba tônica fundamental, uma ou mais subtônicas.

Dizemos, por exemplo, que as palavras *decididamente* e *inacreditavelmente* são PAROXÍTONAS, porque sentimos que em ambas o acento básico recai na penúltima sílaba (*men*). Mas percebemos também que, nas duas palavras, as sílabas restantes não são igualmente átonas. Em *decididamente*, a sílaba -*di*-, mais fraca do que a sílaba -*men*-, é sem dúvida mais forte do que as outras. Em *inacreditavelmente*, as sílabas -*cre*- e -*ta*-, embora mais débeis do que a sílaba -*men*-, são sensivelmente mais fortes do que as demais. Daí considerarmos PRINCIPAL o acento que recai sobre a sílaba -*men*- (nos dois exemplos) e SECUNDÁRIOS os que incidem sobre a sílaba -*di*- (em *decididamente*) ou sobre as sílabas -*cre*- e -*ta*- (em *inacreditavelmente*).

GRUPO ACENTUAL (OU DE INTENSIDADE)

As palavras não costumam vir isoladas. Geralmente se unem, articulando-se umas com as outras, para formar frases, que são as verdadeiras unidades da fala.

Materialmente, a frase constitui uma cadeia sonora com seus acentos principais e secundários a que pode estar subordinado mais de um vocábulo. Cada segmento de frase dependente de um acento tônico chama-se GRUPO ACENTUAL OU DE INTENSIDADE.

Por exemplo, no período atrás mencionado:

Dias e noites os horizontes se repetem.

há sete vocábulos que, de acordo com a rapidez ou lentidão da pronúncia, podem agrupar-se debaixo de três ou quatro acentos principais.

Numa emissão pausada, que ressalte os elementos significativos, o período em exame terá quatro grupos acentuais:

/ Dias / e noites / os horizontes / se repetem./

Se imprimirmos, porém, ritmo acelerado à pronúncia dos dois primeiros grupos:

— / Dias / e noites/ —,

verificamos que a sílaba tônica da palavra *dias* se enfraquece, e esse enfraquecimento impede que ela continue a servir de suporte fônico de um grupo acentual. O acento que nela recai de principal torna-se secundário e, consequentemente, o grupo que o tinha por centro de apoio passa a integrar o seguinte, subordinado ao acento da palavra *noites*:

/ Dias e noites /

ÊNCLISE E PRÓCLISE

Denomina-se ÊNCLISE a situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético. PRÓCLISE é a situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento tônico se subordina. São PROCLÍTICOS, por exemplo, o artigo, as preposições e as conjunções monossilábicas. São geralmente ENCLÍTICOS os pronomes pessoais átonos.

A ÊNCLISE e, sobretudo, a PRÓCLISE são responsáveis por frequentes alterações vocabulares. Perdendo o seu acento tônico (a "alma da palavra", no dizer de Diomedes), um vocábulo perde o seu centro de resistência e fica sujeito a reduções violentas.[8] Vejam-se, por exemplo, estes versos de Raul Bopp:

— Vamos **prás** Índias!
— Olha! Melhor mesmo é buscar vento mais **pro** fundo.

em que aparecem as formas *prás* e *pro*, abreviações de *para as* e *para o* provocadas pela PRÓCLISE. Também a forma *seu* (por *senhor*), que ocorre neste passo de Marques Rebelo:

Segura esta, **seu** Fagundes!...

é um caso de redução proclítica. Se disséssemos, por exemplo:

Fagundes, o **senhor** segura esta!...

não seria mais possível a substituição de *senhor* por *seu*, já que a autonomia acentual da palavra a resguardaria de qualquer mutilação.

ACENTO DE INSISTÊNCIA

Além dos acentos normais (PRINCIPAL e SECUNDÁRIO), uma palavra pode receber outro, chamado de INSISTÊNCIA, que serve para realçá-la em determinado contexto, quer impregnando-a de afetividade (emoção), quer dando ênfase à ideia que expressa. Daí distinguirmos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA: O ACENTO AFETIVO e O ACENTO INTELECTUAL.

---

[8] Explicam-se também como consequência da PRÓCLISE as formas *cem* (por *cento*), *grão* (por *grande*), *quão* (por *quanto*), *são* (por *santo*), *tão* (por *tanto*) e frequentes elisões, sinalefas e sinéreses, que se observam no enunciado versificado ou na linguagem popular. Veja-se, a propósito, Sousa da Silveira. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro, Simões, 1952, especialmente p. 86-125.

Acento afetivo

Se enunciarmos calmamente, sem intenção particular, a frase:

É um homem miserável,

a pronúncia da palavra *miserável* caracteriza-se por apresentar acentuada apenas a sílaba *-rá-*. É ela emitida com maior intensidade, com maior altura e, às vezes, com maior duração que as demais.

Mas a mesma frase pode ser enunciada num momento em que nos achamos presos de certa emoção. Podemos, por exemplo, estar possuídos de um sentimento de cólera ou de desprezo em relação ao indivíduo que consideramos *miserável*. Esse nosso sentimento exprime-se então foneticamente por um realce particular dado à sílaba inicial *mi-*, que passa a competir na palavra com a tônica *-rá-*. Chega a igualá-la, quanto à intensidade e à altura, e até a superá-la, quanto à duração da vogal e, principalmente, da consoante que a antecede.

No primeiro caso, a palavra recebe apenas um acento; no segundo, ela possui dois, quase equivalentes. A esse novo acento, de caráter emocional, chamamos ACENTO AFETIVO.

Acento intelectual

Com o ACENTO AFETIVO impressionamos determinada palavra de emoção particular. É ele uma espécie de comentário sentimental que fazemos a um elemento do enunciado.

Mas nem sempre o realce sonoro de uma sílaba diversa da tônica normal põe em jogo a nossa sensibilidade aguçada. É por vezes um recurso eficaz de que dispomos para valorizar uma noção, para defini-la, para caracterizá-la, geralmente contrastando-a com outra. Por sua função, denominamos ACENTO INTELECTUAL a esse tipo de ACENTO DE INSISTÊNCIA.

Exemplifiquemos com os seguintes dizeres:

Esta medida é arbitrária.
Fez uso exclusivo e abusivo do carro.
Não se trata de um ato imoral, mas amoral.
Quero razões objetivas e não subjetivas.

Se quisermos dar relevo significativo às palavras *arbitrária*, *exclusivo*, *abusivo*, *imoral*, *amoral*, *objetivas* e *subjetivas*, imprimimos à sílaba inicial de cada uma delas maior duração, maior altura e, sobretudo, maior intensidade.

Tal como o ACENTO AFETIVO, o ACENTO INTELECTUAL é inesperado, brusco, violento, características que os estremam do acento tônico normal, suporte do grupo rítmico e, portanto, esperado, regular. São justamente essas peculiaridades dos dois tipos de ACENTO DE INSISTÊNCIA que fazem ressaltar vivamente num contexto as palavras sobre as quais eles incidem.

Distinções fundamentais

O ACENTO INTELECTUAL distingue-se do ACENTO AFETIVO não só pela função, mas também por particularidades fonéticas.

Assim:

a) O ACENTO INTELECTUAL recai sempre na primeira sílaba da palavra, seja ela iniciada por consoante, seja por vogal. O ACENTO AFETIVO incide na primeira sílaba da palavra quando esta se inicia por consoante, mas pode recair na sílaba seguinte, se ela começar por vogal. Nas palavras de pequeno corpo o ACENTO AFETIVO costuma coincidir com o acento tônico normal. Comparem-se:

ACENTO INTELECTUAL	ACENTO AFETIVO
São razões **sub**jetivas!	É um homem **mi**serável!
Foi uma ação **ar**bitrária!	É uma pessoa a**bo**minável!
Trata-se de ato **i**legal!	Esta criança é um a**mor**!

b) Ambos reforçam a consoante inicial da sílaba sobre que recaem, mas o realce que dão à vogal seguinte é de natureza diversa. O ACENTO INTELECTUAL aumenta-a em duração, em altura e, sobretudo, em *intensidade*. O ACENTO AFETIVO aumenta-a em intensidade, mas principalmente em *duração* e *altura*.

Capítulo 4

Ortografia
(segundo o Acordo Ortográfico de 1990)

LETRA E ALFABETO

1. Para reproduzirmos, na escrita, as palavras de nossa língua, empregamos certo número de sinais gráficos chamados LETRAS.
   O conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada denomina-se ALFABETO.

2. O ALFABETO da língua portuguesa consta fundamentalmente das seguintes letras:

   a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

   As letras **k**, **w**, e **y**, só se empregam em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses:

Franklin	Wagner	Byron
frankliniano	wagneriano	byroniano

b) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional:

K (= potássio)	kg (= quilograma)	km (= quilômetro)
W. (= oeste)	w (= watt)	yd. (= jarda)

Observações:

O *h* usa-se apenas:

a) no início de certas palavras:

haver hoje homem

b) no fim de algumas interjeições:

ah! oh! uh!

c) no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por *h*, se une ao primeiro por meio de hífen:

anti-higiênico pré-histórico super-homem

d) nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

chave talho banho

NOTAÇÕES LÉXICAS

Além das letras do alfabeto, servimo-nos, na língua escrita, de certo número de sinais auxiliares, destinados a indicar a pronúncia exata da palavra. Esses sinais acessórios da escrita, chamados NOTAÇÕES LÉXICAS, são os seguintes:

O ACENTO

O ACENTO pode ser AGUDO (´), GRAVE (`) e CIRCUNFLEXO (^).

1. O ACENTO AGUDO é empregado para assinalar:

a) as vogais tônicas fechadas *i* e *u*:

aí	horrível	físico
baú	açúcar	lúgubre

b) as vogais tônicas abertas e semiabertas *a*, *e* e *o*:

há	amável	pálido
pé	tivésseis	exército
pó	herói	inóspito

2. O ACENTO GRAVE é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo (*a*, *as*) e com os pronomes demonstrativos *a*(*s*), *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*:

à	àquele(s)	àquilo
às	àquela(s)	

3. O ACENTO CIRCUNFLEXO é empregado para indicar o timbre semifechado das vogais tônicas *a*, *e* e *o*:

câmara	**cânhamo**	hispânico
mês	têxtil	fêmea
avô	pôs	cômoro

O TIL

O TIL (~) emprega-se sobre o *a* e *o* para indicar a nasalidade dessas vogais:

maçã	mãe	pão
caixões	põe	sermões

O TREMA

Não se usa TREMA (¨) na ortografia da língua portuguesa, a não ser em nomes e palavras estrangeiras e suas derivadas em português. Assim:

	aguentar	tranquilo	frequente	sanguíneo,
mas	Mülller e mülleriano		Günter	stürmer

O APÓSTROFO

O APÓSTROFO (') serve para assinalar a supressão de um fonema — geralmente a de uma vogal — no verso, em certas pronúncias populares e em palavras compostas ligadas pela preposição *de*:

c'roa	esp'rança	'tá bem! (popular)
pau-d'alho	pau-d'arco	galinha-d'água

A CEDILHA

A CEDILHA (¸) coloca-se debaixo do *c*, antes de *a*, *o* e *u*, para representar a fricativa linguodental surda [s]:

caçar	maciço	açúcar
praça	poço	muçulmano

O HÍFEN

O HÍFEN (-) usa-se:

a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação:

couve-flor	guarda-marinha	beija-flor
pré-escolar	super-homem	ex-diretor

b) para unir pronomes átonos a verbos:

ofereceram-me	retive-o	levá-la-ei

c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes, ou seja, translinear uma sílaba:

estudan- / te	estu- / dante	es- / tudante

Emprego do hífen nos compostos

O emprego do HÍFEN é uma convenção. Estabeleceu-se que "só se ligam por HÍFEN os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que guardam a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido". Dentro desse princípio, deve-se empregar o HÍFEN:

1.º) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria: *água-marinha, arco-íris, para-choque, bel-prazer, és-sueste, monta-carga, marca-passo, lero-lero, mata-mata* etc.;

Nos seguintes casos os elementos se aglutinam, sem hífen portanto: *girassol, madressilva, mandachuva, passatempo, pontapé, paraquedas, paraquedismo, paraquedista*;

2.º) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não: *afro-asiático, dólico-louro, galego-português, greco-romano, histórico-geográfico, ínfero-anterior, latino-americano, luso-brasileiro, lusitano-castelhano*;

3.º) nos topônimos compostos iniciados pelos adjetivos Grã, Grão, ou por forma verbal, ou quando os elementos estão ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Todos-os-Santos, mas Belo Horizonte, Cabo Verde, Santa Catarina* (estes sem hífen porque não se enquadram na regra) etc.;

4.º) em palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas estejam ou não ligadas por preposição ou por qualquer outro elemento: *bem-me-quer, ervilha-de-cheiro, formiga-branca, bem-te-vi* etc.

Obs.: *malmequer* já se escrevia aglutinadamente, e essa exceção é mantida;

5.º) nos compostos com os advérbios *bem-* e *mal-*, quando o elemento seguinte começa por *vogal* ou *h*: *bem-educado, bem-humorado, mal-agradecido, mal-habituado*;

O advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com o segundo elemento quando ele começa por consoante: *bem-nascido, malnascido, bem-falante,*

malfalante, bem-mandado, malmandado etc.; mas, em muitos compostos, *bem* aglutina-se com o segundo elemento: *benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença* etc.;

6.º) nos compostos com *sem, além, aquém e recém*: *sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado*;

7.º) **não** se usa HÍFEN em locuções de qualquer tipo, sejam, substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo as seguintes exceções: *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia* (pecúlio), *ao deus-dará, à queima-roupa.* Portanto: *fim de semana, sala de jantar, cor de café, cada um, quem quer que seja, à vontade, depois de amanhã, a fim de, acerca de, contanto que, visto que* etc.

Emprego do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

1.º) Nas formações com prefixos, como *ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre- extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, sobre-, sub-, super-, ultra-* etc., e em formações por recomposição com falsos prefixos ou pseudoprefixos (de origem grega ou latina) como *aero-, agro-, arqui-, auto-, hio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-* etc, só se usa HÍFEN;

a) nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-histamínico, pan-helênico, sobre-humano, sub-hepático, super-homem* etc.;
   Obs.: como exceção a essa regra, *co-, des-, dis-, in-* e *re* se aglutinam com o segundo elemento, eliminando o *h*: *coabitar, coerdeiro, desumano, disidria, inábil, reabilitar, reospitalizar* etc.;
b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal pela qual começa o segundo elemento: *anti-inflacionário, neo-ortodoxo, semi-interno, supra-auricular, arqui-inimigo, sobre-edificar, ante-estreia*;
   Obs.: são exceções a essa regra *co- e re-*: *coordenar, coobrigação, reeleição, reerguer* etc;
c) nas formações com o prefixo circum- e o pseudoprefixo pan- quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* (além do *h* já mencionado na regra geral): *circum-navegação, circum-mediterrâneo, circum-oceânico, pan-oftálmico, pan-nacionalismo*;
d) nas formações com os prefixos *hiper-, inter-* e *super-*, quando o segundo elemento começa por *r*: *hiper-religioso, inter-relacionado, super-resistente*;
e) nas formações com os prefixos *ex-* (estado anterior, cessamento), *sota-, soto-, vice-* (ou *vizo*): *ex-aluno, ex-presidente, sota-piloto, soto-mestre, vice-almirante, vice-governador, vizo-rei*
f) nas formações com os prefixos tônicos *pós-, pré-* e *pró-* (as formas átonas se aglutinam com o segundo elemento): *pós-graduação* (mas *pospor*), *pré-universitário* (mas *predizer*), *pró-africano* (mas *proativo*);

g) com *ab-*, *ad-*, *ob-*, *sob-*, *e sub-*, quando seguidos de radical iniciado por *r* ou pela mesma consoante em que termina o prefixo: *ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda sub-reino, ad-digital, sub-bibliotecário;*

2.º) Não se usa HÍFEN:

a) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por r ou s, que devem ser duplicados: *contrarregra, suprarrenal, pseudorreação, antisséptico, ultrassom, minissaia*;

b) nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por vogal diferente ou consoante (com exceção dos casos particulares já mencionados de *h, r* e *s*: *extraescolar, antiaéreo, autoeducação, autodidata, extracurricular, supramencionado, hidroeletricidade, microcâmera, intracelular* etc.

c) em locuções, de qualquer tipo, com exceção de água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa e em nomes de plantas ou animais.

3.º) Nas formações por sufixação, só se emprega o HÍFEN em vocábulos terminados em sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (como *-açu, -guaçu, -mirim*) quando o primeiro elemento termina em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, andá-açu, Ceará-Mirim, capim-açu.*

Emprego do hífen na ênclise, na mesóclise e com as formas do verbo haver

1.º) Emprega-se o HÍFEN na ênclise e na mesóclise (ou tmese): *amá-lo, faz-se, dizer-lhe, amá-lo-emos, enviar-lhe-ei.*

2.º) Usa-se HÍFEN nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* e nas combinações de formas pronominais quando em próclise:

eis-me, ei-lo, eis-nos;

no-lo, vo-las.

3.º) Não se usa HÍFEN nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver: hei de, hás de, há de, hão de.*

Partição das palavras no fim da linha

Quando não há espaço no fim da linha para escrevermos uma palavra inteira, podemos dividi-la em duas partes. Essa separação, que se indica por meio de um HÍFEN, obedece às regras de silabação. São inseparáveis os elementos constituintes de cada sílaba.

Convém, portanto, serem respeitadas as seguintes normas:

1.ª) Não se separam as letras com que representamos:

a) os ditongos e os tritongos, bem como os grupos *ia, ie, io, oa, ua, ue* e *uo*, que, quando átonos finais, soam normalmente numa sílaba (DITONGO CRESCENTE), mas podem ser pronunciados em duas (HIATO):

au-ro-ra	Pa-ra-guai	má-goa
mui-to	gló-ria	ré-gua
par-tiu	cá-rie	tê-nue
a-guen-tar	Má-rio	con-tí-guo

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos *ch, lh* e *nh*:

pneu-má-ti-co	a-bro-lhos	ra-char
psi-có-lo-go	es-cla-re-cer	fi-lho
mne-mô-ni-co	re-gre-dir	ma-nhã

2.ª) Separam-se as letras com que representamos:

a) as vogais de hiatos:

co-or-de-nar	fi-el	ra-i-nha
ca-í-eis	mi-ú-do	sa-ú-de

b) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes:

ab-di-car	bis-ne-to	sub-ju-gar
abs-tra-ir	oc-ci-pi-tal	subs-cre-ver

3.ª) Separam-se também as letras dos dígrafos *rr, ss, sc, sç* e *xc*:

ter-ra	des-cer	cres-ça
pro-fes-sor	abs-ces-so	ex-ce-der

Observações:

1.ª) Quando a palavra já se escreve com HÍFEN – quer por ser composta, quer por ser uma forma verbal seguida de pronome átono –, e coincidir o fim da linha com o lugar onde está o hífen, recomenda-se repeti-lo, por clareza, no início da linha seguinte.

Assim:

couve-flor = couve- / -flor
unamo-nos = unamo- / -nos

Observe-se a diferença de significado que ocorre em separação do pronome sem a indicação do hífen:

Prazer de ver- -me	e não	Prazer de ver- me

2.ª) Embora o sistema ortográfico vigente o permita, não se deve escrever no princípio ou no fim da linha uma só vogal. Evite-se, por conseguinte, a partição de vocábulos como *água, aí, aqui, baú, rua,* etc. Melhor será também que se dividam vocábulos como *abrasar, aguentar, agradar, equidade, ortografia, pavio* e outros apenas nos lugares indicados pelo HÍFEN:

abra-sar	aguen-tar	agra-dar
equi-da-de	or-to-gra-fia	pa-vio

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

A acentuação gráfica obedece às seguintes regras:

1.ª) Assinalam-se com acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a* aberto, *e* e *o* semiabertos, e com acento circunflexo os que acabam em *e* e *o* semifechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós*; *dendê, lês, trisavô*; etc.

Observação:

Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de *a, e, o*, se assimilaram o *r*, o *s* e o *z* ao *l* dos pronomes *lo, la, los, las*, caindo depois o primeiro *l*: *dá-lo, contá-la, fá-lo-á, fê-los, movê-las-ia, pô-los, qué-los, sabê-lo-emos, trá-lo-ás*, etc.

2.ª) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a* aberta, *e* ou *o* semiabertas, *i* ou *u*; e levam acento circunflexo aquelas em que figuram na sílaba predominante as vogais *a, e* ou *o* semifechadas: *árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; lâmina, lâmpada, devêssemos, lêmures, pêndula, fôlego, recôndito*, etc.

Observações:

1.ª) Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que costumam ser pronunciados como ditongos crescentes: *área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, vácuo*, etc.

2.ª) Nas palavras proparoxítonas que têm, na antepenúltima sílaba, as vogais *a, e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), razão por que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal, podem ser semifechadas ou semiabertas, pelo que a ortografia em vigor faculta que se lhes ponha acento circunflexo, se forem semifechadas, e acento agudo, se semiabertas. Por isso, de acordo com a pronúncia-padrão, escrevem-se no Brasil: *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro* e, da mesma forma, *acadêmico, anêmona, cênico, Amazônia, Antônio, fenômeno, quilômetro*; ao passo que em Portugal, também de acordo com a pronúncia-padrão, se adotam as grafias *âmago, ânimo, fêmea, sêmola, cômoro*, mas *académico, anémona, cénico, Amazónia, António, fenómeno, quilómetro*.

3.ª) Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos, ou não, de *s*, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram *a* aberto, *e* ou

o semiabertos, *i* ou *u fechados*; e com circunflexo quando nela figuram *a*, *e* e *o* semifechados: *lápis, beribéri, miosótis, íris, júri, dândi, tênis, bônus.*

Observações:

1.ª) Paralelamente ao que ocorre com as palavras proparoxítonas, nas paroxítonas, que têm na penúltima sílaba as vogais *a*, *e* e *o* seguidas de *m* ou *n*, estas são, no português-padrão do Brasil, sempre semifechadas (em geral nasalizadas), pelo que levam acento circunflexo. No português-padrão de Portugal podem ser ou semifechadas ou semiabertas, pelo que recebem acento circunflexo, se são semifechadas, e acento agudo, se semiabertas – essas as razões por que se adotam, no Brasil, as grafias *ânus, certâmen*, e também *fêmur, Fênix, tênis, ônus, bônus*; ao passo que, em Portugal, se escrevem *ânus, certâmen (como no Brasil)*, mas *fémur, Fénix, ténis, ónus, bónus.*

2.ª) Entre as palavras paroxítonas, cumpre ressaltar o caso da 1.ª pessoa do plural dos verbos da 1.ª conjugação, que, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, apresentam *a* tônico seguido de *m*. No português-padrão do Brasil (e em vários dialetos portugueses meridionais) a vogal é igualmente semifechada nos dois tempos, enquanto no português-padrão de Portugal ela é semifechada no presente e aberta no pretérito perfeito do indicativo.[1] Assim sendo, nenhuma das formas é acentuada no Brasil, mas admite-se, facultativamente, o acento agudo na 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito: *amamos* (presente), *amámos* (pretérito perfeito).

3.ª) Também no português-padrão do Brasil, a forma *demos* pronuncia-se com *e* semifechado [e], seja ela 1.ª pessoa do presente do subjuntivo ou do pretérito perfeito do indicativo, razão por que não recebe nenhum acento gráfico. É facultativa a forma *dêmos* no presente do subjuntivo. Já no português-padrão europeu, a vogal é semifechada no presente do subjuntivo [e] e semiaberta no pretérito perfeito do indicativo [ɛ], pelo que a ortografia portuguesa admite apor-lhe um acento agudo no segundo caso. Daí as grafias *demos* (presente do subjuntivo) e *démos* (pretérito perfeito do indicativo).

4.ª) No português-padrão do Brasil, não há mais acento gráfico nas vogais *e* e *o* semiabertas dos ditongos *ei* e *oi* quando em sílaba tônica de palavras paroxítonas: *assembleia, hebreia, ideia, epopeico, joia, tipoia, heroico, apoio*; as mesmas vogais, quando semifechadas, tampouco recebem acento: *meia, cheia, maneira, apoio, joio, açoite.*

No português-padrão de Portugal, não se diferenciam fonicamente *éi* e *ei*, razão por que o *e* nunca foi acentuado. O ditongo é no caso sempre pronunciado [ɐj].

Os ditongos semiabertos *éi, éu, ói*, quando tônicos em palavras oxítonas, proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongos crescentes, recebem o acento: *bacharéis, chapéu, rouxinóis, herói, aracnóideo*, etc.

5.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-oo*, que têm a mesma pronúncia (fechada) em todo o domínio do idioma, não são acentuadas graficamente: *enjoo, voo.*

6.ª) Emprega-se o acento circunflexo sobre a vogal tônica semifechada da forma *pôde*, do pretérito perfeito do indicativo, para distingui-la de *pode*, do presente do indicativo, com vogal tônica semiaberta. Também recebe acento o verbo *pôr* para distingui-lo da preposição *por*. É facultativo o acento circunflexo em *fôrma(s)*, para distinguir do substantivo *formas* e das flexões *formas* e *forma*, do verbo *formar.*

---

[1] Em certos dialetos portugueses setentrionais, a vogal *a* é, em geral, aberta nos dois tempos.

7.ª) As palavras paroxítonas terminadas em *-um*, *-uns* recebem acento agudo na sílaba tônica: *álbum*, *álbuns*, etc.

8.ª) Não se acentuam os pseudoprefixos paroxítonos terminados em *-i*: *semi-oficial*, etc.

4.ª) Põe-se acento agudo no *i* e no *u* tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *aí*, *balaústre*, *cafeína*, *caís*, *contraí-la*, *distribuí-lo*, *egoísta*, *faísca*, *heroína*, *juízo*, *país*, *peúga*, *saía*, *saúde*, *timboúva*, *viúvo*, etc.

Observações:

1.ª) Não se coloca o acento agudo no *i* e no *u* quando, precedidos de vogal que, com eles, não forma ditongo, e são seguidos de *l*, *m*, *n*, *r* ou *z* que não iniciam sílabas e, ainda, *nh*: *adail*, *contribuinte*, *demiurgo*, *juiz*, *paul*, *retribuirdes*, *ruim*, *tainha*, *ventoinha*, etc.

2.ª) Quando as vogais *i* e *u* ocorrem na sílaba tônica de palavras paroxítonas, não recebem acento gráfico se são precedidas de ditongo: *baiuca*, *boiuno*, *feiura*.

Atenção: essa regra não incide em palavras oxítonas e proparoxítonas, como *aiúbida*, *bauínia*, *teiú*, *tuiuiús*.

3.ª) Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos *iu* e *ui* quando precedidos de vogal: *atraiu*, *contribuiu*, *pauis*, etc.

5.ª) Não recebe acento agudo o *u* tônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i* nas flexões rizotônicas dos verbos *arguir*, *redarguir*, *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *obliquar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir* e afins: *argui*, *arguis*, *redargui*, *redarguem* etc.

Nos verbos *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *obliquar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir*, as formas rizotônicas ou são acentuadas no *u* , mas sem acento gráfico (como em *arguir* e *redarguir*) ou têm as formas *averíguo*, *averígues*, *enxáguo*, *enxágues*, *delínquo*, *delínquem* etc.

6.ª) Marca-se com o acento agudo o *e* da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas: *alguém*, *armazém*, *convém*, *convéns*, *detém-no*, *mantém-na*, *parabéns*, *retém-no*, *também*, etc.

Observação:

1.ª) Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *em* ou *ens*: *ontem*, *origem*, *imagens*, *jovens*, *nuvens*, etc.

2.ª) A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*, *vir* e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tônica: (*eles*) *contêm*, (*elas*) *convêm*, (*eles*) *têm*, (*elas*) *vêm*, etc.

3.ª) Não recebem acento circunflexo oriundo do singular *crê*, *dê*, *lê*, *vê* as formas plurais desses verbos e de seus compostos: *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, *descreem*, *desdeem*, *releem*, *reveem*, etc.

7.ª) Sobrepõe-se o acento agudo ao *a* aberto, ao *e* ou *o* semiabertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r*, e *x*; e o acento circunflexo ao *a*, *e* e *o* semifechados: *açúcar*, *afável*, *alúmen*, *córtex*, *éter*, *hífen*, *aljôfar*, *âmbar*, *cânon*, *êxul*, etc.

Observações:

Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r*: *inter-humano*, *super-homem*, etc.

8.ª) Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis*, *devêreis*, *escrevêsseis*, *faríeis*, *férteis*, *fósseis*, *fôsseis*, *imóveis*, *jóquei*, *pênseis*, *pusésseis*, *quisésseis*, *tínheis*, *túneis*, *úteis*, *variáveis*, etc.

9.ª) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã*, *capitães*, *coração*, *devoções*, *põem*, etc.

Observação:

Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: *acórdão*, *bênção*, *órfã*, etc.

10.ª) Como já mencionado, não se usa trema para indicar a pronúncia do *u* quando precedido de *g* e de *q*, a não ser em palavras e nomes estrangeiros e suas derivadas em português; mantém-se a pronúncia do *u* mas grafa-se: *aguentar*, *arguição*, *eloquente*, *tranquilo*, *frequente* etc.

11.ª) Não têm acento diferencial as palavras homógrafas paroxítonas
para (flexão de *parar*), *para* (preposição)
pela(s) (s.f.), *pela(s)* (flexão de *pelar*), *pela(s)* [ê] (por+a[s])
pelo (flexão de *pelar*), *pelo(s)[ê]* (s.m.), *pelo(s)[ê]* (por+o[s])
pera(s)[é] (s.f.), *pera(s)[ê]* (s.f.), *pera [é]* (prep. *para*)
polo(s)[ó] (s.m.), *polo(s)[ô]* (por+lo[s]), *polo(s)[ô] (s.m.)* ('falcão', 'gavião')

---

[2] Em Portugal, a ortografia oficialmente adotada é a do *Acordo ortográfico* de 1945, assinado em Lisboa, a 10 de agosto de 1945, por uma Comissão composta de membros da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Esse *Acordo* não entrou em vigor no Brasil por não ter sido ratificado pelo Congresso Nacional.

[3] No Brasil vigoram oficialmente as normas do *Formulário ortográfico* de 1943, consubstanciadas no *Vocabulário ortográfico*, publicado no mesmo ano, com as leves alterações determinadas pela Lei n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971.

[4] Há, porém, no português-padrão de Portugal, vogais pretônicas, provenientes de antiga crase, que conservam o timbre aberto ([a]) ou semiaberto ([e], [ɔ]), sem que o fato seja assinalado na escrita. Assim: *padeiro*, *pegada*, *corar*.

12.ª) O acento grave assinala as contrações da preposição *a* com o artigo *a* e com os pronomes demonstrativos *a*, *aquele*, *aqueloutro*, *aquilo*, as quais se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*.

DIVERGÊNCIAS ENTRE AS ORTOGRAFIAS OFICIALMENTE ADOTADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Além das divergências atrás mencionadas que dizem respeito à diversidade de pronúncia de certas vogais tônicas – em virtude da qual admite-se a dupla grafia —, persiste ainda uma importante diferença entre os sistemas ortográficos oficialmente adotados em Portugal e no Brasil[1]: o tratamento das chamadas "consoantes mudas"

No Brasil, por disposição do *Formulário ortográfico* de 1943, as consoantes etimológicas finais de sílaba (implosivas), quando não articuladas — ou seja, quando "mudas" — deixaram de se escrever. Em Portugal, no entanto, em conformidade com o texto do *Acordo* de 1945, continuaram a ser grafadas sempre que se seguem às vogais átonas *a* (aberta), *e* ou *o* (semiabertas), como forma de indicar a abertura dessas vogais. Por uma razão de coerência, mantêm-se tais consoantes em sílaba tônica nas palavras pertencentes à mesma família ou flexão.

Essa forma de distinguir, no português europeu, as pretônicas abertas ou semiabertas das reduzidas não se justifica no Português do Brasil, em cuja pronúncia-padrão não há pretônicas reduzidas, tendo-se as vogais nesta posição neutralizado num *a* aberto e num *e* ou num *o* semifechados. Daí escrever-se em Portugal: *acto*, *acção*, *accionar*, *accionista*, *baptismo*, *baptizar*, *director*, *correcto*, *correcção*, *óptimo*, *optimismo*, *adoptar*, *adopção*; e no Brasil: *ato*, *ação*, *acionar*, *acionista*, *batismo*, *batizar*, *diretor*, *correto*, *correção*, *ótimo*, *otimismo*, *adotar*, *adoção*.

Existe, no entanto, certo número de palavras em que a consoante final de sílaba é articulada tanto em Portugal como no Brasil e, nesse caso, a ortografia dos dois países é uniforme. Assim: *autóctone*, *compacto*, *apto*, *inepto*, etc.

Raríssimos são os exemplos que se apontam em que esta consoante é efetivamente pronunciada em Portugal e não no Brasil, como *facto* (em Portugal) e *fato* (no Brasil).

Finalmente, há casos em que se verifica uma oscilação em ambas as variantes do português e nos quais a ortografia brasileira (e não a portuguesa) admite grafias duplas: *aspecto / aspeto*, *dactilografia / datilografia*, *infecção / infeção*, etc. (em Portugal as únicas grafias admitidas são *aspecto*, *dactilografia*, *infecção* etc.)

---

[5] As regras ortográficas para o Brasil, Portugal e todos os países lusófonos foram modificadas pelo Acordo Ortográfico de 1990, que entrou em vigor no Brasil a partir de 2009, e que admite esses casos de dupla grafia.

Capítulo 5

Classe, estrutura e formação de palavras

PALAVRA E MORFEMA

1. Uma língua é constituída de um conjunto infinito de frases. Cada uma delas possui uma face sonora, ou seja a cadeia falada, e uma face significativa, que corresponde ao seu conteúdo. Uma frase, por sua vez, pode ser dividida em unidades menores de som e significado — as PALAVRAS — e em unidades ainda menores, que apresentam apenas a face significante — os FONEMAS. As palavras são, pois, unidades menores que a frase e maiores que o fonema. Assim, na frase

   Évora! Ruas ermas sob os céus
   Cor de violetas roxas...
   (F. Espanca, *S*, 149)

   distinguimos dez palavras, todas com independência ortográfica. E em cada uma dessas palavras identificamos um certo número de fonemas. Por exemplo, cinco em *Évora*:

   /e/ /v/ /o/ /r/ /a/,

   e quatro em *ruas*:

   /r/ /u/ /a/ /s/

2. Existem, no entanto, unidades de som e conteúdo menores que as palavras. Assim, em *ruas* temos de reconhecer a existência de duas unidades significati-

vas: *rua* e *-s*. O primeiro elemento – *rua* – também se emprega como palavra isolada ou serve para formar outras palavras isoladas: *arruaça*, *arruamento*, etc. Já a forma plural *-s*, que vai aparecer no final de muitas outras palavras (*ermas*, *céus*, *violetas*, *roxas*, etc.), nunca poderá realizar-se como palavra individual, autônoma.
A essas unidades significativas mínimas dá-se o nome de MORFEMA.

3. Os morfemas podem apresentar variação, por vezes acentuada, em suas realizações fonéticas. É o caso do morfema plural do português, cuja pronúncia está sempre condicionada à natureza do som seguinte.
Nos falares de Lisboa e do Rio de Janeiro, por exemplo, o *-s* plural de *casas* assume forma fonética diferente em cada um dos três enunciados:

Casas amarelas.
Casas bonitas.
Casas pequenas.

Realiza-se:
a) como [z], ao ligar-se à vogal inicial da palavra *amarelas*;
b) como [ʒ], antes da palavra *bonitas*, iniciada por consoante sonora;
c) como [ʃ], antes da palavra *pequenas*, iniciada por consoante surda.

A última realização [ʃ] é também a que apresenta o morfema de plural diante de pausa, como podemos observar nas formas *amarelas*, *bonitas* e *pequenas* dos exemplos citados.
A essas manifestações fonéticas diferentes de um único morfema dá-se o nome de VARIANTE DE MORFEMA ou ALOMORFE.

TIPOS DE MORFEMAS

1. Quando, na análise da palavra *ruas*, distinguimos dois morfemas, observamos que um deles – *rua* – forma por si só um vocábulo, enquanto o morfema *-s* não tem existência autônoma, aparecendo sempre ligado a um morfema anterior. Os linguistas costumam chamar MORFEMAS LIVRES os que podem figurar sozinhos como vocábulos, e MORFEMAS PRESOS aqueles que não se encontram nunca isolados, com autonomia vocabular.

2. Quanto à natureza da significação, os morfemas classificam-se em LEXICAIS e GRAMATICAIS.
Os morfemas lexicais têm significação *externa*, porque referente a fatos do mundo extralinguístico, aos símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou subjetiva.

Assim:

Évora	céu	roxa	tristeza
erma	cor	rua	violeta

Já a significação dos morfemas gramaticais é *interna*, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. Assim, em nossa frase-exemplo, o artigo *o*, as preposições *de* e *sob*, a marca de feminino *-a* (*rox-a, erm-a*) e a de plural *-s* (*rua-s, erma-s, o-s, céu-s, violeta-s, roxa-s*).

3. Outras características, não semânticas, opõem os morfemas lexicais aos gramaticais. Aqueles são de número elevado, indefinido, em virtude de constituírem uma classe aberta, sempre passível de ser acrescida de novos elementos; estes pertencem a uma série fechada, de número definido e restrito no idioma. Em decorrência, se os examinarmos num dado texto, verificaremos que os primeiros apresentam frequência média baixa, em contraste com a frequência média alta dos últimos.

Observações:

1.ª) Os morfemas lexicais são também chamados LEXEMAS ou SEMANTEMAS. Aos morfemas gramaticais linguistas modernos costumam dar o nome de GRAMEMAS ou de FORMANTES.

2.ª) Não se deve confundir o conceito de significação linguística interna, aplicável aos morfemas gramaticais, com a ideia de morfema vazio, desprovido de conteúdo, infelizmente muito vulgarizada. Basta atentarmos nos efeitos que a autora do texto abaixo obtém da oposição entre as preposições *em, com, para* e *por* para nos certificarmos de que os morfemas gramaticais têm a sua significação própria:

Hoje eu queria andar lá em cima,
nas nuvens,
com as nuvens,
pelas nuvens,
para as nuvens.
(C. Meireles, *Q*, I, 119.)

CLASSES DE PALAVRAS

1. Estabelecida a distinção entre morfema lexical e morfema gramatical, podemos agora relacionar cada um deles com as CLASSES DE PALAVRAS.
São morfemas lexicais os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo. São morfemas gramaticais os artigos, os pronomes, os numerais,

as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal.

2. As classes de palavras podem ser também agrupadas em VARIÁVEIS e INVARIÁVEIS, de acordo com a possibilidade ou a impossibilidade de se combinarem com os morfemas flexionais ou desinências.
São variáveis os substantivos, os adjetivos, os artigos e certos numerais e pronomes, que se combinam com morfemas gramaticais que expressam o gênero e o número; o verbo, que se liga a morfemas gramaticais denotadores do tempo, do modo, do aspecto, do número e da pessoa.
São invariáveis os advérbios, as preposições, as conjunções e certos pronomes, classes que não admitem se lhes agregue uma desinência.
A interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações.

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

RADICAL

Ao que chamamos até agora MORFEMA LEXICAL dá-se tradicionalmente o nome de RADICAL. É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes transmite uma base comum de significação.

A ele se agregam, como vimos, os MORFEMAS GRAMATICAIS, que podem ser uma DESINÊNCIA (ou MORFEMA FLEXIONAL), um AFIXO (ou MORFEMA DERIVACIONAL) ou uma VOGAL TEMÁTICA.

DESINÊNCIA

As DESINÊNCIAS, ou MORFEMAS FLEXIONAIS, servem para indicar:
a) o gênero e o número dos substantivos, dos adjetivos e de certos pronomes;
b) o número e a pessoa dos verbos.

Assim, no adjetivo *ermas* e numa forma verbal como *renovamos*, temos as seguintes desinências:

-a, para caracterizar o feminino (em *ermas*);
-s, para denotar o plural (em *ermas*);
-mos, para expressar a 1.ª pessoa do plural (em *renovamos*).

Há, por conseguinte, em português DESINÊNCIAS NOMINAIS e DESINÊNCIAS VERBAIS.

DESINÊNCIAS NOMINAIS. São:

GÊNERO		NÚMERO	
Masculino	**Feminino**	**Singular**	**Plural**
-o	-a	–	-s

O SINGULAR caracteriza-se pela ausência de qualquer desinência, ou melhor, pela DESINÊNCIA-ZERO, pois a falta, no caso, é um sinal particularizante.

DESINÊNCIAS VERBAIS. As flexões de pessoa e número são expressas nos verbos por desinências especiais, que podemos distribuir por três grupos: desinências do presente do indicativo, do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo pessoal (= futuro do subjuntivo):

	PRESENTE		PRETÉRITO PERFEITO		INFINITIVO PESSOAL FUT. DO SUBJUNTIVO	
Pessoa	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**	**Singular**	**Plural**
1.ª	-o	-mos	-i	-mos	–	-mos
2.ª	-s	-is (-des)	-ste	-stes	-es	-des
3.ª	–	-m	-u	-ram	–	-em

Nas outras formas finitas, as desinências são as mesmas do presente do indicativo, salvo na primeira pessoa do singular, que, como a terceira, se caracteriza pela falta de qualquer desinência.

Observação:

Para facilitar a aprendizagem, dissemos que a DESINÊNCIA da 3.ª pessoa do plural é *-m* (ou *-ram*, *-em*). Mas, em verdade, o *-m* que aí aparece é um mero símbolo gráfico, pois nestas formas verbais as terminações *-am* e *-em* são apenas modos de representar, na escrita, os ditongos nasais átonos [ɑ̃w] e [ẽj].

AFIXO

Os AFIXOS, ou MORFEMAS DERIVACIONAIS, são elementos que modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical a que se agregam. Os AFIXOS que se antepõem ao radical chamam-se PREFIXOS; os que a ele se pospõem denominam-se SUFIXOS.

Assim, em *desterrar* e *renovamos* aparecem os PREFIXOS:

des-, que empresta ao primeiro verbo a ideia de separação;
re-, que ao segundo acrescenta o sentido de repetição de um fato.

Os SUFIXOS, como as desinências, unem-se à parte final do radical. Mas, enquanto estas caracterizam apenas o gênero, o número ou a pessoa da palavra, sem lhe alterar o sentido lexical ou a classe, os SUFIXOS transformam substancialmente o radical a que se juntam.

Assim, em *terroso*, *terreiro*, *novinho* e *novamente*, encontramos os SUFIXOS:

-oso, que do substantivo *terra* forma um adjetivo (*terroso*);
-eiro, que do substantivo *terra* forma outro substantivo (*terreiro*);
-inho, que do adjetivo *novo* forma um diminutivo (*novinho*);
-mente, que do feminino do adjetivo *novo* forma um advérbio (*novamente*).

Observação:

Esta distinção entre sufixo e desinência, nem sempre observada pelos linguistas modernos, pertence à análise mórfica tradicional.

Poderíamos simplificar a classificação desses morfemas gramaticais:

1.º) considerando-os apenas sob o aspecto formal, caso em que a denominação de sufixo, com abarcá-la, dispensaria a de desinência;

2.º) distinguindo-os pelo aspecto funcional: as desinências identificar-se-iam com os morfemas flexionais, e os sufixos seriam somente morfemas derivacionais.

Nesta última hipótese, as características de tempo e modo e, por extensão, as das formas nominais do verbo ficariam incluídas nas desinências.

VOGAL TEMÁTICA

Na análise da forma verbal *renovamos*, distinguimos três elementos formativos:

a) o RADICAL: *nov-*
b) a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL: *-mos*
c) o PREFIXO: *re-*

Falta identificarmos apenas a vogal *a*, que aparece entre o radical *nov-* e a desinência *-mos*, vogal que encontramos também na forma de infinitivo *fumar*, entre o radical *fum-* e a desinência *-r*.

Nos dois casos, vemos, ela está indicando que os verbos em causa pertencem à 1.ª conjugação. A essas vogais que caracterizam a conjugação dos verbos dá-se o nome de VOGAIS TEMÁTICAS. São elas:

-**a**- , para os verbos da 1.ª conjugação (fum-**a**-r, renov-**a**-mos);
-**e**- , para os da 2.ª (dev-**e**-r, faz-**e**-mos);
-**i**- , para os da 3.ª (part-**i**-r, constru-**í**-mos).

O RADICAL acrescido de uma VOGAL TEMÁTICA, isto é, pronto para receber uma desinência (ou um sufixo), denomina-se TEMA.

Observação:

Não há acordo entre os linguistas quanto à inclusão das VOGAIS TEMÁTICAS entre os morfemas. Parece-nos que, assim como as desinências, elas fazem parte dos morfemas gramaticais categóricos, pois também distribuem os radicais em classes. Por si mesmas nada significam, mas poder-se-ia talvez dizer que, no caso, a função é a significação.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Os elementos mórficos até aqui estudados entram sempre na estrutura do vocábulo com determinado valor significativo externo ou interno. Há, porém, outros que são insignificativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na juntura daqueles elementos.

Se examinarmos, por exemplo, os vocábulos *gasômetro* e *cafeteira*, verificaremos que:

a) o primeiro é formado de dois radicais *gás-* + *-metro*, ligados pela vogal *-o-*, sem valor significativo;
b) o segundo é constituído do radical *café-* + o sufixo *-eira*, entre os quais aparece a consoante insignificativa *-t-* para evitar o desagradável hiato *-éê-*.

A esses sons, empregados para tornar a pronúncia das palavras mais fácil ou eufônica, dá-se o nome de VOGAIS e CONSOANTES DE LIGAÇÃO.

Observação:

Observa-se na linguística moderna a tendência generalizada de não isolar tais elementos na análise mórfica, preferindo-se considerá-los como parte do radical ou do afixo, que, então, se apresentariam sob a forma de variantes (ou ALOMORFES) relativamente a outras ocorrências suas em contextos diversos. Com efeito, à semelhança dos fonemas, os morfemas podem apresentar variantes em sua forma, embora se mantenham semântica e funcionalmente inalterados. Assim, do prefixo *in-* (*im-*) há uma variante *i-*, fonologicamente condicionada, porquanto ocorre tão somente antes de consoante nasal, lateral e vibrante: *infeliz*, *imbatível*, mas *imoral*, *ilegal*, *irregular*.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

PALAVRAS PRIMITIVAS E DERIVADAS

Chamam-se PRIMITIVAS as palavras que não se formam de nenhuma outra e que, pelo contrário, permitem que delas se originem novas palavras no idioma.

Assim:

fumo	mar	novo	pedra

Denominam-se DERIVADAS as que se formam de outras palavras da língua mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo.

Assim:

fumoso	marinha	novinho	pedreiro
defumar	marear	renovar	empedrar

PALAVRAS SIMPLES E COMPOSTAS

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas, sejam derivadas, denominam-se SIMPLES.

Assim:

mar	marinha	pedra	pedreiro

São COMPOSTAS as que contêm mais de um radical:

quebra-mar	guarda-marinha	pedra-sabão	pedreiro-livre
aguardente	pernalta	pontapé	vaivém

Observação:

Note-se que, na língua atual, muitas formas compostas não são mais sentidas como tais pelos falantes. É o caso de *aguardente*, de *pontapé*, etc.

FAMÍLIAS DE PALAVRAS

Denomina-se FAMÍLIA DE PALAVRAS o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição que estudaremos desenvolvidamente no capítulo seguinte.

Capítulo 6

Derivação e composição

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Deixando de lado a viva controvérsia entre linguistas contemporâneos sobre a área a que efetivamente pertence a FORMAÇÃO DE PALAVRAS – se à morfologia, o seu domínio tradicional, se ao léxico ou à semântica, ou, mesmo, se à sintaxe –, procuraremos tratar a matéria deste capítulo interligada com a do anterior e com respaldo na seguinte conceituação:

"Chama-se FORMAÇÃO DE PALAVRAS o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição"[1].

Observação:

Cumpre advertir que a DERIVAÇÃO e a COMPOSIÇÃO não são os únicos processos de formação de palavras. Como bem salienta um estudioso do assunto, além destes dois processos mais comuns, há outros de uso restrito, sendo particularmente curiosos os ONIÔNIMOS, os ACRÔNIMOS e as AMÁLGAMAS. (Veja-se a respeito J. R. Fontenele Bessa. Por uma conceituação do termo "opacidade". *Educação, 31*: 17-22, Brasília, julho/setembro, 1979.)

DERIVAÇÃO PREFIXAL

Os PREFIXOS são mais independentes que os SUFIXOS, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua.

---

[1] Jean Dubois *et alii*. *Dictionaire de linguistique*. Paris, Larousse, 1973, s. v.

A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO.

Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação — a DERIVAÇÃO PREFIXAL. Tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

Feitas estas considerações, passemos ao exame dos prefixos que aparecem em palavras portuguesas.[2]

São eles de origem latina ou grega, embora normalmente não sejam sentidos como tais. Alguns sofrem apreciáveis alterações em contacto com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o prefixo grego *an-*, que indica "privação" (*an-ônimo*), assume a forma *a-* antes de consoante: *a-patia; in-*, o seu correspondente latino, toma a forma *i-* antes de *l* e *m*: *in-feliz, in-ativo*; mas *i-legal, i-moral.*

Não se devem confundir tais alterações com as formas vernáculas, oriundas de evolução normal de certos prefixos latinos. Assim: *a-*, de *ad-* (*a-doçar*); *em-* ou *en-*, de *in-* (*em-barcar, en-terrar*).

Na lista abaixo, colocaremos em chave as formas que pode assumir o mesmo prefixo: em primeiro lugar, daremos a forma originária; em último, a vernácula, quando houver.

Prefixos de origem latina

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
ab-	afastamento, separação	abdicar, abjurar
abs-		abster, abstrair
a-		amovível, aversão
ad-	aproximação, direção	adjunto, adventício
a- (ar-, as-)		abeirar, arribar, assentir

[2] Quanto à vitalidade dos prefixos utilizados na língua contemporânea, leia-se Li Ching. Sobre a formação de palavras com prefixos no português atual. *Boletim de Filologia, 22*: 117-176 e 197-234, Lisboa, 1971-1973.
A exemplo de alguns linguistas, os autores observam a distinção entre PREFIXOS e PSEUDOPREFIXOS, como se verá adiante.

Prefixo	Sentido	Exemplificação
ante- **ante-**	anterioridade anterioridade	antebraço, antepor
circum- **(circun-)**	movimento em torno	circum-adjacente, circunvagar
cis-	posição aquém	cisalpino, cisplatino
com- (con-) **co- (cor-)**	contiguidade, companhia	compor, conter cooperar, corroborar
contra-	oposição, ação conjunta	contradizer, contrasselar
de-	movimento de cima para baixo	decair, decrescer
des-	separação, ação contrária	desviar, desfazer
dis- **di- (dir-)**	separação, movimento para diversos lados, negação	dissidente, distender dilacerar, dirimir
entre-	posição intermediária	entreabrir, entrelinha
ex- **es-** **e-**	movimento para fora, estado anterior	exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir
extra-	posição exterior (fora de)	extraoficial, extraviar
in-[1] (im-) **i- (ir-)** **em- (en-)**	movimento para dentro	ingerir, impedir imigrar, irromper embarcar, enterrar
in-[2] (im-) **i- (ir-)**	negação, privação	inativo, impermeável ilegal, irrestrito
intra-	posição interior	intradorso, intravenoso
intro-	movimento para dentro	introversão, intrometer
justa-	posição ao lado	justapor, justalinear
ob- **o-**	posição em frente, oposição	objeto, obstáculo ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posterioridade	pospor, postônico
pre-	anterioridade	prefácio, pretônico

Prefixos de origem grega

Eis os principais prefixos de origem grega com as formas que assumem em português:

Prefixo	Sentido	Exemplificação
an- (a-)	privação, negação	anarquia, ateu
aná-	ação ou movimento inverso, repetição	anagrama, anáfora
anfi-	de um e outro lado, em torno	anfíbio, anfiteatro
anti-	oposição, ação contrária	antiaéreo, antípoda
apó-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
arqui- (arc-, arque-, arce-)	superioridade	arquiduque, arcanjo arquétipo, arcebispo
catá-	movimento de cima para baixo, oposição	catadupa, catacrese
diá- (di-)	movimento através de, afastamento	diagnóstico, diocese
dis-	dificuldade, mau estado	dispneia, disenteria
ec- (ex-)	movimento para fora	eclipse, êxodo
en- (em-, e-)	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
endo- (end-)	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose
epi-	posição superior, movimento para, posterioridade	epiderme, epílogo
eu- (ev-)	bem, bom	eufonia, evangelho
hiper-	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
hipó-	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
metá- (met-)	posterioridade, mudança	metacarpo, metátese
pará- (par-)	proximidade, ao lado de	paralogismo, paramnésia
peri-	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
pró-	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba

Prefixo	Sentido	Exemplificação
pro-	movimento para a frente	progresso, prosseguir
re-	movimento para trás, repetição	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás	retroceder, retrospectivo
soto- **sota-**	posição inferior	soto-mestre, sotopor sota-vento, sota-voga
sub- **sus-** **su-** **sob-** **so-**	movimento de baixo para cima, inferioridade	subir, subalterno suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar
super- **sobre-**	posição em cima, excesso	superpor, superpovoado sobrepor, sobrecarga
supra-	posição acima, excesso	supradito, suprassumo
trans- **tras-** **tres-**	movimento para além de, posição além de	transpor, transalpino trasladar, traspassar tresvariar, tresmalhar
ultra-	posição além do limite	ultrapassar, ultrassom
vice- **vis- (vizo-)**	substituição, em lugar de	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Observações:

1.ª) As alterações sofridas pelos prefixos são provocadas quase sempre pelo fenômeno chamado ASSIMILAÇÃO, que consiste em absorver um fonema as características de outro que lhe está contíguo. Como, em geral, a ASSIMILAÇÃO identifica os dois fonemas, é comum o desaparecimento de um deles: *in-legal* > *il-legal* > *ilegal.*

Advirta-se, em tempo, que a ASSIMILAÇÃO é um fato fonético, e não deve ser confundida com as acomodações que, na escrita, sofrem certos prefixos por exigência do nosso sistema ortográfico. Assim, *in-fiel*, mas *im-produtivo*; *i-migrar*, mas *ir-romper*; etc. São essas variantes puramente gráficas que colocamos entre parênteses.

2.ª) Cumpre não confundir os dois prefixos que aparecem sob a mesma forma *in-* (ou *i-*). Um indica "movimento para dentro" (*ingerir, imigrar*); o outro denota "privação, negação" (*inativo, ilegal*).

3.ª) As formas numerais *uni-* (*unipessoal*), *bis-* ou *bi-* (*bisneto, bimestral*) e semelhantes são, pela maioria dos gramáticos, tidas por prefixos. Como, pelo emprego, não se diferenciam substancialmente dos elementos numerais que ocorrem em compostos aritméticos e geométricos — a exemplo de *deci-*, *centi-* (latinos), *deca-*, *quilo-* (gregos) — julgamos mais acertado considerá-los verdadeiros RADICAIS, e o processo formativo de que participam um caso de COMPOSIÇÃO.

Observação:

Para um estudo do prefixo *anti-* em relação com os seus concorrentes no âmbito do francês, mas com possibilidade de aplicação ao português, consulte-se A. Rey. Un champ préfixal: les mots français en *anti*. *Cahiers de Lexicologie, 12*: 37-57, Paris, 1968.

DERIVAÇÃO SUFIXAL

Pela DERIVAÇÃO SUFIXAL[3] formaram-se, e ainda se formam, novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em *-mente*). Daí classificar-se o sufixo em:

a) NOMINAL, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo: *pont-eira*, *pont-inha*, *pont-udo*;
b) VERBAL, quando, ligado a um radical, dá origem a um verbo: *bord-ejar*, *suav-izar*, *amanh-ecer*;
c) ADVERBIAL, que é o sufixo *-mente*, acrescentado à forma feminina de um adjetivo: *bondosa-mente*, *fraca-mente*, *perigosa-mente*.

Sufixos nominais

Entre os SUFIXOS NOMINAIS, mencionaremos em primeiro lugar os SUFIXOS AUMENTATIVOS e DIMINUTIVOS, cujo valor é mais afetivo do que lógico.

Sufixos aumentativos

Eis os principais SUFIXOS AUMENTATIVOS usados em português:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ão	caldeirão, paredão	**-anzil**	corpanzil
-alhão	grandalhão, vagalhão	**-aréu**	fogaréu, povaréu
-(z)arrão	gatarrão, homenzarrão	**-arra**	bocarra, naviarra
-eirão	asneirão, toleirão	**-orra**	beiçorra, cabeçorra
-aça	barbaça, barcaça	**-astro**	medicastro, poetastro
-aço	animalaço, ricaço	**-az**	lobaz, roaz
-ázio	copázio, gatázio	**-alhaz**	facalhaz
-uça	dentuça, carduça	**-arraz**	pratarraz

[3] Sobre a origem e a vitalidade dos sufixos empregados em português, veja-se especialmente Joseph H. D. Allen Jr. Portuguese Word-Formation with Suffixes. Supplement to *Language*, vol. 17, n.º 2. Baltimore, 1941.

Observação:

Nem sempre o sufixo aumentativo se junta ao radical de um substantivo. Há derivações feitas sobre adjetivos (*ricaço*, de *rico*; *sabichão*, de *sábio*) e também sobre radicais verbais (*chorão*, de *chorar*; *mandão*, de *mandar*).

Valor e emprego dos sufixos aumentativos

1. **-ão.** É, por excelência, o formador dos aumentativos em português. Pode juntar-se a radicais de substantivos (*papel-ão*), de adjetivos (*solteir-ão*) e de verbos (*chor-ão*), quer diretamente, como nos exemplos citados, quer por intermédio de consoantes de ligação (*chape-l-ão*) ou de outros sufixos (*-alho, -arro, -eiro, -il*), donde os sufixos compostos *-alhão* (*grand-alhão*), *-arrão* (*gat-arrão*), *-eirão* (*voz-eirão*), *-ilão* (*com-ilão*).
   Advirta-se também que, nos aumentativos em *-ão*, o gênero normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante é feminina.
   Assim:

   a parede – o paredão uma mulher – um mulherão

   Só os adjetivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados:

   solteirão – solteirona chorão – chorona

2. **-aça, -aço, -uça** e **-ázio.** Formam substantivos com força aumentativa e pejorativa. Prendem-se a radicais de outros substantivos e, mais raramente, a de adjetivos, sendo de notar que *-uça* apresenta acentuado valor coletivo. Saliente-se ainda que *-ázio* parece ser adaptação do espanhol *-azo.*[4]

3. **-anzil.** Este sufixo, que ocorre em *corpanzil*, deve ser composto de *-ão* + *-il*, com a consoante de ligação *-z-*. Quanto ao valor, é nitidamente pejorativo.

4. **-aréu.** De origem obscura, este sufixo nem sempre é aumentativo. Em *mastaréu* (= pequeno mastro suplementar), por exemplo, é antes diminutivo. Em *fogaréu, fumaréu, mundaréu* e *povaréu* sente-se que o valor aumentativo está associado ao coletivo.

---

[4] Sobre o assunto, veja-se o fundamental estudo de Y. Malkiel. The Two Sources of the Hispanic Suffix *-azo, -aço. Language, 35*: p. 193-258, 1959.

5. **-arra** e **-orra**. Formas femininas dos sufixos *-arro* e *-orro*, ligam-se a radicais de substantivos de qualquer gênero:

   bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

   Nas formações de adjetivos, com base em radicais de verbos ou de outros adjetivos, há, segundo a regra geral, oposição de gênero:

   bebarro – bebarra beatorro – beatorra

   Em épocas mais antigas, estes sufixos não tinham o forte valor depreciativo de hoje. A forma *-orro*, por exemplo, aparece em *cachorro*, palavra que, na acepção primitiva de "filhote de cão e de algumas feras", deveria ter sido um diminutivo.

6. **-astro**. Neste sufixo, que aparece em poucas palavras portuguesas, o valor pejorativo é o mais saliente: *medicastro* "médico ruim, charlatão"; *poetastro* "mau poeta, versejador ordinário". O sufixo assume a forma *-asto, -asta*, em *padrasto* e *madrasta*.

7. **-az**. Como o sufixo *-ão*, pode juntar-se diretamente ao radical (*lob-az*), ou admitir a inserção de uma consoante eufônica (*ladra-v-az*), ou de outros sufixos (*-alho, -arro*), com os quais passa a formar os compostos: *-alhaz* (*fac-alhaz*), *-arraz* (*prat-arraz*).

Sufixos diminutivos

São estes os principais SUFIXOS DIMINUTIVOS empregados em português[5]:

SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO	SUFIXO	EXEMPLIFICAÇÃO
-inho, -a	toquinho, vozinha	**-elho, -a**	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	**-ejo**	animalejo, lugarejo
-ino, -a	pequenino, cravina	**-ilho, -a**	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim		

[5] Sobre a formação dos diminutivos nas línguas românicas em geral, leiam-se: Reino Hakamies. *Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes*. Helsinki, Academiae Scientiarum Fennicae, 1951; Bengt Hasserlot. *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala, Acta Universitatis Upsaliensis, 1957. Quanto ao seu valor e emprego na língua portuguesa, consultem-se especialmente: Silvia Skorge. Os sufixos diminutivos em português. *Boletim de Filologia*, *16*: 50-90 e 222-305, 1956-1957; *17*: 20-53, 1958; Max Leopold Wagner. Das Diminutiv in Portugiesischen.

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-acho, -a	fogacho, riacho	**-ete**	artiguete, lembrete
-icho, a	governicho, barbicha	**-eto, -a**	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	**-ito, -a**	rapazito, casita
		-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	**-ote, -a**	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	**-isco, -a**	chuvisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	**-usco, -a**	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	**-ola**	fazendola, rapazola

Valor e emprego dos sufixos diminutivos

1. **-(z)inho, -ino, -im.** Os sufixos *-inho* e *-ino* provêm do latim *-inus*. A forma tipicamente portuguesa é *-inho*; *-ino*, variante erudita, só aparece com valor diminutivo em um restrito número de palavras; *-im* é importação do francês *-in*, ou do italiano *-ino*, através da forma francesa. Compare-se: *tamborim*, do francês *tambourin*; *festim*, do francês *festin*, por sua vez derivado do italiano *festino*.
   O sufixo *-inho* (*-zinho*) é de enorme vitalidade na língua[6], desde tempos antigos. Junta-se não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis:

   agorinha devagarinho sozinho adeusinho!

Orbis, *1*: 460-476, 1952; Delmira Maçãs. O sufixo *-inho* junto a adjetivos na linguagem familiar portuguesa. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, *8*: 219-232, 1954-1955; Th. Henrique Maurer Jr. Um sufixo de comportamento original: o diminutivo em *-zinho*. In *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro, Simões, s./d., p. 233-246. De importante leitura, à vista da relação com o português, são os seguintes estudos sobre os diminutivos espanhóis: Amado Alonso. Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos. In *Estudios linguísticos: temas españoles*. Madrid, Gredos, 1951, p. 195-229; Fernando González Ollé. *Los sufijos diminutivos en castellano medieval*. Madrid, C.S.I.C., 1962; Emilio Náñez Fernández. *El diminutivo: historia y funciones en el español clásico y moderno*. Madrid, Gredos, 1973. (As duas últimas obras trazem extensa bibliografia.)

[6] J. G. Herculano de Carvalho propõe a designação de SUFIXOIDE para o sufixo *-(z)inho* pelas razões que o levaram a adotar a de PREFIXOIDE para certos elementos formativos que não se comportam como prefixos (vj. adiante nossas considerações sobre os PSEUDO-PREFIXOS). Lembra o ilustre linguista o caráter sintagmático deste sufixo, evidenciado morfologicamente pelas variações de gênero e número, que se manifestam duplamente nos derivados: *corpozinho – corpozinhos*, *cãozinho – cãezinhos*, *bonzinho – boazinha* (cf. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 551-552).

Excetuando-se o caso das palavras terminadas em *-s* e *-z*, que naturalmente exigem a forma *-inho* (*pires-inho*, *rapaz-inho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inho* e *-zinho*. Sente-se que muitas vezes a seleção está ligada ao ritmo da frase. Por outro lado, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinho*, no evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, no entanto, simplificadora por excelência, tende para as formações com *-inho*. Camparem-se, por exemplo, as formas alternantes *baldezinho – baldinho*, *xicarazinha – xicrinha*, etc.

Do ponto de vista morfológico, acentue-se que, ao contrário dos aumentativos em *-ão*, os diminutivos em *-inho* (e também em *-ito*) não sofrem mudança de gênero. O diminutivo conserva o gênero da palavra derivante:

casa – casinha – casita cão – cãozinho – canito

Em formações com outros sufixos, não é, porém, estranha tal mudança:

ilha – ilhote – ilhéu chuva – chuvisco

Convém notar ainda que nas formações em que o sufixo *-inho* se junta a particípios, caso estes sejam irregulares, tornam-se regulares.
Exemplo:

Esse dinheiro foi bem *ganhadinho* e bem *gastadinho* por mim.

2. **-acho, -icho, ucho**. Originam-se da acumulação dos sufixos latinos *-ascu* (*-iscu* e *-uscu*) + *-ulus*, e têm geralmente valor pejorativo. As variantes *-echo* e *-ocho* são de emprego raro. Ocorrem em formas dialetais portuguesas, como *ventrecha* "posta de peixe imediata à cabeça", *bagocho* "novelo pequeno" e *realocho* "moeda antiga". A última provavelmente entra no brasileirismo *cabrocha* "moça mestiça escura".

3. **-ebre**. O sufixo *-ebre*, de origem desconhecida, aparece apenas em *casebre*, onde tem caráter pejorativo.

4. **-eco, -ico**. Também não está suficientemente esclarecida a origem dos sufixos *-eco* e *-ico*. O primeiro tem acentuado valor pejorativo: *folheca*, *jornaleco*, *livreco*, etc. Não possui, no entanto, a mesma conotação em *guatemalteco*, provavelmente empréstimo do espanhol. O segundo aparece como diminutivo afetivo não só de substantivos comuns (*abanico*, *amorico*, *burrico*), mas também de nomes próprios: *Anica*, *Joanico*, etc.

5. **-ela**. Continua o latim *-ella*, que tinha força diminutiva e largo emprego na língua vulgar (assim: *dominicella* "senhorita" > port. *donzela*). No português moderno é pouco produtivo; só nas formas nominais em *-dela* apresenta vitalidade: *entaladela*, *mordidela*, etc.

6. **-elho, -ilho**. Os sufixos *-elho* e *-ilho* representam, em português, a evolução normal dos sufixos diminutivos latinos *-ĭculus* e *-īculus*, respectivamente. A forma *-ejo* é o desenvolvimento de *-ĭculus* para o espanhol. Importada dessa língua, tornou-se, em certos casos, autônoma em português. Assim: *lugarejo*, *quintalejo*, etc.

7. **-ete, -eto, -(z)ito, -ote**. É um tanto obscura a origem destes sufixos. Deles o mais usado, principalmente em Portugal e no Sul do Brasil, é *-ito*, com a variante *-zito*. O sufixo *-eto*, como diminutivo, não apresenta vitalidade em português; as palavras que o possuem são, em geral, empréstimos do italiano: *poemeto*, *verseto*, etc. Já as formas *-ete* e *-ote*, provavelmente originárias do francês, aparecem hoje em derivações genuinamente portuguesas: *artiguete*, *lembrete*, *malandrete*, *meninote*, *serrote*, *velhote*, etc. As formas *-ato* e *-oto* são de emprego raro e, hoje, praticamente improdutivas. Ocorrem nuns poucos substantivos que, de regra, designam crias de animais. Assim: *chibato*, *lobato*, *lebroto* e *perdigoto* são nomes que se dão, respectivamente, ao filhote da *chiba* (= *cabra nova*), do *lobo*, da *lebre* e da *perdiz* (masculino = *perdigão*). *Perdigoto* emprega-se também na acepção de "salpico de saliva que se lança ao falar".

8. **-isco, -usco**. O sufixo *-isco* é forma erudita do latim *-iscus*, provavelmente originado da fusão do grego *-iskós* com o germânico *-isk*. O descendente popular é *-esco*, que forma adjetivos denotadores de "referência ou semelhança" (*burlesco, principesco*), sentido que também possui *-isco* em palavras como *levantisco, mourisco*. Por analogia com *-isco*, a língua criou *-usco*: *chamusco*.

9. **-ola**. Este sufixo não deve ser em português o representante direto do latim *-ola*. Chegou-nos provavelmente por intermédio do italiano *-ola*, ou do francês *-ole*. Comparem-se, por exemplo, as palavras portuguesas *bandeirola* e *camisola* às italianas *banderuola* e *camiciuola*, ou às francesas *banderole* e *camisole*. Hoje, porém, generalizou-se o emprego de *-ola* no idioma, principalmente na formação de substantivos sobrecomuns de caráter irônico-pejorativo: *gabarola, mariola*, etc.

Diminutivos eruditos

Na língua literária e culta, especialmente na terminologia científica, aparecem formações modeladas no latim em que entram os sufixos *-ulo* (*-ula*) e *-culo* (*-cula*), com as variantes *-áculo* (*-ácula*), *-ículo* (*-ícula*), *-úsculo* (*-úscula*) e *-únculo* (*-úncula*):

corpo	–	corpúsculo	nota	–	nótula
febre	–	febrícula	obra	–	opúsculo
globo	–	glóbulo	parte	–	partícula
gota	–	gotícula	pele	–	película
grão	–	grânulo	questão	–	questiúncula
homem	–	homúnculo	raiz	–	radícula
modo	–	módulo	rei	–	régulo
monte	–	montículo	verme	–	vermículo
nó	–	nódulo	verso	–	versículo

Observações:

1.ª) Como vemos, nestas formações latinas, ou feitas em idênticos moldes, o sufixo *-culo*(*-a*) e sua variante *-únculo*(*-a*) podem juntar-se ao radical diretamente (*mús-culo, hom-únculo*), ou por intermédio da vogal de ligação *-i-* (*vers-í-culo, quest-i-úncula*).

2.ª) A forma primitiva deste sufixo latino, derivado do indo-europeu **-lo *-olo*, era *-ulo*, que encontramos empregado com substantivos (*ancillula*) e adjetivos (*acutulus*). O acréscimo do *-c* ao sufixo é geralmente explicado como "um reforço da expressividade, fenômeno comum nos diminutivos". Ernout, porém, acha que foi a existência de muitas palavras de radical em *-c* que provocou uma falsa análise do sufixo diminutivo, dando origem a *-culus* (Veja-se Fernando González Ollé. *Obra cit.*, p. 177-179).

Outros sufixos nominais

1. Que formam substantivos de outros substantivos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ada	a) multidão, coleção	boiada, papelada
	b) porção contida num objeto	bocada, colherada
	c) marca feita com um instrumento	penada, pincelada
	d) ferimento ou golpe	dentada, facada
	e) produto alimentar, bebida	bananada, laranjada
	f) duração prolongada	invernada, temporada
	g) ato ou movimento enérgico	cartada, saraivada

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ado	a) território subordinado a titular b) instituição, titulatura	bispado, condado almirantado, doutorado
-ato	a) instituição, titulatura b) na nomenclatura química = sal	baronato, cardinalato carbonato, sulfato
-agem	a) noção coletiva b) ato ou estado	folhagem, plumagem aprendizagem, ladroagem
-al	a) ideia de relação, pertinência b) cultura de vegetais c) noção coletiva ou de quantidade	dedal, portal arrozal, cafezal areal, pombal
-alha	coletivo-pejorativo	canalha, gentalha
-ama	noção coletiva e de quantidade	dinheirama, mourama
-ame	noção coletiva e de quantidade	vasilhame, velame
-aria	a) atividade, ramo de negócio b) noção coletiva c) ação própria de certos indivíduos	carpintaria, livraria gritaria, pedraria patifaria, pirataria
-ário	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo	operário, secretário herbário, vestiário
-edo	a) lugar onde crescem vegetais b) noção coletiva	olivedo, vinhedo lajedo, passaredo
-eiro(a)	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo c) árvore e arbusto d) ideia de intensidade, aumento e) objeto de uso f) noção coletiva	barbeiro, copeira galinheiro, tinteiro laranjeira, craveiro nevoeiro, poeira cinzeiro, pulseira berreiro, formigueiro
-ia	a) profissão, titulatura b) lugar onde se exerce uma atividade c) noção coletiva	advocacia, baronia delegacia, reitoria cavalaria, clerezia
-io	noção coletiva, reunião	gentio, mulherio
-ite	inflamação	bronquite, gastrite
-ugem	semelhança (pejorativo)	ferrugem, penugem
-ume	noção coletiva e de quantidade	cardume, negrume

Observação:

Na terminologia científica empregam-se sufixos com valor particular. Na química, por exemplo, usam-se:

a) **-ato**, **-eto**, **-ito** – na formação dos nomes de sais: *clorato, cloreto, clorito*;
b) **-ina** – na dos alcaloides e álcalis artificiais: *cafeína, anilina*;
c) **-io** – na dos corpos simples: *potássio, sódio*;
d) **-ol** – na dos derivados de hidrocarbonetos: *fenol, naftol.*

A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota os sufixos:

a) **-ita** – para os nomes das espécies minerais: *pirita*;
b) **-ito** – para os das rochas: *granito*;
c) **-ite** – para os dos fósseis: *amonite.*

A linguística moderna faz largo uso do sufixo *-ema* com o sentido de "menor unidade distintiva" ou "significativa": *fonema*, "menor segmento distintivo numa enunciação"; *morfema*, "menor unidade gramatical de forma".

2. Que formam substantivos de adjetivos:
Os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-dade	crueldade, dignidade	**-ice**	tolice, velhice
-(i)dão	gratidão, mansidão	**-ície**	calvície, imundície
-ez	altivez, honradez	**-or**	alvor, amargor
-eza	beleza, riqueza	**-(i)tude**	altitude, magnitude
-ia	alegria, valentia	**-ura**	alvura, doçura

Observações:

1.ª) Antes de receberem o sufixo *-dade*, os adjetivos terminados em *-az, -iz, -oz* e *-vel* retomam a forma latina em *-ac(i)*, *-ic(i)*, *-oc(i)* e *-bil(i)*:

sagaz > sagacidade
feliz > felicidade
atroz > atrocidade
amável > amabilidade

2.ª) O sufixo *-ície* só aparece em palavras modeladas sobre o latim: *calvície* (latim *calvities*), *planície* (latim *planities*), etc. Também *justiça* não apresenta propriamente o sufixo *-iça*, porque a palavra é continuação do latim *justitia*. Da mesma forma *cobiça* (do baixo-latim *cupiditia*), *preguiça* (do latim *pigritia*), etc.

3. Que formam substantivos de substantivos e de adjetivos:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ismo	a) doutrinas ou sistemas	artísticos	realismo, simbolismo
		filosóficos	kantismo, positivismo
		políticos	federalismo, fascismo
		religiosos	budismo, calvinismo
	b) modo de proceder ou pensar		heroísmo, servilismo
	c) forma peculiar da língua		galicismo, neologismo
	d) na terminologia científica		daltonismo, reumatismo

4. Que formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos:

Sufixo	Sentido		Exemplificação
-ista	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -**ismo**)	artísticos	realista, simbolista
		filosóficos	kantista, positivista
		políticos	federalista, fascista
		religiosos	budista, calvinista
	b) ocupação, ofício		dentista, pianista
	c) nomes pátrios e gentílicos		nortista, paulista

Observação:

Nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em *-ismo* se formam com o sufixo *-ista*. Por exemplo: a *protestantismo* corresponde *protestante*; a *maometismo*, *maometano*; a *islamismo*, *islamita*.

5. Que formam substantivos de verbos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ança	ação ou o resultado dela, estado	lembrança, vingança
-ância		observância, tolerância
-ença		descrença, diferença
-ência		anuência, concorrência
-ante	agente	estudante, navegante
-ente		afluente, combatente
-inte		ouvinte, pedinte

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-(d)or **-(t)or** **-(s)or**	agente, instrumento da ação	jogador, regador inspetor, interruptor agressor, ascensor
-ção **-são**	ação ou o resultado dela	nomeação, traição agressão, extensão
-douro **-tório**	lugar ou instrumento da ação	bebedouro, suadouro lavatório, vomitório
-(d)ura **-(t)ura** **-(s)ura**	resultado ou instrumento da ação, noção coletiva	pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura
-mento	a) ação ou resultado dela b) instrumento da ação c) noção coletiva	acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento

Observações:

1.ª) Os sufixos *-ância* e *-ência* são semieruditos. Aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim.

2.ª) Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* procedem das terminações do particípio presente latino, com aglutinação da vogal temática da conjugação correspondente.

3.ª) Em *-dor*, *-tor* e *-sor*, bem como em *-dura*, *-tura* e *-sura*, os sufixos são propriamente *-or* e *-ura*. As consoantes *d*, *t* e *s* pertencem ao tema do particípio latino. Apenas as formas *-dor* e *-dura* são evolutivas; as demais são eruditas: só ocorrem em palavras latinas ou formadas sobre o seu modelo.

4.ª) Os sufixos *-ção* e *-são* depreendem-se de substantivos deverbais, quase todos formados no próprio latim.

6. Que formam adjetivos de substantivos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-aco	estado íntimo, pertinência, origem	maníaco, austríaco
-ado	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	barbado, denteado adamado, amarelado
-aico	referência, pertinência	judaico, prosaico
-al **-ar**	relação, pertinência	campal, conjugal escolar, familiar

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ano	a) proveniência, origem, pertença b) sectário ou partidário de c) semelhante ou comparável a	romano, serrano luterano, parnasiano bilaquiano, camoniano
-ão	proveniência, origem	alemão, beirão
-ário **-eiro**	relação, posse, origem	diário, fracionário caseiro, mineiro
-engo **-enho** **-eno**	relação, pertinência, posse semelhança, procedência, origem referência, origem	mulherengo, solarengo ferrenho, estremenho terreno, chileno
-ense **-ês**	relação, procedência, origem	forense, parisiense cortês, norueguês
-(l)ento	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	ciumento, corpulento barrento, vidrento
-eo	relação, semelhança, matéria	róseo, férreo
-esco **-isco**	referência, semelhança	burlesco, dantesco levantisco, mourisco
-este **-estre** **-eu** **-ício** **-ico** **-il** **-ino** **-ita** **-onho** **-oso** **-tico** **-udo**	relação relação relação, procedência, origem referência participação, referência referência, semelhança relação, origem, natureza pertinência, origem propriedade, hábito constante provido ou cheio de relação provido ou cheio de	agreste, celeste campestre, terrestre europeu, hebreu alimentício, natalício geométrico, melancólico febril, senhoril londrino, cristalino ismaelita, israelita enfadonho, risonho brioso, venenoso aromático, rústico pontudo, barbudo

Observações:

1.ª) Alguns desses sufixos servem também para formar adjetivos de outros adjetivos. Por exemplo: *-al* junta-se a *angélico*, formando *angelical*; *-ento* liga-se a *cinza*, originando *cinzento*; *-onho* acrescenta-se a *triste*, produzindo *tristonho*.

2.ª) São peculiares aos adjetivos os sufixos eruditos *-imo* e *-íssimo*, que se ligam a radicais latinos: *humíl-imo*, *fidel-íssimo*. Do seu valor e emprego tratamos no capítulo 10, em GRAUS DO ADJETIVO.

7. Que formam adjetivos de verbos:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ante **-ente** **-inte**	ação, qualidade, estado	semelhante, tolerante doente, resistente constituinte, seguinte
-(á)vel **-(í)vel**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação	durável, louvável perecível, punível
-io **-(t)ivo**	ação, referência, modo de ser	fugidio, tardio afirmativo, pensativo
-(d)iço **-(t)ício**	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência	movediço, quebradiço acomodatício, factício
-(d)ouro **-(t)ório**	ação, pertinência	duradouro, casadouro preparatório, emigratório

Observação:

Os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte* provêm, como dissemos, das terminações do particípio presente latino com aglutinação da vogal temática de cada uma das conjugações. Servem para formar substantivos e, com mais frequência, adjetivos, que se substantivam facilmente.

Sufixos verbais

Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos.

Assim:

esqui-ar	radiograf-ar	(a)doç-ar	(a)frances-ar
nivel-ar	telefon-ar	(a)fin-ar	(a)portugues-ar

A terminação *-ar*, já o sabemos, é constituída da vogal temática *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação, e do sufixo *-r*, do infinitivo impessoal.

Por vezes, a vogal temática *-a-* liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou, melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo. É o caso, por exemplo, dos verbos:

afug-ent-ar	lamb-isc-ar	ded-ilh-ar	salt-it-ar
bord-ej-ar	cusp-inh-ar	depen-ic-ar	amen-iz-ar,

em que encontramos alguns sufixos anteriormente estudados: *-ent(o)*, *-ej(o)*, *-isc(o)*, *-inh(o)*, *-ic(o)*, e *-it(o)*.

São tais sufixos que transmitem a esses verbos matizes significativos especiais: FREQUENTATIVO (ação repetida), FACTITIVO (atribuição de uma qualidade ou modo de ser), DIMINUTIVO e PEJORATIVO. Mas, como neles a combinação de SUFIXO + VOGAL TEMÁTICA (*-a-*) + SUFIXO DO INFINITIVO (*-r*) vale por um todo, costuma-se considerar não o sufixo em si, mas o conjunto daqueles elementos mórficos, o verdadeiro SUFIXO VERBAL. Esta conceituação, por simplificadora, apresenta evidentes vantagens didáticas, razão por que a adotamos aqui.

Eis os principais SUFIXOS VERBAIS, com a indicação dos matizes significativos que denotam:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ear	frequentativo, durativo	cabecear, folhear
-ejar	frequentativo, durativo	gotejar, velejar
-entar	factitivo	aformosentar, amolentar
-(i)ficar	factitivo	clarificar, dignificar
-icar	frequentativo-diminutivo	bebericar, depenicar
-ilhar	frequentativo-diminutivo	dedilhar, fervilhar
-inhar	frequentativo-diminutivo-pejorativo	escrevinhar, cuspinhar
-iscar	frequentativo-diminutivo	chuviscar, lambiscar
-itar	frequentativo-diminutivo	dormitar, saltitar
-izar	factitivo	civilizar, utilizar

Das outras conjugações apenas a 2.ª possui um sufixo capaz de formar verbos novos em português. É o sufixo *-ecer* (ou *-escer*), característico dos verbos chamados INCOATIVOS, ou seja, dos verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, o seu desenvolvimento:

alvor-ecer	amadur-ecer	envelh-ecer	flor-escer
anoit-ecer	embranqu-ecer	escur-ecer	rejuven-escer

Em verdade, também *-ecer* não é sufixo. Decompõe-se esta terminação em: SUFIXO (*-e[s]c-*) + VOGAL TEMÁTICA (*-e-*) + SUFIXO (*-r*).

Sufixo adverbial

O único SUFIXO ADVERBIAL que existe em português é *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens, mentis* "a mente, o espírito, o intento". Com o sentido

de "intenção" e, depois, com o de "maneira", passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo.

Assim:

boamente = com boa intenção, de maneira boa.

Como o substantivo latino *mens* era feminino (compare-se o português *a mente*), junta-se o sufixo à forma feminina do adjetivo:

bondosa-mente	nervosa-mente
fraca-mente	pia-mente

Desta norma excetuam-se os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em *-ês*: *burgues-mente, portugues-mente*, etc. Mas o fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como *pedrês* e *montês*, ainda hoje conservam. Assim: *um galo pedrês, uma galinha pedrês*; *um cabrito montês, uma cabra montês*. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

Numa análise morfológica do adjetivo *desalmado* e do verbo *repatriar*, verificamos imediatamente que:

a) o primeiro é constituído do PREFIXO *des-* + o RADICAL *alm(a)* + o SUFIXO *-ado*.
b) o segundo é formado do PREFIXO *re-* + o RADICAL *pátri(a)* + o SUFIXO *-ar*.

Um exame mais cuidadoso mostra-nos, porém, que, nos dois casos, o prefixo e o sufixo se aglutinaram a um só tempo aos radicais *alm(a)* e *pátri(a)*, pois que não existem – e não existiram nunca – os substantivos *desalma* e *repátria*, nem tampouco o adjetivo *almado* e o verbo *patriar*.

Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se PARASSINTÉTICOS, palavra derivada do grego *pará-* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina).

A PARASSÍNTESE é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* (*en-*) é a de participar desse tipo especial de derivação:

abotoar	amanhecer
embainhar	ensurdecer

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Nos tipos de derivação até aqui estudados a palavra nova resulta sempre do acréscimo de AFIXOS (PREFIXOS ou SUFIXOS) a determinado RADICAL. Neles há, pois, uma constante: a palavra derivada amplia a primitiva.

Existe, porém, um processo de criação vocabular exatamente contrário. É a chamada DERIVAÇÃO REGRESSIVA, que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.

Um exemplo: proveniente da linguagem dos ciganos espanhóis, entrou na gíria portuguesa o termo *gajão* com o significado de "indivíduo finório, velhaco". Por causa deste sentido pejorativo e da presença da final *-ão*, passou ele, com o tempo, a ser considerado simples aumentativo de um suposto substantivo *gajo*, que é hoje a forma corrente.

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA tem importância maior na criação dos SUBSTANTIVOS DEVERBAIS ou PÓS-VERBAIS, formados pela junção de uma das vogais *-o*, *-a* ou *-e* ao radical do verbo.

Exemplos:

VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL	VERBO	DEVERBAL
abalar	abalo	amostrar	amostra	alcançar	alcance
adejar	adejo	aparar	apara	atacar	ataque
afagar	afago	buscar	busca	cortar	corte
amparar	amparo	caçar	caça	debater	debate
apelar	apelo	censurar	censura	enlaçar	enlace
arrimar	arrimo	ajudar	ajuda	levantar	levante
chorar	choro	comprar	compra	rebater	rebate
errar	erro	perder	perda	resgatar	resgate
recuar	recuo	pescar	pesca	tocar	toque
sustentar	sustento	vender	venda	sacar	saque

Alguns deverbais possuem forma masculina e feminina:

VERBO	DEVERBAL		VERBO	DEVERBAL	
ameaçar	ameaço	ameaça	gritar	grito	grita
custar	custo	custa	trocar	troco	troca

Observação:

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Há um critério prático para a distinção, sugerido pelo filólogo Mário Barreto: "Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário". (*De Gramática e de linguagem*, II, Rio de Janeiro, 1922, p. 247.) Assim: *dança, ataque* e *amparo*, denotadores, respectivamente, das ações de *dançar, atacar* e *amparar*, são formas derivadas; *âncora, azeite* e *escudo*, ao contrário, são as formas primitivas, que dão origem aos verbos *ancorar, azeitar* e *escudar*.

Há, no entanto, quem não considere relevante a origem da base, mas a relação geral VERBO / NOME, que obedeceria, em princípio, a um padrão derivacional, segundo o qual, "dada a existência de um verbo no léxico do Português, é previsível uma relação lexical entre este verbo e um nome X' ". Este padrão pode ser assim formalizado:

$$[X]_V \text{———} [X]_V \text{———} [X']_N$$

Acrescente-se ainda que esse padrão derivacional "pode abarcar o fato de que os verbos muitas vezes se relacionam a nomes morfologicamente básicos, e não apenas a nomes deverbais" (cf. Margarida Basílio. Padrões derivacionais gerais — o fenômeno da nominalização em português. *Revista Brasileira de Linguística*, 5(1):80-81, 1978).

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo.

Assim:

Ele examinou **os prós** e **os contras** da proposta.
Esperava **um sim** e recebeu **um não**.

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, e por ele se explica a passagem:

a) de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadame* (de MacAdam), *quixote*;
b) de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira*;
c) de adjetivos a substantivos: *capital, circular, veneziana*;
d) de substantivos a adjetivos: *burro*, (café)-*concerto*, (colégio)-*modelo*;
e) de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: *silêncio! bravo! viva!*
f) de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer*;
g) de verbos e advérbios a conjunções: *quer... quer, já... já*;

h) de particípios (presentes e passados) a preposições: *mediante, salvo*;
i) de particípios (passados) a substantivos e adjetivos: *conteúdo, resoluto.*

Observação:

A rigor, a DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA (também denominada CONVERSÃO, HABILITAÇÃO ou HIPÓSTASE por linguistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR COMPOSIÇÃO

A COMPOSIÇÃO, já o sabemos, consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, o de um doce; *vitória-régia*, o de uma planta.

Tipos de composição

1. Quanto à FORMA, os elementos de uma palavra composta podem estar:

a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

beija-flor	bem-me-quer	madrepérola
segunda-feira	pé-de-meia	tira-teima

b) intimamente unidos, por se ter perdido a ideia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica:

aguardente (água + ardente)	pernalta (perna + alta)
embora (em + boa + hora)	viandante (via + andante)

Daí distinguir-se a COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO da COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO, diferença que a escrita procura refletir, pois que na JUSTAPOSIÇÃO os elementos componentes vêm em geral ligados por hífen, ao passo que na AGLUTINAÇÃO eles se juntam num só vocábulo gráfico.

Observação:

Reitere-se que o emprego do hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos:

passatempo, varapau, etc.; como há outros que conservam a sua autonomia gráfica: *pai de família, fim de semana, Idade Média*, etc.

2. Quanto ao SENTIDO, distingue-se numa palavra composta o elemento DETERMINADO, que contém a ideia geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o DETERMINADO, e *modelo* o DETERMINANTE. Em *mãe-pátria*, ao inverso, *mãe* é o DETERMINANTE, e *pátria* o DETERMINADO.
   Nos compostos tipicamente portugueses, o DETERMINADO de regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, observa-se exatamente o contrário – o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral. Assim:

   agricultura = cultivo do campo,
   suaviloquência = linguagem suave,
   mundividência = visão do mundo,
   etc.

Observação:

Como o DETERMINANTE encerra a noção mais característica, muitas vezes por si só designa o objeto. Assim: *capital* (por *cidade capital*), *vapor* (por *barco a vapor*).

3. Quanto à CLASSE GRAMATICAL dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:
   1.º) SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO:

   manga-rosa porco-espinho tamanduá-bandeira

   2.º) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

   pé-de-meia arco-da-velha cor-de-rosa

   3.º) SUBSTANTIVO + ADJETIVO:
   a) com o adjetivo posposto ao substantivo:

   aguardente amor-perfeito criado-mudo

   b) com o adjetivo anteposto ao substantivo:

   alto-forno belas-artes gentil-homem

4.º) ADJETIVO + ADJETIVO:

azul-marinho luso-brasileiro tragicômico

5.º) NUMERAL + SUBSTANTIVO:

mil-folhas segunda-feira trigêmeo

6.º) PRONOME + SUBSTANTIVO:

meu-bem nossa-amizade Nosso Senhor

7.º) VERBO + SUBSTANTIVO:

beija-flor guarda-roupa cata-vento

8.º) VERBO + VERBO:

corre-corre perde-ganha vaivém

9.º) ADVÉRBIO + ADJETIVO:

bem-bom mal-educado sempre-viva

10.º) ADVÉRBIO (ou ADJETIVO EM FUNÇÃO ADVERBIAL) + VERBO:

bem-aventurar maldizer vangloriar-se

Observações:

1.º) No último grupo poderíamos incluir os numerosos compostos de *bem* e *mal* + SUBSTANTIVO ou ADJETIVO, porque, neles, tanto o substantivo como o adjetivo são quase sempre derivados de verbos, cuja significação ainda conservam. Assim: *bem-aventurança, bem-aventurado, benquerença, bem-vindo, maldizente, mal-encarado, malfeitor, malsoante*, etc.

2.º) Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumeramos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: *bem-te-vi, bem-te-vi-do-bico-chato, louva-a-deus, malmequer, não-me-deixes, não-me-toques, não-te-esqueças-de-mim* (miosótis), etc.

3.º) Empregamos muitas palavras compostas que não são, propriamente, formações portuguesas. Assim, *couve-flor* é tradução do francês *chou-fleur*; *café-concerto*

é também de origem francesa; *bancarrota* provém do italiano *bancarotta*; *vinagre* chegou-nos, provavelmente, por intermédio do espanhol *vinagre*, originário, por sua vez, de uma forma catalã idêntica.

4.º) Algumas palavras de importação que aparentam forma simples são compostas nas línguas de origem. É o caso, por exemplo, de *oxalá*, derivado do árabe *wa sa llâh* (= e queira Deus); e de *aleluia*, proveniente do hebraico *hallelu Yah* (= louvai ao Senhor).

COMPOSTOS ERUDITOS

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante do segundo.

Examinaremos, a seguir, os principais radicais latinos e gregos que participam dessas formações, distribuindo-os por dois grupos, de acordo com a posição que ocupam no composto.

Radicais latinos

1. Entre outros, funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, em geral terminados em *-i*:

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícola
avi-	avis, -is	ave	avifauna
bis- **bi-**	bis	duas vezes	bisavô bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	equilátero
ferri- **ferro-**	ferrum, -i	ferro	ferrífero ferrovia
igni-	ignis, -is	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
olei- **oleo-**	oleum, -i	azeite, óleo	oleígeno oleoduto
oni- **pedi-** **pisci-**	omnis, -e pes, pedis piscis, -is	todo pé peixe	onipotente pedilúvio piscicultor
quadri- **quadru-**	quattuor	quatro	quadrimotor quadrúpede
reti-	rectus, -a, -um	reto	retilíneo
sesqui-	sesqui-	um e meio	sesquicentenário
tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus, -a, -um	um	uníssono
vermi-	vermis, -is	verme	vermífugo

2. Como segundo elemento da composição, empregam-se:

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	regicida, fratricida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Radicais gregos

1. Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos, fonte de quase todos os neologismos filosóficos, literários, técnicos e científicos.

Entre os mais usados, podemos indicar os seguintes, que servem geralmente de primeiro elemento da composição:

Forma	Sentido	Exemplos
anemo-	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
caco-	mau	cacofonia, cacografia
cali-	belo	califasia, caligrafia
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronômetro
da(c)tilo-	dedo	da(c)tilografia, da(c)tiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
di-	dois	dipétalo, dissílabo
enea-	nove	eneágono, eneassílabo
etno-	raça	etnografia, etnologia
farmaco-	medicamento	farmacologia, farmacopeia
fisio-	natureza	fisiologia, fisionomia
helio-	sol	heliografia, helioscópio
hemi-	metade	hemisfério, hemistíquio
hemo- **hemato-**	sangue	hemoglobina, hematócrito
hepta-	sete	heptágono, heptassílabo
hexa-	seis	hexágeno, hexâmetro
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homógrafo
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
iso-	igual	isócrono, isóscele(s)
lito-	pedra	litografia, litogravura
mega(lo)-	grande	megatério, megalomaníaco
melo-	canto	melodia, melopeia
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia

Forma	Sentido	Exemplos
miria-	dez mil	miriâmetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fábula	mitologia, mitômano
necro-	morto	necrópole, necrotério
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro- **nevro-**	nervo	neurologia, nevralgia
octo-	oito	octossílabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopeia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	reto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
paleo-	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
pedo-	criança	pediatria, pedologia
potamo-	rio	potamografia, potamologia
psico-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiróptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo-	raiz	rizófilo, rizotônico
sidero-	ferro	siderólita, siderurgia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
teo-	deus	teocracia, teólogo
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
xeno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xilo-	madeira	xilógrafo, xilogravura
zoo-	animal	zoógrafo, zoologia

Observação:

Como vemos, a maioria destes radicais assume na composição uma forma terminada em *-o*. Alguns empregam-se também como segundo elemento do composto. É o caso, por exemplo, de *-antropo* (*filantropo*), *-crono* (*isócrono*), *-dáctilo* (*pterodáctilo*), *-filo* (*germanófilo*), *-lito* (*aerólito*), *-pótamo* (*hipopótamo*) e outros.

2. Funcionam, preferentemente, como segundo elemento da composição, entre outros, estes radicais gregos:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
-algia	dor	cefalalgia, nevralgia
-arca	que comanda	heresiarca, monarca
-arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
-astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia
-céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
-cracia	poder	democracia, plutocracia
-doxo	que opina	heterodoxo, ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
-edro	base, face	pentaedro, poliedro
-fagia	ato de comer	aerofagia, antropofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
-fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
-fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
-foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
-gamia	casamento	monogamia, poligamia
-gamo	que casa	bígamo, polígamo
-gêneo	que gera	heterogêneo, homogêneo
-glota, -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia
-grafo	que escreve	calígrafo, polígrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia

Forma	Sentido	Exemplos
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-mancia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monomania
-mano	louco, inclinado	bibliômano, mitômano
-maquia	combate	logomaquia, tauromaquia
-metria	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrômetro, pentâmetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autônomo, metrônomo
-peia	ato de fazer	melopeia, onomatopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	díptero, helicóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, microscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-stico	verso	dístico, monóstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barítono, monótono

RECOMPOSIÇÃO

Pseudoprefixos

Certos radicais latinos e gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas. Assim *auto-* (do grego *autós* = próprio, de si mesmo), que ainda se emprega com o valor originário em numerosos compostos (por exemplo: *autodidata* = que estudou por si mesmo; *autógrafo* = escrito do próprio autor), passou, com a vulgarização de *auto*, forma abreviada de *automóvel* (= veículo movido por si mesmo), a ter este significado em uma série de novos compostos: *autoestrada*, *autódromo*, etc. Também o radical *electro-* (do grego *eléctron* = âmbar), pela propriedade que apresenta o âmbar de atrair os corpos leves,

veio a aplicar-se a tudo o que se relaciona com a "eletricidade": *electrodinâmica*, *electroscópio*, *electroterapia*, etc.

Estes radicais que assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se PSEUDOPREFIXOS ou PREFIXOIDES.[7]

Os PSEUDOPREFIXOS caracterizam-se:

a) por apresentarem um acentuado grau de independência;
b) por possuírem "uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma";[8]
c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos.

Cumpre-nos, pois, fazer distinção entre os PSEUDOPREFIXOS e os RADICAIS ERUDITOS que não apresentam esse comportamento especial. O critério básico para tal distinção é a deriva semântica que se evidencia quando, processada a "decomposição", os elementos ingressam noutras formações com sentido diverso do etimológico.

A deriva semântica desses elementos decorre, portanto, de um procedimento especial, denominado RECOMPOSIÇÃO por André Martinet, termo que lhe pareceu necessário para batizar "uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supõe a combinação de elementos de estatuto diferente".[9]

Eis uma lista de PSEUDOPREFIXOS, ilustrada com exemplos:

PSEUDOPREFIXO	EXEMPLOS
aero-	aeroclube, aeromoça
agro-	agroindustrial, agropecuária
arqui-	arquibanco, arquimilionário
astro-	astronauta, astronave
auto-	autoestrada, autopeça
bio-	biociência, biodegradável

[7] Leiam-se, a propósito, as considerações de Iorgu Iordan e Maria Manoliu. *Manual de linguística románica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar, t. II, Madrid, Gredos, 1972, p. 44-49; J. G. Herculano de Carvalho. *Teoria da linguagem*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1974, p. 547-554; Li Ching. *Boletim de Filologia*, 22:213-225.

[8] J. G. Herculano de Carvalho. *Obra cit.*, p. 554.

[9] *Eléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967, p. 135.

Pseudoprefixo	Exemplos
cine-	cineclube, cinerama
demo-	demofilia, demologia
electro-	electrodoméstico, electromagnético
fono-	fonoestilística, fonovisão
foto-	fotomontagem, fotonovela
geo-	geoeconômico, geopolítico
hetero-	heteroagressão, heterorrelação
hidro-	hidroeléctrica, hidrogenização
inter-	interestadual, inter-racial
macro-	macroeconomia, macrobiótica
maxi-	maxidesvalorização, maxissaia
micro-	microfilme, micro-onda
mini-	minifúndio, minissaia
mono-	monobloco, monomotor
moto-	motomecanização, motonave
multi-	multifacetado, multinacional
pluri-	pluripartidarismo, plurisseriado
poli-	policlínica, polimorfismo
proto-	proto-história, protomártir
pseudo-	pseudointelectual, pseudorrealismo
radio-	radiojornal, radioteatro
retro-	retrocontagem, retrovisor
semi-	semioficial, semivogal
tele-	teleguiado, televisão
termo-	termodinâmica, termonuclear

HIBRIDISMO

São PALAVRAS HÍBRIDAS, ou HIBRIDISMOS, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. Assim, em *automóvel* o primeiro radical é grego e o segundo latino, em *sociologia*, ao contrário, o primeiro é latino e o segundo grego.

As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las. É o caso das palavras mencionadas e de outras, como

bicicleta	endovenoso	neolatino
bígamo	monóculo	oleografia

Observação:

Com razão, observa Matoso Câmara Jr.: "Esses compostos decorrem, em princípio, da circunstância de os elementos se terem integrado no mecanismo da língua que faz a composição, e a sua origem diversa só ter um sentido diacrônico" (*Dicionário de filologia e gramática*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964, p. 180).

ONOMATOPEIA

As ONOMATOPEIAS são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos:

tique-taque zás-trás zum-zum

Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopeica.

Assim:

ciciar	cicio (da cigarra)
coaxar	coaxo (da rã, do sapo)

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão. É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), *ônibus* (por *auto-ônibus*), *pneu* (por *pneumático*), *quilo* (por *quilograma*), etc. Em todos eles a forma abreviada assumiu o sentido da forma plena.

Siglas

Também moderno – e cada vez mais generalizado – é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras SIGLAS, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Atualmente, instituições de natureza vária – como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações operárias, patronais, estudantis, culturais, recreativas, etc. – são, em geral, mais conhecidas pelas SIGLAS do que pelas denominações completas. Assim:

AD	=	Aliança Democrática
APU	=	Aliança Povo Unido
CD	=	Compact Disc
CGT	=	Confédération Générale du Travail
DEM	=	Democratas
DVD	=	Digital Video Disc
Enem	=	Exame Nacional de Ensino Médio
EU (EU)	=	European Union (União Europeia)
FIFA	=	Fédération Internationale de Football Association
FRELIMO	=	Frente de Libertação de Moçambique
Inep	=	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MPLA	=	Movimento Popular de Libertação de Angola
OEA	=	Organização dos Estados Americanos
ONU	=	Organização das Nações Unidas
OUA	=	Organização de Unidade Africana
PAIGC	=	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PC	=	Personal Computer
PCP	=	Partido Comunista Português
PDS	=	Partido Democrático Social
PDT	=	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	=	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PP	=	Partido Progressista
PPM	=	Partido Popular Monárquico
PPS	=	Partido Popular Socialista
PS	=	Partido Socialista
PSB	=	Partido Socialista Brasileiro
PSD	=	Partido Social Democrático
PSDB	=	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	=	Partido dos Trabalhadores
PTB	=	Partido Trabalhista Brasileiro
PV	=	Partido Verde
STF	=	Supremo Tribunal Federal
TAP	=	Transportes Aéreos Portugueses
UNE	=	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	=	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

E não é só. Uma vez criada e vulgarizada, a SIGLA passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *cegetista*, *petebista*, etc.

Observação:

Nem sempre uma instituição é conhecida pela mesma sigla em Portugal e no Brasil. No Brasil, por exemplo, denomina-se OTAN (= Organização do Tratado do Atlântico Norte) o organismo que em Portugal se chama NATO (= North Atlantic Treaty Organization), por ter-se aí vulgarizado a sigla inglesa.

Por vezes há diferença de acentuação da sigla nos dois países. Diz-se, por exemplo, ONÚ em Portugal e ÔNU no Brasil.

Capítulo 7

Frase, oração, período

A FRASE E SUA CONSTITUIÇÃO

1. FRASE é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação.
   A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar FRASES denomina-se SINTAXE.

2. A FRASE pode ser constituída:
   1.º) de uma só palavra:

   Fogo! **Atenção!** **Silêncio!**

   2.º) de várias palavras, entre as quais se inclui ou não um verbo:
   a) com verbo:

   Alguns anos **vivi** em Itabira.
   (C. Drummond de Andrade, *R*, 45.)

   b) sem verbo:

   Que inocência! Que aurora! Que alegria!
   (Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

3. A FRASE é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação. Nas frases organizadas com verbo, a entoação caracteriza o fim do enunciado, geralmente seguido de forte pausa. É o caso destes exemplos:

Bate o vento no postigo... /
Cai a chuva lentamente...
(Da Costa e Silva, *PC*, 307.)

Se a frase não possui verbo, a melodia é a única marca por que podemos reconhecê-la. Sem ela, frases como

Atenção! Que inocência! Que alegria!

seriam simples vocábulos, unidades léxicas sem função, sem valor gramatical.

Observação:

O estudo da frase e o da organização dos elementos que a constituem pressupõem o conhecimento de alguns conceitos nem sempre fáceis de definir. Essa dificuldade resulta não só da própria natureza do assunto, mas também das diferenças dos métodos e técnicas de análise adotados pela linguística clássica e pelas principais correntes da linguística contemporânea.

Neste capítulo, evitar-se-ão discussões teóricas que não tragam esclarecimentos ao estudo descritivo-normativo da sintaxe portuguesa, que é o nosso objetivo principal.

FRASE E ORAÇÃO

A FRASE pode conter uma ou mais ORAÇÕES.

1.º) Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) uma só forma verbal, clara ou oculta:

O dia **decorreu** sem sobressalto.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 491.)

Na cabeça, aquela bonita coroa.
(J. Montello, *A*, 32.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma LOCUÇÃO VERBAL:

— **Podem vir** os dois...
(V. Nemésio, *MTC*, 446.)

Tudo de repente **entrou a viver** uma vida secreta de luz.
(Autran Dourado, *TA*, 13.)

2.º) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja na forma simples, seja na locução verbal), claro ou oculto:

Fechei os olhos, / meu coração **doía**.
(Luandino Vieira, *NANV*, 75.)

Busco, / volto, / abandono, / e **chamo** de novo.
(A. Bessa Luís, *AM*, 38.)

O Negrinho **começou a chorar**, / enquanto os cavalos **iam pastando**.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 332.)

Os anos **são** degraus; / a vida, a escada.
(F. de Castro, *ANE*, 73.)

Observação:

A LOCUÇÃO VERBAL é o conjunto formado de um VERBO AUXILIAR + um VERBO PRINCIPAL. Enquanto o último vem sempre numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO, GERÚNDIO, PARTICÍPIO), o primeiro pode vir:

a) numa FORMA FINITA (INDICATIVO, IMPERATIVO, SUBJUNTIVO):

A viticultura **foi**-se **alargando** talvez a partir do terceiro século.
(A. Sérgio, E, *VIII*, 65.)

— **Vá deitar**-se, / **vá coçar** as pulgas / e **descansar**.
(G. Ramos, *AOH*, 117.)

— Você crê deveras que / **venhamos a ser** grandes homens?
(Machado de Assis, *OC*, I, 984.)

b) numa FORMA NOMINAL (INFINITIVO ou GERÚNDIO):

Ah, não **poder subir** na sombra
Como um ladrão que escala um muro!
(Ribeiro Couto, *PR*, 333.)

Doente, quase não **podendo andar**, fui ter com o Evaristo.
(A. Nobre, *CI*, 156.)

ORAÇÃO E PERÍODO

1. PERÍODO é a frase organizada em oração ou orações. Pode ser:

a) SIMPLES, quando constituído de uma só oração:

Cai o crepúsculo.
(Da Costa e Silva, *PC*, 281.)

Nunca mais recobrou por inteiro a saúde.
(A. Bessa Luís, *S*, 186.)

b) COMPOSTO, quando formado de duas ou mais orações:

Não bulia uma folha, / não cintilava um luzeiro.
(A. Ribeiro, *ES*, 211.)

O senhor tirou o cigarro, / bateu-o na tampa da cigarreira, / levou-o ao canto dos lábios, / premiu a mola do isqueiro.
(J. Montello, *SC*, 173.)

2. O PERÍODO termina sempre por uma pausa bem definida, que se marca na escrita com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ESSENCIAIS

SUJEITO E PREDICADO

1. São termos essenciais da oração o SUJEITO e o PREDICADO.
O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO. Assim, na oração

Este aluno obteve ontem uma boa nota,

temos:

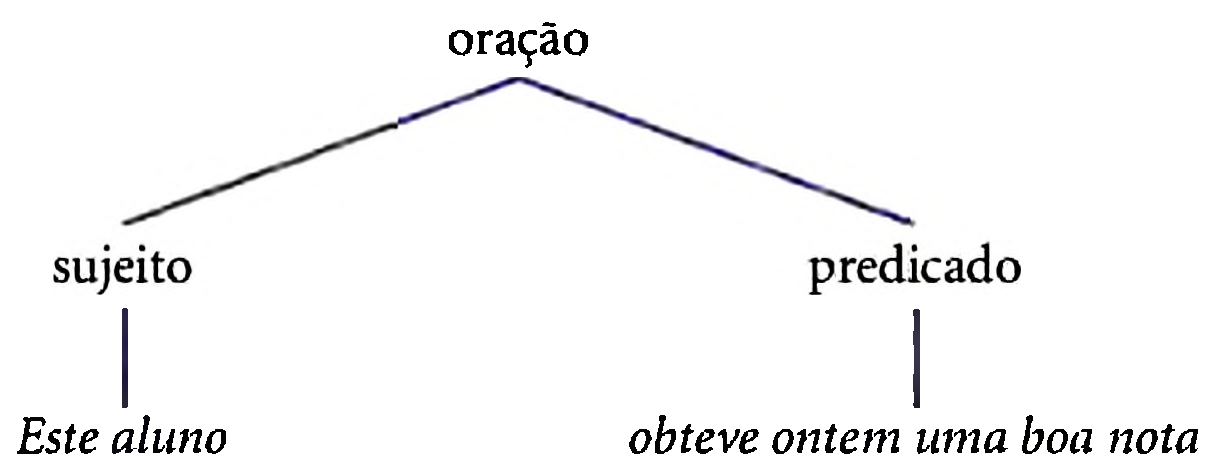

2. Nem sempre o SUJEITO e o PREDICADO vêm materialmente expressos. Assim, em

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento.
(F. Pessoa, *OP*, 59.)

o sujeito de *andei* é *eu*, indicado apenas pela desinência verbal.

Já em

> Boa cidade, Santa Rita.
> (M. Palmério, *VC*, 298.)

é a forma verbal *é* que está subentendida.
Chamam-se ELÍPTICAS as orações a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o SUJEITO ou o PREDICADO estão ELÍPTICOS.

SINTAGMA NOMINAL E VERBAL

1. Na oração:

> Este aluno obteve ontem uma boa nota,

distinguimos duas unidades maiores:
a) o SUJEITO: *este aluno*;
b) o PREDICADO: *obteve ontem uma boa nota.*

Examinando, porém, o SUJEITO, vemos que ele é formado de duas palavras:

> *este aluno*

O demonstrativo *este* é um determinante (DET) do substantivo (N) *aluno*, palavra que constitui o NÚCLEO da unidade.
Toda unidade que tem por núcleo um substantivo recebe o nome de SINTAGMA NOMINAL (SN).
A oração que estamos estudando apresenta, assim, dois SINTAGMAS NOMINAIS:
a) SN^1 = *este aluno*;
b) SN^2 = *uma boa nota.*

2. Podem ocorrer muitos SINTAGMAS NOMINAIS (SN) na oração, mas somente um deles será o SUJEITO. E, como veremos adiante, a sua posição, na ordem direta e lógica do enunciado, é à esquerda do verbo. Os demais SINTAGMAS NOMINAIS encaixam-se no PREDICADO.

3. O substantivo, núcleo de um sintagma nominal, admite a presença de DETERMINANTES (DET) — que são os artigos, os numerais e os pronomes adjetivos — e de MODIFICADORES (MOD), que, no caso, são os adjetivos ou expressões adjetivas.

Os dois sintagmas nominais da oração em exame podem ser assim esquematizados:

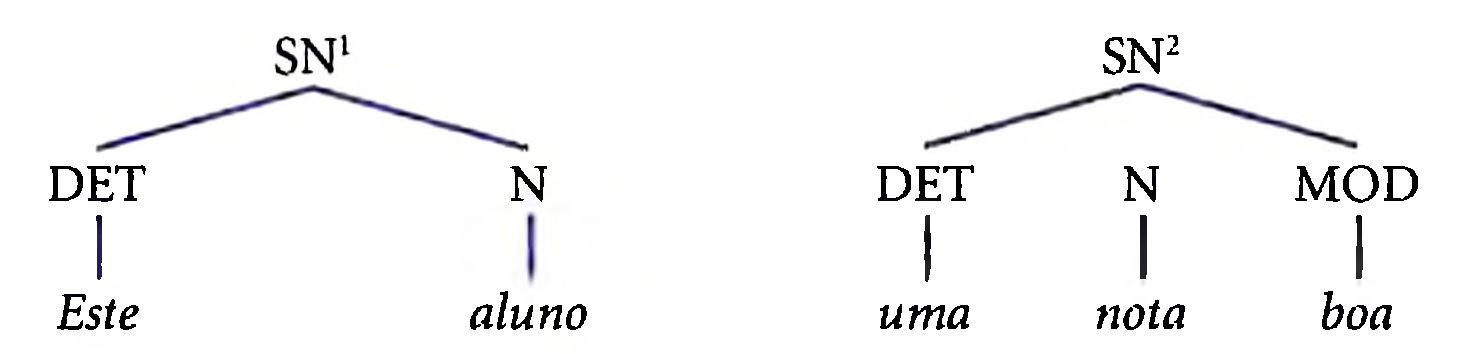

4. O SINTAGMA VERBAL (SV) constitui o predicado. Nele há sempre um verbo, que, quando SIGNIFICATIVO, é o seu núcleo.
O SINTAGMA VERBAL pode ser complementado por sintagmas nominais e modificado por advérbios ou expressões adverbiais (MOD).
A oração que nos serve de exemplo obedece, pois, ao seguinte esquema:

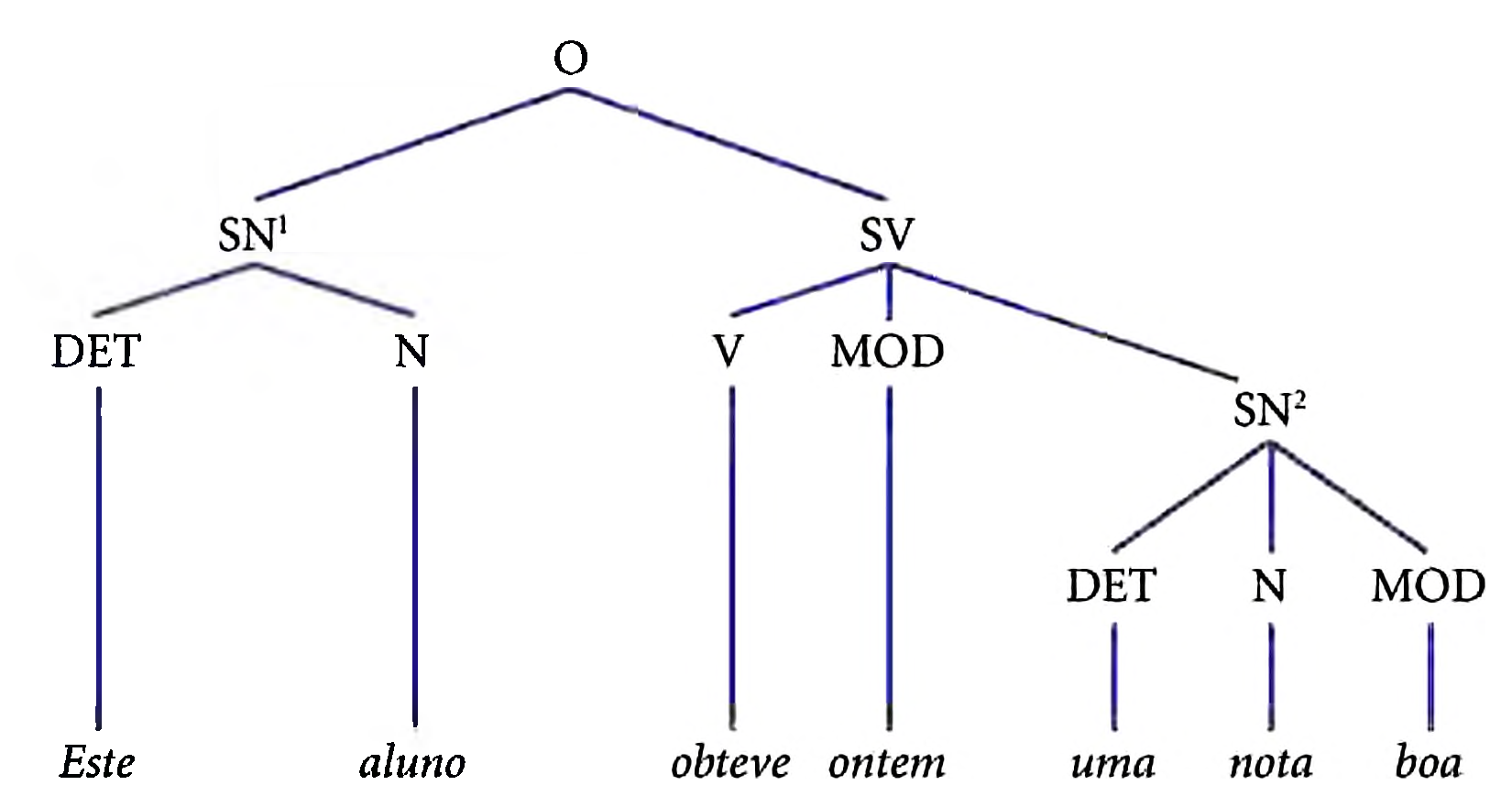

O SUJEITO

REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO

Os SUJEITOS da 1.ª e da 2.ª pessoa são, respectivamente, os pronomes pessoais *eu* e *tu*, no singular; *nós* e *vós* (ou combinações equivalentes: *eu* e *tu*, *tu* e *ele*, etc.), no plural.

Os SUJEITOS da 3.ª pessoa podem ter como núcleo:

a) um substantivo:

> **Matilde** entendia disso.
> (A. Bessa Luís, *OM*, 170.)

Os **olhos** dela estavam secos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 495.)

b) os pronomes pessoais *ele, ela* (singular); *eles, elas* (plural):

Estavam de braços dados, **ele** arrumava a gravata, **ela** ajeitava o chapéu.
(É. Veríssimo, *LS*, 128.)

— Esperam que **eles** as tomem?...
(Alves Redol, *BC*, 333.)

c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

Isto não lhe arrefece o ânimo?
(A. Abelaira, *NC*, 35.)

Achava consolo nos livros, **que** o afastavam cada vez mais da vida.
(É. Veríssimo, *LS*, 131.)

Quem disse isso?
(F. Botelho, *X*, 150.)

Tudo parara ao redor de nós.
(C. Lispector, *BF*, 81.)

d) um numeral:

Os **dois** riram-se satisfeitos.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 65.)

Ambos alteraram os roteiros originais.
(N. Piñon, *FD*, 86.)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

Infanta, no exílio amargo,
só o **existirdes** me consola.
(T. da Silveira, *PC*, 367.)

O **por fazer** é só com Deus.
(F. Pessoa, *OP*, 16.)

f) uma oração substantiva subjetiva:

Era forçoso / **que fosse assim.**
(A. Sérgio, E, *IV*, 245.)

Valeria a pena / **discutir com o Benício?**
(J. Montello, *SC*, 16.)

SUJEITO SIMPLES E SUJEITO COMPOSTO

SUJEITO SIMPLES. Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o SUJEITO é SIMPLES. Esse o caso do sujeito de todos os exemplos atrás mencionados.

SUJEITO COMPOSTO. É COMPOSTO o sujeito que tem mais de um núcleo, ou seja, o sujeito constituído de:

a) mais de um substantivo:

As **vozes** e os **passos** aproximam-se.
(M. da Fonseca, *SV*, 248.)

Pai jovem, **mãe** jovem não deixam menino solto.
(G. Amado, *HMI*, 49.)

b) mais de um pronome:

Ele e **eu** somos da mesma raça.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 98.)

Não vivo sem a sua sombra, **você** e **eu** sabemos.
(N. Piñon, *CC*, 12.)

c) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

Falam por mim **os abandonados de justiça, os simples de coração.**
(C. Drummond de Andrade, *R*, 148.)

Quantos **mortos** e **feridos** não me precederam ali.
(N. Piñon, *CC*, 16.)

d) mais de uma oração substantiva:

> Era melhor **esquecer o nó** e **pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.**
> (G. Ramos, *VS*, 83.)

> Dir-se-ia **que o pano do palco se havia levantado** e **que iam surgir, pelas entradas laterais, as demais figuras da peça.**
> (J. Montello, *LE*, 108.)

Observação:

Outras combinações podem entrar na formação do SUJEITO COMPOSTO, sendo particularmente comum a de pronome + substantivo, ou vice-versa:

> Éramos, meu **pai** e **eu**
> E **um** negro, negro **cavalo.**
> (V. de Morais, *PCP*, 286.)

SUJEITO OCULTO (DETERMINADO)

É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação faz-se:

a) pela desinência verbal:

> Fica**mos** um bocado sem falar.
> (L. B. Honwana, *NMCT*, 10.)

[O sujeito de *ficamos*, indicado pela desinência *-mos*, é *nós*.]

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

> **Soropita** ali viera, na véspera, lá dormira; e agora retornava a casa.
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 467.)

[O sujeito de *viera*, *dormira* e *retornava* é *Soropita*, mencionado na primeira oração, antes de *viera*.]

> **Guilhermina** bocejou. Iria adormecer? Pôs-se a calcular as horas.
> (C. de Oliveira, *CD*, 115.)

[O sujeito de *bocejou*, *iria adormecer* e *pôs-se a calcular* é *Guilhermina*, mencionado no primeiro período, antes de *bocejou*.]

Observação:

Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência pessoal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

> Antes de comunicar-vos uma descoberta que considero de algum interesse para o nosso país, deixai que vos agradeça.

o sujeito de *considero*, indicado pela desinência *-o*, é *eu*, também sujeito de *comunicar*, verbo na forma infinitiva sem desinência pessoal.

Vejamos um caso similar, com o verbo na forma finita:

> Hoje, à tardinha, acabado o jantar, enquanto esperava a chegada de João, estirei-me no sofá e adormeci.

Eu, sujeito de *estirei-me* e *adormeci*, é também o sujeito de *esperava*, forma verbal finita sem desinência pessoal.

SUJEITO INDETERMINADO

Algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos então, que o SUJEITO é INDETERMINADO.

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo:

a) ou na 3.ª pessoa do plural:

> — **Contaram**-me, quando eu era pequenina, a história duns náufragos, como nós.
> (A. Ribeiro, *SBAM*, 265.)

> **Reputavam**-no o maior comilão da cidade.
> (C. dos Anjos, *MS*, 44.)

b) ou na 3.ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

> Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
> (A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

> **Precisa-se** do carvalho; não **se precisa** do caniço.
> (C. dos Anjos, *MS*, 381.)

Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz.
(Machado de Assis, *OC*, I, 520 P.)

Os dois processos de indeterminação podem concorrer num mesmo período:

Na Casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.
(A. M. Machado, *JT*, 13.)

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Não deve ser confundido o SUJEITO INDETERMINADO, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito.

Em orações como as seguintes

Chove.
Anoitece.
Faz frio.

interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é IMPESSOAL; e o sujeito, INEXISTENTE.

Eis os principais casos de inexistência do sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

Anoitecia e tinham acabado de jantar.
(É. Veríssimo, *LS*, 147.)

De volta, com a garrafa na mão, apenas **chuviscava**.
(L. Jardim, *MP*, 49.)

Amanheceu a chover.
(A. Botto, *AO*, 235.)

Era março e ainda **fazia frio**.
(M. Torga, *NCM*, 120.)

b) com o verbo *haver* na acepção de "existir":

Ainda **há** jasmins, ainda **há** rosas,
Ainda **há** violões e modinhas
Em certas ruas saudosas.
(Ribeiro Couto, *PR*, 315.)

Na sala **havia** ainda três quadros do pintor.
(F. Namora, *DT*, 206.)

c) com os verbos *haver*, *fazer* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

Morava no Rio **havia** muitos anos, desligado das coisas de Minas.
(C. dos Anjos, *MS*, 327.)

Faz hoje oito dias que comecei.
(A. Abelaira, *B*, 133.)

Vai para uns quinze anos escrevi uma crônica do Curvelo.
(M. Bandeira, *PP*, II, 338.)

d) com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

Era inverno na certa no alto sertão.
(J. Lins do Rego, *ME*, 57.)

Era por altura das lavouras.
(A. Bessa Luís, *S*, 187.)

Observações:

1.ª) Nas orações impessoais, o verbo *ser* concorda em número e pessoa com o predicativo. Veja-se, a propósito, o capítulo 13.

2.ª) Também ocorre a impessoalidade nas locuções verbais:

Como **podia haver** tantas casas e tanta gente?
(G. Ramos, *VS*, 114.)

Devo estar esfacelada, **deve haver** pedaços de mim por todos os cantos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 56.)

3.ª) Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver*. Escritores modernos — e alguns dos maiores — não têm duvidado em alçar a construção à língua literária.

Comparem-se estes passos:

Hoje **tem** festa no brejo!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 16.)

Em Pasárgada **tem** tudo,
É outra civilização...
(M. Bandeira, *PP*, 222.)

O uso de *ter* impessoal deve estender-se ao português das nações africanas. De sua vitalidade em Angola há abundante documentação na obra de Luandino Vieira.

Comparem-se, por exemplo, estes passos:

Não **tem** morte para o riso, não **tem** morte.
(*NM*, 74.)

— Aqui **tem** galinha, **tem** quintal...
(*L*, 63.)

Verdes amores não **tem** mais, nunca mais.
(*NM*, 62.)

4.ª) Em sentido figurado, os verbos que exprimem fenômenos da natureza podem ser empregados com sujeito:

Dormiu mal, mas **amanheceu** alegre.
(É. Veríssimo, *LS*, 146.)

Choviam os ditos ao passo que ela seguia pelas mesas.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

DA ATITUDE DO SUJEITO

Com os verbos de ação

Quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.

Neste exemplo,

Maria levantou o menino,

o sujeito *Maria* executa a ação expressa pela forma verbal *levantou*. O sujeito é, pois, o AGENTE.

Neste exemplo,

O menino foi levantado por Maria,

a ação não é praticada pelo sujeito *o menino*, mas pelo agente da passiva — *Maria*. O sujeito, no caso, sofre a ação; é dela o PACIENTE.

Neste exemplo,

Maria levantou-se,

a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito *Maria*. O sujeito é então, a um tempo, o AGENTE e o PACIENTE dela.

Observação:

Como vemos, na voz ativa, o termo que representa o agente é o SUJEITO do verbo; o que representa o paciente é o OBJETO DIRETO. Na voz passiva, o OBJETO (paciente) torna-se o SUJEITO do verbo.

Com os verbos de estado

Quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve:

Pedro é magro.
Antônio permanece doente.
O porteiro ficou pálido.

Observação:

Incluem-se naturalmente entre os verbos que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado, os incoativos como *adoecer, emagrecer, empalidecer*, equivalentes a *ficar doente, ficar magro, ficar pálido.*

O PREDICADO

O PREDICADO pode ser NOMINAL, VERBAL ou VERBO-NOMINAL.

PREDICADO NOMINAL

O PREDICADO NOMINAL é formado por um VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO.

1. O VERBO DE LIGAÇÃO pode expressar:

a) estado permanente:

Hilário **era** o herdeiro da quinta.
(C. de Oliveira, *CD*, 90.)

Eu **sou** a tua sombra.
(N. Piñon, *FD*, 38.)

b) estado transitório:

O velho **esteve** entre a vida e a morte durante uma semana.
(Castro Soromenho, *TM*, 236.)

— Você não **anda** um pouco fatigado pelo excesso de trabalho?
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

c) mudança de estado:

Receava que eu **me tornasse** ingrato.
(A. Abelaira, *NC*, 14.)

Amaro **ficou** muito perturbado.
(É. Veríssimo, *LS*, 137.)

d) continuidade de estado:

Calada estava, calada **permaneceu**.
(J. Condé, *C*, 4.)

O Barbaças **continuava** alheado e sorridente.
(F. Namora, *TJ*, 177.)

e) aparência de estado:

Ela **parecia** uma figura de retrato.
(Autran Dourado, *TA*, 14.)

Os ventos **pareciam** quietos naquela noite.
(Alves Redol, *BC*, 62.)

Observação:

Os VERBOS DE LIGAÇÃO (ou COPULATIVOS) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicativo.

Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam em determinado texto a fim de classificá-los com acerto.

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Estavas triste.	Estavas em casa.
Andei muito preocupado.	Andei muito hoje.
Fiquei pesaroso.	Fiquei no meu posto.
Continuamos silenciosos.	Continuamos a marcha.

Nas primeiras, os verbos *estar, andar, ficar* e *continuar* são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.

2. O PREDICATIVO pode ser representado:

a) por substantivo ou expressão substantivada:

— O boato é um **vício** detestável.
(C. de Oliveira, *AC*, 183.)

Todo momento de achar é **um perder-se a si próprio.**
(C. Lispector, *PSGH*, 12.)

b) por adjetivo ou locução adjetiva:

A praia estava **deserta.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 11.)

— Esta linha é **de morte.**
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

c) por pronome:

Vou calar-me e fingir que eu sou **eu**...
(A. Renault, *LSL*, XVIII.)

O mito é o nada que é **tudo**.
(F. Pessoa, *OP*, 8.)

d) por numeral:

Nós éramos **cinco** e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 5.)

Tua alma o um que são **dois** quando dois são **um**...
(F. Pessoa, *OP*, 298.)

e) por oração substantiva predicativa:

A verdade é / **que eu nunca me ralara muito com isso.**
(M. J. de Carvalho, *AV*, 107.)

Uma tarefa fundamental é / **preservar a história humana.**
(N. Piñon, *FD*, 73.)

Observações:

1.ª) O pronome *o*, quando funciona como PREDICATIVO, é demonstrativo:

Cada coisa é **o** que é.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Eu era **o** que eles me designassem.
(N. Piñon, *CC*, 13.)

2.ª) O PREDICATIVO pode referir-se ao OBJETO, aplicação esta que estudaremos adiante.

3.ª) Quando se deseja dar ênfase ao PREDICATIVO, costuma-se repeti-lo:

— **Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria**, já **o** não sou.
(A. Herculano, *LN*, I, 282.)

Tive depois motivo para crer que **o perverso e a peste** fora-**o** ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço.
(R. Pompeia, *A*, 50.)

É o que se chama PREDICATIVO PLEONÁSTICO.

PREDICADO VERBAL

O PREDICADO VERBAL tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO.

VERBOS SIGNIFICATIVOS são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Verbos intransitivos

Nestas orações de Da Costa e Silva,

Sobe a névoa... A sombra **desce**...
(*PC*, 281.)

verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais *sobe* e *desce*. Tais verbos são, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, não TRANSITIVOS: a ação não vai além do verbo.

Verbos transitivos

Nestas orações de Fernanda Botelho,

Ele não **me agradece**, / nem eu **lhe dou tempo**.
(*X*, 41.)

vemos que as formas verbais *agradece* e *dou* exigem certos termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o pronome *me* na primeira oração, o pronome *lhe* e o substantivo *tempo* na segunda), estes verbos chamam-se TRANSITIVOS.

Os verbos TRANSITIVOS podem ser DIRETOS, INDIRETOS, ou DIRETOS E INDIRETOS ao mesmo tempo.

1. VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Nestas orações de Agustina Bessa Luís,

Vou ver o doente.
(*OM*, 206.)

Ela **invejava os homens**.
(*OM*, 207.)

a ação expressa por *vou ver* e *invejava* transmite-se a outros elementos (*o doente* e *os homens*) diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. São, por isso, chamados VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS, e o termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de OBJETO DIRETO.

2. VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Nestes exemplos,

Da janela da cozinha, as mulheres **assistiam à cena**.
(R. de Queirós, *TR*, 15.)

Perdoem ao pobre tolo.
(C. dos Anjos, *DR*, 235.)

a ação expressa por *assistiam* e *perdoem* transita para outros elementos da oração (*a cena* e *o pobre tolo*) indiretamente, isto é, por meio da preposição *a*. Tais verbos são, por conseguinte, TRANSITIVOS INDIRETOS. O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.

3. VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS
Nestes exemplos,

O sucesso do seu gesto não **deu paz ao Lomba**.
(M. Torga, *NCM*, 51.)

Apenas **lhe aconselho prudência**.
(C. de Oliveira, *CD*, 94.)

a ação expressa por *deu* e *aconselho* transita para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar-lhes o sentido.

Observação:

Seguimos aqui a distinção estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Não é pacífica, ainda hoje, a conceituação de OBJETO INDIRETO, embora desde o século XVIII gramáticos, filólogos e linguistas tenham procurado precisá-la. Leia-se, a propósito, o que escreve André Chervel, na *Histoire de la grammaire scolaire*. Paris, Payot, 1981, p. 76, 120, 121, 172-176, 178-184, 245, 268.

PREDICADO VERBO-NOMINAL

Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também verbos significativos podem ser empregados com ele.

Nestes exemplos,

Paulo **riu despreocupado**.
(A. Peixoto, *RC*, 191.)

Amélia **saiu** da igreja, **muito fatigada, muito pálida**.
(Eça de Queirós, *OC*, I, 421.)

os verbos *rir* e *sair* são significativos. Na primeira oração, *despreocupado* refere-se ao sujeito *Paulo*, qualificando-o. Também *muito fatigada* e *muito pálida* são qualificações de *Amélia*, o sujeito da segunda oração.

A este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicado), dá-se o nome de VERBO-NOMINAL.

Observação:

No PREDICADO VERBO-NOMINAL, o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

O ato foi acusado **de ilegal**.
Carlos saiu estudante e voltou **como doutor**.

VARIABILIDADE DA PREDICAÇÃO VERBAL

A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente, ora com objeto direto, ora com objeto indireto.

Comparem-se estes exemplos:

Perdoai sempre.	[= INTRANSITIVO]
Perdoai **as ofensas**.	[= TRANSITIVO DIRETO]
Perdoai **aos inimigos**.	[= TRANSITIVO INDIRETO]
Perdoai **as ofensas aos inimigos**.	[= TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO]
Por que sonhas, ó jovem poeta?	[= INTRANSITIVO]
Sonhei **um sonho guinholesco**.	[= TRANSITIVO DIRETO]

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS INTEGRANTES

Examinemos as partes assinaladas nas orações abaixo:

Alguns colegas mostravam **interesse por ele**.
(R. Pompeia, *A*, 234.)

Tinha os olhos **rasos de lágrimas**.
(A. Bessa Luís, *QR*, 272.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

Não sei que diga do marido **relativamente ao baile da ilha**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 935.)

No primeiro exemplo, o pronome *ele* está relacionado com o substantivo *interesse* por meio da preposição *por*; no segundo, o substantivo *lágrimas* relaciona-se com o adjetivo *rasos* através da preposição *de*; no terceiro, o substantivo *poemas*, modificado pelo adjetivo *bastantes*, integra o sentido da forma verbal *tenho escrito*; no quarto, *o baile da ilha* prende-se ao advérbio *relativamente* por intermédio da preposição *a*.

Vemos, pois, que há palavras que completam o sentido de substantivos, de adjetivos, de verbos e de advérbios. As que se ligam por preposição a substantivo, adjetivo ou advérbio chamam-se COMPLEMENTOS NOMINAIS. Denominam-se COMPLEMENTOS VERBAIS as que integram o sentido do verbo.

COMPLEMENTO NOMINAL

O COMPLEMENTO NOMINAL vem, como dissemos, ligado por preposição ao substantivo, ao adjetivo ou ao advérbio cujo sentido integra ou limita. A palavra que tem o seu sentido completado ou integrado encerra "uma ideia de relação e o complemento é o objeto desta relação"[1].

O COMPLEMENTO NOMINAL pode ser representado por:

a) substantivo (acompanhado ou não dos seus modificadores):

O pior é a demora **do vapor.**
(V. Nemésio, *MTC*, 361.)

Só Joana parecia alheia **a toda essa atividade.**
(F. Namora, *TJ*, 231.)

b) pronome:

Tinha nojo **de si mesma.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 487.)

Ninguém teve notícia **dele.**
(J. Condé, *TC*, 101.)

c) numeral:

A vida dele era necessária **a ambas.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 393.)

Era um repasto de lágrimas **de ambos.**
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 563.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, **de um Além.**
(F. Pessoa, *OP*, 392)

Os dois adversários na luta **do sim** e **do não** trataram do que então lhes interessava, numa conversa breve.
(A. F. Schmidt, *AP*, 105.)

---

[1] Jean Dubois *et alii. Dictionnaire de linguistique.* Paris, Larousse, 1973, p. 103.

e) oração completiva nominal:

Comprei a consciência **de que sou**
Homem de trocas com a natureza.
(M. Torga, *CH*, 11.)

Estou com vontade **de suprimir este capítulo.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 509.)

Observações:

1.ª) O COMPLEMENTO NOMINAL pode estar integrando o sujeito, o predicativo, o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo.

2.ª) Convém ter presente que o nome cujo sentido o COMPLEMENTO NOMINAL integra corresponde, geralmente, a um verbo transitivo de radical semelhante:

amor **da pátria**	amar **a pátria**
ódio **aos injustos**	odiar **os injustos**

COMPLEMENTOS VERBAIS

OBJETO DIRETO

1. OBJETO DIRETO é o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal.
   Pode ser representado por:

a) substantivo:

Vou descobrir **mundos**, quero **glória** e **fama**!...
(Guerra Junqueiro, *S*, 12.)

Não recebo **dinheiro** nenhum.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 82.)

b) pronome (substantivo):

Os jornais **nada** publicaram.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 135.)

Nunca **o** interrompi.
(Alves Redol, *BSL*, 68.)

— Visto-**me** num instante e vou **te** levar de carro.
(Vianna Moog, *T*, 80.)

c) numeral:

— Já tenho **seis** lá em casa, que mal faz inteirar **sete**?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 31.)

Nunca achou **dois** ou **três**?
(A. Abelaira, *NC*, 62.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Tem **um quê** de inexplicável.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 230.)

Como quem compõe roupas
O **outrora** compúnhamos.
(F. Pessoa, *OP*, 206)

Perscrutava na quietude o **inútil de sua vida**.
(Autran Dourado, *TA*, 36.)

e) oração substantiva (objetiva direta):

Não quero **que fiques triste.**
(J. Régio, *SM*, 295.)

Veja **se consegue o mapa dos caminhos**.
(A. M. Machado, *CJ*, 244.)

2. Saliente-se, ainda, que na constituição do OBJETO DIRETO podem entrar mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Tomara-lhe **a mulher e a terra**, mas mandara-lhe entregar **o milho e as abóboras** que nela encontrara.
(Castro Soromenho, *C*, 3.)

Discreto e cauteloso, raramente diz "**sim**" ou "**não**" categóricos; prefere o **vamos ver** protelatório e reflexivo.
(A. M. Machado, *JT*, LI.)

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO[2]

1. O OBJETO DIRETO costuma vir regido da preposição *a*:

a) com os verbos que exprimem sentimentos:

> Não amo **a ninguém**, Pedro.
> (C. dos Anjos, *M*, 196.)

> Só não amava **a Jorge** como amava **ao filho**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 156.)

b) para evitar ambiguidade:

> Sabeis, que **ao Mestre** vai matá-lo.
> (M. Mesquita, *LT*, 66.)

c) quando vem antecipado, como nos provérbios seguintes:

> **A homem pobre** ninguém roube.
> **A médico, confessor e letrado** nunca enganes.

2. O OBJETO DIRETO é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico:

> Não **a ti**, Cristo, odeio ou te não quero.
> (F. Pessoa, *OP*, 218.)

> Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO

1. Quando se quer chamar atenção para o OBJETO DIRETO que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono:

---

[2] Sobre o emprego do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO em português, veja-se a excelente monografia de Karl Heinz Delille. *Die geschichtliche Entwicklung des präpositionalen Akkusativs im Portugiesischen*. Bonn, Romanisches Seminar der Universität, 1970.

Palavras cria-**as** o tempo e o tempo **as** mata.
(J. Cardoso Pires, *D*, 300.)

Árvore, filho e livro, queria-**os** perfeitos.
(Vianna Moog, *T*, 330.)

2. O OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO pode também ser constituído de um pronome átono e de uma forma pronominal tônica preposicionada:

A mim, ninguém **me** espera em casa.
(J. Régio, *CL*, 52.)

Quantas vezes, viandante, esta incolor paisagem
Não **te** mirou **a ti**, **a ti** também sem cor!
(A. de Guimaraens, *OC*, 194.)

Mas não encontrou Marcelo nenhum. Encontrou-**nos a nós**.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 23.)

OBJETO INDIRETO

1. OBJETO INDIRETO é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição.
Pode ser representado por:

a) substantivo:

Duvidava **da riqueza da terra**.
(N. Piñon, *CC*, 190.)

Necessitamos **de uma cabeça bem firme na terra, bem fincada na terra**!
(A. Abelaira, *NC*, 74.)

b) pronome (substantivo):

Que ela afaste **de ti** aquelas dores
Que fizeram **de mim** isto que sou!
(F. Espanca, *S*, 24.)

Inserir-se em Roma é mais difícil do que incorporar **a si** o sentimento de Roma.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 25.)

c) numeral:

Os domingos, porém, pertenciam **aos dois**.
(F. Namora, *CS*, 113.)

Se o meu barbeiro é, como creio, verdadeiro, a viúva do defunto compôs-se com o matador, e o ministério público **com ambos**, de modo que o homicida granjeou pacificamente suas terras.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 93.)

d) palavra ou expressão substantivada:

Mas — quem daria dinheiro **aos pobres**?
(C. Lispector, *BF*, 138.)

Seu formidável vulto solitário
Enche **de estar presente** o mar e o céu.
(F. Pessoa, *OP*, 14.)

e) oração substantiva (objetiva indireta):

— Não te esqueças **de que a obediência é o primeiro voto das noviças.**
(J. Montello, *DP*, 236.)

A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se **de que ambas estavam no carro.**
(C. Lispector, *LF*, 90.)

2. Como o OBJETO DIRETO, o OBJETO INDIRETO pode ser constituído de mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se **ao estudo e à cura** de si mesmo.
(Machado de Assis, *OC*, II, 288.)

Embora, não perceba grande coisa do que ouve, está sempre a precisar **disto e daquilo.**
(M. J. de Carvalho, *AV*, 54.)

Observação:

Não vem precedido de preposição o OBJETO INDIRETO representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, e pelo reflexivo *se*. Note-se que o pronome oblíquo *lhe* (*lhes*) é essencialmente OBJETO INDIRETO:

— Você não **me** está insinuando que não vai aceitar?
(Vianna Moog, *T*, 390.)

As noites não **lhe** trouxeram repouso, mas deram-**lhe**, em contrapartida, tempo para a meditação.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1177.)

Luís Garcia dera-**se** pressa em visitar o filho de Valéria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 336.)

A propósito do emprego dos pronomes oblíquos (tônicos e átonos), bem como do modo por que se podem combinar, leia-se o que dizemos no capítulo 11.

OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO

Com a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o OBJETO INDIRETO. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal átono. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tônico antecedido de preposição:

A mim ensinou-**me** tudo.
(F. Pessoa, *OP*, 145.)

— Quem **lhe** disse **a você** que estavam no palheiro?
(C. de Oliveira, *AC*, 119.)

Aos meus escritos, não **lhes** dava importância nenhuma.
(G. Amado, *HMI*, 190.)

Observação:

Enquanto a preposição que encabeça um ADJUNTO ADVERBIAL possui claro valor significativo, a que introduz um OBJETO INDIRETO apresenta acentuado esvaziamento de sentido. Comparem-se estes exemplos:

Cantava **para os amigos**.	Não duvides **de mim**.
Viajou **para São Paulo**.	Não saias **de casa**.

Nas duas primeiras orações, em que introduzem OBJETO INDIRETO, as preposições *para* e *de* são simples elos sintáticos. Nas duas últimas, introduzindo ADJUNTOS ADVERBIAIS, servem para indicar, respectivamente, o *lugar para onde* e o *lugar donde*.

A propósito, leia-se o que escrevemos no capítulo 15.

PREDICATIVO DO OBJETO

1. Tanto o OBJETO DIRETO como o INDIRETO podem ser modificados por PREDICATIVO. O PREDICATIVO DO OBJETO só aparece no predicado VERBO-NOMINAL, e é expresso:

a) por substantivo:

Uns **a** nomeiam **primavera**. Eu **lhe** chamo **estado de espírito**.
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 125.)

Chamo-**me Aldemiro**.
(I. Lisboa, *MCN*, 94.)

b) por adjetivo:

Os trabalhadores da Gamboa julgam-**no assombrado**.
(O. Mendes, *P*, 140.)

Naquele ano Ismael achou **o avô mais macambúzio**.
(Autran Dourado, *TA*, 41.)

2. Como o PREDICATIVO DO SUJEITO, o DO OBJETO pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

Quaresma então explicou porque **o** tratavam **por major**.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 215.)

Considero-**o como o primeiro dos precursores do espírito moderno**.
(A. de Quental, *C*, 313.)

Observação:

Somente com o verbo *chamar* pode ocorrer o PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO:

A gente só ouvia o Pancário chamar-**lhe ladrão e mentiroso**.
(Castro Soromenho, *V*. 220.)

Chamam-**lhe fascista** por toda a parte.
(C. dos Anjos, *M*, 277.)

Com os demais verbos que admitem esse predicativo (por exemplo: *crer*, *eleger*, *encontrar*, *estimar*, *fazer*, *julgar*, *nomear*, *proclamar* e sinônimos), ele é sempre um

modificador do OBJETO DIRETO. Baseados nesse fato, filólogos como Epifânio da Silva Dias e Martinz de Aguiar preferem considerar o complemento no caso — seja expresso pelo pronome *lhe*, seja por um substantivo antecedido de preposição — como OBJETO DIRETO.

AGENTE DA PASSIVA

1. AGENTE DA PASSIVA é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal — normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *de* — pode ser representado:

a) por substantivo ou palavra substantivada:

— Esta carta foi escrita **por** um **marinheiro** americano.
(F. Namora, *DT*, 120.)

Um jornal é lido **por** muita **gente**.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

b) por pronome:

Ele **dela** é ignorado.
Ela para ele é ninguém.
(F. Pessoa, *OP*, 117.)

A mesma oração foi **por mim** proferida em São José dos Campos, minha cidade natal.
(Cassiano Ricardo, *VTE*, 26.)

c) por numeral:

Tudo quanto os leitores sabem de um e de outro foi ali exposto **por ambos**, e **por ambos** ouvido entre abatimento e cólera.
(Machado de Assis, *OC*, II, 212-213.)

Não devem ser escutadas por todos; têm de ser ouvidas **por um**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 350.)

d) por oração substantiva:

E se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita **por quantos tenham uma experiên-**

cia análoga, e não pensam a América, mas se incorporam nela, sem deixarem de ser Europeus.

(M. Torga, *TU*, 48.)

Mariana era apreciada **por todos quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.**

(Machado de Assis, *OC*, II, 746.)

TRANSFORMAÇÃO DA ORAÇÃO ATIVA EM PASSIVA

1. Quando uma oração contém um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:
   a) o objeto direto passa a ser sujeito da passiva;
   b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
   c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Tomando-se como exemplo a seguinte oração ativa,

A inflação corrói os salários,

poderíamos colocá-la no esquema:

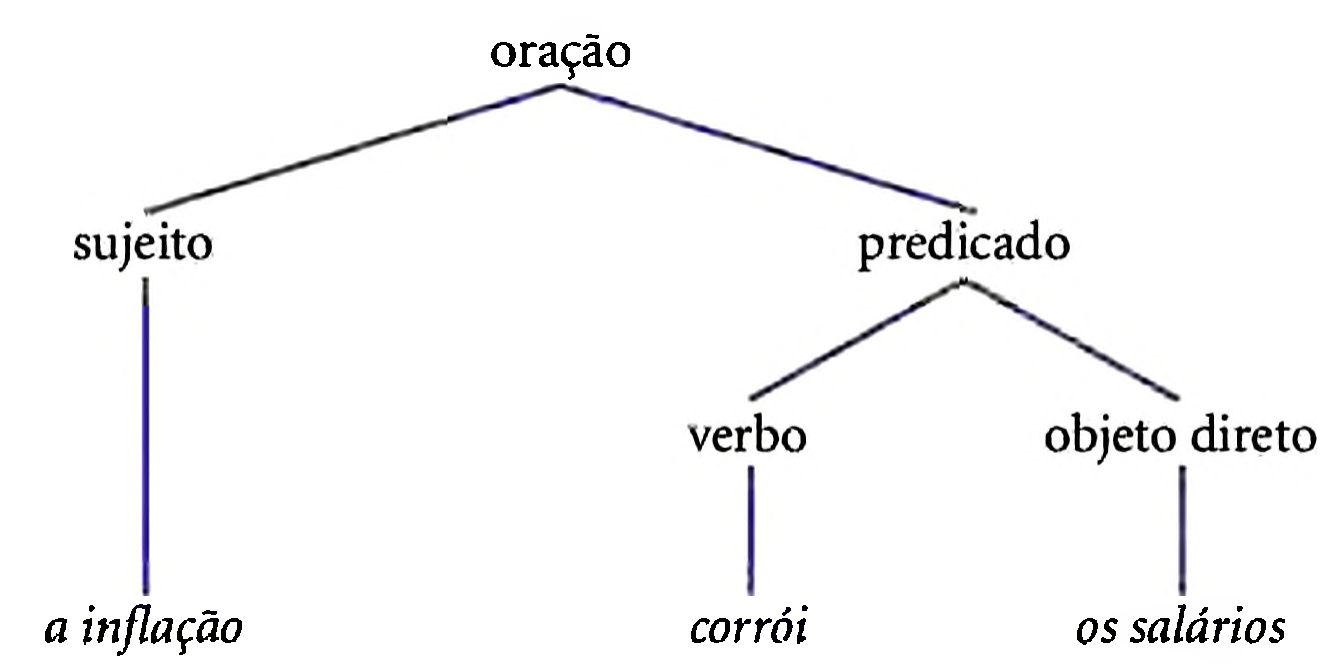

Convertida na oração passiva, teríamos:

Os salários são corroídos pela inflação.

O seu esquema seria então:

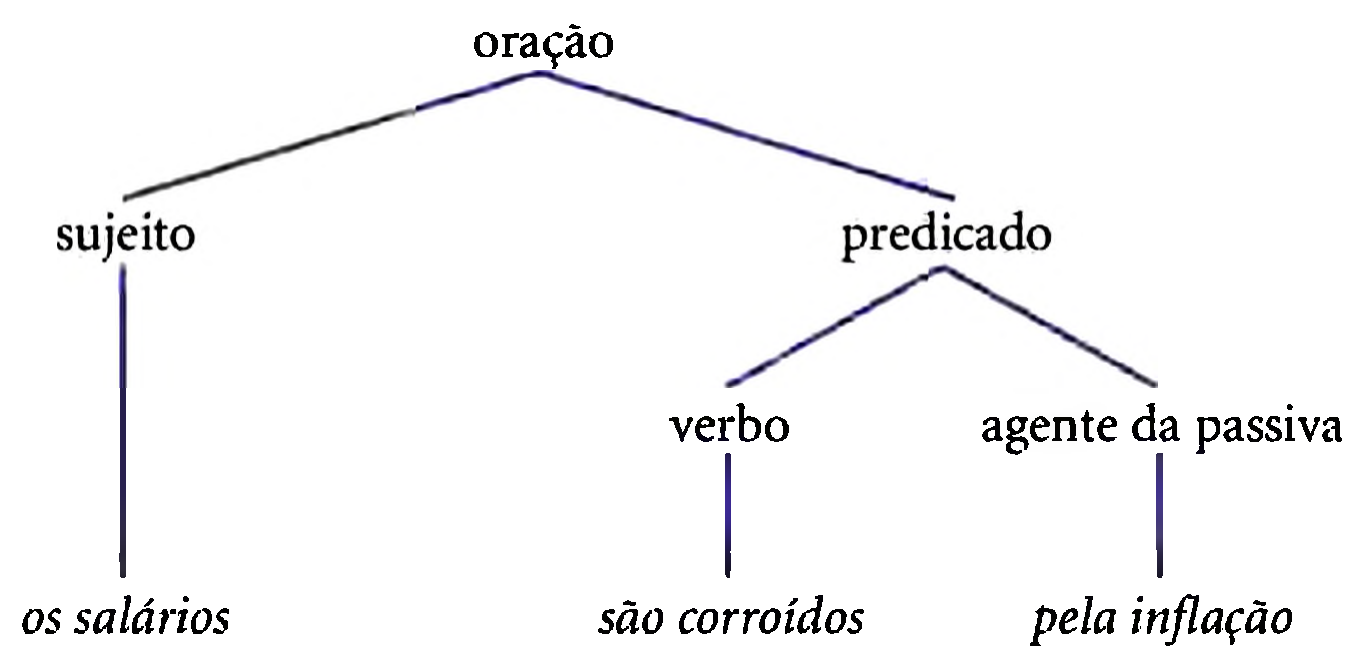

2. Se numa oração da voz ativa o verbo estiver na 3.ª pessoa do plural para indicar a indeterminação do sujeito, na transformação passiva cala-se o agente. Assim:

VOZ ATIVA	VOZ PASSIVA
Aumentaram os salários.	Os salários foram aumentados.
Contiveram a inflação.	A inflação foi contida.

Observações:

1.ª) Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

2.ª) Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente:

Aumentou-se o salário dos gráficos.
Conteve-se a inflação em níveis razoáveis.

A ORAÇÃO E OS SEUS TERMOS ACESSÓRIOS

Chamam-se ACESSÓRIOS OS TERMOS que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação.

São TERMOS ACESSÓRIOS:

a) O ADJUNTO ADNOMINAL;
b) O ADJUNTO ADVERBIAL;
c) O APOSTO.

ADJUNTO ADNOMINAL

ADJUNTO ADNOMINAL é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.

O ADJUNTO ADNOMINAL pode vir expresso por:

a) adjetivo:

> Na areia podemos fazer até castelos **soberbos**, onde abrigar o nosso **íntimo** sonho.
> (R. Braga, *CCE*, 251.)

> — Tenho pensado que toda esta geringonça **social** precisa de uma **grande** volta.
> (C. de Oliveira, *CD*, 93.)

b) locução adjetiva:

> Tinha uma memória **de prodígio.**
> (J. Lins do Rego, *ME*, 104.)

> Era um homem **de consciência.**
> (A. Abelaira, *NC*, 15.)

> O homem já estava acamado
> Dentro da noite **sem cor.**
> (M. Bandeira, *PP*, I, 339.)

c) artigo (definido ou indefinido):

> **O** ovo é **a** cruz que **a** galinha carrega **na** vida.
> (C. Lispector, *FC*, 51.)

> **As** ondas rebentavam com estrondo, formando **uma** muralha de espuma, para lá da qual **o** mar era **um** lago sereno e azul.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 10.)

d) pronome adjetivo:

> Deposito a **minha** dona no limiar da **sua** moradia.
> (F. Botelho, *X*, 118.)

Vários vendedores de artesanato expunham **suas** mercadorias.
(R. Fonseca, *C*, 76-77.)

e) numeral:

Casara-se havia **duas** semanas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 29.)

Tinha uns **seis** a **oito** meses e eu, proporcionalmente, devia orçar pela sua idade.
(A. Ribeiro, *CRG*, 17.)

f) oração adjetiva:

Os cabelos, **que tinha fartos e lisos**, caíram-lhe todos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 116.)

Venho cumprir uma missão do sacerdócio **que abracei**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 155.)

Observação:

O mesmo substantivo pode estar acompanhado por mais de um ADJUNTO ADNOMINAL:

Ante **o meu** embezerramento, o paizinho sorria **um** sorriso **benévolo** e **desenfadado**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 11.)

Um Cristo **barroco** pendia da cruz, **num** altar **lateral**.
(Vianna Moog, *T*, 86.)

ADJUNTO ADVERBIAL

ADJUNTO ADVERBIAL é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio.

O ADJUNTO ADVERBIAL pode vir representado por:

a) advérbio:

Aqui não passa ninguém.
(F. Namora, *TJ*, 205.)

Amou-a **perdidamente.**
(L. Fagundes Telles, *DA*, 118.)

b) por locução ou expressão adverbial:

De súbito, eu, o Barão e a criada começamos a dançar **no meio da sala.**
(Branquinho da Fonseca, *B*, 61.)

Lá embaixo aparece Jacarecanga **sob o sol do meio-dia.**
(É. Veríssimo, *ML*, 13.)

c) por oração adverbial:

Fechemos os olhos **até que o sol comece a declinar.**
(A. M. Machado, *CJ*, 82.)

Quando acordou, já Lisa ali estava.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 141.)

Classificação dos adjuntos adverbiais

É difícil enumerar todos os tipos de ADJUNTOS ADVERBIAIS. Muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exata. Não obstante, convém conhecer os seguintes:

a) DE CAUSA:

Por que lhes dais tanta dor?!
(A. Gil, *LJ*, 25.)

Não havia de perder o esforço daqueles anos todos, **por causa de um exame só, o derradeiro.**
(C. dos Anjos, *MS*, 343.)

b) DE COMPANHIA:

Lanchas, ide **com Deus**! Ide e voltai **com ele**
Por esse mar de Cristo...
(A. Nobre, *S*, 32.)

Vivi **com Daniel** perto de dois anos.
(C. Lispector, BF, 79.)

c) DE DÚVIDA:

Talvez Nina tivesse razão...
(V. Nemésio, *MTC*, 105.)

Acaso meu pai entenderia mesmo de poemas?
(L. Jardim, *MPM*, 89.)

d) DE FIM:

Há homens **para nada**, muitos **para pouco**, alguns **para muito**, nenhum **para tudo**.
(Marquês de Maricá, *M*, 87.)

Viaja então para se contrafazer, **por penitência**?
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

e) DE INSTRUMENTO:

Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, **a ancinho**, as folhas caídas.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 156.)

Dou-te **com o chicote**, ouviste!
(Luandino Vieira, *L*, 41.)

f) DE INTENSIDADE:

Gosto **muito** de ti.
(M. Torga, *NCM*, 32.)

— Ou ele estuda **demais**, ou não come **bastante** de manhã, disse a mãe.
(C. Lispector, *LF*, 104.)

g) DE LUGAR AONDE [5]:

Cheguei **à taberna do velho** ao fim da tarde.
(Alves Redol, *BSL*, 330.)

---

[5] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, veja-se p. 355-6.

Veja **aonde** vai.
(A. M. Machado, *CJ*, 243.)

h) DE LUGAR ONDE:

No mês passado estive algumas horas **em Cartago.**
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

O vulto escuro entrou **no jardim**, sumiu-se **em meio às árvores.**
(É. Veríssimo, *LS*, 133.)

i) DE LUGAR DONDE:

Dos mares da China não mais virão as quinquilharias.
(M. Rubião, *D*, 144.)

— Some-te **daqui**, ingrato!
(F. Namora, *TJ*, 99.)

j) DE LUGAR PARA ONDE:

Levaram a defunta numa rede **para o cemitério de S. Caetano.**
(L. Jardim, *MP*, 25.)

A chuva levou-os **para casa.**
(C. de Oliveira, *AC*, 166.)

l) DE LUGAR POR ONDE:

Atravessou o Campo da Aclamação, enfiou **pela Rua de São Pedro** e meteu-se **pelo Aterrado acima.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 569.)

Por sobre o navio voejavam ainda gaivotas, com movimentos lentos, ritmados.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 593.)

m) DE MATÉRIA:

Obra de finado. Escrevi-a **com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.**
(Machado de Assis, *OC*, I, 413.)

Cheguei de Paris, e encontrei uma carta de Irene, escrita na véspera do casamento. Era um adeus **com raiva e lágrimas**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 298.)

n) DE MEIO:

Estarei talvez confundindo as coisas, mas Aníbal ainda viajava **de bicicleta**, imaginem!
(A. Abelaira, *NC*, 19.)

Voltamos **de bote** para a ponta do Caju.
(Lima Barreto, *REIC*, 287.)

o) DE MODO:

Vagarosamente ela foi recolhendo o fio.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 7.)

Henriqueta subiu a escada, **pé ante pé**, como um ladrão.
(V. Nemésio, *MTC*, 79.)

p) DE NEGAÇÃO:

— **Não**, senhor Cônego, vejo. Mas **não** concordo, **não** aceito.
(B. Santareno, *TPM*, 109.)

— **Não** partas, **não**. Aqui todos te querem!
(Castro Alves, *EF*, 154.)

q) DE TEMPO:

Todas as manhãs ele sentava-se **cedo** a essa mesa e escrevia **até as dez, onze horas**.
(P. Nava, *BO*, 330.)

A Custódia esteve **cinco anos** na clausura.
(A. Ribeiro, *CRG*, 28.)

APOSTO

1. APOSTO é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação:

Eles, **os pobres desesperados**, tinham uma euforia de fantoches.
(F. Namora, *DT*, 237.)

Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, **pessoa estimável**, o Chico das Cambraias, **folgazão emérito**, o escrivão **Fabrício**, e ainda outros?
(Machado de Assis, *OC*, II, 269.)

2. Entre o APOSTO e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por uma vírgula, como nos exemplos acima.
Mas pode também não haver pausa entre o APOSTO e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo APOSTO.
Por exemplo:

A cidade **de Lisboa**
O poeta **Bilac**
O rei **D. Manuel**
O mês **de junho**

Este APOSTO, chamado de ESPECIFICAÇÃO, não deve ser confundido com certas construções formalmente semelhantes, como

O clima **de Lisboa**
O soneto **de Bilac**
A época **de D. Manuel**
As festas **de junho**

em que *de Lisboa*, *de Bilac*, *de D. Manuel* e *de junho* equivalem a adjetivos (= *lisboeta*, *bilaquiano*, *manuelina* e *juninas*) e funcionam, portanto, como ATRIBUTOS OU ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3. O APOSTO pode também:
a) ser representado por uma oração:

A outra metade tocara aos sobrinhos, com uma condição expressa: **que o legado só lhes fosse entregue trinta anos depois**.
(J. Montello, *LE*, 202.)

A verdade é esta: **não fala a bem dizer com acento algum**.
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 108.)

b) referir-se a uma oração inteira:

> Pediu que lhe fornecessem papel de carta e que lhe restituíssem a sua caneta, **o** que lhe foi concedido.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1183.)

> O importante é saber para onde puxa mais a corredeira — **coisa**, aliás, **sem grandes mistérios**.
> (M. Palmério, *VC*, 375.)

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

> Tudo o fazia lembrar-se dela: **a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!**
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pé de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, **tudo** na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 289.)

Valor sintático do aposto

O APOSTO tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Pode, assim, haver:

a) aposto no sujeito:

> Ela, **Dora**, foi, de resto, muitíssimo discreta.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 105.)

> A espingarda lazarina, **a melhor espingarda do mundo**, não mentia fogo e alcançava longe, alcançava tanto quanto a vista do dono; a mulher, **Cesária**, fazia renda e adivinhava os pensamentos do marido.
> (G. Ramos, *AOH*, 25.)

b) aposto no predicativo:

> As escrituras eram duas: **a do distrate da hipoteca e a da venda das propriedades**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

O meu projeto é este: **podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto.**
(G. Ramos, *AOH*, 143.)

c) aposto no complemento nominal:

João Viegas está ansioso por um amigo que se demora, **o Calisto.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 521.)

A vida é um contínuo naufrágio de tudo: **de seres e de coisas, de paixões e de indiferenças, de ambições e temores.**
(A. F. Schmidt, *F*, 72.)

d) aposto no objeto direto:

Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, **Sócrates**, que tinha um demônio familiar, **Pascal**, que via um abismo à esquerda, **Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula...**
(Machado de Assis, *OC*, II, 262.)

Jogamos uma partida de xadrez, **uma luta renhida**, quase duas horas...
(A. Abelaira, *NC*, 54.)

e) aposto no objeto indireto:

Devorador da vida lhe chamaram,
A ele, **artista, sábio e pensador,**
Que denodadamente se procura!
(M. Torga, *CH*, 79.)

Meu pai cortava cana para a égua, **sua montaria predileta.**
(J. Amado, *MG*, 13.)

Foi o que sucedeu ao seu maior amigo, **ao Abel**, quando andavam na traineira do Domingos Peixe.
(Alves Redol, *FM*, 173.)

f) aposto no agente da passiva:

Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, **o vereador dissidente**, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas.
(Machado de Assis, *OC*, II, 274.)

As paredes foram levantadas por Tomás Manuel, **avô do Engenheiro.**
(J. Cardoso Pires, *D*, 63.)

g) aposto no adjunto adverbial:

Uma vez empossado da licença começou a construir a casa. Era na rua nova, **a mais bela de Itaguaí.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 256-257.)

Foi em 14 de maio de 1542, **uma segunda-feira.**
(A. Ribeiro, *PST*, 272.)

h) aposto no aposto:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, **filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 255.)

No Recolhimento morreram umas, ficaram desfeadas outras para todo o sempre, cegou a filha do Floriano, fidalgo de Rape, **cunhado de meu padrinho**, D. Nicéforo da Ula Monterroso Barbaleda Fernandes, **moço fidalgo da Casa Real e par do Reino.**
(A. Ribeiro, *CRG*, 29.)

i) aposto no vocativo:

Razão, **irmã do Amor e da Justiça,**
Mais uma vez escuta a minha prece.
(A. de Quental, *SC*, 71.)

Tu, Deus, **o Inspirador, Taumaturgo e Adivinho,**
Dá-me alívio ao pesar, prodigando-me o Vinho
Que é o néctar celestial da eterna Moradia.
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Aposto predicativo

Com o APOSTO atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo objeto, o mesmo fato ou a mesma ideia.

Por isso, o APOSTO não deve ser confundido com o adjetivo que, em função de PREDICATIVO, costuma vir separado do substantivo que modifica por uma pausa sensível (indicada geralmente por vírgula na escrita). Numa oração como a seguinte

E a noite vai descendo **muda e calma**...
(F. Espanca, *S*, 60.)

que também poderia ser enunciada

E a noite, **muda e calma**, vai descendo...

ou

E, **muda e calma**, a noite vai descendo...,

muda e calma é PREDICATIVO de um predicado verbo-nominal.

O mesmo raciocínio aplica-se à análise de orações elípticas, cujo corpo se reduz a um adjetivo, que nelas desempenha a função de PREDICATIVO.

É o caso de frases do tipo:

Rico, desdenhava dos humildes.

em que *rico* não é APOSTO. Equivale a uma oração adverbial de causa [= *porque era rico*], dentro da qual exerce a função de PREDICATIVO.

O adjetivo, enquanto adjetivo, "não pode exercer a função de APOSTO, porque ele designa *uma característica* do ser ou da coisa, e não o próprio ser ou a própria coisa"[4].

VOCATIVO

1. Examinando estes versos de A. Nobre,

Manuel, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
(*S*, 51.)

Ó sinos de Santa Clara,
Por quem dobrais, quem morreu?
(*S*, 47.)

---

[4] Georges Galichet. *Grammaire structurale du français moderne*. 2.ª ed. Paris–Limoges, Charles-Lavauzelle, 1968, p. 135.

vemos que, neles, os termos *Manuel* e *Ó sinos de Santa Clara* não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.
A estes termos, de entoação exclamativa e isolados do resto da frase, dá-se o nome de VOCATIVO.

2. Embora não subordinado a nenhum outro termo da oração e isolado do resto da frase, o VOCATIVO pode relacionar-se com algum dos termos.
Assim, neste exemplo,

> E, ao vê-la, acordarei, **meu Deus de França!**
> (A. Nobre, *S*, 43.)

o VOCATIVO *meu Deus de França!* não tem relação alguma com os demais termos da frase.
Já nestes exemplos,

> Dizei-me vós, **Senhor Deus!**
> (Castro Alves, *OC*, 281.)

> **Ó lanchas**, Deus vos leve pela mão!
> (A. Nobre, *S*, 31.)

o VOCATIVO *Senhor Deus!* relaciona-se com o sujeito *vós*, da primeira oração; e o VOCATIVO *Ó lanchas* com o objeto direto *vos*, da segunda.

Observações:

1.ª) Quando se quer dar maior ênfase à frase, costuma-se preceder o VOCATIVO da interjeição *ó!*, como neste exemplo de Vinícius de Morais:

> **Ó minha amada,**
> Que olhos os teus!
> (PCP, 334.)

2.ª) Na escrita, o VOCATIVO vem normalmente isolado por vírgula, ou seguido de ponto de exclamação, como nos mostram os exemplos acima.

3.ª) Cumpre distinguir o VOCATIVO do substantivo que, acompanhado ou não de determinação, constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas do tipo:

> **Silêncio!** [= Faça silêncio!]
> **Mãos ao alto!** [= Ponha as mãos ao alto!]

COLOCAÇÃO DOS TERMOS NA ORAÇÃO

ORDEM DIRETA E ORDEM INVERSA

1. Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ORDEM DIRETA, isto é, os termos da oração dispõem-se preferencialmente na sequência:

   SUJEITO + VERBO + OBJETO DIRETO + OBJETO INDIRETO

   ou

   SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO

   Essa preferência pela ORDEM DIRETA é mais sensível nas ORAÇÕES ENUNCIATIVAS OU DECLARATIVAS (afirmativas ou negativas). Assim:

   Carlos ofereceu um livro ao colega.
   Carlos é gentil.
   Paulo não perdoou a ofensa do colega.
   Paulo não é generoso.

2. Ao reconhecermos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

INVERSÕES DE NATUREZA ESTILÍSTICA

Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.

Assim, o realce do SUJEITO provoca geralmente a sua posposição ao VERBO:

Quero levar-te a dédalos profundos,
Onde refervem **sóis... e céus... e mundos...**
(Castro Alves, *EF*, 44.)

És **tu**! És **tu**! Sempre vieste, enfim!
(F. Espanca, *S*, 140.)

Não vês o que te dou **eu**?
(V. de Morais, *PCP*, 297.)

Ao contrário, o realce do PREDICATIVO, do OBJETO (DIRETO ou INDIRETO) e do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

> **Fraca** foi a resistência.
> (C. dos Anjos, *MS*, 313.)

> **Minha espada**, pesada a braços lassos,
> Em mãos viris e calmas entreguei.
> (F. Pessoa, *OP*, 67.)

> **A ela** devia o meu estado psíquico cinzento e melindroso.
> (F. Namora, *DT*, 59.)

> **Acolá, na entrada do Catongo**, é uma festa de mutirão.
> (Adonias Filho, *LP*, 30.)

INVERSÕES DE NATUREZA GRAMATICAL

Em outros lugares deste livro tratamos da colocação de termos da oração. Nos capítulos 10, 11 e 14 estudamos, respectivamente, a posição:

a) do ADJETIVO como ADJUNTO ADNOMINAL;
b) dos PRONOMES, em particular dos PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS que servem de OBJETO DIRETO ou INDIRETO;
c) do ADVÉRBIO e de outras classes de palavras em sua função oracional.

No capítulo 19 examinamos as figuras de sintaxe denominadas HIPÉRBATO, ANÁSTROFE e SÍNQUISE. Por isso, vamos restringir-nos aqui apenas a algumas considerações quanto à posição do VERBO relativamente ao SUJEITO e ao PREDICATIVO.

Inversão verbo + sujeito

1. A inversão VERBO + SUJEITO verifica-se em geral:

a) nas orações interrogativas:

> Que **fazes tu** de grande e bom, contudo?
> (A. de Quental, *SC*, 64.)

> Onde **está a estrela da manhã**?
> (M. Bandeira, *PP*, I, 233.)

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

> **Ouve tu**, meu cansado coração,
> O que te diz a voz da natureza:
> (A. de Quental, *SC*, 51.)

> **Dize**-me **tu**, ó céu deserto,
> **dize**-me **tu** se é muito tarde.
> (C. Meireles, *OP*, 502.)

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

> **Formam-se bolhas** na água...
> (F. Pessoa, *OP*, 160.)

> **Servia-se o almoço** às dez.
> (C. dos Anjos, *MS*, 4.)

d) nas orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, um desejo:

> — Que **venha essa coisa melhor!**
> (M. Rubião, *D*, 17.)

> **Chovam lírios e rosas** no teu colo!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> **Durma**, de tuas mãos nas palmas sacrossantas,
> **O meu remorso.**
> (O. Bilac, *T*, 192.)

e) nas orações construídas com verbos do tipo *dizer, sugerir, perguntar, responder* e sinônimos que arrematam enunciados em DISCURSO DIRETO ou neles se inserem:

> — Isso não se faz, moço, **protestou Fabiano.**
> (G. Ramos, *VS*, 66.)

> — Traz-se-lhe as duas coisas — **disse o Barão** aflorando a cabeça no ombro da consorte, de mão na porta escura.
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

f) nas orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:

Pelas madrugadas de São João, **ao começarem a morrer as fogueiras,** mocinhas postavam-se diante do Solar.
(G. França de Lima, *JV*, 5.)

Tendo adoecido o nosso professor de português, padre Faria, ele o substituiu.
(J. Amado, *MG*, 112.)

Acabada a lenga-lenga, pretendi que bisasse.
(A. Ribeiro, *CRG*, 16.)

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção:

Tivesse eu tomado em meus braços a rapariga e pagaria dentro em pouco em amarguras os momentos fugazes de felicidade.
(A. F. Schmidt, *AP*, 68.)

Viesse a ocasião, e ele havia de mostrar de que pau era a canoa...
(Machado de Assis, *OC*, I, 505.)

h) em certas construções com verbos unipessoais:

Aconteceu no Rio, como **acontecem tantas coisas**.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Basta o amor ao trabalho...
(A. Abelaira, *NC*, 14.)

Zuzé aproveitou para meter a parte dele, ainda **doía-lhe** no coração **a cabeçada antiga**.
(Luandino Vieira, *L*, 48.)

i) nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por adjunto adverbial:

Este **é o destino dos versos**.
(F. Pessoa, *OP*, 165.)

Essa justiça vulgar, porém, não me **soube fazer o meu velho mestre.**
(R. Barbosa, *R*, 86.)

A nós, homens de letras, **impõe-se o dever da direção deste movimento.**
(O. Bilac, *DN*, 112.)

Num paquete como este não **existe a solidão!**
(A. Abelaira, *NC*, 41.)

2. A oração subordinada substantiva subjetiva coloca-se normalmente depois do verbo da principal:

É provável **que te sintas logo muito melhor.**
(A. O'Neill, *SO*, 37.)

Parece **que vamos ter um belo dia de sol, depois de uma noite de vento e chuva.**
(J. Montello, *A*, 178.)

É preciso **que eles nos temam.**
(Castro Soromenho, *V*, 116.)

3. Em princípio, os verbos intransitivos podem vir sempre antepostos ao seu sujeito:

Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram vales e campinas...
(A. de Quental, *SC*, 114.)

Correm as horas, vem o Sol descambando; **refresca a brisa**, e **sopra** rijo **o vento**. Não **ciciam** mais **os buritis**...
(Visconde de Taunay, *I*, 33.)

Observações:

1.ª) Embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão VERBO + SUJEITO, em quase todos eles é possível — e perfeitamente correta — a construção SUJEITO + VERBO.

2.ª) O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer desempenhe a função de sujeito, quer a de objeto.

Inversão predicativo + verbo

1. O PREDICATIVO segue normalmente o verbo de ligação. Pode, no entanto, precedê-lo:

a) nas orações interrogativas e exclamativas:

> **Que monstro seria** ela?
> (J. Lins do Rego, *E*, 255.)

> **Que lindos eram** os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de ônix líquido dos olhos pequeninos!
> (A. Ribeiro, *CRG*, 91.)

b) em construções afetivas do tipo:

> **Orgulhoso, apaixonado pela própria imagem — isso** ele **o foi**!
> (A. F. Schmidt, *F*, 131.)

> **Probidade — essa foi** realmente a qualidade primacial de Veríssimo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 415.)

2. Na voz passiva analítica, o PARTICÍPIO vem normalmente posposto às formas do auxiliar *ser*. Costuma, no entanto, precedê-las em frases afetivas denotadoras de um desejo:

> **Abençoados sejam** os nossos maiores, que nos deram esta Pátria livre e formosa!
> (O. Bilac, *DN*, 81.)

> **Amaldiçoados sejam** eles, caiam-lhes as almas nas profundezas do inferno.
> (J. Saramago, *LC*, 121.)

ENTOAÇÃO ORACIONAL

1. Dos elementos constitutivos da voz humana é o TOM, ou altura musical, o mais sensível às modificações emocionais. Agrada-nos ou desagrada-nos o tom de voz de uma pessoa. Percebemos imediatamente se ela fala em *tom alto* ou *baixo*, ou se, pobre de inflexões, a sua elocução é *monótona*, isto é, de um "só tom", o que vale dizer "enfadonha". A fala expressiva exige variedade de tons e sua adequação ao pensamento.

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos chama-se ENTOAÇÃO.

2. Os diferentes problemas suscitados pelas tentativas de interpretação da curva melódica têm posto à prova a argúcia dos linguistas contemporâneos.
Entre esses problemas de solução delicada, sobreleva o de caracterizar o valor da entoação na frase, isto é, o de saber se nela a entoação desempenha uma função linguística (significativa ou distintiva) determinada. Por outras palavras: interessa-nos saber preliminarmente se, pela simples diversidade da curva melódica, duas mensagens — no mais foneticamente idênticas — podem ser interpretadas de maneira distinta pelos usuários de uma mesma língua.
Pelas razões que aduziremos a seguir, parece-nos lícito reconhecer a funcionalidade linguística da entoação em nosso idioma.

GRUPO ACENTUAL E GRUPO FÔNICO

Dissemos que GRUPO ACENTUAL é todo segmento de frase que se apoia em um acento tônico principal. A um ou vários grupos acentuais compreendidos entre duas pausas (lógicas, expressivas, ou respiratórias) dá-se o nome de GRUPO FÔNICO.

Por exemplo, numa elocução lenta, o seguinte período de Marques Rebelo

O aguaceiro / desabou, / com estrépito, / mas a folia / persistiu.

apresenta cinco GRUPOS ACENTUAIS, cujos limites marcamos com um traço inclinado. Mas encerra apenas três GRUPOS FÔNICOS:

O aguaceiro desabou, // com estrépito, // mas a folia persistiu.

que separamos por dois traços.

Já numa elocução rápida, que omitisse a pausa (indicada pela vírgula) entre o verbo *desabou* e o seu adjunto adverbial *com estrépito*, o período em exame passaria a ter somente dois GRUPOS FÔNICOS:

O aguaceiro desabou com estrépito, // mas a folia persistiu.

O GRUPO FÔNICO, UNIDADE MELÓDICA

A UNIDADE MELÓDICA é o segmento mínimo de um enunciado com sentido próprio e com forma musical determinada. Os seus limites coincidem com os

do GRUPO FÔNICO. Podemos, pois, considerar o GRUPO FÔNICO o equivalente da UNIDADE MELÓDICA.[5]

Observação:

Em poesia, os versos curtos (até sete sílabas) constam geralmente de um só grupo fônico. Os versos longos costumam apresentar internamente uma deflexão da voz (CESURA), que os divide em hemistíquios. Cada hemistíquio corresponde, de regra, a um grupo fônico.

O GRUPO FÔNICO E A ORAÇÃO

Caracterizada a unidade melódica, passemos à análise das diferenças que se observam na curva tonal descrita por três tipos de oração: a DECLARATIVA, a INTERROGATIVA e a EXCLAMATIVA.

Oração declarativa

1. Examinando a seguinte oração, constituída de um só grupo fônico:

Os alunos chegaram tarde

observamos que a voz descreve, aproximadamente, esta curva melódica:

lu ga tar
nos che ram
a
Os
de

que poderíamos simplificar no esquema:

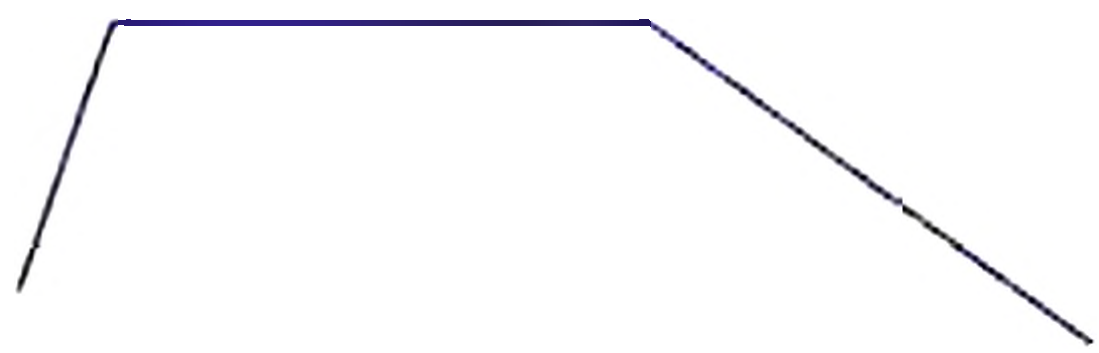

[5] Sobre a identificação do grupo fônico à unidade melódica leiam-se especialmente os estudos de T. Navarro Tomás: El grupo fónico como unidad melódica. *Revista de Filología Hispánica*. Buenos Aires–New York, *1*(1):3-19, 1939; *Manual de entonación española*. New York, Hispanic Institute, 1948, particularmente p. 37 e ss.

2. Notamos, com base no traçado acima, que o grupo fônico em exame compreende três partes distintas:

a) a parte inicial (ou ASCENDENTE), que começa em um nível tonal médio, característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma ascensão da voz, que atinge o seu ponto culminante na primeira sílaba tônica (*lu*);
b) a parte medial, em que a voz, com ligeiras ondulações, permanece, aproximadamente, no nível tonal alcançado;
c) a parte final (ou DESCENDENTE), em que a voz cai progressivamente a partir da sílaba (*tar*), atingindo um nível tonal baixo no final da frase.

3. Dessas três partes, a inicial e a final são as mais importantes da figura da entoação. Toda ORAÇÃO DECLARATIVA completa encerra uma parte inicial *ascendente* e uma parte final *descendente*, ambas muito nítidas.

4. No caso de ser a oração declarativa constituída de mais de um grupo fônico, o primeiro grupo começa por uma parte ascendente, e o último finaliza com uma descendente.

Oração interrogativa

No estudo da ENTOAÇÃO INTERROGATIVA, temos de considerar previamente o fato de iniciar-se ou não a frase por pronome ou advérbio interrogativo, pois que a curva tonal é distinta nos dois casos.

Orações não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

1. Tomando como exemplo a mesma oração declarativa, enunciada, porém, de forma interrogativa,

   Os alunos chegaram tarde?

   observamos que ela descreve a curva melódica

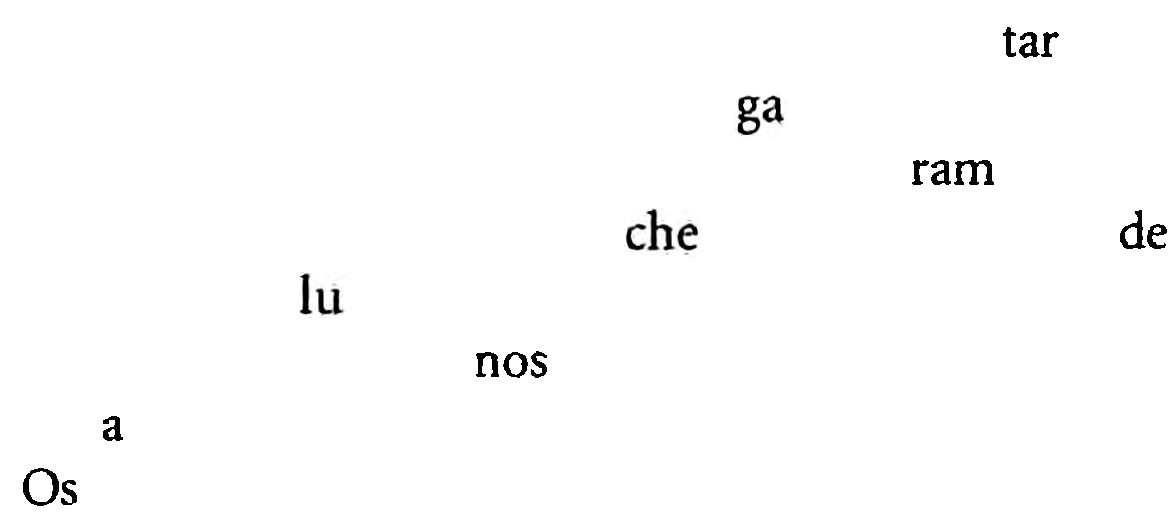

que poderíamos assim representar esquematicamente:

2. São características deste tipo de interrogação, em que se espera sempre uma resposta categórica *sim*, ou *não*:
a) o ataque da frase começar por um nível tonal mais alto do que na oração declarativa;
b) na parte medial do segmento melódico, haver uma queda da voz, que, embora seja mais acentuada do que nas orações declarativas, não altera o caráter ascendente desta modalidade de interrogação;
c) subir a voz acentuadamente na última vogal tônica, ponto culminante da frase; em seguida, sofrer uma queda brusca, apesar de se manter em nível tonal elevado.

3. Comparando esta curva à da oração declarativa estudada, verificamos que elas se assemelham por terem ambas a parte inicial ascendente e a parte medial relativamente uniforme.
Distinguem-se, porém:
a) quanto à parte final: descendente, na declarativa; ascendente, na interrogativa;
b) quanto ao nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa;
c) quanto à queda da voz a partir da última sílaba tônica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa.

4. Por ser a curva melódica descrita pela voz o único elemento que, na frase em exame, contribui para o caráter interrogativo da mensagem, temos de reconhecer que, em casos tais, a entoação apresenta inequívoco valor funcional em nossa língua.

Orações iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

Tomemos como exemplo a oração:

Como soube disto?

Em sua enunciação, a voz descreve a seguinte curva melódica,

Co sou
mo be
dis
to

que poderíamos assim esquematizar:

São características das orações interrogativas deste tipo:

a) o ataque da frase que, iniciado em um nível tonal muito alto, sobe, às vezes, bruscamente, até a primeira sílaba tônica, sílaba esta que, na maioria dos casos, pertence ao pronome ou ao advérbio interrogativo, ou seja, ao elemento que realiza a função interrogativa da oração;
b) a curva melódica, que, após a primeira sílaba tônica, decresce progressivamente e de maneira mais acentuada do que nas frases declarativas.

Interrogação direta e indireta

1. Vimos que a interrogação pode ser expressa:

a) ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, como em:

Os alunos chegaram tarde?

b) ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final apresenta entoação descendente, pelo exemplo:

Como soube disto?

Nestes casos dizemos que a interrogação é DIRETA.

2. Existe, porém, um outro tipo de interrogação, chamada INDIRETA, que se faz por meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente.
Exemplo:

Diga-me como soube disto.

3. Nas orações INTERROGATIVAS INDIRETAS a entoação apresenta as seguintes características:

a) o ataque da frase começa por um nível tonal alto; há uma elevação da voz na primeira sílaba tônica, seguida de um lento declínio da curva melódica até o final da frase;
b) o nível tonal da frase é, em geral, mais baixo que o da interrogação direta;
c) a queda da curva melódica é progressiva, semelhante à que se observa nas orações declarativas.

4. A escrita procura refletir a diferença tonal entre essas formas de interrogação com adotar o PONTO DE INTERROGAÇÃO para marcar o término da interrogação direta, e o simples PONTO, para o da indireta.

Oração exclamativa

Nas exclamações, a entoação depende de múltiplos fatores, especialmente do grau e da natureza da emoção de quem fala.

É a expressão emocional que faz variar o tom, a duração e a intensidade de uma interjeição monossilábica, tal como acontece com a interjeição *oh!* nestes dois versos de Castro Alves:

> **Oh!** que doce harmonia traz-me a brisa!
> **Oh!** ver não posso este labéu maldito!

Nas formas exclamativas de maior corpo, a expressão emocional concentra-se fundamentalmente ou na sílaba que recebe o acento de insistência (se houver), ou na sílaba em que recai o acento normal. Como o primeiro não tem valor rítmico, é o acento normal o ápice da curva melódica.

Assim, nas exclamações,

> **Bandido! Insolente! Fantástico!**

a voz eleva-se até a sílaba tônica e, depois de alguma demora, decai bruscamente. Obedecem elas, pois, ao esquema

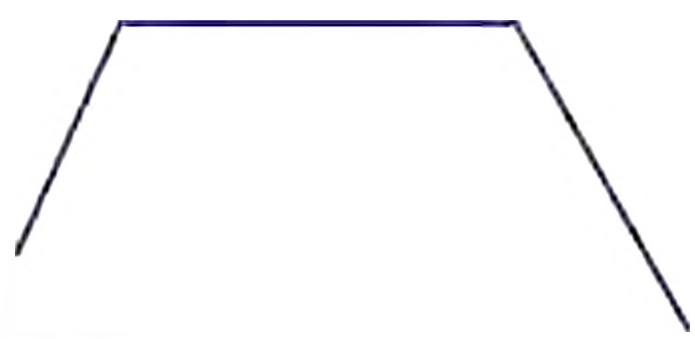

semelhante ao da entoação declarativa.

Já em exclamações como

Jesus! Adeus! Imbecil!

o grupo fônico é ascendente e aproxima-se do esquema da entoação interrogativa:

2. Maior variedade em matizes de entoação encontramos, naturalmente, nas frases exclamativas constituídas de duas ou mais palavras. A curva melódica dependerá sempre da posição da palavra de maior conteúdo expressivo, porque é sobre a sua sílaba acentuada que irão incidir o tom agudo, a intensidade mais forte e a maior duração.

Como a sílaba forte da palavra de maior valor expressivo pode ocupar a posição inicial, medial ou final da oração, três soluções devem ser consideradas:

1.ª) Se a sílaba em causa for a inicial, todo o resto do enunciado terá entoação descendente.

Exemplo:

Deus de minha alma!

2.ª) Se for a final, a frase inteira terá entoação ascendente:

Meu a**mor!**

3.ª) Se for uma das sílabas mediais, a entoação será ascendente até a referida sílaba e descendente dela até a final, como nos mostram estes exemplos colhidos em obra de Marques Rebelo:

Sai da **frente**!
Todo o **mun**do!!!

A linha tonal de cada um desses casos poderia ser assim esquematizada:

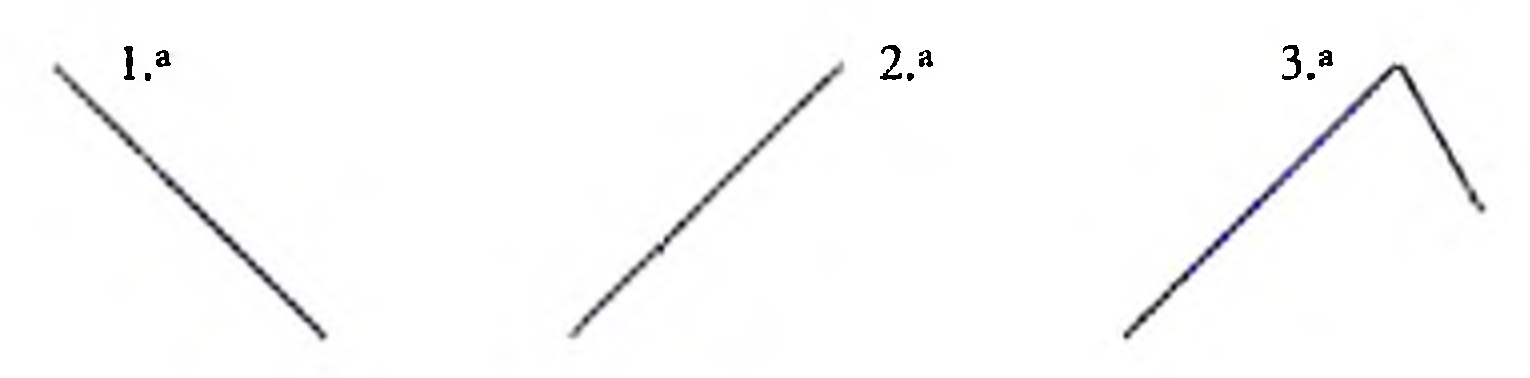

Conclusão

Do exposto, verificamos que a linha melódica tem uma função essencialmente oracional. Com uma simples mudança de tom, podemos reforçar, atenuar ou, mesmo, inverter o sentido literal do que dizemos. É, por exemplo, a entoação particular que permite uma forma imperativa exprimir todos os matizes que vão da ordem à súplica. Pela entoação que lhes dermos, frases como:

Pois não!
Pois sim!

podem ter ora valor afirmativo, ora negativo.

Enfim a entoação reflete e expressa nossos pensamentos e sentimentos. Se o acento é a "alma da palavra", devemos considerá-la a "a alma da oração".[6]

---

[6] As características da entoação portuguesa estão hoje melhor conhecidas graças sobretudo às infatigáveis pesquisas do eminente foneticista de Coimbra, o professor Armando de Lacerda, que em 1975 publicou a sua obra-mestra no particular: *Objectos verbais e significado elocucional. Toemas e entoemas. Entoação.* Coimbra, Instituto de Alta Cultura. Mais recentemente, a mesma matéria voltou a ser tratada, numa nova perspectiva e segundo métodos diversos, por Maria Raquel Delgado Martins na sua obra, anteriormente citada, *Sept études sur la perception. Accent et intonation du portugais.* Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras, 1983.

Capítulo 8

Substantivo

1. SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.
São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

b) os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	otimismo	doçura
glória	opinião	limpeza	caridade	ira

2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *privativamente*, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronome substantivo, numeral ou qualquer palavra substantivada).

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Chamam-se CONCRETOS os substantivos que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie ou de um dos seus representantes:

homem	cidade	Senado	árvore	cedro
Pedro	Lisboa	Fórum	animal	cavalo
Maria	Brasil	clero	Acaiaca	Rocinante

Dá-se o nome de ABSTRATOS aos substantivos que designam noções, ações, estados e qualidades, considerados como seres:

justiça	colheita	velhice	largura	bondade
verdade	viagem	doença	otimismo	doçura
glória	opinião	limpeza	caridade	ira

SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS E COMUNS

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (DESIGNAÇÃO GENÉRICA) ou um indivíduo de determinada espécie (DESIGNAÇÃO ESPECÍFICA).

Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração, o substantivo é chamado COMUM.

Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é PRÓPRIO.

Assim, os substantivos *homem*, *país* e *cidade* são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. *Pedro*, *Brasil* e *Lisboa*, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade.

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

COLETIVOS são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Comparem-se, por exemplo, estas duas afirmações:

Cento e vinte milhões de brasileiros pensam assim.
O **povo** brasileiro pensa assim.

Na primeira enuncia-se um número enorme de brasileiros, mas representados como uma *quantidade de indivíduos*. Na segunda, sem indicação de número, sem indicar gramaticalmente a multiplicidade, isto é, com uma forma de singular, consegue-se agrupar maior número ainda de elementos, ou seja, *todos* os brasileiros como um conjunto harmônico.

Além desses coletivos que exprimem um todo, há na língua outros que designam:

a) uma parte organizada de um todo, como, por exemplo, *regimento*, *batalhão*, *companhia* (partes do coletivo geral *exército*);
b) um grupo acidental, como *grupo*, *multidão*, *bando*: *bando de andorinhas*, *bando de salteadores*, *bando de ciganos*;
c) um grupo de seres de determinada espécie: *boiada* (de bois), *ramaria* (de ramos).

Costuma-se também incluir entre os coletivos os nomes de corporações sociais, culturais e religiosas, como *assembleia*, *congresso*, *congregação*, *concílio*, *conclave* e *consistório*. Tais denominações afastam-se, no entanto, do tipo normal dos coletivos, pois não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, organizadas em uma entidade superior para determinado fim.

Eis alguns coletivos que merecem ser conhecidos:

alcateia (de lobos)
armento (de gado grande: bois, búfalos, etc.)
arquipélago (de ilhas)
atilho (de espigas)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores, etc.)
cacho (de bananas, de uvas, etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros, etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes, etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
falange (de soldados, de anjos)
farândula (de ladrões, de desordeiros, de assassinos, de maltrapilhos e de vadios)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
girândola (de foguetes)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios, etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)

manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
mó (de gente)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)
penca (de bananas, de chaves)
plêiade (de poetas, de artistas)
quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
rebanho (de ovelhas)
récua (de bestas de carga)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores, de médicos)
vara (de porcos)

Observações:

1.ª) Excluímos dessa lista os NUMERAIS COLETIVOS, como *novena, década, dúzia,* etc., que designam um número de seres absolutamente exato. Leia-se, a propósito, o que dizemos na p. 384.

2.ª) O coletivo especial geralmente dispensa a enunciação da pessoa ou coisa a que se refere. Tal omissão é mesmo obrigatória quando o coletivo é um mero derivado do substantivo a que se aplica. Assim, dir-se-á:

A ramaria balouçava ao vento.
A papelada estava em ordem.

Quando, porém, a significação do coletivo não for específica, deve-se nomear o ser a que se refere:

Uma junta de médicos, de bois, etc.
Um feixe de capim, de lenha, etc.

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos podem variar em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

Quanto à flexão de NÚMERO, os substantivos podem estar:

a) no SINGULAR, quando designam um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (SUBSTANTIVO COLETIVO):

aluno	povo
cão	manada
mesa	tropa

b) no PLURAL, quando designam mais de um ser, ou mais de um desses conjuntos orgânicos:

alunos	povos
cães	manadas
mesas	tropas

Formação do plural

Substantivos terminados em vogal ou ditongo

REGRA GERAL: O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se acrescentando-se *-s* ao singular.

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
mesa	mesas	pai	pais
estante	estantes	pau	paus
tinteiro	tinteiros	lei	leis
rajá	rajás	chapéu	chapéus
boné	bonés	camafeu	camafeus
javali	javalis	herói	heróis
cipó	cipós	boi	bois
peru	perus	mãe	mães

Incluem-se nesta regra os substantivos terminados em vogal nasal. Como a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, em posição final, é representada graficamente por *-m*, e não se pode escrever *-ms*, muda-se o *-m* em *-n*. Assim: *bem* faz no plural *bens*; *flautim* faz *flautins*; *som* faz *sons*; *atum* faz *atuns*.

REGRAS ESPECIAIS:

1. Os substantivos terminados em -ão formam o plural de três maneiras:

a) a maioria muda a terminação *-ão* em *-ões*:

SINGULAR	PLURAL	SINGULAR	PLURAL
balão	balões	gavião	gaviões
botão	botões	leão	leões
canção	canções	nação	nações
confissão	confissões	operação	operações
coração	corações	opinião	opiniões
eleição	eleições	questão	questões
estação	estações	tubarão	tubarões
fração	frações	vulcão	vulcões

Neste grupo se incluem todos os aumentativos:

Singular	Plural	Singular	Plural
amigalhão	amigalhões	moleirão	moleirões
bobalhão	bobalhões	narigão	narigões
casarão	casarões	paredão	paredões
chapelão	chapelões	pobretão	pobretões
dramalhão	dramalhões	rapagão	rapagões
espertalhão	espertalhões	sabichão	sabichões
facão	facões	vagalhão	vagalhões
figurão	figurões	vozeirão	vozeirões

b) um reduzido número muda a terminação *-ão* em *-ães*:

Singular	Plural	Singular	Plural
alemão	alemães	charlatão	charlatães
bastião	bastiães	escrivão	escrivães
cão	cães	guardião	guardiães
capelão	capelães	pão	pães
capitão	capitães	sacristão	sacristães
catalão	catalães	tabelião	tabeliães

c) um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um *-s* à forma singular:

Singular	Plural	Singular	Plural
cidadão	cidadãos	acórdão	acórdãos
cortesão	cortesãos	bênção	bênçãos
cristão	cristãos	gólfão	gólfãos
desvão	desvãos	órfão	órfãos
irmão	irmãos	órgão	órgãos
pagão	pagãos	sótão	sótãos

Observações:

1.ª) Neste grupo se incluem os monossílabos tônicos *chão, grão, mão* e *vão*, que fazem no plural *chãos, grãos, mãos* e *vãos*.

2.ª) *Artesão*, quando significa "artífice", faz no plural *artesãos*; no sentido de "adorno arquitetônico", o seu plural pode ser *artesãos* ou *artesões*.

2. Para alguns substantivos finalizados em *-ão*, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em *-ões*. É o caso dos seguintes:

Singular	Plural	Singular	Plural
alão	alãos	ermitão	ermitães
	alões		ermitãos
	alães		ermitões
alazão	alazães	hortelão	hortelãos
	alazões		hortelões
aldeão	aldeãos	refrão	refrães
	aldeões		refrãos
	aldeães	rufião	rufiães
anão	anãos		rufiões
	anões	sultão	sultões
ancião	anciãos		sultãos
	anciões		sultães
	anciães	truão	truães
castelão	castelãos		truões
	castelões	verão	verões
corrimão	corrimãos		verãos
	corrimões	vilão	vilãos
deão	deães		vilões
	deões		

Observação:

Corrimão, como composto de *mão*, devia apresentar apenas o plural *corrimãos*; a par desse, existe também *corrimões*, por esquecimento da formação original da palavra.

Plural com alteração de timbre da vogal tônica

1. Alguns substantivos, cuja vogal tônica é *o* fechado, além de receberem a desinência *-s*, mudam, no plural, o *o* fechado [o] para aberto [ɔ]. Apontem-se os seguintes:

abrolho	escolho	olho	rogo
caroço	esforço	osso	sobrolho

contorno	estorvo	ovo	socorro
corcovo	fogo	poço	tijolo
coro	forno	porco	toco
corno	foro	porto	tojo
corpo	fosso	posto	tordo
corvo	imposto	povo	torno
despojo	jogo	reforço	troco
destroço	miolo	renovo	troço

2. Note-se, porém, que muitos substantivos conservam no plural o o fechado do singular. Entre outros, não alteram o timbre da vogal tônica:

acordo	encosto	moço	potro
adorno	engodo	molho	reboco
bojo	estojo	morro	repolho
bolo	ferrolho	mosto	restolho
cachorro	globo	namoro	rolo
coco	golfo	piloto	rosto
colmo	gosto	piolho	sopro
consolo	lobo	poldro	suborno
dorso	logro	polvo	topo

3. Por vezes diverge, na formação desses plurais, a norma culta de Portugal e a do Brasil. É o caso, por exemplo, dos substantivos almoço, bolso e sogro, que, no plural, apresentam a vogal aberta [ɔ] em Portugal e fechada [o] no Brasil.[1]

Cumpre advertir, por fim, que, no curso histórico da língua, certos substantivos alteraram o timbre da vogal tônica no plural e que outros, ainda hoje, vacilam no preferir uma das duas soluções.

Observação:

Atente-se na distinção entre *molho* "condimento" (por ex.: *o molho da carne*) e *molho* "feixe" (por ex.: *um molho de chaves*), palavras que conservam no plural a mesma diferença de timbre da vogal tônica: *môlhos* e *mólhos*.

---

[1] A propósito da formação desses plurais, vejam-se, especialmente: A. d'Almeida Cavacas. *A língua portuguesa e a sua metafonia*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921; Edwaldo Cafezeiro. *A metafonia portuguesa: aspectos sincrônicos e diacrônicos*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981 (texto policopiado).

Substantivos terminados em consoante

1. Os substantivos terminados em *-r*, *-z* e *-n* formam o plural acrescentando *-es* ao singular:

Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
mar	mares	rapaz	rapazes	abdômen	abdômenes
açúcar	açúcares	xadrez	xadrezes	cânon	cânones
colher	colheres	raiz	raízes	dólmen	dólmenes
reitor	reitores	cruz	cruzes	líquen	líquenes

Observações:

1.ª) O plural de *caráter* (escrito *carácter* na ortografia portuguesa) é, tanto no Brasil como em Portugal, *caracteres*, com deslocação do acento tônico e articulação do *c* que possuía de origem.

2.ª) Também com deslocação do acento é o plural dos substantivos *espécimen*, *Júpiter* e *Lúcifer*: *especímenes*, *Jupíteres* e *Lucíferes*.

Advirta-se, porém, que, a par de *Lúcifer*, há *Lucifer*, forma antiga no idioma, cujo plural é, naturalmente, *Luciferes*.

2. Os substantivos terminados em *-s*, quando oxítonos, formam o plural acrescentando também *-es* ao singular; quando paroxítonos, são invariáveis:

Singular	Plural	Singular	Plural
o ananás	os ananases	o atlas	os atlas
o português	os portugueses	o pires	os pires
o revés	os reveses	o lápis	os lápis
o país	os países	o oásis	os oásis
o retrós	os retroses	o ônibus	os ônibus

Observações:

1.ª) O monossílabo *cais* é invariável. *Cós* é geralmente invariável, mas documenta-se também o plural *coses*.

2.ª) Como os paroxítonos terminados em *-s*, os poucos substantivos existentes finalizados em *-x* são invariáveis: *o tórax — os tórax, o ônix — os ônix*.

3. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* substituem no plural o *-l* por *-is*:

Singular	Plural	Singular	Plural
animal	animais	farol	faróis
papel	papéis	lençol	lençóis
móvel	móveis	álcool	álcoois
níquel	níqueis	paul	pauis

Observação:

Excetuam-se as palavras *mal, real* (moeda), *cônsul* e seus derivados, que fazem, respectivamente, *males, réis, cônsules* e, por este, *procônsules, vice-cônsules.*

4. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* mudam o *-l* em *-s*:

Singular	Plural	Singular	Plural
ardil	ardis	funil	funis
barril	barris	fuzil	fuzis
covil	covis	redil	redis

5. Os substantivos paroxítonos terminados em *-il* substituem esta terminação por *-eis*:

Singular	Plural	Singular	Plural
fóssil	fósseis	réptil	répteis

Observações:

1.ª) Além de *projetil*, pronúncia mais generalizada no Brasil, há na língua a variante paroxítona *projétil*, com o plural *projéteis*, que é a pronúncia normal portuguesa.

2.ª) *Réptil*, pronúncia que postula a origem latina da palavra, tem a variante *reptil*, cujo plural é, naturalmente, *reptis.*

6. Nos diminutivos formados com os sufixos *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o *-s* do plural do substantivo primitivo.
Assim:

Singular	Plural
balãozinho	balõe(s) + zinhos > balõezinhos
papelzinho	papéi(s) + zinhos > papeizinhos
colarzinho	colare(s) + zinhos > colarezinhos
cãozito	cãe(s) + zitos > cãezitos

Substantivos de um só número

1. Há substantivos que só se empregam no plural. Assim:

alvíssaras	cãs	fezes	primícias
anais	condolências	matinas	víveres
antolhos	esponsais	núpcias	copas (naipe)
arredores	exéquias	óculos	espadas (naipe)
belas-artes	fastos	olheiras	ouros (naipe)
calendas	férias	pêsames	paus (naipe)

2. Outros substantivos existem que se usam habitualmente no singular. Assim os nomes de metais e os nomes abstratos: *ferro, ouro, cobre*; *fé, esperança, caridade*. Quando aparecem no plural, têm de regra um sentido diferente. Comparem-se, por exemplo, *cobre* (metal) a *cobres* (dinheiro), *ferro* (metal) a *ferros* (ferramentas, aparelhos).

Substantivos compostos

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Observem-se, porém, as seguintes normas, com fundamento na grafia:

1.ª) Quando o substantivo composto é constituído de palavras que se escrevem ligadamente sem hífen, forma o plural como se fosse um substantivo simples:

aguardente(s)	claraboia(s)	malmequer(es)	lobisomem(-mens)
varapau(s)	ferrovia(s)	pontapé(s)	vaivém(-véns)

2.ª) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar todos ou apenas um deles:

Singular	Plural	Singular	Plural
couve-flor	couves-flores	grão-mestre	grão-mestres
obra-prima	obras-primas	guarda-marinha	guardas-marinha
salvo-conduto	salvos-condutos	guarda-roupa	guarda-roupas

Note-se, porém, que:

a) quando o primeiro termo do composto é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
guarda-chuva	guarda-chuvas	bate-boca	bate-bocas
sempre-viva	sempre-vivas	abaixo-assinado	abaixo-assinados
vice-presidente	vice-presidentes	grão-duque	grão-duques

b) quando os termos componentes se ligam por preposição, só o primeiro toma a forma de plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
chapéu de sol	chapéus de sol	peroba-do-campo	perobas-do-campo
pão de ló	pães de ló	joão-de-barro	joões-de-barro
pé de cabra	pés de cabra	mula sem cabeça	mulas sem cabeça

c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico:

Singular	Plural	Singular	Plural
navio-escola	navios-escola	banana-prata	bananas-prata
salário-família	salários-família	manga-espada	mangas-espada

d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjetivo:

Singular	Plural	Singular	Plural
carta-bilhete	cartas-bilhetes	gentil-homem	gentis-homens
tenente-coronel	tenentes-coronéis	água-marinha	águas-marinhas
amor-perfeito	amores-perfeitos	vitória-régia	vitórias-régias

GÊNERO

1. Há dois gêneros em português: o MASCULINO e o FEMININO.
   O masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado.

2. Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

   o aluno o pão o poema o jabuti

Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a casa a mão a ema a juriti

3. O gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.
Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber:

Quanto à significação

1. São geralmente masculinos:
a) os nomes de homens ou de funções por eles exercidas:

João mestre padre rei

b) os nomes de animais do sexo masculino:

cavalo galo gato peru

c) os nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos, nos quais se subentendem as palavras *lago*, *monte*, *oceano*, *rio* e *vento*, que são masculinas:

o Amazonas [= o rio Amazonas]
o Atlântico [= o oceano Atlântico]
o Ládoga [= o lago Ládoga]
o Minuano [= o vento Minuano]
os Alpes [= os montes Alpes]

d) os nomes de meses e dos pontos cardeais:

março findo o Norte
setembro vindouro o Sul

2. São geralmente femininos:
a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas:

Maria professora freira rainha

b) os nomes de animais do sexo feminino:

égua galinha gata perua

c) os nomes de cidades e ilhas, nos quais se subentendem as palavras *cidade* e *ilha*, que são femininas:

a antiga Ouro Preto a Sicília as Antilhas

Observação:

Alguns nomes de cidades, como *Rio de Janeiro*, *Porto*, *Cairo*, *Havre*, são masculinos pelas razões que aduzimos no capítulo seguinte, ao tratarmos do EMPREGO DO ARTIGO.

Quanto à terminação

1. São masculinos os nomes terminados em *-o* átono:

o aluno o livro o lobo o banco

2. São geralmente femininos os nomes terminados em *-a* átono:

a aluna a caneta a loba a mesa

Excetuam-se, porém, *clima*, *cometa*, *dia*, *fantasma*, *mapa*, *planeta*, *telefonema*, *fonema* e outros mais, que serão estudados adiante.

3. Dos substantivos terminados em *-ão*, os concretos são masculinos e os abstratos femininos:

o agrião	o algodão	a educação	a opinião
o balcão	o feijão	a produção	a recordação

Excetua-se *mão*, que, embora concreto, é feminino.

Fora desses casos, é sempre difícil conhecer-se pela terminação o gênero de um dado substantivo.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitoa
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

Dos exemplos acima verifica-se que a forma do feminino pode ser:

a) completamente diversa da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto:

bode cabra homem mulher

b) derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou o acréscimo de desinências:

aluno aluna cantor cantora

Examinemos, pois, à luz desses dois processos, a formação do feminino dos substantivos de nossa língua.

Masculinos e femininos de radicais diferentes

Convém conhecer os seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bode	cabra	genro	nora
boi (ou touro)	vaca	homem	mulher
cão	cadela	macho	fêmea
carneiro	ovelha	marido	mulher
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	padrinho	madrinha
compadre	comadre	pai	mãe
frei	sóror (ou soror)	zangão	abelha

Femininos derivados de radical do masculino

REGRAS GERAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-o* átono formam normalmente o feminino substituindo essa desinência por *-a*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
gato	gata	pombo	pomba
lobo	loba	aluno	aluna

Observação:

Além das formações irregulares que vimos, há um pequeno número de substantivos terminados em *-o* que, no feminino, substituem essa final por desinências especiais.

Assim:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
diácono	diaconisa	maestro	maestrina
galo	galinha	silfo	sílfide

2.ª) Os substantivos terminados em consoante formam normalmente o feminino com o acréscimo da desinência *-a*.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
camponês	camponesa	leitor	leitora
freguês	freguesa	pintor	pintora

REGRAS ESPECIAIS:

1.ª) Os substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino de três maneiras:

a) mudando a terminação *-ão* em *-oa*:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
ermitão	ermitoa	leitão	leitoa
hortelão	horteloa	patrão	patroa

b) mudando a terminação *-ão* em *-ã*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
aldeão	aldeã	castelão	castelã
anão	anã	cidadão	cidadã
ancião	anciã	cirurgião	cirurgiã
anfitrião	anfitriã	cortesão	cortesã
campeão	campeã	irmão	irmã

c) mudando a terminação *-ão* em *-ona*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bonachão	bonachona	moleirão	moleirona
comilão	comilona	paspalhão	paspalhona
espertalhão	espertalhona	pobretão	pobretona
figurão	figurona	sabichão	sabichona
folião	foliona	solteirão	solteirona

Observações:

1.ª) Como se vê, os substantivos que fazem o feminino em *-ona* são os aumentativos ou adjetivos substantivados.

2.ª) Além dos anômalos *cão* e *zangão*, a que já nos referimos, não seguem estes três processos de formação os substantivos seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
barão	baronesa	maganão	magana
ladrão	ladra	perdigão	perdiz
lebrão	lebre	sultão	sultana

Usa-se às vezes *ladrona* por *ladra*.

2.ª) Os substantivos terminados em *-or* formam normalmente o feminino, como dissemos, com o acréscimo da desinência *-a*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
pastor	pastora	remador	remadora

Alguns, porém, fazem o feminino em *-eira*. Assim: *cantador – cantadeira*, *cerzidor – cerzideira*.

Outros, dentre os finalizados em *-dor* e *-tor*, mudam estas terminações em *-triz*. Assim: *ator – atriz*, *imperador – imperatriz*.

Observação:

De *embaixador* há, convencionalmente, dois femininos: *embaixatriz* (a esposa de embaixador) e *embaixadora* (funcionária chefe de embaixada).

3.ª) Certos substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-esa*, *-essa* e *-isa*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
abade	abadessa	diácono	diaconisa
barão	baronesa	duque	duquesa
conde	condessa	sacerdote	sacerdotisa

Observação:

De *prior* há o feminino *prioresa* (superiora de certas ordens) e *priora* (irmã de Ordem Terceira). *Príncipe* faz no feminino *princesa*.

4.ª) Os substantivos terminados em *-e*, não incluídos entre os que acabamos de mencionar, são geralmente uniformes. Essa igualdade formal para os dois gêneros é, como veremos adiante, quase que absoluta nos finalizados em *-nte*, de regra originários de particípios presentes e de adjetivos uniformes latinos. Há, porém, um pequeno número que, à semelhança da substituição *-o* (masculino) por *-a* (feminino), troca o *-e* por *-a*.

Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
elefante	elefanta	mestre	mestra
governante	governanta	monge	monja
infante	infanta	parente	parenta

Observação:

Os femininos *giganta* (de *gigante*), *hóspeda* (de *hóspede*) e *presidenta* (de *presidente*) têm ainda curso restrito no idioma.

5.ª) São dignos de nota os femininos dos seguintes substantivos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
avô	avó	maestro	maestrina
cônsul	consulesa	píton	pitonisa
czar	czarina	poeta	poetisa
felá	felaína	profeta	profetisa

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
frade	freira	rajá	rani
grou	grua	rapaz	rapariga, moça
herói	heroína	rei	rainha
jogral	jogralesa	réu	ré

Observação:

Rapariga é o feminino de *rapaz* mais usado em Portugal. No Brasil, prefere-se *moça* em razão do valor pejorativo que, em certas regiões, o primeiro termo adquiriu.

Substantivos uniformes

Substantivos epicenos

Denominam-se EPICENOS os nomes de *animais* que possuem um só gênero gramatical para designar um e outro sexo.

Assim:

a águia	a mosca	o besouro	o polvo
a baleia	a onça	o condor	o rouxinol
a borboleta	a pulga	o crocodilo	o tatu
a cobra	a sardinha	o gavião	o tigre

Observação:

Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se então ao substantivo as palavras *macho* e *fêmea*: *crocodilo macho*, *crocodilo fêmea*; o *macho* ou a *fêmea do jacaré*.

Substantivos sobrecomuns

Chamam-se SOBRECOMUNS os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar *pessoas* de ambos os sexos.

Assim:

o algoz	o cônjuge	a criança	a testemunha
o apóstolo	o indivíduo	a criatura	a vítima
o carrasco	o verdugo	a pessoa	

Observação:

Neste caso, querendo-se discriminar o sexo, diz-se, por exemplo: *o cônjuge feminino*; *uma pessoa do sexo masculino*.

Substantivos comuns de dois gêneros

Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois gêneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro determinativo acompanhante. Chamam-se COMUNS DE DOIS GÊNEROS estes substantivos.

Exemplos:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o agente	a agente	o herege	a herege
o artista	a artista	o imigrante	a imigrante
o camarada	a camarada	o indígena	a indígena
o colega	a colega	o intérprete	a intérprete
o colegial	a colegial	o jovem	a jovem
o cliente	a cliente	o jornalista	a jornalista
o compatriota	a compatriota	o mártir	a mártir
o dentista	a dentista	o selvagem	a selvagem
o estudante	a estudante	o servente	a servente
o gerente	a gerente	o suicida	a suicida

Observações:

1.ª) São COMUNS DE DOIS GÊNEROS todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em *-ista*: *o pianista, a pianista*; *um anarquista, uma anarquista.*

2.ª) Diz-se, indiferentemente, *o personagem* ou *a personagem* com referência ao protagonista homem ou mulher.

Mudança de sentido na mudança de gênero

Há um certo número de substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

Substantivos masculinos terminados em *-a*

Vimos que, embora a terminação *-a* seja de regra denotadora do feminino, há vários masculinos com essa terminação: *artista, camarada, colega, poeta, profeta*, etc. Alguns destes substantivos apresentam uma forma própria para o feminino, como *poeta* (*poetisa*) e *profeta* (*profetisa*); a maioria, no entanto distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado: *o compatriota, a compatriota*; *este jornalista, aquela jornalista*; *meu camarada, minha camarada.*

Um pequeno número de substantivos em *-a* existe, todavia, que só se usa no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Assim:

jesuíta	nauta	patriarca	heresiarca
monarca	papa	pirata	tetrarca

Observações:

1.ª) Entre os substantivos que designam *coisas*, são masculinos os terminados em *-ema* e *-oma* que se originam de palavras gregas:

anátema	edema	sistema	diploma
cinema	estratagema	telefonema	idioma
diadema	fonema	tema	aroma
dilema	poema	teorema	axioma
emblema	problema	trema	coma

2.ª) Embora a palavra *grama* se use também no gênero feminino (*quinhentas gramas*), os seus compostos mantêm-se no gênero masculino: *um miligrama, o quilograma.*

Substantivos de gênero vacilante

Substantivos há em cujo emprego se nota vacilação de gênero. Eis alguns, para os quais se recomenda a seguinte preferência:

a) GÊNERO MASCULINO:

ágape	clã	gengibre	sanduíche
antílope	contralto	lança-perfume	soprano
caudal	diabete(s)	praça (soldado)	suéter

b) GÊNERO FEMININO:

abusão	áspide	jaçanã	ordenança
alcíone	fácies	juriti	sentinela
aluvião	filoxera	omoplata	sucuri

GRAU

Um substantivo pode apresentar-se:

a) com a sua significação normal: *chapéu, boca*;
b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (GRAU AUMENTATIVO): *chapelão, bocarra*; *chapéu grande, boca enorme*;
c) com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (GRAU DIMINUTIVO): *chapeuzinho, boquinha*; *chapéu pequeno, boca minúscula.*

Vemos, portanto, que a GRADAÇÃO do significado de um substantivo se faz por dois processos:

a) SINTETICAMENTE, mediante o emprego de sufixos especiais, que estudamos no capítulo 6; assim: *chape-l-ão, boc-arra*; *chapeu-zinho, boqu-inha*;
b) ANALITICAMENTE, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções: *chapéu grande, boca enorme*; *chapéu pequeno, boca minúscula.*

Valor das formas aumentativas e diminutivas

Convém ter presente que o que denominamos AUMENTATIVO e DIMINUTIVO nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos *grande* e *pequeno*, ou sinônimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim: *narigão, beiçorra, pratalhaz* ou *pratarraz, atrevidaço, porcalhão*, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou PEJORATIVO.

"O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona — quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga." [2]

---

[2] Silvia Skorge. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 17: 50-51, 1958.

Observação:

A rigor, a flexão de GRAU é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo — o NORMAL, o AUMENTATIVO e o DIMINUTIVO — em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, que, neste ponto, seguem uma longa tradição no ensino do idioma.

Especialização de formas

Muitas formas originariamente aumentativas e diminutivas adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra derivante. Nestes casos, não se pode mais, a rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, na verdade, palavras em sua acepção normal.

Assim:

cartão	portão	corpete	lingueta
ferrão	cartilha	flautim	pastilha
florão	cavalete	folhinha (= calendário)	vidrilho

EMPREGO DO SUBSTANTIVO

FUNÇÕES SINTÁTICAS DO SUBSTANTIVO

O SUBSTANTIVO pode figurar na oração como:

1. SUJEITO:

Samuel está desolado.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 127.)

O **pasmo** e a **felicidade** transtornaram-no.
(C. de Oliveira, *AC*, 122.)

2. PREDICATIVO:

a) DO SUJEITO:

Eu já não sou **funcionário**.
(Castro Soromenho, *TM*, 243.)

De maneiras finas, era um **fidalgo**.
(N. Piñon, *FD*, 61.)

b) DO OBJETO DIRETO:

De toda parte, aclamavam-no **herói**.
(R. Pompeia, *A*, 108.)

O amor... Como adora o marido, como deve ser bom tê-la **por esposa**.
(A. Abelaira, *NC*, 25.)

c) DO OBJETO INDIRETO:

Eram capazes de me chamar **sacristão**.
(F. Namora, *TJ*, 214.)

Irmão lhe chamaria, mas irmão
por quê, se a vida nova
se nutre de outros sais, que não sabemos?
(C. Drummond de Andrade, *R*, 169-170.)

3. OBJETO DIRETO:

Eu arranjo umas **velinhas**.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 203).

O velho não desvia os **olhos**.
(Alves Redol, *FM*, 195.)

4. OBJETO INDIRETO:

O que Amélia, naquele instante, pediria a **Deus**?
(J. Lins do Rego, *FM*, 236.)

Aos **marteleiros**, dá-se um salário, aos **estivadores** e **saibreiros** outro, negócio de "pinchas" outro.
(A. Ribeiro, *V*, 41.)

5. COMPLEMENTO NOMINAL:

O talento é um complexo de virtudes, às vezes inseparáveis de **defeitos**.
(F. Namora, *E*, 119.)

Lúcia era particularmente sensível à **nota** humana.
(A. Peixoto, *RC*, 49.)

6. ADJUNTO ADVERBIAL:

De **Braga** voltamos às **Caldas.**
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 11.)

Contemplaram-se em **silêncio.**
(É. Veríssimo, *LS*, 153.)

7. AGENTE DA PASSIVA:

Fomos apresentados um ao outro por **Silva Jardim.**
(R. Correia, *PCP*, 559.)

A investida é observada de longe pelos **sitiantes.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 355.)

8. APOSTO:

Ia haver um baile na Faculdade de Direito, o **baile** dos calouros, o meu **baile.**
(C. dos Anjos, *MS*, 345.)

Os dois, **governador e filho**, encarregaram-se de todos os aprestos da sua viagem para o Paraguai.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 104.)

9. VOCATIVO:

— **Prima**, venha conhecer o compadre.
(J. C. de Carvalho, *CL*, 69.)

Eu tenho, **Amor**, a cinta esbelta e fina...
(F. Espanca, *S*, 96.)

SUBSTANTIVO COMO ADJUNTO ADNOMINAL

1. Precedido de preposição, pode o SUBSTANTIVO formar uma LOCUÇÃO ADJETIVA, que funciona como ADJUNTO ADNOMINAL.
Assim:

uma vontade **de ferro** [= férrea]
um menino **às direitas** [= correto]
uma pessoa **sem entranhas** [= perversa]
uma força **de Hércules** [= hercúlea]

2. Em função de ADJUNTO ADNOMINAL, pode também o SUBSTANTIVO referir-se diretamente a outro SUBSTANTIVO.
Comparem-se expressões do tipo:

um riso **canalha** — uma recepção **monstro**
um ar **província** — uma atitude **povo**

Exemplos literários:

Durante essas ruas **paris**
de Barcelona, tão **avenida**
entre uma gente meio **londres**
urbanizada em mansas filas,
chegava a desafio
seu caminhar **sevilha**:
que é levando a cabeça
em flor que fosse espiga.
(J. Cabral de Melo Neto, *PC*, 87-88.)

Évora! Ruas ermas sob os céus
Cor de violetas roxas... Ruas **frades**
Pedindo em triste penitência a Deus
Que nos perdoe as míseras vaidades!
(F. Espanca, *S*, 149)

SUBSTANTIVO CARACTERIZADOR DE ADJETIVO

Os adjetivos referentes a cores podem ser modificados por um SUBSTANTIVO que melhor precise uma de suas tonalidades, um de seus matizes.
Assim:

amarelo-**canário** — verde-**garrafa**
azul-**petróleo** — roxo-**batata**

Neste emprego o substantivo equivale a uma advérbio de modo.[3]

---

[3] Cf. R. L. Wagner – J. Pinchon. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1962, p. 76. Sobre a interpretação e a duvidosa vernaculidade das expressões do tipo *ramagens verde-garrafa*, *olhos verde-mar*, leiam-se as observações de Mário Barreto, em

SUBSTANTIVO CARACTERIZADO POR UM NOME

Recurso expressivo, generalizado nas línguas românicas[4], é a caracterização de um SUBSTANTIVO por meio de um NOME (substantivo ou adjetivo) anteposto, ligado pela preposição *de*, num sintagma nominal do tipo:

O raio do menino
A desgraçada da mulher

Em que pese às divergências quanto à interpretação dos valores semânticos e sintáticos que entram em jogo nessa estrutura nominal, todos reconhecem a intensidade afetiva de sua caracterização antecipada. A feição particular desta parece advir de, ao mesmo tempo, estar ligada pelo estreito vínculo de uma preposição e gozar do realce significativo que seria o de um aposto ou de uma predicação nominal.

O SUBSTANTIVO COMO NÚCLEO DAS FRASES SEM VERBO

As FRASES NOMINAIS, organizadas sem verbo, têm o substantivo como centro. É o que se verifica, por exemplo:

a) nas exclamações:

Ó minha amada,
Que olhos os teus!
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Novos estudos da língua portuguesa, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1921, p. 375-377; e de Sousa da Silveira, em *Trechos seletos*, 4.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 68.

4 É já numerosa a bibliografia relativa a esta construção. Citamos aqui apenas as contribuições mais importantes: Alf Lombard. Li fel d'anemis. Ce fripon de valet. *Studier i Modern Sparakvetenskap*, Upsala, 2: 145-215, 1931; André Eskénazi. Quelques remarques sur le type *ce fripon de valet* et sur certaines fonctions syntaxiques de la préposition *de*. *Le Français Moderne*, 35: 184-200, 1967; Mariana Tutescu. Le Type nominal *ce fripon de valet*. *Revue de Linguistique Romane*, 33: 299-316, 1969; M. Regula. Encore une fois "ce fripon de valet". *Ibid.* 36: 107-111, 1972.
Sobre o uso da construção em espanhol, veja-se Rafael Lapesa. Sobre las construcciones *El diablo del toro*, *El bueno de Minaya*, *¡Ay de mí!*, *¡Pobre de Juan!*, *Por malos de pecados*. *Filología*, 8: 169-184, 1962. Quanto ao emprego em português, consulte-se M. M. Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 111-121.

Ó bendita paisagem! Terra estranha
De antigos pinheirais e alegres campos,
Ei-la silêncio, solidão, montanha!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, IV, 34.)

b) nas indicações sumárias:

Fim da tarde, boquinha da noite
com as primeiras estrelas
e os derradeiros sinos.
(J. de Lima, *OC*, I, 225.)

Canto litúrgico em latim abastardado: vozes rurais e gritadas, quase todas femininas. Sobe o pano. Escuro total. Silêncio.
(B. Santareno, *TPM*, 9.)

c) em títulos como:

Amanhã, Benfica e Flamengo no Maracanã.
Nova crise no Oriente Médio.
Terremoto no Japão.

Capítulo 9

Artigo

ARTIGO DEFINIDO E INDEFINIDO

Dá-se o nome de ARTIGOS às palavras *o* (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar:

a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos:

> Levanta-se, vai **à** mesa, tira um cigarro **da** caixa de laca, acende **o** cigarro **no** isqueiro, larga **o** isqueiro, volta **ao** sofá.
> (F. Botelho, *X*, 183.)

> Atravessaram **o** pátio, deixaram **na** escuridão **o** chiqueiro e **o** curral, vazios, de porteiras abertas, **o** carro de bois que apodrecia, **os** juazeiros.
> (G. Ramos, *VS*, 161.)

b) que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior:

> Vi que estávamos **num** velho solar, de certa imponência. **Uma** fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras **um** alpendre assente em grossas colunas.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 21.)

> Era **uma** casinha nova, a meia encosta, com trepadeiras pela varanda. Tinha **um** pomar pequeno de laranjeiras e marmeleiros e mais **uma** hortazinha, ao longo do rego que descia do morro.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

No primeiro caso, dizemos que o artigo é DEFINIDO; no segundo, INDEFINIDO.

Observação:

"O artigo é um signo que exige a presença de outro (ou outros) com o qual se associa em sintagma: um signo dependente. Por outra parte, pertence ao tipo de signos que se agrupam em paradigmas ou inventários limitados, fechados: os signos morfológicos, cujos conteúdos — os morfemas — constituem o sistema gramatical, em oposição aos signos léxicos, caracterizados por constituírem inventários abertos, ilimitados" (E. Alarcos Llorach. El artículo en español. In *To Honor Roman Jakobson*: Essays on the Occasion of His Seventieth Birthday, 1. The Hague-Paris, Mouton, 1967, p. 19).

FORMAS DO ARTIGO

Formas simples

1. São estas as formas simples do artigo:

	ARTIGO DEFINIDO		ARTIGO INDEFINIDO	
	Singular	**Plural**	**Singular**	**Plural**
Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

2. No português antigo havia as formas *lo* (*la*, *los*, *las*) e *el* do artigo definido. *Lo* (e suas variações) só aparece hoje, como artigo, em construções estereotipadas do tipo *mai-lo* (= *mais o*), ocorrentes em falares de Portugal, e que alguns escritores têm incorporado a suas obras, como nos mostra este passo:

> Veio da terra, **mai-lo** seu moinho.
> (A. Nobre, *S*, 26.)

Há resquício da antiga forma feminina *la* em *alfim* (aglutinação de *a la fim*), mas em certas expressões como *a la cria*, *a la fresca*, usadas por alguns escritores gaúchos, o artigo é um mero espanholismo, de introdução moderna. Veja-se este exemplo:

> **A la fresca!**... que ninho!
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 185.)

3. A forma arcaica *el* do artigo masculino fossilizou-se na titulatura *el-rei*, talvez por influência da conservadora linguagem da Corte:

> Então o terceiro a **El-Rei** rogou
> Licença de os buscar, e **El-Rei** negou.
> (F. Pessoa, *OP*, 25.)

Vejam-se topônimos atuais, como *São João del-Rei*, e outros antigos, como *São José del-Rei* (hoje *Tiradentes*) e *Sergipe del-Rei*:

> Dos Azevedos, família antiga na província de **Sergipe d'El-Rei**, viviam na Estância três irmãs, Felicidade, Turíbia, Umbelina e um irmão padre.
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

Formas combinadas do artigo definido

1. Quando o substantivo, em função de complemento ou de adjunto, se constrói com uma das preposições *a*, *de*, *em* e *por*, o ARTIGO DEFINIDO que o acompanha combina-se com essas preposições, dando:

PREPOSIÇÕES	ARTIGO DEFINIDO			
	o	**a**	**os**	**as**
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

2. **Crase.** O artigo definido feminino quando vem precedido da preposição *a*, funde-se com ela, e tal fusão (= CRASE) é representada na escrita por um acento grave sobre a vogal (*à*).
   Assim:

Vou **a**	+	**a** cidade	=	Vou **à** cidade
preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*.		artigo que determina o substantivo cidade		*a* craseado, a que se aplica o acento grave.

Não raro, o *à* vale como redução sintática da expressão *à moda de* (= *à maneira de, ao estilo de*):

> As bordaduras e os recamos de oiro, os veludos e sedas de fora, talhados **à francesa**, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes.
> (Rebelo da Silva, *CL*, 175.)

> Mas o major? Por que não ria **à inglesa**, nem **à alemã**, nem **à francesa**, nem **à brasileira**? Qual o seu gênero?
> (Monteiro Lobato, *U*, 117.)

Observação:

Como se vê, o conhecimento do emprego da forma feminina do artigo definido é de grande importância para se aplicar acertadamente o acento grave denotador da crase com a preposição *a*. Tal conhecimento torna-se mesmo imprescindível no caso dos falantes do português do Brasil, que não distinguem, pela pronúncia, a vogal singela *a* (do artigo ou da preposição) daquela proveniente de crase. Convém, por isso, atentar-se sempre na construção de determinada palavra com outras preposições para se saber se ela exige ou dispensa o artigo. Assim, escreveremos:

> Vou **à feira** e, depois, irei **a Copacabana**.

porque também diremos:

> Vim **da feira** e, depois, passei **por Copacabana**.

3. Quando a preposição antecede o artigo definido que faz parte do título de obras (livros, revistas, jornais, contos, poemas, etc.), não há uma prática uniforme. Na língua escrita, porém, deve-se neste caso:

a) ou evitar a contração, pelo modelo:

> Camões é o autor **de Os Lusíadas**.
> A notícia saiu **em O Globo**.

b) ou indicar pelo apóstrofo a supressão da vogal da preposição:

> Camões é o autor **d'Os Lusíadas**.
> A notícia saiu **n'O Globo**.

Tenha-se presente que as grafias *dos Lusíadas* e *no Globo* — talvez as mais frequentes — deturpam o título do poema e do jornal em causa.

Observação:

As duas soluções apontadas são admitidas pela ortografia portuguesa. No Brasil, porém, o Formulário Ortográfico de 1943 não preceitua o emprego do apóstrofo para indicar a supressão da vogal da preposição.

4. Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, é aconselhável que os dois elementos fiquem separados, embora não faltem exemplos de sua aglutinação na prática dos melhores escritores:

> A circunstância **de as** vindimas juntarem a família prestava-se a uma reunião anual na Junceda.
> (M. Torga, *V*, 159.)

> — Estou-me esforçando, Sr. Juiz, por conservar o jeito especial **de o** garoto falar.
> (A. M. Machado, *HR*, 27.)

> Dona Rosa, Dona Rosa,
> Quando eras inda botão
> Disseram-te alguma cousa
> **De a** flor não ter coração?
> (F. Pessoa, *QGP*, nº. 160.)

5. A antiga preposição *per* contraía-se com *lo*(*s*), *la*(*s*), formas primitivas do artigo definido, produzindo *pelo*(*s*), *pela*(*s*). Estas contrações vieram substituir *polo*(*s*) e *pola*(*s*), de emprego normal no português clássico, como ilustram estes versos camonianos:

> Pois **polos** doze pares dar-vos quero
> Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço.
> (*L*, I, 12.)

> Da Lua os claros raios rutilavam
> **Polas** argênteas ondas Neptuninas.
> (*L*, I, 58.)

Formas combinadas do artigo indefinido

1. O ARTIGO INDEFINIDO pode contrair-se com as preposições *em* e *de*, originando:

numa	numa	nuns	numas
dum	duma	duns	dumas

2. As preposições *em* e *de*, antepostas ao artigo indefinido que integra o título de obras, separam-se dele na escrita:

> Sofríamos do que, **em Um Olhar sobre a Vida**, qualifiquei de "insônia internacional".
> (Genolino Amado, *RP*, 21.)

> Ou no caso da outra Maria, a **de Um Capitão de Voluntários**, criatura esta "mais quente e mais fria do que ninguém".
> (A. Meyer, *SE*, 45.)

3. Também não é aconselhável a contração do artigo indefinido com a preposição que se relaciona com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz:

> A obra atrasou-se em virtude **de uns operários** se terem acidentado.

VALORES DO ARTIGO

A DETERMINAÇÃO

1. Comparando-se esta frase de Alceu Amoroso Lima,

> Foi chegando **um** caboclinho magro, com **uma** taquara na mão.
> (*AA*, 40.)

às seguintes,

> Foi chegando **o** caboclinho magro, com **a** taquara na mão.
> Foi chegando **este** caboclinho magro, com **esta** taquara na mão.

verifica-se que a determinação dos substantivos *caboclinho* e *taquara* se vai tornando mais precisa, à medida que se passa do ARTIGO INDEFINIDO (*um*, *uma*) para o ARTIGO DEFINIDO (*o*, *a*) e, depois, para o DEMONSTRATIVO (*este*, *esta*). No primeiro caso, indica-se apenas a *espécie* dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos substantivos, com *individualizá-los*, *defini-los*. No terceiro, limita-se ainda

mais o sentido dos substantivos, que aparecem situados no *espaço* e no *tempo*. Exemplificando: *este caboclinho magro* não é *um caboclinho magro qualquer* (INDEFINIDO), nem *o caboclinho magro*, que o interlocutor conhece (DEFINIDO), mas o que está no momento perto da pessoa que fala.
Por outras palavras: o ARTIGO DEFINIDO é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado: o ARTIGO INDEFINIDO, ao contrário, é por excelência um sinal da falta de notoriedade, de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

2. Quer seja DEFINIDO (*o* e suas variações *a*, *os*, *as*), quer seja INDEFINIDO (*um* e suas variações *uma*, *uns*, *umas*), o ARTIGO caracteriza-se por ser a palavra que introduz o substantivo indicando-lhe o gênero e o número.
Assim sendo:

a) qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo se torna substantivo:

O ato literário é o conjunto **do escrever** e **do ler.**
(F. Namora, *E*, 111.)

Tudo no mundo começou com **um sim.**
(C. Lispector, *HE*, 15.)

Que motivo é este **do "não sei quê"**, pergunta o Leitor.
(A. Meyer, *CM*, 79.)

b) o artigo faz aparecer o gênero e o número do substantivo:

o Amazonas	as amazonas	o cliente	a cliente
o pires	os pires	as bibliotecas	os astecas
o pianista	a pianista	um pirata	uma gravata
um quilograma	a ama	o jabuti	a juriti
o pão	a mão	um barão	a produção
o clã	a irmã	um poema	a ema

Com isso, permite a distinção de substantivos homônimos, tais como:

o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

EMPREGO DO ARTIGO DEFINIDO

COM OS SUBSTANTIVOS COMUNS

Na língua de nossos dias, o ARTIGO DEFINIDO é, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie.

Assim:

> **O** aparelho de chá, **o** faqueiro, **os** cristais e **os** tapetes tinham ficado com ele.
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 13.)

> Sumiu-se **a** rapariga.
> (C. de Oliveira, *AC*, 123.)

Este seu valor costuma ser enfatizado, quando se pretende acentuar o caráter único ou universal do elemento representado pelo substantivo, como nestes passos:

> Tive, há alguns meses, um momento crítico, ou talvez, por certos lados, **o** momento crítico, da minha vida.
> (A. de Quental, *C*, 357.)

> Não era uma loja qualquer: era **a** Loja.
> (C. dos Anjos, *MS*, 350.)

É o que se chama ARTIGO DE NOTORIEDADE.

Empregos particulares

Entre os empregos particulares do ARTIGO DEFINIDO devem ser mencionados os seguintes:

Emprego como demonstrativo

1. O artigo definido provém do pronome demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. É o que se observa em frases do tipo:

Permaneceu **a** [= esta, ou aquela] semana inteira em casa.
Partimos **no** [= neste] momento para São Paulo.
Levarei produtos **da** [= desta] região.

2. É também sensível o valor demonstrativo do artigo que faz evocar o substantivo como algo presente no espírito do locutor ou do ouvinte, situado, portanto, no tempo e no espaço.
Sirva de exemplo esta frase:

Pedro foi um ativista desde **a** Faculdade.

[Isto é: aquela Faculdade que os interlocutores sabem qual seja.]

Emprego do artigo pelo possessivo

Este emprego do ARTIGO DEFINIDO é frequente antes de substantivos que designam:

a) partes do corpo:

Passei **a mão** pelo **queixo**.
(L. Fagundes Telles, *ABV*, 15.)

Ela repeliu-o então e firmou-se **nos cotovelos**, enfurnando **a cara** **nas mãos**.
(U. Tavares Rodrigues, *TO*, 71.)

b) peças de vestuário ou objetos de uso marcadamente pessoal:

Abel Matias, calado, veste **as calças** e **a camisa**.
(O. Mendes, *P*, 130.)

Ao anoitecer vestiu **o impermeável**, enfiou **o chapéu** e saiu.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) faculdades do espírito:

Chegou a tomar balanço para **as** habituais **meditações**.
(A. Abelaira, *D*, 19.)

O velho embalava **o pensamento**.
(Autran Dourado, *TA*, 42.)

d) relações de parentesco:

> Nunca mais pude separar a lembrança **da prima** da sensação cromática das escalas musicais.
> (P. Nava, *BO*, 365.)

> — Já não chamou pel**a mãe**!...
> (M. Torga, *V*, 186.)

Observação:

Não se emprega, porém, o artigo quando estes nomes formam com as preposições *de* ou *a* uma locução adverbial.

Pus-me **de joelhos**.
Emagrece **a olhos vistos**.

Emprego do artigo antes dos possessivos

Antes de pronome substantivo possessivo

Em português, o emprego ou a omissão do artigo definido antes de possessivos que funcionam como pronomes substantivos não tem apenas valor estilístico, mas corresponde a uma clara distinção significativa.

Comparem-se, por exemplo, as frases seguintes:

Este cinto é **meu**.
Este cinto é **o meu**.

Com a primeira, pretende-se acentuar a simples ideia de posse. Equivale a dizer-se: "Este cinto pertence-me, é de minha propriedade".

Com a segunda, porém, faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa. O seu sentido será: "Este é o meu cinto, o que possuo".

Antes de pronome adjetivo possessivo

1. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos podem usar-se com artigo ou sem ele:

Meu amor é só teu.
O meu amor é só teu.

A presença do artigo antes de pronome adjetivo possessivo ocorre com menos frequência no português do Brasil do que no de Portugal, onde, com exceção dos casos adiante mencionados, ela é praticamente obrigatória.

Comparem-se estes exemplos:

> — **A minha irmã** e **o meu cunhado** costumam receber **os seus amigos** mais íntimos.
> (A. Abelaira, *D*, 107.)

> **Meu avô materno** foi verdadeiramente **minha primeira amizade**, companheiro de brinquedo da **minha primeira infância.**
> (G. Amado, *HMI*, 4.)

2. O artigo é sistematicamente omitido quando o possessivo:

a) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões como *Nosso Pai* (referente ao Santíssimo), *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*:

> **Sua Excelência Reverendíssima** escusou-se de recebê-los pessoalmente.
> (B. Santareno, *TPM*, 37.)

> **V. Exª.** é sempre lisonjeiro.
> (Castro Alves, *OC*, 604.)

> **Nosso Senhor** tinha o olhar em pranto.
> Chorava **Nossa Senhora.**
> (A. de Guimaraens, *OC*, 121.)

b) faz parte de um vocativo:

> — Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
> (A. Nobre, *S*, 106.)

> — É neto, **meu padrinho**?
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 251.)

c) pertence a certas expressões feitas: *em minha opinião*, *em meu poder*, *a seu bel-prazer*, *por minha vontade*, *por meu mal*, etc.

d) vem precedido de um demonstrativo:

> — Não aguento mais **esse teu silêncio** antipático.
> (U. Tavares Rodrigues, *TO*, 162.)

— Isto, aliás, seria benefício a **este seu criado.**
(C. dos Anjos, *M*, 173.)

Observação:

Se o possessivo estiver posposto ao substantivo, este virá normalmente precedido de ARTIGO:

Quanto mistério
Nos olhos teus...
(V. de Morais, *PCP*, 334.)

Pode, no entanto, dispensá-lo, quando nos referimos a algo de modo impreciso ou vago:

Tenho estado à espera **de notícias tuas**, mas vejo que não chegam nunca.
(A. Nobre, *CI*, 117.)

Emprego genérico

Usa-se às vezes o ARTIGO DEFINIDO junto a um substantivo no singular para exprimir a totalidade específica de um gênero, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

O guarani fez-se aliado d**o espanhol.**
(J. Cortesão, *IHB*, II, 126.)

O relógio é um objeto torturante: parece algemado ao tempo.
(C. Lispector, *SV*, 113.)

Este emprego é frequente nos provérbios:

O homem não é propriedade d**o homem.**
O avarento não tem e **o pródigo** não terá.

Se o substantivo é abstrato, o ARTIGO serve, ademais, para personalizá-lo:

Sacrificou um pouco, sobretudo no exórdio, a articulação do seu discurso para evitar **o brilho, a saliência, a ênfase.**
(M. Bandeira, *AA*, 306.)

Era o deus vivo que os tinha na sua mão, o amigo-inimigo donde lhes vinha todo **o bem** e todo **o mal, a miséria** e **o pão, o luto** e **a alegria.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 173.)

Entre os abstratos incluem-se naturalmente os adjetivos substantivados:

Eu trabalho com **o inesperado**.
(C. Lispector, *SV*, 14.)

O pior é que nos apareceram outros doentes.
(F. Namora, *CS*, 157.)

Observação:

Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

Pobreza não é **vileza**.
Cão que ladra não morde.
Homem não é **bicho**.
Preto como **azeviche**.

Emprego em expressões de tempo

1.º) Os nomes de meses não admitem ARTIGO, a menos que venham acompanhados de qualificativo:

Estou seguro de ir até o Rio em fins **de junho** ou princípios **de julho**.
(M. de Andrade, *CMB*, 102.)

Descobria afinal a manhã carioca, n**o abril de Botafogo**, manhã que antes nunca me dera o ar de sua graça.
(Genolino Amado, *RP*, 22.)

Era **um setembro puro**.
(M. Torga, *NCM*, 63.)

Observação:

Omite-se em geral o ARTIGO antes das datas do mês:

A 28 de setembro, por vinte e sete votos, sai ele vitorioso.
(J. Montello, *PMA*, 276.)

O parecer é **de 28 de janeiro** de 1640.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 218.)

Costuma-se, no entanto, usá-lo:

a) antes de datas célebres (que adquirem o valor de um substantivo composto de NUMERAL + PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO):

> Por ser precisamente um dos feriados extintos, **o 19 de Novembro** faz lembrar hoje, aos marmanjos do começo do século, não só a bandeira como a própria infância, tão perdida quanto esse feriado.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 116.)

b) antes de datas mencionadas no curso de uma narração:

> Constituiu-se assim livremente a Academia e a primeira sessão se realizou **aos 15 de dezembro de 1896**, aclamados presidente Machado de Assis e secretários Rodrigo Otávio e Pedro Rabelo.
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1132.)

2.º) Os nomes dos dias da semana vêm precedidos de ARTIGO, principalmente quando enunciados no plural:

> Queres ir comigo à Itália **no domingo**?
> (A. Abelaira, *D*, 45.)

> **Aos domingos** saíam cedo para a missa.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 33.)

Mas podem dispensá-lo (juntamente com a preposição a que se aglutinam), quando funcionam como adjunto adverbial.

Assim:

> **Sexta-feira** fui vê-la sair.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 593.)

> — **Domingo** à tarde. **Domingo** será a vez do teu moinho...
> (F. Namora, *DT*, 221.)

3.º) Não se usa o ARTIGO nas designações das horas do dia, nem com as expressões *meio-dia* e *meia-noite*:

> O relógio marcava **meio-dia e dez...**
> (A. Abelaira, *D*, 124.)

Meia-noite? Não se teria enganado?
(J. Montello, *SC*, 25-26.)

O ARTIGO é, porém, de regra quando, antecedidas de preposição, tais formas se empregam adverbialmente:

Já não se almoça **às 9 da manhã**
e não se janta **às 4.**
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 99.)

Ao meio-dia já as águas do porto eram prata fundida.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 47.)

4.º) Os nomes das quatro estações do ano são precedidos de artigo:

As névoas anunciam **o Inverno.**
(R. Brandão, *P*, 52.)

Talvez tenha acabado **o verão.**
(R. Braga, *CCE*, 293.)

Será goivo **no outono**, assim como era,
Eternamente mal-aventurada,
A alma, que lírio foi **na primavera**...
(A. de Guimaraens, *OC*, 342.)

Podem, no entanto, dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, funcionam como complemento nominal ou como adjunto adnominal:

Que noite **de inverno**! Que frio, que frio!
Gelou meu carvão:
Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol **de verão**!
(A. Nobre, *S*, 13.)

Num meio-dia de fim **de primavera**
Tive um sonho como uma fotografia.
(F. Pessoa, *OP*, 143.)

Hora sagrada dum entardecer
De outono, à beira-mar, cor de safira.
(F. Espanca, *S*, 22.)

5.º) Os nomes de datas festivas dizem-se com ARTIGO:

o ano-bom	**o Natal**
o carnaval	**a Páscoa**

É, porém, de regra a omissão do ARTIGO quando estes nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras *dia*, *noite*, *semana*, *presente*, etc.:

O primeiro **dia de carnaval.**
A **noite de Natal.**
A **semana de Páscoa.**
Um **presente de ano-bom.**

Emprego com expressões de peso e medida

O ARTIGO DEFINIDO é usado com força distributiva em frases do tipo

O feijão está a cento e trinta cruzeiros **o quilo** (= cada quilo)

Este tecido custa dois mil escudos **o metro** (= cada metro),

nas quais se expressa por unidade de peso ou medida o custo ou o valor de determinada coisa.

Com a palavra casa

1. Dispensam o ARTIGO os adjuntos adverbiais de lugar em que entra a palavra *casa*:

a) desacompanhada de determinação ou qualificação, no sentido de "residência", "lar":

Às quatro da madrugada entrou **em casa.**
(M. Torga, *CM*, 32.)

Voltou **para casa** e ficou à espera da hora insuportável.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 105.)

b) em sentido vago, embora acompanhada de qualificação:

Estava **em casa própria** lá para Ipanema.
(A. Ribeiro, *M*, 356.)

A vida na casa de Sinhô era mesquinha como **em casa de pobre**, mas havia lá dentro a bela Pérola.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 306.)

2. Mas a palavra *casa* vem de regra antecedida de ARTIGO:

a) quando usada na acepção própria de "prédio", "edifício", "estabelecimento":

J[osé] O[lympio] em geral não emprega a primeira pessoa; diz: **a casa. A casa** não pode editar um livro nessas condições, **a casa** ficou magoada, **a casa** está feliz...
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 52.)

Estou cansado, preciso de um sócio, alguém que me dirija **a casa**.
(A. Abelaira, *D*, 28.)

b) quando está particularizada por adjunto adnominal:

Foi um golpe esta carta; não obstante, apenas fechou a noite, corri **à casa de Virgília**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 484.)

Na sua própria casa, Horácio pressentia que a mãe lhe ocultava alguma coisa.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 451.)

Observação:

Diz-se *o dono* (ou *a dona*) **da casa** para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago, dir-se-á, porém: *uma boa dona* **de casa**.

Com a palavra palácio

1. A palavra *palácio* usa-se com ARTIGO:

Absorvendo-me nos exames, suspendi as idas **ao Palácio**.
(Genolino Amado, *RP*, 124.)

Só perto **do palácio** enxugou os olhos.
(Alves Redol, *BC*, 342.)

2. Costuma, no entanto, dispensá-lo, no português do Brasil, quando, em função de adjunto adverbial, designa a residência ou o local de despacho do chefe da

Nação ou do Estado e vem desacompanhada da competente determinação ou qualificação. Poder-se-á dizer, por conseguinte:

> O Governador chamou-o **a Palácio**, pedindo-lhe que desse um termo à luta.
>
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 134-135.)

> — Olhe, nos Governos de gente nossa, não se pode nem comer **em Palácio**...
>
> (A. Deodato, *POBD*, 55.)

Mas dir-se-á sempre com artigo, quando determinada ou qualificada:

> Paladino do amor, busco anelante
> **O palácio encantado da Ventura!**
>
> (A. de Quental, *SC*, 42.)

> Benício tornou a acercar-se da janela, alongou a vista na direção **do Palácio Laranjeiras.**
>
> (J. Montello, *SC*, 25.)

Emprego com o superlativo relativo

O ARTIGO DEFINIDO é de emprego obrigatório com o superlativo relativo. Pode preceder o substantivo:

> Era **o** aluno **mais estudioso da** turma.

ou o superlativo:

> Era **o mais estudioso** aluno **da** turma.
> Era aluno **o mais estudioso da** turma.

Mas não deve ser repetido antes do superlativo quando já acompanha o substantivo, como neste exemplo:

> Era **o** aluno **o mais estudioso da** turma.

Observações:

1.ª) É lícita, no entanto, a repetição do ARTIGO antes do superlativo reforçado pela palavra *ainda* ou sinônima, pois neste caso se pode subentender o substantivo depois do segundo artigo:

Essa façanha **os** marinheiros **ainda os mais audazes** não ousariam cometê-la.

isto é: *ainda os [marinheiros] mais audazes.*

2.ª) O ARTIGO aparece por vezes com valor intensivo em frases da linguagem coloquial de entoação particular. Por exemplo:

Ele é **o** fim!

COM OS NOMES PRÓPRIOS

Sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o ARTIGO. Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do ARTIGO DEFINIDO. Entre essas razões, devem ser mencionadas:

a) a intenção de reforçar a ideia de individualidade, de um todo intimamente unido, como se concebe, em geral, um país, um continente, um oceano:

o Brasil	a América	o Atlântico
a França	a Europa	o Pacífico

b) a de ser o nome próprio originariamente um substantivo comum, construído com o ARTIGO:

a Guarda	o Cairo (árabe *El-Kahira* = a vitoriosa)
o Porto	o Havre (francês *Le Havre* = o porto)

c) a influência sintática do italiano, língua em que os nomes de família, quando empregados isoladamente, vêm precedidos de ARTIGO:

o Tasso	o Ticiano	a Besanzoni

d) a de cercar o nome próprio de uma atmosfera afetiva ou familiar:

> (...) **A Carlota! A Carlota!**
> Boa velhinha, como ela é meiga e devota!
> (A. Nobre, *S*, 166.)

> — Aqui é **o Custódio**. Olhe, achei melhor dizer **ao Cantídio** que você tinha chegado e queria vê-lo.
> (C. dos Anjos, *M*, 160.)

Feitas essas considerações preliminares, particularizemos, agora, os principais casos de emprego do artigo definido com os nomes próprios.

Com os nomes de pessoas

Os nomes próprios de pessoas (de batismo e de família) não levam ARTIGO, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos:

Camões Dante Napoleão

Emprega-se, porém, o ARTIGO DEFINIDO:
1.º) quando o nome de pessoa vem precedido de qualificativo:

O romântico Alencar.
O divino Dante.

2.º) quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo:

Era **o Daniel de outrora** que eu tinha diante de mim.
(J. Montello, *DVP*, 237.)

Estas palavras eram de Raul, **o Raul adolescente.**
(A. Abelaira, *D*, 130.)

3.º) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo, como neste passo de A. Nobre, em que *o Carlos* é o rei D. Carlos I, de Portugal:

Nada me importas, País! seja meu Amo
O Carlos ou **o Zé da T'resa...**
(*S*, 118.)

4.º) quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:
a) seja para indicar indivíduos do mesmo nome:

Os dois Plínios.
Os três Horácios.

b) seja para designar uma coletividade familiar:

Os Andradas.
Os Braganças.

c) seja para caracterizar, enfaticamente, classes ou tipos de indivíduos que se assemelham a um vulto ou personagem célebre, caso em que o nome próprio vale por um nome comum:

> Eu vejo **os Cipiões**, vejo **os Emílios**.
> (C. M. da Costa, *OP*, II, 122.)

> Que importa isso tudo, se, aqui, **os Clemenceaus** andam a monte, **os Hindemburgos** rolam aos tombos, **os Gladstones** pululam aos cardumes, **os Bismarcks** se multiplicam em ninhadas, e **os Thiers** cobrem o sol como nuvens de gafanhotos.
> (R. Barbosa, *EDS*, 484.)

d) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

> **Os Goyas** do Museu do Prado.

Observações:

1.ª) Na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente no Brasil e está praticamente generalizada na linguagem corrente de Portugal a anteposição do ARTIGO DEFINIDO a nomes de batismo de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade. Comparem-se, por exemplo, estas duas frases:

> **Geraldo** saiu agora.
> **O Geraldo** saiu agora.

Na primeira (só possível, em Portugal, na linguagem escrita), a pessoa mencionada vem envolta de certa distinção, sentimo-la mais distante. Na segunda, apontamos a pessoa como conhecida dos presentes, como um elemento familiar, caseiro.

2.ª) As alcunhas são comumente precedidas de ARTIGO:

> — Morreu **o Palhaça**...
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> Gomes Ribeiro, que não se misturava com quem quer que fosse, era conhecido como **o Fonema**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 107.)

3.ª) O artigo definido antecede as palavras *senhor, senhora* e *senhorita* quando citamos uma pessoa por seu nome ou por seu título:

O senhor Fontes está adoentado.
Falei com **a senhora Baronesa**.
Não vi **a senhorita Joana**.

Não empregamos, porém, o artigo quando nos dirigimos à própria pessoa:

— Como vai, **senhor Fontes**?
— Adeus, **senhora Baronesa**.
— Obrigado, **senhorita Joana**.

4.ª) O adjetivo *santo* (ou *são* e *santa*) não vem precedido de artigo quando acompanha um nome próprio do qual consideramos ser parte integrante:

Assim conversam, gloriosos,
Santa Clara e **São Francisco**.
(C. Meireles, *OP*, 903.)

— O senhor formulara um conceito heterodoxo das epístolas de **São Paulo** e do evangelho de **São Marcos**...
(A. Ribeiro, *ES*, 17.)

O artigo é, porém, de regra, se com o nome do santo, precedido do adjetivo em causa, quisermos designar a época em que se festeja:

Já a trago debaixo de olho desde **o Santo Antônio**.
(M. Torga, *V*, 21.)

Ainda há um ano precisamente, assistia eu no Porto **ao São João** mais fantástico deste mundo.
(A. F. Schmidt, *GB*, 146.)

Com os nomes geográficos

O estado atual do uso do ARTIGO com os nomes geográficos é o seguinte:

1.º) Emprega-se normalmente o artigo definido:

a) com os nomes de países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas:

o Brasil	o Himalaia	o Nilo
a França	os Alpes	o Lemano
os Estados Unidos	o Teide	o Atlântico

a Guiné	o Atacama	o Báltico
o Nordeste	o Saara	o Mediterrâneo
a África	o Cruzeiro do Sul	os Açores

b) com os nomes dos pontos cardeais e os dos colaterais, quer no sentido próprio, quer no de regiões ou ventos:

O promontório tapava para **o norte.**
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 104.)

Os nossos companheiros de viagem — gente **do Sul** — tasquinhavam, cantavam e beberricavam.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

Também os ventos nordestinos se acharam presentes: **o Nordeste** e **o Sudeste...**
(J. Cardoso, *SE*, 60.)

Observações:

1.ª) Certos nomes de países e regiões costumam, no entanto, rejeitar o artigo. Entre outros: *Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor, Andorra, Israel, São Salvador, Aragão, Castela, Leão.*

2.ª) Alguns nomes de países, como *Espanha, França, Inglaterra, Itália* e poucos mais, podem construir-se sem ARTIGO, principalmente quando regidos de preposição:

Viveu muito tempo **em Espanha**, casada.
(F. Namora, *CS*, 93.)

Aquela que reside na esperança
Foi quem me recompôs o sonho antigo
Numa canção de músico mendigo
Pelas estradas líricas **de França.**
(J. Cardoso, *SE*, 49.)

3.ª) Quando indicam apenas direção, os nomes de pontos cardeais podem vir sem ARTIGO:

Marcha **para oeste** Vento **de leste**

2.º) Não se usa em geral o ARTIGO DEFINIDO:

a) com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas:

Barbacena	Águeda	Creta
Lisboa	Campo Grande	Cuba
Paris	Topázio	Malta

b) com os nomes de planetas e de estrelas:

Marte	Canópus
Saturno	Sírius
Vênus	Vega

Observações:

1.ª) Alguns nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam O ARTIGO: *a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz.* O mesmo se dá, como vimos, com o nome de certas cidades estrangeiras: *o Cairo, a Haia, o Havre.*

2.ª) À semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de ilhas: *a Córsega, a Madeira, a Sardenha, a Sicília.*

3.º) Não é uniforme o emprego do ARTIGO DEFINIDO com os nomes dos estados brasileiros e das províncias portuguesas. A maioria leva ARTIGO.

Assim:

o Acre	o Pará	o Alentejo
o Amazonas	a Paraíba	o Algarve
a Bahia	o Paraná	a Beira
o Ceará	o Piauí	o Douro
o Espírito Santo	o Rio de Janeiro	a Estremadura
o Maranhão	o Rio Grande do Norte	o Minho
o Mato Grosso do Sul	o Rio Grande do Sul	o Ribatejo

Não se usam, porém, com artigo:

Alagoas	Pernambuco	Sergipe
Goiás	Rondônia	Trás-os-Montes
Mato Grosso	Santa Catarina	
Minas Gerais	São Paulo	

Observação:

Diz-se também *as Alagoas.*

4.º) Como os nomes de pessoas, os nomes geográficos passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação ou de determinação:

Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!
(A. Nobre, *D*, 68.)

Gosto da **Ouro Preto de Guignard.**
(M. Bandeira, *AA*, 57.)

De novo, ungindo-me de Europa, alastrando-me da sua vibração, se encapelava dentro de mim Paris — **o meu Paris, o Paris dos meus vinte e três anos...**
(M. de Sá-Carneiro, *CL*, 131.)

Patriota, desejava sem dúvida nos fazer conscientes da grandeza de Portugal, **o Portugal das descobertas e dos clássicos.**
(J. Amado, *MG*, 113.)

Com os nomes de obras literárias e artísticas

Emprega-se em geral o artigo, mesmo quando não pertença ao título:

Ontem, à noite, comecei a ler **a Ana Karenina.**
(A. Abelaira, *D*, 64.)

A chegada de José Veríssimo ao Rio, em 1891, coincide com o aparecimento d**o Quincas Borba**, primeiro romance de Machado de Assis depois d**as Memórias Póstumas.**
(J. Montello, *PMA*, 216.)

CASOS ESPECIAIS

Antes da palavra *outro*

1. Emprega-se o artigo definido quando a palavra *outro* tem sentido determinado:

Tirei do colégio os meus dois filhos: o mais velho era um demônio, **o outro** um anjo.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 290.)

Não era **pela outra**, não, dizia ela consigo, pela centésima vez, era por ele, era **pelo outro.**
(A. Peixoto, *RC*, 517.)

Um era careca, **o outro** tinha bigode.
(A. M. Machado, *HR*, 72.)

2. Cala-se, porém, o artigo quando o seu sentido é indeterminado:

A uns amei, a **outros** estimei, aborreci alguns e alguns mal conheci — mas todos! ai! todos, me impregnaram de suas vidas.
(P. Nava, *BC*, 228.)

Na estrada, os homens apartaram-se, uns grupos para a Covilhã, **outros** para a Aldeia do Carvalho, como nos demais dias.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 463.)

Depois das palavras *ambos* e *todo*

Ambos e *todo* são as únicas palavras que, em português, antecedem o artigo pertencente ao mesmo sintagma.

1. Se o substantivo determinado pelo numeral *ambos* estiver claro, é de regra o emprego do artigo definido:

Eram centenares de pessoas de **ambos os sexos**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 573.)

Vasco apoiou os cotovelos nela e segurou o rosto com **ambas as mãos**.
(É. Veríssimo, *LS*, 166.)

2. A presença ou a ausência do artigo depois da palavra *todo* depende, obviamente, de admitir ou rejeitar o substantivo aquela determinação.
Diremos, por exemplo:

Todo o Brasil pensa assim.
Todo Portugal pensa assim.

por se construírem de modo diverso esses dois nomes geográficos.

3. Há casos, porém, que precisam de ser considerados particularmente.
Assim:
1.º) No PLURAL, anteposto ou posposto ao substantivo, *todos* vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua:

Conheceu **todos os salões** e **todos os antros**.
(C. Castelo Branco, *OS*, II, 302.)

Os discípulos amavam-na, prontos a **todos os obséquios**.
(A. Ribeiro, *CRG*, 100.)

Iam-se-me **as esperanças todas**; terminava a carreira política.
(Machado de Assis, *OC*, I, 536.)

Mas:

Todos estes costumes vão desaparecer.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Todos esses dons do meu amigo ficarão perdidos para sempre.
(A. F. Schmidt, *AP*, 98.)

2.º) Não se usa o artigo antes do numeral em aposição a *todos*:

Vi-os felizes a **todos quatro**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

Elas são, **todas duas**, minhas irmãs que eu ajudei a criar.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 67.)

Se, no entanto, o substantivo estiver claro, o artigo é de regra:

Vi-os felizes a **todos os quatro meninos**.
Todas as duas irmãs eu ajudei a criar.

3.º) No SINGULAR, *todo*:

a) virá acompanhado de artigo, quando indicar a totalidade das partes:

Toda a praia é um único grito de ansiedade.
(Alves Redol, *FM*, 306.)

Estela assistiu **à lição toda**, com a paciência da curiosidade.
(Machado de Assis, *OC*, I, 373.)

b) poderá vir ou não acompanhado de artigo quando exprimir a totalidade numérica:

Falava bem como **todo francês**.
(G. Amado, *PP*, 168.)

—Verdade, a atribuição é lógica: **todo o homem** é bicho, embora nem **todo o bicho** seja homem.
(A. Ribeiro, *AFPB*, 33.)

Neste último caso é obrigatória a sua anteposição ao substantivo.

Observação:

Advirta-se que o uso do artigo neste último caso é muito mais frequente na língua contemporânea de Portugal do que na do Brasil, onde, no ensino médio, de um modo geral, os professores procuram estabelecer uma distinção entre *todo* "qualquer", "cada" e *todo o* "inteiro", "total", pelo modelo:

Toda casa [= qualquer casa] cedo ou tarde precisa de reforma.
Toda a casa [= a casa inteira] foi reformada.

4.º) Anteposto ao artigo indefinido, *todo* significa "inteiro", "completo":

Para conseguir o seu intento cobriu de ridículo **toda uma geração**, e lançou as bases de **toda uma remodelação social.**
(G. Amado, *TL*, 29.)

Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se **toda uma literatura** em rumas de volumes graves.
(Eça de Queirós, *OF*, II, 71.)

5.º) Quando *todo* (ou *toda*) está empregado com força adverbial, não admite naturalmente o acompanhamento do artigo:

Todo barbeado de fresco, as cordoveias do pescoço luziam-lhe grossas como calabres.
(A. Ribeiro, *CRG*, 228.)

Vi então um homem **todo amarrado** de cordas a carregar uma cruz, com outro de chicote na mão batendo nele.
(J. Rins de Rego, *MVA*, 13.)

6.º) Em numerosas locuções do português contemporâneo, *todo* (ou *toda*) vem seguido de artigo. Entre outras, mencionam-se as seguintes:

a todo o custo	a toda a brida
a todo o galope	a toda a hora
a todo o instante	a toda a pressa
a todo o momento	em toda a parte
em todo o caso	por toda a parte

Observação:

Quanto a outros valores e empregos do indefinido *todo*, veja-se p. 380-1.

REPETIÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Com substantivos

1. Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo deve anteceder os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

> Cantava para **os** anjos, para **os** presos, para **os** vivos e para **os** mortos.
> (J. Lins do Rego, *MVA*, 347.)

> Para ganhar **o céu**, vendeste **a ira, a luxúria,**
> **A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça** e **a avareza.**
> (Olavo Bilac, *T*, 239.)

> Depois, **a** iniciação, **a** mudança de traje, **o** banho, **o** perfume, **a** visita de belos cavalheiros, **o** primeiro café, **o** licor, **a** queda e algumas lágrimas.
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 93.)

2. Mas a alternância de sequências com artigo e sem ele pode, em certos casos, apresentar efeitos estilísticos apreciáveis:

> Não viram **sumo bem** ao derredor,
> Mas sim **o mal, a tentação, o crime,**
> **Orgulho, humilhações, remorso** e **dor.**
> (A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA*, 213.)

Observação:

Não se repete, porém, o artigo:

a) quando o segundo substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro:

> Presenteou-me este livro **o** compadre e amigo Carlos.
> **A** fruta-de-conde, ou ata, é deliciosa.

b) quando, no pensamento, os substantivos se representam como um todo estreitamente unido:

O estudo [do folclore] era necessitado pela existência **das** histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesia e mitos recolhidos da tradição oral.
(J. Ribeiro, *Fl*, 6.)

Com adjetivos

1. Repete-se o artigo antes de dois adjetivos unidos por uma das conjunções *e* e *ou* quando os adjetivos acentuam qualidades opostas de um mesmo substantivo:

   Conhecia **o** novo e **o** velho Testamento.
   A boa ou **a** má fortuna não o alteraram.

2. Não se repete, porém, o artigo se os dois adjetivos ligados pelas conjunções *e*, *ou* (e *mas*) se aplicam a um substantivo com o qual formam um conceito único:

   Mas por que não lhe telefona logo à noite, por que não recomeçam **a velha e quase esquecida** amizade?
   (A. Abelaira, *D*, 22.)

   Esqueceu que já não tinha mais **a sua tristonha mas bela** solidão.
   (É. Veríssimo, *LS*, 148.)

3. Se os adjetivos não vêm unidos pelas conjunções *e* e *ou*, deve-se repetir o artigo. Tal construção empresta ao enunciado ênfase particular:

   Era **o próprio, o exato, o verdadeiro** Escobar.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 867.)

   É o povo, **o verdadeiro, o nobre, o austero** povo português.
   (A. F. Schmidt, *F*, 102.)

4. Se um mesmo substantivo vem qualificado por uma série de superlativos relativos, deve-se antepor o artigo a cada membro da série:

   Que **o mais belo, o mais forte, o mais ardente**
   Destes sujeitos é precisamente
   O mais triste, o mais pálido, o mais feio.
   (E. da Cunha, *OC*, I, 659.)

Vi pela primeira vez a Eleita de minh'alma,
a grande Flor subtil, inigualável alma,
A Maior, a mais Bela, a mais Amada, a Única!
(E. de Castro, *OP*, I, 30.)

OMISSÃO DO ARTIGO DEFINIDO

Do que foi estudado nas páginas anteriores, verificamos que o artigo definido limita sempre a noção expressa pelo substantivo.

1. O seu emprego é, pois, evitado em certos casos:

1.º) Quando o gênero e o número do substantivo já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.).

Assim, diremos:

Na revolução de 17 muito sofrera **este padre**.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 281.)

Antes, ainda no automóvel, Ramiro achara **duas novas pérolas**.
(A. Abelaira, *D*, 121.)

2.º) Quando queremos indicar a noção expressa pelo substantivo de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado.

Comparem-se, por exemplo, estas três frases:

Foi acusado **do crime** [acusação precisa].
Foi acusado **de um crime** [acusação vaga].
Foi acusado **de crime** [acusação mais vaga ainda].

3.º) Quando, nas enumerações, pretendemos obter um efeito:

a) de acumulação:

Samuel, a princípio com relutância, depois com fúria, finalmente com resignação, pôs-se a morder e a mastigar tudo: **lápis, borrachas, pedacinhos de pau, gomos de cana-de-açúcar**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 143-144.)

b) de dispersão:

Volteiam dentro de mim,
Em rodopio, em novelos,

Milagres, uivos, castelos,
Forças de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim.
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 75.)

Observação:

No exemplo acima, o poeta português M. de Sá-Carneiro procura conjugar num sentido superior (o tema da "incoerência" ou "dispersão") coisas apresentadas em série desconexa. Trata-se de um caso da chamada ENUMERAÇÃO CAÓTICA, recurso estilístico de alto efeito expressivo em alguns escritores modernos. Leia-se a propósito Leo Spitzer. *La enumeración caótica en la poesía moderna*. Trad. de Raimundo Lida, Buenos Aires, Instituto de Filología, 1945.

2. Além desses casos gerais e de outros particulares, anteriormente examinados, omite-se o artigo definido:

a) nos vocativos:

Oh! **dias da minha infância**!
Oh! **meu céu de primavera**!
(C. de Abreu, *O*, 94.)

b) nos apostos que indicam simples apreciação:

Tardes da minha terra, **doce encanto,**
Tardes duma pureza de açucenas.
(F. Espanca, *S*, 35.)

c) antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os verbos *aprender, estudar, cursar, ensinar* e sinônimos:

Aprender **inglês**.
Cursar **direito**.
Estudar **latim**.
Ensinar **geometria**.

d) antes das palavras *tempo, ocasião, motivo, permissão, força, valor, ânimo* (para alguma coisa), complementos dos verbos *ter, dar, pedir* e seus sinônimos:

Não houve **tempo** para descanso.
Não dei **motivo** à crítica.
Pedimos **permissão** para sair.
Não tive **ânimo** para viajar.

EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO

O artigo indefinido provém do numeral latino *unus, una, unum*, que exprime a unidade.

Esse valor numeral, embora enfraquecido em "um certo", transparece ainda hoje nos diversos empregos das formas do singular (*um, uma*), principalmente no mais comum deles, qual seja, o de apresentar o ser ou o objeto expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida.

Desse valor fundamental decorrem certos empregos particulares do artigo indefinido, alguns dos quais devem ser conhecidos.

Com os substantivos comuns

1. O artigo indefinido — já o dissemos — serve principalmente para a apresentação de um ser ou de um objeto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor.
   Retomemos o exemplo de A. Amoroso Lima anteriormente citado:

   > Pouco depois, atraído também pelo espetáculo, foi chegando **um caboclinho** magro, com **uma taquara** na mão.
   > (*AA*, 40.)

   Uma vez apresentados o ser e o objeto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido. É o que se observa na continuação do texto em causa:

   > Pupilas acesas vinham espiar entre as árvores, como que também atraídas pela melodia d**a taquara** d**o caboclinho**.
   > (*Ibid.*)

2. Para se precisar a classe ou a espécie de um substantivo já determinado por artigo definido, costuma-se repeti-lo, na aposição, com o artigo indefinido:

   > Ele sentia o cheiro do impermeável dela: **um cheiro doce de fruta madura.**
   > (É. Veríssimo, *LS*, 140.)

   > A chuva continuava, **uma chuva mansa e igual, quase lenta, sem interesse em tombar.**
   > (M. J. de Carvalho, *AV*, 153.)

3. Por sua força generalizadora, o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie:

> — Aquele, digo-vos eu, aquele é **um homem**.
> (Branquinho da Fonseca, *MS*, 165.)

> **Uma mulher** não gosta de profissão nenhuma. **Uma mulher** só gosta sinceramente de duas coisas: casar e ter filhos.
> (I. Losa, *EO*, 106.)

4. A anteposição do plural *uns*, *umas*, a cardinais é a forma preferida do idioma para indicar a aproximação numérica:

> O sítio em que nos instalamos ficava a **uns oito quilômetros** de Barbacena, pela estrada que vai para Remédios.
> (R. M. F. de Andrade, *V*, 119.)

> Teria, quando muito, **uns doze anos**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 168.)

Com o mesmo sentido aparece a forma singular *uma* antes da fracionária *meia*:

> Decorreu **uma** boa **meia-hora**.
> (J. de Alencar, *OC*, II, 569.)

> Indaguei de Virgília, depois ficamos a conversar **uma meia hora**.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 507.)

5. Antes dos nomes de partes do corpo ou de objetos que se consideram aos pares, usa-se o plural do artigo indefinido para designar um só par:

> Ao parar nos últimos degraus da escada para conversar com alguém que conhecia, dei com **uns pés** enormes ao nível de meus olhos.
> (A. M. Machado, *HR*, 146.)

> Trazia **uns sapatos** rasos, **uns olhos** verdes.
> (A. Abelaira, *CF*, 207.)

Observação:

O artigo indefinido aparece com acentuado valor intensivo em certas frases da linguagem coloquial caracterizadas por uma entoação particular:

Ela é de **uma candura**!...
Tens **umas ideias**!...

A suspensão final da voz faz subentender um adjetivo denotador de qualidade ou defeito de caráter excepcional. Equivale a dizer-se:

Ela é de **uma candura admirável** (ou **comovente**).
Tens **umas ideias estapafúrdias** (ou **ótimas**).

Ressalte-se que a força intensiva do indefinido permite que se complete a estrutura consecutiva com o aparecimento de uma oração iniciada por *que*:

Ela é de **uma candura, que comove**.

Entenda-se:

Ela é de **uma candura tal, que comove**.

Com os nomes próprios

1. Emprega-se o artigo indefinido antes de um nome de pessoa:

a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou um personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:

Papai era **um Quixote**.
(C. dos Anjos, *MS*, 298.)

— É **uma Ofélia**, mas, depravada...
(J. de Araújo Correia, *FX*, 128.)

b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie:

A fortuna, toda nossa, é que não temos **um Kant**.
(J. Ribeiro, *F*, 36.)

Nazaré merecia bem **um Cézanne** ou outro grande pintor a rondar-lhe os sítios, a pintar-lhe os tipos.
(A. F. Schmidt, *F*, 103.)

c) para designar um indivíduo pertencente a determinada família:

José Bonifácio era **um Andrada**.
D. Pedro I do Brasil, que foi D. Pedro IV de Portugal, era **um Bragança**.

d) para evocar aspectos geralmente imprevistos de uma pessoa:

Apesar disso tudo, **um Joaquim risonho**, a satisfação em pessoa.
(Genolino Amado, *RP*, 115.)

Raul Brandão, nas *Memórias*, evocou **um Fialho torturado**, através do estilo imprevisto, "escorrendo sangue, aflição, miséria".
(J. do Prado Coelho, *PHL*, 247.)

e) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Também disse, é verdade, como era necessário aprender a distinguir o fado de uma sinfonia, **um Picasso** de um calendário.
(V. Ferreira, *A*, 28.)

2. Como o artigo definido, o indefinido pode acompanhar os nomes geográficos, se qualificados:

Mais tarde, haveria de ouvir-lhe pessoalmente a sua visão **dum Egeu de deuses vivos**.
(L. Forjaz Trigueiros, *ME*, 269.)

Numa Europa mecanizada, a Espanha surge-nos intemporal.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)

OMISSÃO DO ARTIGO INDEFINIDO

Apesar de sua generalização crescente, há circunstâncias que, ainda hoje, pedem ou favorecem a omissão do artigo indefinido.

Assim:

1.º) A existência de outro elemento determinativo anteposto ao nome, como, por exemplo, uma forma de identidade ou de comparação:

De você não esperava **semelhante gesto**.
Não é possível **pior exemplo do que** esse.

2.º) O fato de um substantivo ser empregado no singular para exprimir não a ideia de unidade, mas uma noção partitiva, ou para designar toda a espécie ou categoria a que pertence:

A grande parte do público irritou a cena.
Amigo fiel e prudente é melhor que **parente**.

Observação:

Não existe propriamente omissão do artigo indefinido, mas casos onde ele nunca se empregou de forma regular.

Na fase primitiva das línguas românicas, o artigo indefinido era de uso restrito. Com o correr do tempo, esse determinativo foi-se introduzindo em numerosas construções e, hoje, os variados matizes do seu emprego constituem uma inestimável riqueza estilística de todas elas.

Contra essa generalização e valorização progressiva do indefinido se manifestaram sempre os nossos gramáticos, que nela veem uma simples e desnecessária influência do francês, onde, em verdade, poucas são atualmente as interdições ao uso do determinativo em causa. Mas tal guerra se tem revelado inútil, e inútil precisamente porque não se trata, no caso, de um mero galicismo extirpável, e sim de uma tendência geral dos idiomas neolatinos em busca de formas mais expressivas, de maior clareza e vigor para o enunciado.

Em expressões de identidade

1. Evita-se, em geral, empregar o artigo indefinido quando já existe, anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos *igual*, *semelhante* e *tal*; ou um dos indefinidos *certo*, *outro*, *qualquer* e *tanto*:

   Certo amigo meu já usou de **igual argumento**.
   Em **outra circunstância** eu aprovaria **semelhante atitude**.
   Se continuares com **tal inapetência** e com **tanta febre**, podes tomar o remédio a **qualquer hora**.

2. Advirta-se, porém, que algumas dessas formas, quando pospostas a um substantivo, passam a ser adjetivos, caso em que se constroem normalmente com artigo indefinido:

   Ele disse **uma coisa certa**.
   Quero **um livro igual** a esse.
   Uma hora qualquer irei vê-lo.
   Tens **um modo semelhante** de falar.

   Costuma-se, no entanto, calar o artigo indefinido, quando a frase é negativa ou interrogativa:

Nunca li **coisa igual**.
Jamais se ouviu **barbaridade tal**!
Já viste **trejeitos semelhantes**?

Em expressões comparativas

1. Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido. É o caso:

a) dos comparativos de igualdade formados com *tão* ou *tanto*:

Nunca passei por **lugar tão perigoso como** aquele.
Trabalhava com **tanto cuidado como** o pai.

b) dos comparativos de superioridade ou de inferioridade, principalmente quando expressos sob a forma negativa ou interrogativa:

Não encontrarias **melhor amigo** nesta emergência.
Conseguiste **maior renda** este mês?

2. É dispensável também o artigo indefinido em comparações do tipo:

Qual furacão, revolveu tudo.
Bailava **como nume da floresta**.

Em expressões de quantidade

Costuma-se evitar o artigo indefinido antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas seja por substantivos (como: *coisa*, *gente*, *infinidade*, *multidão*, *número*, *parte*, *pessoa*, *porção*, *quantia*, *quantidade*, *soma* e equivalentes), seja por adjetivos (como: *escasso*, *excessivo*, *suficiente* e sinônimos):

Havia **grande número de pessoas** no casamento.
Reservou para si **boa parte do lucro**.
Disponho de **escasso capital** para o empreendimento.
Não há **suficiente espaço** para o móvel.

Observação:

A presença do numeral fracionário *meio* exclui normalmente a do artigo indefinido:

Comprou **meio quilo** de pão.
Tomou **meia dose** do remédio.

Mas, como vimos, o feminino *meia* constrói-se com o indefinido nas designações de quantidade aproximada. E também pode admiti-lo quando forma com o substantivo uma unidade de uso corrente:

Só tenho **uma meia libra**.
No caso, basta **uma meia-palavra** sua.

Com substantivo denotador da espécie

Quando um substantivo no singular é concebido sob o aspecto de categoria de espécie, e não sob o de unidade, pode-se calar o artigo indefinido. Esta omissão aparece frequentemente em provérbios:

Cão ladrador nunca é **bom caçador**.
Espada na mão de **sandeu, perigo** de quem lha deu.

Advirta-se que, na língua de nossos dias, esta construção é mais frequente no Brasil do que em Portugal.

Comparem-se estes exemplos:

Criança tem amigos e inimigos.
(G. Amado, *HMI*, 8.)

— **Noivo** não se deixa na solta.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 270.)

Vida não tem adjetivo.
(C. Lispector, *SV*, 18.)

Outros casos de omissão do artigo indefinido

Além dos casos mencionados, a língua portuguesa admite a omissão do artigo indefinido em muitos outros. Como o artigo definido, ele pode faltar:

a) nas enumerações:

Desde aí, os campos-santos não cessaram de recolher os mortos meus: **avô, tios, amigos de infância, companheiros queridos** — a lista é aterradora...
(A. F. Schmidt, *GB*, 151.)

Casas, árvores, nuvens desagregavam-se numa melancólica paisagem de Outono.
(F. Namora, *TJ*, 232.)

b) nos apostos:

> Meu pai, **homem de boa família**, possuía fortuna grossa, como não ignoram.
>
> (G. Ramos, *AOH*, 28.)

> Chega, hoje, aqui o meu amigo Costa Cabral, **filho do Conde de Tomar, meu antigo condiscípulo em Coimbra e no Laranjo.**
>
> (A. Nobre, *CI*, 74.)

E sempre que a clareza ou a ênfase não o exigirem.

Capítulo 10

Adjetivo

O ADJETIVO é essencialmente um modificador do substantivo. Serve:

1.º) para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito):

inteligência **lúcida** homem **perverso**

b) o modo de ser:

pessoa **simples** rapaz **delicado**

c) o aspecto ou aparência:

céu **azul** vidro **fosco**

d) o estado:

casa **arruinada** laranjeira **florida**

2.º) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (ADJETIVO DE RELAÇÃO):

nota **mensal**	(= nota relativa ao mês)
movimento **estudantil**	(= movimento feito por estudantes)
casa **paterna**	(= casa onde habitam os pais)
vinho **português**	(= vinho proveniente de Portugal)

Observação:

Os adjetivos de relação, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.

NOME SUBSTANTIVO E NOME ADJETIVO

É muito estreita a relação entre o SUBSTANTIVO (termo determinado) e o ADJETIVO (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase.

Comparem-se, por exemplo:

Uma **preta velha** vendia laranjas.
Uma **velha preta** vendia laranjas.

Na primeira oração, *preta* é substantivo, porque é a palavra-núcleo, caracterizada por *velha*, que, por sua vez, é adjetivo na medida em que é a palavra caracterizadora do termo-núcleo. Na segunda oração, ao contrário, *velha* é substantivo e *preta* adjetivo.

Como vemos, a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático, funcional.

SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO

Sempre que a qualidade referida a um ser, objeto ou noção for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixará de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear do sintagma nominal. Dá-se, então, o que se chama SUBSTANTIVAÇÃO DO ADJETIVO, fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral, do artigo) ao adjetivo.[1]

Comparem-se, por exemplo, estas orações:

O céu **cinzento** indica chuva.
O **cinzento** do céu indica chuva.

Na primeira, *cinzento* é adjetivo; na segunda, substantivo.

---

[1] Veja-se o que a respeito dissemos no capítulo 9.

SUBSTITUTOS DO ADJETIVO

1. Palavras ou expressões de outra classe gramatical podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase. Valem, portanto, por verdadeiros adjetivos, semântica e sintaticamente falando. Costuma-se, por exemplo, com tal finalidade:

a) associar ao substantivo principal outro substantivo em forma de aposto:

O tio **Joaquim** Moça **cabeça de vento**

b) empregar locuções formadas quer de PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO:

barco **a vela** (= veleiro)
coração **de anjo** (= angélico)
indivíduo **sem coragem** (= medroso)

quer de PREPOSIÇÃO + ADVÉRBIO:

jornal **de hoje** (= hodierno)
patas **de trás** (= traseiras)

c) substituir o adjetivo por um substantivo abstrato, que passa a ter como complemento nominal o antigo substantivo nuclear.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Sofreu **o destino cruel.**
Sofreu **a crueldade do destino.**

2. A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração:

a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo):

Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama.
(M. Torga, *V*, 178.)

Há homens **que não acham nunca a sua expressão**.
(G. Amado, *TL*, 9.)

b) seja reduzida:

Jorge via a dor **andando no corpo**, a febre **queimando**, o pai já apodrecia por dentro.
(Adonias Filho, *LP*, 53.)

Surge ao longe um bananal, **oscilando** suas folhas tostadas de vento frio.
(A. M. Machado, *HR*, 73.)

MORFOLOGIA DOS ADJETIVOS

Poucos são os adjetivos que podemos considerar PRIMITIVOS, ou seja, "que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou ação que a representem"[2]. É, por exemplo, o caso de, entre outros, *brando*, *claro*, *curto*, *grande*, *largo*, *liso*, *livre*, *triste* e de boa parte dos adjetivos referentes a cor: *azul*, *branco*, *preto*, *verde*, etc.

A maioria dos adjetivos é constituída por aqueles que derivam de um substantivo ou de um verbo, com os quais continuam a relacionar-se do ponto de vista semântico.[3]

ADJETIVOS PÁTRIOS

Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se PÁTRIOS; os segundos, GENTÍLICOS, denominações estas que foram omitidas na *Nomenclatura Gramatical Brasileira* e na *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*, mas que nos parecem necessárias.

PÁTRIOS BRASILEIROS

REFERENTES AO PAÍS E AOS ESTADOS:

Brasil – *brasileiro*, *-a*
Acre – *acriano*, *-a*
Alagoas – *alagoano*, *-a*
Amazonas – *amazonense* (m. e f.)
Bahia – *baiano*, *-a*
Ceará – *cearense* (m. e f.)
Espírito Santo – *espírito-santense* (m. e f.)
Goiás – *goiano*, *-a*
Maranhão – *maranhense* (m. e f.)
Mato Grosso – *mato-grossense* (m. e f.)
Mato Grosso do Sul – *mato-grossense-do-sul* (m. e f.)
Minas Gerais – *mineiro*, *-a*
Pará – *paraense* (m. e f.)
Paraíba – *paraibano*, *-a*
Paraná – *paranaense* (m. e f.)
Pernambuco – *pernambucano*, *-a*

---

[2] Gonzalo Sobejano. *El epíteto en la lírica española*. 2.ª ed. Madrid, Gredos. 1970, p. 83.

[3] Quanto aos sufixos que entram na formação destes adjetivos, veja-se o que dissemos no capítulo 6, p. 112-3.

Piauí – *piauiense* (m. e f.)
Rio de Janeiro – *fluminense* (m. e f.)
Rio Grande do Norte – *norte-rio-grandense* (m. e f.)
Rio Grande do Sul – *sul-rio-grandense* (m. e f.)
Rondônia – *rondoniano, -a*
Santa Catarina – *catarinense* (m. e f.)
São Paulo – *paulista* (m. e f.)
Sergipe – *sergipano, -a*

PÁTRIOS PORTUGUESES

REFERENTES AO PAÍS E A ALGUMAS REGIÕES:

Portugal – *português, -a*
Alentejo – *alentejano, -a*
Algarve – *algarvio, -a*
Beira – *beirão, -oa*
Douro – *duriense* (m. e f.)
Estremadura – *estremenho, -a*
Minho – *minhoto, -a*
Ribatejo – *ribatejano, -a*
Trás-os-Montes – *trasmontano, -a* ou *transmontano, -a*

PÁTRIOS AFRICANOS

Angola – *angolano, -a*
Cabo Verde – *cabo-verdiano, -a*
Guiné-Bissau – *guineense* (m. e f.)
Moçambique – *moçambicano, -a*
São Tomé – *são-tomeense* ou *são-tomense* (m. e f.)

Observações:

1.ª) Além de *brasileiro*, que é o pátrio normal, há as formas alatinadas, de emprego mais raro: *brasiliano*, *brasílico* e *brasiliense*. Sirvam de exemplo: Coleção *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional; *Corografia Brasílica*, livro de Aires do Casal; *Correio Brasiliense*, nome do célebre jornal de Hipólito José da Costa.

2.ª) *Fluminense* é derivado do latim *flumen, fluminis* "rio".

3.ª) Chamamos também *rio-grandense-do-norte* e *rio-grandense-do-sul* os naturais dos Estados do Rio Grande do Norte e do Rio Grande do Sul, mais conhecidos pelas alcunhas coletivas de *potiguar* e *gaúcho*, que normalmente não têm, como outras, valor pejorativo.

ADJETIVOS PÁTRIOS COMPOSTOS

Quando dizemos:

a civilização **portuguesa**

referimo-nos à civilização própria do povo português. Se, no entanto, quisermos indicar aquela civilização que é comum ao povo português e ao brasileiro, diremos:

a civilização **luso-brasileira**

assumindo o primeiro adjetivo uma forma alatinada e reduzida.

Entre as formas alatinadas e reduzidas que se empregam como primeiro elemento desses pátrios compostos, as mais frequentes são:

anglo (= inglês)	Amizade **anglo-americana**
austro (= austríaco)	Império **austro-húngaro**
euro (= europeu)	Relações **euro-africanas**
franco (= francês)	Falares **franco-provençais**
greco (= grego)	Antiguidade **greco-romana**
hispano (= hispânico, espanhol)	Literatura **hispano-americana**
indo (= indiano)	Línguas **indo-europeias**
ítalo (= italiano)	Atlas **ítalo-suíço**
galaico (= galego)	Trovadores **galaico-portugueses**
luso (= lusitano, português)	Glossário **luso-asiático**
nipo (= nipônico, japonês)	Comércio **nipo-brasileiro**
sino (= chinês)	Guerra **sino-japonesa**
teuto (= teutônico, alemão)	Ginásio **teuto-brasileiro**

Observação:

Hispano e *hispânico*, embora usados frequentemente como sinônimos de *espanhol* (isto é, relativo à *Espanha*, país), são, em verdade, equivalentes de *ibérico*, pois se referem à *Hispania*, nome que os romanos davam à província que abarcava toda a Península Ibérica.

FLEXÕES DOS ADJETIVOS

Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em NÚMERO, GÊNERO e GRAU.

NÚMERO

O adjetivo toma a forma SINGULAR ou PLURAL do substantivo que ele qualifica:

aluno **estudioso**	alunos **estudiosos**
mulher **hindu**	mulheres **hindus**
perfume **francês**	perfumes **franceses**

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

consultórios **médico-cirúrgicos**
institutos **afro-asiáticos**
letras **anglo-germânicas**

Observação:

Excetuam-se:

a) *surdo-mudo*, que faz *surdos-mudos*;
b) os adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo:

uniformes **verde-oliva**
saias **azul-ferrete**
canários **amarelo-ouro**
blusas **vermelho-sangue**

GÊNERO

O substantivo tem sempre um GÊNERO, o que não sucede com o adjetivo, que assume o gênero do substantivo.

Do ponto de vista morfológico, o único traço que, na verdade, singulariza o adjetivo como uma parte do discurso diversa das demais é o de poder, na maioria das vezes, apresentar duas terminações de gênero, sem que, com isso, seja uma palavra de gênero determinado e sem que o conceito por ele designado corresponda a um gênero real.

Observação:

Assinale-se que mesmo os adjetivos uniformes, quando no superlativo absoluto sintético, passam a apresentar os morfemas de gênero *-o*, *-a*. Assim:

um **exercício fácil**
uma **questão fácil**
o **momento feliz**
a **solução feliz**

um **exercício facílimo**
uma **questão facílima**
o **momento felicíssimo**
a **solução felicíssima**

Formação do feminino

1. Como dissemos, os adjetivos são geralmente BIFORMES, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
bom	boa	mau	má
formoso	formosa	nu	nua
lindo	linda	português	portuguesa

2. O processo de formação do feminino destes adjetivos é idêntico ao dos substantivos. Assim:

1.º) Os terminados em *-o* átono formam o feminino mudando o *-o* em *-a*:

belo bela ligeiro ligeira

2.º) Os terminados em *-u*, *-ês* e *-or* formam geralmente o feminino acrescentando *-a* ao masculino:

cru	crua	nu	nua
francês	francesa	inglês	inglesa
encantador	encantadora	morador	moradora

Excetuam-se, porém:

a) dos finalizados em *-u*: os gentílicos *hindu* e *zulu*, que são invariáveis;
b) dos finalizados em *-ês*: *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês*, que são invariáveis;
c) dos finalizados em *-or*: os comparativos *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*, *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*, *citerior* e, ainda, formas como *multicor*, *incolor*, *sensabor* e poucas mais, que são invariáveis; *gerador*, *motor* e outros terminados em *-dor* e *-tor*, que mudam estas sílabas em *-triz*: *geratriz*, *motriz*, etc.; e um pequeno número que substitui *-or* por *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira*, etc.

3.º) Os terminados em *-ão* formam o feminino em *-ã* ou em *-ona*:

são sã chorão chorona

Beirão, no entanto, faz no feminino *beiroa*.

4.º) Os terminados em *-eu* (com *e* fechado) formam o feminino em *-eia*:

europeu	europeia	plebeu	plebeia
hebreu	hebreia	pigmeu	pigmeia

Excetuam-se *judeu* e *sandeu*, que fazem, respectivamente, *judia* e *sandia*.

5.º) Os terminados em *-éu* (com *e* aberto) formam o feminino em *-oa*:

ilhéu	ilhoa	tabaréu	tabaroa

6.º) Alguns adjetivos que no masculino possuem *o* tônico fechado [o], além de receberem a desinência *-a*, mudam o *o* fechado para aberto [ɔ], no feminino:

brioso	briosa	formoso	formosa
disposto	disposta	grosso	grossa

Outros, porém, conservam no feminino o *o* fechado [o] do masculino:

chocho	chocha	fosco	fosca
fofo	fofa	oco	oca

Adjetivos uniformes

Há adjetivos que têm uma só forma para os dois gêneros.

São de regra UNIFORMES os adjetivos:

a) terminados em *-a*, muitos dos quais funcionam também como substantivos: *hipócrita, homicida, indígena; asteca, celta, israelita, maia, persa; agrícola, silvícola, vinícola, cosmopolita*, etc.;
b) terminados em *-e*: *árabe, breve, cafre, doce, humilde, terrestre, torpe, triste* e muitos outros, entre os quais se incluem todos os formados com os sufixos *-ense, -ante, -ente* e *-inte*: *cearense, constante, crescente, pedinte*, etc.;
c) terminados em *-l*: *cordial, infiel, amável, pueril, ágil, reinol, azul, êxul*, etc.;
d) terminados em *-ar* e em *-or* (neste caso apenas os comparativos em *-or*): *exemplar, ímpar, maior, superior*, etc.;
e) paroxítonos terminados em *-s*: *reles, simples*, etc.;
f) terminados em *-z*: *audaz, feliz, atroz*, etc.;
g) terminados em *-m* gráfico: *virgem, ruim, comum*, etc.

Observação:

Fazem exceção: *andaluz*, fem. *andaluza*; *bom*, fem. *boa*; *espanhol*, fem. *espanhola*; e a maior parte dos terminados em *-ês* e *-or*.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos ADJETIVOS COMPOSTOS, apenas o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

a literatura **hispano-americana**
uma intervenção **médico-cirúrgica**

A única exceção é *surdo-mudo*, que faz no feminino *surda-muda*:

um menino **surdo-mudo**
uma criança **surda-muda**

GRAUS DO ADJETIVO

A gradação pode ser expressa em português por processos sintáticos ou morfológicos.

Comparativo e superlativo

Dois são os GRAUS do adjetivo: o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO.

1. O COMPARATIVO pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau *superior*, *igual* ou *inferior* a outro:

Pedro é **mais estudioso do que** Paulo.
Álvaro é **tão estudioso como** [ou **quanto**] Pedro.
Paulo é **menos estudioso do que** Álvaro.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é *superior*, *igual* ou *inferior* a outra que possui:

Paulo é **mais inteligente que estudioso.**
Pedro é **tão inteligente quanto estudioso.**
Álvaro é **menos inteligente do que estudioso.**

Daí a existência de um COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE, de um COMPARATIVO DE IGUALDADE e de um COMPARATIVO DE INFERIORIDADE.

2. O SUPERLATIVO pode denotar:

a) que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (SUPERLATIVO ABSOLUTO):

Paulo é **inteligentíssimo.**
Pedro é **muito inteligente.**

b) que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (SUPERLATIVO RELATIVO):

Carlos é **o** aluno **mais estudioso do** Colégio.
João é **o** aluno **menos estudioso do** Colégio.

No primeiro exemplo, o SUPERLATIVO RELATIVO é DE SUPERIORIDADE; no segundo, DE INFERIORIDADE.

Formação do grau comparativo

1. Forma-se o COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Pedro é **mais idoso do que** Carlos.
João é **mais nervoso que desatento.**

2. Forma-se o COMPARATIVO DE IGUALDADE antepondo-se o advérbio *tão* e pospondo-se a conjunção *como* ou *quanto* ao adjetivo:

Carlos é **tão jovem como** Álvaro.
José é **tão nervoso quanto desatento.**

3. Forma-se o COMPARATIVO DE INFERIORIDADE antepondo-se o advérbio *menos* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Paulo é **menos idoso que** Álvaro.
João é **menos nervoso do que desatento.**

Formação do grau superlativo

Vimos que há duas espécies de SUPERLATIVO: ABSOLUTO e RELATIVO.

O SUPERLATIVO ABSOLUTO pode ser:

a) SINTÉTICO, se expresso por uma só palavra (adjetivo + sufixo):

amicíssimo	acérrimo
estudiosíssimo	facílimo
tristíssimo	salubérrimo

b) ANALÍTICO, se formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio indicador de excesso – *muito, imensamente, extraordinariamente, excessivamente, grandemente*, etc.:

muito estudioso	excessivamente fácil
imensamente triste	extraordinariamente salubre
grandemente prejudicial	excepcionalmente cheio

Superlativo absoluto sintético

1. Forma-se pelo acréscimo ao adjetivo do sufixo *-íssimo*:

fértil	fertilíssimo
original	originalíssimo
vulgar	vulgaríssimo

Se o adjetivo terminar em vogal, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo:

belo	belíssimo
lindo	lindíssimo
triste	tristíssimo

2. Muitas vezes o adjetivo, ao receber o sufixo *-íssimo*, reassume a primitiva forma latina.
Assim:
a) os adjetivos terminados em *-vel* formam o superlativo em *-bilíssimo*:

amável	amabilíssimo
indelével	indelebilíssimo
terrível	terribilíssimo
móvel	mobilíssimo
volúvel	volubilíssimo

b) os terminados em *-z* fazem o superlativo em *-císsimo*:

capaz	capacíssimo
feliz	felicíssimo
atroz	atrocíssimo

c) os terminados em vogal nasal (representada com *-m* gráfico) formam o superlativo em *-níssimo*:

comum	comuníssimo

d) os terminados no ditongo *-ão* fazem o superlativo em *-aníssimo*:

pagão	paganíssimo
vão	vaníssimo

3. Não raro a forma portuguesa do adjetivo difere sensivelmente da latina, da qual se deriva o superlativo. Assim:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
amargo	amaríssimo	magnífico	magnificentíssimo
amigo	amicíssimo	maléfico	maleficentíssimo
antigo	antiquíssimo	malévolo	malevolentíssimo
benéfico	beneficentíssimo	miúdo	minutíssimo
benévolo	benevolentíssimo	nobre	nobilíssimo
cristão	cristianíssimo	pessoal	personalíssimo
cruel	crudelíssimo	pródigo	prodigalíssimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
fiel	fidelíssimo	sagrado	sacratíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo (ou simplíssimo)
geral	generalíssimo		
inimigo	inimicíssimo	soberbo	superbíssimo

4. Também os superlativos em *-imo* e *-rimo* representam formações latinas. Com exclusão de *facílimo, dificílimo* e *paupérrimo* (superlativos de *fácil, difícil* e *pobre*), que pertencem à linguagem coloquial, são todos de uso literário e um tanto precioso. Anotem-se os seguintes:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
acre	acérrimo	magro	macérrimo (ou magríssimo)
célebre	celebérrimo		
humilde	humílimo (ou humildíssimo)	negro	nigérrimo (ou negríssimo)
íntegro	integérrimo	pobre	paupérrimo (ou pobríssimo)
livre	libérrimo		
salubre	salubérrimo		

Observação:

Em lugar das formas superlativas *seriíssimo, necessariíssimo* e outras semelhantes, a língua atual prefere *seríssimo, necessaríssimo*, com um só *i*.

Outras formas de superlativo

Pode-se também formar o SUPERLATIVO com:

a) o acréscimo de um prefixo ou de um pseudoprefixo, como *arqui-, extra-, hiper-, super-, ultra-*, etc. (*arquimilionário, extrafino, hipersensível, superexaltado, ultrarrápido*):

> Manuel Torres saiu-lhe ao encontro, prazenteiro, como **ultraprazenteiro** caminhava para ele o eclesiástico.
> (A. Ribeiro, *V*, 32.)

b) a repetição do próprio adjetivo:

> É um Abril de pureza: — é **lindo, lindo**!
> (A. Patrício, *P*, 130.)

> A avó, que tem oitenta anos,
> está tão fraca e velhinha...
> Teve tantos desenganos:
> ficou **branquinha, branquinha**,
> com os desgostos humanos. —
> (O. Bilac, *PI*, 7.)

c) uma comparação breve:

> — Isso é **claro como água**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 101.)

> — Estava **escuro como breu**, e à distância de dez passos um vulto mal se via a negrejar.
> (A. Ribeiro, *V*, 393.)

d) certas expressões fixas, como *podre de rico* [= riquíssimo], *de mão cheia* [= excelente, de grandes recursos técnicos], e outras semelhantes:

> A Zorilda era uma pianista **de mão cheia**.
> (H. Sales, *DBFM*, 120.)

Podre de rico! Nem sabe o que tem de seu!
(V. Nemésio, *NPM*, 102.)

e) o artigo definido, marcado por uma tonicidade e uma duração particular, em frases do tipo:

Ela não é apenas uma excelente cantora, ela é **a cantora** [= **a incomparável, a melhor de todas**].

Diz-se, como vimos, **de notoriedade** este emprego do artigo.

Superlativo relativo

1. O SUPERLATIVO RELATIVO é sempre analítico.
   O DE SUPERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade:

   Este aluno é **o mais estudioso do** Colégio.
   João foi **o** colega **mais leal que** conheci.

   O DE INFERIORIDADE forma-se pela anteposição do artigo definido ao comparativo de inferioridade:

   Este aluno é **o menos estudioso do** Colégio.
   Jorge foi **o** colega **menos leal que** conheci.

2. O termo da comparação é expresso por um complemento nominal introduzido pela preposição *de* (e também *entre, em* e *sobre*), ou por uma oração adjetiva restritiva, como nos exemplos mencionados.

3. O superlativo relativo denotador dos limites da possibilidade forma-se com a posposição da palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente[4]:

   O arraial era **o mais monótono possível.**
   (Guimarães Rosa, *S*, 264.)

---

[4] Sobre os diversos processos de intensificação do superlativo relativo no português contemporâneo, veja-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo.* Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 191-202.

Era **a** pessoa **mais cortês deste mundo**, e não deu corpo às suas aversões.
(A. Ribeiro, *V*, 34.)

Nos livros que eu lia estes todos eram **os mais ricos que se conhecia**.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 297.)

Observação:

A função de superlativo relativo pode ser também desempenhada por um numeral ordinal ou por adjetivos que denotem posições extremas. Assim:

Bartolomeu Dias foi **o primeiro** navegante que dobrou o cabo das Tormentas.
O Amazonas é **o principal** rio do Brasil.

Comparativos e superlativos anômalos

Quatro adjetivos – *bom, mau, grande* e *pequeno* – formam o comparativo e o superlativo de modo especial:

Adjetivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo	
		Absoluto	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Observações:

1.ª) Quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer *mais bom, mais mau* e *mais grande*; e sim: *melhor, pior* e *maior*. Possível é, no entanto, usar as formas analíticas desses adjetivos quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser:

Ele foi **mais mau do que desgraçado**.
Ele é bom e inteligente; **mais bom do que inteligente**.

Em lugar de *menor* usa-se também *mais pequeno*, que é a forma preferida em Portugal.

2.ª) A par de *ótimo, péssimo, máximo* e *mínimo*, existem os superlativos absolutos regulares: *boníssimo* e *muito bom, malíssimo* e *muito mau, grandíssimo* e *muito grande, pequeníssimo* e *muito pequeno*.

3.ª) *Grande* e *pequeno* possuem dois superlativos: *o maior* ou *o máximo* e *o menor* ou *o mínimo*.

4.ª) Alguns comparativos e superlativos não têm forma normal usada:

COMPARATIVO	SUPERLATIVO
superior	supremo (ou sumo)
inferior	ínfimo
anterior	—
posterior	póstumo
ulterior	último

As formas *superior* e *inferior*, *supremo* (ou *sumo*) e *ínfimo* podem ser empregadas como comparativo e superlativo de *alto* e *baixo*, respectivamente.

Adjetivos que não se flexionam em grau

Vimos que os chamados ADJETIVOS DE RELAÇÃO não se flexionam em grau. O mesmo se dá com os outros adjetivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco. Assim: *atmosférico, morfológico, ovíparo, ruminante, sincrônico*, etc.

Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é obviamente indispensável que o seu sentido admita variação de intensidade.

EMPREGO DO ADJETIVO

Funções sintáticas do adjetivo [5]

A rigor, o ADJETIVO só existe referido a um substantivo. Conforme se estabeleça a relação entre os dois termos na frase, o ADJETIVO desempenhará as funções sintáticas de ADJUNTO ADNOMINAL ou de PREDICATIVO.

Adjetivo em função de adjunto adnominal

Neste caso, o ADJETIVO refere-se, *sem intermediário*, ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela *unidade de acento* e *entoação* e pela *identidade de função sintática*.

---

[5] Sobre a sintaxe do adjetivo em português, veja-se o trabalho fundamental de João Malaca Casteleiro. *Sintaxe transformacional do adjectivo: regência das construções completivas.* Lisboa, INIC, 1981.

Assim, no exemplo

Seus olhos negros me encantam,

o sujeito da oração é não apenas *olhos*, mas toda a *unidade significativa e acentual*

Seus olhos negros.

É dentro deste conjunto que o ADJETIVO desempenhará a função sintática ACESSÓRIA, portanto secundária, de ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *olhos*, núcleo do sujeito.

Adjetivo em função predicativa

Neste caso, a qualidade expressa pelo ADJETIVO transmite-se ao substantivo por intermédio de um verbo, que pode estar explícito ou implícito.

Temos o ADJETIVO em função PREDICATIVA nas seguintes construções:

1. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação explícito:

A cidade parece **encantada**.
(C. Drummond de Andrade, *CM*, 138.)

Doce e brando era o seio de Jesus...
(A. de Quental, *SC*, 57.)

2. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo de ligação implícito:

Misterioso e mau, o Urucanã. **Traiçoeiro**, aquele jeito inofensivo de correr macio entre os barrancos altos.
(M. Palmério, *VC*, 27.)

Estranho aquele casal.
(J. Condé, *TC*, 33.)

3. PREDICATIVO DO OBJETO DIRETO, com verbo nocional transitivo:

Afasto-me para que ele não se sinta tolhido, quero-o **livre**.
(L. Fagundes Telles, *DA*, 144.)

Alguns julgaram-no **inocente** do crime assacado.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 1127.)

4. PREDICATIVO DO OBJETO INDIRETO, com verbo nocional transitivo:

Na escola a professora também lhe chama **teimoso**.
(Alves Redol, *C*, 24.)

A mulher, Juliana Gouveia, toma ar aborrecido e chama-lhe **antipático**.
(C. dos Anjos, *DR*, 10.)

5. PREDICATIVO DO SUJEITO, com verbo nocional intransitivo:

A casa-grande respirava **tranquila**.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 275.)

As palavras rolaram **nítidas, desamparadas**.
(C. de Oliveira, *AC*, 10.)

O mar palpita **enorme**.
(A. F. Schmidt, *GB*, 411.)

Nesta última construção, o ADJETIVO encerra sempre, mais ou menos acentuada, uma noção adverbial.

Diferença fundamental:

A diferença entre o ADJETIVO em função de ADJUNTO ADNOMINAL e o ADJETIVO em função de PREDICATIVO baseia-se, principalmente em dois pontos:

1.º) O primeiro é TERMO ACESSÓRIO da oração, parte de um TERMO ESSENCIAL ou INTEGRANTE dela; o segundo é, por si próprio, um TERMO ESSENCIAL da oração.

Se disséssemos, por exemplo:

O campo é **imenso**,

o adjetivo predicativo não poderia faltar, pois, sendo TERMO ESSENCIAL, sem ele a oração não teria sentido.

Se disséssemos, no entanto:

O campo **imenso** está alagado,

o adjetivo *imenso* seria parte do sujeito, uma dispensável qualificação do substantivo que lhe serve de núcleo, um TERMO, por conseguinte, ACESSÓRIO da oração.

2.º) A qualidade expressa por um adjetivo em função PREDICATIVA vem marcada no tempo, e por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser é responsável o verbo que liga o adjetivo ao substantivo.

Comparem-se estas frases:

O **bom** aluno estuda.
Ele está **nervoso**, mas era **calmo**.

Na primeira, acrescentamos a noção de *bom* à de *aluno* sem termos em mente qualquer referência à ideia de tempo. Já, na segunda, as noções expressas pelos adjetivos *nervoso* e *calmo* são por nós atribuídas ao sujeito com a situação de tempo marcada pelo verbo: *nervoso*, no presente; *calmo*, no passado.

Emprego adverbial do adjetivo

1. Examinemos as seguintes orações:

O menino dorme **tranquilo**.
A menina dorme **tranquila**.
Os meninos dormem **tranquilos**.
As meninas dormem **tranquilas**.

Vemos que, nelas, o adjetivo em função predicativa concorda em gênero e número com o substantivo sujeito. Mas verificamos, por outro lado, que, servindo embora de predicativo do sujeito, com o qual concorda, o adjetivo modifica em todas elas a ação expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial.

Esse valor naturalmente será preponderante se, em lugar daquelas construções, usarmos as seguintes:

O menino dorme **tranquilamente**.
A menina dorme **tranquilamente**.
Os meninos dormem **tranquilamente**.
As meninas dormem **tranquilamente**.

Aqui, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjetivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo *dormir*.

2. É esse emprego do adjetivo em predicados verbo-nominais, com valor fronteiriço de advérbio, que nos vai explicar o fenômeno, hoje muito generalizado, da adverbialização de adjetivos sem o acréscimo do sufixo *-mente*.

Por exemplo, nestas orações,

D. Felismina sorriu **amarelo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 519.)

Tinham-se habituado a falar **baixo.**
(C. de Oliveira, *CD*, 56.)

as palavras **amarelo** e **baixo** são advérbios.

Observação:

Embora o adjetivo adverbializado deva permanecer invariável, não faltam abonações, mesmo em bons autores, de sua concordância com o sujeito da oração, fato justificável pela ampla zona de contacto existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio.

O adjetivo *meio*, por exemplo, tornado advérbio quando modifica outro adjetivo, aparece não raro em concordância com um substantivo da oração:

Estes homens rudes combatiam **meios nus** e desprezavam todas as precauções de guerra.
(A. Herculano, *E*, 93.)

Maria necessitava de apoio, **meia espantada**, **meia grata**, deixou-se levar.
(M. de Andrade, *OI*, 64.)

Valor estilístico do adjetivo

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres, o ADJETIVO (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel naquilo que falamos ou escrevemos.

É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue, nomeando-lhes as peculiaridades objetivamente apreensíveis. Ex.:

rapaz **alto**
muro **de pedra**
mesa **redonda**
templo **barroco**

É ele que nos permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui. Assim:

moça **exuberante**
caráter **difícil**
estupenda paisagem
ambiente **acolhedor**

Portanto, quer para a *precisão* do enunciado, quer para a sua *expressividade*, o adjetivo impõe-se como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utilize cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto.

Colocação do adjetivo adjunto adnominal

1. Sabemos que, na oração declarativa, prepondera a ORDEM DIRETA, que corresponde à sequência progressiva do enunciado lógico.
   Como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de ADJUNTO ADNOMINAL deverá, portanto, vir com maior frequência depois do substantivo que ele qualifica.

2. Mas sabemos, também, que ao nosso idioma não repugna a ORDEM chamada INVERSA, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a anteposição de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo.

3. Podemos, então, estabelecer previamente que:

a) sendo a sequência SUBSTANTIVO + ADJETIVO a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjetivo posposto possui valor objetivo:

noite **escura**	dia **triste**
rapaz **bom**	campos **verdes**

b) sendo a sequência ADJETIVO + SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjetivo assume um valor subjetivo:

escura noite	**triste** dia
bom rapaz	**verdes** campos

Adjetivo posposto ao substantivo

Colocam-se normalmente depois do substantivo:

a) os adjetivos de natureza classificatória, como os técnicos e os de relação, que indicam uma categoria na espécie designada pelo substantivo:

animal **doméstico**	água **mineral**
flor **silvestre**	deputado **estadual**

b) os adjetivos que designam características muito salientes do substantivo, tais como forma, dimensão, cor e estado:

terreno **plano** calça **preta**
homem **baixo** mamoeiro **carregado**

c) os adjetivos seguidos de um complemento nominal:

um programa **fácil de cumprir**
uma providência **necessária ao ensino**

Adjetivo anteposto ao substantivo

1. De um modo constante, só se colocam antes do substantivo:

a) os superlativos relativos: *o melhor, o pior, o maior, o menor*:

O melhor meio de ganhar é poupar.
O maior castigo da injúria é havê-la feito.

b) certos adjetivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivos compostos:

O pior cego é o que não quer ver.
O menor descuido pode ser fatal.
O mar palpita **enorme.**
bom dia **má hora**

c) adjetivos que nesta posição adquiriram sentido especial, como *simples* (= mero, só, único); comparem-se:

Nessa ocasião ele era um **simples** escrevente [= um mero escrevente].
Este escritor tem um estilo **simples** [= um estilo não complexo].

2. Afora esses casos, o adjetivo anteposto assume, em geral, um sentido figurado. Comparem-se, por exemplo:

um **grande** homem [= grandeza figurada]
um homem **grande** [= grandeza material]
uma **pobre** mulher [= uma mulher infeliz]
uma mulher **pobre** [= uma mulher sem recursos]

Colocação do epíteto retórico

O chamado EPÍTETO RETÓRICO serve:

a) para acentuar uma parte do significado do substantivo com o qual se relaciona (EPÍTETO DE NATUREZA), e, neste caso, pode vir posposto ou anteposto ao substantivo, embora a primeira colocação seja a mais frequente:

a **branca** neve a noite **escura**

b) para exprimir uma conhecida qualidade distintiva e individual de um nome próprio (EPÍTETO CARACTERÍSTICO), caso em que vem sempre anteposto ao substantivo:

o **sábio** Nestor a **fiel** Penélope

A posposição do qualificativo, nesses exemplos, transformaria o epíteto característico num mero adjetivo classificatório.

Observação:

Encontrar o adjetivo preciso e colocá-lo adequadamente junto ao substantivo que qualifica é sempre uma operação artística. Com razão dizia o poeta Vicente Huidobro:

"O adjetivo, quando não dá vida, mata."

A propósito, convém meditar nesta advertência de Samuel Gili y Gaya: "A preferência por uma ou outra posição [do adjetivo], quando as condições lógicas não exigem colocação fixa, é um elemento de caracterização de um estilo, sempre que esteja internamente vivida; ocorre não raro, porém, que apenas pelo afã de dar à linguagem um matiz literário, próprio do estilo elevado e declamatório, alguns escritores principiantes, ou pouco sinceros, antepõem sistematicamente os adjetivos." (*Curso superior de sintaxis española*, 5.ª ed., Barcelona, Ediciones Spes, 1955, p. 195.)

Outras formas de realce do adjetivo

1. Para realçar a caracterização do ser ou do objeto, costumam os escritores não só antepor o adjetivo ao substantivo, mas também:

a) estabelecer uma pausa entre o adjetivo e o substantivo, o que se marca, na escrita, pela colocação do adjetivo entre vírgulas:

A 15 de novembro Floriano Peixoto, **doente**, deixou o governo.
(G. Ramos, *AOH*, 183.)

E o Negrinho, **sarado e risonho**, pulando de em pelo e sem rédeas, no baio, chupou o beiço e tocou a tropilha a galope.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 334.)

b) repetir intencionalmente o adjetivo, que é, como vimos, uma das formas de superlativá-lo:

Por teus olhos **negros, negros**
Trago eu negro o coração
(Almeida Garrett, *O*, II, 127.)

Oh que **duro, duro, duro**
ofício de se exprimir!
(C. Drummond de Andrade, *R*, 160.)

c) separar o adjetivo do substantivo, colocando-o no fim da frase:

D. Quitéria levou a mão ao bolso, **pensativa**.
(F. Namora, *TJ*, 215.)

Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, **inquieta**.
(G. Ramos, *VS*, 109.)

d) acentuar o sentido do adjetivo por meio de um advérbio:

Deixo nessas pobres linhas a minha saudade do homem Camus, **tão simples, tão simpático, tão despretensioso** na sua glória mundial.
(M. Bandeira, *AA*, 342.)

Trá-la **muito bem tratada, muito bem fechada**, restos da vida moura.
(R. Brandão, *P*, 164.)

2. O adjetivo, ou particípio, que modifica um pronome substantivo vem sempre numa situação enfática, em razão da pausa nítida que separa os dois termos. Por isso, escreve-se isolado por vírgulas:

Eu, **louco**, amara-te, estátua!
(Guimarães Passos, *VS*, 37.)

Mas eu, Senhor!... Eu, **triste**, abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
(Castro Alves, *OC*, 291.)

CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COM O SUBSTANTIVO

O ADJETIVO, dissemos, varia em gênero e número de acordo com o gênero e o número do SUBSTANTIVO ao qual se refere.

É por essa correspondência de flexões que os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase.

Assim:

> Eu amo a **noite solitária** e **muda**;
> Como **formosa dona** em **régios paços**,
> Trajando ao mesmo tempo luto e galas
> **Majestosa** e **sentida**.
> (Gonçalves Dias, *PCP*, 250.)

> Disse o **mostrengo**, e rodou três vezes,
> Três vezes rodou **imundo** e **grosso**...
> (F. Pessoa, *OP*, 17.)

> Os **homens** continuam a passar, **indiferentes**.
> (O. Mendes, *P*, 124.)

Adjetivo referido a um substantivo

O ADJETIVO, quer em função de ADJUNTO ADNOMINAL, quer em função de PREDICATIVO, desde que se refira a *um único substantivo*, com ele concorda em gênero e número.

Assim:

> O Barão continuava a contar aventuras, **pequenos casos** que revivia com um **prazer doentio**.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 27.)

> Saiu de **cabeça baixa**, as **mãos cerradas** no fundo dos bolsos.
> (L. Fagundes Telles, *ABV*, 51.)

> O **Antunes** andava **encantado** por todas as razões.
> (Almada Negreiros, *NG*, 70.)

> A **casa** ficou **vazia**.
> (A. M. Machado, *HR*, 231.)

Adjetivo referido a mais de um substantivo

Quando o ADJETIVO se associa *a mais de um substantivo*, importa considerar:

a) o GÊNERO dos substantivos;
b) a FUNÇÃO do adjetivo (ADJUNTO ADNOMINAL ou PREDICATIVO);
c) a POSIÇÃO do adjetivo (anteposto ou posposto aos substantivos), condições essas que permitem a concordância do adjetivo com os substantivos englobados, ou apenas com o mais próximo.

Examinemos as diversas possibilidades, exemplificando-as.

Adjetivo adjunto adnominal

O adjetivo vem antes dos substantivos

REGRA GERAL: O ADJETIVO concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles:

Vivia em **tranquilos bosques** e montanhas.
Vivia em **tranquilas montanhas** e bosques.
Tinha por ele **alto respeito** e admiração.
Tinha por ele **alta admiração** e respeito.

Observação:

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o ADJETIVO vai sempre para o plural:

Conheci ontem **as gentis irmã e cunhada** de Laura.
Portugal cultua os feitos **dos heroicos Diogo Cão e Bartolomeu Dias**.

O adjetivo vem depois dos substantivos

Neste caso, a concordância depende do gênero e do número dos substantivos.

1. Se os substantivos são do *mesmo gênero* e do *singular*, o adjetivo toma o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e, quanto ao número, vai:

a) para o singular (concordância mais comum):

A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuro**.
Estudo a **língua e** a **literatura portuguesa**.

b) para o plural (concordância mais rara):

A professora estava com um **vestido e** um **chapéu escuros.**
Estudo a **língua e** a **literatura portuguesas.**

2. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *singular*, o adjetivo pode concordar:

a) com o substantivo mais próximo (concordância mais comum):

A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** a **literatura portuguesa.**

b) com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural (concordância mais rara):

A professora estava com uma **saia e** um **chapéu escuros.**
Estudo o **idioma e** a **literatura portugueses.**

3. Se os substantivos são do *mesmo gênero*, mas de *números diversos*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos, e vai:

a) para o plural (concordância mais comum):

Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuros.**
Estudo as **línguas e** a **civilização ibéricas.**

b) para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara):

Ela comprou dois **vestidos e** um **chapéu escuro.**
Estudo as **línguas e** a **civilização ibérica.**

4. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *plural*, o adjetivo vai:

a) para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéus escuros.**
Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricas.**

b) para o masculino plural (concordância mais rara):

Ela comprou **chapéus e saias escuros.**
Estudo os **idiomas e** as **literaturas ibéricos.**

5. Se os substantivos são de *gêneros* e *números diferentes*, o adjetivo pode ir:

a) para o masculino plural (concordância mais comum):

Ela comprou **saias e chapéu escuros.**
Estudo os **falares e** a **cultura portugueses.**

b) para o gênero e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural):

Ela comprou **saias e chapéu escuro.**
Estudo o **idioma e** as **tradições portuguesas.**

Observação:

Quando está em concordância apenas com o substantivo mais próximo, o adjetivo nem sempre caracteriza de forma precisa o substantivo dele distanciado. Por isso, em todas as hipóteses mencionadas, pode-se e deve-se, caso a concordância origine qualquer dúvida, repetir o adjetivo para cada um dos substantivos:

Ela comprou uma **saia escura e** um **chapéu escuro.**
Estudo os **falares portugueses e** a **cultura portuguesa.**

Adjetivo predicativo do sujeito composto

Quando o adjetivo serve de predicativo a um sujeito múltiplo, constituído de substantivos (ou expressões equivalentes), observa, na maioria dos casos, as mesmas regras de concordância a que está submetido o adjetivo que funciona como adjunto adnominal.

Convém salientar, no entanto, que:

a) se os substantivos sujeitos são do *mesmo gênero*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e vai, preferentemente, para o plural, ainda que os substantivos estejam no singular:

O **livro e** o **caderno** são **novos.**
A **porta e** a **janela** estavam **abertas.**

b) se os substantivos sujeitos são de *gêneros diversos*, o adjetivo vai, normalmente, para o masculino plural:

O **livro e** a **caneta** são **novos.**
A **janela e** o **portão** estavam **abertos.**

Mas, nos dois casos, é também possível que o adjetivo predicativo concorde com o núcleo do sujeito mais próximo se o VERBO DE LIGAÇÃO estiver no singular e anteposto ao sujeito composto, como nos exemplos abaixo:

Era novo o **livro** e a caneta.
Estava aberta a **janela** e o portão.

Observações:

1.ª) O adjetivo predicativo do objeto direto obedece, em geral, às mesmas regras de concordância observadas pelo adjetivo predicativo do sujeito.

2.ª) Como as orações, e as palavras tomadas materialmente, se consideram do número singular e do gênero masculino, quando o sujeito é expresso por uma oração (plena ou reduzida), o adjetivo predicativo fica no masculino singular:

É justo que uma nação venere os seus poetas.
É honroso morrer pela pátria.

Capítulo 11

Pronomes

PRONOMES SUBSTANTIVOS E PRONOMES ADJETIVOS

1. Os PRONOMES desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais.
   Servem, pois:

a) para representar um substantivo:

> Os **campos, que** suportaram a longa presença solar a queimá-**los** incessantemente, recebem agora a água abundante com uma gula feliz.
> (A. Frederico Schmidt, *GB*, 294.)

b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado:

> — Quanto valem, és capaz de dizer? Leques espanhóis, de seda, de **alguma bisavó** do **meu tio** cônego, com **estas pérolas** de prata e oiro!
> (F. Namora, *TJ*, 103.)

No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de PRONOMES SUBSTANTIVOS; no segundo chamam-se PRONOMES ADJETIVOS, porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

2. Facilmente, aliás, se distinguem na prática essas duas classes de pronomes, porque os PRONOMES SUBSTANTIVOS aparecem isolados na frase, ao passo que os PRONOMES ADJETIVOS se empregam sempre junto de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Assim, nas frases:

> Lembranças a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 646.)

> **Teus olhos** são dois desejos.
> (R. Correia, *PCP*, 109.)

a palavra *teus* é pronome substantivo, na primeira, e pronome adjetivo, na segunda.

3. Há seis espécies de pronomes: PESSOAIS, POSSESSIVOS, DEMONSTRATIVOS, RELATIVOS, INTERROGATIVOS e INDEFINIDOS.

PRONOMES PESSOAIS

Os PRONOMES PESSOAIS caracterizam-se:

1.º) por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

a) *quem fala* = 1.ª PESSOA: *eu* (singular), *nós* (plural);
b) *com quem se fala* = 2.ª PESSOA: *tu* (singular), *vós* (plural);
c) *de quem se fala* = 3.ª PESSOA: *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural);

2.º) por poderem representar, quando na 3.ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa:

> Santas virtudes primitivas, ponde
> Bênçãos nesta **Alma** para que **ela** se una
> A Deus, e vá, sabendo bem por onde...
> (A. de Guimaraens, *OC*, 149.)

> Levantaram **Dona Rosário**, quiseram levantá-la, embora **ela** se opusesse, choramingasse um pouco, dissesse que não lhe era possível fazê-lo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 137.)

3.º) por variarem de forma, segundo:

a) a função que desempenham na oração;
b) a acentuação que nela recebem.

Observação:

A pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados PRONOMES DE TRATAMENTO, que se constroem com o verbo na 3.ª pessoa. Veja-se o que sobre essas formas e o seu emprego escrevemos adiante.

FORMAS DOS PRONOMES PESSOAIS

Quanto à **função**, as formas do pronome pessoal podem ser RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto).

Quanto à **acentuação**, distinguem-se nos pronomes pessoais as formas TÔNICAS das ÁTONAS.

O quadro abaixo mostra claramente a correspondência entre essas formas:

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1.ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2.ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3.ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1.ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2.ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3.ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

FORMAS *O*, *LO* E *NO* DO PRONOME OBLÍQUO

Quando o pronome oblíquo da 3.ª pessoa, que funciona como objeto direto, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o*, *a*, *os*, *as*.

Assim:

Não **o** ver para mim é um suplício.
Nunca **a** encontramos em casa.
João ainda não fez anos; ele **os** faz hoje.
Eles **as** trouxeram consigo.

Quando, porém, está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen (PRONOME ENCLÍTICO), a sua forma depende da terminação do verbo.

Assim:

1.º) Se a forma verbal terminar em VOGAL ou DITONGO ORAL, empregam-se *o*, *a*, *os*, *as*:

Louvo-**o** Louvei-**os**
Louvava-**a** Louvou-**as**

2.º) Se a forma verbal terminar em -*r*, -s ou -*z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades *lo*, *la*, *los*, *las*, como nestes exemplos:

Vê-**lo** para mim é um suplício.
Encontramo-**la** em casa.
João ainda não fez anos; fá-**los** hoje.
Não quero vendê-**las**.

O mesmo se dá quando ele vem posposto ao designativo *eis* ou aos pronomes *nos* e *vos*:

Ei-lo sorridente.
O nome não **vo-lo** direi.

3.º) Se a forma verbal terminar em DITONGO NASAL, o pronome assume as modalidades *no*, *na*, *nos*, *nas*.

Dão-**no**	Tem-**nos**
Põe-**na**	Trouxeram-**nas**

São também estas as formas que o pronome costuma apresentar, na linguagem popular e na literária popularizante de Portugal, depois dos advérbios *não* e *bem*, assim como dos pronomes *quem*, *alguém*, *ninguém* e outras palavras terminadas em ditongo nasal:

E assim pedia, num dó tamanho,
Não no tirassem lá donde estava.
(A. Nobre, *S*, 77.)

Neto sou de **quem no** sou!
(J. Régio, *F*, 13.)

Observações:

1.ª) As formas antigas do pronome oblíquo objeto direto eram *lo(s)* e *la(s)*, provenientes do acusativo do demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud* (= aquele, aquela, aquilo). Pospostas a formas verbais terminadas em *-r*, *-s* ou *-z*, o seu *l-* inicial assimilou aquelas consoantes, que depois desapareceram:

faze**r-lo**	>	faze**l-lo**	>	fazê-**lo**
faze**s-lo**	>	faze**l-lo**	>	faze-**lo**
fi**z-lo**	>	fi**l-lo**	>	fi-**lo**

Igual assimilação sofreu o *-s* de *eis*, *nos* e *vos*, quando em contacto com o *l-* do pronome.

2.ª) Com as formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade transmitiu-se ao *l-* do pronome, que passou a *n-*:

fazem-**lo**	>	fazem-**no**
façam-**lo**	>	façam-**no**

3.ª) No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblíquo não pode ser ENCLÍTICO, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a MESÓCLISE do pronome, ou seja, a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo *haver*. O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E, como todo infinitivo termina em *-r*, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante e o pronome toma as formas *lo*, *la*, *los*, *las*.

Assim:

FUTURO DO PRESENTE		FUTURO DO PRETÉRITO	
vender-(h)ei	vendê-lo-ei	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)ás	vendê-lo-ás	vender-(h)ias	vendê-lo-ias
vender-(h)á	vendê-lo-á	vender-(h)ia	vendê-lo-ia
vender-(h)emos	vendê-lo-emos	vender-(h)íamos	vendê-lo-íamos
vender-(h)eis	vendê-lo-eis	vender-(h)íeis	vendê-lo-íeis
vender-(h)ão	vendê-lo-ão	vender-(h)iam	vendê-lo-iam

4.ª) Quanto às normas que se observam no emprego proclítico, enclítico ou mesoclítico destes pronomes, veja-se o que dizemos adiante, ao tratarmos da COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS.

PRONOMES REFLEXIVOS E RECÍPROCOS

1. Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um PRONOME REFLEXIVO.
   O REFLEXIVO apresenta três formas próprias — *se*, *si* e *consigo* —, que se aplicam tanto à 3.ª pessoa do singular como à do plural:

   Ele vestiu-**se** rapidamente.
   Ela fala sempre **de si**.
   O pintor não trouxe o quadro **consigo**.
   Eles vestiram-**se** rapidamente.
   Elas falam sempre **de si**.
   Os pintores não trouxeram os quadros **consigo**.

Nas demais pessoas, as suas formas identificam-se com as do pronome oblíquo: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

Eu **me** feri.
Tu **te** lavas.
Nós **nos** vestimos.
Vós **vos** levantais.

2. As formas do REFLEXIVO nas pessoas do plural (*nos*, *vos* e *se*) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é RECÍPROCO.

Carlos e eu **nos** abraçamos.
Vós **vos** queríeis muito.
José e Antônio não **se** cumprimentam.

3. Como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambiguidade com um sujeito plural. Por exemplo, uma frase como a seguinte:

Joaquim e Pedro enganaram-**se**.

pode significar que o grupo formado por Joaquim e Pedro cometeu o engano, ou que Joaquim enganou Pedro e este a Joaquim.
Costuma-se remover a dúvida fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais.
Assim:

a) para marcar expressamente a ação reflexiva, acrescenta-se-lhes, conforme a pessoa, *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo*, etc.:

Joaquim e Pedro enganaram-**se a si mesmos**.

b) para marcar expressamente a ação recíproca, junta-se-lhes, ou uma expressão pronominal, como *um ao outro*, *uns aos outros*, *entre si*:

Joaquim e Pedro enganaram-**se entre si**.
Joaquim e Pedro enganaram-**se um ao outro**.

ou um advérbio como *reciprocamente*, *mutuamente*:

Joaquim e Pedro enganaram-se **mutuamente**.

Não raro, a reciprocidade da ação esclarece-se pelo emprego de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre-*:

As duas **entreolharam-se** e Luísa atendeu.
(Coelho Netto, *OS*, I, 67.)

Marido e mulher **entreolharam-se**.
(V. Nemésio, *MTC*, 360.)

EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

FUNÇÕES DOS PRONOMES RETOS

1. Os PRONOMES RETOS empregam-se como:

a) SUJEITO:

Eu era a desdenhosa, a indiferente.
(F. Espanca, *S*, 55.)

Nós vamos em busca de luz.
(Agostinho Neto, *SE*, 36.)

Se és **tu**, meu pai, **eu** vou contigo...
(A. de Guimaraens, *OC*, 58.)

b) PREDICATIVO DO SUJEITO:

Trata-se do seguinte: eu não sou mais **eu**! Revoguei-me a mim mesmo.
(A.M. Machado, *CJ*, 150.)

Meu Deus!, quando serei **tu**?
(J. Régio, *ED*, 157.)

2. *Tu* e *vós* podem ser VOCATIVOS:

Ó **tu**, Senhor Jesus, o Misericordioso,
De quem o Amor sublime enaltece o Universo...
(A. de Guimaraens, *OC*, 313.)

Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós, quando anoitece...
(O. Bilac, *P*, 158.)

Observação:

Na linguagem popular ou popularizante de Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il* (*il y a*):

— **Ele** haveria no mundo nada mais acertado.
(M. Torga, *CM*, 24.)

— Pois **ele** pode haver maior colondrina por esses mundos fora.
(A. Ribeiro, *M*, 102.)

— **Ele** há tanta mulher por aí!...
(F. Namora, *TJ*, 258.)

É provável que este pronome expletivo tenha vitalidade em outras áreas do idioma, pois aparece na pena de um escritor angolano:

Ele há tantas amarguras!
(Agostinho Neto, *SE*, 99.)

Os raríssimos exemplos que dele se colhem em escritores brasileiros, como este de Machado de Assis:

Que **ele** também há eleições no Amazonas; é o tempo da salga política, a quadra das barracas e dos regatões.
(*OC*, II, 698.)

representam simples imitação da construção portuguesa.

OMISSÃO DO PRONOME SUJEITO

Os pronomes sujeitos *eu*, *tu*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa:

ando	escreve**s**	dormi**u**
rim**os**	partis**tes**	volta**ram**

PRESENÇA DO PRONOME SUJEITO

Emprega-se o pronome sujeito:

a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:

> **Eu**, náufraga da vida, ando a morrer!
> (F. Espanca, *S*, 31.)

> Sim! **tu** sabes ligar-me a todos os teus crimes. **Tu** me sopras todos os pensamentos maus, **tu** me apontas o abismo...
> (Castro Alves, *OC*, 643.)

b) para opor duas pessoas diferentes:

> Abraçamo-nos ambos contristados,
> **Ele**, porque há de ser, como **eu**, um velho,
> E **eu**, por ter sido já, como **ele**, um moço.
> (E. de Castro, *UV*, 68.)

> **Eu** calo-me — **tu** descantas,
> **Eu** rojo — **tu** te levantas,
> **Tu** és livre — escrava **eu** sou!...
> (Castro Alves, *OC*, 273.)

c) quando a forma verbal é comum à 1.ª e à 3.ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco:

> É preciso que **eu repita** o que **ele disse**?
> É preciso que **ele repita** o que **eu disse**?

EXTENSÃO DE EMPREGO DOS PRONOMES RETOS

Na linguagem formal, certos pronomes retos adquirem valores especiais. Enumeremos os seguintes:

1. **O plural de modéstia.** Para evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*. Com isso, procuram dar a impressão de que as ideias que expõem são compartilhadas por seus leitores ou ouvintes, pois que se expressam como porta-vozes do pensamento coletivo. A este emprego da 1.ª pessoa do plural pela correspondente do singular chamamos PLURAL DE MODÉSTIA.

   Comparem-se estes exemplos:

> Algumas [cantigas], mas poucas, foram por **nós** colhidas da boca do Povo.
> (J. Cortesão, *CP*, 12.)

> As ocupações oficiais em que **nos achamos** desde 1861 a 1867, quer nas repúblicas de Venezuela, Equador, Peru e Chile, quer nas próprias Antilhas, não **nos** deram muita ocasião de pensar em semelhante edição, para a qual até aí **nos** faltavam auxílios.
> (F. A. Varnhagen, *CTA*, 9.)

Advirta-se que, quando o sujeito *nós* é um PLURAL DE MODÉSTIA, o predicativo ou particípio, que com ele deve concordar, costuma ficar no singular, como se o sujeito fosse efetivamente *eu*. Assim, em vez de:

> **Fiquei perplexo** com o que ele disse.

podemos dizer:

> **Ficamos perplexo** com o que ele disse.

2. **O plural de majestade.** O pronome *nós* era usado outrora pelos reis de Portugal — e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja — como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

> **Nós**, Dom Fernando, pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, **fazemos saber...**

É o que se chama PLURAL DE MAJESTADE.

Observação:

De início, o *nós majestático* deveria ser uma fórmula de modéstia: o rei a confundir-se com a nação, que falava por sua boca. Também na Igreja seria, no princípio, uma forma de humildade: os prelados a solidarizarem-se com os seus fiéis dentro de uma comunidade mediante o emprego do *nós*. Mas, perdido o valor originário, este plural com que superiores se dirigiam a inferiores veio a ser sentido como uma enfática expressão de grandeza, de poder, de majestade do cargo.

3. **Fórmula de cortesia (3.ª pessoa pela 1.ª).** Quando fazemos um requerimento, por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, tratamo-nos a nós próprios pela 3.ª pessoa, e não pela 1.ª:

> **Fulano de tal**, aluno desse Colégio, **requer** a V. S.ª se digne de mandar passar por certidão as notas mensais por ele obtidas no presente ano letivo.

O emprego da 1.ª pessoa:

> **Eu**, Fulano de tal, **requeiro...**

soa-nos como uma descortesia de nossa parte para com aquele a quem nos endereçamos. Não seria propriamente um pedido que lhe faríamos, e sim uma exigência ríspida de igual para igual.

4. **O *vós* de cerimônia.** O pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2.ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado.
Veja-se este passo com que Olavo Bilac termina o seu discurso de ingresso na Academia das Ciências de Lisboa:

> Ainda de longe, pensarei **em vós**, e pensarei **convosco**. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa história e da nossa língua. E, à míngua do brilho que **vos** posso dar, poderei dar-**vos** o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.
> (*DN*, 56.)

Observações:

1.ª) *Vós*, com referência a uma só pessoa, normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, emprega-se ainda, vez por outra, em linguagem literária de tom arcaizante, para expressar distância, apreço social:

> Por **vós** e todo o nosso temor. Por **vós**, que **sois** o nosso rei!
> (J. Régio, *ERS*, 93.)

> — Não **percebeis vós** que a prudência é para mim um dever?
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 709.)

2.ª) *Vós* foi, durante muito tempo, a forma normal por que os católicos portugueses e brasileiros se dirigiam a Deus, tratamento que ainda prevalece entre eles:

> Pai nosso que **estais** no Céu...

No culto reformado, adota-se a forma *tu*:

> Pai nosso que **estás** no céu...

Na linguagem poética, este tratamento alterna com *vós*, desde a época medieval, e é o predominante no português contemporâneo:[1]

---

[1] Veja-se, a propósito, Luís Filipe Lindley Cintra. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa, Horizonte, 1972, p. 75-122.

Não é mortal o que eu em **ti** adoro.
Que **és tu** aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...
(A. de Quental, *S*, 3.)

Se **te** pedir piedade, **dá**-me lume a comer.
Que com pontas de fogo o podre se adormenta.
O **teu** perdão de Pai ainda não pode ser.
Mas lembre-**te** que é fraca a alma que aguenta.
(V. Nemésio, *VM*, 90.)

Tu, Senhor, **tu** meu Deus, **tu** me **recebes**
Na **tua** santa glória, **alarga** as asas
Do **teu** santo perdão, que ao **teu** conspecto
Humilhado me sinto, como a grama.
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 467.)

Deus! ó Deus! onde **estás** que não **respondes**?
Em que mundo, em qu'estrela **tu t'escondes**
Embuçado nos céus?
(Castro Alves, *OC*, 290.)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
(Castro Alves, *OC*, 281.)

REALCE DO PRONOME SUJEITO

Para dar ênfase ao pronome sujeito, costuma-se reforçá-lo:

a) seja com as palavras *mesmo* e *próprio*:

— **Tu mesmo** serás o novo Hércules.
(Machado de Assis, *OC*, II, 548.)

Muitas vezes **eu próprio** me sinto ser o que ela pensa que eu sou.
(A. Abelaira, *B*, 129.)

b) seja com a expressão invariável *é que*:

— Eu **é que** lhe devia pedir desculpas de minha irritação.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

Vocês **é que** morrem, meu alferes, mas nós **é que** pagamos.
(Luandino Vieira, *NM*, 63.)

As dores **é que** eram de matar...
(M. Torga, *CM*, 72.)

PRECEDÊNCIA DOS PRONOMES SUJEITOS

Quando no sujeito composto há um da 1.ª pessoa do singular (*eu*), é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar:

Carlos, Augusto e eu fomos promovidos.

Se, porém, o que se declara contém algo de desagradável ou importa responsabilidade, por ele devemos iniciar a série:

Eu, Carlos e Augusto fomos os culpados do acidente.

Observação:

Convém usar com extrema parcimônia as formas pronominais da 1.ª pessoa do singular, especialmente a forma reta *eu*. O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa impressão de imodéstia de quem o pratica.

Não nos devemos esquecer de que as palavras que designam sentimentos exagerados da própria personalidade começam sempre por *ego*, que era a forma latina do pronome *eu*.

Assim:

egoísmo, egocêntrico, ególatra, egotismo.

EQUÍVOCOS E INCORREÇÕES

1. Como o pronome *ele* (*ela*) pode representar qualquer substantivo anteriormente mencionado, convém ficar bem claro a que elemento da frase ele se refere.
   Por exemplo, uma frase como:

   Álvaro disse a Paulo que **ele** chegaria primeiro.

   é ambígua, pois *ele* pode aplicar-se tanto a *Álvaro* como a *Paulo*.

2. Por outro lado, não devemos empregar o pronome *ele* (*ela*) para substituir um substantivo que, com sentido indeterminado, se fixou em expressões feitas, como *falar verdade*, *pedir perdão*, etc.

Assim, não estariam bem construídas as frases:

Falaste verdade; **ela** me comoveu.
Pedi perdão; **ele** me foi concedido.

3. Se, no entanto, o substantivo estiver determinado, isto é, se não mais pertencer a uma daquelas fórmulas fixas, tem perfeito cabimento o emprego do pronome.
Assim:

Falaste **a verdade**; **ela** me comoveu.
Pedi **o seu perdão**; **ele** me foi concedido.

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil[2] é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo:

Vi **ele**. Encontrei **ela**.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV[3], deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.
Assim:

a) quando, antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (*o*, *a*, *os*, *as*):

Não sei se elas me compreendem
Nem se eu **as** compreendo **a elas**.
(F. Pessoa, *OP*, 160.)

---

[2] Veja-se especialmente J. Mattoso Câmara Jr. *Ele* comme un accusatif dans le portugais du Brésil. In *Miscelánea homenaje a André Martinet: estructuralismo e historia*, t. 1. La Laguna, Universidad de La Laguna, 1957, p. 39-46; artigo reproduzido, em tradução portuguesa, nos *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972, p. 47-53.

[3] Sobre o emprego do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em português arcaico, leiam-se: Epifânio Dias. *Syntaxe historica portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, Clássica Editora, 1953, p. 71; Joseph Huber. *Altportugiesisches Elementarburch*. Heidelberg, Carl Winter, 1933, p. 150; Sousa da Silveira, *Trechos seletos*, 4.ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, p. 40 e 50.

Temia-**a**, **a ela**, à mulher que o guiava.
(Guimarães Rosa, *PE*, 126.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

Ricas prendas! **Todas elas**
Me deu ele; sim, donzelas...
Que não vo-lo negarei!
(J. de Deus, *CF*, 65.)

— Conheço bem **todos eles**.
(H. Sales, *DBFM*, 150.)

CONTRAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES *DE* E *EM* COM O PRONOME RETO DA 3.ª PESSOA

As preposições *de* e *em* contraem-se com o pronome reto da 3.ª pessoa *ele*(*s*), *ela*(*s*), dando, respectivamente, *dele*(*s*), *dela*(*s*) e *nele*(*s*), *nela*(*s*).

A pasta é **dele**, e **nela** está o meu caderno.

É de norma, porém, não haver a contração quando o pronome é sujeito; ou, melhor dizendo, quando as preposições *de* e *em* se relacionam com o infinitivo, e não com o pronome.

Assim:

O milagre **de ele** existir tinha-se dado já, no momento em que a mulher lhe anunciara a gravidez.
(M. Torga, *CM*, 74.)

— Para que há **de ele** desconfiar de nós e maltratar-te?
(Machado de Assis, *CO*, I, 690.)

Pouco depois **de eles** saírem, levantei-me da mesa.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 96.)

PRONOMES DE TRATAMENTO

1. Denominam-se PRONOMES DE TRATAMENTO certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*.

Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2.ª), esses pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa:

— Onde é que **vocês vão**?
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

— **Vossa Reverendíssima faz** isso brincando, disse o principal dos festeiros.
(Machado de Assis, *OC*, II, 550.)

— **Vossa Senhoria**, senhor Comendador, **terá** de perdoar.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

2. Convém conhecer as seguintes formas de tratamento reverente e as abreviaturas com que são indicadas na escrita:

Abreviatura	Tratamento	Usado para
V. A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiduques, duques
V. Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V. Ex.ª	Vossa Excelência	No Brasil: altas autoridades do governo e oficiais generais das Forças Armadas; em Portugal: qualquer pessoa a quem se quer manifestar grande respeito.
V. Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores das universidades
V. M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V. Ex.ª Rev.ma	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e arcebispos
V. P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V. Rev.ª V. Rev.ma	Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V. S.	Vossa Santidade	Papa
V. S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel; na linguagem escrita do Brasil e na popular de Portugal, pessoas de cerimônia.

Observações:

1.ª) Como dissemos, estas formas aplicam-se à 2.ª pessoa, àquela com quem falamos; para a 3.ª pessoa, aquela de quem falamos, usam-se as formas *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, etc. Mas as últimas podem empregar-se com o valor das primeiras, como expressão de máxima cerimônia, mormente quando seguidas de aposto que contenha um título determinado por artigo. Assim, em lugar de:

Vossa Excelência, Senhor Ministro, aprova a medida?

é lícito dizer-se:

Sua Excelência, o Senhor Ministro, aprova a medida?

2.ª) Em princípio, os pronomes de tratamento da 2.ª pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com o sujeito da 3.ª pessoa:

Seu irmão cantava, e **você** acompanhava.
Vossa Reverência já leu este livro?

Esta norma é naturalmente observada com maior rigor na linguagem escrita, pois na comunicação oral as possíveis dúvidas são muitas vezes eliminadas pela própria situação.

Não é, porém, necessário repetir tais pronomes quando funcionam como sujeito de vários verbos consecutivos.

Você parece que não **está** com nenhuma vontade de **ver** aquele finório, não é?
(A. Callado, *MC*, 104.)

— **Quer V. Exa. dizer** que antes **queria escrever** uma bonita página do que **receber** assim perto de quinhentas libras?
(Eça de Queirós, *O*, II, 176-177.)

EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO DA 2.ª PESSOA

1. **Tu e você.** No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita,

em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados.[4] Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente — e em certas camadas sociais altas — aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

2. **O senhor.** *O senhor*, *a senhora* (e *a senhorita*, no Brasil, *a menina*, em Portugal, para a jovem solteira) são, nas variantes europeia e americana do português, formas de respeito ou de cortesia e, como tais, se opõem a *tu* e *você*, em Portugal, e a *você*, na maior parte do Brasil.

   Em Portugal, quando uma pessoa se dirige a alguém que possui um título profissional ou exerce determinado cargo, costuma fazer acompanhar as formas *o senhor* e *a senhora* da menção do respectivo título ou cargo:

o senhor doutor	o senhor capitão
a senhora doutora	o senhor ministro
o senhor engenheiro	o senhor presidente

   Mais raramente, usa-se como tratamento o título não precedido de *senhor*, *senhora*, o que é considerado menos respeitoso que a forma anterior:

o doutor	o engenheiro

   Neste caso, é mais frequente apor-se ao título o nome próprio (primeiro nome — o que implica certa proximidade — ou o nome de família do interpelado):

o doutor Orlando	o engenheiro Silva

[4] Ressalte-se, porém, que o emprego das formas oblíquas *te*, *ti*, *contigo* apresenta uma difusão bastante maior.

No Brasil, estas formas de tratamento são inusitadas. Aliás, o emprego dos títulos específicos, no tratamento ou fora dele, é sensivelmente maior em Portugal do que no Brasil, onde só em casos especialíssimos vêm precedidos de *o senhor.*

Sistematicamente, só se mencionam no Brasil, seguidos dos nomes próprios:

a) a patente dos militares:

O Tenente Barroso	O Major Fagundes
O Coronel Proença	O Almirante Jaceguai
O General Osório	O Brigadeiro Eduardo Gomes

b) os altos cargos e títulos nobiliárquicos:

O Presidente Bernardes	O Embaixador Ouro Preto
O Príncipe D. João	A Condessa Pereira Carneiro

c) o título *Dom* (escrito abreviadamente *D.*), para os membros da família real ou imperial, para os nobres, para os monges beneditinos e para os dignitários da Igreja a partir dos bispos:

D. Pedro	D. Clemente
D. Duarte	D. Hélder

Observe-se que, se *Dom* tem emprego restrito no idioma, tanto em Portugal como no Brasil, o feminino *Dona* (também abreviado em *D.*) se aplica, em princípio, a senhoras de qualquer classe social.[5]

De uso bastante generalizado em Portugal e no Brasil é o título de *Doutor*. Recebem-no não só os médicos e os que defenderam tese de doutorado, mas, indiscriminadamente, todos os diplomados por escolas superiores.

Também o emprego de *Professor* é muito frequente tanto em Portugal como no Brasil. Mas, enquanto no Brasil se aplica ao docente de qualquer grau de ensino, em Portugal usa-se sobretudo para os docentes do ensino primário e do ensino superior.

Observações:

1.ª) As formas *você* e *o senhor* (*a senhora*) empregam-se normalmente nas funções de sujeito, de agente da passiva e de adjunto:

---

[5] Em Portugal, omite-se ainda, por vezes, com os nomes de senhoras das classes sociais mais humildes.

— **Você** amanhã não vá às ceifas.
(A. Ribeiro, *M*, 354.)

Estava desfeiteado, um portador dele fora maltratado **pelo senhor**.
(J. Lins do Rego, *P*, 59.)

— Deixem-me ir **com vocês**!
(Luandino Vieira, *NM*, 78.)

As formas *você* (no Brasil) e *o senhor, a senhora* (tanto em Portugal como no Brasil) estendem-se também às funções de objeto (direto ou indireto), substituindo com frequência as correspondentes átonas *o, a* e *lhe*:

— Há uma hora estou esperando **você** sozinha, neste escritório.
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Devo **a você** e ao doutor Rodrigo.
(J. Amado, *MM*, 229.)

— Eu aprecio muito **o senhor** e era incapaz de ofendê-lo voluntariamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 124.)

2.ª) O pronome *tu* era até bem pouco tempo, no português de Portugal, a forma própria de marcar as distâncias de superior para inferior hierárquico. Este tratamento caiu em quase total desuso e, hoje, tanto na variante idiomática brasileira como na portuguesa, é a forma *o senhor* que, na referida situação, se usa com este valor.

3.ª) Pelas razões aduzidas no capítulo 3, p. 73, quando anteposta a um nome próprio, a palavra *senhor* assume na linguagem corrente de Portugal e, principalmente, do Brasil a forma *seu*:

— **Seu Malhadas, seu Malhadas**, fosse você cavalheiro, não aceitava o meu copo!
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

— **Seu Firmino**, o **senhor** duvida da minha palavra?
— Deus me livre, **seu Alexandre**. Quem é que duvida?
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

— **Seu Coronel** não me verá mais, não **senhor**.
(A. Peixoto, *RC*, 938.)

Observe-se, nos dois últimos exemplos, a concorrência da forma proclítica e da forma plena, esta sob o acento tônico.

3. **Tratamento cerimonioso.** As formas de tratamento propriamente cerimonioso usam-se muito menos no Brasil do que em Portugal.

1.º) *Vossa Excelência* (*V. Ex.ª*). Embora o seu emprego, no português europeu, se tenha restringido bastante nas últimas décadas, e em particular nos últimos anos, ainda se usa a forma *Vossa Excelência*, na linguagem oral, em determinados ambientes (por ex.: academias, corpo diplomático) ou situações (empregado de comércio dirigindo-se a cliente, telefonista dirigindo-se a quem solicita uma ligação, etc.), sem que haja qualquer discriminação nítida quanto à categoria da pessoa interpelada. Por vezes aparece reduzida à forma coloquial *Vossência*.

Na linguagem escrita, sob a forma abreviada *V. Ex.ª*, é largo o seu uso, principalmente na correspondência oficial e comercial.

No Brasil só se emprega para o Presidente da República, ministros, governadores dos estados, senadores, deputados e oficiais-generais. E assim mesmo quase que exclusivamente na comunicação escrita e protocolar. Em requerimentos, petições, etc., o seu uso costuma estender-se a presidentes de instituições, diretores de serviço e altas autoridades em geral.

2.º) *Vossa Senhoria* (*V. S.ª*). É um tratamento praticamente inexistente na língua falada de Portugal e do Brasil. Na língua escrita, emprega-se ainda em ambas as variedades idiomáticas — mas cada vez menos — em cartas comerciais, em requerimentos, em ofícios, etc., quando não é próprio o tratamento de *Vossa Excelência*.

3.º) As outras formas — *Vossa Eminência*, *Vossa Magnificência*, *Vossa Santidade*, etc. — são protocolares e só se aplicam aos ocupantes dos cargos atrás indicados. Por vezes, no tratamento direto, é possível substituí-las por formas também respeitosas, mas menos solenes. A um sacerdote, por exemplo, é comum tratar-se, em lugar de *Vossa Reverência* ou *Vossa Reverendíssima*, por *o senhor*, ou, no português europeu, por *o senhor Padre*.

4. **Outras formas de tratamento.** Frequente no português de Portugal, e muito raro no do Brasil, é o emprego das formas nominais antecedidas de artigo em vez das formas pronominais ou pronominalizadas de tratamento. São exemplos dessas formas nominais:

a) o nome próprio, seja o de batismo, seja o de família:

— **O Manuel** já leu este livro?
— **O Martins** já leu este livro?

b) os nomes de parentesco ou equivalentes:

— **O pai** já leu este livro?
— **A mãe** já leu este livro?
— **O meu filho** já leu este livro?

c) outros nomes que situam o interlocutor em relação à pessoa que fala:

— **O meu amigo** já leu este livro?
— **O patrão** já leu este livro?
— **O cavalheiro** já leu este livro?

FÓRMULAS DE REPRESENTAÇÃO DA 1.ª PESSOA

No colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*:

Houve um momento entre nós
Em que **a gente** não falou.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 270.)

— Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito do dinheiro.
(F. Namora, *TJ*, 165.)

— Você não calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.
(C. dos Anjos, *DR*, 41.)

Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3.ª pessoa do singular. Também na 3.ª pessoa do singular deve ficar o verbo que tem por sujeito outras expressões substantivas que representam a 1.ª pessoa do singular, como o brasileirismo **o degas**, que às gerações mais novas já se afigura um tanto antiquado:

— Então, adeus. Mande cá n**o degas**...
(J. Amado, *MM*, 101.)

Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a d**o degas**!
(C. Drummond de Andrade, *CJB*, 69.)

EMPREGO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

FORMAS TÔNICAS

Sabemos que as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. Como pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição que as acompanhe, podem desempenhar as funções de:

a) COMPLEMENTO NOMINAL:

Vou ver-me livre **de ti**...
(B. Santareno, *TPM*, 24.)

O meu ódio **a ela** crescia dia a dia.
(J. Lins do Rego, *ME*, 54.)

b) OBJETO INDIRETO:

— Posso mandar incumbi-la de mostrar **a ti** os pontos pitorescos de Piratininga...
(C. dos Anjos, *M*, 302.)

Não a diria a ninguém,
Nem **a ti** se eu a soubesse!
(A. Botto, *C*, 261.)

c) OBJETO DIRETO (antecedido da preposição *a* e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento):

Paciente, obreira e dedicada, é **a ela** que em verdade eu amo.
(J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 159.)

Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e **a si**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 679.)

d) AGENTE DA PASSIVA:

Eu sou daqueles que foram **por ele** consolados.
(Graça Aranha, *OC*, 79.)

Os nossos amores não serão esquecidos nunca — **por mim**, está claro, e estou certo que nem **por ti**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 688.)

e) ADJUNTO ADVERBIAL:

Eu já te vejo amanhã a colher flores **comigo** pelos campos.
(F. Pessoa, *OP*, 167.)

Contigo, Antônio, Antônio Machado,
contigo quisera passear,
por manhã de serra, por noite de rio,
por nascer de luar.
(C. Meireles, *OP*, 344.)

Observação:

Do cruzamento das duas construções perfeitamente corretas:

Isto não é trabalho **para eu fazer**

e

Isto não é trabalho **para mim**,

surgiu uma terceira:

Isto não é trabalho **para mim fazer**,

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua.

A construção parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma.

Emprego enfático do pronome oblíquo tônico

Para se ressaltar o objeto (direto ou indireto), usa-se, acompanhando um pronome átono, a sua forma tônica regida da preposição *a*:

Ele não via nada, via-**se a si** mesmo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

O Abravezes dava-**lhe** razão **a ela**, em princípio...
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 202.)

Pronomes precedidos de preposição

As formas oblíquas tônicas *mim*, *ti*, *ele* (*ela*), *nós*, *vós*, *eles* (*elas*) só se usam antecedidas de preposição.

Assim:

Fez isto **para mim**.
Gosto **de ti**.
A ele cabe decidir.

Orai **por nós.**
Confiamos **em vós.**
Não há discordância **entre elas.**

Se o pronome oblíquo for precedido da preposição *com*, dir-se-á *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*. É regular, no entanto, a construção *com ele* (*com ela*, *com eles*, *com elas*):

Estive **com ele** agora mesmo.
Fui **com elas** visitar o irmão.

Normal é também o emprego de *com nós* e *com vós* quando os pronomes vêm reforçados por *outros*, *mesmos*, *próprios*, *todos*, *ambos* ou qualquer numeral:

Terá de resolver **com nós mesmos.**
Estava **com vós outros.**
Saiu **com nós três.**
Contava **com todos vós.**

Observações:

1.ª) Empregam-se as formas *eu* e *tu* depois das preposições acidentais *afora*, *fora*, *exceto*, *menos*, *salvo* e *tirante*:

Afinal, todos **exceto eu**, sabem o que sou...
(C. dos Anjos, *DR*, 43.)

— Toda a gente desconfiava disso, **menos eu**.
(Alves Redol, *BC*, 336.)

2.ª) A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas tônicas depois da preposição *entre*. Exemplo:

— Foi um duelo **entre mim** e a velhice.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1085.)

Que diferença há **entre mim** e um fidalgo qualquer?
(Sttau Monteiro, *FL*, 29.)

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando **entre mim e ti** está a cruz ensanguentada do calvário?
(A. Herculano, *E*, 44.)

Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas retas, construção que se vai insinuando na linguagem literária:

> **Entre eu e tu,**
> Tão profundo é o contrato
> Que não pode haver disputa.
> (J. Régio, *ED*, 91.)

> **Entre eu e minha mãe** existe o mar.
> (Ribeiro Couto, *PR*, 365.)

3.ª) Com a preposição *até* usam-se as formas oblíquas *mim*, *ti*, etc.:

> Curvam-se, agarram a rede, erguem-na **até si.**
> (R. Brandão, *P*, 154.)

> Um grito do velho Zé Paulino chegou **até mim**.
> (J. Lins do Rego, *D*, 255.)

Se, porém, *até* denota inclusão, e equivale a *mesmo*, *também*, *inclusive*, constrói-se com a forma reta do pronome:

> Pois é de pasmar, mas é verdade. E **até eu** já tive hoje quem me oferecesse champanhe.
> (J. Régio, *SM*, 156.)

> **Até eu**, que sou muito avesso a esses corre-corres, a esse espevitamento de tomar o cheiro dos famanazes em trânsito, sai-me dos meus cuidados e fui até o Ministério.
> (M. Bandeira, *AA*, 341.)

FORMAS ÁTONAS

1. São formas próprias do OBJETO DIRETO *o*, *a*, *os*, *as*:

> Eu avisei-**o**.
> (B. Santareno, *TPM*, 20.)

> Ele olhou-**a**, espantado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 481.)

Ângela dominava-**os** a todos, vencia-**os**.
(R. Pompeia, *A*, 222.)

É preciso acompanhá-**las**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 45.)

2. São formas próprias do OBJETO INDIRETO: *lhe*, *lhes*:

O capitão **lhe** garantira que tudo fora um mal-entendido.
(M. Palmério, *VC*, 286.)

Soube inspirar-**lhes** confiança.
(B. Santareno, *TPM*, 84.)

3. Podem empregar-se como OBJETO DIRETO ou INDIRETO: *me*, *te*, *nos* e *vos*.

a) OBJETO DIRETO:

Queres ouvir-**me** um instante, sensatamente?
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 153.)

Queria-**te** ver lá em cima.
(Luandino Vieira, *NM*, 3.)

Vinde e contemplai-**nos**, que entardece.
(C. Meireles, *OP*, 318.)

Ninguém **vos** abandona, senhor.
(J. Régio, *ERS*, 90.)

b) OBJETO INDIRETO:

Chamava-**me** o seu alferes.
(Machado de Assis, *OC*, II, 234.)

— Ninguém **te** vai agradecer.
(Alves Redol, *BSL*, 355.)

Só a leitura dos grandes livros **nos** pode trazer a compensação das misérias de certos homens de letras.
(A. F. Schmidt, *GB*, 331.)

— Ouvis o que **vos** pergunto?
(J. Régio, *ERS*, 186.)

O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo

Se compararmos as duas frases:

Mandei **que ele saísse...**
Mandei-**o sair.**

verificamos que o objeto direto, exigido pela forma verbal *mandei*, é expresso:

a) na primeira, pela oração *que ele saísse*;
b) na segunda, pelo pronome seguido do infinitivo: *o sair*. E verificamos, também, que o pronome *o* está para o infinitivo *sair* como o pronome *ele* para a forma finita *saísse*, da qual é sujeito. Logo, na frase acima o pronome *o* desempenha a função de sujeito do verbo *sair*.

Construções semelhantes admitem os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos* (e o reflexivo *se*, que estudaremos à parte). Exemplo:

Deixe-**me falar.**
Mandam-**te entrar.**
Fez-**nos sentar.**

Emprego enfático do pronome oblíquo átono

1. Para dar realce ao objeto direto, costuma-se colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

Verdades, quem é que **as** quer?
(F. Pessoa, *OP*, 530.)

O meu avô, nunca **o** vi rezando.
(J. Lins do Rego, *ME*, 83.)

Note-se que, se o objeto direto for constituído de substantivos de gêneros diferentes, o pronome que os resume deve ir para o masculino plural — *os*:

Se Paulo desejava mesmo **escândalo e agitação**, teve-**os** à vontade.
(M. Palmério, *VC*, 307.)

Salas e coração, habita-**os** a saudade!
(A. de Oliveira, *P*, III, 109.)

2. Também o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o objeto indireto colocado no início da frase. Comparem-se os conhecidos provérbios:

> **Ao pobre** não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.
> **Ao médico e ao abade**, fala-**lhes** sempre a verdade.

O pronome de interesse

Em frases como as seguintes:

> Olhem-**me** para ela: é o espelho das donas de casa!
> (A. Ribeiro, *M*, 101.)

> Ânimo, Brás Cubas, não **me** sejas palerma.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 534.)

o pronome *me* não desempenha função sintática alguma. É apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita.

Este PRONOME DE INTERESSE, também conhecido por DATIVO ÉTICO ou DE PROVEITO, é de uso frequente na linguagem coloquial, mas não raro aparece na pena de escritores.

Por vezes o seu valor se dilui num *me* expletivo, produzindo belos efeitos:

> Desde menino **me** choro
> E ainda não **me** achei fim!
> (F. Pessoa, *OP*, 543.)

> Quem pagará o enterro e as flores
> Se eu **me** morrer de amores?
> (V. de Morais, *PCP*, 333.)

Pronome átono com valor possessivo

Os pronomes átonos que funcionam como objeto indireto (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*) podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular:

> Escutaste-**lhe** a voz? Viste-**lhe** o rosto?
> Osculaste-**lhe** as plantas?
> Tocaste-**lhe** os vestidos resplendentes?
> (Fagundes Varela, *PC*, II, 272.)

O barro que em quimeras modelaste
Quebrou-se-**te** nas mãos.
(C. Pessanha, *C*, 64.)

Duas lágrimas toldam-**lhe** a vista, um soluço prende-se-**lhe** no peito.
(O. Mendes, *P*, 166.)

Pronomes complementos de verbos de regência distinta

Podemos empregar um só pronome como complemento de vários verbos quando estes admitem a mesma regência, ou seja, quando o pronome em causa desempenha idêntica função com referência a cada verbo.

Assim, a frase:

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

está perfeita, porque os verbos *ver* e *cumprimentar* pedem objeto direto, que, no caso, vem expresso pelo pronome *me*.

Se disséssemos, porém:

Só Roberto **me** viu e deu as costas,

a frase não estaria bem construída, porque o *me* ficaria sendo, a um tempo, objeto direto de *ver* e indireto de *dar*.

Nesse caso, é de boa norma repetirmos o pronome:

Só Roberto **me** viu e **me** deu as costas,

ainda que da construção abreviada se tenham servido alguns dos melhores escritores da língua.[6]

Observação:

Ainda quando complemento de verbos que tenham a mesma regência, o pronome só deve ser omitido com o segundo verbo e seguintes se estiver proclítico ao primeiro da série, como no exemplo citado:

---

[6] Com razão, diz Mário Barreto que esta regra "não é artificial, e não a combate, nem destrói a infração dela em certos casos, em que praticamente o autorizam os usos e modismos da língua, como as locuções *entrar e sair do carro*, *vão e vêm do campo*, *chegar ou sair de casa*, empregadas por muitos e bons escritores". (*Novíssimos estudos da língua portuguesa*. 2.ª edição revista. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1924, p. 112-113, nota).

Só Roberto **me** viu e cumprimentou.

Vindo enclítico ao primeiro, convém repeti-lo com os demais. Dir-se-á, pois:

Viu-**me** e cumprimentou-**me**

ou

Viu-**me** e **me** cumprimentou (construção desusada em Portugal)

e não

Viu-**me** e cumprimentou

O que se disse do pronome enclítico aplica-se ao mesoclítico.
Assim:

Procurar-**me**-ão e encontrar-**me**-ão

ou

Procurar-**me**-ão e **me** encontrarão (desusada em Portugal)

e não

Procurar-**me**-ão e encontrarão

Valores e empregos do pronome *se*

O pronome *se* emprega-se como:

a) OBJETO DIRETO (emprego mais comum):

Ao sentir aquela robustez nos braços, meu pai tranquilizou-**se** e tranquilizou-o.
(G. Amado, *HMI*, 124.)

Viu-**se** ao espelho, cadavérico.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 107.)

b) OBJETO INDIRETO:

Sofia dera-**se** pressa em tomar-lhe o braço.
(Machado de Assis, *OC*, I, 656.)

Perguntava-**se** a si mesma Teresa se aquela horrorosa situação seria um sonho.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 390.)

Emprego menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:

Os nossos olhos muito perto, imensos
No desespero desse abraço mudo,
Confessaram-**se** tudo!
(J. Régio, *PDD*, 83.)

Os estudantes passavam diante dos examinadores aglomerados, chocando-**se** uns aos outros como gado saindo em redemoinho da porta do curral.
(G. Amado, *HMI*, 191.)

c) SUJEITO DE UM INFINITIVO:

Virgília deixou-**se cair**, no canapé, a rir.
(Machado de Assis, *OC*, I, 497.)

Moura Teles deixou-**se conduzir** passivamente.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 607.)

d) PRONOME APASSIVADOR:

Ouve-**se** ainda o toque de rebate.
(B. Santareno, *TPM*, 121.)

Fez-**se** novo silêncio.
(Coelho Netto, *OS*, I, 97.)

e) SÍMBOLO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO (junto à 3.ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

Vive-**se** ao ar livre, come-**se** ao ar livre, dorme-**se** ao ar livre.
(R. Brandão, *P*, 165.)

Martelava-**se**, serrava-**se**, acepilhava-**se**.
(Coelho Netto, *OS*, I, 131.)

f) PALAVRA EXPLETIVA (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

As estrelas dirão: — "Ai! nada somos,
Pois ela **se morreu**, silente e fria..."
(A. de Guimaraens, *OC*, 258.)

Foi-se embora e à passagem, mascando o charuto, mediu Maria Antônia de alto a baixo.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 929.)

...**Vão-se** as situações, e eles com elas.
(A. Magalhães, *OC*, 798.)

g) PARTE INTEGRANTE DE CERTOS VERBOS que geralmente exprimem sentimento, ou mudança de estado: *admirar-se*, *arrepender-se*, *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*; *congelar-se*, *derreter-se*, etc.

— **Atreva-se. Atreva-se**, e verá.
(M. Torga, *NCM*, 48.)

D. Adélia **queixava-se** baixinho.
(G. Ramos, *A*, 136.)

Leonel **arrependeu-se** da frase inútil e dura.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 846.)

Observações:

1.ª) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano:

Aqui **se escreverão** novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão.
(*Lus.*, VII, 55.)

Na língua moderna evita-se tal prática. Daí soar-nos artificial uma construção como a seguinte:

Este verbo, em nossa língua, nunca **se usou pelos escritores vernáculos** senão como equivalente de amar.
(R. Barbosa, *R*, n.º 384.)

2.ª) Em frases do tipo:

Vendem-**se** casas.
Compram-**se** móveis.

consideram-se *casas* e *móveis* os sujeitos das formas verbais *vendem* e *compram*, razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.

Combinações e contrações dos pronomes átonos

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos, um objeto direto e outro indireto, podem combinar-se, observadas as seguintes regras:

1.ª) *Me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe* e *lhes* (formas de objeto indireto) juntam-se a *o*, *a*, *os*, *as* (de objeto direto), dando:

mo = me + o	ma = me + a	mos = me + os	mas = me + as
to = te + o	ta = te + a	tos = te + os	tas = te + as
lho = lhe + o	lha = lhe + a	lhos = lhe + os	lhas = lhe + as
no-lo = nos + [l]o	no-la = nos + [l]a	no-los = nos + [l]os	no-las = nos + [l]as
vo-lo = vos + [l]o	vo-la = vos + [l]a	vo-los = vos + [l]os	vo-las = vos + [l]as
lho = lhes + o	lha = lhes + a	lhos = lhes + os	lhas = lhes + as

2.ª) O pronome *se* associa-se a *me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhe*, e *lhes* (e nunca a *o*, *a*, *os*, *as*). Na escrita, as duas formas conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo, e ligam-se por hífen, quando lhe vêm pospostas:

> O coração **se me confrange**...
> (O. Mariano, *TVP*, I, 216.)

> A aventura **gorou-se-lhe** aos primeiros passos.
> (C. de Oliveira, *AC*, 155.)

3.ª) As formas *me*, *te*, *nos* e *vos*, quando funcionam como objeto direto, ou quando são parte integrante dos chamados verbos pronominais, não admitem a posposição de outra forma pronominal átona. O objeto indireto assume em tais casos a forma tônica preposicionada:

> — Como **me** hei de livrar **de ti**?
> (J. Régio, *JA*, 85.)

> Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
> Para mais doidamente me lembrar,
> Mais doidamente **me** lembrar **de ti**!
> (F. Espanca, *S*, 71.)

Observações:

1.ª) As combinações *lho*, *lha* (equivalentes a *lhes* + *o*, *lhes* + *a*) e *lhos*, *lhas* (equivalentes a *lhes* + *os*, *lhes* + *as*) encontram sua explicação no fato de, na língua antiga,

a forma *lhe* (sem *-s*) ser empregada tanto para o singular como para o plural. Originariamente, eram, pois, contrações em tudo normais.

2.ª) No Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lho, no-lo, vo-lo*, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.

Colocação dos pronomes átonos

1. Em relação ao verbo, o pronome átono pode estar:

a) ENCLÍTICO, isto é, depois dele:

Calei-**me**.

b) PROCLÍTICO, isto é, antes dele:

Eu **me** calei.

c) MESOCLÍTICO, ou seja, no meio dele, colocação que só é possível com formas do FUTURO DO PRESENTE ou do FUTURO DO PRETÉRITO:

Calar-**me**-ei.
Calar-**me**-ia.

2. Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ÊNCLISE:

Agarraram-na conseguindo, a muito custo, **arrastá-la** do quarto.
(Coelho Netto, *OS*, I, 43.)

Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, **parecera-lhe** sentir pelas costas risinhos a **escarnecê-la**.
(Eça de Queirós, *O*, I, 124.)

Há, porém, casos em que, na língua culta, se evita ou se pode evitar essa colocação, sendo por vezes conflitantes, no particular, a norma portuguesa e a brasileira.

Procuraremos, assim, distinguir os casos de PRÓCLISE que representam a norma geral do idioma dos que são optativos e, ambos, daqueles em que se observa uma divergência de normas entre as variantes europeia e americana da língua.

Regras gerais

Com um só verbo

1. Quando o verbo está no FUTURO DO PRESENTE ou no FUTURO DO PRETÉRITO, dá-se tão somente a PRÓCLISE ou a MESÓCLISE do pronome:

Eu **me** calarei.
Eu **me** calaria.
Calar-**me**-ei.
Calar-**me**-ia.

2. É, ainda, preferida a PRÓCLISE:

a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (*não*, *nunca*, *jamais*, *ninguém*, *nada*, etc.) quando entre ela e o verbo não há pausa:

— **Não lhes dizia** eu?
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 348.)

Nunca o vi tão sereno e obstinado.
(C. dos Anjos, *M*, 316.)

— **Ninguém me disse** que você estava passando mal!
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

b) nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

Quem me busca a esta hora tardia?
(M. Bandeira, *PP*, I, 406.)

— **Por que te assustas** de cada vez?
(J. Régio, *JA*, 98.)

Como a julgariam os pais se conhecessem a vida dela?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 23.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Que o vento **te leve** os meus recados de saudade.
(F. Namora, *RT*, 89.)

— Que Deus **o abençoe**!
(B. Santareno, *TPM*, 18.)

— Bons olhos **o vejam**! exclamou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta:

Quando me deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 20.)

— Prefiro **que me desdenhem, que me torturem,** a **que me deixem só.**
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 115.)

— Que é que desejas **te mande** do Rio?
(A. Peixoto, *RC*, 174.)

e) com o gerúndio regido da preposição *em*:

Em se ela **anuviando, em a** não **vendo**,
Já se me a luz de tudo anuviava.
(J. de Deus, *CF*, 205.)

— **Em lhe cheirando** a homem chulo é com ele.
(Machado de Assis, *OC*, I, 755.)

3. Não se dá a ÊNCLISE nem a PRÓCLISE com os PARTICÍPIOS. Quando o PARTICÍPIO vem desacompanhado de auxiliar, usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição.
Exemplo:

Dada a mim a explicação, saiu.

4. Com os INFINITIVOS soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a PRÓCLISE ou a ÊNCLISE, embora haja acentuada tendência para esta última colocação pronominal:

E ah! que desejo de **a tomar** nos braços...
(O. Bilac, *P*, 72.)

Canta-me cantigas para **me embalar**!
(Guerra Junqueiro, *S*, 118.)

Para **não fitá-lo**, deixei cair os olhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 807.)

Para **assustá-lo**, os soldados atiravam a esmo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 82.)

A ÊNCLISE é mesmo de rigor quando o pronome tem a forma *o* (principalmente no feminino *a*) e o INFINITIVO vem regido da preposição *a*:

Se soubesse, não continuaria **a lê-lo**.
(R. Barbosa, *EDS*, 743.)

Logo os outros, Camponeses e Operários, começam **a imitá-la**.
(B. Santareno, *TPM*, 120.)

5. Pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende à PRÓCLISE pronominal:

a) quando o verbo vem antecedido de certos advérbios (*bem*, *mal*, *ainda*, *já*, *sempre*, *só*, *talvez*, etc.) ou expressões adverbiais e não há pausa que os separe:

Até a voz, dentro em pouco, **já me parecia** a mesma.
(Machado de Assis, *OC*, I, 858.)

Só depois se senta no chão a chorar.
(Alves Redol, *MB*, 255.)

Ao despertar, **ainda as encontro** lá, **sempre se mexendo** e discutindo.
(A. M. Machado, *CJ*, 174.)

Talvez Elisabeth **se decidisse**.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 261.)

Nas pernas me fiava eu.
(A. Ribeiro, *M*, 88.)

b) quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo:

Tiram mais que na ceifa; **isso te digo** eu.
(Alves Redol, *G*, 108.)

— **A grande notícia te dou** agora.
(F. Namora, *NM*, 162.)

Razoável lhe parecia a solução proposta.

c) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo*, *tudo*, *alguém*, *outro*, *qualquer*, etc.):

Ambos se sentiam humildes e embaraçados.
(F. Namora, *TJ*, 293.)

Alguém lhe bate nas costas.
(A. M. Machado, *JT*, 208.)

Todos os barcos **se perdem**,
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

d) nas orações alternativas:

— Das duas uma: **ou as faz** ela **ou as faço** eu.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 39.)

Maria, **ora se atribulava, ora se abonançava.**
(Ó. Ribas, *EMT*, 18.)

6. Observe-se por fim que, sempre que houver *pausa* entre um elemento capaz de provocar a PRÓCLISE e o verbo, pode ocorrer a ÊNCLISE:

Pouco depois, detiveram-se de novo.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 403.)

A ênclise é naturalmente obrigatória quando aquele elemento, contíguo ao verbo, a ele não se refere, como neste exemplo:

— Sim, sim, disse ela desvairadamente, mas avisemos o cocheiro que nos leve até a casa de Cristiano.
— **Não, apeio-me** aqui...
(Machado de Assis, *OC*, I, 690.)

Observação:

Costumam os escritores do idioma, principalmente os portugueses, inserir uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo, sendo mais comum a intercalação da negativa *não*:

Era impossível que **lhe não deixasse** uma lembrança.
(Machado de Assis, *OC*, I, 563.)

Conformado pelas suas palavras, o tio calara-se, só para **lhe não dar** assentimento.
(Alves Redol, *F*, 310.)

Há tanto tempo que **o não via**!
(Luandino Vieira, *CI*, 64.)

Com uma locução verbal

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:
1.º) *Sempre* a ÊNCLISE ao infinitivo ou ao gerúndio:

O roupeiro **veio interromper-me.**
(R. Pompeia, *A*, 37.)

— Que **poderá dizer-nos** aquele rato de biblioteca?
(A. Ribeiro, *AFPB*, 215.)

Só **quero preveni-lo** contra as exagerações do Prólogo.
(A. de Quental, *C*, 314.)

Nós íamos seguindo; e, em torno, imensa,
Ia desenrolando-se a paisagem.
(R. Correia, *PCP*, 304.)

2.º) A PRÓCLISE ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:

a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa:

Tempo que navegaremos
Não se pode calcular.
(C. Meireles, *OP*, 141.)

Rita é minha irmã, **não me ficaria querendo** mal e acabaria rindo também.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

— **Ninguém o havia de dizer.**
(A. Ribeiro, *M*, 68.)

Jamais me hão de chamar outro mais doce.
(F. Espanca, *S*, 49.)

b) nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos:

— **Que** mal **me havia de fazer**?
(M. Torga, *NCM*, 47.)

Que é que me podia acontecer?
(G. Ramos, *A*, 152.)

— **Em que lhe posso ser útil**, senhor Petra?
(A. Ribeiro, *M*, 268.)

Como te hei de receber em dia tão posterior?
(C. Meireles, *OP*, 406.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

Como se vinha trabalhando mal!
Deus **nos há de proteger**!

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta:

O sufrágio **que me vai dar** será para mim uma consagração.
(E. da Cunha, *OC*, II, 634.)

Ega subiu ao seu quarto, **onde** outro criado **lhe estava preparando** o banho.
(Eça de Queirós, *O*, II, 329.)

Eram orações extraordinariamente tocantes, que N. lamenta não ter guardado na memória, ou registrado **à proporção que as ia ouvindo**.
(A. F. Schmidt, *F*, 171.)

Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou **me mandassem buscar** ao seminário.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

3.º) A ENCLISE ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a PRÓCLISE:

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,
Noiva-menina, as doidas caravelas,
Ao ignoto País da minha infância...
(F. Espanca, *S*, 179.)

Ia-me esquecendo dela.
(G. Ramos, *AOH*, 40.)

A cidade **ia-se perdendo** à medida que o veleiro rumava para São Pedro.
(B. Lopes da Silva, *C*, 207.)

2. Quando o verbo principal está no PARTICÍPIO, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, PROCLÍTICO ou ENCLÍTICO ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples:

— **Tenho-o trazido** sempre, só hoje é que o viste?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 152.)

— Arrependa-se do que me disse, e **tudo lhe será perdoado**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 645.)

Que se teria passado?
(Coelho Netto, *OS*, I, 1412.)

Queria mesmo dali adivinhar o **que se tinha passado** na noite da sua ausência.
(Alves Redol, *F*, 195.)

A colocação dos pronomes átonos no Brasil

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, principalmente no colóquio normal, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Podem-se considerar como características do português do Brasil e, também, do português falado nas Repúblicas africanas:

a) a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente com a forma *me*:

— **Me desculpe** se falei demais.
(É. Veríssimo, *A*, II, 487.)

Me arrepio todo...
(Luandino Vieira, *NM*, 138.)

b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação:

— Se Vossa Reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede.
(J. Montello, *TSL*, 176.)

O usineiro nos entregava o açúcar pelo preço do dia, pagava a comissão e armazenagem e nós especulávamos para as praças do Rio e São Paulo.
(J. Lins do Rego, *U*, 251.)

— **A sua prima Júlia**, do Golungo, **lhe mandou** um cacho de bananas.
(Luandino Vieira, *NM*, 54.)

c) a próclise ao verbo principal nas locuções verbais:

Será que o pai **não ia se dar** ao respeito?
(Autran Dourado, *SA*, 68.)

— Não, não sabes e **não posso te dizer mais**, já não me ouves.
(Luandino Vieira, *NM*, 46.)

Outro **teria se metido** no meio do povo, teria terminado com aquela miséria, sem sangue.
(J. Lins do Rego, *U*, 222.)

Tudo **ia se escurecendo.**
(J. Lins do Rego, *U*, 338.)

Justificando essa última colocação, escreve Martinz de Aguiar:

"Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver*, que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio procliticamente: *Aqueles haviam se-corrompido.*

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do passado): *Poderá se-reduzir*, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhes aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamo-nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamos nos-encontrar*".[7]

PRONOMES POSSESSIVOS

PRONOMES PESSOAIS, POSSESSIVOS E DEMONSTRATIVOS

Estreitamente relacionados com os pronomes pessoais estão os PRONOMES POSSESSIVOS e os DEMONSTRATIVOS.

Os PRONOMES PESSOAIS, vimos, denotam as pessoas gramaticais; os outros dois indicam algo determinado por elas:

a) os POSSESSIVOS, o que lhes cabe ou pertence;
b) os DEMONSTRATIVOS, o que delas se aproxima ou se distancia no espaço e no tempo.

Podemos, assim, estabelecer estas correspondências prévias:

	1.ª PESSOA	2.ª PESSOA	3.ª PESSOA
Pronome pessoal	eu	tu	ele
Pronome possessivo	meu	teu	seu
Pronome demonstrativo	este	esse	aquele

[7] *Notas de português de Filinto a Odorico.* Rio de Janeiro, Simões, 1955, p. 409.

FORMAS DOS PRONOMES POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor.

		UM POSSUIDOR		VÁRIOS POSSUIDORES	
		UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS	UM OBJETO	VÁRIOS OBJETOS
1.ª pessoa	masc.	meu	meus	nosso	nossos
	fem.	minha	minhas	nossa	nossas
2.ª pessoa	masc.	teu	teus	vosso	vossos
	fem.	tua	tuas	vossa	vossas
3.ª pessoa	masc.	seu	seus	seu	seus
	fem.	sua	suas	sua	suas

VALORES E EMPREGOS DOS POSSESSIVOS

Os PRONOMES POSSESSIVOS acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse. São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós, de si*), mas podem empregar-se como pronomes substantivos:

Por exemplo:

Meu livro é este.
Este livro é o **meu**.
Sempre com **suas histórias**!
Fazer das **suas**.

Concordância do pronome possessivo

1. O PRONOME POSSESSIVO concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e, em pessoa, com o possuidor do objeto em causa:

> Cada um tratava de si, do **seu corpo**, da **sua alma**, dos **seus ódios**.
> (M. Torga, *NCM*, 204.)

> Eu estava na porta da **minha casa**, casa de passeio-alto, com a **minha mãe** e o **meu pai**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 178.)

Suas mudanças súbitas, **seu jeito** provocante, **sua mímica** muito feminina me fazem lembrar a Jandira mulher, que tantas vezes desaparece a **meus olhos**, em **nossas conversações.**
(C. dos Anjos, *DR*, 124.)

2. Quando um só POSSESSIVO determina mais de um substantivo, concorda com o que lhe esteja mais próximo:

Rubião estacara o passo; ela pôde vê-lo bem, com os **seus gestos e palavras**, o peito alto, e uma barretada que deu em volta.
(Machado de Assis, *OC*, I, 715.)

E o meu corpo, **minh'alma e coração,**
Tudo em risos poisei em tua mão...
(F. Espanca, *S*, 177.)

Posição do pronome adjetivo possessivo

O PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO precede normalmente o substantivo que determina, como nos mostram os exemplos até aqui citados.

Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

1.º) quando este vem desacompanhado do artigo definido:

Esperava **notícias tuas** para de novo te escrever.
(A. Nobre, *CI*, 119.)

Soube por José Veríssimo que estranhou a ausência de **cartas minhas.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 707.)

2.º) quando o substantivo já está determinado (pelo artigo indefinido ou por numeral, por pronome demonstrativo ou por pronome indefinido):

Recebi, no Rio, no dia da posse no Instituto, **um telegrama seu**, de felicitações...
(E. da Cunha, *OC*, II, 639.)

Note **este erro seu**: não há em mim (que eu seja consciente) o menor espírito de renúncia ou de esquecimento de mim próprio.
(J. de Figueiredo, *C*, 177.)

Como tu foste infiel
A **certas ideias minhas**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 186.)

3.º) nas interrogações diretas:

Onde estais, **cuidados meus**?
(M. Bandeira, *PP*, 23.)

Em todo o caso... Agora ouve-se menos ou é **impressão minha**?
(A. Abelaira, *NC*, 15.)

4.º) quando há ênfase:

— Tu não lustras as unhas! tu trabalhas! tu és digna **filha minha**! pobre, mas honesta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 672.)

Ninguém, **senhores meus**, que empreenda uma jornada extraordinária, primeiro que meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças, por saber se o levarão a cabo.
(R. Barbosa, *EDS*, 685.)

A alternância de colocações presta-se a efeitos estilísticos, como nos mostra este exemplo:

És **meu** único **desejo**,
Ah! fosse o **desejo teu**!
(Guimarães Passos, *VS*, 24.)

Emprego ambíguo do possessivo de 3.ª pessoa

As formas *seu*, *sua*, *seus*, *suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3.ª pessoa do singular ou da 3.ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

O fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s)*, *sua(s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*, *de você(s)*, *do(s) senhor(es)*, *da(s) senhora(s)* e outras expressões de tratamento.

Por exemplo, a frase:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **seus exames**.

tem um anunciado equívoco: os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia; ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.

Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a intenção que tenha:

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dela**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames dele**.

> Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os **exames deles**.

Reforço dos possessivos

O valor possessivo destes pronomes nem sempre é suficientemente forte. Quando há necessidade de realçar a ideia de posse — quer visando à clareza, quer à ênfase —, costuma-se reforçá-los:

a) com a palavra *próprio* ou *mesmo*:

> Mais unidos sigamos e não tarda
> Que eu ache a vida em **tua própria morte**.
> (Guimarães Passos, *VS*, 46.)

> Era ela mesma; eram os **seus mesmos braços**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 484.)

b) com as expressões *dele(s)*, *dela(s)*, no caso do possessivo da 3.ª pessoa:

> Montaigne explica pelo **seu** modo **dele** a variedade deste livro.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 556.)

> Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse ele a sua vontade; mas que a **sua** vitória **dele**, sobre os protetores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Viseu, estava plenamente obtida.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 415.)

Valores dos possessivos

O PRONOME POSSESSIVO não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido múltiplos valores, por vezes bem distanciados daquele sentido originário.

Mencione-se o seu emprego:

a) como indefinido:

> Tinha tido **o seu orgulho, a sua calma, a sua certeza.**
> (M. Torga, *V*, 216.)

> Tenho tido **os meus vícios.**
> (Alves Redol, *BC*, 43.)

> A senhora há de ter tido **seus apertos** de dinheiro, disse Rubião.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 630.)

b) para indicar aproximação numérica:

> Revejo sempre uma rapariga que só uma vez fitei, tinha eu **meus vinte anos.**
> (A. F. Schmidt, *GB*, 251.)

> Ela media, como um marchante, **o meu metro e oitenta de altura** e pesava, com o mesmo rigor, **os meus setenta e sete quilos.**
> (F. Namora, *RT*, 90.)

> Entrou uma mulherzinha de **seus quarenta anos**, decidida e de passo firme.
> (F. Sabino, *HN*, 164.)

c) para designar um hábito:

> Neste instante, a Judite voltou-se e, abandonando as companheiras, veio desfazer o cumprimento com **um repente dos seus.**
> (Almada Negreiros, *NG*, 110.)

> Nos **nossos dias**, a baianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexível, a passo rápido.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 89.)

— Não sei para onde vou mandar o **meu herói**... — disse com um falso sorriso.
(É. Veríssimo, *LS*, 139.)

Ora bem, deixa-me transcrever **o meu Saint-Exupéry**.
(F. Namora, *RT*, 190.)

Isto feito, meteu-se na cama, rezou uma ode **do seu Horácio** e fechou os olhos. Nem por isso dormiu. Tentou então uma página **do seu Cervantes**, outra **do seu Erasmo**, fechou novamente os olhos, até que dormiu.
(Machado de Assis, *OC*, I, 953.)

— Onde está **o meu Tenentes do Diabo**?
(J. Lins do Rego, *E*, 282.)

d) de ironia, de malícia, de sarcasmo:

Todos aqueles santos varões comiam, bebiam **o seu vinho do Porto** na copa.
(Eça de Queirós, *O*, II, 17.)

Na mesa do major jantei **o meu frango**, comi **a minha boa posta de robalo**, trabalho que afundou em mais de duas horas.
(J. C. de Carvalho, *CL*, 133.)

Em casa de Norberto, as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam **seu chá**, faziam **sua malha** e eram madrinhas das filhas dos criados mais próximos.
(J. Saramago, *LC*, 54.)

Observe-se que, nos dois últimos casos, o POSSESSIVO vem normalmente acompanhado do artigo definido.

2. De acentuado caráter afetivo é também a construção em que uma forma feminina plural do pronome completa a expressão *fazer* (ou *dizer*) *uma das* = praticar uma ação ou dizer algo particular, geralmente passível de crítica:

Com aquele gênio esquentado é capaz de **fazer uma das dele**.
(Castro Soromenho, *TM*, 175.)

Era lindo o bicho, com **sua calma** de passarinho manso.
(R. Braga, *CCE*, 85.)

Sente-se em todos esses empregos do POSSESSIVO uma certa carga afetiva, mais acentuada nos que passamos agora a examinar.

Valores afetivos

1. Variados são os matizes afetivos expressos pelos POSSESSIVOS. Servem, por vezes, para acentuar um sentimento:

a) de deferência, de respeito, de polidez:

"— Quer alguma coisa, **minha senhora**?"
(Eça de Queirós, *OF*, I, 1037.)

Adeus! — Bons dias, **meu Comandante**,
A nossa sorte... morrer, talvez...
E o rude velho segue pra diante
E o rude velho segue pra diante:
— Morrer, **meu Amo**, só uma vez!
(A. Nobre, *S*, 106.)

— Não posso deixá-lo um instante, **meu Fidalgo**.
(A. Arinos, *OC*, 436.)

— Não é assim, **meus respeitáveis senhores**?
(Ó. Ribas, *EMT*, 123.)

b) de intimidade, de amizade:

— Hoje, **meu caro Antônio**, temos de festejar a presença do meu rapaz.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 203.)

— Dispõe de mim, **meu velho**, estou às suas ordens, bem sabes.
(A. Azevedo, *CFM*, 6.)

— Não há nada mais certo, **meu amigo** — respondia D. Clara.
(A. de Assis Júnior, *SM*, 76.)

c) de simpatia, de interesse (com referência a personagem de uma narrativa, a autor de leitura frequente, a clubes ou associações de que seja sócio ou aficionado, etc.):

> As criadas, junto da porta, casquinaram uns risinhos abafados e o Barbaças voltou-se para elas, disposto a **dizer uma das suas.**
> (F. Namora, *TJ*, 210.)

> — Você andou por aí **fazendo das suas.**
> (J. Lins do Rego, *MR*, 229.)

Nosso de modéstia e de majestade

Paralelamente ao emprego do pronome pessoal *nós* por *eu* nas fórmulas de modéstia e de majestade que estudamos, aparece o do POSSESSIVO *nosso(a)* por *meu* (*minha*).

Comparem-se estes exemplos:

a) de modéstia:

> Este livro nada mais pretende ser do que um pequeno ensaio. Foi **nosso** escopo encontrar apoio na história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira, para colocar a língua no seu verdadeiro lugar: expressão da sociedade, inseparável da história da civilização.
> (S. da Silva Neto, *IELPB*, 11.)

b) de majestade:

> Mandamos que os ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com eles andarem, não entrem em **nossos** Reinos e Senhorios.
> (Ordenações Filipinas, livro V, título 69.)

Vosso de cerimônia

O uso do pronome pessoal *vós* como tratamento cerimonioso aplicado a um indivíduo ou a um auditório qualificado leva, naturalmente, a igual emprego do POSSESSIVO *vosso(a)*. Exemplos:

> Nunca **vosso** avô, meu senhor e marido, achou que me não fosse possível compreender o ânimo dum grande português.
> (J. Régio, *ERS*, 69.)

> Levareis, Senhores Delegados, aos vossos Governos, à vossa Pátria, estas declarações que são a expressão sincera dos sentimentos do Governo e do Povo Brasileiro.
> (Barão do Rio Branco, *D*, 98.)

Observação:

Quanto ao emprego das formas de tratamento cerimonioso em que se fixaram os POSSESSIVOS *Sua* e *Vossa* (tipo: *Sua Excelência*, *Vossa Excelência*), veja-se o que dissemos ao estudarmos os PRONOMES PESSOAIS (Pronomes de tratamento).

Substantivação dos possessivos

Os POSSESSIVOS, quando substantivados, designam:

a) no singular, o que pertence a uma pessoa:

> — Eu não tenho mais ambições que fazer fanga e ganhar o que puder, até ter um bocado **de meu**.
> (Alves Redol, *F*, 281.)

> A rapariga não tinha um minuto **de seu**.
> (A. Rangel, *IV*, 61.)

> Eu não tenho **de meu** um momento.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 1415.)

b) no plural, os parentes de alguém, seus companheiros, compatriotas ou correligionários:

> Peço-te que transmitas, em nome de todos **os meus**, sinceros agradecimentos a D. Maria Júlia e a todos **os teus**.
> (E. da Cunha, *OC*, II, 705.)

> Saudades a todos **os teus**.
> (R. Correia, *PCP*, 623.)

> Não me podia a Sorte dar guarida
> Por não ser eu d**os seus**.
> (F. Pessoa, *OP*, 12.)

> Impugnaram-na apaixonadamente Dâmaso e **os seus**; defenderam-na com brio e vivacidade Moura Seco, Teodoro e os inimigos do arcipreste.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 264.)

Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico

Em certas locuções prepositivas, o pronome oblíquo tônico, que deve seguir a preposição e com ela formar um complemento nominal do substantivo

anterior, é normalmente substituído pelo PRONOME POSSESSIVO correspondente. Assim:

em frente **de ti**	=	em **tua** frente
ao lado **de mim**	=	ao **meu** lado
em favor **de nós**	=	em **nosso** favor
por causa **de você**	=	por **sua** causa

Veja-se, por exemplo, este passo, no qual a expressão *em teu louvor* equivale a *em louvor de ti*:

> Negrinho do Pastoreio,
> Venho acender a velinha
> Que palpita **em teu louvor.**
> (A. Meyer, *P*, 125.)

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo:

> Lia coisas incríveis para **aquele lugar** e **aquele tempo.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 105.)

A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada FUNÇÃO DEÍCTICA (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

2. Mas os DEMONSTRATIVOS empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

> A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> O mal foi **este**: criar os filhos como dois príncipes.
> (M. Torga, *V*, 309.)

É a sua FUNÇÃO ANAFÓRICA (do grego *anaphorikós* = que faz lembrar, que traz à memória).

FORMAS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

1. Os PRONOMES DEMONSTRATIVOS apresentam formas variáveis e formas invariáveis, ou neutras:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
este	estes	esta	estas	isto
esse	esses	essa	essas	isso
aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

2. As formas variáveis (*este*, *esse*, *aquele*, etc.) podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos:

   Este livro é meu.
   Meu livro é **este**.

3. As formas invariáveis (*isto*, *isso*, *aquilo*) são sempre pronomes substantivos.

4. Estes DEMONSTRATIVOS combinam-se com as preposições *de* e *em*, tomando as formas: *deste*, *desta*, *disto*; *neste*, *nesta*, *nisto*; *desse*, *dessa*, *disso*; *nesse*, *nessa*, *nisso*; *daquele*, *daquela*, *daquilo*; *naquele*, *naquela*, *naquilo*.
   Aquele, *aquela* e *aquilo* contraem-se ainda com a preposição *a*, dando: *àquele*, *àquela* e *àquilo*.

5. Podem também ser DEMONSTRATIVOS *o* (*a*, *os*, *as*), *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*, como veremos adiante.

VALORES GERAIS

Considerando-os em suas relações com as pessoas do discurso, podemos estabelecer as seguintes características gerais para os PRONOMES DEMONSTRATIVOS:

1.º) *Este*, *esta* e *isto* indicam:

a) o que está perto da pessoa que fala:

> **Esta casa** estará cheia de flores!
> Cá te espero amanhã! Não te demores!
> (E. de Castro, *UV*, 59.)

> As mãos que trago, as mãos são **estas**.
> (C. Meireles, *OP*, 216.)

b) o tempo presente em relação à pessoa que fala:

Esta tarde para mim tem uma doçura nova.
(Ribeiro Couto, *PR*, 83.)

Neste momento há um rapaz que gosta de mim, um inglês.
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 13.)

2.º) *Esse*, *essa* e *isso* designam:

a) o que está perto da pessoa a quem se fala:

— Que susto você me pregou, entrando aqui com **essa cara** de alma do outro do mundo!
(C. dos Anjos, *DR*, 32.)

— Ficas aí um pedaço a descansar e a remoer **essas fúrias. Isso**, agora, ainda incha um bocado.
(F. Namora, *NM*, 122.)

Essas tuas **fúrias** avulso, **esse** teu **calor, esse riso, essa amizade** mesmo nos ódios que tinhas, procuro-lhes em vão só, que os teus olhos estão fechados para sempre.
(Luandino Vieira, *NM*, 30.)

b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala:

Bons tempos, Manuel, **esses que já lá vão**!
(A. Nobre, *S*, 51.)

Desses longes imaginados, **dessas expectativas** de sonho, passava ele ao exame da situação da Europa em geral e da Alemanha em particular.
(G. Amado, *DP*, 92.)

3.º) *Aquele*, *aquela* e *aquilo* denotam:

a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala:

— Olhem **aquele monte** ali em frente. É longe, não é?
(G. Ramos, *AOH*, 107.)

— Qualquer dia dizem assim: ali **naquela casa** viveu o Paulino.
(Castro Soromenho, *C*, 116.)

b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota:

Naquele tempo a fogueira crepitava até horas mortas.
(C. dos Anjos, *DR*, 46.)

— **Naquele tempo** era uma boa casa de banho.
— **Naquele tempo**, filho... Ora, **naquele tempo**!
(M. J. de Carvalho, *TM*, 41.)

— **Naquele tempo** as pernas não me pesavam.
(Castro Soromenho, *C*, 118.)

Resumindo, podemos apresentar no seguinte quadro os valores básicos dessas formas pronominais para a pessoa que fala ou escreve:

Demonstrativo	Pessoa	Espaço	Tempo
este	1.ª	situação próxima	presente
esse	2.ª	situação intermediária ou distante	passado ou futuro pouco distante
aquele	3.ª	situação longínqua	passado vago ou remoto

DIVERSIDADE DE EMPREGO

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática.

Com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta*, *isto*) onde seria de esperar *esse* ou *aquele*.

Sirva de exemplo esta frase de um personagem do romance *Fogo morto*, de José Lins do Rego, em que o advérbio *lá* se aplica a sua casa, da qual no momento estava ausente:

— Eu só queria estar lá para receber **estes cachorros** a chicote.
(*FM*, 296.)

Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo *esse* em lugar de *este*. Assim, no seguinte passo de Ferreira de Castro:

> O guarda-livros, num repelão, ordenou:
> — Tire **esse** bandido da minha frente, João! Tome conta dele!
> (*OC*, I, 300.)

EMPREGOS PARTICULARES

1. *Este* (*esta*, *isto*) é a forma de que nos servimos para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou que vamos dizer:

> — Justamente, traz uma comunicação reservada, reservadíssima; negócios pessoais. Dá licença?
> **Dizendo isto**, Rubião meteu a carta no bolso; o médico saiu; ele respirou.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 564.)

> Minha tristeza é **esta** —
> A das coisas reais.
> (F. Pessoa, *OP*, 100.)

2. Para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado, costumamos usar também o demonstrativo *esse* (*essa*, *isso*):

> Não havia que pedir de fiado nas lojas; a lareira teria sempre lume. **Nisso**, ao menos, o Agostinho Serra abria bem as mãos.
> (Alves Redol, *G*, 94.)

> — **A isso** eu chamaria complexo de Carlitos.
> (C. dos Anjos, *MS*, 383.)

3. *Esse* (*essa*, *isso*) é a forma que empregamos quando nos referimos ao que foi dito por nosso interlocutor:

> — As minhas meditações foram sempre pessoais e intransmissíveis.
> — Sempre. É **nisso** que és extraordinária.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 56.)

> — Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?
> — Já tenho feito **isso**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 586.)

4. Tradicionalmente, usa-se nisto no sentindo de "então", "nesse momento":

> **Nisto**, ouvimos vozes e passos.
> (A. Abelaira, *TM*, 112.)

> Entardeceu.
> **Nisto** correu voz que a noiva estava chorando.
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 210.)

Escritores modernos, entretanto, empregam também *nisso*:

> **Nisso** a orquestra, a boa orquestra romântica dos restaurantes da velha guarda, atacou "Parabéns para você"...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

> **Nisso** bateram à porta.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 261.)

5. Em certas expressões o uso fixou determinada forma do demonstrativo, nem sempre de acordo com o seu sentido básico. É o caso das locuções: *além disso*, *isto é*, *isto de*, *por isso* (raramente *por isto*), *nem por isso*.

POSIÇÃO DO PRONOME ADJETIVO DEMONSTRATIVO

1. O DEMONSTRATIVO, quando PRONOME ADJETIVO, precede normalmente o substantivo que determina:

> Meu pobre coração, **nessa** eterna **ansiedade**,
> **Nesse** eterno **sofrer**, eterno arrastaria
> **Esta** triste, **esta** longa, **esta** eterna **saudade**.
> (M. Pederneiras, *LSMV*, 53.)

> **Estes homens** e **estas mulheres** nasceram para trabalhar.
> (J. Saramago, *LC*, 327.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente:

> Por outro lado, Siá Bina era ainda comadre de Nhô Felício, pois batizara um filho dele, há poucos anos, **filho esse** do segundo casamento.
> (Ribeiro Couto, *C*, 145.)

A ternura não embarga a discrição nem **esta** diminui **aquela**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

Porém de que serve a piedade sem a caridade?
ou antes, pode **aquela** existir sem **esta**?
(Almeida Garrett, *O*, I, 721.)

2. Por vezes, os DEMONSTRATIVOS alternados têm valor indefinido:

E vimos isto: homens de todas as idades, tamanhos e cores, uns em mangas de camisa, outros de jaqueta, outros metidos em sobrecasacas esfrangalhadas; atitudes diversas, uns de cócoras, outros com as mãos apoiadas nos joelhos, **estes** sentados em pedras, **aqueles** encostados ao muro, e todos com os olhos fixos no centro, e as almas debruçadas das pupilas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

Outras mulheres, assentadas sobre as esteiras, ladeavam a cama onde momentos antes repousou o corpo. **Esta** soluçava a um canto; **aquela** lacrimejava em silêncio junto a um móvel...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

Depois vieram outros e outros, **estes** fincados de leve, **aqueles** até à cabeça.
(Monteiro Lobato, *U*, 110.)

3. Observe-se também a ocorrência de dois DEMONSTRATIVOS em construções nas quais o predicativo introduzido por *aquele* melhor esclarece o sujeito, expresso por um substantivo determinado por *este* ou *esse*:

Este homem foi **aquele** que me dizia "que não me afligisse que eu ainda estava muito novo para curar-me".
(A. Nobre, *CL*, 144.)

Mas **esses** atos são justamente **aqueles** que os psiquiatras designam como características de qualquer perturbação mental.
(T. Barreto, *QV*, 39.)

Por vezes omite-se o substantivo:

Essa é **aquela** Lélia.
(G. Cruls, *QR*, 498.)

A recepção esteve muito cacete e o Dr. Martiniano Lopes me pegou no terraço para ler um longo discurso que vai pronunciar na Ordem dos Economistas; **martírio esse** que durou uma hora de relógio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 128.)

3. Usa-se para determinar o aposto, geralmente quando este salienta uma característica marcante da pessoa ou do objeto:

Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse**, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.
(M. Palmério, *VC*, 99.)

Arlequim é o D. Quixote, **esse** livro admirável onde se experimentam ao ar livre, de dia e de noite, e através de todas as eventualidades os preceitos da Honra e das outras teorias.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 90.)

Chamava-se "Terminus", porque o proprietário fizera em tempos a sua viagem à Europa, "Terminus" em luzinhas bem nítidas, bem fortes, com um halo, **esse** muito límpido, a uni-las.
(M. J. de Carvalho, *TM*, 10.)

4. *Esse* (e mais raramente *este*) emprega-se também para pôr em relevo um substantivo que lhe venha anteposto:

O padre, **esse** andava de coração em aleluia.
(M. Torga, *CM*, 47.)

O sacrificador, **esse**, ficara rodando por aí, e seu desejo seria não voltar para casa nem para dentro de si mesmo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

Maria José, **essa**, se comportava no polo oposto, calada e carrancuda.
(A. Ribeiro, *M*, 289.)

ALUSÃO A TERMOS PRECEDENTES

1. Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servimo-nos do DEMONSTRATIVO *aquele* para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO *este* para o que foi nomeado por último:

REFORÇO DOS DEMONSTRATIVOS

Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum gesto indicador, ou reforçá-lo:

a) com os advérbios *aqui*, *aí*, *ali*, *cá*, *lá*, *acolá*:

> — Espera aí. **Este aqui** já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 33.)

> — E **esse pacotinho aí**, Seu Xixi?
> — Encomenda: é o relógio do Seu Gustavinho Solé.
> (M. Palmério, *VC*, 17.)

> **Esse aí** sabia mesmo para ensinar aos outros?
> (Pepetela, *AN*, 23.)

> — **Isto aqui** não pode dar saúde a ninguém; basta olhar-se para aquele embondeiro...
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 199.)

b) com as palavras *mesmo* e *próprio*:

> — O Relógio da Sé em casa de Serralheiro?
> — **Esse mesmo.**
> — O da Matriz?
> — **Esse próprio.**
> (D. F. M. de Melo, *AD*, 16.)

> — Recusei. Não sei se fiz bem.
> — É por causa da mulher.
> — **Isso mesmo.**
> (O. Lins, *FP*, 72.)

c) com o pronome *outro*, possibilitando as aglutinações *estoutro*, *essoutro*, *aqueloutro*, evitadas, em geral, no português contemporâneo.

VALORES AFETIVOS

1. Os DEMONSTRATIVOS reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros "gestos verbais", acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos.

A capacidade de fazerem aproximar ou distanciar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos.

2. Nos exemplos a seguir, servem para intensificar, de acordo com a entoação e o contexto, os sentimentos de:

a) surpresa, espanto:

> Passam vinte anos: chega Ele;
> Veem-se (Pasmo) Ele e Ela:
> — Santo Deus! **este** é **aquele**?!...
> — Mas, meu Deus! **esta** é **aquela**?!...
> (Fontoura Xavier, *O*, 172.)

> — **Essa** agora!
> (J. de Sena, *SF*, 518.)

> Ainda mais **esta**! Onde estaria o padre?
> (A. Santos, *P*, 74.)

b) admiração, apreço:

> — Que gente tinha o Pestana, dizia um. Nunca pensei que houvesse homens com **aquela** coragem.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 97.)

> **Aquilo** é que são homens fortes.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

> **Aquilo** são pés de veludo!
> (M. Torga, *NCM*, 27.)

c) indignação:

> — É tudo claro como água: **este** cão roubou-me. Acabo ainda hoje com **este** malandro! **Isto** não fica assim.
> (F. Namora, *NM*, 193.)

> Oiço a voz tosca do pai, a insultar:
> — **Esta** parva!... **Esta** burra!...
> (Luandino Vieira, *NM*, 119.)

— **Aquilo** é uma terra de línguas peçonhentas. Deus os confunda a todos.
(A. Ribeiro, *M*, 346.)

d) pena, comiseração:

Quem mora ali? Mora ela,
Aquela!, —
Que nessa triste viela
Foi a flor da Mouraria!
(A. Botto, *OA*, 225.)

Aquela mulher, flor de poesia, era agora **aquilo**.
(A. M. Machado, *HR*, 67.)

— Há aqui falta de cuidado e asseio — disse consigo —; **esta** pobre mulher vive aqui quase abandonada...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 192.)

e) ironia, malícia:

Tem um decote pequeno,
Um ar modesto e tranquilo;
Mas vá-se lá descobrir
Coisa pior do que **aquilo**!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 251.)

— É um malandro, **esse** Barbaças!
(F. Namora, *TJ*, 193.)

— **Este** Brás! **Este** Brás! Não lhes digo nada!
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 57.)

f) sarcasmo, desprezo:

Isso era até uma vergonha!
(M. Torga, *NCM*, 91.)

Aquela desavergonhada da Helena não anda a dizer que é a ela que o tio quer e é a ela que leva para o Rio?!
(A. Ribeiro, *M*, 349-350.)

— Depois transformaram a senhora **nisso**, D. Adélia. Um trapo, uma velha sem-vergonha.
(G. Ramos, *A*, 136.)

3. Digno de nota é o acentuado valor irônico, por vezes fortemente depreciativo, dos neutros *isto*, *isso* e *aquilo*, quando aplicados a pessoas, como nestes passos:

Ninguém sabe onde ele anda, Seu Coronel! **Aquilo** é um desgraçado.
(J. Lins do Rego, *ME*, 80.)

Aquilo, aquele pobre homenzinho amarelento, dessorado, chocho...
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 158.)

Como estivesse a contemplá-lo, à porta, parou um homem, entrou, e olhou com interesse para o retrato. O lojista reparou na expressão; podia ser algum miguelista, mas também podia ser um colecionador...
— Quanto pede o senhor por **isto**?
— **Isto**? Há de perdoar; quer saber quanto peço pelo meu rico senhor D. Miguel?
(Machado de Assis, *OC*, I, 908.)

Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afetivos, podem esses DEMONSTRATIVOS expressar também alto apreço por determinada pessoa.
Assim:

Aquilo é que dava um deputado às direitas!
(C. Castelo Branco, *QA*, 19.)

— Bonita mulher. Como **aquilo** vê-se pouco. Ele teve sorte.
(Castro Soromenho, *C*, 160.)

— Como cozinheira não há outra e **aquilo**... é o apuro de asseio.
(Alves Redol, *G*, 95.)

4. Entre os valores afetivos cabe ressaltar o sentido intensivo, superlativante, que o demonstrativo adquire em frases do tipo[8]:

---

[8] Sobre estas construções, leia-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 35-38.

Qual o quê! Queriam monte. Monte num dia **daqueles**!
(M. Torga, *CM*, 72.)

Ninguém é operado assim com **essa** pressa.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 365.)

Outro homem não podia existir com **aquela** força nos braços, **aquele** riso na boca e **aquele** calor no peito.
(Adonias Filho, *LBB*, 86.)

5. As formas femininas *esta* e *essa* fixaram-se em construções elípticas do tipo:

Ora **essa**!	**Essa** é boa!
Essa, não!	**Essa** cá me fica!
Mais **esta**!...	**Esta** é fina!

6. Fixa também aparece a forma neutra na locução *isto* (ou *isso*) *de*, que equivale a "com referência a", "no tocante a", "a respeito de":

— Ah! meu caro Rubião, **isto de** política pode ser comparado à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo; não falta nada, nem o discípulo que nega, nem o discípulo que vende.
(Machado de Assis, *OC*, I, 642.)

— **Isso de** letras é na escola...
(M. Torga, *V*, 174.)

— **Isto de** filhos é um aborrecimento!
(Ó. Ribas, *EMT*, 165.)

O(S), A(S) COMO DEMONSTRATIVOS

O DEMONSTRATIVO *o* (*a*, *os*, *as*) é sempre pronome substantivo e emprega-se nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjetiva, e tem o significado de *aquele*(s), *aquela*(s), *aquilo*:

O homem que ri, liberta-se. **O** que faz rir, esconde-se.
(A. M. Machado, *CJ*, 228.)

— Não vejo **a** que esperei!
— Virá ainda.
(E. Castro, *UV*, 76.)

Ingrata para **os** da terra,
boa para **os** que não são.
(C. Pena Filho, *LG*, 120.)

Era terrível **o** que se passava.
(M. Torga, *NCM*, 20.)

b) quando, no singular masculino, equivale a *isto*, *isso*, *aquilo*, e exerce as funções de objeto direto ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjetivo, ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela:

O valor de uma desilusão, sabia-**o** ela.
(M. Torga, *NCM*, 153.)

Não cuides que não era sincero, era-**o**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 893.)

Seguia-o com o olhar sem me atrever a evitá-**lo**.
(A. Santos, *P*, 125.)

Ser feliz é **o** que importa,
Não importa como **o** ser!
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 82.)

SUBSTITUTOS DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Podem também funcionar como DEMONSTRATIVOS as palavras *tal*, *mesmo*, *próprio* e *semelhante*.

1. *Tal* é DEMONSTRATIVO quando sinônimo:

a) de "este", "esta", "isto", "esse", "essa", "isso", "aquele", "aquela", "aquilo":

Tal foi a primeira conclusão do Palha; mas vieram outras hipóteses.
(Machado de Assis, *OC*, I, 602.)

— Quando **tal** ouvi, respirei...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 176.)

Como era possível que nunca tivesse dado por **tal**?
(M. J. de Carvalho, *TM*, 57.)

b) de "semelhante":

Houve tudo quanto se faz em **tais** ocasiões.
(Machado de Assis, *OC*, II, 197.)

A causa verdadeira de **tal** medo, não a sabia dizer.
(M. Torga, *CM*, 151.)

Tal situação contundia-a fortemente, e fazia diminuir aquele vigor e energia com que a conhecemos.
(A. Assis Júnior, *SM*, 198.)

2. *Mesmo* e *próprio* são DEMONSTRATIVOS quando têm o sentido de "exato", "idêntico", "em pessoa":

Eu não posso viver muito tempo na **mesma** casa, na **mesma** rua, no **mesmo** sítio.
(Luandino Vieira, *JV*, 62.)

— Foi a **própria** Carmélia quem me fez o convite.
(C. dos Anjos, *DR*, 161.)

3. *Semelhante* serve de DEMONSTRATIVO de identidade:

O Lucas reparou nisso e doeu-se intimamente de **semelhante** descuido.
(M. Torga, *CM*, 84.)

Tudo o que disse foi, sem dúvida, convencional, e nem a jovem Aurora podia deixar de recorrer às fórmulas que se usam em **semelhantes** conjunturas.
(C. dos Anjos, *DR*, 284.)

PRONOMES RELATIVOS

São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior — O ANTECEDENTE.

FORMAS DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS apresentam:

a) formas variáveis e formas invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos	—	quantas	onde

b) formas simples: *que*, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde*; e forma composta: *o qual*.

Observação:

Antecedido das preposições *a* e *de*, o pronome *onde* com elas se aglutina, produzindo as formas *aonde* e *donde*.

NATUREZA DO ANTECEDENTE

O ANTECEDENTE do PRONOME RELATIVO pode ser:

a) um SUBSTANTIVO:

> Deem-me **as cigarras que** eu ouvi menino.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 387.)

b) um PRONOME:

> Não serás **tu que** o vês assim?
> (A. Sérgio, *D*, 31.)

c) um ADJETIVO:

> As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de **azedas** ou **adstringentes que** dantes eram.
> (Marquês de Maricá, *M*, 166.)

d) um ADVÉRBIO:

> **Lá, por onde** se perde a fantasia
> No sonho da beleza; **lá, aonde**
> A noite tem mais luz que o nosso dia...
> (A. de Quental, *SC*, 61.)

e) uma ORAÇÃO (de regra resumida pelo demonstrativo *o*):

> Só a febre aumenta um pouco, **o que** não admirará ninguém.
> (A. Nobre, *CI*, 145-6.)

> "Acomodar-se-iam num sítio pequeno,
> **o que** parecia difícil a Fabiano,
> criado solto no mato."
> (G. Ramos, *VS*, 172.)

FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações a que pertencem. Podem ser:

1. SUJEITO:

> Quero ver do alto o horizonte,
> **Que** foge sempre de mim.
> (O. Mariano, *TVP*, II, 434.)

[*que* = sujeito de *foge*].

2. OBJETO DIRETO:

> —Já não se lembra da picardia **que** me fez?
> (A. Ribeiro, *M*, 67.)

[*que* = objeto direto de *fez*].

3. OBJETO INDIRETO:

> Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que** tanto se falava.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 58.)

[*de que* = objeto indireto de *se falava*].

4. PREDICATIVO:

> Não conheço **quem** fui no **que** hoje sou.
> (F. Pessoa, *OP*, 91.)

[*quem* e *que* = predicativos do sujeito *eu*, oculto].

5. ADJUNTO ADNOMINAL:

> Há pessoas **cuja** aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizade.
> (Marquês de Maricá, *M*, 223.)

[*cuja* = adjunto adnominal de *aversão* e *desprezo*, mas em concordância apenas com o primeiro substantivo, o mais próximo].

6. COMPLEMENTO NOMINAL:

> Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com a força **de que** era capaz.
> (Lima Barreto, *REIC*, 287.)

[*de que* = complemento nominal de *capaz*].

7. ADJUNTO ADVERBIAL:

> Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos **onde** eu morava.
> (M. Quintana, *P*, 92.)

[*onde* = adjunto adverbial de *morava*].

8. AGENTE DA PASSIVA:

> — Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e **por quem** sou correspondido com igual ardor!
> (A. Azevedo)

[*por quem* = agente da passiva do verbo *corresponder*].

Observação:

Note-se que o RELATIVO *cujo* funciona sempre como adjunto adnominal; e o relativo *onde*, apenas como adjunto adverbial.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE

1. Os PRONOMES RELATIVOS *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente em frases como as seguintes:

> **Quem** tem amor, e tem calma,
> tem calma... Não tem amor...
> (A. Tavares, *PC*, 81.)

> Passeias **onde** não ando,
> Andas sem eu te encontrar.
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 47.)

Denominam-se, então, RELATIVOS INDEFINIDOS.

2. Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *no lugar em que*. Assim, os exemplos citados se interpretariam:

> **Aquele que** tem amor...
> Passeias **no lugar em que** não ando...

3. O antecedente do RELATIVO *quanto(s)* costuma ser omitido:

> Hoje penso **quanto** faço.
> (F. Pessoa, *OP*, 92.)

> Saibam **quantos** este meu verso virem
> Que te amo...
> (O. de Andrade, *PR*, 167.)

VALORES E EMPREGOS DOS RELATIVOS

Que

1. *Que* é o RELATIVO básico. Usa-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural, e pode iniciar orações ADJETIVAS RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS:

> — Não diz nada **que se aproveite**, esse rapaz!
> (A. Bessa Luís, *QR*, 134.)

O ministro, **que acabava de jantar**, fumava calado e pacífico.
(Machado de Assis, *OC*, I, 638.)

2. O antecedente do RELATIVO pode ser o sentido de uma expressão ou oração anterior:

E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viúvas...
(À maneira o trará das virgens de Belém
Que a Nossa Senhora ficava tão bem!)
(A. Nobre, *S*, 39.)

Neste caso, o *que* vem geralmente antecedido do demonstrativo *o* ou da palavra *coisa* ou equivalente, que resumem a expressão ou oração a que o RELATIVO se refere:

Vendia cautelas, **o que** requer muito cálculo, muito olho e muita porfia.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 54.)

Achou-se mais prudente que eu me safasse pelos fundos do prédio, **o que** fiz tão depressa quanto pude.
(C. dos Anjos, *MS*, 328.)

Ela então consentiu que eu erguesse seu rosto, **gesto que** não me haviam autorizado.
(N. Piñon, *CP*, 65.)

3. Por vezes, o antecedente do *que* não vem expresso:

Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo **que** lhe replicasse.
(Machado de Assis, *OC*, I, 826.)

A uma pergunta assim, a rapariga nem sabia **que** responder.
(M. Torga, *NCM*, 184.)

Qual, o qual

1. Nas orações ADJETIVAS EXPLICATIVAS, o pronome *que*, com antecedente substantivo, pode ser substituído por *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*):

Sei que estou plagiando nosso famoso **cronista, o qual**, certa vez, deu-lhe na telha fazer essa comunicação ao jornal e aos leitores.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

Durante o seu domínio, todavia, acentua-se a evolução do **latim vulgar**, falado na península, **o qual** vinha de há muito diversificando-se em dialetos vários.
(J. Cortesão, *FDFP*, 42.)

Clareava: uma luz baça, em **neblina**, através **da qual** apareciam serranias distantes e o mar liso, esbranquiçado, luzindo a trechos.
(Coelho Netto, *OS*, I, 173.)

2. Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a língua exige o emprego da forma *o qual*.
Precisando melhor:

a) o RELATIVO *que* emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas *a*, *com*, *de*, *em* e *por*:

A verdade é um postigo
A que ninguém vem falar.
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 21.)

As artes **com que** o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III, não as sei eu.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 322.)

Indicou-lhe um hotel, **de que** a viúva tomou nota num caderninho.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 137.)

Havia ocasiões **em que** me revoltava.
(L. Jardim, *MPM*, 96.)

A maneira **por que** ele falava é que era apaixonada, dolorosa, comovente.
(Machado de Assis, *OC*, II, 112.)

b) as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, bem como as locuções prepositivas, constroem-se obrigatória ou predominantemente com o pronome *o qual*:

Tinha vindo para se libertar do abismo **sobre o qual** sua negra alma vivia debruçada.
(M. Torga, *NCM*, 49.)

Uma visita de dez minutos apenas, **durante os quais** D. Benedita disse quatro palavras no princípio:
— Vamos para o Norte.
(Machado de Assis, *OC*, II, 316.)

"O livro tinha numa página a figura de um bicho corcunda **ao lado do qual**, em letras graúdas, destacava-se esta palavra: ESTÔMAGO."
(G. Amado, *HMI*, 42.)

Timbrava em manter em casa uma autoridade áspera, **perante a qual** todos os seus tinham de se curvar passivamente.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 9.)

c) *o qual* é também a forma usada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos:

O Luís, que cuidava da horta de cima, era pai de uns sete ou oito, **alguns dos quais** já principiavam a ajudá-lo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 135.)

Cinco cadeiras **das quais uma** de braços no centro do semicírculo.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

Os filhos, quatro crianças, **a mais velha das quais** teria oito anos, rodeavam-no aos gritos.
(Artur Azevedo, *CFM*, 5.)

3. *Qual*, quando repetido simetricamente, é INDEFINIDO, e equivale a *um... outro*:

— Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, **qual** mais original, **qual** mais bela, às vezes extravagante, às vezes sublime.
(Machado de Assis, *OC*, II, 326.)

Um carrega quatro grandes tábuas ao ombro; outro grimpa, com risco de vida, a precária torre do enguiçado elevador; **qual** bate o martelo; **qual** despeja nas formas o cimento, **qual** mira a planta, **qual** usa a pá, **qual** serra (o bárbaro) os galhos de uma jovem mangueira, **qual** ajusta, neste momento, um pedaço de madeira na serra circular.
(R. Braga, *CCE*, 249.)

Quem

1. Na língua contemporânea, *quem* só se emprega com referência a pessoa ou a alguma coisa personificada:

> Feliz é **quem** tiver netos
> De **quem** tu sejas avó!
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 118.)

> A mim **quem** converteu foi o sofrimento.
> (Coelho Neto, *OS*, I, 105.)

2. Como simples RELATIVO, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a "o qual" e vem sempre antecedido de preposição:

> A senhora **a quem** cumprimentara era a esposa do tenente-coronel Veiga.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 172.)

> Nada como o mexe-mexe caseiro da mulher **de quem** se gosta — José de Arimateia imaginava.
> (M. Palmério, *CB*, 25.)

Advirta-se, porém, que a língua moderna substitui por *sem o* (*a*) *qual* a dissonante combinação *sem quem*, de emprego corrente no português antigo e médio.

3. Repetido, em fórmulas alternadas, *quem* corresponde ao INDEFINIDO *um... outro*. Esta construção, que não era rara no português médio (cf. Camões. *Lusíadas*, I, 92; IV, 5), só aparece, modernamente, em autores de expressão artificial:

> **Quem** no Rostro pasmando se extasia;
> **Quem** pelo cúneo aos redobrados vivas
> Da plebe e dos patrícios embasbaca;
> Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se...
> (Odorico Mendes, *VB*, 125.)

Cujo

Cujo é, a um tempo, RELATIVO e POSSESSIVO, equivalente pelo sentido a *do qual*, *de quem*, *de que*. Emprega-se apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número:

Convento d'águas do Mar, ó verde Convento,
Cuja Abadessa secular é a Lua
E **cujo** Padre-capelão é o Vento
(A. Nobre, *S*, 28.)

Herculano é para mim, nas letras, depois de Camões, a figura em **cujo** espírito e em **cuja** obra sinto com plenitude o gênio heroico de Portugal.
(G. Amado, *TL*, 36.)

Quanto

Quanto, como simples relativo, tem por antecedente os pronomes indefinidos *tudo*, *todos* (ou *todas*), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido:

Em tudo **quanto** olhei fiquei em parte.
(F. Pessoa, *OP*, 231.)

Soprava dum lado, do outro, e tudo **quanto** foi de garrancho e folha seca se juntou num canto só.
(L. Jardim, *BA*, 115.)

Entre **quantos** te rodeiam,
Tu não enxergas teus pais.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 385.)

Onde

1. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), *onde* costuma ser considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO:

Sob o mar sem borrasca, **onde** enfim se descansa.
(A. Nobre, *S*, 90.)

Ainda não sei mesmo **onde** vou buscar as flores.
(Luandino Vieira, *NM*, 29.)

O mundo ia pouco além do quarteirão de poucas casas e largos terrenos devolutos, **onde** o lixo subia, **onde** o capim crescia, **onde**

catávamos melões de São Caetano, **onde** os pirilampos surgiam aos milhares ao cair da tarde, **onde** o orvalho brilhava como pedras preciosas nas belas manhãs de inverno.
(Marques Rebelo, *SMAP*, 33.)

2. Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre *onde* (= o lugar em que) e *aonde* (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.[9]
Não é, pois, de estranhar o emprego de uma forma por outra em passos como os seguintes:

Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Não perceberam ainda **onde** quero chegar.
(Alves Redol, *BC*, 47.)

Nem mesmo a concorrência de ambas as formas num só enunciado:

Mas **aonde** te vais agora,
Onde vais, esposo meu?[10]
(Machado de Assis, *OC*, III, 109.)

Ela quem é, meu coração? Responde!
Nada me dizes. **Onde** mora? **Aonde**?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 14.)

PRONOMES INTERROGATIVOS

1. Chamam-se INTERROGATIVOS os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta:

---

[9] Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, consulte-se a abundante exemplificação coligida pelo professor Aurélio Buarque de Holanda, inserta em sua edição dos *Contos gauchescos e lendas do sul*, de Simões Lopes Neto, 5.ª ed., Porto Alegre, Globo, 1957, p. 79-82.

[10] Na edição de 1902 das *Poesias completas* (Rio de Janeiro – Paris, Garnier, p. 207) lê-se *vás* em ambos os versos.

Que trabalho estão fazendo?
Diga-me **que** trabalho estão fazendo.

Quem disse tal coisa?
Ignoramos **quem** disse tal coisa.

Qual dos livros preferes?
Não sei **qual** dos livros preferes.

Quantos passageiros desembarcaram?
Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.

2. Os PRONOMES INTERROGATIVOS estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado.

FLEXÃO DOS INTERROGATIVOS

Os INTERROGATIVOS *que* e *quem* são invariáveis. *Qual* flexiona-se em número (*qual, quais*); *quanto*, em gênero e em número (*quanto, quanta, quantos, quantas*).

VALOR E EMPREGO DOS INTERROGATIVOS

Que

1. O INTERROGATIVO *que* pode ser:

a) pronome substantivo, quando significa "que coisa":

> **Que** tenciona fazer quando sair daqui?
> (A. Abelaira, *TM*, 86.)

> Mas não sei **que** disse a estrela...
> (A. Tavares, *PC*, 9.)

b) pronome adjetivo, quando significa "que espécie de", e neste caso refere-se a pessoas ou a coisas:

> **Que** mal me havia de fazer?
> (M. Torga, *NCM*, 47.)

> Não sei **que** vento mau turvou de todo o lago.
> (A. de Guimaraens, *OC*, 56.)

2. Para dar maior ênfase à pergunta, em lugar de *que* pronome substantivo, usa-se *o que*:

O mundo? **O que** é o mundo, ó meu amor?
(F. Espanca, *S*, 90.)

Não sei **o que** o trouxe aqui.
(C. de Oliveira, *AC*, 17.)

3. Tanto uma como outra forma pode ser reforçada por *é que*:

— **Que é que** o senhor está fazendo? gritou-lhe.
(C. Lispector, *ME*, 313.)

O que é que eu vejo, nestas tardes tristes?
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 24.)

Observação:

Nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do *o* ao *que* interrogativo, como exaustivamente mostraram Heráclito Graça, em *Factos da linguagem*. Rio de Janeiro. Livraria de Viúva Azevedo, 1904, p. 367-383; e Said Ali, em *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 12-20; e *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 112-114.

Quem

1. O INTERROGATIVO *quem* é pronome substantivo e refere-se apenas a pessoas ou a algo personificado:

Quem não a canta? **Quem**? **Quem** não a canta e sente?
(J. de Lima, *OC*, I, 212.)

Perguntei ao doutor **quem** era a velha.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 56.)

Mas a Ideia **quem** é? **Quem** foi que a viu,
Jamais, a essa encoberta peregrina?
(A. de Quental, *SC*, 59.)

2. Em orações com o verbo *ser*, pode servir de predicativo a um sujeito no plural:

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
(A. de Quental, *SC*, 92.)

Sabem, acaso, os vultos, **quem** vão sendo?
(C. Meireles, *OP*, 320.)

Qual

1. O INTERROGATIVO *qual* tem valor seletivo e pode referir-se tanto a pessoas como a coisas. Usa-se geralmente como pronome adjetivo, mas nem sempre com o substantivo contíguo. Nas perguntas feitas com o verbo *ser*, costuma-se empregar o verbo depois de *qual*:

   — **Qual** é o hotel, em que rua fica?
   (U. Tavares Rodrigues, *NR*, 76.)

   Padre Manuel perguntou ao escudeiro do comendador **qual** era a situação de D. Ana Vaz.
   (C. Castelo Branco, *OS*, II, 247.)

2. A ideia seletiva pode ser reforçada pelo emprego da expressão *qual dos* (*das* ou *de*), anteposta a substantivo ou a pronome no plural, bem como a numeral:

   Qual dos senhores é pai dum menino que está de cócoras no jardim há mais de meia hora?
   (A. M. Machado, *JT*, 51.)

   Qual deles tinha coragem para começar?
   (F. Namora, *TJ*, 293.)

   — Então, moça? **qual** foi **dos nove**?
   (C. Castelo Branco, *BP*, 25.)

Quanto

O INTERROGATIVO *quanto* é um quantitativo indefinido. Refere-se a pessoas e a coisas e usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjetivo:

— **Quanto** devo?
(G. Ramos, *A*, 167.)

Quantas sementes lhe dás tu?
(F. Namora, *TJ*, 158.)

EMPREGO EXCLAMATIVO DOS INTERROGATIVOS

Estes pronomes são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração. Conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afetivos.

Comparem-se as frases seguintes:

Que inocência! **Que** aurora! **Que** alegria!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 140.)

— **Que** vovozinha **que** nada! explodiu amarga a aniversariante.
(C. Lispector, *LF*, 58.)

— Coitada!... **quem** diria... **quem** imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

Quem me dera ser homem!
(B. Santareno, *TPM*, 101.)

Quais feitios, **qual** vida!
(M. Torga, *CM*, 50.)

— E Sigefredo tem esperneado muito?
— **Qual** nada! Anda no mundo da lua.
(C. dos Anjos *M*, 295.)

Quanto sonho a nascer já desfeito!
(F. Espanca, *S*, 81.)

Ai, **quanto** veludo e seda,
e **quantos** finos brocados!
(C. Meireles, *OP*, 669.)

PRONOMES INDEFINIDOS

Chamam-se INDEFINIDOS os pronomes que se aplicam à 3.ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

FORMAS DOS PRONOMES INDEFINIDOS

Os PRONOMES INDEFINIDOS apresentam formas variáveis e invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
algum	alguns	alguma	algumas	alguém
nenhum	nenhuns	nenhuma	nenhumas	ninguém
todo	todos	toda	todas	tudo
outro	outros	outra	outras	outrem
muito	muitos	muita	muitas	nada
pouco	poucos	pouca	poucas	cada
certo	certos	certa	certas	algo
vário	vários	vária	várias	
tanto	tantos	tanta	tantas	
quanto	quantos	quanta	quantas	
qualquer	quaisquer	qualquer	quaisquer	

LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS

Dá-se o nome de LOCUÇÕES PRONOMINAIS INDEFINIDAS aos grupos de palavras que equivalem a PRONOMES INDEFINIDOS: *cada um*, *cada qual*, *quem quer que*, *todo aquele que*, *seja quem for*, *seja qual for*, etc.

PRONOMES INDEFINIDOS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

1. Os INDEFINIDOS *alguém*, *ninguém*, *outrem*, *algo* e *nada* só se usam como pronomes substantivos:

   E se **alguém** fosse avisar a Guarda?
   (M. Torga, *NCM*, 52.)

   Ninguém ainda inventou fósforos contra o vento?
   (A. Abelaira, *QPN*, 25.)

   Outrem a repetiu [a frase do discurso], até que muita gente a fez sua.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 921.)

   Minha Teresa tem **algo** a me dizer, não é?
   (J. Amado, *TBCG*, 289.)

Não devo **nada** a ninguém.
(Alves Redol, *BC*, 43.)

2. *Tudo* é normalmente pronome substantivo, mas tem valor de adjetivo nas combinações *tudo isto*, *tudo isso*, *tudo aquilo*, *tudo o que*, *tudo o mais* e semelhantes:

Subia as escadas que levavam à torre do palácio, meditando em **tudo isto**.
(Alves Redol, *BC*, 58.)

Hoje, **tudo isso**, pássaros e estrelas caídas do céu, são memórias.
(J. C. de Carvalho, *NMAI*, 51.)

Pensando bem, **tudo aquilo**, era muito estranho.
(A. Meyer, *SI*, 25.)

3. *Algum*, *nenhum*, *todo*, *outro*, *muito*, *pouco*, *vário*, *tanto* e *quanto* são pronomes adjetivos que, em certos casos, se empregam como pronomes substantivos. Assim nestes períodos:

Todos estavam admirados.
(Castro Soromenho, *TM*, 186.)

Quando nos tornamos a ver, **nenhum** teve para o **outro** a mínima palavra, ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio.
(R. Pompeia, *A*, 205.)

4. *Certo* só se usa como pronome adjetivo:

Certos homens ergueram-se acima do seu tempo, acima da civilização.
(A. Abelaira, *TM*, 79.)

Em **certo ponto** a água cobria um homem.
(R. Pompeia, *A*, 47.)

5. Também os INDEFINIDOS *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome ou numeral cardinal:

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.
(F. Pessoa, *OP*, 206.)

Está certo, **cada qual** como Deus o fez.
(G. Ramos, *AOH*, 111.)

Amava a Deus em **cada uma** das suas criaturas.
(B. Santareno, *TPM*, 47.)

Certas palavras não podem ser ditas em **qualquer lugar** e **hora qualquer**.
(C. Drummond de Andrade, *MA*, 143.)

Qualquer caminho
Em **qualquer ponto** seu em dois se parte.
(F. Pessoa, *OP*, 476.)

OPOSIÇÕES SISTEMÁTICAS ENTRE OS INDEFINIDOS

Observam-se algumas oposições sistemáticas na classe dos PRONOMES INDEFINIDOS. São bastante nítidas, por exemplo, as que se verificam:

a) entre o caráter afirmativo da série:

algum alguém algo

e o negativo da série:

nenhum ninguém nada

b) entre o caráter de totalidade inclusiva de:

tudo todo

e o de totalidade exclusiva de:

nada nenhum

c) entre a presença de ideia de pessoa em:

alguém ninguém

e a ausência dessa ideia em:

algo nada

d) entre o valor particularizante de:

certo

e a total ausência de particularização de:

qualquer

Outras oposições privativas podem ser ainda assinaladas nesta classe tão heterogênea de pronomes (as de *certo / qualquer*, *muito / pouco*, *outro / outrem*, etc.), com vista a apresentá-la, de maneira mais coerente e, assim, justificar-lhe, em parte pelo menos, a tradicional e unitária conceituação.

VALORES DE ALGUNS INDEFINIDOS

Algum e nenhum

1. Anteposto a um substantivo, *algum* tem valor positivo. É, como dissemos, o contrário de *nenhum*:

> — Com ele podes arranjar **alguma coisa**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 248.)

> Não havia nele senão aspiração à grandeza verdadeira; **nenhum cabotinismo, nenhuma vaidade**, e sim um compreensível orgulho.
> (A. F. Schmidt, *F*, 237.)

2. Posposto a um substantivo, *algum* assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por *nenhum*. Em geral, o INDEFINIDO adquire este valor em frases onde já existem formas negativas, como *não*, *nem*, *sem*:

> Já não morria naquele dia e não tinha **pressa alguma** em chegar a casa.
> (Ferreira de Castro, *OC*, II, 694.)

> Não escreveu, que eu saiba, **livro algum**.
> (A. F. Schmidt, *GB*, 71-72.)

No português antigo e médio, podia dar-se a posposição de *algum* com sentido positivo. Veja-se, por exemplo, este passo de *Os lusíadas*, em que a expressão *refresco algum* deve ser entendida como "algum refresco":

Desta gente **refresco algum** tomamos
E do rio fresca água; mas com tudo
Nenhum sinal aqui da Índia achamos
No povo, com nós outros quase mudo.
(Camões, *Lus.*, V, 69.)

3. No feminino, aparece em construções de acentuado valor afetivo:

O lavrador ainda levantou a cabeça para fazer **alguma das dele**.
(Alves Redol, *BC*, 354.)

Alguma ele andou fazendo.
(F. Sabino, *ME*, 31.)

— Você quer sair da casa? Por **alguma** é?
(Eça de Queirós, *O*, I, 89.)

4. Reforçado por negativa, *nenhum* pode equivaler ao INDEFINIDO *um*:

Esse capitão **não** foi **nenhum** oficial de patente, mas um autêntico capitão de terra e mar de Quatrocentos, ao mesmo tempo piloto dos mares de Noroeste e regedor de capitania.
(V. Nemésio, *CI*, 205.)

Eu, Marília, **não** fui **nenhum** vaqueiro
Fui honrado pastor da tua aldeia.
(T. A. Gonzaga, *OC*, I, 137.)

Cada

1. Como dissemos, deve-se empregar o INDEFINIDO *cada* apenas como PRONOME ADJETIVO. Quando falta o substantivo, usa-se *cada um* (*uma*), *cada qual*:

Lá no fundo **cada um** espera o milagre.
(C. de Oliveira, *PB*, 156.)

Cada qual sabe de sua vida.
(J. Amado, *MM*, 95.)

2. *Cada* pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação entre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

De **cada dúzia** de ovos que vendia, a metade era lucro.
Vinha ver-me **cada três** dias.

3. Tem acentuado valor intensivo em frases do tipo:

A ti era o Chiado que te fazia mal! Apanhavas ali **cada constipação...**
(V. Vitorino, *F*, 160.)

— Você tem **cada uma**!
(G. Ramos, *AOH*, 75.)

Observação:
Na linguagem informal é cada dia mais frequente o emprego substantivo deste pronome em construções como a seguinte:

Estas águas-fortes custam dez mil cruzeiros **cada**.

Certo

1. *Certo* é PRONOME INDEFINIDO quando anteposto a um substantivo. Caracteriza-o a capacidade de particularizar o ser expresso pelo substantivo, distinguindo-o dos outros da espécie, mas sem identificá-lo.
Dispensa, em geral, o artigo indefinido. A presença deste torna a expressão menos vaga e dá-lhe um matiz afetivo.
Assim:

Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede **um certo amor**, nomeado e predestinado.
(Machado de Assis, *OC*, II, 552.)

No fim de contas, tinha **uma certa mágoa** da forma como a tratara.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 765.)

No rostinho enrugado e emurchecido, havia ainda uma **certa graça e vivacidade** de menina.
(É. Veríssimo, *A*, II, 306.)

2. É adjetivo, com o significado de "seguro", "verdadeiro", "exato", "fiel", "constante":
a) quando posposto ao substantivo:

— **Idade certa** não sei.
(G. França de Lima, *JV*, 35.)

Homens de **piso certo**, seus passos derivam de suas lagoas interiores de resignação.
(A. Santos, *P.* 177.)

— Não há **carreira** mais **certa**.
(Alves Redol, *F*, 279.)

b) em comparações intensivas, geralmente antecedido de *tão*:

Acredita que é **tão certo** como Deus estar no céu!
(M. Torga)

Estou **tão certo** do que digo como da luz que nos alumia.
(A. Ribeiro)

Neste caso pode ser seguido de substantivo:

Mais certo amigo é João do que Pedro, **tão certo amigo** é João como Paulo.
(Sousa da Silveira, *LP*, 244.)

Nada

1. *Nada* significa "nenhuma coisa", mas equivale a "alguma coisa" em frases interrogativas negativas do tipo:

— O capitão não come **nada**?
— Eu agradeço, minha senhora.
(J. Lins do Rego, *FM*, 317.)

De tempos em tempos aparecia, perguntava se eu não queria **nada**.
(M. de Andrade, *CMB*, 285.)

2. Junto a um adjetivo ou a um verbo intransitivo pode ter força adverbial:

— Não foi **nada caro**, tive um grande desconto.
(A. Abelaira, *QPN*, 14.)

Não tinha um ar **nada inocente**. Mesmo **nada**.
(J. Cardoso Pires, *D*, 298.)

O cavalo não **correu nada**.

Outro

1. Cumpre distinguir as expressões:

a) *outro dia*, ou *o outro dia* = um dia passado mas próximo:

> — **Outro dia** fui à casa do Sebastião e lá aceitei um café.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 209.)

> Contou-me a Ana, **o outro dia**,
> Que Deus, somente o veria
> Quem fosse Anjo, ninguém mais.
> (A. Corrêa d'Oliveira, *M*, 92.)

b) *no outro dia*, ou *ao outro dia* = no dia seguinte:

> **No outro dia**, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim.
> (G. Ramos, *SB*, 52.)

> **No outro dia**, o terceiro, Elmira não pôde sair mais cedo.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 204.)

> **Ao outro dia**, ao almoço, Amélia estava pálida, com as olheiras até ao meio da face.
> (Eça de Queirós, *O*, I, 69.)

> Partiu o navio, **ao outro dia** de manhã.
> (M. Ferreira, *HB*, 135.)

2. Em expressões denotadoras de reciprocidade, como *um ao outro*, *um do outro*, *um para o outro*, conserva-se em geral a forma masculina, ainda que aplicada a indivíduos de sexos diferentes:

> Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava **um ao outro**; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 496.)

> A Judite dava toda a atenção ao seu par, a uma distância perigosa **um do outro**.
> (Almada Negreiros, *NG*, 93.)

Sentou-se no canapé e ficamos a olhar **um para o outro**, ela desfeita em graça, eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1129.)

3. *Outro* pode empregar-se como adjetivo na acepção de "diferente", "mudado", "novo":

Não sabia que assim tão **outra** voltarias:
Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas.
(A. de Guimaraens, *OC*, 105.)

Era **outro** homem, fora fundido **noutro** cadinho.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 93.)

Entrei em casa **outro** homem: calmo e bem humorado.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 127.)

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido:

Não é **uma qualquer coisa**, não!
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Ele não era **um qualquer**.
(M. Ferreira, *HB*, 47.)

— Júlio, se eu te falo assim é porque não te vejo como **um qualquer**.
(J. Lins do Rego, *E*, 253.)

A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa:

Já não era **uma Judite qualquer**, era a Judite do Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 86.)

Hoje é isto que o senhor vê: **um Pestana qualquer** acha-se com o direito de ser deputado.
(J. Lins do Rego, *MR*, 239.)

Todo

No capítulo 9, estudamos o emprego do artigo com este INDEFINIDO. Aqui acrescentaremos o seguinte:

1. No singular e posposto ao substantivo, *todo* indica a totalidade das partes:

   Toda a obra é vã, e vã **a obra toda**.
   (F. Pessoa, *OP*, 486.)

   O conflito acordou **o colégio todo**.
   (G. Amado, *HMI*, 163.)

2. Também indica a totalidade das partes, quando, no singular, antecede um pronome pessoal:

   Todo ele evidenciava um cansaço íntimo.
   (M. Torga, *V*, 105.)

   A casa, **toda** ela, gelava.
   (C. de Oliveira, *AC*, 81.)

3. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica:

   Todos os homens caminhavam em silêncio.
   (Ferreira de Castro, *OC*, I, 446.)

   As culpas todas eram deles; aguentassem com elas!
   (A. Peixoto, *RC*, 449.)

4. Anteposto a um elemento nominal, aposto ou predicativo, emprega-se com o sentido de "inteiramente", "em todas as suas partes", "muito":

   Silva estendeu a guia de trânsito a Vasconcelos, levantando-se da secretária com um sorriso, **todo amável**.
   (Castro Soromenho, *TM*, 132.)

   Paisagem desconhecida, Manuel da Bouça era **todo olhos** para a várzea que atravessavam.
   (Ferreira de Castro, *OC*, 390.)

Eras **toda graça e incompreensão.**
(Ribeiro Couto, *PR*, 226.)

Tudo

Refere-se normalmente a coisas, mas pode aplicar-se também a pessoas:

Não se fala noutra coisa, e está **tudo** furioso.
(A. de Quental, *C*, 358.)

Fidélia chegou, Tristão e a madrinha chegaram, **tudo** chegou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1069.)

Aqui na pensão e na casa da lagoa **tudo** dorme.
(J. Cardoso Pires, *D*, 339.)

Enfim, **tudo aquilo** era a mesma gente, exceto o Antunes.
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Capítulo 12

Numerais

ESPÉCIES DE NUMERAIS

1. Para indicarmos uma quantidade exata de pessoas ou coisas, ou para assinalarmos o lugar que elas ocupam numa série, empregamos uma classe especial de palavras — os NUMERAIS.

Os NUMERAIS podem ser CARDINAIS, ORDINAIS, MULTIPLICATIVOS e FRACIONÁRIOS.

2. Os NUMERAIS CARDINAIS são os números básicos. Servem para designar:

a) a quantidade em si mesma, caso em que valem por verdadeiros substantivos:

> **Dois** e **dois** são **quatro.**

b) uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo à semelhança dos adjetivos:

> Geraldo Alonso levantou-se, deu **três passos** para a frente.
> (O. Lins, *FP*, 158.)

> Botou a **cinco cântaros** o mel... e a **dois lagares** o azeite.
> (A. Ribeiro, *M*, 44.)

3. Os NUMERAIS ORDINAIS indicam a ordem de sucessão dos seres ou objetos numa dada série. Equivalem a adjetivos, que, no entanto, se substantivam facilmente:

> A senhora Basília de Cedofeita, uma alfarrabista, era viúva e entendida em **primeiras edições.**
> (A. Bessa Luís, *OM*, 126.)

Foi aí que se tornou **a primeira** de sua classe.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 125.)

4. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação. Podem equivaler a adjetivos e, com mais frequência, a substantivos, por virem geralmente antecedidos de artigo:

É **um duplo receber**, que é **um duplo dar**.
(J. M. de Macedo, *RQ*, 2.)

Tinha **o dobro** da minha grossura e era vermelho como malagueta.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 154.)

5. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS exprimem a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão:

Já pagamos **a metade** da dívida.
Só recebeu **dois terços** do ordenado.

NUMERAIS COLETIVOS

Assim se denominam certos NUMERAIS que, como os substantivos coletivos, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no entanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exato. É o caso de *novena*, *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *cento*, *lustro*, *milhar*, *milheiro*, *par*.

FLEXÃO DOS NUMERAIS

CARDINAIS

1. Os NUMERAIS CARDINAIS *um*, *dois*, e as centenas a partir de *duzentos* variam em gênero:

um	uma	duzentos	duzentas
dois	duas	trezentos	trezentas

2. *Milhão*, *bilhão* (ou *bilião*), *trilhão*, etc. comportam-se como substantivos e variam em número:

dois milhões vinte trilhões

3. *Ambos*, que substitui o CARDINAL *os dois*, varia em gênero:

ambos os pés	ambas as mãos

4. Os outros CARDINAIS são invariáveis.

ORDINAIS

Os NUMERAIS ORDINAIS variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
vigésimo	vigésima	vigésimos	vigésimas

MULTIPLICATIVOS

1. Os NUMERAIS MULTIPLICATIVOS são invariáveis quando equivalem a substantivos:

   Podia ser meu avô, tem **o triplo** da minha idade.

   Empregados com o valor de adjetivos flexionam-se em gênero e em número:

   Costuma tomar o remédio em **doses duplas**.

2. As formas multiplicativas *dúplice*, *tríplice*, etc. variam apenas em número:

   Deram-se alguns saltos **tríplices**.

FRACIONÁRIOS

1. Os NUMERAIS FRACIONÁRIOS concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

   Subscrevi **um terço** e Carlos **dois terços** do capital.

2. *Meio* concorda em gênero com o designativo da quantidade de que é fração:

   Comprou **três quilos e meio** de carne.
   Andou duas **léguas e meia** a pé.

Observação:

No Brasil, em lugar de *meio-dia e meia* (hora), diz-se normalmente *meio-dia e meio*:

Meio-dia e meio... nada de Luzardo.
(Gilberto Amado, *DP*, 147.)

NUMERAIS COLETIVOS

Todos os NUMERAIS COLETIVOS flexionam-se em número:

três décadas — cinco dúzias
dois milheiros — quatro lustros

VALORES E EMPREGOS DOS CARDINAIS

1. Na lista dos CARDINAIS costuma-se incluir *zero* (0), que equivale a um substantivo, geralmente usado em aposição:

   grau **zero** — desinência **zero**

2. *Cem*, forma reduzida de *cento*, usa-se como um adjetivo invariável:

   cem rapazes — **cem** meninas

   Cento é também invariável. Emprega-se hoje apenas:

a) na designação dos números entre *cem* e *duzentos*:

   cento e dois homens — **cento e duas** mulheres

b) precedido do artigo, com valor de substantivo:

   Comprou **um cento** de bananas.
   Pagou caro pel**o cento** de peras.

c) na expressão *cem por cento*.

3. Usa-se ainda *conto* (antigamente = um milhão de réis) no sentido de "mil escudos" (em Portugal) e "mil reais" (no Brasil):

   A gravura custou **dois contos.**

4. *Bilhão* (que também se escreve *bilião*) significava outrora "um milhão de milhões", valor que ainda conserva em Portugal, Grã-Bretanha, Alemanha e no mundo de língua espanhola. No Brasil, na França, nos Estados Unidos e em outros países representa hoje "mil milhões".

Observação:

No Brasil *quatorze* alterna com *catorze*, que é a forma normal portuguesa. Em Portugal empregam-se normalmente *dezasseis*, *dezassete* e *dezanove*, variantes desusadas no Brasil.

CARDINAL COMO INDEFINIDO

O emprego do número determinado pelo indeterminado é um dos processos de superlativação preferidos pelas línguas românicas.

Sirva de exemplo o CARDINAL *mil*, desde os começos da língua largamente usado para expressar a indeterminação exagerada:

Em abril, chuvas **mil**.

EMPREGO DA CONJUNÇÃO *E* COM OS CARDINAIS

1. A conjunção *e* é sempre intercalada entre as centenas, as dezenas e as unidades:

   trinta **e** cinco
   trezentos **e** quarenta **e** nove

2. Não se emprega a conjunção entre os milhares e as centenas, salvo quando o número terminar numa centena com dois zeros:

   1892 = mil oitocentos **e** noventa **e** dois
   1800 = mil **e** oitocentos

3. Em números muito grandes, a conjunção *e* emprega-se entre os membros da mesma ordem de unidades, e omite-se quando se passa de uma ordem a outra:

   293.572 = duzentos **e** noventa **e** três mil quinhentos **e** setenta **e** dois
   332.415.741.211 = trezentos **e** trinta **e** dois bilhões, quatrocentos **e** quinze milhões, setecentos **e** quarenta **e** um mil duzentos **e** onze

VALORES E EMPREGOS DOS ORDINAIS

1. Ao lado de *primeiro*, que é forma própria do ORDINAL, a língua portuguesa conserva o latinismo *primo* (*-a*), empregado:

a) seja como substantivo, para designar parentesco (*os primos*) e, na forma feminina (*a prima*), "a primeira das horas canônicas" e "a mais elevada corda" de alguns instrumentos;

b) seja como adjetivo, fixado em compostos como *obra-prima* e *matéria-prima*, ou em expressões como *números primos*.

2. Certos ORDINAIS, empregados com frequência para exprimir uma qualidade, tornam-se verdadeiros adjetivos. Comparem-se:

Um material de **primeira categoria** [= superior].
Um artigo de **segunda qualidade** [= inferior].

3. Como em certos jogos as cartas, pedras ou pontos são designados pelas palavras *ás*, *duque*, *terno*, *quadra*, a forma *ás*, equivalente a *primeiro*, passou a designar os campeões, especialmente dos esportes:

Os **ases** do automobilismo.

EMPREGO DOS CARDINAIS PELOS ORDINAIS

Em alguns casos, o NUMERAL ORDINAL é substituído pelo CARDINAL correspondente.

Assim:

1.º) Na designação de papas e soberanos, bem como na de séculos e de partes em que se divide uma obra, usam-se os ORDINAIS até *décimo*, e daí por diante o CARDINAL, sempre que o numeral vier depois do substantivo:

Gregório VII (sétimo)	João XXIII (vinte e três)
Pedro II (segundo)	Luís XIV (quatorze)
Século X (décimo)	Século XX (vinte)
Ato III (terceiro)	Capítulo XI (onze)
Canto VI (sexto)	Tomo XV (quinze)

Quando o numeral antecede o substantivo, emprega-se, porém, o ORDINAL:

Décimo século	Vigésimo século
Terceiro ato	Décimo primeiro capítulo
Sexto Canto	Décimo quinto tomo

2.º) Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o ORDINAL até *nono*, e o CARDINAL de *dez* em diante:

Artigo 1.º (primeiro)	Artigo 10 (dez)
Artigo 9.º (nono)	Artigo 41 (quarenta e um)

3.º) Nas referências aos dias do mês, usam-se os CARDINAIS, salvo na designação do primeiro dia, em que é de regra o ORDINAL. Também na indicação dos anos e das horas empregam-se os CARDINAIS:

> Chegaremos às **seis horas** do dia **primeiro de maio.**
> São **duas horas** da tarde do dia **vinte e oito de julho** de **mil novecentos e oitenta e três.**

4.º) Na enumeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes empregam-se os CARDINAIS. Nestes casos sente-se a omissão da palavra *número*:

Página 3 (três)	Casa 31 (trinta e um)
Folha 8 (oito)	Apartamento 102 (cento e dois)
Cabine 2 (dois)	Quarto 18 (dezoito)

Se o numeral vier anteposto, usa-se o ORDINAL:

Terceira página	Segunda cabine
Oitava folha	Trigésima primeira casa

EMPREGO DOS MULTIPLICATIVOS

Dos MULTIPLICATIVOS apenas *dobro*, *duplo* e *triplo* são de uso corrente. Os demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o numeral cardinal seguido da palavra *vezes*: *quatro vezes*, *oito vezes*, *doze vezes*, etc.

EMPREGO DOS FRACIONÁRIOS

1. Os NÚMEROS FRACIONÁRIOS apresentam as formas próprias *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são expressos:
a) pelo ORDINAL correspondente, quando este se compõe de um só radical: *quarto*, *quinto*, *décimo*, *vigésimo*, *milésimo*, etc.;
b) pelo CARDINAL correspondente, seguido da palavra *avos*, quando o ORDINAL é uma forma composta: *treze avos*, *dezoito avos*, *vinte e três avos*, *cento e quinze avos*.

2. Excetuando-se *meio*, os NUMERAIS FRACIONÁRIOS vêm antecedidos de um cardinal, que designa o número de partes da unidade: *um terço*, *três quintos*, *cinco treze avos*.

Observações:

1.ª) No Brasil, a expressão *meia dúzia* (não raro reduzida a *meia*) substitui o cardinal *seis*, principalmente quando se enunciam números de telefone.

2.ª) A forma fracionária *duodécimo* é de uso normal, na linguagem administrativa, nas áreas em que a distribuição orçamentária se processa por parcelas mensais:

O Departamento já recebeu o **segundo duodécimo**.

QUADROS DOS NUMERAIS

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1 000	mil	milésimo
$\bar{X}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\bar{C}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\bar{M}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\bar{\bar{M}}$	1 000 000 000	um bilhão	bilionésimo

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS E FRACIONÁRIOS

Multiplicativos	Fracionários
duplo, dobro, dúplice	meio ou metade
triplo, tríplice	terço
quádruplo	quarto
quíntuplo	quinto
sêxtuplo	sexto
séptuplo	sétimo
óctuplo	oitavo
nônuplo	nono
décuplo	décimo
undécuplo	undécimo ou onze avos
duodécuplo	duodécimo ou doze avos
cêntuplo	centésimo

Capítulo 13

Verbo

NOÇÕES PRELIMINARES

1. VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo:

> Um dia, Aparício **desapareceu** para sempre.
> (A. Meyer, *SI*, 25.)

> A mulher **foi educada** por minha mãe.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 343.)

> Como **estavam** velhos!
> (A. Bessa Luís, *S*, 189.)

> **Anoitecera** já de todo.
> (C. de Oliveira, *AC*, 19.)

2. O VERBO não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o SUBSTANTIVO e o ADJETIVO podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.[1]

---

[1] Daí a definição de A. Maria Barrenechea: "Os verbos são as palavras que têm a função obrigatória de predicado e um regime próprio" (Las clases de palabras en español como clases funcionales. *Romance Philology*, 17:306-307, 1963).

FLEXÕES DO VERBO

O VERBO apresenta as variações de NÚMERO, de PESSOA, de MODO, de TEMPO, de ASPECTO e de VOZ.

NÚMEROS

Como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o SINGULAR e o PLURAL. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa e, no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa. Exemplo:

SINGULAR	estudo	estudas	estuda
PLURAL	estudamos	estudais	estudam

PESSOAS

O verbo possui três PESSOAS relacionadas diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

1. A primeira é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais *eu* (singular) e *nós* (plural):

   estudo estudamos

2. A segunda é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *tu* (singular) e *vós* (plural):

   estudas estudais

3. A terceira é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular) *eles*, *elas* (plural):

   estuda estudam

MODOS

Chamam-se MODOS as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português: o INDICATIVO, o SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO. Dos seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante,

neste mesmo capítulo, onde também estudamos as FORMAS NOMINAIS do verbo: O INFINITIVO, O GERÚNDIO E O PARTICÍPIO.

TEMPOS

TEMPO é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Os três tempos naturais são o PRESENTE, o PRETÉRITO (ou PASSADO) e o FUTURO, que designam, respectivamente, um fato ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala* e *após o momento em que se fala.*

O PRESENTE é indivisível, mas o PRETÉRITO e o FUTURO subdividem-se no MODO INDICATIVO e no SUBJUNTIVO, como se vê do seguinte esquema:

- INDICATIVO
  - Presente: **estudo**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudava**
    - perfeito
      - simples: **estudei**
      - composto: **tenho estudado**
    - mais-que-perfeito
      - simples: **estudara**
      - composto: **tinha** ou **havia estudado**
  - Futuro
    - do presente
      - simples: **estudarei**
      - composto: **terei** ou **haverei estudado**
    - do pretérito[2]
      - simples: **estudaria**
      - composto: **teria** ou **haveria estudado**
- SUBJUNTIVO
  - Presente: **estude**
  - Pretérito
    - imperfeito: **estudasse**
    - perfeito: **tenha** ou **haja estudado**
    - mais-que-perfeito: **tivesse** ou **houvesse estudado**
  - Futuro
    - simples: **estudar**
    - composto: **tiver** ou **houver estudado**
- IMPERATIVO
  - Presente
    - **estuda** (tu), **estude** (você), **estudemos** (nós), **estudai** (vós), **estudem** (vocês).

---

[2] De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* — e afastando-nos neste ponto deliberadamente da tradição gramatical portuguesa — adotamos esta designação, em lugar de MODO CONDICIONAL, por a julgarmos mais adequada. Veja-se o que dizemos na página 478 (Observação 3.ª), ao tratarmos do emprego deste tempo.

ASPECTOS

1. Diferente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO designa "uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo". Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.[3]
   É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

2. Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de ASPECTO, nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.
   Assim, nestas frases:

   João **começou a comer.**
   João **continua a comer.**
   João **acabou de comer.**

   não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANSIVO e CONCLUSIVO.
   Dentro dessa lata conceituação, poderíamos distinguir, entre outras, as seguintes oposições aspectuais:

1.ª) ASPECTO PONTUAL / ASPECTO DURATIVO. A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal. Assim:

Aspecto pontual	**Acabo de ler** *Os lusíadas.*
Aspecto durativo	**Continuo a ler** *Os lusíadas.*

2.ª) ASPECTO CONTÍNUO / ASPECTO DESCONTÍNUO. Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação:

Aspecto contínuo	**Vou lendo** *Os lusíadas.*
Aspecto descontínuo	**Voltei a ler** *Os lusíadas.*

---

[3] Conrad Bureau. In *Dictionnaire de la linguistique: sous la direction de Georges Mounin.* Paris, P.U.F., 1974, p. 41.

3.ª) ASPECTO INCOATIVO / ASPECTO CONCLUSIVO. O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial; o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final:

Aspecto incoativo	**Comecei a ler** *Os lusíadas.*
Aspecto conclusivo	**Acabei de ler** *Os lusíadas.*

3. São também de natureza aspectual as oposições entre:

a) FORMA SIMPLES / PERÍFRASE DURATIVA:

leio / estou lendo (ou **estou a ler**)

A perífrase de *estar* + GERÚNDIO (ou INFINITIVO precedido da preposição *a*), que designa o "aspecto do momento rigoroso" (Said Ali), estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (*andar*, *ir*, *vir*, *viver*, etc.) ou de implicação (*continuar*, *ficar*, etc.):

Ando lendo (ou **a ler**).	**Continuo lendo** (ou **a ler**).
Vai lendo.	**Ficou lendo** (ou **a ler**).

b) *Ser / estar*:

Ele **foi ferido.**	Ele **está ferido.**

A oposição *ser / estar* corresponde a dois tipos de passividade. *Ser* forma a passiva de ação; *estar*, a passiva de estado.[4]

Como vemos, tais oposições se baseiam fundamentalmente na diversidade de formação das perífrases verbais.

De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o PARTICÍPIO exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com o INFINITIVO ou o GERÚNDIO expressam o aspecto inacabado, não concluído.

Dos seus principais valores aspectuais trataremos adiante ao estudarmos os VERBOS AUXILIARES e as FORMAS NOMINAIS do verbo.

---

[4] Quanto às construções com *ser* e *estar* em espanhol, mas com interesse para o português, veja-se a monografia de Ricardo Navas Ruiz. *Ser y estar. Estudio sobre el sistema atributivo del español.* Salamanca, Acta Salmanticensia, 1963.

Observações:

1.ª) Estudiosos há que, seguindo o eslavista Agrel, distinguem ASPECTO de MODALIDADE DE AÇÃO, considerando o primeiro a categoria gramatical que opõe a ação concluída à não concluída, e a segunda toda oposição expressa por meios lexicais, o que abrange um número ilimitado de possibilidades semânticas. Veja-se a respeito: Robert Martin. *Temps et aspect. Essai sur l'emploi des temps narratifs en moyen français*. Paris, Klincksieck, 1971. p. 56; ——— . Temps et aspect en français moderne. Quelques remarques inspirées para la lecture de *Verbe et adverbe* de M. A. Klum. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, 3(1): 67-79, especialmente p. 76-79; L. Jenaro Maclennan. *El problema del aspecto verbal. Estudio crítico de sus presupuestos*. Madrid, Gredos, 1962, p.146-150; Arne Klum. Verbe et adverbe. *Etude sur le système verbal indicatif et sur le système de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain*. Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961, p. 107 passim; Ataliba T. de Castilho. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968, p. 39-44; Claudino Cella. *Système verbal français et système verbal portugais. Etude comparative*. Metz, Université de Metz, 1978, p. 61-65 (com larga bibliografia sobre o assunto).

2.ª) É hoje vastíssima a bibliografia sobre aspecto verbal. Além da que se contém nas obras citadas na observação anterior, veja-se a que dá Marc Wilmet em *Etudes de morpho-syntaxe verbale*. Paris, Klincksieck, 1976, p. 153; e em: Aspect grammatical, aspect sémantique, aspect lexical: un problème de limites. In *La Notion d'Aspect*. Colloque organisé par le Centre d'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz. Actes publiés par Jean David et Robert Martin. Paris, Klincksiek, 1980, p. 51-52. Estas Atas reproduzem o texto das comunicações de Eugenio Coseriu, Martín S. Ruipérez, Joe Larochette, Gérard Moignet, Marc Wilmet, Maurice Gross, Jean-Marie Zemb, Gérold Stahl, J. Hoepelman - C. Rohrer, Frédéric Nef, Antoine Culioli, J.-P. Desclés, Bernard Pottier e representam uma súmula conclusiva das principais questões concernentes ao aspecto em geral.

VOZES

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

João **feriu** Pedro.
Não **vejo** rosas neste jardim.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Pedro **foi ferido** por João.
Não **se veem** [= são vistas] rosas neste jardim.

c) como *praticado* e *sofrido* pelo sujeito:

João **feriu-se**.
Dei-me pressa em sair.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na VOZ ATIVA; no segundo, na VOZ PASSIVA; no terceiro, na VOZ REFLEXIVA.

Como se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da VOZ ATIVA corresponde ao sujeito da VOZ PASSIVA; e, na VOZ REFLEXIVA, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo admita transformação de voz, é necessário que ele seja TRANSITIVO.

Voz passiva. Exprime-se a VOZ PASSIVA:

a) com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar:

Pedro **foi ferido** por João.

b) com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não **se vê** [=é vista] **uma rosa** neste jardim.
Não **se veem** [são vistas] **rosas** neste jardim.

Voz reflexiva. Exprime-se a VOZ REFLEXIVA juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos* e *se* (singular e plural):

Eu **me feri** [=a mim mesmo]
Tu **te feriste** [= a ti mesmo]
Ele **se feriu** [= a si mesmo]
Nós **nos ferimos** [= a nós mesmos]
Vós **vos feristes** [= a vós mesmos]
Eles **se feriram** [= a si mesmos]

Observações:

1.ª) Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a VOZ PASSIVA. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar*, *andar*, *viver*, etc.), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir*, *vir*):

Os homens já **estavam tocados** pela fé.
Ficou atormentado pelo remorso.
Os pais **vinham acompanhados** dos filhos.

2.ª) Nas formas da VOZ PASSIVA, o particípio concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele foi **ferido**	**Eles** foram **feridos.**
Ela foi **ferida**	**Elas** foram **feridas.**

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Em certas formas verbais, o acento tônico recai no radical. Assim:

ando	andas	anda	andam
ande	andes	ande	andem

Em outras, o acento tônico recai na terminação. Assim:

andamos	andais	andou	andar
andemos	andeis	andava	andará

Às primeiras damos o nome de FORMAS RIZOTÔNICAS; às segundas, de FORMAS ARRIZOTÔNICAS.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO

1. Quanto à FLEXÃO, o verbo pode ser REGULAR, IRREGULAR, DEFECTIVO e ABUNDANTE.

   Os REGULARES flexionam-se de acordo com o PARADIGMA, modelo que representa o tipo comum da conjugação. Tomando-se, por exemplo, *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos como *cantar*; os da 2.ª, como *vender*; os da 3.ª como *partir*.

   São IRREGULARES os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação, como *dar*, *estar*, *fazer*, *ser*, *pedir*, *ir* e vários outros, que no lugar próprio estudaremos.

   VERBOS DEFECTIVOS são aqueles que não têm certas formas, como *abolir*, *falir* e mais alguns de que tratamos adiante. Entre os DEFECTIVOS costumam os gramáticos incluir os UNIPESSOAIS, especialmente os IMPESSOAIS, usados apenas na 3.ª pessoa do singular: *chover*, *ventar*, etc.

   ABUNDANTES são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio. Assim, o verbo *aceitar* apresenta os particípios *aceitado*, *aceito* e *aceite*; o verbo *entregar*, os particípios *entregado* e *entregue*; o verbo *matar*, os particípios *matado* e *morto*.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue VERBOS IRREGULARES de VERBOS ANÔMALOS, aplicando a última denominação a verbos como *estar*, *haver*, *ser*, *ter*, *ir*, *vir* e *pôr*, cujas profundas irregularidades não se enquadram em classificação alguma. Esta distinção não é adotada pela *Nomenclatura Gramatical Portuguesa*.

2. Quanto à FUNÇÃO, o verbo pode ser PRINCIPAL ou AUXILIAR.
PRINCIPAL, é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração.
Assim:

Estudei português.
Haverá uma solução para o caso.
Comprei um livro.

AUXILIAR é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais. Assim:

Tenho estudado português.
Há de haver uma solução para o caso.
Um livro **foi comprado** por mim.

Os AUXILIARES mais comuns são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*, de que apresentamos, adiante, a conjugação completa.

CONJUGAÇÕES

CONJUGAR um verbo é dizê-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O agrupamento de todas essas flexões, segundo uma ordem determinada, chama-se CONJUGAÇÃO.
Há três conjugações em português, caracterizadas pela VOGAL TEMÁTICA.
A 1.ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática -*a*-:

estud-**a**-r fic-**a**-r rem-**a**-r

A 2.ª conjugação abarca os verbos que têm a vogal temática -*e*-:

receb-**e**-r dev-**e**-r tem-**e**-r

À 3.ª conjugação pertencem os verbos que têm a vogal temática -*i*-:

dorm-**i**-r part-**i**-r sorr-**i**-r

Como as vogais temáticas se apresentam com maior nitidez no infinitivo, costuma-se indicar pela TERMINAÇÃO deste (= VOGAL TEMÁTICA + SUFIXO *-r*) a conjugação a que pertence um dado verbo. Assim, os verbos de infinitivo terminado em *-ar* são da 1.ª conjugação; os de infinitivo em *-er*, da 2.ª; os de infinitivo em *-ir*, da 3.ª.

TEMPOS SIMPLES

Estrutura do verbo

1. Examinemos os seguintes tempos do indicativo do verbo *cantar*:

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
canto	cantava	cantara
cantas	cantavas	cantaras
canta	cantava	cantara
cantamos	cantávamos	cantáramos
cantais	cantáveis	cantáreis
cantam	cantavam	cantaram

Verificamos que todas as suas formas se irmanam pelo RADICAL *cant-*, a parte invariável que lhes dá a base comum de significação.

Verificamos também que a esse RADICAL VERBAL se junta, em cada forma, uma TERMINAÇÃO, da qual participa pelo menos um dos seguintes elementos:

a) a VOGAL TEMÁTICA *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação:

cant-**a** cant-**a**-va cant-**a**-ra

b) o SUFIXO TEMPORAL (ou MODO-TEMPORAL), que indica o tempo e o modo:

cant-a-**va** cant-a-**ra**

c) a DESINÊNCIA PESSOAL (ou NÚMERO-PESSOAL), que identifica a pessoa e o número:

cant-**o** cant-a-va-**s** cant-á-ra-**mos**

2. Todo o mecanismo da formação dos tempos simples repousa na combinação harmônica desses três elementos flexivos com um determinado radical verbal. Muitas vezes falta um deles, como:

a) a VOGAL TEMÁTICA, no presente do subjuntivo e, em decorrência, nas formas do imperativo dele derivadas: *cante*, *cantes*, *cante*, etc.;
b) o SUFIXO TEMPORAL, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, bem como nas formas do imperativo derivadas do presente do indicativo: *canto*, *cantas*, *canta*, etc.; *cantei*, *cantaste*, *cantou*, etc.; *canta* (tu), *cantai* (vós);
c) a DESINÊNCIA PESSOAL, na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo (*canta*); na 1.ª e na 3.ª pessoa do singular do imperfeito (*cantava*), do mais-que-perfeito (*cantara*) e do futuro do pretérito (*cantaria*) do indicativo; e nestas mesmas pessoas do presente (*cante*), do imperfeito (*cantasse*) e do futuro (*cantar*) do subjuntivo, assim como nas do infinitivo pessoal (*cantar*).

Mas, salvo no caso em que a falta de DESINÊNCIA iguala duas pessoas de um só tempo, perturbando a clareza, a ausência de qualquer desses elementos flexivos é sempre um sinal particularizante, pois caracteriza a forma lacunosa pelo seu contraste com as que não o são.

Formação dos tempos simples

1. Com exceção do infinitivo pessoal, os tempos simples dos verbos portugueses correspondem a formações existentes no latim clássico ou no latim vulgar, que sofreram, com os séculos, naturais alterações fonéticas. O estudo dessa evolução é matéria que pertence à chamada gramática histórica e excede, naturalmente, os limites deste livro de natureza sincrônica. Podemos, no entanto, adotar aqui um vulgarizado artifício didático para melhor apreendermos o mecanismo das conjugações.
   Consiste tal artifício em admitir que o verbo apresente três tempos PRIMITIVOS, sendo os outros deles DERIVADOS.
   São tempos primitivos: o PRESENTE DO INDICATIVO, o PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e o INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Para mostrar a valia didática deste processo formativo, tomemos como exemplo os verbos *cantar*, *vender* e *partir*, e separemos nos seus tempos simples o RADICAL, ou o TEMA (= RADICAL + VOGAL TEMÁTICA), da TERMINAÇÃO, incluindo nesta o SUFIXO TEMPORAL e a DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL.

Derivados do presente do indicativo

Do PRESENTE DO INDICATIVO formam-se o IMPERFEITO DO INDICATIVO, o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e o IMPERATIVO.

1.º) IMPERFEITO DO INDICATIVO. É formado do radical do presente acrescido:

a) na 1.ª conjugação, das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (constituídas da vogal temática *-a-* + sufixo temporal *-va-* + desinências pessoais);
b) na 3.ª conjugação, das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (constituídas da vogal temática *-i-* + sufixo temporal *-a-* + desinências pessoais);
c) na 2.ª conjugação, das mesmas terminações da 3.ª, por ter a vogal temática *-e-* passado a *-i-* antes de *-a-*.
Assim, nos verbos *cantar*, *vender* e *partir*, temos:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PRESENTE	**cant-**	**vend-**	**part-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-avas	vend-ias	part-ias
	cant-ava	vend-ia	part-ia
	cant-ávamos	vend-íamos	part-íamos
	cant-áveis	vend-íeis	part-íeis
	cant-avam	vend-iam	part-iam

Observação:

Fogem à regra acima os verbos *ser*, *ter*, *vir* e *pôr*, que fazem no IMPERFEITO *era*, *tinha*, *vinha* e *punha*, respectivamente.

2.º) PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Forma-se do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo, substituindo-se a desinência *-o* pelas flexões próprias do presente do subjuntivo: *-e, -es, -emos, -eis, -em*, nos verbos da 1.ª conjugação; *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, nos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação.

Assim:

PRESENTE DO INDICATIVO	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
1.ª pessoa do singular	**cant-o**	**vend-o**	**part-o**
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	cant-e	vend-a	part-a
	cant-es	vend-as	part-as
	cant-e	vend-a	part-a
	cant-emos	vend-amos	part-amos
	cant-eis	vend-ais	part-ais
	cant-em	vend-am	part-am

1.ª) Dentre todos os verbos da língua apenas os seguintes não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*.

2.ª) Os verbos defectivos em que a 1.ª pessoa do presente do indicativo caiu em desuso não têm presente do subjuntivo.

3.º) IMPERATIVO. O imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2.ª pessoa do singular e 2.ª pessoa do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão do *-s* final.

Assim:

canta(s)	vende(s)	parte(s)
cantai(s)	vendei(s)	parti(s)

Observações:

1.ª) Excetua-se o verbo *ser*, que faz *sê* (tu) e *sede* (vós).

2.ª) Costumam perder o *-e* na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos *dizer, fazer, trazer* e os terminados em *-uzir*: *dize* (ou *diz*) tu, *faze* (ou *faz*) tu, *traze* (ou *traz*) tu, *aduze* (ou *aduz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu.

As outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do imperativo negativo, são supridas pelos equivalentes do presente do subjuntivo, com o pronome posposto, quando usado.

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

Do tema do PRETÉRITO PERFEITO formam-se os seguintes tempos simples:

1.º) O MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-ra-* + desinências pessoais) *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO	canta-ra canta-ras canta-ra cantá-ramos cantá-reis canta-ram	vende-ra vende-ras vende-ra vendê-ramos vendê-reis vende-ram	parti-ra parti-ras parti-ra partí-ramos partí-reis parti-ram

2.º) o IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-sse-* + desinências pessoais) *-sse*, *-sses*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	canta-sse canta-sses canta-sse cantá-ssemos cantá-sseis canta-ssem	vende-sse vende-sses vende-sse vendê-ssemos vendê-sseis vende-ssem	parti-sse parti-sses parti-sse partí-ssemos partí-sseis parti-ssem

3.º) o FUTURO DO SUBJUNTIVO, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-r-* + desinências pessoais) *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
RADICAL DO PERFEITO + VOGAL TEMÁTICA	**canta-**	**vende-**	**parti-**
PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	canta-r canta-res canta-r canta-rmos canta-rdes canta-rem	vende-r vende-res vende-r vende-rmos vende-rdes vende-rem	parti-r parti-res parti-r parti-rmos parti-rdes parti-rem

Observações:

1.ª) O TEMA do pretérito perfeito pode ser obtido suprimindo-se a desinência da 2.ª pessoa do singular ou da 1.ª pessoa do plural:

canta(ste)	fize(ste)	vie(ste)	puse(ste)
canta(mos)	fize(mos)	vie(mos)	puse(mos)

2.ª) Embora as suas formas sejam quase sempre idênticas, o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal têm origem diversa, que deve ser conhecida para evitar-se a frequente confusão que se estabelece nos poucos verbos em que as formas são distintas: *fizer* — *fazer*; *for* — *ser*; *souber* — *saber*, etc.

Derivados do infinitivo impessoal

DO INFINITIVO IMPESSOAL formam-se os dois futuros simples do indicativo, o infinitivo pessoal, o gerúndio e o particípio.

1.º) O FUTURO DO PRESENTE, com o simples acréscimo das terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRESENTE	cantar-ei cantar-ás cantar-á cantar-emos cantar-eis cantar-ão	vender-ei vender-ás vender-á vender-emos vender-eis vender-ão	partir-ei partir-ás partir-á partir-emos partir-eis partir-ão

2.º) O FUTURO DO PRETÉRITO, com o acréscimo das terminações *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO DO PRETÉRITO	cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-íamos cantar-íeis cantar-iam	vender-ia vender-ias vender-ia vender-íamos vender-íeis vender-iam	partir-ia partir-ias partir-ia partir-íamos partir-íeis partir-iam

Observações:

1.ª) Não seguem esta regra os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, cujas formas do FUTURO DO PRESENTE e DO PRETÉRITO são, respectivamente: *direi*, *diria*, *farei*, *faria*, *trarei*, *traria*.

2.ª) O FUTURO DO PRESENTE e O FUTURO DO PRETÉRITO são formados pela aglutinação do INFINITIVO do verbo principal às formas reduzidas do PRESENTE e do IMPERFEITO DO INDICATIVO do auxiliar *haver*: *amar* + *hei*, *amar* + *hia* (por *havia*), etc.

3.º) O INFINITIVO PESSOAL, com o acréscimo das desinências pessoais: *-es* (2.ª pessoa do singular), *-mos*, *-des*, *-em*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**cantar**	**vender**	**partir**
FUTURO PESSOAL	cantar cantar-es cantar cantar-mos cantar-des cantar-em	vender vender-es vender vender-mos vender-des vender-em	partir partir-es partir partir-mos partir-des partir-em

4.º) O GERÚNDIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-ndo*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
GERÚNDIO	canta-ndo	vende-ndo	parti-ndo

5.º) O PARTICÍPIO forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-do*, sendo de notar que, por influência da vogal temática da 3.ª conjugação, a da 2.ª passou a *-i-*:

	1.ª CONJUGAÇÃO	2.ª CONJUGAÇÃO	3.ª CONJUGAÇÃO
INFINITIVO IMPESSOAL	**canta-r**	**vende-r**	**parti-r**
PARTICÍPIO	canta-do	vendi-do	parti-do

Observação:

Os verbos *dizer*, *escrever*, *fazer*, *ver*, *pôr*, *abrir*, *cobrir*, *vir* e seus derivados formam o PARTICÍPIO irregularmente: *dito*, *escrito*, *feito*, *visto*, *posto*, *aberto*, *coberto*, *vindo*. Dos derivados exclui-se *prover*, cujo PARTICÍPIO é *provido*.

VERBOS AUXILIARES E O SEU EMPREGO

1. Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se LOCUÇÕES VERBAIS. Nas LOCUÇÕES VERBAIS conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no PARTICÍPIO, no GERÚNDIO, ou no INFINITIVO IMPESSOAL.

2. Os AUXILIARES de uso mais frequente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.[5]

Ter e **haver** empregam-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos compostos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo:

> **Tenho feito** exercícios.
> **Havíamos comprado** livros.

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição de, para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato:

> **Tenho de fazer** exercícios.
> **Havemos de comprar** livros.

Ser emprega-se com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de ação:

> Exercícios **foram feitos** por mim.
> Livros **serão comprados** por nós.

Estar emprega-se:

a) com o PARTICÍPIO do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:

> **Estou arrependido** do que fiz.
> **Estamos impressionados** com o fato.

---

[5] Como não há uniformidade de critério linguístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares. Sobre o assunto, no âmbito da língua portuguesa, o estudo mais desenvolvido é o de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. *L'Auxiliarité en langue portugaise* (tese de doutorado apresentada à Universidade de Paris-III, Paris, 1970, mimeografado). Menção particular merecem também os trabalhos de: Eunice Pontes. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, 1973, onde a auxiliaridade, principalmente dos verbos que se constroem com infinitivo, é estudada à luz da gramática transformacional; e de Eduardo Paiva Raposo. *A construção "união de orações" na gramática do português* (dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981, mimeografado), em que se examinam do ponto de vista da gramática relacional as construções de infinitivo com verbos como *fazer*, *mandar*, *deixar*, *ver*, *sentir* e *ouvir*.

b) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

> **Estava ouvindo** música.
> **Estava a ouvir** música.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *para*, para exprimir a iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a ação expressa pelo verbo principal:

> O avião **está para chegar.**
> Há dias **estou para visitá-lo.**

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que já deveria ter sido realizada ainda não o foi:

> O trabalho **está por terminar.**
> A carta **ficou por escrever.**

Distinção importante

A construção de *estar* (ou *andar*) + GERÚNDIO, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores[6] e nos países africanos de língua portuguesa.

No português-padrão e nos dialetos setentrionais de Portugal predomina hoje a construção, de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*) + PREPOSIÇÃO *a* + INFINITIVO, que aparece, vez por outra, na pena de escritores brasileiros. Comparem-se estes exemplos, colhidos na obra de Adonias Filho:

> **Estava a passar** a cera no cordão e **a ouvir** Gonçalo Cintra quando se ergueu de um salto.
> (*LBB*, 126.)

> Três meses ali **estava**, João Joanes, **a pescar** com Pé de Vento, **a visitar** os vizinhos, **a ajoelhar-se** na sepultura da mulher.
> (*LBB*, 133.)

---

[6] Veja-se M. de Paiva Boléo. *Estudos de linguística portuguesa e românica*, I. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, p. 425; ——. *Revista Portuguesa de Filologia*, p. 17:971, 1975-1978.

O filho lá **estava**, correndo na areia, **a brincar** com outros meninos.
(*LBB*, 15.)

3. Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar* e mais alguns que se ligam ao INFINITIVO do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação. Assim:

Ir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

O navio **ia encostando** no cais (pouco a pouco).
Os convidados **iam chegando** de automóvel (sucessivamente).

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:

Vou procurar um médico.
O navio **vai partir**.

Vir emprega-se:

a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se desenvolve gradualmente (compare-se a construção similar com *ir*):

Vinha rompendo a madrugada.
Venho tratando desse assunto.

b) com o INFINITIVO do verbo principal, para indicar movimento em direção a determinado fim ou intenção de realizar um ato:

Veio fazer compras.
Vieste interromper-me o trabalho.

c) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para expressar o resultado final da ação:

Vim a saber dessas coisas muito tarde.
Veio a dar com os burros n'água.

d) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar o término recente da ação:

Vinha de ajustar contas com o imigrante.
(J. Cardoso Pires, *D*, 290.)

Minha intenção era saudar os jangadeiros que **vêm de chegar.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 56.)

Esta última construção, que desde o século passado se documenta em bons escritores do idioma, tem sido condenada por alguns gramáticos como galicismo.

Andar, à semelhança de *estar*, emprega-se com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

Ando lendo os clássicos.
Ando a ler os clássicos.

A primeira construção, como dissemos, é a mais usada no Brasil; a segunda, a preferida em Portugal.

Ficar, além de se juntar ao PARTICÍPIO para formar a voz passiva denotadora de mudança de estado (*ficou molhado*), emprega-se:

a) com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por *estar*; comparem-se:

Ficava cantando	**Ficou esperando**
Estava cantando	**Esteve esperando**
Ficava a cantar	**Ficou a esperar**
Estava a cantar	**Esteve a esperar**

b) com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que deveria ter sido realizada não o foi:

O trabalho **ficou por terminar.**

Compare-se à construção paralela com *estar*:

O trabalho **está por terminar.**

Acabar emprega-se com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar uma ação recém-concluída:

O avião **acabou de aterrissar.**
Os convidados **acabaram de chegar.**

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS *TER*, *HAVER*, *SER* E *ESTAR*

Modo indicativo

Presente			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Modo subjuntivo

Presente			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)

não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

INFINITIVO PESSOAL			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

GERÚNDIO			
tendo	havendo	sendo	estando

PARTICÍPIO			
tido	havido	sido	estado

FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Entre os TEMPOS COMPOSTOS da voz ativa merecem realce particular aqueles que são constituídos de formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar, porque é costume incluí-los nos próprios paradigmas de conjugação.

Eis os tempos em causa:

Modo indicativo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO. Formado do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenho cantado	tenho vendido	tenho partido
tens cantado	tens vendido	tens partido
tem cantado	tem vendido	tem partido
temos cantado	temos vendido	temos partido
tendes cantado	tendes vendido	tendes partido
têm cantado	têm vendido	têm partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMPOSTO. Formado do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tinhas cantado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos cantado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis cantado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham cantado	tinham vendido	tinham partido

3.º) FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRESENTE SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

terei cantado	terei vendido	terei partido
terás cantado	terás vendido	terás partido
terá cantado	terá vendido	terá partido
teremos cantado	teremos vendido	teremos partido
tereis cantado	tereis vendido	tereis partido
terão cantado	terão vendido	terão partido

4.º) FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO. Formado do FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

teria cantado	teria vendido	teria partido
terias cantado	terias vendido	terias partido
teria cantado	teria vendido	teria partido
teríamos cantado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam cantado	teriam vendido	teriam partido

Modo subjuntivo

1.º) PRETÉRITO PERFEITO. Formado do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhas cantado	tenhas vendido	tenhas partido
tenha cantado	tenha vendido	tenha partido
tenhamos cantado	tenhamos vendido	tenhamos partido
tenhais cantado	tenhais vendido	tenhais partido
tenham cantado	tenham vendido	tenham partido

2.º) PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Formado do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivesses cantado	tivesses vendido	tivesses partido
tivesse cantado	tivesse vendido	tivesse partido
tivéssemos cantado	tivéssemos vendido	tivéssemos partido
tivésseis cantado	tivésseis vendido	tivésseis partido
tivessem cantado	tivessem vendido	tivessem partido

3.º) FUTURO COMPOSTO. Formado do FUTURO SIMPLES DO SUBJUNTIVO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tiveres cantado	tiveres vendido	tiveres partido
tiver cantado	tiver vendido	tiver partido
tivermos cantado	tivermos vendido	tivermos partido
tiverdes cantado	tiverdes vendido	tiverdes partido
tiverem cantado	tiverem vendido	tiverem partido

Formas nominais

1.º) INFINITIVO IMPESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO IMPESSOAL). Formado do INFINITIVO IMPESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido

2.º) INFINITIVO PESSOAL COMPOSTO (PRETÉRITO PESSOAL). Formado do INFINITIVO PESSOAL do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido
teres cantado	teres vendido	teres partido
ter cantado	ter vendido	ter partido
termos cantado	termos vendido	termos partido
terdes cantado	terdes vendido	terdes partido
terem cantado	terem vendido	terem partido

3.º) GERÚNDIO COMPOSTO (PRETÉRITO). Formado do GERÚNDIO do verbo *ter* (ou *haver*) com o PARTICÍPIO do verbo principal:

tendo cantado	tendo vendido	tendo partido

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Como dissemos, são REGULARES os verbos que se flexionam de acordo com o PARADIGMA de sua conjugação. Assim, tomando os verbos *cantar*, *vender* e *partir* como paradigmas, respectivamente, da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos pelo modelo de *cantar*; os da 2.ª, pelo de *vender*; os da 3.ª, pelo de *partir*.

CONJUGAÇÃO DA VOZ PASSIVA

(Modelo: *ser louvado*)

Modo indicativo

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO
sou louvado (-a)	era louvado (-a)
és louvado (-a)	eras louvado (-a)
é louvado (-a)	era louvado (-a)
somos louvados (-as)	éramos louvados (-as)
sois louvados (-as)	éreis louvados (-as)
são louvados (-as)	eram louvados (-as)

PRETÉRITO PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO PERFEITO (COMPOSTO)
fui louvado (-a)	tenho sido louvado (-a)
foste louvado (-a)	tens sido louvado (-a)
foi louvado (-a)	tem sido louvado (-a)
fomos louvados (-as)	temos sido louvados (-as)
fostes louvados (-as)	tendes sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	têm sido louvados (-as)

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (SIMPLES)	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO (COMPOSTO)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
foras louvado (-a)	tinhas sido louvado (-a)
fora louvado (-a)	tinha sido louvado (-a)
fôramos louvados (-as)	tínhamos sido louvados (-as)
fôreis louvados (-as)	tínheis sido louvados (-as)
foram louvados (-as)	tinham sido louvados (-as)

Futuro do presente (simples)	Futuro do presente (composto)
serei louvado (-a)	terei sido louvado (a)
serás louvado (-a)	terás sido louvado (-a)
será louvado (-a)	terá sido louvado (-a)
seremos louvados (-as)	teremos sido louvados (-as)
sereis louvados (-as)	tereis sido louvados (-as)
serão louvados (-as)	terão sido louvados (-as)

Futuro do pretérito (simples)	Futuro do pretérito (composto)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (a)
serias louvado (-a)	terias sido louvado (-a)
seria louvado (-a)	teria sido louvado (-a)
seríamos louvados (-as)	teríamos sido louvados (-as)
seríeis louvados (-as)	teríeis sido louvados (-as)
seriam louvados (-as)	teriam sido louvados (-as)

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejas louvado (-a)	fosses louvado (-a)
seja louvado (-a)	fosse louvado (-a)
sejamos louvados (-as)	fôssemos louvados (-as)
sejais louvados (-as)	fôsseis louvados (-as)
sejam louvados (-as)	fossem louvados (-as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhas sido louvado (-a)	tivesses sido louvado (-a)
tenha sido louvado (-a)	tivesse sido louvado (-a)
tenhamos sido louvados (-as)	tivéssemos sido louvados (-as)
tenhais sido louvados (-as)	tivésseis sido louvados (-as)
tenham sido louvados (-as)	tivessem sido louvados (-as)

Futuro (simples)	Futuro (composto)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
fores louvado (-a)	tiveres sido louvado (-a)
for louvado (-a)	tiver sido louvado (-a)
formos louvados (-as)	tivermos sido louvados (-as)
fordes louvados (-as)	tiverdes sido louvados (-as)
forem louvados (-as)	tiverem sido louvados (-as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
seres louvado (-a)	teres sido louvado (-a)
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
sermos louvados (-as)	termos sido louvados (-as)
serdes louvados (-as)	terdes sido louvados (-as)
serem louvados (-as)	terem sido louvados (-as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo louvado (-a, -os, -as)	tendo sido louvado (-a, -os, -as)

Particípio
louvado (-a, -os, -as)

Observações:

1.ª) Só há uma forma simples na voz passiva, que é o PARTICÍPIO. Colocamos, no entanto, entre parênteses, as designações SIMPLES e COMPOSTO para lembrar a correspondência das formas assim nomeadas com as da voz ativa, que apresentam semelhante oposição.

2.ª) Na voz passiva não se usa o IMPERATIVO.

VOZ REFLEXIVA

Na VOZ REFLEXIVA o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto e representa a mesma pessoa que o sujeito. Assim:

Eu **me lavo** (ou **lavo-me**).
Ele **se deu** o trabalho de vir a minha casa (ou **deu-se**).

A próclise é preferida no Brasil, a ênclise em Portugal.

O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, uma ação mútua de dois ou mais sujeitos:

Pedro, Paulo e eu **nos estimamos** (**estimamo-nos**) [= mutuamente].

Os dias **se sucedem** (**sucedem-se**) [= um ao outro] calmos.

Verbo reflexivo e verbo pronominal

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chamados VERBOS PRONOMINAIS, de que podemos distinguir dois tipos:

a) os que só se usam na forma pronominal, como:

apiedar-se	queixar-se
condoer-se	suicidar-se

b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo:

debater [= discutir]	enganar alguém
debater-se [= agitar-se]	enganar-se com alguém

Observação:

Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, *a si mesmo*, etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a ser *um ao outro*, *reciprocamente*, *mutuamente*, etc.

Assim:

Feri-me **a mim mesmo**.
Amavam-se **um ao outro**.

CONJUGAÇÃO DE UM VERBO REFLEXIVO

(Modelo: *lavar-se*)

Modo indicativo

COM O PRONOME ENCLÍTICO OU MESOCLÍTICO	COM O PRONOME PROCLÍTICO
Presente	
lavo-me	eu me lavo
lavas-te	tu te lavas
lava-se	ele se lava
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavais-vos	vós vos lavais
lavam-se	eles se lavam

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Pretérito imperfeito	
lavava-me	eu me lavava
lavavas-te	tu te lavavas
lavava-se	ele se lavava
lavávamo-nos	nós nos lavávamos
laváveis-vos	vós vos laváveis
lavavam-se	eles se lavavam
Pretérito perfeito simples	
lavei-me	eu me lavei
lavaste-te	tu te lavaste
lavou-se	ele se lavou
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavastes-vos	vós vos lavastes
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito perfeito composto	
tenho-me lavado	eu me tenho lavado
tens-te lavado	tu te tens lavado
tem-se lavado	ele se tem lavado
temo-nos lavado	nós nos temos lavado
tendes-vos lavado	vós vos tendes lavado
têm-se lavado	eles se têm lavado
Pretérito mais-que-perfeito simples	
lavara-me	eu me lavara
lavaras-te	tu te lavaras
lavara-se	ele se lavara
laváramo-nos	nós nos laváramos
laváreis-vos	vós vos laváreis
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito mais-que-perfeito composto	
tinha-me lavado	eu me tinha lavado
tinhas-te lavado	tu te tinhas lavado
tinha-se lavado	ele se tinha lavado
tínhamo-nos lavado	nós nos tínhamos lavado
tínheis-vos lavado	vós vos tínheis lavado
tinham-se lavado	eles se tinham lavado

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Futuro do presente simples	
lavar-me-ei	eu me lavarei
lavar-te-ás	tu te lavarás
lavar-se-á	ele se lavará
lavar-nos-emos	nós nos lavaremos
lavar-vos-eis	vós vos lavareis
lavar-se-ão	eles se lavarão
Futuro do presente composto	
ter-me-ei lavado	eu me terei lavado
ter-te-ás lavado	tu te terás lavado
ter-se-á lavado	ele se terá lavado
ter-nos-emos lavado	nós nos teremos lavado
ter-vos-eis lavado	vós vos tereis lavado
ter-se-ão lavado	eles se terão lavado
Futuro do pretérito simples	
lavar-me-ia	eu me lavaria
lavar-te-ias	tu te lavarias
lavar-se-ia	ele se lavaria
lavar-nos-íamos	nós nos lavaríamos
lavar-vos-íeis	vós vos lavaríeis
lavar-se-iam	eles se lavariam
Futuro do pretérito composto	
ter-me-ia lavado	eu me teria lavado
ter-te-ias lavado	tu te terias lavado
ter-se-ia lavado	ele se teria lavado
ter-nos-íamos lavado	nós nos teríamos lavado
ter-vos-íeis lavado	vós vos teríeis lavado
ter-se-iam lavado	eles se teriam lavado

Modo subjuntivo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Presente	
lave-me	eu me lave
laves-te	tu te laves
lave-se	ele se lave
lavemo-nos	nós nos lavemos
laveis-vos	vós vos laveis
lavem-se	eles se lavem

Com o pronome enclítico	Com o pronome próclítico
Pretérito imperfeito	
lavasse-me	eu me lavasse
lavasses-te	tu te lavasses
lavasse-se	ele se lavasse
lavássemo-nos	nós nos lavássemos
lavásseis-vos	vós vos lavásseis
lavassem-se	eles se lavassem
Pretérito perfeito	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tenha lavado
	tu te tenhas lavado
	ele se tenha lavado
	nós nos tenhamos lavado
	vós vos tenhais lavado
	eles se tenham lavado
Pretérito mais-que-perfeito	
tivesse-me lavado	eu me tivesse lavado
tivesses-te lavado	tu te tivesses lavado
tivesse-se lavado	ele se tivesse lavado
tivéssemo-nos lavado	nós nos tivéssemos lavado
tivésseis-vos lavado	vós vos tivésseis lavado
tivessem-se lavado	eles se tivessem lavado
Futuro simples	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me lavar
	tu te lavares
	ele se lavar
	nós nos lavarmos
	vós vos lavardes
	eles se lavarem
Futuro composto	
(Não se usa com o pronome enclítico)	eu me tiver lavado
	tu te tiveres lavado
	ele se tiver lavado
	nós nos tivermos lavado
	vós vos tiverdes lavado
	eles se tiverem lavado

Modo imperativo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Afirmativo	
lava-te lave-se lavemo-nos lavai-vos lavem-se	(Não pode vir proclítico o pronome)
Negativo	
(Não pode vir enclítico o pronome)	não te laves não se lave não nos lavemos não vos laveis não se lavem

Formas nominais

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Infinitivo impessoal presente	
lavar-se	— se lavar
Infinitivo impessoal pretérito	
ter-se lavado	— se ter lavado
Infinitivo pessoal presente	
lavar-me	eu me lavar
lavares-te	tu te lavares
lavar-se	ele se lavar
lavarmo-nos	nós nos lavarmos
lavardes-vos	vós vos lavardes
lavarem-se	eles se lavarem
Infinitivo pessoal pretérito	
ter-me lavado	eu me ter lavado
teres-te lavado	tu te teres lavado
ter-se lavado	ele se ter lavado
termo-nos lavado	nós nos termos lavado
terdes-vos lavado	vós vos terdes lavado
terem-se lavado	eles se terem lavado

COM O PRONOME ENCLÍTICO	COM O PRONOME PRÓCLÍTICO
Gerúndio presente	
lavando-se	— se lavando
Gerúndio pretérito	
tendo-se lavado	— se tendo lavado
Particípio	
O pronome oblíquo não pode vir posposto ao particípio	

Observações:

1.ª) Note-se que, em todas as 1ªs. pessoas do plural deste paradigma, quando o pronome é enclítico, o *-s* final da desinência *-mos* é omitido (em virtude de uma antiga assimilação à nasal inicial do pronome seguinte).

2.ª) Nas formas do modo indicativo, quando o pronome sujeito vem expresso, a ênclise do pronome oblíquo é a construção preferida em Portugal e a próclise, a normal no Brasil. Veja-se o que dissemos a propósito da colocação dos pronomes átonos no capítulo 11.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS IRREGULARES

Irregularidade verbal

A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical.

Se examinarmos, por exemplo, a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *dar* e *medir*, verificamos que:

a) a forma *dou* não recebe a desinência normal *-o* da referida pessoa;
b) a forma *meço* apresenta o radical *meç-*, distinto do radical *med-*, que aparece no INFINITIVO e em outras formas do verbo: *med-ir*, *med-es*, *med-i*, *med-ira*, etc.

Dar e *medir* são, pois, VERBOS IRREGULARES.

Se examinarmos, por outro lado, o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO dos verbos em causa, observamos que as formas:

a) *dava*, *davas*, *dava*, *dávamos*, *dáveis*, *davam* se enquadram no paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação;
b) *media*, *medias*, *media*, *medíamos*, *medíeis*, *mediam*, por sua vez, incorporam-se ao paradigma dos verbos regulares da 3.ª conjugação;

Vemos, assim, que num verbo irregular pode haver determinadas formas perfeitamente regulares.

Observação:

Para mais fácil conhecimento dos verbos irregulares, convém ter em mente o que dissemos sobre a formação dos tempos simples. Excetuando-se a anomalia que apontamos na conjugação dos verbos *dar*, *estar*, *haver*, *querer*, *saber*, *ser* e *ir*, a irregularidade dos demais é sempre constante nas formas de cada um dos grupos:

1.º GRUPO	2.º GRUPO	3.º GRUPO
Pres. do indicativo	Pretérito perfeito do indicativo	Futuro do presente
Pres. do subjuntivo	Pret. mais-que-perf. do indicativo	Futuro do pretérito
Imperativo	Pret. imperfeito do subjuntivo	
	Futuro do subjuntivo	

Atentando-se, pois, nas formas do PRESENTE, do PRETÉRITO PERFEITO e do FUTURO DO PRESENTE do MODO INDICATIVO, sabe-se se um verbo é ou não irregular e, também, como conjugá-lo nos tempos de cada um dos três grupos.

Irregularidade verbal e discordância gráfica

É necessário não confundir irregularidade verbal com certas discordâncias gráficas que aparecem em formas do mesmo verbo e que visam apenas a indicar-lhes a uniformidade de pronúncia dentro das convenções do nosso sistema de escrita.

Assim:

a) os verbos da 1.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-ç* e *-g* mudam tais letras, respectivamente, em *-qu*, *-c* e *-gu* sempre que se lhes segue um *-e*:

ficar — fiquei
justiçar — justicei
chegar — cheguei

b) os verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-g* e *-gu* mudam tais letras, respectivamente, em *-ç*, *-j* e *-g* sempre que se lhes segue um *-o* ou um *-a*:

vencer — venço — vença
tanger — tanjo — tanja
erguer — ergo — erga
restringir — restrinjo — restrinja
extinguir — extingo — extinga

São, como vemos, simples acomodações gráficas, que não implicam irregularidade do verbo.

Verbos com alternância vocálica

Muitos verbos da língua portuguesa apresentam diferenças de timbre na vogal do radical conforme nele recaia ou não o acento tônico. Estas diferenças não são exatamente as mesmas na variante europeia e na variante brasileira da língua portuguesa, devido sobretudo ao fenômeno da redução das vogais em sílaba átona, a que nos referimos no capítulo sobre fonética e fonologia. Assim, às formas *levamos* e *levais* — com [ə] fechado no português normal de Portugal e com [e] semifechado no português do Brasil — contrapõem-se *levo*, *levas*, *leva* e *levam*, com *e* semiaberto [ɛ]; às formas *rogamos* e *rogais* — com [u] no português de Portugal e com [o] semifechado no português do Brasil — opõem-se *rogo*, *rogas*, *roga* e *rogam*, com *o* semiaberto[ɔ]. Às vezes a alternância vocálica observa-se nas próprias formas rizotônicas. Por exemplo: *subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*.

Por sofrerem tais mutações vocálicas no radical, esses verbos, ou melhor, os pertencentes à 3.ª conjugação, vêm de regra incluídos no elenco dos VERBOS IRREGULARES. Cumpre ponderar, no entanto, que essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam exceções, mas a norma dentro da nossa complexa morfologia. Saliente-se, ainda, que não é lógico que se considerem regulares verbos como *beber* e *mover*, que, nas formas rizotônicas, apresentam, respectivamente, as alternâncias: *a*) de [ə] fechado no português normal de Portugal e de *e* semifechado [e] no português do Brasil com *e* semiaberto [ɛ]; *b*) de [u] fechado no português normal de Portugal e *o* semifechado [o] no português do Brasil com *o* semiaberto [ɔ]; e, de outro lado, se tenham por irregulares verbos como *frigir* e *acudir*, que alternam [i] com *e* semiaberto [ɛ] e [u] com *o* semiaberto [ɔ]. Há flagrante semelhança nos casos citados. Apenas em *beber* e *mover* não se distinguem na escrita (fato meramente gráfico, por conseguinte) aquelas oposições de fonemas vocálicos a que nos referimos.

Uma palavra deve ainda ser dita com referência aos verbos de qualquer conjugação que têm no radical a vogal *a*.

No português do Brasil não se observa nenhuma alternância na referida vogal, que apresenta o mesmo timbre aberto nas formas rizotônicas e arrizotônicas, embora nestas últimas, naturalmente, ela se articule com menos intensidade. Assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavamos*, *lavais*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavemos*, *laveis*, *lavem* (sempre com o *a* tônico ou pretônico aberto).

No português de Portugal, porém, a vogal radical *a*, sujeita, nas formas arrizotônicas, ao fenômeno da redução vocálica, apresenta, regularmente, o timbre [ɑ]. Temos assim: *lavo*, *lavas*, *lava*, *lavam*; *lave*, *laves*, *lave*, *lavem* (com *a*

tônico aberto [a]), mas *lavamos, lavais*; *lavemos, laveis*; *lavai* (com *a* pretônico semifechado [α]).

Quando a vogal radical é a nasal [α˜], grafada *an* ou *am*, não se registra qualquer alternância nem no português do Brasil nem no de Portugal, pois a vogal é sempre semifechada, como se disse no capítulo dedicado à Fonética. Assim: *canto, cante, cantamos, cantemos*, etc. (sempre com [α˜]).

Feitas essas considerações, examinemos os principais tipos de alternância vocálica dos verbos em que existem formas rizotônicas: O PRESENTE DO INDICATIVO, O PRESENTE DO SUBJUNTIVO, O IMPERATIVO AFIRMATIVO E O IMPERATIVO NEGATIVO.

De 1.ª conjugação

(Modelos: *levar* e *lograr*)

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
levo	leve	—	—
levas	leves	leva	não leves
leva	leve	leve	não leve
levamos	levemos	levemos	não levemos
levais	leveis	levai	não leveis
levam	levem	levem	não levem
logro	logre	—	—
logras	logres	logra	não logres
logra	logre	logre	não logre
logramos	logremos	logremos	não logremos
lograis	logreis	lograi	não logreis
logram	logrem	logrem	não logrem

Verificamos que, no primeiro, à vogal fechada [ə] do português normal de Portugal e à semifechada [e] do português normal do Brasil, que aparecem na 1.ª e 2.ª pessoas do plural, corresponde a semiaberta [ɛ] na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural. No segundo, há uma mutação semelhante: à vogal fechada [u] do português normal de Portugal e à semifechada [o] do português normal do Brasil, existentes nas formas arrizotônicas, corresponde a semiaberta [ɔ] nas formas rizotônicas.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *levar* os verbos da 1.ª conjugação que têm *e* gráfico[7] no radical, a menos que esta vogal:

a) faça parte do ditongo escrito *ei* — e pronunciado [ej] no português do Brasil e [ɑj] no português normal de Portugal —, como em *cheirar*, por exemplo: *cheiro*, *cheiras*, *cheira*, etc. (sempre com [e] ou [ɑ]);

b) esteja seguida de consoante nasal articulada ([m], [n] ou [ɲ]): *remo*, *remas*, *rema*, etc.; *ordeno*, *ordenas*, *ordena*, etc.; *empenho*, *empenhas*, *empenha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] antes de [ɲ] nas formas rizotônicas, e com [ə] nas arrizotônicas);

c) venha seguida de consoante palatal ([ʃ], [ʒ] ou [ʎ]: *fecho*, *fechas*, *fecha*, etc.; *desejo*, *desejas*, *deseja*, etc.; *aparelho*, *aparelhas*, *aparelha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [e]; no português de Portugal, com [e] ou [ɑ] nas formas rizotônicas, e com [ə] nas arrizotônicas);

Apenas os verbos *invejar*, *embrechar*, *frechar* e *vexar*, dentre os que ao [e] segue uma consoante palatal, apresentam a vogal [ɛ] nas formas rizotônicas.

2.ª) Embora não se enquadre em nenhuma das exceções apontadas, o verbo *chegar* (e seus derivados, como *achegar*, *aconchegar*, etc.) conserva a vogal semifechada [e] em todas as formas rizotônicas.

3.ª) Seguem o modelo de *lograr* os verbos da 1.ª conjugação que têm *o* gráfico[7] no radical, salvo nos casos em que esta vogal:

a) faz parte do ditongo *oi* (seguido de consoante) e do antigo ditongo *ou*: *pernoito*, *pernoitas*, *pernoita*, etc.; *douro*, *douras*, *doura*, etc. (sempre com [o]);

b) antecede consoante nasal articulada ([m], [n], [ɲ]: *tomo*, *tomas*, *toma*, etc.; *leciono*, *lecionas*, *leciona*, etc.; *sonho*, *sonhas*, *sonha*, etc. (no português do Brasil, sempre com [o]; no português de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas);

c) pertence a verbos terminados em *-oar*, como *voar*: *voo*, *voas*, *voa*, etc. (tanto no português do Brasil como no de Portugal, com [o] nas formas rizotônicas e com [u] nas arrizotônicas.

4.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou *o* [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *tento*, *tentas*, *tenta*, etc.; *conto*, *contas*, *conta*, etc.

---

[7] Como dissemos, no português europeu normal, as vogais radicais escritas *o*, *e*, soam [ə], [u], nas formas arrizotônicas. Os infinitivos *levar* e *lograr* são, pois, pronunciados [lə'var] e [lu'grar].

De 2.ª conjugação

(Modelos: *dever e mover*)

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
devo	deva	—	—
deves	devas	deve	não devas
deve	deva	deva	não deva
devemos	devamos	devamos	não devamos
deveis	devais	devei	não devais
devem	devam	devam	não devam
movo	mova	—	—
moves	movas	move	não movas
move	mova	mova	não mova
movemos	movamos	movamos	não movamos
moveis	movais	movei	não movais
movem	movam	movam	não movam

Verificamos que:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal semifechada [e] e [o] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] e [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a distinção entre as vogais átonas fechadas [ə] e [u] do português de Portugal e as semifechadas [e] e [o] do português do Brasil.

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, o português do Brasil mantém em todas as formas a vogal [e] ou [o], conservada no português de Portugal somente nas formas rizotônicas, pois nas arrizotônicas se dá a redução normal a [ə] ou [u].

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ]; no português do Brasil, a 2.ª pessoa do plural, forma arrizotônica, e as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal semifechada [e] ou [o] deste tempo; no português de Portugal, as formas rizotônicas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO mantêm a vogal semifechada [e] ou [u], mas as formas arrizotônicas apresentam a redução a [ə] ou [u].

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *dever* os verbos da 2.ª conjugação que têm *e* gráfico no radical, com exceção:

a) do verbo *querer*, cujo PRESENTE DO SUBJUNTIVO é irregular (*queira*, *queiras*, etc.) e que, no PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta todas as formas rizotônicas com *e* semiaberto [ɛ]: *quero*, *queres*, *quer*, *querem*.
b) no português do Brasil, dos verbos em que o *e* antecede uma consoante nasal, como *temer*: *temo*, *temes*, *teme*, etc. (sempre com [e]); no português de Portugal estes verbos seguem o modelo de *dever*.

2.ª) Seguem o modelo de *mover* os verbos da 2.ª conjugação que têm *o* gráfico no radical, com exceção:
a) do verbo *poder*, em que a vogal semiaberta [ɔ] aparece também na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *posso*, *podes*, *pode*, *podem*; *possa*, *possas*, *possa*, *possam*;
b) no português do Brasil, dos verbos em que o *o* antecede consoante nasal, a exemplo de *comer*: *como*, *comes*, *come*, etc. (sempre com [o]); no português normal de Portugal estes verbos seguem o modelo de *mover*.

Note-se que em algumas regiões do Brasil os verbos em que o *o* do radical antecede consoante nasal seguem também o modelo de *mover*.

3.ª) Os verbos que apresentam no radical *e* [ẽ] ou [õ] nasal conservam estas vogais em todas as formas: *encho*, *enches*, *enche*, etc.; *rompo*, *rompes*, *rompe*, etc.

De 3.ª conjugação

(Modelos: *servir e dormir)*

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
sirvo	sirva	—	—
serves	sirvas	serve	não sirvas
serve	sirva	sirva	não sirva
servimos	sirvamos	sirvamos	não sirvamos
servis	sirvais	servi	não sirvais
servem	sirvam	sirvam	não sirvam
durmo	durma	—	—
dormes	durmas	dorme	não durmas
dorme	durma	durma	não durma
dormimos	durmamos	durmamos	não durmamos
dormis	durmais	dormi	não durmais
dormem	durmam	durmam	não durmam

Notamos que, nesses verbos, as vogais do radical alternam de modo ainda mais sensível.

Assim:

a) no PRESENTE DO INDICATIVO, as formas rizotônicas apresentam uma alternância da vogal fechada [i] ou [u] da 1.ª pessoa do singular com a vogal semiaberta [ɛ] ou [ɔ] da 2.ª e 3.ª pessoas do singular e da 3.ª do plural; nas formas arrizotônicas observa-se a redução vocálica normal a [ə] ou [u] no português europeu e uma oscilação entre [e/i] ou [o/u] no português do Brasil, com predominância da vogal fechada [i] ou [u] por influência assimilatória da vogal tônica;

b) no PRESENTE DO SUBJUNTIVO, derivado da 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, mantêm-se em todas as formas as vogais daquela pessoa, [i] ou [u], conforme o caso;

c) no IMPERATIVO AFIRMATIVO, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do PRESENTE DO INDICATIVO, tem a vogal [ɛ] ou [ɔ]; a 2.ª do plural, em consonância com a do PRESENTE DO INDICATIVO, apresenta a vogal [ə] ou [u], no português de Portugal, e [e/i] ou [o/u], no português do Brasil; as formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do IMPERATIVO NEGATIVO) conservam a vogal [i] ou [u] deste tempo.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *servir* os verbos da 3.ª conjugação que têm *e* gráfico no INFINITIVO. Assim:

aderir	conferir	digerir	ingerir	repelir
advertir	convergir	discernir	inserir	repetir
aferir	deferir	divergir	preferir	seguir
compelir	desferir	ferir	referir	sugerir
competir	despir	inferir	refletir	vestir

e também *mentir* e *sentir*.

Excetuam-se, no entanto:

a) os verbos *medir*, *pedir*, *despedir* e *impedir*, que apresentam *e* semiaberto [ɛ] em todas as formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO e, por conseguinte, nas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO: *meço*, *medes*, *mede*, *medem*; *meça*, *meças*, *meça*, *meçam*, etc.; *peço*, *pedes*, *pede*, *pedem*; *peça*, *peças*, *peça*, *peçam*, etc.

b) os verbos *agredir*, *denegrir*, *prevenir*, *progredir*, *regredir* e *transgredir*, que apresentam [i] nas quatro formas rizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO, em todo o

PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas formas dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO dele derivadas:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
agrido	agrida	—	—
agrides	agridas	agride	não agridas
agride	agrida	agrida	não agrida
agredimos	agridamos	agridamos	não agridamos
agredis	agridais	agredi	não agridais
agridem	agridam	agridam	não agridam

2.ª) Seguem o modelo de *dormir* os verbos da 3.ª conjugação que tem *o* gráfico no INFINITIVO: *tossir*, *engolir*, *cobrir* (e seus derivados, como *descobrir*, *encobrir* e *recobrir*). Excetuam-se, porém:

a) os verbos em que o *o* corresponde ao antigo ditongo [ew], caso em que se conserva como [e] em toda a conjugação: *ouço*, *ouves*, *ouve*, etc.;
b) os verbos *polir* e *sortir*, que apresentam [u] nas formas rizotônicas, formas, aliás, de pouco uso: *pulo*, *pules*, *pule*, *pulem*; *surto*, *surtes*, *surte*, *surtem*.

Modelos: *frigir* e *acudir*

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
frijo	frija	—	—
freges	frijas	frege	não frijas
frege	frija	frija	não frija
frigimos	frijamos	frijamos	não frijamos
frigis	frijais	frigi	não frijais
fregem	frijam	frijam	não frijam
acudo	acuda	—	—
acodes	acudas	acode	não acudas
acode	acuda	acuda	não acuda
acudimos	acudamos	acudamos	não acudamos
acudis	acudais	acudi	não acudais
acodem	acudam	acudam	não acudam

Vemos que, embora tenham [i] e [u] no radical, os verbos *frigir* e *acudir* se comportam como se fossem verbos com *e* e *o* gráficos no INFINITIVO, conjugando-se nos quatro tempos mencionados pelos modelos de *servir* e *dormir*.

Observações:

1.ª) Seguem o modelo de *acudir* os seguintes verbos:

bulir	cuspir	fugir	subir
consumir	escapulir	sacudir	sumir

Na língua corrente é também esta a conjugação dos verbos *entupir* e *desentupir*, que num registro mais culto apresentam, por vezes, as formas regulares *entupo*, *entupes*, *entupe*, *entupem*; *desentupo*, *desentupes*, *desentupe*, *desentupem*.

2.ª) Os verbos *construir*, *destruir* e *reconstruir*, dependendo de uma maior ou menor formalização da linguagem, podem ser conjugados: *construo*, *construis* ou *constróis*, *construi* ou *constrói*, *construem* ou *constroem*, etc. Os outros derivados do latim *struĕre*, como *instruir* e *obstruir*, só conhecem a conjugação regular: *instruo*, *instruis*, *instrui*, *instruem*; *obstruo*, *obstruis*, *obstrui*, *obstruem*.

3.ª) Não apresentam alternância vocálica, isto é, conservam o [u] do radical em toda a conjugação, entre outros menos usuais, os verbos:

aludir	curtir	influir	resumir
assumir	iludir	presumir	urdir

e seus derivados.

Pelo modelo de *influir* conjugam-se os demais verbos terminados em *-uir*: *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *instituir*, *restituir*, *redarguir* e *ruir*.

4.ª) Os verbos *aspergir* e *submergir* têm *e* semifechado [e] na 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO. Na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural, a exemplo de *servir*, apresentam *e* semiaberto [ɛ].

Outros tipos de irregularidade

1.ª conjugação

Embora seja a mais rica em número de verbos, a 1.ª conjugação é a mais pobre em número de verbos irregulares. Além de *estar*, cuja conjugação estudamos, há apenas os seguintes:

Dar

Apresenta irregularidades nestes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
dou	dei	dera
dás	deste	deras
dá	deu	dera
damos	demos	déramos
dais	destes	déreis
dão	deram	deram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
dê	desse	der
dês	desses	deres
dê	desse	der
demos	déssemos	dermos
deis	désseis	derdes
deem	dessem	derem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
dá	não dês
dê	não dê
demos	não demos
dai	não deis
deem	não deem

No mais, conjuga-se como um verbo regular da 1.ª conjugação.

Note-se que o derivado *circundar* não apresenta nenhuma destas irregularidades. Segue em tudo o paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

Verbos terminados em *-ear* e *-iar*

1. Os verbos terminados em *-ear* recebem *i* depois do *e* nas formas rizotônicas. Sirva de exemplo o verbo *passear*, que assim se conjuga no PRESENTE DO INDICATIVO, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
passeio	passeie	—	—
passeias	passeies	passeia	não passeies
passeia	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeeis	passeai	não passeeis
passeiam	passeiem	passeiem	não passeiem

2. Os verbos terminados em *-iar* são, em geral, regulares. Sirva de modelo o verbo *anunciar*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
anuncio	anuncie	—	—
anuncias	anuncies	anuncia	não anuncies
anuncia	anuncie	anuncie	não anuncie
anunciamos	anunciemos	anunciemos	não anunciemos
anunciais	anuncieis	anunciai	não anuncieis
anunciam	anunciem	anunciem	não anunciem

Observação:

O verbo *mobiliar* (do português do Brasil) apresenta, nas formas rizotônicas, o acento na sílaba *bi*: PRESENTE DO INDICATIVO: *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobíliam*; PRESENTE DO SUBJUNTIVO: *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, *mobíliem*; etc. Mas, em verdade, tal anomalia é mais gráfica do que fonética. Este verbo também se escreve *mobilhar*, variante gráfica admitida pelo Vocabulário Oficial e que melhor reproduz a sua pronúncia corrente. Advirta-se, ainda, que em Portugal a forma preferida é *mobilar*, conjugada regularmente.

3. Por analogia com os verbos em *-ear* (já que na pronúncia se confundem o *e* e o *i* reduzidos), cinco verbos de infinitivo em *-iar* mudam o [i] em [ej] nas formas rizotônicas. São eles: *ansiar*, *incendiar*, *mediar*, *odiar* e *remediar*. Tomemos, como exemplo, o verbo *incendiar*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
presente	presente	Afirmativo	Negativo
incendeio	incendeie	—	—
incendeias	incendeies	incendeia	não incendeies
incendeia	incendeie	incendeie	não incendeie
incendiamos	incendiemos	incendiemos	não incendiemos
incendiais	incendieis	incendiai	não incendieis
incendeiam	incendeiem	incendeiem	não incendeiem

Os demais verbos em *-iar* são regulares na língua culta do Brasil.

4. Finalmente, há um grupo de verbos em *-iar* que, no português de Portugal e na língua popular do Brasil, não seguem uma norma fixa, antes vacilam entre os modelos de *anunciar* e *incendiar*. São, entre outros, os verbos *agenciar*, *comerciar*, *negociar*, *obsequiar*, *premiar* e *sentenciar*.

Observações:

1.ª) *Criar*, em qualquer acepção, conjuga-se como verbo regular em *-iar*: *crio*, *crias*, *cria*, *criamos*, etc.

2.ª) Convém distinguir, cuidadosamente, certos verbos terminados em *-ear* e *-iar*, de forma muito parecida, mas de sentido diverso. Entre outros: *afear* (relacionado com *feio*) e *afiar* (relacionado com *fio*), *enfrear* (relacionado com *freio*) e *enfriar* (com *frio*), *estear* (relacionado com *esteio*) e *estiar* (com *estio*), *estrear* (relacionado com *estreia*) e *estriar* (com *estria*), *mear* (relacionado com *meio*) e *miar* (com *mio*, *miado*), *pear* (relacionado com *peia*) e *piar* (com *pio*), *vadear* (relacionado com *vau*) e *vadiar* (com *vadio*).

2.ª conjugação

Além dos verbos *haver*, *ser* e *ter*, já conhecidos, devem ser mencionados os seguintes:

Caber

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, irregularidades que se transmitem às formas deles derivadas.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	coubera
cabemos	coubemos	coubéramos
cabeis	coubestes	coubéreis
cabem	couberam	couberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
caibam	coubessem	couberem

Observação:

No sentido próprio este verbo não admite IMPERATIVO.

Crer e ler

São irregulares no PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
creio	creia	—	—
crês	creias	crê	não creias
crê	creia	creia	não creia
cremos	creiamos	creiamos	não creiamos
credes	creiais	crede	não creiais
creem	creiam	creiam	não creiam
leio	leia	—	—
lês	leias	lê	não leias
lê	leia	leia	não leia
lemos	leiamos	leiamos	não leiamos
ledes	leiais	lede	não leiais
leem	leiam	leiam	não leiam

Observação:

Assim também se conjugam os derivados destes verbos, como *descrer*, *reler*, etc.

Dizer

Apenas o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares neste verbo. Estas as suas formas simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
digo	dizia	disse
dizes	dizias	disseste
diz	dizia	disse
dizemos	dizíamos	dissemos
dizeis	dizíeis	dissestes
dizem	diziam	disseram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
dissera	direi	diria
disseras	dirás	dirias
dissera	dirá	diria
disséramos	diremos	diríamos
disséreis	direis	diríeis
disseram	dirão	diriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
diga	dissesse	disser
digas	dissesses	disseres
diga	dissesse	disser
digamos	disséssemos	dissermos
digais	dissésseis	disserdes
digam	dissessem	disserem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
dize	não digas
diga	não diga
digamos	não digamos
dizei	não digais
digam	não digam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
dizer	dizer dizeres dizer dizermos dizerdes dizerem	dizendo	dito

Observação:

Segundo o modelo de *dizer* conjugam-se os verbos dele formados: *bendizer*, *desdizer*, *contradizer*, *maldizer*, *predizer*, etc.

Fazer

Também neste verbo só o PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e o GERÚNDIO são regulares. As formas simples conjugam-se:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
faço	fazia	fiz
fazes	fazias	fizeste
faz	fazia	fez
fazemos	fazíamos	fizemos
fazeis	fazíeis	fizestes
fazem	faziam	fizeram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
fizera	farei	faria
fizeras	farás	farias
fizera	fará	faria
fizéramos	faremos	faríamos
fizéreis	fareis	faríeis
fizeram	farão	fariam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
faça	fizesse	fizer
faças	fizesses	fizeres
faça	fizesse	fizer
façamos	fizéssemos	fizermos
façais	fizésseis	fizerdes
façam	fizessem	fizerem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
faze	não faças
faça	não faça
façamos	não façamos
fazei	não façais
façam	não façam

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
fazer	fazer fazeres fazer fazermos fazerdes fazerem	fazendo	feito

Observação:

Por *fazer* se conjugam os seus compostos e derivados, como *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *rarefazer*, *refazer* e *satisfazer*.

Perder

Oferece irregularidade no PRESENTE DO INDICATIVO e esta se transmite às formas derivadas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e dos IMPERATIVOS AFIRMATIVO e NEGATIVO.

Eis as suas formas irregulares:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
perco	perca	—	—
perdes	percas	perde	não percas
perde	perca	perca	não perca
perdemos	percamos	percamos	não percamos
perdeis	percais	perdei	não percais
perdem	percam	percam	não percam

Poder

Apresenta irregularidades no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e, em consequência, nas formas derivadas destes dois tempos:

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
posso	pude	pudera
podes	pudeste	puderas
pode	pôde	pudera
podemos	pudemos	pudéramos
podeis	pudestes	pudéreis
podem	puderam	puderam

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
possa	pudesse	puder
possas	pudesses	puderes
possa	pudesse	puder
possamos	pudéssemos	pudermos
possais	pudésseis	puderdes
possam	pudessem	puderem

Observação:

É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

Pôr

Pôr, forma contrata do antigo *poer* (ou *põer*, derivado do latim *ponere*), é o único verbo da língua que tem o INFINITIVO irregular.

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	PRETÉRITO PERFEITO
ponho	punha	pus
pões	punhas	puseste
põe	punha	pôs
pomos	púnhamos	pusemos
pondes	púnheis	pusestes
põem	punham	puseram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
pusera	porei	poria
puseras	porás	porias
pusera	porá	poria
puséramos	poremos	poríamos
puséreis	poreis	poríeis
puserem	porão	poriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
ponha	pusesse	puser
ponhas	pusesses	puseres
ponha	pusesse	puser
ponhamos	puséssemos	pusermos
ponhais	puséssseis	puserdes
ponham	pusessem	puserem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
põe	não ponhas
ponha	não ponha
ponhamos	não ponhamos
ponde	não ponhais
ponham	não ponham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
pôr	pôr pores pôr pormos pordes porem	pondo	posto

Observações:

1.ª) *Pôr* (antigo *poer*) é um verbo anômalo da 2.ª conjugação, que perdeu sua vogal *-e-* no INFINITIVO PESSOAL e em outros tempos. Esta vogal conservou-se, no entanto, em várias formas do verbo: *pus-e-ste*, *pus-e-mos*, *pus-e-ra*, *pus-e-sse*, etc.

2.ª) Pelo paradigma de *pôr* se conjugam todos os seus derivados: *antepor*, *apor*, *compor*, *contrapor*, *decompor*, *depor*, *descompor*, *dispor*, *expor*, *impor*, *opor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*, etc.

3.ª) Pela anomalia que este verbo apresenta no INFINITIVO, certos gramáticos preferem incluí-lo numa 4.ª conjugação, que seria formada por ele e seus derivados.

Prazer

Empregado apenas na 3.ª pessoa, este verbo apresenta as seguintes formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
praz	prouve	prouvera

MODO SUBJUNTIVO

PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
prouvesse	prouver

Observações:

1.ª) As outras formas, inclusive o PRESENTE DO SUBJUNTIVO (= *praza*), são regulares. Por *prazer* se conjugam *aprazer* e *desprazer*.

2.ª) O derivado *comprazer*, além de não ser unipessoal, é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical. Assim, *comprazi*, *comprazeste*, *comprazeu*, etc.; *comprazera*, *comprazeras*, *comprazera*, etc.; *comprazesse*, *comprazesses*, *comprazesse*, etc.; *comprazer*, *comprazeres*, *comprazer*, etc.

Querer

Oferece irregularidades nos seguintes tempos:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
quero	quis	quisera
queres	quiseste	quiseras
quer	quis	quisera
queremos	quisemos	quiséramos
quereis	quisestes	quiséreis
querem	quiseram	quiseram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
queira	quisesse	quiser
queiras	quisesses	quiseres
queira	quisesse	quiser
queiramos	quiséssemos	quisermos
queirais	quisésseis	quiserdes
queiram	quisessem	quiserem

Observações:

1.ª) A par de *quer*, 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO, emprega-se também *quere* no português europeu, quando a forma verbal vem acompanhada de um pronome enclítico: *quere-a*.

2.ª) É desusado o IMPERATIVO deste verbo.

3.ª) O derivado *requerer* faz *requeiro* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e é regular no PRETÉRITO PERFEITO e nos tempos formados do seu radical: *requeri*, *requereste*, *requereu*, etc.; *requerera*, *requereras*, *requerera*, etc.; *requeresse*, *requeresses*, *requeresse*, etc.; *requerer*, *requereres*, *requerer*, etc. Além disso, emprega-se no IMPERATIVO.

4.ª) *Bem-querer* e *malquerer* fazem no PARTICÍPIO *benquisto* e *malquisto*, respectivamente.

Saber

Formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
sei	soube	soubera
sabes	soubeste	souberas
sabe	soube	soubera
sabemos	soubemos	soubéramos
sabeis	soubestes	soubéreis
sabem	souberam	souberam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
saiba	soubesse	souber
saibas	soubesses	souberes
saiba	soubesse	souber
saibamos	soubéssemos	soubermos
saibais	soubésseis	souberdes
saibam	soubessem	souberem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
sabe	não saibas
saiba	não saiba
saibamos	não saibamos
sabei	não saibais
saibam	não saibam

Trazer

É regular apenas no PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO e nas FORMAS NOMINAIS.

Esta a sua conjugação:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
trago	trazia	trouxe
trazes	trazias	trouxeste
traz	trazia	trouxe
trazemos	trazíamos	trouxemos
trazeis	trazíeis	trouxestes
trazem	traziam	trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
trouxera	trarei	traria
trouxeras	trarás	trarias
trouxera	trará	traria
trouxéramos	traremos	traríamos
trouxéreis	trareis	traríeis
trouxeram	trarão	trariam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
traga	trouxesse	trouxer
tragas	trouxesses	trouxeres
traga	trouxesse	trouxer
tragamos	trouxéssemos	trouxermos
tragais	trouxésseis	trouxerdes
tragam	trouxessem	trouxerem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
traze	não tragas
traga	não traga
tragamos	não tragamos
trazei	não tragais
tragam	não tragam

Sobre a complexa morfologia de *trazer*, e em particular sobre as variadas formas de pretérito perfeito que ainda se conservam na linguagem popular, consultem-se especialmente F. Adolfo Coelho. *Theoria da conjugação em latim e portuguez.* Lisboa, s./e., 1870, p. 109-110; Joseph M. Piel. A flexão verbal do português. Separata de *Biblos*, XX. Coimbra, 1945, p. 24, 37, 38 passim. Uma bibliografia sobre o tema pode ler-se em Celso Cunha. *Cancioneiro de Martin Codax.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1956, p. 171.

Valer

Apresenta irregularidade na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO, irregularidade que se transmite ao PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às formas do IMPERATIVO dele derivadas. Assim:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
valho	valha	—	—
vales	valhas	vale	não valhas
vale	valha	valha	não valha
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos
valeis	valhais	valei	não valhais
valem	valham	valham	não valham

Observação:

Por *valer* se conjugam *desvaler* e *equivaler*.

Ver

É irregular no PRESENTE e no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO, nas formas deles derivadas, assim como no PARTICÍPIO, que é *visto*.

Enumeremos tais formas irregulares:

MODO INDICATIVO

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
veem	viram	viram

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE	PRETÉRITO IMPERFEITO	FUTURO
veja	visse	vir
vejas	visses	vires
veja	visse	vir
vejamos	víssemos	virmos
vejais	vísseis	virdes
vejam	vissem	virem

MODO IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO
vê	não vejas
veja	não veja
vejamos	não vejamos
vede	não vejais
vejam	não vejam

Observações:

1.ª) Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*.

2.ª) *Prover*, embora formado de *ver*, é regular no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e nas formas dele derivadas: *provi*, *proveste*, *proveu*, etc.; *provera*, *proveras*, *provera*, etc.; *provesse*, *provesses*, *provesse*, etc.; *prover*, *proveres*, *prover*, etc. O PARTICÍPIO é *provido*, também regular.

Por *prover* conjuga-se o seu derivado *desprover*.

3.ª conjugação

Excluídos os que sofrem apenas mutação da vogal do radical, que estudamos no início deste capítulo, restam ainda alguns verbos da 3.ª conjugação cujas irregularidades devem ser conhecidas. São eles:

Ir

É verbo anômalo, somente regular no PRETÉRITO IMPERFEITO, no FUTURO DO PRESENTE e no FUTURO DO PRETÉRITO do MODO INDICATIVO: *ia*, *irei*, *iria*; nas FORMAS NOMINAIS — INFINITIVO: *ir*; GERÚNDIO: *indo*; PARTICÍPIO: *ido*.

Suas formas do PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e dos tempos dele derivados identificam-se com as correspondentes do verbo *ser*: *fui*, *fora*, *fosse* e *for*.

Nos demais tempos simples é assim conjugado:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
vou	vá	—	—
vais	vás	vai	não vás
vai	vá	vá	não vá
vamos	vamos	vamos	não vamos
ides	vades	ide	não vades
vão	vão	vão	não vão

Medir e Pedir

Além da alternância vocálica entre as formas rizotônicas e arrizotônicas, estes verbos apresentam modificação do radical *med-* e *ped-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, no PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
Presente	Presente	Afirmativo	Negativo
meço	meça	—	—
medes	meças	mede	não meças
mede	meça	meça	não meça
medimos	meçamos	meçamos	não meçamos
medis	meçais	medi	não meçais
medem	meçam	meçam	não meçam
peço	peça	—	—
pedes	peças	pede	não peças
pede	peça	peça	não peça
pedimos	peçamos	peçamos	não peçamos
pedis	peçais	pedi	não peçais
pedem	peçam	peçam	não peçam

Observações:

1.ª) Por *medir* conjuga-se *desmedir*.

2.ª) Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir*, etc.

Ouvir

Irregularidade semelhante à anterior. O radical *ouv-* muda-se em *ouç-* na 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, em decorrência, em todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e nas pessoas do IMPERATIVO dele derivadas.

Assim:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
ouço	ouça	—	—
ouves	ouças	ouve	não ouças
ouve	ouça	ouça	não ouça
ouvimos	ouçamos	ouçamos	não ouçamos
ouvis	ouçais	ouvi	não ouçais
ouvem	ouçam	ouçam	não ouçam

Observação:

Em Portugal, ao lado de *ouço*, há *oiço* para a 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO. Esta dualidade fonética estende-se a todo o PRESENTE DO SUBJUNTIVO e às pessoas do IMPERATIVO dele derivadas: *ouça* ou *oiça*, *ouças* ou *oiças*, etc.

Rir

Apresenta irregularidades nos seguintes tempos:

INDICATIVO	SUBJUNTIVO	IMPERATIVO	
PRESENTE	PRESENTE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
rio	ria	—	—
ris	rias	ri	não rias
ri	ria	ria	não ria
rimos	riamos	riamos	não riamos
rides	riais	ride	não riais
riem	riam	riam	não riam

Pelo modelo de *rir* conjuga-se *sorrir*.

Vir

É verbo anômalo, assim conjugado nos tempos simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
venho	vinha	vim
vens	vinhas	vieste
vem	vinha	veio
vimos	vínhamos	viemos
vindes	vínheis	viestes
vêm	vinham	vieram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
viera	virei	viria
vieras	virás	virias
viera	virá	viria
viéramos	viremos	viríamos
viéreis	vireis	viríeis
vieram	virão	viriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
venha	viesse	vier
venhas	viesses	vieres
venha	viesse	vier
venhamos	viéssemos	viermos
venhais	viésseis	vierdes
venham	viessem	vierem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
vem	não venhas
venha	não venha
venhamos	não venhamos
vinde	não venhais
venham	não venham

FORMAS NOMINAIS

INFINITIVO IMPESSOAL	INFINITIVO PESSOAL	GERÚNDIO	PARTICÍPIO
vir	vir vires vir virmos virdes virem	vindo	vindo

Observação:

Por este verbo se conjugam todos os seus derivados, como *advir*, *avir*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir* e *sobrevir*.

Verbos terminados em *-uzir*

Os verbos assim terminados, como *aduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *induzir*, *introduzir*, *luzir*, *produzir*, *reduzir*, *reluzir*, *traduzir*, etc., não apresentam a vogal *-e* na 3.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO: (ele) *aduz*, *conduz*, *deduz*, *induz*, *introduz*, etc.

Verbos de particípio irregular

Há alguns verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação que possuem apenas particípio irregular, não tendo conhecido jamais a forma regular em *-ido*. São os seguintes:

INFINITIVO	PARTICÍPIO	INFINITIVO	PARTICÍPIO
dizer	dito	pôr	posto
escrever	escrito	abrir	aberto
fazer	feito	cobrir	coberto
ver	visto	vir	vindo

Observações:

1.ª) Também os derivados destes verbos apresentam somente o particípio irregular. Assim, *desdito*, de *desdizer*; *reescrito*, de *reescrever*; *contrafeito*, de *contrafazer*; *previsto*, de *prever*; *imposto*, de *impor*; *entreaberto*, de *entreabrir*; *descoberto*, de *descobrir*; *convindo*, de *convir*, etc.

2.ª) *Desabrido* não é particípio regular de *desabrir*, mas forma reduzida de *dessaborido*, "sem sabor", provavelmente de origem espanhola. Usa-se apenas como adjetivo, na acepção de "rude", "violento", "descontrolado": *palavras* ***desabridas***, *ventos* ***desabridos***, *discurso* ***desabrido***.

3.ª) Neste grupo devemos incluir três verbos da 1.ª conjugação — *ganhar*, *gastar* e *pagar* — de que outrora se usavam normalmente os dois particípios. Na linguagem atual preferem-se, tanto nas construções com o auxiliar *ser* como naquelas em que entra o auxiliar *ter*, as formas irregulares *ganho*, *gasto* e *pago*, sendo que a última substituiu completamente o antigo *pagado*.

Verbos abundantes

Vimos que são chamados ABUNDANTES os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. Vimos também que, na quase totalidade dos casos, essa abundância ocorre apenas no PARTICÍPIO, o qual, em certos verbos, se apresenta com uma forma reduzida ou anormal ao lado da forma regular em *-ado* ou *-ido*.

De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da VOZ ATIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver*; a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos da VOZ PASSIVA, ou seja, acompanhada do auxiliar *ser*.

Examinemos os principais verbos ABUNDANTES no particípio.

De 1.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
aceitar	aceitado	aceito, aceite
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago

De 2.ª conjugação

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
suspender	suspendido	suspenso

De 3.ª conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
emergir	emergido	emerso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

Observações:

1.ª) Somente as formas irregulares se usam como adjetivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*.

2.ª) A forma *aceite* é mais usada em Portugal.

3.ª) *Morto* é particípio de *morrer* e estendeu-se também a *matar*.

4.ª) O particípio *rompido* usa-se também com o auxiliar *ser*. Ex.: ***Foram rompidas*** *nossas relações. Roto* emprega-se mais como adjetivo.

5.ª) *Imprimir* possui duplo particípio quando significa "estampar", "gravar". Na acepção de "produzir movimento", "infundir", usa-se apenas o particípio em *-ido*. Dir-se-á, por exemplo: *Este livro* ***foi impresso*** *no Brasil*. Mas, por outro lado: ***Foi imprimida*** *enorme velocidade ao carro.*

6.ª) Pelo modelo de *entregue*, formou-se *empregue*, de uso frequente em Portugal e na linguagem popular do Brasil.

7.ª) Muitos particípios irregulares, que outrora serviam para formar tempos compostos, caíram em desuso. Entre outros, estão nesse caso: *cinto*, do verbo *cingir*; *colheito* do verbo *colher*; *despeso*, do verbo *despender*. Alguns, como *absoluto* (de *absolver*) e *resoluto* (de *resolver*), continuam na língua, mas com valor de adjetivos.

Verbos impessoais, unipessoais e defectivos

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.

As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria ideia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como *chover*, *trovejar*, *ventar*, só aparecem na 3.ª pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir*, *ladrar*, *zurrar*, normalmente só se empregam na 3.ª pessoa do singular e do plural.

Aos primeiros chamamos IMPESSOAIS; aos últimos UNIPESSOAIS.

Outras vezes o desuso de uma forma verbal é ocasionado por sua pronúncia desagradável ou por prestar-se a confusão com uma forma de outro verbo, de emprego mais frequente. A razões de ordem eufônica atribui-se, por exemplo, a falta da 1.ª pessoa do singular do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, de todas as pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO do verbo *abolir*; pela homofonia com formas do verbo *falar*, justifica-se a inexistência das formas rizotônicas do verbo *falir*. Mas, como a própria caracterização do que é agradável ou desagradável ao ouvido é sempre difícil, pois está condicionada ao gosto pessoal, há frequentes discordâncias entre os gramáticos em estabelecer os casos de lacuna verbal aconselhados por motivos eufônicos. Não raro, não se vislumbra mesmo razão maior do que o simples desuso de uma forma para que ela continue sendo evitada pelos que falam ou escrevem.

Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada pelo uso damos o nome de DEFECTIVOS.

Verbos impessoais

Não tendo sujeito, os VERBOS IMPESSOAIS são invariavelmente usados na 3.ª pessoa do singular. Assim:

a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como:

alvorecer	chover	nevar	saraivar
amanhecer	chuviscar	orvalhar	trovejar
anoitecer	estiar	relampejar	ventar

b) o verbo *haver* na acepção de "existir" e o verbo *fazer* quando indica tempo decorrido:

Houve momentos de pânico.
Faz cinco anos que não o vejo.

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo:

Basta de provocações!
Chega de lamúrias.
Dói-me do lado esquerdo.

Verbos unipessoais

São, como dissemos, UNIPESSOAIS os verbos que, pelo sentido, só admitem um sujeito da 3.ª pessoa do singular ou do plural.

Assim:

a) os verbos que exprimem uma ação ou um estado peculiar a determinado animal, como *ladrar*, *rosnar*, *galopar*, *trotar*, *pipilar*, *zurrar*:

> **Zumbem** à porta insetos variegados.
> Os periquitos verdes **grazinavam**.
> Os sapos **coaxavam** nas águas mortas.
> Borboletas tontas **esvoaçavam** de ramo em ramo.
> Os potros **galopavam** incontidos.

b) os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando têm por sujeito um substantivo, ou uma oração substantiva, seja reduzida de infinitivo, seja iniciada pela integrante *que*:

> **Urgem** as providências prometidas.
> **Convém** sair mais cedo.
> **Pareceu**-me que ele chorava.

c) os verbos *acontecer*, *concernir*, *grassar* e outros, como *constar* (= ser constituído), *assentar* (= ajustar uma vestimenta), etc.:

> **Aconteceu** o que eu esperava.
> O exemplo não **concerne** ao caso.
> As epidemias **grassavam** na região.
> O livro **consta** de duas partes.
> Os vestidos **assentaram**-lhe bem.

Observação:

É claro que, em sentido figurado, tanto os verbos que exprimem fenômenos da natureza como os que designam vozes de animais podem aparecer em todas as pessoas.

Vejam-se estes exemplos literários:

> Os oficiais **anoiteceram** e não **amanheceram** na propriedade.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 70.)

> Tanto **ladras**, **rosnei** com os meus botões, que trincas a língua.
> (A. Ribeiro, *ES*, 189.)

Por outro lado, convém ter presente que, nos casos de personificação, como as fábulas, tais verbos podem ser empregados, com o significado próprio, em todas as pessoas.

Verbos defectivos

Os VERBOS DEFECTIVOS, em sua grande maioria pertencentes à 3.ª conjugação, podem ser distribuídos por dois grupos principais:

1.º grupo. Verbos que não possuem a 1.ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO e, consequentemente, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem as formas do IMPERATIVO que delas se derivam, isto é, todas as do IMPERATIVO NEGATIVO e três do IMPERATIVO AFIRMATIVO: a 3.ª pessoa do singular e a 1.ª e 3.ª do plural.

Sirva de exemplo o verbo *banir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
banes	—	bane	—
bane	—	—	—
banimos	—	—	—
banis	—	bani	—
banem	—	—	—

Pelo modelo de *banir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos:

abolir	carpir	exaurir	imergir
aturdir	colorir	fremir	jungir
brandir	demolir	fulgir	retorquir
brunir	emergir	haurir	ungir

2.º grupo. Verbos que, no PRESENTE DO INDICATIVO, só se conjugam nas formas arrizotônicas e não possuem, portanto, nenhuma das pessoas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO nem do IMPERATIVO NEGATIVO; e, no IMPERATIVO AFIRMATIVO, apresentam apenas a 2.ª pessoa do plural.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

INDICATIVO PRESENTE	SUBJUNTIVO PRESENTE	IMPERATIVO	
		AFIRMATIVO	NEGATIVO
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Pelo modelo de *falir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos da 3.ª conjugação:

aguerrir	delinquir	empedernir	puir
combalir	descomedir-se	foragir-se	remir
comedir-se	embair	fornir	renhir

bem como o verbo *adequar* da 1.ª conjugação, e *precaver-se* e *reaver*, da 2.ª.

Outros casos de defectividade

1. Os verbos *adequar* e *antiquar* usam-se quase que exclusivamente no INFINITIVO PESSOAL e no PARTICÍPIO. *Transir* só aparece no PARTICÍPIO *transido*:

   Estava **transido** de frio.

2. *Soer* praticamente só se emprega nas seguintes formas: *sói*, *soem* (do PRESENTE DO INDICATIVO) e *soía*, *soías*, *soía*, *soíamos*, *soíeis*, *soíam* (do IMPERFEITO DO INDICATIVO).

3. *Precaver-se*, como dissemos, só possui as formas arrizotônicas do PRESENTE DO INDICATIVO: *precavemo-nos*, *precaveis-vos*; a 2.ª pessoa do plural do IMPERATIVO AFIRMATIVO: *precavei-vos*; e nenhuma do PRESENTE DO SUBJUNTIVO e do IMPERATIVO NEGATIVO. É um verbo regular, não dependendo nem de *ver*, nem de *vir*. Faz, por conseguinte, *precavi-me*, *precaveste-te*, *precaveu-se*, etc., no PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO; *precavesse-me*, *precavesses-te*, *precavesse-se*, etc., no IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO, de acordo com o paradigma dos verbos da 2.ª conjugação.

4. *Haver*, mesmo quando pessoal, não se usa na 2.ª pessoa do singular do IMPERATIVO AFIRMATIVO.

5. Há certos verbos que são desusados no PARTICÍPIO e, consequentemente, nos tempos compostos. É o caso de *concernir*, *esplender* e alguns mais.

Substitutos dos defectivos

As carências de um VERBO DEFECTIVO podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perífrases sinônimas. Diremos, por exemplo, *redimo* e *abro falência*, em lugar da lacunosa primeira pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *remir* e *falir*; *acautelo-me*, ou *precato-me*, pela equivalente pessoa de *precaver-se*; e assim por diante.

SINTAXE DOS MODOS E DOS TEMPOS

Entende-se por MODO, como vimos, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e, por TEMPO, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.

MODO INDICATIVO

Com o MODO INDICATIVO exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal.

Emprego dos tempos do indicativo

Presente

O PRESENTE DO INDICATIVO emprega-se:

1.º) para enunciar um fato atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (PRESENTE MOMENTÂNEO):

> **Cai** chuva. **É** noite. Uma pequena brisa
> **Substitui** o calor.
> (F. Pessoa, *OP*, 474.)

> O céu **está** limpo, não **há** nenhuma nuvem acima de nós.
> (R. Braga, *CR*, 51.)

2.º) para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados, como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (PRESENTE DURATIVO):

> A Terra **gira** em torno do próprio eixo.

> Deus **é** Pai! Pai de toda a criatura:
> E a todo o ser o seu amor **assiste**:
> De seus filhos o mal sempre **é lembrado**...
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> A lei não **distingue** entre nacionais e estrangeiros quanto à aquisição e ao gozo dos direitos civis.
> (*Código Civil Brasileiro*, Art. 3.º)

3.º) para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (PRESENTE HABITUAL OU FREQUENTATIVO):

> **Sou** tímido: quando me vejo diante de senhoras, **emburro**, **digo** besteiras.
> (G. Ramos, *A*, 31.)

> **Como** pouquíssimo...
> (M. Torga, *V*, 50.)

4.º) para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO), como nesta descrição de um carnaval antigo, inserta num romance de Marques Rebelo:

> A Avenida **é** o mar dos foliões. Serpentinas **cortam** o ar carregado de éter, **rolam** das sacadas, **pendem** das árvores e dos fios, **unem** com os seus matizes os automóveis do corso. "**Sai** da frente! **Sai** da frente!" — o grupo dos cartolas **empurra** para passar, com a corneta que **arrebenta** os ouvidos. O chão **é** um espesso tapete de confetes. **Há** uma loucura de pandeiros, de cantos e chocalhos...
> E o corso movimentava-se vagarosamente com estampidos de motores.
> (*M*, 48 e 51.)

5.º) para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

> Amanhã mesmo **vou** para Belo Horizonte e lá **pego** o avião do Rio.
> (A. Callado, *MC*, 19.)

> Outro dia eu **volto**, talvez depois de amanhã, ou na primavera.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 277.)

Valores afetivos

1. Ao empregarmos o PRESENTE HISTÓRICO OU NARRATIVO (denominações provenientes do seu tradicional e largo uso nas narrativas históricas), imaginamo-nos no passado, visualizando os fatos que descrevemos ou narramos. É um processo de dramatização linguística de alta eficiência, se utilizado de forma adequada e sóbria, pois que o seu valor expressivo decorre da

aparente impropriedade, de ser acidental num contexto organizado com formas normais do pretérito. O abuso que dele fazem alguns romancistas contemporâneos é contraproducente: torna invariável o estilo e, com isso, elimina a sua intensidade particular.

Como nos ensinam aqueles que o souberam usar com mestria, quando se emprega o presente histórico numa série de orações absolutas, ou coordenadas, deve a última oração conter o verbo novamente no pretérito.

Observe-se, porém, que, sendo o período composto por subordinação, não se deve empregar na principal o pretérito e na subordinada o presente histórico, ou vice-versa. Não são de imitar exemplos clássicos, como o seguinte:

> **Vi** logo por sinais e por acenos
> Que com isto se **alegra** grandemente.
> (Camões, *Lus.*, V, 29.)

2. O emprego comedido do presente para designar uma ação futura pode ser um meio expressivo de valioso efeito por emprestar a certeza da atualidade a um fato por ocorrer. É particularmente sensível tal expressividade em afirmações condicionadas do tipo:

> Se ele partir amanhã, **sigo** com ele.
> Se ele **parte** amanhã, **sigo** com ele.
> Mais um passo e **és** um homem morto!

3. É forma delicada de linguagem, e denota intimidade entre pessoas, um pedido feito no presente do indicativo quando, logicamente, deveria sê-lo no imperativo ou no futuro. Exemplo:

> Você me **resolve** isto amanhã (= **Resolva**-me isto amanhã; ou: Você me **resolverá** isto amanhã.)

4. Para atenuar a rudeza do tom imperativo, costuma-se empregar o presente do verbo *querer* seguido do infinitivo do verbo principal:

> — **Quer sentar**-se, minha senhora?...
> (C. Castelo Branco, *CC*, 198.)

> — **Quer** me **dar** minha carteira?
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 921.)

Pretérito imperfeito

A própria denominação deste tempo — PRETÉRITO IMPERFEITO — ensina-nos o seu valor fundamental: o de designar um fato passado, mas não concluído (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados. Empregamo-lo, assim:

1.º) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> Debaixo de um itapicuru, eu **fumava, pensava** e **apreciava** a tropilha de cavalos, que **retouçavam** no gramado vasto. A cerca **impedia** que eles me vissem. E alguns **estavam** muito perto.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

> O frio **ia aumentando** e o vento **despenteava** o cabelo de ambos.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

2.º) para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra:

> **Falava** alto, e algumas mulheres acordaram.
> (M. Torga, *V*, 183.)

> Quando se **aproximava** a Noite para me servir o sono, meteram-me num conflito...
> (A. M. Machado, *CJ*, 165.)

3.º) para denotar uma ação passada habitual ou repetida (IMPERFEITO FREQUENTATIVO):

> Se o cacique **marchava**, a tribo inteira o **acompanhava**.
> (J. Cortesão, *IHB*, II, 178.)

> Quando eu não a **esperava**, e ela **aparecia**, o coração **vinha**-me à boca, dando pancadas emotivas.
> (L. Jardim, *MP*, 36.)

4.º) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

As índias **adaptavam**-se mais facilmente à civilização, pois se **consideravam** elevadas pela união com os brancos, que não as **desdenhavam**.
(A. Peixoto, *NHLB*, 38.)

Sentou-se no muro que **dava** para o rio, o jornal nas mãos.
(A. Abelaira, *CF*, 173.)

5.º) pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer:

— O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto **virava** um fazendão.
(Monteiro Lobato, *U*, 236.)

— Se eu não fosse mulher, **ia** também!
(M. Torga, *V*, 307.)

6.º) pelo presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (IMPERFEITO DE CORTESIA):

— Tive alta ontem, e **vinha** agradecer a V. Ex.ª.
(M. Torga, *V*, 279.)

Diz-lhe:
— Pedro, eu **vinha** exclusivamente para tratar de negócios.
(C. dos Anjos, *M*, 192.)

7.º) para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. (caso em que se usa o imperfeito do verbo *ser*, com sentido existencial):

Era uma vez uma mulher que queria ver a beleza.
(G. de Almeida, *N*, 25.)

Era uma vez uma rapariga chamada Judite.
(Almada Negreiros, *NG*, 13.)

Valores afetivos

1. Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o IMPERFEITO é, como dissemos, o tempo que

melhor se presta a descrições e narrações, sendo de notar que nas narrações serve menos para enumerar os fatos do que para explicá-los com minúcias. "O imperfeito faz ver sucessivamente os diversos momentos da ação, que, à semelhança de um panorama em movimento, se desenrola diante de nossos olhos: é o presente no passado" (C.-M. Robert).
Com os escritores naturalistas este imperfeito descritivo assume importância capital na língua literária e é, hoje, um dos recursos mais eficazes de que dispõem os romancistas do idioma. Veja-se, por exemplo, o seguinte passo do romance *Mar morto*, de Jorge Amado:

> Como um monstro estranho um guindaste atravessou a chuva e o vento, carregando fardos. A chuva **açoitava** sem piedade os homens negros da estiva. O vento **passava** veloz, assoviando, derrubando coisas, amedrontando as mulheres. A chuva **embaciava** tudo, **fechava** até os olhos dos homens. Só os guindastes se **moviam** negros.
> (*MM*, 18.)

Este outro, do romance *Vindima*, de Miguel Torga:

> Outros ranchos **desciam** por outros caminhos em direção a outras quintas. **Vinham** numa nuvem de pó e num redemoinho de som de todos os lados da serra. Nos rostos ossudos de cada bando **lia**-se a mesma felicidade nómada de ciganos libertos, com os haveres uma saca. **Cantavam, riam, paravam** a dançar nas encruzilhadas, **comiam, bebiam**, sem horas e sem ave-marias. E do Senhor Jesus a Terra-feita, de Favaios a Vale de Mendiz, **era** um poço de alegria, de cantigas e de sol. A grande festa do mosto **ia** começar.
> (*V*, 15.)

E também este, de *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, de José Luandino Vieira:

> Francisco João desceu sem as olhar. O mar **vinha** de longe, murmurante, se roçar nos pés da areia. **Trazia** o bom cheiro da costa angolana... Na praia, as cubatas dos pescadores se **desenhavam** na sombra... Redes **dormiam** embaixo da capa das folhas de coqueiros na praia deserta e canoas **descansavam** das longas viagens nos seus dormentes de mafumeira... Mulheres **sopravam** seus fogareiros de lata, **assavam** peixe ou **cozinhavam** panela de feijão. Velhos pescadores **cachimbavam** nas portas ou **filosofavam** em grupo. Moças de panos, com cheiro de

mar e sol, **riam** em suas conversas. E, no fim da tarde calma, o fumo e o murmúrio das falas **subiam** da sanzala à beira-mar.
(*VVDX*, 40-41.)

2. Relevância particular tem o IMPERFEITO DO INDICATIVO no chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, em que autor e personagem se confundem na narração viva de um fato. Leia-se o que, a propósito de tal meio de expressão, escrevemos no capítulo 20.

Além dos empregos a que nos referimos, o IMPERFEITO pode ter outros, já que, sendo um tempo relativo, o seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham. Nos casos em que a época ou a data em que ocorre a ação vem claramente mencionada, ele pode indicar até um só fato preciso.

Assim:

Em um momento do século XVII colocava-se o autor da *Ulisseia* acima do Camões!
(J. Ribeiro, *PE*, 8.)

Às 6 horas em ponto batia à sua porta.
(M. de Sá-Carneiro, *CF*, 230.)

No dia seguinte Geraldo Viramundo **era expulso** do seminário.
(F. Sabino, *GM*, 42.)

Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, **fugiam** à velocidade espantosa do animal...
(Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Pretérito perfeito

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em português clara distinção no emprego das duas formas do PRETÉRITO PERFEITO: a SIMPLES e a COMPOSTA, constituída do presente do indicativo do auxiliar *ter* e do particípio do verbo principal.

A FORMA SIMPLES indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para "descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente":

Jantei com um apetite devorador e **dormi** como um anjo.
(M. Torga, *V*, 108.)

Ergui-me tonto, e **vi** em rebolo no chão os dois faroleiros.
(Monteiro Lobato, *U*, 103.)

A FORMA COMPOSTA exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Exemplos:

— **Tenho lutado** contra a adversidade e **tenho compreendido** os homens.
(Cochat Osório, *CV*, 134.)

Tenho escrito bastantes poemas.
(F. Pessoa, *OP*, 175.)

— Eu **tenho cruzado** o nosso Estado em caprichoso ziguezague.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 123.)

Em síntese:

O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES, denotador de uma ação completamente concluída, afasta-se do presente; o PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, expressão de um fato repetido ou contínuo, aproxima-se do presente.[8]

Observações:

1.ª) Para exprimir uma ação repetida ou contínua, o PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES exige sempre o acompanhamento de advérbios ou locuções adverbiais, como *sempre*, *frequentemente*, *várias vezes*, *muitas vezes*, *todos os dias*, etc. Assim:

Os homens do mar **tiveram sempre** uma grande ternura pelas aves.
(R. Brandão, *P*, 164.)

Ai, **quantas noites**
no fundo da casa
lavei essa mão,
poli-a, **escovei**-a.
(C. Drummond de Andrade, *R*. 71.)

Em tais casos, a ideia de repetição ou continuidade é dada não pelo verbo mas pelo advérbio que o modifica.

---

[8] Veja-se Manuel de Paiva Boléo. *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas* (*Estudo de caráter sintático-estilístico*). Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

2.ª) Na linguagem coloquial não é raro o emprego do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO. Assim:

> Quando virmos, lá em baixo, o clarão da fogueira, já ele **morreu**... (= terá morrido).
>
> (Sttau Monteiro, *FHL*, 162.)

Distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito

Convém ter presentes as seguintes distinções de emprego do PRETÉRITO IMPERFEITO e do PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES DO INDICATIVO:

a) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime o fato passado habitual; o PRETÉRITO PERFEITO, o não habitual:

> Quando o **via, cumprimentava**-o.
> Quando o **vi, cumprimentei**-o.

b) o PRETÉRITO IMPERFEITO exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o PRETÉRITO PERFEITO, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo. Comparem-se estes dois exemplos:

> O mancebo **desprezava** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtavam** de longe, **levava** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.
>
> O mancebo **desprezou** o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos **furtaram** de longe, **levou** o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

Pretérito mais-que-perfeito

1. O pretérito MAIS-QUE-PERFEITO indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada:

> O monólogo **tornara-se** tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.
> (F. Namora, *TJ*, 193.)
>
> Quando voltei
> as casuarinas **tinham desaparecido** da cidade.
> (Agostinho Neto, *SE*, 121.)

Samuel aproximou-se para avisar que o táxi **tinha chegado**.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 130.)

2. Além desse valor normal, o MAIS-QUE-PERFEITO pode denotar:
a) um fato vagamente situado no passado, em frases como as seguintes:

Casara, **tivera** filhos, mas nada disso o **tocara** por dentro.
(M. Torga, *NCM*, 55.)

Até que afinal **conseguira** o meu carneiro para montar.
(J. Lins do Rego, *ME*, 73.)

No céu azul as últimas arribações **tinham desaparecido**.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou um pedido:

— Eu **tinha vindo** para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse Hermeto.
(C. dos Anjos, *M*, 243.)

3. Na linguagem literária emprega-se, vez por outra, o MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES em lugar:
a) do FUTURO DO PRETÉRITO (SIMPLES OU COMPOSTO):

Um pouco mais de sol — e **fora** [= teria sido] brasa,
Um pouco mais de azul — e **fora** [= teria sido] além,
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
(M. de Sá-Carneiro, *P*, 69.)

Oh! se lutei!... mas **devera** [= deveria]
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 270.)

b) do PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO:

Sê propícia para mim, socorre
Quem te adorara, se adorar **pudera**!
(A. de Guimaraens, *OC*, 139.)

Assistimos à divina Tragédia, como se **fôramos**, no prodigioso quadro, os últimos personagens póstumos do Mestre.
(Teixeira de Pascoaes, *VE*, 193.)

Na linguagem corrente este emprego fixou-se em certas frases exclamativas:

Quem me **dera**! [= Quem me desse!]
Prouvera a Deus! [= Prouvesse a Deus!]
Pudera!
Tomara (que)!

Exemplos literários:

Quem me **dera** ser como Casimiro Lopes!
(G. Ramos, *SB*, 178.)

Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!
(F. Pessoa, *OP*, 544.)

Tomara eu ser-lhe útil.
(J. de Araújo Correa, *FX*, 53.)

Futuro do presente

1. O FUTURO DO PRESENTE SIMPLES emprega-se:

1.º) para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

As aulas **começarão** depois de amanhã.
(C. dos Anjos, *DR*, 222.)

Mudaremos de casa. Uma casa inteiramente nua quando lá entrarmos.
(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Não **escreverei** o poema.
(Agostinho Neto, *SE*, 98.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais:

— "Meu Anjo!" — dizem de mim.
Serei, talvez, porque enfim
Eu vejo Deus em meus Pais...
(A. Correia d'Oliveira, *M*, 91.)

Há uma várzea no meu sonho,
Mas não sei onde **será**...
(A. Meyer, *P*, 265.)

— Quem está aqui? **Será** um ladrão?
(G. Ramos, *Ins.*, 9.)

— **Será** que desta vez ele fica mesmo?
(M. Torga, *CM*, 47.)

3.º) como forma polida de presente:

Não, não posso ser acusado. **Dirá** o senhor: mas como foi que aconteceram? E eu lhe **direi**: sei lá. Aconteceram: eis tudo.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 141.)

— E que vou eu fazer para Angola, não me **dirá**?
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 699.)

4.º) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo:

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados...
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 273.)

Morrerás da tua beleza!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 88.)

Honrarás pai e mãe.

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável:

Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, **acharás** tua mãe morta!
(Machado de Assis, *OC*, I, 444.)

— Se pensares bem, **verás** que não é isto.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 87.)

Se assim fizeres, **dominarás** como rainha.
(Ó. Ribas, *U*, 21.)

Observações:

1.ª) Convém atentar nos efeitos estilísticos opositivos: se o emprego do presente pelo futuro empresta ao fato a ideia de certeza, o uso do futuro pelo presente provoca efeito contrário, por transformar o certo em possível.

2.ª) Em alguns escritores modernos, talvez por influência francesa, vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado. Assim:

João casou-se em 1922, mas Pedro **esperará** ainda dez anos para constituir família.

Tal uso se assemelha ao do presente histórico.

Substitutos do futuro do presente simples

Na língua falada o FUTURO SIMPLES é de emprego relativamente raro. Preferimos, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:

a) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *haver* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um ato futuro[9]:

Ai roupas que **hei de vestir**,
Ai gestos que **hei de fazer**,
Ai frases que **hei de tecer**,
Ai palavras que **hei de ouvir**...
(J. Régio, *ED*, 30.)

Hei de castigá-los; **havemos de castigá**-los.
(Machado de Assis, *OC*, I, 653.)

— Eu sou novo e sei trabalhar... **Hei de arranjar** emprego...
(Cochat Osório, *CV*, 226.)

---

[9] Sobre outros valores desta perífrase, principalmente quando o sujeito não é da 1.ª pessoa, veja-se João de Almeida. *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*. São Paulo, ILHPA-HUCITEC, 1980, p. 142-147.

b) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ter* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito[10]:

Temos de recriar de novo o mundo...
(T. da Silveira, *PC*, 341.)

Aquela hora **tinha de chegar**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1187.)

Temos de resolver isso em primeiro lugar.
(Pepetela, *M*. 130.)

c) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ir* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata:

— **Vamos entrar** no mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 113.)

Vai casar com o meu melhor amigo.
(A. Abelaira, *CF*, 234.)

O gerente foi demitido e o Costa **vai substituí**-lo.
(Ferreira de Castro, *OC*, II, 613.)

2. O FUTURO DO PRESENTE COMPOSTO emprega-se:
1.º) para indicar que uma ação futura estará consumada antes de outra:

Amanhã procure o dr. Alcebíades, disse o dr. Viriato. Já **terei conversado** com ele.
(Autran Dourado, *IP*, 23.)

Dentro de uns cinco dias **tereis acabado** o esqueleto do segundo andar e então me olhareis de cima.
(R. Braga, *CCE*, 250.)

Os homens serão prisioneiros das estruturas que **terão criado**.
(Pepetela, *M*, 122.)

---

[10] Quanto à distinção estilística entre *ter de* e *ter que* seguidos de INFINITIVO, leiam-se as considerações de João de Almeida. *Obra cit.*, p. 148-154, onde se justifica a vernaculidade da segunda construção, posta em dúvida por alguns gramáticos.

2.º) para exprimir a certeza de uma ação futura:

> Pelágio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora a Deus por nós, que **teremos dormido** o nosso último sono.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> Só o Direito perdurará e não **terá sido** vão o esforço da minha vida inteira.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 721.)

3.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> **Terá passado** o furacão?
> (C. dos Anjos, *DR*, 191.)

> Quanto tempo **terá levado** ele a fazer este caminho?
> (J. Cardoso Pires, *D*, 340.)

> Não sei se me engano, mas creio que nem uma só vez ele **terá falhado.**
> (M. Bandeira, *AA*, 345.)

> O cão regressa do fundo da praia — alguém o **terá abandonado**?
> (V. Ferreira, *NN*, 89.)

Futuro do pretérito

1. O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES emprega-se:
   1.º) para designar ações posteriores à época de que se fala:

> Tens a certeza de que, passadas as primeiras semanas, não **lamentaria** tamanho sacrifício?
> (A. Abelaira, *NC*, 155.)

> Depois de instalada, a Academia **se transformaria** em sua outra casa.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 43.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> Quem **seria** aquele sujeitinho que estava de pé, encostado ao balcão, todo importante no terno de casimira?
> (M. Palmério, *VC*, 34.)

Era ela, **seria** ela?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 91.)

Eu **teria**, talvez, uns doze anos.
(J. de Sena, *NAD*, 196.)

3.º) como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

Seríeis capazes, minhas Senhoras,
De amar um homem deste feitio?
(A. Nobre, *S*, 79.)

Desejaríamos ouvi-lo sobre o crime.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 103.)

4.º) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação:

O nosso amor morreu... Quem o **diria**?
(F. Espanca, *S*, 168.)

Seria possível que assim se desvanecessem as esperanças da iminente vitória da verdade à calúnia, urdida contra o pobre moço!...
(D. Olímpio, *LH*, 158.)

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão:

Se não houvesse diferenças, nós **seríamos** uma pessoa só.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Se o meu avô Sebastião pudesse assistir ao meu enleio, **ficaria envergonhado** de mim, pensei naquele momento.
(Alves Redol, *F*, 154.)

Qual a mulher que, se pudesse, o senhor **levaria** para uma volta ao cosmos?
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 105.)

Se tivessem ouvido o conselho, essa desgraça não se **daria**.
(Ó. Ribas, *EMT*, 117.)

Observações:

1.ª) Como dissemos, o FUTURO DO PRETÉRITO pode ser substituído pelo IMPERFEITO DO INDICATIVO nas afirmações condicionadas. Comparem-se as seguintes asserções:

Sem a sua interferência, eu **estaria** perdido.
Sem a sua interferência, eu **estava** perdido.

Na primeira, o fato principal (*estar perdido*) é apresentado como consequência provável da condição que não ocorreu; na segunda, ele aparece como o efeito imediato e inelutável dela.

Frequente é também esta substituição com os verbos modais, como *poder*, *dever*, *saber*, *querer*, *desejar*, *sugerir*, etc.

Que móveis lhe *sugeria* para uma sala?
(M. J. de Carvalho, *AV*, 104.)

Que palavras um sujeito **podia usar** para responder ao Vieirinha?
(F. Namora, *TJ*, 261.)

2.ª) Sobre o uso do MAIS-QUE-PERFEITO SIMPLES pelo FUTURO DO PRETÉRITO, leia-se o que dissemos ao tratar daquele tempo.

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* eliminou a denominação de MODO CONDICIONAL para o FUTURO DO PRETÉRITO. Apesar de, no projeto de *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não se ter adotado esta última designação, decidimos optar pelo seu emprego nesta obra porque, em nossa opinião, se trata de um tempo (e não de um modo) que só se diferencia do FUTURO DO PRESENTE por se referir a fatos passados, ao passo que o último se relaciona com fatos presentes. E acrescente-se que ambos aparecem nas asserções condicionadas, dependendo o emprego de um ou de outro do sentido da oração condicionante. Comparem-se:

Se ele vier, não **sairei**.
Se ele viesse, não **sairia**.

2. O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se:

1.º) para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

Teria sido diferente, se eu o amasse?
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

Se eu estivesse cá, nada disso se **teria passado**.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

Ter-lhe-**ia rido** na cara se não fossem os posteriores acontecimentos.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

2.º) para exprimir a possibilidade de um fato passado:

— Sem ti, quem sabe? **teria sido** uma grande cantora.
(A. Abelaira, *B*, 163.)

Calculou que a costureira **teria ido** por ali.
(Machado de Assis, *OC*, I, 637.)

3.º) para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor:

Aquele malandro os **teria engolido**?
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 144.)

Que **teria acontecido** para que Margarida não viesse nem uma vez ao muro?
(V. Nemésio, *MTC*, 111.)

— Quem **teria escrito**? Perdiam-se num silêncio de cogitações.
(J. Amado, *GCC*, 128.)

MODO SUBJUNTIVO

Indicativo e subjuntivo

1. Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo*, *real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.
Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual* ou, mesmo, *irreal*.
Comparem-se, por exemplo, estas frases:

TEMPO	MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
PRESENTE	Afirmo que ela estuda	Duvido que ela estude
IMPERFEITO	Afirmei que ela estudava	Duvidei que ela estudasse
PERFEITO	Afirmo que ela estudou (ou tem estudado)	Duvido que ela tenha estudado
MAIS-QUE-PERFEITO	Afirmava que ela tinha estudado (ou estudara)	Duvidava que ela tivesse estudado

2. Em decorrência dessas distinções, podemos, desde já, estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1.º) O INDICATIVO é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *afirmar*, *compreender*, *comprovar*, *crer* (no sentido afirmativo), *dizer*, *pensar*, *ver*, *verificar*.

2.º) O SUBJUNTIVO é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar*, *duvidar*, *implorar*, *lamentar*, *negar*, *ordenar*, *pedir*, *proibir*, *querer*, *rogar* e *suplicar*.

Emprego do subjuntivo

Como o próprio nome indica, o SUBJUNTIVO (do latim *subjunctivus* "que serve para ligar, para subordinar") denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* preferiu a SUBJUNTIVO a designação sinônima CONJUNTIVO (do latim *conjunctivus* "que serve para ligar").

Subjuntivo independente

Empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais, o SUBJUNTIVO pode exprimir, além das noções imperativas que examinaremos adiante:

a) um desejo, um anelo:

> **Chovam** hinos de glória na tua alma!
> (A. de Quental, *SC*, 35.)

> Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!
> (A. Meyer, *P*, 254.)

b) uma hipótese, uma concessão:

> **Seja** a minha agonia uma centelha
> De glória!...
> (O. Bilac, *T*, 197.)

Que a tua música
seja o ritmo de uma conquista!
E que o teu ritmo
seja a cadência de uma vida nova!
(F. J. Tenreiro, *OP*, 62.)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio *talvez*):

Paula talvez lhe **telefonasse** à noite.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 34.)

Um cachorro talvez **rosnasse** ou **mordesse**.
(Adonias Filho, *LBB*, 101.)

d) uma ordem, uma proibição (na 3.ª pessoa):

Que **levem** tudo no caixão:
A alma e o suporte!
(M. Torga, *CH*, 31.)

Que não se **apague** este lume!
(A. Meyer, *P*, 126.)

e) uma exclamação denotadora de indignação:

Raios **partam** a vida e quem lá ande!
(F. Pessoa, *OP*, 316.)

— Diabos te **levem**!
(F. Botelho, *X*, 198.)

Observações:

1.ª) Vemos que estas orações geralmente se iniciam por *que*, partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo.

2.ª) A exclamação *viva!* é um antigo subjuntivo, que outrora concordava sempre com o sujeito. Hoje a concordância é facultativa, porque o singular adquiriu o valor de interjeição:

Viva os heróis!
Vivam os heróis!

3.ª) Observe-se, por fim, que alguns linguistas, principalmente os da escola gerativo-transformacional, negam a existência do SUBJUNTIVO INDEPENDENTE, interpretando-o como o efeito do apagamento, na superfície, da oração principal. Leia-se, a propósito, I. Hub Faria. Conjuntivo e a restrição da frase-mais-alta. Separata do *Boletim de Filologia*, XXIII, Lisboa, 1974.

Subjuntivo subordinado

O SUBJUNTIVO é por excelência o modo da oração subordinada. Emprega-se tanto nas SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, como nas ADJETIVAS e nas ADVERBIAIS.

Nas orações substantivas

Usa-se geralmente o SUBJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

a) a *vontade* (nos matizes que vão do *comando* ao *desejo*) com referência ao fato de que se fala:

> Não quero que ele me **julgue** sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender.
> (N. Piñon, *CC*, 145.)

> Em todo o caso, gostava que me **considerasse** um amigo.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 119.)

b) um *sentimento*, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa:

> — Pior será que nos **enxotem** daqui...
> (A. Peixoto, *RC*, 273.)

> — Eu bem queria que tu **fosses** como empregado.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

c) a *dúvida* que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

> Receava que eu me **tornasse** ingrato, que o **tratasse** mal na velhice.
> (A. Abelaira, *NC*, 14.)

> — Não acredito que ela **chore** aqui.
> (Autran Dourado, *TA*, 75.)

Nas orações adjetivas

O SUBJUNTIVO é de regra nas ORAÇÕES ADJETIVAS que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

> Humana, mulher, a companheira tentava chamá-lo a uma realidade que **reanimasse** fogueiras mortas, sonhos desfeitos.
> (M. Torga, *NCM*, 59.)

> — Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que **dê** gosto a um bom sacerdote como é padre Estêvão.
> (A. Callado, *MC*, 99.)

b) um fato improvável:

> Ainda que eu discordasse deles não diria nada para os não aborrecer, mas que sabia eu que **pudesse contrariar** essa opinião de amigos?
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1081.)

> Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o **convencesse** a voltar lá.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 139.)

> Tristão podia resolver esta minha luta interior cantando alguma coisa que me **obrigasse** a ouvi-lo.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1098.)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

> Então não havia um direito que lhe **garantisse** a sua casa?
> (J. Lins do Rego, *FM*, 159.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem** perdido?
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 138.)

> Sonhara apenas com uma fazenda de gado onde **pudesse viver** no trato da criação, sentindo o cheiro da terra, o contato com a natureza, tendo a companhia de uma mulher ("Ah, Alzira" — suspirou) a quem **amasse** e com quem **partilhasse** de tudo isso.
> (J. Condé, *C*, 10.)

Nas orações adverbiais

1. Nas orações SUBORDINADAS ADVERBIAIS o SUBJUNTIVO, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.
   Em princípio, podemos dizer que o SUBJUNTIVO é de regra depois das conjunções:

a) CAUSAIS, que negam a ideia da causa (*não porque, não que*):

> Não que não **quisesse** amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.
> (L. Fagundes Telles, *DA*, 107.)

> Eu deixei-me ir atrás daquela ternura, não que a **compartisse**, mas fazia-me bem.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1124.)

> Foi a única coisa grandiosa da minha vida. Não porque me **sentisse** apaixonado, ela também não se apaixonara por mim.
> (A. Abelaira, *B*, 49.)

b) CONCESSIVAS (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que*, etc.):

> O povo não gosta de assassinos, embora **inveje** os valentes.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 7.)

> — Ainda que o morto se **chamasse** Adalardo, não seria o nosso.
> (G. França de Lima, *JV*, 19.)

> Por muito que eu **desejasse** ter aqui uma burra, não trocava a amizade do Barbaças por todas as burras desta freguesia.
> (F. Namora, *TJ*, 165.)

c) FINAIS (*para que, a fim de que, porque*):

> Para que tudo **retomasse** a quietude inicial, e os coelhos se **resolvessem** a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.
> (M. Torga, *NCM*, 64.)

> Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho **liquidasse** a casa.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 670.)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (*antes que*, *até que* e semelhantes):

— Vamos embora, antes que nos **veja**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1030.)

Deu para frequentar, pela manhã, a rua Erê e fica a conversar com Emília até que eu me **levante**.
(C. dos Anjos, *DR*, 183.)

Usa-se também o SUBJUNTIVO, em razão de ser o modo do eventual e do imaginário, nas:

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética *como se*:

As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem golpeados**.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 761.)

Cantavam os galos no poleiro como se **fosse** de madrugada.
(J. Lins do Rego, *FM*, 135.)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

Se lhe **tivessem dado** ensino, encontraria meio de entendê-la.
(G. Ramos, *VS*, 47.)

Ó morte, dava-te a vida,
Se tu lha **fosses levar**!...
(Guerra Junqueiro, *S*, 74.)

Se **viesse** o sol, tudo mudava.
(É. Veríssimo, *LS*, 138.)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem "simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade" (Epifânio Dias):

— Que quer vomecê? — perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela **pudesse** chegar até junto dele.
(F. Namora, *TJ*, 70.)

Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe **apagasse** a cor generosa da lembrança.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1122.)

Substitutos do subjuntivo

Por vezes a construção com o SUBJUNTIVO é pesada ou malsoante. Convém, nesses casos, substituí-la por uma forma expressional equivalente.

Entre os substitutos possíveis do SUBJUNTIVO, devem ser mencionados:

1. O INFINITIVO. Comparem-se estas frases:

   O professor mandou **que** o aluno **lesse** um romance.
   O professor mandou o aluno **ler** um romance.
   Exortava os companheiros **a que continuassem** a resistência.
   Exortava os companheiros **a continuarem** a resistência.

2. O GERÚNDIO, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases:

   Se seguisses o caminho normal, chegarias primeiro.
   Seguindo o caminho normal, chegarias primeiro.
   Se andarmos depressa, ainda o alcançaremos.
   Andando depressa, ainda o alcançaremos.

3. Um SUBSTANTIVO ABSTRATO. Comparem-se estas frases:

   Se tivesses voltado, serias bem recebido.
   Tua volta seria bem recebida.

   Acredito **que ele esteja inocente**.
   Acredito em **sua inocência**.

4. Uma CONSTRUÇÃO ELÍPTICA. Comparem-se estas frases:

   Quer sejam ricos ou pobres, quer sejam brancos ou pretos, são todos iguais perante a lei.
   Ricos ou pobres, brancos ou pretos, todos são iguais perante a lei.
   Se fosse de ferro, a ponte suportaria o peso.
   De ferro, a ponte suportaria o peso.

Observação:

Quanto à substituição do IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pelo MAIS-QUE-PERFEITO DO INDICATIVO, veja-se o que dissemos ao tratar deste tempo.

Tempos do subjuntivo

Dissemos anteriormente que as formas do SUBJUNTIVO enunciam a ação do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega. Por isso, as noções temporais que encerram não são precisas como as expressas pelas formas do INDICATIVO, denotadoras de ações concebidas em sua realidade.[11]

Feita essa advertência, examinemos os principais valores dos tempos do SUBJUNTIVO.

1. O PRESENTE DO SUBJUNTIVO pode indicar um fato:

a) presente:

> Não quer dizer que **se conheçam** os homens quando se duvida deles.
> (A. Bessa Luís, *QR*, 33.)

> Pena é que os meninos **estejam** tão mal providos de roupa.
> (O. Lara Resende, *BD*, 128.)

b) futuro:

> No dia em que não **faça** mais uma criança sorrir, vou vender abacaxi na feira.
> (N. Piñon, *CC*, 152.)

> Meus olhos **apodreçam** se abençoar você.
> (Adonias Filho, *LP*, 140.)

2. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO pode ter o valor:

a) de passado:

> Todos os domingos, **chovesse** ou **fizesse** sol, estava eu lá.
> (H. Sales, *DBFM*, 112.)

---

[11] A modalidade subjuntiva é, por princípio, uma modalidade de oposição à modalidade indicativa. Logo, "os tempos do subjuntivo não representam noções de época da forma por que o fazem os do indicativo. Pode-se, no entanto, falar de certos hábitos de concordância dos tempos, que não procedem de um automatismo rígido e puramente formal, antes resultam do funcionamento de mecanismos delicados e complexos". (Gérard Moignet. *Essai sur le mode subjonctif en latin post-classique et en ancien français*, I. Paris-Alger, P. U. F., 1959, p. 131.)

Não havia intenção que ele não lhe **confessasse**, conselho que lhe não **pedisse**.
(A. Bessa Luís, *S*, 58.)

Cuido que **quisesse** mostrar-me as cartas do rapaz, uma só que **fosse**, ou um trecho, uma linha, mas o temor de enfadar fez calar o desejo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1059.)

b) de futuro:

Alberto era inteligente e se não se **deixasse** engazupar, talvez aquilo até lhe **fosse** um bem...
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 87.)

Aos domingos, treinava o discurso destinado ao pretendente que **chegasse** primeiro.
(N. Piñon, *CC*, 144.)

c) de presente:

Tivesses coração, terias tudo.
(Guimarães Passos, *VS*, 166.)

Como imaginar um ser que não **precisasse** de nada?
(C. Lispector, *ME*, 148.)

3. O PRETÉRITO PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode exprimir um fato:
a) passado (supostamente concluído):

— Espero que você **tenha encontrado** esse alguém na rua, depois daquela cena patética do carro.
(F. Sabino, *EM*, 193.)

Espero que não a **tenha ofendido**.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 109.)

b) futuro (terminado em relação a outro fato futuro):

Espero que João **tenha feito** o exame quando eu voltar.

4. O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO pode indicar:

a) uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido eventual do modo subjuntivo):

> Esperei-a um pouco, até que **tivesse terminado** sua *toillette* e pudéssemos sair juntos.
> (C. dos Anjos, *DR*, 167.)

> Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem perdido**.
> (M. J. de Carvalho, *AV*, 135.)

b) uma ação irreal no passado:

> Se a vitória os **houvesse coroado** com os seus favores, não lhes faltaria o aplauso do mundo e a solicitude dos grandes advogados.
> (R. Barbosa, *EDS*, 794.)

> E a arca estremecia como se de novo **se houvessem aberto** as cataratas do céu.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 303.)

5. O FUTURO DO SUBJUNTIVO SIMPLES marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações SUBORDINADAS:

a) ADVERBIAIS (CONDICIONAIS, CONFORMATIVAS e TEMPORAIS), cuja PRINCIPAL vem enunciada no futuro ou no presente:

> Se **quiser**, irei vê-lo.
> Se **quiser** vê-lo, vá a sua casa.

> Farei conforme **mandares**.
> Faça como **souber**.

> Quando **puder**, passarei por aqui.
> Quando **puder**, venha ver-me.

b) ADJETIVAS, dependentes de uma PRINCIPAL também enunciada no futuro ou no presente:

> Direi uma palavra amiga aos que me **ajudarem**.
> Diga uma palavra amiga aos que o **ajudarem**.

6. O FUTURO DO SUBJUNTIVO COMPOSTO indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do MODO SUBJUNTIVO):

> — D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o **houver lido** até aqui, abandone o resto.
> (Machado de Assis, *OC*, 855.)

> Quando **tiverdes acabado**, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.
> (R. Braga, *CCE*, 250.)

MODO IMPERATIVO

Formas do imperativo

1. Há em português, como sabemos, dois IMPERATIVOS: um AFIRMATIVO, outro NEGATIVO.
   O IMPERATIVO AFIRMATIVO possui formas próprias somente para as segundas pessoas do singular (sujeito *tu*) e do plural (sujeito *vós*). As demais pessoas são expressas pelas formas correspondentes do presente do subjuntivo.
   O IMPERATIVO NEGATIVO não tem nenhuma forma própria. É integralmente suprido pelo presente do subjuntivo.

2. Como no IMPERATIVO o indivíduo que fala se dirige a um interlocutor, só admite este modo as pessoas que indicam *aquele a quem se fala*, isto é:
a) as 2ªs. pessoas do singular e do plural;
b) as 3ªs. pessoas do singular e do plural, quando o sujeito é expresso por pronome de tratamento, como *você*, *o senhor*, *Vossa Senhoria*, etc.;
c) a 1ª. pessoa do plural, que no caso denota estar o indivíduo que fala disposto a associar-se ao cumprimento da ordem, conselho ou súplica que dirige a outros.

3. Cumpre distinguir das correspondentes do IMPERATIVO certas formas do PRESENTE DO SUBJUNTIVO empregadas sem a anteposição do *que*. O IMPERATIVO, no caso, exprime ordem, ou exortação; o SUBJUNTIVO, desejo, ou anelo. Assim:

> **Caiam** de bruços! (IMPERATIVO)
> **Caiam** sobre vós as bênçãos divinas! (SUBJUNTIVO)

Emprego do modo imperativo

1. Embora a palavra IMPERATIVO esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* "comandar", não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos desse modo. Há, como veremos, outros meios mais eficazes para expressarmos tal noção. Quando empregamos o IMPERATIVO, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.

2. Tanto o IMPERATIVO AFIRMATIVO como o NEGATIVO usam-se somente em orações absolutas, em orações principais, ou em orações coordenadas. Ambos podem exprimir:

a) uma ordem, um comando:

> **Cala**-te, **não** lhe **digas** nada.
> (C. de Oliveira, *AC*, 98.)

> **Cavem, cavem** depressa!
> (L. Jardim, *MP*, 47.)

b) uma exortação, um conselho:

> **Sê** todo em cada coisa. **Põe** quanto és
> No mínimo que fazes.
> (F. Pessoa, *OP*, 239.)

> **Não olhes** para trás quando tomares
> o caminho sonâmbulo que desce.
> **Caminha** — e **esquece**.
> (G. de Almeida, *PV*, 24.)

c) um convite, uma solicitação:

> Georges! **anda** ver meu país de romarias
> E procissões!
> (A. Nobre, *S*, 32.)

> **Vinde** ver! **Vinde** ouvir, homens de terra estranha!
> (O. Mariano, *TVP*, I, 273.)

d) uma súplica:

Sossegai, **esfriai**, olhos febris.
(C. Pessanha, *C*, 44.)

Jesus, **valha-me** Nossa Senhora!
(B. Santareno, *TPM*, 25.)

Não me **deixes** só, meu filho!...
(Luandino Vieira, *NM*, 82.)

3. Emprega-se também o IMPERATIVO para sugerir uma hipótese em lugar de asserções condicionadas expressa por *se* + FUTURO DO SUBJUNTIVO:

Leia este livro, e conhecerá o Brasil.
[Se ler este livro, conhecerá o Brasil.]

Suprima a vírgula, e o sentido ficará mais claro.
[Se suprimir a vírgula, o sentido ficará mais claro.]

Note-se que a voz se eleva no fim da primeira oração, e retoma a segunda em tom sensivelmente mais baixo.

4. Esses diversos valores dependem do significado do verbo, do sentido geral do contexto e, principalmente, da entoação que dermos à frase imperativa. Por exemplo, em frases como:

Desce daí, moço!
(C. Drummond de Andrade, *FA*, 64.)

Deixe-me ficar sozinha.
(Alves Redol, *BC*, 56.)

Saiam da chuva, meninos!
(L. Jardim, *MP*, 47.)

conforme o tom da voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até chegar à de súplica.

5. Releva ponderar ainda que o IMPERATIVO é enunciado no tempo presente, mas na realidade este "presente do imperativo" tem valor de um futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.

Substitutos do imperativo

A língua oferece-nos outros meios para exprimir os diversos matizes apresentados pelo IMPERATIVO.

Assim:

1. Uma ordem pode ser enunciada por frases nominais, ou por simples interjeições:

   Fogo! Silêncio! Avante! Mãos ao alto!

   Saliente-se, porém, que nessas frases, em que a supressão do verbo reforça o tom de comando, as palavras ou locuções vocabulares perdem o seu valor próprio para denotar uma ideia verbal de ação. Podemos, portanto, estabelecer as seguintes equivalências:

   Fogo! [= Atire! Faça fogo!]
   Silêncio! [= Cale-se! Faça silêncio!]
   Avante! [= Siga avante!]
   Mãos ao alto! [= Levante as mãos! Ponha as mãos ao alto!]

2. Certos tempos do INDICATIVO, como dissemos ao estudar este modo, podem ser utilizados com valor de IMPERATIVO.

   Assim:

a) com o PRESENTE atenuamos a rudeza da forma imperativa em frases como:

   O senhor me **traz** o dinheiro amanhã. [= **Traga**-me o dinheiro amanhã.]
   Você **toma** o remédio indicado. [= **Tome** o remédio indicado.]

b) com o FUTURO DO PRESENTE SIMPLES atenuamos ou reforçamos o caráter imperativo de frases do tipo:

   Tu **irás** comigo. [= **Vem** comigo.]
   Não **matarás.** [= Não **mates.**]

   de acordo com a entoação que lhes emprestarmos.

3. O IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO transforma a ordem numa simples sugestão em frases como as seguintes:

   (E) se você se **calasse**!? [= **Cale-se!**]
   (E) se **chegasses** na hora exata!? [= **Chega** na hora exata.]

Exemplos literários:

E se **fosses** dar leis para a cozinha?
(M. Torga, *V*, 298.)

E se **tentasses** compreender?
(J. Régio, *SM*, 275.)

4. Com o valor de IMPERATIVO IMPESSOAL, usam-se:

a) o INFINITIVO (principalmente na expressão de um comando, de uma proibição):

Marchar!
Direita, **volver!**
Sublinhar os verbos do texto.
Não assinar a prova.
Não falar ao motorista com o carro em movimento.
Não fumar.

b) o GERÚNDIO (construção elíptica, frequente na linguagem popular, de valor geralmente depreciativo para quem recebe a ordem):

Andando! [= Vá andando! Ande!]
Correndo! [= Vá correndo! Corra!]

5. Ressalta sobremaneira o sentido do verbo a perífrase formada de *ir* (no IMPERATIVO) e do verbo principal (no INFINITIVO):

— Não **vá** se **afogar**, moço.
(A. M. Machado, *JT*, 72.)

— Não **vá** me **dizer** que foi o Diabo.
(O. Lara Resende, *BD*, 121.)

6. Em frases de entoação interrogativa, usa-se não raro o INFINITIVO do verbo que exprime a ordem antecedido de formas do PRESENTE ou do IMPERFEITO DO INDICATIVO do verbo *querer*:

Quer levantar-se? [= **Levante**-se!]
Queria fechar a janela? [= **Feche** a janela!]

7. Para se fazer sentir a intervenção do indivíduo que fala, costuma-se subordinar o verbo denotador da ação que deve ser cumprida a outro verbo, o qual marca a vontade do locutor:

Quero que **retornes** ao Colégio. [= **Retorna** ao Colégio.]
Ordeno-te que me **respondas**. [= **Responde**-me.]

Reforço ou atenuação da ordem

Além dos processos que examinamos, dispõe a língua de variados recursos estilísticos para reforçar ou atenuar a vontade expressa pelo IMPERATIVO. A sua eficácia, porém, está sempre condicionada ao tom de voz, que é, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial.

Reforço

Pode também ser obtido pelo emprego:

a) da forma verbal repetida:

— **Calai-vos!** Pela Virgem! **calai-vos!**
(Machado de Assis, *OC*, II, 1114.)

— **Vá** embora, **vá** embora, gritou de repente.
(D. Silveira de Queirós, *FS*, 118.)

— **Sente-se**, meu amigo, **sente-se**.
(O. Mendes, *P*, 166.)

— **Fale**, **fale**, que eu vou ouvindo...
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 44.)

b) de um advérbio, de uma expressão de insistência, ou de imprecações:

Escreva por amor de Deus imediatamente para Barcelona!...
(M. de Sá-Carneiro, *CFP*, II, 9.)

— **Abre** a porta, **cachorro**, senão te mando fogo.
(J. Lins do Rego, *C*, 269.)

— Ora, **vá amolar o boi** — disse Marta.
(A. Callado, *MC*, 123.)

— **Deixe-me dormir, seu bêbado.**
(C. de Oliveira, *PB*, 21.)

c) da 3.ª pessoa do subjuntivo aplicada ao interlocutor:

Pega... Pega... Lá se foi... Que o **leve** o diabo.
(Martins Pena, *T*, I, 36.)

Atenuação

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar (além dos já estudados), pela sua eficiência, o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como: *por favor*, *por gentileza*, *digne-se de*, *tenha a bondade de*, etc.:

— **Fale** mais alto, **por favor!**
(F. Botelho, *X*, 177.)

Entrem, por favor, que não ocupam lugar — exclamava Seu Pio.
(A. F. Schmidt, *GB*, 165.)

— **Tenham a bondade de sentar** e **esperar** um momento [= Sentem-se e esperem um momento].
(R. Braga, *CCE*, 272.)

É claro que também aqui o tom de voz é de suma importância. Qualquer dessas frases pode, não obstante as fórmulas de cortesia empregadas, tornar-se rude e seca, ou mesmo insolente, com a simples mudança de entoação.

EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

Características gerais

São FORMAS NOMINAIS do verbo o INFINITIVO, o GERÚNDIO e o PARTICÍPIO.

Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.

Distinguem-se, fundamentalmente, pelas seguintes peculiaridades:

a) o INFINITIVO apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo:

Não **dizer** nada, **chorar**
Até o pranto **coalhar**
Na retina.
(M. Torga, *CH*, 29.)

Sofrer por **sofrer**,
Somente eu sofria.
(C. Meireles, *OP*, 581.)

b) o GERÚNDIO apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo:

Metendo o barco pela terra dentro, é mesmo possível ir mais além.
(M. Torga, *P*, 86.)

Ouvia-se o cantar de carros de boi, **chorando**, de muito longe.
(J. Lins do Rego, *FM*, 146.)

c) o PARTICÍPIO apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências *-a* de feminino e *-s* de plural:

Umas vezes, tais gaiolas
Vão **penduradas** nos muros.
(J. Cabral de Melo Neto, *AP*, 32.)

Uma das cenas fora **filmada** numa loja do bairro, ampla, bem **iluminada**, com prateleiras **carregadas** dos mais diversos produtos.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 47.)

Tens os olhos **encovados**,
De fundos visos **cercados**,
Sinistros sulcos **deixados**
Por atros vícios talvez;
A fronte escura e **abatida**,
Roxa a boca **comprimida**,
A face magra **tingida**
Da morte na palidez.
(Fagundes Varela, *PC*, I, 211.)

Acrescente-se, ainda, que:

a) o INFINITIVO e o GERÚNDIO possuem, ao lado da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída; apresentam, pois, internamente, uma oposição de ASPECTO:

	ASPECTO NÃO CONCLUÍDO	ASPECTO CONCLUÍDO
INFINITIVO	ler	ter lido
GERÚNDIO	lendo	tendo lido

b) o INFINITIVO assume, em português, duas formas: uma não flexionada; outra flexionada, como qualquer forma pessoal do verbo;

c) o GERÚNDIO é invariável;

d) o PARTICÍPIO não se flexiona em pessoa.

Feitas essas considerações de ordem geral, passemos ao exame de alguns dos valores e empregos particulares das FORMAS NOMINAIS.

Emprego do infinitivo

Infinitivo impessoal e infinitivo pessoal

A par do INFINITIVO IMPESSOAL, isto é, do infinitivo que não tem sujeito, porque não se refere a uma pessoa gramatical, conhece a língua portuguesa o INFINITIVO PESSOAL, que tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Assim, em:

> Se **criar** é **criar-se**,
> **cantar** é **ser**.
> (E. Moura, *IP*, 187.)

> **Amar** é a eterna inocência.
> (F. Pessoa, *OP*, 139.)

O INFINITIVO É IMPESSOAL.

Já nas frases:

> O difícil é **estarmos** atentos.
> (V. Ferreira, *NN*, 128.)

> Indispensável os meninos **entrarem** no bom caminho, **saberem** cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos.
> (G. Ramos, *VS*, 31.)

estamos diante de formas do INFINITIVO PESSOAL.

O INFINITIVO PESSOAL FLEXIONADO possui, como dissemos, desinências especiais para as três pessoas do plural e para a 2.ª pessoa do singular.

Emprego distintivo

O emprego das formas flexionada e não flexionada do INFINITIVO é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais. Em verdade, os escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no caso, por exclusivas razões de lógica gramatical, mas se viram sempre, no ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão.

Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma do INFINITIVO.

São algumas destas tendências que passamos a indicar.

Emprego da forma não flexionada

1. O INFINITIVO conserva a forma NÃO FLEXIONADA:

1.º) quando é IMPESSOAL, ou seja, quando não se refere a nenhum sujeito:

> **Viver** é **exprimir**-se.
> (G. Amado, *TL*, 9.)

> **Jurar** falso é grande crime.
> (A. Ribeiro, *V*, 415.)

> **Amar** os homens é sempre uma alegria dolorosa.
> (Luandino Vieira, *NM*, 135.)

2.º) quando tem valor de imperativo:

> E Deus responde — "**Marchar!**"
> (Castro Alves, *EF*, 2.)

> — **Formar!** — ordenou o sipaio Jacinto.
> (Castro Soromenho, *V*, 197.)

> Se o indez morre, **deixá**-lo...
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 142.)

3.º) quando, em frase nominal de acentuado caráter afetivo, tem sentido narrativo ou descritivo (INFINITIVO DE NARRAÇÃO):

> O pai nos cabarés, nas casas das mulheres, gastando com raparigas, jogando nos hotéis, nos bares, com amigos bebendo. A mãe **a fenecer** em casa, **a ouvir** e **a obedecer**.
> (J. Amado, *GCC*, 277.)

> Mais dois dias. E Catarina **a piorar**.
> (Ó. Ribas, *U*, 243.)

4.º) quando, precedido da preposição *de*, serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil*, *possível*, *bom*, *raro* e outros semelhantes.[12]

> Já não transitam pelo correio aquelas cartas de letra miudinha, **impossíveis de ler**, **gratas de ler**, pois derramavas nelas uma intacta ternura...
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 137.)

> Há decisões **fáceis de manter**, lembranças **difíceis de afastar**.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 890.)

5.º) quando, regido da preposição *a*, equivale a um gerúndio em locuções formadas com os verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *viver* e semelhantes:

> Olha, triste viuvinha, já **estou a ouvir** teus passos nos surdos corredores da memória.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 80.)

---

[12] Este emprego da forma não flexionada deve ser incluído, como ensina Theodoro Henrique Maurer Jr., entre aqueles nos quais o INFINITIVO depende "de um adjetivo, de um substantivo ou de um verbo em construções em que corresponde a um supino em *-u* ou a um infinitivo passivo da língua latina. Exemplos: '*As crianças são fáceis de contentar*'; '*Estas nozes são boas de abrir*'; '*Ficaram algumas peças por cortar*'; '*Havia muitas cartas que escrever*'; '*Tais resultados eram de prever*'; '*Ele mandou podar as figueiras*'; '*Contas a pagar*'". (*O infinito flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo. Companhia Editora Nacional / USP, 1968, p. 236.)
Para o ilustre filólogo paulista, que neste ponto acompanha o pensamento de Nyrop e Ferdinand Brunot, o infinitivo não apresenta em tais construções o sentido passivo que costumam atribuir-lhe os gramáticos, mas "um sentido geral, em que a ideia de voz ativa ou passiva se apaga". (*Ibid.*, p. 139.)

Andam a montar casa.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 704.)

E, porque conheceu que o vento era mais da madrugada que da noite, **ficou a esperar** a manhã.
(Adonias Filho, *LBB*, 118.)

2. É também normal o emprego do INFINITIVO NÃO FLEXIONADO:

1.º) quando pertence a uma locução verbal e não está distanciado do seu auxiliar:

Os galos **começaram a cantar**.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

— Amanhã **vamos passar** o dia no Oiteiro.
(J. Lins do Rego, *ME*, 121.)

Importavam menos as palavras, essas talvez **pudessem esquecer**-se, porque outras se lhes **viriam sobrepor** e **cobri**-las, e **assimilá**-las.
(Alves Redol, *BC*, 57.)

2.º) quando depende dos auxiliares causativos (*deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos) ou sensitivos (*ver*, *ouvir*, *sentir* e sinônimos) e vem imediatamente depois desses verbos ou apenas separado deles por seu sujeito, expresso por um pronome oblíquo:

— **Deixas correr** os dias como as águas do Paraíba?
(Machado de Assis, *OC*, II, 119.)

E as lágrimas que choro, branca e calma,
Ninguém as **vê brotar** dentro da alma!
(F. Espanca, *S*, 18.)

Esta **viu**-os **ir** pouco a pouco.
(Machado de Assis, *OC*, II, 509.)

Neste caso, costuma ocorrer também a forma flexionada, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo ou equivalente:

Domingos **mandou** os homens **levantarem-se**.
(Castro Soromenho, *C*, 56.)

Vi teus vestidos **brilharem**
sem qualquer clarão do dia.
(C. Meireles, *OP*, 615.)

Finalmente, **viu** os três pastores **pegarem** nos alforjes e **dirigirem**-se ao regato, para **lavar** as mãos.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 404.)

E, mais raramente, quando o sujeito é um pronome oblíquo:

Ele **viu**-as **entrarem**, **prostrarem**-se de braços estendidos, chorando, e não se comoveu...
(Coelho Netto, *OS*, I, 1328.)

Construções do tipo:

Vi surgirem os primeiros brotos nas árvores, **nascerem** as primeiras flores, e **chegarem** enfim os frutos inocentes e verdes.
(A. F. Schmidt, *AP*, 170.)

não são comuns e explicam-se pelo realce que, no caso, se concede ao sujeito do infinitivo.

Emprego da forma flexionada

O infinitivo assume a forma FLEXIONADA:
1.º) quando tem sujeito claramente expresso:

Mas o curioso é **tu** não **perceberes** que não houve nunca "ilusão" alguma.
(V. Ferreira, *NN*, 312.)

Vila Nova lembrou que o melhor era **irem todos** logo falar ao Bom Jesus.
(A. Arinos, *OC*, 207.)

2.º) quando se refere a um agente não expresso, que se quer dar a conhecer pela desinência verbal:

— Acho melhor não **fazeres** questão.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 94.)

Bom seria **andarmos** nus como as feras.
(Adonias Filho, *LBB*, 108.)

3.º) quando, na 3.ª pessoa do plural, indica a indeterminação do sujeito:

Ouvi **dizerem** que Maria Jeroma, de todas a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela pintura na cara, ganhara o sertão.
(G. Amado, *HMI*, 143.)

— O culpado de tudo é aquele tal de Doutor Reinaldo. Por que não deixou **levarem** a sujeita para o Recife?
(J. Condé, *TC*, 247.)

4.º) quando se quer dar à frase maior ênfase ou harmonia:

Tomar um tema e trabalhá-lo em variações ou, como na forma sonata, tomar dois temas e opô-los, fazê-los **lutarem**, **embolarem**, **ferirem**-se e **estraçalharem**-se e dar a vitória a um ou, ao contrário, apaziguá-los num entendimento de todo repouso... creio que não pode haver maior delícia em matéria de arte.
(M. Bandeira, *PP*, II, 37.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / a **quebrarem**, / a **espicaçarem**, / a **torturarem** a pedra, / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

O uso do infinitivo flexionado parece ser mais frequente no português europeu do que no do Brasil em razão da vitalidade, em Portugal, do tratamento *tu* e, por consequência, da flexão correspondente a esta pessoa no infinitivo pessoal. Predominando na maior parte do Brasil o tratamento íntimo *você*, que se constrói com o verbo na 3.ª pessoa do singular — pessoa desprovida de desinência, ou melhor, com desinência zero Ø —, daí decorre a identificação desta forma do infinitivo pessoal com a do impessoal.

Conclusão

Como vemos, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da

ação" (Said Ali)[13]. No primeiro caso, preferimos o INFINITIVO NÃO FLEXIONADO; no segundo, o FLEXIONADO.

Trata-se, pois, de um emprego seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática.

Emprego do gerúndio

Forma simples e composta

Vimos que o GERÚNDIO apresenta duas formas: uma SIMPLES (*lendo*), outra COMPOSTA (*tendo* ou *havendo lido*).

A forma COMPOSTA é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal:

> Não **tendo conseguido** dormir, fui escaldar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina.
> (O. Lara Resende, *BD*, 112.)

> Já o sol, **tendo dado** volta às ameias da catedral, vinha muito baixo, por alta fresta, espojar-se no meio dos casacos pretos e vestes eclesiásticas.
> (A. Ribeiro, *AFPB*, 265.)

> Sem que eu soubesse, ele acabava de chegar do Rio, **havendo regressado** às pressas, por causa de complicações políticas.
> (C. dos Anjos, *M*, 126.)

A forma SIMPLES expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.

---

[13] Said Ali. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, s. d., p. 180. Sobre a origem e o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo, consulte-se a excelente monografia histórico-descritiva de Theodoro Henrique Maurer Jr.: *O infinitivo flexionado português; estudo histórico-descritivo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional / USP, 1968. A propósito, leiam-se também: Said Ali. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957, p. 55-76; Holger Sten. L'Infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne. *Boletim de Filologia*, 13: 83-142, 201-256, 1952; Maurice Molho. Le problème de l'infinitif en portugais. *Bulletin Hispanique*, 61: 26-73, 1959; Knud Togeby. L'enigmatique infinitif personnel en portugais. *Studia Neophilologica*, 27: 211-218, 1955; José Maria Rodrigues. Sobre o uso do infinitivo impessoal e do pessoal em *Os lusíadas*. *Boletim de Filologia*, *1*: 3-7, 177-184, 1932-1933; *2*: 1-2, 1933-1934; Zdenek Hampejs. Nota sintático-estilística sobre o infinitivo flexionado português. *Revista Brasileira de Filologia*, *5*: 115-118, 1959-1960; Jacinto do Prado Coelho. O infinito absoluto no Romanceiro Popular. *Boletim de Filologia*, *11*: 133-140, 1950.

Este valor temporal do GERÚNDIO depende quase sempre de sua colocação na frase.

Gerúndio anteposto à oração principal

Colocado no início do período, o GERÚNDIO exprime:

a) uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

> **Proferindo** estas palavras, o gardingo atravessou rapidamente a caverna e desapareceu nas trevas exteriores.
> (A. Herculano, *E*, 180.)

> **Ganhando** a praça, o engenheiro suspirou livre.
> (A. M. Machado, *HR*, 41.)

b) uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua:

> **Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 51.)

> **Estremecendo**, vejo um casal de sessenta anos.
> (A. Abelaira, *QPN*, 131.)

Gerúndio ao lado do verbo principal

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

> Maciel ouvia **sorrindo**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 506.)

> Chorou **soluçando** sobre a cabeça do cão.
> (Castro Soromenho, *TM*, 203.)

> Arrastou-se penosamente, **gatinhando** na areia.
> (C. de Oliveira, *AC*, 91.)

Gerúndio posposto à oração principal

Colocado depois da oração principal, o GERÚNDIO indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

As trajectórias recomeçaram, **processando**-se a um ritmo regular.
(F. Botelho, *X*, 158.)

No regresso para os musseques elas cantavam-na bem perto da casa, **deturpando** intencionalmente a letra da canção.
(A. Santos, *KOP*, 53.)

No quintal as folhas fugiam com o vento, **dançando** no ar em reviravoltas de brinquedo.
(L. Jardim, *MP*, 47.)

Gerúndio antecedido da preposição em

Precedido da preposição *em*, o GERÚNDIO marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal:

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, **em** me eu **cansando** da terra,
Batia-as, voava ao céu.
(Almeida Garrett, *O*, II, 123.)

Em se lhe **dando** corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.
(Monteiro Lobato, *U*, 127.)

Construções afetivas

1. O aspecto inacabado do GERÚNDIO permite-lhe exprimir a ideia de progressão indefinida, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida, como nestes passos:

   Viajando, viajando, esquecia-se o mal e o bem.
   (Adonias Filho, *LBB*, 101.)

   Andando, andando, escureceu-nos.
   (A. Ribeiro, *M*, 137.)

2. Na linguagem popular, já o dissemos, o GERÚNDIO substitui por vezes a forma IMPERATIVA:

   Andando! [= Vá andando! Ande!]

O gerúndio na locução verbal

O GERÚNDIO combina-se com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal.

1. **Estar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa num momento rigoroso:

> **Estavam** todos **dormindo**,
> **Estavam** todos deitados,
> **Dormindo**,
> Profundamente.
> (M. Bandeira, *PP*, I, 211.)

> Estas delongas **estão afligindo** a curiosidade de quem me ler.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 461.)

2. **Andar** seguido de GERÚNDIO indica uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado:

> João Fanhoso **andava amanhecendo** sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos.
> (M. Palmério, *VC*, 97.)

> **Andei buscando** esse dia
> pelos humildes caminhos...
> (C. Meireles, *OP*, 277.)

> A população **andava** agora **vivendo** dias grandes de chuva, ainda meio arrelampada com aquela prodigalidade da natureza.
> (M. Ferreira, *HB*, 146.)

3. **Ir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

> Chamas novas e belas **vão raiando**,
> **Vão-se acendendo** os límpidos altares
> E as almas **vão sorrindo** e **vão orando**...
> (Cruz e Sousa, *OC*, 218.)

> Vagaroso, o tempo **foi passando**.
> (M. Torga, *NCM*, 21.)

A terra **ia crescendo** e a mata **fechando**-se cada vez mais.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 125.)

4. **Vir** seguido de GERÚNDIO expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

Vinha amanhecendo, ainda havia um resto de escuridão, era difícil enxergar as coisas afastadas.
(G. Ramos, *AOH*, 109.)

A noite **vem chegando** de mansinho.
(F. Namora, *RT*, 86.)

Emprego do particípio

Elemento de tempos compostos

O PARTICÍPIO desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo com permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal.

Emprega-se:

a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa:

Temos estudado muito.
Havia escrito várias cartas.

b) com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação:

A carta **foi escrita** por mim.

c) com o auxiliar *estar*, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estamos impressionados com a situação.

Particípio sem auxiliar

1. Desacompanhado de auxiliar, o PARTICÍPIO exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada:

Achada a solução do problema, não mais torturou a cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 456.)

Crucificada em mim, sobre os meus braços,
Hei de poisar a boca nos teus passos
Pra não serem pisados por ninguém.
(F. Espanca, *S*, 115.)

Meia légua **andada**, todos eram irmãos.
(J. Saramago, *MC*, 303.)

Chegada a casa, não os encontrou.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 358.)

2. O PARTICÍPIO dos VERBOS TRANSITIVOS tem de regra valor passivo:

Lidas uma e outra, procedeu-se às assinaturas.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 550.)

Pouco a pouco os bichos se finavam, **devorados** pelo carrapato.
(G. Ramos, *VS*, 177.)

3. O PARTICÍPIO dos VERBOS INTRANSITIVOS tem quase sempre valor ativo:

Chegado aos pés, olhava-me para cima.
(V. Ferreira, *NN*, 66.)

Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, **vindo** de Passa Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão.
(Guimarães Rosa, *S*, 7.)

4. Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o PARTICÍPIO não indica por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma forma pode expressar:

a) ação passada:

Aberta uma exceção, estávamos perdidos.

b) ação presente:

Aberta uma exceção, estamos perdidos.

c) ação futura:

Aberta uma exceção, estaremos perdidos.

Nos casos acima, vemos que a oração de PARTICÍPIO tem sujeito diferente da principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.
Mas a relação temporal entre as duas orações pode ser de simultaneidade, principalmente se o sujeito for o mesmo:

> **Embaraçado**, não **consegui** chegar à porta.
> (O. Lara Resende, *BD*, 121.)

> **Rodeada** do bando, Mariana **comia** em paz na cozinha o caldo caridoso.
> (M. Torga, *NCM*, 126.)

> **Deitada** na terra, a chuva na manta, Imboti não **enxerga** o céu de nuvens pesadas e escuras.
> (Adonias Filho, *LP*, 24.)

5. Quando o PARTICÍPIO exprime apenas o estado, sem estabelecer nenhuma relação temporal, ele se confunde com o adjetivo:

> O vento **enfurecido** açoitava a rancharia.
> (A. Meyer, *SI*, 15.)

> Os gritos das gentes **desoladas** atroavam a vila **revolvida**.
> (V. Nemésio, *MTC*, 365.)

> O corpo **torturado** do tratorista caíra em cima dos presos já **adormecidos** àquela hora da noite.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 76.)

CONCORDÂNCIA VERBAL

1. A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

2. A CONCORDÂNCIA evita a repetição do sujeito, que pode ser indicada pela flexão verbal a ele ajustada:

> **Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei**, já era tarde, não **vi** meu pai.
> (A. Ribeiro, *CRG*, 257.)

— **Tu tens** razão. Agora, tudo se clareou para mim. Não **precisas voltar** aqui. Não quero que **te exponhas**.
(J. Montello, *DP*, 296.)

A chuva caía violenta no quintal, **ensopava** a areia vermelha dos caminhos e **invadia** mesmo a cela, colando-lhe a roupa no corpo dorido.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 72.)

REGRAS GERAIS

Com um só sujeito

O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido:

A paisagem ficou espiritualizada.
Tinha adquirido uma alma. E **uma nova poesia**
Desceu do céu, **subiu** do mar, **cantou** na estrada...
(M. Bandeira, *PP*, 70.)

Nada **sou**, nada **posso**, nada **sigo**.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
(F. Pessoa, *OP*, 675.)

Vieste de um país que não **conheço**.
(C. Nejar, *OP*, I, 26.)

Com mais de um sujeito

O verbo que tem mais de um sujeito (SUJEITO COMPOSTO) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1.ª pessoa:

Só **eu e Florêncio ficamos calados**, à margem.
(C. dos Anjos, *DR*, 39.)

Tu por um lado **e eu** por outro o **acautelaremos** das horas más.
(A. Ribeiro, *V*, 415.)

b) para a 2.ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1.ª pessoa, houver um da 2.ª:

Nuvem sólida, rosa virginal, água branca
E tu, antiga sinfonia aérea,
Pertenceis ao anjo, não a mim.
(M. Mendes, *P*, 164.)

Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes.
(C. Castelo Branco, *J*, I, 21.)

c) para a 3.ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3.ª pessoa:

Quando **o Loas e a filha chegaram** às proximidades da courela, logo se **anunciaram.**
(F. Namora, *TJ*, 227.)

Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador, o cego preto Firmino e Das Dores exigiram a história dos tatus, que saiu deste modo.
(G. Ramos, *AOH*, 76.)

Observação:

Na linguagem corrente do Brasil, evitam-se as formas do sujeito composto que levam o verbo à 2.ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento *vós* e, também, da substituição do tratamento *tu* por *você*, na maior parte do país.

Em lugar da 2.ª pessoa do plural, encontramos, vez por outra, tanto em Portugal como no Brasil, o verbo na 3.ª pessoa do plural, quando um dos sujeitos é da 2.ª pessoa do singular (*tu*) e os demais da 3.ª pessoa:

Em que língua **tu e ele falavam?**
(R. Fonseca, *C*, 35.)

Mas **nem tu, nem os teus ulemas e cacizes entendem** estas cousas.
(A. Herculano, *MC*, I, 91.)

— **O Pomar e tu** os **esperam.**
(F. Namora, *NM*, 242.)

— **Tu e o Chico levem** o Sr. Alves para casa.
(Castro Soromenho, *C*, 198.)

CASOS PARTICULARES

Com um só sujeito

O sujeito é uma expressão partitiva

Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de* e equivalentes) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural:

> **A maior parte deles** já não **vai** à fábrica!
> (B. Santareno, *TPM*, 40.)

> **A maior parte destes quartos não tinham** teto, nem portas, nem pavimento.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 196.)

> **Uma porção de moleques me olhavam** admirados.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 29.)

> Para meu desapontamento, **a maioria dos nomes** anotados não **dispunha** de telefone, ou **eram** casas comerciais, que não queriam conversa.
> (C. Drummond de Andrade, *BV*, 12.)

Observação:

A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

O sujeito denota quantidade aproximada

Quando o sujeito, indicador de quantidade aproximada, é formado de um *número plural* precedido das expressões *cerca de, mais de, menos de* e similares, o verbo vai normalmente para o plural:

> Ainda assim, **restavam cerca de cem viragos**...
> (J. Ribeiro, *FE*, 53.)

> ...e afinal, depois de tanto trabalho, de tantas palavras e canseiras, **fugirem-lhe** nada **menos de três!**
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 85.)

Observação:

Enquanto o sujeito de que participa a expressão *menos de dois* leva o verbo ao plural, o sujeito formado pelas expressões *mais de um* ou *mais que um*, seguidas de substantivo, deixa o verbo de regra no singular:

> A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; **mais de um torena coçou** o punho da adaga, **mais de um desapresilhou** a pistola, **mais de um virou** as esporas para o peito do pé...
> (Simões Lopes Neto, *CGLS*, 331.)

> **Mais de um sujeito correu** na salvação do pescoço-pelado.
> (J. C. de Carvalho, *CLH*, 137.)

Emprega-se, porém, o verbo no plural quando tais expressões vêm repetidas, ou quando nelas haja ideia de reciprocidade. Assim:

> Mais de um velho, mais de uma criança não **puderam fugir** a tempo.
> Mais de um orador **se criticaram** mutuamente na ocasião.

O sujeito é o pronome relativo que

1. O verbo que tem como sujeito o pronome relativo *que* concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome:

> Fui **eu que** lhe **pedi** que não viesse.
> (J. Montello, *DP*, 245.)

> Sou **eu que** lhe **peço**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 244.)

> És **tu que vais** acompanhá-lo.
> (Alves Redol, *BC*, 343.)

> Não és **tu que** me **dás** felicidade.
> (M. de Andrade, *PC*, 253.)

> Foram **eles que criaram** o Brasil, **que** o **tornaram** independente, **que deram** maior brilho ao nosso passado.
> (G. Amado, *TL*, 193.)

2. Se o antecedente do relativo *que* é um demonstrativo, que serve de predicativo ou aposto de um pronome pessoal sujeito, o verbo do relativo pode:

a) concordar com o pronome pessoal sujeito, principalmente quando o antecedente é o demonstrativo *o* (*a, os, as*):

> Não somos **nós os que vamos chamar** esses leais companheiros de além-mundo.
> (R. Barbosa, *EDS*, 680.)

> Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja agora em todos nós, **nós os que recusamos viver** no arame farpado, **nós os que recusamos** o mundo dos patrões e dos criados, **nós os que queremos** o mel para todos.
> (Pepetela, *AN*, 59.)

b) ir para a 3.ª pessoa, em concordância com o demonstrativo, se não há interesse em acentuar a íntima relação entre o predicativo e o sujeito:

> Fui **Essa que** nas ruas **esmolou**
> E fui **a que habitou** Paços Reais...
> (F. Espanca, *S*, 103.)

> Eu sou **aquele que veio** do imenso rio.
> (M. de Andrade, *PC*, 352.)

3. Quando o relativo *que* vem antecedido das expressões *um dos, uma das* (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3.ª pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3.ª pessoa do singular:

> És **um dos** raros homens **que têm** o mundo nas mãos.
> (A. Abelaira, *NC*, 121.)

> **Uma das** coisas **que** mais me **impressionam** é a terrível carreira em que nos excedemos.
> (G. Amado, *TL*, 8.)

> Foi **um dos** poucos no seu tempo **que reconheceu** a originalidade e importância da literatura brasileira.
> (J. Ribeiro, *AC*, 326.)

Acurvado sobre a mesa esconsa de seu lavor mercantil, era, aí mesmo, **um dos** primeiros homens doutos **que escrevia** em português sem mácula.

(C. Castelo Branco, *BE*, 213.)

Observação:

O verbo no singular destaca o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, ao contrário do que ocorre se construirmos a oração com o verbo no plural.

4. Depois de (*um*) *dos que* (= um daqueles que) o verbo vai normalmente para a 3.ª pessoa do plural:

Ela passou-se para outro mais decidido, **um dos que moravam** no quartinho dos grandes.

(J. Lins do Rego, *D*, 107.)

Naqueles dias a meninada do colégio interessava-se vivamente pelos concursos e eu era **um dos que** não **perdiam** o bate-boca das arguições.

(M. Bandeira, *PP*, II, 360-361.)

Por vezes omite-se o *um*:

Não sou **dos que acreditam** no direito divino da velhice.

(J. Nabuco, *A*, 294.)

Eu fui **dos que se meteram** ao lodo.

(Alves Redol, *BSL*, 325.)

João Guimarães Alves foi **dos que se perderam** na distância.

(C. Drummond de Andrade, *OC*, 527.)

São raros exemplos literários contemporâneos como estes:

O homem fora **um dos que** não **resistira** a tal sortilégio.

(F. Namora, *CS*, 168.)

O bispo de Silves foi **um dos que caiu** no erro funesto.

(A. Ribeiro, *PSP*, 250.)

O sujeito é o pronome relativo quem

1. O pronome relativo *quem* constrói-se, de regra, com o verbo na 3.ª pessoa do singular:

> És tu **quem murmura** nas águas,
> Tu és **quem respira** por mim.
> (M. Mendes, *P*, 181.)

> E não fui eu **quem** te **salvou?**
> (D. Mourão-Ferreira, *I*, 91.)

2. Não faltam, porém, exemplos de bons autores em que o verbo concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior. Neste caso, põe-se em relevo, sem rodeios mentais, o sujeito efetivo da ação expressa pelo verbo:

> Não sou **eu quem descrevo.** Eu sou a tela
> E oculta mão colora alguém em mim.
> (F. Pessoa, *OP*, 55.)

> Eram os filhos, estudantes nas Faculdades da Bahia, **quem** os **obrigavam** a abandonar os hábitos frugais.
> (J. Amado, *GCC*, 249.)

É esta a construção preferida da linguagem popular.

O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido plural, seguido de de *(ou* dentre*)* nós *(ou* vós*)*

Se o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos (*quais? quantos?*), dos demonstrativos (*estes, esses, aqueles*) ou dos indefinidos no plural (*alguns, muitos, poucos, quaisquer, vários*), seguido de uma das expressões *de nós, de vós, dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3.ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo:

> Mas, **quantos, dentre nós**, ainda **estão** vivos, devotam à vida a mesma paixão de outrora?
> (N. Piñon, *FD*, 47-48.)

> **Quantos dentre vós** que me ouvis não **tereis** tomado parte em romagens a Aparecida?
> (A. Arinos, *OC*, 770.)

Quais de vós sois, como eu, desterrados no meio do gênero humano?
(A. Herculano, *E*, 170.)

Muitos de nós andam por aí, querendo puxar conversa com vocês.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 163.)

Estou falando, portanto, com **aqueles dentre vós que trabalham** na construção em frente de minha janela.
(R. Braga, *CCE*, 249.)

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, também no singular deverá ficar o verbo:

Quando as nuvens começaram a existir,
qual de nós estava presente?
(C. Meireles, *OP*, 299.)

Nenhum de vós, ao meu enterro,
Irá mais dândi, olhai! do que eu!
(A. Nobre, *S*, 83.)

O sujeito é um plural aparente

Os nomes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo:

Mas **Vassouras** é que não o **esquecerá** tão cedo.
(R. Correia, *PCP*, 492.)

Comparado, por exemplo, com *Agosto azul*, ***Regressos* acusa** nalguns capítulos uma ligeira variação de timbre.
(U. Tavares Rodrigues, *MTG*, 50.)

***Alegrias de Nossa Senhora* tem** a sua história.
(M. Bandeira, *PP*, II, 70.)

Quando esses nomes são precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma plural:

Os Estados Unidos, então, por sua vez, **tentam** uma demonstração espetacular.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 308.)

As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* lhe **davam** uma outra dimensão.
(T. Martins Moreira, *VVT*, 38.)

O sujeito é indeterminado

Nas orações de sujeito indeterminado, já o dissemos, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural:

— **Pediram**-me que a procurasse.
(F. Botelho, *X*, 203.)

Estavam botando o búzio para os que ficavam mais distantes.
(J. Lins do Rego, *ME*, 60.)

Se, no entanto, a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome *se*, o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

Veio a hora do chá. Depois **cantou-se** e **tocou-se** ainda.
(Machado de Assis, *OC*, II, 106.)

Ainda **se vivia** num mundo de certezas.
(A. Bessa Luís, *OM*, 296.)

Concordância do verbo ser

1. Em alguns casos o verbo *ser* concorda com o predicativo.
Assim:
1.º) Nas orações começadas pelos pronomes interrogativos substantivos *que?* e *quem?*:

— **Que são seis meses?**
(Machado de Assis, *OC*, I, 1041.)

Quem teriam sido os primeiros deuses?
(A. Sérgio, *E*, IV, 245.)

Quis saber **quem eram meus pais** e **o que faziam**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 567.)

2.º) Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo* ou *o* (= aquilo) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural:

Tudo isto eram sintomas graves.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

— **Isto** não **são conversas** para ti, pequena.
(F. Namora, *TJ*, 196.)

O que há de novo nelas **são as cores.**
(M. Bandeira, *AA*, 51.)

Tudo na vida **são verdades** de relação.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 309.)

Tal concordância explica-se pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nocional, pois esta alude a realidades mais evidentes.

Mas, neste caso, também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido:

Tudo é flores no presente.
(Gonçalves Dias, *PCP*, 230.)

Se calhar, **tudo é símbolos.**
(F. Pessoa, *OP*, 352.)

Tudo era os estudos, brincadeiras.
(Luandino Vieira, *VE*, 49.)

Nestes exemplos, os três escritores, com o singular (isto é, colocando o verbo em concordância com o pronome indefinido), procuram realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as diferentes realidades transformadas numa só coisa.

Atente-se no efeito estilístico provocado pelo contraste de concordância neste passo de Camilo Castelo Branco:

Há neles muita lágrima, e **o que** não **é lágrimas são algemas.**

3.º) Quando o sujeito é uma expressão de sentido coletivo, como *o resto, o mais*:

O resto são atributos sem importância.
(M. Torga, *V*, 214.)

O mais são casas esparsas.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 73.)

4.º) Nas orações impessoais:

São duas horas da noite.
(A. Botto, *AO*, 141.)

Eram quase **oito horas.**
(A. F. Schmidt, *GB*, 133.)

Observação:

Empregados com referência às horas do dia, os verbos *dar, bater, soar* e sinônimos concordam com o número que indica as horas:

Soaram doze horas por igrejas daqueles vales.
(C. Castelo Branco, *QA*, 163.)

Batiam oito horas quando ele acordou e abriu as janelas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 92.)

Quando há o sujeito *relógio* (ou *sino*, *sineta*, etc.), o verbo naturalmente concorda com ele:

O sino da Matriz bateu seis horas.
(A. Meyer, *P*, 159.)

O relógio de uma das igrejas bateu duas horas.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 571.)

2. Se o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo normalmente concorda com ele, qualquer que seja o número do predicativo:

Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes.
(A. F. de Castilho, *AO*, 25.)

Todo **eu era** olhos e coração.
(Machado de Assis, *OC*, I, 742.)

Não é rara, porém, a concordância com o predicativo plural quando este representa partes do corpo da pessoa nomeada no sujeito:

Santinha **eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca.**
(M. Bandeira, *PP*, I, 403.)

3. Quando o sujeito é constituído de uma expressão numérica que se considera em sua totalidade, o verbo *ser* fica no singular:

Oito anos sempre **é** alguma coisa.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 146.)

— **Dez contos**?! Não **será** demais?
(Almada Negreiros, *NG*, 80.)

4. Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito:

Tu é que **deves escolher** o sítio.
(Alves Redol, *BC*, 343.)

Eu é que **estou escutando** o assobio no escuro.
(C. Lispector, *AV*, 94.)

Observações:

1.ª) A locução de realce *é que* é invariável e vem sempre colocada entre o sujeito da oração e o verbo a que ele se refere.

Assim:

José **é que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

É uma construção fixa, e não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo *ser* antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos.

Compare-se, por exemplo, ao anterior o seguinte período:

José **é que** trabalhou, mas **foram** os irmãos **que** se aproveitaram do seu esforço.

Ou este:

Foi José **que** trabalhou, mas os irmãos **é que** se aproveitaram do seu esforço.

2.ª) Também não deve ser confundido com a expressão de realce *é que* o encontro da forma verbal *é* com a conjunção integrante *que* em contextos do tipo:

Bom **é que** não haja mais discussões.
O certo **é que** ele não voltará.

equivalentes a:

É bom **que** não haja mais discussões.
Que ele não voltará **é** o certo.

3.ª) Sobre estas e outras construções em que se dá a concorrência das formas *é* e *que* e sobre a interpretação cabível em cada caso, vejam-se José Oiticica. *Manual de análise (léxica e sintática)*. 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 235-237; ——. Sobre a expressão "é que". *Revista Filológica*, 7 (27): 217-225, 1944; João Malaca Casteleiro. Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*. *Boletim de Filologia*, 25: 97-166, 1976-1979.

Com mais de um sujeito

Concordância com o sujeito mais próximo

Vimos que o adjetivo que modifica vários substantivos pode, em certos casos, concordar com o substantivo mais próximo. Também o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o sujeito mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois dele:

Que te **seja** propício **o astro e a flor,**
Que a teus pés **se incline a Terra e o Mar.**
(F. Espanca, *S*, 163.)

Habita-me **o espaço e a desolação.**
(V. Ferreira, *A*, 24.)

Rua da União onde todas as tardes **passava a preta das bananas** com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana.
(M. Bandeira, *PP*, I, 200.)

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos:

A conciliação, a harmonia entre uns e outros **é possível.**
(A. Abelaira, *NC*, 178.)

Todo o seu comentário, toda a sua exegese e todo o seu exame crítico vinha insuflado dessa virtude elucidativa em que a sua contribuição pessoal se fazia sentir, ainda que no campo da hipótese ou da conjectura.
(Joaquim Ribeiro, in J. Ribeiro, *CD*², III.)

O amor e a admiração nas crianças **compraz-se** dos extremos.
(A. Ribeiro, *CRG*, 86.)

c) quando há uma enumeração gradativa:

A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos.
(Monteiro Lobato, *N*, 4.)

O grotesco, o pobre, o sem forças, era triturado agora na pressão dessa grande cidade, ininterrupta de gente, de casos que profundamente a excluíam.
(A. Bessa Luís, *AM*, 54.)

d) quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude:

A grandeza e a significação das coisas **resulta** do grau de transcendência que encerram.
(M. Torga, *TU*, 63.)

Morro, **se a graça e a misericórdia de Deus** me não **acode**.
(C. Castelo Branco, *CE*, 40.)

Infinitivos sujeitos

Quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular:

Olhar e ver era para mim um recurso de defesa.
(J. Lins do Rego, *P*, 93.)

Fazer e escrever é a mesma coisa.
(J. de Araújo Correia, *FX*, 52.)

Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto.
(R. de Queirós, *CCE*, 95.)

Mas o verbo pode ir para o plural quando os infinitivos exprimem ideias nitidamente contrárias:

> Em sua vida, à porfia,
> **Se alternam rir e chorar.**
> (A. de Oliveira, *Pós*t., 43.)

Sujeitos resumidos por um pronome indefinido

Quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular, em concordância com esse pronome:

> O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, **era tudo** de um cinzento de borralho.
> (R. de Queirós, *TR*, 15.)

> Letras, ciências, costumes, instituições, **nada** disso **é** nacional.
> (Eça de Queirós, *O*, II, 1108.)

A mesma concordância se faz quando o pronome anuncia os sujeitos:

> **Tudo** o **fazia** lembrar-se dela: a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes.
> (Almada Negreiros, *NG*, 112.)

> E não só dos homens se arreceava — **tudo temia**: o sol do verão, o frio do inverno, os frutos que ela colhia, as flores com que se enfeitava.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

Sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa

Quando os sujeitos, por palavras diferentes, representam uma só pessoa ou uma só coisa, o verbo fica naturalmente no singular:

> **A Ideia, o sumo Bem, o verbo, a Essência,**
> Só **se revela** aos homens e às nações
> No céu incorruptível da Consciência!
> (A. de Quental, *SC*, 62.)

> **Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria,** nunca mais me **esqueceu**, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 741.)

Sujeitos ligados por ou *e por* nem

1. Quando o sujeito composto é formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo costuma ir:

a) para o plural, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos:

> **O mal ou o bem** dali **teriam de vir.**
> (D. Silveira de Queirós, *MLR*, 188.)

> Por muito que **o tempo ou a paisagem se repetissem**, essa teimosia apenas a aproximava da harmonia caprichosa da paisagem da sua infância, lá onde os cheiros, os dias e as cores nunca chegavam a sedimentar.
> (F. Namora, *TJ*, 301.)

> É a nobre dama recém-chegada, à qual **nem o cansaço de trabalhosa jornada nem o hábito dos cômodos do mundo puderam impedir** acompanhasse na oração aquelas que o trato de poucas horas já lhe fazia amar como irmãs.
> (A. Herculano, *E*, 130.)

> **Nem a monotonia nem o tédio a fariam** capitular agora.
> (C. dos Anjos, *M*, 235.)

b) para o *singular*, se o fato expresso pelo verbo só pode ser atribuído a um dos sujeitos, isto é, se há ideia de alternativa:

> Fui devagar, mas **o pé ou o espelho traiu-me.**
> (Machado de Assis, *OC*, I, 763.)

> **Nem tormenta nem tormento**
> nos **poderia parar.**
> (C. Meireles, *OP*, 141.)

2. Nota-se, porém, na linguagem coloquial uma tendência de anular tais distinções, principalmente quando os sujeitos estão ligados pela conjunção *nem*. Encontra-se frequentemente o plural onde seria de esperar o singular. Assim:

> **Nem João nem Carlos serão eleitos** presidente do clube.

O cargo de presidente é exercido por um só indivíduo. Logo, o verbo deveria marcar alternância.

Outras vezes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo, embora a ação se refira a cada um dos sujeitos.

Assim:

> **Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação** de que eu pudesse persegui-los **perturbava** o aconchego.
> (D. Silveira de Queirós, *EHT*, 53.)

> **Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder** mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

3. Se os sujeitos ligados por *ou* ou por *nem* não são da mesma pessoa, isto é, se entre eles há algum expresso por pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa, o verbo irá normalmente para o plural e para a pessoa que tiver precedência.

> **Ou ela ou eu havemos de abandonar** para sempre esta casa; e isto hoje mesmo.
> (B. Guimarães, *EI*, 56.)

> **Nem tu nem eu soubemos ser** nós uma única vez.
> (A. Abelaira, *B*, 122.)

4. As expressões *um* ou *outro* e *nem um nem outro*, empregadas como pronome substantivo ou como pronome adjetivo, exigem normalmente o verbo no singular:

> **Um ou outro porco era** cevado e as salgadeiras de Corrocovo suavizaram o inverno.
> (C. de Oliveira, *CD*, 96.)

> Só **um ou outro menino usava** sapatos; a maioria, de tamanco ou descalça.
> (G. Amado, *HMI*, 57.)

> **Nem um nem outro havia idealizado** previamente este encontro.
> (T. da Silveira, *SC*, 220.)

Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que **um ou outro** lhe **ficava** bem.
(Machado de Assis, *OC*, II, 280.)

Não é rara, porém, a construção com o verbo no plural quando as expressões se empregam como pronome substantivo:

Mas **nem um nem outro puderam compreender** logo toda a extensão e a gravidade do mal.
(A. Arinos, *OC*, 325.)

Nem um nem outro desejavam questionar.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 1145.)

A locução um *e* outro

A locução *um e outro* pode levar o verbo ao plural ou, com menos frequência, ao singular:

Um e outro tinham a sola rota.
(Machado de Assis, *OC*, III, 1000.)

Uma e outra obedecia logo e, à que fazia ouvidos moucos, ele enviava uma pedrada.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 364.)

As duas construções são admissíveis ainda quando a locução é usada como pronome adjetivo, caso em que precede sempre um substantivo no singular:

Mas **uma e outra cousa duraram** apenas rápido instante.
(A. Herculano, *E*, 207.)

Uma e outra cousa existiam em estado latente, mas existiam.
(Machado de Assis, *OC*, II, 287.)

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.
(A. de Quental, *P*, I, 167.)

Sujeito ligados por com

Quando os sujeitos vêm unidos pela partícula *com*, o verbo pode usar-se no plural ou em concordância com o primeiro sujeito, segundo a valorização expressiva que dermos ao elemento regido de *com*.

Assim, o verbo irá normalmente:

a) para o *plural*, quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula *com* os enlaça como se fosse a conjunção *e*:

> **O mestre com o boleeiro fizeram** a emenda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 94.)

> **Garcilaso com Boscán e Petrarca são** os poetas favoritos do grande épico.
> (J. Ribeiro, *F*, 294.)

> **O pontífice, com todos os membros do consistório**, mal **puderam sair** suplentes.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 582.)

b) para o número do primeiro sujeito, quando pretendemos realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia:

> O **Coronel Lula de Holanda**, de preto, com a mulher e a filha, sobranceiro, de cabeça erguida, **mostrava-se** à canalha de olhos compridos, com a família na seda.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 229.)

> **A viúva**, com o resto da família, **mudara-se** para Vila Isabel, desde o rompimento.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 71.)

Sujeitos ligados por conjunção comparativa

Quando dois sujeitos estão unidos por uma das conjunções comparativas *como*, *assim como*, *bem como* e equivalentes, a concordância depende da interpretação que dermos ao conjunto:

Assim, o verbo concordará:

a) *Com o primeiro sujeito*, se quisermos destacá-lo:

> **O nome**, como o corpo, **é** nós também.
> (V. Ferreira, *A*, 20.)

> **O dólar**, como a girafa, **não existe**.
> (C. Drummond de Andrade, *FA*, 89.)

Neste caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem enunciado entre pausas, que se marcam, na escrita, por vírgulas.

b) *Com os dois sujeitos englobadamente* (isto é: o verbo irá para o plural), se os considerarmos termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente damos, por exemplo, a estruturas correlativas do tipo *tanto... como*:

> É inútil acrescentar que **tanto ele como eu esperamos** que você nos dê sempre notícias.
> (Ribeiro Couto, *C*, 202.)

> **Tanto um como outro se ocupavam** em mercadejar.
> (A. Ribeiro, *PSP*, 265.)

> É um homem excelente, e **tanto Emília como Francisquinha** o **estimam** muito, a seu modo.
> (C. dos Anjos, *DR*, 128.)

Entre os sujeitos não há pausa; logo, não devem ser separados, na escrita, por vírgula.

De modo semelhante se comportam os sujeitos ligados por série aditiva enfática (*não só... mas* [*senão* ou *como*] *também*):

> Qualquer se persuadirá de que **não só a nação mas também o príncipe estariam** pobres.
> (A. Herculano, *HP*, III, 303.)

REGÊNCIA VERBAL

REGÊNCIA

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo.

Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama REGÊNCIA. A palavra dependente denomina-se REGIDA, e o termo a que ela se subordina, REGENTE.

As relações de REGÊNCIA podem ser indicadas:

a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração;
b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;
c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

Em outros capítulos deste livro, estudamos parceladamente tais relações: complementos pedidos por substantivos, por adjetivos, por verbos, por advérbios e, mesmo, por orações. Procuraremos, agora, precisar melhor as formas que assume a REGÊNCIA VERBAL.

Observação:

A REGÊNCIA é o movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. Por exemplo: a conjunção *embora* pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo regido. Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. La notion de rection. *Acta Linguística*, *1*: 10-23, 1939.

REGÊNCIA VERBAL

Vimos que, quanto à predicação, os verbos nocionais se dividem em INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.

Os INTRANSITIVOS expressam uma ideia completa:

A criança **dormiu**. Pedro **viajou**.

Os TRANSITIVOS, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (OBJETO DIRETO ou INDIRETO) para integrar-lhes o sentido:

O menino **comprou um livro**.
O velho **carecia de roupa**.
Pedro **deu um presente ao amigo**.

A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a REGÊNCIA VERBAL, pode, como nos mostram os exemplos acima, fazer-se:

a) *diretamente*, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é OBJETO DIRETO;
b) *indiretamente*, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é OBJETO INDIRETO.

Diversidade e igualdade de regência

Verbos há que admitem mais de uma regência. Em geral, a diversidade de regência corresponde a uma variação significativa do verbo. Assim:

Aspirar [= sorver, respirar] **o ar de montanha.**
Aspirar [= desejar, pretender] **a um alto cargo.**

Alguns verbos, no entanto, usam-se na mesma acepção com mais de uma regência. Assim:

Meditar **num assunto.**
Meditar **sobre um assunto.**

Outros, finalmente, mudam de significação, sem variar de regência. Assim:

Carecer [= não ter] **de dinheiro.**
Carecer [= precisar] **de dinheiro.**

Observação:

No estudo da regência verbal cumpre não esquecer os seguintes fatos:

1.º) O OBJETO INDIRETO só não vem preposicionado quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos* e *lhes*.

2.º) Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (OBJETO INDIRETO) ou a um nome (COMPLEMENTO NOMINAL) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam ADJUNTOS ADVERBIAIS ou ADJUNTOS ADNOMINAIS.

3.º) Os VERBOS INTRANSITIVOS podem, em certos casos, ser seguidos de OBJETO DIRETO. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objeto, é formado da mesma raiz ou contém o sentido fundamental do verbo. Exemplos:

Viver **uma vida alegre.**
Chorar **lágrimas de amargura.**

4.º) Também VERBOS TRANSITIVOS costumam ser usados intransitivamente:

O pior cego é o que não **quer ver.**
Ele é manhoso: não **afirma** nem **nega.**

5.º) Muitas vezes, a regência de um verbo estende-se aos substantivos e aos adjetivos cognatos:

Obedecer **ao chefe.**
Obediência **ao chefe.**
Obediente **ao chefe.**

Contentar-se **com a sorte.**
Contentamento **com a sorte.**
Contente **com a sorte.**

Regência de alguns verbos

Aspirar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa "sorver", "respirar":

> **Aspirando o frescor do seu vestido...**
> (C. Pessanha, *C*, 82.)

> Destampava as panelas, especulava o que se ia comer, **aspirava** com gosto **o perfume do refogado** — da salsa, do alho, da cebolinha.
> (O. Lara Resende, *RG*, 36.)

> Arregaçou o focinho, **aspirou o ar** lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.
> (G. Ramos, *VS*, 130-131.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "pretender", "desejar". Neste caso, o OBJETO INDIRETO vem introduzido pela preposição *a* (ou *por*), não admitindo a substituição pela forma pronominal *lhe* (ou *lhes*), mas somente por *a ele*(*s*) ou *a ela*(*s*):

> Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me **aspirar**, com ânsia, **à libertação.**
> (C. dos Anjos, *DR*, 407.)

> **Aspiramos a uma terra pacífica.**
> (C. Drummond de Andrade, *OC*, 830.)

> E a mim, que **aspiro a ele**, a mim, que o amo,
> Que anseio por mais vida e maior brilho,
> Há de negar-me o termo deste anseio?
> (A. de Quental, *SC*, 10.)

Advirta-se, porém, que, embora invariavelmente condenado pelos gramáticos, o regime direto se insinua, vez por outra, na pena de escritores brasileiros modernos e contemporâneos:

> Ele sente, ele **aspira**, ele deseja
> **A grande zona da imortal bonança.**
> (Cruz e Sousa, *OC*, 212.)

Oh! **o que** eu não **aspirava**, no titanismo das minhas ânsias de moço, para o meu país!
(G. Amado, *PP*, 49.)

Assistir

1.º) Uma longa tradição gramatical ensina que este verbo é TRANSITIVO INDIRETO no sentido de "estar presente", "presenciar". Com tal significado, deve o OBJETO INDIRETO ser encabeçado pela preposição *a*, e, se for expresso por pronome de 3.ª pessoa, exigirá a forma *a ele(s)* ou *a ela(s)*, e não *lhe(s)*. Assim:

Assisti **a algumas touradas**.
(A. F. Schmidt, *AP*, 175.)

Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm **assistido a elas** e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável.
(Rebelo da Silva, *CL*, 177.)

Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com OBJETO DIRETO (cf.: *assistir o jogo, um filme*), e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada. Sirvam de exemplo estes dois passos:

Trata-se de um filme **que** eu **assistia**.
(C. Lispector, *AV*, 32.)

Dava dinheiro e corrompia para fazer passar de novo e sempre as fitas **que** não **assistira**.
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

2.º) É TRANSITIVO INDIRETO na acepção de "favorecer", "caber (direito ou razão, a alguém)", mas, neste caso, pode construir-se com a forma pronominal *lhe(s)*:

Ao dono da loja assiste razão de gabar-se, como o fez, por sua iniciativa.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 94.)

Que direito **lhe assistia** de julgar Jacinto?
(U. Tavares Rodrigues, *NR*, 31.)

3.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO nos sentidos de "acompanhar", "ajudar", "prestar assistência", "socorrer":

> Deus bom, que **assiste os coitados**.
> (C. dos Anjos, *DR*, 129.)

> Continuarei a **assisti-la** com a discrição requerida pela sua sensibilidade.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 695.)

> — Só esta manhã é que tivemos o doutor no Pomar; veio **assistir à filha do Manuel Calmeiro.**
> (F. Namora, *NM*, 216-217.)

> O encarregado **era assistido por dois homens de bordo**, um deles de olhos muito brancos.
> (B. Lopes, *C*, 64.)

> E ali ficava, animando-o a seu modo, enquanto punha em ordem o quarto, **assistida pelo cão**, que se acomodava ao lado da cama.
> (J. Montello, *DP*, 255.)

4.º) No sentido de "morar", "residir", "habitar", o locativo vem introduzido pela preposição *em*:

> Dois daqueles **assistiam no termo de Vila Nova da Rainha**.
> (A. Arinos, *OC*, 407.)

> — Você então está **assistindo** por aqui, **neste começo de Gerais?**
> (Guimarães Rosa, *CB*, II, 493.)

Este emprego do verbo *assistir*, muito frequente nos clássicos, tem sabor arcaizante num contexto literário contemporâneo.

Chamar

Ressaltem-se os seguintes valores e empregos:

1.º) Com o significado de "fazer vir", "convocar", usa-se com OBJETO DIRETO:

> O presidente do banco **chamou-o** para uma conversa penosa.
> (C. Drummond de Andrade, *CA*, 139.)

É claro que **chamei o sacristão** e lhe pedi silêncio.
(C. de Oliveira, *AC*, 29.)

2.º) Na acepção de "invocar", pede OBJETO INDIRETO encabeçado pela preposição *por*:

As tias **chamavam por Santa Bárbara e por São Jerônimo.**
(O. Lara Resende, *PM*, 97.)

Tanto valeu tanger a campainha da ordem como **chamar pelo miraculoso padre Antônio.**
(A. Ribeiro, *V*, 421.)

O Negrinho **chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa.**
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 333.)

3.º) No sentido de "qualificar", "apelidar", "dar nome", constrói-se:

a) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO:

O povo **chamava-o maluco.**
(J. Lins do Rego, *U*, 127.)

b) com OBJETO DIRETO + PREDICATIVO, precedido da preposição *de*[14]:

Chamaram-no de mentiroso, de ingrato e de vítima.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 71.)

c) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO:

Chama-lhe amizade, se preferires.
(F. Namora, *RT*, 173.)

d) com OBJETO INDIRETO + PREDICATIVO (precedido da preposição *de*):

Chamava-lhe sempre **de miúdo.**
(Luandino Vieira, *L*, 22.)

---

[14] Esta construção, desusada em Portugal e condenada pelos puristas, é a predominante na linguagem coloquial brasileira e tende a sê-lo também na expressão literária modernista.

4.º) Pode ser INTRANSITIVO, quando equivale a "dar ou fazer sinal com a voz ou o gesto, para que alguém venha":

> **Chamasse**, gritando, José Balbino invadiria o quarto.
> (Adonias Filho, *LBB*, 53.)

> — **Chamou**? pergunta-me o guarda.
> — Não **chamei**.
> (V. Ferreira, *NN*, 78.)

Neste sentido também se usa com objeto indireto precedido da preposição *por* (*per*):

> Sampaio correu a porta e **chamou pelos sipaios**.
> (Castro Soromenho, *TM*, 215.)

> — Ela **chamou por mim**, Barbaças!
> (F. Namora, *TJ*, 45.)

Ensinar

1.º) Na língua atual, constrói-se preferentemente com OBJETO DIRETO de "coisa" e INDIRETO de "pessoa":

> Vou dizer que o Antoninho andou pelas portas a **ensinar-vos a lição** e a prometer-vos peitas.
> (A. Ribeiro, *V*, 410.)

> E eu **lhe ensinei a pura alegria**.
> (Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

> Se **lhe ensinassem um ofício**, podia fazer um pedaço.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 13.)

2.º) Quando a "coisa" ensinada vem expressa por um infinitivo precedido da preposição *a*, a língua atual oferece-nos dois tipos de construção:
a) *ensinar-lhe a* + INFINITIVO;
b) *ensiná-lo a* + INFINITIVO.

Comparem-se estes exemplos:

> Em vão **ensinara-lhe a proteger** os animais das pragas e dos vendavais.
> (N. Pinõn, *CC*, 52.)

Tinha de o convencer, de **o ensinar a ver** claro.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 154.)

3.º) Quando se silencia a "coisa" ensinada, a denominação da "pessoa" costuma funcionar como OBJETO DIRETO:

Uma moça formada de anel no dedo **podia ensinar as meninas** até o curso secundário.
(J. Lins do Rego, *MVA*, 189.)

Sem que o Antunes **a tivesse ensinado**, ela tinha aprendido com ele a ver-se de uma maneira diversa da que costumava nos clubes.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

4.º) Nos sentidos de "castigar", "bater", "adestrar", "amestrar", "educar", usa-se normalmente com OBJETO DIRETO:

A tarimba é que viria **ensiná-lo**.
(Machado de Assis, *OC*, II, 482.)

Era seu luxo montá-lo na vila, exibindo-o em dias de feira no apuro da maestria com que **o mandara ensinar**.
(Alves Redol, *MB*, 263.)

5.º) Apontem-se ainda as construções:

a) com OBJETO DIRETO de "coisa" explícito e OBJETO INDIRETO de "pessoa" não expresso:

Não basta o **que** a vida **ensina**.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Tu deves **ensinar o** que eu hei de fazer.
(Almada Negreiros, *NG*, 85.)

b) com OBJETO INDIRETO de "pessoa" explícito e com o OBJETO DIRETO de "coisa" calado:

Pode ser mesmo que em alguma ocasião **lhe tivesse ensinado** mal...
(Machado de Assis, *OC*, II, 534.)

Foi ao lado do motorista para **lhe ensinar**.
(Almada Negreiros, *NG*, 81.)

c) como INTRANSITIVO:

Na vossa terra não há quem **ensine**?
(F. Namora, *TJ*, 294.)

Como mestra, a vida **ensina** mal.
(Ó. Soares, *DF*, I, XIII.)

Esquecer

1.º) Na acepção própria de "olvidar", "sair da lembrança", este verbo constrói-se, tradicionalmente:

a) seja com OBJETO DIRETO:

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.
(C. Drummond de Andrade, *R*, 9.)

— Pois é, não deve deixar que **o esqueçam.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 722.)

Eu não **esqueço o bem** que ele me fez.
(Castro Soromenho, *TM*, 244-245.)

b) seja com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *de*, quando pronominal:

Tendo de lutar para obter melhoria de situação, **foi-se esquecendo dos deveres religiosos.**
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 123.)

Diabo: o Barbaças **esquecia-se de deixar as rações** na manjedoura.
(F. Namora, *TJ*, 325.)

2.º) Do cruzamento destas duas construções resultou uma terceira, sem o pronome reflexivo, mas com o OBJETO introduzido por *de*:

Esqueceu os deveres religiosos
Esqueceu-se dos deveres religiosos
↓
Esqueceu dos deveres religiosos

Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito frequente no colóquio diário dos brasileiros, já se vem insinuando na linguagem literária,

principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo. Sirvam de exemplo estes passos:

> Guma **esquece de tudo**, e se deixa ir no doce acalanto dessa toada tão bela.
> (J. Amado, *MM*, 55.)

> Ah, sim, **esqueci de confessar** quando a vi.
> (N. Pinon, *SA*, 155.)

3.º) Também não é raro na língua atual o tipo sintático *esquecer-se que*, com elipse da preposição:

> — Toma esta chave, e não **te esqueças que** o seu poder é sobrenatural.
> (G. Amado, *TL*, 5.)

> — Um homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a **esquecer-se que** é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> — **Esquece-se que** não tenho outra companhia...
> (Alves Redol, *BC*, 296.)

4.º) À semelhança de *lembrar-se*, o verbo *esquecer-se* admite uma construção de estrutura diversa das que até agora examinamos. Os elementos que nestas funcionam como OBJETO (DIRETO OU INDIRETO) vão figurar nela como sujeito:

> E o pior é que **me esqueceu tudo**, valha-me Deus!
> (J. Régio, *SM*, 303.)

> **Esqueceram-me todas as mágoas**, e comecei a gostar desse Belmiro que olhava para o salão como se estivesse contemplando o mar.
> (C. dos Anjos, *DR*, 116.)

5.º) Finalmente, do cruzamento das construções

Esqueci-me de tudo

e

Esqueceu-me tudo,

resultou uma nova:

Esqueceu-me de tudo.[15]

Comparem-se estes exemplos:

Não **lhes esqueça de regarem** o passeio adiante da porta.
(Almeida Garrett, *O*, II, 1262.)

Esqueceu-me de citar no texto a formação de *empós*, justaposição de *em* e *pos*, que é o *post* latino.
(M. Barreto, *FLP*, 98.)

Interessar

1.º) Usa-se, indiferentemente, como TRANSITIVO DIRETO ou INDIRETO, nas acepções de "dizer respeito a", "importar", "ser proveitoso", "ser do interesse de":

Pensei que **os interessasse** estar ao corrente disto.
(C. de Oliveira, *AC*, 161.)

— Fiz uma visita à mulher, o caso **interessou-me.** E também **o** há de **interessar a si.**
(F. Namora, *RT*, 39.)

E eu calculei que talvez a transação **lhe interessasse.**
(G. Ramos, *SB*, 20.)

O mundo mudava, e **a Ternura** não **interessava** mais viver depois que tudo ficara diferente.
(A. M. Machado, *JT*, 220.)

2.º) É TRANSITIVO DIRETO quando significa:

a) "captar ou prender o espírito, a atenção, a curiosidade"; "excitar a":

Ele percebeu então que falara demais, a ponto de **interessá-la**, e olhou-a rapidamente de lado.
(C. Lispector, *ME*, 178.)

---

[15] Esta construção é desusada dos escritores contemporâneos, quer portugueses, quer brasileiros.

As histórias de Zefinha não **o interessavam.**
(J. Lins do Rego, *MVA*, 318.)

b) "alcançar", "ofender", "ferir":

O ferimento **interessou a aorta.**
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

A facada **interessou o pulmão direito.**
(Caldas Aulete, *DCLP*, 986.)

3.º) Emprega-se com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *em* nos sentidos de "ter interesse", "tirar utilidade, lucro ou proveito":

O rei **interessava em que os concelhos fossem poderosos e livres.**
(A. Herculano, *MC*, II, 78-79.)

É lícito supor que desejava prolongar a luta, porque **interessava em residir na corte de Roma.**
(A. Herculano, *OEIP*, II, 50.)

4.º) É TRANSITIVO DIRETO e INDIRETO quando significa:
a) "dar a alguém parte num negócio ou nos lucros":

Interessei-o nesta empresa.
(M. de Sousa Lima, *GP*, 294.)

Interessei meu irmão na charutaria.
(A. Nascentes, *PR*, 231.)

b) "atrair", "provocar o interesse ou a curiosidade de":

Foi fácil para ele **interessar toda a cidade na incrível figurinha de Shirley Temple.**
(Autran Dourado, *IP*, 38.)

A princípio tentara **interessá-lo nos problemas sociais** que o entusiasmavam.
(Castro Soromenho, *TM*, 171.)

Josefina, é verdade que nunca se aproximou de mim para **me interessar nos seus enigmas.**
(A. Bessa Luís, *M*, 296.)

5.º) No sentido de "empenhar-se", "tomar interesse por", tem forma reflexa e faz-se acompanhar de OBJETO INDIRETO encabeçado por uma das preposições *em* ou *por*:

> **Interesso-me em aspirar** todos os aromas que recendem das essências angélicas.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 509.)

> Zazá não **se interessava** muito **pelo futebol**.
> (Ribeiro Couto, *NC*, 46.)

> **Interessavam-se** as três, humanamente, **pelos alunos, pelos seus casos familiares, pelas inclinações que revelavam, pelas suas singularidades físicas e espirituais**.
> (U. Tavares Rodrigues, *PC*, 198.)

Lembrar

O verbo *lembrar(-se)* apresenta os mesmos tipos de construção que o seu antônimo *esquecer(-se)*.

Assim:

1.º) Com o sentido de "trazer à lembrança", "evocar", "sugerir", "recordar-se" é TRANSITIVO DIRETO:

> O monte **lembrava um lençol esburacado**.
> (A. Ribeiro, *M*, 147.)

> **Lembrei dias de ventanias, sóis de correrias.**
> (Luandino Vieira, *NANV*, 194.)

> **Lembro-a** hoje, com os seus cabelos brancos...
> (A. F. Schmidt, *F*, 43.)

2.º) Na acepção de "sugerir a lembrança", "fazer recordar", "advertir", constrói-se com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> E ali era ele quem mandava, não precisava de **o lembrar à filha**.
> (Alves Redol, *BC*, 29.)

> Para **me lembrar ao senhor**? Para **lembrá-lo a mim**? Nosso entendimento se tornou tão fácil que dispensa a operação da lembrança.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 153.)

3.º) Com o sentido de "vir à memória", que é o mais usual, admite, à semelhança de *esquecer*, três modelos de construção:

a) **Lembro-me do acontecimento.**
b) **Lembra-me o acontecimento.**
c) **Lembra-me do acontecimento.**

O primeiro é o mais frequente, seja na linguagem coloquial, seja na literária:

— Já não **se lembra da picardia** que me fez?
(A. Ribeiro, *M*, 67.)

Nisto o meu companheiro **lembra-se de cantar.**
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 167.)

— Já não **se lembra de mim**, naturalmente...
(M. Lopes, *FVL*, 85.)

Eu **me lembro do outro cajueiro** que era menor e morreu há tanto tempo. Eu **me lembro dos pés de pinha**...
(R. Braga, *CCE*, 321.)

Lembra-te, Belmiro, **de que essas bodas são impossíveis.**
(C. dos Anjos, *DR*, 44-45.)

Quando o OBJETO INDIRETO vem expresso por uma oração desenvolvida, como no último exemplo, a preposição *de* pode faltar:

Lembro-me que certa vez **juntei uma porção de artigos médicos sobre o assunto.**
(R. Braga, *CCE*, 49.)

Lembrou-me que teria de passar junto de três ou quatro casas conhecidas.
(F. Namora, *HD*, 53.)

Lembro-me que devo voltar à missa solene...
(A. Schmidt, *F*, 37.)

O segundo modelo sintático é mais usado em Portugal do que no Brasil, onde o seu emprego se circunscreve à linguagem formal:

O filme já não **me lembra.**
(V. Ferreira, *NN*, 74.)

Não **me lembra o motivo que alegou.**
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 57.)

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, é de emprego raro na língua atual:

Voltei depois que ela entrou em casa, e só muito abaixo é que **me lembrou de ver as horas.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 648.)

Já **me lembrou de** o **esperar** no caminho **e pendurar** pelo gasnete no galho de um sobreiro.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 401.)

4.º) Paralelamente à construção *esquecer de* (*alguém* ou *alguma coisa*), aparece na linguagem coloquial brasileira *lembrar de* (*alguém* ou *alguma coisa*), regência também tida por viciosa.

Um exemplo literário:

Lembrava do negro velho Macário que fora escravo do capitão Tomás e que morrera servindo na casa.
(J. Lins do Rego, *FM*, 55.) [16]

Obedecer (e desobedecer)

1.º) Na língua culta moderna, fixou-se como TRANSITIVO INDIRETO:

Só os lavradores, e alguns, **têm obedecido a este preceito**!
(Alves Redol, *BC*, 48.)

Mas todos **obedeciam a ele**. Ah! Quem disse que não **obedeciam**?
(G. Ramos, *VS*, 29.)

2.º) Admite, no entanto, VOZ PASSIVA:

Sofreste tanto que até perdeste a consciência do teu império; estás pronta a obedecer; admiras-te de **seres obedecida.**
(Machado de Assis, *OC*, III, 1044.)

---

[16] Cf. Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 192-193, onde se mencionam mais exemplos literários desta construção condenada.

Depois de outras muitas e reiteradas ordens **foi** enfim **obedecida**.
(M. Barreto, *CP*, 303.)

Esta construção corresponde ao antigo regime TRANSITIVO DIRETO do verbo, que ainda se documenta em escritores do século passado:

— Meu tio Campelo ordenou-me e eu **o obedeço**.
(J. de Alencar, *OC*, III, 1243.)

3.º) Não é raro o seu emprego como INTRANSITIVO:

Restitua o dinheiro àquela menina. Se ainda o tem. **Obedeci**.
(J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 135.)

A ruína vem muitas vezes dessas naturezas feitas para **obedecer**.
(A. Bessa Luís, *M*, 261.)

Você é o único que **não obedece**!
(C. Lispector, *ME*, 202.)

4.º) Idêntica é a construção do antônimo *desobedecer*.

Perdoar

1.º) Na língua culta de hoje, constrói-se, preferentemente, com OBJETO DIRETO de "coisa" e OBJETO INDIRETO de "pessoa":

Crimes da terra, como **perdoá-los**?
(C. Drummond de Andrade, *R*, 78.)

Perdoai o nosso erro.
(J. Régio, *SM*, 94.)

Ela **perdoara-lhe**.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 718.)

Perdoem-lhe esse riso.
(Machado de Assis, *OC*, I, 600.)

2.º) Na VOZ PASSIVA pode o sujeito corresponder também ao OBJETO INDIRETO da ativa:

Todos os demais pecados te **serão perdoados.**
(Vianna Moog, *T*, 353.)

Outras vezes penso o contrário: só **serei perdoada**, se não te amar.
(A. Abelaira, *B*, 127.)

Entre nós, não **se perdoa** a incompetência verbal.
(N. Piñon, *CC*, 26.)

3.º) A construção com OBJETO DIRETO de "pessoa", normal no português antigo e médio, é frequente na linguagem coloquial brasileira, razão por que alguns escritores atuais não têm dúvida em acolhê-la[17]:

A velha tia Neném não **perdoava ninguém.**
(J. Lins do Rego, *U*, 221.)

Ele **havia perdoado os infames.**
(D. Silveira de Queirós, *M*, 367.)

Ela é Maria e Deus **a perdoa** por não odiar o mar.
(Adonias Filho, *LBB*, 110.)

Responder

Entre as diversas construções que admite, apontem-se as seguintes:

1.º) Na acepção de "dar resposta", "dizer ou escrever em resposta", emprega-se, geralmente:

a) com OBJETO INDIRETO em relação à pergunta:

O Faustino **teve de responder às próprias perguntas.**
(M. Torga, *CM*, 24.)

Por onde erraria a verdadeira Cecília, que, **respondendo à indagação de um curioso**, admitiu ser seu principal defeito uma certa ausência do mundo?
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 150.)

---

[17] Veja-se, a propósito, Luís Carlos Lessa. *Obra cit.*, p. 197-198, onde se aduz abonação convincente.

b) com OBJETO DIRETO para exprimir a resposta:

> O homem comum não **responderia o** que ele me responde, se lhe pergunto a que hora gosta de escrever.
> .....
> Nenhum escritor comum, igualmente, **responderia isso**.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 72.)

> O homem **respondeu qualquer coisa de ininteligível**.
> (J. Rodrigues Miguéis, *GTC*, 106.)

podendo, naturalmente, usar-se na passiva:

> ... um violento panfleto contra o Brasil que **foi** vitoriosamente **respondido** por De Ângelis.
> (E. Prado, *IA*, 145.)

c) com OBJETO DIRETO e INDIRETO:

> Quando lhe perguntei por que motivo ninguém o via há um mês, **respondeu-me que estava passando por uma transformação**.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 83.)

> **Respondi-lhe que já tinha lido a receita** em qualquer parte.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

2.º) Na acepção de "replicar", "retorquir", usa-se, normalmente, com OBJETO INDIRETO:

> Quase que **lhe respondera** com escárnio.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 706.)

> **À linguagem do deputado** o jovem médico **respondeu** com igual franqueza.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 60.)

Não é raro, porém, o emprego INTRANSITIVO:

> **Respondia** sem revolta ou renúncia na voz.
> (M. Torga, *CM*, 14.)

> Nascimento não **respondeu** logo.
> (H. Sales, *C*, 209.)

O guarda gritara duas vezes, espaçadas, e como o da Administração não **respondera**, calou-se.
(Castro Soromenho, *TM*, 251.)

Respondeu muito à vontade e com presteza.
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

3.º) Na acepção de "repetir a voz, o som", "dizer, cantar ou tocar em resposta" é INTRANSITIVO:

João Fanhoso cantou outra vez. O mesmo canto rachado de taquaraçu, alto e que ia longe. Mas desta vez **responderam**...
Longe, bem longe, outro canto **respondeu**. E outro. E outro.
(M. Palmério, *VC*, 102.)

Fr. José, depois de ter invocado Nossa Senhora do Salvamento, encetou o terço e as monjas **responderam**.
(A. Ribeiro, *ES*, 210.)

4.º) No sentido, hoje pouco usual, de "corresponder", "equivaler", "condizer" constrói-se com OBJETO INDIRETO:

Quis puxar as mãos de Capitu, para obrigá-la a vir atrás delas, mas ainda agora a ação não **respondeu à intenção**.
(Machado de Assis, *OC*, I, 769.)

O movimento bem visível da dobadoira era regular, e **respondia ao movimento quase imperceptível das mãos da velha**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 55.)

Legítimo português é *reclamo*, do gênero masculino, que **responde** cabalmente **ao francês** *une réclame*.
(R. Barbosa, *R*, 184.)

5.º) Quando significa "ser ou ficar responsável", "responsabilizar-se", "fazer as vezes (de alguém)", exige complemento introduzido pela preposição *por*:

Parecia que outro personagem **respondia por ele**, a fim de deixá-lo à vontade.
(A. M. Machado, *JT*, 112.)

Nunca me aconteceu **responder por cântara quebrada.**
(A. Bessa Luís, *QR*, 226.)

Um dia será o conjunto
e não o pormenor e a parcela
que **responderá por nós.**
(O. Mendes, *LFNF*, 119.)

Visar

1.º) É TRANSITIVO DIRETO nas acepções de:

a) "mirar", "apontar (arma de fogo)":

Sem perda de tempo, Jenner disparou um terceiro tiro, e sem demora outro, **visando o alvo** de baixo para cima.
(H. Sales, *AM*, 44.)

O cano da arma aflorou sobre as hastes do feno, **visando o intruso,** precisamente no instante em que Alice, espreitando o silêncio das imediações da casa, transpunha o umbral da porta.
(F. Namora, *TJ*, 330.)

b) "dar ou pôr o visto (em algum documento)":

Visar um passaporte.
Visar o diploma.

2.º) No sentido de "ter em vista", "ter por objetivo", "pretender", pode construir-se:

a) com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição *a*:

Não **visava a lucros** e, sim, ajudar o próximo.
(J. Amado, *MG*, 80-81.)

— Não acha que, **visando a Custódio,** o Figueiró busca atingir você?
(C. dos Anjos, *M*, 170.)

b) com OBJETO DIRETO:

Concentro-me sem **visar nenhum objeto** — e sinto-me tomado por uma luz.
(C. Lispector, *SV*, 35.)

O balde de água fria **visava** também **uma finalidade concreta.**
(M. Torga, *V*, 214.)

Esta última construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo:

O ataque **visava cortar a retaguarda da linha de frente.**
(E. da Cunha, *OC*, II, 399.)

— Numa palavra, essa revolução **visa derrubar as oligarquias** que nos infelicitam!
(É. Veríssimo, *A*, II, 485.)

SINTAXE DO VERBO *HAVER*

O verbo *haver*, conforme o seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3.ª pessoa do singular.

1. Emprega-se em todas as pessoas:

a) quando é AUXILIAR (com sentido equivalente a *ter*) de VERBO PESSOAL, quer junto a particípio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de*:

Também a mim me **hão ferido.**
(J. Régio, *F*, 56.)

Outros **haverão de ter**
O que **houvermos de perder.**
(F. Pessoa, *OP*, 17.)

b) quando é VERBO PRINCIPAL, com as significações de "conseguir", "obter", "alcançar", "adquirir":

Donde **houveste**, ó pélago revolto,
Esse rugido teu?
(Gonçalves Dias, *PCPE*, 191.)

— Tão nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as **houvemos** nós e nossos pais.
(J. de Alencar, *OC*, II, 422-423.)

c) quando é VERBO PRINCIPAL, com a forma reflexa, nas acepções de "portar-se", "proceder", "comportar-se", "conduzir-se":

> Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que **se houvera** e se lembrasse de que ele era o seu pai.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 702.)

> Soares **houve-se** como pôde na singular situação em que se achava.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 51.)

d) quando é VERBO PRINCIPAL, também com a forma reflexa, no sentido de "entender-se", "avir-se", "ajustar contas":

> Que para as excomunhões e interditos de Roma, el-rei lá **se haveria com eles**, que podia.
> (Almeida Garrett, *O*, I, 308.)

> O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que **se houvesse com ele**.
> (J. Lins do Rego, *MR*, 34.)

e) quando é VERBO PRINCIPAL, acompanhado de infinitivo sem preposição, com o sentido equivalente a "ser possível":

> Não **há** negá-lo, o apito é de uso geral e comum.
> (Machado de Assis, *OC*, III, 536.)

> Não **há** julgá-lo de outro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém.
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 229.)

2. É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver*, como verbo principal, nas acepções de:

a) "ter", "possuir":

> Aos que o bem fizeram, **hei** inveja.
> (A. Ferreira, *C*, v. 688.)

b) "julgar", "pensar", "considerar", "ter para si":

O que eu **hei** por gram crueza.
(C. Falcão, *C*, v. 763.)

Isto é: o que eu julgo (ou considero) grande crueldade.

3. Comparem-se as expressões:

a) *haver por bem* = "dignar-se", "resolver", "assentar", "julgar oportuno ou conveniente":

O coronel, que neste momento lia na rede as folhas recém-chegadas, **houve por bem** interromper a ingestão de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir em apoio ao fedelho.
(Monteiro Lobato, *U*, 178.)

O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário **houvesse por bem** suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco escondido até na sacristia.
(F. Sabino. *HN*, 147.)

b) *haver mister* = "precisar", "necessitar":

Não **há mister** mais que um módulo ou matiz para os descontar como poesia de lei.
(J. Ribeiro, *PE*, 19.)

Deus o auxilie e ilustre, e a todos nós, que bem o **havemos mister**.
(Almeida Garrett, *O*, I, 1086.)

4. Emprega-se como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa "existir", ou quando indicar tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão somente na 3.ª pessoa do singular:

Há trovoadas em toda a parte...
(M. Torga, *V*, 158.)

Havia simples marinheiros; **havia** inferiores; **havia** escreventes e operários de bordo.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Tinha adoecido, **havia** quinze dias.
(M. Torga, *NCM*, 16.)

Há oito dias que não via Guma.
(J. Amado, *MM*, 20.)

— **Há** dois dias que não vem trabalhar!
(Luandino Vieira, *NM*, 129.)

5. Quando o verbo *haver* exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares *ir*, *dever*, *poder*, etc., a locução assim formada é, naturalmente, impessoal.

— Eu não sei, senhor doutor, mas **deve haver** leis.
(Eça de Queirós, *O*, I, 164.)

— **Deve haver** muitas diferenças entre nós.
(G. Ramos, *SB*, 102.)

Podia haver complicações, quem sabe?
(C. dos Anjos, *M*, 193.)

Observação:

O verbo *haver*, quando sinônimo de "existir", constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.

Dir-se-á, pois:

Há tantas folhas pelas calçadas!
Existem tantas folhas pelas calçadas!

Construções do tipo

Houveram muitas lágrimas de alegria.
(C. Castelo Branco, *V*, 82.)

Ali **haviam vários deputados** que conversavam de política.
(Machado de Assis, *OC*, II, 67-68.)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas.

Capítulo 14

Advérbio

1. O ADVÉRBIO é, fundamentalmente, um modificador do verbo:

   Logo depois, recomeçara a chover.
   (O. Lins, *FP*, 63.)

   Você **compreendeu**-me **mal.**
   (Almada Negreiros, *NG*, 61.)

   O almoço **decorria agora lentamente.**
   (A. Santos, *K*, 103.)

2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhe são privativas.
   Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido:
   a) de um adjetivo:

   Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, **muito edificante e vasta.**
   (Guimarães Rosa, *S*, 346.)

   Olhei Maria, desesperado, mas ela sorria, sorria um longínquo **tão feliz** sorrir de olhos semicerrados...
   (Luandino Vieira, *NM*, 105.)

   Ficara **completamente imóvel.**
   (Branquinho da Fonseca, *B*, 70.)

b) de um advérbio:

— Mas passei a noite mal! **bem mal**!
(J. Régio, *JA*, 102.)

Já **bem pertinho** estavam Masseu e Ângelo.
(L. Jardim, *AMCA*, 49.)

O homem caminhava **muito devagar.**
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 156.)

3. Saliente-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração[1]:

Infelizmente, nem o médico lhes podia valer.
(M. Torga, *NCM*, 150.)

Possivelmente, não haverá ceia este ano.
(V. Ferreira, *A*, 137.)

— Eu me recuso, **simplesmente.**
(F. Sabino, *EM*, 84.)

Neste último emprego, vêm geralmente destacados no início ou no fim da oração, de cujos termos se separam por uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula.

Observação:

Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação de seu léxico linguístico (Cf. *Introduction à l'étude de la morpho-syntaxe espagnole*, 3.ª ed. Paris, Ediciones Hispanoamericanas, 1964, p. 78.)

CLASSIFICAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Os ADVÉRBIOS recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam.

---

[1] É o que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* chama ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue as seguintes espécies:

a) ADVÉRBIOS DE AFIRMAÇÃO: *sim, certamente, efetivamente, realmente*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE DÚVIDA: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez*, etc.;
c) ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão*, etc.;
d) ADVÉRBIOS DE LUGAR: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto*, etc.;
e) ADVÉRBIOS DE MODO: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* e quase todos os terminados em *-mente: fielmente, levemente*, etc.;
f) ADVÉRBIO DE NEGAÇÃO: *não;*
g) ADVÉRBIOS DE TEMPO: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde*, etc.

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* acrescenta a essa lista três outras espécies:

a) ADVÉRBIOS DE ORDEM: *primeiramente, ultimamente, depois*, etc.;
b) ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO; e
c) ADVÉRBIOS DE DESIGNAÇÃO.

Os dois últimos foram incluídos pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira* num grupo à parte, inominado, em razão de não apresentarem as características normais dos advérbios, quais sejam as de modificar o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Deles trataremos adiante sob a denominação de PALAVRAS DENOTATIVAS.

ADVÉRBIOS INTERROGATIVOS

Por se empregarem nas interrogações diretas e indiretas, os seguintes advérbios de causa, de lugar, de modo e de tempo são chamados INTERROGATIVOS:

a) DE CAUSA: *por que*?

Por que não vieste à festa?
Não sei **por que** não vieste à festa.

b) DE LUGAR: *onde*?

Onde está o livro?
Ignoro **onde** está o livro.

c) DE MODO: *como*?

Como vais de saúde?
Dize-me **como** vais de saúde.

d) DE TEMPO: *quando*?

Quando voltas aqui?
Quero saber **quando** voltas aqui.

ADVÉRBIO RELATIVO

Como dissemos na página 365, o relativo *onde*, por desempenhar normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), é considerado por alguns gramáticos ADVÉRBIO RELATIVO, designação que não consta da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, mas que foi acolhida pela *Portuguesa*.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

1. Denomina-se LOCUÇÃO ADVERBIAL o conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio. De regra, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS formam-se da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio.
   Assim:

   Fernanda sorriu **em silêncio.**
   (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

   Sorrindo mais, obedeceu **de novo.**
   (Ferreira de Castro, *OC*, I, 4.)

   — Vou começar **por aqui!...**
   (M. da Fonseca, *SV*, 133.)

   Mas há formações mais complexas, como:

   De onde em onde, para, sussurra frases incompletas.
   (M. da Fonseca, *SV*, 209.)

   O cachimbo de água passou **de mão em mão.**
   (Castro Soromenho, *V*, 205.)

   Respondi-lhe que aquilo devia ser alguma ideia de minha mulher, que **de vez em quando** tem uma.
   (R. Braga, *CCE*, 97.)

   Só **de longe em longe** se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados.
   (S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 184-185.)

2. À semelhança dos advérbios, as LOCUÇÕES ADVERBIAIS podem ser:
a) DE AFIRMAÇÃO (ou DÚVIDA): *com certeza, por certo, sem dúvida.*
Atente-se na distinção:

Com certeza [= provavelmente] ele virá.
Ele virá **com certeza** [= com segurança].

b) DE INTENSIDADE: *de muito, de pouco, de todo*, etc.;
c) DE LUGAR: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto*, etc.;
d) DE MODO: *à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, gota a gota, passo a passo, por acaso*, etc.;
e) DE NEGAÇÃO: *de forma alguma, de modo nenhum*, etc.;
f) DE TEMPO: *à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de quando em quando, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã*, etc.

Observação:

Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma LOCUÇÃO ADVERBIAL: *de dentro, por detrás*, etc.

Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro transforma-se numa LOCUÇÃO PREPOSITIVA: *dentro de, por detrás de*, etc.

COLOCAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

1. Os ADVÉRBIOS que modificam um ADJETIVO, um PARTICÍPIO isolado, ou um outro ADVÉRBIO colocam-se de regra antes destes:

— Por que me escondeu um segredo **tão grande**?
(Ribeiro Couto, *C*, 195.)

Muito apressado, num visível nervosismo, veio de casa até ali.
(M. da Fonseca, *SV*, 193.)

— O teu pai está **muito mal.**
(Castro Soromenho, *TM*, 206.)

2. Dos ADVÉRBIOS que modificam o VERBO:
a) os DE MODO colocam-se normalmente depois dele:

A mãe e a irmã choravam **tristemente...**
(R. Correia, *PCP*, 309.)

Ela ouvia-o **atentamente.**
(Almada Negreiros, *NG*, 61.)

Quatro jovens vestidas de panos escuros entram **vagarosamente** no local vindas dos lados dos espectadores.
(Costa Andrade, *NVNT*, 13.)

b) OS DE TEMPO E DE LUGAR podem colocar-se antes ou depois do VERBO:

De manhã, acordei **cedo.**
(Machado de Assis, *OC*, II, 537.)

Hei de atirar com esse tipo **de cá para fora.**
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 683.)

Cá fora era noite.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

Aqui outrora retumbaram hinos.
(R. Correia, *PCP*, 196.)

A minha sombra há de ficar **aqui!**
(A. dos Anjos, *E*, 21.)

c) O DE NEGAÇÃO antecede sempre o VERBO:

— Então **não** se cava a terra?... **não** se lavra?... **não** se aduba?... **não** se semeia ?...
(A. Ribeiro, *CRG*, 66.)

3. O realce do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra por sua antecipação ao verbo:

No dia seguinte, pela manhã, a cozinheira foi ajeitar a lata de lixo para o caminhão, e recebeu uma bicada voraz no dedo.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 30.)

De longe e **reverenciosamente** as cortejei.
(C. Castelo Branco, *OS*, 451.)

Lá ao fundo, à cabeceira, uma cruz, sobranceira, encerrava o círculo de assistentes.
(A. de Assis Júnior, *SM*, 56.)

REPETIÇÃO DE ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

1. Quando numa frase dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles:

Dir-se-ia que tudo naquele paraíso murado se movimentava **lúdica** e **religiosamente.**
(M. Torga, *CM*, 176.)

É longa a estrada... Aos ríspidos estalos
Do impaciente látego, os cavalos
Correm **veloz, larga** e **fogosamente...**
(R. Correia, *PCP*, 123.)

2. Se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se omitir a conjunção *e* e acrescentar o sufixo a cada um dos advérbios:

Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, **longamente, humanamente**, e foi essa a primeira vez.
(Guimarães Rosa, *S*, 351.)

Cerrou os olhos **profundamente, angustiadamente**, sufocado de comoção.
(V. Ferreira, *CF*, 73.)

De repente, pus-me de pé e aproximei-me **lentamente, ritmadamente, voluptuosamente**, da janela.
(F. Namora, *RT*, 169.)

Observação:

Sobre as fronteiras nem sempre nítidas entre o adjetivo e o advérbio, a que aludimos no capítulo 10, e em particular sobre os tipos de construção com advérbios sucessivos, sua origem e seu emprego, consultem-se especialmente Harri Meier (*Ensaios de filologia românica*. Lisboa, Revista de Portugal, 1948, p. 55-114) e Bernard Pottier (*Linguística moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, 1968, p. 217-231), que

trazem bibliografia referente à questão. Quanto aos valores estilísticos dos advérbios em *-mente* nos escritores modernos da língua, vejam-se Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 180-184; Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1954, p. 168-194; Maria Helena de Novais Paiva. *Contribuição para uma estilística da ironia*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1961, p. 267-272; Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1962, p. 136-140. Sobre o emprego em espanhol dos advérbios em *-mente*, veja-se em particular Esteban Rafael Egea. *Los advérbios en -mente en el español contemporáneo*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1979, que examina criticamente toda a bibliografia anterior.

GRADAÇÃO DOS ADVÉRBIOS

Certos advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação. Podem apresentar um COMPARATIVO e um SUPERLATIVO, formados por processos análogos aos que observamos na flexão correspondente dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Forma-se o COMPARATIVO:

a) DE SUPERIORIDADE — antepondo *mais* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O filho andava **mais depressa que** (ou **do que**) o pai.

b) DE IGUALDADE — antepondo *tão* e pospondo *como* ou *quanto* ao advérbio:

O filho andava **tão depressa como** (ou **quanto**) o pai.

c) DE INFERIORIDADE — antepondo *menos* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

O pai andava **menos depressa do que** (ou **que**) o filho.

GRAU SUPERLATIVO

Forma-se o SUPERLATIVO ABSOLUTO:

a) SINTÉTICO — com o acréscimo de sufixo:

muitíssimo pouquíssimo

sendo de notar que nos advérbios em *-mente* esta terminação se pospõe à forma superlativa feminina do adjetivo de que se deriva o advérbio:

		SUPERLATIVO
ADJETIVO	lento	lentíssimo
ADVÉRBIO	lentamente	lentissimamente

b) ANALÍTICO — com a ajuda de um advérbio indicador de excesso:

> Machado, o funcionário e diretor de repartição, **muito mal** se conhece.
> (T. Martins Moreira, *VVT*, 78.)

> Sábado, deu-me uma palmada de alegria, muito satisfeito, exclamando "vai belo, vai belo! vai **muitíssimo bem**".
> (A. Nobre, *CI*, 147.)

> — Fizeste **bem mal, muito mal** mesmo — repreendeu Elmira.
> (A. de Assis Júnior, *SM*, 205.)

OUTRAS FORMAS DE COMPARATIVO E SUPERLATIVO

1. *Melhor* e *pior* podem ser COMPARATIVOS dos adjetivos *bom* e *mau* e, também, dos advérbios *bem* e *mal*. Neste caso são, naturalmente, invariáveis.

> Quem escreveu **melhor**? Quem escreveu bem no Brasil?
> (Graça Aranha, *OC*, 708.)

> — E o professor não estaria aqui **pior**?
> (F. Botelho, *X*, 150.)

> — O velho está cada vez **pior**.
> (Castro Soromenho, *C*, 228.)

Não raro, tais formas comparativas são intensificadas com um dos advérbios *muito, bem, bastante*, etc.:

> — Meus irmãos, tudo no mundo **bem melhor** se entenderia, se houvesse mais bem-querer.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

2. A par dessas formas anômalas, existem os COMPARATIVOS regulares *mais bem* e *mais mal*, usados, de preferência, antes de adjetivos-particípios:

   As paredes da sala estão **mais bem pintadas** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **mais mal executado** do que este.

   Advirta-se, porém, que na posposição só se empregam as formas sintéticas:

   As paredes das salas estão **pintadas melhor** que as dos quartos.
   Não pode haver um projeto **executado pior** do que este.

3. No SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO, *bem* apresenta a forma *otimamente*; e *mal*, a forma *pessimamente*:

   Maria está passando **otimamente.**
   O cavalo correu **pessimamente.**

4. *Muito* e *pouco*, quando advérbios, têm como COMPARATIVOS *mais* e *menos*, e como SUPERLATIVOS *o mais* ou *muitíssimo* e *o menos* ou *pouquíssimo*, respectivamente:

   — Dom Juan, quando **menos** pensava, lá se foi para as profundas do Inferno.
   (Artur Azevedo, *CFM*, 9.)

   — Imagina tu que a Clara tem um tipo encantador, que a trata **muitíssimo** bem e que... que... a ajuda...
   (Sttau Monteiro, *APJ*, 138.)

   O certo é que tinha em mente gastar **o menos possível** com o enterro.
   (A. Ribeiro, *V*, 368.)

   Esse tipo de publicação, **pouquíssimo** difundido entre nós, é todavia da maior importância e largamente praticado em outros países.
   (E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo, 13.)

5. O SUPERLATIVO INTENSIVO, denotador dos limites da possibilidade, forma-se antepondo *o mais* ou *o menos* ao advérbio e pospondo-lhe a palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

   O administrador ia **o mais depressa possível.**
   (Castro Soromenho, *TM*, 181.)

Escreveram entretanto a D. Madalena, pedindo-lhe que os tirasse daquele purgatório **o mais cedo possível.**
(Rebelo da Silva, *CL*, 72.)

— Não quero saber dos santos óleos da teologia; desejo sair daqui **o mais cedo que puder**, ou já...
(Machado de Assis, *OC*, I, 794.)

REPETIÇÃO DO ADVÉRBIO

Como a do adjetivo, a repetição do advérbio é uma forma de intensificá-lo:

Vê-se **logo logo** a intenção!...
(M. da Fonseca, *SV*, 30.)

— Pois não lhe digam nada, mas vão buscá-lo, **já, já**, não se demorem.
(Machado de Assis, *OC*, I, 800.)

E estive **quase quase** a ir de rastos, beijar os degraus da escada...
(Machado de Assis, OC, I, 689.)

DIMINUTIVO COM VALOR SUPERLATIVO

Na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva (com os sufixos *-inho* e *-zinho*), que tem valor de SUPERLATIVO:

Vem **cedinho**, vem logo que amanheça!
(E. de Castro, *UV*, 59.)

Era mais de meia-noite quando ele entrou lento, **devagarinho.**
(Coelho Netto, *OS*, I, 243.)

— Só faltaram os mapas de Marte, diz **baixinho.**
(M. J. de Carvalho, *TM*, 190.)

ADVÉRBIOS QUE NÃO SE FLEXIONAM EM GRAU

Como sucede com alguns adjetivos, há advérbios que não se flexionam em grau porque o próprio significado não admite variação de intensidade. Entre outros, apontem-se: *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, anualmente* e formações semelhantes.

PALAVRAS DENOTATIVAS[2]

1. Certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial.
São palavras que denotam, por exemplo:

a) INCLUSÃO: *até, inclusive, mesmo, também*, etc.:

> Tudo na Vida engana, **até** a Glória.
> (A. Nobre, *D*, 114.)

> Os bichos sentem, o mato sente **também**, quando se fala sem modos, sem carinho e sem perdão.
> (L. Jardim, *AMCA*, 52.)

b) EXCLUSÃO: *apenas, salvo, senão, só, somente*, etc.:

> Da família **só** elas duas subsistiam.
> (J. Montello, *DP*, 382.)

> Às vezes interrompia-o **apenas** com um gestozinho frio e elegante.
> (A. Bessa Luís, *AM*, 360.)

c) DESIGNAÇÃO: *eis*:

> **Eis** o dia, **eis** o sol, o esposo amado!
> (A. de Quental, *SC*, 4.)

> Subamos ainda e **eis**-nos na grande Praça de Vila-Rica.
> (A. Arinos, *OC*, 820.)

d) REALCE: *cá, lá, é que, só*, etc.:

> Pior eu sei **lá**, Manuel, pior que uma desgraça!
> (A. Nobre, *S*, 51.)

---

[2] A denominação PALAVRAS DENOTATIVAS foi proposta pelo professor José Oiticica em seu *Manual de análise (léxica e sintática)*, 6.ª ed. refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1942, p. 50-55. À falta de uma designação mais precisa e mais generalizada, adotamos provisoriamente esta, embora reconhecendo que "denotar" é próprio das unidades lexicais em geral.

— Eu **cá** tenho mais medo do sol que dos leões.
(Castro Soromenho, *C*, 204.)

e) RETIFICAÇÃO: *aliás, ou antes, isto é, ou melhor*, etc.:

— Sinto que ele me escapa, **ou melhor**: que nunca me pertenceu.
(A. Abelaira, *CF*, 226.)

De repente nasci, **isto é,** senti necessidade de escrever.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

f) SITUAÇÃO: *afinal, agora, então, mas*, etc.:

Desculpe-me... **Mas** sente-se mal?
(A. Abelaira, *NC*, 40.)

— **Então** conheceu o meu irmão?
(É. Veríssimo, *A*, II, 463.)

— **Afinal**, ela não tem culpa de ser filha de ministro.
(F. Sabino, *EM*, 85.)

2. Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: "palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação", etc.

3. A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* admite a existência dos ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e DE INCLUSÃO e considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO.

Capítulo 15

Preposição

FUNÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Chamam-se PREPOSIÇÕES as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE).

Assim:

ANTECEDENTE	PREPOSIÇÃO	CONSEQUENTE
Vou	a	Roma
Chegaram	a	tempo
Todos saíram	de	casa
Chorava	de	dor
Estive	com	Pedro
Concordo	com	você

FORMA DAS PREPOSIÇÕES

Quanto à forma, as PREPOSIÇÕES podem ser:

a) SIMPLES, quando expressas por um só vocábulo;
b) COMPOSTAS (ou LOCUÇÕES PREPOSITIVAS), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma PREPOSIÇÃO SIMPLES (geralmente *de*).

PREPOSIÇÕES SIMPLES

As PREPOSIÇÕES SIMPLES são:

a	com	em	por (per)
ante	contra	entre	sem
após	de	para	sob
até	desde	perante	sobre
			trás

Tais PREPOSIÇÕES se denominam também ESSENCIAIS, para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS. Assim: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*, etc.

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Eis algumas LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:

abaixo de	a par com	embaixo de	para cima de
acerca de	apesar de	em cima de	para com
acima de	a respeito de	em frente a	perto de
a despeito de	atrás de	em frente de	por baixo de
adiante de	através de	em lugar de	por causa de
a fim de	de acordo com	em redor de	por cima de
além de	debaixo de	em torno de	por detrás de
antes de	de cima de	em vez de	por diante de
ao lado de	defronte de	graças a	por entre
ao longo de	dentro de	junto a	por trás de
ao redor de	depois de	junto de	por sobre
a par de	diante de	para baixo de	

SIGNIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de PREPOSIÇÃO pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.
   Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente em:

   Vou **a** Roma.
   Todos saíram **de** casa.

   São marcadas pela ausência de movimento as relações que as PREPOSIÇÕES *a*, *de* e *com* estabelecem nas seguintes frases:

   Chegaram **a** tempo.
   Chorava **de** dor.

Estive **com** Pedro.
Concordo **com** você.

2. Tanto o MOVIMENTO como a SITUAÇÃO (termo que adotaremos daqui por diante para indicar a falta de movimento na relação estabelecida) podem ser considerados com referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e à NOÇÃO.
   A PREPOSIÇÃO *de*, por exemplo, estabelece uma relação:

a) ESPACIAL em:

Todos saíram **de** casa.

b) TEMPORAL em:

Trabalha **de** 8 às 8 todos os dias.

c) NOCIONAL em:

Chorava **de** dor.
Livro **de** Pedro.

Nos três casos a PREPOSIÇÃO *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: "movimento de afastamento de um limite", "procedência". Em outros casos, mais raros, predomina a noção daí derivada, de "situação longe de". Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.

3. Na expressão de relações preposicionais com ideia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou de afastamento (A → C):

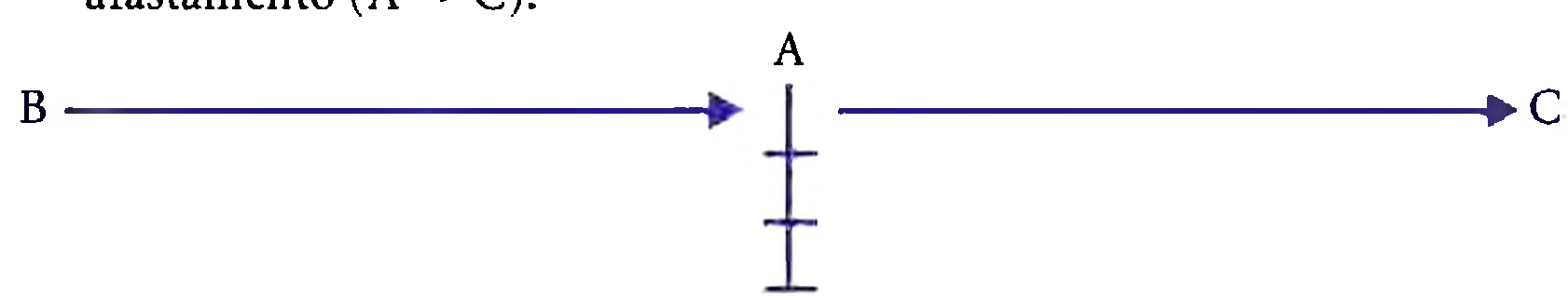

Vou **a** Roma.
Trabalharei **até** amanhã.
Foi **para** o Norte.

Venho **de** Roma.
Estou aqui **desde** ontem.
Saíram **pela** porta.

4. Recapitulando e sintetizando, podemos concluir que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional. Esquematizando:

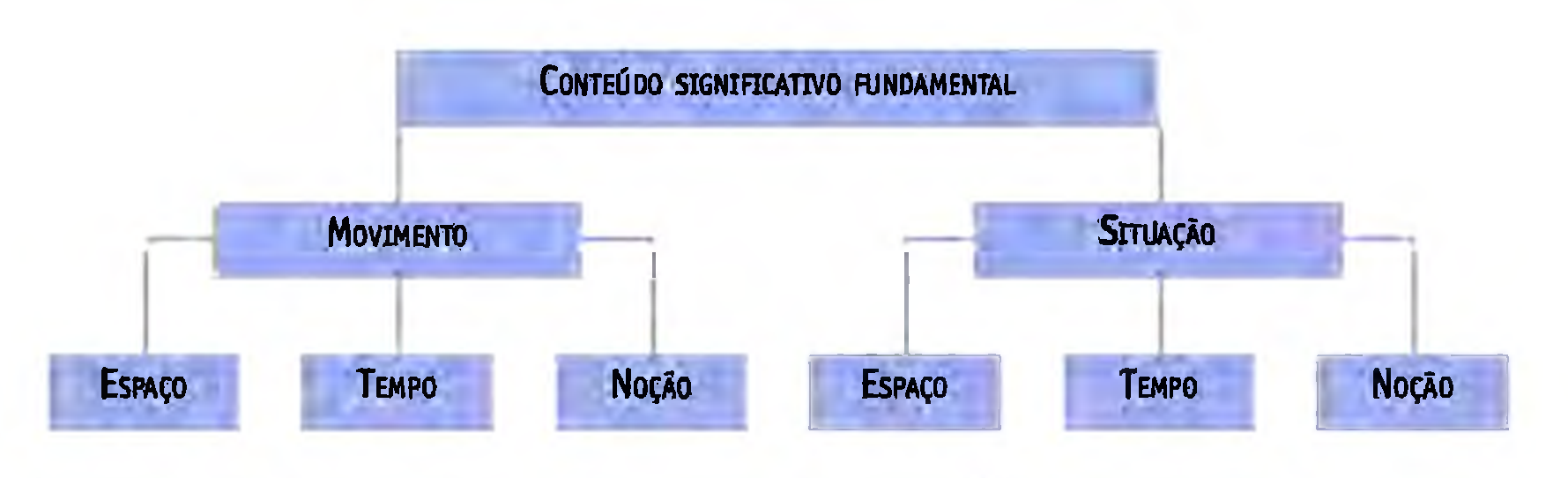

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas.[1]

CONTEÚDO SIGNIFICATIVO E FUNÇÃO RELACIONAL

1. Comparando as frases

   Viajei **com** Pedro
   Concordo **com** você,

   observamos que, em ambas, a PREPOSIÇÃO *com* tem como antecedente uma forma verbal (*viajei* e *concordo*), ligada por ela a um consequente, que, no primeiro caso, é um termo acessório (*com Pedro* = ADJUNTO ADVERBIAL) e, no segundo, um termo integrante (*com você* = OBJETO INDIRETO) da oração.

2. A PREPOSIÇÃO *com* exprime, fundamentalmente, a ideia de "associação", "companhia". E esta ideia básica, sentimo-la muito mais intensa no primeiro exemplo,

---

[1] Para a elaboração deste capítulo inspiramo-nos fundamentalmente nas obras de Bernard Pottier: *Systématique des éléments de relation. Etude de morphosyntaxe structurale romane.* Paris, Klincksieck, 1962; *Sobre la natureza del caso y la preposición* e *Espacio y tiempo en el sistema de las preposiciones*, estudos incluídos no livro *Linguistica moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, p. 137-153. Na mesma linha é o ensaio de María Luísa López. *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones*. Madrid, Gredos, 1970.

Viajei **com** Pedro,

do que no segundo,

Concordo **com** você.

Aqui o uso da partícula *com* após o verbo *concordar*, por ser construção já fixada no idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia", em favor da função relacional pura.

3. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da PREPOSIÇÃO, e considerá-la um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.[2]
   Cumpre, no entanto, salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de PREPOSIÇÃO OBRIGATÓRIA selecionam determinadas PREPOSIÇÕES exatamente por causa do seu significado básico.
   Assim, o verbo *concordar* elege a PREPOSIÇÃO *com* em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de "associação" inerente a *com*.
   O OBJETO INDIRETO, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um "movimento em direção a", coincidente com a base significativa daquelas preposições.

4. Completamente distinto é o caso do OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO, em que o emprego de PREPOSIÇÃO não obrigatória transmite à relação um vigor novo, pois o reforço que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objeto:

   Conhecer da natureza quanto seja mister, para adorar com discernimento **a Deus.**
   (R. Barbosa, *EDS*, 653.)

   Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo **a Deus**, na tua face.
   (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 91.)

---

[2] A respeito escreve Bernard Pottier, que tem sistematicamente combatido esta interpretação: "Até já se pôde dizer que há preposições que chegam a não ter significação (a propósito do *de* francês), o que não tem justificativa: se existe um morfema em uma língua, está ele condicionado e, portanto, desempenha um papel na *estrutura* da língua" (*Linguística moderna y filología hispánica*, p. 145).

— Foi vontade **de** Deus.
(G. Ramos, *SB*, 129.)

Ontem fui **a** Cambridge.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 135.)

Um magro procurava saber se a minha roupa preta tinha sido feita **por** alfaiate.
(J. Lins do Rego, *D*, 23.)

as preposições relacionam ao termo principal um consequente sintaticamente necessário:

lembro-me **de** nada (verbo + objeto indireto)
vontade **de** Deus (substantivo + complemento nominal)
fui **a** Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário)[3]
feita **por** alfaiate (particípio + agente da passiva)

Em tais casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos.

Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintática em si.

Relações livres

A comparação dos enunciados:

Encontrar **com um amigo.**
Encontrar **um amigo.**
Procurar **por alguém.**
Procurar **alguém.**

---

[3] A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não distingue os advérbios e locuções adverbiais de valor puramente acidental dos que são necessários ao entendimento da oração. Considera, pois, ADJUNTO ADVERBIAL, ou seja um termo acessório dela, o COMPLEMENTO DIRECIONAL que aparece em frases como *Fui a Cambridge*, *Vim de Lisboa*, *Voltei do colégio*. Julgamos que a *Nomenclatura* deve ser revista neste ponto e que Antenor Nascentes tem razão quando afirma que, "tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório" (*O problema da regência*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960, p. 17-18).

mostra-nos que a presença da PREPOSIÇÃO (possível, mas não necessária sintaticamente) acrescenta, às relações que estabelece, as ideias de "associação" (*com*) e de "movimento que tende a completar-se numa direção determinada" (*por*).

O emprego da PREPOSIÇÃO em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo.

VALORES DAS PREPOSIÇÕES

A

1. *Movimento* = direção a um limite:

a) no espaço:

Do Leme **ao** Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 40.)

Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda.
(A. Ribeiro, *M*, 59.)

Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes **à** casa de nhá Venância.
(M. Ferreira, *HB*, 71.)

b) no tempo:

— Daqui **a** uma semana o senhor vai lá em casa.
(C. Drummond de Andrade, *BV*, 18.)

Lá de ano **a** ano é que vinha procurá-la.
(M. Torga, *B*, 30.)

Daí que de tempos **a** tempos tenha de dar-se uma nova ruptura, que apanhe desprevenida a norma retificadora.
(F. Namora, *E*, 64.)

c) na noção:

A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 937.)

Aquele trabalho em dia destinado **a** descanso causava má impressão e censuravam-no por ali com certo azedume.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 133.)

A prova estava em que durante os nossos encontros nunca deixara entrever tendência **ao** mal.
(Ribeiro Couto, *C*, 148.)

2. *Situação* = coincidência, concomitância:

a) no espaço:

Santos cumpriu tudo **à** risca.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1928.)

O que está **ao** pé é igual ao que está **ao** longe.
(V. Ferreira, *NN*, 43.)

A mulher adormeceu **ao** seu lado.
(N. Piñon, *SA*, 146.)

Meu pai, **à** cabeceira, saboreava a goles extensos a alegria dos convivas.
(Machado de Assis, *OC*, I, 431.)

b) no tempo:

À sobremesa, antes que ele pedisse, o garçom trouxe as garrafas e a taça.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 20.)

Ao entardecer, avistei uma povoação...
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 164.)

A tantos de novembro houve breves períodos de calmaria intermitente.
(M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

Amanhã, **a** frio, poderei dizer-te o contrário.
(Pepetela, *M*, 182.)

— Não podemos gastar dinheiro **à** toa.
(O. Lins, *FP*, 157.)

Os outros dois também não pareciam mais **à** vontade.
(Alves Redol, *BC*, 203.)

ANTE

Situação = anterioridade relativa a um limite:

a) no espaço:

Foi pelo corredor fora quase pé **ante** pé, para não acordar os filhos.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Parou **ante** o corpo de sua mãe que esfriava lentamente nas extremidades.
(A. M. Machado, *HR*, 194.)

A imagem de Carlos Maria veio postar-se **ante** ela, com os seus grandes olhos de espectro querido e aborrecido.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

b) no tempo (substituída por *antes de*):

Tenho de estar de volta **antes d**as sete horas.
(M. J. de Carvalho, *AV*, 84.)

Antes de chegar lá parou e voltou-se para mim com as mãos a tapar a boca.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 15.)

Antes de seguir, hei de escrever-te outra vez.
(E. da Cunha, *OC*, II, 668.)

c) na noção:

Ante a súbita ideia, Alberto hesitou.
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 265.)

Ante a nova aliança daqueles territórios soberanos, o povo manifestou-se aos gritos.
(N. Piñon, *SA*, 25.)

Ante a recordação de todas elas, esforça-se o poeta por mostrar-se equânime, generoso mesmo.
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 249.)

APÓS

Situação = posterioridade relativamente a um limite próximo. No discurso, pode adquirir o efeito secundário de "consequência":

a) no espaço:

Seguiam logo **após do** capitão-mor.
(José de Alencar)

Após eles, iam ficando medas de cereal, restolhos — uma terra saqueada.
(F. Namora, *TJ*, 152.)

Luzia foi subindo **após** eles, sem esforço, lentamente, até a primeira volta da ladeira.
(D. Olímpio, *LH*, 274.)

Enxota Ardila **após** as mulheres.
(M. da Fonseca, *SV*, 221.)

b) no tempo:

Após meia hora de caminho, vislumbrou a luz amortecida no cimo do cerro do Valmurado.
(M. da Fonseca, *SV*, 164.)

Após a afirmativa, o Gigi lembrou-se da alegria dos colegas e começou a pular, a gritar.
(A. Santos, *K*, 31.)

Após alguns momentos, levantou-se grave, a fisionomia desfeita, e se dirigiu à mãe.
(A. M. Machado, *HR*, 267.)

ATÉ

Movimento = aproximação de um limite com insistência nele:

a) no espaço:

Arrastou-se **até** ao quarto.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 160.)

Subiu o Quembo **até** chegar ao Contuba.
(Pepetela, *AN*, 16.)

Macambira adiantou-se **até** a acácia, sentou-se no banco.
(Coelho Netto, *OS*, I, 1237.)

b) no tempo:

Saúde eu tenho, mas não sei se serei Ministro **até** a semana que vem.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 121.)

Todos passaram a dar-lhe a dignidade que lhe negavam **até** ali.
(M. Torga, *CM*, 96.)

Até meados do mês ventou.
(M. Lopes, *FVL*, 63.)

Observações:

1.ª) No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição *a*:

Ir ao Porto ou, com mais calor familiar, ir **até ao Porto** ou ir **até o Porto**, é sempre uma festa para o duriense — até nos casos em que a festa envolve necessidade.
(J. de Araújo Correia, *PP*.)

Pode-se dizer que, de um modo geral, o português europeu usa, atualmente, *até* com a preposição *a*, ao passo que no português do Brasil há uma sensível preferência para a outra construção, a de *até* diretamente ligada ao termo regido.

2.ª) Cumpre distinguir a preposição *até*, que indica movimento, da palavra de forma idêntica, denotadora de inclusão, que estudamos à página 566. Quanto à diferença de construção de uma e outra com o pronome pessoal, leia-se o que escrevemos na p. 314.

COM

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade. Em certos contextos, pode exprimir as noções de modo, meio, causa, concessão:

a) na noção:

Rir dos outros é sinal de pobreza de espírito. Deve-se rir **com** alguém, não de alguém, como dizia Dickens.
(G. Amado, *DP*, 254.)

— Vou amanhã de manhã **com** o Rocha.
(Castro Soromenho, *TM*, 242.)

A proposta foi recebida **com** reserva.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Saio do hotel **com** o sol já alto.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 273.)

CONTRA

Movimento = direção a um limite próximo, direção contrária. A noção de oposição, hostilidade, é um efeito secundário de sentido decorrente do contexto:

a) no espaço:

Aturdida, a rapariga aperta-se **contra** ele.
(Alves Redol, *MB*, 329.)

Maria projetou o corpo **contra** a parede do celeiro e desviou a cara.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

Eu castigava a mão **contra** o meu próprio rosto
E **contra** a minha sombra erguia a lança em riste...
(O. Bilac, *T*, 175.)

b) na noção:

Era assim, caudalosamente, que os garotos reagiam **contra** alguém que punha desconfiança nas histórias do Choa.
(A. Santos, *K*, 16.)

Revoltei-me **contra** o seu despotismo e não esperei por ele.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 66.)

Começaram a surgir argumentos **contra** eles.
(A. Peixoto, *RC*, 259.)

DE

Movimento = afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto[4]:

a) no espaço:

Vinha **de** longe o mar...
Vinha **de** longe, **dos** confins do medo...
(M. Torga, *API*, 65.)

O silêncio sobe **da** terra magoada,
O silêncio desce **do** céu luminoso.
(E. Moura, *IP*, 25.)

O Tonecas e o Neco tinham chegado **da** Floresta, com as gaiolas de bordão, e explicavam algo, excitados.
(A. Santos, *K*, 17.)

b) no tempo:

Roma fala **do** passado ao presente.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 27.)

Como pudera desaparecer **de** um momento para outro?
(J. Montello, *LD*, 199.)

O comissário partiu **de** manhã com um pequeno grupo.
(Pepetela, *M*, 75.)

c) na noção:

Mais do que a sombra **do** teu vulto, vi
o claro outrora **do** teu riso largo...
(A. Renault, *LSL*, XLVI.)

---

[4] Sobre as múltiplas e matizadas noções que esta preposição pode assumir no discurso, veja-se, especialmente, Sousa da Silveira. *Sintaxe da preposição* de. Rio de Janeiro, Simões, 1951.

Ela vem falar **da** agricultura, isto é, **da** atividade fundamental **do** seu grupo, que nela assenta a defesa **de** todos os seus valores, materiais e morais.

(A. Margarido, *ELNA*, 317.)

Lá dentro, as discípulas recomeçam o barulho **do** trabalho, **dos** risos e cantigas.

(Luandino Vieira, *L*, 15.)

DESDE

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida (intensivo de *de*):

a) no espaço:

Desde longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeada do poente, irradia como uma assombração.

(M. da Fonseca, *SV*, 204.)

Desde o Luita ao posto, ou seja ao rio Cuílo, toda essa planície pode dizer-se que era uma só senzala.

(Castro Soromenho, *C*, 224.)

Dessa calamidade partilharam todas as regiões banhadas pelo Atlântico **desde** as Flandres até o estreito de Gibraltar.

(J. Cortesão, *FDFP*, 28.)

Esse maciço dos Andes, esse compridíssimo levantamento da crosta da terra, próximo ao Oceano Pacífico, vem **desde** a Patagônia até o Alasca.

(Monteiro Lobato, *GDB*, 107.)

b) no tempo:

— Já a trago debaixo de olho **desde** o Santo Antônio.

(M. Torga, *V*, 21.)

Desde o ano passado guardara essa mágoa.

(A. M. Machado, *HR*, 272.)

O céu azul não tinha nuvens e **desde** manhãzinha a cidade estava debaixo de um calor asfixiante.

(Luandino Vieira, *VVDX*, 53.)

EM

1. *Movimento* = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

a) no espaço:

> A notícia corria a medo, de casa **em** casa, provocando a fuga de muita gente.
> (Adonias Filho, *F*, 36.)

> Os Garcias entraram **em** casa calados.
> (V. Nemésio, *MTC*, 194.)

> Os serventes caminhavam **em** todas as direções transportando padiolas de cimento.
> (A. Santos, *K*, 56.)

b) no tempo:

> Nazário visitava-as de quando **em** quando.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 81.)

> A cicatriz da testa pusera-se mais vermelha e mexia-se de vez **em** quando; também de vez **em** quando ele cerrava os punhos num sinal de desespero.
> (Alves Redol, *MB*, 178.)

c) na noção:

> Meu ser desfolha-se **em** íntimas lembranças, que revivem...
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 140.)

> E a lagoa entrou **em** festa.
> (A. M. Machado, *JT*, 21.)

> D. Jovita embuchava e fervia **em** ira, as faces afogueadas, os olhos duros.
> (Castro Soromenho, *TM*, 125-6.)

2. *Situação* = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

a) no espaço:

Um gato vive um pouco **nas** poltronas, **no** cimento ao sol, **no** telhado sob a lua.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

Trazia **no** sangue
O calor humano da amizade.
(Agostinho Neto, *SE*, 106.)

Ângelo estava estirado **na** casa.
(V. Nemésio, *MTC*, 124.)

b) no tempo:

Tudo aconteceu **em** 24 horas.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 125.)

Em 1815 voltou meu pai.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 183.)

— Sabe quanto custava, **em** quarenta e um, um quilo de uvas?...
(Luandino Vieira, *NANV*, 102.)

c) na noção:

Somos muitos Severinos
Iguais **em** tudo e **na** sina.
(J. Cabral de Melo Neto, *DA*, 172.)

Pareceu-lhe que toda a povoação estava **em** chamas.
(Castro Soromenho, *TM*, 255.)

Um vasto silêncio de cúpulas, de largas superfícies nuas, afoga-me **em** pesadelo.
(V. Ferreira, *A*, 239.)

ENTRE

Situação = posição no interior de dois limites indicados, interioridade:

a) no espaço:

Convém intercalar este capítulo **entre** a primeira oração e a segunda do capítulo CXXIX.
(Machado de Assis, *OC*, I, 531.)

Os seus olhos encontraram-se com a máscara que estava pendurada na parede **entre** duas lanças.
(Castro Soromenho, *V*, 190.)

Entrou a criada com uma travessa onde fumegava um galo assado, **entre** batatas loiras.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 37.)

b) no tempo:

Todos os barcos se perdem
entre o passado e o futuro.
(C. Meireles, *OP*, 37.)

A terra nativa lá continuava ainda a acenar. Mas a alma dele ia-se dividindo **entre** o passado e o presente, escanchada sobre o oceano.
(M. Torga, *TU*, 47.)

— O instante **entre** as lágrimas
e o respeito.
Entre a memória
e o primeiro passo
do depois!
(F. Costa Andrade, *NVNT*, 23.)

c) na noção:

Entre o sonho e o desejo
quando nos veremos,
tarde ou cedo?
(Agostinho Neto, *SE*, 111.)

Prossiga ela sempre dividida
entre compensações e desenganos.
(V. de Morais, *LS*, 74.)

PARA

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento:

a) no espaço:

> Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba.
> (Castro Soromenho, *TM*, 200.)

> Eu ia arrastado não sabia **para** onde, ele ia levado **para** onde o chamava a obsessão.
> (Branquinho da Fonseca, *B*, 65.)

> Quando meu Pai deixou Juiz de Fora e mudou-se **para** o Rio veio morar com suas irmãs.
> (P. Nava, *BO*, 335.)

b) no tempo:

> Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, **para** o dia seguinte.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

> — Quando está melhor, quando vai descer à rua, padre?
> — Lá **para** o fim da semana.
> (A. Abelaira, *BI*, 35.)

> O nordeste, de um momento **para** outro, varreu as nuvens em direção ao Sul.
> (M. Lopes, *FVL*, 118.)

c) na noção:

> Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 111.)

> Cala-se **para** não mentir.
> (A. Abelaira, *BI*, 95.)

Se trazia qualquer coisa, trazia também assunto **para** conversa.
(M. Lopes, *FVL*, 185.)

PERANTE

Situação = posição de anterioridade relativamente a um limite, presença, confronto (intensivo de *ante*):
a) no espaço:

Permaneceu calada **perante** o olhar escuro de Leonardo.
(A. Abelaira, *CF*, 228.)

— Perderias totalmente o prestígio **perante** eles.
(Pepetela, *M*, 142.)

Poupando-o, queriam colocá-lo mal **perante** companheiros que tinham gramado cadeia.
(C. dos Anjos, *M*, 47.)

b) na noção:

Um arrependimento tardio, **perante** o irremediável.
(U. Tavares Rodrigues, *PC*, 151.)

Perante a grandeza e o poder do Céu, a esperança era o melhor compromisso dos homens para com a vida.
(M. Lopes, *FVL*, 14.)

Vejo a sua trêmula palidez, à luz da lua nova, e o seu aspecto desgrenhado, **perante** o mistério e a dor.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 77.)

POR (PER)

1. *Movimento* = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração:
a) no espaço:

Vai-se **por** aí devagarinho.
(Coelho Netto, *OS*, I, 217.)

Pela quinta, ia um movimento desabitual.
(C. de Oliveira, *CD*, 56.)

A rapariga arrastou-se **pelo** capim, fugindo devagarinho.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 93.)

b) no tempo:

Daqui **por** seis meses quero beber água dele.
(Alves Redol, *BC*, 267.)

Mas a permanência em casa do nortista me parecia intolerável **por** muito tempo.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 146.)

Devorou-o **por** semanas uma febre ligeira, mas impertinente.
(R. Pompeia, *A*, 235.)

c) na noção:

Este lia os jornais, artigo **por** artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 535.)

A sua morte porém era caprichosa, queria comer a presa devagar, pedaço **por** pedaço, sem pressa, sem precipitação.
(J. Lins do Rego, *U*, 300.)

A noite desfê-los, um **por** um, logo que os vultos se curvaram sobre os degraus das rochas.
(F. Namora, *NM*, 147.)

2. *Situação* = resultado do movimento de aproximação a um limite:
a) no espaço:

Por cima delas, lá em cima, perto da lâmpada do teto, a cara fitava-me, atenta, sorrindo satisfeita.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 54.)

— Vai de calção **por** baixo.
(F. Sabino, *EM*, 101.)

b) no tempo:

Pelo crepúsculo, a chuvada esmoreceu.
(C. de Oliveira, *CD*, 169.)

Era **pelos** anos de 1861 ou 1862.
(Machado de Assis, *OC*, II, 585.)

Pela madrugada, a ventania vibra com um fragor subterrâneo de sentimentos à solta.
(M. da Fonseca, *SV*, 202.)

c) na noção:

Volto-me **por** acaso.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 168.)

— Estou preso; antes que te digam que **por** alguma indignidade, previno: **por** ter dado uma lição ao Malheiro.
(R. Pompeia, *A*, 146.)

Por ti ardem círios.
(Luandino Vieira, *NM*, 55.)

SEM

Situação = subtração, ausência, desacompanhamento:
a) na noção:

É próprio do gato sair **sem** pedir licença, voltar **sem** dar satisfações.
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 43.)

O sol subia no céu azul **sem** nuvens.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 16.)

Sem o espírito de simpatia, tudo se amesquinha e diminui.
(M. Torga, *P*, 120.)

SOB

Situação = posição de inferioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado):
a) no espaço:

Sob um céu nórdico, opalino, cruzavam-se as gaivotas.
(U. Tavares Rodrigues, *JE*, 150.)

O vento da noite roçava sombras duplas gemendo docemente, **sob** uma chuva de jasmins-do-cabo.
(P. Nava, *BO*, 158.)

Sob a camisa, a água escorre-lhe para o peito e para as costas.
(M. da Fonseca, *SV*, 244.)

b) no tempo:

Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.
(Eça de Queirós, *O*, I, 1157.)

A Companhia só voltou a se instalar no Brasil em 1841, **sob** Pedro II Imperador.
(A. A. de Melo Franco, *AR*, 359.)

Sob D. Manuel floresceram as artes e as letras em Portugal como **sob** Leão X na Itália.
(Caldas Aulete, *DCLP*, s.v.)

c) na noção:

Sob o aspecto faunístico, o Novo Mundo trouxe grande decepção aos seus descobridores.
(G. Cruls, *HA*, 95.)

Sob certos aspectos, foi ele, não há dúvida, "o último lusíada".
(D. Mourão-Ferreira, *HL*, 161.)

Mas o tempo arrasta-se, afunda-o de novo **sob** o revolutear dos pensamentos.
(M. da Fonseca, *SV*, 229.)

SOBRE

Situação = posição de superioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado), com contato, com aproximação, ou com alguma distância; tempo aproximado:
a) no espaço:

Veio a criada e pôs quatro taças **sobre** a mesa.
(Branquinho da Fonseca, *B*, 46.)

Considerai o espaço imenso a vossos pés e **sobre** vossa cabeça.
(A. Arinos, *OC*, 748.)

Cruzou os braços **sobre** o peito e apertou as mãos às costas.
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

b) no tempo:

Entrementes foi acabando o ano e já era **sobre** o Natal.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 255.)

Sobre tarde descíamos à praia ou íamos ao Passeio Público, fazendo ele os seus cálculos, eu os meus sonhos.
(Machado de Assis, *OC*, I, 838.)

Sobre a madrugada o sipaio Tipoia chegou às imediações da aldeia do capita Oxenda.
(Castro Soromenho, *V*, 147.)

c) na noção:

Pouco de preciso se conhece **sobre** a distribuição dos Lusitanos no território.
(J. Cortesão, *FDFP*, 35.)

Preferiu, porém, tomar a sopa inteirinha, antes de me interpelar **sobre** o que pretendia.
(R. M. F. de Andrade, *V*, 122.)

Conversavam alegremente **sobre** os acontecimentos do dia.
(A. Santos, *K*, 15.)

TRÁS

A PREPOSIÇÃO *trás*, que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de*; mais raramente, por sua sinônima *após*.

O sentido originário desta preposição era "além de", que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*.

Capítulo 16

Conjunção

CONJUNÇÃO COORDENATIVA E SUBORDINATIVA

1. CONJUNÇÕES são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.
   As CONJUNÇÕES que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS. Comparem-se os seguintes dizeres:

   O tempo **e** a maré não esperam por ninguém.
   Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro.

   Denominam-se SUBORDINATIVAS as CONJUNÇÕES que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. Comparem-se:

   Eram três da tarde **quando** cheguei às arenas romanas.
   (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 183.)

   Pediram-me **que** definisse o Arpoador.
   (C. Drummond de Andrade, *CB*, 106.)

2. Compreende-se facilmente a diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas quando se comparam construções de orações a construções de nomes.
   Assim, nestes enunciados,

Estudar **e** trabalhar	O estudo **e** o trabalho
Estudar **ou** trabalhar	O estudo **ou** o trabalho

vê-se que a CONJUNÇÃO COORDENATIVA não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, no primeiro caso, e de igualdade ou de alternância, no segundo. Já nos enunciados seguintes,

Depois que tiveres estudado, podes trabalhar
Após o estudo, o trabalho

observa-se a dependência do primeiro elemento ao segundo.
No último exemplo, em lugar da conjunção subordinativa (*depois que*), aparece uma preposição (*após*), indicadora da dependência de um termo da oração a outro.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Dividem-se as CONJUNÇÕES COORDENATIVAS em:

1. ADITIVAS, que servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções *e*, *nem* [= e não]:

   Leonor voltou-se **e** desfaleceu.
   (G. Ramos, *I*, 81.)

   Ele não me agradece, **nem** eu lhe dou tempo.
   (F. Botelho, *X*, 41.)

2. ADVERSATIVAS, que ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*:

   Apetece cantar, **mas** ninguém canta.
   (M. Torga, *CH*, 44.)

   Não havia muitas casas — nenhum edifício de apartamentos, **porém** sobravam grandes, extensos terrenos baldios.
   (A. F. Schmidt, *AP*, 20.)

3. ALTERNATIVAS, que ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora*, *quer*, *seja*, *nem*, etc.:

O Antunes das duas uma: **ou** não compreendia bem **ou** não ouvia nada do que lhe dizia o seu companheiro.
(Almada Negreiros, *NG*, 19.)

Ora lia, **ora** fingia ler para impressionar aos demais passageiros.
(A. F. Schmidt, *AP*, 74.)

4. CONCLUSIVAS, que servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*, etc.:

Conheci, **pois**, Ari Ferreira, quando comecei a trabalhar em Clínica Médica, **portanto** em 1924.
(P. Nava, *BM*, 329.)

Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, **logo** prejudica.
(Almada Negreiros, *NG*, 150.)

5. EXPLICATIVAS, que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a ideia contida na primeira. São as conjunções *que*, *porque*, *pois*, *porquanto*, em exemplos como:

Vamos comer, Açucena, **que** estou morrendo de fome.
(Adonias Filho, *LP*, 109.)

Dorme cá, **pois** quero mostrar-lhe as minhas fazendas.
(A. Ribeiro, *M*, 43.)

Posição das conjunções coordenativas

1. Das CONJUNÇÕES COORDENATIVAS, apenas *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* podem vir no início da oração ou após um dos seus termos:

É noite, **mas** toda a noite se pesca.
(R. Brandão, *P*, 139.)

A igreja também era velha, **porém** não tinha o mesmo prestígio.
(C. Drummond de Andrade, *CA*, 200.)

Este último período poderia ser também enunciado:

A igreja também era velha; não tinha, **porém**, o mesmo prestígio.
A igreja também era velha; não tinha o mesmo prestígio, **porém.**

2. *Pois*, quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence:

Era, **pois**, um homem de grande caráter e foi, **pois**, também um grande estilista.
(J. Ribeiro, *PE*, 17.)

Para ali estavam, **pois**, horas sem conto, esperando, inutilmente, ludibriarem-se a si próprios.
(F. Namora, *CS*, 83.)

3. As CONCLUSIVAS *logo*, *portanto* e *por conseguinte* podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

Valores particulares

Certas CONJUNÇÕES COORDENATIVAS podem, no discurso, assumir variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados.

1. *E*[1], por exemplo, pode:
a) ter valor adversativo:

Tanto tenho aprendido **e** não sei nada.
(F. Espanca, *S*, 61.)

Era M. C. um homem feio **e** extremamente inteligente.
(A. F. Schmidt, *GB*, 246.)

---

[1] A propósito dos valores que esta conjunção assume no discurso, consultem-se Rocha Lima. Em torno da conjunção "e". *Studia, 9*, 87-96, 1979; *10*: 117-126, 1980; Adriano da Gama Kury. A valorização estilística da conjunção "e" em Graciliano Ramos. In *Miscelânea em honra de Rocha Lima.* Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1980, p. 35-44; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, 4.ª ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 201-205.

A conjunção coordenativa *e*, por exemplo, pode ter valor adversativo, fronteiriço (próximo), por vezes, do valor concessivo. fronteiriço, por vezes, do concessivo:

Torço as orelhas **e** não dão sangue.
(A. Peixoto, *RC*, 451.)

Fui, como as ervas, **e** não me arrancaram.
(F. Pessoa, *OP*, 328.)

b) indicar uma consequência, uma conclusão:

Qualquer movimento, **e** será um homem morto.
(Adonias Filho, *LP*, 26.)

Embarco amanhã, **e** venho dizer-lhe adeus.
(M. Torga, *CM*, 51.)

c) expressar uma finalidade:

Ia decorá-la **e** transmiti-la ao irmão e à cachorra.
(G. Ramos, *VS*, 84.)

No elevador, em frente ao espelho, levou um lenço aos olhos **e** retocou a pintura.
(Sttau Monteiro, *APJ*, 184.)

d) ter valor consecutivo:

Esperei mais algumas palavras. Não vieram — **e** saí desapontado.
(G. Ramos, *I*, 62.)

Estou sonhando, **e** não quero que me acordem.
(C. Castelo Branco, *QA*, 203.)

e) introduzir uma explicação enfática:

Você ignora que quem os cose sou eu, **e** muito eu.
(Machado de Assis, *OC*, II, 538.)

Que perdoava tudo, menos que lhe mordessem na reputação das filhas. Estavam casadas, **e** muito bem casadas.
(M. Torga, *CM*, 99.)

f) iniciar frases de alta intensidade afetiva, com o valor próximo ao de interjeições:

> — El-rei preso! **E** não se levanta este Minho a livrá-lo!...
> (C. Castelo Branco, *BP*, 170.)

> — **E** os críticos! **E** os leitores! **E** a glória! Esgaravataram tudo, rasparam tudo, recolheram todas as minhas sobras, pensaram tudo por mim, não me deixam respirar.
> (A. Meyer, *MA*, 237.)

g) facilitar a passagem de uma ideia a outra, mesmo que não relacionadas, quando vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelísticas que imitam o chamado estilo bíblico:

> **E** a minha terra se chamará a terra de Jafé, **e** a tua se chamará a terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

2. *Mas* é outra partícula que apresenta múltiplos valores afetivos.[2] Além da ideia básica de oposição, de contraste, pode exprimir, por exemplo, as:

a) de restrição:

> Continuou a conversa interrompida com a senhora gorda, que tinha muitos brilhantes, **mas** uma terrível falta de ouvido, porque não se pode ter tudo.
> (M. J. de Carvalho, *PSB*, 145.)

> — Vai, se queres, disse-me este, **mas** temporariamente.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 547.)

b) de retificação:

---

[2] Sobre os valores desta conjunção, leiam-se Sousa da Silveira. *Lições de português*, 8.ª ed., Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 240-245; M. Rodrigues Lapa. *Estilística da língua portuguesa*, p. 205-208; C. Coelho Pereira Leite. A linguagem: um jogo de valores. In *Actas del XI Congreso Internacional de Linguistica y Filología Románicas*, I, Madrid, C.S.I.C., 1968, p. 245-254. Sobre o *mas* empregado como palavra de situação, veja-se o que dissemos no capítulo 14.

Eram mãos nuas, quietas, essas mãos; serenas, modestas e avessas a qualquer exibicionismo. **Mas** não acanhadas, isso nunca.
(M. J. de Carvalho, *PSB*, 138.)

— O major, hoje, parece que tem uma ideia, um pensamento muito forte.
— Tenho, filho, não de hoje, **mas** de há muito tempo.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 94.)

c) de atenuação ou compensação:

Vinha um pouco transtornado, **mas** dissimulava, afetando sossego e até alegria.
(Machado de Assis, *OC*, I, 541.)

Uma luz bruxuleante **mas** teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.
(M. Torga, *V*, 252.)

d) de adição:

Anoitece, **mas** a vida não cessa.
(R. Brandão, *P*, 150.)

Era bela, **mas** principalmente rara.
(Machado de Assis, *OC*, I, 639.)

e outras mais.
É particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como o de *porém*) para mudar a sequência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio do enunciado anterior que ficara suspenso. Assim:

Mas continua. Não te esqueças do que estavas a contar.
(D. Mourão-Ferreira, *I*, 69.)

Mas os dias foram passando.
(J. Lins do Rego, *U*, 16.)

Um dia, **porém**, o Duro regressou à terra.
(M. Torga, *CM*, 131.)

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

1. As CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS classificam-se em CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS, CONSECUTIVAS e INTEGRANTES.
   As CAUSAIS, CONCESSIVAS, CONDICIONAIS, FINAIS, TEMPORAIS, COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS iniciam orações adverbiais.
   As INTEGRANTES introduzem orações substantivas.

2. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* inclui ainda as conjunções CONFORMATIVAS e PROPORCIONAIS, que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não distingue das COMPARATIVAS.

Observação:

Saliente-se que as COMPARATIVAS e CONSECUTIVAS introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo de outra oração.

Exemplifiquemos:

1. CAUSAIS (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa): *porque*, *pois*, *porquanto*, *como* [= porque], *pois que*, *por isso que*, *já que*, *uma vez que*, *visto que*, *visto como*, *que*, etc.:

   Tenho continuado a poetar, **porque** decididamente se me renovou o estro.
   (A. de Quental, *C*, 357.)

   Tio Couto estava sombrio, **pois** aparecera um investigador da polícia perguntando por Gervásio.
   (É. Veríssimo, *LS*, 137.)

   Como as pernas trôpegas exigiam repouso, descia raro à cidade.
   (G. Ramos, *I*, 195.)

2. CONCESSIVAS (iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la): *embora*, *conquanto*, *ainda que*, *mesmo que*, *posto que*, *bem que*, *se bem que*, *por mais que*, *por menos que*, *apesar de que*, *nem que*, *que*, etc.:

   Não saberei nunca escrever sobre ele, **embora** tenha tentado mais de uma vez.
   (F. Sabino, *G*, II, 76.)

Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, **posto que** em graus diversos, a todo o Brasil.
(J. Cortesão, *IHB*, II, 228.)

Nem que a matassem, confessava.
(A. Ribeiro, *M*, 344.)

3. CONDICIONAIS (iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal): *se, caso, contanto que, salvo se, sem que* [= se não], *dado que, desde que, a menos que, a não ser que*, etc.:

Se aquele entrasse, também os outros poderiam tentar...
(Branquinho da Fonseca, *MS*, 41.)

— A entrevista ficou marcada para as quatro da tarde, **caso** você não prefira ir à noite.
(C. dos Anjos, *M*, 160.)

4. FINAIS (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal): *para que, a fim de que, porque* [= para que]:

Não bastava a sua boa vontade **para que** tudo se arranjasse.
(Almada Negreiros, *NG*, 82.)

Recolheu a carta e a sobrecarta, para mostrá-las a Rubião, **a fim de que** ele visse bem que não era nada.
(Machado de Assis, *OC*, I, 646.)

5. TEMPORAIS (iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo): *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* [= desde que], etc.:

Quando tio Severino voltou da fazenda, trouxe para Luciana um periquito.
(G. Ramos, *Ins.*, 79.)

Sempre que posso, vou onde as recordações me chamam.
(M. Torga, *TU*, 149.)

Tio Cosme vivia com minha mãe, **desde que** ela enviuvou.
(Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

Enquanto Tamar e a irmã estavam no colégio, uma rapariga fugiu de lá.
(A. Bessa Luís, *AM*, 89.)

6. CONSECUTIVAS (iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior): *que* (combinada com uma das palavras *tal*, *tanto*, *tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que*, *de maneira que*, *de modo que*, *de sorte que*, etc.:

Deu um filão de tal sorte, **que** eram carros e carros de volfrâmio estreme.
(M. Torga, *CM*, 191.)

Foi tão ágil e rápida a saída **que** Jandira achou graça.
(C. dos Anjos, *DR*, 108.)

O frio é tanto, é tamanho
Que a pena cai-me da mão...
(A. Gil, *LJ*, 143.)

Ainda hoje os marmeleiros carregam, **que** é uma temeridade.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 138.)

7. COMPARATIVAS (iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto): *que*, *do que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor* e *pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*:

Mais **do que** as palavras, falavam os fatos.
(M. Torga, *V*, 278.)

Unidas, **bem como** as penas
Das duas asas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribo de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.
(Castro Alves, *EF*, 125.)

Surgiu, **como** se viesse doutro mundo, inesperada e pálida.
(C. de Oliveira, *AC*, 159.)

Ele comeu-a **que nem** confeitos.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 368.)

8. INTEGRANTES (servem para introduzir uma oração que funciona como SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL ou APOSTO de uma outra oração). São as conjunções *que* e *se*:

Não sei, sequer, **se** me viste,
Não vou jurar **que** me vias.
(J. Régio, *F*, 54.)

Quando o verbo exprime uma certeza, usa-se *que*:

Tenho certeza de **que** gosta de mim.
(C. dos Anjos, *DR*, 103.)

— Tive medo, vi **que** tinha feito uma doidice.
(G. Ramos, *AOH*, 34.)

João Garcia garantiu **que** sim, **que** voltava.
(V. Nemésio, *MTC*, 61.)

Quando o verbo exprime incerteza, usa-se *se*. Por exemplo:

a) numa dúvida:

Ninguém sabia **se** estava ferido ou **se** ferira alguém.
(L. Jardim, *MP*, 54.)

Vê **se** me entendes.
(M. Torga, *TU*, 156.)

b) numa interrogação indireta:

Não sei **se** sentirá saudades, não sei **se** pensará em mim.
(A. Abelaira, *NC*, 26.)

Pergunto a Deus **se** estou viva,
se estou sonhando ou acordada.
(C. Meireles, *OP*, 417.)

Conjunções conformativas e proporcionais

Como dissemos, a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* distingue ainda, entre as CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS, as CONFORMATIVAS e as PROPORCIONAIS.

1. As CONFORMATIVAS iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. São as conjunções *conforme*, *como* [= conforme], *segundo*, *consoante*, etc.:

> O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe.
> (A. Meyer, *SI*, 50.)

> **Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.
> (C. de Oliveira, *CD*, 111.)

> Cada um tinha razão levando a vida **consoante** a criação da sua alma.
> (M. Lopes, *FVL*, 167.)

2. As PROPORCIONAIS iniciam uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado ou para realizar-se simultaneamente com o da oração principal. São as conjunções *à medida que*, *ao passo que*, *à proporção que*, *enquanto*, *quanto mais... mais*, *quanto mais... tanto mais*, *quanto mais... menos*, *quanto mais... tanto menos*, *quanto menos... menos*, *quanto menos... tanto menos*, *quanto menos... mais*, *quanto menos... tanto mais*:

> **À medida que** avançavam, iam penetrando no coração da trovoada.
> (M. Torga, *V*, 295.)

> Tornavam-se agressivos, os nervos cada vez mais tensos, **à proporção que** o tempo passava.
> (Adonias Filho, *LBB*, 103.)

> **Quanto mais** se distingue, **mais** se funde.
> (V. Nemésio, *SOP*, 336.)

Polissemia conjuncional

Algumas conjunções subordinativas (*que*, *como*, *porque*, *se*, etc.) podem pertencer a mais de uma classe. Sendo assim, o seu valor está condicionado ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambiguidades, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da consequência, etc.

Locução conjuntiva

Como vimos, há numerosas conjunções formadas da partícula *que* antecedida de advérbios, de preposições e de particípios: *desde que*, *antes que*, *já que*, *até que*, *sem que*, *dado que*, *posto que*, *visto que*, etc.

São as chamadas LOCUÇÕES CONJUNTIVAS.

Capítulo 17

Interjeição

INTERJEIÇÃO é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

CLASSIFICAÇÃO DAS INTERJEIÇÕES

Classificam-se as INTERJEIÇÕES segundo o sentimento que denotam. Entre as mais usadas, podemos enumerar as:

a) DE ALEGRIA: *ah! oh ! oba! opa!*
b) DE ANIMAÇÃO: *avante! coragem! eia! vamos!*
c) DE APLAUSO: *bis! bem! bravo! viva!*
d) DE DESEJO: *oh! oxalá!*
e) DE DOR: *ai! ui!*
f) DE ESPANTO OU SURPRESA: *ah! chi! ih! oh! ué! puxa!*
g) DE IMPACIÊNCIA: *hum! hem!*
h) DE INVOCAÇÃO: *alô! ô! ó! olá! psiu! psit!*
i) DE SILÊNCIO: *psiu! silêncio!*
j) DE SUSPENSÃO: *alto! basta! alto lá!*
l) DE TERROR: *ui! uh!*

LOCUÇÃO INTERJECTIVA

Além das interjeições expressas por um só vocábulo, há outras formadas por grupos de duas ou mais palavras. São as LOCUÇÕES INTERJECTIVAS. Exemplos: *ai de mim! ora, bolas! raios te partam! valha-me Deus!*

Observações:

1.ª) Não incluímos a INTERJEIÇÃO entre as classes de palavras pela razão aduzida no capítulo 5.

Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais.

2.ª) Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação (!).

Capítulo 18

O período e sua construção

PERÍODO SIMPLES E PERÍODO COMPOSTO

No capítulo 7, fizemos a análise interna da oração. Examinamos, aí, os seus TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS; e, para tal estudo, servimo-nos sobretudo de PERÍODOS SIMPLES, isto é, de períodos constituídos de uma só oração, chamada ABSOLUTA.

Incidentemente, porém, mostramos que os TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS de uma oração podem ser representados por outra ORAÇÃO. É agora o momento de examinarmos mais detidamente esse ponto.

COMPOSIÇÃO DO PERÍODO

1. Tomemos o seguinte período:

> As horas passam, os homens caem,
> a poesia fica.
>
> (E. Moura, *IP*, 169.)

Vemos que ele é composto de três orações:

> 1.ª = As horas passam,
> 2.ª = os homens caem,
> 3.ª = a poesia fica.

Vemos, ainda, que as três orações são da *mesma natureza*, pois:

a) são autônomas, INDEPENDENTES, isto é, cada uma tem sentido próprio;

b) não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a *totalidade* da outra.

A tais orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO.

2. Examinemos agora este período:

> O meu André não lhe disse que temos aí um holandês que trouxe material novo...?
> (V. Nemésio, *MTC*, 363.)

Aqui, também, estamos diante de um período de três orações:

1.ª = O meu André não lhe disse
2.ª = que temos aí um holandês
3.ª = que trouxe material novo.

Mas a sua estrutura é diferente da do anterior, pois:

a) a primeira oração contém a declaração *principal* do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período; chama-se, por isso, ORAÇÃO PRINCIPAL;
b) a segunda oração tem sua existência dependente da primeira, de cujo verbo é OBJETO DIRETO; funciona, assim, como TERMO INTEGRANTE dela;
c) a terceira oração tem sua existência dependente da segunda, de cujo objeto direto é ADJUNTO ADNOMINAL; funciona, por conseguinte, como TERMO ACESSÓRIO dela.

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO.

3. Vejamos, por fim, este período:

> Moleque Nicanor arregalou os olhos, e eu pensei que ia ouvir as pancadas do seu coração.
> (Guimarães Rosa, *S*, 216.)

Ainda aqui temos um período composto de três orações:

1.ª = Moleque Nicanor arregalou os olhos,
2.ª = e eu pensei
3.ª = que ia ouvir as pancadas do seu coração.

Sua estrutura é, porém, distinta das duas que examinamos, ou melhor, é uma espécie de combinação delas, pois:

a) as duas primeiras orações são COORDENADAS (a primeira é COORDENADA ASSINDÉTICA; a segunda, COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA);
b) a última é SUBORDINADA, uma vez que funciona como OBJETO DIRETO da oração anterior.

O período que apresenta orações COORDENADAS e SUBORDINADAS diz-se composto por COORDENAÇÃO e SUBORDINAÇÃO.

CARACTERÍSTICAS DA ORAÇÃO PRINCIPAL

Uma ORAÇÃO SUBORDINADA pode depender de um termo de outra ORAÇÃO SUBORDINADA.

No período de Vitorino Nemésio, antes citado, vimos que a ORAÇÃO SUBORDINADA:

que trouxe material novo

é adjunto adnominal do objeto direto (*um holandês*) da ORAÇÃO SUBORDINADA

que temos aí um holandês,

a qual, por sua vez, é objeto direto da ORAÇÃO PRINCIPAL:

O meu André não lhe disse.

Neste caso, alguns gramáticos consideram a 2.ª oração, simultaneamente, SUBORDINADA e PRINCIPAL: SUBORDINADA em relação à 1.ª; PRINCIPAL com referência à 3.ª.

Tal classificação tem o inconveniente de se basear em dois critérios; ou melhor, fazer predominar o critério semântico sobre o sintático.

Em verdade, a ORAÇÃO PRINCIPAL (ou um de seus termos) serve sempre de suporte a uma ORAÇÃO SUBORDINADA. Mas não é esta a sua característica essencial; e, sim, o fato de *não exercer nenhuma função sintática em outra oração do período.* Ora, no PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO só há uma que preenche tal condição. A esta, pois, se deve reservar, com exclusividade, o nome de PRINCIPAL.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* eliminou a designação de ORAÇÃO PRINCIPAL sob o argumento de não fazer falta ao estudo desses processos e de "dar ensejo a duplas interpretações, quer no plano lógico, quer no plano gramatical".

CONCLUSÃO

Na análise de um PERÍODO COMPOSTO, cumpre, pois, ter em mente que:

a) a ORAÇÃO PRINCIPAL não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período;
b) a ORAÇÃO SUBORDINADA desempenha sempre uma função sintática (SUJEITO, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADNOMINAL, ADJUNTO ADVERBIAL ou APOSTO) em outra oração, pois que dela é um termo ou parte de um termo;
c) a ORAÇÃO COORDENADA, como a PRINCIPAL, nunca é termo de outra oração nem a ela se refere; pode relacionar-se com outra COORDENADA, mas em sua integridade.

COORDENAÇÃO

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

As ORAÇÕES COORDENADAS podem estar:

a) simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace:

> Será uma vida nova, / começará hoje, / não haverá nada para trás. /
> (A. Abelaira, *QPN*, 19.)

b) ligadas por uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA:

> A Grécia seduzia-o, / **mas** Roma dominava-o. /
> (Graça Aranha, *OC*, 701.)

No primeiro caso, dizemos que a ORAÇÃO COORDENADA é ASSINDÉTICA, ou seja, desprovida de conectivo. No segundo, dizemos que ela é SINDÉTICA, e a esta denominação acrescentamos a da espécie da CONJUNÇÃO COORDENATIVA que a inicia.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Classificam-se, pois, as ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS em:

1. COORDENADA SINDÉTICA ADITIVA, se a conjunção é ADITIVA:

> Insisti no oferecimento da madeira, / **e ele estremeceu**. /
> (G. Ramos, *SB*, 29.)

Não é chuva, / **nem é gente,** /
Nem é vento com certeza. /
(A. Gil, *LJ*, 24.)

2. COORDENADA SINDÉTICA ADVERSATIVA, se a conjunção é ADVERSATIVA:

Estava frio, / **mas ela não o sentia.** /
(M. J. de Carvalho, *TGM*, 75.)

Ele não exigira dos filhos devoção à lavoura, / **porém nenhum deixara de seguir a fatalidade pela terra.** /
(N. Piñon, *SA*, 102-103.)

3. COORDENADA SINDÉTICA ALTERNATIVA, se a conjunção é ALTERNATIVA:

O bode tinha descido com o senhor / **ou tinha ficado na ribanceira?** /
(G. Ramos, *AOH*, 48.)

Ou eu me engano muito / ou a égua manqueja. /
(C. de Oliveira, *AC*, 23.)

Todas as casas sertanejas são humildes, / **quer sejam de palha só / ou de palha e taipa** / como a dos pobres, / **quer sejam de taipa e telha** / como a dos abastados.
(G. Barroso, *TS*, 181.)

4. COORDENADA SINDÉTICA CONCLUSIVA, se a conjunção é CONCLUSIVA:

Ouço música, / **logo ainda não me enterraram.** /
(P. Mendes Campos, *AB*, 67.)

Não pacteia com a ordem; / **é, pois, uma rebelde.** /
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

Queria casar a filha, bem ao gosto dela, / **não punha, portanto, nenhum obstáculo ao programa de Olga.** /
(Lima Barreto, *TFPQ*, 86.)

5. COORDENADA SINDÉTICA EXPLICATIVA, se a conjunção é EXPLICATIVA:

— Eh, camarada, espere um pouco, / **que isto acaba-se já.** /
(F. Namora, *NM*, 233.)

Um pouquinho só lhe bastava no momento, / **pois estava com fome.** /
(A. M. Machado, *JT*, 105.)

Observação:

No mesmo período podem ocorrer ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS de vários tipos:

O menino olhava, / **mas não falava,** / **nem lamuriava.** /
(J. de Araújo Correia, *FX*, 34.)

Tentei detê-los por mais tempo; / **eles porém tinham pressa,** / **ou estavam desconfiados.** /
(R. de Queirós, *CCE*, 159.)

Como dissemos, nem todas as conjunções coordenativas encabeçam a oração. A conclusiva *pois* vem sempre posposta a um de seus termos. As adversativas *porém*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto* e *todavia*, bem como as conclusivas *logo*, *portanto* e *por conseguinte*, podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

SUBORDINAÇÃO

A ORAÇÃO SUBORDINADA COMO TERMO DE OUTRA ORAÇÃO

Dissemos que as ORAÇÕES SUBORDINADAS funcionam sempre como TERMOS ESSENCIAIS, INTEGRANTES OU ACESSÓRIOS de outra oração. Esclareçamos melhor tais equivalências.

1. No seguinte exemplo,

É necessária **tua vinda urgente.**

o sujeito da oração é *tua vinda urgente*, TERMO ESSENCIAL, cujo núcleo é o substantivo *vinda*.
Mas, em lugar dessa construção com base no substantivo *vinda*, poderíamos dizer:

É necessário **que venhas urgente.**

O sujeito seria, então, *que venhas urgente*, termo essencial representado por oração.

2. Neste exemplo,

Ninguém esperava **a tua vinda**.

o objeto direto de *esperava* é *a tua vinda*, TERMO INTEGRANTE, cujo núcleo é o substantivo *vinda*.
Em vez dessa construção nominal, poderíamos ter dito:

Ninguém esperava **que viesses**.

Com isso, o objeto direto de *esperava* passaria a ser *que viesses*, TERMO INTEGRANTE representado por uma oração.

3. Neste exemplo,

Não desaprendi as lições **recebidas**.

o adjunto adnominal, TERMO ACESSÓRIO, está expresso pelo adjetivo *recebidas*.
Mas, se quiséssemos, poderíamos ter substituído o adjetivo *recebidas* por *que recebi*.

Não desaprendi as lições **que recebi**.

Teríamos, neste caso, como adjunto adnominal de *lições* a oração *que recebi*.
Por outras palavras: teríamos um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

4. Neste exemplo,

Ainda não o tinha visto **depois da volta**.

são três os adjuntos adverbiais (TERMOS ACESSÓRIOS) da oração:
a) **ainda** — adjunto adverbial de tempo;
b) **não** — adjunto adverbial de negação;
c) **depois da volta** — adjunto adverbial de tempo.

Em lugar da expressão adverbial de tempo *depois da volta*, poderíamos ter empregado uma oração — *depois que voltara*:

Ainda não o tinha visto **depois que voltara**.

Depois que voltara, adjunto adverbial de *tinha visto*, é, pois, um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.

5. Do que dissemos uma conclusão se impõe: o PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO é, na essência, equivalente a um PERÍODO SIMPLES. Distingue-os apenas o fato de os TERMOS (ESSENCIAIS, INTEGRANTES e ACESSÓRIOS) deste serem representados naquele por ORAÇÕES.

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

As ORAÇÕES SUBORDINADAS classificam-se em SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS, porque as funções que desempenham são comparáveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios.

Orações subordinadas substantivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE *que* (às vezes, por *se*) e, segundo o seu valor sintático, podem ser:

1. SUBJETIVAS, quando exercem a função de sujeito:

É certo / **que a presença do dono o sossegava um pouco.** /
(M. Torga, *B*, 52-53.)

2. OBJETIVAS DIRETAS, quando exercem a função de objeto direto:

Respondi-lhe / **que já tinha lido a receita em qualquer parte.** /
(J. Cardoso Pires, *D*, 295.)

Não sei / **se padre Bernardino concordará comigo.** /
(O. Lara Resende, *BD*, 109.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS, quando exercem a função de objeto indireto:

Não me esqueço / **de que estavas doente** / quando ele nasceu.
(J. Montello, *SC*, 31.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS, quando exercem a função de complemento nominal:

Calipso! Ele tem a mania / **de que alho faz bem à saúde!** /
(A. Abelaira, *NC*, 155.)

5. PREDICATIVAS, quando exercem a função de predicativo:

A verdade é / **que eu ia falar outra vez de Noêmia.** /
(A. Bessa Luís, *AM*, 39.)

6. APOSITIVAS, quando exercem a função de aposto:

> É preciso que o pecador reconheça ao menos isto: / **que a Moral católica está certa / e é irrepreensível. /**
> (O. Lara Resende, *BD*, 163.)

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:

> — As ordens são dadas / **por quem pode. /**
> (F. Namora, *NM*, 215.)

Observação:

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (*quem*, *quantos*, *qualquer*, etc.) precedidos de uma das preposições *por* ou *de*.

Omissão da integrante que

Depois de certos verbos que exprimem uma ordem, um desejo ou uma súplica, a língua portuguesa permite a omissão da INTEGRANTE *que*:

> Penso / **daria um sofrível monge,** / se não fossem estes nervos miseráveis.
> (A. de Quental, *C*, 337.)

> Queira Deus / **não voltes mais triste...** /
> (M. Bandeira, *PP*, 348.)

> Olhar o Brasil como hóspedes em casa alheia, que as regras mandam / **se coloquem** tanto quanto possível **no ponto de vista do anfitrião. /**
> (M. Torga, *TU*, 21.)

Orações subordinadas adjetivas

As ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente:

> Susana, / **que não se sentia bem,** / estava de cama.
> (M. Torga, *V*, 178.)

O / **que tu vês** / é belo; / mais belo o / **que suspeitas**; / e o / **que ignoras** / muito mais belo ainda.
(R. Brandão, *H*, 3.)[1]

Relação com o termo antecedente

A ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA pode, como todo ADJUNTO ADNOMINAL, depender de qualquer termo da oração, cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: SUJEITO, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL, OBJETO DIRETO, OBJETO INDIRETO, AGENTE DA PASSIVA, ADJUNTO ADVERBIAL, APOSTO e, até mesmo, VOCATIVO.

1. Neste período de Fernando Pessoa,

   Deu-lho a criada
   Velha / **que o trouxe ao colo**. /
   (*OP*, 77.)

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que o trouxe ao colo* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *criada*, SUJEITO de *deu-lho*.

2. Neste período de Agustina Bessa Luís,

   Era uma cachopa um tanto atarracada, / **que usava meias palmilhadas e anéis de latão**. /
   (*AM*, 92.)

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que usava meias palmilhadas e anéis de latão* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do substantivo *cachopa*, núcleo do PREDICATIVO da oração anterior.

3. Neste período de Machado de Assis,

   Na petição de privilégio / **que então redigi** / chamei a atenção do governo para este resultado, verdadeiramente cristão.

   a ORAÇÃO ADJETIVA — *que então redigi* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *de privilégio*, COMPLEMENTO NOMINAL.

---

[1] Frase que Raul Brandão diz ser de autor desconhecido.

4. Neste período de Carlos de Oliveira,

> Iria remediar o / **que pudesse.** /
> (*CD*, 90.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que pudesse* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *o*, OBJETO DIRETO de *iria remediar.*

5. Neste período de Jorge Amado,

> É mesmo porque vem um apito triste do navio, um pedido de socorro, e a lei do cais manda que se atenda aos / **que no mar pedem socorro.** /
> (*MM*, 74.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que no mar pedem socorro* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL do pronome *os*, núcleo do OBJETO INDIRETO *aos.*

6. Neste período de Manuel Bandeira,

> O *clou* da festa no Conservatório de Canto Orfeônico foi a saudação lida por um menino / **que é um prodígio.** /
> (*AA*, 106.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que é um prodígio* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *menino*, núcleo do AGENTE DA PASSIVA *por um menino.*

7. Neste período de Antônio Nobre,

> Na vida / **que a Dor povoa,** /
> Há só uma cousa boa,
> Que é dormir, dormir, dormir...
> (*S*, 113.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que a Dor povoa* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *vida*, núcleo do ADJUNTO ADVERBIAL *na vida.*

8. Neste período de Machado de Assis,

> Entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, / **que fundou a Vila de São Vicente.** /
> (OC, I, 417.)

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que fundou a vila de São Vicente* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *capitão-mor Brás Cubas*, APOSTO.

9. Neste período do *Romance da nau Catarineta*,

Renego de ti, demônio, / **que me estavas a tentar.** /

a ORAÇÃO ADJETIVA — *que me estavas a tentar* — está funcionando como ADJUNTO ADNOMINAL de *demônio*, VOCATIVO.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

Quanto ao sentido, as SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

1. As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. Exemplos:

   És um dos raros homens / **que têm o mundo nas mãos.** /
   (A. Abelaira, *NC*, 121.)

   Certamente não perdoa o abandono / **que lhe votei.** /
   (N. Piñon, *FD*, 98.)

2. As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula:

   Tio Cosme, / **que era advogado,** / confiava-lhe a cópia de papéis de autos.
   (Machado de Assis, *OC*, I, 734.)

   Eu, / **que não tenho nenhuma certeza**, / sou mais certo ou menos certo?
   (F. Pessoa, *OP*, 324.)

Orações subordinadas adverbiais

Funcionam como ADJUNTO ADVERBIAL de outras orações e vêm, normalmente, introduzidas por uma das CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (com exclusão das INTE-

GRANTES que, vimos, iniciam ORAÇÕES SUBSTANTIVAS). Segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, classificam-se em:

1. CAUSAIS, se a conjunção é subordinativa causal:

Não veste com luxo / **porque o tio não é rico.** /
(Machado de Assis, *OC*, II, 204.)

/ **Como anoitecesse,** / recolhi-me pouco depois e deitei-me.
(Monteiro Lobato, *U*, 204.)

Ceamos à lareira, / **que a noite estava fria.** /
(A. Ribeiro, *M*, 44.)

2. CONCESSIVAS, se a conjunção é subordinativa concessiva:

/ **Ainda que não dessem dinheiro,** / poderiam colaborar com um ou outro trabalho.
(O. Lara Resende, *BD*, 134.)

O Albino, / **posto que homem correntão,** / ficou varado.
(A. Ribeiro, *M*, 99.)

A regra era ir sempre desacompanhado, / **mesmo que levasse o gado até os confins da serra.** /
(M. Torga, *B*, 101.)

Observação:

Nas ORAÇÕES CONCESSIVAS, a conjunção subordinativa pode:

a) vir intensificada em *por mais que, por maior que, por melhor que, por menos que, por menor que, por pior que*; ou *mais que, maior que, melhor que, menos que, menor que, pior que*, etc.:

/ **Por mais que quisesse,** / não conseguia decidir-se por nenhum.
(M. Torga, *CM*, 36.)

b) ficar reduzida à palavra *que*, com antecipação do predicativo:

/ **Padre que seja,** / se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo.
(Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

Advirta-se, porém, que não é pacífica a análise que propomos para essas fórmulas concessivas. Filólogos eminentes, como os professores Sousa da Silveira (*Lições de*

português. 8ª. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 166) e Martinz de Aguiar (cf. Evanildo Bechara. *Moderna gramática portuguesa,* 21.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, p. 230) consideram que, em tais construções, o *que* é um pronome relativo em função de predicativo.

3. CONDICIONAIS, se a conjunção é subordinativa condicional:

Tudo vale a pena /
Se a alma não é pequena. /
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

— Eles não dormem, / **sem que primeiro a mãe lhes cante a** *berceuse* **de Jocelyn.** /
(É. Veríssimo, *A*, I, 83.)

Trago uma caixa de metralhadoras para os Gregos, / **caso eles estejam em perigo de ser batidos pelos Troianos.** /
(A. Abelaira, *NC*, 69.)

4. FINAIS, se a conjunção é subordinativa final:

Viera um vestido de Marta, / **para que a vestissem com ele.** /
(J. Lins do Rego, *A-M*, 343.)

Deu-me Deus o seu gládio, / **porque eu faça**
A sua santa guerra. /
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Fiz-lhe sinal / **que se calasse.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 525.)

5. TEMPORAIS, se a conjunção é subordinativa temporal:

/ **Quando estiou,** / partiram.
(C. de Oliveira, *AC*, 19.)

Renovaram a fogueira / **até que chegasse a luz da manhã.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 111.)

/ **Mal sentiu rumores dentro de casa,** / ergueu-se.
(M. Torga, *V*, 269.)

6. CONSECUTIVAS, se a conjunção é subordinativa consecutiva:

Há segredos, de natureza tal, / **que é imperdoável imprudência** / descobri-los.
(M. de Maricá, *M*, 416.)

Falava com tanta naturalidade, / **que se convencia a si mesmo.** /
(M. Torga, *V*, 157.)

Era uma voz tão grave, / **que metia medo.** /
(A. Meyer, *SI*, 12.)

O sino tocava / **que se desfazia.** /
(M. Torga, *CM*, 65.)

A conjunção pode vir omitida, como nestes versos de Emílio Moura:

O chamado é tão grave, / **não comporta lágrimas;** /
o caminho é tão longo, / **não chegarias nunca.** /
(*IP*, 171.)

7. COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa:

Não, meu coração não é maior / **que o mundo.** /
(C. Drummond de Andrade, *R*, 60.)

Jurou-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste / **do que podia parecer.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 416.)

Ó choupo magro e velhinho,
Corcundinha, todo aos nós,
És tal / **qual meu Avozinho:** /
Falta-te apenas a voz.
(A. Nobre, *S*, 47.)

Começaste a correr / **que nem uma louca.** /
(A. Abelaira, *QPN*, 190.)

O lavrador revirou os olhos e começou a tremer / **como se tivesse uma sezão.** /
(J. de Araújo Correia, *FX*, 28.)

Observações:

1.ª) O primeiro membro da comparação pode estar oculto: [*tal*] *qual*, [*tal*] *como*, etc.:

> Havia já dous anos que nos não víamos, e eu via-a agora não / **qual era,** / mas / **qual fora,** / **quais fôramos ambos,** / porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 419.)

2.ª) Costuma-se omitir o predicado da ORAÇÃO SUBORDINADA COMPARATIVA, quando repete uma forma do verbo da oração principal. Assim:

> Teus olhos são negros, negros,
> / **como as noites sem luar...** /
> (Castro Alves, *EF*, 35.)

Isto é: como as noites sem luar [são negras].

> Tu vais a correr sozinho,
> Ribeirinho, / **como eu.** /
> (F. Pessoa, *QGP*, n.º 112.)

Ou seja: como eu [vou a correr sozinho].

Orações conformativas e proporcionais

Como na classificação das conjunções subordinativas a Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui as conformativas e as proporcionais, consequentemente admite ela a existência de ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CONFORMATIVAS, quando a conjunção que as inicia é subordinativa conformativa:

> / **Conforme declarei,** / Madalena possuía um excelente coração.
> (G. Ramos, *SB*, 122.)

> As distâncias hoje em dia, / **como sabe,** / contam pouco.
> (M. Torga, *V*, 278.)

> Exteriormente era modesto, / **segundo convém aos sabedores.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 256.)

2. PROPORCIONAIS, quando encabeçadas por conjunção subordinativa proporcional:

/ **À medida que o tempo decorria** / as figuras iam tomando maior vulto na sua retina.
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 295.)

Choviam os ditos / **ao passo que ela seguia pelas mesas.** /
(Almada Negreiros, *NG*, 92.)

Duas ou três funcionárias aproximaram-se, / **enquanto o servidor** / que fizera a pergunta / **ia dando o fora.** /
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 38.)

Observação:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: *quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, quanto menos... tanto menos, quanto menos ... tanto mais*:

/ **Quanto mais o conheço**, / tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras *quanto* e *tanto*, é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto. Por exemplo, nas construções:

/ **Quanto mais o conheço**, / mais o admiro.
/ **Mais o conheço**, / tanto mais o admiro.
/ **Mais o conheço**, / mais o admiro.

a primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL.

Orações reduzidas

Orações desenvolvidas e orações reduzidas

Estudamos até aqui as ORAÇÕES SUBORDINADAS encabeçadas por nexo subordinativo (pronomes relativos ou conjunções subordinativas), com o verbo sempre numa FORMA FINITA (do indicativo ou do subjuntivo).

Vejamos agora outro tipo de oração subordinada — a REDUZIDA —, isto é, a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordi-

nativa, e que tem o verbo numa das FORMAS NOMINAIS — O INFINITIVO, O GERÚNDIO, ou O PARTICÍPIO. Assim:

1. Neste período de Machado de Assis,

   Todos nós havemos de morrer; basta / **estarmos vivos.** /
   (*OC*, I, 420.)

   a oração *estarmos vivos* tem valor SUBSTANTIVO. Não a encabeça, porém, a integrante *que*, nem o seu verbo se apresenta numa forma finita, mas na do INFINITIVO PESSOAL.
   A oração denomina-se, por isso, SUBSTANTIVA REDUZIDA DE INFINITIVO, e pode ser equiparada à oração subordinada desenvolvida *que estejamos vivos*:

   Todos nós havemos de morrer; basta / **que estejamos vivos.** /

2. Neste período de Augusto Frederico Schmidt,

   Era o sortilégio, a sedução / **ferindo os corações.** /
   (*AP*, 17.)

   a oração *ferindo os corações* tem valor adjetivo. Não vem, no entanto, encabeçada por pronome relativo, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do gerúndio.
   A oração denomina-se, neste caso, ADJETIVA REDUZIDA DE GERÚNDIO, e corresponde à oração desenvolvida *que feria os corações*:

   Era o sortilégio, a sedução / **que feria os corações.** /

3. Neste período de Manuel da Fonseca,

   / **Ansiado,** / agarrou-se à árvore.
   (*FC*, 126.)

   a oração *ansiado* tem valor ADVERBIAL. Não está, porém, encabeçada por conjunção subordinativa, nem traz o verbo numa forma finita, mas na do PARTICÍPIO.
   A oração denomina-se, então, ADVERBIAL REDUZIDA DE PARTICÍPIO, e equivale à oração desenvolvida *porque estava ansiado*:

   / **Porque estava ansiado,** / agarrou-se à árvore.

Verifica-se do exposto que as ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS podem estar:

1.º) DESENVOLVIDAS, quando encabeçadas por nexo subordinativo e com verbo num tempo do indicativo ou do subjuntivo:
a) seja numa forma simples:

— Creio / **que não há gente inocente.** /
(M. J. de Carvalho, *AV*, 126.)

Não tinha dinheiro / **que chegasse.** /
(V. Nemésio, *MTC*, 372.)

Eram sete e meia da noite, / **quando avistamos as luzes de Benfica.** /
(F. Sabino, *HN*, 31.)

b) seja numa locução verbal:

Disse / **que ia pôr tudo em pratos limpos,** / não disse?
(U. Tavares Rodrigues, *NS*, 84.)

Vou deitar ao papel as reminiscências / **que me vierem vindo.** /
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

Vira-os a bordo, / **como estava a ver o próprio Vicar.** /
(Adonias Filho, *LBB*, 84.)

2.º) REDUZIDAS, quando não apresentam nexo subordinativo e têm o verbo no infinitivo, no gerúndio ou no particípio:
a) seja numa forma simples:

Os homens do grupo do curral afastaram-se / **para Maria passar.** /
(L. B. Honwana, *NMCT*, 51.)

/ **Chegando à rua,** / arrependi-me de ter saído.
(Machado de Assis, *OC*, I, 483.)

Que seria do futuro se trocássemos esses hábitos / **consagrados pela experiência** / e nos deixássemos arrastar pelos falsos profetas?
(A. Abelaira, *NC*, 211.)

b) seja numa locução verbal:

> Bernardo estava certo / **de não poder confiar nas boas intenções dele.** /
> (O. Lins, *FP*, 183.)

> O que me lembrou esta data foi, / **estando a beber café**, / o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1029.)

Orações reduzidas de infinitivo

As ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO podem vir ou não regidas de preposição e, como as desenvolvidas, classificam-se em:

Substantivas

1. SUBJETIVAS:

> É preciso / **caminhar o passo certo.** /
> (Costa Andrade, *NVNT*, 30.)

2. OBJETIVAS DIRETAS:

> Espero também / **poder confiar em ti.** /
> (J. Régio, *SM*, 57.)

3. OBJETIVAS INDIRETAS:

> Encarregara-a / **de anunciar-se pessoalmente.** /
> (N. Piñon, *FD*, 69.)

4. COMPLETIVAS NOMINAIS:

> Estou ansioso / **por ir vê-lo.** /
> (A. de Quental, *C*, 228.)

5. PREDICATIVAS:

> A sua intenção era / **comunicar a Augusta o resultado da conversa com o pretendente.** /
> (Machado de Assis, *OC*, II, 97.)

6. APOSITIVAS:

A coragem é isto: / **meter o pássaro do medo na capanga.** /
(Luandino Vieira, *NM*, 116.)

Adjetivas

Mas a visão logo se desvaneceu, ficando apenas os vidros, / **a ocultarem, com o seu brilho, o** / que lá dentro existia. /
(Ferreira de Castro, *OC*, I, 136.)

Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, / **a quebrarem,** / **a espicaçarem,** / **a torturarem a pedra,** / pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.
(A. Azevedo, *C*, 66.)

Observação:

As ORAÇÕES ADJETIVAS REDUZIDAS DE INFINITIVO são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil empregam-se de preferência as ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO.

Adverbiais

1. CAUSAIS:

/ **Por serem trivialidades quotidianas tais virtudes,** / ninguém repara nelas.
(M. Torga, *TU*, 63.)

2. CONCESSIVAS:

/ **Mesmo sem saber** / se jamais chegarei, apetece-me rir e cantar em honra da beleza das coisas.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 102.)

3. CONDICIONAIS:

/ **A não ser isto,** / eu preferia ficar na sombra, e trabalhar como simples soldado.
(J. de Alencar, *CD*, 30.)

4. CONSECUTIVAS:

O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo / **a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.** /
(Rebelo da Silva, *CL*, 178.)

5. FINAIS:

Conheces-lhe a vida / **para poderes afirmar tal coisa.** /
(A. Abelaira, *CF*, 148,)

6. TEMPORAIS:

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela / **ao entrares no porto** /
Aonde o gigante está!
(Fagundes Varela, *VA*, 76.)

Orações reduzidas de gerúndio

Podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

Virou-se e viu a mulher / **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse.
(L. Jardim, *BA*, 18.)

Perdeu o desfile da milícia triunfante, / **marchando a quatro de fundo.** /
(J. Saramago, *MC*, 348.)

Viu um grupo de homens / **conversando.** /
(Pepetela, *NA*, 42.)

Observação:

O emprego do GERÚNDIO com valor de ORAÇÃO ADJETIVA tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que é antiga no idioma a construção quando o GERÚNDIO expressa a ideia de atividade atual e passageira.

Veja-se este exemplo de D. Denis, trovador que poetou em fins do século XIII e princípios do século XIV:

> Ela tragia na mão
> um papagai mui fremoso,
> **cantando** [= que cantava] mui saboroso...

Construção em tudo semelhante à que vigorou na língua até começos do século XVIII e que continua no português do Brasil:

> Vi um menino / **cantando.** /

Distinto deste é o emprego, cada vez mais frequente nos dias que correm, do gerúndio como representante de uma ORAÇÃO ADJETIVA que designa um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo a que se refere, construção que é um simples decalque do francês:

> Meu coração é um pórtico partido /
> **Dando excessivamente sobre o mar.** /
> (F. Pessoa, *OP*, 54.)

> De onde estava via as torres da igreja metodista, / **erguendo-se acima da massa de arvoredo dum jardim.** /
> (É. Veríssimo, *LS*, 133.)

Adverbiais

Como o GERÚNDIO tem principalmente significado temporal, as REDUZIDAS por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS. Comparem-se, por exemplo:

> / **Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro,** / ele me convidou para tomar conta de sua causa.
> (J. Lins do Rego, *FM*, 279.)

Mas podem equivaler também a outras ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

1. CAUSAIS:

> / **Pressentindo** / que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 89.)

2. CONCESSIVAS:

Aqui mesmo, / **ainda não sendo padre,** / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.
(Machado de Assis, *OC*, I, 735.)

3. CONDICIONAIS:

Pensando bem, / tudo aquilo era muito estranho.
(A. Meyer, *SI*, 25.)

Orações reduzidas de particípio

Como as REDUZIDAS DE GERÚNDIO, as DE PARTICÍPIO podem ser ADJETIVAS ou ADVERBIAIS.

Adjetivas

As rosas brancas agrestes /
Trazidas do fim dos montes /
Vós mas tirastes, que as destes...
(F. Pessoa, *OP*, 118.)

Adverbiais

São mais comuns as TEMPORAIS:

/ **Acabada a cerimônia,** / demos a volta ao adro.
(V. Nemésio, *SOP*, 90.)

/ **Armadas as barracas,** / **abrigados caminheiros e camaradas,** / roncou a tormenta.
(A. Amoroso Lima, *AA*, 47.)

Não raro, ocorrem também as:

1. CAUSAIS:

/ **Desesperado,** / parecia um doido por toda a casa.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

2. CONCESSIVAS:

> Creio, porém, que, / **ainda admitidas as exagerações do *Jornal do Comércio***, / pode-se assegurar que a guerra está concluída.
> (J. de Alencar, *OC*, IV, 1331.)

3. CONDICIONAIS:

> / **Dada essa hipótese,** / espero de nossos amigos dedicados que não sofrerão impassíveis uma oposição injusta.
> (J. de Alencar, *CD*, 33.)

Capítulo 19

Figuras de sintaxe

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.

Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se FIGURAS DE SINTAXE.

Examinemos as principais:

ELIPSE

1. ELIPSE é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

   À esquerda, panos de velhos muros, à direita o campo deserto.
   (V. Ferreira, *A*, 273.)

   Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz.
   (Guimarães Rosa, *S*, 123.)

   A lua, um pequeno disco branco só, lá em cima.
   (Luandino Vieira, *VVDX*, 73.)

   — O senhor está preso.
   — Preso, eu?!
   (C. Drummond de Andrade, *CB*, 93.)

2. A ELIPSE é responsável por numerosos casos de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido:

a (cidade) **capital**	**uma** (igreja) **catedral**
um (dente) **canino**	**uma** (carta) **circular**
um (navio a) **vapor**	**uma folha** (de papel)

A ELIPSE COMO PROCESSO GRAMATICAL

1. Em gramática, a ELIPSE de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E, ainda assim, com extrema prudência.
São correntes, por exemplo, as ELIPSES:

a) do sujeito:

> Ternura sacudiu os ombros, no susto. Ergueu a cabeça, fixou Manuel:
> — Para onde? — exclamou.
> (A. M. Machado, *JT*, 135.)

> Levantei-me de mansinho, e mais manso que um ladrão me vesti. Abri a porta da rua, e com cautela a fechei. Num rufo corri ao macho que estava, à mão de largar, no grande alpendre e deitei-lhe o aparelho. E, sem ruído, sem voltar a cabeça, vergonhoso de mim, saí daquela terra.
> (A. Ribeiro, *M*, 46.)

b) do verbo (parcial ou total):

> Vão os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no voo.
> (C. Drummond de Andrade, *CB*, 26.)

> Vida ruim, a nossa...
> (Alves Redol, *G*, 105.)

> Um senhor. Até na miséria, um senhor.
> (F. Namora, *RT*, 16.)

c) da preposição que introduz certos adjuntos:

> Miguel foi atrás dela, **mãos nos bolsos,** falando calmo.
> (Luandino Vieira, *VVDX*, 69.)

Olegário debruçou-se sobre ele, **os olhos cheios de espanto,** outro homem naquele momento.
(Adonias Filho, *F*, 40.)

O Bento move-se no assento, **os braços bem apoiados na mesa, a cabeça baixa.**
(F. Botelho, *X*, 200.)

d) da preposição *de* antes da integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais:

Bem me **lembro que** ainda eu mesmo alcancei a casa de dona Rosinha em cuja porta de entrada passei horas seguidas espiando a maré humana.
(A. F. Schmidt, *GB*, 44.)

Tem **medo que** fique alguém fora da malhada!...
(Alves Redol, *G*, 65.)

Uma vez **certa que** morria, ordenou o que prometera a si mesma.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

e) da conjunção integrante *que*:

Não **cuideis seja** a masmorra...
Não **cuideis seja** o degredo...
(C. Meireles, *OP*, 862.)

Querendo poupar à moça e a mim tal vexame, **solicitei fosse** a pena comutada, senão em substância, pelo menos em grau.
(C. dos Anjos, *DR*, 279.)

Hoje me **disseram ele era** um dos bons.
(Luandino Vieira, *VVDX*, 21.)

2. Na análise dessas e de outras orações manifestamente incompletas convém repor os elementos omitidos. Mas seria uma arbitrariedade pretender reconstruir, nas mesmas bases, formas expressivas elaboradas dentro de princípios linguísticos diversos.
É o caso, por exemplo, da FRASE NOMINAL, organizada sem verbo e, justamente por isso, mais incisiva:

Que talento, que bom gosto, uma delícia!
(A. Meyer, *MA*, 153.)

Oh, a nudez da noite! Que esplendor!
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, I, 50.)

Roma em chamas, que espetáculo!
(R. Pompeia, *A*, 144.)

A noite, o vento baixo, algumas estrelas.
(Adonias Filho, *LP*, 101.)

Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!
(C. Pessanha, *C*, 52.)

A ELIPSE COMO PROCESSO ESTILÍSTICO

Recurso condensador da expressão, a elipse é naturalmente usada de preferência naqueles tipos de enunciado que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez.

Seus efeitos estilísticos são, portanto, apreciáveis:

a) na descrição esquemática de ambientes, de estados de alma, de perfis:

Subiu a escada. A cama arrumada. O quarto. O cheiro do jasmineiro. E a voz de uma das filhas, embaixo:
— Papai! O telefone...
(A. M. Machado, *CJ*, 119.)

E o trabalho, as esperanças perdidas, a magreza, a fome de todo o ano. Sezões e tifos. Sonhos e raivas encobertos em xales e saias escuras, em fatos de bombazina de contrabando, gente de luto.
(F. Namora, *NM*, 155.)

Sentou-se na cama a arfar, a gritar que morria. Uma espuma sanguinolenta na boca. Abafava. Escarros de sangue. O coração a falhar. Injeções nas veias. Sangria. Um caixão e quatro velas.
(Cochat Osório, *CV*, 153.)

b) em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

Outubro, 10 — Depressão. Hipocondria. Reações súbitas de ódio. Depois, desalento. Pelo menos, antes havia um mistério algo excitante. Agora, mais melancolia, apenas.
(C. dos Anjos, *M*, 143.)

> Paris da guerra! De dia apenas o movimento diminuído 25% e os ônibus desaparecidos. Mas imensa gente. Mulheres lindas, muitas — e deliciosamente vestidas. Militares.

ou mais sugestiva:

> Poucos feridos. Rara gente de luto. Nenhuma tristeza. Muitos espetáculos. Cafés do centro, cheios.
> (M. de Sá-Carneiro, *C*, 91.)

c) na enunciação de pensamentos condensados, provérbios, divisas, ditos sentenciosos ou irônicos:

> Cada dia, cada via; cada vida, cada lida.
> (Luandino Vieira, *JV*, 63.)

> Uma vida nova numa terra nova.
> (Castro Soromenho, *V*, 50.)

> — Meu dito, meu feito.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 634.)

> A paciência da Esfinge. Que paciência!
> (A. M. Machado, *CJ*, 244.)

d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, como dissemos no capítulo 9, costuma sugerir as ideias de acumulação, de dispersão:

> Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 281.)

> Quando voltar, à tardinha, minha pele vai estar que é só boi, vaca, ovelha, leite, couro, remédio, pasto, fumaça, sal, sol, suor.
> (A. C. Resende, *LD*, 1.)

> Cristais retinem de medo,
> Precipitam-se estilhaços,
> Chovem garras, manchas, laços...
> Planos, quebras e espaços
> Vertiginam em segredo.
> (M. de Sá-Carneiro, *P*, 76.)

ZEUGMA

1. A ZEUGMA é uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles:

> Na vida dela houve só mudança de personagens; na dele mudança de personagens e de cenários.
> (J. Paço d'Arcos, *CVL*, 249.)

Isto é: na dele **houve** mudança de personagens e de cenários.
Podemos denominar SIMPLES a zeugma em que o termo omitido é exatamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo de Joaquim Paço d'Arcos.

2. Com mais frequência, a designação aplica-se à chamada zeugma COMPLEXA, que abarca principalmente os casos em que se subentende um verbo já expresso, mas sob outra flexão.
Assim:

> A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
> (C. Drummond de Andrade, *R*, 181.)

Entenda-se:

> Os altares **eram** humildes.

3. A ZEUGMA tem na oração comparativa um campo privilegiado de produção de efeitos estilísticos, como nos mostram estes exemplos:

> Unidas, bem como as penas
> Das duas asas pequenas
> De um passarinho do céu...
> Como um casal de rolinhas,
> Como a tribo de andorinhas
> Da tarde no frouxo véu.
> (Castro Alves, *EF*, 125.)

> O perene mistério, que atravessa
> Como um suspiro céus e corações...
> (F. Pessoa, *OP*, 423.)

PLEONASMO

1. PLEONASMO é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

— **Sai lá para fora**, João.
(M. Torga, *NCM*, 228.)

— **Entra pra dentro**, Carlinhos.
(J. Lins do Rego, *ME*, 186.)

— Só o Clemente falou aqui direito. A gente **volta para trás**.
(F. Namora, *NM*, 146.)

2. Cumpre acentuar que o pleonasmo é a reiteração da *ideia*. A repetição da mesma palavra é um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não é, porém, um pleonasmo.

PLEONASMO VICIOSO

O pleonasmo só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força da expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira.

Estão neste caso frases como:

Fazer uma **breve alocução**.
Ter o **monopólio exclusivo**.
Ser o **principal protagonista**.

Em todas elas o adjetivo representa uma demasia condenável: *alocução* é um "discurso breve"; não há *monopólio* que não seja "exclusivo"; e *protagonista* significa "principal personagem".

PLEONASMO E EPÍTETO DE NATUREZA

Cumpre, no entanto, distinguir dessas redundâncias viciosas o emprego do adjetivo como EPÍTETO DE NATUREZA em expressões do tipo *céu azul*, *fria neve*, *prado verde*, *mar salgado*, *noite escura* e equivalentes. Comparem-se estes exemplos:

Ó **mar salgado,** quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

E a Noite sou eu própria! **A Noite escura**!!
(F. Espanca, *S*, 41.)

Aqui não se trata de inútil reiteração da ideia que já se continha no substantivo. O adjetivo insiste sobre o caráter intrínseco, normal ou dominante do objeto. É uma forma de ênfase, um recurso literário.

OBJETO PLEONÁSTICO

1. Vimos que, para dar realce ao OBJETO DIRETO, é costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal *o* (*a*, *os*, *as*), como nestes passos:

   As posições, conquistara-**as** umas após outras.
   (C. dos Anjos, *M*, 163.)

   Paisagens, quero-**as** comigo.
   (F. Pessoa, *OP*, 531.)

   Meu saco de ilusões, bem cheio tive-**o**.
   (M. Quintana, *P*, 115.)

2. Com a mesma finalidade de ênfase, o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o OBJETO INDIRETO expresso por um sintagma nominal colocado no início da frase, como nos provérbios:

   Ao homem mesquinho basta-**lhe** um burrinho.
   Ao pobre não **lhe** prometas e **ao rico** não **lhe** faltes.

3. Também para ressaltar o OBJETO (DIRETO ou INDIRETO), usa-se fazer acompanhar um pronome átono da correspondente forma tônica regida da preposição *a*:

   Uma mulher preconceituosa que prefere tudo a que digam que o marido a deixou, ou que ela **o** deixou **a ele**.
   (M. J. de Carvalho, *TM*, 188.)

A mim não **me** enganas tu.
(M. Torga, *NCM*, 36.)

Luzia, por que a ventura
A mim me queres negar?
(J. Cardoso, *SE*, 91.)

A mim até **me** pareceu que o sarrão fosse dela.
(M. Lopes, *FVL*, 162.)

HIPÉRBATO

HIPÉRBATO (do grego *hypérbaton* "inversão", "transposição") é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico, como nestes passos:

Essas que ao vento vêm
Belas chuvas de junho!
(J. Cardoso, *SE*, 16.)

Que arcanjo **teus sonhos** veio
Velar, **maternos**, um dia?
(F. Pessoa, *OP*, 11.)

Em sentido corrente, porém, hipérbato é termo genérico para designar toda inversão de ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

ANÁSTROFE

ANÁSTROFE (do grego *anastrophé* "mudança de posição", "inversão", "transposição") é o tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO) ao determinado, como nestes passos:

Vingai a pátria ou valentes
Da pátria tombai **no chão**!
(Fagundes Varela, *PC*, I, 159.)

Mas esse astro que fulgente
Das águias brilhara **à frente**,
Do Capitólio baixou.
(Soares de Passos, *P*, 91-92.)

PROLEPSE

PROLEPSE (do grego *prólepsis* "ação de tomar antes"), figura também conhecida como ANTECIPAÇÃO, consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra que a preceda, com o que adquire excepcional realce:

> **Os pastores** parece que vivem no fim do mundo.
> (Ferreira de Castro, *OC*, I, 435.)

> — **O próprio ministro** dizem que não gostou do ato.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 643.)

> Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, **as pessoas que a gente vê** parece que brincam de tomar conta da natureza.
> (Ribeiro Couto, *C*, 32.)

SÍNQUISE

SÍNQUISE (do grego *sýgchysis* "confusão", "mistura") é a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação.

É o que se observa, por exemplo, nesta quadra do soneto "Taça de coral", de Alberto de Oliveira:

> Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,
> Mugindo, o manso armento e ao largo espraia,
> Em sede abrasa, qual de amor por Febe
> — Sede também, sede maior, desmaia.
> (*P*, II, 111.)

Entenda-se:

> "Lícias, pastor, enquanto o manso armento recebe o sol e, mugindo, espraia ao largo —, abrasa em sede, qual desmaia de amor por Febe, sede também, sede maior."

ASSÍNDETO

Dizemos que há ASSÍNDETO (do grego *asýndeton* "não unido", "não ligado") quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem conjunção coordenativa que poderia enlaçá-las. É um vigoroso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma

atenção maior no exame de cada fato, mantido em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas:

> A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 1067.)

> Lavava roupas da Baixa, vestia, usava, lavava outra vez, levava.
> (Luandino Vieira, *JV*, 103.)

> — Veio, esteve aqui, arranjou-se-lhe o emprego que ele queria, embarcou, acabou-se.
> (J. de Sena, *SF*, 512.)

> Arcos de flores, fachos purpurinos,
> Trons festivais, bandeiras desfraldadas,
> Girândolas, clarins, atropeladas
> Legiões de povo, bimbalhar de sinos...
> (R. Correia, *PCP*, 196.)

> Fulgem as velhas almas namoradas...
> — Almas tristes, severas, resignadas,
> De guerreiros, de santos, de poetas.
> (C. Pessanha, *C*, 48.)

POLISSÍNDETO

O POLISSÍNDETO (do grego *polys ndeton* "que contém muitas conjunções") é o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego reiterado de conjunções coordenativas, especialmente das aditivas:

> Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, **e** planta, **e** colhe, **e** mata, **e** vive, **e** morre, **e** come.
> (C. Lispector, *FC*, 92.)

> Fui cisne, **e** lírio, **e** águia, **e** catedral!
> (F. Espanca, *S*, 59.)

> O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo. **Nem** glória, **nem** amores, **nem** santidade, **nem** heroísmo.
> (O. Lara Resende, *BD*, 10.)

Com o POLISSÍNDETO interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir movimentos ininterruptos ou vertiginosos, como nos mostram os exemplos citados, e também o seguinte, de Vinícius de Morais:

> **E** crescer, **e** saber, **e** ser, **e** haver
> **E** perder, **e** sofrer, **e** ter horror
> De ser **e** amar, **e** se sentir maldito...
> (*LS*, 119.)

É a este emprego da conjunção que se costuma chamar *e* DE MOVIMENTO.[1] Por vezes, a repetição é simétrica rítmica, e o polissíndeto passa a ser o recurso característico do chamado estilo bíblico.

Veja-se este exemplo:

> **E** a minha terra se chamará terra de Jafé, **e** a tua se chamará terra de Sem; **e** iremos às tendas um do outro, **e** partiremos o pão da alegria e da concórdia.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 302.)

ANACOLUTO

ANACOLUTO é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível, como nestes exemplos:

> **No berço,** pendente dos ramos floridos,
> Em que eu pequenino feliz dormitava:
> **Quem é que esse berço** com todo o cuidado
> Cantando cantigas **alegre embalava**?
> (C. de Abreu, *O*, 78.)

> **Umas carabinas** que guardava atrás do guarda-roupa, **a gente brincava com elas,** de tão imprestáveis.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 136.)

---

[1] Sobre o chamado *e* DE MOVIMENTO, leiam-se Ernesto Guerra da Cal. *Obra cit.*, p. 256; Raymond Cantel. *Les sermons de Vieira. Etude du style.* Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1959, p. 337; Rocha Lima. *Subsídios para o estudo da partícula "e" em algumas construções da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, 1975, p. 49-50 e 59-60 (mimeografado).

Bom! bom! **eu parece-me** que ainda não ofendi ninguém!
(J. Régio, *SM*, 105.)

No primeiro exemplo, observamos que a oração iniciada por *no berço* não teve seguimento normal no 3.º verso, que devia continuá-la, e, em consequência, aquela expressão ficou solta no período.

Também no exemplo de José Lins do Rego a expressão *umas carabinas* ficou desligada do resto da oração principal.

No exemplo de José Régio foi o pronome *eu*, que se anunciava como sujeito do verbo seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objeto indireto (*me*).

O ANACOLUTO é um fenômeno muito comum, especialmente na linguagem falada, e pode ser assim explicado: "depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase".[2]

SILEPSE

SILEPSE (do grego *sýllepsis*, "ação de reunir, de tomar em conjunto") é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam.

Segundo a acepção originária, o termo SILEPSE deveria referir-se apenas à concordância de número. Cedo, porém, ele passou a ser aplicado a certas anomalias formais na concordância de gênero e pessoa e, hoje, abarca praticamente todo o campo da CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA.

SILEPSE DE NÚMERO

1. Pode ocorrer a SILEPSE DE NÚMERO com todo substantivo singular concebido como plural e, particularmente, com os termos coletivos.
   Assim, neste passo de Machado de Assis:

   Deu-me notícias **da gente Aguiar; estão bons.**
   (*OC*, I, 1093.)

[2] Maurice Dessaintes. *L'Analyse grammaticale. Au seuil de la stylistique.* Namur-Bruxelles--Tournai, La Procure, 1962, p. 371.

A ocorrência desta SILEPSE vai-se acentuando à medida que o verbo se distancia do sujeito coletivo, sendo particularmente comum quando, na oração, o coletivo está subentendido.
Assim:

> — É o costume, mulher! É o costume **desta gente,** quando **gostam** dum branco **querem**-no para padrinho dos filhos ...
> (Luandino Vieira, *NM*, 12.)

> Já toda **a gente** estava indignada. **Queriam ouvir**.
> (M. Torga, *CM*, 88.)

> — E **o povo** de Maravalha? perguntava ele aos canoeiros.
> — **Estão** em São Miguel.
> (J. Lins do Rego, *ME*, 63.)

2. Há também SILEPSE DE NÚMERO quando o sujeito da oração é um dos pronomes *nós* e *vós*, aplicados a uma só pessoa, e permanecem no singular os adjetivos e particípios que a eles se referem.
Assim:

> **Propelido** por essas ideias e sentimentos, pelas conveniências de **nossas** funções no Ginásio do Estado nesta capital, e **animado** pelo acolhimento que teve o **nosso** curso de gramática expositiva, **pusemos** mão diligente neste trabalho, que ora **entregamos receoso** à mocidade estudiosa e aos homens de letras do **nosso** país.
> (E. C. Pereira, *GH*, IV.)

> **Sois injusto** comigo.
> (A. Herculano, *MC*, II, 35.)

SILEPSE DE GÊNERO

Sabemos que as expressões de tratamento *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, etc. têm forma gramatical feminina, mas aplicam-se com frequência a pessoas do sexo masculino. Neste caso, quando funciona como predicativo, o adjetivo que a elas se refere vai sempre para o masculino:

> — Imediatamente, pode **Vossa Excelência** ficar **descansado!**...
> (B. Santareno, *TPM*, 119.)

— **V. Ex.ª** parece **magoado**...
(C. Drummond de Andrade, *CB*, 119.)

SILEPSE DE PESSOA

1. Quando a pessoa que fala ou escreve se inclui num sujeito enunciado na 3.ª pessoa do plural, o verbo pode ir para a 1.ª pessoa do plural:

— Deixa lá, que ainda **havemos de ser** felizes **os dois,** com a nossa casinha e as nossas coisas.
(Almada Negreiros, *NG*, 89.)

Todos entramos imediatamente.
(O. Lara Resende, *BD*, 25.)

Estava designada a noite dum baile em casa de Rita Emília, quando **os convidados recebemos** aviso da súbita doença de Francisco José de Sousa.
(C. Castelo Branco, *OS*, I, 504.)

Sós **os quatro velhos** — o desembargador com os três — **fazíamos** planos futuros.
(Machado de Assis, *OC*, I, 1126.)

2. Se no sujeito expresso na 3.ª pessoa do plural queremos abranger a pessoa a quem nos dirigimos, é lícito usarmos a 2.ª pessoa do plural:

Os dois ora **estais** reunidos
numa aliança bem maior
que o simples elo da terra.
(C. Drummond de Andrade, *R*, 197.)

Mas suponho que **todos sois** da mesma opinião! **Todos acordais** em me condenar e abandonar.
(J. Régio, *ERS*, 83.)

3. No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra *gente* costuma levar o verbo para a 1.ª pessoa do plural:

— **A gente** precisa de mostrar às raparigas que não **somos** nenhuns miseráveis.
(F. Namora, *TJ*, 94.)

— No fundo **a gente** se consolava, **pensávamos** em nós mesmos.
(Autran Dourado, *IP*, 27.)

— **A gente perdemos** sempre, mas nunca que **desistimos**...
(Luandino Vieira, *NANV*, 200.)

Capítulo 20

Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre

ESTRUTURAS DE REPRODUÇÃO DE ENUNCIAÇÕES

Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes linguísticos diversos, conhecidos pelos nomes de:

a) DISCURSO (ou ESTILO) DIRETO;
b) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO;
c) DISCURSO (ou ESTILO) INDIRETO LIVRE.

DISCURSO DIRETO

Examinando este passo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

> Virgília replicou:
> — **Promete que algum dia me fará baronesa?**
> (*OC*, I, 462.)

verificamos que o narrador, após introduzir a personagem, Virgília, deixou-a expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como ela as teria efetivamente selecionado, organizado e emitido.

Também neste trecho do romance *O manto*, de Agustina Bessa Luís:

> — **Posso levar uma rosa**? pergunta o poeta Adriano, avançando a mão para o meio da mesa.
> (*M*, 130.)

ou neste outro de *A chaga*, de Castro Soromenho:

> Lourenço continuou, sem olhar para o seu velho companheiro:
> — **A morte das cousas que criamos é que nos faz sofrer.**
> (*C*, 117.)

ocorre a reprodução textual das falas dos personagens.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos DISCURSO DIRETO.

Nos exemplos acima, distinguimos claramente os narradores — Machado de Assis, Agustina Bessa Luís e Castro Soromenho — dos locutores: Virgília, o poeta Adriano e Lourenço. Mas narrador e locutor podem confundir-se em casos como o das narrativas memorialistas feitas na primeira pessoa.

Assim, na fala de Riobaldo, o personagem-narrador do romance *Grande sertão — veredas*, de Guimarães Rosa:

> Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.
> .....
> Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é ditado: "menino — trem do diabo"?
> (*GS-V*, 12.)

Características do discurso direto

1. No plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo *dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar, responder* e sinônimos, que podem introduzi-lo, arrematá-lo, ou nele se inserir:

> Meneou a cabeça com ar triste e **acrescentou**:
> — O homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a esquecer-se que é um homem...
> (Castro Soromenho, *C*, 66.)

> É esta a gaveta? — **perguntou ele.**
> (O. Lins, *V*, 53.)

— Penso — **disse meu pai** — que te darás melhor em Letras.
(V. Ferreira, *A*, 26.)

Quando falta um desses verbos *dicendi*, cabe ao contexto e a recursos gráficos — tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha — a função de indicar a fala da personagem. É o que observamos nestes passos:

"Todos vamos ficando diferentes, e vinte e cinco anos é uma vida."
"Para muitos é mais do que isso."
"Claro que é."
(M. J. de Carvalho, *TM*, 49.)

O amigo abraçou-o. E logo recuou com certo espanto: — o seu chapéu, Zé Maria?
— Ah, não uso mais!...
— Felizardo!
(A. M. Machado, *HR*, 47.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, a força da narração em DISCURSO DIRETO provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar de emotividade a expressão oral.
   Observe-se, também, que a variedade de verbos introdutores oferecida pela língua portuguesa aos seus usuários permite a quem se sirva do DISCURSO DIRETO caracterizar, com precisão e colorido, a atitude da personagem cuja fala vai ser textualmente reproduzida.
   Daí ser esta a forma de relatar preferentemente adotada nos atos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos que os leem "a comédia humana, com a maior naturalidade possível" (E. Zola).

DISCURSO INDIRETO

Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou **confessando que não era médico.**
(*OC*, I, 733.)

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso direto, o narrador (Machado de Assis) incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação da personagem (José Dias), contentando-se em transmitir ao leitor apenas o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma linguística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se DISCURSO INDIRETO.

Observação:

Também, neste caso, narrador e personagem podem confundir-se num só:

> Engrosso a voz e **afirmo que sou estudante.**
> (G. Ramos, *Ins.*, 182.)

Características do discurso indireto

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (*dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder*, etc.), as falas das personagens aparecem, no entanto, numa oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida:

> João Garcia garantiu **que sim, que voltava.**
> (V. Nemésio, *MTC*, 11.)

Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

> Como supunha **fôssemos ter ainda uma quinzena de atividade e pudéssemos esgotar o programa**, demorara-me alguns dias em Machado e em Eça.
> (C. dos Anjos, *DR*, 283.)

A integrante falta, naturalmente, quando, numa construção em DISCURSO INDIRETO, a subordinada substantiva assume a forma reduzida:

> Foi nesse sertão primitivo e rude que Arinos me contou **ter sentido talvez a maior, a mais pura das sensações de arte.**
> (A. Amoroso Lima, *AA*, 40.)

2. No PLANO EXPRESSIVO, assinale-se, em primeiro lugar, que o emprego do DISCURSO INDIRETO pressupõe um tipo de relato de caráter predominantemente informativo e intelectivo, sem a feição teatral e atualizadora do DISCURSO DIRETO. O diálogo é incorporado à narração mediante uma forte subordinação semântico-sintática estabelecida por meio de nexos e correspondências

verbais entre a frase reproduzida e a frase introdutora. Como, na passagem ao DISCURSO INDIRETO, todas as formas de DISCURSO DIRETO de primeira ou de segunda pessoa se apresentam em terceira pessoa, dá-se em geral um esvaecimento das realidades concretas de tempo e lugar a que as pessoas e coisas referidas estariam vinculadas.

Em síntese: no DISCURSO INDIRETO o narrador subordina a si a personagem, com retirar-lhe a forma própria e afetivamente matizada da expressão. Mas não se conclua daí que tal modalidade de discurso seja uma construção estilística pobre. O seu uso ressalta o pensamento, a essência significativa do enunciado reproduzido, deixando em segundo plano as circunstâncias e os detalhes acessórios que o envolvem.

É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais variados efeitos artísticos, em consonância com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

Transposição do discurso direto para o indireto

1. Do confronto destas duas frases,

— A senhora **vai sair** — disse ela olhando-o muito. (Eça de Queirós, *O*, I, 878.)	Ela disse olhando-o muito que a senhora **ia sair**.

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático.

2. As principais transposições que ocorrem são:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
a) enunciado em 1.ª ou em 2.ª pessoa:	a) enunciado em 3.ª pessoa:
— **Preciso** de dinheiro, disse o capitão. (A. Bessa Luís, *M*, 151.)	Disse o capitão que **precisava** de dinheiro.
— **Não achas** melhor tirar esse poncho? — perguntou-lhe Rodrigo (É. Veríssimo, *A*, II, 323.)	Perguntou-lhe Rodrigo se [**ele**] **não achava** melhor tirar aquele poncho.
b) verbo enunciado no presente:	b) verbo enunciado no imperfeito:
— **Sou** a Julieta — disse, hesitante. (A. Abelaira, *B*, 81.)	Disse, hesitante, que **era** a Julieta.

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
c) verbo enunciado no pretérito perfeito: — Nem banho **tomei,** ela esclarecia. (N. Piñon, *CP*, 82.)	c) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito: Ela esclarecia que nem banho **tinha tomado.**
d) verbo enunciado no futuro do presente: — Que **será** feito do senhor padre Brito? perguntou D. Joaquina Gansoso. (Eça de Queirós, *O*, I, 43.)	d) verbo enunciado no futuro do pretérito (condicional): Perguntou D. Joaquina Gansoso que **seria feito** do senhor padre Brito.
e) verbo no modo imperativo: — **Não faça** escândalo — disse a outra. (O. Lins, *V*, 100.)	e) verbo no modo subjuntivo: Disse a outra que **não fizesse** escândalo.
f) enunciado justaposto: — **Foi um tempo** velhaco — disse, concordante e enfastiado. (F. Namora, *NM*, 213.)	f) enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante *que*: Disse, concordante e enfastiado, **que** tinha sido um tempo velhaco.
g) enunciado em forma interrogativa direta: — "**Lá é bom?**" — perguntei. (Guimarães Rosa, *GS-V*, 103.)	g) enunciado em forma interrogativa indireta: Perguntei **se lá era bom.**
h) pronome demonstrativo de 1.ª pessoa (*este, esta, isto*) ou de 2.ª (*esse, essa, isso*): — Não abro a porta a **estas** horas a ninguém — disse Gracia. (A. Bessa Luís, *M*, 266.) — **Isso** é um número muito comprido, respondeu Cesária. (G. Ramos, *AOH*, 108.)	h) pronome demonstrativo de 3.ª pessoa (*aquele, aquela, aquilo*): Disse Gracia que não abria a porta **àquelas** horas a ninguém. Cesária respondeu que **aquilo** era um número muito comprido.
i) advérbio de lugar *aqui*: — **Aqui** amanhece muito cedo — disse Sales. (Castro Soromenho, *C*, 199.)	i) advérbio de lugar *ali*: Disse Sales que **ali** amanhecia muito cedo.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE[1], forma de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRETO), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ele teria dito (DISCURSO INDIRETO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

Comparem-se estes exemplos:

> O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. **Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas.** Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família.
>
> (C. Lispector, *LF*, 56.)

> Um empregado de farda amarrotada pegou na mala e também na chave da qual ele se esquecera de tomar posse, começou a subir a escada depois de explicar que o elevador estava avariado havia quase uma semana e na terra ninguém sabia consertá-lo, era preciso virem de Lisboa. **Ora primeiro que se resolvessem... Uma maçada.**
>
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 12.)

> Não era a primeira vez que sucedia aquilo — o fiasco daquele engano. Amanhã, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco — **esse, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo.**
>
> João Fanhoso fechou os olhos, mal-humorado. A sola dos pés doía, doía. **Calo miserável!**
>
> (M. Palmério, *VC*, 99.)

---

[1] Este molde linguístico tem recebido variadas denominações. Charles Bally, o primeiro que o analisou, deu-lhe o nome de ESTILO INDIRETO LIVRE. T. Kalepky chamou-o DISCURSO VELADO; Leo Spitzer serviu-se das designações DISCURSO MÍMICO, DISCURSO IRÔNICO e DISCURSO CÊNICO; E. Lorck usou a expressão DISCURSO REVIVIDO, que teve fortuna, especialmente na Itália, onde Nicola Vita sugeriu a denominação DISCURSO NARRATIVO; O. Jespersen caracterizou-o como DISCURSO REPRESENTADO e E. Lerch preferiu chamá-lo DISCURSO DIRETO IMPROPRIAMENTE DITO, mas nenhuma dessas designações conseguiu vulgarizar-se como a de Bally.

Características do discurso indireto livre

1. No PLANO FORMAL, verifica-se que o emprego do DISCURSO INDIRETO LIVRE "pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical) e a sua completa adesão à vida do personagem (fator estético)"[2]. Os exemplos dados deixam-nos perceber com nitidez os traços mais salientes deste terceiro tipo de construção.
   Assim, examinando os enunciados em negrito, comprovamos:
   a) que eles aparecem liberados de qualquer liame subordinativo, embora mantenham as transposições características do DISCURSO INDIRETO;
   b) ao contrário do que acontece no DISCURSO INDIRETO, o INDIRETO LIVRE conserva as interrogações, as exclamações, as palavras e as frases do personagem na forma por que teriam sido realmente proferidas.

2. No PLANO EXPRESSIVO, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

1.º) Evitando, por um lado, o acúmulo de *quês*, ocorrente no DISCURSO INDIRETO, e, por outro, os cortes das aposições dialogadas, peculiares ao DISCURSO DIRETO, o DISCURSO INDIRETO LIVRE permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados.

2.º) O elo psíquico que se estabelece entre narrador e personagem neste molde frásico torna-o preferido dos escritores memorialistas em suas páginas de monólogo interior.

3.º) Para a apreensão da fala do personagem nos trechos em DISCURSO INDIRETO LIVRE, cobra importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é muitas vezes extremamente sutil, como nos mostra o passo de Mário Palmério atrás mencionado.

4.º) Finalmente, cumpre ressaltar que o DISCURSO INDIRETO LIVRE nem sempre aparece isolado em meio da narração. Sua "riqueza expressiva aumenta quando ele se relaciona, dentro do mesmo parágrafo, com os discursos direto e indireto puro", pois o emprego conjunto faz que para o enunciado confluam, "numa soma total, as características de três estilos diferentes entre si".[3]

---

[2] Nicola Vita in *Cultura Neolatina, 15*:18, Modena, 1955. Vem a propósito o lema naturalista, preconizado por Flaubert: "O artista deve ser na sua obra como Deus na Criação, invisível e todo-poderoso, que seja sentido em tudo, mas que não seja visto em nada." O ideal de perder-se o autor na sua criatura, este culto da impersonalidade dos naturalistas, haveria de encontrar no DISCURSO INDIRETO LIVRE a sua forma de expressão ideal. Zola é o próprio DISCURSO INDIRETO LIVRE "em carne e osso", no dizer de Charles Bally.

[3] G. Verdín Díaz. *Introducción al estilo indirecto libre en español*. Madrid, C. S. I. C., 1970, p. 149.

Capítulo 21

Pontuação

SINAIS PAUSAIS E SINAIS MELÓDICOS

A língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da PONTUAÇÃO.

Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos:

O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as PAUSAS:

a) a VÍRGULA (,)
b) o PONTO (.)
c) o PONTO E VÍRGULA (;)

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a MELODIA, a ENTOAÇÃO:

a) os DOIS PONTOS (:)
b) o PONTO DE INTERROGAÇÃO (?)
c) o PONTO DE EXCLAMAÇÃO (!)
d) as RETICÊNCIAS (...)
e) as ASPAS (" ")
f) os PARÊNTESES (( ))
g) os COLCHETES ([ ])
h) o TRAVESSÃO (—)

Observações:

1.ª) Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia.

2.ª) Outros sinais podem ter valor expressivo: o HIFEN, o PARÁGRAFO, o emprego de letras maiúsculas e o uso de diversos tipos e cores dos caracteres de imprensa (ITÁLICO, VERSAL, VERSALETE, NEGRITO, etc.).

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A PAUSA

A vírgula

A VÍRGULA marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um só período.

1. No *interior da oração* serve:

1.º) Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*. Exemplos:

> A sua fronte, a sua boca, o seu riso, as suas lágrimas, enchem-lhe a voz de formas e de cores...
> (Teixeira de Pascoaes, *OC*, VII, 83.)

> Os homens em geral são escravos; vivem presos às suas profissões, aos seus interesses, aos seus preconceitos.
> (G. Amado, *TL*, 12.)

> Achava os homens declamadores, grosseiros, cansativos, pesados, frívolos, chulos, triviais.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 660-661.)

Observação:

Quando as conjunções *e*, *ou* e *nem* vêm repetidas numa enumeração, costuma-se separar por VÍRGULA os elementos coordenados, como nestes exemplos:

> Abrem-se lírios, e jasmins, e rosas.
> (A. de Oliveira, *P*, II, 344.)

> Vai o fero Itajuba perseguir-vos
> Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
> Tremei!...
> (Gonçalves Dias, *PCPE*, 523.)

> Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais.
> (Machado de Assis, *OC*, I, 805.)

2.º) Para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada:

a) para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo:

Alice, a menina, estava feliz.
(F. Namora, *TJ*, 30.)

A meu pai, com efeito, ninguém fazia falta.
(O. Lara Resende, *RG*, 93.)

Conheço, sim, o cansaço do nosso corpo.
(F. J. Tenreiro, *OP*, 100.)

b) para isolar o vocativo:

— Que ideias tétricas, minha senhora!
(J. Paço d'Arcos, *CVL*, 366.)

— D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?
(Machado de Assis, *OC*, I, 731.)

— Como é que tu te chamas, ó rapaz?
(L. B. Honwana, *NMCT*, 87.)

c) para isolar os elementos repetidos:

— Nada, nada — dizia Vilaça todo amável — cá o nosso solzinho português sempre é melhor.
(Eça de Queirós, *O*, II, 89.)

Contigo, contigo, Antônio Machado,
Fora bom passear.
(C. Meireles, *OP*, 344.)

— Só minha, minha, minha, eu quero!...
(Luandino Vieira, *VE*, 86.)

d) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim.
(C. de Oliveira, *AC*, 17.)

À noite, às vezes, fazia barulho.
(A. F. Schmidt, *AP*, 62.)

Fora, a ave agitou-se medonhamente.
(Ó. Ribas, *EMT*, 86.)

Observação:

Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a VÍRGULA. A VÍRGULA é, porém, de regra quando se pretende realçá-los. Comparem-se estes passos:

Depois levaram Ricardo para a casa da mãe Avelina.
(J. Lins do Rego, *U*, 320.)

Depois, o engraçado são as passagens de nível, os aparelhos de sinalização, os vagões-cisternas...
(A. Abelaira, *D*, 30.)

Depois, tudo caiu em silêncio.
(Castro Soromenho, *TM*, 261.)

3.º) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar:

Paris, 22 de abril de 1983.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras:

No céu azul, dois fiapos de nuvens.
(A. F. Schmidt, *AP*, 176.)

A tarde, de ouro pálido, e o mar, tranquilo como o céu.
(G. Amado, *TL*, 33.)

Chuva, névoa, desconforto,
A imagem da minha vida!
(A. Botto, *AO*, 236.)

2. *Entre orações*, emprega-se a vírgula:

1.º) Para separar as orações coordenadas assindéticas:

Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou as unhas, demorou o olhar em Mana Maria.
(A. de Alcântara Machado, *NP*, 136.)

Pois eu caçava, visgava, alçapava.
(Luandino Vieira, *JV*, 74.)

Veio a hora do almoço, o céu cobriu-se de negro, a chuva desabou, contínua e pesada.
(A. Abelaira, *D*, 178.)

2.º) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*:

— Não me disseste, mas eu vi.
(A. Abelaira, *QPN*, 19.)

Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma cousa.
(Machado de Assis, *OC*, II, 497.)

Não comas, que o tempo é chegado.
(J. Saramago, *MC*, 356.)

Observações:

1.ª) Separam-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente:

O sol já ia fraco, e a tarde era amena.
(Graça Aranha, *OC*, 148.)

A mulher morreu, e cada um dos filhos procurou o seu destino
(F. Namora, *TJ*, 23.)

Costuma-se também separar por vírgula as orações introduzidas por essa conjunção quando ela vem reiterada:

Comigo, o mundo canta, e cisma, e chora, e reza,
E sonha o que eu sonhar.
(Teixeira de Pascoaes, *OC*, III, 27.)

E eles riem, e eles cantam, e eles dançam.
(Ó. Ribas, *EMT*, 75.)

2.ª) Das CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS, *mas* emprega-se sempre no começo da oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto*, podem vir ora no início da oração, ora após um de seus termos. No primeiro caso, põe-se uma VÍRGULA antes da conjunção; no segundo, vem ela isolada por vírgulas. Compare-se este período de Machado de Assis:

— Vá aonde quiser, **mas** fique morando conosco.
(*OC*, I, 733.)

aos seguintes:

— Vá aonde quiser, **porém** fique morando conosco.
— Vá aonde quiser, fique, **porém**, morando conosco.

Em virtude da acentuada pausa que existe entre as orações acima, podem ser elas separadas, na escrita, por PONTO E VÍRGULA. Ao último período é mesmo a pontuação que melhor lhe convém:

— Vá aonde quiser; fique, **porém**, morando conosco.

3.ª) Quando CONJUNÇÃO CONCLUSIVA, *pois* vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence e, portanto, isolado por VÍRGULAS:

Não pacteia com a ordem; é, **pois**, uma rebelde.
(J. Ribeiro, *PE*, 95.)

As demais conjunções conclusivas (*logo*, *portanto*, *por conseguinte*, etc.) podem encabeçar a oração, ou pospor-se a um dos seus termos. À semelhança das adversativas, escrevem-se, conforme o caso, com uma vírgula anteposta, ou entre vírgulas. Veja-se a Observação 2.ª ao PONTO E VÍRGULA.

3.º) Para isolar as orações intercaladas:

— Se o alienista tem razão, disse eu comigo, não haverá muito que lastimar o Quincas Borba.
(Machado de Assis, *OC*, I, 546.)

— Amanhã mesmo vou encerrá-lo, assegurei, um tanto espantado com a facilidade com que assumia aquele compromisso.
(C. dos Anjos, *DR*, 356.)

"Lá vem ele com as raízes", resmungou Paulino, baixando a cabeça.
(Castro Soromenho, *C*, 137.)

4.º) Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

O Loas, que tinha relações sobrenaturais, diagnosticara um espírito.
(F. Namora, *TJ*, 24.)

Eu, que tinha ido ensinar, agora me via diante de trinta examinadoras.
(Genolino Amado, *RP*, 24.)

D. Apolônia, que se habituara ao desdém das senhoras do Quinaxixe, não amolecia no entanto como patroa.
(A. Santos, *P*, 66.)

Observação:

Como sabemos, as ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS classificam-se em RESTRITIVAS e EXPLICATIVAS.

As RESTRITIVAS, necessárias ao sentido da frase, ligam-se a um substantivo (ou pronome) antecedente sem pausa, razão por que dele não se separam, na escrita, por vírgula. Já as EXPLICATIVAS, denotadoras de uma qualidade acessória do antecedente — e, portanto, dispensáveis ao sentido essencial da frase —, separam-se dele por uma pausa, indicada na escrita por VIRGULA.

Comparem-se, por exemplo, estes dois passos:

Não se lembraria do beijo que me jogara de longe, dos cravos que me atirara...
(Ribeiro Couto, *C*, 85.)

Os dois espanhóis e meu tio, que o ouviam, olharam para mim.
(J. de Sena, *SF*, 175.)

No primeiro, há duas orações adjetivas restritivas: *que me jogara de longe* e *que me atirara*; no segundo, uma oração adjetiva explicativa: *que o ouviam*. Daí a diversidade de pontuação.

5.º) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal:

Quando se levantou, os seus olhos tinham uma fria determinação.
(F. Namora, *NM*, 243.)

Se eu o tivesse amado, talvez o odiasse agora.
(C. dos Anjos, *M*, 146.)

De tudo se lembrara nesse momento, porque de tudo queria esquecer depois...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 140.)

6.º) Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais:

A não ser isto, é uma paz regalada.
(Castro Soromenho, *C*, 225.)

Sendo tantos os mortos, enterram-nos onde calha.
(J. Saramago, *MC*, 221.)

Fatigado, ia dormir.
(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Conclusão

Finalizando as nossas observações, devemos acentuar o seguinte:

a) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso são isolados por vírgulas, na escrita;
b) os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem, assim, ser separados por vírgula. Esta a razão por que não é admissível o uso da vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal;
c) há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa real na fala; é o que se observa, por exemplo, em respostas rápidas do tipo: *Sim, senhor. Não, senhor.*

O ponto

1. O PONTO assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente.
   Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma ORAÇÃO DECLARATIVA, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto:

   Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma grande laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar cheira a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas.

A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas do que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é a tardinha que me contagia com sua doce febre.

(É. Veríssimo, *A*, III, 932.)

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão separados por um PONTO SIMPLES.

Observação:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO E VÍRGULA ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, consequentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. Leiam-se, por exemplo, estes passos:

Era, na verdade, um mestre, o mestre. Mestre Goeldi.

(M. Bandeira, *AA*, 60.)

A tua presença provocou em mim o sentimento inédito que buscava. Fiquei transposto. Outro. Como desejava.

(Almada Negreiros, *OC*, III, 61.)

A música toca uma valsa lenta. O desânimo aumenta. Os minutos passam. A orquestra se cala. O vento está mais forte.
Clarissa começa a ficar decepcionada. Decerto o poeta está doente. Ou com frio. Ou se esqueceu de aparecer.

(É. Veríssimo, *ML*, 155-156.)

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo PONTO-PARÁGRAFO. Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras.
Assim:

Lá embaixo era um mar que crescia.

Começara a chuviscar um pouco. E o carro subia mais para o alto, com destino à casa de Amâncio, que era a melhor da redondeza. O povo olhava feito besta para o carro com o dr. Juca deitado.

O usineiro gemia com as dores que não duravam a chegar.

Maria Augusta passava as mãos pela sua cabeça quase toda branca.

(J. Lins do Rego, *U*, 337.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de PONTO-FINAL.

Observações:

1.ª) Além de servir para marcar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: *V. S.ª (Vossa Senhoria), dr. (doutor), C. F. C. (Conselho Federal de Cultura), I. N. I. C. (Instituto Nacional de Investigação Científica).*

Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este encerra-se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

2.ª) Quanto ao uso de ponto depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., vejam-se as nossas Observações aos DOIS PONTOS.

O ponto e vírgula

1. Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o PONTO e a VÍRGULA, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de PONTO reduzido; no segundo, assemelha-se a uma VÍRGULA alongada.

2. Esta imprecisão do PONTO E VÍRGULA faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado:

1.º) Para separar num período as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão:

Numa tarde de Outono murmuraste;
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe...

(F. Espanca, *S*, 49.)

Não sabe mostrar-se magoada; é toda perdão e carinho.

(Machado de Assis, *OC*, I, 1051.)

2.º) Para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por VÍRGULA:

> Chamo-me Inácio; ele, Benedito.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 680.)

> Era cedo ainda; mas, depois que saí da farmácia, fiquei ansioso por ver a Mercedes, e com receio de encontrar alguém que me complicasse a vida.
> (J. de Sena, *SF*, 201.)

3.º) Para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). Sirva de exemplo o Título I (*Dos Fins da Educação*) da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

> Art. 1.º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:
> a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
> b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
> c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
> d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
> e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
> f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
> g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Observações:

1.ª) O ponto e vírgula divide longos períodos em partes menores à semelhança da CESURA, ou deflexão interna de um verso longo. Às vezes, os elementos separados são simétricos, e disso resulta um ritmado encadeamento do período, muito ao gosto do estilo oratório. Leia-se este passo de Rui Barbosa em louvor de Machado de Assis:

> Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente a arte, sem deixar de ser bom.
>
> (R. Barbosa, *EDS*, 676.)

2.ª) Em lugar da vírgula, costuma-se empregar o ponto e vírgula antes das conjunções adversativas (*mas, porém, todavia, contudo, no entanto*, etc.) e das conclusivas (*logo, portanto, por isso*, etc.) colocadas no início de uma oração coordenada. Com o alongamento da pausa, acentua-se o sentido adversativo (ou conclusivo) das referidas conjunções.

Comparem-se estes períodos:

> Pode a virtude ser perseguida, mas nunca desprezada.
> Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.

> Ele anda muito ocupado, por isso não tem respondido às suas cartas.
> Ele anda muito ocupado; por isso não tem respondido às suas cartas.

Em certos casos, o tom enfático aconselha mesmo o uso do ponto em tal posição. É o que ocorre, por exemplo, neste passo de Rui Barbosa:

> Qual é a doença reinante? Bubões. Logo, *Tarantula cubensis*. Porque a mordedura desse aracnídeo gera sintoma de peste. Logo, a previne. Logo, há de curá-la.
>
> (*EDS*)

Valor melódico dos sinais pausais

Dizemos que a VÍRGULA, o PONTO e o PONTO E VÍRGULA marcam *sobretudo* — e não *exclusivamente* — a pausa. No correr de nosso estudo, ressaltamos até algumas de suas características melódicas.

É o momento de sintetizá-las:

a) o PONTO corresponde sempre à final descendente de um grupo fônico;
b) a VÍRGULA assinala que a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete;
c) o PONTO E VÍRGULA denota em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído.

SINAIS QUE MARCAM SOBRETUDO A MELODIA

Os dois-pontos

Os DOIS PONTOS servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:

1.º) uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique *dizer, responder, perguntar* e sinônimos):

> Como ele nada dissesse, o pai perguntou:
> — Queres ou não queres ir?
> (É. Veríssimo, *A*, III, 675.)

> Nené pareceu por fim compreender, porque desviou o olhar e atalhou secamente:
> — Está bem. Vou-te arranjar o aumento.
> (A. Santos, *P*, 156.)

> Clemente voltou para dizer:
> — Não enxerguei ninguém, camarada. Era bicho.
> (F. Namora, *NM*, 112.)

2.º) uma enumeração explicativa:

> Não fosse ele, outros seriam: pajens, gente de guerra, vadios de estalagens, andejos das estradas.
> (Coelho Netto, *OS*, I, 1420.)

> Tínhamos dezenas de amigos: S. João, S. José, Santo Antônio, o beato João de Brito... mas nenhum deles era estabelecido e nenhum deles tinha conta no banco.
> (Sttau Monteiro, *APJ*, 13.)

> À sua volta, tudo lhe parece chorar: as árvores, o capim, os insetos.
> (Ó. Ribas, *EMT*, 104.)

3.º) um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado:

> — A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens.
> (Machado de Assis, *OC*, II, 495.)

E a felicidade traduz-se por isto: criarem-se hábitos.
(A Abelaira, *NC*, 154.)

Não era desgosto: era cansaço e vergonha.
(Cochat Osório, *CV*, 178.)

Eu em sua igreja não mando: só assisto e apoio.
(S. de Mello Breyner Andresen, *CE*, 11.)

Observação:

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar DOIS-PONTOS, VÍRGULA OU PONTO, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:

Prezado senhor:	Prezado senhor.
Prezado senhor,	Prezado senhor

Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de DOIS PONTOS ou de VÍRGULA, sinais denotadores daquele tipo de inflexão.

O ponto de interrogação

1. É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta:

— Então a coisa sai mesmo?
— Se sai? Já saiu! Não viu os jornais?
(É. Veríssimo, *A*, I, 253.)

— Vão para África, então? O Paulo decidiu-se?
(Luandino Vieira, *NM*, 52.)

Estará surdo? Estará a tentar irritar-me?
(Sttau Monteiro, *APJ*, 101.)

2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto de interrogação:

— Então?... que foi isso?... a comadre?...
(Artur Azevedo, *CFM*, 86.)

— Quem está aí?...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

— Enfim, que direi?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 269.)

3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação:

— Não digas isso! O branco... teu homem... vender-te?!
(Ó. Ribas, *EMT*, 14.)

— Ah, é a senhora?! Pois entre, a casa é sua...
(A. M. Machado, *HR*, 86.)

— Quem é que não conhece Coimbra?!!!
(Branquinho da Fonseca, *B*, 18.)

Observações:

1.ª) O ponto de interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indireta. Como salientamos no capítulo 7, a interrogação indireta termina com entoação descendente, exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

— Quem chegou? [= interrogação direta]
— Diga-me quem chegou. [= interrogação indireta]

2.ª) Há escritores que, para acentuar, nos diálogos, a atitude de expectativa de um dos interlocutores, usam reduzir a sua réplica ao ponto de interrogação, seguido às vezes do ponto de exclamação.

Esses recursos de pontuação não têm apenas valor linguístico; visam a indicar também a expressão do corpo e do espírito que acompanha e valoriza a pausa linguística.

O ponto de exclamação

1. É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades de inflexão exclamativa e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada — se se trata de uma

expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor, de súplica, ou de outra natureza.

2. Normalmente, emprega-se o ponto de exclamação:

a) depois de interjeições ou de termos equivalentes, como os vocativos intensivos, as apóstrofes:

> — Credo em cruz! gemeu Raimundo, assombrado.
> (G. Ramos, *AOH*, 147.)

> Que formosura tão de corte, de palácio, de aristocracia! Que pureza e correção de linhas! Que fidalguia de olhar e falar!
> (C. Castelo Branco, *OS*, I, 87.)

> — Adeus, senhor, adeus!
> (Ó. Ribas, *EMT*, 16.)

b) depois de um imperativo:

> — Não vás! Volta, meu filho! Não vás!
> (É. Veríssimo, *A*, II, 604.)

> Ide, ide de mim!
> (F. Pessoa, *OP*, 166.)

> — Agarrem!
> — Gentes, agarrem! agarrem!
> (Castro Soromenho, *V*, 113.)

3. Tão variado como o seu valor melódico é o valor pausal do ponto de exclamação. Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas — ou para sugerir a mímica emocional que as acompanha —, alguns escritores usam de artifícios semelhantes aos que apontamos no emprego do ponto de interrogação. Costumam, assim:

a) juntar o ponto de exclamação ao de interrogação, para obter os efeitos que indicamos. Quando a entoação é predominantemente interrogativa, o ponto de interrogação antecede o de exclamação; quando é mais sensível o tom exclamativo, o de exclamação precede o de interrogação:

> Ah! minha Nossa Senhora, para que Felícia veio falar dessas histórias agora de noite!?
> (Coelho Netto, *OS*, I, 926.)

— Consentir?! Ele é isso?
(F. Namora, *NM*, 222.)

A referida combinação costuma ser seguida ou antecedida de reticências, o que lhe acrescenta uma nota de incerteza:

— Estás a ver se disfarças?!...
(Alves Redol, *F*, 223.)

— Coitada!... quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?...
(A. de Assis Júnior, *SM*, 52.)

b) repetir o ponto de exclamação, para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz:

— Varo-os como a cães!... Canalhas!!!... Hei de lhes acabar com a manha de andarem atrás de mim!... Não sou menino de mama! Carneirada!!!...
(Branquinho da Fonseca, *B*, 86.)

Ah! Pérfido! Se os teus não lhes respondem mais, para sempre!!!!!!! meus beijos emurchecerão! Triste! Triste da abandonada!...
(M. de Andrade, *OI*, 162.)

4. Às vezes, encadeiam-se em forma dialogada essas tentativas de notação mímica. Veja-se este exemplo de Antônio Nobre:

Enfim, feliz! — ? — ! Desesperado. — Vem!
(*S*, 128.)

As reticências

As RETICÊNCIAS marcam uma interrupção da frase e, consequentemente, a suspensão da sua melodia.

1. Empregam-se em casos muito variados. Assim:
a) para indicar que o narrador ou a personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias:

Peça-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra cousa... Uma vez que você não pode ser padre, e prefere as leis... As leis são belas, sem desfazer na teologia, que é melhor que tudo, como a vida eclesiástica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui?
(Machado de Assis, *OC*, I, 757.)

"Quanto ao seu pai... Às vezes penso... Asseguro-lhe que é verdade. Penso que ela se esqueceu de tudo. Que teve uma crise de amnésia e *perdeu* determinados acontecimentos."
(M. J. de Carvalho, *TM*, 121.)

b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala:

— Homem, vê lá... Pensa bem no que vais fazer... — avisou o prior. — A Raquel é boa rapariga... Mas a geração... Olha, eu não digo nada. Resolve tu...
(M. Torga, *NCM*, 142.)

— Você... tão sozinha... Não lhe ocorre, muitas vezes, que se um homem... Não tem vontade de casar-se...
(O. Lins, *V*, 19.)

— Eu... eu... queria... um agasalho — respondeu soluçando a miserável.
(Graça Aranha, *OC*, 164.)

c) para assinalar certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo, etc.):

— Há tempos que eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope, lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 128.)

Mágoa de o ter perdido, amor ainda.
Ódio por ele? Não... não vale a pena...
(F. Espanca, *S*, 74.)

d) para indicar que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor:

Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim não sei...
Algum dia há de ser dia...
(F. Pessoa, *QGP*, n.º 98.)

Garoa do meu São Paulo,
— Costureira de malditos —
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...
(M. de Andrade, *PC*, 385.)

2. Empregam-se também as RETICÊNCIAS para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz, mas o corte da frase de um personagem pela interferência da fala de outro:

— A senhora ia dizer que...
— Nada... nada... — atalhou a mulher.
(A. M. Machado, *HR*, 15.)

— Sempre tens vontade de pegar uma fanga?
— Se não tivesse...
— Ias-te embora...
(Alves Redol, *F*, 276.)

— Isso também conta. As raízes...
— Que raízes? — cortou José Paulino, bruscamente.
(Castro Soromenho, *C*, 121.)

Se a fala do personagem continua normalmente depois dessa interferência, costuma-se preceder o seguimento de reticências:

— O que me parece, aventurou o coronel, é que eles vieram ao cheiro dos cobres...
— Decerto.
... e que a tal D. Helena (Deus lhe perdoe!) não estava tão inocente como dizia.
(Machado de Assis, *OC*, II, 866.)

— Eu vi as ondas engolirem-no...
— Chega, meu marido, chega!...
— ... ele ainda voltou à tona duas vezes!
— Já acabou! Não se pensa mais, João.
— ... Eu não queria dizer, para não passar por doido...
(A. M. Machado, *HR*, 247.)

3. Usam-se ainda as RETICÊNCIAS antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar:

E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!...
(F. Espanca, *S*, 30.)

E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho...
Andaria nos doze anos. Filho único.
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 225.)

Observações:

1.ª) Como os outros sinais melódicos, as RETICÊNCIAS têm certo valor pausal, que é mais acentuado quando elas se combinam com outro sinal de pontuação.

Duas combinações são possíveis:

a) com um sinal pausal (VÍRGULA, OU PONTO E VÍRGULA). Neste caso as RETICÊNCIAS têm apenas valor melódico; a pausa é indicada pela VÍRGULA, ou pelo PONTO E VÍRGULA que as segue:

Passai, ó vagas..., mas passai de manso!
(Castro Alves, *OC*, 331.)

— É uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem!
(Simões Lopes Neto, *CGLS*, 126.)

b) com um sinal melódico (PONTO DE INTERROGAÇÃO, OU PONTO DE EXCLAMAÇÃO, ou os dois conjugados). Neste caso, as RETICÊNCIAS prolongam a duração das inflexões interrogativa e exclamativa e lhes acrescentam certos matizes particulares, que indicamos ao estudarmos aqueles sinais.

2.ª) Não se devem confundir RETICÊNCIAS, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam, como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio ou no fim de uma citação.

Modernamente, para evitar qualquer dúvida, tende a generalizar-se o uso de quatro pontos para marcar tais supressões, ficando os três pontos como sinal exclusivo das RETICÊNCIAS.

As aspas

1. Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto:

Definiu César toda a figura da ambição quando disse aquelas palavras: "Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma."
(F. Pessoa, *LD*, 100.)

O poeta espera a hora da morte e só aspira a que ela "não seja vil, manchada de medo, submissão ou cálculo".
(M. Bandeira, *PP*, II, 1293.)

Ele me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".
(A. A. Melo Franco, AR, 187.)

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.):

Era melhor que fosse "clown".
(É. Veríssimo, *C*, 227.)

É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô", em "nhonhô", em "ioiô".
(G. Freyre, *OE*, 378.)

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão:

A palavra "nordeste" é hoje uma palavra desfigurada pela expressão "obras do Nordeste" que quer dizer: "obras contra as secas". E quase não sugere senão as secas.
(G. Freyre, *OE*, 611.)

Não é esse meu "abstrato". Ao não sensorial chamo eu "formal".
(A. Sérgio, *E*, VII, 45.)

O "leão espanhol" é a Espanha aspirando a dominar, ou a Império; sem essa significação, a Espanha, ou Castela, são apenas a "grifa".
(F. Pessoa, *SP*, 153.)

d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão:

— Está o mundo perdido, até a Judite já tem "arranjinho"!
(Almada Negreiros, *OC*, II, 135.)

Muda-se a face deste mundo inteiro,
Tudo transformam guerras e procelas:
E há sempre um "ela" na conversa deles,
E há sempre um "ele" na conversa delas.
(D. Andrade, *VEE*, 128.)

2. Usam-se também as ASPAS para indicar:

a) a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira:

> Comentando largamente a definição de Banville, começa Gide pelos vocábulos "magia" e "sortilégio" (*sorcellerie)*
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1275.)

> No Alentejo *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
> (Leite de Vasconcelos, *LFP*, 274.)

b) nos diálogos, a mudança de interlocutor (emprego que em alguns escritores contemporâneos substitui o valor normal do TRAVESSÃO):

> "Como vê. Estava à sua espera."
> "Precisa *muito* de falar comigo?"
> "Precisar talvez seja exagero. *Muito*, nem pensar nisso. Apeteceu-me vê-lo, é mais verdadeiro."
> "É muito verdadeira?" perguntou ele.
> "Às vezes. É conforme."
> (M. J. de Carvalho, *TM*, 118.)

> "Vamos mudar de assunto", eu disse.
> "Você quer falar de amor?"
> "É. Quero falar de amor."
> (R. Fonseca, *C*, 79.)

c) o título de uma obra:

> Belinha acaba de ler "Elzira, a Morta Virgem".
> (É. Veríssimo, *C*, 197.)

> Já Velázquez, no século XVII, pintava quadros como as "Hilanderas" e as "Meninas", nos quais ignorantemente se profetizava, com três séculos de antecedência, o atual aparelho fotográfico.
> (Almada Negreiros, *OC*, V, 91.)

> Recebi do Vinícius o livrinho com o "Pátria Minha".
> (M. Bandeira, *PP*, II, 1450.)

Observações:

1.ª) Na escrita, em vez de isolarmos por aspas tais dizeres, costumamos sublinhá-los. Nas obras impressas os elementos sublinhados vêm em tipo diverso, preferentemente em itálico (ou grifo).

2.ª) No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos, aprovados nos acordos ortográficos luso-brasileiros: "Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas."

Os parênteses

1. Empregam-se os PARÊNTESES para intercalar num texto qualquer indicação acessória. Seja, por exemplo:

a) uma explicação dada ou uma circunstância mencionada incidentemente:

> Conseguia controlar a bola que me passavam (quando passavam) jogando em geral (quando deixavam) na ponta direita, por ser pequenino mas veloz.
> (F. Sabino, *ME*, 145.)

> É lá (no café) que se encontra a estalajadeira.
> (J. Cardoso Pires, *D*, 51.)

b) uma reflexão, um comentário à margem do que se afirma:

> Mais uma vez (tinha consciência disso) decidia o seu destino.
> (A. Alcântara Machado, *NP*, 151.)

> A minha guerra, como a dos que tinham partido (se é que tinham), começava agora.
> (J. de Sena, *SF*, 295.)

c) uma nota emocional, expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa:

> Mais nada. Boas-Noites. Fecha a porta:
> (Que linda noite! Os cravos vão abrir...
> Faz tanto frio!) Apaga a luz! (Que importa?
> A roupa chega para me cobrir...)
> (A. Nobre, *S*, 172.)

> Havia a escola, que era azul e tinha
> Um mestre mau, de assustador pigarro...
> (Meu Deus! Que é isto? Que emoção a minha
> Quando estas coisas tão singelas narro?)
> (B. Lopes, *H*, 65.)

Observação:

A posição dos parênteses com referência aos sinais pausais obedece à seguinte norma: "Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação" (*Formulário Ortográfico* oficial brasileiro).

Os colchetes

Os COLCHETES são uma variedade de PARÊNTESES, mas de uso restrito. Empregam-se:

a) quando, numa transcrição de texto alheio, o autor intercala observações próprias, como nesta nota de Sousa da Silveira a um passo de Casimiro de Abreu:

> Entenda-se, pois: "Obrigado! obrigado [pelo teu canto em que] tu respondes [à minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e 85), embora o que eu percebo no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)]".
>
> (C. de Abreu, *O*, 374.)

b) quando se quer isolar uma construção internamente já separada por PARÊNTESES, à semelhança do que ocorre com os segundos COLCHETES do exemplo anterior;

c) quando se deseja incluir, numa referência bibliográfica, indicação que não conste da obra citada, como neste exemplo:

> Dom Casmurro. Por Machado de Assis, da Academia Brasileira. H. Garnier, Livreiro-Editor — 71, Rua Moreira César, 71, Rio de Janeiro — 6, rue des Saints-Pères, 6 — Paris [1899].

Observação:

O uso dos COLCHETES é frequente nos trabalhos de linguística e de filologia.

Como dissemos no capítulo 3, coloca-se entre COLCHETES uma palavra transcrita foneticamente. Por exemplo:

> Mundo ['mũ˜du] fugir [fu'ʒir]

Também entre COLCHETES se colocam, nas edições críticas, os elementos que devem ser introduzidos no texto, encerrando-se entre PARÊNTESES os que dele devem ser eliminados.

No perfil da lua,
Um nimbo mortal.
(Mas quem lê na névoa
o amargo sinal?)
(C. Meireles, *OP*, 796.)

Observação:

Entre as explicações e as circunstâncias acessórias que costumam ser escritas entre PARÊNTESES, incluem-se:

a) referências a datas, a indicações bibliográficas, etc.:

"Boa noite, Maria! Eu vou-me embora."
(Castro Alves, *Espumas fluctuantes. Poesias.* Bahia, 1870, p. 71.)

b) a citação textual de uma palavra ou frase traduzida:

Parece que o duunvirato jurisdicional (*duunviri* ou *quatuorviri juridicundo*), já muito cerceada a sua jurisdição nos últimos tempos do império, deixou de existir.
(S. da Silva Neto, *HLP*, 319.)

c) as indicações cênicas (numa peça de teatro):

1.ª JOVEM — Como te chamas?
PASTORINHO — (*Sorridente.*) Prometeu.
1.º JOVEM — E aquela voz que se ouve?
PASTORINHO — É meu pai. (*Ri.*)
2.ª JOVEM — E como se chama teu pai?
PASTORINHO — (*Dando uma gargalhada.*) Prometeu.
(Almada Negreiros, *OC*, III, 239.)

2. Usam-se também os parênteses para isolar orações intercaladas com verbos declarativos:

Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Fantasma a quem odeio e a quem amo?
(A. de Quental, *SC*, 79.)

Uma vez (contavam) a polícia tinha conseguido deitar a mão nele.
(Autran Dourado, *RB*, 196.)

o que se faz mais frequentemente por meio de vírgulas ou de travessões.

O travessão

Emprega-se principalmente em dois casos:
1.º) Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor:

— Ele não quer responder.
— Mas por quê?
— Diz que não está autorizado...
(É. Veríssimo, *A*, II, 434.)

— Quem é o seu tabelião, Dâmaso?
— O Nunes, na Rua do Ouro... Por quê?
— Oh! nada.
(Eça de Queirós, *O*, II, 388.)

2.º) Para isolar, num contexto, palavras ou frases. Neste caso, em que desempenha função análoga à dos parênteses, usa-se geralmente o TRAVESSÃO DUPLO:

— Acho — e retomou o discurso — que já assustamos demais o nosso jovem amigo.
(J. de Sena, *G-C*, 179.)

Abel, sem responder, sem voltar-se para mim, cinge mais forte — e não sem brandura — os meus dedos.
(O. Lins, *A*, 64-65.)

Mas não é raro o emprego de um só TRAVESSÃO para destacar, enfaticamente a parte final de um enunciado:

Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.
(F. Pessoa, *OP*, 12.)

Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis — a filosofia e a arte.
(G. Amado, *TL*, 16.)

Observações:

1.ª) Às vezes, para dar maior realce a uma conclusão, que representa a síntese do que se vinha dizendo, usa-se o TRAVESSÃO SIMPLES em lugar dos DOIS PONTOS:

Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar — encher a alma.
(C. Pessanha, *C*, 40.)

No exemplo de Fernando Pessoa, atrás citado, o TRAVESSÃO SIMPLES tem o mesmo valor. Mas aí o seu emprego é especialmente aconselhável por mostrar que o elemento final conclusivo faz parte de uma construção mais ampla, já antecedida de DOIS-PONTOS.

2.ª) Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que se encadeiam em sintagmas do tipo: *A viagem Rio–Lisboa; o percurso Paris–Londres.*

Capítulo 22

Noções de versificação

ESTRUTURA DO VERSO

RITMO E VERSO

1. Examinemos estes versos do poeta Cruz e Sousa:

> **Vai**, Pere**gri**no do ca**min**ho **san**to,
> **Faz** da tu'**al**ma **lâm**pada do **ce**go,
> Ilumi**nan**do, **pe**go sobre **pe**go,
> As invi**sí**veis ampli**dões** do **Pran**to.

Verificamos que as sílabas tônicas, marcadas com negrito, se repetem depois de uma, duas ou três sílabas átonas. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos regulares, ou não muito espaçados (para que a reiteração possa ser esperada e sentida pelo nosso ouvido), é uma fonte do prazer a que chamamos RITMO.[1]

2. A contiguidade de sílabas tônicas prejudica o RITMO e, consequentemente, desagrada ao ouvido. Por isso, a sílaba anterior à última tônica é necessariamente átona. Tão forte é esta exigência rítmica que, mesmo sendo tônica no

---

[1] Esta definição que apresentamos tem finalidade meramente didática. Uma análise crítica das diversas conceituações de RITMO pode ver-se na recente e importante obra de Henri Meschonnic: *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Paris, Verdier, 1982, com rica bibliografia.

vocábulo isolado, ela se atonifica pela posição. Por exemplo, nestes dissílabos de Casimiro de Abreu,

Tu ontem
Na dança,
Que cansa,
Voavas...

o pronome *tu*, monossílabo tônico, sofre uma deflexão de pronúncia, no primeiro verso, por ser obrigatoriamente acentuado, como sílaba final do verso, o *-õ* de *ontem*, que lhe está contíguo.

3. O RITMO é o elemento essencial do VERSO, pois este se caracteriza, em última análise, por ser *o período rítmico que se agrupa em séries numa composição poética*. Quando tais períodos rítmicos apresentam o mesmo número de sílabas em todo o poema, a versificação diz-se REGULAR. Se não há igualdade silábica entre eles, a versificação é IRREGULAR OU LIVRE.

OS LIMITES DO VERSO

1. A forma do verso é determinada pela combinação das sílabas, acentos e pausas, contando-se as sílabas até a última acentuada. Assim, têm igualmente dez sílabas métricas os seguintes versos de Augusto dos Anjos:

A es	ca	la	dos	la	ti	dos	an	ces	**trais**	
No	tem	po	de	meu	Pai,	sob	es	tes	**ga**	lhos
Sob	a	for	ma	de	mí	ni	mas	ca	**mân**	dulas
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

porque não se leva em conta a átona final da palavra *galhos*, nem tampouco as duas finais da palavra *camândulas*.[2]

[2] Este sistema de escandir o verso até o último acento tônico, segundo o modelo francês, foi introduzido em Portugal no século XVIII por Miguel do Couto Guerreiro (*Tratado de versificação portugueza*. Lisboa, Francisco Luiz Ameno, 1784, p. 6-7), mas só se vulgarizou em nossa métrica pelo enorme prestígio de Antônio Feliciano de Castilho, que o acolheu no seu *Tratado de metrificação portugueza*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851. Anteriormente, contavam-se os versos portugueses, à semelhança dos espanhóis e italianos, com base no verso grave, ou seja, considerando sempre no cômputo a existência de uma sílaba átona depois da última tônica.

2. O número de unidades silábicas que se contêm num verso, desde o seu início até a última sílaba tônica, é indicado por compostos gregos em que entra a forma do numeral seguida do elemento *-sílabo*: MONOSSÍLABO, DISSÍLABO, TRISSÍLABO, TETRASSÍLABO, PENTASSÍLABO, HEXASSÍLABO, HEPTASSÍLABO, OCTOSSÍLABO, ENEASSÍLABO, DECASSÍLABO, HENDECASSÍLABO e DODECASSÍLABO.
Vejamos agora como se contam estas unidades silábicas.

AS LIGAÇÕES RÍTMICAS

A melodia do verso exige que as palavras venham ligadas umas às outras mais estreitamente do que na prosa.

Sinalefa, elisão e crase

Comparemos estes versos de Olavo Bilac, todos com dez sílabas métricas:

Che	guei.	Che	gas	te.	Vi	nhas	fa	ti	ga	(da)
E	tris	te, e	tris	te e	fa	ti	ga	do eu	vi	(nha.)
Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

Verificamos que no primeiro haverá sempre, de qualquer forma que o leiamos, dez sílabas até a última tônica. Nele a fronteira das sílabas é coincidente, seja numa leitura pausada ou acelerada, seja na prosa ou no verso, seja, enfim, numa emissão isolada das palavras, se abandonarmos a última sílaba átona.

Já não sucede o mesmo com os três outros versos, que só atingem aquela medida pela leitura numa só sílaba da vogal final de uma palavra com a vogal inicial da palavra seguinte.

Assim:

a) no segundo verso, temos de juntar numa só emissão de voz o *e* final de *triste* e a vogal da conjunção aditiva (duas vezes), bem como o *o* de *fatigado* e o ditongo do pronome *eu*;
b) no terceiro verso, ligamos o artigo *a* à vogal inicial de *alma*;
c) no quarto, finalmente, fundimos numa só sílaba as vogais da conjunção *e*, do artigo *a*, e a inicial do substantivo *alma*; e, também, a vogal final do adjetivo *povoada* e o ditongo constituído pelo pronome *eu*.

Na leitura destes versos, sentimos que há três soluções para obtermos a contração numa sílaba de duas ou mais vogais em contacto:

1.ª) A primeira vogal pode perder a sua autonomia silábica e tornar-se uma semivogal, que passa a formar ditongo com a vogal seguinte. É o que se observa, por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / d**wew** / [= fatigad**o eu**]

Dizemos que neste caso há SINALEFA.

2.ª) A primeira vogal pode desaparecer na pronúncia diante de uma vogal de natureza diversa. Por exemplo, na pronúncia:

fa / ti / ga / d**ew** / [=fatigad**a eu**]

A este fenômeno chamamos ELISÃO.

3.ª) A primeira vogal pode ser igual à seguinte e com ela fundir-se numa só. É o que se dá, por exemplo, com a emissão:

Ti / nhas / **al** / ma / [= Tinhas **a** alma]

Neste caso, verifica-se o que denominamos CRASE.

Ectlipse

Examinamos até aqui encontros vocálicos intervocabulares em que a primeira vogal é ORAL. Mas pode ocorrer que ela seja NASAL, e, neste caso, a regra é manter-se a autonomia silábica, isto é, o HIATO das vogais em contacto.

Há, porém, certos encontros de vogal nasal com vogal (oral ou nasal) que na própria língua corrente costumam ser resolvidos em DITONGO, ou mesmo em CRASE. É o que se observa, por exemplo, em ligações como *co'a*, *c'a*, *c'o* (= *com a*, *com o*), que a própria ortografia oficial admite que se escreva sem apóstrofo, com os elementos totalmente aglutinados (*coa*, *ca*, *co*). A esta fusão vocálica, facilitada pela perda da ressonância nasal da primeira vogal, dá-se o nome de ECTLIPSE.

De acordo com as necessidades métricas, os nossos poetas têm-se servido das duas soluções que a língua lhes oferece no particular: a conservação das duas vogais em sílabas distintas, ou a fusão delas numa só sílaba. Leiam-se, a propósito, estes versos de Casimiro de Abreu, todos de sete sílabas métricas:

Tudo muda **com os** anos:
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos!

No primeiro, temos o encontro *com os* pronunciado em duas sílabas. Já nos seguintes versos do mesmo poeta, também de sete sílabas, por duas vezes dá-se a ECTLIPSE no encontro *com as* (*co'as*):

— Jesus! Como eras bonita,
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Observações:

1.ª) Como nos mostram os exemplos citados, para que um encontro vocálico intervocabular possa ser pronunciado em uma só sílaba, é necessário que a sua primeira vogal seja átona, ou capaz de atonificar-se pela próclise. Sendo tônica, a solução normal é o hiato com a vogal seguinte, seja esta tônica ou átona.

2.ª) Os termos SINALEFA e ELISÃO costumam ser empregados como sinônimos. É, porém, de toda a conveniência aplicá-los distintamente, como fazem os modernos estudiosos de versificação românica.

O hiato intervocabular

Desde os tempos antigos, os poetas têm procurado evitar o HIATO de vogais pertencentes a palavras distintas, encontro que os compêndios de métrica, invariavelmente, consideram um defeito grave no verso, por torná-lo frouxo. Cabe, no entanto, ponderar que nesta, como em outras questões, não se devem estabelecer normas de rigor absoluto, pois nem sempre o poeta quererá ceder à forma o pensamento e, em certos casos, o HIATO INTERVOCABULAR pode ser não um defeito, mas um recurso de alta expressividade para realçar determinada palavra, ou para nos obrigar a emitir o verso num tom pausado. Em alguns poetas torna-se até condenável o excessivo escrúpulo em evitá-lo. É o que se observa, por exemplo, na obra de Hermes Fontes, de méritos inegáveis, mas por vezes artificial. Citemos, a propósito, este seu dodecassílabo:

Luz é saúde, e treva é incerteza, **é ân**sia, é doença —

em que, contra a realidade idiomática, temos de emitir numa só sílaba as vogais marcadas com negrito (*-a é ân-*).

Ora, quando num encontro concorrem duas vogais tônicas, elas não podem fundir-se numa sílaba nem no verso, nem na prosa. Mesmo se houver um enfraquecimento relativo da primeira vogal, como notamos no dissílabo de Casimiro de Abreu:

Tu / on / (tem),

tal enfraquecimento não evitará, normalmente, a separação silábica das vogais.

Excluindo-se, porém, este caso em que o HIATO é inevitável, e outros excepcionais, em que ele vale como recurso de estilo, pode-se afirmar que, desde o século XVI, os poetas da língua manifestaram uma decidida e definitiva opção por solucionarem com SINALEFA ou ELISÃO os encontros vocálicos intervocabulares, a fim de conseguir para os seus versos uma estrutura mais contínua, mais fluente, mais plástica.[3]

A MEDIDA DAS PALAVRAS

Relativamente à contagem das sílabas no interior das palavras, temos de considerar, em primeiro plano, os fatores de ordem gramatical.

Como nos ensina a gramática, também no verso os DITONGOS e os TRITONGOS se contam em uma sílaba e as vogais em HIATO, em sílabas diferentes. Assim, nestes hendecassílabos de Castro Alves:

A	tar	de	mor	ri	a!	dos	ra	mos,	das	las	(cas,)
Das	pe	dras,	do	lí	quen,	das	he	ras,	dos	car	(dos,)
As	tre	vas	ras	tei	ras	com o	ven	tre	por	ter	(ra)
Sa	í	am	quais	ne	gros,	cru	éis	le	o	par	(dos.)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	

a palavra *rasteiras* conta-se em três sílabas, e *quais*, em uma. Esse número de sílabas elas o terão igualmente na prosa, ou, mesmo, se tomadas isoladamente. O DITONGO [ej], que se contém na primeira, e o TRITONGO [waj], que apresenta a segunda, são, pois, as pronúncias normais desses encontros vocálicos em todas as formas da língua.

Por outro lado, as palavras *morria* e *saíam*, em que há os HIATOS /i-a/ e /a-í-a/, serão sempre emitidas em três sílabas, não importando o tipo de enunciado no qual apareçam.

Sinérese

Nas palavras que acabamos de examinar há perfeita coincidência da sílaba gramatical com a sílaba métrica. Mas esta concordância pode não existir, porque, em certas condições, o verso permite a criação de novos DITONGOS, ou melhor, admite que se ditonguem vogais que, na pronúncia normal, formam HIATO.

---

[3] Sobre o HIATO, a SINALEFA e a ELISÃO na métrica medieval e renascentista, consulte-se Celso Ferreira da Cunha. *Estudos de versificação portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris. Centro Cultural Português, 1982, p. 1-168 e 273-319.

Por exemplo, palavras como *povoado* e *magoado* são tetrassílabos na língua corrente, já que apresentam o encontro *-oá-*, pronunciado de regra com as vogais em HIATO. Também no verso costumam ser assim emitidas, como nos mostram estes decassílabos de Olavo Bilac:

Ti	nhas	a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	(da,)
E a al	ma	de	so	nhos	po	vo	a	da eu	ti	(nha...)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

e este heptassílabo de Augusto Gil:

Tão	ma	go	a	do,	tão	lin	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Não é raro, porém, o emprego destas palavras no verso como trissílabos, com a transformação do HIATO /o-a/ (= /u-a/) no DITONGO [wa].

Compare-se ao que citamos anteriormente este heptassílabo de Augusto Gil:

Mas	o	seu	o	lhar	ma	goa	(do)
1	2	3	4	5	6	7	

Ambos aparecem até na mesma estrofe:

Gordo, nédio, bem trajado,
Deveria ser feliz,
Deveria estar sorrindo;
Mas o seu olhar **magoado**,
Tão **magoado**, tão lindo,
Que não o é, bem no diz...

Esta passagem de um hiato a ditongo, por exigência métrica, chama-se SINÉRESE.

Diérese

Menos frequente do que a SINÉRESE é o fenômeno inverso, ou seja, a transformação de um DITONGO normal em HIATO. A esse alongamento silábico dá-se o nome de DIÉRESE.

Exemplifiquemos:

Na língua viva de nossos dias a palavra *saudade* é um trissílabo (*sau-da-de*), e como tal se emprega comumente quer na versificação erudita, quer na versificação popular. Mas, vez por outra, ainda aparece usada no verso com a antiga pronúncia tetrassilábica (*sa-u-da-de*). Citem-se, a propósito, estes heptassílabos de duas conhecidas quadrinhas:

Eu não quero, nem brincando,
Dizer adeus a ninguém:
Quem parte leva **saudades**,
Quem fica **saudades** tem.

A ausência tem uma filha,
Que se chama **saüdade**:
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra minha vontade.

Na primeira, por duas vezes, temos a palavra em sua enunciação normal, trissílaba. Na segunda, empregada com DIÉRESE, devemos emiti-la em quatro sílabas: *sa-u-da-de.*

Crase, aférese, síncope e apócope

Além dos que estudamos, outros processos têm sido utilizados por nossos poetas para reduzir ou ampliar o número de sílabas de uma palavra, segundo as necessidades métricas. Entre os processos de redução vocabular, devem ser conhecidos:

1.º) A CRASE, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas numa só, o que ocorre, por exemplo, com os dois *-aa-* contíguos de *Saara* neste decassílabo de Castro Alves:

Quan	do eu	pas	so	no	Saa	ra a	mor	ta	lha	(da)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

2.º) A AFÉRESE, ou seja, a supressão de sons no início da palavra. É o caso do emprego da forma *'Stamos* por *Estamos* neste decassílabo de Castro Alves:

'Sta	mos	em	ple	no	mar...	Do	fir	ma	men	(to)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

3.º) A SINCOPE, ou seja, a supressão de sons no meio da palavra, o que sucede na pronúncia *Esp'ranças* por *Esperanças* neste decassílabo de Casimiro de Abreu:

Es	p'ran	ças	al	tas...	Ei-	las	já	tão	ra	(sas)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

4.º) A APÓCOPE, ou seja, a supressão de sons no fim da palavra. Sirva de exemplo o emprego de *mármor* pela forma *mármore* neste decassílabo de Castro Alves:

Ar	tis	ta –	cor	ta o	már	mor	de	Car	ra	(ra)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	

Observação:

Estes processos de redução silábica, muito do agrado dos poetas românticos, caíram em desuso com o parnasianismo.

A CESURA E A PAUSA FINAL[4]

1. O período rítmico formado pelo verso termina sempre numa PAUSA, que o delimita. Esta PAUSA pode consistir numa interrupção mais ou menos longa da cadeia falada, conforme assinale o final de verso, de estrofe, ou do próprio poema, caso em que é absoluta. Pode ser ela brevíssima, ou, mesmo, não passar de um simples abaixamento da voz nos pontos de separação dos versos, mas não pode faltar. Omiti-la é retirar o sinal determinador da extensão e unidade dos períodos rítmicos em que se estrutura o poema.

2. A CESURA é um descanso da voz no interior do verso. Ocorre principalmente nos versos longos, que ficam por ela divididos em GRUPOS FÓNICOS, como dissemos no capítulo 7.

---

[4] Sobre a diferença entre a PAUSA – "elemento essencial, determinador da extensão e unidade do verso", que impede "a sinalefa e permite que versos e hemistíquios terminem com final grave, aguda ou esdrúxula" – e a CESURA, "breve descanso" que "repugna o hiato", "aceita a sinalefa" e "não admite adição nem supressão alguma que afete o número de sílabas", veja-se Tomás Navarro Tomás. *Métrica española*. New York, Syracuse University, 1956, p. 14.

3. Comparem-se estes exemplos de Olavo Bilac:

Cheguei. // Chegaste. // Vinhas fatigada...

E um dia assim! // de um sol assim! // E assim a esfera...

Despencando os rosais, // sacudindo o arvoredo...

Quando o verso apresenta apenas uma CESURA, os dois GRUPOS FÔNICOS por ela formados recebem o nome de HEMISTÍQUIOS (= metades do verso), embora nem sempre contenham o mesmo número de sílabas.

Vejam-se estes exemplos de Alphonsus de Guimaraens:

E os arcanjos dirão // no azul ao vê-la,
Pensando em mim: // — "Por que não vieram juntos?"

Acentue-se, ainda, que, ao contrário da PAUSA FINAL do verso, a CESURA que recaia entre duas vogais não impede que elas se ditonguem ou, até, se fundam pela crase.

Compare-se este decassílabo de Camilo Pessanha:

E um lenço bordado... // Esse hei de o levar...

que temos de ler com SINALEFA do *o* de *bordado* e o *E-* de *Esse*; e o segundo destes outros, do mesmo poeta, em que, apesar de recair a CESURA entre *oiro* e *o*, a emissão se faz com a crase dos dois *oo*:

Muda outra vez: // gorjeios estribilhos
Dum clarim de oiro // — o cheiro de junquilhos,
Vívido e agro! // — tocando a alvorada...

Cavalgamento (*enjambement*)

1. Dissemos que o verso finaliza sempre com uma pausa ou com uma deflexão da voz que, ainda que breve, deve ser suficientemente percebida como o sinal característico do término de um período rítmico.
   Geralmente a pausa final do verso coincide com uma pausa existente, ou possível, na estrutura sintática. É o que observamos nestes decassílabos do soneto *Nel mezzo del cammin...*, de Olavo Bilac:

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada /
E triste, e triste e fatigado eu vinha. /
Tinhas a alma de sonhos povoada, /
E a alma de sonhos povoada eu tinha... /

2. Não raro, no entanto, os poetas servem-se de um recurso estilístico, de alto efeito quando usado comedidamente, recurso este que consiste em terminar o verso em discordância flagrante com a sintaxe, pela separação de palavras estreitamente unidas num grupo fônico. As palavras deslocadas para o verso seguinte adquirem, com isso, um realce extraordinário, como vemos neste passo do mesmo soneto de Bilac:

E paramos de súbito **na estrada**
Da vida: longos anos, **presa à minha**
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

A esta bipartição do grupo fônico pela suspensão inesperada da voz em seu interior e pelo relevo do segundo elemento, ansiosamente esperado pelo ouvinte, dá-se o nome de CAVALGAMENTO ou, na designação francesa, *ENJAMBEMENT*.

O CAVALGAMENTO E A PAUSA FINAL

1. Em geral, nossos compêndios de versificação aconselham que, nos casos de CAVALGAMENTO, a leitura do verso se faça com a supressão da pausa final e, consequentemente, com o prolongamento do enunciado até a primeira depressão da voz no interior do verso seguinte.
Esta forma de ler o verso que cavalga altera-lhe substancialmente o ritmo e modifica a figura tonal do poema. Nos poemas de versificação irregular, será apenas uma outra maneira de dispor a irregularidade de versos que já são flutuantes. Mas, naqueles estruturados com versos regulares, provoca uma mudança rítmica essencial, ou seja, a quebra da própria regularidade. Assim, o soneto de Olavo Bilac atrás mencionado não mais será uma sequência de catorze decassílabos, se lermos numa emissão contínua até a parte conclusiva o verso:

E paramos de súbito na estrada
Da vida:.....

o qual passará a ter treze sílabas métricas:

E	pa	ra	mos	de	sú	bi	to	na es	tra	da	da	vi	(da)
1	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**	**11**	**12**	**13**	

2. A propósito, escreve Maurice Grammont: "Não é exato que o *ENJAMBEMENT* suprima, como dizem alguns, a pausa do fim do verso, nem que ele suprima

ou mesmo enfraqueça o último acento rítmico do verso; longe disso, a pausa final do verso que cavalga é tão nítida e tão longa como as outras, e o seu último acento rítmico é também forte. Tudo se reduz ao seguinte: enquanto nos versos comuns abaixamos a voz no fim de cada verso, deixamo-la interrompida e suspensa no fim daqueles que cavalgam. Daí resulta um aguçamento da atenção do auditor, que fica em ansiosa expectativa durante a pausa. E, como a voz não abaixou, ela deve, na parte excedente, aumentar de intensidade ou mudar de entoação".[5]

Desse fato decorre também que o CAVALGAMENTO, para surtir o efeito desejado, deve ter a parte conclusiva curta e constituída de palavra ou expressão de grande valor significativo.[6]

TIPOS DE VERSO

OS VERSOS TRADICIONAIS

Embora não faltem exemplos de versos de treze e mais sílabas desde a poesia dos trovadores galego-portugueses, podemos considerar o DODECASSÍLABO o verso mais longo normalmente empregado pelos poetas da língua antes da eclosão dos movimentos modernistas em Portugal e no Brasil.

Monossílabos

Os versos de uma sílaba são de uso raro. Geralmente aparecem combinados com outros maiores para obtenção de certos efeitos sonoros.

De Cassiano Ricardo são estes MONOSSÍLABOS, agrupados em dísticos:

Rua
torta.

---

[5] *Petit traité de versification française*, 3.ª ed., Paris, Armand Colin, 1916, p. 92-93. O eminente foneticista desenvolve melhor sua interpretação do cavalgamento em *Le vers français. Ses moyens d'expression. Son harmonie*, 2.ª ed., Paris, Champion, 1913, p. 33-58. Importante estudo sobre o assunto, e com interesse maior para a versificação portuguesa, é a *Estructura del encabalgamiento en la métrica española* (Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1964), de Antonio Quilis, que em muitos pontos, contradiz Grammont.

[6] Na métrica francesa chama-se REJET as palavras do grupo fônico deslocadas para o verso seguinte. No exemplo de Olavo Bilac: as expressões *Da vida* e *A tua mão*. Em português, não há uma denominação tradicional para este segmento complementar. Manuel Said Ali, na sua *Versificação portuguesa* (Rio de Janeiro, MEC/INL, 1949, p. 23), propôs chamar-lhe PARTE EXCEDENTE, ou só EXCEDENTE, o que nos parece melhor.

Lua
morta.

Tua
porta.

Dissílabos

Como os MONOSSÍLABOS, os versos de duas sílabas não são frequentes. Também se empregam, de regra, em estrofes polimétricas para obtenção de efeitos expressivos.

Com DISSÍLABOS compôs Casimiro de Abreu o seu harmonioso poema *A valsa*:

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
Eu vi!...

Trissílabos

Com versos de três sílabas se fizeram alguns poemas nas literaturas de língua portuguesa, mas os TRISSÍLABOS costumam ser mais usados em estrofes compostas, geralmente combinados com HEPTASSÍLABOS, como neste passo de *Mimosa e bela*, de Gonçalves Dias:

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva,
Assim perde o colorido
Por um toque irrefletido,
Mal sentido...

Além do acento principal na 3.ª sílaba, podem os TRISSÍLABOS apresentar ou não um acento secundário na 1.ª sílaba:

Sempre **viva**...
Que pa**dece**...

Tetrassílabos

Podem apresentar três cadências, que documentamos com versos do poema *A lua*, de Antônio Botto:

a) acentuação na 2.ª e na 4.ª sílaba (mais comum):

Na **noi**te **ne**gra

b) acentuação na 1.ª e na 4.ª sílaba:

Gente per**di**da

c) acentuação apenas na 4.ª sílaba:

Nos cora**ções**

Como verbo auxiliar, o TETRASSÍLABO é usado de preferência em combinação com o HEPTASSÍLABO e com o DECASSÍLABO. Vejam-se estes exemplos de Gonçalves Dias:

— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa e me sorria...
— **Que riso o seu!**

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flor!
Oh! que bem cedo o talismã quebraste
Do nosso amor!

Pentassílabos

Desde a época trovadoresca, o PENTASSÍLABO, ou verso de REDONDILHA MENOR, tem sido usado nas quatro cadências possíveis no idioma, aqui documentadas com versos de João de Deus:

a) acentuação na 2.ª e na 5.ª sílaba (mais comum):

Bo**ni**na do **va**le

b) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Luz dos **o**lhos **meus!**

c) acentuação na 3.ª e na 5.ª sílaba:

Ao rom**per** da au**ro**ra

d) acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Pérola do **mar**

Hexassílabos

O verso de seis sílabas teve certa voga na poesia trovadoresca. Depois caiu em desuso, para ressurgir no século XVI em combinações com o DECASSÍLABO HEROICO, razão por que também se denomina HEROICO QUEBRADO. Readquiriu posteriormente sua autonomia e, hoje, tem largo emprego entre nossos poetas.

Pode apresentar as seguintes cadências, que documentamos com versos do poema "Perguntas", de Carlos Drummond de Andrade:

a) acentuação na 2.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Ou **de**sse **mes**mo **enig**ma

b) acentuação na 2.ª e na 6.ª sílaba:

Pro**pí**cios a nau**frá**gio

c) acentuação na 4.ª e na 6.ª sílaba:

De me incli**nar** a**flí**to

d) acentuação na 1.ª, na 4.ª e na 6.ª sílaba:

Desse cala**do** ir**real**

e) acentuação na 1.ª, na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Magras **re**ses, ca**mi**nhos

f) acentuação na 3.ª e na 6.ª sílaba:

Do pri**mei**ro re**tra**to

Heptassílabos

O verso de sete sílabas ou de REDONDILHA MAIOR foi sempre o verso popular, por excelência, das literaturas de língua portuguesa e espanhola. Verso básico da poesia popular, desde os trovadores medievais aos modernos cantadores do Nordeste brasileiro, o HEPTASSÍLABO nunca foi desprezado pelos poetas cultos, que dele se serviram por vezes em poemas de alta indagação filosófica.

O HEPTASSÍLABO é usado em oito movimentos rítmicos, que passamos a documentar com exemplos colhidos na obra de José Régio:

a) ritmo alternante de sílaba forte e fraca, ou seja, acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Ve**l**ha, **gran**de, **tos**ca e **be**la.

b) variante do tipo anterior, com falta de acentuação na 1.ª sílaba:

O lu**ar** no **mar** es**pra**ia

c) variante do primeiro tipo, sem acentuação na 5.ª sílaba:

Sinto os **o**lhos a tur**var**

d) variante também do primeiro tipo, sem acentuação na 1.ª e na 5.ª sílaba:

Na amu**ra**da dum ve**lei**ro

e) acentuação na 4.ª e na 7.ª sílaba:

Que me di**ria**, afi**nal**,

f) variante do tipo precedente, com acentuação também na 2.ª sílaba:

Nas **ne**gras **noi**tes de in**ver**no

g) variante do tipo e, com acentuação também na 1.ª sílaba:

Choupos tran**si**dos de **má**goa

h) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba:

Da **ban**da de **lá** do **ri**o

A outra cadência possível dentro das peculiaridades fonéticas do idioma — o HEPTASSÍLABO com acentuação na 1.ª, na 5.ª e na 7.ª sílaba —, por sua raridade, não deve agradar ao ouvido dos poetas. Veja-se este exemplo, colhido num poema de Cecília Meireles:

Sobre o compri**men**to do **ar**

Octossílabos

O OCTOSSÍLABO foi um dos versos mais usados pelos trovadores galego-portugueses, principalmente nas cantigas de caráter cortês. Importado da poesia narrativa e didática do Norte e do Sul da França, onde apresentava de regra acento interno na 4.ª sílaba, conservou na Península predominantemente esta forma.

Com o declínio da poesia trovadoresca, o OCTOSSÍLABO caiu em desuso, tendo reaparecido em nossa literatura no século passado, novamente por influência francesa, em cuja versificação desempenha, como verso leve, o papel do nosso HEPTASSÍLABO.

Eis os seus movimentos rítmicos, documentados na prática de Alphonsus de Guimaraens:

a) ritmo alternante de sílaba fraca e forte, isto é, acentuação na 2.ª, na 4.ª, na 6.ª e na 8.ª sílaba:

Bai**xa**va **len**to. A **noi**te **vi**nha.

b) variante do tipo anterior, sem acentuação na 6.ª sílaba:

Es**pec**tros **chei**os de espe**ran**ça

c) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 2.ª sílaba, mas podendo ter ou não a 1.ª sílaba acentuada:

No campa**nár**io, ao **sol** in**cer**to
Basta, tal**vez**, a **co**va **enor**me

d) variante também do primeiro tipo, com acentuação interna apenas na 4.ª sílaba, ou na 1.ª e na 4.ª:

O campa**nár**io do de**ser**to
Cheio de **lú**gubre mis**té**rio

e) variante ainda do primeiro tipo, sem acentuação na 4.ª sílaba:

Paramos de re**pen**te à **por**ta

f) acentuação na 1.ª, na 3.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Era **tar**de. O **sol** no po**en**te

g) variante do tipo anterior, sem acentuação na 1.ª sílaba:

Com fa**di**gas, **suo**res e **pran**to

h) variante do mesmo tipo, sem acentuação na 3.ª sílaba:

Quando o Jubi**leu** se apro**xi**ma

i) acentuação na 2.ª, na 5.ª e na 8.ª sílaba:

Em **on**das o **bas**to ca**be**lo

j) acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 8.ª, podendo ter a 1.ª sílaba também forte:

Entre**va**dos de **mui**tos **a**nos
Junto **des**te cai**xão** in**for**me

Eneassílabos

Há dois tipos de versos de nove sílabas, ambos com raízes antigas na literatura portuguesa:

1.º) O ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO, que apresenta acentuação na 3.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba e, por cadência uniforme e pausada, se tem prestado a composições de hinos patrióticos e de poemas cuja expressividade ressalta da absoluta regularidade rítmica. Comparem-se estes versos do *Hino à Bandeira* (letra de Olavo Bilac):

Contem**plan**do o teu **vul**to sa**gra**do,
Compreen**de**mos o **no**sso de**ver**;
E o Bra**sil**, por seus **fil**hos a**ma**do,
Pode**ro**so e fe**liz** há de **ser**.

Note-se que no ENEASSÍLABO ANAPÉSTICO é tão forte a intensidade da 3.ª, da 6.ª e da 9.ª sílaba, que todas as demais, ainda que de natureza tônica, nele se obscurecem em benefício daquelas.

2.º) O ENEASSÍLABO com acento interno fundamental na 4.ª sílaba, que, por exigência idiomática, recebe forçosamente um outro na 6.ª ou na 7.ª sílaba. Seus movimentos rítmicos são, pois, os seguintes, documentados com exemplos colhidos no *Só*, de Antônio Nobre:

a) acentuação na 4.ª, na 6.ª e na 9.ª sílaba, podendo ter a 1.ª ou a 2.ª sílaba também forte:

O que no **Mun**do **cá** o espe**ra**va,
A**deus**! ó **Lua**, **Lua** dos **Me**ses,
Lua dos **Ma**res, **o**ra por **nós**!...
A**deus**! Na au**sên**cia **me**ses são **a**nos.

b) acentuação na 4.ª, na 7.ª e na 9.ª, com a possibilidade de ser a 1.ª ou a 2.ª também acentuada:

A**deus**! Que es**tra**nha Vi**são** é a**que**la
Que vem an**dan**do por **so**bre o **mar**?
Todos ex**cla**mam de **mãos** para **e**la.
"**No**ssa Se**nho**ra! que **vens** a an**dar**!"

Decassílabos

É longa e complexa a história do DECASSÍLABO nas literaturas de língua portuguesa. Em sua estrutura mais antiga possuía acento interno fundamental na 4.ª sílaba, assemelhando-se, portanto, ao verso primitivo da épica francesa.

Cedo, porém, apareceram outros tipos de DECASSÍLABO. Desenvolveu-se uma forma, na qual a acentuação interna, que por vezes recaía também na 6.ª sílaba, veio a basear-se essencialmente nela. E, posteriormente, com a dissolução do esquema inicial, surgiram ainda novas formas: os DECASSÍLABOS com acentuação interna fundamental na 5.ª e, mais raramente, na 3.ª sílaba.

Eram essas as formas conhecidas do verso de dez sílabas, quando, em princípios do século XVI, por influência italiana, se fixaram os dois tipos, que iriam predominar até os dias de hoje nas literaturas de língua portuguesa.

São eles:

a) o DECASSÍLABO chamado HEROICO, acentuado fundamentalmente na 6.ª e na 10.ª sílaba, mas com possibilidades de ter acentuações secundárias na 8.ª e numa das quatro primeiras sílabas:

As **mi**nhas **mãos** ma**gri**tas, afi**la**das,
Tão **bran**cas como a **á**gua da nas**cen**te,
Lembram **pá**lidas **ro**sas entor**na**das
Dum re**ga**ço de In**fan**ta do Ori**en**te.
(F. Espanca)

b) o DECASSÍLABO chamado SÁFICO, que apresenta acentuação na 4.ª, na 8.ª e na 10.ª sílaba, podendo, naturalmente, ter a 1.ª ou a 2.ª também fortes:

Quando eu te **fu**jo e me des**vio cau**to
Da **luz** de **fo**go que te **cer**ca, oh! **be**la,
Con**ti**go **di**zes, suspi**ran**do **amo**res
"— Meu **Deus**! que **ge**lo, que frieza **aque**la!"
(C. de Abreu)

Mas os antigos ritmos não se perderam. Mesmo os poetas do período clássico não os olvidaram totalmente. Foram, porém, os simbolistas e os modernistas que souberam reabilitá-los, mostrando os apreciáveis movimentos melódicos que se podem obter num poema com o emprego do DECASSÍLABO em suas variadas cadências.

Sirva de exemplo o soneto "No claustro de celas", de Camilo Pessanha:

E **eis** quanto **res**ta do i**dí**lio aca**ba**do
— Prima**ve**ra que du**rou** um mo**men**to...
Como vão **lon**ge as ma**nhãs** do con**ven**to!
— Do a**le**gre conven**ti**nho abando**na**do...

Tudo aca**bou**... **Anê**monas, hi**drân**geas,
Si**lin**dras — **flo**res **tão** nossas a**mi**gas!
No **claus**tro a**go**ra **vi**çam as ur**ti**gas,
Rojam-se **co**bras pelas **ve**lhas **lá**jeas.

Sobre a inscri**ção** do teu **no**me de**li**do!
— Que os meus **ol**hos mal **po**dem sole**trar**,
Can**sa**dos... E o a**ro**ma fene**ci**do

Que se **e**vola... do teu **no**me vul**gar**!
Enobre**ceu**-o a quieta**ção** do ol**vi**do,
Ó **do**ce, in**gê**nua, inscri**ção** tumu**lar**.

Destas formas renovadas merecem referência especial:

a) o DECASSÍLABO acentuado na 4.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba comumente chamado VERSO DE GAITA GALEGA, mas de longa tradição também na poesia italiana e espanhola:

Já vai flo**rir** o po**mar** das ma**ceiras**...
(C. Pessanha)

b) o DECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 10.ª sílaba:

Primavera que durou um momento...
(C. Pessanha)

c) o DECASSÍLABO com acentuação na 5.ª, na 7.ª (ou na 8.ª) e na 10.ª sílaba, forma que costumava assumir o antigo VERSO DE ARTE-MAIOR e cadência frequente do DECASSÍLABO francês:

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei de prender na volta do mar.
(C. Pessanha)

O sonho passou. Traz magoado o rim,
Magoada a cabeça exposta à humildade.
(M. Bandeira)

Hendecassílabos

O HENDECASSÍLABO foi muito usado pelos nossos poetas românticos numa cadência sempre uniforme, ou seja, com acentuação na 2.ª, na 5.ª, na 8.ª e na 11.ª sílaba:

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sozinho c'oa face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— "Oh filho querido do meu coração!" —
(C. de Abreu)

Este tipo de HENDECASSÍLABO nada mais é do que a simples restauração da forma por que se apresentava com mais frequência o VERSO DE ARTE-MAIOR, o verso longo, de quatro acentos, que servia aos poetas peninsulares em suas composições graves e solenes até princípios do século XVI, quando foi eclipsado pelo decassílabo de origem italiana.

Há outro tipo de HENDECASSÍLABO, empregado por Guerra Junqueiro, com acentuação fixa apenas na 5.ª e na 11.ª sílaba:

(Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!
Ai, o teu menino, como está mudado!
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar?...

Neste século, o poeta Hermes Fontes tentou novos ritmos para o verso de onze sílabas, um dos quais particularmente agradável — o HENDECASSÍLABO com acentuação na 3.ª, na 7.ª e na 11.ª sílaba:

> Alvas **pé**talas do **lí**rio de tua **al**ma...
> Estas **car**tas — estas **flo**res desfo**lha**das...

Dodecassílabos

O DODECASSÍLABO é mais conhecido por VERSO ALEXANDRINO, provavelmente por ter sido o metro adotado num poema que teve larga voga na Idade Média, a versão do *Romance de Alexandre*, de Lambert le Tort, Alexandre de Bernay e Pierre de Saint-Cloud.

Esta denominação tem gerado numerosos equívocos, principalmente pelo fato de existirem, ainda hoje, dois tipos de ALEXANDRINO: O ALEXANDRINO FRANCÊS (de doze sílabas) e o ALEXANDRINO ESPANHOL (de treze sílabas), este último muito pouco cultivado pelos poetas de nossa língua.

O ALEXANDRINO FRANCÊS apresenta dois tipos ritmicamente bem distintos: o CLÁSSICO e o ROMÂNTICO.

O ALEXANDRINO chamado CLÁSSICO tem a CESURA no meio do verso, que fica assim dividido em dois HEMISTÍQUIOS de partes iguais (6 + 6). Daí resulta ser acentuado na 6.ª e na 12.ª sílaba, como se vê destes exemplos de Augusto de Lima:

> Nessas noites de **luz** // mais belas do que a au**ro**ra,
> As errantes vi**sões** // das almas pere**gri**nas
> Vão voando a can**tar** // pela amplidão a**fo**ra...

Como o ritmo de 6 + 6 tende a subdividir-se, por exigência da harmonia interna do verso, em 3 + 3 + 3 + 3, desenvolveu-se um tipo especial dentro do ALEXANDRINO CLÁSSICO — o chamado TETRÂMETRO —, que apresenta, além dos acentos principais (na 6.ª e na 12.ª), dois outros secundários (na 3.ª e na 9.ª). É o caso deste ALEXANDRINO de Alberto de Oliveira:

> Como **len**ços de **long**e a di**ze**rem-lhe a**deus**!

Os românticos franceses não desdenharam do clássico ritmo binário (6 + 6), nem do seu submúltiplo, o TETRÂMETRO (3 + 3 + 3 + 3), mas deram ênfase a uma forma pouco usada pelos clássicos, o ALEXANDRINO de ritmo ternário (4 + 4 + 4), em que a CESURA deixa de coincidir com o HEMISTÍQUIO. A este tipo

de dodecassílabo dá-se o nome de TRIMETRO, ou de ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Leia-se, por exemplo, este verso de Camilo Pessanha:

Adorme**cei**. Não suspi**reis**. Não resp**ireis**.

Vítor Hugo, que foi o grande reformador do ALEXANDRINO FRANCÊS, tentou ainda outras formas de TRÍMETRO, fazendo variar o número de sílabas de suas três partes (3 + 5 + 4, ou 4 + 5 + 3), mas estes ritmos não aparecem nos parnasianos portugueses e brasileiros, dos poetas da língua os que mais se utilizaram do dodecassílabo. Em verdade, os parnasianos nada inovaram no particular. Contentaram-se com as consagradas variações dos acentos secundários do ALEXANDRINO CLÁSSICO e com tímidas explorações da forma usual do ALEXANDRINO ROMÂNTICO. Por outro lado, seguiram rigorosamente dois princípios na juntura dos hemistíquios:

a) só empregavam palavra grave no final do primeiro hemistíquio se o segundo hemistíquio começasse por vogal, a fim de garantir a integridade do verso pela sinérese das duas vogais em contato, como nos mostra este verso de Amadeu Amaral:

Ora, crespa, referve; // ora é um cristal sem ruga!

b) nunca usavam palavra esdrúxula no final do primeiro hemistíquio.

Finalmente, como os franceses, os poetas de nossa língua infringiram com frequência a regra arbitrária, de Boileau, que manda encerrar em cada hemistíquio uma unidade de sentido, seguindo até o exemplo daqueles na prática amiudada do CAVALGAMENTO (*ENJAMBEMENT*):

Bela! dizia eu, como **uma Feiticeira**
da Tessália, evocando a ensanguentada lua.
(Gomes Leal)

Oh! esse último olhar ao firmamento! **A vida**
Em surtos de paixão e febre repartida,
Toda, num só olhar, devorando as estrelas!
(O. Bilac)

No exemplo de Bilac observa-se o que Maurice Grammont chama *CONTREREJET*: a parte curta é a final de um verso e cavalga sobre todo o verso seguinte, ou, apenas, sobre o primeiro hemistíquio dele.

Observação:

O *Romance de Alexandre (Li Romans d'Alixandre)*, na versão mais vulgarizada na Idade Média, consta de cerca de vinte mil dodecassílabos, escritos em fins do século XII por Lambert le Tort de Châteaudun, Alexandre de Bernay, apelidado de Paris, e Pierre de Saint-Cloud. Aceita-se hoje que estes autores apenas amplificaram um poema anterior de Albéric de Pisançon, cuja fonte seria uma Epítome, feita no século IX, que resumiria a tradução latina de Julius Valerius (séc. IV) da obra do falso Calístenes (séc. II) sobre o herói macedônio. Albéric empregara o verso de oito sílabas, mas, cedo, um outro rimador refez o seu poema em decassílabos. Foi este texto, já amplificado, que serviu de base ao trabalho de refundição empreendido por Lambert le Tort e seus continuadores. O interesse do público pelo poema na versão dodecassilábica teria feito que o metro nele adotado se ligasse ao próprio tema da obra, e viesse a ser conhecido por ALEXANDRINO. Mas cabe advertir que o DODECASSÍLABO não foi usado pela primeira vez no *Romance de Alexandre*, como afirmam alguns. Nele já se haviam composto outros poemas, entre os quais a gesta *Le Pèlerinage de Charlemagne à Jérusalem*, que é do segundo quartel do século XII.

Na forma medieval, o ALEXANDRINO era um verso de doze sílabas, com cesura depois da 6.ª sílaba acentuada. Esta sílaba poderia ser seguida de uma inacentuada, que não se contava na medida do verso. O tipo em causa foi empregado em todo o domínio românico, e as *Cantigas de Santa Maria*, do rei D. Afonso X, o Sábio, dão-nos a prova de sua utilização na literatura galego-portuguesa.

O ALEXANDRINO podia ter assim doze, treze, ou mesmo, quatorze sílabas métricas (tipo este usual na Itália), caso o primeiro hemistíquio terminasse em palavra aguda, grave ou esdrúxula. Em francês, cujo léxico é formado essencialmente por palavras oxítonas, cedo se fixou como padrão o ALEXANDRINO de doze sílabas. Sendo o espanhol e o galego-português línguas em que predominam os paroxítonos, é natural que servisse de modelo o ALEXANDRINO de treze sílabas, forma ainda usual do verso no primeiro desses idiomas.

ISOSSILABISMO E VERSIFICAÇÃO FLUTUANTE

1. Estudamos até aqui a versificação portuguesa de base silábica, ou seja, aquela em que a sílaba é incontestavelmente a unidade de medida do verso.
   Neste sistema de versificação as sílabas são sempre tratadas como isócronas, isto é, não diferenciadas para efeito métrico em longas e breves segundo o modelo quantitativo greco-latino. Daí a tendência ao ISOSSILABISMO — cada tipo de verso a acomodar-se em um número fixo de sílabas, limitado por um acento tônico final, obrigatório.

2. Há, porém, certas formas de versificação cultivadas nas literaturas de língua portuguesa que não obedecem ao princípio isossilábico.

Nas cantigas trovadorescas, por exemplo, especialmente nas paralelísticas e nos refrãos, a tendência ao ISOSSILABISMO era contrarregrada pela forte corrente nativa de VERSIFICAÇÃO ACENTUAL, em cuja estrutura se tornava irrelevante a igualdade silábica, pois que a perfeita ritmia auditiva provinha do número e da disposição dos acentos. Assim as "quatro altas" do VERSO DE ARTE-MAIOR igualavam linhas que podiam oscilar entre nove e treze sílabas. Outra forma de versificação não isossilábica é a chamada MÉTRICA BÁRBARA, tentativa de reproduzir os metros quantitativos latinos, em particular o HEXÂMETRO DACTÍLICO. Na literatura brasileira cultivou-a Carlos Magalhães de Azeredo, sensivelmente influenciado pela técnica de Giosuè Carducci.

O VERSO LIVRE

Tanto os METROS BÁRBAROS como os antigos VERSOS ACENTUAIS contrariam o princípio isossilábico, mas as flutuações que apresentam não excedem predeterminados limites. Não assim no VERSO LIVRE, posto em prática pelo grande poeta norte-americano Walt Whitman na obra *Folhas de relva* (*Leaves of Grass*, 1855), e que, a partir de 1886, iria dominar na poética dos simbolistas de língua francesa: Gustave Kahn, Jules Laforgue, Emile Verhaeren, Francis Vielé-Griffin, Henri de Régnier, Jean Moréas e tantos outros.

Gustave Kahn, poeta e principal teorizador do VERSO LIVRE, procurou estabelecer-lhe os princípios, que podem ser assim resumidos:

a) o verso deve possuir sua existência própria e interior consubstanciada numa coerente unidade semântica e rítmica;
b) a unidade do verso será então definida como o fragmento mais curto possível em que haja uma pausa da voz e uma conclusão de sentido;
c) a estrofe não terá mais um desenho preestabelecido, mas será condicionada pelo pensamento ou pelo sentimento;
d) a inversão e o cavalgamento são recursos que devem ser banidos do verso.

Tais princípios se consubstanciam, por exemplo, na *Ode marítima* de Fernando Pessoa, como nos mostra este passo:

Ah, seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!

e no poema *Os ombros suportam o mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, cuja primeira estrofe é a seguinte:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Mas, como bem salienta Henri Morier, não podemos dizer que exista *a priori* uma técnica uniforme do VERSO LIVRE.[7] Cada poeta procura forjar o seu próprio instrumento, não sendo raro o mesmo autor ensaiar várias técnicas, como documenta a obra dos principais poetas modernistas portugueses e brasileiros.

Advirta-se, por fim, que um verso só pode ser considerado LIVRE dentro de certos tipos de estrutura poemática, estrutura que representa sempre uma organização interativa. "A linha só é unidade poética se há poema. É o poema que faz o verso livre, e não o verso livre que faz o poema. Exatamente como nos versos métricos".[8]

Em resumo:

"No verso livre o fator que coordena artisticamente a palavra em seus grupos respectivos se funda na sucessão dos apoios psicossemânticos que o poeta, intuitiva ou intencionalmente, dispõe como efeito da harmonia interior que o orienta na criação de sua obra. Por seu próprio sentido individual, esta espécie de ritmo exige de parte do autor uma fina sensibilidade expressiva e um perfeito domínio do material linguístico".[9]

E concluamos com estas palavras de Pedro Henríquez Ureña:

"Reduzido a sua essência pura, sem apoios rítmicos acessórios, o verso conserva intacto seu poder de expressar, sua razão de existir. Os apoios rítmicos que a uns parecem necessários, a outros sobram ou estorvam. E tais apoios têm vida limitada: atravessam séculos e desaparecem. Desapareceu a quantidade nos velhos idiomas indo-europeus; desapareceu a aliteração nos germânicos... Não há formas universais nem eternas".[10]

---

[7] *Dictionnaire de poétique et de réthorique*, 2.ª ed., Paris, P. U. F., 1975, p. 1.119; e também *Le Rythme du vers libre symboliste*, 3 vols. Genève, Presses Académiques, 1943-1944.

[8] Henri Meschonnic. *Obra cit.*, p. 607.

[9] Tomás Navarro Tomás, *Obra cit.*, p. 444-445.

[10] En busca del verso puro. In *Estudios de versificación española*. Buenos Aires, Eudeba, 1961, p. 267-268.

A RIMA

1. LENDO ESTA QUADRINHA POPULAR,

Tanto limão, tanta **lima**,
Tanta silva, tanta am**ora**,
Tanta menina bon**ita**...
Meu pai sem ter uma n**ora**!

verificamos que:

a) o 1.º e o 3.º verso apresentam uma identidade de vogais a partir da última vogal tônica: **i-a** (*lima* — *bonita*);
b) o 2.º e o 4.º verso apresentam uma correspondência de sons finais ainda mais perfeita, pois, a partir da última vogal tônica, se igualam todos os fonemas (vogais e consoantes): **-ora** (*amora* — *nora*).

2. Esta identidade ou semelhança de sons em lugares determinados dos versos é o que se chama de RIMA.[11] Se a correspondência de sons é completa, a RIMA diz-se SOANTE, CONSOANTE, ou, simplesmente, CONSONÂNCIA. Se há conformidade apenas da vogal tônica, ou das vogais a partir da tônica, a RIMA denomina-se TOANTE, ASSONANTE ou, simplesmente, ASSONÂNCIA.

A RIMA E O ACENTO

Quanto à posição do acento tônico, as RIMAS, como as palavras, podem ser:

a) AGUDAS:

Vinhos dum vinhedo, frutos dum pom**ar**,
Que no céu os anjos regam com lu**ar**...
(Guerra Junqueiro)

b) GRAVES:

Calçou as sandálias, tocou-se de **flores**,
Vestiu-se de Nossa Senhora das D**ores**.
(A. Nobre)

---

[11] Sobre a RIMA na poesia de língua portuguesa, consultem-se especialmente: João da Silva Correia. *A rima e a sua acção linguística, literária e ideológica*. Lisboa, 1930 (conjunto de nove artigos publicados, durante o ano de 1930, em várias revistas portuguesas, enfeixados pelo autor num volume com capa própria); Mello Nóbrega. *Rima e poesia*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1965.

c) ESDRÚXULAS:

No ar lento fumam gomas aromá**ticas**
Brilham as navetas, brilham as dalmá**ticas.**
(E. de Castro)

As rimas agudas são também chamadas RIMAS MASCULINAS; e as graves, RIMAS FEMININAS.

RIMA PERFEITA E RIMA IMPERFEITA

1. A rima é uma coincidência de sons, não de letras. Por exemplo, há RIMA SOANTE PERFEITA nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

Céu puro que o sol tr**ouxe**
Claro de norte a s**ul,**
O teu olhar é d**oce,**
Negro assim, qual se f**osse**
Inteiramente az**ul.**

tanto entre *sul* e *azul*, como entre as formas *trouxe, doce e fosse*, que apresentam a mesma terminação grafada de três maneiras diferentes.

2. Perfeita é também a rima de *tem* com *mãe* nestes versos do poeta português Fernando Pessoa:

Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade t**em**?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
"O menino da sua m**ãe.**" —

porque no falar lisboeta estas palavras soam normalmente [tãj] e [mãj].

3. Mas nem sempre há identidade absoluta entre os sons dispostos em rima, quer soante, quer toante. Algumas discordâncias têm sido mesmo largamente toleradas através dos tempos. Entre os casos de RIMA IMPERFEITA consagrados pelo uso, cabe mencionar:

a) o das vogais acentuadas *e* e *o* semiabertas com semifechadas, prática iniciada por Gil Vicente, no século XVI, e adotada desde então pelos poetas da língua:

Quem disse à estrela o caminho
Que ela há de seguir no **céu**?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprend**eu**?
(Almeida Garrett)

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu outro **fora**,
Pensar que te vejo ag**ora**,
Por culpa minha, infeliz...
(Gonçalves Dias)

b) o de vogal simples com ditongo (*a-ai, e-ei, ó-ói, u-ui*), como nestes versos de Casimiro de Abreu:

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos **ais...**
E a turba andava! Só de vez em quando
Lânguido rosto se volvia atr**ás**!

Ó brisa linda e travessa,
No teu mais doce baf**ejo**,
Em seus lábios cor-de-rosa,
Bem de manso, dá-lhe um b**eijo**.

— Pés descalços, braços n**us** —
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas az**uis**!

c) o de rima de vogal oral com vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se p**õe**,
Imagem moribunda
De um coração que f**oi**...
(J. de Deus)

Observação:

A bem dizer, não existe nestes casos RIMA IMPERFEITA, mas RIMA PARCIAL. Na rima de vogal aberta com vogal fechada, bem como na de vogal oral com vogal nasal, há uma semi-homofonia vocálica, ou seja, identificam-se apenas os traços básicos

dos fonemas em apreço, aqueles que os diferenciam fundamentalmente dos outros fonemas vocálicos. A rima de vogal simples com ditongo, a rigor, nem deve ser considerada RIMA IMPERFEITA, pois corresponde geralmente a uma efetiva igualdade fônica. Palavras como *atrás*, *vez*, *retrós* e *nus*, por exemplo, são pronunciadas [a'trajʃ], ['vejʃ], [re'trɔjʃ] e ['nujʃ] em muitas áreas da língua portuguesa, entre as quais o Rio de Janeiro. Lembre-se, a propósito, estas rimas usadas numa antiga marchinha carnavalesca carioca:

Existem quatrocentas mil mulheres a **mais**
Da Penha ao Posto **Seis**.
São mais de dez mulheres para cada rapa**z**:
Só eu não tenho **vez**...

RIMA POBRE E RIMA RICA

1. Consideram-se POBRES as rimas soantes feitas com terminações muito correntes no idioma, principalmente as de palavras da mesma classe gramatical. É o caso, por exemplo, dos infinitivos em *-ar*, dos particípios em *-ado*, dos gerúndios em *-ando*, dos diminutivos em *-inho*, dos advérbios em *-mente*, dos adjetivos em *-ante*, dos substantivos em *-ão* e *-eza*, das palavras primitivas com os seus derivados por prefixação: *amor-desamor*, *ver-rever*, etc.

2. São RICAS as rimas que se fazem com palavras de classe gramatical diversa ou de finais pouco frequentes, como nestes versos de Alphonsus de Guimaraens:

O teu olhar, Senhora, é a estrela da **alva**
Que entre alfombras de nuvens **irradia**:
Salmo de amor, canto de alívio, e **salva**
De palmas a saudar a luz do **dia**...

Alguns metricistas preferem reservar a qualificação RICAS para as RIMAS com consoante de apoio, do tipo *dia-irradia*.

3. Denominam-se RARAS ou PRECIOSAS as rimas excepcionais, difíceis de encontrar. Foram procuradas sobretudo pelos poetas parnasianos e simbolistas. Veja-se, por exemplo, esta rima de *ditirambos* com *flambos*, que aparece nos *Helenos*, de B. Lopes.

E, a rir, levamos entre **ditirambos**,
Eu, no açafate, as provisões do lanche,
Ela, um beijo a trinar nos lábios **flambos**!

E as de *cálix* com *digitális* e de *leque* com *Utreque*, empregadas nas *Horas* de Eugênio de Castro:

Oh os seus olhos! suas unhas em amêndoa! e em **cálix**
O seu colo! e os seus dedos de **digitális**! —
Vai com suas aias, leva fino **leque**,
Cauda de veludo pálido, de **Utreque**.

4. Por vezes, o poeta procura a raridade não só no campo fonético, mas também no morfológico. Do mesmo Eugênio de Castro são estes versos, em que rima um substantivo com uma forma verbo-pronominal:

Eis que diz uma: — Meus chapins **descalça-mos**,
Unge meus pés brancos com cheirosos **bálsamos**.

COMBINAÇÕES DE RIMAS

1. Os versos de um poema podem ser MONORRIMOS, isto é, podem terminar todos pela mesma consonância ou pela mesma assonância. É o que sucede comumente com os versos dos romances tradicionais, em que uma só assonância liga um número indefinido deles.

2. Mas, em geral, as combinações rímicas processam-se dentro de unidades menores do poema — as ESTROFES —, cujos principais tipos estudaremos adiante. Nas estrofes, as disposições mais frequentes de RIMAS são as seguintes:

a) RIMAS EMPARELHADAS, quando se sucedem duas a duas:

Ele deixava atrás tanta recorda**ção**!
E o pesar, a saudade até no próprio ch**ão**,
Debaixo dos seus pés, parece que gem**ia**,
Levantava-se o sol, vinha rompendo o d**ia**,
E o bosque, a selva, o campo, a pradaria em fl**or**
Vestiam-se de luz, como um preito de am**or**.
(A. de Oliveira)

b) RIMAS ALTERNADAS, quando, de um lado, rimam os versos ímpares (o 1.º com o 3.º, etc.); de outro, os versos pares (o 2.º com o 4.º, etc.):

Tu és um beijo mat**erno**!
Tu és um riso infant**il**,
Sol entre as nuvens de inv**erno**,
Rosa entre as flores de abr**il**!
(J. de Deus)

c) RIMAS OPOSTAS ou INTERPOLADAS, quando o 1.º verso rima com o 4.º, e o 2.º com o 3.º:

Saudade! Olhar de minha mãe rez**ando**
E o pranto lento deslizando em **fio**...
Saudade! Amor da minha terra... O **rio**
Cantigas de águas claras soluç**ando**.
(Da Costa e Silva)

d) RIMAS ENCADEADAS, quando o 1.º verso rima com o 3.º; o 2.º com o 4.º e com o 6.º; o 5.º com o 7.º e o 9.º e assim por diante, como nestes versos do poema *Uma criatura*, de Machado de Assis:

Sei de uma criatura antiga e formid**ável**,
Que a si mesma devora os membros e as entr**anhas**
Com a sofreguidão da fome insaci**ável**.

Habita juntamente os vales e as mont**anhas**
E no mar, que se rasga, à maneira de ab**ismo**,
Espreguiça-se toda em convulsões estr**anhas**.

Traz impresso na fronte o obscuro despot**ismo**.
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de ego**ísmo**.

RIMA INTERIOR

Poetas houve que empregaram RIMAS INTERIORES, das quais alguns tipos merecem referência:

a) a chamada RIMA LEONINA, isto é, a correspondência de sons finais entre os dois hemistíquios de um verso:

Como são chei**rosas** as primeiras **rosas**!
(A. de Guimaraens)

b) a combinação rímica da palavra final de um verso com a palavra que termina o primeiro grupo fônico do verso seguinte:

Anjo sem pátria, branca fada err**ante**,
Perto ou dist**ante** que de mim tu vás,
Há de seguir-te uma saudade in**finda**,
Hebreia **linda**, que dormindo estás.
(T. Ribeiro)

c) a RIMA COM ECO, em que se repetem consonâncias dentro do mesmo grupo fônico:

Donzel**a** bel**a**, que me insp**ira** a l**ira**
Um c**anto** s**anto** de fremente amor
Ao b**ardo** o c**ardo** da trem**enda** s**enda**
Est**anca**, arr**anca**-lhe a terrível dor.
(Castro Alves)

INDICAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS RIMAS

Convencionalmente, indicam-se os versos com as letras do alfabeto. Aos versos presos pela mesma rima correspondem letras iguais. Assim o esquema das RIMAS EMPARELHADAS é *aa-bb-cc*, etc.; o das RIMAS ALTERNADAS é *ababab*, etc.; o das RIMAS OPOSTAS, *abba*; o das RIMAS ENCADEADAS, *aba-bcb-cdc*, etc.

VERSOS SEM RIMA

1. Elemento importantíssimo na poesia dos povos românicos, a rima serve principalmente a dois fins. É uma sonoridade, uma musicalidade que, introduzida no poema, satisfaz o ouvido. E é, por outro lado, uma forma de marcar enfaticamente o término do período rítmico formado pelo verso. Mas não constitui, como se tem dito, um elemento intrínseco, essencial do verso, tanto assim que era desusada na métrica latina de caráter culto e não faltam às literaturas modernas numerosos e admiráveis poemas compostos de versos BRANCOS, o que vale dizer — sem rima.

2. Até os poetas modernos, que, procurando despojar a poesia dos artifícios exteriores, relegaram a rima a uma situação secundária, só encontramos praticamente um verso — o DECASSÍLABO — a servir de base a um poema, sem o auxílio da rima. Veja-se, por exemplo, a estrofe inicial do *Cântico do Calvário*, de Fagundes Varela:

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústia conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,

O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!
Teto, caíste! Crença — já não vives!

3. Advirta-se, porém, que a inexistência da rima é geralmente compensada nesses poemas por uma série de recursos estilísticos de natureza fônica, léxica e sintático-semântica.

Observação:

A rima não é, como se tem afirmado, uma criação da poesia medieval. Embora não desempenhasse na versificação latina o importante papel que adquiriu, posteriormente, na rítmica românica, não se pode asseverar, sem prejuízo da verdade, que os poetas latinos a desconhecessem.

Ênio, que viveu de 238 a 169 antes de Cristo, dela já sabia extrair os mais expressivos efeitos, como nos mostram os seguintes fragmentos:

Haec omnia vidi inflamm**ari**,
Priamo vi vitam evit**ari**,
Iovis aram sanguine turp**ari**!
Caelum nit**escere**, arbores frond**escere**,
Vites laetificae pampinis pub**escere**,
Rami bacarum ubertate incurv**escere**...[12]

Não faltam exemplos de rima em Horácio, Vergílio e outros poetas do período clássico, mas é nos cantos de textura popular, como o *carmen*, que vamos encontrá-los com maior frequência, o que nos leva a considerar tal homofonia de sons finais um de seus elementos característicos.

O fato explica-se pelas necessidades do canto e, principalmente, pelo progressivo predomínio do acento de intensidade.

Numa versificação baseada na quantidade silábica e no acento de altura, como era a latina no período clássico, a rima teria forçosamente o caráter de puro adorno acidental — recurso lúdico ou de harmonia imitativa, quando não uma negligência. Nada, lembra J.-M. Meunier, poderia ser mais contrário ao princípio da métrica erudita do que volver, continuamente, às mesmas terminações. Obrigando a fixar a atenção em certas sílabas em detrimento do conjunto, essas rimas perturbavam a harmonia resultante da sucessão regular e do agrupamento variado das longas e das

[12] Cf. Alfred Ernout. *Recueil de textes latins archaïques*. Paris, Klincksieck, 1938, p. 178.

breves, sobre as quais incidia, ou o tempo forte métrico, ou o acento de altura. Nesta organização rítmica flexível e delicada, elas apareciam como notas discordantes e de tonalidade vulgar.[13]

Já numa versificação puramente silábica, o ritmo é o simples efeito da alternância de sílabas fortes e fracas, ou seja, impressionadas ou não pelo acento intensivo. A igualdade de som ou sons finais dos versos surge então como uma tosca forma de marcar-lhes o término. Gaston Paris chega a afirmar, com certo exagero, que "uma versificação simplesmente silábica não passa de um corpo sem alma; é necessariamente em tudo material, e só pode obter efeitos pelo meio brutal da rima".[14]

A partir do século IV da nossa era, a rima começa a ser empregada de forma sistemática. Aparece, então, na peça que finaliza as *Instructiones* de Comodiano e fixa-se, depois, nos hinos da liturgia cristã. Com o florescimento da poesia trovadoresca, nos séculos XII e XIII, ela assume uma importância capital e é explorada até os limites de seu poder expressivo. Basta para comprová-lo o fato de *Las Leys d'Amors*, tratado de poética do século XIV, enumerar 43 espécies de rimas utilizadas pelos trovadores occitânicos.

ESTROFAÇÃO

ESTROFE (do grego *strophé* "volta", "conversão") é um agrupamento rítmico formado de dois ou mais versos que, em geral, se combinam pela rima. Quanto maior o número de versos, tanto maior a possibilidade de variar a distribuição das rimas.

Eis os principais tipos de ESTROFE:

O DÍSTICO

É a menor estrofe, constituída de dois versos que rimam entre si, pelo esquema: *aa-bb*, etc.:

Filho meu, de nome escri**to**
Da minh'alma no Infini**to**.
Escrito a estrelas e s**angue**
No farol da lua **langue**...
(Cruz e Sousa)

---

[13] Cf. *La Vie de Saint Alexis, poème français du XIe. siècle*. Paris, Droz, 1933, p. 101.

[14] Citado por J.-M. Meunier, à p. 96 da obra mencionada na nota anterior.

O TERCETO

É a estrofe de três versos, hoje mais usada na composição do SONETO, do qual trataremos adiante.

Os poemas estruturados em TERCETOS seguiram largo tempo o modelo célebre da *Divina comédia*, de Dante — a TERZA RIMA —, sequência de TERCETOS decassilábicos em rima ENCADEADA (esquema: *aba-bcb-cdc...*). O segundo verso do último TERCETO devia rimar com um verso final, remate do poema ou do canto (esquema: *xzx-z*).

Posteriormente, compuseram-se TERCETOS com outras combinações rímicas (*aab-ccb*, *abc-abc*, etc.), ou mesmo sem rima, como estes do poema *Rosa da montanha*, de Alphonsus de Guimaraens Filho:

Um luar velho dói sobre o silêncio.
As mãos furtivas despetalam mortes
E o coração se perde em nostalgia.

Fugir na noite inconsolável, ir
Ao teu suplício, rosa da montanha,
Ó delicada pétala de sangue!

A QUADRA

É a estrofe de quatro versos, os quais, na poesia culta, se apresentam geralmente em rima ALTERNADA (*abab*) ou OPOSTA (*abba*), como vimos anteriormente. Na literatura popular, onde vale por um verdadeiro poema de forma fixa, a QUADRA é, por via de regra, constituída de heptassílabos com uma só rima, do 2.º com o 4.º verso. Exemplo:

O pouco que Deus nos deu
Cabe numa mão fech**ada**:
O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é n**ada**.

A QUINTILHA

É a estrofe de cinco versos. Em suas formas comuns, apresenta a combinação de duas rimas dispostas nas séries:

a) *abaab*:

Além dos ares, tremulam**ente**,
Que visão branca das nuvens s**ai**!

Luz entre franças, fria e sil**ente**;
Assim nos ares, tremulam**ente**,
Balão aceso subindo **vai**...
(R. Correia)

b) *ababa*:

O tempo que eu hei sonh**ado**
Quanto tempo foi de **vida**!
Ah, quanto do meu pass**ado**
Foi só a vida ment**ida**
De um futuro imagin**ado**!
(F. Pessoa)

c) *abbab*:

Mas, em vida tão esc**assa**,
Que esperança será **forte**?
Fraqueza da humana s**orte**,
Que quanto da vida p**assa**
Está recitando a M**orte**.
(Camões)

A SEXTILHA

É a estrofe de seis versos. Nela a disposição das rimas pode variar muito. Gregório de Matos, por exemplo, usava o esquema *aabbcc*:

O namorado, todo almiscar**ado**,
Já de amor obrig**ado**,
Faz à dama um poema em um bilh**ete**.
Covarde o faz, e tímido o rem**ete**:
Se lhe responde branda, alegre o g**osta**,
E, se tirana, estima-lhe a resp**osta**.

Nas *Sextilhas de Frei Antão*, Gonçalves Dias rimou apenas os versos pares (*abcbdb*):

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o ver**ei**,
Nem tão inteiros sujeitos,

Um ao outro dando a **lei**:
No Paço o rei ao vassalo,
Na Igreja o vassalo ao **rei**!

E assim fizeram outros poetas românticos, os quais preferiam, no entanto, o esquema *aabccb*:

Simpatia — são dois **galhos**
Banhados de bons orv**alhos**
Nas mangueiras do jard**im**;
Bem longe às vezes nasc**idos**,
Mas que se juntam cresc**idos**
E que se abraçam por **fim**.
(C. de Abreu)

esquema também do agrado de Antônio Nobre:

Às vezes, passo horas int**eiras**,
Olhos fitos nestas bras**eiras**,
Sonhando o tempo que lá v**ai**;
E jornadeio em fantas**ia**
Essas jornadas que eu faz**ia**
Ao velho Douro, mais meu P**ai**.

Poetas contemporâneos continuam a empregar a SEXTILHA nas suas múltiplas combinações rímicas, algumas muito harmoniosas, como o tipo *ababab*:

Por água brava ou ser**ena**
Deixamos nosso cant**ar**,
Vendo a voz como é peq**uena**
Sobre o comprimento do **ar**.
Se alguém ouvir temos p**ena**:
Só cantamos para o m**ar**...
(C. Meireles)

A ESTROFE DE SETE VERSOS

Frequente na poesia trovadoresca de caráter culto, a estrofe de sete versos teve menor fortuna a partir do Renascimento.

Aparece em composições ligeiras de poetas do período clássico, geralmente no esquema *abbaacc*, como nesta volta de uma cantiga de Camões:

Leva na cabeça o **pote**,
o testo nas mãos de pr**ata**,
cinta de fina escarl**ata**,
sainho de chamal**ote**:
traz a vasquinha de c**ote**,
Mais branca que neve p**ura**;
vai fermosa, e não seg**ura**.

Poetas posteriores usaram outras combinações rímicas, entre as quais podem ser citadas as seguintes: *aabcbbc* (Álvares de Azevedo); *abababa*, *aabcddc*, *abbcddc* (Casimiro de Abreu); *abacbac* (Vicente de Carvalho); *aabaaca*, *abbacbc* (Fernando Pessoa); *abcdefd*, *ababcac*, *abcdbec*, *abcabbc* (Cecília Meireles).

A OITAVA

Da estrofe de oito versos há um tipo tradicionalmente fixo, a OITAVA HEROICA, e outro métrica e rimicamente variável, a OITAVA LÍRICA.

A OITAVA HEROICA é formada de oito decassílabos, os seis primeiros com rima alternada e os dois últimos com rima emparelhada (esquema: *abababcc*). Foi a estrofe empregada por Camões em *Os lusíadas*:

De Formião, filósofo eleg**ante**,
Vereis como Aníbal escarnec**ia**,
Quando das artes bélicas di**ante**
Dele com larga voz tratava e **lia**.
A disciplina militar prest**ante**
Não se aprende, senhor, na fantas**ia**
Sonhando, imaginando ou estud**ando**,
Senão vendo, tratando e pelej**ando**.
(*Lus.*, X, 153)

A OITAVA LÍRICA admite grande variedade de combinações rímicas. Por vezes é uma simples justaposição de duas quadras. Assim nos esquemas *ababcdcd* e *abbacddc*. Para lhe dar estrutura mais orgânica, procuram os poetas ligar pela rima um verso da primeira metade com um verso da segunda, geralmente o 4.º com o 8º. Este, por exemplo, o caso dos esquemas:

a) *abbcaddc*:

Uma tarde cor-de-r**osa**...
Uma vila assim mod**esta**,
Assim tristonha como **esta**

De pescadores, também...
Sobre a planície arenosa
Por onde o Jordão deriva,
Pousa a sombra evocativa
Das montanhas de Siquém...
(V. de Carvalho)

b) *ababcccb*:

Ama tudo o que é beleza,
Quer da terra quer dos céus,
Ama toda a natureza,
Ama o seu e nosso Deus;
Ama a doce melodia,
Ama a noite como o dia,
Ama instintiva a poesia,
Que ela tem nos beijos seus!
(Mendes Leal)

c) *aaabcccb*:

Os trêmulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia!
Tudo isso é — amor!
(C. de Abreu)

Os poetas românticos preferiam, não raro, variantes desses tipos com falta de rima no 1.º e no 3.º verso, ou no 1.º e no 5.º, ou em todos os versos ímpares.

Não faltam também oitavas líricas em que os versos se distribuem por duas rimas, como nesta de Gomes Leal, que obedece ao esquema *abaaabab*:

Pegou no copo, com graça,
E brindou, em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,
Como a um punhal que a trespassa,
Encheu de prantos a taça,

E o seu lenço de Bret**anha**...
Chorou baixo, ao ouvir, com gr**aça**,
Esse brinde, em língua estr**anha**!

A ESTROFE DE NOVE VERSOS

Embora tenha raízes antigas na literatura portuguesa, a estrofe de nove versos foi sempre pouco usada. Dela se serviu, por exemplo, Machado de Assis no poema *Visio* (esquema: *aabcdbcdb*), que assim principia:

Eras pálida. E os cab**elos**,
Aéreos, soltos nov**elos**,
Sobre as espáduas ca**íam**...
Os olhos meio cerr**ados**
De volúpia e de tern**ura**
Entre lágrimas luz**iam**...
E os braços entrelaç**ados**,
Como cingindo a vent**ura**,
Ao teu seio me cing**iam**...

Mais recentemente, empregou-a Fernando Pessoa em *O mostrengo* (esquema: *aabaacdcd*), cujo início é o seguinte:

O mostrengo que está no fim do m**ar**
Na noite de breu ergueu-se a vo**ar**;
A roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chi**ar**,
E disse, "Quem é que ousou entr**ar**
Nas minhas cavernas que não desv**endo**,
Meus tetos negros do fim do m**undo**?"
E o homem do leme disse, trem**endo**,
"El-Rei D. João Seg**undo**!"

A DÉCIMA

Em geral, a DÉCIMA é a simples justaposição de uma QUADRA e uma SEXTILHA, ou de duas QUINTILHAS. No período clássico, a DÉCIMA em heptassílabos era usada para poesias ligeiras: cantigas, glosas, vilancetes e esparsas. Sá de Miranda empregou-a nos esquemas *abbacddccd* e *abaabcddcd*; Camões, na forma *abaabcdccd*; e Gregório de Matos, que dela se serviu largamente nas sátiras, preferia o tipo *abbaaccddc*, de que nos dá mostra a seguinte, endereçada "a um livreiro que havia comido um canteiro de alfaces com vinagre":

Levou um livreiro a d**ente**
De alface todo um cant**eiro**,
E comeu, sendo livr**eiro**,
Desencadernadam**ente**.
Porém, eu digo que m**ente**
A quem disso o quer tach**ar**;
Antes é para not**ar**
Que trabalhou como um m**ouro**,
Pois meter folhas no c**ouro**
Também é encadern**ar**.

A esse tipo de décima de setissílabos, agrupados no esquema rímico *abbaaccddc*, dá-se o nome de ESPINELA, por ser atribuída a sua invenção ao poeta espanhol Vicente Espinel.

A partir do romantismo, novos tipos de DÉCIMA têm aparecido, de regra com intercalações de versos brancos. Compare-se este exemplo de Castro Alves (esquema *abcbddeffe*):

Talhado para as grandezas,
Para crescer, criar, sub**ir**,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porv**ir**.
— Estatuário de col**ossos**
Cansado doutros esb**oços**,
Disse um dia Jeov**á**:
"Vai, Colombo, abre a cort**ina**
Da minha eterna ofic**ina**...
Tira a América de **lá**".

E este outro de Antônio Botto (esquema: *abcbdefghg*):

Se eu fosse alguém ou mandasse
Neste mundo de vil**eza**,
Só pensava numa coisa
— Acabar com a pobr**eza**.
Dar à vida outra feição
Mais igual, mais repartida,
Seria o meu grande sonho,
A minha grande alegr**ia**,
E a cada boca, num beijo,
Dar o pão de cada d**ia**.

ESTROFE SIMPLES E COMPOSTA

Chamam-se SIMPLES as estrofes formadas de versos de uma só medida, e COMPOSTAS as que combinam versos maiores com menores.

As combinações mais comuns são:

a) a do decassílabo com o hexassílabo;
b) a do hendecassílabo com o pentassílabo;
c) a do alexandrino com os versos de oito, de seis ou de quatro sílabas;
d) a do heptassílabo com os versos de três ou de quatro sílabas.

ESTROFE LIVRE

Denomina-se LIVRE ou POLIMÉTRICA a estrofe que apresenta versos de diferentes medidas e agrupados sem obediência a qualquer regra. Em verdade, a ESTROFE LIVRE é a negação da estrofe, no sentido tradicional dessa palavra.

POEMAS DE FORMA FIXA

Há poemas que têm uma forma fixa, isto é, submetida a regras determinadas quanto à combinação dos versos, das rimas ou das estrofes. Assim o SONETO, O RONDÓ, O RONDEL, a BALADA, O CANTO REAL, O VILANCETE, a VILANELA, a SEXTINA, O PANTUM, O HAICAI e a QUADRA popular. Dentre eles, merece um comentário particular o SONETO por sua longa vitalidade em várias literaturas, inclusive na portuguesa e na brasileira.

O SONETO

Há duas variedades de SONETO: O SONETO ITALIANO e O SONETO INGLÊS.

1. Compõe-se o SONETO ITALIANO de quatorze versos, geralmente decassílabos ou alexandrinos, agrupados em duas quadras e dois tercetos.

   As rimas das quadras são as mesmas. Um par de rimas serve a ambas, segundo um dos dois esquemas:

   1.º) *abba-abba*, que é o mais usual e se pode ver, por exemplo, no soneto *No claustro de celas*, de Camilo Pessanha, reproduzido à página 704 deste livro.

   2.º) *abab-abab*, disposição de rimas a que obedece, por exemplo, as do soneto *Remissão*, de Carlos Drummond de Andrade:

> Tua memória, pasto de poesi**a**,
> tua poesia, pasto dos vulg**ares**,
> vão se engastando numa coisa fri**a**
> a que tu chamas: vida, e seus pes**ares**.

Mas, pesares de quê? perguntar**ia**,
se esse travo de angústia nos cant**ares**,
se o que dorme na base da eleg**ia**
vai correndo e secando pelos **ares**.

2. Nos tercetos podem combinar-se duas ou, mais frequentemente, três rimas. Quando há apenas duas rimas, dispõem-se elas normalmente de forma alternada: *cdc-dcd*. Assim no soneto de Camilo Pessanha, atrás mencionado. Se as rimas são três, distribuem-se em geral nos esquemas:

1.º) *ccd-eed*, empregado preferentemente por Florbela Espanca, a exemplo destes tercetos de *Languidez*:

Fecho as pálpebras roxas, quase pr**etas**,
Que pousam sobre duas viol**etas**,
Asas leves cansadas de v**oar**...

E a minha boca tem uns beijos m**udos**...
E as minhas mãos, uns pálidos vel**udos**,
Traçam gestos de sonho pel**o ar**...

2.º) *cdc-ede*, que se documenta nos tercetos de *Lar paterno*, de Belmiro Braga:

Serras virentes, que não mais transp**onho**,
Na retina fiel ainda eu vos t**enho**,
E revejo, através de um brando s**onho**,

A casa onde nasci, as mansas r**eses**,
A várzea, o laranjal, a horta, o eng**enho**
E a cruz onde rezei por tantas v**ezes**...

3.º) *cde-cde*, que aparece nestes tercetos de *Zulmira*, de Raimundo Correia:

Não sei porque chorando toda a g**ente**,
Quando Zulmira se casou, est**ava**:
Belo era o noivo... que razões hav**ia**?

A mãe e a irmã choravam tristem**ente**;
Só o pai de Zulmira não chor**ava**...
E era o pai, afinal, quem mais sofr**ia**!

Estas as principais disposições rímicas do SONETO ITALIANO, ou seja, da forma tradicional deste breve e afortunado poema.

3. O SONETO INGLÊS, modernamente introduzido nas literaturas de língua portuguesa, também consta de quatorze versos, mas distribuídos em três quadras e um dístico final, que se escrevem sem espacejamento. Obedece a um dos dois esquemas:

a) *ababbcbccdcd ee*;
b) *ababcdcdefef gg*.

Na literatura inglesa, o primeiro tipo é conhecido por SONETO SPENSERIANO (*spenserian sonnet*), por ter sido cultivado inicialmente pelo poeta Edmund Spenser (1552?-1599); o segundo denomina-se SONETO SHAKESPEARIANO (*Shakespearean sonnet*), ou, simplesmente, SONETO INGLÊS (*English sonnet*), por se haver tornado a forma mais usual do poema desde que dela se serviu o genial dramaturgo nos 154 espécimes do gênero que nos legou.

De Manuel Bandeira é este soneto shakespeariano:

SONETO INGLÊS N.º 2

Aceitar o castigo imerecido,
Não por fraqueza, mas por altivez.
No tormento mais fundo o teu gemido
Trocar num grito de ódio a quem o fez.
As delícias da carne e pensamento
Com que o instinto da espécie nos engana
Sobpor ao generoso sentimento
De uma afeição mais simplesmente humana.
Não tremer de esperança nem de espanto.
Nada pedir nem desejar, senão
A coragem de ser um novo santo
Sem fé num mundo além do mundo. E então
Morrer sem uma lágrima, que a vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.

Elenco e desenvolvimento das abreviaturas usadas

A. A. de Melo Franco, *AR* = FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Amor a Roma*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

A. Abelaira, *B* = ABELAIRA, Augusto. *Bolor*. 3.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

A. Abelaira, *BI* = ——. *As boas intenções*; romance. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1971.

A. Abelaira, *CF* = ——. *A cidade das flores*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

A. Abelaira, *D* = ——. *Os desertores*; romance. 3.ª ed. Amadora, Bertrand [1971].

A. Abelaira, *NC* = ——. *O nariz de Cleópatra*. Comédia em 3 atos. Amadora, Bertrand [1962].

A. Abelaira, *QPN* = ——. *Quatro paredes nuas*; contos. Amadora, Bertrand, 1972.

A. Abelaira, *TM* = ——. *O triunfo da morte*. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

A. Amoroso Lima, *AA* = LIMA, Alceu Amoroso [Tristão de Ataíde]. *Afonso Arinos*. Rio de Janeiro-Lisboa-Porto, 1922.

A. Arinos, *OC* = ARINOS, Afonso. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

A. Azevedo, *C* = AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Segundo milheiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1890.

A. Bessa Luís, *AM* = LUÍS, Agustina Bessa. *A muralha*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, 1957.

A. Bessa Luís, *M* = ——. *O manto*; romance. Amadora, Bertrand, s. d.

A. Bessa Luís, *OM* = ——. *O mosteiro*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., 1980.

A. Bessa Luís, *QR* = ——. *As relações humanas: Os quatro rios*; romance. Lisboa, Guimarães Editores, s. d.

A. Bessa Luís, *S* = ——. *A sibila*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Guimarães & Cia., s. d.

A. Botto, *C* = BOTTO, Antônio. *Canções*. Nova edição definitiva. Lisboa, Bertrand, 1941.

A. Botto, *OA* = ——. *Ódio e amor*. Lisboa, Ática, 1947.

A. Callado, *MC* = CALLADO, Antônio. *A madona de cedro*. 2.ª ed. Nova Fronteira, 1981.

A. Callado, *Q* = ——. *Quarup*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1967.

A. Carlos Resende, *LD* = RESENDE, Antônio Carlos. *O louva-a-deus*; novela. Porto Alegre, Globo, 1980.

A. Corrêa d'Oliveira, *M* = OLIVEIRA, Antônio Corrêa d'. *Menino*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand; Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

A. Corrêa d'Oliveira, *VSVA* = ——. *Verbo ser e verbo amar*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1926.

A. de Alcântara Machado, *NP* = MACHADO, Antônio de Alcântara. *Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda; Laranja da China; Mana Maria; Contos avulsos*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

A. de Assis Júnior, *SM* = ASSIS JÚNIOR, Antônio de. *O segredo da morta*; romance de costumes angolenses. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1979.

A. de Guimaraens, *OC* = GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

A. de Oliveira, *P* = OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*; 1.ª e 2.ª séries, edição melhorada. Rio de Janeiro, Garnier, 1912; 3.ª série. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913; 4.ª série, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1928.

A. de Oliveira, *Pós.* = ——. *Póstuma*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1944.

A. de Quental, *C* = QUENTAL, Antero de. *Cartas*. 2.ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

A. de Quental, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Couto Martins-Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923-1931. 3 v.

A. de Quental, *SC* = ——. *Sonetos completos*, publicados por J. P. Oliveira Martins. 2.ª ed. aumentada. Porto, Portuense, 1890.

A. Deodato, *POBD* = DEODATO, Alberto. *Políticos e outros bichos domésticos*; crônicas. 2.ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963.

A. dos Anjos, *E* = ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Rio de Janeiro, s. ed. 1912.

A. Frederico Schmidt, *AP* = SCHMIDT, Augusto Frederico. *Antologia de prosa*. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.

A. Frederico Schmidt, *F* = ——. *As florestas*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. Frederico Schmidt, *GB* = ——. *O galo branco*; páginas de memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. Frederico Schmidt, *PE* = ——. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro, Américc-Edit., 1946.

A. Feliciano de Castilho, *AO* = CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Os amores de P. Ovídio Nasão*. Rio de Janeiro, Ed. Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1858. 4 t.

A. Feliciano de Castilho, *F* = ——. *Os fastos de Públio Ovídio Nasão*. Lisboa, Imprensa da Academia Real das Sciencias, 1862. 3 t.

A. Ferreira, *C* = FERREIRA, Antônio. *Castro*. In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas*; estabelecidos e comentados por ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 143-262.

A. Gil, *LJ* = GIL, Augusto. *Luar de janeiro*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, 1917.

A. Herculano, *E* = HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. 32.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Herculano, *HP* = ——. *História de Portugal, desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Afonso III*. 8.ª ed., dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 8 t.

A. Herculano, *LN* = ——. *Lendas e narrativas*. 22.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa-Rio de Janeiro, Bertrand/Francisco Alves, s. d. 2 t.

A. Herculano, *MC* = ——. *O monge de Císter, ou a epocha de D. João I*. 19.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do Auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d. 2 t.

A. Herculano, *OEIP* = ——. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*; tentativa histórica. Lisboa, Imprensa Nacional, 1855-1864. 3 v.

A. M. Machado, *CJ* = MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. M. Machado, *HR* = ——. *Histórias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. M. Machado, *JT* = ——. *João Ternura*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

A. Magalhães, *OC* = MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

A. Margarido, *ELNA* = MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

A. Meyer, *CM* = MEYER, Augusto. *A chave e a máscara*. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.

A. Meyer, *MA* = ——. *Machado de Assis* (1935-1958). Rio de Janeiro, São José, 1958.

A. Meyer, *P* = ——. *Poesias* (1922-1955). Rio de Janeiro, São José, 1957.

A. Meyer, *SI* = ——. *Segredos da infância*. Porto Alegre, Globo, 1949.

A. Nascentes, *PR* = Nascentes, Antenor. *O problema da regência: regência integral e viva*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1944.

A. Nobre, *CI* = Nobre, Antônio. *Cartas inéditas*. Coimbra, Presença, 1934.

A. Nobre, *D* = ——. *Despedidas* (1895-1899). Porto, s. ed., 1902.

A. Nobre, *S* = ——. *Só*. 2.ª ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.

A. O'Neill, *SO* = O'Neill, Alexandre. *A saca de orelhas*. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

A. Patrício, *P* = Patrício, Antônio. *Poesias*. Lisboa, Ática, 1954.

A. Peixoto, *NHLB* = Peixoto, Afrânio. *Noções de história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.

A. Peixoto, *RC* = ——. *Romances completos*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

A. Rangel, *IV* = Rangel, Alberto. *Inferno verde: scenas e scenários do Amazonas*. 3.ª ed. Tours, Typ. E. Arrault, 1920.

A. Renault, *LSL* = Renault, Abgar. *A lápide sob a lua*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1968.

A. Ribeiro, *AFPB* = Ribeiro, Aquilino. *Andam faunos pelo bosque*; romance. Lisboa, Bertrand, 1962.

A. Ribeiro, *CRG* = ——. *Cinco réis de gente*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *ES* = ——. *Estrada de Santiago*. Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1922.

A. Ribeiro, *M* = ——. *O Malhadinhas – mina de diamantes*. Lisboa, Bertrand, 1958.

A. Ribeiro, *PSP* = ——. *Portugueses das sete partidas*. 3.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *SBAM* = ——. *São Banaboião, anacoreta e mártir*. 2.ª ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Ribeiro, *V* = ——. *Volfrâmio*. Nova ed. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Santos, *K* = Santos, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo, Ática, 1981.

A. Santos, *P* = ——. *Prosas*. Lisboa, Edições 70, 1977.

A. Sérgio, *D* = Sérgio, Antônio. *Obras completas: Democracia*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

A. Sérgio, *E* = ——. *Obras completas: ensaios*. Lisboa, Sá da Costa, 1972-1974. 8 t.

A. Tavares, *PC* = Tavares, Adelmar. *Poesias completas*. Nova ed. Rio de Janeiro, São José, 1958.

Adonias Filho, *LP* = Aguiar Filho, Adonias. *Léguas da promissão*; novelas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Adonias Filho, *LBB* = ——. *Luanda, Beira, Bahia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

Adonias Filho, *F* = ——. *O forte*; romance. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

Agostinho Neto, *SE* = Agostinho Neto, Antônio. *Sagrada esperança*; poemas. 9.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Almada Negreiros, *NG* = Negreiros, José de Almada. *Nome de guerra*. Lisboa, Verbo, 1972.

Almada Negreiros, *OC* = ——. *Obras completas*. Lisboa, Estampa, 1970-1972. 6 v.

Almeida Garrett, *O* = Garrett, J. B. de Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto, Lello & Irmão, 1966. 2 v.

Almeida Garrett, *RCG* = ——. *Romanceiro e cancioneiro geral. I. Adozinda e outros*. Lisboa, Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, 1843.

Alves Redol, *BC* = Redol, Antônio Alves. *Barranco de cegos*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1973.

Alves Redol, *BSL* = ——. *A barca dos sete lemes*. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *C* = ——. *Constantino, guardador de vacas e de sonhos*. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *F* = ——. *Fanga*, 8.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1972.

Alves Redol, *FM* = ——. *Uma fenda na muralha*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Alves Redol, *G* = ——. *Gaibéus*. 4.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1975.

Alves Redol, *MB* = ——. *O muro branco*. 3.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1976.

Artur Azevedo, *CFM* = AZEVEDO, Arthur. *Contos fora de moda*. 7.ª ed. Rio de Janeiro, Alhambra, 1982.

Autran Dourado, *IP* = DOURADO, Valdomiro Freitas Autran. *As imaginações pecaminosas*. Rio de Janeiro, Record, 1981.

Autran Dourado, *RB* = ——. *O risco do bordado*; romance. 6.ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro, Difel, 1976.

Autran Dourado, *TA* = ——. *Tempo de amor*. [São Paulo] Difel, 1979.

Branquinho da Fonseca, *B* = FONSECA, Antônio José Branquinho da. *O barão*, 6.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

Branquinho da Fonseca, *MS* = ——. *Mar santo*; novela. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1964.

B. Guimarães, *EI* = GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*; romance. Rio de Janeiro, Garnier, 1875.

B. Lopes, *H* = LOPES, Bernardino da Costa. *Helenos*. Rio de Janeiro, s. ed., 1901.

B. Lopes da Silva, *C* = SILVA, Baltasar Lopes da. *Chiquinho*; romance. São Vicente-Cabo Verde, Claridade, 1947.

B. Santareno, *TPM* = SANTARENO, Bernardo. *A traição do padre Martinho*; narrativa dramática em dois actos. Lisboa, Ática, 1969.

Barão do Rio Branco, *D* = RIO BRANCO, José M. S. Paranhos Júnior, barão do. *Obras do Barão do Rio Branco, IX. Discursos*. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1948.

C. Castelo Branco, *BE* = BRANCO, Camillo Castello. *Bohemia do espírito*. Porto, Livraria Civilização, 1886.

C. Castelo Branco, *BP* = ——. *A brazileira de Prazins; Scenas do Minho*. Porto, Ernesto Chardron, 1883.

C. Castelo Branco, *CC* = ——. *Scenas contemporâneas*. 2.ª ed. Porto, Cruz Coutinho, 1862.

C. Castelo Branco, *CE* = ——. *Coisas espantosas*. 2.ª ed. Lisboa, Antônio Maria Pereira, 1864.

C. Castelo Branco, *J* = ——. *O judeu*; romance histórico. Porto, Casa de Viúva Moré, 1866.

C. Castelo Branco, *OS* = ——. *Obra selecta*. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960-1963. 2 v.

C. Castelo Branco, *QA* = ——. *A queda d'um anjo*. Edição definitiva, revista e corrigida pelo autor. Lisboa-Rio de Janeiro, Campos & Cia., 1887.

C. Castelo Branco, *RI* = ——. Prefacio biographico. In: CASTRO, Antônio Serrão de. *Os ratos da Inquisição*. Porto, Ernesto Chardron, 1883, p. 5-109.

C. Castelo Branco, *V* = ——. *Vingança*. Porto, Cruz Coutinho, 1863.

C. de Abreu, *O* = ABREU, Casimiro de. *Obras de Casimiro de Abreu*. Apuração e revisão do texto, escorço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

C. de Oliveira, *AC* = OLIVEIRA, Carlos de. *Uma abelha na chuva*; romance. 8.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1975.

C. de Oliveira, *CD* = ——. *Casa na duna*; romance. 5.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

C. de Oliveira, *PB* = ——. *Pequenos burgueses*; romance. 7.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1981.

C. dos Anjos, *DR* = ANJOS, Ciro dos. *2 romances: O amanuense Belmiro; Abdias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. dos Anjos, *M* = ——. *Montanha*; romance. Rio de Janeiro, 1956.

C. dos Anjos, *MS* = ——. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1979.

C. Drummond de Andrade, *BV* = ANDRADE, Carlos Drummond de. *A bolsa & a vida*. Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1962.

C. Drummond de Andrade, *CA* = ——. *Contos de aprendiz*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

C. Drummond de Andrade, *CB* = ——. *Cadeira de balanço*; crônicas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

C. Drummond de Andrade, *CJB* = ——. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

C. Drummond de Andrade, *CM* = ——. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro, Américc-Edit., 1944.

C. Drummond de Andrade, *FA* = ——. *Fala, amendoeira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

C. Drummond de Andrade, *IB* = ——. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *MA* = ——. *Menino antigo (Boitempo II)*. Rio de Janeiro, Sabiá/José Olympio/MEC, 1973.

C. Drummond de Andrade, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964.

C. Drummond de Andrade, *R* = ——. *Reunião*; 10 livros de poesias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

C. Falcão, *C* = Falcão, Cristóvão. *Crisfal*. In Silveira, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas; estabelecidos e comentados por* ——. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, p. 57-142.

C. Lispector, *AV* = Lispector, Clarice. *Água viva*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *BF* = ——. *A bela e a fera*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

C. Lispector, *FC* = ——. *Felicidade clandestina*; contos. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *HE* = ——. *A hora da estrela*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

C. Lispector, *LF* = ——. *Laços de família*; contos. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1965.

C. Lispector, *L* = ——. *O lustre*; romance. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

C. Lispector, *ME* = ——. *A maçã no escuro*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. Lispector, *PSGH* = ——. *A paixão segundo GH*; romance. 7.ª ed. Rio de Janeiro, 1980.

C. Lispector, *SV* = ——. *Um sopro de vida (Pulsações)*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

C. M. da Costa, *OP* = Costa, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas*. Nova edição... por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1903. 2 t.

C. Meireles, *OP* = Meireles, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

C. Meireles, *Q, I* = Meireles, Cecília et alii. *Quadrante I*; crônicas. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1962.

C. Nejar, *OP* = Nejar, Carlos.

C. Pena Filho, *LG* = Pena Filho, Carlos. *Livro geral*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

C. Pessanha, *C* = Pessanha, Camilo. *Clepsidra*. Lisboa, Ática, 1945.

Caldas Aulete, *DCLP* = Aulete, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*; feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa, Antônio Maria Pereira [1902]. 2 v.

Castro Alves, *EF* = Alves, Antônio de Castro. *Espumas fluctuantes*; poesias. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson, 1870.

Castro Alves, *OC* = ——. *Obra completa*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1976.

Castro Soromenho, *C* = Soromenho, Fernando Monteiro de Castro. *A chaga*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Castro Soromenho, *TM* = ——. *Terra morta*; romance. Lisboa, Sá da Costa, s. d.

Castro Soromenho, *V* = ——. *Viragem*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

Cochat Osório, *CV* = Osorio, Ernesto Cochat. *Capim verde*; contos, Luanda, Lello, 1957.

Coelho Netto, *OS* = Coelho Netto, Henrique Maximiano. *Obra seleta, I. Romances*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

Costa Andrade, *NVNT* = Andrade, Fernando Costa. *No velho ninguém toca*. Lisboa, Sá da Costa, 1974.

Cruz e Sousa, *OC* = Sousa, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro. Aguilar, 1961.

D. Andrade, *VEE* = Andrade, Djalma. *Versos escolhidos e epigramas*. 3.ª ed. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952.

D. Mourão-Ferreira, *HL* = Mourão-Ferreira, David. *Hospital das letras*; ensaios. Lisboa, Guimarães Editores, 1966.

D. Mourão-Ferreira, *I* = ——. *O irmão*; peça em 2 atos. Lisboa, Guimarães Editores, 1965.

D. Olímpio, *LH* = Olímpio, Domingos. *Luzia homem*. Rio de Janeiro, Companhia Litho-Typographia, 1903.

D. Silveira de Queirós, *EHT* = Queirós, Dinah Silveira de. *Eles herdarão a terra*. Rio de Janeiro, GRD, 1960.

D. Silveira de Queirós, *FS* = ——. *Floradas na serra*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.

D. Silveira de Queirós, *M* = ——. *A muralha*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

D. Silveira de Queirós, *MLR* = ——. *Margarida La Rocque*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.

D. Silveira de Queirós, *VI* = ——. *Verão dos infiéis*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1971.

Da Costa e Silva, *PC* = SILVA, Antônio Francisco da Costa e. *Poesias completas*. 2.ª ed. revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 1976.

E. C. Pereira, *GH* = PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

E. da Cunha, *OC* = CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966. 2 v.

E. de Castro, *OP* = CASTRO, Eugénio de. *Obras poéticas*. Lisboa, Lumen, 1927-1940; Barcelos, Portucalense, 1944. 10 v.

E. de Castro, *UV* = ——. *Últimos versos*. Lisboa, Bertrand, 1938.

E. Moura, *EP* = MOURA, Emílio. *Itinerário poético*; poemas reunidos. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1969.

E. Pereira Filho, in *TPB*, de Gândavo = PEREIRA FILHO, Emanuel. In: GÂNDAVO, Pedro de Magalhães de. *Tratado da província do Brasil*. Edição crítica. MEC/INL, 1965.

E. Prado, *IA* = Prado, Eduardo. *A ilusão americana*. 3.ª ed. São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1902.

É. Veríssimo, *A* = VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento, III. O arquipélago*. 1.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1962-1966. 3 v.

É. Veríssimo, *C* = ——. *Clarissa*. 6.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1947.

É. Veríssimo, *GPCN* = ——. *Gato preto em campo de neve*. 9.ª ed. Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo, Globo, 1952.

É. Veríssimo, *LS* = ——. *Um lugar ao sol*. 2.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1963.

É. Veríssimo, *ML* = ——. *Música ao longe*. 8.ª ed. Porto Alegre, 1947.

Eça de Queirós, *O* = *Obras de Eça de Queirós*. Porto, Lello & Irmão, 1958. 3 v.

F. A. Varnhagen, *CTA* = VARNHAGEN, Francisco Adolpho. *Cancioneirinho de trovas antigas coligidas de um grande cancioneiro da Biblioteca do Vaticano*. Viena, Typ. I. e R. do E. e da Corte, 1870.

F. Botelho, *X* = BOTELHO, Fernanda. *Xerazade e os outros*; romance (tragédia em forma de). Amadora, Bertrand, s. d.

F. de Castro, *ANE* = CASTRO, Fernanda de. *Asa no espaço*. Lisboa, Ática, 1955.

F. Espanca, *S* = ESPANCA, Florbela. *Sonetos*; edição integral. 10.ª ed. Porto, Tavares Martins, 1962.

F. J. Tenreiro, *OP* = TENREIRO, Francisco José. *Obra poética*. Lisboa, Associação dos Antigos Alunos do ISCSPU, 1967.

F. Namora, *CS* = NAMORA, Fernando. *Cidade solitária*; narrativas. 4.ª ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1969.

F. Namora, *DT* = ——. *Domingo à tarde*; romance. 11.ª ed. Amadora, Bertrand, 1975.

F. Namora, *E* = ——. *Encontros com Fernando Namora*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1981.

F. Namora, *HD* = ——. *O homem disfarçado*; romance. 6.ª ed. Lisboa, Europa-América, 1970.

F. Namora, *NM* = ——. *A noite e a madrugada*; romance. 5.ª ed. Paris, Europa-Brasil, 1968.

F. Namora, *RT* = ——. *O rio triste*; romance. Rio de Janeiro, Nórdica, 1982.

F. Namora, *TJ* = ——. *O trigo e o joio*. 12.ª ed. Amadora, Bertrand, 1974.

F. Pessoa, *LD* = PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.

F. Pessoa, *OP* = ——. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Dores Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

F. Pessoa, *QGP* = ——. *Quadras ao gosto popular*. Lisboa, Ática, 1965.

F. Pessoa, *SP* = ——. *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Recolha de textos:

dra. Maria Isabel Rocheta, dra. Maria Paula Morão. Introdução e organização: Joel Serrão. Lisboa, Ática, 1978.

F. Sabino, *EM* = SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966.

F. Sabino, *G* = ——. *Gente*. Rio de Janeiro, Record, 1975. 2 t.

F. Sabino, *GM* = ——. *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro, Record [1979].

F. Sabino, *HN* = ——. *O homem nu*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

F. Sabino, *ME* = ——. *O menino no espelho*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1982.

Fagundes Varela, *PC* = VARELA, L. N. Fagundes. *Poesias completas*. Organização e apuração do texto de Miécio Táti e E. Carreiro Guerra. São Paulo, Ed. Nacional, 1957. 3 v.

Fagundes Varela, *VA* = ——. *Vozes de America*; poesias. 2.ª ed. Porto, Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, 1876.

Ferreira de Castro, *OC* = CASTRO, José Maria Ferreira de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958-1961. 3 v.

Fontoura Xavier, *O* = XAVIER, A. Fontoura. *Opalas*; edição definitiva, muito aumentada. Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1905.

G. Amado, *DP* = AMADO, Gilberto. *Depois da política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

G. Amado, *HMI* = ——. *História da minha infância*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

G. Amado, *PP* = ——. *Presença na política*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Amado, *TL* = ——. *Três livros: A chave de Salomão e outros escritos, Grão de areia e estudos brasileiros, A dança sobre o abismo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

G. Barroso, *TS* = BARROSO, Gustavo. *Terra de sol (Natureza e costumes do Norte)*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, São José, 1956.

G. Cruls, *HA* = CRULS, Gastão. *Hileia amazônica*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Cruls, *QR* = ——. *Quatro romances*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. de Almeida, *N* = ALMEIDA, Guilherme de. *Natalika*. Rio de Janeiro, Candeia Azul, 1924.

G. de Almeida, *PV* = ——. *Poesia vária*. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1963.

G. de Almeida, *TP* = ——. *Toda a poesia*. São Paulo, Martins, 1952. 7 t.

G. França de Lima, *JV* = LIMA, Geraldo França de. *Jazigo dos vivos*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

G. Freyre, *OE* = FREYRE, Gilberto. *Obra escolhida*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.

G. Ramos, *A* = RAMOS, Graciliano. *Angústia*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *AOH* = ——. *Alexandre e outros heróis*; obra póstuma. 4.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

G. Ramos, *C* = ——. *Caetés*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *I* = ——. *Infância*, 9.ª ed. São Paulo, Martins, 1972.

G. Ramos, *Ins.* = ——. *Insônia*; contos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *SB* = ——. *São Bernardo*; romance. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

G. Ramos, *VS* = ——. *Vidas secas*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

Genolino Amado, *RP* = AMADO, Genolino. *O reino perdido. (Histórias de um professor de História)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

Gonçalves Dias, *PCPE* = DIAS, António Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

Graça Aranha, *OC* = ARANHA, José Pereira da Graça. *Obra completa*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1969.

Guerra Junqueiro, *S* = JUNQUEIRO, Abílio Manuel de Guerra. *Os simples*. Porto, Typ. Occidental, 1892.

Guimarães Passos, *VS* = PASSOS, Sebastião Cícero dos Guimarães. *Versos de um simples* (1886-1891). Rio de Janeiro, s. ed., 1891.

Guimarães Rosa, *CB* = ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*; sete novelas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. 2 v.

Guimarães Rosa, *GS-V* = ——. *Grande sertão: veredas*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

Guimarães Rosa, *PE* = ——. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

Guimarães Rosa, *S* = ——. *Sagarana*. 4.ª ed. Versão definitiva. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

Guimarães Rosa, *T* = ——. *Tutameia. Terceiras estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

H. Sales, *AM* = Sales, Herberto. *Além dos marimbus*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1961.

H. Sales, *C* = ——. *Cascalho*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

H. Sales, *DBFM* = ——. *Dados biográficos do finado Marcelino*; romance. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965.

H. Sales, *HO* = ——. *Histórias ordinárias*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1966.

I. Losa, *EO* = Losa, Ilse. *Encontro no outono*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

I. Lisboa, *MCN* = Lisboa, Irene. *Uma mão cheia de nada, outra de coisa nenhuma*; historietas. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Amado, *GCC* = Amado, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*; crônica de uma cidade do interior. 15.ª ed. São Paulo, Martins, 1960.

J. Amado, *MG* = ——. *O menino grapiúna*. Rio de Janeiro, Record, 1982.

J. Amado, *MM* = ——. *Mar morto*; romance. 18.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

J. Amado, *TBCG* = ——. *Teresa Batista cansada de guerra*. São Paulo, Martins, 1972.

J. Cabral de Melo Neto, *DA* = Melo Neto, João Cabral de. *Duas águas*; poemas reunidos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Cabral de Melo Neto, *PC* = ——. *Poesias completas* (1940-1965). Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

J. Cândido de Carvalho, *CL* = Carvalho, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.

J. Cândido de Carvalho, *NMAI* = ——. *Não matem o arco-íris*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

J. Cardoso, *SE* = Cardozo, Joaquim. *Signo estrelado*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960.

J. Cardoso Pires, *D* = Pires, José Cardoso. *O delfim*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Moraes, 1969.

J. Condé, *C* = Condé, José. *As chuvas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

J. Condé, *TC* = ——. *Terra de Caruaru*. 2.ª ed. [Rio de Janeiro] Bloch, 1968.

J. Cortesão, *CP* = Cortesão, Jaime. *Cancioneiro popular*. Porto, Renascença, 1914.

J. Cortesão, *FDFP* = ——. *Os factores democráticos na formação de Portugal*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1966.

J. Cortesão, *IHB* = ——. *Introdução à história das bandeiras*. Lisboa, Portugália, 1964. 2 v.

J. de Alencar, *CD* = Alencar, José de. In: Menezes, Raimundo de. *Cartas e documentos de José de Alencar*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967.

J. de Alencar, *G* = ——. *O Guarani*; romance brasileiro. Edição crítica por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1958.

J. de Alencar, *OC* = ——. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959-1960. 4 v.

J. de Araújo Correia, *FX* = Correia, João de Araújo. *Folhas de xisto*; contos. Régua, Imprensa do Douro, 1959.

J. de Deus, *CF* = Deus, João de. *Campo de flores*; poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor por Teophilo Braga. 2.ª ed. – ne varietur. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

J. de Deus, *FS* = ——. *Folhas soltas*. Porto, Magalhães & Moniz, 1876.

J. de Figueiredo, *C* = Figueiredo, Jackson de. *Correspondência*. Rio de Janeiro, A. B. C. [1938].

J. de Lima, *OC* = Lima, Jorge de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1.º vol.

J. de Sena, *G-C* = Sena, Jorge de. *Os grão-capitães*; contos. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1982.

J. de Sena, *NAD* = ——. *Novas andanças do demônio*; contos. Lisboa, Portugália, 1966.

J. de Sena, *SF* = ——. *Sinais de fogo (Monte cativo - I)*; romance. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1971.

J. do Prado Coelho, *PHL* = Coelho, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. Lisboa, Ática, 1961.

J. Lins do Rego, *A-M* = Rego, José Lins do. *Água-mãe*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *C* = ——. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

J. Lins do Rego, *D* = ——. *Doidinho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *E* = ——. *Eurídice*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *FM* = ——. *Fogo morto*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

J. Lins do Rego, *ME* = ——. *Menino de engenho*. 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MR* = ——. *O moleque Ricardo*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *MVA* = ——. *Meus verdes anos*; memórias. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

J. Lins do Rego, *P* = ——. *Pureza*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *RD* = ——. *Riacho doce*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Lins do Rego, *U* = ——. *Usina*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. Manuel de Macedo, *RQ* = Macedo, Joaquim Manoel de. *O rio do quarto*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

J. Montello, *A* = Montello, Josué. *Aleluia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

J. Montello, *DP* = ——. *Os degraus do paraíso*; romance. São Paulo, Martins, 1965.

J. Montello, *DVP* = ——. *Duas vezes perdida*; novelas. São Paulo, Martins, 1966.

J. Montello, *LE* = ——. *Labirinto de espelhos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

J. Montello, *PMA* = ——. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo, Martins, 1961.

J. Montello, *SC* = ——. *O silêncio da confissão*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

J. Montello, *TSL* = ——. *Os tambores de São Luís*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1975.

J. Nabuco, *A* = Nabuco, Joaquim. *O abolicionismo*. Conferências e discursos abolicionistas. São Paulo, IPÊ, 1949.

J. Nabuco, *MF* = ——. *Minha formação*, São Paulo, IPÊ, 1947.

J. Paço d'Arcos, *CVL* = Arcos, Joaquim Paço d'. *Crónica da vida lisboeta*. Organização e introdução do prof. Antônio Soares Amora. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.

J. Régio, *CL* = Régio, José. *A chaga do lado*; sátiras e epigramas. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1956.

J. Régio, *ED* = ——. *As encruzilhadas de Deus*; poema. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

J. Régio, *ERS* = ——. *El-Rei Sebastião*; poema espectacular em três actos. Coimbra, Atlântida, 1949.

J. Régio, *F* = ——. *Fado*. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1957.

J. Régio, *JA* = ——. *Jacob e o anjo*; mistério em três actos, um prólogo e um epílogo. 2.ª ed. Vila do Conde, Edições "Ser", 1953.

J. Régio, *PDD* = ——. *Poemas de Deus e do Diabo*. 4.ª ed. Lisboa, Portugália, 1955.

J. Régio, *SM* = ——. *A salvação do mundo*; tragicomédia em três actos. Lisboa, Inquérito, 1954.

J. Ribeiro, *AC* = Ribeiro, João. *Autores contemporâneos*. Excerptos de escriptores brazileiros e portuguezes contemporâneos. 25.ª ed. refundida, annotada e actualizada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1937.

J. Ribeiro, *CD*[2] = ——. *Cartas devolvidas*. 2.ª ed., com prefácio de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro, São José, s. d.

J. Ribeiro, *F* = ——. *O fabordão;* crónica de vário assunto. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1910.

J. Ribeiro, *FE* = ——. *Floresta de exemplos*. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1931.

J. Ribeiro, *FL* = ——. *O folk-lore*. Estudos de literatura popular. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

J. Ribeiro, *PE* = ——. *Páginas de esthetica*. Lisboa, Clássica Editora, 1905.

J. Rodrigues Miguéis, *GTC* = Miguéis, José Rodrigues. *Gente de terceira classe*; contos e novelas. 2.ª ed. Lisboa, Estúdios Cor, 1971.

J. Saramago, *LC* = SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. 3.ª ed. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

J. Saramago, *MC* = ——. *Memorial do convento*; romance. Lisboa, Ed. Caminho, 1982.

L. B. Honwana, *NMCT* = HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso*. São Paulo, Ática, 1980.

L. Fagundes Telles, *ABV* = TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

L. Fagundes Telles, *DA* = ——. *A disciplina do amor*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

L. Fagundes Telles, *M* = ——. *Mistério*; ficções. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

L. Fagundes Telles, *SR* = ——. *Seminário dos ratos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

L. Forjaz Trigueiros, *ME* = TRIGUEIROS, Luís Forjaz. *Monólogo em Éfeso*. Amadora, Bertrand, s. d.

L. Jardim, *AMCA* = JARDIM, Luís. *Aventuras do menino Chico de Assis*. Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1971.

L. Jardim, *BA* = ——. *O boi aruá*. Rio de Janeiro, Alba, 1940.

L. Jardim, *CTG* = ——. *Confissões do meu tio Gonzaga*; romance. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

L. Jardim, *MP* = ——. *Maria perigosa*. 2.ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

L. Jardim, *MPM* = ——. *O meu pequeno mundo: algumas lembranças de mim mesmo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

Leite de Vasconcellos, *LFP* = VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de filosofia portuguesa*. 2.ª ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

Lima Barreto, *REIC* = BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.

Lima Barreto, *TFPQ* = ——. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1965.

Luandino Vieira, *CI* = VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*; estórias. 2.ª ed. Lisboa, União dos Escritores Angolanos – Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *JV* = ——. *João Vêncio: os seus amores*; estória. Lisboa, Edições 70, 1979.

Luandino Vieira, *L* = ——. *Luanda*; estórias. São Paulo, Ática, 1982.

Luandino Vieira, *NANV* = ——. *No antigamente, na vida*; estórias. 3.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1977.

Luandino Vieira, *NM* = ——. *Nós, os do Makulusu*. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1977.

Luandino Vieira, *VE* = ——. *Velhas estórias*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Edições 70, 1976.

Luandino Vieira, *VVDX* = ——. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, São Paulo, Ática, s. d.

M. Bandeira, *AA* = BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

M. Bandeira, *PP* = ——. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 2 v.

M. Barreto, *CP* = BARRETO, Mário. *Cartas persas*, de Montesquieu. Versão portuguesa e anotações de ——. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, 1923.

M. Barreto, *FLP* = ——. *Fatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.

M. da Fonseca, *FC* = FONSECA, Manuel da. *O fogo e as cinzas*; contos. 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1965.

M. da Fonseca, *SV* = ——. *Seara de vento*, 9.ª ed. [Lisboa] Forja, 1979.

M. de Andrade, *CMB* = ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Simões, 1958.

M. de Andrade, *OI* = ——. *Obra imatura*. São Paulo, Martins, 1960.

M. de Andrade, *PC* = ——. *Poesias completas*. São Paulo, Martins, 1955.

M. de Sá-Carneiro, *C* = SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Luís de Montalvor, Cândida Ramos, Alfredo Guisado, José Pacheco*. Leitura, seleção e notas de Arnaldo Saraiva, Porto, Limiar, 1977.

M. de Sá-Carneiro, *CF* = ——. *Céu em fogo*; novelas. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1956.

M. de Sá-Carneiro, *CFP* = ——. *Cartas a Fernando Pessoa*. Lisboa, Ática, 1958-1959. 2 v.

M. de Sá-Carneiro, *CL* = ——. *A confissão de Lúcio*. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1945.

M. de Sá-Carneiro, *P* = ——. *Poesias*, Lisboa, Ática, 1953.

M. de Sousa Lima, *GP* = LIMA, Mário Pereira de Sousa. *Gramática portuguesa*. Edição revista e aumentada de acordo com o Programa Oficial, para as quatro séries. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.

M. Ferreira, *HB* = FERREIRA, Manuel. *Hora di bai*. São Paulo, Ática, 1980.

M. J. de Carvalho, *AV* = CARVALHO, Maria Judite de. *Os armários vazios*. 2.ª ed. Amadora, Bertrand, 1978.

M. J. de Carvalho, *PSB* = ——. *Paisagem sem barcos*. Lisboa, Arcádia, s. d.

M. J. de Carvalho, *TGM* = ——. *Tanta gente, Mariana...* 2.ª ed. Lisboa, Arcádia, 1960.

M. J. de Carvalho, *TM* = ——. *Tempo de mercês*. Lisboa, Seara Nova, 1973.

M. Lopes, *FVL* = LOPES, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. São Paulo, Ática, 1979.

M. Mendes, *P* = MENDES, Murilo. *Poesias* (1925-1955). Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

M. Mesquita, *LT* = MESQUITA, Marcelino. *Leonor Teles*. Lisboa, s. ed., 1892.

M. Palmério, *CB* = PALMÉRIO, Mário. *Chapadão do Bugre*; romance. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

M. Palmério, *VC* = ——. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

M. Pederneiras, *LSMV* = PEDERNEIRAS, Mário. *Ao léu do sonho e à mercê da vida*. Rio de Janeiro, s. ed., 1912.

M. Quintana, *P* = QUINTANA, Mário. *Poesias*. 2.ª ed., 2.ª impr. Porto Alegre, Globo, 1975.

M. Rubião, *D* = RUBIÃO, Murilo. *Os dragões e outros contos*. Belo Horizonte, Edições MP, 1965.

M. Torga, *API* = TORGA, Miguel. *Alguns poemas ibéricos*. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *B* = ——. *Bichos*. 9.ª ed. Coimbra, s. ed., 1978.

M. Torga, *CH* = ——. *Cântico do homem*; poesia, 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1954.

M. Torga, *CM* = ——. *Contos da montanha*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Pongetti, 1955.

M. Torga, *NCM* = ——. *Novos contos da montanha*. 3.ª ed. Coimbra, s. ed., 1952.

M. Torga, *P* = ——. *Portugal*. Coimbra, s. ed., 1950.

M. Torga, *TU* = ——. *Traço de união*; temas portugueses e brasileiros. Coimbra, s. ed., 1955.

M. Torga, *V* = ——. *Vindima*. 2.ª ed., refundida. Coimbra, s. ed., 1954.

Machado de Assis, *OC* = ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959. 3 v.

Marquês de Maricá, *M* = MARICÁ, M. J. Pereira da Fonseca, marquês de. *Máximas, pensamentos e reflexões do marquês de Maricá*. Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

Marques Rebelo, *M* = REBELO, Marques. *Marafa*. 3.ª ed. São Paulo, Martins, 1956.

Marques Rebelo, *SMAP* = ——. *Stela me abriu a porta*; contos. Porto Alegre, Globo, 1942.

Martins Pena, *T* = PENA, L. C. Martins. *Teatro*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. 2 v.

Monteiro Lobato, *GDB* = LOBATO, J. B. Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1950.

Monteiro Lobato, *N* = ——. *Negrinha*; contos. 3.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1951.

Monteiro Lobato, *U* = ——. *Urupês*. 12.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1962.

N. Piñon, *CC* = PIÑON, Nélida. *O calor das coisas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *CP* = ——. *A casa da paixão*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1978.

N. Piñon, *FD* = ——. *A força do destino*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

N. Piñon, *SA* = ——. *Sala de armas*; contos. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

O. Bilac, *DN* = BILAC, Olavo. *A defesa nacional*; discursos. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.

O. Bilac, *P* = ——. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro, Garnier, 1904.

O. Bilac, *T* = ——. *Tarde*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.

O. de Andrade, *PR* = ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1966.

O. Lara Resende, *BD* = RESENDE, Otto Lara. *O braço direito*; romance. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

O. Lara Resende, *PM* = ——. *As pompas do mundo*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1975.

O. Lara Resende, *RG* = ——. *O retrato na gaveta*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971.

O. Lins, *A* = LINS, Osman. *Avalovara*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

O. Lins, *FP* = ——. *O fiel e a pedra*; romance. 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1967.

O. Lins, *V* = ——. *O visitante*; romance. 3.ª ed. São Paulo, Summus, 1979.

O. Mariano, *TVP* = MARIANO, Olegário. *Toda uma vida de poesia*; poesias completas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 2 v.

O. Mendes, *LFNF* = MENDES, Orlando. *Lume florindo na forja*. Lisboa, Edições 70, 1980.

O. Mendes, *P* = ——. *Portagem*. São Paulo, Ática, 1981.

Ó. Ribas, *EMT* = RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Lisboa, Distribuidora Lello & Cia., s. d.

Ó. Ribas, *U* = ——. *Uanga: feitiço*; romance folclórico angolano. Lisboa, Lello & Cia. Distribuidores, s. d.

Ó. Soares, *DF* = SOARES, Órris. *Dicionário de filosofia*, volume I – A-D. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1952.

O. Mendes, *VB* = MENDES, Manuel Odorico. *Virgílio brazileiro*. Tradução do Poeta Latino. Rio de Janeiro-Paris, Garnier, s. d.

P. Mendes Campos, *AB* = CAMPOS, Paulo Mendes. *O anjo bêbado*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.

P. Nava, *BC* = NAVA, Pedro. *Balão cativo*; 2.º volume de suas memórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

P. Nava, *B-M* = ——. *Beira-mar*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

P. Nava, *BO* = ——. *Baú de ossos*; memórias I. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio/Sabiá, 1974.

Pepetela, *NA* = PEPETELA (Artur Carlos Pestana dos Santos). *As aventuras de Ngunga*. São Paulo, Ática, 1980.

Pepetela, *M* = ——. *Mayombe*; romance. São Paulo, Ática, 1982.

R. Barbosa, *EDS* = BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos*. Seleção, organização e notas de Virgínia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

R. Barbosa, *R* = ——. *Réplica do senador Ruy Barbosa às defesas da redação do projeto da Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

R. Braga, *CCE* = BRAGA, Rubem. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. Braga, *CR* = ——. *A cidade e a roça e três primitivos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1964.

R. Brandão, *H* = BRANDÃO, Raul. *Húmus*. 4.ª ed. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d.

R. Brandão, *P* = ——. *Os pescadores*, Lisboa, Estúdios Cor, 1957.

R. Correia, *PCP* = CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa*. Texto, cronologia, notas e estudo biográfico por Waldir Ribeiro do Val. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

R. Fonseca, *C* = FONSECA, Rubem. *O cobrador*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

R. de Queirós, *CCE* = QUEIROZ, Rachel de. *100 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

R. de Queirós, *TR* = ——. *3 romances: O Quinze, João Miguel, Caminho de pedra*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

R. M. F. de Andrade, *V* = ANDRADE, Rodrigo M. F. de. *Velórios*. Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, s. d.

R. Pompeia, *A* = POMPEIA, Raul. *O Atheneu*; crônica de saudades, 4.ª ed. definitiva. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

Rebelo da Silva, *CL* = SILVA, Luís Augusto Rebello da. *Contos e lendas*. Lisboa, Mattos Moreira, 1873.

Ribeiro Couto, *C* = Couto, Rui Ribeiro. *Cabocla*; romance. 3.ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1945.

Ribeiro Couto, *NC* = ——. *Uma noite de chuva e outros contos*. Lisboa, Inquérito, 1944.

Ribeiro Couto, *PR* = ——. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

S. da Silva Neto, *HLP* = Silva Neto, Serafim P. da. *História da língua portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.

S. da Silva Neto, *IELPB* = ——. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1963.

S. de Mello Breyner Andresen, *CE* = Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Contos exemplares*. 6.ª ed. Lisboa, Portugália, s. d.

Said Ali, *DLP* = Ali, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

Said Ali, *GS* = ——. *Grammatica secundaria da língua portuguesa*. 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s. d.

Simões Lopes Neto, *CGLS* = Lopes Neto, J. Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Ed. crítica por Aurélio Buarque de Holanda. 5.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1957.

Soares de Passos, *P* = Passos, A. Augusto Soares de. *Poesias*. 9.ª ed. Porto, Chardron, 1909.

Sousa da Silveira, *LP* = Silveira, A. F. de Sousa da. *Lições de português*. 8.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972.

Sttau Monteiro, *APJ* = Monteiro, Luís Sttau. *Angústia para o jantar*. 5.ª ed. Lisboa, Ática, 1967.

Sttau Monteiro, *FHL* = ——. *Felizmente há luar!*; teatro. 3.ª ed. Lisboa, Portugália, 1962.

T. Barreto, *QV* = Barreto, Tobias. *Questões vigentes*. In: *Obras completas*. Ed. do Estado de Sergipe, 1962. 9 t.

T. A. Gonzaga, *OC* = Gonzaga, Tomás Antônio. *Obras completas*. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1957. 2 v.

T. da Silveira, *PC* = Silveira, Tasso da. *Puro canto*; poemas completos. Rio de Janeiro, GRD, 1962.

T. da Silveira, *SC* = ——. *Sombras do caos*. Rio de Janeiro, GRD, s. d.

T. Martins Moreira, *MP* = Moreira, Thiers Martins. *O menino e o palacete*. Rio de Janeiro, Simões, 1954.

T. Martins Moreira, *VVT* = ——. *Visão em vários tempos*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1970.

Teixeira de Pascoaes, *OC* = Pascoaes, Joaquim P. Teixeira de. *Obras completas*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 7 v.

Trindade Coelho, *AL* = Coelho, Trindade. *Ao leitor*. In: Deus, João de. *A cartilha maternal e a crítica*. Lisboa, Bertrand/José Bastos, 1897.

U. Tavares Rodrigues, *AM* = Rodrigues, Urbano Tavares. *As aves da madrugada*; novelas. Amadora, Bertrand, 1959.

U. Tavares Rodrigues, *JE* = ——. *Jornadas na Europa*. [Lisboa] Europa-América, 1958.

U. Tavares Rodrigues, *MTG* = ——. *Manuel Teixeira Gomes*; introdução ao estudo de sua obra. Lisboa, Portugália, 1950.

U. Tavares Rodrigues, *NR* = ——. *A noite roxa*; novelas. Amadora, Bertrand, 1956.

U. Tavares Rodrigues, *NS* = ——. *Nus e suplicantes*; novelas. Amadora, Bertrand, 1960.

U. Tavares Rodrigues, *PC* = ——. *Uma pedrada no charco*. Lisboa, Bertrand, 1957.

U. Tavares Rodrigues, *TO* = ——. *Terra ocupada*; novelas. Amadora, Bertrand, s. d.

U. Tavares Rodrigues, *VP* = ——. *Vida perigosa*; novelas. Lisboa, Bertrand, 1955.

V. de Moraes, *LS* = Moraes, Vinícius de. *Livro de sonetos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.

V. de Moraes, *PCP* = ——. *Poesias completas e prosa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1980.

V. Ferreira, *A* = Ferreira, Vergílio. *Aparição*. 7.ª ed. Lisboa, Portugália, 1971.

V. Ferreira, *CF* = ——. *Cântico final*. Lisboa, Ulisseia, s. d.

V. Ferreira, *NN* = ——. *Nítido nulo*; romance, 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1972.

V. Nemésio, *CI* = Nemésio, Vitorino. *Corsário das ilhas*. Lisboa, Bertrand [1956].

V. Nemésio, *MPM* = ——. *O mistério do Paço de Milhafre*. Lisboa, Bertrand, 1949.

V. Nemésio, *MTC* = ——. *Mau tempo no canal*; romance. 5.ª ed. Amadora, Bertrand, s. d.

V. Nemésio, *SOP* = ——. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Lisboa, Bertrand, 1954.

V. Nemésio, *VM* = ——. *Violão de morro*. Lisboa, Edições Panorama, 1968.

V. Vitorino, *F* = VITORINO, Virgínia, *Fascinação*. Lisboa, J. Rodrigues & Cia., 1933.

Visconde de Taunay, *I* = TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, visconde de. *Innocencia*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1899.

Vianna Moog, *T* = MOOG, Clodomir Viana. *Toia*; romance. 4.ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

Índice onomástico

A

ABELAIRA, A.: 139, 144, 147, 155, 157, 164, 167, 168, 169, 172, 179, 214, 227, 229, 232, 235, 238, 243, 248, 249, 300, 335, 347, 367, 371, 372, 377, 466, 472, 475, 476, 479, 482, 484, 505, 515, 523, 527, 547, 567, 587, 588, 603, 610, 614, 618, 620, 621, 625, 628, 653, 661, 670.
ABREU, C. de: 250, 644, 681, 686, 689, 693, 697, 704, 705, 713, 722, 724.
ADONIAS FILHO: 177, 261, 411, 475, 481, 487, 501, 503, 506, 510, 537, 547, 584, 595, 597, 604, 620, 625, 635, 636.
AFONSO X, d.: 708.
AGOSTINHO NETO: 265, 296, 470, 472, 585, 586.
AGREL: 398.
AGUIAR, Martinz de: 161, 620.
ALARCOS LLORACH, E.: 220.
ALENCAR, J. de: 252, 546, 551, 627, 631.
ALI, M. Said: 368, 504, 696.
ALLEN JR., J. H. D.: 102.
ALMEIDA, G. de: 466, 491.
ALMEIDA, João de: 474, 475.
ALONSO, A.: 105.
ALVAR, M.: 128.
ALVES, Castro: 169, 175, 176, 187, 229, 283, 297, 300, 499, 602, 622, 638, 676, 680, 690, 692, 717, 726.
AMADO, Genolino: 224, 231, 235, 254, 663.
AMADO, G.: 140, 159, 221, 229, 245, 246, 257, 261, 319, 344, 363, 365, 380, 386, 499, 503, 514, 527, 534, 540, 581, 658, 660, 682.
AMADO, J.: 172, 179, 308, 310, 371, 375, 467, 479, 499, 517, 540, 550, 554, 617.
AMARAL, Amadeu: 714.
ANDRADE, C. Drummond de: 133, 140, 144, 147, 148, 154, 160, 161, 165, 179, 213, 214, 233, 234, 249, 276, 283, 310, 325, 326, 347, 348, 350, 361, 362, 373, 378, 464, 469, 471, 473, 477, 479, 484, 492, 500, 513, 516, 518, 521, 522, 529, 533, 534, 535, 539, 543, 545, 546, 547, 560, 567, 574, 576, 577, 580, 581, 585, 587, 590, 593, 595, 621, 623, 633, 634, 638, 647, 699, 709, 727.
ANDRADE, D.: 677.
ANDRADE, F. Costa: 363, 560, 586, 626.
ANDRADE, M. de: 231, 279, 377, 514, 515, 574, 673, 675.
ANDRADE, O. de: 360.
ANDRADE, R. M. F. de: 219, 245, 252, 300, 308, 363, 379, 577, 589, 592.
ANDRESEN, S. de Mello Breyner: 556, 558, 627, 670.
ANJOS, A. dos: 560, 686.
ANJOS, C. dos: 142, 144, 150, 156, 160, 166, 177, 178, 215, 226, 230, 237, 253, 277, 308,

310, 311, 313, 324, 334, 342, 344, 345, 346, 356, 361, 370, 466, 471, 472, 476, 478, 485, 504, 511, 526, 530, 533, 535, 540, 544, 549, 550, 554, 588, 602, 603, 635, 636, 640, 652, 662, 663.
ARANHA, Graça: 311, 563, 610, 661, 674.
ARCOS, J. Paço d': 134, 156, 159, 161, 168, 171, 215, 321, 354, 376, 473, 475, 476, 500, 509, 528, 535, 539, 546, 548, 552, 560, 576, 623, 638, 659.
ARINOS, A.: 338, 500, 502, 508, 517, 528, 535, 566, 592.
ASSIS JÚNIOR, A. de: 338, 349, 350, 352, 355, 370, 378, 561, 563, 664, 671, 673.
ASSIS, Machado de: 135, 139, 153, 156, 158, 159, 161, 165, 168, 170, 172, 173, 179, 232, 235, 245, 248, 252, 279, 296, 300, 303, 311, 312, 313, 315, 317, 319, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 334, 335, 336, 337, 339, 342, 346, 349, 353, 354, 355, 361, 362, 363, 364, 366, 371, 376, 378, 379, 381, 393, 473, 474, 479, 483, 484, 485, 488, 489, 495, 501, 505, 519, 520, 521, 525, 526, 528, 529, 538, 545, 546, 548, 549, 552, 554,565, 574, 577, 578, 586, 587, 589, 590, 592, 597, 598, 599, 601, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 624, 625, 626, 630, 635, 637, 642, 643, 644, 645, 647,649, 650, 651, 658, 659, 661,662, 666, 667, 669, 673, 675, 681, 716, 725.
AULETE, Caldas: 542, 591.
AZEREDO, C. Magalhães de: 709.
AZEVEDO, A.: 359, 503, 627.
AZEVEDO, Álvares de: 723.
AZEVEDO, Artur: 338, 363, 564, 670.

B

BALLY, Charles: 655, 656.
BANDEIRA, M.: 144, 164, 177, 181, 230, 232, 243, 283, 314, 324, 334, 357, 476, 503, 507, 511, 516, 518, 520, 522, 523, 615, 617, 665, 677, 678, 705, 729.
BARBOSA, R.: 180, 239, 321, 326, 335, 489, 515, 549, 573, 667, 668.
BARRENECHEA, A. Maria: 393.
BARRETO, Lima: 160, 167, 169, 359, 553, 599, 611, 664.
BARRETO, M.: 118, 318, 541, 546.
BARRETO, T.: 349.
BARROSO, G.: 611.
BASÍLIO, M.: 118.
BECHARA, Evanildo: 620.
BERNAY, A. de: 706, 708.
BESSA, J. R. Fontenele: 97.
BILAC, O.: 178, 180, 181, 247, 272, 295, 299, 325, 480, 581, 687, 691, 694, 695, 702, 707.
BOILEAU: 707.
BOLÉO, M. de Paiva: 23, 24, 410, 469.
BOPP, R.: 68, 73.
BOTELHO, F.: 139, 150, 164, 219, 481, 496, 506, 519, 563, 594, 635.
BOTTO, A.: 143, 311, 352, 521, 660, 698, 726.
BRAGA, B.: 728.
BRAGA, R.: 164, 233, 338, 363, 462, 475, 490, 496, 518, 544, 558.
BRANCO, C. Castelo: 153, 158, 169, 215, 243, 244, 276, 319, 336, 362, 369, 464, 485, 507, 512, 513, 521, 524, 543, 545, 552, 554, 574, 577, 585, 597, 602, 647, 672.
BRANDÃO, R.: 233, 245, 283, 314, 320, 469, 595, 599, 616.
BRUNOT, Ferdinand: 500.
BUREAU, Conrad: 396.

C

CAFEZEIRO, E.: 198.
CALÍSTENES (falso): 708.
CALLADO, A.: 305, 463, 483, 495.
CALLOU, D. M. Isensee: 59.
CÂMARA JR., J. Mattoso: 50, 130, 302.
CAMÕES, L. de: 364, 375, 464, 721, 722, 725.
CAMPOS, P. Mendes: 611.
CANTEL, R.: 644.
CARDOSO, J.: 241, 641.
CARDUCCI, Giosuè: 709.
CARVALHO, J. C. de: 339, 372, 514.
CARVALHO, J. G. Herculano de: 105, 128.
CARVALHO, M. J. de: 144, 148, 158, 165, 166, 171, 251, 290, 330, 345, 346, 348, 355, 465, 477, 478, 479, 481, 482, 483, 488, 565, 578, 598, 611, 625, 640, 651, 655, 674, 678.
CARVALHO, Vicente de: 723, 724.
CASAL, Aires do: 263.
CASTELEIRO, João Malaca: 275, 523.

CASTILHO, A. F. de: 521, 686.
CASTILHO, Ataliba T. de: 398.
CASTRO, E. de: 249, 297, 343, 354, 565, 712, 715.
CASTRO, Fernanda de: 135.
CASTRO, Ferreira de: 235, 244, 314, 326, 327, 346, 351, 374, 379, 380, 384, 475, 482, 488, 502, 508, 513, 521, 528, 558, 578, 627, 629, 642.
CAVACAS, A. d'Almeida: 198.
CELA, Claudino: 398.
CHERVEL, A.: 151.
CHING, L.: 98, 128.
CINTRA, L. F. Lindley: 24, 30, 299.
CINTRA, M. A. Valle: 24.
COELHO, F. Adolfo: 450.
COELHO, Jacinto do Prado: 254, 504.
COELHO NETTO: 232, 295, 315, 320, 323, 330, 364, 502, 525, 565, 580, 584, 588, 669, 672.
COLLINDER, B.: 19.
COMODIANO: 719.
CONDÉ, J.: 147, 153, 276, 483, 503.
CORREIA, J. da Silva: 711.
CORREIA, J. de Araújo: 247, 253, 361, 368, 472, 524, 580, 612, 621.
CORREIA, R.: 215, 290, 328, 341, 518, 560, 561, 643, 721, 728.
CORTESÃO, J.: 215, 230, 231, 297, 362, 465, 583, 592, 601.
COSERIU, E.: 17, 21, 398.
COSTA, Hipólito José da: 263.
COSTA, C. M. da: 239.
COUTO, Ribeiro: 135, 143, 314, 337, 344, 347, 381, 529, 543, 559, 577, 642, 663.
CRULS, G.: 349, 591.
CULIOLI, Antoine: 398.
CUNHA, C.: 19, 22, 35, 450, 690.
CUNHA, E. da: 248, 290, 329, 334, 341, 551, 578.

D

DANTE: 720.
DAVID, Jean: 398.
DELATTRE, P.: 41.
DELILLE, K. Heinz: 156.
DENIS, D.: 629.
DEODATO, A.: 236.
DESCLÉS, J.-P.: 398.
DESSAINTES, Maurice: 645.
DEUS, J. de: 303, 325, 698, 713, 715.
DIAS, Epifânio da Silva: 161, 303.
DIAS, Gonçalves: 22, 65, 155, 284, 299, 300, 365, 471, 473, 520, 551, 658, 698, 713, 721.
DÍAZ, G. Verdín: 656.
DIETRICH, W.: 24.
DIOMEDES: 73.
DOURADO, Autran: 134, 147, 155, 160, 227, 331, 475, 482, 534, 542, 648, 680.
DUBOIS, J.: 97, 153.

E

EGEA, Esteban Rafael: 552.
ÊNIO: 718.
ERNOUT, Alfred: 718.
ESKÉNAZI, A.: 217.
ESPANCA, F.: 157, 174, 176, 215, 216, 233, 250, 295, 297, 322,329, 330, 334, 368, 370, 477, 501, 509, 515, 523, 596, 640, 643, 666, 674, 676,703, 728.
ESPINEL, Vicente: 726.

F

FALCÃO, C.: 553.
FANT, C. G. M.: 41.
FARIA, I. Hub: 482.
FERREIRA, A.: 552.
FERREIRA, M.: 378, 379, 576.
FERREIRA, V.: 254, 476, 498, 502, 509, 523, 529, 537, 544, 556, 561, 577, 585, 633, 651.
FIGUEIREDO, J. de: 334.
FLAUBERT: 656.
FLODSTRÖM, I.: 20.
FONSECA, Branquinho da: 148, 164, 166, 219, 230, 241, 252, 284, 555, 581, 586, 587, 591, 601, 671, 673.
FONSECA, M. da: 140, 558, 559, 565, 579, 583, 590, 591, 624.
FONSECA, R.: 165, 512, 678.

FONTES, Hermes: 689, 706.
FRANCO, A. A. de Melo: 157, 582, 591, 677.
FREYRE, G.: 677.

G

GALICHET, Georges: 174.
GARRETT, Almeida: 283, 341, 349, 506, 541, 549, 552, 553, 713.
GENGOUX, J.: 19.
GIL, A.: 166, 602, 611, 691.
GILI Y GAYA, Samuel: 282.
GONZAGA, T. A.: 375.
GONZÁLEZ OLLÉ, F.: 105.
GRAÇA, Heráclito: 368.
GRAMMONT, Maurice: 695, 707.
GROSS, Maurice: 398.
GUERRA DA CAL, Ernesto: 562, 644.
GUERREIRO, Miguel do Couto: 686.
GUIMARAENS, A. de: 157, 173, 229, 233, 290, 295, 320, 367, 379, 471, 694, 701, 712, 716.
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus: 720.
GUIMARÃES, B.: 527.

H

HAKAMIES, R.: 104.
HAMPEJS, Zdenek: 504.
HASSERLOT, B.: 104.
HEAD, B. F.: 59.
HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro: 710.
HERCULANO, A.: 149, 279, 313, 476, 505, 512, 518, 526, 528, 530, 542, 646.
HJELMSLEV, Louis: 531.
HOEPELMAN, J.: 398.
HOLANDA, Aurélio Buarque de: 366.
HONWANA, L. B.: 139, 141, 303, 578, 581, 589, 592, 625, 659.
HORÁCIO: 720.
HUBER, Joseph: 302.
HUGO, Vítor: 707.
HUIDOBRO, Vicente: 282.

I

IORDAN, I.: 126.

J

JAKOBSON, R.: 21, 41.
JARDIM, L.: 143, 167, 168, 362, 465, 491, 492, 506, 556, 563, 566, 603, 628.
JESPERSEN, O.: 20, 655.
JUCÁ, C.: 119.
JUNQUEIRO, Guerra: 154, 326, 485, 705, 711.

K

KALEPKY, T.: 655.
KAHN, Gustave: 709.
KLUM, Arne: 398.
KURY, Adriano da Gama: 596.

L

LABAN, M.: 35.
LACERDA, Armando de: 189.
LAFORGUE, Jules: 709.
LAPA, Rodrigues: 562, 596, 598.
LAPESA, R.: 217.
LAROCHETTE, Joe: 398.
LEAL, Gomes: 707, 724.
LEITE, C. Coelho Pereira: 598.
LERCH, E.: 655.
LESSA, Luís Carlos: 545, 547.
LIDA, Raimundo: 250.
LIMA, A. Amoroso: 224, 251, 630, 652.
LIMA, Augusto de: 706.
LIMA, G. França de: 179, 376, 484.
LIMA, J. de: 218, 368.
LIMA, M. de Sousa: 542.
LIMA, Rocha: 596, 644.
LINS, O.: 350, 383, 543, 577, 626, 650, 654, 674, 682.
LISBOA, I.: 160.
LISPECTOR, C.: 139, 148, 158, 164, 166, 225, 230, 257, 368, 370, 488, 522, 534, 541, 546, 550, 643, 655.
LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro: 409.
LOBATO, Monteiro: 222, 349, 466, 469, 506, 524, 553, 583, 619.
LOMBARD, A.: 217.
LOPES, B.: 535, 679, 714.
LOPES, M.: 544, 577, 580, 587, 604, 641.

LOPES NETO, Simões: 135, 220, 274, 283, 347, 366, 469, 514, 536, 592, 602, 674, 676.
LÓPEZ, Maria Luísa: 572.
LORCK, E.: 655.
LOSA, I.: 252.
LUÍS, A. Bessa: 135, 136, 138, 142, 144, 150, 152, 360, 383, 393, 463, 483, 487, 519, 524, 542, 546, 550, 566, 602, 614, 616, 649, 650, 653, 654.

M

MAÇÃS, D.: 105.
MACEDO, J. M. de: 384.
MACHADO, A. de Alcântara: 214, 352, 384, 661, 679.
MACHADO, A. M.: 143, 155, 166, 168, 223, 244, 252, 262, 284, 295, 324, 326, 327, 352, 354, 369, 465, 494, 505, 541, 549, 579, 583, 584, 612, 634, 636, 637, 651, 671, 675.
MACHADO, M. T. da Matta: 42.
MACLENNAN, L. Jenaro: 398.
MAGALHÃES, A.: 321.
MALKIEL, Y.: 103.
MALMBERG, B.: 19.
MANOLIU, M.: 128.
MARGARIDO, A.: 583.
MARIANO, O.: 322, 358, 491.
MARICÁ, marquês de: 167, 357, 358, 621.
MARTIN, Robert: 398.
MARTINET, A.: 128.
MARTINS, Maria Raquel Delgado: 41-42, 189.
MATEUS, M. H. Mira: 50.
MATOS, Gregório de: 721, 725.
MAURER JR., Theodoro Henrique: 105, 500, 504.
MAURO, T. de: 16.
MEIER, Harri: 561.
MEILLET, A.: 16.
MEIRELES, C.: 91, 178, 240, 312, 315, 327, 328, 329, 343, 369, 370, 497, 502, 507, 518, 526, 603, 635, 659, 680, 701, 722.
MELO, D. F. M. de: 350.
MELO NETO, J. Cabral de: 216, 497, 585.
MENDES, M.: 512, 517.
MENDES, Odorico: 364.
MENDES, O.: 160, 227, 284, 318, 495, 550.
MESCHONNIC, Henri: 685, 710.
MESQUITA, M.: 156.
MEUNIER, J. M.: 719.
MEYER, A.: 224, 225, 342, 372, 393, 473, 480, 510, 521, 598, 604, 621, 630, 636.
MIGUÉIS, J. Rodrigues: 311, 546, 548.
MIRANDA, Sá de: 725.
MOIGNET, Gérard: 398, 487.
MOLHO, Maurice: 504.
MONTEIRO, Sttau: 313, 327, 338, 470, 474, 497, 564, 669, 670.
MONTELLO, J.: 134, 136, 140, 141, 158, 170, 180, 233, 236, 238, 243, 331, 511, 514, 535, 566, 582, 614.
MOOG, Vianna: 155, 157, 159, 165, 547.
MORAIS BARBOSA, J.: 50.
MORAIS, V.: 65, 141, 175, 176, 217, 230, 317, 586, 644.
MORÉAS, Jean: 709.
MOREIRA, T. Martins: 476, 519, 563.
MORIER, Henri: 710.
MOUNIN, George: 396.
MOURA, E.: 498, 582, 607, 621.
MOURÃO-FERREIRA, D.: 140, 157, 495, 517, 579, 591.

N

NABUCO, J.: 516.
NAMORA, F.: 144, 147, 153, 158, 161, 165, 168, 170, 177, 214, 225, 231, 232, 241, 257, 283, 289, 296, 310,324, 327, 337, 339, 340, 344, 351, 352, 369, 470, 478, 484, 485, 508, 512, 516, 520, 526, 535, 536, 539, 541, 544, 550, 561, 576, 579, 589, 596, 611, 615, 634, 636, 647, 654, 659, 661, 663, 669, 673.
NÁÑEZ FERNÁNDEZ, E.: 105.
NASCENTES, A.: 32, 33, 542, 575.
NAVA, P.: 169, 228, 244, 587, 591.
NAVARRO TOMÁS, T.: 183, 693, 710.
NAVAS RUIZ, Ricardo: 397.
NEF, Fréderic: 398.
NEGREIROS, Almada: 145, 171, 284, 337, 348, 378, 379, 381, 466, 522, 525, 538, 555, 560, 595, 601, 623, 647, 665, 677, 678, 680.

NEJAR, C.: 511.
NEMÉSIO, V.: 134, 153, 167, 169, 178, 273, 295, 300, 375, 479, 510, 584, 585, 603, 604, 608, 609, 625, 630, 652.
NOBRE, A.: 135, 166, 175, 220, 229, 233, 237, 243, 258, 292, 334, 338, 344, 349, 358, 361, 365, 477, 491, 518, 563, 566, 617, 621, 679, 703, 711.
NÓBREGA, Mello: 711.
NOGUEIRA, R. Sá: 38.
NOREEN, A.:19, 20.
NYROP: 500.

O

OITICICA, José: 523, 566.
OLÍMPIO, D.: 477, 579.
OLIVEIRA, A. Corrêa d': 247, 378, 473.
OLIVEIRA, A. de: 316, 525, 642, 658, 706, 715.
OLIVEIRA, C. de: 141, 146, 148, 151, 159, 164, 168, 213, 226, 277, 279, 322, 368, 375, 380, 393, 491, 496, 505, 527, 536, 541, 588, 589, 602, 604, 611, 617, 620, 659.
OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de: 217, 273, 353, 562.
O'NEILL, A.: 180.
OSÓRIO, Cochat: 469, 474, 636, 670.

P

PAIVA, Maria Helena de Novais: 562.
PALMÉRIO, M.: 137, 171, 276, 315, 316, 348, 350, 364, 476, 507, 549, 655, 656.
PARIS, Gaston: 719.
PASCOAES, Teixeira de: 133, 218, 368, 370, 472, 473, 573, 584, 588, 636, 658.
PASSOS, Guimarães: 283, 335, 336, 488.
PASSOS, Soares de: 641.
PATRÍCIO, A.: 272.
PEDERNEIRAS, M.: 347.
PEIXOTO, A.: 151, 214, 243, 308, 325, 380, 466, 482, 581, 597.
PENA FILHO, C.: 355.
PENA, Martins: 496.
PEPETELA: 350, 475, 515, 577, 580, 582, 588, 628.
PEREIRA, E. C.: 646.
PEREIRA FILHO, E.: 564.
PESSANHA, C.: 318, 492, 533, 636, 643, 683, 694, 704, 705, 727, 728.
PESSOA, F.: 136, 139, 148, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 177, 178, 179, 221, 223, 233, 284, 302, 310, 311, 316, 317, 335, 341 346, 352, 355, 359, 360, 362, 364, 365, 372, 373, 380, 462, 469, 472, 481, 491,498, 511, 517, 520,551, 597, 616, 618, 620, 622, 629, 630, 638, 640, 641, 674, 676, 677, 682, 709, 712, 721, 723, 725.
PIEL, Joseph M.: 450.
PINCHON, J.: 216.
PIÑON, N.: 139, 140, 146, 149, 157, 213, 361, 482, 487, 517, 537, 540, 547, 577, 578, 611, 618, 626, 654.
PIRES, J. Cardoso: 157, 173, 377, 381, 412, 476, 548, 614, 679.
PISANÇON, Albéric de: 708.
POMPEIA, R.: 149, 152, 214, 315, 328, 372, 589, 590, 636.
PONTES, Eunice: 409.
POTTIER, Bernard: 398, 556, 561, 572, 573.
PRADO, E.: 548.

Q

QUEIRÓS, D. Silveira de: 495, 526, 527, 547.
QUEIRÓS, Eça de: 246, 305, 323, 329, 338, 339, 375, 378, 525, 554, 591 653, 654, 659, 682.
QUEIRÓS, R. de: 150, 524, 525, 612.
QUENTAL, A. de: 160, 173, 177, 178, 180, 226, 236, 276, 300, 328, 357, 368, 369, 381, 462, 480, 525, 528, 533, 566, 600, 615, 626, 680.
QUILIS, A.: 68, 696.
QUINTANA, M.: 359, 640.

R

RAMOS, G.: 135, 141, 144, 171, 172, 178, 219, 258, 282, 283, 308, 321, 329, 330, 344, 353, 358, 369, 373, 376, 378, 463, 471, 472, 473, 477, 485, 498, 508, 509, 512, 533, 541, 545, 554, 575, 594, 597, 600, 601, 603, 610, 622, 652, 654, 672.

RANGEL, A.: 341.
RAPOSO, Eduardo Paiva: 409.
REBELO, Marques: 73, 182, 188, 366, 463.
REDOL, Alves: 139, 147, 154, 167, 172, 214, 235, 245, 277, 313, 315, 326, 328, 330, 337, 341, 346, 353, 366, 372, 375, 377, 477, 492, 501, 514, 516, 522, 538, 540, 543, 545, 578, 581, 584, 589, 634, 635, 673, 675.
RÉGIO, J.: 155, 157, 292, 295, 299, 314, 315, 320, 322, 324, 340, 474, 494, 540, 546, 551, 556, 603, 626, 645, 647, 700.
RÉGNIER, Henri de: 709.
REGO, J. Lins do: 144, 164, 171, 181, 214, 229, 236, 246, 247, 249, 257, 277, 308, 311, 314, 316, 331, 339, 340, 345, 351, 353, 358, 377, 379, 459, 471, 483, 485, 495, 497, 501, 513, 516, 519, 524, 529, 536, 537, 538, 542, 545, 547, 552, 575, 589, 599, 620, 629, 639, 644, 646, 660, 666.
REGULA, M.: 217.
RENAULT, A.: 148, 582.
RESENDE, A. C.: 637.
RESENDE, O. Lara: 487, 494, 504, 505, 510, 533, 536, 614, 615, 619, 643, 647, 659.
REY, A.: 102.
RIBAS, Ó.: 327, 338, 354, 474, 477, 500, 660, 661, 669, 671, 672.
RIBEIRO, A.: 136, 142, 165, 169, 173, 179, 181, 214, 234, 240, 245, 246, 272, 274, 296, 304, 308, 317, 326, 328, 329, 341, 348, 352, 358, 377, 383, 459, 499, 504, 506, 510, 511, 516, 524, 530, 536, 537, 543, 544, 549, 560, 564, 574, 576, 595, 601, 619, 634.
RIBEIRO, J.: 32, 248, 253, 468, 513, 515, 529, 553, 596, 611, 662.
RIBEIRO, Joaquim: 524.
RIBEIRO, O.: 30.
RIBEIRO, T.: 716.
RICARDO, Cassiano: 161, 696.
RIO BRANCO, barão do: 340.
ROBERT, C.-M.: 467.
RODRIGUES, José Maria: 504.
RODRIGUES, U. Tavares: 227, 229, 233, 241, 262, 312, 315, 319, 324, 325, 344, 353, 369, 518, 520, 534, 538, 543, 544, 575, 578, 579, 581, 588, 590, 593, 625.
ROHRER, C.: 398.
ROSA, Guimarães: 141, 273, 303, 465, 509, 535, 555, 561, 608, 633, 650, 654.
ROSENBLAT, A.: 19.
ROSSI, N.: 32.
RUBIÃO, M.: 168, 178.
RUIPÉREZ, Martín S.: 398.

S

SABINO, F.: 337, 375, 468, 488, 553, 556, 589, 600, 625, 679.
SÁ-CARNEIRO, M. de: 170, 250, 324, 468, 471, 495, 499, 637.
SAINT-CLOUD, Pierre de: 706, 708.
SALES, H.: 272, 303, 487, 548, 550.
SANTARENO, B.: 169, 218, 229, 311, 314, 315, 320, 325, 326, 370, 373, 492, 513, 646.
SANTOS, A.: 351, 377, 506, 555, 579, 581, 582, 584, 592, 663, 669.
SARAMAGO, J.: 181, 339, 347, 509, 628, 661, 664.
SAUSSURE, F. de: 16.
SCHMIDT, A. F.: 153, 172, 179, 181, 239, 245, 248, 253, 257, 277, 289, 315, 329, 337, 374, 412, 496, 502, 521, 534, 543, 544, 594, 596, 624, 635, 660.
SEBEOK, T. A.: 21.
SENA, J. de: 351, 477, 643, 663, 667, 679, 682.
SÉRGIO, A.: 135, 140, 357, 519, 677.
SILVA, B. Lopes da: 330.
SILVA, Da Costa e: 134, 135, 149, 716.
SILVA, M. H. Santos: 24.
SILVA NETO, S. da: 23, 340, 680.
SILVA, Rebelo da: 222, 468, 534, 565, 628.
SILVEIRA, Sousa da: 73, 217, 302, 377, 582, 598, 619, 681.
SILVEIRA, T. da: 139, 475, 528.
SKORGE, S.: 104, 212.
SLAMA-CASACU, T.: 15, 16.
SOARES, Ó.: 538, 539.
SOBEJANO, Gonzalo: 262.
SOROMENHO, Castro: 147, 160, 180, 213, 272, 339, 345, 353, 372, 374, 380, 478, 499, 501, 505, 512, 514, 537, 539, 540, 542, 558, 559, 563, 564, 567, 581, 583, 584, 587, 592, 637, 650, 654, 660, 662, 664, 672, 675.
SOUSA, Cruz e: 533, 684, 719.
SPENSER, Edmund: 729.

SPITZER, Leo: 250, 655.
STAHL, Gérold: 398.
STEN, Holger: 504.

T

TAUNAY, visconde de: 180.
TAVARES, A.: 360, 367.
TELLES, L. Fagundes: 166, 169, 226, 227, 276, 284, 484.
TENREIRO, F. J.: 481, 659.
TOGEBY, Knud: 504.
TORGA, M.: 143, 151, 154, 162, 167, 172, 223, 228, 231, 234, 239, 261, 296, 301, 303, 321, 329, 333, 337, 342, 348, 351, 352, 354, 355, 356, 361, 362, 367, 370, 371, 377, 380, 463, 465, 466, 467, 468, 471, 473, 481, 483, 484, 494, 497, 510, 520, 524, 547, 548, 551, 553, 556, 561, 574, 576, 580, 582, 583, 590, 594, 597, 599, 601, 602, 603, 604, 614, 615, 619, 620, 622, 627, 630, 639, 641, 646, 674.
TORT, Lambert le: 706, 708.
TRIGO, S.: 35.
TRIGUEIROS, L. Forjaz: 254.
TUTESCU, M.: 217.

V

VALERIUS, Julius: 708.
VARELA, Fagundes: 317, 366, 497, 628, 641, 717.
VARNHAGEN, F. A.: 298.
VARRÃO: 22.
VASCONCELOS, J. Leite de: 24, 678.
VELA, F.: 20.
VERGÍLIO: 718.
VERHAEREN, Emile: 709.
VERÍSSIMO, É.: 139, 143, 145, 147, 166, 168, 215, 227, 244, 248, 251, 331, 339, 376, 485, 551, 558, 567, 600, 620, 629, 653, 665, 669, 670, 672, 677, 678, 682.
VICENTE, GIL: 712.
VIEIRA, Luandino: 35, 135, 167, 179, 301, 304, 308, 315, 328, 331, 333, 344, 351, 356, 365, 379, 467, 492, 499, 500, 510, 520, 537, 543, 554, 555, 560, 583, 585, 590, 627, 633, 634, 635, 637, 643, 646, 648, 659, 661, 670.
VIELÉ-GRIFFIN, Francis: 709.
VITA, Nicola: 655, 656.
VITORINO, V.: 376.

W

WAGNER, M. L.: 104.
WAGNER, R. L.: 216.
WHITMAN, Walt: 709.
WILMET, Marc: 398.

X

XAVIER, Fontoura: 351.

Z

ZEMB, Jean-Marie: 398.
ZOLA, E.: 651, 656.

Índice de assuntos

A

ABREVIAÇÃO VOCABULAR: 130.
ABSTRATOS (substantivos): 191, 192.
ABUNDANTES (verbos): 456-457.
ACENTO: 67-75, 78-79; tônico, 67-75; classificação das palavras quanto ao acento tônico, 69-70; pronúncia culta, 70-71; valor distintivo do acento tônico, 71; acento principal, 71-72; acento secundário, 71-72; grupo acentual (ou de intensidade), 72; ênclise e próclise, 73; de insistência, 73; afetivo, 74; intelectual, 74-76; agudo, 78; grave, 78; circunflexo, 79; regras de acentuação gráfica, 84-88.
ACENTUAÇÃO GRÁFICA: 84-88.
ADJETIVO: 91-92, 259-288; definição, 259; adjetivo de relação, 259-260; nome substantivo e nome adjetivo, 260; substantivação do adjetivo, 260; substitutos do adjetivo, 261-262; morfologia dos adjetivos, 262-275; pátrios, 262; pátrios brasileiros, 262-263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263-264; gentílicos, 262; flexões dos adjetivos, 264-275; número, 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; gênero, 265-268; formação do feminino, 266-267; adjetivos uniformes, 267-268; feminino dos adjetivos compostos, 268; graus do adjetivo, 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268-269; de inferioridade, 268-269; comparativo anômalo, 274-275; superlativo, 268-269; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269-270, 273-274 de superioridade, 268-269; de inferioridade, 268-269; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; funções sintáticas do adjetivo, 275-278; adjunto adnominal, 275-278; predicativo do sujeito, 276-278, 281-282; predicativo do objeto direto, 276, 277; predicativo do objeto indireto, 277; emprego adverbial do adjetivo, 278-279; valor estilístico do adjetivo, 279-280; colocação do adjetivo adjunto adnominal, 280-282; epíteto retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282-283; epíteto de natureza, 275, 639-640; epíteto característico, 281; outras formas de realce do adjetivo, 282-283; concordância do adjetivo com o substantivo, 284-288; adjetivo referente a um substantivo, 284-285; adjetivo referente a mais de um substantivo, 284-287; silepse de gênero, 646-647.
ADJUNTO: adnominal, 164-165; adverbial, 165, 166-169; classificação dos adjuntos adverbiais, 166-169.

ADVÉRBIO: 91-92, 555-567; advérbios que não se flexionam em grau, 565; classificação, 544-557; colocação, 559-561; diminutivo com valor superlativo, 565; gradação, 562-565; interrogativo, 557-558; locução adverbial, 558-559; palavras denotativas, 554-555; relativo, 558; repetição do advérbio, 565; repetição de advérbios em *-mente*, 561.
AFÉRESE: 692.
AFETIVO (acento): 74, 75.
AFIXO: 93-94.
AGENTE DA PASSIVA: 161-163; transformação de oração ativa em passiva, 162-163.
AGLUTINAÇÃO: 119-120.
ALEXANDRINO (verso): 706-708.
ALFABETO: 77.
ALFABETO FONÉTICO: 42-44.
ANÁSTROFE: 641.
ANACOLUTO: 644-645.
APARELHO FONADOR: 37-40.
APÓCOPE: 692-693.
APOSTO: 163, 169-174; valor sintático do aposto, 171-173; aposto e predicativo, 173-174.
APÓSTROFO: 79.
ARTIGO: 91-92, 219-258; definido, 219-250; formas simples, 220-221; formas combinadas, 221-223; crase, 221-222; valor determinativo, 224-225; empregos, 226-247; com os substantivos comuns, 226-237; como demonstrativo, 226-227; pelo possessivo, 227-228; antes dos possessivos, 228-230; emprego genérico, 230-231; em expressões de tempo, 231-234; com expressões de peso e medida, 234; com a palavra *casa*, 234; com a palavra *palácio*, 235; com o superlativo relativo, 236-237; com os nomes próprios, 237-243; com os nomes de pessoas, 238-240; com os nomes geográficos, 240-243; com os nomes de obras literárias e artísticas, 243; casos especiais, 243-247; antes da palavra *outro*, 243-244; depois da palavra *ambos* e *todos*, 244-247; repetição do artigo, 247-249; com substantivos, 247-248; com adjetivos, 248-249; omissão do artigo, 249-250; indefinido, 219, 251-258; formas combinadas, 223-224; valor, 225; emprego, 251-254; com os substantivos comuns, 251-253; com os nomes próprios, 253-254; omissão do artigo, 254-258; em expressões de identidade, 255-256; em expressões comparativas, 256; em expressões de quantidade, 256-257; com substantivo denotador de espécie, 257; nas enumerações, 257; nos opostos, 257-258.
ASSÍNDETO: 642-643.
ASPAS: 676-679.
ASPECTO (verbal): 396-398.

B

BISESDRÚXULA (acentuação): 69.
BILABIAIS (consoantes): 53, 55, 58-59.

C

CARDINAIS: 383-391; cardinal como indefinido, 387; emprego da conjunção *e* com os cardinais, 387; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 384-386; quadro, 390-391; valores e empregos, 386-387.
CAVALGAMENTO (*emjambement*); 694-696.
CEDILHA: 79.
CESURA: 693-694.
CLASSIFICAÇÃO DOS SONS LINGUÍSTICOS: 45-60.
CLIQUE: 38.
COLCHETES: 681.
COLETIVOS (substantivos): 192-194.
COLOCAÇÃO: do adjetivo adjunto adnominal, 280-281; do epíteto retórico, 282; dos termos da oração, 176; inversões de natureza estilística, 176-177; ordem direta e inversa, 176; inversões de natureza gramatical, 177-181; inversão verbo + sujeito, 177-180; inversão predicativo + verbo, 181; posição das conjunções coordenativas adversativas, 595-596; posição das conjunções coordenativas conclusivas, 596; do advérbio, 559-561; colocação dos pronomes átonos, 323-332; colocação dos pronomes átonos no Brasil, 330-332.
COMBINAÇÃO: contração de pronomes átonos, 322-323; de preposição com artigo, 221-224.

COMPARATIVO (grau): 268, 269, 274, 275.
COMPLEMENTO: nominal, 153-154; verbal, 154-163 (ver também: objeto direto, objeto indireto e agente da passiva).
COMPOSIÇÃO: 96, 97, 119-129; tipos de, 119-122; compostos eruditos, 122-129; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; recomposição, 127-129; hibridismo, 129-130.
COMUM (substantivo): 192-193.
CONCORDÂNCIA: do adjetivo com o substantivo, 284-288; do pronome possessivo, 333-334; verbal, 510-530.
CONCRETO (substantivo): 192.
CONJUGAÇÕES: 401-402; conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, 413-416; verbos regulares, 419; voz passiva, 419-421; verbo reflexivo, 422-427; verbos irregulares, 427-456; abundantes, 456-457; impessoais, 457, 458; unipessoais, 458-459; defectivos, 457, 460-461.
CONJUNÇÕES: 91, 593-604; coordenativas: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas, 594, 595; posição das conjunções coordenativas, 595-596; valores particulares, 596-599; subordinativas: causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, consecutivas, comparativas integrantes, conformativas, proporcionais, 600-604; polissemia conjuncional, 604; locução conjuntiva, 604.
CONSERVAÇÃO LINGUÍSTICA: 16-18.
CONSOANTE: 45, 53-60, 64-66; classificação, 53-60; modo de articulação, 54-55; ponto de articulação, 55-56; papel das cordas vocais, 56; papel das cavidades bucal e nasal, 57; quadro das consoantes, 57-59; posição das consoantes, 59-60; encontros consonantais, 64-66; consoante de ligação, 95.
CONSONÂNCIA: 711.
CONSTRITIVAS (consoantes): 53-55.
CONTRE-REJET: 707.
COORDENAÇÃO: 609, 610-612; oração coordenada assindética, 610; orações coordenadas sindéticas: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612.
CORDAS VOCAIS: 40; papel das cordas vocais, 56.
CORREÇÃO: 19-22.
CRASE: 221-223 (ver também: emprego do artigo definido; versificação).
CRIOULO: 23, 34-35; de Ano Bom, 34; de Cabo Verde, 35; de Cananor, 35; de Casamance, 35; de Chaul, 35; de Cochim, 35; de Guiné-Bissau, 35; de Korlai, 35; de Macau, 35; de Malaca, 35; de Príncipe, 34; de São Tomé, 35; de Tellicherry, 35; de Tugu, 35; de Sri-Lanka, 35.

D

DECASSÍLABO (verso): 703-705.
DÉCIMA: 725-726.
DEFECTIVOS (verbos): 457, 460-461.
DEMONSTRATIVO (pronome): 342-356; diversidade de emprego, 345-346; formas, 343; *o(s)*, *a(s)* como demonstrativo, 354-355; posição do pronome adjetivo demonstrativo, 347-349; reforço, 350; substitutos dos pronomes demonstrativos, 355-356; valores afetivos, 350-354; valores gerais, 343-345.
DERIVAÇÃO: 96, 97-119; prefixal, 97-102; sufixal, 102-116; parassintética, 116; regressiva, 117-118; imprópria, 118-119.
DESINÊNCIA: 92-93.
DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 41-42.
DIALETO: 18-19; dialetos galegos, 24-25, 26, 29, 30; portugueses setentrionais, 24, 25, 29; portugueses centro-meridionais, 24, 29, 30; das ilhas atlânticas, 31; brasileiros, 31-34.
DIASSISTEMA: 17-18.
DIÉRESE: 63.
DÍGRAFO: 65-66.
DISCURSO: 15-16, 649-656; características do discurso direto, 650-651; características do discurso indireto, 652-653; características do discurso indireto livre, 656; discurso direto, 649-651; discurso indireto, 651-653; discurso indireto livre, 655-656; transposição do discurso direto para o indireto, 653-654.
DISSÍLABO: 67; verso, 697.

DÍSTICO: 719.
DITONGO: 60-62.
DIVERSIDADE GEOGRÁFICA: 18-19, 23-35 (ver também: variações diatópicas).
DODECASSÍLABO (verso): 706-708.
DOIS PONTOS: 669-670.

E

ECTLIPSE: 688-689.
ELIPSE: 633-637; sujeito e predicado elípticos, 137.
ELISÃO: 687, 688, 689.
ÊNCLISE: 73, 74, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330.
ENCONTROS: vocálicos, 60-64; intraverbais e interverbais, 63-64; consonantais, 64-65 (ver também: sinérese, diérese, crase, sinalefa, elisão).
ENEASSÍLABO (verso): 702-703.
ENTOAÇÃO ORACIONAL: 181-189; grupo acentual, 182; grupo fônico, 182; oração declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; interrogação direta e indireta, 186-187; exclamativa, 187-188.
ENJAMBEMENT (ver: cavalgamento).
ENUMERAÇÃO CAÓTICA: 250.
EPÍTETO: retórico, 282; colocação do epíteto retórico, 282; epíteto de natureza, 282, 639-640; epíteto característico, 282.
ERRO: 20-21.
ESTILO: 15-16; valor estilístico do adjetivo, 279-280.
ESTROFAÇÃO: 719-729.
ESTROFE: 696-727; décima, 725-726; dístico, 719; livre, 727; de nove versos, 725; oitava, 723-725; quadra, 720; quintilha, 720-721; de sete versos, 722-723; sextilha, 721-722; simples, 727; composta, 727; terceto, 720.
ESTRUTURA: das palavras, 92-95; do verbo, 402-403; do verso, 685-696.

F

FALAR: 18-19.
FAMÍLIAS DE PALAVRAS: 96.
FIGURAS DE SINTAXE: 633-648; anacoluto, 644-645; anástrofe, 641; assíndeto, 642-643; elipse, 633-637; hipérbato, 641; objeto pleonástico, 640-641; pleonasmo, 639-640; polissíndeto, 643-644; prolepse, 642; silepse, 645-648; sínquise, 642; zeugma, 638.
FLEXÃO: dos adjetivos, 264-275; dos artigos, 220-221; dos substantivos, 194-213; dos verbos, 394-401.
FONEMA: 40-41; 89.
FONÉTICA E FONOLOGIA: 37-75; sons da fala, 37, 41; aparelho fonador, 39-40; som e fonema, 40-41; descrição fonética e fonológica, 41-42; fonética acústica, 41; fonética fisiológica, 42; transcrição fonética, 42; transcrição fonológica, 42; alfabeto fonético, 42-44; vogais, 45; classificação das vogais, 45-53; consoantes, 45; classificação das consoantes, 53-60; posição das consoantes, 59-60; semivogais, 45; encontros vocálicos, 60-64; encontros consonantais, 64-65; dígrafos, 65-66; sílaba, 66-67; acento tônico, 67-75.
FRACIONÁRIOS: 372, 385-386, 389-390; emprego, 389-390; flexão, 389-390; quadro, 390-391.
FRASE: 133-135; constituição da frase, 133-134; frase e oração, 134-135.
FRICATIVAS (consoantes): 53, 54, 57-58, 60.
FUNÇÕES SINTÁTICAS: dos adjetivos: 163; adjunto adnominal, 164-165, 275-278; predicativo do sujeito, 148-149, 276-277; predicativo do objeto direto, 160, 276, 277, 278; predicativo do objeto indireto, 277; dos artigos: 164-165; dos substantivos: 213-216; sujeito, 213; predicativo do sujeito, 213; predicativo do objeto direto, 214; predicativo do objeto indireto, 214; objeto direto, 214; objeto indireto, 214; complemento nominal, 214; adjunto adverbial, 215; agente da passiva, 215; aposto, 215; vocativo, 215.
FUTURO: do presente, 395, 407, 472-476; do pretérito, 395, 476-479; do subjuntivo, 395, 489.

G

GÊNERO: dos adjetivos: 265-268; adjetivos uniformes, 265, 267; feminino dos adjetivos compostos, 268; formação do feminino, 266-267; dos substantivos: 202-211; comum de dois gêneros, 210;

epicenos, 209; feminino derivado de radical do masculino, 206-209; formação do feminino, 204-205; gênero vacilante, 211; masculino e feminino de radicais diferentes, 205; masculinos terminados em *a*, 211; mudança de sentido na mudança de gênero, 210; quanto à significação, 203-204; quanto à terminação, 204; sobrecomum, 203; uniforme, 209-210.
GENTÍLICOS: 262.
GERÚNDIO: 395, 407, 408; emprego, 497, 498, 504-508.
GRAU: dos adjetivos: 268-275; comparativo, 268; de superioridade, 268; de igualdade, 268; de inferioridade, 268; comparativo anômalo, 268; superlativo, 268; superlativo absoluto, 269, 270-272; superlativo relativo, 269, 273-274; de superioridade, 273; de inferioridade, 273; outras formas de superlativo, 272-273; superlativo anômalo, 274-275; adjetivos que não se flexionam em grau, 275; dos substantivos: 206-207; especialização de formas, 207; valor das formas aumentativas e diminutivas, 206-207; dos advérbios: 562-565; grau comparativo dos advérbios, 562; grau superlativo dos advérbios, 562-563; outras formas de comparativo e superlativo, 563-565; diminutivo com valor superlativo, 565; advérbios que não se flexionam em grau, 565.
GRUPO: acentual, 182; fônico, 182; grupo fônico e unidade melódica, 182-183; grupo fônico e a oração, 183-189.

H

HEMISTÍQUIO: 706.
HENDECASSÍLABO (verso): 705-706.
HEPTASSÍLABO (verso): 700-701.
HEXASSÍLABO (verso): 699.
HIATO: 49; intervocabular, 689-692.
HIBRIDISMO: 129-130.
HÍFEN: 79-84; emprego do hífen, 80-84; nos compostos, 80-81; na prefixação, 81-82; com o verbo *haver*, 82; na separação de sílabas, 82-84.
HIPÉRBATO: do indicativo: 403-404; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.

I

IMPERFEITO: do indicativo: 403-405; emprego, 465-468; do subjuntivo: 406; emprego, 487-488.
IMPESSOAIS (verbos): 457-458.
INDEPENDENTES (orações): 607.
INDEFINIDO: pronome: 370-381; forma, 371; locuções pronominais indefinidas, 371; oposições sistemáticas, 373-374; substantivo e adjetivo, 371-372; valores de alguns indefinidos, 374-381; artigo: 219; emprego do artigo indefinido, 251-254; omissão do artigo indefinido, 254-258.
INDICATIVO (modo): 462-479, 480.
INFINITIVO: 395; impessoal: 407, 496, 497, 498; emprego do infinitivo impessoal, 498-502; pessoal: 407; emprego do infinitivo pessoal, 498, 499, 502-503; emprego distintivo das formas flexionadas e não flexionadas, 499; orações reduzidas de infinitivo, 626-628.
INTEGRANTES: termos da oração, 152-163; conjunções, 600, 603.
INTENSIDADE: acento, 67-68; grupo, 72; advérbio, 555, 557.
INSISTÊNCIA (acento de), 73.
INTELECTUAL (acento): 74, 75.
INTERJEIÇÃO: 605-606; classificação, 605; locução interjectiva, 605-606.
INTERROGAÇÃO (ponto de): 670-671; interrogação direta e indireta, 186-187.
INTERROGATIVO: pronome: 366-370; emprego exclamativo dos interrogativos, 370; flexão, 367-368; forma, 367; valor e emprego, 367-370; advérbio: 557-558.
INTRANSITIVO (verbo): 146.
IRREGULARIDADE VERBAL: 427-457; irregularidade verbal e discordância gráfica, 428; verbos com alternância vocálica, 429-436.
INVARIÁVEIS (palavras): 92.
INVERSÃO DOS TERMOS DA ORAÇÃO: 176-182.
ITÁLICO: 658.
ISOSSILABISMO: 708-709.

J

JUSTAPOSIÇÃO: 119-122.

L

LETRA: 77-78.
LIGAÇÕES RÍTMICAS: 687-688 (ver também: crase, ectlipse, elisão, sinalefa).
LÍNGUA: 15-16, 23; unidade, 23.
LINGUAGEM: 15-16; linguagem monolítica, 21-22; culta, 22; média, 22; popular, 22; poética, 22; da prosa, 22.
LINHA MELÓDICA (função oracional): 188-189.
LIMITES DO VERSO: 686-687.
LOCUÇÕES: adverbiais, 558-559; conjuntivas, 604; interjectivas, 605-606; prepositivas, 570; pronominais, 371; verbais, 134-135.

M

MAJESTADE (plural de): 298-299.
MELÓDICOS (sinais): 657, 668-683.
MODÉSTIA (plural de): 297-298.
MODO (do verbo): 394; indicativo, 462-479; subjuntivo, 479-490; imperativo, 490-496; sintaxe dos modos, 462-510.
MONOSSÍLABO: 67; verso, 696.
MORFEMA: 90-94; tipos de, 90-91; flexional, 92-93; derivacional, 93-94; lexical, 90-92; gramatical, 90-92.
MUDANÇA DE SENTIDO NA MUDANÇA DE GÊNERO: 210.
MULTIPLICATIVOS: 383, 384, 385, 389; emprego, 389; flexão, 385; quadro, 391.

N

NEGRITO (sinal de): 658.
NOME: adjetivo, 260-261; substantivo, 260.
NOMINAL: complemento, 153-154; predicado, 146-149; sufixo, 102-103.
NOTAÇÕES LÉXICAS: 78-80.
NORMA: 21-22.
NUMERAIS: 383-390; cardinais, 383, 384, 385, 386-388; fracionários, 383, 385-386; multiplicativos, 383, 384, 385, 389; ordinais, 383, 384, 385, 387-389.
NÚMERO: dos adjetivos: 264-265; plural dos adjetivos simples, 265; plural dos adjetivos compostos, 265; dos substantivos: 194-202; formação, 194-202; plural dos compostos, 201-202; plural com alteração de timbre da vogal tônica, 197-198; plural dos diminutivos, 200; plural dos substantivos terminados em consoante, 199-200; substantivos terminados em vogal ou ditongo, 195-197; substantivos de um só número, 201.

O

OBJETO: direto: 154-157; objeto direto preposicionado, 156; objeto direto pleonástico, 156-157; indireto: 157-159; objeto indireto pleonástico, 159; predicativo do objeto, 160-161.
OCLUSIVAS (consoantes): 53, 54, 59-60.
OCTOSSÍLABO (verso): 701-702.
OITAVA: 723-725.
ONOMATOPEIA: 130.
ORAÇÃO: 134-189, 607-631; e período, 135-136; termos essenciais, 136-152; sem sujeito, 143-145; termos integrantes, 152-163; termos acessórios, 163-175; colocação dos termos na oração, 176-181; entoação oracional, 181-189; declarativa, 183-184; interrogativa, 184-186; exclamativa, 187-189; independente, 607; principal, 609; coordenada assindética, 610; coordenada sindética: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa, 610-612; oração subordinada como termo de outra oração, 612-614; classificação das orações subordinadas, 614; oração subordinada substantiva: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa, apositiva, agente da passiva, 614-615; omissão da integrante *que*, 615; oração subordinada adjetiva, 615-618; adjetivas restritivas e explicativas, 618; oração subordinada adverbial: causal, concessiva, condicional, final, temporal, consecutiva, comparativa, 618-622; orações conformativas e proporcionais, 622-623; reduzida,

623-626; reduzida de infinitivo, 626-628; reduzida de gerúndio, 628-630; reduzida de particípio, 630-631.
ORAIS E NASAIS (sons): 48-53.
ORDEM DIRETA E INVERSA: 176.
ORDINAIS: 383, 385, 386, 387, 388; emprego dos cardinais pelos ordinais, 388-389; flexão, 385; quadro, 390-391; valores e empregos, 387-388.
ORTOGRAFIA: 77-88; letra e alfabeto, 77-78; notações léxicas, 78-84; regras de acentuação, 84-88; divergências entre as ortografias adotadas em Portugal e no Brasil, 88.
OSCILAÇÃO DE PRONÚNCIA: 70-71.

P

PALAVRA: 89-131; classes de, 91-92; estrutura da, 92-95; formação de, 96-131; famílias de, 96; denotativa, 566-567; primitiva, 96; derivada, 96; simples, 96; composta, 96.
PALAVRAS DENOTATIVAS: 566-567.
PALATAIS: vogais, 45, 49-52; consoantes, 53, 56-59.
POSTERIORES ou velares (vogais): 45, 49-52.
PARÊNTESES: 679-680.
PARTICÍPIO: 498, 508-510; oração reduzida de particípio, 630-631.
PÁTRIOS: 262-264; pátrios brasileiros, 262, 263; pátrios portugueses, 263; pátrios africanos, 263; pátrios compostos, 263, 264.
PAUSA (verso): 693-694.
PENTASSÍLABO (verso): 698-699.
PERÍODO: 135-136, 607-631; simples, 135, 607; composto, 136, 607-631; composto por coordenação, 607-608, 610-612; composto por subordinação, 608, 612-631; características da oração principal, 609-610.
PESSOAL (pronome): 290-332; colocação dos pronomes átonos, 323-332; combinações e contrações dos pronomes átonos, 322-323; contração das preposições *de* e *em* com o pronome reto da 3.ª pessoa, 303; emprego dos pronomes oblíquos tônicos e átonos, 310-321; emprego do pronome sujeito, 296-297; equívocos e incorreções, 301-303; extensão de emprego dos pronomes retos, 297-300; formas *o*, *lo* e *no* do pronome oblíquo, 291-293; funções dos pronomes retos, 295, 296; omissão do pronome sujeito, 296; realce do pronome sujeito, 300, 301; reflexivo e recíproco, 293-295; pronomes de tratamento, 303-310.
PLEONASMO: 639-640.
PLURAL: dos adjetivos simples e compostos, 265; plural de modéstia e de majestade, 297-299; dos substantivos simples e compostos, 195-202.
POLISSÍNDETO: 643-644.
PONTO: 664-666.
PONTO DE EXCLAMAÇÃO: 671-673.
PONTO DE INTERROGAÇÃO: 670-671.
PONTO E VÍRGULA: 666-668.
PONTUAÇÃO: 657-683; aspas, 676-679; colchetes, 681; dois pontos, 669-670; parênteses, 679-681; ponto, 664-666; ponto de exclamação, 671-673; ponto de interrogação, 670-671; ponto e vírgula, 666-668; reticências, 673-676; vírgula, 658-664; travessão, 682-683.
PORTUGUÊS: de África, 34; de Ásia, 34, 35; da Oceania, 34, 35 (ver também: crioulos).
POSSESSIVO (pronome): 332-342; concordância, 333-334; forma, 333; valor e emprego, 333-342.
PREDICADO: 146-151; nominal, 146-149; verbal, 149-151; verbo-nominal, 151; variabilidade de predicação verbal, 152 (ver também: concordância).
PREFIXO: 98-102; de origem latina, 98-100; de origem grega, 101-102.
PREPOSIÇÃO: 569-592; conteúdo significativo, 572-574; função, 569; locuções prepositivas, 570; relações fixas, 574; relações livres, 575-576; relações necessárias, 574-575; significação, 570-572; simples, 569-570; valor, 576-592; *a*, 576-578; *ante*, 578-579; *após*, 579; *até*, 579-580; *com*, 580-581; *contra*, 581; *de*, 582-583; *desde*, 583; *em*, 584; *entre*, 585-586; *para*, 587-588; *perante*, 588; *por* (*per*), 588-590; *sem*, 590; *sob*, 590-591; *sobre*, 591-592; *trás*, 592.

PRETÉRITO: imperfeito do indicativo, 395, 403-405, 465-468; perfeito do indicativo, 468-470; distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito, 470; mais-que-perfeito do indicativo, 395, 405, 470-472; futuro, 395, 407-408, 472-479; perfeito do subjuntivo, 395, 488; mais-que-perfeito, 395, 489.
PRÓCLISE: 73, 308, 323-332.
PROLEPSE: 642.
PRONOME: 91, 289-381; demonstrativo, 342-356; indefinido, 370-381; interrogativo, 366-370; pessoal, 290-332; possessivo, 332-342; relativo, 356-366; substantivo e adjetivo, 289-290; de tratamento, 303-310.
PSEUDOPREFIXOS: 127-129 (ver também: recomposição).

Q

QUADRA: 720.
QUANTIDADE: 68.
QUINTILHA: 720, 721.

R

RADICAIS: 92; radicais latinos, 122-123; radicais gregos, 123-127; hibridismo, 129-130.
RECOMPOSIÇÃO: 127-129.
REGÊNCIA VERBAL: 530-551; diversidade e igualdade de regência, 531-532; regência de alguns verbos: *aspirar*, 533-534; *assistir*, 534-535; *chamar*, 535-537; *ensinar*, 537-539; *esquecer*, 539-541; *interessar*, 541-543; *lembrar*, 543-545; *obedecer* e *desobedecer*, 545-546; *perdoar*, 546-547; *responder*, 547-550; *visar*, 550-551.
REFORÇO: dos possessivos, 336; dos demonstrativos, 350.
RELATIVO (pronome): 356-367; forma, 356-357; função sintática, 358-359; natureza do antecedente, 357-358; pronome relativo sem antecedente, 360; valor e emprego, 360-366.
RETICÊNCIAS: 673-676.
RIMA: 711-719; aguda, 711; alternada, 715; assonante, 711; consoante, 711; consonância, 711; emparelhada, 715; encadeada, 716; esdrúxula, 712; esquema de rima, 717; grave, 711; imperfeita, 712-713; de vogal semiaberta com vogal semifechada, 712-713; de vogal simples com ditongo, 713; de vogal oral com vogal nasal, 713; interior: com eco, 717; leonina, 716; interpolada, 716; oposta, 716; perfeita, 712; pobre, 714; rica, 714; raras ou preciosas, 714-715; soante, 711; toante, 711; versos brancos, 717-718.
RITMO: 685.

S

SEMIVOGAIS: 45.
SEXTILHA: 721-722.
SIGLAS: 130-131.
SÍLABA: 66-67; aberta e fechada, 66-67; classificação das palavras quanto ao número de sílabas, 67.
SILEPSE: de gênero, 646-647; de número, 645-646; de pessoa, 647-648.
SINAIS: pausais, 657, 658-668; melódicos, 657, 669-683.
SINALEFA: 63, 687-688, 689.
SÍNCOPE: 692-693.
SINÉRESE: 63, 690-691.
SÍNQUISE: 642.
SINTAGMA: nominal, 137-138; verbal, 137-138.
SINTAXE: dos modos e dos tempos, 462-510; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
SISTEMA: 21, 22.
SOM: 40, 41.
SONETO: 727-729; inglês, 727, 729; italiano, 727-729; shakespeariano, 729; spenseriano, 729.
SONS DA FALA: 37.
SUBJUNTIVO (modo): 394, 395, 479-480.
SUBSTANTIVO: 91, 191-218, 260; abstrato, 192; coletivo, 192-193; composto, 201-202; comum, 192; comum de dois gêneros, 210; concreto, 192; de gênero vacilante, 211; de um só número, 201; epiceno, 209; flexão, 194-213; formação do plural, 195-200; funções sintáticas do substantivo, 213-218; gênero, 202-211; grau, 212-213; masculino terminado em *a*, 211; mudança de sentido

na mudança de gênero, 210; número, 194-202; sobrecomum, 209; uniforme, 210-211; próprio, 192.
SUBORDINAÇÃO: 608-609, 612-631; classificação das orações subordinadas: substantivas, 614-615; adjetivas, 615-618; adverbiais, 618-631; orações reduzidas: 623-631; de infinitivo, 626-628; de gerúndio, 628-630; de particípio, 630-631.
SUFIXO: 102-116; nominal, 103-114; aumentativo, 102-104; diminutivo, 104-108; diminutivo erudito, 108; verbal, 114-115; adverbial, 115-116.
SUJEITO: 136-146; representação do sujeito, 138-140; simples, 140; concordância com o sujeito simples, 511; composto, 140-141; concordância com o sujeito composto, 511-512; oculto (determinado), 141-142; indeterminado, 142-143; oração sem sujeito, 143-145; da atitude do sujeito, 145-146; com verbos de ação, 145; com verbos de estado, 146.
SUPERLATIVO (grau): 268; 269-275.

T

TEMPO (verbal): 395; tempo simples, 402-408; composto, 416-418; formação dos tempos simples, 403-409; derivados do presente do indicativo, 403-405; derivados do pretérito do indicativo, 405-406; derivados do infinitivo impessoal, 407-408; formação dos tempos compostos, 416-418; locuções verbais, 408-412; sintaxe dos tempos, 462-490.
TERCETO: 720.
TERMOS: essenciais, 136-152, 607-609; integrantes, 152-163, 607-609; acessórios, 163-176, 607-609.
TETRASSÍLABO (verso): 698.
TIL: 79.
TIMBRE: 47-48.
TIPOS DE VERSO: 696-710; decassílabo, 703-705; dissílabo, 697; dodecassílabo, 706-707; eneassílabo, 702-703; endecassílabo, 705-706; heptassílabo, 700-701; hexassílabo, 699-700; monossílabo, 696-697; octossílabo, 701-702; pentassílabo, 698-699; tetrassílabo, 698; trissílabo, 697; isossilabismo e versificação flutuante, 708-709; verso livre, 709-710.
TOM: 68.
TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA: 42.
TRANSITIVO (verbo) 150-151.
TRATAMENTO (pronome): 303-310 (ver também: pessoal)
TRAVESSÃO: 639, 682-683.
TREMA: 79.
TRISSÍLABO: 67, 697-698.
TRITONGO: 62-63, 690.

U

UNIDADE LINGUÍSTICA: 23.
UNIDADE MELÓDICA (ver: grupo fônico).
UNIPESSOAIS (verbos): 457, 458-459.

V

VARIÁVEIS (palavras): 92.
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, 16-18; variações diatópicas, 17, 18, 22, 23-35; variações diastráticas, 17, 22; variações diafásicas, 17, 22.
VELARES (vogais): (ver: posteriores ou velares)
VERBO: 92, 393-554; abundantes, 456-457; aspecto, 396-398; defectivo, 457, 460-461; definição, 393; flexão, 393-400; modo, 394-395; número, 394; pessoa, 394; tempo, 395; simples, 402-408; composto, 416-418; impessoais, 457, 458; unipessoais, 457, 458, 459; irregular, 427-457; auxiliar e o seu emprego, 408-412; emprego dos tempos do indicativo, 462-479; emprego dos tempos do subjuntivo, 479-490; emprego do imperativo, 490-496; emprego das formas nominais, 496-498; emprego do infinitivo, 498-504; emprego do gerúndio, 504-508; emprego do particípio, 508-510; voz: 398-400; voz ativa, 398, 399; voz passiva, 399, 400, 419-421; voz reflexiva, 398, 399, 421-427; formas rizotônicas, 400; formas arrizotônicas, 400; classificação do verbo,

400-401; conjugação, 401, 418-554; concordância, 510-529; regência, 530-551; sintaxe do verbo *haver*, 551-554.
VERSIFICAÇÃO: 685-729; versificação flutuante, 708-709.
VERSO: 685; limite, 686-687; tipos, 696-712; verso livre, 709-710.
VÍRGULA: 657, 658-664.
VOCATIVO: 174-175.
VOGAIS: 45-53, 60-63; classificação, 45-53; articulação, 47; timbre, 47-48; intensidade e acento, 48; orais, 48-50; nasais, 48-50; tônicas orais, 49; tônicas nasais, 49-50; átonas orais, 50-53; encontros vocálicos, 60-64; vogal temática, 94-95; vogal de ligação, 95.
VOZ: 398-400; ativa, 398-399; passiva, 399-400, 419-421; reflexiva, 399, 421-427.

Z

ZEUGMA: 638.

nova gramática do português contemporâneo

Esta Gramática é uma descrição do português atual em sua forma culta, ou seja, da língua como a têm utilizado os escritores brasileiros, portugueses e africanos do Romantismo para cá.
Como pretende mostrar a superior unidade da língua portuguesa em sua natural diversidade, uma atenção particular foi dada às diferenças de uso entre as modalidades nacionais e regionais do idioma, sobretudo as que se observam entre a variedade nacional europeia e a americana.
Houve também uma preocupação de examinar a palavra em sua forma e função, de acordo com os princípios da morfossintaxe, e de destacar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro, a um tempo, uma gramática e uma estilística do português contemporâneo.

CONJUNÇÃO

Prof. Fernando Pestana

Português com PESTANA
ACESSE O SITE
WWW.PORTUGUESCOMPESTANA.COM.BR

LEIA ISTO!!! POR FAVOR, É NECESSÁRIO!!!

Algumas questões foram ligeiramente reformatadas: por exemplo, na maioria das questões, não coloquei o contexto das frases ou expressões mencionadas no enunciado. "Por quê, Pestana?" Você deve visar à otimização do tempo e da percepção que deve ter delas para não perder minutos preciosos no dia da prova. Mesmo assim, para você entender o que eu fiz, veja um exemplo de questão:

*- A locução **"já que"** confere a noção de causa à oração em que ocorre.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

Observe que, para resolver a questão acima, não é necessário saber qual é a tal oração mencionada no enunciado; não é preciso saber o contexto; não é preciso voltar ao texto! "Por quê, Pestana? " Por um motivo simples: para resolver a questão acima, basta saber que a locução **"já que"** SEMPRE introduz uma oração de valor causal, de modo que a afirmação acima está correta. Ponto. Simples assim.

Imagine o tempo que você perderia voltando ao texto, relendo linha por linha, analisando o contexto, etc., etc., etc. Concurseiro precisa saber fazer prova e isso significa economizar tempo! Espero de coração que você tenha entendido... Decore as conjunções!

LISTA DE CONJUNÇÕES A DECORAR (Aqui está a maioria das conjunções que caem em concursos. Atenção: há certos detalhes muito importantes que não estão aqui. Portanto, devore o capítulo 15 da minha gramática para dominar plenamente as conjunções.)

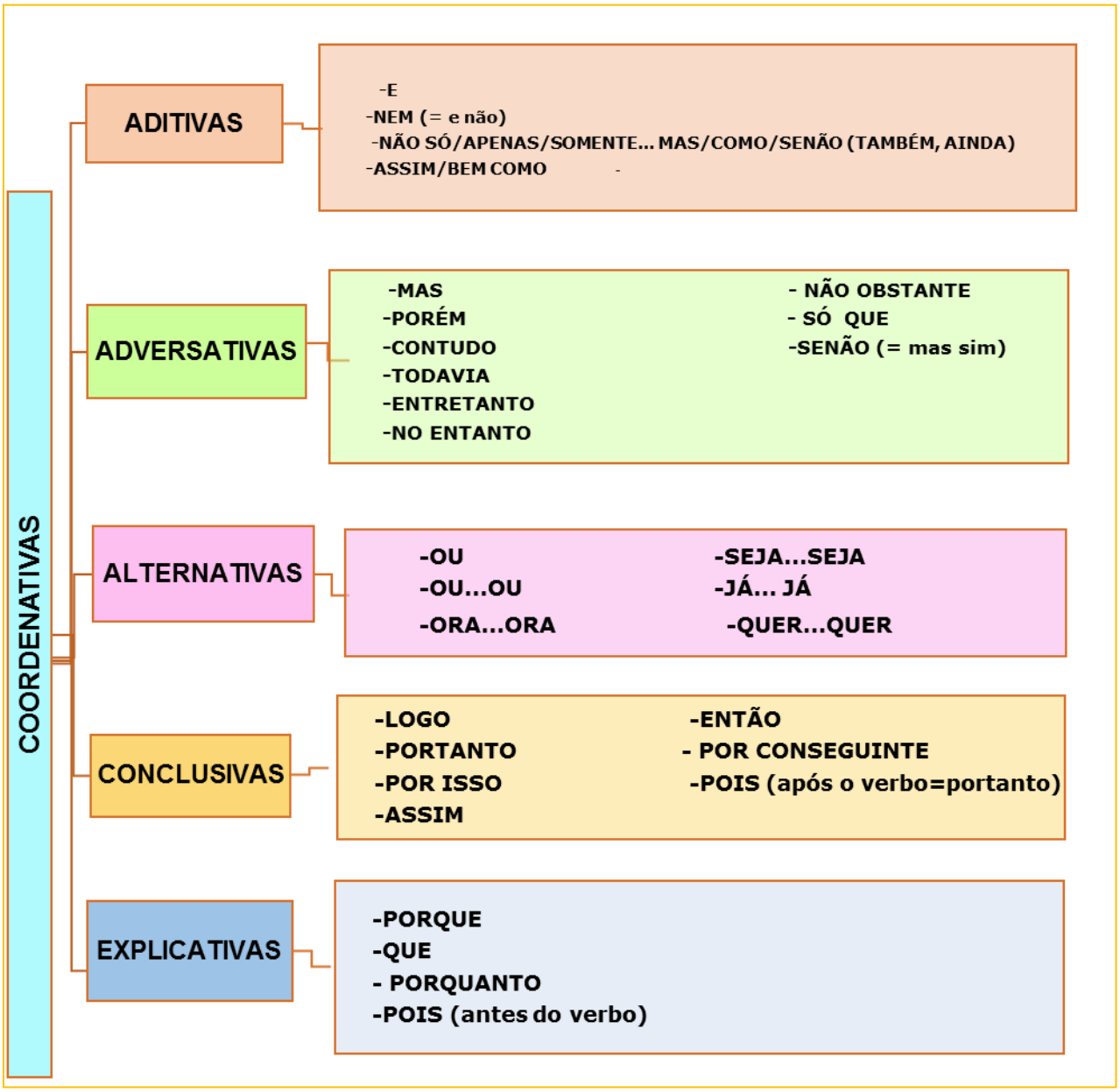

SUBORDINATIVAS

INTEGRANTES

-QUE
-SE

CAUSAIS

-PORQUE
-QUE
-PORQUANTO
-POIS
-COMO (= visto que; só no início da oração)
- NA MEDIDA EM QUE
-DADO QUE
-VISTO QUE
-VISTO COMO
-JÁ QUE
- UMA VEZ QUE(verbo no indicativo)

COMPARATIVAS

-TAL (E) QUAL
-(TÃO)... COMO/QUANTO
-QUAL
-COMO
-TAL/ASSIM COMO
-COMO SE
-TANTO... COMO (mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (DO) QUE

CONCESSIVAS

-EMBORA
-MALGRADO
-CONQUANTO
-AINDA QUE/QUANDO
-POR (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) QUE
-MESMO QUE
-EM QUE (PESE)
-SE BEM QUE
-POSTO QUE
-NEM QUE
- APESAR DE QUE

CONDICIONAIS

-SE
-CASO
-CONTANTO QUE
-EXCETO SE
-SALVO SE
- DESDE QUE (seguido de subjuntivo)
-A MENOS QUE
-A NÃO SER QUE
-SEM QUE (= se não)
-UMA VEZ QUE (seguido de subjuntivo)

CONFORMATIVAS

-CONFORME
-CONSOANTE
-SEGUNDO
-COMO (= conforme)

CONSECUTIVAS

-(tão/tanto/tamanho/tal)... QUE

-DE SORTE/MODO/MANEIRA/FORMA QUE

FINAIS

-PARA QUE
-A FIM DE QUE
-PORQUE (= para que; não usual)
-DE MODO/MANEIRA/FORMA/SORTE QUE (= para que; não usual)

PROPORCIONAIS

-À PROPORÇÃO QUE
-À MEDIDA QUE
-AO PASSO QUE
-QUANTO MAIS/MENOS/MENOR/MAIOR/MELHOR/PIOR...(tanto) mais/menos/menor/maior/melhor/pior

TEMPORAIS

-QUANDO
-ENQUANTO
-MAL (= logo que)
-DEPOIS QUE
-ANTES QUE
-SEMPRE QUE
-LOGO QUE
-DESDE QUE (verbo no indicativo)
-ASSIM QUE
-AGORA QUE
-TODAS AS VEZES QUE
-AO MESMO TEMPO QUE
-ATÉ QUE
-CADA VEZ QUE

Português com PESTANA
ACESSE O SITE
WWW.PORTUGUESCOMPESTANA.COM.BR

GRUPO DE QUESTÕES - 1

1. O vocábulo "logo" ("... também aumenta o desejo de que a economia utilize mais recursos de base biológica, recicláveis, logo, mais sustentáveis..."), por indicar conclusão de ideia anterior, poderia ser substituído pela expressão "por conseguinte", o que manteria a correção gramatical e a coerência textual.

( ) CERTO ( ) ERRADO

2. Sem prejuízo à correção gramatical e ao sentido original do texto, a expressão "na medida em que" poderia ser substituída por "à medida que".

( ) CERTO ( ) ERRADO

3. Sem prejuízo do sentido do texto, o termo "destarte" poderia ser substituído por "contudo" ou "todavia".

( ) CERTO ( ) ERRADO

4. A ideia introduzida pela conjunção "porquanto" poderia ser expressa também por "conquanto".

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. A substituição da locução, "no entanto" por "conquanto" manteria a relação estabelecida entre a última oração do segundo parágrafo e a que a antecede.

( ) CERTO ( ) ERRADO

6. Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão "uma vez que" por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

( ) CERTO ( ) ERRADO

7. Mantêm-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir "Portanto" por qualquer um dos seguintes termos: Por isso, Logo, Por conseguinte.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto caso se substituísse "já que" por qualquer uma das seguintes expressões: dado que, visto que, uma vez que.

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. A substituição do vocábulo "entretanto" pelo vocábulo **portanto** não acarretaria mudança de significado no período em questão.

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. O vocábulo "mas" é um elemento coesivo que introduz relação de conclusão entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa no período que o antecede.
( ) CERTO ( ) ERRADO

11. A expressão "no entanto" poderia ser substituída pelo vocábulo **entretanto**, sem que houvesse prejuízo à correção gramatical e ao sentido do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

O ofício de catador conquistou espaço em âmbito público em 2010, com a sanção da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Após vinte anos de tramitação, a nova lei regula a destinação dos produtos com ciclo de vida durável, integrando o poder público, as empresas e a população na gestão dos resíduos. Os estados e municípios deverão adotar os novos parâmetros até agosto de 2014, caso contrário, não receberão recursos da União. Nesse contexto, a lei propõe incentivos dos municípios para a organização desses trabalhadores em cooperativas, em detrimento do trabalho autônomo dos catadores de rua. A maioria dos catadores autônomos, **entretanto**, é moradora de rua ou desempregada, sem acesso ao mercado de trabalho formal.

12. O elemento coesivo "entretanto" tem a finalidade semântica de introduzir uma relação de adversidade entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa nos períodos que o antecedem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

13. A expressão "Sendo assim" poderia, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, ser substituída por qualquer um dos seguintes conectores: Portanto, Por conseguinte, Conquanto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

14. Caso se substituísse o conectivo "mas" ("... toda relação de emprego (espécie) é uma relação de trabalho, mas nem toda relação de trabalho é uma relação de emprego") por "no entanto", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. O vocábulo "Portanto" poderia ser substituído pela expressão **Não obstante**, sem prejuízo do sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. No trecho "Eu, se retorquisse dizendo-lhe bem do tempo que se perde, iniciaria uma espécie de debate...", a partícula "se" recebe classificação distinta em cada ocorrência.

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do texto ao se substituir a correlação "não só (...) mas também" por **não somente (...) como também**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. Sem prejuízo do sentido original do texto, a expressão "na medida em que" poderia ser substituída por **à medida que**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. Não haveria prejuízo das informações veiculadas no texto, caso se substituísse "No entanto" por **Portanto**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. Seriam mantidos o sentido do texto e a correção gramatical caso o termo "contudo" fosse substituído por **todavia**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. No trecho "porque também tinha orgulho de ser datilógrafa", seriam mantidos a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "porque" fosse substituído pelo vocábulo **porquanto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto, caso o termo **portanto** substituísse "pois" ("... a deliberação não se refere ao passado, mas ao futuro e ao contingente, pois o passado não pode não ter sido").

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. O elemento coesivo "porquanto" conecta duas orações, indicando que a ideia expressa na segunda oração é uma conclusão obtida a partir da ideia expressa na primeira.

( ) CERTO ( ) ERRADO

24. O conectivo "já que" inicia oração que apresenta a conclusão da ideia apresentada na oração imediatamente anterior.

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. Mantendo-se a correção gramatical, o vocábulo "Segundo" ("Segundo relatórios dos técnicos..."), pode ser substituído pela expressão **No entanto**, seguida de vírgula.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. A forma "mas" ("... mas ainda deixa arestas") poderia ser substituída por **embora**, sem prejuízo para a correção gramatical e para os sentidos originais do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. As expressões "**no entanto**" e "**todavia**" são sinônimas e intercambiáveis.

( ) CERTO ( ) ERRADO

28. O trecho "seja natural, seja artificial" ("... o tempo passa mais lentamente do que quando, sob o efeito da luz, seja natural, seja artificial, somos mantidos a certa distância...") poderia ser substituído por **ora natural, ora artificial**, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

29. O trecho "por isso as forças de segurança recomendam que as pessoas tomem alguns cuidados" expressa uma ideia de conclusão e poderia, mantendo-se a correção gramatical e o sentido do texto, ser iniciado pelo termo **porquanto** em vez da expressão "por isso".

( ) CERTO ( ) ERRADO

30. A expressão "Ainda que" ("Ainda que todos carreguem armas na cintura...") poderia ser corretamente substituída por **Apesar de**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. A conjunção "se" ("Isso não seria problema se esse não fosse o caso da CLT...") tem valor condicional na oração em que está inserida.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. Se o termo "quando" ("Prêmios ou créditos de milhagens oferecidos pelas companhias de transporte aéreo, quando resultantes de passagens adquiridas com recursos da administração direta ou indireta de qualquer dos poderes do Rio Grande do Sul, serão incorporados ao erário e utilizados apenas em missões oficiais.") for substituído pela conjunção **se** ou pela conjunção **desde que**, haverá prejuízo da coerência textual.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. Mantêm-se as relações sintáticas originais ao se substituir o termo "Entretanto" por qualquer um dos seguintes: **Porém, Contudo, Todavia, No entanto**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. Dada a relação de concessão estabelecida entre as duas primeiras orações do texto, a palavra "Embora" poderia, sem prejuízo do sentido ou da correção gramatical do texto, ser substituída por **Conquanto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

35. No trecho "o nazismo ou o fascismo" ("... verificou-se claramente que a maioria pode ser opressiva, a ponto de conduzir legitimamente ao poder o nazismo ou o fascismo"), a conjunção "ou" evidencia a relação de sinonímia existente entre os nomes "nazismo" e "fascismo".

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. Seriam mantidos a correção gramatical e o sentido do texto, caso o termo "portanto" fosse substituído por **pois**, empregado com valor explicativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. No trecho "o conceito se aplica tanto aos países ricos quanto aos pobres", o termo "quanto", em correlação com o advérbio "tanto", introduz o segundo elemento de uma comparação de igualdade.

( ) CERTO ( ) ERRADO

38. Mantendo-se a correção gramatical e a coerência do texto, a conjunção "e", em "e não por deficiência da ciência" ("Leio que a ciência agora deu mais um passo definitivo. É claro que o definitivo da ciência é transitório, e não por deficiência da ciência..."), poderia ser substituída por **mas**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

39. O emprego da locução "no entanto" (*Marilena Chaui, filósofa brasileira, afirma que, para a classe dominante brasileira [os "liberais"], democracia é o regime da lei e da ordem. Para a filósofa, no entanto, a democracia é "o único regime político no qual os conflitos são considerados o princípio mesmo de seu funcionamento"*) evidencia que a ideia de Marilena Chauí acerca do conceito de democracia diverge da ideia de democracia que a autora atribui à classe dominante brasileira.

( ) CERTO ( ) ERRADO

40. A conjunção "seja", em "A ousadia e a engenhosidade dos cibercriminosos têm espantado até mesmo os mais experientes especialistas em segurança da informação, ***seja*** pela utilização de técnicas avançadas de engenharia social, em casos de spear-phishing, ***seja*** pelo desenvolvimento de metodologias de ataques em massa", que estabelece uma relação de coordenação entre ideias, poderia ser substituída pela conjunção **quer**, sem prejuízo para a correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. Sem prejuízo para o sentido original do texto, o vocábulo "Para" ("Para usá-lo, o cliente precisaria instalar um programa no celular") poderia ser corretamente substituído por **Caso**, se o trecho "usá-lo" fosse, por sua vez, substituído por **o usasse**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

42. Os elementos "Sem embargo", "Daí", "porém", "Logo" e "mas" exercem, no texto, as mesmas funções sintáticas, estabelecendo contraposição entre as ideias expressas em uma e outra oração que conformam o texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

43. Mantêm-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir o termo "pois" ("A fiscalização do cumprimento das garantias de atendimento é uma forma eficaz de se certificar o beneficiário da assistência por ele contratada, pois leva as operadoras a ampliarem o credenciamento de prestadores...") por qualquer um dos seguintes: **já que**, **uma vez que, porquanto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

44. O vocábulo "mas" ("Não acredito que haja risco iminente de colapso do SUS, mas as escolhas que fizermos a partir de agora podem levar a...") exerce função de termo aditivo em relação à asserção da oração que o antecede.

( ) CERTO ( ) ERRADO

45. O texto permaneceria gramaticalmente correto caso o vocábulo "portanto" ("Há, portanto, que se fazer esforço redobrado...") fosse deslocado para o início da oração, da seguinte forma: Portanto, há...

( ) CERTO ( ) ERRADO

46. O vocábulo "porquanto", que liga orações coordenadas, pode ser substituído por **conquanto**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para a ocorrência textual.

( ) CERTO ( ) ERRADO

47. Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto se, feitos os devidos ajustes nas iniciais maiúsculas e minúsculas, o período "É correto (...) o Brasil" fosse iniciado com um vocábulo de valor conclusivo, como **logo, por conseguinte**, **assim** ou **porquanto**, seguido de vírgula.

( ) CERTO ( ) ERRADO

48. Não haveria prejuízo para o sentido original nem para a correção gramatical do texto caso se inserisse **quando** ou **se for** imediatamente antes de "executada" ("Essa blasfêmia contra a razão e a fé, contra a civilização e a humanidade, é a filosofia da miséria; executada, não faria senão inaugurar a organização da miséria").

( ) CERTO ( ) ERRADO

49. Em "É crucial, pois, que as ações afirmativas...", o vocábulo "pois" está empregado com valor conclusivo, equivalendo a **portanto**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

50. Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

51. Mantêm-se a correção gramatical do período e suas relações sintáticas originais ao se substituir o termo "Entretanto" por qualquer um dos seguintes: Porém, Contudo, Todavia, Conquanto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

52. O elemento "Embora" poderia ser substituído por **Desde que**, sem que se prejudicassem a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

53. Mantendo-se a relação de sentido estabelecida entre os períodos, a expressão "No entanto" poderia ser substituída, corretamente, por **Com tudo**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

54. O período "Todos esses recursos (...) serviços" ("Para suprirem o aumento do tráfego nas redes, as operadoras realizaram elevados investimentos na última década — estimados em 200 bilhões de reais. Todos esses recursos ainda não foram suficientes para a plena satisfação dos usuários desses serviços") poderia ser iniciado pelo conector de sentido adversativo **entretanto**, desde que fossem feitas as devidas alterações na grafia das

palavras, sem que houvesse prejuízo para o sentido original e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

55. Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "mas" por **embora.**

( ) CERTO ( ) ERRAD

56. A expressão "até que" ("Motorista e passageiros devem se abrigar em um local seguro, se possível, além do acostamento, até que chegue o socorro") confere ao período a noção de tempo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

57. A conjunção "Embora", em "Embora o Leste Asiático tenha se mantido independente...", poderia ser corretamente substituída por **Apesar de**, feitas as devidas alterações na forma verbal "tenha".

( ) CERTO ( ) ERRADO

58. O conectivo "No entanto" (*O Brasil é signatário de pelo menos quatro convenções internacionais que tratam do combate à corrupção. No entanto, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas, desperdiça cerca de R$ 7 bilhões por ano com a perda de produtividade provocada por fraudes públicas, além de figurar entre os principais países onde a corrupção é um empecilho para o crescimento.*) introduz um período que expressa a ideia de que o Brasil não dispõe de leis dirigidas ao combate da corrupção, opondo-a à ideia veiculada no período anterior de que o país apoia convenções internacionais contra a corrupção.

( ) CERTO ( ) ERRADO

59. Os termos "logo" e "portanto" ("Todos os espectadores sabiam que não havia nenhum trem verdadeiro na tela, logo não havia por que assustar-se. A imagem na tela era em preto e branco e não fazia ruídos; portanto, não podia haver dúvida, não se tratava de um trem de verdade") têm sentidos conclusivos e semelhantes, razão por que poderiam ser intercambiados sem que houvesse prejuízo para a correção gramatical e a coerência dos períodos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

60. O termo "desde que" ("Podem-se candidatar ao licenciamento obras audiovisuais com duração de cinco a trinta minutos, de qualquer gênero, formato ou ano de realização, desde que possuam o certificado de produto brasileiro, emitido gratuitamente pela ANCINE") estabelece uma relação de condição e pode ser substituído por **caso** ou **contanto que** sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

61. O termo "contudo" estabelece entre as orações do período relação sintática adversativa, por isso, poderia ser corretamente substituído por qualquer um dos seguintes vocábulos: **entretanto, todavia, no entanto, porém, embora, conquanto**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

62. Na expressão "Então, como agora" *("Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação." (...) Escrito há 80 anos, o enunciado do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova continua tão atual quanto em*

1932. Então, como agora, o país se dava conta da necessidade de contar com recursos humanos capazes de ombrear com os do mundo desenvolvido), o termo "Então" confere ao segmento uma relação sintática de conclusão.

( ) CERTO ( ) ERRADO

63. Seriam mantidos a correção gramatical do período e o seu sentido original se a conjunção "pois" fosse substituída por qualquer uma das seguintes: **porque, visto que, uma vez que, conquanto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

64. Seriam mantidos o sentido original do texto e sua correção gramatical caso o vocábulo "Assim" fosse substituído por **Porquanto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

65. O termo "embora" poderia ser substituído por **conquanto**, sem prejuízo para o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

66. As relações sintáticas do período não seriam prejudicadas caso se substituísse "enquanto" ("Agora, quase 20% dos jovens em idade universitária estão no ensino superior na China, enquanto, no Brasil, não passam de 10% os estudantes universitários") por **ao passo que**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

67. Mantendo-se a correção gramatical e a coerência do texto, a oração "se alguém é executado", que expressa uma hipótese, poderia ser escrita como **caso se execute alguém**, mas não, como **se caso alguém se execute**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

68. Destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "**No entanto", "Porém**" e "**Entretanto".**

( ) CERTO ( ) ERRADO

69. O conector **"pois**" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO ( ) ERRADO

70. A conjunção **"Enquanto"** introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

71. Preservam-se a correção gramatical e o sentido do texto ao se substituir o termo **"No entanto"** por qualquer um dos seguintes: Porém, Contudo, Conquanto, Todavia, Entretanto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

72. Mantêm-se a correção gramatical e o sentido do texto ao se substituir a conjunção **"já que"** por uma das seguintes: pois, porquanto, visto que, uma vez que.

( ) CERTO ( ) ERRADO

73. A expressão "No entanto" ("Para o filósofo Bentham, a felicidade era uma proposição matemática, e ele passou anos realizando pequenos ajustes em seu "cálculo da felicidade", um termo maravilhosamente atraente. Eu, por exemplo, nunca associei cálculo à felicidade. No entanto, trata-se de matemática simples. Some os aspectos prazerosos de sua vida, depois subtraia os desagradáveis. O resultado é a sua felicidade total") introduz, no texto, ideia de oposição ao fato de o autor nunca ter associado cálculo à felicidade.

( ) CERTO ( ) ERRADO

74. A locução "já que" confere a noção de causa à oração em que ocorre.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

São tantos os espaços para a dita participação popular nos meios de comunicação que o ouvinte, telespectador ou leitor nem sabe mais como dar conta de tanta interatividade. Esse montante de ferramentas e recursos buscados pelos programadores está enterrando o que poderia ser um instrumento de inclusão na comunicação social. ***Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos.*** *Pode-se considerar tal fenômeno, claramente, em relação aos outdoors. Já não há espaços de visibilidade claros dentro da maioria dos ambientes urbanos, mas, sim, uma diversidade de cores, formas e mensagens que passam despercebidas e simplesmente acabam por gerar a tão conhecida poluição visual.*

75. A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

76. Seria mantida a relação sintático-semântica entre as orações que compõem o terceiro período do texto ao se substituir "uma vez que" por qualquer um dos termos a seguir: **porque, porquanto, já que, visto que, conquanto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

77. "Contudo", que contrapõe o conteúdo do enunciado que introduz ao do anterior, estabelece, no texto, coesão sequencial.

( ) CERTO ( ) ERRADO

78. A conjunção **"conquanto**" introduz uma oração em que se admite um fato contrário e subordinado ao fato afirmado na oração principal.

( ) CERTO ( ) ERRADO

79. O termo **"Embora**" confere à oração em que ocorre a noção de condição

( ) CERTO ( ) ERRADO

80. Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual caso se substitua o termo **"pois"** ("Não é possível competir com os chineses de maneira ingênua, pois o sistema político do país permite que as autoridades...") por qualquer um dos seguintes: porquanto, porque, uma vez que.

( ) CERTO ( ) ERRADO

81. O sentido do texto seria mantido caso se substituísse a conjunção "quanto" ("... as guerras provavelmente não serão tão mortíferas quanto...") por **como.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

82. A substituição de "não obstante" ("Cada discurso, não só dos principais oradores, mas dos secundários, era para o Nicolau verdadeiro suplício. E, não obstante, firme, pontual") por **no entanto** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

83. Em "se presos" ("... saber que esses mesmos bandidos, se presos e condenados por seus crimes, não sairiam da cadeia..."), a partícula "se" confere ao período a noção de condição.

( ) CERTO ( ) ERRADO

84. O vocábulo "pois" ("Tudo se resolve pela palavra e com a palavra. Compete, pois, que ela seja a justa medida de nossas ideias e de nossa vontade") pode ser substituído, sem que haja prejuízo ao sentido ou correção gramatical do texto, por **dessarte, conquanto** ou **portanto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

85. Entre as orações que compõem o período "não é preciso trabalhar com esses temas, ou sequer saber que existem" estabelece-se uma relação sintático-semântica de alternância.

( ) CERTO ( ) ERRADO

86. No trecho "ainda que deixasse entrever" ("Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o *tsc tsc tsc* diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional..."), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por **embora**, sem que fosse alterado o sentido da oração.

( ) CERTO ( ) ERRADO

87. A conjunção "mas" ("Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições") poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por **todavia** ou por **entretanto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

88. No trecho "entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto", a substituição da conjunção "que" por **do que** manteria a correção gramatical da relação comparativa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

89. A substituição do sinal de dois-pontos ("... a COP-15 foi uma relativa decepção: não conseguiu produzir um documento tornando obrigatórias as metas de redução da emissão de poluentes...") por uma vírgula seguida da expressão **uma vez que** prejudicaria a correção gramatical e a informação original do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(...) É bom lembrar que, basicamente, o estereótipo é uma camisa de força, uma forma de controle social. Pode, por isso, aplicar-se a classes sociais em uma comunidade nacional (...) Por exemplo, na Inglaterra, o estereótipo do elemento oriundo da classe operária que enriquece tem suas raízes no preconceito social existente na burguesia inglesa, enquanto, no Brasil, o estereótipo do novo-rico pode ser aplicado como uma expressão de preconceito social e racial (...) os estereótipos congelam a personalidade do receptor e apagam sua individualidade, dotando-o com características que se adaptam ao ponto de vista a priori do percebedor em relação à classe social ou étnica, ou, ainda, à categoria sexual de sua vítima. (...) o mito deve ser visto no contexto de uma dialética na qual o receptor corporifica uma negação do percebedor e, portanto, uma negação de padrões socioculturais aceitáveis. (...)

90. As expressões **"por isso",** "**enquanto**", **"ainda"** e **"portanto"** têm, no texto, a mesma função sintática e discursiva, o que justifica estarem isoladas por vírgulas.

( ) CERTO ( ) ERRADO

91. A inserção de **se** ou de **quando** imediatamente antes de "comparadas" ("Descidas Saara adentro ou intermináveis caravanas por montes e desertos até a China de nada valiam comparadas com a aventura do genovês") manteria a correção gramatical e o sentido do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

92. A expressão **"enquanto"** ("A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de indivíduos, grupos e sociedades, enquanto comunicam conteúdos culturais com sentido simbólico, bem como valores artísticos e culturais que se originam de identidades culturais ou as expressam") tem valor concessivo, o que dá à oração por ela iniciada a função de exprimir sentido oposto ao expresso pela oração antecedente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

93. O período sintático iniciado por "Inovar significa" ("Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa") estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão **Por conseguinte**, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (...).

( ) CERTO ( ) ERRADO

94. Em "Ao mesmo tempo, seres humanos, somos indivíduos: vivemos nosso ser cotidiano como um contínuo devir de experiências individuais intransferíveis", o sinal de dois-pontos tem a função de introduzir uma explicação para as orações anteriores; por isso, em seu lugar, poderia ser escrito **porque**, sem prejuízo para a correção gramatical do texto ou para sua coerência.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Para a maioria das pessoas, os assaltantes, assassinos e traficantes que possam ser encontrados em uma rua escura da cidade são o cerne do problema criminal. Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos quando comparados com os de criminosos respeitáveis, que vestem colarinho branco e trabalham para as organizações mais poderosas.

95. Sem prejuízo para a coerência textual e a correção gramatical, o trecho "Mas os danos que tais criminosos causam são minúsculos", que inicia o segundo período do texto, poderia ser substituído por: **Embora os danos causados por esses criminosos sejam ínfimos (...).**

( ) CERTO ( ) ERRADO

96. O termo "pois" ("Mas isso não é um mau sinal, pois elas já eram francamente otimistas") pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes termos ou expressões: porque, visto que, porquanto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

97. O termo "Contudo" pode, sem prejuízo para a correção gramatical e para as informações originais do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: Porém, Todavia, Entretanto, Embora, Se bem que, Porquanto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

98. Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se "pois" ("Adverte-se, pois, que as precauções com secreções...") por **por conseguinte** ou **portanto**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

A poesia ao meu alcance só podia ser a humilde nota individual; mas, como eu disse, não encontrei em mim a tecla do verso, cuja ressonância interior não se confunde com a de nenhum timbre artificial. Quando mesmo, porém, eu tivesse recebido o dom do verso, teria naufragado, porque não nasci artista. (...)

99. Dado que a conjunção "Quando" não expressa tempo, a oração que ela inicia poderia ser reescrita corretamente da seguinte forma: **Mesmo que eu tivesse recebido o dom do verso.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

100. A palavra "mas" ("*Você pode até ter a certidão de nascimento de outra pessoa, mas, quando tentar tirar a carteira por ela, a comparação das impressões digitais vai revelar quem é você", diz a diretora do Instituto de Identificação da Bahia*), no texto, tem sentido semelhante ao expresso pelo conectivo "e" no seguinte período: **Assinou o documento, e se esqueceu de levá-lo**.

( ) CERTO ( ) ERRADO

GABARITO DAS QUESTÕES ACIMA

1	C	32	E	63	E	94	C
2	E	33	C	64	E	95	E
3	E	34	C	65	C	96	C
4	E	35	E	66	C	97	E
5	E	36	E	67	C	98	C
6	E	37	E	68	C	99	C
7	C	38	C	69	E	100	C
8	C	39	C	70	E		
9	E	40	C	71	E		
10	E	41	E	72	C		
11	C	42	E	73	C		
12	C	43	C	74	C		
13	E	44	E	75	C		
14	C	45	C	76	E		
15	E	46	E	77	C		
16	C	47	E	78	C		
17	C	48	E	79	E		
18	E	49	C	80	E		
19	E	50	C	81	C		
20	C	51	E	82	C		
21	C	52	E	83	C		
22	E	53	E	84	E		
23	E	54	C	85	E		
24	E	55	E	86	C		
25	E	56	C	87	C		
26	E	57	C	88	C		
27	C	58	E	89	E		
28	E	59	C	90	E		
29	E	60	C	91	E		
30	E	61	E	92	E		
31	C	62	E	93	E		

GRUPO DE QUESTÕES - 2

1. O frio da noite santa era tão áspero que entrei na manjedoura para me aquecer. O vocábulo destacado traduz valor:

a) causal
b) concessivo
c) consecutivo
d) temporal
e) conformativo

2. Assinale a alternativa onde existe uma conjunção integrante.
a) Este foi o motivo que o levou a isso.
b) Esta é a razão por que luto.
c) Queria saber se eu o ajudaria.
d) Esperamos o trem que nos levaria ao nosso destino.

3. Assinale a frase em que haja uma conjunção causal**.**
a) Não se entristeça, porque lhe darão outra oportunidade.
b) Conquanto estivéssemos cansados, saímos.
c) Lutou tanto que conseguiu.
d) Morreu sem que ninguém chorasse.
e) Como estivesse frio, não sai.

4. No período: "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou **embora** com menos entusiasmo." A palavra destacada expressa uma ideia de:
a) explicação
b) concessão
c) comparação
d) modo
e) conseqüência

5. "Há tempo me disse **que** quisera ter nascido princesa." A palavra destacada é uma conjunção subordinativa:
a) Final
b) Consecutiva
c) integrante
d) concessiva

6. A palavra **se** é conjunção subordinativa integrante em qual das alternativas?
a) Ela se morria de ciúme pelo patrão.
b) A federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

7. Aponte a alternativa em que a palavra em negrito é conjunção explicativa:
a) **Como** estivesse cansado, não foi trabalhar.
b) **Assim que** fores ao Rio, não te esqueças de avisar-me.
c) Retirou-se antes, **já que** assim o quis.
d) Não se aborreça, **que** estamos aqui para ouvi-lo.
e) Não compareceu, **porque** não foi avisado.

8. Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causa
b) condição
c) conformidade
d) explicação
e) finalidade

9. Nas frases: "faz-lhes mal a escuridão" e "... que mal se adivinhará..." a palavra "mal" é, respectivamente, substantivo e advérbio. Pode ela ainda ter outra classificação, como numa das frases seguintes. Assinale-a:

a) Que mal há em ser idealista?
b) Tudo, tudo vai mal, meu bom amigo.
c) Mal saímos, a chuva começou a cair.
d) Os namorados agora estão de mal.
e) Provou os frutos da árvore do mal.

10. "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila." Os dois pontos do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto
b) e
c) como
d) pois
e) embora

11. Classifique as palavras **como** nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses:

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2 - 4 - 5 - 3 - 1
b) 4 - 5 - 3 - 1 - 2
c) 5 - 3 - 1 - 2 - 4
d) 3 - 1 - 2 - 4 - 5
e) 1 - 2 - 4 - 5 - 3

12. Leia o fragmento abaixo transcrito.

"— **Por que** Laís não chegou ainda?
— Ela não chegou **porque** o carro que a conduzia quebrou.
— Gostaria que ela chegasse logo **porque** preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como

a) advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) pronome relativo; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) pronome interrogativo; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

13. Assinale a alternativa que apresenta a classe gramatical do termo destacado na oração abaixo:
"Parece ***que*** a cada momento se me rebenta o coração."

a) pronome relativo.
b) conjunção subordinativa integrante.
c) pronome indefinido.
d) conjunção subordinativa temporal.

14."... mas aqui estamos juntos tão à vontade **como** se todo o tempo tivéssemos feito isso." O termo destacado estabelece uma relação de:
a) Intensidade.
b) Comparação.
c) Condição.
d) Adversidade.
e) Negação.

15."A Internet, porém, sobretudo em seus programas de conversação...". A alternativa que **NÃO** apresenta um substituto adequado para o conectivo ***PORÉM*** é:
a) no entanto.
b) entretanto.
c) embora.
d) todavia.
e) mas.

16. "Sabem que um número maior de visitantes pode comprometer sua operação, ainda que pudesse trazer maiores lucros..."
Na frase acima, **ainda que** equivale a:
a) caso.
b) desde que.
c) embora.
d) a não ser que.
e) a menos que.

17. No trecho: "*só existe língua se houver seres humanos*" podemos reconhecer uma relação semântica de:
a) causa.
b) condição.
c) finalidade.
d) tempo.
e) conclusão.

18. "*De certo modo, portanto, cada língua é a expressão de uma concepção do mundo.*" Assinale a alternativa na qual o sentido desse trecho permanece o mesmo.

a) De certo modo, pois, cada língua é a expressão de uma concepção do mundo.
b) De certo modo, entretanto, cada língua é a expressão de uma concepção do mundo.
c) De certo modo, ademais, cada língua é a expressão de uma concepção do mundo.
d) De certo modo, contudo, cada língua é a expressão de uma concepção do mundo.
e) De certo modo, contanto, cada língua é a expressão de uma concepção do mundo.

19. Nesta passagem: "**embora** a ideia pareça ultrapassada", o termo em destaque pode ser substituído, sem prejuízo de significado, por:

a) uma vez que.
b) se bem que.
c) porque.
d) à proporção que.

20.- Qual a frase abaixo com o mesmo sentido que a frase a seguir? "Poesia é brincar com palavras como se brinca com bola, papagaio, pião."

a) Poesia é brincar com palavras enquanto se brinca com bola, papagaio, pião.
b) Poesia é brincar com palavras embora se brinque com bola, papagaio, pião.
c) Poesia é brincar com palavras tal e qual se brinca com bola, papagaio, pião.
d) Poesia é brincar com palavras, pois se brinca com bola, papagaio, pião.

21. "Quanto mais se brinca com as palavras mais novas elas ficam". Expresse a mesma ideia, começando com: ***quanto menos***...
a) Quanto menos se brinca com as palavras menos velhas elas ficam.
b) Quanto menos se brinca com as palavras mais novas elas ficam.
c) Quanto menos se brinca com as palavras mais velhas elas ficam.
d) Quanto menos se brinca com as palavras menos simples elas ficam.

22.Há duas orações coordenadas neste trecho: "Beijo pouco, falo menos ainda./ ***Mas*** invento palavras/ Que traduzem a ternura mais funda/ ***E*** mais cotidiana." Classificam-se, respectivamente, como:
a) adversativa e aditiva
b) adversativa e conclusiva
c) aditiva e adversativa
d) concessiva e explicativa

23. Na frase – *Para que ela se mova, ainda é pouco o que criticamos* – a locução conjuntiva ***para que*** pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) ao passo que.
b) ainda que.
c) senão.
d) a fim de que.
e) mesmo quando.

24. Observe a relação semântica existente entre as orações:

I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.

Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que.
b) que – porque – enquanto – quando.
c) que – como – por isso – desde que.
d) conforme – mas – mas – se.
e) que – por isso – porque – embora.

25.- "**Se** você sair agora, nunca saberá **se** dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao **se** verem diante daquela descoberta." No texto acima a partícula **se** é, respectivamente:

a) conjunção condicional - conjunção condicional - partícula apassivadora.
b) conjunção integrante - partícula expletiva - partícula apassivadora.
c) conjunção integrante - pronome reflexivo - pronome reflexivo.
d) conjunção condicional - conjunção integrante - pronome reflexivo.
e) conjunção condicional - conjunção integrante - partícula apassivadora.

26. Relacione as orações em destaque a seus significados e assinale a alternativa em que a sequência esteja correta:
(1) contraste, ressalva
(3) conclusão
(2) alternância
(4) explicação

( ) A mim ninguém engana, que não nasci ontem
( ) O instinto social não é privilégio do homem, antes, se nos depara nos próprios animais.
( ) "Já atravessa as florestas; já chega aos campos do Ipu."
( ) Ele é teu amigo: respeita-lhe, pois, a verdade.

a) 1,3,2 e 4
b) 4,1,3 e 2
c) 1,2,3 e 4
d) 4,1,2 e 3

27. Aponte a alternativa em que a palavra destacada é conjunção explicativa:
a) **Como** estivesse cansado, não foi trabalhar.
b) **Assim que** fores ao Rio, não te esqueças de avisar-me.
c) Retirou-se antes, **já que** assim o quis.
d) Não se aborreça, que estamos aqui para ouvi-lo.

28. Morfologicamente, a palavra sublinhada nos versos "Do **que** a terra mais garrida / Seus risonhos lindos campos tem mais flores." é um(a)
a) pronome relativo
b) conjunção integrante
c) conjunção comparativa
d) conjunção causal

29. Em qual alternativa a locução conjuntiva ou a conjunção se classifica como subordinativa causal?
a) **Uma vez que** você aceite a proposta, assinaremos o documento.
b) Não saia **sem que** o chefe permita.
c**)** **Embora** fizesse frio, não usei agasalho.
d) **Já que** José não vai, eu vou.

30. "**Ainda que** argumentasse com eficiência, optamos pelo silêncio." A conjunção subordinativa, no período acima, exprime circunstância de:
a) proporção
b) condição
c) consequência
d) concessão
e) conformidade

31. Já vou distribuir as provas; portanto, guardem os livros e os cadernos. Comece com: Guardem ...
a) por conseguinte
b) todavia
c) que
d) logo
e) mesmo que

32. Na frase "Termine logo o serviço, **que** estamos atrasados.", a conjunção destacada expressa uma ideia de

a) explicação
b) conclusão
c) adição
d) oposição

33. Em "**Se** eu quiser falar com Deus/ Tenho que ficar a sós...", a conjunção destacada estabelece, entre as ideias relacionadas, o sentido de

a) tempo
b) condição
c) conformidade
d) concessão

34. Leia as frases abaixo e complete os espaços em branco com a conjunção adequada à compreensão da oração e, a seguir, marque a opção correspondente.

I - "Renata não viajou _____ não dispunha de recursos".
II - "_____ eu não saiba ainda o resultado, estou presumindo".
III - Preencham o requerimento _____ as instruções mandam.
IV - "Chore, menina, chore _____ você desabafa".

a) porquanto, posto que, consoante, que
b) porque, como, a fim de que, logo
c) conforme, porque, segundo, porque
d) visto que, quanto mais, como, assim.

35. "Quanto mais vemos o que há de bom em nós, mais vemos o que há de bom nos demais".
Existe, no período composto acima, uma clara relação de

a) conformidade.
b) causalidade.
c) proporcionalidade.
d) comparação.

36. Assinale a alternativa correta do ponto de vista morfológico.

a) Em "Vê-se que o mundo agora é outro", há conjunção subordinativa causal.
b) Em "João viu-se em perigo", o "se" é partícula de realce.
c) Em "Este é o poema de que lhe falei outro dia", há conjunção integrante com valor de pronome relativo.
d) Em "Penso que a paz deve reger a humanidade", há conjunção integrante.

37. Observe a conjunção que faz a conexão entre o 3° e 4° períodos do texto abaixo. Em seguida, assinale a alternativa na qual a substituição dessa conjunção não altera o sentido do texto.

"A velhinha tinha uma pequena loja, numa rua em Florença. Exteriormente, sua loja não era nem rica nem elegante nem artística. Isso acontece em muitas lojas na Europa. Mas a velhinha vendia umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma poderia ficar insensível a seus encantos."
(Cecília Meireles)

a) "Isso acontece em muitas lojas na Europa. Embora a velhinha vendesse umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma pudesse ficar insensível a seus encantos."
b) "Isso acontece em muitas lojas na Europa. Mesmo que a velhinha vendesse umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma pudesse ficar insensível a seus encantos."
c) "Isso acontece em muitas lojas na Europa. Não obstante, a velhinha vendia umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma poderia ficar insensível a seus encantos."
d) "Isso acontece em muitas lojas na Europa. A velhinha, por conseguinte, vendia umas blusas tão lindas e originais que mulher nenhuma poderia ficar insensível a seus encantos."

38. Assinale a alternativa em que ocorre **erro** no uso da conjunção ou locução conjuntiva.

a) Podem acusar-me, portanto estou com a consciência tranquila.
b) Que não pedes um diálogo de amor é claro, desde que imponhas a cláusula da meia-idade.
c) Da própria garganta saiu um grito de admiração, que ele acompanhou, embora com menos entusiasmo.

39. *"Penetra surdamente no reino das palavras.*
Lá estão os poemas ***que*** *esperam ser escritos.*
Estão paralisados, ***mas*** *não há desespero,*
(...)
Espera ***que*** *cada um se realize e consuma*
com seu poder de palavras
e seu poder de silêncio.
(...)
(C. D. Andrade)

As palavras grifadas no poema classificam-se, respectivamente, como

a) pronome relativo, conjunção conclusiva, conjunção integrante.
b) conjunção integrante, conjunção explicativa, conjunção adverbial consecutiva.
c) conjunção adverbial causal, conjunção explicativa, partícula expletiva.
d) pronome relativo, conjunção adversativa, conjunção integrante.

40. A palavra **que** aparece como conjunção final apenas em:

a) "**Que** careta feia é essa? **Que** careta feia!" (Olodum)
b) "... e o marido (...) consentiu **que** seu filho lhe dirigisse a palavra." (Camilo Castelo Branco)
c) "A quem estais carregando irmão das almas? (...) dizei **que** eu saiba." (J. Cabral)
d) "Afastemos indiscretamente uma dobra do reposteiro **que** recata a câmara nupcial."

41. Assinale a alternativa em que a classificação da conjunção em destaque é a mesma da destacada em *"Daquele amor nem me fale,* ***que*** *eu fico deprimido, todo cheio de saudade."*
a) "Nós, gatos, já nascemos pobres, Porém já nascemos livres."
b) "Pareceu-me que a minha posição melhorava, mas enganei-me."
c) "Quem acha vive se perdendo, portanto agora eu vou me defendendo..."
d) "Seu rosto estava iluminado, pois a vida lhe sorria."

42. Em *"Teu nome, Maria Lúcia, Tem qualquer coisa que afaga* ***Como uma lua cheia Brilhando*** *à flor de uma vaga."*, a oração destacada classifica-se como subordinada adverbial.
a) causal.
b) comparativa.
c) conformativa.
d) consecutiva.

43. Marque a alternativa cuja conjunção substitui os dois-pontos do período abaixo, mantendo a mesma relação de sentido estabelecida entre as orações:
"Época triste essa em que nós vivemos: é mais fácil quebrar a estrutura de um átomo do que a estrutura de um preconceito."
a) logo
b) pois
c) portanto
d) entretanto

44. Leia:

Jamais se deve prescindir dessa dádiva, que é a faculdade de sonhar,_____ seja lícito recuar ante o engano de se buscar erigir monumentos nas nuvens.

Qual das alternativas abaixo completa a lacuna do período de maneira que fique expressa nele uma relação de concessão?

a) malgrado
b) assim que
c) conforme
d) portanto

45. Leia:

Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, que em murmurantes ondas canta o amor perdido.

Tomando a oração destacada e substituindo **em** **por** **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como.

a) subordinada adjetiva explicativa.
b) subordinada adjetiva restritiva.
c) coordenada conclusiva.
d) coordenada explicativa.

46. Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "**e**" estabelece **somente** relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.
b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.
c) Os atores e as atrizes combinaram de encontrar-se após a peça.
d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

47. Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.

"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; **porque** não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) **Porque** é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra p**orque** introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

48. "todos os animais sejam em princípio iguais perante a lei, **conquanto** alguns sejam mais iguais que outros." Das alterações processadas na oração sublinhada, aquela que, além de apresentar substancial mudança de sentido, se classifica diferentemente das demais:

a) malgrado alguns sejam mais iguais
b) posto que alguns sejam mais iguais
c) a menos que alguns sejam mais iguais
d) não obstante alguns serem mais iguais

49.- Observe:

I- "O galo velho cantava no poleiro e Fabiano roncava na cama de varas."
II- Não queria ser ouvido pelos meus pais, **portanto** subi a escada com cautela.
III- As máquinas têm sentimentos, **entretanto** só os demonstram nas horas negativas.

As conjunções coordenativas destacadas classificam-se respectivamente em:

a) adversativa - explicativa - conclusiva
b) aditiva - conclusiva - adversativa
c) alternativa - conclusiva - adversativa
d) conclusiva - adversativa - aditiva

50.- Ligue os pensamentos nos períodos abaixo, usando a conjunção coordenativa indicada e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

I- Está chovendo. Levarei o guarda-chuva. (conclusiva)
II- O dia escureceu. Não choveu. (adversativa)
III- Era noite. A Lua brilhava no céu estrelado. *(aditiva)*

a) pois – mas – porém
b) logo – entretanto – e
c) todavia – e – portanto
d) por conseguinte – pois – e

51. *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1- *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2- *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3- *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso
b) porque – portanto – e
c) mas – como – conquanto
d) por conseguinte – visto que – pois

52. Observe os períodos abaixo:

I -**Mal** o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
II-"Os animais devem ser adestrados, **ao passo que** os seres humanos devem ser educados."
III -**Não obstante** haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
IV -Pode criticar, **desde que** fundamente sua crítica em argumentos.

As conjunções sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de
a) tempo, proporção, concessão e condição.
b) causa, conformidade, condição e concessão.
c) tempo, proporção, condição e concessão.
d) condição, concessão, tempo e consequência.

53. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

54. Observando-se o sentido que uma oração expressa em relação à outra, assinale a alternativa cujas conjunções completam correta e respectivamente os pontilhados do texto abaixo.

"O controle genético do envelhecimento resultará em pessoas capazes de manter por muito mais tempo a saúde física, _____ o corpo humano não foi feito para a imortalidade, _____ nunca será possível criar seres imortais."
a) mas – portanto
b) mas – no entanto
c) embora – por isso
d) portanto – porque

55. Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando...
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

56. "porque naqueles perduraram por mais tempo hábitos feudais, quer nas relações jurídicas, quer nas econômicas". Das alternativas processadas na passagem acima, aquela em que não ocorre substancial mudança de sentido é:

a) ...., **seja** nas relações jurídicas, **seja** nas econômicas.
b) ...., **não** nas relações jurídicas, **mas sim** nas econômicas.
c) ...., **tanto** nas relações jurídicas, **quanto** nas econômicas.
d) ....., **não só** nas relações jurídicas, **mas ainda** nas econômicas.
e) ...., **não apenas** nas relações jurídicas, **senão também** nas econômicas.

57. "Seus dedos se tornaram mais rápidos **e** sua mímica mais pronunciada, **mas** essas capacidades ainda não bastam para a articulação vocal. Só o homem tem o dom da fala, **assim como** só ele é capaz de realizar atividades manuais complexas."

Os **destacados** transmitem, respectivamente, ideias de
a) adição, adversidade, adição.
b) concessão, explicação, conclusão.
c) conformidade, adversidade, comparação.
d) adição, concessão, comparação.
e) adição, adversidade, comparação.

58. Observe as seguintes sentenças e assinale a opção que indica a relação estabelecida entre as ideias transmitidas por elas.
I - Um macaco jamais poderia tocar piano.
II- Falta-lhe, para isso, a capacidade de mover os dedos com velocidade e precisão para pressionar as teclas em rápida sucessão.

a) A sentença I é a causa da II.
b) A sentença II contradiz a I.
c) A sentença II é condição para a I.
d) A sentença I é consequência da II.

59. Temos uma conjunção subordinativa temporal em:
a) Vamos embora, **que** é tarde;
b) Senti **que** alguém me observava;
c) Entra aí, **que** eu te levo;
d) **Como** não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas;
e) **Mal** detive o carro, ela abriu a porta;

60."**Embora** a morada tenha primeiramente a função..."; o termo que substitui adequadamente o termo sublinhado e provoca mudança de tempo verbal da frase é:

a) ainda que
b) mesmo que
c) talvez
d) apesar de
e) pois

61. "Mas a mim é que não me escardincham assim, sem mais nem menos**:** não sou fêmea de cupim nem antônimo do póstumo nenhum; e sou cachoeirense, de Cachoeiro, honradamente — de Cachoeiro de Itapemirim!"

No trecho acima, é possível, sem alterar o significado, substituir os ***dois-pontos*** pela seguinte conjunção**:**

a) porém
b) porque
c) portanto
d) conquanto
e) enquanto

62. Possuem o mesmo valor que "desde que" todos os conectivos relacionados em:

a) conforme, por mais que, a fim de que;
b) segundo, contanto que, uma vez que;
c) conforme, conquanto, a fim de que;
d) conquanto, caso, por mais que;
e) caso, contanto que, uma vez que.

63. "...o orgulho e a liberdade, **já que** só o amor nos permite manter a altivez e a independência."

A expressão destacada no texto acima pode ser substituída sem alterar o sentido por:

a) embora.
b) consequentemente.
c) mas.
d) porque.
e) a despeito.

64. "Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada **que** aquela moça **que** está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto **que** chegasse a chorar e dissesse..."

No texto os vocábulos **"que"** são respectivamente:

a) expletivo, conjunção coordenativa, pronome relativo
b) conjunção subordinativa, pronome relativo, conjunção subordinativa
c) conjunção integrante, advérbio relativo, conjunção coordenativa
d) pronome relativo, pronome relativo, conjunção integrante
e) expletivo, conjunção subordinativa, conjunção coordenativa

65. Sem prejuízo para o sentido da frase, o elemento sublinhado pode ser substituído pelo que está entre parênteses em:

a) isso não é de estranhar, **se** aquilatarmos o quanto elas representam na vivência das comunidades humanas (ainda que relativizemos)
b) **À cidade associou-se** a ideia de centro de realizações (Se acobertou na cidade)
c) A visão (...) pode variar **conforme a perspectiva** pessoal (não obstante o ponto de vista)
d) **É bem verdade que se trata** de uma visão da cidade antes da azáfama (Está patente que se fala)
e) **porém não há como não reconhecer** esse sentimento de entusiasmo (ainda que não se constate)

66. **Embora** as esculturas ficassem longe do público, elas foram vistas por artistas que visitavam Picasso.

Sem prejuízo da correção e do sentido, o elemento sublinhado acima pode ser substituído por:

a) Porquanto
b) Apesar de
c) Contudo
d) Conquanto
e) A despeito de

67. *Manaus é uma cidade como as outras,* ***só que*** *ela tem, como as outras cidades, algumas particularidades*...

Mantêm-se as relações de sentido do texto substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) uma vez que
b) no entanto
c) se acaso
d) conquanto
e) embora

68. Alterando-se as orações justapostas no segmento ***Digo mal; um bom poeta é de fato capaz de colocar o que bem entenda.***..., de modo que se obtenha uma subordinação que mantenha, em linhas gerais, o sentido original, deve-se usar a conjunção

a) ainda que.
b) porque.
c) caso.
d) contanto que.
e) a fim de que.

69. Nos segmentos abaixo, a relação estabelecida pelo termo sublinhado está indicada corretamente em:

a) ... se usasse um deles num poema cabuloso **que** estava precisando de um boi... – O pronome retoma o segmento um deles.
b) Tudo bem, mas **onde** o boi ia entrar no poema? – O pronome se refere ao segmento *no poema*.
c) Mas você disse **que** era um poema panfletário. – A conjunção introduz um complemento do verbo dizer.
d) ... a minha namorada visse **que** eu seria capaz de pegar um boi... – A conjunção introduz uma explicação relativa à oração precedente.
e) ... queria um boi poema concreto no asfalto, **para que** minha impotência diante dos donos do poder se configurasse... – A locução introduz uma consequência.

70. Sua inserção no interior do tecido urbano é, porém, uma outra história. Sem prejuízo da correção e do sentido, o elemento sublinhado pode ser substituído por:

a) contudo
b) afinal
c) portanto
d) assim
e) logo

71. ...como bom advogado, teve tão convincentes razões... // ...que este lhe permitiu finalmente entrar no Céu...

Os dois segmentos acima mantêm uma relação, respectivamente, de:

a) causa e decorrência.
b) consequência e causa.
c) comparação e causa.
d) causa e concessão.
e) causa e finalidade.

72. E, **no entanto**, o cinema chegou num ponto em que é capaz de expressar...

Sem prejuízo da correção e do sentido, o elemento sublinhado acima pode ser substituído por:

a) porquanto
b) em detrimento disso
c) desse modo
d) embora
e) todavia

73. O termo ***Contudo***, em destaque no segundo parágrafo, tem valor

a) explicativo, e equivale a Pois.
b) conclusivo, e equivale a Então.
c) final, e equivale a Para tanto.
d) adversativo, e equivale a Porém.
e) conformativo, e equivale a Conforme.

74. **pois** vieram fora de hora, e a hora é calma?
Considerando-se o contexto, o elemento sublinhado acima pode ser substituído, sem prejuízo do sentido e da lógica, por:

a) visto que
b) portanto
c) porém
d) então
e) desse modo

75. Considere o parágrafo final: "Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades". Se essa frase, mantendo-se o sentido original, for construída substituindo-se a conjunção **mas** por uma forma equivalente subordinativa, o resultado adequado será:

a) Você pode até achar que é coisa de criança, porém o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.
b) Embora você possa até achar que é coisa de criança, o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.
c) Talvez você até ache que é coisa de criança, pois o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.
d) Admitamos que você até ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, algo instrutivo e divertido para todas as idades.
e) Caso até você ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, garanto ser instrutivo e divertido para todas as idades.

76. Considere-se o trecho "Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões". Se o trecho for reescrito em um só período, mantendo-se seu sentido original, as duas orações poderão ser relacionadas por meio da conjunção

a) consoante
b) contanto
c) embora
d) entretanto
e) porque

77. A relação lógica expressa pela palavra em destaque está indicada adequadamente entre colchetes em:

a) "Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, **conforme** o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel." [concessão]
b) "Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, **mas**, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional." [condição]
c) "**Para** resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana." [causa]
d) "Por quê? **Porque** a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante." [finalidade]
e) "**Portanto**, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional." [conclusão]

78. No trecho "Pedi pra chover, **mas** chover de mansinho", a palavra que poderia substituir a palavra destacada, sem alterar o sentido do texto, é

a) porém
b) porque
c) nem
d) ou
e) ora

79. No trecho "**Se** cada um fizer sua parte, o desperdício de água será cada vez menor", a palavra destacada introduz uma ideia de

a) condição
b) consequência
c) tempo
d) lugar
e) oposição

80. No desenvolvimento do texto, a palavra **mas** ("...a lista traz tendências que podem soar utópicas ou abstratas, mas há também exemplos concretos...") foi utilizada para estabelecer entre as ideias uma relação de

a) causa
b) oposição
c) condição
d) explicação
e) finalidade

81. Na última frase do texto, é transcrita a opinião de um empresário, para quem **"conhecer bem o CDC é vital não só para os lojistas, mas também para seus fornecedores**". Considerando-se o conteúdo dessa opinião, que outra estrutura frasal poderia representá-la?

a) Conhecer bem o CDC é vital tanto para os lojistas quanto para seus fornecedores.
b) Conhecer bem o CDC é vital em especial para os lojistas assim como para seus fornecedores.
c) Conhecer bem o CDC é vital nem tanto para os lojistas como para seus fornecedores.
d) Conhecer bem o CDC é vital inclusive para os lojistas sem falar em seus fornecedores.
e) Conhecer bem o CDC é vital não tanto para os lojistas bem como para seus fornecedores.

82. A expressão abaixo que substitui a palavra **Mas**, modificando o sentido original do trecho em que ela está empregada é:

a) Contudo
b) Embora
c) Porém
d) Todavia
e) No entanto

83. A ideia veiculada pela palavra ou expressão destacada está corretamente explicitada entre colchetes em

a) "no plano organizacional, não enaltecemos determinados aspectos, **uma vez que** eles falam de algo indesejado" [causa]
b) "Repetido diversas vezes e vendido para o exterior **como** uma das imagens que melhor retrata o nosso país" [comparação]
c) "Não negamos a sua força nem sua eficácia simbólica, **mas** começamos a questionar o papel dessa representação" [alternância]
d) "Observemos, **no entanto**, que ser um aficionado não significa necessariamente se valer do futebol como metáfora do país" [condição]
e) "estimulá-los despertando a população **para** um olhar mais crítico sobre o papel desse esporte na vida do país?" (. 61-63) [concessão]

84. No trecho **"Depois, nos diários que fez, dizia as ideias que tinha tido em tal passeio. Os passeios para ele eram também momentos de criação"** a junção dos períodos em apenas um mantém o sentido original e está adequada à norma-padrão em:

a) Nos diários que fez, dizia as ideias que tinha tido depois em tal passeio, os quais, para ele, eram também momentos de criação.
b) Embora os passeios para ele tivessem sido também momentos de criação, depois, nos diários que fez, dizia as ideias que tinha tido em um passeio tal.
c) Depois, nos diários que fez, dizia as ideias que tinha tido em tal passeio, mas os passeios para ele eram também momentos de criação.
d) Ainda que os passeios para ele fossem também momentos de criação, ele dizia as ideias que tinha tido em tal passeio, nos diários que fez depois.
e) Os passeios para ele eram também momentos de criação: assim, depois, nos diários que fez, dizia as ideias que tinha tido em tal passeio.

85.- Para construir o sentido do texto, diferentes relações lógicas se estabelecem entre as ideias que o compõem. **A relação entre os trechos está adequadamente expressa entre colchetes em:**

a) "A expressão 'sociedade da informação' passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de 'sociedade pós-industrial'" / "como forma de transmitir o conteúdo específico do 'novo paradigma técnico-econômico'". [contraposição]

b) "a informação é sua matéria-prima" / "no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias" [condição]
c) "os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade" / "a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva" [causalidade]
d) "Nada mais equivocado" / "processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa" [finalidade]
e) "As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem" / "Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar" [explicação]

Texto para a questão a seguir:

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta, quando lesse minha história no jornal, risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – "Ai, meu Deus, que história mais engraçada!".

86. O que o autor enuncia no primeiro período do primeiro parágrafo acerca da história que idealiza escrever se articula numa relação semântica de

a) causa e efeito
b) dedução e indução
c) suposição e explicação
d) adição e alternância
e) exposição e proporcionalidade

87. Uma reescritura possível do período "**A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho"**, preservando-se as relações semânticas e a coesão textual, é:

a) A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, porque surgiu, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.
b) A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica; desse modo, surgiu, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.
c) A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, o que surgiu, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.
d) A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, contudo, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.
e) A resposta do empregador foi a de contratar Baker, para trabalhar na sua fábrica surgindo, consoante, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

88. "**<u>Se</u>** não for bom aluno, vai ficar desempregado **<u>ou</u>** ganhar muito pouco!" Os termos anteriormente sublinhados exprimem a ideia de:
a) Alternância e adição.
b) Causa e consequência.
c) Condição e alternância.
d) Conformidade e causa.
e) Condição e consequência.

89. Para afirmar que a questão social é atuante em relação a determinados aspectos em **"Conforme a época e o lugar, a questão social mescla aspectos raciais, regionais e culturais, juntamente com os econômicos e políticos."** (2º§), o autor

a) inicia o período através de uma ideia de acordo.
b) faz uma comparação entre a época e o lugar indicados.
c) indica uma condição para que a ação descrita possa ocorrer.
d) aponta uma consequência em relação à época e ao lugar indicados no contexto.
e) estabelece uma relação de proporcionalidade, ou seja, à medida que o tempo passa, os fatos ocorrem.

90. Em "Na educação, essa nossa característica leva a consequências sutis, mas decisivas na formação dos mais novos", o **"mas"** pode ser substituído, sem que haja alteração de sentido, por:

a) logo.
b) como.
c) todavia.
d) por isso.
e) porquanto.

91. Considerando o trecho **"Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...]"**, é correto afirmar que

a) o autor nega o que foi dito anteriormente.
b) através de um contraste o autor exemplifica sua ideia.
c) há uma comparação com algo que ocorre no cotidiano.
d) a partir de uma nova informação, o assunto é modificado.
e) o autor expressa sua opinião sobre o tempo gasto com a literatura.

92. Considerando a organização das ideias e as estruturas linguísticas do texto, assinale a alternativa em que a análise está correta.

a) No excerto "E você deve cuidar das amizades, porque são como uma planta...", o "porque" introduz ideia de causa, podendo ser substituído pelo "pois", sem modificação de sentido.
b) No período "Sobram três, desde que você não pegue trânsito", a locução conjuntiva "desde que" apresenta valor semântico de condição, podendo ser substituída pelo "contanto que", sem prejuízo de sentido.
c) No fragmento "Um copo de cerveja, para... não lembro bem para o que, mas faz bem.", o conector "mas" estabelece relação semântica de adversidade e pode ser substituído pelo termo "porquanto", sem alteração semântica.
d) No trecho "Melhor, inclusive, ampliar o banheiro e aproveitar para colocar um equipamento de som, porque (...) você vai passar ali várias horas por dia.", o termo "inclusive" tem a função de introduzir uma retificação relacionada à informação anteriormente apresentada no texto. No contexto, pode ser substituído pelo "aliás", sem mudança semântica.

93. Considere, a seguir, os trechos do texto.

I. "Queria aplicar o dinheiro numa atividade que lhe desse algum lucro, **porém,** mais que lucro, satisfação intelectual."
II. "– Taí. Nenhum... Nem um, cara. O que existe é escola de inglês, de espanhol, de informática... Até de ikebana. **Mas** de grego, rapaz, não existe." (10º§)
III. "(...) daqui a cinquenta anos, ou um pouco mais, **quando** o Brasil tiver se safado da dívida externa, ninguém vai poder nem olhar comida por quilo..." (12º§)

As conjunções em destaque exprimem, pela ordem, relações semânticas corretamente indicadas em:

a) Oposição – oposição – tempo.
b) Oposição – oposição – condição.
c) Comparação – oposição – tempo.
d) Oposição – comparação – oposição.

94. Semanticamente, a conjunção é capaz de estabelecer relações lógicas entre as orações. Acerca da conjunção destacada em **"Portanto,** toda vez que decidimos comprar alguma coisa, [...]", é correto afirmar que

a) introduz uma explicação acerca dos efeitos do consumo exagerado.
b) relaciona duas orações em que uma indica a condição do que se diz na outra.
c) há uma relação de alternância entre o fato mencionado e suas consequências.
d) é responsável por introduzir uma conclusão a partir da afirmação feita anteriormente.

95. O período "Embora ainda não consiga se comunicar em português, ele já aprendeu a pronunciar as únicas palavras que definem sua realidade – e a de milhares de brasileiros: 'Muito cansado" é iniciado por uma

I. locução prepositiva que expressa uma relação concessiva.
II. conjunção concessiva que introduz uma informação vista como fato real.
III. conjunção que representa, no trecho em análise, a concessão como hipótese.
IV. conjunção que pode ser substituída por "**apesar de"**, observando-se as devidas adequações.

Estão corretas apenas as alternativas

a) I e III.
b) I e IV.
c) II e IV.
d) II, III e IV.

96. "... querer apaziguar todas as crianças e jovens com medicamentos **para que** não estorvem os professores já desesperados..." As palavras sublinhadas na frase anterior estabelece entre as orações uma relação de

a) causa.
b) finalidade.
c) proporção.
d) comparação.

97. "Minha mãe rezaria uma Salve-Rainha por ela, se a conhecesse." A articulação das orações do período expressa uma ideia de

a) causa.
b) condição.
c) comparação.
d) consequência.

98. "Pode parecer conversa de tiozão, **mas** essa geração do polegar está cada dia mais desconectada da realidade." A palavra sublinhada expressa uma ideia de

a) razão.
b) concessão.
c) alternância.
d) compensação.

99. Os termos destacados em "Não como afirmação da própria subjetividade, **mas** como caminho **para** alcançar uma verdade objetiva através das múltiplas subjetividades" têm classificação de e indicam, **respectivamente,** uma relação de
a) conjunção/ressalva e preposição/explicação.
b) conjunção/contraposição e preposição/finalidade.
c) conjunção/adversidade e preposição/consequência.
d) conjunção/oposição e conjunção/finalidade.

100. O período: **"Enquanto governos fazem pose e se engalfinham nas negociações da ONU quanto ao controle do clima, cerca de 50 nações já adotaram sistemas de mercado ou de impostos sobre as emissões de carbono, para um total de mais de 20% das liberações mundiais"** inicia-se por uma oração que exprime

a) um fato contrário ao da oração principal.
b) a causa do que se declara na oração principal.
c) a consequência do se afirma na oração principal.
d) a finalidade daquilo que se afirma na oração principal.
e) o tempo em que ocorre o fato expresso na oração principal.

101. Há 25 anos, quando meu amigo e colega Chico Mendes foi assassinado, eu temi que tudo por que ele havia lutado estivesse perdido. Não poderia ter me enganado mais.

O primeiro parágrafo do texto é composto, em sua estrutura, por duas frases em que

a) a 1ª é a causa da 2ª.
b) a 1ª é uma consequência da 2ª.
c) a 2ª confirma a informação da 1ª.
d) a 2ª faz oposição à informação da 1ª.
e) as informações são complementares.

102. O termo destacado em "não eram obstáculos, **mas** precondições" indica uma relação de.

a) contraste.
b) conclusão.
c) acréscimo.
d) alternância.
e) simultaneidade.

103. No trecho **"Quando** o policial lhe disse que no próximo ano seria maior de idade **e**, **se** voltasse a matar alguém, iria para a cadeia [...]", nas palavras destacadas identificam-se, respectivamente, noções de

a) tempo, causa e condição.
b) tempo, oposição e causa.
c) modo, causa e concessão.
d) tempo, adição e condição.

104. Considere o período: "Rádio, a gente pode ouvir baixinho, **enquanto** está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro..." No período, a conjunção em destaque estabelece relação entre as orações cujo sentido é de:

a) conclusão.
b) tempo passado.
c) tempo simultâneo.
d) comparação.
e) tempo futuro.

105. Programas de descontos de medicamentos são proibidos no país, **porém** campanhas de fidelização de pacientes não. O termo em destaque pode ser substituído, sem alteração da mensagem original, por:

a) contudo.
b) assim.
c) portanto.
d) também.
e) pois.

106. O termo **por conseguinte,** em destaque, estabelece entre as duas orações relação com sentido de:

a) causa.
b) oposição.
c) condição.
d) conclusão.
e) concessão.

107. Os termos **Se** e **Porque**, em destaque nas frases – **Se** um aparelho registrasse tudo o que ... – e – **Porque** a mulher que está esperando o homem... – podem ser substituídos, no contexto, sem alteração do sentido, por:

a) Conquanto / A menos que.
b) Ainda que / Porque.
c) Posto que / Isto é.
d) À medida que / Porquanto.
e) Caso / Pois.

108. Considere a seguinte passagem: **Segundo** ele, não se deve ler "o que é ruim, **pois** a vida é curta, e o tempo e a energia são limitados". As expressões **segundo** e **pois**, em destaque, têm, respectivamente, valor:

a) causal e consecutivo.
b) condicional e final.
c) conformativo e explicativo.
d) proporcional e conclusivo.
e) concessivo e aditivo.

109. No trecho – **Quando** o ser humano não se transforma para melhor, é **porque** está reforçando o que tem de pior. –, as palavras destacadas, respectivamente, estabelecem sentido de:

a) tempo e explicação.
b) adição e conclusão.
c) condição e tempo.
d) finalidade e adição.
e) explicação e consequência.

110. Em – Ela é proibida por lei no Brasil, **mas** é prática regulamentada, em alguns outros países,... – a conjunção em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido do texto, por:

a) isto é.
b) pois.
c) porque.
d) porém.
e) portanto.

111. Nas passagens – …**mas** a sua pior peçonha guardou-se para o presente… – e – … **ou** a esperança se desvaneça! –, os termos em destaquem expressam, respectivamente, sentidos de:

a) causa e de consequência.
b) oposição e de causa.
c) conclusão e de causa.
d) oposição e de alternância.
e) conclusão e de alternância.

112. Considerando a relação que a conjunção "pois" estabelece entre as orações, o sentido do trecho– … ter, aos 60, "alma jovem", acho discutível, pois deve ser melhor ter na maturidade uma alma adequada… –, está mantido em:

a) À proporção que deve ser melhor ter na maturidade uma alma adequada, acho discutível ter, aos 60, "alma jovem".
b) Embora deva ser melhor ter na maturidade uma alma adequada, acho discutível ter, aos 60, "alma jovem".
c) Deve ser melhor ter na maturidade uma alma adequada, no entanto acho discutível ter, aos 60, "alma jovem".
d) Acho discutível ter, aos 60, "alma jovem", porquanto deve ser melhor ter na maturidade uma alma adequada.
e) Acho discutível ter, aos 60, "alma jovem", portanto deve ser melhor ter na maturidade uma alma adequada.

113. No período – Agrava-se, **pois**, a situação de quem hoje vive em condições precárias. –, a conjunção em destaque tem o mesmo sentido:

a) O skate tem menor visibilidade que o futebol, **mas**, em termos de geopolítica do esporte, oferece várias vantagens em relação a nosso esporte mais tradicional.
b) Ele pode ser praticado em qualquer área urbana, **mesmo** sem haver infraestrutura específica, e influencia um grupo muito importante: os jovens.
c) O skate é uma ferramenta estratégica na política internacional, **porque** envolve prioritariamente os jovens – os futuros líderes, políticos e empresários.
d) No Afeganistão, é tabu mulheres andarem de bicicleta, mas não há restrição ao skate. **Portanto**, ele é uma ferramenta para integrar crianças e adolescentes de ambos os sexos.
e) A popularidade mundial do skate brasileiro mostra que temos potencial a explorar nessa área, **a fim de** fortalecer a cooperação e conquistar a solidariedade de outras nações.

114. Em – **Só que** muitos desses estudos ainda não saíram do papel e o país ainda engatinha nisso.– é correto afirmar que a expressão destacada estabelece, com a oração anterior, relação de sentido de e pode ser substituída por, sem prejuízo do sentido do texto. Completam as lacunas, correta e respectivamente, as palavras:

a) oposição ... Porém.
b) conclusão ... Por isso.
c) alternância ... Ou.
d) explicação ... Porque.
e) adição ... Mas também.

115. Assinale a alternativa que, procedendo-se às devidas alterações na frase, apresenta a conjunção que substitui, corretamente, sem alteração de sentido, a conjunção **Embora**, em destaque no texto, indicando a relação que estabelece entre as orações.

a) Porque / comparação.
b) Todavia / alternância.
c) Isto é / explicativa.
d) Portanto / oposição.
e) Conquanto / concessão.

116. Nos períodos – "Ele tem dezesseis anos, um câncer de boca horroroso, mal anda, **mas** o médico disse que faz a remoção da mandíbula..."– e – E morreu **como** queria. (última frase do texto) – as conjunções em destaque estabelecem, correta e respectivamente, entre as orações, relações de:

a) conformidade e comparação.
b) oposição e conformidade.

c) finalidade e comparação.
d) conclusão e consequência.
e) explicação e oposição.

117. - Leia os trechos.

"Não cito seu nome**, pois** é réu num processo aberto pelo tal Adamastor...";
"**Se** todos tivessem trepadeiras como a do Ivo, talvez não fizesse tanto calor.";
"**Mas** o mundo não está salvo, há menos trepadeiras do que sujeitos feito o Adamastor...".

Os termos em destaque podem ser substituídos, correta, respectivamente e sem alteração do sentido do texto, por:

a) porque; caso; todavia.
b) porque; ainda que; todavia.
c) visto que; ainda que; entretanto.
d) portanto; caso; já que.
e) portanto; uma vez que; já que.

118. Considere as seguintes passagens.

"E**, à medida que** envelhecem, elas tendem a rir menos, o que não acontece com eles."

"Quando essas ideias atendem a certos requisitos como provocar surpresa e apresentar algo que pareça, **ainda que** vagamente, uma solução para o conflito, achamos graça e sentimos prazer..."

As expressões destacadas expressam, respectivamente, noções de:
a) comparação e modo.
b) causa e condição.
c) tempo e finalidade.
d) proporção e concessão.
e) conformidade e consequência.

119. Mantendo-se o sentido original, na frase ***Como*** *não conseguiram achar Miracanguera*, *decidiram explorar outras coisas*..., o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) Por mais que.
b) Conforme.
c) Ainda que.
d) De modo que.
e) Uma vez que.

120. No trecho – A internet é **como** Funes, o memorioso, o personagem de Jorge Luis Borges: lembra tudo, não esquece nada. – o sentido expresso pela conjunção destacada é de

a) explicação.
b) comparação.
c) retificação.
d) contraste.
e) finalidade.

121. Em "O ritmo dos meus dias é tão intenso **que** às vezes a gente se esquece de se alimentar direito", a conjunção em destaque introduz um valor semântico de:

a) condição
b) finalidade
c) causa
d) concessão
e) consequência

Fragmento

"Um aplicativo, normalmente entregue junto com as baterias da Changers, motiva clientes a ser sustentáveis - e, no processo, mostra as vantagens de adotar essa postura (**mesmo que** para isso seja preciso pagar um pouco mais caro pelo produto alimentado pelo sol, em comparação com as baterias carregadas com fontes sujas)."

122. - Considerando o valor semântico do termo em destaque, ele poderia ser substituído, sem prejuízo de sentido, por:

a) Visto que
b) Embora
c) À medida que
d) Que

Fragmento de texto

"depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, ***como tentáculos saciados,*** *e elas se movimentam no escuro* ***como dois polvos de solidão:"***

123. Observando as possibilidades de recursos coesivos da língua, analise as afirmativas abaixo e, em seguida, assinale a opção correta.

I. A primeira ocorrência da conjunção "e" contribui para a progressão do texto apresentando valor semântico de alternância.
II. A segunda ocorrência da conjunção "e" também contribui para a progressão do texto, mas apresenta valor semântico de oposição, podendo ser substituída por "mas" sem prejuízo de sentido.
III. Tanto o pronome "elas" quanto o "se" apontam para um mesmo referente que é o vocábulo "mãos".

a) Todas as afirmativas estão corretas.
b) Apenas I e II estão corretas.
c) Apenas a I está correta.
d) Apenas II e III estão corretas.
e) Apenas a III está correta.

124. "Nós, adultos, sabemos; as crianças não sabem."

Há, entre as duas orações do período, uma relação semântica. Desse modo, sem prejuízo de sentido, no lugar do ponto e vírgula que as separam poderia ser empregado o seguinte conectivo:

a) desde que
b) contudo
c) visto que
d) como

125. A expressão "**No entanto",** que introduz a última frase do texto, introduz um sentido de:

a) conclusão
b) adição
c) oposição
d) explicação

126. A conjunção destacada em "Não conheço **nem** quero conhecer" (2°§) relaciona orações estabelecendo entre elas uma relação de sentido que pode ser entendida como de:

a) oposição
b) alternância
c) explicação
d) adição

127. No fragmento **"Como** não é um sistema fechado e imutável, a língua portuguesa ganha diferentes nuances", o conectivo em destaque introduz na oração em que se encontra um sentido de:

a) comparação
b) conformidade
c) consequência
d) causa

128. No sétimo parágrafo, a expressão destacada, em **"No entanto, houve época em que a simples menção da camisa de vênus"**, introduz o seguinte valor semântico:

a) alternância
b) explicação
c) conclusão
d) oposição

129. Ironicamente, o autor encerra seu texto com o seguinte comentário: **"P.S.: A propósito, comunico, a quem interessar possa, que não tenho Twitter. Não me sigam que não sou novela."**

O ponto final que é empregado após o vocábulo "Twitter" sugere uma relação de sentido entre as frases por ele relacionadas. Tal relação poderia ser explicitada por uma conjunção com valor de:

a) causa
b) concessão
c) conclusão
d) consequência

130. Em "Ela sabe que, **se deixar**, os motoristas vão começar a ultrapassagem pela contramão, **uma vez que** não há praticamente movimento aí." (2º§), destacam-se dois conectivos que introduzem, respectivamente, o valor semântico de:

a) causa e consequência
b) condição e causa
c) concessão e conclusão
d) conformidade e consequência

131. A respeito da coesão estabelecida no trecho transcrito abaixo, julgue as afirmativas propostas e assinale a alternativa correta:

"Dedicação, às vezes até devoção. Para que a gente seja, além de machos e fêmeas, pessoas que se entendem, curtem, confortam, desejam e... tudo aquilo que nas cavernas acontecia. Só que com mais graça, consciência, talvez mais delicadeza." (10º§)

I. O segmento "para que" estabelece uma relação de finalidade.
II. Em "pessoas que se entendem" e "tudo aquilo que nas cavernas", embora não tenha valor semântico, o "que" contribui para evitar a repetição de palavras.
III. "Só que" poderia ser substituído por "já que" sem prejuízo de sentido.

a) Todas as afirmativas estão corretas.
b) Somente a I está correta.
c) Somente a I e a II estão corretas.
d) Somente a II e a III estão corretas.

132. As conjunções explicitam relações semânticas entre orações. Podem ainda, sinalizar o sentido introduzido por um parágrafo. Assim, assinale a alternativa em que se **ERRA** na indicação do valor semântico da conjunção em destaque.

a) "**Mas** os tipos de leitura também são muito diferentes." (2º §) – oposição
b) "**Se** fazemos a mesma pergunta a quem está morrendo de frio" (5º §) – condição
c) " praticamente desde **quando** passamos a habitar este planeta." (7º §) – tempo
d) "não é um interesse "casual" **como** colecionar selos por exemplo. " (7º §) – conformidade

133. "Muitos telespectadores assumem esse comportamento. Tanto que um grupo de estudiosos da Universidade de Rutgers, **nos Estados Unidos**, por meio de experimentos e pesquisas, concluiu que a velha história do vício na TV não é só uma metáfora." (2º §)

Observando que a expressão **"tanto que"** estabelece com a frase anterior uma relação semântica, pode-se afirmar que tal expressão possui o valor de:

a) Causa
b) Consequência
c) Conclusão
d) Comparação

134. Leia a citação abaixo e assinale a que apresenta emprego correto dos conectivos:

"Aproveita agora, _____ ele ainda não tem cólicas noturnas_____ ainda mama nas horas certas,_____ depois a sua vida se transformará num verdadeiro inferno noturno." (Mário Prata)

a) cujo - mas - onde
b) onde - cujo - pois
c) que - e - porque
d) pois - e - onde

135. Em **"quanto mais horas uma pessoa passa no Facebook, maior chance de achar que a vida dos outros anda melhor"**, percebe-se uma relação de:

a) complementaridade
b) proporcionalidade
c) nulidade
d) igualdade

136. **À falta de lazareto**, o navio estava obrigado à caceteação da quarentena.

Mantendo-se o sentido e a coesão da frase, o segmento grifado acima pode ser corretamente substituído por:

a) De sorte que faltava o lazareto
b) Embora faltasse o lazareto
c) Uma vez que faltava o lazareto
d) À medida que faltasse o lazareto
e) Conquanto faltava o lazareto

137. Sem prejuízo para a coerência e para a correção gramatical do texto, a conjunção "**Quando"** ("Quando os descaminhos não conduzirem a isso, competirá ao homem transformar a lei na vida mais digna para que a convivência política seja mais fecunda e humana") poderia ser substituída por.

a) Se.
b) Caso.
c) À medida que.
d) Mesmo se.
e) Apesar de.

138. "**Poderia até se pensar que é um parque mais apropriado para crianças, mas logo se percebe que encanta mais os adultos pela perfeição e cenários realísticos do pequeno mundo aí representado."**

Nesse fragmento, a oração iniciada pela conjunção **MAS** expressa, em relação à oração que a antecede, a ideia de

a) adição.
b) conclusão.
c) finalidade.
d) contraste.
e) consequência.

139. No período que inicia o texto, a locução **"Desde que"** ("Desde que a urna eletrônica foi adotada em todo o território brasileiro, votar passou a ser uma atividade relativamente simples") introduz uma ideia de

a) proporcionalidade.
b) condição.
c) causa.
d) tempo.
e) consequência.

140. **Na frase "Mesmo que a variante desempenhe um papel pequeno no aumento do risco de artrite, o número de pessoas que a possui significa que ela pode ter um efeito importante"**, estabelece-se uma relação de:

a) oposição.
b) comparação.
c) consequência.
d) proporção.
e) concessão.

141. Na frase **"Filho, não chore, PORQUE esta fase ruim vai passar",** a conjunção em destaque classifica-se como:

a) Causa.
b) Alternativa.
c) Adversativa.
d) Conclusiva.
e) Explicativa.

142. "É um pouco como o paradoxo do balão: só se descobre a capacidade máxima de um balão, o ponto em que um sopro a mais o estouraria, **QUANDO** o sopro a mais é dado e ele estoura."

Assinale a alternativa que substitui a palavra destacada, mantendo a coesão textual.
a) Logo que.
b) Contudo.
c) Mas.
d) Porque.
e) A fim de que.

143. No enunciado **"Entretanto, os cuidados da ciência e a ciência dos cuidados triunfaram do mal, e Fadinha ficou boa, completamente boa...",** a conjunção "**e"** (antes de "Fadinha"), que introduz o trecho destacado, imprime a este o sentido de
a) causa.
b) consequência.
c) tempo.
d) oposição.
e) condição.

144. Quanto ao sentido, a oração destacada em "A mãe, **CONQUANTO INSENSÍVEL ÀS BOAS AÇÕES**, não pôde disfarçar a admiração e o prazer que o moço lhe causou..." equivale a:
a) conforme insensível às boas ações.
b) porque insensível às boas ações.
c) apesar de insensível às boas ações.
d) como insensível às boas ações.
e) portanto insensível às boas ações.

145. Releia o trecho a seguir.

"Tanto os tsimanes quanto os americanos consomem o mesmo porcentual de proteínas (14%), mas o povo indígena come mais carne magra."

Assinale a alternativa em que a reescrita do trecho altera seu sentido original.

a) Tanto os tsimanes quanto os americanos consomem o mesmo porcentual de proteínas (14%), **PORÉM** o povo indígena come mais carne magra.

b) Tanto os tsimanes quanto os americanos consomem o mesmo porcentual de proteínas (14%), **CONTUDO** o povo indígena come mais carne magra.
c) Tanto os tsimanes quanto os americanos consomem o mesmo porcentual de proteínas (14%), **PORTANTO** o povo indígena come mais carne magra.
d) Tanto os tsimanes quanto os americanos consomem o mesmo porcentual de proteínas (14%), **TODAVIA** o povo indígena come mais carne magra.

146. Em "**COMO** vocês veem, é um menino comum, desses que desaparecem às dezenas todos os dias", o vocábulo destacado traduz uma noção de:

a) Comparação
b) Conformidade
c) Cansa
d) Contraste
e) Modo

147. "**Às vezes, o detentor de um direito torna-se arrogante. Ele não entende o espírito da lei nem imagina que o legal, muitas vezes, pode ser imoral."**

Entre os dois períodos, está implícita uma relação semântica de

a) contraposição, que poderia ser explicitada pelo uso de "entretanto".
b) explicação, que poderia ser explicitada pelo uso de "porque".
c) adição, que poderia ser explicitada pelo uso de "mas também".
d) concessão, que poderia ser explicitada pelo uso de "conquanto".

148. "Famílias de pequenos municípios choravam seus mortos e doentes em dezembro / sem saber de que mal se tratava".

Entre as duas partes marcadas nesse segmento do texto, a conjunção que se poderia inserir de forma adequada é:

a) portanto.
b) enquanto.
c) pois.
d) a fim de.
e) embora.

149. A expressão **"à proporção que",** que denota proporcionalidade, sem alteração do sentido pode ser substituída por:

a) pelo que
b) à medida que.
c) toda vez que.
d) por conta de que.
e) tendo em vista que.

150. "Afinal de contas, ler faz muito mal às pessoas: acorda os homens para realidades impossíveis, tornando-os incapazes de suportar o mundo insosso e ordinário em que vivem."

No trecho, o sinal de dois pontos pode ser substituído pela conjunção:

a) Porque.
b) Portanto.
c) Todavia.
d) Contudo.
e) Logo

GABARITO DAS QUESTÕES ACIMA

1	C	32	A	63	D	94	D	125	C
2	C	33	B	64	B	95	C	126	D
3	E	34	C	65	D	96	B	127	D
4	B	35	C	66	D	97	B	128	D
5	C	36	D	67	B	98	D	129	C
6	E	37	C	68	B	99	B	130	B
7	E	38	A	69	C	100	A	131	C
8	E	39	D	70	A	101	D	132	A
9	C	40	C	71	A	102	A	133	B
10	D	41	D	72	E	103	D	134	C
11	C	42	B	73	D	104	C	135	B
12	B	43	B	74	A	105	A	136	C
13	B	44	A	75	C	106	D	137	A
14	B	45	D	76	E	107	E	138	D
15	C	46	C	77	E	108	C	139	D
16	C	47	D	78	A	109	A	140	E
17	B	48	C	79	A	110	D	141	E
18	A	49	B	80	B	111	D	142	A
19	B	50	B	81	A	112	D	143	B
20	C	51	A	82	B	113	D	144	C
21	C	52	A	83	A	114	A	145	D
22	A	53	C	84	E	115	E	146	B
23	D	54	A	85	C	116	B	147	B
24	C	55	B	86	A	117	A	148	E
25	D	56	A	87	B	118	D	149	B
26	D	57	A	88	C	119	E	150	A
27	D	58	D	89	A	120	B		
28	C	59	E	90	C	121	E		
29	D	60	D	91	C	122	B		
30	D	61	B	92	B	123	E		
31	C	62	E	93	A	124	B		

CONHEÇA O
CURSO COMPLETO
DE PORTUGUÊS
Português com
PESTANA
ACESSE O SITE
WWW.PORTUGUESCOMPESTANA.COM.BR

✓ Conectivos para estruturar sua redação

Adição	além disso, ademais, demais, outrossim, por outro lado, ainda mais, não só... mas também, além do mais, como também, ainda assim, não apenas, bem como etc
Alternativa	ou... ou, quer... quer, ora... ora etc
Prioridade, relevância	em primeiro lugar, em segundo lugar, principalmente, precipuamente, primordialmente, sobretudo, mormente, primordialmente, *a priori* (itálico), *a posteriori* (itálico) etc
Tempo	simultaneamente, nesse ínterim, imediatamente, logo após, não raro, raramente, sempre, ocasionalmente, por vezes, a princípio, no momento em que, constantemente, às vezes etc
Ênfase	decerto, por certo, certamente, indubitavelmente, sem dúvida, inquestionavelmente etc
Condição e hipótese	se, caso, eventualmente etc
Comparação e conformidade	por analogia, analogamente, conforme, sob o mesmo ponto de vista, igualmente, da mesma forma, assim também, similarmente, do mesmo modo, de acordo com, consoante, em conformidade com, sob o mesmo ponto de vista etc
Esclarecimento	só para exemplificar, isto é, quer dizer, em outras palavras, por exemplo, só para ilustrar, a saber, ou seja etc
Contradição	contudo, todavia, entretanto, no entanto, mas, porém, exceto, posto que, conquanto, salvo, pelo contrário, não obstante, em contrapartida, embora, apesar de, em contraste com etc
Causa e consequência	já que, uma vez que, em virtude de, porquanto, pois, haja vista, como resultado, assim, de fato, porque, portanto, logo, por consequência, por conseguinte etc
Finalidade	a fim de, com o fito de, com o objetivo de, com o intuito de, com o propósito de, para que, com a finalidade de etc
Conclusão	em síntese, em resumo, portanto, assim sendo, pois (entre vírgulas), destarte, logo, dessa forma, desse modo, dessa maneira, em suma, em conclusão, enfim, nesse sentido etc

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

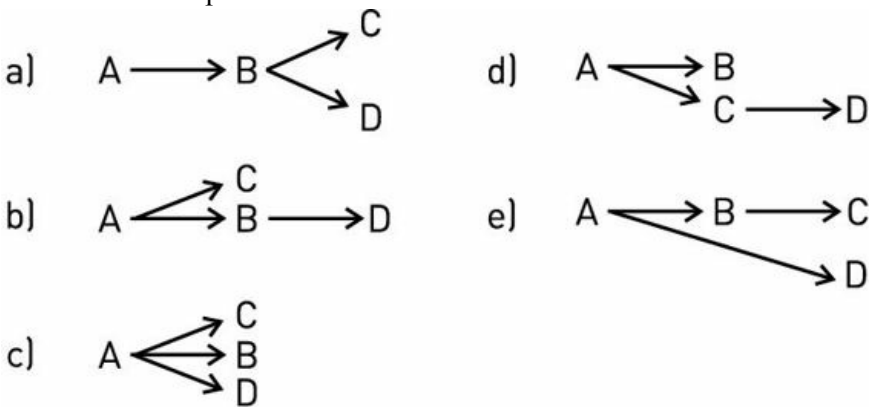

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

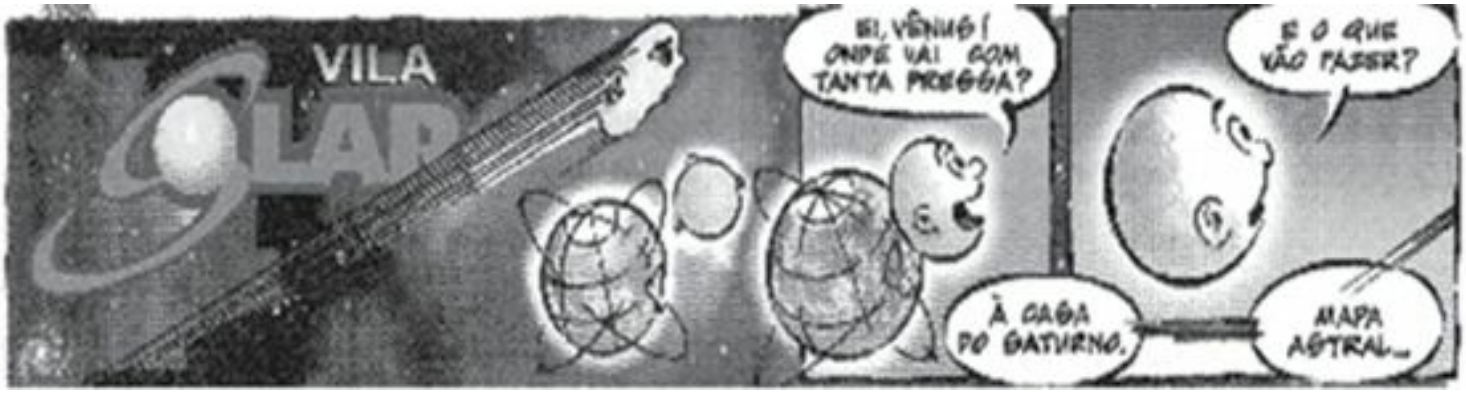

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

15ª edição

SEGUNDO A NOVA ORTOGRAFIA

Vestcon

Gramática pela Prática

Ernani Pimentel

Gramática pela Prática

Escritor, gramático e professor com formação em Língua Portuguesa, Latim, Linguística, Análise de Texto, Teoria e Análise Literária. Ernani Pimentel é pesquisador de Língua Portuguesa há quarenta e oito anos, autor de mais de 10 mil páginas didáticas e de livros que são *best-sellers* nessa área. Já teve mais de quinhentos e cinquenta mil alunos presenciais nos estados de Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal. Hoje leciona para milhares de alunos na internet, via www.vestcon.com.br.

Contempla antiga e nova ortografias. Ambas em vigor até 31 de dezembro de 2012.

15ª edição
Revista e Ampliada
Adota a Nova Ortografia

Vestcon

Brasília
2012

© 2012 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Pimentel, Ernani.
Gramática pela prática / Ernani Pimentel. – 15. ed. – Brasília : Vestcon, 2012.
442 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-381-0671-5

1. Língua portuguesa – gramática. I. Título.

CDU 81'36

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

PRODUÇÃO EDITORIAL
Fabrícia de Oliveira Gouveia

EDIÇÃO DE TEXTO
Isabel Cristina Aires Lopes
Cláudia Freires

ASSISTENTE EDITORIAL
Gabriela Tayná Moura de Abreu

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Geane Rodrigues Rocha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marcos Aurélio Pereira

REVISÃO
Fábio Marques Rezende
Liv Chamma
Naiane B. Francischetto

CAPA
Agnelo Pacheco
Bertoni Design

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3° andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399

www.vestcon.com.br

Atualizado até 4/2011
Publicado em 4/2012
(LLP14)

Situe-se

Este livro faz parte do **Curso de Língua Portuguesa do Professor Ernani Pimentel**, constituído por uma trilogia:

1. GRAMÁTICA PELA PRÁTICA
2. ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL
3. INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

GRAMÁTICA PELA PRÁTICA (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Desenvolvimento racional e fixação pela prática dos conceitos de Fonologia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Ortografia, Regência Verbal e Nominal, Crase, Concordância Verbal e Nominal, Colocação Pronominal, Pontuação e Semântica, com o intuito de proporcionar ao interessado uma visão objetiva, clara e segura da Língua Portuguesa, que o tornará, em pouco tempo, apto a entender e escrever corretamente, inclusive para prestar exames e concursos, sem a necessidade de conhecer profundamente Análise Sintática.

ANÁLISE SINTÁTICA VISUAL (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Apresentação e treino, de maneira profunda, sintética e fácil, dos fundamentos da Análise Sintática para os que pretendem conquistar um conhecimento mais consistente da nossa estrutura linguística, ou que querem passar em provas e concursos que exigem essa matéria.

INTELECÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (LIVRO E CURSO *ONLINE*)
Exposição e treinamento, em linguagem clara e sucinta, de conceitos como Linguagem, Língua, Fala, Tipos de Signo, Elementos da Comunicação, Funções da Linguagem, Prosa, Poema, Poesia, Sincronia, Diacronia, Narração, Descrição, Dissertação, Níveis de Fala, Tipos de Norma, Tipos de Discurso, Tipos de Narrador, Figuras de Linguagem, Qualidades e Vícios de Linguagem, Coesão e Coerência... ferramentas necessárias a uma abordagem consciente e racional de textos informativos e literários, cujo conhecimento, direta ou indiretamente, é cobrado nas provas de intelecção e interpretação de textos. Mais de 480 exercícios propostos, corrigidos e/ou comentados, findos os quais o estudioso se sentirá competente e capaz no que se refere à construção e leitura de qualquer tipo de texto.

Apresentação Rápida

Destinação
Professores, universitários, concursandos, vestibulandos, profissionais liberais, comunicadores e você que, de vez em quando, tem dúvida.

Assunto
Fonologia, Ortografia, Morfologia, Estrutura e Formação de Palavras, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e princípio estrutural das frases. Tudo de que se necessita para escrever e falar corretamente o Português de hoje, no Brasil, e para passar em concursos de nível médio e superior, vestibulares, ENEM, PAS, OAB...
Cuidado prévio: foram estudados, comparados e coligidos os autores nacionais mais respeitados pelas universidades brasileiras e pelos mais avançados órgãos elaboradores de concursos.

Diferencial
A prática como caminho da teoria. O interessado pratica, entende, conclui e fixa a estrutura das frases e seus significados. Absorve o uso da Norma Culta, ou Padrão, do idioma pelo raciocínio conduzido passo a passo e pela repetição das fórmulas consagradas e oficializadas.

Motivação
Eliminação do mito de que é preciso saber muita teoria além de toda a Análise Sintática para escrever e falar bem. Demonstração de que se pode saber Sintaxe com apenas uns mínimos rudimentos de Análise Sintática.

Técnica de Abordagem
Variável de acordo com o assunto, de forma a facilitar o aprendizado. As técnicas escolhidas foram consagradas ao longo de mais de trinta e cinco mil horas-aula e mais de quinhentos e cinquenta mil alunos. A teoria, exposta com um mínimo de palavras em relação às gramáticas tradicionais, transmite-se de maneira prática, direta e consistente.

Orientação de Uso
O interessado deve fazer a lápis os exercícios de cada comando, conferir com o gabarito e refazer os errados. Assim que os exercícios estiverem corretos, ir adiante. Terminado um capítulo, voltar ao início do livro e ler, no sumário, os assuntos estudados, para mais tarde saber localizar onde esclarecer suas dúvidas. Pronto? Passar ao capítulo seguinte.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* **www.vestcon.com.br** e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Palavras do Autor

Caro estudioso,

Este livro é resultado de muitos anos de carinho e dedicação à tarefa de simplificar o estudo da Língua Portuguesa, sob o enfoque da profundidade e da abrangência.

Separe de duas a três horas por dia – você consegue – e dois ou três meses bastam para mudar e ampliar, de uma vez, sua visão e conhecimento a respeito da Língua Portuguesa.

Ao término desse tempo, você terá conquistado confiança em sua própria capacidade de escrever bem, além de poder sair-se vitorioso em provas e concursos de nível médio e superior, vestibulares, PAS, ENEM, OAB...

Antecipadamente, agradeço, de coração, as sugestões que queira enviar, ou dúvidas e questões que constituam desafio para alunos e professores.

Ernani Pimentel
linguaportuguesa@vestcon.com.br

Sumário

1 FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

Estudo dos fonemas ____ 25
Sílaba ____ 25
Fonema ____ 25
Fonema ≠ Grafema ____ 26
Tipos de fonemas ____ 26
Vogal ____ 26
Semivogal ____ 27
Consoante ____ 28
Encontros Vocálicos ____ 29
Ditongo crescente ____ 29
Ditongo decrescente ____ 29
Tritongo ____ 29
Hiato ____ 29
Encontros Consonantais ____ 30
Descontínuos ou separáveis ____ 30
Contínuos, reais ou inseparáveis ____ 30
Dífono ____ 30
Dígrafo ____ 30
Divisão Silábica ____ 30
Translineação ____ 31

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Palavra, Fonema, Morfema, Semantema, Unidade Mórfica ____ 37
Palavra Primitiva, Derivada, Cognata, Família de Palavras ____ 38
Palavra Primitiva ____ 38
Palavra Derivada ____ 38
Palavra Cognata ____ 39
Família de Palavra ____ 39
Radical, Prefixo, Sufixo ____ 39
Raiz ≠ Radical ____ 40
Raiz ____ 40
Radical ____ 40
Tema, Vogal Temática, Afixo (prefixo e sufixo) e Desinência ____ 41
Tema ____ 41
Vogal Temática ____ 41
Desinência ____ 42
Afixo ____ 42
Prefixo ____ 42
Sufixo ____ 42
Vogal e Consoante de Ligação ____ 43
Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo ____ 44
Derivação ____ 45
Derivação Prefixal ____ 45
Derivação Sufixal ____ 45
Derivação Prefixal e Sufixal ____ 45

Derivação Parassintética ou Circunfixal 45
Derivação Regressiva 45
Derivação Imprópria ou Conversão 46
Derivação por Abreviação ou Redução 46
Derivação por Reduplicação 46
Derivação por Combinação 46
Derivação por Intensificação 47
Composição 47
Composição por Justaposição 47
Composição por Aglutinação 47
Hibridismo 47

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto 52
Uso de K, W, Y 52
Uso do H, h 53
Uso das Letras 54
Uso do Hífen (norma antiga) 59
Uso do Hífen (norma nova) 66
Não se Usa Hífen 74
Hífen Repetido 76
Uso dos Porquês 77
Mal ≠ Mau 79
Onde ≠ Aonde 80
Abreviaturas, Siglas, Símbolos 80
Acentuação Gráfica (norma antiga) 81
Acentuação Gráfica (norma nova) 89

4 SUBSTANTIVO

Definição 97
Locução substantiva 97
Classificação 97
Concreto 97
Abstrato 97
Próprio 98
Comum 98
Coletivo 98
Flexão 98
Flexão de gênero 99
Masculino 99
Feminino 99
Comum de dois 99
Sobrecomum 99
Epiceno 99
Formação do feminino 100
Femininos especiais 102
Flexão de número 104
Singular 104
Plural 104
Pluralia tantum 104

Formação do plural 104
Plural com metafonia 109
Plural dos compostos ligados por hífen 112
Flexão de grau 116
Aumentativo 116
Diminutivo 116
Sentidos afetivo e pejorativo 116

5 ARTIGO

Definição 121
Classificação 121
Definido 121
Indefinido 121
Uso do Artigo 121

6 ADJETIVO

Definição 125
Adjetivo Restritivo 125
Adjetivo Explicativo 126
Adjetivo Antes ou Depois de Substantivo 126
Locução Adjetiva 126
Flexão 127
Flexão de gênero 127
Adjetivo biforme 127
Adjetivo uniforme 127
Flexão de número 128
Flexão de grau 129
Grau comparativo 129
Grau superlativo 130
Como diferençar adjetivo de substantivo 133

7 PRONOME

Definição 135
Papel dos Pronomes 135
Pronome substantivo 135
Pronome adjetivo 135
Classificação e Emprego dos Pronomes 136
Pronomes pessoais 136
Pronomes de tratamento 141
Pronomes demonstrativos 143
Pronomes relativos 146
Pronomes relativos e ambiguidade 149
Pronomes interrogativos 149
Pronomes possessivos 150
Pronomes indefinidos 151
Locução Pronominal Indefinida 151

8 NUMERAL

Definição e Classificação 157
Papel dos Numerais 157

Numeral substantivo 157
Numeral adjetivo 157
Emprego dos Numerais 158
O e UM: artigo, pronome, ou numeral? 164

9 VERBO

Definição Provisória 165
Estrutura dos Verbos – Conjugações (1ª, 2ª e 3ª) 165
Números e Pessoas Verbais – Desinências 166
Quadro de desinências número-pessoais 167
Modos Verbais 167
Indicativo, subjuntivo, imperativo 167
Subjuntivo não subordinado 168
Tempos Verbais 168
Presente, pretérito e futuro 168
Presente e pretérito (passado) do indicativo 169
Presente e futuro do presente do modo indicativo 169
Correlação de Tempos ou *Consecutio Temporum* 170
Quadro de Desinências Modo-temporais e Número-pessoais 171
Vozes Verbais 172
Voz ativa 174
Voz passiva 174
Voz passiva e passividade 174
Voz passiva analítica 175
Voz passiva sintética 175
Voz reflexiva 175
Voz reflexiva recíproca 175
Mudança de voz 176
Passagem da ativa para a passiva analítica 176
Passagem da ativa para a passiva sintética 177
Aspectos Verbais 178
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Simples: **amar**, **vender**, **partir** 179
Infinitivo impessoal 179
Modo indicativo 179
Presente 179
Pretérito perfeito 180
Pretérito imperfeito 180
Pretérito mais-que-perfeito 181
Futuro do presente 181
Futuro do pretérito 182
Modo subjuntivo 182
Presente 182
Pretérito imperfeito 183
Futuro 183
Modo imperativo 184
Imperativo afirmativo 184
Imperativo negativo 184
Formas nominais do verbo 185
Infinitivo: impessoal e pessoal 186

Gerúndio 186
Particípio 186
Conjugação dos Verbos **ter**, **haver**, **ser** e **estar** 187
Uso de **ter**, **haver**, **ser** e **estar** como auxiliares 190
Paradigmas das Três Conjugações Regulares – Tempos Compostos: **ter amado**, **ter vendido**, **ter partido** 191
Paradigma da Voz Passiva 192
Formas Rizotônicas e Arrizotônicas 195
Definição Abrangente de Verbo 196
Locução Verbal 196
Verbo auxiliar e verbo principal 196
Formação de Tempos e Modos 197
Derivado do presente do indicativo 197
Presente do subjuntivo 197
Derivados dos presentes do indicativo e subjuntivo 198
Imperativos afirmativo e negativo 198
Derivados do pretérito perfeito 199
Mais-que-perfeito do indicativo 199
Futuro do subjuntivo 199
Imperfeito do subjuntivo 199
Derivados do infinitivo impessoal 201
Imperfeito do indicativo 201
Futuro do presente 201
Futuro do pretérito 201
Particípio 201
Gerúndio 201
Infinitivo pessoal 201
Classificação do Verbo quanto ao Modelo de Conjugação 202
Verbo regular 202
Verbo irregular 202
Irregularidade e variação gráfica 202
Metafonia ou alteração de timbre vocálico 203
Como saber se um verbo é regular 203
Verbo anômalo 203
Verbo defectivo 203
Verbo unipessoal 204
Verbo impessoal 204
A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais 204
Verbo abundante 205
A respeito de abundantes 205
Relação de verbos abundantes no particípio 205
Verbo Pronominal e Voz Reflexiva 208
Paradigma de Conjugação Pronominal e Reflexiva 209
Classificação do Verbo quanto à Função 214
Verbo principal 214
Verbo auxiliar 214
Uso dos Particípios: Regular e Irregular 215
Conjugação de Verbos Regulares, Irregulares, Defectivos, Anômalos e Abundantes que Requerem Atenção 215

1ª Conjugação

Abalroar 220
Abençoar 220
Abotoar 220
Abreviar 218
Acarear 217
Acariciar 218
Aceitar 205
Adequar(-se) 221
Adiar 218
Afiar 218
Afoguear 217
Agoniar 218
Agraciar 218
Aguar 221
Alardear 217
Aliar 218
Aliviar 218
Amaciar 218
Ampliar 218
Amuar 221
Anexar 206
Angariar 218
Ansiar 219
Antiquar 221
Anunciar 218
Apaniguar 221
Apaziguar 221
Apear 217
Aperrear 217
Apiadar(-se) 220
Apiedar(-se) 220
Apreciar 218
Apropinquar(-se) 221
Arear 217
Arrear 217
Arrepiar 218
Assediar 218
Assentar 206
Assoar 220
Assobiar 218
Associar 218
Assoviar 218
Ataviar 218
Atear 217
Atuar 221
Autuar 221
Avaliar 218
Averiguar 221
Aviar 218
Balbuciar 218
Baquear 217
Beneficiar 218
Bloquear 217
Caçoar 220
Caluniar 218
Cambalear 217
Capitanear 217
Cear 217
Chiar 218
Circundar 216
Clarear 217
Coar 220
Confiar 218
Consignar 223
Constar 216
Continuar 221
Contrariar 218
Coxear 217
Criar 218
Cultuar 221
Dar 216
Deliciar 218
Delinqüir/delinquir 221
Desaguar 221
Desdar 216
Desfiar 218
Desnortear 217
Despertar 206
Dignar(-se) 223
Dispersar 206
Doar 220
Eclipsar 223
Encruar 221
Enfiar 218
Ensaboar 220
Entregar 206
Enunciar 218
Enviar 218
Enxaguar 221
Enxugar 206
Esfriar 218
Espiar 218
Estagnar 223
Estar 187
Estrear 218
Evidenciar 218
Expiar 218
Expressar 206
Expulsar 206
Extasiar 218
Falsear 217
Fartar 206
Fiar 218
Findar 206
Folhear 217
Frear 217
Galantear 217
Ganhar 206
Gastar 206
Golpear 217
Graduar 221
Granjear 217
Grassar 216
Guerrear 217
Habituar 221
Hastear 217
Historiar 218
Idear 218
Impugnar 223
Incendiar 219
Indignar(-se) 223
Injuriar 218
Insertar 206
Isentar 206
Jejuar 221
Juntar 206
Limpar 206
Magoar 220
Matar 206
Mediar 219
Menear 217
Miar 218
Minguar 221
Mobilar 219
Mobilhar 219
Mobiliar 219
Negociar 218/219
Nomear 217
Nortear 217
Obliquar(-se) 221
Obstar 223
Obviar 220
Odiar 219
Oficiar 218
Optar 223
Pagar 206
Palmear 217

Passear 217
Patentear 217
Pegar 206
Pentear 217
Persignar(-se) 223
Piar 218
Planear 217
Porfiar 218
Precatar(-se) 217
Premiar 218/219
Prenunciar 218
Prestar 216
Principiar 218
Procriar 218
Pronunciar 218
Propugnar 223
Pugnar 223
Raptar 223
Reboar 220
Recear 217
Recrear 217
Recriar 218
Refrear 217
Regatear 217
Relampaguear 217
Relampear 217
Relampejar 216
Remediar 219
Renunciar 218
Repugnar 223
Resfolegar 222
Resfolgar 223
Resignar(-se) 223
Restar 216
Ritmar 223
Rodear 217
Saborear 217
Saciar 218
Salvar 206
Saquear 217
Sediar 218
Semear 217
Sepultar 206
Serpear 217
Serpentear 217
Soar 220
Sobestar 216
Sobrestar 216
Soltar 207
Suar 221
Sustar 216
Tosquiar 218
Tracejar 216
Vadiar 218
Vangloriar(-se) 218
Variar 218
Voar 220

2ª Conjugação

Absolver 205
Abster(-se) 224
Acender 205
Adjazer 225
Adscrever 228
Afazer 224
Antepor 231
Antever 234
Apor 231
Aprazer 226
Ater(-se) 224
Bem-fazer 224
Bendizer 228
Benquerer 233
Benzer 206
Caber 227
Circumpor 231
Circunjazer 225
Circunscrever 228
Compor 231
Comprazer 225
Condizer 227
Condoer-se 230
Conter 224
Contradizer 228
Contrafazer 224
Contrapor 231
Corroer 230
Crer 227
Decompor 231
Depor 231
Desafazer 224
Desaprazer 226
Descaber 227
Descompor 231
Descomprazer 225
Descrer 227
Descrever 228
Desdizer 228
Desfazer 224
Desprazer 226
Desprover 232
Desquerer 233
Desvaler 234
Deter 224
Dispor 231
Dizer 228
Doer(-se) 230
Eleger 206
Entredizer 228
Entrepor 231
Entreter 224
Entrever 234
Envolver 206
Equivaler 234
Escrever 228
Esfazer 224
Esmoer 230
Estupefazer 224
Expor 231
Fazer 224
Feder 228
Haver(-se) 229
Impor 231
Incorrer 206
Indispor 231
Inscrever 228
Interdizer 228
Interpor 231
Jazer 225
Justapor 231
Ler 227
Liqüefazer/Liquefazer 224
Maldispor 231
Maldizer 228
Malfazer 224
Malquerer 233
Manter 224
Moer 230
Morrer 206
Nascer 206
Obter 224
Opor 231
Perder 230

Perfazer 224
Poder 231
Pôr 231
Pospor 231
Prazer 226
Precatar(-se) 217
Precaver(-se) 232
Predispor 231
Predizer 228
Prender 206
Prepor 231
Prescrever 228
Pressupor 231
Prever 234
Propor 231
Proscrever 228
Prover 232
Putrefazer 224
Querer 233
Rarefazer 224
Reaver 229
Recompor 231
Redizer 228
Reescrever 228
Refazer 224
Reler 227
Remoer 230
Repor 231
Requerer 233
Reter 224
Rever 1 234
Rever 2 234
Roer 230
Romper 202
Saber 233
Satisfazer 224
Sobrepor 231
Sobrescrever 228
Soer 230
Sotopor 231
Subjazer 205
Subscrever 228
Superpor 231
Supor 231
Surpreender 207
Suspender 207
Suster 224
Ter 224
Torrefazer 224
Transcrever 228
Transfazer 224
Transpor 231
Trazer 226
Tresler 227
Tumefazer 224
Valer 234
Ver 234
Viger 235

3ª Conjugação

Abolir 235
Abrir 238
Abstrair 236
Acudir 239
Aderir 242
Adir 241
Advertir 242
Advir 246
Aferir 242
Agredir 236
Aguerrir 241
Anuir 237
Argüir/Arguir 237
Aspergir 242
Assumir 239
Atingir 245
Atrair 236
Aturdir 243
Auferir 242
Avir(-se) 246
Banir 235
Bramir 235
Brandir 235
Brunir 243
Bulir 239
Cair 236
Carpir 235
Cerzir 239
Cingir 245
Cobrir 240
Colorir 235
Combalir 241
Comedir 235
Compelir 242
Competir 242
Concernir 242
Concluir 237
Conduzir 241
Conseguir 242
Consentir 243
Constituir 237
Constringir 245
Construir 236
Consumir 239
Contrair 236
Contundir 206
Convergir 242
Convir 246
Cuspir 239
Decair 236
Deferir 242
Defluir 237
Delinqüir/delinquir 238
Delir 235
Demolir 235
Denegrir 236
Desabrir 238
Desavir(-se) 246
Descair 236
Descobrir 240
Desconstruir 236
Desentupir 239
Desimpedir 244
Desmentir 243
Despedir 244
Despir 242
Despolir 245
Desservir 242
Destingir 245
Destituir 237
Destruir 236
Detrair 236
Diferir 242
Digerir 242
Discernir 243
Distinguir 245
Distrair 236
Divergir 242
Divertir 242
Dormir 240
Embair 241

Emergir 242
Emolir 235
Empedernir 241
Encobrir 240
Engolir 240
Entreabrir 238
Entupir 239
Erigir 206
Esbaforir-se 241
Escapulir 239
Esculpir 241
Espargir 243
Espavorir 241
Estruir 237
Esvair 236
Exaurir 243
Exinanir 241
Expedir 244
Expelir 241
Explodir 241
Exprimir 206
Extinguir 245
Extorquir 235
Extrair 236
Falir 241
Ferir 242
Florir 241
Foragir-se 243
Fornir 241
Fremir 235
Frigir 243
Fruir 237
Fugir 239
Fulgir 243
Garrir 241
Gerir 242
Haurir 243
Imergir 242
Impedir 244
Impelir 242
Impingir 243
Imprimir 206
Inanir 241
Incluir 206
Induzir 241
Influir 237
Infringir 245
Ingerir 242
Inserir 241
Instruir 237
Intervir 246
Ir 244
Jungir 243
Luzir 241
Medir 244
Mentir 243
Obstruir 237
Omitir 206
Ouvir 244
Pedir 244
Perseguir 242
Polir 245
Possuir 237
Pressentir 243
Presumir 239
Preterir 242
Prevenir 236
Progredir 236
Prosseguir 242
Protrair 236
Provir 246
Pruir 238
Puir 238
Reabrir 238
Reassumir 239
Recair 236
Reconstruir 236
Redargüir/redarguir 237
Reduzir 241
Refletir 242
Refluir 237
Regredir 236
Reluzir 241
Remir 241
Renhir 241
Repelir 242
Repetir 242
Ressair 236
Ressarcir 241
Ressentir 243
Ressequir 241
Restituir 237
Resumir 239
Retorquir 235
Retrair 236
Retribuir 237
Retrotrair 236
Revelir 241
Revestir 242
Rir 245
Ruir 238
Sacudir 239
Seduzir 241
Sair 236
Seguir 242
Sentir 243
Servir 242
Sobressair 236
Sobrevir 246
Sorrir 245
Sortir 245
Subir 239
Submergir 242
Subtrair 236
Sugerir 242
Sumir 239
Suprimir 207
Surtir 245
Tingir 245
Tinir 245
Tossir 240
Trair 236
Transgredir 236
Transir 241
Ungir 243
Vagir 235/245
Vestir 242
Vir 246
Zunir 239

10 ADVÉRBIO

Definição 259
Circunstâncias Expressas 261
Locução Adverbial 262

11 PREPOSIÇÃO
Definição 267
Preposições Essenciais 267
Locuções Prepositivas 268
Preposições Acidentais 268

12 CONJUNÇÃO
Definição 271
Locução Conjuntiva (exercícios 16 a 18) 272
Classificação 272
Conjunções coordenativas 272
Aditivas 272
Adversativas 272
Alternativas 273
Conclusivas 273
Explicativas 273
Conjunções subordinativas adverbiais 273
Causais 273
Concessivas 274
Condicionais 274
Conformativas 274
Finais 274
Consecutivas 274
Temporais 274
Comparativas 274
Proporcionais 275
Conjunções subordinativas substantivas 275
Integrantes 275

13 INTERJEIÇÃO
Classificação 279
Definição 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

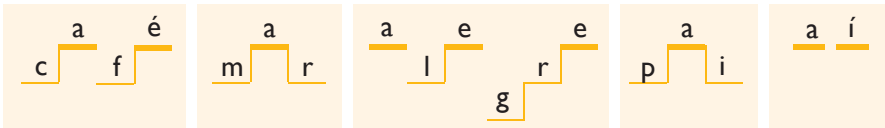

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 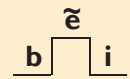

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

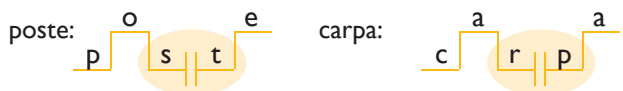

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

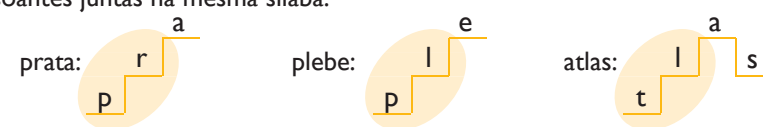

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

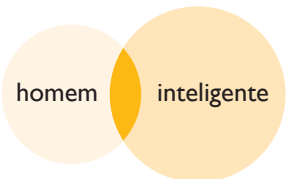

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

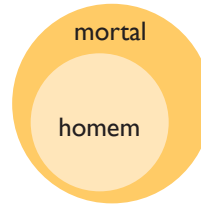

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

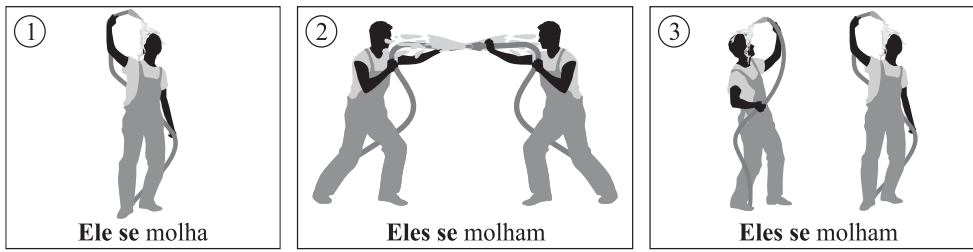

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

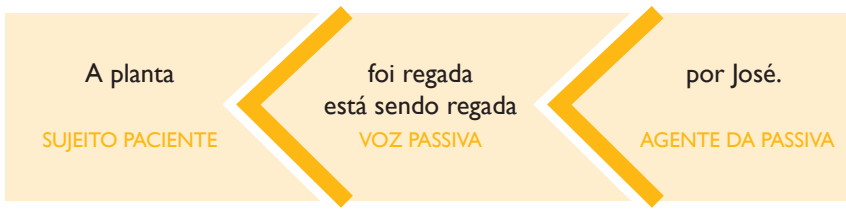

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

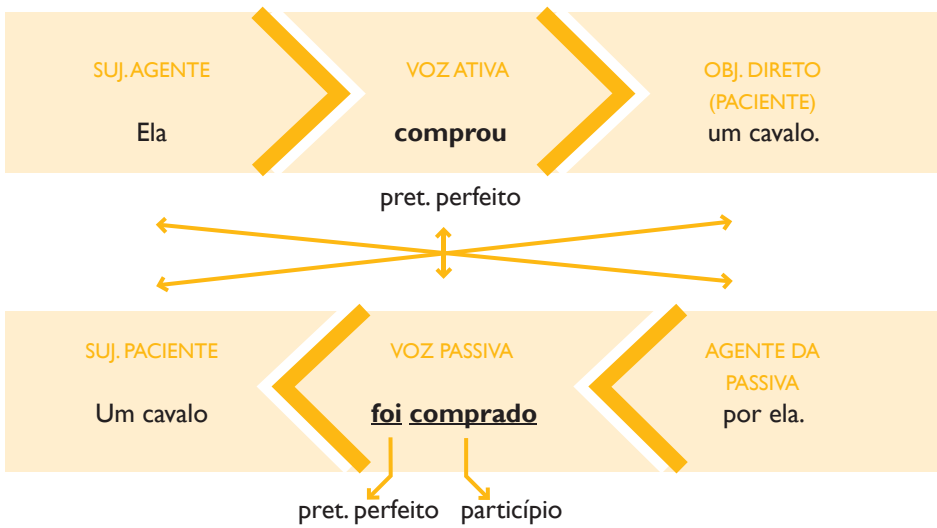

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

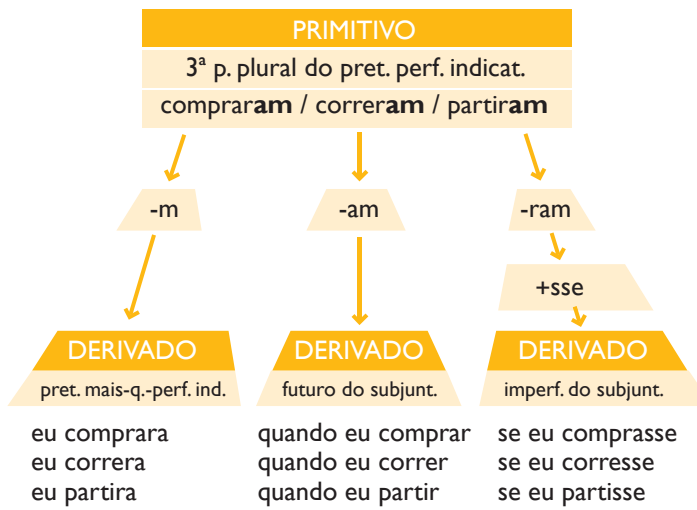

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

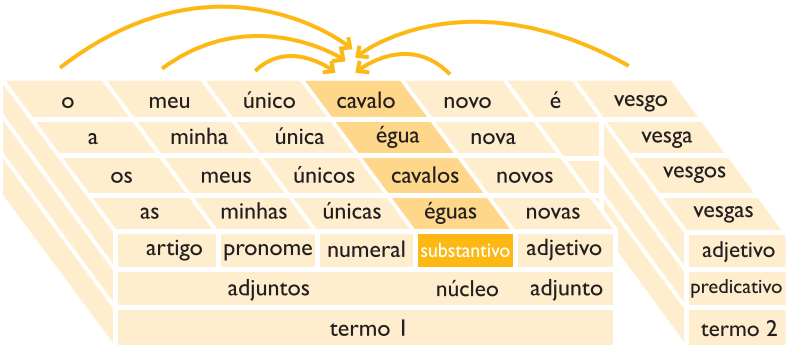

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

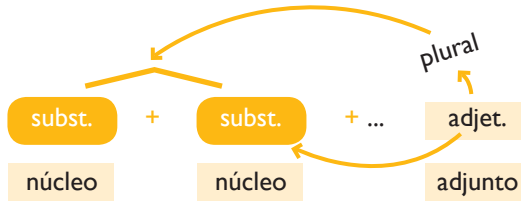

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

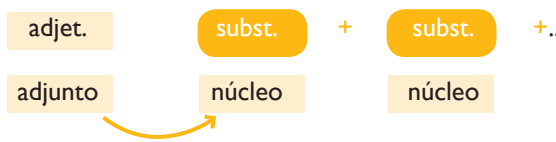

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

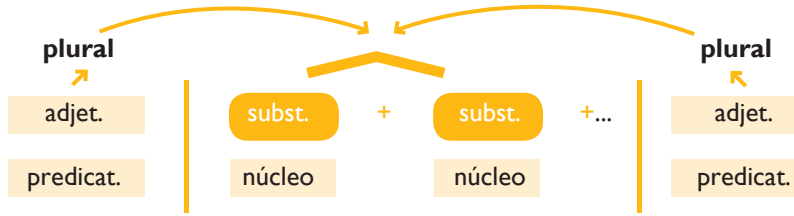

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

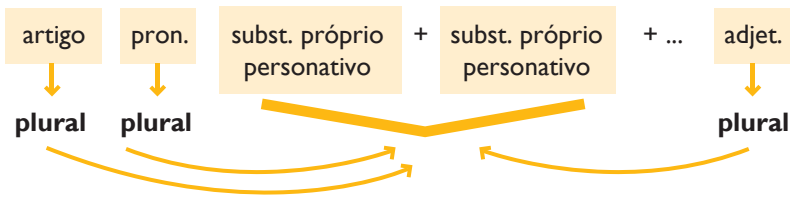

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

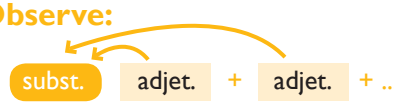

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

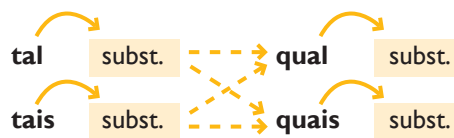

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

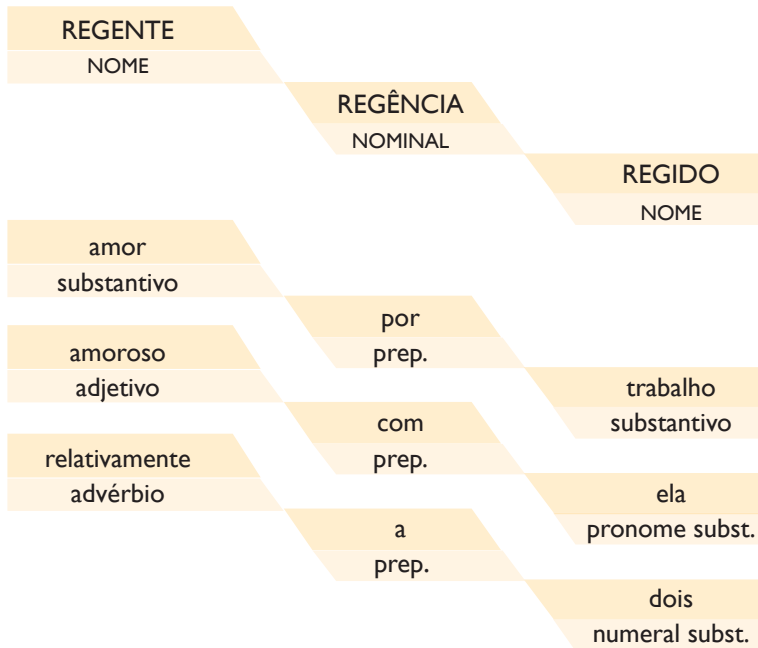

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

Verbo Jurídico

EMPREGO DOS TEMPOS E MODOS VERBAIS

Prof. Everson Pereira

Verbo Jurídico

MODOS VERBAIS

- Há três modos verbais: o **indicativo**, o **subjuntivo** e o **imperativo**. O **indicativo** é usado quando se toma como real ou verdadeiro aquilo que se fala ou se escreve.
- Ex. Sempre **chove** nesta época do ano.
- O **subjuntivo** é usado quando se toma como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou se escreve.
- Ex. Espero que ele **mereça** confiança.
- O **imperativo** é usado quando se ordena ou se expressa pedido.
- Ex. Não **esqueça** de incluir minhas anotações.

Verbo Jurídico

TEMPOS VERBAIS

- Situam a ação no tempo, ou seja, se ela ocorre no momento em que se fala ou se escreve ou em um momento anterior ou posterior a este.
- Existem três tempos básicos: **presente**, **pretérito** e **futuro**.

Presente do Indicativo

- Exprime processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou se escreve.
- Ex. **Sinto**-me bem agora.
- Também exprime:

Verbo Jurídico

a) **Processos habituais**: Nesta casa, todos **acordam** cedo.

b) **Narração de fatos passados**: Janeiro de 85: o povo **toma** conta das ruas para comemorar o fim da ditadura.

c) **Fato futuro de realização considerada certa**: **Volto** já.

d) **Suavização do imperativo**: **Vê** se te comportas direito.

Pretérito Perfeito do Indicativo

- Exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento definido do passado.
- Ex. Naquele momento, não **pensei** em nada e **agi** impulsivamente.
- Também exprime:

Verbo Jurídico

- A) Quando composto, processos que se prolongam ou se repetem até o presente.
- Ex. **Tenho lutado** pelas ideias em que acredito.

- **Tenho lutado = lutei**

Pretérito Imperfeito

- Transmite uma ideia de continuidade, de processo não-concluído; indica o que, no passado, era contínuo e frequente.
- Ex. Todos os dias, **fazia** ginástica.
- Também exprime:

Verbo Jurídico

- a) Processo que estava em andamento quando da ocorrência de outro; O dia **clareava**, quando chegamos à cidade.
- B) Coloquialmente, no lugar do futuro do pretérito, para denotar cortesia: **Queria** pedir-lhe um favor.

Pretérito Mais-que-Perfeito

- Exprime processo que ocorreu antes de outro processo passado.
- Ex. Quando abri a porta, percebi que alguém **invadira** (tinha/havia invadido) a sala e **remexera** (tinha/havia remexido) tudo.
- **OBS**. O uso da forma composta é mais comum.
- **Dificuldade do uso do Mais-que-perfeito**: perfeito em seu lugar. (Eu pensava em ir para casa, pois, no ano anterior **tive** aula e não pude ir. **(pudera)**

Futuro do Presente

- Exprime processos certos ou prováveis que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou se escreve.
- Ex**. Viajarei** nas próximas férias.

- Também exprime:

Verbo Jurídico

- **A) Suavização do Imperativo**: **Honrarás** pai e mãe.
- **B) Dúvida ou incerteza em relação aos fatos do momento presente:** Esta cidade **terá** atualmente 200 mil habitantes.
- **C) Possibilidade de realização de processos que julgamos prováveis, quando se relacionam ao futuro do subjuntivo (expressão de condição):** Se me oferecerem o cargo, **aceitarei**.

Presente do Subjuntivo

- Exprime processos que se desenvolvem no momento da fala ou da escrita.
- Ex. Pena que a vida **seja** tão difícil para muitos.
- Também exprime:

Verbo Jurídico

- **A) Fatos ainda não realizados no momento em que se fala ou se escreve.**
- Ex. É possível que ela **compareça** amanhã às aulas.

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

- Exprime processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou se escreve.
- Ex. **Chovesse** ou não, eu corria todas as manhãs.

Futuro do Subjuntivo

- Indica possibilidades ainda não realizadas no momento em que se fala ou se escreve.
- Ex. Quando **puder**, irei visitá-la.

Formas Nominais do Verbo

- Assim são chamadas, porque, quando o verbo está flexionado em uma das formais nominais, ele poderá tanto funcionar como verbo quanto como nome (substantivo, adjetivo ou advérbio).
- Ex. Ela havia **partido** o bolo. (verbo)
- Ela ficou com o coração **partido**. (adjetivo)

Verbo Jurídico

Infinitivo

- Exprime o processo verbal em si mesmo; é a forma pela qual se nomeiam os verbos; não apresenta noção de tempo ou modo.
- Ex. **Alimentar**-se dignamente é um direito de todos.
- OBS. É comum a sua substantivação pelo artigo.
- Ex. **O** meu **querer** preenchia a tua ausência.

Verbo Jurídico

GERÚNDIO

Desempenha a função de advérbio; é usado nas locuções verbais e nas orações reduzidas; indica um processo complexo ou prolongado; indica também circunstância de modo.

Ex.Estou **lendo** o livro que você comprou. Chorando muito, o menino abraçou-se ao **pai**.

OBS. Pode ocorrer em frases com função adjetiva.

Ex. Vi as crianças **bincando**. (**que brincavam**)

Verbo Jurídico

PARTICÍPIO

- Funciona como adjetivo; é usado nas locuções verbais e nas orações reduzidas.
- Ex. O problema será **resolvido** até sexta-feira.
- **Calado** num canto, observava-nos.
- Teve papel **destacado** nas audiências.

Olha Tema

Competência 1: ***Demonstrar o domínio da norma-padrão da língua escrita***

É nessa parte que seu texto será avaliado quanto à obediência às regras de concordância, regência nominal e verbal, pontuação, flexão de nomes e verbos, grafia de palavras, acentuação e pontuação, uso correto de maiúsculas e minúsculas, colocação pronominal e divisão silábica. Ou seja, é aqui que você tem que provar que entendeu direitinho as aulas de Português da escola. Para conseguir a nota máxima nessa competência, o nível de desvios de gramática tem que ser extremamente baixo. Um ou dois escorregões nessa parte, quando não comprometam o entendimento do texto, podem passar batidos pelos corretores.

Competência 2: ***Compreender a proposta da redação e aplicar conceitos de várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema dentro dos limites estruturais do texto dissertativo argumentativo***

Aqui, dois pontos cruciais entram em avaliação. O primeiro se refere à adequação do texto quanto à estrutura dissertativa argumentativa. Ou seja, se você realmente estruturou suas ideias conforme esse padrão textual. Já o segundo é avaliar se houve ou não fuga total ou parcial ao tema proposto. Caso seu texto não contenha argumentos sólidos para defender

um posicionamento (tese) sobre o assunto, ou se apenas o assunto geral ou específico do tema for abordado, sua nota nessa competência tende a cair consideravelmente.

Competência 3: ***Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista***

Nessa competência o que será avaliado primordialmente é se você realmente entendeu o tema proposto e dissertou sobre ele. Além disso, a maneira como estão organizadas as informações, fatos e argumentos conta bastante. Afinal, não basta apenas ter bastante conhecimento sobre determinado assunto, é preciso se fazer entender, não é mesmo?

Por isso, o importante para se dar bem nessa competência é conectar as suas ideias e opiniões de uma maneira lógica e que façam sentido para quem está lendo. Nunca se esqueça de que o conteúdo do texto tem que estar adequado ao mundo real. Por isso, mantenha os pés no chão e tente analisar o tema de maneira racional, ok?

Competência 4: ***Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários à construção da argumentação***

Para arrasar nessa competência, o mais importante é que você consiga produzir um texto bem articulado, ou seja, onde os parágrafos e orações estejam interligados de maneira coesa. Para isso, é imprescindível saber utilizar de maneira correta os chamados operadores argumentativos — conjunções, pronomes, adjetivos e adjuntos adverbiais —, de

maneira a "costurar" o texto, para que ele fique claro e lógico. Se você ficou perdido e não entendeu muito bem o que quisemos dizer com operadores argumentativos, aqui vão alguns bons exemplos: "sendo assim", "ademais", "todavia", "portanto", "então" e "entretanto". Agora ficou mais fácil perceber o que significa redigir um texto coeso, certo? Mas atenção! Essas palavras e expressões não servem só para deixar o texto "bonito" aos olhos dos corretores, viu? Você tem que saber utilizá-los da maneira correta, de forma que eles realmente conectem as ideias e argumentos da redação, permitindo que o leitor consiga entender sua linha de raciocínio.

Competência 5: ***Elaborar uma proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos***

Aqui está uma competência extremamente importante e que muitos alunos acabam esquecendo. A ausência dela pode prejudicar, e muito, a sua nota final. A redação deve propor, na conclusão, uma solução à problemática exposta pelo tema. Obviamente, para ser considerada válida, a proposta deve estar de acordo com o que foi argumentado durante o desenvolvimento da redação e, principalmente, tem que respeitar os direitos humanos. Propostas como pena de morte, linchamentos ou exclusão de determinados grupos sociais são brindados com um zero nesse quesito.

Ademais, você tem que ser bastante claro em sua proposta. Quem vai fazer o que? Descreva exatamente qual o papel do governo, população ou indivíduo na solução do problema e

como deve ser a intervenção de cada um..

06 COMPETÊNCIA 1

Aproxime seu dispositivo móvel do código para acessar a teoria

DO QUE SE TRATA?

Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa

COMO A BANCA PONTUA?

200 pontos	**Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizarem reincidência**
160 pontos	Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.
120 pontos	Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita.
80 pontos	Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
40 pontos	Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
0 ponto	Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa

ALGUMAS DÚVIDAS COMUNS

Letra cursiva ou de imprensa?

Para o Enem, a letra só precisa ser legível. Há vestibulares que tiram ponto pelo uso da letra de forma. Não é o caso do ENEM. Caso opte pelo emprego da letra de forma, procure distinguir bem (pelo tamanho) maiúsculas e minúsculas.

Rasura tira ponto?

Não. Mas tome cuidado com a limpeza e apresentação do texto.

Escrevi o nome do autor errado. E agora?

Via de regra, não perde ponto.

Como grafar palavras estrangeiras?

A convenção gramatical sugere o emprego de aspas. Apesar de o ENEM não ter tirado ponto nas últimas edições por isso, convém acostumar-se com a forma correta e adequada.

Qual a diferença entre erro e inadequação?

Neste material, entenderemos como erros aquelas formas em desacordo com a norma escrita e que são desprestigiadas também na oralidade.

Exemplo:

"pobrema" no lugar de "problema" não é aceito na escrita tampouco na fala. Já a Inadequação se refere a formas típicas da oralidade que não devem ser usadas na redação escrita. Por exemplo, "pra" em vez de "para", "aí" como conectivo. A palavra "você" como marca de impessoalidade.

Pode usar "e" antes de "etc."?

ETC. é a abreviatura (e não abreviação) da expressão latina ***et coetera***, que significa ***e outras coisas***.

Isso induz a gramática às seguintes considerações para o seu texto:

1. É proibido o uso da conjunção aditiva "e" antes do ETC.
2. Etc. sempre vem seguido de ponto, ainda que esteja no meio da frase.
3. Etc. representaria a enumeração de "coisas"; portanto muitos gramáticos julgam como erro ou inadequação seu uso para enumeração de pessoas.
4. A vírgula antes de *ETC.* é facultativa.

O que é translineação?

Translineação é a separação silábica empregada ao texto.

Nem todas as separações possíveis no vocábulo isolado podem ocorrer nele quando aparece no texto. A tradição da língua escrita, por exemplo, condena que num texto haja vogal isolada no começo ou no final da palavra quando você muda de linha.

Exemplo:
Vocábulo: área
separação isolada possível: á-re-a
separação no texto: á-rea (errado)
separação no texto: áre-a (errado)

Conclusão: a palavra "área" jamais pode ter suas sílabas separadas dentro de uma redação.

O QUE DIZ A BANCA?

De acordo com o manual de redação do Inep para 2018, também serão apenados possíveis problemas de construção sintática e a presença de desvios (gramaticais, de convenções da escrita, de escolha de registro e de escolha vocabular). Em relação a construção sintática, o candidato deve estruturar as orações e os períodos de seu texto sempre buscando garantir que eles estejam completos e contribuam para a fluidez da leitura. Ainda de acordo com o manual, quanto aos desvios, você deve estar atento aos seguintes aspectos:

- **Convenções da escrita:** acentuação, ortografia, separação silábica, uso do hífen e uso de letras maiúsculas e minúsculas.
- **Gramaticais:** concordância verbal e nominal, flexão de nomes e verbos, pontuação, regência verbal e nominal, colocação pronominal, pontuação e paralelismo.
- **Escolha de registro:** adequação à modalidade escrita formal, isto é, ausência de uso de registro informal e/ou de marcas de oralidade.
- **Escolha vocabular:** emprego de vocabulário preciso, o que significa que as palavras selecionadas são usadas em seu sentido correto e são apropriadas para o texto.

COMO VENCER A COMPETÊNCIA 1?

Como vimos, a competência 1 avalia o uso da escrita à luz da correção e adequação da língua em relação ao texto formal. Flexão verbal, ortografia, translineação e concordância representam algumas das preocupações dos candidatos nesse sentido. Apesar de você contar com esses conteúdos nas aulas de gramática, trouxemos para você as principais orientações relacionadas aos desvios gramaticais mais encontrados nas redações em relação à grafia, acentuação, gráfica, pontuação e crase:

Grafia

aja e haja

Exemplos:
É preciso que não haja (verbo haver) descuido. Aja (verbo agir) com cuidado, Carlinhos.

Ouve e houve

- **Houve:** pretérito perfeito do verbo haver, 3ª pessoa do singular
- **Ouve:** presente do indicativo do verbo ouvir, 3ª pessoa do singular

Mal e mau

- **Mal:** advérbio de modo, equivale a erradamente, é oposto de bem: Dormi mal. (bem). Equivale a nocivo, prejudicial, enfermidade; pode vir antecedido de artigo, adjetivo ou pronome: A comida fez mal para mim. Seu mal é crer em tudo. Conjunção subordinativa temporal, equivale a assim que, logo que: Mal chegou começou a chorar desesperadamente.
- **Mau:** adjetivo, equivale a ruim, oposto de bom; plural = maus; feminino = má. Você é um mau exemplo (bom). Substantivo: Os maus nunca vencem.

Dica:

Cuidado com vocábulos homônimos, isto é, palavras que possuem a mesma pronúncia (algumas vezes, a mesma grafia), mas têm significados diferentes.

Mas e mais

- **Mas:** conjunção adversativa (ideia contrária), equivale a porém, contudo, entretanto: Telefonei-lhe mas ela não atendeu.
- **Mais:** pronome ou advérbio de intensidade, opõe-se a menos: Há mais flores perfumadas no campo.

Onde e aonde

- **Onde:** indica o (lugar em que se está); refere-se a verbos que exprimem estado, permanência: Onde fica a farmácia mais próxima?
- **Aonde:** indica (ideia de movimento); equivale (para onde) somente com verbo de movimento desde que indique deslocamento, ou seja, a+onde. Aonde vão com tanta pressa?

Os porquês

- **Por que:** escreve se separado; quando ocorre: preposição por+que - advérbio interrogativo (Por que você mentiu?); preposição por+que – pronome relativo pelo/a qual, pelos/as quais (A cidade por que passamos é simpática e acolhedora.) (=pela qual); preposição por+que – conjunção subordinativa integrante; inicia oração subordinada substantiva (Não sei por que tomaram esta decisão. (=por que motivo, razão)
- **Por quê:** final de frase, antes de um ponto final, de interrogação, de exclamação, reticências; o monossílabo que passa a ser tô- nico (forte), devendo, pois, ser acentuado: __O show foi cancelado mas ninguém sabe por quê. (final de frase); __Por quê? (isolado)
- **Porque:** conjunção subordinativa causal: equivale a: pela causa, razão de que, pelo fato, motivo de que: Não fui ao encontro porque estava acamado; conjunção subordinativa explicativa: equivale a: pois, já que, uma vez que, visto que: "Mas a minha tristeza é sossego porque é natural e justa."; conjunção subordinativa final (verbo no subjuntivo, equivale a para que): "Mas não julguemos, porque não venhamos a ser julgados."
- **Porquê:** funciona como substantivo; vem sempre acompanhado de um artigo ou determinante: Não foi fácil encontrar o porquê daquele corre-corre

Senão e se não

- **"Senão":** equivale a "caso contrário", "a não ser": Não fazia coisa nenhuma senão criticar.
- **"Se não":** equivale a "se por acaso não" em orações adverbiais condicionais: Se não houver homens honestos, o país não sairá desta situação crítica

Tampouco e tão pouco

- **Tampouco:** advérbio, equivale a (também não): Não compareceu, tampouco apresentou qualquer justificativa.
- **Tão pouco:** advérbio de intensidade: Encontramo--nos tão pouco esta semana.

Traz e trás

- **"O termo "trás"** (com acento e grafado com "s") tem o mesmo significado de atrás, detrás. Tem função de advérbio de lugar, vem sempre acompanhado de uma preposição, formando com esta uma locução adverbial.

  Exemplos:
  - Ela olhou para trás e se arrependeu do que fez.
  - O menino surgiu de trás da moita.
- **O termo "traz"** (sem acento e escrito com "z") tem o mesmo significado de conduzir, transportar, causar, ocasionar, oferecer. É a conjugação do verbo "trazer" na terceira pessoa do singular do indicativo ou na primeira pessoa do singular do imperativo.

  Exemplos:
  - Ele traz notícias boas para nós!
  - A água contaminada da enchente traz doenças à população, como a leptospirose."

ACENTUAÇÃO

- **Influência**, com acento, é substantivo; influencia, sem acento, é verbo na 3ª pessoa do singular.

  Exemplos: Professores costumam ter influência (substantivo) sobre os alunos. / Esse professor sempre me influencia (verbo).
- **Evidência**, com acento, é substantivo; evidencia, sem acento, é verbo na 3ª pessoa do singular.

  Exemplos: Há evidências (substantivo) que as coisas darão errado! A foto evidencia (verbo) a beleza da modelo.
- **É**, com acento, significa o verbo "ser"; E, sem acento, significa conjunção. Exemplos: Pedro é (verbo) inteligente. / Pedro e (conjunção) José são amigos.
- **Está**, com acento, é verbo na 3ª pessoa do singular; esta, sem acento, é um pronome.

  Exemplos: O Brasil está (verbo) numa grande crise financeira. / Esta (pronome) cidade é maravilhosa.
- **País**, com acento, indica uma região geográfica; pais, sem acento, indica uma relação de parentesco.

  Exemplos: O nosso país está no continente americano. / Meus pais estão em casa.

Atenção à grafia do verbo ter e seus derivados (manter, suster, entreter, reter, etc.). Lembre-se de que são grafados, na terceira pessoa do plural do presente do indicativo, com um acento circunflexo, para diferenciar da terceira pessoa do singular. Exemplos: ele tem x eles têm / ele mantém x eles mantêm / ele retém x eles retêm. As mesmas observações servem para o verbo vir e seus derivados em tais circunstâncias: ele vem x eles vêm / ele sobrevém x eles sobrevêm.

CRASE

"Não se usa crase antes de verbo no infinitivo. Essa é uma regra clássica que facilmente pode ser decorada!

Exemplos:

"Ele começou a soluçar de tanta felicidade. "

"A menina estava a desistir da prova quando ouviu um barulho. "

Não se usa crase antes de algumas formas pronominais.

A crase não pode ser utilizada com pronomes pessoais (eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas), demonstrativos (esse, essa, isto, esta), indefinidos (um, uma, uns), tratamento (Vossa Excelência, Vossa Alteza...).

Exemplos:
"Pedi a ele vir até aqui. "
"Falarei com a Vossa Excelência sobre sua sugestão. "
"Dei a essa menina meu telefone de contato. "

Em expressões como: "dia a dia", "cara a cara", "frente a frente", por exemplo, não se pode usar o acento indicativo de crase.

Dica:

Verifique se o nome próprio aceita ou não artigo feminino antes de colocar o acento indicativo de crase.

"Não ocorre acento indicativo de crase quando o "a" estiver no singular e a palavra feminina seguinte estiver no plural: o "a" é apenas preposição, exigida pelas palavras que vêm antes, conforme sinalização. USE:

Não assisto às cenas de terror OU Não assisto a cenas de terror.
Entregou-se às férteis cogitações OU Entregou-se a férteis cogitações."

Deveria ter utilizado o acento indicativo de crase no termo selecionado. Lembre-se de que crase é a fusão de duas vogais idênticas. Utilizamos o acento grave (`) para indicar a contração da preposição com artigos ou pronomes.

Exemplo:
Edna precisa ir [a] (preposição) + a (artigo definido feminino singular) classe de português. Assim, o enunciado deve ser construído assim: "Edna precisa ir à classe de português". A preposição "a" é exigida pelo verbo "ir", pois o verbo indica movimento em direção a algum lugar.

O acento indicativo de crase usado está equivocado. Não há crase porque o termo regente não é preposicionado, logo, não há preposição. Lembre-se de que a crase é a junção da preposição "a" + artigo "a", o que gera a fusão "à".

PONTUAÇÃO

Procure estudar a diferença entre o uso da vírgula e o do ponto final (alguns chamam de pontocontinuativo) e o ponto final (conhecido também como ponto parágrafo). Houve um término em seu período oracional, portanto, use um ponto continuativo; não uma vírgula.

Procure estudar a diferença entre o uso da vírgula e o do ponto continuativo. NÃO houve um término em seu período oracional, portanto, use uma vírgula; não um ponto continutivo.

Recomenda-se o emprego da vírgula antes da conjunção "e" quando há orações aditivas de sujeitos diferentes a fim de criar-se uma leitura mais clara. Exemplo: João pegou suas coisas, e Isabel se trancou no quarto. ["João" pratica a ação de pegar; Isabel, a de trancar-se no quarto.

A vírgula é opcional depois de adjunto adverbial deslocado que tenha até três palavras. Use a vírgula para destacar a informação do adjunto adverbial: Na terça-feira, a comissão temporária que examina a modernização do Código de Defesa do Consumidor (CDC) debateu a necessidade de regras para publicidade infantil. Use sempre a vírgula para separar o adjunto adverbial longo que estiver deslocado. "Na reunião de ontem, a CRE aprovou a indicação de Affonso Emílio de Alencastro Massot para o cargo de embaixador no Líbano."

Não use vírgula após a conjunção integrante e a tese.

Exemplo:
João disse que, sairá amanhã. (errado).
João disse que sairá amanhã (certo).

"Não se usa a vírgula para separar termos que, do ponto de vista sintático, estabelecem diretamente uma ligação entre si. Eis as seguintes ocorrências:

a) Para separar sujeito do predicado.

Exemplo:
Os alunos | estão todos eufóricos à espera dos resultados.
Sujeito *Predicado*

b) Entre o verbo e seus complementos (objeto direto e indireto), mesmo que o objeto indireto se anteponha ao objeto direto.

Exemplo:
Entreguei | aos clientes | os pedidos.
O. Indireto *O. Direto.*

c) Entre o nome e o adjunto adnominal ou o complemento nominal.

Exemplos:
Seu relógio de pulso foi apreciado por todos.
Adjunto Adnominal

Você tem amor à profissão.
Complemento Nominal"

O texto revela domínio PRECÁRIO da modalidade escrita formal da língua portuguesa. Os desvios de pontuação e os truncamentos prejudicam a estruturação sintática do texto, ou seja, mesmo as frases bem escritas, quando mal pontuadas (sobretudo em parágrafos longos), prejudicam a compreensão por parte da banca em relação ao sentido que você quer transmitir em sua redação. O uso da vírgula revelou-se uma preocupação em sua produção textual.

Cuidado com os erros de pontuação. Os desvios de pontuação e os truncamentos prejudicam a estruturação sintática do parágrafo, ou seja, mesmo as frases bem

escritas, quando mal pontuadas (sobretudo em parágrafos longos), prejudicam a compreensão por parte da banca em relação ao sentido que você quer transmitir em sua redação.

"Antes de conjunções adversativas como ***mas, porém, contudo, entretanto***. Use a vírgula mesmo em títulos.

— Este não é o projeto ideal, mas é tudo aquilo que foi possível discutir — acrescentou.

— Numa situação extrema, portanto, o próprio Tesouro poderia ser valer daqueles recursos que os servidores estivessem acumulando em suas contas individuais — observou.

Título:

CPI do Cachoeira será prorrogada, mas ainda falta definir prazo."

Procure estudar as regras de pontuação. Em especial o uso de dois pontos (:), e o uso de ponto e vírgula (;). De modo geral, esses pontos são mais estilísticos. Só faça o uso deles se você tiver certeza de que seu emprego esteja correto.

Procure estudar as regras de pontuação. Em especial o uso de dois pontos (:), e o uso de ponto e vírgula (;). De modo geral, esses pontos são mais estilísticos. Só faça o uso deles se você tiver certeza de que seu emprego esteja correto.

Use vírgula para isolar termos e orações explicativos. Exemplos: No programa Visite o Congresso, parceria entre o Senado e a Câmara, a visitação acontece todos os dias. / Segundo Aguirre Estorillio, coordenador de Visitação Institucional da Secretaria de Relações Públicas do Senado, o material está disponível em inglês, espanhol e francês, o que facilita a compreensão e a interatividade nas visitas. / Os trabalhos do Parlatino ocorreram na cidade de Oranjestad, capital de Aruba, na América Central.

Use vírgula para isolar termos e orações deslocados. Exemplos: Ele se disse espantado, pois acreditava que, depois das eleições, os políticos estariam mais ativos no uso das mídias sociais. / Em cerimônia no Palácio do Planalto, a presidente sancionou a medida provisória. / A presidente, em cerimônia no Palácio do Planalto, sancionou a medida provisória. / A presidente sancionou a medida provisória em cerimônia no Palácio do Planalto. (ordem direta)

Use vírgulas após expressões como:

- Nesse sentido
- Dessa forma
- Sendo assim
- Dessa maneira
- Se por um lado, (...) ; por outro lado
- Diante disso
- Por conseguinte, etc.

Use vírgula antes de locuções conjuntivas em casos como: "visto que", "já que", "dado que" etc.

Exemplo:

A violência tem crescido em nossa cidade, já que o número de homicídios aumentou significativamente.

NÃO use vírgula após locuções conjuntivas em casos como: "visto que", "já que", "dado que" etc. Usar vírgula apenas se houver um termo ou uma oração que a exija.

Exemplo:

A violência tem crescido em nossa cidade, já que, nos últimos dois anos, o número de homicídios aumentou significativamente.

Portanto, se você já sabe que acentuação, crase e pontuação é o que mais tira ponto dos candidatos no ENEM, é importante que você já se organize e aprenda (e não decore) essas regras de uso para garantir esses pontos na sua avaliação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Os textos abaixo são mostra de redações produzidas por alunos em suas primeiras semanas de preparação. Corrija-os gramaticalmente e verifique a separação silábica das palavras destacadas:

TEXTO 1

De acordo o advogado e político rebelde Nelson Mandela a educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo. O Brasil, porém, está com uma grande fragilidade nesse campo. Isso se evidencia não só pela deficiência do ensino em várias instituições como também pela má formação dos **pro-fe-ssores**.

Segundo o educador Paulo Freire, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela a sociedade tão pouco muda. Sendo assim, uma pátria com ensino insuficiente induz o país a um refluxo social, e consequentemente, à desvalorização de professores alunos e etc...

Além disso, destaca-se a falha no ensino com o meio de levar o pais a um retrocesso. Conforme Durkheim, o fato social é uma maneira coletiva de agir e de pensar, dotado de exterioridade, generalidade e coercividade. Seguindo essa lógica, derivasse uma problemática em relação à construção dos docentes.

Portanto, é preciso que se tomem medidas para resolver a **ad-ver-si-da-de**. O governo federal em parceria com o MEC (ministério da educação) deve aumentar o grau do ensino nas universidades, para que assim graduandos saiam com uma boa carga de conhecimento. Se Descartes estiver certo, é preciso pensar, pensando construiremos um fato social e consequentemente uma sociedade **di-g-na** de uma boa educação.

TEXTO 2

Podemos entender que o conceito de família no Brasil, em consonância com tendências internacionais, felizmente tem sofrido mudanças de forma ampla no século XXI. Isso se evidencia não só pelo **cres-ci-men-to** do número de pais e mães solteiros no país, como também pelo considerável percentual de adoções por casais homoafetivos.

Em 2013, dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), evidenciou uma redução de 720 mil no número de casados. Isso ocorre pois a maioria das pessoas não estão mais dispostas a passar suas vidas ao lado de alguém que ela julgue ser insipiente, **sub-es-ti-man-do** assim sua capacidade afetiva e familiar. Revela-se, portanto, um perfil relativamente mais frio e objetivo como motivação de insucesso dessas relações.

Além disso, casais do mesmo sexo procuram arduamente pelos seus direitos de serem inseridos no processo de adoção, tendo em vista que há mais de 60 mil parceiros homossexuais no país. Com isso, a esperança de fazer parte de um laço familiar aumenta por parte de crianças e **a-do-les-cen-tes**. Pouco a pouco este quadro de desigualdade entre heterossexuais e homossexuais vai perdendo vez, pois a recusa à adoção precisa ser fundamentada em fatos reais e não apenas com meras suposições. Negar essa possibilidade de adoção é mascarar o preconceito à condições sexuais diferentes das demais.

Segundo Gandhi, líder espiritual e pacifista indiano, tolerância mútua é uma necessidade em todos os tempos e para todas as raças. Portanto, em primeira análise, faz-se necessário mudanças no ambiente escolar a respeito de tais mudanças que a sociedade está sendo submetida, palestras e acompanhamento de profissionais adequados tornam-se cruciais para que a criança em formação de hoje, seja o adulto mais tolerante do amanhã. Aliado à isso, campanhas e pesquisas com o apoio governamental nas famílias que se formaram recentemente e que possuam qualquer tipo de diversidade, também se tornam apropriadas na comprovação de sua validez e eficiência, vale também ressaltar que a reformulação no Estatuto da Família é indispensável. Por fim, a presente temática precisa também de proteção jurídica mais efetiva, tanto em texto Constitucional quanto em legislação **in-fra-cons-ti-tu-cio-nal** para garantir de forma sólida a **dig-ni-da-de** humana.

TEXTO 3

No que se refere a precoce incremento da responsabilidade dos jovens no Brasil nos dias atuais, é possível identificar tanto aspectos positivos quanto negativos. Se por um lado, **ad-qui-rem** consciência cidadã desde cedo; por outro, pode proporcionar atitudes equívocadas mais facilmente.

É evidente que a possibilidade de reconhecer e ligar contra problemas sociais é extremamente benéfico à juventude. Segundo o economista inglês Thomas Hampfrey Marshall, a cidadania é o sentimento de pertencimento a um grupo de indivíduos que garante direitos e exige deveres pertinentes. Nesse sentido, quanto antes as crianças tenham a consciência cidadã, melhor será ao desenvolvimento da sociedade.

Não obstante, essa precocidade pode levar os futuros adultos a agir em **des-a-cor-do** com sua importância. Conforme o filósofo grego Aristóteles, o bem-estar social atinge-se por meio de atitudes equilibradas dos indivíduos, isto é, quando estão afastadas dos excessos e das insuficiências. Logo, quando os jovens agem por impulso pra tentar resolver alguma dificuldade social, normalmente o fazem sem refletir nas consequências das suas ações, o que pode gerar mais problemas aos outros. Isso é totalmente prejudicial pra sua formação.

É preciso, portanto, que as famílias e as escolas promovam debates no ambiente domiciliar e escolar, respectivamente, visando à prática da reflexão quanto à diversas situações do cotidiano a fim de que nossa futura geração forme uma sociedade mais justa e consciente.

GABARITO

TEXTO 1

De acordo o advogado e político rebelde Nelson Mandela, (INSERIR VÍRGULA) a educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo. O Brasil, porém, está com uma grande fragilidade nesse campo. Isso se evidencia não só pela deficiência do ensino em varias (VÁRIAS) instituições como também pela má formação dos pro-fe-ssores (PRO-FES-SO-RES).

Segundo o educador Paulo Freire, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela a sociedade tão pouco muda. Sendo assim, uma pátria com ensino insuficiente induz o país a um refluxo social, (SEM VÍRGULA ANTES DO E) e (INSERIR VÍRGULA PARA ISOLAR O ADVÉRBIO) consequentemente, à desvalorização de professores alunos ~~e etc...~~ (ETC.)

Além disso, destaca-se a falha no ensino ~~com o~~ (COMO) meio de levar o pais (PAÍS) a um retrocesso. Conforme Durkheim, o fato social é uma maneira coletiva de agir e de pensar, dotado de exterioridade, generalidade e coercividade. Seguindo essa lógica, ~~derivasse~~ (DERIVA-SE) uma problemática em relação à construção dos docentes.

Portanto, é preciso que se tomem medidas para resolver a ad-ver-si-da-de. O governo federal em parceria com o MEC (ministério da educação) deve aumentar o grau do ensino nas universidades, para que assim graduandos saiam com uma boa carga de conhecimento. Se Descartes estiver certo, é preciso pensar, (PONTO E MAÍUSCULA). Pensando (PENSANDO) construiremos um fato social e consequentemente uma sociedade di-g-na (DIG-NA) de uma boa educação.

TEXTO 2

Podemos entender que o conceito de família no Brasil, em consonância com tendências internacionais, felizmente tem sofrido mudanças de forma ampla no século XXI. Isso se evidencia não só pelo cres-ci-men-to (CORRETO) do número de pais e mães solteiros no país, como também pelo considerável percentual de adoções por casais homoafetivos.

Em 2013, dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), evidenciou (EVIDENCIARAM) uma redução de 720 mil no número de casados. Isso ocorre pois a maioria das pessoas não estão (PREFIRA ESTÁ, APESAR DE SER FACULTATIVO) mais dispostas (DISPOSTA) a passar suas vidas ao lado de alguém que ~~ela~~ julgue ~~ser~~ insipiente, sub-es-ti-man-do (SU-BES-TI-MAN-DO) assim sua capacidade afetiva e familiar. Revela-se, portanto, um perfil relativamente mais frio e objetivo como motivação de insucesso dessas relações.

Além disso, casais do mesmo sexo procuram arduamente pelos seus direitos ~~de serem inseridos~~ no processo de adoção, tendo em vista que há mais de 60 mil parceiros homossexuais no país. Com isso, a esperança de fazer parte de um laço familiar aumenta por parte de crianças e a-do-les-cen-tes (CORRETO). Pouco a pouco, (INSERIR VÍRGULA) este quadro de desigualdade entre heterossexuais e homossexuais vai perdendo vez, pois a recusa à adoção precisa ser fundamentada em fatos reais e não apenas com meras suposições. Negar essa possibilidade de adoção é mascarar o preconceito à (USE A OU ÀS) condições sexuais diferentes das demais.

Segundo Gandhi, líder espiritual e pacifista indiano, tolerância mútua é uma necessidade em todos os tempos e para todas as raças. Portanto, em primeira análise, faz-se necessário (FAZEM-SE NECESSÁRIAS) mudanças no ambiente escolar a respeito de tais ~~mudanças~~ (MODIFICAÇÕES) (A) que a sociedade está sendo submetida, palestras e acompanhamento de profissionais adequados tornam-se cruciais para que a criança em formação de hoje, (SEM VÍRGULA) seja o adulto mais tolerante do amanhã. Aliado à (SEM CRASE) isso, campanhas e pesquisas com o apoio governamental nas famílias que se formaram recentemente e que possuam qualquer tipo de diversidade, (SEM VÍRGULA) também se tornam apropriadas na comprovação de sua validez e eficiência,(PONTO E NÃO VÍRGULA) vale também ressaltar que a reformulação no Estatuto da Família é indispensável. Por fim, a presente temática precisa também de proteção jurídica mais efetiva, tanto em texto Constitucional quanto em legislação in-fra-cons-ti-tu-cio-nal (CORRETO) para garantir de forma sólida a dig-ni-da-de (CORRETO) humana.

TEXTO 3

No que se refere (À) ~~a precoce incremento da~~ responsabilidade dos jovens no Brasil nos dias atuais, é possível identificar tanto aspectos positivos quanto negativos. Se por um lado, (ELES) ad-qui-rem (CORRETO) consciência cidadã desde cedo; por outro, (TAL MEDIDA) pode proporcionar atitudes equívocadas (EQUIVOCADAS) mais facilmente.

É evidente que a possibilidade de reconhecer ~~e ligar~~ (LUTAR) contra problemas sociais é extremamente benéfico à juventude. Segundo o economista inglês Thomas Hampfrey Marshall, a cidadania é o sentimento de pertencimento a um grupo de indivíduos que garante direitos e exige deveres pertinentes. Nesse sentido, quanto antes as crianças tenham a consciência cidadã, melhor será ~~ao~~ (O) desenvolvimento da sociedade.

Não obstante, essa precocidade pode levar os futuros adultos a ~~agir~~ (AGIREM) em des-a-cor-do com sua importância. ~~Conforme~~ SEGUNDO o filósofo grego Aristóteles, o bem-estar social atinge-se por meio de atitudes equilibradas dos indivíduos, isto é, quando estão afastadas dos excessos e das insuficiências. Logo, quando os jovens agem por impulso ~~pra~~ (PARA) tentar resolver alguma dificuldade social, normalmente o fazem sem refletir ~~nas~~ (SOBRE) consequências das suas ações, o que pode gerar mais problemas aos outros. Isso é totalmente prejudicial pra sua formação.

É preciso, portanto, que as famílias e as escolas promovam debates no ambiente domiciliar e escolar, respectivamente, visando à prática da reflexão quanto ~~à~~ (A OU ÀS) diversas situações do cotidiano a fim de que nossa futura geração forme uma sociedade mais justa e consciente.

Comentário sobre o gabarito: As redações corrigidas não devem servir de modelo, mas de instrumento para correção. O uso das citações, a proposta de intervenção, a marca de autoria, entre outros fatores, também merecem comentários para adequação, mas não é objetivo deste módulo. Nos próximos, você conhecerá outras formas de correção de acordo com a competência cada competência do ENEM.

ANOTAÇÕES

Niveau intermédiaire

COMMUNICATION PROGRESSIVE DU FRANÇAIS

avec 365 activités

Claire Miquel

CLE
INT

ADG

Claire Miquel

Niveau intermédiaire

COMMUNICATION PROGRESSIVE DU FRANÇAIS

avec 365 activités

UNIVERSITÉ DE MONTRÉAL
ÉCOLE DE FRANÇAIS
(MRCI)

CLE INTERNATIONAL

AVANT-PROPOS

La *Communication progressive du français* s'adresse à des adultes et à des adolescents de **niveau intermédiaire**. Cet ouvrage requiert quelques notions grammaticales de base et un peu de vocabulaire courant.

Ce livre est composé de 40 chapitres thématiques portant sur des actes de parole : actes simples (*Demander un objet, Faire une réservation*) ou plus complexes (*Faire des compliments, Se plaindre...*). Chaque chapitre met en scène l'acte de parole grâce à des situations de communication usuelles dans la vie quotidienne. Nous les avons conçues variées, souvent amusantes, toujours réalistes.

Nous avons privilégié un niveau de langue reflétant notre vie actuelle ; il ne s'agit donc ni d'argot, ni d'une langue recherchée, mais plutôt d'un registre oral courant. En effet, nous présentons à l'élève une sorte de photographie de quelques interactions caractéristiques dans le contexte français actuel. D'autre part, pour bien communiquer, il est important de maîtriser les registres de langue, les gestes, l'intonation, l'humour et les spécificités culturelles. C'est pourquoi, au début de l'ouvrage, nous attirons l'attention du lecteur sur quelques aspects particuliers de la communication en français, tant du point de vue linguistique que culturel.

Chaque chapitre est autonome, afin que l'élève puisse travailler en toute liberté, sans nécessairement suivre un ordre imposé. Cependant, pour faciliter l'apprentissage, nous avons divisé cet ouvrage en six grandes rubriques (*Faire les courses, Donner et obtenir des informations, etc.*). Au terme de chacune de ces parties, un bilan de deux pages permet à l'élève de mettre en application le vocabulaire et les structures étudiés : ces activités « transversales », en effet, font appel aux notions abordées dans toute la rubrique.

L'ouvrage, construit comme une série de cours, s'inscrit dans une collection dont il respecte le principe.

■ **Sur les pages de gauche :** un ou plusieurs dialogues, vivants et concrets, mettent en scène toutes sortes de personnages – jeunes, vieux, masculins, féminins, heureux ou furieux. Vient ensuite une liste récapitulative des principales expressions rencontrées dans les dialogues (*Comment le dire ?*). Enfin, des remarques lexicales, culturelles, ou encore pratiques permettent au lecteur de se familiariser avec la réalité de la France d'aujourd'hui.

■ **Sur les pages de droite,** des exercices pédagogiques de trois sortes : tout d'abord, un exercice de compréhension portant sur les dialogues de la page en regard. Viennent ensuite des activités variées (*choisissez la bonne réponse, que pouvez-vous répondre, complétez les dialogues, qui parle ?...*). Enfin, un jeu de rôle, ou une activité créative laissent aux élèves toute latitude de s'approprier le vocabulaire et les structures, puis de les mettre en application.

Nous avons organisé cet ouvrage selon une double progression : d'une part, sur les pages de gauche, les premiers dialogues sont moins difficiles d'accès que les derniers, tant pour l'acte de communication que pour le vocabulaire requis. D'autre part, sur les pages de droite, les exercices pédagogiques sont classés par ordre de difficulté croissante.

■ **Des illustrations** apportent leur précieux concours : elles explicitent les dialogues, mettent en scène la gestualité, les codes vestimentaires... Lors d'activités pédagogiques, elles amènent l'élève à s'identifier aux personnages et à les faire parler de manière appropriée.

■ **Les dialogues** de la page de gauche sont enregistrés dans **un coffret de deux CD,** favorisant ainsi un travail complet, tant à l'oral qu'à l'écrit.

■ **Un livret séparé** contient les corrigés commentés des exercices, des propositions pour les jeux de rôles ainsi que des remarques complémentaires. Ce fascicule constitue donc un outil pédagogique en tant que tel. Il laisse au lecteur toute liberté d'utiliser ce volume en classe aussi bien qu'en auto-apprentissage.

Bonne communication !

L'astérisque qui suit certains mots ou expressions signale leur appartenance au registre familier de la langue.*

COMMUNIQUER AVEC LES FRANÇAIS

Le vouvoiement et le tutoiement

Savoir quand tutoyer est délicat : c'est à la fois culturel, personnel et social.

• **On vouvoie toujours quelqu'un qu'on ne connaît pas.** C'est donc la forme appropriée dans tous les commerces, hôtels, administrations, etc. Les publicités sont toujours à la forme « Vous ». Les seules personnes que l'on peut tutoyer tout de suite sont les enfants (jusque vers 10 ans) et les animaux !

Il est donc recommandé à un étranger de vouvoyer systématiquement toute nouvelle personne, pour éviter les erreurs diplomatiques...

Lorsqu'on vouvoie quelqu'un, on utilise soit « monsieur », « madame », soit le prénom. Cette forme (« *Lise, vous venez ?* ») est très courante chez les Français : entre collègues, entre connaissances, en famille (avec la nouvelle petite amie du fils, par exemple).

• **Le tutoiement est beaucoup plus courant dans les jeunes générations :** si deux personnes de 20 ans se rencontrent chez des amis, elles vont se tutoyer tout de suite ; si deux personnes de 70 ans sont dans la même situation, elles vont certainement se vouvoyer.

• **Les Français formulent couramment le passage au tutoiement :** « *On peut se tutoyer ?* ». Cela se fait en général naturellement, plus ou moins vite selon les caractères et les âges. C'est la femme ou la personne la plus âgée qui propose. Une fois qu'on est passé au tutoiement, on ne peut plus revenir en arrière. Le passage au tutoiement signifie que la relation se développe.
Par exemple : deux voisins se parlent souvent dans l'ascenseur, ils se vouvoient et s'appellent « *madame, monsieur* » ; puis ils prennent un café ensemble chez l'un des deux : « *Vous pouvez m'appeler Mathilde !* » ; enfin, ils deviennent amis et se voient plus souvent. C'est alors qu'ils se tutoieront probablement.

On / nous

La langue actuelle privilégie « on » au détriment de « nous » : « *Michel et moi,* ***on va*** *au cinéma* » (au lieu de : « *nous allons au cinéma* »). C'est tout à fait courant dans un contexte familier. Vous entendrez la jeune génération employer presque uniquement « on », tandis que des personnes plus âgées préféreront « nous ».

Dans un contexte professionnel, le « on » est de plus en plus fréquent, sauf lorsqu'on parle en public. En effet, la forme « nous » donne un caractère plus élégant à la phrase. Comparez :
« *On a une réunion à 15 heures.* » « *On va déjeuner, tu viens ?* »
« *Nous devons aujourd'hui améliorer les performances de l'entreprise. Nous allons donc…* »

Dans les courriers électroniques (e-mails), le « on » apparaît de plus en plus, mais il est tout de même préférable d'employer « nous » à l'écrit.

Disparition du « ne » de la forme négative

Dans la langue orale usuelle, le « ne » de la négation a tendance à disparaître. On entendra donc : « *Je sais pas !* » « *Il est jamais là !* » « *C'est pas cher.* » « *Elle a rien mangé.* ». À l'écrit, on a conservé la forme complète de la négation. À l'oral, l'utilisation de « ne » donne de l'élégance au discours.

L'intonation

« *C'est le ton qui fait la chanson* », dit le proverbe. En français, l'intonation joue un rôle essentiel dans la communication. Une même expression peut avoir de multiples sens, selon l'intonation sur laquelle elle est dite. L'expression « *Ah bon* », par exemple, peut exprimer :

- la surprise,
- l'incrédulité,
- la curiosité,
- l'indifférence,
- la résignation,
- la mauvaise humeur… et d'autres sentiments encore !

L'utilisation de la forme négative

Les Français sont des champions de la forme négative ! Ils préfèrent dire « *Ce n'est pas mal.* » à « *C'est bien.* », ou « *Il n'est pas grand.* » à « *Il est petit.* ». La forme négative constitue une étape intermédiaire :

Il fait beau aujourd'hui ! < Il ne fait pas beau ! < Il fait mauvais !
Léa n'est pas intelligente. < Léa n'est pas bête. < Léa est intelligente.

La forme négative a aussi une signification plus subtile et plus culturelle. Prenons quelques situations courantes :

• À la question « *Est-ce que vous pouvez finir ce travail ce soir ?* », la réponse « *Ce n'est pas impossible.* » signifie : « *J'aurais préféré que vous ne demandiez pas, mais si vous insistez, je ferai de mon mieux.* ».

• À la proposition « *On pourrait peut-être changer l'heure du rendez-vous ?* », la réponse familière « *Ce n'est pas bête !* » signifie : « *C'est une bonne idée, mais je n'y avais pas pensé !* ».

• À la proposition « *Tu veux un café ?* », la réponse « *Je ne dirais pas non...* » signifie : « *Oui, bien sûr, avec plaisir !* »

• La remarque « *Je ne détesterais pas avoir un appartement de 200 m² à Paris* », signifie : « *C'est mon rêve !* », « *Cela me ferait très plaisir !* ».

L'importance du geste

Les Français sont des Latins et parlent donc avec leurs mains, sauf dans des contextes particuliers (discours officiels, discussions entre responsables politiques, conférences de presse...).

Il est bien sûr peu élégant de gesticuler, mais il est pratiquement impossible de parler sans faire quelques gestes avec les mains.

Certains gestes ont un caractère poli. Les Français se serrent facilement la main, surtout entre hommes. Le matin, dans une entreprise française, les employés qui arrivent au bureau se serrent la main, ils se « donnent une poignée de main ». Le geste est bref (on « serre » la main rapidement). Un homme politique en campagne électorale « distribue des poignées de main ».

On ne serre pas la main à un petit enfant, on l'embrasse. Au moment de l'adolescence, on passe souvent du « bisou » à la poignée de main.

Dans des situations d'agressivité, les Français ont tendance à utiliser le registre verbal.

L'expressivité

Lorsqu'un étranger a des difficultés à comprendre un Français, il peut simplement observer le visage de son interlocuteur : son expression le renseignera autant, sinon plus, que les mots. Dans la vie quotidienne, les Français sont en général expressifs : leurs émotions sont visibles, ou lisibles (colère, contentement, surprise...).

Bien sûr, dans une situation officielle, le contrôle de soi est requis !

SOMMAIRE

FAIRE LES COURSES

1 DEMANDER DES ARTICLES, DES PRODUITS 10
2 PARLER DES QUANTITÉS 14
3 PASSER UNE COMMANDE 18
4 RÉSERVER 22
5 PARLER D'ARGENT 26
6 ÉCHANGER OU SE FAIRE REMBOURSER 30
7 HÉSITER, IGNORER 34
8 COMPARER 38
BILAN N° 1 42

DONNER ET OBTENIR DES INFORMATIONS

9 RENSEIGNER ET SE RENSEIGNER 44
10 LOCALISER 48
11 PARLER DES LIEUX 56
12 PRENDRE OU RÉSILIER UN CONTRAT 60
13 PARLER DU FONCTIONNEMENT D'UN SERVICE 64
14 EXPLIQUER UN VOL, UN ACCIDENT 68
15 PARLER DE SA SANTÉ 72
BILAN N° 2 76

LES INTERACTIONS PLUS COMPLEXES

16 TÉLÉPHONER 78
17 PRENDRE, MODIFIER, ANNULER UN RENDEZ-VOUS 82
18 DEMANDER DE FAIRE QUELQUE CHOSE 88
19 DONNER DES INSTRUCTIONS 92
20 INSISTER 96
21 CONTESTER 100
22 SE PLAINDRE OU RÉPONDRE À UNE PLAINTE 102
BILAN N° 3 108

LA CONVERSATION

23 EXCUSER ET S'EXCUSER 110
24 VÉRIFIER, CONTRÔLER 112
25 AFFIRMER OU NIER 114
26 DIRE QU'ON EST CONTENT OU MÉCONTENT 118
27 FAIRE DES COMPLIMENTS 122
28 FÉLICITER, CONSOLER 130
BILAN N° 4 134

LES CONTACTS SOCIAUX

29 PROPOSER 136
30 INVITER OU REMETTRE UNE INVITATION 140
31 ACCUEILLIR 144
32 BAVARDER 150
33 EXPRIMER LA SURPRISE 158
BILAN N° 5 162

LA DISCUSSION, LE DÉBAT

34 REGRETTER, REPROCHER 164
35 CRITIQUER 168
36 DIRE DU BIEN 172
37 DEMANDER, DONNER DES CONSEILS 176
38 DEMANDER OU DONNER UNE OPINION 180
39 EXPRIMER L'ACCORD OU LE DÉSACCORD 182
40 EXPRIMER DES INTENTIONS OU DES ESPOIRS 186
BILAN N° 6 188

1 UNE TARTE, S'IL VOUS PLAÎT !

1 À la boulangerie

Octave : Maman, **je veux** un croissant !
La mère : Pardon, je... quoi ?
Octave : Je voudrais un croissant...
s'il te plaît, maman.
La mère : Bon, d'accord, allons-y !
Mais c'est toi qui le demandes, po-li-ment.
Octave : Bonjour, **un croissant**, s'il te plaît madame !
La mère : S'il vous plaît madame...
et s'il te plaît maman ! Ça fait cent fois
que je te le dis.
La boulangère : Voilà, mon petit.
La mère : Octave, qu'est-ce que tu dis ?
Octave : Merci...
La mère : Merci qui ?
Octave : Merci, madame...

2 À la boucherie

Le boucher : Madame, vous désirez ?
Madame Derain : Il me faudrait un poulet rôti, s'il vous plaît.
Le boucher : Oui, madame, et avec ceci ?
Madame Derain : Vous auriez une belle entrecôte pour deux personnes ?
Le boucher : Bien sûr, madame. Regardez, comme elle est belle !
Madame Derain : Je voudrais aussi du porc, mais je ne sais pas quoi prendre.
Qu'est-ce que vous me conseillez ? Des côtelettes ?
Le boucher : Non, si vous voulez quelque chose de tendre, prenez plutôt un filet mignon.
Madame Derain : D'accord, **je vais prendre** un filet mignon pour six personnes.
Le boucher : Il vous faut autre chose ?
Madame Derain : Oui, **donnez-moi** aussi quatre tranches bien fines de jambon blanc.
Le boucher : Ce sera tout, madame ?
Madame Derain : Oui, merci.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais...**
- **Il me faudrait...**
- **Je vais prendre...**
- **Donnez-moi...**
- **Est-ce que je peux avoir... ?**
- **Vous avez... ? / Vous auriez... ?**
- **Qu'est-ce que vous me conseillez ?**

ou, tout simplement :

- **« Une baguette, s'il vous plaît ! »**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Octave veut manger du pain.	☐	☐
2. « Je veux » n'est pas une expression polie.	☐	☐
3. Octave ne sait pas bien utiliser « tu » et « vous ».	☐	☐
4. C'est la première fois qu'il fait une erreur avec « tu » et « vous ».	☐	☐
Dialogue 2.		
5. La cliente voudrait un poulet cuit.	☐	☐
6. Elle achète du bœuf pour deux personnes.	☐	☐
7. Elle voudrait des côtelettes de veau.	☐	☐
8. Le boucher conseille un beau morceau d'agneau.	☐	☐
9. La cliente trouve que le filet mignon est trop gros.	☐	☐

2 Qui parle ? Le commerçant (a) ou le client (b) ?

	a	b
1. « Je voudrais du roquefort, s'il vous plaît. »	☐	☐
2. « Qu'est-ce que vous me conseillez ? »	☐	☐
3. « Et avec ceci ? »	☐	☐
4. « Donnez-moi aussi un pain au chocolat. »	☐	☐
5. « Il vous faut autre chose ? »	☐	☐
6. « Ce sera tout ? »	☐	☐
7. « Je vais prendre un saucisson, s'il vous plaît. »	☐	☐
8. « Ça vous va ? »	☐	☐

3 Vous êtes à la fromagerie. Voici la liste des fromages à acheter. Complétez le dialogue.

un morceau de comté – un camembert – un petit chèvre

1. Bonjour, madame (monsieur), vous désirez ?

— _____

2. Voilà. Ça va comme ça ?

— _____

3. Il vous faut autre chose ?

— _____

4. Voilà un beau camembert. Et avec ceci ?

— _____

5. Je vous conseille celui-ci, il est délicieux. Ce sera tout ?

— _____

4 Vous êtes à la boulangerie. Vous voulez acheter deux baguettes et deux pains au chocolat. Imaginez et jouez le dialogue avec la boulangère.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Chez le marchand de journaux

Le client : Bonjour, monsieur, je vais prendre « Pariscope ». **C'est combien ?**
Le marchand : 0,40 €, monsieur.
Le client : Voilà !
Le marchand : Vous n'avez pas la monnaie ?
Le client : Non, je suis désolé, je n'ai qu'un billet de 20 €.

2 À la boulangerie-pâtisserie

La boulangère : Monsieur ?
Le client : Bonjour, madame, je voudrais une baguette, s'il vous plaît.
La boulangère : Voilà, monsieur, et avec ceci ?
Le client : Je vais prendre aussi trois croissants et un pain au chocolat.
La boulangère : Voilà, monsieur. Ce sera tout ?
Le client : Oui, merci. **Ça fait combien ?**
La boulangère : 2,70 €, monsieur.

La boulangère : Madame ?
La cliente : Bonjour, madame, il me faudrait un gâteau pour six personnes, s'il vous plaît.
La boulangère : Qu'est-ce que vous préférez, comme gâteau ? Une tarte, un gâteau au chocolat ?
La cliente : Peut-être une belle tarte aux pommes. **Celle-ci est à combien ?**
La boulangère : 12 €.

COMMENT LE DIRE ?

- **C'est combien ? Il / Elle est à combien ?** (Si on demande le prix d'un seul objet.)
- **Combien coûte ce livre ?**
- **Ça fait combien ?** (Si on demande le prix total.)
- **Je vous dois combien ?** (Si on paye un service, une personne. La phrase est recommandée chez le médecin, le dentiste, dans un taxi…)

Remarque pratique : Si vous êtes à Paris, vous pouvez acheter « Pariscope » ou « l'Officiel des spectacles » pour connaître les programmes de cinéma, théâtre, concerts, etc.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. « Pariscope » ne coûte pas cher.	☐	☐
2. Le client n'a pas d'argent.	☐	☐
3. La baguette est un gâteau.	☐	☐
4. La cliente ne choisit pas le gâteau au chocolat.	☐	☐

2 Choisissez la bonne réponse.

1. Vous désirez ?
   ☐ a. Je veux une baguette. ☐ b. Une baguette, s'il vous plaît !
2. Qu'est-ce que vous me conseillez ?
   ☐ a. Je vous conseille le camembert. ☐ b. Je ne vous le conseille pas.
3. Et avec ceci ?
   ☐ a. Rien, merci ! ☐ b. C'est tout, merci !
4. Je vous dois combien ?
   ☐ a. 7,53 €. ☐ b. Beaucoup, merci !
5. Ce sera tout ?
   ☐ a. Oui, merci. ☐ b. Oui, je voudrais un croissant.
6. Vous n'avez pas de monnaie ?
   ☐ a. Si, j'ai deux pièces d'1 €. ☐ b. Non, je n'ai pas d'argent.

3 Vous êtes le charcutier. Complétez le dialogue.

1. _____ ?
   — Je voudrais une tranche de pâté de canard, s'il vous plaît.
2. _____ ?
   — Je voudrais aussi deux tranches de jambon de Bayonne.
3. _____ ?
   — Oui, merci. Ça fait combien ?
4. 4,30 €. _____ ?
   — Attendez, si, si, j'ai la monnaie.

4 Vous entrez dans une pâtisserie. Vous demandez une petite tarte aux pommes. Vous demandez le prix et vous payez. Le pâtissier demande si vous avez de la monnaie. Vous répondez que non. Imaginez et jouez le dialogue.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

2 UN KILO DE CERISES...

1 Chez le marchand de fruits et légumes

La cliente : Bonjour, monsieur, **je voudrais quatre oranges**, s'il vous plaît.
Le marchand : Oui, madame, et avec ceci ?
La cliente : Il me faudrait **un kilo de haricots verts, une livre de fraises** et **des cerises**.
Le marchand : Combien je vous mets de cerises ?
La cliente : Mettez-m'en un bon kilo.

2 Chez le fromager

Le client : Bonjour, madame, je voudrais **un beau morceau de** cantal, s'il vous plaît.
La fromagère : Voilà, monsieur, et avec ceci ?
Le client : Mettez-moi aussi **un petit pot de** crème fraîche.
La fromagère : Voilà. Ce sera tout ?
Le client : Oui, merci.

3 Chez le traiteur

Le client : Bonjour, madame, je voudrais **une petite barquette de** salade alsacienne, s'il vous plaît.
La vendeuse : Oui, monsieur, et avec ceci ?
Le client : Je voudrais aussi **de la salade de riz pour trois personnes**.

COMMENT LE DIRE ?

Combien en voulez-vous ? Je vous en mets combien ?
— **Six** oranges, **deux** côtelettes d'agneau, **trois** filets de truite...
— **Deux kilos de** pommes de terre, **une livre** (= un demi-kilo) de champignons, **une demi-livre** (= un quart de kilo) de beurre.
— **200 grammes de... un litre de** lait...
— **Un morceau de... un petit morceau de...**
— **Du... de la... des... pour** quatre **personnes...**
— **Une barquette de...**

Remarques de vocabulaire : 1. Un « bon » kilo = au minimum un kilo ; j'ai travaillé « une bonne heure » sur ce sujet = plus d'une heure. – **2.** Un « beau » morceau, un « beau » poulet = appétissant et gros.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. La cliente achète [un kilo | 500 g] de fraises.
2. Elle voudrait [un peu plus | un peu moins] d'un kilo de cerises.

Dialogue 2.

3. Le client achète [un gros | un petit] morceau de fromage.

Dialogue 3.

4. Le client achète [beaucoup | un peu] de salade alsacienne.
5. Il voudrait du riz [froid | chaud].

2 **Complétez les phrases, en choisissant parmi les produits suivants :**

steak – tartes au citron – riz cantonais – petits pains – bœuf – gruyère – jambon – carottes

1. Chez le fromager : « Je voudrais deux cents grammes de _____. »
2. Chez le marchand de fruits et légumes : « Je voudrais un kilo de _____. »
3. Chez le charcutier : « Donnez-moi deux tranches de _____. »
4. À la pâtisserie : « Il me faudrait quatre _____. »
5. Chez le traiteur : « Est-ce que je peux avoir une barquette de _____ ? »

3 **Connaissez-vous les produits français ? Parmi les phrases suivantes, dites si elles sont usuelles (a) ou bizarres (b) ; corrigez-les si nécessaire.**

1. « Donnez-moi une côtelette de porc. »
_____
2. « Il me faudrait un litre de fromage de chèvre. »
_____
3. « Il me faudrait une livre de prunes. »
_____
4. « Donnez-moi une barquette de salade de pommes de terre. »
_____
5. « Je voudrais un pot de confiture. »
_____
6. « Je voudrais un kilo de lait. »
_____
7. « Je voudrais un morceau de jus d'orange. »
_____

4 **Vous préparez un dîner pour quatre personnes. Demandez les quantités que vous jugez appropriées.**

_____ côtelettes d'agneau, _____ haricots verts, _____ salade verte (laitue),

_____ fromage, _____ fraises, _____ framboises, _____ pain.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Acheter du tissu

La cliente : Bonjour, madame, **je voudrais prendre de ce tissu** pour des rideaux, s'il vous plaît.

La vendeuse : Bien sûr, madame. **Il vous en faut combien ?**

La cliente : Le tissu est en quelle largeur ?

La vendeuse : Il est en 140. (= 140 centimètres)

La cliente : C'est parfait. Alors, **il m'en faut deux fois trois mètres**. (2 × 3 m)

2 Poser une moquette

La cliente : Voilà, nous avons l'intention de changer la moquette de la salle de séjour.

Le poseur : Oui, **quelle est la surface de la pièce** ?

La cliente : Je pense qu'elle **fait environ 20 m²** (mètres carrés), mais j'aimerais que **vous mesuriez** la pièce, parce que je ne suis pas sûre des dimensions.

Le poseur : Alors… la pièce **fait 7 mètres sur 3**. Il faut donc au moins 22 m² de moquette. Vous savez, **il faut toujours compter un peu plus**.

La cliente : Est-ce que vous pouvez me faire un devis pour ça ?

Le poseur : Oui, madame ; nous avons donc : la moquette et la pose de la moquette. Je vous envoie le devis dès ce soir.

COMMENT LE DIRE ?

* **Quelle est la surface de la pièce ? Est-ce que vous pouvez mesurer la pièce ?** (= prendre les mesures de la pièce).
  – **Elle fait 20 m² ; elle fait 4 mètres sur 5** (4 m × 5 m = 20 m²).
* **Il vous faut combien de moquette ?**
  – **Il me faut 20 m² de moquette. Il m'en faut 20 m².**
* **La moquette est en quelle largeur ?**
  – **Elle est en quatre mètres de large.**
* **Je voudrais prendre de ce tissu** (= une certaine quantité de ce tissu).

Remarque de vocabulaire : « Un devis » = une estimation de prix.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. La cliente achète du tissu pour faire un vêtement.	☐	☐
2. Le tissu existe en deux largeurs.	☐	☐
3. La cliente achète un seul morceau de tissu.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. La cliente veut refaire la peinture de la salle de séjour.	☐	☐
5. Elle n'est pas sûre de la surface de la pièce.	☐	☐
6. La cliente doit acheter moins de 20 m² de moquette.	☐	☐

2 Choisissez la réponse correcte.

1. Vous voulez combien d'oranges ?
   ☐ **a.** Quatre. ☐ **b.** Quatre mètres.
2. Il vous faut combien de crème ?
   ☐ **a.** Un pot. ☐ **b.** Une barquette.
3. Le tissu est en quelle largeur ?
   ☐ **a.** 140 m². ☐ **b.** En 140.
4. Quelle est la surface de la pièce ?
   ☐ **a.** 25 mètres. ☐ **b.** 25 mètres carrés.
5. Il vous faut combien de moquette ?
   ☐ **a.** 7 mètres. ☐ **b.** 7 kilos.

3 Trouvez la question.

1. _____ ?
   — Il m'en faut 4 mètres.
2. _____ ?
   — Il existe en deux largeurs, 140 et 160 cm.
3. _____ ?
   — La chambre fait 3 m sur 4.
4. _____ ?
   — Il me faut 5 mètres de moquette.

4 Vous voulez du tissu pour faire une jupe. Vous demandez la largeur du tissu. Il est en 140. La vendeuse vous demande combien de mètres vous voulez. Il vous en faut 1,10 m. Imaginez et jouez le dialogue.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

3 UN GÂTEAU POUR SIX !

À la pâtisserie

La vendeuse : Monsieur, vous désirez ?
Le client : **J'aimerais commander** un gâteau d'anniversaire, s'il vous plaît, un gâteau au chocolat.
La vendeuse : Oui, bien sûr, monsieur. **C'est pour un adulte ou pour un enfant ?**
Le client : Pour un enfant très gourmand, qui va avoir 10 ans.
La vendeuse : Et vous voulez un gâteau **pour combien de personnes** ?
Le client : Pour huit personnes. Vous pouvez écrire « Bon anniversaire, Léo » sur le gâteau ?
La vendeuse : Bien sûr, monsieur ! Sur le gâteau au chocolat, on écrit la phrase en sucre blanc. C'est très joli ! Normalement, les enfants aiment beaucoup. Et vous voulez le gâteau **pour quel jour et pour quelle heure** ?
Le client : Pour samedi, vers 15 heures, c'est possible ?
La vendeuse : Bien sûr, monsieur. **C'est à quel nom ?**
Le client : Au nom de Reverdy.
La vendeuse : Très bien. **Ce sera prêt.** Vous le réglez maintenant ?
Le client : Oui, si vous voulez. Je vous dois combien ?
La vendeuse : 17 €.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais commander… J'aimerais commander…**
- **Est-ce que je peux commander… ?**
- **Est-ce que c'est possible ?**
- **Pour quel jour ?**
  — Pour… mardi.
- **Pour quelle heure ?**
  — Pour… 16 heures.
- **Pour combien de personnes ?**
  — Pour… quatre personnes.
- **C'est à quel nom ?**
  — Au nom de…
- **Vous réglez… maintenant / la première moitié à la commande, le reste à la livraison.**

Remarque de vocabulaire : « Gourmand » signifie : qui aime manger de bonnes choses.
« Claire est très gourmande ! »

ACTIVITÉS

1 Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. Le client voudrait emporter un gâteau tout de suite.	☐	☐
2. Le petit Léo aime les bons gâteaux.	☐	☐
3. Le client ne sait pas quel gâteau choisir.	☐	☐
4. La fête d'anniversaire commence à trois heures de l'après-midi.	☐	☐
5. Le gâteau sera prêt à temps.	☐	☐

2 Le dialogue a lieu dans une pâtisserie. Choisissez la réponse la plus logique.

1. Bonjour, monsieur, je voudrais commander une tarte, s'il vous plaît.
   — ☐ **a.** Une tarte aux fraises ? ☐ **b.** Nous n'avons pas de tarte.
2. — Non, je préfère une tarte aux abricots.
   — ☐ **a.** À quel nom ? ☐ **b.** Pour combien de personnes ?
3. — Pour six personnes.
   — ☐ **a.** C'est pour quand ? ☐ **b.** C'est pour où ?
4. — Pour vendredi soir.
   — ☐ **a.** Le matin ? ☐ **b.** Vers quelle heure ?
5. — Vers 18 h 30.
   — ☐ **a.** Ça marche ? ☐ **b.** C'est possible ?
6. — Oui, bien sûr. Et…
   — ☐ **a.** C'est pour quand ? ☐ **b.** C'est à quel nom ?

3 Chez le boucher, vous commandez une dinde pour Noël. Complétez le dialogue.

1. _____
2. — Oui, madame. _____ ?
3. — Pour huit personnes.
4. — D'accord. _____ ?
5. — Il me la faudrait pour le 23 décembre.
6. — Très bien. _____ ?
7. — Au nom de Grangier.

4 Vous devez louer du matériel pour une grande fête dans un jardin. Tout doit être prêt et livré samedi à 10 heures. Imaginez le dialogue. Vous avez besoin de :

40 chaises, 10 tables,

100 assiettes, 100 verres,

des couverts pour 35 personnes.

© CLE International 2001 La photocopie non autorisée est un délit.

Au restaurant : les clients commandent

1 **Le serveur :** Messieurs dames, vous avez choisi ?
Paul et Luc : Oui, **nous allons prendre deux menus à** 14 € avec un boudin aux pommes et un rumsteck au roquefort.
Le serveur : Et pour vous, madame ?
Sandrine : Pour moi, **ce sera à la carte**, un pavé de saumon. **Est-ce que je peux avoir** des haricots verts **à la place des** pâtes ?
Le serveur : D'accord. Un saumon-haricots verts. Vous ne prenez pas d'entrée ?
Sandrine : Non, merci.
Le serveur : Quelle cuisson, pour la viande ? Saignante, à point ?
Paul : Saignante, s'il vous plaît.
Le serveur : Et **comme boisson** ? Un petit rouge léger pour aller avec la viande et le poisson ?
Luc : Oui, bonne idée. Et une carafe d'eau, aussi, s'il vous plaît.

2 **Le serveur :** Ça vous a plu ?
Luc : Oui, merci, c'était délicieux.
Le serveur : Vous prendrez un dessert ?
Sandrine : Oui, moi, **je prendrais bien** une glace. **Qu'est-ce que vous avez comme** parfums ?
Le serveur : Comme glaces, nous avons café, chocolat, vanille… et comme sorbets, citron, poire, framboise, cassis, fruits de la passion… **Vous pouvez prendre** deux boules.
Sandrine : Alors, pour moi, un sorbet cassis-fruits de la passion.
Le serveur : Et pour vous, messieurs ?
Paul : Juste deux cafés et l'addition.

COMMENT LE DIRE ?

- **Vous avez choisi ?**
- **Vous prendrez… ?**
- **Je voudrais…**
- **Je prendrais bien…**
- **Je vais prendre…**
- **Qu'est-ce que vous avez comme… ?**
- **Vous ne prenez pas de… ?**
- **Est-ce que je peux avoir… à la place de… ?**

Remarque de vocabulaire : « *Je prendrais bien une glace* » = « Je mangerais une glace avec plaisir. »

Remarques culturelles : 1. En général, les Français mangent leur viande rouge (agneau, bœuf) pas trop cuite, « saignante ». – **2.** « *Un petit rouge* », « *un petit rosé* » = un vin bon mais pas trop cher.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.

1. Les clients commandent trois plats de viande / deux plats de viande et un plat de poisson.
2. Le steak sera pas trop cuit / bien cuit.
3. Les clients prennent de l'eau du robinet / de l'eau minérale.
4. La dame prend un fromage / un dessert.
5. Les messieurs prennent un sorbet / un café.

2 Qui parle, le client (a) ou le serveur (b) ?

1. « Vous avez choisi ? » _____
2. « L'addition, s'il vous plaît ! » _____
3. « Qu'est-ce que vous avez comme dessert ? » _____
4. « Vous prendrez du vin ? » _____
5. « Je vais prendre un magret de canard. » _____
6. « Ça vous a plu ? » _____

3 Dans un petit restaurant. Complétez le dialogue.

1. Bonjour, monsieur, _____ ?
   — Oui, je vais prendre une côtelette d'agneau avec des haricots verts.
   — Désolé, nous n'avons plus d'agneau.

2. — _____
   — D'accord. Votre steak, vous le voulez comment ?

3. — _____
   — Vous ne prenez pas d'entrée ?

4. — _____
   — Qu'est-ce que vous voulez comme boisson ?

5. — _____
   — Vous prendrez un dessert ?

6. — _____
   — Ça vous a plu ?

7. — _____

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

4 UNE TABLE POUR CE SOIR...

1 Réserver au restaurant

— Bonjour, monsieur, **je voudrais réserver une table pour ce soir**, s'il vous plaît.
— Oui, madame, **pour combien de personnes** ?
— **Pour trois personnes. Est-ce qu'il reste de la place** sur la terrasse ?
— Je suis désolé, madame, sur la terrasse, **c'est complet**. Mais je peux vous mettre près de la fenêtre, à l'intérieur. **Ça vous convient ?**
— D'accord. **C'est au nom de** Favier.

2 Réserver à l'hôtel

— Bonjour, monsieur, **je voudrais savoir si vous avez une chambre libre pour ce soir**, s'il vous plaît, **pour deux adultes et un enfant**.
— Voyons... **il me reste** une chambre avec un grand lit et un lit d'enfant, salle de bains et toilettes. Elle est à 55 €. Le petit déjeuner n'est pas compris, il est à 6,50 €.
— Très bien, **nous allons la prendre**.
— À quelle heure est-ce que vous pensez arriver ?
— Vers 18 heures, mais si nous sommes retardés, je vous appellerai de mon portable.

3 Réserver un taxi

— Bonjour, madame, **je voudrais réserver un taxi pour demain matin**, s'il vous plaît.
— Oui, monsieur, quel est votre numéro de téléphone ?
— 06 07 08 09 00.
— **À quelle adresse et à quel nom ?**
— M. Fromentin, 77, rue du Moulin.
— **À quelle heure ?**
— À 6 h 30.
— **Vous règlerez comment ?**
— Par carte bancaire.
— Très bien. **Votre numéro de réservation est le** 290.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais réserver... au nom de... pour... ce soir.**
- **Est-ce que je pourrais réserver... ?**
- **Je voudrais savoir si vous avez une chambre... pour... deux personnes.**
- **Est-ce qu'il vous reste une chambre... ?**
- **Nous allons prendre la chambre... Je prends la chambre.**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Associez une phrase et un ou plusieurs dialogues.

1. On demande le nom du client.
2. On demande le nombre de personnes.
3. On demande l'adresse du client.
4. Le client demande le prix.
5. On demande l'heure de la réservation.

a. dialogue 1.
b. dialogue 2.
c. dialogue 3.

2 Choisissez la bonne réponse.

1. Est-ce que vous avez une chambre | occupée | libre | ?
2. Est-ce que vous avez | une table | une chambre | en terrasse ?
3. C'est à quel | prénom | nom | ?
4. Je voudrais réserver | une table | un taxi | pour lundi à 5 h 30 du matin.
5. Le petit | déjeuner | repas | n'est pas compris dans le prix.

3 Associez une phrase et une situation.

1. « Je voudrais réserver une chambre. »
2. « Est-ce que vous avez une table ? »
3. « C'est à quel nom ? »
4. « Est-ce que le petit déjeuner est inclus ? »
5. « Il y a de la place en terrasse ? »
6. « Désolé, c'est complet ! »
7. « Ça vous convient ? »

a. à l'hôtel.
b. au restaurant.
c. l'un ou l'autre.

4 Vous avez des réservations à faire. Imaginez les dialogues à partir des éléments suivants :

1. *restaurant : 4 personnes, mercredi soir, 19 h 30, salle non-fumeurs.*
2. *taxi : dimanche matin, 7 h, pour aller à l'aéroport, paiement en espèces.*

5 À l'hôtel : vous voulez réserver une chambre pour deux adultes pour trois nuits. L'hôtelier propose deux solutions : une chambre à deux lits avec vue sur la campagne à 60 € et une chambre à un grand lit avec vue sur la mer, à 67 €. Vous demandez le prix du petit déjeuner. Il est inclus dans le prix de la chambre. Vous faites votre choix, vous donnez votre nom et votre heure d'arrivée. Imaginez et jouez le dialogue.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Modifier une réservation au restaurant

— Restaurant « La table du chef », bonjour !
— Bonjour, madame. Voilà, j'ai une réservation pour ce soir à 20 h 30 pour quatre personnes. **En fait, nous serons six. Est-ce que cela pose un problème ?**
— Non, pas du tout, madame, je note ça immédiatement.

2 Modifier une réservation à l'hôtel

— « Hôtel du Parc », bonsoir.
— Bonsoir, monsieur. Je vous téléphone à propos d'une réservation que j'ai pour mardi et mercredi prochain. **Je suis obligé de retarder** mon voyage et je voudrais donc **reporter ma réservation à la semaine suivante**.

— Vous êtes monsieur ?
— Poirier.
— Ah oui, je vois, une chambre à 59 €. Donc, **vous annulez pour** mardi 17 et mercredi 18. Et vous souhaitez réserver pour quelle date ?
— Une semaine après, mardi 24 et mercredi 25.
— Alors, le problème, c'est que pour ces dates, je ne vais pas avoir de chambre !
— Mais qu'est-ce que je vais faire, alors ?
— Écoutez, je vais vous donner le numéro des trois autres hôtels de la ville.
— Merci, vous êtes bien aimable.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais changer ma réservation.**
- **Est-ce que je peux modifier… ?**
- **Est-ce qu'il est possible de reporter… ? Est-ce que je pourrais reporter… ?**
- **Je suis obligé de reporter… (= retarder, remettre, repousser)**
- **Je vais devoir annuler…**
- **Est-ce que cela pose un problème ?**

Remarque pratique : Le réseau hôtelier est important en France. On trouve différentes sortes d'hôtels : des chaînes hôtelières, de petits hôtels familiaux, de grands hôtels de luxe parfois situés dans des châteaux. Avec les années, d'autres formes de logement se sont développées : les gîtes ruraux (maisons à louer à la campagne ou dans un petit village), les séjours à la ferme, les chambres d'hôte…

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. La cliente annule sa réservation.	☐	☐
2. Le restaurant trouve une solution.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Le client annule définitivement sa réservation.	☐	☐
4. Le client voudrait changer les dates de sa réservation.	☐	☐
5. L'hôtel n'a plus de chambre pour les nouvelles dates.	☐	☐

2 Dites quelles phrases permettent de réserver (a) ou de modifier une réservation (b).

	a	b
1. « Je voudrais savoir si vous avez une chambre pour demain soir. »	☐	☐
2. « Finalement, nous serons quatre personnes et non pas trois. »	☐	☐
3. « Je dois reporter mon séjour à la semaine prochaine. »	☐	☐
4. « Je voudrais réserver une table pour mardi soir. »	☐	☐
5. « Je voudrais modifier l'heure de ma réservation de taxi. »	☐	☐

3 Remettez le dialogue dans un ordre logique.

1. ☐ Alors, j'aurai une table pour quatre, mais dans la salle fumeurs.
2. ☐ Oui, madame, c'est une réservation à quel nom ?
3. ☐ Non, je suis désolé.
4. ☐ Tant pis, alors, j'annule la réservation. Une des personnes est vraiment allergique à la cigarette !
5. ☐ Oui, je vois, une table pour deux personnes ce soir.
6. ☐ Eh bien, nous serons quatre au lieu de deux.
7. ☐ Vous n'avez plus de place en non-fumeurs ?
8. ☐ Madame Vannier.
9. ☐ Bonjour, monsieur. Je vous téléphone à propos d'une réservation que je voudrais modifier.

4 Vous devez modifier une réservation. Faites les phrases appropriées.

Vous avez cette réservation :

1. une chambre pour deux du 23 au 27.
2. une table pour trois personnes pour mardi soir.
3. un taxi pour jeudi à 15 h 30.

Vous souhaitez maintenant :

1. deux chambres pour deux du 24 au 27.
2. la même chose pour jeudi soir.
3. un taxi pour dimanche à midi.

© CLE International 2002. La photocopie non autorisée est un délit.

5 ÇA FAIT COMBIEN ?

1 Chez le fleuriste

— Bonjour, monsieur, je voudrais envoyer un bouquet de fleurs à quelqu'un, s'il vous plaît.
— Oui, monsieur, vous désirez un bouquet **dans les combien*** ?
— **Dans les 30 € environ**. Je ne sais pas exactement, ça dépend...

2 À la boutique de bijoux

— Bonjour, madame, voilà, je voudrais faire un cadeau à mon amie.
— Oui, monsieur, **vous voulez mettre combien**, à peu près ?
— 100 € maximum.
— Alors, je vais vous montrer quelques colliers.
— Ah, celui-là est magnifique ! **Il fait combien ?**
— 220 €, monsieur.
— Ah non, **c'est vraiment au-dessus de mon budget**. C'est dommage.
— Regardez celui-là, **il est d'un prix très raisonnable**, 95 €.
— Oui, mais je l'aime moins. Vous n'avez rien d'autre **dans ces prix-là** ?

COMMENT LE DIRE ?

- **Quel est votre budget ?**
- **Vous voulez mettre combien ?**
- **Dans les combien ?** *(fam.)*
  — Dans les 50 € environ.
- **Vous avez quelque chose dans ces prix-là ?**
- **C'est au-dessus de mon budget. = C'est au-dessus de mes moyens.**
- **Un prix intéressant, raisonnable. ≠ Ce n'est pas donné !** (= C'est assez cher.)
- **C'est hors de prix ! = Ça coûte une fortune ! = Ça coûte les yeux de la tête !** *(fam.)*

Remarques culturelles : 1. Les Français évitent de parler directement d'argent. Ils préfèrent dire « *Ce n'est pas donné.* » à « C'est cher. » ; ils disent « *régler* » pour « payer », « *règlement* » pour « paiement ». On demande « *Combien vous voulez mettre ?* », mais jamais « combien vous voulez dépenser ? ».
2. Une « bijouterie » vend des bijoux classiques (en or, diamant, perles, etc.), une « boutique de bijoux » vend des bijoux « fantaisie » (en métal, plastique, fausses perles, etc.).

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Le client achète un bouquet à emporter.	☐	☐
2. Le client ne sait pas exactement combien il veut dépenser.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Le client cherche un bijou de très grande valeur.	☐	☐
4. Le client aime beaucoup un bijou qui est trop cher pour lui.	☐	☐

2 On parle d'argent. Choisissez la bonne réponse.

1. Vous voulez mettre / prendre dans les combien ?
2. Ce n'est pas bien / donné !
3. C'est un prix intéressant / intéressé.
4. C'est au-dessus de mon argent / budget.
5. Je cherche quelque chose sur / dans les 40 € environ.
6. Ça coûte une fortune / hors de prix !

3 Trouvez une réponse appropriée.

1. « Voici le bouquet que vous avez commandé. Ça fait 60 €. »

— _____ !

2. « Pour un dictionnaire, vous voulez mettre dans les combien ? »

— _____

3. « Je peux vous proposer un billet aller-retour Paris-San Francisco pour 460 €. »

— _____ !

4. « Pour changer la moquette de votre appartement, quel est votre budget ? »

— _____

5. « Je peux vous proposer une montre à 80 €. »

— _____

6. « Éléonore a acheté des billets pour l'opéra à 120 € ! »

— _____ !

4 Vous voulez offrir une belle écharpe à une amie. La vendeuse vous demande votre budget, qui est de 30 €, environ. La vendeuse vous montre deux écharpes. Vous préférez la première, mais elle est trop chère pour vous (42 €). Vous aimez bien la deuxième, qui fait 28 €, mais vous demandez à la vendeuse si elle n'a pas d'autres modèles autour de 30 €. Imaginez et jouez le dialogue.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 À la banque

— Bonjour, monsieur, **je voudrais ouvrir un compte**, s'il vous plaît.
— Oui, monsieur. **Quel type de compte** vous intéresse ?
— **Un compte courant**, bien sûr, mais je voudrais aussi voir ce que vous avez comme **compte d'épargne**. J'aurai aussi besoin d'une **carte bancaire**.

2 En sortant de la banque

— Tu sais, je ne comprends pas très bien les termes bancaires, en français. Tu peux m'expliquer, un peu ?
— Oui, c'est facile. En fait, il y a généralement un terme technique et un terme usuel. Par exemple, tu peux dire : « je dois **prendre de l'argent au distributeur** » ; mais la banque dit : « vous pouvez **retirer des espèces dans un distributeur** ».
— D'accord. Une autre chose que j'entends tout le temps : « **vous réglez comment ?** ».
— C'est-à-dire : « vous payez comment ? ». On parle de **règlement** ou de **paiement**, c'est la même chose.
— Une dernière question : qu'est-ce que c'est, **un prélèvement automatique** ?

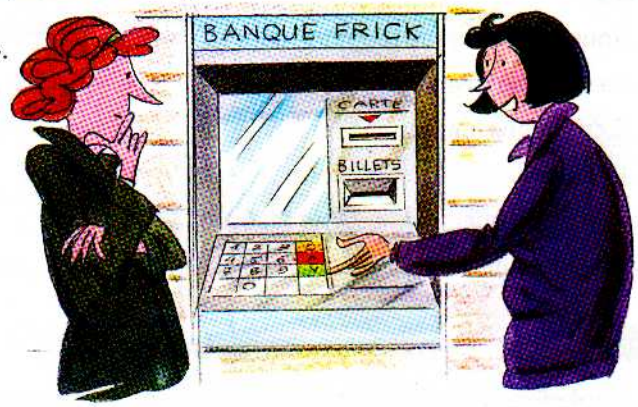

— Pour **payer tes factures** d'électricité, de téléphone, tu peux choisir le prélèvement automatique : **une somme est prise**, « **prélevée** », **sur ton compte**.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais ouvrir un compte ≠ fermer un compte.**
- **J'ai besoin d'un chéquier et d'une carte bancaire.**
- **Je dois prendre / retirer de l'argent dans un distributeur.**
- **Vous pouvez faire un chèque ou payer par prélèvement automatique.**
- **Vous payez comment ? = Vous réglez comment ?**
- **Je voudrais changer de l'argent.**
- **Quel est le taux de change ?**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. Le client voudrait absolument ouvrir un compte d'épargne.	☐	☐
2. « Retirer des espèces » signifie « payer par carte bancaire ».	☐	☐
3. « Régler » signifie « payer ».	☐	☐
4. On peut payer ses factures par prélèvement automatique.	☐	☐

2 Parmi les phrases suivantes, choisissez celles qui concernent directement l'argent.

1. « Vous voulez prendre quelque chose ? » ☐
2. « Vous voulez mettre combien ? » ☐
3. « Vous réglez comment ? » ☐
4. « C'est intéressant. » ☐
5. « C'est hors de prix. » ☐
6. « Ça m'intéresse. » ☐
7. « Vous retirez votre manteau ? » ☐
8. « Vous voulez retirer des espèces ? » ☐

3 Remettez ce dialogue dans un ordre logique.

1. ☐ Ah oui, en effet, il est superbe ! Mais il est à 90 € ! Non, je suis désolé, c'est au-dessus de mon budget.
2. ☐ Je ne sais pas exactement, mais peut-être 40, 50 €…
3. ☐ Bonjour, madame, je cherche un beau livre sur les vins.
4. ☐ Voilà, nous avons ce magnifique livre…
5. ☐ Il me paraît très bien, en effet. Je vais le prendre.
6. ☐ Oui, monsieur, quel est votre budget ? Nous avons des livres à tous les prix.
7. ☐ Alors, regardez celui-là ; il est aussi très bien, avec de belles illustrations, des cartes… Et il fait seulement 41 €.

4 Imaginez dans quel contexte vous pourriez entendre les phrases suivantes.

1. « Est-ce qu'il y a un distributeur, par ici ? »
2. « Ça coûte les yeux de la tête ! »
3. « Vous voulez ouvrir un compte d'épargne ? »
4. « Pour retirer des espèces, vous devez avoir une carte bancaire. »
5. « Vous voulez mettre dans les combien ? »

5 Vous êtes étranger en France. Vous voulez ouvrir un compte courant. Vous voulez savoir comment régler vos factures de téléphone. Vous ne comprenez pas l'expression « retirer des espèces ». Préparez les questions que vous allez poser à la banque.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

6 C'EST REMBOURSABLE ?

1 À la gare

— Bonjour, monsieur, j'ai deux billets aller-retour Paris-Montpellier, mais je **voudrais changer pour** un billet aller-retour Paris-Perpignan.
— D'accord, monsieur.
— **Les billets sont bien remboursables ?**
— Oui, puisque vous les changez avant votre départ, il n'y a pas de problème.

2 Dans une grande surface

— J'ai acheté ce pull il y a deux jours, mais il est vraiment trop petit. **Est-ce que je peux le changer ?**
— Oui, madame, **vous avez votre ticket de caisse ?**
— Ah non, je ne sais pas où il est, je crois que je l'ai perdu !
— Madame, **on ne peut pas changer un article sans le ticket de caisse !**
— J'ai peut-être encore le ticket de carte bleue. **Est-ce que ça peut aller ?**
— D'accord, ça pourra aller… Mais n'oubliez pas de garder votre ticket de caisse, si vous souhaitez **faire un échange** ou **être remboursée** !

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais changer…**
- **Est-ce que je peux changer… ?**
- **Est-ce qu'il est possible de changer… ?**
- **Est-ce que je pourrais changer…** cette écharpe **pour…** une autre ?
- **Je viens pour un échange.**
- **Je voudrais faire un échange.**
- **À qui est-ce que je dois m'adresser pour un échange ?**
- **Est-ce que vous avez votre ticket de caisse ?**

Remarque pratique : Le « ticket de caisse », c'est-à-dire le petit reçu donné par le magasin, est la clé du remboursement ! Il faut toujours garder précieusement ce document !

Remarque de vocabulaire : Les Français appellent familièrement « carte bleue » une carte bancaire.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Associez une phrase et un dialogue.**

1. Le client voudrait juste changer l'itinéraire de son voyage.
2. C'est remboursable.
3. Il y a un petit problème pour le remboursement.
4. Le ticket de caisse est obligatoire.

a. dialogue 1.

b. dialogue 2.

2 **Replacez les expressions suivantes dans le dialogue :**
choisir – le ticket – échange – elle ne l'aura pas – échanger – elle l'a déjà

1. Bonjour, monsieur. Voilà, j'ai acheté ce livre pour une amie, mais _____. Est-ce que je pourrais l'_____ pour un autre ?
2. — Oui, bien sûr, monsieur. Vous avez _____ de caisse ?
3. — Oui, le voilà.
4. — Très bien. Vous préférez un remboursement ou un _____ ?
5. — Un échange. Je vais _____ un autre livre. J'espère qu' _____, celui-là !

3 **Vous avez acheté une table de cuisine il y a trois semaines. Vous voulez la changer. Complétez le dialogue.**

1. — _____
_____
2. — Trois semaines ! Normalement, si vous voulez changer, c'est dans un délai de deux semaines.
3. — Je sais, mais _____
_____
4. — Vous avez le ticket de caisse, ou la facture ?
5. — _____
_____

4 **Vous êtes à la gare. Vous avez un billet que vous voulez changer. Imaginez le dialogue.**

- *Vous avez :*
  un billet Lille-Marseille,
  pour une personne,
  en première.
- *Vous souhaitez :*
  un billet Lille-Nice,
  pour deux personnes,
  en seconde.

5 **Vous êtes dans une boutique de vêtements. Vous avez acheté un pantalon, mais il est trop grand. Vous demandez à le changer.**
Le vendeur vous demande le ticket de caisse. Vous l'avez. Imaginez et jouez le dialogue.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Au théâtre

— Bonjour, madame, j'ai réservé deux places pour le spectacle de jeudi prochain, mais **je ne pourrai pas venir. Qu'est-ce que je dois faire pour me faire rembourser ?**
— Monsieur, **il n'y a pas de remboursement possible**, regardez sur vos billets : **ils ne sont ni échangeables, ni remboursés**.
— Oh, ce n'est pas possible !
— Monsieur, c'est comme ça. Vous pouvez toujours essayer de les revendre à quelqu'un.

2 Au concert

— Allô, bonjour, monsieur, nous avons deux places pour le concert de demain, mais nous venons d'apprendre qu'il est annulé. **Comment est-ce que nous pouvons être remboursés ?**
— Vous avez les références de vos billets, s'il vous plaît ?
— Ah oui, MG 4523.
— Oui, je vois, deux places à 37 €. **Vous préférez un remboursement ou un échange ?**
— Un remboursement.
— Eh bien, je vous envoie un chèque de 74 €. Vous me donnez votre adresse ?

3 À l'aéroport : le client vient de rater l'avion.

— Monsieur, je viens de rater l'avion pour Amsterdam ! Est-ce que vous pouvez me mettre sur un autre vol ?
— Oui, peut-être, mais **vos billets ne sont pas remboursables**. Vous devez acheter de nouveaux billets.
— Monsieur, vous savez pourquoi j'ai raté l'avion ? Le tableau électronique, dans le bar, ne fonctionne pas. Le vol pour Amsterdam n'a jamais été annoncé. Et je suis dans l'aéroport depuis une heure !
— Monsieur, je suis désolé, regardez : « **billets ni échangeables, ni remboursables** ».
— Peut-être, mais ce n'est pas ma faute. **J'exige d'être remboursé !**

COMMENT LE DIRE ?

- **Je viens pour un remboursement.**
- **Qu'est-ce que je dois faire pour être remboursé ?**
- **Est-ce que les billets sont remboursables ?**
- **Je viens rapporter ces articles. Est-ce que je pourrais être remboursé ?**
- **Est-ce que le remboursement est possible ?**
- **J'exige d'être remboursé !**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre et barrez la réponse incorrecte.

Dialogue 1.

1. Les billets | sont remboursables | ne sont pas remboursables | ne sont pas échangeables |.
2. Le client | peut revendre les billets | doit venir au spectacle | ne peut pas venir au spectacle |.

Dialogue 2.

3. Le client | a deux places | est furieux | va être remboursé |.

Dialogue 3.

4. Le client | a raté son avion | est arrivé en retard à l'aéroport | voudrait aller à Amsterdam |.
5. Les billets | ne sont pas échangeables | ne sont pas remboursables | sont trop chers |.

2 Choisissez la meilleure explication.

1. « Les billets ne sont pas remboursables. »
   - ☐ **a.** On peut seulement les rembourser.
   - ☐ **b.** On peut les échanger, peut-être.
2. « Je viens pour un échange. »
   - ☐ **a.** Vous voulez être remboursé.
   - ☐ **b.** Vous voulez acheter autre chose.
3. « J'ai perdu mon ticket de caisse. »
   - ☐ **a.** Il est impossible de vous rembourser.
   - ☐ **b.** Vous n'avez donc rien acheté.
4. « Est-ce que je peux changer ce pantalon ? »
   - ☐ **a.** Vous voulez garder le pantalon.
   - ☐ **b.** Le pantalon ne vous convient pas.

3 Imaginez le dialogue entre les deux personnages.

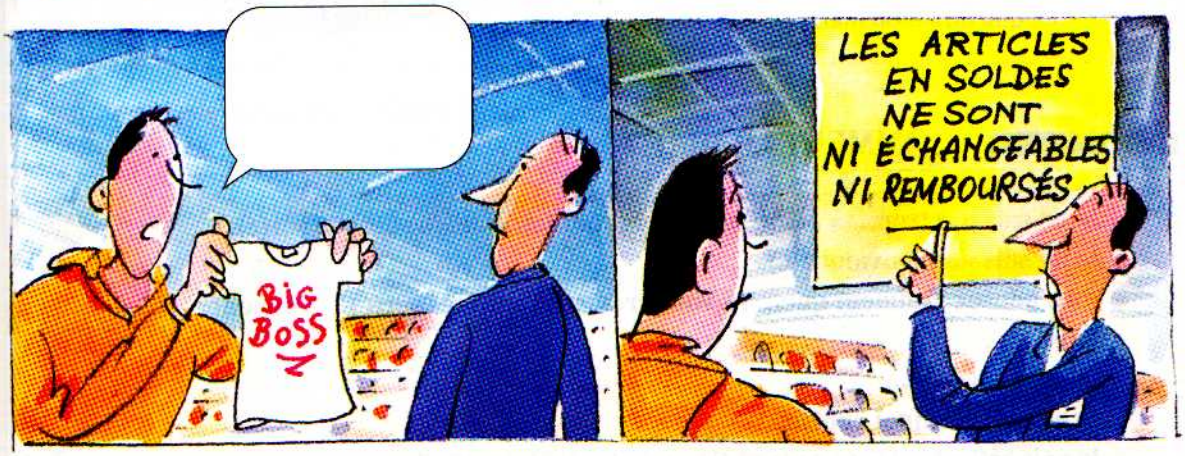

4 Vous êtes dans un grand magasin. Vous avez acheté un parapluie que, finalement, vous ne voulez pas. Le vendeur vous demande votre ticket de caisse. Vous l'avez. Il vous demande si vous préférez un échange ou un remboursement. Vous préférez un remboursement. Imaginez et jouez le dialogue.

7 JE NE SAIS PAS TROP...

Chez le coiffeur

1
— Bonjour, monsieur, j'ai rendez-vous pour une coupe.
— Qui vous coiffe, madame ?
— Euh, je ne sais plus le nom de la coiffeuse. **Je crois qu'**elle s'appelle Béa...
— Vous voulez dire Léa ?
— Voilà, c'est ça !

2
— Alors, madame, qu'est-ce qu'on vous fait ?
— Je voudrais bien changer de coiffure, mais **je ne sais pas trop**...
— Vous voulez les cheveux courts ?
— Pff, **je ne suis pas sûre**... **Vous croyez que** ça m'irait ?
— Ah oui, moi, je trouve que ça vous rajeunirait. Regardez, on pourrait faire un dégradé ici, et une toute petite frange devant...
— Vraiment ? **J'hésite un peu**... **Ce ne sera pas trop** court ?
— Mais non, je vous assure, vous allez voir, ça va être très joli.

3
— Oh là là ! Qu'est-ce que c'est court ! Vous avez coupé tout ça ?
— Mais oui, mais ça vous va très bien !
— Moi, je me trouve affreuse !
— C'est parce que vous n'êtes pas habituée !
— **Je ne suis pas convaincue**... **Je me demande** ce que dira mon mari !

COMMENT LE DIRE ?

- **Je ne sais pas trop... = Je ne suis pas certain(e). = Je ne suis pas sûr(e).**
- **Je ne suis pas convaincu(e).**
- **Vous pensez vraiment que... ? / Vous croyez ? Vous êtes sûr(e) ? Vraiment ?**
- **J'hésite...**
- **Je me demande...**
- **Je ne sais pas quoi choisir.**
- **Je vais réfléchir** (si on ne veut rien acheter tout de suite).

Remarque de vocabulaire : « *Je ne sais plus.* » = « J'ai oublié momentanément. »
« *Vous connaissez le numéro de téléphone de Valentine ? — Euh oui, c'est le 04 67... euh, je ne sais plus !* »

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. La cliente voudrait absolument avoir les cheveux courts.	☐	☐
2. La coiffeuse conseille une coupe avec une frange.	☐	☐
3. La coiffeuse est sûre que la coupe va être jolie.	☐	☐
4. La cliente est contente du résultat.	☐	☐

2 Parmi les phrases suivantes, lesquelles expriment l'incertitude ?

1. « J'hésite un peu. » ☐
2. « Je ne sais pas trop. » ☐
3. « Je suis certain. » ☐
4. « Je ne sais plus. » ☐
5. « Je ne suis pas sûr. » ☐
6. « Je trouve que c'est bien. » ☐

3 Répondez en exprimant l'incertitude et en variant les expressions.

*Exemple : Tu viens ? → Non, **je ne suis pas sûr de** venir.*

1. Tu pars en vacances ? → _____
2. Tu as pris tes papiers ? → _____
3. Quel livre est-ce que tu as choisi ? → _____
4. Tu penses que c'est une bonne idée ? → _____
5. Lequel de ces deux sacs est-ce que tu emportes ? → _____

4 Complétez le dialogue par des réponses exprimant l'incertitude.

1. Quel pull est-ce que vous choisissez, finalement ?

— _____

2. Je trouve que les deux vous vont très bien.

— _____

3. Mais à mon avis, le bleu est plus joli sur vous.

— _____

4. Si vous hésitez entre les deux, prenez les deux !

— _____

5 Vous voulez changer de coiffure. Vous n'êtes pas sûr(e) de ce que vous voulez. Le coiffeur vous propose de vous couper les cheveux très courts. Vous hésitez puis vous acceptez. Le coiffeur est content du résultat, mais vous n'êtes pas convaincu(e). Imaginez et jouez le dialogue.

© CLE International 2004 – La photocopie non autorisée est un délit.

À la parfumerie

— Bonjour, monsieur, je peux vous aider ?
— Oui, je voudrais offrir un parfum à mon amie, mais **je ne sais pas quoi choisir**...
— Elle est comment, votre amie ?
— Comment ça, elle est comment ?!
— Je veux dire : elle est grande, petite, blonde, brune ?
— C'est une petite brune, très sportive. **Pourquoi ? C'est important ?**
— Bien sûr, pour choisir un parfum, il faut connaître la personne !
Alors je vais vous faire sentir « Nuits bleues », « l'Air du temps » et « Allure ».
Dites-moi, lequel préférez-vous ?
— Ah non, celui-là, je n'aime pas du tout !
— Ah bon ? Si c'est pour votre amie, il faut que ça vous plaise à vous aussi !
— Et puis, entre celui-ci et celui-là, franchement, **je ne sais pas trop**...
— À mon avis, « l'Air du temps » serait très bien. En général, il est très apprécié.
— Bon, de toute façon, **je n'y connais rien***. Il fait combien ?
— En parfum, en eau de parfum ou en eau de toilette ?
— ??? Pardon ?! **C'est quoi, la différence* ? Je n'en ai aucune idée !**
— Vous savez, monsieur, je vous conseille le parfum, c'est un beau cadeau. Le petit modèle fait 55 € et le grand modèle 70 €.
— Eh bien, je vais prendre le petit.
— Je vous fais un paquet-cadeau ?
— Oui, s'il vous plaît.

COMMENT LE DIRE ?

- **Quelle est la différence entre... et... ? = C'est quoi, la différence ?** *(fam.)*
- **Je n'en ai aucune idée !**
- **Aucune idée !** *(fam.)*
- **Je ne sais pas trop...**
- **Je ne sais pas du tout.**
- **Je ne connais rien à ce sujet.**
- **Je n'y connais rien.** *(fam.)*

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. Le client est surpris par la première question de la vendeuse.	☐	☐
2. L'amie du client est très jolie.	☐	☐
3. Elle aime le sport.	☐	☐
4. Le client déteste les trois parfums que lui propose la vendeuse.	☐	☐

2 **Vous voulez offrir du parfum à votre femme.**
Choisissez la réponse la plus adaptée à la situation.

1. Elle est comment, votre femme ?
   ☐ **a.** Très sympathique. ☐ **b.** Grande et brune.
2. Vous voulez du parfum ou de l'eau de toilette ?
   ☐ **a.** Je ne sais pas trop. ☐ **b.** L'autre.
3. Elle aime les parfums plutôt lourds, ou au contraire plutôt frais ?
   ☐ **a.** Aucune idée. ☐ **b.** Elle n'aime pas du tout.
4. Lequel des deux parfums préférez-vous ?
   ☐ **a.** Le petit modèle. ☐ **b.** Celui-ci.
5. Vous prenez le grand flacon ou le petit flacon ?
   ☐ **a.** C'est quoi, la différence ? ☐ **b.** Le grand, s'il vous plaît.
6. Je vous fais un paquet-cadeau ?
   ☐ **a.** Je n'y connais rien. ☐ **b.** Oui, bien sûr.

3 **Parmi les phrases suivantes, lesquelles expriment l'ignorance ?**

1. « Je n'y connais rien ! »
2. « Je n'aime pas ça ! »
3. « Je ne connais pas la différence ! »
4. « J'ai une bonne idée ! »
5. « Je vais réfléchir ! »
6. « Aucune idée ! »

4 **Répondez librement en exprimant votre ignorance ou votre hésitation.**

1. Votre amie met du parfum ou de l'eau de toilette ? _____
2. Quel parfum est-ce qu'elle porte en ce moment ? _____
3. Vous désirez un parfum frais ? _____
4. Lequel des deux préférez-vous ? _____

5 **Vous voulez offrir du parfum à votre ami(e). Vous ne savez pas quoi choisir.**
La vendeuse vous demande de décrire votre ami(e). Elle vous fait sentir deux parfums.
Vous ne savez pas lequel choisir. La vendeuse conseille le premier.
Vous prenez un petit flacon et vous demandez un paquet-cadeau. Imaginez et jouez le dialogue.

8 ÇA VOUS VA MIEUX !

Dans une boutique de vêtements

La cliente : Je voudrais essayer la jupe noire qui est dans la vitrine.
La vendeuse : Bien sûr, madame. Quelle taille faites-vous ?
La cliente : Du 40.
(Quelques minutes plus tard.)
La vendeuse : Alors, ça va ? C'est assez large ?
La cliente : Non, ça ne va pas, **elle est trop serrée** et un peu trop branchée*.
La vendeuse : Vous voulez essayer **le même modèle**, une taille au-dessus ?
La cliente : D'accord.
La vendeuse : Alors ?
La cliente : Ça va mieux, mais ça ne me plaît pas tellement.
La vendeuse : Vous voulez peut-être essayer aussi ce modèle-là. Vous voyez, **la coupe est un peu différente**, mais je pense **que ça vous ira mieux**.
La cliente : Oui, en effet, **celle-ci est plus longue. Elle est un peu plus habillée**, non ?
La vendeuse : Vous savez, **elle est aussi facile à porter que l'autre**. Moi, je trouve **qu'elle vous va mieux**. La première vous **va moins bien que** celle-ci.
La cliente : Elle fait combien ?
La vendeuse : En fait, **elle est un peu moins chère que** la première, 51 €.

COMMENT LE DIRE ?

- **C'est assez... ≠ C'est trop...**
- **C'est plus** + *adjectif* + **que :** *Le pull bleu est plus joli que le rouge.*
  Il / elle est beaucoup plus... un peu plus + *adjectif* + **que.**
- **C'est moins** + *adjectif* + **que :** *Le pull rouge est moins joli que le bleu.*
  Il / elle est beaucoup moins... un peu moins + *adjectif* + **que.**
- **C'est aussi** + *adjectif* + **que :** *Le pull jaune est aussi joli que le bleu.*
- **C'est le même, la même...**
- **C'est pareil = identique.**
  ≠ Il / Elle est différent(e) de... c'est un peu différent, c'est complètement différent.
  ≠ C'est autrement.
- **C'est comme...**

Remarque de vocabulaire : « *Branché* » = moderne, à la mode.

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. La première jupe est trop large.	☐	☐
2. La vendeuse propose un autre modèle.	☐	☐
3. La cliente déteste la deuxième jupe.	☐	☐

2 **Répondez par une comparaison appropriée (plusieurs solutions sont parfois possibles).**

1. Est-ce que le train va aussi vite que l'avion ?

— Ah non, _____ !

2. Est-ce que le film est aussi bon que le livre sur le même sujet ?

— Ah non, _____ !

3. Est-ce que ces deux tasses sont identiques ?

— Ah non, _____ !

4. Est-ce que cet exercice est aussi difficile que le premier ?

— Mais non, _____ !

5. Est-ce que ce fauteuil est plus confortable que ce canapé ?

— Non, je crois que _____ !

6. Tu penses que ces assiettes sont différentes de celles de Brigitte ?

— Non, _____ !

3 **Comparez ces vêtements.**

1.

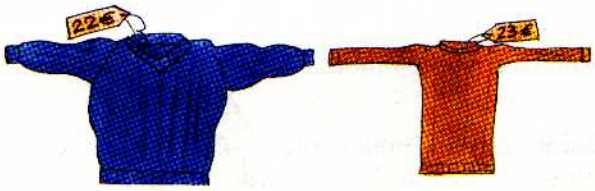

2.

4 **Vous êtes dans un magasin de vêtements. Vous voulez essayer un pantalon blanc. La vendeuse vous demande votre taille. Vous trouvez que le pantalon est trop petit. La vendeuse propose un autre modèle. Vous le trouvez plus joli. Vous demandez le prix : le deuxième pantalon est plus cher que le premier. Imaginez et jouez le dialogue.**

© CLE International 2003 - La photocopie non autorisée est un délit.

Dans un magasin d'électroménager

1 **La cliente :** Pardon, monsieur, vous pouvez m'expliquer **la différence entre** ces deux machines à laver ?

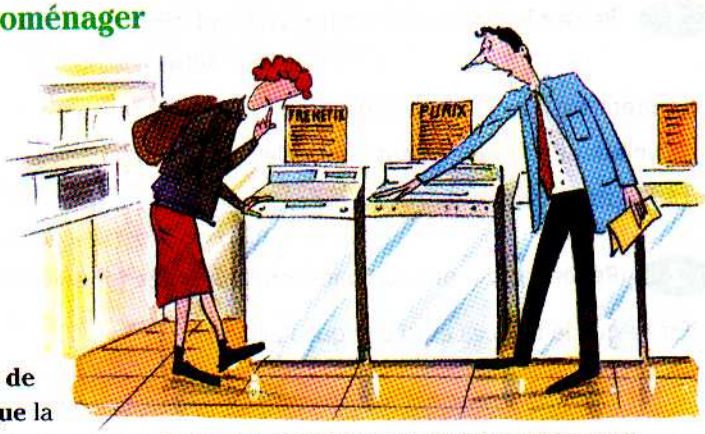

Le vendeur : Oui, madame, bien sûr. La Furix est **la plus puissante des deux**. Elle offre **plus de possibilités, alors que** la Frenetix a **moins de** programmes de lavage. Les deux machines contiennent **autant de** linge.

La cliente : Laquelle consomme **le plus d'électricité** ?

Le vendeur : C'est à peu près **la même chose** pour les deux.

2 **Léon :** Alors, chérie, laquelle tu préfères ?

Agnès : Écoute, c'est toujours la même chanson, l'une est plus chère que l'autre, **tandis que** l'autre est moins efficace que la première ! Quel ennui ! Il y a **trop de choix** !

Léon : Oui, mais il faut bien choisir entre la Furix et la Frenetix !

Agnès : Ça m'est complètement égal ! Je ne vois même pas la différence !

Léon : Tu veux qu'on cherche **quelque chose de moins cher** ?

COMMENT LE DIRE ?

- **Quelle est la différence ? Vous pouvez m'expliquer la différence entre… et… ?**
  - **Trop de** + *nom.*
  - **Plus de** + *nom* + **que = Davantage de** + *nom* + **que.**
  - **Moins de** + *nom* + **que.**
  - **Autant de** + *nom* + **que.**
- **Alors que = Tandis que.**
- **Je ne vois pas la différence.**
- **Ça m'est égal.**
- **C'est le meilleur. ≠ C'est le pire.**
- **Le plus long, la plus courte, le moins cher…**
- **Quel hôtel a le plus de chambres ? Quelle machine fait le moins de bruit ?**
- **Qui travaille le plus ? ≠ Le moins ?**
- **De mieux en mieux. ≠ De pire en pire.**
- **De plus en plus. ≠ De moins en moins.**

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. Il y a d'énormes différences entre les deux machines à laver.	☐	☐
2. Les deux machines ont autant de programmes de lavage.	☐	☐
3. La première machine consomme davantage d'électricité que la seconde.	☐	☐
4. La cliente ne s'intéresse pas beaucoup aux machines.	☐	☐

2 **Vous travaillez dans une agence de voyages. Vous présentez ces deux voyages organisés en les comparant.**

1. L'Italie en 15 jours / Venise, Rome, Florence / tous les repas sont compris / hôtels 4* / départs tous les 1ers du mois.

_____

_____

2. L'Italie en 8 jours / Venise, Rome, Florence / tous les dîners sont compris / hôtels 3* / départs les 1ers du mois (de mai à septembre).

_____

_____

3 **Voici deux dessins presque identiques. Expliquez les différences en utilisant les structures de la comparaison.**

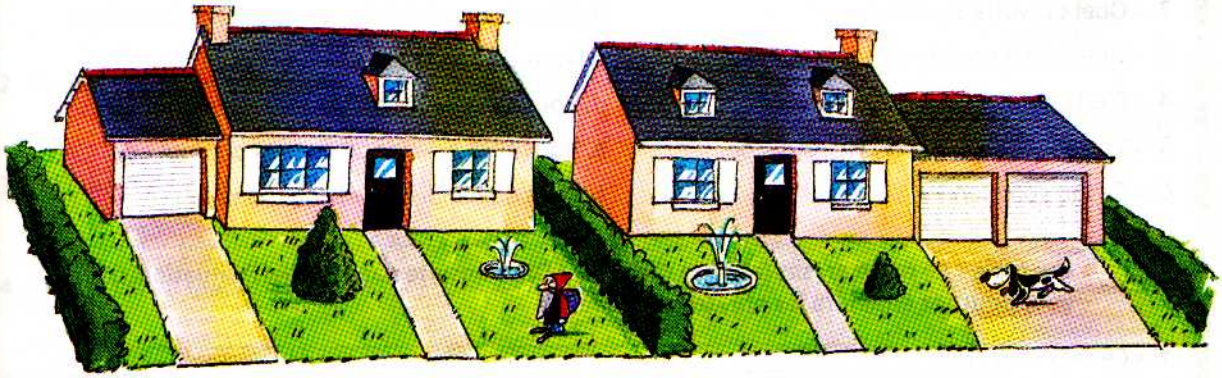

4 **Vous êtes dans une librairie et vous voyez deux dictionnaires. Vous demandez au libraire de vous expliquer la différence entre les deux. Imaginez et jouez le dialogue.**

Premier dictionnaire :

20 €

petit format

20 000 mots

quelques synonymes et quelques contraires

pas de phonétique (prononciation)

Deuxième dictionnaire :

40 €

grand format

45 000 mots

liste complète de synonymes et de contraires

phonétique (prononciation)

© CLE International 2003 - La photocopie non autorisée est un délit

BILAN N° 1

1 **Vous êtes à la boulangerie-pâtisserie. Choisissez les phrases appropriées.**

1. « Je vais prendre une baguette. »
2. « J'en voudrais 4 mètres. »
3. « Je voudrais commander un gâteau d'anniversaire, s'il vous plaît. »
4. « Je ne sais pas quoi choisir. »
5. « Je voudrais échanger ce gâteau contre un autre. »
6. « Il me faudrait un beau poulet. »

2 **Utilisez des mesures appropriées pour les termes suivants.**

1. _____ de tissu.
2. _____ de lait.
3. _____ d'abricots.
4. _____ de jambon.
5. _____ de moquette.
6. _____ de salade niçoise.

3 **Associez une question et une situation.**

1. « Vous voulez mettre combien ? »	a. Vous demandez le prix d'un stylo.
2. « Quel est votre budget ? »	b. Vous avez acheté des oranges et des pommes.
3. « Elles sont à combien ? »	c. Vous êtes à la caisse d'un magasin.
4. « C'est combien ? »	d. Vous allez peut-être acheter une voiture.
5. « Vous réglez comment ? »	e. Vous allez acheter un cadeau pour un ami.
6. « Ça fait combien ? »	f. Vous demandez le prix des pommes.

4 **Qui parle ? Le commerçant (a) ou le client (b) ? Dites ensuite dans quelle(s) situation(s) vous pourriez entendre les phrases suivantes.**

1. « Ce sera tout ? » _____
2. « Pour combien de personnes ? » _____
3. « Ils sont à combien ? » _____
4. « Désolé, c'est complet. » _____
5. « Je dois modifier ma réservation. » _____
6. « C'est au-dessus de mon budget. » _____
7. « Vous avez votre ticket de caisse ? » _____
8. « Je ne sais pas quoi choisir. » _____

5 **Répondez par le contraire.**

1. C'est pareil ?
— Non, _____

2. C'est possible demain ?
— Non, _____

3. Le prix est intéressant ?
— Non, _____

4. Vous êtes sûr ?
— Non, _____

5. C'est de mieux en mieux ?
— Non, _____

6. Vous voulez votre viande saignante ?
— Non, _____

6 **Trouvez une autre manière de dire.**

1. Vous *payez* comment ?
_____

2. *Je viens pour* un échange.
_____

3. *C'est hors de prix !*
_____

4. *Quel est votre budget ?*
_____

5. *Je voudrais* un pain aux raisins, s'il vous plaît.
_____

6. Ce pull *est à* combien ?
_____

7 **Finissez chacun des dialogues de manière appropriée. Plusieurs solutions sont possibles.**

1. Bonjour, madame, je voudrais changer ce pull, qui est trop petit.
— _____ ?

2. Bonjour, monsieur, je voudrais réserver une table, s'il vous plaît.
— _____ ?

3. Les pommes de terre sont à combien ?
— _____

4. Le tissu est en quelle largeur ?
— _____

5. Quelle cuisson, pour votre steak ?
— _____

6. Vous réglez comment ?
— _____

7. Est-ce que cet exercice est plus difficile que les autres ?
— _____

8. Vous n'avez pas la monnaie ?
— _____

© CLE International 2001 - La photocopie non autorisée est un délit

9 ADRESSEZ-VOUS À L'ACCUEIL !

À la poste

1

Susan : Qu'est-ce que je dois faire, pour envoyer ce paquet ?
Jean : Aller à la poste !
Susan : Oui, mais **qu'est-ce que je dois dire ?**
Jean : « Bonjour, madame, je voudrais envoyer ce colis au Canada ! »

2

Jean : Est-ce que vous auriez de jolis timbres à 0,46 € ?
Le postier : Oui, bien sûr, je vais vous montrer ce que nous avons.
Jean : Pour qu'un paquet **arrive** le plus vite possible, **quel est le meilleur système ?**
Le postier : Avec « Colissimo », le paquet arrive dans un délai de deux jours.
Jean : Comment est-ce qu'on fait pour envoyer des objets fragiles ?
Le postier : Il existe des emballages spéciaux pour les bouteilles. Sinon, vous devez bien envelopper les objets fragiles.

3

Paula : Oh là là, vous, les Français, vous avez toujours des mots impossibles. **C'est quoi***, une « lettre recommandée avec accusé de réception » ?
Joël : C'est une lettre assurée (recommandée). L'employé te donne un papier qui prouve que tu as envoyé la lettre et plus tard, tu reçois un papier qui prouve que le destinataire l'a reçue.
Paula : C'est gratuit ?
Joël : Non, bien sûr, **c'est payant** ! Ça coûte plus cher qu'une lettre normale.

COMMENT LE DIRE ?

- **Est-ce que je peux avoir... ?**
- **Est-ce qu'il existe... ? Est-ce que vous avez... ? Est-ce que vous auriez... ?**
- **Qu'est-ce que je dois faire pour...** + *infinitif* **?**
- **Comment est-ce que je dois faire pour...** + *infinitif* **?**
- **Quel est le meilleur système pour...** + *infinitif* **?**
- **Est-ce que je dois... ? Est-ce que je peux... ?**
- **Qu'est-ce que c'est... ? C'est quoi... ?** *(fam.)*
- **C'est gratuit. ≠ C'est payant.**

Remarque de vocabulaire : On dit *« Est-ce que vous auriez... »*, *« Est-ce que tu aurais... »* quand on n'est pas sûr de la réponse.
Comparez : • à la papeterie : *Est-ce que vous avez des stylos verts ?*
• à un ami : *Est-ce que tu aurais un stylo vert ?*

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. Pour envoyer un paquet, il faut aller à la poste.	☐	☐
2. La poste vend de beaux timbres.	☐	☐
3. Tous les paquets mettent plus de deux jours pour arriver à destination.	☐	☐
4. Le client voudrait envoyer des bouteilles.	☐	☐
5. Un accusé de réception est un document officiel.	☐	☐

2 Choisissez la bonne solution.

1. Pour envoyer de l'argent en Australie,
   ☐ a. comment est-ce que je dois faire ? ☐ b. comment est-ce qu'on dit ?
2. Pardon, monsieur,
   ☐ a. tu aurais une grande enveloppe ? ☐ b. vous auriez une grande enveloppe ?
3. Pour envoyer de l'argent à l'étranger,
   ☐ a. qu'est-ce que c'est ? ☐ b. quel est le meilleur système ?
4. Un carnet de timbres,
   ☐ a. c'est quoi ? ☐ b. c'est gratuit ?
5. Un mandat,
   ☐ a. est-ce que je peux ? ☐ b. qu'est-ce que c'est ?
6. Quand j'arrive à la poste,
   ☐ a. qu'est-ce que je dois dire ? ☐ b. c'est payant ?

3 Benoît est étranger dans votre pays. Répondez à ses questions.

1. « Où est-ce que je dois aller, pour acheter des timbres ? »
   — _____
2. « Qu'est-ce que je dois faire pour envoyer de l'argent en France ? »
   — _____
3. « Quel est le meilleur système pour envoyer une lettre importante ? »
   — _____
4. « Est-ce qu'il existe des emballages pour des bouteilles ? »
   — _____
5. « Comment est-ce que je fais pour envoyer des objets fragiles ? »
   — _____

Au club de gym

1 *(La cliente **demande des renseignements**.)*

— Pardon, monsieur, **je voudrais quelques renseignements à propos du** club, s'il vous plaît.

— Oui, bien sûr, madame, **adressez-vous à l'accueil, mon collègue vous donnera un dépliant avec tous les renseignements** que vous souhaitez.

2 *(La cliente **se renseigne**.)*

— Bonjour, madame, **je peux vous renseigner** ?

— Oui, s'il vous plaît. Je voudrais **inscrire mes enfants à** un cours de judo et **je voudrais connaître vos tarifs**.

— Oui, madame, **voici notre brochure, tout est indiqué à l'intérieur**.

— **Quels sont les horaires** du club ?

— Le club est ouvert tous les jours, sauf le dimanche, de 7 heures à 22 heures.

3 — **La carte du club est valable combien de temps ?**

— Vous pouvez prendre un abonnement pour un mois, six mois ou un an.

— **Est-ce qu'on peut s'inscrire** seulement à un cours de gym douce ?

— Bien sûr, madame. C'est vous qui choisissez.

— **Est-ce qu'il y a une possibilité de** changer de cours ? Si, finalement, je préfère le yoga ?

— Bien sûr, madame. La carte vous **donne accès à** tous les cours.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je peux vous renseigner ?**
- **Vous pouvez vous renseigner auprès de...**
- **La carte donne accès à... Vous avez accès à...**
- **Tout est indiqué.**
- **Où est-ce que je peux me renseigner ?**
- **Pardon, monsieur, je voudrais juste un renseignement, s'il vous plaît.**
- **Est-ce que vous pouvez me dire, m'expliquer, me montrer... ?**
- **Est-ce qu'on peut... ? Est-ce qu'il y a une possibilité de... ?**
- **Je voudrais m'inscrire à... Je voudrais inscrire mes enfants à...**
- **Est-ce que vous avez une brochure ? Un dépliant ? Un papier ?**
- **Quels sont les horaires ? Les tarifs ?**
- **La carte du club est valable combien de temps ?**

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

1. La dame voudrait [des renseignements | un accueil].
2. Le club est [ouvert tous les jours | fermé un jour par semaine].
3. La carte est valable [seulement pour un an | aussi pour un an].
4. La carte du club donne accès [juste au cours de gym douce | à tous les cours].

2 **Vous demandez des renseignements. Choisissez la bonne phrase.**

1. ☐ **a.** Bonjour, madame, vous pouvez me renseigner ?
   ☐ **b.** Bonjour, madame, tu peux me renseigner ?
2. ☐ **a.** Vous pourriez me dire si le club est ouvert le dimanche ?
   ☐ **b.** Dites-moi si le club est ouvert le dimanche !
3. ☐ **a.** Donnez-moi des renseignements !
   ☐ **b.** Vous pourriez me donner des renseignements ?
4. ☐ **a.** Je veux des renseignements.
   ☐ **b.** Je voudrais des renseignements.

3 **Complétez le dialogue suivant qui concerne une inscription en bibliothèque.**

1. — _____ ?
   — Vous devez apporter une quittance d'électricité ou de téléphone.
2. — _____ ?
   — Non, c'est gratuit.
3. — _____ ?
   — La carte est valable un an.
4. — _____ ?
   — La bibliothèque est ouverte du mardi au samedi, de 10 à 18 heures.
5. — _____ ?
   — Vous pouvez emprunter 4 livres et 3 bandes dessinées.
6. — _____ ?
   — Vous pouvez les garder 3 semaines.

4 **Vous désirez partir en Espagne pour suivre un cours intensif d'espagnol.**
Vous téléphonez à un organisme français pour obtenir des renseignements.
Préparez les questions à partir des éléments suivants :

Ville ? Durée du séjour ? Nombre de participants au cours ? Niveau ? Nombre d'heures de cours ?
Matériel utilisé ? Présence d'activités culturelles, touristiques, sportives ? Tarifs ? Site internet ?
Adresse de courrier électronique ?

10 JE CHERCHE...

Dans un centre commercial

1 — Oh zut*, **je ne trouve plus** ma pièce de 1 €! **Qu'est-ce que j'en ai fait ?**
Bon, je vais demander de la monnaie à quelqu'un. Pardon, madame, vous auriez de la monnaie pour le chariot ?
— Oui, voilà deux pièces de 1 €.

2 — Pardon, monsieur, **où se trouve** le rayon « biscuits salés » ?
— **Avec** les apéritifs, **le dernier rayon à droite**.
— **Je cherche** aussi les surgelés.
— **C'est tout au fond du magasin, à gauche.**

3 — Excusez-moi, **je ne vois pas où sont** les confitures.
— **De l'autre côté du magasin, après** les conserves.
— Merci. **Je ne trouve pas** les jus de fruit.
— Mais monsieur, **ils sont juste derrière vous !**

4 — Pardon, madame, **où est-ce que je peux trouver** des stylos-billes ?
— **Là-bas**, monsieur, **au rayon papeterie**.

5 — Zut*, je ne sais plus **où j'ai mis** mon ticket de parking.
— **Tu l'as mis dans** ta poche.

COMMENT LE DIRE ?

- **Où se trouve... ? Où est... ? Où sont...?**
- **C'est où ?** *(fam.)*
- **Je cherche...**
- **Je ne trouve pas... Je ne trouve plus...**
- **Où est-ce que je peux trouver... ?**
- **Je ne vois pas...**
- **C'est devant... ≠ derrière...**
- **C'est au fond de...**
- **C'est de l'autre côté de...**
- **C'est à droite ≠ à gauche...**
- **C'est au rayon...**
- **C'est avant... ≠ après...**
- **Où est-ce que j'ai mis... ? Je ne sais plus où j'ai mis...**
- **Qu'est-ce que j'ai fait de... ?**

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. Il faut de la monnaie pour pouvoir prendre un chariot.	☐	☐
2. Les biscuits salés se trouvent avec les vins.	☐	☐
3. Les surgelés se trouvent à l'entrée du magasin.	☐	☐
4. Les conserves sont avant les confitures.	☐	☐
5. Les jus de fruit sont faciles à trouver.	☐	☐
6. Il n'y a pas de stylos-billes dans ce supermarché.	☐	☐

2 **La situation se passe dans un supermarché. Choisissez la réponse la plus logique.**

1. Pardon, monsieur, où est-ce que je peux trouver de la sauce tomate ?

☐ **a.** Au rayon « fruits et légumes ». ☐ **b.** Là-bas, avec les conserves !

2. Je ne trouve pas les biscuits sucrés.

☐ **a.** Demandez à la parfumerie ! ☐ **b.** Ils sont derrière vous !

3. Je ne vois pas où sont les surgelés.

☐ **a.** Ils sont au fond du magasin. ☐ **b.** Ils sont à l'extérieur du magasin.

4. Où se trouvent les fruits secs ?

☐ **a.** À côté du rayon « pâtisserie ». ☐ **b.** Au rayon « jus de fruit ».

5. Je ne trouve plus la sortie !

☐ **a.** Elle est là-bas ! ☐ **b.** Il n'y en a pas !

3 **Complétez les verbes manquants.**

1. Qu'est-ce que j'ai _____ de mon ticket de parking ?

2. Où est-ce que tu as _____ mon sac ?

3. Où est-ce que je peux _____ des ampoules électriques ?

4. Pardon, monsieur, je _____ le rayon « huiles et vinaigres ».

5. Où se _____ la sortie du magasin ?

6. Je ne _____ plus mon porte-monnaie !

4 **Vous êtes dans un supermarché. Vous demandez de la monnaie à un autre client pour le chariot. Ensuite, vous demandez à un employé où se trouvent les produits de nettoyage. L'employé vous explique qu'ils sont au fond du magasin. Plus tard, vous ne trouvez pas l'eau minérale. Une cliente vous montre que toutes les eaux minérales sont derrière le rayon « vins et bières ». Imaginez et jouez les dialogues.**

© CLE International 2002. La photocopie non autorisée est un délit.

Dans la rue

1
— Pardon, monsieur, **vous êtes du quartier ?**
— Euh… oui. Pourquoi ?
— **Je suis perdue. Je cherche** la rue Rousseau. **Vous la connaissez ?**
— Oui, oui ! **Vous prenez la deuxième à droite**, puis **vous continuez jusqu'à** un café **qui est à l'angle de** la rue Voltaire et de la rue Rousseau.
— **C'est loin d'ici ?**
— Oh non, **c'est à deux minutes à pied**.

2
— Pardon, monsieur, **est-ce qu'il y a** une pharmacie, **dans le quartier** ?
— Oui, il y en a une **dans la rue** de la Perle. **Il faut que vous passiez devant** la mairie. Ensuite, **vous continuez la rue** du Château. **Vous allez voir une petite place sur votre gauche**, et la rue de la Perle **donne sur cette place**. Vous allez voir une boulangerie, et la pharmacie est **un peu après, sur le même trottoir**.

3
— Pardon, monsieur, **par où il faut passer pour aller à** la place du Châtelet ?
— Alors, là, c'est facile. **Vous suivez la Seine** et **vous arrivez au** Châtelet.
— **Dans quel sens** est-ce que je suis la Seine ?
— Mais **par ici**, madame ! **Vous longez la Seine !** Le Châtelet est **juste à droite, c'est en face de** la Conciergerie.
— Ah bon, je croyais que je devais **traverser la Seine** !
— Mais non, madame, **vous restez sur les quais**.

COMMENT LE DIRE ?

- **Vous prenez… la rue, la route, l'autoroute…, la direction « Nantes »… la première à droite…**
- **Vous longez… la Seine, le musée…**
- **Vous suivez… le Rhône, la direction « Lyon »…**
- **Vous traversez… la rivière, le pont…**
- **Vous restez… sur la même route, sur les quais…**
- **Vous allez voir…**
- **Vous arrivez… à un feu rouge, à une place, à un croisement…**
- **Vous passez… devant un grand bâtiment blanc…**
- **Vous continuez… tout droit, la rue, dans la même direction…**

Remarque pratique : Pour demander son chemin, on commence souvent par « *Vous êtes du quartier ?* », « *Vous êtes d'ici ?* »

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. Il y a un restaurant à l'angle de la rue Voltaire et de la rue Rousseau.	☐	☐
2. La rue Rousseau n'est pas loin.	☐	☐
3. La rue de la Perle donne sur une place.	☐	☐
4. La pharmacie est du même côté que la boulangerie.	☐	☐
5. La dame doit traverser la Seine pour aller à la Place du Châtelet.	☐	☐

2 Choisissez les termes possibles.

1. Tu dois | longer | traverser | prendre | continuer | la rivière.
2. Prenez | la deuxième à gauche | la rue Jean-Moulin | la rivière | le feu rouge |.
3. Vous continuez | le pont | tout droit | la place | la rue | dans la même direction |.
4. Tu | prends | arrives | suis | passes | la direction Grenoble.
5. C'est | à droite | juste après la banque | jusqu'au café | sur le même trottoir | loin d'ici |.
6. Tu vas voir | sur une place | un restaurant | une place | dans la rue | un feu rouge |.

3 Trouvez une question appropriée.

1. _____ ?
   — Non, c'est à gauche.
2. _____ ?
   — Non, désolé, je ne suis pas du quartier.
3. _____ ?
   — Non, c'est à cinq minutes à pied.
4. _____ ?
   — Non, vous ne traversez pas la Loire.
5. _____ ?
   — Je connais le nom de la rue, mais je ne sais pas où c'est, exactement.
6. _____ ?
   — Non, au contraire, vous traversez la Seine.
7. _____ ?
   — Oui, il y en a une, un peu plus loin, là-bas !

4 À vous ! Pouvez-vous expliquer comment aller de chez vous à la gare la plus proche ?

© CLE International 2002. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Dans le métro

— Pardon, madame, **pour aller à** Sèvres-Babylone ?
— **Vous prenez la direction** Vincennes, **vous changez à** Concorde, puis vous prenez la direction Mairie d'Issy.

2 Le bus

— Pardon, monsieur, **l'arrêt du 21, c'est de quel côté ?**
— Il y a bien un arrêt de bus, mais ce n'est pas le 21, c'est le 67. Ah non, c'est vrai, **le 21 passe dans la rue là-bas ; l'arrêt est un peu plus bas**, sur la droite.

3 En voiture

— Pardon, monsieur, je cherche le supermarché Auchan. **Ça fait une demi-heure que je tourne** et que je ne trouve pas. **C'est bien par ici ?**
— Oui, mais c'est de l'autre côté de l'autoroute. C'est à quelques kilomètres d'ici.
— **Par où est-ce qu'il faut passer** pour retrouver l'autoroute ?
— **Vous êtes en voiture ?**
— Oui.
— Alors, **vous sortez de la ville**, par la N 113. Vous irez **jusqu'à un grand rond-point**. Là, vous prendrez la direction « Lyon », et **après, c'est indiqué, il y a des panneaux**.

COMMENT LE DIRE ?

- **Pour aller à... ?**
- **Vous connaissez la route ?**
- **Est-ce que le 83 passe par l'avenue de la République ?**
- **Vous êtes en voiture ? Vous êtes à pied ?**
- **C'est de quel côté ? C'est dans quelle direction ?**
- **C'est par ici ?**
- **Par où est-ce qu'il faut passer ? Par où il faut passer ?** *(fam.)* **Il faut passer par où ?** *(fam.)*

Remarque de vocabulaire : À propos des bus, on dit « le 21 » (« le vingt-et-un »), « le 7 » (« le sept »), etc.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre, et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. Pour aller à Sèvres-Babylone, c'est / ce n'est pas direct.
2. Sèvres-Babylone est sur la ligne de Mairie d'Issy / Vincennes.

Dialogue 2.

3. Dans ce quartier, il y a un / il n'y a pas d' arrêt du 21.

Dialogue 3.

4. Le supermarché est juste à côté / à quelques kilomètres de la station service.
5. Le monsieur voudrait aller en voiture / à pied au supermarché.

2 **Trouvez une réponse appropriée.**

1. Vous êtes à pied ?

— Non, _____

2. C'est de quel côté ?

— _____

3. Par où il faut passer ?

— _____

4. C'est direct, en métro ?

— Non, _____

5. C'est loin d'ici ?

— Non, _____

3 **Complétez les dialogues.**

1. _____ ?

— Il faut passer par là.

2. _____ ?

— Non, je suis à pied.

3. _____ ?

— Vous suivez la direction « Marseille », et après c'est indiqué.

4. _____ ?

— Non, ce n'est pas par ici !

4 **Vous cherchez le stade, mais vous êtes perdu. Vous demandez votre chemin. Une personne vous explique qu'il faut prendre la direction « la gare », puis tourner à gauche. Elle dit qu'après, le stade est indiqué. Vous demandez si c'est loin. Elle vous répond que non. Imaginez et jouez le dialogue.**

© CLE International 2002 / La photocopie non autorisée est un délit

Les excursions

1
— Est-ce que **tu es déjà allé à** Vienne ?
— **En** Autriche ?
— Non, **à côté de** Lyon !
— Ah oui, c'est **dans la vallée** du Rhône, n'est-ce pas ?

2
— Où est-ce que tu voudrais aller, pour le week-end du 14 juillet ?
— J'aimerais bien aller **en** Dordogne.
— Tu sais, c'est **un peu loin**, pour trois jours…
— Alors, on va en Bourgogne.
— Où, en Bourgogne ? **Dans la région des vins ?**
— Oui, c'est une bonne idée, on pourrait acheter un peu de bon vin…

3
— Alors, qu'est-ce qu'on fait, aujourd'hui ?
— Moi, j'aimerais bien visiter la cathédrale d'Amiens.
— **C'est où*, Amiens ?**
— C'est **au nord de** Paris.
— C'est **loin d'**Arras ?
— Non, ce n'est pas très loin, **c'est à une cinquantaine de kilomètres au sud d'Arras. C'est à mi-chemin entre Lille et Paris.**

COMMENT LE DIRE ?

- **C'est au nord, au sud, à l'est, à l'ouest de…**
- **C'est loin de… ≠ C'est à côté de, c'est près de…**
- **C'est à mi-chemin entre… et…**
- **C'est à 200 kilomètres de Toulouse ; c'est à une centaine de kilomètres de Lyon.**
- **C'est à deux heures de Nantes, en voiture.**
- **C'est à cinq minutes à pied.**
- **On va en…** Bretagne, Bourgogne, Alsace, Normandie.
- **On va à…** Dijon, Quimper, Colmar.
- **On va… dans la vallée de** la Loire, **dans la région** des châteaux, **dans les Alpes…**

Remarque culturelle : Les Français restent en France. Neuf vacanciers français sur dix passent leurs vacances en France.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. Il existe une ville de France qui s'appelle Vienne.	☐	☐
2. Cette ville est au nord de Lyon.	☐	☐
3. Elle se trouve dans la vallée de la Loire.	☐	☐
4. La Dordogne est trop éloignée pour un week-end.	☐	☐
5. Il y a du vin en Bourgogne.	☐	☐
6. Paris est au sud d'Amiens.	☐	☐
7. Lille est entre Paris et Amiens.	☐	☐

2 **Replacez les phrases au bon endroit. Aidez-vous d'une carte de France.**

a. *C'est loin de Besançon* – **b.** *C'est à combien de kilomètres* – **c.** *C'est où, Rennes* – **d.** *Je ne trouve pas Colmar sur la carte* – **e.** *Je cherche Aix-en-Provence* – **f.** *Je ne vois pas où c'est*

1. _____ ?

— C'est en Bretagne.

2. _____ !

— Mais si, regarde sur la carte, c'est à l'ouest de Paris, à mi-chemin entre Brest et Paris.

3. _____ .

— Regarde, c'est en Alsace, au sud de Strasbourg.

4. _____ ?

— Oh, c'est à environ 200 kilomètres de Besançon.

5. _____ .

— Tu vois, c'est juste à côté de Marseille, un peu à l'ouest.

6. _____ ?

— Oh, à une trentaine de kilomètres de Marseille.

3 **En vous aidant d'une carte de France, situez les villes suivantes :**

Biarritz / Narbonne / Brest / Metz / Clermont-Ferrand / Angoulême

_____

_____

4 **À vous ! Parlez de votre pays. Situez la capitale et les villes les plus importantes. Expliquez ensuite comment aller de chez vous à ces diverses villes.**

© CLE International 2002 - La photocopie non autorisée est un délit

11 À LOUER !

À l'agence immobilière

L'agent immobilier : Messieurs-dames, qu'est-ce que je peux faire pour vous ?
Brice : Voilà, **nous sommes à la recherche d'un appartement à louer**.
L'agent : Vide ou meublé ?
Brice : Meublé.
L'agent : Oui, quel type d'appartement est-ce que vous recherchez ?
Brice : Eh bien, ça dépend du prix, bien sûr, mais probablement **un deux-pièces**.
L'agent : Quel quartier est-ce que vous préférez ?
Anaïs : Oui, ce serait bien dans le quartier de la gare, pas trop loin des arrêts de bus.
L'agent : Je suis désolé, je ne vais pas avoir de deux-pièces dans ce quartier-là, mais **j'ai un beau studio**. Il est **moderne**, **clair** ; **il fait 39 m² avec un petit balcon**.
Anaïs : Est-ce qu'**il donne sur la rue** ?
L'agent : Non, il donne sur une cour intérieure. C'est très calme.Vous désirez le visiter ?
Brice : Oui, pourquoi pas ? **Le loyer est de combien ?**
L'agent : 480 €, **charges comprises**. Ah, j'allais oublier : **le chauffage est individuel** et **électrique**.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je suis à la recherche d'un appartement à louer.**
- **C'est un studio, un deux-pièces, un trois-pièces...**
- **Il fait quelle surface ? Il fait 50 m².**
- **Il est bien situé...**
- **Il / Elle est... petit(e) ≠ grand(e).**
  clair(e) ≠ sombre.
  calme ≠ bruyant(e).
  moderne ≠ ancien(ne).
  vide ≠ meublé(e).
- **Il donne sur la cour, sur la rue.**
- **Il y a une terrasse, un petit balcon.**
- **La cuisine est équipée.**
- **L'appartement est en bon état / refait à neuf. ≠ Il y a des travaux à faire.**
- **Le loyer est de 500 €, charges comprises.**
- **Le chauffage est individuel ≠ collectif, électrique ou au gaz.**

Remarque de vocabulaire : « Les charges » représentent l'argent nécessaire pour payer le nettoyage de l'immeuble, l'électricité des parties communes, l'entretien des poubelles, etc.

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. Le couple cherche un appartement sans meuble.	☐	☐
2. Brice et Anaïs voudraient un grand appartement.	☐	☐
3. Ils aimeraient habiter près des transports en commun.	☐	☐
4. L'appartement que propose l'agence est petit.	☐	☐
5. L'appartement a vue sur la rue.	☐	☐
6. L'appartement n'est pas bruyant.	☐	☐

2 **Vous êtes agent immobilier. Imaginez des réponses aux questions suivantes.**

1. L'appartement est vide ou meublé ? — _____
2. Il fait quelle surface ? — _____
3. Est-ce qu'il donne sur la route ? — _____
4. Il est situé dans quel quartier ? — _____
5. Il y a quel type de chauffage ? — _____
6. Est-ce qu'il y a un balcon ? — _____
7. L'appartement est moderne ou ancien ? — _____
8. Il est en bon état ? — _____
9. Le loyer est de combien ? — _____

3 **Voici l'annonce que vous avez lue :**

Vous préparez des questions pour demander des précisions sur cet appartement : surface, état, montant du loyer, situation...

4 **À vous ! Vous entrez dans une agence immobilière car vous recherchez un appartement à louer. L'agent vous demande des précisions sur ce que vous recherchez. Imaginez et jouez le dialogue.**

© CLE International 2002. La photocopie non autorisée est un délit.

À l'office du tourisme de Saint-Malo

Klaus : Bonjour, madame, je voudrais quelques renseignements, s'il vous plaît. **Qu'est-ce qu'il y a à voir dans la région ?**

L'employée : Beaucoup de choses, monsieur ! La Bretagne est une région très riche.

Klaus : Qu'est-ce qu'il y a d'intéressant, pour les enfants ?

L'employée : Vous pouvez visiter le grand aquarium, qui est **passionnant** pour les enfants.

Klaus : Quels sont les horaires de visite ?

L'employée : Je vais vous donner un dépliant, vous aurez tous les renseignements nécessaires. Je vous recommande aussi d'aller au cap Fréhel, c'est **magnifique et spectaculaire** ! **Vous pourrez voir** toutes sortes d'oiseaux et **un panorama extraordinaire**.

Klaus : Ma femme s'intéresse beaucoup à l'histoire. **Est-ce qu'il y a des monuments historiques à visiter ?**

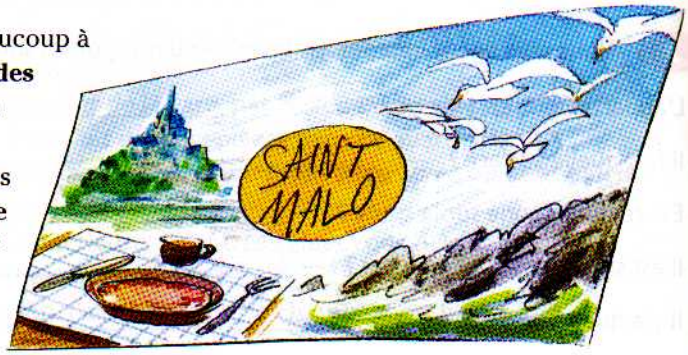

L'employée : Ici, à Saint-Malo, vous pouvez **faire la visite** des remparts du XVIIe siècle. Mais dans la région, **le monument le plus connu**, bien sûr, **c'est** Le Mont-Saint-Michel. C'est très touristique, mais ça vaut la peine. Il y a aussi la vieille ville de Dinan, qui est très belle.

Klaus : Qu'est-ce qu'on mange de bon, dans la région ?

L'employée : Des crêpes, monsieur, des crêpes et des crêpes ! **C'est la grande spécialité de** la Bretagne, et les enfants adorent ça. Mais si vous préférez, vous pouvez aussi manger du poisson et des fruits de mer tout frais.

COMMENT LE DIRE ?

- **Qu'est-ce qu'il y a d'intéressant à voir ? À visiter ?**
- **Qu'est-ce qu'il y a comme musées ? Comme activités sportives ? Comme boîtes de nuit ?**
- **Est-ce qu'il y a des monuments historiques ?**
- **Quels sont les monuments les plus connus ?**
- **Quelles sont les spécialités de la région ?**
- **Où est-ce qu'on peut… manger un bon plat, admirer un beau panorama, visiter un château, aller danser… ?**

Remarque touristique : La France constitue toujours la première destination touristique au monde. En 1999, elle a accueilli 71 millions de visiteurs étrangers (la population française est de 60 millions) (source : *Francoscopie*).

Remarque de vocabulaire : Une « boîte de nuit » est un night-club . « *On va en boîte, ce soir !* »

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. Il n'y a rien d'intéressant pour les enfants.	☐	☐
2. Il y a une belle vue au cap Fréhel.	☐	☐
3. Le Mont-Saint-Michel est un monument très connu.	☐	☐
4. Les enfants aiment bien manger des crêpes.	☐	☐

2 **Dites si les phrases concernent un logement (a) ou une région (b).**

1. « C'est un monument historique. » _____
2. « Qu'est-ce qu'il y a à voir ? » _____
3. « Est-ce que la cuisine est équipée ? » _____
4. « Qu'est-ce qu'il y a d'intéressant pour les enfants ? » _____
5. « Le loyer est de combien ? » _____
6. « Est-ce que les charges sont comprises ? » _____
7. « Où est-ce qu'on peut aller danser ? » _____

3 **Un touriste arrive dans votre région. Répondez aux questions qu'il pose.**

1. Qu'est-ce qu'il y a à voir dans la région ?
— _____
2. Quels sont les monuments les plus connus ?
— _____
3. Est-ce qu'il y a quelque chose d'intéressant pour les enfants ?
— _____
4. Qu'est-ce qu'on peut faire, comme activité sportive ?
— _____
5. Est-ce qu'il y a aussi un musée intéressant à visiter ?
— _____
6. Quelles sont les spécialités de la région ?
— _____
7. Où est-ce qu'on peut aller pour passer une bonne soirée ?
— _____
8. Est-ce qu'il y a une bonne boîte de nuit, ici ?
— _____

4 **Vous partez avec un groupe de six amis. Vous voulez louer une maison pour les vacances. Vous téléphonez à un propriétaire pour avoir des renseignements sur une maison et sur la région. Imaginez le dialogue. (Vous pouvez parler de votre propre région.)**

12 AVEC OU SANS ABONNEMENT ?

1 Demander une ligne de téléphone fixe

— Bonjour, madame, je viens de déménager et **je voudrais une ligne téléphonique**.
— Oui, monsieur, vous avez le numéro du précédent locataire ?
— Oui, voilà, c'est le 01 45 87 44 00.
— Est-ce que **vous souhaitez reprendre le même numéro** ?
— Oui, pourquoi pas, il est facile à retenir.
— Vous me donnez votre nom et votre adresse ?
— Julien Renoir, 17, avenue Balzac, 2e étage à droite.
— Voilà, monsieur, **la ligne sera en service à partir de demain matin**.

2 Acheter un téléphone mobile

— Bonjour, monsieur, il me faudrait un portable. Quelles formules vous proposez ?
— Bien sûr, monsieur. Voilà, **nous avons plusieurs formules, avec ou sans abonnement**.
— Vous pouvez m'expliquer ?
— Alors, sans abonnement, **c'est un forfait** : par exemple, vous payez 49 € et vous avez 5 heures de communication par mois.
— Et avec abonnement ?
— Dans ce cas, vous payez un abonnement mensuel, plus les communications que vous passez.
— Et ce sont des formules limitées dans le temps ?
— **Vous ne pouvez pas résilier le contrat avant un an.** En revanche, **vous pouvez le modifier** quand vous le souhaitez.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais une ligne téléphonique, une ligne pour mon fax, une ligne à haut débit (ADSL : pour Internet)...**
- **Quelles formules est-ce que vous proposez ?**
- **C'est avec ou sans abonnement ? C'est un forfait ?**
- **Est-ce que je peux modifier, résilier le contrat ?**
- **Quand est-ce que la ligne sera en service ?**

Remarques de vocabulaire : 1. « Résilier un contrat » signifie « annuler ». – **2.** « Un portable » = « un (téléphone) mobile ».

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Le nouveau locataire voudrait deux lignes de téléphone.	☐	☐
2. Il va garder le même numéro que le précédent locataire.	☐	☐
3. La ligne téléphonique marchera dans deux jours.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Le client ne connaît pas très bien les formules proposées.	☐	☐
5. Le client ne pourra jamais résilier son contrat.	☐	☐
6. Dans un an, il pourra modifier son contrat.	☐	☐

2 Choisissez la meilleure réponse.

1. Je voudrais installer une ligne téléphonique.
   ☐ **a.** Pour avoir Internet ? ☐ **b.** Pour votre télévision ?
2. Vous avez un abonnement pour votre téléphone mobile ?
   ☐ **a.** Je n'ai pas de téléphone fixe. ☐ **b.** Je n'ai pas de portable.
3. Vous pouvez prendre un abonnement, si vous voulez.
   ☐ **a.** Non, je préfère payer à la communication. ☐ **b.** Non, je préfère un forfait.
4. Est-ce que je peux modifier mon contrat ?
   ☐ **a.** Oui, vous pouvez le résilier. ☐ **b.** Oui, quand vous voulez.
5. Le forfait comprend combien d'heures de communication ?
   ☐ **a.** Quelques heures. ☐ **b.** Trois heures.
6. Vous souhaitez garder le même numéro ?
   ☐ **a.** Oui, c'est difficile. ☐ **b.** Oui, c'est plus facile.

3 Vous voulez prendre un contrat d'assurance pour votre logement. Choisissez, parmi les phrases suivantes, celles qui conviennent à la situation.

1. « J'aimerais assurer mon nouvel appartement. »
2. « J'ai besoin de 4 heures de communication par mois. »
3. « Quelles formules est-ce que vous proposez ? »
4. « Je n'ai pas beaucoup de meubles. »
5. « Quand est-ce que la ligne sera en service ? »
6. « Est-ce que je peux modifier mon contrat, si nécessaire ? »
7. « J'ai un ordinateur, une chaîne hi-fi et une télévision. »
8. « Je voudrais garder le même numéro. »

© CLE International 2008. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Résilier un abonnement de portable

— Bonjour, madame, **je voudrais résilier mon contrat de téléphone mobile**, car je pars à l'étranger.
— Mais vous pouvez peut-être garder votre abonnement, monsieur.
— Je ne pense pas, car je pars en Alaska !
— Ah oui, effectivement, ça me paraît difficile de garder votre téléphone, il va geler !

2 Avertir un propriétaire de son départ

— Allô, M. Verdurin ? Bonjour, c'est Alain Langlois, à l'appareil. Je vous téléphone car **je vais devoir quitter mon appartement. Je vais vous envoyer mon préavis**.
— Ah, c'est dommage ! Vous allez donc partir dans trois mois, je suppose ?
— Oui, mais en fait, je suis envoyé en mission à l'étranger, et je quitterai l'appartement dans deux mois. Mais **j'ai une amie qui aimerait reprendre mon appartement**. Cela vous éviterait de chercher un autre locataire et **nous pourrions nous arranger pour le préavis**.
— Pourquoi pas ? Il faudrait que je rencontre votre amie et si tout va bien, vous pourrez partir dans deux mois.
— **En ce qui concerne la caution, comment faisons-nous ?**
— Écoutez, je sais que l'appartement est en bon état ; je vais donc vous rembourser la caution avant de **faire l'état des lieux**. Vous avez toujours été un bon locataire.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais résilier mon contrat, mon bail** (= contrat de location d'appartement)...
- **Nous allons quitter l'appartement, la maison...**
- **Il y a trois mois de préavis.**
- **J'ai bien reçu votre préavis.**
- **Je connais quelqu'un qui pourrait reprendre l'appartement.**
- **En ce qui concerne la caution, comment faisons-nous ?**
- **Nous pourrions nous arranger pour la caution.**
- **Quand faisons-nous l'état des lieux ?**

Remarques pratiques : **1.** Quand on est locataire et qu'on veut quitter un appartement, on doit prévenir le propriétaire (= « *donner son préavis* ») trois mois à l'avance, en général. – **2.** « La caution » est une somme d'argent que le locataire dépose au début du contrat et que le propriétaire rend, à la fin du contrat, si le logement est resté en bon état. – **3.** Pour vérifier l'état du logement, le propriétaire et le locataire font « *l'état des lieux* ».

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Le client voudrait modifier son abonnement.	☐	☐
2. Il veut garder son téléphone mobile.	☐	☐
3. Il part très loin de France.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Alain Langlois est locataire de l'appartement.	☐	☐
5. Il va quitter son appartement dans trois mois.	☐	☐
6. Une amie à lui voudrait reprendre son appartement.	☐	☐
7. Le propriétaire ne veut pas rendre la caution.	☐	☐

2 **Replacez les expressions suivantes dans le dialogue :**
transférer – déménager – une assurance – votre numéro – résilier

1. — Bonjour, madame, je voudrais _____ mon contrat d'assurance-logement, car je vais _____.

2. — Oui, vous me donnez _____ de client ?

3. — Voilà, c'est RF 124598.

4. — Vous voulez résilier le contrat ou le _____ sur votre nouvelle habitation ?

5. — Si je peux le transférer, oui, d'accord, c'est plus facile. De toute façon, il faudra que je prenne _____ pour mon nouvel appartement.

3 **Associez les phrases et une situation.**

1. « Je vais vous rembourser la caution. »
2. « Je rêve de partir à l'étranger. »
3. « Je voudrais assurer ma nouvelle maison. »
4. « Je n'ai plus besoin de mon téléphone mobile. »
5. « Il y a des travaux à faire dans la maison. »
6. « Quelles formules est-ce que vous proposez ? »
7. « Je vous envoie mon préavis demain. »

a. faire un contrat.
b. résilier un contrat.
c. aucune des deux.

4 **Vous téléphonez à votre propriétaire, car vous allez déménager.**
Le propriétaire demande trois mois de préavis. Vous acceptez et vous demandez quand il va rembourser la caution. Il voudrait d'abord faire l'état des lieux.
Vous acceptez, mais vous dites que l'appartement est en bon état. Imaginez et jouez le dialogue.

13 COMMENT ÇA MARCHE ?

Le cinéma

Roberto : Je ne comprends rien au système, en France ! **Comment on fait*** **pour** acheter des billets ? Est-ce **qu'on doit** les acheter à l'avance ?

Félix : Ça dépend !

Roberto : Voilà, c'est typiquement français, « ça dépend » !

Félix : Attends, je t'explique. Dans certains cinémas, **tu peux** acheter tes billets à l'avance, mais pour le jour même.

Roberto : Et à quoi je le vois ? Comment je peux le savoir ?

Félix : Il y a une petite affiche « spectateurs munis de billets » ou « spectateurs sans billets ». Si rien n'est marqué, **tu dois faire la queue pour acheter** ton billet et rentrer tout de suite.

Roberto : Deuxième caractéristique de la France : faire la queue, faire la queue !

Félix : Ne te plains pas ! À Paris, par exemple, tu as plus de cent cinémas, chacun avec plusieurs salles ! **Tu peux** voir des films français, espagnols, japonais, américains, chinois, africains… Presque tous sont en v.o.

Roberto : Qu'est-ce que ça veut dire, en v.o. ?

Félix : En version originale, **c'est-à-dire** dans la langue d'origine du film. En italien pour un film italien, en japonais pour un film japonais. Tu peux lire les sous-titres en français.

Roberto : Et donc si ce n'est pas en version originale, c'est en v.f. ?

Félix : Voilà, **c'est ça**, en version française.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je ne comprends rien à… Comment on fait pour… ?** *(fam.)*
  — Je vais vous expliquer. Je vais t'expliquer comment ça marche.
- **Est-ce qu'on doit… ?**
  — Pour + *infinitif*, **tu dois… vous devez…**
- **À quoi je le vois ? Comment est-ce que je peux savoir ?**
  — C'est un peu plus compliqué.
- **Qu'est-ce que ça veut dire… ?**
  — Attendez, je vous explique. Attends, je t'explique.
  — Tu peux… Vous pouvez…
  — C'est-à-dire… Oui, c'est ça.

ACTIVITÉS

1 Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. Roberto trouve qu'il est compliqué d'aller au cinéma en France.	☐	☐
2. On ne peut jamais acheter de billets à l'avance.	☐	☐
3. On fait souvent la queue en France.	☐	☐
4. On peut voir cent films par jour à Paris.	☐	☐
5. À Paris, on peut voir des films de différentes nationalités.	☐	☐
6. Tous les films sont en v.o.	☐	☐

2 Choisissez la meilleure réponse.

1. Je ne comprends rien à ce système !
   ☐ **a.** Je vais t'expliquer. ☐ **b.** Si tu veux.
2. Comment je peux savoir si je dois acheter un billet à l'avance ?
   ☐ **a.** C'est écrit sur l'affiche. ☐ **b.** Tu peux acheter un billet.
3. Est-ce que je dois faire la queue ?
   ☐ **a.** Oui, bien sûr ! ☐ **b.** Attends, je t'explique.
4. Qu'est-ce que ça veut dire, « T.R. » ?
   ☐ **a.** Il n'y a pas de tarif réduit. ☐ **b.** Ça veut dire « tarif réduit ».
5. À quoi je vois que je peux payer par carte bancaire ?
   ☐ **a.** Tu vois le sigle CB, carte bancaire. ☐ **b.** Ça veut dire CB, carte bancaire.

3 Quelle(s) expression(s) pouvez-vous utiliser dans les situations suivantes ?

1. Vous demandez la signification de v.f.

   _____

2. Vous demandez comment on achète des billets de théâtre.

   _____

3. Vous demandez si on doit réserver des places pour le cinéma.

   _____

4. Vous dites que vous ne comprenez pas le fonctionnement.

   _____

4 À vous ! Répondez librement aux questions. Dans votre ville (ou votre région)...

1. Est-ce qu'on doit réserver pour aller au cinéma ?
2. Est-ce qu'on fait souvent la queue, au théâtre, au cinéma ?
3. Comment est-ce qu'on fait pour avoir des billets pour un match de football ?
4. À la télévision, est-ce que les films sont en v.o. ?
5. Comment est-ce qu'on peut connaître les programmes culturels ?

Les transports en commun

1 *« Suite à un mouvement social, le trafic est interrompu sur la ligne A du RER. »*

Sophia : Qu'est-ce que ça veut dire, « mouvement social » ?

Luc : C'est une grève !

Sophia : Et alors ?

Luc : Eh bien, il n'y a pas de RER.

Sophia : Et **comment est-ce qu'on fait, alors** ?

Luc : Il faut trouver une solution avec les autres transports, le métro, le bus !

2 *« Votre attention, s'il vous plaît. Ce RER est sans arrêt jusqu'à l'aéroport de Roissy-Charles-De-Gaulle ! »*

Sophia : Je ne comprends rien du tout ! C'est quoi*, le métro, le train, le RER ?

Luc : Bon, je vous explique. Le métro, vous connaissez. Le train, c'est une compagnie différente du métro. Pour prendre le train, vous devez aller dans une gare SNCF.

Sophia : Et le RER, **comment ça marche** ?

Luc : Euh, c'est un peu plus compliqué. Dans Paris, vous avez le droit d'utiliser un billet de métro pour le RER. Mais si vous voulez aller à l'extérieur de Paris, vous devez prendre un autre billet. En fait, vous payez un supplément. Vous comprenez ce que je veux dire ?

Sophia : Non, pas du tout ! Écoutez, **je voudrais simplement** aller à La Défense, c'est tout ! **Quel billet est-ce que je dois acheter ?**

Luc : Eh bien, regardez, il y a une billetterie.

Sophia : Oh non, **je ne vais encore rien comprendre**. Je préfère parler à un employé. Où sont les guichets ?

COMMENT LE DIRE ?

- **Est-ce que tu peux m'expliquer comment ça marche ?**
- **Est-ce que vous pouvez m'expliquer ?**
- **Comment ça marche ?**
- **Qu'est-ce que c'est,... ? C'est quoi, ... ?** *(fam.)*
- **Comment est-ce qu'on fait ? Comment est-ce que je dois faire ?**
- **Quel billet est-ce que je dois acheter ? Qu'est-ce que je dois faire ?**
- **Est-ce qu'il existe plusieurs types de billets ?**
- **Où est-ce que je peux acheter un billet ?**

Remarque de vocabulaire : « Un supplément » est une somme payée en plus pour obtenir quelque chose qui n'était pas compris dans le prix initial.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Il n'y a plus de bus aujourd'hui.	☐	☐
2. Il y a une grève sur une ligne de RER.	☐	☐
3. La seule solution pour se déplacer est de marcher !	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Il y a plusieurs systèmes de transport à Paris.	☐	☐
5. Pour le RER, on utilise un billet différent à Paris et à l'extérieur de Paris.	☐	☐
6. Sophia préfère parler à un employé pour acheter son billet.	☐	☐

2 *Remettez le dialogue dans un ordre logique.*

1. ☐ — Oui, je sais, c'est compliqué, il y a différents tarifs selon les trains.
2. ☐ — Et pour acheter des billets, est-ce que je dois aller à la gare ?
3. ☐ — C'est écrit sur les brochures que tu trouves à la gare. Il y a des trains « avec supplément » et « sans supplément ».
4. ☐ — Comment je peux le savoir ?
5. ☐ — Mais non ! Tu peux le faire par téléphone, par Internet, par Minitel...
6. ☐ — Ça veut dire que tu dois payer une somme en plus du prix habituel.
7. [1] — Je ne comprends rien aux tarifs des trains, en France.
8. ☐ — Qu'est-ce que ça veut dire « supplément » ?

3 Vous posez des questions à quelqu'un que vous ne connaissez pas bien. Parmi les phrases suivantes, choisissez celles qui conviennent.

1. « Est-ce que vous pouvez m'expliquer le système ? »
2. « Explique-moi, je n'y comprends rien ! »
3. « Qu'est-ce que ça veut dire, "avec supplément" ? »
4. « Tu peux me dire comment ça marche ? »
5. « Est-ce que je dois acheter d'abord un billet ? »

4 Pouvez-vous expliquer le fonctionnement des transports dans votre ville (ou votre région, votre pays, selon le cas) ?

14 QUE S'EST-IL PASSÉ ?

Au commissariat de police

— Bonjour, monsieur, **on m'a volé mon portefeuille avec tout dedans !** C'est une catastrophe !
— Calmez-vous, monsieur. Dites-moi, **ça s'est passé quand et où ?**
— Dans le parc de loisirs, ce matin, vers 11 heures !
— **Racontez-moi ce qui s'est passé.**
— Un monsieur m'a abordé, tout à fait normalement, il m'a demandé du feu. Je lui ai donné mon briquet, qu'il a fait tomber. Il l'a ramassé, il me l'a rendu, il m'a remercié, et il est parti. À ce moment-là, je me suis aperçu que mon portefeuille avait disparu. Tout s'est passé très rapidement. J'ai couru après lui, mais c'était trop tard.
— **Est-ce que vous pouvez décrire la personne ?**
— C'est un peu difficile, parce que je ne faisais pas attention. C'était un homme de taille moyenne, un peu plus grand que moi…
— C'est-à-dire ?
— Je mesure 1 m 75. Il était brun, euh… franchement, je ne pourrai pas le décrire, il n'avait rien de spécial.
— **Qu'est-ce que vous aviez dans votre portefeuille ?**
— Tous mes papiers, une carte bancaire…
— Vous avez fait opposition ?
— Oui, tout de suite. J'avais aussi un peu d'argent liquide, environ 60 euros.

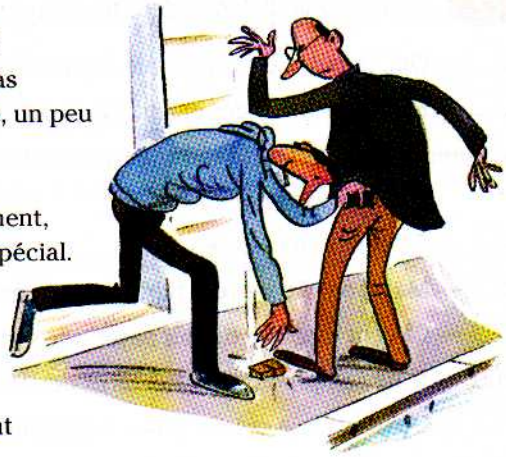

COMMENT LE DIRE ?

- **Qu'est-ce qui s'est passé ? Racontez-moi, dites-moi ce qui s'est passé.**
- **Ça s'est passé quand et où ?**
  — On m'a pris… **— On m'a volé…**
  — On m'a agressé dans la rue. **— Mon portefeuille a disparu…**
- **Qu'est-ce que vous aviez dans votre portefeuille ?**
- **Est-ce que vous pouvez décrire la personne ? Il / Elle était comment ?**

Remarques pratiques : **1.** Quand une carte bancaire ou un chéquier sont volés, on doit immédiatement téléphoner à sa banque pour « *faire opposition* », c'est-à-dire faire bloquer le compte. – **2.** « Les papiers » sont la carte d'identité, le passeport, les documents pour la voiture, etc. « *Vos papiers !* » demande la police.

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. Le monsieur a été violemment agressé.	☐	☐
2. On lui a volé son portefeuille.	☐	☐
3. Il n'avait pas de carte bancaire dans son portefeuille.	☐	☐
4. Tout s'est passé très vite.	☐	☐
5. Le voleur a emporté le briquet.	☐	☐
6. Le vol s'est produit dans un jardin public.	☐	☐
7. La victime a du mal à décrire le voleur.	☐	☐

2 **Trouvez les réponses appropriées à la situation. Vous êtes la victime.**

1. Alors, qu'est-ce qui s'est passé ?
   — _____
2. Ça s'est passé où et quand ?
   — _____
3. Vous étiez déjà dans le métro ?
   — _____
4. Vous avez vu le pickpocket ?
   — _____
5. Il est allé dans quelle direction ?
   — _____
6. Qu'est-ce que vous aviez, dans votre portefeuille ?
   — _____
7. Vous avez fait opposition ?
   — _____

Au bureau d'assurance

— Bonjour, monsieur, qu'est-ce que je peux faire pour vous ?
— Je viens déclarer un accident de la circulation.
— D'accord... Alors, expliquez-moi ce qui s'est passé.
— Voilà, j'étais dans ma voiture, arrêté à un feu rouge, et l'autre monsieur m'est rentré dedans* !
— Donc, **il a heurté votre véhicule à l'arrêt**. Il y a eu des blessés ?
— Non, non, juste le choc. **Nous avons fait un constat à l'amiable.**
— Votre voiture a été endommagée ?
— Ah oui, tout **l'arrière est enfoncé. Les phares sont cassés, je ne peux plus ouvrir le coffre.**
— D'accord. L'expert va passer dans quelques jours pour regarder tout ça. De toute façon, vous n'êtes pas responsable de l'accident, donc il n'y aura pas de problème pour le remboursement...

COMMENT LE DIRE ?

- **J'ai eu un accident de la route, de la circulation.**
- **Je (ne) suis (pas) responsable de l'accident.**
- **J'étais au feu rouge, j'étais sur l'autoroute, dans la rue...**
- **Je roulais à 50 kilomètres à l'heure...**
- **Quelqu'un m'a coupé la route, quelqu'un a heurté mon véhicule.**
- **J'ai essayé de freiner, mais...**
- **J'ai essayé de l'éviter, mais...**
- **L'arrière (≠ l'avant), la portière... est (sont) enfoncé(e)(s)**
- **Le phare avant droit est cassé.**
- **Je ne peux plus ouvrir... le coffre, la portière...**

- **Il y a un blessé léger / un blessé grave / un mort.**
- **On a appelé les pompiers, une ambulance, la police...**

Remarques de vocabulaire : **1.** Les Français disent souvent, à tort, « je » pour « ma voiture » : « ***Je** suis garé dans la rue.* », « *Il **m'**a embouti !* »... – **2.** « *Un constat à l'amiable* » est le document que les conducteurs remplissent après un accident sans gravité.

ACTIVITÉS

1 Relisez le dialogue ci-contre et choisissez la bonne réponse.

1. Le monsieur a eu | un grave accident | un petit accident |.
2. | Il n'est pas | Il est | responsable de l'accident.
3. La voiture du monsieur | roulait | était arrêtée | quand il a eu son accident.
4. Sa voiture est abîmée | à l'avant | à l'arrière |.
5. L'assurance | accepte | refuse | de rembourser le monsieur.

2 Associez chacune des phrases suivantes à une situation.

1. « Une voiture a heurté mon véhicule. »
2. « Il y avait tous mes papiers, dedans ! »
3. « Je ne peux plus ouvrir la portière. »
4. « J'ai déjà fait opposition. »
5. « Le choc a été assez violent. »
6. « Il n'y a pas de blessés, heureusement ! »
7. « Nous avons fait un constat à l'amiable. »
8. « J'étais au cinéma, je n'ai rien vu ! »
9. « Il ne m'a pas agressée. »
10. « Tout l'avant de la voiture est enfoncé. »

a. On parle d'un accident de la circulation.

b. On parle du vol d'un sac à main.

3 Complétez par un verbe approprié.

1. Je viens _____ un accident de la circulation.
2. _____ -moi ce qui s'est passé.
3. Le camion a _____ mon véhicule.
4. Nous avons _____ un constat à l'amiable.
5. Je ne peux plus _____ ma portière.
6. L'assurance va _____ la réparation.

4 Vous êtes le gendarme et vous expliquez l'accident qui s'est produit.

15 JE SUIS SI FATIGUÉ...

À la pharmacie

1
— Bonjour, madame, **je voudrais des pansements**, s'il vous plaît.
Je me suis écorché la main.
— **Comment vous vous êtes fait ça ?**
— En jardinant ! Je vais prendre aussi **une pommade pour** les muscles, les courbatures.
— Vous avez vraiment trop jardiné !

2
— Bonjour, monsieur, **je voudrais quelque chose pour la toux**, s'il vous plaît.
— Des pastilles ou du sirop ?
— Les deux ! Il me faudrait aussi **de l'aspirine en comprimés**.
— Oui, monsieur. Ce sera tout ?
— Non, je voudrais aussi **des gouttes pour les yeux. J'ai attrapé un rhume** en attendant le bus dans le froid.
— Vous savez, tout le monde est **enrhumé**, en ce moment ! **C'est une véritable épidémie !**

Dans la rue

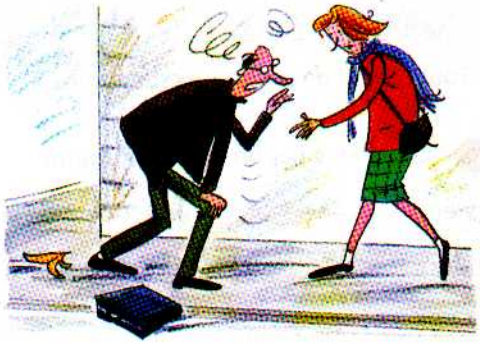

3
— **Ça va, monsieur ? Qu'est-ce qui vous est arrivé ?**
— **J'ai glissé sur quelque chose et je suis tombé.**
— **Vous vous êtes fait mal ?**
— Un peu, oui, **j'ai mal au genou**.
— Vous pouvez marcher ?
— Oui, ça va, mais **ça fait un peu mal**.
— Vous voulez que j'appelle les pompiers ? J'ai mon téléphone portable.
— Non, ce n'est pas la peine, j'habite juste à côté, et il y a un médecin dans mon immeuble.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais quelque chose pour... la toux, les courbatures, le mal de tête...**
- **J'ai attrapé un rhume ; je suis enrhumé.**
- **Je me suis fait mal en tombant ; j'ai glissé ; je me suis écorché le coude.**
- **J'ai mal... à la tête, aux dents ; ça fait (très) mal.**
- **Je voudrais de l'aspirine en comprimés, des gouttes pour les yeux, des pansements...**

Remarque pratique : On appelle les pompiers pour tout problème dans la rue (accident, feu...), et le SAMU (Service d'Assistance Médicale d'Urgence) pour tout grave problème strictement médical.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. Le monsieur s'est fait mal | à la main | à la tête |.
2. Il a | eu un accident | trop jardiné |.

Dialogue 2.

3. Le client a mal | aux yeux | aux muscles |.
4. Il a attrapé un rhume | dans la rue | dans son jardin |.

Dialogue 3.

5. Le monsieur | ne peut plus marcher | peut marcher |.
6. | Il y a un médecin tout près d'ici | On doit appeler un médecin |.

2 **Complétez les mini-dialogues de manière appropriée.**

1. _____

— Des pastilles ou un sirop ?

2. _____ ?

— Je suis tombé dans l'escalier.

3. _____ ?

— Oui, je me suis un peu fait mal à la main.

4. _____ ?

— En coupant des légumes !

5. _____ ?

— Une pommade, par exemple ?

3 **Trouvez une réponse possible aux questions suivantes.**

1. Qu'est-ce qui vous est arrivé ? _____
2. Comment est-ce que vous vous êtes fait ça ? _____
3. Vous vous êtes fait mal ? _____
4. Ça fait mal ? _____
5. Vous préférez des pastilles ou du sirop ? _____

Chez le médecin

1 — Docteur, **j'ai mal à la tête**, je crois que **j'ai la grippe**. **Je tousse, j'éternue, j'ai mal à la gorge.**
— **Vous avez de la fièvre ?**
— Oui, 39,2 °C.
— **Je vais vous examiner. Déshabillez-vous**, s'il vous plaît. *(Quelques minutes plus tard.)* Effectivement, je pense que vous avez la grippe. Attendez, **je vais prendre votre tension**. Bon, 10-6, c'est un peu bas.

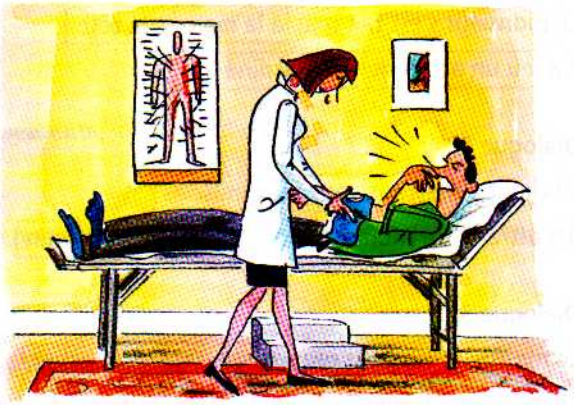

2 — **Je me sens mal** depuis un certain temps. **Je suis vraiment très fatigué.**
— Ça fait longtemps que vous êtes fatigué ?
— Depuis plusieurs mois. **Je n'ai aucune énergie.**
— **Vous êtes stressé** par votre travail ?
— Non, pas vraiment, mais je voyage beaucoup à l'étranger, alors **ça me fatigue**.
— Vous fumez ?
— Euh... oui...
— Vous faites du sport ?
— Euh... non... mais j'ai l'intention d'en faire !
— Quand est-ce que vous avez pris des vacances, la dernière fois ?
— Euh... ça fait un an à peu près ...
— Eh bien, cher monsieur, je vous conseille de prendre trois semaines de vacances, de faire un peu de sport, de limiter votre consommation de cigarettes, et je pense **que vous allez vous sentir beaucoup mieux** !

COMMENT LE DIRE ?

- **Je vais vous examiner ; je vais prendre votre tension. Déshabillez-vous.**
- **Je vais vous prescrire des médicaments. = Je vais vous faire une ordonnance.**
- **Vous allez vous sentir beaucoup mieux.**
- **Je tousse, j'éternue, j'ai mal à la gorge, j'ai de la fièvre. = J'ai la grippe.**
- **Je n'ai pas d'énergie, je suis fatigué ; je suis stressé.**
- **Je ne me sens pas bien. < Je me sens mal.**

Remarque culturelle : Les Français sont de grands consommateurs de médicaments, surtout des antibiotiques et des antidépresseurs.
Remarque de vocabulaire : À propos de la fièvre, on dit : « *J'ai 38,7 °C* » (« trente-huit sept »).

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et barrez la réponse incorrecte.**

Dialogue 1.

1. Le patient a | de la fièvre | la grippe | un rhume |.
2. Le médecin | pose des questions | déshabille le patient | l'examine | prend sa tension |.

Dialogue 2.

3. Le patient est | très fatigué | très sportif | fumeur |.
4. Le médecin | pose des questions | donne des conseils | prescrit des médicaments |.

2 **Parmi les phrases suivantes, lesquelles ne sont pas adaptées pour parler de sa santé ?**

1. « Je me sens très fatigué. »
2. « J'ai mal au ventre. »
3. « J'ai 39 °C de fièvre. »
4. « Je suis tombé dans l'escalier. »
5. « Il fait 20 °C dehors. »
6. « Je me suis écorché en tombant. »
7. « J'ai déjà un rendez-vous. »
8. « Ma tension est trop haute. »

3 **Qui parle ? Le médecin (a) ou le patient (b) ?**

1. « Déshabillez-vous ! » _____
2. « Je tousse tout le temps. » _____
3. « Je vais prendre votre tension. » _____
4. « Je suis tombé dans la rue. » _____
5. « Qu'est-ce que vous me prescrivez ? » _____
6. « Vous avez de la fièvre ? » _____
7. « Ça vous fait mal ? » _____
8. « Ça me fait mal. » _____

4 **Imaginez le dialogue entre le médecin et la patiente.**

5 **À vous ! Est-ce que vous savez expliquer au médecin un problème médical ? Essayez, en utilisant le vocabulaire et les expressions de ce chapitre.**

BILAN N° 2

1 **Vous entrez dans une agence immobilière. Posez les questions à propos d'une maison.**

1. _____ ?

— Elle est située au bout d'une petite rue.

2. _____ ?

— Oui, le quartier est assez calme.

3. _____ ?

— Elle donne sur la petite rue.

4. _____ ?

— Oui, il y a un joli petit jardin, derrière la maison.

5. _____ ?

— Je pense qu'elle fait environ 70 m², plus le jardin bien sûr !

6. _____ ?

— Elle est en assez bon état, mais il faut certainement refaire les peintures.

7. _____ ?

— Non, la cuisine n'est pas équipée, vous pouvez installer vos propres appareils.

8. _____ ?

— Le loyer est de 885 €.

2 **Trouvez un synonyme aux expressions en italique.**

1. Bonjour, madame, je peux vous *donner des renseignements* ? _____
2. *Allez demander* au secrétariat ! _____
3. Je voudrais connaître *le prix* des cours de yoga. _____
4. Je vais *chercher des informations*. _____
5. Est-ce qu'*il y a une possibilité de* changer de cours ? _____
6. Où est *la réception*, s'il vous plaît ? _____

3 **Répondez par le contraire des expressions en italique.**

1. C'est *gratuit* ? — Non, _____
2. C'est *loin d'ici* ? — Non, _____
3. L'appartement est *moderne* ? — Non, _____
4. *L'arrière* de la voiture est abîmé ? — Non, _____
5. Vous vous sentez *bien* ? — Non, _____

4 **Dans quelle(s) situation(s) pouvez-vous entendre les phrases suivantes ?**

1. « Comment ça marche ? » _____
2. « Qu'est-ce que je dois faire pour obtenir une carte de séjour ? » _____
3. « Où est-ce que j'ai mis mon billet ? » _____
4. « C'est loin d'ici ? » _____
5. « Il fait quelle surface ? » _____
6. « Quelles formules est-ce que vous proposez ? » _____
7. « Vous souhaitez reprendre le même numéro ? » _____
8. « Racontez-moi ce qui s'est passé. » _____

5 **Imaginez une réponse à chacune des questions suivantes.**

1. « Qu'est-ce que vous aviez dans votre portefeuille ? » — _____
2. « Où est-ce que je peux acheter des timbres ? » — _____
3. « Comment vous vous êtes fait ça ? » — _____
4. « Qu'est-ce que ça veut dire, "tarif" ? » — _____
5. « Où est-ce que je peux me renseigner ? » — _____
6. « Est-ce que vous êtes du quartier ? » — _____

6 **Dans les situations suivantes, quelle(s) expression(s) pouvez-vous utiliser pour commencer la conversation ?**

1. Vous entrez dans un club de tennis et vous désirez des informations.

   « _____ »

2. Vous demandez votre chemin.

   « _____ »

3. Vous demandez le fonctionnement de quelque chose (une machine, par exemple).

   « _____ »

4. Vous demandez la signification d'un mot.

   « _____ »

5. Vous voyez quelqu'un qui vient de tomber dans la rue.

   « _____ »

6. Vous entrez à l'office du tourisme d'une région.

   « _____ »

7. Vous voulez acheter un billet pour un match, mais vous ne savez pas comment faire.

   « _____ »

© CLE International 2002. La photocopie non autorisée est un délit.

16 ALLÔ ? NE QUITTEZ PAS...

Au standard d'une entreprise multinationale

1

— Bonjour, **je voudrais parler à** Pekka Häkkinen, s'il vous plaît.
— Pardon, **qui demandez-vous** ?
— Monsieur Häkkinen.
— **Monsieur qui ? Vous pouvez épeler le nom ?**
— Häkkinen : h – a tréma – deux k – i – n – e – n. C'est un ingénieur finlandais.
— Ah oui, je vois. **C'est de la part de qui ?**
— Florence Dupuis.
— **Ne quittez pas.** (...) Je suis désolée, madame, **son poste ne répond pas. Vous voulez laisser un message ?**
— Non merci, **je le rappellerai plus tard**. Oh, non, finalement, je préfère lui laisser un message. **Est-ce que vous pourriez lui demander de me rappeler** avant 8 heures ? C'est important et urgent.
— **D'accord, c'est noté. Il a vos coordonnées ?**
— Oui, il a mon numéro de téléphone.

2

— Société « Internationale des meubles », François Chavier, à votre service, j'écoute !
— Bonjour, monsieur, **est-ce que vous pouvez me passer** le service des livraisons, s'il vous plaît ?
— Un instant, s'il vous plaît, **je vous passe mon collègue**.
(Quelques minutes après.) Je suis désolé, mon collègue **est en ligne, est-ce qu'il peut vous rappeler ?**
— Oui, s'il vous plaît. **Je vous donne mes coordonnées : il peut me joindre sur mon portable, au** 06 07 08 09 00.

COMMENT LE DIRE ?

- **Qui demandez-vous ?**
- **C'est de la part de qui ?**
- **Monsieur qui ? Madame qui ?**
- **Est-ce que vous pouvez épeler le nom ?**
- **Est-ce que je peux prendre un message ?**
- **Je voudrais parler à...**
- **Est-ce que vous pouvez me passer... ?**
- **Je vous laisse / donne mes coordonnées.**
- **Je le / la rappellerai.**
- **Est-ce que vous pourriez lui demander de me rappeler ?**
- **Vous voulez laisser un message ?**
- **Un instant, je vous prie ! = Ne quittez pas !**
- **Son poste ne répond pas.**
- **La ligne est occupée. = Il / Elle est en ligne.**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre et associez les phrases de même sens.

1. Je voudrais parler à...
2. Elle est en ligne.
3. Il a vos coordonnées ?
4. Je peux prendre un message ?
5. Ne quittez pas !

a. La ligne est occupée.
b. Un instant, s'il vous plaît !
c. Vous pouvez me passer... ?
d. Il a votre numéro ?
e. Vous voulez laisser un message ?

2 Choisissez la bonne réponse.

1. Est-ce que vous pouvez me passer Paul Dufour, s'il vous plaît ?
   ☐ a. Ne quittez pas ! ☐ b. Ne me quittez pas !
2. Vous pouvez épeler, s'il vous plaît ?
   ☐ a. Il s'appelle Kostrzewa. ☐ b. k-o-s-t-r-z-e-w-a.
3. Elle a vos coordonnées ?
   ☐ a. Oui, elle peut m'appeler. ☐ b. Oui, elle a mon numéro de portable.
4. C'est de la part de qui ?
   ☐ a. Claire Miquel. ☐ b. M-i-q-u-e-l.
5. Vous voulez laisser un message ?
   ☐ a. Oui, je le rappellerai. ☐ b. Non, merci, je le rappellerai.

3 Complétez par une expression appropriée.

1. Allô, bonjour, _____ parler à Peter Feuchtwanger, s'il vous plaît, de la part de Lise.

   — _____ ?

   — M. Feuchtwanger.

   — _____ ?

   — Oui : f-e-u-c-h-t-w-a-n-g-e-r.

   — _____ !

2. M. Feuchtwanger est en ligne, est-ce que _____ ?

   — Oui, s'il vous plaît. Est-ce que _____ ?

   — M. Feuchtwanger a vos _____ ?

   — Non, je vous les laisse : c'est le 01 45 44 87 00.

4 Vous téléphonez à une entreprise. Vous demandez à parler à Mme Demeung. La standardiste vous demande d'épeler le nom. Vous le faites. Elle vous demande d'attendre, puis vous dit que le poste est occupé. Elle demande si vous voulez laisser un message. Vous acceptez, vous laissez un message et donnez vos coordonnées. Imaginez et jouez le dialogue.

Téléphoner à un ami

1
— Allô, Julien ? Salut, c'est Léon ! **Tu peux me passer Sophie ?**
— **Attends, je vais voir si elle est là.** Oui, elle arrive. **Ne quitte pas, je te la passe !**

2
— Allô, Véronique ? C'est Alain. Dis-moi, **est-ce que Philippe est là** ?
— Non, il est parti pour le week-end.
— **Tu peux lui dire de me rappeler** quand il reviendra ?
— D'accord, **je lui laisse un mot** sur la table !

Un faux numéro

1
— Bonjour, **je suis bien chez** Mme Granger ?
— Non, monsieur, **vous avez fait erreur**. Je ne suis pas Mme Granger.
— Excusez-moi, madame, **je me suis trompé de numéro**.

2
— Bonjour, **est-ce que je pourrais parler à** Fabrice, s'il vous plaît ?
— Ah, **je crois que vous avez fait un faux numéro**. Il n'y a pas de Fabrice, ici.
— Mais **c'est bien le** 01 45 87 44 00 ?
— Oui, **c'est bien ce numéro**, mais il n'y a pas de Fabrice !
— Oh, excusez-moi, monsieur !
— Je vous en prie !

COMMENT LE DIRE ?

- **Tu peux me passer Dominique... ? Est-ce que Dominique est là ?**
- **Je te le / la passe !**
- **Je lui laisse un mot.**
- **Je suis bien chez Georges Roux ?**
- **C'est bien l'hôtel du Moulin ?**
- **Vous vous êtes trompé. = Vous avez fait (une) erreur.**
- **Je me suis trompé de numéro. = J'ai fait une erreur de numéro.**
- **Vous avez fait un faux numéro.**

Remarque de vocabulaire : On utilise « bien » pour vérifier (voir chapitre 24 « Vérifier, Contrôler ») : « *Vous êtes bien le frère de Michel ?* » « *Je suis bien chez monsieur Leroy ?* »

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. Tu peux me | passer | parler | Sophie ?
2. Je te la | quitte | passe |.

Dialogue 2.

3. Je lui | donne | laisse | un mot sur sa table.

Dialogue 3.

4. Le monsieur s'est trompé | de numéro | d'adresse |.

Dialogue 4.

5. Le numéro | n'existe pas | n'est pas celui de Fabrice |.

2 **Trouvez une réponse appropriée.**

1. C'est de la part de qui ?

— _____

2. Non, il n'y a pas d'Antonio à ce numéro.

— _____

3. Votre ami n'est pas là, je peux prendre un message ?

— _____

4. Il a vos coordonnées ?

— _____

5. Tu peux demander à Julia de me rappeler ?

— _____

3 **Quelle(s) expression(s) utilisez-vous pour...**

1. Demander à parler à quelqu'un ?
2. Demander d'attendre ?
3. Demander le nom de la personne qui appelle ?
4. Bien comprendre ce nom ?
5. Vérifier le numéro ?

4 **Vous composez un numéro de téléphone et demandez à parler à David. On vous répond qu'il n'y a pas de David à ce numéro. Vous vérifiez le numéro et vous comprenez que vous avez fait une erreur. Vous vous excusez. Imaginez et jouez le dialogue.**

17 ON SE RETROUVE OÙ ?

1 Chez le médecin

— Allô, cabinet du docteur Vannier, j'écoute !
— Bonjour, madame, **je voudrais un rendez-vous avec** le docteur, s'il vous plaît.
— Oui, monsieur. Si vous voulez un rendez-vous, ça peut être jeudi matin, sinon, vous pouvez venir directement au cabinet les jours de consultation, lundi, mardi et vendredi.
— Non, je préfère un rendez-vous, **ce n'est pas urgent**.
— Donc, jeudi. **À quelle heure voulez-vous venir ?**
— **Ça m'est égal, à n'importe quelle heure.**
— Jeudi à 10 heures, **ça vous convient ?**
— C'est parfait, merci !
— **Est-ce que vous êtes déjà venu ? Vous avez un dossier chez nous ?**
— Oui, je suis un patient du docteur Vannier. Je suis monsieur Sinclair.

2 Au laboratoire d'analyses médicales

— Laboratoires Lepiqué, bonjour !
— Bonjour, monsieur, **je voudrais prendre rendez-vous pour** une prise de sang, s'il vous plaît. **Est-ce que ce serait possible demain matin ?**
— Non, je suis désolé, madame, demain matin, **c'est déjà complet. Je peux vous proposer vendredi, à la première heure, à 8 heures.**
— Bon, d'accord pour vendredi, 8 heures.
— N'oubliez pas de venir à jeun.
— Oui, oui, je sais. Merci.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais un rendez-vous avec... Je voudrais prendre rendez-vous avec...**
- **Est-ce que je peux avoir un rendez-vous avec... ?**
- **Est-ce que ce serait possible... ? Il n'y a pas de possibilité plus tard ?**
- **Vous êtes déjà venu ? Vous avez un dossier ?**
- **Quel jour vous arrange ? Quand voulez-vous venir ? Mardi, ça vous convient ?**
  — Ça m'est égal ; n'importe quel jour ; à n'importe quelle heure.

Remarques de vocabulaire : 1. « *À la première heure* » = « le premier rendez-vous de la journée ». – **2.** « *À jeun* » = « sans avoir mangé, ni bu » ; « *une prise de sang* » = « donner son sang pour le faire analyser ».

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Pour voir le médecin, on est obligé de prendre un rendez-vous.	☐	☐
2. Le patient n'est pas pressé.	☐	☐
3. C'est la première fois qu'il va chez le docteur Vannier.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. La patiente voudrait un rendez-vous pour une analyse de sang.	☐	☐
5. Elle n'a pas besoin d'un rendez-vous.	☐	☐
6. Elle doit venir sans avoir mangé ni bu.	☐	☐

2 Remettez le dialogue dans un ordre logique.

1. ☐ — C'est parfait, merci.
2. ☐ — Mardi prochain à 9 heures, ça vous va ?
3. ☐ — Non, vendredi, je ne peux pas. La semaine prochaine, alors.
4. ☐ — Vous avez un dossier, chez nous ?
5. ☐ — Est-ce que ce serait possible jeudi ?
6. 1 — Bonjour, monsieur. Je voudrais un rendez-vous avec le docteur Clerc, s'il vous plaît.
7. ☐ — Non, c'est la première fois que je viens.
8. ☐ — Oui, monsieur, quand voulez-vous venir ?
9. ☐ — Ah non, je suis désolée, jeudi, il n'y a plus de place. Vendredi après-midi, si vous voulez.

3 Trouvez une réponse appropriée.

1. Quand voulez-vous venir ?

— _____

2. C'est urgent ?

— _____

3. Je suis désolé, c'est complet jusqu'à la semaine prochaine.

— _____

4. Mercredi à 18 heures, ça vous convient ?

— _____

5. Vous avez un dossier chez nous ?

— _____

4 Vous téléphonez pour prendre rendez-vous chez le médecin. Vous dites que c'est urgent. On vous propose 15 heures. Vous ne pouvez pas. Vous demandez si c'est possible à 17 heures. La secrétaire vous propose 17 h 30. Vous acceptez. La secrétaire demande si vous êtes déjà venu(e). Vous répondez que oui. Imaginez le dialogue.

Se mettre d'accord pour un rendez-vous entre amis

1

Julie : Allô, Isabelle ? Dis-moi, je vais au cinéma ce soir. **Tu veux venir avec moi ?**
Isabelle : Qu'est-ce que tu vas voir ?
Julie : « Le Fabuleux destin d'Amélie Poulain ».
Isabelle : D'accord. J'ai envie de le voir aussi. **On se retrouve où et à quelle heure ?**
Julie : Peut-être devant le cinéma « Le Rex », vers sept heures et demie ?
Isabelle : D'accord ! Est-ce que tu penses que Clément aimerait aussi venir ?
Julie : Oui, tiens, bonne idée, **je vais lui proposer de nous rejoindre** au cinéma.

2

Didier : Allô, Bruno ? C'est Didier. Dis-moi, je vais à Roland-Garros tout à l'heure, pour voir un match de tennis. **Ça t'intéresse de venir** ? J'ai deux places.
Bruno : Ah oui, super ! Mais le problème, c'est que je n'ai pas de voiture. **Tu pourrais venir me chercher ?**
Didier : Bien sûr, **je passe te prendre*. Tu m'attends devant chez toi, vers 11 heures ?**
Bruno : D'accord. À tout à l'heure, Didier !

(Après le match.)

COMMENT LE DIRE ?

- **On se retrouve où ? On se retrouve à quelle heure ?**
  — Je te retrouve devant le théâtre à 8 heures (à 20 heures).
- **Où est-ce qu'on se donne rendez-vous ?**
  — On peut se donner rendez-vous devant le théâtre.
- **Vous nous retrouvez directement au restaurant ?**
  — D'accord, je vous rejoins au restaurant et Paul nous rejoindra après.
- **Tu peux venir me chercher ?**
  — D'accord, je viens te chercher. = Je passe te prendre. *(fam.)*
- **Tu veux venir avec moi ?**
- **Ça t'intéresse de voir… de venir… ?**
- **Tu peux me ramener ? = Ça t'embêterait de me ramener ?** *(fam.)*
- **Tu veux que je te ramène ?**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Isabelle a déjà vu le film que Julie lui propose.	☐	☐
2. Isabelle et Julie se donnent rendez-vous au cinéma.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Bruno demande à Didier de venir le chercher.	☐	☐
4. Didier va monter dans l'appartement de Bruno.	☐	☐
5. Après le match, Didier accepte de ramener Bruno.	☐	☐

2 Associez une question et une réponse.

1. On se retrouve où ?	a. Oui, beaucoup !
2. Tu peux venir me chercher ?	b. Oui, il nous rejoindra au restaurant.
3. Ça t'intéresse d'y aller ?	c. Vers 20 heures.
4. On se retrouve à quelle heure ?	d. Au restaurant.
5. Est-ce qu'il vient aussi ?	e. D'accord, je passe te prendre.

3 Parmi les phrases suivantes, laquelle ne permet pas de prendre rendez-vous ?

1. « On se donne rendez-vous à quelle heure ? »
2. « Tu nous rejoins au théâtre ? »
3. « On trouve une idée ? »
4. « On se retrouve devant le stade ? »
5. « Tu passes me prendre ? »

4 Trouvez une question.

1. _____ ?

— D'accord, je viens te chercher.

2. _____ ?

— On peut se donner rendez-vous à la sortie du métro.

3. _____ ?

— Je ne sais pas, vers 7 heures et demie, à peu près.

4. _____ ?

— Non, je préfère vous rejoindre directement au restaurant.

5. _____ ?

— Ah oui, je vais lui proposer de venir !

Modifier ou annuler un rendez-vous

1
— Allô, bonjour madame, c'est le plombier ! Je vous appelle parce que **je vais être en retard**, je suis bloqué dans les embouteillages.
— Merci, **c'est gentil de me prévenir. Vers quelle heure vous pensez arriver ?**
— Aucune idée ! C'est vraiment bloqué. Dans une demi-heure, j'espère…

2
— Coiffure « Charlotta », bonjour !
— Bonjour, madame. Ici madame Colin. **Je voudrais savoir si je pourrais changer l'heure de mon rendez-vous avec** Hugo.
— À quelle heure est-ce que vous aviez rendez-vous ?
— À 14 heures. **Est-ce que ce serait possible** vers 16 heures ou 17 heures ?
— Eh bien, vous avez de la chance, **il y a une place à** 17 heures.
— Ah, tant mieux ! Merci beaucoup.

3
— Bonjour, madame. Paul Barrault, à l'appareil. Voilà, j'ai pris un rendez-vous avec le docteur Frémond pour lundi prochain, mais **je vais avoir un empêchement. Est-ce qu'il serait possible de reporter le rendez-vous à** mercredi prochain ?
— Mercredi, ça va être difficile. En fait, **c'est complet jusqu'à** la fin du mois. **Je peux vous proposer un autre rendez-vous** lundi 3 à 12 h 15, si vous voulez.
— Puisque je n'ai pas le choix, d'accord.

4
(Message sur un répondeur.) « Bonjour, monsieur. Je suis désolée, mais **je vais être obligée d'annuler le rendez-vous que nous avions fixé pour** jeudi 17. **Je vous rappellerai** très bientôt **pour reprendre rendez-vous**. Merci beaucoup. »

COMMENT LE DIRE ?

- **Vous pouvez prévenir Mme Lanvin que je serai en retard ?**
- **Je vais être en retard, je vais arriver en retard.**
- **Est-ce qu'il serait possible de reporter le rendez-vous à… lundi ?**
- **Je voudrais savoir si je pourrais changer l'heure de mon rendez-vous avec…**
- **Je vais être obligé d'annuler le rendez-vous que nous avions fixé pour mardi parce que j'ai un empêchement.**
- **Je vous rappellerai pour reprendre rendez-vous.**
- **Il y a une place ; il y a une possibilité. ≠ Désolé, c'est complet.**

Remarque de vocabulaire : « Un empêchement » est un obstacle à un rendez-vous.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. Le plombier prévient qu'il sera | en avance | en retard |.
2. Le plombier vient | en voiture | en train |.

Dialogue 2.

3. Mme Colin voudrait changer | le jour | l'heure | de son rendez-vous.

Dialogue 3.

4. Paul Barrault voudrait | annuler | remettre | son rendez-vous.
5. Le médecin est pris jusqu'à la fin | du mois | de la semaine |.

Dialogue 4.

6. La dame | annule | reporte | le rendez-vous.
7. Elle | propose | ne propose pas | un autre rendez-vous.

2 **Complétez par une expression appropriée.**

1. Je suis désolé, je ne peux pas venir, j'ai _____.
2. Est-ce que je peux _____ mon rendez-vous ?
3. Je vous rappellerai pour _____ rendez-vous.
4. C'est _____ jusqu'à jeudi prochain.
5. Est-ce que je peux changer _____ de mon rendez-vous ?
6. _____ M. Verdier que je serai en retard ?

3 **Vous téléphonez pour prendre, modifier ou annuler un rendez-vous. Faites une ou plusieurs phrases selon le cas.**

1. RV avec des amis – samedi soir – devant la discothèque à 22h30.
2. RV avec le dentiste – urgent – demain si possible.
3. Avec le coiffeur – le RV est samedi – vous préférez mardi, n'importe quelle heure.
4. RV chez le médecin – vous êtes en retard, bloqué(e) sur la route.
5. Annuler le RV avec l'électricien – vous rappellerez.

4 **Vous téléphonez au médecin ; votre rendez-vous était jeudi à 16 h mais vous avez un empêchement. Vous demandez si vous pouvez remettre le rendez-vous à vendredi, à la même heure. Ce n'est pas possible. La secrétaire propose lundi à 10 h. Vous ne pouvez pas. Elle propose lundi à 18 h 30. Vous acceptez. Imaginez le dialogue.**

18 CHÉRI, TU PEUX M'AIDER ?

Le bricolage

1 — Chéri, **tu ne voudrais pas m'aider ?**
— À faire quoi ?
— À mettre cette affiche au mur.

2 — Chéri, tu as vu, il n'y a plus de lumière dans la salle de bains !
— Bah* oui, c'est l'ampoule qui doit être grillée.
— **Ça t'embêterait* de la changer ?**
— Tu ne sais pas changer une ampoule ?!
— Il faut mettre combien de watts ?
Oh, c'est compliqué, **tu ne veux pas le faire ?**
— Bon… d'accord…

3 — Chéri, tu sais, **je crois qu'il faudrait repeindre** la chambre du bébé.
— En quelle couleur ?
— Qu'est-ce que tu en penses ?
— Blanc, ça me semble bien.
— Pour une petite fille, ce serait plus joli avec des fleurs, non ?
— Des fleurs ?!
— Je suis sûre qu'Anaïs voudrait des fleurs. Ce **serait peut-être mieux de** poser du papier peint ?
— Ah non, pas question, je préfère peindre.

COMMENT LE DIRE ?

- **Est-ce que tu peux… ? Est-ce que tu pourrais… ?**
- **Tu pourras… ?** *(fam.)*
- **Ça t'embêterait de… ? Ça ne t'embêterait pas de… ?** *(fam.)*
- **Il faudrait…**
- **Tu ne veux pas… ? Tu ne voudrais pas… ?**
- **Ce serait bien de… Ce serait peut-être mieux de… ?**

• **Remarque de vocabulaire :** Il est assez courant de demander indirectement à quelqu'un de faire quelque chose : « *Il faudrait acheter du beurre.* », « *Ce serait bien d'aller au supermarché ce matin.* »

• **Remarque culturelle :** Le bricolage constitue une sorte de sport national (60 % des Français disent aimer bricoler). Avec le passage aux 35 heures de travail par semaine, cette activité s'est encore développée, tout comme le jardinage.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. La dame ne connaît pas bien l'électricité.	☐	☐
2. Le couple est d'accord sur la couleur de la chambre du bébé.	☐	☐
3. Le monsieur préfère le papier peint.	☐	☐

2 Choisissez la phrase la plus aimable.

1. Il faut faire la vaisselle. La femme demande à son mari :
   ☐ **a.** Fais la vaisselle ! ☐ **b.** Ça ne t'embêterait pas de faire la vaisselle ?
2. Il faut préparer la salade. La maman demande à son fils de 15 ans :
   ☐ **a.** Tu ne veux pas préparer la salade ? ☐ **b.** Je te dis de préparer la salade !
3. Vous êtes avec votre meilleur(e) ami(e) et vous préparez un dîner :
   ☐ **a.** Quelle idée de préparer l'apéritif à l'avance ! ☐ **b.** Ce serait bien de préparer l'apéritif à l'avance.
4. Il faut aller à la poste. Le père demande à sa fille de 20 ans :
   ☐ **a.** Tu pourrais aller à la poste, s'il te plaît ? ☐ **b.** Va à la poste, je te dis !
5. Il manque une bouteille d'eau sur la table. La mère dit à sa fille de 8 ans :
   ☐ **a.** Tu peux apporter une bouteille d'eau, s'il te plaît ?
   ☐ **b.** Tu dois apporter une bouteille d'eau !
6. Vous demandez à un(e) ami(e) :
   ☐ **a.** Je te demande de porter ces valises !
   ☐ **b.** Ça t'embêterait de m'aider à porter ces valises ?

3 Les situations suivantes se passent en famille. Trouvez une phrase appropriée.

1. Vous êtes en voiture, vous demandez au conducteur de fermer sa fenêtre :

   _____

2. Vous demandez de l'aide pour mettre la table :

   _____

3. Vous demandez à un enfant d'aller acheter du pain :

   _____

4. Vous proposez un changement dans le menu du dîner :

   _____

5. Vous demandez à quelqu'un de réserver une table au restaurant :

   _____

4 Voici la liste des choses à faire. Demandez à votre mari / femme de les faire :

accompagner les enfants à l'école – laver la voiture – passer à la pharmacie – faire le ménage – téléphoner à la banque

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

Au garage

1 — Monsieur, je suis en panne d'essence là-bas. **Est-ce que vous pourriez me vendre** un bidon d'essence ?
— Oui, mais c'est un bidon de 5 litres.

2 — Bonjour, monsieur, **est-ce que vous pouvez** me changer une ampoule ? J'ai le clignotant avant droit qui ne marche plus.
— Madame, vous n'avez plus de stops non plus.
— Alors, **changez-moi** les ampoules de stops. Je vous dois combien ?
— 4,58 €.

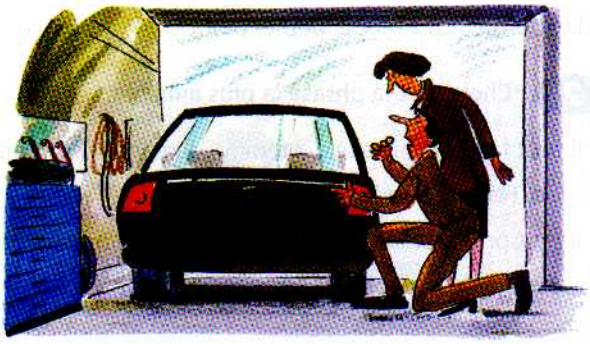

3 — Bonjour monsieur, je voudrais prendre rendez-vous pour la révision des 40 000 kilomètres, s'il vous plaît.
— Oui, mardi, ça vous va ?
— D'accord pour mardi.
— Il y a quelque chose de particulier ?
— Non, rien de particulier, juste une révision normale. **Il faudrait faire** la vidange, changer les filtres. Je crois qu'**il faut aussi** vérifier les freins. Ah si, il y a un petit problème : le voyant lumineux de la jauge ne marche plus.
— Très bien, on va s'en occuper.
— La voiture sera prête à quelle heure ?
— Vous pouvez repasser vers 17 heures.

COMMENT LE DIRE ?

- **Il faudrait** + *infinitif.*
- **Je crois qu'il faut...**
- **Est-ce que vous pouvez... ?**
- **Vous pourrez... ?** *(fam.)*
- **Est-ce que vous pourriez... ?** *(plus poli)*
- **Ça vous ennuierait de... ?** **Ça ne vous ennuierait pas de... ?**

On peut utiliser l'impératif, mais avec une intonation aimable, sinon cela devient agressif :
- **Changez-moi, donnez-moi...**

Remarque de vocabulaire : Les Français disent souvent « je » pour « ma voiture » (voir remarque p. 70).

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. La dame a eu un accident de voiture.	☐	☐
2. Elle voudrait acheter un peu de carburant.	☐	☐

Dialogue 2.	VRAI	FAUX
3. La voiture de la dame n'est pas en panne.	☐	☐
4. La dame est désagréable avec le garagiste.	☐	☐

Dialogue 3.	VRAI	FAUX
5. Le monsieur vient pour l'entretien normal de sa voiture.	☐	☐
6. Il y a quelques gros problèmes techniques à la voiture.	☐	☐
7. La voiture sera prête le jour même.	☐	☐

2 Parmi les expressions suivantes, lesquelles permettent de demander à quelqu'un de faire quelque chose ?

1. « Vous savez utiliser cet ordinateur ? »
2. « Tu peux m'aider à utiliser cet ordinateur ? »
3. « Ça t'embêterait de me montrer comment marche cet ordinateur ? »
4. « Est-ce que tu veux un ordinateur ? »
5. « Est-ce que vous utilisez un ordinateur ? »
6. « Tu ne veux pas m'aider à utiliser cet ordinateur ? »
7. « Est-ce que vous pourriez m'expliquer comment fonctionne cet ordinateur ? »

3 Imaginez qui pourrait dire les phrases suivantes, et dans quelle(s) situation(s).

1. « Ça t'embêterait de faire le ménage ? »
2. « Il faudrait faire les courses demain matin. »
3. « Est-ce que vous pourriez répéter lentement, s'il vous plaît ? »
4. « Est-ce que vous pouvez garder ma valise quelques instants ? »
5. « Ça vous ennuierait de baisser un peu le volume ? »
6. « Tu pourrais fermer la porte ? »

4 Trouvez une expression appropriée.

1. Vous demandez à votre mari/femme d'acheter du lait : _____
2. Vous demandez à votre petit frère de vous apporter un stylo : _____
3. Vous demandez à votre professeur de mathématiques d'expliquer quelque chose : _____
_____
4. Vous demandez à votre meilleur(e) ami(e) de vous aider à déménager : _____
5. Vous demandez à votre mari/femme d'emmener votre mère à la gare : _____
6. Vous demandez à une vendeuse de vous faire un paquet-cadeau : _____

© CLE International 2009 - La photocopie non autorisée est un délit

19 VEUILLEZ PATIENTER...

Dans un supermarché

1 — Ouinnnnnn ! Maman ! J'ai perdu ma maman !
— Comment tu t'appelles ?
— Eloi !
— Eloi comment ?
— Eloi Maurier.
— Attends, **ne pleure pas, viens avec moi**, on va chercher ta maman.
« Le petit Eloi Maurier attend sa maman à l'entrée du magasin. »

2 — Madame, vous n'avez pas vu un petit garçon tout seul, perdu ?
— Il est comment ?
— Brun avec les yeux marron. Il a un jean et un pull jaune.
— Oui, je crois que je l'ai vu au rayon « jouets ».
— Oui, mais je ne le trouve plus !
— **Ne vous affolez pas**, madame, on va faire une annonce. Il s'appelle comment ?
— Eloi Maurier.
— *« La maman du petit Eloi Maurier attend son fils à l'entrée du magasin. »*

Au jardin public

— **Allez** Léo ! **Va jouer ! Regarde**, tu as un bac à sable.
Léo, non, ne prends pas le ballon du petit garçon ! **Rends-le au petit garçon.**
Ne tape pas sur la petite fille. Elle ne t'a rien fait, elle voudrait juste jouer avec toi !
Attention, Léo, **tu vas te salir ! Attention, tu vas tomber ! Donne-moi la main !**

COMMENT LE DIRE ?

- **Fais ceci... Ne fais pas cela !**
- **Faites ceci... Ne faites pas cela ! Venez avec moi ! Ne vous affolez pas !**
- **Donne-le moi ! Donne-la moi !**
- **Va chercher le ballon ! Rends-lui son ballon !**
- **Tu vas tomber ! Tu vas te salir !**
- **Allons-y ! Allez !**

Remarque de vocabulaire : L'expression « Allez ! » est plutôt un encouragement qu'un ordre.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Le petit garçon ne trouve plus sa maman.	☐	☐
2. Il ne connaît pas son nom de famille.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Le petit garçon n'est pas blond.	☐	☐
4. La maman est paniquée.	☐	☐
Dialogue 3.		
5. Une petite fille voudrait jouer avec Léo.	☐	☐
6. La maman ne veut pas que les vêtements de son fils soient sales.	☐	☐

2 Votre enfant joue dans un jardin public. Vous lui parlez. Parmi les phrases suivantes, lesquelles sont appropriées à la situation ?

1. « Ne tape pas sur le petit garçon ! »
2. « Donnez-moi le nom de votre fille ! »
3. « Va jouer dans le bac à sable ! »
4. « Attention, tu vas te salir ! »
5. « Monsieur, ne vous affolez pas ! »
6. « Va chercher ton ballon ! »
7. « Retourne à ton bureau ! »
8. « Viens ! »
9. « Ne prends pas le ballon de la petite fille ! »
10. « Tu vas tomber, si tu continues ! »

3 Quels ordres la maman donne-t-elle ? Associez un dessin et une phrase.

a. Donne-moi la main !
b. Ne tape pas sur le petit garçon !
c. Ne pleure pas !
d. Attention, tu vas tomber !

1 Donner des instructions par téléphone

— « Bonjour, vous êtes en communication avec notre service clientèle. Pour parler à un conseiller technique, **tapez** 1. (...) **Veuillez patienter**, nous allons répondre à votre appel... »
— Bonjour, monsieur, je n'arrive pas à envoyer un courrier électronique, avec cet ordinateur.
— Eh bien, d'abord, **vous allumez** votre ordinateur et **vous allez voir** une icône qui s'appelle « mail ». **Vous ouvrez** « mail ».
— Ça ne s'ouvre pas !
— Eh bien, **recommencez** !
— Ah oui, voilà !
— **Branchez** votre ordinateur sur la ligne téléphonique. **Cliquez** sur « **envoyer** ».
— Oui, mais ça fait un bruit bizarre.
— Mais c'est normal, madame ! C'est la connexion avec Internet !

2 Au bureau

— Juliette, s'il vous plaît, **sortez-moi** le dossier Chevalier.
— Oui, est-ce que vous voulez que je vous fasse une photocopie du rapport ?
— Oui, **faites-en** deux. **Vous m'en mettrez une** avec le reste du dossier et **vous enverrez** l'autre à Jean-François Leroux.
— Est-ce que je peux envoyer les factures à l'entreprise Gratex ?
— Non, **ne les envoyez pas** tout de suite, j'ai encore un chiffre à vérifier. **N'oubliez pas** de me les demander cet après-midi.
— **Il faudrait aussi que vous téléphoniez** à René Vallon.
— Ah oui, vous avez raison, j'allais oublier. **Vous me donnez** ses coordonnées ?

COMMENT LE DIRE ?

- **Veuillez patienter...**
- **Préparez-moi... Donnez-moi... Dites-moi...**
- **Faites-m'en deux. Donnez-m'en plusieurs.**
- **Vous me donnerez... Vous taperez... Vous signerez... Vous enverrez...**
- **Il faudrait que...** + *subjonctif.*
- **N'oubliez pas de... N'envoyez pas...**
- **Vous me donnez votre nom ? Vous me rappelez votre nom ?**

Remarque de grammaire : À l'écrit uniquement, on utilise souvent l'infinitif comme impératif : « *Pour envoyer un message, cliquer sur "envoyer"* ». « *Ne pas laisser à la portée des enfants.* ».

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. Pour envoyer un courrier électronique, on doit [allumer | éteindre] l'ordinateur.
2. Si ça ne marche pas, on doit [essayer encore | arrêter].
3. La connexion avec Internet [ne marche pas | fait du bruit].

Dialogue 2.

4. Le patron voudrait deux photocopies [du rapport | des factures].
5. Les factures [doivent être complétées | sont prêtes].

2 **Vous appelez la SNCF pour réserver des billets. Replacez les verbes manquants dans le texte :**

veuillez – tapez – tapez – appuyez – tapez

« Bonjour, vous êtes en communication avec le service de réservation de la SNCF. _____ sur la touche ✱ de votre clavier téléphonique. Si vous voulez connaître des horaires de train, _____ 1. Si vous voulez réserver des billets, _____ 2. Si vous voulez parler à un employé, _____ 3. _____ patienter, nous allons répondre à votre appel. »

3 **Voici le mode d'emploi d'une chaîne hi-fi. Choisissez, parmi les phrases suivantes, celles qui correspondent aux dessins.**

1. Appuyez sur le bouton « off ».
2. Sélectionnez la touche « CD ».
3. Refermez le boîtier en poussant délicatement.
4. Sélectionnez le numéro de la chanson que vous voulez écouter.
5. Insérez un disque compact.
6. Sélectionnez la touche « tape ».
7. Appuyez sur le bouton « on ».
8. Appuyez sur le bouton de droite, le boîtier s'ouvre.

a b c d e f

4 **Vous partez en vacances et vous laissez des instructions à la gardienne de votre immeuble. Vous lui demandez de : garder votre courrier, arroser vos plantes, donner les clés de votre appartement à votre ami René Lesage qui arrivera le 7 juillet, et vous appeler s'il y a un problème. Faites les phrases en variant les structures.**

20 MAIS SI, JE T'ASSURE !

1 Dans la rue

— Madame, vous ne pouvez pas passer, la rue est barrée !
— Et pourquoi donc ? J'habite au bout de la rue !
— Il y a une manifestation, madame, tout est fermé ; vous devez garer votre voiture et finir à pied.
— **Mais enfin**, monsieur, regardez, j'ai deux enfants dont un bébé, j'ai dix paquets, comment voulez-vous que je porte tout ça ?
— Madame, je ne peux rien faire pour vous, c'est barré jusqu'à 15 heures.
— Monsieur, écoutez, je vais en voiture devant chez moi, je dépose les enfants et les paquets et **je vous assure** que je reviens immédiatement garer ma voiture ici.
— Bon, d'accord, mais dépêchez-vous !

2 À la maison

— Maman, je peux sortir avec Bastien pour voir « La Guerre totale » ?
— Non, mon chéri, tu es trop petit pour voir ce film.
— **Mais si** maman, **je t'assure**, les copains disent qu'il est très bien, ce film !
— **Non, j'ai dit : non.** Tu n'iras pas ! Si tu veux, tu pourras aller voir un dessin animé, la semaine prochaine. Mais « La Guerre totale », **il n'en est pas question !**
— **Allez**, maman…
— Mon chéri, tu devrais le savoir, **non, c'est non, un point, c'est tout***.

COMMENT LE DIRE ?

Pour insister, le premier mot à utiliser est « **mais** » en début de phrase : **Mais monsieur ! Mais maman !**

- **Mais non ! Mais si !**
- **Absolument pas !**
- **Allez…**
- **Je t'assure que…**
- **Je vous assure que…**
- **Je te dis que…**
- **Je vous dis que…**
- **J'ai dit : non.**
- **Non, c'est non !**
- **Il n'en est pas question ! C'est hors de question !**
- **Un point, c'est tout.** *(fam.)*

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	**VRAI**	**FAUX**
1. La rue est barrée parce qu'il y a des travaux.	☐	☐
2. La dame habite tout près.	☐	☐
3. Le policier interdit finalement à la dame de passer.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. « La Guerre totale » n'est pas un film pour les enfants.	☐	☐
5. La maman propose à son fils d'aller voir un autre film.	☐	☐
6. Le petit garçon accepte cette idée avec plaisir.	☐	☐

2 **Pour les phrases suivantes, dites qui parle : deux inconnus (a), deux amis (b) ou un adulte et un enfant (c) ? Imaginez ensuite dans quelle(s) situation(s) vous pourriez entendre ces phrases.**

1. « Mais je t'assure que c'est bon ! » _____
2. « Mais monsieur, puisque je vous dis que c'est impossible ! » _____
3. « Je te dis que ce n'est pas ici ! » _____
4. « Non, c'est non ! » _____
5. « Mais non, je ne l'ai pas vu ! — Mais si, tu l'as vu ! » _____

3 **Choisissez la réponse la plus insistante.**

1. « Monsieur, vous ne pouvez pas garer votre voiture ici ! »
   ☐ **a.** Mais enfin j'habite à côté ! ☐ **b.** Ah bon ?
2. « Je ne pense pas que ce film soit bon ! »
   ☐ **a.** Moi, je pense qu'il est bon. ☐ **b.** Mais si, il est excellent, au contraire !
3. « Tu as encore fumé ? »
   ☐ **a.** Non, je n'ai pas fumé ! ☐ **b.** Je t'assure que je n'ai pas fumé !
4. « Est-ce que je peux sortir avec mes copains, demain soir ? »
   ☐ **a.** Oui, si tu veux ! ☐ **b.** Mais oui, bien sûr !
5. « Mais papa, pourquoi tu ne veux pas que je sorte ? »
   ☐ **a.** Non, c'est non ! ☐ **b.** C'est hors de question, un point, c'est tout !

4 **Votre fille de 12 ans voudrait partir en voyage avec des amis pour trois semaines. Vous dites que vous avez déjà dit non. Elle insiste, et explique que le voyage n'est pas dangereux, que les amis sont sérieux, etc. Vous répétez la même réponse. Elle insiste encore et vous finissez la conversation par un non définitif. Imaginez et jouez le dialogue.**

À la préfecture de police

— Bonjour, madame, il me faudrait un nouveau passeport urgemment, parce que je dois partir dans trois jours pour le Japon.
— Ah, non, monsieur, c'est impossible ! Il faut au moins dix jours pour avoir le renouvellement.
— **Ce n'est vraiment pas possible ? Mais qu'est-ce que je vais faire**, alors ? **C'est** un voyage professionnel **très important** !
— Monsieur, **je vous dis que** c'est comme ça ! Et d'ailleurs, pourquoi vous* demandez ce passeport à la dernière minute ?
— Mais parce que je ne savais pas du tout que je partirais en voyage ! Madame, pour moi, **c'est essentiel** d'avoir ce passeport ! **C'est une catastrophe si** je ne l'ai pas !
— Monsieur, ce n'est pas ma faute !
— Bien sûr, je ne vous accuse pas ! Mais **il faut absolument** que je parte au Japon ! Qu'est-ce que vous me conseillez de faire, alors ?
— Bon, attendez un instant, je reviens. *(Quelques minutes plus tard.)* Allez, donnez-moi votre dossier…
— Ah, madame, merci beaucoup, vous êtes vraiment très aimable !
— Vous pouvez repasser demain, vous aurez votre passeport !
— Madame, si j'osais, je vous embrasserais !

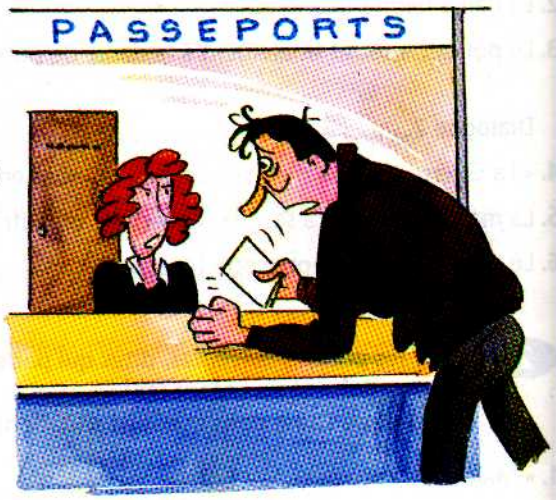

COMMENT LE DIRE ?

- **Vraiment ? Vous êtes sûr ?**
- **Ce n'est vraiment pas possible ?**
- **Il faut absolument que…** + *subjonctif.*
- **C'est très important ! C'est essentiel ! C'est fondamental !**
- **C'est une catastrophe si je ne…**
- **Qu'est-ce que je vais faire, alors ?**
- **Je vous dis que…**

Remarque culturelle : Il est assez fréquent, en France, d'entendre la réponse « *non, impossible* », « *non, je ne peux pas* » à une demande. Il ne faut surtout pas se décourager : il est important d'insister, de convaincre, avec politesse et détermination. Souvent, le « non » finit par se transformer en « oui », ou du moins en « oui, peut-être », ou « oui, exceptionnellement… »

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

1. Le monsieur voudrait | demander un passeport | renouveler son passeport |.
2. Le monsieur demande son passeport | à la dernière minute | dix jours à l'avance |.
3. Le monsieur voyage pour des raisons | personnelles | professionnelles |.
4. Le monsieur aura son passeport | à temps | dans dix jours |.

2 **Classez les phrases suivantes par ordre d'intensité.**

1. ☐ « Ce voyage en Grèce est fondamental pour moi ! »
2. ☐ « Il faut que je parte en Grèce. »
3. ☐ « Si je ne pars pas en Grèce, c'est une catastrophe ! »
4. ☐ « Ce voyage en Grèce est très important pour moi. »
5. ☐ « Il faut absolument que je parte en Grèce ! »

3 **Quelle réponse pouvez-vous faire aux phrases suivantes, en insistant ?**

1. « Non, monsieur, la banque est fermée, vous devez repasser lundi ! »

— _____

2. « Il est impossible d'envoyer de l'argent dans ce pays ! »

— _____

3. « Vous ne pouvez pas visiter ce château, il est privé. »

— _____

4. « Allez, maman, laisse-moi aller chez Bérénice ! »

— _____

5. « Moi, je te dis que nous sommes déjà venus ici ! »

— _____

6. « Je trouve que ce candidat n'a aucune personnalité ! »

— _____

4 **Votre voiture est en panne. Le mécanicien dit qu'il ne peut pas la réparer avant demain. Vous dites que vous en avez absolument besoin ce soir. Il dit qu'il ne peut vraiment pas la réparer aujourd'hui. Vous insistez. Sa réponse ne change pas. Vous lui demandez quoi faire, car ce retard est une catastrophe pour vous. Il finit par accepter de faire la réparation aujourd'hui. Vous le remerciez. Imaginez et jouez le dialogue.**

21 IL Y A UNE ERREUR !

1 Une livraison

— Bonjour, madame, on vient vous livrer les chaises et la table que vous avez commandées.
— Ah, très bien. *(Quelques minutes plus tard.)* **Mais qu'est-ce que c'est que ça* ? Il y a une erreur !** J'avais commandé des chaises noires ! Regardez, elles sont blanches !
— Mais madame, c'est pourtant la bonne référence ! **Vous vous êtes** peut-être **trompée** dans la commande…
— **Bien sûr que non !** Regardez le bon de commande ! **C'est la bonne référence, mais ce ne sont pas** les chaises que j'ai commandées.
— Ah oui, c'est vrai, **il a dû y avoir une erreur**. Ce n'est pas notre faute !
— Bien sûr que* ce n'est pas votre faute, mais vous savez, c'est la deuxième fois que ça arrive avec votre magasin. **Je ne trouve pas ça normal.**
— Madame, il faut que vous téléphoniez au service clientèle.

2 Dans la rue, une voiture heurte un piéton

— Monsieur ! Attention ! Vous n'avez pas vu le feu rouge ?!
— Mais madame, **c'est vous qui** êtes passée sans regarder !
— **Ça, c'est extraordinaire !** C'était au rouge pour les voitures !
— **Pas du tout**, vous avez couru sans regarder ! On regarde, avant de traverser !
— Ça, **c'est incroyable* !**

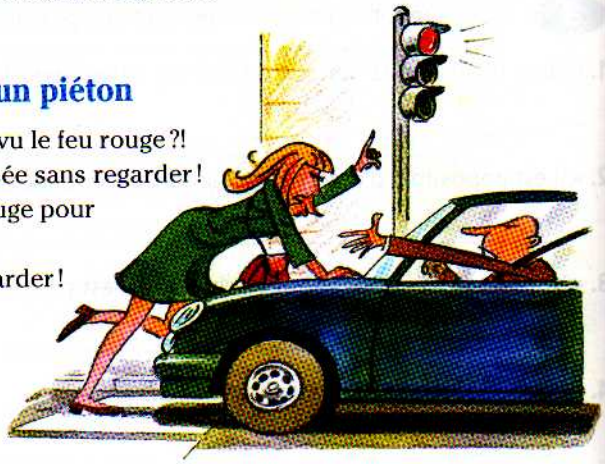

COMMENT LE DIRE ?

- **Je ne comprends pas : j'avais commandé… mais j'ai reçu…**
- **Il y a une erreur sur la facture.**
- **Je crois que vous vous êtes trompé (de…) (dans…)**
- **C'est peut-être le bon numéro, mais ce n'est pas le bon article…**
- **Je ne trouve pas normal que…**
- **Oui, ce n'est pas votre faute, mais je trouve que…**
- **Qu'est-ce que c'est que ça !** *(fam.)*
- **C'est vous qui… Ce n'est pas moi qui…**
- **Ça, c'est extraordinaire !**
- **C'est incroyable !** *(fam.)*

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. La cliente a commandé des chaises blanches.	☐	☐
2. Il n'y a pas d'erreur dans la référence.	☐	☐
3. C'est la première fois que la cliente a un problème.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Le conducteur de la voiture a respecté le feu rouge.	☐	☐

2 Que pouvez-vous dire dans les situations suivantes ?

1. Il y a une erreur sur votre facture de téléphone ; normalement, vous payez environ 50 € et cette facture est de 250 €.

— _____

2. Vous avez commandé 7 mètres de moquette, et on vous en livre 5 mètres.

— _____

3. Au restaurant, vous avez commandé du poisson et vous recevez un steak.

— _____

4. Au magasin de photos : les photos développées que l'employé vous donne ne sont pas les vôtres.

— _____

5. Vous avez acheté un livre, mais il manque dix pages à l'intérieur.

— _____

6. Vous avez réservé une chambre d'hôtel « avec vue sur la mer » ; vous arrivez à l'hôtel, et la chambre donne sur une grande route.

— _____

3 Faites le dialogue entre les personnages.

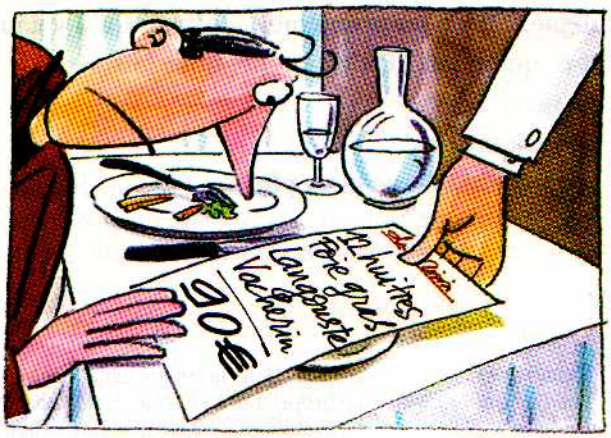

22 CE N'EST PAS POSSIBLE…

À un propriétaire

1 — Allô, monsieur Dumaurier ? C'est madame Fraisse. Voilà, **il y a un problème** dans la salle de bains, il y a de l'humidité sur le mur. La peinture est en train de tomber. **Je pense qu'il y a une fuite d'eau.**
— Alors, **il faut d'abord voir si c'est bien ça !**
— Oui, bien sûr, mais **qu'est-ce qu'on fera**, après ?
— Il faut prévenir votre assurance.

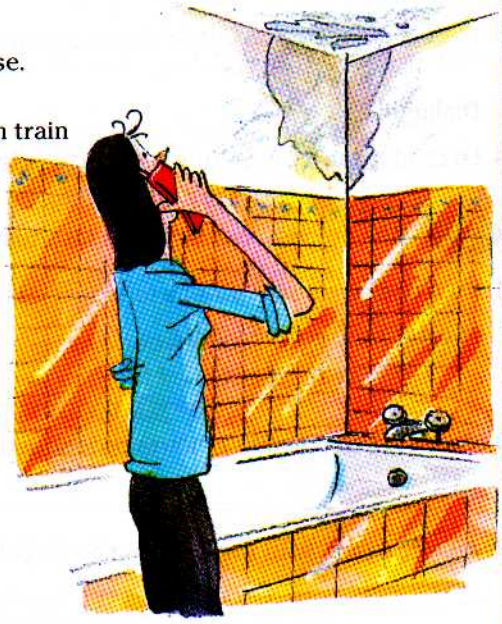

2 — Quand nous avons loué cette maison, vous deviez changer les fenêtres. Ça fait trois mois que nous sommes là, et **les fenêtres ne ferment toujours pas !**
— Oui, mais je n'ai pas eu le temps, ce n'est pas ma faute !
— Écoutez, une fenêtre, ça doit fermer ! **Nous ne pouvons pas** rester avec de l'air qui entre partout ! Nous sommes en décembre, **c'est complètement fou* !** Nous avons un bébé !
— Bon, je vais envoyer quelqu'un.
— J'espère ! **C'est urgent, maintenant !**
— **Quelqu'un va venir demain, sans faute !**

COMMENT LE DIRE ?

- **J'ai un problème… Il y a un problème… Je crois qu'il y a un problème…**
- **Comment est-ce qu'on fait ? Qu'est-ce que nous faisons ?**
- **Vous deviez… mais…**
- **Ça ne marche toujours pas.**
- **Nous ne pouvons plus… Je ne peux plus…**
- **Il faut d'abord…** + *infinitif.*
- **C'est urgent !**
- **C'est complètement fou !** *(fam.)*

Remarques de vocabulaire : **1.** Dans la langue usuelle, on demande : *« Est-ce que vous pouvez envoyer **quelqu'un** ? »*. Le propriétaire *« envoie quelqu'un »*, c'est-à-dire un spécialiste (plombier, électricien, réparateur…). – **2.** « Sans faute » signifie « certainement ».

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	**VRAI**	**FAUX**
1. Le propriétaire n'est pas sûr qu'il y ait une fuite d'eau.	☐	☐
2. On doit prévenir l'assurance du propriétaire.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Les fenêtres sont en mauvais état depuis au moins trois mois.	☐	☐
4. Le propriétaire a une bonne raison de ne pas avoir changé les fenêtres.	☐	☐

2 **Classez les phrases suivantes de la plus aimable à la plus agressive.**

1. ☐ « C'est urgent, maintenant ! »
2. ☐ « Je crois qu'il y a un petit problème d'eau chaude. »
3. ☐ « Ça fait trois semaines que j'attends ! »
4. ☐ « C'est complètement fou ! »
5. ☐ « Nous ne pouvons pas rester comme ça ! »

3 **Vous êtes propriétaire. Imaginez une réponse aux plaintes de votre locataire.**

1. « Je crois qu'il y a une fuite d'eau dans la cuisine. »

— _____

2. « Je n'ai plus de chauffage depuis deux semaines ! »

— _____

3. « Nous ne pouvons plus rester avec une porte qui ne ferme pas ! »

— _____

4. « J'ai un problème d'électricité. »

— _____

5. « C'est urgent, maintenant ! »

— _____

4 **Vous êtes locataire d'un appartement. Une prise électrique ne fonctionne pas. Vous appelez votre propriétaire, vous lui expliquez la situation. Il dit qu'il n'a pas le temps de s'occuper de vous. Vous insistez et finalement il promet d'envoyer quelqu'un. Imaginez le dialogue.**

5 **Vous êtes locataire. Votre chauffe-eau ne marche plus. Vous téléphonez pour la deuxième fois à votre propriétaire à ce sujet. Que pouvez-vous dire ?**

Dans un magasin d'électronique

— Madame, je peux vous aider ?
— Oui, monsieur. Voilà, **je suis furieuse,** parce que j'ai acheté cet ordinateur il y a une semaine et qu'il est déjà en panne ! Il ne marche pas !
— Comment ça, il ne marche pas ?
— Oui, **je dis bien** : il ne marche pas !
— Vous l'avez bien branché ?
— **Bien sûr que*** je l'ai branché ! Essayez-le vous-même, vous allez voir.
— Ah oui, c'est bizarre, je ne comprends pas ce qui se passe. Bon, je vais l'envoyer au service des réparations.
— Et ça va prendre combien de temps ?
— Oh, une quinzaine de jours, à peu près.
— **Quoi ?!*** Quinze jours ! Monsieur, **ce n'est pas possible !** J'en ai besoin aujourd'hui même ! Je ne peux absolument pas attendre !
— Madame, il n'y a pas d'autre solution.
— **Comment ça**, il n'y a pas d'autre solution ? **Vous plaisantez !** Si j'achète un ordinateur neuf, c'est pour qu'il marche, non ? Alors, soit vous me changez cet ordinateur immédiatement, soit vous me remboursez intégralement. Voici la facture.
— Non, madame, je suis désolé, on ne peut pas faire ça.
— **Je trouve ça inadmissible.** Vous pouvez appeler votre supérieur hiérarchique, s'il vous plaît ?

COMMENT LE DIRE ?

- **Quoi ?!** *(fam.)* **Comment ça ?!** *(fam.)*
- **Vous plaisantez !**
- **Ce n'est pas possible !**
- **Je trouve ça inacceptable ! / C'est inadmissible ! / C'est scandaleux !**
- **On croit rêver !** *(fam.)* **« C'est pas vrai ! »** *(fam.)*
- **Je dis bien : ...**
- **Je suis furieux (-euse) !**
- **Bien sûr que... !** *(fam.)*

Remarques de vocabulaire : 1. Les Français disent « huit jours » pour « une semaine » et « quinze jours » pour « deux semaines ». – **2.** L'appareil marche ≠ ne marche pas : « *Est-ce que ton téléphone marche bien ?* » – **3.** « Être en panne » signifie « avoir un sérieux problème technique » : « *Ma voiture est en panne.* ».

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

1. La cliente a acheté son ordinateur il y a | longtemps | peu de temps |.
2. La réparation va prendre | une semaine | deux semaines |.
3. La cliente | est | n'est pas | pressée.
4. L'employé | trouve une solution | ne cherche pas de solution |.
5. La cliente est | furieuse | patiente |.
6. La cliente voudrait voir | le chef | un collègue | de l'employé.

2 **Pour chacune des phrases suivantes, choisissez la situation la plus appropriée.**

1. « C'est inadmissible ! »
   - ☐ **a.** Vous avez payé votre billet d'avion ; le vol est annulé à la dernière minute.
   - ☐ **b.** Le serveur a fait une erreur dans l'addition : c'est 12 € et non 12,50 €.
2. « Vous plaisantez ! »
   - ☐ **a.** Vous voulez réserver une table au restaurant, mais il est complet.
   - ☐ **b.** Un employé d'administration vous demande de revenir pour la cinquième fois.
3. « On croit rêver ! »
   - ☐ **a.** La photocopieuse de votre bureau est en panne.
   - ☐ **b.** Un jeune garçon de 10 ans vous marche sur le pied et ne s'excuse pas.
4. « Comment ça ?! »
   - ☐ **a.** L'hôpital a perdu votre dossier médical.
   - ☐ **b.** Vous avez oublié votre parapluie.
5. « Je suis furieux ! »
   - ☐ **a.** Votre portable est encore tombé en panne.
   - ☐ **b.** Votre ami vous demande de l'aider à déménager.
6. « C'est scandaleux ! »
   - ☐ **a.** C'est la troisième fois qu'une livraison est reportée et que vous attendez pour rien.
   - ☐ **b.** Vous avez reçu un magazine avec un jour de retard.

3 **Quelle(s) expression(s) pourriez-vous utiliser à propos des situations suivantes ?**

Au téléphone

— Société GRAC, bonjour !

— Bonjour, madame. Je vous téléphone à propos d'un problème de rendez-vous. Mon ordinateur est en panne depuis une semaine. J'ai immédiatement téléphoné à votre service technique, qui m'a promis qu'un technicien passerait mercredi après-midi, sans préciser l'heure, bien sûr.

— Oui, monsieur.

— À 18 heures, votre technicien m'appelle pour me dire qu'il ne pourra pas venir, parce qu'il est retardé, et patati, et patata*. Nous reprenons donc rendez-vous pour ce matin. Or, voyez-vous, il est 14 heures, et évidemment, il n'est pas encore arrivé. Vous pouvez m'expliquer ce qui se passe ?

— Oui, monsieur, **je comprends votre mauvaise humeur.** Attendez, **je vais voir ce que je peux faire. Oui, en effet,** notre technicien avait deux rendez-vous ce matin, une autre personne et vous. Un instant, s'il vous plaît, je vais essayer de le joindre sur son portable.

(Quelques minutes plus tard.)

Oui, effectivement, il est un peu en retard, mais **il fait son possible pour** arriver vite.

— « Un peu en retard ?! » *(ironique)* J'ai déjà perdu toute l'après-midi de mercredi, et toute la matinée d'aujourd'hui, mais ce n'est pas grave, bien sûr, ça n'a absolument aucune importance !

— Monsieur, **je suis vraiment désolée,** ce n'est pas la faute de notre technicien. Écoutez, **pour compenser** votre perte de temps, **nous vous offrons** la réparation. Je vais prévenir notre technicien. Vous n'aurez rien à payer.

— Bon, c'est toujours ça. Au moins, vous êtes corrects et je vous en remercie.

COMMENT LE DIRE ?

- **Oui, en effet... = Oui, effectivement...**
- **Je suis désolé(e)...**
- **Je comprends votre colère, votre mauvaise humeur...**
- **Je vais voir, je vais essayer de trouver une solution.**
- **Je vais voir ce que je peux faire.**
- **Je fais (tout) mon possible pour vous aider.**
- **Voilà, pour compenser, nous vous offrons...**
- **Si cela vous convient, je vous propose de...**

ACTIVITÉS

1 Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. L'ordinateur du client ne marche pas.	☐	☐
2. C'est la troisième fois que le client attend un technicien.	☐	☐
3. L'assistante répond agressivement au client.	☐	☐
4. Le technicien a quelques minutes de retard.	☐	☐
5. Le client ne devra pas payer la réparation.	☐	☐

2 Parmi les phrases suivantes, laquelle n'est pas une réponse à une plainte ?

1. « Je vais voir ce que je peux faire. »
2. « Je comprends votre bonne humeur. »
3. « Pour compenser, nous vous offrons quatre assiettes de plus. »
4. « Je suis désolé de ce retard. »
5. « Nous allons trouver une solution. »

3 Vous travaillez au « service clientèle » d'un grand magasin. Des clients se plaignent. Choisissez la réponse la plus aimable.

1. « Ça fait une heure que j'attends ! »
   - ☐ **a.** Monsieur, je fais mon possible pour vous aider !
   - ☐ **b.** Monsieur, je n'ai pas le temps de m'occuper de vous !
2. « Je suis furieux, je viens d'acheter un ventilateur et il est déjà en panne ! »
   - ☐ **a.** Ce n'est pas ma faute ! ☐ **b.** Vous pouvez le changer sans problème !
3. « J'ai acheté six verres mais trois d'entre eux étaient cassés dans la boîte ! »
   - ☐ **a.** Pourquoi est-ce que vous n'avez pas ouvert la boîte avant de les acheter ?
   - ☐ **b.** Je suis désolé, madame, nous allons les changer tout de suite !
4. « Personne ne peut me renseigner ?! »
   - ☐ **a.** Un instant, je vais voir ce que je peux faire pour vous.
   - ☐ **b.** Non, madame, ce n'est pas possible !
5. « C'est incroyable ! Ça fait deux fois que la livraison n'arrive pas ! »
   - ☐ **a.** Je n'y peux rien ! ☐ **b.** Oui, effectivement, il y a du retard, je suis désolé.
6. « On me dit que la livraison n'est pas possible le samedi ! On croit rêver ! »
   - ☐ **a.** C'est comme ça ! ☐ **b.** Attendez, je vais essayer de trouver une solution.

4 Vous avez acheté un sèche-cheveux, mais après une semaine d'utilisation, il ne marche plus. Vous expliquez la situation à un employé du magasin. Il vous demande si vous avez bien branché l'appareil. Vous répondez avec mauvaise humeur et vous demandez à l'employé d'essayer lui-même. Il le fait, le sèche-cheveux ne marche toujours pas. Il s'excuse et vous propose de choisir un autre appareil. Imaginez et jouez le dialogue.

BILAN N° 3

1 Associez une question et une réponse.

1. C'est de la part de qui ?	**a.** Bien sûr que non !
2. Vous êtes déjà venu ?	**b.** Mais si, je t'assure !
3. On se retrouve où ?	**c.** Bon, je vais envoyer quelqu'un !
4. Je suis sûr que ce n'est pas vrai !	**d.** Paul Cavalier.
5. Vous vous êtes trompé !	**e.** Non, c'est la première fois.
6. Ça ne marche pas !	**f.** Devant le stade, si tu veux.

2 Vous téléphonez, on vous parle. Trouvez une réponse appropriée.

1. C'est de la part de qui ?

— _____

2. Vous pouvez épeler votre nom ?

— _____

3. Vous voulez laisser un message ?

— _____

4. Il / Elle a vos coordonnées ?

— _____

5. Vous avez fait un faux numéro.

— _____

3 Choisissez la bonne réponse.

1. On se [retrouve | rencontre] à quelle heure ?

2. Je voudrais [faire | prendre] un rendez-vous.

3. Vous pouvez [prévenir | prévoir] Benoît que je serai en retard ?

4. Je peux changer [le temps | l'heure] de mon rendez-vous ?

5. Tu veux [venir | arriver] avec moi ?

6. Tu peux venir me [chercher | trouver] ?

4 Que pense-t-elle ?

5 **Répondez en insistant.**

1. Non, madame, le musée ferme dans 15 minutes, vous ne pouvez pas entrer !

— _____

2. Ce n'est pas possible, tu n'as pas vu un éléphant sur la place de la Concorde !

— _____

3. Non, tu ne peux pas aller jouer chez Bastien !

— _____

4. Non, monsieur, le concert commence, vous ne pouvez pas entrer dans la salle.

— _____

5. Non, madame, ce n'est pas possible.

— _____

6. Ce mot-là n'existe pas, j'en suis sûr !

— _____

6 **Que pouvez-vous dire dans les situations suivantes ?**

1. Vous êtes à la banque. Votre nom, sur votre carte bancaire, n'est pas correct.

— _____

2. Vous êtes locataire. Vous n'avez plus d'eau chaude depuis deux jours.

Vous téléphonez à votre propriétaire.

— _____

3. Au restaurant : vous avez réservé une table pour huit personnes, mais on vous donne une table de six.

— _____

4. C'est la troisième fois que vous recevez une facture de téléphone avec une erreur importante.

— _____

5. Votre voisin vient vous voir et vous accuse, agressivement, de faire beaucoup de bruit.

Vous reconnaissez que vous avez fait du bruit le week-end dernier.

— _____

© CLE International 2003 - La photocopie non autorisée est un délit.

23 PARDON, JE SUIS DÉSOLÉ...

1
— Oh, **pardon, madame, je suis désolé !**
— **Il n'y a pas de mal**, monsieur !

2
— Oh excusez-moi, **je suis vraiment désolée !**
— Oui, je comprends, vous êtes désolée, mais qu'est-ce que je vais faire, moi ? Ça va laisser une tache !
— Monsieur, ne vous inquiétez pas, nous allons vous rembourser le prix du pressing.
— C'est déjà quelque chose, mais...

3
— Vincent, regarde ce que j'ai fait... J'ai cassé le verre !
— **Ce n'est pas grave**, Aurélie !
— Je suis vraiment désolée, **c'est ma faute**, je suis tellement maladroite !
— Écoute, je te dis que **ce n'est rien** ! C'est juste un verre, et il n'est pas en cristal !
— Pour ton anniversaire, je t'offrirai des verres, alors.
— Pour que tu les casses ?!

COMMENT LE DIRE ?

- **Oh, pardon, monsieur !** **Pardon, madame !**
- **Excusez-moi !** **Excuse-moi !**
- **Je suis désolé(e), je suis vraiment désolé(e) !**
- **C'est ma faute !**
- **Je suis tellement maladroit(e) !**

— Ce n'est rien. = Ce n'est pas grave.
— Ça n'a aucune importance !
— Il n'y a pas de mal.
— Ça ne fait rien.
— Je vous en prie ! **Je t'en prie !**

Remarque de vocabulaire : L'expression « Je regrette » utilisée seule, signifie en général « Je ne veux pas. », « Ce n'est pas possible. »
« Vous pourriez aider Julie à déménager samedi ?
— Je regrette, je ne suis pas libre samedi. »

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Le monsieur est furieux contre la dame.	☐	☐
Dialogue 2.		
2. Le vêtement du client doit être nettoyé au pressing.	☐	☐
3. C'est le restaurant qui paiera le nettoyage.	☐	☐
Dialogue 3.		
4. Le verre qu'Aurélie a cassé est en cristal.	☐	☐
5. Vincent se moque gentiment d'Aurélie.	☐	☐

2 Imaginez les dialogues pour chacune des situations suivantes.

1. Chez des amis, Quentin renverse du vin sur la nappe.

Quentin : _____

Les amis : _____

2. Christine a oublié d'acheter le journal que son mari voulait absolument lire.

Christine : _____

Son mari : _____

3. Caroline a cassé un pot de fleurs chez des amis.

Caroline : _____

Les amis : _____

4. Brigitte marche sur le pied d'une dame.

Brigitte : _____

La dame : _____

3 Que disent-ils ?

© CLE International 2004. La photocopie non autorisée est un délit.

24 ON N'A RIEN OUBLIÉ ?

Le départ en vacances d'une femme anxieuse

— Chéri, **tu as bien pris** ton passeport ?
— Mais oui !
— **Tu es sûr que** tu as éteint le gaz ?
— Oui !
— **Tu es certain que** tu as fermé la porte à clé ?
— Mais c'est toi qui l'a fermée !
— **Ah bon ?** J'avais oublié. **Tu as pensé à** brancher le répondeur ?
— Il était déjà branché !
— **Tu as** ton sac ?
— Regarde, je l'ai à la main !
— **C'est bien** d'Orly qu'on part ?
— Mais oui, c'est écrit sur les billets d'avion !
— On doit enregistrer les bagages maintenant, **non*** ?
— Mais non, nous sommes trois heures en avance !
— On peut garder un bagage en cabine, **c'est ça* ?**
— Oui, je crois.
— Attends, **je vérifie que** j'ai bien éteint mon portable.
— *(Ton ironique.)* Chérie, tu es sûre qu'on n'a rien oublié ?...

COMMENT LE DIRE ?

- **Vous avez bien... ?** — **Tu as bien... ?**
- **Il y a bien un arrêt de bus, dans ce quartier ?**
- **Tu as pensé à... ?** — **Vous avez pensé à... ?**
- **Tu es sûr(e) que... ?** — **Vous êtes sûr(e) que... ?**
- **Tu es vraiment certain(e) que... ?** — **Vous êtes vraiment certain(e) que... ?**
- **Je vérifie que...**
- **..., n'est-ce pas ? = ..., non ?** *(fam.)* **= ..., c'est ça ?** *(fam.)*
- **Vous n'avez pas de... ?** — **Tu n'as pas de... ?**
- **Vraiment ?** — **Ah bon ?**

Remarques de vocabulaire : 1. L'adverbe « bien » est l'expression-clé de la vérification : « *Vous êtes **bien** Mme Brun ?* ». **– 2.** Une simple question peut constituer une vérification : « *Tu as pris tes clés ? On n'a rien oublié ?* »

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. La dame a oublié son passeport.	☐	☐
2. C'est elle qui a fermé la porte à clé.	☐	☐
3. Le monsieur a été obligé de brancher le répondeur.	☐	☐
4. Les deux personnes vont prendre l'avion.	☐	☐
5. Ils sont arrivés en retard à l'aéroport.	☐	☐
6. Le portable de la dame ne marche pas.	☐	☐

2 **Replacez les expressions suivantes dans le texte :**

tu ne prends pas – c'est bien – tu as branché – tu as bien pris – tu as pensé

1. Dis, Bastien, _____ tes affaires de gym ?
   — Oui, maman !
2. _____ aujourd'hui que tu as ton cours de violon ?
   — Non, maman, c'est demain !
3. Élodie, _____ à mettre ton portable dans ton sac ?
   — Ah, zut, c'est vrai, j'ai oublié !
4. Bastien, _____ ton anorak ?
   — Si, si !
5. Élodie, _____ le répondeur ?
   — J'y vais, j'y vais !

3 **Trouvez une expression appropriée dans les situations suivantes.**

1. Vous vérifiez que votre mari a réservé une table au restaurant.
   _____
2. Vous vérifiez que vous avez pris un dossier important.
   _____
3. Vous vérifiez que votre fils a mis ses chaussures de sport.
   _____
4. Vous vérifiez le jour de votre cours de tennis.
   _____
5. Vous vérifiez que votre fille a fait ses devoirs.
   _____
6. Vous vérifiez que votre voisine a vos clés.
   _____

25 MAIS OUI, TOUT À FAIT !

Dans un bistrot

M. Duvier : Vous savez, monsieur, c'est important d'avoir un bon travail !
M. Lebourg : Oui, certainement !
M. Duvier : Et d'être heureux dans la vie !
M. Lebourg : Évidemment !
M. Duvier : Et d'avoir une bonne santé !
M. Lebourg : Bien sûr que* oui !
M. Duvier : Et d'avoir un peu d'argent pour vivre !
M. Lebourg : Bien entendu !
M. Duvier : Et d'avoir de bons amis !
M. Lebourg : Tout à fait* ! Justement, vous avez des amis ?
M. Duvier : Euh...

COMMENT LE DIRE ?

• **Oui, oui !**	**Mais oui !**	**Mais si !**
• **Oui, bien sûr !**	**Évidemment !**	
• **Oui, certainement !**	**Bien entendu !**	**C'est bien vrai !**
• **Absolument !**	**Tout à fait !** *(fam.)*	
• **Ah, ça oui !** *(fam.)*		
• **Bien sûr que oui !** *(fam.)*	**Bien sûr que si !** *(fam.)*	
• **Oui, je t'assure !**	**Je t'affirme que...**	

• **Remarque de grammaire :** La réponse « si » signifie « oui » après une question négative.
« Vous aimez le chocolat ?
— Mais oui ! »
« Vous n'aimez pas le chocolat ?
— Mais si ! J'adore ça ! »

• **Remarque culturelle :** Les cafés (les bistrots, les bars) constituent un aspect important de la vie en France. On y vient pour parler, discuter, rencontrer des amis et observer le spectacle de la rue.

ACTIVITÉS

1 Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. M. Duvier dit des choses très intelligentes et originales.	☐	☐
2. M. Lebourg n'est pas très intéressé par la conversation.	☐	☐
3. M. Duvier rêve d'être très riche.	☐	☐
4. Il n'a probablement pas beaucoup d'amis.	☐	☐

2 Choisissez la bonne réponse.

1. Est-ce que tu aimes le chocolat ?
   ☐ **a.** Mais oui ! ☐ **b.** Je t'assure !
2. Vous ne jouez pas au tennis ?
   ☐ **a.** Mais oui ! ☐ **b.** Mais si !
3. Il connaît le nom de Victor Hugo ?
   ☐ **a.** Si, si ! ☐ **b.** Évidemment !
4. Tu as vraiment gagné le match ?
   ☐ **a.** Oui, je t'assure ! ☐ **b.** Si, je l'affirme !
5. Elle voudrait être heureuse ?
   ☐ **a.** Oui, bien sûr ! ☐ **b.** Tout à fait !
6. Ils n'ont pas trouvé de maison à louer ?
   ☐ **a.** Bien sûr que si ! ☐ **b.** Bien sûr que oui !

3 Un policier interroge le témoin d'un hold-up. Répondez par l'affirmative.

1. Alors, vous avez tout vu ? — _____ !
2. Vous n'avez pas appelé la police ? — _____ !
3. Est-ce que les malfaiteurs étaient armés ? — _____ !
4. Vous avez crié pour attirer l'attention ? — _____ !
5. Ils se sont enfuis tout de suite ? — _____ !

4 Voici quelques « lieux communs ». Commentez affirmativement, en variant les expressions.

1. « Le temps passe vite, n'est-ce pas ? »
2. « On doit être en bonne santé pour être sportif professionnel, non ? »
3. « Mieux vaut être riche et bien portant que pauvre et en mauvaise santé ! »
4. « La vie n'est pas toujours facile ! »
5. « On ne choisit pas sa famille ! »
6. « Paris est une belle ville, non ? »

1 À la sortie du magasin, le bip sonne

L'agent de sécurité : Monsieur, s'il vous plaît, est-ce que vous pouvez ouvrir votre sac ?
Le client : Et pourquoi ? **Je n'ai rien fait !**
L'agent de sécurité : Monsieur, le bip a sonné…
Le client : Mais non !
L'agent de sécurité : Si, monsieur ! Je vous demanderais de bien vouloir ouvrir votre sac !
Le client : Il n'en est pas question ! Je n'ai rien pris !
L'agent de sécurité : Monsieur, excusez-moi, je dois ouvrir votre sac. Vous avez le ticket de cet article ?

2 Entre amis

Simon : Tu veux que je t'aide à porter cette valise ?
Angélique : Non, non, ce n'est pas la peine ! Elle n'est pas lourde.
Simon : Mais je pensais que tu avais mal au dos !
Angélique : Mais non, pas du tout ! Je n'ai jamais mal au dos !

COMMENT LE DIRE ?

- **Non, ce n'est pas la peine.**
- **Mais non !**
- **Non, pas du tout !**
- **Non, absolument pas !**
- **Pas question !**
- **C'est hors de question !**
- **Jamais de la vie !**
- **Je n'ai jamais… / Je n'ai rien… / Je n'ai pas…**
- **Certainement pas !**
- **Pas vraiment…**

Remarque de vocabulaire : L'expression « *Ce n'est pas la peine.* » est une bonne réponse négative aux questions du type : « *Vous voulez que je vous aide ?* », « *Vous voulez que j'appelle un médecin ?* ».

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	**VRAI**	**FAUX**
1. Quand le monsieur est sorti du magasin, le bip a sonné.	☐	☐
2. L'agent de sécurité ouvre finalement le sac du client.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Simon ne veut pas aider Angélique.	☐	☐
4. Angélique a mal au dos.	☐	☐

2 **Complétez les réponses en variant les expressions.**

1. Est-ce que vous accepteriez un travail ennuyeux mais très bien payé ?

— Non, _____

2. Est-ce que vous accepteriez un travail de nuit ?

— Non, _____

3. Est-ce que tu aimerais vivre au pôle Nord ?

— Non, _____

4. Est-ce que tu pourrais faire la traversée de l'Atlantique en solitaire ?

— Non, _____

5. Est-ce que tu vivrais seul(e) dans une grande forêt ?

— Non, _____

3 **À vous ! Répondez librement aux questions affirmativement ou négativement.**

1. Vous aimez la bonne cuisine ? — _____
2. Vous ne faites pas de sport ? — _____
3. Vous aimeriez être riche ? — _____
4. Vous parlez plusieurs langues étrangères ? — _____
5. Vous prenez souvent l'avion ? — _____
6. Vous utilisez le courrier électronique ? — _____
7. Vous avez une voiture ? — _____
8. Vous buvez du vin, de temps en temps ? — _____

26 C'EST EXACTEMENT ÇA !

1 Une étrangère à Paris

Alain : Alors, qu'est-ce que tu penses de ton expérience à Paris ?
Tania : Dans l'ensemble, **je suis très contente de** mon expérience ici.
Alain : Pourquoi ? **Qu'est-ce qui te plaît ?**
Tania : Tu sais, **j'aime beaucoup** vivre dans un contexte international, et **j'ai de la chance parce que** j'ai rencontré non seulement des Français, mais aussi des gens de partout, d'Europe, d'Amérique, d'Afrique, d'Asie...
Alain : Oui, effectivement, c'est **intéressant de** pouvoir découvrir des cultures différentes.
Tania : Ah oui, **c'est passionnant !**

2 À propos du travail

Sébastien : Alors, Vincent, est-ce que tu es content de ton nouveau travail ?
Vincent : Oui, **c'est exactement ce que je voulais faire !**
Sébastien : Où est-ce que tu es instituteur, maintenant ?
Vincent : Dans un petit village de l'Est. **Ce que j'aime, dans ce travail, c'est** précisément que je connais tout le monde dans le village, les enfants bien sûr, mais aussi leurs parents.
Sébastien : Tu n'as pas de problème de discipline ?
Vincent : Non, **je n'ai aucun problème de** discipline. **C'est justement l'avantage d'**être dans un petit village !

COMMENT LE DIRE ?

- **Ce que j'aime, dans ce travail, c'est que...** — **Ce qui me plaît, c'est que...**
- **J'aime bien...** < **J'aime beaucoup...**
- **Ça m'intéresse de...** < **Ça me passionne de...**
- **Ce qui est intéressant, c'est...** < **Ce qui est passionnant, c'est...**
- **C'est bien de...**
- **Je suis satisfait(e) de...**
- **Je suis content(e) de...** < **Je suis ravi(e) de...**
- **Je n'ai aucun problème avec...**
- **C'est exactement ce que je voulais, ce que je souhaitais.**
- **C'est l'avantage de... C'est un avantage.**
- **J'ai de la chance, parce que...**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Tania est globalement satisfaite de son expérience.	☐	☐
2. Elle travaille dans une société internationale.	☐	☐
3. Elle a fait la connaissance de gens de diverses origines.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Vincent est professeur dans une université.	☐	☐
5. Son travail lui plaît beaucoup.	☐	☐

2 Choisissez la phrase la plus positive.

1. ☐ **a.** J'aime beaucoup le sport. ☐ **b.** J'aime bien le sport.
2. ☐ **a.** Ça m'intéresse beaucoup. ☐ **b.** Ça me passionne.
3. ☐ **a.** Je suis ravi de cette proposition. ☐ **b.** Je suis très content de cette proposition.
4. ☐ **a.** C'est intéressant. ☐ **b.** C'est passionnant.
5. ☐ **a.** Ce travail me plaît. ☐ **b.** C'est exactement ce que je voulais faire.

3 Trouvez une réponse appropriée.

1. Votre chambre à la Cité Universitaire vous plaît ?

— Oui, _____

2. Qu'est-ce qui vous plaît, dans cette chambre ?

— _____

3. Qu'est-ce qui est intéressant, à la Cité Universitaire ?

— _____

4. Vous avez des problèmes avec vos voisins ?

— Non, _____

5. Donc vous êtes content(e) de vivre ici ?

— Ah oui, _____

4 Voici quelques éléments positifs au sujet de la profession de médecin humanitaire. Faites des phrases en vous aidant de la page de gauche.

Il y a beaucoup de contacts humains ; on aide les gens qui souffrent ; on voit des pays différents ; on travaille dans une bonne équipe ; on a l'impression d'être utile ; on rencontre des gens très divers ; on fait le plus beau métier du monde.

« Ce qui me plaît, ... _____

_____

_____

1 À propos de Paris

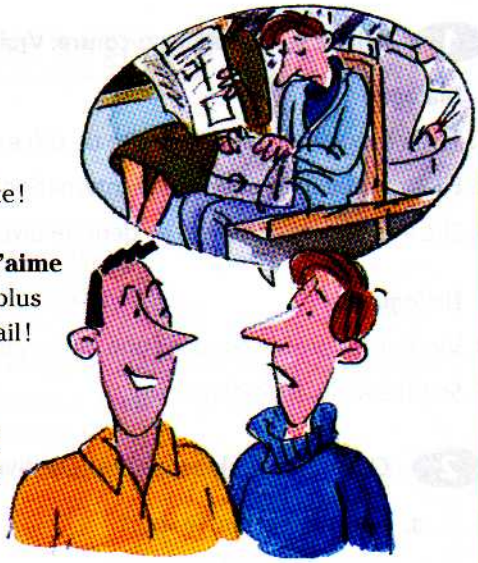

Nicolas : Alors, comment tu te sens, à Paris ?

Jean-Luc : À vrai dire, **je n'aime pas trop** vivre dans cette ville.

Nicolas : Mais c'est une ville magnifique, passionnante !

Jean-Luc : Oui, peut-être, mais **il y a beaucoup d'inconvénients**. Par exemple, ce **que je n'aime pas, c'est** le temps de transport ! Je passe plus de deux heures par jour pour aller au travail !

Nicolas : D'accord, c'est fatigant. Mais le week-end, tu peux sortir, aller au cinéma…

Jean-Luc : **Le cinéma ne m'intéresse pas** vraiment et **ça m'embête* de** prendre encore le métro le week-end !

2 À propos du travail

M. Rousset : Alors, comment se passe votre nouveau travail ?

Hélène : Bof… **Je ne suis pas enthousiaste**.

M. Rousset : Et pourquoi ?

Hélène : Vous savez, **je m'ennuie** ! Je n'ai pas grand-chose à faire, aucune décision importante à prendre, pas de responsabilités…

M. Rousset : C'est vraiment si **ennuyeux** ?

Hélène : Ah oui ! **C'est tout ce que je n'aime pas** : uniquement du travail administratif !

COMMENT LE DIRE ?

- **Ce que je n'aime pas, c'est… Ce qui me déplaît, c'est…**
- **Je ne suis pas content(e) de… < Je suis mécontent(e) de…**
- **Ça m'ennuie de… = Ça m'embête de…** *(fam.)*
- **C'est ennuyeux à mourir ! = C'est à mourir d'ennui !**
- **Je m'ennuie à mourir dans ce travail.**
- **Je ne suis pas enthousiaste.**
- **Ce n'est pas intéressant de… = C'est ennuyeux de…**
- **Ça ne m'intéresse pas de…**
- **C'est justement ce que je n'aime pas… C'est tout ce que je n'aime pas…**
- **L'inconvénient, c'est que… Il y a beaucoup d'inconvénients.**

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	**VRAI**	**FAUX**
1. Jean-Luc n'aime pas habiter à Paris.	☐	☐
2. Le cinéma ne l'intéresse pas vraiment.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Hélène trouve que son travail n'est pas intéressant.	☐	☐
4. Hélène préférerait un travail plus administratif.	☐	☐

2 **Les phrases suivantes expriment-elles le contentement (a) ou le mécontentement (b) ?**

1. « J'aime beaucoup cet appartement. » _____
2. « Je ne suis pas très enthousiaste pour cet appartement. » _____
3. « Cet appartement ne me plaît pas. » _____
4. « Ce qui m'embête, dans cet appartement, c'est qu'il est trop petit. » _____
5. « C'est exactement ce que je cherchais ! » _____
6. « C'est tout ce que je n'aime pas ! » _____
7. « L'inconvénient de cet appartement, c'est qu'il est bruyant ! » _____

3 **Voici les aspects positifs et les aspects négatifs d'une même situation. Faites des phrases.**
*Exemple : **J'aime beaucoup vivre à la campagne, mais je n'aime pas être seul.***

1. *Vivre à la campagne*

C'est calme,	mais...	il n'y a pas beaucoup d'activités.
J'ai de l'espace, une grande maison, un jardin,		je suis isolé.
J'ai la possibilité de faire du sport,		peu d'amis viennent me voir.

2. *Travailler dans une petite entreprise*

Le poste est intéressant,	mais...	il y a beaucoup de travail.
J'ai beaucoup de liberté,		je n'ai pas beaucoup de sécurité.

4 **À vous ! Parlez d'une situation (travail, maison, sport...) qui comporte des aspects positifs et des aspects négatifs. Dites ce qui vous plaît et ce qui vous déplaît.**

© CLE International 2004 - La photocopie non autorisée est un délit.

27 SPLENDIDE ! MAGNIFIQUE !

En promenant son chien

1

Un passant : Mademoiselle, **il est magnifique, votre chien !**
Clotilde : *(silence).*
Le passant : Qu'est-ce qu'il est* drôle ! Qu'est-ce que c'est, comme chien ?
Clotilde : *(silence).*
Le passant : Il s'appelle comment ?
Clotilde : *(silence).*
Le passant : Il mord ?
Clotilde : Oui !

2

Un passant : Oh, **qu'il est beau, votre chien !** C'est un quoi ?
Hélène : C'est un lion des Pyrénées.
Le passant : Dites donc*, il est énorme !
Hélène : Pourtant, c'est encore un bébé !
Le passant : Un bébé ?! Mais il pèse combien ?
Hélène : 25 kilos.
Le passant : C'est impressionnant. Comment il s'appelle ?
Hélène : Roméo.
Le passant : Il est méchant ?
Hélène : Pas du tout ! **C'est un amour ! Il est gentil comme tout ! Il est beau**, n'est-ce pas ?
Le passant : Pas autant que sa maîtresse…

COMMENT LE DIRE ?

• **Comme il est beau !**	**Il / Elle est magnifique / splendide / superbe !**
• **Qu'il est drôle !**	
• **Qu'est-ce qu'il est drôle !**	
• **Qu'est-ce qu'il est gentil !**	**Il / Elle est mignon(ne) / adorable !**
• **C'est un amour !**	

• **Remarques de vocabulaire : 1.** « Magnifique » évoque quelque chose ou quelqu'un de grand, ou de grande valeur ; « mignon » évoque quelque chose ou quelqu'un de petit ou de très jeune. **2.** La structure « *Qu'est-ce qu'il / elle est…* » est familière, quel que soit l'adjectif employé.

• **Remarque culturelle :** Les Français sont amoureux des animaux (16,8 millions de chiens et de chats en 1999… Source *Francoscopie 2001*). En France, le chien est souvent un sujet de conversation dans la rue ; on aborde facilement quelqu'un qui promène un chien, et il est d'usage de lui faire des compliments sur son animal.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Clotilde ne veut pas parler.	☐	☐
2. Elle est fière de son chien.	☐	☐
3. Le chien est méchant.	☐	☐

Dialogue 2.	VRAI	FAUX
4. Le chien d'Hélène est très gros.	☐	☐
5. Le chien est déjà adulte.	☐	☐
6. Le chien n'est pas méchant.	☐	☐

2 **Parmi les phrases suivantes, lesquelles sont des compliments à un chien ?**

1. « Il est magnifique ! »
2. « Il mord ! »
3. « Il est mignon ! »
4. « Il est énorme ! »
5. « C'est un quoi ? »
6. « Il est adorable ! »
7. « Il est méchant ! »
8. « Comment il s'appelle ? »

3 **Vous arrivez chez des amis qui ont deux petits chats. Choisissez les phrases appropriées.**

1. « Ils sont adorables ! »
2. « Ils sont méchants ? »
3. « Ils sont énormes ! »
4. « Qu'est-ce qu'ils sont drôles ! »
5. « Ils sont mignons ! »
6. « Ils mordent ? »
7. « Ils sont impressionnants ! »
8. « Ils s'appellent comment ? »

4 **À vous ! Quels compliments pouvez-vous faire à propos de ces animaux ?**

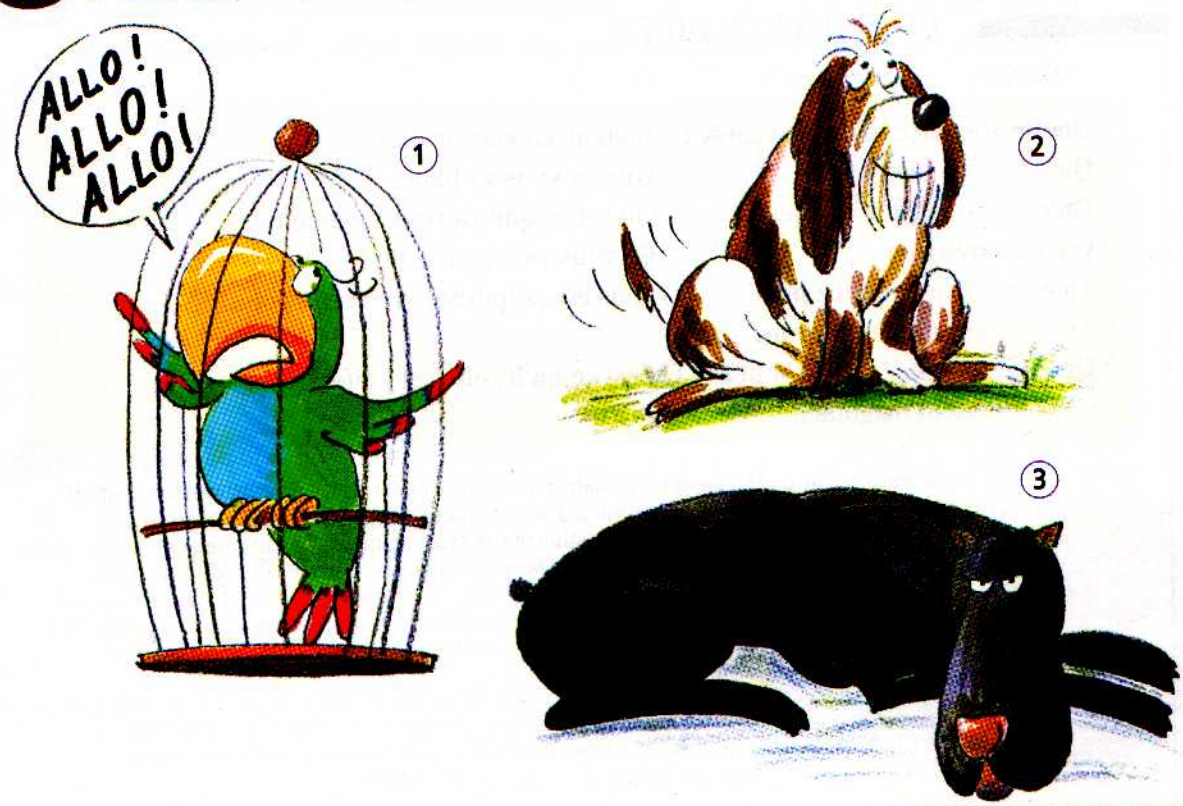

© CLE International 2002 - La photocopie non autorisée est un délit.

À propos de vêtements

1 **Isabelle :** Dis donc*, **tu as une très jolie cravate !**
Paul : Ah ? Vraiment ? Merci !

2 **Caroline : Qu'est-ce qu'elle est* jolie, cette veste ! Tu es élégante !**
Chloé : Tu trouves ? Pourtant, elle a plus de dix ans !
Caroline : Elle est vraiment originale ! Ça te va très bien !

3 **Marie :** Dis donc, Émilie, **tu es superbe, avec cette robe !**
Émilie : Oh, merci !
Marie : Qu'est-ce que* ça te va bien !
Émilie : Oh, tu sais, je l'ai achetée en soldes, il y a au moins deux ans.
Marie : Eh bien, je trouve que **cette couleur te va à merveille !** Tu devrais en mettre plus souvent. Tu ne trouves pas, Richard ?
Richard : Si, si, c'est vrai que **tu es jolie comme un cœur**, en bleu.
Émilie : Arrêtez, tous les deux, vous allez me faire rougir !

COMMENT LE DIRE ?

- **Quelle élégance ! Tu es élégante !** **Comme ça vous va bien !**
- **Que ça te va bien !** **Que ça vous va bien !**
- **Qu'est-ce que ça te va bien !** **Qu'est-ce que ça vous va bien !**
- **Ça te va très bien !** **Ça vous va à merveille !**
- **Tu es superbe, avec ce pull !** **Vous êtes superbe, avec cette robe !**
- **Tu es jolie comme un cœur.**
- **Qu'elle est belle ! Qu'il est beau ! Qu'est-ce qu'il / elle est joli(e) !**
- **C'est vraiment original !**

Remarque culturelle : Faire un compliment est un art délicat. Les Français font facilement des compliments sur : la cuisine (quand on est invité), l'appartement ou la maison de la personne qui invite, la tenue vestimentaire et les animaux. On fait rarement des compliments directs *(« Vous avez de beaux yeux »)*, sauf dans le contexte amoureux, bien sûr !

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. [Paul | Isabelle] a une jolie cravate.

Dialogue 2.

2. Chloé [vient d'acheter la veste | a cette veste depuis longtemps].

Dialogue 3.

3. Émilie porte [une robe | un tailleur].
4. Émilie a acheté ce vêtement il y a [plus de deux ans | moins de deux ans].
5. Émilie porte [souvent | rarement] du bleu.
6. Émilie est [contente | furieuse] de recevoir des compliments.

2 **Parmi les phrases suivantes, lesquelles sont des compliments ?**

1. « Ça te va très bien ! »
2. « Cette robe est démodée ! »
3. « Cette couleur vous va à merveille ! »
4. « Ça lui va très mal ! »
5. « Tu ne devrais pas mettre cette couleur. »
6. « Quel beau manteau ! »
7. « Cette cravate est horrible !»
8. « Cette couleur est splendide ! »

3 **Replacez les mots suivants dans les dialogues :**
bien – merveille – superbe – élégance – va – jolie – magnifique

1. Dis-moi, tu as une écharpe _____ !
   — Oui, elle est jolie, c'est mon ami qui me l'a offerte.
2. Elle est _____ ! Elle te _____ vraiment très _____ !
3. Ma chérie, quelle _____ !
   — Oh, tu sais, c'est juste un ensemble vert…
4. Oui, mais ça te va à _____ ! Tu es _____ comme un cœur !

4 **Imaginez un dialogue entre vous-même et ces deux personnes. Vous leur faites des compliments sur leur tenue et ils y répondent.**

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

À propos d'un objet, d'un appartement, d'une maison

1 — **Qu'est-ce qu'il est* beau, ce tissu !** D'où ça vient* ?
— C'est un tissu traditionnel africain.
— **Je trouve ça magnifique ! C'est une pure merveille !** J'adore ce mélange de couleurs.

2 — **Qu'il est mignon, cet appartement !**
— Oui, il n'est pas mal, mais il est minuscule !
— Peut-être, mais **c'est charmant. Chapeau !* Tu l'as drôlement* bien arrangé !**
— Pourtant, c'est tout simple, tu sais.
— Oui, mais **on se sent vraiment bien, chez toi**.

3 — **Elle est magnifique, cette maison !**
— Oui, nous l'avons rénovée nous-mêmes. Il y avait beaucoup de travaux à faire !
— **C'est superbe !** Et on voit que les meubles et les rideaux **ont été choisis avec goût.** Ils respectent le style de l'époque.
— Ça, c'est le goût de ma femme !
— En tout cas, **c'est chaleureux, accueillant. Vous avez fait du beau travail**, tous les deux !

COMMENT LE DIRE ?

- **Qu'il est mignon, cet appartement ! Qu'est-ce qu'elle est mignonne, cette petite maison !**
- **C'est superbe ! Magnifique ! Splendide !**
- **Tu l'as bien arrangé(e) ! Vous l'avez très bien arrangé(e), avec beaucoup de goût !**
- **Tu as fait du beau travail ! Vous avez fait du beau travail !**
- **On se sent bien, chez toi ! On se sent bien, chez vous !**
- **C'est chaleureux, accueillant... L'atmosphère est agréable !**
- **J'aime beaucoup ton appartement, ce type de maison.**
- **Chapeau !** *(fam.)* (= Avec toute mon admiration !)

Le plus grand compliment à propos d'un objet : **C'est une pure merveille !**

Remarque culturelle... et psychologique ! Faire des compliments, c'est aussi, bien sûr, s'intéresser à la personne, à l'objet, à l'appartement, la maison, etc. !

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Le tissu est européen.	☐	☐
2. Il a beaucoup de couleurs différentes.	☐	☐
3. Le tissu est vraiment beau.	☐	☐

Dialogue 2.	VRAI	FAUX
4. L'appartement est petit.	☐	☐
5. Il est joli.	☐	☐
6. L'atmosphère est agréable.	☐	☐

Dialogue 3.	VRAI	FAUX
7. La maison est ancienne.	☐	☐
8. C'est le couple qui a choisi la décoration.	☐	☐
9. C'est le couple qui a fait les travaux.	☐	☐

2 Choisissez le compliment le plus approprié à la situation.

1. Vous entrez dans un tout petit appartement :
   ☐ **a.** C'est mignon ! ☐ **b.** C'est magnifique !
2. Vous regardez un diamant :
   ☐ **a.** C'est une pure merveille ! ☐ **b.** C'est joli !
3. Vous arrivez dans une vieille maison, rénovée par des amis :
   ☐ **a.** Elle est vraiment ancienne ! ☐ **b.** Vous l'avez drôlement bien arrangée !
4. On vous offre un énorme bouquet de fleurs :
   ☐ **a.** C'est beau ! ☐ **b.** C'est magnifique !
5. Vous regardez un grand tapis traditionnel africain :
   ☐ **a.** Il est mignon ! ☐ **b.** Qu'est-ce qu'il est beau !

3 Quels compliments pouvez-vous faire à propos de cette maison de campagne ? Voici quelques qualificatifs. Choisissez les plus appropriés et faites des phrases.

énorme – joli – froid – moderne – calme – bien rénové – confortable – minuscule – beau – bruyant – accueillant – superbe - mignon – joliment décoré

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

À propos de la table

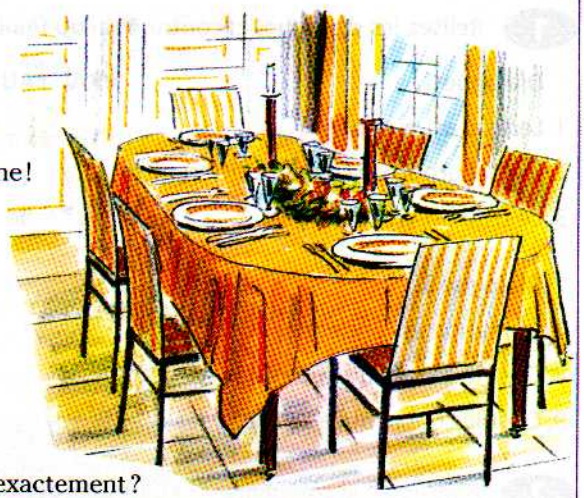

1 **Anaïs :** Oh, **la table est magnifique !**
Quelle jolie décoration !
Octave : Oui, c'est Laetitia qui a mis la table !
Julie : **C'est très raffiné**, tout en blanc et jaune !

2 *(Le plat arrive.)*
Julie : Hum… ça sent bon ! Ça a l'air bon…
C'est très appétissant !

3 *(On commence à manger.)*
Anaïs : C'est délicieux ! Qu'est-ce que c'est, exactement ?
Octave : C'est un poulet à la moutarde. C'est une recette de ma grand-mère.
Julie : Eh bien, **vous êtes bons cuisiniers**, dans la famille ! **C'est très fin, et original**, aussi.
Octave : Eh bien, faites comme chez vous, resservez-vous !
Anaïs : Avec plaisir, **je me régale !**

COMMENT LE DIRE ?

- **Bon < très bon < délicieux < exquis :** ces qualificatifs concernent le goût.
On mange ou on boit quelque chose : « *C'est délicieux !* ».

- **Beau < superbe < magnifique < splendide :** ces qualificatifs concernent la vue.
On regarde ce qu'on va manger ou boire : « *C'est magnifique !* ».

- **C'est appétissant !** (= Ça donne envie de manger.)
- **Ça sent bon !**
- **Je me régale.** (= Je prends plaisir à manger.)
- **C'est très fin ! C'est original !**
- **Ça a l'air bon !**

Remarques culturelles : 1. On dit que la cuisine constitue le premier sujet de conversation chez les Français et c'est vrai ! Les Français parlent de ce qu'ils sont en train de manger, de ce qu'ils ont mangé, de ce qu'ils vont manger, de ce qu'ils pourraient manger… Les affaires se concluent souvent autour d'un bon repas.
2. On fait toujours des compliments sur ce qui est servi quand on est invité. Si c'est vraiment mauvais (ce qui est rare), on n'insiste pas trop ! Le compliment doit rester sincère.
3. L'expression « *C'est original* » peut aussi être utilisée pour : « Je n'aime pas du tout, mais je vais le manger quand même, car je suis poli ! ». C'est l'intonation qui fait la différence.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Le dîner est très bon.	☐	☐
2. La décoration est jolie.	☐	☐

Dialogue 3.	VRAI	FAUX
3. Octave est un cuisinier professionnel.	☐	☐
4. Anaïs aime beaucoup ce plat.	☐	☐
5. La grand-mère d'Octave était bonne cuisinière.	☐	☐

2 **Quel(s) compliment(s) pouvez-vous faire dans les situations suivantes ?**

1. Votre ami pose un plat sur la table : « _____ ! »
2. Vous commencez à manger un plat un peu bizarre : « _____ ! »
3. Vous parlez de la décoration du dîner : « _____ ! »
4. Vous adorez le coq au vin : « _____ ! »
5. Vous buvez un vin exceptionnel : « _____ ! »

3 **Placez les expressions suivantes dans le tableau, selon l'objet du compliment (une même expression peut s'appliquer à plusieurs thèmes).**

1. Qu'il est beau !
2. C'est très bien arrangé !
3. C'est délicieux !
4. C'est superbe !
5. Ça te va très bien !
6. Qu'il est drôle !
7. C'est exquis !
8. On se sent bien !
9. Il est magnifique !
10. C'est appétissant !
11. Qu'il est mignon !
12. Quelle élégance !

un animal	une tenue vestimentaire	un logement	un plat
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

4 **Vous êtes invité(e) à dîner chez de nouveaux amis. Leur appartement est très grand mais mal arrangé, et de mauvais goût. La table est prête mais trop décorée. Le dîner est excellent, les plats sont beaux et bons. Faites les compliments appropriés sur chacun de ces trois éléments de la soirée.**

28 BRAVO !

À la sortie d'un examen

1

Frank : Alors, comment ça s'est passé ?
Renaud : Pas mal, en fait, **je crois que je l'ai eu* !**
Isabelle : Alors, Renaud, ça a marché ?
Renaud : Oui, **je crois que j'ai réussi mon examen**... Papa ! **J'ai eu mon bac ! Je suis reçu !**
Le père : Bravo, mon garçon, je te félicite ! Je suis fier de toi !
Frank : Tu l'as eu ? **C'est super* ! On va arroser ça* !**

2

Arthur : Ça y est, je viens d'avoir la confirmation : je suis embauché dans l'entreprise Ravix.
Antoine : Je suis vraiment content pour toi ! Tu l'as bien mérité !
Arthur : Tu crois ? J'ai eu de la chance, tout simplement. Il y avait beaucoup de candidats !
Antoine : Peut-être, mais c'est toi qu'ils ont choisi, alors, **bravo !**
Quand est-ce qu'on arrose* ça ?

COMMENT LE DIRE ?

- **Bravo !**
- **Félicitations ! Toutes mes félicitations ! Toutes nos félicitations !**
- **Je te félicite !** **Je vous félicite !**
- **Tu l'as bien mérité !** **Vous l'avez bien mérité !**
- **Je suis fier(e) de toi !** **Je suis fier(e) de vous !**
- **Nous sommes très contents pour toi / pour vous !**
- **Je suis vraiment heureux pour toi / pour vous !**
- **C'est super !** *(fam.)* **C'est génial !** *(fam.)*
- **On va arroser ça !** *(fam.)* = **Ça s'arrose !** *(fam.)* = **On va fêter ça !** *(fam.)*

Remarques de vocabulaire : 1. Le verbe « arroser » signifie « donner de l'eau à des plantes » : « *J'arrose mon jardin avec un arrosoir* ». Familièrement, ce verbe signifie que l'on va ouvrir une bouteille de vin, de champagne, etc. en l'honneur d'un événement : « *Une promotion, ça s'arrose !* ».
2. « Embaucher » = recruter. « *J'ai été embauché* » = j'ai trouvé un travail, un poste ≠ être licencié.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. Renaud a | réussi | raté | son baccalauréat.
2. Le père de Renaud est | heureux | déçu |.

Dialogue 2.

3. Arthur a été | recruté | licencié |.

2 **Choisissez la bonne réponse.**

1. « Je viens d'obtenir un poste aux États-Unis. »
   ☐ **a.** C'est génial ! ☐ **b.** Je t'en prie !
2. « Nous allons nous marier le mois prochain. »
   ☐ **a.** Ce n'est pas la peine. ☐ **b.** Toutes mes félicitations !
3. « Ma fille vient d'avoir son bac. »
   ☐ **a.** C'est intéressant ! ☐ **b.** Ça s'arrose !
4. « Mon fils a obtenu le premier rôle dans la pièce de théâtre ».
   ☐ **a.** Tu dois être fier de lui ! ☐ **b.** Ah bon ?
5. « Je viens d'avoir une promotion ! »
   ☐ **a.** C'est bien. ☐ **b.** Tu l'as bien mérité !
6. « Je vais partir quatre semaines en vacances dans les îles grecques ! »
   ☐ **a.** C'est super ! ☐ **b.** Tu as réussi ?

3 **Quelle(s) phrase(s) de félicitations pouvez-vous utiliser dans les situations suivantes ?**

1. Votre meilleur(e) ami(e) a gagné un match de tennis.

   — _____

2. Il/Elle vient d'obtenir une bourse pour faire des études à l'étranger.

   — _____

3. Le projet de votre ami(e) a été accepté avec enthousiasme.

   — _____

4. Le livre que votre ami(e) a publié est devenu un « best-seller ».

   — _____

4 **Vous venez de passer votre permis de conduire. Vous annoncez la bonne nouvelle à vos amis. Ils vous félicitent. Vous décidez de fêter votre réussite. Imaginez et jouez le dialogue.**

1 **Maxime :** Allô, Benjamin ? Tu sais, j'en suis malade, **j'ai raté mon permis de conduire !**
Benjamin : Oh, mon vieux*, **ce n'est pas si grave !**
Maxime : Si, c'est grave, tout le monde l'a eu, sauf moi !
Benjamin : Mais non, **ça peut arriver à tout le monde** ! Ma sœur non plus ne l'a pas eu du premier coup. **Ce n'est pas la fin du monde*.** Tu vas reprendre quelques cours et le repasser. Tu verras, **ça marchera beaucoup mieux** la prochaine fois !

2 **Barbara :** Tu sais, j'ai le moral à zéro… Figure-toi que je n'ai pas eu ma bourse pour aller faire des études au Canada.
Céline : Oh, ma pauvre ! Quel dommage ! Il n'y a pas d'autres possibilités ?
Barbara : Je peux toujours essayer l'année prochaine. Mais cette année, **c'est fichu* !**
Céline : Tu n'as pas de chance, parce que je sais que tu avais un très bon dossier.

3 **Denise :** Mais qu'est-ce qui t'est arrivé ?
Mathieu : Je me suis cassé la jambe en faisant du ski !
Denise : Oh, mon pauvre, je te plains !
Mathieu : En plus, ça s'est passé le premier jour de mes vacances !
Denise : Ce n'est pas drôle. J'espère que ça ira mieux très vite !

COMMENT LE DIRE ?

* **J'ai raté mon examen. = Je n'ai pas eu mon examen.** *(fam.)*
— Ce n'est pas grave, tu le repasseras !
— Ce n'est pas la fin du monde ! *(fam.)*
— Beaucoup de gens le ratent la première fois !
— Ça peut arriver ! Ça arrive à tout le monde !
* **Ça n'a pas marché ! C'est raté ! = C'est fichu.** *(fam.)*
— Mon pauvre ! Ma pauvre !
— Le pauvre ! La pauvre !
— Oh là là ! Quel dommage !
— Je te plains ! Je vous plains !
— Ce n'est pas drôle !
— Tu n'as vraiment pas de chance !
— J'espère que ça ira mieux, que ça passera très vite !

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Maxime n'a pas réussi son permis de conduire.	☐	☐
2. Benjamin est furieux que Maxime ait raté son permis.	☐	☐
3. Benjamin est sûr que Maxime aura son examen la prochaine fois.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Barbara ne pourra pas aller au Canada cette année.	☐	☐
5. Céline pense que Barbara n'a aucune chance d'obtenir la bourse.	☐	☐
Dialogue 3.		
6. Mathieu a eu un accident de ski.	☐	☐

2 **Pour les phrases suivantes, dites si la situation est positive (a) ou négative (b).**

1. « Je crois que je l'ai eu ! » _____
2. « Je crois que je l'ai raté ! » _____
3. « C'est fichu ! » _____
4. « Il a eu son permis de conduire ! » _____
5. « Elle a réussi son examen. » _____
6. « Elle n'a pas eu de promotion. » _____

3 **Trouvez une réponse pour féliciter ou réconforter, selon le cas.**

1. « Je me suis cassé le bras en tombant ! »

— _____

2. « Mon idée a été acceptée ! »

— _____

3. « J'ai raté mon examen. »

— _____

4. « On m'a volé mon autoradio dans ma voiture. »

— _____

5. « Nous venons d'avoir un bébé ! »

— _____

6. « Ce n'est pas moi qu'on a choisi pour le travail ! J'en suis malade ! »

— _____

4 **Un(e) ami(e) vient de perdre un match important pour un championnat. Vous essayez de le/la réconforter. Imaginez et jouez le dialogue.**

© CLE International 2003 - La photocopie non autorisée est un vol.

BILAN N° 4

1 Associez les phrases de sens équivalent.

1. C'est n'est pas grave.
2. Tu es sûr ?
3. Évidemment !
4. Absolument pas !
5. Je suis très content.
6. C'est splendide !
7. Ça vous va à merveille !
8. C'est raté !

a. Quelle élégance !
b. Ça n'a pas marché.
c. Il n'y a pas de mal.
d. C'est une pure merveille !
e. Vraiment ?
f. Pas du tout !
g. Je suis ravi.
h. Bien entendu !

2 Choisissez la bonne réponse.

1. Tu as pensé à fermer la porte ?
   - ☐ a. Ça ne fait rien !
   - ☐ b. Bien sûr que oui !
2. Excusez-moi, madame !
   - ☐ a. Je vous en prie !
   - ☐ b. C'est bien vrai !
3. J'ai réussi mon examen !
   - ☐ a. Ce n'est pas grave !
   - ☐ b. Ça s'arrose !
4. Madame, vous voulez que je vous aide ?
   - ☐ a. Non, merci, ce n'est pas la peine !
   - ☐ b. Jamais de la vie !
5. C'est important d'avoir des amis !
   - ☐ a. Je vous félicite !
   - ☐ b. Tout à fait !
6. Comment est ton nouveau travail ?
   - ☐ a. Passionnant !
   - ☐ b. Évidemment !

3 Imaginez une situation dans laquelle vous pourriez entendre les phrases suivantes.

1. « Ce n'est pas la fin du monde ! »
2. « Ça n'a aucune importance ! »
3. « C'est bien ici ? »
4. « C'est hors de question ! »
5. « C'est exactement ce que je cherchais ! »
6. « Qu'est-ce qu'il est mignon ! »
7. « Ça sent bon ! »
8. « Je suis fier de toi ! »
9. « Tu n'as vraiment pas de chance ! »
10. « Toutes mes félicitations ! »

4 **Trouvez un contraire aux expressions suivantes.**

1. Absolument ! _____
2. C'est un avantage. _____
3. C'est intéressant. _____
4. Ça me plaît. _____
5. Je suis ravi. _____

5 **Que pouvez-vous dire dans les situations suivantes ?**

1. Une amie arrive avec une très jolie robe :

_____

2. Vous dînez chez des amis qui ont préparé un bon dîner :

_____

3. Vos amis ont un très jeune chat :

_____

4. Un ami a acheté un petit appartement :

_____

5. Vous regardez la table préparée pour un dîner de fête :

_____

6. Un ami porte un nouveau pull :

_____

6 **Trouvez une réponse appropriée.**

1. « Je me suis cassé la jambe ! »

— _____

2. « J'ai eu mon bac ! »

— _____

3. « J'ai cassé un verre, je suis tellement maladroit, excuse-moi ! »

— _____

4. « Qu'est-ce qui vous plaît, dans ce travail ? »

— _____

5. « Cette couleur te va à merveille ! »

— _____

6. « Tu sais, finalement, je n'ai pas obtenu le travail que j'espérais. »

— _____

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

29 SI ON ALLAIT AU CINÉMA ?

Dans un cadre professionnel

1

Laurent : Qu'est-ce que nous pouvons faire ?
Suzanne : Et si on invitait les clients à déjeuner ? **Nous pourrions** discuter avec eux.
Laurent : Oui, **on pourrait** déjeuner ici, à la cantine.
Suzanne : Et pourquoi ne pas les inviter à l'extérieur, dans un restaurant ?
Laurent : Ah oui, c'est une bonne idée. Je propose qu'on réserve une table à « La Belle Fontaine », c'est bon et agréable.

2

Quentin : Je ne sais pas quoi faire avec ce client qui ne paye toujours pas…
Simon : Est-ce que tu veux que je l'appelle ?
Quentin : Non, peut-être pas. Ça ne me paraît pas une bonne idée.
Simon : Alors, je lui envoie une petite lettre ?
Quentin : Oui, peut-être. Ou alors, **pourquoi pas** un courrier électronique ?
Simon : Oui, c'est mieux, tu as raison.

COMMENT LE DIRE ?

Tu veux que… ?	**Tu ne veux pas que… ?**
Pourquoi pas… + *infinitif* **?** *(fam.)*	**Pourquoi ne pas…** + *infinitif* **?**
Et si on… + *imparfait* **?**	**Et si nous…** + *imparfait* **?**
On pourrait…	**Nous pourrions…**
Voilà ce que je propose :	**Je propose que…** + *subjonctif.*
Est-ce que vous voulez que… + *subjonctif* **?**	
Si vous voulez, je peux… , je pourrais…	
— Oui, peut-être.	**— Non, peut-être pas.**
— Oui, c'est une bonne idée.	**— Non, ce n'est pas une bonne idée.**
— Oui, tu as raison ; oui, vous avez raison.	**— Ça ne me paraît pas (être) une bonne idée.**
	— Non, je pense que ce n'est pas bien.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.

Dialogue 1.

1. Inviter les clients à | dîner | déjeuner | est une bonne idée.
2. Ce serait mieux de les inviter | au restaurant | à la cantine |.

Dialogue 2.

3. Simon propose | de téléphoner au client | d'aller voir le client |.

2 Parmi les phrases suivantes, lesquelles expriment une proposition ?

1. « Nous pourrions peut-être leur téléphoner. »
2. « Est-ce qu'on leur a téléphoné ? »
3. « Et si nous leur téléphonions ? »
4. « Je refuse de leur téléphoner. »
5. « J'accepte de leur téléphoner. »
6. « Je propose que nous leur téléphonions. »
7. « Ils veulent que nous leur téléphonions. »
8. « Pourquoi ne pas leur téléphoner ? »

3 Trouvez une question exprimant une proposition.

1. _____ ?

— Oui, tu as raison, c'est mieux de négocier demain.

2. _____ ?

— Oui, c'est une bonne idée d'aller déjeuner ensemble.

3. _____ ?

— Non, je ne crois pas que ce soit une bonne idée de préparer une réunion maintenant.

4. _____ ?

— Non, je pense que ce n'est pas bien de lui envoyer un courrier électronique.

5. _____ ?

— Oui, bonne idée, téléphone-leur.

4 Finissez librement les phrases, en faisant des propositions pour la classe.

1. Et si on _____ ?
2. Pourquoi ne pas _____ ?
3. Je propose que _____.
4. Est-ce que vous voulez que _____ ?
5. On pourrait _____.

5 Vous travaillez dans une entreprise. Vous proposez d'organiser une soirée pour toute l'équipe. Les collègues vous répondent positivement. Vous proposez de dîner dans un restaurant. Ils proposent alors d'organiser la soirée dans une boîte de nuit. Vous trouvez que c'est une bonne idée. Imaginez et jouez le dialogue.

© CLE International 2004. La photocopie non autorisée est un délit.

Dans un cadre amical

1 **Christian : Ça te dirait* de** partir à la mer ?
Roxane : Ah oui, avec plaisir !
Christian : Ça t'embêterait* qu'on s'arrête chez ma mère, sur le chemin ?
Roxane : Non, pas du tout, elle est sympa, ta mère !

2 **Lise :** Mon chéri, qu'est-ce qu'on fait, ce soir ?
Tu n'aurais pas envie de sortir ?
Paul : Bof*, tu sais, on est bien ici…
Non, franchement, **je n'ai pas vraiment envie de** sortir.
Lise : Moi, **j'aimerais bien** aller au cinéma.
Paul : Qu'est-ce que tu as envie de voir ?
Lise : Un film néo-réaliste italien,
« Le Voleur de bicyclette ».
Paul : Ah non, **ça ne me dit rien du tout.**
Je préfèrerais un bon restaurant.
Lise : Bon, **d'accord pour** le resto ! On y va.

COMMENT LE DIRE ?

- **Tu as envie de… ?**
  — Oui, avec plaisir !
  — Oui, j'aimerais bien…
  — Oui, j'ai envie de…
  — Non, je n'ai pas envie de…
- **Tu n'aurais pas envie de… ?**
  — Si, avec plaisir !
  — Si, c'est une bonne idée !
- **Ça t'embêterait de… ?** *(fam.)*
  — Non, ça ne m'embête pas. — Oui, ça m'embête.
- **Ça ne t'embête pas de prendre l'avion ?** *(fam.)*
  — Non, pas du tout ! **— Si, ça m'embête.**
- **Ça ne vous ennuie pas d'attendre un peu ?**
  — Si, ça m'ennuie. = Je n'ai pas envie. **— Non, ça ne m'ennuie pas du tout.**
- **Ça te dirait de… ?** *(fam.)* — **Ça vous dirait de… ?** *(fam.)*
- **Que dirais-tu de… ?** — **Que diriez-vous de… ?**
  — Non, ça ne me dit rien !
- **Ça t'intéresserait de… ?**
  — Oui, ça m'intéresse beaucoup ! **— Non, ça ne m'intéresse pas.**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Roxane accepte avec enthousiasme d'aller à la mer.	☐	☐
2. Elle n'a pas très envie d'aller chez la mère de Christian.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Lise aimerait sortir.	☐	☐
4. Paul accepte d'aller au cinéma.	☐	☐
5. Paul n'a pas envie de voir le film que Lise propose.	☐	☐

2 Trouvez une réponse appropriée.

1. Est-ce que ça te dirait de voir un match de football ?

— _____

2. Ça ne t'embêterait pas de m'aider à porter ces cartons ?

— _____

3. Tu n'aurais pas envie d'aller à la campagne ?

— _____

4. Qu'est-ce que tu as envie de faire, ce week-end ?

— _____

5. Ça t'intéresserait de voir une exposition de peinture ?

— _____

6. Ça ne t'embête pas de sortir maintenant ?

— _____

3 Finissez les dialogues, en faisant une autre proposition.

1. Tu ne veux pas voir un film d'action ?

— Non, pas vraiment.

— _____

_____

2. Tu as envie de rester à la maison ?

— Non, je n'ai pas envie.

— _____

_____

3. Ça t'intéresserait de voir une émission historique à la télé ?

— Franchement, non, je n'aime pas l'Histoire.

— _____

_____

4. Tu n'aurais pas envie d'aller faire du ski, cet hiver ?

— Non, je n'aime pas beaucoup le ski.

— _____

_____

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

30 TU ES LIBRE CE SOIR ?

Entre amis

1 — **Je fais une petite soirée, samedi. Ça te dirait de* venir,** Romain ?
— **Oui, avec plaisir ! Oui, ça me ferait très plaisir de vous voir !**

2 — Allô, Margot ? C'est Flo. Dis-moi, **si on dînait ensemble,** jeudi soir ?
— **Ah oui, je veux bien, c'est une bonne idée !**

3 — Félix, **qu'est-ce que vous faites,** samedi ? **Vous ne voulez pas venir dîner,** Aude et toi ?
— Non, **c'est dommage,** samedi, **on ne peut pas, on n'est pas là.**

4 — Charlotte, **j'aimerais bien vous inviter à dîner,** Vincent et toi.
Quand est-ce que vous seriez libres ?
— Attends, ce mois-ci, **ça me paraît difficile, nous sommes très pris.** Mais le mois prochain, **nous n'avons rien de prévu.** Qu'est-ce que tu proposes ?
— Samedi 18 ? Je pense que je vais inviter aussi Thomas, **s'il est disponible.**

5 — **Thomas, tu es libre,** samedi 18 au soir ? Nous faisons une petite soirée à la maison.
— Oh non, **je voudrais bien, mais je ne peux pas,** samedi, **je suis déjà pris.**

COMMENT LE DIRE ?

- **Tu es libre ? Tu serais libre ? Vous êtes libres ? Vous seriez libres, disponibles ?**
- **Vous avez quelque chose de prévu ? Vous n'avez rien de prévu ?**
- **Ça te dirait de venir ?** *(fam.)* **Ça vous dirait de dîner à la maison ?**

ACCEPTER	REFUSER
Oui, volontiers !	**Désolé(e), je suis pris(e).**
Oui, ça me ferait très plaisir.	**C'est dommage, je ne suis pas libre.**
Oui, je veux bien !	**J'aimerais bien, mais je ne peux pas !**
Oui, avec plaisir ! Ce serait bien !	
Oui, super ! Génial ! *(fam.)*	**Cette semaine, ça me paraît difficile.**
Samedi, ça devrait aller.	**Ça va être difficile. (= Impossible !)**

• **Remarque de vocabulaire :** « Vouloir bien » = « accepter ».
« *Il veut bien venir.* » = « *Il accepte de venir.* »

• **Remarque culturelle :** « *Une petite soirée* » = un dîner ou un buffet, mais de toute façon, on va bien manger et donc aussi boire du bon vin. C'est autour d'un repas que les Français construisent leurs relations, leurs amitiés.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Romain est content de venir.	☐	☐

Dialogue 2.	VRAI	FAUX
2. Margot et Flo se connaissent très bien.	☐	☐

Dialogue 3.	VRAI	FAUX
3. Félix et Aude ne veulent absolument pas venir.	☐	☐
Dialogue 4.		
4. Ce mois-ci, Vincent et Charlotte sont déjà invités.	☐	☐
5. Le mois prochain, ils sont déjà pris le 18.	☐	☐
Dialogue 5.		
6. Thomas n'est pas libre le 18.	☐	☐

2 Parmi les phrases suivantes, dites lesquelles expriment un refus.

1. « Je suis très pris. »
2. « Je veux bien. »
3. « Je suis disponible. »
4. « Ça me paraît difficile. »
5. « Je n'ai rien de prévu. »
6. « Volontiers. »

3 Remettez les dialogues suivants dans un ordre logique, puis dites quel dialogue a le ton le plus amical.

1. ☐ **a.** J'invite Delphine, Fabrice et Philippe à dîner. Ça te dirait de venir ?
   ☐ **b.** Samedi soir ? Non, je n'ai rien de particulier.
   ☐ **c.** Oui, je veux bien, avec plaisir, j'aimerais bien connaître Fabrice.
   ☐ **d.** Allô, Violette ? C'est Agathe. Est-ce que tu as quelque chose de prévu, samedi soir ?
   ☐ **e.** Parfait ! Alors, à samedi !
2. ☐ **a.** La semaine d'après, alors ?
   ☐ **b.** Oui, samedi soir, c'est très bien.
   ☐ **c.** Mathilde, j'aimerais bien qu'on dîne ensemble, un jour. Est-ce que tu es libre, la semaine prochaine ?
   ☐ **d.** Samedi soir ?
   ☐ **e.** Oui, ça devrait aller. Quel jour tu proposes ?
   ☐ **f.** La semaine prochaine, ça va être difficile, je suis assez prise.

4 Répondez librement aux questions.

1. « Si on allait au cinéma, samedi soir ? » _____
2. « Vous êtes libres, mercredi prochain, pour dîner ? » _____
3. « Tu as quelque chose de prévu, dimanche après-midi ? » _____
4. « Ça vous dirait de dîner dans un restaurant thaïlandais ? » _____
5. « Tu es disponible, vendredi prochain, pour déjeuner ? » _____

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

Annuler ou remettre une invitation

1 — « Roseline et Lucien, bonjour, c'est Véronique. Écoutez, **je suis vraiment désolée, mais nous avons un empêchement, nous allons devoir annuler notre soirée de vendredi**. Ma mère a eu un problème de santé, et je dois partir tout de suite l'aider. Je vous rappellerai dès mon retour, et nous reprendrons rendez-vous. Je vous embrasse tous les deux ! À bientôt ! »

2 — Allô, Flo ? C'est Margot. Écoute, **on a un problème pour ce soir**. Gaspard est malade. Je crois qu'**on doit remettre notre petite soirée à samedi prochain, si ça vous va.**
— Attends, je regarde mon agenda. Oui, je pense que ça va pour samedi prochain, mais je dois en parler avec Simon. Je te rappelle ce soir, d'accord ?
— D'accord, je serai là. Gros bisous !
— À toi aussi et au pauvre Gaspard.

3

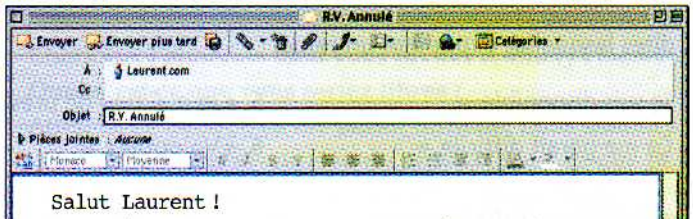

Salut Laurent !
Un petit mot pour t'annoncer une bonne et une mauvaise nouvelle. La bonne nouvelle, c'est que j'ai enfin trouvé du travail.
Je suis très content, je commence dans huit jours. La mauvaise nouvelle est que, malheureusement, **je ne vais pas pouvoir passer la semaine avec toi** à la mer comme nous l'avions décidé. Avec ce nouveau travail, **je suis obligé de repousser mes vacances.**
Je suis vraiment désolé, mais **j'espère que nous pourrons remettre ça à plus tard.** On pourrait se voir pendant l'été, non ?
Qu'est-ce que tu en penses ?
Allez, à bientôt !
Ciao !
Paul

COMMENT LE DIRE ?

- **Je vais être obligé(e) d'annuler notre rendez-vous, je suis désolé(e) !**
- **Je suis obligé(e) de repousser / reporter / remettre notre rendez-vous.**
- **Je suis désolé(e), j'ai un empêchement.**
- **Est-ce que nous pouvons remettre notre dîner à la semaine prochaine ?**
- **Malheureusement, je ne vais pas pouvoir venir, je suis vraiment désolé(e) !**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
1. Véronique doit annuler la soirée parce qu'elle est malade.	☐	☐
2. Véronique a déjà pris un autre rendez-vous avec Roseline et Lucien.	☐	☐
3. Margot et Flo dîneront toutes les deux samedi prochain.	☐	☐
4. Paul doit annuler sa semaine avec Laurent.	☐	☐
5. Paul aimerait voir Laurent cet été.	☐	☐

2 Replacez les expressions suivantes dans le dialogue :

être difficile – veux bien – annuler – bonne idée – prévu – ça te dirait

1. — _____ de faire un pique-nique en forêt, avec Laure et Didier ?
2. — Oui, je _____, c'est une _____ ! Quel jour ?
3. — Dimanche prochain, si tu n'as rien de _____.
4. — Zut, dimanche prochain, ça va _____. Je vais chez mes parents, et je ne peux pas _____.

3 Dites si les expressions suivantes sont courantes (a) ou familières (b).

1. « On a un problème. »
2. « J'ai un empêchement. »
3. « Je vais devoir repousser notre rendez-vous. »
4. « On peut se voir lundi. »
5. « Nous allons devoir annuler notre soirée. »
6. « Malheureusement, nous n'allons pas pouvoir venir. »
7. « On ne peut pas venir, ce soir. »

4 Vous laissez un message sur le répondeur de ces personnes.

1. Vous organisez une soirée chez vous et vous invitez vos bons copains : « _____ »
2. Vous devez annuler le dîner avec M. et Mme Charlier, vos anciens voisins : « _____ »
3. Vous voulez remettre à la semaine prochaine votre déjeuner avec Chantal, une ancienne collègue de travail : « _____ »
4. Vous voulez repousser à dimanche le dîner dans un petit restaurant chinois, avec Léon, votre frère : « _____ »

© CLE International 2003 - La photocopie non autorisée est un délit.

31 QU'EST-CE QUE JE T'OFFRE ?

1 **Solène :** Tenez, **voilà pour vous** ; le champagne, **c'est pour nous tous** !
Margot : Oh, **il ne fallait pas ! Merci beaucoup, c'est vraiment gentil, ça me fait très plaisir.** J'adore les fleurs. Gaspard, tu sers le champagne ?

2 **Léa :** Tiens, **je t'ai apporté un petit quelque chose.** J'espère que tu aimes le chocolat !
Anne : Que c'est gentil ! Bien sûr, j'adore le chocolat ! Merci beaucoup !
Léa : Tu sais, **c'est juste une bricole**...

3 **Michel : Qu'est-ce que je vous offre ?** Un muscat ? Un jus de fruit ?
Françoise : Je veux bien un muscat.
Pierre : Moi, **je prendrais bien** un jus de fruit.

4 **Maud : Vous voulez** une bière ?
Jeanne : Non, merci, **je prendrai** juste un peu d'eau.
Maud : Et toi, Bertrand, **tu veux** une bière ?
Bertrand : Oui, avec plaisir !

COMMENT LE DIRE ?

- **Voilà un petit quelque chose pour vous, c'est juste une bricole !**
- **Voilà pour vous, pour toi !**
  — Merci beaucoup, c'est vraiment gentil ! Que c'est gentil !
  — Ça me fait très plaisir !
- **Qu'est-ce que je t'offre ?** — **Qu'est-ce que je vous offre ?**
- **Qu'est-ce que je peux t'offrir ?** — **Qu'est-ce que je peux vous offrir ?**
- **Qu'est-ce que tu veux boire ?** — **Qu'est-ce que vous voulez boire ?**
  — Je prendrai... un jus de tomate.
- **Tu veux un café ?** — **Vous voulez un thé ?**
  — Oui, avec plaisir ; oui, je veux bien.

Remarque culturelle : Quand on est invité à dîner, on apporte quelque chose, même à des amis proches : des fleurs, une bouteille de champagne ou même une bouteille de bon vin (si on connaît bien la personne). On répond souvent « *Il ne fallait pas !* » quand quelqu'un apporte quelque chose, mais bien sûr, il le fallait !

© CLE International 2001 – La photocopie non autorisée est un délit

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.

1. Il ne | fallait | faut | pas !
2. Je t'ai | donné | apporté | quelque chose.
3. C'est juste | du bricolage | une bricole |.
4. Vous | offrez | voulez | un apéritif ?
5. Oui, je | prendrais | mangerais | bien un jus de fruit.

2 Qui parle ? La personne qui invite (a) ou la personne qui est invitée (b) ?

1. « Avec plaisir ! » _____
2. « Tu veux un peu de vin ? » _____
3. « C'est vraiment gentil, ça me fait très plaisir ! » _____
4. « Je prendrai un peu de tarte. » _____
5. « Il ne fallait pas ! » _____
6. « C'est juste une bricole ! » _____
7. « Je veux bien de l'eau. » _____
8. « Qu'est-ce que je peux vous offrir ? » _____

3 Trouvez une réponse appropriée.

1. Tiens, je t'ai apporté un bouquet !

— _____

2. Oh, merci beaucoup pour cette bouteille de vin !

— _____

3. Qu'est-ce que je t'offre ? Une bière ? Un jus de fruit ?

— _____

4. Vous voulez un petit café ?

— _____

5. Tiens, voilà du champagne pour tout le monde !

— _____

6. Tu veux un apéritif ?

— _____

7. Qu'est-ce que vous prendrez, comme boisson ?

— _____

4 Vous avez invité des amis à dîner. Ils apportent un bouquet de fleurs et vous les remerciez. Vous leur proposez quelque chose à boire : une personne accepte un apéritif, une autre ne prend pas d'alcool. Vous proposez des boissons non alcoolisées. La personne accepte un jus de fruit. Imaginez et jouez le dialogue.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Julie : Servez-vous ! Faites comme chez vous !**
Philippe : Alexandre, **tu me passes le sel** ?
Alexandre : Tiens, le voilà.
Philippe : Je reprendrais bien un peu de poulet.
Julie : Je t'en prie, sers toi !

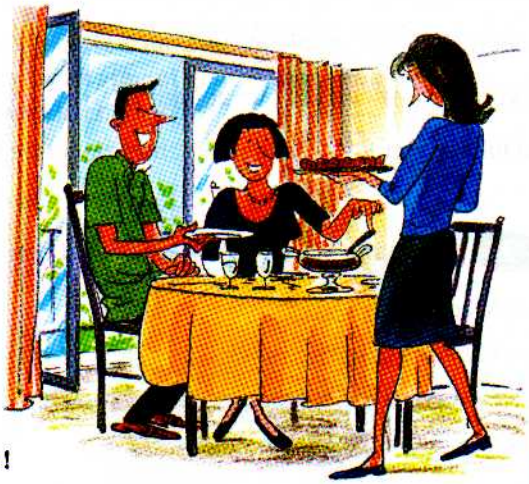

2 **Camille : Je te sers** de la tarte ou de la mousse au chocolat ?
Antoine : Une petite part de tarte sera très bien.
Chloé : Et pour moi, beaucoup de mousse au chocolat !
Camille : Oh, la gourmande…

3 **Ariane :** Vous voulez un café ?
Jean-Pierre : Non, c'est gentil, je vous remercie !
Ariane : Et toi, Gilles, tu veux un biscuit ?
Gilles : Non merci !

COMMENT LE DIRE ?

- **Je peux prendre le sel ?**
- **Tu me passes le sel ? Vous me passez le sel, s'il vous plaît ?**
- **Je reprendrais bien du gâteau…**
  — Je t'en prie, sers-toi ! Fais comme chez toi ! Ressers-toi !
  — Je vous en prie, servez-vous ! Faites comme chez vous ! Resservez-vous !
- **Je te sers… de la salade de fruits ?**
  — Non merci, c'est très gentil.
  — Non, je vous remercie ! Non, je te remercie !
- **Vous préférez de l'eau ou du vin ?**
  — Du vin sera très bien !
  — J'ai une petite préférence pour le vin.
  — Je prendrai du vin.

Remarque culturelle : Quand on invite à dîner à la maison, on ne prépare généralement pas les assiettes à la cuisine ; on apporte sur la table un grand plat, et la maîtresse de maison sert chaque invité. Entre amis, elle dit souvent « *Servez-vous* », mais comme c'est un peu intimidant, elle finit presque toujours par servir !

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Julie va servir ses amis.	☐	☐
2. Philippe aime bien le poulet.	☐	☐

Dialogue 2.	VRAI	FAUX
3. Antoine ne prend pas de dessert.	☐	☐
4. Chloé aime manger de bonnes choses.	☐	☐

Dialogue 3.		
5. Jean-Pierre ne veut pas de café.	☐	☐
6. Gilles adore les biscuits.	☐	☐

2 Associez une question et une réponse.

1. Vous voulez du vin ?
2. Tu prends du sucre ?
3. Je reprendrais bien du gâteau.
4. Vous prenez un apéritif ?
5. Tu reveux du poulet ?
6. Qu'est-ce que je peux vous offrir ?

a. Non merci, c'était très bon, mais ça va.
b. Oui, avec plaisir, un muscat.
c. Non, jamais dans le thé.
d. Oui, mais juste un petit verre.
e. Un jus de fruit, ce sera très bien !
f. Je t'en prie, sers-toi !

3 Choisissez la bonne réponse.

1. Tu préfères un pastis ou un muscat ?
   ☐ a. Non, je vous remercie ! ☐ b. En fait, je ne peux pas boire d'alcool.
2. Je te sers du gâteau ?
   ☐ a. Oui, je veux bien ! ☐ b. Je prendrai du gâteau.
3. Je reprendrais bien un peu de sauce.
   ☐ a. Oui, avec plaisir ! ☐ b. Je vous en prie, servez-vous !
4. Vous voulez un thé ?
   ☐ a. Non merci ! ☐ b. Oui, je veux bien un café.
5. Qu'est-ce que je peux vous offrir ?
   ☐ a. Rien, merci. ☐ b. Merci, c'est très gentil.
6. Voilà un petit bouquet pour vous !
   ☐ a. Je vous en prie ! ☐ b. Il ne fallait pas !

4 Quelle(s) expression(s) pouvez-vous utiliser dans les situations amicales suivantes ?

1. Vous aimeriez une deuxième part de gâteau : « _____ »
2. Vous voulez le sucre, qui est sur la table : « _____ »
3. Vous invitez vos amis à se servir : « _____ »
4. On vous propose un café, que vous refusez : « _____ »

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1

Romain : Je vous ressers ?
Anne : Non merci, c'était délicieux, mais je m'arrête là.
Romain : Vous reprendrez bien un peu de gâteau ?
Simon : Non merci, j'ai très bien mangé, mais ça va comme ça.
Romain : Tu reveux* un peu de fromage ?
Christian : Non merci, c'était très bon, mais ça va comme ça.

2

Jeanne : Bon, il commence à être tard, nous allons devoir rentrer.
Maud : Déjà ? Mais il n'est pas si tard…
Bertrand : Si, je crois que **nous allons y aller**. Nous avons une baby-sitter jusqu'à minuit.
Philippe : Moi aussi, **je vais vous laisser**…
Jeanne : En tout cas, merci beaucoup ! **Nous avons passé une très bonne soirée !**
Philippe : Oui, **c'était super* !**
Bertrand : La prochaine fois, ce sera chez nous !

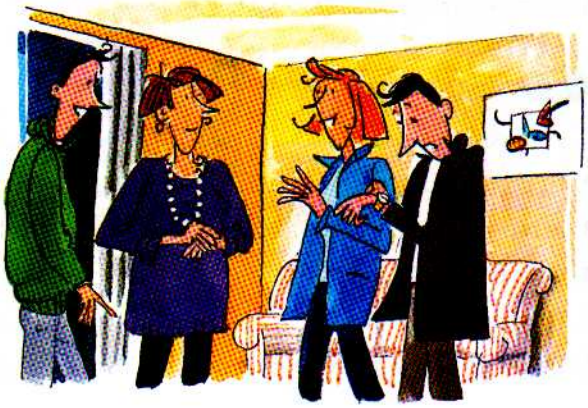

COMMENT LE DIRE ?

- **Je te ressers ? Tu reprendras bien un peu de… ? Tu reveux… ?** *(fam.)*
- **Je vous ressers ? Vous reprendrez bien un peu de… ?**
  — Non merci, c'était très bon, mais ça suffit comme ça.
  — Non merci, j'ai très bien mangé, mais ça va comme ça.
  — Non merci, c'était délicieux, mais je m'arrête là.

- **Je vais te laisser. Je vais vous laisser.**
- **Il commence à être tard.**
- **On va peut-être y aller.** *(fam.)*
- **Je vais devoir rentrer. Nous allons devoir rentrer. On va bientôt rentrer.** *(fam.)*
- **J'ai passé une très bonne soirée ! Nous avons passé une très bonne soirée !**
- **C'était super !** *(fam.)*

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Anne a fini de manger.	☐	☐
2. Simon n'aime pas le gâteau.	☐	☐
3. Les invités trouvent qu'ils ont bien mangé.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Jeanne et Bertrand doivent rentrer chez eux.	☐	☐
5. Philippe va rester encore un peu.	☐	☐
6. Les amis sont contents de leur soirée.	☐	☐

2 Complétez les dialogues.

1. _____.

— Merci beaucoup, j'adore les fleurs !

2. _____ ?

— Je prendrais bien un jus d'orange !

3. _____ ?

— Oui, avec plaisir, j'aime beaucoup la mousse au citron.

4. _____.

— Je t'en prie, sers-toi !

5. _____ ?

— Non merci, c'était délicieux, mais je vais m'arrêter là.

6. _____.

— Déjà ? Mais il est seulement 23 heures !

3 Que disent-ils ? Complétez les bulles.

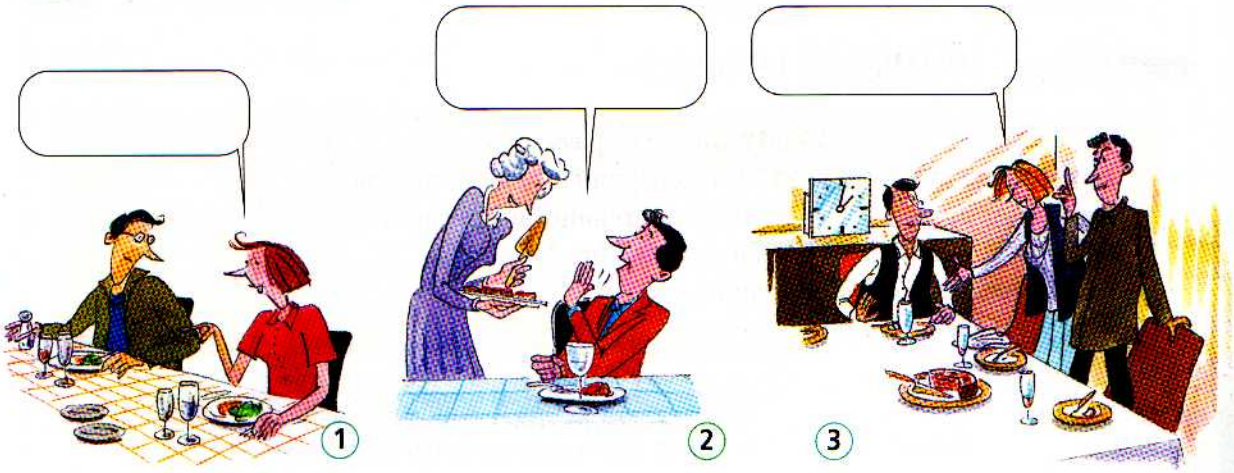

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

32 QUOI DE NEUF ?

Au bureau

1 *(Devant l'ascenseur.)*
— **Vous montez ?**
— **Non, je descends !**
(Quelques secondes plus tard, dans l'ascenseur.)
— **Vous allez à quel étage ?**
— Moi, au cinquième.
— Moi, au premier.

2 *(Deux collègues se rencontrent au bureau.)*
Katia : **Tiens, bonjour,** Manon, **ça va ?**
Manon : Ça va, Katia, et toi ?
Katia : Bien, merci. **Tu as passé un bon week-end ?**
Manon : Oui, très bon, merci ! En fait, je reviens de vacances ! Et toi ?
Katia : Moyen*... J'ai été malade !
Manon : Oh, ma pauvre ! Ça va mieux, aujourd'hui ?
Katia : Oui, c'est toujours comme ça ! Je suis malade le week-end, et en pleine forme pour travailler ...

3 *(Vers midi.)*
Aurore : **Pierre, on va déjeuner, tu viens avec nous ?**
Pierre : Non, **ne m'attendez pas,** je dois finir ça, c'est urgent. **Mais je vous rejoindrai plus tard.** Bon appétit !
Aurore : Merci, à tout à l'heure !

4 *(À la cantine.)*
Sonia : Bernard, tu es seul ? **Tu veux te joindre à nous ?**
Bernard : Oh, merci, oui, c'est plus agréable d'être avec de charmantes jeunes femmes que de manger seul, comme un rat* !
Sonia : **Où est-ce qu'on se met ?**
Bernard : Tiens, là-bas, il y a une table de* libre.

COMMENT LE DIRE ?

- **Tu as passé un bon week-end ? Vous avez passé de bonnes vacances ?**
- **Tu veux déjeuner avec nous ? On va déjeuner, tu viens avec nous ?**
- **Vous venez avec nous ? — Non, je vous rejoindrai à la cantine.**
- **Où est-ce qu'on se met ? Il y a une table libre ?**
- **Vous descendez ? — Non, je monte.**
- **Vous allez à quel étage ?**

Remarque culturelle : Dans une entreprise, il est courant d'aller déjeuner avec des collègues, en petit groupe. En général, les Français n'aiment pas manger seuls, car "manger ensemble" fait partie des grands plaisirs de la vie, et on peut... parler !

© CLE International 2003 La photocopie non autorisée est un délit.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Plusieurs personnes descendent.	☐	☐
Dialogue 2.		
2. Manon a pris des vacances récemment.	☐	☐
3. Katia n'est jamais malade le week-end.	☐	☐
Dialogue 3.		
4. Pierre ne déjeune pas à la cantine aujourd'hui.	☐	☐
Dialogue 4.		
5. Bernard n'aime pas manger seul.	☐	☐
6. Les collègues ne trouvent pas de table libre.	☐	☐

2 Choisissez la bonne réponse.

1. Tu as passé un bon week-end ?
   ☐ **a.** Oui, pas mal. ☐ **b.** Oui, je te rejoins.
2. Tu vas à quel étage ?
   ☐ **a.** Au premier. ☐ **b.** À mon bureau.
3. Tu viens avec nous ?
   ☐ **a.** Oui, je descends. ☐ **b.** D'accord, j'arrive !
4. Où est-ce qu'on se met ?
   ☐ **a.** Paul arrive. ☐ **b.** Avec Paul, là-bas ?
5. Tu veux te joindre à nous ?
   ☐ **a.** Non, merci, je déjeune avec Sarah. ☐ **b.** Non, je préfère déjeuner avec vous.

3 Répondez librement.

1. *(Devant l'ascenseur)* : Vous montez ? — _____
2. *(Dans l'ascenseur)* : Vous allez à quel étage ? — _____
3. Tu veux déjeuner avec nous ? — _____
4. Tu veux te joindre à nous ? — _____
5. Tu as passé un bon week-end ? — _____

4 Des collègues vous proposent de déjeuner avec vous. Vous ne pouvez pas tout de suite, car vous avez quelque chose d'urgent à finir. Vous leur dites de ne pas vous attendre. Plus tard, vous allez à la cantine. D'autres collègues vous invitent à leur table. Vous acceptez. Imaginez et jouez les dialogues.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

Dans une entreprise

1

Delphine : Bonjour, Nathalie, ça va ?

Nathalie : Bonjour, Delphine, ça va bien, merci. Tiens, **je te présente un nouveau collègue** danois qui vient d'arriver. C'est sa première semaine. Jens Høding, Delphine Cartier.

Delphine : Bonjour, enchantée ! Bienvenue ici ! Vous parlez déjà un peu français ?

Jens : Euh, un petit peu, mais… c'est … plus… facile… en… anglais !

Delphine : C'est une société multinationale ici, il y a une quinzaine de nationalités différentes dans mon département. Tout le monde parle anglais, c'est la langue de communication.

Jens : Oui, mais je vais apprendre le français. Je commence des cours de français demain.

Delphine : Bravo, c'est une bonne idée !

2

(Deux collègues se rencontrent dans un couloir, un vendredi après-midi.)

Laurent : Salut*, Philippe, ça va ? **Quoi de neuf ? Ça fait longtemps que je ne t'ai pas vu !**

Philippe : Salut*, Laurent ! Écoute, ça va assez bien. J'ai changé de service, c'est pour ça que je ne viens plus très souvent ici.

Laurent : Tu es devenu PDG ?

Philippe : *(ironique)* Au moins ! Non, sérieusement, **je viens de passer*** chef des ventes.

Laurent : Bravo, félicitations !

Philippe : Et toi, **qu'est-ce que tu deviens* ?**

Laurent : Oh, moi, rien de spécial. C'est **métro-boulot-dodo*,** en ce moment, mais j'espère que ça va changer. Mon chef m'a parlé d'un poste en Allemagne, qui serait peut-être intéressant. On va voir.

Philippe : Eh bien, j'espère que ça va marcher ! **Bon allez, je te laisse, bon week-end !**

Laurent : Bon week-end à toi aussi !

COMMENT LE DIRE ?

- **Je te présente Suzanne. Je vous présente Marjorie.**
  — Bonjour, enchanté(e) !
- **Quoi de neuf ?**
- **Qu'est-ce que tu deviens ?** (= Qu'est-ce qui s'est passé d'important dans ta vie ?) expression familière que l'on utilise lorsqu'on n'a pas vu quelqu'un depuis longtemps.
- **Ça fait longtemps que je ne t'ai pas vu(e) ! Ça fait longtemps que je ne vous ai pas vu(e) !**
- **Je viens de passer** *(fam.)* **directeur. = Je suis devenu directeur.**
- **Je te laisse ! Je vous laisse !**

Remarques de vocabulaire : 1. Le **PDG** = le **P**résident-**D**irecteur **G**énéral est au sommet de la hiérarchie d'une grande entreprise. – **2. Métro-boulot-dodo** : expression parisienne (« boulot » est un mot d'argot pour « travail », « dodo » est un mot d'enfant pour « dormir ») ; elle décrit la routine ennuyeuse et fatigante de beaucoup de Parisiens.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Le Danois travaille ici depuis peu de temps.	☐	☐
2. Il ne parle pas du tout français.	☐	☐
3. Il va étudier l'anglais.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Philippe a changé de société.	☐	☐
5. Laurent est content de sa vie actuelle.	☐	☐
6. La situation se passe un vendredi.	☐	☐

2 **Replacez les expressions suivantes dans les dialogues :**

suis devenue – « métro-boulot-dodo » – deviens – quoi de neuf – ça fait longtemps que je ne t'ai pas vu

1. a. Tiens, bonjour Étienne ! _____ !

b. Bonjour, Charlotte ! Eh oui, je ne suis pas souvent à Toulouse, maintenant. Je voyage beaucoup pour mon nouveau travail. Et toi, qu'est-ce que tu _____ ?

c. Moi, j'ai eu un enfant l'année dernière, et j'ai arrêté de travailler.

2. d. Fabienne, _____ ?

e. Eh bien, j'ai changé de travail. Je _____ assistante de direction. Et toi ?

f. Oh, moi, rien de spécial, _____ !

3 **Répondez de manière appropriée.**

1. « Je te présente notre nouvelle responsable du personnel. »

— _____

2. « Je suis devenu responsable du supermarché. »

— _____

3. « Ça fait longtemps que je ne t'ai pas vu(e) ! Qu'est-ce que tu deviens ? »

— _____

4. « Bon, je te laisse ! Bon week-end ! »

— _____

4 **Vous êtes dans la rue. Vous rencontrez par hasard un(e) ami(e) que vous n'avez pas vu(e) depuis longtemps. Vous demandez de ses nouvelles. Il/Elle a changé de travail. Il/Elle demande de vos nouvelles. Vous dites que vous avez déménagé. Vous vous quittez et vous vous souhaitez un bon week-end. Imaginez et jouez le dialogue.**

Entre amis

1 **Marie-Claude :** Laurent, **est-ce que tu connais** Christine ?
Laurent : Non, je ne crois pas.
Marie-Claude : Eh bien voilà : Laurent, Christine, ma meilleure copine*.

2 **Léa :** Viens Flo, **je vais te présenter** Vincent, le frère de Simon… Voilà Vincent, Flo !
Vincent : Bonjour ! **J'ai l'impression qu'on s'est déjà vus***… mais où ?
Flo : Ah oui, c'est vrai, c'était pour l'anniversaire de Valérie !
Vincent : Mais bien sûr ! Oui, je vous ai rencontrée là-bas !
Flo : On peut se tutoyer, non ?

3 **Claire :** Olivier, **viens que* je te présente** Michel. Michel, mon ami ; Olivier, mon frère.
Olivier : Je suis content de te connaître. Ça fait longtemps que j'entends parler de toi !

4 **Rose : Je ne sais pas si vous vous connaissez déjà,** mais voici Nicolas et voilà Grazyna.
Nicolas : Bonjour… euh, excuse-moi, **je n'ai pas bien compris ton prénom** !
Grazyna : Gra-zy-na. Je suis polonaise.

5 **Anaïs :** Tiens, bonjour… Euh… **Excuse-moi, je ne me souviens plus de ton prénom**…
Éric : Éric. Mais… **on se connaît* ?**
Anaïs : Mais oui, **tu ne me reconnais pas ?**
Éric : Oh, écoute, je suis désolé… Je n'ai vraiment pas la mémoire des visages, c'est terrible !
Anaïs : Non, ce n'est pas grave ! Je suis Anaïs, la cousine d'Ariane !
Éric : Anaïs ! Mais oui, bien sûr, que je suis bête !

COMMENT LE DIRE ?

- **Je vais te présenter… = Je te présente… = Viens que je te présente…** *(fam.)*
  — Je suis content de te connaître !
- **Vous vous connaissez ? Je ne sais pas si vous vous connaissez déjà. Tu connais Luc ?**
- **On se connaît ?** *(fam.)* **= On s'est déjà vus ?** *(fam.)* **= Je crois qu'on s'est déjà vus.**
- **Excuse-moi, je ne te reconnais pas ! Je ne me souviens plus de ton nom !**
- **Je n'ai pas bien compris votre nom.**
- **On peut se tutoyer ?**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.

Dialogue 1.

1. Christine est | la sœur | une amie | de Marie-Claude.

Dialogue 2.

2. Vincent | connaît bien | a déjà vu | Flo.
3. Flo propose de le | tutoyer | vouvoyer |.

Dialogue 3.

4. Olivier est | le nouvel ami | le frère | de Claire.

Dialogue 4.

5. Nicolas | ne comprend pas | a des difficultés à prononcer | ce prénom polonais.

Dialogue 5.

6. Anaïs se souvient | du visage | du prénom | d'Éric.
7. Éric | ne reconnaît pas | n'a jamais vu | Anaïs.

2 Choisissez la bonne réponse.

1. On peut se tutoyer ?
   - ☐ a. Oui, bien sûr.
   - ☐ b. Enchanté !
2. Je te présente Grégoire, mon ami.
   - ☐ a. Ça fait longtemps que je ne t'ai pas vu !
   - ☐ b. Bonjour !
3. Tu me reconnais ?
   - ☐ a. Oui, je suis content de te connaître !
   - ☐ b. Oui, bien sûr !
4. On s'est déjà vus, non ?
   - ☐ a. Oui, mais où ?
   - ☐ b. Oui, je suis désolé.
5. Excusez-moi, je n'ai pas bien compris votre nom.
   - ☐ a. Ce n'est pas grave.
   - ☐ b. Ça fait longtemps.

3 Vous êtes dans un contexte amical. Que dites-vous dans les situations suivantes ?

1. Vous ne comprenez pas le prénom de quelqu'un : « _____ .»
2. Vous voulez tutoyer quelqu'un : « _____ ? »
3. Vous avez oublié le nom de la personne à qui vous voulez parler : « _____ .»
4. Vous présentez un ami à un autre, mais vous ne savez pas s'ils se connaissent ou non : « _____ ? »
5. Vous avez l'impression que vous connaissez une personne : « _____ .»

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Gérard :** Si je comprends bien, vous êtes un ami de Christian. **Comment est-ce que vous vous êtes connus ?**
Benoît : On se connaît depuis le lycée ! Nous sommes copains* d'enfance. **On s'est perdus de vue** pendant un certain temps, **puis on s'est retrouvés par hasard** !
Gérard : Vous travaillez ensemble ?
Benoît : Pas vraiment ensemble, mais **on est dans le même domaine**.
Gérard : Vous êtes dans quoi* ?
Benoît : Les télécommunications.

2 **Elena :** Bonjour, madame ! Vous êtes la maman de Carine ? **Ça me fait plaisir de faire votre connaissance !**
Madame Cantec : Vous êtes Elena, son amie espagnole ? **Carine m'a beaucoup parlé de vous.** Alors, vous vous sentez bien ici, à Quimper ?
Elena : Oh oui, maintenant j'ai l'impression d'être une vraie bretonne ! Et vous, madame, **vous avez toujours habité à** Quimper ?
Madame Cantec : Eh oui, toute ma vie ! Et vous, **vous êtes d'où ? Vous venez d'où ?**
Elena : Je suis née à Séville, mais j'ai passé presque toute ma vie à Barcelone.

3 **Paul :** Julie, dites-moi, **comment est-ce que vous vous êtes connus,** Quentin et vous ?
Julie : En fait, on s'est connus pendant une randonnée en Turquie. On s'est rendu compte qu'on habitait à deux cents mètres l'un de l'autre.
Paul : Et **qu'est-ce que vous faites, dans la vie ?**
Julie : Quentin est ingénieur, et moi je suis assistante sociale.

COMMENT LE DIRE ?

- **Vous travaillez dans quoi ? Vous êtes dans quoi ?** *(fam.)*
  Vous travaillez dans quel domaine ? Qu'est-ce que vous faites, dans la vie ?
- **Vous êtes d'ici ? Vous êtes d'où ? Vous venez d'où ? Vous avez toujours habité ici ?**
- **Ça fait longtemps que vous vous connaissez ?**
- **Comment est-ce que vous vous êtes connus ?**

Remarque culturelle : Les premiers contacts sont toujours un peu délicats. On évite les questions directes et indiscrètes (« *Vous êtes marié ?* »). On peut toujours parler de l'origine géographique, de cuisine, du quartier, de la ville et des intérêts généraux (« *Tiens, je vois que vous aimez la peinture…* »).

© CLE International / Sejer / Photo : Les Jumeaux des pickpockets

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Benoît connaît Christian depuis très longtemps.	☐	☐
2. Benoît et Christian sont toujours restés en contact.	☐	☐
3. Benoît et Christian travaillent dans la même entreprise.	☐	☐
Dialogue 2.		
4. Elena est étrangère.	☐	☐
5. La maman de Carine est bretonne.	☐	☐
6. Elena a habité toute sa vie à Séville.	☐	☐
Dialogue 3.		
7. Julie et Quentin ne se sont pas connus en France.	☐	☐
8. Julie ne travaille pas.	☐	☐

2 Trouvez la question appropriée.

1. _____ ? — Je ne travaille pas.
2. _____ ? — On se connaît depuis 5 ans.
3. _____ ? — Je travaille dans l'enseignement.
4. _____ ? — Je suis de Berlin.
5. _____ ? — Non, pas toujours. J'ai habité quelques années à Prague.

3 Répondez librement aux questions.

1. Qu'est-ce que vous faites, dans la vie ? — _____
2. Comment est-ce que vous avez connu votre meilleur(e) ami(e) ? — _____
3. Ça fait longtemps que vous connaissez cet(te) ami(e) ? — _____
4. Vous êtes d'où ? — _____
5. Vous avez toujours habité ici ? — _____

4 À vous ! Dans votre pays, comment entre-t-on en contact ? Y a-t-il des questions qu'on ne pose pas ? De quoi parle-t-on, en général, quand on rencontre quelqu'un pour la première fois ? Quels gestes fait-on (serrer la main, embrasser...) ?

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

33 ÇA ALORS !...

1 **Patrick :** Caroline ! **Toi ici ! Quelle bonne surprise !**
Caroline : Patrick ! **Ce n'est pas vrai* ! Je n'en reviens pas !**
Patrick : Mais qu'est-ce que tu fais ici ?
Caroline : Je travaille et j'habite à Dijon.
Patrick : Ça alors, c'est extraordinaire ! Moi aussi, je viens de m'installer à Dijon !
Caroline : Ça fait combien de temps qu'on ne s'est pas vus ?
Patrick : Au moins quinze ans, je crois.
Caroline : Et on se retrouve ici, dans ce café, à Dijon... le monde est petit !

2 **Patricia :** Dis donc, Margot, **tu ne sais pas la dernière* ?** Gaspard va se marier avec Solène !
Margot : Quoi* ? Tu plaisantes !
Patricia : Absolument pas. J'ai reçu hier un courrier électronique de Gaspard.
Margot : Ça, ce n'est pas croyable ! Il avait toujours dit qu'il ne se marierait jamais !
Patricia : Il ne faut jamais dire « jamais »...

COMMENT LE DIRE ?

- **Tiens ! = Ça alors !**
- **Quoi ?!** *(fam.)* **= Ah bon ?!**
- **Je n'en reviens pas !**
- **Tu plaisantes ! Vous plaisantez !**
- **Ce n'est pas vrai ! C'est pas vrai !** *(fam.)*
- **Ce n'est pas possible !**
- **C'est incroyable ! < Ce n'est pas croyable !**
- **C'est extraordinaire !**
- **Je rêve !** *(fam.)*
- **Quelle coïncidence !**
- **Quelle (bonne) surprise !**
- **Tu ne sais pas ? Tu ne sais pas la dernière ?** *(fam.)*

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Patrick est content de revoir Caroline.	☐	☐
2. Patrick habite à Dijon depuis 15 ans.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Gaspard a téléphoné à Patricia pour lui annoncer son mariage.	☐	☐
4. Gaspard a toujours voulu se marier.	☐	☐
5. Margot est vraiment très surprise.	☐	☐

2 Dans le dialogue suivant, ajoutez les expressions de surprise là où elles manquent.

1. _____ ? Un film va être tourné dans notre village !
2. — _____
3. Oui ! Dans notre petit village ! Et Gérard Depardieu sera l'acteur principal !
   Il va s'installer dans notre hôtel.
4. — _____
5. Je t'assure que c'est vrai ! Tous les acteurs arrivent le mois prochain.
6. — _____

3 Complétez le dialogue par des expressions de surprise.

1. _____ ! Brigitte ! Je croyais que tu étais à Nantes !
2. — Eh non, je suis à Paris, maintenant. J'ai quitté mon travail là-bas.
3. _____ ! Je pensais que tu aimais beaucoup ce travail.
4. — C'est vrai. Mais, tu sais, il y a un homme dans ma vie, maintenant.
5. — _____ ! Tu disais toujours que tu préférais vivre seule !
6. — J'ai changé d'avis ! Et si tu connaissais Mathieu, tu comprendrais !

4 Voici ce que vous dit votre meilleur(e) ami(e). Exprimez votre surprise.

1. « J'ai gagné une fortune à la Loterie nationale ! » _____
2. « Figure-toi que j'ai rencontré mon ami(e) d'enfance dans le train ! » _____
3. « On vient de me proposer de jouer dans un film à Hollywood ! » _____
4. « Je viens de recevoir une lettre qui a été postée il y a dix ans ! » _____
5. « J'ai décidé de publier mon premier roman ! » _____

5 À vous ! Quelle a été la meilleure surprise de votre vie ?

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Frédéric :** Dis-moi, tu as vu Céline aujourd'hui ?
Odile : Non, pas du tout.
Frédéric : Tiens, c'est curieux... Elle devait arriver à 10 heures.
Odile : Elle est peut-être malade.
Frédéric : Ça m'étonnerait... Je l'ai vue hier soir, elle allait très bien.
Odile : Alors, tout simplement, son réveil n'a pas sonné.
Frédéric : Ça me semble bizarre...

2 **Margot :** Allô, Nadège ? C'est Margot ! **Devine ce que j'ai appris :** Gaspard va se marier avec Solène !
Nadège : Tu es sûre ?
Margot : Mais oui ! **Imagine ma surprise quand** Patricia me l'a annoncé !
Je n'arrive pas à le croire !
Nadège : C'est vrai que **c'est étonnant !**
Margot : Étonnant ? Tu veux dire que c'est fou !

COMMENT LE DIRE ?

- **Devine ! Devine ce qui m'est arrivé !**
- **Imagine ma surprise quand...**
- **Figure-toi que...**
- **Si on m'avait dit que...**
- **Je n'arrive pas à croire que...**
- **Ça m'étonne que** + *subjonctif.* — **Ça m'étonnerait que** + *subjonctif.*
- **C'est étonnant que** + *subjonctif.*
- **Tiens, c'est curieux !**
- **Ça me semble curieux que** + *subjonctif.* — **Je trouve ça curieux que...**
- **Ça me semble bizarre que** + *subjonctif.* — **Je trouve ça bizarre que...**
- **Je suis très surpris que** + *subjonctif.* — **Je suis étonné que...** + *subjonctif.*

Remarque culturelle : Entre la bonne et la mauvaise surprise, seule l'intonation peut faire la différence.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	**VRAI**	**FAUX**
1. Personne n'a vu Céline, ce matin.	☐	☐
2. Céline est malade.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Margot est encore sous le choc de la surprise.	☐	☐
4. Nadège n'est pas étonnée par la nouvelle.	☐	☐

2 **Imaginez dans quel(s) contexte(s) vous pourriez entendre les phrases suivantes.**

1. « Ça m'étonnerait qu'il n'apporte pas de cadeau ! » _____

2. « Je suis étonné par ces résultats ! » _____

3. « Je n'arrive pas à croire qu'elle ait oublié la date ! » _____

4. « Devine combien j'ai gagné ! » _____

5. « Ça me semble bizarre qu'ils ne soient pas encore arrivés. » _____

6. « Figure-toi que je ne l'avais pas reconnu ! » _____

3 **Vous expliquez les nouvelles suivantes en exprimant votre étonnement.**

1. On vous a téléphoné : vous venez de gagner 1 million d'euros !

— _____

2. Votre meilleur(e) ami(e) vous a annoncé son divorce, alors que son couple paraissait solide.

— _____

3. Un membre de votre famille a décidé de tout quitter pour partir au bout du monde.

— _____

4. Vous venez de découvrir qu'un(e) ami(e), que vous n'avez pas vu(e) depuis 10 ans, habite dans la même rue que vous.

— _____

5. Vous venez d'apprendre que votre gentil voisin était en réalité un terrible criminel.

— _____

6. La dame à qui vous avez demandé votre chemin était, en fait, une actrice connue !

— _____

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

BILAN N° 5

1 Choisissez la bonne question.

1. ☐ a. Ça te dirait de dîner avec nous ? ☐ b. Ça t'embête de venir me chercher ?
   — Non, pas du tout !
2. ☐ a. Qu'est-ce que tu as envie de faire ? ☐ b. Tu n'aurais pas envie d'aller au cinéma ?
   — D'aller au cinéma.
3. ☐ a. Ça t'ennuierait de venir ? ☐ b. Ça te dirait de venir ?
   — Non, ça ne me dit rien du tout !
4. ☐ a. Tu aimerais voir ce film ? ☐ b. Tu n'aimerais pas voir ce film ?
   — Oh si !
5. ☐ a. Je vous ramène ? ☐ b. Tu veux venir au cinéma ?
   — Si ça ne vous ennuie pas.
6. ☐ a. On se retrouve où ? ☐ b. Il nous rejoint ?
   — Devant le cinéma.

2 Trouvez une réponse appropriée (positive ou négative).

1. Ça vous dirait d'aller au cinéma, dimanche ?
   — _____
2. Vous avez quelque chose de prévu, samedi soir ?
   — _____
3. Vous n'auriez pas envie d'aller au restaurant, vendredi prochain ?
   — _____
4. Ça vous dirait de voir un film espagnol ?
   — _____
5. Vous ne voulez pas venir dîner samedi prochain ?
   — _____

3 Associez une phrase et une situation.

1. « Je n'en reviens pas ! »
2. « Non, ça ne me dit rien ! »
3. « Je suis désolé, j'ai un empêchement ! »
4. « Je veux bien ! »
5. « Il ne fallait pas... ! »
6. « Je vais devoir rentrer. »

a. On vous offre des fleurs.
b. Votre ami va passer à la télévision.
c. Vous quittez une soirée.
d. On vous propose de voir un mauvais film.
e. Vous annulez un rendez-vous.
f. Vous acceptez un café.

4 **Répondez librement.**

1. Tu viens avec nous ?

— _____

2. Ça va mieux ?

— _____

3. Vous descendez ?

— _____

4. Où est-ce qu'on se met ?

— _____

5. Vous avez passé un bon week-end ?

— _____

6. Tu vas à quel étage ?

— _____

5 **Associez, pour former une phrase complète.**

1. Vous voulez...	a. et toi ?
2. Tu as passé...	b. avec nous ?
3. Vous allez...	c. vous joindre à nous ?
4. Vous venez...	d. de vacances ?
5. Tu reviens...	e. de bonnes vacances ?
6. Ça va bien,	f. à quel étage ?

6 **Quelle(s) expression(s) pouvez-vous utiliser dans les situations suivantes ?**

1. Vous êtes très surpris : « _____ »
2. Vous proposez d'aller au cinéma : « _____ »
3. Vous invitez une amie à dîner : « _____ »
4. Vous refusez une invitation : « _____ »
5. Vous demandez à vos amis ce qu'ils veulent boire : « _____ »
6. Vous quittez vos amis après un dîner : « _____ »
7. Dans une soirée amicale, vous demandez à quelqu'un sa profession : « _____ »
8. Vous acceptez une invitation à dîner : « _____ »

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

34 AH ! SI J'AVAIS SU…

1 **Élodie : Tu ne sais pas la bêtise que j'ai faite ?** Damien m'a invitée à dîner et j'ai dit que j'étais prise ! **Quelle idiote je suis !**
Florence : Ah oui, ce n'est pas malin* !
Élodie : Pourquoi est-ce que j'ai dit ça ? J'aurais dû accepter ! **Quand je pense que j'aurais pu** dîner seule avec lui…

2 **Gaspard :** Alors, comment se sont passées tes vacances ?
Margot : Complètement ratées… **J'aurais mieux fait de** ne pas partir !
Gaspard : Vraiment ?
Margot : Eh oui ! D'abord, **si j'avais su, je ne serais pas partie** avec Émilie qui était toujours de mauvaise humeur. En plus, **je n'aurais pas dû** choisir cette plage, qui était nulle.
Gaspard : Et votre hôtel, c'était comment ?
Margot : Si seulement j'avais réservé à l'avance, nous aurions eu une jolie chambre ! Mais bien sûr, nous avons eu la chambre la plus moche*… Tu sais, **je regrette presque d'avoir pris** des vacances !
Gaspard : La prochaine fois, pars avec moi…

COMMENT LE DIRE ?

- **J'aurais dû…** **Je n'aurais pas dû…**
- **Pourquoi est-ce que j'ai… je n'ai pas… ?**
- **Si seulement j'avais dit…**
- **Je regrette de ne pas avoir fait…**
- **J'aurais mieux fait de…**
- **Il aurait mieux valu que je…**
- **Si j'avais su, j'aurais…**
- **Quand je pense que j'aurais pu… = Dire que** *(fam.)* **j'aurais pu…**
- **C'est vraiment dommage que je…**
- **Quel(le) idiot(e) je suis ! Que je suis bête !**
- **J'ai fait une (grosse) bêtise ! C'est ma faute !**

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Florence pense qu'Élodie a bien fait de refuser l'invitation.	☐	☐
2. Élodie aimerait dîner seule avec Damien, un jour…	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Les vacances de Margot se sont mal passées.	☐	☐
4. Émilie est agréable à vivre.	☐	☐
5. Gaspard aimerait bien partir en vacances avec Margot.	☐	☐

2 **Replacez les expressions suivantes dans les phrases :**

je n'aurais pas dû – je suis bête – si j'avais su – dire que – je regrette – j'aurais mieux fait

1. J'ai appris à jouer de la guitare. _____ d'apprendre à jouer du piano !
2. Il y a quelques années, j'ai refusé un travail en Californie. _____ je pourrais maintenant vivre au soleil !
3. Je n'ai jamais appris à faire du ski. _____ de ne pas avoir pris de cours.
4. J'ai refusé cette invitation. _____ refuser, ce n'est pas gentil de ma part.
5. Je suis parti en voyage sans prendre mon appareil photo. Que _____ !
6. Cet hôtel n'est vraiment pas bien. _____, j'aurais choisi un autre hôtel.

3 **Voici la réalité de votre vie. Imaginez les regrets que vous pouvez avoir.**

1. Vous êtes ingénieur.
2. Vous vivez en ville.
3. Vous ne parlez pas l'espagnol.
4. Vous ne savez pas nager.
5. Vous ne faites pas de sport.

4 **Vous venez de rater un train. Vous faites la liste des regrets que vous avez (partir plus tôt, ne pas bavarder avec votre ami(e), réserver un train plus tard…). Faites des phrases.**

5 **Vous venez de vous disputer avec un(e) ami(e). Vous regrettez votre attitude : vous n'avez pas été assez patient(e), vous avez dit des choses stupides… Exprimez vos regrets sur ce que vous avez dit ou fait.**

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

Reproche amical

1

Christian : Mais pourquoi est-ce que tu as dit à ma mère qu'elle cuisinait mal ?
Ce n'est vraiment pas gentil !
Roxane : Peut-être, mais c'est vrai !
Christian : Tu n'aurais pas dû, tu l'as vexée et en plus ça ne sert à rien, elle continuera à faire mal la cuisine !
Roxane : Oh, arrête, **tu me fais toujours des reproches !**

2

Viviane : Qu'est-ce que tu as fait à mes rosiers ?
Odilon : Je les ai taillés !
Viviane : Mais il ne fallait pas ! Tu as eu tort, ce n'est pas le moment de les tailler !
Odilon : Je pensais bien faire !
Viviane : Mais pourquoi tu ne m'as pas demandé avant ?!
Odilon : Je voulais te faire une surprise...
Viviane : Je ne te reproche rien, mais...

COMMENT LE DIRE ?

Tu aurais pu...	**Vous auriez pu...**
Tu aurais dû...	**Vous auriez dû...**
Tu n'aurais pas dû...	**Vous n'auriez pas dû...**
Pourquoi est-ce que tu as dit... ?	**Pourquoi est-ce que vous avez dit... ?**
Pourquoi est-ce que tu n'as pas... ?	**Pourquoi est-ce que vous n'avez pas... ?**
Qu'est-ce que tu as fait ?	**Qu'est-ce que vous avez fait ?**
Il ne fallait pas...	
Ce n'est pas bien de...	
Ce n'est pas gentil de...	
Je te reproche de...	**Je vous reproche de...**
Je ne te reproche rien, mais...	**Je ne te fais pas de reproches, mais...**
C'est ta faute si...	**C'est votre faute, si...**

Tu as tort de... Tu as eu tort de... Vous avez tort de... Vous avez eu tort de...

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Christian et Roxane se disputent à propos de la mère de Roxane.	☐	☐
2. C'est vrai que la mère cuisine mal.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Odilon avait une bonne intention.	☐	☐
4. Odilon aurait dû tailler d'autres plantes.	☐	☐

2 **Votre ami(e) vous parle et vous lui faites des reproches. Choisissez la bonne réponse.**

1. « C'est vrai, c'était ton anniversaire, j'ai complètement oublié ! »

☐ **a.** C'est dommage ! ☐ **b.** Tu aurais pu m'apporter des fleurs !

2. « J'ai invité des amis à dîner, ce soir ! »

☐ **a.** Tu aurais pu me prévenir ! ☐ **b.** Il ne fallait pas !

3. « Je n'ai pas eu le temps d'acheter des fleurs. »

☐ **a.** Je te le reproche ! ☐ **b.** Pourquoi est-ce que tu ne me l'as pas dit?

4. « J'ai tout raconté à ma mère. »

☐ **a.** Tu n'aurais pas dû ! ☐ **b.** C'est ta faute !

5. « J'ai envoyé une lettre d'insultes à François ! »

☐ **a.** Qu'est-ce que tu dis ? ☐ **b.** Tu as eu tort de le faire !

3 **Quel(s) reproche(s) pouvez-vous faire dans les situations suivantes ?**

1. Votre ami(e) a lu votre courrier. — _____

2. Il/Elle a perdu vos clés. — _____

3. Il/Elle a jeté par erreur un document important. — _____

4. Il/Elle a oublié votre anniversaire. — _____

5. Il/Elle a lavé votre pull à 90 °C au lieu de 30 °C. — _____

6. Il/Elle n'a pas fait le ménage pendant que vous étiez malade. — _____

4 **Que disent-ils ?**

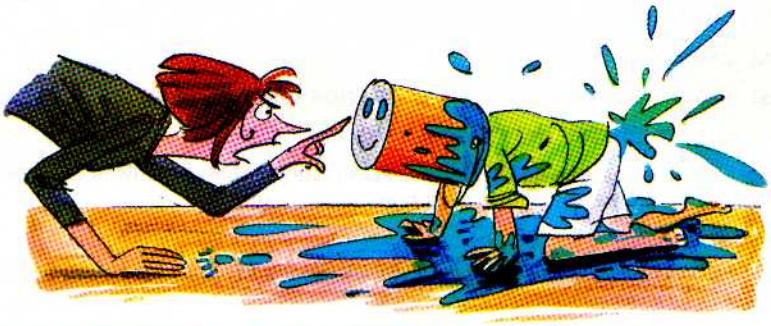

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

35 C'EST NUL !

1

Kévin : Alors, qu'est-ce que tu as pensé de ce film ?
Audrey : J'ai trouvé ça sans aucun intérêt !
Kévin : Ce n'était pas génial*, c'est vrai, mais je n'ai pas détesté.
Audrey : L'histoire est banale, le style n'est pas original...
Kévin : Bref, **ça ne t'a pas plu**.
Audrey : Non, **je n'ai vraiment pas aimé**.

2

Tanguy : Cette expo est complètement ratée !
Alix : Pourquoi tu dis ça ? Elle était assez intéressante, quand même !
Tanguy : Écoute, **c'est nul**. D'abord, **les salles sont trop petites**, alors, comme il y a un monde fou, **on ne voit rien**.
Alix : Oui, c'est vrai.
Tanguy : Ensuite, les tableaux **étaient placés n'importe comment**. Tu as compris quelque chose ? Il y avait une logique ?
Alix : C'est vrai, c'est difficile à dire...
Tanguy : Tu veux dire que **c'était n'importe quoi* !**

COMMENT LE DIRE ?

- **C'est ennuyeux. = Ce n'est pas intéressant. < C'est sans intérêt. < Ça n'a aucun intérêt.**
- **Ce n'est pas génial.** *(fam.)*
- **C'est banal. = Ce n'est pas original.**
- **C'est moche.** *(fam.)* **= Ce n'est pas beau, c'est laid. < C'est affreux.**
- **C'est nul !**
- **Ce n'est pas réussi. < C'est complètement raté ! < C'est un échec total !**
- **C'est mal organisé, mal fait, mal placé...**
- **Ça ne me plaît pas, ça ne m'a pas plu. < Je n'ai vraiment pas aimé. < J'ai détesté.**
- **J'ai trouvé ça...**
- **C'est absurde !**
- **C'est n'importe quoi !** *(fam.)* **= C'est sans logique, sans intelligence.**

Remarque de vocabulaire : Les Français utilisent souvent l'expression « *Je ne déteste pas.* » pour « J'aime bien, mais sans enthousiasme. ».

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

Dialogue 1.	**VRAI**	**FAUX**
1. Audrey et Kévin ont tous les deux détesté le film.	☐	☐
2. Audrey a trouvé que le film n'était pas intéressant du tout.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Tanguy n'a vraiment pas aimé l'expo.	☐	☐
4. Alix a détesté l'expo.	☐	☐

2 **Parmi les phrases suivantes, lesquelles sont adaptées pour critiquer un livre ?**

1. « C'était nul ! »
2. « C'était mal organisé ! »
3. « Ça ne m'a pas plu ! »
4. « La musique était banale ! »
5. « L'histoire n'était pas originale ! »
6. « C'était sans intérêt ! »

3 **Répondez aux questions en critiquant.**

1. Est-ce que le spectacle t'a plu ?

— _____

2. Est-ce que c'était bien fait ?

— _____

3. C'était beau ?

— _____

4. C'était réussi ?

— _____

5. C'était original ?

— _____

4 **Vous venez de voir un spectacle que vous n'avez pas aimé (c'était trop long, banal, ennuyeux, etc.). Faites des phrases pour exprimer vos critiques.**

5 **À vous ! Critiquez librement un film, un spectacle, un livre, une exposition, que vous n'avez pas aimé(e)(s).**

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Clémence :** **Tu ne sais pas ce que** Gaston **a fait** ? Il a ouvert et il a lu mon courrier !
Ida : Ça ne m'étonne pas… **Je ne l'ai jamais aimé**, cet homme. **Je ne vois pas ce que tu lui trouves**…

2 **Marc :** Qu'est-ce que tu penses de Martine ?
Nina : **Je ne la trouve pas sympa du tout* !**
Marc : Ah bon ?
Nina : En plus, **elle n'a aucun charme, elle est toujours désagréable** avec tout le monde.
Marc : Moi, je la trouve assez intelligente.
Nina : Franchement, **je ne comprends pas ce que tu lui trouves. Elle est moche*, elle est antipathique**… Ah, les hommes ! Ils ne voient jamais rien !
Marc : Ah, les femmes ! Elles critiquent toujours tout !

COMMENT LE DIRE ?

- **Je le trouve bête, idiot. Je la trouve bête, idiote.**
- **Qu'est-ce qu'il est ennuyeux ! = Il / Elle est casse-pieds.** *(fam.)*
- **Il / Elle est moche.** *(fam.)* **= Il n'est pas beau, elle n'est pas belle.**
- **Je ne comprends pas ce qu'elle lui trouve. Je ne vois pas ce qu'il lui trouve.**
- **Il n'a aucun charme.**

- **Je ne l'aime pas du tout.**
- **Il / Elle n'est pas sympathique. Il / Elle n'est pas sympa.** *(fam.)* **< Il / Elle est antipathique.**
- **Je ne peux pas le / la supporter ! Je ne peux pas le / la sentir !** *(fam.)*
- **Il/Elle est désagréable avec…**

- **Tu sais ce qu'il a fait ? Tu ne sais pas ce qu'il a dit ?**

Remarque de vocabulaire : Les Français pratiquent beaucoup la forme négative : « *Il n'est pas sympa.* », « *Elle n'est pas belle du tout.* », etc.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Gaston a lu le courrier que Clémence a reçu.	☐	☐
2. Ida aime bien Gaston.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Marc et Nina sont d'accord en ce qui concerne Martine.	☐	☐
4. Nina déteste Martine.	☐	☐
5. Marc aime beaucoup Martine.	☐	☐

2 **Parmi les phrases suivantes, lesquelles sont des critiques contre une personne ?**

1. « C'est raté. »
2. « Il est antipathique ! »
3. « Je ne peux pas la supporter ! »
4. « Qu'est-ce qu'elle est moche ! »
5. « Ça ne me plaît pas ! »
6. « Je ne vois pas ce que tu lui trouves ! »

3 **Choisissez la meilleure expression en fonction de la situation.**

1. L'amie de votre ami n'est pas jolie.
   ☐ **a.** Qu'est-ce qu'elle est moche ! ☐ **b.** Qu'est-ce qu'elle est antipathique !
2. C'est bizarre, votre ami Romain est amoureux de Roseline.
   ☐ **a.** Je ne peux pas la sentir ! ☐ **b.** Mais qu'est-ce qu'il lui trouve ?
3. Votre oncle Roger raconte toujours les mêmes histoires.
   ☐ **a.** Il n'a aucun charme ! ☐ **b.** Qu'il est casse-pieds !
4. Vous détestez Honorine.
   ☐ **a.** Je ne peux pas la supporter ! ☐ **b.** Elle n'est pas très sympa.
5. Vous trouvez que Gontran n'est pas intelligent.
   ☐ **a.** Il est ennuyeux ! ☐ **b.** Il est bête !
6. Émile n'est pas gentil avec les autres.
   ☐ **a.** Qu'est-ce qu'il est désagréable ! ☐ **b.** Il n'a aucun charme !

4 **À vous ! Il y a certainement quelqu'un que vous n'aimez pas et que vous voulez critiquer...**

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

36 ELLE EST TRÈS CHOUETTE !

1

Annie : Alors, **comment est-ce que tu as trouvé** le film ?
Gilbert : Pas mal… Je m'attendais à autre chose, mais **j'ai bien aimé**. Et toi ?
Annie : Ça m'a beaucoup plu ! J'ai trouvé ce film remarquable !

2

Jérôme : Qu'est-ce que tu as pensé de ce ballet ?
Adèle : C'est admirable ! C'est déjà la deuxième fois que je le vois.
Jérôme : Les décors étaient **magnifiques**, n'est-ce pas ?
Adèle : Non seulement les décors, mais aussi les costumes. **J'ai adoré** ces couleurs chaudes sur le fond noir. **C'était superbe !**
Jérôme : Les danseurs n'étaient pas mal non plus !
Adèle : C'est le moins qu'on puisse dire ! Tu as vu cette technique ! **C'était parfait.** À la fois naturel et virtuose. **C'est du grand art !**

COMMENT LE DIRE ?

- **Comment est-ce que tu as trouvé… ? Comment est-ce que vous avez trouvé… ?**
- **Qu'est-ce que tu as pensé de… ? Qu'est-ce que vous avez pensé de… ?**
- **Ça t'a plu ? Ça vous a plu ?**
- **Tu as aimé ? Vous avez aimé ?**
  - **— C'est pas mal !** *(fam.)*
  - **— J'ai beaucoup aimé. = Ça m'a beaucoup plu. < J'ai adoré !** *(fam.)*
  - **— C'est beau ! < C'est superbe ! < C'est magnifique ! < C'est splendide !**
  - **— C'est remarquable ! < C'est admirable ! < C'est extraordinaire !**
  - **— C'est intéressant < très intéressant < passionnant !**
  - **— C'est parfait ! C'est du grand art !**
  - **— C'est chouette !** *(fam.)* **< C'est super !** *(fam.)* **< C'est génial !** *(fam.)*

Remarque culturelle : L'expression « Pas mal » change complètement de sens selon l'intonation :
— *Comment était le film ?*
— *Bof… Pas mal…* (ton neutre) = Le film était moyen.
— *Pas mal !!!* (ton enthousiaste) = Le film était très bon.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Gilbert est très enthousiaste à propos du film.	☐	☐
2. Annie est plus enthousiaste que Gilbert.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Adèle voit le ballet pour la première fois.	☐	☐
4. Jérôme et Adèle sont d'accord sur la qualité des danseurs.	☐	☐

2 Louis et Marie parlent d'un film. Louis est enthousiaste, Marie est moyennement enthousiaste. Attribuez les phrases suivantes à Louis (a) ou à Marie (b).

1. « C'était génial ! » _____
2. « C'était intéressant ! » _____
3. « J'ai bien aimé ! » _____
4. « J'ai adoré ! » _____
5. « C'était passionnant ! » _____
6. « C'est pas mal ! » _____
7. « Ça m'a plu ! » _____
8. « C'était du grand art ! » _____

3 Replacez les expressions suivantes dans les dialogues :

super – grand art – adoré – extraordinaire – t'a plu – comment tu as trouvé

1. Alors, maintenant que tu as assisté à ton premier grand match de tennis en direct, _____ ?
2. — J'ai _____ ! C'était vraiment _____ !
3. — Qu'est-ce qui _____ ?
4. — Tout ! La qualité des joueurs, leur personnalité… C'est du _____ !
5. — Tu as vu comment Sylvie a joué le dernier set ?
6. — Oui, c'était _____ ! Je n'avais jamais vu ça !

4 Trouvez une question appropriée.

1. _____ ?

   — Oui, ça m'a beaucoup plu.

2. _____ ?

   — Oui, j'ai beaucoup aimé ce film.

3. _____ ?

   — Je l'ai trouvé extraordinaire.

4. _____ ?

   — Ce film est passionnant !

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Côme :** Tu connais Hervé ?
Lydie : Oui, **il est très sympa***. Je l'ai rencontré à l'anniversaire de Pierre.
Côme : Je vais peut-être me trouver dans la même équipe de basket que lui.
Lydie : Tu vas voir, **il est adorable. Tout le monde l'apprécie.**

2 **Rémi :** Tu as vu ? Julie Desmarets, la championne de ski, est dans le même hôtel.
Gaston : Oui, elle m'a parlé ! **Elle est super chouette* !**
Rémi : Je l'admire énormément. C'est une sacrée* personnalité, quand même !
Gaston : C'est vrai, mais **elle est restée très simple ! On se sent à l'aise avec elle,** tu sais !

3 **Isabelle :** Tiens, j'ai vu Gaël Langlois, à la télé, hier ! **Il est génial*, ce type* !**
Amandine : Ah oui ? Moi aussi, **je le trouve super* !**
Isabelle : Qu'est-ce qu'il est naturel ! Un type aussi connu, c'est incroyable !
Amandine : Et puis, **quel charme il a ! Je l'adore* !**

COMMENT LE DIRE ?

- **Il / Elle est super !** *(fam.)* **C'est un type** *(fam.)* **super ! < Il / Elle est génial(e) !** *(fam.)*
- **Il est merveilleux, exceptionnel, fantastique, formidable !**
- **Il / Elle est sympa < très sympa < super sympa !** *(fam.)*
- **Il est chouette < très chouette < super chouette !** *(fam.)*
- **Il / Elle est adorable.**
- **On se sent à l'aise avec lui / avec elle. = Il / Elle est simple, naturel(le).**
- **Il / Elle a beaucoup de charme. < Il / Elle a un charme fou !**
- **Tout le monde l'apprécie. < Tout le monde l'aime. < Je l'adore !** *(fam.)*
- **Il / Elle est toujours de bonne humeur.**
- **Il / Elle a beaucoup de personnalité. < C'est une sacrée personnalité.** *(fam.)*
- **Je l'admire beaucoup !**

Remarques de vocabulaire : 1. Attention à l'usage des verbes « aimer » et « adorer » en ce qui concerne des personnes. L'expression la plus forte est : « *Je l'aime.* » (= J'ai une relation d'amour avec lui/elle). « *Je l'adore.* » peut se dire, avec affection, à propos d'un(e) ami(e), d'un membre de la famille etc. – **2.** « *Il est très simple.* » = Il est modeste, facile d'accès : « *Luc est prix Nobel de physique, mais il est très simple.* »

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Hervé et Côme se connaissent déjà.	☐	☐
2. Lydie aime bien Hervé.	☐	☐

Dialogue 2.	VRAI	FAUX
3. Julie Desmarets est très connue.	☐	☐
4. Elle est modeste malgré sa célébrité.	☐	☐
5. Gaston l'a interviewée.	☐	☐

Dialogue 3.	VRAI	FAUX
6. Isabelle et Amandine sont toutes les deux enthousiastes au sujet de Gaël Langlois.	☐	☐
7. Amandine est amoureuse de lui.	☐	☐

2 Vous dites du bien de chacune de ces personnes. Choisissez l'expression appropriée.

1. Romain est un chanteur connu.
   ☐ **a.** « Qu'est ce qu'il est connu ! » ☐ **b.** « Qu'est-ce qu'il est simple ! »
2. André est votre nouveau directeur.
   ☐ **a.** «Tout le monde l'apprécie. » ☐ **b.** « Je l'adore ! »
3. Vous voyez Édith, la nouvelle amie de votre ami Daniel, pour la première fois.
   ☐ **a.** « Elle est super sympa ! » ☐ **b.** « Elle est toujours de bonne humeur. »
4. Vous admirez beaucoup Peter, votre professeur de piano.
   ☐ **a.** « Il est naturel ! » ☐ **b.** « C'est un homme exceptionnel ! »
5. Vous parlez de Carine, âgée de 6 ans.
   ☐ **a.** « Elle est adorable ! » ☐ **b.** «On se sent à l'aise, avec elle. »
6. Vous parlez d'un présentateur à la télévision.
   ☐ **a.** « Il est simple ! » ☐ **b.** « C'est une sacrée personnalité ! »

3 À vous ! De qui ou de quoi pouvez-vous dire...

1. « Il / Elle est très sympa ! »
2. « C'était superbe ! »
3. « C'est du grand art ! »
4. « C'est une sacrée personnalité ! »
5. « Elle est toujours de bonne humeur ! »
6. « On se sent à l'aise avec lui / elle. »
7. « Ça m'a beaucoup plu ! »
8. « Il / Elle est très simple ! »

4 À vous ! Parlez de...

1. Votre meilleur(e) ami(e).
2. Votre meilleur professeur.
3. Le membre de votre famille que vous préférez.

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

37 SI J'ÉTAIS TOI...

1 **Isabelle :** **J'ai un petit conseil à te demander.** J'ai un rendez-vous dans une entreprise pour un nouveau travail. **Qu'est-ce que tu me conseilles de mettre ?** La jupe noire ou la jupe bleue ?

Barbara : **Je te conseille** la noire, elle sera mieux adaptée à la circonstance.

Isabelle : Est-ce que je mets mon chemisier à fleurs ?

Barbara : Ah non, surtout pas ! **Il vaudrait mieux que** tu mettes un simple haut blanc, ce serait parfait.

2 **Sophie :** Allô, Louise ? **Je te téléphone pour te demander un conseil.** Le fils de mes voisins a battu ma fille. **Je ne sais pas quoi faire, je suis un peu embarrassée. Qu'est-ce que tu ferais, à ma place ?**

Louise : **Tu pourrais** aller voir les parents, non ?

Sophie : **Tu ne penses pas que je devrais** leur écrire un mot ?

Louise : **Tu ferais mieux de** leur parler directement. Ce sera moins difficile, à mon avis.

COMMENT LE DIRE ?

- **Qu'est-ce que tu me conseilles ? Qu'est-ce que vous me conseillez de faire ?**
- **Qu'est-ce que je pourrais faire ?**
- **Qu'est-ce que tu ferais, à ma place ? Qu'est-ce que vous feriez, à ma place ?**
- **J'ai un conseil à te demander, à vous demander.**
- **Je ne sais pas quoi faire. Je ne sais plus quoi faire. Je ne sais pas comment faire.**
- **Je suis embarrassé.**
- **Est-ce que tu penses que je devrais... ? Est-ce que vous pensez que je devrais... ?**
- **Est-ce que tu crois qu'il faudrait que je...** + *subjonctif* **?**
- **Est-ce que vous croyez que ce serait une bonne idée ?**

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Isabelle n'a pas de très bonnes idées pour s'habiller.	☐	☐
2. Barbara est très claire sur les conseils qu'elle donne.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Le fils des voisins de Sophie est méchant.	☐	☐
4. Louise pense que c'est une mauvaise idée de parler directement aux parents.	☐	☐

2 **Complétez chaque dialogue par une demande de conseil.**

1. _____ ?

— Non, je pense que tu devrais les voir directement.

2. _____ ?

— Moi, je te conseille de lui apporter des fleurs. Elle adore ça.

3. _____ ?

— Non, à ta place, je ne ferais pas ce voyage, il est trop dangereux !

4. _____ ?

— Oui, je crois que c'est une bonne idée de l'inviter.

5. _____ ?

— Tu pourrais aller dans une grande librairie internationale.

3 **Vous êtes étranger / étrangère et vous demandez des conseils à des amis français, sur les sujets suivants. Faites les phrases.**

1. Vous voulez aller dans un bon restaurant.

— « _____ ? »

2. Vous ne savez pas quelle région visiter.

— « _____ ? »

3. Vous voulez rencontrer des Français.

— « _____ ? »

4. Vous êtes invité(e) à dîner chez des Français et vous ne savez pas quoi apporter.

— « _____ ? »

5. Vous êtes invité(e) à un mariage et vous ne savez pas comment vous habiller.

— « _____ ? »

6. Vos voisins font beaucoup de bruit le soir. Vous ne savez pas comment réagir.

— « _____ ? »

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Denise :** Écoute, j'ai un conseil à te demander. Mon fils a de très mauvaises notes en anglais, c'est de pire en pire. Qu'est-ce que je pourrais bien faire ?

Rémi : Si j'étais toi, j'essaierais de trouver des activités intéressantes en anglais.

Denise : Quoi, par exemple ? L'envoyer en Angleterre ?

Rémi : Oui, bonne idée. **Et pourquoi pas*** le mettre en contact avec des Anglais ou des Américains, ici ? **Tu devrais voir** s'il n'y a pas de clubs de sport bilingues, ici. **Tu pourrais peut-être** demander à la mairie.

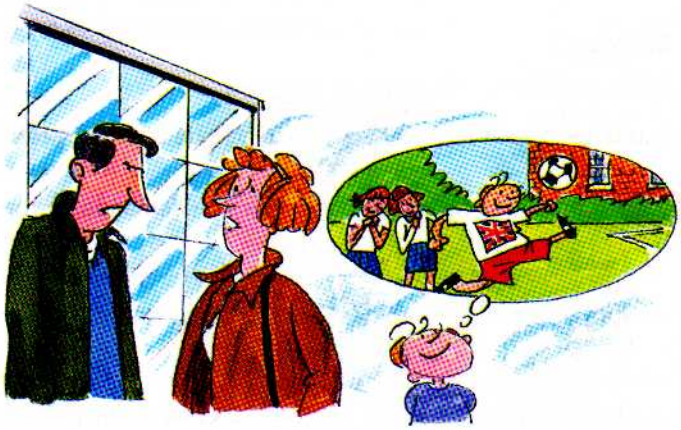

2 **Joël :** Je voudrais bien connaître Tania, ma voisine allemande, mais je ne sais pas comment faire…

Kévin : Tu n'as qu'à* l'inviter !

Joël : Oui, mais je ne peux pas l'inviter comme ça, sans raison !

Kévin : Tu n'as qu'à lui poser des questions sur la grammaire allemande.

Joël : Mais je ne parle pas allemand !

Kévin : Tu n'as qu'à dire que tu commences à apprendre !

Joël : Oh, tu m'embêtes* avec tes « tu n'as qu'à, tu n'as qu'à… ! »

COMMENT LE DIRE ?

À ta place, je…	**À votre place, je…**
Si j'étais toi…	**Si j'étais vous…**
Tu pourrais peut-être…	**Vous pourriez…**
Tu devrais…	**Vous devriez…**
Tu ferais mieux de…	**Vous feriez mieux de…**
Je te conseille de…	**Je vous conseille de…**
Je ne te conseille pas…	**Je ne vous conseille pas…**
Je te déconseille…	**Je vous déconseille…**
Il vaudrait mieux que + *subjonctif.*	**Pourquoi ne pas…** + *infinitif* **?**
	Pourquoi pas… + *infinitif* **?** *(fam.)*

- **Tu n'as qu'à… / Vous n'avez qu'à… / Il n'y a qu'à…** *(fam.)*

Remarque psychologique : L'expression « *Tu n'as qu'à lui téléphoner !* », « *Vous n'avez qu'à lui dire d'arrêter !* » est infiniment courante mais souvent irritante ! Elle donne l'impression que les solutions proposées sont évidentes.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

Dialogue 1.	VRAI	FAUX
1. Le fils de Denise n'est pas bon en anglais.	☐	☐
2. Rémi pense qu'il ne devrait pas aller en Angleterre.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Joël est assez timide.	☐	☐
4. Kévin a trouvé toutes les solutions.	☐	☐

2 Quels conseils donneriez-vous à ces personnes ?

1. « Je ne sais pas quoi offrir à ma femme ! »

— _____

2. « Mon fils de 8 ans a son anniversaire. Qu'est-ce que je devrais faire ? »

— _____

3. « Mes amis canadiens viennent pour trois jours. Qu'est-ce que je peux organiser pour eux ? »

— _____

4. « Je ne sais pas comment remercier mes voisins ; ils ont gardé mon chat pendant une semaine. »

— _____

5. « Comment est-ce que je dois m'habiller pour aller dîner chez des amis ? »

— _____

6. « J'ai oublié l'anniversaire de mon cousin. Qu'est-ce que je dois faire ? »

— _____

3 Quel(s) conseil(s) pourriez-vous donner à ces personnes ?

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

38 À VOTRE AVIS ?

Jacques : J'aimerais avoir votre opinion sur une question. Vous savez que nous avons le projet d'enseigner l'anglais dans notre école primaire, dès l'âge de 8 ans. **Qu'en pensez-vous ?**

Joëlle : À mon avis, c'est une très bonne idée. Les enfants apprennent plus facilement quand ils sont jeunes.

Alain : Oui, moi aussi **je crois que** c'est un bon projet. Cela peut habituer les enfants à entendre tôt une langue étrangère.

Gérard : Je ne pense pas que ce soit une bonne idée. Pour certains enfants, **il me semble que** c'est déjà difficile d'apprendre le français !

Estelle : Je me demande si nous pourrions faire l'expérience avec un petit groupe d'enfants, et voir si ça donne de bons résultats.

COMMENT LE DIRE ?

- **Je voudrais savoir ce que tu penses de... ce que vous pensez de...**
- **Qu'est-ce que tu en penses ? Qu'est-ce que vous en pensez ?**
- **Quelle est ton opinion sur la question ? Quelle est votre opinion sur la question ?**
- **Je voudrais avoir ton / votre avis sur...**
- **Quel est ton / votre point de vue sur... ?**
- **J'aimerais connaître ton / votre opinion sur la question.**
- **Tu ne crois pas que...** + *conditionnel* **? / Vous ne croyez pas que...**+ *conditionnel* **?**
  - **Je ne sais pas ce que tu en penses, mais...**
  - **Je me demande si...**
  - **J'estime que...**
  - **Il me semble que...** + *indicatif.* **= J'ai l'impression que...** + *indicatif.*
  - **Je trouve que...** + *indicatif.* **Je ne trouve pas que...** + *subjonctif.*
  - **Je pense que...** + *indicatif.* **Je ne pense pas que...** + *subjonctif.*
  - **Je crois que...** + *indicatif.* **Je ne crois pas que...** + *subjonctif.*
  - **À mon avis, ... = Selon moi, ... = D'après moi, ...**

Remarque de vocabulaire : « Je pense » est rationnel, intellectuel ; « Je crois » est plus intuitif. « *Je pense que c'est une bonne idée.* » (après avoir analysé la situation) ; « *Je crois que c'est une bonne idée.* » (par intuition).

ACTIVITÉS

1 **Relisez le dialogue ci-contre. Vrai ou faux ?**

	VRAI	FAUX
1. Le projet est d'enseigner l'anglais au collège.	☐	☐
2. Alain et Joëlle sont d'accord sur le projet.	☐	☐
3. Gérard propose une autre solution.	☐	☐
4. Estelle est du même avis que Gérard.	☐	☐

2 **Complétez les phrases suivantes de manière appropriée.**

1. À mon _____, c'est une bonne idée.
2. Je _____ que ce soit facile.
3. Qu'est-ce que vous _____ de ce projet ?
4. Je me _____ si ce n'est pas inutile d'organiser une réunion.
5. J'ai _____ qu'il y aura des difficultés.
6. Il me _____ que c'est intéressant.

3 **Choisissez la phrase la plus appropriée à la situation.**

1. Vous êtes avec un(e) bon(ne) ami(e). Vous parlez d'un film.
   - ☐ **a.** Qu'est-ce tu penses de ce film ?
   - ☐ **b.** J'aimerais avoir votre opinion sur ce film.
2. Vous êtes en réunion avec des collègues. Vous leur demandez leur opinion.
   - ☐ **a.** Ce projet est stupide, non ?
   - ☐ **b.** J'aimerais savoir ce que vous pensez de ce projet.
3. Vous donnez votre opinion à votre meilleur(e) ami(e).
   - ☐ **a.** À mon avis, c'est une bonne idée.
   - ☐ **b.** Je ne sais pas ce que vous en pensez, mais je crois que c'est une bonne idée.
4. Vous donnez votre opinion devant 100 personnes.
   - ☐ **a.** J'estime que nous avons eu raison de prendre cette décision.
   - ☐ **b.** Moi, je trouve qu'on a eu raison de prendre cette décision.

4 **Donnez votre opinion sur les propositions suivantes.**

1. Est-ce que nous devons construire un nouveau stade dans notre ville ?
2. Est-ce que nous devrions organiser un club de théâtre pour les jeunes ?
3. Est-ce que nous devons obliger les élèves à jouer d'un instrument de musique ?
4. Est-ce que nous devons développer les activités culturelles pour les handicapés ?
5. Est-ce que tout le monde devrait faire partie d'une association humanitaire ?

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

39 ABSOLUMENT PAS !...

1

Véronique : Dans notre monde moderne, il est important de parler plusieurs langues étrangères.

Catherine : À qui le dis-tu ! J'essaye de convaincre mes enfants de bien connaître au moins deux langues.

Théo : C'est certain qu'il faut encourager les jeunes dans ce sens, mais **je reconnais que** ce n'est pas toujours facile, dans la pratique.

2

Raoul : Je pense qu'il n'y a pas suffisamment d'activités culturelles dans notre ville.

Clémence : Oui, **je suis entièrement d'accord avec** toi. Il faudrait d'abord créer une salle de spectacles, non ?

Pierre : C'est certain ! C'est la première chose à faire.

Emma : Je ne suis pas contre la création d'une salle de spectacles, mais je pense qu'il faudrait d'abord agrandir la bibliothèque, qui est trop petite.

Clotilde : Tu as absolument raison !

COMMENT LE DIRE ?

- **Je ne suis pas contre... = Je ne m'oppose pas à... < Je suis pour...**
- **Je suis d'accord pour, avec...**
- **J'admets que...** + *indicatif.* **= Je reconnais que...** + *indicatif.*
- **C'est vrai que...** + *indicatif.*
- **Tu as raison de...** + *infinitif.*
- **Oui, c'est vrai !**
- **Certainement ! = Absolument ! = Tout à fait ! = Exactement !**
- **C'est ça ! C'est exactement ça !**
- **C'est certain !**
- **À qui le dis-tu ! À qui le dites-vous !**
- **C'est exact !**
- **C'est une bonne question !**

Remarque de vocabulaire : L'expression « À qui le dis-tu ! À qui le dites-vous ! » exprime un accord total, évident.
— *Il est difficile de parler parfaitement le français.*
— *À qui le dis-tu !*, répond un étranger qui apprend le français.

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Catherine pense qu'il est important de parler des langues étrangères.	☐	☐
2. Théo n'est pas du tout d'accord avec Véronique et Catherine.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Pierre et Clémence pensent qu'il est important de créer une salle de spectacles.	☐	☐
4. Emma est enthousiasmée par le projet de salle de spectacles.	☐	☐
5. Clotilde ne veut pas agrandir la bibliothèque.	☐	☐

2 Choisissez la réponse appropriée.

1. « Ce projet me semble intéressant. »
   ☐ **a.** Je ne suis pas contre. ☐ **b.** Oui, je suis d'accord avec toi.
2. « Je crois que ce serait bien d'organiser un pique-nique dimanche. »
   ☐ **a.** Tout à fait ! ☐ **b.** C'est une bonne question !
3. « Parfois, il est difficile de s'exprimer clairement dans une langue étrangère. »
   ☐ **a.** Je suis pour ! ☐ **b.** À qui le dites-vous !
4. « Est-ce que nous devons inviter Paul à ce déjeuner ? »
   ☐ **a.** C'est une bonne question ! ☐ **b.** Oui, c'est vrai !
5. « Qu'est-ce que vous pensez de cette décision ? »
   ☐ **a.** Je ne suis pas contre. ☐ **b.** C'est certain.
6. « Je ne trouve pas facile d'organiser ce voyage à la dernière minute ! »
   ☐ **a.** Je ne m'y oppose pas ! ☐ **b.** Je reconnais que c'est difficile.

3 Répondez en exprimant l'accord.

1. Il est important d'encourager les jeunes à faire du sport.
   — _____
2. Actuellement, l'ordinateur est un outil fondamental.
   — _____
3. On doit tout faire pour lutter contre la pauvreté dans le monde.
   — _____
4. Et si on créait un club de théâtre dans notre village ?
   — _____
5. Il me semble difficile d'obliger les enfants à jouer d'un instrument de musique.
   — _____
6. On ne peut pas demander à tout le monde de travailler le dimanche.
   — _____

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Adèle :** Quelle surprise est-ce que nous pourrions faire à Anne, pour son anniversaire ?
Sophie : Je ne pense pas qu'une surprise soit une bonne idée. Anne déteste les surprises.
Adèle : Pas du tout ! Elle aime bien les surprises !
Sophie : Je ne crois vraiment pas... Ça ne va pas lui faire plaisir !

2 **Pauline :** Qu'est-ce que vous pensez de ce projet de nouvelle route ?
Bertrand : Je suis contre ! Ça va encore une fois détruire l'environnement !
Denis : Peut-être, mais ça va permettre de développer le tourisme, et on en a besoin !
Bertrand : Absolument pas ! Je ne vois pas pourquoi les touristes voudraient venir dans une région encore plus polluée !
Pauline : De toute façon, la décision n'a pas encore été prise, ce n'est qu'un projet.
Bertrand : Ce n'est pas ce que j'ai lu ! J'ai compris que la décision avait déjà été prise ! Et **je m'opposerai à** ce projet !
Pauline : Bertrand, **tu as tort de** t'énerver ! On discute, c'est tout !

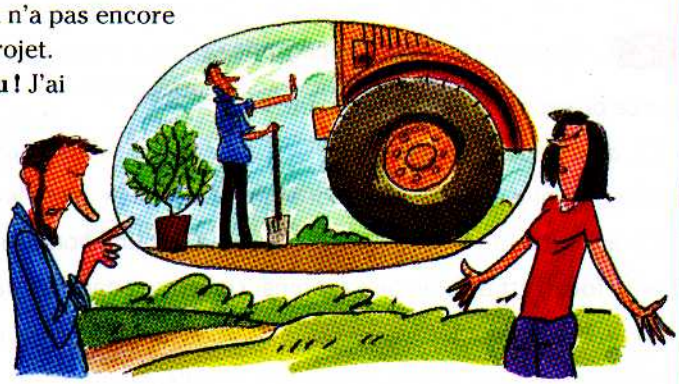

COMMENT LE DIRE ?

- **Je ne pense pas que...** + *subjonctif.*
- **Je ne crois vraiment pas que...** + *subjonctif.*
- **Je ne suis pas pour... < Je suis contre...**
- **Je ne suis pas d'accord avec...**
- **Je m'oppose à...**
- **Ce n'est pas vrai !**
- **Absolument pas ! Pas du tout !**
- **Vous avez tort de...** + *infinitif.*
- **Je ne vois pas pourquoi...**
- **Vous plaisantez !**
- **Ce n'est pas ça du tout !**
- **Ce n'est pas ce que j'ai lu, ce que j'ai entendu dire, ce qu'on m'a dit !**

ACTIVITÉS

1 Relisez les dialogues ci-contre. Vrai ou faux ?

	VRAI	FAUX
Dialogue 1.		
1. Sophie pense que c'est une bonne idée de faire une surprise à Anne.	☐	☐
2. Adèle aime bien les surprises.	☐	☐
Dialogue 2.		
3. Denis est pour le projet de route.	☐	☐
4. Bertrand pense que le projet est déjà accepté.	☐	☐

2 Dites si les phrases suivantes expriment plutôt l'accord (a) ou le désaccord (b).

1. « Je ne suis pas contre cette idée. » _____
2. « Il n'est pas d'accord avec lui. » _____
3. « Je ne m'oppose pas à cette décision. » _____
4. « Tout à fait ! » _____
5. « Ce n'est pas ce que j'ai lu ! » _____
6. « À qui le dites-vous ! » _____
7. « Ce n'est pas ça du tout ! » _____
8. « Je ne suis pas pour cette solution ! » _____

3 Répondez en exprimant un désaccord.

1. « Ce projet est stupide ! » — _____
2. « Cette idée est intéressante ! » — _____
3. « Ce film est un succès ! » — _____
4. « Il est inutile d'acheter un ordinateur ! » — _____
5. « François est très timide ! » — _____

4 Répondez en exprimant l'accord ou le désaccord, selon votre opinion.

1. Il faut interdire l'utilisation de la voiture dans les villes.
— _____
2. On doit encourager l'enseignement des langues étrangères.
— _____
3. Tout le monde devrait participer à une action humanitaire.
— _____
4. On devrait supprimer la publicité à la télévision.
— _____
5. Chaque pays doit conserver ses caractéristiques, ses coutumes, sa langue.
— _____
6. Ce serait bien que le monde entier ne parle qu'une seule langue.
— _____

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

40 JE RÊVE D'Y ALLER !

1

Jean : Quels sont vos projets professionnels ?
Quentin : J'envisage de chercher un travail dans une entreprise internationale.
Jean : Pourquoi ?
Quentin : J'aimerais travailler dans un contexte étranger.
Jean : Est-ce que vous pensez partir à l'étranger ?
Quentin : J'espère pouvoir le faire un jour ! Ça doit être une expérience passionnante !
Jean : Est-ce que vous avez l'intention d'apprendre plusieurs langues étrangères ?
Quentin : Je parle déjà anglais, mais **je compte** apprendre aussi l'espagnol.

2

Anne : Si je comprends bien, **vous souhaitez** acheter une maison à la campagne.
Laurent : C'est cela. **Ma femme rêve d'**avoir un jardin et moi j'adore la nature.
Anne : Où est-ce que **vous avez prévu de** vous installer ?
Laurent : Ce n'est pas sûr, mais il se peut que nous allions en Bourgogne. **Nous avons le projet d'**y passer quelques jours pour visiter des maisons à vendre.
Anne : Moi aussi, **je me demande si je ne vais pas** chercher une petite maison, m'installer à la campagne et cultiver mon jardin…

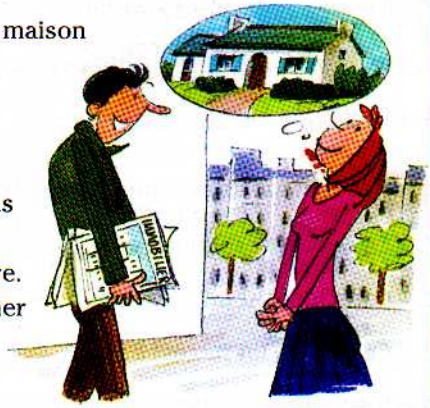

COMMENT LE DIRE ?

- **J'envisage de… = Je pense…**
- **J'ai prévu de… = Je compte…** + *infinitif.*
- **J'ai l'intention de… = J'ai le projet de…**
- **Il n'est pas impossible que…** + *subjonctif.* **= Je me demande si je ne vais pas…** + *infinitif.*
- **Peut-être…** + *futur simple.* **= Il se peut que…** + *subjonctif.*
- **J'espère que…** + *futur simple.* **J'espère pouvoir un jour…** + *infinitif.*
- **Je souhaite que…** + *subjonctif.*
- **J'aimerais bien que…** + *subjonctif.*
- **Je rêve de…**
- **Je tiens à…**
- **Pourvu que…** + *subjonctif.*

Remarque de vocabulaire : À propos de l'expression « pourvu que » : « *Pourvu qu'il vienne !* » signifie « J'espère vivement qu'il viendra. », avec une nuance d'anxiété.

ACTIVITÉS

1 **Relisez les dialogues ci-contre et choisissez la bonne réponse.**

Dialogue 1.

1. Quentin | pense | a décidé de | travailler dans une société internationale.
2. Il | apprendra peut-être | a l'intention d'apprendre | l'espagnol.

Dialogue 2.

3. Laurent et sa femme | ont décidé | envisagent | de vivre en Bourgogne.
4. | Il se peut qu'Anne achète | Anne rêve d'acheter | une maison.

2 **Replacez les expressions suivantes dans le dialogue :**
impossible – j'espère – rêvé – l'intention – comptez – vous envisagez

1. Alors, _____ de travailler pour une association humanitaire ?
2. — Oui, toute ma vie j'ai _____ de faire quelque chose d'utile.
3. — Dans quel pays est-ce que vous _____ travailler ?
4. — Ça dépendra des besoins. Il n'est pas _____ que je parte dans un pays d'Afrique.
5. — Est-ce que vous avez _____ de partir pour longtemps ?
6. _____ partir pour un an au moins, peut-être plus.

3 **Vous réfléchissez à vos prochaines vacances. Voici quelques projets, introduisez-les par des expressions d'intention appropriées.**

1. **a.** Louer une petite maison au bord de la mer.
   b. Emmener le fils des voisins, qui est si gentil.
   c. Apprendre à nager à Bastien.
   d. Pêcher quelques poissons.
2. **e.** Faire le tour du monde à pied.
   f. Prendre une tente et un sac de couchage.
   g. Apprendre l'anglais pour communiquer partout.
   h. Partir pour un an.

4 **À vous ! Avez-vous un projet particulier ? Qu'aimeriez-vous faire, dans dix ans ? Avez-vous l'intention de changer de vie ? Faites des phrases.**

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

BILAN N° 6

1 Choisissez la réponse appropriée.

1. Vous n'êtes pas content de vos résultats d'examen.
   - ☐ a. « J'aurais dû travailler plus ! »
   - ☐ b. « Ce n'est pas gentil ! »
2. Vous n'êtes pas content du match de football que vous avez vu.
   - ☐ a. « Ce n'était pas original ! »
   - ☐ b. « C'était nul ! »
3. Vous admirez beaucoup un grand acteur.
   - ☐ a. « C'est admirable ! »
   - ☐ b. « Il est génial ! »
4. Vous demandez un conseil à un employé de votre banque.
   - ☐ a. « J'ai un conseil à te demander. »
   - ☐ b. « Qu'est-ce que vous me conseillez ? »
5. Vous donnez votre opinion sur un projet.
   - ☐ a. « Je crois que c'est intéressant ! »
   - ☐ b. « Absolument pas ! »
6. Vous exprimez le souhait de changer de travail.
   - ☐ a. « Je ne suis pas contre le fait de changer. »
   - ☐ b. « J'ai l'intention de changer. »

2 Dites si les phrases suivantes sont positives (a) ou négatives (b).

1. C'est banal. _____
2. C'est pas mal ! _____
3. Cet acteur est très simple ! _____
4. Je ne suis pas contre ce projet. _____
5. Tu as tort ! _____
6. Vous plaisantez ! _____
7. Vous auriez pu me prévenir ! _____
8. Vous avez entièrement raison. _____

3 Quelle(s) expression(s) pouvez-vous utiliser dans les situations suivantes ?

1. Vous reprochez à votre enfant de ne pas avoir fait son travail scolaire : « _____ »
2. Vous n'aimez pas le film que vous venez de voir : « _____ »
3. Vous avez une très bonne opinion de Grégoire : « _____ »
4. Vous demandez un conseil à votre meilleur(e) ami(e) : « _____ »
5. Vous demandez son opinion à votre voisin : « _____ »
6. Vous êtes d'accord avec votre voisin : « _____ »
7. Vous avez encore une fois oublié vos clés : « _____ »

4 **À propos de qui ou de quoi pouvez-vous entendre ces observations ?**

1. « Ce n'est pas génial ! » _____
2. « C'est mal fait ! » _____
3. « Il n'est pas sympa ! » _____
4. « Ça ne me plaît pas du tout ! » _____
5. « C'est magnifique ! » _____
6. « Elle a un charme fou ! » _____
7. « C'est complètement raté ! » _____
8. « Je ne peux pas la supporter ! » _____

5 **Associez les phrases de sens équivalent.**

1. Je regrette de ne pas lui avoir téléphoné.
2. Ça ne m'a pas plu.
3. Ce n'est pas original.
4. C'est passionnant.
5. Si j'étais toi, je lui téléphonerais.
6. Je ne suis pas contre.
7. Je compte lui téléphoner.

a. J'ai prévu de l'appeler.
b. Je ne m'y oppose pas.
c. Je n'ai pas aimé.
d. J'aurais dû l'appeler.
e. C'est banal.
f. Je te conseille de l'appeler.
g. C'est très intéressant.

6 **Quels conseils pouvez-vous donner à ces personnes ?**

1. « Je pars au ski, mais je ne sais pas quoi emporter. »

— _____

2. « Mon ami arrive toujours en retard aux rendez-vous. Que faire ? »

— _____

3. « Mes voisins font un bruit épouvantable tous les soirs. »

— _____

4. « Je voudrais bien parler à un garçon que j'ai remarqué, mais je n'ose pas. »

— _____

5. « Je voudrais organiser un pique-nique à la plage, mais je ne sais pas quoi préparer. »

— _____

6. « Je suis invité à dîner chez de nouveaux amis. Qu'est-ce que je dois apporter ? »

— _____

© CLE International 2003. La photocopie non autorisée est un délit.

COMMUNICATION PROGRESSIVE DU FRANÇAIS

Niveau intermédiaire

La ***Communication progressive du français*** est un ouvrage destiné aux étudiants grands adolescents et adultes de niveau intermédiaire.

Conçu pour être utilisé en classe ou en auto-apprentissage, cet ouvrage permet à l'élève de découvrir avec réalisme et humour les différents aspects de la communication en français.

• Sur la page de gauche :
- un ou plusieurs dialogues, mettant en scène des personnages masculins et féminins, jeunes et vieux, heureux et furieux,
- une liste récapitulative des principales expressions se référant à l'acte de communication (téléphoner, donner des instructions, accueillir, inviter, critiquer, faire des compliments, etc.).

• Sur la page de droite :
- des activités par ordre de difficulté croissante. Cette page se termine par un jeu de rôle.

• Les corrigés commentés des exercices, avec des propositions de jeux de rôles et des remarques complémentaires, sont disponibles dans un livret séparé (ISBN 209-033727-3).

• Les dialogues sont enregistrés et se trouvent dans un coffret de 2 CD (ISBN 209-032881-9).

ISBN 209-033726-5
9 782090 337266

CLE INTERNATIONAL

Université de Montréal
182342
30 169
4 REG$ 32.95$
SPEC$ 29.65$
Communication progressive du f(02)
rançais :interm. avec 365 acti 15/12/2004

Coleção

Trabalhos em feltro

MINUANO

Prepare peças decorativas e utensílios com este material de custo baixo e que faz o maior **SUCESSO!**

Ano I - Nº 08
R$ 5,90
€ 2,60
7 898911 548413

Bloco de anotações
Cachecol infantil
Espírito Santo
Matrioska
Porta-lápis
Agulheiro
Porta-recado
Dado pedagógico
e mais...

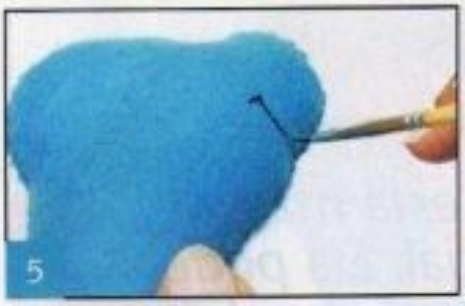

Molhe a ponta do pincel na tinta preta e desenhe a boca do dinossauro.

Posicione as patas traseiras nas laterais do corpo.

Coloque a linha para pesponto na agulha e atravesse com ela pelo corpo, fixando as patas.

Passe o botão na agulha e volte com ela para o outro lado do corpo.

Coloque 1 botão na agulha e amarre os fios para arrematar.

Repita o mesmo processo para fixar as patas anteriores.

Atravesse a agulha com linha de pesponto na altura dos olhos. Passe 1 bolinha na agulha e volte com ela para o outro lado. Coloque outra bolinha na agulha e arremate o fio com nós, formando os olhos.

Técnica finalizada.

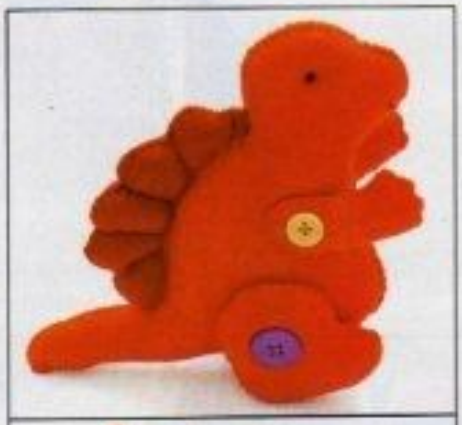

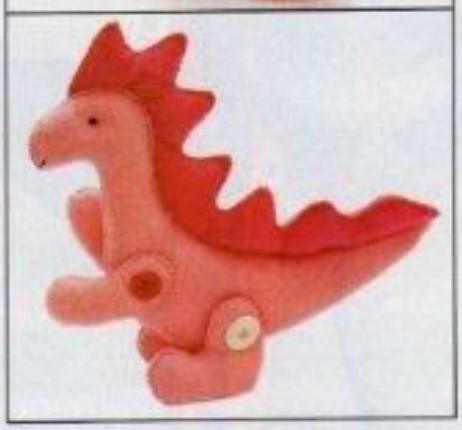

Faça outros modelos a partir desta idéia

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO: Walkiria Almeida
COLABORAÇÃO: Feltros Santa Fé
FOTOS: Rogério Andrade

Para os mais religiosos,

esta idéia está mais do que especial. Ela pode ser usada como enfeite de porta ou parede

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: branco, azul e laranja • Retalho de feltro amarelo-ouro • Forrobel Branco Santa Fé • Fitas de lembrança de santos • Fita de cetim nº 1 azul • Linha para bordar laranja-mescla • Linha para pesponto Gutermann nas cores: azul-royal e branca • Tesoura simples • Tesoura decorativa • Tinta para tecido preta • 1 bola de madeira • Agulha para costura • Alfinetes • Moldes de acetato ou cartolina

1 Transfira os moldes do coração para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro e para o forrobel. Recorte-os com a tesoura decorativa.

2 Transfira o molde do coração menor e da pomba para os feltros e recorte-os com a tesoura simples.

3 Alfinete a pomba sobre o coração azul e aplique-a com pontos maluquê, utilizando a linha para pesponto branca.

Posicione o coração azul sobre um dos corações de cor laranja. Aplique-o com pontos de alinhavo, utilizando a linha branca.

Sobreponha os corações grandes, mantendo o forrobel no centro. Posicione um pedaço de fita de cetim dobrada entre o forrobel e o segundo coração. Costure-a no forrobel.

Com pontos de alinhavo, costure toda volta dos corações grandes, utilizando a linha azul.

Dobre as fitas ao meio e amarre a ponta com a linha preta, formando uma argola.

Coloque fio duplo de bordar na agulha e passe-a pela argola das fitas. Centralize as fitas no fio.

Dê dois nós nos fios para arrematar.

Passe a bola de madeira pelos fios e dê pontos na parte inferior do coração para fixar.

Amarre um pedaço de fita de cetim azul sobre a argola formada nas fitas de santos.

Molhe a ponta do alfinete na tinta preta e desenhe os olhos da pomba.

Recorte o bico no retalho de feltro amarelo-ouro e cole-o abaixo dos olhos.

Técnica finalizada.

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO: Walkiria Klinselka
COLABORAÇÃO: Feltros Santa Fé
FOTOS: Rogério Andrade

A bonequinha russa Matrioska

também pode ser confeccionada em feltro, como você confere a seguir

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: vermelho, pele, rosa-claro e preta • Tecido com estampa floral • Sianinha fina • Flores de cetim • Pedra de aquário ou areia • Enchimento acrílico • Linha para pesponto Gutermann vermelha • Tinta para tecido nas cores: verde e vermelha • Tesoura simples • Agulha para costura • Alfinetes • Pincel de ponta fina • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

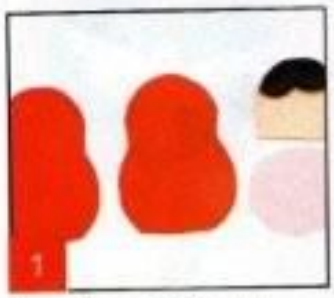

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro. Recorte-os com a tesoura.

Faça um corte no centro da parte da frente do corpo.

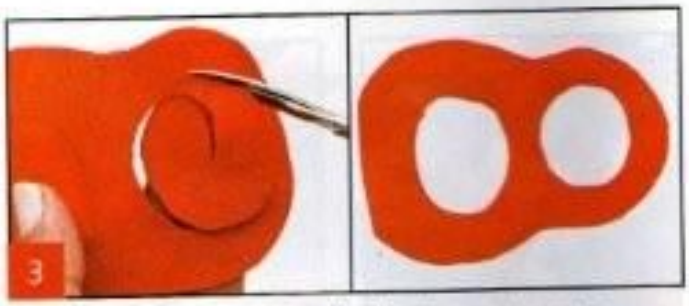

Em seguida, recorte as partes riscadas, de acordo com as instruções do molde.

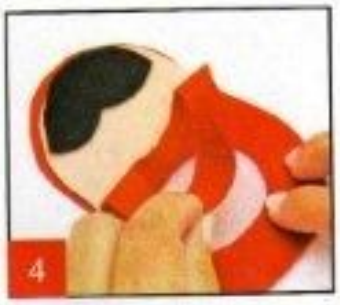

Sobreponha as partes do corpo, posicionando entre elas as partes do rosto, do cabelo e da barriga.

Costure toda volta com pontos chuleados, utilizando a linha vermelha.

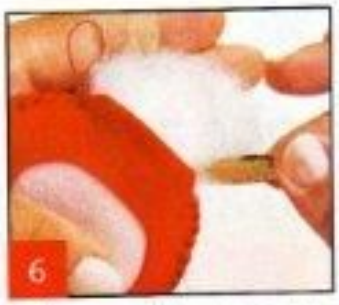

Coloque o enchimento acrílico pela parte inferior, até que a peça fique bem firme.

Aplique o fundo da matrioska, costurando com pontos chuleados. Deixe uma pequena abertura para colocar a pedra ou areia.

Encaixe a pedra dentro do corpo, para que a matrioska fique em pé e feche a abertura com pontos chuleados.

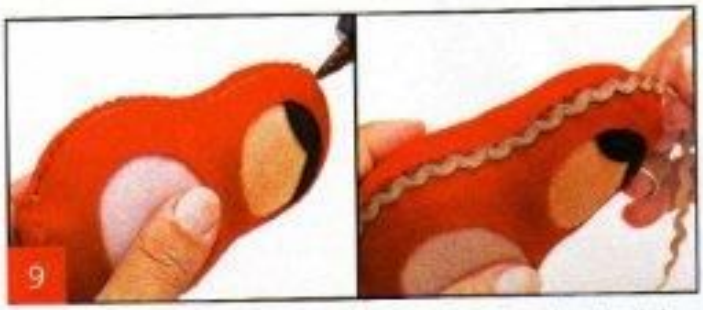

Aplique cola quente no contorno da matrioska e cole a sianinha.

Cole as flores de cetim na frente do corpo.

Corte uma tira do tecido estampado, deixando-a em formato de lenço.

Cole o lenço ao redor do pescoço.

Molhe a cabeça do alfinete na tinta preta e carimbe os olhos.

Com a tinta vermelha na ponta do pincel, desenhe a boca.

Técnica finalizada.

Monte a matrioska em tamanhos diversos

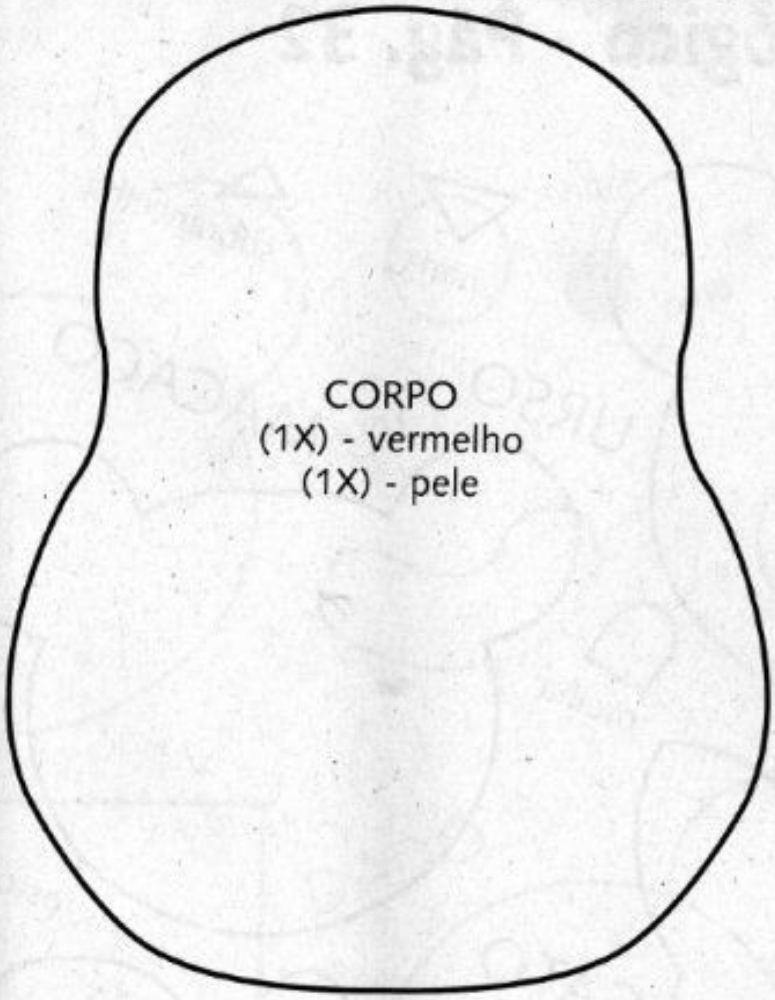
CORPO
(1X) - vermelho
(1X) - pele

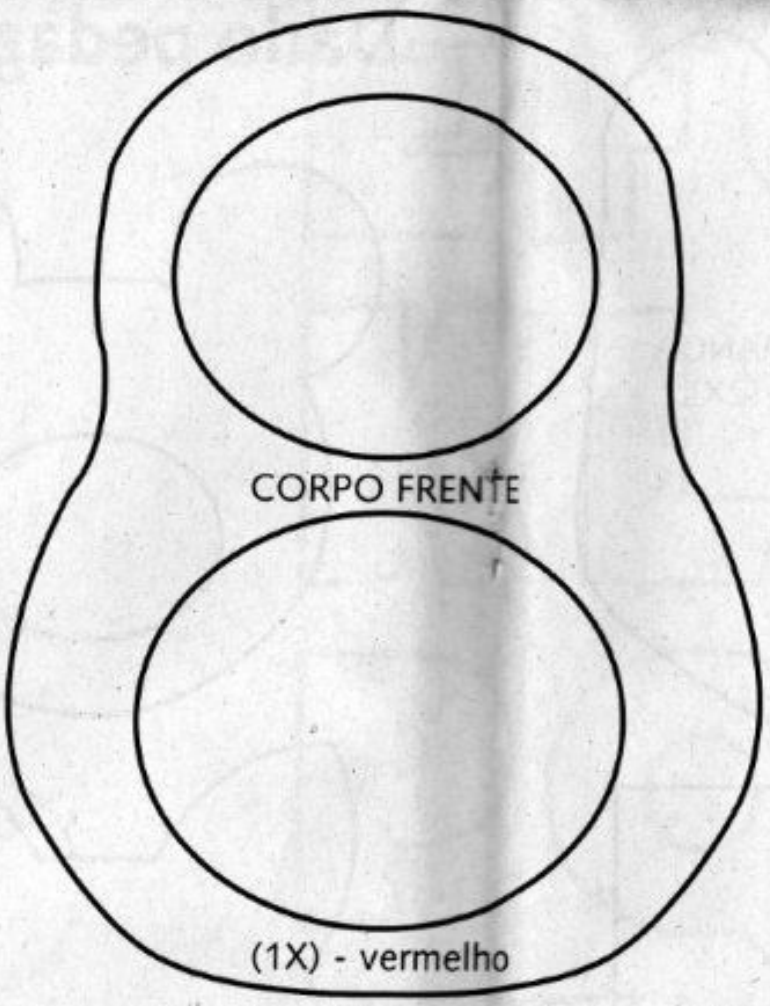
CORPO FRENTE
(1X) - vermelho

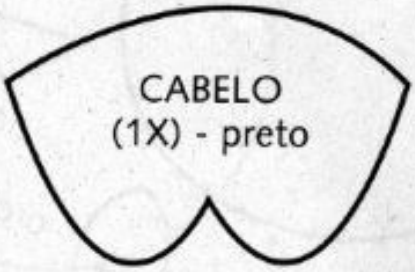
CABELO
(1X) - preto

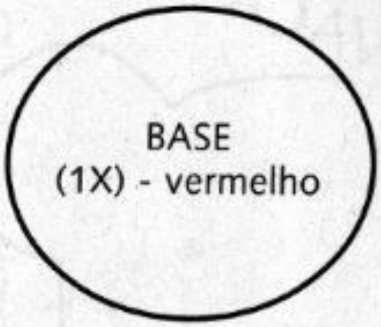
BASE
(1X) - vermelho

Recicle as latas vazias revestindo-as com feltro e criando lindos modelos de porta-lápis

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO: Walkiria Rhenolia
COLABORAÇÃO: Feltros Santa Fé
FOTOS: Rogério Andrade

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé na cor azul-jeans • 1 lata vazia de molho de tomate • Botões coloridos • Apliques emborrachados • Retalhos coloridos de feltro • Retalhos de tecido xadrez • Linha para pesponto Gutermann nas cores: preta, vermelha e branca • Tesoura simples • Agulha para costura • Alfinetes • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro e o tecido. Recorte-os com a tesoura.

Com pontos caseados, aplique a casinha no fundo cortado no feltro azul, utilizando a linha para pesponto preta.

Em seguida, aplique o telhado sobre a casinha com ponto palito, utilizando a linha para pesponto branca.

Aplique o sol com ponto maluquê, utilizando a linha vermelha.

Dobre o fundo azul e, com pontos caseados, costure as extremidades.

Em seguida, aplique o fundo do trabalho com pontos caseados, utilizando a linha branca.

Posicione a lata vazia dentro do feltro.

Dobre as sobras de feltro para dentro da lata.

Alinhave toda volta do feltro na borda da lata, puxando bem a linha para dar pressão.

Aplique cola quente nas bordas internas da lata e cole as sobras de feltro.

Cole os outros detalhes da casinha e do jardim, utilizando cola quente.

Técnica finalizada.

Confeccione esta idéia em outras cores

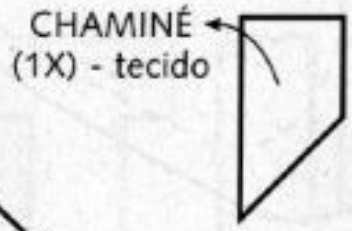

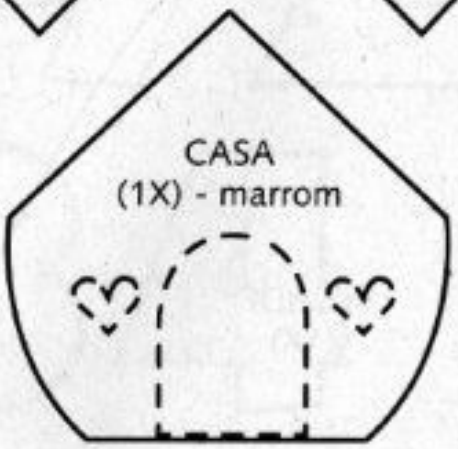

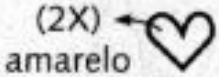

BASE PARA COBRIR A LATA
23,5cm X 13cm

Para a sala de costura, um charmoso agulheiro em forma de casinha

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO: Wallérin Klimelka
COLABORAÇÃO: Feltros Santa Fé
FOTOS: Rogério Andrade

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: vermelho e marfim • Retalhos coloridos de feltro • Enchimento acrílico • Linha para pesponto Gutermann preta • Tesoura simples • Agulha para costura • Alfinetes • Moldes de acetato ou cartolina

Confira esta charmosa sugestão para a criançada usar e abusar

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO: Carla Bom Kury e Trindade (Carla Arteira)
FOTOS: Sérgio Dotta Junior

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: pele e azul • EVA para preenchimento e moldes • Enchimento fibra siliconada Santa Fé • Linha para bordar Perlé Coats Corrente nas cores: pele e azul-escura • Tinta Squizz com Glitter nas cores: branca, preta e amarela • Cortador Circular Toke e Crie • Base para corte Toke e Crie • Palito de madeira • Pincel nº 0 Tigre • Cola lantejoula Glitter • Apliques Minari • Lã amarela • Blush • Ímã • Tesoura • 1 bloco de anotações

Kadu me busque no mercado às 10:00 horas
Beijos!!
Grozi!

PREÇO MÉDIO DE CUSTO: R$ 3,00
VALOR SUGERIDO PARA VENDA: R$ 8,00
GRAU DE DIFICULDADE: Baixo

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro. Recorte-os com a tesoura.

Recorte as almofadinhas com a tesoura de picotar.

Cole todos os detalhes da casinha, cuidando para não aplicar cola nas bordas.

Com pontos caseados, aplique a parte inferior do telhado em uma das partes da casinha cortada no feltro marfim.

Demarque a veneziana com a linha.

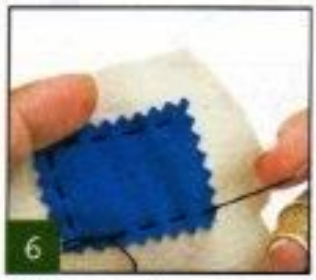

Alinhave uma das partes cortadas para a almofadinha na outra parte marfim da casinha. Deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

Coloque um pouquinho de enchimento acrílico pela abertura e termine de alinhavar.

Repita o processo em uma das partes da casinha cortada no feltro vermelho.

Costure a parte da frente da casinha à parte marfim com almofadinha. Caseie toda volta, deixando apenas a parte superior sem costura.

Sobreponha as partes vermelhas cortadas para a casinha e caseie toda volta, deixando a parte superior sem costura.

Una as duas partes da casinha com pontos caseados, pela parte superior que ficou sem costura. Deixe as partes com almofadinha para dentro.

Técnica finalizada.

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO: Wolana Kinsella
COLABORAÇÃO: Feltros Santa Fé
FOTOS: Rogério Andrade

Quem gosta de trabalhos com motivos de vaquinha, não vai resistir a esta **criativa idéia**

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: branca, marrom-claro, verde-musgo, vermelha • Forrobel branco • Fita de cetim nº 1 nas cores: branca e verde • Linha para pesponto Gutermann preta • Lápis • Bloco de papel para recados • Tesoura simples • Tinta para tecido preta • Pincel liner • Blush • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Alfinetes • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

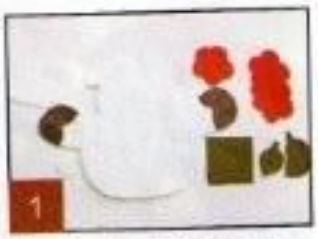

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro. Recorte-os com a tesoura. Para o corpo, recorte também o forrobel.

Sobreponha as partes do corpo da vaca, posicionando o forrobel no centro.

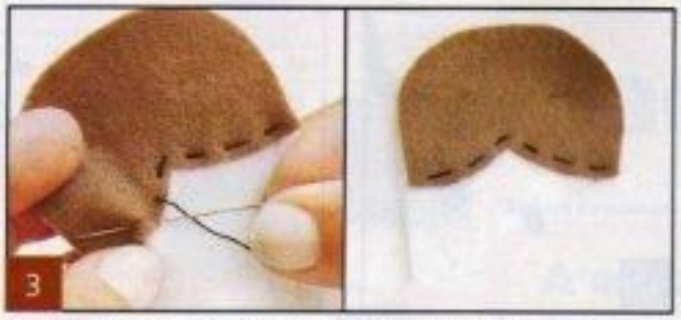

Com pontos de alinhavo, aplique as patas sobre a parte superior do corpo.

Em seguida, alinhave toda volta do corpo, fixando as 3 partes.

Sobreponha as partes do focinho costure toda volta com pontos de alinhavo. Deixe a parte inferior aberta para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento no focinho, até que fique bem firme.

Feche a parte aberta com pontos de alinhavo.

Com a linha de pesponto preta, borde as narinas em ponto cruz.

Cole o focinho sobre a cabeça, na parte inversa às patas.

Molhe a cabeça do alfinete na tinta preta e carimbe os olhos.

Aplique o blush nas bochechas.

Dobre ao meio uma flor cortada no feltro vermelho.

Dobre a parte inferior como uma sanfona.

Dê um ponto nas partes dobradas, para que a flor fique fechada e forme o botão.

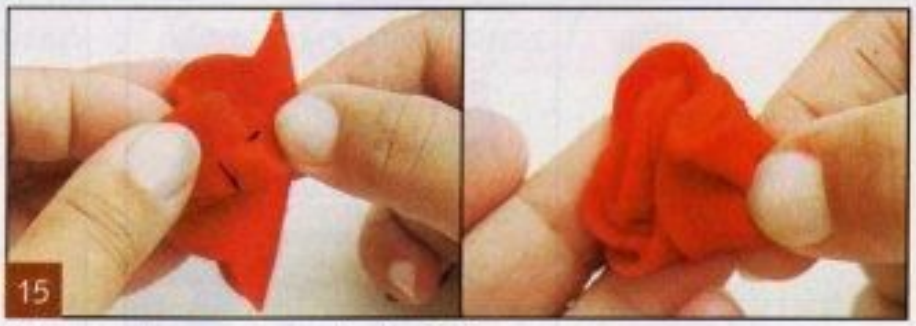

Dobre outra flor ao meio e envolva o botão. Dê um ponto para arrematar. Faça 3 flores iguais.

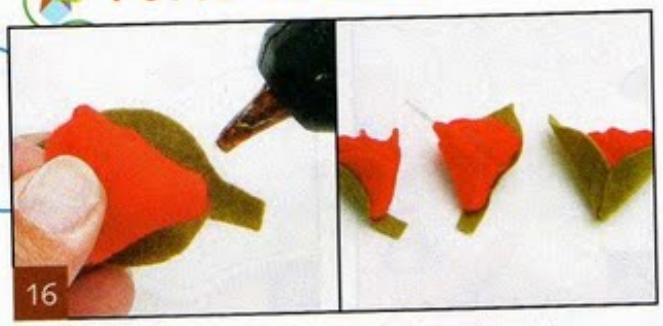

Cole uma flor sobre cada folha, utilizando a cola quente.

Cole um pedaço de fita de cetim dobrada no alto da cabeça, formando a argola para pendurar.

Em seguida, cole duas flores no alto da cabeça.

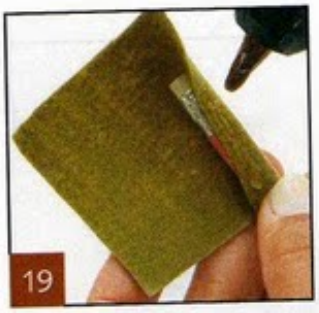

Envolva o lápis com um pedaço de feltro verde. Aplique cola quente para colar.

Aplique cola quente na parte superior do lápis e encaixe uma flor, colando-a.

Amarre um laço de fita verde ao redor do cabo da flor.

Marque o tamanho da parte superior do bloco de papel na frente do corpo da vaca.

Corte sobre a marcação, formando o encaixe do bloco.

Encaixe o bloco na frente do corpo.

Posicione o lápis sobre uma das patas e sobre o corpo.

Cole a pata sobre o corpo, utilizando a cola quente. Dobre e cole a outra pata sobre o corpo.

Técnica finalizada.

Reproduza este lindo enfeite

para porta de maternidade com o nome do bebê. As futuras mamães vão adorar esta idéia

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: lilás, branca, pele, verde e laranja • Tecido estampado • EVA para moldes • Linha para bordar Perlé Coats Corrente nas cores: lilás, rosa-escura e verde • Tinta Squiza com Glitter nas cores: preta, lilás baby e verde-baby • Pincel nº 0 Tigre • Apliques Minari (laço laranja) • Apliques metálicos Toke e Crie (corações lilases) • Enchimento acrílico • Cordão de juta encerado • Cola EPS Glitter • Cola quente • Agulha nº 6 • Tesoura • Alfinetes • Moldes

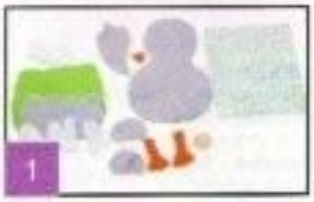

Transfira os moldes para o EVA e passe-os para os feltros e para o tecido. Recorte todas as partes com a tesoura, seguindo os riscos.

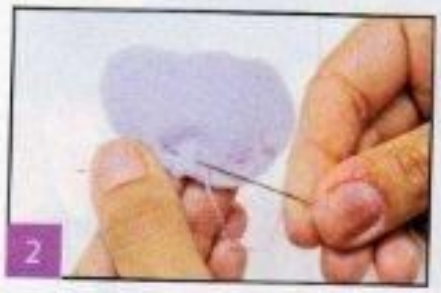

Sobreponha as partes duplas cortadas para as asas, rabo e corpo da cegonha. Costure toda volta das partes com pontos de alinhavo, utilizando a linha lilás. Deixe uma pequena abertura para colocar enchimento.

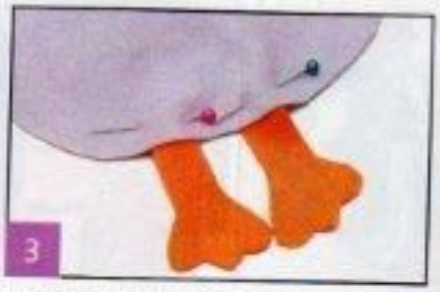

Ao sobrepor as partes do corpo, posicione entre elas os pés da cegonha, fixando com alfinetes.

Preencha as partes com enchi acrílico, até que elas fiquem b

Feche as aberturas com pontos de alinhavo.

Sobreponha as partes do chapéu e casei toda volta com linha verde, deixando uma pequena abertura para colocar o enchimento.

Recheie o chapéu c chimento acrílico e com pontos casead

Aplique cola EPS em toda borda das peças para fixar as costuras.

Monte as partes da cegonha, colando-as com cola quente.

Aplique cola na parte superior do bico e cole-o sobre a cabeça da cegonha.

Cole o aplique de laç lateral do chapéu, ut a cola quente.

Desenhe os olhos com a tinta Squiz preta.

Molhe o pincel na tinta preta e desenhe os cílios.

Dobre as pontas do tecido e colo

15

Coloque um pouco de enchimento acrílico e amarre as outras pontas com 2 nós, formando um saquinho.

16

Sobreponha as partes da cabeça do bebê, alinhave com a linha rosa-escura, coloque enchimento acrílico e desenhe o rostinho com a tinta preta no pincel.

17

Cole a cabeça do bebê no saquinho, utilizando a cola quente.

18

Em seguida, cole a ponta do saquinho no bico da cegonha.

19

Aplique as letras no feltro lilás, utilizando a cola EPS.

20

Em seguida, costure as letras com pontos de alinhavo sobre o feltro lilás.

21

Com a linha verde, aplique o feltro lilás no feltro verde e caseie toda volta do feltro verde com a linha lilás.

22

Cole os apliques metalizados no centro das letras, utilizando a cola quente.

23

Em seguida, cole os pés da cegonha sobre a placa com nome.

24

Decore a cegonha e a placa com as tintas Squirz lilás e verde.

25

Faça uma laçada com o fio de sisal e cole-o na parte de trás da cegonha.

Técnica finalizada.

Tela da Anjinha Belinha

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: pele, vermelho, azul e branca • 1 tela • Tecido estampado • EVA para moldes • Tinta pinta couro Glitter rosa • Linha para bordar Perlé Coats Corrente nas cores: rosa-clara, rosa-escuro e amarela • Tinta Squizz com Glitter nas cores: branca, preta e amarela • Pincel nº 0 Tigre • Cola lantejoula Glitter • Apliques Minari (flores e borboletas) Cola EPS Glitter • Estêncil Estrelas Toke e Crie • Linha colorida • Rolinho de espuma Tigre • Agulha nº 6 • Tesoura Alfinetes • Fita adesiva • Blush

Para decorar o quarto infantil feminino, aproveite esta idéia na forma da graciosa anjinha Belinha

1 Transfira os moldes para o EVA e passe-os para os feltros e para o tecido. Recorte todas as partes com a tesoura, seguindo os riscos.

2 Sobreponha a asa de tecido à asa de feltro e alfinete.

3 Com a linha rosa-escura, costure a asa de tecido na asa de feltro, com pontos de alinhavo.

4 Monte a anjinha, prendendo as partes com cola EPS.

5 Em seguida, reforce a junção das partes com alfinetes.

6 Caseie toda volta das partes pele com a linha rosa-clara e da roupa com a linha amarela.

Desenhe os olhos, nariz e boca com a tinta Squizz preta no pincel.

Aplique blush nas bochechas.

Faça um chumaço com as linhas coloridas e amarre o centro, formando o cabelo. Cole o cabelo na cabeça da anjinha com cola quente.

Em seguida, cole os apliques no cabelo, na roupa e nos sapatos com a cola lantejoulas.

Com a tinta Squizz amarela, faça pintinhas sobre o vestido e os sapatos.

Com o rolinho de espuma, aplique a tinta pinta couro rosa sobre a tela.

Posicione o estêncil sobre a tela e fixe-o com a fita adesiva. Com a tinta Squizz amarela, preencha os espaços vazados do estêncil. Use o rolinho de espuma para espalhar a tinta.

Retire o estêncil e faça pintinhas sobre a tela com a tinta Squizz amarela.

Cole a anjinha sobre a tela, utilizando a cola quente.

Com a cola lantejoulas, cole os apliques com formato de borboleta sobre a tela.

Técnica finalizada.

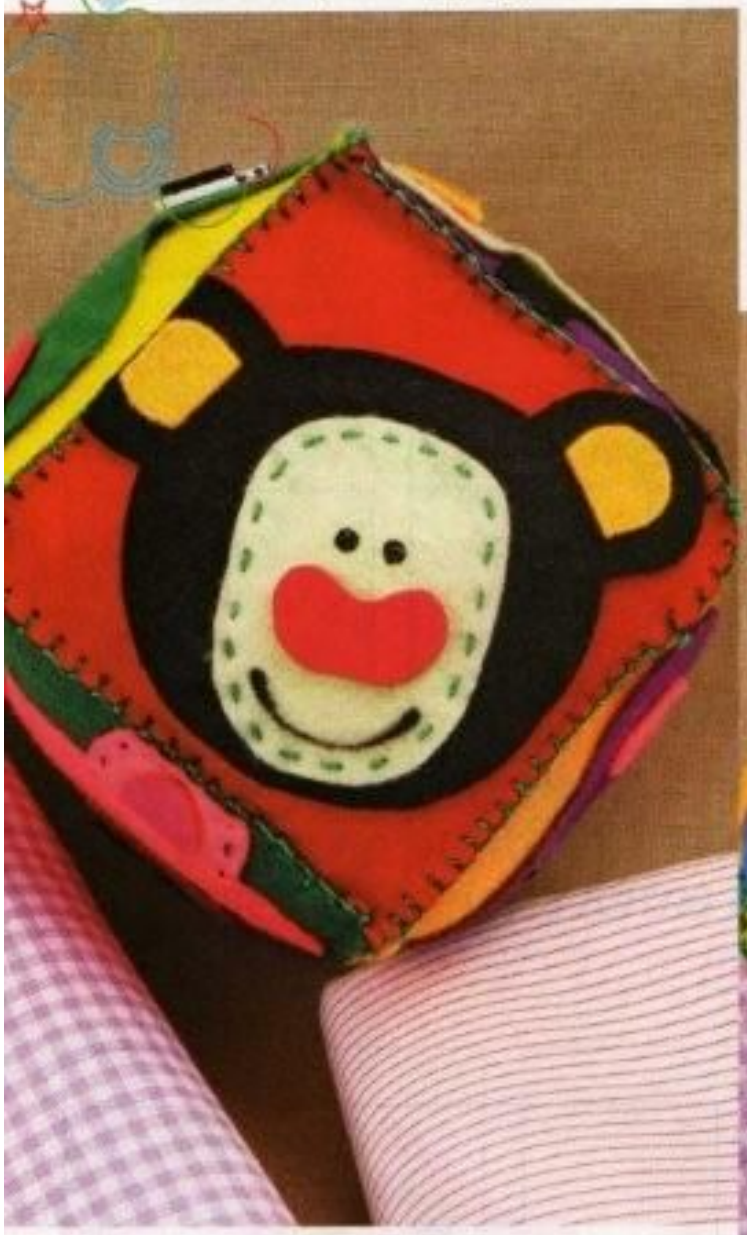

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO: Cristina Tonolia
FOTOS: Sérgio Dotta Junior

Bichos da floresta,

letras ou até figuras de brinquedos podem ser aplicados no dado pedagógico feito em feltro. As crianças vão curtir esta sugestão!

Bloco de anotações menino

Transfira os moldes para o EVA e passe-os para os feltros. Recorte as partes retas com o cortador.

Para as partes arredondadas, use a tesoura para cortar.

Sobreponha as partes cortadas para a cabeça e alinhave toda volta com a linha pele. Deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

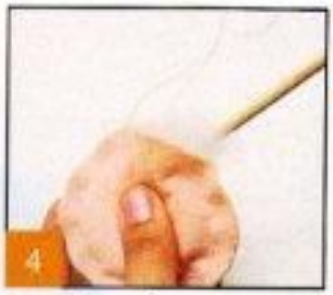

Preencha a cabeça com o enchimento acrílico.

Termine de alinhavar a cabeça e repita o mesmo com as mãos.

Sobreponha as partes cortadas para o boné e caseie a parte superior, utilizando a linha azul.

Corte alguns fios de lã e amarre o centro para formar o cabelo.

Encaixe o boné na cabeça e posicione o cabelo nas laterais da cabeça. Cole com cola quente.

Cole também as laterais da aba do boné.

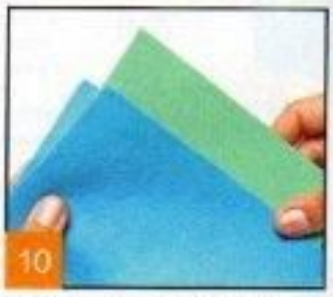

Posicione a placa de EVA entre as duas partes de feltro cortadas para o bloco de anotações.

Caseie toda volta do porta-recado, utilizando a linha azul.

Cole a cabeça e as mãos sobre a base do bloco de anotações.

Desenhe os olhos com a tinta Squizz preta.

Molhe o pincel fino na tinta Squizz preta e desenhe as sobrancelhas, o nariz e a boca.

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé em cores diversas • Linha de algodão verde • Retalhos de EVA Kreateva nas cores: preto, vermelho e branco • Tesouras • Enchimento acrílico • Cola EPS Glitter • Caneta permanente preta • Agulha para bordar

1 Transfira os riscos dos seis lados do dado para os feltros e recorte-os.

2 Transfira também os riscos dos bichinhos para os feltros e recorte-os com a tesoura.

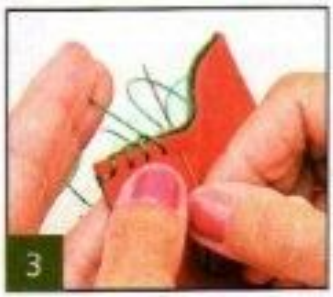

3 Sobreponha duas partes de feltro, cortados para o dado e casele um dos lados, utilizando a linha verde. Monte o dado unindo todas as partes com pontos caseados e deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

4 Cole os detalhes dos bichinhos com a cola de EPS.

5 Faça os olhos e nariz com os retalhos de EVA.

6 Com a caneta permanente preta, desenhe os olhos e a boca.

7 Cole um bichinho de feltro em cada lado do dado, utilizando a cola EPS.

8 Coloque o enchimento acrílico pela abertura deixada em um dos lados do dado até que a peça fique bem firme.

9 Feche com pontos caseados a abertura deixada para colocar o enchimento.

10 Reforce a aplicação dos bichinhos sobre o dado com pontos de alinhavo.

Dado finalizado.

Confira mais idéias da artesã Walkíria Klimeika

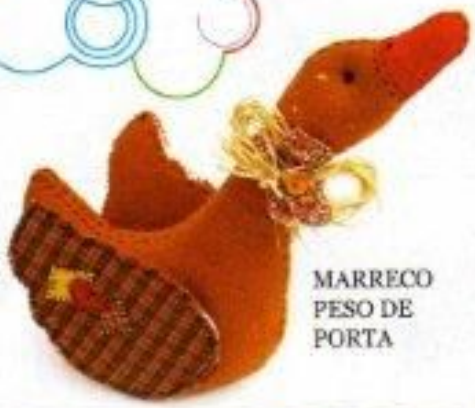

MARRECO PESO DE PORTA

PORQUINHA

BONECA COM URSINHO

GALINHA E VAQUINHA PESO DE PORTA

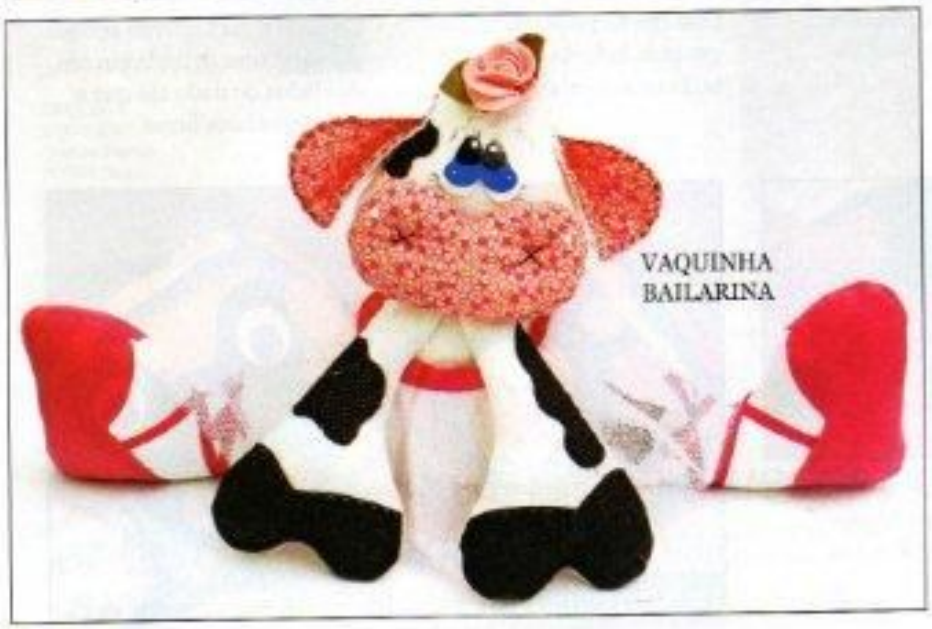

VAQUINHA BAILARINA

PANTERA COR-DE-ROSA

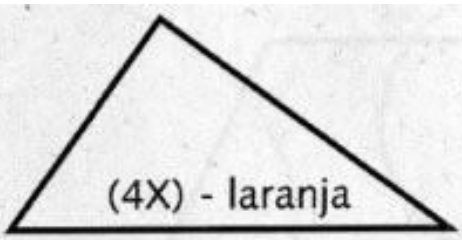

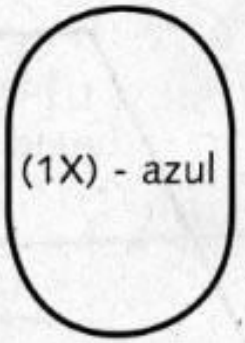

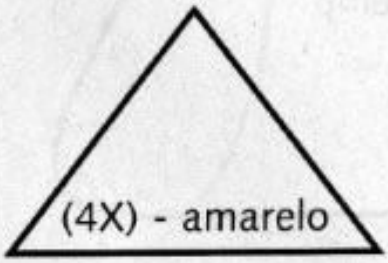

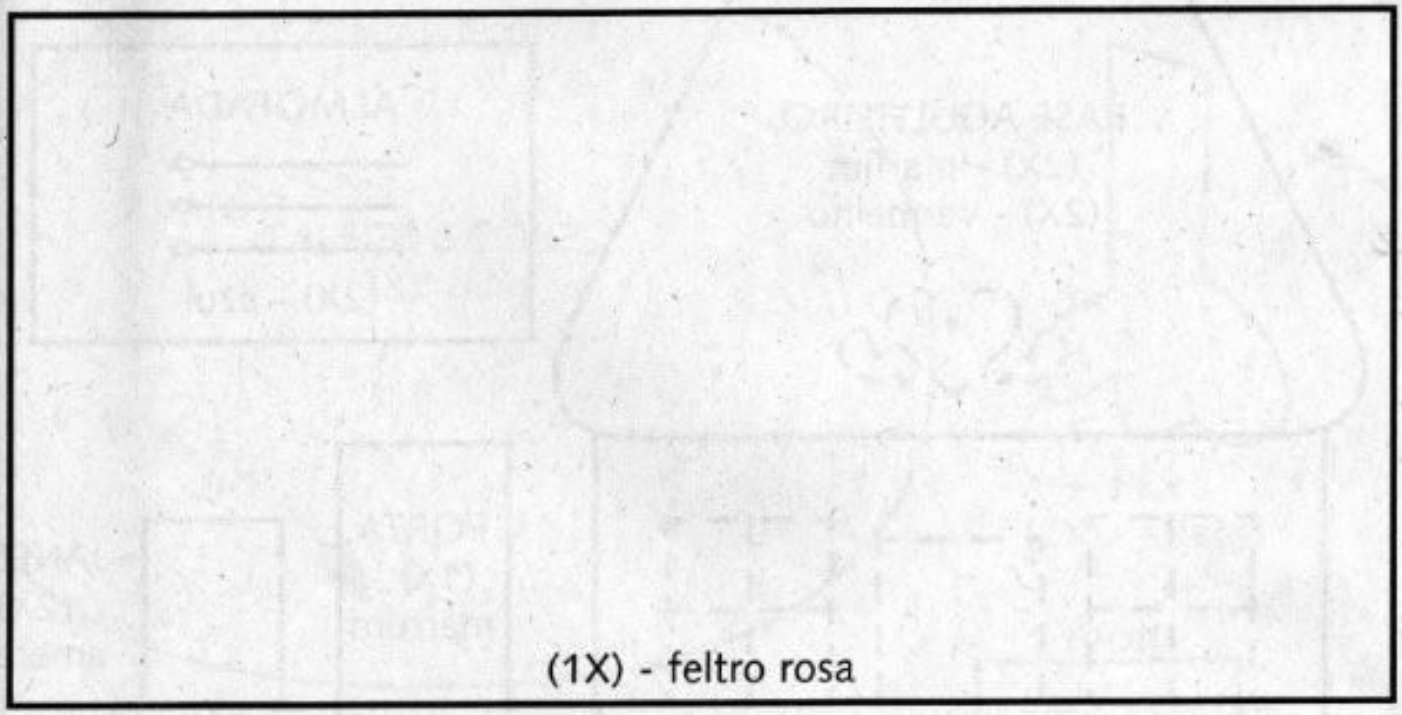

Porta-lápis - Pág. 18

Camiseta com apliques - Pág. 10

(1X) - feltro azul

Matrioska - Pág. 16

Espírito-Santo - Pág. 14

Dinossauro - Pag. 12

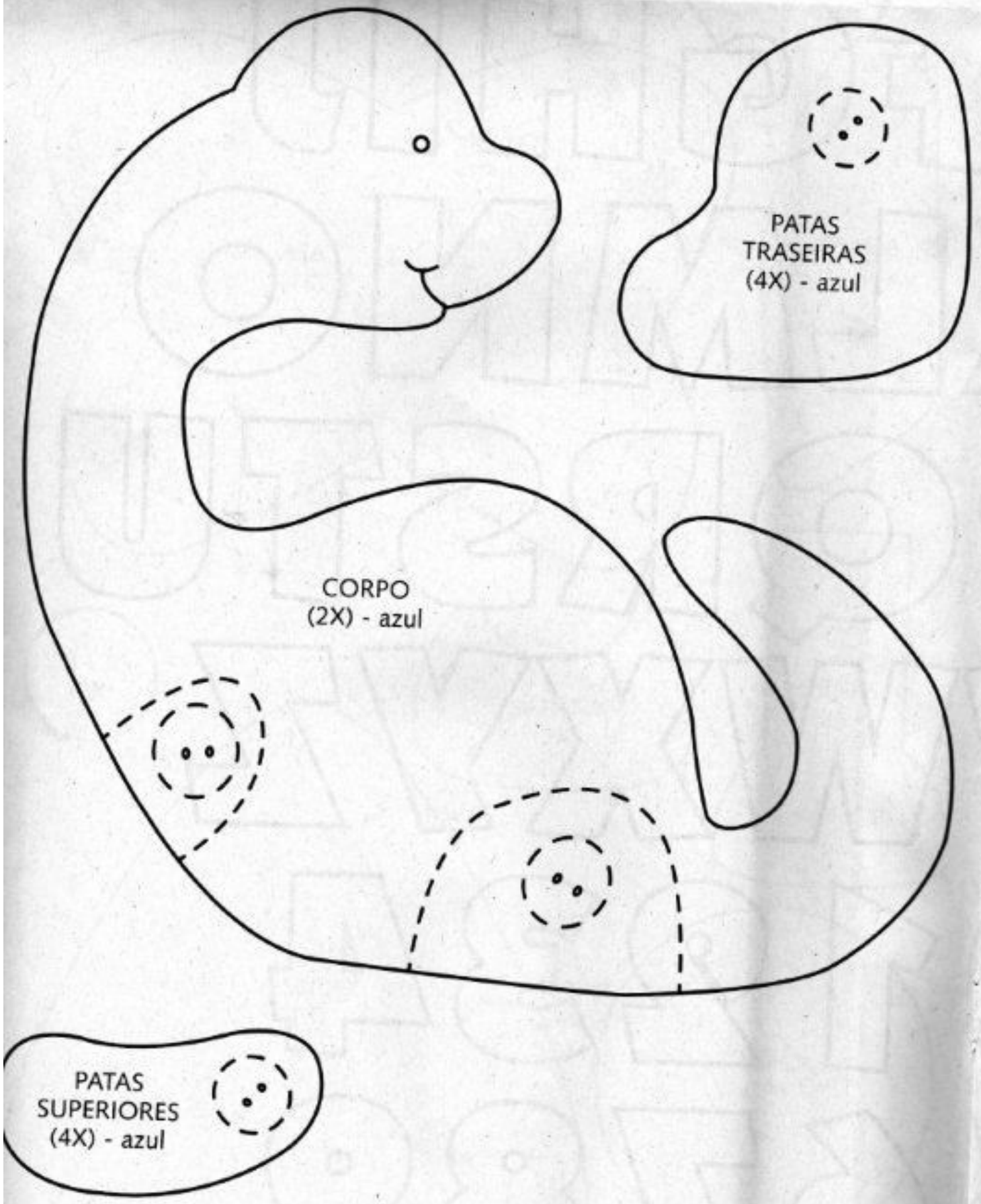

Bloco de anotações menino - Pág. 05

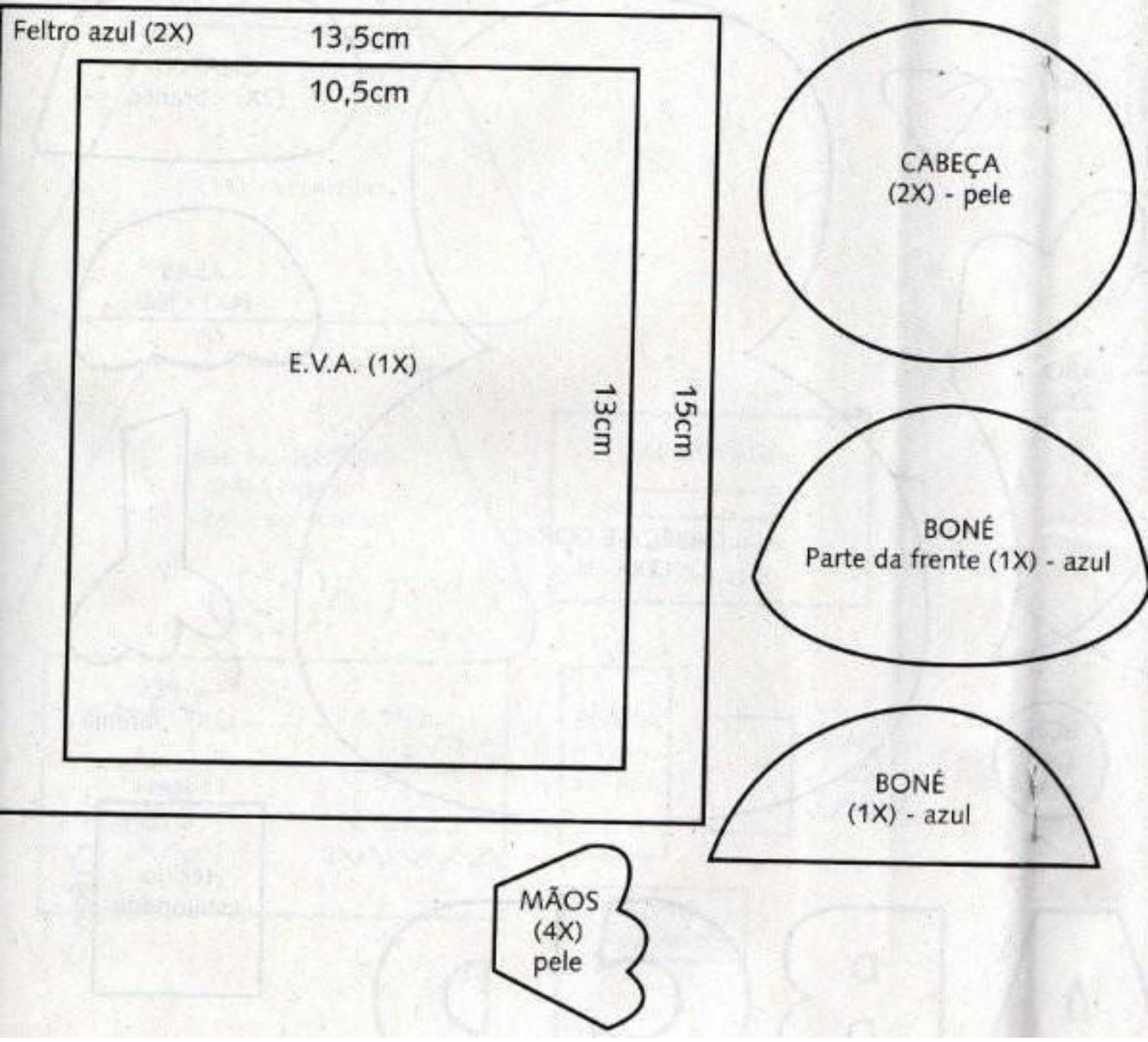

Cachecol infantil - Pág. 08

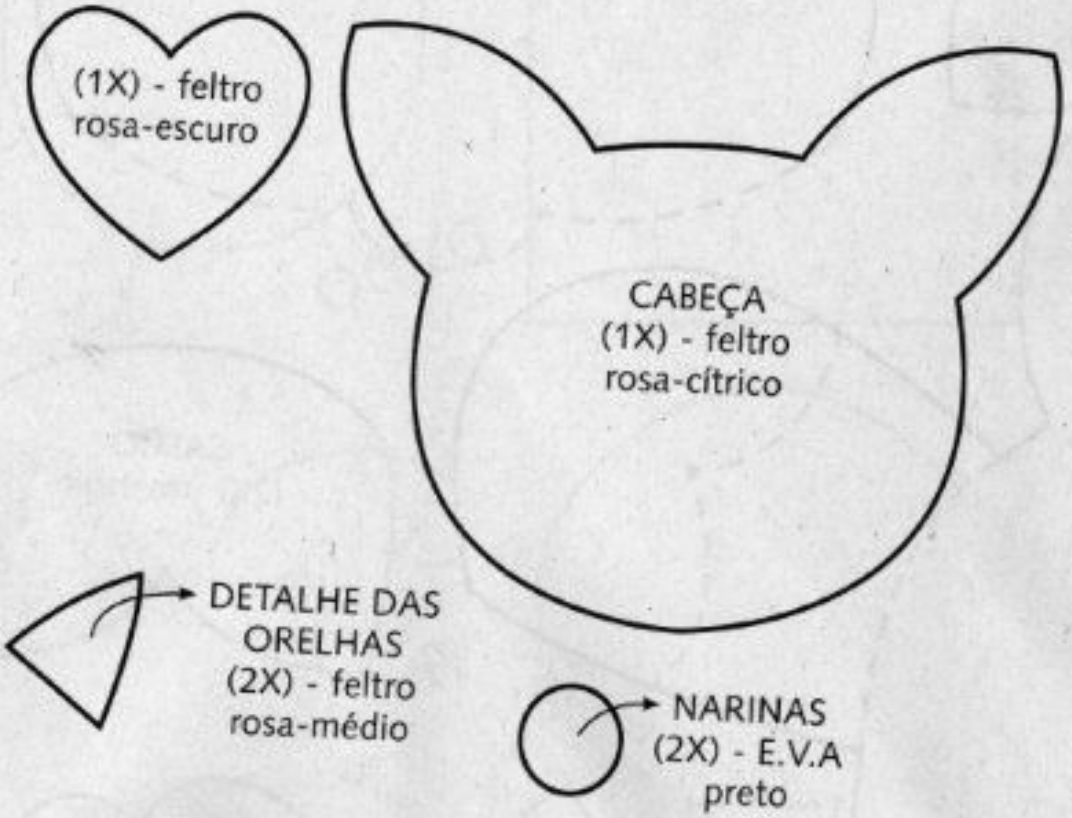

Agulheiro - Pág. 20

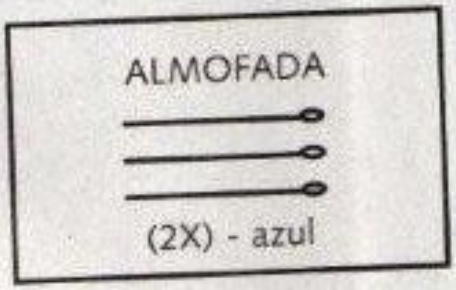

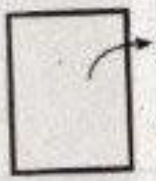

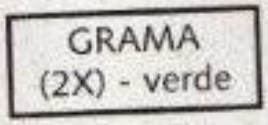

Porta-recado - Pág. 22

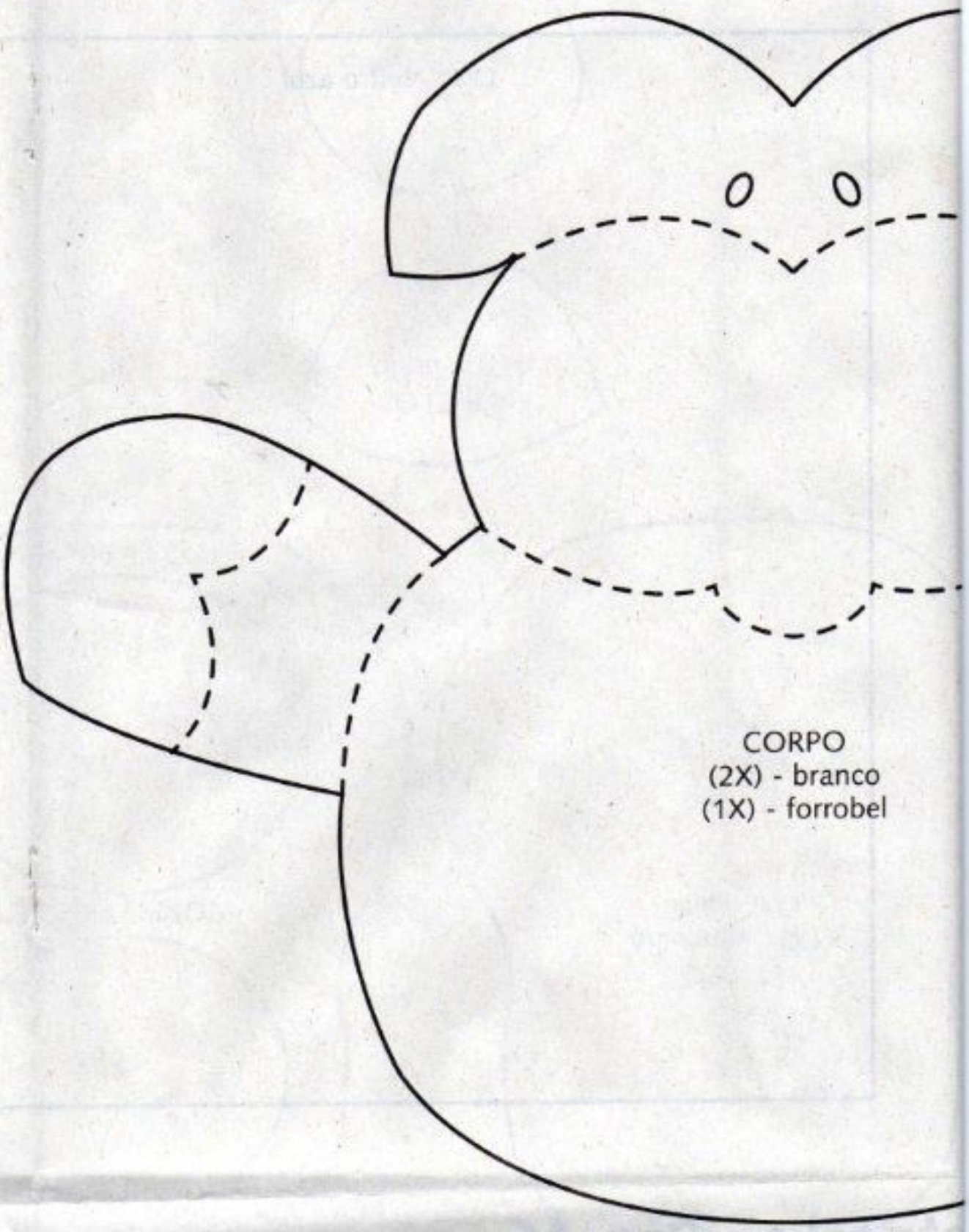

15

Aplique blush nas bochechas.

16

Em seguida, desenhe 3 pintinhas sobre cada bochecha, com a tinta preta no pincel fino.

17

Com a cola lantejoulas, cole os apliques sobre a base do bloco de anotações.

18

Sobre toda volta do porta-recado, faça pintinhas com as tintas Squizz branca e azul.

19

Decore também o boné com a tinta Squizz.

20

Com a cola quente, cole o bloco de anotações sobre a base de feltro.

21

Cole o imã na parte de trás do trabalho.

22

Faça uma pintinha dentro de cada olho com a tinta Squizz branca.

Porta-recado finalizado.

Faça a idéia também para as meninas

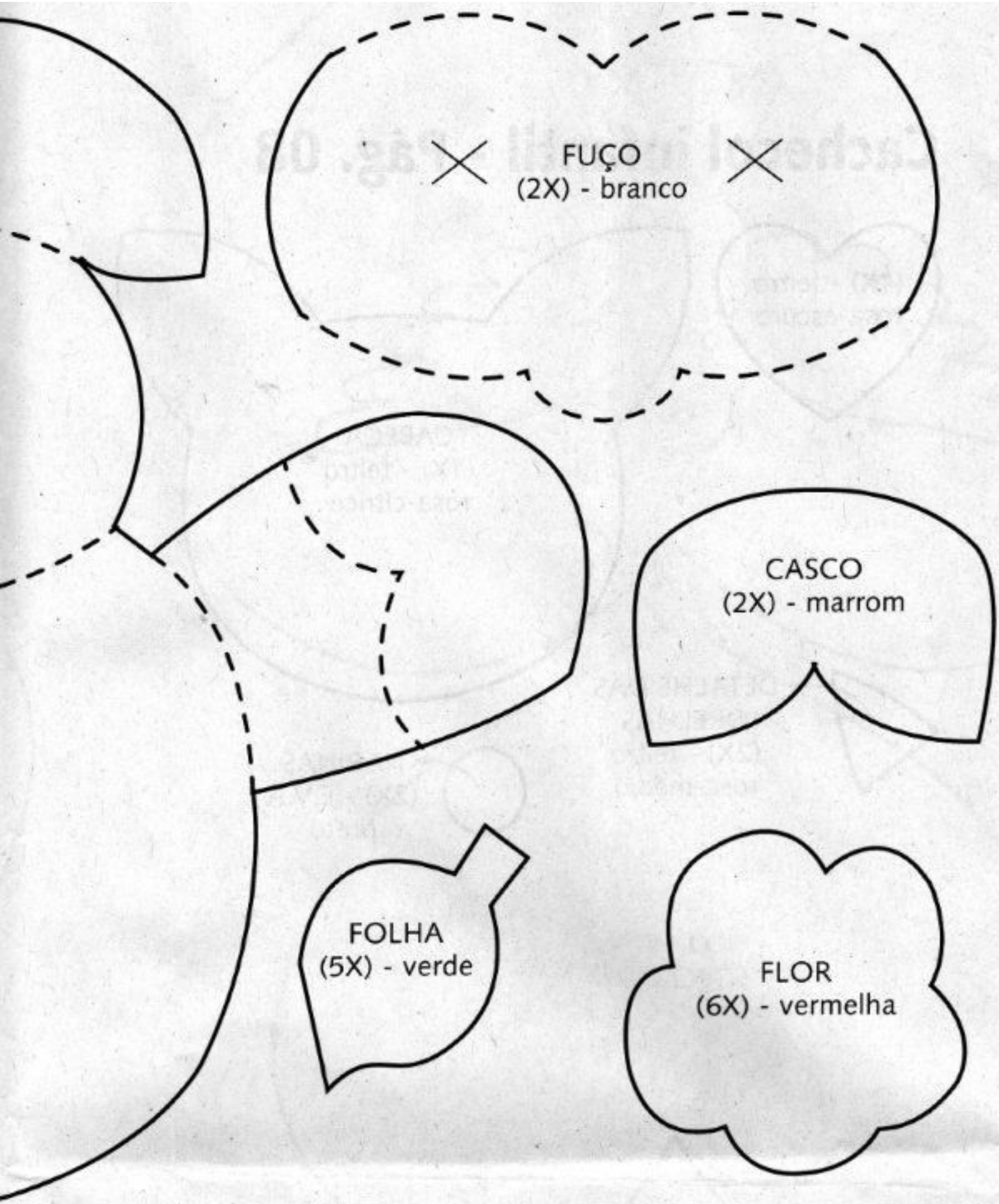
FUÇO
(2X) - branco
CASCO
(2X) - marrom
FOLHA
(5X) - verde
FLOR
(6X) - vermelha

Cegonha - Pág. 26

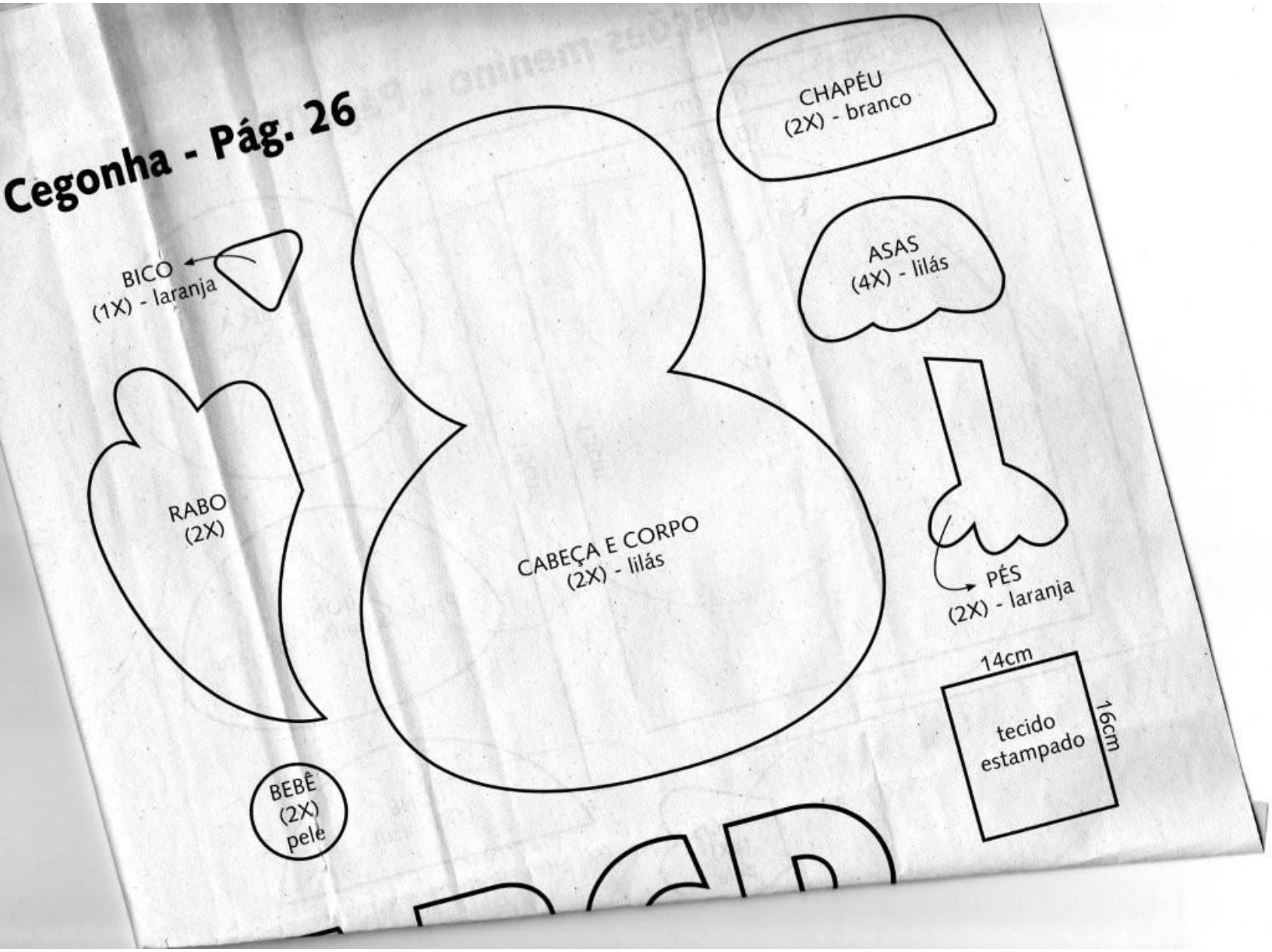

tecido
estampado
16cm
ABCD
EFGHIJ
KLMNO
PQRSTU

VWXYZ

0 1 2 3 4

5 6 7 8 9

Prepare lindos cachecóis

infantis com apliques de feltro para esquentar e divertir a criançada neste inverno

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO
Cristine Terrabu
FOTOS: Sérgio Dotto Junior

Materiais necessários:

Apliques Mirari com formato de borboleta • Pedaço de EVA Kreateva liso preto • Tesouras • Cola EPS Glitter • Soft preto • Feltro Santa Fé nas cores: rosa-cítrico, rosa-médio e rosa-escuro • Caneta permanente preta

Transfira os riscos do porquinho para os feltros.

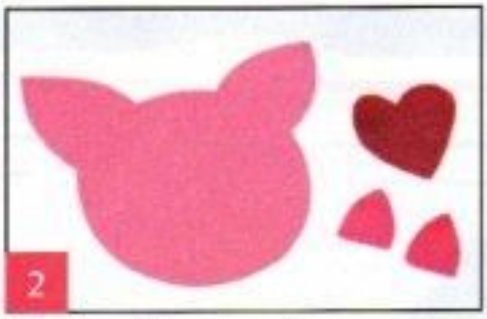

Recorte os feltros com a tesoura, seguindo os riscos.

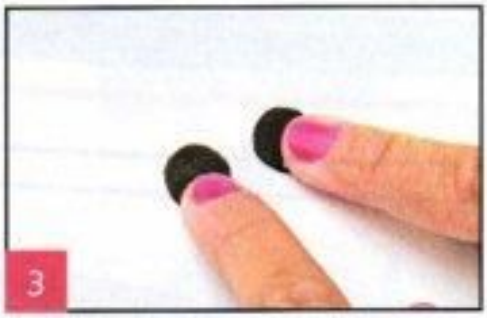

No EVA preto, recorte as narinas.

Aplique cola no avesso da parte cortada para o focinho e cole sobre a cabeça.

Em seguida, cole os detalhes das orelhas.

Cole as narinas de EVA sobre o nariz.

Na parte superior da cabeça, cole um aplique com formato de borboleta.

Desenhe os olhos, cílios e sobrancelhas com a caneta permanente.

Corte uma faixa de 20 cm de comprimento do soft preto. Corte as extremidades da faixa em tiras de 10 cm de comprimento para formar as franjas do cachecol.

Cole os apliques sobre o soft, utilizando a cola EPS.

Em seguida, cole a cabeça do porquinho feito em feltro sobre o cachecol.

Técnica finalizada.

Faça outros modelos em cachecol

Camiseta com apliques

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO:
Cristiae Torchia
FOTOS: Sérgio Dotta Junior

Monte coloridos motivos em feltro para aplicar em suas camisetas

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: azul, amarelo, verde, laranja e rosa-claro • Camiseta • Tesouras • Agulha para costura • Linha rosa para costura • Linha de seda bege • Moldes

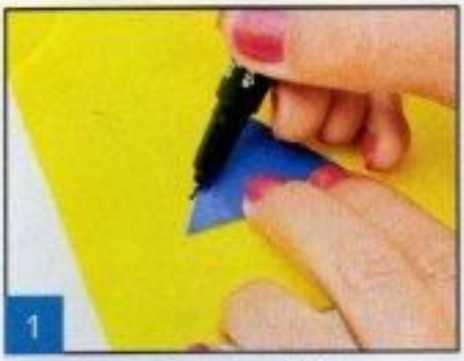

Transfira os riscos dos moldes para os feltros.

Recorte os feltros com a tesoura, seguindo os riscos.

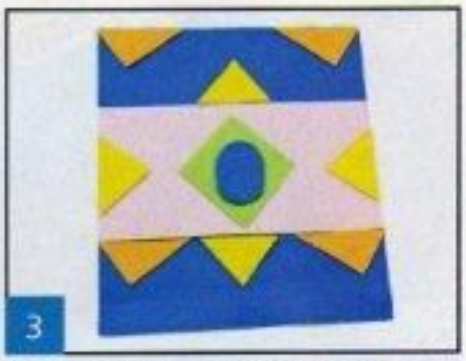

Monte os recortes de feltro sobre a base azul, de acordo com a foto.

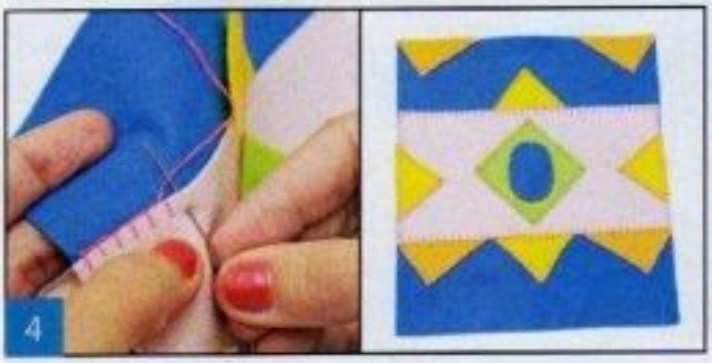

Aplique todos os recortes com pontos caseados, utilizando a linha rosa.

Em seguida, aplique o patchwork de feltro sobre a camiseta, com pontos caseados.

Sobre o caseado, faça uma carreira de ponto baixo, utilizando a linha de seda bege. Faça o mesmo na gola da camiseta.

Técnica finalizada.

Realce a decoração do quarto infantil com dinossauros em feltro

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO: Walkiria Rimolka
COLABORAÇÃO: Feltros Santa Fé
FOTOS: Rogério Andrade

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé na cor azul-clara • Botões coloridos • Linha para costura Gutermann azul • Linha para pesponto Gutermann azul • Tinta para tecido preta • Pincel de ponta fina • Tesoura simples • Agulha para costura • Alfinetes • Bolinhas pretas • Moldes de acetato ou cartolina

1 Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro. Recorte-os com a tesoura.

2 Sobreponha as partes duplas cortadas para as patas e chuleie toda volta, deixando uma pequena abertura para colocar o enchimento.

3 Coloque o enchimento acrílico pela abertura deixada, até que a peça fique bem firme.

4 Feche a abertura com pontos chuleados e repita o mesmo em todas as partes.

Coleção

Trabalhos em feltro

MINUANO

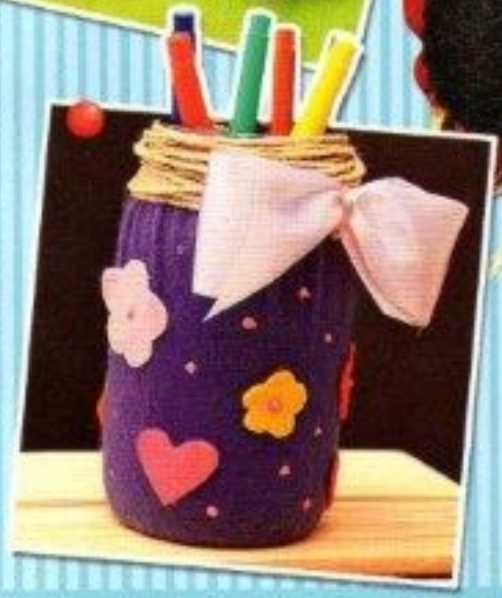

Ano I - Nº 07
R$ 5,90
€ 2,60

Sugestões para enfeitar o quarto, a sala ou o jardim com muito charme!

www.vocesocializando.com.br

Chaveiro baleia

QUEM GOSTA DE MODELOS MARINHOS VAI SE AMARRAR NESTA SUGESTÃO, QUE TRAZ EM FORMATO DE CHAVEIRO UMA GRACIOSA BALEIA

Criação e execução: Walkiria Klimeika
Colaboração: Peltros Santa Fé
Fotos dos passos: Eduardo Fragoso
Foto de abertura: José Roberto Ina

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: branco e preto • Linha para costura nas cores: branco e preto • Tesoura simples • 2 bolinhas pretas de 5 mm • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Alfinetes • Base para chaveiro • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para os feltros. Recorte-os com a tesoura.

Encaixe o detalhe de feltro branco na parte interna do corpo da baleia e cole com cola quente.

Costure todo contorno do corpo da baleia com pontos chuleados, utilizando a linha preta nas partes de feltro preto e a linha branca nas partes de feltro branco. Deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento acrílico no corpo, até que fique bem firme. Feche as partes abertas com pontos chuleados.

Passe com a agulha de um lado para o outro da cabeça, saindo na altura dos olhos. Passe uma bolinha na agulha.

Volte com a agulha para o ponto inicial, passe outra bolinha e amarre o fio, formando os olhos.

Cole uma nadadeira em cada lateral do corpo.

Entre com a agulha grossa na parte superior da cabeça e faça pressão para formar o furo.

Encaixe a argola da base do chaveiro no furo.

Chaveiro finalizado.

Enfeite para vaso

PARA O VASO DO JARDIM, UM CHARMOSO ENFEITE CONFECCIONADO EM FELTRO, E VOCÊ PODE CRIAR MUITOS OUTROS MODELOS A PARTIR DESTA IDÉIA

Criação e execução: Walkiria Elizeline
Fotos dos passos: Ricardo Frugoso
Foto de abertura: José Roberto Iss

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: amarelo, telha, amarelo e preto • Retalhos de tecidos estampados • Flor de biscuit • Linha para pesponto Gutermann nas cores: branca e preta • Tesoura simples • Tinta para tecido nas cores: preta e branca • Pincel liner • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Alfinetes • Pau de canela • Palha da costa • Musgo • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para os feltros e para o tecido. Recorte-os com a tesoura.

Aplique com ponto palito os tecidos sobre o feltro recortado para o vaso, utilizando a linha de pesponto preta.

Aplique a parte superior do vaso com ponto de alinhavo, utilizando a linha branca.

Sobreponha as partes do vaso e costure toda volta com pontos de alinhavo, utilizando a linha branca.

Coloque um pouco de enchimento acrílico no fundo do vaso.

Sobreponha a parte das asas e costure toda volta com pontos de alinhavo.

Sobreponha as partes da cabeça e costure toda volta com pontos de alinhavo, deixando uma pequena abertura para colocar o enchimento. Coloque o enchimento acrílico na cabeça até que a peça fique bem firme. Feche a abertura deixada para o enchimento com pontos de alinhavo.

Cole o bico sobre o centro da cabeça.

Em seguida, cole a cabeça sobre as asas.

Cole a parte inferior das asas do corvo dentro do vaso e o musgo na borda do vaso.

Cole a flor de biscuit na lateral do vaso.

Molhe a cabeça do alfinete na tinta branca e carimbe os olhos.

Em seguida carimbe a tinta preta dentro dos olhos.

Com a palha da costa, faça um laço sobre o pau de canela.

Cole o pau de canela na parte de trás do vaso.

Fantoche

PARA ALEGRAR A CRIANÇADA, NADA MELHOR DO QUE UM ANIMADO TEATRO DE FANTOCHES. E VOCÊ MESMO PODE DESENVOLVER LINDOS MODELOS A PARTIR DESTA CRIATIVA SUGESTÃO

Criação: Marcelo Derghan
Execução: Elaine Cristiane Anselmo
Fotos dos passos: Rogério Andrade
Foto de abertura: José Roberto Sá

Materiais necessários:

Feltro nas cores: roxo, rosa-escuro, azul-claro, amarelo-ouro, amarelo-claro, verde-claro e verde-escuro • Linha para bordar • Agulha nº 8 • Tesoura simples • Cola quente • Tinta relevo: vermelha e preta

Transfira o risco do fantoche para o feltro verde-claro e recorte.

Sobreponha as partes cortadas para o corpo do fantoche.

Costure toda volta do feltro com pontos caseados, deixando a parte inferior aberta.

Casele a parte inferior do feltro sem unir as partes.

Recorte os detalhes da boneca nas outras cores de feltro, seguindo os moldes.

Com a cola quente, cole as bolinhas no rosto da boneca.

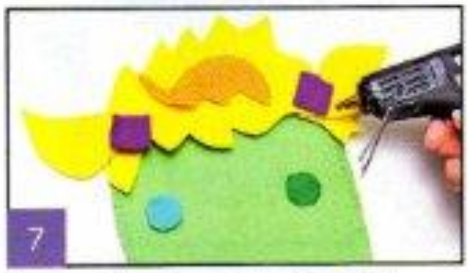

Em seguida, cole as partes do cabelo.

Com a tinta relevo preta desenhe os olhos e, com a tinta vermelha, desenhe a boca e as pintinhas na bochecha.

Fantoche boneca finalizado.

Monte lindos fantoches com esta técnica

Manuela

APRENDA A CONFECCIONAR A MANUELA E APROVEITE ESTA IDÉIA PARA FAZER ROUPA, SAPATOS E CABELO EM CORES VARIADAS DE FELTRO, JÁ QUE ELAS SÃO APENAS ENCAIXADAS NA BONECA

Materiais necessários:

Feltro nas cores: amarelo, pele, rosa, vermelho e azul • Miçangas e lantejoulas vermelhas • Miçangas preta e brancas • Linha para costura nas cores: vermelha, bege, rosa, amarela, preta e azul • Tesoura simples • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Lápis • Alfinetes • Moldes de EVA

Transfira os moldes para o EVA e passe-os para os feltros.

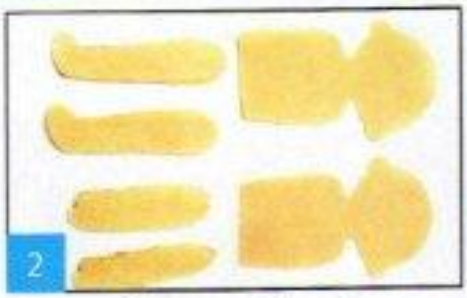

Recorte os feltros, seguindo os riscos.

Sobreponha as partes do corpo e costure toda volta com pontos caseados, utilizando a linha bege. Deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

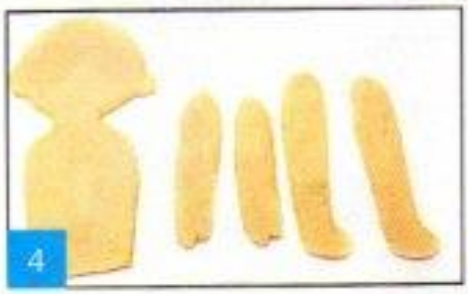

Repita o mesmo em todas as partes do corpo.

Coloque o enchimento acrílico pela abertura, até que a peça fique bem firme.

Feche a abertura deixada para colocar o enchimento, costurando com pontos caseados.

Criação/execução: Sueli Nascimento
Fotos: José Roberto Ita

Costure os braços nas laterais e as pernas na parte inferior do corpo.

Insira a agulha com linha preta na altura dos olhos da boneca e passe 1 miçanga na ponta.

Dê um ponto no feltro e volte com a agulha por dentro da miçanga.

Volte com a agulha para o outro lado da cabeça e puxe bem o fio para vincar. Costure o outro olho da mesma forma.

Com a linha vermelha, faça a boca, bordando com ponto atrás.

SAPATO, CABELO, VESTIDO E BOLSA

Sobreponha as partes cortadas para o sapato e cascie toda volta, deixando apenas a parte superior aberta.

Repita o mesmo com a bolsa, cabelo e vestido.

Borde os detalhes dos cabelos, aplicando miçangas e lantejoulas vermelhas.

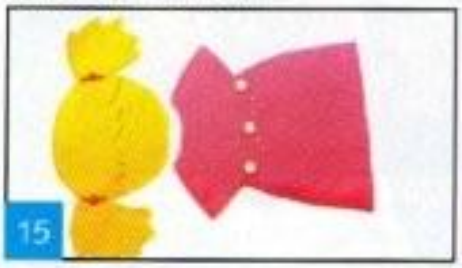

Em seguida, borde os botões e as miçangas brancas na frente do vestido.

Costure as laterais do vestido com pontos caseados.

MONTAGEM

Vista a boneca com o vestido, os sapatos, o cabelo e a bolsa.

Se desejar, coloque a boneca sobre o abajur para finalizar.

Nossa Senhora Aparecida

OS DEVOTOS DE NOSSA SENHORA APARECIDA VÃO SE ENCANTAR COM ESTA LINDA IDÉIA CONFECCIONADA EM FELTRO

PREÇO MÉDIO DE CUSTO: R$ 10,00
VALOR SUGERIDO PARA VENDA: R$ 25,00
GRAU DE DIFICULDADE: Médio

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: azul-marinho, marrom e preto • Sianinha dourada • Galão dourado • Paetês dourados em formato de flor • Linha para costura nas cores: marrom e preta • Areia • Terço de dedo • Tesoura simples • Tinta para tecido preta • Pincel liner • 2 bolinhas pretas de 5 mm • Blush • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Alfinetes • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

Criação e execução: Walkiria Klimelka
Colaboração: Feltros Santa Fé
Fotos dos passos: Eduardo Fragoso
Foto de abertura: José Roberto Ivo

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro. Recorte-os com a tesoura.

Sobreponha as partes dos braços e costure toda volta com pontos chuleados, utilizando a linha marrom. Deixe a parte superior aberta para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento acrílico nos braços, até que fiquem bem firmes. Feche as partes abertas com pontos chuleados.

Costure as três partes da cabeça com pontos chuleados, deixando uma parte aberta para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento acrílico na cabeça, até que a peça fique bem firme. Feche a abertura com pontos chuleados.

Costure todo contorno das partes do corpo e aplique o fundo, deixando uma pequena abertura para colocar o enchimento.

Coloque um pouco de enchimento acrílico no corpo.

Em seguida, coloque o saquinho com areia e feche a abertura com pontos chuleados.

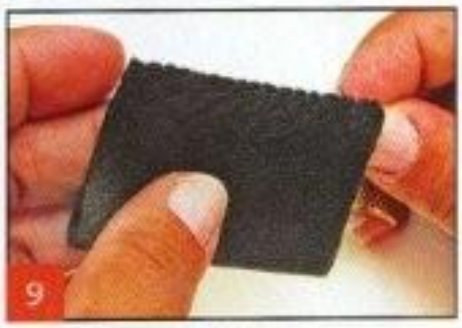

Dobre as mangas ao meio e costure com pontos chuleados.

Em seguida, chuleie uma das extremidades da manga e volte com a agulha, franzindo o feltro. Repita o mesmo na outra manga.

Aplique um pingo de cola em cada braço e fixe um em cada manga.

Cole as mangas nas laterais do corpo.

Boneca

REPRODUZA ESTE LINDO MODELO EM FORMA DE BONECA, UTILIZANDO AS CORES DE FELTRO DE SUA PREFERÊNCIA

Criação e execução: Walkiria Klinczka
Fotos dos passos: Eduardo Frugoni
Foto de abertura: José Roberto Ita

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: vermelho e pele • Tecido com estampa floral • Linha para pesponto Gutermann branca • Linha para costura bege • Palha da costa • Lã pérola marrom • Tesoura simples • Tinta para tecido nas cores: preta e branca • Pincel liner • 2 miçangas pretas • Blush • Enchimento acrílico • Fio de rami • Agulha para costura • Alfinetes • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

Em seguida, cole a pala na parte superior do corpo.

Entre com a agulha na parte de trás da cabeça, saindo com ela na altura dos olhos (do meio da cabeça para baixo). Passe 1 bolinha preta na ponta.

Volte com a agulha para a parte de trás da cabeça e amarre os fios para arrematar. Repita o mesmo trabalho para fazer os dois olhos.

Aplique cola na parte superior do corpo e cole a cabeça.

Molhe o pincel na tinta preta e pinte os cílios ao redor das bolinhas.

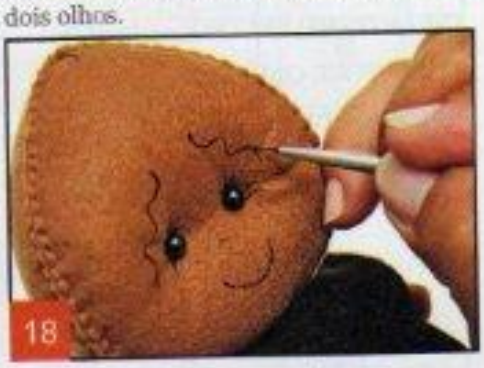

Desenhe também o nariz, a boca e as sobrancelhas com a tinta preta no pincel.

Com a cola quente, cole a sianinha dourada em toda volta do manto cortado no feltro azul-marinho.

Em seguida, cole os paetês com formato de flor sobre o manto.

Posicione o manto ao redor da cabeça e cole-o.

Cole o galão ao redor da cabeça, formando a coroa.

Cole o terço de dedo ao redor de uma das mãos.

Nossa Senhora finalizada.

Piu-piu

REALCE A DECORAÇÃO DO QUARTO INFANTIL MONTANDO CHARMOSOS PERSONAGENS INFANTIS EM FELTRO, COMO VOCÊ CONFERE NESTE MODELO

Criação e execução: Walkíria Klimeika
Fotos dos passos: Eduardo Fragoso
Foto de abertura: José Roberto Isa

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: branco, preto, amarelo, vermelho, pink e azul-turquesa • Arame fino preto • Linha para costura nas cores: amarelo e laranja • Tesoura simples • Tinta para tecido preta • Pincel liner • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Alfinetes • Cola quente • Ventosa • Fio de náilon • Moldes de acetato ou cartolina

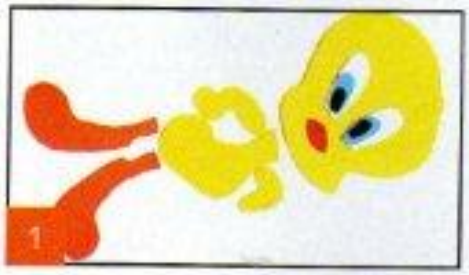

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para os feltros. Recorte-os com a tesoura.

Sobreponha as partes dos olhos e cole-as.

Em seguida, cole os olhos e a boca na parte da cabeça, utilizando cola quente.

Sobreponha as partes da cabeça e costure toda volta com pontos chuleados, utilizando a linha amarela. Deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento acrílico na cabeça, até que a peça fique bem firme. Feche as partes abertas com pontos chuleados.

Passe o arame pelas costuras no alto da cabeça e corte o excesso, formando os cabelos.

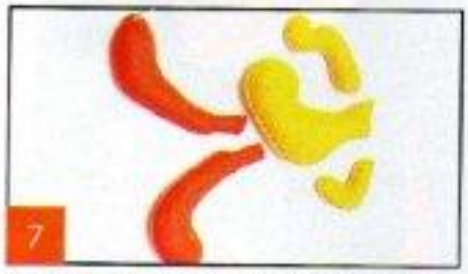

Costure todo contorno das outras partes com pontos chuleados, coloque o enchimento acrílico e feche as aberturas com pontos chuleados.

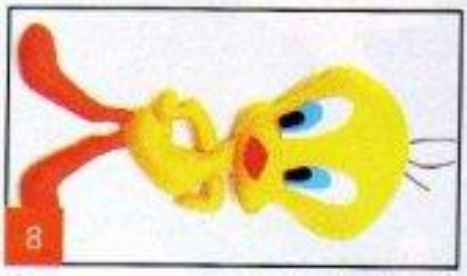

Cole o corpo na parte inferior da cabeça, os braços nas laterais do corpo e as pernas na parte inferior.

Faça um laçinho no feltro rosa e cole no pescoço do piu-piu.

Com a tinta preta na ponta do pincel desenhe os pés, os cílios e as sobrancelhas.

Passe um fio de náilon no alto da cabeça e amarre a outra ponta na ventosa.

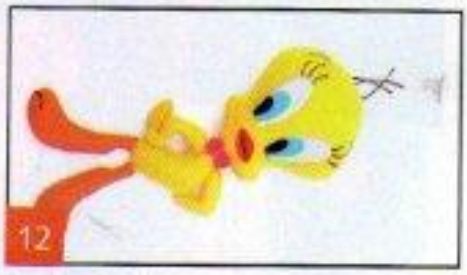

Piu-piu finalizado.

Porta-caneta

VALORIZE O VISUAL DO POTE DE VIDRO, FAZENDO UMA LINDA DECORAÇÃO COM FELTRO PARA TRANSFORMÁ-LO NUM CHARMOSO PORTA-CANETA

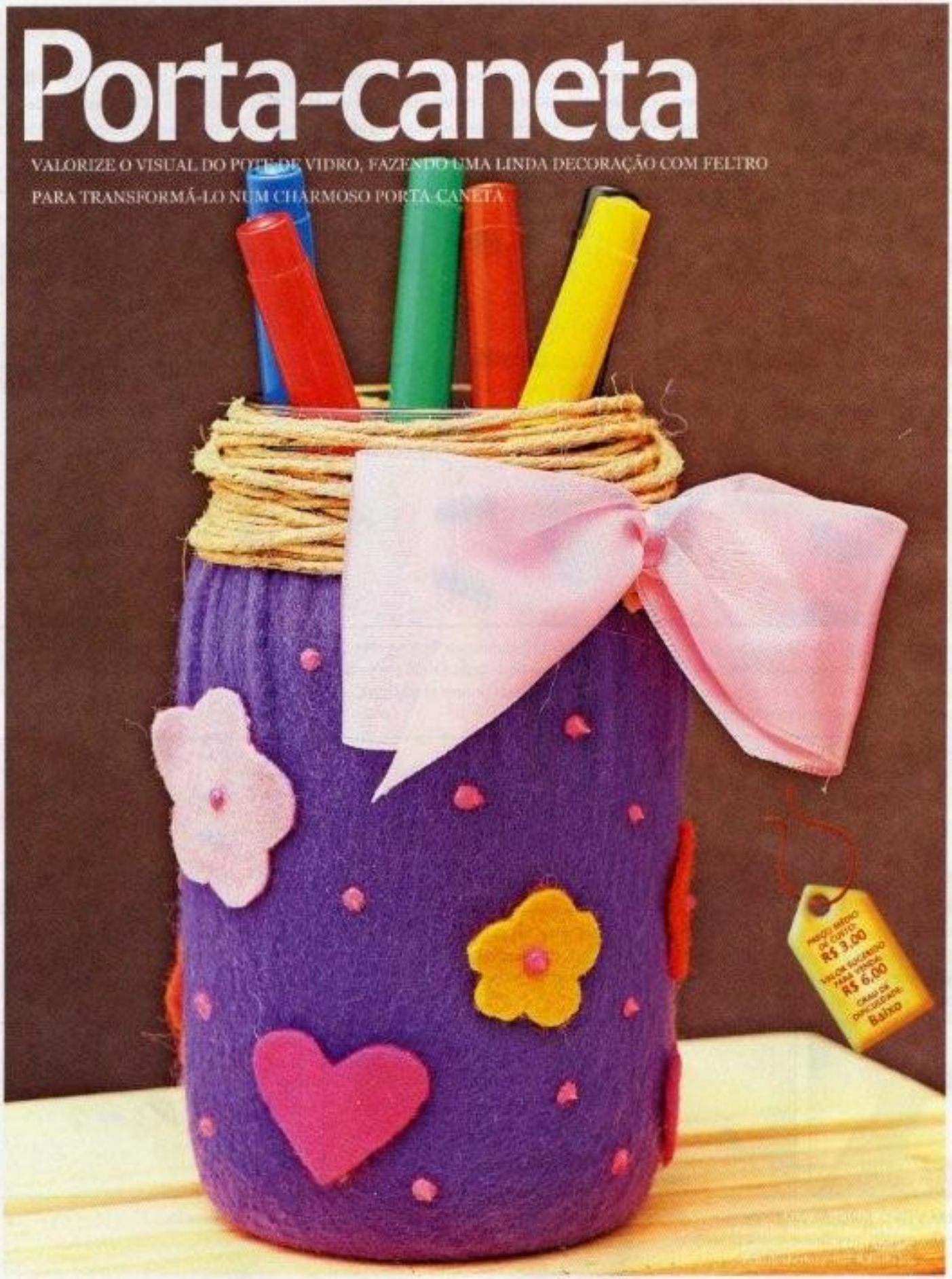

Materiais necessários:

Feltro nas cores: roxo, rosa-claro, rosa-cítrico, rosa-escuro, azul-claro, azul-escuro, laranja e amarelo • 1 pote de vidro • Fio de rami • Barbante • Fita de cetim rosa nº 5 e nº 0 • Tesoura simples • Cola quente • Tinta relevo rosa

Corte um quadrado no feltro roxo com 40 x 40 cm.

Posicione o vidro no centro do quadrado de feltro e una as pontas acima do vidro.

Amarre o feltro nas bordas do vidro, utilizando o barbante. Dê dois nós bem apertados.

Puxe bem o feltro na parte superior, esticando-o no vidro.

Corte o excesso de feltro na parte superior do vidro, deixando-o rente ao barbante.

Enrole o fio de rami na parte superior do vidro, dando várias voltas até cobrir o barbante.

Corte os feltros de tons rosa, amarelo e laranja de acordo com os moldes.

Em seguida, faça um laço com a fita de cetim larga e amarre o meio com a fita mais fina.

Cole o laço de fita sobre o arremate do nó feito no fio de rami.

Em seguida, cole as flores e corações recortados no feltro sobre toda volta do feltro que reveste o vidro.

Desenhe o miolo das flores e faça pontinhos sobre o trabalho, utilizando a tinta relevo rosa.

Porta-caneta finalizado.
Monte esta idéia em outras cores de feltro

Cãonino

CAPRICHE NA DECORAÇÃO DO QUARTO INFANTIL, REPRODUZINDO ESTE CHARMOSO CÃOZINHO EM FELTRO

Criação e execução: Sueli Nascimento
Fotos: José Roberto Isa

Materiais necessários:

Feltro nas cores: amarelo e preto • Miçangas nas cores: branca e preta • Linha para costura nas cores: preta e amarela • 2 botões pretos para os olhos • Tesoura simples • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Lápis nas cores: branco e preto • Alfinetes • Moldes de EVA

1 Transfira os moldes para o EVA e corte, seguindo os riscos.

2 Passe os riscos para o feltro, utilizando o lápis.

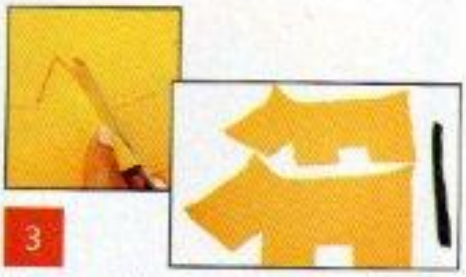

3 Recorte o feltro com a tesoura. Corte duas partes para o corpo e uma parte para a coleira.

5 Sobreponha as partes do corpo do cachorro e costure toda volta com pontos caseados, utilizando a linha amarela. Deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

6 Com a linha preta na agulha, faça vários pontos no feltro para formar o nariz do cachorro.

7 Coloque o enchimento acrílico pela abertura, até que a peça fique bem firme.

8 Feche a abertura deixada para colocar o enchimento, costurando com pontos caseados.

9 Coloque a linha preta na agulha e entre com ela na altura dos olhos do cachorro, atravessando a agulha de um lado para outro. Passe um botão na agulha.

10 Puxe bem o fio e volte com a agulha para o outro lado. Costure outro botão e arremate o fio, puxando bem para vincar.

11 Entre com a agulha no feltro preto cortado para a coleira do cachorro. Passe 3 miçangas na agulha. Borde a coleira de 3 em 3 miçangas, dando espaço de 5 cm entre elas.

12 Costure a coleira no corpo do cachorro.

13 Cachorro finalizado.

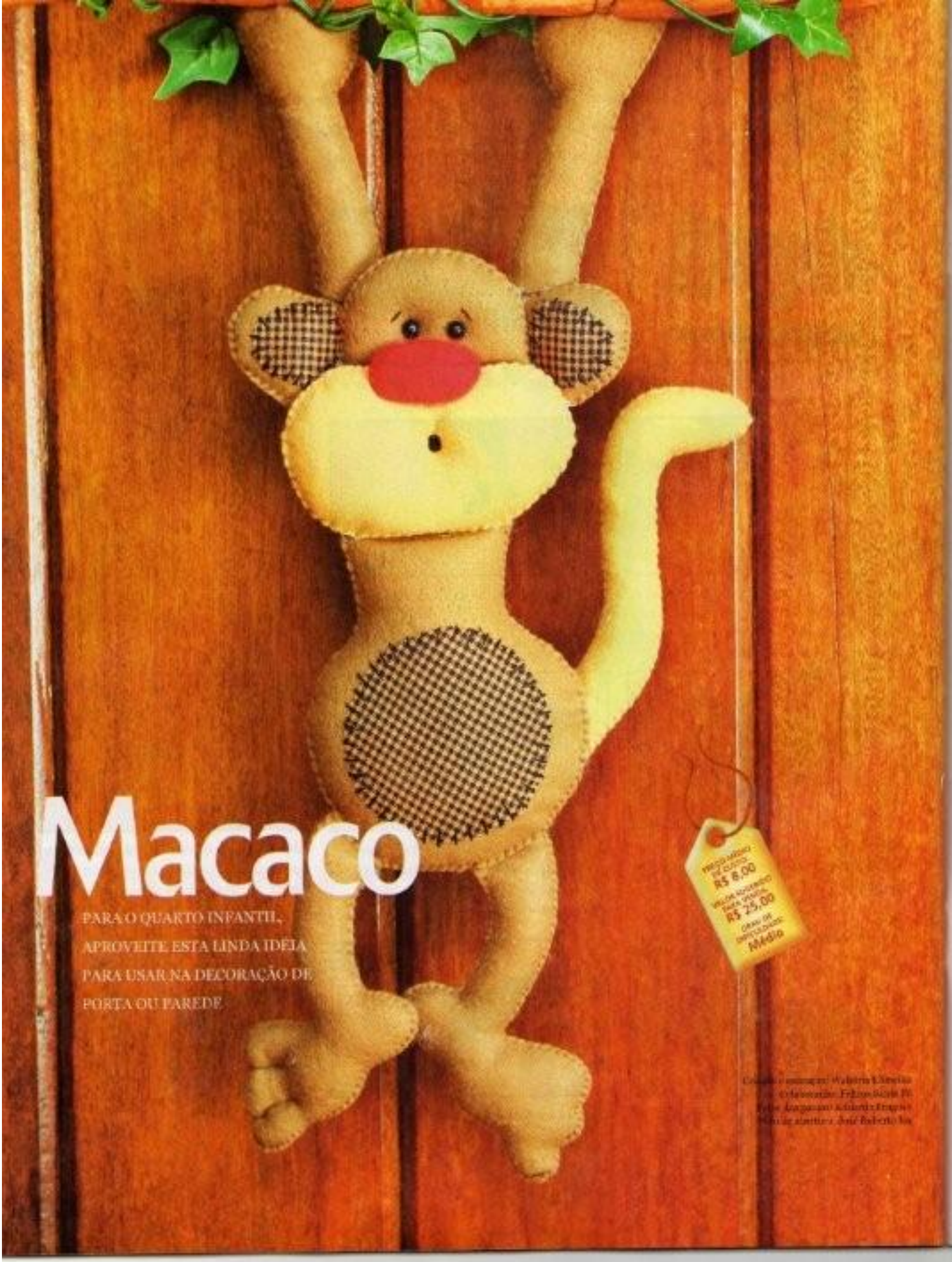

Macaco

PARA O QUARTO INFANTIL, APROVEITE ESTA LINDA IDÉIA PARA USAR NA DECORAÇÃO DE PORTA OU PAREDE.

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé nas cores: marrom, vermelho e bege • Retalho de tecido com estampa quadriculada • Linha para pesponto Gutermann preta • Linha para costura nas cores: marrom, bege e vermelha • folhagem artificial de hera • Tesoura simples • Tinta para tecido nas cores: preta e branca • Pincel liner • 2 bolinhas pretas de 5 mm • Blush • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Alfinetes • Pau de canela • Fio de rami • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

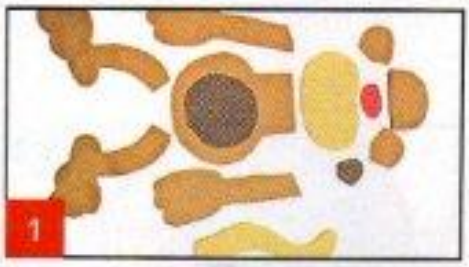

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro e para o tecido. Recorte-os com a tesoura.

Aplique com ponto palito os tecidos das orelhas e da barriga, utilizando a linha de pesponto preta.

Sobreponha todas as partes, com exceção do corpo, e costure toda volta com pontos chuleados. Use as cores de linha correspondentes aos feltros. Deixe a parte inferior aberta para colocar o enchimento.

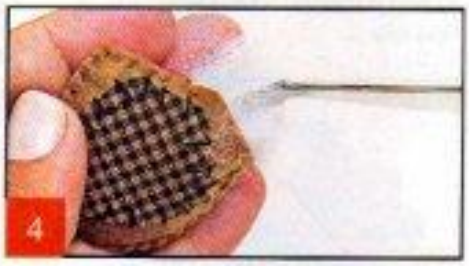

Coloque o enchimento acrílico em todas as partes, até que fiquem bem firmes.

Feche as partes abertas com pontos chuleados.

Costure toda volta do corpo, já aplicando as pernas, com pontos chuleados. Deixe uma abertura na parte superior do corpo para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento acrílico no corpo até que a peça fique bem firme.

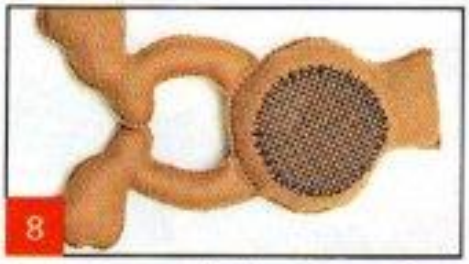

Feche a abertura deixada para o enchimento com pontos chuleados.

Dobre a linha de costura marrom em quatro e coloque-a na agulha e faça um arremate na parte de trás do pé do macaco.

Suba com a agulha e faça pontos de alinhavo para marcar o dedo do pé. Puxe bem a linha para vincar e arremate no ponto inicial.

Repita o mesmo para marcar os outros dedos e marque também os dedos do outro pé.

Cole a parte superior da cabeça nas bochechas.

Em seguida, cole as orelhas nas laterais da cabeça e o nariz entre a cabeça e bochechas.

Cole a cabeça sobre o corpo.

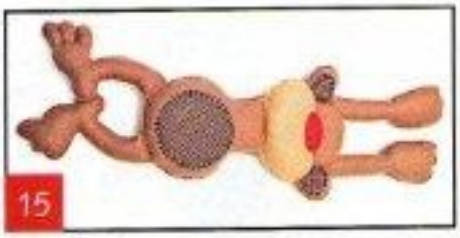

Atrás das orelhas cole os braços.

Cole o rabo na lateral do corpo.

Entre com a agulha na parte de trás da cabeça, saindo com ela na altura dos olhos. Passe 1 bolinha preta na ponta.

Volte com a agulha para a parte de trás da cabeça e amarre os fios para arrematar. Repita o mesmo trabalho para fazer os dois olhos.

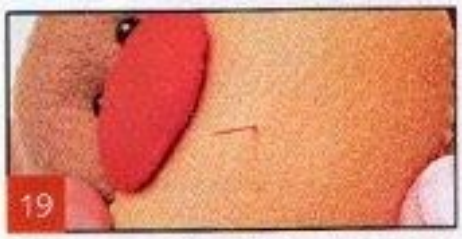

Entre com a agulha atrás da cabeça e saia com ela no local da boca do macaco.

Volte com a agulha para a parte de trás da cabeça, fazendo pressão para marcar a boca.

Fixe o pau de canela nas mãos do macaco, costurando com pontos largos.

Enrole a folhagem de hera no pau de canela.

Amarre um pedaço de rami nas pontas do pau de canela.

Aplique blush nas bochechas.

Molhe o cabo do pincel na tinta preta e desenhe as sobrancelhas.

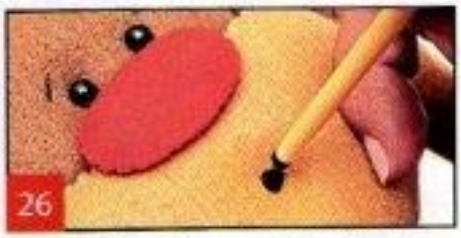

Em seguida, molhe a ponta do pincel na tinta preta e carimbe a boca do macaco.

Com a tinta branca no pincel, desenhe uma vírgula no nariz.

Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro e para o tecido. Recorte-os com a tesoura.

Com a linha de pesponto branca, alinhave toda volta das partes do coração. Deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento acrílico pela abertura, até que a peça fique bem firme.

Sobreponha as partes cortadas para os braços e costure toda volta com pontos chuleados, utilizando a linha bege.

Coloque o enchimento acrílico pela abertura, até que a peça fique bem firme.

Costure a parte superior dos braços com pontos chuleados e volte com a agulha por dentro do feltro, franzindo-o.

Sobreponha as partes do corpo e costure toda volta com pontos chuleados. Deixe uma pequena abertura para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento acrílico no corpo, até que fique bem firme. Feche a parte aberta com pontos chuleados.

Costure os braços nas laterais do corpo.

Costure as laterais do vestido, pelo avesso, com ponto atrás.

Vire o vestido no lado avesso e coloque-o no corpo da boneca.

Faça uma meada de lã ao redor dos dedos, dando cerca de 20 voltas.

Boneca - Pág. 05

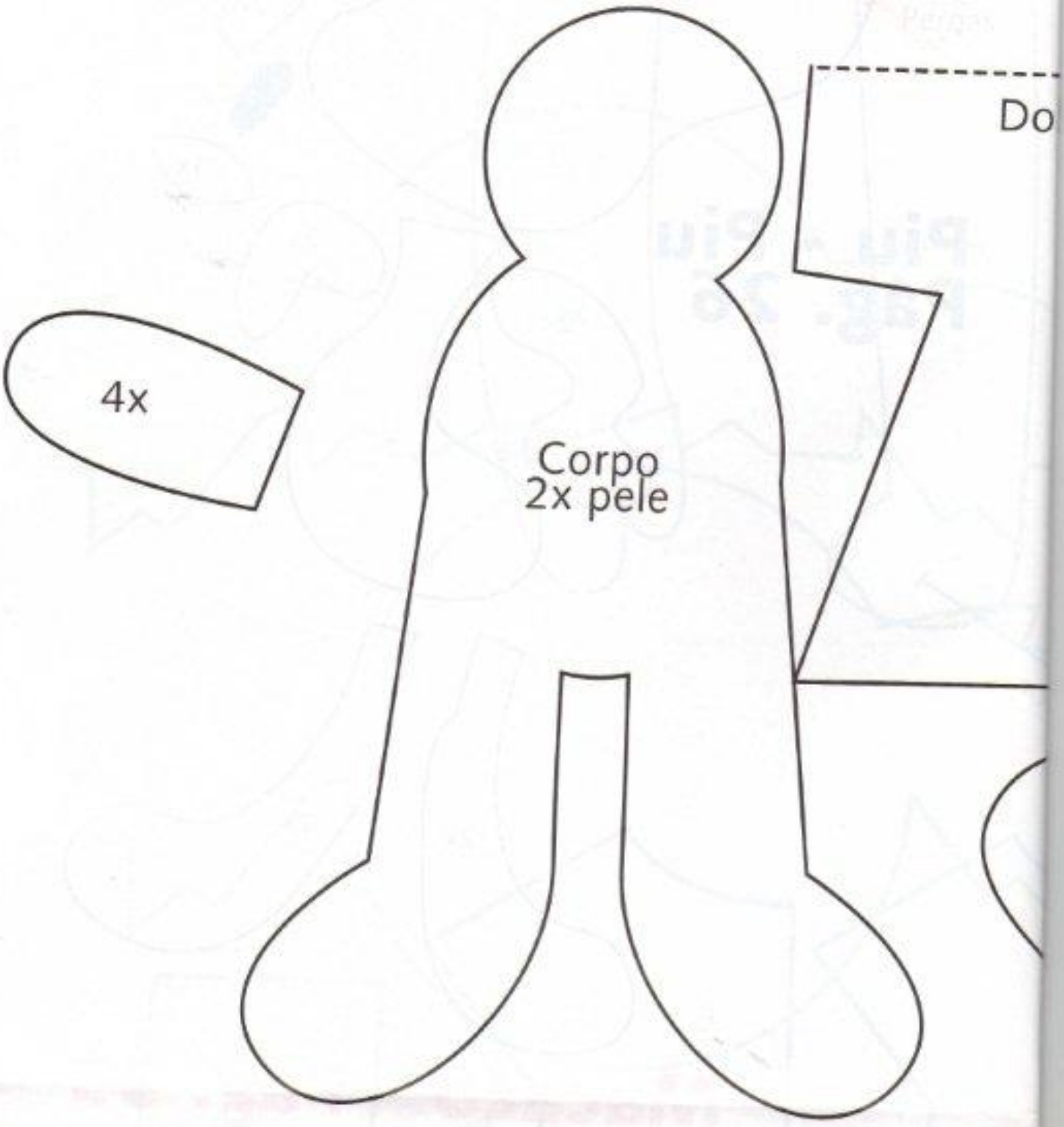

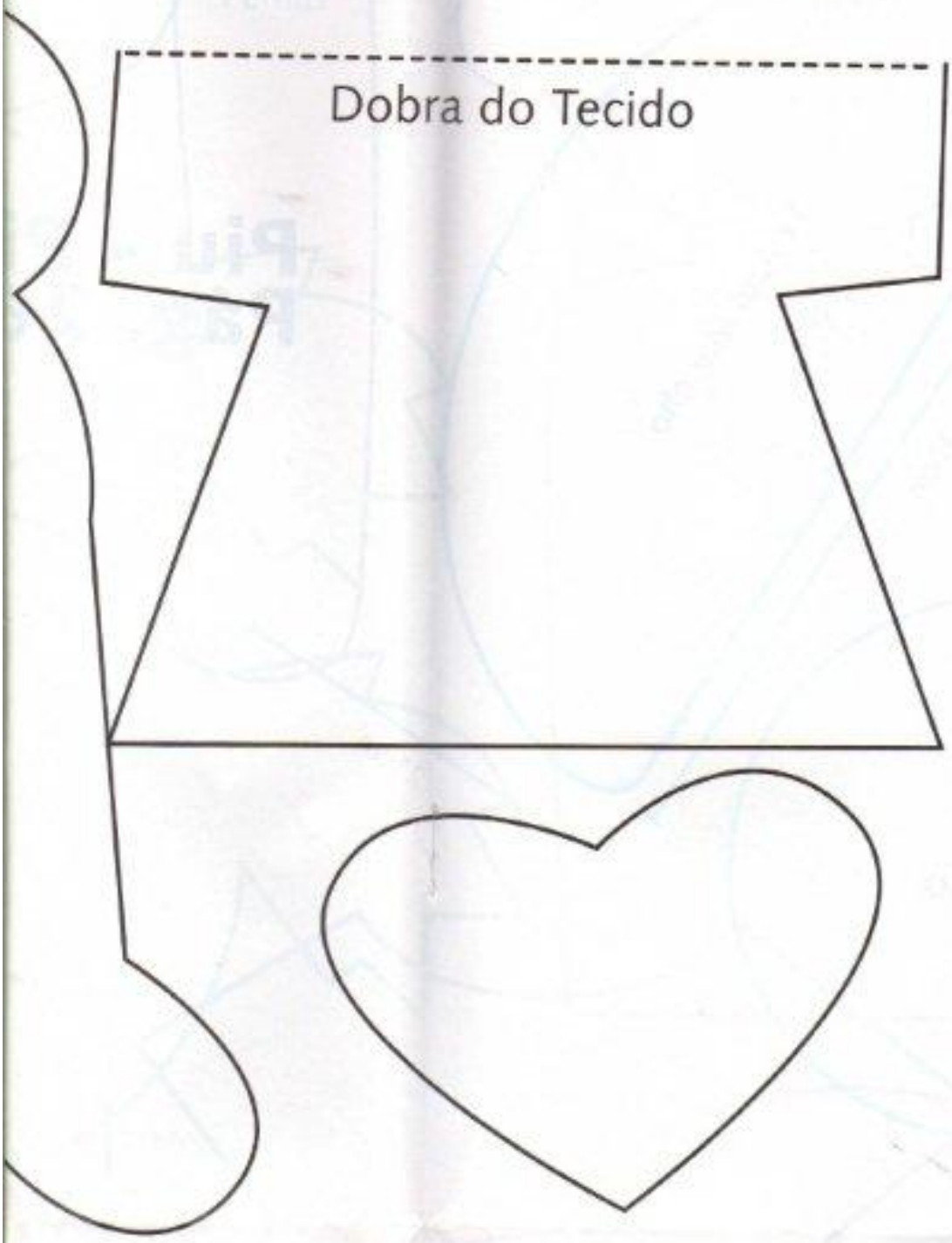
Dobra do Tecido

Enfeite de porta - l

vaso - Pág. 16

1x algod

e de porta - Pág. 09

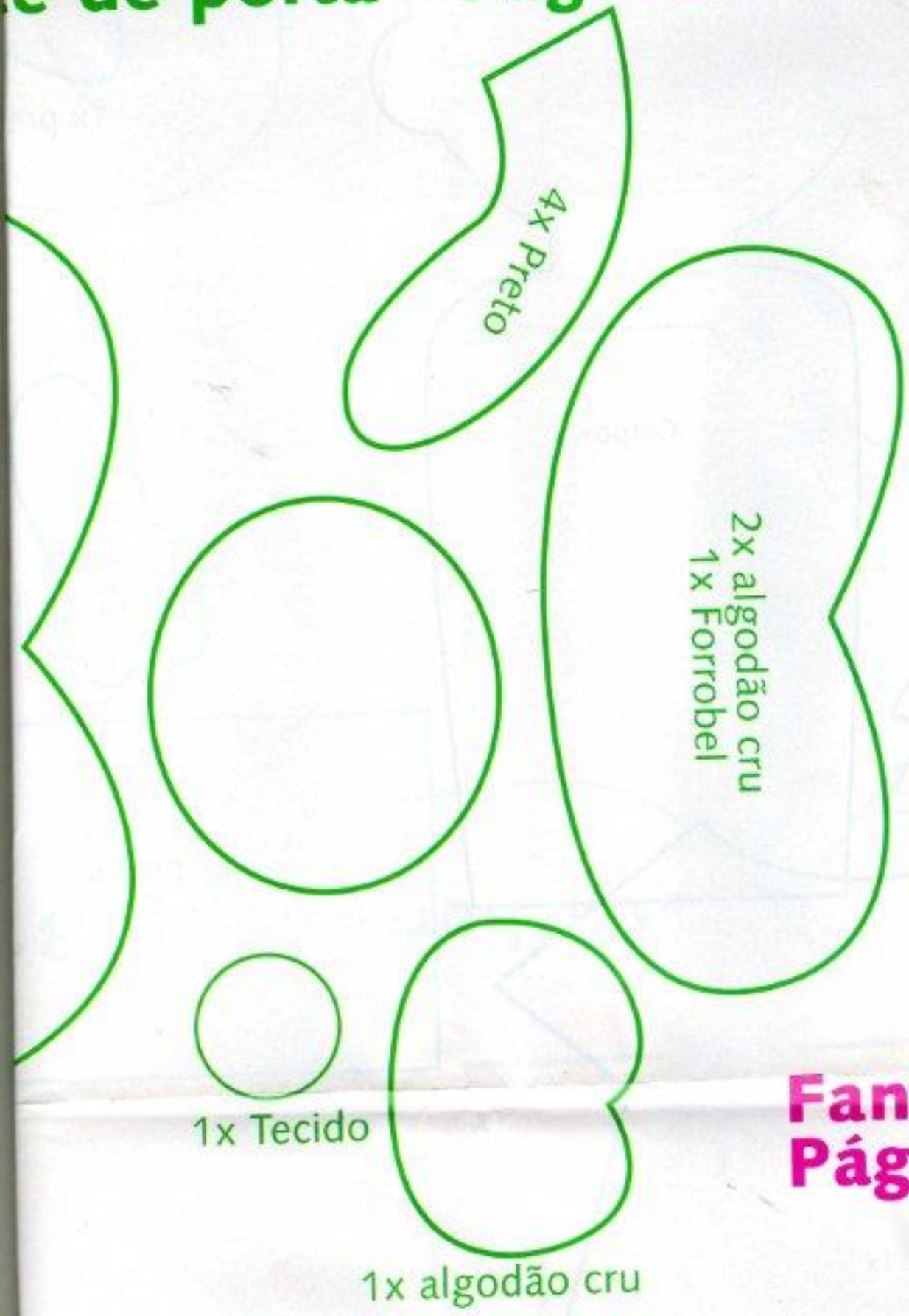

Fant
Pág.

Régua - Pág. 12

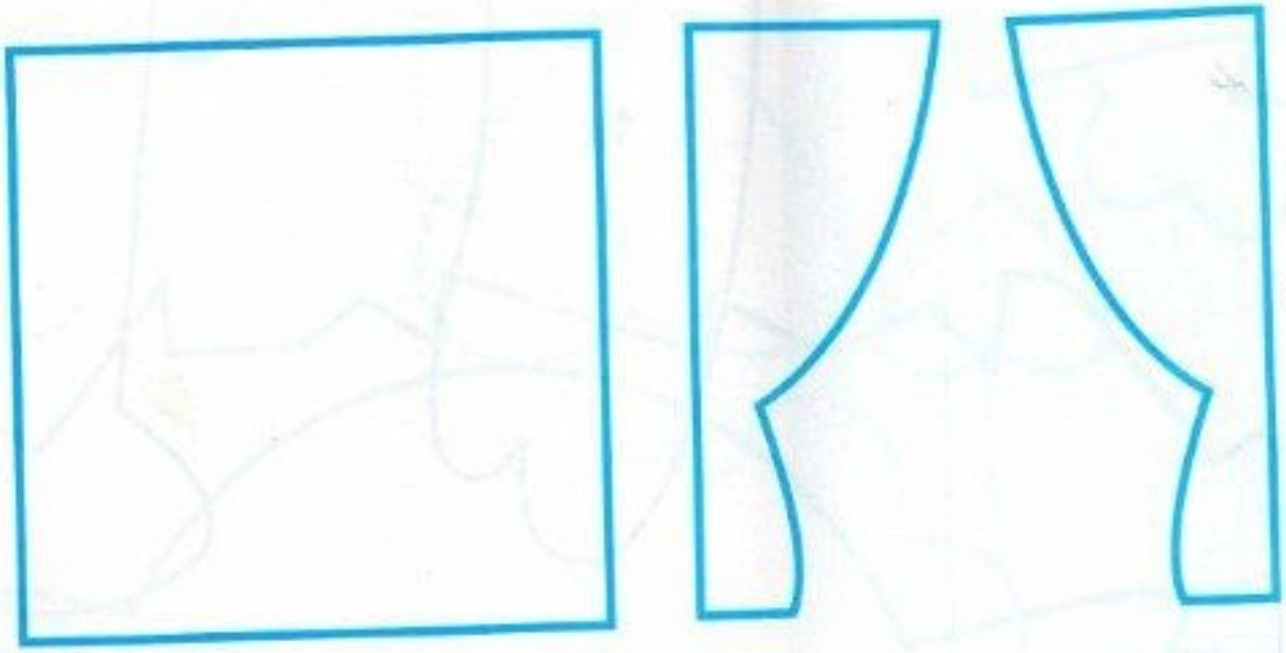

Chaveiro - Pág. 14

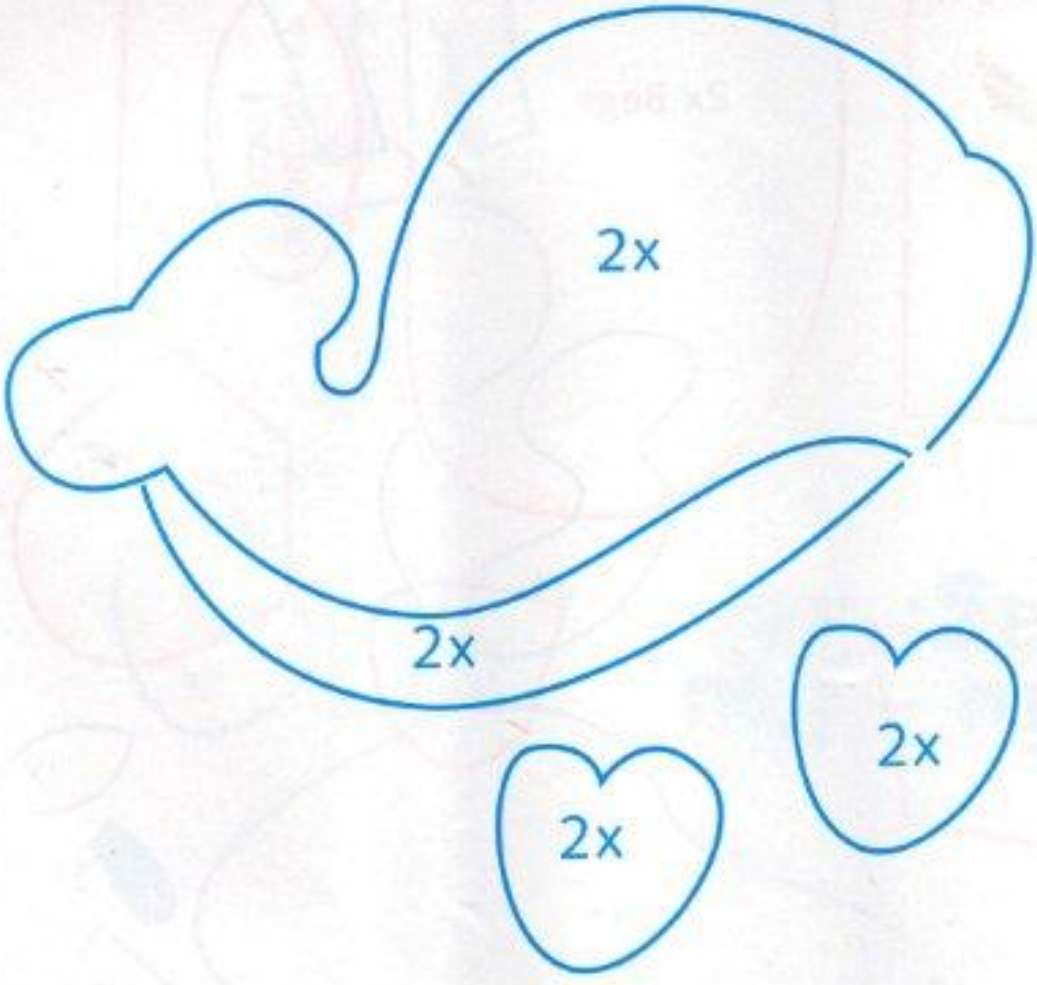

Enfeite para vaso -

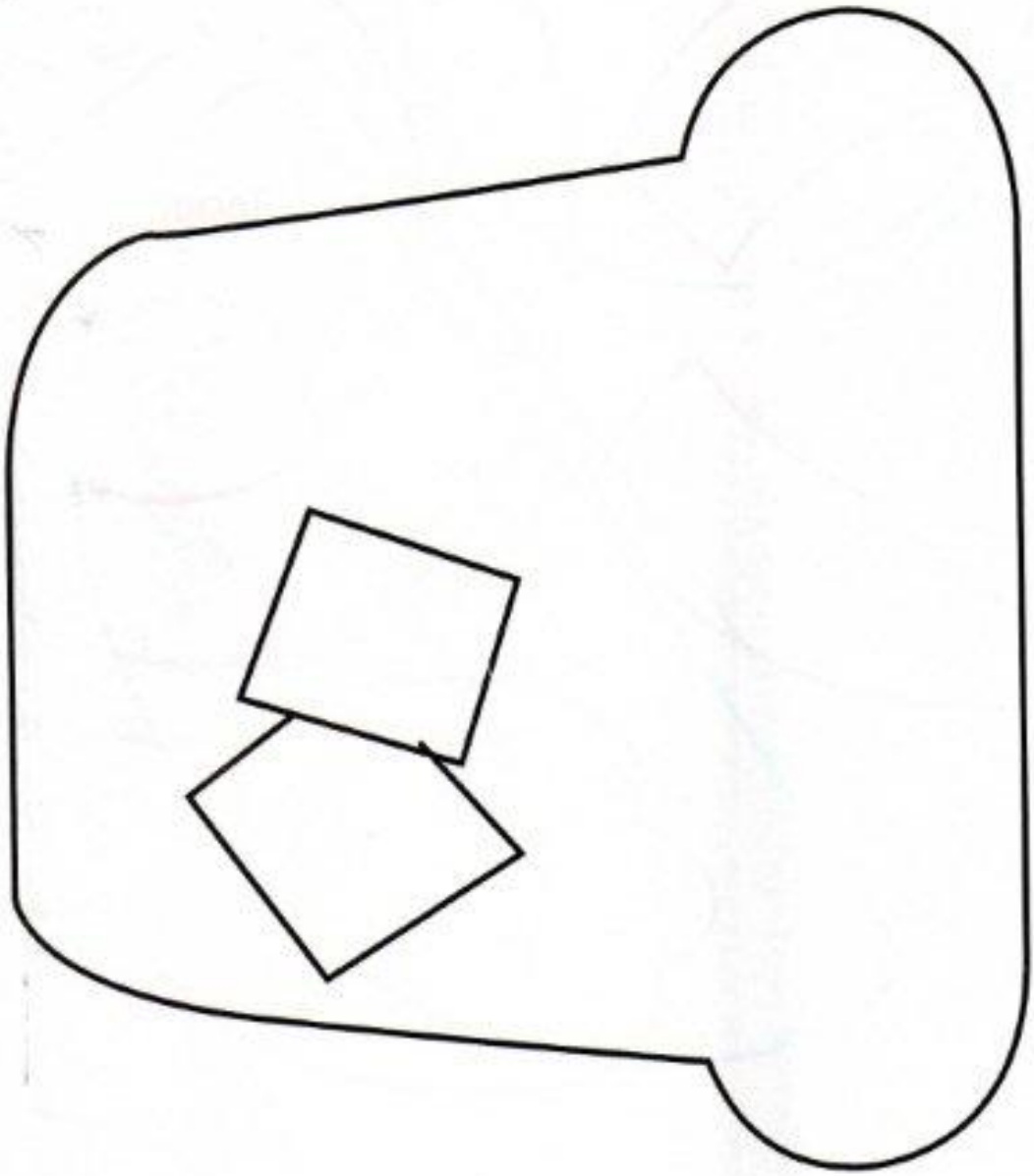

1x Tecido

1x algodão cru

- Pág. 16

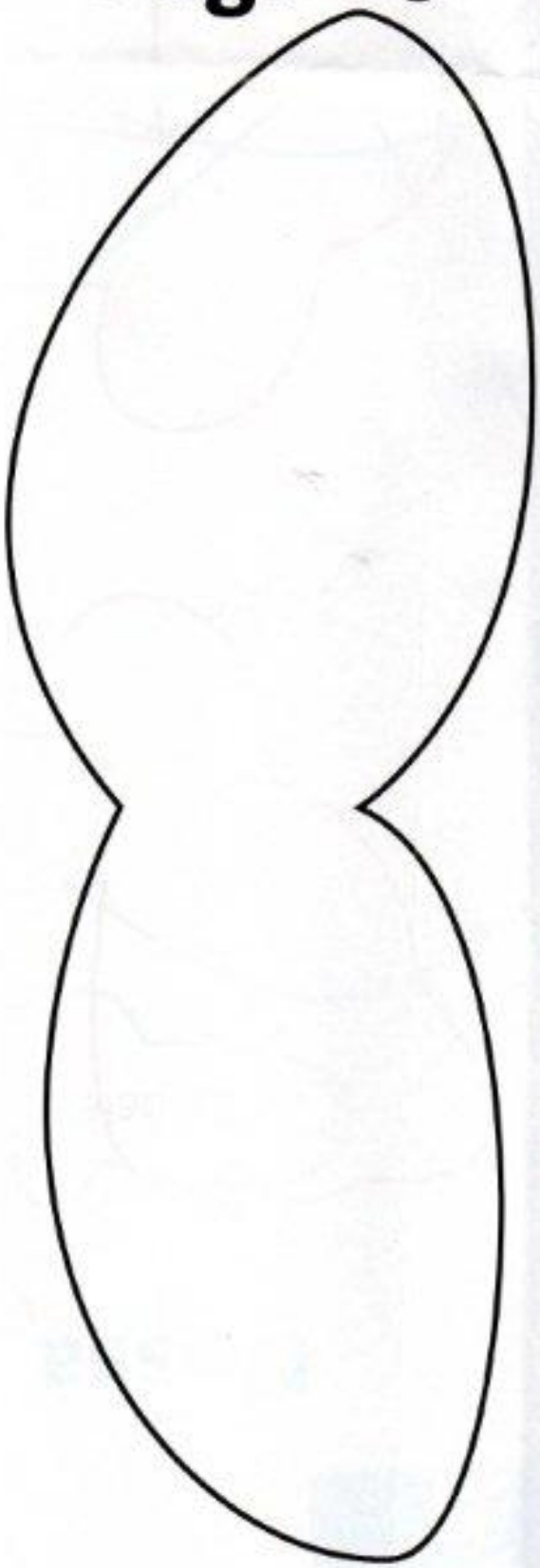

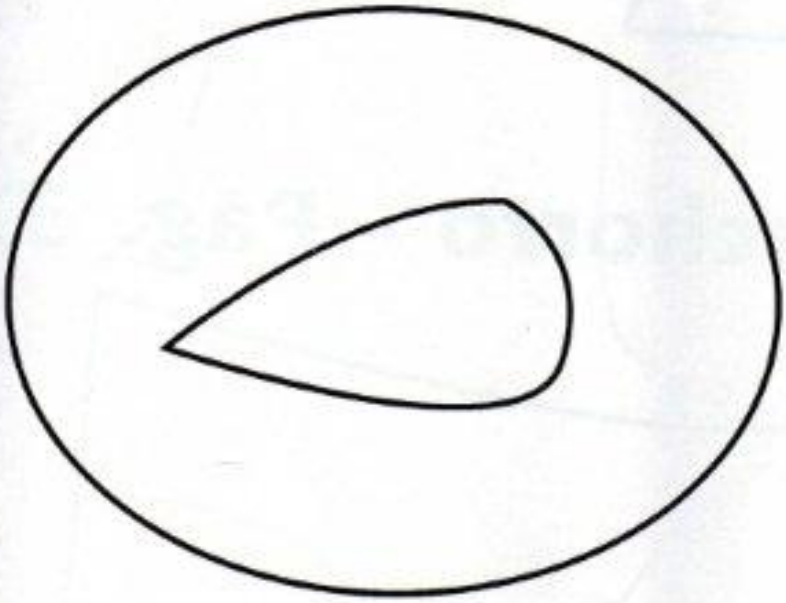

Enfeite p/ Vaso
(2)

Fantoche
Pág. 18

FANTOCHE

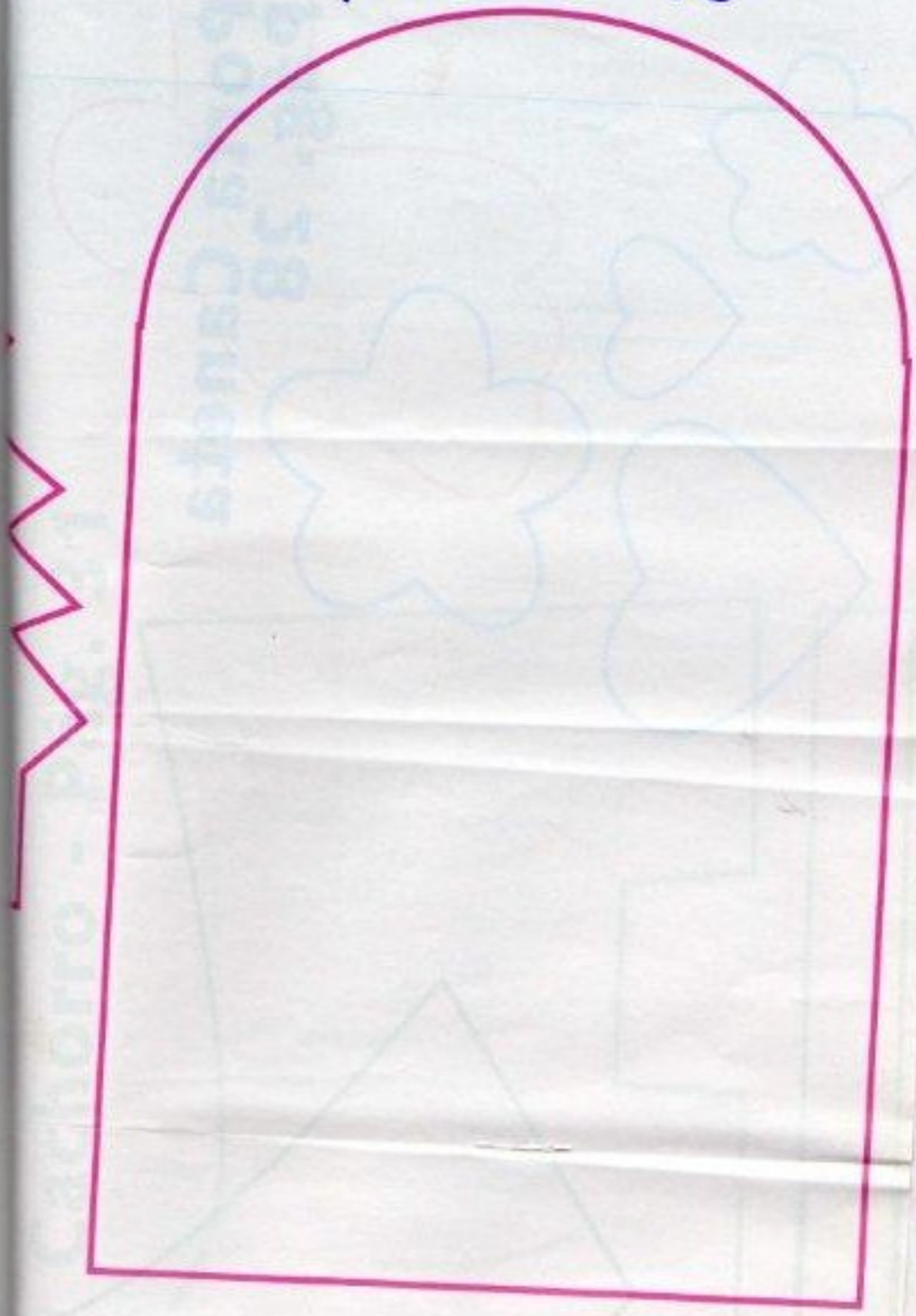

Corte um dos lados da meada.

Amarre o centro da meada com um pedaço de lã.

Cole o centro da meada no alto da cabeça da boneca, formando o cabelo.

Entre com a agulha na parte de trás da cabeça, saindo com ela na altura dos olhos. Passe 1 miçanga preta na ponta. Volte com a agulha para a parte de trás da cabeça e amarre os fios para arrematar. Repita o mesmo trabalho para fazer os dois olhos.

Aplique blush nas bochechas.

Molhe o pincel na tinta preta e desenhe o nariz, a boca e os cílios.

Faça a luminosidade das bochechas carimbando a tinta branca com a cabeça do alfinete. Com a ponta da agulha e a tinta preta, faça pintinhas nas bochechas.

Corte um pedaço de rami, dê um nó nas pontas e costure uma das pontas na mão da boneca. Costure a outra ponta do rami no coração. Costure outro pedaço de rami dobrado ao meio na parte superior do coração.

Faça um laço com a sobra de tecido e amarre o meio com linha.

Cole o laço no alto da cabeça.

Faça um laço com a palha da costa e cole-o na parte inferior do coração.

Boneca finalizada.

Piu - Piu
Pág. 26

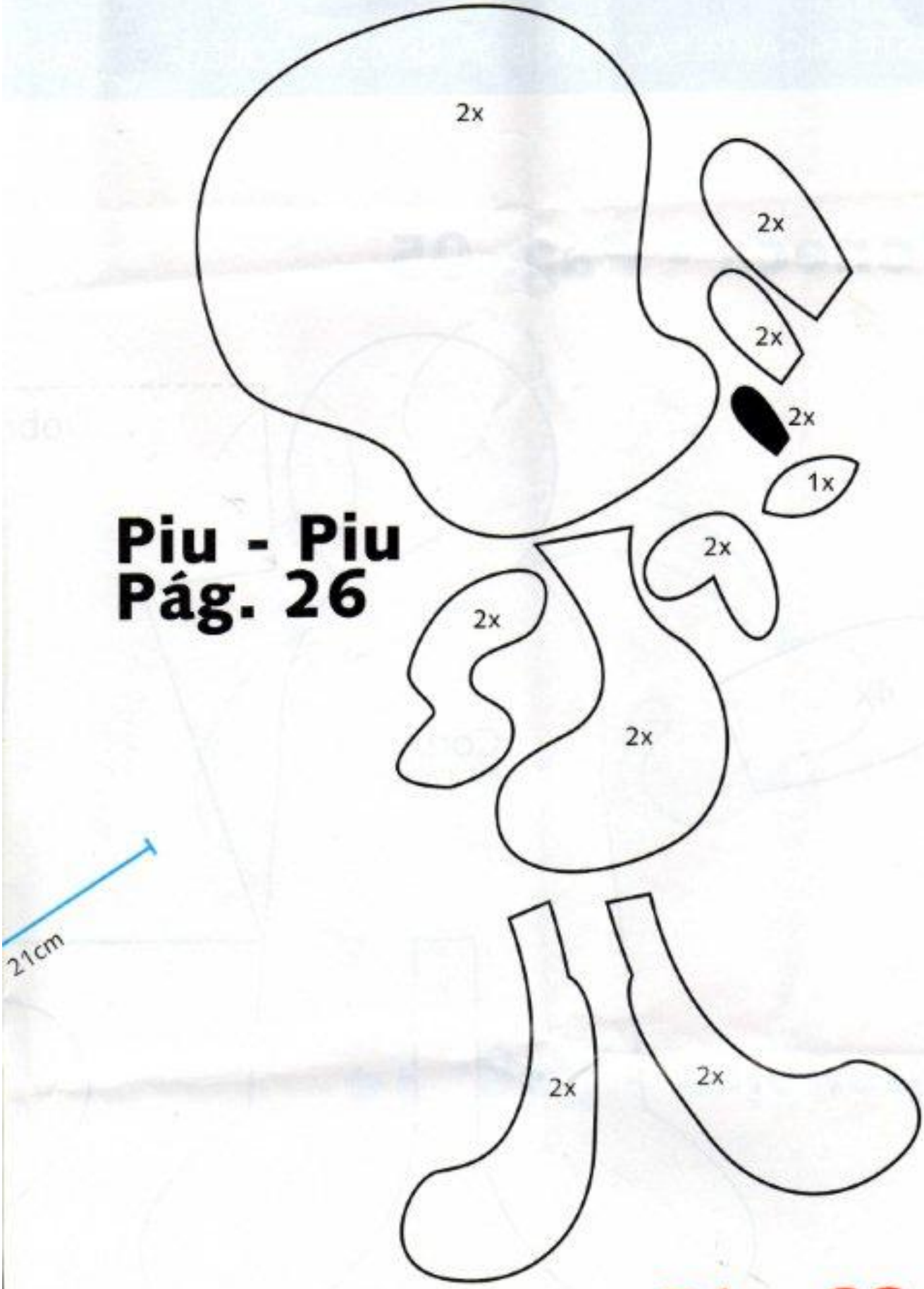

Macaco - Pág. 33

Nossa Senhora - Pág. 23

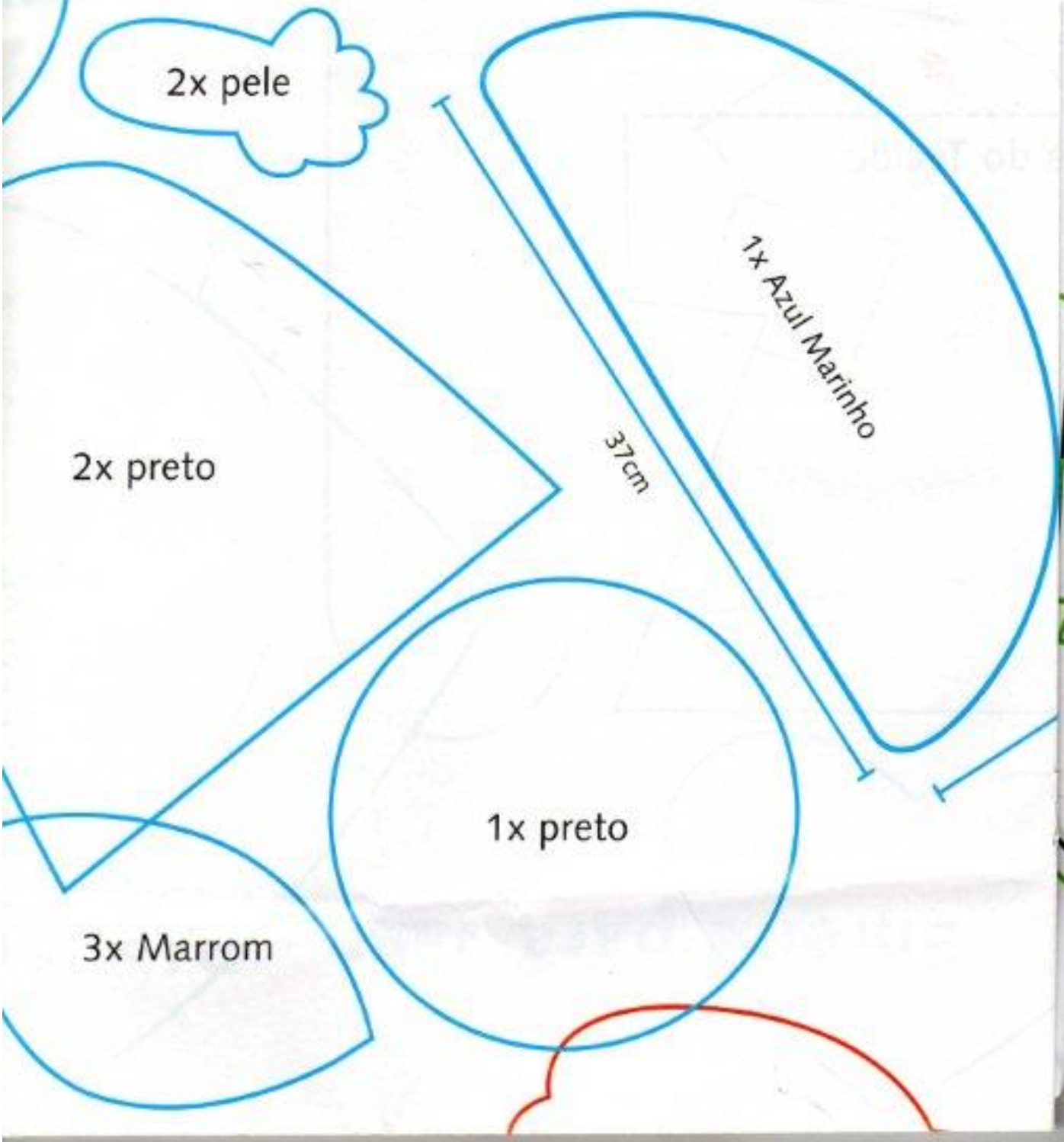

Nossa

1x preto
2x pele
2x preto
NOSSA SENHORA
2x pele
2x preto
3x Marrom

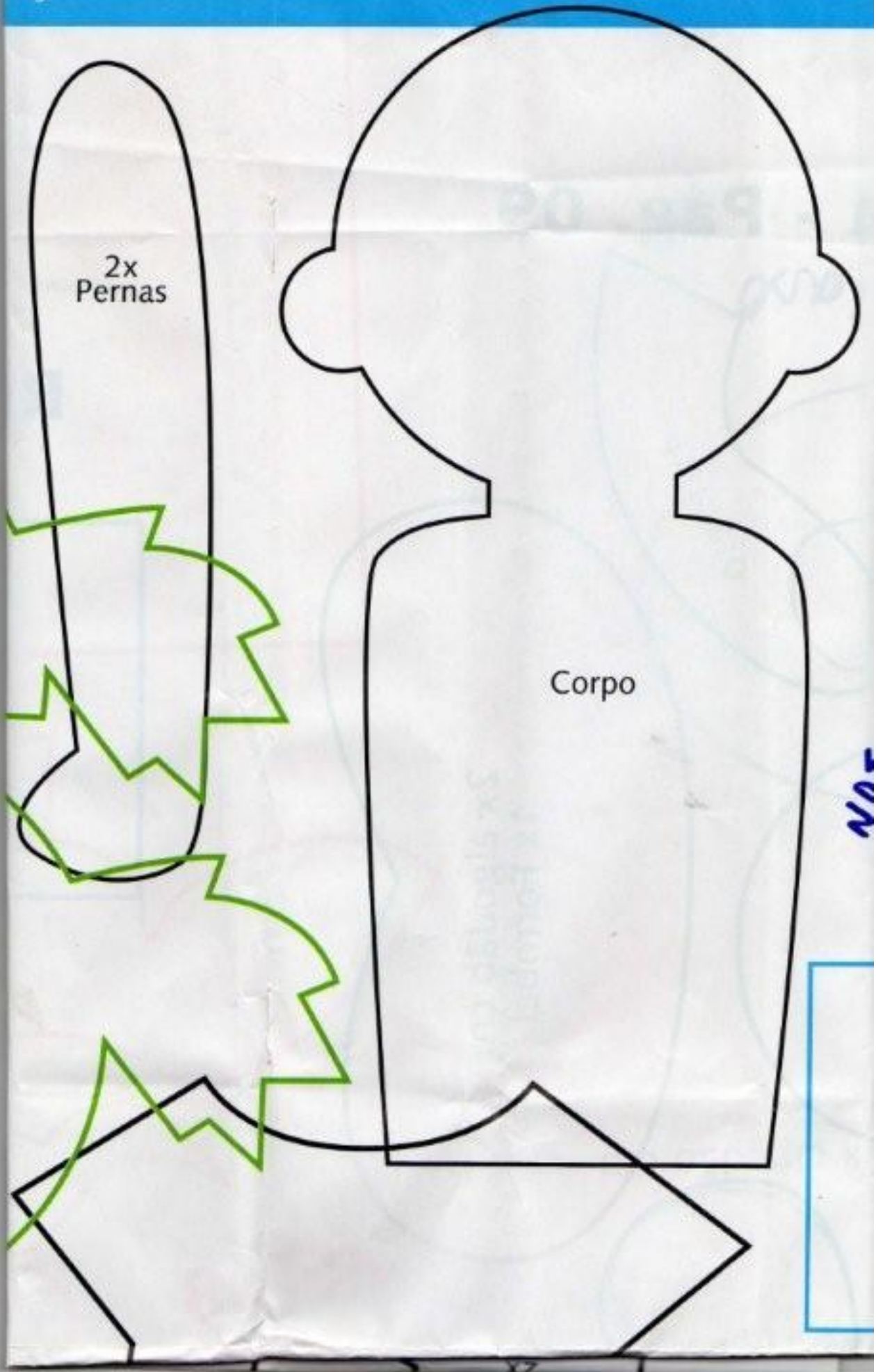
2x
Pernas
Corpo

Manuela - Pág. 21

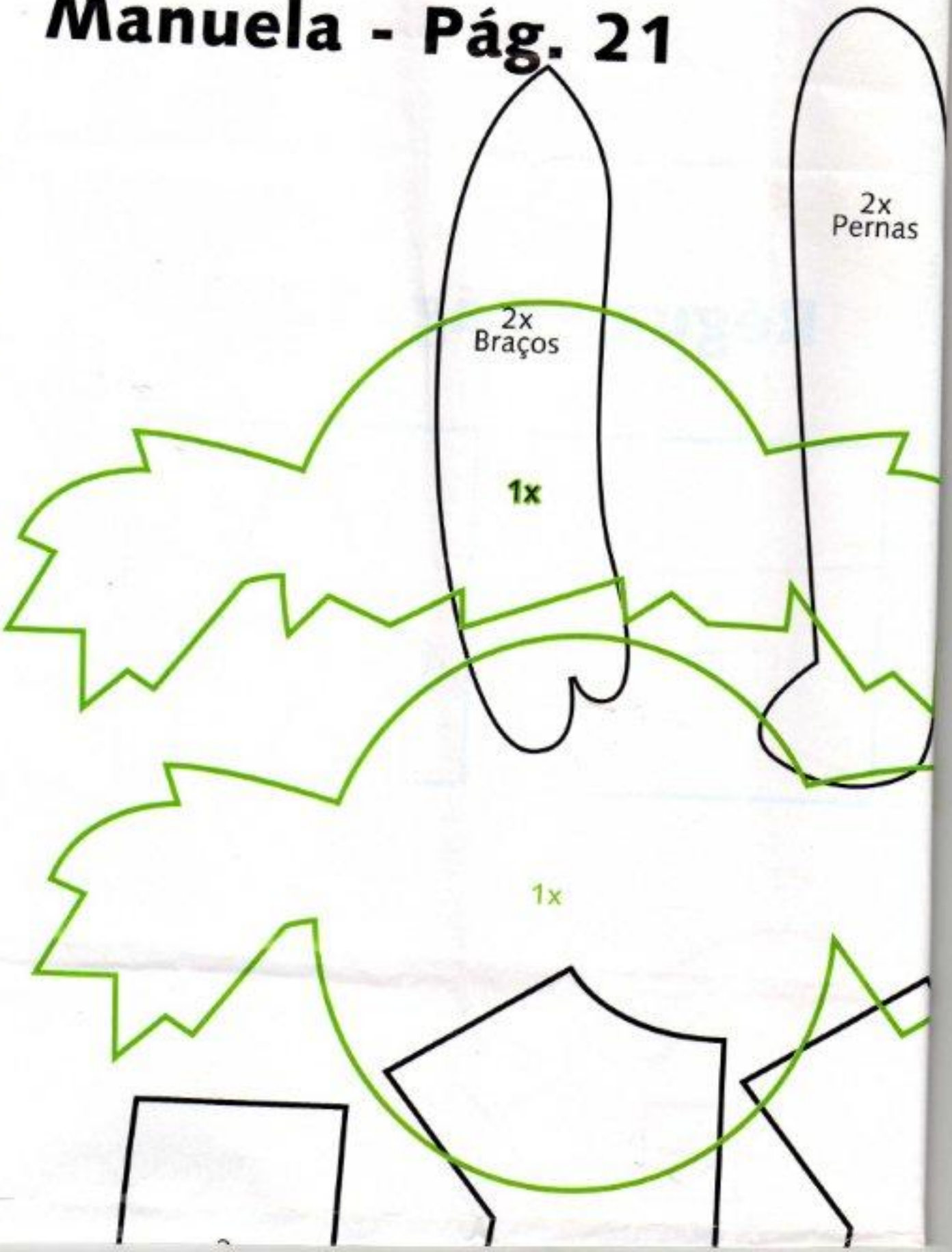

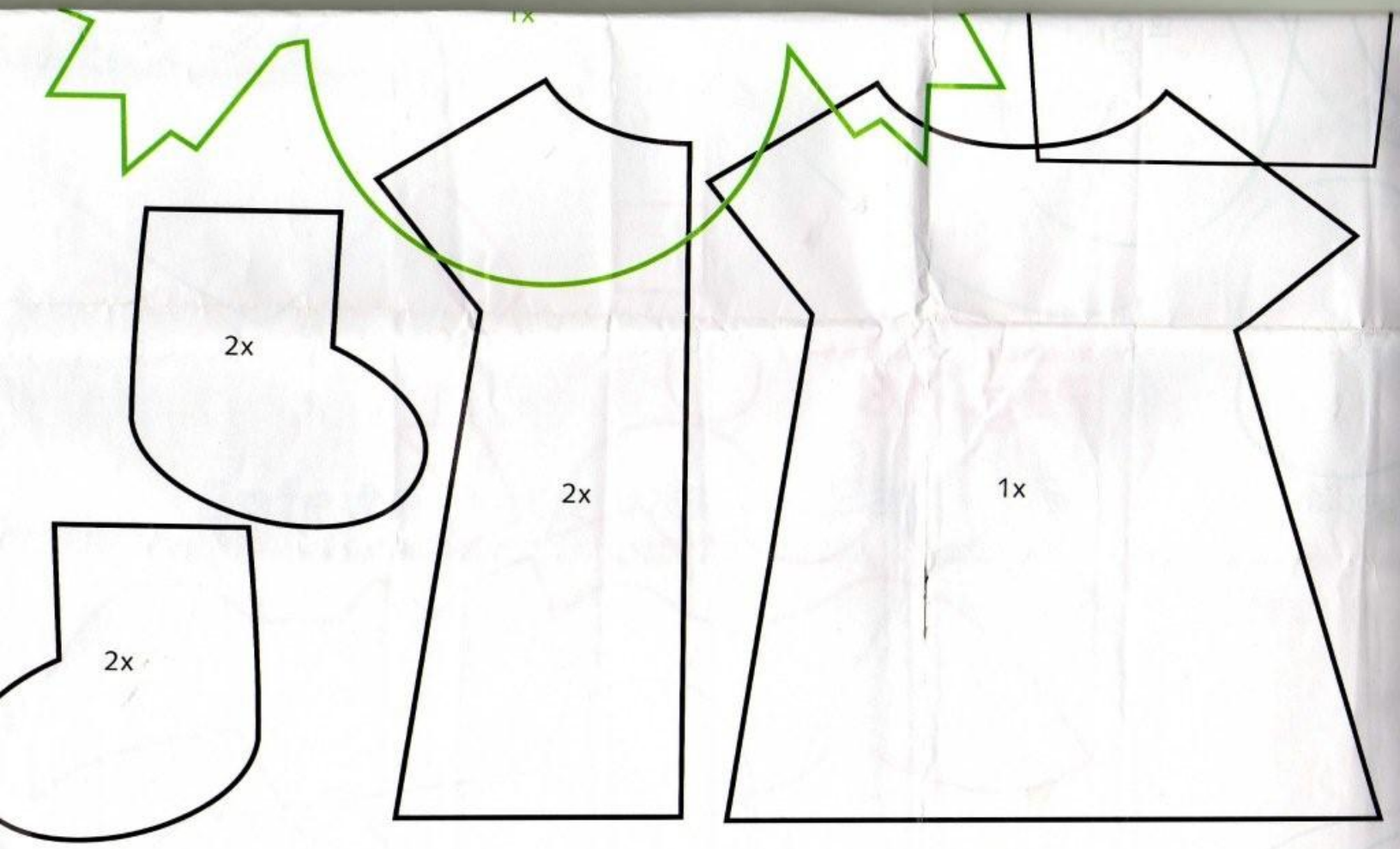
1x
2x
2x
2x
1x

Abelha enfeite de porta

PARA DECORAR OU PRESENTEAR, A ABELHINHA ENFEITE DE PORTA ESTÁ ESPECIAL PARA O DIA DOS NAMORADOS

Criação e execução: Wilkiria Kimarka
Colaboração: Feltro Santa Fé
Fotos dos passos: Eduardo Pragana
Foto de abertura: José Roberto Ito

Materiais necessários:

Feltro Santa Fé preto • Forrobel branco • Tecidos com estampas de fundo vermelho Telanipo • Tecido cru Telanipo • Linha para pesponto Gutermann bege, preta e vermelha • Linha para costura Gutermann preta • Tesoura simples • Tinta para tecido nas cores: preta e branca • Pincel liner • Palha da costa • Blush • Enchimento acrílico • Agulha para costura • Alfinetes • Fio de rami • Cola quente • Moldes de acetato ou cartolina

1 Transfira os moldes para a cartolina ou acetato e passe-os para o feltro e para o tecido. Recorte-os com a tesoura.

2 Aplique com ponto quilt o detalhe do rostinho, utilizando a linha de pesponto preta.

3 Sobreponha as partes da cabeça e costure toda volta com pontos chuleado, utilizando a linha preta. Deixe a parte inferior aberta para colocar o enchimento.

4 Coloque o enchimento acrílico em todas as partes, até que fiquem bem firmes.

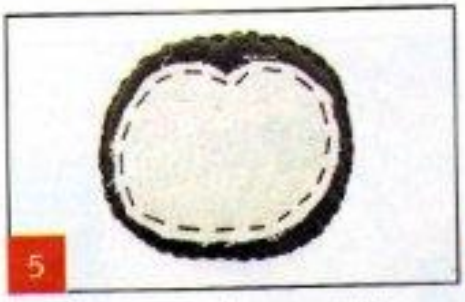

5 Feche as partes abertas com pontos chuleados.

6 Costure toda volta dos braços com pontos chuleados, coloque o enchimento acrílico e feche a abertura. Volte com a agulha pela parte fechada e puxe o fio para franzir.

Com o tecido vermelho cortado em círculo, faça um fuxico, alinhavando toda volta e franzindo.

Coloque o enchimento acrílico no fuxico e arremate.

Cole o nariz sobre o detalhe do rostinho e os braços nas laterais da cabeça.

Monte um laço com o tecido quadriculado, amarrando o centro com linha.

Cole o laço na parte superior da cabeça.

Aplique o blush nas bochechas.

Molhe o cabo do pincel na tinta preta e carimbe os olhos.

Alongue a pintura dos olhos com o pincel.

Em seguida, desenhe os cílios e sobrancelhas.

Puxe um risco abaixo do nariz, formando a boca.

Faça a luminosidade dos olhos e das bochechas, carimbando com a tinta branca na cabeça do alfinete.

Desenhe uma vírgula na lateral do nariz.

Alinhave toda volta do coração cortado no tecido, utilizando a linha de pesponto bege, deixando uma pequena abertura para colocar o enchimento.

Coloque o enchimento acrílico, pela abertura deixada, até que a peça fique bem firme. Feche a abertura deixada para o enchimento com pontos de alinhavo.

Faça um sanduíche com uma parte do tecido de algodão cru, o forrobel e a outra parte do tecido de algodão.

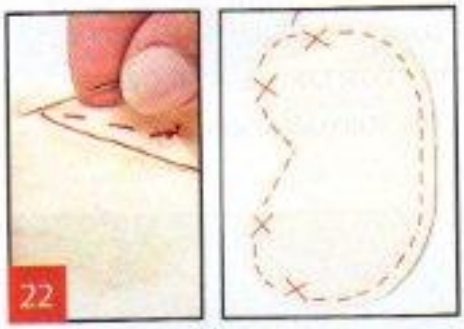

Alinhave toda volta do sanduíche, intercalando o alinhavo com pontos de cruz, formando as asas.

Sobre as asas, cole o coração e a abelha, utilizando a cola quente.

Molhe o pincel na tinta preta e escreva TE AMO nas asas.

Com a cabeça do alfinete, carimbe as extremidades das letras, utilizando a tinta preta.

Faça um laço com a palha da costa e cole-o sobre o coração.

Encaixe as pontas de um pedaço de ramí dobrado dentro das asas e cole-o com cola quente.

Abelha finalizada.

Régua

PARA CONTROLAR O CRESCIMENTO DA CRIANÇA, UMA RÉGUA TRABALHADA EM FELTRO COM LINDOS APLIQUES QUE FORMAM UM PRÉDIO

Criação: Marcelo Durghan
Execução: Maria Bernadete Starke
Fotos dos passos: Rogério Andrade
Foto de abertura: José Roberto Ina

Materiais necessários:

Feltro em cores diversas • Linha para bordar em cores variadas • Tesoura • Alfinetes • Agulha nº 26 • Cola quente

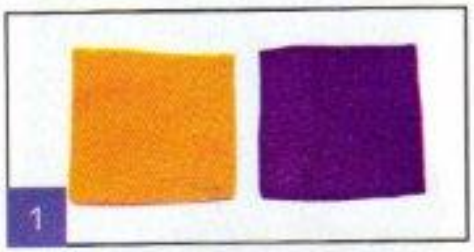

Recorte um quadrado de 7 x 7 cm em duas cores de feltro.

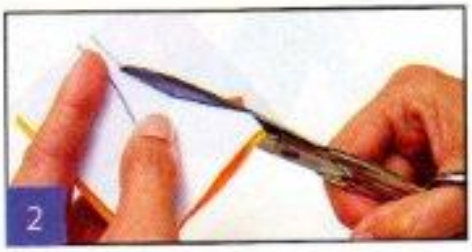

Posicione o molde da janela sobre o pedaço de feltro amarelo e recorte seguindo o risco.

Sobreponha as partes da janela ao quadrado cortado no feltro roxo.

Aplique as partes da janela no quadrado de feltro roxo com pontos caseados

Corte o feltro verde com 0,48 x 1,20m. Corte uma tira do feltro azul com 1,20 x 0,06 m e outra com 1,20 x 0,21m. Costure as tiras de feltro azul nas laterais do feltro verde.

Costure o viés em toda volta do trabalho e borde as medidas na lateral esquerda do trabalho, intercalando as cores de linha a cada medida.

Cole a janela sobre a parte do trabalho feita no feltro verde.

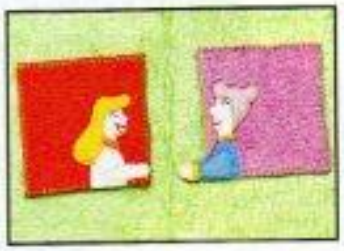

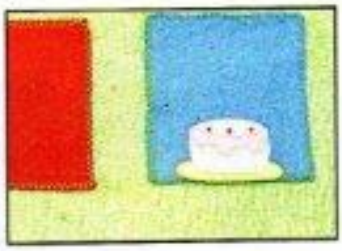

Monte janelas de cores variadas e cole-as lado a lado para formar o prédio.

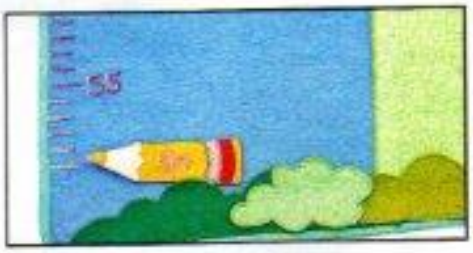

Corte a porta do prédio e os detalhes do jardim nos feltros e aplique-os na parte inferior do pano com cola quente.

Régua finalizada.

FERNANDO FERREIRA BALTAR NETO
RONNY CHARLES LOPES DE TORRES

DIREITO ADMINISTRATIVO

INCLUI

- Questões de concursos (objetivas, subjetivas e orais)
- Quadros de ATENÇÃO com partes importantes destacadas
- Farta jurisprudência do STF, STJ e TCU
- Diversas tabelas, esquemas e gráficos
- Palavras-chave marcadas em outra cor

CONFORME recentes questões das principais bancas, decisões jurisprudenciais, além de alterações normativas, entre elas:

- Lei 13.529/2017 – Altera a Lei das PPPs
- Lei 13.500/2017 – Altera a Lei 8.666/1993
- Lei 13.460/2017 – Desburocratização e direitos do usuário dos serviços públicos
- Lei 13.448/2017 – Prorrogação e relicitação de contratos de parceria
- Decreto federal 9.190/2017 – Programa Nacional de Publicização
- Decreto federal 9.094/2017 – Medidas de desburocratização
- IN 03/2017 da SEGES/MPOG – Pesquisa de preços
- IN 05/2017 da SEGES/MPOG – Serviços terceirizados

coleção
SINOPSES para concursos
Coordenação
Leonardo Garcia
9

8.ª edição 2018
revista, ampliada e atualizada

EDITORA JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Fernando Ferreira Baltar Neto

Advogado da União. Consultor Jurídico da União na Paraíba. Conselheiro da Comissão Nacional de Anistia. Professor universitário. Pós-graduado em Direito Processual. Ex-Coordenador da Escola da Advocacia-Geral da União na Paraíba. Membro da Câmara Regional de Uniformização da 3ª Região – AGU.

Ronny Charles Lopes de Torres

Advogado da União. Professor e palestrante. Mestre em Direito Econômico. Pós-graduado em Direito Tributário. Pós-graduado em Ciências Jurídicas. Coordenador da Comissão Permanente Uniformização de entendimento sobre Licitações e contratos da Consultoria Geral da União (AGU). Membro da Câmara Nacional de Uniformização da Consultoria Geral da União (AGU). Atuou como Consultor Jurídico substituto na Consultoria Jurídica do Ministério do Trabalho e Emprego. Autor de diversos livros jurídicos, entre eles: Leis de licitações públicas comentadas (8ª edição. Ed. JusPodivm); Licitações públicas: Lei 8.666/93 (8ª edição. Coleção Leis para concursos públicos: Ed. JusPodivm), Improbidade Administrativa (3ª edição. Coleção Leis para concursos públicos: Ed. JusPodivm) e Terceiro Setor: entre a liberdade e o controle (Ed. JusPodivm).

FERNANDO FERREIRA BALTAR NETO
RONNY CHARLES LOPES DE TORRES

DIREITO ADMINISTRATIVO

8ª edição
revista, ampliada e atualizada

2018

EDITORA JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

coleção
SINOPSES para concursos
Coordenação
Leonardo Garcia
9

Guia de leitura da Coleção

A Coleção foi elaborada com a metodologia que entendemos ser a mais apropriada para a preparação de concursos.

Neste contexto, a Coleção contempla:

- **Doutrina otimizada para concursos**

Além de cada autor abordar, de maneira sistematizada, os assuntos triviais sobre cada matéria, são contemplados temas atuais, de suma importância para uma boa preparação para as provas.

> Muitos dos conceitos do nosso Direito Administrativo foram concebidos ainda no período do **Estado Liberal**. Outra parte desse ramo jurídico foi concebida durante o **Estado Social**. A concepção democrática, hoje pretendida, exige a acomodação dos conceitos e normas tradicionais ao novo paradigma constitucional (**Estado Democrático de Direito**), impondo uma *"outra qualidade de Estado"*.
>
> Perceber essa mutação no direito administrativo é um diferencial que auxilia no estudo da matéria e no desenvolvimento do jurista, sendo importante para a compreensão de algumas questões objetivas, além de essencial para questões suscitadas em provas subjetivas e orais, pelas melhores bancas.

- **Entendimentos do STF e STJ sobre os principais pontos**

> Segundo precedente do STF, é compatível com o princípio da impessoalidade, dispositivo de Constituição Estadual que vede ao Estado e aos Municípios atribuir nome de pessoa viva a avenida, praça, rua, logradouro, ponte, reservatório de água, viaduto, praça de esporte, biblioteca, hospital, maternidade, edifício público, auditórios, cidades e salas de aula (STF, ADI 307/CE, rel. Min. Eros Grau, 13.2.2008).

- **PALAVRAS-CHAVES EM OUTRA COR**

As palavras mais importantes (palavras-chaves) são colocadas em outra cor para que o leitor consiga visualizá-las e memorizá-las mais facilmente.

Cargo é o local criado por lei dentro do serviço público que possui atribuições, nomenclatura e remuneração próprias.

O cargo público, por sua vez, subdivide-se em **cargo efetivo** e **em comissão.**

- **QUADROS, TABELAS COMPARATIVAS, ESQUEMAS E DESENHOS**

Com esta técnica, o leitor sintetiza e memoriza mais facilmente os principais assuntos tratados no livro.

- **QUESTÕES DE CONCURSOS NO DECORRER DO TEXTO**

Por meio da seção *"Como esse assunto foi cobrado em concurso?"* é apresentado ao leitor como as principais organizadoras de concurso do país cobram o assunto nas provas.

> **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**
>
> No concurso para provimento do cargo de Procurador do Estado do Ceará-2008, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *Ao criar uma autarquia, a administração pública apenas transfere a ela a execução de determinado serviço público, permanecendo com a titularidade desse serviço.*

Sumário

Capítulo 1 ▸ **NOÇÕES PRELIMINARES** 23
Ronny Charles
1. Breve histórico sobre o Estado – do modelo liberal aos tempos atuais 23
2. O Estado e suas funções 28
   2.1. Funções estatais clássicas 28
   2.2. Funções essenciais à Justiça 29
   2.3. A função administrativa. Critérios de identificação e espécies 30
3. Administração pública e direito administrativo 31
   3.1. Fontes do direito administrativo 34
   3.2. Sistemas administrativos 35
4. Reforma Administrativa 36
   4.1. Introdução 37
   4.2. Principais alterações 38
      4.2.1. Servidor público 39
      4.2.2. Contratos de gestão 39
      4.2.3. Agências executivas 39
      4.2.4. Agências reguladoras 39
      4.2.5. Terceiro setor 40
      4.2.6. Gestão pública e serviços públicos 41
   4.3. Formas de administração pública 43
5. Tendências no direito administrativo brasileiro 46
   5.1. Princípio da legalidade 46
   5.2. Controle social e democracia participativa 47
   5.3. Supremacia do interesse público sobre o privado 47
   5.4. Processualização do direito administrativo 48
   5.5. Crise da noção de serviço público 48
   5.6. "Agencificação", com outorga de função regulatória 49
   5.7. Princípio da subsidiariedade 49
   5.8. Relativização das regras de direito público em algumas contratações administrativas 51
   5.9. Formas consensuais como instrumento de resolução de problemas da Administração 52
   5.10. Administração dialógica 53

Capítulo 2 ▸ **O REGIME JURÍDICO-ADMINISTRATIVO** 55
Ronny Charles
1. Introdução 55

2. Conteúdo do regime jurídico-administrativo 57
2.1. Interesse público primário e interesse público secundário . 58
3. Princípios da administração pública 59
3.1. Princípios constitucionais expressos 59
3.1.1. Princípio da legalidade 60
3.1.2. Princípio da impessoalidade 63
3.1.3. Princípio da moralidade 66
3.1.4. Princípio da publicidade 68
3.1.5. Princípio da eficiência 75
3.2. Outros princípios 77
3.2.1. Razoabilidade e proporcionalidade 77
3.2.2. Autotutela 78
3.2.3. Presunção de legitimidade 79
3.2.4. Motivação 79
3.2.5. Segurança jurídica 80
3.2.6. Contraditório e ampla defesa 82
3.2.7. Igualdade 83
3.2.8. Finalidade pública 85

Capítulo 3 ▸ **ORGANIZAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA** 87
Fernando Baltar
1. Introdução 87
2. Órgãos públicos 88
3. Autarquias 91
3.1. Conceito 91
3.2. Características 91
3.3. Criação 92
3.4. Prerrogativas 93
3.5. Capacidade de autoadministração 94
3.6. Controle finalístico, tutela ou vinculação 94
3.7. Regime jurídico dos servidores 96
3.8. Autarquias corporativas 96
3.9. Foro das autarquias 98
4. Agências reguladoras 99
4.1. Origem 99
4.2. Características 100
4.3. Regime de pessoal 103
4.4. Função regulatória 103
5. Fundação pública 105
5.1. Conceito 105
5.2. Personalidade jurídica das fundações públicas 106
5.3. Prerrogativas 106
5.4. Fiscalização pelo Ministério Público 107
6. Agências executivas 108
6.1. Conceito 108

6.2. Requisitos para qualificação 109
6.3. Contratação direta em razão do pequeno valor 110
7. Empresas estatais 111
7.1. Conceito 111
7.2. Criação 111
7.3. Regime jurídico 112
7.4. Nomeação dos dirigentes 117
7.5. Falência das empresas públicas e sociedades de economia mista 118
7.6. Empresa pública 119
7.7. Sociedade de economia mista 120
8. Consórcio público 121
8.1. Introdução 121
8.2. Requisitos 122
8.3. Prerrogativas 123
8.4. Retirada do consórcio público 124
8.5. Contrato de programa 125
8.6. Contrato de rateio 125
9. Súmulas do STF 126
10. Súmulas do STJ 127

Capítulo 4 ▸ **ENTES DE COOPERAÇÃO** **129**
Ronny Charles
1. Introdução 129
2. Serviços Sociais Autônomos 131
3. Entidades de apoio 135
3.1. Entidades de apoio e contratações com recursos públicos . 137
4. O Terceiro Setor 139
4.1. Terceiro Setor e entidades fechadas 142
4.2. O marco legal do Terceiro Setor no Brasil 144
4.2.1. Certificado de Utilidade Pública Federal (UPF) 147
4.2.2. Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS) 148
4.2.3. Organização Social (OS) 152
4.2.3.1. Decreto federal nº 9.190/2017 159
4.2.4. Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) 163
4.2.5. Instituições Comunitárias de Educação Superior (ICES) 170
4.3. A Lei 13.019 e as parcerias com Organizações da Sociedade Civil 174
4.3.1. Dos instrumentos de parceria 175
4.3.2. Do chamamento público 176
4.3.3. Exceções ao chamamento público 178
4.3.4. Outras nuances 179

5. A prestação de serviços não exclusivos pelo terceiro setor 181
6. O quarto setor 183

Capítulo 5 ▸ **ATOS ADMINISTRATIVOS** **185**
Fernando Baltar
1. Introdução 185
2. Conceito 185
3. Requisitos do ato administrativo 187
   3.1. Competência 188
   3.2. Finalidade 191
   3.3. Forma 192
   3.4. Motivo 193
   3.5. Objeto ou conteúdo 197
4. Mérito administrativo 197
5. Atributos do ato administrativo 198
   5.1. Presunção de legitimidade 198
   5.2. Imperatividade 199
   5.3. Exigibilidade 199
   5.4. Autoexecutoriedade 199
   5.5. Tipicidade 199
6. Classificação dos atos administrativos 200
   6.1. Atos gerais e individuais 200
      6.1.1. Atos gerais. 200
      6.1.2. Atos individuais. 200
   6.2. Atos De Império, de Gestão e de Expediente 201
      6.2.1. Atos de Império 201
      6.2.2. Atos de Gestão 201
      6.2.3. Atos de Expediente 202
   6.3. Atos Vinculados e Discricionários 202
      6.3.1. Atos Vinculados 202
      6.3.2. Atos Discricionários 202
   6.4. Atos Simples, Complexos e Compostos 204
      6.4.1. Atos Simples 204
      6.4.2. Atos Complexos 204
      6.4.3. Atos Compostos 205
   6.5. Ato perfeito, válido, eficaz e exequível 205
      6.5.1. Ato Perfeito 205
      6.5.2. Ato válido 206
      6.5.3. Ato eficaz 206
      6.5.4. Ato exequível 207
   6.6. Atos constitutivos, declaratórios e ablatórios 207
      6.6.1. Atos constitutivos 207
      6.6.2. Atos declaratórios 208
      6.6.3. Atos ablatórios ou ablativos 208
   6.7. Ato nulo, ato anulável e inexistente 208
      6.7.1. Ato nulo 208

6.7.2. Ato anulável 209
6.7.3. Ato Inexistente 211
7. Espécies de atos administrativos 211
7.1. Atos normativos 211
7.2. Atos ordinatórios 213
7.3. Atos negociais 214
7.4. Atos enunciativos 216
7.5. Atos punitivos. 216
8. Invalidação dos atos administrativos 217
8.1. Revogação 218
8.2. Anulação 220
8.2.1. Cassação 224
8.2.2. Outras formas de invalidação 225
9. Súmulas do STF 225

Capítulo 6 ▸ **PODERES ADMINISTRATIVOS** 227
Fernando Baltar
1. Introdução 227
2. Poder regulamentar 228
3. Poder hierárquico 235
4. Poder disciplinar 238
5. Poder de polícia 240
5.1. Atributos 244
5.1.1. Discricionariedade 244
5.1.2. Autoexecutoriedade 245
5.1.3. Coercibilidade 247
5.2. Condições de validade ou limites ao Poder De Polícia 247
6. Súmulas do STF 249
7. Súmulas do STJ 249

Capítulo 7 ▸ **AGENTES PÚBLICOS** 251
Fernando Baltar
1. Conceito 251
2. Classificação 252
2.1. Agentes políticos 252
2.2. Servidores públicos 253
2.2.1. Servidores estatutários 253
2.2.2. Empregados públicos 254
2.2.3. Servidores temporários. 255
2.3. Militares 257
2.4. Particulares em colaboração com o Poder Público 257
2.4.1. Por delegação do Poder Público 258
2.4.2. Por requisição, nomeação ou designação 258
2.4.3. Gestores de negócios 258
3. Cargos, empregos e funções públicas 258

4. Regime jurídico do servidor 260
5. Condições de ingresso 262
6. Provimento e Vacância 271
6.1. Provimento 271
6.1.1. Tipos de provimento 271
6.1.2. Formas de provimento 271
6.2. Vacância 275
7. Remuneração dos servidores 275
8. Responsabilidade dos servidores 277
8.1. Responsabilidade civil 277
8.2. Responsabilidade administrativa 279
8.3. Responsabilidade penal 281
9. Acumulação de cargos, empregos e funções públicas 281
10. Estabilidade, vitaliciedade e estágio probatório 285
10.1. Estabilidade 285
10.2. Vitaliciedade 288
10.3. Estágio probatório 288
11. Regime especial de previdência do servidor 290
11.1. Beneficiários do regime especial 290
11.2. Requisitos para aposentadoria voluntária 290
11.3. Aposentadoria por invalidez 291
11.4. Pensão por morte 291
11.5. Contribuição do aposentado e pensionista 293
11.6. Abono de permanência 293
11.7. Aposentadoria proporcional e compulsória 294
11.8. Regime complementar oficial de previdência 294
11.9. Regras de transição 297
12. Súmulas do STF 298
13. Súmulas do STJ 301
14. Súmulas do TCU 301

Capítulo 8 ▸ **LICITAÇÕES PÚBLICAS** **303**
Ronny Charles
1. Conceito e fundamentos constitucionais 303
2. Objeto e finalidade 305
3. Destinatários das regras licitatórias 311
4. Princípios gerais da licitação 314
5. Contratação direta – exceções legais ao dever de licitar 318
5.1. Dispensa de licitação 319
5.1.1. Licitação dispensada 319
5.1.2. Licitação dispensável 320
5.2. Inexigibilidade de licitação 335
5.2.1. Hipóteses de inexigibilidade 336
5.3. Condicionantes da eficácia e elementos de instrução da contratação direta 340

6. Modalidades de licitação 341
6.1. Concorrência 343
6.2. Tomada de preços 343
6.3. Convite 344
6.4. Concurso 345
6.5. Leilão 346
6.6. Pregão 347
6.7. Modalidades anômalas de seleção 350
7. Sistema de registro de preços 350
7.1. Características do SRP 351
7.2. Ata de registro de preços 353
7.3. Órgão gerenciador, órgão participante e órgão não participante (carona) 354
7.4. Compra nacional e órgão participante de compra nacional 357
7.5. Intenção de Registro de Preços (IRP) 357
7.6. Cadastro de reserva 358
8. Tipos de licitação 358
9. Procedimento da licitação 359
9.1. Fase interna 360
9.1.1. Análise jurídica do edital e do contrato 360
9.1.2. Manifestações jurídicas referenciais 361
9.1.3. Responsabilização do parecerista jurídico 361
9.1.4. Estimativa de custos nas licitações 364
9.2. Fase externa 366
9.2.1. Publicação do instrumento convocatório 367
9.2.2. Habilitação 369
9.2.3. Classificação das propostas 373
9.2.4. Homologação e adjudicação 374
9.2.5. Recursos 375
10. Anulação e revogação da licitação 377
11. Licitação e contratação de serviço de publicidade 378
12. Sistema de cotação eletrônica 380
13. Licitações para microempresas e empresas de pequeno porte... 381
14. Resumo das alterações decorrentes da Lei nº 12.349/2010 388
15. Regime diferenciado de contratações 389
15.1. Regras aplicáveis às licitações do RDC 393
15.1.1. Caráter sigiloso do orçamento 393
15.1.2. Inovações para a aquisição 394
15.1.3. Regime de contratação integrada 394
15.1.4. Remuneração variável 396
15.1.5. Contratações simultâneas 397
15.1.6. Das fases 397
15.1.7. Da publicidade 397
15.1.8. Modos de disputa 398
15.1.9. Critérios de julgamento 399

15.2. Procedimentos auxiliares às licitações, no âmbito do RDC... 402
15.3. Regras aplicáveis aos contratos do RDC ... 403
15.3.1. Convocação de licitante remanescente ... 404
15.3.2. Contratação de remanescente por dispensa ... 404
15.3.3. Prazos contratuais ... 404
15.4. Sanções administrativas ... 405
16. Licitações para as Estatais (Lei Federal nº 13.303/2016) ... 405
16.1. Vigência das novas regras de licitação para as estatais ... 406
16.2. Da não observância das regras licitatórias ... 408
16.3. Das licitações dispensáveis ... 409
16.4. Da inexigibilidade de licitação ... 410
16.5. Disposições diversas sobre as licitações ... 411
16.5.1. Inexistência de modalidades estáticas ... 411
16.5.2. Caráter sigiloso do orçamento ... 411
16.5.3 Inovações para a aquisição ... 411
16.5.4. Regimes de execução ... 412
16.5.5. Remuneração variável ... 413
16.5.6. Contratações simultâneas ... 413
16.5.7. Das fases ... 414
16.5.8. Da publicidade ... 414
16.5.9. Modos de disputa, lances intermediários, reinício da disputa e critérios de desempate ... 415
16.5.10. Critérios de julgamento ... 416
16.5.11. Da habilitação ... 416
16.5.12. Dos recursos ... 417
16.6. Das Normas Específicas para Alienação de Bens ... 417
16.7. Procedimentos auxiliares às licitações das estatais ... 418
16.8. Dos contratos ... 418
17. Súmulas do STJ ... 420
18. Súmulas do TCU ... 420

Capítulo 9 ▸ **CONTRATOS ADMINISTRATIVOS** ... 425
1. Introdução ... 425
2. Espécies ... 426
3. Características ... 427
3.1. Formalismo ... 428
3.2. Publicidade ... 429
3.3. Natureza de contrato de adesão ... 429
3.4. Mutabilidade ... 430
3.5. Cláusulas de privilégio (exorbitantes) ... 431
3.6. Imposição de ônus especiais ... 433
4. Vigência dos contratos ... 434
4.1. Prorrogação contratual ... 437
5. Alterações contratuais ... 438
5.1. Aditivo e apostila ... 441

5.2. Correção monetária 441
5.3. Revisão econômica do contrato 442
6. Execução do contrato 446
6.1. Fiscalização do contrato 446
6.2. Responsabilidade do contratado 448
6.3. Encargos trabalhistas e responsabilidade subsidiária 448
6.4. Encargos previdenciários 451
6.5. Subcontratação 452
6.6. Recebimento provisório e recebimento definitivo 452
6.7. Mediação e autocomposição de conflitos, no âmbito da administração pública 453
6.7.1. Regras gerais (válidas para todos os entes) 454
6.7.2. Regras específicas (válidas para a Administração federal) 455
7. Da inexecução e da rescisão dos contratos 457
7.1. *Exceptio non adimpleti contractus* em face da administração 459
8. Convênios e instrumentos congêneres 460
8.1. Convênio (em sentido estrito), Termo de execução descentralizada e Contrato de repasse 465
8.2. Convênios e execução de recursos transferidos 466
9. Consórcios públicos 467
10. Sanções administrativas 468
10.1. Sanções previstas na Lei geral de licitações 468
10.2. Sanções previstas na Lei do pregão 470
10.3. TCU e sanção de inidoneidade 473
10.4. Desconsideração da personalidade jurídica 473
11. Súmulas do STF 475
12. Súmulas do TCU 475

Capítulo 10 ▸ **SERVIÇOS PÚBLICOS** 477
Ronny Charles
1. Introdução 477
2. Conceito e elementos 478
3. Princípios 480
4. Classificação 485
5. Remuneração 487
6. Prestação e execução dos serviços públicos 490
6.1. Simplificação do atendimento prestado aos usuários dos serviços públicos 490
6.1.1. Carta de serviços 493
6.1.2. Medidas de desburocratização da tramitação processual 494
6.1.3. Ratificação da dispensa do reconhecimento de firma e da autenticação em documentos produzidos no país 496

6.1.4. Da solicitação de simplificação 497
6.1.5. Das sanções pelo descumprimento 497
6.1.6. Vigência 498
7. Delegação do serviço público 498
7.1. Concessão de serviço público 500
7.2. Permissão de serviço público 504
7.3. Autorização de serviço público 505
8. Dos contratos de concessão de serviço público 506
8.1. Dos contratos de concessões comuns 506
8.2. Dos contratos de concessões especiais (parceria público-privada) 516
8.3. Do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) 525
8.3.1. Da prorrogação e da relicitação 527
8.4. Do fundo de apoio à estruturação e ao desenvolvimento de projetos de concessões e parcerias público-privadas ... 532
9. Súmulas do STF 534
10. Súmulas do STJ 534

Capítulo 11 ▸ RESPONSABILIDADE CIVIL DO ESTADO 537
Fernando Baltar
1. Conceito 537
2. Evolução do tema 538
2.1. Teoria da irresponsabilidade do Estado 538
2.2. Teoria da responsabilidade com culpa 538
2.3. Teoria da culpa administrativa 539
2.4. Teoria do risco administrativo 541
2.5. Teoria da responsabilidade integral 541
3. A responsabilidade civil do estado no direito brasileiro 542
3.1. Responsabilidade das concessionárias e permissionárias de serviço público 543
3.2. Responsabilidade dos notários 543
3.3. Responsabilidade por danos decorrentes de atividades nucleares 544
4. Requisitos para demonstração da responsabilidade estatal 545
5. Posicionamento do STF acerca do nexo de causalidade 546
6. Causas excludentes e atenuantes da responsabilidade 547
6.1. Força maior 548
6.2. Caso fortuito 548
6.3. Atos de terceiros 549
6.4. Culpa exclusiva da vítima 549
7. Responsabilidade do Estado por danos decorrentes de sua omissão 550
8. Responsabilidade primária e subsidiária 552
9. Responsabilidade do estado por atos legislativos 553
10. Responsabilidade do estado por atos judiciais 556
11. Prescrição 557

12. Sujeito passivo da lide 558
13. Responsabilidade do estado por danos causados por atos terroristas 560
14. Responsabilidade da união perante a fifa 561
15. Responsabilidade do estado pela "perda de uma chance" 562

Capítulo 12 ▸ **BENS PÚBLICOS** **565**
Fernando Baltar
1. Introdução 565
   1.1. Bens das empresas públicas e sociedades de economia mista 566
2. Classificação 568
   2.1. Bens de uso comum do povo 568
   2.2. Bens de uso especial 568
      2.2.1. Afetação e desafetação dos bens de uso comum e especial 569
   2.3. Bens dominiais 571
3. Uso de bem público por administrado 572
   3.1. Instrumentos estatais de outorga de títulos jurídicos para uso de bens públicos por particulares 574
      3.1.1. Autorização de uso 574
      3.1.2. Permissão de uso 574
      3.1.3. Concessão de uso 574
      3.1.4. Concessão de direito real de uso 575
   3.2. Instrumentos privados de outorga de títulos jurídicos para uso exclusivo de bens públicos por particulares 576
      3.2.1. Locação 577
      3.2.2. Enfiteuse dos terrenos de marinha 578
4. Transferência de bens públicos entre entidades e órgãos públicos 579
   4.1. Cessão de uso 579
5. Bens públicos em espécie 579
   5.1. Terras devolutas 579
   5.2. Terrenos de marinha 580
   5.3. Terrenos reservados 581
   5.4. Terras tradicionalmente ocupadas pelos índios 581
   5.5. Plataforma continental 581
   5.6. Rios 582
   5.7. Faixa de fronteira 582
   5.8. Ilhas 583
6. Súmulas do STF 583
7. Súmula do STJ 583

Capítulo 13 ▸ **INTERVENÇÃO DO ESTADO NO DOMÍNIO ECONÔMICO** **585**
Fernando Baltar
1. Introdução ao tema 585

2. Atuação regulatória 586
2.1 Repressão ao abuso do poder econômico 586
2.2. Controle de abastecimento e tabelamento de preços 588
3. Intervenção pela exploração direta de atividade econômica ou intervenção participativa 589
3.1 Monopólio 590

Capítulo 14 ▸ **PROCESSO ADMINISTRATIVO** **593**
Ronny Charles
1. Introdução 593
2. Princípios 594
2.1. Motivação 594
2.2. Contraditório e ampla defesa 595
2.3. Oficialidade 597
2.4. Gratuidade 598
2.5. Pluralidade de instâncias 599
2.6. Segurança jurídica 599
3. Direitos e deveres dos administrados 601
3.1. Dos interessados 603
4. Da competência 604
4.1. Da delegação e da avocação 604
4.2. Do impedimento e da suspeição 606
5. Peculiaridades do processo administrativo 607
5.1. Dos atos processuais 607
5.2. Das intimações 609
5.3. Das provas 610
5.4. Dos pareceres e dos laudos técnicos 610
5.5. Da tramitação prioritária 611
6. Do recurso administrativo, da coisa julgada administrativa e da revisão 612
7. Prescrição administrativa 614
7.1. Preclusão 616
7.2. Prescrição (preclusão) intercorrente 617
8. Processo administrativo e súmula vinculante 618
9. Do processo administrativo disciplinar 618
9.1. Espécies de processo disciplinar 619
9.2. Penalidades disciplinares 622
9.3. Fases do processo disciplinar 624
9.4. "Prescrição" da ação disciplinar 629
10. Súmulas do STF 630
11. Súmulas do STJ 631

Capítulo 15 ▸ **IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA** **633**
Ronny Charles
1. Introdução 633
2. Competência legislativa 634

3. Elementos 634
3.1. Sujeito passivo 635
3.2. Sujeito ativo 636
3.3. Atos de improbidade 638
3.4. Elemento subjetivo 641
4. Das sanções 642
4.1. Da gradação das sanções 646
5. Da declaração de bens 648
6. Dos processos administrativo e judicial 648
7. Da responsabilização objetiva administrativa e civil de pessoas jurídicas pela prática de atos contra a administração pública (Lei nº 12.846/2013) 653
7.1. Introdução 653
7.2. Dos atos lesivos à administração pública 655
7.3. Da responsabilização administrativa 656
7.4. Da responsabilização judicial 658
7.5. Do acordo de leniência 660
7.6. Da prescrição 662

Capítulo 16 ▸ **CONTROLE DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA** 663
Fernando Baltar
1. Introdução 663
2. Classificação 663
2.1. Conforme o momento a ser exercido 663
2.1.1. Controle prévio, preventivo ou "a priori" 663
2.1.2. Controle concomitante ou sucessivo 664
2.1.3. Controle subsequente, corretivo "a posteriori" 664
2.2. Conforme a amplitude 664
2.2.1. Controle hierárquico 664
2.2.2. Controle finalístico, tutela ou supervisão ministerial. 664
2.3. Conforme origem 665
2.3.1. Controle interno 665
2.3.2. Controle externo 666
2.3.2.1. Controle externo popular 666
2.3.2.1.1. Ação popular 666
2.3.2.1.2. Mandado de segurança 667
3. Controle exercido pela própria administração 669
3.1. Recursos administrativos 670
3.1.1. Legitimidade e prazos para impetração dos recursos administrativos 670
3.1.2. Efeitos 671
3.1.3. Fundamento 672
3.1.4. Encaminhamento e forma dos recursos administrativos 672
3.1.5. Efeitos da decisão revisora 673

3.1.6. Não conhecimento do recurso 674
3.1.7. Espécies de recursos administrativos 675
3.1.7.1. Representação 675
3.1.7.2. Reclamação 675
3.1.7.3. Pedido de reconsideração 676
3.1.7.4. Recurso hierárquico próprio 676
3.1.7.5. Recurso hierárquico impróprio 677
3.1.7.6. Revisão 677
4. Controle legislativo 678
4.1. Controle político 678
4.2. Controle financeiro e orçamentário 680
4.3. Controle de constitucionalidade pelos Tribunais de Contas. 683
4.4. Controle dos atos de concessão de aposentadoria ou pensão 684
5. Controle judicial 685
5.1. Súmula vinculante 690

Capítulo 17 ▸ INTERVENÇÃO ESTATAL NA PROPRIEDADE 693
Ronny Charles
1. Introdução 693
2. Modalidades 694
2.1. Limitação administrativa 694
2.2. Servidão administrativa 696
2.3. Ocupação temporária 698
2.4. Requisição administrativa 699
2.5. Tombamento 701
2.5.1. Objeto 701
2.5.2. Espécies 702
2.5.3. Efeitos 702
2.6. Desapropriação 704
2.6.1. Introdução 704
2.6.2. Elementos 705
2.6.3. Competência 707
2.6.4. Modalidades 708
2.6.5. Desapropriação indireta e desapropriação por zona 713
2.6.6. Procedimento 714
2.6.7. Imissão provisória na posse 717
2.6.8. Direitos do desapropriado 720
3. Súmulas do STF 722
4. Súmulas do STJ 723

REFERÊNCIAS 725

Capítulo 1

Noções preliminares

Ronny Charles

1. BREVE HISTÓRICO SOBRE O ESTADO – DO MODELO LIBERAL AOS TEMPOS ATUAIS

Nesse capítulo introdutório, traçaremos um breve esboço sobre a evolução do **Estado Moderno**, partindo de sua compleição liberal e chegando ao momento mais recente, notadamente em sua faceta econômica e jurídica. Tal narrativa permite uma visão ampla sobre vários ramos do Direito Público, inclusive o Administrativo, ajudando a entender e a perceber as mudanças ocorridas, suas características e suas tendências.

Com o **Estado Moderno**, foi erigido um ordenamento legal fundado, inicialmente, no poder unitário, totalitário e absoluto, concentrado na pessoa do príncipe, em período que ficou marcado pelo **absolutismo monárquico**. Contudo, conforme ensina Dirley da Cunha Júnior, se o início da organização do Estado indica a existência de uma Administração Pública, pode-se dizer que apenas com a submissão do Estado ao Direito (**Estado de Direito**) foi provocada a construção de um verdadeiro **Direito Administrativo**, ramo que "regula as relações entre Administração Pública e administrados, assegurando a correta e legítima gestão do interesse público e garantindo os direitos dos administrados".

A passagem do **Estado Absolutista** para o **Estado Liberal de Direito** representou a mudança de um modelo baseado na autoridade do príncipe e sua infalibilidade, para uma realidade que tratava com primazia a autonomia da pessoa humana e a liberdade civil e econômica do indivíduo. Essas eram aspirações seculares da classe burguesa, que consolidaram uma concepção de Estado com poderes limitados.

A limitação dos poderes estatais impunha a obediência às normas jurídicas, estabelecidas por parlamentares (representantes do povo), que estipulavam as diretrizes de sua atuação. A concepção liberal clássica de **Estado de Direito** teve por base um pilar institucional de freios e contrapesos (*checks and balances*) entre as três facetas do Poder constituído (Executivo, Legislativo e Judiciário). No **Estado Liberal**, a Administração Pública tinha atuação reduzida e excepcional, como reflexo das aspirações burguesas e da repulsa aos excessos praticados pelo **Estado Absolutista**. Vale frisar, as Constituições, naquele momento, resguardavam, apenas, a **primeira geração** (ou dimensão) de direitos fundamentais, reconhecidos como afirmação do indivíduo frente ao Estado.

Percebe-se, então, que esse período foi marcado por uma **abstenção estatal** na área econômica e na prestação de serviços públicos. Esta atuação equidistante, embora tenha garantido liberdade para a expansão das atividades de Mercado, permitiu também o incremento de problemas sociais e econômicos não resolvidos pela insuficiente autorregulação do sistema mercadológico. Os graves problemas causados pela atuação desregrada do mercado indicavam certa exaustão do modelo liberal e a necessidade de uma reformulação no papel do Estado na conjuntura social.

Com a grande depressão vivida pelo capitalismo do início do século XX, que culminou com a **quebra da Bolsa de Nova Iorque**, em 1929, o modelo de Estado liberal foi pressionado a se renovar, passando a invocar a maior presença estatal na economia e na materialização de direitos sociais.

Uma nova proposta de Estado, conhecida como **Estado Social (do Bem-Estar Social ou *welfare state*)**, agregou outros objetivos à atuação/intervenção estatal, passando a ter como meta o atendimento das necessidades da coletividade. Não por coincidência, as constituições nacionais começaram a registrar direitos e garantias fundamentais de **segunda geração** (ou dimensão) que reclamavam prestações materiais pelo Estado, em favor dos indivíduos, como instrumento para efetivar liberdades públicas.

O **Estado Social** surgiu com a incumbência de dar resposta a questões sociais que clamavam por uma **intervenção estatal**, de modo a assegurar condições mínimas para aqueles incapazes de prover o seu próprio sustento. Nesse contexto, a proteção da liberdade e a presunção da igualdade entre os homens deixaram de ser o foco

único, crescendo a importância da atuação pública na amenização das desigualdades sociais.

Diante do novo paradigma, a Administração Pública teve que ampliar suas atribuições e deveres perante a sociedade, buscando suprir anseios coletivos como saúde, assistência e educação. Canotilho lembra que, se o Estado, em sua configuração moderna, foi concebido em razão de um Estado de Direito, justificado pela necessidade de oferecer proteção contra violências públicas e privadas, garantindo liberdade e segurança; da mesma forma, o Estado Social surgiu para dar solução a outro tipo de violência, a pobreza.

No novo ambiente, impôs-se a necessidade de realização de determinadas prestações públicas, agora entendidas como ônus estatal, que assumiu a dupla função de suprir as deficiências do sistema de mercado e implementar objetivos definidos de políticas públicas.

Esse novo paradigma, certamente, afetou materialmente a Administração Pública e, por consequência, o Direito Administrativo. Não apenas pela revisitação de alguns de seus princípios de atuação (como a igualdade), mas também pela repercussão da grande expansão de suas atividades (com a criação de novos órgãos e o estabelecimento de novas competências), que precisaram ser reguladas por normas jurídicas.

Contudo, no decorrer do século XX, diante da sobrecarga das prestações sociais, falta de autonomia, complexidade das instituições políticas, crises administrativas e carência de apoio pelos cidadãos, configurou-se um quadro de ingovernabilidade que levou à **crise do Estado Social**. À medida que ela era aprofundada, evidenciavam-se os problemas relativos à estrutura estatal e as dificuldades para atender à cobertura de novas demandas sociais, como o desemprego, a proteção ao meio ambiente e o desenvolvimento de políticas públicas.

Ademais, o crescimento desmesurado do Estado, que passou a ser prestador de serviços públicos, investidor e empresário, além de impor um crescente aumento da dívida pública, permitiu um fortalecimento exagerado do Poder Executivo, desequilibrando o tradicional sistema de controle e gerando inúmeras fragilidades estruturais, identificadas (até hoje) na origem de escândalos políticos.

Na verdade, a chamada crise do Estado Social (ou de Bem-Estar) parecia relacionada, grosso modo, a fatores como as dificuldades

de fomento do desenvolvimento e manutenção da estabilidade econômica, através da intervenção maciça do Estado, a crise de legitimidade dos representantes políticos, o excesso de demandas e o consequente aumento da carga fiscal para dar conta de seu custeio. Todos esses elementos foram potencializados por variáveis externas ou exógenas, como o fim do desenvolvimento pós-guerra, o rompimento do sistema de equilíbrio cambial firmado pelo acordo de ***Bretton-Woods***, as crises do petróleo, a nova realidade globalizada e a instabilidade do mercado financeiro internacional.

Revigoraram-se algumas teorias que permeavam o raciocínio liberal, notadamente da primazia da iniciativa privada e da necessidade da retração estatal em sua atuação interventiva. O Estado, outrora apontado como o único capaz de resolver as injustiças e desequilíbrios causados pelo apetite capitalista da doutrina liberal, passou a ser considerado, por alguns radicais, ávidos pelo retorno do Estado mínimo, como o grande problema da crise econômica enfrentada pela maioria dos Estados que adotaram o postulado do *welfare state*.

De qualquer forma, a história já provou os malefícios que podem ser causados pela atuação libertina do Mercado, cristalizando a lição de que ela gera modelos antagônicos, desinteressantes para o próprio capital. A recente **crise do sistema financeiro mundial** fortaleceu o raciocínio que coloca o Estado como ator relevante no cenário econômico, pela compreensão de que sua atuação é necessária para manter o equilíbrio do sistema social.

Noutro diapasão, continua em vigor a tese de que o Estado deve centrar seus esforços nas suas atividades precípuas, redimensionando a sua atuação na busca por eficiência e pela legitimidade de suas ações. Ademais, exige-se proteção para o cidadão, frente a algumas práticas autoritárias exercitadas pela Administração Pública, hipertrofiada no transcorrer do Estado Social.

Neste novo cenário econômico e jurídico, fortemente afetado pelo fenômeno da globalização, a ampliação das potencialidades tecnológicas, inclusive de comunicação, e a consagração dos direitos humanos, descortina-se um novo paradigma. Discute-se uma nova via para a concepção de existência e de atuação da figura estatal, potencializando seu papel regulador e sedimentando sua condição de **Estado Democrático de Direito**.

Segundo Di Pietro, essa configuração do **Estado Democrático de Direito** é resultado da síntese dialética dos momentos anteriores da evolução dos paradigmas de Estado, constituindo-se em novo conceito, que une preceitos do direito formal burguês e do direito materializado no Estado Social.

Conforme será visto adiante, novamente se faz necessário revisitar o modelo de Administração Pública, as normas que a regulam e os seus princípios. Além de impor a **eficiência** como princípio, o Direito Administrativo rediscute conceitos como **legalidade, publicidade, supremacia do interesse público, personalização do direito administrativo, atos** e **contratos administrativos**, entre outros. Tal embate impõe a necessidade de **rediscussão do papel do Estado**, dilema que não se resolve pela redução da quantidade de Estado, mas sim, nas palavras de Boaventura de Sousa Santos, pela construção de outra qualidade de Estado.

Muitos dos conceitos do nosso Direito Administrativo foram concebidos ainda no período do **Estado Liberal**. Outra parte desse ramo jurídico foi concebida durante o **Estado Social**. A concepção democrática, hoje pretendida, exige a acomodação dos conceitos e normas tradicionais ao novo paradigma constitucional (**Estado Democrático de Direito**), impondo uma *"outra qualidade de Estado"*.

Perceber essa mutação no direito administrativo é um diferencial que auxilia no estudo da matéria e no desenvolvimento do jurista, sendo importante para a compreensão de algumas questões objetivas, além de essencial para questões suscitadas em provas subjetivas e orais, pelas melhores bancas.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Analista Judiciário do Tribunal de Justiça do Ceará (Cespe/2014), foi considerada errada, a seguinte assertiva: "O Estado liberal, surgido a partir do século XX, é marcado pela forte intervenção na sociedade e na economia".

No concurso para o Tribunal de Justiça do Paraná (2008), com a seguinte ementa: "Analisando o arcabouço constitucional que indica as noções do Estado Democrático de Direito, a moderna doutrina do Direito Administrativo aponta para uma transformação da noção de Interesse Público, aludindo a um fenômeno chamado "personalização do direito administrativo". Nesse contexto, assinale a alternativa correta:". Foi considerada correta a seguinte alternativa: "O Interesse Público confunde-se com a atividade da Administração Pública na realização da democracia e dos direitos fundamentais;"

▸ **Importante!**

Tornando mais produtiva a leitura das sínteses jurídicas apresentadas adiante, esse sucinto relato tem a pretensão de (didaticamente) permitir ao leitor a compreensão de algumas tendências de nosso Direito Administrativo, constantemente suscitadas em questões das melhores bancas de exame (direta ou indiretamente).

2. O ESTADO E SUAS FUNÇÕES

2.1. Funções estatais clássicas

Tradicionalmente, podemos considerar o **Estado** como uma instituição, organizada social, jurídica e politicamente, detentora de personalidade jurídica de direito público e de poder soberano para, através de suas instituições e de um **Governo**, dentro de uma área territorial, gerir os interesses de um **povo**.

No Brasil, temos um sistema de Governo que concentra as funções de chefe de Estado e de chefe de governo na pessoa do chefe do Poder Executivo.

Consolidou-se o entendimento clássico de que o Estado possui três funções (legislativa, jurisdicional e administrativa), realizadas por seus Poderes (Legislativo, Judiciário e Executivo) de forma típica ou atípica. Importante lembrar que cada Poder, além de sua função típica, também possui funções atípicas. Assim, por exemplo, embora a função típica do Poder Legislativo envolva a criação de normas jurídicas que inovam o ordenamento (função legislativa), seus órgãos também exercem função administrativa, notadamente na relação com seus servidores ou quando realizam contratações públicas. Outrossim, o Legislativo exerce função jurisdicional, atipicamente, ao julgar o Presidente da República (CF, art. 52, I).

Em nossa opinião, parece mais adequada a alusão às funções **legislativa, jurisdicional e executiva**, subdividindo-se, a última, em **função política** (ou de governo) e em **função administrativa**.

Enquanto a **função política** (ou de Governo) está relacionada à superior gestão da política estatal (como ocorre no veto presidencial, na cassação política de um parlamentar ou em algumas decisões do Tribunal Constitucional), a **função administrativa** está relacionada à execução das normas jurídicas para atendimento direto e imediato do interesse da coletividade, através de comportamentos infralegais, submetidos a um regime jurídico próprio (o administrativo), a uma estrutura hierárquica e ao controle de legalidade pelo Poder Judiciário.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Analista Judiciário do Tribunal de Justiça do Ceará (Cespe/2014), foi considerada errada, a seguinte assertiva: "A administração pública, em sentido estrito, abrange a função política e a administrativa."

2.2. Funções essenciais à Justiça

Cabe observar, ainda, que a Constituição, ao tratar sobre a organização dos Poderes, em seu título IV, insere determinadas funções em capítulo próprio, classificando-as como **"funções essenciais à Justiça"**, com configuração constitucional peculiar, sendo o referido capítulo dividido em três seções, designadas, respectivamente, **"Do Ministério Público"**, **"Da Advocacia Pública"** e, a última delas, **"Da Advocacia e da Defensoria Pública"**.

Vale fazer referência ao ensino de Diogo de Figueiredo Moreira Neto, principal fonte de escritos sobre o tema. O célebre doutrinador nos ensina que:

> "A Constituição de 1988, no Título consagrado à Organização dos Poderes, além dos quatros tradicionais Capítulos, dedicados aos três Poderes do Estado, apresenta um quarto, cuidando, em apartado, das Funções Essenciais à Justiça.
>
> Surpreendentemente, ao que se nota, a literatura juspolítica nacional, com poucas e lúcidas exceções, parece não ter dado conta da transcendência dessa inovação e do que ela representa para a realização do valor justiça, aqui entendida como síntese da licitude, da legitimidade e da legalidade, no Estado contemporâneo, como aventam os jusfilósofos mais respeitáveis, como MIGUEL REALE, um valor

> básico e instrumental para a realização de todos os demais, por pressupor 'uma composição isenta e harmônica de interesses'".[1]

Importante perceber que o deslocamento das funções essenciais à Justiça para um capítulo próprio, inserido no título sobre a organização dos Poderes, mas autônomo em relação aos três anteriores, que discorrem sobre os Poderes da clássica repartição (Executivo, Judiciário e Legislativo) não se deu de forma despropositada. A distribuição ordenada pela Constituição tem sentido e demonstrou sintonia com as mudanças que ocorreram no Estado Moderno, tornando inadequada ou insuficiente a teoria da separação dos poderes, em sua compleição original.

▸ Atenção!

As funções essenciais à Justiça, conforme lições do Mestre Diogo de Figueiredo Moreira Neto, apresentam-se como sistema de controle, através de funções específicas que atuam por órgãos técnicos, "*exercentes de uma parcela do poder estatal, mas destacados dos Poderes do Estado*". A Constituinte buscou prestigiar funções imprescindíveis para o equilíbrio e para a harmonia dos Poderes estatais, e é sob esse aspecto que deve ser percebida a atuação da advocacia privada e das "*procuraturas constitucionais*" (o Ministério Público, a Advocacia de Estado e a Defensoria Pública).

2.3. A função administrativa. Critérios de identificação e espécies

O presente trabalho se deterá especificamente ao estudo da **função administrativa**. Ela se diferencia das demais funções e é exercida tipicamente pelo Poder Executivo e atipicamente pelo Poder Legislativo e pelo Poder Judiciário. Quando qualquer dos poderes/funções ou de seus órgãos e entidades atua no campo dessa função administrativa, atua enquanto Administração Pública, **submetendo-se ao seu regime jurídico.**

▸ Atenção!

Em relação ao nepotismo (que afronta princípios do regime jurídico da administração pública), o Supremo tem assentado que a nomeação de

1. MOREIRA NETO, Diogo de Figueiredo. As funções essenciais à justiça e as procuraturas constitucionais. *Revista da Procuradoria-Geral do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 45, p. 41-57, 1992.

parentes para cargos políticos não configuraria afronta aos princípios constitucionais que regem a Administração Pública, tendo em vista sua natureza eminentemente política (STF AgR 6650, Rel. Min. Ellen Gracie, 16/10/2008).

Importante perceber que tal entendimento do Supremo segue a linha de raciocínio de que há uma diferenciação entre função administrativa e função política, não se submetendo esta última, ao regime jurídico da Administração Pública.

A doutrina identifica as funções administrativas através de três critérios:

Critério subjetivo ou orgânico	leva em conta o sujeito responsável pelo exercício da função administrativa;
Critério objetivo material	busca reconhecer a função através de elementos intrínsecos da atividade, ou seja, através de seu conteúdo;
Critério objetivo formal	busca reconhecê-la pelo regime que a disciplina.

Embora parte da doutrina aponte um ou outro critério como mais adequado para a identificação da função administrativa, parece-nos que nenhum deles é suficiente. Assim, eles devem ser avaliados em seu conjunto, para a correta identificação da função administrativa.

A função administrativa compreende diversas atividades, como:

Serviços públicos	atividade direcionada a proporcionar utilidades ou comodidades para os administrados, para satisfação de suas necessidades;
Poder de polícia	atividade que contém ou restringe o exercício das liberdades, adequando-as ao interesse público;
Fomento	atividade administrativa de estímulo à iniciativa privada de utilidade pública, que desenvolve atividades de interesse coletivo;
Intervenção	atuação da Administração no domínio econômico, seja de forma direta (através de suas empresas estatais), seja de forma indireta, através da regulamentação e da fiscalização da atividade econômica.

3. ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DIREITO ADMINISTRATIVO

A **Administração Pública** é a faceta organizacional do Estado voltada para o atendimento das necessidades coletivas, no desempenho de sua função administrativa.

A expressão pode ser compreendida em dois sentidos:

a) **Sentido objetivo** (administração pública): consiste na própria atividade administrativa exercida pelos órgãos e entes estatais.

b) **Sentido subjetivo** (Administração Pública): consiste no conjunto de órgãos, entidades e agentes que tenham a atribuição de executar a função administrativa. Nesse caso, a expressão se inicia com letras maiúsculas.

O **Direito Administrativo** se apresenta como o ramo do Direito Público que envolve normas jurídicas disciplinadoras da Administração Pública em seus dois sentidos, enquanto atividade administrativa propriamente dita e enquanto órgãos, entes e agentes que possuem a atribuição de executá-la. Em outras palavras, é o ramo do Direito Público que envolve normas jurídicas disciplinadoras do exercício da função administrativa.

Enquanto arcabouço de regras disciplinadoras da Administração Pública, o Direito Administrativo abrange normas (sejam princípios ou regras) que orientam os entes e órgãos do Estado, em suas atividades administrativas.

Nessa feita, o exercício de funções outras, que não a administrativa, são reguladas por outros ramos do Direito (o Constitucional, por exemplo). Da mesma forma, há incidência do direito administrativo em atividades que, para sua realização, exigem o exercício da função administrativa. A constituição do crédito tributário ou a concessão de uma aposentadoria, embora sejam objeto, respectivamente, das disciplinas direito tributário e direito previdenciário, na prática, submetem-se a certas regras de direito administrativo, em relação aos servidores públicos envolvidos, processamento administrativo, revisão de atos administrativos praticados, entre outros.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Delegado de Polícia de Pernambuco (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Considerando os princípios e fundamentos teóricos do direito administrativo, assinale a opção correta." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "D) A administração pública, em sentido estrito e subjetivo, compreende as pessoas jurídicas, os órgãos e os agentes públicos que exerçam função administrativa."

No concurso para o cargo de Juiz do Tribunal de Justiça de São Paulo (Vunesp/2009), com a seguinte ementa: "*Um dos aspectos primordiais do Direito Administrativo brasileiro é o de ser um conjunto:*", foi considerada correta a seguinte alternativa: "*d) de princípios e normas limitador dos poderes do Estado.*"

A Doutrina elenca diversos critérios, historicamente, utilizados para a conceituação do Direito Administrativo, indicando seus principais defensores:

a) **Critério do Poder Executivo:** (Lorenzo Meucci) de acordo com essa corrente, o objeto do Direito Administrativo estaria relacionado à atuação, exclusiva, do Poder Executivo. Essa corrente é insuficiente, uma vez que os Poderes Legislativo e Judiciário também exercem, atipicamente, a função administrativa.

b) **Critério do serviço público:** (Léon Duguit e Gaston Jéze), essa corrente defendia que o objeto do Direito Administrativo envolveria a disciplina jurídica dos serviços públicos prestados. Essa corrente também se apresentou insuficiente, uma vez que a Administração Pública, no exercício de sua função administrativa, exerce outras atividades, além da prestação de serviço público, que são também reguladas pelo Direito Administrativo, como: a atividade de fomento e de poder de polícia, entre outros.

c) **Critério das relações jurídicas:** (Laferrière) para essa corrente, o Direito Administrativo seria o conjunto de regras disciplinadoras das relações entre a Administração e os administrados. Também aqui pode ser suscitada certa imprecisão, uma vez que essas relações jurídicas, muitas vezes, são objeto de outros ramos do direito público, como o Constitucional, o Penal ou o Tributário. Ademais, esse critério despreza a atuação administrativa, em seu âmbito interno, como nas relações entre seus órgãos, sem participação dos administrados.

d) **Critério teleológico ou finalístico:** de acordo com seus pensadores, o Direito Administrativo seria o conjunto de normas que disciplinariam o Poder Público para a consecução de seus fins. Esse raciocínio, embora não esteja errado, parece insuficiente para delimitar, com precisão, esse ramo do Direito. No Brasil, essa corrente foi defendida por Oswaldo Aranha Bandeira de Mello.

e) **Critério negativo ou residual:** (Tito Prates da Fonseca) para seus defensores, o Direito Administrativo deveria ser definido por exclusão. Assim, pertenceriam ao Direito Administrativo as atividades que não pertencessem aos demais ramos jurídicos, nem aquelas relacionadas à sua função legislativa ou jurisdicional.

f) **Critério da Administração Pública:** (Hely Lopes Meirelles) essa corrente, que nos parece a mais acertada, prestigia o critério funcional, segundo o qual o Direito Administrativo seria o ramo do direito que envolve normas jurídicas disciplinadoras da Administração Pública, em seu sentido objetivo e subjetivo.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (Cespe/2014), foi considerada errada, a seguinte assertiva: "*Para Gaston Jezè, defensor da Escola do Serviço Público, o direito administrativo tem como objeto a soma das atividades desenvolvidas para a realização dos fins estatais, excluídas a legislação e a jurisdição*".

No concurso para Advogado da FUNASG (FUNCAB/2015), foi considerada correta, a seguinte assertiva: "Direito Administrativo é o ramo do Direito Público que estuda princípios e normas reguladores do exercício da função administrativa."

Necessário fazer referência aos conceitos de **administração pública extroversa** e **administração pública introversa**.

Administração pública extroversa envolve a relação existente entre a Administração e os administrados. Já a **Administração pública introversa** envolve a relação entre os próprios entes públicos. Conforme doutrina de Diogo de Figueiredo Moreira Neto, A administração pública extroversa é **finalística**, enquanto a administração pública introversa é **instrumental**, servindo como meio para a efetivação da Administração Pública extroversa.

3.1. Fontes do direito administrativo

Quando se aponta uma fonte de algo, ela está relacionada à origem daquele objeto de estudo. Pensando o Direito administrativo como um conjunto de normas, formado por regras e princípios, que disciplinam a Administração Pública, demonstra-se importante buscar identificar aquilo que provoca, revela ou dá origem, justamente, a tais normas jurídicas.

As **fontes do Direito Administrativo** não se resumem às normas oriundas do Estado, já que a disciplina deste ramo do direito sofre influência também dos demais setores, como o mercado e a sociedade. Rafael Oliveira lembra, por exemplo, a aplicação da *Lex mercatoria*, considerada fonte do chamado Direito Administrativo Global (*Global Administrative Law*), nas relações comerciais internacionais que envolvem o Estado.

Em apertada síntese, de acordo com a melhor doutrina, podemos apontar as seguintes fontes para o Direito Administrativo:

a) **princípios**; b) **leis**; c) **atos normativos infralegais**; d) **doutrina**; e) **jurisprudência** (destaque para as súmulas vinculantes e decisões em ADI, ADC e ADPF); f) **costumes**; g) **precedentes administrativos**.

Em relação aos precedentes administrativos como fontes, Rafael Carvalho lembra que eles pressupõem a prática reiterada de atos administrativos em situações similares, devendo a Administração restar vinculada a tais entendimentos quando analisar relações jurídicas distintas, mas que possuam identidade subjetiva e objetiva. Tal vinculação decorreria da necessidade de respeito à segurança jurídica, à isonomia e da vedação à arbitrariedade estatal. O autor ressalta que apenas em duas situações a Administração poderia se afastar de um precedente administrativo:

a) quando o ato invocado como precedente for ilegal;

b) quando o interesse público justificar a alteração motivada do entendimento administrativo, hipótese em que seria possível a adoção da teoria denominada "*prospective overruling*", segundo a qual a alteração de orientação jurídica deve ser aplicada apenas para os casos futuros.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (Cespe/2014), foi considerada errada, a seguinte assertiva: "*A lei é fonte primária do direito, sendo que o costume, fonte secundária, não é considerado fonte do direito administrativo*".

3.2. Sistemas administrativos

Em todo o mundo, adotam-se diferentes Sistemas (ou modelos) para correção dos atos administrativos ilegais ou ilegítimos, praticados pelo Poder Público:

a) O **Sistema do contencioso administrativo** (Sistema francês), restringe o controle dos atos da Administração, pelo Poder Judiciário. Nesse Sistema, em regra, os atos da Administração sujeitam-se à jurisdição do **contencioso administrativo**, formado por órgãos da Administração Pública.

Marinela pondera que este Sistema admite exceções, fazendo com que certas questões sejam julgadas pelo Poder Judiciário (como, por exemplo, causas envolvendo capacidade das pessoas e litígios decorrentes de atividades públicas, com caráter privado).

b) O **Sistema judiciário** (Sistema inglês ou Sistema de jurisdição única) permite que o controle de todos os atos da administração seja feito pelo Poder Judiciário. Nesse Sistema, em regra, as decisões administrativas, mesmo tomadas em um ambiente "contencioso" (ex: decisão de uma junta de recursos), podem ser revistas pelo Poder Judiciário.

É o Sistema adotado pelo Brasil, conforme evidencia a Constituição Federal, ao consagrar o princípio da inafastabilidade do controle jurisdicional, ao estabelecer que "a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça a direito" (Art. 5º, XXXV).

SCATOLINO e TRINDADE advertem que este princípio, contudo, comporta algumas exceções, entre elas:

> I - Justiça desportiva: segundo a Constituição, o Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em Lei (Art. 217, §1º).
>
> II - Habeas Data: de acordo com a Jurisprudência do STJ, não cabe Habeas Data se não houve recusa de informações por parte da autoridade administrativa.
>
> III - Súmulas vinculantes: embora a Reclamação seja o meio adequado para impugnar judicialmente, descumprimento de uma súmula vinculante, a lei nº 11.417, de 2006, estabeleceu que o uso da reclamação apenas é admitido após o esgotamento das vias administrativas.
>
> IV - Mandado de segurança: a Lei nº 12.016/de 2009, previu que sua interposição não é cabível quando caiba recurso administrativo com efeito suspensivo, independente de caução.
>
> V - Benefício previdenciário: os autores registram que o STF já admitiu a exigibilidade de prévio requerimento administrativo (sem necessidade de esgotamento da via administrativa), como condição para o exercício de direito de ação, para que se postule a concessão de benefício previdenciário (Informativo 756). Esta condição não ocorreria nas hipóteses de pretensões de revisão, restabelecimento ou manutenção de benefício anteriormente concedido, nas quais o pedido poderia ser formulado diretamente em juízo.

4. REFORMA ADMINISTRATIVA

Para entendermos melhor a atualidade vivenciada em nosso direito administrativo, é importante visitar algumas lições sobre a

Reforma Administrativa, ainda inconclusa, mas com agudas manifestações nos anos 90. Essa reforma repercutiu em nosso modelo de administração pública, alterando institutos outrora concebidos e criando outros tantos, que hoje fazem parte de nosso ordenamento.

4.1. Introdução

Importante frisar que esse movimento não foi identificado apenas em nosso país. As alterações sociais, econômicas e políticas que, no final do século XX, afetaram toda a sociedade mundial, causaram transformações nos modelos estatais, culminando com aquilo que se costumou chamar de **crise do Estado Social**.

Se a grande depressão de 1929 e a existência do socialismo soviético foram importantes para a transformação do Estado, que abandonou a sua configuração mínima, proposta pela máxima ***laissez faire, laissez passer***, para adotar uma postura intervencionista, característica do ***welfare state***, também os problemas econômicos e políticos vividos após a década de 70, como a crise do petróleo, o endividamento fiscal dos Estados, as dificuldades de satisfação (***outputs***) das exigências sociais e dos grupos de interesse organizados (***inputs***), a prática indiscriminada de **rent-seeking** (busca de privilégios pela manipulação do ambiente econômico ou político) e a própria crise de legitimidade estatal, levaram ao fortalecimento dos pensamentos contrários à ampliação da estrutura administrativa.

Em outras palavras, se as deficiências do mercado influenciaram a passagem para o modelo do Estado Social, as deficiências do governo incitaram o debate sobre a necessidade de nova mudança de paradigmas.

As discussões sobre a redefinição do papel estatal ganharam contorno de questão de ordem. Assim, de acordo com o novo pensamento majoritário, influenciado pelo raciocínio neoliberal, deveria o Estado reduzir sua intervenção no Mercado e equacionar seus gastos, inclusive aqueles destinados às prestações de serviços públicos, ampliados na vigência do *Welfare State*. Essa **redefinição do papel estatal** exigia uma revisão do papel exercido pela Administração Pública, que a sintonizasse às alterações sofridas pelo mundo, decorrentes da mudança de paradigmas que acompanhava o movimento da globalização.

Segundo Di Pietro, antes da reforma, os governantes brasileiros se deparavam com pelo menos duas realidades no âmbito da admi-

nistração pública. A primeira se relacionava à situação de crise, sobretudo no âmbito financeiro, já que o Poder Público não conseguia cumprir adequadamente as competências atribuídas pela Constituição. A segunda se relacionava à procura de soluções que permitissem a efetivação das aspirações constitucionais de um Estado que, entre seus objetivos, deve buscar a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, garantir o desenvolvimento, erradicar a pobreza e promover o bem-estar de todos.

A verificação, no Estado Brasileiro, da revisão do modelo administrativo, começou com a reforma da gestão pública realizada entre os anos de 1995 a 1998, pela qual o Brasil acompanhou a segunda grande reforma do Estado Moderno, iniciada desde a década de 80, em países como a Inglaterra. Essa reforma administrativa foi marcada pela tentativa de implantação de uma administração gerencial, que repercutiu na inclusão da eficiência como um dos princípios constitucionais da Administração Pública. Esse princípio foi inserido no texto constitucional pela EC nº 19/98, passando a expressamente vincular e nortear a administração pública, exigindo que a atividade administrativa seja exercida com presteza, perfeição e rendimento funcional.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Estado da Paraíba (Cespe/2008), com a seguinte ementa: "*O princípio da eficiência, introduzido expressamente na Constituição Federal (CF) na denominada Reforma Administrativa, traduz a idéia de uma administração*", foi considerada correta a seguinte alternativa: "*e) gerencial*".

4.2. Principais alterações

No caso do Brasil, permanece a crítica de que a mudança no modelo administrativo induziu governos recentes à importação de modelos internacionais que não tinham a necessária relação de simetria jurídica com nosso ordenamento. Os objetivos e as diretrizes para a reforma da administração pública brasileira foram registrados no **Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado**.

Essa visão do Estado inspirou a adoção de diversas medidas que alteraram o panorama da Administração Pública. De qualquer maneira, importante salientar que a reforma do aparelho estatal brasileiro foi fortemente influenciada pelas mudanças do final do século XX,

que atingiram tanto o modelo estatal como o próprio capitalismo. Vejamos adiante, algumas de suas principais alterações, também tratadas nessa obra, mais adiante, nos capítulos próprios:

4.2.1. *Servidor público*

A Reforma Administrativa trouxe várias alterações à relação Administração-servidor, inclusive em relação à remuneração e às regras de estabilidade, fixando, por exemplo, a possibilidade de avaliação de desempenho e a perda do cargo por excesso de despesas. As nuances e alterações realizadas serão estudadas no capítulo próprio, sobre agentes públicos.

4.2.2. *Contratos de gestão*

O **contrato de gestão** foi apresentado como instrumento de modernização da gestão pública. Di Pietro o aponta como forma de ajuste entre a Administração Pública Direta e entidades da Administração Indireta (**agência executiva**) ou entidades privadas que atuam paralelamente ao Estado (**Organizações Sociais**). O objetivo desse contrato seria o de estabelecer metas a serem alcançadas, em troca de benefícios ou parcerias com o Poder Público.

Quando realizado entre órgãos ou entidades da Administração, o contrato de gestão pode objetivar a ampliação da autonomia gerencial, orçamentária e financeira, devendo ter prazo de duração estabelecido em lei. Nos capítulos próprios, Organização da Administração Pública e Entes de cooperação, o tema será devidamente tratado.

4.2.3. *Agências executivas*

A Reforma estabeleceu a possibilidade de que o Poder Executivo qualifique como **agência executiva**, a autarquia ou a fundação que tenha cumprido requisitos estabelecidos para o alcance de uma maior eficiência em seu funcionamento, com melhor desempenho e redução de custos. Esse tema será abordado no capítulo sobre Organização da Administração Pública, ao qual remetemos o leitor.

4.2.4. *Agências reguladoras*

Com o objetivo de sanear as finanças públicas, o Governo Federal iniciou o **Programa Nacional de Desestatização**, transferindo à inicia-

tiva privada alguns serviços públicos outrora prestados pelo Estado (Ex.: telefonia). Com o fim do monopólio estatal, foi necessária a criação de autarquias de regime especial (**agências reguladoras**), para a regulação dessas atividades econômicas transferidas ao setor privado.

Esse tema será abordado no capítulo sobre Organização da Administração Pública, ao qual remetemos o leitor.

4.2.5. Terceiro setor

No cerne da sociedade civil, surgem associações de pessoas que não participam da roupagem estatal, nem têm interesses privados que as identifiquem com o Mercado ou com agrupamentos corporativos. São organizações que, sem fins lucrativos e sem a perspectiva estatal, buscam o atendimento de interesses coletivos.

Não há uniformidade na doutrina, acerca da classificação e nomenclatura dessas entidades, embora seja comum a denominação **"Entes de cooperação"** ou **"entidades paraestatais"**. Os reformistas adotaram a expressão **"setor público não estatal"** para identificar um segmento da sociedade civil que muito se aproxima do que a doutrina define como **Terceiro Setor**.

José Eduardo Sabo Paes define o Terceiro Setor como o conjunto de organismos, organizações e instituições dotados de autonomia e administração própria, que apresentam como função e objetivo principal atuar voluntariamente junto à sociedade civil, visando ao seu aperfeiçoamento. Vital Moreira observa que o Terceiro Setor se encontra em um ambiente intermediário entre o Estado e o Mercado, possuindo características híbridas, compartilhando traços de ambos.

A expressão **Terceiro Setor** foi traduzida do inglês ***Third Sector*** e difundida a partir da década de setenta do século XX. Ela englobaria as entidades formadas pela sociedade civil que não possuem interesse de lucro e buscam a satisfação dos interesses sociais. Esse conceito, ainda em construção, engloba a sociedade civil em sua atuação como parceira do Estado, estimulando discussões sobre os seus reais contornos. Abordaremos o tema no capítulo **Entes de cooperação**.

A Reforma Administrativa gerou a criação de dois novos títulos para o Terceiro Setor parceiro (Organizações Sociais/OS e Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público/OSCIP) e propôs a **"publicização"** dos serviços não exclusivos, o que resulta na descentra-

lização daquelas prestações que não envolvam o exercício do poder de estado, como os serviços de educação, saúde e cultura, para esse **"setor público não estatal"**.

Mais recentemente, como se verá adiante no estudo específico deste tema, a Lei federal nº 13.019/2014 estabeleceu um peculiar marco regulatório para as parcerias firmadas entre o Estado e as organizações da sociedade civil, priorizando o processo (seletivo) e não a titulação, como forma de identificação do Terceiro Setor (organizações da sociedade civil aptas à parceria estatal).

Diante dessa concepção, as organizações do Terceiro Setor (ou setor público não estatal) passam a ser parceiras estratégicas na prestação de serviços de interesse público.

4.2.6. Gestão pública e serviços públicos

No âmbito do Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado, concebeu-se que no aparelho estatal podem ser identificados quatro setores: o **núcleo estratégico**, o **setor de atividades exclusivas**, os **serviços não exclusivos**, e a **produção de bens e serviços para o mercado**.

O **núcleo estratégico** corresponde ao Governo em sentido lato, sendo o responsável pela definição das leis e das políticas públicas, tomando as decisões estratégicas para gestão do Estado. De acordo com o Plano Diretor, esse setor corresponde aos Poderes Legislativo e Judiciário, ao Ministério Público e, no Poder Executivo, ao Presidente da República, aos ministros e aos seus auxiliares e assessores diretos, responsáveis pelo planejamento e formulação das políticas públicas.

O setor de **atividades exclusivas** abarca as atividades que só o Estado pode prestar, diante da imposição constitucional ou da necessidade do exercício de seu poder extroverso. Nos dizeres de Bresser-Pereira, atividades exclusivas são aquelas "que garantem diretamente que as leis e as políticas públicas sejam cumpridas e financiadas". Inserem-se nesse setor a cobrança e fiscalização dos impostos, a polícia, a previdência social básica, o serviço de desemprego, a fiscalização do cumprimento de normas sanitárias, o serviço de trânsito, a compra de serviços de saúde pelo Estado, o controle do meio ambiente, o subsídio à educação básica, o serviço de emissão de passaporte, entre outros.

O setor de **serviços não exclusivos** corresponde ao setor em que o Estado atua simultaneamente com outras organizações públicas

não estatais e privadas. Essas organizações públicas não possuem o poder de Estado, embora este exerça um papel de parceria, em função dos interesses fundamentais envolvidos pela prestação desses serviços, como educação e saúde.

O setor de **produção de bens e serviços para o mercado**, que corresponde à área de atuação das empresas estatais e se caracteriza pelas atividades econômicas voltadas para o lucro que ainda permanecem no aparelho do Estado.

Temos, em resumo:

Núcleo estratégico	Governo em sentido lato, sendo o responsável pela definição das leis e das políticas públicas;
Atividades exclusivas	Atividades que só o Estado pode prestar;
Serviços não exclusivos	Atividades que o Estado realiza simultaneamente com outras organizações públicas não estatais e privadas (filantrópicas);
Produção de bens e serviços para o mercado	Atividades econômicas voltadas para o lucro, que ainda permanecem no aparelho do Estado;

Diante dessa concepção do aparelho estatal, em relação aos **serviços públicos**, há a disposição dos reformistas de limitar a ação direta do Poder Público àquelas funções tidas como propriamente estatais, transferindo para o setor público não estatal a prestação dos serviços não exclusivos, movimento chamado de "**publicização**".

Atenção!

O movimento de publicização se fundamenta na passagem dos serviços para um setor público não estatal. O setor público não estatal é constituído pelas organizações sem fins lucrativos que estão orientadas diretamente para o atendimento do interesse público. Assim, essas entidades, embora não sejam estatais, são consideradas, para os reformistas, como parte deste setor intermediário, entre o público e o privado. Assim, "publicização" não equivale à "estatização" nem à "privatização".

Nesse contexto, os **serviços não exclusivos** foram apresentados como correspondentes a um setor onde o Estado atua simultaneamente com outras organizações públicas não estatais e privadas, como a saúde, a educação e a cultura. Para tais atividades são estipulados alguns objetivos específicos, que resumimos da seguinte forma:

Objetivos para os Serviços Não Exclusivos:
Transferir para o setor público não estatal esses serviços, através de um programa de "publicização";
Lograr uma maior autonomia e uma maior responsabilidade para os dirigentes desses serviços;
Fortalecer práticas de controle social, tanto em relação à formulação quanto à avaliação do desempenho;
Maior parceria entre o Estado, a organização social e a sociedade a que servem;
Aumento da eficiência e da qualidade dos serviços.

Além disso, a Reforma previu novos instrumentos de **gestão pública**, como **consórcios públicos** e **convênios de cooperação**, autorizando a gestão associada de serviços públicos, bem como a transferência total ou parcial de encargos, serviços, pessoal e bens essenciais à continuidade dos serviços transferidos.

4.3. Formas de administração pública

Conforme explica brilhantemente Raquel Carvalho, além das mudanças estruturais no funcionamento do setor público, foi iniciada uma alteração ideológica no conteúdo da burocracia administrativa, migrando-a de um modelo weberiano para um modelo gerencialista. Isso porque a mudança de paradigmas exigiu adaptação do modelo jurídico administrativo aos novos desafios abraçados pelo Estado.

Vale, resumidamente, tratar sobre as três formas de Administração Pública, citadas expressamente no **Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado.**

- **Administração Pública Patrimonialista.** A confusão ente o Estado e o Soberano, no período absolutista, gerou um modelo de administração em que o Estado funcionava como uma extensão do poder do príncipe. A *res publica* se confundia com a *res principis*, facilitando o uso indevido da máquina administrativa, através da corrupção e do nepotismo.

Com o fortalecimento do capitalismo e dos conceitos democráticos próprios do período liberal, tal concepção tornou-se inaceitável.

▸ **Importante!**

Na administração pública patrimonialista o interesse público se confunde com o interesse do soberano.

- **Administração Pública Burocrática.** Di Pietro explica que esse modelo foi concebido na segunda metade do século XIX, ainda no período liberal, como forma de combater a corrupção e o assistencialismo da administração pública patrimonialista. A administração pública burocrática tem como princípios fundamentais a profissionalização dos agentes, sua organização em carreira, hierarquia funcional, impessoalidade e controle formal e a priori, partindo de uma desconfiança prévia em relação aos administradores.

Como identifica o Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado, a qualidade fundamental da administração pública burocrática é a efetividade no controle dos abusos. Já seus defeitos (ou disfunções) se manifestam no excesso de burocracia e seriam: a autorreferência (o formalismo como um fim em si mesmo) e a incapacidade de voltar-se para a eficiência dos serviços prestados aos cidadãos.

Tais defeitos não eram significantes outrora, quando ao surgimento da administração pública burocrática (período liberal), porque os serviços do Estado eram muito reduzidos, restringindo-se, grosso modo, a manter a ordem, a administrar a justiça, a garantir os contratos e a propriedade. Contudo, com a ampliação administrativa decorrente do Estado Social, o modelo burocrático passou a demonstrar fragilidades.

Importante!

Na administração pública burocrática o interesse público se confunde com o interesse do próprio Estado.

- **Administração pública gerencial.** Ela teria surgido na segunda metade do século XX, como resposta à expansão da atuação estatal, ao desenvolvimento tecnológico e à globalização, que expuseram problemas relacionados à eficiência administrativa, fortalecendo a concepção de que é necessária a redução de custos estatais, priorizando o resultado, ao invés da lógica burocrática que prioriza a forma.

Não basta que a administração pública evite o nepotismo e a corrupção, ela precisa buscar **eficiência** em sua atuação. Os reformistas alegavam a necessidade de dar um salto adiante, no sentido de uma administração pública baseada em conceitos atuais de gestão e de eficiência, descentralizada, com responsabilização

dos agentes envolvidos e voltada para o controle dos resultados, melhorando a qualidade dos serviços públicos e fomentando a participação popular.

O Plano Diretor aponta características fundamentais do modelo gerencial, que podem ser assim resumidas:

- definição precisa dos objetivos que o administrador público deverá atingir;
- autonomia do administrador, para que possa atingir os objetivos públicos definidos;
- o controle *a posteriori* dos resultados;
- a descentralização e a redução dos níveis hierárquicos;
- deslocamento da ênfase dos procedimentos (meios) para os resultados (fins).

Para a administração pública burocrática, o interesse público é frequentemente identificado com a afirmação do poder do Estado. Por conta disso, permite-se o direcionamento de uma parte substancial das atividades e dos recursos do Estado para o atendimento das necessidades da própria burocracia (os excessivos custos ou a ineficiência de exigências formais são tidos como irrelevantes). O conteúdo das políticas públicas é relegado a um segundo plano. A administração pública gerencial nega essa visão do interesse público, relacionando-o com o interesse da coletividade e não com o do aparato do Estado.

Importante!

Na administração pública gerencial o interesse público se confunde com o interesse da coletividade.

Tudo isso não significa o abandono generalizado da administração burocrática, pois, conforme admite o próprio Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado, a administração pública gerencial está apoiada na anterior (burocrática), conservando seus princípios fundamentais. Defende-se que **a diferença fundamental estaria na forma de controle, que deixa de se basear nos processos para se concentrar nos resultados.**

Podemos indicar, sinteticamente, as seguintes formas de administração pública, com suas principais características:

Administração Pública	
Patrimonialista	O aparelho estatal funciona como uma extensão do poder do soberano. A *res publica* não é diferenciada da *res principis*, trazendo como consequência a corrupção e o nepotismo.
Burocrática	Surge no Século XIX, como resposta ao patrimonialismo. O aparelho estatal utiliza controles administrativos a priori para evitar a corrupção e o nepotismo. Constituem princípios fundamentais a profissionalização dos agentes, a ideia de carreira, a hierarquia funcional, a impessoalidade e o formalismo.
Gerencial	Surge no século XX, como resposta à expansão das funções estatais, ao desenvolvimento tecnológico e à globalização. A reforma do aparelho do Estado passa a ser orientada pela eficiência, com controles a posteriori de resultados e maior autonomia ao administrador.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso de auditor do Estado de Minas Gerais (CESPE/2008), foi considerada correta a seguinte alternativa: *O Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado identificava, em uma perspectiva histórica, três formas básicas de administração pública, a saber: administração pública patrimonialista, administração pública burocrática e administração pública gerencial.*

No concurso de auditor do Estado de Minas Gerais (CESPE/2008), com a seguinte ementa: *"São princípios comuns às reformas gerenciais ou modelos pós-burocráticos:"*, foi considerada correta a seguinte alternativa: *"o estímulo à melhoria na qualidade dos serviços públicos, a responsabilização dos agentes públicos e a transparência"*.

5. TENDÊNCIAS NO DIREITO ADMINISTRATIVO BRASILEIRO

As mudanças de paradigma influenciam uma revisitação do direito administrativo, alterando alguns de seus conceitos e institutos. Com base na melhor doutrina, podem ser destacadas algumas tendências, que serão esmiuçadas adequadamente nos capítulos próprios.

5.1. Princípio da legalidade

Conforme será visto, ao tratarmos sobre o regime jurídico-administrativo, o conceito de **legalidade estrita** foi afetado, dando ensejo à discussão de novos conceitos, como **legitimidade** e **juridicidade**, compatíveis com as complexas relações jurídicas travadas pela Administração Pública e com os princípios e os valores que fundamentam

o Estado Democrático de Direito. Tal evolução será tratada no capítulo sobre regime jurídico-administrativo.

5.2. Controle social e democracia participativa

O **controle social** representa o controle da sociedade sobre os assuntos públicos, permitindo a fiscalização dos atos e contratos administrativos de interesse público geral, de forma, inclusive, mais eficiente e barata do que os meios burocráticos tradicionalmente concebidos.

Diante do **Estado Democrático de Direito**, consagrado pela Constituição Federal, é necessário implementar instrumentos que viabilizem a participação do cidadão e seu acesso aos dados e registros administrativos e a informações sobre atos de governo, conforme estabelece o inciso II, do § 3º do artigo 37 da Carta Magna. O aprofundamento da democracia pode produzir a redução da corrupção, pela concepção de mecanismos de controle social sofisticados que fomentem a participação ativa da sociedade na fiscalização da coisa pública.

Essa transformação, necessária na Administração Pública, permite o forjar de uma **democracia participativa**, em que os cidadãos e a sociedade civil não só participam da realização das ações públicas e de seu controle, mas, com o amadurecimento da experiência acumulada, passam a exercer função primordial na concepção de políticas públicas, ampliando não só a eficiência, mas também a legitimidade dessas ações.

Cada vez mais são exigidos instrumentos que garantam a participação do cidadão na gestão pública. No novo ambiente administrativo, a **transparência** é percebida como um valor fundamental para a atuação do Estado. Os conselhos com participação popular e as discussões populares prévias à elaboração de propostas orçamentárias também são exemplos do fortalecimento da **democracia participativa**, que induz a criação de instrumentos de atuação direta do cidadão na gestão pública, ultrapassando os instrumentos clássicos de participação da democracia representativa, através do voto.

5.3. Supremacia do interesse público sobre o privado

Esse raciocínio não é mais compreendido de forma absoluta. A posição vertical de supremacia entre o Poder Público e o administra-

do é vista sobre novo prisma. A doutrina moderna diferencia o **interesse público primário**, representado pelo interesse da sociedade, materializada pela proteção ao ambiente democrático e aos direitos fundamentais, do **interesse público secundário**, representado pelo interesse da máquina administrativa, enquanto pessoa ou órgão.

Se o **interesse público primário** ainda resguarda primazia, em relação aos interesses individuais, é também verdade que hoje, colisões entre o interesse do particular e o **interesse público secundário** (interesse da máquina administrativa, enquanto pessoa detentora de direitos e deveres), são solucionadas de acordo com os princípios, as normas e os elementos fáticos concretos, por vezes prestigiando o indivíduo, em detrimento da Administração.

5.4. Processualização do direito administrativo

Conforme determinado pela Constituição, atualmente, o respeito ao devido processo legal, à ampla defesa e ao contraditório são elementos essenciais nas demandas relacionadas a direito dos administrados, discutidas no ambiente administrativo (processos administrativos).

Nessa feita, tais garantias são tidas como essenciais para a aplicação de alguns atos administrativos, notadamente aqueles em que **a decisão administrativa afetar interesses de particulares. Nesses casos, conforme precedente do STJ, é imprescindível a observância do contraditório e da ampla defesa para que se aprecie a nulidade do ato** (RMS 27.440/AL, Rel. Ministro CASTRO MEIRA, DJe 22/09/2009).

5.5. Crise da noção de serviço público

A ampliação das atividades exercidas pelo Estado, em prol da comunidade, o fomento à participação de parte da sociedade civil na execução de serviços sociais e a transferência de serviços públicos econômicos para a iniciativa privada (privatização) geram dilemas em relação ao conceito de serviço público e o pertinente regime jurídico.

Di Pietro observa que a pretensa crise da noção de serviço público decorre da pressão para diminuir o rol desses serviços, notadamente em relação àqueles de natureza econômica. Tal movimento, influenciado pelo direito comunitário europeu, tende a adotar o raciocínio de que a existência de serviços públicos exclusivos do Estado

é contrária à livre iniciativa e, por outro lado, a prestação pelo Estado (mesmo que não exclusiva), através de suas estatais, prejudica a livre concorrência. Os defensores desse raciocínio cobram, então, a privatização dos serviços públicos.

A citada autora observa que a consequência de privatizar uma atividade pública é a sua não obrigatoriedade de prestação, condição natural à livre iniciativa. Ademais, a atividade particular não é protegida pelos princípios comuns ao serviço público como: generalidade, continuidade e modicidade.

Nada obstante, no caso do Brasil, esse quadro de crise não é patente, pois a própria Constituição já indica um rol de atividades as quais, mesmo de natureza econômica, competem exclusivamente ao Poder Público, embora este possa delegar a prestação de tais serviços a terceiros, conforme será devidamente abordado no capítulo sobre serviços públicos.

5.6. "Agencificação", com outorga de função regulatória

Nosso ordenamento absorveu a criação de **agências reguladoras** com natureza de **autarquias de regime especial**, as quais a lei atribuiu função de regulação. As características das agências e sua função regulatória serão esmiuçadas adiante, em capítulo próprio, sobre a organização administrativa.

5.7. Princípio da subsidiariedade

Como lembra Raquel Carvalho, o vocábulo **subsidiariedade** deriva da palavra subsídio, cujo significado primitivo tinha relação com a utilização de recursos para ajudar ou assegurar algo. Vigorava a ideia de que os subsídios constituíam um complemento ao financiamento principal, destinados excepcionalmente, pelos súditos, ao rei, para completar seus recursos em situações extraordinárias, como a de uma guerra.

Para parte da doutrina, o princípio da subsidiariedade tem suas origens mais remotas no pensamento aristotélico, que apresentava uma sociedade composta por diversos grupos com tarefas específicas, realizando suas próprias necessidades. Contudo, a grande maioria aponta que foi com a doutrina social da Igreja Católica que foi dada uma construção dogmática à ideia de **subsidiariedade**.

O **princípio da subsidiariedade** se encontraria implícito na **Encíclica *Rerum Novarum***, do Papa Leão XIII, escrita em 1891, coincidindo historicamente com um período em que o pensamento liberal já se encontrava em crise e ganhava força o discurso socialista de intervenção estatal. O objetivo, então, foi apontar a necessidade de equilíbrio entre a liberdade da iniciativa privada e a necessidade de intervenção estatal. Nessa esteira, exigia-se uma atuação ativa do Estado, para resolução dos problemas causados pelo liberalismo, ao mesmo tempo em que se contrapunha às ideias socialistas mais radicais como solução adequada para o quadro de crise.

Sobre esse enfoque, Silvio Rocha lembra que o texto religioso, usando o raciocínio de elevação da **dignidade da pessoa humana** como a peça chave de toda a doutrina social da Igreja, defendia a propriedade privada da revolução socialista e o operário da exploração do liberalismo econômico.

Outras manifestações da Igreja Católica adotaram o princípio da subsidiariedade, como a **Encíclica *Quadragesimo anno***, do Papa Pio XI, em 1931, que o citava explicitamente. O texto indicava, como conteúdo do princípio, a lógica de que uma entidade superior não deve realizar os interesses da coletividade inferior quando esta puder supri-los, competindo ao ente maior atuar apenas nas matérias que não possam ser assumidas adequadamente pelos grupos sociais menores ou apoiá-los para o exercício de tais atribuições.

Silvia Torres explica que o fundamento do princípio da subsidiariedade é a própria natureza humana, tendo como referência o valor ético e o direito de autodeterminação do indivíduo, cuja primazia tem por base o reconhecimento de que **a dignidade da pessoa humana se sobrepõe ao Estado**.

A doutrina aponta o **princípio da subsidiariedade** como elemento que busca o equilíbrio entre a forte atuação estatal e a primazia da iniciativa privada, concebendo-o como forma de proteção da esfera de autonomia individual e da coletividade contra a intervenção pública injustificada.

Há na subsidiariedade, portanto, um **sentido negativo**, pela estipulação de limites para a intervenção estatal nas competências que puderem ser assumidas pelos particulares; mas, também, um **sentido positivo**, pela imposição ao Estado de um dever de intervenção, nos casos de insuficiência da iniciativa privada.

De qualquer forma, a aceitação do **princípio da subsidiariedade** implica uma limitação à intervenção estatal, já que a ação do Estado acaba restrita às funções que apenas ele pode desempenhar, cabendo-lhe, nos demais casos, fomentar, estimular e coordenar a atuação dos agrupamentos menores, adequando-os ao interesse da coletividade. Conforme explica Di Pietro, consagrado o princípio da subsidiariedade, na prestação de serviços públicos, o "Estado só presta as atividades que o particular não pode desenvolver ou ajuda o particular quando a iniciativa privada seja insuficiente".

5.8. Relativização das regras de direito público em algumas contratações administrativas

Com a ampliação das atribuições da máquina administrativa, as relações contratuais tornaram-se cada vez mais diversas e complexas, gerando dificuldades na tentativa de pensar uma roupagem jurídica única para todos esses pactos negociais. Conforme ensina Diogo de Figueiredo Moreira Neto, o Estado em mutação "privilegia a funcionalidade, pois que endereçada ao atingimento da eficiência". Nesse novo panorama, como conclui o autor, o importante não é mais o ritualismo do ato administrativo, do processo administrativo ou do contrato administrativo, "mas o resultado eficiente que de cada um deles se espera".

Alguns contratos realizados pela administração passam, para adequar-se eficientemente à realidade, a admitir uma relativização das regras de direito público sobre eles incidentes. Como exemplo, a doutrina admite a existência de **contratos privados da Administração**, nos quais o Poder Público firmaria negócios regulados, predominantemente, pelo direito privado, situando-se no mesmo plano jurídico dos particulares, sem deter, como regra, todas as prerrogativas determinadas pelo regime jurídico dos **contratos administrativos** (em sentido estrito).

Cabe observar que, de acordo com art. 62, §3º, da Lei nº 8.666/93, algumas das regras dos contratos administrativos são apenas parcialmente aplicáveis ("no que couber"), aos contratos de seguro, de financiamento, de locação em que o Poder Público seja locatário, aos demais cujo conteúdo seja regido, predominantemente, por norma de direito privado e aos contratos em que a Administração seja parte como usuária de serviço público.

Outrossim, as **parcerias público-privadas** trouxeram inovações para o nosso ordenamento, permitindo, por exemplo, a previsão de cláusula contratual para aplicação de penalidades tanto para o parceiro privado como para a Administração Pública, em caso de inadimplemento contratual.

5.9. Formas consensuais como instrumento de resolução de problemas da Administração

A resolução de litígios pela Administração, mesmo no ambiente extrajudicial, é uma ação legítima e necessária, na atual realidade. Embora seja questionada a falta de regulamentação legal sobre tais medidas (notadamente no ambiente extrajudicial), impõe-se refletir que exigir a judicialização de todas as demandas postas ao Poder Público é algo totalmente contrário ao desenvolvimento das relações jurídicas existentes entre a Administração Pública e os administrados.

É inegável que ao praticar um ato administrativo que represente a satisfação de uma pretensão colocada (processualmente) pelo administrado, perante a Administração, tem-se (em um sentido amplo) a disposição do Poder Público em relação a um conjunto de direitos passíveis de litígio judicial. Assim, quando em processo administrativo se reconhece uma dívida ou a legalidade de um pleito anteriormente indeferido, a Administração Pública está dispondo parcial ou totalmente das convicções que fundamentaram seu posicionamento anterior e contrário à pretensão do administrado. Em última análise, tal disposição equivale a um **acordo extrajudicial**.

A complexidade e o volumoso número de demandas provenientes das relações jurídicas administrativas, quando depositadas exclusivamente sobre a tutela do Judiciário, apenas entulham os cartórios de varas, prejudicando sua atuação eficiente e desprezando operosos instrumentos de resolução de litígios, como o diálogo para a construção de consensos.

A Advocacia-Geral da União tem realizado um exitoso trabalho de resolução consensual de conflitos, no seio da Administração pública federal, através de sua **Câmara de Conciliação e Arbitragem**. Sempre respeitando os princípios da Administração Pública, o objetivo do referido órgão é evitar litígios entre órgãos e entidades da Administração Federal. Com a edição da Portaria AGU nº 1.099, de 28 de julho de 2008, foram incluídas as controvérsias de natureza jurídica entre a

Administração Pública Federal e a Administração Pública dos Estados ou do Distrito Federal.

Mais recentemente, a Lei federal nº 13.140, de 2015, dispôs sobre a mediação entre particulares como meio de solução de controvérsias e sobre a autocomposição de conflitos no âmbito da administração pública. A referida Lei admite que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios criem câmaras de prevenção e resolução administrativa de conflitos, no âmbito dos respectivos órgãos da Advocacia Pública.

5.10. Administração dialógica

A **administração pública dialógica** é uma tendência identificada em algumas atividades administrativas, notadamente na prestação de serviços públicos e nas contratações de grandes empreendimentos, que consiste na abertura de diálogo com os administrados, permitindo que eles colaborem para o aperfeiçoamento ou a legitimação da atividade administrativa.

Essa concepção se distancia de um modelo de **administração pública monológica**, no qual os particulares não têm oportunidade de interferir, preventivamente, colaborando para a realização da atividade administrativa.

Essa mudança de paradigma está relacionada, também, à evolução de democracia participativa, à processualização do direito administrativo e à utilização de formas consensuais para resolução de dilemas da Administração.

Em uma concepção de **administração pública dialógica**, os particulares podem atuar para colaborar com o aperfeiçoamento da atividade administrativa (ex: no planejamento de um grande empreendimento) ou também para a defesa de legítimos interesses próprios ou metaindividuais (ex: discussões sobre orçamento participativo ou com comunidades afetadas pela futura construção de uma Usina Hidrelétrica).

O envolvimento desses particulares pode, então, ampliar a legitimação da atuação administrativa, aperfeiçoá-la ou mesmo prevenir conflitos, benefícios dessa evolução de um modelo autoritário e isolado de ação administrativa, para um modelo dialógico, mais eficiente, legitimado e adequado às exigências de um Estado Democrático de Direito.

Capítulo 2

O regime jurídico-administrativo

Ronny Charles

1. INTRODUÇÃO

A atuação da Administração Pública, em sua atividade administrativa, sofre a influência de um regime próprio, denominado **regime jurídico-administrativo**, caracterizado pela incidência de específicas normas jurídicas (princípios + regras), que darão especiais contornos à atividade administrativa e são fundamentais para a correta aplicação dos institutos pertinentes, assim como para a compreensão das proteções e das restrições jurídicas que se refletem sobre tal atividade.

O **regime jurídico-administrativo** gera um conjunto de prerrogativas e de restrições, não identificadas comumente nas relações entre particulares, que podem potencializar ou mesmo restringir as atividades da Administração Pública. Assim, se, por um lado, no contrato administrativo, a Administração possui poder sancionatório extracontratual (prerrogativa), por outro, ela se submete a limites específicos, para alterações nesse contrato (restrições).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Defensor Público do Mato Grosso do Sul (Vunesp/2014), com a seguinte ementa: *"A expressão regime jurídico-administrativo é utilizada para designar"* foi considerada correta a seguinte assertiva: *"b) o conjunto das prerrogativas e restrições a que está sujeita a Administração Pública e que não se encontram nas relações entre particulares".*

▸ Importante!

Os princípios se diferenciam das regras. Eles se expressam em estruturas abertas, flexíveis, podendo, por isso mesmo, ser mais ou menos

observados. Havendo conflito entre dois princípios, é sempre possível uma solução que atenda em certa medida a um e em certa medida ao outro, o que não ocorre com o conflito entre regras, que exige, sob o prisma tradicional, opção por uma delas.

Se, antes, os princípios eram considerados subsidiários, na fase pós-positivista do Direito eles alcançaram hegemonia sobre as regras jurídicas.

Nessa concepção de primazia dos princípios na aplicação de nosso ordenamento, eles assumem uma feição de arsenal normativo principiológico que conforma a Administração Pública, sendo apontados como pedra angular, que consagra valores, responsável pela harmonia e coerência do sistema. Nesse diapasão, Dirley da Cunha Júnior, fazendo alusão à **tridimensionalidade funcional dos princípios**, lembra que eles consagram valores **fundamentadores** do sistema jurídico, **orientadores** de sua exata compreensão, interpretação e aplicação, além de **supletivos** das demais fontes do direito.

Tridimensionalidade funcional
Consagram valores fundamentais do sistema jurídico
Orientam a compreensão do ordenamento
Suplementam as demais fontes do direito

Cabe ainda aludir à **força normogenética** dos princípios. Segundo Raquel Carvalho, a força normogenética deriva da condição de que a regra só ganha o contorno que tem, em virtude de um princípio que a antecede e a fundamenta. Conforme descrito pela excelente obra da autora, "a força normogenética dos princípios decorre da natureza de normas que constituem a base das regras jurídicas as quais, por conseguinte, devem manter conformidade com o conteúdo principiológico definido".

Por fim, vale lembrar que não há hierarquia entre os princípios; eventual conflito aparente entre eles é resolvido através da **ponderação de interesses** (ou ponderação de valores), realizada topicamente, na solução do caso concreto.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Tribunal de Contas do Amapá (FCC/2010), com a seguinte ementa: "*O princípio constitucional da eficiên-*

cia, que rege a Administração Pública, apresenta-se em" foi considerada falsa a seguinte assertiva: *b) hierarquia superior aos demais princípios constitucionais, uma vez que deve nortear toda a atuação da Administração Pública.*

2. CONTEÚDO DO REGIME JURÍDICO-ADMINISTRATIVO

Celso A. B. de Mello sugere que o regime jurídico-administrativo é formado por **princípios magnos**, em função dos quais se originariam todos os demais princípios que conformam a atividade administrativa. Tais princípios magnos seriam: **supremacia do interesse público** e **indisponibilidade do interesse público**, bases fundamentais do regime jurídico-administrativo, que estabelecem prerrogativas e sujeições à atividade administrativa.

A **supremacia do interesse público** traz como efeito uma relação de verticalidade, uma relativa preponderância dos interesses defendidos pela Administração, tidos como públicos ou gerais, daqueles interesses defendidos por particulares. Tal supremacia justificaria certa posição superior da Administração na prática de alguns atos e negócios jurídicos, como se dá na intervenção estatal na propriedade (ex: requisição), nas cláusulas extravagantes comuns aos contratos administrativos, nos atributos especiais cometidos aos atos administrativos (presunção de legitimidade, autoexecutoriedade, imperatividade), entre outros.

A **indisponibilidade do interesse público** traz como efeito a impossibilidade de livre transigência, por parte do Administrador, dos interesses públicos tutelados. De acordo com o princípio da indisponibilidade, os bens e interesses públicos não pertencem ao gestor ou mesmo à Administração, cabendo aos agentes administrativos geri-los e conservá-los, em prol da coletividade.

Se em tempos idos a supremacia do interesse público foi utilizada como justificativa para a prática de arbitrariedades, em detrimento de direitos fundamentais, e a indisponibilidade do interesse público foi posta como empecilho à atividade ordinária da Administração Pública, diante do Estado Democrático de Direito, a evolução desses conceitos exigiu uma distinção entre o interesse público da coletividade (primário ou interesse público propriamente dito) e o interesse público do aparato estatal, enquanto sujeito de direitos e deveres (secundário).

Essa releitura do conceito de interesse público relativiza a aplicação (outrora tida como absoluta) tanto da supremacia como da indisponibilidade desse interesse.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de engenheiro civil da CAPES (Cesgranrio/2008), com a seguinte ementa: "*O instituto da requisição, previsto na Constituição Federal (artigo 5º, inciso XXV), autoriza às autoridades o uso de propriedade particular em determinadas situações, assegurando ao proprietário indenização ulterior, se houver dano. Trata-se de exemplo típico de aplicação concreta de um dos princípios que norteia a Administração, que é o da:*", foi considerada correta a seguinte alternativa: "*e) supremacia do interesse público sobre o privado.*"

2.1. Interesse público primário e interesse público secundário

Conforme explicado anteriormente, o conceito de interesse público envolve duas concepções, o **interesse público primário** (interesse da coletividade) e o **interesse público secundário** (interesse do Estado, enquanto sujeito de direitos). Tal dicotomia se fundamenta na constatação de que não há necessária coincidência entre o interesse público (relacionado a um conceito maior, de sociedade como um todo) e o interesse do Estado (relacionado a um conceito mais restrito, de Administração Pública).

Interesse Público primário	Interesse da coletividade
Interesse Público secundário	Interesse do Estado, enquanto sujeito de direitos.

Com a concepção de **Estado Democrático de Direito**, relativiza-se a predominância do interesse público secundário, que representa as aspirações da Administração Pública, em detrimento dos interesses do cidadão. A relação de verticalidade, outrora concebida pela doutrina, não pode mais justificar atuações administrativas autoritárias e arbitrárias, notadamente aquelas que conspurquem direitos individuais consagrados como fundamentais. O controle dos atos administrativos se impõe quando há a atuação do Estado em confronto com os princípios e os valores que norteiam o ordenamento jurídico.

Em princípio, somente o **interesse público primário** se apresenta com *status* superior, em relação ao interesse do particular. Conforme explica Luis Roberto Barroso, eventuais colisões entre o **interesse público secundário** (interesse da Administração) e o interesse do particular, são solucionadas concretamente, mediante a ponderação dos princípios e dos elementos normativos e fáticos do caso concreto.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Federal substituto da 2ª Região (Cespe/2013), foi considerada errada a seguinte assertiva:

E) "Sempre que a administração pública estiver envolvida em relações jurídicas, sejam elas de direito público ou de direito privado, o interesse da administração pública deverá imperar, pois ele sempre se sobrepõe ao interesse privado."

3. PRINCÍPIOS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

A doutrina reconhece vários princípios jurídicos no Direito Administrativo. Alguns foram positivados pelo constituinte ou pelo legislador ordinário, outros tantos são identificados através do estudo da natureza da atividade administrativa e de nosso ordenamento. Embora não se verifique unanimidade na doutrina, quanto ao número e ao nome, é possível destacar alguns princípios, expressamente indicados na Constituição ou em importantes normas legais.

3.1. Princípios constitucionais expressos

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu expressamente que a administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios da **legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade** e **eficiência**. Uma dica para auxiliar a memorização, consiste na união das letras iniciais desses princípios, formando a palavra LIMPE.

Princípios constitucionais expressos	
L	egalidade;
I	mpessoalidade;
M	oralidade;
P	ublicidade;
E	ficiência

A doutrina denomina tais princípios de **princípios constitucionais expressos** da Administração Pública.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (FCC/2007), com a seguinte ementa: "*Os princípios da Administração*

Pública, estabelecidos expressamente na Constituição Federal, são:", foi considerada correta a seguinte alternativa: *"d) legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência."*

3.1.1. *Princípio da legalidade*

É inicialmente manifestado pelo constituinte, quando estabelece, no art. 5.º, inc. II, da CF, que ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei. No direito privado, de acordo com este princípio, ao particular é permitido fazer tudo o que a lei não proíbe.

A submissão à legalidade está relacionada ao próprio Estado de Direito, apresentando-se como uma das principais garantias do indivíduo, contra os excessos da máquina pública. No âmbito do Direito Administrativo, pela doutrina tradicional, existe uma dupla subordinação da ação do administrador, em função do que estabelece a lei, de forma que ele só pode agir nos moldes e limites estabelecidos pela legislação.

Tal subordinação pode ser identificada por duas vertentes: o da vinculação negativa (***negative bindung***), segundo a qual a legalidade representaria uma limitação para a atuação do administrador, e o da vinculação positiva (***positive bindung***), segundo o qual a atuação dos agentes públicos depende de autorização legal.

Sob esse prisma, a legalidade administrativa se concretiza como uma garantia aos administrados, que podem exigir a consonância do ato administrativo com a lei, sob pena de sua invalidação.

- **Legalidade estrita.** Essa concepção de legalidade administrativa nasceu com o pensamento inspirador do Estado Liberal, influenciado pela preocupação com as arbitrariedades do período absolutista, do que resultou a ideia de restringir a atuação administrativa à mera execução das regras dispostas pelos representantes do povo. Assim, a legalidade estrita surgiu como um instrumento de proteção, um princípio limitador à atuação do Poder Público, a qual seria possível, apenas, dentro dos limites determinados pelas normas aprovadas pelos representantes do Povo.

Contudo, a partir do Estado Social, com a ampliação das atividades públicas e a concepção de que a atuação do Estado é ne-

cessária para contornar desequilíbrios econômicos e sociais, a vinculação estrita passou a se apresentar ora como uma justificativa para a prática de arbitrariedades, sob fundamento legal, ora como uma amarra incompatível com os desafios jurídicos modernos da Administração Pública. Tal quadro gerou o desenvolvimento do conceito de legalidade administrativa para duas novas concepções, a legitimidade e a juridicidade.

- **Legitimidade.** O avanço democrático do modelo de Estado e o enfraquecimento do positivismo tornaram insuficiente o raciocínio segundo o qual bastaria que a conduta administrativa fosse legal. Assim, passou-se a permitir o controle do ato administrativo, mesmo quando a conduta fosse aparentemente compatível com a lei.

Esse avanço está relacionado à mutação da noção clássica de legalidade para uma ideia de legitimidade, que exige também a obediência à moralidade e à finalidade pública. Tal concepção permite uma maior amplitude ao controle do ato administrativo pelo Poder Judiciário, que pode, para invalidá-lo, avaliar sua adequação à finalidade pública e aos princípios que regem a Administração Pública, como a moralidade. Sob esse aspecto, o avanço da legalidade, para o conceito de legitimidade, **amplia a vinculação negativa**, que não se dá mais, apenas, em relação à Lei, mas às normas jurídicas pertinentes (leis + princípios).

▸ **Importante!**

A doutrina de Alexandre Mazza ensina que a possibilidade de controle, pelo Poder Judiciário, da legitimidade dos atos praticados pela Administração Pública, fundamenta a percepção de existência do **princípio da sindicabilidade**, fundamentado na premissa constitucional de que "a lei não excluirá da apreciação do Judiciário lesão ou ameaça a direito".

A doutrina de Raquel Carvalho suscita, ainda, o **princípio da constitucionalidade**, como uma evolução da noção clássica de legalidade (anterior à **Juridicidade**), que permitiu o controle da atividade administrativa, em razão das normas constitucionais estabelecidas.

- **Juridicidade.** A exigência de que a lei predetermine de forma completa e absoluta toda a atuação da Administração é incompatível com a realidade posta, sendo indispensável a existência de uma margem decisória importante de ponderação e concretização das normas constitucionais.

Raquel Carvalho explica com maestria que o desenvolvimento de técnicas de gestão pública, a desburocratização, a execução de políticas públicas, o uso preferencial de processos convencionais e a garantia de estabilização mínima das relações jurídicas surgiram como valor fundamental para modificar essa base filosófica, que lastreou a limitação estatal através da legalidade, fazendo com que, nesse contexto, a doutrina começasse a utilizar a noção de juridicidade.

A juridicidade é apresentada como um conceito maior, que extrapola a compreensão tradicional da legalidade estrita, pois vincula a Administração Pública ao ordenamento jurídico como um todo (formado não apenas pelas leis, mas também pela Constituição e pelos princípios jurídicos), permitindo uma margem maior de autonomia, dentro dos limites apresentados pelo ordenamento constitucional, para a satisfação das diretrizes apresentadas por ele.

Nesse aspecto, o avanço da legalidade, para o conceito de juridicidade, amplia a **vinculação positiva**, que não se dá mais, apenas, em relação à Lei, mas às normas jurídicas pertinentes (leis + princípios), não mais aceitando a ideia de Administração vinculada estrita e exclusivamente às regras prefixadas nas leis, mas sim ao próprio Direito. Portanto, podemos identificar, ao menos, três fases no conceito de legalidade administrativa:

Legalidade estrita	Atuação do administrador vinculada aos limites estabelecidos pela Lei.
Legitimidade	Atuação do administrador vinculada não apenas aos limites legais, mas também à moralidade e à finalidade pública.
Juridicidade	Atuação do administrador vinculada aos limites estabelecidos pelo ordenamento jurídico como um todo.

Celso A. B. de Mello observa que a vigência do princípio da legalidade pode sofrer restrições excepcionais, admitidas pela própria Constituição, nas situações de:

a) **medidas provisórias;**

b) decretação do **estado de defesa;**

c) decretação do **estado de sítio.**

▸ **Importante!**

Não deve se confundir o princípio da legalidade administrativa com o princípio da reserva legal, que impõe a necessidade de Lei para determinada atuação estatal (por exemplo, a exigência de que a regulamentação de determinada matéria seja feita por Lei).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz Leigo do MPE-PR (MPE-PR/2017), foi considerada correta a seguinte assertiva:

"b) Numa leitura denominada de "juridicidade administrativa", para a validação da ação administrativa, não basta que seja esta formalmente conforme a lei, sendo necessário, também, que se apresente em conformidade com os princípios da Administração Pública".

No concurso para Juiz Leigo do TJ-GO (CS-UFG /2017), o seguinte texto foi considerado como relacionado ao princípio da legalidade:

"Este princípio, juntamente com o de controle da Administração pelo Poder Judiciário, nasceu com o Estado de Direito e constitui uma das principais garantias de respeito aos direitos individuais. Isto porque a lei, ao mesmo tempo em que os define, estabelece também os limites da atuação administrativa que tenha por objeto a restrição ao exercício de tais direitos em benefício da coletividade. É aqui que melhor se enquadra aquela ideia de que, na relação administrativa, a vontade da Administração Pública é a que decorre da lei".

No concurso para a Administração da Fundação Hemocentro de Brasília - DF (IADES/2017), com o enunciado: "A principiologia ocupa posição importante para o estudo do direito administrativo, uma vez que informa vetores de interpretação para todo o ordenamento objeto de estudo. A esse respeito, assinale a alternativa que corresponde à caracterização do princípio da juridicidade"; foi considerada correta a seguinte resposta:

b) Como princípio evolutivo, amplia o espectro de abrangência das fontes legislativas, servindo de arrimo interpretativo de toda a ordem jurídica.

3.1.2. *Princípio da impessoalidade*

A **impessoalidade** repele e abomina favoritismos e restrições indevidas, exigindo tratamento equânime e marcado pela neutralidade. Quando realiza a função administrativa, o gestor não age nem deve agir em nome próprio, mas em nome do Poder Público.

Em nossa opinião, a impessoalidade deve ser concebida em **dois aspectos.**

1) **Atendimento ao interesse público.** A impessoalidade proíbe que o agente público utilize seu cargo para a satisfação de interesses pessoais ou mesquinhos. Assim, não pode o agente público utilizar seu cargo para se promover, para beneficiar pessoa querida ou prejudicar um desafeto, por conta de interesses pessoais.

Materialização desse aspecto da impessoalidade é a obrigatoriedade de provimento de cargo através de concurso público, a vedação à promoção pessoal do agente público, a vedação ao ato administrativo de perseguição, a exigência de procedimento licitatório para que a Administração escolha uma empresa para contratar, entre outros. Vale sopesar, contudo, que a observância ao princípio da impessoalidade não prejudica que determinados atos administrativos, por sua própria natureza, tenham beneficiários certos.

Segundo precedente do STF, é compatível com o princípio da impessoalidade, dispositivo de Constituição Estadual que vede ao Estado e aos Municípios atribuir nome de pessoa viva a avenida, praça, rua, logradouro, ponte, reservatório de água, viaduto, praça de esporte, biblioteca, hospital, maternidade, edifício público, auditórios, cidades e salas de aula (STF, ADI 307/CE, rel. Min. Eros Grau, 13.2.2008).

2) **Imputação do ato administrativo.** A impessoalidade deve ter repercussão na relação jurídica do ato administrativo praticado. Quando realiza a atividade administrativa, o agente público age em nome do Poder público, de forma que os atos e provimentos administrativos não são imputáveis ao funcionário que os pratica, mas ao órgão ou entidade da Administração Pública.

Entendemos que a materialização desse aspecto da impessoalidade dá-se com a vedação à imputação direta de responsabilidade civil em detrimento do agente público. Embora tal agente possa ser responsabilizado pela prática de ato de improbidade (quando cabível), sofrer ação regressiva por parte da Administração ou mesmo sanção administrativa, ele deve estar protegido da responsabilização civil direta, sob pena de permitir-se um instrumento de restrição às atividades administrativas que afetem fortes grupos de interesse.

Conforme precedente do Supremo Tribunal Federal, uma coisa é assegurar ao ente público o direito de regresso, outra é imputar ao servidor diretamente a responsabilidade civil pela prática de ato administrativo que cause danos a terceiros (STF RE 327.904, DJ 08/09/2006). Nada obstante, convém registrar que o STJ tem firmado o entendimento de que deve-se franquear ao particular a possibilidade de ajuizar a ação diretamente contra o servidor, suposto causador do dano, contra o Estado ou contra ambos, se assim desejar" (STJ. REsp 1.325.862-PR., DJE 10.12.2013)."

Resguardando nosso respeito ao entendimento externado pelo STJ, entendemos que esse raciocínio merece reparos, por desconsiderar uma necessária proteção ao agente público, oriunda do regime jurídico administrativo e necessária ao exercício da função administrativa. Diante do caráter autônomo do direito de ação, a ausência dessa "proteção" pode prejudicar a escorreita ação administrativa, notadamente daqueles agentes públicos responsáveis por ações que afetem interesses econômicos de terceiros; assim, um fiscal sanitário que identifica irregularidade em um restaurante, um gestor que aplica merecidamente sanção a empresa inidônea, um pregoeiro que desclassifica proposta inexequível ou um auditor que autua empresa por irregularidades cometidas, todos, poderiam ser constrangidos a não exercer suas funções, pela ameaça de responder a diversas ações judiciais, movidas propositada e levianamente, contra a pessoa do servidor, apenas com o intuito de constranger o exercício da atividade administrativa.

Esperamos, sinceramente, que o STJ reveja sua jurisprudência, percebendo a questão sistematicamente e resguardando os aspectos de proteção ao escorreito exercício da atividade administrativa.

Mais recentemente, o Supremo Tribunal Federal, em Acórdão relatado pelo Ministro Barroso (RE 593525, DJe 07.10.2016), sabiamente reiterou o entendimento de que somente as pessoas jurídicas de direito público, ou as pessoas jurídicas de direito privado que prestem serviços públicos, poderão responder, objetivamente, pela reparação de danos a terceiros. Assim, renova-se o raciocínio firmado anteriormente, em Acórdão relatado pelo então Ministro Ayres Britto, segundo o qual a Constituição consagrou uma dupla garantia: uma, em favor do particular, que pode processar o Poder Público por danos decorrentes de ações e omissões de seus agentes públicos, no exercício da função; e, outra, em favor do próprio agente público, que responderá civilmente somente perante a pessoa jurídica estatal a qual esteja vinculado.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região (ESAF/2006), com a seguinte ementa: *"A estrutura lógica do Direito Administrativo está toda amparada em um conjunto de princípios que integram o denominado regime jurídico-administrativo. Assim, para cada instituto desse ramo do Direito Público há um ou mais princípios que o regem.*

Assinale, no rol abaixo, o princípio identificado pela doutrina como aquele que, fundamentalmente, sustenta a exigência constitucional de prévia aprovação em concurso público para o provimento de cargo público:", foi considerada **correta** a seguinte alternativa: *"c) impessoalidade"*.

No concurso para Juiz Federal do TRF da 5ª Região (CESPE/2009), foi considerada **falsa** a seguinte assertiva: Suponha que seja construído grande e moderno estádio de futebol para sediar os jogos da copa do mundo de 2014 em um estado e que o nome desse estádio seja o de um político famoso ainda vivo. Nessa situação hipotética, embora se reconheça a existência de promoção especial, não há qualquer inconstitucionalidade em se conferir o nome de uma pessoa pública viva ao estádio.

No concurso para Juiz de Direito, do TJ/DFT (CESPE/2015), o princípio da impessoalidade foi tido como correspondente à seguinte assertiva: *"A administração pública não pode atuar com objetivo de prejudicar ou beneficiar pessoas determinadas, nem os seus atos devem ser imputados aos funcionários que os praticam, mas ao órgão da administração pública."*

3.1.3. Princípio da moralidade

A **moralidade administrativa** exige que a ação da administração seja ética e respeite os valores jurídicos e morais. De índole constitucional, tal princípio está associado à legalidade, contudo, mesmo na hipótese de lacuna ou de ausência de disciplina legal, o administrador não está autorizado a proceder em confronto com a ética e com a moral. O administrador não pode, sob o argumento de exercício da discricionariedade (juízo de oportunidade e de conveniência) atentar contra a moralidade.

Conforme ensina Fernanda Marinela, a moralidade administrativa não se confunde com a moralidade comum, pois enquanto a última se preocupa com a distinção entre o bem e o mal, a primeira está ligada ao conceito de bom administrador.

Esse princípio se apresenta como um vetor fundamental das atividades do Poder público, de forma que, verificada ofensa à moralidade, mesmo que uma conduta seja aparentemente compatível com a lei, deve ser invalidada. Tal compreensão está relacionada à mutação da noção clássica de **legalidade** para uma ideia de **legitimidade**, que, além do cumprimento das regras jurídicas, abarca também a **moralidade** e a **finalidade pública**.

A nomeação de cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o **terceiro grau**, inclusive, da autoridade nomeante ou de servidor da mesma pessoa jurídica investido em cargo de direção, chefia ou assessoramento, para o exercício de cargo em comissão ou de confiança ou, ainda, de função gratificada na administração pública direta e indireta em qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, compreendido o ajuste mediante designações recíprocas, viola a Constituição Federal (STF - Súmula Vinculante nº 13).

Conforme precedente do STF, a edição da Súmula vinculante nº 13 não esgotou as possibilidades de configuração de nepotismo, sendo possível, em cada caso concreto, proceder-se à avaliação das circunstâncias pertinentes, à luz da Constituição federal (STF, MS 31.697).

O Plenário do STF julgou procedente pedido formulado em ação direta para declarar a inconstitucionalidade de dispositivo da Lei nº 13.145/97, do Estado de Goiás, entendendo que o dispositivo questionado, ao permitir a nomeação, admissão ou permanência de até dois parentes das autoridades ali mencionadas, além do cônjuge do Chefe do Poder Executivo, criaria hipóteses que excepcionariam a vedação ao nepotismo. (STF. ADI 3745/GO, Rel. Min. Dias Toffoli, 15.5.2013. Pleno. - Info 706)

Importante compreender que a vedação ao nepotismo tem como fundamento os princípios constitucionais da Administração, impessoalidade, moralidade administrativa e igualdade, não se exigindo a edição de lei formal para coibir a sua prática, nem podendo a Lei conspurcar tais princípios.

▸ **Atenção!**

Segundo precedente do STF (AgR 6650, Rel. Min. Ellen Gracie, 16/10/2008), em relação ao nepotismo, o Supremo tem assentado que a nomeação de parentes para cargos políticos não configuraria afronta aos princípios constitucionais que regem a Administração Pública, tendo em vista sua natureza eminentemente política.

Importante perceber que tal entendimento do Supremo segue a linha de raciocínio de que há uma diferenciação entre **função administrativa** e **função política**, e que o exercício desta última não se submete integralmente ao regime jurídico da Administração Pública.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Estado do Amazonas (FCC-2010), com o seguinte enunciado: "*NÃO é situação que configura nepotismo, a sofrer a incidência da Súmula Vinculante nº 13, editada pelo Supremo Tribunal Federal, a nomeação de*", foi considerada correta a seguinte assertiva: "*d) cônjuge de Governador para cargo de Secretário de Estado*".

No concurso para Procurador da República (2013), com o seguinte enunciado: "Consoante a jurisprudência dominante do Supremo Tribunal Federal, é correto afirmar que:"

Foi considerada correta a seguinte assertiva: d) Exclui-se da vedação concernente ao nepotismo a nomeação de irmão de Governador para exercício do cargo de Secretário de Estado, por se tratar de agente político.

No concurso para o cargo de Delegado de Polícia de Pernambuco (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Tendo como referência a jurisprudência majoritária do STF acerca dos princípios expressos e implícitos da administração pública e do regime jurídico-administrativo, assinale a opção correta." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "D) Segundo o STF, a vedação ao nepotismo decorre diretamente de princípios constitucionais explícitos, como os princípios da impessoalidade, da moralidade administrativa e da igualdade, não se exigindo a edição de lei formal para coibir a sua prática."

Tem-se entendido que a contratação de agentes públicos sem a realização de concurso caracteriza violação ao princípio da moralidade e da impessoalidade. Não obstante, o ressarcimento ao erário depende da demonstração do enriquecimento ilícito e do prejuízo para a administração.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Estado de Alagoas (CESPE-2009), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*O STJ fixou entendimento no sentido de que a contratação de agentes públicos sem a realização de concurso público enseja violação ao princípio da moralidade. Isso não quer dizer, contudo, que os responsáveis pela contratação devam ser condenados a ressarcir o erário, pois essa condenação depende da demonstração do enriquecimento ilícito e do prejuízo para a administração*".

3.1.4. *Princípio da publicidade*

A **publicidade** exige que a atuação do Poder Público seja transparente, com informações acessíveis à sociedade. Hodiernamente,

a publicidade é compreendida de maneira mais ampla. Não basta a publicação dos atos administrativos, ela deve ser feita de forma clara, permitindo que os cidadãos possam exercer fiscalização social sobre os atos e negócios praticados pelos gestores públicos.

O acesso aos documentos públicos de interesse particular ou de interesse coletivo ou geral pode ser ressalvado nas hipóteses em que o sigilo seja ou permaneça imprescindível à segurança da sociedade e do Estado. Da mesma forma, a lei pode restringir a publicidade dos atos processuais quando a defesa da intimidade ou o interesse social o exigirem.

Tem-se entendido, com razão, que é legítima a publicação, na internet, da relação de servidores públicos, com seus respectivos valores de vencimentos, medida que prestigia o princípio da publicidade.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Auditor Federal de Controle Externo do TCU (CESPE-2015), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*De acordo com entendimento dominante, é legítima a publicação em sítio eletrônico da administração pública dos nomes de seus servidores e do valor dos vencimentos e das vantagens pecuniárias a que eles fazem jus*".

Vale registrar a edição da **Lei nº 12.527, de 2011** (denominada, **Lei de acesso a informações**), que dispõe sobre os procedimentos a serem observados pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, com o fim de garantir o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal.

As disposições desta Lei são aplicáveis, no que couber, às entidades privadas sem fins lucrativos que recebam recursos públicos diretamente do orçamento ou mediante subvenções sociais, contrato de gestão, termo de parceria, convênios, acordo, ajustes ou outros instrumentos congêneres. Nesta hipótese, a publicidade a que estão submetidas essas entidades relacionam-se à parcela dos recursos públicos recebidos e à sua destinação, sem prejuízo das prestações de contas a que estejam legalmente obrigadas.

Qualquer interessado poderá apresentar **pedido de acesso** a informações aos órgãos e entidades referidos pela Lei, por qualquer meio legítimo, devendo o pedido conter a identificação do requerente e a especificação da informação requerida.

O acesso à informação, disciplinado pela referida Lei, compreende, entre outros, os direitos de obter:

a) orientação sobre os procedimentos para a consecução de acesso, bem como sobre o local onde poderá ser encontrada ou obtida a informação almejada;

b) informação contida em registros ou documentos, produzidos ou acumulados por seus órgãos ou entidades, recolhidos ou não a arquivos públicos;

c) informação produzida ou custodiada por pessoa física ou entidade privada decorrente de qualquer vínculo com seus órgãos ou entidades, mesmo que esse vínculo já tenha cessado;

d) informação primária, íntegra, autêntica e atualizada;

e) informação sobre atividades exercidas pelos órgãos e entidades, inclusive as relativas à sua política, organização e serviços;

f) informação pertinente à administração do patrimônio público, utilização de recursos públicos, licitação, contratos administrativos; e

g) informação relativa à implementação, acompanhamento e resultados dos programas, projetos e ações dos órgãos e entidades públicas, bem como metas e indicadores propostos;

h) informação relativa ao resultado de inspeções, auditorias, prestações e tomadas de contas realizadas pelos órgãos de controle interno e externo, incluindo prestações de contas relativas a exercícios anteriores.

▸ **Atenção!**

O acesso à informação não compreende aquelas referentes a projetos de pesquisa e desenvolvimento científicos ou tecnológicos cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.

São **vedadas** quaisquer exigências relativas aos motivos determinantes da solicitação de informações de interesse público.

O órgão ou entidade pública deverá autorizar ou conceder o acesso imediato à informação disponível. Quando não for possível conceder o acesso imediato, deve-se, em prazo não superior a **20 (vinte) dias** (admitida a prorrogação, justificada, por mais 10 (dez) dias):

a) comunicar a data, local e modo para se realizar a consulta, efetuar a reprodução ou obter a certidão;

b) indicar as razões de fato ou de direito da recusa, total ou parcial, do acesso pretendido; ou

c) comunicar que não possui a informação, indicar, se for do seu conhecimento, o órgão ou a entidade que a detém, ou, ainda, remeter o requerimento a esse órgão ou entidade, cientificando o interessado da remessa de seu pedido de informação.

A negativa de acesso às informações objeto de pedido devidamente formulado, quando não fundamentada, sujeitará o responsável a medidas disciplinares. Na hipótese de extravio da informação solicitada, o interessado poderá requerer à autoridade competente a imediata abertura de sindicância para apurar o desaparecimento da respectiva documentação.

No caso de indeferimento de acesso a informações ou às razões da negativa do acesso, poderá o interessado interpor recurso contra a decisão. O prazo recursal é de 10 (dez) dias, a contar da ciência do interessado.

Quando a negativa do acesso à informação ocorrer por órgãos ou entidades do Poder Executivo Federal, o requerente poderá recorrer à Controladoria-Geral da União, que deliberará no prazo de 5 (cinco) dias se:

a) o acesso à informação não classificada como sigilosa for negado;

b) a decisão de negativa de acesso à informação total ou parcialmente classificada como sigilosa não indicar a autoridade classificadora ou a hierarquicamente superior a quem possa ser dirigido pedido de acesso ou desclassificação;

c) os procedimentos de classificação de informação sigilosa, estabelecidos pela Lei nº 12.527, de 2011, não tiverem sido observados; e

d) estiverem sendo descumpridos prazos ou outros procedimentos previstos pela Lei nº 12.527, de 2011.

▸ **Atenção!**

Mesmo no âmbito do Poder Executivo Federal, o recurso somente poderá ser dirigido à Controladoria-Geral da União depois de submetido à apreciação de pelo menos uma autoridade hierarquicamente superior àquela que exarou a decisão impugnada.

Outrossim, **é dever dos órgãos e entidades públicas promover**, independentemente de requerimentos, **a divulgação** em local de fácil acesso, no âmbito de suas competências, **de informações de interesse coletivo ou geral** por eles produzidas ou custodiadas, devendo constar, **no mínimo**:

- registro das competências e estrutura organizacional, endereços e telefones das respectivas unidades e horários de atendimento ao público;
- registros de quaisquer repasses ou transferências de recursos financeiros;
- registros das despesas;
- informações concernentes a procedimentos licitatórios, inclusive os respectivos editais e resultados, bem como a todos os contratos celebrados;
- dados gerais para o acompanhamento de programas, ações, projetos e obras de órgãos e entidades; e
- respostas a perguntas mais frequentes da sociedade.

Para divulgação das informações de interesse coletivo ou geral, acima referidas, os órgãos e entidades públicas deverão utilizar todos os meios e instrumentos legítimos de que dispuserem, sendo obrigatória a divulgação em sítios oficiais da rede mundial de computadores (internet).

▸ Atenção!

Os Municípios com população de até **10.000 (dez mil) habitantes** ficam **dispensados** da divulgação obrigatória na internet, mantida a obrigatoriedade de divulgação, em tempo real, de informações relativas à execução orçamentária e financeira, nos critérios e prazos previstos pela Lei de Responsabilidade Fiscal.

A Lei, por outro lado, admite a possibilidade de **restrições** a informações consideradas imprescindíveis à segurança da sociedade ou do Estado, quando a divulgação ou acesso irrestrito possam:

- pôr em risco a defesa e a soberania nacionais ou a integridade do território nacional;
- prejudicar ou pôr em risco a condução de negociações ou as relações internacionais do País, ou as que tenham sido for-

necidas em caráter sigiloso por outros Estados e organismos internacionais;

- pôr em risco a vida, a segurança ou a saúde da população;
- oferecer elevado risco à estabilidade financeira, econômica ou monetária do País;
- prejudicar ou causar risco a planos ou operações estratégicos das Forças Armadas;
- prejudicar ou causar risco a projetos de pesquisa e desenvolvimento científico ou tecnológico, assim como a sistemas, bens, instalações ou áreas de interesse estratégico nacional;
- pôr em risco a segurança de instituições ou de altas autoridades nacionais ou estrangeiras e seus familiares; ou
- comprometer atividades de inteligência, bem como de investigação ou fiscalização em andamento, relacionadas com a prevenção ou repressão de infrações.

Nesses casos, as informações serão passíveis de classificação como **ultrassecreta**, **secreta** ou **reservada**, admitindo-se os seguintes prazos máximos de restrição à publicidade;

- **ultrassecreta:** 25 (vinte e cinco) anos;
- **secreta:** 15 (quinze) anos; e
- **reservada:** 5 (cinco) anos.

Para a classificação da informação em determinado grau de sigilo, deverá ser observado o interesse público da informação e utilizado o critério menos restritivo possível.

▸ Atenção!

As informações que puderem colocar em risco a segurança do Presidente e Vice-Presidente da República e respectivos cônjuges e filhos serão classificadas como reservadas e ficarão sob sigilo até o término do mandato em exercício ou do último mandato, em caso de reeleição.

A competência para classificação do sigilo de informações, no âmbito da administração pública federal, foi estabelecida de acordo com a classificação. Assim, será competente para a classificação:

a) **Ultrassecreta:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado e autoridades com as mesmas prerro-

gativas; Comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica; e Chefes de Missões Diplomáticas e Consulares permanentes no exterior. Aquele que classificar informação como ultrassecreta, deverá encaminhar a decisão à **Comissão Mista de Reavaliação de Informações**, que poderá rever a classificação de informações ultrassecretas ou secretas, de ofício ou mediante provocação de pessoa interessada.

b) **Secreta:** autoridades com competência para a classificação como informação **ultrassecreta**, além dos titulares de autarquias, fundações ou empresas públicas e sociedades de economia mista;

c) **Reservada:** autoridades com competência para a classificação como informação **ultrassecreta** ou **secreta**, além daquelas que exerçam funções de direção, comando ou chefia, nível DAS 101.5, ou superior, do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores, ou de hierarquia equivalente, de acordo com regulamentação específica de cada órgão ou entidade, observadas as disposições legais.

▸ **Atenção!**

A competência, para a classificação como ultrassecreta e secreta, poderá ser delegada a agente público, inclusive em missão no exterior, vedada a subdelegação.

Contudo, na hipótese de classificação, no grau de sigilo ultrassecreto, pelos Comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, ou por Chefes de Missões Diplomáticas e Consulares permanentes no exterior, esta decisão deverá ser ratificada pelo respectivo Ministro de Estado.

Matheus Carvalho ressalta, com razão, a importância de não se confundir "publicidade" com "publicação", que é uma das formas para se garantir a publicidade. Nem sempre é a publicação em diário oficial, o instrumento necessário para respeitar-se o princípio da publicidade.

Nessa feita, importante perceber que o princípio da publicidade não impõe, apenas, a divulgação das decisões administrativas; ele exige transparência em toda a tramitação processual, resguardando o direito dos administrados de ter conhecimento sobre documentos e acesso a informações, durante o processo de tomada de decisão.

Conforme artigo 11 da Lei nº 8.429/92, constitui ato de **improbidade administrativa**, que atenta contra os princípios da Administração Pública, negar publicidade aos atos oficiais.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Leigo do MPE-PR (MPE-PR/2017), foi considerada correta a seguinte assertiva: "c) A publicidade se distingue da publicação dos atos administrativos, sendo esta apenas um dos meios de concretização daquele princípio."

No concurso para Procurador da Fazenda (ESAF-2007), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Constitui ato de improbidade administrativa que atenta contra os princípios da Administração Pública negar publicidade aos atos oficiais*".

No concurso para Analista Judiciário do TRT da 4ª Região (FCC/2015), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*d) o princípio da publicidade não incide apenas para orientar a divulgação e a transparência dos atos finais, mas também permite aos administrados conhecer documentos e ter informações ao longo do processo de tomada de decisão.*"

No concurso para Juiz Substituto, do TJ/SC (FCC/2015), com o seguinte enunciado: "Vigora no Brasil, disciplinando o direito constitucional de acesso à informação, a Lei nº 12.527/11. É ideia ESTRANHA ao regime dessa lei a:", sendo considerada correta a seguinte assertiva:

"*b) possibilidade de que qualquer interessado possa apresentar pedido de acesso a informações aos órgãos e entidades competentes, devendo o pedido conter a identificação do requerente, a especificação da informação requerida e os motivos determinantes da solicitação de informações de interesse público*".

Obs.: como visto, anteriormente, são vedadas quaisquer exigências relativas aos motivos determinantes da solicitação de informações de interesse público

3.1.5. *Princípio da eficiência*

Esse princípio foi inserido no texto constitucional pela **EC nº 19/98**, passando a expressamente vincular e nortear a administração pública. O princípio da eficiência exige que a atividade administrativa seja exercida com presteza, perfeição e rendimento funcional, sua aplicação orienta e serve de fundamento para a construção de uma concepção de **Administração Pública Gerencial**.

O princípio da eficiência repercute tanto na atuação do agente público como na organização e estrutura da Administração Pública, e, embora inove ao englobar a preocupação com o resultado da atividade administrativa, não significa uma autorização à derrogação do regime jurídico de direito público ou quebra da legalidade.

O ilustre Marcus Bittencourt ensina que esse princípio exige a apresentação de resultados positivos para o serviço público e satisfatório atendimento das necessidades do administrado, não apenas na conduta do servidor público, mas também de toda a Administração Pública.

Conforme lembra Celso Antonio B. de Mello, a eficiência não pode ser concebida senão na intimidade do princípio da legalidade, pois jamais uma suposta busca de eficiência pode justificar a arbitrariedade. O autor lembra que ele se apresenta como uma faceta de um princípio mais amplo, tratado no Direito italiano: o **princípio da boa administração**. Assim, o agente público deve sempre buscar a melhor e mais adequada solução para os problemas administrativos, tendo como parâmetro o interesse público e a legalidade. Esta melhor solução, nem sempre será necessariamente a de menor custo, já que a avaliação de uma medida eficiente envolve outros elementos, além daqueles puramente econômicos.

Esse bom trato da coisa pública, atendendo à eficiência, tem relação direta com a concepção de **Estado Democrático de Direito**, no qual as regras e a atuação administrativa buscam dar garantias à coletividade, mas também protegem o indivíduo, inclusive de uma atuação exageradamente onerosa ou ineficiente do Estado que ele sustenta, através dos tributos.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região (FCC/2008), foi tida como correta a seguinte referência ao princípio da eficiência: "*Exigência de que a atividade administrativa seja exercida com presteza, perfeição e rendimento funcional*".

No concurso para Procurador do Tribunal de Contas do Amapá (FCC/2010), com a seguinte ementa: "*O princípio constitucional da eficiência, que rege a Administração Pública, apresenta-se em*" foi considerada correta a seguinte assertiva: e) *relação ao modo de organizar, estruturar e disciplinar a Administração Pública, não apenas em relação à atuação do agente público*. Na mesma questão, foi considerada errada a seguinte assertiva: "c) *relação ao modo de estruturação da Administração Pública, uma vez que autoriza a derrogação do regime jurídico de direito público e a aplicação do direito privado quando este se mostrar financeiramente mais atrativo*".

No concurso para analista de Controle Externo, do TCE/CE (FCC/2015), com o seguinte enunciado: "O princípio da eficiência constante da Constituição da República possui conteúdo variável, relacionado com a finalidade da atuação da Administração pública, de modo que", foi considerada correta a seguinte assertiva: "e) nem sempre significa o direcionamento da ação estatal a juízos puramente econômicos, recomendando a utilização mais satisfatória dos recursos públicos caso a caso."

3.2. Outros princípios

Além dos princípios indicados pela Constituição, a administração pública deve obediência a outros princípios, alguns deles positivados pelo legislador infraconstitucional, em várias normas. A **Lei federal nº 9.784/99** (processo administrativo), por exemplo, estabeleceu a necessária obediência, dentre outros, aos princípios da legalidade, finalidade, motivação, razoabilidade, proporcionalidade, moralidade, ampla defesa, contraditório, segurança jurídica, interesse público e eficiência. A **Lei federal nº 8.666/93** (Licitações e contratos), faz também alusão a vários princípios, dentre eles: legalidade, impessoalidade, moralidade, igualdade, publicidade, probidade administrativa, vinculação ao instrumento convocatório, julgamento objetivo, além de princípios correlatos. Podemos citar, ainda, outros princípios, como o da autotutela, da presunção de legitimidade dos atos administrativos, do devido processo legal, entre tantos.

Há, portanto, vários princípios que moldam a atividade administrativa; alguns claramente apontados pelo legislador, outros tantos identificáveis pelo jurista, na análise do ordenamento. Todos eles serão abordados, no decorrer dessa obra.

Ressaltamos, aqui, alguns desses princípios:

3.2.1. *Razoabilidade e proporcionalidade*

Tais princípios possuem funções axiológicas e teleológicas essenciais, permitindo o controle dos atos administrativos. A jurisprudência tem cobrado o respeito a esses princípios, invalidando excessos na prática de atos administrativos.

A razoabilidade (ou proporcionalidade ampla) impõe uma tríplice exigência ao desempenho da função administrativa, de forma que, para a realização de fins públicos, sejam adotados meios ***adequados***, **necessários** e **proporcionais** (as vantagens devem superar as desvantagens criadas.).

Alguns autores preferem denominar essa diferenciação como **subprincípios da proporcionalidade ampla**, quais sejam:

- **adequação (utilidade)** – a medida deve ser apta ao fim desejado;
- **necessidade (exigibilidade)** – o meio deve ser aquele que menos cause prejuízo aos administrados;

- **proporcionalidade em sentido estrito** - as vantagens devem superar as desvantagens.

Parte da doutrina tem feito alusão à **"teoria dos três testes"**, ao tratar sobre esses subprincípios, que devem ser "testados", para aferição do respeito ao princípio da proporcionalidade ampla. A exigência de razoabilidade traduz limitação material à ação da Administração Pública. Como destacou o STF, o exame da adequação de determinado ato estatal ao princípio da proporcionalidade, exatamente por viabilizar o controle de sua razoabilidade, inclui-se no âmbito da própria fiscalização de constitucionalidade das ações emanadas do Poder Público.

Sob esse aspecto, o princípio da proporcionalidade é essencial ao Estado Democrático de Direito, servindo como instrumento de tutela das liberdades fundamentais, **proibindo o excesso** e vedando o arbítrio do Poder, enfim, atuando como verdadeiro parâmetro de aferição da **constitucionalidade material** dos atos estatais (STF HC 103529-MC/SP. Informativo 585).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Perito Criminal da PC/AC (FUNCAB/2015), com o seguinte enunciado: "Suponhamos que Nicodemus foi alijado de concurso público para o provimento do cargo de perito criminal de polícia ante o argumento de estar inscrito no Serasa por compromissos pecuniários assumidos e não adimplidos. O caso hipotético citado retrata o desrespeito ao princípio da:", foi tida como correta a seguinte alternativa: "a) proporcionalidade."

3.2.2. Autotutela

Esse princípio permite à Administração Pública a revisão de seus atos, seja por vícios de ilegalidade (**invalidação**), seja por motivos de conveniência e oportunidade (**revogação**).

O STF já sedimentou, através de sua Súmula 473 que "a Administração pública pode anular seus próprios atos, quando eivados de vícios que os tornem ilegais, porque deles não se originam direitos, ou revogá-los, por motivo de conveniência ou oportunidade, respeitados os direitos adquiridos e ressalvada, em todos os casos, a apreciação judicial".

A Lei nº 9.784/1999 estipula, em seu artigo 54, que o direito da Administração de anular os atos administrativos de que decorram

efeitos favoráveis para os destinatários decai em cinco anos, contados da data em que foram praticados, salvo comprovada má-fé.

Em decisão na qual se evidencie não acarretarem lesão ao interesse público nem prejuízo a terceiros, os atos que apresentarem defeitos sanáveis poderão ser convalidados pela própria Administração.

▸ **Atenção!**

Na **Heterotutela** o controle não é feito pelo órgão ou pela Administração Pública, mas por pessoa, órgão ou ente de esfera diversa. É o caso, por exemplo, da anulação de ato administrativo feita pelo Poder Judiciário, decorrente de reclamação perante o STF (CF, Art. 103-A, §3º), ou do controle dos atos do Executivo realizado pelo Poder Legislativo, em sua função fiscalizadora (CF, Art. 49, X).

3.2.3. *Presunção de legitimidade*

Segundo tal princípio, os atos administrativos se revestem de uma presunção relativa (***juris tantum***) de que são praticados legitimamente (de acordo com o Direito). Tal presunção é relativa, podendo ser contrariada por prova em contrário.

3.2.4. *Motivação*

O princípio da motivação obriga a Administração a explicitar o fundamento normativo de sua decisão, permitindo ao administrado avaliar a decisão administrativa, para conformar-se ou insurgir-se perante o Poder Judiciário.

A motivação deve ser explícita, clara e congruente, podendo consistir em declaração de concordância com fundamentos de anteriores pareceres, informações, decisões ou propostas, que, neste caso, serão parte integrante do ato (**motivação aliunde**).

A indicação dos pressupostos de fato e de direito que determinarem a decisão é critério obrigatório no processo administrativo. A Lei nº 9.784/99, em seu artigo 50, impõe expressamente a motivação em alguns atos administrativos, notadamente aqueles que:

- neguem, limitem ou afetem direitos ou interesses;
- decidam recursos administrativos;

- imponham ou agravem deveres, encargos ou sanções;
- decorram de reexame de ofício;
- decidam processos administrativos de concurso ou seleção pública;
- deixem de aplicar jurisprudência firmada sobre a questão ou discrepem de pareceres, laudos, propostas e relatórios oficiais;
- dispensem ou declarem a inexigibilidade de processo licitatório;
- importem anulação, revogação, suspensão ou convalidação de ato administrativo.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Substituto do TJ/PB (CESPE/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: *"A administração pública deve dar publicidade aos atos administrativos individuais e gerais mediante publicação em diário oficial, sob pena de afronta ao princípio da publicidade"*

3.2.5. Segurança jurídica

Esse princípio tem por fundamento a necessária previsibilidade dos atos administrativos e estabilização das relações jurídicas. Têm-se limites para a atuação da Administração na prática de seus atos, como: vedação à aplicação retroativa de nova interpretação e sujeição do poder de autotutela a prazo razoável.

O princípio da segurança jurídica pode ser estudado sob dois prismas:

- **Objetivo:** refere-se à irretroatividade das normas e à proteção dos atos perfeitamente realizados, em relação a modificações legislativas posteriores e;
- **Subjetivo:** trata justamente da preservação das expectativas legítimas da sociedade com a produção de harmonia das relações jurídicas (princípio da **proteção da confiança**).

Têm-se apontado limites para a atuação da Administração na prática de seus atos, como:

a) vedação à aplicação retroativa de nova interpretação;

b) sujeição do poder de autotutela a prazo razoável.

Nesse prumo, a prerrogativa de revogação ou anulação de atos administrativos não pode se estender indefinidamente, ficando sujeita a prazo razoável e a limites de estabilização das situações criadas administrativamente.

O poder-dever da Administração de invalidar seus próprios atos sujeita-se ao limite temporal delimitado pelo princípio da segurança jurídica, pois os administrados não podem ficar indefinidamente sujeitos à instabilidade decorrente da autotutela estatal e à convalidação dos efeitos produzidos, quando, em razão de suas consequências jurídicas, a manutenção do ato servir mais ao interesse público do que sua invalidação. Da mesma forma, a exigibilidade da pretensão da Administração de apurar e punir irregularidades cometidas por seus agentes não é absoluta, encontrando limite temporal no princípio da segurança jurídica, de hierarquia constitucional, não se admitindo que os administrados fiquem indefinidamente sujeitos à instabilidade do poder sancionador do Estado. (STJ. AgRg no RMS 44657/RS, DJe 10/12/2014)

Noutro prisma, o STJ tem prolatado decisões entendendo que, sendo os atos administrativos de provimento absolutamente inconstitucionais, nem mesmo o Poder Constituinte derivado poderia relevar esse vício. Assim, não há que se falar em prescrição nem em decadência para que se tomem as providências cabíveis para restaurar a necessidade de observância do princípio constitucional do concurso público, não importando o tempo que o cidadão permaneceu, ilicitamente, no exercício do cargo (STJ, REsp 1310857/RN, 25/11/2014). Outrossim, o princípio da segurança jurídica e a suscitada decadência do direito da Administração, para anular seus próprios atos, não impedem a desconstituição de relações jurídicas que padecem de uma irremediável inconstitucionalidade, como é o caso dos servidores que mantêm contrato temporário com Poder Público, fora das permissivas contidas no art. 37, IX, da CF. (STJ, EDcl no RMS 33.143/PA, DJe 3/12/13).

Por fim, convém frisar que o princípio da segurança jurídica pode justificar que sejam considerados válidos atos administrativos praticados por agente público ilegalmente investido.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso do TJ/RS (FAURGS/2015), para outorga de delegação de Serviços Notariais e Registrais, com o seguinte enunciado: "Conforme o estabelecido na Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999, o princípio da segurança jurídica", foi tida como correta a seguinte alternativa: "c) proíbe a aplicação retroativa de nova interpretação da norma administrativa."

No concurso para Auditor da FUB (CESPE/2015), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"A proteção da confiança, desdobramento do princípio da segurança jurídica, impede a administração de adotar posturas manifestadamente contraditórias, ou seja, externando posicionamento em determinado sentido, para, em seguida, ignorá-lo, frustrando a expectativa dos cidadãos de boa-fé."*

No concurso para Procurador do Estado do PGE-SE (CESPE/2017), foi considerada correta a seguinte assertiva: "d) Em virtude dos princípios da proteção à confiança e da segurança jurídica, entende o STF que podem ser considerados válidos os atos praticados por agente público ilegalmente investido."

3.2.6. Contraditório e ampla defesa

O princípio do contraditório e da ampla defesa consta registrado no inciso LV do artigo 5º da Constituição federal, ao destacar que "aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e a ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes".

Essa garantia é apresentada tanto para os processos judiciais como para os processos administrativos, permitindo-se formas instrumentais adequadas de socorro ao cidadão, entre outras hipóteses, sempre que houver a possibilidade de repercussão desfavorável na esfera jurídica dos envolvidos.

O **contraditório** se relaciona com a igualdade das partes e se traduz na necessidade de informação da existência de todos os atos do processo, além da possibilidade de reação aos atos desfavoráveis.

A **ampla defesa** pressupõe a prerrogativa de defender-se de acusações, para evitar sanções ou prejuízos. A atividade administrativa resta sujeita à obediência ao **devido processo legal** e ao princípio da ampla defesa e contraditório, não podendo deles prescindir, sob pena de anulação dos atos e decisões proferidas.

A garantia constitucional da ampla defesa afasta a exigência do depósito prévio como pressuposto de admissibilidade de recurso administrativo.

▸ **Importante!**

Nos processos perante o Tribunal de Contas da União asseguram-se o contraditório e a ampla defesa quando da decisão puder resultar anulação ou revogação de ato administrativo que beneficie o interessado, excetuada a apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão. (STF - Súmula Vinculante 3).

Cabe observar que, em recentes decisões, o STF tem indicado o entendimento de que, mesmo nos casos de apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão, em que a relação jurídica estabelecida se dá entre o TCU e a Administração Pública (o que, em princípio, não reclamaria a audição da parte diretamente interessada), em caso de decurso de tempo acima do razoável, deve-se resguardar o direito líquido e certo do impetrante de exercitar as garantias do contraditório e da ampla defesa. Com fundamento nos princípios da segurança jurídica e da lealdade, salientou-se a necessidade de se fixar um tempo médio razoável a ser aplicado a tais processos (indicou-se o prazo referencial de cinco anos), após o qual haver-se-ia de convocar o particular para fazer parte do processo de seu interesse (STF MS 25116/DF, Julg. 08/09/2010).

O termo *a quo* desse prazo de 5 anos para que o TCU examine a legalidade dos atos concessivos de aposentadorias, reformas e pensões, conta-se a partir da data de chegada do processo administrativo na própria Corte de Contas (STF, MS 24781/DF, 02.03. 2011).

3.2.7. *Igualdade*

O princípio da igualdade (ou isonomia) é resumido na sentença **"tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida das desigualdades"**. Essa frase resume a transformação do sentido dado à igualdade com as mudanças de paradigmas que afetaram o Estado Moderno.

Durante o Estado Liberal, respeitar a isonomia significava tratar a todos igualmente (igualdade formal), uma conquista social que tinha como objetivo evitar as injustificáveis discriminações do período absolutista.

Com o Estado Social passou-se a admitir com maior acentuação o tratamento desigual entre os cidadãos, pelo Poder Público, não no

sentido de garantir privilégios, como ocorria no Estado Absolutista, mas imbuído do intuito de corrigir distorções sociais, como a miséria.

Contudo, excessos estatais passaram a gerar desvirtuamentos, uma vez que o tratamento diferenciado proposto pelo Estado muitas vezes era estabelecido de forma desproporcional ou descompassada de eventuais diferenças reais identificadas na sociedade. Agindo dessa forma, sob o falso pretexto de tratar desigualmente os desiguais, criaram-se privilégios que geravam desigualdades entre os indivíduos, pelo próprio Estado.

Com o Estado Democrático de Direito, faz-se necessário impor certa relação entre a diferença existente no mundo real e a ação estatal. Assim, embora se permita o tratamento desigual aos desiguais, este deve ocorrer na medida das desigualdades postas. Tratamentos que ultrapassem esse limite descambarão para discriminações indevidas, materializadas em privilégios ou perseguições, incabíveis no novo paradigma estatal.

Celso Antonio Bandeira de Mello ensina com maestria que o alcance da igualdade não se limita a nivelar os cidadãos diante da norma legal posta, seu respeito exige que a própria lei seja editada em conformidade com a isonomia. Dessa forma, "não só perante a norma posta se nivelam os indivíduos, mas, a própria edição delas assujeita-se ao dever de dispensar tratamento equânime às pessoas".

A lei e o ato administrativo não devem ser fonte de privilégios ou perseguições, mas cumprir o papel de instrumento regulador da vida social, tratando equitativamente os cidadãos. Diante da "politização" (em um sentido pejorativo) cada vez mais acentuada da máquina administrativa, é muito comum o estabelecimento de regras que, a despeito de se fundamentarem em diferenças sociais, geram privilégios desproporcionais, afrontosos à isonomia.

Noutro prisma, como reflexo do princípio da igualdade, impõe-se **"autovinculação administrativa"**, conceito que gera certa limitação à prática de um ato administrativo (mesmo que discricionário), em contradição a precedentes administrativos anteriores. Pela teoria da autovinculação administrativa, ao fixar determinado entendimento, por respeito à igualdade e à boa-fé, a Administração fica vinculada quando analisar relações jurídicas distintas, porém similares, embora possa alterar seu entendimento, de forma motivada e sem efeitos retroativos (***"prospective overruling"***).

Obviamente, não haverá vinculação a precedente, baseado em decisão ilegal.

▸ **Importante!**

O STF já proclamou que "a lei pode, sem violação do princípio da igualdade, distinguir situações, a fim de conferir a um tratamento diverso do que atribui a outra. Para que possa fazê-lo, contudo, sem que tal violação se manifeste, é necessário que a discriminação guarde compatibilidade com o conteúdo do princípio" *(STF - ADI N. 3.070-RN - RELATOR: MIN. EROS GRAU – Noticiado no Informativo 490).*

3.2.8. Finalidade pública

A Administração Pública não existe como um fim em si mesmo; sua existência, suas ações e suas prerrogativas são justificadas pelas finalidades para as quais ela foi criada (atendimentos dos interesses da coletividade). Nessa feita, quando o aparato administrativo age em busca de outras finalidades (por exemplo, interesse do gestor), tal ação demonstrar-se-á ilegítima e passível de invalidação, em decorrência do desvio de finalidade.

O desvio de finalidade pode ser: **genérico**, quando a ação administrativa não atende o interesse público (ex: desapropriação de um imóvel particular, em virtude de antipatia político-partidária), ou **específico**, quando a ação administrativa, embora objetive uma finalidade pública, diferencia-se daquela especificamente determinada pela Lei (ex: diante de um servidor desidioso que mereça a aplicação de sanção administrativa, decide o gestor removê-lo para uma unidade longínqua).

Em síntese, podemos indicar os seguintes princípios jurídicos, que influenciam o regime jurídico administrativo da Administração Pública.

Princípios constitucionais expressos	Legalidade
	Impessoalidade
	Moralidade
	Publicidade
	Eficiência

Outros princípios do Direito Administrativo (rol exemplificativo)	Razoabilidade e proporcionalidade
	Autotutela
	Presunção de legitimidade
	Motivação
	Segurança jurídica
	Contraditório e ampla defesa
	Igualdade
	Finalidade pública

Vale salientar que existem outros princípios aplicáveis ao Direito Administrativo, que serão analisados em capítulos próprios, relacionados aos temas com os quais possuem maior identidade.

Capítulo 3

Organização da Administração Pública

Fernando Baltar

1. INTRODUÇÃO

Conforme leciona Hely Lopes Meirelles, a Administração "é o instrumental de que dispõe o Estado para por em prática as opções do Governo". Dessa forma, deve-se interpretar que a Administração é, apenas, a ferramenta disponibilizada ao Estado para buscar a satisfação dos interesses essenciais e secundários da coletividade.

A criação de órgãos e entidades públicas depende de lei em sentido formal, por expressa exigência da Constituição Federal de 1988, todavia a mesma Carta Republicana admite que o Chefe do Poder Executivo pode dispor sobre a organização e o funcionamento dos órgãos, mediante Decreto, desde que não importe aumento de despesas, nem criação ou extinção de órgãos públicos.

A Administração Direta é composta pelos **órgãos públicos** integrantes de sua estrutura, despidos de personalidade jurídica, enquanto a Administração Indireta, segundo informa o Decreto-Lei nº 200/67, compreende as **autarquias, fundações públicas, empresas públicas** e **sociedades de economia mista**.

Temos, portanto, as **pessoas políticas** ou **entes políticos** que são a União, Estados, Distrito Federal e Municípios, que são entes da federação previstos na Constituição e as **pessoas administrativas** ou **entes administrativos**, que são pessoas criadas por lei ou por autorização legal editada por ente político, para o desempenho de função administrativa ou exploração de atividade econômica (sociedades de economia mista e empresas públicas).

Os entes administrativos surgiram para suprir uma necessidade técnica. Constatou-se que aglutinar todas as competências não pro-

duzia os melhores resultados, face aos intermináveis corredores da burocracia administrativa, que necessitaria ser cada vez mais vascularizada, com um número maior de órgãos públicos.

Optou-se pela adoção da técnica da descentralização administrativa, criando outras pessoas jurídicas, com autonomia, mas submetidas a controle pelo ente político com a finalidade de desempenhar uma determinada atividade pública.

2. ÓRGÃOS PÚBLICOS

Como os entes da Federação (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) possuem personalidades jurídicas próprias e, portanto, são sujeitos de direitos e obrigações no nosso ordenamento jurídico, surge a necessidade de explicar como uma ficção jurídica pode expressar sua vontade.

Surgiram diversas teorias objetivando explicar essa manifestação de vontade do Estado, dentre elas:

- **Teoria do mandato;**
- **Teoria da representação;**
- **Teoria do órgão;**

Segundo a **teoria do mandato**, o Estado outorga aos seus agentes um mandato para agir em seu nome. Tal teoria não explica de que forma o Estado transferiu poderes aos seus agentes, além de trazer a inconveniência de retirar do mandante (Estado) a responsabilidade pelos atos praticados pelo mandatário (agente público), que extrapolaram das atribuições outorgadas.

Pela **teoria da representação** o Estado seria representado por seus agentes. Di Pietro critica essa teoria, por entender inconsistente nivelar o Estado ao incapaz, que necessita de representação. A doutrina ainda critica a nuance de que, por esta teoria, o representado (Estado) não responde pelos atos que ultrapassam os poderes da representação.

A **teoria do órgão**, também chamada de **teoria da imputação volitiva**, estabelece que o Estado manifesta sua vontade por meio dos órgãos que integram a sua estrutura, de tal forma que quando os agentes públicos que estão lotados nos órgãos manifestam a sua vontade, esta é atribuída ao Estado.

A teoria do órgão é a teoria mais aceita em nosso ordenamento jurídico e é por seu intermédio que se consegue justificar a validade dos atos praticados pelo **"servidor de fato"**, que segundo Celso Antônio Bandeira de Mello seria "aquele cuja investidura foi irregular, mas cuja situação tem aparência de legalidade. Em nome do **princípio da aparência**, da boa-fé dos administrados, da segurança jurídica e do princípio da presunção de legalidade dos atos administrativos, reputam-se válidos os atos por ele praticados, se por outra razão não forem viciados".

Segundo Hely Lopes Meirelles, **órgãos públicos** são "centros de competência instituídos para o desempenho de funções estatais, através de seus agentes, cuja atuação é imputada à pessoa jurídica a que pertencem".

▸ Atenção!

Nenhum órgão público possui personalidade jurídica própria, por mais relevantes que sejam as atribuições exercidas.

▸ Como este tema vem sendo abordado em concursos ?

No concurso para provimento do cargo de Procurador do Município de Londrina/PR/2011, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "Os órgãos públicos são centros de competência instituídos no âmbito da mesma pessoa jurídica para o desempenho das funções estatais. Possuem personalidade jurídica e convivem paralelamente à estrutura da pessoa a que pertencem".

São exemplos de órgãos públicos a Presidência da República, os Ministérios, a Imprensa Nacional, a Advocacia-Geral da União, o Ministério Público, o Supremo Tribunal Federal, Tribunais de Justiça, polícias civis ou militares, Senado Federal, Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas, Câmaras Municipais, Receita Federal e Estadual, dentre outros.

José dos Santos Carvalho Filho, destaca, com propriedade, que, apesar dos órgãos serem entes despersonalizados, os órgãos públicos representativos de poderes (ex.: tribunais, casas legislativas) podem defender, em juízo, as suas prerrogativas constitucionais.

Essa capacidade processual extraordinária ou anômala é chamada de **personalidade judiciária** e, apesar de não conferir persona-

lidade jurídica a esses órgãos, confere legitimidade para estarem em juízo defendendo suas competências. Ex.: Assembleia Legislativa pode impetrar mandado de segurança em face do Governador do Estado pelo não repasse da parcela do orçamento a que faz *jus*.

Como este tema vem sendo abordado em concursos?

No concurso para provimento do cargo de Procurador do MP junto ao TCU/2015, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "Considerando-se o conceito de órgão público, o TCU, embora não tenha personalidade jurídica, tem capacidade processual para defender suas prerrogativas e para atuar judicialmente em nome da pessoa jurídica que integra.".

Quanto à posição estatal os órgãos são classificados em:

a) **Independentes** - são os órgãos representativos de poderes que não se subordinam hierarquicamente a nenhum outro, tais como a Chefia do Executivo, os tribunais, as casas legislativas.

b) **Autônomos** - Formam a cúpula da Administração e se subordinam, apenas, aos órgãos independentes. Ex.: ministérios, secretarias estaduais e municipais.

c) **Superiores** - São os órgãos que exercem atribuições de direção, controle e chefia, mas que se subordinam a órgãos autônomos ou de hierarquia superior Ex.: diretorias, coordenações.

d) **Subalternos** - são órgãos de execução, despidos de função de comando. Ex.: protocolo, seção de expediente, de material, portaria.

Quanto à estrutura, os órgãos são classificados em:

a) **Simples ou unitários** - são órgãos que não possuem outros órgãos subordinados em sua estrutura. Ex: os órgãos subalternos como protocolo ou almoxarifado são órgãos simples.

b) **Compostos** - são órgãos onde ocorre a desconcentração de suas atividades para outros órgãos subordinados hierarquicamente. Ex: A Procuradoria-Geral da União é o órgão superior das Procuradorias Regionais da União e estas são os órgãos regionais das Procuradorias da União nos estados. A PGU, portanto, é um órgão composto.

Quanto à atuação funcional, são classificados em:

a) **Singulares ou unipessoais** - são órgãos cuja decisão depende da vontade de um único agente. Ex: Presidência da República.

Ainda quanto aos órgãos singulares, cumpre observar que o ilustre administrativista Celso Antônio Bandeira de Mello chama os órgãos singulares de simples.

b) **Colegiados, pluripessoais ou coletivos** – são órgãos em que as decisões são tomadas por mais de uma pessoa, por um colegiado que delibera sem que haja hierarquia entre seus membros, ainda que um seja nomeado diretor ou presidente. Ex: Conselho Nacional de Justiça, Conselho Superior da Advocacia-Geral da União, Conselho de Contribuintes, dentre outros.

Quanto às funções, os órgãos podem ser classificados em:

a) **Ativos** – são os órgãos que exercem diretamente função administrativa, prestando serviços públicos, tais como de polícia, saúde, educação, dentre outros.

b) **Consultivos** – são órgãos que possuem atuação preventiva, emitindo manifestações técnicas de natureza opinativa acerca do ato administrativo que se pretende praticar. Ex. Consultoria Jurídica da União nos estados.

c) **Controle** – são órgãos que exercem uma fiscalização sobre as atividades desempenhadas por outros órgãos e agentes públicos. Esse controle pode ser exercido interna ou externamente. Ex. Ministério da Transparência, Fiscalização e Controladoria-Geral da União, Tribunal de Contas da União.

3. AUTARQUIAS

3.1. Conceito

Pode-se conceituar autarquia como sendo a pessoa jurídica de direito público interno, criada por lei específica para prestação de serviço público específico, com autonomia administrativa, mas submetida a controle finalístico de suas atividades.

3.2. Características

Decorrem do conceito acima as seguintes características:

- personalidade jurídica de direito público interno;
- criação por lei;
- autonomia administrativa;

- prestação de serviço público específico;
- submissão a controle finalístico de suas atividades.

São exemplos de autarquias federais: INSS, INCRA, DNOCS, IBAMA, IPHAN, Banco Central, dentre outras.

3.3. Criação

O artigo 37, XIX, da Constituição, traz a seguinte redação: "***somente por lei específica poderá ser criada autarquia*** *e autorizada a instituição de empresa pública, de sociedade de economia mista e de fundação, cabendo à lei complementar, neste último caso, definir as áreas de sua atuação.*"

As autarquias, então, **nascem diretamente da lei**, não necessitando do registro de seus estatutos na Junta Comercial nem em unidade cartorial, e, por essa razão, sua **personalidade jurídica é de direito público**, não podendo ser equiparada às entidades privadas nem às entidades públicas de direito privado.

O que se afirma é que o ente político (União, Estados, Distrito Federal e Municípios), o qual detém competência legislativa inovadora, poderá, por uma opção política e por uma questão de técnica de descentralização, editar, por meio de sua casa legislativa, lei que venha a criar uma outra pessoa jurídica, transferindo para esta nova entidade um serviço público específico. Por exemplo, a União, por meio do Congresso Nacional, editou uma lei criando o INSS, autarquia federal que presta o serviço público de seguridade social, em seu próprio nome e sob sua responsabilidade.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador do Estado do Ceará-2008, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *Ao criar uma autarquia, a administração pública apenas transfere a ela a execução de determinado serviço público, permanecendo com a titularidade desse serviço.*

A União poderia prestar os serviços de seguridade social diretamente, por meio do Ministério da Previdência Social? Sim, mas optou pela técnica da descentralização, criando uma pessoa jurídica e conferindo a ela a responsabilidade de prestar esse serviço público.

▸ **Atenção!**

Se a entidade política optar por descentralizar um **serviço público tipicamente estatal** – que não possa ser prestado por entidades privadas – deverá, necessariamente, criar uma autarquia, mas se o serviço a ser prestado não for um serviço típico de Estado, então, poderá optar pela criação de autarquia ou outra entidade pública.

Esse raciocínio significa que, se o serviço é tipicamente estatal e está descentralizado, a entidade prestadora é uma autarquia ou entidade pública com natureza autárquica; mas não se pode afirmar que toda autarquia presta um serviço público típico de Estado, como exemplo podemos citar as universidades públicas, que, apesar de serem autarquias, prestam um serviço que também é ofertado por entidades privadas.

As autarquias nascem com o único propósito de prestar um serviço público específico de forma mais eficiente e racional, como forma de descentralização administrativa por serviços ou funcional, enquanto o ente federado possui capacidade ampla para prestação dos mais diversos serviços públicos (proteção e preservação do meio ambiente, cultura, segurança, saúde, educação, dentre outros).

Como as autarquias nascem diretamente da lei, só podem ser **extintas por outra lei**, não se admitindo, por respeito ao princípio da legalidade, a extinção de autarquias por nenhum outro instrumento infralegal.

3.4. Prerrogativas

As autarquias, por serem pessoas jurídicas de direito público, possuem as prerrogativas administrativas do ente da federação que as criou, dentre elas:

a) imunidade relativa a impostos sobre o seu patrimônio, renda ou os serviços vinculados as suas finalidades essenciais (CF, art. 150, § 2º e 4º), chamada de **imunidade condicionada**;

▸ **Importante!**

Nesse aspecto, o STF tem entendido, de uma forma geral, que basta determinada renda ser destinada à consecução das finalidades essenciais da entidade para que seja uma renda imune. Igualmente, se a renda obtida com o aluguel de determinado imóvel for destinada à consecução de tais finalidades, estariam abrigados pela imunidade tanto o patrimônio como a renda dele proveniente.

Vale lembrar, também, que o Supremo considera que incide IPTU em imóvel de pessoa jurídica de direito público cedido à pessoa jurídica de direito privado, devedora do tributo.

b) impenhorabilidade, inalienabilidade e imprescritibilidade dos seus bens;

c) execução dos seus débitos via precatório;

d) execução fiscal dos seus créditos inscritos;

e) prazo em dobro para as suas manifestações processuais, salvo quando a lei, de forma expressa, determinar prazo diverso;

f) juízo privativo, se federais, de suas ações serem julgadas na justiça federal;

g) prescrição quinquenal de seus débitos, conforme estabelecido para a Fazenda Pública.

3.5. Capacidade de autoadministração

Com relação à **autonomia administrativa** das autarquias, deve-se partir do pressuposto de que não haveria nenhum sentido na criação de uma nova pessoa e a consequente transferência do serviço público, com a manutenção da submissão ao poder hierárquico em relação ao ente criador. Se essa fosse a intenção, dever-se-ia criar um órgão (**desconcentração**) e não uma autarquia (**descentralização**).

Se a opção política do governo foi pela **descentralização**, a nova pessoa que surgiu da vontade legislativa, naturalmente, deverá possuir capacidade de administrar a si própria, com **autonomia** em relação ao ente que a criou.

3.6. Controle finalístico, tutela ou vinculação

Capacidade de **autoadministração** não pode ser confundida com independência absoluta. As autarquias não se submetem ao poder hierárquico da pessoa que a criou, ou seja, não há subordinação entre uma autarquia e um ministério ou secretaria, mas haverá um **controle finalístico** de suas atividades, também chamado de **tutela** ou **supervisão**.

Tutela, vinculação ou controle finalístico
Não é presumida, mas sim exercida nos termos fixados em lei;
Exercida por uma pessoa sobre outra (ex.: União sobre Ibama).

O art. 26, do Decreto-Lei nº 200/67, que dispõe sobre a organização da Administração Pública Federal, estabelece que a supervisão ministerial visará assegurar, essencialmente:

- Realização dos objetivos fixados nos atos de constituição da entidade.
- Harmonia com a política e a programação do Governo, no setor de atuação da entidade.
- Eficiência administrativa.
- Autonomia administrativa, operacional e financeira da entidade.

No que concerne aos instrumentos disponibilizados à entidade supervisora, podemos citar:

a) indicação ou nomeação pelo Ministro ou, se for o caso, eleição dos dirigentes da entidade, conforme sua natureza jurídica;

b) designação, pelo Ministro, dos representantes do Governo Federal nas Assembleias Gerais e órgãos de administração ou controle da entidade;

c) recebimento sistemático de relatórios, boletins, balancetes, balanços e informações que permitam ao Ministro acompanhar as atividades da entidade e a execução do orçamento-programa e da programação financeira aprovados pelo Governo;

d) aprovação anual da proposta de orçamento-programa e da programação financeira da entidade, no caso de autarquia;

e) aprovação de contas, relatórios e balanços, diretamente ou através dos representantes ministeriais nas Assembleias e órgãos de administração ou controle;

f) fixação, em níveis compatíveis com os critérios de operação econômica, das despesas de pessoal e de administração;

g) fixação de critérios para gastos de publicidade, divulgação e relações públicas;

h) realização de auditoria e avaliação periódica de rendimento e de produtividade;

i) intervenção, por motivo de interesse público.

A extensão e a intensidade desse controle finalístico dependerão do que estiver previsto na lei de criação da autarquia. Atualmente, há autarquias que se submetem a um intenso controle de seus atos pelo ministério supervisor e outras, como as universidades e o Banco Central, que gozam de grande autonomia com relação aos Ministérios da Educação e da Fazenda.

Deve-se perceber que **a supervisão ministerial se diferencia da subordinação hierárquica**. Esta decorre da hierarquia e ocorre dentro da estrutura verticalizada de uma única pessoa jurídica, independentemente de previsão legal. Cite-se, como exemplo, as Superintendências de Polícia Federal nos Estados, as quais se subordinam hierarquicamente ao Departamento de Polícia Federal em Brasília - órgãos integrantes da estrutura de uma única pessoa: União - e essa subordinação deriva, naturalmente, da estrutura administrativa e não de determinação legal.

Subordinação (hierarquia)
Exercida dentro de uma mesma pessoa jurídica (ex. Ministério do trabalho sobre as superintendências do trabalho);
Existe independentemente de previsão legal.

3.7. Regime jurídico dos servidores

O regime de pessoal das autarquias deverá ser o mesmo da Entidade da Federação que a criou, o que significa que, atualmente, tais servidores públicos serão submetidos ao regime jurídico estatutário.

Tal vinculação decorre do julgamento do STF na ADI Nº 2.135 (Relator Min. Néri da Silveira), que teve o seu pedido cautelar atendido em 02/08/2007, considerando inconstitucional a alteração da redação do *caput* do art. 39, da Constituição Federal, que flexibilizava o regime jurídico único dos servidores públicos.

3.8. Autarquias corporativas

As entidades de classe como OAB, CREA, CRM, dentre outras, possuem, conforme entendimento pacífico na nossa doutrina e jurisprudência, **natureza jurídica de autarquia federal**. São pessoas jurídicas de direito público interno, que exercem poder de polícia administrativo quando exercem a fiscalização da respectiva atividade profissional.

Como autarquias gozam de imunidade com relação a impostos que incidam sobre o seu patrimônio, renda ou serviços vinculados a suas finalidades essenciais (CF, art. 150, § 2º e 4º) e estão submetidas à fiscalização pelo Tribunal de Contas da União dos gastos com a arrecadação das contribuições compulsórias dos seus filiados.

No entanto, tendo em vista sua natureza jurídica de entidade pública, tais autarquias corporativas estão obrigadas a contratar seu pessoal por concurso público, havendo, inclusive, entendimento sumulado pelo TCU, senão vejamos:

> Súmula nº 277/2012-TCU
>
> *Por força do inciso II do art. 37 da Constituição Federal, a admissão de pessoal nos conselhos de fiscalização profissional, desde a publicação no Diário de Justiça de 18/5/2001 do acórdão proferido pelo STF no mandado de segurança 21.797-9, deve ser precedida de concurso público, ainda que realizado de forma simplificada, desde que haja observância dos princípios constitucionais pertinentes.*

A Corte Federal de Contas avança ao determinar que inclusive as funções de confiança devem ser ocupadas exclusivamente pelo pessoal do seu quadro efetivo. Com relação aos cargos em comissão deve haver a obrigatoriedade de que instruções dos conselhos federais determinem limites mínimos a serem preenchidos pelo pessoal do quadro efetivo.

▸ Atenção

O STF decidiu que, como os efeitos do caput do art. 39 da CF/1988, na redação dada pela EC/98, encontram-se suspensos, deve ser aplicado o regime estatutário para os servidores das autarquias corporativas.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador do Município de São Paulo-2015, foi considerada incorreta a seguinte assertiva:

(B) As autarquias especiais corporativas, como os conselhos de fiscalização profissional, não necessitam contratar mediante concurso público.

No tocante às contratações, o TCU possui entendimento harmonizado com o STJ, de que os conselhos de fiscalização profissional, considerando a sua natureza autárquica e capacidade tributária ativa, submetem-se ao regime da Lei 8.666/93.

No que concerne à OAB, o STF criou uma situação inusitada, pois, ao julgar a ADI nº 1717/DF, entendeu que o poder de polícia não seria passível de delegação a particulares, enquanto, no julgamento da ADI nº 3026, reconheceu que a OAB exerce poder de polícia, mas não está obrigada a realizar concurso público por se tratar de entidade privada. Tal decisão também traz a inconveniente indagação acerca do fundamento para a imunidade tributária de que goza a OAB com relação a impostos, visto que essa é uma prerrogativa, apenas, das pessoas jurídicas de direito público.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador da República-2015, foi considera incorreta a seguinte assertiva:

b) ( ) a OAB é uma autarquia especial, de onde a exigência de concurso público para a admissão dos contratados sob o regime trabalhista, segundo o STF.

A OAB, aos olhos do STF, é, ao mesmo tempo, entidade privada e autarquia: esta quando exerce poder de polícia e goza de isenção com relação a impostos sobre os seus bens e serviços vinculados à sua finalidade; aquela quando se livra das amarras do concurso público, da licitação e da fiscalização no uso dos recursos oriundos das contribuições dos seus integrantes.

▸ Atenção!

O STJ entende que os conselhos de fiscalização possuem a natureza de autarquia especial, por força da interpretação dada pelo STF no julgamento da ADI 1.717-DF.

3.9. Foro das autarquias

O art. 109, inciso I, da Constituição Federal de 1988, estabelece que compete à **Justiça Federal** processar e julgar as causas em que as autarquias forem interessadas na condição de autoras, rés, assistentes ou oponentes.

O mesmo art. 109, em seu inciso VIII, atribui à Justiça Federal a competência para processar e julgar mandados de segurança contra as autoridades públicas que desempenham suas funções em autarquias.

Trata-se, por óbvio, de foro específico das autarquias federais, sendo a **justiça estadual** o foro das autarquias estaduais e municipais.

4. AGÊNCIAS REGULADORAS

4.1. Origem

Maria Sylvia Zanella Di Pietro afirma que, no Direito Brasileiro, qualquer órgão da Administração Direta ou entidade da Administração Indireta com função de regular as matérias de suas competências pode ser qualificada como agência reguladora, aqui considerada em uma acepção ampla. Nesse sentido, acentua a autora que o único que constitui inovação é o próprio vocábulo.

Para que possamos entender as **agências reguladoras**, primeiro teremos que reviver o período histórico de sua criação: na década de 90, quando o Brasil, recém-saído de um longo período de ditadura e de um processo de *impeachment* do seu primeiro Presidente eleito pelo voto direto, vivia um novo período democrático.

Nesse ambiente de insegurança, o governo resolveu implementar uma política de privatização de algumas entidades públicas e de concessão de serviços públicos que eram prestados por entidades públicas em regime de monopólio. Para que essa pretensão governamental se mostrasse exitosa, era necessário atrair um grande volume de capital de investimento. Trata-se de áreas como telefonia e energia, as quais exigem centenas de milhões e até mesmo de bilhões de reais, em investimento. Diante dessa necessidade, imperioso perceber que o investidor, nacional ou estrangeiro, não iria alocar os seus recursos se não sentisse a segurança de que poderia explorar os serviços pelo tempo necessário para obtê-lo de volta, acrescido dos lucros que venham a tornar o investimento rentável e sem a submissão às intempéries do humor político dos governantes.

Essas agências vieram a desempenhar os poderes que, na concessão, permissão e autorização de serviços públicos, eram, outrora, exercidos diretamente pela própria entidade estatal, na qualidade de poder concedente, cabendo-lhe a responsabilidade pela licitação e contratação dos serviços públicos, sua fiscalização e regulação.

Nesse ambiente, nasceram as agências reguladoras brasileiras, com inspiração no modelo norte-americano, em que as agências des-

frutam de ampla independência no exercício de suas atribuições. Nas agências de regulação independente norte-americanas, por exemplo, o Presidente da República não possui competência para destituir o seu pessoal, sendo essa uma atribuição do Congresso, por se entender que os poderes normativos e decisórios dessas agências exigem uma maior estabilidade para os seus membros.

São exemplos de agência reguladora a ANP, ANATEL, ANEEL, ANVISA, ANA, ANTAQ, dentre outros.

4.2. Características

A **independência** das agências reguladoras americanas, por óbvio, não poderia ser conferida às agências pátrias, em virtude dos obstáculos constitucionais. No entanto, as agências reguladoras trouxeram algumas inovações que conferiram um aspecto menos político e mais técnico a essas entidades, sobretudo a forma de escolha dos seus dirigentes e o mandato a eles atribuído.

Uma das principais características que conferem natureza técnica às agências reguladoras é o fato de que suas decisões não se submetem à revisão de outro órgão integrante do Poder Executivo, mas, apenas, ao controle de legitimidade exercido pelo Poder Judiciário.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Analista Judiciário - Área Fim do TJ-MS, realizado pela PUC-PR (2017), foi considerada correta a seguinte assertiva: "As agências reguladoras são autarquias em regime especial, sendo que os seus servidores efetivos são selecionados por concurso público e são regidos por normas estatutárias".

Seus dirigentes são nomeados pelo Presidente da República, após aprovação do Senado e exercem mandatos fixos, que não devem coincidir com o mandato do Presidente da República, preservando, assim, o caráter técnico e de continuidade da direção das agências reguladoras.

Uma vez nomeados, os seus dirigentes só podem perder seus cargos em caso de renúncia, de condenação judicial transitada em julgado ou de processo administrativo disciplinar que conclua pela aplicação da perda do cargo, em razão do cometimento de falta funcional grave (Lei nº 9.986/2000, arts. 5º, 6º e 9º). A duração do mandato e composição da diretoria varia de acordo com a lei criadora da agência.

O Supremo Tribunal Federal vem entendendo como constitucional a exigência prevista em lei que estabeleça a necessidade de aprovação prévia pelo Poder Legislativo para a nomeação, pelo Chefe do Executivo, de dirigentes de autarquias e fundações públicas, tanto as fundações públicas com personalidade jurídica de direito público quanto as fundações públicas com personalidade jurídica de direito privado (ADIMC 2.225/SC, rel. Min. Sepúlveda Pertence, 29.06.2000).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador do Município de Natal/RN-2008, foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Segundo jurisprudência do STF, a subordinação da nomeação dos dirigentes das agências reguladoras à prévia aprovação do Poder Legislativo não implica violação à separação e à independência dos poderes*".

Nosso ordenamento jurídico já possui entidades públicas integrantes da Administração Pública Indireta, com personalidade jurídica de direito público, desempenhando atividades técnicas com uma maior independência em relação ao ente que a criou, como é o caso das universidades, do Banco Central, da Comissão de Valores Mobiliários, dentre outras. Dessa forma, há que se reconhecer que a criação das agências reguladoras não passou de um *marketing* político e que, na realidade, essas entidades são autarquias submetidas a um regime especial.

No que concerne à **quarentena** para quem deixa determinados cargos públicos, importa destacar que a Lei nº 9.986/2000, que trata da gestão de recursos humanos das agências reguladoras, estabeleceu, em seu art. 8º, que os diretores das agências reguladoras ficam impedidos de exercer atividades ou de prestar qualquer serviço no setor regulado pela respectiva agência, por um período de quatro meses, contados da exoneração ou do término do seu mandato e que, durante a quarentena, o antigo diretor fará *jus* à remuneração compensatória equivalente à do cargo de direção que exerceu e aos benefícios a ele inerentes.

A quarentena em questão não existia para os demais ocupantes de cargos públicos estratégicos até o advento da Lei nº 12.813/2013, que dispõe sobre o conflito de interesses no exercício de cargo ou emprego do Poder Executivo federal e impedimentos posteriores

ao exercício do cargo ou emprego, que fixou a quarentena de seis meses para os seguintes cargos e empregos públicos:

I - de ministro de Estado;

II - de natureza especial ou equivalentes;

III - de presidente, vice-presidente e diretor, ou equivalentes, de autarquias, fundações públicas, empresas públicas ou sociedades de economia mista; e

IV - do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS, níveis 6 e 5 ou equivalentes.

Além dos agentes públicos mencionados acima, sujeitam-se ao mesmo disciplinamento os ocupantes de cargos ou empregos cujo exercício proporcione acesso à informação privilegiada capaz de trazer vantagem econômica ou financeira para o agente público ou para terceiro, conforme definido em regulamento.

Apesar de as agências reguladoras possuírem natureza de entidade autárquica especial, não se confundem com as autarquias, razão pela qual não podemos concluir que as agências reguladoras estariam inseridas no inciso III, acima destacado.

Ademais, pelo princípio hermenêutico da especialidade uma norma deve ser considerada especial quando possuir na sua descrição legal todos os elementos típicos da norma geral, acrescendo elementos de natureza objetiva ou subjetiva, denominados especializantes. A norma especial acresce um elemento próprio à descrição legal do tipo previsto na norma geral, tendo prevalência sobre esta, afastando-se assim o *bis in idem*, pois o comportamento só se enquadrará na norma especial, embora também seja previsto na geral, conforme ensina Maria Helena Diniz.

Portanto, ao regular, de forma geral, a quarentena dos ocupantes de diversos cargos públicos, mas não tratar especificamente da situação do diretor das agências reguladoras, entendemos que a Lei nº 12.813/2013 não revogou o art. 8º da Lei nº 9.986/2000.

Para reforçar o argumento acima, pode-se destacar que a redação inicial da Lei nº 12.813/2013 pretendia revogar expressamente o citado art. 8º da Lei nº 9.986/2000, sendo objeto de veto presidencial.

Contudo, faz-se necessário salientar que **a Advocacia-Geral da União vem entendendo que a Lei nº 12.813 alargou o prazo de quarentena para seis meses para os dirigentes das agências reguladoras.**

Trata-se, de entendimento que vincula os membros da Advocacia-Geral da União, vez que aprovado pelo Advogado-Geral da União, mas que não foi objeto de aprovação pela Presidência da República, razão pela qual não vincula toda a Administração Pública Federal.

O desrespeito ao período de quarentena pelo antigo dirigente pode submetê-lo ao crime de advocacia administrativa, além de poder caracterizar improbidade administrativa.

Durante o período da **quarentena** o ex-dirigente ficará vinculado à agência, fazendo jus à remuneração equivalente à do cargo de direção que exerceu e aos benefícios a ele inerentes.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça – MG/2012, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "Quarentena é o mecanismo pelo qual o ex-dirigente de uma agência reguladora, seu cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive, ficam impedidos de desempenhar funções públicas, pelo período de quarenta dias a contar da data de sua exoneração."

4.3. Regime de pessoal

A Lei nº 9.986/2000 inicialmente previu que as agências reguladoras teriam suas relações de trabalho reguladas pela CLT, entretanto a Lei nº 10.871/2004 alterou tal disposição criando as carreiras das agências reguladoras, as quais serão ocupadas por integrantes de cargos públicos, possuindo, dessa forma, **relação estatutária**.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Advogado da União (CESPE-2012) foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "As relações de trabalho nas agências reguladoras são regidas pela CLT e pela legislação trabalhista correlata, em regime de emprego público"

4.4. Função regulatória

Quanto à **função reguladora**, esta pode ser considerada como uma competência de as agências expedirem normas com o intuito de regularem a prestação, a fiscalização e a fruição dos serviços

públicos que lhe são afetos. No entanto, há que se indagar sobre a natureza dessas normas, se poderiam possuir um caráter inovador ou se prestariam, apenas, para complementar leis preexistentes.

José dos Santos Carvalho Filho ensina que, na França, ocorre o fenômeno da **deslegalização**, que consistiria em uma outorga de competência do Poder Legislativo a órgãos técnicos dotados de *expertise*, em razão da impossibilidade fática reconhecida de os parlamentares dominarem e acompanharem a evolução de áreas como telefonia, energia, dentre outras. Nessas situações, a agência reguladora possuiria competência para editar ato administrativo de caráter inovador, o que significa legislar, cabendo ao Poder Legislativo a fiscalização dessa atividade legislativa, tolhendo-a quando entendesse que há excesso ou dispondo de forma diversa, sempre que entender necessário ou, apenas, conveniente.

A **deslegalização** contribuiria para a produção de uma moderna legislação sobre temas técnicos, que sofrem constante evolução, contudo, a **deslegalização** não é admitida pelo nosso texto constitucional, que confere ao Poder Legislativo a competência para editar leis de caráter inovador, cabendo aos órgãos e entidades com função regulatória editar normas complementares no intuito de melhor disciplinar as suas áreas de atuação.

Caso a agência reguladora, no exercício de suas atividades, exorbite os limites de sua competência institucional ou venha a contrariar política pública fixada pelo Poder Executivo federal, caberá a interposição de recurso hierárquico impróprio ao ministério de sua área de atuação, nos termos fixados pelo Parecer Normativo nº 51/2006, da Advocacia-Geral da União, aprovado pelo Exmo. Presidente da República e, portanto, vinculante para toda a Administração Pública Federal.

Segue trecho do Parecer acima mencionado: "*Em suma, não há suficiente autonomia para as agências que lhes possa permitir ladear, mesmo dentro da lei, as políticas e orientações da administração superior, visto que a autonomia de que dispõem serve justamente para a precípua atenção aos objetivos públicos. Não é outra, portanto, a conclusão com respeito à supervisão ministerial que se há de exercer sempre pela autoridade ministerial competente, reduzindo-se, no entanto, à medida que, nos limites da lei, se atendam às políticas públicas legitimamente formuladas pelos Ministérios setoriais. Por isso, se afirma que a autonomia existe apenas para o perfeito cumprimento de suas finalidades legais*".

Enfim, as **agências reguladoras** possuem natureza jurídica de autarquias especiais, são criadas por lei específica, com a finalidade de absorver as matérias antes concentradas no Executivo. Possuem certa independência em relação ao Executivo, uma vez que possuem regime especial e mandato fixo.

Importante!

Em relação às agências Reguladoras, não há controle de subordinação ou hierarquia, mas existe uma tutela administrativa quanto aos fins.

Como esse tema vem sendo abordado em questões subjetivas de concurso?

(MPF – PROCURADOR DA REPÚBLICA – 2013) Discorra sobre as seguintes características das agências reguladoras: a) independência orgânica e administrativa (3 pontos); b) regime de pessoal dos dirigentes, do corpo técnico e da procuradoria (3 pontos); c) poder normativo (4 pontos).

5. FUNDAÇÃO PÚBLICA

5.1. Conceito

No direito privado, para que uma **fundação** seja criada, faz-se necessário que o seu instituidor (pessoa física ou jurídica) destaque uma parcela do seu patrimônio e o destine a um determinado fim, nos termos do art. 62, do Código Civil. Esse conjunto patrimonial possuirá personalidade jurídica distinta do seu instituidor e será gerida por administradores ou gestores que deverão cumprir os objetivos institucionais de criação dessa entidade, sendo fiscalizados pelo Ministério Público.

Essa ideia da fundação privada deve ser transposta para o Direito Administrativo, em que o instituidor será uma entidade pública que, por meio de uma lei, irá destacar uma parcela dos seus bens e, conferindo a esse conjunto patrimonial uma personalidade jurídica própria, atribuirá o desempenho de funções estatais, com autonomia, mas submetida a controle finalístico de suas atividades.

Segundo Hely Lopes Meirelles **fundação pública** "é o patrimônio, total ou parcialmente público, dotado de personalidade jurídica, de direito público ou privado, e destinado, por lei, ao desempenho de atividades do Estado na ordem social, com capacidade de autonomia e mediante controle da Administração Pública, nos limites da lei."

5.2. Personalidade jurídica das fundações públicas

Quando do estudo das autarquias, já foi mencionado que o artigo 37, XIX, da Constituição dispõe que as autarquias são criadas por lei específica, enquanto a instituição de fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista ocorrerá por **autorização legal**.

Como a personalidade jurídica de direito público decorre da criação da entidade pública diretamente da lei, poder-se-ia concluir que as **fundações públicas**, nos termos da Constituição, são criadas por autorização legal, e sua personalidade jurídica seria de direito privado.

Esse pensamento, apesar de decorrer de evidente interpretação gramatical do inciso XIX, do art, 37, da nossa Lei Maior, não reproduz a realidade fática nem o entendimento dominante da nossa doutrina e jurisprudência. Atualmente, está pacificado **que as fundações públicas podem possuir personalidade jurídica de direito público ou de direito privado, conforme definido pela lei instituidora.**

Significa que o legislador pode optar por editar uma lei criando ou autorizando a criação de uma fundação pública. Caso o seu nascimento emane diretamente da lei, teremos fundação pública com personalidade jurídica de direito público, caso a lei simplesmente autorize a sua criação, os seus atos constitutivos deverão ser inscritos no registro civil das pessoas jurídicas, e, a partir de então, nascerá uma fundação pública com personalidade jurídica de direito privado.

5.3. Prerrogativas

As **fundações públicas de direito público** gozam das mesmas prerrogativas mencionadas para as autarquias, como impenhorabilidade dos bens, pagamento dos débitos via precatório, prazos processuais dilatados, bem como as referentes ao regime de pessoal. Por essa razão, Celso Antônio Bandeira de Mello as chama de **"fundações autárquicas"**, que não estão submetidas à fiscalização do Ministério Público ou à exigência de inscrição dos seus atos constitutivos no Registro Civil das Pessoas Jurídicas, porque sua personalidade já decorre da lei. Exemplos: FUNAI, FUNASA.

A posição da **fundação pública de direito privado** é a mesma das sociedades de economia mista e empresas públicas, não dispondo dos privilégios outorgados às pessoas jurídicas de direito público, uma vez que a sua atuação será regida pelo direito privado, com algumas exceções conforme pode ser verificado abaixo.

No tocante aos **bens das fundações públicas**, importa destacar que o Supremo vem entendendo pela impenhorabilidade dos bens e pela imunidade das entidades públicas prestadoras de serviço público com relação aos impostos, ainda que se trate de empresas públicas, de forma que as fundações públicas, qualquer que seja a natureza jurídica de sua personalidade, possuem bens impenhoráveis.

Por sua vez, a imunidade com relação aos impostos é uma garantia conferida às fundações públicas com personalidade jurídica de direito público ou de direito privado, por expressa determinação do legislador constitucional.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz Substituto do TJ-PB-2011, realizado pelo CESPE, foi considerada correta a seguinte assertiva: "O princípio da imunidade tributária relativa aos impostos sobre a renda, sobre o patrimônio e sobre os serviços federais, estaduais e municipais é extensivo às fundações instituídas e mantidas pelo poder público, independentemente de estas possuírem personalidade de direito público ou de direito privado.".

5.4. Fiscalização pelo Ministério Público

O art. 66 do Código Civil atribui ao Ministério Público a competência para **fiscalizar** as fundações, para velar pelo fiel cumprimento dos seus objetivos estatutários, qualquer que sejam os seus gestores. O Código Civil, todavia, não especifica se essa fiscalização ocorrerá, apenas, nas fundações privadas ou em todas as fundações.

Uma primeira corrente de pensamento advoga a tese de que, como a lei não restringiu a atuação do Ministério Público, não caberia essa atribuição ao intérprete, devendo todas as fundações públicas e privadas se submeterem à fiscalização do órgão ministerial.

A linha de entendimento **majoritária** defende que o Código Civil disciplina as fundações que possuem personalidade jurídica de direito privado e que, portanto, só as fundações privadas e as fundações públicas de direito privado estariam submetidas ao poder de fiscalização do Ministério Público.

Por fim, outros alegam que a razão do legislador em estabelecer competência ao Ministério Público para fiscalizar as fundações é a necessidade de garantir que os seus objetivos institucionais sejam

cumpridos e que elas não venham a se desvirtuar pelo desejo de seus administradores, cabendo ao Estado, por meio do Ministério Público, assegurar que isso não aconteça. Ocorre que as fundações públicas se submetem ao controle finalístico de suas atividades. Elas estão vinculadas ao ente público que as criou, não havendo razão para que haja uma dupla fiscalização por parte do Estado, por meio do órgão ao qual a fundação encontra-se vinculada e, concomitantemente, ao Ministério Público. Como todas as fundações públicas, qualquer que seja sua natureza jurídica, submetem-se a essa fiscalização dos seus atos, pelo instrumento da tutela ou supervisão ministerial, falece competência ao Ministério Público para fiscalizar as fundações públicas.

6. AGÊNCIAS EXECUTIVAS

6.1. Conceito

Considera-se **agência executiva** a autarquia ou fundação pública assim qualificada por ato do chefe do Executivo, o que permite a celebração, com o Ministério supervisor, de um **contrato de gestão**, passando a gozar de maiores privilégios.

As **agências executivas** não são entidades criadas para o desempenho de competências específicas, são autarquias ou fundações públicas que recebem uma **qualificação**, um *status*, em razão de um contrato de gestão que uma ou outra celebra com o órgão da Administração Pública Direta a que se acha vinculada, com o escopo de assegurar uma maior eficiência no desempenho de suas atividades e redução de custos.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Advogado da União-2012, foi considera *correta* a seguinte assertiva: "A qualificação de agência executiva federal é conferida, mediante ato discricionário do presidente da República, a autarquia ou fundação que apresente plano estratégico de reestruturação e de desenvolvimento institucional em andamento e celebre contrato de gestão com o ministério supervisor respectivo".

Busca-se o cumprimento do princípio constitucional da **eficiência** no serviço público, conferindo uma maior liberdade de atuação para as autarquias e fundações qualificadas como agência executiva, um afrouxamento das amarras decorrentes da supervisão ministerial (tutela).

6.2. Requisitos para qualificação

Para que possam vir a gozar de uma maior autonomia, o art. 51 da Lei nº 9.649/98 prevê a necessidade do preenchimento dos seguintes **requisitos** para qualificação de uma autarquia ou fundação pública como agência executiva.

I - Ter um plano estratégico de reestruturação e de desenvolvimento institucional em andamento, contendo os planos estratégicos de reestruturação e de desenvolvimento institucional. A autarquia ou fundação deve definir diretrizes, políticas e medidas voltadas para a racionalização de estruturas e do quadro de servidores, a revisão dos processos de trabalho, o desenvolvimento dos recursos humanos e o fortalecimento da identidade institucional da Agência Executiva;

II - Ter celebrado **contrato de gestão** com o respectivo Ministério supervisor, tendo o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão e o Ministério da Fazenda como signatários intervenientes, que são órgãos e gestores dos instrumentos e verbas que irão garantir as condições operacionais para o cumprimento dos compromissos pactuados no contrato de gestão. Nesse contrato devem estar previstos os objetivos, as metas e os instrumentos a serem empregados, bem como as ferramentas para a avaliação do seu cumprimento.

Firmado o contrato de gestão o ente supervisor renuncia pelo tempo pactuado a determinados instrumentos de controle, além de se comprometer a repassar regularmente verbas orçamentárias em contrapartida ao cumprimento das metas cumpridas pela entidade supervisada e previstas no pacto de gestão.

A qualificação como agência executiva ocorrerá por meio de **Decreto** do Presidente da República, após a celebração do **contrato de gestão** e perdurará enquanto estiver em vigor o referido contrato.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho Substituto 1ª região/2010, que solicitava a indicação da alternativa correta no que se refere às agências reguladoras e às executivas, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "*A agência executiva, como autarquia de regime especial, deve ser instituída por ato normativo do chefe do Poder Executivo. Nesse ato, devem ser definidas a organização, as competências e a função controladora que a agência exercerá sobre os particulares prestadores de serviços públicos*".

Cumpre destacar que, conforme já mencionado anteriormente, a supervisão ministerial é estabelecida em extensão e intensidade pela lei, não podendo ser alterada pela celebração de um contrato. A vontade das partes contratantes não tem o condão de derrogar a vontade legislativa que só cede diante de uma nova lei que venha a contrariar ou alterar o que foi estabelecido pela anterior.

Enquanto os dirigentes das agências reguladoras são detentores de mandatos, os dirigentes das agências executivas não dispõem de tal estabilidade, podendo haver destituição sempre que a autoridade competente entender conveniente.

Segundo o Parecer AGU nº AC-051, "... um dos principais instrumentos de que dispõe nesse sentido o Ministro de Estado responsável pela supervisão de uma autarquia é a exoneração do dirigente da entidade, diretamente, se dele for essa competência, ou indicando essa medida ao Presidente da República, se deste. Com isso, poderá ser nomeado outro dirigente que, considerando a prerrogativa da Administração de anular seus próprios atos, quando eivados de vícios que os tornam ilegais, porque deles não se originam direitos (Súmula nº 473/STF)".

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho Substituto 1ª região/2010, que solicitava a indicação da alternativa correta no que se refere às agências reguladoras e às executivas, foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Mandato fixo e estabilidade para os dirigentes, que somente perderão o mandato em caso de renúncia, de condenação judicial transitada em julgado ou de processo disciplinar, são traços específicos das agências reguladoras*".

Exemplo de agência executiva é o Instituto Nacional de Metrologia - INMETRO, autarquia federal, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, que foi qualificada pelo Decreto Presidencial de 29 de julho de 1998.

6.3. Contratação direta em razão do pequeno valor

O art. 24, §1º, da Lei nº 8.666/93 prevê que as agências executivas poderão dispensar a licitação na contratação de bens, serviços e obras pelo **dobro do limite** estipulado para as autarquias e fundações públicas não qualificadas, o que corresponde a 20% do limite estipulado para a licitação na modalidade convite (atualmente, R$

30.000,00, para contração de obras e serviços de engenharia; e R$ 16.000,00, para aquisição de bens ou contratação outros serviços).

▸ **Atenção!**

O benefício de dispensar a licitação em razão do pequeno valor da contratação em percentual duplicado alcança, apenas, as agências executivas e não as agências reguladoras, que podem dispensar a licitação, em razão do pequeno valor das contratações, pelo percentual ordinário de 10% do limite previsto para a licitação na modalidade convite.

7. EMPRESAS ESTATAIS

7.1. Conceito

Por **empresas estatais** devem-se considerar as **empresas públicas**, as **sociedades de economia mista** e as **empresas** que, não tendo as características destas, estão **submetidas ao controle do Estado**, tais como as que foram adquiridas por outras estatais e que não se enquadram no conceito de empresa pública ou de sociedade de economia mista, em razão da ausência de lei que autorize a sua criação.

É possível que uma empresa privada tenha suas ações adquiridas ou desapropriadas pelo Poder Público, que passa a ser seu controlador. Com isso, a empresa passa a ser uma estatal, embora, para tanto, seja necessária prévia autorização legal.

Cabe observar que, antes do advento da Constituição Federal de 1988, algumas empresas privadas passaram ao controle da Administração Pública direta ou indireta sem a autorização legislativa. Tais empresas são consideradas empresas estatais, apesar da irregularidade em sua instituição. Marçal Justen Filho as chama de **empresas estatais de fato.**

7.2. Criação

O Estado pode optar por autorizar a criação de uma empresa pública ou de uma sociedade de economia mista para a **prestação de um serviço público** específico que não seja tipicamente estatal (serviço típico de Estado deve ser prestado pelo próprio ou por autarquia) ou para a **exploração de uma atividade econômica**.

A Constituição Federal, ao tratar das empresas públicas e sociedades de economia mista, condiciona que, quando o objeto for **exploração de atividade econômica**, sua criação só poderá ocorrer

quando indispensável à **segurança nacional** ou a **relevante interesse público**, nos termos da lei.

No que concerne à **segurança nacional**, há vigente uma "lei de segurança nacional" (Lei nº 7.170/83). Significativa parcela dos seus dispositivos não foi recepcionada pela Carta Magna, e os que foram, na verdade, trazem condutas tipificadas como crimes contra a segurança. No tocante ao **relevante interesse coletivo**, não há qualquer diploma legal cuidando do tema, razão pela qual se deve entender que as hipóteses autorizadoras de criação de empresas públicas ou sociedades de economia mista seriam, apenas, àquelas prevista expressamente na Constituição Federal (ex.: art. 21, XII).

Essas empresas são criadas por lei específica **autorizadora**, possuindo patrimônio público (empresas públicas) ou público e privado (sociedade de economia mista), podendo estes bens ser onerados ou alienados independentemente de autorização legal.

O objetivo dessa descentralização administrativa é o de utilizar o modelo empresarial privado, seja para melhor atendimento aos usuários do serviço público ou para maior rendimento na exploração da atividade econômica. Dessa forma, o lucro pode e deve ser buscado sempre que possível, mas não será o único objetivo dessas empresas, nem mesmo das que foram criadas para a exploração de uma atividade econômica.

7.3. Regime jurídico

A Carta Magna, em seu art. 173, §1º, II, insere as empresas estatais que exploram atividade econômica no **regime jurídico de direito privado** aplicável às empresas privadas, inclusive em relação às causas trabalhistas e tributárias.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz Federal substituto da 5ª Região/2011, realizado pelo CESPE, foi considerada correta a seguinte assertiva: "As empresas estatais exploradoras de atividade econômica de produção ou comercialização de bens ou de prestação de serviços sujeitam-se ao regime jurídico próprio das empresas privadas".

Apesar da redação contida no texto constitucional, pode-se afirmar que as empresas públicas e sociedades de economia mista atuam sob um **regime jurídico híbrido ou misto**, porque o direito

privado é parcialmente derrogado pelo direito público. Tal derrogação é feita pela própria Constituição quando estabelece que os princípios da Administração Pública devem ser observados pelas entidades da administração indireta, da qual fazem parte as empresas públicas e as sociedades de economia mista, bem como pela legislação ordinária e complementar, sempre que cria um direito ou obrigação não extensível às entidades privadas.

Com relação ao pessoal das entidades estatais, será aplicável a **legislação trabalhista.** Os empregados das empresas prestadoras de serviço público ficam sujeitos a concurso público, salvo para os cargos e funções de confiança.

A admissão dos empregados das empresas que explorem atividade econômica, as quais devem ter regime jurídico similar ao das empresas privadas, dependerá do estatuto a ser aprovado. É o que dispõe o art. 173, § 1º, da Constituição de 1988. Segundo o dispositivo, a lei estabelecerá o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias que explorem atividade econômica de produção ou comercialização de bens ou de prestação de serviços, dispondo sobre:

- sua função social e formas de fiscalização pelo Estado e pela sociedade;
- a sujeição ao regime jurídico próprio das empresas privadas, inclusive quanto aos direitos e obrigações civis, comerciais, trabalhistas e tributários;
- licitação e contratação de obras, serviços, compras e alienações, observados os princípios da administração pública;
- a constituição e o funcionamento dos conselhos de administração e fiscal, com a participação de acionistas minoritários;
- os mandatos, a avaliação de desempenho e a responsabilidade dos administradores.

Conforme indicam os incisos acima, estão elencadas as hipóteses de licitações, contratações de obras, serviços, compras e alienações, bem como as situações de benefícios fiscais não extensíveis às do setor privado.

O legislador constituinte, ao tempo que proíbe as empresas estatais que exploram atividade econômica de receberem tratamento diferenciado das demais empresas da iniciativa privada, reconhece

a necessidade de que as amarras da licitação e da contratação de funcionários, bens e serviços sejam flexibilizadas, a fim de ajustar essas empresas estatais ao regime jurídico próprio das empresas privadas, obviamente, sem se distanciar dos princípios da legalidade, moralidade, impessoalidade, publicidade e eficiência.

Apenas 28 anos após a promulgação da nossa Constituição, o legislador regulamentou tal dispositivo, por intermédio da Lei nº 13.303/2016, que dispõe sobre o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias, abrangendo toda e qualquer empresa pública e sociedade de economia mista da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios que explore atividade econômica de produção ou comercialização de bens ou de prestação de serviços, ainda que a atividade econômica esteja sujeita ao regime de monopólio da União ou seja de prestação de serviços público.

Durante esse período as estatais e suas subsidiárias estavam obrigadas a se submeter aos ditames da Lei nº 8.666/93, salvo nas hipóteses em que houvesse comprovada incompatibilidade de consecução dos objetivos institucionais da pessoa jurídica, através do certame licitatório, situação em que não incidiria a Lei de Licitações e Contratos Administrativos.

O próprio STF vinha admitindo a adoção de regime diferenciado a estatais exploradoras da atividade econômica, sem restrição ao tipo de atividade (fim ou meio), sob o fundamento de que a atividade econômica exercida por essas empresas estatais, em regime de livre competição com as empresas privadas, justificaria a submissão a um regime diferenciado de licitação.

A nova Lei das Estatais definiu que as empresas públicas e as sociedades de economia mista são dispensadas da observância de suas regras acerca de licitações, nas seguintes situações:

- comercialização, prestação ou execução, de forma direta, de produtos, serviços ou obras especificamente relacionados com seus respectivos objetos sociais;
- nos casos em que a escolha do parceiro esteja associada a suas características particulares, vinculada a "oportunidades de negócio" definidas e específicas, justificada a inviabilidade de procedimento competitivo.

Nas situações acima descritas não há que se falar em processo de dispensa ou de inexigibilidade de licitação, mas de não incidência da legislação de licitação, ainda que o legislador tenha feito referência à "inviabilidade" de procedimento competitivo, típico das hipóteses de inexigibilidade de licitação.

Em acréscimo, a própria Lei considerou como "oportunidades de negócio" a formação e a extinção de parcerias e outras formas associativas, societárias ou contratuais, a aquisição e a alienação de participação em sociedades e outras formas associativas, societárias ou contratuais e as operações realizadas no âmbito do mercado de capitais, respeitada a regulação pelo respectivo órgão competente.

Esta descrição, entendemos, é meramente exemplificativa, não exaurindo a possibilidade de que outras relações negociais se enquadrem na referida hipótese.

A Lei nº 13.303/2016 foi fortemente influenciada pelas regras do Regime Diferenciado de Contratações - RDC, adotando diversas inovações tais como os modos de disputa aberto, fechado e misto, a contratação integrada, a pré-qualificação permanente de fornecedores e produtos, dentre outros, além de ter criado a contratação semi-integrada, aspectos que serão melhor analisados no capítulo de licitações.

Também é importante consignar que o Supremo entende que é aplicável o regime dos precatórios às empresa pública e sociedades de economia mista prestadoras de serviço público próprio do Estado e de natureza não concorrencial. Nesse prumo, o STF definiu que é aplicável às companhias estaduais de saneamento básico o regime de pagamento por precatório, nas hipóteses em que o capital social seja majoritariamente público e o serviço seja prestado em regime de exclusividade e sem intuito de lucro (STF. RE 627242 AgR/DF, Julgamento: 02/05/2017).

Importante!

Deve-se ressaltar que o novo estatuto estabeleceu como dispensa em razão do pequeno valor as contratações que não ultrapassem R$ 100.000,00 (cem mil reais), para obras e serviços de engenharia e R$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), para outros serviços e compras.

Quanto à obrigatoriedade para realização de concurso público para seleção de seu pessoal, o STF já decidiu no sentido de que:

"... ainda que editado o já referido estatuto jurídico para as empresas públicas e sociedades de economia mista que explorem atividade econômica, tal estatuto não poderá excluir a obrigatoriedade do concurso público, vez que se trata de corolário dos princípios constitucionais da publicidade e da impessoalidade, não havendo que se falar em colisão com o conteúdo do art. 170, § 1º da Constituição Federal de 1988" (RE 558.833-AgR, Rel Min Ellen Gracie). Portanto, permanece inalterada a exigência para que as empresas estatais realizem concurso público para a contratação dos seus funcionários.

Outras regras se aplicam aos empregados de empresas públicas e sociedades de economia mista:
a) não podem acumular seus empregos com cargos ou funções públicas (art. 37, XVII, da CF);
b) são equiparados a funcionários públicos para fins penais (art. 327, §1º, do CP);
c) são considerados agentes públicos para fins de incidência das diversas sanções na hipótese de improbidade administrativa (Lei nº 8.429/92).

As chamadas **subsidiárias** são também identificadas pela nomenclatura **sociedades de economia mista de segundo grau**, vez que criadas por uma de primeiro grau. Para melhor ilustrar, podemos citar o caso do BB seguros, entidade pública, dotada de personalidade jurídica de direito privado.

A empresa pública ou sociedade de economia mista responsável pela constituição da subsidiária é também chamada de **sociedade ou empresa de primeiro grau ou primária**, enquanto a subsidiária de **sociedade ou empresa de segundo grau ou secundária**. Essas subsidiárias são controladas diretamente pela sociedade ou empresa primária, mas sofre controle indireto pelo ente político instituidor da sociedade ou empresa de primeiro grau.

▸ Atenção!

Anteriormente à atual Carta Magna, as sociedades de economia mista podiam criar suas subsidiárias independentemente de autorização legislativa, todavia, com o advento da Constituição Federal de 1988, tais subsidiárias só podem ser criadas mediante lei autorizativa, nos termos dispostos no art. 37, inciso XX, da Lei Maior.

▸ **Atenção!**

Como dito acima, a Constituição tratou das empresas públicas e sociedades de economia mista que exploram atividade econômica, sem estabelecer qualquer critério distintivo, como o fato de exercer a atividade econômica em regime de competição ou exclusividade, não podendo haver tratamento privilegiado para qualquer uma delas. Todavia, ressalte-se que não é esse o atual posicionamento do Pretório Excelso que vem reconhecendo a impenhorabilidade dos bens e a imunidade com relação a impostos das empresas públicas e sociedades de economia mista que prestam serviço público ou exploram atividade econômica com exclusividade.

▸ **Como esse tema vem sendo abordado em questões subjetivas de concurso?**

(MPDFT – Promotor de Justiça - DF/2011) De acordo com o Supremo Tribunal Federal, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos é beneficiária de imunidade tributária recíproca e se lhe aplica o privilégio da impenhorabilidade de seus bens, rendas e serviços. Considerando essa orientação jurisprudencial, disserte sobre o regime jurídico incidente sobre as empresas públicas e sociedades de economia mista.

O tema possui grande capacidade de provocar discussão e, no nosso entender, ainda não foi esgotado pelo Supremo Tribunal Federal, pois há empresas públicas e sociedades de economia mista que prestam serviço público em regime de monopólio, mas também exploram atividade econômica, desempenhando atividades híbridas que devem ser exercidas sob regimes jurídicos diversos.

É o caso da própria ECT que presta o serviço público postal sob o regime de monopólio, porém presta o serviço de entrega de encomendas em competição com empresas privadas como TAM EXPRESS, Gollog, dentre outras.

Da mesma forma podemos indicar a INFRAERO, empresa pública federal que presta o serviço público relativo à movimentação de aeronaves, passageiros e cargas, em regime de exclusividade, mas explora economicamente os aeroportos, transformando-os em *aero shoppings*, a tal ponto que a receita desses centros comerciais supera a decorrente do serviço público.

7.4. Nomeação dos dirigentes

O Supremo Tribunal Federal vem entendendo como inconstitucional a exigência prevista em lei federal, estadual distrital ou municipal

que estabeleça a exigência de aprovação prévia pelo Poder Legislativo respectivo para a nomeação, pelo Chefe do Executivo, de dirigentes de empresas públicas e sociedades de economia mista, tanto as exploradoras de atividades econômicas quanto as prestadoras de serviços públicos (ADIMC 2.225/SC, rel. Min. Sepúlveda Pertence).

7.5. Falência das empresas públicas e sociedades de economia mista

A Lei nº 11.101/2005 (Lei de Falências), em seu art. 2º, dispõe que seus dispositivos não se aplicam a empresas públicas e a sociedades de economia mista.

Alguns autores, como José dos Santos Carvalho Filho e Celso Antônio Bandeira de Mello, defendem que a Lei de Falências ao excluir de sua aplicação as empresas públicas e sociedades de economia mista estaria se referindo apenas às Empresas Públicas (EP) e Sociedades de Economia Mista (SEM) que prestem serviço público. Segundo os autores, nesse caso (prestação de serviço público), não poderia o interesse dos credores se sobrepor aos interesses da coletividade, além da necessidade de observância ao princípio da continuidade dos serviços públicos.

Contudo, nas situações em que se tratar de exploradoras de atividade econômica, a Lei de Falências deveria ser necessariamente aplicada, face o disposto no art. 173, § 1º, inciso II, da Constituição Federal de 1988, que lhes atribuiu o regime jurídico de direito privado, sob pena de inconstitucionalidade do dispositivo da Lei nº 11.101/2005.

Apesar de respeitarmos a interpretação desses dois consagrados autores, cumpre destacar que a Lei de Falências não faz distinção com relação às empresas públicas e sociedades de economia mista prestadoras de serviço público ou exploradoras de atividade econômica, não havendo pronunciamento do Supremo Tribunal Federal acerca da inconstitucionalidade ou de uma possível interpretação do dispositivo conforme a Constituição Federal. Ademais, filiamo-nos ao posicionamento dos que, assim como Marçal Justen Filho, entendem que o regime falimentar seria inaplicável às empresas públicas e sociedades de economia mista em face de sua incompatibilidade com o regime jurídico de direito público, que, conforme explicado no item anterior, não será jamais afastado de forma absoluta das EP e SEM.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Advogado da União-2012, realizado pelo CESPE, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "As empresas públicas e as sociedades de economia mista não se sujeitam à falência e, ao contrário destas, aquelas podem obter do Estado imunidade tributária e de impostos sobre patrimônio, renda e serviços vinculados às suas finalidades essenciais ou delas decorrentes".

COMENTÁRIO: O equívoco da assertiva foi asseverar genericamente que as empresas públicas podem obter imunidade tributária, tendo em vista que as EP e SEM que exploram atividade econômica em regime de competição jamais poderiam gozar de tal privilégio, ante a expressa vedação contida no art. 173, § 2º, da Constituição Federal de 1988.

É dever do ente político instituidor da EP e SEM envidar todos os esforços para evitar sua insolvência, mas, caso se descuide, deverá suportar toda a responsabilidade civil da reparação dos lesados, decorrente de sua responsabilidade subsidiária.

7.6. Empresa pública

São **pessoas jurídicas de direito privado**, criadas mediante **autorização legal**, com **capital exclusivamente público**, para a prestação de serviço público ou a exploração de atividade econômica, podendo se revestir de **qualquer forma de organização empresarial**, inclusive sociedade anônima.

A constituição do **capital das empresas públicas é inteiramente público**, mas não necessita ser de um único ente público. Uma empresa pública pode, portanto, ter o seu controle acionário entre autarquia federal, fundação pública estadual e município.

▸ Atenção!

Apesar da afirmação de que o capital das empresas públicas é inteiramente público, o Decreto-Lei nº 900/69, em seu art. 5º, admite a participação no capital da empresa pública federal de entidades da administração indireta da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, desde que União permaneça detentora da maioria do capital votante, o que significa que uma empresa pública federal pode ter uma sociedade de economia mista, que possui participação do capital privado, como integrante de sua sociedade.

Caso todo o capital pertença a uma única entidade pública, teremos uma empresa pública **unipessoal**. Nas situações em que

duas ou mais pessoas políticas ou administrativas detiverem o seu capital, estaremos diante de uma **sociedade pluripessoal**.

As empresas públicas podem assumir toda forma empresarial admitida em direito. Por qualquer forma admitida pelo nosso ordenamento jurídico leia-se sociedade civil, sociedade comercial, disciplinada pelo direito comercial, sociedade anônima ou qualquer outra forma empresarial inédita criada pela lei que autorizou sua criação.

> **Atenção!**
> Esse ineditismo na forma empresarial é uma faculdade exclusiva da União, em face de sua competência para legislar sobre direito comercial e civil. Estados e Municípios deverão adotar umas das formas empresariais já previstas pelo nosso ordenamento jurídico

São exemplos de empresas públicas federais a Caixa Econômica Federal, os Correios, a Infraero, a Casa da Moeda, dentre outros.

7.7. Sociedade de economia mista

São **pessoas jurídicas de direito privado**, criadas mediante **autorização legal**, com **capital público e privado**, sendo que o Poder Público detém a maioria do capital votante, para a prestação de serviço público ou exploração de uma atividade econômica, **sob a forma de sociedade anônima**.

> **Atenção!**
> Não se faz necessário que o Poder Público detenha o controle da maioria das ações da sociedade de economia mista, mas da maioria das ações com direito a voto.

São exemplos de sociedades de economia mista federal o Banco do Brasil, a Petrobras, a Eletrobrás, dentre outras.

Diante dos conceitos expostos, podemos apontar as seguintes diferenças entre empresa pública e sociedade de economia mista:

- a empresa pública possui capital exclusivamente público, enquanto a sociedade de economia mista possui capital público e privado; e
- a empresa pública pode assumir qualquer forma empresarial admitida em direito, enquanto a sociedade de economia mista necessariamente assumirá a forma de sociedade anônima.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**
No concurso para provimento do cargo de Procurador do Estado da Paraíba-2008, com a seguinte ementa: *"Constitui elemento diferenciador entre sociedade de economia mista e empresa pública o (a):", foi considerada correta a seguinte alternativa: b) composição do capital.*

Soma-se a essas distinções o foro diferenciado de que trata o art. 109, da Constituição Federal, para julgamento das causas de interesse das empresas públicas federais na Justiça Federal, privilégio não estendido às sociedades de economia mista, que, ainda que federais, terão suas causas julgadas pela justiça comum, salvo as de natureza trabalhista.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**
No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho Substituto 1ª região/2010, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *"Os feitos em que as empresas públicas e as sociedades de economia mista sejam parte, na condição de autoras, rés, assistentes ou oponentes, são processados e julgados perante a justiça federal".*

Quadro-resumo (Diferenças entre EP e SEM)	
Empresas Públicas	**Sociedades de Economia Mista**
Pessoas jurídicas de direito privado,	Pessoas jurídicas de direito privado,
Criadas mediante autorização legal	Criadas mediante autorização legal
Capital exclusivamente público	Capital público e privado (o Poder Público detém a maioria do capital votante)
Prestação de serviço público ou exploração de atividade econômica	Prestação de serviço público ou exploração de atividade econômica
Qualquer forma de organização empresarial.	Sob a forma de sociedade anônima.
Foro federal (apenas Empresa Pública Federal)	Foro comum

8. CONSÓRCIO PÚBLICO

8.1. Introdução

O art. 241, da Constituição Federal de 1988, regulamentado pela Lei nº 11.107/2005 dispõe que a União, Estados, Distrito Federal e Municípios, devem promover a gestão associada de serviços públicos por intermédio da celebração de **consórcios públicos.**

Dessa forma, os entes federados devem firmar **consórcio público** sempre que possuírem identidade de objetivos, sem que venham a perder suas respectivas autonomias administrativas. Ex.: serviço de captação e tratamento de água.

O Decreto nº 6.017/2007 estabelece que a União só poderá participar de consórcio público quando também integrarem todos os Estados em cujos territórios estejam situados os Municípios consorciados.

O mesmo Decreto também determina que a União somente celebre convênios com consórcios públicos constituídos sob a forma de **associação pública** ou que para essa forma tenham se convertido.

8.2. Requisitos

Para a formalização dos consórcios públicos é necessário o preenchimento dos seguintes requisitos:

I) **Celebração de protocolo de intenções.** A Lei nº 11.107/2005 dispõe que para que possa ser constituído um consórcio público é necessário que, previamente, as entidades federadas firmem um protocolo de intenções. Tal protocolo deve ser ratificado por lei ou ter sido subscrito com autorização legal, o que significa que é necessária a manifestação conjunta das vontades dos Poderes Executivo e Legislativo para a celebração de consórcios públicos; e

O representante legal do consórcio público deverá ser, obrigatoriamente, Chefe do Poder Executivo de ente da Federação consorciado.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça - RJ/2011, enunciado de uma questão tratava da seguinte situação: "A União Federal, um Estado-membro e doze Municípios de uma mesma região firmaram protocolo de intenções, expressando seu objetivo de implementar a gestão associada de determinado serviço público, e constituíram uma associação pública após a ratificação do protocolo por lei. Diante desses elementos, foi constituído:"

A resposta indicou como correta a alternativa: "C) consórcio público;"

II) **Constituição de pessoa jurídica de direito público ou de direito privado.** Historicamente, havia uma discussão doutrinária acerca da necessidade ou não de constituição de uma nova pessoa jurí-

dica quando os entes federados se associavam. Tal discussão foi superada com a supramencionada Lei dos Consórcios Públicos, que determina a formalização do ajuste através da **constituição de pessoa jurídica, sob a forma de associação pública ou pessoa jurídica de direito privado.**

Merece crítica a posição defendida por José dos Santos Carvalho e Filho, dentre outros autores, com fundamento no art. 6º, § 1º, da Lei 11.107/2005, de que só a **associação pública** integrará a Administração Indireta, em virtude de sua natureza pública. Entendemos que, mesmo no caso em que o consórcio público venha a se constituir sob a forma de pessoa jurídica de direito privado, ele deve integrar a Administração Indireta dos entes federativos consorciados. Nesse caso, o consórcio público revestido de personalidade jurídica de direito privado estaria na mesma situação jurídica das fundações públicas de direito privado, bem como das empresas públicas e sociedades de economia mista que possuem natureza jurídica de direito privado, mas integram a Administração Indireta.

Como a **associação pública** possui personalidade jurídica de direito público, pode-se afirmar que se trata de entidade pública da administração indireta com natureza autárquica. Uma autarquia que possui a peculiaridade de integrar a administração indireta de todos os entes integrantes do consórcio público, razão pela qual é nominada de **autarquia multifederativa.**

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso realizado para provimento do cargo de Analista de Planejamento e Orçamento – 2008 foi considerada **correta** a seguinte assertiva: *"O consórcio público com personalidade jurídica de direito público integra a administração indireta de todos os entes da Federação consorciados".*

8.3. Prerrogativas

A associação pública ou pessoa jurídica de direito privado decorrente da constituição do consórcio público deterá **competência** para:

I - celebrar contratos e convênios com entidades públicas e privadas;

II - receber incentivos públicos;

III - promover desapropriações;

IV - celebrar contratos de concessão ou permissão de serviços públicos;

V - emitir documentos de cobrança e exercer atividades de arrecadação de tarifas e outros preços públicos;

VI - ser contratados sem licitação (dispensa) pela própria pessoa da administração direta ou indireta participante do ajuste.

Apesar de se submeterem as regras de licitação e de contratação previstas na Lei nº 8.666/93, os consórcios públicos gozam de tratamento diferenciado quando se trata de dispensa de licitação em razão do pequeno valor. É que o percentual geral de 10% do limite fixado para licitação na modalidade convite é duplicado, quando o consórcio for formado por até 3 (três) entes da Federação, ou triplicado, quando o consórcio for formado por maior número.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso realizado para provimento do cargo de Procurador do Estado de Sergipe (2017), foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "O consórcio público poderá ter personalidade jurídica de direito público ou privado, sendo que, em ambas as formas, terão de ser observadas as mesmas normas de direito público para o regime de pessoal."

Considera-se como área de atuação do consórcio público, independentemente de figurar a União como consorciada, a que corresponde à soma dos territórios:

I - dos Municípios, quando o consórcio público for constituído somente por Municípios ou por um Estado e Municípios com territórios nele contidos;

II - dos Estados ou dos Estados e do Distrito Federal, quando o consórcio público for, respectivamente, constituído por mais de 1 (um) Estado ou por 1 (um) ou mais Estados e o Distrito Federal;

III - dos Municípios e do Distrito Federal, quando o consórcio for constituído pelo Distrito Federal e os Municípios;

8.4. Retirada do consórcio público

A **retirada** do ente da Federação do consórcio público dependerá de ato formal de seu representante na assembleia geral, na forma previamente disciplinada por lei.

Os bens destinados ao consórcio público pelo consorciado que se retira somente serão revertidos ou retrocedidos no caso de expressa previsão no contrato de consórcio público ou no instrumento de transferência ou de alienação.

8.5. Contrato de programa

Segundo o Decreto nº 6.107/2007 o **"Contrato de programa"** é o "instrumento pelo qual devem ser constituídas e reguladas as obrigações que um ente da Federação, inclusive sua administração indireta, tenha para com outro ente da Federação, ou para com consórcio público, no âmbito da prestação de serviços públicos por meio de cooperação federativa;".

Portanto, o contrato de programa é **obrigatório** quando um ente da federação venha a prestar serviços públicos conjuntamente com outro ente político, por meio de consórcio público.

O art. 13, *caput*, da Lei nº 11.107/05 estabelece que "deverão ser constituídas e reguladas por contrato de programa, como condição de sua validade, as obrigações que um ente da Federação constituir para com outro ente da Federação ou para com consórcio público no âmbito de gestão associada em que haja a prestação de serviços públicos ou a transferência total ou parcial de encargos, serviços, pessoal ou de bens necessários à continuidade dos serviços transferidos".

8.6. Contrato de rateio

O contrato de rateio é o instrumento por meio do qual os entes consorciados se comprometem a custear as despesas do consórcio. Conforme expressa previsão da Lei nº 11.107/2005, os entes consorciados somente entregarão recursos ao consórcio público mediante **contrato de rateio**.

Os entes consorciados, isolados ou em conjunto, bem como o consórcio público, são partes legítimas para exigir o cumprimento das obrigações previstas no contrato de rateio.

▸ **Atenção!**

Poderá ser excluído do consórcio público, após prévia suspensão, o ente consorciado que não consignar, em sua lei orçamentária ou em créditos adicionais, as dotações suficientes para suportar as despesas assumidas por meio de contrato de rateio.

O contrato de rateio será formalizado em cada exercício financeiro e seu prazo de vigência não será superior ao das respectivas dotações orçamentárias, com exceção dos contratos que tenham por objeto exclusivamente projetos consistentes em programas e ações contemplados em plano plurianual ou a gestão associada de serviços públicos custeados por tarifas ou outros preços públicos.

É vedada a aplicação dos recursos entregues por meio de contrato de rateio para o atendimento de despesas genéricas, inclusive transferências ou operações de crédito.

▸ Atenção!

Constitui ato de improbidade celebrar contrato de rateio de consórcio público sem suficiente e prévia dotação orçamentária, ou sem observar as formalidades previstas na lei.

9. SÚMULAS DO STF

- **Súmula 340.** Desde a vigência do código civil, os bens dominicais, como os demais bens públicos, não podem ser adquiridos por usucapião.
- **Súmula 346.** A Administração Pública pode declarar a nulidade dos seus próprios atos.
- **Súmula 516.** O serviço social da indústria (SESI) está sujeito à jurisdição da justiça estadual.
- **Súmula 517.** As sociedades de economia mista só têm foro na justiça federal, quando a União intervém como assistente ou opoente.
- **Súmula 556.** É competente a justiça comum para julgar as causas em que é parte sociedade de economia mista.
- **Súmula 654.** A garantia da irretroatividade da lei, prevista no art. 5º, XXXVI, da Constituição da República, não é invocável pela entidade estatal que a tenha editado.
- **Súmula Vinculante 27.** Compete à justiça estadual julgar causas entre consumidor e concessionária de serviço público de telefonia, quando a ANATEL não seja litisconsorte passiva necessária, assistente, nem opoente.
- **Súmula Vinculante 52.** Ainda quando alugado a terceiros, permanece imune ao IPTU o imóvel pertencente a qualquer das entida-

des referidas pelo art. 150, VI, "c", da Constituição Federal, desde que o valor dos aluguéis seja aplicado nas atividades para as quais tais entidades foram constituídas.

10. SÚMULAS DO STJ

- **Súmula 42.** Compete à justiça comum estadual processar e julgar as causas cíveis em que é parte sociedade de economia mista e os crimes praticados em seu detrimento.
- **Súmula 324.** Compete à justiça federal processar e julgar ações de que participa a fundação habitacional do exército, equiparada à entidade autárquica federal, supervisionada pelo Ministério do Exército.
- **Súmula 333.** Cabe mandado de segurança contra ato praticado em licitação promovida por sociedade de economia mista ou empresa pública.

Capítulo 4

Entes de cooperação

Ronny Charles

1. INTRODUÇÃO

Além dos órgãos e das entidades que compõem a Administração Direta e Indireta, existem outras pessoas jurídicas que prestam atividades de interesse público, **embora não integrem a Administração Pública, Direta ou Indireta.**

Não há uniformidade na doutrina, acerca da classificação e nomenclatura dessas entidades. Embora seja comum a denominação **"Entes de cooperação"** ou **"entidades paraestatais"**, necessário registrar que os reformistas preferiram a utilização do vocábulo **público não estatal.** Há ainda quem prefira a expressão **Terceiro Setor**, embora esta não seja comumente utilizada para todas as entidades envolvidas pelo conceito Entes de cooperação.

Fernanda Marinela apresenta o seguinte conceito para os **Entes de Cooperação**: *"são pessoas jurídicas de direito privado que, sem fins lucrativos, realizam projetos de interesse do Estado, prestando serviços não exclusivos e viabilizando seu desenvolvimento"*.

A doutrina sedimentou o entendimento de que os Entes de Cooperação compreendem: 1. os serviços sociais autônomos; 2. as entidades de apoio; 3. as organizações sociais (OS) e 4. as organizações da sociedade civil de interesse público **(OSCIPs).**

Nada obstante, preferimos envolver as duas últimas figuras no conceito de Terceiro Setor, incluindo, ainda, as entidades de utilidade pública federal **(UPF)**, aquelas com certificado de entidades beneficentes de assistência social **(CEBAS)**, bem como as Instituições Comunitárias de Educação Superior **(ICES)**, titulação criada pela Lei nº 12.881/2013. Nessa feita, podemos apresentar o seguinte Quadro:

Entendemos que o conceito **"Terceiro Setor"** é mais restrito que o conceito **"Entes de Cooperação"**, motivo pelo qual trataremos especificamente do primeiro adiante. Ademais, as entidades de utilidade pública federal (UPF) e aquelas certificadas como entidades beneficentes de assistência social (CEBAS) ou como instituição comunitária de educação superior (ICES) fazem parte do marco regulatório do Terceiro Setor, tendo sofrido alterações legislativas importantes, recentemente, que podem ser cobradas pelas bancas de concurso.

De qualquer forma, importante observar que alguns autores utilizam a expressão "Terceiro Setor" como sinônimo de "Entes de Cooperação", entendimento que vem sendo adotado por algumas bancas de concurso. Nesse raciocínio, o conceito de Terceiro Setor englobaria tanto os serviços sociais autônomos como as entidades de apoio.

▸ Atenção!

Convém registrar que a recente Lei federal nº 13.019/2014, estabeleceu um novo marco regulatório para as parcerias firmadas entre o Estado e as organizações da sociedade civil. Para facilitar a compreensão do tema, trataremos sobre este novo marco regulatório, adiante, em ponto específico deste capítulo.

Embora pessoas jurídicas de direito privado e não pertencentes à Administração Pública, as relações entre os Entes de Cooperação e o Estado, muitas vezes envolvendo recursos públicos, justificam a incidência parcial de normas de direito público, bem como a neces-

sária sujeição aos controles realizados pela Administração Pública e pelo Tribunal de Contas.

De qualquer forma, tais pessoas jurídicas não pertencem ao Estado e se submetem, em regra, ao **regime jurídico de direito privado.** Nessa feita, por exemplo, mesmo em relação a demandas judiciais que envolvam recursos públicos ou a prestação de serviços de interesse público, os entes de cooperação não dispõem dos benefícios processuais inerentes à Fazenda Pública.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de analista administrativo do MPOG (FUNRIO/2009), com a seguinte ementa: *"As pessoas jurídicas que integram o Terceiro Setor têm regime jurídico:"*, foi considerada correta a seguinte alternativa: *"d) preponderantemente de direito privado, parcialmente afastado pela incidência de normas de direito público."*

2. SERVIÇOS SOCIAIS AUTÔNOMOS

Serviços Sociais Autônomos são pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, criadas por Lei, que prestam atividades de interesse público (serviços não exclusivos) em favor de certas categorias sociais ou profissionais. José dos Santos Carvalho Filho utiliza a denominação **Pessoas de Cooperação Governamental.**

▸ Importante!

As atividades de interesse público realizadas pelos serviços sociais autônomos não são classificadas como serviços públicos, visto que lhes falta o elemento subjetivo (vide capítulo "serviços públicos").

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Em concurso para provimento de cargos na ANTAQ (Cespe/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "As entidades que compõem o serviço social autônomo prestam serviço público e, por isso, integram a administração pública indireta, estando sujeitas ao controle do tribunal de contas"

No concurso para o cargo de Advogado da União (Cespe/2009), foi considerada errada a seguinte assertiva: "As entidades de apoio são pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, que podem ser instituídas sob a forma de fundação, associação ou cooperativa, tendo por objeto a prestação, em caráter privado, de serviços sociais

não exclusivos do Estado. Tais entidades mantêm vínculo jurídico com a administração pública direta ou indireta, em regra, por meio de convênio. Por sua vez, os serviços sociais autônomos são entes paraestatais, de cooperação com o poder público, prestando serviço público delegado pelo Estado".

Tais entidades, embora não integrem a Administração Pública, recebem fomento estatal e podem ser mantidas por recursos orçamentários ou por contribuições parafiscais.

Contribuições parafiscais são tributos instituídos para o custeio de atividades exercidas por entidades privadas, que não integram funções próprias do Estado, mas possuem conotação social ou de interesse público (paraestatais).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Defensor Público do DPE-AC (CESPE/2017), com o enunciado: "Acerca dos serviços sociais autônomos, julgue os itens a seguir"; foi considerada correta a seguinte assertiva: "*As entidades de cooperação governamental, às quais são destinados recursos oriundos de contribuições parafiscais, têm por finalidade desenvolver atividade social que represente a prestação de serviço de utilidade pública em benefício de certos grupamentos sociais ou profissionais.*"

No concurso para o cargo de Defensor Público - RN (Cespe/2015), com a seguinte ementa: "Acerca dos serviços sociais autônomos, assinale a opção correta.", foi considerada correta a seguinte alternativa: "E) Referidos entes de cooperação governamental, destinatários de contribuições parafiscais, estão sujeitos à fiscalização do Estado nos termos e condições estabelecidos na legislação pertinente a cada um."

No concurso para o cargo de Procurador do Estado de São Paulo (FCC/2009), com a seguinte ementa: "*Serviço Social Autônomo é:*", foi considerada correta a seguinte alternativa: "*b) pessoa jurídica de direito privado que não integra a Administração Pública, embora possa ser subsidiada diretamente por recursos orçamentários do ente que a criou.*"

Podemos citar como exemplo de **Serviços Sociais autônomos:** o SESI (Serviço Social da Indústria), o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), o SESC (Serviço Social do Comércio), o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), o SEST (Serviço Social do Transporte), o SENAT (Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte) e a Apex-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil), entre outros.

▸ **Atenção!**

O serviço social da indústria (SESI) está sujeito à jurisdição da justiça estadual (STF, Súmula 516).

Como ocorre com os demais Entes de Cooperação, embora pessoas jurídicas regidas pelo direito privado, há incidência parcial do regime público sobre tais entidades. Vejamos algumas de suas características:

a) **Natureza Jurídica.** São pessoas jurídicas de direito privado, despidas de finalidade lucrativa, que não integram a Administração Pública. Submetem-se a regime jurídico de direito privado, embora ocorra incidência parcial de normas de direito público, já que prestam atividades fomentadas pelo Poder Público.

b) **Licitação.** Os serviços sociais autônomos não estão sujeitos à observância dos estritos procedimentos da Lei Geral de Licitações e Contratos (Lei n. 8.666/93). Eles podem utilizar seus regulamentos próprios, embora tais regulamentos devam estar pautados nos princípios gerais aplicáveis à Administração Pública.

O Plenário do TCU (Acórdão nº 1392/2013), por exemplo, já decidiu que, diferentemente dos órgãos e entes federais (por conta da regra de obrigatoriedade do Decreto nº 5.450/2005), as entidades integrantes do "Sistema S" (Serviços Sociais Autônomos) não estão obrigadas a utilizar a modalidade pregão para a aquisição de bens e serviços comuns.

O mesmo TCU não admite que as entidades do "Sistema S" contratem com empresas em débito com a seguridade social ou com o FGTS, exigindo a verificação da regularidade (Acórdão 1770/2013-Plenário) e limita a exigência habilitatória apenas à documentação listada no regulamento licitatório próprio da entidade, na forma estabelecida pelo edital, pelo raciocínio de que o rol de exigências de habilitação em licitação é taxativo (Acórdão 2375/2015 – Plenário).

▸ **Atenção!**

As entidades do Sistema S não podem inovar na ordem jurídica, por meio de seus regulamentos próprios, instituindo novas hipóteses de dispensa e de inexigibilidade de licitação, haja vista que a matéria deve ser disciplinada por norma geral, de competência privativa da União (TCU, Acórdão 3195/2014-Plenário).

c) **Regime de pessoal.** O regime de pessoal é celetista (CLT). Há divergência doutrinária acerca da necessidade ou não de realização de concurso para a contratação de pessoal. O TCU admite que os serviços sociais autônomos podem promover, à sua discricionariedade, seleções externas e internas para o recrutamento de pessoal, preservado o processo seletivo público externo para o ingresso de funcionários nos seus quadros. Foi recomendado que as entidades do Sistema "S" elaborassem um regulamento dos processos de recrutamento interno, fixando regras claras e objetivas que resguardem o atendimento dos princípios constitucionais da legalidade, impessoalidade, moralidade, eficiência e publicidade (TCU - Acórdão nº 369/2009-Plenário). O STF já prolatou decisão, proferindo entendimento segundo o qual essas entidades não estão submetidas à exigência de concurso público para a contratação de pessoal, nos moldes do art. 37, II, da Constituição Federal (STF, RE 789874, Tribunal Pleno, julgado em 17/09/2014). Por fim, vale suscitar entendimento do TCU, segundo o qual não se pode atribuir responsabilidade a membros de órgãos colegiados de entidades integrantes do Sistema S por atos de gestão praticados pelo corpo diretivo sobre os quais não foram consultados acerca de sua legalidade e legitimidade. (TCU. Acórdão 6684/2016 – Primeira Câmara.)

d) **Campo de atuação.** Via de regra, essas entidades, também denominadas de **"Sistema S"**, apresentam certa vinculação com respectivas áreas econômicas, agrupamentos sociais ou profissionais (comércio, indústria, transporte, exportações, entre outros).

e) **Criação.** A criação depende de lei, que autoriza as respectivas Confederações Nacionais a constituí-las formalmente, sob uma das formas jurídicas admitidas (fundações, associações...).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Defensor Público do DPE-AC (CESPE/2017), com o enunciado: "Acerca dos serviços sociais autônomos, julgue os itens a seguir"; foi considerada correta a seguinte assertiva: *"Conforme entendimento do STF, as entidades de serviços sociais autônomos integrantes do sistema "S" não se submetem à exigência do concurso público para a contratação de pessoal."*

No 21º concurso para o cargo de Procurador da República, foi considerada errada a seguinte alternativa: *c) os serviços sociais autônomos destinam-se a prestar serviços públicos;*

No concurso para o cargo de Procurador do Tribunal de Contas do Estado do Amapá (FCC/2010), com a seguinte ementa: "*Os Serviços Sociais Autônomos:*", foi considerada correta a seguinte alternativa: "*a) prestam atividade de cooperação e fomento, revestindo- se da forma de entes de natureza privada.*"

3. ENTIDADES DE APOIO

As entidades de apoio também são pessoas jurídicas de direito privado, despidas de finalidade lucrativa, que exercem serviços não exclusivos relacionados à ciência, pesquisa, saúde e educação.

Segundo Di Pietro, elas são "instituídas por servidores públicos, porém em nome próprio, sob a forma de fundação, associação ou cooperativa", para a prestação de serviços não exclusivos, mantendo vínculo jurídico com a Administração Pública (Direta ou Indireta) através de convênios.

A citada autora parece defender a total não incidência do regime jurídico de direito público para essas entidades. Nessa feita, elas não precisariam licitar, nem realizar concurso público ou mesmo se submeter à tutela administrativa. Embora tal raciocínio tenha boa fundamentação, parece-nos necessário certo cuidado na extensão dessas liberdades, uma vez que tais pessoas jurídicas podem ser utilizadas por gestores públicos para fuga indevida do regime jurídico administrativo. Cite-se, como exemplo, os famosos casos de fundações de apoio, utilizadas para contratações de equipamentos superfaturados (como sofisticadas lixeiras), sem licitação.

A Lei federal nº 8.958/94, recentemente alterada pela Lei nº 12.863/2013 e pela Lei nº 13.243/2016, busca regular as relações entre as instituições federais de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica e as fundações de apoio. Segundo a referida Lei, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e as demais Instituições Científicas e Tecnológicas (ICTs) poderão celebrar convênios e contratos, inclusive nos termos da dispensa do inciso XIII do art. 24 da Lei no 8.666/93, por prazo determinado, com fundações instituídas com a finalidade de apoiar projetos de ensino, pesquisa, extensão, desenvolvimento institucional, científico e tecnológico e estímulo à inovação, inclusive na gestão administrativa e financeira necessária à execução desses projetos.

▸ **Atenção!**

Quando financiadas com recursos repassados pelas IFES e demais ICTs às fundações de apoio, é vedado o enquadramento no conceito de desenvolvimento institucional, das seguintes atividades:

a) manutenção predial ou infraestrutural, conservação, limpeza, vigilância, reparos, copeiragem, recepção, secretariado, serviços administrativos na área de informática, gráficos, reprográficos e de telefonia e demais atividades administrativas de rotina, bem como as respectivas expansões vegetativas, inclusive por meio do aumento no número total de pessoal; e

b) outras tarefas que não estejam objetivamente definidas no Plano de Desenvolvimento Institucional da instituição apoiada.

Vejamos algumas características dessas entidades:

a) **Natureza Jurídica.** São pessoas jurídicas de direito privado, despidas de finalidade lucrativa, que não integram a Administração Pública. Segundo Fernanda Marinela, elas podem ser instituídas sob a forma de fundação (privada), associação ou cooperativa.

b) **Licitação.** Elas não precisam realizar licitação (nos estritos termos da Lei nº 8.666/93), para firmar contratos. Há, ainda, hipótese de dispensa licitatória para a contratação, pela Administração Pública, de instituição brasileira incumbida regimental ou estatutariamente da pesquisa, do ensino ou do desenvolvimento institucional, desde que a contratada detenha inquestionável reputação ético-profissional e não tenha fins lucrativos;

▸ **Atenção!**

De acordo com o artigo 3º da Lei 8.958/94, alterado pela Lei nº 12.243/2016, na execução de convênios, contratos, acordos e demais ajustes abrangidos por esta Lei **que envolvam recursos provenientes do poder público**, as fundações de apoio adotarão regulamento específico de aquisições e contratações de obras e serviços, **a ser editado por meio de ato do Poder Executivo de cada nível de governo.**

Nas contratações que **não envolvam a aplicação de recursos públicos**, aplicam-se as **regras instituídas pela instância superior da fundação de apoio**, disponíveis em seu sítio eletrônico, respeitados os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência.

c) **Regime de pessoal.** O regime de pessoal é celetista (CLT). De acordo com Di Pietro, não há necessidade de realização de concurso para a contratação de pessoal.

d) **Campo de atuação.** Serviços não exclusivos relacionados à ciência, pesquisa, saúde, educação, desenvolvimento institucional, científico, tecnológico e estímulo à inovação.

▸ **Atenção!**

É vedada a subcontratação total do objeto dos ajustes realizados pelas IFES e demais ICTs com as fundações de apoio, bem como a subcontratação parcial que delegue a terceiros a execução do núcleo do objeto contratado

e) **Criação.** Elas não são instituídas por iniciativa do Poder Público e devem estar constituídas sob a forma de fundações de direito privado. Fernanda Marinela observa a possibilidade de constituição sob a forma de associação ou cooperativa.

▸ **Atenção!**

As fundações de apoio às universidades públicas têm personalidade jurídica de direito privado, com patrimônio e administração próprios, não fazendo parte da Administração Pública Indireta, razão pela qual, as ações em que atuarem como parte devem ser julgadas pela Justiça Comum Estadual (STJ. Rel. Min. Francisco Falcão. DJE Data:10/11/2008).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Advogado da União (Cespe/2009), foi considerada errada a seguinte alternativa: "*As entidades de apoio são pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, que podem ser instituídas sob a forma de fundação, associação ou cooperativa, tendo por objeto a prestação, em caráter privado, de serviços sociais não exclusivos do Estado. Tais entidades mantêm vínculo jurídico com a administração pública direta ou indireta, em regra, por meio de convênio. Por sua vez, os serviços sociais autônomos são entes paraestatais, de cooperação com o poder público, prestando serviço público delegado pelo Estado.*"

Obs.: como já explicado anteriormente, os serviços sociais autônomos não prestam serviços públicos delegados pelo Estado.

3.1. Entidades de apoio e contratações com recursos públicos

Segundo a Lei nº 8.958/1994, as instituições federais de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica poderão contratar, nos termos do inciso XIII do art. 24 da Lei nº 8.666/93, e por prazo determinado, instituições criadas com a finalidade de dar apoio a projetos de pesquisa, ensino e extensão e de desenvolvimento institucional, científico e tecnológico de interesse das instituições federais contratantes.

Embora o dispositivo apenas mencione a contratação direta por parte das próprias instituições federais de ensino, a doutrina consolidou o entendimento de que outros órgãos da Administração possuem também essa prerrogativa.

Muitas vezes, essas entidades de apoio acabam por realizar atividades administrativas no lugar de entes e órgãos da Administração Direta e Indireta, sem o devido respeito às regras do regime jurídico administrativo. Essa fuga é ilícita. O Tribunal de Contas da União identificou vários abusos praticados com a utilização indevida dessas entidades, como a contratação sem licitação de equipamentos e serviços que deveriam ser prestados ou contratados diretamente pela Administração, bem como a subcontratação, por essas entidades de apoio (contratadas sem licitação), em favor de empresas privadas. Dentre as recomendações do TCU, sobre o tema, destacamos:

- não contratar fundações de apoio, por meio de dispensa de licitação, para a execução de atividades administrativas e de competência exclusiva do órgão (Acórdão nº 5.478/2009-2ª Câmara)
- exigir prestação de contas periódica em todas as avenças em que as fundações de apoio arrecadem recursos em nome da entidade pública (Acórdão nº 1.829/2009- Plenário)
- não contratar fundação de apoio para atividades de gerência financeira não previstas em seus estatutos (Acórdão nº 1.782/2009-Plenário)

Noutro diapasão, é possível a contratação de fundação de apoio, por dispensa de licitação, para a realização de vestibular, desde que haja nexo efetivo entre a natureza da instituição e o objeto contratado e compatibilidade com os preços de mercado (TCU, Acórdão 2506/2013-Segunda Câmara).

▸ Importante!

Os contratos firmados com as fundações de apoio com base na dispensa de licitação prevista no inc. XIII do art. 24 da Lei nº 8.666, de 1993, devem estar diretamente vinculados a projetos com definição clara do objeto e com prazo determinado, sendo vedadas a subcontratação, a contratação de serviços contínuos ou de manutenção e a contratação de serviços destinados a atender as necessidades permanentes da instituição (Orientação Normativa AGU Nº 14, de 01 abril de 2009).

4. O TERCEIRO SETOR

Discordamos da tentativa de igualar "Terceiro Setor" ao conceito de "Entes de Cooperação". Entendemos que o segundo é um conceito maior, que envolve o primeiro (Terceiro Setor). Diferentemente dos demais entes de cooperação, cuja existência depende da vontade ou da atividade estatal, a correta definição do conceito de Terceiro Setor parece exigir forte ligação ao conceito de **sociedade civil**, independência em relação ao Estado e existência anterior à formatação da parceria para o exercício de atividades de interesse público.

Hegel foi o primeiro autor moderno em cuja obra a ideia de sociedade civil cumpre um papel fundamental. Para ele, a família e o Estado não eram capazes de estabelecer o conjunto de determinações para a vida dos indivíduos das sociedades modernas, motivo pelo qual surgiria, para isso, um conjunto de instituições entre a família e o Estado. Visão diferente traçou **Gramsci**, para quem a sociedade civil representa o **ambiente de disputas ideológicas da superestrutura social**. Gramsci visualizava a sociedade civil como parte da superestrutura, composta pela sociedade política (que seria o Estado, em sentido estrito) e pela sociedade civil (**Estado = sociedade política + sociedade civil**).

Para **Bobbio**, sociedade civil é o lugar onde surgem e se desenvolvem os conflitos econômicos, sociais, ideológicos, religiosos, que as instituições estatais têm a tarefa de resolver, mediando-os, evitando-os ou reprimindo-os. São as **organizações ou movimentos sociais que representam determinados grupos da sociedade**.

Para **Habermas**, o atual significado da expressão "sociedade civil" possui um núcleo institucional formado por associações e organizações livres, não estatais e não econômicas, as quais ancoram as estruturas de comunicação da esfera pública nos componentes sociais do mundo da vida. A sociedade civil compõe-se de **movimentos, organizações e associações, os quais captam os ecos dos problemas sociais que ressoam nas esferas privadas, condensa-os e os transmitem, a seguir, para a esfera pública política**.

Podemos então resumir a evolução do conceito moderno de sociedade civil, de acordo com alguns de seus principais pensadores:

Hegel	Conjunto de instituições entre a família e o Estado
Gramsci	Ambiente de disputas ideológicas da superestrutura social

Bobbio	Organizações ou movimentos sociais que representam determinados grupos da sociedade
Habermas	Núcleo institucional que capta os problemas sociais e os reflete para a esfera pública política.

Segundo a compreensão habermasiana (mais moderna) do conceito de sociedade civil, nela podem ser identificados importantes parceiros para a Administração Pública, pois, como advertiu Alexis de Tocqueville, o Governo não consegue refletir, sozinho, a renovação dos sentimentos e das ideias de um grande povo, papel para o qual a sociedade civil possui especial vocação. Não à toa que entidades da sociedade civil são comumente as precursoras nos debates de importantes temas, como a corrupção, a proteção ao meio ambiente, o combate à miséria, entre outros.

É nessa concepção de parcerias da Administração Pública com a sociedade civil que nasce o conceito de Terceiro Setor. O grande diferencial entre o Terceiro Setor e os demais entes de cooperação é que ele é formado por instituições que existem e realizam suas atividades independentemente da vontade estatal. São justamente suas atividades que justificam a iniciativa estatal de fomentá-las, através de parcerias.

Partindo do pressuposto de que o **Terceiro Setor** não pertence ao Estado, pode-se concebê-lo como elemento privado; reconhecendo que ele institucionalmente se diferencia das pessoas naturais, pode-se restringir sua análise às organizações personalizadas e detentoras de direitos e deveres jurídicos, dotadas, portanto, de personalidade jurídica; por fim, acrescentando sua diferenciação em relação aos entes pertencentes ao mercado, pode-se identificar que as atividades exercidas por tais entidades não visam ao lucro. Disso resulta o raciocínio comum de que o Terceiro Setor é representado por pessoas jurídicas de direito privado, não pertencentes ao Estado e imbuídas de finalidades não lucrativas.

Contudo, tal compreensão ampla confunde o conceito de Terceiro Setor com a definição de sociedade civil apresentada por Habermas, incorrendo no erro de não servir à separação entre o gênero e sua espécie. A natureza privada, institucional e a ausência de finalidade lucrativa não delimitam corretamente as entidades pertencentes ao Terceiro Setor. Convém perscrutar os elementos que diferenciam esse segmento dos outros grupos não governamentais ou elementos da sociedade civil.

Pelos critérios estabelecidos no ***Handbook on Nonprofit Institutions in the System of National Accounts*** (Manual sobre as Instituições sem Fins Lucrativos no Sistema de Contas Nacionais), editado pela Organização das Nações Unidas, em conjunto com a Universidade Jonh Hopkins, fariam parte do Terceiro Setor as entidades que, cumulativamente, apresentem as seguintes características:

I - natureza privada;

II - ausência de finalidade lucrativa;

III - sejam institucionalizadas, com regular constituição e personalidade jurídica;

IV - sejam autoadministradas; e

V - exerçam atividades voluntárias.

Tais elementos ainda parecem incompletos, pois o conceito de atividade voluntária é impreciso. Ademais, a ausência de finalidade lucrativa não é suficiente a caracterizar o intuito que se entende pertinente na adequação de uma entidade ao conceito de Terceiro Setor. Resta confirmada a tendência de dar importância aos objetivos públicos e à prática de atividades sociais para o enquadramento de uma entidade a esse importante segmento da sociedade civil.

Nesse quadro, além do Primeiro Setor, personalizado pelo Estado, e o Segundo Setor, na figura do Mercado, apresenta-se esse novo segmento do conjunto societário, que se manifesta através de **organizações de origem privada**, autônomas e altruísticas, **despidas de finalidade lucrativa** e com o **objetivo de promoção do bem-estar coletivo**. Assim, podemos apontar os seguintes elementos essenciais para a caracterização do Terceiro Setor:

- origem privada (fora do Estado);
- inexistência de finalidade lucrativa (fora do mercado);
- objetivos e ações devem envolver atividades de interesse público, passíveis de fomento estatal;

A atividade de fomento estatal, no domínio dos serviços sociais, envolve disciplina não coercitiva da conduta dos particulares que desempenham atividades de interesse público, através de estímulos ou sanções premiais, em observância aos princípios da consensualidade e da participação na Administração Pública. Assim, a atividade de fomento admite cessão de recursos, bens e pessoal da Administração Pública, para as entidades privadas.

Nosso ordenamento jurídico historicamente identificava o Terceiro Setor através de **títulos jurídicos**, com o intuito de diferenciar as entidades desse segmento do restante da sociedade civil, realizando o seu **marco regulatório** e servindo como chancela e justificativa para o **fomento estatal**.

Contudo, recentemente, foi aprovada a **Lei 13.019/2014**, com início de vigência em 2016 (para os Municípios, a vigência se iniciará em 2017), a qual estabelece o **regime jurídico das parcerias voluntárias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil**.

A referida Lei não opta pela titulação como técnica de identificação do Terceiro Setor, estabelecendo um conceito de **Organização da Sociedade Civil**, compatível com as características fundamentais de uma entidade do Terceiro Setor, além de diversas regras que deverão ser atendidas, pela Administração e pela entidade parceira, para que se legitime a parceria entre elas.

Adiante, em ponto específico, trataremos sobre esse novo marco legal.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Auditor Fiscal da Receita Federal (ESAF/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"o terceiro setor compreende as entidades da sociedade civil de fins públicos e lucrativos coexistindo com o primeiro setor, que é o Estado, e o segundo setor, que é o mercado."*

4.1. Terceiro Setor e entidades fechadas

Entende-se como **entidade fechada** aquela cuja inserção e atuação estão restritas a determinado grupo social. Suas finalidades são corporativas ou reduzidas aos interesses de seus membros, como se verifica nos sindicatos, clubes, associações fechadas, entre outros.

Alguns autores defendem que mesmo entidades fechadas poderiam ser incluídas na definição de integrantes do Terceiro Setor, pelo benefício indireto que suas atividades trazem à coletividade. Divergimos desse raciocínio, pela constatação de que os fenômenos da vida social e sua interação tornam natural que determinadas atitudes, embora imbuídas de finalidades egoísticas, reservadas a

determinados grupos, possam ter efeitos favoráveis à coletividade. Mesmo o Mercado ou as entidades totalmente corporativas podem, através de algumas atividades subsidiárias, gerar benefícios à coletividade como um todo ou promover ações isoladas de interesse público, o que não justificaria sua inclusão na definição de Terceiro Setor.

O que diferencia as entidades do Terceiro Setor das sociedades pertencentes ao mercado ou mesmo dos agrupamentos corporativos institucionalizados? Certamente, a autonomia em relação ao Estado e os interesses altruísticos defendidos. Enquanto as sociedades pertencentes ao mercado desenvolvem suas atividades movidas pelo interesse lucrativo e os agrupamentos corporativos realizam suas atividades em prol de interesses internos da categoria, o Terceiro Setor atua objetivando a consecução de finalidades públicas, não restritas a determinados setores da coletividade.

Nesse prumo, no **Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado**, os reformistas preferiram determinar esse segmento da sociedade através da expressão **"público não estatal"**. Bresser-Pereira e Cunill Grau fazem a distinção entre público, privado e corporativo, da seguinte forma. *"Público: entendido como o que é de todos e para todos, se opõe tanto ao privado, que está voltado para o lucro ou para o consumo, como ao corporativo, que está orientado para a defesa política de interesses setoriais ou grupais (sindicatos ou associações de classe ou de região) e para o consumo coletivo (clubes)"*.

O enquadramento de uma entidade como Terceiro Setor a coloca como parceira estratégica do Estado, na consecução de finalidades públicas. Deve-se então perceber que a definição de Terceiro Setor tem esta função, identificar as entidades da sociedade civil pertencentes ao **público não estatal**, potencialmente parceiras da Administração, na prestação de **serviços não exclusivos**.

Seguindo esse raciocínio, convém observar que estender essas parcerias a entidades fechadas pode resultar no incentivo ao ***rent-seeking*** (*busca de privilégios pela manipulação do ambiente econômico ou político*) ou na promoção desproporcional de bem estar a grupos fechados, ideologicamente vinculados ao gestor público, afrontando o princípio da isonomia. Vale lembrar a diretriz dada na **Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão**, de que o Estado (força pública) é instituído para fruição de todos e não para utilidade particular daqueles a quem é confiada sua gestão.

O interesse público não apenas deve ser resguardado pelos efeitos da ação da entidade, ele deve ser seu principal objetivo. Diante dessa premissa, entendemos que não parece adequado adicionar as entidades fechadas ao conceito de Terceiro Setor (estratégico para parcerias com o Estado). Elas pertencem à sociedade civil, mas em suas atividades objetivam, prioritariamente, interesses específicos de um grupo determinado.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de analista judiciário do Tribunal de Justiça do Distrito Federal (Cespe/2008), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"O uso indiscriminado da expressão terceiro setor acabou por tornar o conceito demasiadamente abrangente, fazendo que nele se possam enquadrar todos os modelos de entidades que não se incluam no conceito do primeiro setor, o Estado, e do segundo setor, o mercado."*

Obs: Atente-se que a alusão ao uso indiscriminado é reflexo da crítica realizada pela doutrina especializada, contrária à expansão indevida do conceito de Terceiro Setor.

4.2. O marco legal do Terceiro Setor no Brasil

Até o início do século XX, é pequena ou praticamente nula a movimentação da sociedade civil brasileira na prestação de serviços de interesse da coletividade. As entidades prestadoras de serviços de interesse público começaram a receber benefícios estatais, a partir do século XX, obtidos através de pedidos dirigidos ao Presidente da República, sendo a concessão baseada em critérios pouco definidos.

Somente na década de trinta é que veio a ser criada a **Caixa de subvenções**, pela qual o Ministério da Justiça passou a desempenhar a função de análise e fiscalização dos pedidos de **subvenção social**, utilizando critérios previamente definidos. Até aquele momento, não fora estabelecido qualquer marco para as entidades do Terceiro Setor, inexistindo diferenciação entre elas e a sociedade civil em geral, inclusive para fins de beneficiamentos ou parcerias com o Estado.

A solução, adotada pelo direito brasileiro, foi a utilização de **titulações jurídicas** que, após a comprovação de cumprimento dos requisitos formais exigidos, serviriam como chancela às atitudes de incentivo (fomento).

Até a década de 90 do século passado, podemos destacar duas titulações: a certificação como **entidade de utilidade pública federal** e a certificação como **entidade beneficente de assistência social.**

Contudo, identificou-se um quadro de crise em tais titulações, denominado pela doutrina de **"síndrome da inautenticidade"**. A dificuldade em separar as autênticas entidades do Terceiro Setor daquelas entidades da sociedade civil de interesses corporativos ou com finalidades de "favorecimento mútuo", produziu um processo de proliferação de entidades inautênticas e o estímulo a processos de corrupção, de forma que o setor de filantropia passou a receber a pecha de "pilantropia".

Com a crise do título de utilidade pública e o forjar de uma reforma administrativa, na década de noventa, ganhou força o discurso de necessária revisão do **marco legal do Terceiro Setor**, com migração para um modelo gerencial. Esse movimento resultou na apresentação de propostas para uma nova concepção dessas parcerias com o Estado. De tais propostas, foram produzidas duas Leis federais, a Lei nº 9.637, de 15 de maio de 1998 e a Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999. Essas normas criaram dois novos títulos para certificação de entidades da sociedade civil com atuação em serviços públicos, respectivamente, o de **Organização Social (OS)** e o de **Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP)**.

As duas leis avançaram em relação a uma proposta mais gerencial para essas relações de cooperação. Estipulou-se tanto a necessidade de cumprimento de requisitos formais para o recebimento da titulação, como a necessidade de pactos de cooperação, denominados **contrato de gestão**, no caso das **Organizações Sociais**, e **termos de parceria**, no caso das **OSCIPs.** Esses instrumentos trazem, em seu bojo, regras específicas relacionadas à atividade a ser desenvolvida com o incentivo estatal, mediante o estabelecimento de metas e obrigações, com previsão dos resultados a serem atingidos e dos critérios objetivos de avaliação e desempenho das atividades prestadas.

Essa mudança de concepção é resultado direto do novo paradigma que se buscou implantar na Administração Pública brasileira, na passagem de uma visão organizacional burocrática e formal para um modelo gerencial.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Juiz do Tribunal Regional Federal da 5ª Região (2009), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"A administração pública gerencial deve dar ênfase na avaliação que tem como parâmetro os resultados obtidos, especialmente quando se trata da prestação de serviços sociais e científicos. Por essa razão, tanto a lei que trata das organizações sociais quanto a que trata das OSCIPs preveem que o instrumento firmado entre o poder público e as entidades qualificadas – contrato de gestão e termo de parceria, respectivamente – deve estipular as metas e os resultados a serem atingidos e os critérios objetivos de avaliação e desempenho."*

Em 2013, a Lei nº 12.881 criou um novo título para definição, qualificação, prerrogativas e finalidades das **Instituições Comunitárias de Educação Superior - ICES**. Trata-se, sem dúvida, de uma nova espécie para o marco legal do Terceiro Setor.

Em síntese, as principais titulações jurídicas do Terceiro Setor, são as seguintes:

Terceiro Setor
Entidade de Utilidade Pública
Entidade Beneficente de Assistência Social
Organização Social – OS
Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP
Instituições Comunitárias de Educação Superior – ICES

Além dessas titulações, como já observado, cumpre registrar que a Lei nº 13.019/2014, instituiu normas gerais para as parcerias voluntárias entre o Poder Público e as Organizações da Sociedade Civil (OSC), para a consecução de finalidades de interesse público. A referida Lei, diferentemente da normatização anterior, não estabeleceu titulação específica (para identificar o Terceiro Setor parceiro), mas previu regras gerais para regular as parcerias entre o Estado e as Organizações da Sociedade Civil.

No raciocínio desta nova Lei, a identificação do Terceiro Setor não será definida pela concessão de um título jurídico, mas pela aptidão da Organização da Sociedade Civil para disputar o pertinente processo seletivo, cumprir os requisitos específicos e firmar a parceria com o ente público.

▸ **Atenção!**

Vale observar a não inclusão, nesse elenco, das Organizações Não Governamentais (ONGs) e das cooperativas sociais. A expressão "ONG" é utilizada genericamente para caracterizar as entidades privadas, associativas e filantrópicas, não pertencentes à Administração Pública, detendo ou não a titulação jurídica destinada à qualificação como entidade do Terceiro Setor. Quanto às cooperativas sociais, a Lei nº 9.867/1999, que as criou, apenas trouxe regras esparsas sobre essas pessoas jurídicas, sem apresentar claro balizamento sobre sua natureza, não servindo a qualificá-la, como uma espécie autônoma do Terceiro Setor, no sentido restrito aqui defendido.

4.2.1. *Certificado de Utilidade Pública Federal (UPF)*

Em relação aos títulos jurídicos apontados, ainda na década de trinta, foi publicada a Lei Federal nº 91, de 28 de agosto de 1935, que determinava as regras pelas quais as sociedades civis, as associações e as fundações constituídas no país, com o fim exclusivo de servir desinteressadamente à coletividade, poderiam ser declaradas de utilidade pública. Foi, então, estabelecida uma titulação que permitia certa diferenciação entre entidades da sociedade civil.

A titulação não garante, por si só, benefícios estatais à entidade declarada de utilidade pública. Contudo, com o tempo, novas disposições normativas transformaram o título em um requisito para a concessão de benefícios não previstos em sua legislação original, por exemplo: de acordo com a Lei nº 9.249/95, para que uma empresa possa realizar, em seu imposto de renda, dedução de doações feitas a entidades civis, estas devem possuir tal certificação.

Quando da aprovação da Lei nº 91/35, pela inexistência de benefícios pelo poder Público, permitiu-se certa liberalidade na concessão do título de utilidade pública, constando como requisitos:

- a existência de personalidade jurídica;
- a não remuneração dos cargos de diretoria e dos conselhos;
- o efetivo funcionamento e o serviço desinteressado à comunidade;

Pela simplicidade e caráter meramente protocolar, essas exigências não se prestam ao correto balizamento das entidades do Terceiro

Setor que realizam serviços de interesse público, o que prejudica sua utilização como parâmetro para as parcerias com o Poder Público.

▸ **Atenção!**

No âmbito federal, a Lei nº 91/1935 foi expressamente revogada pela Lei 13.204/2015.

4.2.2. *Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS)*

Com relação à **certificação de entidade beneficente de assistência social**[1], já se exigiam maiores requisitos, conforme o estabelecido pelo Decreto Federal nº 2.536/98, uma vez que esse título permite **isenção (imunidade) de contribuições para a seguridade social.**

Tendo em vista que o referido título permite imunidade em relação a contribuições previdenciárias, essas dificuldades ensejaram enormes críticas, tanto pela renúncia fiscal indevida, para as entidades não merecedoras da titulação, como pelos entraves a entidades legítimas.

As exigências burocráticas prejudicaram entidades realmente beneficentes e com excelentes trabalhos em favor da coletividade, bem como demonstraram a ineficiência do Estado para o gerenciamento das certificações, conforme o modelo de controle inicialmente proposto. As críticas e as pressões dos grupos de interesse levaram a uma recente reformulação desse título, inicialmente através de Medida provisória (que foi rejeitada) e, posteriormente, através da **Lei federal nº 12.101/2009.**

A referida Lei foi precedida pela tentativa de regramento do tema através de medida provisória, situação que envolveu uma inédita devolução do texto da MP, pelo então Presidente do Senado, e culminou com sua rejeição (da Medida Provisória) pela Câmara dos Deputados. Esse fato criou uma situação esdrúxula, pois a rejeição, além de devolver as regras anteriormente positivadas (apontadas, indiretamente, como responsáveis pela prescrição de bilhões de reais, em créditos tributários), não prejudicou peremptoriamente os efeitos gerados durante a vigência da Medida Provisória, permitindo o perdão de débitos pendentes.

---

1. Antes chamado de Certificação de Entidade de Fins Filantrópicos.

▸ **Atenção!**

Esse novo regramento gerou importante alteração na dinâmica da concessão dos certificados de entidades de fins filantrópicos. Embora este título não seja tratado pela maioria dos manuais, sua importância na prática administrativa e as polêmicas que envolveram a reformulação de suas regras o tornam um assunto potencialmente explorado pelas bancas de concurso.

De acordo com a Lei federal nº 12.101/2009, a certificação das entidades beneficentes de assistência social e a isenção (imunidade) de contribuições para a seguridade social serão concedidas às pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecidas como entidades beneficentes de assistência social com a finalidade de prestação de serviços nas áreas de **assistência social, saúde** ou **educação**, e que atendam requisitos legais.

Anteriormente, para todas as áreas (saúde, educação e assistência social), a concessão desse título era da competência do CNAS, com possibilidade de recurso para o Ministro da Previdência. Com o novo regramento, a análise e decisão dos requerimentos de concessão ou de renovação dos certificados devem ser apreciadas pelos seguintes órgãos, de acordo com as respectivas áreas de atuação:

Entidades da área de saúde	Ministério da Saúde
Entidades educacionais	Ministério da Educação
Entidades de assistência social	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

▸ **Importante!**

A entidade que atue em mais de uma das áreas (saúde, educação e assistência social) deverá, na forma regulamentada, manter escrituração contábil segregada por área, fazendo o pedido de certificação ao Ministério responsável pela sua área de atuação preponderante.

Assim, com a aprovação da Lei federal nº 12.101/2009, sacramentou-se a opção política de segmentação das certificações e suas prorrogações (repactuações), de acordo com as respectivas áreas de atuação.

A entidade interessada na certificação deverá apresentar, juntamente com o requerimento, todos os documentos necessários à comprovação dos requisitos legais. A tramitação e a apreciação do requerimento deverão obedecer à ordem cronológica de sua apresentação, salvo em caso de diligência pendente, devidamente justificada, ou no caso de entidade ou instituição sem fins lucrativos e organização da sociedade civil que celebrem parceria para executar projeto, atividade ou serviço em conformidade com acordo de cooperação internacional do qual a República Federativa do Brasil seja parte.

O **prazo de validade** da certificação será de 1 (um) a 5 (cinco) anos, conforme critérios definidos em regulamento. Será considerado tempestivo o requerimento de renovação da certificação, protocolado no decorrer dos 360 (trezentos e sessenta) dias que antecedem o termo final de validade do certificado, permanecendo sua certificação válida, até a data da decisão sobre o requerimento de renovação, tempestivamente apresentado.

▸ **Atenção!**

Os requerimentos, protocolados antes de 360 (trezentos e sessenta) dias do termo final de validade do certificado, não serão conhecidos.

Os Ministérios responsáveis pela certificação deverão manter, nos respectivos sítios na internet, lista atualizada com os dados relativos aos certificados emitidos, seu período de vigência e sobre as entidades certificadas, incluindo os serviços prestados por essas dentro do âmbito certificado e recursos financeiros a elas destinados.

Verificada prática de irregularidade na entidade certificada, são **competentes para representar**, motivadamente, ao Ministério responsável pela sua área de atuação (sem prejuízo das atribuições do Ministério Público):

(i) o gestor municipal ou estadual do SUS ou do SUAS, de acordo com a sua condição de gestão, bem como o gestor da educação municipal, distrital ou estadual;

(ii) a Secretaria da Receita Federal do Brasil;

(iii) os conselhos de acompanhamento e controle social previstos na Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007, e os Conselhos de Assistência Social e de Saúde; e

(iv) o Tribunal de Contas da União.

A **representação** será dirigida ao Ministério que concedeu a certificação e conterá a qualificação do representante, a descrição dos fatos a serem apurados e, sempre que possível, a documentação pertinente e demais informações relevantes para o esclarecimento do seu objeto.

Recebida a representação, caberá ao Ministério competente:

a) dar ciência da representação à entidade, que terá o prazo de 30 (trinta) dias para apresentação de defesa; e

b) decidir sobre a representação, no prazo de 30 (trinta) dias a contar da apresentação da defesa.

Quando a representação for **improcedente**, o processo será arquivado. Se **procedente** a representação, após a decisão final (transcorrido o prazo para interposição de recurso), a autoridade responsável deverá cancelar a certificação e dar ciência do fato à Secretaria da Receita Federal do Brasil.

O Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos é mero reconhecimento, pelo Poder Público, do preenchimento das condições que devem ser atendidas para que a entidade receba o benefício constitucional (imunidade), sendo constitucional a exigência de renovação periódica (STF, AgR no RE 428.815/AM, DJU 7.6.2005).

▸ **Importante!**

A obtenção ou a renovação do Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (Cebas) não exime a entidade do cumprimento dos requisitos legais supervenientes (Súmula STJ nº 352).

A entidade beneficente, que possua o CEBAS, fará jus à **"isenção"** do pagamento das contribuições sociais de que tratam os arts. 22 e 23 da Lei nº 8.212/1991, desde que atenda, cumulativamente, aos seguintes requisitos:

a) não percebam seus diretores, conselheiros, sócios, instituidores ou benfeitores remuneração, vantagens ou benefícios, direta ou indiretamente, por qualquer forma ou título, em razão das competências, funções ou atividades que lhes sejam atribuídas pelos respectivos atos constitutivos;

▸ **Importante!**

A Lei nº 13.151/2015 excepcionou o caso de associações assistenciais ou fundações, sem fins lucrativos, cujos dirigentes poderão ser remunerados, desde que atuem efetivamente na gestão executiva, respeitados como limites máximos os valores praticados pelo mercado na região correspondente à sua área de atuação, devendo seu valor ser fixado pelo órgão de deliberação superior da entidade, registrado em ata, com comunicação ao Ministério Público, no caso das fundações;

b) aplique suas rendas, seus recursos e eventual superávit integralmente no território nacional, na manutenção e desenvolvimento de seus objetivos institucionais;

c) apresente certidão negativa ou certidão positiva com efeito de negativa de débitos relativos aos tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil e certificado de regularidade do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS;

d) mantenha escrituração contábil regular que registre as receitas e despesas, bem como a aplicação em gratuidade de forma segregada, em consonância com as normas emanadas do Conselho Federal de Contabilidade;

e) não distribua resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcelas do seu patrimônio, sob qualquer forma ou pretexto;

f) conserve em boa ordem, pelo prazo de 10 (dez) anos, contado da data da emissão, os documentos que comprovem a origem e a aplicação de seus recursos e os relativos a atos ou operações realizados que impliquem modificação da situação patrimonial;

g) cumpra as obrigações acessórias estabelecidas na legislação tributária;

h) apresente as demonstrações contábeis e financeiras devidamente auditadas por auditor independente, legalmente habilitado nos Conselhos Regionais de Contabilidade, quando a receita bruta anual auferida for superior ao limite fixado pela Lei Complementar no 123, de 14 de dezembro de 2006.

4.2.3. *Organização Social (OS)*

a) **Introdução.** De acordo com a Lei federal nº 9.637/98, o Poder Executivo poderá qualificar como **organizações sociais** pessoas

jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde, conforme os requisitos nela previstos. As organizações sociais não pertencem à administração pública direta ou indireta, não compõem o aparato estatal, mas são títulos jurídicos criados para auxiliar a atuação do setor público, viabilizando o fomento e a execução de atividades relativas às áreas especificadas pelo legislador.

Segundo o STF, a atribuição de título jurídico de legitimação da entidade através da qualificação configura hipótese de credenciamento, no qual não incide a licitação pela própria natureza jurídica do ato, que não é contrato, e pela inexistência de qualquer competição, já que todos os interessados podem alcançar o mesmo objetivo, de modo includente, e não excludente (ADI 1.923-DF).

Conforme a Lei nº 9.637/98, a aprovação da qualificação como organização social se insere na **competência discricionária** do Ministro ou titular de órgão supervisor ou regulador da área de atividade correspondente ao seu objeto social e do Ministro de Estado da Administração Federal e Reforma do Estado (atualmente, Ministro do Planejamento). Essa discricionariedade é corretamente criticada pela doutrina, por permitir privilégios nada isonômicos.

A **Organização Social** foi expressamente prevista no Plano de Reforma do Estado, que apontava sua criação com a intenção de "**publicização**" daquilo que os reformistas chamavam de serviços públicos não estatais. O objetivo era o de que universidades e hospitais públicos, centro de pesquisas, bibliotecas e museus estatais fossem transformados em entidades de natureza privada, recebesse qualificação de organização social e celebrassem **contratos de gestão** com o Poder Público para a prestação de serviços não exclusivos, podendo ser destinados recursos orçamentários e bens públicos para tais integrantes do setor público não estatal.

▸ **Atenção!**

A doutrina questiona a validade da expressão "**publicização**", adotada pelo Plano Diretor de Reforma do Estado, pois, na verdade, a substituição da entidade pública prestadora de serviços por uma entidade privada, qualificada como Organização Social, serviria como instrumento de "**privatização**", já que ocorreria uma transformação da entidade pública em privada.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz federal (TRF da 4ª Região/2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*O Poder Executivo poderá qualificar como Organizações Sociais, por meio de contratos de gestão, pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e à preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde, desde que satisfeitos os requisitos exigidos na Lei nº 9.637/98.*"

b) **Conselho de administração.** A Lei nº 9.637/98 exige a permanência, no cerne da Organização Social, de representantes do Poder Público. Cite-se, como exemplo, a participação mínima de 20% na composição do **Conselho de administração**, podendo chegar até a 40% de sua totalidade. Acrescente-se a exigência legal para que parte do Conselho seja formada por pessoas de notória capacidade profissional e reconhecida idoneidade moral.

Entre outras atribuições privativas, pelo artigo 4º da Lei nº 9.637/98, compete ao **Conselho de administração**:

I. fixar o âmbito de atuação da entidade, para consecução do seu objeto;

II. aprovar a proposta de **contrato de gestão** da entidade;

III. aprovar a proposta de orçamento da entidade e o programa de investimentos;

IV. fixar a remuneração dos membros da diretoria.

c) **Perda da qualificação.** O Poder Executivo poderá proceder à desqualificação da entidade como organização social, quando constatado o descumprimento das disposições contidas no contrato de gestão.

A desqualificação será precedida de processo administrativo, assegurado o direito de ampla defesa, respondendo os dirigentes da organização social, individual e solidariamente, pelos danos ou prejuízos decorrentes de sua ação ou omissão.

A desqualificação importará **reversão dos bens** permitidos e dos valores entregues à utilização da organização social, sem prejuízo de outras sanções cabíveis.

d) **Servidor público.** É facultada ao Poder Executivo a cessão especial de servidor para as organizações sociais, com ônus para a

origem. Não será incorporada aos vencimentos ou à remuneração de origem do servidor cedido qualquer vantagem pecuniária que vier a ser paga pela organização social.

e) **Contrato de gestão.** Entende-se por contrato de gestão o instrumento firmado entre o Poder Público e a entidade qualificada como organização social, com vistas à formação de parceria entre as partes para fomento e execução de atividades relativas à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde.

A natureza jurídica deste instrumento é convenial. Neste sentido, o STF firmou que o contrato de gestão configura hipótese de convênio, por consubstanciar a conjugação de esforços com plena harmonia entre as posições subjetivas, que buscam um negócio verdadeiramente associativo, e não comutativo, para o atingimento de um objetivo comum aos interessados (ADI 1.923-DF).

O **contrato de gestão** deve ser elaborado pelo órgão (ou entidade supervisora) e pela organização social (**em comum acordo**), discriminando as atribuições, responsabilidades e obrigações do Poder Público e da organização social. Diante da lógica gerencial adotada, a legislação específica prevê que devem ser estipuladas as metas e os resultados a serem atingidos e os critérios objetivos de avaliação e desempenho das atividades prestadas em virtude do contrato de gestão.

Após aprovação pelo Conselho de Administração da entidade, o contrato de gestão deve ser submetido ao Ministro de Estado ou autoridade supervisora da área correspondente à atividade fomentada.

As organizações sociais podem receber recursos orçamentários e bens públicos, para cumprimento do contrato de gestão. Os resultados atingidos com a execução do contrato de gestão devem ser analisados, periodicamente, por **comissão de avaliação**, indicada pela autoridade supervisora da área correspondente, composta por especialistas de notória capacidade e adequada qualificação.

▸ **Importante!**

Os responsáveis pela fiscalização da execução do contrato de gestão, ao tomarem conhecimento de qualquer irregularidade ou ilegalidade na utilização de recursos ou bens de origem pública por organização social, dela darão ciência ao Tribunal de Contas da União, sob pena de **responsabilidade solidária.**

Havendo indícios fundados de malversação de bens ou recursos de origem pública, cabe representação ao Ministério Público, à Advocacia-Geral da União ou à Procuradoria da entidade, para requerimento, em juízo, da decretação da **indisponibilidade dos bens** da entidade e o **sequestro dos bens** dos seus dirigentes, bem como de agente público ou terceiro, que possam ter enriquecido ilicitamente ou causado dano ao patrimônio público.

Até o término da ação, o Poder Público permanecerá como depositário e gestor dos bens e valores sequestrados ou indisponíveis e velará pela continuidade das atividades sociais da entidade.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Promotor de Justiça, no MPE/PA (FCC/2014), com o seguinte enunciado: "*No tocante às chamadas organizações sociais, a legislação federal aplicável a tais entidades*", foi considerada correta a seguinte assertiva: "*c) prevê responsabilidade individual e solidária dos dirigentes pelos danos ou prejuízos decorrentes de sua ação ou omissão, em caso de desqualificação da entidade pelo descumprimento das disposições contidas no contrato de gestão.*"

No concurso para o cargo de analista, do Ministério Público de São Paulo (Vunesp/2010), com a seguinte ementa: "Sobre a execução e a fiscalização do contrato de gestão das Organizações Sociais, é correto afirmar que:", foi considerada correta a seguinte alternativa: "*e) na hipótese de decretação de indisponibilidade de bens da entidade ou de sequestro de bens dos dirigentes, o poder público será o depositário e gestor desses bens até o término da ação.*"

Conforme precedente do STJ, a responsabilidade pelo não cumprimento das metas do contrato de gestão, regra geral, é imputável à organização Social, não havendo como atribuir ao Poder Público, que lhe transferiu recursos financeiros e lhe cedeu servidores públicos, a culpa pelo cumprimento insatisfatório das metas estipuladas. Assim, apesar de competir ao Poder Público a fiscalização, a avaliação e o acompanhamento dos resultados do contrato de gestão, essas providências não afastam a responsabilidade da **organização social** de cumprir as metas acordadas (STJ, MS 10.527, DJ 07/11/2005).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No 21º concurso para o cargo de Procurador da República, foi considerada correta a seguinte assertiva: "*as organizações sociais, segundo o regime legal em vigor, poderão ser destinados recursos orçamentários e bens*

públicos, além de ser admissível, ainda, a cessão especial de serviço público com ônus para a Administração;" No mesmo sentido, no concurso para analista administrativo da Anatel (Cespe/2006), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"As organizações sociais podem receber recursos orçamentários e bens públicos, para cumprimento do contrato de gestão".*

f) **Licitação.** Em princípio, elas não precisam seguir o rito licitatório da Lei nº 8.666/93 para firmar contratos. Nesse sentido, o artigo 17 da Lei nº 9.637/98 estabelece que a organização social fará publicar, no prazo de 90 dias da assinatura do contrato de gestão, regulamento dos procedimentos para a contratação de obras, serviços e compras com emprego de recursos públicos. Há ainda, hipótese de **dispensa** licitatória para a celebração de contratos de prestação de serviços com as organizações sociais, qualificadas no âmbito das respectivas esferas de governo, para atividades contempladas no contrato de gestão (Lei nº 8.666/93, art. 24, inc. XXIV).

O TCU, aperfeiçoando seu entendimento sobre o tema, tem assentado que as Organizações Sociais, em suas contratações mediante uso de verbas públicas, "não estão sujeitas à observância dos estritos procedimentos das normas gerais de licitações e contratos aplicáveis ao Poder Público, e sim aos seus regulamentos próprios, pautados nos princípios gerais aplicáveis à Administração Pública". (Acórdão 5236/2015-Segunda Câmara).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Substituto, no TJ-PR (Cespe/2017), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "Segundo o STF, o procedimento de qualificação pelo poder público de entidades privadas como OS prescinde de licitação".

No concurso para Promotor de Justiça, no MPE/PA (FCC/2014), com o seguinte enunciado: *"No tocante às chamadas organizações sociais, a legislação federal aplicável a tais entidades"*, foi considerada errada a seguinte assertiva: *"d) estabelece como hipótese de* ***inexigibilidade*** *de licitação a celebração de contratos de prestação de serviços com as organizações sociais, qualificadas no âmbito das respectivas esferas de governo, para atividades contempladas no contrato de gestão."*

No concurso do Assessor Jurídico do Tribunal de Justiça do Piauí (FCC/2010), foi considerada errada a seguinte alternativa: *"c) As Organizações Sociais devem realizar licitação, na modalidade concorrência, para aquisição de bens ou serviços de interesse comum, adquiridos em decorrência de recursos repassados pela União."*

Nada obstante, recentes escândalos envolvendo transferência de recursos para entidades do Terceiro Setor têm gerado certa pressão sobre tais relações de parceria, exigindo maior controle para evitar o desenvolvimento de grandes focos de corrupção. Nessa feita, embora não se submetam estritamente às regras das leis licitatórias, parece correta a exigência de que tais entidades desenvolvam procedimentos de seleção para as contratações realizadas com recursos públicos, que respeitem princípios básicos como: publicidade, julgamento objetivo e isonomia.

▸ Atenção!

De acordo com o Decreto federal nº 6.170/2011, a aquisição de produtos e a contratação de serviços com recursos da União transferidos a entidades privadas sem fins lucrativos deverão observar os princípios da impessoalidade, moralidade e economicidade, sendo necessária, no mínimo, a realização de cotação prévia de preços no mercado antes da celebração do contrato.

Em 2015, o STF concluiu o julgamento da **ADI 1923**, que tinha por objeto a Lei das Organizações Sociais, conferindo, por maioria, interpretação conforme a Constituição à Lei nº 9.637/98 e ao art. 24, XXIV da Lei nº 8.666/93, para que:

(i) o procedimento de qualificação seja conduzido de forma pública, objetiva e impessoal, com observância dos princípios do *caput* do art. 37 da Constituição Federal, e de acordo com parâmetros fixados em abstrato segundo o que prega o art. 20 da Lei nº 9.637/98;

(ii) a celebração do contrato de gestão seja conduzida de forma pública, objetiva e impessoal, com observância dos princípios do *caput* do art. 37 da Constituição Federal;

(iii) as hipóteses de dispensa de licitação para contratações (Lei nº 8.666/93, art. 24, XXIV) e outorga de permissão de uso de bem público (Lei nº 9.637/98, art. 12, § 3º) sejam conduzidas de forma pública, objetiva e impessoal, com observância dos princípios do *caput* do art. 37 da Constituição Federal;

(iv) os contratos a serem celebrados pela Organização Social com terceiros, com recursos públicos, sejam conduzidos de forma pública, objetiva e impessoal, com observância dos princípios do *caput* do art. 37 da Constituição Federal, e

nos termos do regulamento próprio a ser editado por cada entidade;

(v) a seleção de pessoal pelas Organizações Sociais seja conduzida de forma pública, objetiva e impessoal, com observância dos princípios do *caput* do art. 37 da CF, e nos termos do regulamento próprio a ser editado por cada entidade; e

(vi) para afastar qualquer interpretação que restrinja o controle, pelo Ministério Público e pelo Tribunal de Contas da União, da aplicação de verbas públicas.

4.2.3.1. *Decreto federal nº 9.190/2017*

O Decreto federal nº 9.190/2017 regulamentou o art. 20 da Lei nº 9.637/98, para tratar sobre Programa Nacional de Publicização - PNP, em relação à absorção de atividades, originalmente desenvolvidas por entidades ou órgãos da União, pelas Organizações Sociais, com o objetivo de firmar parcerias de longo prazo, com vistas à prestação, de forma contínua, de serviços de interesse público à comunidade beneficiária.

Para tanto, o Decreto alinhou as seguintes diretrizes:

- alinhamento aos princípios e aos objetivos estratégicos da política pública correspondente, respeitadas as especificidades de regulação do setor;
- ênfase no atendimento ao cliente-cidadão;
- ênfase nos resultados qualitativos e quantitativos, nos prazos pactuados; e
- controle social das ações de forma transparente.

Segundo o Decreto, é vedada a qualificação de organizações sociais para desenvolvimento de atividades:

- exclusivas de Estado;
- de apoio técnico e administrativo à administração pública federal; e
- de fornecimento de instalação, bens, equipamentos ou execução de obra pública em favor da administração pública federal.

O processo de qualificação de entidade privada sem fins lucrativos como organização social compreende as seguintes fases:

I - decisão de publicização;

II - seleção da entidade privada;

III - publicação do ato de qualificação; e

IV - celebração do contrato de gestão.

A decisão de publicização, após justificada proposta encaminhada pelo Ministro de Estado supervisor da área para o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, será efetuada em ato conjunto pelos respectivos Ministros (Ministro supervisor e Ministro do Planejamento) e, se for o caso, com anuência da autoridade supervisora, e publicada no Diário Oficial da União.

A seleção da entidade privada sem fins lucrativos, a ser qualificada como organização social, será realizada pelo órgão supervisor ou pela entidade supervisora da área e observará as seguintes etapas:

- divulgação do chamamento público;
- recebimento e avaliação das propostas;
- publicação do resultado provisório;
- fase recursal;
- publicação do resultado definitivo.

A seleção da entidade privada se iniciará com a divulgação de chamamento público pelo órgão supervisor ou pela entidade supervisora da atividade.

A avaliação das entidades privadas sem fins lucrativos inscritas no chamamento público será realizada por comissão de avaliação especialmente criada para esta finalidade pela Secretaria-Executiva do órgão supervisor ou pela entidade supervisora.

Não poderão ser nomeados para a referida comissão, servidores que tenham sido cedidos a organização social com contrato vigente com a administração pública federal ou servidores que trabalhem na área responsável pela supervisão dos contratos de gestão.

A decisão da comissão de avaliação será **publicada** no Diário Oficial da União e a íntegra do relatório será publicada no sítio

eletrônico oficial do órgão supervisor ou da entidade supervisora. Cabe **recurso** desta decisão, no prazo de dez dias, contado da data de publicação no Diário Oficial da União.

A decisão final sobre a escolha da entidade privada para fins de qualificação como organização social e **celebração de contrato de gestão** será formalizada em ato do Ministro de Estado ou do titular da entidade supervisora da área de atuação, tendo como base o relatório de avaliação do órgão responsável, e será publicada no Diário Oficial da União.

Atenção!

Enquanto durar a vigência do contrato de gestão, os membros da comissão de que trata o *caput* não poderão ser cedidos à organização social qualificada.

O contrato de gestão discriminará os serviços, as atividades, as metas e os objetivos a serem alcançados nos prazos pactuados, o cronograma de desembolso financeiro e os mecanismos de avaliação de resultados das atividades da organização social. Ele terá vigência plurianual e poderá ser alterado por meio de termos aditivos, mediante acordo entre as partes.

É possível a renovação do contrato de gestão por períodos sucessivos, inclusive com redução de valor ou de objeto, a critério da autoridade supervisora, condicionado à demonstração do cumprimento de seus termos e suas condições.

A autoridade supervisora será responsável pelo acompanhamento e pela avaliação da execução das metas relativas às atividades intersetoriais, por meio da comissão de avaliação do contrato de gestão. Esta decisão de renovação não afasta a possibilidade de realização de novo chamamento público para qualificação e celebração de contrato de gestão com outras entidades privadas interessadas na mesma atividade publicizada.

Importante!

Eventuais excedentes financeiros do contrato de gestão ao final do exercício, apurados no balanço patrimonial e financeiro da entidade privada, serão incorporados ao planejamento financeiro do exercício seguinte e utilizados no desenvolvimento das atividades da entidade privada com vistas ao alcance dos objetivos estratégicos e das metas do contrato de gestão.

Incumbe ao Conselho de Administração da organização social, entre outras coisas, zelar pelo cumprimento dos resultados pactuados, pela aplicação regular dos recursos públicos, pela adequação dos gastos e pela sua aderência ao objeto do contrato de gestão.

O órgão supervisor ou a entidade supervisora emitirá parecer final em cada exercício compreendido no ciclo de vigência do contrato de gestão e terá como base as informações constantes dos relatórios emitidos pela comissão de avaliação e o parecer da auditoria externa sobre os demonstrativos financeiros e contábeis e as contas da organização social.

O órgão supervisor ou a entidade supervisora deverá disponibilizar em seu sítio eletrônico:

- os atos de chamamento público;
- a cópia integral dos contratos de gestão e seus aditivos;
- os relatórios de execução, acompanhados das prestações de contas correspondentes; e
- os relatórios apresentados pelas comissões de avaliação.

Respeitada a ampla defesa e contraditório, a entidade privada sem fins lucrativos poderá ser desqualificada:

- por decisão fundamentada do órgão supervisor ou da entidade supervisora;
- pelo encerramento do contrato de gestão;
- quando constatado o descumprimento das disposições contidas no contrato de gestão, na Lei ou no regulamento; e
- pelo não atendimento, de forma injustificada, às recomendações da comissão de avaliação ou do órgão supervisor ou da entidade supervisora.

A desqualificação ocorrerá em ato do Poder Executivo federal, cuja proposição caberá ao órgão supervisor ou à entidade supervisora, ouvido o Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

Na hipótese de desqualificação da organização social, o órgão supervisor ou a entidade supervisora providenciará a incorporação integral do patrimônio, dos legados ou das doações que lhe foram destinados e dos excedentes financeiros decorrentes de suas atividades.

4.2.4. *Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP)*

a) **Introdução.** Na sequência da publicação da Lei nº 9.637/98 (Lei das Organizações Sociais), foi aprovada a Lei n.º 9.790/99. Com a aprovação da referida Lei, instituiu-se a mais recente titulação, que permite a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como **Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).**

Vale salientar que, tecnicamente, **OSCIP não é uma pessoa jurídica, mas uma qualificação especial,** concedida pelo Estado às pessoas jurídicas da sociedade civil, sem fins lucrativos, que tenham por finalidade determinadas atividades sociais elencadas pela Lei. Nada obstante, é comum a referência às OSCIPs como pessoas jurídicas.

▸ Atenção!

A Lei 13.019/2014 acrescentou exigência de "funcionamento regular há, no mínimo, 3 (três) anos", para a obtenção da qualificação como OSCIP.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do TJ/SP (VUNESP/2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"são pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, instituídas por particulares para desempenhar serviços não exclusivos do Estado, com fiscalização pelo Poder Público."*

Com as OSCIPs, surgiu um novo marco para o Terceiro Setor, que objetiva transpor a inadequação dos títulos anteriores, em especial no que se refere à delimitação desse segmento e suas parcerias com o Poder Público.

A Lei nº 9.790/99 estabelece tanto as entidades passíveis de certificação, como indica aquelas para as quais a qualificação estaria vedada. Assim, além de exigir a ausência de finalidade lucrativa e delimitar as áreas de interesse (serviços não exclusivos passíveis de parceria), a Lei exclui as entidades de fins corporativos ou de favorecimento mútuo (como sociedades comerciais, sindicatos, associações de classes, organizações partidárias, instituições hospitalares privadas e não gratuitas, cooperativas, escolas privadas dedicadas ao ensino formal não gratuito, entre outros). Essa tendência caracteriza aquilo que Paulo Modesto chamou de **"especificação detalhada dos candidatos positivos".**

A qualificação como OSCIP somente será conferida às pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujos objetivos sociais envolvam a promoção de pelo menos uma das seguintes finalidades:

• assistência social;	• cultura e defesa do patrimônio histórico e artístico;	• educação gratuita;
• saúde gratuita;	• segurança alimentar e nutricional;	• defesa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável;
• voluntariado;	• desenvolvimento econômico, social e combate à pobreza;	• experimentação, não lucrativa, de novos modelos sócio-produtivos e econômicos;
• promoção de direitos e assessoria jurídica gratuita;	• ética, paz, cidadania, direitos humanos, democracia e valores universais;	• desenvolvimento de tecnologias alternativas, conhecimentos técnicos e científicos.

▸ Atenção!

A Lei 13.204, de 14/12/2015, acrescentou nova finalidade passível de qualificação como OSCIP:

- "estudos e pesquisas para o desenvolvimento, a disponibilização e a implementação de tecnologias voltadas à mobilidade de pessoas, por qualquer meio de transporte".

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para analista do Ministério Público de São Paulo (Vunesp/2010), com a seguinte ementa: *"De acordo com a lei, as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, para que assim possam ser classificadas, devem ter como uma das suas finalidades, além de outras, a:"*, foi considerada correta a seguinte alternativa: *"d) promoção da segurança alimentar e nutricional."*

Em apertada síntese, entre outros, **não são passíveis de qualificação como OSCIP:**

• sociedades comerciais;	• sindicatos e associações de classe;	• instituições religiosas;
• organizações partidárias e assemelhadas;	• entidades de benefício mútuo;	• as entidades e empresas que comercializam planos de saúde e assemelhados;

• instituições hospitalares privadas não gratuitas;	• escolas privadas não gratuitas;	• organizações sociais;
• as cooperativas;	• as fundações públicas;	• Pessoas de direito privado criadas por órgão ou fundações públicos;
• organizações creditícias, vinculadas ao sistema financeiro nacional.		

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz Substituto, no TJ-PR (Cespe/2017), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "Cumpridos os requisitos legais, caso uma OS requeira a qualificação como OSCIP, o poder público deverá outorgar-lhe o referido título, pois se trata de decisão vinculada do ministro da Justiça.".

No concurso para Juiz federal (TRF da 4ª Região/2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Independentemente das atividades às quais se dediquem, nunca poderão ser qualificadas como OSCIPs, entre outras, as instituições religiosas ou voltadas à disseminação de credos, cultos, práticas e visões devocionais e confessionais, as fundações públicas e as empresas que comercializem planos de saúde.*"

No concurso para o cargo de auditor (Cespe AUGEM/2008), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*b) as sociedades comerciais podem qualificar-se como OSCIPs.*"

No concurso para o cargo de Juiz Federal do TRF da 2ª Região (Cespe/2009), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*e) Não podem ser qualificadas como OSCIPs as organizações sociais.*"

A Lei nº 9.790/99 é uma Lei Federal, que trata sobre matéria não incluída no rol das competências legislativas privativas da União, previsto no artigo 22 da Constituição Federal. Inexistindo restrição constitucional, o regramento federal não vincula, necessariamente, Estados e Municípios, sendo possível regulação específica pelas demais unidades federativas.

Não obstante, embora inexista a obrigatoriedade de aplicação da referida lei federal, têm-se entendido que não há impedimento para que Estados e Municípios firmem ajustes com as OSCIPs qualificadas pela União.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Procurador do Estado de Pernambuco (Cespe/2009), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"e) Os estados-membros e os municípios não podem firmar ajustes com as organizações civis de interesse público qualificadas pela União."*

b) **Outorga da qualificação.** A qualificação é ato vinculado ao cumprimento dos requisitos legais. O requerimento de qualificação deve ser formulado ao **Ministério da Justiça.**

A Lei nº 9.790/99 estipulou prazo de **30 (trinta dias)** para o deferimento ou não do pedido (pelo Ministério da Justiça), a contar da data de recebimento do requerimento, e prazo de **15 (quinze) dias** para emissão de certificado, em caso de deferimento.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de auditor (Cespe AUGEM/2008), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"c) o deferimento ou indeferimento ao pedido de qualificação de uma organização como OSCIP é atribuição de competência do Ministério da Fazenda."*

No concurso para Procurador do BACEN (Cespe/2013), foi considerada correta a seguinte assertiva:

B) O poder público deverá outorgar o título de OSCIP às entidades que preencherem os requisitos exigidos pela legislação de regência para o recebimento da qualificação, em decisão de natureza vinculada.

Conforme já explicado, seguindo a lógica de **especificação detalhada dos candidatos positivos**, a Lei nº 9.790/99 delimitou as áreas de interesse (finalidades) das entidades passíveis de certificação e vedou a qualificação a determinadas pessoas jurídicas. Ademais, além de detalhar os candidatos positivos, a legislação apresenta como **condição prévia à qualificação**, que o estatuto da pessoa jurídica interessada disponha expressamente sobre regras como:

- observância dos princípios administrativos (legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência);
- adoção de práticas de gestão administrativa;
- constituição de conselho fiscal ou órgão equivalente;

- a previsão de que, em caso de dissolução da entidade, o respectivo patrimônio líquido será transferido a outra OSCIP;
- a previsão de que, na hipótese de a pessoa jurídica perder a qualificação com OSCIP, o acervo patrimonial disponível, adquirido com recursos públicos, durante o período da qualificação, será transferido a outra OSCIP;
- a possibilidade de se instituir remuneração para os dirigentes que atuem efetivamente na gestão executiva e para aqueles que a ela prestam serviços específicos (respeitados os valores do mercado regional);
- normas de prestação de contas, com exigências formais mínimas.

c) **Perda da qualificação.** A **perda da qualificação** pode se dar a pedido (**voluntária**) ou mediante decisão proferida em processo administrativo ou judicial (**sancionatória**), de iniciativa popular ou do Ministério Público, no qual serão assegurados a ampla defesa e o devido contraditório.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Juiz do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (Cespe/2009), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*A perda da qualificação de OSCIP ocorre a pedido ou mediante decisão proferida em processo administrativo ou judicial, de iniciativa popular ou do MP, no qual serão assegurados a ampla defesa e o contraditório.*" No mesmo sentido, no concurso para o cargo de Procurador do Estado de Pernambuco (Cespe/2009), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*d) A organização civil de interesse público pode perder a qualificação a pedido ou mediante decisão em processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa.*"

d) **Servidor público.** É permitida a participação de servidores públicos na composição de conselho de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

▸ Atenção!

Anteriormente, era vedada a percepção de remuneração ou subsídio, a qualquer título; contudo, a Lei 13.204/2015 revogou esta vedação.

e) **Termo de Parceria.** A legislação permite que as entidades qualificadas como OSCIP, desde que atendam a determinadas condições

legais, possam firmar **termos de parceria** com a Administração, para fins de prestação de serviços não exclusivos do Estado.

O **termo de parceria** consubstancia um instrumento de cooperação firmado entre o Poder Público e entidades qualificadas como OSCIPs, para fins de realização de serviços não exclusivos indicados pela Lei nº 9.790/99. Tal pacto cooperativo permite a destinação de recursos públicos para a OSCIP.

A partir da edição do Decreto federal nº 7.568/11, em regra, tornou-se obrigatória a seleção de OSCIPs, para firmar termo de parceria, por meio de processo seletivo denominado "concursos de projetos".

A definição de termo de parceria apresentada indica a existência de **elementos subjetivos** e **elementos objetivos** para tais pactos administrativos. Só é lícita a transferência de recursos públicos, através de termo de parceria, se respeitados tais elementos.

Elemento subjetivo	Elemento objetivo
Apenas as OSCIPs regularmente certificadas podem firmar termos de parceria.	Restringe-se a formação de termo de parceria apenas para o fomento e a execução das atividades de interesse público previstas na Lei.

O órgão estatal, responsável pela celebração do termo de parceria, deve, previamente, verificar o **regular funcionamento da organização**. Ademais, a celebração do termo de parceria deve ser precedida de consulta ao respectivo **conselho de políticas públicas**. Inexistindo conselho da área de atuação correspondente, o órgão estatal parceiro ficará dispensado de realizar a consulta.

O modelo dado ao **termo de parceria** tem relação com a concepção gerencial de Administração Pública (preocupada mais com o resultado que com o controle dos meios) e corresponde a uma tentativa de implementação, na gestão administrativa, da ideia de ***accountability***, que pressupõe: a especificação antecipada dos níveis de desempenho, a autoridade para determinar como os recursos serão empregados e um processo de avaliação para saber se os resultados foram obtidos.

▸ **Importante!**

É necessária a realização de auditoria sobre a aplicação dos eventuais recursos públicos objeto do termo de parceria.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz federal (TRF da 4ª Região/2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"O termo de parceria é o instrumento passível de ser firmado entre o Poder Público e as entidades qualificadas como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs), destinado à formação de vínculo de cooperação entre as partes, para fomento e execução de atividades de interesse público, como, por exemplo, promoção da assistência social, da cultura, da defesa e da conservação dos patrimônios históricos e artísticos e dos estudos e pesquisas para desenvolvimento de tecnologias alternativas, atendidos os requisitos da Lei nº 9.790/99 e do Decreto nº 3.100/99."*

Os responsáveis pela fiscalização do termo de parceria, ao tomarem conhecimento de qualquer irregularidade ou ilegalidade na utilização de recursos ou bens públicos, devem dar imediata ciência ao Tribunal de Contas respectivo e ao Ministério Público, sob pena de **responsabilidade solidária**.

▸ Importante!

Havendo indícios fundados de malversação de bens ou recursos de origem pública, cabe representação ao Ministério Público e à Advocacia-Geral da União, para requerimento, em juízo, da decretação da indisponibilidade dos bens da entidade e o sequestro dos bens dos seus dirigentes, bem como de agente público ou terceiro, que possam ter enriquecido ilicitamente ou causado dano ao patrimônio público.

Quando for o caso, o pedido incluirá a investigação, o exame e o bloqueio de bens, contas bancárias e aplicações mantidas pelo demandado no País e no exterior, nos termos da lei e dos tratados internacionais. Até o término da ação, o Poder Público permanecerá como depositário e gestor dos bens e valores sequestrados ou indisponíveis, velando pela continuidade das atividades sociais da organização parceira.

Por fim, caso a OSCIP adquira bem imóvel com recursos provenientes da celebração do termo de parceria, este será gravado com **cláusula de inalienabilidade**.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No 21º concurso para o cargo de Procurador da República, foi considerada correta a seguinte assertiva: *"as organizações de sociedade civil ou interesse público poderão, segundo o regime legal em vigor, ser destinados recursos públicos;"*

f) **Licitação**. Em princípio, assim como ocorre com as Organizações Sociais, as OSCIPs não precisam seguir estritamente o rito licitatório da Lei nº 8.666/93. O artigo 14 da Lei nº 9.790/99 estabelece que a OSCIP parceira fará publicar, no prazo máximo de trinta dias, contado da assinatura do Termo de Parceria, regulamento próprio contendo os procedimentos que adotará para a contratação de obras e serviços, bem como para compras com emprego de recursos provenientes do Poder Público, observados os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência.

Também em relação às OSCIPs, tem-se percebido a necessidade de especial cuidado para evitar o desenvolvimento de grandes focos de corrupção. Nessa feita, embora não se submetam estritamente às regras das leis licitatórias, parece correta a exigência de que tais entidades desenvolvam procedimentos de seleção para as contratações realizadas com recursos públicos, respeitando princípios básicos como: publicidade, julgamento objetivo e isonomia.

▸ **Importante!**

Em julgado interessante, prolatado em 2014, o Tribunal de Contas da União, percebendo a utilização indevida de entidades do Terceiro Setor, vedou "às entidades qualificadas como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), atuando nessa condição, participar de processos licitatórios promovidos pela Administração Pública Federal". (TCU, Acórdão 746/2014-Plenário e Acórdão 4652/2015-Segunda Câmara)

4.2.5. Instituições Comunitárias de Educação Superior (ICES)

A Lei nº 12.881/2013 estabeleceu uma nova titulação para parcerias entre o Poder Público e entidades da sociedade civil, que preenche as condições para ser compreendida como uma nova espécie, no marco legal do Terceiro Setor.

A nova titulação é denominada **Instituições Comunitárias de Educação Superior (ICES)**, compreendidas como organizações da sociedade civil brasileira que possuem, cumulativamente, as seguintes características:

- estão constituídas na forma de associação ou fundação, com personalidade jurídica de direito privado, inclusive as instituídas pelo poder público;

- patrimônio pertencente a entidades da sociedade civil e/ou poder público;
- sem fins lucrativos, assim entendidas as que observam, cumulativamente, os seguintes requisitos:
  a) não distribuem qualquer parcela de seu patrimônio ou de suas rendas, a qualquer título;
  b) aplicam integralmente no País os seus recursos na manutenção dos seus objetivos institucionais;
  c) mantêm escrituração de suas receitas e despesas em livros revestidos de formalidades capazes de assegurar sua exatidão;
- transparência administrativa;
- destinação do patrimônio, em caso de extinção, a uma instituição pública ou congênere.

O regime jurídico da **Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES)** é claramente inspirado nas OSCIPs, embora a criação desta nova espécie de qualificação para o Terceiro Setor tenha decorrido de objetivos mais específicos.

A **Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES)** deverá ofertar serviços gratuitos à população, proporcionais aos recursos obtidos do poder público, conforme previsto em instrumento específico. Elas institucionalizarão programas permanentes de extensão e ação comunitária voltados à formação e desenvolvimento dos alunos e ao desenvolvimento da sociedade.

A qualificação como **ICES** garante à entidade da sociedade civil as seguintes prerrogativas:

- ter acesso aos editais de órgãos governamentais de fomento direcionados às instituições públicas;
- receber recursos orçamentários do poder público para o desenvolvimento de atividades de interesse público;
- ser alternativa na oferta de serviços públicos nos casos em que não são proporcionados diretamente por entidades públicas estatais;
- oferecer, de forma conjunta, com órgãos públicos estatais, mediante parceria, serviços de interesse público, de modo

a bem aproveitar recursos físicos e humanos existentes nas instituições comunitárias, evitar a multiplicação de estruturas e assegurar o bom uso dos recursos públicos.

A entidade, para obter a qualificação como **Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES)**, deve prever em seu estatuto normas que disponham sobre:

- a adoção de práticas de gestão administrativa, necessárias e suficientes para coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de privilégios, benefícios ou vantagens pessoais;
- a constituição de conselho fiscal ou órgão equivalente, dotado de competência para opinar sobre os relatórios de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas, emitindo pareceres para os organismos superiores da entidade;
- normas de prestação de contas a serem atendidas pela entidade, que determinarão, no mínimo:
  - a) a observância dos princípios fundamentais de contabilidade e das Normas Brasileiras de Contabilidade;
  - b) publicidade, por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal, do relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade;
  - c) prestação de contas de todos os recursos e bens de origem pública;
- participação de representantes dos docentes, estudantes e técnicos administrativos em órgãos colegiados acadêmicos deliberativos da instituição.

Quem detém **competência** para conceder a titulação de **ICES** é o **Ministério da Educação.** Para tanto, uma vez cumpridos os requisitos legais, a instituição interessada deverá formular requerimento escrito ao referido Ministério, com cópias autenticadas dos seguintes documentos:

- estatuto registrado em cartório;
- balanço patrimonial e demonstração do resultado do exercício anterior;

- Declaração de Regular Funcionamento;
- Relatório de Responsabilidade Social relativo ao exercício do ano anterior;
- inscrição no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas.

Após o requerimento, o Ministério da Educação terá prazo de **30 (trinta) dias** para decidir pelo deferimento ou indeferimento do pedido.

Em caso de **deferimento**, o Ministério da Educação publicará a decisão no Diário Oficial da União, no prazo de 15 (quinze) dias, e emitirá, no mesmo prazo, certificado de qualificação da requerente como Instituição Comunitária de Educação Superior.

Em caso de **indeferimento**, o Ministério da Educação dará ciência da decisão, mediante publicação no Diário Oficial da União, cabendo recurso da instituição, no prazo de **30 (trinta) dias**, ao Ministro da Educação, que promoverá novo exame.

O pedido de qualificação será indeferido quando:

- a requerente não atender aos requisitos estabelecidos na Lei nº 12.881/2013;
- a documentação apresentada estiver incompleta.

Importante!

A qualificação dessas entidades é ***ato vinculado*** ao cumprimento dos requisitos legais, não havendo margem à discricionariedade.

De acordo com a Lei nº 12.881/2013, denomina-se como **Termo de Parceria** o instrumento de cooperação a ser firmado, entre o poder público e as Instituições de Educação Superior qualificadas como Comunitárias, para o fomento e a execução das atividades de interesse público previstas na referida Lei.

A Instituição Comunitária de Educação Superior (**ICES**) fará publicar, no prazo máximo de 30 (trinta) dias, contado da assinatura do Termo de Parceria, regulamento próprio contendo os procedimentos que adotará para a contratação de obras e serviços, bem como para compras com emprego de recursos provenientes do poder público.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Analista Judiciário - TRE-PE (Cespe/2017), com o seguinte enunciado: "Pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, não integrante da administração pública, que atua na área de ensino e pode contratar diretamente com o poder público por dispensa de licitação, para a prestação de serviços contemplados no contrato de gestão firmado com o ente público, é denominada".

Foi considerada ERRADA a seguinte alternativa: "instituição comunitária de educação superior".

Obs: como visto acima, o instrumento de cooperação com as ICES é denominado Termo de Parceria, não contrato de gestão, como tratou o enunciado da questão.

4.3. A Lei 13.019 e as parcerias com Organizações da Sociedade Civil

A **Lei 13.019/2014**, que teve o início de sua vigência adiado para o ano de 2015, estabelece o regime jurídico das parcerias voluntárias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil. A referida Lei, antes mesmo de entrar em vigor, foi alterada pela **Lei 13.204, de 14/12/2015**, que trouxe diversas modificações ao texto original.

Não há, neste marco legal, o tradicional modelo de titulação. O novo diploma estabelece um conceito de **organização da sociedade civil**, além de diversas regras relacionadas à celebração de parcerias com o Poder Público.

De acordo com o novo diploma (consolidadas as alterações decorrentes da Lei 13.204, de 14/12/2015), podem ser compreendidas como **organizações da sociedade civil**:

a) **entidade privada sem fins lucrativos** que não distribua entre os seus sócios ou associados, conselheiros, diretores, empregados, doadores ou terceiros eventuais resultados, sobras, excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, isenções de qualquer natureza, participações ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e que os aplique integralmente na consecução do respectivo objeto social, de forma imediata ou por meio da constituição de fundo patrimonial ou fundo de reserva;

b) **sociedades cooperativas** previstas na Lei nº 9.867/1999; as integradas por pessoas em situação de risco ou vulnerabilidade pessoal ou social; as alcançadas por programas e ações de combate à pobreza e de geração de trabalho e renda; as voltadas para fomento, educação e capacitação de trabalhadores rurais ou capacitação de agentes de assistência técnica e extensão rural; e as capacitadas para execução de atividades ou de projetos de interesse público e de cunho social.

c) **organizações religiosas** que se dediquem a atividades ou a projetos de interesse público e de cunho social distintas das destinadas a fins exclusivamente religiosos;

Percebe-se, claramente, uma ampliação do rol de entidades da sociedade civil que podem realizar as parcerias com o Poder Público. Por outro lado, diferentemente do que fora feito pelos marcos legais anteriores, há uma ênfase na necessidade de seleção competitiva, entre as entidades interessadas, imaginando-se que este certame e seus requisitos específicos (em razão da parceria) sirvam melhor à identificação das entidades legítimas, que a cartorária identificação de requisitos, para a certificação.

> **Importante!**
> De qualquer forma, cumpre observar que nem toda a organização da sociedade civil poderá firmar parceria, mas apenas as que atendam requisitos estabelecidos pela lei ou pelo respectivo processo seletivo.
> Outrossim, é vedada a celebração dessas parcerias, com objeto que envolva ou inclua, direta ou indiretamente, delegação das funções de regulação, de fiscalização, de exercício do poder de polícia ou de outras atividades exclusivas de Estado.

4.3.1. *Dos instrumentos de parceria*

A Lei previu os seguintes instrumentos de parcerias: **termo de colaboração, termo de fomento** e **acordo de cooperação.** É importante diferenciá-los:

- O **termo de colaboração** é o instrumento por meio do qual são formalizadas as parcerias estabelecidas pela administração pública com organizações da sociedade civil, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, **propostas pela administração pública,** que envolvam a transferência de recursos financeiros;

- O **termo de fomento** é o instrumento por meio do qual são formalizadas as parcerias estabelecidas pela administração pública com organizações da sociedade civil, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, **propostas pelas organizações da sociedade civil**, que envolvam a transferência de recursos financeiros;
- O **acordo de cooperação** é o instrumento por meio do qual são formalizadas as parcerias estabelecidas pela administração pública com organizações da sociedade civil, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, **que não envolvam a transferência de recursos financeiros.**

Em suma, todos os três instrumentos possuem natureza jurídica convenial, para formalização de parcerias. No **termo de colaboração**, a proposta de parceria (com transferência de recursos financeiros) surge à partir da Administração Pública; no **termo de fomento**, a proposta de parceria (com transferência de recursos financeiros) surge à partir de uma organização da sociedade civil. Por fim, no **acordo de cooperação**, independente de quem proponha a parceria, o aspecto fundamental é a ausência de transferência de recursos públicos.

▸ **Importante!**

As parcerias firmadas por prazo indeterminado antes da data de entrada em vigor da Lei 13.019/2014, ou prorrogáveis por período superior ao inicialmente estabelecido, no prazo de até um ano após a data da entrada em vigor desta Lei, serão, alternativamente:

I - substituídas pelos instrumentos conveniais previstos pela Lei nº 13.019/2014, conforme o caso;

II - objeto de rescisão unilateral pela administração pública.

4.3.2. Do chamamento público

O objetivo do **chamamento público** é selecionar organizações da sociedade civil que tornem mais eficaz a execução do objeto.

O **Chamamento público** é o procedimento destinado a selecionar organização da sociedade civil para firmar parceria, no qual se garanta a observância dos princípios da isonomia, da legalidade, da impessoalidade, da moralidade, da igualdade, da publicidade, da probidade administrativa, da vinculação ao instrumento convocatório, do julgamento objetivo e dos que lhes são correlatos.

O edital do **chamamento público** deverá ser amplamente divulgado em página do sítio oficial da administração pública na internet, com antecedência mínima de trinta dias. Já o termo de fomento, o termo de colaboração e o acordo de cooperação somente produzirão efeitos jurídicos após a publicação dos respectivos extratos no meio oficial de publicidade da administração pública.

As propostas serão julgadas por uma **comissão de seleção** (que deve ter, pelo menos, um servidor ocupante de cargo efetivo ou emprego permanente).

▸ **Importante!**
Será impedida de participar da comissão de seleção, pessoa que, nos últimos cinco anos, tenha mantido relação jurídica com, ao menos, uma das entidades participantes do chamamento público.

O grau de adequação da proposta aos objetivos específicos do programa ou da ação em que se insere o objeto da parceria e, quando for o caso, ao valor de referência constante do chamamento constitui **critério obrigatório de julgamento.**

Em relação ao **procedimento** utilizado no certame, a Lei nº 13.019/2014, aparentemente, inspirou-se na modalidade **Pregão.** De acordo com a referida Lei, somente depois de encerrada a etapa competitiva e ordenadas as propostas, a administração pública procederá à verificação dos documentos que comprovem o atendimento pela organização da sociedade civil selecionada dos requisitos legais (previstos pelos artigos 33 e 34, como uma espécie de habilitação, para tais entidades).

Quando a organização da sociedade civil melhor classificada não atender aos requisitos legais (indicados pelos arts. 33 e 34), poderá ser convidada aquela imediatamente mais bem classificada, para aceitar a celebração de parceria, **nos termos da proposta por ela apresentada.**

Caso a organização da sociedade civil convidada aceite celebrar a parceria, serão verificados os documentos que comprovem o atendimento aos requisitos legais (previstos nos artigos. 33 e 34). Não comprovado o atendimento, este procedimento poderá se repetir, na ordem de classificação, até conclusão da seleção.

▸ **Atenção!**

O artigo 24 da Lei nº 13.019/2014 admite a seleção de propostas apresentadas exclusivamente por concorrentes sediados ou com representação atuante e reconhecida na unidade da Federação onde será executado o objeto da parceria. Da mesma forma, admite o estabelecimento de cláusula que delimite o território ou a abrangência da prestação de atividades ou da execução de projetos, conforme estabelecido nas políticas setoriais.

Exceto nas hipóteses previstas pela Lei 13.019/2014, a celebração de termo de colaboração ou de fomento será precedida de chamamento público voltado a selecionar organizações da sociedade civil que tornem mais eficaz a execução do objeto.

▸ **Importante!**

A Lei nº 13.019/2014 prevê o **Procedimento de Manifestação de Interesse Social**, instrumento por meio do qual as organizações da sociedade civil, movimentos sociais e cidadãos poderão apresentar propostas ao poder público para que este avalie a possibilidade de realização de um chamamento público objetivando a celebração de parceria. A proposição ou a participação no Procedimento de Manifestação de Interesse Social não impede a organização da sociedade civil de participar no eventual chamamento público subsequente.

4.3.3. Exceções ao chamamento público

As **exceções** previstas pela referida Lei possuem sistemática inspirada na Lei nº 8.666/93, sendo possível identificar hipóteses de **dispensa** e de **inexigibilidade**.

A administração pública poderá dispensar a realização do chamamento público:

(i) no caso de urgência decorrente de paralisação ou iminência de paralisação de atividades de relevante interesse público, pelo prazo de até cento e oitenta dias;

(ii) nos casos de guerra, calamidade pública, grave perturbação da ordem pública ou ameaça à paz social;

(iii) quando se tratar da realização de programa de proteção a pessoas ameaçadas ou em situação que possa comprometer a sua segurança;

(iv) no caso de atividades voltadas ou vinculadas a serviços de educação, saúde e assistência social, desde que executadas por organizações da sociedade civil previamente credenciadas pelo órgão gestor da respectiva política.

Será considerado **inexigível** o chamamento público na hipótese de inviabilidade de competição entre as organizações da sociedade civil, em razão da natureza singular do objeto da parceria ou se as metas somente puderem ser atingidas por uma entidade específica, especialmente quando:

(i) o objeto da parceria constituir incumbência prevista em acordo, ato ou compromisso internacional, no qual sejam indicadas as instituições que utilizarão os recursos;

(ii) a parceria decorrer de transferência para organização da sociedade civil que esteja autorizada em lei, com identificação expressa da entidade beneficiária;

A ausência de realização de chamamento público será devidamente justificada pelo administrador público, com publicação do extrato da justificativa, sob pena de nulidade do ato de formalização da parceria.

▸ **Importante!**

Os termos de colaboração ou de fomento que envolvam recursos decorrentes de emendas parlamentares às leis orçamentárias anuais e os acordos de cooperação serão celebrados sem chamamento público, exceto, em relação aos acordos de cooperação, quando o objeto envolver a celebração de comodato, doação de bens ou outra forma de compartilhamento de recurso patrimonial, hipótese em que o respectivo chamamento público observará o disposto na Lei 13.019/2014.

4.3.4. Outras nuances

A organização da sociedade civil prestará contas da boa e regular aplicação dos recursos recebidos no prazo de até noventa dias a partir do término da vigência da parceria ou no final de cada exercício, se a duração da parceria exceder um ano.

O prazo para a prestação final de contas será estabelecido de acordo com a complexidade do objeto da parceria, podendo a administração pública promover a instauração de tomada de contas especial, antes do término da parceria, ante evidências de irregularidades na execução do objeto.

Prescreve em cinco anos, contados a partir da data da apresentação da prestação de contas, a aplicação de penalidade decorrente de infração relacionada à execução da parceria.

▸ Atenção

Não se aplicam as exigências da Lei nº 13.019/2014:

a) às transferências de recursos homologadas pelo Congresso Nacional ou autorizadas pelo Senado Federal naquilo em que as disposições específicas dos tratados, acordos e convenções internacionais conflitarem com esta Lei;

b) aos contratos de gestão celebrados com organizações sociais, desde que cumpridos os requisitos previstos na Lei nº 9.637, de 15 de maio de 1998;

c) aos convênios e contratos celebrados com entidades filantrópicas e sem fins lucrativos, nos termos do § 1º do art. 199 da Constituição Federal;

d) aos termos de compromisso cultural referidos no § 1º do art. 9º da Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014;

e) aos termos de parceria celebrados com organizações da sociedade civil de interesse público, desde que cumpridos os requisitos previstos na Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999;

f) às transferências referidas no art. 20 da Lei nº 10.845, de 5 de março de 2004, e nos arts. 50 e 22 da Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009;

g) às parcerias entre a administração pública e os serviços sociais autônomos;

h) aos pagamentos realizados a título de anuidades, contribuições ou taxas associativas em favor de organismos internacionais ou entidades que sejam obrigatoriamente constituídas por: membros de Poder ou do Ministério Público; dirigentes de órgão ou de entidade da administração pública; pessoas jurídicas de direito público interno; pessoas jurídicas integrantes da administração pública.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Analista Judiciário do TRT - 21ª Região (FCC/2017), com o enunciado: "Pretende um determinado Município realizar procedimento para identificação, no setor privado, de pessoa jurídica apta a gerir uma unidade de reabilitação recém construída pelo ente no bojo de seu Programa "Cuidar, Reabilitar e Incluir". Uma possível solução para a municipalidade seria a realização de."

Foi considerada correta a seguinte assertiva:

"b) procedimento de chamamento para seleção e posterior celebração de termo de colaboração com organização da sociedade civil, para a realização

das finalidades de interesse público comum e recíprocas de gestão do equipamento público e atendimento dos munícipes enquadrados no Programa."

No concurso para Promotor de Justiça Substituto - MPE-RR (CESPE/2017), com o enunciado: "Determinado estado da Federação pretende propor a celebração de parceria com uma organização da sociedade civil na área de preservação do meio ambiente, visando à consecução de interesse público e recíproco. Tal parceria envolverá o repasse de recursos financeiros do estado para a organização. Nessa situação, deverá ser firmado o instrumento denominado."

Foi considerada correta a seguinte assertiva:

"b) termo de colaboração, realizado mediante prévio chamamento público."

No concurso para o cargo de Analista Judiciário - TRE-PE (Cespe/2017), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "No caso de parceria a ser firmada entre a administração pública e organização da sociedade civil, se não houver transferências voluntárias de recursos, deverá ser utilizado o instrumento jurídico estabelecido em lei denominado acordo de cooperação".

5. A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS NÃO EXCLUSIVOS PELO TERCEIRO SETOR

A prestação de serviços não exclusivos pelas entidades do Terceiro Setor, através de fomento estatal, não retira do Estado a responsabilidade pelo planejamento e pela efetivação de políticas públicas. Inadmissível esse tipo de raciocínio, que busca comprometer a responsabilização social do Estado brasileiro, culminando no que alguns chamam de **"privatização da questão social"**.

Outro aspecto negativo, que merece destaque, é a tentativa de utilização de entidades do Terceiro Setor para terceirização de serviços administrativos ou para a realização de atividades finalísticas do órgão parceiro, burlando a obrigatoriedade de licitação e de realização de concurso público.

O fomento deve ser instrumentalizado para incentivar a atuação do Terceiro Setor e não para transferir as obrigações estatais para o setor privado.

Tal compreensão tem relação direta com o princípio da subsidiariedade, que se apresenta como modelo inspirador para a reforma do aparelho estatal, rompendo, conforme explica Flavia Piovesan, com o "consenso intervencionista e impulsionador da transformação da Administração Pública, que perde sua configuração impositiva e

burocratizada, ganhando feição consensual e gerencial, com a substituição do mecanismo clássico da coerção pelo da colaboração".

A mudança de paradigma, que permite a concepção de que os serviços de interesse público possam ser realizados pelo Terceiro Setor, com o fomento do Estado, apresenta-se como algo natural ao **Estado Democrático de Direito**, que tem entre seus princípios fundamentais a participação ativa da sociedade na gestão dos interesses públicos e a defesa do **pluralismo**, ampliado pela participação do Terceiro Setor, mais sensível à ressonância dos problemas sociais, o que pode legitimar e atualizar as ações de políticas públicas desenvolvidas pelo Estado.

Os reformistas pretenderam introduzir uma nova fórmula de gestão de serviços públicos, na qual o Estado financia a prestação de serviços não exclusivos, mediante a outorga de subsídios financeiros a particulares. Esses particulares se encontrariam em um setor da sociedade denominado pelos reformistas de **"público não estatal"**, para o qual seria descentralizada a execução dos serviços não exclusivos do Estado, através de **fomento** público.

Contudo, é essencial a percepção dos princípios que devem reger essas parcerias entre o Estado e o Terceiro Setor, destacando o caráter público das entidades e a sua separação em relação ao aparelho estatal. É nessa conjuntura que devem ocorrer as parcerias. Foi nesse espírito, de buscar identificar o público não estatal, que a Lei nº 9.790/99 estipulou candidatos positivos e candidatos negativos, para fins de realização da parceria.

Noutro prisma, devem-se identificar duas importantes nuances que envolvem essas parcerias.

- Por respeito ao princípio da subsidiariedade, essas parcerias não devem se resumir ao custeio do setor privado para a prestação de serviços não exclusivos, mas devem objetivar algo maior, o incentivo a essa atividade privada. Isso pode gerar um efeito multiplicador positivo na realização de políticas públicas. Deve-se coibir o dirigismo estatal e a dependência econômica do Terceiro Setor.
- Impõe-se que a transferência de recursos públicos para as entidades parceiras implique incidência parcial do regime jurídico administrativo, impedindo que esse novo raciocínio de prestação de serviços de interesse público seja deturpado pela ação predatória da corrupção.

6. O QUARTO SETOR

Alguns doutrinadores defendem que a realidade econômica indica a existência de um Quarto Setor, que vive marginalmente aos demais, sendo caracterizado pela informalidade.

Fernanda Marinela reconhece esse Quarto Setor como um sinônimo da economia informal, o qual sobrevive por intermédio de criativos artifícios e ganhou relevância devido à larga faixa que representa no PIB brasileiro.

A ilustre autora observa ainda que esse Quarto Setor está infiltrado em todos os outros. Vale transcrever seu comentário: "*No primeiro setor, encontra-se o ladrão que não sobreviveria sem a proteção da polícia e dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, lembrando-se de que hoje existem representantes dos bandidos. No segundo setor, há as mercadorias roubadas, os combustíveis misturados com solvente. Por fim, o terceiro setor também está batizado com ilegalidade, em decorrência das inúmeras instituições que têm apenas a fachada de beneméritas*".

Na verdade, aquilo que vem se chamando de Quarto Setor é a faceta marginal da sociedade contemporânea, que se evidencia nas lacunas existentes pelos demais setores. Não nos parece que esses segmentos devem ser percebidos como um setor autônomo, mas como disfunções dos demais.

Essas disfunções não apenas devem ser combatidas repressivamente pelo Estado, como devem gerar a reflexão da sociedade como um todo, para a formulação de soluções. Exemplos dessas disfunções são identificados em atividades da corrupção eleitoral e administrativa, no crime organizado, nas atividades das milícias privadas, no comércio informal e na pirataria.

Capítulo 5

Atos administrativos

Fernando Baltar

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente, cabe destacar que **ato administrativo** é espécie do gênero ato jurídico, que tradicionalmente pode ser definido como sendo todo ato lícito que tenha por fim imediato adquirir, resguardar, transferir, modificar ou extinguir direitos.

A primeira grande questão que se apresenta no estudo deste assunto é a diversidade de definições que podem ser dadas a ato administrativo.

2. CONCEITO

Hely Lopes Meirelles define **ato administrativo** como sendo "toda manifestação unilateral da Administração que, agindo nessa qualidade, tenha por fim imediato adquirir, transferir, modificar, extinguir e declarar direitos, ou impor obrigação aos administrados ou a si própria".

Por sua vez, Maria Sylvia Zanella Di Pietro conceitua **ato administrativo** como "a declaração do Estado ou de quem o represente, que produz efeitos jurídicos imediatos, com observância da lei, sob regime jurídico de direito público e sujeita a controle pelo Poder Judiciário".

Para melhor entender ambas as definições, devemos analisá-las por partes.

O ato administrativo é uma **declaração do Estado**, aqui entendido, por todos aqueles órgãos que o compõem, tanto no Poder Executivo, como nos demais poderes, além das entidades da administração indireta detentoras de personalidade jurídica de direito público.

O regime jurídico é o administrativo, ou seja, aquele em que a Administração atua com supremacia em relação aos particulares.

Produz efeitos jurídicos imediatos, o que significa que causa uma alteração na situação jurídica do destinatário do ato, seja conferindo, transferindo, modificando, extinguindo ou declarando um direito ou impondo uma obrigação.

A **sujeição ao controle judicial** é outra característica inafastável do ato administrativo, em razão do mandamento constitucional do art. 5º, XXXV (indeclinabilidade da jurisdição).

Não estando presentes tais requisitos, ainda que a Administração venha a expressar sua vontade e que prolate atos, estes não devem ser nominados de administrativos por não se submeterem ao regime jurídico de direito público. Podemos citar como exemplo os atos bilaterais de locação de imóvel e os que objetivam meramente a gestão do patrimônio público.

Dessa forma, os atos praticados pela Administração podem ser catalogados como atos de direito público e atos de direito privado ou atos administrativos e atos da administração, ou ainda, atos administrativos típicos (regidos pelo direito público) e atos administrativos atípicos (regidos pelo direito privado).

Atos praticados pela administração	
Atos administrativos	também chamados de atos de direito público;
Atos da Administração	também chamados de atos de direito privado.

▸ **Atenção!**

A Administração pode praticar atos administrativos (atos regidos pelo direito público) e atos de natureza privada, também chamados de meros atos da Administração.

Ato administrativo não se confunde com **fato administrativo**. Os fatos administrativos são fatos concretos que produzem efeito no direito administrativo, como a reforma de um prédio, a construção de uma ponte ou a morte de um servidor, enquanto os atos administrativos decorrem da manifestação de vontade da Administração, razão pela qual os **atos podem ser revogados ou anulados**, enquanto **os fatos administrativos não admitem invalidação**.

Questão importante concerne às consequências jurídicas decorrentes do **silêncio administrativo**.

Silêncio administrativo não pode ser considerado ato administrativo e, a rigor, a ausência de manifestação da Administração não produz consequências jurídicas imediatas, salvo o **silêncio qualificado** que, segundo Marçal Justen Filho, seria "aquele que permite inferir a vontade da Administração Pública em determinado sentido, a isso se somando a possibilidade de reconhecer a omissão como manifestação daquela vontade. O silêncio qualificado é um modo de exercitar a função administrativa. Mas a qualificação do silêncio depende da disciplina jurídica".

Portanto, se a norma legal estabelecer que a ausência de manifestação da Administração significa a sua aquiescência ou discordância a um determinado pleito, por exemplo, significa que houve o deferimento ou indeferimento decorrente da consequência normativa determinada pelo legislador do silêncio administrativo.

Contudo, ausente a determinação normativa, não há como se presumir a manifestação da Administração acerca de um determinado assunto se não houver a prolação de ato administrativo, salvo se a Administração se posicionar indireta, mas inequivocamente, em um determinado sentido. Nessas situações deverá ser apurada a responsabilidade do servidor responsável pela não produção do ato administrativo no tempo adequado.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No 19º concurso para provimento do cargo de Procurador da República, foi considerada incorreta, a seguinte assertiva: "*No direito administrativo brasileiro, tendo o administrador o dever de agir, quando provocado pelo administrado, o seu silêncio, a exemplo do que ocorre em outros países da Europa continental, significa aquiescência à prática do ato solicitado*".

3. REQUISITOS DO ATO ADMINISTRATIVO

Os requisitos, também chamados de **elementos do ato administrativo** são aqueles que constituem sua formação.

Celso Antônio Bandeira de Mello não concorda com o estabelecimento de elementos ou requisitos do ato administrativo da forma tradicionalmente apontada pela doutrina administrativista, entendendo ser necessário separar os elementos do ato dos **pressupostos de existência** e dos **pressupostos de validade**.

Segundo Bandeira de Mello são elementos do ato administrativo:

Conteúdo	É aquilo que o ato dispõe, o que o ele decide, enuncia, certifica, opina ou modifica na ordem jurídica. É o próprio ato, em sua essência.
Forma	É o revestimento exterior do ato. É o modo pelo qual este aparece e revela sua existência.

Já os pressupostos de existência do ato administrativo seriam:

Objeto	"é aquilo sobre o que o ato dispõe. Não pode haver ato sem que exista algo a que ele esteja reportado". Exemplo de ato que não possui o objeto como pressuposto de existência: intimação, por edital, a servidor já falecido.
Pertinência temática	Para que exista ato administrativo será necessário que o ato possa ser atribuído ao Estado no desempenho de sua função administrativa.

Por fim, Celso Antônio entende pela necessidade do ato administrativo possuir o que ele nomeia como **pressupostos de validade**:

Pressuposto subjetivo	A autoridade administrativa competente para a prática do ato
Pressupostos objetivos	Motivo e requisitos procedimentais;
Pressuposto teleológico	Finalidade
Pressuposto lógico	Causa
Pressupostos formalísticos	Forma

O festejado autor conclui que sem os elementos do ato administrativo não haverá que se falar sequer em ato jurídico, enquanto a ausência dos pressupostos de existência resultará na falta de um ato administrativo. Por sua vez, a inexistência ou vícios nos pressupostos de validade trará como consequência um ato administrativo inválido.

3.1. Competência

A **competência**, também chamada de **sujeito**, é o elemento que indica quem é a autoridade administrativa que pode produzir (assinar) o ato administrativo.

Competência pode ser conceituada como o conjunto de atribui-

ções funcionais conferidos pela lei às entidades, órgãos e agentes públicos para o desempenho de suas funções e sua delimitação ocorre da seguinte forma:

I) Em razão da matéria;

II) Em razão do território;

III) Em razão da hierarquia; e

IV) Em razão do tempo.

A principal característica da competência é que se trata de um elemento sempre vinculado, o que significa que a lei irá definir, em todas as situações, quem será a autoridade administrativa competente.

Portanto, pode-se afirmar que a legalidade é a principal característica da competência, vez que ela sempre decorrerá da lei. Consequentemente a **competência é inderrogável**, não podendo ser modificada pela vontade das partes.

Ela pode ser objeto de **delegação** ou de **avocação**, desde que a lei não tenha conferido exclusividade a esta competência.

A Lei nº 9.784/99 veda, expressamente, a possibilidade de delegação da competência nas seguintes situações:

a) Casos de edição de atos de caráter normativo;

b) Decisão de recursos; e.

c) Matérias de competência exclusiva do órgão ou autoridade.

Impossibilidade de delegação da competência		
Casos de edição de atos de caráter normativo	Decisão de recursos	Matérias de competência exclusiva do órgão ou autoridade

A Lei nº 9.784/99, no entanto, admite a delegação de competência de um órgão administrativo ou de seu titular para outros órgãos ou titulares, ainda que estes não lhe sejam hierarquicamente subordinados, quando for conveniente, em razão de circunstâncias de índole técnica, social, econômica, jurídica ou territorial salvo quando existir lei vedando tal transferência.

Inserida na possibilidade de delegação acima, encontra-se a delegação de competência dos órgãos colegiados aos respectivos presidentes.

Como requisito de eficácia o ato de delegação e sua revogação deverão ser publicados oficialmente, devendo constar as matérias e poderes transferidos, os limites da atuação do delegado, a duração e os objetivos da delegação e o recurso cabível, podendo conter ressalva de exercício da atribuição delegada.

Por se tratar de ato discricionário guiado pela conveniência e oportunidade da autoridade administrativa, o ato de delegação é revogável a qualquer tempo pela autoridade delegante.

Após a revogação do ato de transferência de competência, não poderá a antiga autoridade delegada revogar os atos praticados no exercício da delegação, sendo tal atribuição da autoridade delegante.

Atenção!

As decisões adotadas por delegação devem mencionar explicitamente esta qualidade e considerar-se-ão editadas pelo delegado.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso realizado pela FCC - Analista Judiciário - TRF 5/2012, foi considerada correta a seguinte assertiva: "um órgão administrativo pode delegar competência a outro órgão, se não houver impedimento legal, quando for conveniente em razão de circunstâncias de índole técnica".

Lucas Rocha Furtado defende a impossibilidade de desempenho das funções delegadas enquanto perdurar válida a delegação, podendo, inclusive haver a declaração de nulidade do ato praticado pela autoridade delegante, enquanto não houver revogação da delegação.

Todavia, filiamo-nos ao entendimento de José dos Santos Carvalho Filho, o qual entende que **a delegação não retira da autoridade delegante a competência para desempenhar a atribuição delegada.** Em sua visão, haveria uma cumulação de competência.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso realizado pelo CESPE para provimento do cargo de Procurador Federal-2010, foi considerada correta a seguinte assertiva: "*O ato de delegação não retira a atribuição da autoridade delegante, que continua competente cumulativamente com a autoridade delegada para o exercício da função*".

A mesma Lei nº 9.784/99 restringiu a possibilidade de avocação para os casos temporários e que sejam justificados por motivos relevantes, dessa forma, a lei restringiu o poder hierárquico da Administração criando requisitos para a sua aplicação.

3.2. Finalidade

Finalidade é o resultado que a Administração pretende alcançar com o ato administrativo. A finalidade tem como característica apresentar-se como reflexo da legalidade, tendo em vista que o ato administrativo deve sempre ser produzido de acordo com a previsão explícita ou tácita da lei. Sob tal prisma, é o Poder Legislativo quem define os objetivos que o ato deverá alcançar, não havendo discricionariedade para a Administração.

Exemplo que ilustra esta característica é a remoção de ofício, criada pelo legislador para que a Administração possa melhor distribuir os servidores em face das necessidades e peculiaridades de cada localidade. Ela não pode ser utilizada para punição do servidor, por contrariar os fins estabelecidos pelo legislador para o instituto da remoção "ex officio".

A infração da lei, seja em sentido amplo ou estrito, caracterizará desvio de poder, dando ensejo à invalidação do ato.

O **desvio de poder** consiste no mau uso da competência para praticar atos administrativos desviados de sua finalidade, que buscam alcançar objetivos impossíveis, ilícitos ou que não podem ser atingidos pelo ato utilizado. São dois os tipos de desvio:

- atos praticados com finalidade alheia ao interesse público. Ex.: remoção *ex officio* de servidor inimigo;
- atos praticados com desvio à finalidade pública específica determinada pela lei. Ex.: remoção *ex officcio* de servidor relapso.

Abuso de poder é o gênero do qual são espécies o excesso de poder e o desvio de poder, e ambos invalidam o ato administrativo.

A tese do ***d'excès de pouvoir***, de excesso de poder surgiu na França como um instrumento recursal específico que permitia a denúncia dos cidadãos no que concerne a graves irregularidades praticadas pela Administração e que viessem a atingir-lhes. Eduardo Garcia de Enterria, em sua obra "As Transformações da Justiça Administrativa - Da Sindicalidade restrita à Plenitude Jurisdicional.

Uma Mudança de Paradigma?" exemplifica tais irregularidades com os vícios de competência, a invasão de funções próprias dos juízes civis e, posteriormente, a violação direta da lei, alertando, inclusive, que em um momento posterior, surgiu o "desvio de poder", que significa a utilização de um poder legal para fins distintos daqueles estimados pela lei.

Didaticamente podemos resumir o abuso de poder da seguinte forma:

ABUSO DE PODER	
Excesso de poder	O agente público extrapola a competência que lhe foi conferida pela lei
Desvio de poder	O agente público apesar de competente, não pratica o ato de acordo com o interesse público ou o pratica fugindo dos fins específicos fixados pelo legislador

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No 19º concurso para provimento do cargo de Procurador da República, foi considerada correta, a seguinte assertiva: "Há desvio de poder quando uma autoridade administrativa, embora tenha competência para praticá-lo, produz o ato desviado da finalidade para a qual, legalmente, deveria ser produzido".

3.3. Forma

O ato administrativo deve se revestir de alguma **forma**, que deverá ser determinada pela lei. Como a atividade administrativa é pública e se submete à fiscalização pelos órgãos públicos e pela população, via de regra, o ato administrativo deve ser escrito, em obediência ao princípio da documentação, podendo a lei estabelecer uma forma mais solene.

Permitem-se os **atos verbais**, apenas, em casos de urgência e de irrelevância do assunto para a Administração. Hely Lopes concebe, ainda, o caso de transitoriedade da manifestação da vontade da administração.

Há, também, a forma **gestual** ou por meio de **sinais sonoros**, por meio dos quais a Administração manifesta a sua vontade, tais como os praticados pelos agentes de trânsito que possuem significados próprios e visam controlar o tráfego.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho Substituto da 1ª Região-2010, foi considerada *incorreta*, a seguinte assertiva: "*Em obediência ao princípio da solenidade da forma, entendida esta como o meio pelo qual se exterioriza a vontade da administração, o ato administrativo deve ser escrito e manifestado de maneira expressa, não se admitindo, no direito público, o silêncio como forma de manifestação da vontade da administração*".

▸ Atenção!

A irregularidade na forma do ato administrativo admite convalidação (salvo quando a forma for considerada essencial para a validade do ato), mas a inexistência de forma significa a inexistência do próprio ato, o que impossibilita qualquer tipo de convalidação.

Diferença entre FORMA e FORMALIZAÇÃO, segundo Celso Antônio Bandeira de Mello:

I) FORMA é o modo pelo qual o ato administrativo revela sua existência.

II) FORMALIZAÇÃO é a aparência externa pelo qual o ato deve ser revestido

3.4. Motivo

Motivo é o pressuposto de fato e de direito que justifica a prática do ato administrativo. A lei pode ou não determinar expressamente os motivos, o que significa que esse elemento, ao contrário dos anteriores (competência, finalidade e forma), pode ser **vinculado** ou **discricionário**.

Ainda que o motivo seja discricionário, a lei irá prever, pelo menos de forma abstrata, o que se costuma chamar de **"motivo legal"**. Ex.: a lei proíbe a prática de atos públicos contrários à moral.

Di Pietro e José dos Santos Carvalho Filho fazem a distinção entre **motivo** e **motivação**, entendendo que o primeiro seria a circunstância de fato que impele a vontade do administrador, enquanto a segunda seria a explicitação dessa circunstância fática, ou seja, a motivação exprime de modo expresso e textual todas as circunstâncias de fato que levaram o agente à manifestação da vontade.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No 16º concurso para provimento do cargo de Procurador da República foi exigido dos candidatos que discorressem sobre o seguinte tema: "Distinga motivo e motivação do ato administrativo, indicando e explicando, sucintamente, quais são os requisitos e a razão de ser da motivação." Por se tratar de questão aberta os elaboradores exigem que o candidato demonstre domínio do assunto, sendo necessário apontar que o motivo, segundo entendimento doutrinário dominante, é requisito essencial para a formação do ato administrativo, traduzindo-se como a situação fática ou *jurídica que impulsiona a atuação administrativa, já a motivação seria a explicitação dessa circunstância fática ou legal, que deve estar presente em todos os atos administrativos, salvo nas nomeações e exonerações para cargos de livre provimento em que é suficiente a demonstração da competência da autoridade que exarou o ato. No 22º concurso para provimento do cargo de Procurador da República foi considerada correta seguinte alternativa: "motivo ou causa é a situação de direito, expressa sempre em lei, que determina ou autoriza a realização do ato administrativo, enquanto a motivação é a exposição dos fatos e dos fundamentos jurídicos do ato".*

José dos Santos Carvalho Filho entende que apenas os atos vinculados necessitam de motivação. No entanto, entendemos que o melhor posicionamento é o defendido por Maria Sylvia Di Pietro e Hely Lopes Meirelles que entendem pela necessidade de motivação tanto dos atos vinculados quanto dos discricionários.

Seguindo este último entendimento, a motivação, via de regra, é obrigatória, salvo nos casos em que basta a evidenciação pelo agente público da sua competência para que o ato esteja completo. Ex.: exoneração *ad nutum*. Entretanto, caso o ato seja fundamentado, o administrador estará vinculado a esta fundamentação.

Com relação ao **momento da motivação**, Celso Antônio Bandeira de Mello assevera que a justificativa do ato administrativo deve ser contemporânea à sua prática ou pelo menos anterior a ela, admitindo-se, todavia, a motivação tardia nos atos vinculados onde houver comprovação da ocorrência do motivo previsto pelo legislador como autorizador para a manifestação da vontade da Administração. Isso porque a lei já havia predeterminado a conduta da Administração diante da ocorrência de determinado motivo.

Já nos atos discricionários a ausência de motivação contemporânea ou anterior à produção do ato resultará na sua invalidação.

Apesar do entendimento acima espelhar o pensamento majoritário da doutrina, é oportuno destacar que o STJ, por intermédio de sua segunda turma (DJe 26/2/13; MS 11.862-DF), decidiu que nas situações em que a lei não exige motivação seria possível admitir situações excepcionais de motivação tardia, desde que presentes os seguintes requisitos:

a) Que o motivo extemporaneamente alegado preexista;

b) Que era idôneo para justificar o ato; e

c) Que o motivo foi a razão determinante da prática do ato.

▸ **Atenção!**

O STJ vem entendendo que, mesmo diante da margem de liberdade de escolha da conveniência e oportunidade concedida à Administração, é necessária adequada motivação, explícita, clara e congruente, do ato discricionário (art. 50, I e § 1º, da Lei n. 9.784/1999) que nega, limita ou afeta direitos ou interesses dos administrados. Destacando que não se supre esse requisito pela simples invocação da cláusula do interesse público, determinando a anulação dos atos desprovidos de motivação para que outro seja emitido pela autoridade impetrada com a observância do requisito da motivação suficiente e adequada (Informativo nº 248).

Cumpre destacar, neste momento, a chamada **"teoria dos motivos determinantes"**, segundo a qual a validade do ato está vinculada à veracidade dos fatos descritos como motivadores de sua prática. Dessa forma, o ato discricionário, uma vez motivado, passa a se vincular aos motivos indicados pela Administração Pública como justificadores de sua prática. Tal vinculação abrange as circunstâncias de fato e de direito, de tal forma que se tais circunstâncias se mostrem inexistentes ou inválidas, acarretarão a invalidade do ato administrativo.

Caso um servidor público federal solicite a licença capacitação por três meses, a Administração poderá conceder ou negar (ato discricionário), contudo, quando o fizer, deverá motivar tal decisão e as razões expostas como justificadoras vincularão o ato. A Administração não está obrigada a deferir a licença no momento em que o servidor a pleiteia, ela possui discricionariedade para tomar decisão concessiva ou denegatória, mas qualquer que seja a decisão, ela estará vinculada aos motivos que foram determinantes para sua formação.

No entanto, quando o ato estiver estribado em diversos fatos verdadeiros, mas apenas um não corresponder à realidade, não ocorrerá sua invalidação, tendo em vista que, dentro do contexto de produção do ato, os fatos indicados em sua justificativa foram, efetivamente, determinantes para sua produção.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz Federal Substituto - 2013 (CESPE) foi considerada correta a seguinte assertiva: "E) Em razão da teoria dos motivos determinantes, no caso de exoneração ad nutum de ocupante de cargo em comissão, de livre nomeação e exoneração, não há necessidade de motivação, mas, caso haja motivação, o administrador ficará vinculado a seus termos".

▸ Como esse tema vem sendo abordado em questões subjetivas de concurso?

(CESPE - Juiz de Direito - AL/2008) Disserte, de forma clara e precisa, acerca da Teoria dos Motivos Determinantes e exemplifique sua aplicação.

Lúcia Valle de Figueiredo e Celso Antônio Bandeira de Mello inserem a **causa** como um novo requisito para o ato administrativo.

Para Lúcia Valle de Figueiredo a causa seria a relação de adequação entre os pressupostos do ato e seu objeto. No nosso entender, tal conceito estaria abrangido pelo motivo, não havendo razão para sustentar a distinção entre motivo e causa. Celso Antônio Bandeira de Mello, por sua vez, amplia o entendimento exposto acima, dispondo que causa seria "a correlação lógica entre o pressuposto (motivo) e o conteúdo do ato em função da finalidade tipológica do ato".

Haveria, então, uma análise acerca da razoabilidade e da proporcionalidade da causa com a consequente aferição de sua regularidade ou irregularidade.

Cabe lembrar que Celso Antônio não concorda com o estabelecimento de elementos ou requisitos do ato administrativo, na forma tradicionalmente apontada pela doutrina, entendendo ser necessário separar os elementos do ato dos pressupostos de existência e dos pressupostos de validade. Concordamos que a causa é um pressuposto de validade do ato administrativo, pois só será válido o ato que guardar a devida adequação entre as razões que ensejaram a sua produção e o conteúdo do ato. Contudo, rejeitamos a

causa como elemento de formação da manifestação de vontade da Administração, não obstante a envergadura dos doutrinadores que defendem tal entendimento.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Procurador junto ao TCE/SC-2010, foi considerada **correta** a seguinte assertiva: "*O conceito de causa, consoante estabelecido pela doutrina no Direito Administrativo, leva à verificação da validade do ato administrativo pelo exame da pertinência entre o motivo do ato e o seu objeto*".

3.5. Objeto ou conteúdo

O **Objeto** é o efeito jurídico imediato que o ato produz e, assim como no direito privado, deve ser lícito (conforme a lei), possível (realizável no mundo dos fatos e do direito), certo (definido quanto ao destinatário, aos efeitos, ao tempo e ao lugar) e moral (em consonância com os padrões comuns de comportamento, corretos, justos e éticos). Pode, também, ser conceituado como o resultado prático que a Administração se propõe a alcançar.

O **objeto** ou o **conteúdo** do ato pode ou não vir fixado em lei (vinculado ou discricionário). Quando deixado a critério do administrador, não pode ser substituído pelo julgador na sua análise jurídica.

Pare resumir os requisitos do ato administrativo, apresentamos o seguinte quadro:

Requisitos do ato administrativo	
Competência	• Elemento vinculado; • Admite delegação e avocação nas hipóteses reguladas por lei.
Finalidade	• Elemento vinculado.
Forma	• **Elemento vinculado.**
Motivo	• Pressuposto fático e jurídico que justifica o ato administrativo; • Elemento vinculado ou discricionário.
Objeto	• **Elemento vinculado ou discricionário.**

4. MÉRITO ADMINISTRATIVO

O **mérito administrativo** está relacionado com a possibilidade de a Administração Pública valorar os critérios de conveniência, oportunidade e conteúdo do ato administrativo.

Por essa razão, só há que se falar em mérito administrativo diante do ato discricionário, vez que, no ato vinculado, o mérito do ato (a valoração dos critérios de conveniência, oportunidade e conteúdo) é do legislador, que determina à Administração o que fazer e quando fazer.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No 19º concurso para provimento do cargo de Procurador da República, esta assertiva foi considerada correta: "Nos atos vinculados, não se pode, propriamente, falar em *mérito do ato administrativo*, dado refletirem apenas o atendimento das disposições legais, não havendo, por isso, campo para a incidência da discricionariedade do administrador".

5. ATRIBUTOS DO ATO ADMINISTRATIVO

5.1. Presunção de legitimidade

A **presunção de legitimidade** advém do princípio da legalidade e reveste os atos administrativos de uma presunção relativa, também chamada *juris tantum*, de que os atos são praticados de acordo com a lei e com os princípios que regem a Administração Pública e o Direito Administrativo.

Conforme já mencionado, trata-se de **presunção relativa**, que cede diante de prova em contrário.

Podemos, também, distinguir a presunção de legitimidade da **presunção de veracidade**: a primeira seria a presunção de que o ato praticado pela Administração estaria de acordo com a lei, enquanto a segunda diz respeito aos fatos, presumindo que estes são verdadeiros quando alegados pela Administração, como nos casos das certidões, atestados, declarações, vez que dotadas de fé-pública.

Apesar dos atos administrativos gozarem da presunção de legitimidade a autoridade administrativa deverá evidenciar a sua competência para praticá-lo, razão pela qual não há que se falar em presunção de competência administrativa.

A exceção ao princípio da presunção de legitimidade dos atos administrativos é a ordem manifestamente ilegal dada a servidor público, que admite a resistência sem prévio recurso ao Poder Judiciário visando a declaração de ilegalidade.

5.2. Imperatividade

Segundo, praticamente, todos os mais renomados autores administrativistas, **imperatividade** "é a qualidade pela qual os atos administrativos se impõem a terceiros, independentemente de sua concordância".

Este atributo não se encontra presente em todos os atos emanados pela Administração, mas caracteriza os que emitirem uma ordem, um comando ao particular.

5.3. Exigibilidade

Alguns autores, como Marçal Justen Filho, referem-se à exigibilidade como sinônimo de imperatividade. Filiamo-nos ao pensamento de Celso Antônio Bandeira de Mello, no sentido de que a exigibilidade é atributo autônomo do ato administrativo e não se confunde com a imperatividade, pois este atributo apenas impõe uma obrigação, enquanto aquele exige a obediência a uma obrigação já imposta pela Administração, por meio de instrumentos indiretos de coação, sem a necessidade de prévia autorização do Poder Judiciário.

5.4. Autoexecutoriedade

Consiste na possibilidade de a Administração por em execução os seus atos, através dos seus próprios meios, sem necessidade de intervenção do Poder Judiciário.

A **autoexecutoriedade** só será possível quando a lei expressamente a previr ou quando se tratar de medida urgente, sem a qual haverá grave comprometimento do interesse público, sendo entendido que a autorização para a auto-executoriedade estaria prevista de maneira implícita.

Importante ressaltar a diferença entre **autoexecutoriedade** e **exigibilidade**, que se encontra no meio coercitivo. O segundo se utiliza de meios indiretos de coerção, como multa ou outras penalidades administrativas, enquanto na executoriedade a Administração faz uso de meios diretos de coerção, utilizando, até mesmo, força física para dar efetividade às suas decisões.

5.5. Tipicidade

A **tipicidade** é atributo previsto por um pequeno leque de autores, merecendo destaque Di Pietro e consiste na necessidade de

que o ato administrativo corresponda a figuras previamente definidas pela lei. Trata-se de decorrência do princípio da legalidade que afasta a possibilidade de a Administração praticar atos inominados, diferentemente do particular.

Atributos do ato administrativo
Presunção de legitimidade
Imperatividade
Exigibilidade
Autoexecutoriedade
Tipicidade

6. CLASSIFICAÇÃO DOS ATOS ADMINISTRATIVOS

6.1. Atos gerais e individuais

6.1.1. Atos gerais.

Os **atos gerais** são aqueles que possuem destinatários inespecíficos, com caráter de norma, em face de sua abstração (não trata da situação de uma ou algumas pessoas identificadas). Ex.: um edital de concurso público, regulamentos e resoluções.

A característica mais importante dos atos gerais é que eles prevalecem sobre os atos individuais, ainda que tenham sido emanados da mesma autoridade.

6.1.2. Atos individuais.

São aqueles que têm por destinatário sujeito ou sujeitos especificamente determinados. O **ato individual** pode ser singular ou plúrimo. **Singular** é o ato que possui um único destinatário identificado, como, por exemplo, a nomeação de um servidor para ocupar determinado cargo comissionado. **Plúrimo** é o ato que possui mais de um destinatário e todos se encontram identificados, como a nomeação de vários candidatos aprovados em concurso para ocuparem cargos efetivos.

Outra distinção entre o ato geral e o individual é que, conforme já reconheceu o STF, na súmula 473, aquele, por ser abstrato, não gera direito subjetivo para os seus destinatários, podendo ser revogado a qualquer tempo pela Administração, enquanto este, por ter destinatário certo, gera direito subjetivo para eles, tornando-se irrevogável.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Procurador junto ao TCE/SC-2010, foi solicitado dos candidatos que analisassem as seguintes assertivas, que tratavam da classificação dos atos administrativos:

1. atos administrativos de comando abstrato e impessoal, semelhantes aos da lei;

2. atos administrativos resultantes da vontade de um único órgão, mas que dependem da verificação por parte de outro, para se tornar exeqüíveis;

3. atos administrativos que se dirigem a destinatários certos, criando-lhes situação jurídica particular.

Para a correlação foram ofertadas as seguintes possibilidades:

(A) gerais, compostos e individuais.

(B) gerais, complexos e individuais.

(C) gerais, complexos e simples.

(D) de gestão, compostos e simples.

(E) de gestão, vinculados e internos

O gabarito apontou como **correta**, a alternativa "a".

6.2. Atos De Império, de Gestão e de Expediente

6.2.1. Atos de Império

São os atos administrativos propriamente ditos, revestidos de imperatividade, do chamado *jus imperie*, produzidos com supremacia sobre o administrado.

6.2.2. Atos de Gestão

São aqueles praticados com a finalidade de gerir os seus bens e serviços, sem a necessidade das prerrogativas do regime jurídico administrativo, razão pela qual a Administração age em situação de igualdade com o particular.

▸ **Atenção!**

Maria Sylvia Di Pietro e Celso Antônio entendem que essa distinção encontra-se ultrapassada, sendo aconselhável substituí-la pela de atos administrativos e atos de direito privado.

6.2.3. *Atos de Expediente*

Hely Lopes também acrescenta uma nova categoria, que seriam os atos de expediente, destinados a dar andamento aos processos e papéis que tramitam na administração.

6.3. Atos Vinculados e Discricionários

6.3.1. *Atos Vinculados*

São aqueles em que o legislador consegue antever o caso concreto e definir previamente qual deve ser a conduta da Administração. Dessa forma, esta não efetua nenhum juízo de valor no momento de produzir esses atos, não havendo que se falar em mérito administrativo. Nesses casos, todos os seus elementos (competência, finalidade, forma, motivo e objeto) estão previstos na lei.

6.3.2. *Atos Discricionários*

São aqueles em que o legislador, justamente por não conseguir definir qual deve ser a melhor conduta da Administração para cada caso concreto, confere à Administração a faculdade de decidir, diante da situação fática, qual deve ser a solução que melhor atende ao interesse público. Costuma-se, nessas situações, utilizar critérios de conveniência, oportunidade e conteúdo, o que significa que a Administração decidirá quando e como agir.

▸ **Atenção!**

A discricionariedade não surge da ausência de lei, mas da possibilidade de a Administração decidir **dentro das opções conferidas pelo legislador.**

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho (TRT 15ª Região - 2013) foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "o ato administrativo vinculado impede que o administrador público exceda os parâmetros traçados em lei para sua atividade, diferentemente do ato discricionário, que tem como premissas a oportunidade, a conveniência, a justiça e a equidade, todas de livre aferição pelo administrador público, que, todavia, não poderá rever atos administrativos já consumados".

COMENTÁRIO: A assertiva se encontra incorreta tanto com relação à livre aferição do administrador, no que tange à oportunidade, conveniência, justiça e equidade dos atos discricionários, quanto à impossibilidade de revisão dos atos já consumados, vez que a liberdade de um ato

administrativo é mitigada pelos princípios da administração (ex.: moralidade, impessoalidade, eficiência, razoabilidade) e o princípio da autotutela possibilita que a Administração Pública possa rever seus atos a qualquer tempo, desde que não alcançados pela decadência.

Ponto de intensa discussão no direito administrativo diz respeito à presença ou não da discricionariedade nos **conceitos jurídicos indeterminados**.

Se é certo que quando o legislador se utiliza de conceitos que admitem um único significado (conceitos **teoréticos** ou **uni significativos**), haverá conduta vinculada pela ausência de capacidade de valoração da Administração diante do caso concreto e que, quando a lei oferece opções de decisão à Administração que deve ponderar qual a que melhor se amolda à situação fática, estaremos diante de uma conduta discricionária, tais certezas não se apresentam quando o legislador faz uso de conceitos jurídicos indeterminados, que consistiriam no uso de termos ou expressões vagos, tais como o dever de lealdade e a atuação desidiosa previstos na Lei nº 8.112/90 ao servidor público federal.

Nos conceitos jurídicos indeterminados não haverá, necessariamente, discricionariedade administrativa, pois se impõe primeiramente a interpretação do conceito jurídico diante do caso concreto. Se, após a interpretação, o aplicador da norma estiver em uma zona de certeza positiva ou negativa não há que se falar em discricionariedade, vez que não haverá liberdade de atuação para a Administração que deverá cumprir fielmente a vontade do legislador.

Portanto, se o estatuto jurídico dos servidores públicos federais determina que a conduta desidiosa do servidor deve ser punida com a pena de suspensão de até 90 dias, deve o interprete verificar se a conduta imputada ao servidor se amolda à situação prevista na lei. Encontrando resposta certa quanto à adequação ou não da conduta, afirma-se que se encontra dentro da zona de certeza negativa ou positiva e, portanto, não tem opção, devendo aplicar a pena (zona de certeza positiva) ou deixar de aplicá-la (zona de certeza negativa).

Contudo, após a interpretação da norma, é possível que o interprete se encontre em uma **zona de incerteza** (zona cinzenta ou *gray*) na qual haverá uma indefinição que propiciará à Administração a tomada de decisão que melhor atender ao caso segundo um juízo de oportunidade e conveniência.

Já as **cláusulas gerais** são normas com comandos indeterminados e que não possuem a consequência jurídica nos casos de sua inobservância.

Segundo Fredie Didier Jr., as cláusulas gerais seriam como "estabelecer uma pauta de valores a ser preenchida historicamente de acordo com as contingências históricas".

Ponto de identidade entre as cláusulas gerais e os conceitos jurídicos indeterminados é que ambos são imprecisos no pressuposto, no conteúdo; contudo, diferenciam-se porque os conceitos jurídicos indeterminados indicam a consequência jurídica, que não estão previstas nas cláusulas gerais.

Nos exemplos apresentados acima para explicar os conceitos jurídicos indeterminados, caso fosse excluída a consequência que é a aplicação de sanção administrativa para o servidor que age com desídia, estaríamos diante de uma cláusula geral e não de um conceito jurídico indeterminado.

6.4. Atos Simples, Complexos e Compostos

6.4.1. Atos Simples

São os atos que, para existirem, dependem da manifestação de um único órgão. Como exemplo desses atos, podemos citar o alvará de construção e a licença para condução de veículos automotores.

6.4.2. Atos Complexos

São os atos que, para existirem, dependem da manifestação de vontade de mais de um órgão. Ressalte-se que, apesar de mais de um órgão expressar sua vontade, na verdade, um único ato será produzido. Ex.: portaria conjunta entre dois ou mais ministérios ou secretarias.

Da mesma forma que para a elaboração do ato complexo, faz-se necessária a manifestação conjunta de dois ou mais órgãos, para a revogação também será demandada a manifestação de todos os órgãos envolvidos.

Nesse sentido, pronunciou-se o STJ ao tratar da revogação de uma portaria interministerial editada pelo Ministério da Educação e Cultura e o Ministério do Planejamento.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No 19º concurso para provimento do cargo de Procurador da República, esta assertiva foi considerada incorreta: "Em verdade, o *ato administrativo complexo* se confunde com contrato administrativo, por não serem, ambos, atos unilaterais e encerrarem, um e outro, uma unidade de vontades dos partícipes na formação dos institutos em apreço".

6.4.3. Atos Compostos

São os atos que dependem da manifestação de vontade de mais de um órgão, onde é possível identificar a existência de uma vontade principal e outra meramente acessória.

Os atos compostos se assemelham aos complexos pela necessidade de manifestação de vontade de mais de um órgão para que um único ato venha a completar o seu ciclo de formação. O que os diferencia é que, nos atos complexos, há duas vontades principais e, nos atos compostos, existirá uma vontade principal e outra acessória, normalmente, homologatória da vontade preponderante. Ex.: manifestação que dependa de aprovação (homologação) de uma autoridade superior.

▸ **Atenção!**

Di Pietro traz como exemplo de ato composto a nomeação do Procurador Geral da República, a qual deve ser, previamente, aprovada pelo Senado. O exemplo de José dos Santos Carvalho Filho para ato complexo é a nomeação de Ministro do Superior Tribunal de Justiça, o que se explica pela necessidade de elaboração de lista tríplice pelo STJ (ato principal), escolha de qualquer integrante dessa lista pelo Presidente da República (ato principal) e aprovação prévia do Senado (ato acessório).

6.5. Ato perfeito, válido, eficaz e exequível

6.5.1. Ato Perfeito

Ato perfeito, ao contrário do que poderia se presumir não é o ato praticado de acordo as normas de regência, mas o ato que completou as etapas necessárias para sua existência. Dessa forma, um ato complexo só se considerará completo ou perfeito quando forem exaradas todas as manifestações jurídicas de vontades dos órgãos necessários para a formação de um único ato.

Pode haver ato perfeito, porém inválido.

6.5.2. Ato válido

Ato válido é o ato que foi praticado de acordo com a lei, é um ato **sem vícios**. Ato válido, portanto, é sinônimo de atos sem irregularidades, o que não significa que ele já está produzindo os seus efeitos, conforme será visto logo adiante.

6.5.3. Ato eficaz

Ato eficaz é o ato que está apto a produzir os seus efeitos. Apesar de se tratar de um ato **apto a produzir efeitos**, o ato eficaz pode estar pendente de uma condição suspensiva, o que impediria a produção imediata de seus efeitos.

Não há que se confundir o ato eficaz com o ato perfeito. A perfeição está relacionada a existência do ato, enquanto a eficácia relaciona-se com capacidade para produzir efeitos.

Para melhor ilustrar essa distinção, valemo-nos do seguinte exemplo: caso a lei determine que para que um determinado ato venha a produzir efeitos é necessária sua publicação em Diário Oficial e ele venha a completar todas as etapas para sua existência, sem a publicação o ato será perfeito, mas não eficaz. Publicado, será perfeito e eficaz.

Ainda sobre a eficácia, Celso Antônio Bandeira de Mello assevera que a **eficácia** seria a "situação de disponibilidade para produção dos efeitos *típicos*, próprios, do ato".

Portanto, teríamos efeitos típicos e efeitos atípicos do ato administrativo.

No tocante aos efeitos típicos, também chamados de próprios, correspondem à tipologia específica do ato e seriam uma consequência lógica, como é o caso do desligamento de um servidor no caso de uma demissão. O ato administrativo é a demissão e o efeito típico seria o desligamento.

Por sua vez, os efeitos atípicos se dividem em:

a) Efeitos preliminares ou prodrômicos; e

b) Efeitos reflexos.

Efeito preliminar ou prodrômico seria aquele produzido enquanto perdura a situação de pendência do ato. O ato é eficaz, mas ainda

não é exequível, visto que depende da implementação de uma condição futura, como a homologação por outro órgão. Nessa situação, segundo Celso Antônio, o efeito atípico do ato seria acarretar para o órgão controlador a obrigação de emitir o ato de controle (homologar ou não).

Já o efeito reflexo, seria aquele que, indiretamente, atinge terceiros, que não figuram como destinatários do ato administrativo, como é o caso de um locatário do bem desapropriado. O sujeito passivo da desapropriação é o proprietário, mas inegavelmente o locatário foi atingido, por via reflexa, pelo ato expropriatório.

▸ **Como esse tema vem sendo abordado em questões subjetivas de concurso?**

(UFMT – Promotor de Justiça - MT/2012) Os atos administrativos possuem efeitos próprios e impróprios. Quais são estes últimos e o que os diferencia dos primeiros? Qual a importância da distinção entre esses dois tipos de efeitos? Fundamente as suas respostas.

6.5.4. Ato exequível

Ato exequível é aquele apto a produzir efeitos imediatamente. Ex.: um ato que completou suas etapas de formação e que foi publicado em janeiro, para começar a produzir seus efeitos no dia 15 de fevereiro, é eficaz desde o dia de sua publicação, mas só será exequível no dia 15 de fevereiro.

6.6. Atos constitutivos, declaratórios e ablatórios

6.6.1. Atos constitutivos

Atos administrativos constitutivos de direitos são aqueles cuja manifestação jurídica de vontade da Administração faz nascer um direito para o administrado, tais como a autorização de uso, a permissão de uso, a licença para condução de veículo motorizado, para construir, dentre outros.

Tal constituição pode-se dar no exercício do poder discricionário da Administração que verifica a conveniência e a oportunidade de emitir o ato constitutivo ou quando a Administração se limita a verificar se o administrado preenche os requisitos legais necessários à produção do ato administrativo. Nesse último caso, os atos administrativos são nomeados de **constitutivos-formais.**

6.6.2. *Atos declaratórios*

Atos administrativos declaratórios são as manifestações jurídicas de vontade da Administração que se limitam a afirmar a existência de um determinado direito do administrado. Não há ampliação nem restrição a direito, apenas a declaração de existência ou inexistência prévia de um direito.

Caso um particular ocupe legitimamente um determinado imóvel da União e receba uma notificação para desocupá-lo, sob o fundamento de que se trata de uso irregular de patrimônio público e, instaurado processo administrativo, venha a ser comprovada a regularidade da ocupação, a decisão administrativa será, meramente, declaratória de um direito preexistente do administrado, sem restringir ou ampliá-lo.

6.6.3. *Atos ablatórios ou ablativos*

Atos administrativos **ablatórios** ou **ablativos** são aqueles que **restringem direitos do administrado**, tais como a cassação de uma licença, revogação de ato administrativo, rescisão de contrato administrativo ou declaração de nulidade de um contrato administrativo.

6.7. Ato nulo, ato anulável e inexistente

6.7.1. *Ato nulo*

Ato nulo é o ato contaminado com vício insanável, eivado de nulidade absoluta, que não admite correção. Hely Lopes não concorda com a existência de atos anuláveis no Direito Administrativo, por entender que nunca o interesse privado possa se sobrepor ao público. Entretanto, a maioria da doutrina entende que, no Direito Administrativo, existe tanto o ato nulo quanto o anulável. O primeiro seria o que não admite convalidação, e o segundo o que pode ser sanado.

A declaração de nulidade do ato administrativo produz efeitos "**ex tunc**", retroagindo desde a data da sua produção.

▸ **Atenção!**

STJ (Informativo nº 320) e STF (RE 452.721-MT) entendem que, mesmo diante de um ato nulo, caso venha a se tratar de ato constitutivo ou ampliativo de direito, a Administração deverá observar o prévio processo administrativo, em que sejam observados o contraditório e a ampla defesa.

6.7.2. *Ato anulável*

Ato anulável é o ato contaminado com vício sanável, que admite convalidação.

A **convalidação** é a correção da irregularidade do ato administrativo. Também produz efeitos "**ex tunc**", retroagindo até a data em que foi praticado, só que para finalidade diversa, com a convalidação, o ato passa a ser regular desde o seu nascimento.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

O CESPE, no concurso para provimento do cargo de Procurador Federal-2003, considerou a seguinte assertiva como correta: "*Os atos que apresentarem defeitos sanáveis poderão ser convalidados pela própria administração em decisão na qual se evidencie não acarretarem lesão ao interesse público nem prejuízo a terceiro*".

A Administração não pode convalidar um ato anulável que tenha sido objeto de impugnação administrativa ou judicial.

Excetuam-se os casos de motivação tardia de ato vinculado, após a impugnação do ato.

▸ **Atenção!**

Diante de um ato anulável, a Administração deverá convalidá-lo, não sendo discricionária tal decisão, salvo nos casos de atos discricionários expedidos por autoridade incompetente. Nesses casos, não se pode obrigar a autoridade competente para a prática do ato a agir da mesma forma que a pessoa incompetente.

Uma indagação relevante consiste em saber que tipo de irregularidade pode ser convalidada e qual não admite convalidação, em outras palavras, que tipo de vício será considerado sanável e qual será insanável? Conforme já estudado, os atos administrativos são formados com os seguintes elementos: **competência, finalidade, forma, motivo** e **objeto**, o que significa que o vício estará presente em um ou alguns desses elementos.

▸ **Atenção!**

Cumpre registrar que a Lei nº 9.784/99, em seu artigo 55, ao tratar sobre a convalidação dos atos administrativos, não a restringe a vícios neste ou naquele elemento do ato. Nesta esteira, parte da doutrina defende a possibilidade de a Administração Pública convalidar

atos administrativos nos quais se verifiquem a ocorrência de "defeitos sanáveis", de menor gravidade, sem qualquer restrição ao elemento do ato administrativo no qual este vício seja identificado. Lucas Furtado, por exemplo, defende que não é adequada a definição prévia sobre em quais elementos do ato administrativo recaem defeitos tidos por sanáveis, uma vez que a Lei de regência não fez tal restrição

Nada obstante, trataremos abaixo da posição abraçada pela doutrina tradicional, ainda exigida pelas bancas.

Os vícios relacionados à **competência** admitem convalidação (nesse caso, também chamada de ratificação), desde que não se trate de matéria de competência exclusiva, quando a irregularidade será considerada insanável. Ex.: se determinado ato foi assinado pelo Secretário Executivo de uma determinada pasta, quando a lei determina o ministro como autoridade competente, essa irregularidade pode ser suprida com a ratificação do ato pelo Ministro, todavia, se a lei confere competência para a prática de um ato ao Ministro do Meio Ambiente e quem o pratica é o Ministro dos Transportes, tal ato não será passível de convalidação, por se tratar de matéria de competência exclusiva.

No que concerne aos vícios relacionados à **forma**, a convalidação é possível desde que a mesma não seja considerada essencial à validade do ato. Ex.: se a lei determina que deva ocorrer a **notificação** por escrito do acusado em processo administrativo e ocorre a **intimação** por escrito, trata-se de mero erro formal incapaz de nulificar o processo. No entanto, se a **notificação** ocorrer verbalmente, tem-se vício insanável, por ser a forma escrita essencial para a validade do ato.

Portanto, quando a forma determinada pelo legislador não interferir nos direitos ou garantias do administrado a sua inobservância não implicará em nulidade do ato, mas em vício plenamente sanável, que poderá resultar na responsabilização funcional do agente público descuidado, vez que a intenção do legislador era de uniformizar os procedimentos administrativos.

▸ **Atenção!**

A inexistência da forma significa inexistência do próprio ato.

Quando a forma for estipulada como garantia de direito individual, será considerada essencial para a validade do ato.

Quando o **motivo** ou a **finalidade** estiverem viciados, o ato nunca poderá ser convalidado.

O **objeto**, quando ilegal, também não poderá ser convalidado, sendo admitida, apenas, a **conversão**, que é a transformação de um ato inválido em ato de outra categoria, com efeitos retroativos à data do ato original. O exemplo clássico é o da concessão de uso materializada sem licitação, quando a lei a exige. Nesse caso, a concessão de uso pode ser convertida em autorização ou permissão de uso, institutos precários e que, portanto, prescindem de licitação.

6.7.3. Ato Inexistente

Ato inexistente é o ato que guarda, apenas, a aparência de ato administrativo, mas retrata, na verdade, uma conduta criminosa. Ex.: ato praticado por um usurpador de função pública ou licença para funcionamento de uma casa de prostituição ou venda de entorpecentes.

▸ **Atenção!**

A diferença ente os atos nulos e os inexistentes é que o ato nulo pode ser convalidado pela prescrição, enquanto o ato inexistente nunca poderá ser convalidado, além de admitir o direito de resistência contra eles.

7. ESPÉCIES DE ATOS ADMINISTRATIVOS

7.1. Atos normativos

Os atos administrativos normativos são manifestações abstratas de vontade do Poder Público para destinatários indeterminados, porém determináveis.

Os atos normativos podem ser considerados como **leis em sentido material** e **atos administrativos em sentido formal**. Na sua essência tais atos não possuem o caráter individualizador, típico dos atos administrativos, revestindo-se, na verdade, da generalidade das leis.

Os atos normativos, portanto, são normas, mas não são leis em sentido estrito. Produzidos pela Administração Pública, não podem inovar no ordenamento jurídico, criando direitos ou deveres para os administrados.

Quando o conteúdo normativo possuir aplicação geral, presumem-se legalmente constituídos e devidamente publicados quando inseridos no Diário Oficial da União, sem necessidade de intimação pessoal dos administrados (STJ, MS 14.686/DF, DJe 20/09/2017).

Os atos normativos devem ser expedidos sempre que a lei necessitar de uma melhor orientação para o seu cumprimento, sendo correto afirmar que nem toda lei precisa ser regulamentada, mas toda lei pode ser regulamentada.

Apesar de a função regulamentar ser a mais evidente nos atos normativos, cumpre destacar que a EC nº 32/2001, possibilitou a edição de decretos pelo Chefe do Poder Executivo federal de caráter autônomo, decretos que não visam explicar a execução de lei, mas tratar de assunto que, *a priori*, deveria ser de competência do Poder Legislativo.

Os doutrinadores administrativistas costumam apontar as hipóteses descritas nas alíneas "a" e "b", do inciso VI, do art. 84, da Constituição Federal de 1988 como autorizadoras de expedição do decreto autônomo, a saber:

- Organização e funcionamento da Administração federal, desde que não implique aumento de despesa nem criação ou extinção de órgãos públicos; e
- Extinção de cargos ou funções públicas, quando vagos.

Em nosso entender, a hipótese da alínea "a" não descreve o exercício do poder normativo com caráter autônomo, mas do poder hierárquico, tendo em vista que, se não há aumento de despesa, nem criação ou extinção de órgão público, o Chefe do Poder Executivo estará organizando o funcionamento da estrutura administrativa, exercendo o seu poder hierárquico.

Já na alínea "b" temos típico ato normativo autônomo, já que os cargos e funções públicas são criados por lei e só por lei poderiam ser extintos, não fosse a autorização constitucional em testilha, que faculta a extinção, pela via do decreto, quando eles estiverem vagos.

São exemplos de atos normativos:

- **Decretos.** São atos de competência privativa do Chefe do Poder Executivo. A Constituição Federal estabelece em seu art. 84, inciso IV, que o Presidente da República pode expedir decretos e regulamentos para sua fiel execução. Tratam-se dos **decretos regulamentares ou de execução**, que não podem ultrapassar, nem contrariar o disposto em lei, nem criar direito ou obrigação. É exemplo dessa modalidade o Decreto nº 5.450/2005, que regulamenta o pregão eletrônico.

Há, também os decretos autônomos, previstos no inciso VI, alíneas "a" e "b", do já citado art. 84, que tratam da possibilidade do Presidente da República (leia-se chefe do Poder Executivo da União, Estados, Distrito Federal e Municípios) já explicados acima.

- **Regulamentos.** Assim como os decretos, os regulamentos visam detalhar, explicar a correta execução de uma lei administrativa. Entendemos conforme José dos Santos Carvalho Filho, que os regulamentos, apesar de indicados no art. 84, IV da Constituição Federal, não constituem espécie autônoma, mas sim um apêndice de decreto, que normalmente se limitam a aprovar as regras estabelecidas em um regulamento.
- **Resoluções e Instruções Normativas.** São atos normativos gerais ou individuais, emanados de autoridades de elevado escalão administrativo, como ministros e secretários estaduais e municipais, que buscam uniformizar o procedimento administrativo ou explicar a execução de leis, decretos e regulamentos na suas respectivas pastas (art. 87, inciso II, da CF).

7.2. Atos ordinatórios

Os **atos administrativos ordinatórios** são comandos expedidos pela autoridade administrativa de hierarquia superior para os seus subordinados. Possuem como fundamento o poder hierárquico e não podem contrariar as determinações contidas nos atos normativos.

Os atos administrativos ordinatórios só possuem incidência no âmbito da própria Administração, não podendo obrigar os particulares. Ademais, só alcançam os servidores que estão subordinados hierarquicamente à autoridade que os expediu, que estão obrigados a seguir fielmente às suas determinações, sob pena de cometimento de ilícito funcional, ressalvadas as ordens eminentemente ilegais, tal como a ordem de um delegado para que um policial civil torture um acusado a fim de obter uma confissão.

São exemplos de atos ordinatórios:

- **Portarias.** São atos administrativos por meio dos quais as autoridades administrativas expedem ordens gerais ou específicas aos seus subordinados ou determinam a abertura de processo administrativo, sindicância e até nomeação de servidores.

Atenção!

Apesar de tradicionalmente as portarias estarem inseridas na categoria de atos ordinatórios, não é incomum que altas autoridades administrativas emitam normatizações de situações por meio de portaria. Assim sendo, o que importa é a natureza jurídica do ato e não a sua terminologia.

- **Ordens de serviço.** São comandos gerais expedidos para disciplinar a forma de condução de determinada atividade. Por exemplo, por intermédio de uma ordem de serviço o Procurador-Chefe pode determinar a forma de distribuição dos processos na procuradoria.
- **Circulares.** Usualmente são atos administrativos que expõem e esclarecem um comando, uma ordem específica para execução de determinado serviço.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador da Fazenda Nacional-2012, com questão que possuía o enunciado: "À luz da tradicional doutrina administrativista, é possível identificar, como espécie de ato administrativo, o chamado ato ordinatório, que tem, como um de seus exemplos".

Foi considerada **correta** a alternativa: c) as circulares

7.3. Atos negociais

Os **atos administrativos negociais** são manifestações da Administração que coincidem com a pretensão de particulares.

Os atos negociais não se confundem com os contratos administrativos, pois nestes há manifestação bilateral de vontade das partes, enquanto naqueles a Administração manifesta unilateralmente sua concordância ou o seu consentimento à pretensão do administrado.

Os atos negociais podem ser discricionários quando a Administração analisando os aspectos da conveniência e oportunidade decide fundamentadamente se atende ao interesse público aquiescer à pretensão do administrado.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Defensor Público Federal-2015, a seguinte assertiva foi considerada correta:

Os atos administrativos negociais são também considerados atos de consentimento, uma vez que são editados a pedido do particular como forma de viabilizar o exercício de determinada atividade ou a utilização de bens públicos.

Quando o legislador define requisitos que uma vez preenchidos conferem direito ao administrado ao ato negocial não há discricionariedade, mas vinculação da Administração á vontade da lei, cabendo apenas analisar o preenchimento das condições legais.

São exemplos de atos negociais:

- **AUTORIZAÇÃO** – É o ato administrativo **unilateral, discricionário** e **precário** pelo qual a Administração faculta o uso de bem público a particular para atender ao seu interesse privado ou faculta a prestação de serviço público, ou ainda para a prática de determinada conduta que desautorizada seria considerada ilícita. Exemplo da primeira situação seria a interdição de rua para evento festivo. Exemplo da segunda situação seria a autorização para taxistas. Exemplo da terceira situação seria a autorização para portar arma.

Como a autorização é expedida em caráter extremamente precário, a Administração por razões de conveniência e oportunidade pode revogá-la a qualquer tempo, sem que surja para o particular direito à indenização.

- **PERMISSÃO** – É também ato administrativo **unilateral, discricionário** e **precário** pelo qual a Administração faculta o uso de bem público a particular, mas diferencia-se da autorização por visar atender a interesse do particular e da coletividade.

Cumpre destacar que a permissão de serviços públicos NÃO é ato administrativo unilateral, mas contrato administrativo, conforme dispõe o art. 40, da Lei das Concessões e Permissões de Serviço Público (Lei nº 8.987/95).

- **LICENÇA** – É o ato administrativo vinculado pelo qual a Administração, após verificar que o administrado preenche todos os requisitos estabelecidos pela lei, libera o desempenho de atividade (licença para construir, para conduzir veículo motorizado).

▸ **Atenção!**

Por se tratar de ato vinculado individual a licença não admite, normalmente, revogação. Todavia, o STF vem entendendo que não fere direito adquirido decisão que, no curso do processo de pedido de licença de construção, em projeto de licenciamento, estabelece novas regras de ocupação de solo, ressalvando-se ao prejudicado o direito à indenização dos prejuízos efetivamente suportados pelo administrado (**RE nº 212.780-RJ, Rel. Min. Ilmar Galvão**).

7.4. Atos enunciativos.

Segundo Diogo Figueiredo Moreira Neto, atos enunciativos são todos aqueles em que a Administração se restringe a certificar ou a atestar um fato constante de registros, processos e arquivos públicos ou emitir opinião sobre determinado assunto.

São exemplos de atos enunciativos:

- **CERTIDÕES** - são cópias dotadas de fé pública de registro de alguma informação de que disponha a Administração em seus arquivos, expedidas em razão de solicitação do requerente. Podem ser de inteiro teor, quando reproduzem todo o conteúdo ou resumidas, quando apenas as informações mais relevantes são reproduzidas. Ex.: certidão de regularidade perante a fazenda pública federal, perante o INSS ou com as obrigações referentes ao FGTS.
- **ATESTADOS** - São atos pelos quais a Administração declara a existência de um fato ou uma situação de que tenha conhecimento. Difere da certidão, haja vista que as certidões se referem a registros administrativos, enquanto o atestado visa a comprovar, normalmente, situações transitórias. Ex: atestado de incapacidade física decorrente de enfermidade que acomete servidor, emitida por junta médica.
- **PARECERES OU NOTAS TÉCNICAS** - São manifestações dos órgãos técnicos da Administração que retratam a opinião sobre determinado tema submetido à sua apreciação e que visam orientar o gestor na tomada de decisões. Tais manifestações devem obrigatoriamente ser observadas quando a lei lhes confere caráter vinculativo, como é o caso do art. 38, parágrafo único da Lei nº 8.666/93, que determina que os editais de licitação e contratos administrativos devem ser **aprovados** pelo órgão jurídico competente. Nessas situações a opinião da consultoria jurídica será vinculante.

Quando a lei não conferir obrigatoriedade o parecer será mera opinião técnica que admite entendimento contrário da autoridade competente que, nesses casos, deverá fundamentar seu entendimento divergente.

7.5. Atos punitivos.

São os instrumentos por meio dos quais a Administração aplica uma sanção a servidores ou aos administrados.

A capacidade para a aplicação de **atos punitivos** decorre do poder de polícia administrativo, do poder disciplinar e independem de prévia anuência do Poder Judiciário, que sempre poderá exercer controle sobre os aspectos da legalidade e da proporcionalidade da sanção aplicada.

Outra característica dos atos punitivos é que sua aplicação deve decorrer de expressa previsão legal ou de situações em que se exige uma atuação imediata da Administração, sob pena de comprometimento irreversível do interesse da coletividade. Em tais casos, entende-se que há autorização legal implícita, como a do imóvel que ameaça ruir a qualquer momento, ameaçando a vida, integridade física dos vizinhos e transeuntes. Ainda que não haja autorização específica, poderá a Administração proceder a demolição imediata do imóvel.

São exemplos de atos punitivos:

- **MULTAS** – Sanções de natureza pecuniária impostas em razão de regra estabelecida pela Administração. Sua execução não se dará por meio coercitivo administrativo, devendo haver execução judicial.
- **INTERDIÇÃO DE ATIVIDADES** – Determinação administrativa de proibição de atividade que contraria suas determinações, tais como estabelecimento que venda produtos consumíveis, com o prazo de validade vencido. Admite a autoexecutoriedade.
- **DESTRUIÇÃO DE COISAS E DEMOLIÇÃO ADMINISTRATIVA** – Ato administrativo autoexecutável de destruição ou demolição de bens móveis ou imóveis nocivos à saúde ou segurança da sociedade.

Espécies de atos administrativos
Atos normativos
Atos ordinatórios
Atos negociais
Atos enunciativos
Atos punitivos

8. INVALIDAÇÃO DOS ATOS ADMINISTRATIVOS

Os atos administrativos podem ser invalidados pela própria Administração ou pelo Poder Judiciário.

- **Administração Pública**. Pode invalidar os seus atos sob o aspecto da **conveniência** e **oportunidade** ou, ainda, em face de sua **ilegalidade**.
- **Poder Judiciário**. Quando provocado, só poderá apreciar o ato administrativo sob o aspecto de sua legitimidade, sendo-lhe vedado substituir o gestor quanto ao mérito do ato administrativo.

8.1. Revogação

Revogação é a invalidação do ato administrativo por razões de conveniência ou oportunidade da Administração.

A revogação pode ser expressa ou tácita, será explícita quando a autoridade competente manifestar o seu desejo de desfazer um ato discricionário válido, será implícita quando a autoridade praticar ato incompatível com ato anterior.

Na revogação, a Administração revê o seu julgamento acerca do mérito do ato administrativo, que passa a ser interpretado como inconveniente, revelando-se necessária a sua retirada do mundo jurídico. Apenas os atos administrativos discricionários admitem revogação, vez que, apenas esses envolvem mérito administrativo passível de aferição pela autoridade administrativa.

Será competente para revogar o ato administrativo tanto a autoridade prolatora quanto outra hierarquicamente superior.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Procurador junto ao TCE/SC-2010, foi considerada **incorreta**, a seguinte assertiva: *"A revogação é ato exclusivo da autoridade que produziu o ato administrativo em causa, não se inserindo entre os poderes conferidos pela hierarquia"*.

▸ **Atenção!**

Só a Administração pode revogar seus atos e apenas os atos válidos podem ser revogados, haja vista que, se o ato for inválido, só caberá a sua anulação, não havendo que falar em critérios de conveniência e oportunidade.

José dos Santos Carvalho Filho, com propriedade, elenca cinco hipóteses de atos administrativos que são insuscetíveis de revogação:

1) **os atos que exauriram os seus efeitos** (ex: ato que deferiu as férias já gozadas de servidor);

2) **atos vinculados** (já explicado acima);

3) **atos que geraram direito adquirido** (seriam os atos individuais - vide item 6.1.2, tais como o ato que concede uma licença ambiental);

4) **atos integrativos**, que são aqueles que integram um processo ou procedimento administrativo, em face da preclusão administrativa;

5) **meros atos administrativos** como pareceres, certidões e atestados.

Pode ser adicionado ao elenco acima a peculiar situação dos atos complexos, tendo em vista que sua formação depende da demonstração de vontade de mais de um órgão e sua revogação não pode ocorrer pela manifestação de vontade de apenas um órgão.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Em concurso realizado pelo CESPE, para provimento do cargo de Advogado da União-2012, a seguinte assertiva foi considerada correta: "Embora a revogação seja ato administrativo discricionário da administração, são insuscetíveis de revogação, entre outros, os atos vinculados, os que exaurirem os seus efeitos, os que gerarem direitos adquiridos e os chamados meros atos administrativos, como certidões e atestados".

No tocante aos **atos individuais**, há corrente de entendimento segundo a qual não se estaria, na verdade, suprimindo o direito de a Administração revogar os atos que considerar contrários ao interesse público, mas protegendo o direito individual do administrado, admitindo-se a revogação de ato administrativo individual que viesse a se opor ao interesse público, desde que a Administração venha a promover uma indenização completa dos prejuízos suportados pelo administrado.

O exemplo que ilustra essa situação seria o da licença para construir determinado tipo de edificação que, antes da construção, venha a contrariar o novo plano diretor do município o qual não mais autoriza edificação contemplada pela licença. Haveria a revogação da licença com a indenização dos prejuízos.

Outra corrente doutrinária, todavia, entende, com maior propriedade, que, no caso retratado, não haveria que se falar em revogação de ato administrativo individual, mas de desapropriação do di-

reito de construir determinada edificação, que, também, pressupõe o pagamento prévio de uma justa indenização.

A revogação opera efeitos **"ex nunc"**, da data de sua revogação em diante, permanecendo válidos todos os efeitos anteriores, mesmo porque o ato era válido e válidos serão todos os seus efeitos, até o momento da revogação.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

Em concurso realizado pelo CESPE, para provimento do cargo de Procurador Federal-2010, a seguinte assertiva foi considerada incorreta: *"O ato administrativo pode ser inválido e, ainda assim, eficaz, quando, apesar de não se achar conformado às exigências normativas, produzir os efeitos que lhe seriam inerentes, mas não é possível que o ato administrativo seja, ao mesmo tempo, perfeito, inválido e eficaz".*

Se houver revogação do ato que havia revogado o anterior, ocorrerá a **repristinação** da situação original, sem efeito retroativo. Significa que, caso haja revogação de um ato que revogou um determinado posicionamento da Administração que gerava direito a alguns administrados, haverá o retorno desse direito para os administrados a partir da revogação do ato revogador, vez que não há que se falar em direitos retroativos.

Revogação		
Competência	**Efeito**	**Hipóteses de cabimento**
Administração pública	*Ex nunc* (a partir da revogação)	Conveniência administrativa

8.2. Anulação

Anulação é a declaração de invalidade do ato administrativo produzido em desobediência à norma legal.

▸ **Atenção!**

Tanto a Administração quanto o Poder Judiciário podem anular os atos administrativos ilegais, sejam eles vinculados ou discricionários.

O Poder Judiciário, dentro da sua competência de fiscalizar a atuação da Administração, pode, inclusive, adentrar na análise do mérito administrativo visando aferir sua adequação a princípios constitucionais ou do direito administrativo, tais como o princípio da

moralidade ou da razoabilidade, mas jamais poderá o Poder Judiciário substituir o mérito do administrador pelo mérito do julgador, vez que um Poder não pode usurpar a competência do outro. Se o Legislativo outorgou competência para que a Administração escolha o momento e o objeto do ato administrativo, tal faculdade é exclusiva da Administração.

No entanto, a impossibilidade de substituição do mérito administrativo não pode ser confundida com a verificação, por parte do Poder Judiciário, da observância das leis e dos princípios que regem os atos administrativos.

Nessas situações, trata-se de aferição não só da **legalidade**, mas da **legitimidade** (conformidade com as normas e princípios) do ato administrativo.

▸ **Atenção!**

O Poder Judiciário pode adentrar no mérito administrativo para verificar a sua conformidade com as leis e os princípios que regem a Administração e o Direito Administrativo.

Trata-se de tema que, ainda hoje, carrega acalorados debates, vez que as bancas de concurso e a própria jurisprudência não se encontram alinhadas em um único discurso, senão vejamos os trechos das seguintes ementas do STJ:

> - ***O STJ tem jurisprudência firmada no sentido de que não cabe ao Poder Judiciário analisar o mérito administrativo,*** *mas somente aferir a regularidade do procedimento e a legalidade do ato de demissão. (MS 12660/DF, Rel Min Marilza Maynard - Desembargadora Convocada do TJ/SE - data da publicação 22/08/2014)*
>
> *5.* ***Neste diapasão, cabe relembrar que compete ao Poder Judiciário imiscuir-se no mérito do ato administrativo, ainda que discricionário, para averiguar os aspectos de legalidade do ato, mormente quando as questões de cunho eminentemente ambientais demostram a incúria da Administração em salvaguardar o meio ambiente.*** (AgRg no AREsp 476067/SP, Relator Ministro Humberto Martins - Data da Publicação/Fonte DJe 28/05/2014)

Pode-se perceber que a depender do caso concreto a Corte Cidadã ora entende que é possível ao Poder Judiciário analisar o mérito do ato administrativo, ora entende pela impossibilidade.

Apesar de nos filiarmos ao entendimento de que é possível ao Poder Judiciário a análise do mérito administrativo, sobretudo para a aferição da adequação dos princípios constitucionais da Administração Pública e do direito administrativo ao caso concreto, não sendo admissível a substituição do mérito administrativo pelo mérito judicial, ressaltamos que, em não raras oportunidades, as bancas de concurso consideram ser vedado ao Judiciário adentrar no mérito do ato administrativo.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz Federal da 5ª Região-2009, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *"Cada vez mais a doutrina e a jurisprudência caminham no sentido de admitir o controle judicial do ato discricionário. Essa evolução tem o propósito de substituir a discricionariedade do administrador pela do Poder Judiciário".*

▸ Como esse tema foi abordado em questões subjetivas?

(TJ/MS – Juiz de Direito - MS/2010) Segundo o entendimento jurídico predominante, o controle judicial do ato administrativo (ainda que praticado em nome de alguma discricionariedade) permite o exame dos motivos? Justifique.

Enquanto o Poder Judiciário necessita ser provocado acerca da ilegalidade do ato administrativo, a Administração Pública, em face do seu poder de **autotutela**, ainda que não tenha sido provocada, tem o dever de anular os seus atos eivados de nulidade insanável.

A **anulação** opera efeitos **"ex tunc"**, retroagindo à época em que o mesmo fora praticado, invalidando os efeitos passados, presentes ou futuros do ato anulado.

Apesar da regra geral acima, jurisprudência e doutrina concordam que há situações em que as circunstâncias específicas podem recomendar que, apesar de nulo o ato desde o seu nascimento, sua anulação venha a operar efeitos "ex nunc". Celso Antônio Bandeira de Mello ensina que caso o ato viciado seja restritivo de direitos a declaração de sua nulidade terá efeitos retroativos, mas caso se trate de atos ampliativos de direitos contaminados com vício insanável, a declaração de sua nulidade valerá dali por diante.

Quando se afirma que os atos nulos podem ser invalidados a qualquer tempo, quer-se, na verdade, afirmar que podem ser inva-

lidados desde que não tenha ocorrido a **decadência** (alguns autores nomeiam de **prescrição**), pois diante da decadência administrativa e judicial, ocorre a convalidação pelo decurso do tempo, estabilizando as relações jurídicas.

A Lei nº 9.784/99, que regula o processo administrativo federal, estipula em seu art. 54 que "o direito da Administração de anular os atos administrativos de que decorram efeitos favoráveis para os destinatários decai em cinco anos, contados da data em que foram praticados, salvo comprovada má-fé".

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Delegado de Polícia – MT/2017, questão que tratava da seguinte situação "Em março de 2017, o governo de determinado estado da Federação declarou nulo ato que, de boa-fé, havia concedido vantagem pecuniária indevida aos ocupantes de determinado cargo a partir de janeiro de 2011. Nessa situação hipotética," indicou como correta a seguinte assertiva: "a declaração de nulidade do ato é nula de pleno direito, pois ocorreu a decadência do direito."

Por sua vez, o TCU, modificando seu tradicional entendimento, editou a Súmula nº 249, que possui a seguinte redação: "é dispensável a reposição da quantia indevidamente percebida de boa-fé, em virtude de erro escusável de interpretação de lei por parte da Administração, à vista da presunção de legalidade do ato administrativo e do caráter alimentar das parcelas salariais".

Também nesse sentido, o entendimento da quinta turma do STJ, segundo a qual *descabe a restituição dos valores de gratificação percebidos de boa-fé pelo servidor, mas pagos em decorrência de errônea interpretação ou má aplicação da lei pela Administração.* (Resp. 488.905-RS).

No que concerne à **teoria do "fato consumado"**, esta seria a convalidação de uma ilegalidade pela consolidação da situação de fato. O STJ e o STF rejeitam sua aplicação, quando decorrente de provimentos judiciais provisórios (Agr. RMS 23.544). Todavia, essa teoria vem sendo acolhida em situações excepcionais, como, por exemplo, no caso de uma liminar que autoriza a transferência de estudante de uma universidade privada para uma pública, cujo julgamento do mérito, pela ilegalidade de tal transferência, só venha a ocorrer após a conclusão do curso (Ag-RE 429.906-SC).

Em sentido contrário, o STJ decidiu em 2017 (EREsp 1.157.628-R) que a "teoria do fato consumado" não pode ser aplicada para con-

solidar remoção de servidor público destinada a acompanhamento de cônjuge, em hipótese que não se adequa à legalidade estrita, ainda que tal situação haja perdurado por vários anos em virtude de decisão liminar não confirmada por ocasião do julgamento de mérito.

A declaração de ilegalidade dos atos individuais exige a instauração de processo administrativo, assegurando-se o contraditório e a ampla defesa aos administrados que venham a sofrer lesão em seu direito. Nesse sentido a Súmula vinculante nº 03, do STF que dispõe: *"Nos processos perante o Tribunal de Contas da União asseguram-se o contraditório e a ampla defesa quando da decisão puder resultar anulação ou revogação de ato administrativo que beneficie o interessado, excetuada a apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão"*.

A exigência de prévia notificação do interessado e do devido processo legal não podem constituir exigência quando se tratar de anulação de ato administrativo geral, face à impossibilidade de identificação de todos os possíveis afetados.

Verificando-se que há vício insanável em ato administrativo individual, que gere direito subjetivo a destinatários identificados, para sua invalidação será necessária a abertura de processo administrativo instaurado com a notificação dos afetados e com observância dos princípios do contraditório e da ampla defesa, sob pena de nulidade da declaração de ilegalidade.

Noutro prisma, quando o vício insanável atingir um ato geral, não será necessário processo administrativo prévio, tendo em vista o caráter abstrato do ato geral.

8.2.1. Cassação

A **cassação** é espécie do gênero anulação e consiste em invalidar um ato que nasceu regular, mas se tornou irregular no momento de sua execução. Podemos citar como exemplo a expedição de alvará de construção que foi concedido regularmente, mas é cassado em face de irregularidade no momento de sua execução.

Ainda que o ato administrativo tenha nascido sem vício, a irregularidade posterior impõe sua cassação que possuirá efeitos "ex tunc", retroagindo à data da prolação do ato viciado.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de analista judiciário – área judiciária – TER-RJ/2012, foi considerada **incorreta** a seguinte assertiva: "Tratando-se de nulidade superveniente, os efeitos da declaração de nulidade de determinado ato administrativo não retroagem".

Anulação		
Competência	**Efeito**	**Hipóteses de cabimento**
– Administração pública e – Poder Judiciário	*Ex tunc* (retroage à data de produção do ato anulado)	Vício insanável

8.2.2. *Outras formas de invalidação*

Também podem ser consideradas como formas de invalidação dos atos administrativos:

CADUCIDADE – o ato administrativo é invalidado em face de uma norma jurídica posterior que traz como consequência expressa ou tácita a impossibilidade de manutenção do ato até então válido. Ex.: Lei que proíbe determinada permissão de uso que, até então, era regularmente outorgada pela administração.

CONTRAPOSIÇÃO OU DERRUBADA – a extinção do ato administrativo decorre da edição de novo ato que produz efeito contraposto. Diante da contradição dos efeitos entre os dois atos administrativos prevalece apenas o ato mais recente, com a consequente invalidação do mais antigo.

RENÚNCIA – é a modalidade de extinção que alcança apenas os atos constitutivos, também chamados de ampliativos, vez que o beneficiário pode se recusar a ser o detentor do direito, tal como ocorre quando o detentor de uma permissão de uso de bem público não mais a deseja.

RECUSA – A recusa ocorre quando o beneficiário do ato administrativo rejeita os efeitos que o ato iria produzir. O ato ainda não está produzindo efeitos e, para tanto, necessitaria da concordância do destinatário que os recusa, invalidando o ato administrativo.

9. SÚMULAS DO STF

- **Súmula Vinculante 3.** Nos processos perante o tribunal de contas da união asseguram-se o contraditório e a ampla defesa quando

da decisão puder resultar anulação ou revogação de ato administrativo que beneficie o interessado, excetuada a apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão.

- **Súmula 346.** A administração pública pode declarar a nulidade dos seus próprios atos.
- **Súmula 473.** A administração pode anular seus próprios atos, quando eivados de vícios que os tornam ilegais, porque deles não se originam direitos; ou revogá-los, por motivo de conveniência ou oportunidade, respeitados os direitos adquiridos, e ressalvada, em todos os casos, a apreciação judicial.
- **Súmula 683** "o limite de idade para a inscrição em concurso público só se legitima em face do art. 7º, XXX, da constituição, quando possa ser justificado pela natureza das atribuições do cargo a ser preenchido".
- **Súmula 684.** É inconstitucional o veto não motivado à participação de candidato a concurso público.

Capítulo 6

Poderes administrativos

Fernando Baltar

1. INTRODUÇÃO

Para que o Estado possa exercer as suas atribuições constitucionais, o nosso ordenamento jurídico atribui aos entes públicos, detentores da responsabilidade de tutelar o interesse público e de sobrepô-lo aos interesses individuais, certas prerrogativas, que aqui chamaremos de **poderes**, constituindo-se em verdadeira obrigação imposta ao Estado de buscar a satisfação do interesse da coletividade.

Os poderes da Administração se constituem em verdadeiras **faculdades-obrigações**, não havendo para a autoridade administrativa a possibilidade de exercer ou não as faculdades que a lei lhe outorgou. Se há a possibilidade de agir, deve-se entender como um dever administrativo. São os poderes-deveres da Administração.

Segundo Hely Lopes Meirelles "se para o particular o poder de agir é uma faculdade, para o administrador público é uma obrigação de atuar, desde que se apresente o ensejo de exercitá-lo em benefício da coletividade". Por sua vez, José dos Santos Carvalho Filho, conceitua os poderes administrativos como "o conjunto de prerrogativas de direito público que a ordem jurídica confere aos agentes administrativos para o fim de permitir que o Estado alcance seus fins".

Como consequência, pode-se afirmar que os poderes administrativos são **irrenunciáveis e indisponíveis**, razão pela qual a omissão do agente público caracteriza abuso de poder pela autoridade administrativa.

Poder-dever da administração	
Irrenunciáveis	Obrigatoriedade do seu exercício

Conforme já asseverado no tópico de atos administrativos, **abuso de poder** é o gênero do qual são espécies o **desvio** e o **excesso** de poder.

- Haverá **desvio de poder** quando o agente público, embora agindo dentro de sua competência, desvia-se dos fins previstos pelo legislador.
- Já o **excesso de poder** restará configurado quando o agente público agir fora dos limites de sua competência.

Não há um consenso entre os autores sobre a adequada classificação dos poderes da Administração. Assim, alguns doutrinadores, como Hely Lopes Meirelles, inserem nesse capítulo os Poderes Discricionário e Vinculado, enquanto outros entendem que a vinculação e a discricionariedade devem ser interpretadas como uma característica da atividade administrativa e não como um poder autônomo.

Realmente, a Administração no desempenho dos poderes regulamentar, hierárquico, disciplinar e de polícia poderá, em algumas situações, aferir os critérios de conveniência, oportunidade e conteúdo e, em outras, deverá se limitar a cumprir a vontade do legislador que definiu previamente qual deveria ser a conduta administrativa diante do caso concreto.

No que concerne à discricionariedade e à vinculação, remetemos o leitor ao pertinente tópico, no capítulo que trata sobre os **atos administrativos**.

Conforme a maioria dos autores, os poderes da administração podem ser classificados em:

I) Poder Regulamentar;

II) Poder Hierárquico;

III) Poder Disciplinar;

IV) Poder de Polícia.

2. PODER REGULAMENTAR

A Constituição Federal de 1988 estabelece a separação de poderes, conferindo ao Poder Legislativo a função típica de criar direitos e obrigações por meio de normas, mas a Administração Pública, também por determinação constitucional, possui competência atípica

normativa, o que significa que a Administração Pública também poderá editar normas, desde que não venha a usurpar a competência do Poder Legislativo.

Portanto, os atos administrativos regulamentares só podem ser expedidos *secundum legem* (de acordo com a lei), não se admitindo exercício do poder regulamentar *ultra legem* (além do que está estabelecido na lei) ou *contra legem* (contrária à lei). Disso deriva a impossibilidade de que os atos administrativos regulamentares inovem em nosso ordenamento jurídico, criando direitos ou obrigações. Deve-se respeito ao disposto no art. 5º, inciso II, da Constituição Federal, segundo o qual: "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei".

Pontes de Miranda já afirmava que: "onde se estabelecem, alteram ou extinguem direitos não há regulamentos – há abuso do poder regulamentar, invasão de competência legislativa. O regulamento não é mais do que auxiliar das leis, auxiliar que sói pretender, não raro, o lugar delas, mas sem que possa, com tal desenvoltura, justificar-se e lograr que o levem à categoria de lei".

As chamadas **obrigações primárias** são aquelas impostas pela lei, enquanto as **obrigações subsidiárias** são os requisitos que devem ser observados pelos administrados para que se faça *jus* a determinado direito estabelecido em lei. São exemplos de obrigações subsidiárias os regulamentos do imposto de renda, que dispõe sobre os formulários em que serão inseridas as informações da declaração.

Em outras palavras a criação de direitos e obrigações decorre de lei (ato normativo primário), podendo o decreto ou outro ato administrativo regulamentar (ato normativo derivado) estabelecer requisitos para observância dos direitos legais.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz Substituto-AM/2016, realizado pelo CESPE, foi considerada correta a seguinte assertiva: "Poder regulamentar é a prerrogativa concedida à administração pública de editar atos gerais para complementar as leis e permitir a sua efetiva aplicação."

Outra hipótese ocorreria quando o legislador edita **normas abertas.** Elas são aquelas com definição ampla, que dependem de norma posterior para que possuam aplicabilidade. Como exemplo, podemos citar os regulamentos que indicam quais os requisitos para

transporte de cargas inflamáveis, quando o legislador estabelece restrições ao transporte desses produtos.

As espécies de decretos mais citados pelos doutrinadores nacionais são:

1. Decreto de execução ou regulamentar;
2. Decreto autorizado; e
3. Decreto autônomo.

Conforme já mencionado, **o decreto de execução ou regulamentar** se restringe a explicar como se dará a fiel execução da lei, ainda que esta não exija, restringindo-se aos limites e ao conteúdo estabelecidos na norma legal primária.

O decreto ou regulamento autorizado também chamado de **delegado** é o que regulamenta a lei em face de sua determinação expressa. A lei estabelece os limites e os contornos da matéria a ser regulamentada, mas transfere para o Poder Executivo a fixação de normas técnicas para a sua execução. José dos Santos Carvalho Filho nos brinda com o seguinte exemplo: "se a lei concede algum benefício mediante a comprovação de determinado fato jurídico, pode o ato regulamentar indicar quais documentos o interessado estará obrigado a apresentar".

Contudo, o Supremo Tribunal Federal possui entendimento pacífico no sentido que essa delegação não pode implicar em uma delegação da função legislativa, nomeada de **"delegação em branco"**, em respeito ao princípio constitucional da separação dos poderes.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para advogado do BESC-2004, com a seguinte ementa: *O Prefeito de determinado Município no interior do Estado de Santa Catarina edita normas gerais e abstratas para viabilizar o fiel cumprimento da lei. Este ato está baseado em seu poder:* foi considerada correta a seguinte assertiva: *a) regulamentar.*

Além do Decreto Regulamentar e do Decreto Autorizado, deve-se atentar para o **Decreto Autônomo**, que seria o decreto que trata de matéria de lei.

Os doutrinadores administrativistas costumam apontar as hipóteses descritas nas alíneas "a" e "b", do inciso VI, do art. 84, da

Constituição Federal de 1988 como autorizadoras de expedição do decreto autônomo, a saber:

a) Organização e funcionamento da Administração federal, desde que não implique aumento de despesa nem criação ou extinção de órgãos públicos; e

b) Extinção de cargos ou funções públicas, quando vagos.

Em nosso entender, a hipótese descrita na alínea "a" não descreve o exercício do poder normativo com caráter autônomo, mas o exercício do poder normativo em decorrência do seu poder hierárquico, tendo em vista que não havendo aumento de despesa, nem criação ou extinção de órgão público, o Chefe do Poder Executivo estará organizando o funcionamento da estrutura administrativa, exercendo assim o seu poder hierárquico.

Ademais, a organização e o funcionamento da Administração se configura perfeitamente na chamada **"reserva de administração"**, que seriam os espaços de atuação que o legislador constituinte outorgou para regulamentação pela Administração Pública, nos quais é vedada a intromissão do Poder legislativo, sob pena de inconstitucionalidade.

Neste sentido, o Ministro Celso de Melo assim se pronunciou: "O princípio constitucional da reserva de administração impede a ingerência normativa do Poder Legislativo em matérias sujeitas à exclusiva competência administrativa do Poder Executivo. É que, em tais matérias, o Legislativo não se qualifica como instância de revisão dos atos administrativos emanados do Poder Executivo. (...) Não cabe, desse modo, ao Poder Legislativo, sob pena de grave desrespeito ao postulado da separação de poderes, desconstituir, por lei, atos de caráter administrativo que tenham sido editados pelo Poder Executivo, no estrito desempenho de suas privativas atribuições institucionais. Essa prática legislativa, quando efetivada, subverte a função primária da lei, transgride o princípio da divisão funcional do poder, representa comportamento heterodoxo da instituição parlamentar e importa em atuação *ultra vires* do Poder Legislativo, que não pode, em sua atuação político-jurídica, exorbitar dos limites que definem o exercício de suas prerrogativas institucionais".

Portanto, o Pretório Excelso entende que as matérias que o legislador constituinte outorgou para que a Administração Pública as

regulasse, por meio de Decreto não podem ser modificados por lei de iniciativa do Poder Legislativo, em respeito ao princípio constitucional da Separação de Poderes. Essas matérias, segundo ensina Di Pietro estariam protegidas pela **"reserva de regulamento"**.

Já na alínea "b" temos típico ato normativo autônomo, já que os cargos e funções públicas são criados por lei e só por lei poderiam ser extintos, não fosse a autorização constitucional em testilha, que faculta a extinção, via decreto, quando eles estiverem vagos.

▸ Como este tema vem sendo abordado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Defensor Público - RN/2015, foi considerada correta a seguinte assertiva: No exercício do poder regulamentar, é conferida à administração pública a prerrogativa de editar atos gerais para complementar a lei, em conformidade com seu conteúdo e limites, não podendo ela, portanto, criar direitos e impor obrigações, salvo as excepcionais hipóteses autorizativas de edição de decreto autônomo.

A **competência** para expedir Decretos e Regulamentos é do Chefe do Poder Executivo, mas a competência para a expedição dos demais atos regulamentares é distribuída por vários órgãos e entidades públicas.

Tal competência abrange, tão somente, as leis afetas ao Direito Administrativo, relacionadas ao exercício da função administrativa, não havendo tal faculdade para as normas afetas ao direito civil, comercial ou penal, exemplificativamente.

Nem toda lei necessita ser regulamentada, mas tal juízo de valor compete ao Chefe do Poder Executivo, o que nos remete à máxima de que "toda lei pode ser regulamentada".

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No 22º concurso para provimento do cargo de Procurador da República foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *o poder regulamentar da Administração somente pode ser exercido em relação às leis que expressamente recomendem a necessidade de regulamentação, não podendo contrariar, restringir ou ampliar suas disposições.*

Celso Antônio Bandeira de Mello destaca que: "onde não houver liberdade administrativa alguma a ser exercida (discricionariedade) - por estar prefigurado na lei o único modo e o único possível comportamento da Administração, ante hipóteses igualmente estabele-

cidas em termos de objetividade absoluta -, não haverá lugar para regulamento que não seja mera repetição da lei ou desdobramento do que nelas se disse sinteticamente".

Quando a lei remete sua aplicação à expedição de um Decreto, estamos tratando de faculdade conferida, com exclusividade, ao Chefe do Poder Executivo (**Poder regulamentar**), que, ao exercê-la, obriga todos os Poderes, visto que o Legislativo e Judiciário também exercem função administrativa, e ao Chefe do Executivo compete, nos termos dispostos no art. 84, IV, da Carta Magna, a direção da Administração Pública.

Todavia, se o mesmo se valer de Decreto para expedir comandos decorrentes não da competência normativa constitucional, mas proveniente de sua condição de mais alta autoridade de um poder, tal ato, apesar do conteúdo normativo, deverá ser considerado como produto do **Poder Hierárquico** e como tal, vinculará apenas o Poder Executivo.

Pode ser citado, como exemplo, o trecho do Decreto nº 5.450/2005, que regulamenta o pregão eletrônico e estabelece a modalidade pregão e a forma eletrônica como obrigatória, enquanto a Lei nº 10.520/2002, que criou o pregão, preceitua que a nova modalidade de licitação deveria ser utilizada "preferencialmente". Ora, o Presidente da República, utilizando-se de sua competência para complementar normas, regulamentou o pregão eletrônico vinculando os demais Poderes da República, todavia, quando determina a adoção obrigatória do pregão e de sua forma eletrônica, não se poderia interpretar que estava no exercício de seu Poder Regulamentar, vez que contrário à vontade do legislador, mas utilizou-se do seu Poder Hierárquico de comando sobre os demais agentes que compõem o Poder Executivo Federal, sem vincular os Poderes Legislativo e Judiciário.

▸ **Importante!**

Conforme explicado acima, alguns atos administrativos possuem caráter normativo, mas não foram emanados do Poder Regulamentar, tendo em vista que não estão regulamentando uma lei preexistente, contudo tem a sua origem no Poder Hierárquico que, conforme será analisado no próximo tópico, atribui competência aos agentes situados em posição de prevalência hierárquica a dar ordens aos seus subordinados. Exemplo da situação retratada é o regimento interno dos tribunais; comumente, os elaboradores de concurso procuram induzir o candidato ao erro de correlacioná-lo ao Poder Regulamentar, quando se trata de um produto do **Poder Hierárquico**.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Analista Judiciário promovido pelo TRF 5ª Região (FCC-2017) foi oferecida a seguinte hipótese "O chefe do departamento pessoal de uma determinada autarquia federal, para o bom funcionamento dos serviços afetos à sua unidade, editou ato normativo interno estabelecendo horários de saída para o almoço, respeitando, para tanto, as especificidades das jornadas de trabalho de cada subordinado. Justificou o ato na necessidade de a unidade contar, sempre, com pelo menos um servidor. A edição do ato encontra fundamento no poder" foi considerada **correta** a seguinte assertiva:

"B) hierárquico, que é próprio da função administrativa, e por meio do qual a Administração pública mantém a disciplina e impõe o cumprimento de deveres funcionais. "

Alguns autores, como Lucas Furtado, em sua obra "Curso de Direito Administrativo" entendem pela possibilidade de que a Administração edite atos normativos despidos de função meramente regulamentar, desde que não venham a criar obrigações para os particulares, nem restrinjam, limitem ou condicionem o exercício de direitos. Realmente, se o ato administrativo normativo não implicar uma mudança na situação jurídica dos seus destinatários, não haverá razão para a sua proibição.

Além do Chefe do Poder Executivo, outras autoridades administrativas podem exercer parcela do poder regulamentar, expedindo atos administrativos com o objetivo de explicar a execução de leis, decretos e regulamentos nas suas respectivas pastas.

Nesse sentido, o inciso II, do parágrafo único, do art. 87, da Constituição Federal de 1988, estabelece que compete ao **Ministro de Estado** "expedir instruções para a execução das leis, decretos e regulamentos". Apesar da Constituição se referir às "instruções", são exemplos de atos administrativos regulamentares da competência dos Ministros de Estado as **instruções normativas, orientações normativas, resoluções.**

Com base na diferenciação acima, José dos Santos Carvalho Filho indica que existem **atos de regulamentação de primeiro grau**, que seriam os decretos e regulamentos, responsáveis pela explicação das leis e os **atos de regulamentação de segundo grau**, que regulamentam os de primeiro grau, como as já referidas instruções normativas e orientações normativas ministeriais.

Atos de regulamentação	
De primeiro grau	**De segundo grau**
Decretos	Instruções normativas
Regulamentos	Orientações normativas
–	Resoluções

▸ **Atenção!**

Cumpre destacar que a Lei nº 9.096/95, que trata dos partidos políticos, atribui em seu art. 61, ao Tribunal Superior Eleitoral, competência para expedir instruções visando a sua fiel execução. Apesar desta lei eleitoral se referir a "instruções", resta evidente que se trata de atos de regulamentação de primeiro grau.

Decreto	**EXECUÇÃO OU REGULAMENTAR.** Explica a execução de lei, sem inovar no ordenamento jurídico, ainda que a lei não o exija;
	AUTORIZADO. É exigido por lei, que estabelece os limites e os contornos da matéria a ser regulamentada, mas transfere para o Poder Executivo a fixação de normas técnicas.
	AUTÔNOMO. Trata de matéria reservada à lei (art. 84 VI, "a" e "b", da CF 88).
Regulamento	**REGULAMENTO.** Assim como os decretos, visam detalhar, explicar a correta execução de uma lei administrativa;
	REGULAMENTO AUTORIZADO. Regulamenta a lei em face de sua determinação expressa.
Instruções normativas e orientações normativas	Atos administrativos da competência dos Ministros de Estado, que visam regulamentar leis e decretos.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça de Sergipe-2010, realizado pelo CESPE, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *O poder regulamentar formaliza-se por meio de decretos e regulamentos. Nesse sentido, as instruções normativas, as resoluções e as portarias não podem ser qualificadas como atos de regulamentação.*

3. PODER HIERÁRQUICO

Poder hierárquico, segundo leciona Hely Lopes Meirelles, "*é o instrumento disponibilizado à Administração para distribuir e escalonar*

as funções dos seus órgãos, ordenar e rever a atuação de seus agentes, estabelecendo a relação de subordinação entre os servidores do seu quadro de pessoal".

O poder hierárquico, ao contrário dos demais poderes, não depende de prévia existência legal, pois se presume pela estrutura naturalmente verticalizada da Administração, razão pela qual a autoridade hierarquicamente não precisa demonstrar sua competência legal para obrigar um subordinado a cumprir suas determinações, sob pena de incorrer em falta funcional, salvo nas situações de ordens manifestamente ilegais.

Este poder é exercido dentro do âmbito interno dos órgãos integrantes de uma mesma entidade, que estão situados em uma posição de superioridade com relação a outro, que se situa em posição de superioridade em relação a outro e assim sucessivamente, no que se costuma chamar de característica **pirâmide**.

Não há que se falar em hierarquia entre duas entidades distintas. Ex.: Há hierarquia ente o Presidente da República (Comandante em Chefe das Forças Armadas) e o Ministro da Defesa e entre este e os Comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, mas não há hierarquia entre o Ministro da Previdência e o presidente do INSS (autarquia). Nesse último caso, a influência (controle) de uma entidade sobre outra é denominada de **supervisão** (tutela). Assim, não existe hierarquia, mas há supervisão ministerial entre o Ministério da Previdência Social e o INSS.

Isto posto, deve-se diferenciar a **subordinação hierárquica** da **vinculação administrativa** (estudada em autarquias, fundações públicas e empresas estatais), pois a primeira admite todos os meios de controle do superior sobre o inferior, enquanto o segundo é exercido nos limites estipulados pela lei, sem suprimir a autonomia do ente supervisionado.

Esse poder confere à autoridade administrativa a faculdade de ordenar, coordenar, controlar e corrigir as atividades administrativas.

Do **poder hierárquico** decorrem algumas **faculdades implícitas** para o administrador, tais como:

a) Dar ordens;

b) Fiscalizar o seu cumprimento;

c) Delegar e avocar atribuições; e

d) Rever os atos inferiores.

A prerrogativa de um superior hierárquico dar ordens, fiscalizar seu cumprimento e rever a atuação de seus subordinados **não depende de expressa previsão legal**, mas decorre naturalmente da estrutura verticalizada da Administração.

Delegar significa transferir parcela de competência do superior para o subordinado hierárquico, enquanto **avocar** significa o chamamento de parcela da competência do subordinado pelo superior hierárquico.

A Lei nº 9.784/99 veda, expressamente, a possibilidade de **delegação** da competência nas seguintes situações:

a) Casos de edição de atos de caráter normativo;

b) Decisão de recursos; e

c) Matérias de competência exclusiva do órgão ou autoridade.

A **avocação** é admitida pela Lei nº 9.784/99 para os casos temporários e que sejam justificados por motivos relevantes.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No 22º concurso para provimento do cargo de Procurador da República foi considerada correta a seguinte assertiva: *a avocação, no plano do poder hierárquico da Administração, desonera o agente público inferior de toda a responsabilidade pelo ato avocado pelo superior;*

Lucas Rocha Furtado defende a impossibilidade de desempenho das funções delegadas, pelo delegante, enquanto perdurar válida a delegação. Nesse caso, defende o autor a admissibilidade de declaração de nulidade do ato praticado pela autoridade delegante, enquanto não houver revogação da delegação. Nada obstante, filiamo-nos ao entendimento de José dos Santos Carvalho Filho, o qual entende que a delegação não retira da autoridade delegante a competência para desempenhar a atribuição delegada. Na visão do autor, haveria uma **cumulação de competência**.

Convém ressaltar que os órgãos consultivos, embora estejam incluídos na estrutura hierárquica da administração para fins disciplinares, não estão submetidos ao poder hierárquico, quando do exercício de suas atribuições. Dessa forma, em uma Consultoria Jurídica

de Ministério, pode o Consultor determinar o critério de distribuição dos processos, dos estagiários, definir a rotina de expediente, definir a escala de férias, dentre outros temas afetos à rotina administrativa, mas não pode determinar qual deva ser a conclusão do parecerista, podendo, todavia, discordar do opinamento, desde que o faça fundamentadamente.

Não há hierarquia nos Poderes Legislativo e Judiciário no que concerne ao desempenho de suas funções constitucionais de legislar e jurisdicional o que significa que os presidentes dessas casas não podem determinar como devem votar e julgar os seus colegas parlamentares e magistrados, embora possam determinar o horário de expediente, concessão de férias ou licenças, dentre outras matérias administrativas.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador junto ao Tribunal de Contas de Santa Catarina - 2010, realizado pela FEPESE foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *Existe Poder Hierárquico na função judicial.*

Com a reforma do Judiciário promovida pela EC nº 45/2004, criou-se uma **hierarquia parcial** no Poder Judiciário, traduzida na faculdade do Supremo Tribunal Federal editar **súmula** com efeito **vinculante** de ofício ou mediante provocação, pelo voto de dois terços dos seus membros, depois de reiteradas decisões sobre matéria constitucional, para os demais órgãos do Poder Judiciário e à administração pública direta e indireta, nas esferas federal, estadual e municipal.

Diversamente das demais súmulas editadas pelo Supremo ou pelos demais tribunais que fornecem um entendimento da Corte que pode ou não ser seguido, a súmula vinculante torna **obrigatória** a sua observância pelos magistrados e agentes da Administração Pública.

4. PODER DISCIPLINAR

Poder disciplinar é o instrumento disponibilizado à Administração Pública para apurar infrações e aplicar penalidades aos servidores públicos e demais pessoas sujeitas à disciplina administrativa. Portanto, apenas os servidores públicos e pessoas vinculadas à Administração Pública, como as contratadas, submetem-se ao poder disciplinar.

Portanto, o que marca o início do exercício do poder disciplinar e o fim do hierárquico é a abertura de processo administrativo para apurar a responsabilidade pela prática de uma irregularidade administrativa.

Se um superior hierárquico, fiscalizando o cumprimento de uma ordem, verifica o cometimento de uma transgressão administrativa que é, justamente, o descumprimento de sua ordem, estará exercendo o seu poder hierárquico, todavia, quando determina a abertura de processo administrativo para apurar a responsabilidade pela desobediência ao seu comando, exercerá o seu poder disciplinar, sendo esta linha tênue que separa os poderes hierárquico e disciplinar comumente questionada em concursos públicos.

Enquanto no Direito Penal há um sistema de **rígida tipicidade**, onde cada conduta considerada ilícita é cuidadosamente descrita, no Direito Administrativo o legislador costuma fazer uso de normas gerais de conduta, enumerando deveres e obrigações que, uma vez não observados pelos agentes públicos, implicam na ocorrência de ilícito funcional.

O legislador, em algumas oportunidades, faz uso dos tipos administrativos para caracterizar as irregularidades funcionais. Citamos, como exemplo, o caso do art. 138, da Lei nº 8.112/90, que descreve o tipo administrativo do abandono de cargo, punível com a pena de demissão (art. 132, II): *Configura abandono de cargo a ausência intencional do servidor ao serviço por mais de trinta dias consecutivos.* Todavia, trata-se de exceção a regra dos tipos abertos do poder disciplinar da Administração.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho Substituto 1ª região/2010, realizado pelo CESPE foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *No campo disciplinar, o direito administrativo utiliza, como regra, o sistema da rígida tipicidade, prevendo cada conduta ilícita e a sanção respectiva.*

A **sanção de natureza disciplinar** não se confunde com a sanção penal ou civil, por terem fundamentos diversos, o que possibilita que uma pessoa possa ser condenada tanto na esfera administrativa quanto na penal e na civil, pelo cometimento de um único ato transgressor, sem incorrer no chamado *"bis in idem"*. De qualquer forma,

deve sempre haver observância ao devido processo legal, com respeito ao contraditório e à ampla defesa ao acusado, nos termos dispostos pelo art. 5º, LV, da Constituição Federal de 1988.

▸ Atenção!

Tradicionalmente, a doutrina administrativista costuma enfatizar o aspecto discricionário do poder disciplinar, traduzido na possibilidade da autoridade competente aferir aspectos como gravidade da infração, danos que dela provierem, circunstâncias agravantes e atenuantes (art. 128, da Lei nº 8.112/90). Contudo, o STJ vem entendendo que não há discricionariedade (juízo de conveniência e oportunidade) no ato administrativo que impõe sanção disciplinar. O que se faz é dar efetividade a comandos constitucionais e infraconstitucionais (vide o art. 128 da Lei n. 8.112/1990).

Apesar da observação acima, cumpre destacar que algumas bancas elaboradoras de concursos ainda defendem o exercício discricionário do poder disciplinar, justamente pela possibilidade de ponderação das circunstâncias fáticas que gravitam em torno da infração administrativa e do agente público responsável, conforme se depreende da questão abaixo:

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador Federal (2007), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*O ato disciplinar é vinculado, deixando a lei pequenas margens de discricionariedade à administração, que não pode demitir ou aplicar quaisquer penalidades contrárias à lei, ou em desconformidade com suas disposições*".

Além dos servidores públicos, o poder disciplinar também pode ser exercido em face das pessoas físicas e jurídicas que celebram contratos com a Administração. Nesses casos, trata-se de um regime contratual em que as situações que ensejam aplicação de punição devem estar descritas no ajuste de vontades.

5. PODER DE POLÍCIA

O **poder de polícia** pode ser compreendido como a faculdade conferida ao Estado para restringir o exercício de um direito individual em face de um potencial ou real benefício decorrente dessa restrição para a sociedade e possui como fundamento o princípio da supremacia do interesse público sobre o privado.

Na verdade o conceito acima, fornecido pelo saudoso mestre Hely Lopes Meirelles, envolve o poder de polícia *lato senso* do Estado, tendo em vista que a restrição a direito individual só pode decorrer do Poder Legislativo (lei em sentido formal) e não do poder normativo da Administração.

O poder de polícia em sentido estrito seria aquele conferido pela lei, para a Administração fiscalizar e dar cumprimento às restrições individuais impostas pelo Direito. Conforme destaca Celso Antônio Bandeira de Mello, o poder de polícia, via de regra, impõe uma obrigação negativa ao administrado, um não fazer, visando propiciar um determinado benefício para a coletividade.

Podem-se identificar, com clareza, duas atividades administrativas inerentes, são elas:

I) A prestação de serviço público à coletividade;

II) A atividade estatal que limita o exercício de direito individual, chamada polícia administrativa.

Essa segunda atividade surge da necessidade do convívio em sociedade. Para que não prevaleça a "lei do mais forte", faz-se necessário que o Estado, guardião do interesse coletivo, impeça que o excesso no exercício de um direito individual venha a afetar o exercício de outro direito individual ou coletivo.

Para cada restrição a direito individual corresponde um poder de polícia administrativa, para que a Administração possa tornar-se efetiva e obedecida. Nesse aspecto, a exigência da carteira nacional de habilitação para conduzir veículos motorizados é uma restrição ao direito do indivíduo de conduzir um veículo, caracterizando-se, portanto, como um exemplo do poder de polícia administrativo.

Enquanto alguns serviços públicos admitem delegação de sua execução, **o poder de polícia não admite tal transferência de responsabilidade**, vez que, no exercício de tal poder, a Administração poderá se valer de sua força, da superioridade dos interesses por ela tutelados.

É dizer, o poder de polícia da Administração não pode ser delegado para concessionárias e permissionárias de serviço público, nem mesmo outorgado para entidades da administração indireta que possuam personalidade jurídica de direito privado.

Nesse sentido o STF tem entendido no sentido da indelegabilidade, a uma entidade privada, de atividade típica de Estado, que

abrange até poder de polícia, de tributar e de punir, como a concernente ao exercício de atividades profissionais regulamentadas (ADI 1.717-DF, Rel. Min. Nelson Jobim, pub. 28.03.2003).

Sobre a possibilidade de delegação das atividades acessórias do Poder de Polícia, importa destacar a decisão do STJ (REsp nº 7.12312/DF), na qual a Corte Cidadã decidiu que toda notificação de trânsito tem que ser lavrada por autoridade administrativa, sob o fundamento da impossibilidade de delegação do Poder de Polícia, todavia, consignou a possibilidade de delegação dos atos materiais que precedem ao ato jurídico, o que nos remete ao ciclo do Poder de Polícia.

Na lição de Diogo de Figueiredo Moreira Neto, são quatro os ciclos ou fases do Poder de Polícia, senão vejamos:

a) **ordem de polícia**: é o preceito legal elementar, uma determinação estatal que conduza o administrado à observância de uma determinada regra ou princípio. Normalmente traduzida em um comando negativo absoluto (não fazer), podendo ainda se revestir de um comando negativo com reserva de consentimento, por meio do qual a Administração proíbe o uso de bem ou o exercício de atividade sem a sua prévia autorização, ou ainda por um **comando positivo** (fazer).

Ex: A proibição de condução de veículo automotor sob a influência de álcool.

b) **consentimento de polícia**: é o ato administrativo por meio do qual a Administração verifica se a atividade ou o uso de propriedade estão adequadas às ordens de polícia. O consentimento normalmente se exterioriza como um alvará, uma licença ou uma autorização.

Ex: emissão da carteira corporifica a vontade o Poder Público.

c) **fiscalização de polícia**: é a aferição da observância das ordens e do consentimento de polícia. A Administração tem o poder/dever de verificar se as determinações estatais estão sendo obedecidas e se não está sendo desempenhada nenhuma atividade sem o devido consentimento administrativo.

Ex: Redutores eletrônicos de velocidade equipados com câmeras (pardais).

d) **sanção de polícia**: é o ato administrativo que pune o desrespeito às ordens ou ao consentimento de polícia.

Ex: Aplicação de multa por autoridade de trânsito, sanitária, ambiental, dentre outras.

Para o STJ, somente os atos dos ciclos de polícia denominados "consentimento" e "fiscalização" são passíveis de delegação pela Administração Pública, posição exteriorizada da seguinte forma: "No âmbito da limitação do exercício da propriedade e da liberdade no trânsito, esses grupos ficam bem definidos: o CTB estabelece normas genéricas e abstratas para a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (legislação); a emissão da carteira corporifica a vontade o Poder Público (consentimento); a Administração instala equipamentos eletrônicos para verificar se há respeito à velocidade estabelecida em lei (fiscalização); e também a Administração sanciona aquele que não guarda observância ao CTB (sanção)."

Nesse aspecto, o STF criou uma situação inusitada, pois, ao julgar a ADI nº 1717/DF, entendeu que o poder de polícia não seria passível de delegação a particulares, enquanto, no julgamento da ADI nº 3026, reconheceu que a OAB exerce poder de polícia, mas não está obrigada a realizar concurso público por se tratar de entidade privada. Tal decisão também traz a inconveniente indagação acerca do fundamento para a imunidade tributária de que goza a OAB com relação a impostos, visto que essa é uma prerrogativa, apenas, das pessoas jurídicas de direito público.

A OAB, aos olhos do STF, é, ao mesmo tempo, entidade privada e autarquia: esta quando exerce poder de polícia e goza de isenção com relação a impostos sobre os seus bens e serviços vinculados à sua finalidade; aquela quando se livra das amarras do concurso público, da licitação e da fiscalização no uso dos recursos oriundos das contribuições dos seus integrantes.

A **polícia administrativa** não se confunde com a **polícia judiciária**. Enquanto esta é exercida por corporações policiais (estaduais e federais) e busca reprimir os ilícitos penais, aquela é inerente e se difunde por toda a Administração Pública, além de buscar evitar e reprimir a prática de irregularidades administrativas.

Segundo José dos Santos Carvalho Filho "quando agentes administrativos estão executando serviços de fiscalização em atividades de comércio, ou em locais proibidos para menores, ou sobre as con-

dições de alimento para consumo, ou ainda em parques florestais, essas atividades retratam o exercício de polícia administrativa. Se, ao contrário, agentes estão investigando a prática de crime e, com esse objetivo, desenvolvem várias atividades necessárias à sua apuração, como oitiva de testemunhas, inspeções e perícias em determinados locais e documentos, convocação de indiciados etc., são essas atividades caracterizadas como polícia judiciária, eis que, terminada a apuração, os elementos são enviados ao Ministério Público para, se for o caso, providenciar a propositura de ação penal".

Cabe diferenciar também o **poder de polícia** do **poder disciplinar**. Este é conferido à Administração para punir as irregularidades praticadas pelos seus servidores ou pessoas submetidas à disciplina administrativa (contratados), enquanto, no exercício do poder de polícia, a Administração ultrapassa o seu âmbito interno e impõe obrigações a particulares, podendo fiscalizar o cumprimento de tais obrigações e aplicar sanções, em caso de inobservância.

A imposição de restrição a direito individual não pode decorrer diretamente de ato administrativo, ainda que de cunho normativo, pois apenas a lei pode inovar no nosso ordenamento para interferir e mitigar o espectro de liberdade do indivíduo, a quem tudo é permitido, desde que não seja proibido. Dessa forma, o poder de polícia pode ser compreendido em sentido amplo ou restrito.

Em **sentido amplo**, é o poder do Estado, aí inserido o Poder Legislativo, de editar normas de caráter geral e inovador as quais venham a diminuir e/ou condicionar o direito individual; enquanto, em **sentido restrito**, é a faculdade da Administração (Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, no exercício da função administrativa) de fiscalizar e aplicar as sanções no caso de descumprimento das proibições legais que não possuam caráter criminal.

5.1. Atributos

5.1.1. Discricionariedade

O **poder de polícia**, usualmente, é exercido com certa discricionariedade, cabendo à Administração valorar qual o melhor momento de exercê-lo e qual é a sanção mais adequada no caso concreto dentre todas as que estão elencadas na lei, visto não ser factível que o Poder Legislativo venha a prever todas as hipóteses possíveis de exercício da polícia administrativa.

No entanto, há hipóteses em que o legislador antevê a situação fática e define qual deve ser a conduta da Administração, não conferindo qualquer liberdade a esta, que será compelida a agir da única forma autorizada pelo legislador, não importando o julgamento do agente público para o caso concreto.

Dessa forma, apesar da discricionariedade ser indica pela maioria da doutrina administrativista como atributo do poder de polícia, não se pode afirmar que todo ato emanado do poder de polícia seria revestido de discricionário.

Exemplo de **poder de polícia discricionário** é a autorização para porte de arma e produção de material bélico.

Exemplo de **poder de polícia vinculado** é a licença para dirigir veículos automotores, para exercer determinada profissão.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de auditor do Município de Angra dos Reis-2010, foi considerada incorreta, a seguinte assertiva: *"Diante da natureza restritiva dos atos praticados na atuação do poder de polícia administrativa, estes são estritamente vinculados".*

Costuma-se indicar a discricionariedade como um atributo do poder de polícia, todavia, entendemos que não há razão para incluí-la e excluir a presunção de legitimidade e a imperatividade, como fazem Hely Lopes e Di Pietro. A atividade de polícia administrativa pode ser vinculada ou discricionária, mas sempre gozará da presunção de legitimidade e obrigará o seu destinatário, independentemente de sua aquiescência (imperatividade).

5.1.2. *Autoexecutoriedade*

A **autoexecutoriedade** consiste na faculdade da Administração de decidir e de executar diretamente sua decisão por seus próprios meios, sem intervenção do Poder Judiciário.

Esse atributo não é inerente a todas as medidas de polícia, devendo a lei prever a sua execução ou **que a urgência do caso lhe imponha**. Portanto, se um fiscal da Receita Estadual não possuir competência legal para apreender uma mercadoria que se encontra transitando de forma irregular, não poderá retê-la, como forma de coerção, para o pagamento do tributo devido.

No entanto, se estivermos tratando de um fiscal sanitário que, igualmente, não tenha recebido do legislador competência para apreender mercadorias, poderá assim proceder, se constatar que o produto se encontra impróprio para o consumo, sendo esta a única forma para proteger a coletividade, devendo-se entender que, em tais hipóteses, há uma **presunção legal ficta** para tanto.

Apesar de a autoexecutoriedade ser elencada como atributo do Poder de Polícia, ela só existirá se estiver expressamente prevista em lei ou se a urgência da situação determinar que autoexecutar suas decisões é a única forma de a Administração satisfazer o interesse público.

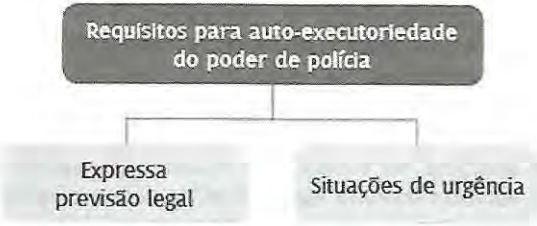

▸ **Atenção!**

O STJ entendeu (informativo nº 311) que, sobre a retenção de veículo de transporte rodoviário de passageiros, por prática de irregularidade que consiste na falta de correspondência entre a lista de passageiros e as pessoas efetivamente transportadas, **é ilegal** o ato de autoridade que condiciona a liberação ao prévio pagamento de multa (art. 85 do Dec. n. 2.521/1998).

Sempre que possível, a Administração, no exercício do seu poder de polícia, ainda que autoexecutável, deverá oportunizar ao administrado a **ampla defesa** e o **contraditório** prévios, ressalvadas as hipóteses em que isso poderá pôr em risco o interesse da coletividade.

Caso o particular sinta que algum direito seu fora violado, poderá acionar as vias judiciais para analisar a legalidade do ato. Ex.: Prefeitura que localiza obra sendo construída sem licença, oferecendo risco aos proprietários dos imóveis vizinhos, poderá interditar e até mesmo promover a demolição do prédio, sem autorização judicial. Nesse sentido, já decidiu o STF.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de analista do STF-2008, foi considerada correta a seguinte assertiva: *"A suspensão temporária do alvará de funcionamento da referida UTI neonatal, que decorreu do exercício de poder de polícia, poderia ocorrer mesmo sem o prévio contraditório e a ampla defesa na esfera administrativa".*

Na lição de Maria Sylvia Di Pietro, a diferença entre **autoexecutoriedade** e **exigibilidade** reside no meio coercitivo. Na **exigibilidade**, a Administração faz uso de meios indiretos de coerção, como multa ou outras penalidades administrativas, enquanto na **autoexecutoriedade**, empregam-se meios diretos de coerção, obrigando o administrado, pelo *jus imperie*, a fazer ou deixar de fazer algo.

Outros autores entendem que a exigibilidade seria uma consequência natural da imperatividade (José dos Santos), como a prerrogativa da Administração exigir do particular uma obrigação positiva (Lucas Furtado).

5.1.3. *Coercibilidade*

A **coercibilidade** significa que a Administração poderá utilizar de força para remover os obstáculos à efetivação de suas decisões.

Na verdade, este atributo é inerente à autoexecutoriedade, vez que seria impensável que a Administração detivesse o poder de executar suas decisões, sem prévia anuência do Poder Judiciário, despida de força, seria como atribuir uma arma sem munição.

Por óbvio, o **excesso da coercibilidade** configura abuso ou desvio de poder, nulificadores do ato, que se torna passível de invalidação pela própria Administração ou pelo Poder Judiciário, quando provocado para efetuar o controle sobre os atos administrativos e de responsabilização do agente público responsável pelo ato administrativo abusivo.

5.2. Condições de validade ou limites ao Poder De Polícia

Constituem **limitadores ao Poder de Polícia** os aspectos vinculados ao seu exercício, tais como a **competência**, a **finalidade** e a **forma**, vez que sempre estarão definidos em lei, o que configura uma garantia para o administrado.

Outro limite ao poder de polícia é a necessidade de que o ato respeite o princípio da **razoabilidade** e da **proporcionalidade**, tendo em vista que o Estado, ao exercer o seu poder de polícia, deve restringir o exercício de direitos individuais, apenas, na exata proporção em que a restrição proporciona um benefício para a coletividade, razão pela qual a Administração deve procurar o meio menos gravoso que possa preservar o interesse público. Desta forma, só poderá limitá-los quando estes entrarem em conflito com o interesse coletivo, e esta limitação deverá restringir-se à resolução desse conflito.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No 22º concurso para provimento do cargo de Procurador da República foi considerada correta a seguinte assertiva: *as condições de validade do ato de polícia são as mesmas do ato administrativo comum, ou seja, a competência, a finalidade e a forma, acrescidas da proporcionalidade da sanção e da legalidade dos meios empregados pela Administração;*

Também pode ser considerado como um limitador do poder de polícia a prescrição do direito da Administração aplicar as sanções decorrentes do descumprimento das determinações estatais.

A Lei nº 9.873/99 estabelece em seu art. 1º que prescreve em cinco anos a ação punitiva da Administração Pública Federal, direta e indireta, no exercício do poder de polícia, objetivando apurar infração à legislação em vigor, contados da data da prática do ato ou, no caso de infração permanente ou continuada, do dia em que tiver cessado.

Ressalte-se que o **prazo de cinco anos** é contado a partir da prática do ato, salvo nas situações de infração permanente ou continuada, da qual são exemplos a obra executada em desacordo com as restrições impostas pela prefeitura.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Procurador Federal-2010, realizado pelo CESPE, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *O prazo prescricional para que a administração pública federal, direta e indireta, no exercício do poder de polícia, inicie ação punitiva, cujo objetivo seja apurar infração à legislação em vigor, é de cinco anos, contados da data em que o ato se tornou conhecido pela administração, salvo se se tratar de infração dita permanente ou continuada, pois, nesse caso, o termo inicial ocorre no dia em que cessa a infração.*

▸ **Atenção!**

O STJ entende que não cabe ao Poder Judiciário adentrar no mérito do valor cobrado em multas aplicadas pela Administração, sob o prisma do princípio da proporcionalidade, visto que não cabe ao Judiciário substituir o administrador.

6. SÚMULAS DO STF

- **Súmula 397.** O poder de polícia da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, em caso de crime cometido nas suas dependências, compreende, consoante o regimento, a prisão em flagrante do acusado e a realização do inquérito.
- ***Súmula 645.*** É competente o município para fixar o horário de funcionamento de estabelecimento comercial.
- **Súmula 646.** Ofende o princípio da livre concorrência, lei municipal que impede a instalação de estabelecimentos comerciais do mesmo ramo em determinada área.

7. SÚMULAS DO STJ

- **Súmula 19.** A fixação do horário bancário, para atendimento ao público, é da competência da União.
- **Súmula 312.** No processo administrativo para imposição de multa de trânsito, são necessárias as notificações da autuação e da aplicação da pena decorrente da infração.

Capítulo 7

Agentes públicos

Fernando Baltar

1. CONCEITO

Agente público é qualquer pessoa responsável, de forma definitiva ou transitória, pelo desempenho de uma função pública.

Tal assertiva engloba no conceito de agente público um conjunto maior que o de indivíduos que possuem vínculo jurídico efetivo com o aparelho estatal ou que recebem remuneração para a prestação de suas atividades profissionais. Assim, embora a atividade exercida seja temporária ou permanente, remunerada ou não, o que caracterizará o agente público será o exercício de uma **função pública**.

Conforme explica Fernanda Marinela, a caracterização de agente público, de acordo com esse conceito amplo, traz como resultado algumas consequências, dentre elas:

- Aqueles que praticam atos no exercício de uma função pública podem ser controlados judicialmente, estando sujeitos, por exemplo, aos remédios constitucionais, como o mandado de segurança, a ação popular, o mandado de injunção.
- Os danos decorrentes do exercício de uma função pública estão sujeitos ao regime de responsabilidade civil do Estado, uma vez que a própria Constituição (§ 6º do artigo 37) estabeleceu que as pessoas jurídicas de direito público e as de direito privado prestadoras de serviços públicos responderão pelos danos que seus agentes, nessa qualidade, causarem a terceiros, assegurado o direito de regresso contra o responsável nos casos de dolo ou culpa.
- Submete o indivíduo a regimes jurídicos específicos, como o identificado na Lei nº 8.429/92, que prevê a punição por atos de improbidade praticados por qualquer agente público.

▸ **Atenção!**

O STF firmou distinções no regime de responsabilidade dos agentes políticos, em relação aos demais agentes públicos, pela prática de atos previstos na Lei de Improbidade Administrativa (Vide capítulo sobre **improbidade administrativa**).

2. CLASSIFICAÇÃO

Pela classificação adotada por Celso Antônio Bandeira de Mello, os agentes públicos podem ser:

I. agentes políticos;

II. servidores públicos;

III. particulares em colaboração com o Poder Público.

2.1. Agentes políticos

Agentes políticos são os agentes públicos responsáveis pela formação da vontade política do Estado. Ex.: Presidente da República, Governadores de Estado, Prefeitos e seus auxiliares imediatos, tais como Ministros e Secretários, Deputados, Senadores e Vereadores.

Segundo essa conceituação, adotada por doutrinadores como Celso Antônio Bandeira de Mello, dentre outros, os membros do Poder Judiciário e do Ministério Público não estariam inseridos dentro dessa classificação, justamente por faltar o elemento político no desempenho de suas funções, que são essencialmente técnicas. Contudo, nas decisões judiciais (STF RE 228977-2), verifica-se que os julgadores sempre classificam os membros dessas instituições como agentes políticos.

No tocante aos membros dos Tribunais de Contas, o STF, na Rcl-6702, decidiu que se aplica a Súmula Vinculante nº 13, que trata do nepotismo, para as nomeações para o cargo de Conselheiro de Tribunal de Contas, com o argumento de que tais cargos não se enquadrariam no conceito de agente político, vez que exercem função de auxiliar no Poder Legislativo no controle da Administração Pública.

Divergimos de tal entendimento, haja vista que os Tribunais de Contas possuem natureza de órgãos independentes e que, portanto, seus membros deveriam ser considerados agentes políticos, na es-

teira do pensamento da doutrina majoritária, mas advertimos que se trata de entendimento proveniente da nossa Suprema Corte.

Também nesse sentido se posiciona Hely Lopes Meirelles, o qual entende que os primeiros escalões dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário devem ser considerados como agentes políticos, bem como os membros do Ministério Público, Tribunais de Contas e representantes diplomáticos, devendo os integrantes das carreiras da Advocacia-Geral da União, Procuradorias dos Estados e Municípios e da Defensoria Pública serem considerados como servidores públicos e não como agentes políticos.

Apesar de nos filiarmos ao entendimento de Celso Antônio Bandeira de Mello, destacamos o já mencionado posicionamento dos nossos tribunais a respeito do tema.

Agentes políticos
Chefe do poder executivo e auxiliares diretos (ministros e secretários estaduais e municipais).
Membros do poder legislativo (senadores, deputados federais, estaduais e distritais e vereadores).
Membros da magistratura e ministério público.
Membros dos tribunais de contas (ministros e conselheiros).
Diplomatas.

2.2. Servidores públicos

Servidores públicos são os agentes públicos que possuem vínculo com a Administração Pública direta, autárquica ou fundacional e recebem remuneração paga pelo erário. Os servidores públicos estão organizados dentro de uma estrutura hierárquica e desempenham as atribuições dos seus cargos, fixadas por lei.

Seguindo a classificação de Celso Antônio Bandeira de Mello, podem ser divididos da seguinte forma:

2.2.1. *Servidores estatutários*

São aqueles submetidos a um regime estatutário (lei que estabelece os direitos e obrigações do servidor com o Estado empregador), estabelecido por lei de competência de cada um dos entes federados. Por se tratar de lei e não de contrato, essa relação de direitos

e obrigações poderá ser unilateralmente modificada pelo Estado, em face de sua competência para editar leis, desde que sejam respeitados os direitos adquiridos do servidor. Esses servidores ocupam cargos públicos.

As atividades típicas de Estado devem ser desempenhadas necessariamente por servidores públicos, face a garantia expressamente estampada no art. 247, da Constituição Federal de 1988. Dessa forma, os membros da Advocacia-Geral da União (Advogados da União e Procuradores da Fazenda Nacional) e da Procuradoria Geral Federal (Procuradores Federais) devem ocupar cargos públicos e possuir uma relação estatutária com a União, mas as atividades administrativas desses órgãos podem ser desempenhadas por empregados públicos, caso retornasse o regime jurídico múltiplo que será analisado no item 4, do presente capítulo.

2.2.2. *Empregados públicos*

São aqueles que ocupam emprego público, contratados pelo regime trabalhista e que, por se tratar de ajuste bilateral de vontades, não pode ser modificado unilateralmente por nenhuma delas, cabendo recordar, ainda, que só quem possui competência para legislar sobre matéria trabalhista é a União.

E a União, exercendo sua competência legislativa, editou a Lei nº 9.962/2000, que disciplina o regime de emprego público do pessoal da Administração federal direta, autárquica e fundacional, dispondo, logo em seu art. 1º que o pessoal admitido para emprego público na Administração federal direta, autárquica e fundacional terá sua relação de trabalho regida pela CLT e legislação trabalhista correlata, naquilo que a lei não dispuser em contrário.

Dessa forma, os empregados públicos federais serão regidos apenas parcialmente pela legislação trabalhista, enquanto os empregados públicos dos estados, municípios e Distrito Federal estarão submetidos integralmente à legislação trabalhista por lhes falecer competência para legislar sobre direito do trabalho.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz Substituto da Paraíba-2011, realizado pelo CESPE, foi considerada *correta* a seguinte assertiva: A Lei n.º 9.962/2000, que disciplina o regime de emprego público, é aplicável apenas no âmbito

da administração federal, não podendo ser utilizada pelos estados ou pelo DF, os quais, ao contratarem por esse regime, deverão obedecer ao disposto na Consolidação das Leis do Trabalho.

▸ **Atenção!**

Autores de relevo, como Lucas Rocha Furtado, defendem que os empregados públicos não podem ser inseridos na classificação de servidores públicos, tendo em vista o tratamento diferenciado conferido pela Constituição Federal em algumas situações (Título III, Capítulo VII, Seção II), preferindo classificar os empregados públicos como espécie autônoma do gênero agentes públicos.

Em recente decisão com repercussão geral, o STF entendeu que quando se trata de contrato de trabalho regido exclusivamente pela CLT a competência para julgamento é da Justiça do Trabalho.

Ao apreciar o caso concreto de uma professora do Estado do Piauí, contratada em 1982, sem concurso público, o Ministro Teori Zavascki assim se pronunciou "Não se trata nem se alega a existência de vínculo subordinado à relação estatutária e nem de trabalho temporário submetido a lei especial. Trata-se, sim, de contrato de trabalho celebrado em 1982, época na qual se admitia a vinculação de servidores, à Administração Pública, sob regime da CLT".

2.2.3. *Servidores temporários.*

São aqueles previstos na Constituição Federal de 1988, os quais podem ser contratados, sem concurso, por tempo determinado para atender à necessidade temporária de excepcional interesse público. Esses servidores (Diógenes Gasparini entende que não podem ser considerados como servidores públicos, mas agentes temporários) exercem função, sem estarem vinculados a cargo ou emprego público.

Cada ente federado possui competência para legislar sobre as situações e requisitos necessários à contratação temporária, desde que observem os elementos constitucionais da excepcionalidade e transitoriedade.

O STF, na ADI nº 3068/DF, entendeu que, na contratação de servidores temporários, deverá ser demonstrada a **necessidade temporária de excepcional interesse público, quer para o desempenho das atividades de caráter eventual, temporário ou excepcional, quer para o**

desempenho das atividades de caráter regular e permanente, e que, ainda que se demonstre a inércia da Administração em realizar tempestivamente concurso público, o interesse público não pode ser punido, em reverência ao princípio da continuidade da atividade estatal.

Na mesma esteira, o STJ decidiu pela possibilidade de contratação temporária de servidor público, ainda que para o exercício de atividades permanentes do órgão ou entidade, desde que objetive o atendimento de demanda temporária de excepcional interesse público.

▸ **Atenção!**

Os servidores temporários, apesar de serem contratados, serão julgados pela justiça comum (estadual ou federal) e não pela justiça trabalhista, segundo entendimento consolidado pelo STF.

O entendimento de que a Justiça do Trabalho não possui competência para julgar as relações entre os servidores temporários e a Administração Pública foi deflagrado na Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) nº 3395-6 - Distrito Federal. Nessa decisão restou afastada a competência da justiça trabalhista para apreciar as ações entre o Poder Público e seus servidores, quando a vinculação entre ambos for constituída em uma relação tipicamente jurídico-administrativa.

A seguir, trecho de informativo do STF sobre o tema: "*A ministra Cármen Lúcia Antunes Rocha, do Supremo Tribunal Federal (STF), julgou procedente a Reclamação (RCL) 6667, ajuizada na Corte pelo estado de Rondônia, declarando a incompetência da Justiça do Trabalho para processar e julgar ação trabalhista, proposta por ex-servidora temporária. Em conseqüência dessa decisão, a ministra cassou decisão do ministro relator do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que considerou a Justiça do Trabalho competente para julgar a causa. Cármen Lúcia determinou a remessa dos autos à Justiça comum estadual, por considerar ser ela a competente para o julgamento. Em setembro passado, a ministra Cármen Lúcia deferiu liminar na RCL, determinando a suspensão dos efeitos da decisão do STJ até decisão de mérito da causa. No caso, o processo teve origem na Vara do Trabalho de Buritis (RO) que, em novembro de 2007, suscitou conflito negativo de competência entre aquela instância e o juiz de direito da Comarca de Buritis, o que motivou a remessa dos autos ao STJ. A corte superior julgou ser competente a Justiça do Trabalho para analisar o caso. Dessa decisão, o estado de Rondônia recorreu ao STF, alegando afronta à decisão proferida pelo Supremo no julgamento da Medida Cautelar na Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 3395. Sustenta que a autora do processo foi contratada com base no regime estatutário*

da legislação estadual, que regula as relações de contrato temporário no estado. Por essa razão, para o governo, a Justiça estadual seria incompetente para processar e julgar a ação. A ministra Cármen Lúcia, ao reconhecer a competência da justiça comum estadual, citou não só ao julgamento da ADI 3395, invocado pelo estado de Rondônia, como também diversos outros precedentes da Corte. Entre eles estão a RCL 5381, do Amazonas, em caso semelhante, relatada pelo ministro Carlos Britto, e o Recurso Extrtaordinário (RE) 573202, relatado pelo ministro Ricardo Lewandowski. Neste último julgamento, ***o STF, por 7 votos a 1, confirmou jurisprudência preponderante na Corte no sentido de que a relação de emprego entre o Poder Público e seus servidores é sempre de caráter jurídico-administrativo e, portanto, a competência para dirimir conflitos entre as duas partes será sempre da Justiça Comum (Federal ou Estadual), e não da Justiça do Trabalho"*** *(destacamos).*

Ademais, a Suprema Corte, ao apreciar o Tema 544 da repercussão geral, entendeu que a justiça comum é competente para julgar causa relacionada ao direito de greve de servidor público, pouco importando se se trata de celetista ou estatutário.

2.3. Militares

Os **militares** são agentes públicos, mas a Constituição Federal de 1988, com redação dada pela EC nº 18, dispõe que o regime jurídico dos militares estará disciplinado em lei própria, retirando o tratamento jurídico de servidores públicos.

É fato que os militares são **agentes públicos** e que não se enquadram na categoria de agentes políticos, mas o legislador constituinte optou por não considerá-los servidores públicos; dessa forma, não são imediatamente extensíveis aos militares os direitos e as prerrogativas conferidas aos servidores públicos.

O regime jurídico dos militares é erigido sob os pilares da hierarquia e da disciplina, mas a Carta Magna consagra aos militares os direitos ao décimo terceiro salário; ao salário família; ao gozo de férias anuais remuneradas, acrescidas de um terço; licença gestante, licença paternidade, além dos demais previstos em legislação específica.

Aos militares é vedada a sindicalização, greve e filiação a partidos políticos.

2.4. Particulares em colaboração com o Poder Público

Hely Lopes chama essa categoria de **agentes honoríficos** e **agentes delegados**, definindo-os como as pessoas físicas que prestam

serviços ao Estado, sem vínculo empregatício, com ou sem remuneração. Segundo Celso Antônio, "é composta de pessoas que, sem perderem sua qualidade de particulares - portanto, de pessoas alheias à intimidade do aparelho estatal (exceto os recrutas), mas que exercem função pública".

Classificam-se em:

2.4.1. *Por delegação do Poder Público*

Tais como os que exercem serviços notariais ou de registro, desempenhando função pública em seu próprio nome, com remuneração paga pelos usuários desses serviços por eles prestados, sem vínculo empregatício, mas submetidos à fiscalização do Poder Público delegante.

2.4.2. *Por requisição, nomeação ou designação*

São os jurados, conscritos e mesários da justiça eleitoral, os quais não necessitam possuir vínculo com o Estado e exercem tais funções sem remuneração (o conscrito é exceção no tocante à remuneração).

2.4.3. *Gestores de negócios*

São as pessoas que assumem, de forma espontânea, o desempenho de funções públicas em situações de emergência como terremotos, inundações, epidemia, etc.

Quadro sinótico: Agentes públicos	
Agentes políticos	-
Servidores públicos	• Servidores estatutários • Empregados públicos • Servidores temporários
Militares	-
Particulares em colaboração com o Poder Público	• Por delegação • Por requisição, nomeação ou designação • Gestores de negócios

3. CARGOS, EMPREGOS E FUNÇÕES PÚBLICAS

Cargo é o local criado por lei dentro do serviço público que possui atribuições, nomenclatura e remuneração próprias.

O cargo público, por sua vez, subdivide-se em **cargo efetivo e em comissão.**

Cargo efetivo é aquele cujo provimento decorre de prévia aprovação em concurso público de provas ou de provas e títulos.

Cargo em comissão é aquele de livre provimento e exoneração. São os cargos em comissão que, segundo estabelece a Constituição devem ser criados por lei apenas para desempenho das atribuições de direção, chefia e assessoramento.

Os cargos em comissão podem ser ocupados por servidores de carreira ou por estranhos ao serviço público, mas a lei deverá fixar um percentual mínimo destes cargos que devem ser ocupados por servidores de carreira.

O **emprego público** também é um local no serviço público, criado por lei, com atribuições, nomenclatura e remuneração próprias, podendo distinguir-se uma da outra pelo tipo de vínculo que liga o servidor ao Estado.

Função é a atribuição ou o conjunto de atribuições conferidas aos cargos isolados ou organizados em carreira ou, ainda, aos que desempenham função pública em caráter excepcional e transitório.

Os cargos públicos, os empregos públicos e as funções públicas só podem ser criados por lei, no entanto a extinção dos cargos e das funções públicas pode ocorrer por decreto, desde que estejam vagos (art. 84, VI, "b", CF/88). Cabe registrar, porém, o entendimento doutrinário de que os empregos públicos, notadamente aqueles pertinentes às estatais exploradoras de atividade econômica, não exigiriam lei, para sua criação.

As **funções de confiança**, da mesma forma que os cargos em comissão, só podem ser criadas por lei para desempenho das atribuições de direção, chefia e assessoramento. No entanto, diferenciam-se dos cargos em comissão pelo fato de que só podem ser desempenhadas por servidores de carreira, que são os efetivos.

▸ **Atenção!**

Todo cargo possui uma função, mas nem toda função corresponde a um cargo, como as funções criadas para atendimento de situações excepcionais e temporárias.

Cargo público	• Efetivo (provimento decorrente de concurso público); • Em comissão (livre provimento e exoneração); • Criado por lei; • Atribuições, nomenclatura e responsabilidades próprias; • Vínculo estatutário.

Emprego público	• Criado por lei; • Atribuições, nomenclatura e responsabilidades próprias; • Vínculo trabalhista. • Contratação decorrente de aprovação prévia em concurso público.

Os cargos distribuem-se em **classes** e **carreiras** e, excepcionalmente, criam-se isolados.

Classe	Carreira	Quadro
é o conjunto de cargos da mesma instituição e que possuem as mesmas funções e remuneração, os quais devem ser providos por concurso público de provas ou de provas e títulos. Podem ser consideradas como as etapas de acesso na carreira.	é o conjunto de classes da mesma instituição. O conjunto de carreiras e de cargos isolados constitui o quadro permanente do serviço público.	é o conjunto de carreiras, cargos isolados e funções gratificadas de um mesmo serviço, órgão ou Poder. Não se admite promoção ou acesso de um quadro para outro

4. REGIME JURÍDICO DO SERVIDOR

A redação original da Constituição Federal de 1988 estabelecia o regime jurídico único, que significa a adoção de um único regime estatutário ou trabalhista para reger a relação do Estado com seus servidores.

Com o advento da EC nº 19/98, foi abolida a exigência do regime jurídico único, podendo o Estado decidir livremente qual o regime jurídico que regeria as relações com seus servidores, criando cargos ou empregos públicos, ressalvadas as carreiras em que a própria Carta Magna previu a obrigatoriedade da adoção do regime estatutário para os seus integrantes, como nos casos dos membros da Magistratura, do Ministério Público, da Advocacia-Geral da União, dos Tribunais de Contas, das carreiras policiais e diplomáticas.

Esse cenário foi novamente alterado com o julgamento pelo STF da cautelar, na ADI 2.135 (relator Ministro Néri da Silveira, julgamento em 02/08/2007), que considerou inconstitucional a EC nº 19/98, no tocante à extinção da obrigatoriedade do regime jurídico único.

O fundamento para tal decisão decorre da ausência da aprovação na Câmara dos Deputados, em dois turnos, do trecho da emenda, que foi alterada pelo Senado Federal, suprimindo a menção ao regime jurídico único. Segundo o art. 118, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, havia necessidade de nova votação, para cumprimento da exigência de aprovação por dois turnos em cada uma das Casas Legislativas do Congresso Nacional (art. 60, § 2º, CF/88).

Dessa forma, ficou, em sede cautelar, **afastada a nova redação do *caput* do art. 39, retomando-se a redação original do texto constitucional, que estabelecia o regime jurídico único.**

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso público realizado para provimento do cargo de Procurador da Fazenda Nacional – 2012, constou questão cujo enunciado tinha a seguinte redação: "No que se refere ao chamado Regime Jurídico Único, atinente aos servidores públicos federais, é correto afirmar que:"

Foi considerada correta a seguinte alternativa: "*e) tal regime, que deixou de ser obrigatório a partir de determinada emenda constitucional, passou a novamente ser impositivo, a partir de decisão liminar do Supremo Tribunal Federal com efeitos ex nunc*".

O STF já entendeu que o **servidor não tem direito adquirido a regime jurídico**, podendo o Estado modificá-lo unilateralmente ou transformá-lo em celetista, entretanto, caso o vínculo seja contratual ou celetista, o Estado não poderá obrigar o servidor a adotar o novo regime. Será uma questão de opção que ocorrerá sem solução de continuidade.

Portanto, caso uma lei venha a transformar determinados empregos e cargos públicos a mudança do regime jurídico trabalhista para o estatutário não será contado da data de publicação da lei, mas da data em o servidor expressamente optar pela mudança, que poderá ser demonstrada por meio da apresentação da opção constante da carteira de trabalho.

Ocorre que, havendo a transposição do regime celetista para o estatutário, também não haverá direito adquirido às vantagens do regime anterior (AgRg no RE 732.512 – Min Gilmar Mendes).

Ainda acerca do regime jurídico dos servidores públicos, importa assinalar que, recentemente, o Exmo. Presidente da República aprovou o parecer da AGU nº GMF-02, tornando a matéria vinculante para toda a Administração Pública, segundo o qual a Administração Pública Federal deve proceder ao desconto dos dias de paralisação decorrentes do exercício do direito de greve pelos servidores públicos, em virtude da suspensão do vínculo funcional que dela decorre, salvo quando ficar demonstrado que a greve foi provocada por conduta ilícita da Administração, e constatada situação de abusividade pelo Poder Judiciário.

Portanto, o corte de ponto passa a ser um dever, e não uma opção, da Administração que, entretanto, poderá firmar acordo para,

em vez de realizar desconto, permitir a compensação das horas não trabalhadas pelos servidores.

Por fim, convém destacar que a AGU firmou recentemente o entendimento de que a o direito à remoção para acompanhar cônjuge ou companheiro, também servidor, só existirá quando este for removido de ofício, apenas, ainda que detentor de cargo em que assegurada a garantia da inamovibilidade.

Tal Parecer ainda fixou os seguintes requisitos para as remoções em comento, que devem ser cumulativamente preenchidos: (a) que o cônjuge ou companheiro removido seja servidor público civil ou militar, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, (b) que a sua remoção tenha sido no interesse da Administração, ou seja, de ofício, sem que tenha manifestado o seu interesse em se deslocar para localidade diversa; e (c) a necessidade de haver prévia coabitação do casal, de modo a comprovar a sua ruptura com o deslocamento de um dos consortes.

5. CONDIÇÕES DE INGRESSO

O art. 37, inc. II da Constituição dispõe que a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em **concurso público** de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para **cargo em comissão** declarado em lei de livre nomeação e exoneração.

Por sua vez, o inciso V, do mesmo dispositivo constitucional, assevera que as **funções de confiança** serão exercidas exclusivamente por servidores ocupantes de cargo efetivo, e os cargos em comissão, por servidores de carreira nos casos, condições e percentuais mínimos previstos em lei para as atribuições de direção, chefia e assessoramento.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso realizado para provimento do cargo de Procurador do Município de Natal-RN/2008, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *"As funções de confiança e os cargos em comissão podem ser preenchidos por servidores que não ocupem cargo efetivo, nos casos, condições e percentuais mínimos previstos em lei".*

Observação: Atente-se que a assertiva seria correta se fosse retirada a menção às funções de confiança.

Em resumo:

- para o provimento dos empregos públicos e cargos efetivos, faz-se necessária a aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos;
- as funções de confiança só podem ser desempenhadas por servidores ocupantes de cargos públicos efetivos; e
- os cargos em comissão podem ser ocupados por quem não ocupa cargo efetivo (livre provimento), mas a lei tem que destinar um percentual para os servidores efetivos organizados em carreira. Esses cargos só podem ser criados para o desempenho das funções de direção, chefia e assessoramento.

Não há necessidade de realização de concurso para:

a) Cargos em comissão;

b) Cargos vitalícios de Ministros ou de Conselheiros dos Tribunais de Contas;

c) Magistrados dos Tribunais Superiores;

d) 1/5 dos tribunais de 2ª instância;

e) Juiz do TRE;

f) Funções temporárias (servidores temporários).

Atenção!

Celso Antônio Bandeira de Mello entende que, nas **empresas estatais que explorem atividade econômica**, pode haver contratação sem concurso nas situações em que, para cumprimento dos seus fins e pelas circunstâncias do momento, o concurso bloquearia o desenvolvimento de suas normais atividades no setor e se perderia a possibilidade de admitir pessoal qualificado que não se interessaria em disputar concursos, por ser de pronto absorvido pela demanda do mercado.

Os cargos e empregos públicos são acessíveis aos brasileiros e aos estrangeiros na forma da lei. O estrangeiro pode vir a ser um servidor público, desde que a lei autorize. O dispositivo constitucional depende de regulamentação para se tornar efetivo, o que significa que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios necessitam editar lei própria, definindo quais cargos e empregos serão acessíveis aos estrangeiros; não havendo lei reguladora, não poderá o estrangeiro ter acesso aos cargos e empregos públicos.

Já existe lei autorizando o acesso de estrangeiros aos cargos e aos empregos públicos de professores de universidades federais e de institutos federais de pesquisa científica.

É vedada a **distinção entre brasileiros** natos e naturalizados para fins de acesso aos cargos e empregos, ressalvados os cargos que a Constituição considerou privativos de **brasileiros natos**, como:

a) Ministros do STF;

b) Oficial das Forças Armadas;

c) Membros da carreira diplomática;

d) Presidente e Vice-Presidente da República;

e) Presidente da Câmara do Deputados;

f) Presidente do Senado;

g) Ministro da Defesa.

O inciso III, do já mencionado art. 37, da Constituição Federal de 1988, fixa em **até dois anos** o prazo de validade do concurso público, **prorrogável uma vez pelo mesmo período**. O entendimento dominante da doutrina é de que a possibilidade de prorrogação deverá estar contemplada expressamente no instrumento convocatório. Ausente a previsão em edital, revela-se impossível a prorrogação.

Dentro do prazo de validade do concurso o candidato aprovado deve ser nomeado, sob pena de decadência do seu direito. A posse e o exercício podem ocorrer depois de expirado o prazo de vigência do certame.

Dessa forma, os concursos podem ter o seu prazo de validade fixado em dias, semanas, meses ou até anos, desde que observem o mencionado limite, entretanto os dois anos devem ser considerados como prazo máximo e a prorrogação deve ficar a critério da Administração, não havendo direito subjetivo para o concursando a esta prorrogação.

O candidato aprovado em concurso público possuía, segundo anterior entendimento doutrinário e jurisprudencial, **mera expectativa** de ser nomeado. No entanto, a Sexta Turma do STJ, que foi posteriormente seguida pelo STF, entendeu que o **candidato aprovado em concurso público dentro do número de vagas previstas em edital possui direito líquido e certo à nomeação.**

Por maioria, os Ministros entenderam que o instrumento convocatório (edital), uma vez veiculado, constitui ato discricionário da Administração Pública, ensejando, em contrapartida, direito subjetivo à nomeação e à posse para os candidatos aprovados e classificados dentro do número de vagas previstas no edital.

O STJ entende que a abertura de novo concurso, enquanto vigente a validade do certame anterior, confere direito líquido e certo a eventuais candidatos cuja classificação seja alcançada pela divulgação das novas vagas (AgRg no REsp 1402265/PE, julgado em 04/02/2014, DJe).

É importante destacar que o STJ já pacificou o entendimento de que o prazo para impetração do mandado de segurança no caso de desrespeito ao direito subjetivo à nomeação para os candidatos aprovados dentro do número de vagas não se esvai juntamente com o prazo de validade do concurso. Na verdade, o termo inicial do prazo decadencial para essas hipóteses é o término do prazo de validade do concurso (RMS 34329/RN).

O STF entendia que o direito à nomeação dos candidatos aprovados está relacionado aos cargos existentes ou nos que vierem a vagar no prazo de validade do concurso (Informativo nº 713).

Entretanto, em novo julgamento, o Pretório Excelso modificou o seu entendimento e passou a decidir que o surgimento de novas vagas durante o prazo de validade de concurso não geraria, automaticamente, um direito à nomeação dos candidatos aprovados fora das vagas do edital, nem mesmo que novo concurso fosse aberto durante a validade do primeiro.

O provimento dos cargos dependeria de análise discricionária da Administração Pública, moldada pelo crivo de conveniência e oportunidade. A despeito da vacância dos cargos e da publicação do novo edital durante a validade do concurso, poderiam surgir circunstâncias e legítimas razões de interesse público que justificassem a inocorrência da nomeação no curto prazo, de modo a obstaculizar eventual pretensão de reconhecimento do direito subjetivo à nomeação dos aprovados em colocação além do número de vagas. A referida discricionariedade, porém, seria aquela consentânea com o Direito Administrativo contemporâneo, ou seja, não seria livre e irrestrita, mas vinculada a certas premissas. Ou seja, deveria basear-se no dever de boa-fé da Administração Pública, além de pautar-se por um incondicional respeito aos direitos fundamentais e aos princípios da eficiência, da impessoalidade, da moralidade e da proteção da confiança, todos inerentes ao Estado de Direito (Informativo nº 803, Repercussão Geral).

Portanto, atualmente, o candidato aprovado fora do número de vagas definidas no edital do concurso não possui direito subjetivo à nomeação caso surjam novas vagas durante o prazo de validade do certame, salvo se houver manifesto comportamento da Administração destinado a prover tais cargos durante a validade do certame.

O STJ, por sua vez, entende que o candidato aprovado fora das vagas previstas originariamente no edital, mas classificado até o limite das vagas surgidas durante o prazo de validade do concurso,

possui direito líquido e certo à nomeação **se o edital dispuser que serão providas, além das vagas oferecidas, as outras que vierem a existir durante sua validade** (MS 18.881-DF, Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho, j. 28.11.2012. 1ª S. - Info. 511).

O STJ também definiu que o candidato aprovado fora do número de vagas previstas no edital de concurso público tem direito subjetivo à nomeação quando o candidato imediatamente anterior na ordem de classificação, embora aprovado fora do número de vagas, for convocado para vaga surgida posteriormente e manifestar desistência.

Acerca do reconhecimento de direito subjetivo à nomeação dentro do prazo de validade do concurso para o candidato aprovado dentro do número de vagas, cabe destacar que o Ministro Carlos Ayres ponderou que **esse direito não é absoluto e cede diante de impossibilidades supervenientes devidamente demonstradas pela Administração.**

Nesse sentido, o STF, em repercussão geral (RE 598.099/MS, Pleno, Rel. Min. Gilmar Mendes, DJe 03.10.2011), identificou hipóteses excepcionais nas quais a Administração pode deixar de realizar a nomeação de candidato aprovado dentro do número de vagas, desde que tenham as seguintes características:

a) superveniência: os eventuais fatos ensejadores de uma situação excepcional devem ser necessariamente posteriores à publicação do edital do certame público;

b) imprevisibilidade: a situação deve ser determinada por circunstâncias extraordinárias, imprevisíveis à época da publicação do edital;

c) gravidade: os acontecimentos extraordinários e imprevisíveis devem ser extremamente graves, implicando onerosidade excessiva, dificuldade ou mesmo impossibilidade de cumprimento efetivo das regras do edital;

d) necessidade: a solução drástica e excepcional de não cumprimento do dever de nomeação deve ser extremamente necessária, de forma que a Administração somente pode adotar tal medida quando absolutamente não existirem outros meios menos gravosos para lidar com a situação excepcional e imprevisível.

Saliente-se, ainda, que o candidato aprovado possui direito à nomeação imediata caso ocorra burla na ordem de classificação ou quando for contratado ou nomeado servidor, sem concurso público (nomeações "ad hoc" ou contratações de terceirizados).

Atenção!

O STF, inclusive, editou, nesse sentido, a Súmula nº 15, pela qual "dentro do prazo de validade do concurso, o candidato aprovado tem direito à nomeação, quando o cargo for preenchido sem observância da classificação".

No que concerne ao controle dos concursos públicos efetuado pelo Poder Judiciário, predomina o entendimento de que não cabe ao Judiciário o papel de revisor das bancas de concurso e que é inevitável, nas **provas discursivas**, certa discricionariedade na avaliação das respostas. Nas provas de **múltipla escolha**, o Judiciário também tem se pautado pela fiscalização da observância ao princípio da isonomia e a verificar se as questões foram formuladas de acordo com o programa estabelecido pelo edital, não ingressando no mérito dos quesitos.

No entanto, o STJ entende que a banca examinadora pode exigir conhecimento sobre legislação superveniente à publicação do edital, desde que vinculada às matérias nele previstas.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz Substituto da Paraíba-2011, realizado pelo CESPE, foi considerada *incorreta* a seguinte assertiva: O STJ firmou jurisprudência no sentido de que o exame dos atos da banca examinadora e das normas do edital de concurso público pelo Poder Judiciário não se restringe aos princípios da legalidade e da vinculação ao edital.

A Constituição, em seu art. 5º, veda as distinções baseadas em sexo, idade, raça, credo e convicções políticas. Tais vedações não devem ser interpretadas de forma absoluta, pois a própria Carta Política, em seu art. 37, inc. I atribui à **lei ordinária** a competência para fixar os requisitos de acesso aos cargos, empregos e funções.

A doutrina e a jurisprudência admitem que o **legislador** fixe **critérios limitativos** ao sexo e à idade dos candidatos, quando essas limitações guardem **correlação lógica** e sejam necessárias em razão das atribuições a serem exercidas. Segundo o Ministro Sepúlveda Pertence, no Agr. RE 327.784, *não cabe ao edital limitar o que a lei não restringiu*. Ex.: guarda de presídio feminino, policial, delegado.

A aferição do cumprimento do requisito de idade, assim como o diploma ou habilitação legal para exercer o cargo público deve se dar no momento da posse e não no momento da inscrição, salvo nos concursos públicos para ingresso na Magistratura ou no Ministério Público, quando a comprovação dos requisitos exigidos deve ser feita na inscrição definitiva e não na posse.

O STF entendeu inconstitucional edital de concurso público para ingresso em curso de formação de oficiais de polícia militar estadual que previa a possibilidade de participação apenas de candidatos do sexo masculino. Assentou-se a afronta ao mencionado princípio da isonomia, haja vista que tanto o edital quanto a legislação que regeria a matéria não teriam definido qual a justificativa para não permitir que mulheres concorressem ao certame e ocupassem os quadros da polícia militar.

A Suprema Corte também julgou inconstitucional, com repercussão geral, a **proibição de tatuagens** a candidatos a cargo público estabelecida em leis e editais de concurso público, por entender que se trataria de barreiras arbitrárias para impedir o acesso de candidatos a cargos públicos o que afrontaria os princípios constitucionais da isonomia e da razoabilidade e que qualquer obstáculo a acesso a cargo público deve estar relacionado unicamente ao exercício das funções públicas (RE/898450 - DJ 23/08/2016).

No que concerne especificamente ao **exame psicotécnico**, o entendimento dominante é de que a exigência deve estar prevista em lei e no edital, não sendo suficiente a mera previsão em edital, nem em ato normativo infralegal.

Nesse sentido a Súmula nº 686, do Supremo Tribunal Federal, *in verbis*: "Só por lei se pode sujeitar a exame psicotécnico a habilitação de candidato a cargo público".

O exame psicotécnico deve ter caráter público, não se admitindo que a Administração venha a estabelecer, ainda que por edital, caráter sigiloso ao exame. Ademais, os critérios de avaliação devem ser objetivos, a fim de permitir ao candidato a avaliação do resultado.

O Supremo também entende que as **provas de títulos** em concursos públicos para provimento de cargos efetivos no seio da Administração Pública brasileira, qualquer que seja o Poder de que se trate ou o nível federativo de que se cuide, **não podem ostentar natureza eliminatória**, prestando-se apenas para classificar os candidatos, sem jamais justificar sua eliminação do certame.

No que tange aos concursos que possuem fase de investigação social, é relevante destacar que o STF entende que nessa fase não pode haver a exclusão do concurso de candidato condenado em ação penal, ainda não transitada em julgado, em respeito ao princípio da presunção de inocência.

Atenção!

O STF (MS 20.972-DF) e o STJ (RESP nº 24.558-1-DF) entendem que, caso o servidor público já tenha se submetido a exame psicotécnico e aprovado para cargo público de funções idênticas ou semelhantes, na mesma pessoa federativa, seria ilegal exigir novo exame ou reprová-lo, caso venha a se submeter a nova avaliação, salvo se a Administração tenha-lhe atribuído alguma psicopatologia, por meio de avaliação médica, durante o exercício de suas funções públicas.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Defensor Público do Estado do Acre – CESPE/2017, foram consideradas corretas apenas as assertivas III e IV, descritas a seguir:

Com base nas disposições constitucionais e na jurisprudência do STF, julgue os itens a seguir, a respeito de concursos públicos.

I. *Existindo previsão em edital, as provas de títulos poderão ter natureza eliminatória ou classificatória.*

II. *Candidato condenado em ação penal, ainda que não transitada em julgado, poderá ser excluído do certame na fase de investigação social.*

III. *O exame psicotécnico deverá ser previsto em lei e basear-se em critérios objetivos de reconhecido caráter científico.*

IV. *Editais de concurso público não podem estabelecer restrição a pessoas com tatuagem, salvo em razão de conteúdo que afronte valores constitucionais.*

Por sua vez, os exames físicos também podem ser considerados legítimos desde que tal exigência se encontre prevista em lei, guarde relação de pertinência com as atividades a serem desenvolvidas, esteja pautada em critérios objetivos e seja passível de recurso.

Quando há a exigência de realização de exames físicos é vedada a realização de novo teste de aptidão física em concurso público no caso de incapacidade temporária, salvo previsão expressa no edital, mas é admitida a realização de novo teste de aptidão física em concurso público no caso de gravidez, sem que isso caracterize violação do edital ou do princípio da isonomia.

Com relação à **reserva de vagas** a serem preenchidas pelos portadores de necessidades especiais, a Constituição, em seu art. 37, inciso VIII, estabelece que a lei reservará percentual dos cargos e de

empregos públicos para as pessoas portadoras de deficiência, sendo que os critérios para essa admissão deverão ser definidos em lei.

A Lei em questão é a de nº 7.853/89, que garantiu a percentagem mínima de 5% das vagas aos portadores de deficiência, enquanto, no âmbito federal, a Lei nº 8.112/90, estabeleceu o máximo de 20%.

▸ Atenção!

Em ação julgada pelo STF, discutia-se o direito de nomeação de candidato portador de necessidades especiais em concurso do TJDFT, com apenas duas vagas. Caso se entendesse pela procedência, o arredondamento da fração que corresponderia a 5%, ou mesmo a 20%, levaria a se chegar a 50% das vagas reservadas para os portadores. Tal situação levaria os candidatos em geral a concorrerem a uma das vagas, e os deficientes, à outra, aumentando os percentuais mínimo - 5%, ou mesmo o máximo - de 20%, para 50%. Para o Ministro Marco Aurélio, "a eficácia do artigo 37, inciso VIII, pressupõe campo propício a ter-se com a incidência do percentual concernente à reserva para portadores de deficiência, resultado a desaguar em certo número de vagas. Isso não ocorre, quando existentes apenas duas".

Por fim, é importante destacar que o STF acolheu a tese da AGU no sentido de reconhecer a legalidade da reserva de vinte por cento das vagas, também chamada de **cotas** em concursos públicos federais a candidatos negros, conforme previsto na Lei nº 12.990/2014, bem como a legitimidade do critério da autodeclaração, com possibilidade de utilização subsidiária de critérios de heteroidentificação, no intuito de coibir fraudes, desde que respeitados a dignidade da pessoa humana, o contraditório e a ampla defesa.

Trata-se de uma reserva transitória de vagas, vez que a vigência da Lei nº 12.990/2014 expirará em dez anos.

Em resumo:

- O edital terá prazo de validade de até dois anos;
- Admite-se a prorrogação, uma única vez, pelo mesmo prazo, desde que haja previsão no edital;
- Podem ser fixadas restrições de acesso aos cargos e empregos públicos desde que prevista em Lei e que haja correlação lógica com as atribuições a serem desempenhadas;
- O candidato aprovado dentro do número de vagas possui direito subjetivo à nomeação durante o prazo de validade do concurso, desde que não surja circunstância superveniente impeditiva.

6. PROVIMENTO E VACÂNCIA

6.1. Provimento

Provimento é o fato administrativo que retrata o preenchimento de um cargo ou função pública. Há dois tipos de provimento: o **originário** e o **derivado**.

6.1.1. *Tipos de provimento*

O **provimento originário**, também chamado **inicial**, indica que o vínculo do servidor com o cargo ou função pública não decorre de prévia vinculação com a Administração.

Provimento derivado é o que depende de um vínculo anterior do servidor com a Administração. Ex.: a reintegração, a promoção, aproveitamento.

Dessa forma, será **originário** o provimento para o cargo de juiz, se o nomeado for um advogado, professor ou analista judiciário, mas será **derivado** o provimento do cargo de desembargador, salvo se pertencente ao quinto constitucional indicado pela OAB.

Quando o servidor é nomeado, mas não toma posse no prazo legal, torna-se sem efeito a sua nomeação, entretanto, quando o servidor é empossado e não entra em exercício no prazo legal, o mesmo será exonerado.

6.1.2. *Formas de provimento*

Quanto às formas de provimento, temos:

I. **Nomeação** – é a mais comum e ocorre para provimento originário dos cargos efetivos e em comissão;

> ▸ **Atenção!**
> Após a nomeação o servidor possui o prazo de trinta dias para tomar posse e quinze dias para entrar em exercício. Admite-se a posse por procuração, mas o exercício corresponde ao desempenho das funções atribuídas ao servidor e, portanto, não admite a outorga de responsabilidades.

II. **Promoção vertical** – é a forma pela qual o servidor sai de seu cargo e ingressa em outro de categoria mais elevada (a promoção horizontal que é a que o servidor não muda de categoria, mas, apenas, de classe, não é forma de provimento, pois não gera vacância do cargo);

III. **Readaptação** - é a forma de provimento pela qual o servidor passa a ocupar cargo diverso do que ocupava, tendo em vista a necessidade de adequar o desempenho da função pública com a limitação física ou psíquica sofrida (na hipótese de inexistência de vaga, exercerá suas funções como excedente);

IV. **Recondução** - é o retorno do servidor que tenha estabilidade ao cargo que ocupava anteriormente, por motivo de sua inabilitação em estágio probatório relativo a outro cargo ou pela reintegração de outro servidor ao cargo de que teve de se afastar;

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz de Direito Substituto - AM/2016, foi considerada incorreta a seguinte assertiva:

E) Recondução é o retorno do servidor público, estável ou não, ao cargo anteriormente ocupado e decorre de inabilitação em estágio probatório relativo a outro cargo ou de exoneração do anterior ocupante.

▸ **Atenção!**

Em 2009, a AGU emitiu o Parecer nº JT -03, aprovado pelo Presidente da República, vinculando, portanto, toda a Administração Pública Federal, admitindo a recondução de ex-procuradora federal que estava ocupando cargo de procuradora estadual. Na ocasião, ficou definido que os requisitos para a recondução são:

a) não tenha sido adquirida a estabilidade no novo cargo;

b) ao revés, que se tenha adquirido a estabilidade no cargo anterior.

Portanto, preenchidos os requisitos expostos acima, é possível a recondução para cargo público federal civil, não importando a qual poder ou unidade da federação se encontrava vinculado.

V. **Reintegração** - é o retorno do servidor demitido ilegalmente. Se outro servidor ocupava o cargo e também e detinha a estabilidade, será reconduzido ao cargo de origem, sem direito à indenização, ou será aproveitado em outro cargo (se já era servidor anteriormente), ou, ainda, será posto em disponibilidade com remuneração proporcional ao tempo de serviço;

VI. **Aproveitamento** - é o reingresso do servidor em disponibilidade, quando haja cargo vago de natureza e vencimento compatíveis com o anteriormente ocupado. A Administra-

ção deverá verificar se estão presentes os pressupostos para o aproveitamento, a saber: a) compatibilidade de cargos e de nível de remuneração; e b) a idade e condições de saúde do servidor. Dessa forma, caso o servidor esteja em disponibilidade, face a extinção do seu cargo de motorista, não possuirá direito subjetivo a ser aproveitado no cargo de fiscal da receita;

VII. **Reversão** – é o retorno à atividade do servidor aposentado e dar-se-á no interesse da Administração, ou quando cessar invalidez temporária. Nesse segundo caso, o servidor terá que ser examinado por junta médica oficial, que o declarará apto para voltar ao trabalho. O retorno independe da existência de cargo vago, pois a lei estabelece que o servidor poderá exercer suas funções como excedente.

É interessante anotar que, segundo entendimento do Tribunal de Contas da União (Acórdão 2217/2016), o exercício de atividade remunerada no setor privado por servidor aposentado por invalidez não implica necessariamente reversão, tampouco obrigação de ressarcir os valores recebidos a título de proventos. Tendo a junta médica oficial atestado a persistência das condições que ensejaram a aposentadoria e inexistindo provas de fraude em tal declaração, não há óbice a que o servidor exerça atividade privada por sua conta e risco.

Mas, quando o pedido de reversão ocorrer no interesse da Administração, só será atendido se preencher três condições: a existência de cargo vago; a aposentadoria ter sido voluntária e ocorrida há menos de cinco anos da data da solicitação de reversão; tratar-se de servidor estável quando na atividade.

A **disponibilidade** é a garantia de inatividade remunerada assegurada ao servidor estável, em caso de ser extinto o cargo ou declarada a sua desnecessidade. A remuneração será proporcional ao tempo de serviço.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Cartório – MG/2015, com o enunciado: Em caso de extinção de cargo público, assinale a alternativa correta:

Foi considerada correta a seguinte assertiva:

A) O servidor estável deve ser aproveitado, de forma adequada, em outro cargo.

Tipos de provimento	Originário	Independe de prévia vinculação do servidor com a Administração;
	Derivado	Depende de prévio vínculo do servidor com a Administração;
Formas de provimento	Nomeação	Provimento originário para cargos efetivos e em comissão;
	Promoção vertical	Progressão na carreira do servidor;
	Readaptação	Decorrente de limitação física ou psíquica do servidor;
Formas de provimento	Recondução	Retorno do servidor estável em virtude de inabilitação em estágio probatório ou reintegração;
	Reintegração	Retorno do servidor demitido ilegalmente;
	Reversão	Retorno do servidor aposentado;
	Aproveitamento	Reingresso do servidor em disponibilidade.

Apesar de não estarem contempladas no rol da Lei nº 8.112/90, a **transformação** e a **reclassificação** são formas de provimento derivado, conforme recorda Diogo de Figueiredo Moreira Neto, em sua obra "Curso de Direito Administrativo", por meio das quais o servidor público civil é investido em novo cargo ou função, com diferente denominação e enquadramento, em virtude da extinção do cargo ou função que detinha.

É o que ocorreu com os antigos cargos de procuradores das autarquias federais (IBAMA, INCRA, INSS, DNOCS, dentre outros) que foram transformados em Procuradores Federais.

Por fim, cabe destacar que as formas de provimento estudadas estão previstas na Lei nº 8.112/90 que é o estatuto jurídico dos servidores públicos federais e que os estados, DF e municípios podem legislar estabelecendo outras formas de provimento para os seus servidores, devendo observar, apenas, os limites estabelecidos pela Constituição Federal de 1988.

Nesse sentido, o STJ decidiu que não é possível a aplicação, por analogia, do instituto da recondução previsto no art. 29, I, da Lei 8.112/1990 a servidor público estadual na hipótese em que o ordenamento jurídico do estado for omisso acerca desse direito.

6.2. Vacância

É o fato administrativo pelo qual o servidor é destituído do cargo. A **vacância** ocorrerá nas seguintes situações:

I. **Exoneração** - a pedido ou de ofício, nos casos de cargo em comissão ou inabilitação em estágio probatório;

II. **Demissão** – é forma de sanção administrativa e é aplicada pela prática de ilícito administrativo apurado em processo administrativo disciplinar em que sejam assegurados o contraditório e a ampla defesa;

III. **Promoção;**

IV. **Readaptação;**

V. **Aposentadoria;**

VI. **Posse em outro cargo inacumulável;**

VII. **Falecimento**

7. REMUNERAÇÃO DOS SERVIDORES

Existem duas formas de remuneração dos servidores: os **vencimentos** e o **subsídio**. Os **vencimentos** consistem no pagamento de uma parcela fixa (vencimento) e de uma parcela variável (composta das gratificações, adicionais e indenizações). Já o **subsídio** é pago mediante uma parcela única.

Formas de remuneração ou estipêndio dos servidores públicos		
Subsídio	Parcela fixa que admite a percepção de verbas indenizatórias	**Obrigatório - membros de poder, os membros da AGU, da Defensoria Pública e ministros e secretários estaduais e municipais. Facultativo - demais servidores organizados em carreira**
Vencimentos	Parcela fixa (vencimento) acrescida de parcela variável (gratificações, adicionais, indenizações)	**Servidores organizados em carreira**

A Constituição determina que alguns cargos necessariamente devem ser remunerados por **subsídio**, tais como os membros do Poder Judiciário, do Ministério Público, do Legislativo, dos Tribunais de Contas, da Advocacia Geral da União, Defensoria Pública e das polícias, bem como os primeiros escalões do Poder Executivo (ministros, secretários estaduais e municipais).

Os demais cargos que estejam organizados em carreira podem (trata-se de faculdade e não de direito) ser remunerados por subsídio.

A **fixação** e **alteração da remuneração** dos servidores públicos só podem ser realizadas por lei específica (ressalvados os servidores do Poder Legislativo, cuja remuneração é fixada por ato do Congresso Nacional) e depende de prévia dotação orçamentária e de autorização específica da lei de diretrizes orçamentárias.

A EC nº 19/98 proibiu qualquer **vinculação ou equiparação de remuneração**, o que significa que estão vedados os reajustes automáticos de vencimentos ou subsídios, ressalvadas as situações, expressamente, previstas na Constituição, como a existente entre a remuneração dos Ministros do STF e do STJ (95% daquela) e a remuneração dos Ministros do STJ e do Tribunal de Contas da União.

A Constituição assegura aos servidores públicos **revisão geral anual**, na mesma data e sem distinção de índices, o que não significa que esse é o único momento para que os servidores possam obter melhorias em suas remunerações, vez que nada impede que ocorram reestruturações e concessão de vantagens a carreiras específicas com o intuito de valorizá-las e torná-las mais atrativas.

A Carta Magna fixa, também, como **teto máximo** (de remuneração ou subsídio, de qualquer servidor ou agente político) o subsídio mensal dos Ministros do Supremo Tribunal Federal. Este teto não inclui as parcelas de caráter indenizatório, como diárias e auxílio moradia, por exemplo.

No caso dos conselhos de fiscalização profissional, em face de sua natureza autárquica, a Corte de Contas Federal entende que seus servidores se submetem ao teto constitucional previsto no art. 37, XI da Constituição de 1988.

▸ Como esse tema vem sendo cobrado em concurso?

No concurso realizado para Cartório de MG/2015, foi considerada incorreta a seguinte assertiva:

D) As parcelas de caráter indenizatório previstas em lei serão computadas no teto remuneratório.

▸ Importante!

O subsídio de Ministro do STF também é aplicado como teto para as empresas públicas, sociedades de economia mista e suas subsidiárias que recebem recursos públicos para custear suas despesas.

Quando se trata de acumulação de cargos autorizada pela Constituição, a Suprema Corte entende que deve ser considerado cada um dos vínculos formalizados, afastada a observância do teto remuneratório quanto ao somatório dos ganhos do agente público. O argumento é que a percepção somada de remunerações relativas a cargos acumuláveis, ainda que acima, no cômputo global, do patamar máximo, não interfere nos objetivos que inspiram o texto constitucional. As situações alcançadas pelo art. 37, XI, da CF são aquelas nas quais o servidor obtém ganhos desproporcionais, observadas as atribuições dos cargos públicos ocupados. Admitida a incidência do limitador em cada uma das matrículas, descabe declarar prejuízo à dimensão ética da norma, porquanto mantida a compatibilidade exigida entre trabalho e remuneração.

Da mesma forma, quando se trata de percepção cumulativa de aposentadoria e pensão, a matéria parece que se encontra pacificada, vez que o STJ, em harmonia ao que vinha sendo decidido pelos órgãos administrativos do Poder Judiciário e do Ministério Público, julgou que, nesses casos, o teto constitucional deve incidir isoladamente sobre cada uma das verbas.

8. RESPONSABILIDADE DOS SERVIDORES

8.1. Responsabilidade civil

Os servidores públicos, no desempenho de suas funções, podem praticar ilícitos administrativos, penais e causar danos à própria Administração ou a terceiros. Nesses casos, o servidor deverá ser sancionado administrativa, penal e civilmente.

A **responsabilidade civil** obriga o servidor a reparar o dano causado no exercício de suas funções, desde que tenha agido com culpa ou dolo (responsabilidade subjetiva). Independe da responsabilidade administrativa e penal e todas podem ser apuradas de maneira concomitante, em razão da independência das instâncias.

Os danos causados pelo servidor à Administração serão apurados por meio de processo administrativo em que deverão ser observados os princípios do contraditório e da ampla defesa. Constatando-se a responsabilidade do servidor, surge o dever de reparar o prejuízo por ele causado.

Tema controverso concerne à forma como se dará essa reparação. Há defensores da tese de que os valores deverão ser descontados

mensalmente da remuneração do servidor responsável pelo evento lesivo em percentual previsto em norma legal, o qual não dependerá de seu prévio consentimento, devendo, todavia, haver prévia notificação. Di Pietro faz a ressalva de que, nos casos dos empregados públicos que são contratados sob o regime celetista, o desconto só poderá ser efetuado com o consentimento do empregado. Hely Lopes vai além ao entender que, em todo e qualquer caso, será necessária a concordância do servidor, e, havendo negativa, a execução será judicial.

O STF, em voto da lavra do Min. Maurício Corrêa, entendeu que o art. 46, da Lei nº 8.112/90, não é dotado de autoexecutoriedade, sendo necessária a aquiescência do servidor. Caso o mesmo não autorize o desconto, a Administração Pública terá que se valer das vias executivas (informativo nº 336).

Entretanto, a Excelsa Corte, posteriormente, (informativo 355) julgou possível o desconto na remuneração de servidor para pagamento de dívidas decorrentes de contas julgadas irregulares pelo TCU, utilizando como fundamento o mesmo art. 46, da Lei nº 8.112/90. Ressalte-se que, no processo de tomada de contas especial, já havia sido observado o direito à ampla defesa, bem como cumprida a exigência de notificação prévia do desconto ao servidor.

Percebe-se um sensível crescimento das decisões judiciais favoráveis ao desconto em folha dos servidores para ressarcimento dos danos ao erário, desde que observados o contraditório e a ampla defesa nos processos administrativos de apuração de responsabilidade.

A Advocacia-Geral da União, no entanto, provocada pelas Consultorias Jurídicas da União nos Estados emitiu pronunciamento em 2011 sobre o tema que pode ser resumido da seguinte forma:

- AGU - (Parecer nº 156/2010/DECOR/CGU/AGU) possibilidade de se efetuar desconto em folha para restituição ao erário de valores pagos indevidamente, decorrentes de decisão judicial provisória, desde que seja previamente oportunizado o contraditório e a ampla defesa.
- AGU - (Parecer nº 069/2011/DECOR/CGU/AGU) impossibilidade de desconto, sem a anuência do servidor, dos danos provocados por servidor público conduzindo veículo oficial.

Aparentemente, a Advocacia-Geral da União opta pela possibilidade do desconto em folha quando o valor a ser restituído ao erário está liquidado, como nos pagamentos efetuados equivocamente ou decorrentes de decisão judicial provisória que venha a ser reforma-

da. Todavia, quando se trata de valores que necessitam ser aferidos, como danos causados pelo servidor no exercício de suas funções, o desconto em folha só seria admissível com sua expressa anuência, caso contrário deve ser impetrada uma ação judicial para ressarcimento da fazenda pública.

No entanto, nos fundamentos de recente manifestação (Parecer nº 040/2016/DECOR/CGU/AGU, aprovado pelo Advogado-Geral da União e, portanto, vinculante para todos os membros da AGU), a Advocacia-Geral da União se posicionou pela possibilidade de desconto em folha dos valores referentes a prejuízos causados por servidores, bastando terem sido observados, em processo administrativo prévio, os princípios do contraditório, da ampla defesa e do devido processo legal, sendo desnecessária a concordância do servidor.

8.2. Responsabilidade administrativa

É a responsabilidade decorrente do cometimento de ilícitos administrativos pelo servidor. Trata-se de aplicação do poder disciplinar pelo qual a própria Administração aplica as sanções devidas, segundo avaliação de mérito da autoridade administrativa competente, razão pela qual o Poder Judiciário, no exercício do controle externo, só poderá anulá-la, mas jamais substituí-la ou alterá-la.

Conforme já ressaltado, a **responsabilidade administrativa** independe da responsabilidade civil ou penal, razão pela qual a Administração não precisa aguardar o início, o desenvolvimento ou a conclusão de processo civil ou criminal a que o servidor esteja sujeito, pela prática do mesmo fato.

O art. 126, da Lei nº 8.112/90, contempla uma possibilidade de **comunicação de instâncias** ou, em outras palavras, de repercussão da decisão de uma esfera em outra. Trata-se da **absolvição criminal pela inexistência do fato ou de sua autoria.**

No entanto, o STF amplia esse entendimento ao considerar três as situações de comunicabilidade da sentença absolutória penal, a saber: quando decide a) pela inexistência de autoria do fato, b) pela inocorrência material do próprio evento ou, ainda, c) pela presença de qualquer das causas de justificação penal (MS 23.190, Rel. Min. Celso de Melo, publicada no DJ 01.08.2013).

Então, se o servidor pratica um fato que é considerado, ao mesmo tempo, um ilícito penal e administrativo, poderá ser processado em ambas as instâncias, sem haver a necessidade de o processo

administrativo aguardar o desfecho da ação penal. Contudo, caso o servidor seja absolvido na ação penal, porque o Judiciário entendeu que não existiu o fato ou que o servidor não foi o seu autor, tal decisão repercutirá na esfera **administrativa**, afastando a responsabilidade do servidor.

▸ Atenção!

A absolvição criminal do servidor por falta de provas não tem o poder de afastar a sua responsabilidade administrativa.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz de Direito Substituto do DF/2015, foi assinalada como correta a alternativa "C" para a seguinte questão:

Pedro, servidor público distrital estável, sofreu processo administrativo disciplinar em razão da prática de infração funcional assemelhada ao crime de corrupção passiva. Ele foi devidamente intimado do procedimento, durante o qual foram descritas as condutas a ele imputadas e apontado o enquadramento legal pertinente. A Pedro foi concedido prazo para apresentar defesa e indicar as provas que reputasse imprescindíveis a essa defesa. Concluído o processo administrativo com dois meses de atraso, a comissão processante emitiu parecer favorável à condenação de Pedro à pena de demissão a bem do serviço público.

Nessa situação hipotética,

A) se Pedro tivesse sido absolvido na esfera criminal sob a fundamentação de que sua conduta constituía infração penal, seria vedada a aplicação de qualquer punição por infração disciplinar a Pedro por este mesmo fato, ainda que a comissão processante verificasse que tal conduta violava dever funcional.

B) o processo administrativo contra Pedro será nulo se a sua defesa não tiver sido subscrita por advogado.

C) ainda que ocorra o trânsito em julgado de sentença absolutória de Pedro em processo criminal por insuficiência de provas, será permitido à autoridade administrativa competente condenar o servidor e aplicar-lhe a pena de demissão pelos mesmos fatos.

D) caso a autoridade administrativa competente demita Pedro nos termos propostos pela comissão processante, o atraso no encerramento do processo administrativo contra Pedro implicará a nulidade do ato demissório.

E) se tivesse havido indeferimento das provas requeridas por Pedro, mesmo se a comissão processante tivesse demonstrado sua desnecessidade para o esclarecimento do feito, seria nulo o processo por violação aos princípios da ampla defesa e do contraditório.

O ilícito administrativo, normalmente, não possui a tipicidade do ilícito penal, sendo considerado como transgressão o desrespeito a mandamentos gerais de obrigações que deverão ser observados por todos os servidores. Justamente em face dessa discricionariedade, exige-se da autoridade competente a justificativa necessária para demonstrar a adequação da sanção imposta com a irregularidade praticada.

8.3. Responsabilidade penal

É aquela advinda da prática de **ilícito penal** por servidor público no exercício de sua função ou a pretexto de exercê-la. Ela é aferida pelo Poder Judiciário.

A lei penal, ao tratar dos crimes contra a Administração Pública, considera servidor público o estatutário, o empregado público e os particulares em colaboração com o Poder Público.

▸ **Atenção!**

O princípio da insignificância é inaplicável aos crimes contra a administração pública.

9. ACUMULAÇÃO DE CARGOS, EMPREGOS E FUNÇÕES PÚBLICAS

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 37, inc. XVII veda a acumulação remunerada de cargos, empregos e funções públicas na Administração Direta e Indireta, bem como nas suas subsidiárias e empresas controladas direta ou indiretamente pelo Poder Público. Já o inciso anterior, do mesmo art. 37, admite algumas **situações de cumulatividade**, desde que haja compatibilidade de horários, devendo sempre ser observado o teto remuneratório (subsídio de Ministro do STF).

Dessa forma, a acumulação de cargos, empregos e funções públicas é possível, desde que haja compatibilidade de horários e nas seguintes situações:

a) Dois cargos de professor;

b) Um cargo de professor com outro técnico ou científico; e

c) Dois cargos ou empregos privativos de profissionais de saúde, com profissões regulamentadas.

Detectada a qualquer tempo a acumulação ilegal de cargos, empregos ou funções públicas, o servidor será notificado para apresentar opção no prazo improrrogável de dez dias, contados da data da ciência e, na hipótese de omissão, a administração adotará procedimento sumário para apurar o ilícito administrativo.

A opção pelo servidor até o último dia de prazo para defesa configurará sua boa-fé, hipótese em que se converterá automaticamente em pedido de exoneração do outro cargo.

No caso de acumulação ilegal de cargos públicos, a restituição de valores recebidos pelo servidor somente é devida caso seja constatada a não contraprestação de serviços, sob pena de se configurar enriquecimento sem causa da Administração.

No tocante à acumulação de horários, é importante assinalar que a Advocacia-Geral da União e o Tribunal de Contas da União possuem entendimento diametralmente contrário à sólida jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça e do Supremo Tribunal Federal.

A AGU, por intermédio de parecer aprovado pelo Presidente da República (PARECER GQ-145) e, portanto, vinculante para toda a Administração Pública Federal, tratam da compatibilidade de horários de forma objetiva.

Para o Parecer GQ-145, a compatibilidade é presumida quando a soma das jornadas não ultrapassa 60 horas semanais e não são coincidentes; já a incompatibilidade é presumida quando a soma das jornadas ultrapassa 80 horas semanais, ainda que não coincidentes.

Ficou assentado como razoável uma jornada máxima de 60 horas semanais, com o intuito de preservar a saúde física e mental do servidor, de forma a remanescer tempo minimamente suficiente para sua locomoção, higiene, alimentação e repouso, em observância ao princípio da dignidade da pessoa humana.

Em março de 2016 o Tribunal de Contas da União, por meio do Acórdão n. 603/2016-TCU-Plenário comunicou à Advocacia-Geral da União acerca da divergência entre o Parecer GQ-145/1998 e a mais recente jurisprudência da Corte Federal de Contas. O TCU, modificando o seu entendimento, o qual esposava a tese defendida pela AGU, pela limitação em 60 horas semanais a jornada de trabalho semanal máxima admitida, passou a defender que nas situações de acumulação de cargos públicos deve ser analisada caso a caso e que, portanto, é possível a acumulação remunerada de cargos públicos, ainda que ultrapassada a

carga horária de 60 horas semanais, desde que demonstrada ausência de prejuízo concreto às respectivas funções exercidas.

Novamente não encontramos segurança jurídica quando pesquisamos o tema no STJ, vez que há decisões que entendem que a limitação das 60 horas imposta no já mencionado Parecer GQ-145 seria ilegal devendo a constatação da compatibilidade ser aferida caso a caso e outras que defendem a razoabilidade do entendimento exposto no Parecer da AGU.

A seguir faremos uma breve comparação das decisões com entendimento antagônico sobre o limite de 60 horas para acumulação, destacando os anos em que foram proferidas:

MS 19476/DF, Mandado de Segurança 2012/0249508-8 (2014) - entendimento, segundo o qual cumpre à Administração Pública comprovar a existência de incompatibilidade de horários em cada caso específico, não sendo suficiente o cotejamento do somatório de horas trabalhadas com o padrão objetivo estabelecido em um parecer da AGU ou mesmo de acórdão do Tribunal de Contas da União.

Resp 1.565.429-SE (DJe 04/02/2016) – entendimento pela aplicação do limite de 60 horas estabelecido no Parecer da AGU em observância ao princípio da eficiência, pela necessidade de que o profissional necessita estar em boas condições físicas e mentais para bem exercer suas atribuições.

▸ Como este tema vem sendo abordado em concurso?

Em concurso realizado pela PGE/PA (2012) para provimento do cargo de Procurador do Estado, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: O STF entende não ser inconstitucional lei que condicione o direito de acumular cargos públicos à observância de uma deter minada jornada de trabalho semanal máxima. Exemplo disso foi o reconhecimento pela Corte Maior, no julgamento do RE 633298, da legitimidade do legislador para estabelecer limitações à carga horária, visando resguardar a saúde e o bem-estar do servidor, pois o direito de acumular cargos públicos não pode se sobrepor à higidez mental e física do servidor, muitas vezes submetido a jornadas de trabalho extenuantes.

▸ Atenção!

O STJ possui entendimento pela impossibilidade de acumulação dos cargos de técnico judiciário e professor, por entender que o primeiro não possui natureza técnica (ROMS 14456/AM, Relator Min. HAMILTON CARVALHIDO, DJ de 02.02.2004).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Em concurso realizado pelo TST (2008) para provimento do cargo de analista, foi oferecida a seguinte situação: "Considere que Carlos seja servidor público ocupante de cargo comissionado em um Tribunal Regional do Trabalho (TRT). Nessa situação hipotética, julgue os itens que se seguem." Foi considerada correta a seguinte assertiva: *Carlos não pode acumular remuneradamente esse cargo público com outro cargo comissionado na administração pública federal.*

Na questão acima, cumpre observar que, de fato, a regra é pela impossibilidade de acumulação de cargos comissionados, em face da ausência de amparo constitucional. Ocorre que a Lei nº 8.112/90, apesar de reconhecer a vedação da aglutinação de cargos em comissão como regra geral, excepciona tal possibilidade quando admite, em seu art. 119, que o servidor possa exercer mais de um cargo de confiança ou de natureza especial, interinamente, sem prejuízo das atribuições do que atualmente ocupa, hipótese em que deverá optar pela remuneração de um deles durante o período da interinidade.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Em concurso realizado pela ESAF para provimento do cargo de Procurador da Fazenda Nacional - 2012, foi considerada correta a seguinte assertiva: *Admite-se, excepcionalmente, que o servidor tenha exercício simultâneo em mais de um cargo em comissão.*

A Constituição admite também que o servidor eleito para o **cargo de Vereador** venha a acumular os cargos e a remuneração, se houver compatibilidade de horários.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Em concurso realizado Cespe - Juiz Federal Substituto 2ª região/2013 foi considerada incorreta a seguinte assertiva: O servidor público investido no mandato de prefeito deverá ser afastado do cargo, emprego ou função, sendo-lhe possível cumular os vencimentos, todavia, sempre observando o teto constitucional, ou seja, o subsídio fixado para os ministros do STF.

Por fim, o art. 37, § 10, da Constituição veda a percepção simultânea de proventos de **aposentadoria** com a remuneração de cargo, emprego ou função pública, **ressalvados os cargos acumuláveis na forma desta Constituição, os cargos eletivos e os cargos em comissão declarados em lei de livre nomeação e exoneração.**

10. ESTABILIDADE, VITALICIEDADE E ESTÁGIO PROBATÓRIO

10.1. Estabilidade

É o direito outorgado ao servidor estatutário, nomeado em virtude de concurso público, de permanecer no serviço público após três anos de efetivo exercício (art. 41 da CF, com redação dada pela EC 19/98), que dependerá de avaliação especial de desempenho do servidor, a ser realizada por comissão funcional com esta finalidade.

Apesar de o dispositivo legal se referir à necessidade de efetivo exercício pelos três anos iniciais para que o servidor seja detentor da estabilidade, alguns afastamentos não possuem o condão de suspender a contagem do prazo legal. É o caso do gozo da licença gestante, da licença adotante e da licença paternidade que, segundo Orientação Normativa da Câmara Nacional de Uniformização da AGU nº 03/2016, não implica na suspensão da contagem do prazo do estágio probatório. Tal entendimento foi recentemente aprovado pelo Presidente da República, vinculando toda a Administração Pública Federal.

A **estabilidade** ocorre no serviço público e não no cargo. Ela é conferida, apenas, aos servidores estatutários efetivos, não fazendo *jus* os ocupantes de cargo comissionado, os temporários e os empregados públicos. No que concerne a estes últimos, convém destacar que a Constituição se refere ao servidor **nomeado** para ocupar **cargo público**, enquanto o empregado público é contratado para ocupar emprego público, conforme já destacado no item 3, do presente capítulo.

No entanto, o TST, através do Enunciado nº 390, vem entendendo que o empregado público da administração direta, autárquica e fundacional possui direito à estabilidade prevista no art. 41, da CF.

Trata-se de entendimento rejeitado pela doutrina administrativista e que não deve ser acatado pelo Supremo Tribunal Federal.

O art. 19 do Ato de Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) estabeleceu, também, que serão considerados estáveis todos os servidores públicos civis federais, estaduais, distritais e municipais, da Administração Direta ou Indireta, que estivessem em exercício há pelo menos cinco anos na data da promulgação da Constituição Federal de 1988, ainda que tenham ingressado no serviço público sem concurso. José dos Santos Carvalho Filho chama essa garantia de **estabilização**.

Os servidores detentores da estabilidade prevista no art. 19 da ADCT serão estáveis no serviço público, mas não podem ser considerados efetivos, haja vista que a efetividade está relacionada com o provimento decorrente de prévia aprovação em concurso público.

Por sua vez, os servidores que ingressaram no serviço público, sem concurso, anteriormente à Constituição Federal de 1988 e que não possuem os requisitos previstos no, já mencionado, art. 19 da ADCT (cinco anos antes da promulgação da Carta Magna) não são estáveis, nem efetivos.

▸ Como esse tema vem sendo abordado em questões subjetivas de concursos?

(MPE-MS - Promotor de Justiça - MS/2008) Zenaide Barbosa, assessora do Secretário de Estado de Educação, foi exonerada deste cargo em comissão em 20/01/2007. Pleiteou em juízo a invalidação do ato de exoneração, sob o argumento de que, embora não tenha prestado concurso público, é servidora pública estadual desde abril de 1982, tendo exercido cargo de professora até 18/05/1988, e, a partir de 19/05/1988, passou a exercer o cargo em comissão de assessora mencionado até a data da exoneração. Que na data da promulgação da Constituição do Brasil, 05/10/1988, exercia cargo público há mais de cinco anos, o que lhe dá direito à declaração de estabilidade excepcional prevista no art. 19 do ADCT - CF/1988, e, portanto, só pode perder seu cargo por sentença judicial transitada em julgado ou processo administrativo em que tenha assegurada ampla defesa. Zenaide tem razão no seu pleito? Justifique

Os empregados de **empresas públicas** e **sociedades de economia mista** não são servidores públicos, salvo nas situações específicas previstas em lei (ex.: lei penal-crimes contra a Administração Pública), e, portanto, não detém a estabilidade do art. 41, da Constituição.

Contudo, segundo o entendimento de Celso Antônio Bandeira de Mello, estes empregados não podem ser demitidos pela simples vontade do seu dirigente, sendo necessária a apuração de suas faltas ou insuficiência de desempenho, com direito à defesa, em reverência ao princípio constitucional da impessoalidade, norteador de toda a Administração Pública.

Em recente julgado (RE nº 589.998-PI/Relator Ministro Ricardo Lewandowski), o nosso Pretório Excelso entendeu que os empregados das empresas públicas e sociedades de economia mista que

prestam serviço público não fazem jus à estabilidade prevista no art. 41 de nossa Lei Maior, mas que, como eles são admitidos com observância dos princípios da impessoalidade e da isonomia, tais princípios também devem ser respeitados no momento de sua dispensa, razão pela qual a motivação da demissão se faz indispensável e sua ausência contamina o ato com vício insanável.

A necessidade de motivação da dispensa, contudo, não pode ser confundida com obrigação de instauração de processo administrativo disciplinar, tendo em vista que tal instituto está previsto no estatuto jurídico dos servidores públicos (ex.: Lei nº 8.112/90 – servidores públicos federais), não sendo aplicável aos empregados das estatais, que, por sua vez, são regidos pela CLT.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho (TRT 15ª Região – 2013) foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "segundo recente decisão do STF, com repercussão geral, é obrigatória a motivação para dispensa de empregados de empresas estatais e sociedades de economia mista, tanto da União quanto dos Estados, Municípios e do distrito Federal, mesmo não se aplicando a esses empregados a estabilidade prevista no artigo 41 da CF, estabelecendo, inclusive, a necessidade de instauração de processo administrativo disciplinar para fins de motivação da dispensa".

COMENTÁRIO: O equívoco está na exigência de processo administrativo disciplinar para a dispensa do empregado da empresa pública e da sociedade de economia mista.

Tendo adquirido a **estabilidade**, o servidor só poderá ser demitido nas seguintes hipóteses:

I. **Sentença judicial transitada em julgado;**

II. **Processo administrativo disciplinar** em que lhe seja assegurada ampla defesa e contraditório.

III. Quando demonstrar **insuficiência de desempenho**, comprovada em processo administrativo, por meio de avaliações periódicas em que lhe seja assegurada oportunidade de defesa (alguns autores entendem que essa é uma situação de exoneração); e

IV. Para adequar os **gastos com pessoal** aos limites fixados na lei de responsabilidade fiscal, após ter sido providenciada

a redução de pelo menos 20% das despesas com cargos em comissão ou funções de confiança e a exoneração de servidores não estáveis.

Nesse caso (**adequação de gastos com pessoal**), o servidor estável fará *jus* a uma indenização de uma remuneração por ano de serviço, não podendo ser criado cargo ou emprego com funções iguais ou semelhantes por quatro anos.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de **Juiz de Direito Substituto-CE/2012**, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "A estabilidade dos servidores efetivos assemelha-se à condição de vitaliciedade, sendo comum, em ambos os casos, o fato de sua perda só poder derivar de sentença judicial transitada em julgado".

10.2. Vitaliciedade

É a garantia conferida aos membros da magistratura, Ministério Público e Tribunais de Contas de permanecerem no serviço público, salvo determinação judicial transitada em julgado.

A **vitaliciedade** é adquirida após dois anos de exercício para os membros da magistratura e do Ministério Público de primeiro grau (aprovados em concurso público) e imediatamente para os membros da magistratura, do Ministério Público de segundo grau. Todos os membros dos Tribunais de Contas (ministro - TCU; conselheiros - TCE e TCM) adquirem a vitaliciedade com a investidura no cargo. Além da vitaliciedade, os membros da magistratura e do Ministério Público também são detentores da inamovibilidade que é a garantia de não serão removidos sem o seu consentimento.

Tal garantia, segundo o entendimento do STJ, começa a vigorar com o exercício do detentor da inamovibilidade, vez que a Constituição fixou o prazo de dois anos apenas para a vitaliciedade.

10.3. Estágio probatório

É o período dentro do qual o servidor é avaliado quanto aos requisitos necessários para o desempenho do cargo, tais como demonstração de iniciativa, adequação, disciplina, assiduidade e outros do mesmo gênero.

Atenção!

Apesar de não gozar da estabilidade, o servidor em estágio probatório não poderá ser exonerado sem regular processo que apure a sua capacidade.

Durante vários anos, perdurou uma imensa celeuma doutrinária e jurisprudencial acerca do **prazo do estágio probatório**, tendo em vista que a Lei nº 8.112/90 fixa, tanto para a estabilidade, quanto para o estágio probatório, o prazo de dois anos, que foi fixado em face da redação original da Constituição estabelecer o prazo da estabilidade em dois anos.

Conforme assinalado acima, a EC nº 19/98 aumentou para três anos o prazo para o servidor estatutário efetivo adquirir a estabilidade. Dessa forma, o dispositivo que tratava da estabilidade na Lei nº 8.112/90 e os demais estatutos estaduais e municipais foram revogados pela citada emenda constitucional.

Todavia, como estabilidade e estágio probatório são institutos distintos, não havia consenso acerca da revogação tácita ou não do prazo fixado nos estatutos dos servidores públicos para o estágio probatório.

Importante!

O STF, em reiteradas oportunidades, vem entendendo ser indissociável o prazo do estágio probatório do prazo da estabilidade. Além disso, declarou que a nova regra constitucional do art. 41 seria imediatamente aplicável e que as legislações estatutárias que estabeleciam prazo inferior a três anos para o estágio probatório estariam em desconformidade com o comando constitucional, estando, aparentemente, superada a discussão sobre o tema.

Estabilidade	Após três anos de efetivo exercício	Servidor público estatutário aprovado em concurso público.
	Efetivo exercício há pelo menos cinco anos na data da promulgação da CF/88	Servidor público estatutário que ingressou no serviço público sem concurso
Vitaliciedade	Após dois anos de efetivo exercício	Magistrados e membros do Ministério Público de primeiro grau
	A partir da investidura do cargo	Membros dos tribunais de contas e demais membros da magistratura e do Ministério Público

Estágio probatório	Três anos	Servidor público estatutário e efetivo
	Dois anos	Titular de cargo vitalício

11. REGIME ESPECIAL DE PREVIDÊNCIA DO SERVIDOR

11.1. Beneficiários do regime especial

Apenas os servidores efetivos e vitalícios se aposentam pelo regime especial de aposentadoria dos servidores públicos.

Por sua vez, os servidores ocupantes exclusivamente de cargos em comissão, empregados públicos e servidores temporários serão aposentados pelo Regime Geral de Previdência Social - RGPS.

11.2. Requisitos para aposentadoria voluntária

Os requisitos para que o servidor possa se aposentar voluntariamente são os seguintes:

	Homem	Mulher
Idade	60 anos	55 anos
Tempo de contribuição	35 anos	30 anos
Tempo de serviço público	10 anos	10 anos
Tempo no cargo	5 anos	5 anos

▸ Atenção!

Há redução em cinco anos dos prazos supracitados para o professor que comprove exclusivamente tempo de efetivo exercício das funções de magistério na educação infantil e no ensino fundamental e médio. O Tribunal de Contas da União, inclusive, decidiu que o período de tempo de serviço relativo a afastamento ou licença para estudo não pode ser enquadrado como de efetivo magistério, sendo ilegal o seu cômputo para fins de aposentadoria especial de professor. **A lei definirá prazos diferenciados para os servidores que desempenham suas funções em condições perigosas, penosas e insalubres.**

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Em concurso público realizado para provimento do cargo de Juiz - SE/2007, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *"A CF, em observância ao princípio da isonomia, veda a adoção de critérios diferenciados para concessão de aposentadoria".*

11.3. Aposentadoria por invalidez

Na **aposentadoria por invalidez**, via de regra, o servidor receberá **proventos proporcionais** ao tempo de contribuição, que nunca poderá ser inferior a 1/3 da remuneração da atividade. No entanto, perceberá **proventos integrais**, se a invalidez decorrer de acidente de serviço, moléstia profissional ou doença grave, contagiosa ou incurável, na forma da lei.

11.4. Pensão por morte

O dependente do servidor possui direito de receber 100% de sua remuneração a título de pensão na hipótese de seu falecimento, caso a remuneração ou aposentadoria não ultrapassasse o teto do RGPS (atualmente fixado em R$ 4.663,75). Em caso contrário, o pensionista receberá os 100% correspondente ao teto do RGPS + 70% do que exceder.

Ex.: se o servidor recebia R$ 3.000, o seu pensionista receberá os mesmos R$ 3.000,00 (R$ 3.000,00 é um valor inferior ao teto do RGPS). Se o servidor recebia R$ 10.000,00, o seu pensionista receberá R$ 8.399,12 (100% do valor correspondente ao teto do RGPS, mais 70% da parcela que excede esse valor).

A pensão pode ser requerida a qualquer tempo, prescrevendo tão-somente as prestações exigíveis há mais de 5 anos.

O benefício também deixa de ser, em regra, vitalício. A partir de agora dependerá da expectativa de sobrevida do cônjuge, companheiro ou companheira no momento do óbito.

A Lei nº 13.135/2015 estabeleceu para o cônjuge ou companheiro (a) uma série de exigências para que possa fazer *jus* à pensão, são elas:

1) Caso o óbito tenha ocorrido sem que o servidor tenha efetuado 18 contribuições mensais ou caso o casamento ou a união estável tiverem sido iniciados em menos de 2 anos antes do óbito do servidor a pensão só será devida por 4 meses;

2) Caso tenha sido superado o período de carência de 18 contribuições e o casamento conte com mais de dois anos o cônjuge ou companheira perceberá a pensão da seguinte forma:

   a. Por 3 anos, caso tenha menos de 21 anos de idade, na data do óbito;

b. Por 6 anos, caso tenha entre 21 e 26 anos de idade, na data do óbito;

c. Por 10 anos, caso tenha entre 27 e 29 anos de idade, na data do óbito;

d. Por 15 anos, caso tenha entre 30 e 40 anos de idade, na data do óbito;

e. Por 20 anos, caso tenha entre 41 e 43 anos de idade, na data do óbito;

f. De forma vitalícia, caso tenha 44 ou mais anos de idade, na data do óbito.

Nos casos de óbito decorrente de acidente de trabalho, salvo nas hipóteses de acidente de qualquer natureza ou de doença profissional ou do trabalho, serão dispensadas as carências de 18 contribuições mensais, bem como da comprovação de dois anos de casamento ou de união estável.

Com relação aos beneficiários, segundo a nova redação, são eles:

- I) o cônjuge;
- II) o cônjuge divorciado ou separado judicialmente ou de fato, com percepção de pensão alimentícia estabelecida judicialmente;
- III) o companheiro ou companheira que comprove união estável como entidade familiar;
- IV) o filho de qualquer condição que atenda a um dos seguintes requisitos:

  a) seja menor de 21 (vinte e um) anos;

  b) seja inválido;

  c) tenha deficiência grave (nesse caso a vigência ocorrerá apenas em 18/06/2017);

  d) tenha deficiência intelectual ou mental, nos termos do regulamento;
- V) a mãe e o pai que comprovem dependência econômica do servidor; e
- VI) o irmão de qualquer condição que comprove dependência econômica do servidor e atenda a um dos requisitos previstos no inciso IV.

▸ **Atenção!**

O enteado e o menor tutelado equiparam-se a filho mediante declaração do servidor e desde que comprovada dependência econômica.

A concessão de pensão ao cônjuge, companheiro e/ou filho exclui o direito dos demais beneficiários e, na ausência destes, a concessão à mãe e/ou ao pai exclui o direito do irmão.

Ocorrendo habilitação de vários titulares à pensão, o seu valor será distribuído em partes iguais entre os beneficiários habilitados.

A inclusão do período de carência de comprovação de dois anos de casamento ou de união estável foi uma importante ferramenta para frear os casamentos fictícios com pessoas gravemente enfermas, onde o objetivo principal é simplesmente criar o benefício da pensão por morte.

Ressalte-se, ainda, que a Lei nº 13.135/2015 estabeleceu que será considerado na contagem das 18 contribuições mensais, já mencionada, o tempo de contribuição para o Regime Próprio de Previdência Social (RGPS) e determinou a proibição da percepção cumulativa de pensão deixada por mais de um cônjuge ou companheiro(a) e de mais de 2 pensões, ressalvando o direito de opção.

11.5. Contribuição do aposentado e pensionista

Incidirá **contribuição previdenciária** sobre as aposentadorias e pensões que ultrapassem o teto do RGPS.

A EC nº 41/2003 previu que aqueles que já se encontravam na situação de aposentados e pensionistas no momento de sua publicação deveriam contribuir para a previdência da seguinte forma: no que exceder a 50%, se servidores dos Estados, DF e Municípios, e 60%, se servidores da União. Entretanto, o STF entendeu que essa diferenciação violava o princípio da isonomia, devendo ser considerado o critério previsto no art. 195, II e 40, §18, da Constituição, ou seja, **só haverá contribuição dos inativos na parcela que ultrapassar o teto do RGPS.**

11.6. Abono de permanência

O servidor que optar por permanecer em atividade após preencher os requisitos para aposentadoria voluntária (60/55; 35/30; 10 e 5) fará *jus* a um **abono de permanência** no valor da contribuição.

▸ **Atenção!**

O servidor que, podendo se aposentar voluntariamente, permanece em atividade não deixa de recolher sua contribuição para a previdência, mas o valor recolhido lhe é devolvido a título de **abono de permanência.**

11.7. Aposentadoria proporcional e compulsória

A **aposentadoria proporcional** ocorrerá nos casos de aposentadoria voluntária por idade (H/65 anos; M/60 anos) ou por invalidez, ou, ainda, quando ocorrer a aposentadoria compulsória, e o servidor receberá os proventos proporcionalmente ao seu tempo de contribuição.

A EC nº 88/2015, determinou que até que seja editada lei complementar os Ministros do Supremo Tribunal Federal, dos Tribunais Superiores e do Tribunal de Contas da União aposentar-se-ão, compulsoriamente, aos 75 anos de idade.

Por sua vez, a referida EC foi regulamentada estendendo a idade máxima para a aposentadoria compulsória para todos os servidores públicos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios.

11.8. Regime complementar oficial de previdência

O tempo de contribuição federal, estadual ou municipal será contado para efeito de aposentadoria e o tempo de serviço correspondente para efeito de disponibilidade.

Pelo **regime complementar oficial de previdência**, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, desde que instituam regime de previdência complementar para os seus respectivos servidores titulares de cargo efetivo, poderão fixar, para o valor das aposentadorias e pensões, o limite máximo estabelecido pelo RGPS.

A Emenda Constitucional nº 20/98 determina que o **regime de previdência complementar** oficial será **instituído por lei** de iniciativa do Poder Executivo da União, dos Estados e dos Municípios e oferecerá aos respectivos participantes planos de benefícios somente na modalidade de contribuição definida.

A emenda constitucional acima mencionada foi regulamentada no âmbito federal pela Lei nº 12.618, de 30 de abril de 2012, que definiu os beneficiários obrigatórios e facultativos da seguinte forma:

- **Beneficiários obrigatórios** - servidores públicos titulares de cargo efetivo da União, suas autarquias e fundações, inclusive para os membros do Poder Judiciário, do Ministério Público da União e do Tribunal de Contas da União.

> **Atenção!**
> A Orientação Normativa nº 17, de 23 de dezembro de 2013 da Secretaria de Gestão Pública do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão disciplinou expressamente que os servidores federais que ingressaram ou ingressarem em cargos públicos efetivos no Poder Executivo Federal a partir de 04 de fevereiro de 2013 se submetem ao regime de previdência complementar de que trata a Lei nº 12.618/2012.
> Determina, ainda, que os servidores egressos de órgãos ou entidades dos Estados, Distrito Federal e Municípios a partir de 04 de fevereiro de 2014 também se submetem à previdência complementar federal, ainda que não tenha ocorrido solução de continuidade.
> Trata-se de decisão polêmica, que vai de encontro ao entendimento da maioria dos autores especializados, que defendem que, nesses casos, justamente por não haver solução de continuidade, o servidor faria *jus* ao antigo regime de aposentadoria, razão pela qual acreditamos que a matéria será judicializada e decidida pela Suprema Corte.

- **Beneficiários facultativos** - servidores que ingressaram no serviço público em data anterior à vigência da Lei nº 12.618/2012.

> **Atenção!**
> Os beneficiários facultativos poderão optar pela migração para o novo regime, desde que o façam expressamente no prazo de 24 meses a contar do início da vigência da Lei 12.618/2012. Tal opção é irrevogável e irretratável.

Caso um servidor que tenha ingressado no serviço público venha a optar pela migração para o regime de previdência complementar, ele fará jus a três benefícios, um deles referente à contribuição ao regime próprio de aposentadoria (que não poderá exceder ao que é pago pelo RGPS), o segundo consistente em um benefício especial correspondente ao tempo em que contribuiu pela remuneração integral e o terceiro e último será o benefício que resultar da acumulação de suas reservas na Funpresp, que dependerá da rentabilidade do mercado.

Apesar de todos esses benefícios, que buscam atrair os servidores que ingressaram anteriormente à criação do regime comple-

mentar, não há nenhuma garantia de que esses benefícios somados serão equivalentes à última remuneração do servidor na atividade.

Foram criadas fundações públicas de direito privado para gerir a previdência dos beneficiários desse novo regime, que gozarão de autonomia administrativa, financeira e gerencial e terão sede e foro no Distrito Federal, são elas:

Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal do Poder Executivo (Funpresp-Exe), para os servidores públicos titulares de cargo efetivo do Poder Executivo - Criada por intermédio do Decreto nº 7.808, de 20 de setembro de 2012.

Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal do Poder Legislativo (Funpresp-Leg), para os servidores públicos titulares de cargo efetivo do Poder Legislativo e do Tribunal de Contas da União e para os membros deste Tribunal.

O Ato da Mesa nº 74, de 31 de janeiro de 2013 aprovou o convênio de adesão do Poder Legislativo Federal à Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal do Poder Executivo - Funpresp-Exe, e o Regulamento do Plano de Benefícios- do Poder Legislativo Federal - LegisPrev. Dessa forma, o Poder Legislativo Federal, usando da faculdade conferida pela Lei nº 12.618/2012, deixa de estabelecer um plano próprio e adere ao Funpresp-Exe.

Consideram-se membros do Tribunal de Contas da União os Ministros, os Auditores, conforme o § 4º do art. 73 da Constituição Federal (auditores que substituem os Ministros do TCU), e os Subprocuradores-Gerais e Procuradores do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da União.

Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal do Poder Judiciário (Funpresp-Jud), para os servidores públicos titulares de cargo efetivo e para os membros do Poder Judiciário - Criada pela Resolução STF nº 496, de 25/10/2012, que incluiu como beneficiários da Funpresp-Jud os servidores e membros do Ministério Público da União e do Conselho Nacional do Ministério Público.

O regime jurídico de pessoal da Funpresp-Exe, Funpresp-Leg e Funpresp-Jud será o previsto na legislação trabalhista.

Os planos de aposentadoria serão na modalidade contribuição definida e o valor do benefício programado será calculado de acordo com o montante do saldo da conta acumulado pelo par-

ticipante, devendo o valor do benefício estar permanentemente ajustado ao referido saldo.

As contribuições do ente público e dos beneficiários incidirão sobre a parcela da base de contribuição que exceder o teto do RGPS.

A alíquota da contribuição do participante será por ele definida anualmente. Por sua vez, a alíquota da contribuição do patrocinador será igual à do participante, observado o disposto no regulamento do plano de benefícios, e não poderá exceder o percentual de 8,5% (oito inteiros e cinco décimos por cento).

Além da contribuição normal, o participante poderá contribuir facultativamente, sem contrapartida do patrocinador, na forma do regulamento do plano.

11.9. Regras de transição

Para os servidores que ingressaram no serviço público antes da publicação da EC nº 20/98, foram criadas algumas **regras transitórias** para aposentadoria.

A primeira delas prevê a possibilidade de aposentadoria voluntária, desde que presentes os seguintes requisitos:

	Homem	Mulher
Idade	53 anos	48 anos
Tempo de contribuição	35 anos	30 anos
Pedágio	20% do tempo restante	20 % do tempo restante

Ex.: se um servidor homem ingressou no serviço público em 1978 com 18 anos de idade, em 1998 (ano da EC 20) ele possuía 20 anos de contribuição, faltavam 15 anos para poder se aposentar, mas, com o pedágio (20% do tempo restante), faltarão 18.

Outra situação transitória para os mesmos servidores foi criada pela EC nº 47/2005 e estabelece critérios que privilegiam quem possui mais tempo de serviço público.

Homem	Mulher
Não há idade mínima	Não há idade mínima
Tempo de contribuição – 35 anos	Tempo de contribuição – 30 anos

Homem	Mulher
Tempo de serviço público - **15 anos**	Tempo de serviço público - **15 anos**
Tempo no cargo - **5 anos**	Tempo no cargo - **5 anos**
Diminuição de um ano no limite de idade (60 anos) para cada ano a mais de contribuição	Diminuição de um ano no limite de idade (55 anos) para cada ano a mais de contribuição

Preenchidos os requisitos acima haverá uma redução de um ano na idade mínima para cada ano a mais de contribuição. EX.: ao preencher todos os requisitos, o servidor homem que contar 36 anos pode se aposentar com 59 anos.

12. SÚMULAS DO STF

- **Súmula Vinculante 3.** Nos processos perante o Tribunal de Contas da União asseguram-se o contraditório e a ampla defesa quando da decisão puder resultar anulação ou revogação de ato administrativo que beneficie o interessado, excetuada a apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão.
- **Súmula Vinculante 4.** Salvo nos casos previstos na Constituição, o salário mínimo não pode ser usado como indexador de base de cálculo de vantagem de servidor público ou de empregado, nem ser substituído por decisão judicial.
- **Súmula Vinculante 13.** A nomeação de cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive, da autoridade nomeante ou de servidor da mesma pessoa jurídica investido em cargo de direção, chefia ou assessoramento, para o exercício de cargo em comissão ou de confiança ou, ainda, de função gratificada na administração pública direta e indireta em qualquer dos poderes da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, compreendido o ajuste mediante designações recíprocas, viola a Constituição Federal.
- **Súmula Vinculante 15.** O cálculo de gratificações e outras vantagens do servidor público não incide sobre o abono utilizado para se atingir o salário mínimo.
- **Súmula Vinculante 16.** Os artigos 7º, IV, e 39, § 3º (redação da EC 19/98), da Constituição, referem-se ao total da remuneração percebida pelo servidor público.

- **Súmula Vinculante 33.** Aplicam-se ao servidor público, no que couber, as regras do regime geral da previdência social sobre aposentadoria especial de que trata o artigo 40, § 4º, inciso III da Constituição Federal, até a edição de lei complementar específica.
- **Súmula Vinculante 34.** A Gratificação de Desempenho de Atividade de Seguridade Social e do Trabalho – GDASST, instituída pela Lei 10.483/2002, deve ser estendida aos inativos no valor correspondente a 60 (sessenta) pontos, desde o advento da Medida Provisória 198/2004, convertida na Lei 10.971/2004, quando tais inativos façam jus à paridade constitucional (EC 20/1998, 41/2003 e 47/2005).
- **Súmula Vinculante 37.** Não cabe ao Poder Judiciário, que não tem função legislativa, aumentar vencimentos de servidores públicos sob o fundamento de isonomia.
- **Súmula Vinculante 42.** É inconstitucional a vinculação do reajuste de vencimentos de servidores estaduais ou municipais a índices federais de correção monetária.
- **Sumula Vinculante 43.** É inconstitucional toda modalidade de provimento que propicie ao servidor investir-se, sem prévia aprovação em concurso público destinado ao seu provimento, em cargo que não integra a carreira na qual anteriormente investido.
- **Sumula Vinculante 44.** Só por lei se pode sujeitar a exame psicotécnico a habilitação de candidato a cargo público.
- **Súmula 10.** O tempo de serviço militar conta-se para efeito de disponibilidade e aposentadoria do servidor público estadual.
- **Súmula 11.** A vitaliciedade não impede a extinção do cargo, ficando o funcionário em disponibilidade, com todos os vencimentos.
- **Súmula 16.** Funcionário nomeado por concurso tem direito à posse.
- **Súmula 17.** A nomeação de funcionário sem concurso pode ser desfeita antes da posse.
- **Súmula 18.** Pela falta residual, não compreendida na absolvição pelo juízo criminal, é admissível a punição administrativa do servidor público.
- **Súmula 19.** É inadmissível segunda punição de servidor público, baseada no mesmo processo em que se fundou a primeira.

- **Súmula 20.** É necessário processo administrativo com ampla defesa, para demissão de funcionário admitido por concurso.
- **Súmula 21.** Funcionário em estágio probatório não pode ser exonerado nem demitido sem inquérito ou sem as formalidades legais de apuração de sua capacidade.
- **Súmula 22.** O estágio probatório não protege o funcionário contra a extinção do cargo.
- **Súmula 36.** Servidor vitalício está sujeito à aposentadoria compulsória, em razão da idade.
- **Súmula 339.** Não cabe ao Poder Judiciário, que não tem função legislativa, aumentar vencimentos de servidores públicos sob fundamento de isonomia.
- **Súmula 679.** A fixação de vencimentos dos servidores públicos não pode ser objeto de convenção coletiva.
- **Súmula 680.** O direito ao auxílio-alimentação não se estende aos servidores inativos.
- **Súmula 681.** É inconstitucional a vinculação do reajuste de vencimentos de servidores estaduais ou municipais a índices federais de correção monetária.
- **Súmula 682.** Não ofende a Constituição a correção monetária no pagamento com atraso dos vencimentos de servidores públicos.
- **Súmula 683.** O limite de idade para a inscrição em concurso público só se legitima em face do art. 7º, XXX, da Constituição, quando possa ser justificado pela natureza das atribuições do cargo a ser preenchido.
- **Súmula 684.** É inconstitucional o veto não motivado à participação de candidato a concurso público.
- **Súmula 685.** É inconstitucional toda modalidade de provimento que propicie ao servidor investir-se, sem prévia aprovação em concurso público destinado ao seu provimento, em cargo que não integra a carreira na qual anteriormente investido.
- **Súmula 686.** Só por lei se pode sujeitar a exame psicotécnico a habilitação de candidato a cargo público.
- **Súmula 726.** Para efeito de aposentadoria especial de professores, não se computa o tempo de serviço prestado fora da sala de aula.

▸ **Observação:**

No julgamento da ADI 3772 (DJ nº 59/2009), o Supremo Tribunal Federal, em Sessão Plenária, por maioria, decidiu que as funções de direção, coordenação e assessoramento pedagógico integram a carreira do magistério, desde que exercidos, em estabelecimentos de ensino básico, por professores de carreira, excluídos os especialistas em educação, fazendo jus aqueles que as desempenham ao regime especial de aposentadoria estabelecido nos arts. 40, § 4º, e 201, § 1º, da Constituição Federal.

13. SÚMULAS DO STJ

- **Súmula 125.** O pagamento de férias não gozadas por necessidade do serviço não está sujeito à incidência do imposto de renda.
- **Súmula 137.** Compete à justiça comum estadual processar e julgar ação de servidor público municipal, pleiteando direitos relativos ao vinculo estatutário.
- **Súmula 147.** Compete à justiça federal processar e julgar os crimes praticados contra funcionário público federal, quando relacionados com o exercício da função.
- **Súmula 173.** Compete à justiça federal processar e julgar o pedido de reintegração em cargo público federal, ainda que o servidor tenha sido dispensado antes da instituição do regime jurídico único.
- **Súmula 218.** Compete à justiça dos estados processar e julgar ação de servidor estadual decorrente de direitos e vantagens estatutárias no exercício de cargo em comissão.
- **Súmula 377.** O portador de visão monocular tem direito de concorrer, em concurso público, às vagas reservadas aos deficientes.

14. SÚMULAS DO TCU

- **Súmula 112.** Ao Tribunal de Contas da União, no exercício da auditoria financeira e orçamentária e no exame e julgamento da regularidade das contas de pessoas ou entidades sob a sua jurisdição, compete verificar a observância dos limites de vencimento ou remuneração de pessoal em atividade, em face das disposições legais e regulamentares pertinentes.
- **Súmula 229.** OS SERVIDORES E DIRIGENTES DAS EMPRESAS ESTATAIS, DE QUE TRATA O ARTIGO 1º DO Decreto-Lei nº 2.355, de 27-08-87,

estão sujeitos ao limite máximo de remuneração mensal, calculado com base na legislação vigente, excluídas apenas as parcelas legalmente autorizadas, caracterizando-se como ato irregular de gestão a inobservância deste preceito.

- **Súmula 231.** A exigência de concurso público para admissão de pessoal se estende a toda a administração indireta, nela compreendidas as autarquias, as fundações instituídas e mantidas pelo poder público, as sociedades de economia mista, as empresas públicas e, ainda, as demais entidades controladas direta ou indiretamente pela união, mesmo que visem a objetivos estritamente econômicos, em regime de competitividade com a iniciativa privada.
- **Súmula 246.** O fato de o servidor licenciar-se, sem vencimentos, do cargo público ou emprego que exerça em órgão ou entidade da administração direta ou indireta não o habilita a tomar posse em outro cargo ou emprego público, sem incidir no exercício cumulativo vedado pelo artigo 37 da Constituição Federal, pois que o instituto da acumulação de cargos se dirige à titularidade de cargos, empregos e funções públicas, e não apenas à percepção de vantagens pecuniárias.
- **Súmula 599.** O princípio da insignificância é inaplicável aos crimes contra a administração pública.

Capítulo 8

Licitações públicas

Ronny Charles

1. CONCEITO E FUNDAMENTOS CONSTITUCIONAIS

Quando um cidadão efetua uma compra economicamente relevante, ele, mesmo que de forma intuitiva, realiza procedimentos de planejamento e seleção do objeto pretendido, antes da contratação. Antes da aquisição de um automóvel, por exemplo, ele identifica sua necessidade, define o objeto apto a tal satisfação, afere os eventuais custos, avalia sua disponibilidade financeira e, por fim, seleciona, no mercado, a melhor proposta para a aquisição daquele bem. Pois bem, a Administração, em suas contratações, precisa realizar ações semelhantes. Para tanto, em razão da indisponibilidade do interesse público, buscando consagrar a **isonomia** e a **impessoalidade**, o legislador optou por estabelecer procedimentos formais prévios para a realização dessa contratação, objetivando a escolha da **melhor proposta** possível. A este procedimento, chamamos **licitação**.

Assim, **licitação** *é o procedimento prévio de seleção por meio do qual a Administração, mediante critérios previamente estabelecidos, isonômicos, abertos ao público e fomentadores da competitividade, busca escolher a melhor alternativa para a celebração de um contrato.*

Para o correto estudo desta matéria, é importante visitar seus **fundamentos constitucionais**.

- O **inciso XXVII do artigo 22 da Constituição Federal** outorga à União a competência privativa para legislar sobre normas gerais de licitação e contratação, em todas as modalidades, para a Administração Pública Direta, autárquica e fundacional da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, obedecido o disposto no art. 37, XXI, e para as empresas públicas e sociedades de economia mista, nos termos do inciso III do § 1° de seu artigo 173.

Cabe observar que a **competência privativa** para legislar da União se restringe às **normas gerais.** Por conta disso, os demais entes federativos podem legislar sobre normas específicas em licitações e contratação.

Outrossim, a edição da Lei nº 8.666/93 não exauriu a competência da União para estabelecer regras gerais, tanto que, posteriormente, foram aprovadas outras normas com estabelecimento de regras gerais que se somam ao estatuto, como a Lei nº 8.987/95 (Concessões Públicas) e a Lei nº 10.520/2002 (Pregão).

> **Atenção!**
>
> Naquilo que é geral, a lei federal que tratar sobre licitações possui caráter nacional, aplicando-se a todos os entes da Federação. Naquilo que remete a especificidades, regula apenas o campo federal, ficando os demais entes livres para a aprovação de disposições próprias.
>
> Nesse prumo, o STF entendeu que a competência legislativa do Estado-membro para dispor sobre licitações e contratos administrativos respalda a fixação por lei de preferência para a aquisição de softwares livres pela Administração Pública regional, sem que se configure usurpação da competência legislativa da União para fixar normas gerais sobre o tema (STF, ADI 3059, Tribunal Pleno, julgado em 09/04/2015).

- O inciso XXVII do artigo 22 remete ao **inciso XXI do artigo 37 da Constituição Federal**, que estabelece: ressalvados os casos especificados na legislação, as obras, serviços, compras e alienações serão contratados mediante processo de licitação pública que assegure igualdade de condições a todos os concorrentes, com cláusulas que estabeleçam obrigações de pagamento, mantidas as condições efetivas da proposta, nos termos da lei, o qual somente permitirá as exigências de qualificação técnica e econômica indispensáveis à garantia do cumprimento das obrigações.

A norma constitucional permite ressalvas à obrigatoriedade de licitar, as quais devem ser estabelecidas pela legislação. Necessário perceber que as ressalvas ao **princípio da obrigatoriedade** devem ser estabelecidas pelo legislador, tanto em sua **perspectiva burocrática** (dever do gestor de, em regra, realizar o procedimento licitatório) como em sua **perspectiva democrática** (direito do fornecedor de disputar a licitação). Assim, é incabível a criação de uma hipótese de contratação direta (dispensa ou inexigibilidade) por decreto ou ato infralegal (perspectiva burocrática); outrossim, não parece admissível que

uma Portaria ou Resolução prejudique, sem amparo legal, o direito de participação no certame, pelo fornecedor (perspectiva democrática).

Destacamos, ainda, a preocupação do constituinte com a isonomia, com a manutenção das condições da proposta, com a proporcionalidade das exigências habilitatórias e com o pagamento das obrigações contraídas. Tais referências devem nortear a aprovação das leis, de seus regulamentos e, também, a atuação dos órgãos da Administração Pública, pois elas foram eleitas pelo constituinte como elementos indispensáveis ao ambiente licitatório.

- O inciso XXVII do artigo 22 também faz alusão ao **inciso III do § 1º do artigo 173 da Constituição.** Esse dispositivo, ao tratar das estatais, definiu que a lei estabelecerá o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias **que explorem atividade econômica** de produção ou comercialização de bens ou de prestação de serviços.

Entre outros aspectos, tal estatuto deve dispor sobre licitação e contratação de obras, serviços, compras e alienações, observando os princípios da Administração Pública. A União, recentemente, aprovou a Lei federal nº 13.303/2016, que dispôs sobre o estatuto jurídico das estatais, tratada neste livro, em tópico específico.

- Por fim, cabe mencionar o texto do **artigo 175 da Constituição.** Ao tratar sobre a prestação de serviços públicos, o dispositivo afirmou que sua prestação, diretamente pelo Poder Público ou por regime de concessão ou permissão, decorrerá sempre de licitação.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Promotor do Ministério Público do Estado de Roraima (Cespe/2008), foi considerada **errada** a seguinte assertiva: "*O estado de Rondônia editou uma lei disciplinando o sistema de registro de preços. Nessa situação, a referida lei é inconstitucional, já que é de competência privativa da União legislar acerca de licitações públicas*".

Obs: Lembramos que a competência privativa da União para legislar se restringe às normas gerais.

2. OBJETO E FINALIDADE

A) Objeto. A licitação tem por **objeto** as obras, serviços, inclusive de publicidade, compras, alienações, concessões, permissões e

locações da Administração Pública, quando contratadas com terceiros. Assim, quando aliena um bem, realiza compras (papel, cadeiras, automóveis...), contrata serviços (manutenção, vigilância, telefonia...) ou obras, o gestor deve, em regra, submeter-se a este procedimento prévio.

Segundo a Lei nº 8.666/93, considera-se **obra** toda construção, reforma, fabricação, recuperação ou ampliação, realizada por execução direta ou indireta. **Serviço** seria toda atividade destinada a obter determinada utilidade de interesse para a Administração (conserto, transporte, locação de bens, seguro ou trabalhos técnico-profissionais, entre outros). Já **compra** se caracteriza como toda aquisição remunerada de bens (para fornecimento de uma só vez ou parceladamente) e a **alienação** significa toda transferência de domínio de bens a terceiros.

▸ **Atenção!**

A conceituação legal pode gerar discussões técnicas sobre a natureza de determinado objeto. Por exemplo, têm-se entendido que o fornecimento de passagens aéreas e terrestres se enquadra no conceito de serviço, e não no conceito de compra.

Conforme delineou o TCU, em trecho de sua Súmula 177, **a definição precisa e suficiente do objeto licitado é indispensável.** Para tanto, antes da execução das obras e dos serviços, devem ser confeccionados o **projeto básico** e o **projeto executivo** (este último, quando for o caso), devendo o primeiro (projeto básico), necessariamente, preceder a licitação.

Assim, admite-se que a licitação de uma obra ou serviço de engenharia seja precedida, apenas, do **projeto básico**, desenvolvendo-se o **projeto executivo** concomitantemente à execução do empreendimento. Nessa hipótese, o **projeto executivo** pode ficar a encargo do contratado, vencedor da licitação da obra ou do serviço de engenharia.

Na modalidade pregão, usada para a contratação de bens e serviços comuns, os regulamentos federais fazem alusão a outro instrumento, denominado **termo de referência.** Ele deverá conter elementos capazes de propiciar avaliação do custo pela administração diante de orçamento detalhado, definição dos métodos, estratégia de suprimento, valor estimado em planilhas de acordo com o preço de mercado, cronograma físico-financeiro, se for o caso, critério de

aceitação do objeto, deveres do contratado e do contratante, procedimentos de fiscalização e gerenciamento do contrato, prazo de execução e sanções.

Atenção!

Em licitações de obras e serviços de engenharia, é necessária a elaboração de projeto básico adequado e atualizado, assim considerado aquele aprovado com todos os elementos descritos no art. 6º, inciso IX, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, constituindo prática ilegal a revisão de projeto básico ou a elaboração de projeto executivo que transfigurem o objeto originalmente contratado em outro de natureza e propósito diversos (TCU, Súmula nº 261).

Questão importante, relacionada ao objeto da licitação, é a possibilidade de **aglutinação** ou de **fracionamento** indevidos. Para melhor compreensão do assunto, temos utilizado o conceito de **"pretensão contratual"**, que se diferencia do objeto contratual.

A pretensão contratual envolve a necessidade de contratação da Administração. Ela pode dar ensejo a um ou a vários objetos contratuais, que corresponderão a um ou a vários certames, dentro de uma mesma licitação. Tal percepção é evidente em algumas situações.

Nas licitações que utilizam o procedimento auxiliar Sistema de Registro de Preços (o qual será tratado mais adiante), podemos ter a reunião das pretensões contratuais de diversos órgãos (órgão gerenciador e órgãos participantes), formando um único objeto licitatório.

Outrossim, nas licitações que envolvem vários itens autônomos, por exemplo, temos uma única pretensão contratual (ex: aquisição de gêneros alimentícios), dividida, se for o caso, em vários itens, os quais representarão objetos licitatórios autônomos, mesmo que constantes em um mesmo edital.

Bom lembrar que, sendo tecnicamente possível e inexistindo prejuízo à economia de escala ou ao conjunto da contratação, as disputas licitatórias devem ser divididas em itens (gerando adjudicação de itens autônomos), de forma a beneficiar o aumento da competitividade. Nesse sentido, a Súmula 247 do TCU sedimenta que **é obrigatória a admissão da adjudicação por item e não por preço global, desde que não haja prejuízo para o conjunto ou complexo ou perda de economia de escala.**

Em síntese, a pretensão contratual representa a necessidade de contratação da Administração (enquanto órgão ou ente público que concretamente busca uma contratação), enquanto o objeto da licitação é a aquisição, serviço, obra ou alienação que são apresentados ao público para disputa e ulterior contratação, que será dividida em itens autônomos, ou não.

Importante frisar que, muitas vezes, para ampliar a competição, é importante dividir a pretensão contratual em vários objetos ou itens, gerando certames autônomos que permitem uma maior participação de empresas interessadas e a consecução de melhores propostas. Assim, quando possível a divisão da pretensão contratual em vários objetos (itens), a aglutinação que prejudica a competitividade e a ampla participação de licitantes é indevida.

▸ Atenção!

A aglutinação será indevida, apenas, quando prejudicar injustificadamente a competitividade e quando for possível a divisão em vários objetos. Quando a aglutinação se dá por justificativas técnicas, impedir prejuízos ao conjunto da pretensão contratual ou evitar perda de economia de escala, ela é lícita.

Por outro lado, identificou-se também que alguns gestores, para evitar a utilização de modalidades formalmente mais rígidas, dividiam a pretensão contratual em vários procedimentos licitatórios. Imaginemos um gestor que, diante da necessidade administrativa (pretensão contratual) de realizar uma obra, fraciona-a em três licitações independentes, permitindo-se usar a modalidade convite (mais branda) e evitando a necessária utilização da modalidade tomada de preços.

Tal atitude é denominada **"fracionamento indevido"**, que consiste na atitude do gestor de, na tentativa de evitar a utilização dos procedimentos licitatórios mais complexos e com maior competitividade, dividir o objeto contratual de forma a permitir a utilização de procedimentos de seleção mais simplificados ou até a dispensa do certame. Esse procedimento é ilegal e tem sido condenado pelos órgãos de controle.

B) **Finalidade.** A **finalidade** (ou objetivo) da licitação reúne a busca pela contratação mais vantajosa e o respeito ao tratamento igualitário e impessoal a todos os interessados em firmar a

contratação administrativa (**"vantajosidade"** + **"isonomia"**). Essa finalidade dual foi resumida no artigo 3º da Lei nº 8.666/93, ao estabelecer que a licitação destina-se a garantir a observância do princípio constitucional da isonomia e a selecionar a proposta mais vantajosa para a Administração.

Recentemente, a **Lei nº 12.349/2010** incluiu a **"promoção do desenvolvimento nacional sustentável"** como finalidade da licitação pública. Nessa feita, com a alteração promovida pela referida medida provisória, a finalidade da licitação passa a envolver três conceitos, quais sejam:

Finalidades da Licitação
Vantajosidade
Isonomia
Promoção do desenvolvimento nacional sustentável

Tanto o tratamento isonômico como a busca pela melhor proposta serão alcançados de acordo com as balizas legais legitimamente estabelecidas, não se constituindo em finalidades absolutas, mas relativas.

Assim, a proposta mais vantajosa será a considerada melhor, de acordo com os critérios estabelecidos, fundamentados em parâmetros legais. Na mesma feita, o tratamento isonômico será consagrado, mesmo quando estabelecidos critérios legais diferenciadores, como algumas situações de dispensa ou exigências habilitatórias, os quais devem, de qualquer forma, respeitar a igualdade material. Por fim, o desenvolvimento nacional sustentável, que consagra um raciocínio de fomento às licitações sustentáveis, não pode servir como justificativa para a imposição irrazoável de restrições à competitividade.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Defensor Público do Estado/RR, em 2013, foi considerada correta a seguinte assertiva: "Os objetivos do procedimento licitatório incluem a isonomia, a seleção da proposta mais vantajosa para a administração pública e a promoção do desenvolvimento nacional sustentável."

Importante lembrar que a igualdade material não exige o tratamento formalmente igualitário a todos; mas, ao permitir um tratamento desigual, diante de situações desiguais, exige que ele se dê na

medida dessas diferenças e de acordo com o ordenamento jurídico, guardando compatibilidade com o conteúdo do princípio da igualdade (STF, ADI nº 3.070-RN, Informativo 490).

Nos processos de licitação, poderá ser estabelecida **margem de preferência** para:

a) produtos manufaturados nacionais, que atendam a normas técnicas brasileiras;

b) serviços nacionais, que atendam a normas técnicas brasileiras;

c) bens e serviços produzidos ou prestados por empresas que comprovem cumprimento de reserva de cargos prevista em lei para pessoa com deficiência ou para reabilitado da Previdência Social e que atendam às regras de acessibilidade previstas na legislação.

- **Produtos manufaturados nacionais:** são aqueles produzidos no território nacional de acordo com o processo produtivo básico ou regras de origem estabelecidas pelo Poder Executivo Federal.
- **Serviços nacionais:** são os prestados no País, nas condições estabelecidas pelo Poder Executivo Federal.

Os conceitos demonstram uma excessiva delegação ao Poder Executivo, para regulamentação da matéria, autorizando a quebra da isonomia através de ato infralegal. A disposição pode gerar abusos, por parte do poder regulamentar, dando ensejo a discussões jurídicas e judiciais profundas, acerca das margens de preferência estabelecidas por atos infralegais, que, inequivocamente, quebrarão o tratamento isonômico exigido pelo constituinte.

▸ **Atenção!**

Na hipótese de estabelecimento de margem de preferência para bens e serviços produzidos ou prestados por empresas que comprovem cumprimento de reserva de cargos, prevista em lei para pessoa com deficiência ou para reabilitado da Previdência Social e que atendam às regras de acessibilidade previstas na legislação, **tais empresas deverão cumprir, durante todo o período de execução do contrato, a reserva de cargos prevista em lei para tais pessoas.**

Por fim, cabe salientar que, para os produtos manufaturados e serviços nacionais resultantes de desenvolvimento e inovação tecno-

lógica realizados no País, poderá ser estabelecida **margem de preferência adicional.**

▸ **Atenção!**

A referida Lei estabelece limitação à **margem de preferência**, no patamar de até 25% acima do preço dos produtos manufaturados e serviços estrangeiros. Este limite vale, inclusive, quando for estabelecida a **margem de preferência adicional,**

O texto da **Lei nº 12.349/2010** incluiu, ainda, dois novos regramentos às licitações públicas:

Medidas de compensação	Restrição à competitividade
Os editais de licitação para a contratação de bens, serviços e obras poderão exigir que o contratado promova, em favor da administração pública ou daqueles por ela indicados a partir de processo isonômico, medidas de compensação comercial, industrial, tecnológica ou acesso a condições vantajosas de financiamento, cumulativamente ou não, na forma estabelecida pelo Poder Executivo Federal.	Nas contratações destinadas à implantação, manutenção e ao aperfeiçoamento dos sistemas de tecnologia de informação e comunicação, considerados estratégicos em ato do Poder Executivo Federal, a licitação poderá ser restrita a bens e serviços com tecnologia desenvolvida no País e produzidos de acordo com o processo produtivo básico de que trata a Lei nº 10.176, de 11 de janeiro de 2001.

▸ **Atenção.**

É ilegal o estabelecimento de vedação a produtos e serviços estrangeiros em edital de licitação, uma vez que a Lei 12.349/2010 não previu tal situação. Outrossim, importante reiterar que é ilegal o estabelecimento, por parte de gestor público, de margem de preferência nos editais licitatórios para contratação de bens e serviços sem a devida regulamentação via decreto do Poder Executivo Federal, estabelecendo os percentuais para as margens de preferência normais e adicionais, conforme o caso e discriminando a abrangência de sua aplicação (TCU, Acórdão nº 1.317/2013, Plenário).

3. DESTINATÁRIOS DAS REGRAS LICITATÓRIAS

Conforme estatui o parágrafo único do artigo 1º da Lei nº 8.666/93, Subordinam-se ao regime desta Lei, além dos órgãos da **Administração Direta**, os **fundos especiais**, as **autarquias**, as **fundações públicas**, as **empresas públicas**, as **sociedades de economia mista** e **demais entidades controladas** direta ou indiretamente pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

Há, contudo, entidades sobre as quais a incidência ou não das regras licitatórias geram certa confusão, inclusive na doutrina, merecendo especial atenção.

a) **Serviços sociais autônomos:** não estão sujeitos à observância dos estritos procedimentos das normas legais de licitações e contratos. Eles utilizam seus regulamentos próprios, que devem, de qualquer forma, estar pautados nos princípios gerais aplicáveis à Administração Pública.

b) **Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs):** em regra, não precisam se submeter ao regime licitatório para a realização de suas contratações ordinárias. Contudo, quando firmam termo de parceria, submetem-se ao regulamento próprio para a contratação com emprego de recursos públicos, observando os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência. É necessária a publicação desse regulamento, no prazo máximo de trinta dias, contado da assinatura do termo de parceria.

c) **Organizações Sociais (OS):** a Lei Federal nº 9.637/98 dispôs, em seu artigo 17, que a entidade deve publicar, em até noventa dias, contado da assinatura do contrato de gestão, regulamento próprio, contendo os procedimentos que adotará para a contratação de obras, serviços e compras, com emprego de recursos provenientes do Poder Público.

O legislador, para tais entidades do Terceiro Setor, expressamente estabeleceu o direito de utilização de regulamento próprio, mesmo para as contratações com emprego de recursos provenientes do Poder Público. Esse entendimento, contudo, não impede que a Administração Pública, antes de transferir recursos públicos, avalie a consonância desses regulamentos próprios com os princípios administrativos.

▸ **Atenção!**

De acordo com o Decreto federal nº 6.170/2011, a aquisição de produtos e a contratação de serviços com recursos da União transferidos a entidades privadas sem fins lucrativos (como OSs e OSCIPs) deverão observar os princípios da impessoalidade, moralidade e economicidade, sendo necessária, no mínimo, a realização de cotação prévia de preços no mercado antes da celebração do contrato.

Outrossim, a Lei 13.019/2014, que estabelece o regime jurídico das parcerias voluntárias, entre a administração pública e as Organizações da Sociedade Civil, exige que estas entidades, para a celebração da parceria, apresentem regulamento de compras e contratações, próprio ou de terceiro, aprovado pela administração pública celebrante, em que se estabeleça, no mínimo, a observância dos princípios da legalidade, da moralidade, da boa-fé, da probidade, da impessoalidade, da economicidade, da eficiência, da isonomia, da publicidade, da razoabilidade e do julgamento objetivo e a busca permanente de qualidade e durabilidade.

d) **Empresas estatais:** com a aprovação da recente Lei federal nº 13.303/2016, foi estabelecido o novo estatuto jurídico das estatais. Em relação a suas regras licitatórias, sugerimos a leitura do tópico específico, tratado ao final deste capítulo.

As regras licitatórias não têm como destinatários, apenas, os órgãos que se submetem à obrigatoriedade de licitar. A Lei nº 8.666/93 traz em seu bojo regras que se relacionam a outros personagens do ambiente licitatório.

e) **Licitantes:** a estes também compete a obediência às regras licitatórias dispostas pela legislação, obrigação que se transveste em direito público subjetivo à fiel observância do pertinente procedimento estabelecido na Lei (art. 4º). Esse direito pode ser exigido administrativa ou judicialmente. Da mesma forma, quando realizada sua prestação, o licitante contratado tem o direito de ver respeitada a ordem cronológica dos pagamentos (art. 5º) e de ter resguardada a condição econômica de sua proposta.

f) **Cidadãos:** buscando fortalecer a participação e o controle social, a Lei nº 8.666/93 estabelece direitos aos cidadãos, permitindo-lhes a interferência no procedimento licitatório. Pode o cidadão (mesmo não sendo licitante) acompanhar o desenvolvimento do procedimento, desde que não interfira de modo a perturbar ou impedir a realização dos trabalhos (art. 4º); ter acesso a informações contratuais, como os quantitativos e os preços unitários de determinada obra executada (§8º do art. 7º); impugnar administrativamente o edital (§1º do art. 41) ou os preços registrados (§6º do art. 15).

g) **Tribunais de Contas:** o controle das despesas decorrentes dos contratos e demais instrumentos regidos pela Lei nº 8.666/93

será feito pelo Tribunal de Contas competente. Qualquer licitante, contratado ou mesmo pessoa jurídica ou física (não sendo necessário ser cidadão) poderá representar sobre irregularidades ao Tribunal de Contas ou aos órgãos integrantes do sistema de controle interno.

O Tribunal de Contas, no exercício de suas atribuições, pode apreciar a constitucionalidade das leis e dos atos do Poder Público (**Súmula 347 do STF**). Ademais, os Tribunais de Contas e os órgãos integrantes do sistema de controle interno poderão solicitar para exame, até o dia útil imediatamente anterior à data de recebimento das propostas, cópia de edital de licitação já publicado, obrigando-se os órgãos ou entidades da Administração interessada à adoção de medidas corretivas pertinentes que, em função desse exame, forem determinadas.

▸ **Atenção!**

O STF vem reconhecendo limites ao controle preventivo realizado pelos Tribunais de Contas, assentando que a exigência feita por atos normativos do Tribunal, sobre a remessa prévia do edital, sem nenhuma solicitação, invade a competência legislativa da União (RE 547063/RJ. Julg. 12/12/2008).

4. PRINCÍPIOS GERAIS DA LICITAÇÃO

A Lei nº 8.666/93, em seu artigo 3º, elenca os princípios básicos da licitação, quais sejam:

- **legalidade**
- **impessoalidade**
- **moralidade**
- **igualdade**
- **publicidade**
- **probidade administrativa**
- **vinculação ao instrumento convocatório**
- **julgamento objetivo**

Alguns desses princípios já foram tratados no capítulo sobre regime jurídico administrativo, ao qual remetemos o leitor, como complemento da síntese que será adiante feita.

- **Legalidade**: conforme já visto, no direito privado, de acordo com este princípio, ao particular é permitido fazer tudo o que a lei não proíbe. No âmbito do Direito Administrativo, pela doutrina tradicional, existe uma subordinação da ação do administrador, em função do que estabelece a lei, de forma que ele só pode agir nos moldes e limites estabelecidos pela legislação, fazendo apenas o que a lei expressamente autorizar ou determinar. Essa subordinação pode ser identificada por duas vertentes: o da vinculação negativa (***negative bindung***), segundo a qual a legalidade representaria uma limitação para a atuação do administrador, e o da vinculação positiva (***positive bindung***), segundo o qual a atuação dos agentes públicos depende de autorização legal.

Nas licitações públicas, importa observar que as exceções à obrigatoriedade de licitar (dispensa e inexigibilidade) só podem ser estabelecidas por Lei. Temos defendido que, diante da competência legislativa privativa, as hipóteses de dispensa apenas podem ser estabelecidas por Lei federal.[1]

▸ **Atenção!**

As entidades do Sistema S não podem inovar na ordem jurídica, por meio de seus regulamentos próprios, instituindo novas hipóteses de dispensa e de inexigibilidade de licitação, haja vista que a matéria deve ser disciplinada por norma geral, de competência privativa da União. **(Acórdão 1785/2013-Plenário – Info TCU 59)**

Conforme visto no capítulo sobre **regime jurídico administrativo**, o conceito de legalidade administrativa vem evoluindo, desenvolvendo-se uma mutação da noção clássica de legalidade para uma ideia de **legitimidade**, que exige também a obediência à moralidade e à finalidade pública. Essa concepção permite uma maior amplitude no controle das contratações públicas pelo Poder Judiciário, que pode, para invalidar um ato administrativo, avaliar sua adequação aos princípios que regem a Administração Pública. Nesse raciocínio, é possível a invalidação de um procedimento contratual que, embora respeitando as regras legais formais, atente contra o interesse público, pela inutilidade ou desproporcionalidade da contratação (Ex: aquisição de lixeira com detalhes em ouro e brilhantes, para o gabinete de um gestor).

1. TORRES, Ronny Charles Lopes de. Leis de licitações públicas comentadas. 6ª edição. Salvador: Jus Podivm, 2014.

Outrossim, a concepção clássica da legalidade, que impunha a exigência de que a lei predeterminasse de forma completa e absoluta toda a atuação da Administração, é incompatível com a mutabilidade e a complexidade de muitas relações contratuais, o que vem permitindo certa maleabilidade na aplicação das normas positivadas, que muitas vezes tem seus contornos alargados através da compreensão do ordenamento como um todo.

Raquel Carvalho explica que o desenvolvimento de técnicas de gestão pública, a desburocratização, a execução de políticas públicas, o uso preferencial de processos convencionais e a garantia de estabilização mínima das relações jurídicas justificaram a evolução da concepção clássica da legalidade estrita para a noção de **juridicidade**, apresentada como um conceito maior, que vincula a Administração Pública ao ordenamento jurídico como um todo, permitindo uma margem maior de autonomia, dentro dos limites apresentados pelo ordenamento constitucional. Como exemplo, embora a Lei nº 8.666/93 regre a utilização do registro de preços, apenas, em relação a compras, têm-se admitido sua utilização também para serviços e até para obras.

- **Impessoalidade**: esse princípio repele e abomina favoritismos e restrições indevidas, exigindo tratamento equânime e marcado pela neutralidade. Quando contrata com particulares, o gestor não age nem deve agir em nome próprio, mas em nome do Poder Público.
- **Moralidade**: ela exige que a ação da administração seja ética e respeite os valores jurídicos e morais. O gestor público não está autorizado a proceder em confronto com a ética e com a moral. Exemplificando: mesmo possível a utilização de uma hipótese de dispensa (aquisição de pequeno valor), fere a moralidade a contratação direta de parente ou empresa do gestor público.
- **Igualdade**: a determinação de obediência ao princípio da igualdade, na licitação e contrato administrativo, impede discriminação entre os participantes do certame, seja através de cláusulas que favoreçam uns em detrimento de outros, seja mediante julgamento tendencioso. Este tratamento isonômico é uma garantia da competitividade e da consequente busca pela melhor proposta para o negócio administrativo.
- **Publicidade**: o respeito à publicidade é necessário, para que se garanta a lisura do procedimento licitatório e, inclusive, o

atendimento a outros princípios, resultando como nulos os atos praticados em sua desobediência. Conforme artigo 11 da Lei nº 8.429/92, constitui ato de improbidade administrativa, que atenta contra os princípios da Administração Pública, negar publicidade aos atos oficiais.

- **Probidade administrativa:** é um preceito que vincula todo administrador público, tendo o estatuto licitatório incluído este entre os seus princípios básicos. A probidade administrativa também é imposta ao administrador pela letra constitucional, que estabelece, no §4º de seu artigo 37, que os atos de improbidade administrativa importarão a suspensão dos direitos políticos, a perda da função pública, a indisponibilidade dos bens e o ressarcimento ao erário, na forma e na gradação previstas em lei, sem prejuízo da ação penal cabível.
- **Vinculação ao instrumento convocatório:** em função de tal princípio, impõe-se o respeito às normas previamente estabelecidas como regramento do certame. O desacato à regra editalícia pode tornar o procedimento inválido, pela presunção de prejuízo à competitividade e à isonomia. De qualquer forma, o edital não é "lei entre os licitantes", ele é regra de competição que precisa, obrigatoriamente, adequar-se aos ditames legais e aos princípios administrativos.
- **Julgamento objetivo:** o caráter vantajoso da proposta deve ser verificado em função de julgamento objetivo, de acordo com os critérios estabelecidos no instrumento convocatório, evitando-se subjetivismos e conotações individuais na aferição da melhor proposta a ser contratada.

O artigo 3º da Lei nº 8.666/93 indica ainda a existência de **princípios correlatos**, que derivam dos princípios básicos e que se relacionam com estes, em virtude da matéria que tratam. Embora haja certa discordância na doutrina, alguns princípios correlatos podem ser identificados no texto legal, como, entre outros, ***competitividade, formalismo, obrigatoriedade, economicidade*** e ***sigilo das propostas***.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Estado do Piauí (CESPE/2008), com a seguinte ementa: "*Com relação a licitações e contratos, assinale a opção correta*", foi considerada correta a seguinte alternativa: "*c) Conforme o princípio do julgamento objetivo, o julgamento das propostas deve ser feito de acordo com os critérios fixados no instrumento convocatório*".

5. CONTRATAÇÃO DIRETA - EXCEÇÕES LEGAIS AO DEVER DE LICITAR

Embora a realização de contratos pela Administração Pública exija, em regra, a obediência ao certame licitatório (**princípio da obrigatoriedade**), o legislador ressalvou hipóteses em que o gestor pode prescindir da seleção formal prevista neste estatuto. Essas hipóteses de ressalva encontram fundamento no próprio texto constitucional, uma vez que o inciso XXI do artigo 37, da Constituição Federal, ao estabelecer a obrigatoriedade do procedimento de licitação para os contratos feitos pela Administração, já inicia seu texto com a ressalva aos casos especificados na legislação.

▸ **Importante!**

Despesas decorrentes de lei não se enquadram no conceito de contrato dado pela Lei nº 8.666/93. Assim, o pagamento de despesa relacionada ao seguro DPVAT não exige procedimento de licitação nem acarreta hipótese de dispensa ou inexigibilidade. Simplesmente, é incabível a aplicação do estatuto licitatório, pois não se trata de relação de natureza contratual (acordo de vontades), mas cumprimento de obrigação legal.

Da mesma forma, o STF tem entendido que o patrocínio de evento esportivo não pode ser compreendido como contratação administrativa sujeita a licitação (STF, RE 574636/SP, Julg. 16/08/2011).

A Lei Geral de Licitações prevê hipóteses de contratação direta (**dispensa** e **inexigibilidade**), porque admite que nem sempre a realização do certame levará à melhor seleção pela Administração ou que, pelo menos, nem sempre a sujeição do negócio ao procedimento formal e burocrático previsto pelo estatuto serve ao eficaz atendimento do interesse público.

Contratações diretas	
Dispensa	**Inexigibilidade**
Competição viável	Competição inviável
Taxatividade	Não taxatividade
(Art. 17) Dispensada	(Art. 25)
(Art. 24) Dispensável	

De qualquer forma, mesmo sem a observância dos procedimentos relativos às modalidades licitatórias, a contratação direta deve obediência aos princípios do Direito Administrativo, exigindo, por exemplo, o respeito a **condicionantes da eficácia** e a **elementos de instrução**.

5.1. Dispensa de licitação

Com relação à **dispensa**, consolidou-se o entendimento de que o caso concreto se enquadrará como dispensa se ficar caracterizada uma das situações previstas pela legislação. Nesse caso, as **hipóteses legais são taxativas**. Na dispensa, a competição seria possível, mas o legislador entendeu por bem torná-la não obrigatória, naquelas hipóteses fixadas pela Lei.

A doutrina costuma dividir as hipóteses de dispensa em **licitações dispensadas** e **licitações dispensáveis**.

5.1.1. *Licitação dispensada*

A Lei nº 8.666/93 indica as situações em que a licitação deve ser dispensada, em seu artigo 17. Convém observar que são hipóteses relacionadas à alienação de bens da Administração Pública. Tal alienação está subordinada à existência de interesse público, devidamente justificado, e à prévia avaliação.

Quando **imóveis**, a alienação dependerá, ainda, de autorização legislativa (para órgãos da Administração Direta, entidades autárquicas e fundacionais), de avaliação prévia e de licitação (na modalidade concorrência), dispensada esta nos casos descritos pela alínea I do artigo 17 da Lei nº 8.666/93, como: dação em pagamento, doação, permuta, investidura, alienação e disposição de bens no âmbito de programas habitacionais de interesse social, procedimento de legitimação de posse, entre outros.

O elenco de hipóteses de licitação dispensada para bens imóveis foi bastante alterado nos últimos anos. Nessa feita, é essencial a leitura sempre atualizada do texto legal, com especial atenção para os dispositivos modificados recentemente.

Quando **móveis**, a alienação dependerá de avaliação prévia e de licitação (na modalidade concorrência ou leilão), dispensada esta nos casos descritos pela alínea II do artigo 17 da Lei nº 8.666/93, como: doação, permuta, venda de ações, venda de títulos, venda de bens produzidos ou comercializados por órgãos ou entidades da Administração Pública (em virtude de suas finalidades) e venda de materiais e equipamentos para outros órgãos ou entidades da Administração Pública, sem utilização previsível por quem deles dispõe.

Importante!

A condição restritiva de permitir a doação de bem imóvel (art. 17, I, "b") e a permuta de bem móvel (art. 17, II, "b") apenas para órgãos da Administração Pública foi compreendida pelo STF como regra específica. Assim, tal restrição tem aplicação, apenas, no âmbito da União (ADI-MC 927/RS. Julg. 03/11/1993).

Atenção!

A permuta de terreno pertencente à entidade da Administração Pública por unidades imobiliárias a serem nele construídas futuramente não se insere na hipótese de dispensa de licitação prevista na alínea **c** do inciso I do art. 17 da Lei n. 8.666/1993, devendo ser precedida de licitação, na modalidade concorrência (TCU, Acórdão n.º 2853/2011-Plenário, Informativo nº 84).

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do Tribunal de Justiça de Sergipe (CESPE/2008), com a seguinte ementa: *"Em relação à Lei de Licitações, assinale a opção correta"*, foi considerada correta a alternativa: *"c) A alienação de bens imóveis públicos permite dispensa de licitação quando os imóveis forem destinados a programas habitacionais de interesse social"*.

5.1.2. *Licitação dispensável*

É importante reiterar que as situações de dispensa previstas na legislação são **taxativas**, ou seja, não podem ser criadas pelo gestor novas hipóteses. O caso concreto se enquadrará como dispensa se ficar caracterizada uma das situações previstas pela lei.

Atenção!

Outras leis federais podem estabelecer hipóteses de licitação dispensável, além das descritas no artigo 24 da Lei Geral de Licitações. Nesse sentido, a Lei nº 11.652/2008 estabeleceu uma hipótese de dispensa para contratação da Empresa Brasil de Comunicação S/A - EBC, por órgãos e entidades da Administração Pública, com vistas à realização de atividades relacionadas ao seu objeto, desde que o preço contratado seja compatível com o de mercado.

Outro ponto a ser destacado é que, diferentemente da inexigibilidade, na dispensa, a competição seria sim possível, mas o legislador

entendeu por bem torná-la não obrigatória em tais casos. Mesmo caracterizada uma das hipóteses de licitação dispensável descritas pela legislação, entendendo o gestor que a realização da licitação atende ao interesse público, poderá fazê-la, pois a hipótese de dispensa permite a faculdade de escolha sobre a realização ou não do procedimento seletivo.

A doutrina divide as hipóteses de licitações dispensáveis descritas pelo artigo 24 da Lei nº 8.666/93 em quatro categorias:

	Incisos
Em razão do pequeno valor	I e II
Em razão de situações excepcionais	III, IV, V, VI, VII, IX, XI, XIV, XVIII, XXVII, XXVIII
Em razão do objeto	X, XII, XV, XVII, XIX, XXI, XXV, XXIX, XXX, XXXI, XXXII e XXXIII
Em razão da pessoa	VIII, XIII, XVI, XX, XXII, XXIII, XXIV e XXVI

A seguir, resumiremos as hipóteses de licitação dispensável descritas pelo artigo 24 da Lei nº 8.666/93, destacando seus pontos polêmicos:

1) **Dispensas de pequeno valor (incisos I e II).** Nas aquisições, serviços, obras e serviços de engenharia de valor até 10% (dez por cento) do limite máximo previsto para a modalidade convite (art. 23).

Esse percentual será de 20% (vinte por cento) para compras, obras e serviços contratados por consórcios públicos, sociedade de economia mista, empresa pública e por autarquia ou fundação qualificadas, na forma da lei, como Agências Executivas.

Deve-se ressalvar que, no caso de consórcios públicos, os valores previstos no *caput* do artigo 23 devem ser dobrados, quando o consórcio for formado por até 3 (três) entes da Federação, ou triplicados, quando o consórcio for formado por maior número.

▸ **Atenção!**

Não se amolda à hipótese de dispensa de licitação prevista no art. 24, II, da Lei 8.666/1993 a situação em que, contratada organizadora para a realização de concurso público por valor inferior ao limite previsto no referido dispositivo, tenha-se verificado que a soma do valor do contrato com o total arrecado a título de taxa de inscrição supere o limite de dispensa previsto no aludido inciso (STJ. REsp 1.356.260-SC, Rel. Min. Humberto Martins, j. 7.2.2013. 2ª T - Info 516).

▸ **Atenção!**

"A definição do valor da contratação levará em conta o período de vigência do contrato e as possíveis prorrogações para: a) a realização de licitação exclusiva (microempresa, empresa de pequeno porte e sociedade cooperativa); b) a escolha de uma das modalidades convencionais (concorrência, tomada de preços e convite); e c) o enquadramento das contratações previstas no art. 24, inc. I e II, da Lei nº 8.666, de 1993." (Orientação Normativa nº 10, alterada em 14/12/2011)

2) **Guerra ou grave perturbação da ordem (inciso III).** A declaração de guerra é de competência da União (art. 21, II da CF), através de ato privativo do Presidente da República (art. 84, XIX da CF), mediante autorização ou referendo do Congresso Nacional (art. 49, II da CF). A perturbação da ordem é a situação que afeta a paz e a disciplina social e política.

3) **Emergência ou calamidade pública (inciso IV).** Fica caracterizada quando há urgência de atendimento de situação que possa ocasionar prejuízo ou comprometer a segurança de pessoas, obras, serviços, equipamentos e outros bens, públicos ou particulares, e somente para os bens necessários ao atendimento da situação emergencial ou calamitosa e para as parcelas de obras e serviços que possam ser concluídas no prazo máximo de 180 (cento e oitenta) dias consecutivos e ininterruptos, contado da ocorrência da emergência ou calamidade, sendo vedada a prorrogação dos respectivos contratos.

Os casos de emergência podem ser produto de **fatores objetivos** e de **fatores subjetivos**.

Ocorre um caso de emergência "**objetivo**", quando este se apresenta como resultado de um acontecimento ou situação desvinculada da vontade administrativa (uma enchente, um temporal,...). Há um caso de emergência "**subjetivo**", quando se identifica que o gestor, por desídia, gerou a situação de urgência, como nas contratações emergenciais para aquisições de bens que poderiam ter sido licitadas anteriormente, pela reconhecida preexistência da necessidade administrativa.

Tanto em uma situação como em outra, caracterizados os requisitos legais, é possível a contratação direta. Mesmo caracterizada desídia, por parte do administrador, preenchidos os requisitos previstos pelo dispositivo, é cabível a hipótese de dispensa.

▸ **Atenção!**
A desídia do agente público não impede a caracterização da situação emergencial, embora possa gerar a sua responsabilização.

4) **Licitação deserta (inciso V).** Ocorre quando não acudirem interessados à licitação anterior e esta, justificadamente, não puder ser repetida sem prejuízo para a Administração. Neste caso, devem ser mantidas todas as condições preestabelecidas.

▸ **Atenção!**
De acordo com a ON AGU Nº 12/2009, não se justifica essa hipótese de dispensa, caso a licitação tenha sido realizada na modalidade convite.

5) **Intervenção no domínio econômico (inciso VI).** É o caso em que a União tiver que intervir no domínio econômico para regular preços ou normalizar o abastecimento. Não verificadas tais finalidades, não se poderá utilizar o dispositivo para fundamentar a dispensa em outras situações de intervenção no domínio econômico.

6) **Propostas incompatíveis (inciso VII).** Ocorre quando as propostas apresentadas consignarem preços manifestamente superiores aos praticados no mercado nacional ou forem incompatíveis com os fixados pelos órgãos oficiais competentes. Nesse caso, após o procedimento de renovação das propostas (art. 48), persistindo a situação, será admitida a adjudicação direta dos bens ou serviços, por valor não superior ao constante do registro de preços ou dos serviços.

7) **Contratação de órgão ou entidade da Administração Pública (inciso VIII).** Para a aquisição, por pessoa jurídica de direito público interno, de bens produzidos ou serviços prestados por órgão ou entidade que integre a Administração Pública e que tenha sido criado para esse fim específico em data anterior à vigência desta Lei, desde que o preço contratado seja compatível com o praticado no mercado. É necessária a criação para finalidade específica, anteriormente à vigência da Lei nº 8.666/93.

Esse benefício não deve ser usado para a contratação de empresas públicas e de sociedades de economia mista que explorem atividade econômica, sob o regime de competição com o setor privado, pois estas estão sujeitas à livre concorrência e não devem possuir

privilégios que não sejam extensíveis às empresas da iniciativa privada. Nesse sentido, a Orientação Normativa AGU Nº 13, de 01 abril de 2009, estabeleceu que: "Empresa pública ou sociedade de economia mista que exerça atividade econômica não se enquadra como órgão ou entidade que integra a administração pública, para os fins de dispensa de licitação com fundamento no inc. VIII do art. 24 da Lei nº 8.666, de 1993."

▸ **Atenção!**

O limite temporal de criação do órgão ou entidade que integre a administração pública estabelecido no inciso VIII do caput deste artigo não se aplica aos órgãos ou entidades que produzem produtos estratégicos para o SUS, no âmbito da Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, conforme elencados em ato da direção nacional do SUS.

8) **Segurança Nacional (inciso IX).** Caracteriza-se quando houver possibilidade de comprometimento da segurança nacional, nos casos estabelecidos em Decreto do Presidente da República, ouvido o Conselho de Defesa Nacional.

De acordo com o Decreto nº 2.295/97, ficam dispensadas de licitação as compras e contratações de obras ou serviços quando a revelação de sua localização, necessidade, característica do seu objeto, especificação ou quantidade coloque em risco objetivos da segurança nacional.

Mais recentemente, o Decreto federal nº 8.135/2013 estabeleceu outra hipótese de contratação direta, com base neste dispositivo. De acordo com o normativo, com vistas à preservação da segurança nacional, fica dispensada a licitação para a contratação de órgãos ou entidades da administração pública federal, para atendimento ao objetivo de fazer com que as comunicações de dados da administração pública federal direta, autárquica e fundacional sejam realizadas por redes de telecomunicações e serviços de tecnologia da informação fornecidos por órgãos ou entidades da administração pública federal.

9) **Locação de imóvel (inciso X).** Para a compra ou locação de imóvel destinado ao atendimento das finalidades precípuas da Administração, cujas necessidades de instalação e localização condicionem a sua escolha, desde que o preço seja compatível com o valor de mercado, segundo avaliação prévia.

Em síntese, os critérios exigidos pela Lei são os seguintes:

- destinação do imóvel ao atendimento das finalidades precípuas da Administração;
- existência de motivos (necessidade de instalação e localização) que condicionem a sua escolha;
- preço compatível com o valor de mercado (segundo avaliação prévia).

Discordamos da tese doutrinária de que a existência de vários imóveis que possam atender à necessidade administrativa torna obrigatória a realização de procedimento licitatório. Entendemos que, mesmo existindo mais de um imóvel apto ao atendimento da pretensão contratual, é possível a contratação direta para a locação descrita pelo inciso X do artigo 24.

Importante relembrar uma diferença fundamental entre os institutos da inexigibilidade e da dispensa. Se naquela (inexigibilidade) é identificada uma inviabilidade de competição, na dispensa a possibilidade de competição e a pluralidade de possíveis particulares fornecedores do bem ou do serviço não impedem a utilização da permissiva de contratação direta. Em resumo: a existência de um único imóvel apto a atender às finalidades precípuas da Administração não é requisito para a contratação por dispensa de licitação, indicada neste inciso.

Ilustrando, da mesma forma que se admite a dispensa para uma compra de pequeno valor (art. 24, II), mesmo existindo vários fornecedores aptos e interessados na contratação, deve-se admitir a utilização da dispensa para a locação de imóvel (art. 24, X), mesmo que existam outros imóveis aptos ao atendimento das finalidades precípuas da Administração. O que deve ser evitada é a utilização dessa hipótese de contratação direta para justificar contratações motivadas por interesses ilegítimos do gestor, em detrimento do interesse público.

▸ **Atenção!**

Como boa prática de gestão, na escolha de imóveis públicos, para locação, alguns órgãos vêm adotando a realização de **"chamamentos públicos"**. Trata-se de uma consulta ao mercado imobiliário, das ofertas disponíveis para locação. A Administração Pública informa a sua intenção de realizar locação em determinado(s) local(is) ou região e determina suas condições, como área útil, localização, garagens disponíveis, entre outros.

10) **Contratação de remanescente (inciso XI).** Na contratação de remanescente de obra, serviço ou fornecimento, em consequência de rescisão contratual, desde que atendida a ordem de classificação da licitação anterior e aceitas as mesmas condições oferecidas pelo licitante vencedor, inclusive quanto ao preço, devidamente corrigido.

A contratação direta de remanescente de obra, com suporte no comando contido no art. 24, XI, da Lei nº 8.666/1993, não pode ser adotada com condições diversas daquelas que venceram o processo licitatório ou quando a avença resultante da licitação estiver eivada de vícios

11) **Compra de gêneros perecíveis (inciso XII).** Nas compras de hortifrutigranjeiros, pão e outros gêneros perecíveis, no tempo necessário para a realização dos processos licitatórios correspondentes, realizadas diretamente com base no preço do dia.

12) **Instituição de pesquisa (inciso XIII).** Na contratação de instituição brasileira incumbida regimental ou estatutariamente da pesquisa, do ensino ou do desenvolvimento institucional, ou de instituição dedicada à recuperação social do preso, desde que a contratada detenha inquestionável reputação ético-profissional e não tenha fins lucrativos. A utilização da expressão "instituição" leva a concluir que o legislador não permitiu a contratação de pessoa física.

▸ **Atenção!**

Os contratos firmados com fundações de apoio, com base nessa hipótese de dispensa, devem estar diretamente vinculados a projetos com definição clara do objeto e com prazo determinado, sendo vedada a subcontratação, a contratação de serviços contínuos ou de manutenção, e a contratação de serviços destinados a atender as necessidades permanentes da instituição (ON AGU 14/2009).

A contratação de instituição sem fins lucrativos, com dispensa de licitação, com fulcro no art. 24, inciso XIII, da Lei nº 8.666/93, somente é admitida nas hipóteses em que houver nexo efetivo entre o mencionado dispositivo, a natureza da instituição e o objeto contratado, além de comprovada a compatibilidade com os preços de mercado (Súmula TCU nº 250).

É lícita a contratação de serviço de promoção de concurso público por meio de dispensa de licitação, com fulcro no art. 24, inciso XIII, da Lei 8.666/1993, desde que sejam observados todos os requisitos previstos no referido dispositivo e demonstrado o nexo efetivo desse objeto com a natureza da instituição a ser contratada, além de comprovada a compatibilidade com os preços de mercado. (Súmula TCU nº 287, de 12/11/2014).

13) **Acordo internacional (inciso XIV).** Para a aquisição de bens ou serviços, nos termos de acordo internacional específico, aprovado pelo Congresso Nacional, quando as condições ofertadas forem manifestamente vantajosas para o Poder Público.

A hipótese de dispensa não prevê a contratação de obras, restringindo-se à aquisição de bens e serviços. A redação atual do dispositivo excluiu a necessidade de mediação através de organização internacional, mas explicitou a exigência de que o acordo internacional específico fosse aprovado pelo Congresso Nacional e de que as condições fossem vantajosas ao Poder Público.

14) **Obras de arte e objetos históricos (inciso XV).** Para a aquisição ou restauração de obras de arte e objetos históricos, de autenticidade certificada, desde que compatíveis ou inerentes às finalidades do órgão ou entidade.

Deverá ser considerada ilícita a utilização de tal hipótese, quando inexistir a vinculação finalística exigida pelo dispositivo.

15) **Impressões e prestações de serviço de informática (inciso XVI).** Para a impressão dos diários oficiais, de formulários padronizados de uso da Administração e de edições técnicas oficiais, bem como para prestação de serviços de informática a pessoa jurídica de direito público interno, por órgãos ou entidades que integrem a Administração Pública, criados para esse fim específico.

16) **Aquisição vinculada à garantia (inciso XVII).** Para a aquisição de componentes ou peças de origem nacional ou estrangeira, necessários à manutenção de equipamentos durante o período de garantia técnica, junto ao fornecedor original desses equipamentos, quando tal condição de exclusividade for indispensável para a vigência da garantia.

17) **Abastecimento de embarcações, aeronaves e tropas (inciso XVIII).** Nas compras ou contratações de serviços para o abastecimento de navios, embarcações, unidades aéreas ou tropas e seus meios de deslocamento, quando em estada eventual de curta duração em portos, aeroportos ou localidades diferentes de suas sedes, por motivo de movimentação operacional ou de adestramento, quando a exiguidade dos prazos legais puder comprometer a normalidade e os propósitos das operações e desde que seu valor não exceda ao limite da modalidade convite previsto para compras e serviços comuns.

18) **Padronização de material militar (inciso XIX).** Para as compras de material de uso pelas Forças Armadas, com exceção de materiais de uso pessoal e administrativo, quando houver necessidade de manter a padronização requerida pela estrutura de apoio logístico dos meios navais, aéreos e terrestres, mediante parecer de comissão instituída por Decreto.

19) **Associação de portadores de deficiência (inciso XX).** Na contratação de associação de portadores de deficiência física, sem fins lucrativos e de comprovada idoneidade, por órgãos ou entidades da Administração Pública, para a prestação de serviços ou fornecimento de mão de obra, desde que o preço contratado seja compatível com o praticado no mercado.

20) **Produtos para pesquisa e desenvolvimento (inciso XXI).** A redação anterior do dispositivo previa a contratação direta para a aquisição de bens e **insumos** destinados exclusivamente à pesquisa científica e tecnológica com recursos concedidos pela CAPES, FINEP, CNPq ou outras instituições de fomento à pesquisa credenciadas pelo CNPq para esse fim específico.

Este inciso foi alterado pela **Lei nº 13.243/2016**, a qual modificou a hipótese de dispensa (retirando a restrição anterior, à origem dos recursos), admitindo-a para **"a aquisição ou contratação de produto para pesquisa e desenvolvimento, limitada, no caso de obras e serviços de engenharia, a R$ 300.000,00** (20% do valor de que trata a alínea "b" do inciso I do *caput* do art. 23).

A **Lei nº 13.243/2016** criou estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação, atividades que ainda engatinham, no Brasil, não por falta de qualidade de nossos pesquisadores, mas devido a dificuldades impostas por exigências burocráticas que, quando excessivas, acabam gerando certa disfunção, prejudicando as atividades reguladas. Os órgãos de fomento à pesquisa que atuam com contratações públicas apresentavam diversas queixas em relação às dificuldades para efetivar as contratações, neste segmento; o que gerou a inclusão de dispositivos com repercussão direta no regime licitatório.

Para a aplicação desta hipótese de dispensa, é fundamental identificar a definição de **"produtos para pesquisa e desenvolvimento"**. A própria **Lei nº 13.243/2016** estabeleceu tal definição como sendo "bens, insumos, serviços e obras necessários para atividade

de pesquisa científica e tecnológica, desenvolvimento de tecnologia ou inovação tecnológica, discriminados em projeto de pesquisa aprovado pela instituição contratante".

Esta hipótese de dispensa poderá ser adotada, inclusive, para aquisição de produtos utilizados em obras e serviços e engenharia. Nesta hipótese (quando relacionada a contratações para obras e serviços de engenharia), contudo, há uma limitação econômica ao valor de R$ 300.000,00 (20% do valor de que trata a alínea "b" do inciso I do *caput* do art. 23). Ademais, quando esta hipótese de dispensa for aplicada a obras e serviços de engenharia, seguirá procedimentos especiais, instituídos em regulamentação específica (§3º do artigo 24).

▸ **Atenção!**

De acordo com a **Lei nº 13.243/2016**, nesta hipótese de dispensa, estará afastada a vedação à possibilidade de contratação ou participação, da licitação ou da execução do contrato, do autor do projeto básico ou executivo, pessoa física ou jurídica.

21) **Energia elétrica e gás natural (inciso XXII).** Na contratação de fornecimento ou suprimento de energia elétrica e gás natural com concessionário, permissionário ou autorizado, segundo as normas da legislação específica.

Sendo hipótese de único fornecedor, tecnicamente será verificada uma situação de inexigibilidade, em que a contratação deverá ser adequada à situação prevista no artigo 25 da Lei nº 8.666/93.

22) **Subsidiárias e controladas (inciso XXIII).** Na contratação realizada por empresa pública ou sociedade de economia mista com suas subsidiárias e controladas, para a aquisição ou alienação de bens, prestação ou obtenção de serviços, desde que o preço contratado seja compatível com o praticado no mercado.

O TCU tem entendido que a participação de empresa estatal no bloco de controle de empresa privada da qual é acionista minoritária, mediante celebração de acordo com o acionista majoritário, conferindo à estatal parcela de controle compartilhado, não a torna controladora da empresa participada, devendo esta concorrer nas licitações em condições de igualdade com as demais empresas do setor privado, sendo indevida sua contratação direta pela estatal com base no art. 24, inciso XXIII, da Lei 8.666/1993. Segundo o Tribunal, para fins de dispensa de licitação com fundamento nesse dispositivo, entende-se por controlada a empresa em que a União,

direta ou indiretamente, detenha a maioria do capital social com direito a voto, em analogia ao conceito do art. 165, § 5º, inciso II, da Constituição Federal, que baliza a noção de empresa controlada (TCU. Acórdão nº 2472/2017 Plenário).

▸ **Atenção!**

A contratação de subsidiárias e controladas com fulcro no art. 24, inciso XXIII, da Lei nº 8.666/93 somente é admitida nas hipóteses em que houver, simultaneamente, compatibilidade com os preços de mercado e pertinência entre o serviço a ser prestado ou os bens a serem alienados ou adquiridos e o objeto social das mencionadas entidades (TCU, Súmula nº 265/2011).

23) **Organizações sociais (inciso XXIV).** Para a celebração de contratos de prestação de serviços com as organizações sociais, qualificadas no âmbito das respectivas esferas de governo, para atividades contempladas no contrato de gestão.

Embora a hipótese faça referência expressa, apenas, às Organizações Sociais, e, em regra, as exceções sejam tratadas e interpretadas de forma restritiva, parte da doutrina tem entendido que o dispositivo também se aplica às OSCIPs.

A hipótese de dispensa, na verdade, não trata da seleção da entidade, mas sim da contratação de prestações de serviços não exclusivos do Estado, relacionados às atividades contempladas no contrato de gestão. No caso das OSCIPs, por exemplo, referir-se-ia ao mesmo tipo de prestações, contempladas no termo de parceria já firmado.

Celebrado e em vigor o convênio, termo de parceria ou contrato de gestão, não há sentido em se realizar tal licitação, ao menos não nos clássicos moldes legais, pois, uma vez firmado o contrato de gestão, inexiste ambiente competitivo no interior dessa relação de cooperação. Nesse caso, há uma inviabilidade que mais se aproxima da inexigibilidade ou da impropriedade de aplicação de todas as regras previstas no estatuto, tornando até desnecessária a ressalva legal de dispensa licitatória.

Importante lembrar que a aquisição de produtos e a contratação de serviços com recursos da União, transferidos a entidades privadas sem fins lucrativos, não estão sujeitas à obrigatoriedade de adoção do regime licitatório. Elas deverão, contudo, observar, nessas contratações, os princípios da impessoalidade, moralidade e

economicidade, sendo necessária, no mínimo, a realização de cotação prévia de preços no mercado.

24) **Instituição Científica e Tecnológica (inciso XXV).** Na contratação realizada por Instituição Científica e Tecnológica – ICT ou por agência de fomento para a transferência de tecnologia e para o licenciamento de direito de uso ou de exploração de criação protegida.

- **Instituição Científica e Tecnológica** é órgão ou entidade da Administração Pública que tenha por missão institucional, dentre outras, executar atividades de pesquisa básica ou aplicada de caráter científico ou tecnológico.
- **Agência de fomento** é o órgão ou instituição, de natureza pública ou privada, que tenha, entre os seus objetivos, o financiamento de ações que visem a estimular e a promover o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação;

25) **Consórcio público ou convênio de cooperação (inciso XXVI).** Na celebração de **contrato de programa** com ente da Federação ou com entidade de sua Administração Indireta, para a prestação de serviços públicos, de forma associada, nos termos autorizados em contrato de consórcio público ou em convênio de cooperação.

Lembramos que o **consórcio público** poderá adquirir personalidade jurídica de direito público ou privado, podendo constituir-se por contrato (convênio), dependendo sua celebração da prévia subscrição de protocolo de intenções. Noutro diapasão, seus objetivos, respeitados os limites constitucionais, serão determinados pelos entes consorciados.

26) **Resíduos sólidos (inciso XXVII).** Na contratação da coleta, processamento e comercialização de resíduos sólidos urbanos recicláveis ou reutilizáveis, em áreas com sistema de coleta seletiva de lixo, efetuados por associações ou cooperativas formadas exclusivamente por pessoas físicas de baixa renda reconhecidas pelo poder público como catadores de materiais recicláveis, com o uso de equipamentos compatíveis com as normas técnicas, ambientais e de saúde pública. É importante verificar os requisitos condicionantes previstos pelo dispositivo, dentre eles:

- a associação ou a cooperativa deve ser formada por pessoas físicas de baixa renda;
- o reconhecimento, pelo Poder Público, como catadores de materiais recicláveis;

27) **Complexidade tecnológica e defesa nacional (inciso XXVIII).** Para o fornecimento de bens e serviços, produzidos ou prestados no País, os quais envolvam, cumulativamente, alta complexidade tecnológica e defesa nacional, mediante parecer de comissão especialmente designada pela autoridade máxima do órgão.

28) **Contingentes militares (inciso XIX).** Na aquisição de bens e contratação de serviços para atender aos contingentes militares das Forças Singulares brasileiras empregadas em operações de paz no exterior, necessariamente justificadas quanto ao preço e à escolha do fornecedor ou executante e ratificadas pelo Comandante da Força.

29) **Assistência técnica e extensão rural no PRONATER (inciso XXX).** Na contratação de instituição ou organização pública ou privada, com ou sem fins lucrativos, para a prestação de serviços de assistência técnica e extensão rural no âmbito do Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária (PRONATER), instituído por lei federal.

Deve ser entendido como Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) o serviço de educação não formal, de caráter continuado, no meio rural, o qual promove processos de gestão, produção, beneficiamento e comercialização das atividades e dos serviços agropecuários e não agropecuários, inclusive das atividades agroextrativistas, florestais e artesanais.

A permissiva abrange a contratação das **entidades executoras.** Elas compreendem as instituições ou organizações públicas ou privadas, **com ou sem fins lucrativos**, previamente credenciadas e que preencham os requisitos previstos no art. 15 da Lei nº 12.188/2010.

De acordo com a Lei, a contratação das entidades executoras será efetivada, apenas, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) ou pelo INCRA.

▸ **Atenção!**

Mesmo com a hipótese de dispensa, a Lei estabeleceu que a contratação de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural será realizada por meio de "chamada pública". A exigência de que a "chamada pública" deverá conter os critérios objetivos para seleção da entidade executora indica que, mesmo permitida a contratação direta, o legislador exigiu que a escolha ocorresse por procedimento seletivo.

30) **Contratações de estímulo à inovação científica (inciso XXXI).** A recente **Lei nº 12.349/2010** acrescentou hipótese de dispensa relacionada às contratações de estímulo à inovação científica, através de ambientes cooperativos, conforme disposições apresentadas nos artigos 3º, 4º, 5º e 20 da Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, observados os princípios gerais de contratação.

> **Atenção!**
> Entre outras ações, é possível aos entes federados e às suas agências de fomento estimular e apoiar a constituição de alianças estratégicas e o desenvolvimento de projetos de cooperação envolvendo empresas nacionais, ICT e organizações de direito privado sem fins lucrativos, voltadas para atividades de pesquisa e desenvolvimento que objetivem a geração de produtos e processos inovadores.

31) **Transferência de tecnologia de produtos estratégicos para o Sistema Único de Saúde (inciso XXXII).** A recente **Lei nº 12.715**, de 2012, acrescentou outra hipótese de dispensa, esta relacionada às contratações nas quais houver transferência de tecnologia de produtos estratégicos para o Sistema Único de Saúde - SUS, no âmbito da Lei nº 8.080/90, conforme elencados em ato da direção nacional do SUS, inclusive por ocasião da aquisição destes produtos durante as etapas de absorção tecnológica.

32) **Contratação de entidades sem fins lucrativos para combate à seca (inciso XXXIII).** O dispositivo admite a contratação direta de entidades privadas sem fins lucrativos. O objetivo indicado para a hipótese de dispensa em tais contratações é a implementação de cisternas ou outras "tecnologias sociais de acesso à água" para consumo humano e produção de alimentos, beneficiando famílias rurais de baixa renda atingidas pela seca ou falta regular de água.

De acordo com o Decreto federal nº 8.038/2013, "tecnologia social de acesso à água" seria o conjunto de técnicas e métodos aplicados para captação, uso e gestão da água, desenvolvidos a partir da interação entre conhecimento local e técnico, apropriados e implementados com a participação da comunidade.

33) **Contratação de insumos estratégicos para a saúde produzidos, ou distribuídos, por fundação ou em parcerias que envolvam transferência de tecnologia de produtos estratégicos para o SUS (inciso XXXIV).** A Lei 13.204/2015 incluiu esta hipótese de dispensa,

para a aquisição, por pessoa jurídica de direito público interno, de insumos estratégicos para a saúde produzidos ou distribuídos por fundação que, regimental ou estatutariamente, tenha por finalidade apoiar órgão da administração pública direta, sua autarquia ou fundação em projetos de ensino, pesquisa, extensão, desenvolvimento institucional, científico e tecnológico e estímulo à inovação, inclusive na gestão administrativa e financeira necessária à execução desses projetos, ou em parcerias que envolvam transferência de tecnologia de produtos estratégicos para o Sistema Único de Saúde - SUS (conforme inciso XXXII deste mesmo artigo 24), e que tenha sido criada para esse fim específico em data anterior à vigência desta Lei, desde que o preço contratado seja compatível com o praticado no mercado.

34) **Construção, ampliação, reforma e aprimoramento de estabelecimentos penais, em situação de risco à segurança pública. (inciso XXXV).** A Lei federal nº 13.500, de 26 de outubro de 2017, incluiu nova hipótese de dispensa, com o seguinte texto: "para a construção, a ampliação, a reforma e o aprimoramento de estabelecimentos penais, desde que configurada situação de grave e iminente risco à segurança pública".

Da leitura da nova hipótese de dispensa, nota-se a existência de pressupostos que deverão ser observados para sua efetiva caracterização, quais sejam:

a) que o objeto da dispensa seja a construção, a ampliação, a reforma e o aprimoramento de estabelecimentos penais; e

b) que a situação se configure como de grave e iminente risco à segurança pública.

Convém registrar a crítica de que ela, na prática, abrangerá situações já abarcadas pela hipótese de dispensa do inciso IV do artigo 24 da Lei nº 8.666/93 (dispensa emergencial). Por outro lado, importante salientar que a nova hipótese (inciso XXXV) não possui as mesmas condicionantes previstas na anterior (inciso IV). Nesse prumo, por exemplo, não há aqui a expressa limitação temporal de 180 dias, para a respectiva contratação direta.

Nada obstante a inexistência do limite temporal de 180 dias, seria esdrúxulo admitir que essa hipótese de dispensa fosse viável para "a construção, a ampliação, a reforma e o aprimoramento de estabelecimentos penais", sem qualquer limitação temporal. Diante

da realidade caótica de nossos estabelecimentos prisionais, isso geraria uma autorização para fuga indiscriminada à obrigatoriedade de licitar, em todas as obras e reformas em nosso sistema prisional.

Mesmo sem a aplicação da limitação temporal expressa de 180 dias (que, em regra, é curta para este tipo de intervenção de engenharia), necessário firmar-se que essa hipótese de dispensa (inciso XXXV) apenas será admissível quando configurada "situação de grave e iminente risco à segurança pública". Assim, deve-se admitir a utilização desta hipótese de dispensa apenas em situações emergenciais, nas quais a submissão à tramitação do processo licitatório se demonstre incompatível com a urgência exigida para a intervenção ("situação de grave e iminente risco à segurança pública").

Por conta disso, nas construções de presídios, obras, recuperações e ampliações ordinárias, deve-se priorizar a adoção do devido procedimento licitatório. Outrossim, nas hipóteses em que a intervenção de engenharia irá perdurar por longo tempo, é natural que a contratação seja preferencialmente precedida do devido planejamento e também de processo licitatório.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Em relação às hipóteses de licitação dispensável, as bancas têm cobrado, além dos pontos mais importantes, o texto literal dos incisos. Nessa feita, é importante a leitura atenciosa dessas hipóteses de contratação direta. No concurso para Procurador do Banco Central (CESPE/2009), foi considerada correta a seguinte alternativa: "b) *É dispensável a licitação na contratação da coleta, processamento e comercialização de resíduos sólidos urbanos recicláveis ou reutilizáveis, em áreas com sistema de coleta seletiva de lixo, efetuados por associações ou cooperativas formadas exclusivamente por pessoas físicas de baixa renda reconhecidas pelo poder público como catadores de materiais recicláveis, com o uso de equipamentos compatíveis com as normas técnicas, ambientais e de saúde pública*".

Observação: Atente-se que nesta questão, como em outras várias sobre o tema, é cobrado o texto literal da hipótese de licitação dispensável.

5.2. Inexigibilidade de licitação

Diferentemente da dispensa, em que a competição é possível, porém o legislador permite não fazê-la, **na inexigibilidade, a competição é inviável, o que torna inócuo o procedimento licitatório**, cuja razão de ser é, justamente, fomentar a competição em busca da melhor proposta para o atendimento do interesse público.

A maioria da doutrina entende que competição inviável, para fins de aplicação da hipótese de inexigibilidade licitatória, não ocorre apenas nas situações em que é impossível haver disputa, mas também naquelas em que a disputa é inútil ou prejudicial ao atendimento da pretensão contratual, pelo confronto e contradição com aquilo que a justifica (o interesse público).

Verificar-se-á a inviabilidade de competição em várias situações: quando há ausência de pluralidade de interessados aptos a garantir a prestação intentada, quando o procedimento licitatório não for adequado a atender à necessidade da Administração ou quando os critérios de seleção forem inapropriados à escolha do objeto contratual pretendido.

5.2.1. *Hipóteses de inexigibilidade*

O artigo 25 da Lei nº 8.666/93 indica três exemplos de inexigibilidade:

A) **Aquisição junto a fornecedor exclusivo (inciso I).** Deve-se destacar a vedação à preferência de marca e a necessidade de que a comprovação de **exclusividade** seja feita através de atestado fornecido pelo órgão de registro do comércio do local em que se realizaria a licitação, a obra ou o serviço, pelo Sindicato, Federação ou Confederação Patronal ou, ainda, pelas entidades equivalentes. Os órgãos contratantes têm a obrigação de averiguar a veracidade do atestado de exclusividade apresentado.

A exclusividade pode ser **absoluta**, quando só existe um fornecedor no país, ou **relativa**, quando acontece apenas na praça onde vai ocorrer a aquisição do bem.

Conforme Orientação Normativa AGU Nº 16, de 01 abril de 2009, os órgãos competentes pela contratação têm a obrigação de averiguar a veracidade do atestado de exclusividade apresentado. Outrossim, de acordo com a Jurisprudência do Tribunal de Contas da União, a "carta de exclusividade", por si só, é insuficiente para demonstrar que a empresa é fornecedora exclusiva de determinado produto.

Embora o dispositivo se refira apenas à exclusividade em função da aquisição de materiais, equipamentos ou gêneros, o caráter exclusivo pode legitimar uma situação de inexigibilidade em outros tipos de contratações. Tratando-se de serviços relacionados a fornecedor exclusivo, a inviabilidade de competição permitirá a contrata-

ção direta, tendo por fundamento, contudo, o ***caput* do artigo 25** (e não seu inciso I). Nessa feita, **é inadequada a indicação do inciso I do artigo 25 como fundamento legal para a inexigibilidade de contratação de fornecedor exclusivo de serviço.**

> **Atenção!**
> Nas contratações em que o objeto só possa ser fornecido por produtor, empresa ou representante comercial exclusivo, é dever do agente público responsável pela contratação a adoção das providências necessárias para confirmar a veracidade da documentação comprobatória da condição de exclusividade (TCU, Súmula nº. 255/2010)

B) **Contratação de serviços técnicos especializados (inciso II).** Para a contratação direta descrita no inciso II, não basta a indicação de um dos serviços técnicos especializados apontados pelo artigo 13 da Lei. É necessária a **notória especialização** do contratado e a **natureza singular** (singularidade) do serviço.

> **Atenção!**
> É vedada a utilização dessa hipótese de inexigibilidade para serviços de publicidade e divulgação.

A **notória especialização** envolve **elemento subjetivo**, referindo-se a uma característica do particular contratado. Essa característica é relativa, podendo variar de acordo com a localidade da prestação contratual. Determinado profissional pode ser reconhecido como notório especialista em uma pequena cidade ou região, embora seu trabalho e sua reputação sejam desconhecidos em uma grande capital.

Já a **natureza singular** envolve **elemento objetivo**, sendo característica diferenciadora do objeto. É o serviço pretendido pela Administração que é singular e não aquele que o executa; caso contrário, estaríamos diante de uma exclusividade, tornando inócuo o dispositivo, pela prescrição já existente no inciso I deste artigo.

Vale reiterar que a inexigibilidade descrita pelo inciso II do artigo 25 do estatuto licitatório pressupõe a presença concomitante dos seguintes requisitos:

a) Tratar-se de serviço técnico profissional especializado;

b) Referir-se a profissional ou a empresa com notória especialização;

c) Restar caracterizada a natureza singular do serviço a ser prestado.

▸ **Atenção!**

As Súmulas do TCU nº 252/2010 e nº 264/2011 tratam sobre este tema. Vide lista, ao final desse capítulo.

É possível a contratação de serviços advocatícios por inexigibilidade de licitação, como um serviço técnico especializado; contudo, devem ser identificados os requisitos legais para tanto, como a notória especialização, do contratado, e a natureza singular, do serviço.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Federal da 1ª Região (CESPE/2011), com a seguinte ementa: "No que concerne ao instituto da licitação, assinale a opção correta", foi considerada correta a alternativa: "a) A contratação de serviços de advogado por inexigibilidade de licitação tem amparo na Lei de Licitações."

No concurso para Titular de Serviços de Notas e de Registros do TJ/DF (CESPE/2014), foi considerada errada a seguinte alternativa: *A inexigibilidade de licitação pode ser adotada em caso de inviabilidade de competição, como ocorre na contratação de serviços técnicos de publicidade e divulgação, de natureza singular, com empresa de notória especialização*

C) **Contratação de profissional do setor artístico (inciso III)**, diretamente ou através de empresário exclusivo, desde que consagrado pela crítica especializada ou pela opinião pública.

O fundamento para que profissional do setor artístico seja contratado, através da inexigibilidade licitatória, é a inviabilidade de se realizar uma escolha minimamente objetiva do serviço almejado, bem como o fato de ser pouco provável que um artista, consagrado pela opinião pública, submeta-se a um certame para sua contratação.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz de Direito Substituto - DF (CESPE/2015), com a seguinte ementa: "Com base no que dispõe a Lei nº 8.666/1993, a licitação será inexigível no caso de:", foi considerada correta a alternativa: "C) contratação de profissional de qualquer setor artístico, diretamente ou com a intermediação de empresário exclusivo, desde que se trate de profissional consagrado pela crítica especializada ou pela opinião pública."

No concurso para Advogado do Metrô-DF (IADES/2014), foi considerada errada a seguinte alternativa: "No caso de o prefeito de determinada cidade decidir contratar renomadas bandas de música brasileiras para se apresentarem em evento festivo de comemoração do aniversário da cidade, poderá fazê-lo por meio de dispensa de licitação, por serem os músicos profissionais do setor artístico consagrados pela opinião pública."

A expressão **"em especial"**, usada pelo *caput* do artigo 25 da Lei de Licitações, indica a não taxatividade das hipóteses previstas pelo dispositivo. Tal opção foi correta, pois seria impossível a previsão de todas as hipóteses de competição inviável. Assim, identificada uma situação de inviabilidade de competição, mesmo que não descrita nos incisos do artigo 25, poderá ser caracterizada como hipótese de inexigibilidade.

Raquel Melo Urbano de Carvalho lembra, como hipótese de inexigibilidade não descrita no artigo 25, a situação em que a Administração aceita firmar o negócio com todos aqueles que, atendendo as motivadas exigências públicas, manifestem interesse em firmar contrato. Nesse caso, não há um certame, no sentido de disputa, mas um **"credenciamento"**. Ocorre, com o **"credenciamento"**, uma hipótese de inexigibilidade, pois não há necessidade de submissão a uma disputa entre os interessados, bastando que o particular atenda às exigências estabelecidas.

▸ Importante!

O credenciamento não pode ser mesclado às modalidades licitatórias previstas no artigo 22 da Lei 8.666/1993, por não se coadunar com procedimentos de pré-qualificação nem com critérios de pontuação técnica para distribuição dos serviços (Acórdão 141/2013-Plenário. Info 139).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso de Procurador do Estado de São Paulo (FCC/2009), foi cobrado: "Pretendendo a Administração contratar a prestação de serviços médicos para atendimento de seus servidores, resolveu credenciar todos os estabelecimentos interessados em fazê-lo pelo valor previamente fixado pela Administração e que atendam a um padrão mínimo de qualidade fixado em edital. Ao assim proceder, a Administração praticou ato". Foi considerada certa a seguinte alternativa: *(A) legal, com fundamento na Lei nº 8.666/93, por ser possível a contratação com inexigibilidade de licitação sempre que houver inviabilidade de competição.*

5.3. Condicionantes da eficácia e elementos de instrução da contratação direta

Mesmo sem a observância dos procedimentos relativos às modalidades licitatórias, a contratação direta deve obediência aos princípios do Direito Administrativo. A Lei nº 8.666/93 exige, expressamente, a obediência a **condicionantes da eficácia** e a **elementos de instrução**.

- **Condicionantes da eficácia.** As dispensas (**excluídas as de pequeno valor, art. 24, I e II**) e as inexigibilidades devem ser justificadas e comunicadas, dentro de 3 (três) dias, à autoridade superior, para ratificação e publicação na imprensa oficial, no prazo de 5 (cinco) dias, como condição para a eficácia dos atos.

Tem-se entendido que, em virtude dos princípios da economicidade e da eficiência, as demais hipóteses de dispensa e as situações de inexigibilidade que envolvam valores iguais ou menores aos das dispensas de pequeno valor (art. 24, I e II) também tornam desnecessária a publicação na imprensa oficial do ato que autoriza a contratação direta. Esse entendimento foi adotado pela AGU, em sua Orientação Normativa de nº 34.

▸ **Atenção!**

De acordo com a ON AGU nº 33/2011, o ato administrativo que autoriza a contratação direta (art. 17, §§ 2º e 4º, art. 24, inc. III e seguintes, e art. 25 da Lei nº 8.666, de 1993) deve ser publicado na imprensa oficial, contudo, é desnecessária a publicação do extrato contratual.

- **Elementos de instrução.** O parágrafo único do artigo 26 exige, no processo de contratação direta, os seguintes elementos: **1.** caracterização da situação emergencial, calamitosa ou de grave e iminente risco à segurança pública (quando for o caso); **2.** razão da escolha do fornecedor ou executante; **3.** justificativa do preço; **4.** documento de aprovação dos projetos de pesquisa aos quais os bens serão alocados (quando for o caso).

Destacam-se as exigências de apresentação da razão da escolha do fornecedor ou executante e a justificativa de preços, cabíveis em todas as hipóteses de dispensa e inexigibilidade. A caracterização da situação emergencial, calamitosa ou grave e iminente risco à segurança pública, bem como a aprovação dos projetos de pesquisa serão necessárias, apenas, nas respectivas hipóteses de dispensa.

▸ Atenção!

Em decorrência do acréscimo da nova hipótese de licitação dispensável (inciso XXXV, do artigo 24), a Lei nº 13.500/2017 precisou alterar a redação do inciso I do parágrafo único do art. 26 da Lei nº 8.666/93, que trata sobre os elementos de instrução das contratações diretas, para exigir que o processo formal de dispensa demonstre qual é o "grave e iminente risco à segurança pública" que autoriza a contratação direta. Obviamente, este elemento de instrução será exigido nesta específica hipótese de licitação dispensável.

▸ Importante!

Nas situações de inexigibilidade e de dispensa, se comprovado superfaturamento, respondem solidariamente pelo dano causado à Fazenda Pública o fornecedor ou o prestador de serviços e o agente público responsável, sem prejuízo de outras sanções legais cabíveis.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso de Procurador do Tribunal de Contas do Estado do Amapá (FCC/2010), com o enunciado: *"O enquadramento formal de determinada situação na norma que estabelece as hipóteses de dispensa de licitação, dentre outros requisitos:"* foi considerada correta a seguinte alternativa: *"b) depende de regular formalização de procedimento de dispensa de licitação, com ratificação nas hipóteses previstas em lei, da declaração pela autoridade competente."*

6. MODALIDADES DE LICITAÇÃO

As modalidades de licitação são **concorrência, tomada de preços, convite, concurso, leilão** e **pregão**. Enquanto as primeiras se encontram descritas na Lei nº 8.666/93, a última consta na Lei nº 10.520/02.

Determina-se a modalidade a ser usada de acordo com o **"valor"** da licitação (concorrência, tomada de preços e convite) ou com o **"objeto"** licitado (concorrência, concurso, leilão e pregão). Quando a determinação da modalidade decorrer do valor, nos casos em que couber convite, a Administração poderá utilizar a tomada de preços e, em qualquer caso, a concorrência. O raciocínio inverso não é admitido, de forma que a modalidade convite não pode ser utilizada para uma contratação de valor compatível com a modalidade concorrência.

A escolha da modalidade, em relação **ao valor**, ocorre da seguinte forma:

Obras e Serviços de engenharia				
Convite	↔ 150.000	Tomada de preços	↔ 1.500.000	Concorrência

Compras e serviços (exceto de engenharia)				
Convite	↔ 80.000	Tomada de preços	↔ 650.000	Concorrência

A Lei nº 8.666/93 veda a criação de novas modalidades ou a combinação das existentes. Contudo, caracterizando-se a modalidade como regra geral, a União, dentro de sua competência constitucional, pode criar novas modalidades através de Lei, como fez com o pregão.

Podemos, ainda, apontar "**modalidades anômalas**", que, embora não disciplinadas em lei federal, constam em atos infralegais e regem seleções realizadas por órgãos ou entes públicos.

Segundo a Lei nº 8.666/93, não poderá participar, direta ou indiretamente, da licitação ou da execução de obra ou serviço e do fornecimento de bens a eles necessários:

- o autor do projeto, básico ou executivo, pessoa física ou jurídica;
- empresa, isoladamente ou em consórcio, responsável pela elaboração do projeto básico ou executivo ou da qual o autor do projeto seja dirigente, gerente, acionista ou detentor de mais de 5% (cinco por cento) do capital com direito a voto ou controlador, responsável técnico ou subcontratado;
- servidor ou dirigente de órgão ou entidade contratante ou responsável pela licitação.

Importante!

O fato de o servidor estar licenciado não afasta o entendimento segundo o qual não pode participar de procedimento licitatório a empresa que possuir em seu quadro de pessoal servidor ou dirigente do órgão contratante ou responsável pela licitação. "O fato de estar o servidor licenciado, à época do certame, não ilide a aplicação do referido preceito legal, eis que não deixa de ser funcionário o servidor em gozo de licença" (STJ. REsp 1.607.715-AL, DJe 20/4/2017).

Para fins desta vedação, considera-se participação indireta, a existência de qualquer vínculo de natureza técnica, comercial, econômica, financeira ou trabalhista entre o autor do projeto, pessoa física ou jurídica, e o licitante ou responsável pelos serviços, fornecimentos e obras, incluindo-se os fornecimentos de bens e serviços a estes necessários. Esta restrição se aplica aos membros da comissão de licitação.

Convém ressaltar que é admitida a participação do autor do projeto ou da empresa responsável pela sua elaboração, como consultor ou técnico, nas funções de fiscalização, supervisão ou gerenciamento, exclusivamente a serviço da Administração interessada. Assim, embora não possa figurar como licitante, é possível sua contratação pela própria Administração, para auxiliá-la na fiscalização contratual.

6.1. Concorrência

A **concorrência** é a modalidade de licitação utilizada, via de regra, para maiores contratações (art. 23, I e II). É aberta a quaisquer interessados que preencham os requisitos estabelecidos no edital. Além dos contratos de grande vulto econômico, o legislador fez questão de estabelecer hipóteses em que essa modalidade tem aplicação, independentemente dos valores envolvidos, como nas licitações internacionais, nas compras ou alienações de bens imóveis e nas concessões de direito real de uso.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Promotor do Estado da Paraíba (CESPE/2008) foi cobrado: "*A modalidade de licitação apropriada para a venda de bens imóveis da administração cuja aquisição haja derivado de procedimentos judiciais ou de dação em pagamento é denominada*", foi considerada correta a seguinte alternativa: *b) concorrência ou leilão.*

6.2. Tomada de preços

A **tomada de preços** é uma modalidade em que a disputa ocorre entre os interessados cadastrados, podendo ser acrescida por aqueles que, mesmo não cadastrados, atenderem às condições editalícias de cadastramento, até o terceiro dia anterior à data do recebimento das propostas. É um procedimento de menor complexidade, em

relação à concorrência, já que, em um primeiro momento, os participantes seriam selecionados apenas dentro do universo de particulares cadastrados.

O prazo de três dias se refere à apresentação da documentação necessária ao cadastramento. Eventual demora da Administração, na ação de cadastrar o licitante interessado, não pode prejudicar sua participação no certame.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do Tribunal de Justiça de Alagoas (CESPE-2008), em questão com o enunciado: *"Licitação entre interessados prévia e devidamente cadastrados ou interessados que atendam a todas as condições exigidas para cadastramento até o terceiro dia anterior à data do recebimento das propostas, observada a necessária qualificação, enquadra-se na modalidade de"*, foi considerada correta a seguinte alternativa: *a) tomada de preços.*

6.3. Convite

O **convite** é a modalidade utilizada para as relações negociais de valores mais baixos, o que permitiu ao legislador vislumbrar um procedimento de formalidades reduzidas. Nele, o órgão contratante convida, pelo menos, três empresas ou profissionais, entre interessados do ramo (cadastrados ou não), para apresentar ofertas à pretensão contratual manifestada. Não preenchido o número mínimo de participantes, pode a Administração invalidar o certame, por identificar falta de competitividade, excetuadas as situações em que, por limitações do mercado ou desinteresse dos convidados, for impossível a obtenção do número mínimo de licitantes.

Existindo na praça mais de 3 (três) possíveis interessados, a cada novo convite, realizado para objeto idêntico ou assemelhado, é obrigatório o convite a, no mínimo, mais um interessado, enquanto existirem cadastrados não convidados nas últimas licitações. No convite, é inválida a convocação de interessados pertencentes a ramo negocial diferente do pertinente ao objeto da contratação.

A disposição literal da Lei nº 8.666/93 produz a impressão de que, excetuados os convidados, apenas poderiam participar desta modalidade os cadastrados. Contudo, traçando um paralelo com a tomada

de preços, deve-se entender que **os não cadastrados podem participar do certame, desde que atendam às condições editalícias de cadastramento, até o terceiro dia anterior à data do recebimento das propostas.**

▸ **Importante!**

O convite dispensa a publicação de edital em diário oficial ou jornal, mas a lei exige que a unidade administrativa afixe, em lugar adequado, uma cópia do instrumento convocatório.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No 21º concurso para Procurador da República, foi considerada correta a seguinte assertiva: "c) *no convite, a ausência de apresentação efetiva de pelo menos 3 (três) propostas impõe a realização de nova licitação, salvo se, por limitações do mercado ou desinteresse dos convidados, for impossível a obtenção do número mínimo de licitantes;*" No concurso para Procurador Municipal em Boa Vista/RR (Cespe/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*O convite é uma modalidade de licitação em que a convocação se faz por carta-convite. Ele dispensa a publicação em edital, mas a lei exige que a unidade administrativa afixe, em lugar adequado, uma cópia do instrumento convocatório*".

6.4. Concurso

É a modalidade prevista pela legislação para escolha de trabalho técnico, científico ou artístico, mediante prêmios ou remuneração aos vencedores, conforme critérios apresentados pelo edital. Os contratos para a prestação de serviços técnicos profissionais especializados deverão, preferencialmente, ser celebrados mediante a realização de concurso, com estipulação prévia de prêmio ou remuneração.

No **concurso**, o julgamento será feito por uma comissão especial integrada por pessoas de reputação ilibada e reconhecido conhecimento da matéria em exame, servidores públicos ou não.

▸ **Importante!**

Na modalidade concurso, não é obrigatória a utilização dos tipos de licitação estabelecidos pela Lei nº 8.666/93 (menor preço, melhor técnica, melhor técnica e preço e maior lance ou oferta).

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo (2011), com o enunciado: *"Para a escolha de trabalho técnico, científico ou artístico, mediante a instituição de prêmios ou remuneração aos vencedores, condicionada à obtenção dos direitos patrimoniais sobre a obra"*, foi considerada correta a alternativa *"é exigível a licitação, na modalidade concurso"*.

No concurso para Procurador do Estado do Piauí (CESPE/2008), foi considerada correta a seguinte alternativa: *c) Concurso é a modalidade de licitação entre quaisquer interessados para escolha de trabalho técnico, científico ou artístico, mediante a instituição de prêmios ou remuneração aos vencedores, conforme critérios constantes de edital publicado na imprensa oficial com antecedência mínima de 45 dias.*

6.5. Leilão

Leilão é a modalidade utilizada para a venda de bens móveis inservíveis para a Administração, de produtos legalmente apreendidos ou penhorados ou para a alienação de bens imóveis cuja aquisição haja derivado de procedimentos judiciais ou de dação em pagamento. A Lei nº 9.497/97 estabeleceu, também, a adoção do leilão para diversas operações previstas no Programa Nacional de Desestatização.

Nessa modalidade, em vez do menor preço, busca-se o maior lance ou oferta, igual ou superior ao valor da avaliação.

O leilão pode ser cometido a leiloeiro oficial ou a servidor designado pela Administração, procedendo-se na forma da legislação pertinente.

Todo bem a ser leiloado será previamente avaliado pela Administração para fixação do preço mínimo de arrematação. Os bens arrematados serão pagos à vista ou no percentual estabelecido no edital, não inferior a 5% (cinco por cento). Em ambos os casos, é possível a entrega imediata do bem ao arrematante, que se obrigará ao pagamento do restante devido, no prazo estipulado pelo edital, sob pena de perda do valor já recolhido, em favor da Administração.

Nos leilões internacionais, o pagamento da parcela à vista poderá ser feito em até vinte e quatro horas.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Promotor de Justiça (MPE-MS/2011), com a ementa: "*dentre as modalidades de licitação, aquela utilizada para a venda de bens móveis inservíveis ou de produtos legalmente apreendidos e aquela utilizada entre interessados devidamente cadastrados ou que atenderem a todas as condições exigidas para cadastramento até o terceiro dia anterior à data do recebimento das propostas, observada a necessária qualificação são, respectivamente, definidas pela Lei nº 8.666/93 como:*", foi considerada correta a seguinte alternativa: *d) leilão e tomada de preços;*

6.6. Pregão

O **pregão** é a modalidade de licitação utilizada para a aquisição de bens e de serviços comuns, independentemente do valor da contratação. **Consideram-se bens e serviços comuns, aqueles cujos padrões de desempenho e qualidade possam ser objetivamente definidos pelo edital, por meio de especificações usuais no mercado.**

O conceito de bem e serviço comum é aberto, contudo é importante observar que o pregão foi criado para imprimir celeridade no processo de contratação e ampliar a competição entre os interessados nas licitações, mitigando os requisitos de participação e gerando estímulo à redução de preços, fato justificável em virtude de sua aptidão para contratações mais simples.

▸ Atenção!

"Compete ao agente ou setor técnico da administração declarar que o objeto licitatório é de natureza comum para efeito de utilização da modalidade pregão e definir se o objeto corresponde a obra ou serviço de engenharia, sendo atribuição do órgão jurídico analisar o devido enquadramento da modalidade licitatória aplicável." (Orientação Normativa AGU nº 54, de 25 de abril de 2014).

Contratações complexas ou sujeitas à intensa atividade intelectual se afastam do conceito de bens e serviços comuns. Da mesma forma, o fato de estarem os serviços vinculados a diversas normas técnicas não é suficiente para caracterizá-los como comuns. Nada obstante, tem-se entendido que os serviços de engenharia, desde que caracterizáveis como serviços comuns, podem ser licitados através da modalidade pregão.

Cabe frisar: a administração pode revogar pregão que contar com a participação de um único licitante, sob o fundamento da ausência de economicidade e de competitividade no certame.

▸ **Atenção!**

O uso do pregão nas contratações de serviços comuns de engenharia encontra amparo na Lei nº 10.520/2002 (TCU, Súmula nº 257/2010).

A tendência atual é de ampliação da utilização do pregão. A modalidade pode ocorrer na **forma presencial** e na **forma eletrônica**. Inicialmente restrito ao âmbito federal e disciplinado por medida provisória, hoje, a nova modalidade pode ser aplicada no âmbito da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, sendo regulada pela Lei nº 10.520, de 17/07/2002.

Segundo a Lei nº 10.520/2002, a adoção da modalidade pregão é facultativa; contudo, os regulamentos federais estabeleceram que, para aquisição de bens e serviços comuns, é obrigatória a utilização da modalidade pregão, sendo preferencial a adoção da sua forma eletrônica.

▸ **Atenção!**

Segundo o TCU, os conselhos de fiscalização profissional, dada sua natureza jurídica autárquica, devem adotar, na aquisição de bens e serviços comuns, a modalidade pregão, preferencialmente na forma eletrônica, nos termos do art. 4º, *caput* e § 1º, do Decreto 5.450/2005 (TCU. Acórdão 1623/2013-Plenário, 26.6.2013).

A Modalidade pregão possui várias características específicas, dentre elas:

a) **Pregoeiro:** adota-se a figura do pregoeiro, em vez de uma comissão de licitação. Ele será designado entre os servidores do órgão ou entidade promotora da licitação, tendo várias atribuições, dentre elas: o recebimento das propostas e lances, a análise de sua aceitabilidade e sua classificação, a habilitação e a adjudicação do objeto do certame ao licitante vencedor;

b) **Inversão de fases:** a fase de disputa de preços (propostas) é anterior à fase de habilitação. Apenas serão analisados os documentos de habilitação do licitante que apresentou a melhor proposta. Em caso de não aceitação da proposta ou desaten-

dimento das condições habilitatórias, o pregoeiro examinará as ofertas subsequentes e a qualificação dos licitantes, na ordem de classificação, até a apuração de uma que atenda ao edital, sendo o respectivo licitante declarado vencedor;

c) **Apresentação de lances**: além das propostas inicialmente apresentadas, os licitantes poderão apresentar lances verbais e consecutivos. No caso do pregão presencial, apenas poderão ofertar lances o autor da oferta de valor mais baixo e os licitantes das ofertas com preços até 10% (dez por cento) superiores;

Após o encerramento da etapa de lances da sessão pública, o pregoeiro poderá realizar **negociação**, encaminhando contraproposta ao licitante que tenha apresentado lance mais vantajoso, para que seja obtida melhor proposta, não se admitindo negociar condições diferentes daquelas previstas no edital.

d) **Fase recursal única**: a fase recursal é concentrada em um único momento, após a declaração do vencedor. Ocorre quando apurado, na ordem de classificação, um licitante com melhor proposta que atenda aos requisitos de habilitação.

e) **Prazo para o edital**: o prazo para publicação do edital é de 08 (oito) dias.

f) **Sanções**: a Lei do Pregão estabeleceu sanção com características específicas, para essa modalidade (vide **sanções administrativas**, no capítulo sobre contratos administrativos).

f) **Vedações**: no pregão são vedadas as seguintes exigências: 1) garantia de proposta; 2) aquisição do edital pelos licitantes, como condição para participação no certame; 3) pagamento de taxas e emolumentos, salvo os referentes aos custos de fornecimento do edital, quando for o caso.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador da Fazenda Nacional (ESAF/2015), com o seguinte enunciado: *"A empresa pública federal X, necessitando de um grande número de computadores e impressoras para uso cotidiano de seus empregados, resolveu adquiri-los por meio de certame licitatório. O valor de referência estipulado para a aquisição foi de R$2.000.000,00 (dois milhões de reais). A modalidade de licitação a ser utilizada é:"* foi considerado correta a seguinte assertiva: *"a) obrigatoriamente pregão"*.

No concurso para Analista do Tribunal de Contas do DF (Cespe/2014), foi considerado correto o seguinte enunciado: "Entre outras proibições, veda-se, no pregão, a exigência de garantia de proposta bem como a exigência da aquisição do edital pelos licitantes como condição para participação no certame.".

No concurso para Auditor do TCU (Cespe/2010), com o enunciado: *"a respeito da modalidade de licitação denominada pregão, julgue os seguintes itens:"* foi considerada verdadeira a assertiva: *"É vedada a exigência de garantia de proposta no pregão"*.

6.7. Modalidades anômalas de seleção

Além das modalidades descritas pelas Leis federais nº 8.666/93 e nº 10.520/02, podemos encontrar, em outras disposições legais ou infralegais, a alusão a modalidades de seleção, nas contratações públicas. Preferimos denominá-las de **"modalidades anômalas"**, uma vez que, mesmo aquelas criadas por Lei federal, deixaram de ter suas regras básicas estipuladas pelo legislador, o que, em nossa opinião, contraria a competência constitucional dada ao legislador federal, pelo inciso XXVII do artigo 22 da Constituição.

Como exemplo de **modalidades anômalas**, podemos lembrar: a **consulta** (criada pelas Leis nº 9.472/97 e nº 9.986/2000 – para contratação de serviços pelas Agências Reguladoras); a **chamada pública** (Lei nº 12.188/2010 - para seleção das entidades executoras do PRONATER); o **chamamento público** (Decreto federal nº 6.170/2007 - para celebração de convênios com entidades privadas) e o **concurso de projetos** (Decreto nº 3.100/1999 - para celebração de termos de parceria com OSCIPs).

Embora não se submetam totalmente ao regramento da Lei nº 8.666/93, mesmo sendo admitidos seus procedimentos, tais modalidades de seleção devem respeito aos princípios gerais da licitação, estabelecidos pela Lei nº 8.666/93.

7. SISTEMA DE REGISTRO DE PREÇOS

O **Sistema de Registro de Preços (SRP)** não é uma modalidade licitatória, é um instrumento que facilita a atuação da Administração em relação a futuras contratações. Em outras palavras, é um mecanismo de registro formal de preços para contratações futuras. Utilizando

esse procedimento, pode-se abrir um certame licitatório, em que o vencedor terá seus preços registrados, para que posteriores necessidades de obtenção dos bens e serviços sejam dirigidas diretamente a ele, de acordo com os preços aferidos.

O **SRP** deverá ser adotado, preferencialmente, quando ocorrerem as seguintes situações: pelas características do bem ou serviço, houver necessidade de contratações frequentes; for conveniente a aquisição de bens ou a contratação de serviços para atendimento a mais de um órgão ou entidade ou a programas de governo; for mais propícia a aquisição de bens com previsão de entregas parceladas ou contratação de serviços remunerados por unidade de medida ou em regime de tarefa; não for possível, pela natureza do objeto, definir previamente o quantitativo a ser demandado pela Administração.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (CESPE/2015) foi considerada ERRADA a seguinte alternativa: *c)* O sistema de registro de preços pode ser definido como uma modalidade de licitação por meio da qual a administração pública seleciona a melhor proposta para celebração de contratos específicos a mais de um órgão ou entidade.

7.1. Características do SRP

Cabe resumir as **principais características** do Sistema de Registro de Preços.

O SRP **dispensa a prévia dotação orçamentária**. Isso é admitido porque o SRP não tem como objetivo imediato, a contratação. Seu objetivo é o registro formal de preços, o qual pode produzir (ou não) futuras contratações. Na licitação para registro de preços, a indicação dos recursos orçamentários se torna necessária, apenas, quando da contratação junto ao particular que teve seus preços registrados.

▸ **Atenção.**

Ementa: Na licitação para registro de preços, a indicação da dotação orçamentária é exigível apenas antes da assinatura do contrato (Orientação Normativa AGU Nº 20, de 01 abril de 2009).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz Federal (TRF2/2013), foi suscitada a seguinte questão discursiva: "Ultimada licitação que foi processada por meio do sistema de registro de preços, determinado licitante questionou a legalidade do procedimento em razão do edital não ter previsto qualquer dotação orçamentária, o que teria violado o disposto no art. 14 da Lei n. 8.666/93. Procede a irresignação do licitante?"

Embora a Lei nº 8.666/93 faça alusão ao registro de preços, apenas, em relação a compras, o regulamento federal ampliou sua utilização para contratações de serviços. Há precedente do STJ, no sentido de que o regime de licitações por registro de preços foi ampliado pelos decretos regulamentadores, sendo extensível não só às compras, mas aos serviços e às **obras** (STJ, ROMS 15647, DJ 14/02/2003).

Em relação aos **serviços de engenharia**, entende-se que é possível a utilização do SRP para contratação de serviços de engenharia de menor relevância, que possam ser objetivamente definidos, de acordo com especificações usuais no mercado, e possuam natureza padronizável e pouco complexa.

Em relação à adoção do SRP para **obras**, como já dito, há precedente do STJ, no sentido de que o regime de licitações por registro de preços foi ampliado pelos decretos regulamentadores, sendo extensível às **obras** (STJ, ROMS 15647, DJ 14/02/2003), mas, por outro lado, podem ser identificadas manifestações, do TCU, contrárias à adoção do SRP para obras (TCU, Acórdão 3605/2014-Plenário).

Cabe registrar que o Decreto federal nº 7.581/2011 (regulamento do RDC), com as alterações decorrentes do Decreto federal nº 8.080/2013, conceituou o Sistema de Registro de preços como "conjunto de procedimentos para registro formal de preços para contratações futuras, relativos à prestação de serviços, inclusive de engenharia, de aquisição de bens e de execução de **obras** com características padronizadas".

O referido normativo incluiu as obras entre os objetos passíveis de adoção no SRP, naquele "regime" licitatório, o que foi aceito pelo Egrégio TCU ao admitir que é possível a adoção do registro de preços nas licitações de obras, sob o regime do RDC, quando demonstrada a viabilidade de padronização do objeto e das propostas (Acórdão 2600/2013-Plenário).

▸ Atenção!

Entendemos que é possível a utilização do SRP também para obras e serviços de engenharia, contudo, tal utilização deve ser excepcional, sendo cabível, apenas, quando for possível certa padronização da pretensão contratual e houver interesse em sua contratação seriada ou frequente, seja pela impossibilidade de dimensionamento definitivo da pretensão contratual, seja pela necessidade gerencial de contratação parcelada ou de junção de pretensões contratuais para atendimento a mais de um órgão ou entidade. Exemplificando, seria adequada, em nossa opinião, a adoção do SRP para obras de construção de casas padronizadas, de escolas padronizadas ou mesmo para calçamento de ruas.

A seleção de licitantes será feita através das **modalidades concorrência ou pregão**, convocando-se os selecionados para assinar a **"ata de registro de preços"**, que terá vigência de **até 12 meses**.

Pelo SRP, o órgão não assume compromisso efetivo de contratação em relação ao licitante que tem seus preços registrados, embora ele adquira a **preferência de contratação**, em igualdade de condições.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do Tribunal de Justiça do DF (2011), foi considerada correta a seguinte alternativa: *c) As compras e contratações de bens e serviços comuns, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, quando efetuadas pelo sistema de registro de preços previsto no art. 15 da Lei 8.666, de 21 de junho de 1993, poderão adotar a modalidade de pregão, conforme regulamento específico;*

No concurso para Procurador do Estado do Amazonas (FCC/2010), em questão com o seguinte enunciado: *"O sistema de registro de preços, previsto na lei de licitações:"* foi considerada correta a seguinte alternativa: *a) não obriga a Administração a firmar as contratações que poderão advir dos preços registrados, mas garante ao beneficiário da Ata de Registro de Preços a preferência de contratação em igualdade de condições em relação a outros possíveis fornecedores.*

7.2. Ata de registro de preços

A Ata de registro de preços é o documento vinculativo, obrigacional, com característica de compromisso para futura contratação, onde se registram os preços, fornecedores, órgãos participantes e condições a serem praticadas, conforme as disposições contidas no instrumento convocatório e propostas apresentadas. Observada a ordem de classificação, os licitantes aptos são convocados para a

assinatura da **Ata de Registro de Preços**, que, após cumpridos os requisitos de publicidade, terá efeito de compromisso de fornecimento nas condições estabelecidas.

Ao preço do primeiro colocado poderão ser registrados tantos fornecedores quantos necessários para que, em função das propostas apresentadas, seja atingida a quantidade total estimada.

A Lei nº 8.666/93 impõe a validade do registro não superior a um ano. Embora parte da doutrina admita a prorrogação excepcional da validade da ata de registro de preços por mais 12 meses, parece-nos que a evidente imposição legal não admite interpretação ou regulamentação nesse sentido. Recentemente, a ON AGU Nº 19/2009 sedimentou o entendimento de que **mesmo as possíveis prorrogações da ata devem respeitar o prazo limite de 12 meses.**

> **Atenção!**
> Eventual prorrogação da ata não tem o condão de permitir a renovação dos quantitativos firmados inicialmente na licitação.

Não deve se confundir o **prazo de vigência da ata** com o **prazo de vigência contratual.** Mesmo que faltem poucos meses para o fim da vigência da ata, o contrato poderá ser firmado, submetendo-se às regras próprias, pois a vigência limitada da ata não vincula a vigência da contratação realizada através dela.

7.3. Órgão gerenciador, órgão participante e órgão não participante (carona)

Inicialmente, o SRP tem, do lado da Administração, o **órgão gerenciador**, responsável pela condução do certame e gerenciamento da ata de registro de preços decorrente, e o **órgão participante**, que atua nos procedimentos iniciais e integra a ata de registro de preços, incluindo sua pretensão contratual no certame conduzido pelo órgão gerenciador.

> **Atenção!**
> Na sistemática do Registro de Preços, a licitação englobará o somatório das pretensões contratuais do órgão gerenciador e órgãos participantes. Assim, por exemplo, reunindo-se cinco órgãos, se cada um tem interesse de contratar (pretensão contratual) 100 computadores, a licitação terá como objeto o registro de preços para a eventual aquisição de 500 computadores.

O Sistema apresenta, ainda, a possibilidade de que um órgão que não tenha sido incluído na origem do procedimento possa aderir à ata de registro de preços. É o chamado **"órgão não participante"** (denominado "órgão aderente" ou "carona"). A "adesão" (ou "carona") permite que a ata de registro de preços, durante sua vigência, possa ser utilizada por qualquer órgão ou entidade da Administração que não tenha participado do certame licitatório, mediante prévia consulta ao órgão gerenciador, desde que devidamente comprovada a vantagem para a Administração.

Entendemos que a criação da adesão (carona) por Decreto é **inconstitucional**. Ele (o carona) não consta inicialmente no edital e sua adesão é condicionada à consulta do órgão gerenciador e à aceitação pelo fornecedor. Ele não participou da concepção do certame, nem mesmo da ata de registro de preços, apenas utiliza esta, como instrumento de autorização do pacto contratual, sem prévia submissão a procedimento licitatório específico.

Sobre esse prisma, para o carona, a adesão a uma Ata de Registro de Preços se assemelha a uma hipótese de dispensa licitatória. Isso porque o carona não participou do procedimento licitatório estabelecido. Nesse enfoque, percebendo-o como uma hipótese de dispensa licitatória, é de duvidosa legalidade a instituição do carona por Decreto.

Não basta argumentar que a existência de anterior licitação é suficiente para descaracterizar o carona como uma forma de contratação direta; fosse assim, o Chefe do Executivo poderia, por Decreto, "ressuscitar" licitações ocorridas anteriormente, contratando seus outrora vencedores, sem a necessidade de submissão a um novo certame.

O **princípio da obrigatoriedade** (de licitar) possui dupla perspectiva jurídica. Ele não apenas estabelece um dever para o órgão público contratante (**perspectiva burocrática**) de licitar suas pretensões contratuais (excetuadas as hipóteses de contratação direta), como estabelece um direito aos particulares de, consagrada a isonomia, ter resguardada a possibilidade de participação na seleção para contratação necessária ao atendimento daquela pretensão contratual da Administração Pública (**perspectiva democrática**), de acordo com as condições e exceções previstas pela legislação.

Quando um órgão público localizado em São Paulo adere a uma ata de registro de preços, para aquisição de bens relacionados a

uma licitação realizada no Amazonas, parece evidente que as empresas que somente teriam interesse no certame realizado em São Paulo ou na respectiva região, têm seu direito de participação na seleção prejudicado.

Enfim, entendemos que **a contratação através da adesão (carona) gera uma hipótese de contratação direta, motivo pelo qual só poderia ser legitimamente constituída através de Lei federal.**

▸ **Atenção!**

Não obstante a nossa crítica, o "**carona**" tem sido permitido nas licitações realizadas segundo as regras do Sistema de Registro de Preços.

O novo regulamento federal do SRP (Decreto nº 7.892/2013) estabeleceu claras restrições à adesão pelo órgão não participante, buscando coibir excessos. Podemos citar, pelo menos, quatro espécies de limitações à adesão por órgãos federais:

a) **Limite quantitativo individual:** a adesão do órgão não poderá exceder a 100% do quantitativo registrado na ata (por item);

b) **Limite quantitativo global:** o total de adesões não poderá exceder ao quíntuplo do quantitativo de cada item registrado, independente do número de órgãos "aderentes";

c) **Limite subjetivo:** é vedada aos órgãos e entidades federais a adesão a ARP gerenciada por órgão ou entidade municipal, distrital ou estadual (embora o decreto federal admita a adesão à ARP federal, por entidades ou órgãos dos demais entes federativos);

d) **Limite temporal:** só é admitida a adesão durante a vigência da ARP;

e) **Limite formal:** a adesão precisa ser autorizada pelo órgão gerenciador (art. 22). Ademais, caso o órgão gerenciador vá admitir adesões, precisa prever no edital a estimativa de quantidades a serem adquiridas por órgãos não participantes (art. 9º, III). Entendemos que a inexistência de tal previsão impede a adesão.[2]

f) **Limite lógico.** a adesão só pode ser feita se o bem ou serviço atender à necessidade administrativa. Em regra, não é cabível adaptação do bem ou serviço constante na Ata de registro de Preços.

---

2. TORRES, Ronny Charles Lopes de. Leis de licitações públicas comentadas. 6ª edição. Salvador: Jus Podivm, 2014.

▸ **Importante!**

Na modalidade pregão só é admitido o tipo licitatório menor preço.

b) **Melhor técnica:** o gestor realiza uma avaliação de propostas em duas fases. Na primeira, são abertas as propostas técnicas dos licitantes habilitados, sendo realizada uma classificação de acordo com os critérios pertinentes e adequados ao objeto licitado, sendo ainda possível desclassificação pela não consecução de pontuação mínima. Após tal classificação, proceder-se-á à abertura dos envelopes de preços dos licitantes classificados em suas propostas técnicas. Verificados os preços praticados, é chamado o candidato melhor classificado na apresentação das propostas técnicas, para negociação do preço, tendo como parâmetro a proposta de menor preço entre os licitantes que obtiveram a valorização mínima, procedimento que será feito, sucessivamente, pela ordem de classificação, até a consecução de acordo para a contratação.

c) **Técnica e preço:** nele, há uma avaliação única dos dois tipos diferentes de propostas (preço e técnica), realizando-se uma média ponderada, conforme as valorizações das propostas, para a indicação do vencedor. Deve ser evitado o estabelecimento de peso excessivamente elevado para a pontuação técnica, em detrimento à de preço, sem justificativa plausível, assim como critérios subjetivos de julgamento das propostas.

d) **Maior lance ou oferta:** o licitante deve oferecer proposta (lance) com o maior valor possível, tendo como parâmetro mínimo o valor da avaliação.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso do Tribunal Regional Federal da 5ª Região (FCC/2008) foi cobrado: *"Para o julgamento e classificação das propostas no pregão, será adotado o critério de"*. Foi considerada correta a seguinte alternativa: *e) menor preço.*

9. PROCEDIMENTO DA LICITAÇÃO

A licitação, como procedimento formal, caracteriza-se por trâmites que devem ser respeitados pelo gestor, como precedentes necessários à contratação pretendida. A melhor doutrina costuma dividir esse procedimento em duas fases: a **interna** e a **externa**.

9.1. Fase interna

Nela é estabelecida a construção dos elementos que regram as condições do ato convocatório, antes de trazê-las ao conhecimento público. Precede a possível disputa pública, podendo iniciar o processo licitatório, se tal molde competitivo for apto a sua concretização ou se não incidirem as hipóteses de dispensa.

São identificados, na legislação, vários momentos formais necessários, na tramitação interna do procedimento licitatório, como solicitação da contratação, pelo setor interessado; confecção e aprovação do projeto básico ou termo de referência (no pregão) e, quando for o caso, do projeto executivo; estimativa dos gastos necessários para a contratação; indicação dos recursos orçamentários e a adequação da despesa às exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal; designação da comissão ou do pregoeiro; elaboração da minuta do edital e seus anexos; exame da minuta pelo órgão de assessoramento jurídico da Administração; autorização de abertura da licitação (fase externa), pela autoridade competente.

9.1.1. Análise jurídica do edital e do contrato

O prévio exame das minutas, pelo órgão de assessoramento jurídico, é de suma importância, pois permite um controle preventivo da legalidade, evitando relações contratuais ilegais, equivocadas ou prejudiciais ao interesse público.

O parágrafo único do artigo 38 da Lei nº 8.666/93 expressa o caráter preventivo da análise pela assessoria jurídica. A ausência do parecer jurídico não acarreta anulação do procedimento, embora possa dar ensejo à responsabilização do gestor. **Este parecer jurídico possui natureza opinativa, de caráter obrigatório, porém não vinculante.**

> **Importante!**
>
> Somente é obrigatória a manifestação jurídica nas contratações de pequeno valor com fundamento no art. 24, I ou II, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, quando houver minuta de contrato não padronizada ou haja, o administrador, suscitado dúvida jurídica sobre tal contratação. Aplica-se o mesmo entendimento às contratações fundadas no art. 25 da Lei nº 8.666, de 1993, desde que seus valores subsumam-se aos limites previstos nos incisos I e II do art. 24 da Lei nº 8.666, de 1993. **(Orientação Normativa AGU nº 46, de 26 de fevereiro de 2014).**

9.1.2. *Manifestações jurídicas referenciais*

Necessário registrar que a análise jurídica do edital ou do contrato pode ser mitigada, pelo órgão de assessoramento jurídico, através de rotinas de padronização que otimizem o procedimento ou outras medidas que tornem mais eficiente a atuação do órgão de consultoria jurídica.

Neste prumo, a Advocacia Geral da União publicou recente **Orientação Normativa nº 55, de 25 de abril de 2014**, admitindo a possibilidade de **manifestações jurídicas referenciais**, analisando todas as questões jurídicas que envolvam matérias idênticas e recorrentes.

Segundo o normativo, os processos objeto de **manifestação jurídica referencial** estão dispensados de análise individualizada pelos órgãos consultivos desde que a área técnica ateste, de forma expressa, que o caso concreto se amolda aos termos da citada manifestação.

Por outro lado, a **Orientação Normativa nº 55, de 25 de abril de 2014** estabelece **requisitos** para a elaboração de manifestação jurídica referencial, quais sejam:

a) o volume de processos em matérias idênticas e recorrentes impactar, justificadamente, a atuação do órgão consultivo ou a celeridade dos serviços administrativos; e

b) a atividade jurídica exercida se restringir à verificação do atendimento das exigências legais a partir da simples conferência de documentos.

O TCU também admite a utilização de parecer jurídico único, em procedimentos licitatórios diversos, quando estiver envolvida matéria idêntica, desde que ele abranja todas as questões jurídicas pertinentes (Acórdão 2674/2014-Plenário, 8/10/2014).

Nesse sentido, parece possível a emissão de manifestações jurídicas referenciais, na análise de minutas previamente padronizadas.

9.1.3. *Responsabilização do parecerista jurídico*

Seria possível a responsabilização do advogado parecerista, pelo Tribunal de Contas, em razão de sua manifestação jurídica na análise das minutas de editais e contratos? Há vários elementos que precisam ser ponderados sobre o tema, como a inviolabilidade do ad-

vogado, a natureza da atividade jurídica, os limites da competência do TCU para tal responsabilização e a competência para aferição de infração funcional por parte de advogados. Uma vez que a tentativa de aprofundamento seria incompatível com a proposta deste livro, iremos, resumidamente, tratar sobre as decisões do STF relacionadas ao tema, costumeiramente cobradas por bancas examinadoras. Para aprofundamento, sugerimos a leitura de nosso artigo: "A responsabilidade do Advogado de Estado em sua função consultiva", indicado entre as referências desta obra.[3]

Em 2002, enfrentando esse tema, o STF, por unanimidade, colocou-se peremptoriamente contrário à possibilidade de responsabilização, pelo TCU, de parecerista chamado a opinar em uma contratação direta. Firmou-se que o parecer não é ato administrativo (sendo, quando muito, ato de administração consultiva) e que o advogado somente pode ser civilmente responsabilizado pelos danos causados a seus clientes ou a terceiros, se decorrentes de erro grave, inescusável, ou de ato ou omissão praticados com culpa, em sentido largo (**STF, MS 24073/DF**, Relator: Min. Carlos Velloso, DJ 31-10-2003).

Em meados de 2007, a maioria do Tribunal seguiu o voto do relator, que denegou Mandado de Segurança impetrado contra ato do TCU, entendendo que a "aprovação" indicada pelo artigo 38 da Lei nº 8.666/93, diferentemente do que ocorre com a simples emissão de parecer opinativo, pode possibilitar a responsabilização solidária, já que o administrador decide apoiado na manifestação do setor técnico competente (**STF, MS 24584/DF**, Relator: Min. Marco Aurélio. 20-06-2008).

Como fundamento de tal diferenciação, o relator suscitou o termo "aprovação" (utilizado no parágrafo único do artigo 38 da Lei nº 8.666/93) e a eventual repercussão que essa palavra teria na atividade do parecerista. Cabe frisar que, nesta decisão, o STF sedimentou, apenas, que não cabia Mandado de Segurança para impedir que o parecerista fosse notificado pelo TCU para justificar sua atividade advocatícia, nas situações de aprovação de minuta de edital ou de contrato.

Ainda em 2007, houve nova e pertinente manifestação do Supremo (**STF, MS 24.631-6-DF**), na qual se firmou o entendimento de que é **abusiva a responsabilização do parecerista à luz de uma alargada**

---

3. Para aprofundamento, sugerimos a leitura de nosso livro Leis de licitações públicas comentadas, indicado entre as referências desta obra.

relação de causalidade entre seu parecer e o ato administrativo do qual tenha resultado dano ao erário.

Em síntese, o entendimento unanimemente externado pelo STF no MS 24.631-6-DF, relatado pelo ilustre Ministro Joaquim Barbosa (DJ 01-02-2008), sedimentou três premissas:

1. É abusiva a responsabilização do parecerista à luz de uma alargada relação de causalidade entre seu parecer e o ato administrativo do qual tenha resultado dano ao erário.
2. Salvo demonstração de culpa ou de erro grosseiro submetida às instâncias administrativo-disciplinares ou jurisdicionais próprias, não cabe a responsabilização do advogado público pelo conteúdo de seu parecer de natureza meramente opinativa.
3. A responsabilização do parecerista jurídico apenas pode ocorrer quando a lei estabelece efetivo compartilhamento do poder administrativo de decisão (o que seria possível em um parecer vinculante, de acordo com o Relator).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Município de Boa Vista/RR (Cespe/2010), em questão sobre a responsabilidade do advogado público parecerista, foi considerada correta a seguinte assertiva: *"No tocante à advocacia pública consultiva, o advogado poderá ser responsabilizado nos casos de culpa grave, erro inescusável, dolo e quando o parecer for vinculante"*. Sobre o mesmo tema, no concurso para Procurador Federal da AGU (Cespe/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"Um procurador federal emitiu parecer em consulta formulada por servidor público para subsidiar a decisão da autoridade competente. Nessa situação, se a decisão da autoridade, que seguiu as diretrizes apontadas pelo parecer, não for considerada como a correta pelo TCU e, em consequência disso houver dano ao patrimônio público, então haverá responsabilidade civil pessoal do parecerista"*.

Ainda sobre este assunto, no concurso para Juiz Federal da 2ª Região (Cespe/2013), foi considerada correta a seguinte assertiva:

Segundo entendimento firmado pelo STJ, a responsabilização do consultor jurídico e parecerista em relação aos contratos administrativos eivados de ilegalidade somente ocorrerá em situações excepcionais, ou seja, apenas nas hipóteses em que a peça opinativa seja um instrumento dolosamente elaborado para possibilitar a realização de ato ímprobo, de tal forma que desde o nascedouro a má-fé tenha sido o elemento subjetivo condutor da realização do parecer.

Em complemento, é essencial destacar a Orientação Normativa nº 01/2011 da Corregedoria-Geral da AGU, segundo a qual:

> **É obrigatória a inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil, por todos os Advogados da União, Procuradores da Fazenda Nacional, Procuradores Federais e integrantes do quadro suplementar da Advocacia-Geral da União, de que trata o art. 46 da Medida Provisória Nº 2.229-43, de 6 de setembro de 2001, para o exercício da advocacia pública no âmbito da instituição.**
>
> **Os membros da Advocacia-Geral da União e de seus órgãos vinculados respondem, na apuração de falta funcional praticada no exercício de suas atribuições, ou que tenha relação com as atribuições do cargo em que se encontrem investidos, exclusivamente perante a Advocacia-Geral da União, e sob as normas, inclusive disciplinares, da Lei Orgânica da instituição e dos atos legislativos que, no particular, a complementem.**

A elogiável Orientação Normativa reafirma a competência exclusiva da AGU para apuração de falta funcional praticada por um de seus membros, no exercício de suas atribuições (dentre elas, a emissão de parecer jurídico em licitações).

Mais recentemente, a Lei federal nº 13.327/2016, ao menos em relação aos Advogados da União, Procuradores Federais, Procuradores da Fazenda Nacional e Procuradores do Banco Central, firmou a regra de que estes, no exercício de suas funções, não serão responsabilizados, exceto pelos respectivos órgãos correicionais ou disciplinares, ressalvadas as hipóteses de dolo ou de fraude. Ainda de acordo com a referida Lei, a apuração de falta disciplinar dos ocupantes desses cargos compete exclusivamente aos respectivos órgãos correicionais ou disciplinares.

9.1.4. Estimativa de custos nas licitações

Um tema que na prática administrativa consome muito debate e, também por isso, foi mais detalhadamente normatizado é a realização de estimativa de custos (ou pesquisa de preços) nas licitações e contratos.

Em apertada síntese, a estimativa de preços é fundamental para a atividade contratual da Administração, como instrumento de baliza aos valores oferecidos nos certames públicos e àqueles executados nas respectivas contratações. Sua principal função é

garantir que o Poder Público identifique o valor médio de mercado para uma pretensão contratual. Importante destacar que este valor médio de mercado é, na verdade, um parâmetro, que deve ser percebido de forma relativa. O efetivo valor de mercado, na maioria das vezes, apenas será identificado com o resultado do certame licitatório, no qual as nuances específicas da pretensão contratual, as condições contemporâneas do mercado e o respectivo procedimento contribuirão para a apresentação de suas propostas.

Como informação necessária ao planejamento do certame ou mesmo à decisão sobre determinada contratação, evitando-se sobrepreços ou propostas inexequíveis, a estimativa de custos (pesquisa de preços) precisa ser idônea, identificando, com a maior precisão possível, o preço médio que o mercado oferece para o atendimento da pretensão contratual administrativa.

Para obras e serviços de engenharia, têm sido usual a utilização de sistemas de dados indicados como referência pelos órgãos de controle e pela própria legislação. Nesse prumo, o Decreto federal nº 7.983/2013 indica a utilização do **SINAPI** (Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil) para custo global de referência de obras e serviços de engenharia, excetuados os serviços e obras de infraestrutura de transporte e o **SICRO** (Sistema de Custos Referenciais de Obras) para serviços e obras de infraestrutura de transportes.

Em relação às demais licitações e contratações, tradicionalmente, utilizava-se a cotação com, pelo menos, três fornecedores. Contudo, objetivando minimizar o gargalo burocrático no qual se tornou a estimativa de preços, o Executivo Federal elaborou a Instrução Normativa nº 05/2014 da Secretaria de Gestão, do Ministério do Planejamento. Posteriormente, o Normativo foi alterado pela IN 03/2017, que fez pequenas alterações, entre elas a indicação da ferramenta "Painel de Preços", como instrumento para estimativa de custos nas contratações.

De acordo com a Instrução Normativa nº 05/2014, com pertinentes alterações da IN 03/2017, a pesquisa de preços será realizada mediante a utilização de um dos seguintes parâmetros:

- Painel de Preços, disponibilizado, na Internet, pelo Executivo Federal;
- contratações similares de outros entes públicos, em execução ou concluídos nos 180 (cento e oitenta) dias anteriores à data da pesquisa de preços;

- pesquisa publicada em mídia especializada, sítios eletrônicos especializados ou de domínio amplo, desde que contenha a data e hora de acesso; ou
- pesquisa com os fornecedores, desde que as datas das pesquisas não se diferenciem em mais de 180 (cento e oitenta) dias.

Os parâmetros acima poderão ser utilizados de forma combinada ou não, sendo prioritários os dois primeiros.

Como metodologia para obtenção do preço de referência, podem ser utilizadas a **média**, a **mediana** ou o **menor dos valores** obtidos na pesquisa de preços, desde que o cálculo incida sobre um conjunto de três ou mais preços, oriundos de um ou mais dos parâmetros admitidos pelo normativo, desconsiderados os valores inexequíveis e os excessivamente elevados.

De qualquer forma, poderão ser utilizados outros critérios ou metodologias, desde que devidamente justificados pela autoridade competente.

Outra inovação da IN 03/2017 foi a ênfase dada à análise dos dados obtidos. Nesse sentido, o normativo exige que os preços coletados sejam "analisados de forma crítica, em especial, quando houver grande variação entre os valores apresentados". Outrossim, firma que, para a desconsideração dos preços inexequíveis ou excessivamente elevados, deverão ser adotados critérios fundamentados e descritos no processo administrativo.

Apenas excepcionalmente, mediante justificativa da autoridade competente, o normativo admite a pesquisa com menos de três preços ou fornecedores.

Quando o parâmetro utilizado for a "pesquisa com os fornecedores", estes deverão receber solicitação formal para apresentação de cotação, com prazo de resposta compatível com a complexidade do objeto a ser licitado, o qual não será inferior a cinco dias úteis.

9.2. Fase externa

A fase externa da licitação se inicia com a publicação do instrumento convocatório (edital ou carta convite), seguida dos procedimentos relacionados à disputa licitatória, como possibilidade de impugnação do instrumento, sessão pública, habilitação, classificação das propostas, julgamento, adjudicação e homologação.

Sempre que o valor estimado para uma licitação ou para um conjunto de licitações simultâneas ou sucessivas for superior a 100 (cem) vezes o valor máximo previsto para a modalidade tomada de preços, o processo licitatório será iniciado, obrigatoriamente, com uma audiência pública, concedida com antecedência mínima de 15 (quinze) dias úteis da data prevista para a publicação do edital. Essa audiência deve ser divulgada, com a antecedência mínima de 10 (dez) dias úteis de sua realização, pelos mesmos meios previstos para a publicidade da licitação.

- **Licitações simultâneas:** são aquelas com objetos similares e com realização prevista para intervalos não superiores a trinta dias.
- **Licitações sucessivas:** são aquelas com objetos similares, em que o edital subsequente tenha uma data anterior a cento e vinte dias após o término do contrato resultante da licitação antecedente.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Auditor do Tribunal de Contas do Estado de Roraima (FCC/2010), em questão com o seguinte enunciado: "*A Audiência Pública previamente à publicação do edital de licitação é exigível:*", foi considerada correta a seguinte alternativa: "*c) sempre que o valor estimado para uma licitação ou para um conjunto de licitações simultâneas ou sucessivas seja superior a R$ 150 milhões e realizada com antecedência mínima de 15 dias úteis da data prevista para a publicação do edital.*"

9.2.1. *Publicação do instrumento convocatório*

Nas **modalidades descritas pela Lei nº 8.666/93**, os resumos dos editais devem ser publicados, no mínimo, por uma vez:

No Diário Oficial da União	em licitação de órgãos ou entidades federais, ou quando se tratar de obras garantidas ou financiadas parcial ou totalmente com **recursos federais**;
No Diário Oficial do Estado ou do Distrito Federal	respectivamente, em licitações feitas por órgãos ou entidades do Estado, Município ou do Distrito Federal;
Em jornal diário de grande circulação	no Estado e também, se houver, em jornal de circulação no Município ou na região onde será executado o contrato, podendo a Administração, conforme o vulto da licitação, adicionar outros meios de divulgação para ampliar a área de competição.

Na **modalidade convite**, basta que a unidade administrativa fixe, em local apropriado, cópia do instrumento convocatório (carta convite).

▸ Atenção!

A obrigatoriedade de que Estados, Municípios e DF realizem a publicação do resumo do edital no Diário Oficial da União restringe-se às **obras** financiadas parcial ou totalmente com recursos federais ou garantidas por instituições federais, não atingindo, literalmente, todas as licitações realizadas por Estados e Municípios, que sejam custeadas, total ou parcialmente, por recursos federais.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Estado da Paraíba (CESPE/2008) foi cobrado: *"O edital é o meio pelo qual a administração torna pública a realização de uma licitação. A modalidade de licitação que não utiliza o edital como meio de tornar pública a licitação é o(a)"*. Foi considerada correta a seguinte alternativa: *"(D) convite"*.

OBS: *Indagação semelhante foi cobrada no 20º concurso para Procurador da República.*

Na **modalidade pregão**, descrita pela Lei nº 10.520/2002, a convocação dos interessados será efetuada por meio de publicação de aviso em **diário oficial do respectivo ente federado** ou, não existindo, em jornal de circulação local e facultativamente, por meios eletrônicos e conforme o vulto da licitação, em jornal de grande circulação.

▸ Atenção!

No tratamento dado pela Lei Geral, os avisos das licitações realizadas por órgãos municipais deveriam ser publicados nos Diários Oficiais do Estado; noutro prumo, pelo regramento dado pela Lei do Pregão, nas licitações municipais realizadas nessa modalidade, será possível o cumprimento da formalidade mediante a publicação no Diário Oficial do Município.

O prazo mínimo para receber as propostas ou realizar o evento será:

45 dias	a) concurso; b) concorrência, quando o contrato a ser celebrado contemplar o regime de empreitada integral ou quando a licitação for do tipo "melhor técnica" ou "técnica e preço";

30 dias	a) concorrência, nos demais casos; b) tomada de preços, quando a licitação for do tipo "melhor técnica" ou "técnica e preço";
15 dias	a) tomada de preços, nos demais casos; b) leilão;
8 dias úteis	*pregão*
5 dias úteis	*convite.*

O aviso publicado deverá conter a indicação do local em que os interessados poderão ler e obter o texto integral do edital e todas as informações sobre a licitação. Ademais, eventual modificação que altere a formulação de propostas, após a publicação, exige a reabertura do prazo, após a nova publicação.

Cabe destacar que, no pregão e no convite, os prazos são contados em **dias úteis**.

9.2.2. *Habilitação*

A habilitação é o momento do procedimento licitatório em que o órgão licitante buscará identificar a aptidão ou capacidade do licitante.

Os documentos exigidos, para fins de habilitação, estarão relacionados a:
• habilitação jurídica;
• qualificação técnica;
• qualificação econômico-financeira;
• regularidade fiscal e trabalhista;
• cumprimento da proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito anos e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos.

a) A **habilitação jurídica** tem por fundamento a necessidade de verificação da capacidade do licitante no exercício de direitos e deveres, para caso de eventual responsabilização pelas obrigações pactuadas. São exemplos de documentos exigidos: cédula de identidade (pessoa física); registro comercial, ato constitutivo, estatuto ou contrato social (empresas), decreto de autorização (empresas estrangeiras), entre outros.

b) A **qualificação técnica** tem como escopo a verificação da habilidade ou aptidão (capacidade técnica) para a execução da pre-

tensão contratual. Por isso mesmo, deve ser proporcional ao objeto contratual. A Lei indica como documentação pertinente: a) registro ou inscrição na entidade profissional competente; b) comprovação de aptidão para desempenho da atividade e de conhecimento das condições para cumprimento das obrigações; c) atendimento de requisitos previstos em lei especial.

A comprovação de aptidão para desempenho será feita por atestados fornecidos por pessoas jurídicas de direito público ou privado, devidamente registrados nas entidades profissionais competentes. Para fins dessa comprovação, divide-se a qualificação técnica em **capacidade técnico-operacional**, relacionada à aptidão da empresa, e **capacidade técnico-profissional**, relacionada à aptidão dos profissionais que atuarão pela empresa.

▸ **Atenção!**

Para a comprovação da capacidade técnico-operacional das licitantes, e desde que limitada, simultaneamente, às parcelas de maior relevância e valor significativo do objeto a ser contratado, é legal a exigência de comprovação da execução de quantitativos mínimos em obras ou serviços com características semelhantes, devendo essa exigência guardar proporção com a dimensão e a complexidade do objeto a ser executado (TCU, Súmula 263/2011).

c) A **qualificação econômico-financeira** objetiva identificar a capacidade econômica do particular, de forma que fique resguardada a existência de condições suficientes e compatíveis com a posterior execução contratual.

A Lei nº 8.666/93 elenca a documentação exigível, para fins de comprovação da qualificação econômico-financeira.

O *caput* do artigo 31 indica as **exigências ordinárias**, passíveis de cobrança nas licitações em geral, quais sejam: a) balanço patrimonial e demonstrações contábeis do último exercício social; b) certidão negativa de falência ou concordata (para pessoa jurídica) ou de execução patrimonial (para pessoa física); c) garantia, limitada a 1% do valor estimado da contratação.

Nas licitações específicas de compras para entrega futura, de execução de obras e de serviços, o legislador estabeleceu a possibilidade de **exigências suplementares**, um *plus* nas garantias desses certames, representadas pela demonstração de: a) capital mínimo,

b) patrimônio líquido mínimo ou c) garantias previstas no § 1º do art. 56 da própria Lei nº 8.666/93. Nesse caso, elas serão sempre alternativas.

De qualquer forma, são vedados requisitos não previstos pela legislação.

▸ **Atenção!**

Recentemente, a 2ª Turma do Superior Tribunal de Justiça decidiu que as empresas em recuperação judicial têm o direito de participar de licitações, mesmo com a exigência da Lei de Licitações de apresentação da "certidão negativa de falência ou concordata". Assim, segundo o Tribunal, preserva-se a empresa, "sua função social e o estímulo à atividade econômica". (STJ - **Medida Cautelar 23.499**).

d) A **regularidade fiscal e trabalhista** tem o condão de demonstrar que o interessado está devidamente inscrito nos cadastros públicos pertinentes e mantém-se regular com suas obrigações fiscais e trabalhistas. Há, ainda, uma espécie de política do legislador de prestigiar, nas contratações públicas, os particulares que não possuem débito com o fisco ou com seus próprios trabalhadores.

Conforme precedente do STF (ADI 173-6/DF), a **regularidade fiscal** implica exigibilidade da quitação, quando o tributo não seja objeto de discussão judicial ou administrativa.

▸ **Atenção!**

Para fim de habilitação, a Administração Pública não deve exigir dos licitantes a apresentação de certidão de quitação de obrigações fiscais, e sim prova de sua regularidade (Súmula nº 283 do TCU)

Importante frisar que a **regularidade trabalhista**, como exigência de habilitação nas licitações públicas, foi instituída pela Lei federal nº 12.440/2011. Segundo a referida norma, a licitante deve provar a inexistência de débitos inadimplidos perante a Justiça do Trabalho, mediante a apresentação de **certidão negativa de débitos trabalhistas** (CNDT).

O interessado não obterá a certidão, quando em seu nome constar:

- o inadimplemento de obrigações estabelecidas em sentença condenatória transitada em julgado, proferida pela Justiça do

Trabalho ou em acordos judiciais trabalhistas, inclusive no concernente aos recolhimentos previdenciários, a honorários, a custas, a emolumentos ou a recolhimentos determinados em lei; ou

- o inadimplemento de obrigações decorrentes de execução de acordos firmados perante o Ministério Público do Trabalho ou Comissão de Conciliação Prévia.

▸ **Atenção!**

A exigência de apresentação de certidões negativas de débitos salariais e de infrações trabalhistas junto à Delegacia Regional do Trabalho é indevida.

Verificada a existência de débitos garantidos por penhora suficiente ou com exigibilidade suspensa, será expedida Certidão Positiva de Débitos Trabalhistas em nome do interessado, com os mesmos efeitos da CNDT, que possui prazo de validade de 180 dias e certificará a empresa em relação a todos os seus estabelecimentos, agências e filiais.

▸ **Atenção!**

No pregão, diferentemente do que ocorre nas modalidades da Lei nº 8.666/93, a aferição da habilitação do licitante será posterior ao momento de classificação de propostas.

e) **Cumprimento da proibição de trabalho** noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito anos e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos, manifesta-se como cumprimento a uma regra constitucional (inciso XXXIII do art. 7º da Constituição Federal).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Auditor do TCE de Roraima (FCC 2010), com o seguinte enunciado: "*As exigências relativas à qualificação econômico-financeira do licitante*": foi considerada correta a seguinte alternativa: "*e) podem contemplar a exigência de garantia, limitada a 1% do valor estimado do objeto da contratação.*".

De acordo com Lei nº 8.666/93 (§1º do art. 32), as exigências de apresentação de documentos de habilitação podem ser dispensadas, no todo ou em parte, nos casos de convite, concurso, fornecimento de bens para pronta entrega e leilão.

▸ **Atenção!**

A Lei nº 13.243/2016 ampliou a possibilidade de dispensa dos documentos de habilitação para a contratação de **produto para pesquisa e desenvolvimento**, desde que para pronta entrega ou até o valor previsto para compras e serviços, na modalidade convite (R$ 80.000,00).

9.2.3. Classificação das propostas

Inicialmente, as propostas são avaliadas em seu conteúdo. Primeiro, faz-se uma avaliação da adequação da proposta aos requisitos estabelecidos pelo edital (preço máximo, confecção da planilha de preços, exequibilidade dos preços...). Identificada a inadequação aos requisitos estabelecidos no ato convocatório, a proposta será desclassificada.

Quando todos os licitantes forem inabilitados ou todas as propostas forem desclassificadas, a Administração poderá fixar aos licitantes o prazo de oito dias úteis para a apresentação de nova documentação ou de outras propostas, facultada, no caso de convite, a redução deste prazo para três dias úteis.

▸ **Atenção!**

A oportunidade de nova apresentação para propostas desclassificadas não deverá abranger a parte de licitantes anteriormente inabilitados, pois a inabilitação importa preclusão da participação nas fases posteriores.

Como segundo passo da classificação, após a avaliação do conteúdo das propostas, é feito o julgamento, de acordo com o critério adotado (tipo de licitação). Tal julgamento apontará a melhor proposta para a contratação (ex: no tipo menor preço será classificada, em primeiro lugar, a proposta com menor preço).

De acordo com a Lei do Pregão, ao examinar a proposta classificada em primeiro lugar (ou a subsequente, quando houver desclassificação da antecedente), o pregoeiro decidirá motivadamente sobre a aceitabilidade da proposta e poderá **negociar**, diretamente com o proponente, para que seja obtido **preço melhor**.

A tentativa de negociação, para reduzir o preço final, constitui-se em poder-dever da Administração, mesmo que o valor da oferta

tenha sido inferior à estimativa da licitação (Neste sentido, TCU, Acórdão 2637/2015-Plenário).

▸ **Atenção!**

De acordo com o Tribunal de Contas da União, nada obstante a ausência expressa de previsão na Lei nº 8.666/93, a prerrogativa administrativa da negociação é aplicável em todas as modalidades licitatórias, e não apenas no Pregão. **(Acórdão 1401/2014-Segunda Câmara).**

Por fim, cabe registrar que, de acordo com a Lei nº 8.666/93, em igualdade de condições, como critério de desempate, será assegurada preferência, sucessivamente, aos bens e serviços:

a) produzidos no País;

b) produzidos ou prestados por empresas brasileiras;

c) produzidos ou prestados por empresas que invistam em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia no País;

d) produzidos ou prestados por empresas que comprovem cumprimento de reserva de cargos, prevista em lei, para pessoa com deficiência ou para reabilitado da Previdência Social e que

e) atendam às regras de acessibilidade previstas na legislação[4].

9.2.4. *Homologação e adjudicação*

A **homologação** é o ato administrativo pelo qual a autoridade superior manifesta sua concordância com a legalidade e a conveniência do procedimento licitatório.

A **adjudicação** é o ato administrativo pelo qual se declara como satisfatória a proposta vencedora do procedimento e se afirma a intenção de celebrar o contrato com o seu ofertante. O primeiro classificado não tem direito subjetivo à adjudicação. Da mesma forma, o adjudicatário não tem direito subjetivo ao contrato, podendo a licitação ser revogada ou anulada (STJ, RMS 22.447/RS. DJe 18/02/2009).

No pregão, a adjudicação é feita pelo pregoeiro, exceto em caso de pendência de recursos. Já nas demais modalidades, a homolo-

4. Hipótese acrescida pela Lei nº 13.146/2015.

gação e a adjudicação são concentradas na autoridade competente pela autorização do certame.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Federal do TRF1 (Cespe/2015), foi considerado correto o seguinte enunciado: *"a) No pregão, ao contrário das demais modalidades de licitação, a adjudicação do objeto da licitação ao vencedor antecede à homologação do procedimento".*

9.2.5. Recursos

Em matéria de licitações, o tema recursos deve ser analisado com certa cautela, uma vez que a Lei nº 10.520/02 estabeleceu regramento próprio em relação à modalidade pregão, diferenciando-o do tratamento dado pela Lei Geral de Licitações.

Para as modalidades tradicionais da Lei nº 8.666/93, o artigo 109 apresenta os recursos aplicáveis em decorrência da aplicação daquela norma. Segundo o citado diploma, são cabíveis três espécies de "recursos": o **recurso** (hierárquico), o **pedido de reconsideração** e a **representação.**

- **Recurso.** Com prazo de interposição de 5 (cinco) dias úteis a contar da intimação do ato ou da lavratura da ata, é cabível nos seguintes casos: a) habilitação ou inabilitação do licitante; b) julgamento das propostas; c) anulação ou revogação da licitação; d) indeferimento do pedido de inscrição em registro cadastral, sua alteração ou cancelamento; e) rescisão unilateral do contrato (inciso I do art. 79); f) aplicação das penas de advertência, suspensão temporária ou de multa.
- **Pedido de reconsideração.** É cabível contra a decisão de Ministro de Estado, Secretário do Estado, do Distrito Federal ou do Município, o qual aplicar a sanção de declaração de inidoneidade. O prazo de interposição é de 10 (dez) dias úteis da intimação do ato.
- **Representação.** Com prazo de interposição de 5 (cinco) dias úteis da intimação da decisão, possui objeto residual, sendo aplicável a situações impugnáveis, não compreendidas nas hipóteses do recurso hierárquico ou do pedido de reconsideração.

▸ **Atenção!**

Para a modalidade **pregão**, a Lei nº 10.520/02 estabeleceu regramento diferente, concentrando os recursos cabíveis em **uma única espécie**, apresentável em **fase única**.

No pregão, declarado o vencedor do certame, qualquer licitante poderá manifestar, imediata e motivadamente, a intenção de recorrer (sob pena de perda da oportunidade recursal), sendo-lhe concedido o prazo de 3 (três) dias para apresentação das razões do recurso.

Desde logo, ficam os demais licitantes intimados para apresentar contrarrazões, também em 3 (três) dias. O início de tal prazo prescinde de nova intimação, começando a correr após o término do prazo do recorrente (e não da interposição do recurso), devendo ser assegurada vista imediata dos autos aos licitantes. O prazo inicia-se apenas na data em que seja franqueada vista dos autos aos interessados, excluindo-se esse dia e incluindo-se o do vencimento.

Por fim, cabe destacar que o acolhimento de recurso importará a invalidação apenas dos atos insuscetíveis de aproveitamento.

Quadro-resumo	
Lei n. 8.666/93	
Recurso propriamente dito (5 dias úteis)	a) habilitação ou inabilitação do licitante; **(Suspensivo)** b) julgamento das propostas; **(Suspensivo)** c) anulação ou revogação da licitação; d) indeferimento do pedido de inscrição em registro cadastral, sua alteração ou cancelamento; e) rescisão do contrato, a que se refere o inciso I do art. 79 desta Lei; f) aplicação das penas de advertência, suspensão temporária ou de multa;
Pedido de reconsideração (10 dias úteis)	Da decisão de declaração de inidoneidade
Representação (5 dias úteis)	De decisão que não caiba recurso hierárquico
Lei n. 10.520/02	
Recurso (manifestação imediata e 03 dias p/ juntada de razões)	a) Após a declaração do vencedor b) Manifestação imediata e motivada c) 3 dias p/juntada de razões

▸ **Atenção!**

Em interessante julgamento, o STJ declarou que "não deve ser reconhecida a nulidade em processo licitatório na hipótese em que, a despeito de recurso administrativo ter sido julgado por autoridade incompetente, tenha havido a posterior homologação de todo o certame pela autoridade competente. Isso porque o julgamento de recurso por autoridade incompetente não é, por si só, bastante para acarretar a nulidade do ato e dos demais subsequentes, tendo em vista o saneamento da irregularidade por meio da homologação do procedimento licitatório pela autoridade competente".

Entre outros motivos, o Tribunal lembrou que o vício relativo ao sujeito (competência), pode ser convalidado pela autoridade superior, quando não se tratar de competência exclusiva. (STJ. REsp 1.348.472-RS, Rel. Min. Humberto Martins, j. 21.5.2013. 2ª T - Info 524)

10. ANULAÇÃO E REVOGAÇÃO DA LICITAÇÃO

O **princípio da autotutela** administrativa permite à Administração Pública a revisão de seus atos, seja por vícios de ilegalidade (**invalidação**), seja por motivos de conveniência e oportunidade (**revogação**).

A **invalidação** (anulação) deve ocorrer quando identificada a ilegalidade. Trata-se de um poder-dever por parte do administrador. Essa anulação pode ocorrer de ofício ou por provocação de terceiros, induz à invalidação do contrato e não gera obrigação de indenizar, ressalvado o dever de indenização pelo que o contratado houver executado até a data em que for declarada a nulidade e por outros prejuízos regularmente comprovados, contanto que não lhe seja imputável.

A **revogação** do ato administrativo pressupõe um juízo de conveniência e oportunidade por parte do administrador. No caso da licitação, é importante perceber que o legislador quis limitar a possibilidade de utilização dessa prerrogativa administrativa. A Lei nº 8.666/93 estipula que **a licitação poderá ser revogada por razões de interesse público decorrente de fato superveniente devidamente comprovado, pertinente e suficiente para justificar tal conduta.** O dispositivo objetivou evitar abusos gerenciais e proteger o competidor de boa-fé.

Além da necessidade de respeitar o contraditório, ampla defesa e exigir parecer escrito e fundamentado (também necessários no

caso da anulação por ilegalidade), a revogação da licitação pressupõe que seu motivo seja baseado em fato superveniente, pertinente (possuindo relação direta entre fato e motivo da revogação), suficiente (de tal forma que justifique a medida) e condizente com o interesse público.

▸ **Importante!**

O STJ tem firmado entendimento no sentido de que a revogação da licitação, quando antecedente da homologação e da adjudicação, é bastante pertinente e não enseja contraditório (STJ, RMS 23.360/PR, DJe 17/12/2008).

11. LICITAÇÃO E CONTRATAÇÃO DE SERVIÇO DE PUBLICIDADE

Recentemente, foi aprovada a **Lei federal nº 12.232/2010**, que dispôs sobre normas gerais para licitação e contratação de serviços de publicidade, prestados por intermédio de agências de propaganda.

Cumpre lembrar que, diante da competência da União para estabelecer regras gerais de licitações e contratos (art. 22, inc. XXVII, CF), essa Lei tem validade tanto para a União como para os Estados, os Municípios e o DF. Subordinam-se a tal Lei, ainda, os órgãos do Poder Executivo, Legislativo e Judiciário, as pessoas da Administração Indireta e todas as entidades controladas direta ou indiretamente pelos entes políticos acima referidos.

A **Lei federal nº 12.232/2010** será aplicada, apenas subsidiariamente, em relação às empresas que possuem regulamento próprio de contratação, às licitações já abertas, aos contratos em fase de execução e aos **efeitos** pendentes dos contratos já encerrados na data de sua publicação.

Nas contratações de serviços de publicidade, podem ser incluídos, como **atividades complementares**, em síntese, os serviços especializados pertinentes às seguintes ações:

- o planejamento e a execução de pesquisas e de outros instrumentos de avaliação e de geração de conhecimento, relacionados à ação publicitária ou ao objeto contratual;
- a produção e a execução técnica das peças e projetos publicitários criados;
- a criação e o desenvolvimento de formas inovadoras de comunicação publicitária.

Somente pessoas físicas ou jurídicas previamente cadastradas pelo contratante poderão fornecer ao contratado bens ou serviços especializados relacionados às atividades complementares da execução do objeto contratual. Em tal fornecimento, deve o contratado apresentar, ao contratante, 3 (três) orçamentos obtidos entre pessoas que atuem no mercado do ramo do fornecimento pretendido.

É expressamente **vedada a inclusão**, nas licitações de serviços de publicidade, de atividades não previstas pela Lei, especialmente: assessoria de imprensa, comunicação e relações públicas ou as que tenham por finalidade a realização de eventos festivos de qualquer natureza. Caso sejam necessárias, elas devem ser contratadas por meio de procedimentos licitatórios próprios.

Para participar das licitações de serviços de publicidade, as agências de propaganda devem possuir certificado de qualificação técnica de funcionamento, obtido perante o Conselho Executivo das Normas Padrão - CENP.

O instrumento convocatório das licitações de publicidade possui **exigências específicas**. Dentre elas, podemos destacar:

- as licitações para serviços de publicidade adotarão, obrigatoriamente, os tipos "melhor técnica" ou "técnica e preço";
- as informações suficientes para que os interessados elaborem propostas serão estabelecidas em um briefing, de forma precisa, clara e objetiva;
- a proposta técnica será composta por um plano de comunicação publicitária, pertinente às informações expressas no briefing, e por um conjunto de informações relacionadas ao proponente;
- o plano de comunicação publicitária será composto dos seguintes quesitos: raciocínio básico; estratégia de comunicação publicitária; ideia criativa e estratégia de mídia e não mídia;
- os documentos de habilitação serão apresentados apenas pelos licitantes classificados no julgamento final das propostas;
- é possível a adjudicação do objeto da licitação a mais de uma agência de propaganda. Nesse caso, para a execução das ações de comunicação publicitária decorrente de licitação, institui-se procedimento de seleção interna entre as contratadas.

As licitações de publicidade serão processadas e julgadas por comissão permanente ou especial, com exceção da análise e julgamento das propostas técnicas, que serão analisadas e julgadas por subcomissão técnica constituída por, pelo menos, 3 (três) membros que sejam formados em comunicação, publicidade ou marketing ou que atuem em uma dessas áreas. Pelo menos, 1/3 (um terço) deles não poderá manter nenhum vínculo funcional ou contratual, direto ou indireto, com o órgão ou a entidade responsável pela licitação.

▸ **Importante!**

As vantagens, obtidas em negociação de compra de mídia diretamente ou por intermédio de agência de propaganda, incluídos os eventuais descontos e as bonificações na forma de tempo, espaço ou reaplicações que tenham sido concedidos pelo veículo de divulgação, pertencem ao órgão ou ente contratante. Contudo, é possível a concessão de planos de incentivo por veículo de divulgação e sua aceitação por agência de propaganda. Os frutos resultantes constituem, para todos os fins de direito, receita própria da agência.

As informações sobre a execução dos contratos regulados pela Lei nº 12.232/2010, com os nomes dos fornecedores de serviços especializados e veículos, serão divulgadas em sítio próprio, aberto para o contrato, na rede mundial de computadores, garantido o livre acesso às informações por quaisquer interessados.

12. SISTEMA DE COTAÇÃO ELETRÔNICA

O Sistema de cotação eletrônica foi criado com o objetivo de ampliar a competitividade e racionalizar os procedimentos de aquisição de bens de pequeno valor, por dispensa de licitação. Ele consiste na criação de infraestrutura informatizada que permite uma melhor apuração do menor preço de bens e serviços adquiridos pelo setor público, nas contratações de pequeno valor.

Tal sistema, inicialmente utilizado pelo Governo Federal, vem sendo disseminado para as demais esferas governamentais (estados e municípios), pelos benefícios de fomento à competitividade, racionalização dos gastos e democratização das contratações públicas.

Bens de pequeno valor seriam aqueles que se enquadram na hipótese de dispensa de licitação prevista no inciso II do art. 24 da Lei nº 8.666/1993, desde que não se refiram a parcelas de uma mes-

ma compra de maior vulto que possa ser realizada de uma só vez. Cabe à autoridade responsável pelas compras, certificar-se de que a aquisição por dispensa de licitação, nas contratações de pequeno valor, não representa fracionamento de compras que deveriam ser licitadas.

A cotação eletrônica será realizada em sessão pública virtual, por meio de sistema eletrônico, que promova a comunicação na Internet. Esse sistema permitirá o encaminhamento eletrônico de propostas de preços, com possibilidade de apresentação de lances sucessivos, em valor inferior ao último preço registrado, durante o período indicado no pedido de cotação eletrônica de preços.

Pela regulamentação federal, os pedidos de cotação eletrônica de preços incluídos no sistema permanecerão disponíveis para recepção de propostas e lances por período nunca inferior a quatro horas.

13. LICITAÇÕES PARA MICROEMPRESAS E EMPRESAS DE PEQUENO PORTE

A Lei Complementar 123/2006 apresenta algumas disposições relacionadas ao processo licitatório de contratações públicas, com evidente beneficiamento em favor das sociedades caracterizadas como microempresa ou empresa de pequeno porte.

▸ Importante!

A Lei nº 11.488/2007 estendeu para as sociedades cooperativas que tenham auferido, no ano-calendário anterior, receita bruta idêntica o mesmo tratamento diferenciado nas licitações dado pela LC 123/2006 às microempresas e empresas de pequeno porte.

Outrossim, o Decreto federal nº 8.538/2015, regulamentando as alterações produzidas na LC 123/2006, registra que o tratamento favorecido, nas contratações públicas, para as microempresas e empresas de pequeno porte, é aplicável também ao agricultor familiar, produtor rural pessoa física, microempreendedor individual - MEI e sociedades cooperativas de consumo.

O conceito reservado, pelo legislador, para estas duas espécies, encontra-se delimitado no artigo 3º da Lei Complementar que, respeitadas as ressalvas legais, considera como microempresas ou empresas de pequeno porte a sociedade empresária, a sociedade simples e o empresário a que se refere o artigo 966 do Código Civil de 2002, devidamente registrados no registro de empresas mercantis ou

no registro civil de pessoas jurídicas, conforme o caso, desde que, no caso das microempresas, o empresário, a pessoa jurídica, ou a ela equiparada, aufira, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais), no caso das empresas de pequeno porte, o empresário, a pessoa jurídica, ou a ela equiparada deve auferir, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e igual ou inferior a R$ 4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais).

ME	**Receita bruta** ≤ R$ 360.000,00
EPP	R$ 360.000,00 < **Receita bruta** ≤ R$ 4.800.000,00

Atenção!

A Lei Complementar nº 155/2016, alterou a redação do artigo 3º da LC 123/2006, ampliando o limite máximo da receita bruta, no caso da EPP, para 4.800.000,00 (quatro milhões e oitocentos mil reais).

Contudo, de acordo com o artigo 11 da LC 155/2016, o efeito desta alteração entrou em vigor, apenas, em 1º de janeiro de 2018.

Esse estatuto teve como escopo regulamentar o tratamento favorecido às empresas de pequeno porte, previsto como um dos princípios constitucionais gerais da atividade econômica, no texto do inciso IX do artigo 170, da Constituição Federal. Portanto, do ponto de vista normativo, o tratamento diferenciado tem como fundamento a previsão constitucional que, ao tratar da ordem econômica, indica como diretriz o favorecimento para as empresas de pequeno porte constituídas sob as leis brasileiras e que tenham sua sede e administração no País.

Não obstante, é imperioso que os benefícios apresentados pelo legislador sejam razoáveis e restem equilibrados com os preceitos ínsitos aos princípios relativos ao procedimento licitatório e à atividade administrativa, como: eficiência, isonomia, legalidade, proporcionalidade e impessoalidade. Caso contrário, o legislador infraconstitucional, a despeito de estar cumprindo a determinação constitucional de tratamento favorecido, poderá interpretar abusivamente esse mandamento, criando regramentos legais que deturpem a própria estrutura constitucional da atividade administrativa.

Se de um lado é bem verdade ser possível o tratamento diferenciado (*e até justificável, diante do papel fundamental de geração de emprego, capitaneado pelas empresas de pequeno porte*), também deve

restar claro que o constituinte outrora já estabeleceu balizas e diretrizes básicas para o procedimento de contratação pública, priorizando comportamentos que não podem ser conspurcados pelo legislador, a pretexto de regulamentação de outra norma da mesma Constituição.

Por fim, convém observar que existem benefícios de natureza diversas (tributária, cível, administrativa) na LC 123/2006, que podem ser reconhecidos de forma autônoma. Assim, o fato da empresa estar excluída do regime de tributação do Simples Nacional, por realizar cessão ou locação de mão de obra, não implica o seu impedimento para participar de licitações, com os benefícios da Lei Complementar 123/2006.

▸ **Importante!**

"A empresa que realize cessão ou locação de mão de obra, optante pelo simples nacional, que participe de licitação cujo objeto não esteja previsto no disposto no § 1º do art. 17 da lei complementar nº 123, de 2006, deverá apresentar planilha de formação de custos sem contemplar os benefícios do regime tributário diferenciado." **(Orientação Normativa AGU nº 53, de 25 de abril de 2014).**

Podemos classificar as disposições da LC 123/2006, em relação ao tratamento diferenciado no ambiente das **licitações públicas**, em três espécies:

ME e EPP – Tratamento diferenciado	
Benefícios nas licitações (arts 42 a 45)	• regularidade fiscal postergada • desempate ficto
Benefício creditício (art. 46)	• Cédula de crédito empresarial
Licitações diferenciadas (arts 47 a 48)	• licitações exclusivas • subcontratação obrigatória • cota de 25%

1) **Benefícios nas licitações** (arts. 42 a 45). A LC 123/2006 apresenta dois tipos de benefícios nas licitações ordinárias, favorecedores das ME e EPP: a **regularidade fiscal postergada** e o **desempate ficto**.

   - **Regularidade fiscal postergada.** O artigo 42 já estabelece que a comprovação de regularidade fiscal das microempresas e empresas de pequeno porte somente será exigida para efeito de assinatura do contrato. Para tanto, as ME e EPP de-

verão apresentar normalmente os documentos pertinentes, mesmo que existentes restrições, sendo-lhes assegurado um prazo de **5 (cinco) dias úteis**, prorrogáveis por igual período, para a regularização da documentação, pagamento ou parcelamento do débito, e emissão de eventuais certidões negativas ou positivas com efeito de certidão negativa.

▸ **Atenção!**

A Lei Complementar nº 155/2016, alterou a redação do artigo 42 da LC 123/2006, ampliando o benefício também para a regularidade trabalhista. Contudo, de acordo com o artigo 11 da LC 155/2016, o efeito desta alteração entrará em vigor, apenas, em 1º de janeiro de 2018.

Importante destacar que esse prazo apenas será contado a partir:

a) da divulgação do resultado da fase de habilitação, no pregão e no RDC (quando a habilitação for posterior à fase de propostas); ou

b) da divulgação do resultado do julgamento das propostas, nas modalidades de licitação da Lei nº 8.666/93 e no RDC (com inversão de fases - quando a habilitação for anterior à fase de propostas).

▸ **Atenção!**

A abertura da fase recursal, em relação ao resultado do certame, ocorrerá após os prazos de regularização fiscal.

A não regularização da documentação implicará decadência do direito à contratação, sem prejuízo da aplicação de sanções administrativas, sendo facultado à Administração convocar os licitantes remanescentes, na ordem de classificação, para a assinatura do contrato, ou revogar a licitação.

- **Desempate ficto.** O artigo 44 da LC 123/2006 caracteriza como empate (ficto) as situações nas quais as propostas apresentadas pelas microempresas e empresas de pequeno porte sejam iguais ou até 10% superiores à proposta melhor classificada, quando esta for apresentada por sociedade não caracterizada como ME ou EPP.

▸ **Atenção!**

Na modalidade pregão esse intervalo é reduzido para 5%.

Já o artigo 45 estabelece que a microempresa ou empresa de pequeno porte melhor classificada dentre as empatadas (empate ficto), "poderá" apresentar proposta de preço inferior àquela até então considerada vencedora do certame (*a Lei não permite nova proposta pela outrora vencedora*), o que a tornaria a licitante de melhor proposta.

De acordo com o dispositivo, não sendo possível a realização do procedimento com a ME ou EPP melhor classificada no intervalo de empate ficto, as remanescentes (ME ou EPP), que se enquadrem no intervalo de empate ficto, serão convocadas, na ordem classificatória, para o exercício do mesmo direito.

Caso nenhuma ME ou EPP encontre-se no intervalo de empate ficto ou apresente proposta de desempate, manter-se-á como vencedora da fase de propostas a empresa originalmente vencedora.

▸ **Atenção!**

O Decreto federal nº 8.538/2015, contrariando entendimento doutrinário, admite o desempate ficto nas licitações do tipo **técnica e preço**. Nesta hipótese, o empate será aferido levando em consideração o resultado da ponderação entre a técnica e o preço na proposta apresentada pelos licitantes, sendo facultada à microempresa ou empresa de pequeno porte melhor classificada a possibilidade de apresentar proposta de preço inferior.

2) **Benefício creditício** (art. 46). A ME ou EPP titular de direitos creditórios decorrentes de empenhos liquidados por órgãos e entidades da União, Estados, Distrito Federal e Município não pagos em até 30 (trinta) dias contados da data de liquidação poderão emitir **cédula de crédito microempresarial.**[5]

▸ **Atenção!**

A LC 147, de 2014, alterou o texto original da LC 123, de 2006, excluindo o conceito legal de cédula de crédito microempresarial e a limitação para que sua regulamentação ocorresse no prazo de 180 dias, a contar da publicação da Lei.

5. Segundo a redação anterior, a cédula de crédito microempresarial seria um título de crédito regido, subsidiariamente, pela legislação prevista para as cédulas de crédito comercial, tendo como lastro o empenho do poder público.

3) **Licitações diferenciadas** (arts. 47 e 48). Nas contratações públicas da administração direta e indireta, autárquica e fundacional, federal, estadual e municipal, deverá ser concedido tratamento diferenciado e simplificado para as microempresas e empresas de pequeno porte objetivando a promoção do desenvolvimento econômico e social no âmbito municipal e regional, a ampliação da eficiência das políticas públicas e o incentivo à inovação tecnológica.

▸ **Atenção!**

Segundo a LC 147, de 2014, que alterou o texto original da LC 123, de 2006, em relação às compras públicas, enquanto não sobrevier legislação estadual, municipal ou regulamento específico de cada órgão, mais favorável à microempresa e empresa de pequeno porte, aplica-se a legislação federal.

Nesse sentido, a Administração Pública poderá realizar processo licitatório diferenciado, com as seguintes regras:

- **Licitações exclusivas.** Certame destinado exclusivamente à participação de microempresas e empresas de pequeno, **nos itens ou lotes da licitação,** cujo valor seja de até R$ 80.000,00 (oitenta mil reais);

▸ **Atenção!**

"Em licitação dividida em itens ou lotes/grupos, deverá ser adotada a participação exclusiva de microempresa, empresa de pequeno porte ou sociedade cooperativa (art. 34 da lei nº 11.488, de 2007) em relação aos itens ou lotes/grupos cujo valor seja igual ou inferior a R$ 80.000,00 (oitenta mil reais), desde que não haja a subsunção a quaisquer das situações previstas pelo art. 9º do decreto nº 6.204, de 2007." (Orientação Normativa AGU nº 47, de 25 de abril de 2014).

"A definição do valor da contratação levará em conta o período de vigência do contrato e as possíveis prorrogações para: a) a realização de licitação exclusiva (microempresa, empresa de pequeno porte e sociedade cooperativa); b) a escolha de uma das modalidades convencionais (concorrência, tomada de preços e convite); e c) o enquadramento das contratações previstas no art. 24, inc. I e II, da Lei nº 8.666, de 1993." (Orientação Normativa AGU nº 10, alterada em 14/12/2011)

- **Subcontratação obrigatória.** Pode-se exigir dos licitantes a subcontratação de microempresa ou de empresa de pequeno porte, nas licitações de serviços e obras. Nesses casos, os em-

penhos e pagamentos do órgão ou entidade da administração pública poderão ser destinados diretamente às microempresas e empresas de pequeno porte subcontratadas.

▸ **Importante!**

A redação anterior limitava a exigência de subcontratação a 30% (trinta por cento) do total licitado. A atual redação excluiu esse limite. Outrossim, de acordo com a nova redação, importante observar que a "subcontratação obrigatória" é cabível, apenas, nas licitações de serviços e obras.

- **Cota reservada.** É estabelecida **cota reservada** de **até 25%** (vinte e cinco por cento) do objeto para a contratação de microempresas e empresas de pequeno porte, em certames para a aquisição de bens e serviços de **natureza divisível.**

Na hipótese de não haver vencedor para a **cota reservada**, esta poderá ser adjudicada ao vencedor da cota principal ou, diante de sua recusa, aos licitantes remanescentes, desde que pratiquem o preço do primeiro colocado da cota principal. Já se a mesma empresa vencer a cota reservada e a cota principal, a contratação das cotas deverá ocorrer pelo menor preço.

De acordo com o Decreto federal nº 8.538/2015, nas licitações por Sistema de Registro de Preço ou por entregas parceladas, o instrumento convocatório deverá prever a prioridade de aquisição dos produtos das cotas reservadas, ressalvados os casos em que a cota reservada for inadequada para atender as quantidades ou as condições do pedido, justificadamente.

▸ **Importante!**

A LC 147, de 2014, alterou o texto original da LC 123, relativizando a facultatividade de concessão das licitações diferenciadas. Da leitura conjunta do artigo 47 e 48, percebe-se que as Licitações exclusivas (art. 48, I) e a cota reservada (art. 48, III), devem ser utilizadas, em regra.

Em relação às licitações diferenciadas, a LC 123/2006 admite, ainda, que, justificadamente, seja estabelecida **prioridade de contratação** para as microempresas e empresas de pequeno porte sediadas local ou regionalmente, até o limite de 10% (dez por cento) do melhor preço válido. O Decreto federal 8.538/2015, regulamentou a Lei, definindo a prioridade de contratação como um procedimento semelhante ao desempate ficto; assim, a ME/EPP sediada local ou

regionalmente, melhor classificada (**em uma licitação diferenciada**) e dentro do percentual de até 10%, poderá apresentar proposta de preço inferior àquela considerada vencedora da licitação (outra ME/EPP, mas não sediada local ou regionalmente).

Conforme o artigo 49, não se aplicam as **licitações diferenciadas** (arts. 47 e 48) quando:

- não houver um mínimo de 3 (três) fornecedores competitivos enquadrados como ME ou EPP, sediados local ou regionalmente e capazes de cumprir as exigências estabelecidas no instrumento convocatório;
- as licitações diferenciadas não forem vantajosas para a administração pública ou representar prejuízo ao conjunto ou complexo do objeto a ser contratado;
- a licitação for dispensável ou inexigível.

▸ Atenção!

A LC 147, de 2014, alterou a redação do artigo 49, suprimindo anterior ressalva à aplicação das licitações diferenciadas, nas hipóteses em que "os critérios de licitação diferenciada não fossem previstos no instrumento convocatório". Nesta feita, as licitações diferenciadas, pela Lei, não estão mais condicionadas à previsão no edital ou instrumento convocatório.

▸ Atenção!

De acordo com a LC 147/2014, as dispensas de pequeno valor (incisos I e II do art. 24 da Lei n. 8.666/93), devem dar preferência à contratação de microempresas e empresas de pequeno porte.

14. RESUMO DAS ALTERAÇÕES DECORRENTES DA LEI Nº 12.349/2010

Recentemente, a Lei nº 8.666/93 sofreu pequenas alterações, por conta da edição da **Lei nº 12.349/2010**. A referida lei altera o estatuto geral de licitações, em virtude da política de fomento à inovação e à pesquisa científica e tecnológica, com vistas à capacitação e ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento industrial do País.

Tal política é representada pela Lei federal nº 10.973/2004. Esta, contudo, não gerou qualquer alteração no regime jurídico das licitações. Agora, através da **Lei nº 12.349/2010**, altera-se o regramento

dado a certas contratações públicas, conforme já indicado em tópicos anteriores.

Para facilitar o estudo da matéria, resumimos as alterações decorrentes:

Principais alterações da Lei nº 12.349/2010 nas licitações públicas
Inclusão da **promoção do desenvolvimento nacional sustentável como finalidade da licitação pública.**
Retira o critério de desempate em favor de empresas brasileiras, exclusivamente de capital nacional.
Possibilita o estabelecimento de preferências (**margem de preferência**) nas licitações.
Possibilita restrições à competitividade, em contratações destinadas à implantação, manutenção e ao aperfeiçoamento dos sistemas de tecnologia de informação e comunicação, considerados estratégicos pelo Poder Executivo Federal.
Altera o inciso XXI do artigo 24 e cria **nova hipótese de dispensa licitatória**, para contratações de estímulo à inovação científica (**inciso XXXI**).
Cria **nova exceção à regra geral de duração dos contratos administrativos** (art. 57, inciso V).

15. REGIME DIFERENCIADO DE CONTRATAÇÕES

Em 2011, foi aprovado o Regime Diferenciado de Contratações (RDC) pela **Lei nº 12. 462/2011**, que apresenta diversas inovações para as licitações e contratos necessários à realização: dos **Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016**; da **Copa das Confederações Fifa 2013** e da **Copa do Mundo Fifa 2014** (restringindo-se, no caso de obras públicas, às constantes da matriz de responsabilidades celebrada entre a União, Estados, Distrito Federal e Municípios); além de obras de infraestrutura e de serviços para os **aeroportos das capitais dos Estados da Federação distantes até 350 km das cidades sedes dos referidos mundiais.**

Recentemente, a Lei nº 12.462/2012 foi alterada, sendo inseridos novos objetos passíveis de adoção do Regime Diferenciado de Contratações, quais sejam: **ações integrantes do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)** (incluído pela Lei nº 12.688, de 2012); **obras e serviços de engenharia no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS** (incluído pala Lei nº 12.745, de 2012) e licitações e contratos necessários à realização de **obras e serviços de engenharia no âmbito dos sistemas públicos de ensino** (incluído pela Lei nº 12.722, de 2012).

Cabe ainda citar: a Lei nº 12.815/2013 estabeleceu que "as contratações das obras e serviços no âmbito do **Programa Nacional de Dragagem Portuária e Hidroviária II** poderão ser feitas por meio de licitações internacionais e utilizar o Regime Diferenciado de Contratações Públicas".

Ademais, a Lei nº 12.833/2013, admite que a Secretaria de Aviação Civil da Presidência da República (SAC), nas contratações destinadas à **modernização, construção, ampliação ou reforma de aeródromos públicos**, diretamente ou por intermédio de instituição financeira pública federal, pode utilizar o RDC para adquirir bens, contratar obras e serviços de engenharia e de técnicos especializados.

Mais recentemente, a **Lei nº 12.980/2014** admitiu a adoção desse novo regime em licitação de obras e serviços de engenharia **para construção, ampliação e reforma de estabelecimentos penais e unidades de atendimento socioeducativo**, a **Lei nº 13.190/2015** admitiu-o para licitações e contratos necessários a ações no âmbito da **segurança pública** obras e serviços de engenharia, relacionadas à **mobilidade urbana ou ampliação de infraestrutura logística**, aos **sistemas públicos de pesquisa, ciência e tecnologia**, além de contratos que adotem o modelo de **Locação sob medida (Built to suit)**, em que os contratos são firmados por prazo longo, antes mesmo da construção do imóvel, para que este seja construído de forma a atender os interesses do locatário. Por fim, a **Lei nº 13.243/2016** incluiu a possibilidade de adoção do RDC para **ações em órgãos e entidades dedicados à ciência, à tecnologia e à inovação**.

▸ **Atenção!**

Cabe salientar que a Lei nº 13.190/2015 foi resultado da conversão da Medida Provisória nº 678, de 2015, que já acrescentava novos objetos passíveis de adoção do Regime Diferenciado de Contratações, notadamente, as ações no âmbito da segurança pública, além das obras e serviços de engenharia para construção, ampliação e reforma e administração de estabelecimentos penais e de unidades de atendimento socioeducativo.

Ocorre que o texto final da Lei nº 13.190/2015 trouxe dispositivos novos, acrescentando mais objetos passíveis da adoção do RDC, como: obras e serviços de engenharia, relacionadas a melhorias na mobilidade urbana ou ampliação de infraestrutura logística; obras e serviços de engenharia no âmbito dos sistemas públicos de pesquisa, ciência e tecnologia, além das chamadas locações sob medida ou encomenda (built to suit). Os acréscimos foram objeto de liminar, deferida pelo STF, suspendendo os efeitos desses dispositivos, até que a Corte delibere

sobre eventual "contrabando legislativo" (quando a Lei de conversão inclui dispositivos sem a devida pertinência lógico-temática com a Medida Provisória que o originou).

Até o momento de fechamento desta edição, o STF não havia concluído deliberação sobre a suspensão liminarmente deferida. Sugerimos que o leitor acompanhe o desfecho deste julgamento (Medida Cautelar em Mandado de Segurança 33889 - DF).

Essa expansão de objetos passíveis à submissão desse regime diferenciado demonstra uma tendência de ampliação do modelo, concebido inicialmente como provisório e diferenciado, ou mesmo a possibilidade de mudança do regime tradicional de licitações, para algo semelhante ao RDC.

RDC – Objeto
Licitações e contratos necessários a:
a) Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 (Carteira de Projetos Olímpicos a ser definida pela APO).
b) Copa das Confederações - Fifa 2013 e Copa do Mundo Fifa 2014.
c) Obras de infraestrutura e serviços para os aeroportos das capitais dos Estados da Federação distantes até 350 km das cidades sedes dos mundiais acima referidos.
d) Ações integrantes do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).
e) Obras e serviços de engenharia no âmbito dos sistemas públicos de ensino e de pesquisa, ciência e tecnologia.
f) Obras e serviços de engenharia no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS.
g) Obras e serviços no âmbito do Programa Nacional de Dragagem Portuária e Hidroviária II.
h) Contratações destinadas à modernização, construção, ampliação ou reforma de aeródromos públicos.
i) Obras e serviços de engenharia para construção, ampliação e reforma de estabelecimentos penais e unidades de atendimento socioeducativo.
j) Ações no âmbito da segurança pública.
k) Obras e serviços de engenharia, relacionadas a mobilidade urbana ou ampliação de infraestrutura logística.
l) Contratos que adotem o modelo de Locação sob medida (Built to suit).
m) Ações em órgãos e entidades dedicados à ciência, à tecnologia e à inovação

Podemos, ainda, registrar a Lei federal nº 12.873, de 2013, que permite à Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) utilizar o RDC para a contratação de todas as ações relacionadas à reforma, modernização, ampliação ou construção de unidades armazenadoras próprias destinadas às atividades de guarda e conservação de produtos agropecuários em ambiente natural. A CONAB pode, também, contratar instituição financeira pública federal, dispensada a

licitação, para atuar nas ações acima. Nesse caso, a instituição financeira pública federal contratada poderá utilizar o RDC para a contratação das respectivas ações[6].

▸ Atenção!

De acordo com a Jurisprudência do TCU, para os objetos relacionados a eventos esportivos (foco original do RDC), a utilização do Regime Diferenciado de Contratações Públicas - RDC em obras com término posterior à Copa do Mundo de 2014 - ou às Olimpíadas de 2016, conforme o caso - só é legítima nas situações em que ao menos fração do empreendimento tenha efetivo proveito para a realização desses eventos esportivos e desde que reste evidenciada a inviabilidade técnica e econômica do parcelamento das frações da empreitada a serem concluídas a *posteriori* (TCU. *Acórdão nº. 1538/2012-Plenário, rel. Min. Valmir Campelo, 20.6.2012).*

A adoção do RDC não é obrigatória, mesmo para os objetos previstos pela Lei nº 12.462/2011. Tal opção (pelo RDC) deverá constar expressamente no instrumento convocatório e resultará no afastamento das normas contidas na Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, exceto nos casos expressamente previstos pela Lei nº 12. 462/2011.

De tal assertiva, conclui-se que as modalidades licitatórias previstas na Lei de Licitações, por não serem citadas pela Lei do RDC, não devem ser aplicadas nesse novo regime. Sob essa ótica, é razoável o entendimento doutrinário de que o RDC é uma nova "modalidade" de licitação, com regras próprias para seus procedimentos e seus contratos.

▸ Atenção!

Tal disposição está relacionada às regras do procedimento licitatório. Em relação aos contratos administrativos celebrados com base no RDC dá-se o inverso, eles serão regidos pelas normas da Lei nº 8.666/93, com exceção das regras específicas previstas na própria Lei nº 12. 462/2011.

RDC Aplicação subsidiária da Lei nº 8.666/93	
Procedimento licitatório	**Contratos**
NÃO (Exceto quando previsto pelo RDC)	SIM

6. Há disposições semelhantes, em favor da Secretaria de Aviação Civil (SAC) e da Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM).

Cumpre ainda registrar que o RDC está inserido na competência privativa outorgada à União, pelo Constituinte, para legislar sobre regras gerais relacionadas às licitações e contratos. Assim, o RDC tem validade tanto para órgãos e entes federais, como para órgãos e entes dos Estados, Municípios e DF, os quais podem adotá-lo, nos objetos passíveis de utilização desta nova modalidade.

Respeitadas as regras gerais estabelecidas pela Lei nº 12.462/2011, podem os entes federativos (União, Estados, Municípios e DF) dispor sobre regras específicas diversas, em suas respectivas Leis.

A seguir resumiremos as principais regras aplicáveis às licitações e contratos submetidas ao RDC.

15.1. Regras aplicáveis às licitações do RDC

15.1.1. Caráter sigiloso do orçamento

Segundo a Lei nº 12.462/2011, via de regra, o orçamento estimado para a contratação será tornado público apenas e imediatamente após o encerramento da licitação, possuindo **caráter sigiloso** para o público em geral, mas **sendo disponibilizado permanentemente aos órgãos de controle externo e interno.**

Conforme recente jurisprudência do TCU, a opção por orçamento aberto ou fechado em licitação regida pelo RDC, insere-se na esfera de **discricionariedade** do gestor (TCU, Ac. Nº 3.011/2012 – Plenário, 08/11/2012).

Nas licitações regidas pelo RDC é possível a abertura do sigilo do orçamento na fase de negociação de preços com o primeiro colocado, desde que em ato público e devidamente justificado. (Info TCU nº 141. Acórdão 306/2013-Plenário, 27/02/2013)

▸ **Atenção!**

Não é cabível o orçamento sigiloso quando utilizados os critérios de julgamento **maior desconto, melhor técnica** ou **conteúdo artístico.**

Nas hipóteses de julgamento por **maior desconto**, o orçamento com estimativa de custos constará do instrumento convocatório. Da mesma forma, no caso de julgamento por **melhor técnica** ou **conteúdo artístico**, não haverá sigilo, uma vez que o próprio instrumento convocatório já definirá previamente o valor do prêmio ou da remuneração que será atribuída ao(s) vencedor(es).

15.1.2. Inovações para a aquisição

No caso de licitações para aquisição de bens, o RDC expressamente previu algumas regras.

a) **Indicação de marca ou modelo.** Desde que formalmente justificada, é possível tal indicação nas hipóteses de: necessidade de padronização do objeto; quando a marca ou modelo for a única capaz de atender às necessidades da Administração; quando a indicação da marca servir como referência (neste caso, será obrigatório o acréscimo da expressão "ou similar ou de melhor qualidade");

b) **Exigência de amostra do bem.** Será possível no procedimento de pré-qualificação, na fase de julgamento das propostas ou de lances, desde que justificada formalmente a necessidade da sua apresentação;

c) **Certificação da qualidade.** Poderá ser exigida em relação ao produto ou ao processo de fabricação, inclusive sob o aspecto ambiental. A certificação será dada por instituição oficial competente ou por entidade credenciada;

> **Atenção!**
> Vale lembrar que, por ausência de previsão legal, o TCU não tem admitido, nas licitações sob a égide da Lei nº 8.666/93, a exigência de certificado de qualidade, como requisito de habilitação. No RDC, esta exigência é permitida.

d) **Carta de solidariedade.** Desde que motivadamente, poderá ser solicitada sua emissão pelo fabricante, de forma a assegurar a execução do contrato, no caso de licitante revendedor ou distribuidor.

> **Atenção!**
> Vale lembrar que, por ausência de previsão legal, o TCU não tem admitido, nas licitações sob a égide da Lei nº 8.666/93, a exigência de carta de solidariedade, como requisito de habilitação. No RDC, esta exigência é permitida.

15.1.3. Regime de contratação integrada

O RDC permite a utilização dos seguintes regimes:

a) empreitada por preço unitário;

b) empreitada por preço global;

c) contratação por tarefa;

d) empreitada integral e;

e) contratação integrada.

Destacamos o novo regime de contratação (em relação ao que já era previsto na Lei nº 8.666/93), denominado **contratação integrada**, que possui algumas nuances específicas.

A **contratação integrada** compreende a elaboração e o desenvolvimento dos projetos básico e executivo, a execução de obras e serviços de engenharia, a montagem, a realização de testes, a pré-operação e todas as demais operações necessárias e suficientes para a entrega final do objeto.

A grande diferença deste regime está no fato de que ele impõe a incumbência de confecção do projeto básico para a empresa contratada. Além disso, a contratação integrada possui as seguintes características:

a) é um regime específico para **obras e serviços de engenharia**;

b) é necessária justificativa técnica e econômica;

c) seu instrumento convocatório deverá conter **"anteprojeto de engenharia"**, que contemplará os documentos técnicos destinados a possibilitar a caracterização da obra ou serviço;

▸ Atenção!

Anteriormente, a utilização da contratação integrada exigia a adoção do critério de julgamento "técnica e preço". Com as alterações decorrentes da Lei nº 12.980, de 2014, essa condição foi suprimida, admitindo-se, em tese, a adoção dos demais critérios de julgamento, inclusive, menor preço.

A Contratação integrada, mediante justificativa técnica e econômica, poderá ser utilizada nas licitações de obras e serviços de engenharia cujo objeto envolva, pelo menos, uma das seguintes condições:

- **inovação tecnológica ou técnica;**
- **possibilidade de execução com diferentes metodologias; ou**
- **possibilidade de execução com tecnologias de domínio restrito no mercado.**

Outrossim, na contratação integrada há **vedação à celebração de aditivos**, que só poderão ocorrer para:

- recomposição do equilíbrio econômico-financeiro decorrente de caso fortuito ou força maior;
- necessidade de alteração do projeto ou das especificações para melhor adequação técnica aos objetivos da contratação, a pedido da administração pública, desde que não decorrentes de erros ou omissões por parte do contratado.

> **Atenção!**
> Nesta última hipótese (alteração do projeto ou das especificações...), devem ser respeitados os limites para acréscimo e supressões apontados pelo § 1º do art. 65 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993 (25% - regra geral para acréscimos e supressões - e 50% - acréscimos em reforma de edifício ou de equipamento).

Na contratação integrada, o **valor estimado** da contratação será calculado com base nos valores praticados pelo mercado, nos valores pagos pela administração pública em serviços e obras similares ou na avaliação do custo global da obra, aferida mediante orçamento sintético ou metodologia expedita ou paramétrica.

Convém observar que, na contratação integrada, é recomendável incluir **"matriz de riscos"**, como anexo do edital, para definir os riscos suportados pelas partes, tornando "o certame mais transparente, isonômico e conferindo maior segurança jurídica ao contrato" (TCU. Acórdão 1465/2013-Plenário).

Se o anteprojeto contemplar matriz de alocação de riscos entre a administração pública e o contratado, o valor estimado da contratação poderá considerar **taxa de risco** compatível com o objeto da licitação e as contingências atribuídas ao contratado, de acordo com metodologia predefinida pela entidade contratante.

15.1.4. Remuneração variável

Na contratação das obras e serviços, inclusive de engenharia, poderá ser estabelecida remuneração variável vinculada ao desempenho da contratada, com base em metas, padrões de qualidade, critérios de sustentabilidade ambiental e prazo de entrega definidos no instrumento convocatório e no contrato. A utilização da remu-

neração variável será motivada e respeitará o **limite orçamentário** fixado pela administração pública para a contratação.

15.1.5. Contratações simultâneas

É permitida a contratação de mais de uma empresa ou instituição para executar o mesmo serviço, quando essa contratação simultânea for possível e conveniente.

> **Atenção!**
> Ela não pode implicar perda de economia de escala e só é admitida para serviços (não se aplicando a serviços de engenharia).

15.1.6. Das fases

No RDC, as fases seguem, como regra geral, sequência semelhante ao pregão, com a apresentação e julgamento das propostas ou lances antes da habilitação.

> **Atenção!**
> Para o RDC, a **inversão de fases** gera um rito similar ao procedimento tradicional das modalidades da Lei nº 8.666/93, com a fase de habilitação antes da fase de propostas.

Os documentos relativos à regularidade fiscal poderão ser exigidos em momento posterior ao julgamento das propostas, apenas em relação ao licitante mais bem classificado. Em outras palavras, em relação à regularidade fiscal, mesmo na inversão de fases, pode-se retardar sua exigência para momento posterior à análise das propostas, analisando-a apenas em relação ao licitante vencedor.

15.1.7. Da publicidade

A publicidade no RDC será realizada mediante:

a) publicação de extrato do edital no Diário Oficial do respectivo ente federativo (sem prejuízo da possibilidade de publicação de extrato em jornal diário de grande circulação);

b) divulgação em sítio eletrônico oficial para essa atividade

No caso de licitações cujo valor não ultrapasse R$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais) para obras ou R$ 80.000,00 (oitenta mil

reais) para bens e serviços (inclusive de engenharia), é obrigatória apenas a divulgação através de sítio eletrônico oficial.

O RDC prevê os seguintes prazos mínimos entre a publicação e a sessão:

Aquisição de bens	a) 5 (cinco) dias úteis, quando adotados os critérios de julgamento pelo menor preço ou pelo maior desconto; b) 10 (dez) dias úteis, nas hipóteses não abrangidas pela alínea *a*;
Serviços e obras	a) 15 (quinze) dias úteis, quando adotados os critérios de julgamento pelo menor preço ou pelo maior desconto; b) 30 (trinta) dias úteis, nas hipóteses não abrangidas pela alínea *a*;
Critério: maior oferta	10 (dez) dias úteis; e
Critério: melhor combinação de técnica e preço, melhor técnica ou conteúdo artístico	30 (trinta) dias úteis.

15.1.8. Modos de disputa

O RDC admite os seguintes modos de disputa:

a) **modo de disputa aberto:** os licitantes apresentarão suas ofertas por meio de lances públicos e sucessivos, crescentes ou decrescentes, conforme o critério de julgamento adotado (procedimento semelhante ao da modalidade pregão);

b) **modo de disputa fechado:** as propostas apresentadas pelos licitantes serão sigilosas até a data e hora designadas para que sejam divulgadas (procedimento semelhante ao das modalidades tradicionais da Lei nº 8.666/93);

c) **modo de disputa combinado:** o instrumento convocatório poderá estabelecer que a disputa seja realizada em duas etapas (aberta/fechada ou fechada/aberta), sendo a primeira eliminatória.

De acordo com o Decreto federal nº 8.080/2013, o instrumento convocatório poderá estabelecer intervalo mínimo de diferença de valores entre os lances, que incidirá tanto em relação aos lances intermediários quanto em relação à proposta que cobrir a melhor oferta.

No modo de disputa aberto, realizado presencialmente, a desistência do licitante em apresentar lance verbal, quando convocado,

implicará sua exclusão da etapa de lances verbais e a manutenção do último preço por ele apresentado, para efeito de ordenação das propostas, exceto no caso de ser o detentor da melhor proposta.

▸ **Atenção!**

No RDC é possível o **reinício da disputa aberta,** após a definição da melhor proposta, para definição das demais colocações. De acordo com a Lei, sempre que existir uma diferença de pelo menos 10% (dez por cento) entre o melhor lance e o do licitante subsequente, deve ser aberto o reinício da disputa aberta entre o segundo colocado e os demais licitantes.

15.1.9. Critérios de julgamento

O RDC estabelece os seguintes critérios de julgamento:

a) **menor preço ou maior desconto.** Neles será considerado o menor dispêndio para a administração pública, atendidos os parâmetros mínimos de qualidade definidos no edital.

▸ **Atenção!**

No critério maior desconto, quando a licitação envolver obras e serviços de engenharia, o desconto ofertado pela licitante deve incidir linearmente sobre todos os itens da planilha de custo apresentada no orçamento estimativo apresentado pela Administração, no edital.

b) **técnica e preço.** Serão avaliadas e ponderadas as propostas técnicas e de preço apresentadas pelos licitantes, mediante a utilização de parâmetros objetivos, obrigatoriamente inseridos no edital.

▸ **Atenção!**

É permitida a atribuição de fatores de ponderação distintos para valorar as propostas técnicas e de preço, sendo o percentual de ponderação mais relevante limitado a 70% (setenta por cento).

c) **melhor técnica ou conteúdo artístico.** Critério utilizado para a contratação de projetos, inclusive arquitetônicos, e trabalhos de natureza técnica, científica ou artística. Neles serão consideradas as propostas técnicas ou artísticas apresentadas pelos licitantes, com base em critérios objetivos previamente estabelecidos no edital, que deverá informar o pagamento de prêmio ou remuneração pertinente.

▸ **Atenção!**
É vedada a utilização deste critério de julgamento para a contratação de projetos de engenharia.

d) **maior oferta de preço.** Este critério será utilizado no caso de contratos que resultem em receita para a administração pública. Nele poderá ser exigida a comprovação do recolhimento de quantia a título de garantia, como requisito de habilitação, limitada a 5% (cinco por cento) do valor ofertado.

e) **maior retorno econômico.** Busca-se selecionar a proposta que proporcione a maior economia para a administração pública, decorrente da execução de um "contrato de eficiência".

O **"contrato de eficiência"** envolve a prestação de serviços, que pode incluir obras e fornecimento de bens, com o objetivo de proporcionar redução de despesas correntes. A remuneração (**REM**) do contratado se dá através de percentual da economia gerada. Necessário perceber que o contrato de eficiência envolve os conceitos de **economia contratada** (**Ec**) e de **economia gerada** (**Eg**).

Na hipótese em que a economia gerada for menor que a economia contratada (EG<EC), a diferença entre a economia contratada e a economia gerada (efetivamente obtida) será descontada da remuneração da contratada. Se essa diferença for superior à remuneração da contratada, será aplicada multa por inexecução contratual no valor da diferença. Se a diferença entre a economia contratada e a efetivamente obtida for superior ao limite máximo estabelecido no contrato, a contratada sujeitar-se-á às demais sanções cabíveis.

- **Economia gerada** < **Economia contratada** (**Eg** < **Ec**)
- Fórmula: **Remuneração** - (**Ec** - **Eg**)
- Se (**Ec** - **Eg**) > **Remuneração** = aplicação de multa (valor da diferença)
- Se (**Ec** - **Eg**) > **limite máximo contratual** = aplicação de outras sanções cabíveis

15.1.10. Critérios de desempate

Caso haja empate entre duas ou mais empresas, no RDC serão utilizados os seguintes critérios (nessa ordem):

a) **disputa final.** O desempate é definido pela apresentação de nova proposta fechada, em ato contínuo à classificação.

b) **avaliação de desempenho contratual prévio.** Mantido o empate após a "disputa final", as propostas serão ordenadas segundo o desempenho contratual prévio dos respectivos licitantes, desde que haja sistema objetivo de avaliação instituído. Esse critério de desempate exige prévia existência de um sistema objetivo de avaliação.

c) **critérios estabelecidos no art. 3º da Lei nº 8.248, de 23 de outubro de 1991, e no § 2º do art. 3º da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993;**

d) **sorteio**

▸ **Atenção!**

Nas licitações com participação de microempresas e empresas de pequeno porte, em que for identificada a situação de empate ficto descrita pelo artigo 44 da LC nº 123/2006, o procedimento de desempate descrito pelo artigo 45 da LC nº 123/2006 precederá os critérios de desempate descritos pelo RDC.

15.1.11. Dos recursos

Via de regra, o RDC adotará **fase recursal única**, que ocorrerá após a habilitação do vencedor (procedimento semelhante ao do pregão).

Quando houver inversão de fases, com o procedimento de habilitação antecedendo a apresentação de propostas, adotar-se-á uma **fase recursal múltipla** (procedimento semelhante ao das modalidades tradicionais da Lei nº 8.666/93), em razão de diversos atos praticados no procedimento.

As espécies de recursos previstos na Lei nº 12.462/2011 são:

Recurso (5 dias úteis)	a) do ato que defira ou indefira pedido de pré-qualificação de interessados; b) do ato de habilitação ou inabilitação de licitante; c) do julgamento das propostas; d) da anulação ou revogação da licitação; e) do indeferimento do pedido de inscrição em registro cadastral, sua alteração ou cancelamento;

Recurso (5 dias úteis)	f) da rescisão do contrato, nas hipóteses previstas no inciso I do art. 79 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993; g) da aplicação das penas de advertência, multa, declaração de inidoneidade, suspensão temporária de participação em licitação e impedimento de contratar com a administração pública;
Representação (5 dias úteis)	De decisão que não caiba recurso hierárquico

O prazo para apresentação de contrarrazões será o mesmo do recurso e começará imediatamente após o encerramento do prazo recursal.

▸ **Atenção!**

Os licitantes que desejarem apresentar os recursos de que tratam as alíneas *a*, *b* e *c* (do quadro acima), deverão manifestar imediatamente a sua intenção de recorrer, sob pena de preclusão.

15.2. Procedimentos auxiliares às licitações, no âmbito do RDC

O RDC expressamente cita quatro procedimentos auxiliares, já utilizados no ambiente licitatório atualmente, quais sejam:

a) **Pré-qualificação permanente.** É um procedimento anterior à licitação, destinado a **identificar fornecedores** aptos ao fornecimento de bem ou a execução de serviço ou obra (pré-qualificação subjetiva) ou **identificar bens** que atendam às exigências técnicas e de qualidade da administração pública (pré-qualificação objetiva). A pré-qualificação terá validade máxima de 1 (um) ano e poderá ser **"total"** ou **"parcial"**. Quando a pré-qualificação for total, será possível a realização de licitações restritas aos pré-qualificados, conforme condições estabelecidas em regulamento.

b) **Cadastramento.** Dá-se através de registro cadastrais, permanentemente abertos para a inscrição de interessados, que poderão ser mantidos para efeito de habilitação dos inscritos em procedimentos licitatórios, com prazo de validade máxima de 1 (um) ano.

c) **Sistema de registro de preços.** Procedimento já estudado anteriormente, mas que tem regramento específico, no RDC. Ao citar o SRP, a Lei nº 12.462/2001 previu, expressamente, a possibilidade de adesão (carona), por qualquer órgão ou entidade responsável pela execução das atividades contempladas no art. 1º da Lei (Objeto do RDC).

O Decreto federal nº 8.080/2013 previu, expressamente, a possibilidade de adoção do Sistema de Registro de Preços (SRP) não apenas para aquisições e serviços, como também **para execução de obras.**

d) **Catálogo eletrônico de padronização.** Consiste em um sistema informatizado de gerenciamento centralizado, feito para permitir a padronização de itens, especificações e modelos, nas licitações públicas.

15.3. Regras aplicáveis aos contratos do RDC

O RDC expressamente cita a existência de "regras específicas" aplicáveis aos contratos do RDC (arts. 39 e seguintes). A nomenclatura "regra específica" foi infeliz, tendo em vista que a competência privativa da União para legislar sobre licitações e contratos limita-se às regras gerais. Em relação às regras específicas, a competência da União se restringe ao âmbito federal.

▸ **Atenção!**

A Lei nº 13.190/2015 incluiu dispositivo que admite, expressamente, nos contratos do RDC, o emprego dos mecanismos privados de resolução de disputas, inclusive a arbitragem e a mediação, para dirimir conflitos decorrentes da sua execução ou a ela relacionados.

Da mesma forma, admitiu que a Administração firme contrato para locação de bens móveis e imóveis, nos quais o locador realiza prévia aquisição, construção ou reforma substancial, com ou sem aparelhamento de bens, por si mesmo ou por terceiros, do bem especificado pela administração **(locação sob medida ou Built to suit).**

Cabe relembrar, contudo, que, como o texto final da Lei nº 13.190/2015 acrescentou algumas disposições estranhas ao trecho original da Medida Provisória nº 678/2015, estes acréscimos foram objeto de liminar, deferida pelo STF, suspendendo os efeitos dos respectivos dispositivos, até que a Corte delibere sobre eventual "contrabando legislativo" (quando a Lei de conversão inclui dispositivos sem a devida pertinência lógico-temática com a Medida Provisória que o originou).

Parece-nos que as regras tratadas no RDC para contratos, inobstante a nomenclatura "específicas", poderão ser utilizadas pelos órgãos dos demais entes federativos. **A especificidade,** em princípio, deve ser compreendida em relação aos demais contratos administrativos e não em relação à competência para legislar sobre o tema.

Cabe destacar algumas regras relacionadas aos contratos do RDC:

REGRAS APLICÁVEIS AOS CONTRATOS DO RDC	• Convocação de licitante remanescente • Contratação de remanescente por dispensa • Prazos contratuais

15.3.1. Convocação de licitante remanescente

Diferentemente do prescrito pela Lei nº 8.666/93, quando o convocado não assinar o termo de contrato ou não aceitar ou retirar o instrumento equivalente no prazo e condições estabelecidos, além da revogação ou da convocação dos licitantes remanescentes, na ordem de classificação, para a celebração do contrato nas condições ofertadas pelo licitante vencedor, pelo RDC, caso nenhum dos licitantes remanescentes aceite a contratação nas condições ofertadas pelo licitante vencedor, a administração pública poderá convocá-los, na ordem de classificação, para a celebração do contrato **nas condições ofertadas por eles,** sempre respeitando o orçamento estimado como limite para tal contratação.

▸ **Atenção!**

Neste último caso (convocação do licitante remanescente em suas próprias condições de proposta), a não aceitação dá ensejo à aplicação de sanção administrativa.

15.3.2. Contratação de remanescente por dispensa

Na hipótese de dispensa para contratação de remanescente de obra, serviço ou fornecimento (inciso XI do art. 24 da Lei nº 8.666), respeitada a ordem de classificação, os licitantes remanescentes serão convocados **nas condições das propostas por eles ofertadas,** sempre respeitando o orçamento estimado como limite para tal contratação.

15.3.3. Prazos contratuais

O RDC indica duas regras para os prazos de seus contratos:

a) **Obras.** Os contratos para a execução das obras previstas no plano plurianual poderão ser firmados pelo período nele compreendido, observado o disposto no caput do art. 57 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993.

b) **Serviços contínuos** (art. 57, II, da Lei nº 8.666/93). Os contratos de serviços contínuos celebrados pelos entes públicos responsáveis pelas atividades objeto do RDC, poderão ter sua vigência estabelecida até a data da extinção da APO.

15.4. Sanções administrativas

O RDC utiliza um parâmetro de sancionamento semelhante ao do pregão. Com uma tipificação de vários atos, praticados durante o certame ou a execução do contrato administrativo, que podem ensejar a aplicação das sanções **"impedimento de licitar e contratar"** (pelo prazo de até cinco anos) e **"multa"**, além do **"descredenciamento"** do sistema de cadastramento dos entes federativos que compõem a Autoridade Pública Olímpica.

Segundo a Lei nº 12.462/2011, ficará impedido de licitar e contratar com a União, Estados, Distrito Federal ou Municípios, pelo prazo de até **5 (cinco) anos**, sem prejuízo das multas previstas no instrumento convocatório e no contrato, bem como das demais cominações legais, o licitante que: convocado dentro do prazo de validade da sua proposta não celebrar o contrato (inclusive quando licitante remanescente, convocado em suas próprias condições de proposta); deixar de entregar a documentação exigida para o certame ou apresentar documento falso; dar ensejo ao retardamento da execução ou da entrega do objeto da licitação sem motivo justificado; não mantiver a proposta, salvo se em decorrência de fato superveniente, devidamente justificado; fraudar a licitação ou praticar atos fraudulentos na execução do contrato; comportar-se de modo inidôneo ou cometer fraude fiscal; ou der causa à inexecução total ou parcial do contrato.

De acordo com o § 2º do artigo 47 da Lei nº 12.462/2011, as demais sanções administrativas, além das sanções criminais e outras regras previstas no Capítulo IV da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, aplicam-se às licitações e aos contratos regidos pelo Regime Diferenciado de Contratações.

16. LICITAÇÕES PARA AS ESTATAIS (LEI FEDERAL Nº 13.303/2016)

No meio do ano de 2016, foi publicada a **Lei das Estatais** (Lei federal nº 13.303/2016), com diversas regras para as licitações das estatais brasileiras, empresas públicas ou sociedades de economia mista, exploradoras de atividade econômica ou prestadoras de serviços públicos.

A referida Lei foi sancionada na passagem do mês de junho ao mês de julho, de 2016. Sua aprovação apresenta-se deveras tardia, já que este diploma era aguardado desde o momento em que a Emenda Constitucional nº 19, de 1998, alterou o artigo 173 da Constituição Federal para prever que uma lei específica estabeleceria "o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias que explorem atividade econômica de produção ou comercialização de bens ou de prestação de serviços", dispondo sobre diversos temas, entre eles, licitações e contratação.

▸ **Atenção!**

Nada obstante o referido dispositivo da Constituição esteja relacionado às estatais exploradoras de atividade econômica, a Lei federal nº 13.303/2016 estabeleceu suas regras licitatórias também para as estatais prestadoras de serviços públicos.

Nas linhas a seguir, reproduziremos uma síntese com os principais pontos da nova legislação, para licitações e contratações das estatais.

16.1. Vigência das novas regras de licitação para as estatais

Uma das grandes polêmicas da nova Lei envolve a definição do momento de aplicação das suas regras licitatórias! Esta polêmica ocorre por conta da regra de vigência prescrita pelo artigo 91, em conjunto com seu § 3º. Segundo o *caput* do artigo 91, a "Empresa pública e a sociedade de economia mista constituídas anteriormente à vigência desta Lei deverão, no prazo de 24 (vinte e quatro) meses, promover as adaptações necessárias à adequação ao disposto nesta Lei". Já o § 3º, deste mesmo artigo, firma que "Permanecem regidos pela legislação anterior procedimentos licitatórios e contratos iniciados ou celebrados até o final do prazo previsto no *caput*".

Há ainda que se registrar que persiste, no artigo 97 da mesma Lei, norma segundo a qual suas regras entrariam em vigor na data de sua publicação.

Diante da ausência de clareza, convém ao intérprete extrair o sentido da norma, recorrendo à hermenêutica. Nesta missão, podemos extrair, pelo menos, três diferentes correntes, com posições

próprias sobre o início da vigência das regras licitatórias disciplinadas pela Lei das estatais.

A primeira corrente, fazendo uso de uma interpretação lógica, defende que as novas regras licitatórias devem ser aplicadas imediatamente, para todas as estatais, mantendo-se a legislação anterior apenas para as licitações lançadas e contratos celebrados até 30/06/2016[7].

Uma segunda corrente, aparentemente realizando uma interpretação literal do referido §3º, defende que, ao menos para as estatais já existentes, licitações iniciadas ou contratos celebrados dentro do período de 24 meses a contar da publicação da Lei nº 13.303/2016, seguem a legislação tradicional. Assim, as novas regras licitatórias só poderiam ser utilizadas após este prazo de 24 meses[8].

De nossa parte, defendemos entendimento diferente, que representa uma terceira corrente, fundamentada em interpretação sistemática, segundo a qual o prazo estatuído pelo §3º do artigo 91 deve ser compreendido juntamente com o *caput* e também com o artigo 97 da mesma Lei. Neste raciocínio, as regras licitatórias da Lei também entraram em vigor na data de sua Publicação, contudo, a mesma Lei abriu, especificamente, um prazo de até 24 meses para que as estatais promovam as adaptações necessárias à adequação ao disposto nesta Lei, em relação às suas licitações e contratos, antes da aplicação do novo regime. Enquanto essas adaptações não forem promovidas, dentro deste prazo máximo estipulado, permanecerá sendo aplicada a legislação anterior.

Convém destacar que o "final do prazo previsto no *caput*", indicado pelo §3º do artigo 91, não está relacionado ao lapso temporal de 24 meses, mas ao "prazo de adaptação", o qual pode ocorrer em período menor (2, 6, 8, 10 ou 12 meses, por exemplo). Caso a estatal promova as adaptações necessárias à adequação ao disposto na Lei, antes de findo o prazo máximo estabelecido pelo legislador, poderá utilizar o novo regime licitatório.

---

7. Neste sentido, aparentemente, Renato Geraldo Mendes. Vide: http://www.renatomendes.com.br/tag/vigencia-estatais-leis-das-estatais/#.WCplCSTJK5Q
8. Neste sentido, aparentemente, Joel de Menezes Niebuhr. Vide: http://www.direitodoestado.com.br/colunistas/joel-de-menezes-niebuhr/aspectos-destacados-do-novo-regime-de-licitacoes-e-contratacoes-das-estatais

Esta terceira corrente, que defendemos, parece ter sido adotada pela Consultoria Jurídica do Ministério do Planejamento, órgão da Advocacia-Geral da União[9], que defendeu ser **autoaplicável o regime de licitação e contratação previsto na Lei nº 13.303/2016, podendo este ser aplicado antes do fim prazo de 24 meses.**

Comungando com este entendimento, inclusive, importantes estatais já vêm adotando o regime licitatório da nova Lei, até pela correta compreensão de que ele permite ganhos de eficiência nas licitações e contratações públicas. Acreditamos que esta terceira corrente representa a melhor interpretação acerca dos dispositivos legais que estabelecem o momento de vigência das regras de licitação e contrato, da nova Lei das estatais.

Assim, este novo regime deve ser aplicado pela estatal, dentro do período de até 24 meses, após serem promovidas as adaptações necessárias. Caso a estatal promova tais adaptações em prazo mais curto (seis meses, por exemplo), já pode se valer do novo regime licitatório. Por outro lado, vale lembrar, o prazo de 24 meses é um limite máximo, de forma que, após ele, as novas regras valerão, mesmo que a Estatal não tenha se preparado ou promovido às adaptações necessárias.

16.2. Da não observância das regras licitatórias

Primeiramente, consagrando o entendimento desenvolvido pela doutrina e jurisprudência, acerca da não aplicabilidade do regime licitatório tradicional, em algumas atividades realizadas pelas estatais, a referida Lei dispôs, no §3º de seu artigo 28, que as empresas públicas e as sociedades de economia mista são "dispensadas" da observância de suas regras acerca de licitações (previstas no capítulo I, de seu título II), nas seguintes situações:

- comercialização, prestação ou execução, de forma direta, de produtos, serviços ou obras especificamente relacionados com seus respectivos **objetos sociais;**
- nos casos em que a escolha do parceiro esteja associada a suas características particulares, vinculada a **"oportunidades de negócio"** definidas e específicas, justificada a "inviabilidade" de procedimento competitivo.

9. PARECER n. 1211/2016/CSB/GABIN/CONJUR-MP/CGU/AGU.

A primeira hipótese parece ter por base o entendimento de desvinculação das regras licitatórias, em relação à atividade fim, já a segunda alcança situações em que o procedimento seria incompatível (e, portanto, inaplicável), conforme outrora defendido, por corrente doutrinária, em relação às estatais exploradoras de atividade econômica.

Convém destacar a inadequação técnica da referência à "inviabilidade" de procedimento competitivo, já que esta seria fundamento para uma hipótese de inexigibilidade, o que não afasta a observância das regras pertinentes, descritas no próprio capítulo.

▸ **Atenção!**

A própria Lei considerou como **"oportunidades de negócio"** a formação e a extinção de parcerias e outras formas associativas, societárias ou contratuais, a aquisição e a alienação de participação em sociedades e outras formas associativas, societárias ou contratuais e as operações realizadas no âmbito do mercado de capitais, respeitada a regulação pelo respectivo órgão competente.

Ao tratar sobre a "não observância" das regras licitatórias, a Lei das Estatais estabeleceu novas hipóteses de exceção à obrigatoriedade de licitar, que, diferentemente das clássicas "dispensas" e "inexigibilidades", permitem a sublimação do procedimento legal de seleção (licitação) não apenas em sua fase externa, mas também em sua fase interna[10].

16.3. Das licitações dispensáveis

A nova Lei adota regime de licitações dispensáveis semelhantes ao da Lei nº 8.666/93, com pequena redução do número de hipóteses de dispensa, pela exclusão daquelas inaplicáveis às estatais.

Uma mudança significativa envolve o valor limite para as chamadas dispensas de pequeno valor. A Lei especial previu limites bem superiores aos previstos na Lei nº 8.666/93, claramente defasados. Assim, para obras e serviços de engenharia, o valor limite da dispensa é de **R$ 100.000,00 (cem mil reais)**; já para outros serviços e compras, além das alienações, o valor limite é de **R$ 50.000,00 (cin-**

10. Sobre o tema, vide artigo que publicamos em coautoria com o Prof. Dawison Barcelos, com o título: "Da não observância das regras licitatórias na nova lei das estatais (Lei nº 13.303/2016)", acessível no site: www.jus.com.br

quenta mil reais), respeitadas, obviamente, as consagradas regras de vedação ao fracionamento ilícito.

▸ **Atenção!**

Os valores estabelecidos para as chamadas dispensas de pequeno valor poderão ser alterados, para refletir a variação de custos, por deliberação do Conselho de Administração da empresa pública ou sociedade de economia mista, admitindo-se valores diferenciados para cada sociedade.

No restante dos 18 dispositivos que regulam as hipóteses de licitação dispensável, identifica-se texto semelhante aos dispositivos da Lei nº 8.666/93, ao menos aqueles compatíveis com as atividades das estatais.

16.4. Da inexigibilidade de licitação

A Lei das estatais não fala, propriamente, em inexigibilidade, mas adota idêntico regime de contratação direta, paras as situações em que há "inviabilidade de competição" (art. 30). Tratando esta modalidade de contratação direta como "inexigibilidade", podemos ressaltar que a nova Lei manteve também padrão assemelhado ao da Lei Geral, fundamentando-a na inviabilidade de competição. Assim, diferentemente da dispensa, em que a competição é possível, porém o legislador permite não fazê-la, na inexigibilidade a competição seria inviável, tornando inócuo o procedimento licitatório.

Assim como na Lei Geral, a nova legislação indica situações exemplificativas de inviabilidade de competição, quais sejam:

- aquisição de materiais, equipamentos ou gêneros que só possam ser fornecidos por produtor, empresa ou representante comercial exclusivo;
- contratação dos alguns serviços técnicos especializados, com profissionais ou empresas de notória especialização, vedadas a inexigibilidade para serviços de publicidade e divulgação

▸ **Atenção!**

Em relação à contratação de serviços técnicos especializados, convém ressaltar que o texto da Lei nº 13.303/2016 não faz alusão ao elemento objetivo **"natureza singular"** do serviço, exigido pela Lei nº 8.666/93, para semelhante hipótese de inexigibilidade.

16.5. Disposições diversas sobre as licitações

16.5.1. Inexistência de modalidades estáticas

A Lei das estatais adota um modelo procedimental flexível (como no RDC), no qual não há modalidades estáticas (como ocorre na Lei nº 8.666/93). Assim, embora o texto legal indique a adoção preferencial do pregão (art. 32, IV), não há outras modalidades licitatórias indicadas pela Lei a serem "preteridas". A interpretação adequada desta regra parece ser que, na modelagem do processo licitatório, a estatal deve utilizar, preferencialmente, procedimento assemelhado ao do pregão.

16.5.2. Caráter sigiloso do orçamento

Segundo a Lei nº 13.303/2013, o valor estimado do contrato a ser celebrado pela empresa pública ou pela sociedade de economia mista será, em regra, **sigiloso (ou fechado)** para o público em geral, mas **sendo disponibilizado permanentemente aos órgãos de controle externo e interno.** De qualquer forma, é possível conferir publicidade ao valor estimado, mediante justificativa; assim, embora preferencial, a adoção do orçamento sigiloso não é obrigatória, podendo ser, justificadamente, afastada.

> ▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**
> No concurso para o cargo de Advogado do Banpará (Banpará/2017), foi considerada ERRADA a seguinte alternativa: "*A Lei Federal 13.303/2016, preocupada com a competitividade nos certames licitatórios, determina que o valor estimado do contrato a ser celebrado pela empresa pública ou pela sociedade de economia mista sempre deverá ser sigiloso*".

16.5.3 Inovações para a aquisição

No caso de licitações para aquisição de bens, a Lei das estatais prevê as seguintes novidades:

a) **Indicação de marca ou modelo.** Desde que formalmente justificada, é possível tal indicação nas hipóteses de: necessidade de padronização do objeto; quando a marca ou modelo for a única capaz de atender às necessidades da Administração; quando a indicação da marca servir como referência (neste caso, será obrigatório o acréscimo da expressão "ou similar ou de melhor qualidade");

b) **Exigência de amostra do bem.** Será possível no procedimento de pré-qualificação, na fase de julgamento das propostas ou de lances, desde que justificada formalmente a necessidade da sua apresentação;

c) **Certificação da qualidade.** Poderá ser exigida em relação ao produto ou ao processo de fabricação.

16.5.4. Regimes de execução

A Lei das estatais permite a utilização dos seguintes regimes de execução:

a) **empreitada por preço unitário:** contratação por preço certo de unidades determinadas;

b) **empreitada por preço global:** contratação por preço certo e total;

c) **contratação por tarefa:** contratação de mão de obra para pequenos trabalhos por preço certo, com ou sem fornecimento de material;

d) **empreitada integral:** contratação de empreendimento em sua integralidade, até a sua entrega ao contratante em condições de entrada em operação;

e) **contratação integrada:** contratação que envolve, pelo contratado, a elaboração e o desenvolvimento dos projetos básico e executivo, a execução de obras e serviços de engenharia, a montagem, a realização de testes, a pré-operação e as demais operações necessárias e suficientes para a entrega final do objeto. A contratação integrada só deve ser utilizada quando a obra ou o serviço de engenharia for de natureza predominantemente intelectual e de inovação tecnológica do objeto licitado ou puder ser executado com diferentes metodologias ou tecnologias de domínio restrito no mercado. A grande diferença deste regime de execução, assim como no RDC, está no fato de que ele impõe **a incumbência de confecção do projeto básico para a empresa contratada;**

f) **contratação semi-integrada:** em relação aos regimes de execução, nas legislações anteriores, a maior novidade é a criação deste regime, o qual será o regime preferencial, nas licitações de obras e serviços de engenharia, pelas estatais. Neste regime, a contratação não envolve a elaboração do projeto básico (dife-

rentemente da contratação integrada), mas apenas o desenvolvimento do projeto executivo, a execução de obras e serviços de engenharia, a montagem, a realização de testes, a pré-operação e as demais operações necessárias e suficientes para a entrega final do objeto.

Na contratação semi-integrada, o Poder Público é o responsável pela confecção do projeto básico (diferentemente da contratação integrada). Contudo, admite-se que o projeto básico seja alterado, desde que demonstrada a superioridade das inovações, em termos de redução de custos, de aumento da qualidade, de redução do prazo de execução e de facilidade de manutenção ou operação. Esta possibilidade (de alteração do projeto básico) deriva também do fato de que a contratação semi-integrada só pode ser utilizada quando for possível a execução através de diferentes metodologias ou tecnologias, e esta possível variação for definida pelo projeto básico.

▸ Atenção!

Nas licitações de obras e serviços de engenharia, **a contratação semi-integrada foi estabelecida como regime preferencial, para as estatais**, podendo ser utilizados outros regimes de execução, desde que devidamente justificado.

16.5.5. Remuneração variável

Assim como no RDC, nas licitações para as estatais, na contratação das obras e serviços, inclusive de engenharia, poderá ser estabelecida remuneração variável, vinculada ao desempenho da contratada.

A utilização da remuneração variável respeitará o limite orçamentário fixado pela empresa pública ou pela sociedade de economia mista para a respectiva contratação

16.5.6. Contratações simultâneas

Na Lei das estatais, mediante justificativa expressa e desde que não implique perda de economia de escala, poderá ser celebrado mais de um contrato para executar serviço de mesma natureza, quando o objeto da contratação puder ser executado de forma concorrente e simultânea por mais de um contratado.

16.5.7. Das fases

As fases da licitação seguem, como regra geral, sequência semelhante ao pregão, com a apresentação e julgamento das **propostas ou lances antes da habilitação**, podendo optar o edital pela **inversão de fases** (com a fase de habilitação antes da fase de propostas).

Outrossim, os atos e procedimentos das licitações das estatais serão efetivados **preferencialmente** por **meio eletrônico**.

16.5.8. Da publicidade

Os atos e procedimentos, das licitações das estatais, serão efetivados preferencialmente por meio eletrônico, conforme o edital, devendo os avisos contendo os resumos dos editais das licitações e contratos ser previamente publicados no Diário Oficial da União, do Estado ou do Município e na internet, em portal específico mantido pela estatal.

Pela Lei das estatais, devem ser adotados os seguintes **prazos mínimos** para apresentação de propostas ou lances, contados a partir da divulgação do instrumento convocatório:

* Aquisição de bens	a) 5 (cinco) dias úteis, quando adotado como critério de julgamento o menor preço ou o maior desconto; b) 10 (dez) dias úteis, nas demais hipóteses;
* Obras e serviços	a) 15 (quinze) dias úteis, quando adotado como critério de julgamento o menor preço ou o maior desconto; b) 30 (trinta) dias úteis, nas demais hipóteses;
* Critério: maior oferta	10 (dez) dias úteis; e
* Critério melhor técnica; * Critério técnica e preço; * Regime de contratação integrada; * Regime de contratação semi-integrada	45 (trinta) dias úteis.

As modificações promovidas no instrumento convocatório serão objeto de divulgação nos mesmos termos e prazos dos atos e procedimentos originais, exceto quando a alteração não afetar a preparação das propostas.

▸ **Atenção!**

Há lacunas na Lei acerca de prazos para algumas pretensões contratuais. Por exemplo, não há referência para os critérios "maior oferta de preço" e "melhor destinação de bens alienados", que, por envolverem alienação, não se enquadram também nas hipóteses de aquisição de bens e de obras e serviços.

16.5.9. Modos de disputa, lances intermediários, reinício da disputa e critérios de desempate

Assim como no RDC, a Lei das estatais admite os seguintes modos de disputa:

a) **modo de disputa aberto:** os licitantes apresentarão suas ofertas por meio de lances públicos e sucessivos, crescentes ou decrescentes, conforme o critério de julgamento adotado (procedimento semelhante ao da modalidade pregão);

b) **modo de disputa fechado:** as propostas apresentadas pelos licitantes serão sigilosas até a data e hora designadas para que sejam divulgadas (procedimento semelhante ao das modalidades tradicionais da Lei nº 8.666/93);

c) **modo de disputa combinado:** o instrumento convocatório poderá estabelecer que a disputa seja realizada em duas etapas, com a combinação dos modos de disputa.

Quando for adotado o modo de disputa aberto, poderão ser admitidos:

1. **Lances intermediários:** lances iguais ou inferiores ao maior já ofertado, quando adotado o julgamento pelo critério da maior oferta; lances iguais ou superiores ao menor já ofertado, quando adotados os demais critérios de julgamento.

2. **Reinício da disputa aberta:** após a definição do melhor lance, quando existir diferença de pelo menos 10% (dez por cento) entre o melhor lance e o subsequente, é possível reabrir a disputa entre os demais colocados (excetuado o melhor lance), **para definição das demais colocações.**

Caso haja empate entre duas ou mais empresas, a Lei das estatais (como o RDC) prevê os seguintes critérios de desempate:

a) disputa final;

b) avaliação de desempenho contratual prévio;

c) critérios estabelecidos no art. 3º da Lei nº 8.248, de 23 de outubro de 1991, e no § 2º do art. 3º da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993;

d) sorteio.

16.5.10. Critérios de julgamento

A Lei das estatais, de forma assemelhada ao RDC, estabelece os seguintes critérios de julgamento:

a) **Menor preço;**

b) **Maior desconto;**

c) **Técnica e preço;**

d) **Melhor técnica ;**

e) **Melhor conteúdo artístico;**

f) **Maior oferta de preço;**

g) **Maior retorno econômico;**

h) **Melhor destinação de bens alienados.**

▸ **Atenção!**

Este último critério para alienação, uma novidade da Lei, considera a repercussão, no meio social, da finalidade para cujo atendimento o bem será utilizado pelo adquirente.

16.5.11. Da habilitação

A Lei nº 13.303/2016 possui regime licitatório diferente do tradicionalmente identificado na Lei nº 8.666/93. Segundo o artigo 58 da Lei nº 13.303/2016, para as estatais, a **habilitação** será apreciada **exclusivamente** a partir dos seguintes parâmetros:

- exigência da apresentação de documentos aptos a comprovar a possibilidade da aquisição de direitos e da contração de obrigações por parte do licitante (algo semelhante à habilitação jurídica);
- qualificação técnica, restrita a parcelas do objeto técnica ou economicamente relevantes, de acordo com parâmetros estabelecidos de forma expressa no instrumento convocatório (habilitação técnica);

- capacidade econômica e financeira (habilitação econômica);
- recolhimento de quantia a título de adiantamento, tratando-se de licitações em que se utilize como critério de julgamento a maior oferta de preço.

Quando o critério de julgamento utilizado for a maior oferta de preço, os requisitos de qualificação técnica e de capacidade econômica e financeira poderão ser dispensados, revertendo em favor da estatal o valor de quantia eventualmente exigida no edital a título de adiantamento, caso o licitante não efetue o restante do pagamento devido no prazo para tanto estipulado.

▸ Atenção!

Além de tratar de forma diferente os parâmetros relacionados à habilitação técnica e à habilitação jurídica (sem o mesmo elenco restritivo da Lei nº 8.666/93), a Lei nº 13.303/2016 não indica, entre os parâmetros que podem/devem ser utilizados para fins de habilitação, a regularidade fiscal e a regularidade trabalhista. Assim, uma vez que o texto legal, expressamente, limita os parâmetros possíveis para fins de aferição da habilitação ("A habilitação será apreciada **exclusivamente**"), entendemos que não cabe a aplicação subsidiária da Lei nº 8.666/93, para fins de exigência dos requisitos de habilitação lá denominados "regularidade fiscal" e "regularidade trabalhista". Isso não impede, por óbvio, que os contratos firmados pelas estatais estabeleçam regras para evitar responsabilizações subsidiárias ou solidárias, em relação a débitos trabalhistas e fiscais.

16.5.12. Dos recursos

Salvo no caso de inversão de fases, o procedimento licitatório terá fase recursal única, com prazo de 5 **(cinco) dias** úteis após a habilitação.

Na hipótese de **inversão de fases**, o prazo de 5 **(cinco) dias** úteis será aberto após a habilitação e após a **verificação de efetividade dos lances ou propostas** (antes da negociação).

16.6. Das Normas Específicas para Alienação de Bens

Repetindo um regime semelhante ao da Lei geral de licitações, a alienação de bens, pelas estatais, será precedida de avaliação formal do bem contemplado e licitação, ressalvadas as hipóteses de dispensa pertinentes.

16.7. Procedimentos auxiliares às licitações das estatais

A Lei das estatais adota, nas suas licitações, regime também semelhante ao RDC, em relação aos seus procedimentos auxiliares, quais sejam:

a) **Pré-qualificação permanente.** Procedimento anterior à licitação, permanentemente aberto, destinado a **identificar fornecedores** aptos ao fornecimento de bem ou a execução de serviço ou obra (pré-qualificação subjetiva) ou **identificar bens** que atendam às exigências técnicas e de qualidade da administração pública (pré-qualificação objetiva).

b) **Cadastramento.** Dá-se através de registro cadastrais, permanentemente abertos para a inscrição de interessados, que poderão ser mantidos para efeito de habilitação dos inscritos em procedimentos licitatórios, com prazo de validade máxima de 1 (um) ano. Pela Lei, a atuação do licitante no cumprimento de obrigações assumidas será anotada no respectivo registro cadastral.

c) **Sistema de registro de preços.** Ao citar o SRP, a Lei nº 13.303/2016 o restringe às licitações por ela disciplinadas, indicando a aplicação do regulamento disposto pelo Poder Executivo.

d) **Catálogo eletrônico de padronização.** Consiste em um sistema informatizado de gerenciamento centralizado, feito para permitir a padronização de itens, especificações e modelos, nas licitações públicas.

16.8. Dos contratos

Em relação aos contratos, a Lei federal nº 13.303 talvez tenha proporcionado a grande mudança, em comparação aos regimes anteriores. Diferentemente da relação autoritária e vertical, repleta de poderes extravagantes em favor da Administração, a nova Lei gera uma maior simetria na relação contratual ("horizontalização" entre as partes).

Assim, prerrogativas como a alteração unilateral e rescisão unilateral foram mitigadas na nova Lei, alteração que induzirá a um outro nível de relacionamento contratual, entre a estatal e as empresas contratadas. Assim, por exemplo, os contratos celebrados pelas estatais devem prever cláusula que estabeleça a possibilidade de alteração, **por acordo entre as partes.**

Em relação à vigência, a duração dos contratos, na Lei das estatais, não pode exceder a **5 (cinco) anos**, contados a partir de sua celebração.

Há exceções à regra, para as seguintes hipóteses:

- para projetos contemplados no plano de negócios e investimentos da empresa pública ou da sociedade de economia mista;
- nos casos em que a pactuação por prazo superior a 5 (cinco) anos seja prática rotineira de mercado e a imposição desse prazo inviabilize ou onere excessivamente a realização do negócio.

▸ Atenção!

Embora a lógica da legislação tradicional, de contratos com vigência restrita a créditos orçamentários, tenha sido superada pela Lei das estatais, esta manteve a regra de vedação a contratos com vigência indeterminada.

Por fim, em relação às **sanções administrativas**, a Lei nº 13.303/2016 estabeleceu um regramento sancionatório usando como parâmetro a Lei nº 8.666/93.

Assim, pela **inexecução total ou parcial do contrato** a empresa pública ou a sociedade de economia mista poderá, garantida a prévia defesa, aplicar ao contratado as seguintes sanções:

- **advertência**;
- **multa**, na forma prevista no instrumento convocatório ou no contrato;
- **suspensão temporária** de participação em licitação e impedimento de contratar com a entidade sancionadora, por prazo não superior a 2 (dois) anos.

▸ Atenção!

A Lei das estatais não prevê a aplicação da sanção **declaração de inidoneidade**.

A sanção **suspensão temporária** poderá também ser aplicada às **empresas** ou aos **profissionais** que, em razão dos contratos regidos por esta Lei:

- tenham sofrido condenação definitiva por praticarem, por meios dolosos, fraude fiscal no recolhimento de quaisquer tributos;
- tenham praticado atos ilícitos visando a frustrar os objetivos da licitação;
- demonstrem não possuir idoneidade para contratar com a empresa pública ou a sociedade de economia mista em virtude de atos ilícitos praticados.

17. SÚMULAS DO STJ

- **Súmula 333.** Cabe mandado de segurança contra ato praticado em licitação promovida por sociedade de economia mista ou empresa pública.

18. SÚMULAS DO TCU

- **Súmula 39.** A inexigibilidade de licitação para a contratação de serviços técnicos com pessoas físicas ou jurídicas de notória especialização somente é cabível quando se tratar de serviço de natureza singular, capaz de exigir, na seleção do executor de confiança, grau de subjetividade insuscetível de ser medido pelos critérios objetivos de qualificação inerentes ao processo de licitação, nos termos do art. 25, inciso II, da Lei nº 8.666/1993 (**Alterada em 2011**).
- **Súmula 177.** A definição precisa e suficiente do objeto licitado constitui regra indispensável da competição, até mesmo como pressuposto do postulado de igualdade entre os licitantes, do qual é subsidiário o princípio da publicidade, que envolve o conhecimento, pelos concorrentes potenciais das condições básicas da licitação, constituindo, na hipótese particular da licitação para compra, a quantidade demandada uma das especificações mínimas e essenciais à definição do objeto do pregão.
- **Súmula 185.** A Lei nº 5.194, de 24/12/66, e, em especial, o seu art. 22, não atribuem ao autor do projeto o direito subjetivo de ser contratado para os serviços de supervisão da obra respectiva, nem dispensam a licitação para a adjudicação de tais serviços, sendo admissível, sempre que haja recursos suficientes, que se proceda aos trabalhos de supervisão, diretamente ou por delegação a outro órgão público, ou, ainda, fora dessa hipótese, que se

inclua, a juízo da administração e no seu interesse, no objeto das licitações a serem processadas para a elaboração de projetos de obras e serviços de engenharia, com expressa previsão no ato convocatório, a prestação de serviços de supervisão ou acompanhamento da execução, mediante remuneração adicional, aceita como compatível com o porte e a utilidade dos serviços.

- **Súmula 247.** É obrigatória a admissão da adjudicação por item e não por preço global, nos editais das licitações para a contratação de obras, serviços, compras e alienações, cujo objeto seja divisível, desde que não haja prejuízo para o conjunto ou complexo ou perda de economia de escala, tendo em vista o objetivo de propiciar a ampla participação de licitantes que, embora não dispondo de capacidade para a execução, fornecimento ou aquisição da totalidade do objeto, possam fazê-lo com relação a itens ou unidades autônomas, devendo as exigências de habilitação adequar-se a essa divisibilidade.

- **Súmula 248.** Não se obtendo o número legal mínimo de três propostas aptas à seleção, na licitação sob a modalidade convite, impõe-se a repetição do ato, com a convocação de outros possíveis interessados, ressalvadas as hipóteses previstas no parágrafo 7º, do art. 22, da Lei nº 8.666/1993.

- **Súmula 250.** A contratação de instituição sem fins lucrativos, com dispensa de licitação, com fulcro no art. 24, inciso XIII, da Lei n.º 8.666/93, somente é admitida nas hipóteses em que houver nexo efetivo entre o mencionado dispositivo, a natureza da instituição e o objeto contratado, além de comprovada a compatibilidade com os preços de mercado.

- **Súmula 252.** A inviabilidade de competição para a contratação de serviços técnicos, a que alude o inciso II do art. 25 da Lei nº 8.666/1993, decorre da presença simultânea de três requisitos: serviço técnico especializado, entre os mencionados no art. 13 da referida lei, natureza singular do serviço e notória especialização do contratado.

- **Súmula 253.** Comprovada a inviabilidade técnico-econômica de parcelamento do objeto da licitação, nos termos da legislação em vigor, os itens de fornecimento de materiais e equipamentos de natureza específica que possam ser fornecidos por empresas com especialidades próprias e diversas e que representem per-

centual significativo do preço global da obra devem apresentar incidência de taxa de Bonificação e Despesas Indiretas - BDI reduzida em relação à taxa aplicável aos demais itens.

- **Súmula 254.** O IRPJ - Imposto de Renda Pessoa Jurídica - e a CSLL - Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - não se consubstanciam em despesa indireta passível de inclusão na taxa de Bonificações e Despesas Indiretas - BDI do orçamento-base da licitação, haja vista a natureza direta e personalística desses tributos, que oneram pessoalmente o contratado.
- **Súmula 255.** "Nas contratações em que o objeto só possa ser fornecido por produtor, empresa ou representante comercial exclusivo, é dever do agente público responsável pela contratação a adoção das providências necessárias para confirmar a veracidade da documentação comprobatória da condição de exclusividade."
- **Súmula 257.** O uso do pregão nas contratações de serviços comuns de engenharia encontra amparo na Lei nº 10.520/2002.
- **Súmula 258.** "As composições de custos unitários e o detalhamento de encargos sociais e do BDI integram o orçamento que compõe o projeto básico da obra ou serviço de engenharia, devem constar dos anexos do edital de licitação e das propostas das licitantes e não podem ser indicados mediante uso da expressão 'verba' ou de unidades genéricas".
- **Súmula 259.** "Nas contratações de obras e serviços de engenharia, a definição do critério de aceitabilidade dos preços unitários e global, com fixação de preços máximos para ambos, é obrigação e não faculdade do gestor."
- **Súmula 261.** Em licitações de obras e serviços de engenharia, é necessária a elaboração de projeto básico adequado e atualizado, assim considerado aquele aprovado com todos os elementos descritos no art. 6º, inciso IX, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, constituindo prática ilegal a revisão de projeto básico ou a elaboração de projeto executivo que transfigurem o objeto originalmente contratado em outro de natureza e propósito diversos.
- **Súmula 262.** O critério definido no art. 48, inciso II, § 1º, alíneas "a" e "b", da Lei nº 8.666/93 conduz a uma presunção relativa de inexequibilidade de preços, devendo a Administração dar à licitante a oportunidade de demonstrar a exequibilidade da sua proposta.

- **Súmula 263.** Para a comprovação da capacidade técnico-operacional das licitantes, e desde que limitada, simultaneamente, às parcelas de maior relevância e valor significativo do objeto a ser contratado, é legal a exigência de comprovação da execução de quantitativos mínimos em obras ou serviços com características semelhantes, devendo essa exigência guardar proporção com a dimensão e a complexidade do objeto a ser executado.
- **Súmula 264.** A inexigibilidade de licitação para a contratação de serviços técnicos com pessoas físicas ou jurídicas de notória especialização somente é cabível quando se tratar de serviço de natureza singular, capaz de exigir, na seleção do executor de confiança, grau de subjetividade insuscetível de ser medido pelos critérios objetivos de qualificação inerentes ao processo de licitação, nos termos do art. 25, inciso II, da Lei nº 8.666/1993.
- **Súmula 265.** A contratação de subsidiárias e controladas com fulcro no art. 24, inciso XXIII, da Lei nº 8.666/93 somente é admitida nas hipóteses em que houver, simultaneamente, compatibilidade com os preços de mercado e pertinência entre o serviço a ser prestado ou os bens a serem alienados ou adquiridos e o objeto social das mencionadas entidades.
- **Súmula nº 269.** Nas contratações para a prestação de serviços de tecnologia da informação, a remuneração deve estar vinculada a resultados ou ao atendimento de níveis de serviço, admitindo-se o pagamento por hora trabalhada ou por posto de serviço somente quando as características do objeto não o permitirem, hipótese em que a excepcionalidade deve estar prévia e adequadamente justificada nos respectivos processos administrativos.
- **Súmula nº 270.** Em licitações referentes a compras, inclusive de **softwares**, é possível a indicação de marca, desde que seja estritamente necessária para atender a exigências de padronização e que haja prévia justificação.
- **Súmula n.º 274.** É vedada a exigência de prévia inscrição no Sistema de Cadastramento Unificado de Fornecedores – Sicaf para efeito de habilitação em licitação.
- **Súmula n.º 275.** Para fins de qualificação econômico-financeira, a Administração pode exigir das licitantes, de forma não cumulativa, capital social mínimo, patrimônio líquido mínimo ou garantias que assegurem o adimplemento do contrato a ser celebrado, no caso de compras para entrega futura e de execução de obras e serviços.

- **Súmula nº 281.** É vedada a participação de cooperativas em licitação quando, pela natureza do serviço ou pelo modo como é usualmente executado no mercado em geral, houver necessidade de subordinação jurídica entre o obreiro e o contratado, bem como de pessoalidade e habitualidade.
- **Súmula nº 283:** Para fim de habilitação, a Administração Pública não deve exigir dos licitantes a apresentação de certidão de quitação de obrigações fiscais, e sim prova de sua regularidade.
- **Súmula nº 286 (10/09/2014).** "A pessoa jurídica de direito privado destinatária de transferências voluntárias de recursos federais feitas com vistas à consecução de uma finalidade pública responde solidariamente com seus administradores pelos danos causados ao erário na aplicação desses recursos."
- **Súmula nº 287 (12/11/2014).** "É lícita a contratação de serviço de promoção de concurso público por meio de dispensa de licitação, com fulcro no art. 24, inciso XIII, da Lei 8.666/1993, desde que sejam observados todos os requisitos previstos no referido dispositivo e demonstrado o nexo efetivo desse objeto com a natureza da instituição a ser contratada, além de comprovada a compatibilidade com os preços de mercado."
- **Súmula nº 288 de 03/06/2015.** "O julgamento pela irregularidade de contas ordinárias ou extraordinárias prescinde de nova audiência ou citação em face de irregularidades pelas quais o responsável já tenha sido ouvido em outro processo no qual lhe tenha sido aplicada multa ou imputado débito".
- **Súmula nº 289 de 24/02/2016.** "A exigência de índices contábeis de capacidade financeira, a exemplo dos de liquidez, deve estar justificada no processo da licitação, conter parâmetros atualizados de mercado e atender às características do objeto licitado, sendo vedado o uso de índice cuja fórmula inclua rentabilidade ou lucratividade".

Capítulo 9

Contratos administrativos

1. INTRODUÇÃO

As demandas administrativas exigem que a Administração realize pactos negociais com terceiros. Quando precisa construir um prédio público, alugar um automóvel, contratar serviços de vigilância ou de limpeza, adquirir bens ou delegar contratualmente atividades, em todos esses casos, a máquina administrativa precisará formalizar uma relação negocial com outra pessoa, um contrato, que, diante do **regime jurídico-administrativo**, é influenciado por normas de direito público.

Com a ampliação das atribuições da máquina administrativa, tais relações tornaram-se cada vez mais diversas e complexas, impondo dificuldades à tentativa de pensar uma roupagem jurídica única para todos esses pactos negociais. Nesse ponto, é incorreta a tentativa de utilização da legalidade administrativa como obstáculo radical, mesmo quando as disposições legais são incompatíveis com as características do mercado específico.

De qualquer forma, os contratos realizados pela Administração se submetem a regras específicas, lastreadas no regime jurídico-administrativo, as quais geram prerrogativas e restrições para a Administração Pública.

Segundo a **Lei nº 8.666/93**, considera-se contrato todo e qualquer ajuste entre órgãos ou entidades da Administração Pública e particulares, em que haja um acordo de vontades para a formação de vínculo e a estipulação de obrigações recíprocas, seja qual for a denominação utilizada.

Ao mencionar expressamente a característica **consensual**, o estatuto expurga qualquer possibilidade de que determinados atos praticados pela Administração, em que inexiste o elemento de acordo de vontades, possam ser considerados **contratos da administração**. Nesse sentido, não se caracterizam como tais a desapropriação, a fiscalização, a tributação, entre outros.

Importante!

Despesas decorrentes de lei não se enquadram no conceito de contrato dado pela Lei nº 8.666/93. Assim, o pagamento de despesa relacionada ao seguro DPVAT não exige procedimento de licitação nem acarreta hipótese de dispensa ou inexigibilidade. Simplesmente, é incabível a aplicação do estatuto licitatório, pois não se trata de relação de natureza contratual (acordo de vontades), mas cumprimento de obrigação legal.

Da mesma forma, cumpre salientar que o STF possui entendimento de que o patrocínio de evento esportivo não pode ser compreendido como contratação administrativa sujeita à licitação (RE 574636/SP, Primeira Turma. Julgamento: 16/08/2011).

2. ESPÉCIES

Não há uniformidade na doutrina acerca do conceito de **contrato administrativo**. José dos Santos Carvalho Filho defende a existência de um conceito maior de "contratos da administração", que envolve dois conjuntos: os contratos administrativos e os contratos privados firmados pela Administração. Para Marçal Justen Filho, a expressão contrato administrativo indica um gênero que comporta, pelo menos, três espécies, quais sejam: contratos administrativos propriamente ditos (Ex: contrato de obra pública); contratos de direito privado praticados pela Administração (Ex: contrato de seguro ou locação) e contratos administrativos de delegação de atribuições administrativas (Ex: concessão de serviço público).

Tendo em vista a opção de tratar dos contratos de concessões em capítulo próprio sobre os serviços públicos, parece-nos mais adequada a classificação dual, que segmenta as espécies de contratos da administração em **contratos administrativos** e em **contratos privados da Administração**, de acordo com a incidência predominante das normas de direito público ou de direito privado.

Tais classificações advêm da dificuldade de estabelecer um tratamento único às relações negociais pactuadas pela Administração. Assim, **contratos administrativos** seriam aqueles em que há uma maior incidência das regras de direito público, com suas prerrogativas e restrições para a Administração, conquanto, nos **contratos privados da Administração**, o Poder Público firmaria negócios regulados, predominantemente, pelo direito privado, situando-se no mesmo plano jurídico da outra parte, sem deter, como regra, todas as prerrogativas e restrições determinadas pelo regime jurídico público aos contratos administrativos.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador Especial de Contas dos Municípios do Estado da Bahia (FCC/2011), com o seguinte enunciado: "*os contratos administrativos submetem-se a um regime jurídico diferenciado, que inclui a*", foi considerada correta a seguinte assertiva: "*presença de cláusulas exorbitantes, inclusive prevendo a possibilidade de aplicação de sanções administrativas como multa, advertência e impedimento de contratar com a Administração.*".

Na verdade, a Lei Geral de Licitações e Contratos (Lei nº 8.666/93) não indica tal classificação, mas afirma que os **contratos administrativos** regulam-se pelas suas cláusulas e pelos preceitos de direito público, aplicando-se-lhes, supletivamente, os princípios da teoria geral dos contratos e as disposições de direito privado. Em outro ponto, a mesma Lei Geral indica sua aplicação apenas parcial ("no que couber") aos contratos de seguro, de financiamento, de locação em que o Poder Público seja locatário e aos demais cujo conteúdo seja regido, predominantemente, por norma de direito privado, bem como aos contratos em que a Administração for parte como usuária de serviço público. Estes, para parte da doutrina, seriam os **contratos privados da Administração**.

Contudo, não obstante a preocupação do legislador em deixar clara a aplicação "no que couber" do regramento da **Lei nº 8.666/93**, a aplicação parcial das regras de direito público já desvirtua a condição eminentemente privada desses contratos.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para analista administrativo da ANA (Cespe/2006), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Os contratos administrativos são regulados pelos preceitos de direito público, com aplicação supletiva das disposições de direito privado*". No concurso para o cargo de Promotor de Justiça do Estado da Paraíba (MPE-PB/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Pode a Administração Pública contratar sob normas predominantes do direito privado, atuando em posição ordinária de igualdade com o particular contratado.*".

3. CARACTERÍSTICAS

A incidência do **regime jurídico de direito administrativo** traz algumas características peculiares ao **contrato administrativo**, já que

nele a Administração atua com restrições e com prerrogativas extraordinárias que a colocam em um patamar de superioridade em relação à parte contratada. Embora não haja uniformidade na doutrina, podem ser destacadas algumas características.

3.1. Formalismo

A legislação cobra especial atenção à necessidade de que os contratos firmados pela Administração sejam devidamente formalizados. Segundo a **Lei nº 8.666/93**, os contratos e seus aditamentos devem ser lavrados nas repartições interessadas. No caso de contratações relacionadas a direitos reais sobre imóveis, exige-se a formalização por instrumento lavrado em cartório de notas.

Em regra, o formalismo exige a formatação de um instrumento contratual, sendo nulo e de nenhum efeito o **contrato verbal** com a Administração. Excetuam-se as situações de pequenas compras de pronto pagamento, assim entendidas aquelas de valor não superior a 5% (cinco por cento) do valor máximo para a modalidade convite, em compras e serviços. É o chamado **regime de adiantamento**.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para analista do SERPRO (Cespe/2013), foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "Será nulo qualquer contrato administrativo celebrado e ajustado verbalmente com a administração pública".

Observação: como visto acima, há exceções legais que admitem o contrato verbal, como nas situações de pequenas compras de pronto pagamento.

▸ Importante!

Regime de adiantamento não significa adiantamento de pagamento. Ele tem relação com o "suprimento de fundos" ou a utilização de "cartão corporativo" e se caracteriza como um adiantamento de numerário a servidor, para que ele efetue o pagamento de despesas de pequeno vulto, para as quais se exija pagamento em espécie e imediato, relacionadas a prestações que dispensem continuidade de relacionamento contratual e não sejam passíveis de se subordinar à tramitação normal de contratação.

O **instrumento contratual** é obrigatório nos casos de concorrência e de tomada de preços, bem como nas dispensas e inexigibilidades cujos preços estejam compreendidos nos limites destas duas modalidades de licitação.

Importante ressaltar que, independente do valor, notadamente nos casos de compra com entrega imediata e integral dos bens adquiridos, os quais não resultem obrigações futuras (inclusive assistência técnica), o **instrumento contratual** pode ser substituído por outros instrumentos hábeis, tais como carta-contrato, nota de empenho de despesa, autorização de compra ou ordem de execução de serviço.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Delegado de Polícia de Pernambuco (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Com base nas regras e princípios relativos à licitação pública e aos contratos administrativos, assinale a opção correta." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "B) Na contratação direta de serviço de engenharia por dispensa ou inexigibilidade de licitação, se o valor da contratação for inferior a R$ 150.000,00, o instrumento de contrato não será obrigatório."

3.2. Publicidade

O princípio da publicidade exige transparência nos negócios realizados pela Administração. A publicação resumida do instrumento contratual ou de seus aditamentos na imprensa oficial é **condição indispensável para sua eficácia**. Ela deve ser providenciada até o quinto dia útil do mês seguinte ao de sua assinatura, para ocorrer no prazo de vinte dias daquela data, qualquer que seja o seu valor.

O eventual esgotamento do prazo para publicação não invalida o contrato, mas impede sua eficácia. Importante observar que, de acordo com a Orientação Normativa nº 33, da AGU, a publicação do ato que autoriza a contratação direta, na imprensa oficial, torna desnecessária a publicação do posterior extrato contratual.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para especialista em políticas públicas e gestão governamental (Cespe/2007), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Um contrato administrativo não publicado é um ato perfeito, válido e ineficaz*".

3.3. Natureza de contrato de adesão

A forte regulação dada pela Lei gera uma característica identificada pela doutrina como natureza de **contrato de adesão**. Entendendo

este como um contrato "cujas cláusulas tenham sido aprovadas pela autoridade competente ou estabelecidas unilateralmente", pode-se defender tal característica.

Contudo, é imprescindível perceber que as regras contratuais não são livremente dispostas pelo gestor. Diante da forte regulação legal, muitas cláusulas são estabelecidas pela Lei (art. 55), e não pelo órgão contratante. Nuance que resulta dessa diferença é o direito que tem o licitante de, antes mesmo da licitação e de eventual contratação, impugnar os termos do contrato (anexo do edital de licitação), exigindo a alteração de disposições contratuais contrárias à legislação.

3.4. Mutabilidade

A mutabilidade é uma das características do contrato administrativo, que permite sua alteração, inclusive unilateral, pela Administração, adequando o pacto negocial originariamente firmado ao interesse público. Conforme será visto adiante, as alterações unilaterais, enquanto cláusulas de privilégio, devem ser exercidas nos limites estabelecidos pelo legislador, sempre respeitando os princípios que conformam a atividade administrativa, como legalidade, impessoalidade, finalidade pública, moralidade, entre outros.

Dirley da Cunha Jr. lembra que a alteração ou mudança do contrato pode se dar por álea administrativa (ato unilateral da administração, fato do príncipe e fato da administração) ou por álea econômica (teoria da imprevisão). Deve-se acrescer ao raciocínio do ilustre autor, as alterações decorrentes de atos consensuais, além das alterações decorrentes de álea econômica ordinária, como ocorre com o reajuste e a repactuação.

O interesse público admite que o contrato administrativo seja alterado, de forma consensual ou unilateral, nos limites estabelecidos pelo legislador. Tais alterações podem decorrer de um ato da administração, enquanto contratante (alterações unilaterais ou consensuais, como ocorrem na prorrogação da vigência, na supressão ou no aumento do quantitativo); de ações ou omissões da Administração, não como contratante, mas enquanto Poder Público, com repercussão no contrato (Fato do Príncipe, como ocorre com o aumento de um tributo); de ações ou omissões da Administração, enquanto contratante, que prejudiquem ou desequilibrem a execução contratual (Fato da Administração, como ocorre na demora para liberação

do local da obra); além de situações econômicas ordinárias (previsíveis, como a inflação) e extraordinárias (fatos imprevisíveis ou de consequências incalculáveis).

No contrato administrativo, as alterações com repercussão econômica (sejam decorrentes de álea administrativa ou de álea econômica) geram o direito à respectiva recomposição, em benefício de qualquer das partes contratantes (tanto para o particular como para a Administração). Outrossim, a garantia constitucional de manutenção das "condições efetivas da proposta" (intangibilidade da equação econômica), impede que a Administração altere, unilateralmente, cláusulas econômico-financeiras e monetárias.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz federal do TRF1 (CESPE/2015) foi considerada correta a seguinte alternativa: "e) O contrato administrativo tem como uma de suas características a alteração unilateral; entretanto, apenas as cláusulas regulamentares (ou de serviço) podem ser alteradas unilateralmente, possibilidade essa que não alcança as cláusulas econômico-financeiras e monetárias".

No concurso para Juiz do TJ/AP (FCC/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "O regime jurídico dos contratos administrativos confere à Administração, em relação a eles, a prerrogativa de alterá-los unilateralmente, inclusive no tocante às cláusulas econômico-financeiras e monetárias".

No concurso para Procurador do Tribunal de Contas de São Paulo (FCC/2011), com seguinte enunciado: "A mutabilidade do contrato administrativo é"; foi considerada correta a seguinte alternativa: e) característica que permite à Administração Pública a alteração unilateral e limitada do contrato.

3.5. Cláusulas de privilégio (exorbitantes)

O regime jurídico dos contratos administrativos confere à Administração **prerrogativas**, que a colocam em um patamar de relativa superioridade, na relação contratual formada. Tais prerrogativas são autorizadas pela Lei e devem ser exercidas nos estritos limites estabelecidos por ela. O fundamento de validade de tais prerrogativas repousa na Lei, de maneira que não cabe o estabelecimento, no contrato, de prerrogativas extraordinárias não admitidas pelo legislador; por outro lado, a ausência de previsão no instrumento contratual não impede, em princípio, a existência dessas prerrogativas extraordinárias.

A utilização dessas prerrogativas deve sempre atender ao interesse público e respeitar os princípios que conformam o **regime jurídico-administrativo**, como a **proporcionalidade** e a **razoabilidade**. A condição de desigualdade contratual estabelecida pela Lei, em favor da Administração Pública, não pode ser ampliada arbitrariamente pelo gestor.

> **Importante!**
>
> O STJ tem se manifestado contrariamente à retenção do pagamento das faturas decorrente da imposição de exigências em relação à obrigação de manter a regularidade fiscal. Para o STJ, tal falha, por parte da empresa, pode gerar a rescisão contratual, mas não a retenção dos valores devidos. Conforme entendimento do STJ, uma vez que ela não consta do rol do art. 87 da Lei nº 8.666/93, a retenção do pagamento pelos serviços prestados não pode ser aplicada, como se sanção fosse, sob pena de violação ao princípio constitucional da legalidade.
>
> O TCU adota entendimento semelhante, vedando a retenção de pagamento por serviço já executado ou fornecimento já entregue, quando identificado inadimplemento das obrigações fiscais da contratada, sob pena de enriquecimento sem causa da Administração.

Conforme o artigo 58 da Lei nº 8.666/93, são exemplos dessas prerrogativas, chamadas pela doutrina de cláusulas exorbitantes ou cláusulas de privilégio:

- **Modificação unilateral dos contratos**
- **Rescisão unilateral dos contratos**
- **Aplicação de sanções**
- **Ocupação provisória**

As alterações econômicas dos contratos administrativos não poderão ser realizadas sem a garantia de **manutenção do equilíbrio contratual**.

Via de regra, as **prerrogativas** da Administração, nos casos de rescisão, independem da previsão contratual, pois decorrem da própria Lei. Assim, mesmo que omisso o contrato firmado, cabe a utilização delas em favor do Poder Público. Contudo, o STJ já se pronunciou no sentido de que é inviável a aplicação de penalidade ao adjudicatário que se recusa a assinar o contrato, sem que ela tenha sido prevista no edital (REsp 709.378/PE, DJe 03/11/2008).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz do TRF1 (Cespe/2015) foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: *"a) As cláusulas exorbitantes de que a administração pública pode lançar mão nos contratos administrativos não precisam constar dos instrumentos contratuais, mas deverão, necessariamente, estar previstas no edital da licitação".*

No 23º concurso para o cargo de Procurador da República, dentre várias assertivas, em relação às denominadas cláusulas exorbitantes, foram consideradas corretas as seguintes:

I. são lícitas no contrato administrativo, desde que decorrente da lei ou dos princípios que regem a atividade administrativa, porque visam estabelecer uma prerrogativa em favor de uma das partes para o atendimento do interesse público;

II. permitem à Administração a inoponibilidade da *exceptio non adimpleti contractus;*

III. possibilitam a rescisão unilateral do contrato pela Administração;

3.6. Imposição de ônus especiais

A incidência do regime jurídico de direito público admite que a legislação possa estabelecer alguns ônus especiais, para os particulares que contratam com o Poder Público. Nesse sentido, por exemplo, a Lei Complementar nº 123/2006 admite, no inciso II de seu artigo 48, que a administração pública poderá, em relação aos processos licitatórios destinados à aquisição de obras e serviços, exigir dos licitantes a subcontratação de microempresa ou empresa de pequeno porte.

Mais recentemente, objetivando estimular a contratação de ex-detentos, promovendo sua ressocialização e reinserção no mercado de trabalho, a Lei nº 13.500/2017 inseriu um novo dispositivo à Lei nº 8.666/93, para prever que a Administração Pública poderá exigir que as empresas contratadas pelo Poder Público tenham um mínimo de funcionários que sejam oriundos do sistema prisional. Assim, segundo a redação do novo §5º do artigo 40 da Lei nº 8.666/93, "A Administração Pública poderá, nos editais de licitação para a contratação de serviços, exigir da contratada que um percentual mínimo de sua mão de obra seja oriundo ou egresso do sistema prisional, com a finalidade de ressocialização do reeducando, na forma estabelecida em regulamento".

Cada unidade federativa terá autonomia para definir os termos para aplicação ou mesmo não aplicação desta regra de fomento à ressocialização de oriundos ou egressos do sistema prisional.

4. VIGÊNCIA DOS CONTRATOS

A **Lei nº 8.666/93**, em seu artigo 57, prescreve que, regra geral, os contratos devem durar enquanto vigentes os respectivos **créditos orçamentários**. Não obstante, o dispositivo apresenta algumas exceções, quais sejam:

a) Projetos cujos produtos estejam contemplados no plano plurianual PPA;

b) Serviços a serem executados de forma contínua (serviços contínuos);

c) Aluguel de equipamentos e a utilização de programas de informática;

d) Hipóteses previstas nos incisos IX, XIX, XXVIII e XXXI do art. 24 (**hipótese recentemente acrescentada pela Lei nº 12.349/2010**).

Deve-se atentar que são poucas as situações de exceção. Em regra geral, conforme o *caput* do artigo 57, os contratos vigorarão enquanto perdurar o respectivo crédito orçamentário, ou seja, até o fim do exercício financeiro.

> **Importante!**
> A vigência dos contratos regidos pelo *caput* do artigo 57 pode ultrapassar o exercício financeiro, desde que as despesas a eles referentes sejam integralmente empenhadas até 31 de dezembro, permitindo-se, assim, sua inscrição em restos a pagar. A indicação do crédito orçamentário e do respectivo empenho para atender a despesa relativa ao exercício futuro poderá ser formalizada por apostilamento (Vide ONs AGU nº 35 e 39/2011).

Os contratos de **serviços executados de forma contínua** poderão ser prorrogados por sucessivos períodos, respeitando-se o limite máximo de **sessenta meses**. Excepcionalmente, mediante justificativa e autorização da autoridade superior, esse prazo poderá ser estendido por **mais doze meses**.

Nesses contratos de serviços de natureza continuada, embora o prazo de vigência originário seja, em regra, de até 12 meses, admite-se, excepcionalmente, que ele seja fixado por período superior, quando fique tecnicamente demonstrado o benefício advindo para a administração. Admite-se também como juridicamente possível a prorrogação do contrato por prazo diverso da vigência anterior (Vide ON AGU nº 38/2011).

Importante!

A vigência do contrato de locação de imóveis em que a Administração Pública é locatária, rege-se pelo art. 51 da Lei nº 8.245/91, não estando sujeita ao limite máximo de sessenta meses, estipulado pelo inc. II do art. 57, da Lei nº 8.666/93 (ON AGU Nº 6/2009).

Os contratos de **aluguel de equipamentos** e de **utilização de programas de informática** poderão ser prorrogados, com duração máxima de **quarenta e oito meses.**

Conforme alteração feita pela **Lei nº 12.349/2010**, as contratações decorrentes das hipóteses previstas nos **incisos IX, XIX, XXVIII** e **XXXI do art. 24** poderão ter vigência por até **cento e vinte meses.**

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do TJ/AP (FCC/2014) foi considerada correta a seguinte alternativa: *"Excepcionalmente, determinados contratos, previstos no rol do art. 24 e celebrados com dispensa de licitação, podem ter vigência por até 120 meses, caso haja interesse da Administração".*

De acordo com a Lei nº 8.666/93, **é vedada a contratação com prazo de vigência indeterminado.** Contudo, tem-se entendido que a Administração Pública pode estabelecer a vigência por **prazo indeterminado** nos contratos em que seja parte como **usuária de serviços públicos prestados por único fornecedor** (por exemplo, água e esgoto). Como fundamentos para tal assertiva, são citados o tratamento diferenciado previsto pelo §3º do art. 62 da Lei nº 8.666/93 (já tratado acima) e o fato de que o preço do serviço público é uniforme para os usuários em geral, segundo a política tarifária que é da competência do poder concedente fixar, sendo desnecessária a constante prorrogação para identificação da vantajosidade e garantia da isonomia.

Atenção!

A Administração pode estabelecer a vigência por prazo indeterminado nos contratos em que seja usuária de serviços públicos essenciais de energia elétrica, água e esgoto, serviços postais monopolizados pela ECT (empresa brasileira de correios e telégrafos) e ajustes firmados com a Imprensa Nacional, desde que no processo da contratação estejam explicitados os motivos que justificam a adoção do prazo indeterminado e comprovadas, a cada exercício financeiro, a estimativa de consumo e a existência de previsão de recursos orçamentários. (ON AGU nº 36/2011)

Torna-se, em princípio, indispensável a fixação dos limites de vigência dos contratos administrativos, de forma que o tempo não comprometa as condições originais da avença, não havendo, entretanto, obstáculo jurídico à devolução de prazo, quando a Administração mesma concorre, em virtude da própria natureza do avençado, para interrupção da sua execução pelo contratante (Súmula 191 TCU).

A retomada de contrato cujo prazo de vigência encontra-se expirado configura recontratação sem licitação. Nesse sentido, a Orientação Normativa AGU Nº 3, de 01 abril de 2009, firmou o entendimento de que na análise dos processos relativos à prorrogação de prazo, os órgãos jurídicos devem verificar se não houve extrapolação do prazo de vigência ou solução de continuidade nos aditivos precedentes, já que essas hipóteses podem configurar a extinção do ajuste, impedindo sua prorrogação.

> **Atenção!**
>
> Convém lembrar que a garantia legal ou contratual do objeto tem prazo de vigência próprio e desvinculado daquele fixado no contrato, motivo pelo qual é possível a aplicação de penalidades em caso de descumprimento de alguma de suas condições, mesmo depois de expirada a vigência contratual. (Orientação Normativa AGU nº 51, de 25 de abril de 2014).

Por fim, importante distinguir os **contratos de escopo**, os quais se extinguem pela conclusão de seu objeto e não pela conclusão do prazo estabelecido. Nos contratos de escopo, o prazo de execução previsto no instrumento contratual é apenas moratório, não representando a extinção do pacto negocial, mas tão somente o prazo estipulado para sua execução.

O TCU, avançando em sua jurisprudência, tem admitido que a extinção dos contratos por escopo somente se opera com a conclusão do objeto e o seu recebimento pela Administração.

> **Atenção!**
>
> Nos contratos por escopo, inexistindo motivos para sua rescisão ou anulação, a extinção do ajuste somente se opera com a conclusão do objeto e o seu recebimento pela Administração, diferentemente dos ajustes por tempo determinado, nos quais o prazo constitui elemento essencial e imprescindível para a consecução ou a eficácia do objeto avençado. (Acórdão 1674/2014-Plenário, Info TCU 203)

4.1. Prorrogação contratual

A **prorrogação contratual** consiste no prolongamento do prazo contratual, com o mesmo contratado e nas mesmas condições. Deverá ser justificada por escrito e previamente autorizada pela autoridade competente para celebrar o contrato, sendo feita através de **termo aditivo**, firmado entre as partes contratantes.

Interessante pontuar que a Lei, ao tratar sobre a continuidade além do exercício financeiro, usa a expressão prorrogação em sentido amplo. Sugerimos, para fins didáticos, a divisão do gênero "prorrogação", em duas espécies: **renovação** e **prorrogação em sentido estrito**.

A **renovação** se dá quando há um prolongamento do contrato de serviços contínuos, por novo período, nas mesmas condições contratuais. Assim, por exemplo, um contrato de serviços contínuos de vigilância, com prazo de 12 meses, pode ser prorrogado (renovado), por mais 12 meses (nos termos do inciso II do artigo 57, da Lei n. 8.666/93) mantendo-se seu pagamento mensal, nos moldes do período anterior.

A **prorrogação em sentido estrito** ocorre em situações como as previstas pelo § 1º do artigo 57, também da Lei n. 8.666/93. Nela, o principal elemento envolvido na prorrogação é a vigência, e não o objeto contratual como um todo. O ato de prorrogação permite que os prazos de início das etapas de execução, de conclusão ou entrega sejam alterados (prorrogados), sem repercussão necessária no valor contratual. Isso ocorre quando, por exemplo, em razão da superveniência de fato excepcional, prorroga-se por mais 60 dias o prazo para a conclusão de uma obra.

▸ **Atenção!**

Tendo em vista nomenclatura adotada pela Lei, é comum o uso da expressão "prorrogação", tanto na hipótese de "renovação" como na de "prorrogação em sentido estrito".

A alteração das condições contratuais exige termo aditivo compatível com as demais regras estabelecidas pela legislação. Conforme já declarado pelo STJ, termo aditivo a contrato administrativo que fixa novo período de prestação de serviço, mediante novas condições, inéditas e estranhas ao certame, acrescentadas mediante negociação superveniente, com elementos estranhos à licitação, constitui um novo contrato, que exige novo procedimento licitatório (STJ, RMS 24.118/PR, DJe 15/12/2008).

5. ALTERAÇÕES CONTRATUAIS

Diante de alterações na necessidade administrativa a ser suprida, a Administração Pública pode promover alterações nas condições iniciais do contrato. Buscando evitar prejuízo ao interesse público tutelado pela relação contratual ou mesmo abusos gerenciais, relacionados à modificação do contrato, a legislação regrou as situações que admitem alteração dos contratos inicialmente firmados.

Lembramos que, entre as prerrogativas (cláusulas exorbitantes) estabelecidas em favor da Administração, encontra-se a de **modificação unilateral dos contratos.** Contudo, importante reiterar que tais prerrogativas são autorizadas pela Lei e devem ser exercidas nos estritos limites estabelecidos por ela.

A **alteração unilateral** só é admitida nas situações de:

- modificação do projeto, para **adequação técnica;**
- modificação do valor contratual, em decorrência de **acréscimo ou diminuição quantitativa.**

A doutrina nomeia a primeira situação de **modificação qualitativa** e a segunda de **modificação quantitativa.**

A **modificação quantitativa** sofre limitações para seus acréscimos e supressões. Parte da doutrina defende a inexistência de limites para as alterações decorrentes de **modificação qualitativa** (opinião da qual discordamos). Deve-se observar, contudo, a tendência dos órgãos de controle de coibir acréscimos injustificáveis, sob o argumento de modificação qualitativa.

Também é possível a realização de **alteração consensual.** Nesses casos, a Lei estabelece limites para os acréscimos, e não para a supressão. O artigo 65 da Lei nº 8.666/93 elenca casos de alteração dos contratos administrativos, que ilustramos no quadro abaixo:

Alterações dos contratos administrativos		
I - unilateralmente pela Administração	Modificação técnica do projeto (modificação qualitativa)	*Limites:* 25% - Regra geral 50% - Acréscimo em reforma de edifício ou equipamento
	Acréscimos ou diminuição (modificação quantitativa)	*Limites:* 25% - Regra geral 50% - Acréscimo em reforma de edifício ou equipamento

Alterações dos contratos administrativos		
II – por acordo das partes	Substituição de garantia, modificação do regime de execução ou da forma de pagamento	*Limites:* 25% – Regra geral (Acréscimos) 50% – Acréscimo em reforma de edifício ou equipamento
	Obs.: Inexistência de limites para supressão consensual	
III – Reequilíbrio econômico-financeiro inicial do contrato	*Limites:* **Não há**	

▸ **Atenção!**

"Os acréscimos e as supressões do objeto contratual devem ser sempre calculados sobre o valor inicial do contrato atualizado, aplicando-se a estas alterações os limites percentuais previstos no art. 65, § 1º, da lei nº 8.666, de 1993, sem qualquer compensação entre si." (Orientação Normativa AGU nº 50, de 25 de abril de 2014)

▸ **Atenção!**

O TCU admite, extraordinariamente, que alterações qualitativas extrapolem os limites legais. Os requisitos, para isso, foram estabelecidos pelo Plenário do Tribunal, em sua Decisão nº 215/1999, ainda hoje citada como referência.

Mesmo por consenso, são inadmissíveis alterações que desvirtuem o objeto contratual, de forma a descaracterizar aquilo que fora licitado. As **alterações consensuais** não podem criar beneficiamento que gere tratamento desigual em favor do contratante.

Na **alteração unilateral** do contrato, a qual aumente os encargos do contratado, deve ser resguardado o **reequilíbrio econômico-financeiro**, cabendo indenização por danos eventualmente decorrentes da supressão, desde que regularmente comprovados.

Quaisquer tributos ou encargos legais criados, alterados ou extintos, bem como a superveniência de disposições legais, quando ocorridas após a data da apresentação da proposta, de comprovada repercussão nos preços contratados, implicarão a revisão destes para mais ou para menos, conforme o caso.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz federal do TRF1 (CESPE/2015) foi considerada ERRADA a seguinte alternativa: "*b) Caso ocorra desequilíbrio do contrato devido a aumento da alíquota de tributo que incida sobre o objeto contratual, o particular contratado será beneficiado com a revisão contratual; entretanto, a administração não poderá reduzir o valor devido no ajuste na hipótese de haver diminuição da alíquota de tributo.*"

No concurso para Juiz do Tribunal de Justiça de Alagoas (CESPE/2008) foi considerada correta a seguinte alternativa: *c) Os contratos administrativos poderão ser legalmente alterados unilateralmente pela administração, quando houver modificação do projeto ou das especificações, para melhor adequação técnica aos seus objetivos.*

O contratado fica obrigado a aceitar, nas mesmas condições contratuais, os acréscimos ou supressões que se fizerem nas obras, serviços ou compras, até 25% (vinte e cinco por cento) do valor inicial atualizado do contrato, e, no caso particular de reforma de edifício ou de equipamento, até o limite de 50% (cinquenta por cento) para os seus acréscimos. De acordo com a Lei, o limite de 25% ou de 50% está relacionado ao valor do contrato.

Atenção!

Na hipótese de reforma de edifício ou de equipamento, o limite para supressão unilateral também é de 25%. O limite percentual de 50% envolve, apenas, os acréscimos unilaterais.

Os limites de aditamento devem ser verificados separadamente, tanto nos acréscimos quanto nas supressões de itens e quantitativos, e não pelo cômputo final que tais alterações (acréscimos menos decréscimos) possam provocar na equação financeira do contrato.

Outrossim, quando o aditivo gerar modificação de itens da planilha, é incabível a compensação de eventual subpreço na planilha contratual original com sobrepreços verificados em termos aditivos, uma vez que isso implica a redução da vantajosidade inicial da avença, alterando o equilíbrio econômico-financeiro em desfavor da Administração. Nesse sentido, vide Acórdão 349/2014-Plenário do TCU.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Tribunal de Contas do Amapá (FCC/2010), foi considerada correta a seguinte alternativa: *a) o aditamento do contrato até o limite de 50%, caso se trate de obra de reforma, independentemente de anuência do contratado.*

5.1. Aditivo e apostila

As alterações contratuais, em regra, exigem que seja firmado **termo aditivo** entre as partes. Este nada mais é do que o instrumento que formaliza a alteração das condições contratuais inicialmente estabelecidas.

A Lei nº 8.666/93 permite a utilização da **apostila** em algumas situações específicas, para as quais, entendeu o legislador, seria desnecessária a formatação de termo aditivo. Em síntese, a **apostila** é a anotação ou registro administrativo, realizado no contrato ou nos demais instrumentos hábeis que o substituem, podendo ser feita no verso da última página do contrato ou através da juntada, por meio de outro documento, ao termo de contrato ou aos demais instrumentos hábeis.

A **apostila** pode ser utilizada nos seguintes casos:

1. variação do valor contratual decorrente de reajuste previsto no contrato;
2. compensações ou penalizações financeiras (relacionadas ao pagamento);
3. empenho de dotações orçamentárias suplementares (até o valor corrigido).

> **Importante!**
> A Instrução Normativa nº 05/2017 do MPOG estabelece que "as repactuações, como espécie de reajuste, serão formalizadas por meio de apostilamento, exceto quando coincidirem com a prorrogação contratual, em que deverão ser formalizadas por aditamento".

5.2. Correção monetária

O inciso III do artigo 55 da Lei nº 8.666/93 estabelece que ela incidirá entre a data do adimplemento das obrigações e a do efetivo pagamento. A incidência inicia com o cumprimento da obrigação (que se efetiva com o recebimento do objeto) e não com a apresentação da fatura.

Tem-se entendido que a atualização monetária do pagamento é devida a partir do vencimento da respectiva obrigação, mesmo que reste ausente cláusula expressa a respeito, no contrato administrativo.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Promotor de Justiça do Estado da Paraíba (MPE-PB/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"Ainda que ausente no contrato administrativo cláusula expressa a respeito, a atualização monetária é devida a partir do vencimento da respectiva obrigação"*.

5.3. Revisão econômica do contrato

Visando a proteger a equação econômica do contrato, a Constituição Federal exigiu a manutenção das condições efetivas da proposta (inciso XXI do art. 37). O legislador, regulamentando tal disposição, previu dois institutos: o **reajuste** (em sentido amplo), vinculado à álea ordinária, e o **reequilíbrio econômico-financeiro**, vinculado à álea extraordinária.

- **Reajuste.** É o instrumento para recomposição econômica da **álea ordinária**, relacionada à possível ocorrência de um evento futuro (econômico) desfavorável, mas previsível ou suportável, por ser usual no negócio efetivado. Trata-se de uma atualização periódica e ordinária das condições da proposta. O **reajuste** deve ser previsto nos contratos com prazo de duração igual ou superior a um ano, ocorrendo com periodicidade anual. Ele pode ser classificado em duas espécies: **reajuste em sentido estrito** e **repactuação.**

a) **reajuste em sentido estrito.** Nos termos da Lei nº 10.192/2001, o reajuste ocorrerá com periodicidade anual, contada a partir da data limite para apresentação da proposta ou do orçamento a que essa se referir. No reajuste em sentido estrito, os índices aplicados para refletir a variação dos custos devem estar previamente estabelecidos no contrato. Vale lembrar que o art. 55 da Lei nº 8.666, de 1993, determina como uma das cláusulas necessárias ou essenciais ao contrato, as que estabelecem os critérios, data-base e periodicidade do reajuste de preços.

b) **repactuação.** É uma forma de recomposição ordinária específica das prestações de serviços em que os custos do objeto licitado envolvem, essencialmente, mão-de-obra "serviços continuados com dedicação exclusiva de mão de obra"). Nela adota-se a efetiva alteração dos custos contratuais, de acordo com a variação dos componentes dos

custos de mão de obra. O aumento do salário da categoria (ex: vigilante) relacionada à prestação do serviço contratado (ex: serviço de vigilância), gera o direito à repactuação.

A repactuação é um direito disponível da parte contratante. Como tal, a concordância da empresa na manutenção da continuidade do contrato (prorrogação), sem pedido de alteração de seus valores (repactuação), implica opção pela não revisão econômica ordinária do contrato e a consequente **preclusão lógica** do seu direito de repactuar o período anterior.

- **Reequilíbrio econômico-financeiro.** Está relacionado a eventos imprevisíveis ou previsíveis, porém de consequências incalculáveis, retardadores ou impeditivos da execução do ajustado, ou ainda, em caso de força maior, caso fortuito ou fato do príncipe, configurando **álea econômica extraordinária** e **extracontratual.**

Não há interregno mínimo para a utilização deste instrumento de recomposição da equação econômica, nem limite na revisão.

A manutenção do equilíbrio econômico não deve proteger e resguardar apenas o particular; tal intangibilidade pode favorecer também a Administração. São exemplos de situações que em tese podem gerar **reequilíbrio** econômico-financeiro do contrato administrativo:

- modificação superveniente, pela Administração, do projeto a ser executado pelo contratado.
- elevação da carga tributária incidente especificamente sobre o objeto contratual.
- situação de fato preexistente ou não, de impossível conhecimento ou previsão, que onera a contratação.
- fato imprevisível da natureza que atrasa ou torna mais custosa a prestação contratual.

▸ Importante!

Entendemos que o contrato administrativo pode ser um instrumento de alocação de riscos, inclusive em relação à álea extraordinária, para ganho de eficiência econômica, na relação contratual. Assim, por exemplo, é possível que determinado risco, relacionado a caso fortuito, seja previsto contratualmente como responsabilidade do contratado, motivo pelo qual, sua ocorrência não gerará direito a reequilíbrio econômico.

A adaptação do contrato administrativo às situações imprevistas é medida necessária à proteção do interesse público. A garantia de estabilidade jurídica serve como atrativo ao capital, já que dá segurança aos investimentos. Isso produz aumento na competitividade, por gerar maior interesse nos participantes das licitações públicas, beneficiando a busca pela melhor proposta.

▸ **Atenção!**

A atualização periódica e ordinária da expressão monetária do contrato se caracteriza como reajuste (álea ordinária) e não como revisão do equilíbrio econômico (álea extraordinária).

Conforme entendimento do STJ, "não se mostra razoável o entendimento de que a inflação possa ser tomada, no Brasil, como álea extraordinária, de modo a possibilitar algum desequilíbrio na equação econômica do contrato" (STJ, REsp 744.446-DF. Informativo nº 352).

No mesmo sentido, segundo o TCU, a mera variação de preços de mercado não é suficiente para determinar a realização de reequilíbrio econômico-financeiro do contrato, sendo essencial a presença de uma das hipóteses previstas no art. 65, inciso II, alínea "d", da Lei 8.666/93. Diferenças entre os preços contratuais reajustados e os de mercado é situação previsível, já que dificilmente os índices contratuais refletem perfeitamente a evolução do mercado. (Acórdão 3024/2013-Plenário, Info TCU 177).

Por fim, convém salientar que a concessão de participação nos lucros e resultados a empregados de empresas que prestam serviços continuados à Administração não gera direito à repactuação ou ao reequilíbrio econômico. Nesse sentido, *vide* Acórdão nº 3336/2012, do Plenário do TCU.

Podemos apontar o seguinte quadro-resumo:

Reajuste (em sentido amplo)	Reajuste em sentido estrito	Álea ordinária
	Repactuação	Álea ordinária
Reequilíbrio econômico	Reequilíbrio econômico	Álea extraordinária

▸ **Importante:**

Sobre os institutos de revisão econômica dos contratos administrativos, a AGU publicou algumas Orientações Normativas, que aqui destacamos:

- No caso das repactuações subsequentes à primeira, o interregno de um ano deve ser contado da última repactuação correspondente à mesma parcela objeto da nova solicitação. Entende-se como última repactuação a data em que iniciados seus efeitos financeiros, independentemente daquela em que celebrada ou apostilada. **(Orientação Normativa AGU Nº 26, de 01 abril de 2009, com redação alterada em dezembro de 2011).**
- No contrato de serviço continuado com dedicação exclusiva de mão de obra, o interregno de um ano para que se autorize a repactuação deverá ser contado da data do orçamento a que a proposta se referir, assim entendido o acordo, convenção ou dissídio coletivo de trabalho, para os custos decorrentes de mão de obra, e da data limite para a apresentação da proposta em relação aos demais insumos. **(Orientação Normativa AGU Nº 25, de 01 abril de 2009, com redação alterada em dezembro de 2011).**
- O contrato de serviço continuado sem dedicação exclusiva de mão de obra deve indicar que o reajuste dar-se-á após decorrido o interregno de um ano contado da data limite para a apresentação da proposta. **(Orientação Normativa AGU Nº 24, de 01 abril de 2009, com redação alterada em dezembro de 2011).**
- O edital ou o contrato de serviço continuado deverá indicar o critério de reajustamento de preços, sob a forma de reajuste em sentido estrito, admitida a adoção de índices gerais, específicos ou setoriais, ou por repactuação, para os contratos com dedicação exclusiva de mão de obra, pela demonstração analítica da variação dos componentes dos custos. **(Orientação Normativa AGU Nº 23, de 07 de abril de 2009, com redação alterada em dezembro de 2011).**
- O reequilíbrio econômico-financeiro pode ser concedido a qualquer tempo, independentemente de previsão contratual, desde que verificadas as circunstâncias elencadas na letra "d" do inc. II do art. 65, da Lei nº 8.666, de 1993. **(Orientação Normativa AGU Nº 22, de 07 de abril de 2009).**

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Analista de Finanças e Controle, do Ministério da Fazenda (ESAF/2013), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"A concessão de benefício de participação nos lucros e resultados a empregados de empresas que prestam serviços continuados à Administração justifica a promoção de reequilíbrio econômico-financeiro do respectivo contrato."*

No 20º concurso para o cargo de Procurador da República, foi considerada correta a seguinte alternativa: *c) é possível a alteração do contrato administrativo para restabelecer o equilíbrio econômico-financeiro da*

avença na hipótese de superveniência de fatos previsíveis, mas de consequências incalculáveis, que retardem ou impeçam a execução do que foi contratado. No concurso para Procurador do Estado do Amazonas (FCC/2010), com a seguinte ementa: *"NÃO é causa de revisão do equilíbrio econômico-financeiro do contrato administrativo"*. Foi considerada correta a seguinte assertiva: *"d) a necessidade de atualização periódica da expressão monetária do contrato"*.

6. EXECUÇÃO DO CONTRATO

O contrato deverá ser executado fielmente pelas partes, de acordo com as cláusulas avençadas e as normas legais, respondendo, cada parte, pelas consequências de sua inexecução total ou parcial.

6.1. Fiscalização do contrato

A Administração deve designar representante para acompanhar e fiscalizar a execução contratual. Denomina-se este representante de **fiscal do contrato**, que, em contratações complexas, pode receber assistência ou subsídios de terceiros contratados pela Administração. Preferencialmente, a fiscalização deve ser feita por técnico da área relacionada à contratação.

As atividades de fiscalização e de supervisão de contrato devem ser realizadas por agentes administrativos distintos (princípio da segregação das funções), o que favorece o controle e a segurança do procedimento de liquidação de despesa. Diante da **segregação de funções** e das competências específicas, a IN 05/2017, da Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, indica os seguintes agentes responsáveis pelo acompanhamento e a fiscalização do contrato:

- **Gestor do contrato:** servidor designado para coordenar e comandar o processo da fiscalização da execução contratual;
- **Fiscal técnico do contrato:** servidor designado para auxiliar o gestor do contrato quanto à fiscalização do objeto do contrato;
- **Fiscal administrativo do contrato:** servidor designado para auxiliar o gestor do contrato quanto à fiscalização dos aspectos administrativos do contrato.
- **Fiscalização setorial:** acompanhamento da execução do contrato nos aspectos técnicos ou administrativos, quando a prestação dos serviços ocorrer concomitantemente em seto-

res distintos ou em unidades desconcentradas de um mesmo órgão ou entidade.

- **Fiscalização pelo público usuário:** acompanhamento da execução contratual por pesquisa de satisfação junto ao usuário, com o objetivo de aferir os resultados da prestação dos serviços, os recursos materiais e os procedimentos utilizados pela contratada, quando for o caso, ou outro fator determinante para a avaliação dos aspectos qualitativos do objeto.

Atenção!

É possível a contração da empresa que elaborou projeto básico ou executivo de obra, para exercer as funções de fiscalização, supervisão ou gerenciamento do empreendimento.

A prerrogativa de fiscalização está relacionada à execução contratual, de forma que cláusula contratual que impuser poder de fiscalização estranho ao objeto do contrato extrapolará os limites legais. Nesse sentido, o STJ tem se manifestado contrariamente à **retenção do pagamento** das faturas decorrente da imposição de exigências em relação à obrigação de manter a regularidade fiscal (STJ, Ag 1030498/RO. DJe 10/10/2008).

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Analista de Finanças e Controle, do Ministério da Fazenda (ESAF/2013), foi considerada correta a seguinte assertiva: "A contratação de empresa que elaborou o projeto básico ou executivo de obra para exercer as funções de fiscalização, supervisão ou gerenciamento do empreendimento encontra amparo na Lei n. 8.666/93".

Com relação aos serviços executados em desacordo ao contratado, a Instrução Normativa nº 05/2017, da Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, regulamentou a possibilidade de **glosa ou retenção parcial.** A glosa permite o redimensionamento no pagamento com base nos indicadores estabelecidos, sempre que a contratada:

a) não produzir os resultados, deixar de executar, ou não executar com a qualidade mínima exigida as atividades contratadas; ou

b) deixar de utilizar materiais e recursos humanos exigidos para a execução do serviço, ou utilizá-los com qualidade ou quantidade inferior à demandada.

Eventual glosa do pagamento (pela deficiência do serviço prestado) é possível, mas exige regras claras e objetivas da mensuração de resultados, que permitam compreender a glosa objetivamente, como condição autorizadora de pagamento parcial do valor contratado, em virtude da prestação parcial do serviço.

Os critérios de aferição de resultados deverão ser preferencialmente dispostos na forma de **Instrumento de Medição de Resultado (IMR)** ou **Acordos de Nível de Serviços (ANS)**, que devem prever critério objetivo de mensuração de resultados, adequando o pagamento aos resultados efetivamente obtidos.

▸ **Atenção!**

Instrumento de Medição De Resultado (IMR) é um mecanismo que define, em bases compreensíveis, tangíveis, objetivamente observáveis e comprováveis, os níveis esperados de qualidade da prestação do serviço e respectivas adequações de pagamento.

6.2. Responsabilidade do contratado

O contratado é obrigado a reparar, corrigir, remover, reconstruir ou substituir, às suas expensas, total ou parcialmente, o objeto do contrato, quando se verificarem vícios, defeitos ou incorreções resultantes da execução ou de materiais empregados.

O poder de fiscalização da Administração não exclui ou reduz a responsabilidade do contratado pelos danos causados à Administração ou a terceiros, decorrentes de sua culpa ou dolo na execução do contrato.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Federal substituto da 5ª Região (CESPE/2013), foi considerada correta a seguinte assertiva: "O contratado é responsável pelos danos causados diretamente a terceiros ou à administração decorrentes de sua culpa ou dolo na execução do contrato. Essa responsabilidade não se exclui nem se reduz se tiver havido fiscalização ou acompanhamento pelo órgão interessado."

6.3. Encargos trabalhistas e responsabilidade subsidiária

De acordo com a Lei nº 8.666/93 (art. 71), o contratado é responsável pelos encargos trabalhistas, fiscais e comerciais resultantes da

execução do contrato. O dispositivo reafirma tal condição, destacando que a inadimplência do contratado, com referência aos encargos trabalhistas, fiscais e comerciais, não transfere à Administração Pública a responsabilidade por seu pagamento nem poderá onerar o objeto do contrato ou restringir a regularização e o uso das obras e edificações, inclusive perante o Registro de Imóveis.

Contudo, para efeito de responsabilidade por obrigações trabalhistas, a Justiça do Trabalho igualava a Administração a qualquer tomador de serviços, impondo-lhe responsabilidade subsidiária. Nesse sentido, o TST havia publicado o Enunciado 331, que assim estipulava, em seu inciso IV: *"o inadimplemento das obrigações trabalhistas, por parte do empregador, implica a responsabilidade subsidiária do tomador dos serviços, quanto àquelas obrigações,* ***inclusive quanto aos órgãos da administração direta, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista,*** *desde que hajam participado da relação processual e constem também do título executivo judicial..."*

Contrariando o dispositivo legal, a jurisprudência trabalhista posicionava-se pela responsabilidade subsidiária da Administração, frente às obrigações trabalhistas das empresas contratadas. Desde a primeira edição de nosso livro "Leis de licitações públicas comentadas"[1], manifestamos nossa respeitosa discordância em relação ao posicionamento da Justiça Obreira. Defendíamos que a responsabilização subsidiária por ela imposta exigiria, tecnicamente, a declaração de inconstitucionalidade do § 1º do artigo 71 da Lei nº 8.666/93.

Outrossim, diferentemente do que afirmam alguns julgados, não há culpa *in eligendo* por parte da Administração. Inexiste uma escolha pessoal e negligente do prestador de serviço, pela Administração Pública, já que a aplicação do regime jurídico estabelecido impõe uma seleção isonômica e impessoal, nos termos dados pela Lei. A compreensão da Justiça Obreira pressupunha uma situação de subordinação e estabilidade, no trabalho entre os empregados da empresa contratada e a Administração, que deve, inclusive, ser combatida nos órgãos públicos. Estes, em suas licitações, devem visar à contratação de bens, obras, serviços, entre outros. Mesmo nos contratos chamados de terceirização de mão de obra, em última análise, a contratação deve objetivar os serviços a serem prestados,

1. Para aprofundamento, sugerimos a leitura de nosso livro "Leis de licitações públicas comentadas", indicado entre as referências desta obra.

que podem ser executados por qualquer empregado da contratada, de acordo com as exigências apontadas pelo edital, sem subordinação ou relação de estabilidade. A permanência estabilizada de terceirizados em um mesmo órgão apenas contribui para a quebra da impessoalidade e para a fragilização do controle administrativo sobre a execução contratual.

Também não se justificava a imputação sumária de responsabilidade à Administração, sob o argumento da *culpa in vigilando*. Nos limites da Lei, a fiscalização a ser promovida pela Administração Pública está relacionada ao objeto contratual e não à relação de emprego existente entre a empresa e seus empregados, de forma que eventual culpa *in vigilando*, por ação ou omissão, não pode ser presumida sumariamente, diante da existência de inadimplemento de verbas trabalhistas. Para responsabilização da Administração Pública tomadora do serviço, a culpa administrativa deve ser efetivamente demonstrada no caso concreto, com a indicação da falha observada.

O Supremo Tribunal Federal, no julgamento da ADC nº 16, em novembro de 2010, por maioria e nos termos do voto do Relator, Ministro Cezar Peluso, **julgou procedente a Ação Declaratória de Constitucionalidade, reputando como constitucional o artigo 71 da Lei nº 8.666/93.** Tal decisão, de forma correta, evita o quadro de responsabilização sumária em detrimento da Administração Pública tomadora de serviços terceirizados.

Com o julgamento da ADC 16, pelo STF, e a consequente declaração de constitucionalidade do § 1º do artigo 71 da Lei n. 8.666/93, o TST alterou a redação de seu enunciado nº 331, diferenciando o tratamento dado à Administração Pública daquele reservado aos demais tomadores de serviço. De acordo com a nova redação do enunciado, **os entes integrantes da administração pública direta e indireta respondem subsidiariamente, pelo inadimplemento das obrigações trabalhistas (*desde que haja participado da relação processual e conste também do título executivo judicial*), caso seja evidenciada a sua conduta culposa no cumprimento das obrigações da Lei nº 8.666/93, especialmente na fiscalização do cumprimento das obrigações contratuais e legais da prestadora de serviço como empregadora.** O enunciado pontua que a aludida responsabilidade subsidiária não decorre de mero inadimplemento das obrigações trabalhistas assumidas pela empresa regularmente contratada.

Nesse sentido, o STF já assentou que a responsabilidade subsidiária da Administração Pública por encargos trabalhistas somente

tem lugar quando há prova taxativa do nexo de causalidade entre a conduta de agentes públicos e o dano sofrido pelo trabalhador, não sendo admissível atribuir-se responsabilidade, por mera presunção de culpa da Administração (STF, Rcl 16671, julgado em 23/06/2015). Afronta a autoridade da decisão proferida no julgamento da ADC 16, a transferência à Administração Pública da responsabilidade pelo pagamento de encargos trabalhistas sem a indicação de específica conduta que fundamente o reconhecimento de sua culpa (STF, Rcl 22244, julgado em 17/11/2015).

Mais recentemente, o STF reiterou que "o inadimplemento dos encargos trabalhistas dos empregados do contratado não transfere automaticamente ao Poder Público contratante a responsabilidade pelo seu pagamento, seja em caráter solidário ou subsidiário, nos termos do art. 71, § 1º, da Lei nº 8.666/93" (STF. RE 760931/DF, Julg.: 26/04/2017). Nesta feita, para não afrontar o entendimento sedimentado pelo STF, eventual responsabilidade subsidiária por débitos trabalhistas exige a identificação de culpa na fiscalização, em detrimento do órgão público contratante.

▸ **Atenção!**

A responsabilidade subsidiária não envolve apenas os salários não pagos, mas todas as verbas decorrentes da condenação referentes ao período da prestação laboral (Enunciado 331, VI). O TST tem firmado o entendimento de que a condenação subsidiária do tomador de serviços abrange todas as verbas não adimplidas pelo devedor principal (TST, RR 31800, Publ. 26/08/2011).

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, o STJ (REsp 1444957/MG, DJe 16/08/2016) tem entendido que a responsabilidade pelo pagamento dos direitos autorais, na hipótese de execução de obra musical em evento realizado por empresa contratada, para esse fim, mediante licitação, não pode ser transferida para a Administração, salvo se comprovada a ação culposa desta última quanto ao dever de fiscalizar o cumprimento dos contratos públicos (***culpa in eligendo*** ou ***in vigilando***).

6.4. Encargos previdenciários

A Administração Pública responde **solidariamente** com o contratado pelos encargos previdenciários resultantes da execução do contrato, nos termos da legislação previdenciária.

Sobre o tema, o Parecer AGU AC-55, aprovado pelo Presidente da República em 20/11/2006, confirmou a responsabilidade solidária por encargos previdenciários, embora tenha ressalvado que "*atualmente, a Administração Pública não responde, nem solidariamente, pelas obrigações para com a Seguridade Social devidas pelo construtor ou subempreiteira contratados para a realização de obras de construção, reforma ou acréscimo, qualquer que seja a forma de contratação, desde que não envolvam a cessão de mão-de-obra, ou seja, desde que a empresa construtora assuma a responsabilidade direta e total pela obra ou repasse o contrato integralmente*".

▸ **Atenção!**

Com relação aos encargos previdenciários, a responsabilidade da Administração é **solidária**.

6.5. Subcontratação

O contratado, sem prejuízo das responsabilidades contratuais e legais, poderá subcontratar partes da obra, serviço ou fornecimento, até o limite admitido, em cada caso, pela Administração. A possibilidade de subcontratação e seus limites devem ser estipulados pelo edital.

Havendo subcontratação, tais empresas também devem respeitar as exigências estabelecidas pela legislação, para fins de contratação com a Administração Pública.

▸ **Atenção!**

A subcontratação total do objeto, em que se evidencia a mera colocação de interposto entre a Administração Pública contratante e a empresa efetivamente executora (subcontratada), é irregularidade ensejadora de débito, o qual corresponde à diferença entre os pagamentos recebidos pela empresa contratada e os valores por ela pagos na subcontratação integral. (Acórdão 1464/2014-Plenário, Info TCU 200).

6.6. Recebimento provisório e recebimento definitivo

O objeto contratual será recebido provisória e definitivamente. A Lei nº 8.666/93, em seu artigo 73, estabeleceu regras e prazos para tais procedimentos.

O **Recebimento provisório** é feito pelo fiscal do contrato, enquanto o **recebimento definitivo** é feito por servidor ou comissão designada pela autoridade competente. A diferença se justifica, pois o recebimento definitivo pressupõe a análise e a avaliação detalhada da prestação contratual, para sua consequente aceitação.

Nem o recebimento provisório nem o definitivo têm o condão de excluir a responsabilidade civil pela perfeita execução do contrato.

Poderá ser dispensado o recebimento provisório nas seguintes situações: gêneros perecíveis e alimentação preparada; serviços profissionais; obras e serviços de valor até o limite da modalidade convite (para compras e serviços), desde que não se componham de aparelhos, equipamentos e instalações sujeitos à verificação de funcionamento e produtividade.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do TCU (CESPE/2004), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*Em todos os contratos administrativos relativos a obras, devem estar estabelecidas obrigatoriamente duas etapas de recebimento do objeto: a do recebimento provisório e a do recebimento definitivo*".

6.7. Mediação e autocomposição de conflitos, no âmbito da administração pública

A **Lei federal nº 13.140/2015** dispôs sobre **a mediação e autocomposição de conflitos**, no âmbito da administração pública.

Como já dito anteriormente, a competência privativa da União (**inciso XXVII do artigo 22 da Constituição Federal**) para legislar sobre contratações públicas, restringe-se às normas gerais, motivo pelo qual os demais entes federativos possuem competência legislativa comum para legislar sobre as pertinentes normas específicas.

Em suma, para a União Federal, há uma competência legislativa privativa, no que tange às regras gerais, e uma competência legislativa comum, no que se refere às regras específicas. Nessa feita, naquilo que é geral, ao tratar sobre contratações públicas, a Lei federal nº 13.140/2015 possui caráter nacional, aplicando-se a todos os entes da Federação; naquilo que remete a especificidades, ela regula apenas o campo federal, estando os demais entes livres para aprovarem disposições próprias.

Cabe registrar que o novo Código de Processo Civil diferencia o **conciliador**, do **mediador**.

Segundo o novo CPC, o **conciliador** atua, preferencialmente, nos casos em que não há vínculo anterior entre as partes, sugerindo soluções para o litígio, sem qualquer tipo de constrangimento ou intimidação. O **mediador** atua, preferencialmente, nos casos em que houver vínculo anterior entre as partes, auxiliando os interessados a compreender as questões e os interesses em conflito, de modo que eles possam, pelo restabelecimento da comunicação, identificar, por si próprios, soluções consensuais que gerem benefícios mútuos.

Já na **arbitragem**, as partes interessadas decidem submeter a solução de seus litígios ao juízo arbitral, mediante convenção de arbitragem, assim entendida a cláusula compromissória e o compromisso arbitral. A **cláusula compromissória** é a convenção através da qual as partes se comprometem a submeter, à arbitragem, os litígios que possam vir a surgir. O **compromisso arbitral** é a convenção através da qual as partes submetem um litígio à arbitragem de uma ou mais pessoas, podendo ser judicial ou extrajudicial.

A arbitragem poderá ser de direito ou de equidade, a critério das partes; contudo, quando envolver a Administração Pública, a arbitragem será sempre **de direito** e respeitará o princípio da **publicidade**.

6.7.1. Regras gerais (válidas para todos os entes)

Segundo a Lei federal nº 13.140/2015, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão criar **câmaras de prevenção e resolução administrativa de conflitos**, no âmbito dos respectivos órgãos da **Advocacia Pública**, onde houver, com competência para:

a) dirimir conflitos entre órgãos e entidades da administração pública;

b) avaliar a admissibilidade dos pedidos de resolução de conflitos, por meio de composição, no caso de controvérsia entre particular e pessoa jurídica de direito público;

c) promover, quando couber, a celebração de termo de ajustamento de conduta.

Cada ente federado disciplinará, em regulamento, o modo de composição e funcionamento das respectivas câmaras. Outrossim, a submissão do conflito às câmaras é **facultativa** e será cabível apenas nos casos previstos no regulamento do respectivo ente federado.

O órgão da Advocacia Pública (da União, dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios), onde houver, poderá instaurar, **de ofício ou mediante provocação**, procedimento de mediação coletiva de conflitos relacionados à prestação de serviços públicos.

Compreendem-se na competência das câmaras, a prevenção e a resolução de conflitos que envolvam equilíbrio econômico-financeiro de contratos celebrados pela administração, com particulares.

▸ **Atenção!**

Não se incluem na competência dos órgãos da Advocacia Pública, as controvérsias que somente possam ser resolvidas por atos ou concessão de direitos sujeitos a autorização do Poder Legislativo.

A instauração de procedimento administrativo para a resolução consensual de conflito, no âmbito da administração pública, **suspende a prescrição**. Nesses casos, considera-se instaurado o procedimento quando o órgão ou entidade pública emitir **juízo de admissibilidade**, retroagindo a suspensão da prescrição à data de formalização do pedido de resolução consensual do conflito. Quando tratar-se de matéria tributária, a suspensão da prescrição deverá observar o disposto no Código Tributário Nacional.

Havendo consenso entre as partes, o acordo será reduzido a termo e constituirá **título executivo extrajudicial.**

6.7.2. Regras específicas (válidas para a Administração federal)

A propositura de ação judicial em que figurem concomitantemente nos polos ativo e passivo órgãos ou entidades de direito público que integrem a administração pública federal deverá ser previamente autorizada pelo Advogado-Geral da União.

O Advogado-Geral da União, diretamente ou mediante delegação, e os dirigentes máximos das empresas públicas federais, em conjunto com o dirigente estatutário da área afeta ao assunto, poderão autorizar a realização de acordos ou transações para prevenir ou terminar litígios, inclusive os judiciais.

De acordo com a Lei federal nº 13.140/2015, as controvérsias jurídicas que envolvam a administração pública federal direta, suas autarquias e fundações poderão ser objeto de transação por adesão, com fundamento em:

a) autorização do Advogado-Geral da União, com base na jurisprudência pacífica do Supremo Tribunal Federal ou de tribunais superiores; ou

b) parecer do Advogado-Geral da União, aprovado pelo Presidente da República.

Os requisitos e as condições da transação por adesão serão definidos em resolução administrativa própria. De qualquer forma, ao fazer o pedido de adesão, o interessado deverá juntar prova de atendimento aos requisitos e às condições estabelecidos na resolução administrativa.

A resolução administrativa terá **efeitos gerais** e será aplicada aos **casos idênticos**, tempestivamente habilitados mediante pedido de adesão, ainda que solucione apenas parte da controvérsia.

A adesão implicará **renúncia** do interessado ao direito sobre o qual se fundamenta a ação ou o recurso, eventualmente pendentes, de natureza administrativa ou judicial, no que tange aos pontos compreendidos pelo objeto da resolução administrativa.

▸ **Atenção!**

Se o interessado for parte em processo judicial inaugurado por ação coletiva, a renúncia ao direito sobre o qual se fundamenta a ação deverá ser expressa, mediante petição dirigida ao juiz da causa.

A formalização de resolução administrativa destinada à transação por adesão não implica a renúncia tácita à prescrição nem sua interrupção ou suspensão.

No caso de conflitos que envolvam controvérsia jurídica entre órgãos ou entidades de direito público que integram a administração pública federal, a Advocacia-Geral da União deverá realizar **composição extrajudicial** do conflito, observados os procedimentos previstos em ato do Advogado-Geral da União.

Não havendo acordo quanto à controvérsia jurídica, caberá ao Advogado-Geral da União dirimi-la. Nas hipóteses em que a resolução da controvérsia implicar o reconhecimento da existência de créditos da União, de suas autarquias e fundações em face de pessoas jurídicas de direito público federais, a Advocacia-Geral da União poderá solicitar ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

a adequação orçamentária para quitação das dívidas reconhecidas como legítimas.

A composição extrajudicial do conflito não afasta a apuração de responsabilidade do agente público que deu causa à dívida, sempre que se verificar que sua ação ou omissão constitui, em tese, infração disciplinar.

Os servidores e empregados públicos que participarem do processo de composição extrajudicial do conflito, somente poderão ser responsabilizados civil, administrativa ou criminalmente quando, mediante dolo ou fraude, receberem qualquer vantagem patrimonial indevida, permitirem ou facilitarem sua recepção por terceiro, ou para tal concorrerem.

▸ **Atenção!**

Quando a matéria objeto do litígio estiver sendo discutida em ação de improbidade administrativa ou sobre ela haja decisão do Tribunal de Contas da União, a conciliação dependerá da anuência expressa do juiz da causa ou do Ministro Relator.

É facultado aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, suas autarquias e fundações públicas, bem como às empresas públicas e sociedades de economia mista federais, submeter seus litígios com órgãos ou entidades da administração pública federal à Advocacia-Geral da União, para fins de composição extrajudicial do conflito.

Os órgãos e entidades da administração pública poderão criar câmaras para a resolução de conflitos entre particulares, que versem sobre atividades por eles reguladas ou supervisionadas.

Na transação ou acordo celebrado diretamente pela parte ou por intermédio de procurador para extinguir ou encerrar processo judicial, inclusive os casos de extensão administrativa de pagamentos postulados em juízo, as partes poderão definir a responsabilidade de cada uma pelo pagamento dos honorários dos respectivos advogados.

7. DA INEXECUÇÃO E DA RESCISÃO DOS CONTRATOS

O contrato deverá ser executado fielmente pelas partes, de acordo com as cláusulas avençadas e as normas desta Lei, respondendo cada uma pelas consequências de sua inexecução total ou parcial.

A inexecução total ou parcial do contrato enseja a sua rescisão, com as consequências contratuais e as previstas em lei ou regulamento.

O artigo 78 da **Lei nº 8.666/93** elenca situações que constituem motivos para a rescisão do contrato. Em apertada síntese, o elenco aponta situações de:

a) Falha ou irregularidade na execução contratual (incisos I a VIII).

b) Alteração da situação jurídica do contratado, comprometedora da execução contratual (incisos IX a XI).

c) Razões de interesse público (inciso XII).

d) Atitudes, pela Administração, que prejudiquem a execução contratual (incisos XIII a XVI).

e) Caso fortuito ou força maior, impeditivos da execução do contrato (inciso XVII).

f) Descumprimento do disposto no inciso XXXIII do art. 70 da Constituição Federal (inciso XVII).

A **rescisão contratual** poderá ser:

A **rescisão unilateral** constitui uma prerrogativa extraordinária da Administração. Como tal, só pode ocorrer nas situações expressamente autorizadas pela Lei (**hipóteses taxativas**), ou seja, nos casos enumerados nos incisos I a XII e XVII. Nessa feita, apenas as alterações da situação jurídica do contratado que comprometam a execução contratual justificam a rescisão unilateral.

Por conclusão, não cabe rescisão unilateral, diante de atitudes, pela Administração, as quais prejudiquem a execução contratual (incisos XIII a XVI).

A rescisão unilateral pode acarretar as seguintes consequências: assunção do objeto, ocupação de bens, execução de garantia e retenção de créditos (não devidos, em virtude do necessário ressarcimento de prejuízos causados à Administração).

A **rescisão amigável** ocorrerá por acordo entre as partes, reduzida a termo no processo da licitação, desde que haja conveniência para a Administração.

A **rescisão judicial** ocorrerá nos termos da legislação, quando identificada ilegalidade.

Os casos de rescisão contratual serão formalmente motivados nos autos do processo, assegurado o contraditório e a ampla defesa.

▸ **Atenção!**

Essa garantia ampara, apenas, as hipóteses de contratos firmados validamente com a Administração. Não se justifica essa proteção ao contratado, quando a situação que se pretende manter não se qualifica como um contrato válido, mas como uma relação originada ilicitamente, eivada de manifesta ofensa ao princípio da legalidade (STJ, REsp 808.381/RJ, DJe 11/02/2009).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Procurador federal (Cespe/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*Se a empresa de turismo X for contratada para fornecer passagens aéreas para determinado órgão da União e, durante o prazo do contrato, essa empresa alterar o seu objeto social, de forma a contemplar também o transporte urbano de turistas e passageiros, mesmo que não haja prejuízo para o cumprimento do contrato administrativo já firmado com o órgão federal, a administração pública poderá rescindir unilateralmente o contrato*".

No concurso para o cargo de analista de controle externo do TCM/CE (FCC/2010), com o enunciado "*os contratos administrativos podem ser rescindidos*", foi considerada correta a seguinte assertiva: "*c) amigavelmente, por acordo entre as partes, desde que haja conveniência da Administração.*"

7.1. *Exceptio non adimpleti contractus* em face da administração

Na situação descrita pelo inciso XV, a **Lei nº 8.666/93** admitiu claramente que o atraso superior a 90 (noventa) dias, dos pagamentos devidos pela Administração (salvo em caso de calamidade pública, grave perturbação da ordem interna ou guerra), pode assegurar ao contratado o direito de optar pela suspensão do cumprimento de suas obrigações, até que seja normalizada a situação. Tal garantia consagrou uma cláusula de proteção ao pagamento estipulada pelo constituinte e sepultou a discussão doutrinária sobre a possibilidade ou não de ***exceptio non adimpleti contractus*** em face da Administração.

É importante perceber que os atrasos e a inadimplência inadvertida dos órgãos administrativos, muitas vezes, mascaram atos de

corrupção e de chantagem, em detrimento de fornecedores. Esse tipo de atitude retira do ambiente licitatório as empresas idôneas, que não aceitam submeter-se ao oferecimento de comissões ou vantagens ilícitas ao gestor. Ademais, com o tempo, essa promiscuidade afasta empresas sérias, prejudicando a competitividade e a obtenção de melhores contratações pela Administração Pública.

O necessário planejamento das contratações não se coaduna com a justificativa de falta de recursos, já que, em regra, a Lei veda a abertura de procedimento licitatório e a contratação, sem a previsão de recursos suficientes ao seu custeio. Uma vez liquidada a despesa, identificada a escorreita prestação contratual pela empresa, em princípio, deve ser resguardado o direito ao recebimento do respectivo crédito.

De qualquer forma, tem-se entendido que o atraso dos pagamentos, quando inferior a 90 dias, não justifica a suspensão unilateral, por parte do contratado.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Promotor de Justiça do Estado da Paraíba (MPE-PB/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*O atraso superior a noventa dias nos pagamentos devidos pelo Poder Público contratante por obrigações já adimplidas pelo particular contratado autoriza este a suspender unilateralmente o cumprimento de suas obrigações sucessivas, até que se normalize a situação, sendo desnecessário trilhar-se a via jurisdicional*".

8. CONVÊNIOS E INSTRUMENTOS CONGÊNERES

Embora a expressão contrato administrativo, no sentido amplo de acordo de vontades, abranja os convênios, inescusável que estes instrumentos possuem configuração jurídica particular. Nesse sentido, o artigo 116 da Lei nº 8.666/93 indicou tratamento diferenciado ("no que couber") aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres.

O **convênio** (em sentido amplo) é um acordo ajustado entre pessoas administrativas entre si ou entre elas e particulares, despidos de interesse lucrativo ou pretensão de vantagem econômica, objetivando a realização de um fim de interesse público. Diferentemente dos contratos, em que as partes possuem propósitos econômicos e lucrativos contrapostos, nos convênios o fundamental é a **cooperação**, a ação conjunta ou comum para o atendimento de um **interesse público**.

Esse sentido de cooperação tem justificado o entendimento doutrinário de que, **em regra geral, não é necessário realizar licitação para a celebração de convênios.** Não obstante, parte da doutrina apresenta a ressalva de que, em algumas situações (como se dá em alguns convênios com entidades privadas), faz-se necessária a realização de algum processo seletivo, por respeito ao princípio da impessoalidade. Nesse prumo, o Decreto federal nº 6.170/2009 (com a nova redação estabelecida pelo Decreto Federal nº 7.568/2011) estabelece que "a celebração de convênio ou contrato de repasse com entidades privadas sem fins lucrativos será precedida de chamamento público a ser realizado pelo órgão ou entidade concedente, visando à seleção de projetos ou entidades que tornem mais eficaz o objeto do ajuste".

A **obrigatoriedade de prévio chamamento público**, para a celebração de convênio ou contrato de repasse com entidades privadas sem fins lucrativos, poderá ser excepcionada pelo Ministro de Estado ou o dirigente máximo da entidade da administração pública federal, mediante decisão fundamentada, nas seguintes situações:

I - nos casos de emergência ou calamidade pública, quando caracterizada situação que demande a realização ou manutenção de convênio ou contrato de repasse pelo prazo máximo de cento e oitenta dias consecutivos e ininterruptos, contados da ocorrência da emergência ou calamidade, vedada a prorrogação da vigência do instrumento;

II - para a realização de programas de proteção a pessoas ameaçadas ou em situação que possa comprometer sua segurança;

III - nos casos em que o projeto, atividade ou serviço objeto do convênio ou contrato de repasse já seja realizado adequadamente mediante parceria com a mesma entidade há pelo menos cinco anos e cujas respectivas prestações de contas tenham sido devidamente aprovadas.

▸ **Atenção!**

A ON AGU nº 45/2014 estabeleceu que, as alterações nos convênios, com entidades privadas, submetem-se aos mesmos limites dos contratos administrativos.

Não obstante, cabe reiterar o entendimento doutrinário de que, regra geral, não é necessária a realização de licitação (ao menos

licitação em sentido estrito) para a celebração de convênios. Tal raciocínio vem sendo adotado pelas bancas de concurso.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Promotor de Justiça do Estado do Espírito Santo (Cespe/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*b) A regra geral é a ausência de licitação para a celebração de convênios administrativos, diferentemente do que ocorre com os contratos administrativos comuns.*".

▸ Atenção!

Sugerimos a leitura de algumas Orientações Normativas da AGU, relacionadas ao tema:

*** (ON AGU nº 55/2014).**

I - Os processos que sejam objeto de manifestação jurídica referencial, isto é, aquela que analisa todas as questões jurídicas que envolvam matérias idênticas e recorrentes, estão dispensados de análise individualizada pelos órgãos consultivos, desde que a área técnica ateste, de forma expressa, que o caso concreto se amolda aos termos da citada manifestação.

II - Para a elaboração de manifestação jurídica referencial devem ser observados os seguintes requisitos: a) o volume de processos em matérias idênticas e recorrentes impactar, justificadamente, a atuação do órgão consultivo ou a celeridade dos serviços administrativos; e b) a atividade jurídica exercida se restringir à verificação do atendimento das exigências legais a partir da simples conferência de documentos.

*** (ON AGU nº 54/2014).**

"Compete ao agente ou setor técnico da administração declarar que o objeto licitatório é de natureza comum para efeito de utilização da modalidade pregão e definir se o objeto corresponde a obra ou serviço de engenharia, sendo atribuição do órgão jurídico analisar o devido enquadramento da modalidade licitatória aplicável."

*** (ON AGU nº 53/2014).**

"A empresa que realize cessão ou locação de mão de obra, optante pelo simples nacional, que participe de licitação cujo objeto não esteja previsto no disposto no § 1º do art. 17 da lei complementar nº 123, de 2006, deverá apresentar planilha de formação de custos sem contemplar os benefícios do regime tributário diferenciado."

*** (ON AGU nº 52/2014).**

"As despesas ordinárias e rotineiras da administração, já previstas no orçamento e destinadas à manutenção das ações governamentais preexistentes, dispensam as exigências previstas nos incisos I e II do art. 16 da lei complementar nº 101, de 2000"

* **(ON AGU nº 51/2014).**

"A garantia legal ou contratual do objeto tem prazo de vigência próprio e desvinculado daquele fixado no contrato, permitindo eventual aplicação de penalidades em caso de descumprimento de alguma de suas condições, mesmo depois de expirada a vigência contratual."

* **(ON AGU nº 50/2014).**

"Os acréscimos e as supressões do objeto contratual devem ser sempre calculados sobre o valor inicial do contrato atualizado, aplicando-se a estas alterações os limites percentuais previstos no art. 65, § 1º, da Lei nº 8.666, de 1993, sem qualquer compensação entre si.

* **(ON AGU nº 49/2014).**

A aplicação das sanções de impedimento de licitar e contratar no âmbito da União (art. 7° da Lei n° 10.520, de 2002) e de declaração de inidoneidade (art. 87, inc. IV, da Lei n° 8.666, de 1993) possuem efeito *ex nunc*, competindo à administração, diante de contratos existentes, avaliar a imediata rescisão no caso concreto.

* **(ON AGU nº 48/2014).**

"É competente para a aplicação das penalidades previstas nas Leis nºs 10.520, de 2002, e 8.666, de 1993, excepcionada a sanção de declaração de inidoneidade, a autoridade responsável pela celebração do contrato ou outra prevista em regimento."

* **(ON AGU nº 47/2014).**

Em licitação dividida em itens ou lotes/grupos, deverá ser adotada a participação exclusiva de microempresa, empresa de pequeno porte ou sociedade cooperativa (art. 34 da Lei nº 11.488, de 2007) em relação aos itens ou lotes/grupos cujo valor seja igual ou inferior a R$ 80.000,00 (OITENTA MIL REAIS), desde que não haja a subsunção a quaisquer das situações previstas pelo art. 9º do decreto nº 6.204, de 2007."

* **(ON AGU nº 46/2014).**

Somente é obrigatória a manifestação jurídica nas contratações de pequeno valor com fundamento no art. 24, I ou II, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, quando houver minuta de contrato não padronizada ou haja, o administrador, suscitado dúvida jurídica sobre tal contratação. Aplica-se o mesmo entendimento às contratações fundadas no art. 25 da Lei nº 8.666, de 1993, desde que seus valores subsumam-se aos limites previstos nos incisos I e II do art. 24 da Lei nº 8.666, de 1993.

* **(ON AGU nº 45/2014).**

"O acréscimo do valor do convênio com entidades privadas sem fins lucrativos submete-se ao limite do §1º do art. 65 da Lei nº 8.666, de 1993.

I - o limite deve ser aferido pelo cotejo entre o valor total original do convênio e a soma dos aportes adicionais realizados pelo concedente e pelo convenente.

II - o acréscimo exige aquiescência dos partícipes e formalização por meio de aditivo.

III - se houver contrapartida, seu valor será acrescido em equivalência ao acréscimo realizado no objeto pactuado."

*** (ON AGU nº 44/2014).**

"I - a vigência do convênio deverá ser dimensionada segundo o prazo previsto para o alcance das metas traçadas no plano de trabalho, não se aplicando o inciso II do art. 57 da Lei nº 8.666, de 1993.

II - ressalvadas as hipóteses previstas em lei, não é admitida a vigência por prazo indeterminado, devendo constar no plano de trabalho o respectivo cronograma de execução.

III - é vedada a inclusão posterior de metas que não tenham relação com o objeto inicialmente pactuado."

*** (ON AGU nº 43/2014).**

"A publicação do extrato de convênio é condição de eficácia do ajuste e a sua ausência admite convalidação, sem prejuízo de eventual apuração de responsabilidade administrativa."

*** (ON AGU nº 42/2014).**

"A despeito do limite de 18 meses previsto no § 3º do art. 37 da Portaria Interministerial CGU/MF/MP nº 507, de 2011, o prazo para a apresentação do projeto básico/termo de referência deve ser fixado de forma compatível com o prazo previsto no § 2º do art. 68 do Decreto nº 93.872, de 1986, e com o prazo de diligência previsto na respectiva lei de diretrizes orçamentárias, ressalvadas as exceções previstas no citado decreto".

*** (ON AGU nº 41/2014).**

"A celebração de quaisquer convênios entre a União e os demais entes federativos não deve ser inferior a R$ 100.000,00 (cem mil reais), sendo que para obras e serviços de engenharia, exceto elaboração de projetos, deve ser igual ou superior a R$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais). A vedação alcança todas as dotações orçamentárias, inclusive as decorrentes de emendas parlamentares. para o alcance dos respectivos valores, admitem-se, exclusivamente, as hipóteses previstas no parágrafo único do art. 2º do Decreto nº 6.170, de 2007."

*** (ON AGU nº 40/2014).**

"Nos convênios cuja execução envolva a alocação de créditos de leis orçamentárias subsequentes, a indicação do crédito orçamentário e do respectivo empenho para atender à despesa relativa aos exercícios posteriores poderá ser formalizada, relativamente a cada exercício, por meio de apostila. Tal medida dispensa o prévio exame e aprovação pela assessoria jurídica."

8.1. Convênio (em sentido estrito), Termo de execução descentralizada e Contrato de repasse

Recentemente, no plano federal, foi publicado o **Decreto nº 6.170/2007**. Ele dispõe sobre as normas relativas às transferências de recursos da União mediante convênios, termo de execução descentralizada e contratos de repasse, diferenciando as três figuras.

- **Convênio:** é o acordo, ajuste ou qualquer outro instrumento que discipline a transferência de recursos financeiros de dotações consignadas nos Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social da União e tenha como partícipe, de um lado, órgão ou entidade da Administração Pública Federal, direta ou indireta, e, de outro lado, órgão ou entidade da Administração Pública Estadual, distrital ou municipal, direta ou indireta, ou ainda entidades privadas sem fins lucrativos, visando à execução de programa de governo, envolvendo a realização de projeto, atividade, serviço, aquisição de bens ou evento de interesse recíproco, em regime de mútua cooperação. Os recursos financeiros devem ser utilizados somente para os fins previstos no convênio.
- **Termo de execução descentralizada:** instrumento por meio do qual é ajustada a transferência de crédito de órgão da Administração Pública Federal Direta, autarquia, fundação pública ou empresa estatal dependente para outro órgão ou entidade federal da mesma natureza.
- **Contrato de repasse:** instrumento por meio do qual é ajustada a descentralização de crédito entre órgãos e/ou entidades integrantes dos Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social da União, para execução de ações de interesse da unidade orçamentária descentralizadora e consecução do objeto previsto no programa de trabalho, respeitada fielmente a classificação funcional programática.

É vedada a celebração de convênios com órgãos e entidades da administração pública direta e indireta dos Estados, Distrito Federal e Municípios cujos valores sejam inferiores aos definidos em ato conjunto editado pelos Ministros de Estado da Fazenda, do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão e da Transparência, Fiscalização e Controladoria-Geral da União - CGU.

O Decreto federal nº 6.170/2007 veda ainda a celebração de convênios entre órgãos e entidades da própria Administração Pública

Federal, já que, nesse caso, tratar-se-ia de Termo de execução descentralizada.

É também vedada a celebração de **convênios** e **contratos de repasse** com **entidades privadas sem fins lucrativos** que tenham como dirigentes membros dos Poderes Executivo, Legislativo, Judiciário, do Ministério Público e do Tribunal de Contas da União, bem como seus cônjuges, companheiros, e parentes em linha reta, colateral ou por afinidade até o 2º grau; ou que tenham como dirigente servidor público vinculado ao órgão ou entidade concedente, bem como seus respectivos cônjuges, companheiros, e parentes em linha reta, colateral ou por afinidade até o 2º grau.

Com as alterações feitas pelo Decreto nº 7.568/2011, passou a ser também vedada a celebração de convênios com entidades privadas sem fins lucrativos que não comprovem ter desenvolvido, durante os últimos três anos, atividades referentes à matéria objeto do convênio ou contrato de repasse; bem como com aquelas que, em suas relações anteriores com a União, tenham incorrido em pelo menos uma das seguintes condutas:

a) omissão no dever de prestar contas;

b) descumprimento injustificado do objeto de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria;

c) desvio de finalidade na aplicação dos recursos transferidos;

d) ocorrência de dano ao Erário; ou

e) prática de outros atos ilícitos na execução de convênios, contratos de repasse ou termos de parceria.

De acordo com o Decreto federal nº 8.943/2016, resta também vedada a celebração de convênio e contrato de repasse cuja vigência se encerre no último ou no primeiro trimestre de mandato dos Chefes do Poder Executivo dos entes federativos.

8.2. Convênios e execução de recursos transferidos

A simples existência do objeto do convênio não prova de maneira absoluta que sua execução ocorreu com os recursos federais transferidos. A posterior realização do projeto com recursos próprios, pelo convenente ou mesmo pelo gestor responsável, não ilidem sua responsabilidade por eventuais desvios de recursos públicos.

Ademais, as dificuldades administrativas e a ausência de adequada estrutura de gerenciamento não servem para elidir irregularidades em convênios. Os contratos celebrados à conta dos recursos de convênios ou contratos de repasse deverão conter cláusula que obrigue o contratado a conceder livre acesso aos documentos e registros contábeis da empresa, referentes ao objeto contratado, para os servidores dos órgãos e entidades públicas concedentes e dos órgãos de controle interno e externo.

De acordo com o Decreto federal nº 8.244, de 2014, constitui cláusula necessária em qualquer convênio ou contrato de repasse celebrado pela União e suas entidades:

- a indicação da forma pela qual a execução do objeto será acompanhada pelo concedente; e
- a vedação para o convenente de estabelecer contrato ou convênio com entidades impedidas de receber recursos federais.

Outrossim, as transferências financeiras para órgãos públicos e entidades públicas e privadas, decorrentes da celebração de convênios e contratos de repasse, serão feitas exclusivamente por intermédio de instituição financeira oficial, federal ou estadual, que poderá atuar como mandatária da União, para execução e fiscalização.

Nos termos de precedente do STJ, obedece ao princípio da razoabilidade a exigência de órgão público de apenas estabelecer convênios com entidades de reputação ilibada, pedindo, para tal comprovação, certidões negativas de débitos fiscais. Segundo o Tribunal "os atributos exigidos a todos os interessados em estabelecer convênios estão previstos em lei, sendo mandamento constitucional e legal a cautela de se verificar a idoneidade do particular antes de contratar com a Administração Pública (STJ. *MS 13.985/DF, DJe 05/03/2009*).

▸ **Atenção!**

A aquisição de produtos e a contratação de serviços com recursos da União transferidos a entidades privadas sem fins lucrativos deverão observar os princípios da impessoalidade, moralidade e economicidade, sendo necessária, no mínimo, a realização de cotação prévia de preços no mercado antes da celebração do contrato.

9. CONSÓRCIOS PÚBLICOS

A Lei nº 11.107/2005, com a regulamentação dada pelo Decreto federal nº 6.017/2007, apresenta o consórcio público como pessoa jurídica

formada por entes da Federação, constituída como associação pública, com personalidade jurídica de direito público e natureza autárquica, ou como pessoa jurídica de direito privado sem fins econômicos.

Mais que um contrato, a nova Lei dá aos consórcios públicos contornos de ato de constituição de pessoa jurídica de direito administrativo, com personalidade jurídica própria e fins cooperativos. Ademais, sedimenta-se a percepção de que o consórcio público integra a Administração Indireta dos entes consorciados.

Nessa feita, não obstante o tema seja tratado por parte significativa da doutrina, no capítulo referente aos contratos administrativos, parece-nos adequado tratá-lo no capítulo acerca da **organização administrativa**, ao qual remetemos o leitor.

10. SANÇÕES ADMINISTRATIVAS

O poder administrativo sancionador não consiste em livre faculdade do administrador, mas em um poder-dever de apurar eventuais práticas sancionáveis e aplicar as punições admitidas, no interesse do serviço público e nos limites legais, resguardando sempre a ampla defesa do contratado, além das garantias e princípios relacionados ao processo administrativo.

> **Atenção!**
> É inviável a aplicação de penalidade ao licitante adjudicatário que se recusa a assinar o contrato, quando não exista previsão de aplicação, no edital, de sanção para tal conduta (STJ, REsp 709.378/PE, DJe 03/11/2008).

10.1. Sanções previstas na Lei geral de licitações

A Lei nº 8.666/93 estabelece que, pela inexecução total ou parcial do contrato, a Administração poderá, garantida a prévia defesa, aplicar ao contratado as seguintes sanções: **advertência; multa; suspensão temporária** e **declaração de inidoneidade**.

- **Advertência:** apresenta-se como uma "sanção" mais leve, relacionada aos acontecimentos contratuais de menor importância.
- **Multa:** é uma sanção que pode ser aplicada cumulativamente às demais. Tem-se entendido que a ausência da previsão

de multa no edital ou no contrato impede sua imposição. Ela deve ser descontada primeiramente da garantia contratual.

- **Suspensão temporária:** atinge o direito de participar de licitação ou mesmo de firmar contrato com a Administração, pelo prazo de até **02 (dois) anos**. Para alguns, os efeitos dessa sanção ficam restritos ao órgão sancionador; para outros, a incidência é geral, suspendendo o direito de licitar ou contratar com os demais órgãos da Administração Pública.

▸ **Atenção!**

O STJ tem se posicionado pela incidência geral da penalidade de suspensão, que impediria a participação em certames de outros órgãos (RMS 9707/PR e REsp 151567/RJ).

Já o TCU (em nossa opinião, com maior acerto), tem entendido que: "As sanções de suspensão temporária de participação em licitação e impedimento de contratar com a Administração, previstas no art. 87, inciso III, da Lei 8.666/1993, alcançam apenas o órgão ou a entidade que as aplicaram" (TCU. Acórdão nº 3439/2012-Plenário, Rel. Min. Valmir Campelo, 10.12.2012).

- **Declaração de inidoneidade:** apresenta-se como uma sanção mais rígida, que prejudica o direito de licitar ou contratar com a Administração Pública, enquanto perdurarem os motivos determinantes da punição ou até que seja promovida a reabilitação perante a própria autoridade que aplicou a penalidade. A reabilitação será concedida, se o contratado ressarcir a Administração, após, no mínimo, decorrido o prazo equivalente ao da sanção de suspensão temporária (02 anos).

Para aplicação desta sanção (declaração de inidoneidade), diferentemente do tratamento dispensado às demais, a Lei estabeleceu **competência exclusiva** do Ministro de Estado, Secretário Estadual ou Municipal (no caso do DF, a competência é do respectivo Secretário).

Cabe observar que a competência é **exclusiva**, não sendo possível **delegação.** Outrossim, como sanção, a declaração de inidoneidade só produz efeito para o futuro (*ex nunc*), sem interferir nos contratos já existentes e em andamento.

▸ **Atenção!**

O STJ já admitiu a aplicação da sanção de inidoneidade, na esfera federal, pelo Ministro da Controladoria Geral da União, em relação a contrato pactuado por outro Ministério (MS 13.101/DF, DJe 09/12/2008).

A Lei nº 8.666/93 admite ainda que as sanções de **suspensão** e de **declaração de inidoneidade** poderão também ser aplicadas às empresas ou aos profissionais que, em razão dos contratos regidos por esta Lei:

- tenham sofrido condenação definitiva por praticarem, por meios dolosos, fraude fiscal no recolhimento de quaisquer tributos;
- tenham praticado atos ilícitos visando a frustrar os objetivos da licitação;
- demonstrem não possuir idoneidade para contratar com a Administração em virtude de atos ilícitos praticados.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Assessor Jurídico do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí (FCC/2010), com a seguinte ementa: "No que concerne às sanções pela inexecução total ou parcial do contrato administrativo, é correto afirmar", foi considerada correta a seguinte alternativa: "b) Na hipótese de declaração de inidoneidade, o interessado dispõe do prazo de dez dias da abertura de vista para o exercício do seu direito de defesa, podendo a reabilitação ser requerida após dois anos da aplicação da referida sanção".

No mesmo concurso foi considerada errada a seguinte alternativa: "e) A declaração de inidoneidade poderá também ser aplicada a profissionais ou empresas que, em razão de contratos administrativos, tenham sofrido condenação definitiva por praticarem, com dolo ou culpa, fraude fiscal no recolhimento de tributos".

Comentário do autor: deve-se perceber que o erro da alternativa está na inclusão da "culpa" no enunciado.

10.2. Sanções previstas na Lei do pregão

A **Lei do Pregão** (Lei nº 10.520/2002) criou uma nova espécie de sanção. Em vez de se reportar à declaração de inidoneidade e à suspensão temporária, ela estabeleceu que determinados comportamentos, descritos em seu artigo 7º, dariam causa ao **impedimento de licitar e contratar** com a União, Estados, Distrito Federal ou Municípios, além do **descredenciamento** do SICAF ou dos sistemas de cadastramento de fornecedores, pelo prazo de **até 5 (cinco) anos**, sem prejuízo das **multas** previstas em edital e no contrato e das demais cominações legais.

Segundo o STJ, o termo inicial para efeito de detração da penalidade impedimento de licitar e contratar (prevista na Lei nº 10.520/2002), aplicada por órgão federal, coincide com a data em que foi publicada a decisão administrativa no Diário Oficial da União, e não com a do registro no SICAF. (MS 20.784-DF, DJe 7/5/2015 - Informativo 561).

Em síntese, a **Lei do Pregão** sugere a aplicação das seguintes sanções:

- **impedimento de licitar e contratar** (com o descredenciamento do sistema de cadastramento de fornecedores); e
- **multa**, as quais podem ser aplicadas cumuladamente.

A sanção impedimento de licitar e contratar, da Lei do Pregão, possui o mesmo efeito restritivo das sanções "suspensão" e "declaração de inidoneidade", da Lei nº 8.666/93. Em suma, elas restringem o direito do fornecedor de participar de licitações ou de ser contratado, possuindo efeito *ex nunc* e não atingindo contratos que, anteriormente, tenham sido validamente firmados. Há, contudo, na sanção impedimento de licitar (Lei do Pregão), uma amplitude específica para esses efeitos, que restringem o direito do particular de participar de licitações ou de ser contratado, na esfera federativa onde foi aplicada a sanção.

▸ **Atenção!**

"A aplicação das sanções de impedimento de licitar e contratar no âmbito da União (art. 7º da lei nº 10.520, de 2002) e de declaração de inidoneidade (art. 87, inc. IV, da Lei nº 8.666, de 1993) possuem efeito *ex nunc*, competindo à Administração, diante de contratos existentes, avaliar a imediata rescisão no caso concreto." (Orientação Normativa AGU nº 49, de 25 de abril de 2014).

Acreditamos que as sanções aplicadas na modalidade pregão devem respeitar os limites estabelecidos pela Lei nº 10.520/02. Assim, em uma licitação na modalidade pregão, diante de infrações previstas simultaneamente nas regras estipuladas pela Lei nº 10.520/02 e pela Lei nº 8.666/93, deve ser dada preferência à aplicação das sanções estabelecidas pela lei especial e mais recente, qual seja, a Lei do pregão. Nada obstante, na prática, em editais da modalidade pregão, é comum a adoção dos regimes sancionatórios de forma cumulada, com as sanções da Lei nº 10.520/2002 e da Lei nº 8.666/93.

▸ **Atenção!**

Para as sanções impedimento de licitar e contratar, a Lei do Pregão apresenta um prazo de punição de até **cinco anos**, lapso temporal maior que o previsto para a suspensão temporária da Lei nº 8.666/93.

Temos defendido que os **efeitos da sanção** impedimento de licitar e contratar se restringem aos órgãos da unidade federativa à qual pertence o órgão sancionador. O TCU prolatou julgado nesse sentido, recentemente, firmando que a sanção de impedimento de licitar e contratar pautada no art. 7º da Lei 10.520/02 (Lei do Pregão) produz efeitos não apenas no âmbito do órgão/entidade aplicador da penalidade, mas em toda a esfera do respectivo ente federativo (Acórdão 2081/2014-Plenário, Info TCU 209).

▸ **Atenção!**

A penalidade de impedimento de licitar e contratar com a Administração Pública, prevista no art. 7º da Lei n. 10.520/2002, imposta a pessoa jurídica sócia majoritária de empresa vencedora da licitação, pode recair sobre a licitante se **patente o intuito de burlar aquela sanção administrativa**.

Ademais, tendo em vista a inexistência de indicação de **autoridade competente** pelo dispositivo legal, temos defendido a possibilidade de que, inexistindo delegação ou competência regimentalmente estabelecida, ela seja aplicada pelo ordenador de despesa, autoridade de menor grau hierárquico para tal decisão, nos termos do artigo 17 da Lei federal nº 9.784/99.[2]

▸ **Atenção!**

"É competente para a aplicação das penalidades previstas nas Leis nºs 10.520, de 2002, e 8.666, de 1993, excepcionada a sanção de declaração de inidoneidade, a autoridade responsável pela celebração do contrato ou outra prevista em regimento." (Orientação Normativa nº 48, de 25 de abril de 2014)

Para ilustrar as sanções dispostas pela Lei Geral de Licitações e pela Lei do Pregão, podemos apresentar o seguinte quadro-resumo:

---

2. Para aprofundamento, vide nossa obra: "Leis de licitações públicas comentadas", indicada entre as referências deste livro.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Procurador do MP junto ao TCU/2015 (Cespe/2015), com a seguinte ementa: "Considerando a legislação de regência e o entendimento jurisprudencial, assinale a opção correta acerca dos contratos administrativos.", foi considerada correta a seguinte alternativa: "C) Na hipótese de inexecução parcial do contrato, é admitida a aplicação concomitante da penalidade de multa e de impedimento temporário para participar de licitação e contratar com a administração pública.".

10.3. TCU e sanção de inidoneidade

Verificada a ocorrência de fraude comprovada à licitação, o Tribunal de Contas da União poderá **declarar a inidoneidade** do licitante fraudador para participar, por até cinco anos, de licitação na Administração Pública Federal. Não se deve confundir tal prerrogativa com a possibilidade de aplicação da sanção "declaração de inidoneidade" pela Administração (artigo 87 da Lei nº 8.666/93). São competências distintas, exercíveis por órgãos diferentes, através de fundamentação legal diversa.

10.4. Desconsideração da personalidade jurídica

Há anos já se identificava precedente do STJ, em que o Tribunal admitia a aplicação da teoria da **desconsideração da personalidade jurídica** para estender os efeitos da declaração de inidoneidade à

sociedade empresarial diversa, constituída com o objetivo de burlar à aplicação da sanção administrativa (STJ - RMS 15166, DJ 08/09/2003).

A teoria da **desconsideração da personalidade jurídica** admite que a autonomia da pessoa jurídica seja desconsiderada ou superada, quando há abuso em sua utilização, permitindo a responsabilização de terceiros, por atos praticados por ela. Esta responsabilização, que desconsidera a pessoa jurídica, ultrapassando-a para atingir (responsabilizar) terceiros responsáveis pelo abuso em sua utilização, é um instrumento concebido pela doutrina internacional, já utilizado em diversos ramos jurídicos no Brasil. Nos Estados Unidos, ela é denominada "Disregard of legal entity", em outros países, a denominação adotada é diferente (por exemplo, na Inglaterra, "lifting the corporate veil", na Argentina, "teoría de la penetracion", ou "superamento dela personalitá giuridica, na Itália). Independente da denominação, trata-se de um mecanismo que admite a desconsideração ou desprezo à autonomia da pessoa jurídica, para que pontuais responsabilizações afetem terceiros, responsáveis pelo abuso de sua utilização.

O TCU admite a desconsideração da personalidade jurídica, no âmbito das contratações públicas, já tendo indicado alguns dos elementos que podem justificá-la[3], tais como:

- completa identidade dos sócios-proprietários de empresa sucedida e sucessora;
- atuação no mesmo ramo de atividades;
- transferência integral do acervo técnico e humano de empresa sucedida para a sucessora.

O notável Ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal, em elogiável decisão, também teceu interessantes ponderações favoráveis à desconsideração da personalidade jurídica no âmbito das licitações e contratações públicas, com base em princípios como o da moralidade. Na decisão, contudo, o ilustre jurista ponderou que, mesmo nesse contexto, a desconsideração da personalidade jurídica "configura prática excepcional, cuja efetivação impõe ao Estado a necessária observância de postulados básicos como a garantia do *due process of law*, que representa indisponível prerrogativa

3. TCU. Acórdão 1831/2014-Plenário, relator Ministro José Múcio Monteiro, 9.7.2014. Info TCU 205.

de índole constitucional assegurada à generalidade das pessoas".[4] Esta é também a nossa compreensão, sobretudo após a vigência do novo CPC, que regula expressamente o procedimento incidente para desconsideração da personalidade jurídica, estabelecendo balizas aplicáveis em sede de processo administrativo[5].

Por fim, além do registro desta evolução jurisprudencial, convém informar que a Lei nº 12.846/2013 previu expressamente a desconsideração da personalidade jurídica. Não resiste dúvida sobre a possibilidade de sua aplicação, em relação a sanções administrativas aplicáveis nas licitações e contratações públicas, embora o tema ainda guarde espaço para muitas discussões e questionamentos, acerca do "como" proceder.

11. SÚMULAS DO STF

- **Súmula 7.** Sem prejuízo de recurso para o Congresso, não é exeqüível contrato administrativo a que o tribunal de contas houver negado registro.

12. SÚMULAS DO TCU

- **Súmula 191.** Torna-se, em princípio, indispensável a fixação dos limites de vigência dos contratos administrativos, de forma que o tempo não comprometa as condições originais da avença, não havendo, entretanto, obstáculo jurídico à devolução de prazo, quando a Administração mesma concorre, em virtude da própria natureza do avençado, para interrupção da sua execução pelo contratante.
- **Súmula 205.** É inadmissível, em princípio, a inclusão, nos contratos administrativos, de cláusula que preveja, para o Poder Público, multa ou indenização, em caso de rescisão.
- **Súmula 260.** É dever do gestor exigir apresentação de Anotação de Responsabilidade Técnica – ART referente a projeto, execução, supervisão e fiscalização de obras e serviços de engenharia, com indicação do responsável pela elaboração de plantas, orçamento-base, especificações técnicas, composições de custos unitários, cronograma físico-financeiro e outras peças técnicas.

---

4. STF. Medida Cautelar em MS 32.494-DF. Min. Celso de Mello. DJ. 11/11/2013.
5. Vide artigos 133 e seguintes do CPC.

- **Súmula Nº 286 de 10/09/2014.** A pessoa jurídica de direito privado destinatária de transferências voluntárias de recursos federais feitas com vistas à consecução de uma finalidade pública responde solidariamente com seus administradores pelos danos causados ao erário na aplicação desses recursos.

Capítulo 10

Serviços públicos

Ronny Charles

1. INTRODUÇÃO

A definição do conceito de serviço público não é tema pacífico na doutrina, nem mesmo guarda uniformidade no direito positivo brasileiro. Isso é compreensível, uma vez que, tradicionalmente, esse conceito tem relação com a atuação estatal e com os direitos fundamentais estabelecidos em uma sociedade.

Em um modelo de menor intervenção social (como no Estado Liberal), temos um leque reduzido de serviços públicos; já em um modelo de maior intervenção (como no Estado Social), temos um maior número de atividades desenvolvidas direta ou indiretamente pelo Estado, em benefício da população. Ainda hoje, cada país, de acordo com sua realidade, estabelece o que é serviço público em seu sistema jurídico, pois tal qualificação possui profunda relação com a concepção estatal e seu papel.

A nossa Constituição Federal já indica alguns serviços como da alçada do Poder Público (Ex: art. 21, X, XII, entre outros). Não obstante, a enumeração feita pela Carta Magna não é exaustiva, permitindo-se que os entes federais possam criar outros serviços públicos, **de acordo com os limites constitucionais de competência**. Nesse prumo, é incabível o estabelecimento, por um Município, de um serviço público relacionado a atividade de competência federal.

Poderíamos então concluir como correta a pseudodefinição (circular ou intuitiva) de que serviço público é aquilo que for definido como tal pela Lei, de acordo com a Constituição. Essa atitude, contudo, não auxiliaria o trabalho científico de delineamento desse conceito e as nuances que envolvem tal atividade.

Nessa feita, para perceber o conceito de serviço público, é fundamental apresentar seus elementos, atitude essencial para evitar o corriqueiro equívoco de apontar como serviço público atividades diversas, que não resguardam tal condição.

2. CONCEITO E ELEMENTOS

O conceito de serviço público há de se compor de três elementos:

Elemento material	Elemento subjetivo	Elemento formal

a) **Elemento material.** Tal elemento impõe a compreensão de que o serviço público é uma atividade administrativa que se materializa em **prestação de utilidade ou comodidade,** material ou imaterial, fruível individual ou coletivamente, pelos administrados. Esse elemento diferencia o serviço público das atividades prestadas pelo Estado, tanto em suas outras funções (ex: jurisdicional, legislativa), como nas demais atividades administrativas (ex: poder de polícia).

b) **Elemento subjetivo.** Sob este enfoque, impõe-se que **a titularidade desses serviços pertence ao Poder Público.** O artigo 175 da CF/88 estabelece que, direta ou indiretamente, a prestação de serviços públicos incumbe ao Poder Público. Sob tal enfoque, para ser caracterizada propriamente como serviço público, a atividade deve ser titularizada pelo Estado (***publicatio***).

Importante observar que a **titularidade do serviço (*publicatio*) se diferencia da titularidade de sua prestação.** Nosso ordenamento permite que alguns serviços públicos sejam realizados pelo particular (por delegação), que será, então, titular da prestação, mas não do serviço em si.

Esse elemento é fundamental e indica que a qualificação de serviço público provém não apenas da prestação (em prol da coletividade), mas, também, de sua titularidade estatal. Isso diferencia tal atividade de outras, como os serviços sociais realizados por entidades privadas filantrópicas, sem delegação estatal. Nessa feita, serviços sociais não exclusivos, prestados sem delegação estatal, não devem ser percebidos, propriamente, como serviços públicos.

c) **Elemento formal.** Em face deste elemento, a atividade qualificada como serviço público **submete-se a um regime jurídico de**

direito Público, impondo a incidência de regras e princípios comuns à atividade administrativa.

A submissão a esse regime jurídico específico pode ser total ou parcial (de acordo com a natureza do serviço público) e objetiva conferir instrumentos de garantia à efetividade desses serviços.

Em princípio, as atividades exercidas pelos particulares, sem delegação ou outorga estatal, não possuem tal prerrogativa. Da mesma forma, quando o Estado explora atividade econômica, através de suas empresas, não deve se beneficiar do regime jurídico ínsito à prestação de serviços públicos.

Conforme tais elementos, podemos apresentar o seguinte conceito:

Serviço público
Atividade administrativa pela qual o Poder Público objetiva, direta ou indiretamente, satisfazer necessidades coletivas ou individuais dos administrados, sob a incidência total ou parcial de um regime de direito público.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Analista do Controle Externo do TCE/CE (FCC/2015, com o seguinte enunciado: "*A Constituição da República estabelece uma série de competências e atribuições para o Poder Público em favor da população. A execução material dessas atividades*", foi considerada correta a seguinte assertiva: "*d) pode ser atribuída à iniciativa privada, sem prejuízo de eventual prestação direta, mas se estiverem sujeitos à livre iniciativa, prescindindo de delegação ou mesmo autorização, não se consubstanciam em serviço público*".

No concurso para Juiz do TRT da 10ª Região (Cespe/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*e) Considera-se serviço público toda atividade exercida pelo Estado ou por seus delegados, sob regime total ou parcial de direito público, com vistas à satisfação de necessidades essenciais e secundárias da coletividade*".

▸ Atenção!

O STF, em importante precedente, ao destacar que o serviço postal constitui serviço público, assentou que os regimes jurídicos sob os quais são prestados os serviços públicos implicam que sua prestação seja desenvolvida sob privilégios, inclusive, em regra, o da exclusividade na exploração da atividade econômica em sentido amplo a que corresponde essa prestação, haja vista que é exatamente a potencia-

lidade desse privilégio que incentiva a prestação do serviço público pelo setor privado, quando este atua na condição de concessionário ou permissionário.

3. PRINCÍPIOS

De acordo com a Lei federal nº 8.987/95, serviço adequado é o que satisfaz as condições de regularidade, continuidade, eficiência, segurança, atualidade, generalidade, cortesia na sua prestação e modicidade das tarifas.

Além dos princípios naturais à incidência do regime jurídico de direito administrativo (como legalidade, eficiência, isonomia, entre outros), a doutrina aponta **princípios específicos** dos serviços públicos. Destacamos os principais:

a) **Generalidade**: os serviços públicos devem ser prestados de forma indiscriminada. Alguns autores denominam esse princípio como "igualdade entre os usuários". Conforme lembra José dos Santos Carvalho Filho, esse princípio se apresenta com dupla faceta. Por um lado, significa que os serviços públicos devem ser prestados com a maior amplitude possível, por outro lado, impõe que os serviços públicos, "diante das mesmas condições técnicas e jurídicas para fruição", sejam prestados sem discriminação entre os beneficiários.

Essa segunda faceta é reflexo do princípio da igualdade e da impessoalidade. Deve-se observar, contudo, que ela não implica uma igualdade absoluta entre os usuários de serviços públicos. Conforme já tratado no capítulo sobre regime jurídico administrativo, o respeito ao princípio da igualdade permite tratamento desigual, desde que na medida das desigualdades existentes e de acordo com o ordenamento jurídico.

Em tese é possível a aplicação de tarifas diferenciadas, diante de uma diversidade de condições técnicas e jurídicas para fruição. Nesse sentido, a **Súmula 407 do STJ** sedimentou que **é legítima a cobrança da tarifa de água fixada de acordo com as categorias de usuários e as faixas de consumo.**

Generalidade
Maior amplitude possível na prestação do serviço
Inexistência de discriminação na prestação do serviço

É indevida a discriminação do usuário, condicionando a habilitação de linha celular no plano de serviço básico à apresentação de comprovantes de crédito ou à inexistência de restrição creditícia em nome do interessado, salvo a relacionada a dívidas com a própria concessionária (STJ, REsp 984.005-PE, Julg. 13/09/2011).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do Trabalho (TRT 21ª Região), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "*Não se caracteriza como descontinuidade do serviço a sua interrupção em situação de emergência ou após prévio aviso quando motivada por razões de ordem técnica ou de segurança das instalações*".

No concurso para Procurador do Pará (UEPA/2015), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "*a) toda concessão ou permissão pressupõe a prestação de serviço adequado ao pleno atendimento dos usuários, conforme estabelecido na Lei n. 8.987/1995, nas normas pertinentes e no respectivo contrato*".

No concurso para analista judiciário do TRT da 22ª Região (FCC/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Uma das facetas do princípio da generalidade significa que os serviços públicos devem ser prestados com a maior amplitude possível, ou seja, beneficiando o maior número possível de indivíduos*". No concurso para analista processual do MPU (Cespe/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*Com base no princípio da igualdade de usuários, não cabe a aplicação de tarifas diferenciadas entre os usuários de serviços públicos*".

b) **Continuidade**: a prestação dos serviços públicos deve ser contínua, sem interrupções. Alguns autores utilizam a denominação **princípio da permanência**. Conforme o §3º do artigo 6º da Lei nº 8.987/95, não se caracteriza como descontinuidade do serviço a sua interrupção em situação de emergência ou **após prévio aviso**, quando:

- motivada por razões de ordem técnica ou de segurança das instalações;
- por inadimplemento do usuário, considerado o interesse da coletividade.

A divulgação da suspensão no fornecimento de serviço de energia elétrica por meio de emissoras de rádio, dias antes da interrupção, satisfaz a exigência de aviso prévio, prevista no art. 6º, § 3º, da Lei n. 8.987/1995. Com base nesse raciocínio, o STJ entendeu que, considerando que a concessionária atendeu o requisito legal

de avisar previamente os consumidores do desligamento temporário da energia elétrica, por motivo de ordem técnica, não haveria direito à reparação por dano extrapatrimonial. (STJ. REsp 1.270.339-SC, DJe 17/2/2017).

A possibilidade de interrupção, por inadimplemento, gera discussões no meio jurídico. José dos Santos Carvalho Filho defende, com razão, que devem ser apresentadas soluções distintas, de acordo com a facultatividade do serviço. Nesse sentido, se o serviço é compulsório, a suspensão não será permitida, contudo, se o serviço é facultativo, a inadimplência pode justificar a suspensão do serviço.

▸ Atenção!

De acordo com a jurisprudência do STJ, suspensão só é admitida quando baseada em débitos atuais, relativos ao mês de consumo, sendo inadmissível a interrupção do serviço público por inadimplemento relacionado a débitos antigos.

Outrossim, o STJ entende como ilegítimo o corte no fornecimento de serviços públicos essenciais, por débitos de usuário anterior, em razão da natureza pessoal da dívida (STJ, AgRg no AREsp 196374/SP, DJe 06/05/2014).

Admite-se a suspensão dos serviços pela concessionária, em razão de inadimplemento, mesmo em relação aos serviços públicos tidos como essenciais. Por outro lado, não cabe o corte no fornecimento de serviços públicos essenciais, quando o débito decorrer de suposta fraude no medidor de consumo de energia ou hidrômetro, apurada, unilateralmente, pela concessionária (STJ, AREsp 473348/MG, DJe 21.02/2014).

A suspensão dos serviços também é cabível, via de regra, quando o usuário é um órgão público. Segundo entendimento firmado pelo STJ, não faria sentido admitir-se o fornecimento gratuito, mesmo a um órgão público, porque ele também tem de cumprir suas obrigações. Contudo, há peculiaridades nas relações jurídicas em que o usuário do serviço prestado pela concessionária é um órgão ou ente público. Muitas vezes, a unidade pública usuária depende do serviço oferecido pela concessionária para efetivar a prestação de outros serviços públicos ou atividades administrativas essenciais, que devem ser igualmente resguardadas pelo nosso ordenamento. Nesse diapasão, o STJ ressalva exceção para a interrupção de fornecimento de serviços públicos às **unidades públicas que exercem atividades (serviços públicos) essenciais ou indispensáveis à população.**

▸ **Atenção!**

Convém informar, ainda, duas restrições específicas à possibilidade de corte no fornecimento de serviço público, identificadas na jurisprudência do STJ:

* É ilegítimo o corte no fornecimento de energia elétrica em razão de débito irrisório, por configurar abuso de direito e ofensa aos princípios da proporcionalidade e razoabilidade, sendo cabível a indenização ao consumidor por danos morais. (STJ, REsp 811690/RR, DJ 19/06/2006)

* *O corte no fornecimento de energia elétrica somente pode recair sobre o imóvel que originou o débito, e não sobre outros imóveis de propriedade do inadimplente (STJ, REsp 662214/RS, DJ 22.02.2007)*

Fernanda Marinela observa ainda que o princípio da continuidade do serviço público gera consequências no regime jurídico das atividades realizadas pelos agentes públicos. Embora possuam **direito de greve** (no que pese a falta da respectiva regulamentação legal), seu exercício pode se tornar arbitrário e ilegítimo quando prejudicar a continuidade da prestação dos serviços públicos realizados pela categoria. No que pese a correção de boa parte das demandas funcionais por melhores condições de trabalho e de remuneração, a suspensão das atividades essenciais pelos agentes públicos não pode ser utilizada irresponsavelmente como instrumento de pressão, em prejuízo da coletividade.

O princípio da continuidade permite ao Poder Público determinadas prerrogativas, inerentes ao regime jurídico dos contratos administrativos, como o uso compulsório dos equipamentos e instalações da empresa. No mesmo sentido, a legislação impõe a obrigação de que a empresa contratada pelo Poder Público mantenha a prestação do serviço contratado, mesmo que a Administração esteja inadimplente, pelo prazo de até 90 dias (art. 78, XV da Lei nº 8.666/93).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Analista Judiciário do TRT da 22ª Região (FCC/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*É consequência do princípio da continuidade do serviço público, no que concerne aos contratos administrativos, o reconhecimento de privilégios para a Administração, como o uso compulsório dos recursos humanos e materiais do contratado, quando necessário à continuidade do serviço*".

No concurso para Analista de Administração Pública do TC/DF (Cespe/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*De acordo com o princípio da continuidade, os serviços públicos, compulsórios ou facultativos, devem ser prestados de forma contínua, não podendo ser interrompidos mesmo em casos de inadimplemento do usuário.*".

c) **Modicidade**: a prestação de serviços públicos deve respeitar a condição econômica do usuário, para que o estabelecimento de sua remuneração, de forma excessiva, não prejudique a fruição por parte dos administrados. Tal princípio estabelece a premissa de que, para o Estado, a prestação do serviço público não tem como intuito alcançar lucro, motivo pelo qual devem ser cobradas as menores tarifas possíveis pela Administração.

É ilegal a cobrança de tarifa mínima de água com base no número de economias existentes em condomínio, sem considerar o consumo efetivamente registrado (na existência de apenas um hidrômetro). (STJ, Ag 1398776/RJ, Julg. 09/08/2011). Por outro lado, o STJ já entendeu que, na falta de hidrômetro ou defeito no seu funcionamento, a cobrança pelo fornecimento de água deve ser realizada pela tarifa mínima, sendo vedada a cobrança por estimativa (STJ, REsp 1.513.218-RJ, DJe 13/3/2015 - Informativo 557).

d) **Atualidade**: esse princípio, que é reflexo da incidência do princípio da eficiência, exige a modernidade das técnicas, do equipamento e das instalações, além da sua conservação, melhoria e expansão do serviço.

e) **Mutabilidade do regime**: Fernanda Marinela observa que alguns estudos indicam a aplicação desse princípio, que permite a adequação do regime dos serviços públicos às necessidades dos administrados, sempre passíveis de mudanças e alterações. Conforme anota a autora, tal princípio "autoriza a mudança do regime de execução do serviço para adaptá-lo ao interesse público".

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para analista judiciário do TRT da 22ª Região (FCC/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*É garantido, a favor do contratado pela Administração, o direito adquirido à manutenção do regime jurídico de prestação do serviço público vigorante no momento em que foi ajustada a contratação*". No concurso para a ANEEL (Cespe/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Aplica-se ao serviço público o princípio da mutabilidade do regime jurídico, segundo o qual é possível a ocorrência de mudanças no regime de execução do serviço para adequá-lo ao interesse público, que pode sofrer mudanças com o decurso do tempo*".

No concurso para Defensor Público de Roraima (Cespe/2013), foi considerada correta a seguinte assertiva:

E) A continuidade, a igualdade dos usuários e a mutabilidade são princípios do regime jurídico aplicável aos serviços públicos.

4. CLASSIFICAÇÃO

A doutrina apresenta várias classificações para os serviços públicos. Elas são independentes e baseadas em diferentes critérios. Apresentaremos as principais:

a) **Próprios e impróprios.** Os serviços públicos **próprios** são aqueles que o Estado assume como seus (tem titularidade do serviço) e os executa diretamente (por seus agentes) ou por terceiros (por delegação). Serviços públicos **impróprios** seriam aqueles cuja titularidade não pertence exclusivamente ao Estado, embora possam ser regulamentados e fiscalizados por ele. Conforme vimos anteriormente, tais serviços, no que pese servirem ao atendimento de necessidades da coletividade, não são (propriamente) serviços públicos, quando prestados pelo particular, sem delegação estatal (titularidade do Estado).

b) **Delegáveis e indelegáveis.** Os serviços públicos **delegáveis** são aqueles que o Estado pode prestar diretamente ou por terceiros (Ex.: serviço de transporte público). Os serviços **indelegáveis** são aqueles cuja prestação não pode ser repassada pelo Estado, a terceiros, sendo executados por seus próprios agentes (Ex: serviço postal e correio aéreo nacional).

> **Atenção**
> Matheus Carvalho suscita, ainda, a classificação **"Serviços públicos de delegação obrigatória"**, que envolveria os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, tratados no artigo 223 da Constituição Federal. Realmente, por expressa previsão constitucional, compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

A doutrina costuma denominar os serviços públicos delegáveis como serviços de utilidade pública (**pró-cidadão**) e os serviços públicos indelegáveis como serviço público propriamente dito ou serviços de relevância pública (**pró-comunidade**).

c) ***Uti singuli* (individuais) e *uti universi* (gerais).** Os serviços ***uti singuli* (ou individuais)** atendem direta e individualmente ao administrado, sendo mensurável a utilização por cada um dos indivíduos. (ex: serviços de telefonia, de energia elétrica residencial, entre outros). Os serviços ***uti universi* (ou gerais)** não possuem usuários

determinados, são prestados para agrupamentos indeterminados de indivíduos, de acordo com as opções e prioridades da Administração (ex: serviços de iluminação pública, pavimentação de ruas, limpeza urbana pública, saneamento, entre outros).

d) **Administrativos, comerciais (ou industriais) e sociais.** Os serviços **administrativos** são os executados pela Administração para atender as suas necessidades internas de funcionamento. Os **serviços comerciais (ou industriais)** são aqueles serviços de ordem econômica, que envolvem o oferecimento de utilidades materiais necessárias ao indivíduo, tal como a água tratada, a energia elétrica, as telecomunicações. Os **serviços sociais** são aqueles que satisfazem necessidades de cunho social ou assistencial, tal como a educação, a assistência, a seguridade.

e) **Exclusivos e não exclusivos.** Serviços públicos **exclusivos** seriam aqueles atribuídos exclusivamente ao Estado (titularidade). Serviços públicos **não exclusivos** seriam aqueles para os quais nosso ordenamento permite a titularidade, tanto pelo Poder Público como pelo setor privado. Para tais serviços, embora tenha exaltado o dever de atuação do Estado, o constituinte permitiu, expressamente, a atuação do setor privado, independentemente de delegação pública (como saúde, educação, previdência social).

Quando os serviços não exclusivos forem prestados por particulares, sem delegação estatal, não haverá titularidade daquele serviço pelo Poder Público. Não obstante, pode o Poder Público prestar tais serviços não exclusivos, direta ou indiretamente (nesse caso, haverá a titularidade pelo Estado).

Essa classificação foi utilizada pelos reformistas no Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado. Contudo, deve-se perceber que, **apenas nas situações em que houver titularidade do Estado, ter-se-á uma prestação de serviço público** (em sentido estrito). Caso a titularidade não seja estatal, a prestação não se qualificará propriamente como serviço público, embora o relevante interesse social envolvido permita a atuação estatal reguladora e fiscalizadora.

Quadro-resumo: Serviços públicos	
Próprios	O Estado tem titularidade do serviço e os executa diretamente ou por terceiros
Impróprios	A titularidade não pertence exclusivamente ao Estado

Quadro-resumo: Serviços públicos	
Delegáveis	O Estado pode prestar diretamente ou por terceiro
Indelegáveis	A prestação não pode ser repassada pelo Estado, a terceiros
Uti singuli (específicos ou individuais)	Atendem direta e individualmente ao administrado
Uti universi (gerais)	Não possuem usuários determinados
Administrativos	Atender às necessidades de funcionamento da Administração
Comerciais (ou industriais)	São serviços de ordem econômica, que envolvem utilidades materiais
Sociais	Satisfazem necessidades de cunho social ou assistencial
Exclusivos	Atribuídos exclusivamente ao Estado (titularidade)
Não exclusivos	O ordenamento permite a titularidade tanto pelo Poder Público como pelo setor privado

Importante perceber que uma mesma atividade pode receber diversas classificações como serviço público. Assim, podemos ter, por exemplo, um serviço público que, ao mesmo tempo, seja classificável como: próprio, delegável, individuais (*uti singuli*), comercial e exclusivo.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do trabalho (TRT 16ª Região/2015), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "Os serviços *uti singuli* são os que têm usuários determinados e utilização particular e mensurável para cada destinatário. São sempre serviços de utilização individual e mensurável, pelo que devem ser remunerados por taxa (tributo) ou tarifa (preço público)".

5. REMUNERAÇÃO

A doutrina costuma estabelecer que os serviços públicos podem ser **gratuitos** ou **remunerados**. Na verdade, não existe propriamente uma gratuidade, todos os recursos financeiros consumidos na prestação de serviços públicos (mesmo para os denominados gratuitos) exigem o respectivo custeio.

Algumas prestações classificadas como serviços públicos são remuneradas por toda a respectiva sociedade, que sustenta a Adminis-

tração Pública através dos tributos pagos. Outras prestações devem ser custeadas pelo administrado beneficiado pela prestação pública, através de contraprestação pecuniária direta.

Quando os serviços não possuem usuários determinados (gerais, como os serviços de iluminação pública, de limpeza urbana pública, saneamento, entre outros), a doutrina defende que a remuneração deve ser feita pelo pagamento normal dos tributos. Na verdade, não haveria remuneração direta pelo administrado beneficiado, toda a sociedade arcaria indiretamente com o serviço através dos tributos que paga para o custeio do Estado.

Quando o serviço público atende direta e individualmente ao administrado (divisíveis ou individuais, como os serviços de telefonia, de energia elétrica residencial, entre outros), é possível exigir-se a contraprestação pecuniária direta, que pode se dar pelo pagamento de taxas (compulsório) e tarifas ou preço público (facultativo).

▸ **Atenção!**

Preços de serviços públicos e taxas não se confundem porque estas, diferentemente daqueles, são compulsórias e têm sua cobrança condicionada à prévia autorização orçamentária, em relação à lei que as instituiu (STF, Súmula 545).

Se o serviço é **individual** e **compulsório**, tem-se considerado que a cobrança deve ser feita através de **taxa**, que é uma espécie de tributo vinculado a uma contraprestação estatal (ainda que o usuário não utilize efetivamente o serviço). Quando os serviços são compulsórios e considerados essenciais para a coletividade, não podem ser recusados pelos destinatários.

▸ **Atenção!**

A taxa cobrada exclusivamente em razão dos serviços públicos de coleta, remoção e tratamento ou destinação de lixo ou resíduos provenientes de imóveis, não viola o artigo 145, II, da Constituição Federal (STF, Súmula Vinculante 19).

Se o serviço é **individual** e **facultativo** (ex: transporte público, telefonia, entre outros), tem-se considerado que a cobrança deve ser feita através de **tarifa ou preço público**. O usuário aceitará ou não a prestação do serviço público e pagará pelo seu efetivo uso.

▸ **Atenção!**

O STJ, encampando entendimento sedimentado pelo STF, firmou posição no sentido de que a contraprestação cobrada por concessionárias de serviço público de água e esgoto detém natureza jurídica de tarifa ou preço público. Também se definiu pela aplicação das normas do Código Civil, sendo a prescrição vintenária (EREsp 690.609-RS, julgado em 26/3/2008).

▸ **Importante!**

Segundo a Jurisprudência do STJ, "é ilegal a cobrança feita por entes da Administração Pública em face de concessionária de serviço público pelo uso de solo, subsolo ou espaço aéreo, uma vez que: a) a utilização, nesse caso, se reverte em favor da sociedade – razão pela qual não cabe a fixação de preço público; e b) a natureza do valor cobrado não é de taxa, pois não há serviço público prestado ou poder de polícia exercido". (STJ. REsp 1144399/PR, DJe 24/10/2017).

Cabem observações sobre alguns serviços públicos em especial:

- **Iluminação pública.** Não sendo divisível, o serviço não pode ser remunerado por taxa. Esse pensamento foi sedimentado na **Súmula nº 670 do STF**, ao estabelecer que "*o serviço de iluminação pública não pode ser remunerado mediante taxa*". Diante desse precedente do STF, foi alterada a Constituição Federal (EC 39/2002), incluindo-se o artigo 149-A, que permitiu aos Municípios e ao Distrito Federal instituir **contribuição**, na forma das respectivas leis, para o custeio do serviço de iluminação pública.

Atualmente, o serviço de iluminação pública tem sido custeado através da cobrança desse tributo (**contribuição**). Parte da doutrina aponta a inconstitucionalidade desse custeio, sob o argumento de que a contribuição também é uma espécie tributária vinculada a uma contraprestação estatal. Discordamos desse entendimento, uma vez que a contribuição difere da taxa, entre outras coisas, por não exigir contraprestação individualizada de um serviço ao contribuinte. O STF já expressou posição favorável ao custeio do serviço de iluminação pública através do referido tributo/contribuição (RE 573675SC, DJ 21/05/2009).

- **Serviço de telefonia.** Embora tido como facultativo (não essencial), é rotineira a cobrança de valores fixos nas contas telefônicas (assinatura mensal), o que suscitou a tese de que esses valores (como não corresponderiam a uma efetiva prestação

de serviço) teriam natureza de taxa, sendo incabíveis já que o serviço não era legitimamente compulsório. Nada obstante, o Judiciário consolidou entendimento no sentido de que esses valores fixos não teriam natureza de taxa, mas sim de tarifa básica, sendo admissível sua cobrança.

▸ **Atenção!**

É legítima a cobrança da tarifa básica pelo uso dos serviços de telefonia fixa. (STJ. Súmula 356).

6. PRESTAÇÃO E EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS PÚBLICOS

Os serviços públicos podem ser prestados de forma **centralizada** (diretamente pelo Ente Público), **desconcentrada** (através dos órgãos públicos) e **descentralizada** (através de terceiros, por outorga ou por delegação).

Para parte da doutrina, nas duas primeiras formas de prestação (centralizada e desconcentrada), dá-se a **execução direta**, pois é o próprio Estado, através do ente federativo ou de seus órgãos, que presta o serviço público. Na prestação descentralizada, contudo, dá-se a **execução indireta**, pois os serviços são realizados por pessoas jurídicas distintas dos entes federativos, integrantes ou não da Administração.

Registramos que outra parte da doutrina, com base nas lições do sempre lembrado professor Hely Lopes Meirelles, defende que a **execução direta** ocorre quando o serviço é prestado pelo Poder Público ou pelo terceiro (por outorga ou por delegação), desde que ele o faça por seus próprios meios. Já a **execução indireta** seria aquela em que qualquer um deles comete a terceiros contratados a prestação do serviço.

Parece-nos mais adequada ao atual ordenamento, a primeira corrente doutrinária.

6.1. Simplificação do atendimento prestado aos usuários dos serviços públicos

A Lei nº 13.460 tratou sobre participação, proteção e defesa dos direitos do usuário dos serviços públicos da administração pública. Ela se aplica à administração pública direta e indireta da União,

dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, sendo aplicável subsidiariamente, aos serviços públicos prestados por particular.

Sua aplicação não afasta a necessidade de cumprimento de outras obrigações, pela administração pública prestadora de serviços, notadamente quando disposto:

- em normas regulamentadoras específicas, quando se tratar de serviço ou atividade sujeitos a regulação ou supervisão; e
- na Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990 (CDC), quando caracterizada relação de consumo.

Segundo a Lei, o usuário de serviço público tem direito à adequada prestação dos serviços, devendo os agentes públicos e prestadores de serviços públicos observar as seguintes diretrizes:

- urbanidade, respeito, acessibilidade e cortesia no atendimento aos usuários;
- presunção de boa-fé do usuário;
- atendimento por ordem de chegada, ressalvados casos de urgência e aqueles em que houver possibilidade de agendamento, asseguradas as prioridades legais às pessoas com deficiência, aos idosos, às gestantes, às lactantes e às pessoas acompanhadas por crianças de colo;
- adequação entre meios e fins, vedada a imposição de exigências, obrigações, restrições e sanções não previstas na legislação;
- igualdade no tratamento aos usuários, vedado qualquer tipo de discriminação;
- cumprimento de prazos e normas procedimentais;
- definição, publicidade e observância de horários e normas compatíveis com o bom atendimento ao usuário;
- adoção de medidas visando a proteção à saúde e a segurança dos usuários;
- autenticação de documentos pelo próprio agente público, à vista dos originais apresentados pelo usuário, vedada a exigência de reconhecimento de firma, salvo em caso de dúvida de autenticidade;

- manutenção de instalações salubres, seguras, sinalizadas, acessíveis e adequadas ao serviço e ao atendimento;
- eliminação de formalidades e de exigências cujo custo econômico ou social seja superior ao risco envolvido;
- observância dos códigos de ética ou de conduta aplicáveis às várias categorias de agentes públicos;
- aplicação de soluções tecnológicas que visem a simplificar processos e procedimentos de atendimento ao usuário e a propiciar melhores condições para o compartilhamento das informações;
- utilização de linguagem simples e compreensível, evitando o uso de siglas, jargões e estrangeirismos; e
- vedação da exigência de nova prova sobre fato já comprovado em documentação válida apresentada.

A Lei nº 13.460/2017 também define alguns direitos básicos do usuário, entre eles:

- participação no acompanhamento da prestação e na avaliação dos serviços;
- obtenção e utilização dos serviços com liberdade de escolha entre os meios oferecidos e sem discriminação;
- acesso e obtenção de informações relativas à sua pessoa constantes de registros ou bancos de dados, observado o disposto no inciso X do caput do art. 5º da Constituição Federal e na Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;
- proteção de suas informações pessoais, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;
- atuação integrada e sistêmica na expedição de atestados, certidões e documentos comprobatórios de regularidade; e
- obtenção de informações precisas e de fácil acesso nos locais de prestação do serviço, assim como sua disponibilização na internet, especialmente sobre: a) horário de funcionamento das unidades administrativas; b) serviços prestados pelo órgão ou entidade, sua localização exata e a indicação do setor responsável pelo atendimento ao público; c) acesso ao agente público ou ao órgão encarregado de receber manifesta-

ções; d) situação da tramitação dos processos administrativos em que figure como interessado; e) valor das taxas e tarifas cobradas pela prestação dos serviços, contendo informações para a compreensão exata da extensão do serviço prestado.

Por outro lado, o diploma normativo define que são deveres do usuário:

- utilizar adequadamente os serviços, procedendo com urbanidade e boa-fé;
- prestar as informações pertinentes ao serviço prestado quando solicitadas;
- colaborar para a adequada prestação do serviço; e
- preservar as condições dos bens públicos por meio dos quais lhe são prestados os serviços.

6.1.1. *Carta de serviços*

A Carta de Serviços ao Usuário uma espécie de manual que deverá ser elaborado pelos órgãos e entidades do Poder Executivo federal que prestam atendimento aos usuários dos serviços públicos.

> **Atenção!**
> O objetivo da carta é informar, aos usuários, os serviços prestados pelo órgão ou pela entidade do Poder Executivo federal, as formas de acesso a esses e os compromissos e padrões de qualidade do atendimento ao público.

Todos os órgãos e entidades deverão confeccionar e divulgar Carta de Serviços ao Usuário. Ela deverá trazer informações claras e precisas em relação a cada um dos serviços prestados, apresentando, no mínimo, informações relacionadas a:

- serviços oferecidos;
- requisitos, documentos, formas e informações necessárias para acessar o serviço;
- principais etapas para processamento do serviço;
- previsão do prazo máximo para a prestação do serviço;
- forma de prestação do serviço; e

- locais e formas para o usuário apresentar eventual manifestação sobre a prestação do serviço.

A Carta de Serviços ao Usuário deverá ainda detalhar os compromissos e padrões de qualidade do atendimento relativos, no mínimo, aos seguintes aspectos:

- prioridades de atendimento;
- previsão de tempo de espera para atendimento;
- mecanismos de comunicação com os usuários;
- procedimentos para receber e responder as manifestações dos usuários; e
- mecanismos de consulta, por parte dos usuários, acerca do andamento do serviço solicitado e de eventual manifestação.

A Carta de Serviços ao Usuário será objeto de atualização periódica e de permanente divulgação mediante publicação em sítio eletrônico do órgão ou entidade na internet.

6.1.2. *Medidas de desburocratização da tramitação processual*

O Governo Federal, por meio do Decreto nº 9.094/2017, regulamentou os procedimentos para simplificação do atendimento aos usuários dos serviços públicos. Embora vários pontos desse decreto já constassem em outras normas federais, como os Decretos nº 6.932/09 e nº 5.378/05, o normativo trouxe novidades.

Nesse sentido, por exemplo, de acordo com o artigo 2º do Decreto nº 9.094/97, salvo disposição legal em contrário, os órgãos e as entidades do Poder Executivo federal que necessitarem de documentos comprobatórios da regularidade da situação de usuários dos serviços públicos, de atestados, de certidões ou de outros documentos comprobatórios que constem em base de dados oficial da administração pública federal deverão obtê-los diretamente do órgão ou da entidade responsável pela base de dados, não devendo exigi-los dos usuários dos serviços públicos.

Via de regra, excetuadas situações previstas em lei, se os documentos contiverem informações sigilosas sobre os usuários dos serviços públicos, seu fornecimento pelo órgão ou pela entidade responsável ficará condicionado à autorização expressa do usuário.

O Decreto estabelece ainda que, não sendo possível a obtenção dos documentos, junto ao órgão ou entidade responsável pela base de dados, a comprovação necessária poderá ser feita por meio de declaração escrita e assinada pelo usuário dos serviços públicos.

▸ **Atenção!**

Caso comprovada a falsidade da declaração, o usuário ficará sujeito às sanções administrativas, civis e penais cabíveis.

Os órgãos e as entidades do Poder Executivo federal, responsáveis pelo atendimento aos usuários dos serviços públicos, deverão observar as seguintes práticas:

- gratuidade dos atos necessários ao exercício da cidadania, nos termos da Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996;
- padronização de procedimentos referentes à utilização de formulários, guias e outros documentos congêneres; e
- vedação de recusa de recebimento de requerimentos pelos serviços de protocolo, exceto quando o órgão ou a entidade for manifestamente incompetente (nesta hipótese, os serviços de protocolo deverão prover as informações e as orientações necessárias para que o interessado possa dar andamento ao requerimento).

Caso o agente público verifique que o órgão ou a entidade do Poder Executivo federal é incompetente para o exame ou a decisão da matéria, após a protocolização de requerimento, deverá providenciar a remessa imediata do requerimento ao órgão ou à entidade do Poder Executivo federal competente. Não sendo possível a remessa, o interessado deverá ser comunicado imediatamente do fato para adoção das providências necessárias.

Para evitar-se às desnecessárias idas e vindas do usuário, o Decreto firma a regra de que as exigências necessárias para o requerimento devem ser feitas desde logo e de uma só vez ao interessado, justificando-se exigência posterior apenas em caso de dúvida superveniente. Outrossim, estabelece que não será exigida prova de fato já comprovado pela apresentação de documento ou informação válida.

Por fim, compatibilizando-se à tendência de digitalização dos processos, o Decreto define que, para complementar informações

ou solicitar esclarecimentos, a comunicação entre o órgão ou a entidade do Poder Executivo federal e o interessado poderá ser feita por qualquer meio, preferencialmente eletrônico.

6.1.3. Ratificação da dispensa do reconhecimento de firma e da autenticação em documentos produzidos no país

O Decreto federal nº 9.094/2017 ratificou a dispensa do reconhecimento de firma para as pessoas físicas, bem como dispensou a necessidade de autenticação em documentos produzidos no Brasil, tendo como base o princípio da presunção de boa-fé. A novidade do Decreto é que essa prática agora contemplará também as pessoas jurídicas.

▸ Atenção!

O Decreto nº 6.932/2009, revogado pelo Decreto nº 9.094/2017, que tratava da dispensa do reconhecimento de firma e dispensa da necessidade de autenticação para as pessoas físicas, referia-se no corpo da norma à pessoa do "Cidadão". O novo regramento utiliza-se da expressão "usuários dos serviços públicos". Segundo o parágrafo único do art. 1º, 'usuários dos serviços públicos' são as pessoas físicas e jurídicas, de direito público ou privado, diretamente atendidas por serviço público.

Nos termos do Decreto, não existindo dúvida fundada quanto à autenticidade ou previsão legal, fica dispensado o reconhecimento de firma e a autenticação de cópia dos documentos expedidos no País e destinados a fazer prova junto a órgãos e entidades do Poder Executivo federal.

O próprio servidor público poderá fazer a conferência da cópia dos documentos expedidos por órgãos públicos federais no Brasil com o original, autenticando-a.

▸ Atenção!

Constatada, a qualquer tempo, a falsificação de firma ou de cópia de documento público ou particular, o órgão ou a entidade do Poder Executivo federal considerará não satisfeita a exigência documental respectiva e, no prazo de até cinco dias, dará conhecimento do fato à autoridade competente para adoção das providências administrativas, civis e penais cabíveis (Art. 10, § 2º, do Decreto nº 9.094/2017).

Ademais, será obrigatório aos órgãos federais manter o compartilhamento de informações, a atuação integrada e sistêmica na

expedição de atestados, certidões e documentos comprobatórios de regularidade, a eliminação de formalidades, a aplicação de soluções tecnológicas que visem simplificar processos e procedimentos de atendimento aos usuários dos serviços públicos e a propiciar melhores condições para o compartilhamento das informações.

6.1.4. *Da solicitação de simplificação*

O Decreto 9.094/2017 previu a possibilidade de que os usuários dos serviços públicos solicitem mudanças que impactem na qualidade, acesso e execução dos serviços, quando a prestação desses não observar as regras previstas no mencionado Ato.

A "Solicitação de Simplificação" ("SIMPLIFIQUE") deverá ser apresentada, preferencialmente, por meio eletrônico, em canal único oferecido pela Ouvidoria-Geral da União, do Ministério da Transparência e Controladoria-Geral da União. Do formulário "Simplifique", deverá constar:

- a identificação do solicitante;
- a especificação do serviço objeto da simplificação;
- o nome do órgão ou da entidade perante o qual o serviço foi solicitado;
- a descrição dos atos ou fatos; e
- facultativamente, a proposta de melhoria.

Caso o usuário do serviço público não tenha acesso ao meio eletrônico, ele poderá realizar os procedimentos por meio físico. Nessa situação, caberá aos órgãos e as entidades digitalizarem a solicitação de Simplificação e promoverem a sua inserção no meio eletrônico.

6.1.5. *Das sanções pelo descumprimento*

O Decreto federal nº 9.094/2007 indica a possibilidade de aplicação de sanções, casos os servidores federais descumpram as regras por ele definidas. Segundo o regulamento, o servidor que descumprir as regras estará sujeito às penalidades previstas, respectivamente, na Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, e na Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980.

▸ **Atenção!**

Os usuários dos serviços públicos poderão representar ao Ministério da Transparência e Controladoria-Geral da União, eventual desrespeito às regras definidas no Decreto.

6.1.6. *Vigência*

A Lei nº 13.460/2017 entra em vigor, a contar da sua publicação (27/06/2017), em:

- 365 dias para a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios com mais de 500 mil habitantes;
- 540 dias para os Municípios entre 100 mil e 500 mil habitantes; e
- 720 dias para os Municípios com menos de 100 mil habitantes.

7. DELEGAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO

Com a **descentralização**, portanto, o Estado transfere para terceiro a execução da titularidade da prestação do serviço. Essa transferência pode se dar por **delegação legal** (outorga) ou por **delegação negocial**. Em ambas as situações ocorre a transferência da titularidade da prestação do serviço.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Analista do Controle Externo do TCE/CE (FCC/2015), com o seguinte enunciado: "*A Constituição da República estabelece uma série de competências e atribuições para o Poder Público em favor da população. A execução material dessas atividades*". Foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "a) deve se dar em regime de exclusividade pelos entes federados indicados na Constituição Federal, caso contrário, perdem a qualificação de serviços públicos".

No concurso para Juiz do trabalho (TRT 16ª Região/2015), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "*A transferência da execução do serviço público pode ser feita por outorga ou por delegação. No primeiro caso transfere-se para o ente a titularidade de um serviço público, não apenas sua execução. Não pode mais o Poder Público retomar esse serviço, a não ser por lei*".

No concurso para cargos de nível superior na Caixa (Cespe/2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Ao conceder serviço público, o poder público concedente só transfere ao concessionário a execução do serviço, continuando titular do serviço concedido, o que lhe permite dele dispor de acordo com o interesse público*".

A titularidade do ente federativo é fundamental para a identificação do foro competente para o deslinde de eventuais litígios relacionados à prestação de serviço, bem como para a delimitação do exercício de prestação do serviço público.

Nesse sentido, o ato do tabelião praticado na comarca para a qual não tem delegação não tem validade, mesmo que a parte, por sua livre escolha, eleja-o para praticar o ato (REsp 682.399-CE, julgado em 7/5/2007).

Instituições particulares de ensino superior e instituições públicas federais de ensino superior agem por delegação da União; assim, o foro competente para eventuais litígios, **em sede de mandado de segurança** (quando a impetração voltar-se contra ato de dirigente de universidade), é a **Justiça Federal**. Em relação às instituições públicas estaduais ou municipais de ensino superior, elas agem por delegação dos Estados, de forma que o foro competente para eventuais litígios, em mandado de segurança (quando a impetração voltar-se contra ato de dirigente de universidade), é da Justiça Comum Estadual.

No caso de **instituições particulares de ensino superior**, o foro competente é a Justiça Federal apenas na hipótese de mandado de segurança, quando a impetração voltar-se contra ato de dirigente de universidade. Nas ações de conhecimento, cautelares ou quaisquer outras de rito especial que não o mandado de segurança, a competência será da Justiça Estadual.

▸ **Atenção!**

Conforme precedente do STJ, relatado pelo ilustre Ministro Castro Meira, podemos estabelecer as seguintes premissas, nos processos que envolvem o ensino superior:

a) **mandado de segurança:** a competência será federal quando a impetração voltar-se contra ato de dirigente de universidade pública federal ou de universidade particular, com delegação pela União; ao revés, a competência será estadual quando o *mandamus* for impetrado contra dirigentes de universidades públicas estaduais e municipais, componentes do sistema estadual de ensino;

b) **ações de conhecimento, cautelares ou quaisquer outras de rito especial que não o mandado de segurança:** a competência será federal quando a ação indicar no polo passivo a União Federal ou quaisquer de suas autarquias (art. 109, I, da Constituição da República); será de competência estadual, entretanto, quando o ajuizamento voltar-se contra entidade estadual, municipal ou contra instituição particular de ensino (Vide STJ, CC 108466, DJE 01/03/2010).

Com a outorga ou **delegação legal**, o Estado transfere, por meio de lei, a titularidade da prestação para entidades de sua administração indireta.

Com a **delegação negocial**, o Estado transfere, por meio de contrato ou ato administrativo (concessão, permissão e autorização), a titularidade da prestação do serviço para outras pessoas jurídicas.

▸ **Atenção!**

Por expressa previsão constitucional, o ingresso na atividade notarial e de registro depende de concurso público de provas e títulos, não se permitindo que qualquer serventia fique vaga, sem abertura de concurso de provimento ou de remoção, por mais de seis meses.

A **concessão** e a **permissão** são formas negociais da delegação de serviços públicos, enquanto a **autorização** é instrumento unilateral de delegação (ato administrativo).

▸ **Atenção!**

É imprescindível autorização do Poder Público para a exploração do serviço de radiodifusão comunitária.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para cargos de nível superior na Caixa (Cespe/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*Suponha que a administração pública direta, após regular licitação, tenha transferido temporariamente a execução de determinado serviço público a empresa privada. Nessa situação, está caracterizado o fenômeno da prestação de serviço público por outorga*".

7.1. Concessão de serviço público

A concessão consiste na delegação negocial de uma prestação de serviço público. Conforme já asseverado, com a concessão o Poder Público transfere a **titularidade da prestação do serviço** (e não a titularidade do serviço).

Segundo a Lei nº 8.987/95, apenas os **entes políticos** (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) são considerados **poder concedente**, cabendo-lhes realizar a concessão (delegação) de serviços públicos de sua competência. Não obstante, a doutrina observa que a celebração de contratos de concessão vem sendo delegada, por leis específicas, a entidades autárquicas.

Como exemplo, vale citar que a Lei nº 9.472/97 atribui à ANATEL a competência para celebrar e gerenciar contratos de concessão e fiscalizar a prestação do serviço no regime público, aplicando sanções e realizando intervenções. José dos Santos Carvalho Filho observa que, nesses casos, há uma delegação de função fiscalizadora ou de controle, transferência ou descentralização que exige expressa previsão legal.

▸ **Atenção!**

A Lei nº 11.107/2005 estabelece que os **consórcios públicos** podem outorgar concessão, permissão ou autorização de obras ou serviços públicos, mediante autorização prevista no contrato de consórcio público, que deverá indicar de forma específica o objeto da concessão, permissão ou autorização e as condições a que deverá atender, observada a legislação de normas gerais em vigor.

A doutrina tem entendido que a competência para legislar sobre concessões se dá nos termos descritos pelo inciso XXVII do artigo 22 da Constituição Federal. Tal assertiva deriva do entendimento de que a concessão é uma modalidade de contrato administrativo. Nos moldes do dispositivo, assim como se dá nas licitações, nas concessões a União tem competência para legislar sobre **normas gerais**, possuindo os Estados, Municípios e Distrito Federal a competência legislativa para estabelecer **normas específicas** sobre o tema.

O regime jurídico das concessões de serviço público foi fortemente afetado pelas inovações trazidas com a Lei federal nº 11.079/2004, que instituiu as parcerias público-privadas. Nosso ordenamento passou a registrar os seguintes tipos de concessões: **comuns** (Concessão de serviço público e Concessão de serviço público precedida de execução de obra) e **especiais** (Concessão patrocinada e Concessão administrativa).

Podemos apontar algumas **características comuns** a todas as espécies de concessões:

- A delegação não pode ser feita a pessoas físicas, apenas para pessoas jurídicas;
- A formalização se faz por meio de contrato administrativo;
- A delegação, em regra, é precedida de licitação, na modalidade de concorrência;
- A delegação se dá por prazo determinado (limitado);

Atenção!

O STJ entende que, fixado o prazo de duração para o contrato de concessão, não pode a Administração alterar essa regra e elastecer o pacto para além do inicialmente fixado, sem prévia abertura de novo procedimento licitatório, pois isto implicaria quebra da regra da licitação, ainda que verificada a ocorrência de desequilíbrio econômico-financeiro do contrato, com o reconhecimento de direito de indenização às concessionárias. Segundo o STJ, deve a Administração promover certame licitatório para novas concessões de serviços públicos, não sendo razoável a prorrogação indefinida de contratos de caráter precário.

De qualquer forma, é de suma importância a leitura atenta das características que diferenciam as espécies de concessões, conforme será resumidamente delineado adiante.

Concessões comuns	Concessões especiais
Concessão de serviço público (simples)	Concessão patrocinada
Concessão de serviço público precedida de execução de obra	Concessão administrativa

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Analista de Planejamento e Orçamento da ESAF (ESAF/2015), com o seguinte enunciado: " *Sobre as concessões de serviços públicos, assinale a opção correta*, foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "d) A pessoa física não pode ser concessionária em nenhuma hipótese".

No concurso para advogado da CEHAP-PB (Cespe/2009), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Enquanto as concessões comuns, reguladas por lei, são divididas em concessões de serviço público simples e concessões de serviço público precedidas de execução de obra pública, as PPPs se dividem em concessão patrocinada e concessão administrativa*".

a) **Concessão de serviço público (simples).** É uma forma de delegação de sua prestação, feita pelo poder concedente, mediante licitação, na modalidade concorrência, à pessoa jurídica ou ao consórcio de empresas que demonstre capacidade para seu desempenho, por sua conta e risco e por prazo determinado.

b) **Concessão de serviço público precedida da execução de obra pública.** É, também, uma forma de delegação, cuja seleção se

dá mediante licitação, na modalidade concorrência, à pessoa jurídica ou ao consórcio de empresas que demonstre capacidade para a sua realização, por sua conta e risco. Contudo, aqui, a prestação do serviço é precedida de obra pública, realizada pela concessionária, cujo investimento será remunerado e amortizado através da exploração do serviço ou da obra, por prazo determinado.

c) **Concessão patrocinada.** É uma concessão comum que envolve, adicionalmente à tarifa cobrada dos usuários, contraprestação pecuniária do parceiro público ao parceiro privado. Ademais, o regramento específico estabelece várias nuances para essa espécie de concessão.

d) **Concessão administrativa.** É apontada pela Lei nº 11.079/2004, como "contrato de prestação de serviços de que a Administração Pública seja a usuária direta ou indireta, ainda que envolva execução de obra ou fornecimento e instalação de bens".

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Delegado de Polícia de Pernambuco (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Tendo como referência a legislação aplicável ao regime de concessão e permissão de serviços públicos e às parcerias público-privadas, assinale a opção correta." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "B) Em relação à parceria público-privada, entende-se por concessão administrativa o contrato de prestação de serviços de que a administração pública seja a usuária direta ou indireta, ainda que envolva execução de obra ou fornecimento e instalação de bens."

No concurso para Juiz Federal Substituto 2ª região (Cespe/2013), foi considerada correta a seguinte assertiva:

E) Caso um estado da Federação celebre contrato administrativo de PPP visando à concessão de serviços públicos, conforme legislação específica, e, além da tarifa a ser cobrada dos usuários, o contrato preveja contraprestação pecuniária do parceiro público ao parceiro privado, ter-se-á, nessa hipótese, um exemplo da chamada concessão patrocinada.

A doutrina indica a **natureza jurídica de contrato administrativo** às concessões. A Lei nº 11.079/2004 firmou, literalmente, a natureza jurídica da parceria público-privada como de contrato administrativo.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Técnico de controle externo do TCM-PA (FCC/2010) foi considerada correta a seguinte assertiva: "*d) parceria público-privada é o contrato administrativo de concessão, na modalidade patrocinada ou administrativa*".

Adiante, em tópico específico, trataremos das principais características dos contratos de concessões (comuns e especiais) de serviços públicos.

7.2. Permissão de serviço público

A permissão do serviço público é uma **forma de delegação de serviço público, também materializada através de contrato.** Contudo, embora submeta-se à licitação, a delegação é **realizada a título precário,** pelo poder concedente, à pessoa física ou jurídica que demonstre capacidade para seu desempenho, por sua conta e risco.

Atenção!

Perceba que, no caso das permissões, admite-se a delegação para **pessoas físicas**, diferentemente das concessões, em que a delegação se dá, apenas, para pessoas jurídicas.

Em relação à permissão de serviço público, a Lei nº 8.987/95, expressamente, estabelece que ela seja formalizada mediante **contrato de adesão,** que observará os termos desta Lei, das demais normas pertinentes e do edital de licitação, inclusive quanto à precariedade e à revogabilidade unilateral do contrato, pelo poder concedente.

Há que se registrar certo dissenso doutrinário, sobre o tema. Há relevante doutrina que defende a natureza jurídica da permissão como sendo de ato administrativo unilateral (nesse sentido, Bandeira de Mello e Di Pietro). Outra parte da doutrina, com a qual concordamos (nesse sentido, Carvalho Filho), embora registre o entendimento doutrinário tradicional, reconhece que, por opção expressa do constituinte e do legislador ordinário, estabeleceu-se, para a permissão, **natureza jurídica contratual** (como contrato de adesão).

De qualquer forma, segundo o STJ, no que tange à extinção da permissão e eventual direito à indenização, é "indispensável o cumprimento dos ditames constitucionais e legais, com a realização

de prévio procedimento licitatório, para que se possa cogitar de indenização aos permissionários de serviço público" (STJ. AgRg no REsp 1456687/RJ, DJe 19/04/2017).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Procurador do MP junto ao TCU/2015 (Cespe/2015), com o seguinte enunciado: "Em consonância com a legislação e a jurisprudência pertinentes, assinale a opção correta, com relação ao serviço público." Foi considerada correta a seguinte assertiva: "D) O caráter precário da permissão autoriza a revogação unilateral do contrato por ato do poder concedente, hipótese em que, mediante ação própria, é possível ao permissionário obter indenização dos investimentos feitos para o desempenho do serviço.".

No concurso para o cargo de Procurador do TCM-RJ (FGV/2008) foi cobrado: "*A respeito da natureza jurídica dos institutos, é correto afirmar que a concessão de serviço público, a concessão de serviço precedido da execução de obra pública e a permissão de serviço público são:*", foi considerada correta a seguinte assertiva: "*c) todas contratos administrativos.*"

No concurso para o cargo de Promotor de Justiça do Estado do Espírito Santo (Cespe/2010) foi considerada errada a seguinte assertiva: "*d) A permissão e a concessão de serviço público podem ser atribuídas a pessoas físicas ou jurídicas, bem como a consórcio de empresas*"

7.3. Autorização de serviço público

A autorização possui natureza de **ato administrativo unilateral, precário e discricionário.** Através dela, o Poder Público consente que o particular realize determinada atividade. Vê-se, portanto, que (diferentemente do que ocorre na concessão e na permissão) na autorização prepondera o interesse privado.

A Constituição, embora não se reporte à "autorização", ao tratar, no artigo 175, sobre a prestação de serviços públicos, cita este ato administrativo unilateral, ao dispor, em seu artigo 21, sobre a competência federal para explorar determinados serviços públicos (incisos XI e XII). Marçal Justen Filho, identificando a contradição entre a delegação de serviço público e a natureza jurídica da autorização, conclui que tal ato administrativo, em regra, não deve envolver delegação de serviços públicos, mas o consentimento ao exercício de serviços (atividades) privados (ex: seguros, bancos, transporte de táxi, etc.). Observa o autor que, **excepcionalmente**, em situações emergenciais, **pode ser admitida a figura da autorização para a delegação de serviços públicos.**

8. DOS CONTRATOS DE CONCESSÃO DE SERVIÇO PÚBLICO

A concessão de serviço público pode gerar contratos administrativos de concessão. A escolha do concessionário se dá através de licitação, via de regra, na modalidade **concorrência**. Conforme a Lei nº 9.491/97, admite-se também a modalidade **leilão** para alguns serviços "desestatizados".

Tendo em vista as nuances que diferenciam as relações contratuais oriundas das **concessões comuns** daquelas estabelecidas em virtude das **concessões especiais**, trataremos as duas espécies em momentos apartados, apresentando suas principais características.

Em todos os casos, em virtude da natureza de contratos administrativos, tais relações jurídicas se submetem à competência privativa da União para legislar sobre normas gerais de contratações administrativas.

▸ **Atenção!**

Submetem-se a regime diferenciado as concessões, permissões e autorizações para o serviço **de radiodifusão sonora e de sons e imagens.** Nos termos do artigo 223 da CF, compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens. Nesses casos, o ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional e o cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

8.1. Dos contratos de concessões comuns

Conforme visto anteriormente, os contratos de concessões comuns (tanto a simples quanto a precedida de obra pública) são contratos administrativos. Não obstante, além de exigirem cláusulas essenciais (art. 23, Lei nº 8.987/95), eles se submetem a regime jurídico específico, que impõe algumas características que serão, adiante, destacadas:

a) **Remuneração.** Tanto na concessão comum simples como na precedida de obra pública, a remuneração é paga pelos usuários do serviço público.

▸ **Importante!**

O STJ já manifestou entendimento no sentido de que a necessidade de colocar uma via alternativa gratuita para os usuários, em caráter obrigatório, não deve ser imposta para a cobrança do pedágio. Para que isso ocorresse, deveria existir previsão expressa na lei.

b) **Risco.** Nas concessões comuns, a exploração econômica do serviço ou da obra se dá por conta e risco do concessionário.

▸ **Importante!**

Necessário perceber que as concessões especiais alteraram esse raciocínio, admitindo o compartilhamento de riscos entre o particular e o Poder Público.

c) **Responsabilidade do concessionário.** Incumbe à concessionária a execução do serviço concedido, cabendo-lhe responder objetivamente por todos os prejuízos causados ao poder concedente, aos usuários ou a terceiros, sem que a fiscalização exercida pelo órgão competente exclua ou atenue essa responsabilidade.

A responsabilidade objetiva estipulada pelo art. 37, § 6º da Constituição Federal alcança as empresas concessionárias de serviço público. Conforme visto no capítulo sobre responsabilidade civil, essa forma de responsabilização prescinde do elemento culpa. Assim, em regra, quando gerar dano a outrem, a concessionária responde objetivamente (sem necessidade de demonstração de culpa ou dolo). Deve-se registrar a ressalva às situações de danos causados por **condutas omissivas**, nesses casos (danos causados em virtude de condutas omissivas) é necessária a demonstração do elemento subjetivo (culpa ou dolo).

Há questões polêmicas sobre o tema: a responsabilidade objetiva das concessionárias se limita aos danos gerados aos **usuários** do serviço público? Diante de um dano causado pela concessionária a um terceiro, **não usuário**, sua responsabilidade é objetiva ou subjetiva?

Inicialmente, o STF, em interessante acórdão, relatado pelo Ministro Carlos Velloso, apontava entendimento no sentido de que a responsabilidade da concessionária era **objetiva**, contudo tal condição estaria restrita aos danos causados aos usuários de serviços públicos, não podendo ser estendida esta forma extraordinária de responsabilização (para o particular) aos eventos danosos causados

a terceiros não usuários. Em relação a terceiros não usuários, a responsabilidade civil seria então subjetiva (RE 262651/SP, DJ. 06.05.2005).

Entretanto, posteriormente o STF alterou seu entendimento, reconhecendo que a responsabilidade civil das pessoas jurídicas de direito privado prestadoras de serviço público é **objetiva, seja em relação aos danos causados a usuários como em relação aos danos causados terceiros não usuários do serviço** (RE 591874/MS, publ. 01/02/2010).

Deve-se evitar, de qualquer forma, o raciocínio de que sempre haverá responsabilidade objetiva por parte da concessionária de serviços públicos. É necessário observar que a responsabilização objetiva em relação a terceiros (não usuários ou usuários) não se dá para qualquer dano causado pela concessionária de serviço público, mas para aqueles danos **decorrentes da atividade administrativa prestada**. Nesse sentido, a ementa do Acórdão destaca que é a presença do nexo de causalidade, entre o ato administrativo e o dano causado ao terceiro não usuário do serviço público, que se apresenta como condição suficiente para estabelecer a responsabilidade objetiva da pessoa jurídica de direito privado.

Esse foi o pensamento explicitado pelo então Presidente do STF, Ministro Gilmar Mendes, em seu voto. O ilustre julgador destacou: "Evidente, portanto, que a responsabilidade objetiva das pessoas jurídicas de direito privado prestadoras de serviços públicos limita-se ao exercício de tal atividade; em outras palavras, caso a empresa cause dano a terceiros em razão de conduta não relacionada à prestação do serviço público, descaberá qualquer menção à responsabilidade objetiva".

Entendemos como correto tal raciocínio. É a condição especial de agente delegado do Estado que justifica a imposição da mesma responsabilidade objetiva estabelecida para a Administração Pública, nessa esteira, ela não deve ser estendida aos danos causados a não usuários, decorrentes de atividades outras, não relacionadas à atividade administrativa exercida.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do Trabalho (TRT 21ª Região/2015), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "*Incumbe à concessionária a execução do serviço concedido, cabendo-lhe responder por todos os prejuízos causados ao poder concedente, aos usuários ou a terceiros, sem que a fiscalização exercida pelo órgão competente exclua ou atenue essa responsabilidade*".

No concurso para Advogado da Estatal CEHAP-PB (Cespe/2009), foi considerada errada a seguinte assertiva: "c) *Como os serviços públicos objeto de concessão e de permissão são prestados por pessoas jurídicas de direito privado, os danos causados por estas aos usuários dos serviços devem ser reparados, desde que comprovados o nexo de causalidade e a culpa da concessionária/permissionária na ocorrência do evento danoso*".

d) **Responsabilidade do concedente.** O ente público pode ser responsabilizado, caso esgotadas as possibilidades de ressarcimento de danos, frente à concessionária. Trata-se, portanto, de responsabilidade **subsidiária.**

e) **Arbitragem.** O contrato de concessão poderá prever o emprego de mecanismos privados para resolução de disputas decorrentes ou relacionadas ao contrato, inclusive a arbitragem, que deve ser realizada no Brasil e em língua portuguesa.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Substituto do TJ/RJ (Vunesp/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*As disputas decorrentes ou relacionadas ao contrato de concessão não poderão ser resolvidas por meio do emprego de mecanismos privados, devendo ser submetidas ao Poder Judiciário brasileiro*".

f) **Valor da tarifa.** A tarifa do serviço público concedido é fixada de acordo com a proposta vencedora da licitação. Os valores das tarifas podem ser diferenciados em função das características técnicas e dos custos específicos provenientes do atendimento aos distintos segmentos de usuários.

▸ **Importante!**

É resguardado o direito de revisão dos valores contratuais, para preservar a respectiva equação econômica, mantendo o equilíbrio econômico-financeiro. Havendo alteração unilateral do contrato que afete o seu inicial equilíbrio econômico-financeiro, impõe-se sua revisão econômica.

Cabe observar que, **ressalvados os impostos sobre a renda**, a criação, alteração ou extinção de quaisquer tributos ou encargos legais, após a apresentação da proposta, quando comprovado seu impacto, implicará a revisão da tarifa, para mais ou para menos, conforme o caso.

No atendimento às peculiaridades de cada serviço público, poderá o poder concedente prever, em favor da concessionária, no edital de licitação, a possibilidade de outras fontes provenientes de receitas alternativas, complementares, acessórias ou de projetos associados, com ou sem exclusividade, com vistas a favorecer a modicidade das tarifas.

Segundo o STJ, a concessionária de rodovia pode cobrar de concessionária de energia elétrica pelo uso de faixa de domínio de rodovia para a instalação de postes e passagem de cabos aéreos efetivados com o intuito de ampliar a rede de energia, na hipótese em que o contrato de concessão da rodovia preveja a possibilidade de obtenção de receita alternativa decorrente de atividades vinculadas à exploração de faixas marginais (STJ. EREsp 985.695-RJ, DJe 12/12/2014 - Informativo 554) No mesmo sentido, o STJ admitiu a cobrança pelo uso da faixa de domínio, entre duas concessionárias de serviço público, uma a quem foi outorgada a concessão da exploração de Rodovia e a outra a quem fora concedida a prestação do serviço de telefonia, pela existência de previsão admitindo esta cobrança, no contrato de concessão da primeira.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Procurador do Estado - MT (FCC/2016), com a seguinte ementa: "No tocante aos aspectos econômicos e tarifários das concessões de serviço público, a Lei nº 8.987/95 dispõe:" Foi considerada correta a seguinte alternativa: "(E) A alteração das alíquotas do imposto de renda não é causa que justifique pedido de revisão tarifária pela concessionária."

No concurso para Juiz Substituto do TJ/RJ (Vunesp/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*A alteração de alíquota do imposto sobre a renda, após a apresentação da proposta de concessão, quando comprovado seu impacto, implicará a revisão da tarifa, para mais ou para menos, conforme o caso*".

g) **Subconcessão.** Desde que expressamente autorizada pelo poder concedente e prevista no contrato de concessão, é admitida a subconcessão. É importante diferenciar a subconcessão da subcontratação. Esta última pode ser admitida ordinariamente no edital, nos termos admitidos pela Lei Geral de licitações. Já a subconcessão, nos termos da Lei nº 8.987/95, exige que sua outorga seja sempre precedida de concorrência, já que ela gera a sub-rogação, para o subconcessionário, de todos os direitos e obrigações do subconcedente, dentro dos limites da subconcessão.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Substituto do TJ/RJ (Vunesp/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"A concessionária poderá contratar com terceiros o desenvolvimento de atividades inerentes, acessórias ou complementares ao serviço concedido, sendo, entretanto, expressamente vedada a subconcessão do serviço".*

h) **Intervenção.** O poder concedente poderá intervir na concessão para assegurar a adequada prestação do serviço e o fiel cumprimento das normas pertinentes. A intervenção far-se-á por decreto do poder concedente, que designará o interventor, o prazo da intervenção, os objetivos e limites da medida.

Declarada a intervenção, o poder concedente terá 30 dias para instaurar procedimento administrativo, assegurada a ampla defesa, para comprovar as causas determinantes da medida e apurar responsabilidades. Esse procedimento deve ser concluído em até 180 dias, sob pena de considerar-se inválida a intervenção.

Se ficar comprovado que a intervenção não observou os pressupostos legais e regulamentares será declarada sua nulidade, devendo o serviço ser imediatamente devolvido à concessionária, sem prejuízo de seu direito à indenização.

Cessada a intervenção, se não for extinta a concessão, a administração do serviço será devolvida à concessionária, precedida de prestação de contas pelo interventor, que responderá pelos atos praticados durante a sua gestão.

i) **Licitação.** A concessão depende de procedimento licitatório prévio, sob a modalidade concorrência. A Lei nº 9.497/97 estabeleceu, também, a adoção do leilão para diversas operações previstas no Programa Nacional de Desestatização.

No julgamento das licitações, de acordo com a Lei nº 8.987/95, podem ser utilizados os seguintes critérios:
• menor valor da tarifa do serviço público a ser prestado;
• maior oferta, nos casos de pagamento ao poder concedente pela outorga da concessão;
• melhor oferta de pagamento pela outorga após qualificação de propostas técnicas.
• combinação, dois a dois, dos critérios referidos acima;
• melhor proposta técnica, com preço fixado no edital;

No julgamento das licitações, de acordo com a Lei nº 8.987/95, podem ser utilizados os seguintes critérios:
• melhor proposta em razão da combinação dos critérios de menor valor da tarifa do serviço público a ser prestado com o de melhor técnica;
• melhor proposta em razão da combinação dos critérios de maior oferta pela outorga da concessão com o de melhor técnica;

Em igualdade de condições, a Lei nº 8.987/95 prevê que será dada preferência à proposta apresentada por empresa brasileira.

▸ **Importante!**

Por conta das alterações provenientes da nº 11.196/2005, o edital poderá prever a **inversão das fases** de habilitação e de julgamento, adotando fórmula semelhante à adotada na modalidade licitatória pregão, já analisada no capítulo sobre licitações públicas.

Outrossim, quando permitida, na licitação, a participação de empresas em consórcio, observar-se-ão as seguintes normas:

- comprovação de compromisso, público ou particular, de constituição de consórcio, subscrito pelas consorciadas;
- indicação da empresa responsável pelo consórcio;
- apresentação dos documentos exigidos nos incisos V e XIII do artigo 18 da Lei nº 8.987/95, por parte de cada consorciada;
- impedimento de participação de empresas consorciadas na mesma licitação, por intermédio de mais de um consórcio ou isoladamente.

O licitante vencedor fica obrigado a promover, antes da celebração do contrato, a constituição e registro do consórcio. A empresa líder do consórcio será a responsável, perante o poder concedente, pelo cumprimento do contrato de concessão, sem prejuízo da **responsabilidade solidária** das demais consorciadas.

j) **Extinção.** A extinção do contrato de concessão, que exige o respeito ao contraditório e à ampla defesa, pode decorrer de:

Extinção	
Advento do termo contratual.	Dá-se com o fim do prazo estabelecido na concessão. No advento do termo contratual, a reversão far-se-á com a indenização das parcelas dos investimentos vinculados a bens reversíveis, ainda não amortizados ou depreciados, que tenham sido realizados com o objetivo de garantir a continuidade e atualidade do serviço concedido.

Extinção	
Encampação	É a retomada do serviço pelo poder concedente durante o prazo da concessão, por motivo de interesse público, mediante lei autorizativa específica e após prévio pagamento da indenização. Trata-se de uma forma de rescisão unilateral pela Administração.
Caducidade	Significa a ruína do contrato de concessão, decorrente da grave inexecução total ou parcial do contrato, por parte do concessionário. A declaração da caducidade da concessão se dá por decreto do poder concedente, independentemente de indenização prévia, e deverá ser precedida da verificação da inadimplência da concessionária em processo administrativo, assegurado o direito de ampla defesa. Trata-se de uma forma de rescisão unilateral pela Administração.
Anulação	Decorre da existência de ilegalidade que contamine a concessão e imponha a extinção do contrato.
Falência ou extinção da empresa concessionária e falecimento ou incapacidade do titular, no caso de empresa individual	Tais fatos jurídicos prejudicam a continuidade da contratação.
Rescisão judicial	Quando o concessionário não possui mais interesse na manutenção do contrato, mesmo que por descumprimento de normas contratuais pela Administração, ele não pode realizar a rescisão unilateralmente, precisando recorrer à via judicial.
Rescisão amigável (construção doutrinária)	Decorre de acordo entre as partes.

A caducidade da concessão poderá ser declarada pelo poder concedente quando:

- o serviço estiver sendo prestado de forma inadequada ou deficiente, tendo por base as normas, critérios, indicadores e parâmetros definidores da qualidade do serviço;
- a concessionária descumprir cláusulas contratuais ou disposições legais ou regulamentares concernentes à concessão;
- a concessionária paralisar o serviço ou concorrer para tanto, ressalvadas as hipóteses decorrentes de caso fortuito ou força maior;

- a concessionária perder as condições econômicas, técnicas ou operacionais para manter a adequada prestação do serviço concedido;
- a concessionária não cumprir as penalidades impostas por infrações, nos devidos prazos;
- a concessionária não atender a intimação do poder concedente no sentido de regularizar a prestação do serviço; e
- a concessionária não atender a intimação do poder concedente para, em 180 (cento e oitenta) dias, apresentar a documentação relativa a regularidade fiscal, no curso da concessão, na forma do art. 29 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993.

Importante!

Entre as hipóteses legais para declaração da caducidade da concessão (art. 38 da Lei nº 8.987/95), deve-se destacar o não atendimento "a intimação do poder concedente para, em 180 (cento e oitenta) dias, apresentar a documentação relativa a regularidade fiscal, no curso da concessão, na forma do artigo 29 da Lei nº 8.666/93.

Tal hipótese merece destaque, pois foi inserida, recentemente, pela Lei nº 12.767/2012.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Analista de Controle - Área Jurídica - TCE/PR (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Após prévio e regular certame licitatório, um estado da Federação celebrou contrato de concessão de serviço público. No decorrer da execução do contrato, a administração, após a concessão do direito de ampla defesa, verificou que a empresa concessionária paralisou o serviço contratado sem motivo justificável. Nessa situação hipotética, com respaldo na Lei nº 8.987/1995, o ente federativo poderá extinguir o contrato mediante o instituto da..." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "E) caducidade."

No concurso para Analista de Planejamento e Orçamento da ESAF (ESAF/2015), com o seguinte enunciado: "*Sobre as concessões de serviços públicos, assinale a opção correta*, foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "*Encampação é a retomada do serviço pelo poder concedente durante o prazo da concessão por motivo de interesse público, mediante Decreto do Poder Executivo e pagamento prévio de indenização*".

No concurso para Procurador do Pará (UEPA/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "*c) a concessão de serviço público não precedida de execução de obra pública não será objeto de prévia licitação*".

No concurso para Procurador Especial de Contas do TCM/BA (FCC/2011), com o seguinte enunciado: *"Constitui uma forma de extinção do contrato de concessão de serviços públicos a"*; foi considerada correta a seguinte assertiva: *"e) rescisão, pelo poder concedente ou pelo concessionário, este último apenas por decisão judicial em função de descumprimento, pela Administração, de normas contratuais"*.

k) **Penalidade.** O contrato de concessão comum prevê penalidades que sujeitam, apenas, a concessionária.

l) **Reversão.** É a incorporação dos bens utilizados para a prestação do serviço público concedido, quando da finalização do contrato de concessão.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Promotor de Justiça, do Estado de Roraima (CESPE/2008) foi cobrado: *"Acerca dos contratos administrativos, assinale a opção correta."* Foi considerada correta a seguinte alternativa: *b) Se determinado estado da Federação firmar contrato de concessão pública de transporte público interestadual, tal contrato poderá, conforme a legislação federal de regência, prever o emprego de mecanismos privados para resolução de disputas decorrentes desse contrato ou a ele relacionadas inclusive a arbitragem.*

m) **Transferência da concessão ou do controle societário e Administração temporária.** A transferência de concessão ou do controle societário da concessionária, **sem prévia anuência** do poder concedente, implicará a caducidade da concessão.

Para a obtenção da anuência, pelo Poder Concedente, o pretendente deverá:

I. atender às exigências de capacidade técnica, idoneidade financeira e regularidade jurídica e fiscal necessárias à assunção do serviço; e

II. comprometer-se a cumprir todas as cláusulas do contrato em vigor.

De acordo com a **Lei federal nº 13.097/2015**, nas condições estabelecidas no contrato de concessão, o poder concedente autorizará a **assunção do controle** ou da **administração temporária** da concessionária por seus financiadores e garantidores com quem não mantenha vínculo societário direto, para promover sua reestruturação financeira e assegurar a continuidade da prestação dos serviços.

Configura-se a **administração temporária** da concessionária por seus financiadores e garantidores quando, sem a transferência da propriedade de ações ou quotas, forem outorgados os seguintes poderes:

I. indicar os membros do Conselho de Administração, a serem eleitos em Assembleia Geral pelos acionistas, nas sociedades regidas pela Lei 6.404, de 15 de dezembro de 1976; ou administradores, a serem eleitos pelos quotistas, nas demais sociedades;

II. indicar os membros do Conselho Fiscal, a serem eleitos pelos acionistas ou quotistas controladores em Assembleia Geral;

III. exercer poder de veto sobre qualquer proposta submetida à votação dos acionistas ou quotistas da concessionária, que representem, ou possam representar, prejuízos à reestruturação financeira da concessionária ou à continuidade dos serviços públicos prestados;

IV. outros poderes necessários ao alcance dos objetivos de reestruturação financeira da concessionária e de continuidade dos serviços públicos prestados.

A **assunção do controle** ou da **administração temporária** autorizada não alterará as obrigações da concessionária e de seus controladores para com terceiros, poder concedente e usuários dos serviços públicos.

De acordo com a **Lei federal nº 13.097/2015**, na **assunção do controle** ou da **administração temporária**, o poder concedente deverá exigir, dos financiadores e dos garantidores, que atendam às exigências de **regularidade jurídica** e **fiscal**, podendo alterar ou dispensar os requisitos relacionados às exigências de **capacidade técnica** e **idoneidade financeira**.

▸ **Importante!**

A administração temporária, autorizada, não acarretará responsabilidade aos financiadores e garantidores em relação à tributação, encargos, ônus, sanções, obrigações ou compromissos com terceiros, inclusive com o poder concedente ou empregados.

8.2. Dos contratos de concessões especiais (parceria público-privada)

Os contratos de concessões especiais (tanto a **patrocinada** quanto a **administrativa**) também possuem a natureza jurídica de contra-

tos administrativos. Embora tenha tomado por base o regramento dado para as concessões comuns, a Lei nº 11.079/2004 estabeleceu características especiais para essas formas de concessões.[1]

O novo formato foi desenvolvido para fomentar a concretização de contratos de concessões que, até então, diante das regras das concessões comuns, não alimentavam o interesse necessário da iniciativa privada.

São apontadas, como **diretrizes:** a eficiência, o respeito aos interesses e direitos dos destinatários dos serviços e dos entes privados incumbidos da sua execução, a indelegabilidade das funções exclusivas do Estado, a responsabilidade fiscal, a transparência, a repartição objetiva de riscos, a sustentabilidade financeira e vantagens socioeconômicas dos projetos de parceria.

Vejamos as **principais nuances**, acrescidas a essas concessões especiais:

a) **Prazo.** O prazo de vigência do contrato deve ser compatível com a amortização dos investimentos realizados, não inferior a 5 (cinco), nem superior a 35 (trinta e cinco) anos, incluindo eventual prorrogação. Admite-se a "relicitação", com o objetivo de assegurar a continuidade da prestação dos serviços, quando os contratados demonstrem incapacidade de adimplir as obrigações contratuais ou financeiras assumidas originalmente. A relicitação é o procedimento que compreende a extinção amigável dos contratos de parceria e a celebração de novo ajuste negocial para o empreendimento, em novas condições contratuais e com novos contratados, mediante licitação promovida para esse fim.

b) **Remuneração.** Nas concessões especiais, além da remuneração paga pelo usuário do serviço, é realizada contraprestação pecuniária ao parceiro privado, pelo parceiro público (na concessão patrocinada). Na concessão administrativa, a própria Administração Pública é a usuária do serviço.

A contraprestação da Administração Pública nos contratos de parceria público-privada poderá ser feita por: ordem bancária, cessão de créditos não tributários, outorga de direitos em face da Administração Pública, outorga de direitos sobre bens públicos dominicais, além de outros meios admitidos em lei.

---

1. Para as concessões administrativas, aplicam-se as disposições dos artigos 21, 23, 25 e 27 a 39 da Lei no 8.987/95 e do art. 31 da Lei no 9.074/95. Para as concessões patrocinadas, aplicam-se, subsidiariamente, a Lei no 8.987/95 e as leis correlatas.

Importante!

A contraprestação da Administração Pública será obrigatoriamente precedida da disponibilização do serviço objeto da parceria público-privada.

Nada obstante, conforme alteração feita pela Lei nº 12.766/2012, pode a administração pública, nos termos do contrato, efetuar pagamento da contraprestação relativa à parcela fruível do serviço objeto do contrato de parceria público-privada.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do TJ/SP (VUNESP/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "*a) é vedado que numa PPP o particular receba recursos públicos a qualquer título que não seja de financiamento por instituição financeira, antes de iniciar a prestação dos serviços objeto da PPP*".

No concurso para Advogado da UFBA (IADES/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*A contraprestação da Administração Pública não poderá ser feita por cessão de créditos não tributários*".

Na mesma prova, também foi considerada errada, a assertiva: "*A contraprestação da Administração Pública nos contratos de parceria público-privada poderá ser feita mediante outorga de direitos sobre bens públicos afetados de uso comum do povo*".

Obs.: A lei autoriza, apenas, outorga de direitos sobre bens públicos **dominicais.**

c) **Risco.** Há repartição objetiva de riscos entre as partes, inclusive os referentes a caso fortuito, força maior, fato do príncipe e álea econômica extraordinária. Assim como nas concessões comuns, a PPP admite o emprego dos mecanismos privados para resolução de disputas, inclusive a arbitragem.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Procurador do MP junto ao TCU (Cespe/2015), com a seguinte ementa: "Acerca do regime de PPP, instituído pela Lei n.º 11.079/2004, assinale a opção correta." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "D) As contratações de PPPs diferenciam-se das concessões comuns quanto às cláusulas de equilíbrio econômico-financeiro ao prever que cumpre ao contrato estabelecer a repartição objetiva de riscos entre as partes, incluindo-se os referentes a caso fortuito, força maior, fato do príncipe e álea econômica extraordinária."

No concurso para Juiz Federal Substituto 2ª região (Cespe/2013), foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "Não se admite o emprego da arbitragem na hipótese de um município querer dirimir conflitos decorrentes de contrato de PPP."

d) **Ganhos.** Há o compartilhamento, com o Poder Público, de ganhos econômicos efetivos do parceiro privado, decorrentes da redução do risco de crédito dos financiamentos utilizados;

e) **Limites.** É vedada a celebração de contrato de parceria público-privada:

- Com período de prestação do serviço inferior a 5 (cinco) anos.
- Com objeto único de fornecimento de mão de obra, de fornecimento e instalação de equipamentos ou de execução de obra pública.
- Com valor contratual inferior a **R$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais).**

Com relação a esta última vedação, entendemos necessária uma melhor discussão, pela doutrina e pelo poder Judiciário, acerca dos limites constitucionais para que a Lei federal estabeleça esse patamar em detrimento dos demais entes federativos (Estados, Municípios e DF). A competência da União para estabelecer regras para todos os entes se limita àquelas de natureza geral, restando protegida a competência dos demais entes para estatuírem regras específicas relacionadas aos seus contratos administrativos. Nessa feita, parece-nos que o patamar estabelecido desprezou o respeito à proporcionalidade. Por via transversa, o patamar imposto pelo dispositivo prejudica a realização de parcerias público-privadas por Municípios de pequeno porte, justamente aqueles que mais agonizam pela falta de recursos para a prestação dos serviços públicos essenciais à coletividade.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Defensor Público do Estado do Mato Grosso (FCC/2009) foram cobradas as três hipóteses de vedações acima destacadas.

f) **Garantias.** As obrigações pecuniárias, contraídas pela Administração Pública em contrato de parceria público-privada, poderão ser garantidas mediante:

- vinculação de receitas (vide inciso IV do art. 167 da Constituição Federal);
- instituição ou utilização de fundos especiais previstos em lei;

- contratação de seguro-garantia com as companhias seguradoras que não sejam controladas pelo Poder Público;
- garantia prestada por organismos internacionais ou instituições financeiras que não sejam controladas pelo Poder Público;
- garantias prestadas por fundo garantidor ou empresa estatal criada para essa finalidade;
- outros mecanismos admitidos em lei.

Os contratos poderão prever a possibilidade de **emissão de empenho**, em nome dos financiadores do projeto, para resguardo das obrigações pecuniárias da Administração Pública, além de indicar a legitimidade dos financiadores do projeto para receber indenizações por extinção antecipada do contrato, bem como pagamentos efetuados pelos fundos e empresas estatais garantidores de parcerias público-privadas;

Também podem ser previstas a prestação de garantias pelo parceiro privado e o estabelecimento de garantias em favor dos financiadores do projeto.

g) **Sociedade de propósito específico.** Para implantar e gerir o objeto da parceria deverá ser constituída sociedade de propósito específico, antes da celebração do contrato de PPP. Essa pessoa jurídica poderá assumir a forma de companhia aberta, com valores mobiliários admitidos à negociação no mercado, obedecendo a padrões de governança corporativa e adotando contabilidade e demonstrações financeiras padronizadas, conforme regulamento.

A transferência do controle da sociedade de propósito específico estará condicionada à autorização expressa da Administração Pública.

A Administração Pública não pode ser titular da maioria do capital votante da sociedade de propósito específico, exceto em eventual aquisição da maioria do capital votante da sociedade, por instituição financeira controlada pelo Poder Público, em caso de inadimplemento de contratos de financiamento.

De acordo com a **Lei nº 13.079/2015**, o contrato de parceria pode prever requisitos e condições em que o parceiro público autorizará a **transferência do controle** ou a **administração temporária** da socie-

dade de propósito específico aos seus financiadores e garantidores com quem não mantenha vínculo societário direto, com o objetivo de promover a sua reestruturação financeira e assegurar a continuidade da prestação dos serviços, não se aplicando para este efeito, a exigência de atendimento dos requisitos de capacidade técnica, idoneidade financeira e regularidade jurídica e fiscal necessárias à assunção do serviço.

Controle da sociedade de propósito específico é a propriedade resolúvel de ações ou quotas por seus financiadores e garantidores, caracterizando-os como **acionista controlador**;

> ▸ **Atenção!**
>
> Entende-se por **acionista controlador** a pessoa, natural ou jurídica, ou o grupo de pessoas vinculadas por acordo de voto, ou sob controle comum, que:
>
> a) é titular de direitos de sócio que lhe assegurem, de modo permanente, a maioria dos votos nas deliberações da assembleia-geral e o poder de eleger a maioria dos administradores da companhia; e
>
> b) usa efetivamente seu poder para dirigir as atividades sociais e orientar o funcionamento dos órgãos da companhia.

Ocorrerá **administração temporária** da sociedade de propósito específico pelos financiadores e garantidores quando, sem a transferência da propriedade de ações ou quotas, forem outorgados os seguintes poderes:

- **indicar os membros do Conselho de Administração**, a serem eleitos em Assembleia Geral pelos acionistas, nas sociedades por ações; **ou administradores**, a serem eleitos pelos quotistas, nas demais sociedades;
- **indicar os membros do Conselho Fiscal**, a serem eleitos pelos acionistas ou quotistas controladores em Assembleia Geral;
- **exercer poder de veto** sobre qualquer proposta submetida à votação dos acionistas ou quotistas da concessionária, que representem, ou possam representar, prejuízo aos objetivos de promover a sua reestruturação financeira e assegurar a continuidade da prestação dos serviços;
- **outros poderes necessários** ao alcance dos objetivos de promover a sua reestruturação financeira e assegurar a continuidade da prestação dos serviços;

Assim como nas concessões comuns, a administração temporária autorizada pelo poder concedente não acarretará responsabilidade aos financiadores e garantidores em relação à tributação, encargos, ônus, sanções, obrigações ou compromissos com terceiros, inclusive com o poder concedente ou empregados.

h) **Autorização legislativa específica.** As concessões patrocinadas, em que mais de 70% (setenta por cento) da remuneração do parceiro privado for paga pela Administração Pública, dependerão de autorização legislativa específica.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador da Fazenda Nacional (ESAF/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "*a) A transferência do controle da sociedade de propósito específico independe da autorização da Administração Pública*".

No concurso para Procurador do Estado da PGE/MT (FCC/2011), com o seguinte enunciado: "*O Estado pretende ampliar sua malha rodoviária, atribuindo à iniciativa privada os investimentos correspondentes, bem como a manutenção e exploração das rodovias. Para tanto, poderá*"; foi considerada correta a seguinte assertiva: "*d) celebrar concessão patrocinada, na hipótese de a receita tarifária e acessória não serem suficientes, necessitando de lei autorizativa específica, caso a contraprestação pública exceda 70% do total da remuneração do parceiro privado.*"

No concurso para Promotor de Justiça, do Estado da Paraíba (MPE-PB/2010) foi considerada correta a seguinte assertiva: "*c) A exigência de autorização legislativa específica não se aplica à concessão administrativa*".

i) **Licitação (especificidades).** A contratação de parceria público-privada também será precedida de licitação na modalidade de concorrência. Ente outras coisas, as minutas do edital e do contrato devem ser submetidas à consulta pública e poderão prever a inversão da ordem das fases de habilitação e julgamento.

j) **Remuneração variável.** A Lei nº 12.766, de 27 de dezembro de 2012, alterou a Lei nº 11.079/2004 para admitir que o contrato de concessão estabeleça pagamento de remuneração variável, ao parceiro privado. A remuneração variável ficará vinculada ao desempenho, conforme metas e padrões de qualidade e disponibilidade definidos contratualmente.

k) **Penalidades.** Nas PPPs os contratos devem prever cláusula de aplicação de penalidades, tanto para o parceiro privado como para a Administração Pública, em caso de inadimplemento contratual.

l) **Reversão.** As PPPs também admitem reversão (incorporação dos bens utilizados para a prestação do serviço público concedido, quando da finalização do contrato de concessão).

▸ **Atenção!**

Nas PPPs, alteração feita pela Lei nº 12.766/2012, admite-se que o contrato preveja o **aporte de recursos**, em favor do parceiro privado, para a realização de obras e aquisição de bens reversíveis. Em caso de contratos novos, deve existir autorização no edital de licitação. Tratando-se de contratos celebrados até 8 de agosto de 2012, deve haver autorização por lei específica.

Nessas hipóteses, caso ocorra a extinção do contrato, o parceiro privado não receberá indenização pelas parcelas de investimentos vinculados a bens reversíveis ainda não amortizadas ou depreciadas, quando tais investimentos houverem sido realizados com valores provenientes de tal aporte de recursos.

m) **Regras específicas para contratações federais.** A Lei nº 11.079/2004 estabeleceu regras específicas, aplicáveis apenas à União. Dentre elas:

- A União se submete a **limites específicos**, pois só poderá contratar PPPs quando a soma das despesas de caráter continuado, derivadas do conjunto das parcerias já contratadas, não tiver excedido, no ano anterior, a 1% (um por cento) da receita corrente líquida do exercício; e as despesas anuais dos contratos vigentes, nos 10 (dez) anos subsequentes, não excedam a 1% (um por cento) da receita corrente líquida projetada para os respectivos exercícios.
- Instituição, por decreto, de **órgão gestor** das parcerias público-privadas federais, com competência para: I – definir os serviços prioritários para execução por PPP; II – disciplinar os procedimentos para celebração desses contratos; III – autorizar a abertura da licitação e aprovar seu edital; IV – apreciar os relatórios de execução dos contratos.
- Criação de **Fundo Garantidor de Parcerias Público-Privadas – FGP**, que terá por finalidade prestar garantia de pagamento de obrigações pecuniárias assumidas pelos parceiros públicos federais, em virtude das parcerias de que trata esta Lei.

O **FGP** é pessoa jurídica de direito privado (natureza privada e sujeito a direitos e obrigações). O Fundo possuirá patrimônio próprio,

separado do patrimônio dos cotistas, que será formado pelo aporte de bens e direitos realizado pelos cotistas, por meio da integralização de cotas e pelos rendimentos obtidos com sua administração. A natureza privada apontada pela Lei não impede a incidência do regime jurídico-administrativo, tendo em vista os recursos públicos envolvidos.

▸ **Atenção!**

De acordo com a Lei nº 11.079/2004, em caso de inadimplemento, os bens e direitos do Fundo poderão ser objeto de constrição judicial e alienação para satisfazer as obrigações garantidas.

A integralização das cotas do fundo será feita **independentemente de licitação**, mediante prévia avaliação e autorização específica do Presidente da República, por proposta do Ministro da Fazenda. Noutro prumo, sua dissolução, deliberada pela assembleia dos cotistas, ficará condicionada à prévia quitação da totalidade dos débitos garantidos ou liberação das garantias pelos credores.

A capitalização do FGP, quando realizada por meio de recursos orçamentários, dar-se-á por ação orçamentária específica para esta finalidade, no âmbito de Encargos Financeiros da União; ademais, o estatuto e o regulamento do FGP devem deliberar sobre a política de concessão de garantias, inclusive no que se refere à relação entre ativos e passivos do Fundo.

O parceiro privado poderá acionar o FGP nos casos de:

I) crédito líquido e certo, constante de título exigível aceito e não pago pelo parceiro público após 15 (quinze) dias contados da data de vencimento; e

II) débitos constantes de faturas emitidas e não aceitas pelo parceiro público após 45 (quarenta e cinco) dias contados da data de vencimento, desde que não tenha havido rejeição expressa por ato motivado.

O FGP é obrigado a honrar faturas aceitas e não pagas pelo parceiro público, mas é proibido a ele pagar faturas rejeitadas expressamente por ato motivado.

▸ **Atenção!**

A ausência de aceite ou rejeição expressa de fatura por parte do parceiro público no prazo de 40 (quarenta) dias contado da data de vencimento implicará aceitação tácita.

O agente público que contribuir por ação ou omissão para a aceitação tácita ou que rejeitar fatura sem motivação será responsabilizado pelos danos que causar, em conformidade com a legislação civil, administrativa e penal em vigor.

Quitado o débito pelo FGP, este assumirá os direitos (respectivos créditos) do parceiro privado.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador da Fazenda Nacional (ESAF/2015) foi considerada ERRADA a seguinte alternativa: *"Nas parcerias público-privadas firmadas no âmbito da União, é o órgão gestor das parcerias público-privadas federais quem realiza as respectivas licitações".*

No concurso para Juiz do TJ/SP (VUNESP/2015), foi considerada CORRETA a seguinte alternativa: *"c) se inclui entre as cláusulas necessárias dos contratos de PPP a que contenha as penalidades aplicáveis à Administração Pública".*

No concurso para Juiz de Direito do Estado de Tocantins (CESPE/2007) foi considerada correta a seguinte alternativa: *c) Uma das diferenças entre a parceria público-privada e a concessão de serviço público refere-se à forma de remuneração, já que naquela haverá necessariamente contraprestação pecuniária do parceiro público ao parceiro privado.*

8.3. Do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI)

A Lei nº 13.334/2016 estabeleceu o **Programa de Parcerias de Investimentos - PPI**, com o objetivo de ampliar e fortalecer a interação entre o Estado e a iniciativa privada, através da celebração de contratos de parceria para a execução de empreendimentos públicos de infraestrutura e de outras medidas de desestatização.

De acordo com o §1º do artigo 1º da Lei nº 13.334/2016, podem integrar o PPI:

I - os empreendimentos públicos de infraestrutura em execução ou a serem executados por meio de contratos de parceria celebrados pela administração pública direta e indireta da União;

II - os empreendimentos públicos de infraestrutura que, por delegação ou com o fomento da União, sejam executados por meio de contratos de parceria celebrados pela administração pública direta ou indireta dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios; e

III - as demais medidas do Programa Nacional de Desestatização a que se refere a Lei nº 9.491, de 9 de setembro de 1997.

▸ **Atenção!**

Cabe destacar que, conforme segunda hipótese acima elencada (inciso II), podem integrar o PPI os contratos de parceria firmado por delegação federal, a outros entes políticos. Assim, mesmo empreendimentos de parceria entre estado (ou município) e empresas privadas, podem integrar o PPI, se a exploração tiver sido delegada pela União ao estado (ou município).

Podem ser considerados contratos de parceria, para os fins da Lei nº 13.334/2016, a concessão comum, a concessão patrocinada, a concessão administrativa, a concessão regida por legislação setorial, a permissão de serviço público, o arrendamento de bem público, a concessão de direito real e os outros negócios público-privados que, em função de seu caráter estratégico e de sua complexidade, especificidade, volume de investimentos, longo prazo, riscos ou incertezas envolvidos, adotem estrutura jurídica semelhante.

De acordo com a Lei nº 13.334/2016, os órgãos, entidades e autoridades estatais, inclusive as autônomas e independentes, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, com competências de cujo exercício dependa a viabilização de empreendimento do PPI, têm o dever de atuar, em conjunto e com eficiência, para que sejam concluídos, de maneira uniforme, econômica e em prazo compatível com o caráter prioritário nacional do empreendimento, todos os processos e atos administrativos necessários à sua estruturação, liberação e execução.

▸ **Atenção!**

Entende-se por **liberação** a obtenção de quaisquer licenças, autorizações, registros, permissões, direitos de uso ou exploração, regimes especiais, e títulos equivalentes, de natureza regulatória, ambiental, indígena, urbanística, de trânsito, patrimonial pública, hídrica, de proteção do patrimônio cultural, aduaneira, minerária, tributária, e quaisquer outras, necessárias à implantação e à operação do empreendimento.

O PPI será regulamentado por meio de decretos que, nos termos e limites das leis setoriais e da legislação geral aplicável, definirão:

- as políticas federais de longo prazo para o investimento por meio de parcerias em empreendimentos públicos federais de infraestrutura e para a desestatização;
- os empreendimentos públicos federais de infraestrutura qualificados para a implantação por parceria;
- as políticas federais de fomento às parcerias em empreendimentos públicos de infraestrutura dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios.

Pois bem, a definição de quais empreendimentos públicos serão qualificados como parcerias do Programa de Parcerias de Investimentos – PPI é fundamental para a aplicação das regras excepcionais de prorrogação e relicitação, previstas na Lei nº 13.448/2017.

8.3.1. Da prorrogação e da relicitação

A Lei nº 13.448/2017 estabeleceu diretrizes gerais para a prorrogação e relicitação dos contratos de parceria, nos setores rodoviário, ferroviário e aeroportuário da administração pública federal.

Há uma ligação direta entre esses instrumentos e o Programa de Parcerias de Investimentos (PPI), pois a referida Lei restringiu a aplicação da prorrogação e da relicitação, por ela delineadas, aos empreendimentos qualificados no âmbito do PPI.

> ▸ **Atenção!**
> A prorrogação e a relicitação, definidas pela Lei 13.448/2017, apenas podem ser aplicadas aos empreendimentos públicos prévia e especificamente qualificados para esse fim no Programa de Parcerias de Investimentos (PPI).

Embora a Lei faça alusão à administração federal, importante salientar que podem integrar o PPI, também, contratos de parceria firmados por outros entes políticos, em virtude de delegação federal. Por conta disso, mesmo empreendimentos de parceria entre estado (município ou DF) e empresas privadas, podem integrar o PPI, se a exploração tiver sido delegada pela União ao estado (município ou DF).

a) Da prorrogação contratual e antecipada

A prorrogação pode se dar de duas formas:

- **prorrogação contratual:** alteração do prazo de vigência do contrato de parceria, realizada a critério do órgão ou da enti-

dade competente e de comum acordo com o contratado, em razão do término da vigência do ajuste;

- **prorrogação antecipada:** alteração do prazo de vigência do contrato de parceria, quando expressamente admitida a prorrogação contratual no respectivo edital ou no instrumento contratual original, realizada a critério do órgão ou da entidade competente e de comum acordo com o contratado, produzindo efeitos antes do término da vigência do ajuste;

▸ **Atenção!**

Nas duas hipóteses, deve haver previsão expressa, no edital ou no contrato, admitindo a prorrogação da parceria.

A Lei, em relação à **prorrogação contratual** e à **prorrogação antecipada**, por ela previstas, faz referência apenas aos contratos de parceria nos setores rodoviário e ferroviário (não fazendo alusão às parcerias no setor aeroportuário).

A prorrogação contratual e a prorrogação antecipada poderão ocorrer por provocação de qualquer uma das partes do contrato de parceria e estarão sujeitas à discricionariedade do órgão ou da entidade competente. De qualquer forma, o contrato de parceria só poderá ser prorrogado uma única vez, por período igual ou inferior ao prazo de prorrogação originalmente fixado ou admitido no contrato.

▸ **Atenção!**

O pedido de prorrogação contratual deve ser apresentado formalmente, ao órgão ou à entidade competente, com antecedência mínima de 24 (vinte e quatro) meses, contados do término do contrato originalmente firmado, exceto quando houver disposição contratual em contrário.

A prorrogação antecipada pode ser realizada em função da inclusão de investimentos não previstos no instrumento contratual original e apenas ocorrerá no contrato de parceria cujo prazo de vigência, à época da manifestação da parte interessada, encontrar-se entre 50% (cinquenta por cento) e 90% (noventa por cento) do prazo originalmente estipulado.

A Lei estabeleceu, ainda, algumas condições para que seja admitida a **prorrogação antecipada:**

- para concessão rodoviária: a execução de, no mínimo, 80% (oitenta por cento) das obras obrigatórias exigíveis entre o

início da concessão e o encaminhamento da proposta de prorrogação antecipada, desconsideradas as hipóteses de inadimplemento contratual para as quais o contratado não tenha dado causa, conforme relatório elaborado pelo órgão ou pela entidade competente;

- para concessão ferroviária: a prestação de serviço adequado, entendendo-se como tal o cumprimento, no período antecedente de 5 (cinco) anos, contado da data da proposta de antecipação da prorrogação, das metas de produção e de segurança definidas no contrato, por 3 (três) anos, ou das metas de segurança definidas no contrato, por 4 (quatro) anos.

O termo aditivo de prorrogação do contrato de parceria deverá conter o respectivo cronograma dos investimentos obrigatórios previstos e incorporar mecanismos que desestimulem eventuais inexecuções ou atrasos de obrigações, como o desconto anual de reequilíbrio e o pagamento de adicional de outorga.

▸ **Atenção!**

É necessária a realização de estudo técnico prévio que fundamente a vantagem da prorrogação do contrato de parceria, em detrimento à realização de nova licitação para o empreendimento. Além disso, as prorrogações (contratual ou antecipada) deverão ser submetidas previamente a consulta pública.

b) Da "relicitação"

A **relicitação** é o procedimento que compreende a extinção amigável do contrato de parceria e a celebração de novo ajuste negocial para o empreendimento, em novas condições contratuais e com novos contratados, após nova licitação, para assegurar a continuidade dos serviços delegados.

Essa nova ferramenta pode ser utilizada no intuito de se construir soluções para contratos de parceria nos setores rodoviário, ferroviário e aeroportuário que não estavam conseguindo cumprir suas obrigações.

Conforme bem explica publicação do célebre site "Dizer o Direito"[2], não estando o concessionário cumprindo as suas obrigações contratuais, poderia o Poder Público concedente extinguir o

2. http://www.dizerodireito.com.br/2017/06/a-lei-134482017-e-o-instituto-da.html

contrato sob o fundamento da caducidade, contudo, a **relicitação** permite a busca de uma solução consensual que pode ser mais célere e eficiente que a extinção pela caducidade. Ademais, para o parceiro privado, pode haver um pagamento mais célere de eventuais indenizações devidas, além de evitar a aplicação das sanções pertinentes. Vale repetir, interessante quadro criado pela elogiável publicação[3]:

Caducidade	Relicitação
A eventual indenização que ela receba (em virtude dos investimentos feitos e não amortizados) será paga por meio de precatório.	A indenização ao concessionário será paga pelo novo contratado, nos termos e limites previstos no edital da relicitação.
A empresa poderá receber a pena de inabilitação de contratar com a Administração Pública.	A empresa não será punida com a inabilitação de contratar com a Administração Pública. A única restrição é que ela não poderá participar do certame licitatório da relicitação.

Por outro lado, para o ente público, a relicitação pode evitar a judicialização da contenda e o retardo no atendimento do mais importante, que é a correção de uma adequada prestação do serviço público delegado.

Assim, buscando uma solução célere e eficiente para assegurar a continuidade da prestação dos serviços, nas situações em que as disposições contratuais da parceria não estejam sendo atendidas ou nas quais o contratado demonstre incapacidade de adimplir as obrigações contratuais ou financeiras assumidas originalmente, poderá ser realizada nova licitação (relicitação) do objeto dos contratos de parceria nos setores rodoviário, ferroviário e aeroportuário.

▸ **Atenção!**

Em relação à relicitação, a Lei faz referência expressa não apenas aos contratos de parceria nos setores rodoviário e ferroviário, mas também às parcerias no setor aeroportuário.

A **relicitação** ocorrerá por meio de acordo entre as partes, cabendo ao órgão ou à entidade competente avaliar a necessidade, a pertinência e a razoabilidade da instauração do processo de relicitação do objeto do contrato de parceria, tendo em vista os

3. http://www.dizerodireito.com.br/2017/06/a-lei-134482017-e-o-instituto-da.html

aspectos operacionais e econômico-financeiros, além da continuidade dos serviços envolvidos.

Para que ocorra a relicitação, deve ser firmado termo aditivo com o atual contratado, do qual deve constar, pelo menos:

- a aderência irrevogável e irretratável do atual contratado à relicitação do empreendimento e à posterior extinção amigável do ajuste originário;
- a suspensão das obrigações de investimento vincendas a partir da celebração do termo aditivo e as condições mínimas em que os serviços deverão continuar sendo prestados pelo atual contratado até a assinatura do novo contrato de parceria, garantindo-se, em qualquer caso, a continuidade e a segurança dos serviços essenciais relacionados ao empreendimento;
- o compromisso arbitral entre as partes com previsão de submissão, à arbitragem ou a outro mecanismo privado de resolução de conflitos admitido na legislação aplicável, das questões que envolvam o cálculo das indenizações pelo órgão ou pela entidade competente.

Poderá ser definida (no termo aditivo e no futuro contrato de parceria) que as indenizações eventualmente devidas ao contratado original, pelos investimentos em bens reversíveis vinculados ao contrato de parceria, realizados e não amortizados ou depreciados, sejam pagas pelo novo contratado, nos termos e limites previstos no edital da relicitação.

> **Atenção!**
> Também poderá ser definida a previsão de pagamento dos valores correspondentes a tais indenizações, diretamente aos financiadores do contratado original.

As multas e as demais somas de natureza não tributária devidas pelo anterior contratado, ao órgão ou à entidade competente, deverão ser abatidas dos valores indenizatórios

De qualquer forma, o pagamento ao anterior contratado, da indenização calculada (abatidas as multas e demais somas de natureza não tributária), será condição para o início do novo contrato de parceria.

São **impedidos de participar do certame licitatório da relicitação:**

- o contratado ou a Sociedade de Propósito Específico (SPE) responsável pela execução do contrato de parceria;
- os acionistas da SPE responsável pela execução do contrato de parceria titulares de, no mínimo, 20% (vinte por cento) do capital votante em qualquer momento anterior à instauração do processo de relicitação.

As vedações acima também se aplicam à participação das entidades acima em:

- consórcios constituídos para participar da relicitação;
- no capital social de empresa participante da relicitação;
- na nova SPE constituída para executar o empreendimento relicitado.

Qualificado o contrato de parceria para a relicitação, serão sobrestadas as medidas destinadas a instaurar ou a dar seguimento a processos de caducidade eventualmente em curso contra o contratado.

Outrossim, não se aplicam ao contrato de parceria qualificado para fins de relicitação, até sua conclusão, os regimes de recuperação judicial e extrajudicial.

▸ Atenção!

Se não acudirem interessados para o processo de relicitação, persistindo o desinteresse de potenciais licitantes ou não for concluído o processo de relicitação no prazo de 24 meses (prazo prorrogável), contado da data da qualificação, o órgão ou a entidade competente adotará as medidas contratuais e legais pertinentes, revogando o sobrestamento das medidas destinadas a instaurar ou a dar seguimento a processo de caducidade anteriormente instaurado e podendo aplicar os regimes de recuperação judicial e extrajudicial

8.4. Do fundo de apoio à estruturação e ao desenvolvimento de projetos de concessões e parcerias público-privadas

A Lei nº 13.529/2017 dispôs sobre a participação da União em fundo de apoio à estruturação e ao desenvolvimento de projetos

de concessões e parcerias público-privadas. Ela autorizou a União a participar de fundo que tenha por finalidade exclusiva financiar serviços técnicos profissionais especializados, com vistas a apoiar a estruturação e o desenvolvimento de projetos de concessão e parcerias público-privadas da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, em regime isolado ou consorciado, até o limite de R$ 180.000.000,00 (cento e oitenta milhões de reais). Foi dada prioridade aos projetos nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que terão a preferência em até 40% (quarenta por cento) dos recursos utilizados.

O fundo será criado, administrado e representado judicial e extrajudicialmente por instituição financeira controlada direta ou indiretamente pela União e funcionará sob o regime de cotas. Segundo a Lei, este Fundo não terá personalidade jurídica própria, embora assuma natureza jurídica privada e patrimônio segregado do patrimônio dos cotistas e da instituição administradora.

O patrimônio do fundo será constituído: I – pela integralização de cotas; II – pelas doações de estados estrangeiros, organismos internacionais e multilaterais; III – pelos reembolsos dos valores despendidos pelo agente administrador na contratação dos serviços técnicos profissionais especializados já anteriormente citados; IV – pelo resultado das aplicações financeiras dos seus recursos; e V – pelos recursos derivados de alienação de bens e direitos, ou de publicações, material técnico, dados e informações.

Para desenvolver as atividades e os serviços técnicos necessários para viabilizar a licitação de projetos de concessão e de parceria público-privada, com recursos do fundo, poderá ser contratado **agente administrador**. Nesta contratação poderão ser incluídos a revisão, o aperfeiçoamento ou a complementação de trabalhos anteriormente realizados.

▸ **Atenção!**

A contratação do agente administrador poderá se dar, com recursos do fundo, por dispensa de licitação (hipótese criada pela Lei nº 13.529/2017) e será feita por entidades da Administração Pública federal, estadual, distrital e municipal, direta e indireta.

O agente administrador poderá celebrar contratos, acordos ou ajustes que estabeleçam deveres e obrigações necessários à reali-

zação de suas finalidades, desde que as obrigações assumidas não ultrapassem a disponibilidade financeira do fundo.

O fundo não contará com qualquer tipo de garantia por parte da Administração Pública direta e indireta e responderá por suas obrigações até o limite dos bens e direitos integrantes do seu patrimônio.

9. SÚMULAS DO STF

- **Súmula Vinculante 12.** A cobrança de taxa de matrícula nas universidades públicas viola o disposto no art. 206, IV, da Constituição Federal.
- **Súmula Vinculante 19.** A taxa cobrada exclusivamente em razão dos serviços públicos de coleta, remoção e tratamento ou destinação de lixo ou resíduos provenientes de imóveis, não viola o artigo 145, II, da Constituição Federal.
- **Súmula Vinculante 27.** Compete à justiça estadual julgar causas entre consumidor e concessionária de serviço público de telefonia, quando a Anatel não seja litisconsorte passiva necessária, assistente, nem opoente.
- **Súmula 545.** Preços de serviços públicos e taxas não se confundem, porque estas, diferentemente daqueles, são compulsórias e têm sua cobrança condicionada à prévia autorização orçamentária, em relação à lei que as instituiu.
- **Súmula 670.** O serviço de iluminação pública não pode ser remunerado mediante taxa.

10. SÚMULAS DO STJ

- **Súmula: 595.** As instituições de ensino superior respondem objetivamente pelos danos suportados pelo aluno/consumidor pela realização de curso não reconhecido pelo Ministério da Educação, sobre o qual não lhe tenha sido dada prévia e adequada informação.
- **Súmula: 570.** Compete à Justiça Federal o processo e julgamento de demanda em que se discute a ausência de ou o obstáculo ao credenciamento de instituição particular de ensino superior no Ministério da Educação como condição de expedição de diploma de ensino a distância aos estudantes.

- **Súmula: 412.** A ação de repetição de indébito de tarifas de água e esgoto sujeita-se ao prazo prescricional estabelecido no Código Civil.
- **Súmula: 407.** É legítima a cobrança da tarifa de água fixada de acordo com as categorias de usuários e as faixas de consumo.
- **Súmula: 356.** É legítima a cobrança da tarifa básica pelo uso dos serviços de telefonia fixa.

Capítulo 11

Responsabilidade civil do Estado

Fernando Baltar

1. CONCEITO

A **responsabilidade civil do Estado** é a obrigação imposta ao erário de reparar os danos causados a terceiros pelos seus agentes públicos, no desempenho de suas funções ou a pretexto de exercê-las.

Essa responsabilidade estatal envolve o desempenho das funções administrativa, legislativa e judicial, tendo em vista que todos os poderes integram uma única pessoa jurídica, titular de direitos e obrigações no nosso ordenamento jurídico.

Inicialmente, podemos destacar que no Direito Civil a questão da responsabilidade civil das pessoas físicas e das entidades privadas está disciplinada nos arts. 186 e 927 do Código Civil. O art. 186 dispõe: "aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito". Já o art. 927 impõe: "aquele que, por ato ilícito, causar dano a outrem, fica obrigado a repará-lo."

Dessa forma, no âmbito do **direito privado**, temos o acolhimento da teoria da responsabilidade subjetiva, vez que a responsabilidade decorre da prática **dolosa ou culposa de um ato ilícito**.

A regra é genérica e abrange tanto a responsabilidade **contratual** como a **extracontratual**. A contratual decorre da previsão em cláusula específica do contrato, que identifique as condutas vedadas às partes e as sanções decorrentes da sua inobservância. A responsabilidade extracontratual, por sua vez, é aquela advinda

Capítulo 11

Responsabilidade civil do Estado

Fernando Baltar

1. CONCEITO

A **responsabilidade civil do Estado** é a obrigação imposta ao erário de reparar os danos causados a terceiros pelos seus agentes públicos, no desempenho de suas funções ou a pretexto de exercê-las.

Essa responsabilidade estatal envolve o desempenho das funções administrativa, legislativa e judicial, tendo em vista que todos os poderes integram uma única pessoa jurídica, titular de direitos e obrigações no nosso ordenamento jurídico.

Inicialmente, podemos destacar que no Direito Civil a questão da responsabilidade civil das pessoas físicas e das entidades privadas está disciplinada nos arts. 186 e 927 do Código Civil. O art. 186 dispõe: "aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito". Já o art. 927 impõe: "aquele que, por ato ilícito, causar dano a outrem, fica obrigado a repará-lo."

Dessa forma, no âmbito do **direito privado**, temos o acolhimento da teoria da responsabilidade subjetiva, vez que a responsabilidade decorre da prática **dolosa ou culposa de um ato ilícito**.

A regra é genérica e abrange tanto a responsabilidade **contratual** como a **extracontratual**. A contratual decorre da previsão em cláusula específica do contrato, que identifique as condutas vedadas às partes e as sanções decorrentes da sua inobservância. A responsabilidade extracontratual, por sua vez, é aquela advinda

das atividades estatais e que não se encontra prevista em qualquer instrumento de ajuste.

2. EVOLUÇÃO DO TEMA

Interessante a leitura do tópico "Breve histórico sobre o Estado", inserido no capítulo 1 desta obra, para que o leitor tenha uma percepção das mudanças que influenciaram as alterações do modelo estatal e, por conseguinte, a relação de responsabilidade entre ele e os administrados.

2.1. Teoria da irresponsabilidade do Estado

Durante séculos prevaleceu a ideia de que o Estado não tinha qualquer responsabilidade pelos atos praticados por seus agentes, secularizada na regra da infalibilidade real inglesa - **"the king can do no wrong"** - ou francesa - **"Le roi ne peut mal faire"** (o rei não pode errar ou o rei não pode fazer mal), que era extensiva aos seus representantes e auxiliares. Portanto, qualquer prejuízo decorrente da ação estatal deveria ser considerado de responsabilidade do administrado e por ele suportado.

Deve ser reconhecido, todavia, que a *Lei 28 pluvioso, do ano VIII (1800)*, apontada por muitos como o marco inicial do Direito Administrativo, consagrava a responsabilidade civil do Estado francês nos danos decorrentes de obra pública, o que representava uma exceção à teoria da irresponsabilidade.

Por óbvio que essa teoria não poderia prosperar no moderno Estado democrático de direito e, segundo aponta Maria Sylvia Di Pietro, as duas últimas nações ocidentais que a abandonaram foram a Inglaterra e os EUA, respectivamente em 1947 e 1946.

2.2. Teoria da responsabilidade com culpa

O fim da teoria da irresponsabilidade do Estado marcou o surgimento dessa nova doutrina que, essencialmente, pregava a responsabilidade estatal quando demonstrado que o dano decorreu de um ato da administração regido pelo direito privado.

Segundo essa teoria, deve-se diferenciar os **atos de império** dos **atos de gestão**. Os primeiros seriam praticados pela Administração sob o regime jurídico de direito público, o que significa que este ato

está revestido com as prerrogativas e privilégios desse regime jurídico outorgados pelo legislador; enquanto os atos de gestão seriam os atos produzidos pela Administração para gerir os seus bens e serviços e que, por não serem detentores da imperatividade, aproximam-se dos atos de direito privado.

Conforme já destacado, no início desse capítulo, o direito privado consagra a responsabilidade daquele que por ação ou omissão dolosa ou culposa vem a causar dano a outrem. Portanto, segundo a doutrina da responsabilidade estatal com culpa, caso o Estado praticasse um ato de gestão poderia ser civilmente responsabilizado, mas caso viesse a praticar um ato de império seria irresponsável, já que este ato seria tutelado pelo direito público e imune à regulamentação do direito privado.

Essa teoria transfere ao lesado a difícil missão de diferenciar, no caso concreto, o ato de império do ato de gestão e de identificar a conduta dolosa ou culposa do agente público responsável pelo dano.

2.3. Teoria da culpa administrativa

Também chamada de **"teoria da culpa do serviço"**, **"teoria da *faute du service*"**, **"teoria da culpa anônima"**, ou, ainda, **"teoria da culpa não individualizada"**, foi mais uma contribuição do Conselho de Estado francês (órgão de cúpula do contencioso administrativo) ao Direito Administrativo e, até hoje é adotada no nosso ordenamento jurídico quando se trata de responsabilidade civil do Estado brasileiro, em razão de danos decorrentes de sua omissão.

Essa teoria não exige do lesado a identificação do agente público causador do dano, nem, tampouco, se o ato lesivo é ato de império ou de gestão, sendo suficiente demonstrar a falta do serviço público.

A prova da falta do serviço exige a demonstração de que o Estado tinha o dever legal de agir e falhou por:

a) não prestar o serviço;

b) por prestar o serviço de forma insuficiente; e

c) por prestar o serviço com atraso. Ocorrendo qualquer destas hipóteses, presume-se a culpa administrativa e surge a obrigação de indenizar.

Ademais, é necessário que o lesado demonstre o nexo de causa e efeito entre a falha do Estado e o seu prejuízo, razão pela qual não se pode alegar responsabilidade civil do Estado por roubos, furtos e outros delitos praticados por criminosos, com o genérico argumento de "falha na prestação do dever de segurança pública", vez que o Estado não é onipresente, razão pela qual não é factível admitir que todos os ilícitos criminais podem ser evitados.

Todavia, caso seja demonstrado uma falha específica do Estado na prestação do serviço de segurança pública, haverá a responsabilidade de reparar os prejuízos decorrentes de sua omissão, como ocorre em situações de assaltos reiterados no mesmo local e horário, sem que o Poder Público adote as providências necessárias para evitá-los.

Da mesma forma, um acidente ocorrido em rodovia federal não é de responsabilidade da União, vez que várias podem ter sido as causas que concorreram para o evento lesivo. No entanto, caso o acidente tenha ocorrido exclusivamente em decorrência da má conservação da rodovia, haverá a responsabilidade do ente federal indenizar a vítima pelos seus prejuízos.

▸ Como este tema vem sendo abordado em concurso público?

No concurso para provimento do cargo de Juiz de Direito Substituto do DF/2015, foi considerada correta a alternativa que possuía a seguinte redação: "Carlos, ao parar em sinal de trânsito de via pública, foi vítima de roubo com emprego de arma de fogo e seu veículo foi levado pelo ladrão. Nessa situação, não é possível imputar responsabilidade objetiva ao Estado por deficiência do serviço de segurança pública, já que a conduta danosa, para a qual a omissão estatal não concorreu efetivamente, foi praticada por terceira pessoa sem vínculo com o ente público".

2.4. Teoria do risco administrativo

Sem abandonar a teoria da culpa administrativa, o mesmo Conselho de Estado francês passou a adotar, em determinadas hipóteses, a teoria do risco que serve de fundamento para a **responsabilidade objetiva** do Estado.

Essa teoria possui como fundamento o princípio da isonomia e da igualdade dos ônus e bônus sociais decorrentes da atuação do Estado, devendo eventuais prejuízos ser repartidos por toda a sociedade, haja vista ser a coletividade beneficiada com a prestação dos serviços públicos. Percebeu-se que, ainda que o Estado atue de forma legítima, isto é, que os seus agentes não tenham a intenção (dolo) de causar prejuízo, nem tenham agido com negligência, imprudência ou imperícia (culpa), caso essa atuação estatal venha a causar prejuízo a um ou alguns poucos, esse prejuízo deve ser suportado pela Fazenda Pública, em face do risco inerente à atividade pública que, buscando propiciar benefícios para a coletividade, pode, de forma legítima, causar prejuízo a alguns, estando, nesse caso, obrigada a reparar o dano desde que o evento lesivo não tenha decorrido da conduta do lesado.

Trata-se de responsabilidade objetiva, sem a necessidade de demonstrar o elemento subjetivo (dolo ou culpa), nem sequer de identificar o agente causador do dano. **É suficiente a demonstração do dano decorrente da atuação do Estado, sem o concurso do lesado.**

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Na prova para provimento do cargo de Defensor Público da União, foi considerada correta a seguinte assertiva: "*A responsabilidade da administração pública, de acordo com a teoria do risco administrativo, evidencia-se na obrigação que tem o Estado de indenizar o dano injustamente sofrido pelo particular – independentemente da existência de falta do serviço e da culpa do agente público –, havendo a possibilidade de comprovação da culpa da vítima a fim de atenuar ou excluir a indenização*".

2.5. Teoria da responsabilidade integral

Segundo essa teoria, o Estado seria responsável sempre que presente no evento lesivo. Essa teoria não admite as excludentes de responsabilidade, o que significa, por exemplo, que caso uma

pessoa venha a se jogar de um prédio público, a responsabilidade seria do Estado, ainda que todo o evento lesivo tenha sido causado pela própria vítima.

3. A RESPONSABILIDADE CIVIL DO ESTADO NO DIREITO BRASILEIRO

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 37, § 6º, dispõe: *"As pessoas jurídicas de direito público e as de direito privado prestadoras de serviços públicos responderão pelos danos que seus agentes, nessa qualidade, causarem a terceiros, assegurado o direito de regresso contra o responsável nos casos de dolo ou culpa".*

O legislador constituinte seguiu uma tradição que remonta à Constituição Federal de 1946, adotando a teoria da responsabilidade objetiva do Estado.

Portanto, a responsabilidade da pessoa jurídica que presta serviço público, com personalidade de direito público ou privado independerá da demonstração do elemento subjetivo (dolo ou culpa), sendo necessário apenas que os seus agentes estejam no **exercício de suas funções ou a pretexto de exercê-las.**

▸ **Como este tema vem sendo abordado em concurso público?**

No concurso para provimento do cargo de Procurador do Estado do Ceará-2008, foi considerada correta a alternativa que possuía a seguinte redação: *"Uma sociedade de economia mista prestadora de serviço público responderá por danos causados a terceiros independentemente da prova de culpa".*

COMENTÁRIO: caso se tratasse de sociedade de economia mista que explora atividade econômica, não haveria responsabilidade objetiva.

Uma situação que esclarece a necessidade de demonstração do agente público estar exercendo suas funções ou a pretexto de exercê-las é a do policial fardado, com a arma da corporação, que atira em pessoas envolvidas em uma briga de bar. Haverá responsabilidade estatal, ainda que o policial não esteja em serviço, pois guardava toda a aparência de estar exercendo sua função.

Em situações como a retratada acima, entende-se que há fato administrativo e que a Administração concorreu com **culpa *in eligendo*** (culpa na escolha do agente público) ou **culpa *in vigilando*** (culpa na fiscalização de sua atuação).

3.1. Responsabilidade das concessionárias e permissionárias de serviço público

Conforme se depreende do citado art. 37, § 6º, a responsabilidade alcança entidades públicas de direito público (União, Estados, Distrito Federal, Municípios, suas autarquias e fundações públicas de direito público), de direito privado (fundações públicas de direito privado, empresas públicas e sociedades de economia mista prestadoras de serviço público, assim como empresas privadas concessionárias e permissionárias de serviço público).

▸ Atenção.

O STF, modificando sua tradicional jurisprudência, passou a entender que as concessionárias e permissionárias de serviço público respondem objetivamente pelos danos causados por seus empregados, ainda que a vítima não esteja na condição de usuária de serviço público. (RE-459749, Rel. Min Joaquim Barbosa).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Defensor Público - RN/2015, foi considera correta a seguinte assertiva: De acordo com entendimento do STF, é objetiva a responsabilidade das pessoas jurídicas de direito privado prestadoras de serviço público em se tratando de danos causados a terceiros não usuários desse serviço.

3.2. Responsabilidade dos notários

Segundo o art. 236, da Constituição Federal de 1988, "os serviços notariais e de registro são exercidos em caráter privado, por delegação do Poder Público". O ingresso na atividade notarial e de registro depende de **concurso público** de provas e títulos, não se permitindo que qualquer serventia fique vaga, sem abertura de concurso de provimento ou de remoção, por mais de seis meses.

São particulares que prestam serviço público em nome próprio e são considerados servidores públicos para fins penais, bem como para a lei de mandado de segurança.

Apesar de prestarem serviço público, a Lei nº 13.286/2016 fez expressa opção pela responsabilização subjetiva dos notários e oficiais de registro.

A questão é polêmica e sua repercussão geral já foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal, nos autos do Recurso Extraordinário 842.846-SC, que pende de julgamento.

3.3. Responsabilidade por danos decorrentes de atividades nucleares

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 21, inc. XXIII, "d", estabelece: *"a responsabilidade civil por danos nucleares independe da existência de culpa"*.

Alguns autores, corrente a qual nos filiamos, entendem desnecessária tal ressalva, que viria apenas reforçar a **responsabilidade objetiva** do Estado no exercício da atividade nuclear, mas que estaria acobertada pela redação do § 6º, do art. 37, da Constituição de 1988.

O entendimento majoritário da doutrina, todavia, defende a recepção, por parte de nossa Lei Maior, da **teoria do risco integral para os danos decorrentes da atividade nuclear**, sob o argumento de que a lei não traz palavras inúteis e como a teoria do risco administrativo já estava albergada no já citado § 6º, do art. 37, não haveria necessidade deste dispositivo, salvo para conferir uma responsabilidade estatal ainda mais abrangente.

A adoção da teoria do risco integral seria justificada face à excepcionalidade da situação e pelo perigo oferecido na atividade nuclear, razão pela qual o Estado responderia independentemente de qualquer outro fator.

> **Importante!**
> Diversos autores, como Sérgio Ferraz, defendem que a responsabilidade integral também deve ser aplicada nos casos de **danos ecológicos.** Nesse caso, defendemos que se trata, na verdade, da adoção da teoria da responsabilidade objetiva, tendo em vista que a Lei nº 6.938/81 faz referência a desnecessidade da demonstração do elemento subjetivo (dolo ou culpa) para a configuração da responsabilidade em casos de danos de natureza ambiental.

As comissões elaboradoras de concurso, seguindo a doutrina majoritária, têm optado pela tese da responsabilização integral, nas situações de danos causados por acidentes nucleares.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho Substituto da 23ª Região-2010, foi considerada correta a seguinte assertiva: *A diferença entre as teorias do risco administrativo e do risco integral é que a primeira admite as cláusulas excludentes da responsabilidade do Estado a segunda não, sendo o único exemplo da aplicação da teoria do risco integral os casos de danos causados por acidentes nucleares, previsto no artigo 21, inciso XXIII, d, da Constituição Federal.*

4. REQUISITOS PARA DEMONSTRAÇÃO DA RESPONSABILIDADE ESTATAL

Para apuração da responsabilidade do Estado não é necessária a demonstração de conduta dolosa ou culposa por parte de algum agente ou de falha do serviço, bastando a presença de três pressupostos:

I) Ocorrência do fato administrativo, sendo assim considerado como qualquer forma de conduta comissiva, legítima ou ilegítima, atribuída ao Poder Público, ainda que o agente estatal atue fora de suas funções, mas a pretexto de exercê-las;

II) Dano material ou moral; e

III) Nexo de causalidade entre o fato administrativo e o evento lesivo. Há que se demonstrar a relação de causa e efeito entre a conduta do Estado e o dano sofrido.

Sobre a necessidade de esses elementos estarem configurados, já em 1992, o Supremo Tribunal Federal se manifestou que "Os elementos que compõem a estrutura e delineiam o perfil da responsabilidade civil objetiva do Poder Público compreendem **(a)** a autoridade do dano, **(b)** a causalidade material entre o *eventus damni* e o comportamento positivo (ação) ou negativo (omissão) do agente público, **(c)** a oficialidade da atividade causal e lesiva, imputável a agente do Poder Público, que tenha, nessa condição funcional, incidido em conduta comissiva ou omissiva, independentemente da licitude, ou não, do comportamento funcional (RTJ 140/636) e (d) a ausência de causa excludente da responsabilidade estatal (RTJ 55/503 - RTJ 71/99 - RTJ 91/377 - RTJ 99/1155 - RTJ 131/417).

Responsabilidade civil do Estado (Requisitos)
Ação ou omissão do estado
Dano material ou moral
Nexo de causalidade

Portanto, sem a demonstração de que a lesão material ou moral decorreu de conduta comissiva ou omissiva do Estado, não haverá responsabilidade civil extracontratual do Estado.

Contudo, uma vez demonstrado que o prejuízo decorreu de uma conduta administrativa haverá uma inversão no ônus da prova, devendo o Estado demonstrar a ausência do fato administrativo, do dano ou do nexo causal.

No caso do dano moral, via de regra, há a necessidade de que o lesado demonstre a sua ocorrência e a relação de causa e efeito com a conduta comissiva ou omissiva do Estado, no entanto, há situações em que a doutrina e a jurisprudência admitem o dano moral presumido, ou seja, independentemente da sua comprovação.

Um exemplo de dano moral ***in re ipsa*** ou sem a necessidade de comprovação da ocorrência efetiva do dano moral, acolhida pela nossa jurisprudência, ocorre quando a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos não efetua a entrega de carta registrada e não comprova causa excludente de responsabilidade, vez que há uma presunção de que ninguém remete uma carta, ainda mais registrada, sem que seja importante o seu devido e oportuno recebimento pelo destinatário, independentemente do seu conteúdo (STJ, EREsp 1.097.266-PB, DJe 24/2/2015).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador do Município de Vitória-2007, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *No atual estágio da doutrina da responsabilidade da administração pública pelos atos de seus agentes, a indenização decorrente de atos lesivos limita-se aos danos materiais.*

5. POSICIONAMENTO DO STF ACERCA DO NEXO DE CAUSALIDADE

O Supremo Tribunal Federal, no julgamento do RE nº 228.521-RS, relatado pelo Ministro Ilmar Galvão, entendeu que "fora dos parâmetros da causalidade não é possível impor ao Poder Público o dever de indenizar sob o argumento de falha no sistema de registro".

No entanto, nem sempre é fácil identificar quando a conduta comissiva ou omissiva da Administração pode ser considerada causa do evento lesivo e, nesse aspecto, a jurisprudência do STF vem se revelando vacilante.

No julgamento do RE nº 209.203, a Corte Excelsa entendeu existir nexo de causalidade entre o crime de ameaça e estupro praticado por foragido do sistema penitenciário do Rio Grande do Sul, que havia se evadido em sete outras oportunidades, e a falha do Estado, sob os seguintes argumentos: "Considerou-se caracterizada a falha do serviço, a ensejar a responsabilidade civil do Estado recorrente, bem como se entendeu presente o nexo causal entre a fuga do apenado e o dano sofrido pelas recorrentes, haja vista que, se a Lei de Execução Penal houvesse sido aplicada com um mínimo de rigor, o condenado dificilmente teria continuado a cumprir pena nas mesmas condições que originariamente lhe foram impostas e, por conseguinte, não teria a oportunidade de evadir-se pela oitava vez e cometer o delito em horário no qual deveria estar recolhido ao presídio".

Já no julgamento do RE nº 172.025, o STF entendeu não haver nexo de causalidade entre a fuga de apenado e o crime de latrocínio por ele cometido tempos depois. Entendeu o Supremo que só é possível admitir o nexo de causalidade quando o dano for efeito necessário de uma causa, que envolve sempre o **dano direto e imediato**, enquanto o dano indireto ou remoto será abrangido apenas quando para sua produção não haja concausas (causas que concorreram para o evento).

No segundo julgado, o STF adotou a **"teoria do dano direto e imediato"** ou **"teoria da interrupção do nexo causal"**, afastando a **"teoria da equivalência das condições"**. Tal raciocínio parece-nos mais acertado, coadunando-se de maneira harmoniosa a outros ramos do direito e à realidade atual, em que a atuação do Estado encontra-se ampliada, devido à grande gama de atividades estabelecidas como serviços públicos a serem cumpridos pela Administração.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No 21º concurso para provimento do cargo de Procurador da República, foi considerada correta a seguinte assertiva: *o Supremo Tribunal Federal entende não existir responsabilidade civil do Estado por ato omissivo, quando um preso foragido há vários meses comete homicídio. Isto, porque a Constituição Federal de 1988, no que toca ao nexo de causalidade, adotar a teoria do dano direto e imediato;*

6. CAUSAS EXCLUDENTES E ATENUANTES DA RESPONSABILIDADE

São apontadas, como causas excludentes da responsabilidade do Estado:

- **Força maior**
- **Caso fortuito**
- **Ato de terceiros**
- **Culpa exclusiva da vítima.**

6.1. Força maior

Conforme regra o Código Civil de 2002, a força maior e o caso fortuito se verificam no fato necessário, cujos efeitos não eram passíveis de serem evitados ou impedidos. A distinção entre os dois conceitos não é pacífica na doutrina. Para grande parte dela, **força maior** é o acontecimento, imprevisível, inevitável e estranho à vontade das partes, decorrente da **natureza**, como uma tempestade, um terremoto, um raio. Não sendo imputável à Administração, não gera responsabilidade do Estado, por não haver nexo causal entre o dano e o comportamento da Administração.

> **Atenção!**
> Alguns autores apontam a força maior como acontecimento originário da **vontade do homem**, compreensão utilizada por parte da doutrina para formar o conceito de **caso fortuito**.

José dos Santos Carvalho Filho, após observar a divergência doutrinária sobre o assunto, opta por não distinguir os dois conceitos, agrupando a força maior e o caso fortuito como fatos imprevisíveis, chamados de **acaso**, e igualando seus efeitos. Assim, o autor defende que, via de regra, a **imprevisibilidade** da ocorrência desses fatos prejudica a identificação do nexo de causalidade entre a ação do Estado e o dano sofrido pelo lesado, excluindo a responsabilidade civil.

Apesar da divergência doutrinária impõe-se que a **força maior** e o **caso fortuito** são fatos extraordinários que, em regra, excluem responsabilidade.

6.2. Caso fortuito

Não obstante a divergência doutrinária já explicada acima, boa parte dos autores costuma indicar o **caso fortuito** como o acontecimento, imprevisível e inevitável, decorrente da ação humana, como um assalto ou uma revolta.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Trabalho Substituto da 23ª Região-2010, foi considerada correta a seguinte assertiva: *À luz da doutrina e jurisprudência majoritária é excludente da responsabilidade civil objetiva do Estado a culpa exclusiva da vítima, sendo que a culpa concorrente pode atenuar a indenização.*

▸ Como esse tema vem sendo abordado em questões subjetivas de concursos?

(TJ-DF - Juiz de Direito - DF/2008) Faça uma explanação sobre a responsabilidade subjetiva da Administração e causas de exclusão da responsabilidade civil do Estado.

7. RESPONSABILIDADE DO ESTADO POR DANOS DECORRENTES DE SUA OMISSÃO

Apesar de a Constituição consagrar a responsabilidade objetiva do Estado, tal responsabilização restringe-se aos prejuízos causados pelos seus agentes no exercício de suas funções ou a pretexto de exercê-las. É dizer, pelos atos comissivos estatais.

Com relação aos danos decorrentes da omissão do Estado, faz-se necessário demonstrar que a conduta estatal não foi suficiente para atender às exigências impostas pelo legislador.

Dessa forma, o entendimento doutrinário e jurisprudencial dominante é de que na responsabilidade do Estado por danos decorrentes de sua omissão vige a **teoria da culpa administrativa**, também chamada de teoria da "falta do serviço", segundo a qual o lesado deve demonstrar que o Estado tinha o dever legal de agir e que falhou no cumprimento deste dever legal, isto é, com negligência, imprudência ou imperícia. O elemento subjetivo da culpa não precisa estar identificado, razão pela qual se chama culpa anônima, **não individualizada**, pois o dano não decorreu de atuação de agente público, mas de omissão do poder público.

Saliente-se que, mesmo ocorrendo força maior ou caso fortuito (dependendo da interpretação), a responsabilidade do Estado poderá ocorrer se, aliada à força maior, ocorrer omissão do Poder público na realização de um serviço. Por exemplo, quando as chuvas provocam enchentes na cidade, inundando casas e destruindo objetos, o Estado responderá se ficar demonstrado que a realização de

determinados serviços de limpeza dos rios ou dos bueiros e galerias pluviais, teria sido suficiente para impedir a enchente. São as chamadas **concausas** ou causas concorrentes para o evento lesivo.

Porém, nesse caso, entende-se que a responsabilidade não é objetiva, porque decorrente do mau funcionamento do serviço público. A omissão na prestação do serviço tem levado à aplicação da **teoria da culpa no serviço público**. Nesse sentido vem se posicionando o STF.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça -GO/2012, foi considerada correta a seguinte assertiva: *Tratando-se de ato omissivo do poder público, a responsabilidade civil por tal ato converte-se em subjetiva, pelo que exige dolo ou culpa, esta numa de suas três vertentes, a negligência, a imperícia ou a imprudência, não sendo, entretanto, necessário individualizá-la, dado que pode ser atribuída ao serviço público, de forma genérica, a falta do serviço*

▸ Atenção!

Em situações de roubos e furtos em transportes coletivos, o STJ vem entendendo, predominantemente, que sem a prova da culpa, não há como responsabilizar a empresa concessionária de transporte, já que ela própria assume a condição de lesada juntamente com os passageiros (RESP 294610/RJ). Todavia, em alguns julgados, o STJ reconhece a responsabilidade das empresas responsáveis pela prestação do serviço público de transporte coletivo, sobretudo, quando prestado em zonas que registram atos de violência constante (RESP 232649/SP).

Em edições anteriores informávamos que a jurisprudência do STJ e do STF acompanhava o entendimento de Celso Antônio Bandeira de Mello, segundo o qual o Estado seria objetivamente responsável pela morte de detento ocorrida dentro de estabelecimento prisional mantido pelo Estado, ainda que decorrente de suicídio.

No entanto, em recente decisão, o STF fixou a seguinte tese de repercussão geral: "Em caso de inobservância de seu dever específico de proteção previsto no artigo 5º, inciso XLIX, da Constituição Federal, o Estado é responsável pela morte de detento".

A Corte Excelsa decidiu que a morte do detento em estabelecimento penitenciário gera a responsabilidade civil do Estado **quando houver inobservância do seu dever específico de proteção**. Portanto, não mais prevalece a responsabilidade objetiva pelo mero risco

do desenvolvimento da atividade prisional, como defende Celso Antônio Bandeira de Mello, admitindo-se circunstâncias que venham a excluir a responsabilidade do Estado, tais como o suicídio, vez que se trata de culpa exclusiva da vítima.

8. RESPONSABILIDADE PRIMÁRIA E SUBSIDIÁRIA

A responsabilidade é considerada **primária** quando atribuída diretamente à pessoa jurídica a que pertence o agente autor do dano. Será **subsidiária** quando o responsável primário não tiver condições econômicas de reparar o dano.

Dessa forma, a responsabilidade do Estado será sempre primária quando o dano tiver sido causado por um dos seus agentes públicos. Contudo, quando, por exemplo, o dano for causado por uma concessionária de serviço público, esta responderá primariamente pelos danos causados por seus empregados, mas caso esses danos venham a superar a sua capacidade econômica surgirá a responsabilidade do poder concedente, isto é, do Estado titular do serviço público delegado.

O ilustre Procurador junto ao TCU, Lucas Furtado, em sua obra "Curso de Direito Administrativo" discorda do posicionamento retrocitado, sob o fundamento de que a responsabilidade do Estado persiste, **de forma direta**, relativamente ao seu encargo de fiscalizar a prestação do serviço público pela concessionária. Para reforçar esse entendimento, vale citar a decisão do STF no RE 258726, que reconheceu a responsabilidade da União em acidente aéreo.

Ocorre que, nos termos da decisão, evidenciou-se o nexo de causalidade entre o dano sofrido e a omissão do agente estatal responsável pela fiscalização das atividades de aviação civil, no caso o Departamento de Aviação Civil - DAC, comprovada pela situação irregular em que se encontrava a aeronave, sem o cumprimento de requisitos mínimos de segurança. Ademais, houve a confirmação, segundo laudo do próprio Ministério da Aeronáutica, de que o "checador", oficial da aeronáutica, que operava a aeronave - em situação também irregular, pois o comandante estava fora da cabine de comando - não possuía treinamento adequado para a situação de emergência ocorrida.

Em síntese, de acordo com o precedente do STF, a responsabilidade imputada ao Estado decorreu não da impossibilidade da empre-

sa aérea poder saudar os encargos financeiros da condenação, mas da falha na fiscalização da prestação do serviço público.

José dos Santos Carvalho Filho entende que a falha na fiscalização do serviço público pelo poder concedente é suficiente para responsabilizá-lo, havendo direito de regresso da concessionária que venha a assumir os danos decorrentes dos serviços públicos por ela prestados. Comentando o entendimento acima, Lucas Furtado ensina que dito raciocínio importaria em incentivar a torpeza das empresas concessionárias, além de contrariar, frontalmente, o dispositivo da Lei geral de concessão de serviços públicos (Lei nº 8.987/95), segundo a qual, "(Art. 25). *Incumbe à concessionária a execução do serviço concedido, cabendo-lhe responder por todos os prejuízos causados ao poder concedente, aos usuários ou a terceiros,* ***sem que a fiscalização exercida pelo órgão competente exclua ou atenue essa responsabilidade.***".

Entendemos assistir razão ao ilustre membro do *parquet*, junto à corte de Contas Federal, pois as responsabilidades do concessionário e da concedente de serviço público não se confundem, respondendo, cada um, diretamente pelos danos que vierem a causar. Merece reforma, entretanto, o posicionamento do autor, quando afirma inexistir responsabilidade subsidiária do poder concedente quando o concessionário não possuir condições de suportar os encargos financeiros das indenizações devidas, haja vista que a alegação de que "os delegatários de serviço público atuam em nome próprio e seus atos e omissões ensejam responsabilidade exclusivamente para suas pessoas" importaria em inaceitável abrandamento da teoria do risco administrativo, vez que o Estado, ao transferir a prestação do serviço e efetuar uma correta fiscalização dessas atividades, estaria desonerado dos riscos dos serviços, para os quais permanece como titular.

Dessa forma, entendemos que as obrigações da pessoa jurídica concedente e do concessionário não se confundem, podendo haver responsabilização direta de ambos pelas suas condutas comissivas ou omissivas, devendo, ainda, o Estado responder subsidiariamente quando o concessionário não possuir condições de suportar os encargos financeiros das indenizações devidas.

9. RESPONSABILIDADE DO ESTADO POR ATOS LEGISLATIVOS

A regra que prevalece em relação a **atos legislativos** é a da **irresponsabilidade**, porque a edição de leis, por si só, não tem o condão de acarretar danos indenizáveis aos membros da coletividade, em face de sua abstração.

Entretanto, se a **lei for julgada inconstitucional**, poderá ensejar a responsabilidade do Estado, porque o dano é causado por ato emitido fora do exercício das competências constitucionais.

▸ **Atenção!**

O entendimento dominante no STJ e no STF é pela necessidade de declaração de inconstitucionalidade da lei em sede de controle concentrado de constitucionalidade. Todavia, há doutrinadores que sustentam a possibilidade de responsabilização estatal por danos decorrentes de lei declarada inconstitucional em controle difuso.

Com relação às **leis de efeito concreto**, que atingem pessoas determinadas, incide a responsabilidade do Estado, porque como elas fogem às características da generalidade e abstração inerentes aos atos normativos, acabam por acarretar ônus não suportados pelos demais membros da coletividade. A lei de efeito concreto, embora promulgada pelo Legislativo, constitui, quanto ao conteúdo, verdadeiro ato administrativo, produzindo os mesmos efeitos que este, quando cause prejuízo ao administrado, independentemente de considerações sobre a sua constitucionalidade ou não.

Ressalte-se que Hely Lopes não encontra fundamento jurídico para, em situação alguma, haver responsabilização civil do Estado por atos legislativos.

Há grandes divergências doutrinárias acerca da possibilidade ou não de responsabilização por atos legislativos constitucionais. Alguns autores, como José dos Santos, entendem impossível a responsabilização, por ser a lei uma expressão da soberania do Estado e por se tratar de um mandamento geral e abstrato. Entretanto, podem ocorrer situações em que a lei, apesar de ser abstrata em sua essência, traga sacrifícios a pessoas determinadas. Por exemplo, as limitações administrativas impõem um sacrifício a todos os componentes de um grupo social, mas há casos de limitações que podem acarretar sacrifícios particulares, surgindo direito à indenização, como no caso de lei que cria reserva florestal, prejudicando totalmente o direito de propriedade de um determinado proprietário.

A França defende a possibilidade de responsabilização do Estado decorrente de atos legislativos constitucionais, mas de abstração mitigada. Tal entendimento teve como ponto de partida o famoso caso ***arrêt La Flerette*** que modificou os paradigmas de responsabilização civil do Estado Francês.

Uma sociedade anônima de produtos letreiros, "La Flerette", iniciou a fabricação sob o nome de "gradine", de um creme que utilizava a nata como matéria-prima. Em 29 de junho de 1934, foi publicada lei de iniciativa do Poder Executivo que interditava a fabricação, exposição, colocação à venda importação, exportação ou transporte de qualquer produto destinado ao mesmo uso que as natas que não proviessem exclusivamente do leite. Esta disposição tendia diretamente a interditar a fabricação de gradine e deste modo a sociedade cessaria sua exploração. Ao avaliar a questão, o Conselho de Estado considerou que a restrição imposta não teve como fundamento lesão concreta ou potencial à saúde pública, nem qualquer outra razão que não o interesse do Estado Francês em proteger os fabricantes de leite, razão pela qual a carga imposta ao fabricante deveria ser suportada pela coletividade. Segundo esse raciocínio, o Conselho condenou o Estado a reparar os danos.

▸ Atenção!

No direito brasileiro, a medida provisória que proibiu a comercialização de bebidas alcoólicas nas margens das rodovias federais é um exemplo de norma constitucional, mas de abstração reduzida, que impõe sacrifício a parcela reduzida da coletividade, visando proporcionar uma segurança para a sociedade.

A despeito de concordarmos com o direito francês, cumpre alertarmos que o entendimento doutrinário e jurisprudencial majoritário é, em regra, pela **impossibilidade de responsabilização do Estado por normas abstratas constitucionais.**

Outro ponto relevante desse tema diz respeito à responsabilidade do Estado brasileiro por danos decorrentes de sua **omissão legislativa.**

A responsabilização do Estado por danos decorrentes de sua omissão legislativa já é uma realidade em nações como França e Itália, contudo, o Brasil, apesar de ter caminhado na direção da responsabilização (STF - RE 424584 - MG - 2ª T. - Rel. Min. Carlos Velloso - J. 04.10.2005), atualmente vem se posicionando pela impossibilidade de responsabilização estatal, segundo recentes decisões da Min. Carmem Lúcia (RE-AgR 510467/SP - SÃO PAULO).

Responsabilização do Estado por atos legislativos	
Leis declaradas inconstitucionais via controle concentrado de constitucionalidade	Leis de efeito concreto

10. RESPONSABILIDADE DO ESTADO POR ATOS JUDICIAIS

No que concerne aos **atos judiciais**, o art. 143 do Novo Código de Processo Civil, dispõe que o juiz responde por perdas e danos quando, no exercício de suas funções, procede dolosamente, inclusive com fraude, bem como quando recusa, omite ou retarda, sem justo motivo, providência que deva ordenar de ofício ou a requerimento da parte. Neste caso, a responsabilidade é individual do juiz, cabendo-lhe, em consequência, o dever de reparar os danos causados.

Se o dano deriva de um ato culposo, haverá responsabilização se o dano decorreu de decisão judicial proferida em **processo penal** (art. 5º, LXXV, da CF "o Estado indenizará o condenado por erros judiciários, assim como o que ficar preso além do tempo fixado na sentença") e irresponsabilidade, caso a lesão tenha como origem uma decisão judicial exarada em **processo civil**.

É interessante destacar, ainda, que as prisões preventivas e temporárias de acusados que venham a demonstrar sua inocência em processo penal não implicam imediata responsabilização do Estado, vez que tais medidas visam instrumentalizar o processo penal, sem importar em juízo de condenação. Todavia, caso sejam decretadas as prisões preventiva e temporária, comprovadamente, sem que possuam os requisitos para sua decretação, surgirá a responsabilização do Estado decorrente da falha na prestação do serviço.

Nesse sentido vem entendendo o Supremo Tribunal Federal, conforme RE 385943/SP, relatado pelo Ministro Celso de Mello. No julgado, o Supremo entendeu que a Decretação de prisão cautelar, que se reconheceu indevida, contra quem não teve qualquer participação ou envolvimento com o fato criminoso, repercutindo na perda de seu emprego, apresenta-se como comportamento inadmissível ao aparelho de Estado. Entendeu o Tribunal que, naquele caso, estariam presentes todos os elementos identificadores do dever estatal de reparar o dano.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador Federal-2010, realizado pelo CESPE, foi considera correta a seguinte assertiva: *Pedro foi preso preventivamente, por meio de decisão judicial devidamente fundamentada, mas depois absolvido por se entender que ele não tivera nem poderia ter nenhuma participação no evento. No entanto, por causa da prisão cautelar, Pedro sofreu prejuízo econômico e moral. Nessa situação, conforme entendimentos recentes do STF poderão ser indenizáveis os danos moral e material sofridos.*

O STJ modificou o seu antigo entendimento, passando a adotar a orientação do STF para decidir como indevida a indenização por danos materiais a candidato aprovado em concurso público cuja nomeação tardia tenha decorrido de decisão judicial. Portanto, tanto para a Corte Cidadã, quanto para o Pretório Excelso, não é devida indenização pelo tempo em que se aguardou solução judicial definitiva para que se procedesse à nomeação de candidato para cargo público.

11. PRESCRIÇÃO

Há alguns anos o STJ fixou o entendimento de que o prazo prescricional para que o lesado possa impetrar ação de indenização contra pessoas jurídicas de direito público e de direito privado prestadoras de serviço público era de três anos, nos termos estipulados pelo art. 206, § 3º, inc. V, do Código Civil, que teria revogado o prazo quinquenal fixado pelo Dec. nº 20.910/32.

Todavia, recentemente a Corte Cidadã, como também é conhecido o STJ, regressou a partilhar o entendimento de que a prescrição do direito de se impetrar ação de reparação em face do Estado é quinquenal, conforme estabelecido pelo artigo 1º do Decreto nº 20.910/32.

Em suma, o atual entendimento do STJ é no sentido de *"que a prescrição contra a Fazenda Pública, mesmo em ações indenizatórias, rege-se pelo Decreto 20.910/1932, que disciplina que o direito à reparação econômica prescreve em cinco anos da data da lesão ao patrimônio material ou imaterial." (STJ, AgRg no REsp 1106715/PR, julgado em 3.5.2011, Dje 10.5.2011).*

Com relação à prescrição para impetração da ação regressiva, isto é, do prazo para que o Estado venha a buscar o ressarcimento dos prejuízos por ela suportados e frutos do dolo ou da culpa do agente público, o art. 37, §5º, Constituição Federal, estabelece que é **imprescritível** as ações de ressarcimento.

No entanto, em decisão recente, O Supremo Tribunal Federal decidiu que a imprescritibilidade a que se refere o art. 37, § 5º, da CF diz respeito apenas a ações de ressarcimento de danos ao erário decorrentes de atos praticados por qualquer agente, servidor ou não, tipificados como ilícitos de improbidade ou como ilícitos penais.

Dessa forma, o STF acresce à redação do §5º, do art. 37 da Carta Magna, requisito não existente, **excluindo da imprescritibilidade os**

danos decorrentes de ilícitos civis. Diante da abstração do conceito de ilícito civil, tal definição só pode ocorrer à luz do caso concreto.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Juiz Federal (CESP-2011/TRF 1ª Região), foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *Segundo o STJ, as ações por responsabilidade civil do Estado não se submetem ao prazo prescricional de cinco anos.*

▸ **Como esse tema vem sendo abordado em questões subjetivas de concursos?**

(MPE-PR - Promotor de Justiça - PR/2008) (máximo de 25 linhas).

Aborde as posições existentes acerca da prescrição do ressarcimento ao erário público.

12. SUJEITO PASSIVO DA LIDE

Caso o lesado pretenda responsabilizar o Estado por danos causado pelo agente público no exercício de suas funções ou a pretexto de exercê-las, o Estado pode optar por **denunciar à lide** o agente causador do dano, para que a responsabilidade do Estado e do agente possa ser decidida no mesmo processo.

Todavia, o Estado pode optar por não denunciar à lide o agente causador do dano, sem que venha a perder o seu direito de regresso.

Ademais, vem crescendo o entendimento, no Poder Judiciário, pela impossibilidade dessa denunciação à lide, sob o fundamento de que o lesado teria o direito a um processo que venha a discutir apenas a responsabilidade objetiva do Estado e que a demonstração da responsabilidade subjetiva deve ser demonstrada em ação regressiva apartada.

Outra questão relevante em relação ao tema reside na possibilidade ou não de se ajuizar ação diretamente contra o agente público que causou o dano, sem acionar a pessoa jurídica a qual ele integra.

Em se tratando de danos causados por Magistrados no exercício de suas funções jurisdicionais, o STF entende que a correspondente ação indenizatória deverá ser impetrada somente em face da respectiva pessoa jurídica de direito público, em razão de o Magistrado ser um agente político do Estado, não se podendo admitir responsabilidade concorrente, mas somente a decorrente da posterior ação regressiva.

Com o mesmo argumento acima o STF, recentemente, afastou a possibilidade de prefeito ser responsabilizado diretamente por prejuízos decorrentes de intervenção em hospital. Dessa forma, devemos entender que nenhum agente político pode ser responsabilizado diretamente por prejuízos decorrentes do exercício de suas atribuições, devendo o ressarcimento ao erário ocorrer por meio de ação regressiva, que, conforme já assinalado, é imprescritível.

Nessa decisão (RE 327904 / SP), relatada pelo Min Carlos Ayres Brito, o corpo do voto indica que nem os agentes políticos, nem os servidores públicos devem ser responsabilizados diretamente por danos causados no exercício de suas funções, mas exclusivamente em ação regressiva, destacando se tratar de verdadeira garantia do servidor estatal.

Posteriormente, o mesmo STF (RE 470.996), corroborando o entendimento acima, posicionou-se pela ilegitimidade passiva de servidor público militar em ação de reparação civil, por defender que a relação jurídica da vítima com o Estado é objetiva, nos termos preconizados pelo art. 37, § 6º da CF/88 e que caberia ao Estado, via ação regressiva, verificar a responsabilidade subjetiva do servidor.

Por sua vez, o novo CPC consagra, expressamente, que a responsabilidade civil do membro da Magistratura, do Ministério Público, da Advocacia Pública, da Defensoria Pública, do escrivão, chefe da secretaria e do oficial de justiça só pode ser aferida em ação regressiva.

Portanto, parece-nos que há ambiente jurídico seguro para afirmar que não se admite a responsabilização direta do servidor público por danos decorrentes de atos praticados durante o exercício de suas atribuições públicas ou a pretexto de exercê-las, devendo o lesado acionar direta e objetivamente o Estado, que, via ação de regresso, irá ser ressarcido pelo servidor, caso demonstre que sua conduta foi dolosa ou culposa.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Analista Judiciário do TRE-RJ-2017, foi disponibilizada a seguinte situação para análise:

"Considere que Marvim, servidor efetivo do Tribunal Regional Eleitoral, no exercício de suas funções na 1ª Zona Eleitoral do Município do Rio de Janeiro, tenha agredido fisicamente um eleitor." Baseado na teoria da responsabilidade civil do estado, o advogado do eleitor deverá propor ação de indenização contra:

Foi considerada **correta** a seguinte assertiva:

A) a União, somente.

13. RESPONSABILIDADE DO ESTADO POR DANOS CAUSADOS POR ATOS TERRORISTAS

O Estado só será obrigado a ressarcir os danos decorrentes de **atentados terroristas** quando ficar demonstrado o nexo de causalidade entre o atentado e a falha do Estado em seu dever de prestar o serviço de segurança pública.

Trata-se da já explicada responsabilidade estatal decorrente de sua omissão, quando o lesado tem o dever de demonstrar a ausência do serviço, retardamento ou má prestação do serviço imposto pelo legislador.

Nessas situações vige a teoria da "culpa administrativa". No entanto, após os atentados terroristas em 11/09/2001, foi editada a Lei nº 10.744, de 9 de outubro de 2003, segundo a qual fica a União autorizada, na forma e critérios estabelecidos pelo Poder Executivo, a assumir despesas de responsabilidades civis perante terceiros na hipótese da ocorrência de danos a bens e pessoas, passageiros ou não, provocados por atentados terroristas, atos de guerra ou eventos correlatos, ocorridos no Brasil ou no exterior, contra aeronaves de matrícula brasileira operadas por empresas brasileiras de transporte aéreo público, excluídas as empresas de táxi aéreo, no montante global, equivalente em reais, de até US$ 1,000,000,000.00 (um bilhão de dólares dos Estados Unidos da América) para o total dos eventos contra aeronaves de matrícula brasileira operadas por empresas brasileiras de transporte aéreo público, excluídas as empresas de táxi aéreo.

Não se trata de adoção da responsabilidade integral, mas simplesmente da possibilidade de a União assumir os encargos financeiros de um dano que não foi causado por qualquer conduta comissiva ou omissa de seus agentes.

Nesse sentido a lição do professor José Carlos Moreira Alves em seu artigo "O Terrorismo e a Violência: Responsabilidade Civil do Estado":

> "Quando ocorriam os atos de terrorismo e havia a necessidade de sacrifício de vida, este se dava por parte do agente terrorista, mas, naquele caso, o que se viu foi o contrário: aviões que estavam, literalmente, ocupados por pessoas que nada tinham a ver com aqueles atos de terrorismo, foram usados por terroristas que sacrificavam as suas vidas e, em última análise, assassinavam pessoas alheias àquele movimento terrorista. Consequentemente, naquele caso, a assunção é provisória, porque a Medida Provisória n. 02, de 24 de setembro de 2001, dispõe que - por ter autorizado a União a fazer essa assunção de responsabilidade civil, significa dizer que a União não se considerava responsável, tanto assim que havia essa necessidade - a autorização a que se refere esta Lei vigorará por trinta dias, contados a partir de 00:00 hora do dia 25 de setembro de 2001, podendo ser prorrogada por ato do Poder Executivo pelo prazo de até cento e vinte dias"

Caso a responsabilidade fosse integral do Estado não haveria razão para que a Lei autorizasse a União a assumir despesas na forma e critérios estabelecidos pelo Poder Executivo e ainda fixasse um teto máximo para essas despesas.

Portanto, podemos concluir que a Lei nº 10.744/2003, ainda em vigor, decorre de medidas provisórias editadas pouco tempo após os atentados de 11/09/2001 que possibilitaram à União, caso disponha de recursos, a assumir despesas para danos que não foram por ela provocados, persistindo como substrato normativo o art. 37, § 6º da nossa Carta Magna que consagra a teoria da "culpa administrativa" para os danos que comprovadamente tenham como origem a omissão administrativa.

14. RESPONSABILIDADE DA UNIÃO PERANTE A FIFA

O art. 23 da Lei nº 12.663/2012 (Lei Geral da Copa) dispõe que a União assumirá os efeitos da responsabilidade civil perante a FIFA,

seus representantes legais, empresários ou consultores por todo e qualquer dano resultante ou que tenha surgido em função de qualquer incidente ou acidente *de segurança relacionado aos eventos, exceto se e na medida em que a FIFA ou a vítima houver concorrido para a ocorrência do dano.*

Por se tratar de dispositivo legal que alarga a responsabilidade civil estatal estampada no art. 37, § 6º da Constituição Federal de 1988, houve questionamento acerca da existência de uma suposta inconstitucionalidade. Alegava-se que estaria sendo criada verdadeira hipótese de adoção da teoria do risco integral.

O STF, todavia, entendeu pela constitucionalidade do dispositivo, defendendo que o já citado art. 37, § 6º, da Carta Política não impossibilita que a norma infraconstitucional venha a ampliar a responsabilidade civil do Estado, sendo, na verdade, vedado que uma lei contrarie o dispositivo constitucional no sentido de determinar que a responsabilidade da União não será objetiva.

A Suprema Corte ainda enfrentou o tema acerca de qual teoria alicerçaria tal entendimento, restando adotada a chamada **Teoria do Risco Social**, que seria a socialização dos riscos por toda a sociedade, não reconhecendo na hipótese a teoria do risco integral, haja vista que o legislador afastou *os efeitos da responsabilidade civil na medida em que a FIFA ou a vítima houvessem concorrido para a ocorrência do dano. Anotou que se estaria diante de garantia adicional, de natureza securitária, em favor de vítimas de danos incertos que poderiam emergir em razão dos eventos patrocinados pela FIFA, excluídos os prejuízos para os quais a entidade organizadora ou mesmo as vítimas tivessem concorrido.*

15. RESPONSABILIDADE DO ESTADO PELA "PERDA DE UMA CHANCE"

a teoria da perda de uma chance vem recebendo boa acolhida, tanto pela doutrina quanto pela jurisprudência pátria, como uma das hipóteses em que é possível se aferir um dano sofrido e responsabilizar o seu autor.

A teoria da perda de uma chance possui como arrimo a probabilidade de que a chance seria concretizada e a certeza do prejuízo decorrente da oportunidade perdida.

Segundo entendimento do STJ "o objeto da reparação é a perda da possibilidade de obter um ganho como provável, sendo que 'há

que se fazer a distinção entre o resultado perdido e a possibilidade de consegui-lo. A chance de vitória terá sempre valor menor que a vitória futura, o que refletirá no montante da indenização'" (Recurso Especial Nº 1.254.141 - PR).

Dessa forma, no cálculo da indenização deve haver uma redução proporcional ao que efetivamente poderia ser auferido pelo lesado, vez que a reparação não ocorre pelos danos sofridos, mas pela chance eventualmente perdida.

Ainda na esteira de raciocínio do STJ, para configurar a pretensão de reparação civil em face da perda de uma chance, faz-se necessário a observância dos seguintes requisitos:

(i) Existência de uma chance concreta, real, com alto grau de probabilidade de obter um benefício ou sofrer um prejuízo;

(ii) Que a ação ou omissão do Estado tenha nexo causal com a perda da oportunidade de exercer a chance (sendo desnecessário que esse nexo se estabeleça diretamente com o objeto final);

(iii) atentar para o fato de que o dano não é o benefício perdido, porque este é sempre hipotético.

▸ **Atenção!**

O STJ reconheceu a responsabilidade civil do Estado com fundamento na teoria da "perda de uma chance" quando demonstrado o erro no tratamento médico pelo sistema público de saúde, porém, ao julgar pedido de indenização em face de interpretação equivocada por parte da Administração Pública quanto à impossibilidade de acumulação de cargos, não vislumbrou a ocorrência da teoria da "perda de uma chance", tendo em vista se tratar de um evento certo sobre o qual não restam dúvidas.

Portanto, a teoria da perda de uma chance, conforme já explicitado acima, pressupõe que uma ação comissiva ou omissiva da Administração venha a inviabilizar a concretização de uma situação que muito provavelmente se realizaria sem a interferência administrativa.

Capítulo 12

Bens públicos

Fernando Baltar

1. INTRODUÇÃO

Segundo o artigo 98 do Código Civil, são bens públicos todos aqueles que pertencem a pessoas jurídicas de direito público, isto é, União, Estados, DF, Municípios, respectivas autarquias e fundações públicas de direito público, sendo todos os outros considerados particulares, independentemente da pessoa a que pertencerem.

O citado art. 98 se refere aos bens de qualquer natureza, tais como imóveis, móveis, semoventes, corpóreos, incorpóreos, créditos, direitos e ações.

Celso Antônio Bandeira de Mello amplia tal conceito por entender que, além dos que integram o patrimônio das pessoas jurídicas de direito público, também **serão públicos os que estejam afetados à prestação de um serviço público**, ainda que o seu proprietário possua personalidade jurídica de direito privado. Por sua vez, Hely Lopes Meirelles entende que bens públicos em sentido amplo seriam "todas as coisas, corpóreas ou incorpóreas, imóveis, móveis e semoventes, créditos, direitos e ações, que pertençam, a qualquer título, às entidades estatais, autárquicas, fundacionais e paraestatais".

Essencialmente, o Código Civil, Hely Lopes Meirelles e outros ilustres autores, como Lúcia Valle Figueiredo, definem o bem público a partir do sujeito titular do bem, enquanto Celso Antônio defende que a natureza pública do bem é encontrada conjugando o critério da titularidade (válido para as pessoas jurídicas de direito público) com a afetação do bem à prestação de um serviço público (hipótese que insere bens de particulares na categoria de público, tais como os bens das concessionárias de serviço público que estejam vinculados à prestação do serviço).

Didaticamente teríamos a seguinte divisão:

Código Civil, Lúcia Valle de Figueiredo, Maria Sylvia Di Pietro, dentre outros	Hely Lopes Meirelles	Celso Antônio Bandeira de Mello
Bem público é o que pertence à União, Estados, DF, Municípios, respectivas autarquias e fundações públicas de direito público.	Bem público é o que pertence à União, Estados, DF, Municípios, respectivas autarquias e fundações públicas de direito público, fundações públicas de direito privado, empresas públicas, sociedades de economia mista, serviços sociais autônomos (SESC, SENAI, SENAC, SEBRAE, etc.).	Bem público é o que pertence à União, Estados, DF, Municípios, respectivas autarquias e fundações públicas de direito público e os que estejam afetados à prestação de serviço público, ainda que pertençam a particulares (ex.: torre de transmissão de energia de empresa privada concessionária de serviço público).

Assiste razão a Celso Antônio Bandeira de Mello, haja vista ser indiscutível que os bens pertencentes à União, Estados, DF, Municípios, respectivas autarquias e fundações públicas de direito público são públicos e que os bens afetados à prestação do serviço público devem estar revestidos com características como a impenhorabilidade, a fim de resguardar o princípio da continuidade do serviço público.

É bem verdade que, quando estes bens forem de propriedade de empresas privadas, não haverá a necessidade de desafetação formal, nem de realização de licitação quando a alienação for admissível (ex.; quando os bens forem substituídos por equipamentos mais modernos), tendo em vista que, uma vez que não estejam mais empregados na prestação do serviço público, perdem a natureza jurídica de direito público e se submetem ao regime jurídico de direito privado.

1.1. Bens das empresas públicas e sociedades de economia mista

Em relação aos bens das Empresas Públicas - EP e Sociedades de Economia Mista - SEM, há que se diferenciar as estatais que **prestam serviço público** daquelas que **exploram atividade econômica**.

Conforme exposto acima, em relação às Empresas Públicas e Sociedades de Economia Mista que prestam serviço público, não há dúvidas que seus bens possuem natureza pública, revestindo-se das seguintes características:

- **inalienabilidade;**

- **impenhorabilidade;**
- **imprescritibilidade**
- **impossibilidade de oneração.**

O Informativo nº 412, do STF noticia que os bens da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos não podem ser penhorados, tendo em vista que a empresa pública em questão se submete ao regime de precatórios e que tal entendimento seria aplicável às demais estatais que prestam serviço público ou, ainda, que exercem atividade econômica sob o regime de monopólio legal. Destaca-se, como precedente, o julgamento do RE 220906/RS (DJU de 14.11.2002).

O mesmo STF possui entendimento dúbio quanto à possibilidade de instauração de procedimento de tomada de contas especial pelos Tribunais de Contas, em relação às EP e SEM que explorem atividade econômica. Há julgado em que o Supremo entende pela impossibilidade de tal proceder, sob o argumento de que tais bens seriam privados e inconfundíveis com os bens do Estado, não incidindo, portanto, a competência constitucional das Cortes de Contas (Informativo - STF nº 259); em outro momento, o STF entendeu pela possibilidade da tomada de contas especial de uma SEM, tendo por fundamento a possibilidade de prejuízo do capital pertencente ao Poder Público, com consequente lesão ao erário (Informativo nº 408 - STF).

Sobre o tema, reproduzimos o posicionamento lapidar de José dos Santos Carvalho Filho, o qual esposamos em sua totalidade, senão vejamos: "Os valores e bens oriundos da gestão da empresa pública ou da sociedade de economia mista devem caracterizar-se, em princípio, como privados, já que, como temos visto, são elas pessoas jurídicas de direito privado (art. 98, Cód. Civil). Somente os bens e valores oriundos diretamente da pessoa controladora, normalmente a entidade federativa, e, ainda não administrados pelo ente paraestatal, é que se qualificam (*si et in quantum*) como públicos. Dessa maneira, o controle do Tribunal de Contas executado com base no art. 71, II, da CF (que se refere a 'dinheiros, bens e valores públicos'), somente tem incidência nestes últimos, ficando os primeiros fora do âmbito de controle".

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador do MP junto ao TCE-SC/2010, realizado pela FEPESE, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "*Todos os bens das empresas públicas são impenhoráveis*".

No 21º concurso para provimento do cargo de Procurador da República, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *"os bens das empresas públicas prestadoras de serviços públicos estão sempre sujeitos a penhora"*.

2. CLASSIFICAÇÃO

O art. 99, do Código Civil traz a seguinte classificação para os bens públicos:

I) Bens de uso comum do povo;

II) Bens de uso especial;

III) Bens dominicais.

2.1. Bens de uso comum do povo

São aqueles que, por lei ou em face de sua natureza, são destinados ao uso da coletividade, sem distinção de usuários, limitação de horários e remuneração, tais como ruas, rios navegáveis ou flutuáveis, praias naturais e mar.

Qualquer restrição ao direito subjetivo de livre fruição, como a cobrança de pedágio nas rodovias, acarreta a especialização do uso e, quando se tratar de bem realmente necessário à coletividade, só pode ser feita em caráter excepcional.

Todavia, a restrição de uso a uma estrada pública para o transporte de grandes cargas (ex.: turbina de hidroelétrica) não retira do bem público a sua destinação de uso comum do povo.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça - SE/2010, realizado pelo CESPE, foi considerada correta a seguinte assertiva: *"Os bens de uso comum do povo são aqueles que se destinam à utilização geral pelos indivíduos e podem ser federais, estaduais ou municipais"*.

2.2. Bens de uso especial

Os bens serão classificados como de uso especial nas seguintes situações:

a) Utilização pela Administração (repartições públicas, veículos empregados pela Administração);

b) Utilizados por particular com exclusividade por meio de ato unilateral (autorização e permissão de uso) ou bilateral (concessão de uso); e

c) Os que possuem restrições ou para o qual se exige pagamento.

Uma vez configurada a situação da alínea "b" acima, o particular passa a ter um direito subjetivo à sua utilização e será oponível a outros particulares.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça do Amapá-2007, foi considerada correta a seguinte assertiva: *"Os bens de uso especial são aqueles destinados à execução dos serviços públicos, a exemplo de um edifício onde esteja instalada uma cadeia pública".*

São características dos bens de uso comum e de uso especial a inalienabilidade, a imprescritibilidade, a impenhorabilidade e a impossibilidade de oneração.

A **inalienabilidade** significa que os bens públicos, enquanto estiverem afetados ao uso comum ou especial, não podem ser objeto de alienação.

A **imprescritibilidade** dos bens públicos significa que não corre a prescrição contra esses bens, isto é, não se admite a usucapião dos bens públicos.

A **impenhorabilidade** significa que esses bens não podem ser penhorados para assegurar o pagamento das dívidas contraídas pelo Poder Público porque a Constituição assegura que os créditos contra a Fazenda Pública se submetem ao regime dos precatórios ou das requisições de pequeno valor, previsto no art. 100, da CF.

A **impossibilidade de oneração** possui o mesmo fundamento da impenhorabilidade, vez que esses bens não podem ser ofertados como garantia na obtenção de empréstimos pelo fato de a Constituição assegurar que os créditos contra a Fazenda Pública se submetem ao regime dos precatórios ou das requisições de pequeno valor.

2.2.1. *Afetação e desafetação dos bens de uso comum e especial*

Celso Antônio Bandeira de Mello conceitua **afetação** como "a preposição de um bem a um dado destino categorial de uso comum ou

especial, assim como a desafetação é sua retirada do referido destino. Os bens dominicais são bens não afetados a qualquer destino público".

A **afetação** pode ocorrer independentemente de qualquer conduta estatal, como ocorre com os bens que são **naturalmente** afetados como os **rios** e os **mares**; por **lei** ou por **ato administrativo** que determine a destinação de um bem dominial ou de uso especial ao uso público, como a afetação de um terreno não edificado, por lei municipal, como praça pública.

Os bens que são **naturalmente afetados** ao uso comum do povo não podem ser desafetados, vez que são insuscetíveis de valoração. São, portanto, bens revestidos com a **inalienabilidade absoluta**. Ex.: praias e rios.

Por sua vez, os **bens** que venham a ser **afetados por lei, ato administrativo ou fato administrativo** são bens **relativamente inalienáveis**, ou ainda, de **alienabilidade condicionada**, haja vista que deixam a categoria de inalienáveis e passam a ser passíveis de alienação quando perdem a sua destinação comum ou especial e passam a integrar a categoria de bens dominicais.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No 19º concurso para provimento do cargo de Procurador da República, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *"A inalienabilidade dos bens públicos resulta sempre de imposição legal"*.

No concurso para provimento do cargo de Procurador do Estado do Mato Grosso/2016, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *"Chama-se desafetação o processo pelo qual um bem de uso comum do povo é convertido em bem de uso especial"*.

A **desafetação** dos bens públicos depende, via de regra, de **lei** ou de **ato administrativo**, vez que a afetação também decorrerá, normalmente, de lei ou ato administrativo.

Também é possível que ocorra a **desafetação** por **fato administrativo**, quando, por exemplo, um terremoto ou um incêndio destruir um prédio onde funcionava uma escola pública.

O que não se admite é a desafetação pela ausência de uso, como, por exemplo, no caso de uma rua ou uma praça que deixaram de ser utilizadas. A desafetação só ocorrerá por ato de hierarquia igual ou superior ao responsável pela afetação.

Entendemos, conforme a melhor doutrina, que a afetação e a desafetação são fatos administrativos, sendo irrelevante a forma pela qual ocorre a mudança de destinação do bem público. O que possui relevância é a alteração da destinação do bem a uma finalidade comum, especial ou a retirada de uma dessas destinações.

> **Atenção!**
> Cabe observar que Diógenes Gasparini não utiliza os termos afetação e desafetação; em seu lugar, ele utiliza a denominação **consagração** e **desconsagração**.

2.3. Bens dominiais

São também chamados de **dominicais** ou, ainda, bens do **patrimônio disponível**, os quais, apesar de integrarem o patrimônio público, não se encontram afetados para nenhum fim, podendo ser, ainda, alienados a qualquer tempo.

Os **bens dominiais** possuem as características da impenhorabilidade, da imprescritibilidade e impossibilidade de oneração; no entanto, conforme já assinalado, são bens **alienáveis**. A alienação pressupõe, como regra geral, autorização legislativa e licitação.

Segundo Maria Sylvia Di Pietro os bens dominicais se submetem ao regime jurídico de direito privado, tendo em vista a possibilidade de a Administração Pública agir, em relação a eles, como um proprietário privado. Lucas Rocha Furtado defende que a Administração pode se utilizar de instrumentos do direito privado na gestão dos bens dominicais, como quando celebra com particular contrato de locação desses bens, mas isso não afasta a incidência, mesmo que parcial, de normas de direito público. Como exemplo, impõe ressaltar que o contrato de locação é regido, predominantemente pelo direito privado, mas esses bens não deixam de se submeter, também, ao direito público, haja vista a manutenção da impenhorabilidade, imprescritibilidade e impossibilidade de oneração.

Dessa forma, entendemos que todos os bens públicos, sejam eles de uso comum do povo, especial ou dominial estão inseridos na categoria de bens do **domínio público** do Estado, submetendo-se (com maior ou menor incidência) ao **regime jurídico de direito público**.

Quando surge o interesse estatal em facultar a utilização desses bens por particulares, há que se distinguir os bens dominiais, dos

bens de uso comum do povo e especial. Os primeiros (**dominiais**) admitem a formalização de seu uso por meio de institutos do direito privado (ex.: locação, enfiteuse, concessão de direito real de uso). Os bens de **uso comum do povo** não admitem utilização exclusiva por particular; já os bens de **uso especial** admitem, tão somente, a utilização exclusiva por intermédio dos instrumentos estatais de outorga (ex.: autorização, permissão e concessão de uso).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Juiz Substituto 2015 - ALPR, realizado pela FCC, foi considerada correta a alternativa "C" para a seguinte questão:

No ano de 1963, o Supremo Tribunal Federal adotou, em sua Súmula, o seguinte enunciado, sob o nº 340: Desde a vigência do Código Civil, os bens dominicais, como os demais bens públicos, não podem ser adquiridos por usucapião.

Independentemente de eventual opinião doutrinária minoritária em sentido contrário, tal conclusão, atualmente,

(A) mostra-se superada, eis que a Constituição Federal prevê a não sujeição à usucapião dos bens públicos imóveis, mas o Código Civil admite tal sujeição em relação aos bens públicos dominicais móveis ou se- moventes.

(B) mostra-se superada, eis que vigora novo Código Civil.

(C) resta compatível com o direito vigente, eis que a Constituição Federal prevê a não sujeição à usucapião dos bens públicos imóveis, e o Código Civil prevê a mesma não sujeição quanto aos bens públicos em geral, sem excepcionar os dominicais.

(D) mostra-se superada, eis que a Constituição Federal excepciona os bens dominicais da não sujeição à usucapião.

(E) resta compatível com o direito vigente, eis que a Constituição Federal prevê a não sujeição à usucapião dos bens públicos em geral, superando, nesse ponto, disposição do Código Civil em sentido contrário.

3. USO DE BEM PÚBLICO POR ADMINISTRADO

Os bens públicos podem ser utilizados pelos particulares, mas essa utilização será diferenciada, de acordo com a afetação desses bens.

Conforme doutrina de Maria Sylvia Di Pietro, é necessário diferenciar as maneiras de utilização, da seguinte forma:

a) pelo critério da conformidade ou não da utilização com o destino principal a que o bem está afetado, o uso pode ser **normal** ou **anormal**;

b) pelo critério da exclusividade ou não do uso, combinado com o da necessidade ou não do consentimento expresso da Administração, o uso pode ser **comum** ou **privativo**.

Uso normal	Uso anormal	Uso comum	Uso privativo
é aquele que se exerce de conformidade com a destinação principal do bem;	é o que atende a finalidades diversas ou acessórias, às vezes, em contradição com aquela destinação.	é o que atende a todos os membros da coletividade, sem discriminação entre usuários.	é o que exclui o uso geral pela coletividade, visto que destinado ao uso privativo por indivíduo ou grupo de indivíduos.

Di Pietro exemplifica magistralmente essas situações com os seguintes exemplos: uma rua em que transitam pedestres e veículos tem uso comum normal, pois está sendo utilizada para o seu fim natural, entretanto, quando esta mesma rua é utilizada para a realização de festejos, tem-se o uso comum anormal, tendo em vista não ser esta a natureza do bem público.

Atenção!

Apesar de a Constituição estabelecer, em seu art. 5º, inciso XVI, que todos podem se reunir pacificamente em locais abertos ao público, independentemente de autorização, exigindo, apenas, aviso prévio à autoridade competente, é consenso que a autoridade competente pode vetar a utilização de espaço público para tais reuniões, desde que amparada em justificativas razoáveis e que admita a utilização de outros espaços públicos aptos a possibilitar a reunião pretendida.

Da mesma forma, quando uma pessoa obtém permissão para ocupar determinado "Box" em mercado municipal, tem-se o uso privativo normal, já que essa é a finalidade precípua do bem, no entanto, se a permissão visa à instalação de terraço de café sobre a calçada, o uso privativo passa a ser anormal.

Essa utilização anormal deve ser precedida de solicitação e deferimento da autoridade competente, que decidirá discricionariamente. Essa autorização estatal só deve ser admitida quando não venha a inviabilizar permanentemente o uso normal do bem público.

▸ **Atenção!**

O STJ vem entendendo (Informativo nº 297) que *a ocupação de terra pública não passa de simples detenção de terra irregularmente ocupada, não se admitindo a indenização por benfeitorias e o direito de retenção.*

3.1. Instrumentos estatais de outorga de títulos jurídicos para uso de bens públicos por particulares

3.1.1. Autorização de uso

É o ato unilateral, que **independe de autorização legal e prévia licitação,** discricionário e precário pelo qual a Administração legitima o uso de bem público por particular.

Caracterizam a autorização de uso: a unilateralidade, o que significa que a autorização independe da aquiescência do administrado; a precariedade, que admite a sua revogação a qualquer tempo; e o fato de ser conferida no interesse privado do utente.

O STJ vem entendendo que as autorizações para o comércio ambulante é concedida a título precário pela Administração, podendo, assim, ser revogada a qualquer tempo, por não gerar direito adquirido (Informativo nº 237).

3.1.2. Permissão de uso

É o ato unilateral, discricionário e precário por meio do qual a Administração legitima a utilização exclusiva de bem público por particular.

A permissão se assemelha à autorização por ser unilateral e precário, mas se diferencia por ser conferida no interesse da coletividade e por possuir uma precariedade mitigada em relação à autorização.

A permissão de uso seria um instrumento intermediário entre a extremamente precária autorização e a estável concessão.

As permissões também não dependem de autorização legal e de prévia licitação, salvo quando há exigência em lei específica e quando se tratar de permissão qualificada (com prazo).

3.1.3. Concessão de uso

É o **contrato administrativo** pelo qual a Administração legitima o uso exclusivo de bem público a particular. Diversamente da autoriza-

ção e da permissão, na concessão há instrumento bilateral de ajuste de vontades e, portanto, **estável**.

A concessão pode ser remunerada ou gratuita, por tempo certo, mas deverá ser sempre precedida de autorização legal e, normalmente, de licitação para o contrato.

O contrato de concessão de uso de bem público é conferido em razão da natureza da pessoa do concessionário, razão pela qual é intransferível sem prévio consentimento da Administração.

Exemplo clássico dessa modalidade é a concessão remunerada de um hotel de propriedade do Poder Público.

A concessão deverá ser precedida de autorização legal e, normalmente, de licitação para o contrato. Segundo entendimento de Raimundo Nonato Fernandes pode ocorrer as seguintes modalidades:

a) De exploração ou de simples uso, conforme seja, ou não conferido ao concessionário poder de gestão dominial, substituindo-se à Administração concedente; como exemplos da primeira, o autor indica as concessões de minas, de águas e de campo de algas; da segunda, as relativas a áreas de dependências de aeroportos, ocupação de via pública, sepulturas e outras;

b) Temporária (como concessão de águas e a maioria das utilizações privativas) ou perpétua (como a de sepultura);

c) Remunerada ou gratuita;

d) De utilidade pública (como a que é acessória de uma concessão do serviço público) ou de utilidade privada (como a de sepultura, a de derivação de águas para irrigação, de exploração de campo de algas e de minas).

3.1.4. *Concessão de direito real de uso*

É o contrato pelo qual a Administração transfere o direito real de uso de terreno público ou do seu espaço aéreo, de forma remunerada ou gratuita.

Apesar de termos inserido a concessão de direito real de uso no tópico relativo aos instrumentos estatais de outorga de título jurídico para uso exclusivo de bem público por particular, na verdade este instituto não é específico do direito público, dele podendo se valer também os particulares.

O contrato de concessão de direito real de uso está regulado pelo Decreto-Lei nº 271/67 e é transmissível por ato *inter vivos* ou *mortis causa*, mas reverterá à Administração concedente se o concessionário ou seus sucessores não mantiverem o uso pactuado ou o desviarem de sua finalidade.

A concessão, no entendimento de Hely Lopes, substitui vantajosamente a maioria das alienações de terrenos públicos, razão pela qual deverá ser sempre preferida principalmente nos casos de venda ou doação. A concessão de direito real de uso, tal como ocorre com a concessão comum, depende de autorização legal e de concorrência prévia, admitindo-se a dispensa desta, quando o beneficiário for outro órgão ou entidade da Administração Pública.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de analista do STJ-2008, foi considerada correta a seguinte assertiva: *"A concessão de direito real de uso de bens públicos imóveis construídos, destinados ou efetivamente utilizados no âmbito de programas habitacionais desenvolvidos por órgãos ou entidades da administração pública, não precisa ser licitada"*.

3.2. Instrumentos privados de outorga de títulos jurídicos para uso exclusivo de bens públicos por particulares

Conforme já destacado no item 2.3 do presente capítulo, a utilização de institutos de direito privado para outorga de títulos jurídicos que outorgam a particular o direito de utilizar, com exclusividade de bens públicos, somente é admitida para os bens dominicais.

Os bens dominicais podem ser alienados, bem como é facultada a autorização, permissão ou concessão de seu uso, bem como de institutos de direito privado para transferência do seu uso privativo.

Também, conforme já destacado no citado item 2.3, apesar de se utilizar instrumentos do direito privado, tais bens não perdem as características da impenhorabilidade, imprescritibilidade e impossibilidade de oneração, do que denota persistir, mesmo que parcialmente, a incidência de normas de direito público.

▸ Atenção!

Ademais, nenhum contrato firmado com o Poder Público pode ser considerado inteiramente regido por normas de direito privado, ante a necessidade de se efetivar, em algumas circunstâncias, ajustes e derrogações parciais que se fazem necessárias para adaptar o instituto as peculiaridades da Administração Pública.

3.2.1. *Locação*

Diversos autores renomados indicam o **contrato de locação** como tipo de contrato firmado pelo poder público que não é regido pelo direito público, mas pelo direito privado. Todavia, faz-se necessário diferenciar os contratos de locação em que a Administração figura como **locadora**, daqueles em que ela figura como **locatária**.

No que concerne aos contratos em que a **União é locadora** de bem público imóvel, o regramento está disposto no Decreto-Lei nº 9.760/46, cujo artigo 86 autoriza que os bens não utilizados em serviço público devem ser alugados:

- para a residência de autoridades federais ou de outros servidores da União, no interesse do serviço público;
- para residência de servidor da União, em caráter voluntário;
- por quaisquer interessados. O art. 87 determina que a locação "se fará mediante contrato, não ficando sujeito a disposições de outras leis concernentes a locação".

Trata-se, por óbvio, de locação de bens imóveis públicos federais dominicais.

Por sua vez, o art. 89 estabelece que as hipóteses de rescisão contratual ocorrerão por ato administrativo auto executório federal, retirando qualquer espécie de direito de reparação para o locatário, salvo as referentes a benfeitorias necessárias. Nessas hipóteses, trata-se de típico contrato firmado pela Administração e **regido pelo direito público**, em face da presença das cláusulas exorbitantes garantidas pela legislação de regência.

Quanto aos contratos de locação em que a Administração Pública celebra na condição de **locatária**, a Lei nº 8.666/93, em seu art. 62, § 3º, inciso I, firma que se aplicam o disposto nos arts. 55 e 58 a 61 (da Lei nº 8.666/93) e demais normas gerais, **no que couber**, "aos contratos de seguro, de financiamento, de locação em que o Poder Público seja locatário, e aos demais cujo conteúdo seja regido, predominantemente, por norma de direito privado".

O legislador, portanto, determinou expressamente a incidência de algumas regras previstas na Lei nº 8.666/93 aos contratos de locação em que a Administração firma contrato na condição de locatária, o que significa, tacitamente, que os demais dispositivos previstos na

Lei de Licitações e Contratos Administrativos não são aplicáveis a esses contratos.

Dessa forma, **nos contratos de locação em que a Administração for locatária** não incidirá a regra estabelecida pelo art. 57, da Lei 8.666/93, que estabelece 60 meses como prazo máximo para os contratos administrativos, já incluídas as eventuais prorrogações. Para a vigência contratual e demais situações não contempladas nos supra referidos arts. 55, 58 e 61, **devem se aplicar as regras previstas na Lei nº 8.245/91 (lei do inquilinato).**

▸ **Atenção!**

Esse assunto foi sedimentado pela AGU em Orientação Normativa que assim estabelece: A vigência do contrato de locação de imóveis, no qual a Administração Pública é locatária, rege-se pelo art. 51 da Lei nº 8.245, de 1991. Não estando sujeita ao limite máximo de sessenta meses, estipulado pelo inc. II do art. 57, da Lei nº 8.666/93 (ON 6, de 1º de abril de 2009).

Conforme leciona, magistralmente, Jorge Ulisses Jacoby, no seu Parecer nº 2.453/01 PG, emitido no processo nº 270/98, "embora aplique-se, parcialmente, a Lei nº 8.666/93, por força do § 3º, do art. 62, é certo que o Administrador Público que promove o contrato está sujeito às regras do Direito Público, enquanto o contratado tem a seu favor as regras do direito privado".

3.2.2. *Enfiteuse dos terrenos de marinha*

A enfiteuse ou aforamento era um instituto previsto no antigo Código Civil, mas hoje se encontra extinto, só sendo admissível para os terrenos de marinha.

Dessa forma, atualmente, **enfiteuse** é o instrumento que permite que a União venha a atribuir a outrem o domínio útil de terreno de marinha, mediante o pagamento de uma remuneração anual chamada de foro. Consiste na transferência da posse, do direito de uso e gozo perpétuos, mas não da propriedade do terreno de marinha.

Para melhor compreensão deste instituto, faz-se necessário distinguir o que significa **domínio útil** e **domínio direto**:

Domínio útil	Domínio direto
É o direito de utilizar o bem de forma ampla e que pode ser transmitido a outrem, por ato *inter vivos* ou *mortis causa*, sendo devido o pagamento anual do foro.	É o direito à propriedade do bem, despida do direito de uso.

Na enfiteuse dos terrenos de marinha, há o exercício concomitante do domínio útil e direto sobre o mesmo imóvel por duas pessoas distintas, União e enfiteuta, também chamado de foreiro.

Sempre que o enfiteuta optar pela venda do bem, deverá observar o **direito de preferência** do senhorio direito; este, caso não venha a exercê-lo, fará jus ao percebimento de um valor chamado de **laudêmio**.

Foro, cânon ou pensão	Pagamento anual que o foreiro, também chamado enfiteuta, paga ao senhorio direto. Possui natureza perpétua.
Laudêmio	Pagamento efetuado pelo foreiro ao senhorio direto quando este (senhorio) não exerce o seu direito de preferência.
Comisso	Pena prevista em lei que extingue do aforamento caso o foreiro venha a deixar de pagar o foro por três anos consecutivos. Poderá o senhorio direto, nesta hipótese, reaver o domínio útil, desde que indenize o valor das benfeitorias necessárias.

4. TRANSFERÊNCIA DE BENS PÚBLICOS ENTRE ENTIDADES E ÓRGÃOS PÚBLICOS

4.1. Cessão de uso

Segundo Hely Lopes Meirelles, **cessão de uso** é a transferência gratuita da posse de um bem público de uma entidade ou órgão para outro, a fim de que o cessionário o utilize nas condições estabelecidas no respectivo termo, por tempo certo ou indeterminado. É o ato de colaboração entre repartições públicas, em que aquela que tem bens desnecessários aos seus serviços cede o uso a outra que deles está precisando, podendo retomá-lo a qualquer tempo ou recebê-lo no termo final do prazo fixado na cessão.

A cessão de uso entre órgãos da mesma entidade **não exige autorização legislativa** e se faz por simples termo e anotação no cadastro patrimonial.

5. BENS PÚBLICOS EM ESPÉCIE

5.1. Terras devolutas

As **terras devolutas**, segundo conceito previsto no Decreto-Lei nº 9.760, de 05 de agosto de 1946 seriam as terras que não sendo próprias nem aplicadas a algum uso público federal, estadual ou municipal, não se incorporam ao domínio privado.

Trata-se, portanto, de um conceito residual. Caso uma terra não esteja afetada a um uso público federal, estadual ou municipal e nenhum particular apresente título de propriedade, será considerada devoluta.

São bens dominicais e que pertencem, via de **regra**, aos **Estados**. Pertencem à **União** as **terras devolutas** indispensáveis à defesa das fronteiras, das fortificações e construções militares, das vias federais de comunicação e à preservação ambiental (art. 20, II, CF). **As demais pertencem aos Estados.**

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Juiz do Piauí-2007, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *Como regra, as terras devolutas constituem domínio da União.*

No 22º concurso para provimento do cargo Procurador da República, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "*as terras que, embora originariamente de propriedade de particulares, deixaram de pertencer ao domínio privado por motivo legal e passaram a receber destinação pública específica, são chamadas de devolutas*".

5.2. Terrenos de marinha

Terrenos de marinha são as áreas banhadas pelas águas do mar ou dos rios navegáveis em sua foz, estendem-se à distância de 33 metros para área terrestre contados da linha da preamar médio (média das maiores marés) de 1831. Pertencem à União, sendo o uso por particulares admitido, por enfiteuse.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Juiz Federal Substituto do TRF5/2011, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "Os terrenos de marinha são bens de propriedade dos estados membros da Federação nos quais estejam localizados".

Alguns autores defendem que a linha de vegetação natural (linha de jundú) marca, na ausência da demarcação da preamar, o início da linha de 33 metros, para contagem dos terrenos de marinha, todavia a lei faz expressa menção à necessidade de demarcação da preamar média do ano de 1831.

Ilhas e rios que sofrem influência das marés também possuem terrenos de marinha. Considera-se influência das marés a oscilação periódica das águas maior ou igual a 5 cm.

Atenção!

Terreno de marinha não se confunde com praia, que é a área coberta e descoberta pelas marés, seguida da área de detritos.

5.3. Terrenos reservados

Terrenos reservados são os banhados pelos rios navegáveis que se estendem até a distância de 15 m para a terra. São de propriedade da União, se o rio for federal, e dos Estados, se estadual.

Se o proprietário ribeirinho provar a propriedade mediante título legítimo de propriedade, submeter-se-á à servidão administrativa de 10 m, não havendo que se falar em desapropriação dessas áreas.

Atenção!

A Súmula 479, do STF, dispõe que "as margens dos rios navegáveis são de domínio público, insuscetíveis de expropriação e, por isso mesmo, excluídas de indenização".

5.4. Terras tradicionalmente ocupadas pelos índios

Nos termos do art. 20, inciso XI e art. 231, § 1º, da Constituição Federal, as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios **pertencem à União** e são consideradas bens públicos de uso especial, cujo uso e usufruto exclusivo são outorgados em caráter perpétuo aos índios.

Mediante autorização do Congresso Nacional e ouvidas as comunidades indígenas afetadas, pode ser promovido o aproveitamento dos recursos hídricos, pesquisa e lavra de minérios, sendo assegurada a participação das comunidades indígenas o produto da lavra.

5.5. Plataforma continental

A **plataforma continental** não está indicada no art. 20, da Constituição Federal de 1988 como bem público da União, mas sua posição já se encontrava definida na Constituição Federal anterior e assim foi mantida por força do disposto no art. 20, I, CF (*São bens da União: os que atualmente lhe pertencem e os que lhe vierem a ser atribuídos*).

- **Plataforma continental** é o prolongamento das terras continentais sob o mar, até a profundidade de 200 metros, a partir do qual o solo submarino descende abruptamente para regiões abissais.
- **Mar territorial** é a faixa de 12 milhas marítimas de largura.

- **Zona contígua** é a faixa de 12 a 24 milhas, onde o Brasil adotará medidas destinadas à fiscalização, a fim de evitar infrações à lei.
- **Zona econômica exclusiva** é a faixa de 12 a 200 milhas, onde o Brasil exerce sua soberania para exploração dos recursos naturais.

5.6. Rios

São públicos os rios navegáveis e flutuáveis. Navegável é o rio que admite navegação de embarcação de qualquer natureza, inclusive jangadas em trecho não inferior à sua largura. Flutuável é o rio que possibilita o transporte de achas de lenha em trecho de, pelo menos, 50 vezes a largura média do curso no trecho.

Pertencem à União:

I) Os que estão em seu domínio;

II) Aqueles que percorrem mais de um Estado;

III) Os que forem limítrofes com outros países;

IV) Aqueles que se estendem a território estrangeiro ou dele provenham.

Os demais rios públicos pertencem aos Estados.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça de Roraima-2008, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "*Enquadram-se como bens públicos da União, de acordo com previsão constitucional, os lagos, rios e quaisquer correntes de água em terrenos de seu domínio ou do DF, desde que não banhem mais de um estado*".

5.7. Faixa de fronteira

Faixa de fronteira é a área de 150 km de largura que corre paralelamente à linha divisória do território nacional com países estrangeiros.

Nesta faixa, há bens particulares e públicos, com a ressalva de que o uso por particulares pode sofrer limitações em função do objetivo funcional.

Alguns autores consideram que todas as terras devolutas situadas dentro desta faixa de fronteira pertencem à União. José dos

Santos Carvalho Filho entende que, mesmo nesta faixa, serão consideradas bens da União as terras devolutas que comprovadamente sejam indispensáveis à segurança nacional.

5.8. Ilhas

A Constituição, em seu art. 20, inciso IV, define que são bens da União:

I. As ilhas fluviais e lacustres nas zonas limítrofes com outros países;

II. As ilhas oceânicas e as costeiras, excluídas destas as que contenham a sede de Municípios, exceto aquelas áreas afetadas ao serviço público e à unidade ambiental federal, e as referidas no art. 26, II.

O supracitado inciso II, do art. 26, define como bens estaduais as áreas, nas ilhas oceânicas e costeiras, as quais estiverem no seu domínio, excluídas aquelas sob domínio da União, Municípios ou terceiros.

Recentemente, o Supremo Tribunal Federal acolheu o entendimento da Advocacia-Geral da União e decidiu que os terrenos de marinha e seus acrescidos localizados em ilhas costeiras que contenham sede de município continuaram a pertencer à União, mesmo após a Emenda Constitucional nº 46/2005 (RE nº 636.199).

Por fim, o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias define que a ilha de Fernando de Noronha integra o Estado de Pernambuco.

6. SÚMULAS DO STF

- **Súmula 340.** Desde a vigência do código civil, os bens dominicais, como os demais bens públicos, não podem ser adquiridos por usucapião.
- **Súmula 344.** Sentença de primeira instância concessiva de "habeas corpus", em caso de crime praticado em detrimento de bens, serviços ou interesses da união, está sujeita a recurso "*ex officio*".

7. SÚMULA DO STJ

- **Súmula 38.** Compete à justiça estadual comum, na vigência da constituição de 1988, o processo por contravenção penal, ainda que praticada em detrimento de bens, serviços ou interesse da união ou de suas entidades.

Capítulo 13

Intervenção do Estado no domínio econômico

Fernando Baltar

1. INTRODUÇÃO AO TEMA

A Constituição Federal de 1988, no seu art. 170, parágrafo único, assegura a todos o livre exercício de qualquer atividade econômica, independente de autorização de órgãos públicos, salvo nos casos previstos em lei.

Tal dispositivo legal, além de outros direitos e garantias constitucionalmente previstas, tais como o direito de propriedade, à livre empresa, a garantia expressa da livre concorrência, dentre outros, permite concluir que o Brasil adotou características típicas de um modelo capitalista liberal.

Todavia, ao tempo em que revela sua faceta liberal, o constituinte brasileiro também demonstra sua preocupação social, ao determinar que a propriedade venha a cumprir sua função social, bem como ao assegurar a busca ao pleno emprego, razão pela qual alguns autores preferem afirmar que o Brasil adota o modelo de "capitalismo misto", que assegura direitos individuais típicos para o desenvolvimento de uma economia de mercado, mas que faculta ao Estado interferir na economia, seja por intermédio de instrumentos de regulação, seja diretamente no domínio econômico.

Os princípios norteadores da ordem econômica se encontram estampados nos incisos do já mencionado art. 170 da nossa Carta Política, são eles:

- soberania nacional;
- propriedade privada;

- função social da propriedade;
- livre concorrência;
- defesa do consumidor;
- defesa do meio ambiente, inclusive mediante tratamento diferenciado conforme o impacto ambiental dos produtos e serviços e de seus processos de elaboração e prestação;
- redução das desigualdades regionais e sociais;
- busca do pleno emprego.

2. ATUAÇÃO REGULATÓRIA

A atuação regulatória do Estado, segundo José dos Santos Carvalho Filho, está concentrada basicamente na elaboração de normas com o intuito de: 1) **reprimir o abuso do poder econômico;** 2) **interferir na iniciativa privada;** 3) **regular preços;** e 4) **controlar o abastecimento.**

Portanto, o Estado intervirá no domínio econômico utilizando do seu poder de inovar no ordenamento jurídico, criando princípios e regras com o objetivo de disciplinar a conduta do mercado, estabelecendo limites, incentivos e parâmetros que devem ser observados e com isso impactar um determinado segmento ou toda a economia.

Essa prerrogativa de o Estado interferir no domínio econômico, via regulação, não é exclusiva do Direito Brasileiro, sendo tal ferramenta também utilizada por nações como França, Inglaterra, Estados Unidos, dentre tantas outras.

2.1 Repressão ao abuso do poder econômico

O abuso do poder econômico pode se revelar de diversas maneiras, tais como:

- **Dominação de mercado** - caso uma empresa venha a dominar o mercado, ela terá o poder de ditar as regras relativas à qualidade do produto ou serviço, assim como o preço a ser praticado.
- **Eliminação da concorrência** - o processo de busca pela dominação do mercado passa necessariamente pela busca da eliminação da concorrência, seja por meio de aquisições agressivas ou falsas fusões e incorporações.

- **Aumento arbitrário dos lucros** – trata-se da consequência decorrente da eliminação da concorrência e da dominação de mercado. Toda empresa visa aumentar ao máximo seus lucros, mas quando isso ocorre em um ambiente sem competição, tal elevação se revela abusiva, o que torna imperiosa uma intervenção estatal, visando proteger os interesses da coletividade.
- **Truste** – ocorre quando uma ou algumas empresas dominam o mercado, seja pela fusão e incorporação de empresas, eliminando a concorrência, seja pressionando os concorrentes e, com isso, dominando o mercado e suprimindo a livre concorrência.
- **Cartel** – ocorre quando há um acordo comercial entre empresas de um determinado segmento visando impor preços e impedir ou eliminar concorrentes.
- ***Dumping*** – ocorre quando uma empresa pratica preços abaixo do custo, normalmente quando recebe subsídio governamental.

Exemplo de atuação do Estado buscando reprimir o abuso do poder econômico está na atuação da Secretaria de Acompanhamento Econômico – SEAE, órgão vinculado ao Ministério da Fazenda e responsável por acompanhar os preços da economia, subsidiar decisões em matéria de revisões de tarifas públicas, bem como apreciar atos de concentração entre empresas e reprimir condutas anticoncorrenciais e o Conselho Administrativo de Defesa Econômica – CADE, autarquia federal vinculada ao Ministério da Justiça, que possui competência de verdadeiro tribunal administrativo, com sede no Distrito Federal, mas que exerce sua competência em todo o Território nacional, composto por um presidente e seis conselheiros, nomeados pelo Chefe do Poder Executivo federal, aprovados pelo Senado para um mandato de quatro anos, não coincidentes, vedada a recondução, com atribuição para julgar processos de formação de cartéis e monopólios privados, aumento arbitrário de lucros, domínio de mercado relevante e combater a prática de *dumping*, truste, cartel, dentre outras práticas que visem a inibir ou suprimir a competição e impor sanções tais como multa, proibição de licitar, de contratar com instituições financeiras oficias e, até mesmo, cessação parcial de atividade.

O CADE também possui um programa de leniência que surgiu em decorrência da Lei nº 12.529/2011, que é um conjunto de iniciativas com vistas a detectar, investigar e punir infrações contra a ordem econômica.

O programa permite que empresas e/ou pessoas físicas envolvidas ou que estiveram envolvidas em um cartel ou em outra prática anticoncorrencial coletiva celebrem acordo de leniência com o CADE, comprometendo-se a cessar a conduta ilegal, a denunciar e confessar a prática de infração da ordem econômica, bem como a cooperar com as investigações apresentando informações e documentos relevantes à investigação e, em contrapartida, possam se beneficiar com a extinção da ação punitiva da administração pública ou a redução de 1 a 2/3 da penalidade aplicável.

▸ **Como esse tema foi cobrado em concursos?**

No concurso para o cargo de Juiz Federal Substituto do TRF - 5ª Região/2015, foi considerada correta a seguinte assertiva: O CADE, autarquia federal vinculada ao Ministério da Justiça, é entidade judicante com jurisdição em todo o território nacional.

Outras autarquias federais que possuem forte função regulatória e que interferem na economia são a Comissão de Valores Mobiliários - CVM e o Banco Central do Brasil - BACEN.

No entanto, o cenário ideal não é o de repressão, visto que pressupõe o descumprimento e até mesmo uma lesão ao interesse da sociedade, mas a prevenção, materializada pela faculdade de o Estado atuar na fiscalização, incentivo e planejamento da atividade econômica, impedindo que o desrespeito ao direito do cidadão venha a ocorrer como ocorre com a competência das agências reguladoras, por exemplo.

2.2. Controle de abastecimento e tabelamento de preços

O **controle de abastecimento** se revela como uma medida necessária em situações excepcionais como quando ocorre tabelamento de preços e os fornecedores entendem não ser vantajoso comercializar e armazenam a mercadoria aguardando por um momento mais vantajoso no futuro. A consequência pode ser o desabastecimento e/ou a elevação excessiva do item, razão pela qual o Estado deve interferir comprando, armazenando, distribuindo e vendendo os itens autorizados pela Lei Delegada nº 4/62.

Tabelamento de preços - trata-se de uma alternativa que já foi fartamente utilizada pelo Brasil e por diversos países da América do Sul, por meio do qual o Estado determina qual o valor que deve ser

praticado pelas empresas privadas, quando entende que tais preços se encontram desconectados da realidade do mercado. Tal medida costuma produzir efeitos deletérios e não os benefícios almejados, vez que os preços devem ser determinados pelo mercado, através da lei da oferta e da procura e quando o Estado interfere para arbitrar qual o melhor valor a ser praticado, costuma desestimular o segmento afetado por tal interferência, produzindo o efeito oposto ao desejado, ou seja, carência de fornecedores ou prestadores o que acarreta o aumento do valor do produto ou serviço.

Em obediência aos ditames constitucionais estabelecidos nos artigos 170 e 174 da Carta Magna, a intervenção estatal na economia, como instrumento de regulação dos setores econômicos deve ser exercida com respeito aos princípios e fundamentos da ordem econômica, de modo a não malferir o princípio da livre iniciativa, um dos pilares da República. Nesse prumo, o STJ entendeu que "não é válido o disposto no art. 1º, inciso II, do Decreto n. 7.860/2012 que estabelece a intervenção da autoridade pública na atividade de praticagem, para promover, de forma ordinária e permanente, a fixação dos preços máximos a serem pagos na contratação dos serviços em cada zona portuária" (STJ, REsp 1.662.196-RJ, DJe 25/09/2017).

3. INTERVENÇÃO PELA EXPLORAÇÃO DIRETA DE ATIVIDADE ECONÔMICA OU INTERVENÇÃO PARTICIPATIVA

a atuação do estado intervindo diretamente por meio da criação de empresas públicas e sociedades de economia mista visando explorar um determinado segmento da economia deve ser considerada como uma exceção e nunca como regra, vez que o art. 173 da CF/1988 é expresso ao afirmar que "Ressalvados os casos previstos nesta Constituição, a exploração direta de atividade econômica pelo Estado só será permitida quando necessária aos imperativos da segurança nacional ou a relevante interesse coletivo, conforme definidos em lei".

▸ Como esse tema foi cobrado em concursos?

No concurso para o cargo de Procurador do Estado do Piauí/2014, foi considerada correta a seguinte assertiva: "Nas hipóteses constitucionalmente previstas de exploração de atividade econômica diretamente pelo Estado, essa atividade deverá ser exercida por meio das empresas estatais, ou seja, empresas públicas e sociedades de economia mista."

Portanto, não é suficiente que exista a vontade estatal em interferir na seara econômica, faz-se imperiosa a presença de uma das hipóteses permissivas elencadas no texto constitucional, quais sejam:

- Que se trate de hipótese contemplada no texto constitucional como o serviço postal, de instalação de energia elétrica, infraestrutura aeroportuária, dentre outros;
- Nos casos imperativos para a segurança nacional, tais como guerra, revoluções, etc.;
- Atendimento de relevante interesse coletivo, definido em lei.

Merece ser destacado que apesar de as empresas estatais figurarem com entidades que compõem a administração pública indireta, tal modalidade de intervenção na economia é considerada pelo legislador constitucional como **exploração direta de atividade econômica pelo Estado**, cabendo, por fim, destacar que quando o Estado opta pela criação de empresas públicas, tais entidades se despem de sua natureza jurídica de direito público e se submetem ao regime jurídico próprio das empresas privadas, inclusive quanto aos direitos e obrigações civis, comerciais, trabalhistas e tributários.

3.1 Monopólio

Segundo Diógenes Gasparini "monopólio é a supressão de uma atividade do regime da livre iniciativa, imposta pelo Estado, em benefício do interesse coletivo", não podendo ser admitido o monopólio privado, vez que violaria os princípios básicos das leis de mercado.

Ainda que se trate de uma faculdade de o Estado instituir determinados monopólios legais, a nossa Carta Magna restringiu tal possibilidade para situações excepcionais, que, inclusive, vem sofrendo diversas supressões ao longo dos anos, pelas EC 9/1995 e EC 49/2006, que alteraram a redação original do art. 177 da Lei Maior, que prevê o monopólio da União para as seguintes atividades:

- a pesquisa e a lavra das jazidas de petróleo e gás natural e outros hidrocarbonetos fluidos;
- a refinação do petróleo nacional ou estrangeiro;
- a importação e exportação dos produtos e derivados básicos resultantes das atividades previstas nos incisos anteriores;

- o transporte marítimo do petróleo bruto de origem nacional ou de derivados básicos de petróleo produzidos no País, bem assim o transporte, por meio de conduto, de petróleo bruto, seus derivados e gás natural de qualquer origem;
- a pesquisa, a lavra, o enriquecimento, o reprocessamento, a industrialização e o comércio de minérios e minerais nucleares e seus derivados, com exceção dos radioisótopos cuja produção, comercialização e utilização poderão ser autorizadas sob regime de permissão, conforme as alíneas *b* e *c* do inciso XXIII do **caput** do art. 21 desta Constituição Federal.

No entanto, a União poderá contratar **empresas estatais ou privadas** para a realização das quatro primeiras atividades acima elencadas, o que reduz, de forma saudável, a concentração desses segmentos nas mãos do Estado.

Como esse tema foi cobrado em concursos?

No concurso para o cargo de Juiz Federal Substituto do TRF - 5ª Região/2015, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: O monopólio estatal na refinação do petróleo nacional impede a contratação, pela União, de empresa privada para a realização dessa atividade.

Não obstante tais hipóteses de monopólio constitucionalmente previstas, a lei ordinária poderá estabelecer outros monopólios legais, desde que voltados para a prestação de serviço público, tais como o serviço postal.

Capítulo 14

Processo administrativo

Ronny Charles

1. INTRODUÇÃO

O processo administrativo equivale a uma sucessão de atos realizados pela Administração, no intuito de se alcançar um objetivo relacionado à atividade administrativa. A doutrina indica o ***due process of law***, surgido na Grã-Bretanha, como origem da concepção hoje tida de processo administrativo. Conforme explica Celso A. B. de Mello, ele estabelece uma garantia, aos cidadãos, de que o Poder Público não apenas estará vinculado à busca do interesse público e à legalidade, como também só poderá perseguir tais fins, de acordo com os modos estabelecidos para tanto.

Por anos reclamou-se da falta de um estatuto ou norma que definisse regras gerais para o processo administrativo, harmonizando-o às modernas garantias e direitos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. Essa necessidade deriva da própria concepção democrática do Estado de Direito e da compreensão de que deveriam restar delimitados pela lei não apenas os objetivos e fins a serem alcançados pelo Estado, mas também sua forma de atuação.

Em nível federal, vigora, hoje, a **Lei nº 9.784/99**, estabelecendo regras gerais para o processo administrativo, permitindo o alcance de meios efetivos de controle dos atos administrativos. Esse diploma, embora **subsidiário** para os processos especificamente disciplinados por outras normas (processo licitatório, processo disciplinar, processo fiscal, entre outros), serve como excelente parâmetro para o regramento adotado em relação ao tema. Convém observar que o Novo CPC previu, expressamente (art. 15), que na ausência de normas que regulem processos administrativos, suas disposições (do novo CPC) serão aplicadas supletiva e subsidiariamente.

O primeiro artigo da Lei nº 9.784/99 já estabelece sua vocação, evidenciando a finalidade de estabelecer normas básicas sobre o processo administrativo no âmbito da **Administração Federal**, objetivando, em especial, a proteção aos direitos dos administrados e o melhor cumprimento dos fins da Administração.

Importante destacar alguns conceitos dados pela Lei nº 9.784/99:

- **órgão:** a unidade de atuação integrante da estrutura da Administração direta e da estrutura da Administração indireta;
- **entidade:** a unidade de atuação dotada de personalidade jurídica;
- **autoridade:** o servidor ou agente público dotado de poder de decisão.

▸ **Atenção!**

Cada ente federativo (União, Estados, Município e DF) pode estabelecer regras próprias sobre seu processo administrativo. Por outro lado, em nível federal, a Lei nº 9.784/99 também se aplica aos órgãos dos Poderes Legislativo e Judiciário, quando no desempenho da função administrativa.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de analista judiciário do TRT da 22ª Região (FCC/2010), foi considerada incorreta a seguinte alternativa: "*b) Considera-se entidade a unidade de atuação integrante da estrutura da Administração direta e da estrutura da Administração indireta e órgão a unidade de atuação dotada de personalidade jurídica.*"

2. PRINCÍPIOS

Em seu segundo artigo, a Lei nº 9.784/99 informa que a Administração Pública deve obedecer, entre outros, aos princípios da **legalidade, finalidade, motivação, razoabilidade, proporcionalidade, moralidade, ampla defesa, contraditório, segurança jurídica, interesse público** e **eficiência**.

A maior parte desses princípios, comuns ao regime jurídico-administrativo, já foram tratados anteriormente. Portanto, neste capítulo, faremos comentários sobre princípios específicos, citados no dispositivo, **além de outros identificados no restante da Lei**.

2.1. Motivação

O princípio da **motivação** obriga a Administração a explicitar o fundamento normativo de sua decisão, permitindo ao administrado

avaliar a decisão administrativa, para conformar-se ou insurgir-se perante o Poder Judiciário.

O controle dos atos administrativos é medida que se impõe quando há a atuação do Estado em confronto com os princípios e os valores que norteiam o ordenamento jurídico. Assim, se o motivo vier explicitado por meio de fundamentação, é possível a atuação jurisdicional quando tais fundamentos destoarem da razoabilidade e da própria realidade que circunscreve o ato administrativo (STJ. MS 11.382/DF, DJe 30/05/2017).

A indicação dos pressupostos de fato e de direito que determinarem a decisão é critério obrigatório no processo administrativo. Em seu artigo 50, a **Lei nº 9.784/99** impõe a **motivação** dos atos administrativos, com indicação dos fatos e dos fundamentos jurídicos, quando:

• neguem, limitem ou afetem direitos ou interesses;	• decidam recursos administrativos;
• imponham ou agravem deveres, encargos ou sanções;	• decorram de reexame de ofício;
• decidam processos administrativos de concurso ou seleção pública;	• deixem de aplicar jurisprudência firmada sobre a questão ou discrepem de pareceres, laudos, propostas e relatórios oficiais;
• dispensem ou declarem a inexigibilidade de processo licitatório;	• importem anulação, revogação, suspensão ou convalidação de ato administrativo.

A **motivação** deve ser explícita, clara e congruente, podendo consistir em declaração de concordância com fundamentos de anteriores pareceres, informações, decisões ou propostas, que, neste caso, serão parte integrante do ato.

2.2. Contraditório e ampla defesa

A Constituição Federal estabelece, no inciso LV de seu artigo 5º, que, "aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral, são assegurados o **contraditório** e a **ampla defesa**, com os meios e recursos a ela inerentes".

Garante-se o processo e não o simples procedimento, permitindo-se formas instrumentais adequadas de socorro ao cidadão. Como ensina José Afonso da Silva, isso tudo engloba a garantia do contraditório, a plenitude do direito de defesa, a isonomia processual e a bilateralidade dos atos procedimentais.

O **contraditório** se relaciona com a igualdade das partes e se traduz na necessidade de informação da existência de todos os atos do processo, além da possibilidade de reação aos atos desfavoráveis.

A **ampla defesa** pressupõe a prerrogativa de defender-se de acusações, com todos os meios e recursos admitidos, para evitar sanções ou prejuízos. A atividade administrativa resta sujeita à obediência ao **devido processo legal** e aos princípios da **ampla defesa** e do **contraditório**, não podendo deles prescindir.

▸ **Importante!**

Nos processos perante o Tribunal de Contas da União asseguram-se o contraditório e a ampla defesa quando da decisão puder resultar anulação ou revogação de ato administrativo que beneficie o interessado, excetuada a apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão. (STF - Súmula Vinculante 3).

OBS.: Cabe observar que, em recentes decisões, o STF tem indicado o entendimento de que, mesmo nos casos de apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão, em que a relação jurídica estabelecida se dá entre o TCU e a Administração Pública (o que, em princípio, não reclamaria a audição da parte diretamente interessada), em caso de decurso de tempo acima do razoável, deve-se resguardar o direito líquido e certo do impetrante de exercitar as garantias do contraditório e da ampla defesa. Com fundamento nos princípios da segurança jurídica e da lealdade, salientou-se a necessidade de se fixar um tempo médio razoável a ser aplicado a tais processos (indicou-se o prazo referencial de cinco anos), após o qual haver-se-ia de convocar o particular para fazer parte do processo de seu interesse (STF MS 25116/DF, Julg. 08/09/2010).

O termo a quo desse prazo de 5 anos para que o TCU examine a legalidade dos atos concessivos de aposentadorias, reformas e pensões, conta-se a partir da data de chegada do processo administrativo na própria Corte de Contas (STF, MS 24781/DF, 02.03. 2011).

De acordo com a jurisprudência do STF, **a garantia constitucional da ampla defesa afasta a exigência do depósito como pressuposto de admissibilidade de recurso administrativo.**

O exercício da ampla defesa e do contraditório em processo administrativo disciplinar prescinde da presença de advogado. O Supremo, inclusive, sumulou entendimento no sentido de que **"a falta de defesa técnica por advogado no processo administrativo disciplinar não ofende a Constituição"** (STF, Súmula vinculante nº 5).

Não há ilegalidade na ampliação da acusação a servidor público, se durante o processo administrativo forem apurados fatos novos que constituam infração disciplinar, desde que sejam observados o contraditório e a ampla defesa. Por fim, vale frisar que, no processo disciplinar, a autoridade julgadora não está vinculada às conclusões da comissão de processo administrativo disciplinar (STF, RMS 24526/DF, Julg. 03/06/2008).

Outrossim, o Tribunal de Contas da União sumulou entendimento de que o julgamento pela irregularidade de contas ordinárias ou extraordinárias prescinde de nova audiência ou citação em face de irregularidades pelas quais o responsável já tenha sido ouvido em outro processo no qual lhe tenha sido aplicada multa ou imputado débito (**Súmula TCU nº 288**).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Defensor Público de Minas Gerais (Fundep/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*Entende-se que a Administração pode exigir depósito prévio para interposição de recurso administrativo, sem ferir o princípio da revisibilidade e o direito ao duplo grau de jurisdição*".

No concurso para o cargo de Advogado da União (CESPE/2009), foi tida como correta a seguinte assertiva: "*Segundo o STF, a falta de defesa técnica por advogado, no âmbito de processo administrativo disciplinar, não ofende a CF. Da mesma forma, não há ilegalidade na ampliação da acusação a servidor público, se, durante o processo administrativo, forem apurados fatos novos que constituam infração disciplinar, desde que rigorosamente observados os princípios do contraditório e da ampla defesa. O referido tribunal entende, também, que a autoridade julgadora não está vinculada às conclusões da comissão de processo administrativo disciplinar.*"

No concurso para o cargo de Juiz de Direito Substituto no Maranhão (Cespe/2013), foi considerada correta a seguinte alternativa:

D) Embora exista o entendimento no sentido de ser obrigatória a presença de advogado em todas as fases do processo administrativo disciplinar, a falta de defesa técnica, por advogado, não ofende a CF.

2.3. Oficialidade

Diante da obrigatoriedade de alcançar o interesse público, a Administração não precisa aguardar impulso das partes. Tal característica está relacionada ao princípio da **oficialidade**, que assegura a possibilidade de instauração do processo por iniciativa da Administração, independentemente de provocação do administrado.

O princípio da **oficialidade** autoriza que a Administração determine, espontaneamente, a produção de provas necessárias à escorreita instrução do processo. Assim, ela pode buscar a verdade material, indo além do alegado pela parte.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Defensor Público de Minas Gerais (Fundep/2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"Aplica-se ao processo administrativo o princípio da verdade material o que permite à Administração ir além do alegado e/ou provado pela parte".*

Ainda no concurso para Defensor Público de Minas Gerais (Fundep/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"Em atenção ao princípio da oficialidade, a Administração depende de prévia provocação, quer para instaurar processo administrativo, quer para dar-lhe seguimento".*

No concurso de analista judiciário do TRT 4ª Região (FCC/2009), foi cobrado: *"Lê-se no art. 2º, parágrafo único, inciso XII, da Lei nº 9.784/99, que será observada a "impulsão, de ofício, do processo administrativo, sem prejuízo da atuação dos interessados". É harmônica com essa ideia a afirmação de que".* Foi considerada correta a seguinte alternativa: *"b) no processo administrativo, a Administração pode determinar espontaneamente a produção de provas".*

2.4. Gratuidade

A **Lei nº 9.784/99** estabelece, como regra geral, a proibição de cobrança de despesas processuais. Tal proibição não é absoluta, sendo possível a previsão legal desse tipo de cobrança. A cobrança, contudo, não pode se constituir em empecilho injustificável à utilização do processo.

▸ **Importante!**

"É inconstitucional a exigência de depósito ou arrolamento prévios de dinheiro ou bens para admissibilidade de recurso administrativo" **(STF - Súmula vinculante nº 21).**

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de analista judiciário do TRT da 8ª Região (FCC/2010), com o seguinte enunciado: *"Às disposições gerais relativas ao processo administrativo estabelecido pela Lei nº 9.784/99:"* foi considerada correta a assertiva: *"b) determinam a proibição de cobrança de despesas processuais, ressalvadas as previstas em lei".*

2.5. Pluralidade de instâncias

Esse princípio decorre do poder de **autotutela**, que permite à Administração rever os próprios atos. A **Lei nº 9.784/99** reconheceu o direito do administrado de interpor recursos às decisões administrativas, em face de razões de legalidade e de mérito.

Di Pietro lembra que há diferenças na aplicação desse princípio no processo administrativo, em relação ao processo civil, pois, diferentemente deste, no processo administrativo é possível:

- alegar em instância superior o que não foi arguido inicialmente;
- reexaminar matéria de fato;
- produzir novas provas.

Salvo disposição legal em contrário, o recurso administrativo tramitará, no máximo, por três instâncias administrativas. Conforme salienta Di Pietro, quando a decisão for tomada pela autoridade máxima, não cabe recurso administrativo, mas apenas pedido de reconsideração.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Analista Judiciário do TRE da Bahia (CESPE/2010) foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: *"A doutrina destaca a aplicação do princípio da pluralidade de instâncias ao processo administrativo como decorrência do poder de autotutela da administração pública. Sua aplicação, contudo, não autoriza o administrado a alegar em instância superior o que não foi arguido no início do processo".*

2.6. Segurança jurídica

O princípio da segurança jurídica pode ser estudado sob dois prismas:

- **Objetivo:** refere-se à irretroatividade das normas e à proteção dos atos perfeitamente realizados contra as modificações legislativas posteriores; e
- **Subjetivo:** trata justamente da preservação das expectativas legítimas da sociedade com a produção de harmonia das relações jurídicas (princípio da proteção da confiança).

O cidadão administrado não pode ficar, indefinidamente, à mercê dos efeitos da decisão administrativa. O princípio da **segurança jurí-**

interpretação de lei, no âmbito da Administração Pública, para atingir situações já consolidadas na vigência de orientação anterior, é o da:" foi considerada CORRETA a seguinte alternativa: *c) segurança jurídica;*

Como explicado anteriormente, o poder-dever da Administração de invalidar seus próprios atos sujeita-se ao limite temporal delimitado pelo princípio da segurança jurídica, pois os administrados não podem ficar indefinidamente sujeitos à instabilidade decorrente da autotutela estatal e à convalidação dos efeitos produzidos, quando, em razão de suas consequências jurídicas, a manutenção do ato servir mais ao interesse público do que sua invalidação. Da mesma forma, a exigibilidade da pretensão da Administração de apurar e punir irregularidades cometidas por seus agentes não é absoluta, encontrando limite temporal no princípio da segurança jurídica, de hierarquia constitucional, não se admitindo que os administrados fiquem indefinidamente sujeitos à instabilidade do poder sancionador do Estado. (STJ. AgRg no RMS 44657/RS, DJe 10/12/2014)

Noutro prisma, o STJ tem prolatado decisões entendendo que, sendo os atos administrativos de provimento absolutamente inconstitucionais, nem mesmo o Poder Constituinte derivado poderia relevar esse vício. Assim, não há que se falar em prescrição nem em decadência para que se tomem as providências cabíveis para restaurar a necessidade de observância do princípio constitucional do concurso público, não importando o tempo que o cidadão permaneceu, ilicitamente, no exercício do cargo (STJ, REsp 1310857/RN, 25/11/2014). Outrossim, o princípio da segurança jurídica e a suscitada decadência do direito da Administração, para anular seus próprios atos, não impedem a desconstituição de relações jurídicas que padecem de uma irremediável inconstitucionalidade, como é o caso dos servidores que mantêm contrato temporário com Poder Público, fora das permissivas contidas no art. 37, IX, da CF". (STJ, EDcl no RMS 33.143/PA, DJe 3/12/13).

3. DIREITOS E DEVERES DOS ADMINISTRADOS

Sem prejuízo de outros que lhe sejam assegurados, o administrado tem os seguintes **direitos** perante a Administração:

- ser tratado com respeito pelas autoridades e servidores;
- quando interessado, ter ciência da tramitação dos processos administrativos; ter vista dos autos e obter certidões ou cópias de seus documentos;

- formular alegações e apresentar documentos, que devem ser previamente considerados pelo órgão competente para a decisão;
- ser assistido por advogado, caso queira, salvo nas hipóteses legais em que tal representação for obrigatória.

Outrossim, nos processos administrativos serão observados, entre outros, os seguintes **critérios**:

- atuação conforme a lei e o Direito;
- atendimento a fins de interesse geral, vedada a renúncia total ou parcial de poderes ou competências, salvo autorização em lei;
- objetividade no atendimento do interesse público, vedada a promoção pessoal de agentes ou autoridades;
- atuação segundo padrões éticos de probidade, decoro e boa-fé;
- divulgação oficial dos atos administrativos, ressalvadas as hipóteses de sigilo previstas na Constituição;
- adequação entre meios e fins, vedada a imposição de obrigações, restrições e sanções em medida superior àquelas estritamente necessárias ao atendimento do interesse público;
- indicação dos pressupostos de fato e de direito que determinarem a decisão;
- observância das formalidades essenciais à garantia dos direitos dos administrados;
- adoção de formas simples, suficientes para propiciar adequado grau de certeza, segurança e respeito aos direitos dos administrados;
- garantia dos direitos à comunicação, à apresentação de alegações finais, à produção de provas e à interposição de recursos, nos processos de que possam resultar sanções e nas situações de litígio;
- proibição de cobrança de despesas processuais, ressalvadas as previstas em lei;
- impulsão, de ofício, do processo administrativo, sem prejuízo da atuação dos interessados;
- interpretação da norma administrativa da forma que melhor garanta o atendimento do fim público a que se dirige, **vedada aplicação retroativa de nova interpretação.**

Por outro lado, são **deveres** do administrado, perante a Administração, sem prejuízo de outros previstos em ato normativo:

- expor os fatos conforme a verdade;
- proceder com lealdade, urbanidade e boa-fé;
- não agir de modo temerário;
- prestar informações e colaborar para o esclarecimento dos fatos.

3.1. Dos interessados

Como visto, embora os processos administrativos sejam públicos, alguns administrados são reconhecidos pela Lei nº 9.784/99 como **interessados**, gozando de prerrogativas e direitos especiais na tramitação processual. São **interessados**:

- pessoas físicas ou jurídicas que o iniciem como titulares de direitos ou interesses individuais ou no exercício do direito de representação;
- aqueles que, sem terem iniciado o processo, têm direitos ou interesses que possam ser afetados pela decisão a ser adotada;
- as organizações e associações representativas, no tocante a direitos e interesses coletivos;
- as pessoas ou as associações legalmente constituídas quanto a direitos ou interesses difusos.

Têm legitimidade para atuar como **interessados**, no processo administrativo, os terceiros, não participantes da relação processual, mas que puderem ser afetados pela decisão adotada.

O órgão competente perante o qual tramita o processo administrativo deve determinar a **intimação do interessado** para ciência da decisão ou efetivação de diligências, notadamente em relação aos atos que resultem em imposição de deveres, ônus, sanções ou restrição ao exercício de direitos e atividades do interessado.

Quando dados, atuações ou documentos solicitados ao **interessado** forem necessários à apreciação de pedido formulado, o não atendimento da respectiva apresentação pode implicar arquivamento do processo. Tal disposição, contudo, deve ser razoável e proporcional, sendo incabível quando a apresentação exigida for impraticável, no prazo estabelecido.

Salvo outra previsão legal, encerrada a instrução, o interessado deve ter o direito de manifestação (**alegações finais**) no prazo de **dez dias**.

O interessado pode, por escrito, desistir total ou parcialmente do pedido formulado ou renunciar a direitos disponíveis, sem prejuízo à continuidade do processo, caso a Administração entenda de acordo com o interesse público.

▸ **Importante!**

Havendo vários interessados, a desistência ou renúncia atinge somente a quem a tenha formulado.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Município de Salvador (Cespe/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "*c) Caso o interessado desista totalmente de pedido formulado perante a administração, ficará prejudicado o andamento do processo, não sendo possível que a administração determine seu prosseguimento*".

4. DA COMPETÊNCIA

A **competência administrativa** envolve o conjunto de poderes conferidos às pessoas jurídicas, órgãos e agentes públicos, para o exercício de atividades administrativas. Em virtude da **indisponibilidade do interesse público**, tal competência é **irrenunciável**, embora possa ser objeto de **delegação** ou **avocação**.

4.1. Da delegação e da avocação

A **delegação** de competência tem por objetivo aperfeiçoar o exercício de atividades administrativas. Nela, um órgão administrativo e seu titular poderão transferir (delegar) parte da sua competência a outro órgão ou titular.

A mudança do titular do cargo não acarreta a cessação da **delegação**. Da mesma forma, a delegação de competência não envolve a perda definitiva, pelo delegante, dos correspondentes poderes, sendo-lhe facultado, quando conveniente e legalmente possível, exercê-los mediante **avocação** ou revogar a delegação.

A **avocação** envolve a atração, por órgão ou agente superior, de competência atribuída a um órgão ou agente subordinado. Ela é permitida excepcionalmente, por motivos relevantes, devidamente justificados.

Cabe **delegação**, ainda que inexista subordinação hierárquica entre os órgãos ou autoridades (delegante - delegada), caso seja conveniente, em razão de circunstâncias de índole técnica, social, econômica, jurídica ou territorial. Já a **avocação** exige relação de subordinação entre os órgãos ou agentes envolvidos.

▸ **Importante!**

Podemos ter avocação, mesmo sem existência de relação de subordinação entre os órgãos, quando a Lei, expressamente, estabelecer essa competência. Nessa hipótese, teremos uma avocação legal, que independe da relação de hierarquia. Esta é essencial, apenas, para a **avocação comum** (ou hierárquica), que decorre do Poder Hierárquico.

Neste sentido, por exemplo, a Lei federal nº 12.846/2013, dá à Controladoria-Geral da União - CGU, no âmbito do Poder Executivo federal, a competência para **avocar** os processos instaurados com fundamento naquela Lei, para exame de sua regularidade ou para corrigir-lhes o andamento.

Não podem ser objeto de delegação:

• a edição de atos de caráter normativo;
• a decisão de recursos administrativos;
• as matérias de competência exclusiva do órgão ou autoridade.

Os atos de delegação e suas revogações deverão ser publicados por meio oficial, especificando as matérias e poderes transferidos, os limites da atuação do delegado, a duração, os objetivos da delegação e o recurso cabível, podendo conter ressalva ao exercício da atribuição delegada. Conforme já prescrevia o Decreto Federal nº 83.937/79, o ato de delegar pressupõe a autoridade para **subdelegar**. As decisões adotadas por delegação devem mencionar essa qualidade e serão consideradas como editadas pelo delegado.

Cabe frisar que, inexistindo competência legal específica, o processo administrativo deverá ser iniciado perante a autoridade de menor grau hierárquico para decidir.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Advogado do Banpará (BANPARÁ/2017), com o enunciado: "Em relação ao Processo Administrativo, assinale a alternativa CORRETA, com base na Lei Federal 9.784/99." Foi considerada correta a seguinte assertiva: "b) Não pode ser objeto de delegação a decisão que julga recurso administrativo."

No concurso para o cargo de Juiz de Direito Substituto - AM (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Conforme a Lei nº 9.784 /1999, que trata dos atos administrativos, são indelegáveis." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "*A) a edição de atos normativos e as matérias de competência exclusiva do órgão.*"

No concurso para Juiz Substituto do TJ/PB (CESPE/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "*Como a delegação de competência se assenta no poder hierárquico da administração pública, cujo pressuposto é a relação de subordinação entre órgãos e agentes públicos, é inadmissível a delegação de competência fora da linha vertical de subordinação e comando.*"

4.2. Do impedimento e da suspeição

A indisponibilidade do interesse público e a impessoalidade exigem que a prática do ato administrativo esteja desvinculada de interesses subjetivos da autoridade. Para proteção do administrado e da própria Administração, nosso ordenamento previu o **impedimento** e a **suspeição**, que podem justificar o não exercício, por determinada autoridade, de competência a ela atribuída. Esses institutos envolvem restrição ao exercício de competência administrativa.

O **impedimento** deriva de situações objetivamente estabelecidas pela legislação. Nos termos da Lei nº 9.784/99, é impedido de atuar em processo administrativo o servidor ou autoridade que:

I. tenha interesse direto ou indireto na matéria;

II. tenha participado ou venha a participar como perito, testemunha ou representante, ou se tais situações ocorrem quanto ao cônjuge, companheiro ou parente e afins até o terceiro grau;

III. esteja litigando judicial ou administrativamente com o interessado ou respectivo cônjuge ou companheiro.

A legislação pode estabelecer outras hipóteses de impedimento. Cite-se, por exemplo, que a Lei nº 8.112/90 impede a participação de servidor não estável em comissão composta para conduzir processo administrativo disciplinar.

A autoridade ou servidor que incorrer em impedimento deve comunicar o fato à autoridade competente, abstendo-se de atuar. A não comunicação constitui **falta grave**, para efeitos disciplinares.

A **suspeição** pode ser arguida quando a autoridade ou o servidor tenha amizade íntima ou inimizade notória com algum dos interessados ou com os respectivos cônjuges, companheiros, parentes e afins até o terceiro grau.

A **suspeição** deriva de uma situação subjetiva, não sendo obrigatória a comunicação, por parte do agente suspeito. Ademais, ainda que suscitada uma das hipóteses de suspeição, há possibilidade de refutação pelo próprio suspeito.

Decidindo-se pelo indeferimento da alegação de suspeição, cabe a interposição de **recurso**, sem efeito suspensivo.

Questão interessante, comum em processos disciplinares e pouco discutida pela doutrina, deriva da situação em que o próprio agente, designado para o exercício de uma função administrativa, tida como encargo obrigatório, indica sua suspeição. Pode a autoridade superior indeferir tal alegação, mantendo o agente no exercício da função designada?

Sendo declarada pelo próprio servidor designado, entendemos que o caráter subjetivo da suspeição ganha contornos objetivos, pois o próprio servidor informa sua incapacidade de condução imparcial no processamento do feito, o que representaria desrespeito à **impessoalidade**. Ninguém melhor que o agente suspeito para reconhecer sua suspeição, tanto que o procedimento de avaliação desta observa a oportunidade de refutação por parte do agente público.

5. PECULIARIDADES DO PROCESSO ADMINISTRATIVO

Cabe tecer observações sobre algumas peculiaridades do processo administrativo em geral.

5.1. Dos atos processuais

São capazes, para o processo administrativo, os maiores de dezoito anos, ressalvada previsão especial em ato normativo próprio.

Conforme já dito, em virtude do **princípio da oficialidade**, o processo administrativo pode iniciar-se de ofício ou a pedido de interessado. O requerimento inicial do interessado, salvo casos em que

for admitida solicitação oral, deve ser formulado por escrito e conter os seguintes dados:

I. órgão ou autoridade administrativa a que se dirige;

II. identificação do interessado ou de quem o represente;

III. **domicílio** do requerente ou local para recebimento de comunicações;

IV. formulação do pedido, com exposição dos fatos e de seus fundamentos;

V. data e assinatura do requerente ou de seu representante.

É vedada, à Administração, a recusa imotivada de recebimento de documentos, devendo o servidor orientar o interessado quanto ao suprimento de eventuais falhas.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Trabalho (PGT/2009), foi considerada falsa a assertiva que assim dispunha: *"O requerimento inicial do interessado deve ser sempre formulado por escrito".*

Em virtude do **princípio do informalismo**, os atos do processo administrativo não dependem de forma determinada, senão quando a lei expressamente a exigir. Eles devem ser realizados em dias úteis, no horário normal de funcionamento da respectiva repartição, sendo possível a conclusão depois do horário normal, quando o adiamento possa prejudicar o curso regular do procedimento ou cause dano ao interessado ou à Administração.

Inexistindo disposição específica, os atos processuais devem ser praticados no prazo de cinco dias, salvo motivo de força maior, sendo possível a dilatação justificada até o dobro.

Os atos do processo devem realizar-se, preferencialmente, na sede do órgão, cientificando-se o interessado se outro for o local de realização.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Promotor do Estado do Paraná (2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"Os atos do processo administrativo devem realizar-se preferencialmente na sede do órgão, cientificando- se o interessado se outro for o local de realização".*

5.2. Das intimações

Devem ser objeto de intimação os atos do processo que resultem para o interessado em imposição de deveres, ônus, sanções ou restrição ao exercício de direitos e atividades e os atos de outra natureza, de seu interesse.

O órgão competente perante o qual tramita o processo administrativo determinará a intimação do interessado para ciência de decisão ou a efetivação de diligências. **A intimação deverá conter:** identificação do intimado e nome do órgão ou entidade administrativa; finalidade da intimação; data, hora e local em que deve comparecer; se o intimado deve comparecer pessoalmente, ou fazer-se representar; informação da continuidade do processo independentemente do seu comparecimento; indicação dos fatos e fundamentos legais pertinentes.

A intimação deverá conter:

- identificação do intimado e nome do órgão ou entidade administrativa;
- finalidade da intimação;
- data, hora e local em que deve comparecer;
- se o intimado deve comparecer pessoalmente, ou fazer-se representar;
- informação da continuidade do processo independentemente do seu comparecimento;
- indicação dos fatos e fundamentos legais pertinentes.

A intimação observará a antecedência mínima de três dias úteis quanto à data de comparecimento.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

Os requisitos da intimação foram cobrados no concurso de analista Judiciário do TRE-AL (FCC/2010).

A intimação pode ser efetuada por ciência no processo, por via postal (com aviso de recebimento), por telegrama ou por outro meio que assegure a certeza da ciência do interessado. No caso de interessados indeterminados, desconhecidos ou com domicílio indefinido, a intimação deve ser efetuada por meio de publicação oficial.

As intimações serão nulas quando feitas sem observância das prescrições legais, mas o comparecimento do administrado supre sua falta ou irregularidade. Ademais, seu desatendimento não importa o reconhecimento da verdade dos fatos, nem a renúncia a direito pelo administrado.

5.3. Das provas

Quando for necessária a prestação de informações ou a apresentação de provas pelos interessados ou terceiros, serão expedidas intimações para esse fim, mencionando-se data, prazo, forma e condições de atendimento. Entendendo relevante a matéria, o órgão pode apresentá-las, mesmo que o interessado se omita.

Regra geral, cabe ao interessado a **prova dos fatos** que tenha alegado. Quando ele declarar que os fatos e dados estão registrados em documentos em posse da Administração, esta, de ofício, obterá os documentos ou respectivas cópias.

▸ Importante!

Poderão ser recusadas, mediante decisão fundamentada, as provas propostas pelos interessados quando sejam ilícitas, impertinentes, desnecessárias ou protelatórias. As provas ilícitas, contudo, são sempre inadmissíveis.

5.4. Dos pareceres e dos laudos técnicos

Os pareceres, via de regra, possuem caráter meramente opinativo, embora possam ser usados como fundamentação para o ato praticado. Eles podem ser facultativos, obrigatórios e vinculantes.

Conforme sedimentado pelo STF (MS 24631/DF, DJ 01-02-2008), podemos fazer as seguintes diferenciações:

- **Parecer facultativo:** a manifestação não é obrigatória, não vinculando a autoridade nem afetando seu poder de decisão;
- **Parecer obrigatório:** a manifestação é obrigatória, porém, o administrador, fundamentadamente (outro parecer ou manifestação técnica), pode praticar o ato de forma diversa da opinião do parecerista;
- **Parecer vinculante:** a manifestação é obrigatória e vinculante; o administrador deve decidir nos termos da conclusão do parecer ou, então, não decidir.

Parecer facultativo:	Parecer obrigatório:	Parecer vinculante:
• Não obrigatório • Não vinculante	• Obrigatório • Não vinculante	• Obrigatório • Vinculante

Regra geral, diante da necessidade de manifestação obrigatória de um órgão consultivo, o parecer deverá ser emitido no prazo máximo de quinze dias. Caso extrapolado o prazo, o processo poderá ter prosseguimento e ser decidido com sua dispensa, desde que ele não seja vinculante.

Quando por disposição de ato normativo devam ser previamente obtidos laudos técnicos de órgãos administrativos e estes não cumprirem o encargo no prazo assinalado, o órgão responsável pela instrução deverá solicitar laudo técnico de outro órgão dotado de qualificação e capacidade técnica equivalentes.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Município de Salvador (Cespe/2015), com a seguinte ementa: *"Com base no disposto na Lei n.º 9.784/1999, assinale a opção correta acerca dos processos administrativos no âmbito federal."* foi considerada correta a seguinte assertiva: *"b) No caso de ser obrigatória a emissão de parecer vinculante, não sendo ele emitido no prazo de quinze dias, o processo não terá seguimento até a apresentação desse parecer, salvo norma especial ou comprovada necessidade de maior prazo".*

5.5. Da tramitação prioritária

A **Lei nº 12.008/2009** assegurou prioridade na tramitação dos procedimentos administrativos, em qualquer órgão ou instância, em que figure como parte ou interessado:

I. Pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos;

II. Pessoa portadora de deficiência, física ou mental;

III. Pessoas com doenças graves, mesmo contraída após o início do processo.

▸ Atencão!

A Lei nº 13.466, de 2017, deu nova redação para o art. 3º, § 2º, do Estatuto do Idoso, assegurando prioridade especial aos idosos maiores de oitenta anos, em relação aos demais idosos.

A pessoa interessada deve requerer o benefício, juntando prova de sua condição. Deferida a prioridade, os autos receberão identificação própria que evidencie o regime de tramitação prioritária.

6. DO RECURSO ADMINISTRATIVO, DA COISA JULGADA ADMINISTRATIVA E DA REVISÃO

O recurso administrativo é uma forma de impugnação a uma decisão administrativa, em processo devidamente instaurado, mediante manifestação do inconformismo.

Embora possamos identificar várias lacunas nos regramentos específicos de procedimentos administrativos, a **Lei nº 9.784/99** estabeleceu, como regra geral, a possibilidade de interposição de recurso, em face de razões de legalidade e de mérito. Vale ressaltar que a referida Lei, aqui, tratou sobre o **recurso hierárquico próprio**, no qual se identifica uma relação de hierarquia entre a autoridade recorrida e a autoridade revisora ("instância superior"). Ele deriva da própria hierarquia, não sendo (de acordo com a doutrina) imprescindível previsão legal o determinando.

Já no **recurso hierárquico impróprio** não é identificada relação hierárquica direta entre o órgão recorrido e o órgão revisor, sendo necessária a previsão legal para sua existência. Em síntese, no recurso hierárquico próprio, o órgão revisor será a "autoridade hierarquicamente superior". No recurso hierárquico impróprio, o órgão revisor será aquele que a Lei determinar. No capítulo sobre controle da Administração Pública, tratamos acerca das diversas formas de impugnação recursal, como: representação, reclamação, pedido de reconsideração, recurso hierárquico próprio, impróprio e revisão.

Possuem legitimidade para interpor recurso administrativo: os titulares de direitos e interesses que forem parte no processo; aqueles cujos direitos ou interesses forem indiretamente afetados pela decisão recorrida; as organizações e associações representativas, no tocante a direitos e interesses coletivos; os cidadãos ou associações, quanto a direitos ou interesses difusos.

O recurso será dirigido à autoridade que proferiu a decisão, a qual, se não a reconsiderar no prazo de cinco dias, o encaminhará à autoridade superior.

Ressalvada disposição legal específica, a interposição de recurso administrativo **independe de caução**, submete-se a prazo de **dez**

dias, (a partir da ciência ou divulgação oficial da decisão recorrida), **não tem efeito suspensivo** e pode tramitar por **até três instâncias** administrativas.

Havendo justo receio de prejuízo de difícil ou incerta reparação decorrente da execução, a autoridade recorrida ou a imediatamente superior poderá, **de ofício** ou **a pedido**, dar **efeito suspensivo** ao recurso.

Esta análise é discricionária, envolvendo juízo de valor, pela autoridade administrativa, que, em geral, não deve ser substituído pelo Poder Judiciário. Em nossa opinião, flagrante desrespeito a normas jurídicas, como a isonomia ou a razoabilidade, justifica a tutela judicial; contudo, em regra geral, tal análise envolve juízo de valor ("discricionário") do agente público (a autoridade recorrida ou a competente para julgar o recurso).

Não será conhecido o recurso interposto:

- fora do prazo;
- por quem não seja legitimado;
- após exaurida a esfera administrativa;
- perante órgão incompetente.

Nesta última hipótese, será indicada ao recorrente a autoridade competente, sendo-lhe devolvido o prazo para recurso.

De acordo com a Lei nº 9.784/99, caso a decisão do recurso possa gerar gravame à situação do recorrente, este deverá ser cientificado para que formule suas alegações antes da decisão.

Outro ponto importante a ser tratado refere-se à **coisa julgada administrativa**. Ela difere da coisa julgada relacionada às decisões do Poder Judiciário, não gozando do mesmo status de imutabilidade. Isso porque, mesmo ocorrendo a **coisa julgada administrativa**, pode o administrado se insurgir contra a decisão proferida, perante o Judiciário.

Conforme explica José dos Santos Carvalho Filho, a **coisa julgada administrativa** significa, apenas, que determinado assunto decidido na via administrativa não mais poderá sofrer alteração, nessa mesma via administrativa, embora possa sê-lo na via judicial. Celso Antonio B. de Mello lembra, ainda, que "toda a vez que a Administração decidir um dado assunto em última instância, de modo contencioso, ocorrerá a chamada **coisa julgada administrativa**".

Noutro prumo, de acordo com a Lei nº 9.784/99, os processos administrativos de que resultem sanções poderão ser objeto de **re-**

visão, a qualquer tempo, a pedido ou de ofício, quando surgirem fatos novos ou circunstâncias relevantes, suscetíveis de justificar a inadequação da sanção aplicada.

Importante!

Tal revisão não pode gerar agravamento da sanção.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Analista de Controle - Área Jurídica - TCE/PR (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Acerca do recurso administrativo e tendo como base as disposições da Lei nº 9.784/1999, assinale a opção correta." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "A) O recurso não será conhecido quando interposto em órgão incompetente, mas, nesse caso, terá de ser indicada ao recorrente a autoridade competente, sendo-lhe devolvido o prazo para recurso."

No concurso para Advogado da Telebrás (Cespe/2015), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Segundo entendimento dos tribunais superiores, a substituição de juízo de valor de efeito suspensivo a recurso administrativo, por se situar na esfera discricionária da autoridade administrativa competente, não é da alçada do Poder Judiciário*".

No concurso para Analista Judiciário do TRT 3ª Região (FCC-2009), com a seguinte ementa: "De acordo com a Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999, têm legitimidade para interpor recurso administrativo...", foi considerada correta a seguinte alternativa: e) *os titulares dos direitos e interesses que forem parte no processo, bem como aqueles cujos direitos ou interesses forem indiretamente afetados pela decisão recorrida.*

7. PRESCRIÇÃO ADMINISTRATIVA

O princípio da segurança jurídica impõe certa estabilização das situações jurídicas, limitando direitos, pretensões jurídicas e faculdades processuais. A doutrina consagrou os seguintes institutos delimitadores: **decadência, prescrição** e **preclusão**.

Há certa divergência doutrinária sobre tais conceitos, embora possamos em apertada síntese apontar, tendo em vista as limitações (perdas) por eles geradas, as seguintes diferenças entre tais institutos:

Decadência:	Prescrição	Preclusão:
perda do direito	perda do direito de ação, da pretensão jurídica frente ao Estado-Juiz	perda de uma oportunidade processual

Para diferenciarmos o instituto **prescrição** do instituto **decadência**, vale lembrar o exemplo clássico do credor que, diante de um débito não adimplido, terá um determinado prazo (prescricional) para judicializar uma demanda, a fim de defender seu crédito (direito). A extinção do prazo prescricional (para ajuizamento da ação) não significará a extinção do direito, tanto que poderá o devedor, posteriormente e antes do respectivo prazo decadencial (em que se extinguiria o direito), realizar o pagamento sem gerar para si o direito à repetição de indébito (já que o crédito era devido, pois o credor ainda possuía o direito).

Outrossim, necessário perceber que a **prescrição administrativa** difere da **prescrição** (propriamente dita), na qual, pelo decurso do tempo, o titular de uma pretensão perde a possibilidade de pleitear, junto ao Estado-Juiz, determinada medida que resguarde seu direito. No âmbito da atividade administrativa, o Estado goza do Poder de **autotutela** e do atributo de **autoexecutoriedade** de seus atos, tornando desnecessário o socorro ao Judiciário para exercício de algumas "pretensões jurídicas" (reiteramos, no âmbito da atividade administrativa). Por exemplo, se a Administração percebe que um ato administrativo fora firmado com vícios de ilegalidade, ela, sem necessária intervenção judicial, pode anular o referido ato administrativamente. Da mesma forma ocorre se um contratado descumpre cláusula contratual, o infrator sujeita-se à aplicação de sanções administrativas e à rescisão contratual unilateral, que podem ser aplicadas diretamente pela Administração contratante.

Essa desnecessidade de judicialização, em relação a muitos dos atos relacionados à atividade administrativa, gera certa incompatibilidade com o conceito de prescrição tradicionalmente firmado pela doutrina. Por conta disso, autores de relevo, como Marçal Justen Filho, têm rejeitado a tese da prescrição administrativa, admitindo-a, apenas, num sistema de contencioso administrativo.

Compreendendo a prescrição como a perda do direito de ação, em contraponto à decadência (perda do direito) e à preclusão (perda de uma oportunidade processual), deve-se perceber que muitos dos prazos extintivos indicados em nossa legislação administrativista (e por vezes apontados como prescricionais) na verdade são **decadenciais** (quando geram a perda de um direito) ou **preclusivos** (quando se referirem apenas à perda de uma oportunidade processual). Nesse aspecto, interessante observar que a Lei nº 9.784/99, que traça as

regras do processo administrativo federal, não fala em prescrição, mas apenas em decadência (art. 54) e em preclusão (art. 63, § 2º).

Assim, por exemplo, o prazo de cinco anos para exercício da autotutela administrativa (art. 54 da Lei nº 9.784/99) é um **prazo decadencial**, visto que ele encerra um direito da Administração. Noutro diapasão, o prazo para apresentação de recurso hierárquico ou para apresentação de defesa é um **prazo preclusivo**, pois envolve uma faculdade processual.

Celso Antonio Bandeira de Mello e José dos Santos Carvalho Filho identificam algumas hipóteses em que os prazos previstos pela legislação seriam prescricionais, embora divirjam em relação a quais seriam tais hipóteses. Para o primeiro autor, um exemplo de prazo prescricional seria o **direito à reclamação administrativa**, no prazo de 01 ano, já que ele antecede e desencadeia o processo administrativo, conforme previsto no Art. 6º do Decreto 20.910/32. Para Carvalho Filho, este prazo seria decadencial, pois envolveria um direito material de uso deste instrumento. Por outro lado, Carvalho filho aponta, como única hipótese de prescrição administrativa, os prazos estabelecidos para que a Administração exercite seu poder punitivo, como ocorre no **poder punitivo de polícia** (Lei nº 9.873/99) e no **poder disciplinar funcional** (Lei nº 8.112/90). *In casu*, as duas leis citadas denominam os respectivos prazos como prescricionais.

Em sentido contrário, Marçal Justen filho e Raquel Carvalho explicam que os direitos potestativos da Administração sujeitam-se a **prazos decadenciais**, hipótese em que se enquadrariam o exercício do poder punitivo de polícia e do poder disciplinar funcional. Realmente, uma vez transcorrido o prazo para aplicação de sanções decorrentes do exercício do poder de polícia ou do poder disciplinar, perde a Administração o próprio direito de sancionar, do que resulta a correta compreensão de que o prazo é **decadencial**.

Em síntese, a perda do poder para que a Administração possa prover dado assunto administrativamente, em função do transcurso de prazo, decorre do instituto **decadência**, e não da prescrição. Quando essa perda de possibilidade é interna a um processo, apresentando-se como faculdade processual, estar-se-á diante do instituto **preclusão**.

7.1. Preclusão

Conforme já visto, a preclusão é a **perda de uma oportunidade processual**, processando-se internamente no processo instaurado.

Difere da prescrição, porque esta é externa ao processo e o antecede; difere também da decadência, pois esta gera a perda de um direito ou poder, conquanto a preclusão prejudica apenas o exercício de uma faculdade processual. Podemos citar como exemplos de prazos preclusivos: prazo para recorrer, prazo para apresentar defesa, prazo para juntar documentos, para impugnar determinado ato processual, entre outros.

A doutrina classifica a preclusão em, pelo menos, três espécies:

Preclusão consumativa:	Preclusão lógica:	Preclusão temporal:
há o exaurimento de uma faculdade processual, pelo seu exercício.	a parte demonstra vontade expressa ou tácita de não exercitar tal faculdade.	ausência do exercício de uma faculdade no prazo estipulado.

7.2. Prescrição (preclusão) intercorrente

Alguns doutrinadores fazem remissão, ainda, à possibilidade de **prescrição intercorrente**, no âmbito da atividade administrativa. Marçal Justen Filho prefere a expressão **preclusão intercorrente**, em virtude de seu posicionamento acerca da inexistência de prescrição administrativa propriamente dita, fora de uma lógica de contencioso administrativo.

Tanto em um caso como em outro, verificamos corretas construções **doutrinárias para evitar quebra da segurança jurídica, pelo injustificável vagar administrativo no processamento de seus atos.** Assim, quando a demora no trâmite processual for imputável à Administração Pública e for injustificadamente demasiada (por exemplo, superar o limite temporal previsto para a decadência), poderia ser reconhecida a própria prescrição/preclusão processual, impedindo a conclusão do referido processamento, em detrimento do administrado. Seria a hipótese de um processo para sancionamento de empresa contratada, em virtude de alguma irregularidade contratual, quando a Administração consumisse prazo demasiado para sua conclusão.

▸ **Importante!**

A Lei nº 9.873/99, ao tratar sobre prazo de prescrição para o exercício de ação punitiva pela Administração Pública Federal, possui interessante regra, segundo a qual: incide a prescrição no procedimento administrativo paralisado por mais de três anos, pendente de julgamento ou despacho, cujos autos serão arquivados de ofício ou mediante requerimento da parte interessada, sem prejuízo da apuração da responsabilidade funcional decorrente da paralisação, se for o caso.

8. PROCESSO ADMINISTRATIVO E SÚMULA VINCULANTE

As decisões proferidas em processos administrativos submetem-se às súmulas vinculantes aprovadas por 2/3 (dois terços) dos membros do STF, em sessão plenária.

Se o recorrente alegar que a decisão administrativa recorrida contraria enunciado da **súmula vinculante**, caberá à autoridade prolatora da decisão impugnada, se não a reconsiderar, explicitar, antes de encaminhar o recurso à autoridade superior, as razões da aplicabilidade ou inaplicabilidade da súmula, conforme o caso.

Da mesma forma, o órgão competente para decidir o recurso explicitará as razões da aplicabilidade ou inaplicabilidade da súmula.

Caso o ato administrativo contrarie, negue vigência ou aplique indevidamente enunciado de súmula vinculante, caberá **reclamação** ao STF, sem prejuízo dos recursos ou outros meios admissíveis de impugnação.

> **Importante!**
> Contra omissão ou ato da administração pública, o uso da reclamação só será admitido após esgotamento das vias administrativas.

Acolhida a **reclamação** fundada em violação de enunciado da **súmula vinculante**, o ato administrativo será anulado. Ademais, dar-se-á ciência à autoridade prolatora e ao órgão competente para o julgamento do recurso, que deverão adequar as futuras decisões administrativas em casos semelhantes, sob pena de **responsabilização pessoal** nas esferas cível, administrativa e penal.

9. DO PROCESSO ADMINISTRATIVO DISCIPLINAR

Decorrente dos poderes da Administração, o **processo disciplinar** (ou processo administrativo disciplinar em sentido amplo) constitui-se em instrumento para apuração de ilícito administrativo-disciplinar (**infrações administrativas**) praticado por servidores públicos.

Podemos identificar algumas espécies de sistemas para processamento disciplinar dos agentes públicos: **Sistema hierárquico; Sistema de jurisdição completa e Sistema misto (jurisdicionalização moderada).**

Sistema hierárquico	• O poder disciplinar é exercido exclusivamente pelo superior hierárquico; • O Superior apura a falta e aplica a pena; • Sistema que era usado para a apuração de faltas leves ou para a aplicação da verdade sabida.
Sistema de jurisdição completa	• A falta e a pena são estritamente determinadas por Lei; • A decisão cabe a um órgão de jurisdição que funciona segundo regras de procedimento jurisdicional.
Sistema misto (jurisdicionalização moderada)	• A pena é aplicada pelo superior hierárquico; • Intervêm determinados órgãos, com função geralmente opinativa; • Há certo grau de discricionariedade na escolha da pena;

▸ **Importante!**

No Brasil, atualmente adota-se o **Sistema misto (jurisdicionalização moderada).**

O conceito de **infrações administrativas** envolve aquelas ações ilícitas praticadas no exercício de suas atribuições, ou que tenham relações com as atribuições do cargo investido.

9.1. Espécies de processo disciplinar

Embora não exista unanimidade, usando como parâmetro a legislação e a doutrina, podemos apontar 4 (quatro) **espécies de processo disciplinar:**

Verdade sabida	Sindicância investigativa	Sindicância acusatória	Processo administrativo disciplinar (PAD)

A **verdade sabida** é conceituada pela doutrina como o conhecimento pessoal e direto da infração administrativa pela autoridade competente. Esse instrumento não é meio legítimo para aplicação de sanção disciplinar, pois não se coaduna com as garantias constitucionais do contraditório e da ampla defesa.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Estado do Piauí (CESPE/2008) foi considerada errada a seguinte assertiva: *"O procedimento disciplinar denominado verdade sabida tem por objetivo conferir celeridade à punição dos servidores faltosos, estando em total harmonia com a CF".*

A **sindicância (acusatória)** é o processo disciplinar que serve para apurar a autoria ou a existência de irregularidade, de menor gravidade, praticada no serviço público, sendo um instrumento mais célere para aplicação da sanção disciplinar. Ela pode ser conduzida por uma comissão de dois ou três servidores estáveis (Portaria CGU nº 335/2006).

O **Processo Administrativo Disciplinar** (processo disciplinar em sentido estrito) possui um rito mais complexo, destinado à apuração de infrações de potencialidade mais grave e aplicação da respectiva sanção disciplinar. Ele deve ser conduzido por uma comissão de três servidores estáveis (Portaria CGU nº 335/2006).

Na prática, é reconhecida outra modalidade de sindicância, utilizada para a apuração de quaisquer indícios de irregularidades de que teve conhecimento a Administração, de forma genérica e sem prévia indicação de autoria. A Controladoria-Geral da União - CGU denomina-a de **sindicância investigativa** (ou preparatória), sendo um instrumento para apuração de irregularidades (e não aplicação de sanções).

Ela é um instrumento de investigação preliminar, conduzida por um servidor ou mais (Portaria CGU nº 335/2006), tendente a coligir, de maneira inquisitorial, elementos bastantes à imputação de falta ao servidor, em processo disciplinar subsequente.

Importante!

A sindicância investigativa não deve estrita reverência aos princípios do contraditório e da ampla defesa. (STF. MS 22.791, DJ 19/12/2003).

Quando a apuração objetivar sancionamento de índole disciplinar, faz-se necessária a realização de sindicância acusatória ou de Processo Administrativo Disciplinar em sentido estrito, obedientes aos princípios do contraditório e da ampla defesa.

Importante!

A falta de defesa técnica por advogado no processo administrativo disciplinar não ofende a Constituição **(STF, Súmula vinculante** nº 5**)**.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Defensor Público de Minas Gerais (Fundep/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"A ausência de defesa por advogado é causa de nulidade do processo administrativo disciplinar em homenagem ao princípio da ampla defesa".*

A **sindicância acusatória** e o **Processo Administrativo Disciplinar** em sentido estrito (**PAD**) diferenciam-se em relação ao prazo de conclusão e ao alcance das penas. A **sindicância** deve ser concluída em até trinta dias da instauração, prorrogáveis por igual período, já o **PAD** possui prazo dobrado, devendo ser concluído em até sessenta dias da instauração, prorrogável por igual período.

Importante!

Conforme o Parecer AGU GQ-12, de 07/02/94, a sindicância não é pré-requisito para o processo administrativo disciplinar (PAD). Assim, diante de aparente ilícito, o órgão administrativo pode instaurar diretamente o PAD, sem a instauração prévia da sindicância.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Juiz de Direito Substituto - AM (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Assinale a opção correta acerca do recurso administrativo e da sindicância." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "C) Pode o órgão administrativo instaurar diretamente o processo administrativo disciplinar, sem que se tenha instaurado previamente a sindicância."

Em relação ao alcance das penas, conforme a Lei nº 8.112/90, a **sindicância** (art. 145) pode resultar em proposta: de arquivamento, de punição com advertência ou suspensão de até trinta dias, ou de abertura de **PAD** (art. 146), pois só através deste (**PAD**), permite-se a aplicação das penas de suspensão superior a trinta dias, demissão, cassação de aposentadoria, disponibilidade ou destituição do cargo em comissão.

Em síntese:

Verdade sabida	• Conhecimento pessoal e direto da infração, pela autoridade competente; • Não se coaduna com o atual ordenamento;
Sindicância investigativa (ou preparatória)	• Instrumento para apuração de irregularidades (e não aplicação de sanções); • Natureza inquisitorial; • Sem rito previsto na norma; • Conduzida por um servidor ou mais; • Não deve estrita reverência ao contraditório e à ampla defesa;

Sindicância acusatória	• Apuração de autoria ou existência de irregularidade, de menor gravidade • Conduzida por uma comissão de dois ou três servidores estáveis; • Conclusão: até 30 dias da instauração (prorrogáveis) • Sanções: advertência e suspensão de até 30 dias
Processo administrativo disciplinar	• Apuração de autoria ou existência de irregularidade, de maior gravidade; • Conduzida por uma comissão de três servidores estáveis; • Conclusão: até 60 dias da instauração (prorrogáveis) • Sanções mais fortes;

9.2. Penalidades disciplinares

A **Lei nº 8.112/90** apresenta as seguintes **penalidades disciplinares:**

- **advertência;**
- **suspensão;**
- **demissão;**
- **cassação de aposentadoria ou disponibilidade;**
- **destituição de cargo em comissão;**
- **destituição de função comissionada.**

Em relação à **competência para aplicação das sanções disciplinares**, importante observar a seguinte distribuição:

Demissão, cassação de aposentadoria ou disponibilidade	Respectivamente, pelo Presidente da República, pelos Presidentes das Casas do Poder Legislativo e dos Tribunais Federais e pelo Procurador-Geral da República;
Suspensão superior a 30 (trinta) dias	Autoridades administrativas de hierarquia imediatamente inferior, às previstas para aplicação das sanções acima;
Advertência ou suspensão de até 30 dias	chefe da repartição e outras autoridades na forma dos respectivos regimentos ou regulamentos;

▸ **Importante!**

Através do Decreto federal 3.035/99, o Presidente da República delegou competência para que os Ministros de Estado apliquem as sanções de demissão, cassação de aposentadoria ou disponibilidade.

Uma vez verificadas a autoria e a infração disciplinar a que a lei comina penalidade de demissão, falece competência à autoridade instauradora do processo para emitir julgamento e atenuar a penalidade, sob pena de nulidade de tal ato. "O julgamento de processo disciplinar de que advém a aplicação de penalidade mais branda que a cominada em lei, efetuado pela autoridade instauradora, não obsta que aquela efetivamente competente julgue e inflija a punição adequada, sem que esse ato caracterize dupla irrogação de pena, em razão de um mesmo fato ilícito". (PARECER AGU VINCULANTE Nº GQ – 177)

Segundo o STJ, deve ser aplicada a penalidade de demissão ao servidor público federal que obtiver proveito econômico indevido em razão do cargo, independentemente do valor auferido. O Tribunal entende que não incide, na esfera administrativa (ao contrário da esfera penal), o princípio da insignificância quando constatada falta disciplinar prevista no art. 132 da Lei 8.112/1990. Neste raciocínio, o proveito econômico recebido pelo servidor é irrelevante para a aplicação da penalidade administrativa de demissão, razão pela qual seria despiciendo falar, nessa hipótese, em falta de razoabilidade ou proporcionalidade da pena. (STJ. MS 18.090-DF, Rel. Min. Humberto Martins, j. 8.5.2013. 1ª S - Info 523). No julgamento, o Tribunal concluiu que o ato de demissão é vinculado, cabendo unicamente ao administrador aplicar a penalidade prevista. Em outros julgados, o STJ tem entendido que "a constatação de conduta enquadrável nas previsões legais de demissão (art. 132 da Lei 8.112/1990) é ato vinculado, já que inarredável impor a citada sanção se verificada uma das respectivas hipóteses" (REsp 1685571/RJ, DJe 16/10/2017).

Particularmente, discordamos do raciocínio acima externado, pela convicção de que a atividade administrativa, mesmo em sua faceta disciplinar, submete-se aos princípios que conformam a Administração Pública, entre eles os princípios da proporcionalidade e da razoabilidade. Ao pensar de outra forma, admite-se que a aplicação radical das hipóteses abstratamente previstas pelo artigo 132 possam gerar situações esdrúxulas e desarrazoadas.

Temos maior concordância com o entendimento exarado pelo STJ, em sentido oposto, no MS 15.783/DF. No referido julgado, que envolveu sanção disciplinar aplicada a servidora do INSS, o STJ firmou que a "atividade administrativa sancionadora, em face do seu conteúdo materialmente jurisdicional, deve se revestir, sob a pena de nulidade, do respeito religioso a todos os princípios regentes da processualística contemporânea". Nessa esteira, "por força dos

princípios da proporcionalidade, da dignidade da pessoa humana e da não-culpabilidade, aplicáveis ao regime jurídico disciplinar, não há juízo de discricionariedade no ato administrativo que impõe sanção a Servidor Público, em razão de infração disciplinar", o que admite controle jurisdicional amplo, não limitado apenas aos aspectos formais, de modo evitar-se arbitrariedades pelo aparelho estatal.

Assim, de acordo com o STJ, mesmo em sede de Mandado de Segurança, o "Poder Judiciário pode e deve sindicar amplamente, em Mandado de Segurança, o ato administrativo que aplica a sanção de demissão a Servidor Público, para verificar (i) a efetiva ocorrência dos ilícitos imputados ao Servidor e (ii) mensurar a adequação da reprimenda à gravidade da infração disciplinar" (MS 15.783/DF, DJe 30/06/2017).

▸ **Atenção!**

A absolvição criminal afastará a persecução disciplinar no âmbito da administração, quando ficar provada na ação penal a inexistência do fato ou a negativa de autoria.

9.3. Fases do processo disciplinar

O processo disciplinar se desenvolve nas seguintes fases:

I. instauração;

II. inquérito administrativo; e

III. julgamento.

A **instauração** se dá com a publicação do ato que constituir a comissão. A comissão conduzirá o processo disciplinar e será composta por três servidores estáveis designados pela autoridade competente. Entre eles será indicado **o presidente**, que deverá ocupar cargo efetivo superior (ou de mesmo nível) ou ter nível de escolaridade igual ou superior, em relação ao servidor investigado. Não há hierarquia dentro da comissão, mas distribuição de atribuições.

Quando a infração for cometida por servidor cedido a outro órgão, a competência para instauração do processo administrativo disciplinar é do órgão onde ocorreu a irregularidade. Contudo, como o vínculo funcional do servidor se dá com o órgão cedente, apenas a este incumbiria o julgamento e a eventual aplicação de determinadas penalidades. Outrossim, cessada a relação do servi-

dor com o órgão cessionário, é natural que qualquer aplicação de penalidade se dê pelo órgão cedente.

Neste prumo, segundo o STJ, a instauração do PAD contra servidor efetivo que esteja cedido a outro órgão, deve dar-se, preferencialmente, no órgão em que tenha sido praticada a suposta irregularidade. Contudo, o julgamento e a eventual aplicação de sanção, quando findo o prazo de cessão e já tendo o servidor retornado ao órgão de origem, só podem ocorrer no órgão ao qual o servidor público federal efetivo estiver vinculado (STJ. MS 21.991-DF, DJe 3/3/2017).

▸ **Importante!**

De acordo com o Parecer AGU GQ 35, não se configura nulidade processual se na designação da comissão forem omitidas as faltas a serem apuradas ou se a comissão for integrada por servidor de nível funcional inferior.

Realmente, a "igualdade" ou "superioridade" exigida, pela Lei, refere-se ao Presidente, não atingindo os demais membros da comissão. Outrossim, ela pode se dar em relação ao nível hierárquico **ou** à escolaridade.

Prejudica o direito a um julgamento imparcial, a designação de servidor que atuou na sindicância anterior, sugerindo a abertura do PAD. Outrossim, não poderá participar de comissão de sindicância ou de inquérito, cônjuge, companheiro ou parente do acusado, consanguíneo ou afim, em linha reta ou colateral, até o terceiro grau. Trata-se de hipótese de impedimento.

O **inquérito administrativo** compreende a instrução, a defesa e o relatório. Ele obedecerá ao princípio do contraditório, sendo assegurada ampla defesa ao acusado.

A Lei federal nº 8.112/90, embora assegure o direito do servidor de produzir provas e contraprovas e formular quesitos, prevê a possibilidade de que o presidente da comissão denegue pedidos considerados impertinentes, meramente protelatórios, ou de nenhum interesse para o esclarecimento dos fatos. Da mesma forma, a Lei federal nº 9.784/99 (processo administrativo) dispõe sobre a possibilidade de indeferimento motivado de produção de provas tidas por ilícitas, impertinentes, desnecessárias ou protelatórias. Nesse prumo, o STF tem entendido que "o indeferimento fundamentado, em processo administrativo disciplinar, do pedido de produção de provas consideradas impertinentes, não acarreta vio-

lação dos princípios do contraditório e da ampla defesa (STF. RMS 34595 AgR/DF, Julgamento: 30/06/2017).

O indeferimento de diligência probatória no âmbito do processo administrativo disciplinar, motivado pelo satisfatório conjunto probatório para a elucidação dos fatos ou nas hipóteses em que, a despeito de sucessivas diligências, a testemunha não tenha sido encontrada ou, ainda que intimada, tenha deixado de comparecer à audiência, não constitui cerceamento de defesa (STF. RMS 33421 AgR, 31-08-2016).

▸ **Importante!**

É permitida a prova emprestada no processo administrativo disciplinar, desde que devidamente autorizada pelo juízo competente e respeitados o contraditório e a ampla defesa. (Súmula STJ 591).

Após a apuração de provas realizada na instrução, caso tipificada a infração disciplinar, será formulada a indiciação do servidor, com a especificação dos fatos a ele imputados e das respectivas provas. O servidor indiciado terá prazo de 10 (dez) dias para apresentar sua defesa escrita.

▸ **Importante!**

A citação do representante legal do servidor, para apresentar defesa, não é fator nulificante do PAD (Parecer AGU Nº GQ-138).

Após a defesa, a comissão elaborará relatório minucioso, conclusivo quanto à inocência ou à responsabilidade do servidor, remetendo-o à autoridade competente, para o julgamento. O julgamento acatará o relatório da comissão, salvo quando contrário às provas dos autos.

Não é obrigatória a intimação do interessado para apresentar alegações finais, após o relatório final de processo administrativo disciplinar. (STJ. MS 18.090-DF, Info 523)

Esgotado o prazo da comissão, incluída a prorrogação, sem conclusão da apuração, deve ser reinstaurado o processo, com nova comissão. Esta nova designação não interrompe a "prescrição", nem a extrapolação do prazo invalida o procedimento.

▸ **Importante!**

O excesso de prazo para a conclusão do processo administrativo disciplinar só causa nulidade se houver demonstração de prejuízo à defesa. (Súmula STJ 592).

No **julgamento**, quando o relatório da comissão contrariar as provas dos autos, a autoridade competente poderá, motivadamente, agravar a penalidade proposta, abrandá-la ou isentar o servidor de responsabilidade. Assim, importante reiterar que a decisão da autoridade competente pelo julgamento pode ser diversa da sugerida pela comissão processante, desde que a decisão seja motivada e fundamentada.

O julgamento e a aplicação da sanção são um único ato, que se materializa com a edição de despacho, portaria ou decreto, proferidos pela autoridade competente, devidamente publicado para os efeitos legais.

A autoridade competente para proferir o julgamento pode adotar os argumentos do parecer do órgão de assessoramento jurídico para fins de motivação na aplicação da pena.

A Primeira Seção do STJ já manifestou entendimento de que "Não há ilegalidade na imediata execução de penalidade administrativa imposta em PAD a servidor público, ainda que a decisão não tenha transitado em julgado administrativamente". Segundo o Tribunal, o respectivo ato administrativo goza de autoexecutoriedade; ademais, os efeitos da penalidade independem do julgamento de recurso, em efeito suspensivo (STJ, MS 19.488-DF, DJe 31/3/2015 - Informativo 559).

Segundo a Quinta Turma do STJ, é incabível a incidência generalizada ao processo administrativo disciplinar, por analogia, da regra do crime continuado, prevista no art. 71 do Código Penal; isso porque a aplicação da legislação penal ao processo administrativo restringir-se-ia aos ilícitos que, cometidos por servidores, possuam também tipificação criminal (RMS 19.853-MS, DJe 8/2/2010). Nesta feita, há fatos ilícitos administrativos que, se cometidos de forma continuada pelo servidor público, não se sujeitam à sanção com aumento do quantum sancionatório previsto no art. 71, *caput*, do CP (STJ. REsp 1.471.760-GO, DJe 17/4/2017).

Em relação à competência para aplicação das sanções disciplinares, importante observar a seguinte distribuição:

Demissão, cassação de aposentadoria ou disponibilidade	Respectivamente, pelo Presidente da República, pelos Presidentes das Casas do Poder Legislativo e dos Tribunais Federais e pelo Procurador-Geral da República;

Suspensão superior a 30 (trinta) dias	Autoridades administrativas de hierarquia imediatamente inferior, às previstas para aplicação das sanções acima;
Advertência ou suspensão de até 30 dias	Chefe da repartição e outras autoridades, na forma dos respectivos regimentos ou regulamentos;
Destituição de cargo em comissão	Autoridade que nomeou o servidor para o cargo em comissão.

▸ **Importante**

Através do Decreto federal 3.035/99, o Presidente da República delegou competência para que os Ministros de Estado apliquem as sanções de demissão, cassação de aposentadoria ou disponibilidade.

No processo disciplinar, o acusado se defende contra a imputação de fatos ilícitos, podendo a autoridade administrativa adotar capitulação legal diversa da que lhes deu a Comissão de Inquérito, sem que isso implique cerceamento de defesa.

Outrossim, a declaração de nulidade do PAD pode ser parcial, hipótese em que a autoridade competente anulará o processo a partir de certo momento, determinando-se o refazimento dos atos anulados e o aproveitamento dos atos anteriores que não foram atingidos pelo vício insanável.

▸ **Atenção!**

Segundo o STF, a tomada de contas especial realizada pelo TCU não constitui procedimento administrativo disciplinar, tendo por objeto a defesa da coisa pública. Outrossim, o desconto em folha decorrente de norma legal, como o previsto no art. 28, I, da Lei 8.443/1992, não depende de aquiescência do servidor (**STF - MS 25643, 02/08/2011**).

Quando houver conveniência para o serviço e a critério da autoridade julgadora, a penalidade de suspensão poderá ser convertida em multa, na base de 50% (cinquenta por cento) por dia de remuneração, ficando o servidor obrigado a permanecer em serviço.

▸ **Importante!**

A acumulação ilegal de cargos, em nível federal, submete-se a procedimento sumário de apuração, conforme regramento da Lei nº 8.112/90.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Analista Judiciário do TRT – 7ª Região (CE) (CESPE/2017), com o enunciado: "Ao cabo de procedimento administrativo disciplinar, a autoridade responsável por decidir aplicou a pena de demissão e remeteu a motivação da decisão ao parecer do departamento jurídico do órgão. Nessa situação hipotética, a decisão é."

Foi considerada correta a seguinte assertiva:

"b) válida, visto que, tendo a motivação sido declarada no parecer, não há necessidade de repeti-la na decisão."

9.4. "Prescrição" da ação disciplinar

A ação disciplinar "prescreverá" em:

5 anos	para as infrações puníveis com demissão, cassação de aposentadoria ou disponibilidade e destituição de cargo em comissão
2 anos	quanto à suspensão
180 dias	quanto à advertência

O **prazo de prescrição** começa a correr da data em que o fato se tornou conhecido. A abertura de sindicância ou a instauração de processo disciplinar, mediante a publicação da respectiva portaria, interrompe a prescrição, até a decisão final proferida por autoridade competente ou o término do prazo legal para a conclusão do PAD.

▸ **Importante!**

Apenas a sindicância instaurada com caráter punitivo tem o condão de interromper o prazo prescricional, e não aquelas meramente investigatórias ou preparatórias de um processo disciplinar.

O prazo legal (Lei nº 8.112/90) para a conclusão do PAD é de 140 dias (60 dias + 60 dias + 20 dias), somados o prazo para instauração (art. 152), possível prorrogação (art. 152) e o prazo para que a autoridade julgadora possa proferir sua decisão (art. 167).

Vale salientar que a extrapolação do prazo não invalida o procedimento disciplinar (STJ, MS 7.962/2002 e STF MS 22127/2005). Após o término do prazo, mesmo que não tenha sido proferida a decisão, cessa a interrupção e volta o prazo prescricional a correr. Conforme destacou o STF, a interrupção prevista no § 3º do artigo 142 da Lei nº 8.112/90 cessa uma vez ultrapassado o período de 140 dias alusivo à conclusão

do processo disciplinar e à imposição de pena, voltando a ter curso, na integralidade, o prazo prescricional (STF, RMS 23436, 24/08/99).

▸ **Importante!**

Em apertada síntese: o termo inicial da prescrição para apuração disciplinar é contado da data do conhecimento do fato pela autoridade competente para instaurar o PAD (art. 142, § 1º). A prescrição é interrompida com a instauração do referido procedimento (art. 142, § 3º), não sendo definitiva, visto que após o prazo de 140 dias, o prazo prescricional recomeça a correr por inteiro.

Por outro lado, o STF tem entendido que o artigo 170 da Lei 8.112/1990[1], o qual estipula que, mesmo ocorrendo prescrição, o fato deve ser registrado nos assentamentos individuais do servidor, é inconstitucional.

Com razão, o Supremo entendeu que, em virtude do reconhecimento da extinção da punibilidade pela prescrição, obstar-se-ia a imposição de punição administrativo-disciplinar, mesmo pelo registro nos assentamentos funcionais, tendo em conta que a pretensão punitiva da Administração estaria comprometida de modo direto e imediato. Em suma, extinta a punibilidade, pela prescrição, a anotação da ocorrência em ficha funcional viola o princípio da presunção de inocência. (MS 23262/DF, 23.4.2014)

10. SÚMULAS DO STF

- **Súmula Vinculante 3.** Nos processos perante o Tribunal de Contas da União asseguram-se o contraditório e a ampla defesa quando da decisão puder resultar anulação ou revogação de ato administrativo que beneficie o interessado, excetuada a apreciação da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadoria, reforma e pensão.
- **Súmula Vinculante 5.** A falta de defesa técnica por advogado no processo administrativo disciplinar não ofende a Constituição.
- **Súmula Vinculante 21.** É inconstitucional a exigência de depósito ou arrolamento prévios de dinheiro ou bens para admissibilidade de recurso administrativo.

---

1. Art. 170. "Extinta a punibilidade pela prescrição, a autoridade julgadora determinará o registro do fato nos assentamentos individuais do servidor".

- **Súmula 19.** É inadmissível segunda punição de servidor público, baseada no mesmo processo em que se fundou a primeira.
- **Súmula 20.** É necessário processo administrativo com ampla defesa, para demissão de funcionário admitido por concurso.
- **Súmula 21.** Funcionário em estágio probatório não pode ser exonerado nem demitido sem inquérito ou sem as formalidades legais de apuração de sua capacidade.

11. SÚMULAS DO STJ

- **Súmula 592.** O excesso de prazo para a conclusão do processo administrativo disciplinar só causa nulidade se houver demonstração de prejuízo à defesa.
- **Súmula 591.** É permitida a prova emprestada no processo administrativo disciplinar, desde que devidamente autorizada pelo juízo competente e respeitados o contraditório e a ampla defesa.
- **Súmula 312.** No processo administrativo para imposição de multa de trânsito, são necessárias as notificações da autuação e da aplicação da pena decorrente da infração.
- **Súmula 343.** É obrigatória a presença de advogado em todas as fases do processo administrativo disciplinar.
- **Súmula 373.** É ilegítima a exigência de depósito prévio para admissibilidade de recurso administrativo.

Capítulo 15

Improbidade administrativa

Ronny Charles

1. INTRODUÇÃO

A doutrina registra a identidade existente entre o princípio da **probidade administrativa** e da **moralidade administrativa**. Para alguns, são expressões que se equivalem, sendo a probidade um subprincípio da moralidade; para outros a probidade administrativa é mais ampla que a moralidade administrativa, pois a violação à moralidade administrativa é apenas uma das hipóteses da prática de atos de improbidade estabelecidas pela legislação.

No capítulo que trata sobre a Administração Pública, a Constituição Federal estabelece que os atos de improbidade administrativa importarão a suspensão dos direitos políticos, a perda da função pública, a indisponibilidade dos bens e o ressarcimento ao erário, na forma e gradação previstas em lei, sem prejuízo da ação penal cabível (§4º, art. 37). Tal dispositivo foi regulamentado pela **Lei federal nº 8.429/92**, que define os elementos do ato de improbidade, suas modalidades, sanções cabíveis e regulamenta o respectivo processo administrativo e judicial.

Entendemos que a improbidade administrativa está relacionada ao exercício da função administrativa, em sentido amplo. Não parece ter sido à toa que sua principal referência constitucional foi inserida, justamente, no artigo 37, em capítulo que trata sobre a Administração Pública.

Essa percepção, de que o regime jurídico regrador da improbidade está relacionado ao próprio regramento da Administração Pública e sua atividade administrativa, ajuda o aplicador do direito a definir o campo de atuação desse sistema especial de responsabilização e o porquê de sua vinculação ao direito administrativo e da exclusão

de determinados atos, mesmo que praticados por agentes públicos, da seara de responsabilização estabelecida pela Lei federal nº 8.429/92[1].

2. COMPETÊNCIA LEGISLATIVA

Não há referência expressa na Constituição, acerca da **competência legislativa** sobre improbidade administrativa. Diante da natureza jurídica da maioria de suas disposições (processuais, cíveis e políticas), podemos concluir que, em quase sua totalidade, a Lei federal nº 8.429/92 possui natureza de **lei nacional**, valendo para União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

José dos Santos Carvalho Filho lembra que, em relação às disposições de **natureza administrativa**, a Lei nº 8.429/92 é, apenas, **federal**, permitindo aos demais entes regulamentação própria. Assim ocorreria, por exemplo, quando a Lei trata sobre a declaração de bens e valores (antes da posse de servidores) ou quando faz referência ao processo administrativo para apuração de representação sobre ato de improbidade, indicando o processamento pela Lei nº 8.112/90 (de âmbito federal).

A probidade administrativa envolve interesse transindividual, de natureza indivisível, titularizada por toda a sociedade e caracterizada como interesse difuso.

3. ELEMENTOS

Conforme a doutrina de Maria Sylvia Zanella Di Pietro, para que o ato de improbidade administrativa acarrete a aplicação das medidas sancionatórias previstas no § 4º do artigo 37 da Constituição Federal, é exigida a presença de determinados **elementos** identificados na regulamentação legal, quais sejam:

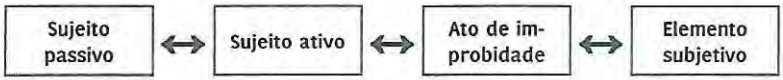

1. Para um estudo mais aprofundado, sobre o tema, sugerimos a leitura do nosso livro Improbidade administrativa, publicado em autoria com André J. de Holanda Jr e indicado nas referências desta obra.

3.1. Sujeito passivo

O **sujeito passivo** será aquele atingido pelo ato de improbidade. O artigo 1º da Lei nº 8.429/92 aponta as **entidades** que, atingidas por ato de improbidade, legitimam a incidência das punições previstas na Lei. Segundo o dispositivo seriam elas:

- a administração direta, indireta ou fundacional de quaisquer dos entes (União, Estados, Distrito Federal e Municípios), de Território;
- empresa incorporada ao patrimônio público;
- entidade para cuja criação ou custeio o erário haja concorrido ou concorra com mais de cinquenta por cento do patrimônio ou da receita anual.

O parágrafo único amplia o rol de sujeitos passivos (**sujeitos passivos secundários**), os quais seriam:

- entidade que receba subvenção, benefício ou incentivo, fiscal ou creditício, de órgão público,
- entidades para cuja criação ou custeio o erário haja concorrido ou concorra com até cinquenta por cento do patrimônio ou da receita anual (nessa hipótese, **limitando-se a sanção patrimonial à repercussão do ilícito sobre a contribuição dos cofres públicos**).

▸ **Atenção!**

A pessoa física, ainda que receba benefício ou incentivo, fiscal ou creditício, do Estado, não será sujeito **passivo** de ato de improbidade administrativa, uma vez que a Lei se refere, exclusivamente, a entidades.

O ato que apenas atinge bem privado e individual, não se submete ao regime jurídico da improbidade; contudo, o mesmo não ocorre com o ato que atinge bem/interesse privado e público ao mesmo tempo. Assim, por exemplo, a tortura de preso, praticada por agente público que tinha o dever de resguardá-lo, pode constituir ato de improbidade administrativa, pois além da lesão ao particular preso (aspecto privado), atenta contra a própria Administração Pública (aspecto público), ferindo suas bases de legitimidade e respeitabilidade (STJ. REsp 1.177.910-SE. DJe 17/2/2016).

Discussão importante relaciona-se à responsabilidade dos **agentes políticos** pela prática de atos de improbidade. Embora a maioria da doutrina defenda a possibilidade de aplicação da Lei de Improbidade em detrimento de agentes políticos, o STF, em sede de Reclamação Constitucional, prolatou decisão, na qual asseverou que o sistema constitucional brasileiro distingue o regime de responsabilidade dos agentes políticos dos demais agentes públicos, de forma que aqueles (no caso do julgamento, Ministros de Estado), por estarem regidos por normas especiais de responsabilidade (CF, art. 102, I, "c"; Lei nº 1.079/1950), não se submetem ao modelo de competência previsto no regime da Lei de Improbidade Administrativa (STF, Rcl 2138/DF, Julg. 13/06/2007).

Cabe observar, conforme conclusão de José dos Santos Carvalho Filho, que o citado precedente exclui da incidência da Lei nº 8.429/92, apenas, os agentes políticos para os quais a CF/88 atribuiu expressamente a prática de crimes de responsabilidade, sendo-lhes aplicável a Lei nº 1.079/50 (Ex: art. 52, I e II, e art. 102, I, ambos da CF).

Atenção!

De acordo com precedentes do STJ, os Prefeitos não se enquadrariam nessa distinção proposta pelo STF, já que não foram englobados pela legislação que estabeleceu normas especiais de responsabilidade. Assim, um Prefeito pode ser caracterizado como sujeito ativo para fins de processamento da ação de improbidade (STJ, Resp 895.530-PR, 18/11/2008)

Noutro diapasão, o STJ já prolatou julgado no qual externou o entendimento de que é possível o ajuizamento de ação de improbidade administrativa em face de Governador de Estado, pelo raciocínio de que há perfeita compatibilidade entre o regime especial de responsabilização política e o regime de improbidade administrativa previsto na Lei 8.429/1992. (STJ. EDcl no AgRg no REsp 1.216.168-RS, Rel. Min. Humberto Martins, j. 24.9.2013. 2ª T. - Info 527)

Cabe registrar que a jurisprudência recente do STJ, alinhando-se à jurisprudência do STF, tem firmado posição de que **não há foro privilegiado** nas ações civis de improbidade administrativa (STJ, REsp 1489024/SP, DJe 11/12/2014). Assim, a ação deve ser processada e julgada nas instâncias ordinárias, ainda que proposta contra agente político que tenha foro privilegiado no âmbito penal e nos crimes de responsabilidade (STJ. AgRg na Rcl 12514/MT, Relator(a) Ministro ARI PARGENDLER, CORTE ESPECIAL, DJe 26/09/2013).

Atenção!

Em nossa opinião, o tema vem carecendo de melhor sistematização, pelos nossos tribunais pátrios. Faz-se necessário que a doutrina e a jurisprudência avancem para uma racionalização do tema, evitando casuísmos. Entendemos que a responsabilização por ato de improbidade administrativa é ínsita ao regime jurídico administrativo, sendo aplicável quando o ato ilícito está relacionado ao específico exercício de função administrativa, independentemente da classificação do agente público, como agente político[2].

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Estado de Alagoas (CESPE/2009) foi considerada errada a seguinte alternativa: d) *Segundo orientação do STF, os agentes políticos respondem por improbidade administrativa com base na Lei nº 8.429/1992 independentemente da sujeição dos mesmos aos crimes de responsabilidade tipificados nas respectivas leis especiais.*

3.3. Atos de improbidade

Conforme explica Di Pietro, o **ato de improbidade** pode corresponder a um ato administrativo, a uma omissão ou a uma conduta, e é praticado no exercício de uma função pública (em sentido amplo). Segundo a autora, mesmo quando praticado por terceiro, que não se enquadre no conceito de agente público, deve haver reflexo sobre uma função pública exercida. Assiste razão à célebre autora, pois, de outra forma, qualquer dano praticado contra Poder Público (ex: choque entre veículos, envolvendo carro oficial) daria ensejo às excepcionais sanções estabelecidas pela Lei.

O ato de improbidade, por si só, não se iguala a um crime, caracterizando-se como um ilícito de natureza civil e política.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Ministério Público junto ao TCDF (Cespe/2013), foi considerada correta a seguinte alternativa:

O ato de improbidade, que, em si, não constitui crime, caracteriza-se como um ilícito de natureza civil e política.

---

2. Para aprofundamento, vide: HOLANDA JR, André J. de. TORRES, Ronny Charles Lopes de. **Improbidade administrativa**. Salvador: Editora Jus Podivm, 2015.

Em relação aos atos de improbidade, a Lei nº 8.429/92, inicialmente, optou por dividi-los em três categorias ou modalidades. Os atos que: **importam enriquecimento ilícito** (art. 9º); **causam prejuízo ao erário** (art. 10); **atentam contra os princípios da Administração Pública** (art. 11).

Posteriormente, contudo, foi acrescida mais uma categoria, relativa a atos **decorrentes de concessão ou aplicação indevida de benefício financeiro ou tributário** (art. 10-A), em razão de alteração feita pela LC 157/2016.

Portanto, hoje, a Lei nº 8.429/92 nomina quatro espécies de atos de improbidade administrativa.

Atos de improbidade
Atos que importam enriquecimento ilícito (**art. 9º**)
Atos que causam prejuízo ao erário (**art. 10**)
Atos decorrentes de concessão ou aplicação indevida de benefício financeiro ou tributário (**art. 10-A**)
Atos que atentam contra os princípios da Administração Pública (**art. 11**).

Conforme o **artigo 9º**, constitui-se como ato de improbidade administrativa, importando enriquecimento ilícito, auferir qualquer tipo de vantagem patrimonial indevida em razão do exercício de cargo, mandato, função, emprego ou atividade nos sujeitos passivos (anteriormente descritos). O dispositivo ainda traz um elenco exemplificativo de atos de improbidade classificados nessa modalidade.

O **artigo 10º** trata dos atos de improbidade administrativa que causam lesão ao erário. Eles equivaleriam a qualquer ação ou omissão, **dolosa ou culposa**, que enseje perda patrimonial, desvio, apropriação, malbaratamento ou dilapidação dos bens ou haveres dos sujeitos passivos da improbidade administrativa. O dispositivo também indica um elenco exemplificativo de atos de improbidade classificados nessa modalidade.

O artigo 10-A, acrescido pela LC 157/2016, trata dos atos decorrentes de concessão ou aplicação indevida de benefício financeiro ou tributário, qualificando, como ato de improbidade, qualquer ação ou omissão para conceder, aplicar ou manter benefício financeiro ou tributário contrário ao que dispõem o *caput* e o § 1º do art. 8º-A da Lei Complementar nº 116/2003.

Segundo os referidos dispositivos, a alíquota mínima do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN) é de 2% (dois por cento), não sendo possível concessão de isenções, incentivos ou benefícios tributários ou financeiros, inclusive de redução de base de cálculo ou de crédito presumido ou outorgado, ou sob qualquer outra forma que resulte, direta ou indiretamente, em carga tributária menor que a decorrente da aplicação desta alíquota mínima, exceto para determinados serviços indicados nos subitens 7.02, 7.05 e 16.01 da lista anexa da LC 116/2003 (como empreitada ou subempreitada de obras de construção civil, hidráulica ou elétrica, inclusive sondagem, perfuração de poços, escavação, drenagem e irrigação, entre outros). Por expressa previsão da LC 157/2016, o novo artigo 10-A somente produzirá efeitos após o decurso de um ano após sua publicação.

Por fim, o **artigo 11** estabelece como ato de improbidade administrativa, que atenta contra os princípios da administração pública, qualquer ação ou omissão que viole os deveres de honestidade, imparcialidade, legalidade e lealdade às instituições. Ao final, o dispositivo também aponta seu respectivo elenco exemplificativo.

▸ **Atenção!**

A tortura de preso custodiado em delegacia praticada por policial constitui ato de improbidade administrativa que atenta contra os princípios da administração pública.

Fácil identificar que as categorias ou modalidades de atos de improbidade estabelecidas pela Lei (notadamente em seu artigo 11), englobam um sem número de possíveis atos jurídicos. Essa amplitude exige certa cautela ao aplicador do direito, para evitar-se ter como ímprobas condutas meramente irregulares ou de pouca significância. Outrossim, deve lembrar-se que, para a incidência das sanções estabelecidas pela Lei, importa a identificação, ainda, de outros elementos.

▸ **Atenção!**

Convém observar que a Lei nº 10.257/2001 (Estatuto das Cidades), em seu artigo 52, estabeleceu uma nova modalidade de ato de improbidade, ao disciplinar um elenco de ações e omissões que levam um Prefeito a incorrer em improbidade administrativa, para aplicação da Lei nº 8.429/99.

Da mesma forma, convém registrar que a **Lei 13.019/2014**, que trata sobre parcerias com o Terceiro Setor, e a **Lei 13.146/2015**, previram novas hipóteses de atos de improbidade, dentre eles, no rol do artigo 11, o ilícito de "deixar de cumprir a exigência de requisitos de acessibilidade previstos na legislação". Necessária a leitura do rol de atos previstos nos artigos 9, 10 e 11, dando especial atenção para estes, recentemente incluídos, pois o texto literal (dos dispositivos) pode ser cobrado pelas bancas.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Analista de Controle – Área Jurídica – TCE/PR (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Acerca de improbidade administrativa, assinale a opção correta de acordo com o entendimento do Superior Tribunal de Justiça (STJ)." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "B) A tortura praticada por policial contra preso custodiado em delegacia pode configurar ato de improbidade administrativa que atenta contra os princípios da administração pública."

No concurso para Juiz do Trabalho do TRT da 18ª Região (FCC/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"as condutas descritas nos artigos 9º, 10 e 11 constituem um rol taxativo, sendo que condutas que ali não estejam descritas são consideradas atípicas para fins de aplicação das sanções previstas na referida lei."*

3.4. Elemento subjetivo

Embora dentre as descrições legais para as modalidades de atos de improbidade, o **dolo** e a **culpa** tenham sido citados, apenas, no artigo 10, **tem-se entendido que a caracterização de um ato de improbidade exige a identificação desses elementos subjetivos** (dolo ou culpa).

A Jurisprudência tem externado entendimento que admite a forma culposa, **apenas**, em relação ao ato de improbidade que causa dano ao erário (art. 10), exigindo, nos demais casos, a identificação do dolo do agente.

Determinados atos irregulares, mesmo que teoricamente identificáveis nas descrições dadas pelos artigos 9°, 10 e 11 da Lei n° 8.429/92, não devem ser caracterizados como atos de improbidade, caso não sejam relevantes ou não envolvam elementos subjetivos que apontem a desonestidade do agente ou do terceiro participante ou beneficiado.

A exegese do art. 11 da referida lei, inclusive, deve ser tomada com temperamentos, pois uma interpretação ampliativa poderia ter por ímprobas condutas que são meramente irregulares. Segundo o Superior Tribunal de Justiça, a má-fé torna-se premissa do ato ilegal e ímprobo: a ilegalidade só adquire o status de improbidade quando a conduta antijurídica ferir os princípios constitucionais da Administração Pública e se somar à má intenção do administrador (STJ, REsp 909.446-RN, Julg. 6/4/2010).

O STJ firmou o entendimento de que a improbidade é ilegalidade tipificada e qualificada pelo elemento subjetivo da conduta do agente, sendo indispensável que a conduta do agente seja dolosa, para a tipificação das condutas descritas nos artigos 9º e 11 da Lei nº 8.429/92, ou pelo menos eivada de culpa grave, nas do artigo 10 (STJ, AIA 30/AM, CORTE ESPECIAL, DJe 28/09/2011).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Procurador do Estado de Alagoas (CESPE/2009), foi considerada errada a seguinte alternativa: "*c) Em ação de improbidade administrativa, se verificado que o ato praticado pelo agente público ou beneficiário caracteriza-se como culposo, não pode o juiz da causa condená-los a ressarcir o dano ao erário.*"

OBSERVAÇÃO: Conforme registrado acima, o STJ tem externado entendimento que admite a forma culposa, em relação ao ato de improbidade que causa dano ao erário (art. 10).

4. DAS SANÇÕES

As sanções derivadas da prática de atos de improbidade possuem **natureza jurídica extrapenal** (civil ou político-administrativa). A própria Constituição Federal (§ 4º do artigo 37) estabelece que os atos de improbidade administrativa importarão, na forma e gradação previstas em lei:

- Ressarcimento ao erário;
- Indisponibilidade dos bens;
- Suspensão dos direitos políticos;
- Perda da função pública.

A Lei nº 8.429/92 ampliou o rol de medidas punitivas, acrescentando:

- Perda dos bens ou valores acrescidos ilicitamente.
- Multa civil.
- Proibição de contratar com o Poder Público ou receber benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente, ainda que por pessoa jurídica da qual seja sócio majoritário.

Atenção!

É possível, no âmbito de ação civil pública de improbidade administrativa, a condenação de membro do Ministério Público à pena de perda da função pública prevista no art. 12 da Lei 8.429/1992, mesmo possuindo este, a garantia de vitaliciedade.

Assim, a demissão ou perda do cargo por ato de improbidade administrativa não só pode ser determinada por sentença condenatória transitada em julgado, em ação específica, cujo ajuizamento deve ser provocado por procedimento administrativo e é da competência do Procurador-Geral, como também pode ocorrer em decorrência do trânsito em julgado da sentença condenatória proferida em ação civil pública prevista na Lei 8.429/1992 (STJ. REsp 1.191.613-MG, DJe 17/4/2015 - Informativo 560).

A doutrina tem admitido a ampliação legal das medidas sancionadoras previstas pela Constituição Federal.

O ressarcimento ao erário, pelo dano ocorrido, deve se dar sempre que houver lesão ao patrimônio público por ação ou omissão, dolosa ou culposa, do agente ou de terceiro. No caso de enriquecimento ilícito, o sujeito ativo (agente público ou terceiro beneficiário) perderá os bens ou valores acrescidos ao seu patrimônio. Nessas duas hipóteses, é possível requerer ao juiz competente, durante o processo, a indisponibilidade dos bens do indiciado que assegurem o integral ressarcimento do dano, ou sobre o acréscimo patrimonial resultante do enriquecimento ilícito.

Importante!

A **perda da função pública** e a **suspensão dos direitos políticos** só se efetivam com o trânsito em julgado da sentença condenatória.

Não obstante, quando a medida se fizer necessária à instrução processual, a autoridade judicial ou administrativa competente poderá determinar o afastamento do agente público do exercício do cargo, emprego ou função, sem prejuízo da remuneração.

Por fim, vale observar que o nosso ordenamento autoriza a suspensão dos direitos políticos, não a cassação desses direitos.

As sanções de ressarcimento e indisponibilidade de bens podem ser aplicadas em detrimento do sucessor daquele que causar lesão ao patrimônio público ou se enriquecer ilicitamente, até o limite do valor da herança.

A sanção de indisponibilidade de bens é possível antes do recebimento da petição inicial, sendo suficiente a demonstração, em tese, do dano ao Erário e/ou do enriquecimento ilícito do agente, caracterizador do fumus boni iuris; ademais, a aplicação desta sanção independe da comprovação de início de dilapidação patrimonial e pode recair sobre bens adquiridos anteriormente à conduta reputada ímproba (STJ, AgRg no Ag 1423420/BA. 25/10/2011).

Importante!

Segundo o STJ, ainda que proferida por juízo absolutamente incompetente, é válida a decisão que, em ação civil pública proposta para a apuração de ato de improbidade administrativa, tenha determinado - até que haja pronunciamento do juízo competente - a indisponibilidade dos bens do réu a fim de assegurar o ressarcimento de suposto dano ao patrimônio público.

Segundo aquele Tribunal, de fato, conforme o art. 113, § 2º, do CPC, o reconhecimento da incompetência absoluta de determinado juízo implica, em regra, nulidade dos atos decisórios por ele praticados. Todavia, referida regra não impede que o juiz, em face do poder de cautela previsto nos arts. 798 e 799 do CPC, determine, em caráter precário, medida de urgência para prevenir perecimento de direito ou lesão grave ou de difícil reparação. (STJ. REsp 1.038.199-ES, Rel. Min. Castro Meira, j. 7.5.2013. 2ª T - Info 524).

A aplicação das sanções da Lei de Improbidade independe:

I. da efetiva ocorrência de dano ao patrimônio público, salvo quanto ao ressarcimento;

II. da aprovação ou rejeição das contas pelo órgão de controle interno ou pelo Tribunal ou Conselho de Contas.

Por fim, cabe salientar que, independentemente das sanções penais, civis e administrativas previstas na legislação específica, está o responsável pelo ato de improbidade sujeito às sanções previstas pela Lei nº 8.429/92, que podem ser aplicadas isolada ou cumulativamente.

Assim, não configura bis in idem a coexistência de título executivo extrajudicial (acórdão do TCU) e sentença condenatória em ação civil pública de improbidade administrativa que determinam o ressarcimento ao erário e se referem ao mesmo fato. Da mesma forma, a condenação pela Justiça Eleitoral ao pagamento de multa por infringência às disposições contidas na Lei n. 9.504/1997 (Lei das Eleições), não impede a imposição de nenhuma das sanções previstas na Lei nº 8.429/1992, pelo ato de improbidade decorrente da mesma conduta.

▸ Importante!

A punição no âmbito administrativo (sanção disciplinar) com fundamento na prática de improbidade administrativa independe de provimento judicial que reconheça a conduta de improbidade administrativa (STF, RMS 24194/DF, 13/09/2011).

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Promotor de Justiça do Estado da Bahia (MPE-BA/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva *"Segundo a atual jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça, a decretação da indisponibilidade de bens em ação de improbidade administrativa depende da comprovação de que o réu esteja dilapidando o próprio patrimônio ou na iminência de fazê-lo".*

No concurso para o cargo de Auditor Substituto do TCE/RJ (FGV/2015), foi considerada correta a seguinte assertiva *"b) o ato de improbidade administrativa pode ser reconhecido em âmbito administrativo, com o intuito de aplicação de pena disciplinar de demissão ao servidor público ímprobo".*

No mesmo concurso, para o cargo de Auditor Substituto do TCE/RJ (FGV/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva *"a) promovida a ação civil pública por improbidade administrativa, o processo administrativo de apuração de responsabilidade previsto na Lei anticorrupção será suspenso, ante a existência de prejudicialidade externa;".*

No concurso para o cargo de Procurador do Tribunal de Contas do Estado de Roraima (FCC/2010), com a ementa: *"As sanções aplicáveis aos atos de improbidade administrativa:"* foi considerada correta a seguinte alternativa:

"e) podem impor a suspensão dos direitos políticos, perda da função pública, indisponibilidade dos bens e ressarcimento ao erário, na forma e gradação previstas em lei, sem prejuízo da ação penal cabível."

No concurso para o cargo de Promotor de Justiça do Estado de Sergipe (Cespe/2010) foi considerada correta a seguinte alternativa: *"a) A perda*

da função pública e a suspensão dos direitos políticos, para os que foram condenados por ato de improbidade, somente se podem efetivar após o trânsito em julgado da decisão."

No 23º concurso para provimento do cargo de Procurador da República, foi considerada errada a seguinte alternativa: c) *Os atos de improbidade administrativa importarão a perda da função pública, a indisponibilidade de bens, o ressarcimento ao erário, e a cassação dos direitos políticos, sem prejuízo da ação penal cabível;*

OBSERVAÇÃO: Nosso ordenamento autoriza a suspensão e não a cassação dos direitos políticos.

4.1. Da gradação das sanções

A Lei estabeleceu uma gradação nas suas sanções (notadamente nas de suspensão dos direitos políticos, multa civil e proibição de contratar), de acordo com as modalidades de atos de improbidade praticados. São cabíveis as seguintes sanções:

- **Atos que importam enriquecimento ilícito (art. 9º):** perda dos bens ou valores acrescidos ilicitamente ao patrimônio, ressarcimento integral do dano, quando houver, perda da função pública, suspensão dos direitos políticos de oito a dez anos, pagamento de multa civil de até três vezes o valor do acréscimo patrimonial e proibição de contratar com o Poder Público ou receber benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente, ainda que por intermédio de pessoa jurídica da qual seja sócio majoritário, pelo prazo de dez anos;
- **Atos que causam prejuízo ao erário (art. 10):** ressarcimento integral do dano, perda dos bens ou valores acrescidos ilicitamente ao patrimônio, se concorrer esta circunstância, perda da função pública, suspensão dos direitos políticos de cinco a oito anos, pagamento de multa civil de até duas vezes o valor do dano e proibição de contratar com o Poder Público ou receber benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente, ainda que por intermédio de pessoa jurídica da qual seja sócio majoritário, pelo prazo de cinco anos;
- **Atos que atentam contra os princípios Administrativos (art. 11):** ressarcimento integral do dano, se houver, perda da função pública, suspensão dos direitos políticos de três a cinco anos, pagamento de multa civil de até cem vezes o valor da remuneração percebida pelo agente e proibição de contra-

tar com o Poder Público ou receber benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente, ainda que por intermédio de pessoa jurídica da qual seja sócio majoritário, pelo prazo de três anos.

- **Atos decorrentes de concessão ou aplicação indevida de benefício financeiro ou tributário (art. 10-A):** perda da função pública, suspensão dos direitos políticos de cinco a oito anos e multa civil de até 3 (três) vezes o valor do benefício financeiro ou tributário concedido.

Na fixação das penas previstas nesta lei, o juiz levará em conta a extensão do dano causado, assim como o proveito patrimonial obtido pelo agente.

QUADRO-RESUMO:

	Art. 9º	Art. 10	Art. 11	Art. 10-A
Multa civil	Até 3 vezes (acréscimo patrimonial)	Até 2 vezes (valor do dano)	Até 100 vezes (Remuneração do agente)	Até 3 vezes o valor do benefício financeiro ou tributário
Ressarcimento ao erário	X	X	X	
Indisponibilidade dos bens	X	X	x	X
Perda dos bens ou valores acrescidos ilicitamente	X	X		
Proibição de contratar, receber benefícios, incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente....	10 anos	5 anos	3 anos	
Suspensão dos direitos políticos	8 a 10 anos	5 a 8 anos	3 a 5 anos	5 a 8 anos
Perda da função pública	X	X	X	X

▸ **Importante!**

Por uma interpretação literal, somente caberia a indisponibilidade de bens quando o ato de improbidade causasse lesão ao patrimônio público ou ensejasse enriquecimento ilícito (Artigos 9º e 10). Contudo, a doutrina e a jurisprudência têm conferido ao dispositivo legal uma interpretação lógico-sistemática, **admitindo a indisponibilidade, mesmo**

na hipótese de ato de improbidade contra princípios, uma vez que o art. 12, III, da Lei nº 8.429/92, admite expressamente a possibilidade de ocorrência de dano ao erário no ato de improbidade administrativa que atente contra os princípios da Administração Pública.

Noutro diapasão, ainda que se entenda não ser possível a ocorrência de dano ao erário, nos atos improbidade administrativa descritos pelo artigo 11, a indisponibilidade de bens se justificaria pela possibilidade de aplicação de multa civil.

5. DA DECLARAÇÃO DE BENS

A posse e o exercício de agente público ficam condicionados à apresentação de declaração dos bens e valores que compõem o seu patrimônio privado, a fim de ser arquivada no serviço de pessoal competente. Tal declaração de bens será anualmente atualizada e na data em que o agente público deixar o exercício do mandato, cargo, emprego ou função. Para esse fim, o declarante, a seu critério, poderá entregar cópia da regular declaração anual de bens apresentada à Delegacia da Receita Federal, com as necessárias atualizações.

O agente público que se recusar a prestar declaração dos bens, dentro do prazo determinado, ou a prestar falsa, poderá ser punido com a pena de demissão, a bem do serviço público, sem prejuízo de outras sanções cabíveis.

Segundo o STJ, a entrega da declaração de rendimentos tem natureza jurídica de obrigação tributária acessória, com finalidade eminentemente fiscal, não gerando presunção de conhecimento, pela Administração, de irregularidade perpetrada pelo servidor que a presta (EDcl no MS 19.533/DF, DJe 22/08/2016).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz do Trabalho do TRT da 18ª Região (FCC/2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"será punido com a pena de demissão, a bem do serviço público, sem prejuízo de outras sanções cabíveis, o agente público que se recusar a prestar declaração dos bens e valores que compõem seu patrimônio privado no prazo determinado para tanto".*

6. DOS PROCESSOS ADMINISTRATIVO E JUDICIAL

Qualquer pessoa poderá representar à autoridade administrativa competente ou ao Ministério Público para que seja instaurada

investigação destinada a apurar a prática de ato de improbidade. A representação deve ser escrita ou reduzida a termo e assinada, contendo a qualificação do representante, as informações sobre o fato, sua autoria e a indicação das provas.

Caso as formalidades não sejam atendidas, a representação pode ser, fundamentadamente, rejeitada. Atendidos seus requisitos, será determinada a imediata apuração administrativa dos fatos. Deve ser dado conhecimento de tal apuração ao Ministério Público e ao Tribunal de Contas.

Existindo fundados indícios de responsabilidade, a decretação do sequestro (indisponibilidade) dos bens do agente ou do terceiro envolvido pode ser requerida ao juízo competente.

Conforme precedentes do Superior Tribunal de Justiça (AgRg no Ag 1423420/BA, 25/10/2011), a aplicação da sanção indisponibilidade de bens em ação de improbidade administrativa:

a) é possível antes do recebimento da petição inicial;

b) é suficiente a demonstração, em tese, do dano ao Erário e/ou do enriquecimento ilícito do agente, caracterizador do *fumus boni iuris*;

c) independe da comprovação de início de dilapidação patrimonial;

d) pode recair sobre bens adquiridos anteriormente à conduta reputada ímproba.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Procurador do Município de Boa Vista/RR (CESPE/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"O procedimento administrativo cabe à administração pública, mas a Lei de Improbidade permite ao Ministério Público designar um representante do órgão para acompanhar esse procedimento."*

No concurso para Juiz do TRT da 1ª Região (Cespe/2010), em questão sobre improbidade administrativa, foi considerada correta a seguinte alternativa: *"b) Qualquer cidadão pode representar administrativamente para que seja instaurada investigação destinada a apurar prática de ato de improbidade, e a comissão processante responsável pela apuração deve dar conhecimento do procedimento administrativo ao MP e ao respectivo tribunal ou conselho de contas."*

No concurso para Procurador Federal (Cespe/2007), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"Havendo fundados indícios de responsa-*

bilidade de servidor público por ato de improbidade administrativa, à comissão processante também será possível representar à procuradoria do órgão para que requeira ao juízo competente a decretação do seqüestro dos bens do agente ou terceiro que tenha enriquecido ilicitamente ou causado dano ao patrimônio público."

A ação judicial, de **rito ordinário**, será proposta pelo Ministério Público ou pela pessoa jurídica interessada (através do respectivo órgão da Advocacia de Estado). Neste último caso, deve o Ministério Público atuar no processo, como fiscal da lei, sob pena de nulidade. O art. 17 da LIA estabelece que a ação civil pública por ato de improbidade administrativa seguirá o "rito ordinário". Tendo em vista o novo CPC, devem ser aplicadas as normas do seu procedimento comum.

Na verdade, o procedimento da ação de improbidade administrativa é híbrido, abrangendo regras específicas contidas na própria Lei, normas do procedimento comum do novo Código de Processo Civil, além de remissões pontuais à Lei nº 4.717/1965 e ao Código de Processo Penal. Para aprofundamento da matéria, sugerimos a leitura da segunda edição de nosso livro "Improbidade Administrativa", pela Editora JusPodivm.

▸ Atenção!

Em seu texto original, a Lei de Improbidade (Lei federal nº 8.429/92) vedava a transação, acordo ou conciliação na ação judicial de improbidade (§1º do art. 17). Contudo, recentemente, a Medida Provisória nº 703/2015 revogou tal dispositivo. Com a perda de validade da MP, o dispositivo de vedação volta ter vigência; porém, importante ressaltar que já havia entendimento doutrinário, mesmo antes da referida MP, segundo o qual a aludida vedação não impede que se firme Termo de Ajustamento de Conduta - TAC, nos termos do art. 5º, § 6º, da Lei nº 7.347/1985, para questões ligadas ao aspecto patrimonial do ato de improbidade administrativa.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do Tribunal de Justiça de Alagoas (Cespe/2008), foi considerada correta a seguinte assertiva: "A ação de improbidade administrativa poderia ter sido ajuizada pelo próprio município interessado".

No concurso para Procurador Federal (Cespe/2007), foi considerada errada a seguinte assertiva: "É permitida transação, acordo ou conciliação nas ações de improbidade administrativa, quando o dano causado ao erário for ressarcido".

A propositura da ação prevenirá a jurisdição do juízo para todas as ações posteriormente intentadas que possuam a mesma causa de pedir ou o mesmo objeto.

Estando a inicial devidamente instruída e formalizada, o juiz, após a autuação, ordenará a notificação do requerido, para oferecer manifestação por escrito, em 15 dias. Recebida a manifestação, o juiz decidirá, no prazo de trinta dias, pela rejeição ou pelo recebimento da ação. Uma vez convencido da inexistência do ato de improbidade, da improcedência da ação ou da inadequação da via eleita, rejeitará a ação. Caso contrário, receberá a petição inicial e ordenará que o réu seja citado, para apresentar contestação. Da decisão que receber a petição inicial, caberá **agravo de instrumento**.

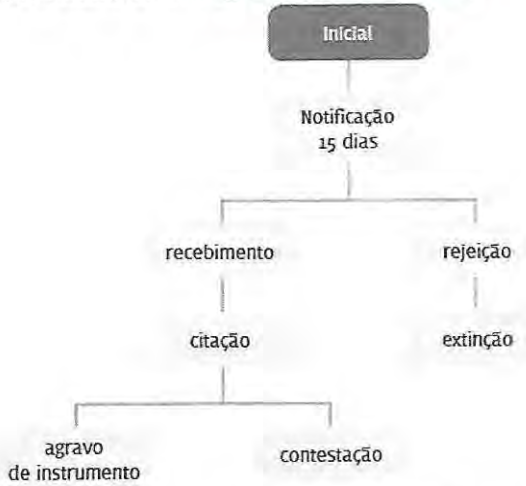

O magistrado deve limitar-se a um juízo preliminar sobre a inexistência do ato de improbidade, da improcedência da ação ou da inadequação da via eleita, apenas com o fim de evitar a ocorrência de lides temerárias (STJ, AgRg no REsp 1168551/MG, 25/10/2011).

A autoridade judicial ou administrativa competente poderá determinar o afastamento do agente público do exercício do cargo, emprego ou função, sem prejuízo da remuneração, quando a medida se fizer necessária à instrução processual. Via de regra, a competência originária para julgamento da ação de improbidade é do juiz de 1º grau.

Em qualquer fase do processo, reconhecida a inadequação da ação de improbidade, o juiz extinguirá o processo sem julgamento do mérito.

O ressarcimento do dano decorrente da procedência da ação será feito em favor da pessoa jurídica prejudicada pelo ilícito.

As ações de improbidade podem ser propostas em até:

- 5 (cinco) anos: após o término do exercício de mandato, de cargo em comissão ou de função de confiança;
- No prazo prescricional da sanção administrativa de demissão, nos casos de exercício de cargo efetivo ou emprego.

No caso de reeleição de prefeito, o termo inicial do prazo prescricional da ação de improbidade administrativa se aperfeiçoa somente após o término do segundo mandato.

Em nível federal, o prazo prescricional da sanção de demissão é de 05 anos, contudo, o respectivo estatuto jurídico das demais entidades federativas pode estabelecer prazo diverso para tal sanção.

O prazo de prescrição do ato de improbidade administrava praticado pelo terceiro beneficiário ou partícipe deve ser o mesmo aplicado, no caso concreto, ao agente público, tendo em vista que sua conduta está ligada diretamente a do agente público ímprobo.

▸ Importante!

Em relação à reparação do dano ao erário, é imprescritível a pretensão de ressarcimento, conforme § 5º do art. 37 da CF/88. Cabe registrar que o STF, recentemente, consagrou a tese de repercussão geral no sentido de que **"é prescritível a ação de reparação de danos à Fazenda Pública decorrente de ilícito civil"**. Essa tese foi elaborada no julgamento do Recurso Extraordinário (RE) 669069 (Sessão do dia 03/02/3016), em que se discutia o prazo de prescrição das ações de ressarcimento por danos causados ao erário, contudo, tal tese não alcançou expressamente prejuízos que decorram de ato de improbidade administrativa, tema não discutido nesse recurso.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do MP junto ao TCU (Cespe /2015), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "D) O prazo de prescrição para que a administração pública federal possa apurar a prática de infração por servidor público sujeita-se a causa interruptiva".

No concurso para Promotor de Justiça do Estado da Bahia (MPE-BA/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "A pretensão de *reparação do prejuízo causado ao erário pelo agente ímprobo ocupante*

de mandato eletivo prescreve em 5 (cinco) anos, contados da data da prática do ato de improbidade".

No mesmo concurso, para Promotor de Justiça do Estado da Bahia (MPE-BA/2015), foi considerada CORRETA a seguinte assertiva: "*O prazo prescricional da ação de improbidade será o mesmo prazo previsto na lei específica por faltas disciplinares puníveis com demissão a bem do serviço público, nos casos de exercício de cargo efetivo ou emprego".*

No concurso para Promotor de Justiça do Estado do Espírito Santo (Cespe/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*d) A autoridade judicial ou administrativa competente poderá determinar o afastamento do agente público do exercício do cargo, emprego ou função, sem prejuízo da remuneração, quando a medida se fizer necessária à instrução processual."*

No concurso para Procurador da República (2013), foi considerada correta a seguinte assertiva:

b) A prescrição das penalidades previstas na Lei 8.429/92 não obsta ao prosseguimento da ação de improbidade administrativa quanto ao pedido de ressarcimento dos danos causados ao Erário.

7. DA RESPONSABILIZAÇÃO OBJETIVA ADMINISTRATIVA E CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS PELA PRÁTICA DE ATOS CONTRA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (LEI Nº 12.846/2013)

7.1. Introdução

Em agosto de 2013, foi publicada a Lei nº 12.846/2013, a qual tem por objeto dispor sobre a **responsabilização objetiva administrativa e civil de pessoas jurídicas,** pela prática de atos ilícitos contra a administração pública, nacional ou estrangeira.

▸ **Importante!**

Considera-se administração pública estrangeira os órgãos e entidades estatais ou representações diplomáticas de país estrangeiro, de qualquer nível ou esfera de governo, bem como as pessoas jurídicas controladas, direta ou indiretamente, pelo poder público de país estrangeiro.

Equiparam-se à administração pública estrangeira as organizações públicas internacionais.

A referida Lei foi aprovada com o intuito de combater a proliferação de abusos praticados por empresas, em detrimento do poder Público, notadamente nas relações contratuais e de regulação.

Atenção!

Em dezembro de 2015, a Medida Provisória nº 703 provocou alterações na Lei federal nº 12.846/2013. Contudo, recentemente, a referida MP perdeu sua validade, o que, ao menos por enquanto, faz retornar o regime jurídico antigo da citada Lei federal. É importante que o candidato esteja atento para esta mudança de regime, fundamental no estudo da matéria.

Submetem-se à referida responsabilização, as sociedades empresárias e as sociedades simples, personificadas ou não, independentemente da forma de organização ou modelo societário adotado, bem como quaisquer fundações, associações de entidades ou pessoas, ou sociedades estrangeiras, que tenham sede, filial ou representação no território brasileiro, constituídas de fato ou de direito, ainda que temporariamente.

Segundo a Lei, as pessoas jurídicas serão responsabilizadas **objetivamente** pelos atos lesivos ali previstos, praticados em seu interesse ou benefício, exclusivo ou não. A aludida responsabilização pode ocorrer nos âmbitos **administrativo** e **civil**; ademais, ela não exclui a responsabilidade individual de seus dirigentes ou administradores ou de qualquer pessoa natural, autora, coautora ou partícipe do ato ilícito.

Subsiste a responsabilidade da pessoa jurídica na hipótese de alteração contratual, transformação, incorporação, fusão ou cisão societária.

Importante!

Nas hipóteses de fusão e incorporação, a responsabilidade da sucessora será restrita à obrigação de pagamento de multa e reparação integral do dano causado, até o limite do patrimônio transferido, não sendo aplicáveis as demais sanções previstas nesta Lei decorrentes de atos e fatos ocorridos antes da data da fusão ou incorporação, **exceto no caso de simulação ou evidente intuito de fraude, devidamente comprovados.**

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Auditor Substituto do TCE/RJ (FGV/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva *"dado o caráter sancionatório da lei anticorrupção, a responsabilidade da pessoa jurídica é de natureza subjetiva, isto é, para aplicação das sanções, é imprescindível a demonstração da culpa"*.

7.2. Dos atos lesivos à administração pública

Assim como na Lei de improbidade, a Lei nº 12.846/2013 define quais seriam os atos lesivos à administração pública, nacional ou estrangeira, para fins de aplicação das sanções nela previstas. Tais atos seriam:

- prometer, oferecer ou dar, direta ou indiretamente, vantagem indevida a agente público, ou a terceira pessoa a ele relacionada;
- comprovadamente, financiar, custear, patrocinar ou de qualquer modo subvencionar a prática dos atos ilícitos previstos na Lei;
- comprovadamente, utilizar-se de interposta pessoa física ou jurídica para ocultar ou dissimular seus reais interesses ou a identidade dos beneficiários dos atos praticados;
- em relação às licitações e aos contratos:
  - frustrar ou fraudar, mediante ajuste, combinação ou qualquer outro expediente, o caráter competitivo de procedimento licitatório público;
  - impedir, perturbar ou fraudar a realização de qualquer ato de procedimento licitatório público;
  - afastar ou procurar afastar licitante, por meio de fraude ou oferecimento de vantagem de qualquer tipo;
  - fraudar licitação pública ou contrato dela decorrente;
  - criar, de modo fraudulento ou irregular, pessoa jurídica para participar de licitação pública ou celebrar contrato administrativo;
  - obter vantagem ou benefício indevido, de modo fraudulento, de modificações ou prorrogações de contratos celebrados com a administração pública, sem autorização em lei, no ato convocatório da licitação pública ou nos respectivos instrumentos contratuais; ou
  - manipular ou fraudar o equilíbrio econômico-financeiro dos contratos celebrados com a administração pública;
  - dificultar atividade de investigação ou fiscalização de órgãos, entidades ou agentes públicos, ou intervir em sua atuação, inclusive no âmbito das agências reguladoras e dos órgãos de fiscalização do sistema financeiro nacional.

A autoridade competente que, tendo conhecimento dessas infrações, não adotar providências para a apuração dos fatos será responsabilizada penal, civil e administrativamente, nos termos da legislação específica aplicável.

7.3. Da responsabilização administrativa

Necessário perceber que, diferentemente da Lei de improbidade, a Lei nº 12.846/2013 tem como foco principal a responsabilização das pessoas jurídicas praticantes dos atos ilícitos por ela descritos.

Na **esfera administrativa**, as **pessoas jurídicas**, consideradas responsáveis pelos atos lesivos previstos na Lei, poderão sofrer as seguintes sanções:

- **multa.** No valor de 0,1% (um décimo por cento) a 20% (vinte por cento) do faturamento bruto do último exercício anterior ao da instauração do processo administrativo, excluídos os tributos, a qual nunca será inferior à vantagem auferida, quando for possível sua estimação. Quando não for possível utilizar o critério do valor do faturamento bruto da pessoa jurídica, a multa será estipulada entre R$ 6.000,00 (seis mil reais) a R$ 60.000.000,00 (sessenta milhões de reais).
- **publicação extraordinária da decisão condenatória.** Ela ocorrerá na forma de extrato de sentença, a expensas da pessoa jurídica, em meios de comunicação de grande circulação na área da prática da infração e de atuação da pessoa jurídica ou, na sua falta, em publicação de circulação nacional, bem como por meio de afixação de edital, pelo prazo mínimo de 30 (trinta) dias, no próprio estabelecimento ou no local de exercício da atividade, de modo visível ao público, e no sítio eletrônico na rede mundial de computadores.

As sanções podem ser aplicadas isolada ou cumuladamente, sempre de forma fundamentada **e precedida da manifestação jurídica elaborada pela Advocacia Pública ou pelo órgão de assistência jurídica** (ou equivalente) do ente público.

▸ Importante!

Trata-se de um parecer obrigatório, mas não vinculante, já que a lei não estabeleceu tal condição à manifestação de assessoramento.

A instauração e o julgamento de processo administrativo para apuração da responsabilidade de pessoa jurídica cabem à autoridade

máxima de cada órgão ou entidade dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Esta instauração pode ser "de ofício" ou mediante provocação, mas sempre respeitando o contraditório e a ampla defesa.

A Lei admite a delegação da competência para a instauração e o julgamento do processo administrativo de apuração de responsabilidade da pessoa jurídica, mas veda a subdelegação.

Importante!

No âmbito do Poder Executivo federal, a Controladoria-Geral da União - CGU terá competência concorrente para instaurar processos administrativos de responsabilização de pessoas jurídicas ou para avocar os processos instaurados com fundamento nesta Lei, para exame de sua regularidade ou para corrigir-lhes o andamento. Frise-se que, sendo tal competência estabelecida pela Lei, no âmbito do Poder Executivo, a avocação ocorrerá, independentemente da existência de relação de subordinação hierárquica.

Outrossim, a Controladoria-Geral da União - CGU detém a competência para a apuração, o processo e o julgamento dos atos ilícitos previstos nesta Lei, praticados contra a **administração pública estrangeira**.

O processo administrativo para apuração da responsabilidade de pessoa jurídica será conduzido por **comissão** designada pela autoridade instauradora, que deve ser composta por **2 (dois) ou mais servidores estáveis.**

A comissão poderá, cautelarmente, propor à autoridade instauradora que suspenda os efeitos do ato ou processo objeto da investigação, bem como requerer ao órgão de representação judicial que sejam tomadas as medidas judiciais necessárias para a investigação e o processamento das infrações, dentre elas, a busca e apreensão.

A pessoa jurídica investigada terá prazo de **30 (trinta) dias para defesa**, contados a partir da intimação, além da produção de provas necessárias.

A **comissão** deverá concluir o processo no **prazo de 180 (cento e oitenta)** dias (**prorrogáveis pela autoridade instauradora**), contados da data da publicação do ato que a instituir, apresentando, ao final, relatório no qual irá sugerir motivadamente as sanções aplicáveis, remetendo-o à autoridade instauradora.

De acordo com a Lei nº 12.846/2013, "a **personalidade jurídica poderá ser desconsiderada** sempre que utilizada com abuso do direito

para facilitar, encobrir ou dissimular a prática dos atos ilícitos nela previstos ou para provocar confusão patrimonial, sendo estendidos todos os efeitos das sanções aplicadas à pessoa jurídica aos seus administradores e sócios com poderes de administração, observados o contraditório e a ampla defesa".

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do Tribunal de Justiça de São Paulo (Vunesp/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "*Com base na LAC, podem ser aplicadas na esfera administrativa as sanções de multa, publicação extraordinária da decisão condenatória e declaração de inidoneidade da pessoa jurídica envolvida nos ilícitos*".

No mesmo concurso, para Juiz do Tribunal de Justiça de São Paulo (Vunesp/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: "*A competência para instauração e julgamento do processo administrativo de responsabilização por atos de corrupção pelos envolvidos caberá à autoridade máxima de cada órgão ou ente público do respectivo poder, vedada a delegação desta competência*".

7.4. Da responsabilização judicial

Além da possibilidade de responsabilização na esfera administrativa, a Lei nº 12.846/2013 previu a possibilidade de responsabilização na **esfera judicial**, em razão dos "atos lesivos à administração pública".

Assim, diante da prática dos referidos atos, além do processamento administrativo, firma a Lei que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, por meio das respectivas Advocacias Públicas ou órgãos de representação judicial (ou equivalentes) e o Ministério Público, poderão ajuizar ação, com pleito de sancionamento em detrimento das pessoas jurídicas infratoras.

A responsabilização da pessoa jurídica na esfera administrativa não afasta a possibilidade de sua responsabilização na esfera judicial.

▸ Importante!

A Lei nº 12.846/2013 restringiu a titularidade na ação judicial ao Ministério Público e aos entes federativos (União, estados, municípios e DF), através do respectivo órgão da Advocacia de Estado, não mencionando as autarquias e demais entes da Administração indireta.

A responsabilização na esfera judicial pode dar ensejo às seguintes **sanções**, que serão aplicadas cumulativamente ou não:

- perdimento dos bens, direitos ou valores que representem vantagem ou proveito direta ou indiretamente obtidos da infração, ressalvado o direito do lesado ou de terceiro de boa-fé;
- suspensão ou interdição parcial de suas atividades;
- dissolução compulsória da pessoa jurídica;
- proibição de receber incentivos, subsídios, subvenções, doações ou empréstimos de órgãos ou entidades públicas e de instituições financeiras públicas ou controladas pelo poder público, pelo prazo mínimo de 1 (um) e máximo de 5 (cinco) anos.

Havendo motivo justo, poderá ser requerida a **indisponibilidade de bens, direitos ou valores** necessários à garantia do pagamento da multa ou da reparação integral do dano causado, ressalvado o direito do terceiro de boa-fé.

A condenação judicial torna certa a obrigação de reparar, integralmente, o dano causado pelo ilícito, cujo valor será apurado em posterior liquidação, se não constar expressamente da sentença.

▸ **Importante!**

Nas ações ajuizadas pelo Ministério Público, além das sanções acima, poderão ser aplicadas também as sanções administrativas já citadas, quando constatada a omissão das autoridades competentes para promover aquela responsabilização.

A **dissolução compulsória** da pessoa jurídica apenas será determinada em caso comprovado que:

- a personalidade jurídica foi utilizada de forma habitual para facilitar ou promover a prática de atos ilícitos; ou
- a pessoa jurídica foi constituída para ocultar ou dissimular interesses ilícitos ou a identidade dos beneficiários dos atos praticados.

▸ **Importante!**

A partícula "ou" indica que as hipóteses acima são alternativas, bastando a constatação de uma delas para a incidência da sanção.

7.5. Do acordo de leniência

As pessoas jurídicas responsáveis pela prática dos atos previstos na Lei nº 12.846/2013, que colaborem efetivamente com as investigações, poderão celebrar o chamado acordo de leniência. A competência para celebrar o acordo de leniência, em geral, é da autoridade máxima de cada órgão ou entidade pública.

> **Importante!**
> No âmbito do Poder Executivo federal, a Controladoria-Geral da União - CGU detém a **competência** para celebrar os acordos de leniência, bem como no caso de atos lesivos praticados contra a administração pública estrangeira.

Para tanto, a colaboração deve resultar na:

- identificação dos demais envolvidos na infração, quando couber; e
- obtenção célere de informações e documentos que comprovem o ilícito sob apuração.

Além disso, a celebração do **acordo de leniência** exige o **preenchimento, cumulativo**, dos seguintes **requisitos:**

- a pessoa jurídica seja a primeira a se manifestar sobre seu interesse em cooperar para a apuração do ato ilícito;
- a pessoa jurídica deve cessar completamente seu envolvimento na infração investigada, a partir da data de propositura do acordo;
- a pessoa jurídica deve admitir sua participação no ilícito e cooperar plena e permanentemente com as investigações e o processo administrativo, comparecendo, sob suas expensas, sempre que solicitada, a todos os atos processuais, até seu encerramento.

A celebração do acordo de leniência isentará a pessoa jurídica das sanções "publicação extraordinária da decisão condenatória" e reduzirá em até 2/3 (dois terços) o valor da multa aplicável.

De acordo com a redação original da Lei 12.846/2013, o acordo de leniência também isenta a pessoa jurídica da sanção "proibição de receber incentivos, subsídios, subvenções, doações ou empréstimos de órgãos ou entidades públicas e de instituições financeiras públi-

cas ou controladas pelo poder público". Esta sanção pode ser aplicada, em processo judicial, pelo prazo mínimo de 1 (um) e máximo de 5 (cinco) anos. Em nossa opinião, é de duvidosa constitucionalidade a prerrogativa dada à autoridade administrativa para, através do acordo de leniência, suplantar a decisão judicial de aplicação de uma das sanções (judiciais) previstas pela Lei.

Importante!

O acordo de leniência não exime a pessoa jurídica da obrigação de reparar integralmente o dano causado.

O acordo de leniência estipulará as condições necessárias para assegurar a efetividade da colaboração e o resultado útil do processo, estendendo seus efeitos às pessoas jurídicas que integram o mesmo grupo econômico, de fato e de direito, desde que firmem o acordo em conjunto, respeitadas as condições nele estabelecidas.

A proposta de acordo de leniência somente se tornará pública após a efetivação do respectivo acordo, salvo no interesse das investigações e do processo administrativo. Outrossim, a proposta de acordo de leniência rejeitada não importará em reconhecimento da prática do ato ilícito investigado.

Importante!

Em caso de descumprimento do acordo de leniência, a pessoa jurídica ficará impedida de celebrar novo acordo pelo prazo de 3 (três) anos contados do conhecimento pela administração pública do referido descumprimento.

A Administração Pública poderá também celebrar acordo de leniência com a pessoa jurídica responsável por atos e fatos investigados previstos na Lei nº 8.666/93, com vistas à isenção ou à atenuação das respectivas sanções administrativas.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Procurador do Estado - MT (FCC/2016), com a seguinte ementa: "Descobriu-se, por meio de denúncia de um ex-funcionário, acompanhada de farta documentação (recibos, transferências bancárias, anotações manuscritas etc.) que a empresa X participou de esquema para fraudar licitações no âmbito da Administração Estadual. A referida empresa se propôs a celebrar acordo de leniência e colaborar nas investigações, permitindo a identificação de outras empresas envolvidas e fornecendo provas capazes de acelerar a apu-

ração do ilícito. Diante da situação mencionada, conclui-se:" Foi considerada correta a seguinte alternativa: "(A) Ao celebrar o acordo de leniência, a Administração Pública poderá isentar a empresa das penalidades previstas na Lei de Licitações e Contratos (Lei nº 8.666/93)."

7.6. Da prescrição

As infrações previstas na Lei nº 12.846/2013 **prescrevem em 5 (cinco) anos**, contados da data da ciência da infração ou, no caso de infração permanente ou continuada, do dia em que tiver cessado.

A instauração de processo, objetivando a apuração da infração, **interrompe a prescrição**, na esfera administrativa ou judicial.

▸ **Importante!**

A celebração do acordo de leniência também interrompe o prazo prescricional dos atos ilícitos previstos pela Lei nº 12.846/2013.

A aplicação das sanções previstas na Lei nº 12.846/2013 não afeta os processos de responsabilização e aplicação de penalidades decorrentes de:

- ato de improbidade administrativa nos termos da Lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992; e
- atos ilícitos alcançados pela Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, ou outras normas de licitações e contratos da administração pública, inclusive no tocante ao Regime Diferenciado de Contratações Públicas - RDC instituído pela Lei nº 12.462, de 4 de agosto de 2011.

analisar e aprovar previamente os editais e contratos dos órgãos do Poder Executivo Federal (art. 38, parágrafo único da Lei nº 8.666/93), a autorização do Senado Federal para a União, o Estado-Membro ou o Município contrair empréstimo externo, dentre outros.

2.1.2. *Controle concomitante ou sucessivo*

É exercido durante a realização do ato para verificar a sua regularidade. Exemplos: a realização de auditoria durante a execução do orçamento, a fiscalização de um contrato em andamento.

2.1.3. *Controle subsequente, corretivo "a posteriori"*

É desempenhado após a conclusão do ato, visando a convalidar ou declarar a nulidade do ato administrativo. Exemplos: a homologação de uma licitação, a aprovação de uma autoridade hierarquicamente superior, sustação dos efeitos de um decreto regulamentar que ultrapasse o poder regulamentar do Chefe do Poder Executivo.

Convém destacar que o controle judicial dos atos administrativos, apesar de poder ser exercido previamente (ex.: mandado de segurança preventivo) é, via de regra, posterior.

2.2. Conforme a amplitude

2.2.1. *Controle hierárquico*

É o que resulta automaticamente do escalonamento vertical dos órgãos da Administração Pública, em que os inferiores estão subordinados aos superiores. Esta subordinação não depende de previsão legal e é exercida de forma ampla, sem restrições, envolvendo o controle de legalidade, como também o de conveniência e oportunidade.

Do **controle hierárquico** decorrem as faculdades de dar ordens, fiscalizar e rever a atuação dos subordinados, delegar e avocar competências.

2.2.2. *Controle finalístico, tutela ou supervisão ministerial*

É o exercido pela Administração Direta sobre as entidades integrantes da Administração Indireta. Enquanto o controle hierárquico é exercido dentro de uma única pessoa, o controle finalístico é de-

sempenhado por uma pessoa sobre outra e, portanto, nos limites de amplitude e intensidade definidos por lei.

Trata-se de controle teleológico, onde será aferida a adequação da entidade controlada aos objetivos traçados pelo governo e que são almejados pelo Estado.

2.3. Conforme origem

2.3.1. *Controle interno*

É todo aquele realizado pela própria Administração, mais especificamente dentro de um mesmo Poder. O controle hierárquico é exemplo, mas não a única forma de exercício do controle interno dos atos administrativos.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça do Amapá (2007), com a seguinte ementa: "*Assinale a opção correta acerca do controle da administração pública*", foi considerada incorreta a seguinte alternativa: "*O controle que os chefes exercem sobre os seus subordinados, na estrutura de um órgão público, é uma modalidade de controle externo*".

A Constituição Federal, em seu art. 74, determina que os três Poderes de Estado deverão manter um sistema de **controle interno** de forma integrada com a finalidade de:

I. avaliar o cumprimento das metas previstas no plano plurianual, a execução dos programas de governo e dos orçamentos da União;

II. comprovar a legalidade e avaliar os resultados, quanto à eficácia e eficiência, da gestão orçamentária, financeira e patrimonial nos órgãos e entidades da administração federal, bem como da aplicação de recursos públicos por entidades de direito privado;

III. exercer o controle das operações de crédito, avais e garantias, bem como dos direitos e haveres da União;

IV. apoiar o controle externo no exercício de sua missão institucional.

Os responsáveis pelo controle interno, ao tomarem conhecimento de qualquer irregularidade, dela deverão dar ciência ao Tribunal de Contas, sob pena de **responsabilidade solidária**.

2.3.2. *Controle externo*

É o exercido por órgão integrante a Poder distinto do órgão responsável pela prática do ato controlado. Tradicionalmente, este controle abrange:

Controle externo		
Controle legislativo direto	**Controle legislativo indireto**	**Controle judicial**
é realizado pelo parlamento, através de seus representantes diretos (parlamentares). Por exemplo, quando há sustação, pelo Congresso Nacional, dos atos administrativos normativos que extrapolam o poder regulamentar.	é aquele exercido pelo Tribunal de Contas, que é órgão auxiliar do Poder Legislativo. Por exemplo, na apreciação das contas do Executivo, do Judiciário e do próprio Legislativo, pelas cortes de contas.	É aquele exercido pelos membros do Poder Judiciário. Por exemplo, quando um Juiz anula um ato administrativo, por identificar ilegalidade em sua prática.

2.3.2.1. *Controle externo popular*

É o controle dos atos administrativos desempenhado pelo **cidadão**. Conforme estabelece o § 2º, do art. 74, da Constituição Federal de 1988: Qualquer cidadão, partido político, associação ou sindicato é parte legítima para, na forma da lei, denunciar irregularidades ou ilegalidades perante o Tribunal de Contas da União.

2.3.2.1.1. Ação popular

O art. 5º, inciso LXXIII, da Constituição Federal, estabelece que qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise a anular ato lesivo ao patrimônio público ou de entidade de que o Estado participe, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural.

A **legitimidade ativa** para impetrar ação popular é reconhecida pela Constituição Federal de 1988 a **qualquer cidadão**, que pode questionar a legalidade e a moralidade dos atos administrativos, provocando o Poder Judiciário ou a própria Administração.

A **legitimação passiva** repousará na:

- União, Distrito Federal, Estados e Municípios;
- autarquias, fundações públicas, empresas estatais;

- serviços sociais autônomos (setor "S", SESI, SESC, SENAC, etc.);
- instituições ou fundações para cuja criação ou custeio o tesouro público haja concorrido ou concorra com mais de cinquenta por cento do patrimônio ou da receita ânua.

O **objeto** da ação popular, conforme já asseverado acima será a lesão ao:

- patrimônio público;
- à moralidade administrativa;
- meio ambiente; e
- patrimônio histórico e cultural.

> **Importante!**
> Prescreve em cinco anos o direito do cidadão se valer da ação popular para invalidar os atos administrativos lesivos a um dos objetos acima listados.

2.3.2.1.2. Mandado de segurança

O mandado de segurança é outro instrumento de defesa do indivíduo, contra atos ilegais da Administração. Ele pode ser usado nas formas **individual** ou **coletivo**, e está previsto expressamente no art. 5º, LXIX, da CF, com regulamentação recente pela **Lei nº 12.016, de 07 de agosto de 2009**.

Segundo a Lei nº 12.016/2009, "conceder-se-á mandado de segurança para proteger direito líquido e certo, não amparado por habeas corpus ou habeas data, sempre que, ilegalmente ou com abuso de poder, qualquer pessoa física ou jurídica sofrer violação ou houver justo receio de sofrê-la por parte de autoridade, seja de que categoria for e sejam quais forem as funções que exerça".

O mandado de segurança é uma **ação mandamental** (visa obter uma ordem judicial e não uma condenação) de **rito sumário**.

No mandado de segurança **individual**, a **legitimação ativa** é conferida:

- ao indivíduo titular de direito líquido e certo não amparado por habeas corpus ou habeas data (que deverá ser representado por um advogado);

- Ao titular de direito líquido e certo decorrente de direito, em condições idênticas, de terceiro que poderá impetrar mandado de segurança a favor do direito originário, se o seu titular não o fizer, no prazo de 30 (trinta) dias, quando notificado judicialmente.

No mandado de segurança **coletivo**, por sua vez, estão **legitimados ativamente**:

- o partido político com representação no Congresso Nacional, na defesa de seus interesses legítimos relativos a seus integrantes ou à finalidade partidária;
- a organização sindical, entidade de classe ou associação legalmente constituída e em funcionamento há, pelo menos, 1 (um) ano, em defesa de direitos líquidos e certos da totalidade, ou de parte, dos seus membros ou associados, na forma dos seus estatutos e desde que pertinentes às suas finalidades, dispensada, para tanto, autorização especial.

O **objeto** do mandado de segurança **individual** é o direito líquido e certo, não amparado por *habeas corpus* ou *habeas data*, que esteja sendo violado por **abuso de poder**.

- **Direito líquido e certo.** Conforme as clássicas lições de Hely Lopes Meirelles, direito líquido e certo é aquele que se apresenta manifesto na sua existência, delimitado na sua extensão e apto a ser exercitado no momento da impetração. Por tal razão, a liquidez e certeza do direito devem estar comprovadas por meio de documentos, não se admitindo a produção de provas no mandado de segurança.

O **mandado de segurança coletivo** é admitido para a proteção dos seguintes direitos:

- **coletivos**, assim entendidos, os transindividuais, de natureza indivisível, de que seja titular grupo ou categoria de pessoas ligadas entre si ou com a parte contrária por uma relação jurídica básica;
- **individuais homogêneos**, os decorrentes de origem comum e da atividade ou situação específica da totalidade ou de parte dos associados ou membros do impetrante.

Os **direitos coletivos** ou **transindividuais** são interesses indivisíveis de pessoas indeterminadas que estão ligadas por uma circunstância fática. Exemplo de direito transindividual é o decorrente da

contaminação de um rio e de seu mangue por uma indústria. Não há como se precisar quais as pessoas que foram lesadas com esse fato, nem se pode, por consequência, quantificar individualmente o dano sofrido.

Os **direitos individuais homogêneos**, segundo o Código de Defesa do Consumidor, são os interesses de grupo, categoria ou classe de pessoas determinadas ou determináveis, que compartilhem prejuízos divisíveis, de origem comum, normalmente oriundos das mesmas circunstâncias de fato. Exemplo: caso um fabricante de *notebook* venha a vender um lote desse produto com defeitos de fabricação, os proprietários (indivíduos determinados ou determináveis) possuirão interesses individuais e homogêneos à reparação.

É parte legítima para figurar no **polo passivo** da ação de mandado de segurança qualquer autoridade, independentemente da sua categoria ou das funções que exerça.

Importante!

A nova lei do mandado de segurança equipara às autoridades os representantes ou órgãos de partidos políticos e os administradores de entidades autárquicas, bem como os dirigentes de pessoas jurídicas ou as pessoas naturais no exercício de atribuições do poder público, somente no que disser respeito a essas atribuições.

Todavia, a Lei não admite mandado de segurança contra os atos de gestão comercial praticados pelos administradores de empresas públicas, de sociedade de economia mista e de concessionárias de serviço público.

O mandado de segurança poderá ser **preventivo** ou **repressivo**.

Preventivo	Repressivo
Visa evitar a lesão a direito líquido e certo por autoridade.	Busca corrigir o abuso de poder praticado por autoridade.

3. CONTROLE EXERCIDO PELA PRÓPRIA ADMINISTRAÇÃO

A Administração, em face do seu poder de **autotutela**, ainda que não tenha sido provocada, pode invalidar os seus atos sob o aspecto da conveniência e oportunidade (**revogação**) ou, ainda, em face de sua ilegalidade (**anulação**). Trata-se, portanto, de **controle interno de legitimidade e de mérito**.

Nesse sentido o entendimento sumulado (Súmula nº 473) do STF, no sentido de que "a Administração pode anular seus próprios atos, quando eivados de vícios que os tornem ilegais, porque deles não se originam direitos; ou revogá-los, por motivo de conveniência ou oportunidade, respeitados os direitos adquiridos, e ressalvada, em todos os casos, a apreciação judicial".

Os mecanismos de controle se dividem em **fiscalização hierárquica** e **recursos administrativos**, embora a lei possa especificar outras modalidades mais adequadas para certos órgãos, entes ou atividades da Administração direta ou indireta.

A fiscalização hierárquica foi abordada no tópico 2.2.1, do presente capítulo, ao qual remetemos o leitor.

3.1. Recursos administrativos

Segundo Maria Sylvia Di Pietro "recursos administrativos são todos os meios que podem utilizar os administrados para provocar o reexame do ato pela Administração Pública".

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça do Estado de Roraima-2008, foi considerada correta a seguinte assertiva: "*Os recursos administrativos constituem mecanismos de controle interno, por meio do qual a administração é provocada a fiscalizar seus próprios atos, visando ao atendimento do interesse público e a preservação da legalidade*".

O nosso ordenamento jurídico não admite decisões únicas e irrecorríveis. Noutro diapasão, a Lei nº 9.784/99, que traça regras gerais para os processos administrativos no âmbito federal, limita a **três** o número máximo de instâncias, salvo disposição legal em contrário.

3.1.1. Legitimidade e prazos para impetração dos recursos administrativos

Segundo o art. 58, da Lei nº 9.784/99, possuem legitimidade para interpor recurso administrativo:

- os titulares de direitos e interesses que forem parte no processo;
- aqueles cujos direitos ou interesses forem indiretamente afetados pela decisão recorrida;

- as organizações e associações representativas, no tocante a direitos e interesses coletivos;
- os cidadãos ou associações, quanto a direitos ou interesses difusos.

Salvo disposição legal específica, é de dez dias o prazo para interposição de recurso administrativo, contado a partir da ciência ou divulgação oficial da decisão recorrida.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador junto ao TCE/SC - 2010, realizado pela FEPESE, *foi considerada incorreta* a seguinte assertiva: "*Nos termos da Lei nº 9784, de 29 de janeiro de 1999, somente poderão legitimamente interpor recurso administrativo os titulares de direitos e interesses que forem parte no processo.*".

3.1.2. Efeitos

Os recursos administrativos podem possuir efeito devolutivo e/ou suspensivo. O **efeito devolutivo** é inerente a todo e qualquer recurso e independe de previsão legal, visto que consiste na devolução da matéria para análise por parte da autoridade competente. Já o **efeito suspensivo** não se presume e depende de previsão legal, suspendendo os efeitos do ato impugnado até a decisão do recurso.

Efeito devolutivo	Independe de previsão legal (presumido)	Devolve a matéria para apreciação pela autoridade competente
Efeito suspensivo	Depende de previsão legal (não se presume)	Suspende os efeitos do ato impugnado até a decisão do recurso

O recurso administrativo com efeito suspensivo produz de imediato duas consequências fundamentais:

- Impede a fluência do prazo prescricional;
- Impossibilita juridicamente a utilização das ações judiciais para impugnação do ato administrativo recorrido;

Esta última consequência decorre do raciocínio de que, com a suspensão dos efeitos do ato, não há que se falar em lesão, carecendo o administrado de interesse jurídico (uma das condições da ação) para provocar o Poder Judiciário. É dizer, enquanto houver disponibilidade de impetração de recurso administrativo, com efeito

suspensivo, não haverá interesse de agir judicialmente para o administrado. Todavia, caso o interessado deixe escoar o prazo para impetração do recurso administrativo, o ato começará a produzir seus efeitos havendo lesão e consequentemente surgindo o direito à impugnação judicial do ato praticado pela Administração. A partir desse momento começa a fluir o prazo prescricional.

3.1.3. Fundamento

Os recursos administrativos possuem duplo fundamento constitucional: art. 5º, inc. XXXIV e LV. É importante destacar que a Constituição Federal de 1988 assegura o direito de petição, independentemente do pagamento de taxas.

A antiga jurisprudência do STF admitia como requisito para conhecimento do recurso administrativo a chamada "garantia de instância" (depósito), quando tal exigência se encontrava estampada em lei. No entanto, em Acórdão relatado pelo Ministro Cezar Peluso, o Pretório Excelso consolidou novo entendimento, posicionando-se pela **inconstitucionalidade** da exigência de prestação de garantia para interposição de recursos administrativos, ou seja, o depósito de quantias em dinheiro como condição para conhecimento e decisão do recurso.

A seguir, trecho da decisão da lavra do Ministro Cezar Peluso na ADC 11 MC/DF: "*Entendeu-se que a exigência do depósito ofende o art. 5º, LV, da CF que assegura aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral, o contraditório e a ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes, bem como o art. 5º, XXXIV, a, da CF, que garante o direito de petição, gênero no qual o pleito administrativo está inserido, independentemente do pagamento de taxas. Vencido o Min. Sepúlveda Pertence que, reportando-se ao voto que proferira no julgamento da ADI 1922 MC/DF (DJU de 24.11.2000), negava provimento ao recurso, ao fundamento de que exigência de depósito prévio não transgride a Constituição Federal, porque esta não prevê o duplo grau de jurisdição administrativa*".

3.1.4. Encaminhamento e forma dos recursos administrativos

A Lei nº 9.784/99 obriga a **motivação** para os atos administrativos que decidam recursos (art. 50, V), além de determinar que os recursos sejam dirigidos à própria autoridade que prolatou a decisão

(art. 56, § 1º) a fim de permitir que esta possa exercer o seu juízo de retratação no prazo de até cinco dias.

A faculdade da autoridade administrativa, que exarou a decisão impugnada, de **rever sua atuação** antes da análise da autoridade hierarquicamente superior é uma inovação legislativa que recebeu muitos elogios por toda a doutrina especializada. Com tal mudança, proporciona-se o rápido atendimento da reanálise da matéria, além de eliminar, tacitamente, a necessidade de impetração autônoma do **pedido de reconsideração**.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Procurador Federal – 2010, realizado pelo CESPE, foi considerada correta a seguinte assertiva: "*No processo administrativo, eventual recurso deve ser dirigido à própria autoridade que proferiu a decisão, podendo essa mesma autoridade exercer o juízo de retratação e reconsiderar a sua decisão*".

Os recursos administrativos estão previstos em legislação esparsa e muitas vezes específica, razão pela qual a Administração Pública não deve guardar um zelo excessivo à forma dos recursos. Prepondera, nesses casos, o princípio do **informalismo**, que, todavia, não significa ausência dos pressupostos básicos para conhecimento de qualquer impugnação à decisão administrativa.

Segundo disciplina o art. 6º da Lei nº 9.784/94, o recurso administrativo, salvo casos em que for admitida solicitação oral, deve ser formulado por escrito e conter os seguintes dados:

- órgão ou autoridade administrativa a que se dirige;
- identificação do interessado ou de quem o represente;
- domicílio do requerente ou local para recebimento de comunicações;
- formulação do pedido, com exposição dos fatos e de seus fundamentos;
- data e assinatura do requerente ou de seu representante.

3.1.5. Efeitos da decisão revisora

Na análise dos recursos administrativos, a autoridade competente possui ampla capacidade de rever a decisão atacada. Poderá jul-

gar total ou parcialmente procedente o recurso, modificando ou invalidando o ato impugnado ou, ainda, reformar a decisão, **piorando** a situação do recorrente. Trata-se da chamada ***reformatio in pejus.*** Nessas hipóteses, o recorrente deve ser cientificado da possibilidade de agravamento da sua situação para que formule suas alegações antes da decisão (art. 64, parágrafo único, da Lei 9.784/99) a fim de que sejam garantidos os direitos ao contraditório e à ampla defesa.

Filiamo-nos ao entendimento de José dos Santos Carvalho Filho que diferencia a possibilidade de *reformatio in pejus* em situações de legalidade estrita e de apreciação subjetiva dos critérios da decisão impugnada. O autor, inclusive, ilustra tal entendimento com o seguinte exemplo: *um servidor reincidente foi punido com a pena "A", quando a lei determinava que a pena deveria ser a "B", por causa da reincidência. A pena "A", portanto, não atendeu à regra legal, o que se observa mediante critério meramente objetivo. Se o servidor recorre, e estando presentes os elementos que deram suporte à apenação, deve a autoridade julgadora não somente negar provimento ao recurso, como ainda corrigir o ato punitivo, substituindo a pena "A" pela "B". Suponhamos outra hipótese: o servidor foi punido com a pena "A" porque assim o entendeu a autoridade competente como resultado da apreciação das provas, dos elementos do processo, do grau de dolo ou culpa, dos antecedentes etc. Observe-se que todos estes elementos foram considerados subjetivamente para a conclusão da comissão. Se o servidor recorre contra a pena "A, não poderá a autoridade de instância superior proceder à nova avaliação subjetiva dos elementos do processo, para o fim de concluir aplicável a pena "B", de caráter mais gravoso. Aqui sim, parece-nos aplicável a vedação à reformatío in pejus, em ordem a impedir o agravamento da sanção para o recorrente. Há flagrante diferença entre as hipóteses. No primeiro caso, o ato punitivo originário é realmente ilegal, porque contrário ao mandamento da lei. No segundo, todavia, o ato não é rigorosa e objetivamente ilegal; há apenas uma variação nos critérios subjetivos de apreciação dos elementos processuais. Por isso, ali pode dar-se a correção do ato, e aqui se daria apenas uma substituição, o que nos parece vedado.*

Entendemos que a distinção acima não merece reparos e se adéqua, com perfeição, ao nosso ordenamento jurídico.

3.1.6. Não conhecimento do recurso

A Lei nº 9.784/99, ao dispor sobre o não conhecimento do recurso, diz que, quando interposto perante órgão incompetente, este não o

conhecerá, devendo indicar ao recorrente a autoridade competente, devolvendo-lhe o prazo (art. 60, §1º). Entretanto o referido dispositivo pode dar ensejo às manobras protelatórias, em que o recurso seria interposto propositadamente perante autoridade incompetente. É recomendável ao administrador seguir a sugestão de Hely Lopes Meirelles, segundo a qual, nesses casos, o processo deve ser encaminhado à autoridade competente. Dessa forma, não se atentaria contra o princípio do contraditório e atender-se-ia ao da eficiência.

O recurso interposto fora do prazo não deve ser conhecido, vez que intempestivo.

▸ Importante!

Pode a Administração, mesmo sem conhecer do recurso, declarar de ofício a nulidade de um ato administrativo contaminado de vício insanável, desde que não tenha ocorrido a prescrição administrativa.

3.1.7. Espécies de recursos administrativos

3.1.7.1. Representação

É a denúncia de irregularidades, ilegalidades e condutas abusivas perante a própria Administração. O denunciante pode ser qualquer pessoa, ainda que não afetada pelo ato impugnado, que deverá assinar a peça.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Procurador junto ao TCE/SC - 2010, realizado pela FEPESE, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *"Pela representação, pode o administrado opor-se formalmente à decisão administrativa que afete seu direito ou interesse"*.

3.1.7.2. Reclamação

É o recurso interposto pelo interessado que foi atingido pelo ato administrativo. Tal direito, **caso não haja outro prazo fixado em lei**, extingue-se em um ano, a contar da data do ato ou fato lesivo que rende ensejo à reclamação.

A reclamação suspende a fluência do prazo prescricional, desde que seu objeto seja apuração de dívida da Fazenda Pública para com o particular. Nos demais casos, não haverá suspensão.

3.1.7.3. *Pedido de reconsideração*

É o recurso dirigido **à mesma autoridade** que praticou o ato contra o qual se insurge o recorrente, solicitando nova análise da matéria.

Deferido ou indeferido, total ou parcialmente, não admite novo pedido, nem possibilita nova modificação pela autoridade que já reapreciou o ato (Di Pietro entende que o pedido pode ser renovado, apenas, quanto contiver novos argumentos).

Se outro **prazo** não estiver fixado em lei, extingue-se o direito de pedir reconsideração ao término de um ano da data da decisão administrativa e sua apresentação não suspende ou interrompe os prazos para os recursos hierárquicos ou prescricionais.

O STF editou a súmula nº 430, segundo a qual o pedido de reconsideração não interrompe o prazo de mandado de segurança, o que significa que se o interessado interpõe esse recurso e a autoridade não o aprecia no prazo de 120 dias (prazo legal para a impetração do mandado de segurança) haverá a decadência do direito ao uso desse remédio especial.

3.1.7.4. *Recurso hierárquico próprio*

O recurso hierárquico próprio é dirigido à autoridade que proferiu a decisão, dentro do mesmo órgão em que o ato foi praticado. Caso a autoridade não reconsidere a decisão no prazo de cinco dias, deve encaminhar o recurso para decisão, pela autoridade superior.

O recurso hierárquico próprio decorre da **hierarquia** e **independe de previsão legal.**

> ▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**
>
> No concurso para provimento do cargo de Procurador junto ao TCE/SC - 2010, realizado pela FEPESE, foi considerada errada a seguinte assertiva: *"A impetração do chamado recurso hierárquico próprio, que é inteiramente admissível, depende de previsão legal específica".*

Salvo disposição legal específica, o prazo para recorrer é, em regra, de **dez dias**, devendo ser decidido em, no máximo **30 dias**, a partir do recebimento dos autos pelo órgão competente. Este último prazo pode ser prorrogado por igual período, mediante decisão fundamentada.

Nesse recurso a Administração tem ampla liberdade decisória, podendo reformar o ato recorrido além do pedido ou, diferentemente do direito processual penal, agravar a situação do recorrente (***reformatio in pejus***).

3.1.7.5. Recurso hierárquico impróprio

Recurso hierárquico impróprio é o recurso dirigido à autoridade ou órgão estranho ao que expediu a decisão recorrida.

Por não se tratar de recurso inerente à hierarquia, esse recurso **só é admissível quando estabelecido por norma legal** que indique as situações que admitem a sua utilização, a forma, o prazo e a autoridade competente para julgamento.

Embora se trate de pessoa ou tribunal estranho à repartição de onde emanou o ato recorrido, a apreciação deste recurso continua a cargo da Administração, o que lhe assegura a mesma liberdade e amplitude decisória que dispõe no recurso hierárquico próprio. Em ambos os casos, os pronunciamentos são atos jurisdicionais administrativos de agentes do Executivo. É o caso, por exemplo, dos tribunais ou câmaras recursais para discussão de determinados tributos.

O Informativo nº 199, do Superior Tribunal de Justiça, noticia que foi considerada legal a previsão, em legislação estadual, da possibilidade de recurso hierárquico ao Secretário da Fazenda do Estado, de decisão prejudicial ao ente público, tomada pelo Conselho de Contribuintes local. Segundo o STJ, essa disposição não fere qualquer princípio constitucional, pois resta permitida em lei e consagra a supremacia do interesse público, mantido o contraditório.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para provimento do cargo de Advogado da União – 2006, realizado pelo CESPE, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "O recurso hierárquico impróprio é o pedido de reexame dirigido à autoridade superior àquela que produziu o ato impugnado, isto é, verifica-se dentro da mesma escala hierárquica".

3.1.7.6. Revisão

Revisão é o recurso de que se utiliza o servidor público, punido pela Administração, para solicitar novo exame da decisão, quando surgirem fatos novos capazes de demonstrar a sua inocência.

A revisão pode ser requerida, a qualquer tempo, pelo próprio interessado, por seu procurador ou por terceiros, ou ainda ser declarada de ofício pela Administração. Na revisão não poderá ocorrer a ***reformatio in pejus*** (reforma para agravar a situação do recorrente).

4. CONTROLE LEGISLATIVO

O **controle legislativo ou parlamentar** é o exercido pelos órgãos legislativos (Senado, Câmara dos Deputados, Assembleia Legislativa e Câmaras de Vereadores) ou por comissões parlamentares sobre determinados atos do Executivo, das entidades da Administração indireta e o do Poder Judiciário, quando executa função administrativa, na dupla linha da legalidade e da conveniência pública. Tal controle se caracteriza como um **controle eminentemente político**.

Este controle encontra amparo na própria Carta Política, com status de **cláusula pétrea**, não podendo as legislações complementares ou ordinárias, nem as Constituições estaduais estipularem outras modalidades, sob pena de ofensa ao princípio da **separação dos poderes**.

O **controle parlamentar direto** é exercido pelas casas legislativas e podem versar sobre o aspecto político e financeiro do ato administrativo.

4.1. Controle político

O **controle político** dos atos administrativos está previsto na Constituição de 1988. No art. 49, X, por exemplo, está estabelecido que compete exclusivamente ao Congresso Nacional fiscalizar e controlar, diretamente, ou por qualquer das Casas, os atos do Poder Executivo, abrangendo administração direta e indireta. Trata-se de amplo poder de controle conferido pelo legislador constituinte ao Poder Legislativo e que alcança qualquer tipo de ato, seja dos órgãos da Administração Direta, seja das entidades integrantes da Administração Indireta.

No inciso III, do mesmo art. 49, a Constituição confere ao Congresso Nacional competência para autorizar o Presidente da República a se ausentar do país (este é um controle prévio). Não se trata de controle de legalidade desta ausência, mas de verdadeiro **controle político**, de mérito, da ausência do Chefe do Poder Executivo Federal.

Já o inciso XII atribui ao Congresso competência para apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão.

Além do Congresso Nacional, o Senado Federal também desempenha controle político quando autoriza ou nega operações externas de natureza financeira, de interesse das entidades da federação (art. 52, V), aprova ou não as indicações para os cargos de Presidente do Banco Central, diretores das Agências Reguladoras.

No desempenho do controle político o Poder Legislativo recebeu da Constituição (art. 50) o **poder convocatório**. A Câmara dos Deputados, o Senado Federal ou qualquer Comissão Parlamentar pode convocar Ministro de Estado ou autoridades ligadas diretamente à Presidência da República para prestarem depoimento sobre assunto previamente determinado (art. 50, caput) ou, ainda, solicitar, por escrito, informações às mesmas autoridades (art. 50, § 2°).

Outra ferramenta de relevo no controle político é o **poder de sustação** do Congresso Nacional, previsto no art. 49, V, da Constituição. Segundo o referido dispositivo, cabe ao Congresso sustar os atos normativos do Poder Executivo que exorbitem do poder regulamentar ou dos limites de delegação legislativa.

No desempenho do poder regulamentar, o Chefe do Poder Executivo pode editar Decretos com a função de melhor explicar as leis administrativas, todavia, caso venha a extrapolar de sua função regulamentar, tais decretos ou quaisquer outros atos administrativos de caráter normativo que venham a usurpar a competência constitucional do Poder Legislativo poderão ser sustados pelo Congresso Nacional.

O art. 71, § 1º, da Constituição, confere, também, ao Congresso Nacional, competência para **sustar os contratos administrativos ilegais**, a pedido do Tribunal de Contas da União.

Já as **Comissões Parlamentares de Inquérito**, previstas no art. 58, § 3°, da Constituição, possuem os mesmos **poderes investigatórios** que os órgãos judiciais para apurar fatos ocorridos na Administração, podendo, se for o caso, encaminhar suas conclusões ao Ministério Público com vistas à responsabilização civil e criminal dos responsáveis.

O STF entende (Informativo nº 158) que **as comissões parlamentares podem, motivadamente:**

Convocar investigados e testemunhas para depor	Requisitar informações e documentos	Determinar a quebra de sigilo fiscal, bancário e telefônico	Convocar juízes para depor sobre suas atividades administrativas

No entanto, o mesmo STF, apesar da Constituição afirmar que as CPIs possuem poderes judiciais de investigação, vem entendendo que **é vedado às CPIs:**

Determinar a busca e apreensão domiciliar de documentos;	Determinar a indisponibilidade de bens do investigado;	Decretar a prisão preventiva e temporária, salvo em situações de flagrante delito;	Determinar a interceptação telefônica	Convocar juízes para depor sobre sua atuação judicial.

4.2. Controle financeiro e orçamentário

A **Fiscalização financeira e orçamentária** é conferida ao Congresso Nacional para julgar anualmente as contas prestadas pelo Presidente da República. O exercício dessa fiscalização é executada com o auxílio do Tribunal de Contas da União e não é desempenhada em face da natureza pública do órgão, entidade ou do agente, mas da origem pública do bem administrado ou do dinheiro gerido que traz, como consequência, a necessidade de demonstrar a sua legítima gestão.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Defensor Público da União (2007), foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "*De acordo com o STF, o TCU não tem competência para julgar contas das sociedades de economia mista exploradoras de atividade econômica, ou de seus administradores, já que os bens dessas entidades não são públicos, mas, sim, privados*".

Os **Tribunais de Contas** não exercem um controle meramente formal da conformidade do ato administrativo com a norma de regência, devendo efetuar uma análise de conformidade do ato com as leis e os princípios constitucionais que regem a Administração Pública. Por Administração Pública, calha repetir, deve-se compreender o Poder Executivo, além do Poder Legislativo e Poder Judiciário, embora estes, desde que no exercício da função administrativa.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça AP-2012, em questão que trata da atividade de controle da Administração Pública pelos Tribunais de Contas, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "não se aplica aos órgãos do Poder Judiciário e do Ministério Público, visto que estes estão sujeitos ao controle especial do Conselho Nacional de Justiça e do Conselho Nacional do Ministério Público, respectivamente".

Importante!

Nesse sentido, a Súmula nº 347, do STF: O Tribunal de Contas, no exercício das suas atribuições, pode apreciar a constitucionalidade das leis e dos atos do poder público.

Os Tribunais de Contas são **órgãos independentes**, mas auxiliares das casas legislativas.

A Constituição, em seu art. 71 estabelece as seguintes **prerrogativas** para o Tribunal de Contas da União:

a) parecer prévio sobre as contas prestadas anualmente pelo Presidente da República;

b) julgamento das contas dos administradores e demais responsáveis por dinheiros, bens e valores públicos da Administração direta (Poder Legislativo e Poder Judiciário) e indireta (autarquias, empresas públicas, sociedades de economia mista e fundações instituídas e mantidas pelo Poder Público) e, ainda, das de todos aqueles que derem causa a perda, extravio ou outra irregularidade de que resulte prejuízo ao erário público;

c) aplicações das sanções previstas em lei aos responsáveis pelas ilegalidades apuradas;

d) fixar prazo para que o órgão ou entidade adote as providências necessárias ao exato cumprimento da lei, bem como sustar, se não atendido, a execução do ato impugnado, comunicando a decisão ao Legislativo.

No exercício do seu poder sancionatório os Tribunais de Contas podem aplicar diversas sanções, tais como multa de até cem por cento do valor atualizado do dano causado ao Erário, aplicando-se, a esse poder sancionatório, o prazo prescricional de cinco anos, conforme entendimento do STF (Informativo 858).

Qualquer cidadão, partido político, associação ou sindicato é parte legítima, nos termos do art. 74, § 2º da Constituição Federal, para, na forma da lei, denunciar irregularidades ou ilegitimidades ao Tribunal de Contas.

▸ **Atenção!**

Caso o órgão ou entidade não adote as providências necessárias ao exato cumprimento da lei, o TCU pode sustar o **ato**. Contudo, tratando-se de **contrato**, o ato de sustação será de competência do Congresso Nacional que, caso não venha a tomar nenhuma providência no prazo de 90 dias, devolve a competência para o Tribunal de Contas da União.

Os Tribunais de Contas da União e dos Estados emitem parecer favorável ou não às contas do Presidente da República e Governador de Estado e as respectivas casas legislativas é que julgam as contas do chefe do Poder Executivo federal e estadual.

Com relação aos Municípios, os Tribunais de Contas dos Estados ou do Município (onde houver) emitem um parecer prévio que prevalece, salvo decisão de dois terços dos vereadores.

O Plenário do Supremo Tribunal Federal finalizou no dia 10 de agosto de 2016 o julgamento conjunto dos Recursos Extraordinários (REs) 848826 e 729744, ambos com repercussão geral reconhecida, que discutiam qual o órgão competente - se a Câmara de Vereadores ou o Tribunal de Contas - para julgar as contas de prefeitos, e se a desaprovação das contas pelo Tribunal de Contas gera inelegibilidade do prefeito (nos termos da Lei da Ficha Limpa), em caso de omissão do Poder Legislativo municipal.

Por seis votos a cinco, a Suprema Corte definiu que a apreciação das contas de Prefeito, tanto as de governo quanto as de gestão, será exercida pelas Câmaras Municipais, com auxílio dos Tribunais de Contas competentes, cujo parecer prévio somente deixará de prevalecer por decisão de dois terços dos vereadores.

Para o Ministro Ricardo Lewandowski, a Constituição em seu artigo 31, § 2º conferiu ao Poder Legislativo a função de controle e fiscalização das contas do chefe do Poder Executivo, esta fiscalização se desenvolve por meio de um processo político-administrativo, que se inicia no Tribunal de Contas, que faz uma apreciação técnica das contas e emite um parecer. No entanto, a decisão final cabe ao Poder Legislativo, tendo em vista que a Câmara dos Vereadores representa a soberania popular e os contribuintes e, por essa razão, possui legitimidade para este exame.

Há, dessa forma, um **sistema híbrido** para os Municípios, em que o parecer da Corte de Contas prevalece como decisão, caso a Câmara de Vereadores não venha a rejeitá-lo pelo voto de dois terços de seus membros.

No que concerne aos demais administradores públicos, os Tribunais de Contas possuem competência constitucional para julgar suas contas (art. 71, II).

4.3. Controle de constitucionalidade pelos Tribunais de Contas

Há certa controvérsia acerca da possibilidade dos Tribunais de Contas declararem a inconstitucionalidade de lei ou ato administrativo normativo. É que as cortes de contas, no exercício de suas competências, ao apreciarem a aplicação de recursos públicos, muitas vezes, julgam inconstitucionais as leis e os atos administrativos normativos que lastreiam a conduta dos gestores públicos.

A Constituição Federal de 1988, art. 70 e 71, atribui competência ao Tribunal de Contas da União para o julgamento da legalidade dos atos, contratos, reformas e pensões.

Por sua vez, o STF possui entendimento consolidado sobre o tema, senão vejamos o que estabelece a Súmula nº 347:

> O Tribunal de Contas, no exercício de suas atribuições, pode apreciar a constitucionalidade das leis e dos atos do Poder Público.

Tal controle se dá por via difusa, sendo vedado aos tribunais de contas a apreciação de constitucionalidade de norma via controle concentrado, por ser esta uma prerrogativa exclusiva do Poder Judiciário.

Todavia, o entendimento acima merece ser acompanhado de perto, face recentes decisões do Pretório Excelso que apontam para uma possível mudança de entendimento, conforme pode ser percebido pela leitura de trecho do voto do Min. Gilmar Mendes, na cautelar emitida no MS nº 25888-DF, *in verbis:*

> Não me impressiona o teor da Súmula nº 347 desta Corte, segundo o qual "o Tribunal de Contas, o exercício de suas atribuições, pode apreciar a constitucionalidade das leis e dos atos do Poder Público". A referida regra sumular foi aprovada na Sessão Plenária de 13.12.1963, num contexto constitucional totalmente diferente do atual. Até o advento da Emenda Constitucional nº 16, de 1965, que introduziu em nosso sistema o controle abstrato de normas, admitia-se

> como legítima a recusa, por parte de órgãos não jurisdicionais, à aplicação da lei considerada inconstitucional. No entanto, é preciso levar em conta que o texto constitucional de 1988 introduziu uma mudança radical no nosso sistema de controle de constitucionalidade.

O Min. Ricardo Lewandowski, também concedeu a cautelar em situação idêntica no julgamento do MS nº 26410-DF.

Apesar das últimas decisões, cumpre destacar que se trata de decisões cautelares que ainda não foram apreciadas pelo plenário e que ainda se encontra em vigor a Súmula nº 347, do Supremo, que confere aos Tribunais de Contas a prerrogativa de apreciar a constitucionalidade das leis e dos atos do Poder Público, no exercício de suas atribuições constitucionais.

4.4. Controle dos atos de concessão de aposentadoria ou pensão

Optamos por tratar do controle dos atos de concessão de aposentadoria e pensão em tópico apartado, por se tratar de **ato complexo**, segundo entendimento do STF, que depende de registro pelo Tribunal de Contas.

Concedida a aposentadoria ou pensão pela Administração, a sua faculdade de rever o ato concessivo **decai** em **cinco anos**, salvo comprovada má-fé e desde que o Tribunal de Contas ainda não tenha apreciado o ato (Súmulas nº 6 e nº 199, do STF e TCU, respectivamente).

Caso o Tribunal de Contas entenda pela ilegalidade da aposentadoria concedida pela Administração, recomendará que o órgão ou entidade adote, em determinado prazo, as providências devidas para suprimir as irregularidades detectadas. Havendo omissão do órgão ou entidade em seguir as recomendações exaradas pela Corte de Contas, esta poderá sustar o ato de aposentadoria irregular.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça AP-2012, em questão que trata da atividade de controle da Administração Pública pelos Tribunais de Contas, foi considerada correta a seguinte assertiva: "abrange a sustação de ato ilegal de aposentação de servidor público titular de cargo efetivo, se o órgão ou entidade responsável pelo ato, previamente comunicado, deixou de adotar as providências necessárias ao exato cumprimento da lei, no prazo assinalado pela Corte de Contas."

O Tribunal de Contas, por sua vez, poderá **negar registro** à aposentadoria ou pensão, sem a necessidade de observar o contraditório e a ampla defesa, desde que o faça em **até cinco anos**, considerado como razoável pelo STF.

Superado os cinco anos, o ato permanece com sua natureza complexa, dependendo de apreciação pelo Tribunal de Contas, todavia, **a Corte de Contas deverá assegurar ao interessado o contraditório e a ampla defesa.**

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz Federal da 2ª Região - 2013 (CESPE), foi considerada correta a seguinte assertiva: "Segundo a jurisprudência do STF, é pacífico que o TCU, no exercício da competência de controle externo da legalidade do ato de concessão inicial de aposentadorias, reformas e pensões, não se submete ao prazo decadencial estabelecido na Lei nº 9.784/1999, iniciando-se o prazo quinquenal somente após a publicação do registro na imprensa oficial.".

Caso o ato tenha sido apreciado pelo Tribunal de Contas e a Administração venha a detectar alguma ilegalidade, esta deverá solicitar uma revisão da decisão da Corte de Contas.

O Tribunal de Contas da União poderá rever suas decisões de registro de aposentadoria ou pensão, desde que observe o **prazo decadencial de cinco anos** estabelecido no art. 54, da Lei nº 9.784/99, salvo comprovada má-fé, a qual possibilita a invalidação do ato administrativo a qualquer tempo.

▸ Como esse assunto foi abordado em questões subjetivas de concurso?

(TJ-GO – Juiz de Direito - GO/2012) A aposentadoria do servidor público, por ser ato administrativo complexo, somente se aperfeiçoa com a sua confirmação pelo respectivo Tribunal de Contas, a respeito dos pressupostos do ato administrativo. Assim, o processo administrativo de registro de aposentadoria e pensões está jungido ao prazo decadencial prescrito pela Lei n. 9.784/99? Incidem as garantias de ampla defesa e do contraditório?

5. CONTROLE JUDICIAL

O **controle judicial** é o poder de fiscalização que os órgãos do Poder Judiciário exercem sobre os atos administrativos do Executivo, do Legislativo e do próprio Poder Judiciário.

A Constituição assegura que o Poder Judiciário possui competência para analisar qualquer lesão ou ameaça de lesão a direito individual ou coletivo, todavia, o controle judicial não possui a amplitude do controle exercido pela própria administração, tendo em vista que exerce um controle sobre os atos da Administração, em relação, exclusivamente, à conformidade dos atos com as normas e os princípios de regência, não devendo haver substituição do mérito do administrador pelo do julgador.

Apesar de alguns autores insistirem em defender o entendimento de que é vedado ao Poder Judiciário adentrar no mérito do ato administrativo e analisar os aspectos de conveniência e oportunidade da Administração, trata-se de posicionamento ultrapassado pela moderna doutrina administrativista e pela jurisprudência. Atualmente, defende-se a análise do mérito administrativo pelo Poder Judiciário, o qual pode avaliar a adequação do ato administrativo aos princípios da moralidade, impessoalidade, eficiência, proporcionalidade e razoabilidade, dentre outros.

O teatro de discussão acerca do controle judicial do ato administrativo discricionário deixou o campo da possibilidade e adentrou nos limites de intensidade e nos critérios que devem ser observados pelo Poder Judiciário no desempenho desse controle.

Nesse aspecto, o melhor entendimento é de que cabe ao Poder Judiciário efetuar a análise, diante do caso concreto, da possibilidade ou não de ser exercido tal controle, que, a rigor, não deve ter o escopo de verificar a correção da decisão administrativa, mas se a mesma é sustentável, ou seja, se a mesma se encontra motivada e alicerçada de acordo com a finalidade das normas e dos princípios constitucionais e legais da Administração.

▸ **Atenção!**

O Poder Judiciário, em situações excepcionais, pode determinar que a Administração Pública adote medidas assecuratórias de direitos constitucionalmente reconhecidos como essenciais, sem que isso configure violação do princípio da separação de poderes. (STF. AgRg no RE 628.159-MA. Rel. Min. Rosa Weber. Info 715).

Quando o juiz estiver diante das chamadas **"zonas de certeza positiva ou negativa"** poderá exercer o controle sobre os atos administrativos, ou seja, quando não possuir dúvidas de que diante do caso concreto a decisão administrativa está adequada ou inadequa-

da diante das normas e princípios de regência, deverá proceder a análise do mérito do ato administrativo, todavia, se estiver diante das **"zonas de penumbra"**, também chamadas de **"zonas intermediárias"** ou **"zonas de incerteza"**, deverá se abster de efetuar juízo de valor, preservando a discricionariedade própria da autoridade administrativa.

Gustavo Binembojm traz os seguintes **Standards** (parâmetros) para se estudar o nível de controle dos atos administrativos pelo Judiciário:

I. quanto maior o grau de restrição imposto a direitos fundamentais, maior deve ser o grau de controle judicial.

II. quanto maior o grau de objetividade das normas e princípios, mais intenso deve ser o controle judicial;

III. quanto maior o grau de tecnicidade da matéria, objeto de decisão por órgãos dotados de expertise e experiência, menos intenso deve ser o controle judicial;

IV. quanto maior o grau de politicidade da matéria, menos intenso deve ser o controle judicial;

V. quanto maior o grau de efetiva participação social no processo de deliberação que resultou na decisão, menos intenso deve ser o controle judicial.

O Ministro do STF Gilmar Mendes no julgamento da Intervenção Federal 2.257-6/SP, assim se pronunciou:

> "Em síntese, a aplicação do princípio da proporcionalidade se dá quando verificada restrição a determinado direito fundamental ou um conflito entre distintos princípios constitucionais de modo a exigir que se estabeleça o peso relativo de cada um dos direitos por meio da aplicação das máximas que integram o mencionado princípio da proporcionalidade. São três as máximas parciais do princípio da proporcionalidade: a adequação, a necessidade e a proporcionalidade em sentido estrito. Tal como já sustentei em estudo sobre a proporcionalidade na jurisprudência do STF (...), há que se perquirir se na aplicação do princípio da proporcionalidade, se em face do conflito entre dois bens constitucionais contrapostos, o ato impugnado afigura-se adequado (isto é, apto para produzir o resultado desejado), necessário (isto é, insubstituível por outro meio menos gravoso e igualmente eficaz) e proporcional em sentido es-

trito (ou seja, se estabelece uma relação ponderada entre o grau de restrição de um princípio e o grau de realização do princípio contraposto)".

Além dos parâmetros propostos acima, por Gustavo Binembojn, aos quais convergimos em entendimento, alguns autores como Maria Sylvia Di Pietro preferem classificar os atos que se sujeitam a um controle diferenciado por parte do Poder Judiciário, da seguinte forma:

a) **Atos políticos;**

b) **Atos legislativos;** e

c) **Atos interna corporis.**

a) **Atos políticos.** São os praticados pelos agentes políticos no exercício de sua função de formar a vontade do Estado, como os atos responsáveis pela formação de políticas públicas e não, simplesmente, de sua execução.

Também se insere na categoria de ato político o veto pelo Chefe do Executivo a projeto de lei, a nomeação de Ministros, a rejeição ao veto presidencial pelo Poder Legislativo. Esses exemplos retratam opções políticas dos Poderes Executivo e Legislativo, que não estão lastreadas em regras, o que os torna, muitas vezes, insuscetíveis de controle judicial, sob pena de interferência indevida de um Poder sobre outro. Todavia, conforme já asseverado, na hipótese em que um ato revestido de natureza política venha a afrontar um princípio constitucional explícito ou tácito, será passível de controle pelo Poder Judiciário.

▸ **Atenção!**

O STF decidiu pela legitimidade do controle judicial de ato parlamentar (político), na hipótese de ofensa a direito público subjetivo previsto na CF, razão pela qual tal controle não se caracterizaria como interferência na esfera de outro poder.

De qualquer forma, é forçoso reconhecer que o Poder Judiciário vem, cada vez mais, adentrando na esfera da discricionariedade administrativa a pretexto de exercer o controle de legitimidade dos atos da Administração.

No Resp. Nº 429.570/GO, relatado pela Min. Eliana Calmon, o STJ não se contentou em efetuar um controle de legitimidade negativo:

> "A pergunta que se faz é a seguinte: pode o Judiciário, diante de omissão do Poder Executivo, interferir nos critérios de conveniência e oportunidade da Administração para dispor sobre a prioridade da realização de obra pública voltada para a reparação do meio ambiente, no assim chamado mérito administrativo, impondo-lhe a imediata obrigação de fazer? Em caso negativo, estaria deixando de dar cumprimento à determinação imposta pelo art. 3º, da lei da ação civil pública?
>
> (...) Estando, pois, provado que a erosão causa dano ao meio ambiente e põe em risco a população, exige-se do Poder Público uma posição no sentido de fazer cessar as causas do dano e também de recuperar o que já foi deteriorado".

O STJ, nesse caso, assim como o STF em outros (Agr. RE 594018, Rel. Min Eros Grau), vem exercendo verdadeira interferência na discricionariedade administrativa, em situações que entendem estar configurada hipótese de **abusividade governamental**.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Juiz Federal da 5ª Região (2007), foi considerada incorreta a seguinte assertiva: "*Reside, primariamente, nos Poderes Legislativo e Executivo prerrogativa de formular e executar políticas públicas. Assim, é impossível ao Poder Judiciário determinar, ainda que em bases excepcionais, a implementação de tais políticas aos órgãos estatais inadimplentes, mesmo que presente a possibilidade de se comprometerem a eficácia e a integridade de direitos sociais e culturais constitucionais*".

b) **Atos legislativos.** As leis em sentido formal ou material, em face de sua abstração e generalidade, submetem-se a controle judicial pela via do controle concentrado de constitucionalidade.

No entanto, as leis de efeito concreto possuem natureza jurídica de atos administrativos, vez que individualizam situações. Elas podem ser atacadas por mandado de segurança ou ação popular, ensejando controle judicial comum.

c) **Atos *interna corporis*.** Fogem ao controle do Judiciário os atos relacionados às questões internas das casas legislativas, tais como suas rotinas administrativas, os atos relacionados à eleição de suas mesas e comissões, desde que tais atos não venham a desobedecer a comandos constitucionais, legais ou regimentais do próprio Poder Legislativo.

▸ Atenção!

O STF decidiu, por maioria que, até mesmo os incidentes relativos à interpretação das normas regimentais têm caráter *interna corporis* e devem ser solucionados dentro das respectivas casas legislativas. Registramos, contudo, o voto contrário dos Ministros Marco Aurélio, Ilmar Galvão e Celso de Mello, que entendiam que as contendas sobre a interpretação dos regimentos internos do Poder Legislativo deveria ser resolvida pelo Judiciário.

Segundo Celso Antônio Bandeira de Mello, "Dentre as medidas judiciais intentáveis para correção da conduta administrativa, afora as comuns ao Direito Privado, como *exempli gratia*, as de defesa ou reintegração de posse ou as ações ordinárias de indenização e as cautelares em geral, existem algumas específicas para enfrentar atos ou omissões de 'autoridade pública'. São elas: o habeas corpus, o mandado de segurança, individual ou coletivo, o habeas data, o mandado de injunção, a ação popular, a ação civil pública e a ação direta de inconstitucionalidade, por ação ou omissão.".

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para provimento do cargo de Promotor de Justiça do Amapá (2007), com a seguinte ementa: *"Assinale a opção correta acerca do controle da administração pública:"*, foi considerada incorreta a seguinte alternativa: *"O controle popular dos atos da administração pública só se consolida por intermédio da atuação do MP"*.

5.1. Súmula vinculante

Procurando evitar um tratamento diferenciado por parte do Poder Judiciário e da Administração Pública a pessoas que se encontram diante da mesma situação fática, o legislador constituinte derivado inseriu a **súmula vinculante** no nosso ordenamento jurídico por intermédio da EC nº 45/2004, que conferiu ao Supremo Tribunal Federal a competência para, de ofício ou mediante provocação, pelo voto de dois terços dos seus membros, para, depois de reiteradas decisões sobre matéria constitucional, aprovar súmula com efeito vinculante para os demais órgãos do Poder Judiciário e à administração pública direta e indireta, nas esferas federal, estadual e municipal.

Diversamente das demais súmulas editadas pelo Supremo ou pelos demais tribunais, que podem ou não ser seguidas, a **súmula vinculante** torna **obrigatória** a sua observância pelos magistrados e agentes da Administração Pública.

Caso seja editado ato administrativo ou decisão judicial que venha a contrariar súmula vinculante ou indevidamente a aplicar, caberá **Reclamação** ao Supremo Tribunal Federal que, julgando-a procedente, anulará o ato administrativo ou cassará a decisão judicial reclamada e determinará que outra seja proferida com ou sem a aplicação da súmula, conforme o caso.

Exemplificando, até novembro de 2009 a Administração Pública exigia a prestação de caução para conhecimento de recursos administrativos em cumprimento à determinação legal, apesar das incontáveis decisões judiciais em controle difuso declararem a sua inconstitucionalidade, inclusive o Supremo Tribunal Federal. Cabia ao administrado ingressar em juízo solicitando a inadequação da exigência administrativa.

O tema foi definitivamente superado com a edição da **Súmula vinculante nº 21**, que possui a seguinte redação: *É inconstitucional a exigência de depósito ou arrolamento prévios de dinheiro ou bens para admissibilidade de recurso administrativo.*

Exposto o posicionamento vinculante do Pretório Excelso acerca da inconstitucionalidade da exigência de depósito prévio para conhecimento de recursos administrativos, a Administração abandonou a antiga exigência da caução recursal, beneficiando a todos os administrados e não apenas os que se socorriam do Poder Judiciário, conferindo um tratamento isonômico e extinguindo a litigiosidade administrativa e judicial sobre o tema.

Capítulo 17

Intervenção estatal na propriedade

Ronny Charles

1. INTRODUÇÃO

Para entender adequadamente o tema, é importante perceber que as mudanças de paradigma que afetaram o Estado, modificaram também sua relação com a propriedade privada. Conforme ensina Raquel Carvalho, se (como resultado de uma repulsa aos excessos praticados no **Estado absolutista**), durante o **Estado liberal** burguês, o direito de propriedade foi enaltecido, tido como absoluto, tal caráter não restou incólume à passagem para o **Estado Social**, que sedimentou a ideia de que a propriedade deve se submeter a uma função social (não possuindo mais seu caráter exclusivo e absoluto, em favor do proprietário).

Tal concepção perdura até hoje, mantendo-se a compreensão de que a propriedade se submete a uma função social, elemento que a define. Nada obstante, convém observar que a concepção de um **Estado Democrático de Direito** impede que o direito de propriedade seja relativizado pelo Estado arbitrariamente, em virtude de finalidades ilegítimas.

Isso tudo exige a leitura atual de algumas normas que regulam as modalidades de intervenção, compatibilizando-as à Constituição, com o mote de evitar atitudes estatais arbitrárias e ilegítimas. Diante de eventual ilegalidade, desvio de finalidade ou mesmo desproporcionalidade do ato administrativo que resulte na restrição ou supressão ao direito de propriedade, pela intervenção estatal, justifica-se o socorro à tutela judicial.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região (CESPE/2006) foi cobrado: "*Considere que o Poder Judiciário tenha anulado o tombamento de imóvel particular por entendê-lo desprovido de valor cultural. Em face dessa consideração e dos conceitos jurídicos sobre o mérito administrativo e o seu controle, assinale a opção correta.*" Foi considerada correta a seguinte alternativa: *c) Se o Poder Judiciário invocasse o manifesto desvio de finalidade do ato de tombamento para desconstituí-lo, por restar provado que o tombamento deu-se em razão de perseguição ao particular, estar-se-ia diante de um vício de legalidade que autorizaria a ingerência do Poder Judiciário sobre o ato de tombamento.*

2. MODALIDADES

Quando intervém na propriedade, o Estado atinge algumas de suas características principais, como o caráter **absoluto**, a **exclusividade** ou a **perpetuidade**. O ordenamento prevê várias modalidades de intervenção, que afetam o direito de propriedade em aspectos específicos, seja restringindo-o (**intervenção restritiva**), seja suprimindo-o (**intervenção supressiva**), como se dá com a desapropriação.

A doutrina destaca as seguintes modalidades:

- **Limitação administrativa;**
- **Servidão administrativa;**
- **Ocupação temporária;**
- **Requisição administrativa;**
- **Tombamento;**
- **Desapropriação.**

2.1. Limitação administrativa

A **limitação administrativa** é a modalidade de intervenção que gera restrições gerais e abstratas, atingindo o **caráter absoluto** do direito de propriedade. Ela se dá pelo exercício do Poder de Polícia, materializando-se através da restrição à prerrogativa de disposição do bem, pelo proprietário, em razão de interesse público legítimo.

Deve-se perceber que ela não afeta o caráter exclusividade, mas apenas o caráter absoluto da propriedade, através de obrigações genéricas de fazer, de não fazer ou suportar. Podemos citar, como exemplo, as limitações para edificações de prédios (não construir acima de determinada altura) ou a exigência de atendimento a medidas de segurança.

Atenção!

A exigência de promoção do adequado aproveitamento de solo urbano, descrita pela Constituição ao tratar da Política urbana (§4º do artigo 182), é uma hipótese de limitação administrativa, cujo desrespeito pode gerar, entre outras coisas, outra modalidade de intervenção, a desapropriação.

Conforme lembra Raquel Carvalho, as limitações administrativas se sujeitam aos limites da **reserva legal**, recaindo a competência, para impô-las, sobre o ente da federação a quem o constituinte atribuiu prerrogativa para legislar sobre a matéria.

Sendo **genérica e abstrata**, têm-se entendido que, em regra, a limitação administrativa não gera direito à indenização. Caso a limitação administrativa acabe por prejudicar totalmente a utilização da propriedade, será necessário pagamento de indenização, pois, neste caso, ter-se-á uma desapropriação indireta.

Atenção!

É indevido o direito à indenização se o imóvel for adquirido após o implemento da limitação administrativa, porque se supõe que as restrições de uso e gozo da propriedade já foram consideradas na fixação do preço (STJ, REsp 920170 / PR, Dje 18/08/2011).

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do TJ/DFT (Cespe/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: *"As limitações administrativas são medidas fundamentadas no poder de polícia do Estado, incidem sobre bens individualizados discriminados em ato administrativo e geram obrigações para o proprietário de cada um desses bens".*

No concurso para Procurador do Estado da Bahia (Fundatec/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: *"As limitações administrativas são restrições à propriedade de caráter geral que, como regra, geram o dever de indenizar o proprietário".*

No 22º concurso para o cargo de Procurador da república, foi considerada incorreta a seguinte alternativa: *c) a limitação administrativa, por consubstanciar verdadeira redução da vocação econômica da propriedade, deve ser sempre acompanhada de indenização, preservando-se o direito do proprietário do bem submetido ao regime jurídico limitador;*

No concurso para o cargo de Procurador do Tribunal de Contas do Estado de Roraima (FCC/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"c) Nas limitações administrativas grava-se concreta e especificamente um bem determinado, gerando indenização correspondente ao sacrifício".*

2.2. Servidão administrativa

Conforme explica José dos Santos Carvalho Filho, **servidão administrativa** é o direito real público que autoriza o Poder Público a usar a propriedade imóvel para permitir a execução de obras e serviços de interesse público (ex: colocação de postes de energia; passagem de oleoduto ou caminho; placas de sinalização).

O autor lembra que, embora possuam o mesmo núcleo, a servidão administrativa se diferencia da servidão de direito privado, tendo em vista o influxo de direito público em relação à primeira.

A servidão possui caráter específico, incidindo sobre coisas determinadas, e atinge parcial e concretamente o direito de propriedade. Ela incide sobre o **caráter exclusivo** da propriedade.

Nela se estabelece uma relação jurídica entre a coisa serviente e a coisa dominante. **Coisa serviente** é a propriedade que possui o encargo real de suportar a servidão administrativa, enquanto a **coisa dominante** é o serviço público concreto ou o bem afetado a uma utilidade pública.

Tem-se entendido que a servidão administrativa pode gerar direito à **indenização**, mas, apenas, quando demonstrada a ocorrência de dano.

Conforme a doutrina da Profª Maria Sylvia Zanella di Pietro, ela pode se extinguir nas seguintes hipóteses:

a) perda da coisa gravada;

b) desafetação da coisa dominante;

c) incorporação do imóvel serviente ao patrimônio público;

d) transformação da coisa que a torne incompatível com seu destino.

Raquel Carvalho e Juarez Freitas explicam, ainda, que a servidão administrativa, por sua natureza de direito real de titularidade do Poder Público, é insuscetível de prescrição.

Conforme a doutrina, a servidão pode ser constituída das seguintes formas:

Por ação judicial	Por acordo	Diretamente por lei
de constituição de servidão (art. 40 do Decreto-Lei nº 3.365/40)	entre as partes, após ato declaratório de utilidade pública;	independentemente de qualquer ato administrativo unilateral ou bilateral.

Convém registrar a posição de Raquel Carvalho, ao defender que, não obstante eventual disposição legal, a servidão administrativa depende de procedimento administrativo prévio, que culmina no ato específico que restringe a exclusividade do direito de propriedade.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Juiz de Direito Substituto - AM (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "Acerca da servidão administrativa, assinale a opção correta." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "C) A servidão administrativa, direito real público que autoriza o poder público a usar a propriedade imóvel para a execução de obras e serviços de interesse coletivo, pode incidir tanto sobre bem privado quanto público."

No concurso para Analista Judiciário do TJ/RJ (FGV/2014), com o seguinte enunciado: "*Autoridade competente declarou de utilidade pública, por meio de decreto, determinada faixa de terras de imóveis particulares, a fim de viabilizar a instalação de um empreendimento que executará serviços públicos utilizando gasodutos. Após acordo entre os proprietários dos imóveis situados na rota do gasoduto e o Poder Público, com indenização em valor equivalente ao prejuízo que os particulares irão suportar, houve a regular implantação dos gasodutos nas áreas privadas. O caso em tela descreve a forma de intervenção do Estado na propriedade caracterizada como direito real público que autoriza o Poder Público a usar a propriedade imóvel para permitir a execução de obras e serviços de interesse coletivo. Trata-se da:*" foi considerada correta a seguinte alternativa: "d) servidão administrativa".

No concurso para o cargo de Promotor de Justiça (MPE/RS/2014), foi considerada correta a seguinte assertiva: "*As servidões administrativas, ao contrário da desapropriação, embora configurem ônus, nem sempre são indenizáveis*".

No concurso para Procurador do TCE/SP (FCC/2011), com o seguinte enunciado: "*A União Federal pretende implantar um gasoduto subterrâneo para*

transporte da produção de gás de uma região para outra. O trajeto do gasoduto atinge parcialmente imóveis particulares e imóveis públicos. Para materialização da obra pretendida, que acarretará restrição parcial do aproveitamento dos imóveis, a União deverá"; foi considerada correta a seguinte alternativa: *"b) instituir servidão administrativa sobre as áreas, observadas as formalidades legais, inclusive para os imóveis públicos"*.

No concurso para Procurador da Fazenda (ESAF/2006), com a seguinte ementa: *"Sobre as servidões administrativas, assinale a opção incorreta"*, foi considerada errada a seguinte alternativa: *a) Como regra, dão direito à indenização*. No concurso para o cargo de Procurador do Tribunal de Contas do Estado de Roraima (FCC/2010), foi considerada correta a seguinte assertiva: *"a) A servidão administrativa impõe um ônus real ao imóvel, que fica em estado de sujeição à utilidade pública"*.

2.3. Ocupação temporária

A **ocupação temporária** é uma modalidade de intervenção do Estado que restringe o **caráter exclusivo** da propriedade, nos casos de necessidade pública.

Há previsão do instituto no artigo 36 do Decreto-lei 3.365/41 (*É permitida a ocupação temporária, que será indenizada, afinal, por ação própria, de terrenos não edificados, vizinhos às obras e necessários à sua realização*). A doutrina firmou o entendimento de que a ocupação, nesses casos, atinge, apenas, **bens imóveis**.

Contudo, consta também remissão à ocupação no artigo 80 da Lei nº 8.666/93. O dispositivo estabelece, como consequência da rescisão causada pelo não cumprimento das obrigações contratuais, a *"ocupação e utilização do local, instalações, equipamentos, material e pessoal empregados na execução do contrato, necessários à sua continuidade"*. Nesse caso, o legislador previu a ocupação de bens imóveis e de bens móveis. Não obstante, em regra geral, a doutrina tem entendido que a ocupação incide apenas sobre bens imóveis.

A ocupação temporária é gratuita e transitória, contudo, quando causar dano, pode gerar direito à indenização.

Uma diferença elementar entre a **ocupação temporária** e a **requisição administrativa** decorre do fato de que a segunda pressupõe iminente perigo público, enquanto a ocupação temporária pressupõe apenas o interesse público, dando-se, via de regra, em imóvel.

Atenção!

O próprio texto constitucional prevê hipótese de "ocupação e uso temporário de bens e serviços públicos, na hipótese de calamidade pública," pela União, uma vez declarado estado de Defesa (CF, § 1º do art. 136). Nesse caso, parte relevante da doutrina tem entendido que, em virtude do estado de "perigo público" envolvido, configurar-se-ia uma hipótese de "requisição administrativa" e não de ocupação temporária.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do TJ/DFT (Cespe/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: *"A ocupação temporária é a utilização transitória pelo Estado de bens imóveis de propriedade particular para fins de interesse público, uso que não suscita direito a indenização ante a efemeridade da limitação do uso do bem".*

No 23º concurso para o cargo de Procurador da República, foi considerada incorreta a seguinte alternativa: *a) A ocupação é modalidade de limitação administrativa que incide parcialmente sobre a propriedade privada, que se caracteriza pela utilização permanente do imóvel, para fins de interesse público, não ensejando direito à indenização;*

No concurso para o cargo de Defensor Público da União (Cespe/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: "De acordo com a lei, denomina-se ocupação temporária a situação em que agente policial obriga o proprietário de veículo particular em movimento a parar, a fim este na perseguição a terrorista internacional que porta bomba, para iminente detonação".

Obs: Convém observar que, em regra, a ocupação temporária remete a bens imóveis de terceiros. O enunciado da questão faz referência a uma requisição administrativa.

2.4. Requisição administrativa

Segundo lição de Raquel Carvalho, **requisição administrativa** é um ato administrativo unilateral e autoexecutório que consiste na utilização de bens ou de serviços particulares pela Administração, para atender necessidades coletivas em tempo de guerra ou em caso de perigo público iminente, mediante pagamento de indenização *a posteriori* (Ex: Requisição de um bem imóvel, para fins de atendimento a uma situação de calamidade).

O fundamento dessa modalidade de intervenção estatal é a **urgência** do uso de determinado bem móvel ou imóvel. Ela se diferencia da desapropriação, porque objetiva o uso do bem, e não a

sua propriedade. Dirley da Cunha Jr. aponta outras diferenças: "A desapropriação, para se efetivar, depende de acordo ou ação judicial; a requisição é autoexecutória. A desapropriação exige prévia e justa indenização; a requisição pode ser indenizada a *posteriori* ou mesmo não comportar indenização. A desapropriação alcança sempre bens; a requisição pode alcançar bens e serviços".

Atenção!

A doutrina tem entendido que, nos casos de requisição de bem móvel consumível (que se exaure com a utilização) não haverá desapropriação, sendo a indenização devida, apenas, posteriormente.

Indagação interessante relaciona-se à possibilidade de requisição administrativa sobre bens públicos. É possível a requisição de bens públicos municipais, por parte da União? Sobre o assunto, o STF, no MS 25.295-DF, decidiu pela **"inadmissibilidade da requisição de bens municipais pela União em situação de normalidade institucional, sem a decretação de Estado de Defesa ou Estado de Sítio"**. Foi suscitada a existência de ofensa à autonomia municipal e ao pacto federativo, havendo a ressalva do ministro presidente e do relator quanto à **admissibilidade, em tese, da requisição, pela União, de bens e serviços municipais para o atendimento a situações de comprovada calamidade e perigo públicos.**

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Juiz de Direito Substituto - AM (Cespe/2016), com a seguinte ementa: "A CF, em seu artigo 5.°, XXII, garante o direito de propriedade; no inciso XXIII do mesmo artigo, condiciona o exercício desse direito ao atendimento da função social. Acerca da intervenção do Estado na propriedade privada, assinale a opção correta." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "D) A requisição é modalidade de intervenção em que o Estado utiliza propriedade particular no caso de perigo público iminente."

No concurso para Procurador do Estado do Rio Grande do Sul (Fundatec/2015), foi considerada ERRADA a seguinte alternativa: *"d) As requisições de bens fungíveis se equiparam às desapropriações no que se refere ao requisito da prévia e justa indenização em dinheiro".*

No concurso para Serviços Notarias do Tribunal de Justiça do DF (CESPE/2008) foi considerada errada a seguinte alternativa: *"A requisição, modalidade de intervenção do Estado na propriedade, é o meio pelo qual o Estado se utiliza de bens e serviços de particulares, em caso de perigo público iminente, sendo sempre obrigado a indenizar o proprietário, a título compensatório, pelo período em que houver a indisponibilidade do seu patrimônio".*

2.5. Tombamento

Raquel Carvalho, com maestria, conceitua o tombamento como "um procedimento administrativo pelo qual o Poder Público reconhece o valor histórico, arqueológico, cultural, turístico, científico ou paisagístico de coisas ou locais que devam ser preservados, com a sua inscrição em livro próprio e submissão a um regime jurídico especial".

Tal procedimento possui **natureza jurídica** de ato vinculado, constitutivo de obrigações para o proprietário, para o poder público e para toda a comunidade.

2.5.1. *Objeto*

O **tombamento** é uma modalidade de intervenção que gera restrição estatal à propriedade, com o objetivo de proteção ao patrimônio cultural brasileiro. A incumbência de promover e proteger tal patrimônio, por meio de instrumentos como o tombamento, encontra-se registrada no § 1º do artigo 216 da CF.

Vale frisar que o **patrimônio cultural brasileiro** é constituído por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, como: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Podem ser **objeto de tombamento**, bens de qualquer natureza (móveis e imóveis, materiais e imateriais, públicos e privados), desde que tenham **valor histórico ou artístico**. De acordo com o Decreto Lei nº 25/37, o **patrimônio histórico e artístico** nacional se constitui no conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

▸ **Atenção!**

Não há restrição legal à realização de tombamento de bens públicos por outros entes públicos. Assim, é possível tombamento de bens públicos estaduais e Municipais, pela União, ou o tombamento de bens federais, por Município ou Estado.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Juiz do TJ/DFT (Cespe/2015), foi considerada ERRADA a seguinte assertiva: *"O tombamento somente poderá ter como objeto bens imóveis e pode incidir sobre imóveis públicos ou privados".*

No concurso para Procurador do Estado do Piauí (CESPE/2008), com a seguinte ementa *"Uma das formas de proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural, o tombamento:"*, foi considerada correta a seguinte alternativa: *c) pode atingir bens materiais e imateriais.*

No concurso para Juiz Federal substituto da 2ª Região (Cespe/2013), foi considerada correta a seguinte assertiva:

B) Segundo a jurisprudência do STJ, os municípios podem realizar o tombamento de bens pertencentes à União.

2.5.2. *Espécies*

A doutrina indica várias espécies de tombamento, de acordo com critérios específicos. Podemos apontar as seguintes espécies:

Quanto à constituição	De ofício	Bens públicos pertencentes à União, Estados e Municípios. O tombamento se fará de ofício, sendo notificada a entidade proprietária, para que se produzam os efeitos necessários.
	Voluntário	Bens privados. O tombamento se dá por requerimento do proprietário ou por sua concordância com o Poder Público.
	Compulsório	Bens privados. O tombamento se dá mediante processo, após recusa do proprietário.
Quanto à eficácia	Provisório	Após a notificação.
	Definitivo	Após a inscrição no livro de tombo.
Quanto aos destinatários	Geral	Incide sobre todos os bens de um determinado conjunto. Pode-se citar, por exemplo, o tombamento de uma cidade. Nesse caso, não é necessária a intimação individual de cada um dos proprietários cujo imóvel estejam abrangidos pelo tombamento,
	Individual	Incide especificamente sobre um bem.

2.5.3. *Efeitos*

O Decreto-Lei nº 25/37 aponta vários **efeitos** decorrentes do tombamento, vejamos alguns deles:

Efeitos
Proibição à destruição, demolição ou mutilação
Exigência de autorização para reparo, pintura ou restauração
Imposição de servidão administrativa para imóveis vizinhos
Vigilância pública sobre o bem (livre inspeção)
Tutela pública para a conservação e reparação (proprietário hipossuficiente)

A tutela pública para conservação e reparação impõe que, existindo hipossuficiência por parte do proprietário, este tem a obrigação de notificar o Poder Público, que deverá se incumbir da reparação e conservação, sob pena de permitir ao proprietário que solicite o cancelamento do tombamento.

▸ Atenção!

O tombamento exige procedimento administrativo prévio e pode gerar direito à indenização, quando causar dano ao proprietário.

Outrossim, importante ressaltar que o artigo 22 do Decreto-Lei nº 25, de 1937, o qual previa "direito de preferência" para os entes públicos, em face da alienação onerosa de bens tombados, foi revogado pelo artigo 1.072 do novo CPC (Lei nº 13.105/2015).

Por outro lado, o novo CPC estabelece, em seus artigos 889 e 892, que a União o Estado e o Município devem ser cientificados, previamente, da alienação judicial de bem tombado. No leilão judicial do bem tombado, a União, os Estados e os Municípios terão, nessa ordem, o direito de preferência na arrematação, em igualdade de oferta.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Procurador do Estado - MT (FCC/2016), com a seguinte ementa: "O tombamento, regido no âmbito federal pelo Decreto-lei nº 25/37, é uma das formas admitidas pelo direito brasileiro de intervenção na propriedade. A propósito de tal instituto..." Foi considerada correta a seguinte alternativa: "(C) não mais subsiste no direito vigente o direito de preferência, previsto no texto original do Decreto-lei nº 25/37 e estatuído em favor da União, dos Estados e Municípios."

No concurso para o cargo Procurador do Estado do Rio Grande do Sul (Fundatec/2015), foi considerada ERRADA a seguinte alternativa: "*c) Nos tombamentos que resultam em esvaziamento do conteúdo econômico do direito de propriedade, a jurisprudência não reconhece o dever de indenizar o proprietário, pois não há transferência do bem ao Estado*".

No concurso para o cargo de Juiz Federal do **TRF - 5ª REGIÃO** (Cespe/2011), com o seguinte enunciado: *"Com base na CF e no Decreto-lei n.º 25/1937, assinale a opção correta a respeito de tombamento de bens."*; foi considerada CORRETA a seguinte alternativa: *"b) Os bens privados podem ser tombados a pedido do proprietário desde que a coisa se revista dos requisitos necessários para constituir parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional"*.

2.6. Desapropriação

A **desapropriação** é uma modalidade de intervenção estatal na propriedade que se dá de forma radical, pois ela afeta o direito de propriedade em sua substância. Com a desapropriação, suprime-se o direito de propriedade do particular. A desapropriação é, portanto, uma forma de **intervenção supressiva**.

2.6.1. *Introdução*

Conforme lições de Hely Lopes Meirelles, a **desapropriação** é a transferência compulsória da propriedade particular ou pública (de entidade inferior para a superior) para o Poder Público ou para seus delegados, por utilidade pública ou necessidade pública ou, ainda, por interesse social, mediante prévia e justa indenização em dinheiro, salvo exceções constitucionais.

A Constituição registra, no título de direitos e garantias fundamentais (art. 5º, XXIV), que a lei estabelecerá o procedimento para desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante justa e prévia indenização, em dinheiro, ressalvados os casos previstos nesta Constituição. Tais casos (**ressalvas**), em que se admitem o não pagamento de indenização prévia e em dinheiro, são as situações de **desapropriação-sanção**, como na desapropriação confisco (expropriação), na desapropriação por descumprimento da função social da propriedade urbana e na desapropriação, por interesse social, para fins de reforma agrária.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para o cargo de Procurador do Tribunal de Contas do Estado de Roraima (FCC/2010), com a seguinte ementa: *"Determinado Estado pretende adquirir um hospital privado em funcionamento, integrante de um grupo empresarial que atua no setor, uma vez que foi constatada*

demanda para atendimento público na região, cuja urgência não se mostrava compatível com a construção de uma nova unidade. Obteve recursos somente para essa finalidade. Para que a aquisição dessa unidade se dê de forma a restringir da menor maneira possível o atendimento, o Estado poderá".

Foi considerada correta a seguinte alternativa: "*c) declarar de utilidade pública, para fins de desapropriação, terreno, construções e todos os demais bens e direitos destinados à manutenção e funcionamento das atividades hospitalares*".

2.6.2. *Elementos*

Podemos identificar, então, os seguintes elementos, para essa modalidade de intervenção supressiva na propriedade.

a) **Elemento formal.** A desapropriação é um procedimento, sendo exigível a tramitação estabelecida pela legislação.

b) **Elemento material.** É um instrumento de supressão da propriedade, que gera uma forma originária de aquisição da propriedade, independente da relação jurídica anterior ou de título outrora existente.

▸ **Atenção!**

Desapropriadas as ações de uma sociedade, o poder desapropriante, imitido na posse, pode exercer, desde logo, todos os direitos inerentes aos respectivos títulos (STF Súmula 476).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Promotor do Ministério Público do Estado de Roraima (CESPE/2008) foi considerada correta a seguinte alternativa: "*A desapropriação é forma originária de aquisição da propriedade*".

c) **Elemento subjetivo.** O sujeito ativo da desapropriação é o Poder Público ou seus delegados. O sujeito passivo da desapropriação será o proprietário, seja particular ou público.

O Decreto-Lei nº 3.365/41 admite a desapropriação de bem público, ressalvando, contudo, a existência de certa hierarquia entre os entes federativos (União > Estados e DF > Municípios). Nessa lógica, os demais entes podem ter seus bens desapropriados pela União e os Municípios pelos Estados, exigindo-se, em qualquer caso, prévia autorização legislativa.

Embora boa parte da doutrina repita esta regra, disposta pelo Decreto-Lei nº 3.365/41, parece-nos mais acertada a opinião de Raquel Carvalho, que defende a inconstitucionalidade desta regra, por sua incompatibilidade com o equilíbrio e a ausência de hierarquia entre os entes federativos.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Substituto do TJ/SP (Vunesp/2015), com o seguinte enunciado: "*Sobre a desapropriação, é correto afirmar que*" foi considerada correta a seguinte assertiva: "*d) a prática dos atos necessários à desapropriação pode ser exercida por particulares mediante delegação pelo poder público à iniciativa privada*".

No concurso para o Defensor Público Estadual do Rio Grande do Sul (FCC/2014), com o seguinte enunciado: "*Sobre a desapropriação, é correto afirmar que*" foi considerada errada a seguinte assertiva: "*não poderá recair sobre bens públicos de uso comum do povo ou de uso especial e, no caso dos bens dominicais ou dominiais, deverá ser precedida de autorização legislativa da entidade expropriada*".

No 20º Concurso para Procurador da República foi considerada correta a seguinte assertiva: *b) todos os entes políticos podem ser sujeitos ativos de desapropriação por utilidade pública;*

No concurso para o cargo de Procurador do Estado do Amazonas (FCC/2010), com o seguinte enunciado: "*Respeitados os requisitos e trâmites legais, é possível ao Estado-membro desapropriar:*" foi considerada correta a seguinte assertiva: "*a) mediante prévia e justa indenização em dinheiro, imóvel não utilizado pertencente a sociedade de economia mista federal exploradora de atividade econômica em sentido estrito*".

No concurso para o cargo de Juiz do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJ-SC/2010) foi considerada correta a seguinte assertiva: "*As desapropriações podem recair sobre bens móveis e imóveis tanto da pessoa física como jurídica, pública ou privada*".

d) **Elemento finalístico.** Necessidade pública, utilidade pública, interesse social ou descumprimento da função social da propriedade, de acordo com a modalidade de desapropriação.

e) **Elemento condicionante.** Tem-se, como condição constitucional geral, a justa indenização (que, em algumas modalidades, será prévia e em dinheiro, mas não nas desapropriações-sanção). O procedimento específico de cada modalidade apontará elementos condicionantes específicos.

▸ **Atenção!**

No caso das expropriações (desapropriação-confisco) previstas no artigo 243 da CF (por cultivo ilegal de plantas psicotrópicas, exploração de trabalho escravo e por tráfico ilícito de entorpecentes), não cabe qualquer indenização.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Promotor do Ministério Público do Estado de Roraima (CESPE/2008) foi considerada errada a seguinte alternativa: "*A indenização, no processo de desapropriação, deve ser sempre prévia, justa e em dinheiro*".

2.6.3. *Competência*

Podemos indicar duas competências diferentes, a **legislativa** e a **material.**

A **competência legislativa** para tratar sobre desapropriação é privativa da União (art. 22, CF). Contudo, lei complementar poderá autorizar os Estados a legislar sobre a matéria. Obviamente, tal lei complementar deve ser federal.

A **competência material,** que envolve a prerrogativa de realização da desapropriação (**competência para desapropriar**), dependerá do campo de atuação de cada ente, devendo ser respeitadas as competências materiais estabelecidas pela Constituição. Em algumas modalidades, o ordenamento restringe as pessoas jurídicas aptas a realizar a desapropriação.

Além dos entes políticos, podem desapropriar os concessionários de serviços públicos e os estabelecimentos de caráter público ou que exerçam funções delegadas ou outorgadas pelo poder público, mediante autorização expressa, constante de lei ou contrato.

De acordo com a doutrina, a competência para desapropriar não se confunde com a **competência para declarar** a desapropriação. A declaração de desapropriação do bem deve ser feita pelos **entes políticos** (União, Estados, Distrito Federal e Municípios), através de Decreto do Chefe do Poder Executivo ou através de lei aprovada pelo parlamento.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do TCE/SP (FCC/2011), com o seguinte enunciado: "*A desapropriação realizada pelos entes públicos legalmente habilitados a fazê-lo possui traço característico, qual seja*"; foi considerada correta a seguinte alternativa: "*a) pertinência temática com as competências materiais que lhes são constitucional e legalmente atribuídas*". No concurso para Serviços Notariais do Tribunal de Justiça do Distrito Federal (CESPE/2008) foi considerada errada a seguinte alternativa: "*A competência para declarar a utilidade pública ou o interesse social do bem que se pretende desapropriar, assim como a prática dos atos executórios necessários à transferência da propriedade, cabe aos delegatários do poder público*".

É possível que a Lei atribua tal competência (de declarar a desapropriação) a outras entidades, tal como ocorre com a Agência Nacional de Energia Elétrica-ANEEL. Conforme a Lei nº 9.074/95, a ANEEL pode declarar a utilidade pública, para fins de desapropriação ou instituição de servidão administrativa, das áreas necessárias à implantação de instalações de concessionários, permissionários e autorizados de energia elétrica.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz do Tribunal de Justiça de Tocantins (CESPE/2007, com a seguinte ementa, "*A companhia de energia elétrica de determinado estado da Federação, empresa pública exploradora de atividade econômica, pretende instalar o serviço de energia elétrica em determinada comunidade rural. Para isso, será necessário instalar a rede em diversas propriedades rurais.*" Foi considerada correta a seguinte alternativa: *b) A declaração de utilidade pública na espécie é da competência da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL).*

2.6.4. *Modalidades*

Existem várias formas de desapropriação em nosso ordenamento. Didaticamente, convém dividi-las em **desapropriações comuns** (ou ordinárias) e **desapropriações-sanção** (extraordinárias).

Em relação às **desapropriações comuns**, mantém-se o direito, assegurado pela Constituição, de que a indenização, além de justa, seja **prévia** e em **dinheiro**. Nas **desapropriações-sanção**, em que a propriedade não cumpre sua função social, o pagamento pode ser feito em títulos público ou mesmo não existir (expropriação)

Podemos apresentar as seguintes modalidades de desapropriação:

		Competência	Indenização
Desapropriações comuns	Por necessidade ou utilidade pública (CF, art. 5º, inciso XXIV)	todos os entes	prévia e em dinheiro
	Por interesse social (CF, art. 5º, inciso XXIV)	todos os entes	prévia e em dinheiro
Desapropriações-sanção	Para reforma urbana (CF, art. 182, §4º)	Município	títulos da dívida pública
	Para fins de reforma agrária (CF, art. 184).	União	títulos da dívida agrária
	Desapropriações-confisco (expropriação - CF, art. 243)	União	não tem

1. **Desapropriação comum por necessidade ou utilidade pública** (CF, art. 5º, inciso XXIV). Sua aplicação está regulada pelo Decreto-Lei nº 3.365/41, que igualou os conceitos de necessidade e utilidade pública (unindo suas hipóteses sob o conceito de utilidade pública).

Segundo as preciosas lições de Fernanda Marinela, podemos construir o raciocínio de que a **necessidade pública** estaria relacionada às situações inesperadas, emergenciais, problemáticas, em que a desapropriação se apresentasse como uma solução indispensável. Já a **utilidade pública** estaria relacionada a uma situação vantajosa para o interesse coletivo, mas não urgente.

2. **Desapropriação comum por interesse social** (CF, art. 5º, inciso XXIV). Ela poderá ser decretada para promover a justa distribuição da propriedade ou condicionar o seu uso ao bem-estar social. A Lei federal nº 4.132/62 indica as situações consideradas de interesse social.

▸ **Atenção!**

Os bens desapropriados podem ser objeto de venda ou locação, a quem estiver em condições de dar-lhes a destinação social prevista.

Importante, também, reiterar que as desapropriações comuns exigem indenização prévia e em dinheiro.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Procurador do Estado de Santa Catarina (FEPESE/2014), foi considerada errada a seguinte assertiva: "*A Constituição Federal es-*

tabelece a previsão constitucional de desapropriação por necessidade pública, mediante indenização posterior, o que torna plenamente legítima a desapropriação pelo Estado".

3. **Desapropriação-sanção para reforma urbana** (CF, art. 182, §4º). A **competência material** para tal desapropriação é do **Poder Público municipal**, embora as diretrizes gerais sejam estabelecidas pela União. Diante desta competência legislativa (para diretrizes gerais), tal modalidade foi regulamentada pela Lei federal n. 10.257/01 (Estatuto das cidades).

A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor. Pode o Poder Público Municipal realizar a desapropriação, contudo, para que seja procedida **desapropriação-sanção**, com indenização em títulos da dívida pública (sem pagamento prévio em dinheiro), será necessário o cumprimento de etapas estabelecidas pelo constituinte.

Em primeiro lugar, será necessária a exigência, mediante lei específica (municipal) para área incluída no plano diretor, do adequado aproveitamento do solo urbano. Caso tal reivindicação não seja atendida, é possível, sucessivamente, as seguintes sanções:

- **Parcelamento ou edificação compulsórios.** O Poder Público deve notificar o proprietário e respeitar prazos mínimos para o protocolo do projeto (01 ano, após a notificação) e para o início das obras (02 anos, após a aprovação do projeto).
- **Imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana (IPTU) progressivo no tempo.** O valor da alíquota será progressivo por até cinco anos, não podendo exceder a duas vezes o valor referente ao ano anterior, respeitada a alíquota máxima de quinze por cento.
- **Desapropriação-sanção**, com pagamento mediante títulos da dívida pública, de emissão previamente aprovada pelo Senado Federal, com prazo de resgate de até dez anos, em parcelas anuais, iguais e sucessivas, assegurados o valor real da indenização e os juros legais.

4. **Desapropriação-sanção para fins de reforma agrária** (CF, art. 184). O Poder Público pode realizar **desapropriação comum** também em áreas rurais, mediante justa indenização, prévia e em

dinheiro. Contudo, em situações específicas, visando à resolução dos problemas de distribuição de terras e identificando o descumprimento da função social da propriedade, o constituinte autoriza o Poder Público a realizar **desapropriação-sanção**, para fins de reforma agrária, com indenização em títulos da dívida agrária, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão.

▸ **Atenção!**

As benfeitorias úteis e necessárias serão indenizadas em dinheiro.

A **competência** para tal modalidade de desapropriação-sanção é da **União**. Embora a competência seja federal, o constituinte estabeleceu que as operações de transferência de imóveis desapropriados para fins de reforma agrária são isentas de impostos, tanto federais, como estaduais e municipais.

▸ **Atenção!**

Há precedente do STF, segundo o qual não cabe aos estados-membros ou aos municípios, a pretexto de se utilizarem da desapropriação por interesse social prevista no art. 5º, inciso XXIV, da CF, implementarem projetos que visem a estabelecimento de colônias agrícolas e assentamentos rurais, cujos fins são inerentes à reforma agrária (RE 482452 AgR, DJe 10/05/2016).

São insuscetíveis de desapropriação-sanção, para fins de reforma agrária:

a) a pequena e média propriedade rural, caso seu proprietário não possua outra;

b) a propriedade produtiva.

Importante indagar: é possível a desapropriação-sanção para fins de reforma agrária quando tais propriedades não cumprem sua função social? Parece-nos que a resposta é negativa. Não é possível a aplicação da desapropriação-sanção a tais propriedades, tendo em vista a expressa vedação estabelecida pelo constituinte. Tal vedação não impede a desapropriação comum, que, contudo, exige indenização prévia e em dinheiro.

Os beneficiários da distribuição de imóveis rurais pela reforma agrária receberão títulos de domínio ou de concessão de uso, inegociáveis pelo prazo de **dez anos**.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No 23º concurso para o cargo de Procurador da República, foi considerada correta a seguinte alternativa: *c) Podem os Estados e Municípios desapropriar imóveis rurais para fins de utilidade pública, não porém para fins de reforma agrária, privativa da União;*

5. **Desapropriações-confisco** (expropriação - CF, art. 243). A desapropriação-confisco (expropriação) está prevista na própria Constituição Federal, mais especificamente em seu artigo 243. Ela se apresenta como uma modalidade radical de desapropriação-sanção, na qual o constituinte suprimiu, inclusive, o direito ao recebimento de indenização.

Importante frisar que o caput e o parágrafo único do artigo 243 tratam de situações diferentes de desapropriação-confisco.

- Segundo o ***caput* do artigo 243**, propriedades rurais e urbanas de qualquer região do País onde forem localizadas **culturas ilegais de plantas psicotrópicas** ou a exploração de **trabalho escravo**, na forma da lei, serão imediatamente expropriadas destinadas à reforma agrária e a programas de habitação popular, sem qualquer indenização ao proprietário e sem prejuízo de outras sanções previstas em lei.

▸ **Atenção!**

A expropriação de glebas a que se refere o art. 243 da CF há de abranger toda a propriedade e não apenas a área efetivamente cultivada. (STF, RE 543974/MG, rel. Min. Eros Grau, 26.3.2009).

- Segundo o **parágrafo único do artigo 243**, todo e qualquer bem de valor econômico apreendido em decorrência do **tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins** e da exploração de **trabalho escravo** será confiscado e reverterá a fundo especial com destinação específica, na forma da lei.

Podemos apontar, então, diferenças quanto ao objeto, ilícito justificador e destinação do bem:

	Objeto	Ilícito	Destinação
Art. 243 *caput*	Propriedades rurais ou urbanas	* Culturas ilegais de plantas psicotrópicas; * Exploração de trabalho escravo	* Reforma agrária; e * Programas de habitação popular

	Objeto	Ilícito	Destinação
Art. 243 parágrafo único	Qualquer bem (com valor econômico)	* Tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins; * Exploração de trabalho escravo	* Fundo especial, com destinação específica

▸ **Atenção!**

A **competência** para esse tipo de desapropriação-sanção é da **União**.

2.6.5. *Desapropriação indireta e desapropriação por zona*

Embora não se caracterizem propriamente como modalidades de desapropriações, cabe tecer algumas observações sobre a **desapropriação indireta** e a **desapropriação por zona**, situações especiais que costumam ser lembradas por algumas bancas.

A **desapropriação indireta** (apossamento administrativo) é aquela que se realiza sem a obediência às exigências legais. Ela também ocorre quando o Poder Público, a pretexto do exercício de uma intervenção restritiva (ex: tombamento), acaba realizando, na prática, uma intervenção supressiva ou tolhendo demasiadamente o exercício do direito de propriedade.

O proprietário prejudicado pela ação ilícita pode buscar o Poder Judiciário para impedir a continuidade de tal ato ilícito contra seu direito de propriedade (ex: ação de reintegração de posse); contudo, caso já tenha ocorrido incorporação do bem a alguma destinação pública, tem-se entendido que a tutela judicial restringir-se-á a indenização pela perda da propriedade. Tal indenização deve abranger as mesmas parcelas que incidem na desapropriação legal, inclusive os juros compensatórios, e será requerida através de **ação de desapropriação indireta**, ajuizada pelo proprietário prejudicado.

Na desapropriação indireta, os juros compensatórios são devidos desde a efetiva ocupação do imóvel.

▸ **Atenção!**

A pretensão indenizatória decorrente de desapropriação indireta prescreve em vinte anos na vigência do CC/1916 e em dez anos na vigência do CC/2002, respeitada a regra de transição prevista no art. 2.028 do CC/2002 (STJ. REsp 1.300.442-SC, Rel. Min. Herman Benjamin, j. 18.6.2013. 2ª T -Info 523).

Conforme jurisprudência do STJ, a **competência** para o julgamento dessa ação é do foro de situação do imóvel (STJ, CC 4671/RJ, DJ 19.09.2005).

A **desapropriação por zona** (ou extensiva) é aquela que abrange área contígua, necessária ao desenvolvimento da obra a que se destina, e as zonas que se valorizarem extraordinariamente em decorrência da realização do serviço.

Em qualquer caso, a declaração de utilidade pública deverá compreendê-las, mencionando-se quais as indispensáveis à continuação da obra e as que se destinam à revenda.

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Juiz Federal do TRF-1ª REGIÃO (Cespe/2011), foi considerada correta a seguinte alternativa: "*a) Na desapropriação indireta, a indenização deve abranger as mesmas parcelas que incidem na desapropriação legal, inclusive os juros compensatórios*".

No concurso para Procurador da Fazenda (CESPE/2006), foi cobrado: "*A desapropriação que ocorre em uma área maior que a necessária à realização de uma obra, com vistas a que seja reservada para posterior desenvolvimento da própria obra, é hipótese de:*" Foi considerada correta a seguinte alternativa: "*d) desapropriação por zona, expressamente prevista em legislação que disciplina a desapropriação por utilidade pública*".

2.6.6. *Procedimento*

A desapropriação se realiza em duas fases, a **declaratória** e a **executória**.

Na **fase declaratória** há a indicação do bem e a justificativa para a respectiva modalidade de desapropriação. Ela não gera a transferência do bem, mas inicia o regular processo de desapropriação.

A competência para a declaração de desapropriação é dos entes políticos (União, Estados, Distrito Federal e Municípios).

Embora a declaração de utilidade pública ou de interesse social seja atividade administrativa afeta ao Poder Executivo, o Decreto-Lei nº 3.365/41 estabelece, em seu artigo 8º, que o Poder Legislativo poderá tomar a iniciativa da desapropriação, cumprindo, neste caso, ao Executivo, praticar os atos necessários à sua efetivação.

Atenção!

A doutrina tem admitido que a lei atribua à entidade da administração indireta, competência para declarar a desapropriação.

A declaração de desapropriação gera alguns efeitos, dentre eles:

1.	Submete o bem à força expropriatória;
2.	Fixa o estado do bem;
3.	Permite ao Poder Público o direito de adentrar o imóvel (moderadamente);
4.	Fixa o termo inicial para a caducidade da declaração

Em caso de dano por excesso ou abuso de poder ou originário das inspeções e levantamentos de campo realizados, cabe indenização por perdas e danos, sem prejuízo da ação penal.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Estado da Bahia, (UEPA/2015) foi considerada correta a seguinte assertiva: *"Não obstante a declaração de utilidade pública ou de interesse social seja atividade administrativa afeta ao Poder Executivo, o art. 8 do Decreto-lei n. 3.365/41 autoriza o Poder Legislativo a tomar a iniciativa da desapropriação cumprindo, neste caso, ao Executivo, praticar os atos necessários à sua efetivação".*

No concurso para o cargo Defensor Público do Estado de São Paulo (FCC/2010), com o seguinte enunciado: *"O ato da Administração Pública declarando como de utilidade pública ou de interesse social a desapropriação de determinado imóvel NÃO tem como efeito"*, foi considerada correta a seguinte alternativa: *"b) proibir a obtenção de licença para o proprietário efetuar obras no imóvel".*

A caducidade da declaração de utilidade pública se refere à perda da validade dessa declaração, em razão de não ter o Poder Público, em determinado lapso de tempo, promovido atos concretamente destinados a efetivar a desapropriação.

Conforme quadro abaixo, nosso ordenamento prevê prazos de caducidade para as desapropriações:

Caducidade		
Desapropriações comuns de utilidade pública e necessidade pública	(05 anos)	DL 3.365/41
Desapropriação comum de interesse social	(02 anos)	Lei nº 4.132/62
Desapropriação-sanção para reforma agrária	(02 anos)	Lei nº 8.629/93 e LC 76/93

Atenção!

Em relação à desapropriação para fins de reforma urbana, o Município procederá ao adequado aproveitamento do imóvel no prazo máximo de cinco anos, contado a partir da sua incorporação ao patrimônio público.

Em relação à desapropriação confisco, se a gleba expropriada, após o trânsito em julgado da sentença, não puder ter em cento e vinte dias a destinação prevista na Lei, ficará incorporada ao patrimônio da União, reservada, até que sobrevenham as condições necessárias àquela utilização.

A **fase executória** envolve a estimativa da indenização a ser paga e a posterior consolidação da transferência do bem para o Poder Público.

A competência para a execução da desapropriação pode ser delegada para as entidades da Administração Indireta e para as concessionárias ou permissionárias de serviço público.

A **fase executória** pode ser resolvida administrativamente, quando houver acordo entre as partes, ou exigir processamento judicial, quando inexistir composição. O processamento judicial se dá pelo ajuizamento de ação de desapropriação, conforme regras disciplinadas pelo Decreto-Lei nº 3.365/41.

De acordo com a legislação, no processo judicial, ao contestar, a parte somente poderá versar sobre vício processual ou impugnação do preço. Motivos outros devem ser impugnados por ação própria, ficando prevento, o juízo da desapropriação.

Têm-se entendido que a intimação para participação do Ministério Público só é indispensável na desapropriação para fins de reforma agrária (STJ. EREsp 486.645/SP, DJe 21/08/2009)

O Expropriante pode desistir da ação de desapropriação, antes do pagamento integral da indenização, caso não tenha ocorrido alteração substancial do estado do imóvel, que impossibilite sua devolução no estado anterior (STJ, REsp 450.383-RS, 03/08/2006). Segundo nossa jurisprudência, caso o imóvel já não se mostre indispensável ao atingimento das finalidades justificadoras da desapropriação, deve ser, em regra, possível sua desistência, observando-se o justo direito de perdas e danos a eventual lesado. Isso porque, ressalvada a existência de fato impeditivo à desistência, obrigar a continuidade da desapropriação de um bem, quando ela não mais se justifica, prestigiaria sobremaneira o interesse parti-

cular do expropriado, em detrimento do interesse público. Nesse prumo, o STJ tem definido que é "ônus do expropriado provar a existência de fato impeditivo do direito de desistência da desapropriação" (STJ. REsp 1.368.773-MS, DJe 2/2/2017).

Por fim, convém salientar que a jurisprudência do STJ tem admitido a possibilidade de fixação de "astreintes", como forma de compelir o INCRA a adotar as medidas necessárias à emissão de títulos da dívida agrária, para fins de indenização de desapropriação por interesse social para fins de reforma agrária (AgInt no REsp 1561885/RN, DJe 17/06/2016).

▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**

No concurso para Defensor Público Estadual no Estado do Rio Grande do Sul (FCC/2014), com o seguinte enunciado *"Sobre a desapropriação, é correto afirmar que"*, foi considerada correta a seguinte alternativa: *"b) poderá ser promovida por concessionárias de serviços públicos, ou estabelecimentos de caráter público, ou que exerçam funções delegadas de poder público mediante autorização expressa, constante de lei ou contrato"*.

No concurso para Defensor Público Estadual no Estado do Rio Grande do Sul (FCC/2014), com o seguinte enunciado *"Sobre a desapropriação, é correto afirmar que"*, foi considerada errada a seguinte alternativa: *"a) poderá ser impugnada pelo proprietário, sendo admitido arguir, no prazo da contestação, qualquer vício existente no respectivo processo judicial, a insuficiência do preço ou a ausência de utilidade, necessidade ou interesse social, cabendo, nestas hipóteses, ao Poder Judiciário avaliar o mérito do decreto expropriatório."*.

No concurso para Juiz Federal do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (2009) foi considerada correta a seguinte alternativa: *e) De acordo com expressa disposição legal, no processo judicial de desapropriação por utilidade pública, a contestação somente poderá versar sobre vício processual ou impugnação do preço; qualquer outra questão deverá ser decidida por ação direta.*

2.6.7. *Imissão provisória na posse*

Em tese, a transferência da propriedade ocorre após o pagamento da indenização. Contudo, nosso ordenamento estipula que, havendo urgência e depositada a quantia da avaliação, o juiz ordenará a **imissão provisória na posse** dos bens, em favor do expropriante. Nesse caso, não se dá a transferência da propriedade, mas é precipitada a posse dos bens, que deixam de estar sob o controle do expropriado.

Por conta disso, tem-se entendido que o expropriando que sofreu a imissão provisória da posse estaria excluído de algumas obrigações comuns à condição de proprietário. Nesse sentido, o STJ definiu que o expropriando só é responsável pelos impostos, inclusive o IPTU, até o deferimento e efetivação da imissão provisória da posse, em favor do expropriante (Resp nº 239.687-SP, 17/02/2000).

▸ **Atenção!**

Não se deve confundir a imissão provisória na posse com o direito que tem o expropriante de entrar nos imóveis declarados de utilidade pública a fim de proceder às verificações necessárias.

A imissão provisória é condicionada por dois fatores: **declaração de urgência** e **depósito do valor da avaliação**,sendo admitida até mesmo antes da citação do expropriado.

Com relação ao depósito, o § 1º do artigo 15 do Decreto-Lei nº 3.365/41 prevê que a imissão provisória poderá ser feita, independente da citação do réu, mediante o depósito:

- do preço oferecido, se este for superior a 20 (vinte) vezes o valor locativo, caso o imóvel esteja sujeito ao imposto predial;
- da quantia correspondente a 20 (vinte) vezes o valor locativo, estando o imóvel sujeito ao imposto predial e sendo menor o preço oferecido;
- do valor cadastral do imóvel, para fins de lançamento do imposto territorial, urbano ou rural, caso o referido valor tenha sido atualizado no ano fiscal imediatamente anterior;
- não tendo havido a atualização acima, o juiz fixará, independente de avaliação, a importância do depósito, tendo em vista a época em que houver sido fixado originalmente o valor cadastral e a valorização ou desvalorização posterior do imóvel.

Importante observar que algumas das possibilidades acima importam em depósito de quantia deveras inferior ao pagamento integral da indenização. Não obstante, o STF tem entendido pela constitucionalidade dessa previsão, ponderando que a garantia da prévia e justa indenização refere-se à perda da propriedade (que só ocorrerá ao final da ação), para admitir a desnecessidade de pagamento prévio e integral da indenização, para fins de imissão provisória na posse.

O STF já sumulou entendimento (Súmula 652) no sentido de que o procedimento de depósito previsto no art. 15, § 1º, do Decreto-Lei 3365/1941 não contraria a Constituição.

▸ **Atenção!**

O Decreto-Lei 1.975/70 estabeleceu rito especial para as desapropriações de **prédio residencial urbano**, habitado pelo proprietário ou compromissário comprador, cuja promessa de compra esteja devidamente inscrita no Registro de Imóveis.

De acordo com o referido Decreto-Lei, o expropriante poderá imitir-se, provisoriamente, na posse do bem, quando o depósito do preço oferecido não for impugnado.

Quando houver impugnação, o juiz, servindo-se, caso necessário, de perito avaliador, fixará o valor provisório do imóvel. Nessa hipótese, quando o valor arbitrado for superior à oferta, o juiz só autorizará a imissão provisória na posse do imóvel, se o expropriante complementar o depósito, alcançando metade do valor arbitrado.

No caso de imissão prévia na posse, na desapropriação por necessidade ou utilidade pública e interesse social, inclusive para fins de reforma agrária, havendo divergência entre o preço ofertado em juízo e o valor do bem, fixado na sentença, expressos em termos reais, incidirão juros compensatórios de até 12% (doze por cento) ao ano sobre o valor da diferença eventualmente apurada, a contar da imissão na posse, vedada a aplicação de juros compostos.

Os juros compensatórios destinam-se a compensar a perda de renda comprovadamente sofrida pelo proprietário.

Já os juros moratórios destinam-se a recompor a perda decorrente do atraso no efetivo pagamento da indenização e somente serão devidos à razão de até seis por cento ao ano, a partir de 1º de janeiro do exercício seguinte àquele em que o pagamento deveria ser feito.

Importante pontuar a diferença entre as duas espécies: os **juros moratórios** têm como fundamento o atraso no pagamento da indenização justa e devida; os **juros compensatórios** têm como fundamento a indenização (compensação) pela perda antecipada da propriedade/posse do bem expropriado.

▸ **Atenção!**

Conforme entendimento sumulado pelo STJ, na desapropriação podem ser cumulados os juros compensatórios e os juros moratórios.

Na desapropriação direta, os juros compensatórios são devidos desde a antecipada imissão na posse e, na desapropriação indireta, a partir da efetiva ocupação do imóvel. Já os juros moratórios, na desapropriação direta ou indireta, contam-se desde o trânsito em julgado da sentença.

Enquanto instrumento de compensação, os juros compensatórios podem indenizar, inclusive, eventuais lucros cessantes, pois se destinam a compensar o que o desapropriado deixou de ganhar com a perda antecipada do imóvel, ressarcir o impedimento do uso e gozo econômico do bem, ou o que deixou de lucrar. Os juros compensatórios são devidos mesmo quando o imóvel desapropriado for improdutivo, justificando-se a imposição pela frustração da expectativa de renda, pela possibilidade de aproveitamento do imóvel, a qualquer momento, de forma racional e adequada (STJ. Eresp 453.823/MA, relator para o acórdão Min. Castro Meira, DJ de 17.05.2004).

▸ Atenção!

Os juros compensatórios, em desapropriação, somente incidem até a data da expedição do precatório original, portanto, não são devidos juros compensatórios no cálculo de precatório complementar.

▸ Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para Procurador do Estado da Bahia, (UEPA/2015) foi considerada correta a seguinte assertiva: "É legítimo ao poder público expropriante *solicitar, em casos de urgência, a imissão provisória na posse do bem, o que poderá ser feita após despacho nesse sentido pelo juízo do feito, independentemente da citação do réu, mediante o depósito da quantia arbitrada de conformidade legal*".

No concurso para Juiz do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJ-SC/2010) foi considerada errada a seguinte assertiva: "*Havendo muita pressa na desapropriação, alegada pela Administração Pública, o juiz pode negar a imissão provisória na posse, mesmo quando já depositada a quantia arbitrada*".

2.6.8. *Direitos do desapropriado*

É importante frisar que a intervenção supressiva do Estado na propriedade privada deve se dar de forma excepcional, quando, efetivamente, houver justificativa legítima (interesse público) para a realização do ato.

Nessa feita, quando a desapropriação se fundamentar em interesses ilegítimos (ex: inequívoca perseguição política) ou não atender às exigências legais, o particular tem o direito de requerer tutela judicial, para interromper a ação expropriatória.

Além do direito à **justa indenização** (exceto no caso de desapropriação-confisco), que nem sempre precisa ser feita em dinheiro (vide desapropriações-sanção), podemos ressaltar dois outros direitos do desapropriado, quais sejam: o **direito de retrocessão** e o **direito de extensão.**

▸ **Atenção!**

Se, em procedimento de desapropriação por interesse social, constatar-se que a área medida do bem é maior do que a escriturada no Registro de Imóveis, o expropriado receberá indenização correspondente à área registrada, ficando a diferença depositada em Juízo até que, posteriormente, se complemente o registro ou se defina a titularidade para o pagamento a quem de direito (STJ, REsp 1.466.747-PE, DJe 3/3/2015 – Inf. 556).

- **Direito de retrocessão** é o direito do proprietário de exigir o bem de volta, caso seja-lhe dado destino não declarado na desapropriação. Há, no caso, **tredestinação** do bem ou desvio de finalidade do ato de desapropriação. Para alguns autores, a retrocessão proporciona ao expropriado apenas o pagamento de perdas e danos.

▸ **Atenção!**

O direito de retrocessão só será cabível se a nova destinação não for pública (**tredestinação ilícita**). Para que o expropriado tenha direito à devolução do imóvel é necessário que o Poder Público dê ao bem, destinação que não atenda ao interesse público (STJ, REsp 1025801, DJe 08/09/2009).

A **adestinação** ocorre quando não se utiliza o bem expropriado em qualquer finalidade, ela também pode justificar a retrocessão.

- **Direito de extensão** é o direito do expropriado de exigir (administrativamente ou em ação própria) que a desapropriação seja complementada, alcançando parte do bem que não foi incluída no ato declaratório, mas tornada inútil, pela desapropriação.

Como esse assunto foi cobrado em concurso?

No concurso para o cargo de Procurador do Município de Boa Vista (Cespe/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"Cabe a retrocessão quando o expropriante dá ao imóvel uma destinação pública diferente daquela mencionada no ato expropriatório"*.

No concurso para o cargo de Defensor Público da União (Cespe/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"Autoridade municipal competente desapropriou área pertencente a João, para a construção de um hospital público. Após o processo de desapropriação, verificou-se ser mais necessário construir, naquela área, uma escola pública, visto que o interesse da população local já estar sendo atendido por hospital construído na cidade. Nessa situação, João tem direito de exigir de volta o imóvel e pleitear indenização por perdas e danos"*.

No mesmo concurso (DPU-Cespe/2010), foi considerada errada a seguinte assertiva: *"As indenizações referentes a processo de desapropriação sempre devem ser pagas em moeda corrente ao expropriado"*.

Em relação a eventual arrendatário do imóvel expropriado, o STJ já prolatou julgado entendendo que a União é parte legítima para figurar no polo passivo de ação em que o arrendatário objetive ser indenizado pelos prejuízos decorrentes da desapropriação, por interesse social para a reforma agrária, do imóvel arrendado. Tal raciocínio decorre da constatação de que o direito à indenização do arrendatário não se sub-roga no preço do imóvel objeto de desapropriação por interesse social para a reforma agrária, pois a relação entre arrendante (expropriado) e arrendatário é de direito pessoal. Não se aplica, nessa hipótese, o disposto pelo artigo 31 do Decreto-Lei 3.365/1941, pois a sub-rogação no preço ocorre apenas quanto aos direitos reais constituídos sobre o bem expropriado. (STJ. REsp 1.130.124-PR, Rel. Min. Eliana Calmon, j. 4.4.2013. 2ª T. - Info 522).

Por fim, convém destacar que o ente desapropriante não responde por tributos incidentes sobre o imóvel desapropriado, nas hipóteses em que o período de ocorrência dos fatos geradores é anterior ao ato de aquisição originária da propriedade (STJ. REsp 1.668.058-ES, DJe 14/6/2017).

3. SÚMULAS DO STF

- **Súmula 23.** Verificados os pressupostos legais para o licenciamento da obra, não o impede a declaração de utilidade pública para desapropriação do imóvel, mas o valor da obra não se incluirá na indenização, quando a desapropriação for efetivada.

- **Súmula 111.** É legítima a incidência do imposto de transmissão "inter vivos" sobre a restituição, ao antigo proprietário, de imóvel que deixou de servir à finalidade da sua desapropriação.
- **Súmula 157.** É necessária prévia autorização do presidente da república para desapropriação, pelos estados, de empresa de energia elétrica.
- **Súmula 164.** No processo de desapropriação, são devidos juros compensatórios desde a antecipada imissão de posse, ordenada pelo juiz, por motivo de urgência.
- **Súmula 218.** É competente o juízo da fazenda nacional da capital do Estado, e não o da situação da coisa, para a desapropriação promovida por empresa de energia elétrica, se a União Federal intervém como assistente.
- **Súmula 378.** Na indenização por desapropriação incluem-se honorários do advogado do expropriado.
- **Súmula 416.** Pela demora no pagamento do preço da desapropriação não cabe indenização complementar além dos juros.
- **Súmula 476.** Desapropriadas as ações de uma sociedade, o poder desapropriante, imitido na posse, pode exercer, desde logo, todos os direitos inerentes aos respectivos títulos.
- **Súmula 561.** Em desapropriação, é devida a correção monetária até a data do efetivo pagamento da indenização, devendo proceder-se à atualização do cálculo, ainda que por mais de uma vez.
- **Súmula 617.** A base de cálculo dos honorários de advogado em desapropriação é a diferença entre a oferta e a indenização, corrigidas ambas monetariamente.
- **Súmula 618.** Na desapropriação, direta ou indireta, a taxa dos juros compensatórios é de 12% (doze por cento) ao ano.
- **Súmula 652.** Não contraria a Constituição o art. 15, § 1º, do Decreto-Lei 3365/1941 (Lei da desapropriação por utilidade pública).

4. SÚMULAS DO STJ

- **Súmula 12.** Em desapropriação, são cumuláveis juros compensatórios e moratórios.
- **Súmula 56.** Na desapropriação para instituir servidão administrativa são devidos os juros compensatórios pela limitação de uso da propriedade.

- **Súmula 67.** Na desapropriação, cabe a atualização monetária, ainda que por mais de uma vez, independente do decurso de prazo superior a um ano entre o cálculo e o efetivo pagamento da indenização.
- **Súmula 69.** Na desapropriação direta, os juros compensatórios são devidos desde a antecipada imissão na posse e, na desapropriação indireta, a partir da efetiva ocupação do imóvel.
- **Súmula 70.** Os juros moratórios, na desapropriação direta ou indireta, contam-se desde o trânsito em julgado da sentença.
- **Súmula 113.** Os juros compensatórios, na desapropriação direta, incidem a partir da imissão na posse, calculados sobre o valor da indenização, corrigido monetariamente.
- **Súmula 114.** Os juros compensatórios, na desapropriação indireta, incidem a partir da ocupação, calculados sobre o valor da indenização, corrigido monetariamente.
- **Súmula 119.** A ação de desapropriação indireta prescreve em vinte anos.
- **Súmula 131.** Nas ações de desapropriação incluem-se no cálculo da verba advocatícia as parcelas relativas aos juros compensatórios e moratórios, devidamente corrigidas.
- **Súmula 141.** Os honorários de advogado em desapropriação direta são calculados sobre a diferença entre a indenização e a oferta, corrigidas monetariamente.
- **Súmula 408.** Nas ações de desapropriação, os juros compensatórios incidentes após a Medida Provisória N. 1.577, de 11/06/1997, devem ser fixados em 6% ao ano até 13/09/2001 e, a partir de então, em 12% ao ano, na forma da Súmula n. 618 do Supremo Tribunal Federal.

Referências

BARROSO, Luís Roberto. "O Estado contemporâneo, os direitos fundamentais e a redefinição da supremacia do interesse público". In: prefácio ao livro *Interesse públicos versus interesses privados: desconstruindo o princípio de supremacia do interesse público*, Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005, p. XV.

BINENBOJM, Gustavo. Uma Teoria do Direito Administrativo. 1ª edição, Rio de Janeiro, Renovar, 2006.

BITTENCOURT, Marcus Vinícius Corrêa. Manual de Direito Administrativo. 4ª edição, Belo Horizonte, Fórum, 2010.

BOBBIO, Norberto. O futuro da democracia. 10ª edição. São Paulo: Paz e terra, 2000.

BRAGA, Valeschka e Silva. Princípios da proporcionalidade & da razoabilidade. 2ª. ed. Curitiba: Juruá, 2008.

BRASIL, Presidente. PLANO DIRETOR DA REFORMA DO APARELHO DO ESTADO: Presidência da República, Câmara da Reforma do Estado, Ministério da Administração e Reforma do Estado, 1995. Disponível em: ‹http://www.planalto.gov.br/publi_04/COLECAO/PLANDI.HTM›. Acesso em: 08/08/08, às 17:04:45.

BRASIL, Presidente. PLANO DIRETOR DA REFORMA DO APARELHO DO ESTADO: Presidência da República, Câmara da Reforma do Estado, Ministério da Administração e Reforma do Estado, 1995. Disponível em: ‹http://www.planalto.gov.br/publi_04/COLECAO/PLANDI.HTM› Acesso em: 08, agosto 2008, às 17:04:45.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Estratégia e estrutura para um novo Estado. Revista de Economia Política. vol. 17, nº 3 (67), julho-setembro/997.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Reforma da gestão e avanço social em uma economia semi-estagnada. Semi-Estagnada. Revista Brasileira de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p. 543-560, 2004.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes. O Direito Constitucional Passa, o Direito Administrativo Passa Também. In Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Rogério Soares. Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Coimbra: Coimbra Editora, 2001.

CARDOZO, José Eduardo Martins. Empresas estatais que exploram atividade econômica e seu dever de licitar. In; FIGUEIREDO, Marcelo e PONTES FILHO,

Marcelo (Organizadores). Estudos de direito público em homenagem a Celso Antonio Bandeira de Mello. Malheiros, 2006. p. 333-371.

CARVALHO FILHO, José dos Santos. Manual de direito administrativo, 23ª ed. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2010.

CARVALHO, Matheus. Manual de direito administrativo. Salvador: JusPodivm, 2014.

CARVALHO, Raquel Melo Urbano de. Curso de Direito Administrativo. Volume I. Salvador: JusPodivm, 2008.

COUTINHO, Alessandro Dantas; e RODOR, Ronald Krüger. Manual de Direito Administrativo. São Paulo: Método, 2015.

COUTINHO, Ana Luísa Celino. Servidor público: reforma administrativa, estabilidade, emprego público, direito adquirido. Curitiba: Juruá, 2003.

CUNHA JÚNIOR, Dirley da. Curso de Direito Administrativo. 8ª edição. Salvador: JusPodivm, 2009.

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. Direito Administrativo. 20ª edição. São Paulo: Atlas, 2007.

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. Parcerias na administração pública: concessão, permissão, franquia, terceirização, parceira público-privada e outras formas. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

DOTTI, Marinês Restelatto e PEREIRA JÚNIOR, Jessé Torres. Políticas públicas nas licitações e contratações administrativas. Belo Horizonte: Fórum, 2009.

FEITOSA, Maria Luíza P. A. Mayer. Paradigmas inconclusos: os contratos entre a autonomia privada, a regulação estatal e a globalização dos mercados. Coimbra: Coimbra, 2007.

FIGUEIREDO, Lúcia Valle (Coordenadora). Comentários à lei federal de processo administrativo. Belo Horizonte: Fórum, 2004.

FIGUEIREDO, Marcelo. *Teoria Geral do Estado*. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2001.

FRANÇA. Wladimir da Rocha, Reflexões sobre a prestação de serviços públicos por entidades do terceiro setor. Revista Eletrônica sobre a Reforma do Estado. Nº 06. 2006.

FURTADO, Lucas Rocha. Curso de Direito Administrativo. 1ª edição, Belo Horizonte, Editora Forum, 2007.

JUSTEN FILHO, Marçal. Comentários à Lei de licitações e contratos administrativos. 11ª ed. São Paulo: Dialética, 2005.

JUSTEN FILHO, Marçal. Curso de direito administrativo. São Paulo: Saraiva, 2005.

JUSTEN FILHO, Marçal. Curso de direito administrativo. Belo Horizonte: Fórum, 2011.

MACHADO, Hugo de Brito. Introdução ao estudo do Direito. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004. p. 210.

MÂNICA, Fernando Borges. Panorama histórico-legislativo do terceiro setor no Brasil: Do conceito de terceiro setor à Lei das OSCIP. In OLIVEIRA, Gustavo Henrique Justino de. (Organizador). Direito do terceiro setor: Atualidades e perspectivas. Curitiba: OAB, Seção do Paraná, 2006. Pág. 17-42.

MARINELA, Fernanda. Direito Administrativo. 4ª ed. Niterói: Impetus, 2010.

MARINELA, Fernanda. Direito administrativo. Volume I. 3ª ed. Salvador: JusPodivm, 2007.

MARTINS, Humberto Falcão. Em busca de uma teoria da burocracia pública não-estatal: Política e administração no terceiro setor. Revista de administração contemporânea, v.2, nº 3, set/dez, 1998, pág. 109-128.

MAURÍCIO JR. André Jackson de Holanda. TORRES, Ronny Charles Lopes de. *Improbidade Administrativa*. 2ª ed. Salvador: JusPodivm, 2016.

MAZZA, Alexandre. Manual de Direito Administrativo. São Paulo: Saraiva, 2011.

MEIRELES, Hely Lopes . Direito administrativo brasileiro. São Paulo: Malheiros, 2003.

MELLO, Celso Antonio Bandeira de. Curso de Direito Administrativo. 19ª edição. São Paulo: Malheiros, 2005.

MERCADANTE, Armando. Direito Administrativo (Coleção informativos comentados). Salvador: JusPodivm, 2010.

MODESTO, Paulo. Reforma Administrativa e Marco Legal das Organizações Sociais no Brasil. Revista de Direito Administrativo. N. 214, Págs. 55-68, out.dez., 1998. Rio de Janeiro. Ed. Renovar.

MODESTO. Paulo. Reforma do Estado, Formas de Prestação de Serviços ao Público e Parcerias Público-Privadas: Demarcando as fronteiras dos conceitos de serviço público, serviços de relevância pública e serviços de exploração econômica para as parcerias público-privadas. In: OSÓRIO, Fábio Medina; VILLELA, Marcos Juruena. (Org.). Direito Administrativo: Estudos em Homenagem a Diogo Figueiredo Moreira Neto. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 1.009-1.051.

MOREIRA NETO, Diogo de Figueiredo. As funções essenciais à justiça e as procuraturas constitucionais. Revista da Procuradoria-Geral do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, n. 45, p. 41-57, 1992.

MOREIRA NETO, Diogo de Figueiredo. Curso de Direito Administrativo. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

OLIVEIRA, Gustavo Henrique Justino de; MÂNICA, Fernando Borges. Organizações da sociedade civil de interesse público: termo de parceria e licitação. Fórum Administrativo, n. 49, p. 5225-5237, mar. 2005.

OLIVEIRA, Rafael Carvalho Rezende. Princípios do Direito Administrativo. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

PAES, José Eduardo Sabo. Fundações e entidades de interesse social: aspectos jurídicos, administrativos, contábeis e tributários. 2ª Ed. Brasília: Brasília Jurídica, 2000.

ROCHA, Sílvio Luís Ferreira da. Terceiro Setor. 2ª edição. São Paulo: Malheiros, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma reinvenção solidária e participativa do Estado. In Sociedade e Estado em transformação. Bresser-Pereira, Luiz Carlos; WILHEIM, Jorge e SOLA, Lourdes (orgs.). Sociedade e Estado em Transformação. UNESP/ENAP, 1999.

SCATOLINO, Gustavo; e TRINDADE, João. Manual de Direito Administrativo. 3ª edição, Salvador: JusPodivm, 2015.

SILVA, José Afonso da, Curso de Direito Constitucional Positivo. 9ª edição, São Paulo: Malheiros, 1993.

TORRES, Ronny Charles Lopes de. A responsabilidade do Advogado de Estado em sua função consultiva". In: Advocacia de Estado: questões institucionais para a construção de um Estado de Justiça. Estudos em homenagem a Diogo de Figueiredo Moreira Neto e José Antonio Dias Toffoli. (Coord) Jefferson Carús Guedes; Luciane Moessa de Souza. Belo Horizonte: Fórum, 2009.

TORRES, Ronny Charles Lopes de. Leis de licitações comentadas. 7ª edição. Salvador: JusPodivm, 2015.

TORRES, Silvia Faber. O princípio da subsidiariedade no Direito Público contemporâneo. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

coleção SINOPSES para concursos 9

DIREITO ADMINISTRATIVO

A *Coleção Sinopses para Concursos* tem por finalidade a preparação para concursos públicos de modo prático, sistematizado e objetivo.

Foram selecionadas as principais matérias constantes dos editais e chamados professores especializados em preparação de concursos a fim de elaborarem, de forma didática, o material necessário para a aprovação em concursos.

Diferentemente de outras sinopses/resumos, preocupamo-nos em apresentar ao leitor o entendimento do STF e do STJ sobre os principais pontos, além de abordar temas tratados em manuais e livros mais densos. Assim, ao mesmo tempo em que o leitor encontrará um livro sistematizado e objetivo, também terá acesso a temas atuais e entendimentos jurisprudenciais.

Dentro da metodologia que entendemos ser a mais apropriada para a preparação nas provas, demos destaques (em outra cor) às palavras-chaves, de modo a facilitar não somente a visualização, mas, sobretudo, a compreensão do que é mais importante dentro de cada matéria.

Quadros sinóticos, tabelas comparativas, esquemas e gráficos são uma constante da coleção, aumentando a compreensão e a memorização do leitor.

Contemplamos também questões das principais organizadoras de concursos do país, como forma de mostrar ao leitor como o assunto foi cobrado em provas.

Atualmente, essa "casadinha" é fundamental: conhecimento sistematizado da matéria e como foi a sua abordagem nos concursos.

Esperamos que goste de mais esta inovação que a Editora Juspodivm apresenta.

Nosso objetivo é sempre o mesmo: otimizar o estudo para que você consiga a aprovação desejada.

Bons estudos!

Leonardo Garcia
leonardo@leonardogarcia.com.br
www.leonardogarcia.com.br

ISBN 978-85-442-1620-0
9 788544 216200

EDITORA JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

LEONARDO BARRETO MOREIRA ALVES

PROCESSO PENAL

PARTE GERAL

CONFORME

- Lei 13.608/2018 – Serviço telefônico de recebimento de denúncias – "Disque-Denúncia"
- Lei 13.505/2017 – Atendimento especializado à mulher vítima de violência doméstica
- Lei 13.491/2017 – Altera a competência da Justiça Militar
- Lei 13.445/2017 – Lei de Migração
- Lei 13.441/2017 – Infiltração de agentes de polícia em ambiente virtual
- Lei 13.432/2017 – Regulamentação da profissão de detetive particular
- Lei 13.431/2017 – Garantias e direitos à criança ou adolescente
- Resolução 181/2017, do CNMP – acordo de não persecução penal
- Novas Súmulas do STJ em matéria criminal e processual penal

CONTEMPLA

- Introdução ao Direito Processual Penal
- Princípios e sistemas do processo penal
- Aplicação da lei processual penal no espaço
- Aplicação da lei processual penal no tempo
- Interpretação da lei processual penal
- Inquérito policial
- Ação penal
- Ação civil *ex delicto*
- Jurisdição e competência
- Questões e processos incidentes
- Prova

INCLUI

- Questões de concursos (objetivas, subjetivas e orais)
- Quadros de ATENÇÃO com partes importantes destacadas pelo autor
- Farta jurisprudência do STF e STJ
- Diversas tabelas, esquemas e quadros
- Palavras-chave marcadas em outra cor

coleção
SINOPSES
para concursos
Coordenação
Leonardo de Medeiros Garcia
7

8.ª edição
revista, ampliada e atualizada
2018

EDITORA JUSPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

LEONARDO BARRETO MOREIRA ALVES

PROCESSO PENAL

PARTE GERAL

8ª edição
revista, ampliada e atualizada

2018

EDITORA JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

coleção
SINOPSES para concursos
Coordenação
Leonardo de Medeiros Garcia

7

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 164, Ed. Marfina, 1º Andar – Pituba, CEP: 41830-150 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3045.9051 • Contato: <https://www.editorajuspodivm.com.br/sac>

Copyright: Edições *Jus*PODIVM

Conselho Editorial: Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Diagramação: Linotec *(www.linotec.com.br)*

Capa: Ana Caquetti

ISBN: 978-85-442-1978-2

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

Dedico esta obra aos meus filhos, Cecília e Leonardo, e à minha esposa Patrícia, mais do que tudo, minha própria vida, meus sonhos e minha felicidade plena.

Agradecimentos

Agradeço a meus pais, Jaime e Ana Angélica, meus heróis, pelo amor incondicional e desmedido, exemplos e valores de vida; à minha querida irmã, Manuela, pela alegria de viver, inspiração para mim; a meus sogros, Adolpho e Lília, e minhas cunhadas, Luciana e Mariana, pelo apoio em todos os momentos; ao amigo Leonardo Garcia, por confiar novamente em meu trabalho e pelo constante incentivo; ao Professor Nestor Távora, pela valiosa participação neste trabalho; ao amigo-irmão e colega Márcio Soares Berclaz, pelos projetos em comum e por tão gentis palavras externadas nesta obra; aos amigos e alunos dos cursos Pro Labore, Supremo Concursos e Fundação Escola Superior do Ministério Público de Minas Gerais, por prestigiarem meu trabalho como Professor de Direito Processual Penal e por contribuírem diretamente para o amadurecimento das ideias e reflexões apresentadas neste livro; aos amigos da Promotoria de Justiça do Meio Ambiente de Contagem, pela troca cotidiana de experiências; e à Editora Juspodivm, por mais uma parceria.

Belo Horizonte (MG), janeiro de 2018.

Leonardo Barreto Moreira Alves

Redes sociais: Instagram (lbmalves); Twitter (@leonardobmalves); Facebook (www.facebook.com/leonardobarretomalves)

Nem tudo é fácil

É difícil fazer alguém feliz, assim como é fácil fazer triste.

É difícil dizer eu te amo, assim como é fácil não dizer nada.

É difícil valorizar um amor, assim como é fácil perdê-lo para sempre.

É difícil agradecer pelo dia de hoje, assim como é fácil viver mais um dia.

É difícil enxergar o que a vida traz de bom, assim como é fácil fechar os olhos e atravessar a rua.

É difícil se convencer de que se é feliz, assim como é fácil achar que sempre falta algo.

É difícil fazer alguém sorrir, assim como é fácil fazer chorar.

É difícil colocar-se no lugar de alguém, assim como é fácil olhar para o próprio umbigo.

Se você errou, peça desculpas...

É difícil pedir perdão? Mas quem disse que é fácil ser perdoado?

Se alguém errou com você, perdoa-o...

É difícil perdoar? Mas quem disse que é fácil se arrepender?

Se você sente algo, diga...

É difícil se abrir? Mas quem disse que é fácil encontrar alguém que queira escutar?

Se alguém reclama de você, ouça...

É difícil ouvir certas coisas? Mas quem disse que é fácil ouvir você?

Se alguém te ama, ame-o...

É difícil entregar-se? Mas quem disse que é fácil ser feliz?

Nem tudo é fácil na vida...Mas, com certeza, nada é impossível.

Precisamos acreditar, ter fé e lutar para que não apenas sonhemos,

Mas também tornemos todos esses desejos, realidade!!!

Cecília Meireles

Coleção Sinopses para Concursos

A *Coleção Sinopses para Concursos* tem por finalidade a preparação para concursos públicos de modo prático, sistematizado e objetivo.

Foram separadas as principais matérias constantes nos editais e chamados professores especializados em preparação de concursos a fim de elaborarem, de forma didática, o material necessário para a aprovação em concursos.

Diferentemente de outras sinopses/resumos, preocupamo-nos em apresentar ao leitor o entendimento do STF e do STJ sobre os principais pontos, além de abordar temas tratados em manuais e livros mais densos. Assim, ao mesmo tempo que o leitor encontrará um livro sistematizado e objetivo, também terá acesso a temas atuais e entendimentos jurisprudenciais.

Dentro da metodologia que entendemos ser a mais apropriada para a preparação nas provas, demos destaques (em outra cor) às palavras-chaves, de modo a facilitar não somente a visualização, mas, sobretudo, a compreensão do que é mais importante dentro de cada matéria.

Quadros sinóticos, tabelas comparativas, esquemas e gráficos são uma constante da coleção, aumentando a compreensão e a memorização do leitor.

Contemplamos também questões das principais organizadoras de concursos do país, como forma de mostrar ao leitor como o assunto foi cobrado em provas. Atualmente, essa "casadinha" é fundamental: conhecimento sistematizado da matéria e como foi a sua abordagem nos concursos.

Esperamos que goste de mais esta inovação que a Editora Juspodivm apresenta.

Nosso objetivo é sempre o mesmo: otimizar o estudo para que você consiga a aprovação desejada.

Bons estudos!

Leonardo Garcia

leonardo@leonardogarcia.com.br

www.leonardogarcia.com.br

Coleção Sinopses para Concursos

A *Coleção Sinopses para Concursos* tem por finalidade a preparação para concursos públicos de modo prático, sistematizado e objetivo.

Foram separadas as principais matérias constantes nos editais e chamados professores especializados em preparação de concursos a fim de elaborarem, de forma didática, o material necessário para a aprovação em concursos.

Diferentemente de outras sinopses/resumos, preocupamo-nos em apresentar ao leitor o entendimento do STF e do STJ sobre os principais pontos, além de abordar temas tratados em manuais e livros mais densos. Assim, ao mesmo tempo que o leitor encontrará um livro sistematizado e objetivo, também terá acesso a temas atuais e entendimentos jurisprudenciais.

Dentro da metodologia que entendemos ser a mais apropriada para a preparação nas provas, demos destaques (em outra cor) às palavras-chaves, de modo a facilitar não somente a visualização, mas, sobretudo, a compreensão do que é mais importante dentro de cada matéria.

Quadros sinóticos, tabelas comparativas, esquemas e gráficos são uma constante da coleção, aumentando a compreensão e a memorização do leitor.

Contemplamos também questões das principais organizadoras de concursos do país, como forma de mostrar ao leitor como o assunto foi cobrado em provas. Atualmente, essa "casadinha" é fundamental: conhecimento sistematizado da matéria e como foi a sua abordagem nos concursos.

Esperamos que goste de mais esta inovação que a Editora Juspodivm apresenta.

Nota do autor à 8ª edição

Nesta 8ª edição, mantivemos a estrutura da obra, com comentários doutrinários objetivos sobre os temas contemplados neste volume, bem como a inserção de questões de concursos públicos e de julgados dos principais tribunais do país. No entanto, o trabalho foi profundamente revisto, atualizado e ampliado. Nesse sentido, acrescentamos questões de concursos públicos, de primeira e segunda etapas, realizados em 2017. Além disso, incluímos as decisões mais relevantes publicadas nos informativos do STJ e do STF no referido ano. Por fim, atualizamos o texto com base em novas leis publicadas igualmente em 2018.

Com isso, em parceria com a editora Juspodivm, entregamos à comunidade jurídica uma obra fiel às suas origens, mas com doutrina, jurisprudência e legislação profundamente renovadas, na expectativa de que o perfil de um Processo Penal Constitucional continue a ser apresentado ao leitor sem qualquer tipo de defasagem.

Gostaríamos ainda de registrar os nossos agradecimentos a todos os leitores que prestigiaram a 7ª edição deste trabalho e contribuíram sensivelmente para o aprimoramento do livro, enviando *e-mails* com valiosas críticas construtivas e sugestões.

Ficamos na expectativa de que toda essa interatividade possa voltar a ocorrer a partir da publicação desta 8ª edição!

Belo Horizonte(MG), janeiro de 2018

Leonardo Barreto Moreira Alves

Redes sociais: Instagram (lbmalves); Twitter (@leonardobmalves); Facebook (www.facebook.com/leonardobarretomalves)

Guia de leitura da Coleção

A Coleção foi elaborada com a metodologia que entendemos ser a mais apropriada para a preparação de concursos.

Neste contexto, a Coleção contempla:

- **DOUTRINA OTIMIZADA PARA CONCURSOS**

Além de cada autor abordar, de maneira sistematizada, os assuntos triviais sobre cada matéria, são contemplados temas atuais, de suma importância para uma boa preparação para as provas.

> Muitos dos conceitos do nosso Direito Administrativo foram concebidos ainda no período do **Estado Liberal**. Outra parte desse ramo jurídico foi concebida durante o **Estado Social**. A concepção democrática, hoje pretendida, exige a acomodação dos conceitos e normas tradicionais ao novo paradigma constitucional (**Estado Democrático de Direito**), impondo uma *"outra qualidade de Estado"*.
>
> Perceber essa mutação no direito administrativo é um diferencial que auxilia no estudo da matéria e no desenvolvimento do jurista, sendo importante para a compreensão de algumas questões objetivas, além de essencial para questões suscitadas em provas subjetivas e orais, pelas melhores bancas.

- **ENTENDIMENTOS DO STF E STJ SOBRE OS PRINCIPAIS PONTOS**

> Segundo precedente do STF, é compatível com o princípio da impessoalidade, dispositivo de Constituição Estadual que vede ao Estado e aos Municípios atribuir nome de pessoa viva a avenida, praça, rua, logradouro, ponte, reservatório de água, viaduto, praça de esporte, biblioteca, hospital, maternidade, edifício público, auditórios, cidades e salas de aula (STF, ADI 307/CE, rel. Min. Eros Grau, 13.2.2008).

• PALAVRAS-CHAVES EM OUTRA COR

As palavras mais importantes (palavras-chaves) são colocadas em outra cor para que o leitor consiga visualizá-las e memorizá-las mais facilmente.

> **Cargo** é o local criado por lei dentro do serviço público que possui atribuições, nomenclatura e remuneração próprias.
>
> O cargo público, por sua vez, subdivide-se em **cargo efetivo e em comissão.**

• QUADROS, TABELAS COMPARATIVAS, ESQUEMAS E DESENHOS

Com esta técnica, o leitor sintetiza e memoriza mais facilmente os principais assuntos tratados no livro.

• QUESTÕES DE CONCURSOS NO DECORRER DO TEXTO

Através da seção *"Como esse assunto foi cobrado em concurso?"* é apresentado ao leitor como as principais organizadoras de concurso do país cobram o assunto nas provas.

> ▸ **Como esse assunto foi cobrado em concurso?**
>
> No concurso para provimento do cargo de Procurador do Estado do Ceará-2008, foi considerada incorreta a seguinte assertiva: *Ao criar autarquia, a administração pública apenas transfere a ela a execução de determinado serviço público, permanecendo com a titularidade desse serviço.*

Apresentação

É com imensa honra e alegria que recebo a saborosa missão de apresentar a obra "Coleção Sinopses para Concursos: Processo Penal", *de autoria do amigo e colega de Ministério Público, Professor Leonardo Barreto Moreira Alves.*

Ciente da responsabilidade da missão, entendo que meu estado de ânimo e sensibilidade estão plenamente justificados não só pelas qualidades profissionais, mas, sobretudo, pelos predicados e virtudes pessoais deste jovem, talentoso, ativo e, merecidamente, já um tanto quanto (re)conhecido escritor.

Trata-se de obra que consegue conciliar, de modo muito competente, objetividade e densidade de conteúdo, oportunizando janelas para uma visualização panorâmica e bastante interessante do jardim do direito processual penal, seja para um primeiro contato, seja para oxigenação e hidratação de conhecimentos de um leitor já iniciado. Prova disso é a menção destacada das alterações legislativas, sem dúvida um importante diferencial.

Cumprindo com o objetivo a que se propõe, o presente livro faz uma exposição adequada da dogmática clássica e tradicional da "manualística", mesclando-a com pinceladas de leitura critica e contemporânea constitucional-garantista do processo penal, o que torna a presente publicação útil não só para a etapa preliminar do concurso, como também para preparação inicial para a fase das provas escritas e discursivas, uma vez que a disposição dos temas encontra-se organizada de modo bastante didático, facilitando uma compreensão sistêmica.

Cada referência doutrinária, a propósito, não deixa de ser um convite e uma indicação para que o leitor, na medida do possível, esteja atento e consulte outras fontes, cautela necessária para subsidiar maior compreensão cognitiva do processo penal, tarefa mental que sempre há(haveria) de preceder qualquer tentativa robótica de memorização, ainda que a segunda atividade, infelizmente, pareça ser a ilusória essência do conhecimento no atual sistema (de) for-

mado de educação jurídica, vício iniciado na graduação e lamentavelmente reproduzido na sistemática de muitos concursos públicos, especialmente na fase preambular de questões objetivas.

A propósito, importante deixar claro que este livro não se limita a uma rasteira compilação doutrinária, mostrando atenção com a orientação jurisprudencial dos Tribunais Superiores (STJ e STF) e, acima de tudo, com a demonstração do tema de forma relacionada com a sua "aplicação em concursos públicos", correlação de teoria e prática fundamental e um tanto quanto inovadora para o público que almeja ingresso nas mais diversas carreiras públicas.

Na convicção de que a contribuição e participação crítica da comunidade de leitura será importante para enriquecer e aprimorar ainda mais as próximas edições de já tão qualificada obra, desejo-te, caro leitor, **bom divertimento** - afinal de contas, estudar o direito processual penal também precisa se constituir num ato de genuíno **prazer** e, por que não, de verdadeiro amor, lição de estudo que aprendi com o genial jusfilósofo e pensador argentino-brasileiro, Professor Luis Alberto Warat, mentor, dentre tantas coisas, da relação do direito com a arte, da sensibilidade, da (re) subjetivação, requisitos sempre presentes numa obra bem intencionada e original como a que orgulhosamente apresento a você.

Boa leitura!

Primavera de 2010, Oeste do Paraná

Márcio Soares Berclaz

Prefácio

O processo penal está em constante mutação. As sucessivas reformas legislativas, aliadas ao redirecionamento jurisprudencial, proporcionam uma nova modelação da persecução penal brasileira. O desafio de irrigar o processo com as premissas constitucionais, ultrapassando o paradigma da década de 40, torna inquietante o anseio por mudanças, ainda muito tênues quando comparadas com a imensidão da tarefa. Esforço hercúleo!

Vivenciamos um momento singular na história do país. Nunca insistimos tanto em ferramentas para otimizar a administração da justiça. O "tempo social" acaba por ser implacável, imprimindo o seu ritmo a tudo. Antecipação do julgamento meritório, celeridade procedimental, concentração da instrução, sumarização da investigação, prazo para encerramento dos procedimentos, enfim, a dosagem temporal marca a rotina procedimental. O ganho de tempo, sabe-se lá a que custo (certamente alto), imprime com exatidão o desejo de mais (resultado), com menos (esforço).

Montar a equação com a justa dosagem é o desafio do legislador e do intérprete. O tempo adequado, na exata medida, para que a justiça não se apresente a destempo, e para que o procedimento não atropele garantias, é o objetivo do processo penal constitucional.

O Professor Leonardo Barreto não se furtou a enfrentar um árduo desafio na elaboração deste trabalho. De forma séria e polida, com sobriedade, teve que optar por uma abordagem objetiva, com a preocupação de entregar ao leitor a essência do assunto, já que o ***tempo é implacável***. É nesse momento que a responsabilidade do autor se avoluma. A confiança na boa preleção da matéria, e o êxito em estruturar o assunto com a técnica que lhe é peculiar, marcam o desenvolvimento da obra, realçando a relação de fidelidade e presteza com o leitor.

A presente obra não tem pretensão exaustiva, mas também não comete o pecado da superficialidade. De maneira cirúrgica, e

dialogando sempre, o autor conseguiu promover o tratamento dos principais temas do processo penal, de forma clara, descortinando a secura da lei, com uma importante contribuição doutrinária, atingindo a sua justa dosagem.

Belo Horizonte, 14 de setembro de 2010.

Nestor Távora

Sumário

Capítulo I ▸ **INTRODUÇÃO AO DIREITO PROCESSUAL PENAL** 27
1. CONCEITO DO DIREITO PROCESSUAL PENAL 27
2. FINALIDADE DO DIREITO PROCESSUAL PENAL 29
3. CARACTERÍSTICAS E POSIÇÃO ENCICLOPÉDICA DO DIREITO PROCESSUAL PENAL 30
4. FONTES DO DIREITO PROCESSUAL PENAL 30

Capítulo II ▸ **PRINCÍPIOS E SISTEMAS DO PROCESSO PENAL** 35
1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE OS PRINCÍPIOS 35
2. PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS DO PROCESSO PENAL 36
2.1. Princípios constitucionais explícitos do processo penal 36
2.1.1. Princípio da presunção da inocência ou do estado de inocência ou da situação jurídica de inocência ou da não culpabilidade (art. 5º, LVII, CF) 36
2.1.2. Princípio da igualdade processual ou da paridade das armas – *par conditio* (art. 5º, *caput*, CF) 39
2.1.3. Princípio da ampla defesa (art. 5º, LV, CF) 40
2.1.4. Princípio da plenitude da defesa (art. 5º, XXXVIII, alínea "a", CF) 43
2.1.5. Princípio da prevalência do interesse do réu ou *favor rei, favor libertatis, in dubio pro reo, favor inocente* (art. 5º, LVII, CF) 44
2.1.6. Princípio do contraditório ou da bilateralidade da audiência (art. 5º, LV, CF) 45
2.1.7. Princípio do juiz natural (art. 5º, LIII, CF) 45
2.1.8. Princípio da publicidade (arts. 5º, LX e XXXIII, e 93, IX, CF e art. 792, *caput*, CPP) 46
2.1.9. Princípio da vedação das provas ilícitas (art. 5º, LVI, CF) 47
2.1.10. Princípios da economia processual, celeridade processual e duração razoável do processo (art. 5º, LXXVIII, CF) 49
2.1.11. Princípio constitucional geral do devido processo penal – devido processo legal ou *due process of law* (art. 5º, LIV, CF) 51
2.2. Princípios constitucionais implícitos do processo penal 52

2.2.1. Princípio de que ninguém está obrigado a produzir prova contra si mesmo ou da não autoincriminação (*nemo tenetur se detegere*) 52
2.2.2. Princípio da iniciativa das partes ou da ação ou da demanda (ne procedat judex ex officio) e princípio consequencial da correlação entre acusação e sentença 53
2.2.3. Princípio do duplo grau de jurisdição 55
2.2.4. Princípio do juiz imparcial 56
2.2.5. Princípio do promotor natural e imparcial ou promotor legal 56
2.2.6. Princípio da obrigatoriedade da ação penal pública (ou legalidade processual) e princípio consequencial da indisponibilidade da ação penal pública 60
2.2.7. Princípio da oficialidade 62
2.2.8. Princípio da oficiosidade 63
2.2.9. Princípio da autoritariedade 63
2.2.10. Princípio da intranscendência ou da pessoalidade ... 63
2.2.11. Princípio da vedação da dupla punição e do duplo processo pelo mesmo fato (*ne bis in idem*) 64
3. PRINCÍPIOS DO PROCESSO PENAL PROPRIAMENTE DITOS 65
3.1. Princípio da busca da verdade real ou material 65
3.2. Princípio da oralidade e princípios consequenciais da concentração, da imediatidade e da identidade física do juiz 66
3.3. Princípio da indivisibilidade da ação penal privada (art. 48 CPP) 67
3.4. Princípio da comunhão ou aquisição da prova 68
3.5. Princípio do impulso oficial 69
3.6. Princípio da persuasão racional ou livre convencimento motivado 70
3.7. Princípio da lealdade processual 71
4. SISTEMAS DE PROCESSO PENAL 71
4.1. Sistema inquisitivo 71
4.2. Sistema acusatório 72
4.3. Sistema misto ou acusatório formal 72
4.4. Opção do sistema processual brasileiro 73

Capítulo III ▸ **APLICAÇÃO DA LEI PROCESSUAL PENAL NO ESPAÇO** 75
1. PRINCÍPIO DA TERRITORIALIDADE (ART. 1º CPP) 75
2. CONCEITO DE TERRITÓRIO 76

3. EXCEÇÕES À REGRA DA TERRITORIALIDADE 77
3.1. Tratados, convenções e regras de direito internacional (art. 1º, I, CPP) 77
3.2. Jurisdição política (art. 1º, II, CPP) 79
3.3. Justiça Militar (art. 1º, III, CPP) 80
3.4. Tribunal de Segurança Nacional (art. 1º, IV, CPP) 80
3.5. Lei de Imprensa (art. 1º, V, CPP) 80
3.6. Legislação especial (art. 1º, parágrafo único, CPP) 81

Capítulo IV ▸ **APLICAÇÃO DA LEI PROCESSUAL PENAL NO TEMPO** 83
1. REGRA GERAL (ART. 2º CPP) – PRINCÍPIO DO EFEITO IMEDIATO OU PRINCÍPIO DA APLICAÇÃO IMEDIATA OU SISTEMA DO ISOLAMENTO DOS ATOS PROCESSUAIS 83
2. EXCEÇÃO (ART. 3º LICPP) 86
3. NORMAS PROCESSUAIS PENAIS MATERIAIS OU MISTAS OU HÍBRIDAS (ART. 2º LICPP) 86
4. VIGÊNCIA, REVOGAÇÃO E REPRISTINAÇÃO 88
4.1. Vigência 88
4.2. Revogação 89
4.3. Repristinação 89

Capítulo V ▸ **INTERPRETAÇÃO DA LEI PROCESSUAL PENAL** 91
1. NOÇÕES GERAIS 91
2. ESPÉCIES DE INTERPRETAÇÃO DA LEI PROCESSUAL PENAL 91
2.1. Quanto ao sujeito que a realiza ou à origem 91
2.2. Quanto aos meios empregados ou ao modo 92
2.3. Quanto aos resultados 93

Capítulo VI ▸ **INQUÉRITO POLICIAL** 97
1. INTRODUÇÃO 97
2. CONCEITO 97
3. POLÍCIA JUDICIÁRIA (ART. 4º, ***CAPUT***, CPP e ART. 144, ***CAPUT***, § 1º, I e IV, e § 4º, CF) 101
4. OUTRAS INVESTIGAÇÕES CRIMINAIS (ART. 4º, PARÁGRAFO ÚNICO, CPP). 103
5. A INVESTIGAÇÃO CRIMINAL PRESIDIDA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO 105
6. CARACTERÍSTICAS DO INQUÉRITO POLICIAL 112
7. INÍCIO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 5º, I, II e § 3º, CPP) 123
8. INSTAURAÇÃO DO INQUÉRITO POLICIAL COM BASE EM DELATIO CRIMINIS ANÔNIMA 127
9. INTERFERÊNCIA DA ESPÉCIE DE AÇÃO PENAL NA INSTAURAÇÃO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 5º, §§ 4º e 5º, CPP) 129
10. *NOTITIA CRIMINIS* OU NOTÍCIA DO CRIME 130

11. INVESTIGAÇÕES CRIMINAIS CONTRA AUTORIDADES COM PRERROGATIVA DE FORO 130
12. IDENTIFICAÇÃO CRIMINAL (ART. 5º, LVIII, CF, ART. 3º DA LEI Nº 12.037/09 C/C LEI Nº 12.654/12) 133
13. DILIGÊNCIAS INVESTIGATÓRIAS (ARTS. 6º e 13 CPP) 136
14. REPRODUÇÃO SIMULADA DOS FATOS OU RECONSTITUIÇÃO DO CRIME (ART. 7º CPP) 144
15. PRAZO PARA CONCLUSÃO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 10, ***CAPUT*** e § 3º, CPP) 144
16. RELATÓRIO FINAL E INDICIAMENTO (ART. 10, §§ 1º e 2º, CPP) 148
17. DESTINO DO INQUÉRITO POLICIAL (ARTS. 11, 19 e 23 CPP) 151
18. INQUÉRITO COMO BASE DA DENÚNCIA OU QUEIXA E SUA DISPENSABILIDADE (ART. 12 CPP) 152
19. DISCRICIONARIEDADE DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 14 CPP) 153
20. CURADOR (ART. 15 CPP) 154
21. NOVAS DILIGÊNCIAS REQUERIDAS PELO MINISTÉRIO PÚBLICO (ARTS. 16 e 47 CPP) 155
22. ARQUIVAMENTO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 17 CPP) 156
23. CONTROLE DO ARQUIVAMENTO DO INQUÉRITO POLICIAL E DE PEÇAS DE INFORMAÇÃO (ART. 28 CPP) 158
24. ARQUIVAMENTO INDIRETO 161
25. ARQUIVAMENTO PROVISÓRIO 163
26. TRANCAMENTO DO INQUÉRITO POLICIAL 163
27. DESARQUIVAMENTO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 18 CPP e SÚMULA 524 STF) 164
28. "COMPETÊNCIA" EM INQUÉRITO POLICIAL (ART. 22 CPP) 166
29. TERMO CIRCUNSTANCIADO DE OCORRÊNCIA (ART. 69, *CAPUT*, DA LEI Nº 9.099/95) 168

Capítulo VII ▸ **AÇÃO PENAL** **171**
1. CONCEITO, NATUREZA JURÍDICA E FUNDAMENTO CONSTITUCIONAL 171
2. ESPÉCIES (ART. 100 CP e ART. 24, *CAPUT*, CPP) 172
3. CASOS ESPECIAIS 173
   3.1. Ação penal nos crimes contra a honra de funcionário público praticado no exercício de suas funções (Súmula 714 STF) 173
   3.2. Ação penal nos crimes contra a dignidade sexual (art. 225 CP) 174
   3.3. Ação penal no crime de injúria qualificada ou injúria racial (art. 145, parágrafo único, CP) 184
   3.4. Ação penal nos crimes de lesões corporais leves e culposas na Lei Maria da Penha (art. 41 da Lei nº 11.340/06) 185

3.5. Ação penal popular (art. 14 da Lei nº 1.079/50) 186
3.6. Ação penal *ex officio* (art. 654, §2º, CPP) 187
3.7. Ação de prevenção penal 188
3.8. Ação penal adesiva 188
3.9. Ação penal secundária 188
3.10. Princípio da suficiência da ação penal 189
3.11. Ação penal extensiva 190
3.12. Ação penal de segundo grau 190
4. CONDIÇÕES DA AÇÃO PENAL (ART. 395, II e III, CPP) 191
5. AÇÃO PENAL PÚBLICA 203
5.1. Princípios regentes 203
5.1.1. Princípio da obrigatoriedade (ou legalidade processual) e princípio consequencial da indisponibilidade 203
5.1.2. Princípio da oficialidade 205
5.1.3. Princípio da oficiosidade 206
5.1.4. Princípio da autoritariedade 206
5.1.5. Princípio da (in)divisibilidade 207
5.1.6. Princípio da intranscendência ou da pessoalidade ... 208
5.2. Representação do ofendido 208
5.3. Requisição do Ministro da Justiça 214
6. AÇÃO PENAL PRIVADA 215
6.1. Legitimação ativa 216
6.2. Princípios regentes 217
6.2.1. Princípio da oportunidade ou da conveniência 217
6.2.2. Princípio da disponibilidade 217
6.2.3. Princípio da indivisibilidade da ação penal privada (art. 48 CPP) 218
6.2.4. Princípio da intranscendência ou da pessoalidade ... 218
6.3. Decadência 219
6.4. Renúncia 221
6.5. Perdão 222
6.6. Perempção (art. 60 CPP) 225
6.7. Espécies de ação penal privada 228
6.7.1. Ação penal exclusivamente privada ou propriamente dita 228
6.7.2. Ação penal privada personalíssima 228
6.7.3. Ação penal privada subsidiária da pública ou supletiva (art. 5º, LIX, CF, e art. 29 CPP) 228
6.8. Custas e honorários advocatícios 233
7. DENÚNCIA OU QUEIXA-CRIME 234
7.1. Formalidades essenciais para a elaboração da denúncia ou queixa-crime (arts. 41 e 44 CPP) 235

7.2. Concisão da denúncia ou queixa. Denúncia ou queixa genérica. Denúncia ou queixa alternativa. 242
7.3. Prazo para oferecimento da denúncia (art. 46, *caput*, CPP). 244
7.4. Prazo para oferecimento da queixa-crime (art. 38 CPP)..... 246
8. INTERVENÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO NA AÇÃO PENAL PRIVADA 248
9. RECONHECIMENTO DA EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE (ARTS. 61 e 62 CPP) 249

Capítulo VIII ▸ AÇÃO CIVIL *EX DELICTO*..... 251
1. CONCEITO 251
2. SENTENÇA PENAL CONDENATÓRIA COMO TÍTULO EXECUTIVO (ART. 63 CPP) 251
3. AÇÃO PARA RESSARCIMENTO DO DANO (ART. 64 CPP)..... 257
4. COMPETÊNCIA NA AÇÃO CIVIL *EX DELICTO*..... **259**
5. EXCLUDENTES DE ILICITUDE (ART. 65 CPP)..... 260
6. CAUSAS QUE POSSIBILITAM A AÇÃO CIVIL INDENIZATÓRIA (ARTS. 66 E 67 CPP)..... 262
7. LEGITIMIDADE PARA OFERECIMENTO DA AÇÃO CIVIL *EX DELICTO* NO CASO DE INTERESSADO POBRE (ART. 68 CPP) 263
8. PRAZO PRESCRICIONAL..... 263

Capítulo IX ▸ JURISDIÇÃO E COMPETÊNCIA..... 265
1. JURISDIÇÃO..... 265
2. COMPETÊNCIA..... 267
3. COMPETÊNCIA TERRITORIAL (*RATIONE LOCI*)..... **270**
3.1. O lugar da infração penal como regra geral (art. 70 CPP) 270
3.2. O domicílio ou residência do réu como foro supletivo (art. 72 CPP)..... 274
3.3. Ação penal exclusivamente privada (art. 73 CPP) 275
4. COMPETÊNCIA EM RAZÃO DA MATÉRIA (*RATIONE MATERIAE*) OU PELA NATUREZA DA INFRAÇÃO (ART. 74 CPP)..... 275
4.1. Competência do Tribunal do Júri 275
4.2. Competência da Justiça Eleitoral..... 276
4.3. Competência da Justiça Militar..... 277
4.4. Competência da Justiça Federal..... 284
5. A DISTRIBUIÇÃO COMO ALTERNATIVA À COMPETÊNCIA CUMULATIVA SUPLETIVA (ART. 75 CPP)..... 299
6. A COMPETÊNCIA POR CONEXÃO E CONTINÊNCIA - ALTERAÇÃO DE COMPETÊNCIA (ARTS. 76 E 77 CPP) 300
7. FORO PREVALENTE (ART. 78 CPP)..... 304
8. SEPARAÇÃO OBRIGATÓRIA DE PROCESSOS (ART. 79 CPP) 307
9. SEPARAÇÃO FACULTATIVA DE PROCESSOS (ART. 80 CPP) 309
10. PERPETUAÇÃO DA JURISDIÇÃO - *PERPETUATIO JURISDICTIONIS* (ART. 81 CPP) 310

11. AUTORIDADE DA JURISDIÇÃO PREVALENTE (ART. 82 CPP) 312
12. A PREVENÇÃO COMO CRITÉRIO RESIDUAL DE FIXAÇÃO DA COMPETÊNCIA (ART. 83 CPP) 312
13. COMPETÊNCIA EM RAZÃO DA PRERROGATIVA DE FORO (*RATIONE PERSONAE*) 313
13.1. Perpetuação da jurisdição em caso de foro privilegiado (art. 84, § 1º, CPP) 323
13.2. Extensão do foro privilegiado às ações de improbidade administrativa (art. 84, § 2º, CPP) 324
13.3. Exceção da verdade nos crimes contra a honra (art. 85 CPP) 324
14. REGRAS DE APLICAÇÃO DA LEI PROCESSUAL PENAL NO ESPAÇO (ARTS. 88 A 91 CPP) 325

Capítulo X ▸ **QUESTÕES E PROCESSOS INCIDENTES** 329
1. QUESTÕES PREJUDICIAIS (ARTS. 92 A 94 CPP) 329
2. EXCEÇÕES (ARTS. 95 A 111 CPP) 335
2.1. Exceção de suspeição (arts. 96 a 107 CPP) 336
2.2. Exceção de incompetência (arts. 108 e 109 CPP) 338
2.3. Exceções de litispendência, ilegitimidade de parte e coisa julgada (art. 110 CPP) 340
3. INCOMPATIBILIDADES E IMPEDIMENTOS (ART. 112 CPP) 341
4. CONFLITO DE JURISDIÇÃO (ARTS. 113 A 117 CPP) 342
5. RESTITUIÇÃO DAS COISAS APREENDIDAS (ARTS. 118 A 124 CPP) 345
6. MEDIDAS ASSECURATÓRIAS (ARTS. 125 A 144 CPP) 348
6.1. Sequestro (arts. 125 a 133 CPP) 348
6.2. Hipoteca legal (arts. 134 e 135 CPP) 351
6.3. Arresto (arts. 136 a 144 CPP) 353
7. INCIDENTE DE FALSIDADE (ARTS. 145 A 148 CPP) 356
8. INSANIDADE MENTAL DO ACUSADO (ARTS. 149 A 154 CPP) 357

Capítulo XI ▸ **PROVA** 363
1. CONCEITO 363
2. SISTEMAS DE AVALIAÇÃO DA PROVA (ART. 155 CPP) 363
3. ÔNUS DA PROVA, ATIVIDADE PROBATÓRIA DO JUIZ E GESTÃO DA PROVA (ART. 156 CPP) 367
4. MEIOS DE PROVA (ART. 157 CPP) 370
5. PROVA EMPRESTADA 379
6. FINALIDADE E OBJETO DA PROVA 381
7. CLASSIFICAÇÃO DA PROVA 382
8. TEORIA DO ENCONTRO FORTUITO OU CASUAL DE PROVAS/SERENDIPIDADE 383
9. PROVAS EM ESPÉCIE 386

9.1. Prova pericial (arts. 158 a 184 CPP) 386
9.2. Interrogatório (arts. 185 a 196 CPP) 401
9.3. Confissão (arts. 197 a 200 CPP) 413
9.4. Perguntas ao ofendido (art. 201 CPP) 417
9.5. Testemunhas (arts. 202 a 225 CPP) 421
9.6. Do reconhecimento de pessoas e coisas (arts. 226 a 228 CPP) 434
9.7. Acareação (arts. 229 e 230 CPP) 435
9.8. Documentos (arts. 231 a 238 CPP) 436
9.9. Indícios (art. 239 CPP) 438
9.10. Busca e apreensão (arts. 240 a 250 CPP e art. 5º, XI, CF) 439

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 445

Capítulo

Introdução ao direito processual penal

1. CONCEITO DO DIREITO PROCESSUAL PENAL

Classicamente, o Direito Processual Penal pode ser definido como o "conjunto de princípios e normas que regulam a aplicação jurisdicional do Direito Penal, bem como as atividades persecutórias da Polícia Judiciária, e a estruturação dos órgãos da função jurisdicional e respectivos auxiliares" (MARQUES, 1961, p. 20).

Em face desse conceito clássico, estabelece-se como **objeto principal** da disciplina a regulação da aplicação jurisdicional do Direito Penal. Em outros termos, praticado um fato definido como crime, surge para o Estado o direito de punir (*jus puniendi*), que se exercita por meio justamente do Direito Processual Penal. Assim, pode-se afirmar que o Processo Penal é **instrumental** à aplicação do Direito Penal - daí o brocardo *nulla poena sine judicio; nulla poena sine judicie* (nenhuma pena pode ser imposta sem processo; nenhuma pena pode ser imposta senão pelo juiz).

Aliás, vale a pena ressaltar que, muito mais que um direito, há para o Estado um verdadeiro dever de punir (poder-dever de punir), pois, a partir do momento em que ele assume para si a aplicação do Direito, mediante a **jurisdição**, afastando-se a tutela privada, deve determinar a aplicação das sanções penais aos responsáveis por infrações penais, sob pena de se colocar em risco a convivência social.

Nesse sentido é que o Processo Penal pode ser também entendido como o "conjunto de atos cronologicamente concatenados (*procedimentos*), submetido a princípios e regras jurídicas destinadas a compor as lides de caráter penal. Sua finalidade é, assim, a aplicação do direito penal objetivo" (MIRABETE, 2004, p. 31).

Nesse trilhar, verifica-se que o Processo Penal é hipótese de **jurisdição necessária**: nesta seara, o ordenamento jurídico não

confere aos titulares dos interesses em conflito a possibilidade outorgada pelo direito privado de aplicar espontaneamente o direito material na solução das controvérsias oriundas das relações da vida (CAPEZ, 2007, p. 2).

Com efeito, por envolver bens e interesses mais caros à sociedade, o direito de punir deve ser exercido necessariamente pelo próprio Estado, por meio de seus órgãos componentes, não sendo possível, portanto, a atuação do particular nesta seara. Por conta disso, veda-se a **vingança privada**, tanto assim que o art. 345 do Código Penal tipifica como crime o exercício arbitrário das próprias razões.

Exige-se, pois, sempre a intervenção do Estado para a solução da lide penal. Registre-se que até mesmo no caso das infrações de menor potencial ofensivo, em que se admite a transação penal (jurisdição consensual), há necessidade da intervenção estatal por meio de homologação judicial de acordo desta natureza (CAPEZ, 2007, p. 2).

Do conceito clássico do Direito Processual Penal anteriormente transcrito ainda podem ser extraídos outros dois **objetos secundários** da disciplina. O primeiro deles diz respeito ao estudo da ação penal em pé de igualdade com o estudo das atividades investigatórias - atividades geralmente praticadas pela Polícia Judiciária em sede de inquérito policial -, já que estas são necessárias para embasar o oferecimento daquela. Por conta disso, rechaça-se o uso da expressão "Direito Judiciário Penal", pois ela só se refere ao estudo da ação penal, preferindo-se o emprego do termo já consagrado "Direito Processual Penal" para definir a disciplina, pois ele é mais amplo, englobando também a atividade persecutória do Estado.

Nesse contexto, convém relembrar que toda a atividade que o Estado exerce em busca da aplicação da sanção penal - desde as investigações policiais até a sentença penal - é chamada de **persecução criminal** (*persecutio criminis*). Nessa atividade, portanto, são identificados dois momentos distintos: o da **investigação** (atividade preparatória da ação penal) e o da **ação penal** (tem como objeto o pedido de julgamento da pretensão punitiva).

O segundo objeto secundário da matéria consiste no fato de que ela também regula a Organização Judiciária, pois dispõe sobre normas que regulamentam a atuação dos órgãos estatais nas fases policial e judiciária, ou seja, "disciplinem a criação, estrutura, sistematização, localização, nomenclatura e atribuição desses diversos

órgãos diretos e auxiliares do aparelho judiciário destinado à administração da justiça penal" (MIRABETE, 2004, p. 31).

Hodiernamente, porém, o conceito clássico até aqui apreciado precisa ser complementado. É que ele destaca apenas uma das facetas da relação jurídica processual penal, qual seja, a pretensão punitiva do Estado, ignorando que, nos tempos atuais, há de se atentar igualmente para a **visão constitucional-garantista do processo (Processo Penal Constitucional).**

Segundo essa visão, inaugurada pela Constituição Federal de 1988, o processo deve ser entendido não só como meio de aplicação do Direito Penal no caso concreto, mas também como uma forma de proteção dos direitos fundamentais do indivíduo contra a força impingida pelo Estado na persecução penal, afinal de contas há uma franca desigualdade material entre eles, já que o Estado investiga (Polícia Judiciária), acusa (Ministério Público) e julga (Juiz), enquanto o réu apenas se defende, buscando a sua liberdade.

Isso provoca, portanto, um abrupto rompimento do conceito clássico do Processo Penal. Nesse sentido, pertinentes as palavras de Eugênio Pacelli de Oliveira: "A nova ordem passou a exigir que o processo não fosse mais conduzido, prioritariamente, como mero veículo de aplicação da lei penal, mas, além e mais que isso, que se transformasse em um instrumento de garantia do indivíduo em face do Estado". (OLIVEIRA, 2008, p. 7).

Fala-se então em um **Processo Penal Justo**, no qual deve haver a observância dos direitos fundamentais e dos princípios constitucionais atinentes à matéria, ganhando destaque a presunção de inocência, o sistema acusatório, o convencimento motivado, a proibição de provas ilícitas, o fortalecimento do Ministério Público etc.

A esse respeito, tem-se que o maior desafio do Direito Processual contemporâneo é estabelecer um equilíbrio entre o **direito de punir do Estado** (*jus puniendi*) - pretensão punitiva - e o **direito de liberdade do réu** (*jus libertatis*) - pretensão de liberdade.

2. FINALIDADE DO DIREITO PROCESSUAL PENAL

Basicamente, são duas as finalidades clássicas do Processo Penal, a saber, a **finalidade imediata ou direta** e a **finalidade mediata ou indireta.**

a) **Finalidade imediata ou direta:** Em uma visão clássica, implica na necessidade de que o Processo Penal, na prática, faça valer o direito de punir do Estado (*jus puniendi*). Todavia, como visto no item anterior, a essa finalidade clássica deve ser acrescida a função de tutela dos direitos fundamentais do cidadão contra a força - muitas vezes opressora - do Estado impingida na persecução criminal.

b) **Finalidade mediata ou indireta:** Confunde-se com a própria finalidade do Direito Penal, que é a "proteção da sociedade, a paz social, a defesa dos interesses jurídicos, a convivência harmônica das pessoas no território da nação" (MIRABETE, 2004, p. 43).

3. CARACTERÍSTICAS E POSIÇÃO ENCICLOPÉDICA DO DIREITO PROCESSUAL PENAL

Em apertada síntese, podem ser apontadas as seguintes características marcantes do Direito Processual Penal:

1. **Autonomia:** Ele não é hierarquicamente inferior ao direito material, possuindo regras e princípios próprios, tanto assim que poderá existir mesmo que inexista este, como no caso de ser proferida uma sentença absolutória ao final do processo.
2. **Instrumentalidade:** É meio de aplicação do direito material penal.
3. **Normatividade:** Constitui uma disciplina normativa, possuindo inclusive codificação própria, o Código de Processo Penal.

De outro lado, o Direito Processual Penal integra o **Direito Público**, em virtude da presença marcante do Estado nesta seara e pelo manifesto interesse público na sua aplicação, haja vista o escopo de pacificação social. Entretanto, como o Direito é uno, sendo dividido apenas por questões metodológicas e didáticas, o Processo Penal guarda relação com as demais searas da Ciência Jurídica, como o Direito Constitucional, o Direito Penal, o Direito Civil, o Direito Processual Civil, o Direito Administrativo, o Direito Internacional Público, dentre outros.

4. FONTES DO DIREITO PROCESSUAL PENAL

Estudar fonte do Direito significa estudar a origem deste último. No âmbito do Direito Processual Penal, é possível apontar a existência da **fonte de produção ou material** e da **fonte formal ou de cognição**.

a) **Fonte de produção ou material:** Refere-se ao ente federativo responsável pela elaboração da norma. Nesses termos, o Direito Processual Penal é matéria que deve ser legislada privativamente pela União, nos termos do art. 22, inciso I, da Constituição Federal. Entretanto, lei complementar poderá autorizar os Estados a legislar sobre questões específicas dessa matéria (art. 22, parágrafo único, da Constituição Federal). De outro lado, a competência para legislar sobre direito penitenciário e procedimentos é concorrente da União, dos Estados e do Distrito Federal (art. 24, incisos I e XI, da Constituição Federal). É de competência dos Estados, conforme as constituições estaduais, a legislação sobre organização judiciária no âmbito estadual, bem como sobre custas dos serviços forenses (art. 24, inciso IV, da Constituição Federal). É possível ainda que o Presidente da República legisle, via Decreto, acerca do indulto (art. 84, inciso XII, da Constituição Federal).

Alerte-se para o fato de que é vedada a edição de medidas provisórias sobre Direito Processual Penal (e Direito Penal também), por força do disposto no art. 62, § 1º, inciso I, alínea "b", da Constituição Federal.

b) **Fonte formal ou de cognição:** Refere-se ao meio pelo qual uma norma jurídica é revelada no ordenamento jurídico. Essa fonte é subdividida em **fontes primárias ou imediatas ou diretas** e em **fontes secundárias ou mediatas ou indiretas ou supletivas.**

1. **Fontes primárias ou imediatas ou diretas:** São aquelas aplicadas imediatamente. Consideram-se fontes primárias do Processo Penal: a **lei** (art. 22, inciso I, da Constituição Federal), entendida em sentido amplo, para incluir a própria Constituição Federal; os **tratados, convenções e regras de Direito Internacional** (nos termos do art. 1º, inciso I, do CPP, e art. 5º, § 3º, da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 45/04). Registre-se que os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais, por força do art. 5º, § 3º, da Constituição Federal. Se, entretanto, esses diplomas normativos não preencherem os

requisitos formais exigidos pelo art. 5º, § 3º, da Constituição, a exemplo do que ocorre com o Pacto de São José da Costa Rica, terão caráter supralegal, superiores à lei ordinária, mas devendo respeito ao Texto Constitucional, conforme entendimento do STF exarado nos julgamentos do RE nº 466.343/SP e HC nº 87.585/TO (Informativo nº 531).

2. **Fontes secundárias ou mediatas ou indiretas ou supletivas**: São aquelas aplicadas na ausência das fontes primárias, nos termos do art. 4º da Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro (Decreto-Lei nº 4.657/1942). Consideram-se fontes secundárias do Processo Penal: **costumes; princípios gerais do direito; analogia.**

Os costumes são regras de conduta praticadas "de modo geral, constante e uniforme (elemento interno), com a consciência de sua obrigatoriedade (elemento externo)" (MIRABETE, 2004, p. 57). É de se ressaltar, porém, que os costumes não têm o condão de revogar dispositivos legais (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 37).

Os princípios gerais do direito "são premissas éticas extraídas da legislação e do ordenamento jurídico em geral" (MIRABETE, 2004, p. 58). A sua aplicação no Processo Penal está permitida expressamente pelo art. 3º do CPP.

A analogia é uma "forma de auto ntegração da lei. Na lacuna involuntária desta, aplica-se ao fato não regulado expressamente um dispositivo que disciplina hipótese semelhante" (MIRABETE, 2004, p. 58). A sua aplicação no Processo Penal também é permitida expressamente pelo art. 3º do CPP. De se registrar que esse dispositivo legal se refere à aplicação analógica como sinônimo de analogia (e não de interpretação analógica).

A analogia subdivide-se em: **analogia *legis*** (apela-se a uma situação prevista pela lei); **analogia *iuris*** (apela-se a uma situação prevista pelos princípios jurídicos extraídos das normas particulares).

A analogia pode ser feita ***in bonam partem*** (em benefício do agente) ou ***in malam partem*** (em prejuízo do agente). No Direito Penal, somente é admitida a analogia *in bonam partem*, sendo vedada, portanto, a analogia *in malam partem*. No entanto, no Processo Penal, a analogia pode ser feita livremente, sem restrições, ou seja, *in bonam partem* ou *in malam partem*, pois ela não envolverá uma norma penal incriminadora.

▸ **Importante:**

A analogia (ou aplicação analógica, conforme teor do art. 3º do CPP) difere da **interpretação analógica:** nesta a própria lei autoriza o seu complemento, já prevendo hipótese de preenchimento, geralmente por meio de uma expressão genérica, que resume situações casuísticas precedentes (exemplo: no art. 121, § 2º, inciso I, do Código Penal, quando é utilizada a expressão genérica "ou por outro motivo torpe" para definição da qualificadora de motivo torpe no crime de homicídio, após a menção a hipóteses casuísticas "mediante paga ou promessa de recompensa"); na analogia, aplica-se o regramento jurídico de uma dada situação semelhante a outra, na qual não há solução aparente – há verdadeira criação de uma norma (exemplo: o Código de Processo Civil de 1973, no art. 207, e o Código de Processo Civil de 2015, no art, 265, permitem a transmissão por telefone de carta precatória ou de ordem, desde que haja a confirmação do emissor; no Processo Penal, não há norma nesse sentido, mas, por analogia, é possível a concessão de ordem de *habeas corpus* por telefone). A analogia é um modo de auto integração da norma, ao passo que a interpretação analógica é forma de interpretação da norma processual penal. Ambas podem ser feitas *in malam partem* no Processo Penal.

Analogia	Interpretação analógica
É forma de auto integração da norma processual penal.	É forma de interpretação da norma processual penal.
Aplica-se o regramento jurídico de uma dada situação semelhante a outra, na qual não há solução aparente – há verdadeira criação de uma norma.	A própria lei autoriza o seu complemento, já prevendo hipótese de preenchimento, geralmente por meio de uma expressão genérica, que resume situações casuísticas precedentes.
Pode ser feita *in malam partem* no Processo Penal (não no Direito Penal).	Pode ser feita *in malam partem* no Processo Penal e no Direito Penal.

▸ **Observação:**

Há séria polêmica em definir se a doutrina e a jurisprudência são fontes do Direito. Vem prevalecendo o entendimento de que, na verdade, elas são formas de interpretação do Direito, pois não possuem efeitos obrigatórios. Entretanto, quanto à jurisprudência, há de se ressaltar que as súmulas vinculantes do STF e as decisões proferidas em controle concentrado de constitucionalidade têm força obrigatória, constituindo-se assim em verdadeiras fontes do Direito.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado justamente o teor do art. 3º do CPP. Nesse sentido, a assertiva *"A lei processual penal não admitirá interpretação extensiva e aplicação analógica, bem como o suplemento dos princípios gerais de direito"* (assertiva destacada) foi considerada incorreta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, foi solicitado ao candidato que apontasse, dentre as opões apresentadas, uma fonte direta e uma fonte indireta do Direito Processual Penal, conforme se segue: *"Em se tratando de processo penal, assinale a alternativa que apresenta, correta e respectivamente, uma fonte direta e uma fonte indireta. a) - Costume e lei. b) - Costume e jurisprudência. c) - Doutrina e jurisprudência. d) - Princípios gerais do direito e doutrina. e) - Lei e costume."*. A resposta correta foi a letra E.

Capítulo

Princípios e sistemas do processo penal

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE OS PRINCÍPIOS

O princípio, nos clássicos dizeres de Celso Antônio Bandeira de Mello, pode ser definido como o "mandamento nuclear de um sistema" (BANDEIRA DE MELLO, 2005). Isso porque ele concentra todo um modo de pensar, um ideal de um povo, refletindo os valores de uma determinada sociedade. É, portanto, "um postulado que se irradia por todo o sistema de normas" (NUCCI, 2008, p. 80).

Basicamente, um princípio possui duas destacadas funções, a saber, a *normativa* (o princípio é também uma norma jurídica, motivo pelo qual tem força coercitiva, podendo ser invocado para a solução de casos concretos) e a *interpretativa* (na hipótese de dúvida na interpretação de certa norma, tal dúvida pode ser esclarecida por meio do conteúdo de um princípio).

No Processo Penal, há 2 (dois) tipos de princípios: os *princípios constitucionais* e os *princípios do processo penal propriamente ditos*.

Por seu turno, os *princípios constitucionais* subdividem-se em princípios constitucionais explícitos (aqueles expressos na Constituição Federal) e em princípios constitucionais implícitos (aqueles extraídos a partir dos princípios, ideias e valores consagrados na Constituição Federal).

Quanto aos princípios constitucionais, é importante relembrar que, no contexto do Estado Democrático de Direito, eles atuam como instrumentos normativos consagradores dos direitos fundamentais do cidadão. Nesse sentido, não há que se olvidar que os princípios constitucionais alicerçam o chamado **Processo Penal Constitucional**, um Processo Penal que cada vez mais se distancia dos rigores do Código de Processo Penal, modelo normativo inquisitivo e autoritário engendrado no regime ditatorial-fascista que reinava no país em 1941, e se aproxima dos valores democráticos da modernidade insculpidos na Carta Magna Federal de 1988.

No estudo da disciplina, portanto, impõe-se ao operador do Direito a leitura de institutos defasados estampados no Código de Processo Penal à luz dos princípios constitucionais, para que se encontre o ponto de equilíbrio entre o direito de punir do Estado e os direitos fundamentais do cidadão, desenhando-se assim um **Processo Penal Justo**, na medida em que a sanção penal possa ser eventualmente aplicada sem desrespeitar os direitos mais caros ao acusado.

Consoante lição de Eugênio Pacelli de Oliveira, "O devido processo penal constitucional busca, então, realizar uma Justiça Penal submetida a exigências de igualdade efetiva entre os litigantes. O processo *justo* deve atentar, sempre, para a desigualdade *material* que normalmente ocorre no curso de toda persecução penal, em que o Estado ocupa posição de proeminência, respondendo pelas funções investigatórias e acusatórias, como regra, e pela atuação da jurisdição sobre a qual exerce o monopólio" (OLIVEIRA, 2008, p. 7-8).

De outro lado, os princípios do processo penal propriamente ditos são aqueles inerentes ao próprio estudo da disciplina.

2. PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS DO PROCESSO PENAL

2.1. Princípios constitucionais explícitos do processo penal

2.1.1. Princípio da presunção da inocência ou do estado de inocência ou da situação jurídica de inocência ou da não culpabilidade (art. 5º, LVII, CF)

Expressamente previsto na Constituição Federal de 1988 no art. 5º, inciso LVII, é princípio por meio do qual se entende que ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória. Em outros termos, no Processo Penal, todo acusado é presumido inocente até a eventual sentença condenatória transitar em julgado. Em verdade, como aponta Eugênio Pacelli de Oliveira (OLIVEIRA, 2008, p. 35-36), é preferível o uso da expressão **situação jurídica de inocência**, porque a inocência não é presumida, ela já existe desde o nascimento do indivíduo, persistindo até o trânsito em julgado da sentença condenatória.

O princípio em comento provoca importantes **consequências** no estudo do Processo Penal. As principais delas são as seguintes:

1. **O ônus da prova, em regra, cabe à acusação:** Considerando que a pessoa já nasce inocente, para que esse estado seja alterado é preciso, em regra, que o autor da ação penal prove o contrário. Desde já, registre-se que esta consequência comporta importante exceção, tendo em vista que o ônus da prova das causas excludentes de ilicitude ou de culpabilidade

compete ao acusado, embora a Lei nº 11.690/08 tenha autorizado o juiz a absolver o réu mesmo se apenas houver fundada dúvida sobre a existência destas causas, conforme previsão contida no art. 386, inciso VI, do CPP. Ademais, também é ônus da defesa a prova de causas de extinção da punibilidade (art. 107 do CP) e de circunstâncias que mitiguem a pena.

2. **Excepcionalidade das prisões cautelares**: Por ser presumidamente inocente, o indivíduo só deve ser levado ao cárcere se existirem motivos cautelares para tanto, os quais podem ser apontados como aqueles requisitos exigidos pelo art. 312 do CPP para a decretação da prisão preventiva (garantia da ordem pública, da ordem econômica, conveniência da instrução criminal ou assegurar a aplicação da lei penal, desde que haja prova da existência do crime e indício suficiente de autoria, de acordo com o art. 312, *caput*, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 12.403/11; em caso de descumprimento de qualquer das obrigações impostas por força de outras medidas cautelares, com fincas no art. 312, parágrafo único, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 12.403/11). Ausentes estes motivos, a regra é a de que o indivíduo responde o processo em liberdade, devendo ser contemplado pelo instituto da liberdade provisória, com ou sem fiança, sempre que a lei autorizar (art. 5º, LXVI, CF). Aliás, reforçando o princípio ora em destaque, a Lei nº 12.403/11 consagrou a ideia de que a prisão preventiva é medida de *extrema* ou *ultima ratio*, somente aplicável se não for cabível a sua substituição por outra medida cautelar prevista no art. 319 do CPP, consoante art. 282, § 6º, do CPP. De outro lado, noticie-se que, em 17 de fevereiro de 2016, o Plenário do STF decidiu, em julgamento histórico proferido no HC nº 126.292/SP, por 7 (sete) votos a 4 (quatro), a constitucionalidade da execução provisória de pena privativa de liberdade a partir de decisão condenatória *em segunda instância* (TJ ou TRF). Sem dúvida alguma, o mais importante fundamento que levou o Pretório Excelso a acolher este posicionamento foi a celeridade processual. É que, no entender deste Tribunal, a imensa demora no julgamento dos recursos especial e extraordinário por parte, respectivamente, do STJ e do STF, fazia com que houvesse o indesejado retardo na formação da coisa julgada, o que, por seu turno, atrasava o cumprimento da pena de prisão e, muitas vezes, até mesmo impedia tal cumprimento, já que era frequente a incidência da prescrição. Assim, levando em consideração que nenhuma

garantia constitucional é absoluta, a presunção de inocência, a ampla defesa e o próprio acesso ao duplo grau de jurisdição não poderiam servir como obstáculos para o cumprimento de uma pena já confirmada em grau recursal (segunda instância). Os inúmeros recursos previstos para instâncias superiores (STJ e STF), os quais não possuem efeito suspensivo, não podem ser utilizados de má-fé como expedientes que visem adiar a formação da coisa julgada condenatória e, consequentemente, o cumprimento da pena privativa de liberdade. Em outros termos, recursos protelatórios não têm mais o condão de evitar o imediato cumprimento da pena de prisão. Ademais, essa mudança de paradigma permite a efetividade da jurisdição criminal e valoriza a decisão dos magistrados de primeiro e segundo graus, que acompanham de perto a instrução probatória criminal. Posteriormente, em 05 de outubro de 2016, o STF reiterou o entendimento acerca da constitucionalidade da execução provisória de pena, desta feita no julgamento liminar das Ações Declaratórias de Constitucionalidade (ADCs) 43 e 44. Mais recentemente, em 11 de novembro de 2016, o Plenário Virtual deste tribunal reafirmou mais uma vez esse seu entendimento no âmbito do ARE 964.246, com reconhecimento de repercussão geral.

3. **Toda medida constritiva de direitos individuais, na verdade, só pode ser decretada excepcionalmente:** O raciocínio desenvolvido para as prisões cautelares deve ser estendido para toda e qualquer medida constritiva de direitos individuais, daí porque ela somente poderá ser realizada se for absolutamente indispensável à persecução criminal. Nesse trilhar, sintomático é o teor do art. 282, incisos I e II, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 12.403/11, segundo o qual as medidas cautelares indicadas no art. 319 do CPP deverão ser aplicadas observando-se a necessidade para aplicação da lei penal, para a investigação ou a instrução criminal e, nos casos expressamente previstos, para evitar a prática de infrações penais (inciso I); e a adequação da medida à gravidade do crime, circunstância do fato e condições pessoais do indiciado ou acusado (inciso II). Além das medidas cautelares estampadas no art. 319 do CPP, são também exemplos de medidas constritivas de direitos individuais as quebras do sigilo fiscal, bancário e telefônico (mitigam o direito constitucional à intimidade); violação de domicílio em razão de cumprimento de mandado de busca e apreensão domiciliar (mitiga o direito constitucional à inviolabilidade do domicílio).

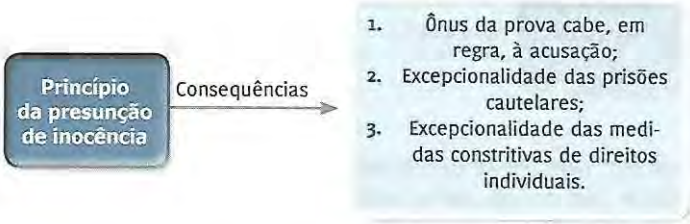

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista do STM, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi questionado sobre o teor do princípio da presunção de inocência, da seguinte forma: *"O princípio da inocência está expressamente previsto na Constituição Federal de 1988 e estabelece que todas as pessoas são inocentes até que se prove o contrário, razão pela qual se admite a prisão penal do réu após a produção de prova que demonstre sua culpa."*. A assertiva foi considerada incorreta.

2.1.2. Princípio da igualdade processual ou da paridade das armas – *par conditio* (art. 5º, *caput*, CF)

Trata-se de princípio que decorre do mandamento de que todos são iguais perante a lei encontrado no art. 5º, *caput*, da Constituição Federal, devidamente adaptado ao Processo Penal. Desse modo, por força do princípio em comento, as partes devem ter, em juízo, as mesmas oportunidades de fazer valer suas razões e ser tratadas igualitariamente, na medida de suas igualdades, e desigualmente, na proporção de suas desigualdades.

Em reforço a esse conceito, vem a calhar a lição de Américo Bedê Júnior e Gustavo Senna, segundo os quais "Pelo princípio da igualdade – paridade de armas –, no processo penal se pode entender que as partes devem ser tratadas de forma isonômica, devendo ser assegurada igual oportunidade para elas. Logo, para a acusação e a defesa devem ser assegurados os mesmos direitos, possibilitando-lhes idênticas possibilidades de alegação, de prova e de impugnação, enfim, em condições de igualdade processual" (BEDÊ JÚNIOR; SENNA, 2009, p. 279).

Este princípio é requisito indispensável para a efetivação do sistema acusatório no país. Ademais, pode ser apontada como **consequência** direta do princípio a regra de que, no Processo Penal, o réu não pode se defender sozinho (a não ser que ele próprio seja advogado), consoante disposto no art. 263 do CPP, pois não teria condições técnicas para tanto, ao contrário do seu oponente, o autor da ação penal (Ministério Público ou querelante representado por procurador).

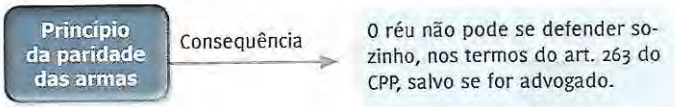

Por fim, registre-se que o princípio da igualdade processual ou paridade das armas sofre mitigação pelo princípio do *favor rei*, segundo o qual o interesse do acusado possui certa prevalência sobre a pretensão punitiva estatal, conforme será apreciado com maiores detalhes ainda no curso deste capítulo.

2.1.3. Princípio da ampla defesa (art. 5º, LV, CF)

Por força desse princípio, encontrado no art. 5º, LV, da Constituição Federal, entende-se que o réu tem direito a um amplo arsenal de instrumentos de defesa como forma de compensar sua enorme hipossuficiência e fragilidade em relação ao Estado, que atua no Processo Penal por meio de diversos órgãos (Polícia Judiciária, Ministério Público e Juiz), de forma especializada e com acesso a dados restritos.

Este princípio divide-se em **autodefesa** e **defesa técnica**.

Princípio da ampla defesa	Autodefesa	(disponível)
	Defesa técnica	(indisponível)

A **autodefesa** é a defesa promovida pessoalmente pelo próprio réu, sem assistência de procurador, geralmente durante o seu interrogatório judicial, sendo ela **disponível**, afinal de contas o acusado pode se calar ou até mesmo mentir, em conformidade com outro princípio constitucional expresso, o **direito ao silêncio** (art. 5º, inciso LXIII, CF).

Entretanto, ressalte-se que a disponibilidade da autodefesa não autoriza que o réu minta ou se cale na primeira parte do interrogatório judicial (art. 187, § 1º, do CPP), referente às perguntas sobre a sua qualificação pessoal, o que é apenas permitido na segunda parte deste ato processual (art. 187, § 2º, do CPP), no momento das perguntas sobre os fatos delitivos. Em se recusando a fornecer sua qualificação, o agente poderá praticar a contravenção penal prevista no art. 68 da Lei de Contravenções Penais (recusa de dados sobre própria identidade ou qualificação). De outro lado, se o réu atribui a si mesmo outra identidade, pode restar configurado o crime definido no art. 307 do Código Penal (falsa identidade). Este crime também estará caracterizado se a conduta de atribuir-se falsa identidade for praticada perante autoridade policial, de acordo com a Súmula nº 522 do STJ. Ademais, também não se permite que o réu, na segunda parte do interrogatório, formule imputação falsa a terceiros ou mesmo autoimputação falsa, sob pena

inclusive de responsabilidade penal por seu ato, caracterizando-se o crime de denunciação caluniosa (art. 339 do Código Penal) ou até de autoacusação falsa (art. 341 do Código Penal).

A **autodefesa** distingue-se ainda em **direito de audiência** (direito de o réu ser ouvido no processo, o que ocorre geralmente durante o interrogatório judicial) e **direito de presença** (direito de o réu estar presente aos atos processuais, geralmente audiências, seja de forma direta, seja de forma indireta, o que ocorre por meio da videoconferência).

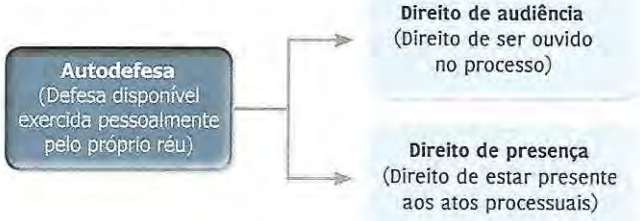

Nesse contexto, porém, é de se registrar que o STJ entende que a ausência do réu à audiência de oitiva de testemunhas não gera nulidade do feito se o seu defensor estava presente ao ato processual e não restou demonstrado qualquer prejuízo para ele (Informativo nº 426). Nesse trilhar, o STF já teve a oportunidade de decidir que inexiste nulidade pela ausência do réu preso em audiência de oitiva de testemunha por meio de carta precatória se ele não manifestou expressamente intenção de participar da audiência (RE nº 602543 QO/RS, Rel. Min. Cezar Peluso, julgado em 19.11.09).

Já a **defesa técnica** é aquela defesa promovida por um defensor técnico, bacharel em Direito, sendo ela **indisponível**, pois, em regra, o réu não pode se defender sozinho (art. 263, *caput*, do CPP) – apenas se ele for advogado é que poderá promover a sua própria defesa. A esse respeito, vale a pena destacar que, em havendo ausência do defensor técnico no processo (por falecimento, negligência ou qualquer outro motivo), o magistrado, antes de nomear novo defensor, sempre deverá intimar o acusado para que, no prazo por ele determinado, possa constituir novo defensor. Esse **direito de constituir o seu próprio defensor a qualquer tempo** (art. 263, *caput*, do CPP) é assegurado ao réu ainda que ele seja revel, consoante entendimento do STJ (Informativo nº 430). Apenas no caso de omissão do acusado é que o juiz, como fiscal do princípio da ampla defesa, deverá nomear novo defensor. Tal raciocínio também se aplica em grau recursal (Informativo nº 433). É esse inclusive um dos fundamentos da Súmula nº 707 do STF: "Constitui nulidade a falta de intimação do denunciado para oferecer contrarrazões ao recurso interposto da rejeição da denúncia, não a suprindo a nomeação de defensor dativo".

Defesa técnica

(Defesa indisponível exercida por defensor técnico)

São **consequências** diretas do princípio da ampla defesa no Processo Penal:

1. **Apenas o réu tem direito à revisão criminal:** A revisão criminal é sempre *pro reo*, nunca *pro societate*.
2. **O juiz deve sempre fiscalizar a eficiência da defesa do réu:** Por conta desse dever, o juiz poderá declarar o réu indefeso, fazendo-o constituir outro defensor ou, se o acusado assim não proceder, nomear-lhe-á um defensor dativo. A esse respeito, vale a pena registrar que o STF, na Súmula nº 523, agasalha o entendimento de que "No processo penal, a falta de defesa constitui nulidade absoluta, mas a sua deficiência só o anulará se houver prova de prejuízo para o réu".

Princípio da ampla defesa → Consequências

1. Apenas o réu tem direito à revisão criminal;
2. O juiz deve sempre fiscalizar a eficiência da defesa do réu.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso da Defensoria Pública do Estado do Pará, em 2009, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foi cobrada justamente a divisão do princípio da ampla defesa em defesa técnica e autodefesa. Nesse sentido, indagou-se ao candidato em quais hipóteses se verificaria a manifestação da autodefesa: "*No processo penal a defesa apresenta-se sob dois aspectos: defesa técnica e autodefesa. Há manifestação da autodefesa nos seguintes atos:.* **A** *interrogatório, comparecimento no ato de produção de prova e possibilidade de recurso.* **B** *interrogatório, comparecimento à audiência de instrução e julgamento e possibilidade de recurso.* **C** *defesa preliminar, interrogatório e possibilidade de recurso.* **D** *defesa preliminar, interrogatório, comparecimento à audiência de instrução e julgamento.* **E** *defesa preliminar, interrogatório, comparecimento no ato de produção de prova e possibilidade de recurso*". A assertiva considerada correta foi a de letra A.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado de Polícia do Estado de Goiás, em 2013, UEG, cobrou-se o caráter indisponível da defesa técnica, da seguinte forma: "*Sobre o direito de defesa, tem-se que a) a defesa técnica é indispensável,*

na medida em que, mais do que garantia do acusado, é condição de paridade de armas, imprescindível à concreta atuação do contraditório.

b) constitui nulidade relativa, violadora do princípio da ampla defesa, a nomeação de defensor dativo sem intimação do réu para constituir novo defensor, em virtude da renúncia do advogado. c) na investigação criminal, a defesa é imprescindível, uma vez que, nessa fase, são assegurados o contraditório, a ampla defesa e a assistência do advogado ao preso em flagrante. d) a autodefesa, composta pelo direito de audiência e pelo direito de presença, é dispensável pelo juiz, mas dela o acusado não poderá renunciar, devendo a ele ser imposta.". A resposta da questão foi a letra A.

2.1.4. Princípio da plenitude da defesa (art. 5º, XXXVIII, alínea "a", CF)

Previsto no art. 5º, inciso XXXVIII, alínea "a", da Constituição Federal, é princípio aplicado especificamente para o Tribunal do Júri. Trata-se de um *plus*, um reforço à ampla defesa, que é atribuída apenas para os acusados em geral, permitindo-se que o réu, no Tribunal do Júri, se utilize de todos os meios lícitos de defesa, ainda que não previstos expressamente pelo ordenamento jurídico.

Segundo Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar, isso implica na "possibilidade não só da utilização de argumentos técnicos, mas também de natureza sentimental, social e até mesmo de política criminal, no intuito de convencer o corpo de jurados" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 675). Aliás, frise-se que o princípio em tela decorre justamente do fato de que, no Tribunal do Júri, prevalece a íntima convicção do jurado, o qual não necessita fundamentar sua decisão.

São **consequências** diretas deste princípio:

1. **A atenção do juiz com a efetividade da defesa do réu é ainda maior**: Prova disso é que, se o juiz declarar o réu indefeso, nomeará ou permitirá a constituição de novo defensor, podendo dissolver o Conselho de Sentença e redesignar a sessão de julgamento (art. 497, inciso V, do CPP).
2. **É possível a defesa apresentar nova tese na tréplica.**
3. **Caso o réu precise de mais tempo nos debates, poderá pedi-lo sem que isso gere necessariamente igual direito ao Ministério Público.**

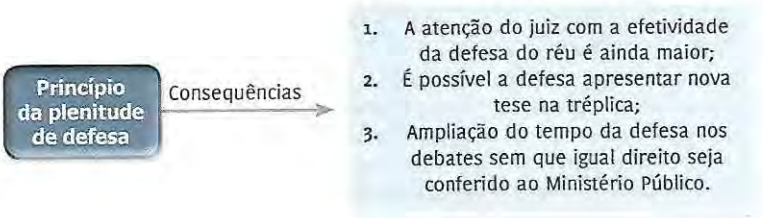

2.1.5. Princípio da prevalência do interesse do réu ou *favor rei, favor libertatis, in dubio pro reo, favor inocente* (art. 5º, LVII, CF)

Havendo dúvida entre admitir-se o direito de punir do Estado ou reconhecer-se o direito de liberdade do réu, deve-se privilegiar a situação deste último, por ser ele a parte hipossuficiente da relação jurídica estabelecida no Processo Penal. É princípio que decorre ontologicamente do princípio da presunção de inocência, daí porque é possível afirmar que ele também se encontra previsto no art. 5º, inciso LVII, da Constituição Federal.

Ademais, há clara aplicação deste princípio no art. 386 do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.690/08, segundo o qual será possível a absolvição do réu nas hipóteses de existência de excludentes de ilicitude ou culpabilidade, **mesmo se apenas houver fundada dúvida sobre sua existência** – não se exige mais certeza sobre sua existência (inciso VI), bem como se não houver prova suficiente para a sua condenação (inciso VII).

Contudo, de acordo com entendimento majoritário do STJ, **esse princípio não tem aplicação nas fases de oferecimento da denúncia e na prolação da decisão de pronúncia do Tribunal do Júri**, nas quais prevalece o princípio do *in dubio pro societate*, embora o próprio STJ, em outras oportunidades, tenha afirmado que tal brocardo não é acolhido no ordenamento jurídico brasileiro, em respeito justamente ao princípio da presunção de inocência (STJ, 6ª Turma, RHC nº 40904/SC, Rel. Min. Maria Thereza de Assis Moura, j. 21.11.2013, DJe 09.12.2013).

Consequência direta deste princípio consiste no fato de que, em havendo dúvida na interpretação de um determinado artigo de lei processual penal, deve-se privilegiar a interpretação que beneficie a situação do réu.

Em havendo dúvida na interpretação de um determinado artigo de lei processual penal, deve-se privilegiar a interpretação que beneficie a situação do réu.

2.1.6. Princípio do contraditório ou da bilateralidade da audiência (art. 5º, LV, CF)

Por força do princípio do contraditório, estampado no art. 5º, LV, da Carta Magna Federal, ambas as partes (e não apenas o réu) têm o direito de se manifestar sobre qualquer fato alegado ou prova produzida pela parte contrária, visando a manutenção do equilíbrio entre o direito de punir do Estado e o direito de liberdade do réu e o consequente estado de inocência, objetivo de todo Processo Penal Justo.

Em regra, o princípio diz respeito apenas a fatos e provas. Entretanto, é possível ser aplicado também em matéria de direito, quando ela possibilitar a extinção do feito, a exemplo da *abolitio criminis*, que pode ensejar o decreto de extinção da punibilidade (artigos 2º, *caput*, e 107, inciso III, do Código Penal).

Para que o contraditório possa se perfectibilizar no Processo Penal, é preciso necessariamente que sejam atendidos 3 (três) direitos das partes, são eles:

1. Direito de ser intimado sobre os fatos e provas.
2. Direito de se manifestar sobre os fatos e provas.
3. Direito de interferir efetivamente no pronunciamento do juiz.

2.1.7. Princípio do juiz natural (art. 5º, LIII, CF)

Em virtude deste princípio, consagrado no art. 5º, inciso LIII, do Texto Constitucional, entende-se que, no Processo Penal, o julgador a atuar em um determinado feito deve ser aquele previamente escolhido por lei ou pela Constituição Federal. **Veda-se com isso o Tribunal ou Juiz de Exceção**, que seria aquele escolhido após a ocorrência de um crime e para determinado caso concreto.

Este princípio tem como principal finalidade garantir a participação no processo de um **juiz imparcial**. Porém, tal princípio não

impede a criação de Varas novas e a consequente remessa dos autos a este novo Juízo, pois, nessa hipótese, a medida é válida para toda a coletividade, não atingindo um réu em específico.

▸ Qual o entendimento do STJ e STF sobre o assunto?

O STJ já decidiu que "a redistribuição do feito decorrente da criação de vara com idêntica competência com a finalidade de igualar os acervos dos juízos e dentro da estrita norma legal, não viola o princípio do juiz natural, uma vez que a garantia constitucional permite posteriores alterações de competência" (HC 102.193-SP, Rel. Min. Laurita Vaz, julgado em 2/2/2010). O STF possui idêntico posicionamento (HC 91.253-MS, DJ 14/11/2007). Noutro giro, a Suprema Corte também decidiu que a convocação excepcional de juízes de primeiro grau para integrar câmaras julgadoras em tribunais não ofende o princípio constitucional em comento (HC 101473).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado exatamente o conceito do princípio do juiz natural. Nesse sentido, a assertiva "*O princípio do juiz natural pressupõe a existência de um órgão julgador técnico e isento, com competência estabelecida na própria Constituição e nas leis de organização judiciária de modo a impedir que ocorra julgamento arbitrário ou de exceção*" (destacada) foi considerada correta.

2.1.8. Princípio da publicidade (arts. 5º, LX e XXXIII, e 93, IX, CF e art. 792, *caput*, CPP)

É o princípio segundo o qual os atos processuais devem ser praticados publicamente, sem qualquer controle, permitindo-se o amplo acesso ao público, bem como os autos do processo penal estão disponíveis a todos. Trata-se de forma de fomentar o controle social dos atos processuais.

Esse princípio, porém, comporta **exceções**: nos termos do art. 5º, inciso LX, da Constituição Federal, a lei poderá restringir a publicidade dos atos processuais **quando a defesa da intimidade ou o interesse social o exigirem**. No entanto, jamais o ato processual será praticado sem a presença do Ministério Público, assistente de acusação, se houver, e do defensor (embora seja possível excluir a pessoa do réu, como na hipótese prevista no art. 217 do CPP, em que o juiz poderá até determinar a retirada do réu da sala de audiência se perceber que a sua presença causa humilhação, temor, ou sério constrangimento à testemunha ou ao ofendido, de modo que prejudique a verdade do depoimento).

Em face da existência de tais exceções, a doutrina apresenta as seguintes espécies de publicidade: **publicidade geral** (é aquela que não comporta exceções, sendo o ato processual e os autos do feito acessíveis a todos) e **publicidade específica** (é aquela que, incidindo as exceções constitucionais alhures mencionadas, só permite o acesso ao ato processual e aos autos do feito por parte do Ministério Público, assistente de acusação, se houver, e defensor).

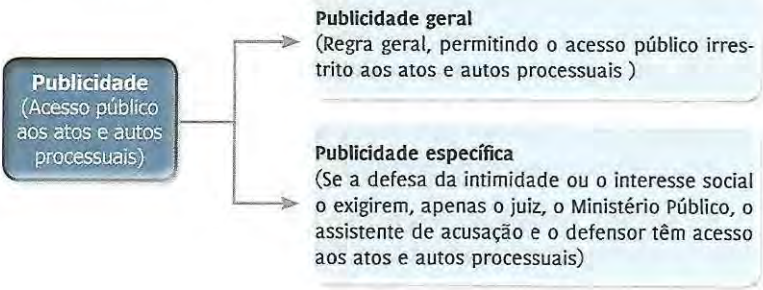

No que tange à restrição da publicidade de um ato processual, merece ser levado em consideração o disposto no art. 792, § 1º, do CPP: "Se da publicidade da audiência, da sessão ou do ato processual, puder resultar escândalo, inconveniente grave ou perigo de perturbação da ordem, o juiz, ou o tribunal, câmara, ou turma, poderá, de ofício ou a requerimento da parte ou do Ministério Público, determinar que o ato seja realizado a portas fechadas, limitando o número de pessoas que possam estar presentes". É o caso de uma audiência em que a população grita palavras de ordem contra o réu, conhecido e bárbaro assassino.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No LII concurso de Promotor de Justiça Substituto do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pelo MPMG, cobrou-se a aplicação do princípio da publicidade da seguinte forma: "*Assinale a alternativa* **CORRETA**. *O princípio da publicidade garante:* **A)** *A realização de determinado ato processual a portas fechadas, limitando-se o número de pessoas presentes.* **B)** *O acesso de qualquer advogado aos elementos de prova já documentados e produzidos na fase investigatória.* **C)** *A produção de provas numa só audiência, podendo ser indeferidas as irrelevantes ou protelatórias.* **D)** *O uso do habeas corpus por qualquer pessoa, em seu favor ou de outrem, bem como pelo Ministério Público*". A assertiva tida como correta foi a letra A.

2.1.9. Princípio da vedação das provas ilícitas (art. 5º, LVI, CF)

Nos termos do art. 5º, inciso LVI, da Constituição Federal, são inadmissíveis, no processo, as provas obtidas por meios ilícitos.

O Código de Processo Penal, com o advento da Lei nº 11.690/08, passou a disciplinar com pormenores a matéria. Assim, inicialmente, repetiu o mandamento constitucional no art. 157, *caput*, estatuindo que são inadmissíveis, devendo ser desentranhadas do processo, as provas ilícitas. Complementando esta ideia, o art. 157, § 3º, CPP, determina que preclusa a decisão de desentranhamento da prova declarada inadmissível, esta será inutilizada por decisão judicial, facultado às partes acompanhar o incidente. Registre-se, porém, que se a prova permanecer nos autos, mas ela não for utilizada pelo magistrado, de nenhuma forma, para a prolação da sentença, não haverá qualquer nulidade nesta decisão. Não obstante, caso o juiz venha a se utilizar de uma prova ilícita para proferir a sentença, esta será nula (nulidade absoluta).

Em seguida, no mesmo dispositivo legal (art. 157, *caput*), o CPP define o que se entende por provas ilícitas: são aquelas que violam tanto **normas constitucionais** como **legais**.

Ressalte-se ainda que a doutrina considera a existência do gênero **prova proibida ou vedada ou inadmissível**, tendo como espécies a **prova ilícita**, violadora de regra de **direito material** (exemplo: confissão obtida mediante tortura; interceptação telefônica realizada sem autorização judicial), e a **prova ilegítima**, aquela obtida mediante violação de **regra de direito processual** (exemplo: laudo pericial confeccionado por apenas um perito não oficial). O CPP (e a própria Constituição Federal), porém, não acolhe essa distinção, tratando uma prova que viole norma constitucional ou legal sempre como prova ilícita.

Na sequência, o CPP, no art. 157, § 1º, consagrou expressamente também a impossibilidade de utilização das **provas ilícitas por derivação (teoria dos frutos da árvore envenenada ou do efeito à distância - *fruits of the poisonous tree*,** construção da Suprema Corte americana e que já vinha sendo aceita, no Brasil, pelo STF), que são aquelas provas que decorrem de uma prova ilícita originária, sendo que tal ilicitude somente restará caracterizada se houver demonstração do **nexo causal** entre as provas ou quando as derivadas não puderem ser obtidas por uma **fonte independente** das

primeiras. A esse respeito, considera-se **fonte independente** aquela que por si só, seguindo os trâmites típicos e de praxe, próprios da investigação ou instrução criminal, seria capaz de conduzir ao fato objeto da prova (art. 157, § 2º, do CPP).

Ressalte-se, por fim, que a jurisprudência brasileira começa a reconhecer a **teoria da proporcionalidade** (ou **teoria da razoabilidade** ou **teoria do interesse predominante**) na apreciação da prova ilícita, admitindo excepcionalmente a utilização desta última em benefício dos direitos do réu inocente que produziu tal prova para a sua absolvição (*pro reo*), pois, nesta situação, ele estaria agindo, para uns (GRINOVER; GOMES FILHO; FERNANDES, 2009), em legítima defesa, para outros, em estado de necessidade ou mesmo se configuraria hipótese de inexigibilidade de conduta diversa (NUCCI, 2008).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado exatamente o conceito legal de prova ilícita, incluindo a prova ilícita por derivação. Nesse sentido, a assertiva *"As provas obtidas em violação a normas constitucionais ou legais são inadmissíveis; também o são as provas derivadas das ilícitas, salvo quando não evidenciado o nexo de causalidade entre umas e outras, ou quando as derivadas puderem ser obtidas por uma fonte independente das primeiras ilícitas"* (destacada) foi considerada correta.

2.1.10. Princípios da economia processual, celeridade processual e duração razoável do processo (art. 5º, LXXVIII, CF)

Segundo estes princípios, evidenciados no art. 5º, inciso LXXVIII, da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 45/04, e encontrado também no art. 62 da Lei nº 9.099/95, incumbe ao Estado dar a resposta jurisdicional no menor tempo e custo possíveis.

A esse respeito, convém destacar que a duração razoável do processo é "um interesse – e também um direito – de todos, ou seja, do acusado, do ofendido, do Estado e da própria coletividade" (BEDÊ JÚNIOR; SENNA, 2009, p. 255). Isso porque, para o acusado, a simples existência de um processo penal já traz um desgaste natural para a sua situação pessoal, ainda mais se ele se encontrar preso, exigindo-se, portanto, a resolução do caso no tempo estritamente necessário. De outro lado, a pronta resposta do Judiciário às lides penais encerra o drama pessoal experimentado pelo

ofendido, ao passo que desperta na sociedade um sentimento de confiança no Estado, que demonstra estar atuando com eficiência, pronto para promover a pacificação social.

O princípio em questão, porém, não pode implicar na restrição da parte de produzir prova e buscar a verdade real.

São **consequências** destes princípios:

1. As prisões cautelares somente devem persistir por tempo razoável, enquanto presente a necessidade das mesmas (**princípio da duração razoável das prisões cautelares**).
2. Possibilidade de utilização de carta precatória itinerante (art. 355, § 1º, do CPP).
3. A suspensão do processo, havendo questão prejudicial, somente deve ser feita quando há caso de difícil solução, para que não se procrastine inutilmente o término da instrução (art. 93 do CPP).

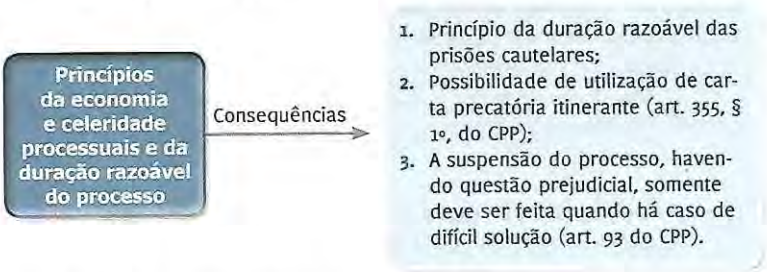

No que tange ao princípio da duração razoável do processo, o STF já teve a oportunidade de decidir pela possibilidade de o Tribunal de Justiça convocar juízes de primeiro grau para atuarem perante o próprio órgão *ad quem* por força da sobrecarga de trabalho, visando justamente efetivar o princípio ora em comento, sem que isso implique em qualquer violação ao princípio do juiz natural (Informativo nº 581 do STF).

Nessa linha de intelecção, a Lei nº 12.019/09, inserindo o inciso III ao art. 3º da Lei nº 8.038/90, passou a permitir que o relator de ações penais de competência originária do STJ e do STF convoque desembargadores de Turmas Criminais dos Tribunais de Justiça ou dos Tribunais Regionais Federais, bem como juízes de varas criminais da Justiça dos Estados e da Justiça Federal, pelo prazo de 6 (seis) meses, prorrogável por igual período, até o máximo de 2 (dois) anos, para

a realização de interrogatório e de outros atos da instrução, na sede do tribunal ou no local onde se deva produzir o ato.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Defensor Público do Estado do Paraná, promovido pela Fundação Carlos Chagas, em 2017, cobrou-se a respeito do princípio constitucional da duração razoável do processo, nesses termos: "*Os princípios constitucionais aplicáveis ao processo penal incluem (A) indisponibilidade. (B) verdade real. (C) razoável duração do processo. (D) identidade física do juiz. (E)* favor rei.". A alternativa correta foi a letra C.

2.1.11. Princípio constitucional geral do devido processo penal – devido processo legal ou *due process of law* (art. 5º, LIV, CF)

O princípio do devido processo legal vem insculpido no art. 5º, LIV, da Carta Magna Federal, segundo o qual "Ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal".

Trata-se de princípio que fundamenta a visão garantista do processo penal, entendido como instrumento de efetivação dos direitos fundamentais do réu em face da força inexorável do Estado. Por conta disso, é princípio que desencadeia diversos outros princípios no processo penal, ou, em outros termos, o cumprimento de todos os outros princípios do Processo Penal implica, na verdade, no atendimento ao princípio do devido processo legal.

Divide-se em dois aspectos:

1. **Aspecto material ou substancial**: liga-se ao Direito Penal, fazendo valer os princípios penais, a exemplo da máxima de que ninguém deve ser processado senão por crime previsto e definido em lei. Coincide com o **princípio da razoabilidade**.
2. **Aspecto processual ou procedimental**: liga-se "ao procedimento e à ampla possibilidade de o réu produzir provas, apresentar alegações, demonstrar, enfim, ao juiz a sua inocência, bem como o de o órgão acusatório, representando a sociedade, convencer o magistrado, pelos meios legais, da validade da sua pretensão punitiva" (NUCCI, 2008, p. 96).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado exatamente o conceito do princípio do devido processo legal. Nesse sentido, a assertiva "*O princípio do devido processo legal consiste no direito de não ser privado da liberdade e*

de seus bens, sem a garantia que supõe a tramitação de um processo desenvolvido na forma que estabelece a lei" (destacada) foi considerada correta.

Princípios constitucionais expressos
1. Princípio da presunção de inocência.
2. Princípio da igualdade processual.
3. Princípio da ampla defesa.
4. Princípio da plenitude de defesa.
5. Princípio do *favor rei*.
6. Princípio do contraditório.
7. Princípio do juiz natural.
8. Princípio da publicidade.
9. Princípio da vedação das provas ilícitas.
10. Princípios da economia processual, celeridade processual e duração razoável do processo.
11. Princípio do devido processo legal.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, foram cobrados princípios constitucionais expressos (explícitos) do Processo Penal, da seguinte forma: *"São princípios constitucionais explícitos do processo penal: a) - ampla defesa e intervenção mínima. b) - presunção de inocência e lesividade. c) - intervenção mínima e duplo grau de jurisdição. d) - presunção de inocência e ampla defesa. e) - lesividade e intervenção mínima."*. A resposta correta foi a letra D.

2.2. Princípios constitucionais implícitos do processo penal

2.2.1. Princípio de que ninguém está obrigado a produzir prova contra si mesmo ou da não autoincriminação (*nemo tenetur se detegere*)

Trata-se de princípio constitucional implícito que decorre dos seguintes princípios constitucionais expressos: presunção de inocência (art. 5º, LVII, CF); ampla defesa (art. 5º, LV, CF); direito ao silêncio (art. 5º, LXIII, CF). Não obstante, é princípio que se encontra expressamente previsto no art. 8º do Pacto de São José da Costa Rica, de 22 de novembro de 1969, incorporado ao ordenamento jurídico brasileiro

pelo Decreto nº 678, de 6 de novembro de 1992, e que tem *status* supralegal, conforme entendimento do STF exarado nos julgamentos do RE nº 466.343/SP e HC nº 87.585/TO (Informativo nº 531).

Considera-se que o Estado é infinitamente superior ao réu no processo penal, não necessitando, portanto, de sua ajuda na atividade persecutória, sob pena de se decretar a falência de seus órgãos.

Por força deste princípio é que a doutrina e a jurisprudência do STF e do STJ majoritárias vêm considerando que o acusado não está obrigado a participar de atividades probatórias que impliquem em **intervenções corporais**, como realização de exames de DNA, grafotécnico ou de bafômetro - este último frequentemente utilizado para a constatação do crime de embriaguez ao volante previsto no art. 306 da Lei nº 9.503/97 (Código de Trânsito Brasileiro) -, embora haja posições minoritárias em sentido contrário, a exemplo de Eugênio Pacelli de Oliveira (2008, p. 336-342) e Américo Bedê Júnior e Gustavo Senna (2009, p. 40-47) e o julgado RCL nº 2.040/DF do STF (Informativo nº 257), envolvendo a atriz mexicana Glória Trevi (STF permitiu a realização de exame de DNA com a utilização do material biológico da placenta retirada da atriz para a investigação de crime de estupro supostamente praticado contra ela pelo delegado da polícia federal na carceragem desta polícia, que teria resultado em sua gravidez; ao final da investigação criminal, comprovou-se que não houve o crime de estupro).

2.2.2. Princípio da iniciativa das partes ou da ação ou da demanda (ne procedat judex ex officio) e princípio consequencial da correlação entre acusação e sentença

Trata-se de princípio extraído do sistema acusatório, que vige no Brasil e pode ser depurado dos artigos 129, inciso I (repetido pelo art. 257, inciso I, do CPP), e 5º, inciso, LIX, da Constituição Federal, os quais garantem, respectivamente, a titularidade da ação penal pública por parte do Ministério Público e a possibilidade de oferecimento da ação penal privada subsidiária da pública, se a ação penal pública não for intentada pelo *Parquet* no prazo legal.

Nesses termos, entende-se que o princípio veda que o juiz deflagre a ação penal de ofício, exigindo-se para tanto a iniciativa do titular da ação. Por força do princípio em comento é que não se admite mais o **processo judicialiforme**, que consistia na possibilidade

de início da ação penal, nas contravenções penais, por meio do auto de prisão em flagrante delito ou por portaria expedida pelo delegado ou pelo magistrado, de ofício ou a requerimento do Ministério Público. A esse respeito, frise-se que o art. 531 do CPP, que contemplava essa possibilidade, foi alterado pela Lei nº 11.719/08, que a extirpou desse dispositivo legal. Sendo assim, deve-se considerar que houve a revogação tácita do art. 26 do CPP, que tinha conteúdo idêntico àquele dispositivo legal alterado.

Consequência direta deste princípio é o surgimento de outro princípio, o da **correlação (ou congruência ou relatividade ou reflexão) entre a acusação e a sentença**, o qual implica na exigência de que o fato imputado ao réu, na peça inicial acusatória, guarde "perfeita correspondência com o fato reconhecido pelo juiz, na sentença, sob pena de grave violação aos princípios do contraditório e da ampla defesa, consequentemente, ao devido processo legal" (NUCCI, 2008, p. 661).

Em outros termos, o magistrado está adstrito aos exatos termos do que fora narrado na peça inicial da ação penal, não podendo decidir fora, além ou aquém dos seus limites, sob pena de decisões, respectivamente, *extra, ultra* ou *infra petita* (*Ne eat judex ultra petita partium*), as quais estão eivadas de nulidade absoluta.

Em havendo, pois, necessidade de ampliação da tese acusatória, faz-se imprescindível o aditamento à denúncia ou queixa, nos termos do art. 384 do CPP (*mutatio libelli*).

Contudo, o princípio da iniciativa das partes comporta **exceções**, situações nas quais o magistrado pode conceder provimentos jurisdicionais de ofício. São elas:

1. **Decisões referentes ao estado de liberdade do indivíduo**, tais como a expedição de ordem de *habeas corpus* (art. 654, § 2º, do CPP), o relaxamento de prisão em flagrante (art. 5º, inciso LXV, CF), a revogação da prisão preventiva (art. 316 do CPP) e a concessão da liberdade provisória (art. 5º, inciso LXVI, CF). Contudo, a prisão temporária é modalidade de prisão cautelar que não pode ser decretada de ofício pelo juiz, dependendo sempre de representação da autoridade policial ou de requerimento do Ministério Público (art. 2º, *caput*, da Lei nº 7.960/89).

2. **Procedimento da execução penal** (art. 195 da Lei de Execução Penal).

2.2.3. Princípio do duplo grau de jurisdição

É princípio que inicialmente decorre da própria estrutura do Poder Judiciário traçada pela Constituição Federal, consistente na divisão do mesmo em instâncias diversas, começando pelos magistrados singulares, passando pelos respectivos tribunais a que eles estão vinculados, pelo STJ e finalmente chegando ao órgão de cúpula, o STF.

Decorre também da natural irresignação da parte com uma decisão que considera injusta, da necessidade de controle de todo e qualquer ato estatal, característica marcante do Estado Democrático de Direito, e do fato de que, ao menos em tese, o juiz de primeiro grau ficaria psicologicamente mais pressionado a acertar na decisão, para evitar revisão por parte do Tribunal, enquanto que este, por sua vez, é constituído por magistrados mais experientes, que melhor poderiam julgar a causa.

Decorre ainda do princípio constitucional expresso da ampla defesa. Ademais, é princípio que vem consagrado expressamente no Pacto de São José da Costa Rica no seu art. 8º, item 2, alínea "h", o qual tem no Brasil *status* de norma supralegal, conforme entendimento do STF exarado nos julgamentos do RE nº 466.343/SP e HC nº 87.585/TO (Informativo nº 531).

Em razão de tudo isso, portanto, é que se estabelece o princípio em apreciação, que garante à parte o direito de reexame da causa por instância superior.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/BA, em 2008, promovido pela Fesmip, foi cobrado justamente se o princípio do duplo grau de jurisdição seria implícito na Constituição Federal. Nesse sentido, a assertiva *"O princípio do duplo grau de jurisdição não é explícito na Constituição Federal, que traz inclusive normas conflitantes com tal princípio"* (assertiva destacada) foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Roraima, promovido pela Fundação Carlos Chagas, em 2015, voltou-se a cobrar acerca da previsão do princípio do duplo grau de jurisdição, da seguinte forma: *"O princípio internacionalmente consagrado do Duplo*

Grau de Jurisdição é reconhecido por várias legislações ocidentais. No Brasil, o princípio também é reconhecido e, segundo o Supremo Tribunal Federal, decorre: (A) diretamente do texto constitucional brasileiro e está previsto no artigo 50 como uma garantia fundamental. (B) diretamente do texto constitucional brasileiro, mas não está previsto no artigo 50. (C) do Pacto de Direitos Civis e Políticos e tem previsão na Constituição Federal do Brasil. (D) do Pacto de São José da Costa Rica e não tem previsão Constitucional. (E) diretamente dos pactos internacionais de direitos humanos e tem previsão expressa na Constituição Federal do Brasil.". A resposta correta foi a letra D.

2.2.4. Princípio do juiz imparcial

É princípio que decorre do princípio constitucional expresso do juiz natural, com a finalidade de complementá-lo, afinal de contas o magistrado pode até estar previamente investido na jurisdição, mas mesmo assim não ser imparcial na sua atuação, motivo pelo qual o CPP prevê hipóteses de impedimento (arts. 252 e 253) e suspeição (art. 254) do julgador.

Desse modo, para que um juiz efetivamente atue no processo penal, além de estar investido na função jurisdicional do Estado, não deve ter "vínculos subjetivos com o processo de molde a lhe tirar a neutralidade necessária para conduzi-lo com isenção" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 46). No entanto, ressalte-se que a atuação neutra de um juiz não passa de um mito, pois ele, durante o julgamento, sempre é influenciado por seus valores pessoais. É por isso que a doutrina prefere utilizar a expressão "juiz imparcial", no sentido de exigência de um dever de honestidade do magistrado, que deverá sempre cumprir "a Constituição, de maneira honesta, prolatando decisões suficientemente motivadas" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 46).

Ademais, frise-se que este princípio está consagrado expressamente no art. 8º, 1, do Pacto de São José da Costa Rica (aprovado pelo Decreto nº 678/92), válido no Brasil como norma supralegal, conforme entendimento do STF exarado nos julgamentos do RE nº 466.343/SP e HC nº 87.585/TO (Informativo nº 531).

2.2.5. Princípio do promotor natural e imparcial ou promotor legal

Trata-se de princípio constitucional implícito que decorre dos seguintes princípios constitucionais expressos:

1. **Princípio da inamovibilidade funcional dos membros do Ministério Público** (art. 128, § 5º, I, "b", CF).

2. **Princípio da independência funcional dos membros do Ministério Público** (art. 127, § 1º, CF).

3. **Princípio do juiz natural** (art. 5º, LIII, CF) – por analogia.

Por força deste princípio, entende-se que o agente delitivo deve ser acusado por órgão imparcial do Estado, previamente designado por lei, vedada a indicação de acusador para atuar em casos específicos. Conforme já decidido pelo STF, o postulado do promotor natural tem como escopo impedir que chefias institucionais do Ministério Público determinem designações casuísticas e injustificadas, de modo a instituir a reprovável figura do "acusador de exceção" (Informativo nº 644 do STF).

Atento a este princípio, o Procurador-Geral de Justiça apenas pode designar Promotores de Justiça para determinados casos concretos se houver prévia e expressa previsão em lei nesse sentido. Tais hipóteses de designação atualmente estão estipuladas no art. 10, inciso IX, da Lei nº 8.625/93 (Lei Orgânica do Ministério Público dos Estados).

É certo que doutrina amplamente majoritária admite a existência deste princípio, a exemplo de Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 99-100), Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 51-52) e Paulo Rangel (RANGEL, 2009, p. 37-45). O STJ também acolhe tal princípio, como ficou claro no julgamento do RHC nº 8513/81.

▸ **Qual o entendimento do STF sobre o assunto?**

No STF, porém, a matéria não é pacífica. Em um primeiro momento, o Pretório Excelso chegou a reconhecer a existência do princípio em tela (HC nº 67.759-2/RJ, Rel. Min. Celso de Mello). Contudo, em momento posterior, a Suprema Corte deixou de reconhecer o princípio do promotor natural e imparcial, sob a alegação de que ele violaria os princípios da unidade e da indivisibilidade do Ministério Público, encontrados no art. 127, § 1º, da Constituição Federal, como se verifica do julgamento do HC nº 83.463/RS e do RE nº 387974/DF. Mais recentemente, todavia, o Pretório Excelso voltou a aceitar este princípio, com base nos argumentos anteriormente explicitados, *ex vi* dos julgados HC nº 95447/SP e HC nº 103038/PA.

Em respeito ao princípio do promotor natural, o STJ, por meio da sua Corte Especial, entendeu que não seria possível o processamento e julgamento neste tribunal de denúncia originariamente apresentada pelo Ministério Público estadual na Justiça estadual,

posteriormente encaminhada a esta corte superior, se a exordial não fosse ratificada pelo Procurador-Geral da República ou por um dos Subprocuradores-Gerais da República. Afinal de contas, ainda segundo este tribunal, seria o Ministério Público Federal o órgão com legitimidade para atuar perante ele, nos termos dos arts. 47, § 1º, e 66 da Lei Complementar nº 35/79 e dos arts. 61 e 66 do RISTJ (Informativo nº 511).

Todavia, a Terceira Seção do STJ, mais recentemente, no julgamento do EREsp nº 1256973, reconheceu a legitimidade dos Ministérios Públicos dos estados e do Distrito Federal para atuar nas ações de sua própria autoria que tramitam no referido tribunal e interpor recursos como agravos regimentais, embargos de declaração, embargos de divergência e recursos extraordinários para o STF. Concluiu-se, pois, que não se pode impedir o titular da ação pública de buscar a correção de julgados em ações provenientes de sua unidade federativa.

O julgado alhures aludido foi mais um passo em direção à mudança de uma jurisprudência que até então impedia os Ministérios Públicos dos estados e do DF de atuar no STJ. Eles podiam interpor recursos para o STJ e o STF contra decisões das instâncias ordinárias, mas dentro das cortes superiores quem atuava com exclusividade era o Ministério Público Federal, tanto no papel de fiscal da lei (dando pareceres e acompanhando os julgamentos) como no de parte (substituindo o MP autor da ação no momento de recorrer internamente). A questão, porém, ainda não está pacificada e aguarda um pronunciamento da Corte Especial do STJ.

Seguindo esta tendência, a Corte Especial do STJ também decidiu que o Ministério Público Estadual tem legitimidade para atuar diretamente como parte em recurso submetido a julgamento perante o STJ. Asseverou-se que, em sendo a ação (cível ou penal) proposta pelo MP Estadual perante o primeiro grau de jurisdição, e tendo o processo sido alçado ao STJ por meio de recurso, é possível que esse se valha dos instrumentos recursais necessários na defesa de seus interesses constitucionais. Nessas circunstâncias, o MPF exerce apenas uma de suas funções, qual seja, a de *custos legis* (ou *custos iuris*), podendo opinar pelo provimento ou desprovimento da irresignação. Assim, cindindo em um processo o exercício das funções do MP (o MP Estadual sendo o autor da ação e o MPF opinando acerca do recurso interposto nos respectivos autos), não há razão legal que autorize restringir a atuação do MP Estadual enquanto

parte recursal, realizando sustentações orais, interpondo agravos regimentais contra decisões etc (Informativo nº 556).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador do Município de Belo Horizonte/MG, promovido pelo Cebraspe/Cespe, em 2017, cobrou-se o entendimento do STJ alhures mencionado, conforme assertiva adiante transcrita: *"Com base no entendimento do STJ, assinale a opção correta. [...] O MP estadual não tem legitimidade para atuar diretamente como parte em recurso submetido a julgamento no STJ."*. A alternativa foi considerada incorreta.

Já no STF, em um primeiro momento, a sua Segunda Turma negou o Mandado de Segurança nº. 28408, impetrado por um Promotor de Justiça do Ministério Público do Espírito Santo contra ato do Conselho Nacional do Ministério Público que o impediu de formular requerimentos visando restringir a participação, em processos por ele movidos, de membros do Ministério Público do Espírito Santo que atuam em segunda instância.

Entretanto, em julgado posterior, a Suprema Corte, através do seu Plenário Virtual, decidiu que os Ministérios Públicos dos Estados e do Distrito Federal têm legitimidade para propor e atuar em recursos e meios de impugnação de decisões judiciais em trâmite no próprio STF e também no STJ, provenientes de processos de sua atribuição, sem prejuízo da atuação do Ministério Público Federal. Consignou-se que os Ministérios Públicos estaduais não estão vinculados, nem subordinados, nos planos processual, administrativo e/ou institucional, à Chefia do Ministério Público da União, o que lhes confere ampla possibilidade de atuação autônoma nos processos em que forem partes, inclusive perante os Tribunais Superiores. Destarte, o Ministério Público Estadual possui legitimidade para interpor recursos internos, agravos, embargos de declaração, embargos de divergência, recurso ordinário, recurso extraordinário e ainda para propor meios de impugnação das decisões judiciais em geral, a exemplo da reclamação, mandado de segurança, *habeas corpus*, incidente de resolução de demandas repetitivas, ação rescisória e conflito de competência. Finalmente, a função de fiscal da lei (fiscal do direito) no âmbito do STJ e do STF continuaria a ser exercida exclusivamente pelo Ministério Público Federal, por meio dos Subprocuradores-Gerais da República designados pelo Procurador-Geral da República (STF. Plenário Virtual. RE 985392/RS,

Já na ação penal pública condicionada à representação do ofendido, tem-se que a representação é regida pelo princípio da oportunidade, ao passo que o oferecimento de denúncia pelo Ministério Público é regido pela obrigatoriedade.

O princípio da obrigatoriedade da ação penal pública é um princípio constitucional implícito que decorre dos seguintes princípios constitucionais expressos:

1. **Legalidade penal (art. 5º, XXXIX, CF)**: não há crime sem prévia lei que o defina, nem pena sem prévia cominação legal; logo, se há tipicidade penal, há obrigatoriedade da aplicação da sanção penal.

2. **Titularidade da ação penal pública exclusivamente pelo Ministério Público (art. 129, I, CF e art. 257, I, CPP) e, em caráter excepcional, pelo ofendido (art. 5º, LIX, CF).**

Registre-se que o princípio da obrigatoriedade da ação penal pública é mitigado com o instituto da **transação penal** (art. 76 da Lei nº 9.099/95), que consagra o **princípio da discricionariedade regrada (ou da obrigatoriedade mitigada)**, ou seja, discricionariedade de acordo com os parâmetros da lei: uma vez preenchidos os requisitos legais (requisitos previstos no art. 76, § 2º, da Lei nº 9.099/95), surge para o Ministério Público o poder-dever de oferecer a proposta deste benefício ao agente delitivo, evitando-se o início da ação penal.

Sobreleva destacar ainda que o instituto da colaboração premiada, nos termos do art. 4º da Lei nº 12.850/13, o acordo de leniência, previsto nas hipóteses dos arts. 86 e 87 da Lei nº 12.529/11 e dos arts. 16 e 17 da Lei nº 12.846/13, e o acordo de não persecução penal, regulamentado pelo art. 18 da Resolução nº 181/2017 do Conselho Nacional do Ministério Público, também mitigam o princípio da obrigatoriedade da ação penal pública.

Outrossim, o **princípio da indisponibilidade da ação penal pública** decorre do princípio da obrigatoriedade e implica na proibição de que o Ministério Público desista da ação penal instaurada (art. 42 CPP). No campo dos recursos, tal princípio implica na impossibilidade de o Ministério Público desistir do mesmo (art. 576 CPP) – embora não se exija que o *Parquet* recorra –, o que é lógico, afinal de contas o recurso tem natureza jurídica de mero desdobramento do direito de ação.

O princípio da indisponibilidade da ação penal pública é também mitigado por um instituto previsto na Lei nº 9.099/95, qual seja,

a **suspensão condicional do processo**, disciplinado no art. 89 deste diploma legal. A esse respeito, insta salientar que o *caput* do art. 89 da Lei nº 9.099/95 assevera: "Nos crimes em que a pena mínima cominada for igual ou inferior a um ano, abrangidas ou não por esta Lei, o Ministério Público, ao oferecer a denúncia, poderá propor a suspensão do processo, por dois a quatro anos, desde que o acusado não esteja sendo processado ou não tenha sido condenado por outro crime, presentes os demais requisitos que autorizariam a suspensão condicional da pena (art. 77 do Código Penal)". Se o período de prova for encerrado sem que haja descumprimento das condições estipuladas na proposta de suspensão, o juiz declarará a extinção da punibilidade, consoante o art. 89, § 5º, da lei.

Espécie de ação penal	Princípio regente
Ação penal pública incondicionada	Princípio da obrigatoriedade
Ação penal pública condicionada à representação do ofendido	Princípio da oportunidade para a representação do ofendido e princípio da obrigatoriedade para o oferecimento da ação penal
Ação penal no juizado especial criminal (lei nº 9.099/95)	Princípio da discricionariedade regrada (transação penal)
Ação penal privada	Princípio da oportunidade

2.2.7. Princípio da oficialidade

O princípio consiste no fato de que a atividade persecutória será exercida necessariamente por órgãos **oficiais** do Estado, não sendo possível o particular exercê-la.

Em outras palavras, a persecução penal é uma atividade obrigatória do Estado que é cumprida por meio de 3 (três) dos seus órgãos, quais sejam, a Polícia Judiciária (investiga), o Ministério Público (acusa) e o Juiz (julga). Decorre das normas constitucionais previstas nos artigos 129, I (titularidade da ação penal pública por parte do Ministério Público), e 144, §§ 1º, inciso IV (estabelece que as funções de polícia judiciária da União são exercidas, com exclusividade, pela polícia federal), e 4º (estabelece que as funções de polícia judiciária são exercidas pela polícia civil, ressalvada a competência da União).

É princípio que se aplica apenas aos **crimes de ação penal pública**, já que, na ação penal privada, o autor da ação é um particular.

Ressalte-se que este princípio não deve ser confundido com o princípio da oficiosidade, que é a seguir apreciado.

2.2.8. Princípio da oficiosidade

É princípio segundo o qual "as autoridades públicas incumbidas da persecução penal devem agir de **ofício**, sem necessidade de provocação ou de assentimento de outrem" (CAPEZ, 2007, p. 22) - destacamos.

Todavia, tal princípio somente se aplica aos **crimes de ação penal pública incondicionada**, já que, na ação penal pública condicionada à representação do ofendido, a persecução penal somente pode ser iniciada por meio de manifestação do ofendido ou de seu representante legal. Isso, porém, não impede que qualquer do povo provoque a atuação do órgão público, conforme permitido pelo art. 27 do CPP.

Princípio da oficialidade	Princípio da oficiosidade
A atividade persecutória deverá ser executada por órgão **oficial** do Estado.	A atividade persecutória deverá ser iniciada **de ofício** por órgão oficial do Estado.

2.2.9. Princípio da autoritariedade

É princípio segundo o qual "os órgãos investigantes e processantes devem ser **autoridades públicas** (delegado de polícia e promotor ou procurador de justiça)" (CAPEZ, 2007, p. 30) - destacamos.

O princípio, porém, **não se aplica aos crimes de ação penal privada**, pois ela é oferecida por particular.

2.2.10. Princípio da intranscendência ou da pessoalidade

É princípio que decorre do princípio penal da culpabilidade (ninguém pode ser processado sem prova do dolo ou culpa). Por força de tal princípio, exige-se que o processo penal seja instaurado apenas em face de quem efetivamente cometeu o crime. Em razão disso, não é possível que o responsável civilmente pelo ato figure como réu em uma ação penal. Exemplo: se um empregado, usando o carro da sociedade empresarial em que trabalha, atropela e mata, culposamente, terceira pessoa, o sócio responsável por tal sociedade não poderá constar como réu em um eventual processo penal, apenas o empregado.

2.2.11. Princípio da vedação da dupla punição e do duplo processo pelo mesmo fato (*ne bis in idem*)

Trata-se de princípio que decorre dos seguintes princípios:

1. **Princípio da legalidade penal**: não há crime sem lei anterior que o defina, não há pena sem lei anterior que a comine (art. 5º, inciso XXXIX, da Constituição Federal).
2. **Princípio da dignidade da pessoa humana** (art. 1º, inciso III, da Constituição Federal).

Ademais, é consagrado expressamente no art. 8º, 4, do Pacto de São José da Costa Rica, que tem *status* supralegal no Brasil, conforme entendimento do STF exarado nos julgamentos do RE nº 466.343/SP e HC nº 87.585/TO (Informativo nº 531).

Este princípio impede que a pessoa seja processada e condenada duas vezes pelo mesmo fato. Implica ainda na proibição de o agente ser processado novamente pelo mesmo fato quando já foi absolvido com sentença transitada em julgado.

▸ Qual o entendimento do STF e STJ sobre o assunto?

Com base no *ne bis in idem* e em respeito à coisa julgada, o STF já decidiu que, na hipótese de duas ações penais instauradas uma após a outra, aquela oferecida posteriormente jamais poderia ter existido, motivo pelo qual seria nula em razão da litispendência. Apenas a ação penal anterior teria validade no mundo jurídico, independentemente da pena cominada em ambos os processos. Destarte, retirar-se-ia uma das condenações, em favor do agente, ou seja, a segunda (Informativo nº 646). O STJ, por sua vez, igualmente em respeito ao princípio *ne bis in idem* e à coisa julgada, decidiu que o agente que, numa primeira ação penal, tenha sido condenado pela prática de crime de roubo contra uma instituição bancária não poderá ser, numa segunda ação penal, condenado por crime de roubo supostamente cometido contra o gerente do banco no mesmo contexto fático considerado na primeira ação penal, ainda que a conduta referente a este suposto roubo contra o gerente não tenha sido sequer levada ao conhecimento do juízo da primeira ação penal, vindo à tona somente no segundo processo (Informativo nº 569). Todavia, noticie-se que este mesmo Tribunal também entendeu que constatado o trânsito em julgado de duas decisões condenando o agente pela prática de um único crime - a primeira proferida por juízo estadual absolutamente incompetente e a segunda proferida pelo juízo federal constitucionalmente competente -, a condenação anterior deve ser anulada caso se verifique que nela fora imposta pena maior do que a

fixada posteriormente, em respeito ao Juiz Natural e à própria dignidade da pessoa humana (Informativo nº 562).

Princípios constitucionais implícitos
1. Princípio da não autoincriminação.
2. Princípio da iniciativa das partes e princípio consequencial da correlação entre acusação e sentença.
3. Princípio do duplo grau de jurisdição.
4. Princípio do juiz imparcial.
5. Princípio do promotor natural.
6. Princípio da obrigatoriedade da ação penal pública e princípio consequencial da indisponibilidade da ação penal pública.
7. Princípio da oficialidade.
8. Princípio da oficiosidade.
9. Princípio da autoritariedade.
10. Princípio da intranscendência.
11. Princípio do *ne bis in idem*.

3. PRINCÍPIOS DO PROCESSO PENAL PROPRIAMENTE DITOS

3.1. Princípio da busca da verdade real ou material

No processo civil, tendo em vista que, em regra, estão em jogo direitos meramente patrimoniais (disponíveis), é suficiente a verdade formal, a verdade dos autos, daí porque é possível a aplicação da presunção da veracidade dos fatos e o julgamento antecipado da lide em ocorrendo a revelia do réu. Por força disso, os poderes instrutórios do juiz, nesta seara jurídica, são bastante reduzidos, embora recentemente essa característica esteja sendo bastante mitigada com a edição de leis que, cada vez mais, garantem tais poderes ao magistrado.

Já no processo penal, em que prevalecem direitos indisponíveis, notadamente a liberdade, há a necessidade de busca da verdade real ou material dos fatos, a verdade do mundo real, a verdade objetiva, daí porque o juiz passa a ter maior iniciativa probatória, como se vê do teor do art. 156, incisos I e II, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.690/08, que permite ao magistrado ordenar, mesmo antes de iniciada a ação penal, a produção antecipada de provas,

urgentes e relevantes, observando a necessidade, adequação e proporcionalidade da medida (inciso I), assim como determinar, no curso da instrução, ou antes de proferir sentença, a realização de diligências para dirimir dúvida sobre ponto relevante (inciso II).

Em suma, o "princípio da verdade real significa, pois, que o magistrado deve buscar provas, tanto quanto as partes, não se contentando com o que lhe é apresentado, simplesmente" (NUCCI, 2008, p. 105). Advirta-se, porém, que "a verdade real, em termos absolutos, pode se revelar inatingível. Afinal, a revitalização no seio do processo, dentro do fórum, numa sala de audiência, daquilo que ocorreu muitas vezes anos atrás, é, em verdade, a materialização formal daquilo que se imagina ter acontecido" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 48).

3.2. Princípio da oralidade e princípios consequenciais da concentração, da imediatidade e da identidade física do juiz

Quanto ao princípio da **oralidade**, há de se registrar que, em algumas etapas do processo, a palavra oral deve prevalecer sobre a palavra escrita, como forma de promover os princípios da concentração, da imediatidade e da identidade física do juiz.

Com a Lei nº 11.719/08, o princípio da oralidade ganhou destaque, a uma porque toda a instrução probatória é produzida em uma só audiência de instrução e julgamento (artigos 400, § 1º, e 411, §2º, do CPP), na qual as alegações finais são, em regra, orais (artigos 403 e 411, §4º, do CPP), podendo a sentença também ser prolatada oralmente (artigos 403 e 411, § 9º, do CPP), a duas porque o art. 405, §§1º e 2º, do CPP permite que os atos processuais praticados ao longo da audiência de instrução e julgamento sejam registrados apenas por meio audiovisual, sem necessidade de transcrição, somente encaminhando-se às partes cópia do registro original.

Como já afirmado, o princípio da oralidade dá origem a 3 (três) outros princípios, o da concentração, o da imediatidade e o da identidade física do juiz.

No que tange ao princípio da **concentração**, entende-se que toda a colheita da prova e o julgamento devem ocorrer em uma única audiência (audiência de instrução e julgamento) - ou ao menos no menor número de audiências (já que, na prática, é possível cindir a audiência de instrução e julgamento) -, o que, como visto alhures,

passou a ser regra expressamente consagrada no CPP, mais precisamente nos artigos 400, §1º, e 411, §2º, com a redação dada pela Lei nº 11.719/08.

Com relação ao princípio da **imediatidade**, compreende-se que "o magistrado deve ter contato direto com a prova produzida, formando mais facilmente sua convicção" (NUCCI, 2008, p. 108).

Por fim, o princípio da **identidade física do juiz** consiste no fato de que o juiz que preside a instrução do processo, colhendo as provas, deve ser aquele que julgará o feito, vinculando-se à causa (NUCCI, 2008, p. 108). É novidade do processo penal (existia apenas no processo civil), estando consagrado atualmente no art. 399, § 2º, CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.719/08.

As exceções ao princípio da identidade física do juiz previstas no art. 132, *caput*, do Código de Processo Civil de 1973 (se o juiz estiver convocado, licenciado, afastado por qualquer motivo, promovido ou aposentado) continuam sendo aplicadas, por analogia, ao Processo Penal (casos em que o juiz passará os autos ao seu sucessor), analogia esta permitida de acordo com o art. 3º do CPP, ainda que aquele dispositivo não encontre correspondência no CPC de 2015.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista do STM, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi questionado se é adotado no Brasil o princípio da identidade física do juiz: *"O processo penal brasileiro não adota o princípio da identidade física do juiz em face da complexidade dos atos processuais e da longa duração dos procedimentos, o que inviabiliza a vinculação do juiz que presidiu a instrução à prolação da sentença."*. A assertiva foi considerada incorreta.

3.3. Princípio da indivisibilidade da ação penal privada (art. 48 CPP)

Trata-se de princípio por meio do qual não pode o ofendido escolher contra qual agente oferecerá ação penal privada. Está consagrado expressamente no art. 48 do CPP, segundo o qual "A queixa contra qualquer dos autores do crime obrigará ao processo de todos, e o Ministério Público velará pela sua indivisibilidade". Esse princípio visa essencialmente evitar a **vingança privada**.

Como já afirmado, é princípio que somente tem aplicação na ação penal privada, na qual prevalece o princípio da oportunidade.

Segundo **entendimento do STF**, a **ação penal pública é regida pelo princípio da divisibilidade**, afinal de contas o Ministério Público poderia sempre, até a sentença final (art. 569 do CPP), incluir novos agentes delitivos por meio de aditamento à denúncia ou oferecer contra eles nova ação penal, caso já tenha sido prolatada a sentença final do feito (STF, HC 104356/RJ). É esse também o mais recente posicionamento do STJ (STJ, HC 178406/RS). Registre-se, porém, que prevalece na doutrina o entendimento de que a ação penal pública é regida pelo princípio da indivisibilidade (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 127-128).

Em verdade, a nosso sentir, é de pouca relevância discutir se o princípio da indivisibilidade se aplica ou não à ação penal pública. O que realmente importa é ter em mente que a ação penal pública é regida pelo princípio da obrigatoriedade, daí porque o Ministério Público também tem o dever de incluir todos os agentes delitivos na demanda, desde que existam indícios suficientes de autoria e prova da materialidade contra eles. De outro lado, caso só surjam estes elementos contra novos agentes ao longo da ação penal, até a sentença final, é óbvia a possibilidade de aditamento à denúncia para inclusão dos mesmos, conforme permitido expressamente pelo art. 569 do CPP. E se tais elementos surgem após a sentença final é possível o oferecimento de nova ação penal em face dos coautores.

3.4. Princípio da comunhão ou aquisição da prova

É princípio segundo o qual, uma vez produzida, a prova pertence ao juízo e pode ser utilizada por qualquer das partes e pelo juiz, ajudando na busca da verdade real, mesmo que tenha sido requerida por apenas uma das partes.

Assim, como adverte Guilherme de Souza Nucci, "não há *titular* de uma prova, mas mero proponente" (NUCCI, 2008, p. 109). Desse modo, por exemplo, uma testemunha arrolada pelo Ministério Público pode prestar depoimento que favoreça o réu, sendo permitido que este último utilize tal depoimento em seu benefício.

Por força deste princípio, parte da doutrina entende que o art. 401, § 2º, do CPP, o qual permite que a parte desista da oitiva da testemunha por ela arrolada, ressalvando apenas a possibilidade de que o magistrado determine de ofício a colheita do depoimento desta mesma testemunha, deveria ser lido com temperamentos,

pois se a parte contrária insistisse no seu depoimento, a citada testemunha teria que ser ouvida. Aliás, esse raciocínio seria válido para todo e qualquer meio de prova lícito proposto por uma das partes. Não obstante, por lealdade acadêmica, noticie-se que outra parcela da doutrina sustenta que haveria a possibilidade de dispensa unilateral da testemunha como mero corolário do sistema acusatório, ressalvado apenas o interesse do Juízo na oitiva, nos termos literais do dispositivo legal anteriormente mencionado. Não existiria, portanto, comunhão da prova antes da sua colheita, o que somente restaria configurado com a sua efetiva produção.

Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do MPMG, em 2017, foi cobrado exatamente o posicionamento da segunda parcela da doutrina alhures explicitado. Nesse sentido, a assertiva *"A possibilidade de dispensa unilateral da testemunha é corolário do sistema acusatório, ressalvado o interesse do Juízo na oitiva."* (destacada) foi considerada correta.

3.5. Princípio do impulso oficial

Por força deste princípio, uma vez iniciada a ação penal, o juiz tem o dever de promover o seu andamento até a sua etapa final, de acordo com o procedimento previsto em lei, proferindo decisão (NUCCI, 2008, p. 109).

Como esclarece Guilherme de Souza Nucci, este princípio "Liga-se, basicamente, aos *princípios da obrigatoriedade e da indeclinabilidade* da ação penal, que prevê o exercício da função jurisdicional, até sentença final, sem que o magistrado possa furtar-se a decidir, bem como vedando-se a desistência da ação penal pelo Ministério Público" (NUCCI, 2008, p. 109).

Não se permite, portanto, a paralisação indevida e gratuita da ação penal, afinal de contas é interesse do autor punir um crime praticado e do réu livrar-se do constrangimento natural que traz toda ação penal (NUCCI, 2008, p. 109).

Este princípio está consagrado expressamente no art. 251 do CPP. Ele é válido também na ação penal privada, não se permitindo a paralisação injustificada do feito, sob pena de perempção (art. 60 do CPP).

3.6. Princípio da persuasão racional ou livre convencimento motivado

O princípio em tela significa que o juiz forma o seu convencimento nos autos de forma livre, embora deva fundamentá-lo no momento em que prolatar qualquer tipo de decisão (NUCCI, 2008, p. 110).

Ele decorre da exigência feita pela Constituição Federal (art. 93, inciso IX) de que toda decisão judicial seja fundamentada (**princípio da motivação das decisões**). No âmbito do Processo Penal, está expressamente consagrado no art. 155, *caput*, do CPP. Além disso, o art. 381, inciso III, do CPP apresenta nítida hipótese de aplicação deste princípio, ao exigir que, na sentença, sejam indicados os motivos de fato e de direito em que se fundar a decisão.

Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 110) aponta para a existência de **exceções** ao princípio em comento:

1. No Tribunal do Júri, em que vale o princípio da íntima convicção dos jurados, no sentido de que eles não necessitam fundamentar o seu voto, aliás, nem podem, dado o sigilo da votação.

2. Determinados fatos exigem necessariamente determinadas provas, não podendo o magistrado afastar-se delas - exemplos: a) a *inimputabilidade do réu* depende necessariamente de exame pericial (exame médico-legal), pois apenas o médico pode atestar a existência de doença mental (art. 149, *caput*, do CPP); b) os *crimes que deixam vestígios materiais* demandam a realização de exame pericial - exame de corpo de delito (art. 158 do CPP); c) prova-se a *morte do agente*, para fim de extinção da punibilidade, com a apresentação da certidão de óbito (art. 62 do CPP).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado justamente o conceito legal do princípio da persuasão racional. Nesse sentido, a assertiva *"O princípio da persuasão racional é aquele pelo qual o juiz formará sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, não podendo fundamentar sua decisão exclusivamente nos elementos informativos colhidos na investigação, ressalvadas as provas cautelares, não repetíveis e antecipadas"* (destacada) foi considerada correta.

3.7. Princípio da lealdade processual

É princípio que "Consiste no dever de verdade, vedando-se o emprego de meios fraudulentos (ilícitos processuais)" (CAPEZ, 2007, p. 25). Ele não se encontra expresso no CPP. Entretanto, a fraude destinada a produzir efeitos em processo penal foi tipificada como crime no Código Penal (art. 347 - fraude processual).

▸ **Qual o entendimento do STF sobre o assunto?**

O STF já decidiu que viola o princípio da lealdade processual a atitude de um advogado de formular 13 (treze) pedidos totalmente improcedentes, em sede de agravo regimental, nos quais se sustentava a existência de inúmeras nulidades que teriam causado prejuízo ao exercício da ampla defesa e contaminado todo o processo, desde os interrogatórios dos réus, com a nítida finalidade de impedir o trâmite regular do processo. Entendeu-se que houve abuso do poder de litigar, que foi devidamente comunicado à OAB para a adoção das providências cabíveis (Informativo nº 581).

Princípios do processo penal propriamente ditos
1. Princípio da busca da verdade real.
2. Princípio da oralidade e princípios consequenciais da concentração, imediatidade e identidade física do juiz.
3. Princípio da indivisibilidade da ação penal privada.
4. Princípio da comunhão da prova.
5. Princípio do impulso oficial.
6. Princípio do livre convencimento motivado.
7. Princípio da lealdade processual.

4. SISTEMAS DE PROCESSO PENAL

Na atividade de persecução criminal (investigação, processamento e condenação), o Estado pode atuar basicamente de três formas, em três sistemas diferentes, quais sejam, os sistemas **inquisitivo, acusatório e misto**.

4.1. Sistema inquisitivo

De origem romana, é o sistema no qual há a concentração dos poderes de acusar e de julgar nas mãos de um único órgão do Estado. A partir dessa ideia, são definidas as seguintes características deste sistema:

- A confissão do réu é considerada a "rainha das provas", permitindo-se inclusive a prática da tortura (NUCCI, 2008, p. 116);
- Não há debates orais, predominando procedimentos exclusivamente escritos (NUCCI, 2008, p. 116);
- Os julgadores não estão sujeitos à recusa (NUCCI, 2008, p. 116);
- O procedimento é sigiloso (NUCCI, 2008, p. 116);
- Há ausência de contraditório e a defesa é meramente decorativa (NUCCI, 2008, p. 116);
- Há impulso oficial e liberdade processual (LIMA, 2009, p. 16).

4.2. Sistema acusatório

Originado na Grécia e na Roma antiga, é o sistema no qual há nítida separação entre o órgão de acusação e o julgador, sendo este imparcial. A partir desse conceito, são fixadas as características deste sistema:

- Há liberdade de acusação, reconhecido o direito ao ofendido e a qualquer cidadão (NUCCI, 2008, p. 116);
- Prevalece a oralidade nos procedimentos (LIMA, 2009, p. 16);
- Predomina a liberdade de defesa e a isonomia entre as partes no processo (NUCCI, 2008, p. 116);
- Vigora a publicidade do procedimento (NUCCI, 2008, p. 116);
- O contraditório está presente (NUCCI, 2008, p. 116);
- Existe a possibilidade de recusa do julgador (NUCCI, 2008, p. 116);
- Há livre sistema de produção de provas (NUCCI, 2008, p. 116);
- Predomina maior participação popular na justiça penal (NUCCI, 2008, p. 116);
- A liberdade do réu é regra (NUCCI, 2008, p. 116).

4.3. Sistema misto ou acusatório formal

Surgido após a Revolução Francesa, é o sistema que mescla os dois sistemas anteriores, existindo uma fase de instrução

preliminar, com os elementos do sistema inquisitivo - procedimento secreto, escrito e sem contraditório -, e a fase do julgamento, com a predominância do sistema acusatório - oralidade, publicidade, contraditório, concentração dos atos processuais, intervenção de juízes populares e livre apreciação das provas (NUCCI, 2008, p. 116).

4.4. Opção do sistema processual brasileiro

Em virtude de o país adotar todos os princípios anteriormente estudados, a doutrina majoritária entende que o Brasil optou pelo sistema acusatório, embora haja posicionamentos isolados em sentido contrário, a exemplo de Guilherme de Souza Nucci, que informa ser o sistema adotado o misto (NUCCI, 2008, p. 117-119).

É certo que o Código de Processo Penal, datado de 1941, apresenta inúmeros dispositivos de índole inquisitiva, a exemplo daqueles que tratam da prática de atos por parte do juiz, durante a fase de investigações ou para a instauração da ação penal, típicos do órgão de acusação (vide os artigos 5º, inciso II, 1ª parte, 26, 28 etc, todos do CPP), mas, ainda assim, o sistema desenhado pelo ordenamento jurídico nacional é o sistema acusatório, por força justamente dos princípios estudados ao longo deste capítulo, especialmente aqueles insculpidos na Constituição Federal.

Nesses termos, pode-se afirmar que é a Carta Magna Federal o instrumento normativo que consagra o sistema acusatório no país. É o que leva Marcellus Polastri Lima a concluir que "Com a Constituição de 1988, pode-se falar hoje [...] em um sistema acusatório [...]. E é neste sentido que se deve enxergar o sistema acusatório brasileiro, sendo que é acusatório no sentido de que cabe a um órgão próprio aduzir a acusação, retirando-se tal função cada vez mais do juiz" (LIMA, 2009, p. 18).

A título de curiosidade, noticie-se que, no Projeto do Novo Código de Processo Penal (Projeto de Lei nº 156/2009, do Senado Federal, que recebeu o nº 8.045/2010 na Câmara dos Deputados), há a tentativa de se estipular no país o chamado **juiz de garantias**, comum em países como Itália, EUA e México, entendido como um magistrado que atuará exclusivamente na fase de investigação criminal (existindo outro magistrado que atuará somente na fase da ação penal) com o objetivo não de produzir provas (gestor das provas), mas sim de tutelar os direitos fundamentais do indivíduo, o

que servirá para apagar resquícios inquisitivos do sistema processual penal brasileiro e reforçará a opção pelo sistema acusatório.

Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública da União, em 2007, promovido pelo Cespe/Unb, na Prova Escrita Discursiva, solicitou-se ao candidato que redigisse uma dissertação justamente sobre os pontos marcantes do sistema acusatório, nesses termos: *"Elabore dissertação acerca do sistema processual penal acusatório consagrado na atual Carta Constitucional, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos: ‹ lastro normativo constitucional do sistema processual penal em vigor; ‹ características do sistema processual penal acusatório; ‹ gestão das provas e posição do juiz no sistema acusatório; ‹ impacto do sistema processual penal acusatório ditado pela Constituição Federal no Código de Processo Penal brasileiro".* A questão deveria ser respondida de acordo com o conteúdo que acaba de ser destacado neste tópico.

Aplicação em concurso público:

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, questionou-se sobre o sistema de Processo Penal adotado pelo Brasil, qual seja, o acusatório, conforme se segue: *"No Direito pátrio, o sistema que vige no processo penal é o: a) - inquisitivo formal. b) - acusatório formal. c) - inquisitivo. d) - inquisitivo unificador. e) - acusatório."*. A resposta correta foi a letra E.

Capítulo III

Aplicação da lei processual penal no espaço

1. PRINCÍPIO DA TERRITORIALIDADE (ART. 1º CPP)

Quanto à aplicação da lei processual penal no espaço, vale, como regra geral, o princípio da territorialidade (*locus regit actum*), consagrado no art. 1º, *caput*, do CPP, segundo o qual é aplicada a lei processual penal brasileira a todo crime ocorrido em território nacional, da mesma forma com que ocorre no Direito Penal (art. 5º CP). A esse respeito, entende-se como lei processual penal brasileira, também como regra, o Código de Processo Penal, que, no entanto, não se aplica para os crimes processados no Brasil nas hipóteses previstas nos incisos I a V do art. 1º do CPP.

Justifica-se a adoção do princípio da territorialidade como regra geral tendo em vista que ele assegura a soberania nacional, pois "não teria sentido aplicar normas procedimentais estrangeiras para apurar e punir um delito ocorrido dentro do território brasileiro" (NUCCI, 2008, p. 130).

▸ **Observação:**

A lei penal brasileira é também aplicada para os casos de extraterritorialidade previstos no art. 7º do Código Penal (crimes praticados fora do território nacional, mas para os quais há a aplicação da lei brasileira). Entretanto, ao contrário do que ocorre com a lei penal, a lei processual penal brasileira não possui extraterritorialidade, salvo nas seguintes hipóteses: *a)* aplicação da lei processual penal brasileira em território *nullius*; *b)* se houver autorização de um determinado país, para que o ato processual seja praticado em seu território de acordo com a lei processual penal brasileira; *c)* se houver território ocupado em tempo de guerra (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 44).

▸ **Atenção:**

O **art. 2º da Lei nº 9.455/97** apresenta uma exceção ao princípio da territorialidade da lei penal brasileira, ao afirmar que "O disposto nesta Lei

aplica-se ainda quando o crime não tenha sido cometido em território nacional, sendo a vítima brasileira ou encontrando-se o agente em local sob a jurisdição brasileira". Quanto à repercussão deste dispositivo legal no âmbito processual penal, de acordo com a Terceira Seção do STJ, **o fato de o crime de tortura, praticado contra brasileiros, ter ocorrido no exterior não torna, por si só, a Justiça Federal competente para processar e julgar os agentes estrangeiros.** De fato, o crime de tortura praticado integralmente em território estrangeiro contra brasileiros não se subsume, em regra, a nenhuma das hipóteses de competência da Justiça Federal previstas no art. 109 da CF. Esclareça-se que não há adequação ao art. 109, V, da CF, que dispõe que compete à Justiça Federal processar e julgar "os crimes previstos em tratado ou convenção internacional, quando, iniciada a execução no País, o resultado tenha ou devesse ter ocorrido no estrangeiro, ou reciprocamente", pois não se trata de crime à distância. De igual modo, não há possibilidade de aplicar o inciso IV do art. 109 da CF, visto que não se tem dano direto a bens ou serviços da União, suas entidades autárquicas ou empresas públicas. Ademais, ressalte-se que o deslocamento de competência para a jurisdição federal de crimes com violação a direitos humanos exige provocação e hipóteses extremadas e taxativas, nos termos do art. 109, V-A e § 5º, da CF. Desse modo, o incidente só será instaurado em casos de grave violação aos direitos humanos, em delitos de natureza coletiva, com grande repercussão, e para os quais a Justiça Estadual esteja, por alguma razão, inepta à melhor apuração dos fatos e à celeridade que o sistema de proteção internacional dos Direitos Humanos exige (Informativo nº 549).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/BA, em 2008, promovido pela Fesmip, cobrou-se justamente o princípio regente da aplicação da lei processual penal no espaço. Nesse sentido, a assertiva *"No tocante à aplicação da lei processual penal no espaço, é aplicado, em regra, o princípio da nacionalidade"* (destacada) foi considerada incorreta.

2. CONCEITO DE TERRITÓRIO

Em sentido **estrito**, território implica no "solo (e subsolo) sem solução de continuidade e com limites reconhecidos, as águas interiores, o mar territorial, a plataforma continental e o espaço aéreo" (MIRABETE, 2004, p. 63). Por **extensão**, ele implica nas embarcações e aeronaves brasileiras, de natureza pública ou a serviço do governo brasileiro, onde quer que se encontrem, bem como nas aeronaves e nas embarcações brasileiras, mercantes ou de propriedade privada, que se achem, respectivamente, no espaço aéreo correspondente ou em alto mar (art. 5º, § 1º, CP).

3. EXCEÇÕES À REGRA DA TERRITORIALIDADE

São situações em que, na verdade, continuará sendo aplicada a lei processual penal brasileira, mas não o Código de Processo Penal e sim outros instrumentos normativos.

3.1. Tratados, convenções e regras de direito internacional (art. 1º, I, CPP)

Em firmando o Brasil um tratado ou uma convenção ou ainda participando o país de uma organização mundial regida por regras internacionais, não há de ser aplicado o Código de Processo Penal ao caso concreto, incidindo a lei material do respectivo país e, via de consequência, tramitando o processo penal em tal localidade.

Exemplo dessa exceção são os casos de **imunidades diplomáticas: agentes diplomáticos**, que possuem imunidade em território nacional, quando estiverem a serviço de seu país de origem, tais como embaixadores, secretários de embaixada, bem como **seus familiares**, além de funcionários de organizações internacionais (exemplo: ONU), se praticarem algum crime em território nacional, não serão processados no Brasil, por força da Convenção de Viena, de 1961, referendada pelo Decreto nº 56.435/65; o mesmo ocorre com o **cônsul**, desde que cometa infração no exercício de suas funções e no território do seu consulado, consoante previsto na Convenção de Viena, de 1963, ratificada pelo Decreto nº 61.078/67.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado de Polícia do Estado do Pará, em 2013, UEPA, dentre outros aspectos relevantes da aplicação da lei processual penal no tempo e no espaço, indagou-se sobre a imunidade dos diplomatas, a saber: *"Sobre a eficácia da lei processual penal é correto afirmar que: A) se trabalhadores são aliciados no Município de Guaribas (Piauí) e reduzidos à condição análoga à de escravo em uma fazenda de Redenção (Pará), considera-se o crime praticado exclusivamente no Pará, porquanto foi onde se deu o ataque ao bem jurídico tutelado. B) homem flagrado dirigindo veículo automotor sob embriaguez intensa não pode ser preso nem processado no Brasil, caso se comprove a sua condição de diplomata de outro país, em exercício no Brasil. C) uma lei que reduza o prazo para a interposição de recurso não pode ser aplicada aos processos em andamento, haja vista que, em se tratando de norma mais gravosa, não pode retroagir para alcançar processos iniciados antes de sua vigência. D) deputado federal que acabou de alvejar, dolosamente, com dois tiros a própria esposa não pode ser preso em flagrante porque a imunidade parlamentar de que goza só permite a pri*

são após autorização da casa legislativa a que sirva. E) a superveniência de lei alterando o procedimento da ação penal surte efeitos imediatos sobre os processos em andamento, determinando a renovação dos atos já praticados que com ela sejam incompatíveis.". A resposta da questão foi a letra B.

Há ainda outros exemplos desta exceção: o cumprimento de cartas rogatórias (embora dependentes do *exequatur* do STJ); a homologação de sentença estrangeira (também feita pelo STJ); o processo de extradição (feito pelo STF), que visa encaminhar agente que cometeu crime no exterior para este país.

Noutro giro, insta salientar que o art. 5º, § 4º, da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 45/04, ainda menciona que "O Brasil se submete à jurisdição de Tribunal Penal Internacional a cuja criação tenha manifestado adesão". A esse respeito, registre-se que o Tribunal Penal Internacional (TPI), criado pelo Estatuto de Roma de 17 de julho de 1998, foi aprovado no Brasil pelo Decreto Legislativo nº 112/2002 e promulgado pelo Decreto Presidencial nº 4.388/2002. Este Tribunal tem **jurisdição subsidiária**, no sentido de que deve atuar "apenas quando o país competente não faça valer a lei penal, especialmente nos crimes de guerra e contra a humanidade" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 42).

É preciso esclarecer que **o TPI integra a própria jurisdição brasileira**, é verdadeiro órgão especial do Judiciário nacional, em sua última instância, embora atue na órbita internacional. Essa constatação é de extrema relevância, pois permitirá a entrega pelo Brasil de nacionais ou estrangeiros ao Tribunal Penal Internacional sem que isso implique em extradição e, consequentemente, em violação ao artigo 5º, incisos LI ("nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei") e LII ("não será concedida extradição de estrangeiro por crime político ou de opinião") da Constituição Federal (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 42-43).

▸ **Observação:**

No ordenamento jurídico brasileiro, os tratados e as convenções internacionais estão em pé de igualdade com a lei ordinária federal, devendo prevalecer, portanto, aquele instrumento normativo que for mais novo (posição do STF). Os tratados e as convenções, porém, não prevalecem sobre a Constituição Federal. Contudo, se o tratado e a convenção versarem

sobre direitos humanos, ingressam no ordenamento jurídico como norma constitucional, por força do art. 5º, § 2º, da Constituição Federal. A Emenda Constitucional nº 45/04 reforçou esse caráter, ao estipular no art. 5º, § 3º, da Carta Magna Federal que "Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais". Se, entretanto, o tratado e a convenção que versem sobre direitos humanos forem anteriores à Emenda Constitucional nº 45/04 ou ainda não preencherem os requisitos formais exigidos pelo art. 5º, § 3º, da Constituição, a exemplo do que ocorre com o Pacto de São José da Costa Rica, terão caráter supralegal, superiores à lei ordinária, mas devendo respeito ao Texto Constitucional, conforme entendimento do STF exarado nos julgamentos do RE nº 466.343/SP e HC nº 87.585/TO (Informativo nº 531).

3.2. Jurisdição política (art. 1º, II, CPP)

Em certos **crimes de responsabilidade** (em verdade, infrações político-administrativas), não será o Judiciário que julgará o fato delitivo, mas sim determinado órgão do Poder Legislativo. Assim, no âmbito federal, o Senado Federal tem competência para o julgamento dos crimes de responsabilidade praticados pelas autoridades mencionadas no art. 52, incisos I ("Compete privativamente ao Senado Federal processar e julgar o Presidente e o Vice-Presidente da República nos crimes de responsabilidade, bem como os Ministros de Estado e os Comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica nos crimes da mesma natureza conexos com aqueles") e II ("Compete privativamente ao Senado Federal processar e julgar os Ministros do Supremo Tribunal Federal, os membros do Conselho Nacional de Justiça e do Conselho Nacional do Ministério Público, o Procurador-Geral da República e o Advogado-Geral da União nos crimes de responsabilidade"), da Constituição Federal. Quanto ao seu processamento, os crimes de responsabilidade são regidos pela Lei nº 1.079/50. Ademais, nos termos da Súmula Vinculante nº 46 do STF, "A definição dos crimes de responsabilidade e o estabelecimento das respectivas normas de processo e julgamento são da competência legislativa privativa da União".

No âmbito estadual, o julgamento é feito por um Tribunal Especial, de acordo com o previsto no art. 78, § 3º, da Lei nº 1.079/50, que dispõe: "Nos Estados, onde as Constituições não determinarem o processo nos crimes de responsabilidade dos Governadores, aplicar-se-á o disposto nesta lei, devendo, porém, o julgamento ser

proferido por um tribunal composto de cinco membros do Legislativo e de cinco desembargadores sob a presidência do Presidente do Tribunal de Justiça local, que terá direito de voto no caso de empate. A escolha desse Tribunal será feita - a dos membros dos membros *(sic)* do legislativo, mediante eleição pela Assembleia; a dos desembargadores, mediante sorteio".

No âmbito municipal, o regramento é feito pelo Decreto-Lei nº 201/67 e o julgamento competirá à Câmara de Vereadores (art. 4º do Decreto-Lei nº 201/67).

3.3. Justiça Militar (art. 1º, III, CPP)

A Justiça Militar é considerada justiça especial, possuindo regras próprias, motivo pelo qual a ela não se aplica o Código de Processo Penal, mas sim o Código Penal Militar (define os crimes militares) e o Código de Processo Penal Militar (define os procedimentos de tais crimes).

Embora não haja previsão expressa neste dispositivo legal, impende relembrar que a Justiça Eleitoral é também uma justiça especial, tendo competência para o processamento e julgamento dos crimes eleitorais e conexos ou continentes, devendo ser aplicado em tal órgão jurisdicional o Código Eleitoral, ocorrendo, porém, a aplicação subsidiária do CPP (art. 364 do Código Eleitoral).

3.4. Tribunal de Segurança Nacional (art. 1º, IV, CPP)

O Tribunal de Segurança Nacional, instituído pelo art. 122, nº 17, da Constituição Federal de 1937, não mais existe no ordenamento, tendo sido extinto pela Lei Constitucional nº 14/45. Hoje os **crimes contra a segurança nacional**, que eram julgados pelo referido Tribunal, estão previstos na Lei nº 7.170/83 e são, em regra, julgados pela Justiça Federal (art. 109, inciso IV, da Constituição Federal), pois são delitos políticos.

3.5. Lei de Imprensa (art. 1º, V, CPP)

Os crimes de imprensa são julgados pela Justiça Comum. Afirma o CPP, no art. 1º, V, que, para esses crimes, deveria ser respeitado o procedimento da Lei de Imprensa (Lei nº 5.250/67). Entretanto, o STF, no julgamento da Ação de Descumprimento de Preceito

Fundamental (ADPF) nº 130/DF, julgou pela não recepção ou revogação de toda essa lei, daí porque, para esses casos, deve haver a aplicação direta do procedimento previsto no CPP.

3.6. Legislação especial (art. 1º, parágrafo único, CPP)

O art. 1º, parágrafo único, do CPP assevera expressamente o seguinte: "Aplicar-se-á, entretanto, este Código aos processos referidos nos nºs. IV e V, quando as leis especiais que os regulam não dispuserem de modo diverso".

É certo que os incisos IV e V do art. 1º estão prejudicados, como visto alhures. No entanto, o dispositivo legal em comento ainda possui importância, devendo ser interpretado de forma a permitir a aplicação subsidiária do CPP às leis especiais em geral, caso não dispuserem de modo contrário. É o que ocorre, por exemplo, com a Lei de Tóxicos (Lei nº 11.343/06), Lei de Abuso de Autoridade (Lei nº 4.898/65) etc.

Capítulo IV

Aplicação da lei processual penal no tempo

1. REGRA GERAL (ART. 2º CPP) – PRINCÍPIO DO EFEITO IMEDIATO OU PRINCÍPIO DA APLICAÇÃO IMEDIATA OU SISTEMA DO ISOLAMENTO DOS ATOS PROCESSUAIS

Quanto à aplicação da lei processual penal no tempo, vale, como regra geral, o princípio do efeito imediato ou da aplicação imediata (*tempus regit actum*) ou sistema do isolamento dos atos processuais, consagrado expressamente no art. 2º do CPP, segundo o qual a norma processual penal entra em vigor imediatamente, pouco importa se mais gravosa ou não ao réu, atingindo inclusive processos em curso, sem necessidade de *vacatio legis*, embora os atos processuais praticados na vigência da lei anterior sejam absolutamente válidos, o que vai ao encontro ao imperativo constitucional de respeito ao direito adquirido, ao ato jurídico perfeito e à coisa julgada (art. 5º, XXXVI, CF).

Justifica-se esse princípio porque se presume que a lei nova é "mais ágil, mais adequada aos fins do processo, mais técnica, mais receptiva das novas e avançadas correntes do pensamento jurídico" (MIRABETE, 2004, p. 60). Ademais, a norma processual penal não cria nenhuma conduta penal típica, apenas trata de processo, não necessitando, por isso, um tempo maior para que a sociedade tome conhecimento da mesma.

O princípio em comento também se aplica à "matéria de competência, seja ela regulada por leis de processo, seja pelas normas de organização judiciária. Mesmo que a lei nova venha criar ou suprimir uma ordem de jurisdição, substituir juízes, modificar composição de tribunais etc., deve ser ela aplicada aos processos em curso" (MIRABETE, 2004, p. 60).

Outrossim, interessante notar que parcela (ainda absolutamente minoritária) da doutrina, em posicionamento de extrema

vanguarda, vem sustentando a irretroatividade da lei processual antigarantista e, por consequência, a retroatividade da lei processual mais garantista/benéfica. É o que apregoa, por exemplo, Paulo Queiroz, na completa e precisa lição adiante transcrita:

> *É corrente dizer-se que a lei processual, diferentemente da lei penal, tem aplicação imediata, podendo "retroagir" mesmo em prejuízo do réu. Pensamos, no entanto, que a irretroatividade da "lei penal" deve também compreender, pelas mesmas razões, a lei processual penal, a despeito do que dispõe o art. 2° do Código de Processo Penal, que determina, como regra geral, a aplicação imediata da norma, vez que deve ser (re) interpretado à luz da Constituição Federal. Portanto, sempre que a nova lei processual for prejudicial ao réu, porque suprime ou relativiza garantias - v.g., adota critérios menos rígidos para a decretação de prisões cautelares ou amplia os seus respectivos prazos de duração, veda a liberdade provisória mediante fiança, restringe a participação do advogado ou a utilização de algum recurso etc. -, limitar-se-á a reger os processos relativos às infrações penais consumadas após a sua entrada em vigor; afinal, também aqui - é dizer, não apenas na incriminação de condutas, mas também na forma e na organização do processo -, a lei deve cumprir sua função de garantia, de sorte que, por norma processual menos benéfica, se há de entender toda disposição normativa que importe em diminuição de garantias, e, por mais benéfica, a que implique o contrário: aumento de garantias processuais [...].*
>
> *Contrariamente, sempre que a lei processual dispuser de modo mais favorável ao réu - v.g., passa a admitir a fiança, reduz o prazo de duração de prisão provisória, amplia a participação do advogado, aumenta os prazos de defesa, prevê novos recursos etc. - terá aplicação efetivamente retroativa. E aqui se diz retroativa advertindo-se que, nestes casos, não deverá haver tão-somente a sua aplicação imediata, respeitando-se os atos validamente praticados, mas até mesmo a renovação de determinados atos processuais, a depender da fase em que o processo se achar. Neste exato sentido, ressalta BINDER, tendo como premissa um modelo processual onde seja vedado ao réu consultar seu advogado antes de ser interrogado e a entrada em vigor durante o processo de norma que lhe assegure tal prerrogativa, que "esse acusado teria direito à renovação do ato já realizado para completá-lo de acordo com as novas normas, que dão maiores garantias. E seria o segundo depoimento - não o primeiro - que teria valor."*

Assim deveria também ocorrer com os processos ainda não sentenciados, por exemplo, quando da entrada em vigor da Lei 10.792/2003, que ajustou o procedimento do interrogatório ao sistema constitucional, exigindo a presença do defensor, assegurando a entrevista prévia entre este e o acusado, permitindo as reperguntas etc., impondo-se a renovação do ato, mesmo que praticado em consonância com o modelo vigente à época de sua realização. (QUEIROZ, 2014).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública da União, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado justamente o princípio que rege a aplicação da lei processual penal no tempo. Nesse sentido, a assertiva *"O direito processual brasileiro adota o sistema do isolamento dos atos processuais, de maneira que, se uma lei processual penal passa a vigorar estando o processo em curso, ela será imediatamente aplicada, sem prejuízo dos atos já realizados sob a vigência da lei anterior"* (destacada) foi considerada correta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Defensor Público do Estado da Bahia, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foram cobrados aspectos relevantes da aplicação da lei processual penal no espaço e no tempo. A esse respeito, a assertiva *"Aplica-se a lei processual penal brasileira a crime cometido por brasileiro no exterior, ou por estrangeiro contra brasileiro, fora do Brasil. De igual modo, a CF assegura a retroatividade da lei processual penal que, de qualquer modo, favoreça ao réu, ainda que os fatos anteriores tenham sido decididos em sentença condenatória transitada em julgado"* foi considerada incorreta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, voltou a ser cobrado o teor do art. 2º do CPP, com a seguinte redação: *"A lei processual penal: a) - tem aplicação imediata, sem prejuízo dos atos realizados sob a vigência de lei anterior. b) - somente pode ser aplicada a processos iniciados sob sua vigência. c) - tem aplicação imediata, devendo ser declarados inválidos os atos praticados sob a vigência de lei anterior. d) - tem aplicação imediata, devendo ser renovados os atos praticados sob a vigência da lei anterior. e) - é retroativa aos atos praticados sob a vigência de lei anterior."*. A resposta correta foi a letra A.

2. EXCEÇÃO (ART. 3º LICPP)

Exceção ao princípio do efeito imediato ou da aplicação imediata vem prevista no art. 3º da Lei de Introdução ao Código de Processo Penal, segundo o qual "O prazo já iniciado, inclusive o estabelecido para a interposição de recurso, será regulado pela lei anterior, se esta não prescrever prazo menor do que o fixado no Código de Processo Penal". Assim, se um determinado prazo já estiver andamento, incluindo prazo recursal, valerá o prazo da lei anterior se o prazo da nova lei for menor do que aquele outro. Exemplo: certo prazo recursal, na lei anterior, era de 5 (cinco) dias; esse prazo começa a transcorrer; no curso do prazo, começa a viger uma nova lei que reduz o prazo recursal para 2 (dois) dias; nessa hipótese, continua sendo aplicado o prazo recursal anterior de 5 (cinco) dias.

3. NORMAS PROCESSUAIS PENAIS MATERIAIS OU MISTAS OU HÍBRIDAS (ART. 2º LICPP)

Normas processuais penais materiais ou mistas ou híbridas são aquelas que, "apesar de estarem no contexto do processo penal, regendo atos praticados pelas partes durante a investigação policial ou durante o trâmite processual, têm forte conteúdo de Direito Penal" (NUCCI, 2008, p. 139). São normas, portanto, que envolvem **institutos mistos**, previstos muitas vezes tanto no Código de Processo Penal como no Código Penal, a exemplo do perdão, da perempção, renúncia, decadência etc, que promovem a extinção da punibilidade do agente, nos termos do art. 107, incisos IV e V, do Código Penal.

Ademais, é também considerada norma processual penal mista aquela que diz respeito à **prisão do réu**, pois ela envolve o direito material de liberdade. A prisão preventiva, por exemplo, está diretamente ligada ao direito de liberdade do réu (somente pode ser decretada se houver motivo suficiente para superar tal direito).

Em havendo hipótese de incidência de norma processual penal material, segundo entendimento doutrinário prevalecente, embora haja posicionamentos em sentido contrário (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 40-41), não deve haver cisão da norma entre a parte penal e a parte processual penal. Nesse trilhar, é aplicado, para a norma como um todo (e não apenas para a parte penal), o princípio típico do Direito Penal da **retroatividade da lei mais benéfica** (consagrado no artigo 5º, XL, da Constituição Federal e no artigo 2º do Código Penal), se efetivamente a lei desta natureza for mais benéfica ao

réu. Nesse sentido é o art. 2º da Lei de Introdução ao Código de Processo Penal, que determina que sejam aplicados os dispositivos mais favoráveis ao réu, no que concerne à prisão preventiva e à fiança, quando houver a edição de lei nova que colha situação processual em desenvolvimento.

Exemplos de normas processuais penais mistas: a Lei nº 8.884/94, que alterou o art. 312 do CPP, possibilitando a prisão preventiva como garantia da ordem econômica; a Lei nº 9.271/96, que alterou o art. 366 do CPP, permitindo a suspensão do processo e do curso do prazo prescricional, bem como a prisão preventiva do acusado e a produção antecipada de provas, caso o réu citado por edital não compareça ao feito nem constitua procurador; a Lei nº 12.403/11, que, dentre tantos outros aspectos relevantes, trouxe a previsão de medidas cautelares diversas da prisão no art. 319 do CPP, o que fez com que a prisão preventiva se tornasse medida de *extrema* ou *ultima ratio* (art. 282, § 6º, CPP), exigindo assim a revisão judicial de todas as prisões desta natureza decretadas até o advento da lei em tela, as quais somente poderiam ser mantidas se não fosse cabível a sua substituição por outra medida cautelar; qualquer norma que diga respeito à prisão do agente delitivo; a Lei nº 12.015/09, que alterou o art. 225 do Código Penal, estabelecendo como regra geral a ação penal pública condicionada à representação do ofendido nos crimes contra a dignidade sexual; qualquer norma relacionada à legitimidade na ação penal privada e na ação penal pública condicionada à representação (o mesmo não pode ser dito para a norma que altere a legitimidade na ação penal pública condicionada à requisição do Ministro da Justiça, pois este último instituto não promove a extinção da punibilidade do agente).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso da Defensoria Pública da União, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado como deve ocorrer a aplicação de uma lei processual penal mista ou híbrida no tempo. Nesse sentido, a assertiva *"Em caso de leis processuais penais híbridas, o juiz deve cindir o conteúdo das regras, aplicando, imediatamente, o conteúdo processual penal e fazendo retroagir o conteúdo de direito material, desde que mais benéfico ao acusado"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi novamente cobrada a aplicação da lei processual penal mista ou híbrida no tempo. Nesse sentido, a

assertiva *"A lei processual penal aplicar-se-á desde logo, sem prejuízo da validade dos atos realizados sob a vigência da lei anterior, vigendo em regra o princípio da irretroatividade, salvo quando a norma processual penal material tiver conteúdo de direito penal, retroagindo em benefício do acusado"* foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso da PGE/ES, em 2008, promovido pelo Cespe/Unb, foi também cobrada questão envolvendo a aplicação da lei processual penal mista ou híbrida no tempo. Nesse sentido, a assertiva *"Em abril de 1994, Alfredo, penalmente imputável, foi denunciado pela prática do delito de lesão corporal leve, tendo como vítima José, seu antigo desafeto. Logo em seguida, adveio nova legislação, e os crimes de lesões corporais leves e lesões culposas passaram a ser de ação pública condicionada à representação do ofendido ou de seu representante legal. Nessa situação, o novo dispositivo legal não é aplicável aos fatos ocorridos antes de sua vigência, aproveitando-se todos os atos e procedimentos já praticados"* (destacada) foi considerada incorreta.

4. VIGÊNCIA, REVOGAÇÃO E REPRISTINAÇÃO

4.1. Vigência

A vigência é o marco a partir do qual a lei processual já pode ser aplicada no país. Em regra, a lei processual tem vigência indeterminada. Ao período compreendido entre a publicação da norma e a sua vigência, destinado para permitir que os cidadãos tomem conhecimento da mesma, dá-se o nome de *vacatio legis*, que, se a norma não disser nada a respeito, será de 45 (quarenta e cinco) dias ou de 3 (três) meses para a sua aplicação nos Estados estrangeiros, quando esta é admitida (art. 1º, *caput* e § 1º, da Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro - Decreto-Lei nº 4.657/1942). Entretanto, a lei nova pode dispor sobre o início de sua vigência de forma diversa - exemplo: o Código de Processo Penal foi publicado em 13.10.41 e somente teve vigência em 01.01.42.

▸ **Observação:**

A Lei Complementar nº 95/98 (art. 8º) e o Decreto nº 4.176/02 (art. 19) determinam que toda e qualquer norma legal deverá ter um período de *vacatio legis* correspondente ao número de dias necessários para que todos dela tomem conhecimento, somente podendo entrar em vigor na data da sua publicação as "leis de pequena repercussão". Além disso, segundo tais legislações, a contagem do prazo para entrada em vigor das leis que estabelecem *vacatio legis* far-se-á com a inclusão da data da publicação e do último dia do prazo, entrando em vigor no dia subsequente à sua consumação integral.

4.2. Revogação

É instituto que encerra a vigência da lei. Pode ser **expressa** (quando a revogação é declarada na lei revogadora) ou **tácita** (quando a lei posterior regulamenta de modo diverso a matéria disciplinada pela lei antiga). Pode ser ainda **parcial** (*derrogação*) ou **total** (*ab-rogação*). Existe ainda a **auto-revogação**, que ocorre "quando cessa a situação de emergência na lei excepcional ou se esgota o prazo da lei temporária" (MIRABETE, 2004, p. 62).

É de se salientar que uma determinada norma pode ser revogada ainda no período da *vacatio legis*, como ocorreu com o Código Penal de 1969, que foi revogado antes de entrar em vigor (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 41).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/BA, em 2008, promovido pela Fesmip, foi cobrada a diferença entre ab-rogação e derrogação. Nesse sentido, a assertiva *"A revogação de uma lei processual penal pode ocorrer de forma parcial, denominada ab-rogação, ou de forma total, denominada derrogação"* (destacada) foi considerada incorreta.

Revogação da norma (espécies)	
Expressa	quando a revogação é declarada na lei revogadora.
Tácita	quando a lei posterior regulamenta de modo diverso a matéria disciplinada pela lei antiga.
Parcial	é a derrogação.
Total	é a ab-rogação.
Auto-revogação	quando cessa a situação de emergência na lei excepcional ou se esgota o prazo da lei temporária.

4.3. Repristinação

É instituto "pelo qual a lei revogada volta a viger quando a lei revogadora perdeu a vigência" (MIRABETE, 2004, p. 63). Nos termos do art. 2º, § 3º, da Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro (Decreto-Lei nº 4.657/1942), salvo disposição em contrário, a lei revogada não se restaura por ter a lei revogadora perdido a vigência. Desse modo, só há que se falar em repristinação "se a lei nova dispuser nesse sentido ou se, mesmo não o fazendo, da interpretação da nova lei se conclui que foi essa, implicitamente, sua intenção" (MIRABETE, 2004, p. 63).

Capítulo V

Interpretação da lei processual penal

1. NOÇÕES GERAIS

Interpretar a lei é "atividade inerente a todo operador do direito, especialmente pelo fato de que o legislador nem sempre é feliz ao editar normas, valendo-se de termos dúbios, contraditórios, obscuros e incompletos. Não se trata de processo de criação de norma, nem de singelo suprimento de lacuna, mas de dar o real significado a uma lei (NUCCI, 2008, p. 128).

É, portanto, a extração do real conteúdo da norma, buscando dar sentido lógico à sua aplicação. Interpretar é descobrir o verdadeiro conteúdo da norma jurídica, precedendo sempre à aplicação, processo pelo qual se submete o caso concreto à norma geral (MIRABETE, 2004, p. 74). Segundo Mirabete, é necessária a interpretação para alcançar o sentido léxico das palavras utilizadas pelo legislador, para alcançar a vontade da lei, que não necessariamente é a vontade do legislador (MIRABETE, 2004, p. 74).

2. ESPÉCIES DE INTERPRETAÇÃO DA LEI PROCESSUAL PENAL

2.1. Quanto ao sujeito que a realiza ou à origem

É critério que leva em consideração o sujeito que realiza a interpretação da norma processual penal, a sua origem. Divide-se em:

- **Autêntica ou legislativa:** É aquela que "procede da mesma origem da lei e tem força obrigatória" (MIRABETE, 2004, p. 75). Caso ela venha inserida na própria legislação interpretada, é também conhecida como **contextual**. Exemplo: o conceito de flagrante delito vem previsto no próprio CPP, nos seus artigos 302 e 303. Mas a interpretação pode advir também de

lei posterior, criada para esclarecer ponto controverso de lei anterior, hipótese em que terá efeito retroativo.

- **Jurisprudencial ou judicial:** Trata-se do "conjunto de manifestações judiciais sobre determinado assunto legal, exaradas num sentido razoavelmente constante" (MIRABETE, 2004, p. 75). É, pois, "a orientação que os juízos e tribunais vêm dando à norma" (MIRABETE, 2004, p. 75), em regra sem força obrigatória. Entretanto, as súmulas vinculantes do STF (art. 103-A da Constituição Federal, disciplinado pela Lei nº 11.417/2006) e as decisões proferidas em controle concentrado de constitucionalidade têm força obrigatória, constituindo-se assim em verdadeiras fontes do Direito. São exemplos de interpretação jurisprudencial as súmulas do STF e do STJ e as decisões de uniformização de jurisprudência dos tribunais.
- **Doutrinária ou científica:** É espécie de interpretação tida como "o entendimento dado aos dispositivos legais pelos escritores ou comentadores do direito" (MIRABETE, 2004, p. 75), ou, em outros termos, é a *communis opinio doctorum*. A exposição de motivos do Código é exemplo desta interpretação, pois ela não tem conteúdo de lei. Prevalece o entendimento de que a modalidade de interpretação em comento não tem força obrigatória.

2.2. Quanto aos meios empregados ou ao modo

- **Gramatical ou literal ou sintática:** É aquela que se espelha "no exato significado das palavras constantes do texto legal" (NUCCI, 2008, p. 128). Por meio dela, "busca-se fixar o sentido das palavras ou expressões empregadas pelo legislador. Examina-se a 'letra fria da lei', em sua função gramatical [...]" (MIRABETE, 2004, p. 75).
- **Sistemática:** Sendo a interpretação gramatical insuficiente, deve-se fazer um confronto lógico entre os dispositivos da lei, o que resulta em uma interpretação sistemática. Exemplo: a palavra "autoridade" empregada no art. 10, §§ 1º, 2º e 3º, do CPP implica em "autoridade policial", conforme artigos 4º, *caput*, e 6º do próprio CPP. Nesse sentido é que se tem a regra hermenêutica de que o parágrafo único de uma norma somente deve ser entendido com base no seu respectivo *caput*.

- **Lógica:** É aquela que se vale "das regras de raciocínio e conclusão para compreender o espírito da lei" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 39).
- **Histórica:** É aquela que "analisa o contexto da votação do diploma legislativo, os debates, as emendas propostas, etc" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 39).
- **Teleológica:** É aquela por meio da qual se procura o sentido e o alcance da norma. A esse respeito, é fundamental relembrar que o art. 5º da Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro (Decreto-Lei nº 4.657/1942) assevera que a interpretação deve atender "aos fins sociais a que ela se dirige e às exigências do bem comum".
- **Teleológica-sistemática:** É espécie de interpretação trabalhada na doutrina por Guilherme de Souza Nucci. Segundo este autor, tal interpretação pode ser entendida como aquela que busca "compor o sentido de determinada norma em comparação com as demais que compõem o sistema jurídico no qual está inserida" (NUCCI, 2008, p. 128). Como se vê, ela mescla as interpretações teleológica e sistemática.

2.3. Quanto aos resultados

- **Declarativa:** É a espécie de interpretação que "ocorre quando o texto examinado não é ampliado nem reduzido, encontrando-se apenas o significado oculto do termo ou expressão utilizada pela lei" (MIRABETE, 2004, p. 76). Exemplo: o art. 248 CPP, ao falar de casa habitada, apenas quer se referir a casa com uma ou mais pessoas.
- **Restritiva:** É espécie de interpretação que procura restringir "o alcance dos termos utilizados na lei para atingir seu real significado" (NUCCI, 2008, p. 128). Nesse sentido, deve ser relembrada a regra de hermenêutica segundo a qual toda exceção deve ser interpretada de forma restritiva.
- **Extensiva ou ampliativa:** É modalidade de interpretação por meio da qual se alarga "o sentido dos termos legais para dar eficiência à norma" (NUCCI, 2008, p. 128), pois o legislador disse menos do que queria ou deveria dizer. Exemplo: no art. 254, o CPP, tratando da suspeição, fala apenas em juiz, mas, por interpretação extensiva, a causa se aplica

também ao jurado, que é juiz de fato no Tribunal do Júri. **Ela vem prevista expressamente no art. 3º do CPP.**

- **Analógica**: É espécie de interpretação mediante a qual o intérprete se vale "de um processo de semelhança com outros termos constantes na mesma norma para analisar o conteúdo de algum termo duvidoso ou aberto" (NUCCI, 2008, p. 128). Em outras palavras, ocorre quando "fórmulas casuísticas inscritas em um dispositivo são seguidas de expressões genéricas, abertas, utilizando-se a semelhança (analogia) para uma correta interpretação destas últimas" (MIRABETE, 2004, p. 77). Mirabete menciona ainda exemplos de interpretação analógica: "Quando a lei se refere a 'quaisquer outros elementos' no artigo 6º, IX, do CPP, está mencionado outros dados referentes à 'vida pregressa do indiciado'. Quando menciona 'repartição congênere', refere-se a órgãos que atuem com o objetivo de identificação e estatística. Quando contém a expressão 'fato análogo', como no artigo 254, inclui no rol crimes previstos no mesmo capítulo da lei penal" (MIRABETE, 2004, p. 77). **Ela também vem prevista expressamente no art. 3º do CPP.**
- **Progressiva ou adaptativa ou evolutiva**: Ela ocorre para que sejam abarcadas "no processo novas concepções ditadas pelas transformações sociais, científicas, jurídicas ou morais que devem permear a lei processual estabelecida" (MIRABETE, 2004, p. 76). Exemplo: quando o CPP fala em Tribunal de Apelação quer se referir ao Tribunal de Justiça.

O Processo Penal admite todas as formas de interpretação acima expostas. Isso porque o art. 3º do CPP autoriza expressamente a interpretação analógica, que é a forma mais expansiva de todas, logo as demais formas de interpretação, menos expansivas, também estão autorizadas, segundo lição de Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 128). Além disso, frise-se que o art. 3º também permite a analogia, que é processo de integração ou auto integração (não de interpretação) da norma, suprindo lacunas. Aliás, analogia, costumes e princípios gerais do direito, segundo o art. 4º da Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro (Decreto-Lei nº 4.657/1942), são fontes do Direito.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/BA, em 2008, promovido pela Fesmip, foi cobrado o conceito de analogia. Nesse sentido, a assertiva *"A analogia, forma*

de auto-integração da lei, é verificada quando há aplicação extensiva de princípios jurídicos induzidos das normas particulares" (destacada) foi considerada correta.

Por fim, registre-se que, embora semelhantes, os conceitos de interpretação extensiva, interpretação analógica e analogia não se confundem. Como já visto anteriormente, na **interpretação extensiva**, o legislador disse menos do que queria ou deveria dizer, motivo pelo qual é preciso ampliar o conteúdo de um termo para alcançar o autêntico sentido da norma. Na **interpretação analógica**, por sua vez, há termo expresso no próprio dispositivo que permite a interpretação de outro termo pertencente a ele que seja duvidoso ou polêmico. Já a **analogia** é fonte (secundária) do Direito, processo de integração da norma, que ocorre quando uma situação análoga, semelhante à outra que não tem solução expressa, é a ela aplicada, imaginando-se que o efeito será o mesmo. Exemplo: o CPC de 1973, no art. 207, e o CPC de 2015, no art. 265, permitem a transmissão por telefone de carta precatória ou de ordem, desde que haja a confirmação do emissor; no Processo Penal, não há norma nesse sentido, mas, por analogia, é possível a concessão de ordem de *habeas corpus* por telefone. Assevere-se, por fim, que a analogia e a interpretação analógica podem ser feitas *in malam partem* no Processo Penal.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012, foram cobradas importantes regras referentes à interpretação da lei processual penal, nesses termos: "*Considere as afirmações a seguir. I. São admitidos no Direito Processual Penal a interpretação extensiva, a aplicação analógica e os princípios gerais de direito. II. Os costumes têm caráter de fonte normativa primária do Direito Processual Penal. III. Com autorização pela Emenda Constitucional n.º 45/09 para o Supremo Tribunal Federal (STF) editar súmulas vinculantes, passamos a ter novas fontes material e formal das normas processuais penais. IV. A analogia é aplicável somente em caso de lacuna involuntária da lei, ainda que não haja real semelhança entre o caso previsto e o não previsto. Estão corretos apenas os itens (A) I e II. (B) I e III. (C) I e IV. D) II e IV*". A assertiva correta foi a letra B.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Roraima, promovido pela Fundação Carlos Chagas, em 2015, dentre outros aspectos relevantes acerca da norma processual penal,

foi cobrado o teor do art. 3º do CPP, nos seguintes termos: *"A lei processual penal brasileira: (A) admite interpretação extensiva e aplicação analógica, bem como o suplemento dos princípios gerais de direito. (B) aplica-se desde logo, em prejuízo da validade dos atos realizados sob a vigência da lei anterior. (C) retroage no tempo para obrigar a refeitura dos atos processuais, caso seja mais benéfica ao réu. (D) não admite definição de prazo de vacatio legis. (E) será aplicada nos atos processuais praticados em outro território que não o brasileiro, em casos de extraterritorialidade da lei penal."*. A resposta foi a letra A.

Capítulo VI

Inquérito policial

1. INTRODUÇÃO

Em um Estado Democrático de Direito, no qual vige o princípio da presunção da inocência e o processo é tido sob uma visão garantista, somente sendo possível a aplicação da pena se há elementos de prova para tanto, surge o inquérito policial como a principal forma de investigação estatal, tendo como função primordial sustentar e viabilizar o oferecimento da ação penal, garantindo assim a sua **justa causa**, no sentido de exigência de um suporte probatório mínimo (indícios suficientes de autoria e prova da materialidade do delito).

Nesse contexto, relembre-se que a *persecutio criminis* possui dois momentos distintos, nos dizeres de José Frederico Marques: o da investigação e o da ação penal. No segundo (o da ação penal), há o julgamento da pretensão punitiva, mediante o contraditório e a ampla defesa - é a fase processual. No primeiro (o da investigação), há atividade preparatória da ação penal, de caráter preliminar e informativo, com nítido caráter inquisitivo (MARQUES, 2003, p. 138).

2. CONCEITO

Conceito bastante completo de inquérito policial é apresentado por Guilherme de Souza Nucci, que merece ser transcrito em seu inteiro teor e com destaque:

É um procedimento preparatório da ação penal, de caráter administrativo, conduzido pela polícia judiciária e voltado à colheita preliminar de provas para apurar a prática de uma infração penal e sua autoria. Seu objetivo precípuo é a formação da convicção do representante do Ministério Público, mas também a colheitas de provas urgentes, que podem desaparecer, após o cometimento do crime. Não podemos olvidar, ainda, que o inquérito serve à composição das indispensáveis provas pré-constituídas que servem de base à vítima,

em determinados casos, para a propositura da ação penal privada. (NUCCI, 2008, p. 143).

Da análise desse conceito é possível destacar alguns pontos que, de antemão, se apresentam relevantes para o estudo do inquérito policial, quais sejam:

- O inquérito policial é *"um procedimento preparatório da ação penal, de caráter administrativo"* (NUCCI, 2008, p. 143): inquérito policial não é processo. Por conta disso, não há que se falar, em regra, na existência de contraditório nesta etapa, vigendo, pois, um sistema inquisitivo, não existindo participação do agente do delito na produção das provas.

Em virtude desse caráter inquisitivo do inquérito, as provas produzidas na fase de investigação, em regra, somente se prestam para fundamentar o oferecimento da ação penal, não se valendo para embasar uma futura sentença condenatória ao fim da ação penal instaurada. Caso se deseje que estas provas sirvam para os fins de um decreto condenatório, exige-se a repetição das mesmas ao longo da instrução processual em juízo, sob o crivo do contraditório. Tudo isso pode ser constatado com a simples leitura do art. 155, *caput*, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.690/08.

Excepcionalmente, porém, é possível a utilização de provas produzidas no inquérito policial para a formação da convicção do magistrado, se tais provas forem **cautelares, não repetíveis e antecipadas**, com base no mesmo dispositivo legal anteriormente indicado.

Embora aparentemente as expressões sejam idênticas, há diferença entre provas cautelares, não repetíveis e antecipadas. As **provas cautelares** são aquelas que, em razão da necessidade e urgência, devem ser praticadas, sob pena de que os elementos venham a ser perdidos. São exemplos a busca e apreensão domiciliar e a interceptação telefônica. Já as **provas não repetíveis** são aquelas que não podem ser reproduzidas durante a fase processual, por pura impossibilidade material. É o exemplo do exame de corpo de delito em um crime que deixa vestígios. Elas são produzidas de forma inquisitiva, mas serão submetidas a um **contraditório diferido ou postergado**, exercido ao longo da ação penal, quando as partes poderão impugná-las ou mesmo requerer a produção de contraprova, se possível for. As **provas antecipadas**,

por sua vez, são aquelas produzidas em incidente pré-processual que tramita perante um magistrado, havendo a efetiva participação das futuras partes, motivo pelo qual são respeitados o contraditório e a ampla defesa, o que legitimará a utilização de tais provas na fase processual (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 329-330).

Noutro giro, ressalte-se que, também em decorrência de o inquérito policial não ser um processo, mas sim um procedimento administrativo, ele **não está submetido ao regime das nulidades**, como será visto detidamente ao longo deste capítulo.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, foi questionado o valor da prova no âmbito do inquérito policial, com a seguinte redação: *"No processo penal, a prova produzida durante o inquérito policial: a) - pode ser utilizada por qualquer das partes, bem como pelo juiz. b) - tem o mesmo valor que a prova produzida judicialmente. c) - pode ser utilizada somente pelo juiz. d) - não tem valor legal. e) - deverá ser sempre ratificada judicialmente para ter valor legal."*. A resposta correta foi a letra A.

- O inquérito policial é *"conduzido pela polícia judiciária"* (NUCCI, 2008, p. 143): esse aspecto será mais bem explorado no próximo tópico. Entretanto, desde já, ressalte-se que, não sendo o inquérito um processo, não deve ser ele conduzido pelo juiz e sim pela polícia (judiciária), o que vai ao encontro de uma das características mais marcantes do sistema acusatório, que é a imparcialidade do julgador, somente obtida se este último não se envolver em atividades de produção de provas. Em razão disso, entende-se que a atuação moderna do magistrado na fase de inquérito é de simplesmente resguardar os direitos fundamentais dos envolvidos. Nesse contexto, registre-se que há certas diligências que apenas podem ser praticadas se houver autorização judicial para tanto, pois elas mitigam direitos fundamentais do investigado, a exemplo da interceptação telefônica (mitiga a privacidade e a intimidade do sujeito) e da busca e apreensão domiciliar (mitiga a inviolabilidade do domicílio) - a essas matérias dá-se o nome de **cláusulas de reserva de jurisdição**.

A título de curiosidade, noticie-se que, no Projeto do Novo Código de Processo Penal (Projeto de Lei nº 156/2009, do Senado Federal, que recebeu o nº 8.045/2010 na Câmara dos Deputados), há

a tentativa de se estipular no país o chamado **juiz de garantias**, comum em países como Itália, EUA e México, entendido como um magistrado que atuará exclusivamente na fase de investigação criminal (existindo outro magistrado que atuará somente na fase da ação penal) com o objetivo não de produzir provas (gestor das provas), mas sim de tutelar os direitos fundamentais do indivíduo, o que reforça a noção ora exposta.

Não obstante não seja recomendável a atuação do juiz na fase do inquérito, participando ativamente da atividade de produção de provas, certo é que a Lei nº 11.690/08, alterando o art. 156, inciso I, do CPP, permitiu que o juiz determinasse, de ofício, mesmo antes do início da ação penal (ou seja, no momento das investigações), a produção antecipada de provas consideradas urgentes e relevantes, observando a necessidade, adequação e proporcionalidade da medida. A intenção do legislador foi privilegiar o princípio da busca da verdade real, tendo o magistrado o papel de preservar as provas daquela natureza, sem que isso implique em violação da sua imparcialidade e do próprio sistema acusatório, embora haja respeitáveis posições em sentido contrário, a exemplo de Aury Lopes Jr., para quem o dispositivo legal em comento é inconstitucional, eis que consagrador da figura do "juiz-instrutor" (LOPES JR., 2010, p. 262).

- O inquérito policial é *"voltado à colheita preliminar de provas para apurar a prática de uma infração penal e sua autoria. Seu objetivo precípuo é a formação da convicção do representante do Ministério Público, mas também a colheita de provas urgentes, que podem desaparecer, após o cometimento do crime. Não podemos olvidar, ainda, que o inquérito serve à composição das indispensáveis provas pré-constituídas que servem de base à vítima, em determinados casos, para a propositura da ação penal privada"* (NUCCI, 2008, p. 143): a principal finalidade do inquérito é apurar os indícios suficientes de autoria e a prova da materialidade de um crime (justa causa) para fundamentar a futura ação penal, a ser ajuizada pelo Ministério Público (ação penal pública) ou pelo ofendido (ação penal privada). Entende-se que "o simples ajuizamento da ação penal contra alguém provoca um fardo à pessoa de bem, não podendo, pois, ser ato leviano, desprovido de provas e sem um exame pré-constituído da legalidade. Esse mecanismo auxilia a Justiça Criminal a preservar inocentes de acusações injustas e temerárias, garantindo um juízo

inaugural de delibação, inclusive para verificar se se trata de fato definido como crime" (NUCCI, 2008, p. 143-144).

O inquérito constitui-se assim em "um meio de afastar dúvidas e corrigir o prumo da investigação, evitando-se o indesejável erro judiciário [...]" (NUCCI, 2008, p. 144).

Por outro lado, além da segurança, o inquérito "fornece a oportunidade de colher provas que não podem esperar muito tempo, sob pena de perecimento ou deturpação irreversível (ex: exame do cadáver ou do local do crime)" (NUCCI, 2008, p. 144).

Destacando essa finalidade do inquérito policial, Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar afirmam que ele

> *[...] também contribui para a decretação de medidas cautelares no decorrer da persecução penal, onde o magistrado pode tomá-lo como base para proferir decisões ainda antes de iniciado o processo, como por exemplo, a decretação de prisão preventiva ou a determinação de interceptação telefônica.* (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 72).

▸ **Importante:**

Em virtude de todos os aspectos do inquérito policial destacados neste tópico, Guilherme de Souza Nucci sugere alguns critérios a serem seguidos pelo juiz na valoração da prova produzida durante esta fase, que merecem ser revelados: 1 – Deve desprezar toda e qualquer prova que puder ser repetida sob o crivo do contraditório (exemplo: depoimentos das testemunhas); 2 – Deve permitir à defesa que contrarie, em juízo, os laudos e outras provas produzidas durante o inquérito, inclusive produzindo contraprova; 3 – Deve tratar como mero indício e jamais como prova direta eventual confissão do investigado; 4 – Deve exercer real fiscalização sobre a atividade da polícia judiciária, aliás, é para isso que há sempre um juiz acompanhando o desenrolar do inquérito (lembrar: não é para participar da produção da prova, mas sim para garantir a legalidade e a defesa dos direitos fundamentais do cidadão); 5 – Deve ler o inquérito antes de receber a denúncia ou queixa para checar se realmente há justa causa para a ação penal; 6 – Pode aceitar toda prova colhida na fase policial, desde que seja incontroversa, ou seja, não impugnada pelas partes (NUCCI, 2008, p. 144-145).

3. POLÍCIA JUDICIÁRIA (ART. 4º, *CAPUT*, CPP E ART. 144, *CAPUT*, § 1º, I E IV, E § 4º, CF)

Em apertada síntese, pode-se afirmar que a Polícia Judiciária é aquela voltada para a investigação criminal, tendo, portanto, **caráter repressivo**, já que atua após a prática da infração penal,

apurando a sua autoria e a materialidade. No âmbito estadual, é exercida pela Polícia Civil (art. 144, § 4º, da Constituição Federal) e, no âmbito federal, pela Polícia Federal (art. 144, § 1º, incisos I e IV, da Constituição Federal, disciplinada pelas Leis de números 9.264/96 e 9.266/96, alteradas pela recente Lei nº 13.047/14, a qual, dentre outros aspectos relevantes, impõe o tempo de 3 anos de atividade jurídica ou policial, comprovados no ato da posse, para o ingresso no cargo de Delegado de Polícia Federal, profissional responsável pelo exercício de função de natureza jurídica e policial, essencial e exclusiva de Estado, sendo que o cargo de Diretor-Geral, nomeado pelo Presidente da República, é privativo de Delegado de Polícia Federal integrante da classe especial).

É a Polícia Judiciária o órgão responsável pela presidência do inquérito policial, consoante dispõe o art. 4º, *caput*, do CPP, embora ela possa ser acompanhada de perto pelo Ministério Público, no exercício do **controle externo da atividade policial** (art. 129, inciso VII, da Constituição Federal), função esta que não implica em qualquer submissão hierárquica. Ademais, as funções de polícia judiciária e a apuração de infrações penais exercidas pelo delegado de polícia são de natureza jurídica, essenciais e exclusivas de Estado (art. 2º, *caput*, da Lei nº 12.830/13).

Distingue-se da Polícia Administrativa ou de Segurança, a exemplo da Polícia Militar (art. 144, § 5º, da Constituição Federal), porque esta é polícia ostensiva, preventiva, que visa, pois, evitar a ocorrência de um delito. Ressalte-se, no entanto, que nada impede que a Polícia Judiciária exerça, de forma **atípica**, funções de polícia preventiva, como ocorre com a Polícia Federal nos aeroportos internacionais ou mesmo em regiões de fronteiras com outros países.

Polícia judiciária	Polícia administrativa ou de segurança
Possui caráter repressivo, já que atua após a prática da infração penal. Por conta disso, é a responsável pela presidência do inquérito policial. Pode exercer, no entanto, funções atípicas de polícia preventiva. No âmbito estadual, é exercida pela Polícia Civil, ao passo que, no âmbito federal, é exercida pela Polícia Federal.	Polícia de caráter preventivo ou ostensivo, já que atua antes da prática da infração penal, justamente para evitá-la. É o exemplo da Polícia Militar.

4. OUTRAS INVESTIGAÇÕES CRIMINAIS (ART. 4º, PARÁGRAFO ÚNICO, CPP)

Nos termos do art. 4º, parágrafo único, do CPP, entende-se que o inquérito policial (espécie) não é a única forma de investigação criminal (gênero). Há outras formas de investigação, distintas do inquérito policial, presididas por autoridades administrativas, desde que previstas em lei.

São exemplos destas outras espécies de investigação criminal:

1. **Inquérito por crime praticado por Juiz ou Promotor de Justiça é presidido pelo respectivo órgão de cúpula - Tribunal de Justiça ou Procuradoria de Justiça** (art. 33, parágrafo único, da Lei Complementar nº 35/79 - Lei Orgânica da Magistratura Nacional - e art. 41, parágrafo único, da Lei nº 8.625/93 - Lei Orgânica do Ministério Público dos Estados).

2. **Inquérito parlamentar é presidido pela Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI** (art. 58, § 3º, CF): segundo o art. 58, § 3º, da Constituição Federal, as CPIs têm poderes de investigação e são criadas pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, em conjunto ou separadamente, mediante requerimento de um terço de seus membros, para a apuração de fato determinado e por prazo certo, sendo que suas conclusões, quando afirmarem a existência de um delito, serão remetidas ao Ministério Público para que promova a respectiva ação penal. Nesse sentido, o art. 1º da Lei nº 10.001/00 estipula que a CPI remeterá os respectivos relatórios com a resolução que o aprovar aos **chefes** do Ministério Público da União ou dos Estados, ou ainda às autoridades administrativas ou judiciais com poder de decisão, conforme o caso, para prática de atos de sua competência; ademais, registre-se que a Súmula nº 397 do STF estatui que "O poder de polícia da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, em caso de crime cometido nas suas dependências, compreende, consoante o regimento, a prisão em flagrante do acusado e a realização do inquérito". Mais recentemente, o art. 6º-A da Lei nº 1.579/52 (que dispõe sobre as Comissões Parlamentares de Inquérito), com a redação dada pela Lei nº 13.367, de 5 de dezembro de 2016, passou a afirmar que "A Comissão Parlamentar de Inquérito encaminhará relatório circunstanciado, com suas conclusões, para as devidas providências, entre outros órgãos, ao Ministério Público ou à Advocacia-Geral da União, com cópia da documentação, para que promovam a responsabilidade civil ou criminal por

infrações apuradas e adotem outras medidas decorrentes de suas funções institucionais.".

3. **Inquérito Policial Militar é presidido pela polícia judiciária militar** (art. 8º do Código de Processo Penal Militar).

4. **Investigação feita por agentes florestais.**

5. **Investigação feita por agentes da Administração pública** (sindicâncias e processos administrativos).

6. **Investigação feita pelo Ministério Público em sede de Inquérito Civil Público** (art. 8º, § 1º, da Lei nº 7.347/85).

7. **Investigação de autoridades com foro por prerrogativa de função** (a instauração e o indiciamento somente podem ser feitos pelo respectivo foro, embora tal foro possa delegar certos atos para as autoridades policiais).

8. **Investigação particular** (mais rara): a esse respeito, noticie-se que, em 11 de abril de 2017, foi publicada a Lei nº 13.432, que dispõe sobre o exercício da profissão de detetive particular. De acordo com esta legislação, considera-se detetive particular o profissional que, habitualmente, por conta própria ou na forma de sociedade civil ou empresarial, planeje e execute coleta de dados e informações de natureza *não criminal*, com conhecimento técnico e utilizando recursos e meios tecnológicos permitidos, visando ao esclarecimento de assuntos de *interesse privado* do contratante (art. 2º, *caput* - destacamos). Ele pode colaborar com investigação policial em curso, desde que expressamente autorizado pelo contratante (art. 5º, *caput*). O aceite da colaboração ficará a critério do delegado de polícia, que poderá admiti-la ou rejeitá-la a qualquer tempo (art. 5º, parágrafo único). Veda-se a este profissional participar diretamente de diligências policiais (art. 10, IV).

9. **Investigação realizada pela comissão de inquérito do Banco Central do Brasil:** o STF já decidiu que o relatório encaminhado por esta comissão ao Ministério Público constitui justa causa para o oferecimento da ação penal (Informativo nº 578).

10. **Inquérito administrativo para a apuração de infrações à ordem econômica, presidido pela Superintendência-Geral do CADE** (arts. 66 a 68 da Lei nº 12.529/11), o qual pode ser precedido de um procedimento preparatório (art. 66, § 2º, da Lei nº 12.529/11).

▸ **Importante:**

O **Inquérito Judicial**, procedimento preparatório para ação penal, presidido por Juiz de Direito, no qual valiam o contraditório e a ampla defesa, previsto na antiga lei de falências, foi **revogado pela nova lei de falências** (Lei nº 11.101/2005).

▸ **Atenção:**

O art. 3º da Lei nº 9.034/95 (antiga lei dos crimes organizados), que permitia investigação de organizações criminosas diretamente pelo juiz nas hipóteses do art. 2º, III, da lei, o que caracterizava a figura do **juiz inquisidor**, foi declarado **inconstitucional pelo STF na ADIN nº 1.570-2/2004** (no que se refere aos dados "fiscais" e "eleitorais"). Posteriormente, a Lei nº 12.850/13 não só revogou expressa e integralmente a Lei nº 9.034/95 como também não trouxe em seu corpo qualquer dispositivo semelhante a esse respeito.

5. A INVESTIGAÇÃO CRIMINAL PRESIDIDA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO

Inúmeros são os argumentos contrários à investigação criminal presidida pelo Ministério Público apresentados por parcela da doutrina, a exemplo de Guilherme de Souza Nucci (2008, p. 146-150), todos, porém, rechaçados pela doutrina majoritária, merecendo destaque o Professor Bruno Calabrich (2010, p. 605-634), como adiante será demonstrado. Antes, porém, advirta-se que o que está em debate é a possibilidade de o Ministério Público presidir investigação criminal (gênero) e não inquérito policial (espécie), pois, quanto a este último, não há dúvidas de que ele deve ser presidido pela polícia judiciária.

O principal argumento da tese contrária à investigação gira em torno da exclusividade da investigação criminal por parte da polícia judiciária, em interpretação ao art. 144, § 1º, inciso IV, da Constituição Federal, o qual afirma que a Polícia Federal destina-se a exercer, com exclusividade, as funções de polícia judiciária da União.

Não há dúvidas de que a atividade de investigação criminal é típica da polícia judiciária, e assim deve ser, pois ela é o órgão preparado especificamente para tanto, mas isso não permite concluir que tal atividade é exclusivamente destinada a esta instituição.

Com efeito, para melhor compreensão do tema, deve ser feita uma interpretação sistemática do dispositivo constitucional alhures mencionado. Por meio dela, chegar-se-á à conclusão de que, na verdade, a Constituição Federal quis apenas destacar que, dentre todos os órgãos que exercem a segurança pública previstos nos

incisos I a V do *caput* do art. 144 (Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Ferroviária Federal, Polícias Civis, Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares), somente a Polícia Federal exerce a função de polícia judiciária da União (a exclusão, portanto, é apenas em relação a outros órgãos da polícia).

Além disso, a função de polícia judiciária da União não se confunde com a função de investigar crimes, para a qual a Constituição Federal não estabeleceu exclusividade. A função de polícia judiciária diz respeito ao "apoio material e humano necessário para a prática de determinados atos ou para o cumprimento de decisões judiciais" (CALABRICH, 2010, p. 613), como no caso de o juiz requisitar força policial para auxiliá-lo na manutenção da ordem e a segurança em audiências e sessões ou para cumprir outros atos, como comunicações processuais (conduções coercitivas). Essa distinção inclusive já foi feita expressamente pelo STJ no julgamento do REsp nº 2001/019123-6. A função de investigação criminal, por sua vez, não é exclusiva da Polícia Federal. Nesse sentido é o art. 144, § 1º, inciso I, do Texto Constitucional. Reforçando essa distinção, o art. 144, § 4º, da Carta Magna Federal, com relação à Polícia Civil, afirma que incumbem a ela as funções de polícia judiciária e investigação criminal.

Outro argumento desfavorável aponta para a falta de previsão legal que autorize a investigação criminal por parte do Ministério Público.

Entretanto, esse argumento não merece prosperar, pois há inúmeros comandos normativos permitindo esta espécie de investigação. O primeiro deles é a própria Constituição Federal, no seu art. 129, incisos I (garante ao Ministério Público a função institucional de promover, privativamente, a ação penal pública, na forma da lei), VI (permite que a instituição requisite documentos e informações para instruir procedimentos administrativos de sua competência), VIII (possibilita que o Ministério Público requisite diligências investigatórias e a instauração de inquérito policial) e IX (autoriza que o *Parquet* exerça outras funções que lhe forem conferidas, desde que compatíveis com sua finalidade). Ora, para o cumprimento dessas funções constitucionais, o Ministério Público precisa se valer de todos os meios indispensáveis, o que inclui, por óbvio, o poder de investigação criminal (**teoria dos poderes implícitos**) - *quem pode mais pode menos*.

Ademais, o próprio Código de Processo Penal, mesmo datado de 1941, possui dispositivos que permitem a investigação criminal pelo Ministério Público, a saber, os artigos 4º, parágrafo único (dispõe que há tantas outras formas de investigação criminal, como já visto

anteriormente), 12 (o inquérito policial é dispensável, pois é possível o oferecimento de denúncia com base em peças de informação, as quais constituem forma autônoma de investigação criminal) e 47 (confere ao Ministério Público o poder de requisitar diretamente informações e documentos a autoridades ou funcionários).

Outros instrumentos normativos igualmente permitem a investigação criminal por parte do Ministério Público, são eles: a Lei Complementar nº 75/93 - Lei Orgânica do Ministério Público da União (art. 8º); a Lei nº 8.625/93 - Lei Orgânica do Ministério Público dos Estados (art. 26); Lei nº 8.069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente (art. 201, VII); Lei nº 10.741/03 - Estatuto do Idoso (art. 74, VI); Lei nº 7.492/86 - Lei dos crimes contra o sistema financeiro nacional (art. 29); Lei nº 4.737/67 - Código Eleitoral (art. 356, § 2º).

Mais um argumento que não deve ser acolhido é aquele que indica a falta de regulamentação da investigação criminal presidida pelo Ministério Público, o que criaria um campo aberto para abusos. O argumento está completamente superado desde o advento da Resolução nº 13/06 do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), que traz regras para esta espécie de investigação, como a estipulação de prazo, a publicidade etc. Mais recentemente, esta Resolução foi revogada de forma expressa pela Resolução nº 181/17 do CNMP, a qual passou a disciplinar o procedimento investigatório criminal (PIC).

▸ **Acordo de não persecução penal (art. 18 da Resolução nº 181/2017 CNMP):**

Não sendo o caso de arquivamento, o Ministério Público poderá propor ao investigado acordo de não persecução penal, quando, cominada pena mínima inferior a 4 (quatro) anos e o crime não for cometido com violência ou grave ameaça a pessoa, o investigado tiver confessado formal e circunstanciadamente a sua prática, mediante as condições, ajustadas cumulativa ou alternativamente, indicadas nos incisos I a V do art. 18 da Resolução nº 181/2017 do CNMP, com a redação alterada na 23ª Sessão Ordinária de 2017 deste órgão, realizada em 12/12/2017. Para aferição da pena mínima cominada ao delito, serão consideradas as causas de aumento e diminuição aplicáveis ao caso concreto (art. 18, § 13, da Resolução). Trata-se de ajuste passível de ser celebrado entre o Ministério Público e o investigado (acompanhado de defensor) que, uma vez cumprido, enseja a promoção de arquivamento da investigação (art. 18, § 11, da Resolução). Configura-se mais uma nítida hipótese de mitigação ao princípio da obrigatoriedade da ação penal pública, seguindo a experiência de países como os Estados Unidos e a Alemanha, em que os casos penais são resolvidos, em sua grande

maioria, por meio de acordo. Este instituto, que pode ser celebrado na mesma oportunidade da audiência de custódia (art. 18, § 7º, da Resolução), não será cabível nas hipóteses definidas pelos parágrafos 1º e 12 do art. 18 da Resolução nº 181/2017 do CNMP. O art. 18 desta Resolução ainda disciplina a forma e o conteúdo (§§ 2º e 3º), a comunicação à vítima (§ 4º), deveres do investigado (§ 8º) e consequências do descumprimento (§§ 9º e 10) deste acordo. Todavia, a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) ajuizaram no STF Ações Declaratórias de Inconstitucionalidade (de números, respectivamente, 5.790 e 5.793), atacando, dentre outros pontos da Resolução em sua redação original (anterior à alteração promovida na 23ª Sessão Ordinária de 2017 do CNMP, realizada em 12/12/2017), exatamente este instituto, sob a alegação de que ele viola os princípios de reserva legal (já que o acordo, à época, não seria homologado pelo Poder Judiciário), segurança jurídica, indisponibilidade da ação penal pública, imparcialidade (nos termos originais da Resolução, o MP atuaria como acusador e como juiz), impessoalidade, ampla defesa, contraditório, devido processo legal, além de usurpar a competência privativa da União (art. 22, I, da Constituição Federal), extrapolando também o poder regulamentar conferido ao CNMP (art. 130-A, § 2º, I, do Texto Constitucional). Até o momento, essas Ações ainda não foram julgadas. Em meio a essas críticas, como já afirmado anteriormente, o CNMP entendeu por bem alterar o regramento do instituto em análise na 23ª Sessão Ordinária de 2017 deste órgão, realizada em 12/12/2017. A partir de então, fixou-se a necessidade de submissão do acordo à apreciação judicial (art. 18, § 4º, da Resolução). Se o juiz considerar o acordo cabível e as condições adequadas e suficientes, devolverá os autos ao Ministério Público para sua implementação (art. 18, § 5º). Mas se o juiz considerar incabível o acordo, bem como inadequadas ou insuficientes as condições celebradas, fará remessa dos autos ao procurador-geral ou órgão superior interno responsável por sua apreciação, nos termos da legislação vigente, que poderá adotar as seguintes providências: I - oferecer denúncia ou designar outro membro para oferecê-la; II - complementar as investigações ou designar outro membro para complementá-la; III - reformular a proposta de acordo de não persecução, para apreciação do investigado; IV - manter o acordo de não persecução, que vinculará toda a Instituição (art. 18, § 6º).

Outro argumento contrário à investigação criminal presidida pelo Ministério Público diz respeito ao fato de que o mesmo órgão que acusa não poderia investigar por conta própria. É, porém, mais um argumento que não merece prosperar, pois, no sistema acusatório, em que há distinções entre as funções de acusar (Ministério Público), defender (réu) e julgar (juiz), não há incompatibilidade entre a investigação e acusação, muito pelo contrário, até porque a

investigação, em regra, é dirigida justamente ao Ministério Público, para formação da sua *opinio delicti* (opinião a respeito do delito).

Novo argumento defende que a investigação criminal por parte do Ministério Público seria descontrolada. Contudo, há de se registrar que esta espécie de investigação é alvo de controle judicial, no sentido de que as diligências que mitiguem os direitos fundamentais do investigado somente podem ser praticadas mediante autorização judicial (cláusulas de reserva de jurisdição). Além desse controle feito pelo Judiciário, há também o controle interno dos próprios órgãos do *Parquet* (exemplo: Corregedoria) e do Conselho Nacional do Ministério Público (órgão de composição mista).

Há ainda argumento sustentando que a participação de órgão do Ministério Público na investigação criminal o tornaria parcial. É argumento, contudo, que não procede, afinal de contas, no Processo Penal, o Ministério Público é uma parte imparcial, não é um órgão de acusação, mas **órgão legitimado à acusação**, devendo estar, portanto, sempre atento ao cumprimento da lei (fiscal da lei), daí porque não há que se falar em violação de sua parcialidade. Nesse trilhar, relembre-se que o *Parquet* pode requerer o arquivamento do inquérito policial, a absolvição do réu ou mesmo recorrer em favor deste. Ademais, a **Súmula nº 234 do STJ** afirma expressamente que "A participação de membro do Ministério Público na fase investigatória criminal não acarreta seu impedimento ou suspeição para o oferecimento da denúncia".

Há também argumento sustentando que a investigação criminal pelo Ministério Público levaria a uma tendência de produção de provas que apenas beneficiassem a acusação. Contudo, é preciso destacar que a investigação criminal, mesmo aquela produzida na fase de inquérito policial, nos crimes de ação penal pública, é toda dirigida ao *Parquet*, para a formação da sua *opinio delicti*, devendo o órgão ministerial ser responsável na utilização das provas produzidas, sob pena de responder por abusos.

Outro argumento aponta para a violação do princípio da paridade das armas. Não se sustenta, entretanto. Primeiro porque a polícia judiciária também teria mais armas que o investigado. Segundo porque, enquanto não apurado o fato delitivo, quem está em situação de desvantagem é o Ministério Público - conhecendo o investigado o fato delitivo, pode muito bem escondê-lo.

Um último argumento apresentado ressalta que a investigação criminal por parte do Ministério Público poderia indicar uma

escolha do crime a ser investigado. Todavia, há de se registrar que a investigação criminal por parte do Ministério Público, na prática, somente ocorrerá se ela for mais eficiente do que a investigação perpetrada no inquérito policial, o que acontece em situações de investigação por crimes praticados por policiais ou por agentes políticos poderosos. Em nenhum momento, portanto, a investigação feita pelo Ministério Público esvaziará as atribuições da polícia judiciária ou acabará com o inquérito policial, muito antes pelo contrário, até porque o *Parquet* não está estruturado para o exercício cotidiano dessa atividade.

Por tudo quanto apreciado neste tópico, conclui-se que é perfeitamente possível a investigação criminal presidida pelo Ministério Público. Nesse sentido, noticie-se que ela está atualmente regulamentada pela **Resolução nº 181/17 do Conselho Nacional do Ministério Público** (que revogou a anterior Resolução nº 13/06 do CNMP). Além disso, ela é **admitida, de forma pacífica, pelo STJ** (como no julgado ROHC nº 11888/MG).

O STF ainda não se posicionou em sede de controle concentrado de constitucionalidade, embora tramitem na Suprema Corte as ADINs de números 2943-6, 3.836, 3.806 e 4271-8, que visam atacar a possibilidade desta espécie de investigação. Porém, **no âmbito do controle difuso, a posição mais recente do STF é pela possibilidade desta investigação**, conforme julgamento paradigmático proferido no RE nº 593727/MG, no qual inclusive foi reconhecida repercussão geral da matéria, assegurando-se a investigação criminal pelo *Parquet*, desde que sejam devidamente resguardados os direitos do investigado, incluindo o acesso a meios de prova, respeitados os limites definidos na Súmula Vinculante nº 14 do STF, e observando-se as hipóteses de cláusula de reserva de jurisdição (provas que somente podem ser realizadas através de ordem judicial) – Informativo nº 785.

Por fim, noticie-se que tramitou na Câmara dos Deputados a Proposta de Emenda à Constituição nº 37/2011 (PEC 37), que pretendia impedir a investigação criminal pelo Ministério Público, acrescentando um parágrafo 10 ao art. 144 da Constituição Federal, que passaria a ter a seguinte redação: "A apuração das infrações penais de que tratam os §§ 1º e 4º deste artigo, incubem privativamente às polícias federal e civis dos Estados e do Distrito Federal, respectivamente".

Todavia, após intensas pressões populares, contando com diversas manifestações nas ruas, aludida PEC foi rejeitada e arquivada.

▸ Resolução nº 23.396/2013 do TSE:

Em 2013, o TSE editou a Resolução nº 23.396 em que veda o início de investigação de crimes eleitorais de ofício pela Polícia Judiciária ou pelo próprio Ministério Público. Assim, investigação desta natureza só poderia ser instaurada mediante autorização judicial.

Esse ato normativo, desde a sua publicação, passou a ser alvo de severas críticas por parte da comunidade jurídica de um modo geral, eis que violadora do sistema acusatório. Além disso, é no mínimo curioso notar que a restrição ora em análise só exista para os crimes eleitorais, não havendo qualquer ato normativo desta natureza para os demais crimes. No caso particular do Ministério Público, os argumentos alhures expostos também são suficientes para refutar por completo o conteúdo desta Resolução. Destarte, o Plenário do STF, no dia 21.05.2014, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5104, suspendeu cautelarmente a eficácia do artigo 8º da referida Resolução, o qual estabelecia que "o inquérito policial eleitoral somente será instaurado mediante determinação da Justiça Eleitoral, salvo a hipótese de prisão em flagrante" (Informativo nº 747). Posteriormente, o próprio TSE, através da Resolução nº 23.424/2014, alterou a redação do art. 8º da Resolução nº 23.396/2013, o qual passou a asseverar que "O inquérito policial eleitoral somente será instaurado mediante requisição do Ministério Público Eleitoral ou determinação da Justiça Eleitoral, salvo a hipótese de prisão em flagrante".

▸ Qual o entendimento do STF sobre o assunto?

O STF decidiu que são lícitas as provas colhidas por meio de quebra de sigilo bancário solicitada por ofício encaminhado pelo Ministério Público (MP), sem autorização judicial, a gerente de instituição financeira. Isso porque as contas públicas, por força dos princípios da publicidade e da moralidade, não têm, em geral, direito à intimidade e à privacidade. Por conseguinte, não são abrangidas pelo sigilo bancário. Asseverou-se que o sigilo de informações necessário à preservação da intimidade é relativizado quando há interesse da sociedade em conhecer o destino dos recursos públicos. Diante da existência de indícios da prática de ilícitos penais envolvendo verbas públicas, cabe ao MP, no exercício de seus poderes investigatórios [CF, art. 129, VIII], requisitar os registros de operações financeiras relativos aos recursos movimentados a partir de conta-corrente de titularidade da prefeitura municipal. Essa requisição compreende, por extensão, o acesso aos registros das operações bancárias sucessivas, ainda que realizadas por particulares, e objetiva garantir o acesso ao real destino desses recursos públicos.

Decidir em sentido contrário implicaria o esvaziamento da própria finalidade do princípio da publicidade, que é permitir o controle da atuação do administrador público e do emprego de verbas públicas (Informativo nº 879).

6. CARACTERÍSTICAS DO INQUÉRITO POLICIAL

1. **Inquisitivo**: Com a finalidade de se fomentar a agilidade da investigação, no inquérito policial, não há contraditório e ampla defesa, não sendo permitido que o investigado participe dele. Por isso também, em regra, não é possível condenação apenas com base em prova produzida ao longo do inquérito. Essa característica, no entanto, embora permaneça *plenamente válida*, sofreu a incidência da recente Lei nº 13.245/2016, a qual, ao acrescentar o inciso XXI ao art. 7º do Estatuto da OAB (Lei nº 8.906/94), passou a permitir ao advogado, na alínea "a" deste mesmo dispositivo legal, no curso de qualquer apuração criminal (não apenas inquérito policial), a apresentação de razões (o que inclui a argumentação e a defesa do seu ponto de vista sobre algo que será decidido pelo delegado ou sobre alguma diligência a ser praticada) e quesitos (o que inclui a formulação de perguntas ao investigado, às testemunhas, ofendido, perito etc), sob pena de "nulidade absoluta" (termo empregado pela lei, embora incorreto tecnicamente, como adiante se demonstrará) do ato colhido sem observância desta prerrogativa funcional. Saliente-se que a novel legislação não assegurou ao advogado, no interesse do seu cliente, o direito de requisitar diligências, pois a alínea "b" do dispositivo legal em comento, que trazia previsão a esse respeito, foi vetado pela Presidente da República. Não obstante, continua o advogado com o direito de requerer a colheita de provas, que só será realizada ou não a critério (discricionário) da autoridade policial, conforme já previsto no art. 14 do CPP. Há ainda outras investigações criminais específicas para as quais a lei permite expressamente o contraditório. São os casos do **inquérito para decretação da expulsão de estrangeiro** e o **inquérito para apurar falta administrativa**. Para este último caso, registre-se que a defesa técnica não necessariamente será promovida por advogado, consoante o teor da Súmula Vinculante nº 05 do STF, a qual, porém, não se aplica para

o procedimento disciplinar de apuração de falta disciplinar previsto nos artigos 59 e 60 da Lei de Execução Penal (LEP), conforme posicionamento do próprio STF (RE nº 398269/RS) e do STJ (Informativo nº 532). Aliás, quanto ao procedimento disciplinar de apuração de falta disciplinar previsto na LEP, convém noticiar que, em sua recente Súmula de nº 533, o STJ consagrou o entendimento de que "Para o reconhecimento da prática de falta disciplinar no âmbito da execução penal, é imprescindível a instauração de procedimento administrativo pelo diretor do estabelecimento prisional, assegurado o direito de defesa, a ser realizado por advogado constituído ou defensor público nomeado". O chamado inquérito judicial, que também permitia o contraditório (artigos 103 e seguintes do Decreto-Lei nº 7.661/45), foi revogado pela nova lei de falências. Ademais, a **investigação criminal presidida pelo Ministério Público**, de certa forma e ainda que parcialmente, não deixa de ser hipótese em que também se consagra expressamente o contraditório, afinal de contas o art. 9º, *caput*, da Resolução nº 181/2017 do Conselho Nacional do Ministério Público, que disciplina a matéria, com a redação alterada na 23ª Sessão Ordinária de 2017 deste órgão, realizada em 12/12/2017, assevera que "O autor do fato investigado poderá apresentar, querendo, as informações que considerar adequadas, facultado o acompanhamento por defensor".

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Agente da Polícia Federal, em 2009, promovido pelo Cespe/Unb, cobrou-se justamente a natureza jurídica do inquérito policial. Nesse sentido, a assertiva *"O inquérito policial tem natureza judicial, visto que é um procedimento inquisitório conduzido pela polícia judiciária, com a finalidade de reunir elementos e informações necessárias à elucidação do crime"* (destacada) foi considerada incorreta.

2. **Inexistência de nulidades**: Sendo o inquérito mero procedimento informativo e não ato de jurisdição, os vícios nele acaso existentes não afetam a ação penal a que deu origem. A desobediência a formalidades legais pode acarretar apenas a ineficácia do ato em si (prisão em flagrante, por exemplo, que, se ilegal, deve ser relaxada), mas não influi na ação já iniciada. Se a prova irregular era a única do inquérito, a consequência é que a denúncia deve ser rejeitada por falta de suporte probatório mínimo (justa causa), nos

termos do art. 395, inciso III, do CPP. Nesse sentido o STF (STF, 1ª Turma, HC nº 73271/SP, Rel. Min. Celso de Mello, DJU 4/10/1996, p. 37100; mais recentemente, em seu Informativo nº 824, esse tribunal asseverou categoricamente que "É incabível a anulação de processo penal em razão de suposta irregularidade verificada em inquérito policial") e o STJ (STJ, 6ª Turma, RHC nº 3556-0/PR, Rel. Min. Anselmo Santiago, DJ 12/6/1995). Os vícios do inquérito policial não geram, pois, nulidades, que existem apenas em fase de processo.

3. **Escrito (art. 9º CPP):** O procedimento deve ser todo escrito, nos termos do art. 9º do CPP. Quanto aos atos orais, devem ser reduzidos a termo. Segundo parcela da doutrina, essa característica encontra-se mitigada com o art. 405, §§ 1º e 2º, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.719/08. Isso porque, embora este dispositivo legal se refira à gravação da audiência de instrução em julgamento, etapa da fase judicial da persecução criminal, permite o registro dos depoimentos pelos meios ou recursos de gravação magnética, estenotipia, digital ou técnica similar, inclusive audiovisual, do investigado e indiciado (além do ofendido e testemunhas), figuras presentes apenas na fase de inquérito policial, motivo pelo qual se aplicaria também na fase de investigações. A esse respeito, frise-se que, no caso de registro por meio audiovisual, será encaminhada às partes cópia do registro original, sem necessidade de transcrição. No entanto, esse posicionamento tende a ser minoritário, prevalecendo ainda o caráter absolutamente escrito do procedimento.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro, em 2009, promovido pela Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos (Ceperj), foi cobrada justamente a característica do inquérito policial como procedimento escrito. Nesse sentido, a assertiva *"Em decorrência da recente reforma do Código de Processo Penal que passou a preconizar o princípio da oralidade na realização dos atos processuais, pode-se afirmar que houve uma mitigação com relação ao Inquérito Policial, que até então tinha como característica ser eminentemente escrito"* (destacada) foi considerada incorreta.

4. **Sigiloso (art. 20 CPP):** O inquérito não está disponibilizado para qualquer do povo, pois não há a publicidade, o que serve de proteção ao investigado contra as investidas da

imprensa, em atenção ao princípio da presunção da inocência. Nem o próprio investigado, pessoalmente, tem acesso aos autos. É característica que está prevista expressamente no art. 20, *caput*, do CPP. Nessa esteira, a Lei nº 12.681/12 deu nova redação ao parágrafo único deste dispositivo legal, que passou a asseverar o seguinte: "Nos atestados de antecedentes que lhe forem solicitados, a autoridade policial não poderá mencionar quaisquer anotações referentes a instauração de inquérito contra os requerentes." Com a novel redação deste dispositivo legal, anotações referentes a instauração de inquérito policial não podem aparecer em atestados de antecedentes nem mesmo se existir condenação anterior, ao contrário do que era previsto na antiga redação da citada norma. Informações desta natureza só podem estar acessíveis ao delegado, juiz, Ministério Público e advogado, conforme entendimento do STJ. Registre-se ainda que, nos termos da Súmula nº 444 do STJ, "É vedada a utilização de inquéritos policiais e ações penais em curso para agravar a pena-base". Esse também é o posicionamento do STF, firmado por seu Plenário no julgamento do Recurso Extraordinário nº 591054, com repercussão geral reconhecida. Entretanto, o sigilo do inquérito policial **não se aplica ao juiz, ao Ministério Público e ao advogado**. A esse respeito, frise-se que o advogado pode consultar o inquérito (o que inclui não só o simples exame dos autos, como também a cópia de peças e a anotação de apontamentos, em meio físico ou digital), mesmo que não tenha procuração nos autos, por força do **art. 7º, XIV, do Estatuto da OAB (Lei nº 8.906/94)**, em garantia à sua prerrogativa profissional. Aliás, noticie-se que este dispositivo legal foi recentemente alterado pela Lei nº 13.245/2016, passando-se a garantir esta prerrogativa profissional ao advogado não apenas em sede de inquérito policial, mas em "investigações de qualquer natureza", findos ou em andamento, ainda que conclusos à autoridade. Noutro giro, nos autos sujeitos a sigilo, deve o advogado apresentar procuração para o exercício dos direitos de que trata o inciso XIV do art. 7º do Estatuto da OAB (art. 7º, § 10, do Estatuto da OAB, com a redação dada pela Lei nº 13.245/2016). A inobservância aos direitos estabelecidos neste inciso XIV, o fornecimento incompleto de autos ou fornecimento de autos em que houve a retirada de peças já incluídas no caderno

investigativo implicará responsabilização criminal e funcional por abuso de autoridade do responsável que impedir o acesso do advogado com o intuito de prejudicar o exercício da defesa, sem prejuízo do direito subjetivo do advogado de requerer acesso aos autos ao juiz competente (art. 7º, § 12, do Estatuto da OAB, com a redação dada pela Lei nº 13.245/2016). Nesse sentido, o STF, em fevereiro de 2009, editou a **Súmula Vinculante nº 14**, que apregoa: "É direito do defensor, no interesse do representado, ter acesso amplo aos elementos de prova que, já documentados em procedimento investigatório realizado por órgão com competência de polícia judiciária, digam respeito ao exercício do direito de defesa". Em caso de descumprimento do teor desta Súmula, o advogado poderá se valer de reclamação dirigida ao STF. Seguindo a linha de intelecção da citada Súmula Vinculante, o art. 7º, § 11, do Estatuto da OAB, com a redação dada pela Lei nº 13.245/2016, passa a asseverar que, no caso previsto no inciso XIV do art. 7º do mencionado Estatuto, a autoridade competente poderá delimitar o acesso do advogado aos elementos de prova relacionados a diligências em andamento e ainda não documentados nos autos, quando houver risco de comprometimento da eficiência, da eficácia ou da finalidade das diligências. Até em virtude desta inovação legal, conclui-se também que o teor da Súmula Vinculante nº 14 do STF deve ser estendido para toda e qualquer espécie de investigação criminal, não se restringindo o seu alcance, portanto, somente ao inquérito policial, como aparentemente informa a sua redação. Além de consultar os autos, o advogado pode ainda participar da produção de provas, embora de forma limitada. Nessa senda, o inciso XXI, alínea "a", do art. 7º do Estatuto da OAB, incluído pela Lei nº 13.245/2016, expressamente confere ao advogado o direito de assistir a seus clientes investigados durante a apuração de infrações, sob pena de "nulidade absoluta" (termo empregado pela lei, embora tecnicamente incorreto, conforme anteriormente explicitado) do respectivo interrogatório ou depoimento e, subsequentemente, de todos os elementos investigatórios e probatórios dele decorrentes ou derivados, direta ou indiretamente, podendo, inclusive, no curso da respectiva apuração, apresentar razões (o que inclui a argumentação e a defesa do seu ponto de vista sobre algo

que será decidido pelo delegado ou sobre alguma diligência a ser praticada) e quesitos (o que inclui a formulação de perguntas ao investigado, às testemunhas, ofendido, perito etc). Desse modo, garante-se ao advogado o direito de, por exemplo, estar presente ao interrogatório do investigado e nos demais depoimentos colhidos pela autoridade policial, podendo inclusive formular perguntas. Reprise-se, há aqui um direito e não dever. Portanto, caso o advogado queira participar do interrogatório do seu cliente, terá esse direito. Mas se o investigado não indicar a existência de procurador constituído, o ato será realizado independentemente da presença do defensor, não sendo sequer necessária a nomeação de defensor dativo. É facultado ao delegado indeferir perguntas formuladas pelo advogado, nas situações expostas no art. 212 do CPP, aplicável à matéria por analogia, e com base também no próprio art. 14 do CPP. Saliente-se, por fim, que a novel legislação não assegurou ao advogado, no interesse do seu cliente, o direito de requisitar diligências, pois a alínea "b" do dispositivo legal em comento, que trazia previsão a esse respeito, foi vetado pela Presidente da República. Não obstante, continua o advogado com o direito de requerer a colheita de provas, que só será realizada ou não a critério (discricionário) da autoridade policial, conforme já previsto no art. 14 do CPP.

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

Relativizando o teor da sua Súmula nº 444, o STJ já decidiu que é possível a utilização de inquéritos policiais e/ou ações penais em curso para formação da convicção de que o réu se dedica a atividades criminosas, de modo a afastar o benefício legal previsto no artigo 33, § 4º, da Lei 11.343/06. Em um primeiro momento do julgado, o Tribunal reafirmou o entendimento contido naquela Súmula, salientando que é consabido que inquéritos e ações penais em curso não podem ser valoradas como maus antecedentes, de modo a agravar a pena do réu quando das circunstâncias judiciais avaliadas em dosimetria de pena na primeira fase, para fins de aumentar a pena-base. Posteriormente, superando a divergência até então existente entre a Quinta e a Sexta Turma do STJ, a Terceira Seção deste Tribunal asseverou que, na espécie, não se trata de avaliação de inquéritos ou ações penais para agravar a situação do réu condenado por tráfico de drogas, mas como forma de afastar um benefício legal, desde que existentes elementos concretos

para concluir que ele se dedique a atividades criminosas, sendo inquestionável que, em determinadas situações, a existência de investigações e/ou ações penais em andamento possam ser elementos aptos para formação da convicção do magistrado (Informativo nº 596).

▸ **Investigação criminal presidida pelo Ministério Público (arts. 9º, parágrafos 1º a 4º, 15, 16 e 21 da Resolução nº 181/2017):**

A investigação criminal presidida pelo Ministério Público é marcada, como regra geral, pela **publicidade**, afinal de contas o art. 15, *caput*, da Resolução nº 181/2017 do CNMP, que disciplina a matéria, estatui que "Os atos e peças do procedimento investigatório criminal são públicos, nos termos desta Resolução, salvo disposição legal em contrário ou por razões de interesse público ou conveniência da investigação", ao passo que o parágrafo único deste dispositivo, com a redação alterada na 23ª Sessão Ordinária de 2017 deste órgão, realizada em 12/12/2017, esclarece em que consiste a publicidade: "I - na expedição de certidão, mediante requerimento do investigado, da vítima ou seu representante legal, do Poder Judiciário, do Ministério Público ou de terceiro diretamente interessado; II - no deferimento de pedidos de extração de cópias, com atenção ao disposto no § 1º do art. 3º desta Resolução e ao uso preferencial de meio eletrônico, desde que realizados de forma fundamentada pelas pessoas referidas no inciso I, pelos seus procuradores com poderes específicos ou por advogado, independentemente de fundamentação, ressalvada a limitação de acesso aos autos sigilosos a defensor que não possua procuração ou não comprove atuar na defesa do investigado; III - no deferimento de pedidos de vista, realizados de forma fundamentada pelas pessoas referidas no inciso I ou pelo defensor do investigado, pelo prazo de 5 (cinco) dias ou outro que assinalar fundamentadamente o presidente do procedimento investigatório criminal, com atenção à restrição de acesso às diligências cujo sigilo tenha sido determinado na forma do § 4º do art. 9º desta Resolução; IV - na prestação de informações ao público em geral, a critério do presidente do procedimento investigatório criminal, observados o princípio da presunção de inocência e as hipóteses legais de sigilo.".

Excepcionalmente, de acordo com o art. 16, *caput*, desta Resolução, igualmente com a alteração alhures referida, é que o presidente do procedimento investigatório criminal "poderá decretar o sigilo das investigações, no todo ou em parte, por decisão fundamentada, quando a elucidação do fato ou interesse público exigir, garantido o acesso aos autos ao investigado e ao seu defensor, desde que munido de procuração ou de meios que comprovem atuar na defesa do investigado, cabendo a ambos preservar o sigilo sob pena de responsabilização.".

Em caso de pedido da parte interessada para a expedição de certidão a respeito da existência de procedimentos investigatórios criminais, é vedado fazer constar qualquer referência ou anotação sobre investigação sigilosa (art. 16, parágrafo único, da Resolução). É digno de nota o conteúdo do art. 21 da Resolução, com a alteração anteriormente mencionada: "No procedimento investigatório criminal serão observados os direitos e as garantias individuais consagrados na Constituição da República Federativa do Brasil, bem como as prerrogativas funcionais do investigado, aplicando-se, no que couber, as normas do Código de Processo Penal e a legislação especial pertinente.".

Complementando o regramento da publicidade e do sigilo quanto ao procedimento de investigação do Ministério Público, vale a pena ainda conferir o teor do art. 9º, §§ 1º a 4º, da Resolução, com a redação também alterada na 23ª Sessão Ordinária de 2017 do CNMP, realizada em 12/12/2017: "§ 1º O defensor poderá examinar, mesmo sem procuração, autos de procedimento de investigação criminal, findos ou em andamento, ainda que conclusos ao presidente, podendo copiar peças e tomar apontamentos, em meio físico ou digital. § 2º Para os fins do parágrafo anterior, o defensor deverá apresentar procuração, quando decretado o sigilo das investigações, no todo ou em parte. § 3º O órgão de execução que presidir a investigação velará para que o defensor constituído nos autos assista o investigado durante a apuração de infrações, de forma a evitar a alegação de nulidade do interrogatório e, subsequentemente, de todos os elementos probatórios dele decorrentes ou derivados, nos termos da Lei nº 8.906, de 4 de julho de 1994. § 4º O presidente do procedimento investigatório criminal poderá delimitar o acesso do defensor aos elementos de prova relacionados a diligências em andamento e ainda não documentados nos autos, quando houver risco de comprometimento da eficiência, da eficácia ou da finalidade das diligências.".

▸ Sigilo da investigação criminal envolvendo organização criminosa (art. 23 da Lei nº 12.850/2013):

Em se tratando de investigação criminal que envolva organização criminosa, o seu sigilo poderá ser decretado pela autoridade judicial competente, para garantia da celeridade e da eficácia das diligências investigatórias, assegurando-se ao defensor, no interesse do representado, amplo acesso aos elementos de prova que digam respeito ao exercício do direito de defesa, devidamente precedido de autorização judicial, ressalvados os referentes às diligências em andamento. (art. 23, *caput*, da Lei nº 12.850/13). Determinado o depoimento do investigado, seu defensor terá assegurada a prévia vista dos autos, ainda que classificados como sigilosos, no prazo mínimo de 3 (três) dias que antecedem ao ato, podendo ser ampliado, a critério da autoridade responsável pela investigação. (art. 23, parágrafo único, da Lei nº 12.850/13).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do MP/GO, em 2009/2010, foi cobrado justamente o teor da Súmula Vinculante nº 14 do STF. Nesse sentido, a assertiva *"Nas proposições abaixo, assinale a alternativa incorreta à luz das decisões sedimentadas pelo Supremo Tribunal Federal: É direito do defensor, no interesse do representado, ter acesso amplo aos elementos de prova que, já documentados, ou em andamento, em procedimento investigatório realizado por órgão com competência de polícia judiciária, digam respeito ao exercício do direito de defesa"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Rondônia, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, dentre outros aspectos relevantes do inquérito policial, foi novamente cobrado o conteúdo da Súmula Vinculante nº 14 do STF, da seguinte forma: *"Assinale a opção correta com referência ao IP e suas providências. a) Com o advento da CF, que assegurou o contraditório e a ampla defesa nos procedimentos administrativos, o IP atual deve observar tais princípios, apesar da ausência de previsão no CPP. b) De acordo com a Lei de Falências, cabe ao juiz responsável pelo processo falimentar presidir o inquérito de apuração dos crimes falimentares e, após a conclusão, remetê-lo ao MP para, se for o caso, este oferecer a denúncia. c) O IP é um procedimento sigiloso, não se estendendo o sigilo ao advogado, que poderá ter amplo acesso aos elementos de prova que já estiverem documentados nos autos e se refiram ao exercício do direito de defesa. d) A oitiva do indiciado durante o IP deve observar o mesmo procedimento do interrogatório judicial, sendo-lhe assegurado o direito ao silêncio e a assistência de advogado, que poderá fazer perguntas durante a inquirição e acompanhar a oitiva das testemunhas. e) A prova pericial, apesar de colhida durante o IP, é prova técnica e se submete ao contraditório diferido, razão pela qual tem valor probatório absoluto e não pode ser desconsiderada pelo juiz no momento da sentença". A assertiva considerada correta foi a de letra C.*

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado do Espírito Santo, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, voltou a ser cobrada a redação da Súmula Vinculante nº 14 do STF. Nesse trilhar, a assertiva *"Sinval foi indiciado pelo crime de dispensar ou inexigir licitação fora das hipóteses previstas em lei em relação a órgão da administração federal. Durante a fase do inquérito, a defesa de Sinval pleiteou o direito de acesso amplo aos elementos de prova documentados em procedimento investigatório realizado por órgão dotado de competência de polícia judiciária. Tal*

pedido não foi integralmente atendido pelo órgão competente, sob o argumento de que deveria ser ressalvado o acesso da defesa às diligências policiais que, ao momento do requerimento, ainda estavam em tramitação ou ainda não tinham sido encerradas. Nessa situação, com base na jurisprudência prevalecente no STF, é adequada a aplicação conferida pelo órgão dotado de competência de polícia judiciária" foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, em 2011, dentre outros aspectos relevantes do inquérito policial, mais uma vez foi cobrado o teor da Súmula Vinculante nº 14 do STF. Assim, afirmou-se: *"Assinale a alternativa CORRETA. A) O caráter inquisitivo do inquérito policial permite impor o sigilo acerca das diligências não documentadas, inclusive ao defensor constituído. B) O princípio da ampla defesa é aplicável ao inquérito policial, por se tratar de procedimento administrativo. C) Por razões de interesse público e no interesse da apuração, é possível decretar-se a incomunicabilidade do preso em flagrante delito. D) O princípio da publicidade autoriza a divulgação de dados da investigação, inclusive referentes ao ofendido."*. A resposta correta foi a letra A.

5. **Oficialidade**: O inquérito policial deve ser presidido por órgão oficial do Estado, no caso, a Polícia Judiciária (art. 144, §§ 1º, I e IV, e 4º, da Constituição Federal).

6. **Autoritariedade**: O inquérito policial é presidido por autoridade pública (art. 144, §§ 1º, I e IV, e 4º, da Constituição Federal), o Delegado de Polícia. Essa concepção vem atualmente consagrada no art. 2º, § 1º, da Lei nº 12.830/13, segundo o qual "Ao delegado de polícia, na qualidade de autoridade policial, cabe a condução da investigação criminal por meio de inquérito policial ou outro procedimento previsto em lei, que tem como objetivo a apuração das circunstâncias, da materialidade e da autoria das infrações penais". Ademais, "O cargo de delegado de polícia é privativo de bacharel em Direito, devendo-lhe ser dispensado o mesmo tratamento protocolar que recebem os magistrados, os membros da Defensoria Pública e do Ministério Público e os advogados" (art. 3º da Lei nº 12.830/13).

7. **Oficiosidade**: Nos crimes de ação penal pública incondicionada, a autoridade policial tem o dever de ofício de proceder à apuração do fato delitivo (art. 5º, inciso I, do CPP).

8. **Indisponibilidade (art. 17 CPP):** É característica aplicável à autoridade policial, que não pode determinar o arquivamento do inquérito policial, nos termos do art. 17 do CPP, mesmo se não existirem indícios suficientes da autoria ou prova da materialidade do fato delitivo e ainda que ele tenha instaurado o inquérito de ofício.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista do TRE/RN, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), dentre outros aspectos relevantes do inquérito policial, foi cobrada justamente a característica da indisponibilidade prevista no art. 17 CPP, da seguinte forma: *"O inquérito policial a) não pode correr em sigilo, devendo ser submetido à publicidade que rege o processo penal. b) não pode ser instaurado por requisição do Ministério Público. c) não pode ser arquivado pela autoridade policial, mesmo se forem insuficientes as provas da autoria do delito. d) é um procedimento que, pela sua natureza, não permite ao indiciado requerer qualquer diligência. e) será encaminhado ao juízo competente desacompanhado dos instrumentos do crime, que serão destruídos na delegacia de origem"*. A resposta correta foi a letra C.

9. **Incomunicabilidade do investigado (art. 21 CPP):** Embora o art. 21 do CPP traga a possibilidade de se decretar a incomunicabilidade do investigado ao longo do inquérito policial, certo é que **essa característica não foi recepcionada pela Constituição Federal**, já que nem no Estado de Defesa, quando inúmeras garantias fundamentais são mitigadas, isso ocorre, conforme preceitua o art. 136, § 3º, IV, da Constituição Federal ("Na vigência do estado de defesa é vedada a incomunicabilidade do preso"). Além disso, se ela ainda fora admitida, não pode ser aceita para o advogado, por força do art. 7º, inciso III, do Estatuto da OAB (Lei nº 8.906/94). Ademais, nem o próprio Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) permite a incomunicabilidade do investigado, nos termos da Lei nº 10.792/03.

Características do inquérito policial
1. Inquisitivo;
2. Inexistência de nulidades;
3. Escrito (art. 9º CPP);
4. Sigiloso (art. 20 CPP);
5. Oficialidade;

Características do inquérito policial
6. Autoritariedade;
7. Oficiosidade;
8. Indisponibilidade (art. 17 CPP);
9. Incomunicabilidade do investigado (art. 21 CPP) - revogada.

7. INÍCIO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 5º, I, II E § 3º, CPP)

As formas de instauração do inquérito policial podem ser extraídas basicamente da leitura do art. 5º do Código de Processo Penal, a saber:

1. **De ofício pela autoridade policial (art. 5º, I, CPP)**: O inquérito policial é instaurado pela autoridade policial que irá presidi-lo, quando toma conhecimento, por conta própria, da prática de um delito. Essa forma de instauração vai ao encontro dos princípios da obrigatoriedade e da oficiosidade da ação penal pública. Diante disso, só se permite a instauração do inquérito de ofício pela autoridade policial se o crime for de ação penal pública incondicionada. Aliás, insta salientar que, tomando conhecimento da prática de crime de ação penal pública incondicionada, por força dos princípios anteriormente aludidos, a autoridade policial tem o dever de instaurar o inquérito policial, sob pena do cometimento do crime de prevaricação (art. 319 do CP).

2. **Por requerimento do ofendido ou de quem tiver qualidade para representá-lo (art. 5º, II, CPP)**: Ocorre quando o próprio ofendido do delito ou quem tenha qualidade para representá-lo requer à autoridade policial a instauração do inquérito policial. Possuem qualidade para representar o ofendido o seu *representante legal* (ascendente, tutor ou curador), no caso de incapacidade daquele; o *curador especial*, se o ofendido for menor de 18 (dezoito) anos, ou mentalmente enfermo, ou retardado mental, e não tiver representante legal, ou colidirem os interesses deste com os daquele; o *cônjuge, ascendente, descendente* ou *irmão* (nesta ordem preferencial), no caso de falecimento ou declaração de ausência do ofendido; ou por *procurador*. O requerimento do ofendido ou de quem tiver qualidade para representá-lo

deverá, sempre que possível, conter os requisitos previstos no art. 5º, § 1º, do CPP (a narração do fato, com todas as circunstâncias; a individualização do indiciado ou seus sinais característicos e as razões de convicção ou de presunção de ser ele o autor da infração, ou os motivos de impossibilidade de o fazer; a nomeação das testemunhas, com indicação de sua profissão e residência). Na hipótese de a autoridade policial indeferir a abertura de inquérito, o prejudicado poderá oferecer **recurso administrativo** dirigido ao **chefe de Polícia** (art. 5º, § 2º, do CPP), que, para uns, é o Delegado-Geral de Polícia e, para outros, o Secretário de Segurança Pública. Segundo entendimento doutrinário (LOPES JR., 2010, p. 273), seria possível também o manejo de mandado de segurança em matéria criminal. Na prática, porém, mais recomendável é que o ofendido encaminhe sua irresignação ao Ministério Público e/ou ao juiz, que poderão requisitar a instauração de inquérito policial ao delegado, o qual, nesse caso, dificilmente poderá negá-la. Ressalte-se, contudo, que o delegado tem o direito de fazer um **juízo de tipicidade** acerca dos fatos. Assim, se entender que o fato é atípico, não está obrigado a acatar o requerimento do ofendido ou de quem tenha legitimidade para representá-lo, não tendo tais pessoas direito líquido e certo a manejar mandado de segurança - é a posição do STJ. No entanto, de acordo com entendimento doutrinário majoritário, o delegado não pode deixar de instaurar o inquérito policial arguindo a aplicação do **princípio da insignificância**, pois este é matéria a ser apreciada privativamente pelo Ministério Público (embora venha ganhando corpo o entendimento de que a autoridade policial, como bacharel em Direito, tem amplas condições de avaliar todos os elementos que integram o fato delitivo, o que inclui, portanto, não apenas a tipicidade formal, mas também a tipicidade material, a antijuridicidade e a culpabilidade). Isso, todavia, não impede que o investigado impetre *habeas corpus* para trancar esse inquérito policial. Autoriza-se a instauração de inquérito policial sob esta modalidade em crime de qualquer espécie de ação penal (pública ou privada).

3. **Por delação de terceiro ou delatio criminis (art. 5º, § 3º, CPP):** É a denominação dada à comunicação feita por qualquer

pessoa do povo ao delegado acerca da ocorrência da infração penal em que caiba ação penal pública incondicionada. É a popular "queixa". Pode ser feita oralmente ou por escrito. Caso a autoridade policial verifique a procedência da informação, mandará instaurar inquérito para apurar oficialmente o acontecimento delitivo. Como regra geral, a delação de terceiro é meramente facultativa. No entanto, há casos excepcionais em que ela se torna obrigatória. É o exemplo do art. 66 da Lei nº 3.688/41, segundo o qual constitui a contravenção penal de *omissão de crime* o ato de deixar de comunicar à autoridade competente crime de ação penal de iniciativa pública incondicionada de que teve conhecimento no exercício de função pública. O inciso II deste dispositivo ainda prevê a punição de quem teve conhecimento, no exercício da medicina ou de outra profissão sanitária, de um crime de ação penal pública incondicionada e cuja comunicação não exponha o cliente a procedimento penal (LOPES JR., 2010, p. 273-274).

4. **Por requisição da autoridade competente (art. 5º, II, CPP):** Ocorre quando é feita requisição por parte do juiz ou do Ministério Público. A requisição, se devidamente legal, implica em exigência do cumprimento da lei, o que, na prática, serve como uma espécie de ordem para a autoridade policial. Também existe na hipótese de requisição do Ministro da Justiça na ação penal pública condicionada a essa requisição, embora, nesse caso, não haja propriamente uma ordem, mas uma simples autorização para o início da persecução criminal.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público de Minas Gerais, em 2013, questionou-se acerca de pontos importantes do início do inquérito policial, principalmente quanto à requisição da autoridade competente, do seguinte modo: *"Em relação ao inquérito policial, assinale a alternativa* **FALSA:** *A) A requisição judicial de instauração é entendida como delatio criminis, em função do sistema acusatório. B) A autoridade policial deverá negar-se a instaurar o inquérito, se for condicionada a ação penal e ausente a condição de procedibilidade. C) A requisição ministerial é inviável, se confirmado o indeferimento de instauração em recurso administrativo ao Chefe de Polícia.*

D) O defensor constituído tem acesso amplo ao documentado no inquérito e que diz respeito ao exercício do direito de defesa.". A resposta da questão foi a letra C.

5. **Pela lavratura do auto de prisão em flagrante delito**: Embora não haja previsão expressa no art. 5º do CPP, entende-se que o inquérito policial poderá ser instaurado também a partir da prisão em flagrante do investigado, nas hipóteses previstas no art. 302 do Código de Processo Penal. Nesse caso, o Auto de Prisão em Flagrante Delito, peça que formaliza a prisão em flagrante, dará início ao inquérito policial.

Início do inquérito policial
1. De ofício pela autoridade policial;
2. Por requerimento do ofendido ou de quem tenha qualidade para representá-lo;
3. Por delação de terceiros (*delatio criminis*);
4. Por requisição da autoridade competente;
5. Pela lavratura do auto de prisão em flagrante delito.

▸ **Observação:**

Nas quatro primeiras situações, o inquérito policial, na prática, é instaurado por meio de Portaria (embora os requerimentos e as representações sejam suficientes para o início do inquérito), ato administrativo praticado pela autoridade policial que irá presidi-lo contendo uma breve narrativa do fato delitivo e, se possível, a identificação do agente investigado. Na última situação, a instauração se dá pelo chamado Auto de Prisão em Flagrante Delito (APFD), que deve preencher os requisitos exigidos pelos artigos 304 a 308 do CPP.

▸ **Atenção:**

Quanto à requisição feita pelo juiz para a instauração de inquérito policial, deve-se relembrar que ela é fruto do contexto em que foi elaborado o Código de Processo Penal, no qual lhe eram conferidos amplos e irrestritos poderes, incluindo o de instauração da ação penal de ofício, nos casos de contravenções, nos termos do art. 531 do CPP, com a sua redação anterior ao advento da Lei nº 11.719/08, constituindo-se hipótese de **processo judicialiforme**. Atualmente, em face do sistema acusatório e da privatividade da ação penal pública por parte do Ministério Público (art. 129, I, CF), não mais é recomendada essa forma de

instauração do inquérito policial. A providência mais adequada é o encaminhamento da notícia do crime ao Ministério Público para que ele tome as providências cabíveis, nos termos do art. 40 do CPP. Justamente por conta disso, a Lei nº 11.719/08 alterou a redação do art. 531 do CPP, extirpando do ordenamento jurídico a existência do processo judicialiforme. Diante disso, entende-se que o art. 26 do CPP, que determina que a ação penal, nas contravenções, será iniciada com o auto de prisão em flagrante ou por meio de portaria expedida pela autoridade judiciária ou policial, foi tacitamente revogado.

8. INSTAURAÇÃO DO INQUÉRITO POLICIAL COM BASE EM DELATIO CRIMINIS ANÔNIMA

A princípio, como a Constituição Federal, no seu art. 5º, inciso IV, veda o anonimato, não seria possível admitir a instauração de um inquérito policial com base tão somente em uma *Delatio Criminis* Anônima ou Delação Apócrifa ou *Notitia Criminis* Inqualificada (a popular "denúncia anônima"), até porque uma instauração de inquérito policial com base em algo inexistente pode ensejar o crime de denunciação caluniosa e se o agente é anônimo não há como processá-lo por esse crime.

É essa a posição do STF (no julgamento do inquérito nº 1.957/PR e na sua Resolução nº 290, de 5/4/2004, art. 4º, inciso II), do STJ (HC nº 95.838/RJ, Rel. Min. Nilson Naves), do Conselho Nacional de Justiça e do Conselho Nacional do Ministério Público, como aponta Paulo Rangel (RANGEL, 2010, p. 749-765), para quem

> *Se houver instauração de qualquer ato de persecução estatal [...], com base em denúncia anônima, todo e qualquer elemento de prova que for colhido, posteriormente, estará contaminado com base na teoria dos frutos da árvore envenenada, adotada, hodiernamente, no Brasil.*
>
> *Eventuais procedimentos, ou processos, instaurados com base em denúncia anônima poderão ser questionados, via ação de* habeas corpus, *ou mandado de segurança [...], a fim de que sejam extintos ou anulados por determinação do Poder Judiciário.*
>
> *Nada obsta que a própria administração pública, de acordo com o princípio da legalidade (art. 37,* caput, *da CR), anule seus próprios atos quando eivados de vícios que os tornem ilegais.*
>
> *A autoridade que instaurar procedimento criminal [...] com base em denúncia anônima, fica sujeita, em tese, aos limites do art. 339 do CP.* (RANGEL, 2010, p. 765).

Entretanto, é preciso ponderar que, com base nos princípios da obrigatoriedade e da oficiosidade, o delegado que tomar conhecimento da prática de um crime sujeito à ação penal pública incondicionada tem o dever de investigar os fatos.

▸ Qual o entendimento do STF sobre o assunto?

O STF já decidiu que a "denúncia anônima", por si só, não serviria para fundamentar a instauração de inquérito policial, mas que, a partir dela, poderia a polícia realizar diligências preliminares para apurar a veracidade das informações obtidas anonimamente e, então, instaurar o procedimento investigatório propriamente dito (Informativo nº 580).

Corroborando com esse entendimento do STF, o TRF da 4ª Região, em 12/12/2016, aprovou a Súmula 128, que prevê: *"É válida a instauração de procedimento investigatório com base em denúncia anônima, quando amparada por outro indício."*.

▸ "Disque-Denúncia" e Lei 13.608/2018:

Ainda quanto à *Delatio Criminis* Anônima, vale a pena registrar a importância do sistema denominado "Disque-Denúncia", oficialmente reconhecido pelo Estado (em sentido lato), para fins de investigação criminal. Nesse sentido, a Lei 13.608/2018 afirma que os Estados são autorizados a estabelecer serviço de recepção de denúncias por telefone ("Disque-Denúncia"), preferencialmente gratuito, que também poderá ser mantido por entidade privada sem fins lucrativos, por meio de convênio (art. 2º). O informante que se identificar terá assegurado, pelo órgão que receber a denúncia, o sigilo dos seus dados (art. 3º). A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no âmbito de suas competências, poderão estabelecer formas de recompensa pelo oferecimento de informações que sejam úteis para a prevenção, a repressão ou a apuração de crimes ou ilícitos administrativos (art. 4º, *caput*). Entre as recompensas a serem estabelecidas, poderá ser instituído o pagamento de valores em espécie (art. 4º, parágrafo único).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, cobrou-se o entendimento do STF acerca da instauração de inquérito policial com base em delação anônima ou apócrifa, da seguinte forma: *"Nos termos do parágrafo terceiro do art. 5.º do CPP: "Qualquer pessoa do povo que tiver conhecimento da existência de infração penal em que caiba ação pública poderá, verbalmente ou por escrito, comunicá-la à autoridade policial, e esta, verificada a procedência das informações, mandará instaurar inquérito policial". Assim, é correto afirmar que: a) - sempre que tomar conhecimento da ocorrência de um*

crime, a autoridade policial deverá, por portaria, instaurar inquérito policial. b) - por delatio criminis entende-se a autorização formal da vítima para que seja instaurado inquérito policial. c) - o inquérito policial será instaurado pela autoridade policial apenas nas hipóteses de ação penal pública. d) - a notícia de um crime, ainda que anônima, pode, por si só, suscitar a instauração de inquérito policial. e) - é inadmissível o anonimato como causa suficiente para a instauração de inquérito policial na modalidade da delatio criminis, entretanto, a autoridade policial poderá investigar os fatos de ofício.". A resposta correta foi a letra E.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de Pernambuco, promovido pelo Cespe, em 2016, dentre outros aspectos relevantes do inquérito policial, voltou-se a questionar acerca da instauração de inquérito policial com base em delação anônima ou apócrifa, nesses termos: *"A respeito do inquérito policial, assinale a opção correta, tendo como referência a doutrina majoritária e o entendimento dos tribunais superiores. A) Por substanciar ato próprio da fase inquisitorial da persecução penal, é possível o indiciamento, pela autoridade policial, após o oferecimento da denúncia, mesmo que esta já tenha sido admitida pelo juízo a quo. B) O acesso aos autos do inquérito policial por advogado do indiciado se estende, sem restrição, a todos os documentos da investigação. C) Em consonância com o dispositivo constitucional que trata da vedação ao anonimato, é vedada a instauração de inquérito policial com base unicamente em denúncia anônima, salvo quando constituírem, elas próprias, o corpo de delito. D) O arquivamento de inquérito policial mediante promoção do MP por ausência de provas impede a reabertura das investigações: a decisão que homologa o arquivamento faz coisa julgada material. E) De acordo com a Lei de Drogas, estando o indiciado preso por crime de tráfico de drogas, o prazo de conclusão do inquérito policial é de noventa dias, prorrogável por igual período desde que imprescindível para as investigações.".* A assertiva correta foi a letra C.

9. INTERFERÊNCIA DA ESPÉCIE DE AÇÃO PENAL NA INSTAURAÇÃO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 5º, §§ 4º E 5º, CPP)

Como é cediço, se a norma penal não estipular o tipo de ação penal a que está sujeito determinado crime, entende-se que ele estará submetido à ação penal pública incondicionada. Nesse caso, o inquérito policial pode ser iniciado por quaisquer das 5 (cinco) formas de instauração deste procedimento abordadas no tópico 7 deste capítulo.

De outro lado, a **ação penal pública condicionada** (à representação do ofendido e à requisição do Ministro da Justiça) e a **ação penal privada** vêm expressas na norma penal. Nessas situações, o

inquérito policial **somente pode ser instaurado por provocação do ofendido ou de quem tiver qualidade para representá-lo ou ainda do Ministro da Justiça**, a depender do caso.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado justamente o modo de início do inquérito policial em crime de ação penal pública condicionada. Nesse sentido, a assertiva *"Nos crimes de ação penal pública condicionada o inquérito policial só poderá ser iniciado com representação* (destacada)" foi considerada correta.

10. *NOTITIA CRIMINIS* OU NOTÍCIA DO CRIME

Notitia criminis (ou notícia do crime) é "a ciência pela autoridade policial da ocorrência de um fato criminoso" (NUCCI, 2008, p. 152), podendo ser:

1. **Direta ou espontânea ou de cognição imediata**: Ocorre quando a própria autoridade policial, investigando, por qualquer meio, toma conhecimento da prática do delito.
2. **Indireta ou provocada ou de cognição mediata**: Ocorre quando o delegado toma conhecimento da prática do delito por meio de provocação de terceiros, a exemplo da vítima ou de quem tenha qualidade para representá-la, do Ministério Público, juiz, Ministro da Justiça ou até por terceiro.

▸ **Observação:**

A prisão em flagrante pode estar inserida nas modalidades de *Notitia Criminis* tanto Direta (se é o próprio delegado ou seus agentes quem realiza a prisão em flagrante) como Indireta (se o flagrante é efetivado por um particular, conforme permitido pelo art. 301 do CPP). Em qualquer hipótese, ela é também tratada pela doutrina como *Notitia Criminis* Coercitiva.

11. INVESTIGAÇÕES CRIMINAIS CONTRA AUTORIDADES COM PRERROGATIVA DE FORO

A autoridade policial não poderá indiciar nem instaurar inquérito policial em face de autoridades que possuam prerrogativa de foro. Nesse caso, deverá ser instaurada a investigação pelo foro por prerrogativa de função. Se o delegado perceber que há participação de agente com foro por prerrogativa de função, deverá remeter os autos ao foro competente. De qualquer forma, o foro competente poderá requisitar investigações por parte da

autoridade policial, mas fiscalizadas por ele e acompanhadas pelo Chefe do Ministério Público.

Assim, se, por exemplo, um Deputado Federal cometer um crime, a investigação criminal será presidida por um Ministro do STF, que, no entanto, poderá requisitar diligências a um Delegado da Polícia Federal.

▸ Qual o entendimento do STJ e do STF sobre o assunto?

Conforme decidido pelo STJ, durante interceptação telefônica deferida em primeiro grau de jurisdição, a captação fortuita de diálogos mantidos por autoridade com prerrogativa de foro não impõe, por si só, a remessa imediata dos autos ao Tribunal competente para processar e julgar a referida autoridade, sem que antes se avalie a idoneidade e a suficiência dos dados colhidos para se firmar o convencimento acerca do possível envolvimento do detentor de prerrogativa de foro com a prática de crime. De fato, uma simples conversa, um encontro casual ou mesmo sinais claros de amizade e contatos frequentes de indivíduo sob investigação com uma autoridade pública não pode, por si só, redundar na conclusão de que esta última participaria do esquema criminoso objeto da investigação. Nem mesmo a referência a favores pessoais, a contatos com terceiros, a negociações suspeitas implica, de per si, a inarredável conclusão de que se está diante de práticas criminosas merecedoras de imediata apuração, notadamente quando um dos interlocutores integra um dos Poderes da República e, portanto, pode ter sua honorabilidade e imagem pública manchadas pela simples notícia de que está sob investigação. Nessa linha intelectiva, a remessa imediata de toda e qualquer investigação em que noticiada a possível prática delitiva de detentor de prerrogativa de foro ao órgão jurisdicional competente não só pode implicar prejuízo à investigação de fatos de particular e notório interesse público, como também representar sobrecarga acentuada aos tribunais, a par de, eventualmente, engendrar prematuras suspeitas sobre pessoa cujas honorabilidade e respeitabilidade perante a opinião pública são determinantes para a continuidade e o êxito de sua carreira. Portanto, é possível afirmar que, tão somente em um claro contexto fático do qual se possa com segurança depreender, a partir dos diálogos dos investigados com pessoa detentora de foro especial, que há indícios concretos de envolvimento dessa pessoa com a prática de crime(s), será imperativo o envio dos elementos de informação ao tribunal competente (Informativo nº 575).

O STF também decidiu nessa mesma direção, consignando que a simples menção a nome de autoridade com prerrogativa de foro – seja em depoimentos prestados por testemunhas ou investigados, seja na captação de diálogos travados por alvos de censura telefônica judicialmente

autorizada –, assim como a existência de informações, até então fluidas e dispersas a seu respeito, são insuficientes para o deslocamento da competência para o juízo hierarquicamente superior. Por conta disso, apontou com acertada a conduta do juízo de primeiro grau em não declinar a competência a este Tribunal, embora tivessem sido captados diálogos que demonstrassem o envolvimento de autoridade com prerrogativa de foro, considerando que não houve a constatação da existência de indícios da participação ativa e concreta do titular da prerrogativa em ilícitos penais (Informativo nº 854).

▸ **Qual o entendimento do STF sobre o assunto?**

Em caso em que os autos do inquérito foram encaminhados ao STF pelo juízo de primeiro grau em razão da presença de um investigado com foro por prerrogativa de função neste Tribunal, a Suprema Corte entendeu que, vislumbrando o titular da ação penal a aparência de práticas criminosas contra indivíduos sem prerrogativa de foro antes desta declinação de competência, é adequado o encaminhamento dos autos originais ao juízo declinante para, se for o caso, o órgão do MP na origem prosseguir na investigação com o aproveitamento dos atos até então praticados (Informativo nº 853).

Nessa linha de intelecção, a Primeira Turma do STF, no julgamento realizado em 12.08.2014, negou seguimento ao Inquérito nº 3305, no qual um Deputado Federal era acusado de fazer parte de quadrilha destinada ao desvio de recursos públicos. A denúncia foi rejeitada em razão de o inquérito ter sido conduzido em primeira instância, mesmo depois da inclusão de parlamentar federal entre os investigados, usurpando a competência do Supremo Tribunal Federal. Conclui-se, pois, que a competência do Tribunal para processar autoridades com prerrogativa de foro inclui a fase de inquérito. Uma vez identificada a participação dessas autoridades, os autos devem ser imediatamente remetidos à Corte.

Posteriormente, em 13/06/2016, em caso bastante emblemático no âmbito da operação Lava Jato, no qual o juiz federal Sérgio Moro permitiu a divulgação de conversa telefônica mantida entre o ex-Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (agente sem prerrogativa de função), e a então Presidente da República, Dilma Rousseff (à época, com prerrogativa de função assegurada no STF), oportunidade em que esta última avisa ao ex-Presidente que enviaria assinado o termo de posse dele como Ministro da Casa Civil "para usar apenas em caso de necessidade". O STF decidiu anular essa gravação, considerando que foi realizada após o término da autorização

proferida pelo mencionado magistrado para captação das conversas telefônicas mantidas por Lula. Com efeito, apontou-se a violação da competência do Pretório Excelso no momento em que o juiz, ao se deparar com possível envolvimento de autoridade com prerrogativa de foro, deixou de encaminhar à Corte o procedimento investigatório para análise do conteúdo interceptado e permitiu a divulgação pública desse mesmo conteúdo (STF, Reclamação nº 23.457/PR).

Ainda no âmbito do STF, em outro caso com grande repercussão nacional, desta feita envolvendo o Governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, alvo de investigação criminal no STJ (foro por prerrogativa de função) – Inquérito nº 1.059/DF –, na Operação Acrônimo, decidiu-se pela validade do seu indiciamento realizado pela Polícia Federal em virtude da suposta prática dos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e ocultação de valores, eis que precedido de autorização do Relator da investigação originária do STJ. Aliás, a Suprema Corte deixou clara a ideia de que é possível o indiciamento por Delegado de Polícia (é ato privativo dele, consoante art. 2º, parágrafo 6º, da Lei nº 12.830/13) de qualquer autoridade detentora de prerrogativa de foro, mediante supervisão judicial do Tribunal competente (ou do Relator da causa). Para isso ocorrer, faz-se necessária também a motivação tanto do indiciamento em si quanto da autorização feita pelo foro por prerrogativa de função (Informativo nº 825).

▸ **Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?**

Em decisão proferida em 11/11/2016, a 5ª Turma do STJ entendeu, em um primeiro momento, que o MP pode investigar autoridades com prerrogativa de foro, por meio de procedimento investigativo criminal (PIC). Em seguida, asseverou que esse procedimento pode ser instaurado pelo *Parquet* independente de autorização judicial. Em conclusão, destacou que, também neste caso, é garantido o controle da legalidade dos atos investigatórios pelo Poder Judiciário. O número desse julgado não foi divulgado pelo STJ em virtude de segredo judicial. Esta decisão contraria entendimento já consolidado no STF, cujo Regimento interno, inclusive, atribui a tal Corte competência para determinar a instauração de inquérito de investigados com foro no Supremo Tribunal Federal, a pedido do Procurador-Geral da República, da autoridade policial ou do ofendido, bem como para supervisioná-lo (STF, RHC 135683).

12. IDENTIFICAÇÃO CRIMINAL (ART. 5º, LVIII, CF, ART. 3º DA LEI Nº 12.037/09 C/C LEI Nº 12.654/12)

Ab initio, esclareça-se que a identificação criminal constitui o gênero, do qual são espécies a identificação datiloscópica e a identificação

fotográfica (LOPES JR., 2010, p. 285). Nesse cenário, a identificação datiloscópica deve ser entendida como a "colheita das impressões digitais do indiciado, objetivando a sua correta identificação, por se tratar de método científico e seguro" (NUCCI, 2008, p. 160).

A esse respeito, em um primeiro momento, deve ser levada em consideração a regra prevista no art. 5º, inciso LVIII, da Constituição Federal, segundo o qual "o civilmente identificado não será submetido à identificação criminal, salvo nas hipóteses previstas em lei".

A lei mencionada pelo dispositivo constitucional é a Lei nº 12.037/09, que revogou a Lei nº 10.054/00, anterior diploma legal da matéria. No que tange à nova lei, vale a pena a leitura, principalmente, dos artigos 2º (que especifica os tipos de documentos que podem ser utilizados para a identificação civil) e 3º (elenca as hipóteses em que é possível a identificação criminal), a seguir transcritos:

> *Art. 2º A identificação civil é atestada por qualquer dos seguintes documentos:*
>
> *I - carteira de identidade;*
>
> *II - carteira de trabalho;*
>
> *III - carteira profissional;*
>
> *IV - passaporte;*
>
> *V - carteira de identificação funcional;*
>
> *VI - outro documento público que permita a identificação do indiciado.*
>
> *Parágrafo único. Para as finalidades desta Lei, equiparam-se aos documentos de identificação civis os documentos de identificação militares.*
>
> *Art. 3º Embora apresentado documento de identificação, poderá ocorrer identificação criminal quando:*
>
> *I - o documento apresentar rasura ou tiver indício de falsificação;*
>
> *II - o documento apresentado for insuficiente para identificar cabalmente o indiciado;*
>
> *III - o indiciado portar documentos de identidade distintos, com informações conflitantes entre si;*
>
> *IV - a identificação criminal for essencial às investigações policiais, segundo despacho da autoridade judiciária competente, que decidirá de ofício ou mediante representação da autoridade policial, do Ministério Público ou da defesa;*

V – constar de registros policiais o uso de outros nomes ou diferentes qualificações;

VI – o estado de conservação ou a distância temporal ou da localidade da expedição do documento apresentado impossibilite a completa identificação dos caracteres essenciais.

Parágrafo único. As cópias dos documentos apresentados deverão ser juntadas aos autos do inquérito, ou outra forma de investigação, ainda que consideradas insuficientes para identificar o indiciado.

De acordo com a Lei nº 12.654/12 ("Lei do Perfil Genético"), na hipótese do inciso IV do art. 3º, a identificação criminal poderá incluir a coleta de material biológico para a obtenção do perfil genético. Essa permissão, no entanto, merece ser lida à luz do princípio da não autoincriminação, daí porque a coleta de material biológico somente ocorrerá se o agente autorizar.

Nessa esteira, conforme o art. 5º-A, *caput*, da Lei nº 12.037/09, acrescido pela referida Lei nº 12.654/12, os dados relacionados à coleta do perfil genético deverão ser armazenados em banco de dados de perfis genéticos, gerenciado por unidade oficial de perícia criminal. As informações genéticas contidas nos bancos de dados de perfis genéticos não poderão revelar traços somáticos ou comportamentais das pessoas, exceto determinação genética de gênero, consoante as normas constitucionais e internacionais sobre direitos humanos, genoma humano e dados genéticos (art. 5º-A, § 1º). Os dados constantes dos bancos de dados de perfis genéticos terão caráter sigiloso, respondendo civil, penal e administrativamente aquele que permitir ou promover sua utilização para fins diversos dos previstos na Lei nº 12.037/09 ou em decisão judicial (art. 5º-A, § 2º). As informações obtidas a partir da coincidência de perfis genéticos deverão ser consignadas em laudo pericial firmado por perito oficial devidamente habilitado (art. 5º-A, § 3º).

Nos termos do art. 7º-A da Lei nº 12.037/09, também com a redação dada pela Lei nº 12.654/12, a exclusão dos perfis genéticos dos bancos de dados ocorrerá no término do prazo estabelecido em lei para a prescrição do delito. A identificação do perfil genético será armazenada em banco de dados sigiloso, conforme regulamento a ser expedido pelo Poder Executivo (art. 7º-B).

A Lei nº 12.654/12 ainda alterou a Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/84), que, no seu art. 9º-A, passou a estatuir o seguinte: "Os condenados por crime praticado, dolosamente, com violência de

natureza grave contra pessoa, ou por qualquer dos crimes previstos no art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, serão submetidos, obrigatoriamente, à identificação do perfil genético, mediante extração de DNA - ácido desoxirribonucleico, por técnica adequada e indolor. § 1º A identificação do perfil genético será armazenada em banco de dados sigiloso, conforme regulamento a ser expedido pelo Poder Executivo. § 2º A autoridade policial, federal ou estadual, poderá requerer ao juiz competente, no caso de inquérito instaurado, o acesso ao banco de dados de identificação do perfil genético".

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ já decidiu que a identificação criminal por meio da coleta de material genético, prevista no art. 9º-A da Lei nº 12.654/12, possível tanto na fase de investigação quanto após condenações por crimes dolosos com grave violência ou hediondos, não ofende a garantia constitucional da não autoincriminação - art. 5º, LXIII, da Carta Magna Federal (STJ, HC nº 407.627).

De outro lado, a Lei nº 9.034/95, no seu art. 5º (à época, de duvidosa constitucionalidade), estabelecia a obrigatoriedade da identificação criminal do indiciado pela prática de crime organizado. No entanto, a Lei nº 12.850/13 não só revogou expressamente a referida lei como também não trouxe em seu corpo qualquer dispositivo a esse respeito.

Por fim, ressalte-se que, segundo o STF, não há constrangimento ilegal na condução coercitiva do indiciado para que seja submetido à identificação datiloscópica em face da sua recusa imotivada.

▸ Aplicação no STF

Súmula nº 568 do STF: "A identificação criminal não constitui constrangimento ilegal, ainda que o indiciado já tenha sido identificado civilmente". Essa Súmula, porém, perdeu a razão de ser com a norma constitucional do art. 5º, LVIII, como já visto anteriormente.

13. DILIGÊNCIAS INVESTIGATÓRIAS (ARTS. 6º E 13 CPP)

O art. 6º do CPP, com a redação dada pela Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, elenca todas as diligências investigatórias que a autoridade policial deverá praticar, logo que tiver conhecimento da prática da infração penal. São estas as diligências previstas no citado dispositivo legal:

I – dirigir-se ao local, providenciando para que não se alterem o estado e conservação das coisas, até a chegada dos peritos criminais;

É providência obrigatória, dada a importância da atuação dos peritos para a elucidação do crime. Desse modo, apenas após essa atuação dos peritos é que os objetos poderão ser apreendidos e o local dos fatos poderá ser alterado. Contudo, a Lei nº 5.970/1973, no seu art. 1º, estatui que "em caso de acidente de trânsito, a autoridade ou agente policial que primeiro tomar conhecimento do fato poderá autorizar, independentemente de exame do local, a imediata remoção das pessoas que tenham sofrido lesão, se estiverem no leito da via pública e prejudicarem o tráfego".

II – apreender os objetos que tiverem relação com o fato, após liberados pelos peritos criminais;

A apreensão dos objetos relacionados à prática do crime encontra-se disciplinada nos artigos 240 a 250 do CPP. Aqueles instrumentos que foram utilizados para o cometimento do delito deverão ser submetidos a exame pericial, com o objetivo de se lhes verificar a natureza e a eficiência, nos termos do art. 175 do CPP. Ademais, segundo posicionamento do STJ, é possível que a autoridade policial realize a apreensão dos objetos ligados à infração penal mesmo antes de instaurado o inquérito policial.

III – colher todas as provas que servirem para o esclarecimento do fato e suas circunstâncias;

A autoridade policial deverá se preocupar em colher todos os elementos de provas que interessem tanto à acusação (autoria e materialidade) como à própria defesa (por exemplo, aqueles que excluam determinadas pessoas inocentes da condição de investigadas).

IV – ouvir o ofendido;

O ofendido, embora seja pessoa naturalmente interessada na solução da causa, pode prestar relevantes informações a respeito dos fatos delitivos, daí porque deve ser ouvido pela autoridade policial. Apesar de não prestar o compromisso de dizer a verdade, ele poderá ser conduzido coercitivamente para prestar depoimento perante a autoridade policial (art. 201, § 1º, do CPP), bem como ser responsabilizado pelo cometimento de crime de denunciação caluniosa (art. 339 do Código Penal), se der causa à instauração do inquérito policial ou do processo contra pessoa sabidamente inocente.

V - ouvir o indiciado, com observância, no que for aplicável, do disposto no Capítulo III do Título VII, deste Livro, devendo o respectivo termo ser assinado por duas testemunhas que lhe tenham ouvido a leitura;

O interrogatório do suspeito deverá seguir o procedimento previsto nos artigos 185 a 196 do CPP (interrogatório judicial), no que for cabível ao inquérito policial. Nesse sentido, impende rememorar que o inciso XXI, alínea "a", do art. 7º do Estatuto da OAB, incluído pela Lei nº 13.245/2016, expressamente confere ao advogado o direito de assistir a seus clientes investigados durante a apuração de infrações, sob pena de "nulidade absoluta" (termo empregado pela lei, embora tecnicamente incorreto, conforme anteriormente explicitado) do respectivo interrogatório ou depoimento e, subsequentemente, de todos os elementos investigatórios e probatórios dele decorrentes ou derivados, direta ou indiretamente, podendo, inclusive, no curso da respectiva apuração, apresentar razões (o que inclui a argumentação e a defesa do seu ponto de vista sobre algo que será decidido pelo delegado ou sobre alguma diligência a ser praticada) e quesitos (o que inclui a formulação de perguntas ao investigado, às testemunhas, ofendido, perito etc). Desse modo, garante-se ao advogado o direito de estar presente ao interrogatório do investigado (e nos demais depoimentos colhidos pela autoridade policial), podendo inclusive formular perguntas. Reprise-se, há aqui um direito e não dever. Portanto, caso o advogado queira participar do interrogatório do seu cliente, terá esse direito. Mas se o investigado não indicar a existência de procurador constituído, o ato será realizado independentemente da presença do defensor, não sendo sequer necessária a nomeação de defensor dativo. É facultado ao delegado indeferir perguntas formuladas pelo advogado, nas situações expostas no art. 212 do CPP, aplicável à matéria por analogia, e com base também no próprio art. 14 do CPP. Certo é que o advogado também tem direito à entrevista prévia com o investigado, podendo orientá-lo. De outro lado, o investigado, nesse momento, já poderá exercer o seu direito constitucional ao silêncio (art. 5º, LXIII, CF). O termo de oitiva do indiciado deverá ser assinado por duas testemunhas, mas o descumprimento desta formalidade enseja apenas mera irregularidade do procedimento. Por fim, registre-se que prevalece na jurisprudência o entendimento de que o investigado poderá ser **conduzido coercitivamente** à presença da autoridade policial independentemente de autorização judicial (RT 482/357), posição esta de duvidosa constitucionalidade, haja vista o direito fundamental ao silêncio (art. 5º, LXIII, CF).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, questionou-se acerca do direito ao silêncio assegurado ao investigado no inquérito policial, com a seguinte redação: *"A respeito do direito ao silêncio do acusado no inquérito policial, é correto afirmar que: a) - não importará em confissão, mas em presunção de culpabilidade. b) - importará em confissão. c) - importará em confissão, exceto se o acusado manifestar o direito constitucional de somente falar em juízo. d) - não importará em confissão, entretanto, poderá constituir elemento para formação do convencimento do juiz em eventual processo penal. e) - não importará em confissão."*. A resposta correta foi a letra E.

VI - proceder a reconhecimento de pessoas e coisas e a acareações;

Quanto ao reconhecimento de pessoas e coisas, deve ser aplicado, no que for cabível ao inquérito policial, o regramento previsto nos artigos 226 a 228 do CPP. Já no que tange às acareações, a sistemática, no que for cabível, é aquela prevista nos artigos 229 e 230 do CPP.

VII - determinar, se for caso, que se proceda a exame de corpo de delito e a quaisquer outras perícias;

Nos termos do art. 158 do CPP, quando o crime deixar vestígios, exige-se a realização do exame de corpo de delito, seja de forma direta, seja de forma indireta, ou seja, por outros meios de prova, geralmente a prova testemunhal, consoante previsto no art. 167 do CPP, não podendo suprir-lhe nem mesmo a confissão do investigado. Em razão desta exigência contida no CPP, entende-se que **a autoridade policial não poderá negar a realização do exame de corpo de delito se o crime deixar vestígios.** Registre-se, por fim, a possibilidade de que a autoridade policial determine a realização de outras perícias.

VIII - ordenar a identificação do indiciado pelo processo datiloscópico, se possível, e fazer juntar aos autos sua folha de antecedentes;

A identificação do indiciado pelo processo datiloscópico já foi abordada em tópico anterior deste capítulo. Quanto à juntada da folha de antecedentes do indiciado, é medida importante para "esclarecer a vida pregressa, identificar eventual reincidência e fornecer os elementos informadores de envolvimento do suspeito em outras infrações" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 93).

IX - averiguar a vida pregressa do indiciado, sob o ponto de vista individual, familiar e social, sua condição econômica, sua atitude e estado de ânimo antes e depois do crime e durante ele, e quaisquer outros elementos que contribuírem para a apreciação do seu temperamento e caráter.

Todas essas condições "vão ajudar a aferir eventual qualificadora, algum privilégio, eventual causa de isenção de pena ou qualquer outra circunstância que venha a interferir na sua fixação" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 93).

▸ **Advogado público federal como investigado:**

Com fincas no art. 38, parágrafo 1º, da Lei nº 13.327/2016, no curso de investigação policial, quando houver indício de prática de infração penal por advogado público federal, a autoridade policial, civil ou militar, comunicará imediatamente o fato ao Advogado-Geral da União.

X - colher informações sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa.

É providência que pretende tutelar a chamada "primeira infância", acrescida pela Lei nº 13.257/2016 (Estatuto da Primeira Infância).

O rol do art. 6º do CPP não é taxativo, até porque o art. 13 do CPP menciona outros atos de incumbência da autoridade policial (alguns deles inclusive no curso da ação penal), quais sejam:

> *I - fornecer às autoridades judiciárias as informações necessárias à instrução e julgamento dos processos;*
>
> *II - realizar as diligências requisitadas pelo juiz ou pelo Ministério Público;*
>
> *III - cumprir os mandados de prisão expedidos pelas autoridades judiciárias;*
>
> *IV - representar acerca da prisão preventiva.*

A Lei nº 13.344/2016 acrescentou ao CPP os arts. 13-A e 13-B, que possuem a seguinte redação:

> *Art. 13-A. Nos crimes previstos nos arts. 148, 149 e 149-A, no § 3º do art. 158 e no art. 159 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e no art. 239 da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o membro do Ministério Público ou o delegado de polícia poderá*

requisitar, de quaisquer órgãos do poder público ou de empresas da iniciativa privada, dados e informações cadastrais da vítima ou de suspeitos.

Parágrafo único. A requisição, que será atendida no prazo de 24 (vinte e quatro) horas, conterá:

I – o nome da autoridade requisitante;

II – o número do inquérito policial; e

III – a identificação da unidade de polícia judiciária responsável pela investigação.

Art. 13-B. Se necessário à prevenção e à repressão dos crimes relacionados ao tráfico de pessoas, o membro do Ministério Público ou o delegado de polícia poderão requisitar, mediante autorização judicial, às empresas prestadoras de serviço de telecomunicações e/ou telemática que disponibilizem imediatamente os meios técnicos adequados – como sinais, informações e outros – que permitam a localização da vítima ou dos suspeitos do delito em curso.

§ 1º Para os efeitos deste artigo, sinal significa posicionamento da estação de cobertura, setorização e intensidade de radiofrequência.

§ 2º Na hipótese de que trata o caput, o sinal:

I – não permitirá acesso ao conteúdo da comunicação de qualquer natureza, que dependerá de autorização judicial, conforme disposto em lei;

II – deverá ser fornecido pela prestadora de telefonia móvel celular por período não superior a 30 (trinta) dias, renovável por uma única vez, por igual período;

III – para períodos superiores àquele de que trata o inciso II, será necessária a apresentação de ordem judicial.

§ 3º Na hipótese prevista neste artigo, o inquérito policial deverá ser instaurado no prazo máximo de 72 (setenta e duas) horas, contado do registro da respectiva ocorrência policial.

§ 4º Não havendo manifestação judicial no prazo de 12 (doze) horas, a autoridade competente requisitará às empresas prestadoras de serviço de telecomunicações e/ou telemática que disponibilizem imediatamente os meios técnicos adequados – como sinais, informações e outros – que permitam a localização da vítima ou dos suspeitos do delito em curso, com imediata comunicação ao juiz.

Ultrapassando os muros do CPP, a Lei nº 13.441/2017 acrescentou os artigos 190-A a 190-E ao Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA

(Lei nº 8.069/1990), disciplinando a **infiltração de agentes de polícia para a investigação de crimes contra a dignidade sexual de criança e de adolescente.** Assim, a infiltração de agentes de polícia na internet com o fim de investigar os crimes previstos nos arts. 240, 241, 241-A, 241-B, 241-C e 241-D do ECA e nos arts. 154-A, 217-A, 218, 218-A, 218-B do Código Penal será precedida de **autorização judicial** (cláusula de reserva de jurisdição) devidamente circunstanciada e fundamentada, que estabelecerá os limites da infiltração para obtenção de prova, ouvido o Ministério Público (art. 190-A, *caput* e inciso I, do ECA).

Esta ordem judicial dar-se-á mediante requerimento do Ministério Público ou representação de delegado de polícia e conterá a demonstração de sua necessidade, o alcance das tarefas dos policiais, os nomes ou apelidos das pessoas investigadas e, quando possível, os dados de conexão ou cadastrais que permitam a identificação dessas pessoas (art.190-A, inciso II, do ECA).

A diligência investigatória não poderá exceder o prazo de 90 (noventa) dias, sem prejuízo de eventuais renovações, desde que o total não exceda a 720 (setecentos e vinte) dias e seja demonstrada sua efetiva necessidade, a critério da autoridade judicial (art.190-A, inciso III, do ECA).

Ademais, a infiltração de agentes de polícia na internet não será admitida se a prova puder ser obtida por outros meios (medida de *extrema* ou *ultima ratio*) - art.190-A, § 3º, do ECA.

As informações da operação de infiltração serão encaminhadas diretamente ao juiz responsável pela autorização da medida, que zelará por seu sigilo (art.190-B, *caput*, do ECA). Antes da conclusão da operação, o acesso aos autos será reservado ao juiz, ao Ministério Público e ao delegado de polícia responsável pela operação, com o objetivo de garantir o sigilo das investigações (art.190-B, parágrafo único, do ECA).

Noutro giro, no âmbito da Lei Maria da Penha, o delegado, na apuração de infrações penais decorrentes de violência doméstica e familiar contra a vítima mulher, deve observar as diligências e cautelas expostas nos arts. 10-A, 12-A e 12-B, § 3º, da própria Lei nº 11.340/2006, acrescidos pela Lei nº 13.505/2017, conforme a seguir transcrito:

> *Art. 10-A. É direito da mulher em situação de violência doméstica e familiar o atendimento policial e pericial especializado, ininterrupto e prestado por servidores - preferencialmente do sexo feminino - previamente capacitados.*

§ 1º A inquirição de mulher em situação de violência doméstica e familiar ou de testemunha de violência doméstica, quando se tratar de crime contra a mulher, obedecerá às seguintes diretrizes:

I – salvaguarda da integridade física, psíquica e emocional da depoente, considerada a sua condição peculiar de pessoa em situação de violência doméstica e familiar;

II – garantia de que, em nenhuma hipótese, a mulher em situação de violência doméstica e familiar, familiares e testemunhas terão contato direto com investigados ou suspeitos e pessoas a eles relacionadas;

III – não revitimização da depoente, evitando sucessivas inquirições sobre o mesmo fato nos âmbitos criminal, cível e administrativo, bem como questionamentos sobre a vida privada.

§ 2º Na inquirição de mulher em situação de violência doméstica e familiar ou de testemunha de delitos de que trata esta Lei, adotar-se-á, preferencialmente, o seguinte procedimento:

I – a inquirição será feita em recinto especialmente projetado para esse fim, o qual conterá os equipamentos próprios e adequados à idade da mulher em situação de violência doméstica e familiar ou testemunha e ao tipo e à gravidade da violência sofrida;

II – quando for o caso, a inquirição será intermediada por profissional especializado em violência doméstica e familiar designado pela autoridade judiciária ou policial;

III – o depoimento será registrado em meio eletrônico ou magnético, devendo a degravação e a mídia integrar o inquérito.

Art. 12-A. Os Estados e o Distrito Federal, na formulação de suas políticas e planos de atendimento à mulher em situação de violência doméstica e familiar, darão prioridade, no âmbito da Polícia Civil, à criação de Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams), de Núcleos Investigativos de Feminicídio e de equipes especializadas para o atendimento e a investigação das violências graves contra a mulher.

Art. 12-B. (VETADO).

§ 1º (VETADO).

§ 2º (VETADO.

§ 3º A autoridade policial poderá requisitar os serviços públicos necessários à defesa da mulher em situação de violência doméstica e familiar e de seus dependentes.

14. REPRODUÇÃO SIMULADA DOS FATOS OU RECONSTITUIÇÃO DO CRIME (ART. 7º CPP)

Para verificar a possibilidade de haver a infração sido praticada de determinado modo, a autoridade policial poderá proceder à reprodução simulada dos fatos. **É vedada, porém, a reconstituição que ofenda a moralidade ou a ordem pública**, como no caso de um crime contra a dignidade sexual violento ou de uma chacina quando a população ainda está em grande estado de revolta.

Ressalte-se que o investigado não está obrigado a dela participar, pois ninguém pode ser compelido a produzir prova contra si mesmo, segundo posição do STF. O STF também tem posição no sentido de que o investigado sequer está obrigado a comparecer ao local da reprodução simulada dos fatos, não cabendo, pois, condução coercitiva (RHC nº 64354). Ainda com base em entendimento do STF, a simples ausência do investigado a esta diligência, por si só, não permite a decretação da sua prisão preventiva.

Nesta diligência, poderá haver a participação do investigado (se quiser), da vítima e de outros agentes, acompanhada pelo advogado do investigado (que não tem direito de interferir no ato) e pelo Ministério Público.

15. PRAZO PARA CONCLUSÃO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 10, *CAPUT* E § 3º, CPP)

Se o inquérito policial tramitar perante a **Justiça Estadual**, em se tratando de **investigado solto**, ele deve ser concluído em **30 (trinta) dias**, mas se o **fato for de difícil elucidação**, será possível que a autoridade policial requeira ao magistrado a **dilação deste prazo**, que poderá ser concedida ou não, após a oitiva do Ministério Público (mesmo sem previsão expressa no CPP acerca desta oitiva, ela é obrigatória, pois o *Parquet* é o titular da ação penal pública). Frise-se que não há restrições legais para o número de dilações e para o novo prazo a ser concedido.

É de se registrar que, sendo o Ministério Público o titular da ação penal pública (art. 129, inciso I, CF), no âmbito do sistema acusatório, não deveria o juiz participar de dilação de prazo de conclusão do inquérito policial. *De lege ferenda*, tal providência deveria ser atribuída apenas ao Ministério Público, já que o juiz somente deve atuar na fase de investigação criminal em proteção aos direitos e garantias fundamentais do cidadão.

Se, porém, o **investigado está preso**, o **prazo é de 10 (dez) dias, não podendo ser dilatado.** Se há necessidade de novas diligências, deverá o juiz relaxar a prisão do investigado por excesso de prazo para que elas sejam efetuadas. Para contornar esse excesso de prazo sem que o investigado seja solto, o Ministério Público pode oferecer denúncia e pedir a formação de autos suplementares de inquérito, nos quais as investigações prosseguirão.

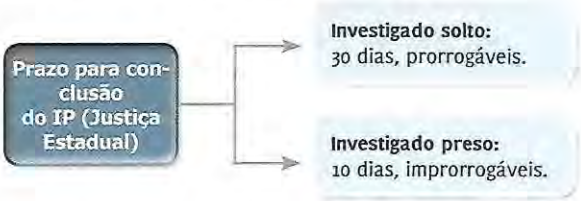

Esclareça-se que se for decretada a **prisão temporária** do investigado, o prazo do inquérito continuará sendo de 10 (dez) dias, pois, em regra, o prazo da custódia temporária é de 5 (cinco) dias, prorrogáveis por mais 5 (cinco). Contudo, se estiver em jogo a investigação de crime hediondo, o prazo para a prisão temporária será de 30 (trinta) dias, prorrogáveis por mais 30 (trinta), passando a ser este o prazo também para a conclusão do inquérito policial (e não 10 dias), conforme leciona Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 165-166).

Nesse trilhar é que Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar asseveram que o prazo de duração da prisão temporária deverá ser somado ao prazo de conclusão do inquérito policial, se o investigado estiver preso. Assim, por exemplo, "se o indiciado está solto numa investigação por crime hediondo, e a autoridade policial, após 20 dias de investigação, representa pela temporária, em sendo a mesma decretada, o delegado ganha mais 30 dias para concluir o inquérito, que estará encerrado no tempo máximo de 50 dias. Se houver prorrogação, somando-se mais 30 dias, vamos a 80 dias" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 492). Se, porém, a autoridade policial encerrar as investigações antes do fim do prazo para a prisão temporária, em regra, o indivíduo deverá ser colocado em liberdade, salvo se o juiz decretar a sua prisão preventiva (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 492-493).

A jurisprudência tem admitido que haja prorrogação do prazo de conclusão do inquérito policial do investigado preso se não houver prejuízo ao mesmo, no sentido de que a soma do prazo para conclusão do inquérito (10 dias) com o prazo para oferecimento da

denúncia (5 dias) não tenha ultrapassado 15 (quinze) dias. Assim, por exemplo, se o inquérito policial foi concluído em 12 (doze) dias, mas a denúncia foi oferecida em 2 (dois) dias, não haveria prejuízo para o investigado, não sendo caso de relaxamento da prisão. Este posicionamento, porém, não encontra guarida na doutrina, que afirma que tal critério implicaria em desrespeito ao prazo fixado em lei e prejuízo ao investigado (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 81).

Quanto ao modo de **contagem do prazo** para conclusão do inquérito policial, segundo a doutrina majoritária, o prazo deve ser contado como se prazo processual fosse, nos termos do art. 798, § 1º, do CPP (excluindo o dia do início e incluindo o dia do final; mas se o último dia do prazo for feriado ou final de semana, prorroga-se para o próximo dia útil, por força do art. 798, § 3º, do CPP). Havendo motivo de força maior (exemplo: greve dos servidores, acidente, obra urgente etc), deve haver uma prorrogação na contagem do prazo para o primeiro dia útil, conforme previsto no art. 798, § 4º, do CPP.

Contudo, muito pertinente é a lembrança feita por Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 164-165), no sentido de que, estando o investigado preso, envolvendo-se, pois, o direito de liberdade, a norma que versa sobre prazo para conclusão do inquérito policial é norma processual penal mista ou material, daí porque deve haver a contagem do prazo de acordo com a contagem do prazo penal indicado no art. 10 do Código Penal, incluindo o dia do início (da prisão) e excluindo o dia do final. Por conta disso, se a prisão em flagrante ocorreu em dia não útil, o inquérito deverá ser imediatamente iniciado, assim como se o último dia do prazo for dia não útil não haverá qualquer prorrogação, devendo a autoridade policial providenciar a remessa dos autos ao Judiciário antes do marco final, tudo isso considerando a existência de sistema de plantão nas delegacias de polícia.

Há, porém, prazos previstos na legislação especial:

1. **Inquérito policial que tramita perante a Justiça Federal (art. 66 da Lei nº 5.010/66)**: 15 (quinze) dias em se tratando de investigado preso, podendo ser prorrogado por mais 15 (quinze) dias, mediante expressa autorização judicial. Se o investigado estiver solto, o prazo é o regular de 30 (trinta) dias, permitindo prorrogações, por expressa autorização judicial.
2. **Lei de Tóxicos (art. 51, *caput* e parágrafo único, da Lei nº 11.343/06)**: 30 (trinta) dias para investigado preso e 90

(noventa) dias para investigado solto. Esses prazos podem ser duplicados pelo juiz, ouvindo-se previamente o Ministério Público, mediante pedido justificado da autoridade policial.

3. **Crimes contra a economia popular (art. 10, §§ 1º e 2º, da Lei nº 1.521/51)**: prazo de 10 (dez) dias, esteja o investigado preso ou solto, não cabendo prorrogação.

4. **Inquérito militar (art. 20, *caput* e § 1º, CPPM)**: prazos de 20 (vinte) dias se o investigado estiver preso e 40 (quarenta) dias se estiver solto, podendo o prazo para conclusão do inquérito de investigado solto ser prorrogado por mais 20 (vinte) dias pela autoridade militar superior, desde que não estejam concluídos exames ou perícias já iniciados, ou haja necessidade de diligências indispensáveis à elucidação do fato; se o investigado estiver preso, não pode ocorrer essa prorrogação.

Prazos especiais para conclusão do IP	
Inquérito policial perante a Justiça Federal	15 dias, se o investigado estiver preso, duplicável; 30 dias, se o investigado estiver solto, prorrogáveis;
Lei de Tóxicos	30 dias, se o investigado estiver preso, duplicável; 90 dias, se o investigado estiver solto, duplicável;
Crimes contra a economia popular	10 dias, estando o investigado preso ou solto, improrrogáveis;
Inquérito militar	20 dias se o investigado estiver preso, improrrogável; 40 dias se o investigado estiver solto, prorrogáveis por 20 dias.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLIX concurso do MP/MG, em 2010, foram cobrados aspectos relevantes do inquérito policial, nesses termos: "*De conformidade com a disciplina do Código de Processo Penal quanto ao inquérito policial, assinale a alternativa* **INCORRETA.** *A) Não se observa o contraditório no inquérito, mas deve ficar assegurado ao cidadão o direito à ampla defesa com a assistência de advogado. B) Recebidos os autos do inquérito, o Ministério Público poderá requerer diligências, mesmo que o indiciado tenha sido preso em flagrante delito. C) O exame de insanidade mental do indiciado poderá ser determinado na fase de inquérito mediante representação da autoridade policial ao juiz competente. D) Nos crimes de ação privada, a*

autoridade policial somente poderá proceder a inquérito a requerimento de quem tenha qualidade para intentá-la. E) Se o réu estiver solto, o inquérito policial deverá terminar no prazo de trinta dias; se estiver preso em flagrante, em dez dias". A assertiva incorreta é a de letra A.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012, foi cobrado o prazo para conclusão do inquérito policial para crimes previstos na Lei de Tóxicos (Lei nº 11.343/06), conforme a seguir transcrito: *"Nos crimes definidos na Lei n.º 11.343/06, o inquérito será concluído em 30 (trinta) dias se o réu estiver preso e em 60 (sessenta) dias se estiver solto".* A assertiva foi considerada incorreta.

16. RELATÓRIO FINAL E INDICIAMENTO (ART. 10, §§ 1º E 2º, CPP)

A autoridade policial, ao final do inquérito, deve relatar tudo quanto apurado nas investigações (art. 10, § 1º, do CPP), como forma de prestação de contas do Estado-investigação à sociedade. Neste relatório, a autoridade policial poderá indicar testemunhas que não tiverem sido inquiridas, mencionando o lugar onde possam ser encontradas (art. 10, § 2º, do CPP).

Ao longo do relatório, o delegado não deve proferir qualquer **juízo de valor**, exceto nos crimes regulados pela Lei nº 11.343/06, segundo a qual, no relatório, deve a autoridade policial justificar as razões que levaram à classificação do delito (art. 52). A falta do relatório, porém, enseja apenas mera irregularidade, respondendo o delegado por falta funcional.

É possível ainda que a autoridade policial, no relatório final, proceda ao **indiciamento** do investigado (embora, em tese, este ato possa ser realizado antes desse momento, a exemplo do que ocorre na prisão em flagrante, com a entrega da nota de culpa ao agente delitivo, nas prisões preventiva e temporária, com a entrega de cópia do mandado de prisão, ou no interrogatório policial, se o autor dos fatos estiver em liberdade). Entende-se como indiciamento a comunicação formal feita pelo Estado ao investigado de que, a partir daquele momento, ele passa a ser o principal suspeito da prática do crime, motivo pelo qual o foco das investigações volta-se ao mesmo.

Todo indiciamento gera um natural constrangimento à pessoa, afinal de contas constará contra ela, na sua folha de antecedentes,

tal ato, ainda que o inquérito seja arquivado. Por conta disso, o indiciamento não é ato discricionário do delegado, que somente pode procedê-lo se presentes **indícios suficientes de autoria e prova da materialidade delitiva.**

Nessa linha de intelecção, sintomática é a redação da novel Lei nº 12.830/13, que, no seu art. 2º, parágrafo 6º, assevera que "O indiciamento, privativo do delegado de polícia, dar-se-á por ato fundamentado, mediante análise técnico-jurídica do fato, que deverá indicar a autoria, materialidade e suas circunstâncias".

Também de acordo com o dispositivo legal acima transcrito, o indiciamento é ato privativo da autoridade policial, não podendo ser dirigida a esta autoridade requisição expedida pelo juiz ou pelo Ministério Público determinando a realização de tal ato. Contudo, o indiciamento não vincula a atuação do *Parquet*, que poderá, por exemplo, promover o arquivamento do inquérito policial. Aliás, não só o indiciamento, mas também o próprio relatório final como um todo não vincula as atuações do Ministério Público (que possui a *opinio delicti*) e do magistrado (que possui plena independência para julgar).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, questionou-se acerca de eventual interferência do relatório final juntado ao inquérito policial pelo delegado nas atuações do Ministério Público e do magistrado, do seguinte modo: *"O minucioso relatório policial que encerra determinado inquérito conclui pela ocorrência do crime de estelionato praticado por "X".*

O promotor de justiça, entretanto, com base nas descrições contidas no referido documento, denuncia "X" pela prática do crime de furto mediante fraude. Ao receber a peça acusatória, o magistrado: a) - deverá, em juízo preliminar, modificar a classificação jurídica do crime feita na denúncia, a fim de que fique em consonância com o relatório policial, sob pena de inépcia da denúncia. b) - poderá, em juízo preliminar, modificar a classificação jurídica do crime feita no relatório policial, a fim de que fique em consonância com a denúncia, sob pena de nulidade da sentença. c) - poderá devolver os autos ao delegado de polícia responsável, caso entenda que a classificação do crime deva ser retificada. d) - se não a rejeitar preliminarmente, deverá recebê-la e ordenar a citação do réu "X" para responder à acusação por crime de furto mediante fraude. e) - deverá devolver os autos ao delegado de polícia responsável pelo relatório, a fim de que seja feita a retificação da classificação do crime, sob pena de inépcia da denúncia.". A resposta correta foi a letra D.

Nessa esteira, impende noticiar que o STF já decidiu que o juiz não pode determinar, depois de aberta ação penal, o indiciamento formal de um dos réus. Ao determinar o indiciamento, o juiz assumiria função inerente à investigação, o que não integraria suas funções jurisdicionais e violaria o próprio sistema acusatório. Além disso, a partir do momento em que a denúncia é recebida pelo Judiciário, o suspeito passa a ser réu em ação penal e deixa de ser suspeito. Isso revela incompatibilidade entre o ato de recebimento da denúncia, que já pressupõe a existência de indícios mínimos de autoria, e a posterior determinação de indiciamento, ato que atribui a alguém no curso do inquérito a suposta autoria delitiva e que visa a subsidiar o oferecimento da peça acusatória. (STF, HC nº 115.015).

O STJ também seguiu essa postura ao decidir que o magistrado não pode requisitar o indiciamento em investigação criminal, pois, na inteligência do art. 2º, parágrafo 6º, da Lei nº 12.830/13, tal ato constitui atribuição exclusiva da autoridade policial (Informativo nº 552).

Em havendo o indiciamento do investigado, a autoridade policial deverá indicar objetivamente o tipo penal em que se encontra incurso o agente delitivo (classificação do crime). Embora igualmente a classificação do crime não vincule a atuação do Ministério Público (nem do magistrado), ela é de extrema importância, pois produz relevantes efeitos práticos: favorece o conhecimento dos procedimentos adotados pelo condutor do inquérito; reflete na concessão ou não da fiança e no valor dela; interfere no estabelecimento inicial da competência (se foro central ou regional, por exemplo); interfere na necessidade ou não de exame complementar, em caso de lesão corporal grave etc.

No caso de crimes envolvendo tóxicos, a classificação do delito torna-se ainda mais relevante, afinal de contas, no crime de uso de entorpecentes, não cabe qualquer modalidade de prisão (cautelar ou definitiva) e o procedimento, em regra, é o do Juizado Especial Criminal, ao passo que no crime de tráfico de entorpecentes cabe qualquer modalidade de prisão (cautelar ou definitiva), não se permite a liberdade provisória (art. 44 da Lei nº 11.343/06, embora este dispositivo legal tenha sido declarado inconstitucional pelo STF no julgamento do HC nº 104339/SP) e o procedimento é o especial da Lei de Tóxicos (Lei nº 11.343/06). Justamente por conta de tudo isso é que, como já afirmado, no relatório, deve a autoridade policial justificar as razões que levaram à classificação do delito (art. 52 da Lei nº 11.343/06).

Em havendo qualquer **ilegalidade** no indiciamento, o prejudicado poderá se valer do *habeas corpus* para solicitar o **desindiciamento** e até mesmo o trancamento do inquérito policial (o que é medida excepcional). Aliás, o desindiciamento pode ser feito pelo próprio delegado, sem necessidade de provocação, no transcurso do procedimento ou no próprio relatório final, se concluir que a pessoa indiciada não está vinculada ao fato.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Agente da Polícia Federal, em 2009, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada a possibilidade de a autoridade policial, no relatório final do inquérito policial, indicar testemunhas que não tiverem sido inquiridas. Nesse sentido, a assertiva *"O término do inquérito policial é caracterizado pela elaboração de um relatório e por sua juntada pela autoridade policial responsável, que não pode, nesse relatório, indicar testemunhas que não tiverem sido inquiridas"* (destacada) foi considerada incorreta.

17. DESTINO DO INQUÉRITO POLICIAL (ARTS. 11, 19 E 23 CPP)

Após ser concluído e devidamente relatado, o inquérito policial deve ser remetido ao juízo criminal competente. Se o delito estiver sujeito a ação penal privada, os autos, em regra, igualmente são encaminhados ao juízo competente, onde ficam aguardando a iniciativa do ofendido ou de seu representante legal, mas podem ser também entregues a ele, se o pedir, mediante traslado (art. 19 do CPP).

Ademais, em qualquer situação, a autoridade policial deve oficiar o Instituto de Identificação e Estatística ou repartição congênere, mencionando-se o juízo a que tiverem sido distribuídos os autos e os dados relativos à infração penal e à pessoa do indiciado (art. 23 do CPP).

Além disso, frise-se que devem acompanhar os autos do inquérito os instrumentos do crime (objetos ou aparelhos usados pelo agente para cometer a infração penal, como armas, documentos falsos, cheques adulterados, facas etc) e os objetos de prova (objetos que possuam utilidade para demonstrar ao juiz a realidade do ocorrido, como livros contábeis, computadores, carro do indiciado ou da vítima contendo vestígios de violência etc), para que fiquem à disposição das partes, possibilitando inclusive o requerimento de realização de contraprova (art. 11 do CPP).

▸ Trâmite direto do inquérito policial entre Polícia Judiciária e Ministério Público:

Não obstante o CPP aponte o juízo criminal competente como o destinatário do inquérito policial, o qual, por sua vez, via de regra, remeterá os autos ao Ministério Público, certo é que a Resolução nº 63/2009 do Conselho da Justiça Federal (CJF) prevê a tramitação direta de inquéritos policiais entre a Polícia Federal e o Ministério Público Federal. Tal medida visa celeridade, eficiência e otimização dos procedimentos. A esse respeito, o STJ já decidiu que a portaria editada por Juiz Federal que, com fundamento nesta Resolução, estabelece esta tramitação direta não é ilegal (STJ, Informativo nº 574). No âmbito do STF, a referida Resolução do CJF é objeto da ADI 4.305, ainda não julgada. De outro lado, o próprio STF já decidiu, na ADI 2.886, ser inconstitucional lei estadual do Rio de Janeiro que determinava a tramitação direta do inquérito policial entre o Ministério Público e a Polícia Judiciária, por entender padecer a legislação de vício formal. Ainda na esfera estadual, merece registro, a título de ilustração, o caso do Estado de Minas Gerais, no qual foi assinado, em 13/03/2017, um Termo de Provimento Conjunto entre o Tribunal de Justiça, o Ministério Público e a Polícia Civil para a tramitação direta de inquéritos entre esses dois últimos órgãos, sendo que sua adoção se dará, em um primeiro momento, como projeto-piloto em algumas comarcas do Estado.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Procurador do Município de Belo Horizonte/MG, promovido pelo Cebraspe/Cespe, em 2017, cobrou-se o entendimento do STJ alhures mencionado a respeito do trâmite direto do inquérito policial entre Polícia Judiciária e Ministério Público, conforme assertiva adiante transcrita: *"Com base no entendimento do STJ, assinale a opção correta. [...] É ilegal portaria que, editada por juiz federal, estabelece a tramitação direta de inquérito policial entre a Polícia Federal e o MPF."*. A alternativa foi considerada incorreta.

18. INQUÉRITO COMO BASE DA DENÚNCIA OU QUEIXA E SUA DISPENSABILIDADE (ART. 12 CPP)

O inquérito policial serve para preencher a justa causa da ação penal. Por isso, quando ele preenche esse requisito, deve acompanhar a denúncia ou queixa. Mas se há outros elementos que preencham esse requisito (sindicâncias, processos administrativos, inquéritos militares, inquéritos parlamentares, incidentes processuais, investigação criminal do Ministério Público etc), ele é **dispensável**.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista Judiciário do TRE/ES, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada a dispensabilidade do inquérito policial e a exigência de preenchimento de justa causa para o início da ação penal. Nesse sentido, a assertiva *"O inquérito policial não é indispensável à propositura de ação penal, mas denúncia desacompanhada de um mínimo de prova do fato e da autoria é denúncia sem justa causa"* foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista do TRF1, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), dentre outros aspectos relevantes sobre a prova pericial, foi questionada a possibilidade de indicação de assistente técnico pelas partes. Nesse trilhar, afirmou-se o seguinte: *"Quanto ao exame de corpo de delito e às perícias em geral, de acordo com o Código de Processo Penal: a) Os exames de corpo de delito serão feitos por dois peritos oficiais. b) Se a infração deixar vestígios, a ausência do exame de corpo de delito pode ser suprida pela confissão do acusado. c) Ao assistente de acusação, ao ofendido, ao querelante e ao acusado é facultada a indicação de assistente técnico. d) Os peritos não oficiais ficarão dispensados de compromisso se forem especialistas na matéria objeto da perícia e tiverem prestado compromisso em entidade de classe. e) O laudo pericial será elaborado no prazo máximo de cinco dias, podendo este prazo ser prorrogado por igual período, a requerimento do Ministério Público."*. A resposta correta foi a letra C.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista do TRF1, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), dentre outros aspectos relevantes do inquérito policial, voltou a ser cobrada a dispensabilidade deste procedimento. Nesse trilhar, afirmou-se o seguinte: *"O inquérito policial a) poderá ser arquivado por determinação da autoridade policial, desde que através de despacho fundamentado. b) pode ser presidido pelo escrivão de polícia, desde que as diligências realizadas sejam acompanhadas pelo Ministério Público. c) não exige forma especial, é inquisitivo e pode não ser escrito, em decorrência do princípio da oralidade. d) será remetido a juízo sem os instrumentos do crime, os quais serão devolvidos ao indiciado. e) não é obrigatório para instruir a ação penal pública que poderá ser instaurada com base em peças de informação."*. A resposta correta foi a letra E.

19. DISCRICIONARIEDADE DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 14 CPP)

Nos termos do art. 14 do CPP, o requerimento para produção de provas feito pelo ofendido, seu representante legal ou até mesmo

pelo indiciado pode ser indeferido pela autoridade policial sob a simples alegação de que a diligência não é recomendável para o andamento das investigações, afinal de contas vige no inquérito policial o princípio da **discricionariedade**.

Reforçando essa ideia, a novel Lei nº 12.830, em seu art. 2º, parágrafo 2º, estatui que "Durante a investigação criminal, cabe ao delegado de polícia a requisição de perícia, informações, documentos e dados que interessem à apuração dos fatos".

De se relembrar, porém, que o requerimento de realização de **exame de corpo de delito**, se o crime deixar vestígios, não pode ser indeferido pela autoridade policial, afinal de contas o art. 158 do CPP exige a sua confecção para a demonstração da materialidade do crime desta natureza.

▸ **Aplicação em concurso público:**
No concurso de Agente da Polícia Federal, em 2009, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada a discricionariedade do inquérito policial. Nesse sentido, a assertiva *"No inquérito policial, o ofendido, ou seu representante legal, e o indiciado poderão requerer qualquer diligência, que será realizada, ou não, a juízo da autoridade"* (destacada) foi considerada correta.

20. CURADOR (ART. 15 CPP)

Quando o Código de Processo Penal foi promulgado, em 1941, a figura do curador existia nos interrogatórios policial e judicial como forma de proteger o investigado menor de 21 (vinte e um) anos de idade e maior de 18 (dezoito), dada a sua imaturidade à época presumida, afinal de contas, embora ele fosse maior na órbita penal, não era maior na seara civil.

Entretanto, com a redução da maioridade civil para 18 (dezoito) anos feita pelo Código Civil de 2002, a presença do curador no processo penal perdeu o seu sentido. Nesse contexto, a Lei nº 10.792/03 revogou o art. 194 do CPP, eliminando a presença do curador no interrogatório judicial. Embora não revogado expressamente, por uma interpretação sistemática e analógica, entende-se que o **art. 15 do CPP também foi revogado (tacitamente)**. Assim, não há mais a necessidade de a autoridade policial nomear curador ao investigado maior de 18 (dezoito) anos e menor de 21 (vinte e um) anos de idade. A figura do curador somente persiste para agentes inimputáveis ou semi-imputáveis, que atuará notadamente no incidente de insanidade mental (art. 149, § 2º, do CPP), por nomeação

do juiz, seja na fase do inquérito policial (art. 149, § 1º, do CPP), seja na fase da ação penal.

▸ **Aplicação em concurso público:**
No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, em 2011, foi cobrada, de forma implícita, a desnecessidade de atuação do curador no interrogatório policial, que, desse modo, somente passa a ter atuação no incidente de insanidade mental. Assim, questionou-se: *"Assinale a alternativa CORRETA. Há necessidade de curador no Processo Penal A) no interrogatório judicial. B) no interrogatório do inquérito policial. C) no incidente de sanidade mental. D) no oferecimento de queixa-crime."*. A resposta correta foi a letra C.

21. NOVAS DILIGÊNCIAS REQUERIDAS PELO MINISTÉRIO PÚBLICO (ARTS. 16 E 47 CPP)

O Ministério Público somente pode pedir ao juiz a devolução dos autos do inquérito policial à Delegacia de Polícia se houver a necessidade da prática de **diligências imprescindíveis ao oferecimento da denúncia**, nos termos do art. 16 do CPP. Se isso ocorre, não pode o magistrado indeferir o requerimento formulado pelo Ministério Público, sob pena de recurso de **correição parcial**.

▸ **Aplicação em concurso público:**
No concurso de Delegado de Polícia do Estado do Paraná, em 2013, UEL, cobrou-se exatamente a redação do art. 16 do CPP, da seguinte forma: *"Com relação ao inquérito policial, segundo o Código de Processo Penal, assinale a alternativa correta. A) A polícia judiciária será exercida pelas autoridades policiais em todo o território nacional, independente de circunscrição, com o fim de apurar as infrações penais e sua autoria. B) Na legislação processual penal, é inaplicável a interpretação extensiva e analógica, bem como o suplemento dos princípios gerais do direito. C) O inquérito deverá terminar no prazo de trinta dias, se o indiciado tiver sido preso em flagrante, ou estiver preso preventivamente, contado o prazo a partir do dia da prisão. D) O Ministério Público não poderá requerer a devolução do inquérito à autoridade policial, senão para novas diligências, imprescindíveis ao oferecimento da denúncia. E) O ofendido, ou seu representante legal, poderá requerer qualquer diligência, a qual será realizada obrigatoriamente, considerados os princípios do contraditório e da ampla defesa."*. A resposta da questão foi a letra D.

A regra do art. 16 do CPP deve ser complementada pelo art. 47 do CPP, segundo o qual se o Ministério Público julgar necessários maiores esclarecimentos e documentos complementares ou

novos elementos de convicção, **deverá requisitá-los, diretamente,** de quaisquer autoridades ou funcionários que devam ou possam fornecê-los.

22. ARQUIVAMENTO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 17 CPP)

Se **esgotadas todas as diligências cabíveis** (em não havendo esse esgotamento, é caso de remessa dos autos à Delegacia de Polícia para a realização de novas diligências, consoante o art. 16 do CPP), percebendo o órgão do **Ministério Público** (e apenas ele, nunca a autoridade policial – art. 17 do CPP) que **não há indícios suficientes de autoria e/ou prova da materialidade delitiva,** ou, em outras palavras, em sendo caso de futura rejeição da denúncia (art. 395 do CPP) ou de absolvição sumária (397 do CPP), deverá ser formulado ao juiz pedido de arquivamento do inquérito policial.

Nesse trilhar, ressalte-se que, em um primeiro momento, o STF possuía o entendimento de que não seria possível o arquivamento do inquérito policial com base na existência manifesta de causa excludente da ilicitude do fato (art. 397, I, CPP) ou de causa excludente de culpabilidade (art. 397, II, CPP), pois seria muito prematuro afirmar, ainda em fase de investigações, a existência de tais excludentes, sendo mais recomendável o oferecimento da ação penal para que a instrução processual esclareça se realmente as mesmas estão presentes (STF, 1ª Turma, HC nº 79359/RJ, Rel. Min. Ilmar Galvão, DJ 8/10/1999, p. 39). Todavia, em um segundo momento, o STF alterou o seu entendimento, atendendo assim a antigo reclamo da doutrina, passando a permitir o arquivamento do inquérito policial com base na existência de causas excludentes da ilicitude ou da culpabilidade, embora se autorize o desarquivamento do procedimento em caso de surgimento de novas provas (STF, 1ª Turma, HC nº 95211/ES, Rel. Min. Cármen Lúcia, DJ 22/8/2011, p. 169; mais recentemente, HC 87395/PR, Rel. Min. Ricardo Lewandowski, j. 23/3/2017 – Informativo 858).

Noticie-se, contudo, que o STJ, em decisão proferida em 25.11.2014, entendeu que a decisão de arquivamento do inquérito policial reconhecendo a existência de excludentes de ilicitude faria coisa julgada material, impedindo o desarquivamento da investigação. Assim, a permissão legal contida no art. 18 do CPP, e pertinente Súmula 524/STF, de desarquivamento do inquérito pelo surgimento de provas novas, somente teria incidência quando o fundamento

daquele arquivamento foi a insuficiência probatória - indícios de autoria e prova do crime. A decisão que faz juízo de mérito do caso penal, reconhecendo atipicidade, extinção da punibilidade, ou excludentes da ilicitude, exige certeza juridical - sem esta, a prova de crime com autor indicado geraria a continuidade da persecução criminal - que, por tal, possui efeitos de coisa julgada material, ainda que contida em acolhimento a pleito ministerial de arquivamento das peças investigatórias. Portanto, promovido o arquivamento do inquérito policial pelo reconhecimento de legítima defesa, a coisa julgada material impediria a rediscussão do caso penal em qualquer novo feito criminal, descabendo perquirir a existência de novas provas (STJ, 6ª Turma, REsp nº 791.471/RJ, Rel. Min. Nefi Cordeiro, DJe 16/12/2014).

Ademais, no que tange à causa extintiva de punibilidade, esclareça-se que mais prudente do que determinar o arquivamento do inquérito policial é o juiz reconhecer expressamente a extinção da punibilidade.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, em 2011, dentre outros aspectos relevantes do inquérito policial, foram cobradas hipóteses de arquivamento deste procedi- mento. Assim, afirmou-se: *"Quanto ao inquérito policial e ao procedimento investigatório criminal, é CORRETO afirmar que A) o pedido de arquivamento rejeitado é irrecorrível e é insusceptível de controle interno do Ministério Público. B) o pedido de arquivamento pode dar-se na ausência das condições da ação ou de justa causa. C) o pedido imotivado de desarquivamento é o instrumento para viabilizar a realização de novas diligências. D) o pedido de desarquivamento sujeita-se à impugnação através de recurso dirigido ao Chefe de Polícia."*. A resposta correta foi a letra B.

De outro lado, é certo que o pedido de arquivamento do inquérito policial deve ser sempre expresso, não sendo admissível, pois, o chamado **arquivamento implícito ou tácito.**

A respeito do **arquivamento implícito ou tácito**, convém destacar que ele consiste na espécie de arquivamento em que, havendo vários investigados ou vários crimes, o Promotor de Justiça promove o arquivamento do inquérito policial ou oferece denúncia apenas em face de alguns deles, não se manifestando sobre a exclusão dos demais. Há duas espécies de arquivamento implícito ou tácito,

quais sejam, o *objetivo* (arquivamento relacionado a fato delitivo) e o *subjetivo* (arquivamento relacionado a agente delitivo).

O arquivamento implícito ou tácito perfectibiliza-se com a omissão do juiz a respeito do fato e/ou agente delitivo, no momento do recebimento da denúncia. Entretanto, como já afirmado alhures, **a jurisprudência majoritária não admite a figura do arquivamento implícito do inquérito policial**, por falta de previsão legal. Caso o Promotor de Justiça não se manifeste sobre determinados fatos ou agentes do crime quando do arquivamento do inquérito ou do oferecimento da denúncia, deve o juiz determinar o retorno dos autos ao Ministério Público para que haja manifestação expressa a esse respeito. Em persistindo o silêncio do órgão ministerial, o juiz deverá aplicar analogicamente o disposto no art. 28 do CPP. Conclui-se, portanto, que *não há o arquivamento implícito ou tácito*, sendo o arquivamento do inquérito policial sempre expresso.

▸ **Observação:**

Não há que se falar em arquivamento de inquérito policial em crime de ação penal privada - para esta espécie de ação penal, se a vítima não deseja prosseguir com a persecução criminal, basta que, no prazo decadencial de 6 (seis) meses, permaneça inerte, o que provoca a extinção da punibilidade do investigado (art. 107, inciso IV, CP). No entanto, caso ela faça requerimento expresso de arquivamento do inquérito, entende-se que está se operando a renúncia ao direito de queixa, o que igualmente enseja a extinção da punibilidade do agente delitivo (art. 107, inciso V, CP).

23. CONTROLE DO ARQUIVAMENTO DO INQUÉRITO POLICIAL E DE PEÇAS DE INFORMAÇÃO (ART. 28 CPP)

O juiz, em uma **atuação administrativa, anômala**, pode agir como **fiscal dos princípios da obrigatoriedade e da indisponibilidade da ação penal**, discordando do pedido de arquivamento do inquérito policial formulado pelo Ministério Público Estadual. Nesse caso, na **Justiça Estadual**, ele deverá remeter os autos ao **Procurador-Geral de Justiça** - há aqui aplicação do chamado **princípio da devolução**, pois a causa é devolvida ao âmbito do Ministério Público.

No entanto, na hipótese de o inquérito tramitar perante a **Justiça Federal**, se o juiz discordar do pedido formulado pelo Ministério Público Federal, remeterá os autos às **Câmaras de Coordenação e**

Revisão do Ministério Público Federal, por força do art. 62, inciso IV, da Lei Complementar nº 75/93 (Lei Orgânica do Ministério Público da União).

Em ambos os casos, se o órgão superior do Ministério Público concorda com o agente ministerial que requereu o arquivamento do inquérito, haverá necessariamente tal arquivamento, estando o juiz obrigado a acolher esse posicionamento, afinal de contas é o *Parquet* o titular da ação penal pública, sendo sua, portanto, a última palavra em matéria de arquivamento.

Mas se o órgão superior concordar com o juiz, há 3 (três) caminhos que podem ser seguidos: I - pode ser determinada a realização de novas diligências, nos termos do art. 16 do CPP; II - o próprio órgão superior pode oferecer denúncia (o que, na prática, é raro); III - o órgão superior pode designar novo membro do Ministério Público para oferecer denúncia (na prática, mais comum).

Na última situação acima apontada, o novo membro do Ministério Público age por delegação (*longa manus*), motivo pelo qual ele não pode se negar a oferecer a denúncia, sob pena de violação funcional, não havendo qualquer violação ao princípio do promotor natural (haveria apenas se o Procurador-Geral de Justiça obrigasse o primeiro membro do Ministério Público a oferecer a denúncia; a vontade deste último, portanto, foi respeitada, em atendimento ao princípio constitucional da independência funcional, conforme posição do STJ). Todavia, impende registrar a posição respeitável, embora minoritária, de Marcellus Polastri Lima, para quem essa delegação é inconstitucional, eis que violadora do princípio constitucional da independência funcional dos membros do Ministério Público (LIMA, 2010, p. 727-748).

Em qualquer caso, jamais poderá o juiz determinar o arquivamento do inquérito policial de ofício, sem requerimento do Ministério Público, sob pena de oferecimento de **correição parcial**. O mesmo remédio pode ser oferecido se o juiz discordar do pedido de arquivamento formulado pelo *Parquet* e determinar o encaminhamento dos autos à Delegacia de Polícia para a realização de novas diligências.

Certo é que, conforme julgado pela Corte Especial do STJ, na ação penal pública incondicionada, a vítima não tem direito líquido e certo de impedir o arquivamento do inquérito ou das peças de

informação. Claro que se a vítima ou qualquer outra pessoa trouxer novas informações que justifiquem a reabertura do inquérito, pode a autoridade policial proceder a novas investigações, nos termos do art. 18 do CPP. Nada obsta, ademais, que, surgindo novos elementos aptos a ensejar a persecução criminal, sejam tomadas as providências cabíveis pelo órgão ministerial, inclusive com a abertura de investigação e o oferecimento de denúncia (Informativo nº 565).

▸ **Atenção:**

De lege ferenda, deveria o controle do arquivamento do inquérito policial ficar no âmbito exclusivamente interno do Ministério Público, já que é ele o titular da ação penal pública, não sendo, portanto, recomendável a atuação do magistrado nesta fase, sob pena de violação do sistema acusatório. É esse inclusive o posicionamento da doutrina mais abalizada, a exemplo de Marcellus Polastri Lima (LIMA, 2010, p. 727-748).

▸ **Observação:**

Em regra, não há recurso contra a decisão judicial de arquivamento do inquérito policial. Entretanto, nos **crimes contra a economia popular ou contra a saúde pública**, haverá o **recurso de ofício**, nos termos do art. 7º da Lei nº 1.521/51. Ademais, o art. 6º, parágrafo único, da Lei nº 1.508/51 prevê o oferecimento de **recurso em sentido estrito** contra a decisão de arquivamento da representação dirigida por qualquer do povo ao Ministério Público nas **contravenções do jogo do bicho e de aposta de corrida de cavalos fora do hipódromo** (artigos 58 e 60 do Decreto-lei nº 6.259/44), embora a doutrina afirme que tal dispositivo legal não foi recepcionado pela Constituição Federal, já que, em sendo a ação penal pública privativa do Ministério Público (art. 129, inciso I, CF), requerendo o membro do *Parquet* o arquivamento, não haveria a possibilidade de que terceira pessoa recorresse. Nesse sentido, Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 99).

▸ **Arquivamento originário**

Nos casos de competência originária, como é o próprio Procurador-Geral de Justiça quem formula o pedido de arquivamento do inquérito policial ou peças de informação, não há aplicação da sistemática prevista no art. 28 do CPP estando, pois, o Tribunal obrigado a homologar este arquivamento (é o chamado **arquivamento originário**). No entanto, eventual legítimo interessado poderá formular requerimento de revisão do arquivamento do inquérito ou de peças de informação promovido pelo Procurador-Geral de Justiça, nos termos da Lei Orgânica, requerimento este a ser apreciado por um órgão interno do Ministério Público, qual seja, o **Colégio de Procuradores de Justiça**, consoante o art. 12, inciso XI, da Lei nº 8.625/93 Na esfera federal, neste mesmo trilhar,

a Corte Especial do STJ já decidiu que se é membro do MPF, atuando no próprio STJ, quem requer o arquivamento do inquérito policial ou quaisquer peças de informação que tramitem originariamente perante esse Tribunal Superior, este, ainda que considere improcedentes as razões invocadas, deverá determinar o arquivamento solicitado, sem a possibilidade de remessa para o Procurador-Geral da República, não se aplicando o art. 28 do CPP. Isso porque a jurisprudência do STJ é no sentido de que os membros do MPF atuam por delegação do Procurador-Geral da República na instância especial. Assim, em decorrência do sistema acusatório, nos casos em que o titular da ação penal se manifesta pelo arquivamento de inquérito policial ou de peças de informação, não há alternativa, senão acolher o pedido e determinar o arquivamento. Nesse passo, não há falar em aplicação do art. 28 do CPP nos procedimentos de competência originária do STJ (STJ, Informativo nº 558).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado do Mato Grosso, promovido pelo Cebraspe/Cespe, em 2017, cobrou-se aspecto relevante a respeito do arquivamento originário, de acordo com entendimento da jurisprudência, consoante assertiva adiante transcrita: *"O requerimento de arquivamento do inquérito policial formulado pelo MP [...]não está sujeito a controle jurisdicional nos casos de competência originária do STF ou do STJ."*. A alternativa foi considerada correta.

▸ **Aplicação no STF:**

Súmula nº 696 do STF: "Reunidos os pressupostos legais permissivos da suspensão condicional do processo, mas se recusando o Promotor de Justiça a propô-la, o juiz, dissentindo, remeterá a questão ao Procurador-Geral, aplicando-se por analogia o art. 28 do Código de Processo Penal".

24. ARQUIVAMENTO INDIRETO

Essa modalidade de arquivamento ocorre no caso de o juízo perante o qual atue o órgão do Ministério Público que requereu o arquivamento do inquérito ser incompetente para processar e julgar futura ação penal envolvendo o crime ali tratado. Nessa hipótese, não tendo o órgão do Ministério Público atribuições para atuar no feito, deverá requerer a remessa dos autos ao juízo competente, onde atuará o Promotor com atribuições para o caso. Assim, haverá arquivamento apenas em relação ao juízo originário (no juízo derivado, o inquérito continuará tramitando normalmente), arquivamento, pois, indireto.

É o caso, por exemplo, de um Promotor de Justiça que atue perante o Tribunal do Júri receber autos de inquérito policial versando sobre crime de latrocínio, que não é da competência de tal juízo (Súmula nº 603 do STF), motivo pelo qual requer o envio dos autos à Vara Criminal comum - nesta situação, houve arquivamento indireto do inquérito policial quanto ao Tribunal do Júri.

Registre-se que se o juízo originário discordar do Promotor e se julgar competente, deverá invocar, por analogia, o disposto no art. 28 do CPP, remetendo os autos ao Procurador-Geral de Justiça. Nesse sentido, se o Procurador-Geral de Justiça concorda com o juiz, designa novo membro do *Parquet* para o oferecimento da denúncia. Se, porém, discorda e o juiz ainda assim não remete os autos ao juízo competente, deverá providenciar cópia dos autos para provocar o juízo competente. Nessa situação, se o novo juiz também se julgar competente, haverá a suscitação do conflito de competência.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado da Bahia, realizado em 2015, foram cobrados aspectos do arquivamento indireto e também do arquivamento implícito do inquérito policial, da seguinte forma: *"No dia 12 de janeiro de 2015, o promotor de Justiça de determinada comarca da Bahia recebeu um inquérito policial em que constavam Josélio e Perênio como indiciados pela prática dos crimes de estupro de vulnerável e tentativa de homicídio qualificado. No último dia do prazo, o referido promotor de Justiça ofereceu denúncia contra Josélio e lhe imputou aqueles crimes, mas, sem expressa justificativa, não incluiu em sua denúncia o indiciado Perênio. Por sua vez, o juiz, ao receber a peça acusatória, manteve-se silente quanto à omissão do promotor de Justiça. Em relação à situação acima descrita, assinale a alternativa CORRETA: a) Quanto ao indiciado Perênio, houve o arquivamento implícito do inquérito policial, o que tem sido aceito pela jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça e do Supremo Tribunal Federal. b) Trata-se de hipótese de arquivamento indireto do inquérito policial, conforme a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal. c) A atuação do promotor de Justiça ensejou o denominado arquivamento implícito objetivo do inquérito policial. d) O artigo 28 do Código de Processo Penal autoriza a figura do arquivamento implícito do inquérito policial, que, diferentemente do requerimento expresso de arquivamento, permite o aditamento à denúncia pelo promotor de Justiça nos crimes de ação penal pública. e) Todas as alternativas anteriores estão incorretas."*A resposta à questão foi a letra E .

25. ARQUIVAMENTO PROVISÓRIO

Ocorre na hipótese de ausência de uma condição de procedibilidade, como no caso de representação da vítima nos crimes de ação penal pública condicionada a essa representação. Se a vítima se retrata antes do oferecimento da denúncia (art. 25 do CPP), caberá o arquivamento, que perdurará até que ela se arrependa e volte a representar. Se ultrapassado o prazo para tanto (6 meses contados a partir da descoberta da autoria do delito - art. 38 do CPP) e a vítima não representa, o arquivamento se torna definitivo.

26. TRANCAMENTO DO INQUÉRITO POLICIAL

É possível o trancamento do inquérito policial, por meio de *habeas corpus*, se a investigação é absolutamente infundada, abusiva, não indica o menor indício de prova da autoria ou da materialidade, ainda mais se há o indiciamento do investigado, que não se apaga, mesmo com o arquivamento do citado procedimento investigatório. Ocorre geralmente nas situações que envolvem fatos manifestamente atípicos.

A esse respeito, o STF tem posicionamento consolidado no sentido de que é possível o trancamento do inquérito policial por meio de *habeas corpus* quando, **de modo flagrante, e que não demande o exame aprofundado dos elementos probatórios**, ficar evidenciada a **atipicidade da conduta**, a **extinção da punibilidade** ou a **ausência de elementos indiciários demonstrativos de autoria e prova da materialidade**, ou seja, **falta de justa causa para a ação penal** (Informativo nº 576). O STJ segue idêntico posicionamento (Informativo nº 427).

Entretanto, a hipótese de trancamento das investigações deve ser sempre excepcional, uma vez que investigar não significa necessariamente processar, não exigindo, pois, justa causa e provas suficientes para tanto. Desse modo, coíbe-se apenas o abuso, nunca a atividade regular da polícia judiciária.

Hipóteses de trancamento do IP por meio de *habeas corpus*
1. Atipicidade da conduta;
2. Causa de extinção da punibilidade;
3. Ausência de justa causa para a ação penal.

27. DESARQUIVAMENTO DO INQUÉRITO POLICIAL (ART. 18 CPP E SÚMULA 524 STF)

A decisão de arquivamento do inquérito **não gera coisa julgada material**, podendo ser revista a qualquer tempo, desde que haja **provas novas**, ou seja, não conhecidas anteriormente, as quais permitem, portanto, o seu **desarquivamento**. Destarte, trata-se de uma decisão submetida à cláusula *rebus sic stantibus*, persistindo enquanto não surgirem novas provas. Nesse sentido é o teor da Súmula nº 524 do STF: "Arquivado o inquérito policial, por despacho do juiz, a requerimento do Promotor de Justiça, não pode a ação penal ser iniciada, sem novas provas".

▸ **Qual o entendimento do STF sobre o assunto?**

De acordo com o art. 18 do CPP, após o arquivamento do inquérito por falta de provas, poder-se-ia proceder a novas pesquisas se de outras provas houvesse notícia. Interpretando esse dispositivo legal, o STF esclareceu que a reabertura da investigação não poderia decorrer da simples mudança de opinião ou reavaliação da situação. Seria indispensável que houvesse novas provas ou, ao menos, novas linhas de investigação em perspectiva. Não seria possível, ademais, a reabertura de investigações para aprofundar linhas investigativas já disponíveis para exploração anterior (Informativo nº 815).

Entretanto, segundo **posição do STF**, se o arquivamento ocorre por **atipicidade do fato, há a coisa julgada material, não sendo possível o desarquivamento**. Ainda nesta hipótese, haverá a formação da coisa julgada material mesmo que o arquivamento do inquérito tenha sido promovido por juízo absolutamente incompetente, de acordo com entendimento também do STF (Informativo nº 439).

Relembre-se ainda, conforme já registrado no item 22 deste capítulo, que o STJ, em decisão proferida em 25.11.2014, entendeu que a decisão de arquivamento do inquérito policial reconhecendo a existência de excludentes de ilicitude faria coisa julgada material, impedindo o desarquivamento da investigação. Assim, a permissão legal contida no art. 18 do CPP, e pertinente Súmula 524/STF, de desarquivamento do inquérito pelo surgimento de provas novas, somente teria incidência quando o fundamento daquele arquivamento foi a insuficiência probatória – indícios de autoria e prova do crime. A decisão que faz juízo de mérito do caso penal, reconhecendo atipicidade, extinção da punibilidade, ou excludentes da ilicitude, exige certeza juridical – sem esta, a

prova de crime com autor indicado geraria a continuidade da persecução criminal - que, por tal, possui efeitos de coisa julgada material, ainda que contida em acolhimento a pleito ministerial de arquivamento das peças investigatórias. Portanto, promovido o arquivamento do inquérito policial pelo reconhecimento de legítima defesa, a coisa julgada material impediria a rediscussão do caso penal em qualquer novo feito criminal, descabendo perquirir a existência de novas provas (STJ, 6ª Turma, REsp nº 791.471/RJ, Rel. Min. Nefi Cordeiro, DJe 16/12/2014).

Já o STF (1ª Turma, HC nº 95211/ES, Rel. Min. Cármen Lúcia, DJ 22/8/2011, p. 169), inclusive em julgado mais recente (HC 87395/PR, Rel. Min. Ricardo Lewandowski, j. 23/3/2017 - Informativo 858), não reconhece a formação de coisa julgada material na decisão de arquivamento do inquérito policial com fundamento em causa excludente de ilicitude, permitindo-se, pois, o desarquivamento deste procedimento na hipótese de surgimento de novas provas.

Ademais, no que tange à causa extintiva de punibilidade, advirta-se que mais prudente do que determinar o arquivamento do inquérito policial é o juiz reconhecer expressamente a extinção da punibilidade.

Esclareça-se que o **desarquivamento** do inquérito policial é ato privativo do Ministério Público, não necessitando de autorização judicial para tanto. Ele ocorre quando, surgindo provas novas (Súmula nº 524 STF), o *Parquet* oferece denúncia (ou seja, o ato de oferecimento da denúncia implica automaticamente no desarquivamento do inquérito).

Nesse sentido, é claro que, para obtenção dessas novas provas, a autoridade policial pode continuar realizando investigações, mesmo com o arquivamento do inquérito, o que fica cristalino com a redação do art. 18 do CPP: "Depois de ordenado o arquivamento do inquérito pela autoridade judiciária, por falta de base para a denúncia, a autoridade policial poderá proceder a novas pesquisas, se de outras provas tiver notícia".

Noutro giro, noticie-se que, consoante posicionamento do STF, o particular, a exemplo da vítima do crime, não possui legitimidade para impugnar a decisão judicial de arquivamento do inquérito policial (Pet 4173 AgR/MG).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Agente da Polícia Federal, em 2009, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado justamente a possibilidade de desarquivamento do inquérito policial. Nesse sentido, a assertiva *"Depois de ordenado o arquivamento do inquérito pela autoridade judiciária, por falta de base para a denúncia, a autoridade policial não poderá proceder a novas pesquisas se de outras provas tiver notícia, salvo com expressa autorização judicial"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça de Pernambuco, em 2013, promovido pela Fundação Carlos Chagas, cobrou-se exatamente a redação do art. 18 do CPP, da seguinte forma: *"Em relação ao inquérito policial, é correto afirmar que A) depois de ordenado seu arquivamento pela autoridade judiciária, por falta de base para a denúncia, a autoridade policial poderá proceder a novas pesquisas, se de outras provas tiver notícia. B) nos crimes de ação penal privada, a autoridade policial pode iniciar o inquérito policial mediante notícia de crime formulada por qualquer do povo. C) a autoridade policial poderá mandar arquivar autos de inquérito, quando se convencer acerca da atipicidade da conduta investigada. D) uma vez relatado o inquérito policial, não poderá ser devolvido à autoridade policial, a requerimento do Ministério Público. E) o sigilo total do inquérito policial pode ser oposto ao indiciado, de acordo com entendimento sumulado do Supremo Tribunal Federal."*. A resposta da questão foi a letra A.

28. "COMPETÊNCIA" EM INQUÉRITO POLICIAL (ART. 22 CPP)

Por não ser processo, o inquérito policial não obedece as regras de competência processual. Para a autoridade policial, fala-se não em competência, mas sim em **atribuição**, sendo que a delimitação territorial na qual ela exerce as suas atribuições é conhecida como **circunscrição**.

Quanto ao critério **territorial**, a circunscrição é determinada pelo local da consumação do delito.

Há ainda o critério **material** de fixação da atribuição, que diz respeito, em um primeiro momento, à divisão de atribuições entre a polícia federal (tem a atribuição de investigar, em regra, crimes de competência da Justiça Federal, de acordo com art. 144, § 1º, CF) e a polícia civil (tem a atribuição residual de investigar crimes que não sejam da competência da Justiça Federal e que não sejam militares) e, em um segundo momento, dentro da polícia civil, às delegacias especializadas (exemplos: furto e roubo, homicídios, entorpecentes etc).

Quanto à atribuição da polícia federal em específico, convém esclarecer que todos os crimes de competência da Justiça Federal são investigados por esta instituição (art. 144, §1º, CF), mas nem todos os crimes apurados por tal polícia são julgados por um juízo federal. É o que se constata da leitura do art. 1º da Lei nº 10.446/2002 (que dispõe sobre infrações penais de repercussão interestadual ou internacional que exigem repressão uniforme, para os fins do disposto no inciso I do §1º do art. 144 da Constituição), a exemplo do seu inciso VI, acrescido pela Lei nº 13.124/2015, que prevê que a polícia federal deverá realizar a investigação dos crimes de furto, roubo ou dano contra instituições financeiras, incluindo agências bancárias ou caixas eletrônicos, quando houver indícios da atuação de associação criminosa em mais de um Estado da Federação.

Também há o critério **em razão da pessoa**, considerando-se a pessoa da vítima, o que permite, por exemplo, delegacias de proteção à mulher, ao turista, ao idoso etc.

Em virtude de o inquérito policial não se submeter às regras de competência do processo penal, o art. 22 do CPP afirma que não necessariamente a autoridade da circunscrição onde ocorreu o crime é a que deve investigar o fato - a autoridade "providenciará, até que compareça a autoridade competente, sobre qualquer fato que ocorra em sua presença, noutra circunscrição" (se o contrário ocorre na prática, deve valer apenas internamente, para fins de organização administrativa dos trabalhos).

Não obstante, se o inquérito policial tramita violando os critérios acima expostos, embora não vicie a futura ação penal, pode ser trancado por meio do *habeas corpus*, em face da manifesta irregularidade. Nesse sentido é o posicionamento de Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar (2009, p. 79).

Ademais, de acordo com o teor do art. 2º, § 4º, da Lei nº 12.830/13, "O inquérito policial ou outro procedimento previsto em lei em curso somente poderá ser avocado ou redistribuído por superior hierárquico, mediante despacho fundamentado, por motivo de interesse público ou nas hipóteses de inobservância dos procedimentos previstos em regulamento da corporação que prejudique a eficácia da investigação".

Por fim, ainda com espeque no art. 22 do CPP, frise-se que a prática de um ato investigatório em outra circunscrição independe de precatória e requisição - a autoridade "poderá, nos inquéritos a que esteja procedendo, ordenar diligências em circunscrição de outra, independentemente de precatórias ou requisições".

29. TERMO CIRCUNSTANCIADO DE OCORRÊNCIA (ART. 69, CAPUT, DA LEI Nº 9.099/95)

Em havendo prática de infração penal de pequeno potencial ofensivo, a autoridade policial deverá proceder ao termo circunstanciado de ocorrência (TCO) e não ao inquérito policial, embora, caso instaure este último, não provoque qualquer futuro vício à ação penal. Aliás, há casos, inclusive, em que se recomenda a feitura do inquérito, como ocorre se um crime for de alta complexidade, ou se não for conhecido o autor da infração penal ou ainda se houver conexão ou continência com crime que comporte inquérito policial.

O termo circunstanciado de ocorrência é uma "investigação simplificada, com o resumo das declarações das pessoas envolvidas e das testemunhas, e eventualmente com a juntada de exame de corpo de delito para os crimes que deixam vestígios. Objetiva-se, como se infere, coligir elementos que atestem autoria e materialidade delitiva, ainda que de forma sintetizada" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 644). Ademais, o delegado, nos autos do TCO, "tomará o compromisso do autuado de comparecer ao juizado especial em dia e horário designados previamente" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 644). Com a conclusão do TCO, o delegado o remete ao Juizado Especial Criminal.

▸ Aplicação em concurso público:

No LII concurso de Promotor de Justiça Substituto do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pelo MPMG, foram cobrados diversos aspectos relevantes do inquérito policial, nesses termos: "*Assinale a alternativa* **CORRETA**. *Sobre o inquérito policial, é possível dizer que:* **A)** *O interrogatório deve ser feito na presença de advogado, sendo possível a condução do investigado que não comparece.* **B)** *A confissão mediante tortura obtida no inquérito é nula e invalida a ratificação da confissão obtida em juízo.* **C)** *É obrigatório o exame de corpo de delito quando houver vestígios, admitindo-se o assistente técnico a partir de sua admissão pelo juiz.* **D)** *A autoridade policial poderá declarar-se suspeita de ofício, sendo inadmissível a oposição de exceção*". A assertiva tida como correta foi a letra D.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, promovido pela EJEF (Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes), em 2014, foram novamente questionados diversos aspectos relevantes do inquérito policial, a saber: "*Em relação ao inquérito policial, analise as seguintes afirmativas e assinale com V as verdadeiras*

e com F as falsas. ( ) As partes poderão, no curso do inquérito policial, opor exceção de suspeição da autoridade policial, nas mesmas situações previstas no Código de Processo Penal em relação ao Juiz. ( ) A decisão que determina o arquivamento do inquérito policial não gera, em regra, coisa julgada material. ( ) É vedado ao juiz, ao discordar do pedido de arquivamento de inquérito policial formulado pelo Promotor de Justiça, determinar que a autoridade policial proceda a novas diligências. ( ) O despacho da autoridade policial que indefere o requerimento de abertura de inquérito é irrecorrível. Assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA. a) F V F V. b) V F V F. c) F V V F. d) F V V V.". A alternativa correta foi a letra C.

Capítulo VII

Ação penal

1. CONCEITO, NATUREZA JURÍDICA E FUNDAMENTO CONSTITUCIONAL

Segundo Guilherme de Souza Nucci, a ação penal "É o direito do Estado-acusação ou do ofendido de ingressar em juízo, solicitando a prestação jurisdicional, representada pela aplicação das normas de direito penal ao caso concreto" (NUCCI, 2008, p. 183).

Em essência, de acordo com entendimento doutrinário prevalecente, a ação penal possui a **natureza jurídica de um direito público, subjetivo, abstrato, autônomo e instrumental**. Público porque ela é exercida contra o Estado. Subjetivo porque o seu titular é sempre determinado, seja o Ministério Público, seja a vítima. Abstrato porque ela independe do resultado do processo penal – "Mesmo que a demanda seja julgada improcedente, o direito de ação terá sido exercido" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 119). Autônomo porque ela independe do direito material, é preexistente ao direito de punir. E instrumental porque a ação penal é meio para se permitir o exercício do direito de punir.

Direito de ação

É direito público, subjetivo, abstrato, autônomo e instrumental.

Verifica-se que a ação penal tem fundamento constitucional, constituindo-se em direito fundamental, pois o art. 5º, inciso XXXV, da Carta Magna Federal estatui que "a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça a direito", o que consagra o princípio da *inafastabilidade da jurisdição*, sendo que a jurisdição deve ser provocada justamente por intermédio do direito de ação.

Nesse sentido, como a jurisdição, enquanto poder de dizer o direito no caso concreto, é monopólio do Estado, não se admite, em regra, que o particular promova a autodefesa (cabível

excepcionalmente nos casos em que o Estado não pode estar presente, como nas hipóteses de legítima defesa e de estado de necessidade) e a autocomposição (as hipóteses de composição civil dos danos e de transação penal previstas, respectivamente, nos artigos 74 e 76 da Lei nº 9.099/95, embora impliquem em acordo entre as partes envolvidas, somente passam a operar efeitos a partir da intervenção do Estado, por meio da homologação judicial de tal ajuste).

Ademais, o art. 5º, inciso LIX, da Constituição Federal admite a ação penal privada subsidiária da pública, que também está ligada à ideia de inafastabilidade da jurisdição.

2. ESPÉCIES (ART. 100 CP E ART. 24, *CAPUT*, CPP)

O critério adotado para se definir a espécie de ação penal é o da **titularidade do exercício da ação penal**, consoante o art. 100 do Código Penal, repetido no art. 24, *caput*, do Código de Processo Penal.

Nesse sentido, a regra é a ação penal pública, cujo titular privativo é o Ministério Público (art. 129, inciso I, CF e art. 257, inciso I, CPP), e a exceção a ação penal privada, cujo titular é o ofendido ou seu representante legal, desde que haja previsão legal expressa a esse respeito (art. 100, *caput*, CP).

Dentre as ações penais públicas, a regra é a ação penal pública incondicionada (independe de qualquer autorização do ofendido ou de outro órgão estatal para que seja iniciada), as exceções, se autorizadas por lei, a ação penal pública condicionada à representação do ofendido e a ação penal pública condicionada à requisição do Ministro da Justiça (art. 100, § 1º, CP).

Assim, se não houver qualquer menção, no tipo penal, à espécie de ação penal, entende-se que o crime está submetido a ação penal pública incondicionada. De outro lado, para que o crime esteja submetido a ação penal privada, o tipo penal deve estipular expressamente que tal delito "somente se procede mediante queixa". Na mesma linha de raciocínio, a ação penal somente será pública condicionada à representação do ofendido se o tipo penal informar que o crime "somente se procede mediante representação". E o crime ficará sujeito a ação penal pública condicionada à requisição do Ministro da Justiça se o tipo penal asseverar que o mesmo "procede-se mediante requisição do Ministro da Justiça".

3. CASOS ESPECIAIS

Há determinados casos especiais envolvendo o estudo da ação penal que merecem uma maior atenção, seja porque eles envolvem posicionamento sumulado do STF, seja porque há recentes leis disciplinando de modo diferenciado a matéria, seja simplesmente porque eles se referem a classificações doutrinárias pouco usuais de algumas espécies de ação penal, como adiante passa a ser exposto.

3.1. Ação penal nos crimes contra a honra de funcionário público praticado no exercício de suas funções (Súmula 714 STF)

Embora o art. 145, parágrafo único, do Código Penal informe que, em havendo crime contra a honra de funcionário público praticado no exercício de suas funções (*propter officium*), a ação é penal pública condicionada à representação do ofendido, a Súmula nº 714 do STF afirma que haverá um caso de **legitimidade concorrente**, podendo o próprio funcionário público ingressar com a ação penal privada, sem prejuízo da legitimidade conferida ao Ministério Público para oferecer a ação penal pública condicionada à representação do ofendido: "É concorrente a legitimidade do ofendido, mediante queixa, e do Ministério Público, condicionada à representação do ofendido, para a ação penal por crime contra a honra de servidor público em razão do exercício de suas funções".

Registre-se que o STF entende que se o funcionário público optar por representar ao Ministério Público, estará preclusa a possibilidade de oferecimento da ação penal privada (STF, HC nº 84.659-MS, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, j. 29/6/2005). Ademais, descabe ação penal privada subsidiária da pública se, oferecida a representação pelo ofendido, o Ministério Público se mantém inerte e, entendendo insuficientes os elementos de informação, requer diligências indispensáveis (STF, HC nº 84.659-MS, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, j. 29/6/2005).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XXIV concurso do MPF, em 2007, foi cobrado justamente o teor da Súmula nº 714 do STF, nesses termos:

> **PARA PERSECUÇÃO DE CRIMES CONTRA A HONRA DE FUNCIONÁRIO PÚBLICO EM RAZÃO DE SUAS FUNÇÕES: a)** *"somente se procede mediante ação penal pública condicionada à representação do ofendido;* **b)** *é concorrente a legitimidade*

do ofendido, mediante queixa, e do Ministério Público, condicionada à representação do ofendido; **c)** *a exigência de representação do ofendido para a iniciativa do Ministério Público se estende aos crimes de imprensa e aos crimes eleitorais;* **d)** *a iniciativa do ministério público fica condicionada a nota verbal da missão diplomática respectiva, quando o ofendido for chefe de estado estrangeiro".*

A assertiva considerada correta foi a de letra B.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/BA, em 2008, promovido pela Fesmip, foi cobrado se, na esteira da Súmula nº 714 do STF, a representação oferecida pelo ofendido ao Ministério Público impediria o ajuizamento da ação penal privada. Nesse sentido, a assertiva *"Segundo entendimento do Supremo Tribunal Federal, nos casos de crime contra a honra praticado contra funcionário público em razão de suas funções, oferecida a representação pelo ofendido ao Ministério Público, e requisitada instauração de inquérito policial, impossibilitada está a propositura da ação penal privada propriamente dita"* foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado Civil de Pernambuco, promovido pelo Cespe, em 2016, dentre outros aspectos relevantes da ação penal, voltou a ser questionada a redação da Súmula 714 do STF, conforme consta a seguir: *"Acerca da ação penal, suas características, espécies e condições, assinale a opção correta. A) A perempção incide tanto na ação penal privada exclusiva quanto na ação penal privada subsidiária da ação penal pública. B) Os prazos prescricionais e decadenciais incidem de igual forma tanto na ação penal pública condicionada à representação do ofendido quanto na ação penal pública condicionada à representação do ministro da Justiça. C) De regra, não há necessidade de a queixa-crime ser proposta por advogado dotado de poderes específicos para tal fim, em homenagem ao princípio do devido processo legal. D) Tanto na ação pública condicionada à representação quanto na ação penal privada, se o ofendido tiver menos de vinte e um anos de idade e mais de dezoito anos de idade, o direito de queixa ou de representação poderá ser exercido por ele ou por seu representante legal. E) É concorrente a legitimidade do ofendido, mediante queixa, e do MP, condicionada à representação do ofendido, para a ação penal por crime contra a honra de servidor público em razão do exercício de suas funções."*. A assertiva considerada correta foi a letra E.

3.2. Ação penal nos crimes contra a dignidade sexual (art. 225 CP)

Antes do advento da Lei nº 12.015/09, os então conhecidos crimes contra os costumes estavam submetidos, em regra, a ação penal privada (art. 225, *caput*, CP). Porém, se a vítima ou seus pais não pudessem

prover às despesas do processo, sem privar-se de recursos indispensáveis à manutenção própria ou da família, a ação penal se tornava pública condicionada à representação do ofendido (art. 225, §§ 1º, inciso I, e 2º, CP). E se o crime fosse cometido com abuso do pátrio poder, ou da qualidade de padrasto, tutor ou curador, o crime estava sujeito a ação penal pública incondicionada (art. 225, § 1º, inciso II, CP).

▸ Qual o entendimento do STF sobre o assunto?

O STF entendeu que em crime de atentado violento ao pudor com violência presumida ocorrido antes do advento da Lei nº 12.015/09 (CP, art. 214, c/c art. 224, "a", do Código Penal, na redação originária), não sendo admitida a ação penal privada, o Ministério Público teria legitimidade para iniciar a ação penal por meio de denúncia. Com efeito, asseverou-se que a controvérsia acerca da recepção do art. 225 do CP (na redação originária) pela atual ordem constitucional não poderia levar à eventual desproteção da vítima. Em outras palavras, não se poderia, num primeiro momento, declarar a inviabilidade de ação penal privada e, posteriormente, a impossibilidade de ação penal pública, para deixar o bem jurídico violado sem tutela. Assim, necessário interpretar esse dispositivo à luz do art. 227 da CF ("É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão"). Dessa forma, interpretar o art. 225 do CP de modo a não entender cabível qualquer tipo de sanção em face da conduta perpetrada implicaria negar aplicação ao art. 227 da CF. Necessário, portanto, excepcionar a aplicabilidade da redação antiga do art. 225 do CP para a situação do caso em tela, tendo em conta a relevância do aludido dispositivo constitucional (Informativo nº 815).

Após o advento da Lei nº 12.015/09, os agora chamados crimes contra a dignidade sexual (antigos crimes contra os costumes), segundo o art. 225, *caput*, do Código Penal, em regra, estão sujeitos a **ação penal pública condicionada à representação do ofendido**. No entanto, excepcionando a regra do *caput* do artigo 225 do Código Penal, o parágrafo único deste dispositivo legal dispõe ser a **ação penal pública incondicionada se a vítima for menor de 18 (dezoito) anos ou pessoa vulnerável**.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco, promovido pela Fundação Carlos Chagas, em 2015,

foi cobrado o teor do art. 225 do CP em um determinado caso prático, a saber: *"Ana, estudante de 20 anos, relatou à assistência social da universidade pública onde estuda que foi vítima de estupro no campus, não sofrendo lesões. É correto afirmar que: (A) pode ocorrer, no caso, perempção e decadência. (B) Ana precisa oferecer representação, para que seja instaurado inquérito policial. (C) existe legitimidade concorrente de Ana e do Ministério Público, mediante representação, para propositura de ação penal. (D) isso é suficiente para que o agressor seja também investigado criminalmente, independentemente de lesão sofrida, porque a assistente social é funcionária pública e, sob pena de prevaricação, deve comunicar o fato à autoridade competente. (E) Ana precisa oferecer queixa-crime para apuração dos fatos também em âmbito penal."*. A resposta correta foi a letra B.

Nesse cenário, rememore-se que crime praticado contra vulnerável, na verdade, é qualquer um dos crimes previstos nos artigos 217-A, 218, 218-A e 218-B do Código Penal. Por conta disso, em apertada síntese, pode-se entender como vulnerável o menor de 14 (catorze) anos de idade (artigos 217-A, 218 e 218-A) ou o menor de 18 (dezoito) anos submetido, induzido ou atraído à prostituição ou aquele que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato (artigo 218-B). Como se vê, as hipóteses de definição do indivíduo vulnerável são muito semelhantes às situações que caracterizavam a vítima de violência presumida, outrora definidas no hoje revogado artigo 224 do Código Penal (aliena "a", menor de 14 anos; alínea "b", pessoa alienada ou débil mental; alínea "c", pessoa que não pode, por qualquer outra causa, oferecer resistência).

▸ Súmula 593 do STJ:

Quanto ao crime de estupro de vulnerável, vale a pena registrar o teor da Súmula nº 593 do STJ, segundo a qual *"O crime de estupro de vulnerável se configura com a conjunção carnal ou prática de ato libidinoso com menor de 14 anos, sendo irrelevante eventual consentimento da vítima para a prática do ato, sua experiência sexual anterior ou existência de relacionamento amoroso com o agente."*.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2017, dentre outros aspectos relevantes da ação penal, cobrou-se a natureza da ação penal em crime de estupro de vulnerável, da seguinte forma: *"Sobre*

ação penal, é ***CORRETO*** *afirmar: A) A legitimação para promover ação penal no crime praticado contra a honra do servidor público, em razão do exercício de suas funções, é concorrente, pelo que, mesmo após ofertada representação ao Ministério Público e por ele requeridas diligências, não perde o ofendido a legitimidade para oferecer queixa. B) O crime de estupro de vulnerável é de ação penal pública incondicionada, havendo, porém, quem defenda solução diversa, em caso de vulnerabilidade temporária. C) São de ação penal pública condicionada os crimes de violação de direito autoral caracterizados pela reprodução, mesmo em parte, por qualquer meio, de obra intelectual, sem autorização e com intuito de lucro. D) Praticada injúria real de que decorram lesões corporais leves, não há discrepância, entre os doutrinadores, quanto a ser o crime sujeito a ação penal privada.".* A alternativa correta é a letra B.

Todavia, impende informar que o STJ já decidiu que não é qualquer crime contra a dignidade sexual contra vulnerável que enseja a ação penal pública incondicionada. Com efeito, no julgamento de crime de estupro contra suposta pessoa vulnerável, a 6ª Turma deste Tribunal entendeu que, embora a suposta vítima tenha sido considerada incapaz de oferecer resistência na ocasião da prática dos atos libidinosos, esta não é considerada pessoa vulnerável, a ponto de ensejar a modificação da ação penal. Ou seja, a vulnerabilidade pôde ser configurada apenas na ocasião da ocorrência do crime. Assim, a ação penal para o processamento do crime é pública condicionada à representação. A vulnerabilidade detectada apenas nos instantes em que ocorreram os atos libidinosos não é capaz, por si só, de atrair a incidência do dispositivo legal em questão - art. 225, parágrafo único, CP (STJ, Informativo nº 553).

Também de acordo com o STJ, nos crimes sexuais contra vulnerável, a inexistência de registro de nascimento em cartório civil não é impedimento a que se faça a prova de que a vítima era menor de 14 anos à época dos fatos por outros elementos hábeis, em respeito inclusive ao sistema do livre convencimento motivado que prevalece no país quanto à avaliação das provas (Informativo nº 563).

Sobre a ação penal nos crimes contra a dignidade sexual, há ainda de se registrar que o STF, no enunciado da Súmula nº 608, consagrou o entendimento segundo o qual "No crime de estupro, praticado mediante violência real, a ação penal é pública incondicionada". Todavia, com o advento da Lei nº 12.015/09, a doutrina majoritária, contando com a discordância de Fernando da Costa

Tourinho Filho (TOURINHO FILHO, 2010, p. 83), vem se inclinando pela eliminação desta Súmula. Isso porque a intenção do STF ao editar essa Súmula foi consertar distorções que ocorriam por ser o crime de estupro, em regra, de ação penal privada (política criminal). Contudo, a partir do momento em que a nova lei traz regra expressa determinando que o delito de estupro será sempre de ação penal pública (ora condicionada à representação do ofendido, ora incondicionada), a Súmula perdeu a sua razão de existir. Nesse sentido Paulo Rangel (2009, p. 304-306) e Guilherme de Souza Nucci (2009, p. 62-63), o qual externa o seguinte magistério:

> *[...] Elimina-se a Súmula 608 do STF, vale dizer, em caso de estupro de pessoa adulta, ainda que cometido com violência, a ação é pública condicionada à representação. Lembremos ser tal Súmula fruto de Política Criminal, com o objetivo de proteger a mulher estuprada, com receio de alertar os órgãos de segurança, em especial, para não sofrer preconceito e ser vítima de gracejos inadequados. Chegou-se, inclusive, a criar a Delegacia da Mulher, para receber tais tipos de ocorrência. Não há razão técnica para a subsistência do preceito sumular, em particular pelo advento da reforma trazida pela Lei 12.015/2009. Unificaram-se o estupro e o atentado violento ao pudor e conferiu-se legitimidade ao Ministério Público para a ação penal,* desde que *a vítima concorde em representar. Mais que justo no cenário presente.*

O entendimento sustentando pela doutrina majoritária é também acolhido pelo STJ, segundo o qual a Súmula nº 608 do STF, editada em 17 de outubro de 1984, não foi recepcionada pela Lei nº 12.015/09, até porque uma súmula não pode superar uma lei, ainda mais se esta é cronologicamente posterior àquela (REsp nº 1332540).

Ponto polêmico diz respeito à ação penal nos crimes contra a dignidade sexual que resultem em lesão corporal grave ou morte. O Código Penal, antes do advento da Lei nº 12.015/09, estipulava no seu artigo 223 que, se do crime contra o costume resultasse lesão corporal grave ou morte, a ação penal seria pública incondicionada. Esse artigo, porém, com o advento da novel legislação, foi expressamente revogado, daí porque, a princípio, a ação penal para esses crimes seria pública condicionada à representação do ofendido.

Todavia, surge uma grave distorção: se a vítima de crime que resulte em lesão corporal grave ou morte, sendo maior e capaz,

falecer sem deixar sucessores, não haveria como oferecer a representação em face do ofensor, que ficaria impune, eis que beneficiado pela extinção da punibilidade.

Certamente não foi isso que pretendeu a Lei nº 12.015/09, que foi criada para punir com maior rigor crimes deste *jaez*. Em sendo assim, admitir que a ação penal, nessas hipóteses, seria pública condicionada à representação do ofendido significaria ir contra o próprio espírito da legislação, sem falar na notória violação ao princípio da proporcionalidade. Diante disso, recomenda-se seja feita uma interpretação conforme a Constituição para que a ação penal, no caso em tela, continue a ser pública incondicionada. Disso não discrepa Paulo Rangel (2009, p. 301-303):

> *Não é crível nem razoável que o legislador tenha adotado uma política de repressão a esses crimes e tornado a ação penal pública condicionada à representação. Até mesmo pelo absurdo de se ter a morte da vítima no crime de estupro e não haver quem, legitimamente, possa representar para punir o autor do fato. O crime, sendo a vítima maior e capaz, ficaria impune. Com certeza, por mais confuso que esteja o Congresso Nacional com seus sucessivos escândalos, não foi isso que se quis fazer [...].*
>
> *Sem dúvida será de ação penal de iniciativa pública incondicionada e a razão [...] é que o* princípio da interpretação conforme a Constituição recomenda que os seus aplicadores, diante de textos infraconstitucionais de significados múltiplos e de duvidosa constitucionalidade, escolham o sentido que as torne constitucionais e não aquele que resulte na sua declaração de inconstitucionalidade, aproveitando ou conservando, assim, as leis, evitando o surgimento de conflitos sociais e, *porque não dizer, no caso penal, evitando também a impunidade, caso os juízes, sem o devido cuidado, se pusessem a invalidar os atos da legislatura.*
>
> *Destarte, se o que se quer com a Lei 12.015/09 é estabelecer uma nova política repressiva dos crimes conta a dignidade sexual, protegendo-se a pessoa vítima do descontrole humano, em especial, quando houver morte ou lesão grave [...], é intuitivo que a ação penal seja pública incondicionada.*

Seguindo esta tendência da doutrina, a Procuradoria Geral da República (PGR) ajuizou Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI 4301) no STF contra a atual redação do art. 225 do CP no que diz respeito à previsão de ação penal pública condicionada à

representação do ofendido para crimes contra a dignidade sexual que resultem em lesão corporal grave ou morte, por violação aos princípios da razoabilidade e proporcionalidade. Além disso, a ADI ressalta que em todos os demais crimes definidos na legislação penal que acarretem lesão grave ou morte a ação penal é sempre pública incondicionada. Até o momento, não houve qualquer julgamento do STF nesta ação.

Além disso, noticie-se que a 2ª Turma do STF afetou ao Plenário o julgamento do HC nº 123971/DF em que se discute a recepção, pela CF/1988, do art. 225 do CP, em sua redação originária (portanto, anterior ao advento da Lei nº 12.015/09), como consta no Informativo nº 809.

Não obstante o posicionamento alhures mencionado da doutrina majoritária, impende noticiar que o STJ já decidiu que a ação penal nos crimes contra a dignidade sexual, ainda que resultassem em lesão grave ou morte da vítima, seriam de ação penal pública condicionada à representação do ofendido, nos termos da nova redação do art. 225, *caput*, do Código Penal, com exceção apenas para os casos de vítima menor de 18 (dezoito) anos ou pessoa vulnerável, de acordo com o parágrafo único do art. 225 do Código Penal (REsp nº 1227746/RS).

Questão interessante refere-se à aplicação da Lei nº 12.015/09 no tempo. Isso porque não há dúvidas de que a Lei nº 12.015/09, no que tange à ação penal dos crimes contra a dignidade sexual, tem natureza híbrida ou mista. De um lado, ao tratar de ação penal, ela apresenta um caráter formalmente processual penal. No entanto, ao determinar que a ação penal nesses crimes deixa de ser privada para se tornar sempre pública (condicionada à representação do ofendido ou incondicionada), é claro que tal lei atinge diretamente institutos tipicamente de direito material, a saber, a decadência, a renúncia, o perdão do ofendido e a perempção, todos causas de extinção da punibilidade do agente delitivo (artigo 107, incisos IV e V, do Código Penal), relacionados, portanto, ao direito de liberdade deste último.

Desse modo, para que se conclua se a referida lei se aplica ou não de forma imediata (art. 2º do CPP), é preciso considerar todas as situações possíveis, abaixo listadas.

A) *Se o crime, antes do advento da lei, estava submetido a ação penal privada*: É sempre favorável a um indivíduo que o

crime seja de ação penal privada, pois, como já afirmado, ela permite a aplicação dos institutos da decadência, renúncia, perdão do ofendido e perempção, institutos estes que promovem a extinção da punibilidade do mesmo. Não há esse resultado na ação penal pública incondicionada. Na ação penal pública condicionada à representação do ofendido, por sua vez, só é possível se operar a decadência. Portanto, na situação em testilha, há um claro prejuízo para o agente do delito, independente se a ação penal, no caso concreto, passou a ser pública condicionada à representação do ofendido ou incondicionada, motivo pelo qual a Lei nº 12.015/09 não deve retroagir, persistindo o crime como de ação penal privada. **Não haverá, pois, qualquer alteração.** Por isso, se o fato ainda está sendo investigado em sede de inquérito policial, a vítima do delito deve estar atenta ao prazo decadencial que ainda resta para que ofereça a queixa-crime. Se, porém, a ação penal já está em andamento, não há qualquer alteração no polo ativo da demanda, devendo o feito permanecer como está. Havendo decisão com trânsito em julgado, não há nada mais a se fazer.

B) *Se o crime, antes do advento da lei, estava submetido a ação penal pública condicionada à representação do ofendido*: Entre a ação penal pública condicionada à representação do ofendido e a ação penal pública incondicionada, é melhor para o agente do delito que o crime esteja submetido àquela primeira, pois ela permite o instituto da decadência, responsável pela extinção da punibilidade, o que não acontece nesta segunda espécie de ação. Diante disso, se o crime era de ação penal pública condicionada à representação do ofendido, assim permanecerá, independente se a ação penal se tornou pública incondicionada (hipótese prejudicial ao agente, daí porque a Lei nº 12.015/09 não retroagirá) ou pública condicionada à representação do ofendido (não há diferença). **Nessa hipótese, pois, também não haverá qualquer alteração**, à semelhança do que ocorre com a hipótese anterior.

C) *Se o crime, antes do advento da lei, estava submetido a ação penal pública incondicionada*: Claro que se o crime era de ação penal pública incondicionada e continua submetido a esta espécie de ação penal, não haverá qualquer diferença,

permanecendo, pois, tudo como está. Entretanto, a dúvida surge se o crime era de ação penal pública incondicionada e passou a estar submetido a ação penal pública condicionada à representação do ofendido. Nesta hipótese, há melhoria na situação do agente delitivo, pois ele poderá agora ser beneficiado pelo instituto da decadência, que provoca a extinção da punibilidade. Por conta disso, entende-se que a **Lei nº 12.015/09 deverá retroagir**. Assim, se foi iniciada a ação penal, a vítima deverá ser chamada para oferecer a representação, caso já não tenha feito. Nesses termos, verifica-se que a representação do ofendido deixa de ser condição de procedibilidade (condição a ser preenchida para permitir o início da ação penal) para se tornar uma verdadeira **condição específica de "prosseguibilidade"** da ação penal (condição a ser preenchida para permitir o prosseguimento da ação penal). Nesse trilhar, em sede doutrinária, parece prevalecer o entendimento segundo o qual o **prazo que a vítima terá para apresentar a representação se ela ainda não consta dos autos deverá ser de 30 (trinta) dias**, em analogia ao disposto nos artigos 88 (que tornou obrigatória a representação para os crimes de lesões corporais leves e culposas) e 91 (que estipulou esse prazo de trinta dias para os crimes anteriormente citados) da Lei nº 9.099/95, posicionamento com o qual concordamos. É o que postulam Paulo Rangel (2009, p. 304) e Rômulo de Andrade Moreira (2009a). Entretanto, deve-se advertir que, **se já houver o trânsito em julgado da decisão proferida ao longo da ação penal, não será possível a retroatividade da Lei nº 12.015/09**. A retroatividade de uma lei após o trânsito em julgado de uma decisão somente é possível se aquela for de caráter exclusivamente penal. Nesse caso, a lei mais benéfica deverá ser aplicada pelo juízo da execução penal, em conformidade com o artigo 66, inciso I, da Lei nº 7.210/84 (Lei de Execução Penal).

Aplicação da Lei nº 12.015/09 no tempo (ação penal)
A) Se o crime contra a dignidade sexual, antes do advento da Lei nº 12.015/09, estava submetido a ação penal privada, a lei não deve retroagir, persistindo o crime como de ação penal privada.

B) Se o crime contra a dignidade sexual, antes do advento da Lei nº 12.015/09, estava submetido a ação penal pública condicionada à representação do ofendido, a lei não deve retroagir, persistindo o crime como de ação penal pública condicionada à representação do ofendido.

C) Se o crime contra a dignidade sexual, antes do advento da Lei nº 12.015/09, estava submetido a ação penal pública incondicionada, e, após a lei, vem a ser de ação penal pública condicionada à representação do ofendido, a Lei nº 12.015/09 irá retroagir, devendo ser oferecida representação do ofendido, verdadeira condição de "prosseguibilidade" da ação penal, no prazo de 30 (trinta) dias.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz de Direito Substituto/RJ, em 2016, promovido pela Vunesp, questionou-se acerca da aplicação da Lei nº 12.015/09 no tempo a partir de um caso prático: "*Em 09 de abril de 2009, em uma festa de aniversário, A, maior, relatou ter sido estuprada por B, irmão da aniversariante. Foi oferecida queixa-crime aos 08 de outubro de 2009, a qual foi recebida em 03 de novembro do mesmo ano, tendo o Juiz determinado, de ofício, a realização de exame de sangue de B, para comparar com os vestígios de sêmen encontrados na vítima. O acusado recusou-se a fazer o exame, suscitando seu direito ao silêncio. Ao final, B acabou condenado, sob o fundamento de que, ao se recusar a fornecer material genético, houve inversão do ônus da prova, não tendo provado sua inocência. A respeito do caso, assinale a alternativa correta. (A) O processo é nulo, pois a ação penal é de iniciativa privada, e o recebimento da queixa deu-se após o prazo decadencial, de seis meses. (B) Acertada a condenação proferida, haja vista que a recusa em oferecer material genético acarreta inversão do ônus da prova. (C) O juiz, em sede penal, não pode ordenar a realização de provas, pois não há mais espaço para poderes instrutórios, reminiscência do sistema inquisitorial. (D) O processo não é nulo, pois, ainda que ao tempo da propositura da inicial, a ação penal fosse condicionada à representação, ao tempo do crime, a ação era de iniciativa privada, não se aplicando a Lei no 12.015/2009, de 07 de agosto de 2009, nesta parte. (E) O processo é nulo, por ilegitimidade de parte, pois o crime de estupro, com as alterações advindas da Lei nº 12.015/2009, de 07 de agosto de 2009, passou a ser processável mediante ação penal pública, condicionada à representação da vítima.*". A assertiva correta foi a letra D.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz de Direito Substituto/RJ, em 2016, promovido pela Vunesp, foi questionada a espécie de ação penal em crimes de lesões corporais leves e ameaça no âmbito da Lei Maria da Penha a partir de um caso prático: "*A, casada com B, durante uma discussão de casal, levou um soco, sendo ameaçada de morte. Diante dos gritos e ameaças, os*

vizinhos acionaram a Polícia que, ao chegar ao local, conduziu todos à Delegacia. A, inicialmente, prestou depoimento na Delegacia e manifestou o desejo de que o marido fosse processado criminalmente pelos crimes de lesão corporal leve e ameaça. Entretanto, encerradas as investigações policiais e remetidos os autos ao Fórum, em sede de audiência preliminar, A informou o Juízo que havia se reconciliado com B, não desejando que o marido fosse processado por ambos os crimes. Diante da nova manifestação de vontade de A, é correto afirmar que o procedimento (A) será arquivado quanto ao crime de ameaça, já que a ação é condicionada à representação da vítima. Quanto ao crime de lesão corporal, ocorrida em âmbito doméstico, o procedimento terá seguimento, por tratar-se de ação penal pública incondicionada. Todavia, é possível ao órgão de acusação, desde logo, ofertar a transação penal. (B) terá seguimento, tanto para o crime de ameaça quanto para o crime de lesão corporal. Todavia, é possível ao órgão de acusação, desde logo, ofertar a transação penal. (C) terá seguimento quanto ao crime de lesão corporal, visto que a ação penal é pública incondicionada, por ter se dado em âmbito doméstico. Já quanto ao crime de ameaça, a retratação de A obsta o prosseguimento, visto que a ação penal continua condicionada à representação, ainda que praticada em âmbito doméstico. (D) deverá ser arquivado, vez que a ação penal, seja para o crime de ameaça, seja para o de lesão corporal de natureza leve, é condicionada à representação da vítima, e a retratação de A obsta o prosseguimento do feito. (E) terá seguimento, tanto para o crime de ameaça quanto para o crime de lesão corporal, pois em se tratando de crimes ocorridos no âmbito doméstico, a ação penal é pública incondicionada, pouco importando a retratação de A.". A assertiva correta foi a letra C.

3.3. Ação penal no crime de injúria qualificada ou injúria racial (art. 145, parágrafo único, CP)

O crime de injúria qualificada ou injúria racial previsto no art. 140, § 3º, do Código Penal estava submetido a ação penal privada. Contudo, a Lei nº 12.033/09 alterou a redação do art. 145, parágrafo único, do Código Penal, passando a determinar que este crime ficasse sujeito a **ação penal pública condicionada à representação do ofendido.**

No que tange à aplicação da Lei nº 12.033/09 no tempo, devem ser seguidos os mesmos raciocínios expendidos no tópico anterior com relação à Lei nº 12.015/09: ela não deve retroagir, persistindo o crime cometido antes do seu advento como de ação penal privada, daí porque a legislação em tela somente será aplicada para crimes cometidos após a sua entrada em vigor. Nesse sentido inclusive o STJ (HC 182714).

3.4. Ação penal nos crimes de lesões corporais leves e culposas na Lei Maria da Penha (art. 41 da Lei nº 11.340/06)

Nos termos do art. 88 da Lei nº 9.099/95, os crimes de lesões corporais leves e culposas seriam de ação penal pública condicionada à representação do ofendido. No entanto, se tais crimes forem praticados no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher, deve incidir o regramento previsto na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06), a qual, no seu art. 41, veda integralmente a aplicação da Lei nº 9.099/95 a todos os crimes cometidos justamente com violência doméstica e familiar contra a mulher.

Diante disso, por muito tempo, se questionou acerca da natureza da ação penal dos crimes de lesões corporais leves e culposas no âmbito da Lei Maria da Penha. De acordo com uma primeira corrente, não sendo possível a aplicação do art. 88 da Lei nº 9.099/95 a tais crimes, valeria a regra prevista no art. 100, *caput*, do Código Penal, segundo a qual, no silêncio da lei, a ação penal deveria ser pública incondicionada. Para uma segunda corrente, no entanto, o art. 41 da Lei nº 11.340/06 seria inconstitucional, por violação de princípios como proporcionalidade, igualdade, dignidade da pessoa humana etc, daí porque os crimes em referência continuariam sendo de ação penal pública condicionada à representação do ofendido.

Encerrando de uma vez por todas essa discussão, o STF, no julgamento da ADI 4424 e da ADC 19, dentre outras matérias, decidiu que o art. 41 da Lei Maria da Penha é constitucional, assentando dessa forma a natureza incondicionada da ação penal em caso de crime de lesão, pouco importando a extensão desta, praticado contra a mulher no ambiente doméstico.

Assim, **os crimes de lesões corporais leves e culposas no contexto da Lei Maria da Penha são de ação penal pública incondicionada.** Todavia, crimes que não sejam de lesões corporais e que eram de ação penal pública condicionada à representação do ofendido, a exemplo do crime de ameaça e dos crimes contra a dignidade sexual (se a vítima for maior e capaz), continuam com a natureza desta ação penal inalterada, não sendo alcançados pela decisão do STF.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2017, foi cobrada a natureza da ação penal em crimes contra a dignidade sexual no

contexto da Lei Maria da Penha, conforme assertiva adiante transcrita: *"Os casos de violência doméstica afastam a incidência das disposições da Lei no 9.099/95, dispensando a exigência de representação para as infrações de vias de fato e aquelas praticadas contra a liberdade sexual."*. A alternativa foi considerada incorreta, tendo em vista que se a vítima for maior e capaz, a ação penal em crimes contra a dignidade sexual, ainda que no contexto da Lei Maria da Penha, é pública condicionada à representação do ofendido.

Mais recentemente, o STJ, seguindo o julgado do STF, também consolidou este mesmo entendimento no âmbito da sua jurisprudência, editando a Súmula nº 542, segundo a qual *"A ação penal relativa ao crime de lesão corporal resultante de violência doméstica contra a mulher é pública incondicionada"*.

3.5. Ação penal popular (art. 14 da Lei nº 1.079/50)

Segundo o teor do art. 14 da Lei nº 1.079/50, "É permitido a qualquer cidadão denunciar o Presidente da República ou Ministro de Estado, por crime de responsabilidade, perante a Câmara dos Deputados". Com base neste dispositivo legal, parcela da doutrina sustenta a existência, no ordenamento jurídico brasileiro, de hipótese de ação penal popular, ou seja, ação penal iniciada por qualquer pessoa do povo. Nesse sentido é a lição de Ada Pelegrini Grinover, Antonio Magalhães Gomes Filho e Antônio Scarance Fernandes (GRINOVER; GOMES FILHO; FERNANDES, 2009).

No entanto, esse posicionamento é minoritário, prevalecendo o entendimento de que o mencionado dispositivo legal disciplina, na verdade, uma notícia do crime (*notitia criminis*), que de fato pode ser oferecida por qualquer pessoa do povo, mas que não implica no oferecimento de uma ação penal, "uma vez que a proposição acusatória depende de órgão fracionário do Poder Legislativo" (NUCCI, 2008, p. 186).

É nesse sentido que se conclui que o dispositivo legal em comento não viola o disposto no art. 129, inciso I, da Constituição Federal (que consagra a titularidade da ação penal pública por parte do Ministério Público), já que, como aludido alhures, o termo "denúncia" não significa peça inicial acusatória, mas sim mera notícia do crime (*notitia criminis*).

Em verdade, os ilícitos elencados na Lei nº 1.079/50 não são sequer infrações penais (pois não há previsão para eles de sanções penais), mas infrações político-administrativas punidas, igualmente, com sanções político-administrativas. O que é previsto, portanto, no citado mandamento legal é apenas um julgamento político realizado pelo Parlamento (e não pelo Poder Judiciário), o famigerado processo de *Impeachment*.

Aliás, com relação ao processo de *Impeachment* da Presidente da República Dilma Rousseff deflagrado na Câmara dos Deputados no final de 2015, importante noticiar que o STF, durante o julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 378, ajuizada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), fixou as regras procedimentais a serem seguidas neste processo, interpretando dispositivos da Lei nº 1.079/50 à luz da Constituição Federal, assentando, dentre outros, os seguintes critérios: não há direito à defesa prévia antes do recebimento da "denúncia" pelo Presidente da Câmara dos Deputados; a eleição da comissão especial do *Impeachment* deve ser feita por indicação dos líderes e voto aberto do Plenário; a decisão da Câmara autorizando o *Impechament* não vincula o Senado, que poderá, portanto, negar a instauração do processo (a decisão da Câmara é mera condição de procedibilidade para o seguimento da acusação no Senado, que ainda poderá, em um segundo juízo de admissibilidade, recusá-la).

Assim, pode-se afirmar que a "única ação penal popular em vigor, porém sem natureza condenatória, é o *habeas corpus*, em razão da ampla legitimidade para propositura (art. 5º, inciso LXVIII, CF)" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 144).

3.6. Ação penal ex *officio* (art. 654, §2º, CPP)

Ação penal *ex officio* é aquela modalidade de ação penal que pode ser iniciada de ofício pelo magistrado.

O art. 531 do CPP, antes do advento da Lei nº 11.719/08, consagrava uma das espécies de ação penal ex *officio*, o chamado **processo judicialiforme**, que consistia na possibilidade de início da ação penal das contravenções penais por meio do auto de prisão em flagrante delito ou por portaria expedida pelo delegado ou pelo magistrado, de ofício ou a requerimento do Ministério Público. No entanto, o citado diploma legal extirpou do art. 531 do CPP o processo judicialiforme. Consequência disso é que se conclui pela

revogação tácita do art. 26 do CPP, que tinha conteúdo idêntico àquele dispositivo legal alterado.

Desse modo, a única espécie de ação penal *ex officio* encontrada no ordenamento jurídico brasileiro vem prevista no art. 654, § 2º, do CPP, que permite a concessão, de ofício, de ordem de *habeas corpus* por juízes e tribunais sempre que alguém sofrer ou estiver na iminência de sofrer coação ilegal à liberdade de locomoção.

3.7. Ação de prevenção penal

Ação de prevenção penal é "aquela iniciada com o fito de aplicar exclusivamente ao demandado medida de segurança" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 143).

Visa, portanto, o início da ação penal para que, ao final do procedimento, o magistrado possa aplicar aos absolutamente inimputáveis (art. 26 do Código Penal) a medida de segurança, na chamada sentença absolutória imprópria (art. 386, parágrafo único, inciso III, do CPP).

3.8. Ação penal adesiva

Ação penal adesiva é a "possibilidade de militarem no polo ativo, em conjunto, o Ministério Público e o querelante, nos casos onde houver hipótese de conexão ou continência entre crimes de ação penal de iniciativa pública e de ação penal de iniciativa privada" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 147).

É instituto que se assemelha ao litisconsórcio do Processo Civil, guardando a peculiaridade de que, no Processo Penal, "ao invés de uma petição única (litisconsórcio originário), a regra é que haja a propositura de denúncia pelo *Parquet* e a de queixa pela vítima do delito conexo, surgindo assim um "litisconsórcio" (impróprio) em momento ulterior, qual seja, o da reunião das demandas" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 147-148).

Denilson Feitoza destaca ainda que a ação penal adesiva, nos termos em que foi criada na Alemanha, pode ser entendida no Brasil também como a atividade do assistente de acusação (FEITOZA, 2009, p. 262).

3.9. Ação penal secundária

Ação penal secundária "ocorre quando a lei, como regra geral, estabelece um titular para o ajuizamento de ação penal visando

à apuração de determinado crime, mas, em decorrência do surgimento de circunstâncias especiais, prevê, **secundariamente**, uma nova espécie de ação para aquela mesma infração, modificando-se (*v.g.*, a ação penal de privada transforma-se em pública) ou condicionando-se (*v.g.*, a ação penal de pública incondicionada transforma-se em pública condicionada) a legitimidade para intentá-la" (AVENA, 2009, p. 200).

Exemplo clássico opera-se na ação penal para os crimes contra a dignidade sexual, que, em regra, é pública condicionada à representação do ofendido (art. 225, *caput*, CP), mas que, secundariamente, ou seja, se a vítima for vulnerável ou menor de 18 (dezoito) anos de idade, se torna pública incondicionada (art. 225, parágrafo único, CP).

Insta esclarecer que a ação penal secundária não pode ser confundida com as hipóteses de legitimidade concorrente, já que, nestas, há uma regra geral permitindo o oferecimento da ação penal por mais de um agente (como no caso tratado pela Súmula nº 714 do STF - ação penal nos crimes contra a honra de funcionário público praticado no exercício das suas funções), ao passo que, naquela, há uma regra geral prevendo uma espécie de ação penal, que é afastada por determinadas circunstâncias, as quais alteram a natureza da ação penal.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLVIII concurso do MP/MG, em 2009, na Prova Especializada de Direito Processual Penal, foi indagado ao candidato: *"Uma ação penal pode ser, ao mesmo tempo, secundária e adesiva? Justifique sua resposta"*. A questão deveria ser respondida de acordo com os conceitos (distintos) destes institutos oferecidos nos tópicos anteriores

3.10. Princípio da suficiência da ação penal

O princípio da suficiência da ação penal tem ligação direta com o estudo das questões prejudiciais, estudo este que será feito com mais vagar em capítulo futuro ainda desta obra.

Neste espaço, impende saber primeiramente que a questão prejudicial é toda questão relacionada ao mérito da causa, que necessita ser julgada antes deste. Nesse trilhar, o CPP consagra duas espécies de questões prejudiciais, as obrigatórias (art. 92) e as facultativas (art. 93). As primeiras estão relacionadas ao estado civil das pessoas e necessariamente suspendem o curso da

ação penal até que seja proferida decisão a seu respeito na esfera cível.

Já as questões prejudiciais facultativas são todas aquelas que não têm como objeto o estado civil das pessoas. Elas não provocam a suspensão obrigatória da ação penal, como se percebe da simples leitura do art. 93 do CPP. Assim, cabe ao magistrado analisar, caso a caso, se há necessidade ou não desta suspensão, constituindo-se, pois, em uma verdadeira faculdade do julgador. Destarte, concluindo o juiz pelo prosseguimento da ação penal, ou seja, pela resolução do incidente dentro do próprio processo penal, estará reconhecendo que tal ação é **suficiente** para solucionar a questão prejudicial não relacionada ao estado civil da pessoa: eis aí o princípio da suficiência da ação penal.

Portanto, em apertada síntese, o princípio da suficiência da ação penal significa que a ação penal é capaz de, por si só, prestar a tutela jurisdicional reclamada, sendo desnecessário o oferecimento de outras demandas para a solução de questões prejudiciais que surjam no desenrolar do processo penal.

3.11. Ação penal extensiva

Nos termos do art. 101 do Código Penal, "Quando a lei considera como elemento ou circunstâncias do tipo legal fatos que, por si mesmos, constituem crimes, cabe ação pública em relação àquele, desde que, em relação a qualquer destes, se deva proceder por iniciativa do Ministério Público". Desse modo, nos chamados crimes complexos (crimes originados da soma de condutas que constituem delitos autônomos), se um dos crimes é de ação penal pública, o crime decorrente da junção também o será, por **extensão**. É o que ocorre, por exemplo, na injúria real, que tem como objeto a violência ou vias de fato, e que, pela natureza ou meio empregado, são considerados aviltantes. Nesta hipótese, o crime será de ação penal pública incondicionada.

3.12. Ação penal de segundo grau

Também conhecida como **ação originária**, a ação penal de segundo grau é aquela oferecida diretamente perante tribunais, dispensando, portanto, a atuação do juiz de primeiro grau. É o que ocorre nos casos de aplicação de regra de competência por prerrogativa de função (competência originária). Nas ações autônomas de

impugnação (revisão criminal, *habeas corpus* e mandado de segurança em matéria criminal), costumeiramente a competência para julgamento também é atribuída a tribunais.

4. CONDIÇÕES DA AÇÃO PENAL (ART. 395, II E III, CPP)

Para que ocorra o recebimento da denúncia ou da queixa, é imprescindível o preenchimento das condições da ação penal, que são requisitos mínimos indispensáveis ao julgamento do mérito da causa. Se ausentes as condições da ação, deve haver a rejeição da peça inicial, nos termos do art. 395, incisos II e III, do CPP.

Frise-se que, com fincas na **teoria da asserção (in status assertionis) ou da prospettazione**, o momento propício para a análise da presença das condições da ação é, de fato, esta primeira análise feita pelo magistrado acerca da narrativa contida na denúncia ou queixa. Em outros termos, oferecida a inicial, o juiz deve analisar se as condições da ação estão presentes ou não de acordo com o que foi narrado pelo autor da demanda (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 125). Desse modo é que, ausentes as condições da ação, deverá rejeitar a inicial acusatória (art. 395, incisos II e III, do CPP). De outro lado, se, em juízo prelibatório (juízo de admissibilidade), superficial, precário, constata a presença das condições da ação, deve receber a inicial acusatória, mas se, ao longo do feito, principalmente após a instrução criminal, percebe a ausência de uma determinada condição da ação (exemplo: a parte não é legítima porque não teria sido a autora do delito), deverá proferir um verdadeiro julgamento de mérito da causa, absolvendo ou condenando o réu.

Nas palavras de Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar, "Num esforço de síntese [...], o momento oportuno para a discussão acerca das condições da ação seria o da admissibilidade da inicial. Superada esta fase, resta ao magistrado o enfrentamento meritório" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 125).

Mais recentemente, o CPC de 2015 suprimiu por completo do seu texto qualquer menção ao termo "condição da ação". Também deixou de fazer referência à "possibilidade jurídica do pedido". No entanto, continua a consagrar a "legitimidade" e o "interesse processual", *ex vi* do seu art. 485, inciso VI, segundo o qual o juiz não resolverá o mérito quando verificar ausência de legitimidade ou de interesse processual. Essas alterações ocorridas na esfera processual civil não causam tanto impacto na esfera processual

penal. É que o art. 395, inciso II, do CPP, ainda plenamente em vigor, assevera que a denúncia ou queixa será rejeitada quando faltar [...] condição para o exercício da ação penal. Desse modo, as condições da ação ainda seguem existindo na seara processual penal. Dentre tais condições (genéricas) da ação penal, continuam também prevalecendo a legitimidade de parte e o interesse de agir. Talvez a única influência marcante do CPC de 2015 no Processo Penal em relação a esta matéria seja realmente o desaparecimento da "possibilidade jurídica do pedido" como condição da ação, o que acaba sendo louvável, diante da imensa dificuldade que a doutrina enfrentava em conceituá-la com precisão.

As condições da ação podem ser **genéricas** (presentes em qualquer ação penal) e **específicas** (presentes apenas em algumas espécies de ação penal).

As condições da ação **genéricas** são:

I. **Possibilidade jurídica do pedido**: É a possibilidade de, em tese, o Estado obter a condenação do réu, o que implica na exigência de que o fato narrado na denúncia seja considerado infração penal. Para tanto, o fato deve ser *típico, antijurídico e culpável*. A possibilidade jurídica do pedido não se prende à tipificação do delito contida na denúncia ou queixa, mas sim à narrativa dos fatos realizada em tal peça processual. Conforme afirmado anteriormente, relembre-se que o CPC de 2015 deixou de empregar, ao longo de todo o seu texto, a expressão "possibilidade jurídica do pedido", daí porque a doutrina processual penal já afirma que ela não valeria mais como condição (genérica) da ação penal.

▸ Observação:

Excepcionalmente, permite-se o oferecimento de ação penal no caso de inexistência de crime, se faltar o requisito da culpabilidade, caso o agente delitivo seja inimputável - a inimputabilidade prevista no art. 26, *caput*, do Código Penal -, para que seja possível a aplicação de medida de segurança, respeitando-se, pois, o devido processo legal. Haverá aqui uma sentença absolutória imprópria, nos termos do art. 386, parágrafo único, inciso III, do CPP. É hipótese de ação de prevenção penal, como já abordado no tópico anterior.

▸ Princípio da insignificância, Súmula 599 STJ e crime de descaminho (art. 334 do Código Penal):

Ab initio, impende esclarecer que a Súmula nº 599 do STJ (*"O princípio da insignificância é inaplicável aos crimes contra a Administração Pública."*)

não é válida para o crime de descaminho (art. 334 do Código Penal), embora ele seja um crime contra a Administração Pública, exceção esta reconhecida pelo próprio STJ (AgRg no REsp 1346879/SC). Aliás, o STF, discordando da Súmula do STJ, entende que o princípio da insignificância é aplicável não só ao crime de descaminho, mas também a outros crimes contra a Administração Pública. Desse modo, a prática de crimes desta natureza, por si só, não inviabilizaria a incidência do princípio em comento, devendo haver uma análise do caso concreto para se examinar se seria aplicável ou não este postulado (STF, HC 107370 e HC 112388).

Definida, pois, pela jurisprudência a aplicação do princípio da insignificância ao crime de descaminho, tanto STF quanto STJ vinham entendendo que ele incidiria neste crime quando o valor dos tributos iludidos não ultrapassasse o montante de R$ 10 mil, valor este fixado pela Lei nº 10.522/2002 para servir como piso para arquivamento, sem baixa nos autos, de execuções fiscais.

Nesta hipótese, portanto, não havia dúvidas de que se retiraria a tipicidade material da conduta, não sendo possível o oferecimento da ação penal. Ocorre que, mais recentemente, o Ministério da Fazenda editou a Portaria MF nº 75/2012, a qual elevou o valor de arquivamento para R$ 20 mil. Desde então, a jurisprudência dos tribunais superiores passou a divergir. O STF, em alguns de seus julgados, tem empregado o referido patamar para reconhecer a aplicação do princípio da insignificância ao descaminho, quando o valor dos tributos iludidos não ultrapassar o montante de R$ 20 mil. O STJ, por sua vez, entende que o parâmetro a ser observado para a incidência do princípio da insignificância ainda é o de R$ 10 mil, tendo em vista que a alteração do valor para arquivamento de execução fiscal só pode ser realizada por meio de lei, não sendo a referida portaria, portanto, meio normativo válido para esse fim. Ademais, ainda de acordo com o STJ, a leitura da aludida portaria evidencia que o valor foi estabelecido para orientar a ação em sede executivo-fiscal, com base apenas no custo benefício da operação; claramente, portanto, como uma opção de política econômico-fiscal (STJ, Informativo nº 551).

▸ **Princípio da insignificância na Lei Maria da Penha (Súmula nº 589 do STJ):**

De acordo com o teor da Súmula nº 589 do STJ, *"É inaplicável o princípio da insignificância nos crimes ou contravenções penais praticados contra a mulher no âmbito das relações domésticas."*.

II. **Interesse de agir**: O interesse de agir é dividido em três subespécies, quais sejam, a *necessidade*, a *adequação* e a *utilidade* da ação penal. A *necessidade*, no processo penal, é sempre presumida, pois não há aplicação de pena sem

o devido processo legal. Por conta disso, afirma-se que o processo penal é hipótese de **jurisdição obrigatória ou necessária**. A *adequação* diz respeito à obrigatoriedade de que o órgão de acusação promova a ação penal nos moldes procedimentais previstos no CPP, bem como com base em prova pré-constituída (NUCCI, 2008, p. 192). Exemplo disso verifica-se no cabimento apenas de mandado de segurança (e não de *habeas corpus*) em caso de condenação por pena de multa ou se a infração penal apenas preveja pena pecuniária, nos termos da Súmula nº 693 do STF. A *utilidade* impõe que a ação penal seja útil para a realização da pretensão punitiva do Estado (NUCCI, 2008, p. 192). Assim, por exemplo, não haverá o interesse-utilidade se a ação penal for oferecida quando já estiver extinta a punibilidade do réu. É também com base no interesse-utilidade que parcela da doutrina (NUCCI, 2008, p. 193; TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 121) vem sustentando a rejeição da denúncia ou queixa se houver a chamada **prescrição virtual ou antecipada ou projetada ou em perspectiva**, que é aquela que incide na infração penal tendo em vista a *provável pena a ser aplicada* (levando-se em consideração as condições pessoais do agente - primário, bons antecedentes -, condições da causa, experiências semelhantes, processos semelhantes etc). Entretanto, a jurisprudência majoritária não admite essa modalidade de prescrição, sob os argumentos de que ela não está prevista em lei e que o réu tem o direito a uma sentença absolutória de mérito. Nesse trilhar é a **Súmula nº 438 do STJ**, que apregoa: "É inadmissível a extinção da punibilidade pela prescrição da pretensão punitiva com fundamento em pena hipotética, independentemente da existência ou sorte do processo penal". É esse também o posicionamento do STF (Informativo nº 788).

▸ **Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) em matéria ambiental:**

Há respeitável posicionamento doutrinário sustentando que a realização de Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) entre o Ministério Público e o autor de crime contra o meio ambiente previsto na Lei nº 9.605/98 impediria o futuro exercício da ação penal pública por parte do *Parquet*, em face da ausência do interesse de agir (interesse-utilidade). Nesse sentido, por exemplo, Rômulo de Andrade Moreira (MOREIRA, 2009). Nessa esteira, o novo Código Florestal (Lei nº 12.651/12) passou a estipular, no seu art. 60,

caput, que "A assinatura de termo de compromisso para regularização de imóvel ou posse rural perante o órgão ambiental competente, mencionado no art. 59, suspenderá a punibilidade dos crimes previstos nos arts. 38, 39 e 48 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, enquanto o termo estiver sendo cumprido". De acordo com a novel legislação, portanto, para os crimes ambientais tipificados nos arts. 38, 39 e 48 da Lei nº 9.605/98, o TAC seria **causa suspensiva da punibilidade**. Ademais, a prescrição ficará interrompida durante o período de suspensão da pretensão punitiva (art. 60, § 1º, da Lei nº 12.651/12). A punibilidade será extinta com a efetiva regularização anteriormente mencionada (art. 60, § 2º).

▸ **Refis/parcelamento de crédito tributário e interesse de agir:**

De acordo com a Lei nº 9.964/2000, que institui o Programa de Recuperação Fiscal (Refis), fica suspensa a pretensão punitiva do Estado, referente aos crimes previstos nos arts. 1º e 2º da Lei nº 8.137, de 27 de dezembro de 1990, e no art. 95 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, durante o período em que a pessoa jurídica relacionada com o agente dos aludidos crimes estiver incluída no Refis, desde que a inclusão no referido Programa tenha ocorrido antes do *recebimento* da denúncia criminal (art. 15, *caput*). Durante esse período, portanto, não se poderia apontar a existência de interesse de agir (interesse-utilidade).

A prescrição criminal não correria durante o período de suspensão da pretensão punitiva (art. 15, § 1º). De outro lado, seria extinta a punibilidade dos crimes alhures referidos quando a pessoa jurídica relacionada com o agente efetuasse o pagamento integral dos débitos oriundos de tributos e contribuições sociais, inclusive acessórios, que tiverem sido objeto de concessão de parcelamento antes do *recebimento* da denúncia criminal (art. 15, § 3º).

Posteriormente, as leis de números 12.350/2010 e 12.382/2011 alteraram a redação da Lei nº 9.430/96 (dispõe sobre a legislação tributária federal, as contribuições para a seguridade social, o processo administrativo de consulta e dá outras providências), a qual passou a asseverar que a representação fiscal para fins penais relativa aos crimes contra a ordem tributária previstos nos arts. 1º e 2º da Lei nº 8.137, de 27 de dezembro de 1990, e aos crimes contra a Previdência Social, previstos nos arts. 168-A e 337-A do Código Penal, será encaminhada ao Ministério Público depois de proferida a decisão final, na esfera administrativa, sobre a exigência fiscal do crédito tributário correspondente (art. 83, *caput*).

Na hipótese de concessão de parcelamento do crédito tributário, a representação fiscal para fins penais somente será encaminhada ao Ministério Público após a exclusão da pessoa física ou jurídica do parcelamento (art. 83, § 1º).

Fica suspensa a pretensão punitiva do Estado referente aos crimes anteriormente mencionados, durante o período em que a pessoa física ou a pessoa jurídica relacionada com o agente de tais delitos estiver incluída

no parcelamento, desde que o pedido de parcelamento tenha sido formalizado antes do *recebimento* da denúncia criminal (art. 83, § 2º).

Mais uma vez, durante esse período, está ausente o interesse de agir (interesse-utilidade). A prescrição criminal não corre durante o período de suspensão da pretensão punitiva (art. 83, § 3º).

Extingue-se a punibilidade dos crimes ora em comento quando a pessoa física ou a pessoa jurídica relacionada com o agente efetuar o pagamento integral dos débitos oriundos de tributos, inclusive acessórios, que tiverem sido objeto de concessão de parcelamento (art. 83, § 4º).

Ademais, o disposto nos §§ 1º a 4º do art. 83 da Lei nº 9.430/96 não se aplica nas hipóteses de vedação legal de parcelamento (art. 83, § 5º).

▸ Regime Especial de Regularização Cambial e Tributária (RERCT) de recursos, bens ou direitos de origem ilícita, não declarados ou declarados incorretamente, remetidos, mantidos no exterior ou repatriados por residentes ou domiciliados no País (Lei nº 13.254/2016):

A Lei nº 13.254/2016, publicada em 14/01/2016, ao dispor sobre o RERCT, acaba trazendo novamente a discussão quanto ao interesse de agir (interesse-utilidade). É que o seu art. 5º, § 1º, com a alteração promovida pela Lei nº 13.428/2017, estabelece que o cumprimento integral das condições impostas para adesão ao programa (indicadas no *caput* deste mesmo dispositivo legal), antes de decisão criminal (entenda-se, antes do trânsito em julgado da decisão criminal condenatória, conforme consta no § 2º do dispositivo em comento), em relação a recursos, bens e direitos a serem regularizados nos termos desta Lei, extinguirá a punibilidade dos crimes ali elencados. Ora, para quem aderiu ao citado programa, enquanto está em cumprimento das condições fixadas, não se permite o prosseguimento da persecução penal, por ausência justamente do interesse de agir (interesse-utilidade).

III. **Legitimidade de parte**: A legitimidade pode ser ***ad causam*** ou ***ad processum***. Há ainda a legitimidade **ativa** e a **passiva** A legitimidade ***ad causam*** é a legitimidade para a causa. Possui legitimidade *ad causam* ativa o Ministério Público ou o ofendido, este último como substituto processual, já que age em nome próprio defendendo direito alheio, no caso, direito do Estado (*jus puniendi*), podendo ser representado ou sucedido, nos termos dos artigos 30 e 31 do CPP. Por sua vez, por aplicação do princípio da intranscendência, possui legitimidade *ad causam* passiva apenas o agente da infração penal, que, na ação penal privada, é conhecido como querelado. De outro lado, a **legitimidade *ad processum*** é a legitimidade para o processo. Possui legitimidade *ad processum* ativa o

membro do Ministério Público (por aplicação do princípio do promotor natural) ou o ofendido, este último devidamente representado por advogado (exceto se ele mesmo for advogado, hipótese em que poderá advogar em causa própria), sendo que, se for menor de 18 (dezoito) anos, deverá estar acompanhado também do seu representante legal. Possui legitimidade *ad processum* passiva o agente que cometeu a infração penal que for maior de idade.

▸ **Observação:**

A **legitimação concorrente** ocorre quando dois ou mais órgãos ou agentes estão igualmente legitimados para figurar no polo ativo da demanda. São exemplos de legitimação concorrente: a ação penal privada subsidiária da pública (art. 29 do CPP) – nela o ofendido e o Ministério Público podem oferecer a ação penal; a ação penal em crime contra honra praticado contra funcionário público no exercício de suas funções – nela o funcionário e o Ministério Público, se autorizado por este (ação penal pública condicionada à representação do ofendido), podem oferecer a ação penal (Súmula nº 714 do STF).

▸ **Atenção:**

Quanto à **legitimidade da pessoa jurídica**, entende-se que ela pode ajuizar ação penal privada se houver, por exemplo, ofensa à sua honra objetiva (pode ser vítima de calúnia ou difamação, não de injúria, pois este último crime viola a honra subjetiva, que é exclusiva de pessoa física). Nos termos do art. 37 do CPP, ela será representada em juízo por quem os respectivos contratos ou estatutos designarem ou, no silêncio destes, pelos seus diretores ou sócios-gerentes. Pode ainda a pessoa jurídica ser ré em crimes de ação penal pública, a saber, nos **crimes contra a ordem econômica e financeira e contra a economia popular**, se houver previsão legal a esse respeito (art. 173, § 5º, CF), e nos **crimes ambientais** (art. 225, § 3º, CF e art. 3º da Lei nº 9.605/98). Nessas hipóteses, o STJ vinha reconhecendo a chamada **teoria da dupla imputação**, segundo a qual a ação deve ser interposta em face da pessoa jurídica e também da pessoa física que atua em nome e em benefício do ente moral, formando-se assim um verdadeiro litisconsórcio passivo necessário. Nesse sentido, o julgado do STJ REsp nº 865.864, 5ª Turma, Rel. Min. Arnaldo Esteves Lima, DJE 13/10/2009. Todavia, registre-se que o STF, em decisão mais recente, não aceitou a existência da teoria da dupla imputação, sob o argumento de que, "[...] ao se condicionar a imputabilidade da pessoa jurídica à da pessoa humana, estar-se-ia quase que a subordinar a responsabilização jurídico-criminal do ente moral à efetiva condenação da pessoa física.

Ressaltou-se que, ainda que se concluísse que o legislador ordinário não estabelecera por completo os critérios de imputação da pessoa jurídica

por crimes ambientais, não haveria como pretender transpor o paradigma de imputação das pessoas físicas aos entes coletivos". Por conta disso, concluiu que é "[...] admissível a condenação de pessoa jurídica pela prática de crime ambiental, ainda que absolvidas as pessoas físicas ocupantes de cargo de presidência ou de direção do órgão responsável pela prática criminosa" (Informativo nº 714). Posteriormente, em agosto de 2015, o próprio STJ também negou a aplicação desta teoria, com os mesmos argumentos oferecidos pelo STF, unificando assim a jurisprudência dos tribunais superiores a respeito da matéria (STJ, RMS nº 39173).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, na segunda etapa, levando em consideração a recente decisão do STF que não acatou a existência da teoria da dupla imputação (Informativo nº 714), questionou-se se tal entendimento permitiria a responsabilização criminal de um município pela prática de crime ambiental. A pergunta foi formulada com a seguinte redação: "*Admitido, tal como recentemente decidiu a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal no RE 548181, o afastamento da teoria da dupla imputação, pergunta-se: é possível responsabilizar criminalmente um município que muito se beneficiou com o despejamento irregular de esgoto em determinado rio, poluindo-o? Exige-se resposta completa e devidamente justificada, que deverá levar em conta o fato de que o Prefeito, que determinou a realização da prática poluidora, faleceu no curso das investigações.*". Pela extrema relevância do polêmico tema e considerando que ele ainda não foi muito explorado em concursos público, merece ser transcrita, na íntegra, a resposta sugerida pela banca examinadora: "*A par dos argumentos contrários à possibilidade de a pessoa jurídica poder delinquir ante a incapacidade de ação, de culpabilidade e até mesmo de recebimento de pena, a resposta à questão tem por pressuposto a tese de que o Supremo Tribunal Federal, por sua Primeira Turma, entendeu possível criminalizar a pessoa jurídica independentemente da responsabilidade do seu gestor, com o argumento de que a Constituição Federal não estabeleceu nenhum condicionamento para tal responsabilização. Contudo, a questão vai mais adiante, pois trabalha a possibilidade ou não de responsabilização da pessoa jurídica de direito público interno por prática criminosa. E sobre isso, duas correntes existem: a primeira, que entende não ser possível, escuda-se no argumento de que nunca um ente público pode ter como interesse uma conduta criminosa, e nem mesmo dela beneficiar-se, já que se submete aos princípios constitucionais da legalidade, moralidade e eficiência, sendo a supremacia do interesse público um norte não vinculado à prática de crime. A segunda, no entanto, trabalha a ideia da possibilidade, com o argumento de que a lei não restringe a sujeição ativa e que seria inconcebível*

blindar o Estado de praticar ilícitos. Se o Estado tributa a si próprio, por que não poderia punir-se?".

IV. **Justa causa:** Antes do advento da Lei nº 11.719/08, a doutrina afirmava que a justa causa não era uma condição autônoma da ação, estando inserida na condição da ação interesse de agir. Contudo, a referida lei passou a tratar a justa causa como uma condição autônoma da ação, destacando-a no inciso III do art. 395 do CPP, em separado com as demais condições da ação, que figuram genericamente no inciso II deste dispositivo legal. Em verdade, a justa causa pode ser entendida como uma síntese de todas as condições da ação – inexistindo uma delas, inexiste a justa causa (NUCCI, 2008, p. 195). Isso porque ela envolve o suporte probatório mínimo, indício mínimo para o oferecimento da ação penal, o somatório de indícios suficientes de autoria com prova da materialidade do delito. É, pois, o *fumus boni iuris* (*fumus comissi delicti*) para o exercício da ação penal.

▸ **Justa causa duplicada:**

A justa causa duplicada é aquela exigida para fins de oferecimento de denúncia envolvendo crime de lavagem de capitais, na qual o Ministério Público deverá demonstrar o suporte probatório mínimo não apenas em relação ao crime de lavagem em si, mas também quanto à infração penal antecedente. Ela é extraída do teor do art. 2º, parágrafo 1º, da Lei nº 9.613/98, segundo o qual "A denúncia será instruída com indícios suficientes da existência da infração penal antecedente, sendo puníveis os fatos previstos nesta Lei, ainda que desconhecido ou isento de pena o autor, ou extinta a punibilidade da infração penal antecedente.".

Condições genéricas da ação penal
1. Possibilidade jurídica do pedido;
2. Interesse de agir;
3. Legitimidade de parte;
4. Justa causa.

▸ **Qual o entendimento do STF sobre o assunto?**

Quanto à causa objetiva de punibilidade prevista no art. 86 da Constituição Federal (declaração de procedência da acusação pela Câmara dos Deputados, no julgamento do Presidente da República), o Plenário do

STF, em inquérito que apura supostos delitos de obstrução de justiça e organização criminosa praticados pelo Presidente da República Michel Temer, decidiu que este juízo político de admissibilidade exercido pela Câmara dos Deputados precede a análise jurídica pelo Tribunal para conhecer e julgar qualquer questão ou matéria defensiva suscitada pelo denunciado. Em outros termos, somente após a autorização da Câmara dos Deputados é que se pode dar sequência à persecução penal no âmbito do STF. Assim, apenas após tal autorização, o STF determinará, com fincas no art. 4º da Lei nº 8.038/1990, a notificação do denunciado para, no prazo de 15 dias, apresentar sua defesa preliminar. Não cabendo ao STF proferir juízo de admissibilidade sobre denúncia oferecida contra o presidente da República antes da autorização da Câmara dos Deputados, igualmente não cabe proferir juízo antecipado a respeito de eventuais teses defensivas, cuja ambiência própria é o momento previsto no referido dispositivo legal, o qual prevê a apresentação de mencionada defesa preliminar após o oferecimento da denúncia. Por fim, o Ministro Dias Toffoli ainda ressaltou que, teoricamente, o relator, antes de encaminhar a denúncia ao Congresso Nacional, pode remetê-la ao Plenário da Suprema Corte para a sua rejeição, quando não estiverem presentes pressupostos processuais, houver carência da ação ou não existir justa causa (Informativo nº 878).

Já as condições da ação **específicas** são algumas condições exigidas, em determinados casos, para que o Ministério Público possa oferecer a denúncia. Elas são consideradas **condições de procedibilidade**, entendidas como aquelas que "vinculam o próprio exercício da ação penal e que são exigidas em determinados casos a partir de previsão legal expressa" (AVENA, 2009, p. 156). São condições de procedibilidade a *representação do ofendido* e a *requisição do Ministro da Justiça*, ambas indispensáveis ao oferecimento da ação penal pública condicionada e que serão estudadas no tópico seguinte.

Condições específicas da ação penal (condições de procedibilidade)
1. Representação do ofendido;
2. Requisição do Ministro da Justiça.

▸ **Observação:**

Existem ainda as chamadas **condições objetivas de punibilidade**, tidas como "aquelas das quais depende o aperfeiçoamento de elementos ou circunstâncias não previstas no tipo penal. Trata-se de circunstâncias exteriores ao crime, não integrantes do tipo e de acontecimento futuro e incerto (o agente não sabe se acontecerá ou não a condição à época do

crime)" (AVENA, 2009, p. 157). Nesse sentido, "A decisão que considera inexistente esta ordem de condição ingressa em aspectos de mérito" (AVENA, 2009, p. 157). Por isso, "Não há confundir as condições, genéricas ou específicas, da ação com as chamadas condições objetivas de punibilidade. Os institutos não têm qualquer relação, a despeito de a nomenclatura ser semelhante. As condições da ação constituem fatos relacionados ao direito processual e que são necessários para que o exercício da ação penal possa originar validamente um processo penal.

Já as condições objetivas da punibilidade são institutos contidos no plano do direito material" (BONFIM, 2010, p. 183-184). São hipóteses de condições objetivas de punibilidade: *a sentença anulatória do casamento, no crime de induzimento a erro essencial e ocultação de impedimento* (art. 236, parágrafo único, do CP); o *ingresso no país do autor do crime praticado no estrangeiro* (art. 7º, §§ 2º, alíneas "a" e "b", e 3º, do CP); a *declaração de procedência da acusação pela Câmara dos Deputados, no julgamento do Presidente da República* (art. 86 da Constituição Federal); a *sentença que decreta a falência, concede a recuperação judicial ou extrajudicial, nas infrações falimentares* (art. 180 da Lei nº 11.101/05).

Causas objetivas de punibilidade
1. Sentença anulatória do casamento, no crime do art. 236 CP;
2. Ingresso no país do autor do crime praticado no estrangeiro;
3. Declaração de procedência da acusação pela Câmara dos Deputados, no julgamento do Presidente da República;
4. Sentença que decreta a falência, concede a recuperação judicial ou extrajudicial, nas infrações falimentares.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz de Direito Substituto/RJ, em 2016, promovido pela Vunesp, cobrou-se a respeito da causa objetiva de punibilidade referente às infrações falimentares a partir de um caso prático: "Analise o caso a seguir e assinale a alternativa correta. X, empresário do ramo alimentício, teve decretada a falência de sua empresa, em 20 de outubro de 2009. Tendo o administrador judicial, em relatório circunstanciado, apontado indícios de desvio e venda das mercadorias da massa falida, o Ministério Público requisitou a instauração de inquérito, a fim de apurar a prática de crime falimentar por X, sócio gerente da empresa. Encerradas as investigações, o Ministério Público ofereceu denúncia, junto ao Juízo Criminal da Jurisdição em que foi decretada a falência, sendo a exordial recebida, iniciando-se o processo. Citado, X apresenta resposta à acusação, postulando por sua absolvição sumária, alegando faltar justa causa para a ação penal, uma vez que, por força de agravo

interposto junto ao Tribunal, a falência da empresa foi revertida. O Juízo não absolve sumariamente X, dando prosseguimento ao processo. X então impetra habeas corpus, junto ao Tribunal de Justiça. (A) O Tribunal de Justiça haveria de conceder a ordem, para trancar a ação penal, por ausência de condição de punibilidade do crime falimentar. (B) O Ministério Público não poderia ter oferecido denúncia em face de X, por crime falimentar, por faltar condição de procedibilidade, já que a ação é pública condicionada à representação dos credores. (C) O Tribunal de Justiça haveria de denegar a ordem, haja vista a independência das esferas. (D) A ação penal é nula, por incompetência do Juízo, pois, nos termos da Lei no 11.101/2005, é competente para julgar crime falimentar o Juízo que decretou a falência. (E) Tendo a Lei nº 1.101/2005 previsto o procedimento sumário para o processo e julgamento de crime falimentar, não é possível ao acusado apresentar resposta à acusação, prevista no artigo 396-A, do CPP.". A assertiva correta foi a letra A.

▸ Súmula Vinculante nº 24 do STF:

A **Súmula Vinculante nº 24 do STF**, ao estatuir que "Não se tipifica crime material contra a ordem tributária, previsto no art. 1º, incisos I a IV, da Lei nº 8.137/1990, antes do lançamento definitivo do tributo", acabou exigindo a configuração deste último instituto (lançamento definitivo do tributo) como uma verdadeira condição objetiva de punibilidade para crime daquela natureza (crime material contra a ordem tributária). No entanto, o próprio STF já decidiu que é possível a instauração de inquérito policial para apuração de crime contra a ordem tributária, antes do encerramento do processo administrativo fiscal, quando for absolutamente imprescindível para viabilizar a fiscalização, para que não se assegure a impunidade da sonegação fiscal (Informativo nº 573). Em julgado bem mais recente, o STF ampliou bastante essa ideia ao asseverar que, embora os crimes de sonegação tributária condicionem a persecução penal à existência do lançamento tributário definitivo, na verdade, o mesmo não ocorre quanto à investigação preliminar (Informativo nº 819). Noutro giro, o STF (HC nº 99740) e o STJ (RHC nº 34770) entendem que a Súmula Vinculante nº 24 do STF não se aplica ao crime de descaminho (art. 334 do Código Penal). Por ser crime formal, ele independe de apuração administrativo-fiscal do valor do imposto iludido, não se falando, pois, na existência da referida condição objetiva de punibilidade para tal delito.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do MP/GO, em 2009/2010, foi cobrado justamente o teor da Súmula Vinculante nº 24 do STF. Nesse sentido, a assertiva *"Nas proposições abaixo, assinale a alternativa incorreta à luz das decisões sedimen-*

tadas pelo Supremo Tribunal Federal: Não se tipifica crime material contra a ordem tributária, previsto no art. 1º, incisos I a IV, da Lei no 8.137/90, antes do lançamento definitivo do tributo" (destacada) foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Sergipe, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado exatamente o posicionamento do próprio STF que acaba excepcionando o teor da sua Súmula Vinculante nº 24, conforme acima mencionado. Nesse trilhar, a assertiva *"Em recente decisão, o STF entendeu que é possível a instauração de inquérito policial para apuração de crime contra a ordem tributária, antes do encerramento do processo administrativo-fiscal, quando isso for imprescindível para viabilizar a fiscalização"* (assertiva destacada) foi considerada correta.

▸ **Atenção:**

Diferentes das condições de procedibilidade são as **condições de prosseguibilidade**, tidas como condições indispensáveis à "continuidade da ação já deflagrada" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 124). É exemplo de condição de prosseguibilidade atualmente "a necessidade do agente recobrar a higidez mental nas hipóteses de insanidade superveniente, pois, enquanto isso não ocorre, o processo fica paralisado, e a prescrição corre normalmente [...] (art. 152, *caput*, CPP)" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 124). Há, neste exemplo, uma situação de **crise de instância**.

5. AÇÃO PENAL PÚBLICA

5.1. Princípios regentes

5.1.1. Princípio da obrigatoriedade (ou legalidade processual) e princípio consequencial da indisponibilidade

O **princípio da obrigatoriedade** da ação penal pública consiste no dever imposto à Polícia Judiciária e ao Ministério Público de, respectivamente, investigar e processar crimes desta espécie de ação penal. Para estes crimes, portanto, não há que se falar em princípio da oportunidade da atuação dos referidos órgãos estatais – tal princípio somente tem aplicação nos crimes de ação penal privada. Assim, por exemplo, se o membro do Ministério Público entende que há no inquérito policial indícios suficientes de autoria e prova da materialidade delitiva, deverá necessariamente oferecer a denúncia para a instauração da ação penal.

Já na ação penal pública condicionada à representação do ofendido, tem-se que a representação é regida pelo princípio da oportunidade, ao passo que o oferecimento de denúncia pelo Ministério Público é regido pela obrigatoriedade.

O princípio da obrigatoriedade da ação penal pública é um princípio constitucional implícito que decorre dos seguintes princípios constitucionais expressos:

1. **Legalidade penal (art. 5º, XXXIX, CF)**: não há crime sem prévia lei que o defina, nem pena sem prévia cominação legal; logo, se há tipicidade penal, há obrigatoriedade da aplicação da sanção penal.
2. **Titularidade da ação penal pública exclusivamente pelo Ministério Público (art. 129, I, CF e art. 257, I, CPP) e, em caráter excepcional, pelo ofendido (art. 5º, LIX, CF).**

Em decorrência do princípio da obrigatoriedade da ação penal pública é que o art. 27 do CPP estabelece que qualquer pessoa do povo poderá provocar a iniciativa do Ministério Público, nos casos em que caiba a ação pública, fornecendo-lhe, por escrito, informações sobre o fato e a autoria e indicando o tempo, o lugar e os elementos de convicção. Além disso, o art. 40 do CPP assevera que quando, em autos ou papéis de que conhecerem, os juízes ou tribunais verificarem a existência de crime de ação pública, remeterão ao Ministério Público as cópias e os documentos necessários ao oferecimento da denúncia.

Registre-se que o princípio da obrigatoriedade da ação penal pública é mitigado com o instituto da **transação penal** (art. 76 da Lei nº 9.099/95), que consagra o **princípio da discricionariedade regrada (ou da obrigatoriedade mitigada)**, ou seja, discricionariedade de acordo com os parâmetros da lei: uma vez preenchidos os requisitos legais (requisitos previstos no art. 76, § 2º, da Lei nº 9.099/95), surge para o Ministério Público o poder-dever de oferecer a proposta deste benefício ao agente delitivo, evitando-se o início da ação penal.

Sobreleva destacar ainda que o instituto da colaboração premiada, nos termos do art. 4º da Lei nº 12.850/13, o acordo de leniência, previsto nas hipóteses dos arts. 86 e 87 da Lei nº 12.529/11 e dos arts. 16 e 17 da Lei nº 12.846/13, e o acordo de não persecução penal, regulamentado pelo art. 18 da Resolução nº 181/2017 do Conselho Nacional do Ministério Público, também mitigam o princípio da obrigatoriedade da ação penal pública.

Outrossim, o **princípio da indisponibilidade da ação penal pública** decorre do princípio da obrigatoriedade e implica na proibição de que o Ministério Público desista da ação penal instaurada (art. 42 do CPP). No campo dos recursos, tal princípio implica na impossibilidade de o Ministério Público desistir do mesmo (art. 576 do CPP) - embora não se exija que o *Parquet* recorra -, o que é lógico, afinal de contas o recurso tem natureza jurídica de mero desdobramento do direito de ação.

O princípio da indisponibilidade da ação penal pública é também mitigado por um instituto previsto na Lei nº 9.099/95, qual seja, a **suspensão condicional do processo**, disciplinada no art. 89 deste diploma legal. A esse respeito, insta salientar que o *caput* do art. 89 da Lei nº 9.099/95 assevera: "Nos crimes em que a pena mínima cominada for igual ou inferior a um ano, abrangidas ou não por esta Lei, o Ministério Público, ao oferecer a denúncia, poderá propor a suspensão do processo, por dois a quatro anos, desde que o acusado não esteja sendo processado ou não tenha sido condenado por outro crime, presentes os demais requisitos que autorizariam a suspensão condicional da pena (art. 77 do Código Penal)". Se o período de prova for encerrado sem que haja descumprimento das condições estipuladas na proposta de suspensão, o juiz declarará a extinção da punibilidade, consoante o art. 89, § 5º, da lei.

Espécie de ação penal	Princípio regente
Ação penal pública incondicionada	Princípio da obrigatoriedade
Ação penal pública condicionada à representação do ofendido	Princípio da oportunidade para a representação do ofendido e princípio da obrigatoriedade para o oferecimento da ação penal
Ação penal no juizado especial criminal (Lei nº 9.099/95)	Princípio da discricionariedade regrada (transação penal)
Ação penal privada	Princípio da oportunidade

5.1.2. Princípio da oficialidade

O princípio consiste no fato de que a atividade persecutória será exercida necessariamente por órgãos **oficiais** do Estado, não sendo possível o particular exercê-la. Em juízo, o órgão oficial que atuará na ação penal pública é o Ministério Público.

Em outras palavras, a persecução penal é uma atividade obrigatória do Estado que é cumprida por meio de 3 (três) dos seus órgãos, quais sejam, a Polícia Judiciária (investiga), o Ministério Público (acusa) e o Juiz (julga). Decorre das normas constitucionais previstas nos artigos 129, inciso I (titularidade da ação penal pública por parte do Ministério Público), e 144, §§ 1º, IV (determina que a função de polícia judiciária da União será exercida pela polícia federal), e 4º (determina que a função de polícia judiciária, no âmbito estadual, será exercida pela polícia civil).

É princípio que se aplica apenas aos **crimes de ação penal pública**, já que, na ação penal privada, o autor da ação é um particular.

Ressalte-se que este princípio não deve ser confundido com o princípio da oficiosidade, que é a seguir apreciado.

5.1.3. Princípio da oficiosidade

É princípio segundo o qual "as autoridades públicas incumbidas da persecução penal devem agir de **ofício**, sem necessidade de provocação ou de assentimento de outrem" (CAPEZ, 2007, p. 22) - destacamos.

No entanto, tal princípio somente se aplica aos **crimes de ação penal pública incondicionada**. Isso, porém, não impede que qualquer do povo provoque a atuação do órgão público, conforme permitido pelo art. 27 do CPP.

Princípio da oficialidade	Princípio da oficiosidade
A atividade persecutória deverá ser executada por órgão **oficial** do Estado (em juízo, pelo Ministério Público).	A atividade persecutória deverá ser iniciada **de ofício** por órgão oficial do Estado (em juízo, pelo Ministério Público).

5.1.4. Princípio da autoritariedade

É princípio segundo o qual "os órgãos investigantes e processantes devem ser **autoridades públicas** (delegado de polícia e promotor ou procurador de justiça)" (CAPEZ, 2007, p. 30) - destacamos. Em juízo, a ação penal deve ser oferecida pelo Promotor de Justiça ou pelo Procurador da República, na esfera federal.

O princípio, porém, **não se aplica aos crimes de ação penal privada**, pois ela é oferecida por particular.

5.1.5. Princípio da (in)divisibilidade

Segundo **entendimento do STF**, a **ação penal pública é regida pelo princípio da divisibilidade**, afinal de contas o Ministério Público poderia sempre, até a sentença final (art. 569 do CPP), incluir novos agentes delitivos por meio de aditamento à denúncia ou oferecer contra eles nova ação penal, caso já tenha sido prolatada a sentença final do feito (STF, HC 104356/RJ e HC 117589/SP). É esse também o mais recente posicionamento do STJ (STJ, HC 178406/RS e APn 691/DF).

Por conta desse entendimento, STF (AP 470-DF) e STJ (RHC 52.465-PE) já decidiram que o reconhecimento da inépcia da denúncia em relação ao acusado de corrupção ativa (art. 333 do CP) não induz, por si só, o trancamento da ação penal em relação ao denunciado, no mesmo processo, por corrupção passiva (art. 317 do CP). Segundo os tribunais superiores, os crimes de corrupção passiva e ativa, por estarem previstos em tipos penais distintos e autônomos, são independentes, de modo que a comprovação de um deles não pressupõe a do outro. Assim, para que seja oferecida denúncia em face do autor da corrupção passiva é desnecessária a identificação ou mesmo a condenação do corruptor ativo, justamente porque o princípio da indivisibilidade não se aplica às ações penais públicas.

Registre-se, porém, que prevalece na doutrina o entendimento de que a ação penal pública é regida pelo princípio da indivisibilidade, já que a ação penal deve se estender "a todos aqueles que praticaram a infração penal" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 127).

Em verdade, a nosso sentir, é de pouca relevância discutir se a ação penal pública é regida pelo princípio da divisibilidade ou pelo princípio da indivisibilidade. O que realmente importa é ter em mente que a ação penal pública é regida pelo princípio da obrigatoriedade, daí porque o Ministério Público tem o dever de incluir todos os agentes delitivos na demanda, desde que existam indícios suficientes de autoria e prova da materialidade contra eles. De outro lado, caso só surjam estes elementos contra novos agentes ao longo da ação penal, até a sentença final, é óbvia a possibilidade de aditamento à denúncia para inclusão dos mesmos, conforme permitido expressamente pelo art. 569 do CPP. E se tais elementos surgem após a sentença final é possível o oferecimento de nova ação penal em face dos coautores.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado do Mato Grosso, promovido pelo Cebraspe/Cespe, em 2017, cobrou-se o entendimento da jurisprudência a respeito da aplicação do princípio da divisibilidade à ação penal pública, conforme assertiva adiante transcrita: *"O princípio da indivisibilidade, quando não observado, impõe ao juiz a rejeição da denúncia nas ações penais públicas."*. A alternativa foi considerada incorreta.

5.1.6. Princípio da intranscendência ou da pessoalidade

É princípio que decorre do princípio penal da culpabilidade (ninguém pode ser processado sem prova do dolo ou culpa). Por força de tal princípio, exige-se que o processo penal seja instaurado apenas em face de quem efetivamente cometeu o crime. Por conta disso, não é possível que o responsável civilmente pelo ato figure como réu em uma ação penal. Exemplo: se um empregado, usando o carro da sociedade empresarial em que trabalha, atropela e mata, culposamente, terceira pessoa, o sócio responsável por tal sociedade não poderá constar como réu em um eventual processo penal, apenas o empregado.

5.2. Representação do ofendido

A representação do ofendido é uma condição de procedibilidade para o exercício da ação penal pública que consiste em uma modalidade de *delatio criminis* postulatória, pois, por meio dela, não só o ofendido informa a prática do crime como também postula que seja instaurada a persecução penal (NUCCI, 2008, p. 196). Desse modo, a persecução penal (inquérito policial, o que inclui o auto de prisão em flagrante delito, e ação penal) não poderá ser instaurada sem que haja manifestação do ofendido nos crimes que dela dependam (ação penal pública condicionada à representação do ofendido). Abaixo seguem informações relevantes sobre este instituto.

1. **Prazo para oferecimento**: Em regra, ela deve ser oferecida no **prazo decadencial de 6 (seis) meses, contados do conhecimento da autoria** (art. 38 do CPP). Na hipótese de ação penal privada subsidiária da pública, o prazo é contado do dia em que se esgotar o prazo para o oferecimento da denúncia

por parte do Ministério Público (art. 38, parte final, do CPP). Por ser prazo decadencial (penal), ele é contado nos termos do art. 10 do CP: inclui-se o dia do começo e exclui-se o do vencimento. Além disso, ele não se interrompe, não se suspende nem se prorroga. Caso o prazo se encerre em dia não útil, o ofendido deverá oferecer a representação à autoridade de plantão, pois não será possível a prorrogação deste prazo para o primeiro dia útil subsequente.

O prazo para oferecimento da representação previsto no art. 41 da Lei de Imprensa (Lei nº 5.250/67), qual seja, de 3 (três) meses, contados da data da publicação ou transmissão da notícia, não tem mais aplicabilidade, tendo em vista que o STF declarou a revogação do mencionado diploma legal no julgamento da ADPF nº 130/DF.

2. **Legitimidade e capacidade para oferecimento:** A representação pode ser feita pessoalmente ou por procurador (não precisa ser advogado, basta que seja pessoa maior de 18 anos), desde que possua poderes especiais para tanto, nos termos do art. 39, *caput*, do CPP.

No caso de o **ofendido ser menor de 18 (dezoito) anos de idade**, quem pode representar por ele são o ascendente, tutor ou curador (art. 24, *caput*, parte final, do CPP).

Ainda sobre a representação do ofendido menor de 18 (dezoito) anos de idade, com a redução da maioridade civil para 18 (dezoito) anos operada pelo Código Civil de 2002, não há mais que se falar em duplicidade do prazo (um para o ofendido e outro para o seu representante legal), que ocorria na hipótese de agente maior de 18 (dezoito) e menor de 21 (vinte e um) anos de idade.

Assim, tem-se que o direito de representação é único. Se o menor de 18 (dezoito) anos levar ao conhecimento do representante legal a autoria delitiva, o prazo de 6 (seis) meses começa a fluir. Se o responsável legal não oferecer a representação, não poderá o menor, ao atingir a maioridade, oferecê-la, pois se operou a decadência do direito em testilha. Entretanto, se o menor não levar ao conhecimento do representante legal a autoria do crime, contra ele não flui o prazo (já que menor) e contra o representante também não (eis que não tem ciência). Logo, quando completar a maioridade, poderá representar, dentro do prazo decadencial de 6 (seis) meses (LOPES JR., 2010, p. 276).

Por tudo isso, não é mais aplicável o teor da Súmula nº 594 do STF ("Os direitos de queixa e de representação podem ser exercidos, independentemente, pelo ofendido ou por seu representante legal"). O art. 34, parte final, do CPP também se encontra tacitamente derrogado ("Se o ofendido for menor de 21 e maior de 18 anos, o direito de queixa poderá ser exercido por ele ou por seu representante legal" - grifo nosso).

De outro lado, **se o ofendido for emancipado**, ele ainda não poderá oferecer representação pessoalmente. Nesta hipótese, ou deve ser designado pelo juiz um curador especial para oferecer a representação em favor do ofendido emancipado, ou se deve aguardar o ofendido completar os 18 (dezoito) anos de idade para oferecê-la pessoalmente. Nesse segundo caso, o prazo decadencial só começa a ser contado a partir da maioridade do ofendido, o que, porém, gera o risco de se efetivar a prescrição do crime, que já começa a correr desde sempre.

O art. 33 do CPP prevê a figura do **curador especial** para oferecer a representação nos casos de ausência de representante legal de menores de idade, bem como em se tratando de retardados mentais e pessoas mentalmente enfermas. É possível também para a hipótese de colisão de interesses do representante legal com o do representado, como no caso de crimes praticados por aquele contra este. O curador especial é nomeado pelo juiz competente para o processo penal, de ofício ou a requerimento do Ministério Público. Ele é um substituto processual, atuando em nome próprio defendendo direito alheio. No entanto, o curador não está obrigado a oferecer a representação, cabendo a ele "ponderar a conveniência ou não da representação em face dos interesses da vítima" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 131).

No caso de **vítima morta ou declarada ausente judicialmente**, quem pode representar por ela são seus parentes mencionados no art. 24, § 1º, CPP, necessariamente nessa ordem: cônjuge, ascendente, descendente ou irmão. Entretanto, no conflito entre representar ou não, deve sempre prevalecer a vontade de quem deseja representar (art. 36 do CPP). É de se registrar que, neste dispositivo legal, deve ser incluído também o companheiro, por força do princípio constitucional da igualdade.

As pessoas jurídicas, se forem vítimas de infrações penais, podem oferecer representação por quem os respectivos contratos ou

estatutos designarem ou, no silêncio destes, pelos seus diretores ou sócios-gerentes, em analogia ao disposto no art. 37 do CPP, que versa sobre o exercício do direito de ação por esta entidade.

Ademais, ressalte-se que **a mulher casada** pode representar sem o consentimento do marido, pois o art. 35 do CPP, que exigia tal consentimento, foi expressamente revogado pela Lei nº 9.520/97.

3. **Destinatários**: Deve ser **dirigida à autoridade policial, ao juiz ou ao membro do Ministério Público** (art. 39, *caput*, do CPP). Em sendo dirigida à autoridade policial, esta última procederá a inquérito, ou, não sendo competente, remetê-lo-á à autoridade que o for (art. 39, § 3º, do CPP). Se, porém, for dirigida ao juiz ou perante este reduzida a termo, será remetida à autoridade policial para que esta proceda a inquérito (art. 39, § 4º, do CPP). E se ela for encaminhada ao membro do Ministério Público, este dispensará o inquérito, se com a representação forem oferecidos elementos que o habilitem a promover a ação penal e, neste caso, oferecerá a denúncia no prazo de 15 (quinze) dias (art. 39, § 5º, do CPP).

Apresentada a representação ao Ministério Público, este fica atrelado àquela, não podendo alargá-la, incluindo, por exemplo, crime não mencionado em tal peça (**eficácia objetiva da representação**). Poderá, entretanto, "enquadrar a conduta delituosa em dispositivo legal diverso daquele eventualmente apontado pela vítima" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 131).

De outro lado, a representação oferecida contra um dos autores ou partícipes de uma infração penal permite que o Ministério Público a considere para todos os demais, por força do princípio da obrigatoriedade da ação penal (**eficácia objetiva – e não subjetiva – da representação**). É a posição do STF (HC nº 54083/SP, 1ª Turma, Rel. Min. Antônio Neder, DJ 8/7/1976, p. 16).

Ademais, **a representação não obriga o Ministério Público a oferecer a ação penal**: ele somente oferecerá denúncia se houver justa causa para tanto; caso não haja, pode pedir o arquivamento do inquérito policial, sem que caiba ação penal privada subsidiária da pública.

4. **Ausência de formalismo: Não há formalismo para a elaboração da peça**, bastando que seja possível apurar a intenção do ofendido de instaurar a persecução penal contra o

ofensor. Apenas por cautela é que ela deve ser colhida por termo - art. 39, § 1º, do CPP. O STJ tem posicionamento no sentido de que o oferecimento equivocado de queixa-crime, imaginando a vítima que seria caso de ação penal privada, implica no exercício do direito de representação. Este tribunal já decidiu que, no crime de lesão corporal culposa, de competência do Juizado Especial Criminal, a lavratura de boletim de ocorrência por delegado de polícia supre a representação exigida pelo art. 88 da Lei nº 9.099/95, demonstrando a intenção da vítima de responsabilizar o autor do delito (HC nº 7.771-SP). O mesmo foi decidido em relação aos crimes praticados mediante violência doméstica e familiar contra a mulher, disciplinados pela Lei nº 11.340/06 (Lei Maria da Penha): o registro de ocorrência perante autoridade policial (boletim de ocorrência) serve para demonstrar a vontade da vítima de crimes desta natureza em dar seguimento à ação penal contra o agressor (HC nº 101742). Há precedentes do STF também nesse sentido (HC nº 73.226-7).

Ela pode ser, pois, escrita com a assinatura autenticada do ofendido ou oral (art. 39, *caput*, do CPP). Porém, se a representação for feita oralmente ou por escrito, sem assinatura devidamente autenticada do ofendido, de seu representante legal ou procurador, será reduzida a termo, perante o juiz ou autoridade policial, presente o órgão do Ministério Público, quando a este houver sido dirigida (art. 39, § 1º, do CPP).

Em ambos os casos, deve haver a menção ao autor e ao fato criminoso, já que o art. 39, § 2º, do CPP exige que a representação contenha todas as informações que possam servir à apuração do fato e da autoria.

5. **Retratação**: Cabe **retratação da representação até antes do oferecimento da denúncia** (art. 25 do CPP), *sem limites*. Contudo, nos **crimes praticados mediante violência doméstica e familiar contra a mulher**, consoante o art. 16 da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06), a retratação da representação pode ser feita **até o recebimento da denúncia**, exigindo-se que ela seja feita **perante o juiz, em audiência especial para esse fim, ouvido o Ministério Público**. Esta audiência especial somente deverá ser designada pelo juiz se houver algum elemento nos autos indicando que a vítima pretende se

retratar. Não se admite, portanto, que, ausente este elemento, o magistrado designe tal audiência para que a vítima, uma vez, intimada, confirme em juízo a sua representação. Em outros termos, a citada audiência deverá ser utilizada somente para a retratação (e não para que se confirme a representação já oferecida). É este o posicionamento do STJ (RHC nº 30946/MG).

Nesse cenário, faz-se imprescindível relembrar que o STF, no julgamento da ADI 4424 e da ADC 19, assentou a natureza incondicionada da ação penal em caso de crime de lesão, pouco importando a extensão desta, praticado contra a mulher no ambiente doméstico. Assim, por exemplo, os crimes de lesões corporais leves e culposas no contexto da Lei Maria da Penha são de ação penal pública incondicionada, não podendo se falar, pois, em retratação da representação. Todavia, crimes que não sejam de lesões corporais e que eram de ação penal pública condicionada à representação do ofendido, a exemplo do crime de ameaça e dos crimes contra a dignidade sexual (se a vítima for maior e capaz), continuam com a natureza desta ação penal inalterada, não sendo alcançados pela decisão do STF. É esse também o teor da recente Súmula nº 542 do STJ (*"A ação penal relativa ao crime de lesão corporal resultante de violência doméstica contra a mulher é pública incondicionada"*).

A retratação da representação, em qualquer caso, pode ser *expressa* ou *tácita* (quando, por exemplo, o ofendido se reconcilia com o agressor). É possível a retratação da retratação, desde que não haja a decadência. Guilherme de Souza Nucci ainda acrescenta que "a retratação da retratação pode ser considerada inviável se ficar evidenciada a má-fé do ofendido, que vem ameaçando o agente e conseguindo vantagens, graças à possibilidade de 'ir e vir' no seu desejo de representar" (NUCCI, 2008, p. 200).

▸ **Lembrete:**

Seja qual for o crime, quando praticado em detrimento do patrimônio ou interesse da União, Estado e Município, a ação penal será pública, conforme previsão do art. 24, § 2º, do CPP. Nesse contexto, registre-se que o crime de dano praticado contra patrimônio da União, de Estado, do Distrito Federal, de Município ou de autarquia, fundação pública, empresa pública, sociedade de economia mista ou empresa concessionária de serviços públicos está submetido a ação penal pública incondicionada, consoante os artigos 163, parágrafo único, inciso III, com a redação dada pela Lei nº 13.531/2017, e 167 do Código Penal.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLIX concurso do MP/MG, em 2010, foi cobrado justamente o teor dos artigos 163, parágrafo único, inciso III, e 167 do CP. Nesse sentido, a assertiva *"Nos crimes praticados em detrimento do patrimônio dos municípios, a ação penal imprescinde de representação"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, em 2011, foram cobradas importantes características da representação do ofendido, da seguinte forma: *"Quanto à representação, assinale a alternativa CORRETA. A) A representação deve ser expressa, depende de forma específica para produzir efeitos. B) A representação admite retratação, que pode ser exercida pela própria vítima até a sentença final. C) A representação é direito renunciável, pode ser exercida por procurador com poderes especiais e sujeita-se à decadência. D) A representação deve ser manifestada na presença do juiz, nos casos de violência doméstica."*. A resposta correta foi a letra C.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No LII concurso de Promotor de Justiça Substituto do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pelo MPMG, voltou-se a cobrar a representação do ofendido, nesses termos: *"Assinale a alternativa* **CORRETA. A)** *A representação é condição objetiva de punibilidade exigida do ofendido ou de quem tiver qualidade para representá-lo e, no caso de morte, pode ser exercida pelo cônjuge, ascendente, descendente ou irmão.* **B)** *A representação não depende de fórmula sacramental prescrita em lei, podendo ser oral ou escrita, dirigida ao juiz, Ministério Público ou autoridade policial e será irretratável, depois de recebida a denúncia.* **C)** *Tanto o ofendido quanto o Ministério Público, este mediante representação, têm legitimidade para a ação penal no caso de crime contra a honra de servidor público em razão do exercício de suas funções.* **D)** *Salvo disposição em contrário, o ofendido, ou seu representante, decairá do direito de representar, se não o exercer no prazo de seis meses, contado do dia em que o fato aconteceu"*. A assertiva correta foi a letra C.

5.3. Requisição do Ministro da Justiça

Trata-se de um "ato de conveniência política, a cargo do Ministro da Justiça, autorizando a persecução criminal nas infrações que a exijam" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 133). Ela é exigida, pois, apenas em algumas situações, "diante da complexidade do tema e da conveniência política de se levar o caso à apreciação do Poder Judiciário" (NUCCI, 2008, p. 200). É também modalidade de *delatio*

criminis postulatória. Abaixo seguem informações relevantes sobre este instituto.

1. **Prazo para oferecimento:** No silêncio da lei, não há prazo decadencial para formulá-la, desde que não extinta a punibilidade do agente.
2. **Destinatário:** Ela deve ser dirigida ao Ministério Público, na figura do seu Procurador-Geral de Justiça.
3. **Discricionariedade:** Essa requisição está sujeita à discricionariedade do Ministro da Justiça, no sentido de, fazendo um juízo de conveniência e oportunidade, fica a seu critério decidir se a oferece ou não.
4. **Ausência de vinculação do Ministério Público e eficácia objetiva:** Assim como acontece com a representação do ofendido, a requisição do Ministro da Justiça **não vincula a atuação do Ministério Público** e possui **eficácia objetiva**, nos termos já explicitados no item anterior.
5. **Retratação:** Há séria polêmica na doutrina se seria possível a retratação da requisição do Ministro da Justiça. Para parcela da doutrina, em analogia ao que ocorre com a representação do ofendido, a requisição do Ministro da Justiça poderia ser retratada até o oferecimento da denúncia (art. 25 do CPP). Nesse sentido, Guilherme de Souza Nucci (2008, p. 201) e Luiz Flávio Gomes (2005, p. 97). Em sentido oposto, sustentando que não há previsão legal a esse respeito e que a requisição é ato político a cargo do Ministro da Justiça e, por isso mesmo, exige serenidade e ponderação antes de ser apresentada, não admitem a retratação Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar (2009, p. 133) e Fernando da Costa Tourinho Filho (2003, p. 358).
6. **Hipóteses:** São hipóteses de ação penal pública condicionada à requisição do Ministro da Justiça: os crimes cometidos por estrangeiro contra brasileiro fora do Brasil (art. 7º, § 3º, alínea "b", do Código Penal); os crimes contra a honra praticados contra o Presidente da República ou chefe de governo estrangeiro (art. 145, parágrafo único, 1ª parte, do Código Penal).

6. AÇÃO PENAL PRIVADA

Determinado crime fica submetido a ação penal privada quando o Estado legitima o ofendido ou seu representante legal (art. 30 do

CPP) a "agir em seu nome, ingressando com ação penal e pleiteando a condenação do agressor, em hipóteses excepcionais" (NUCCI, 2008, p. 202). O particular, portanto, passa a ter o direito de ação, a legitimidade para o oferecimento da ação penal privada, embora a pretensão punitiva (*jus puniendi*), a titularidade da ação penal permaneça em mãos do Estado.

Nessas hipóteses, o interesse particular prevalece sobre o público. Isso porque se entende que, nas situações sujeitas a ação penal privada, a vítima deve ter o direito de "optar entre expor a sua intimidade em juízo ou quedar-se inerte, pois, muitas vezes, o sofrimento causado pela exposição ao processo é maior do que a própria impunidade do criminoso" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 134). Com o regime da ação penal privada, evita-se, portanto, o *strepitus iudicci*, o "[...] escândalo provocado pelo ajuizamento da ação penal [...]" (OLIVEIRA, 2008, p. 116), com a finalidade de que a vítima não provoque "[...] a produção de novos danos em seu patrimônio - moral, social, psicológico etc. - diante de possível repercussão negativa trazida pelo conhecimento generalizado do fato criminoso [...]" (OLIVEIRA, 2008, p. 116).

6.1. Legitimação ativa

À semelhança do que ocorre com a representação do ofendido, em regra, possui legitimidade ativa para o oferecimento da ação penal privada o **ofendido ou o seu representante legal** (art. 30 do CPP).

Em havendo a **morte ou declaração de ausência do ofendido**, passam a ter legitimidade ativa o cônjuge, ascendentes, descendentes e irmãos, nesta ordem de preferência (art. 31 do CPP), embora qualquer um deles possa prosseguir na ação, caso o querelante desista da instância ou a abandone (art. 36 do CPP). É de se registrar que, neste dispositivo legal, deve ser incluído também o companheiro, por força do princípio constitucional da igualdade.

É possível ainda a figura do **curador especial**, se o ofendido for menor de 18 (dezoito) anos, ou mentalmente enfermo, ou retardado mental, e não tiver representante legal, ou colidirem os interesses deste com os daquele. Esse curador será nomeado, de ofício ou a requerimento do Ministério Público, pelo juiz competente para o processo penal (art. 33 do CPP).

Todavia, para o ofendido maior de 18 (dezoito) anos de idade e menor de 21 (vinte e um), por ser ele absolutamente capaz, conforme o Código Civil de 2002, a legitimidade é apenas e tão-somente dele, não havendo mais a figura do representante legal para o mesmo, motivo pelo qual houve a derrogação tácita do art. 34, parte final, do CPP, bem como a Súmula nº 594 do STF perdeu a sua eficácia, como já exposto anteriormente.

Registre-se também que é possível o **oferecimento de ação penal privada por parte de pessoa jurídica**, por meio de quem os respectivos contratos ou estatutos designarem ou, no silêncio destes, pelos seus diretores ou sócios-gerentes, nos termos do art. 37 do CPP.

Em qualquer caso, **o autor da ação penal deve estar devidamente acompanhado de advogado** (salvo se ele próprio for advogado, hipótese em que advogará em causa própria). A esse respeito, frise-se que o art. 32, *caput*, do CPP dispõe que "Nos crimes de ação privada, o juiz, a requerimento da parte que comprovar a sua pobreza, nomeará advogado para promover a ação penal". O art. 32, § 1º, do CPP, por sua vez, estabelece que "Considerar-se-á pobre a pessoa que não puder prover às despesas do processo, sem privar-se dos recursos indispensáveis ao próprio sustento ou da família". Em complemento, o art. 32, § 2º, do CPP esclarece que "Será prova suficiente de pobreza o atestado da autoridade policial em cuja circunscrição residir o ofendido".

6.2. Princípios regentes

6.2.1. Princípio da oportunidade ou da conveniência

A vítima tem a faculdade de ofertar ou não a ação penal, já que é ela a titular desse direito. Por isso é que há a possibilidade de transcurso do prazo decadencial *in albis*, o que provoca a decadência do direito de ação, e de renúncia (expressa ou tácita, conforme artigos 49 e 50 do CPP) a esse mesmo direito, ambas causas de extinção da punibilidade (art. 107, incisos IV e V, do Código Penal).

6.2.2. Princípio da disponibilidade

Em decorrência do princípio da disponibilidade, o particular pode desistir da ação penal privada já instaurada, seja pelo instituto do perdão (artigos 51 a 59 do CPP), seja pela perempção (art. 60 do CPP). É consequência direta do princípio da oportunidade ou da conveniência.

6.2.3. Princípio da indivisibilidade da ação penal privada (art. 48 CPP)

Não pode o ofendido escolher contra qual agente oferecerá ação penal privada, se possuir justa causa em face de todos os agentes delitivos. Ou ele ingressa com a ação penal em face de todos os agentes ou não ingressa em face de nenhum deles. A esse respeito, o art. 48 do CPP assevera que a queixa contra qualquer dos autores do crime obrigará ao processo de todos. Evita-se assim que a ação penal seja utilizada como instrumento de **vingança privada**.

Ademais, ainda nos termos do art. 48 do CPP, o Ministério Público, atuando como *custos legis* na ação penal privada, deverá velar pelo princípio em comento.

6.2.4. Princípio da intranscendência ou da pessoalidade

O princípio em referência exige que o processo penal seja instaurado apenas em face do autor do delito, como já visto anteriormente.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado da Bahia, realizado em 2015, dentre outros aspectos relevantes da ação penal, foi cobrada a aplicação do princípio da intranscendência ou pessoalidade, da seguinte forma: "*Em relação à ação penal e seus desdobramentos processuais, assinale a alternativa CORRETA: a) Com base no princípio da suficiência da ação penal, o Código de Processo Penal determina que o juiz, nas ações penais públicas, deverá resolver questões heterogêneas de prejudicialidade obrigatória e, ao proferir sentença condenatória, fixar valor mínimo para reparação dos danos causados pela infração penal. b) A imputação alternativa originária, enquanto técnica acusatória estabelecida em algumas leis processuais penais especiais,é uma das características da ação penal secundária. c) Segundo o princípio da intranscendência da ação penal, a acusação, formalizada via denúncia ou queixa, somente poderá recair sobre o provável autor, coautor ou partícipe do fato delituoso apurado na investigação* preliminar. *d) Conceitualmente, as condições da ação penal também podem ser denominadas de condições de prosseguibilidade. e) De acordo com a jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça, nas ações penais públicas condicionadas à representação denomina-se eficácia objetiva da representação* a desnecessidade de formalismo para a manifestação *de vontade do ofendido quanto ao início da persecução penal*". A resposta correta foi a letra C.

6.3. Decadência

A decadência é "a perda do direito de agir pelo decurso de determinado lapso temporal, estabelecido em lei, provocando a extinção da punibilidade do agente" (NUCCI, 2008, p. 202). Ela atinge a ação penal pública condicionada à representação do ofendido e a ação penal privada.

Nos termos do art. 38 do CPP, o prazo decadencial para oferecimento da queixa-crime é de **6 (seis) meses, contados a partir do conhecimento da autoria**. A contagem desse prazo é feita a partir da regra contida no art. 10 do CP (conta-se o dia de início e exclui-se o dia do vencimento), não se interrompendo, suspendo ou prorrogando. De qualquer forma, em havendo dúvida, ela deve ser resolvida em favor do ajuizamento da ação (NUCCI, 2008, p. 203).

O prazo decadencial tem seu cômputo finalizado com o simples oferecimento da peça acusatória da ação penal privada, que é a queixa-crime. Pouco importa, portanto, se houve ou não o recebimento desta peça. Nesse sentido, o oferecimento da queixa-crime em juízo sem **competência territorial (competência relativa)** para processar e julgar o feito tem o condão de promover a interrupção do prazo decadencial, "desde que seja o próprio juiz a remeter os autos a outro magistrado, sem que o processo finde. Caso a parte desista da ação, propondo outra no foro correto, é preciso estar dentro do prazo de seis meses, pois nova demanda está sendo ajuizada e a interrupção perdeu efeito" (NUCCI, 2008, p. 204). No entanto, o oferecimento da queixa em juízo sem **competência absoluta (em razão da matéria ou por prerrogativa de foro)** para processar e julgar o feito não tem o condão de interromper o prazo decadencial.

Noutro giro, **a demora para a conclusão do inquérito policial não interrompe a decadência**. Nessa situação, é prudente que o querelante ofereça a ação penal e requeira ao magistrado, na inicial, o apensamento do inquérito concluído ao processo criminal.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foi cobrado justamente o fato de que, nos crimes de ação penal privada, a instauração do inquérito policial não interrompe o prazo para oferecimento de queixa, da seguinte forma: "*Se o crime for de alçada privada,*

a instauração de inquérito policial a) não interrompe o prazo para o oferecimento de queixa. b) é indispensável para a propositura da ação penal. c) constitui causa de interrupção da prescrição. d) suspende o prazo para o oferecimento de queixa. e) não pode ocorrer de ofício, admitindo-se, porém, requisição da autoridade judiciária.". A resposta correta foi a de letra A.

No **crime continuado** previsto no art. 71 do Código Penal, conta-se o prazo decadencial **individualmente**, para cada delito, regra idêntica àquela da contagem da prescrição para este crime, de acordo com o art. 119 do Código Penal (NUCCI, 2008, p. 204).

Já para o **crime permanente**, a regra não deve ser a mesma da contagem da prescrição (da data em que cessar a permanência, como dispõe o art. 111, inciso III, do Código Penal), devendo ser seguida a regra geral de que se conta o prazo a partir do **conhecimento da autoria**. Se houver o término do prazo de 6 (seis) meses e ainda assim o crime persistir, continua sendo possível o oferecimento da ação penal, mas apenas para os fatos posteriores aos 6 (seis) meses já vencidos. Essa regra geral também deve ser aplicada para os **crimes habituais** (NUCCI, 2008, p. 204-205).

Há, porém, **prazos decadenciais especiais** para o oferecimento da queixa-crime: I - 6 (seis) meses, a partir do trânsito em julgado da sentença que, por motivo de erro ou impedimento, anule o casamento (art. 236, parágrafo único, CP); II - 30 (trinta) dias, a contar da homologação do laudo (art. 529 CPP), é o prazo para a queixa-crime no caso de crime contra a propriedade imaterial que deixar vestígios. Com relação a este segundo prazo, porém, é preciso compatibilizá-lo com o prazo geral indicado no art. 38 do CPP (seis meses, contados do conhecimento da autoria), daí porque, "conhecido o infrator, é deflagrado o prazo decadencial de seis meses. Ficando pronto o laudo, com a respectiva homologação, terá então a vítima no máximo trinta dias para deflagrar a ação. É como se o prazo geral fosse limitado pela homologação do laudo" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 670).

▸ **Atenção:**

O prazo decadencial de 3 (três) meses para o oferecimento da queixa-crime, a contar da transmissão ou publicação da notícia, nos crimes de imprensa, previsto no art. 41, § 1º, da Lei nº 5.250/67 (Lei de Imprensa), não mais subsiste, tendo em vista que o STF, no julgamento da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 130/DF, julgou pela não recepção ou revogação de toda essa lei, daí porque, para esse caso, há de se aplicar a regra geral prevista no art. 38 do CPP.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz Federal do TRF5, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado o prazo decadencial de oferecimento da queixa-crime de acordo com o previsto no art. 529 do CPP. Desse modo, a assertiva *"Tratando-se de delitos contra a propriedade imaterial que deixem vestígios, o prazo para o oferecimento de queixa-crime é de trinta dias contados da ciência da homologação do laudo pericial produzido na medida preparatória de busca e apreensão"* (assertiva destacada) foi considerada correta.

6.4. Renúncia

Na ação penal privada, a renúncia ocorre quando a "vítima se recusa a tomar providência contra o seu agressor" (NUCCI, 2008, p. 205). Ela se opera sempre **até o oferecimento da ação (pré-processual)**. É **irretratável**, já que enseja a extinção da punibilidade (art. 107, inciso V, do Código Penal).

Pelo princípio da indivisibilidade da ação penal privada, **a renúncia feita para um agressor necessariamente beneficia os demais** (art. 49 do CPP).

É ato **unilateral** do ofendido, não necessitando de aceitação do agressor. Ela pode ser **expressa** (art. 104 CP - pode ser por petição dirigida ao juiz - *procedimental* - ou correspondência dirigida ao agressor - *extraprocedimental*; em ambos os casos, exige-se que a peça seja assinada pelo ofendido, por seu representante legal ou por procurador com poderes especiais, que não precisa ser advogado) ou **tácita** (por meio de gestos feitos para o agressor incompatíveis como o desejo de processá-lo, como, por exemplo, convidá-lo a ser padrinho de seu filho - art. 104, parágrafo único, CP - valem todos os meios de prova lícitos para sua demonstração, conforme o art. 57 do CPP).

Há de se salientar que o mero convívio social (exemplo: cumprimentos ao longo do dia) ou comercial (exemplo: sentar-se em uma mesa de negócio) não implica em renúncia.

É preciso ponderar que, consoante entendimento do STJ, a não inclusão de eventuais suspeitos na queixa-crime não configura, por si só, renúncia tácita ao direito de queixa. Com efeito, para o reconhecimento desta espécie de renúncia, exige-se a demonstração de que a não inclusão de determinados autores ou partícipes na

queixa-crime se deu de forma deliberada pelo querelante - portanto, de má-fé (Informativo nº 562).

Relembre-se que, em face do Código Civil de 2002, o art. 50, parágrafo único, do CPP, que prevê a figura do representante legal para os maiores de 18 (dezoito) anos e menores de 21 (vinte e um) anos de idade, encontra-se revogado tacitamente. Assim, se o ofendido for maior de 18 (dezoito) anos, somente ele poderá oferecer a renúncia ao direito de queixa.

O fato de o ofendido receber a indenização do dano causado pelo crime não implica em renúncia ao direito de queixa (art. 104, parágrafo único, CP), exceto no Juizado Especial Criminal, em que a composição civil dos danos implica em renúncia (art. 74, parágrafo único, da Lei nº 9.099/95).

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ, por meio da sua Corte Especial, decidiu que, caso o querelante proponha, na própria queixa-crime, composição civil de danos para parte dos querelados, a peça acusatória deverá ser rejeitada em sua integralidade - isto é, em relação a todos os querelados. Isso porque a composição pelos danos, sendo aceita e homologada judicialmente, implica a renúncia ao direito de queixa, nos termos do disposto no art. 74, parágrafo único, da Lei nº 9.099/1995, tratando-se a renúncia, expressa ou tácita (art. 104 do CP), de causa extintiva da punibilidade, sendo irretratável (art. 107, V, CP). Por força do princípio da indivisibilidade, a todos se estende a manifestação do intento de não processar parte dos envolvidos, de modo que a renúncia beneficia a todos eles (Informativo nº 547).

▸ Observação:

Não há que se falar em arquivamento de inquérito policial em crime de ação penal privada - para esta espécie de ação penal, se a vítima não deseja prosseguir com a persecução criminal, basta que, no prazo decadencial de 6 (seis) meses, permaneça inerte, o que provoca a extinção da punibilidade do investigado (art. 107, inciso IV, CP). No entanto, caso ela faça requerimento expresso de arquivamento do inquérito, entende-se que está se operando a renúncia ao direito de queixa, o que igualmente enseja a extinção da punibilidade do agente delitivo (art. 107, inciso V, CP).

6.5. Perdão

É a desistência da demanda, o que somente pode ocorrer quando **a ação já estiver iniciada** (NUCCI, 2008, p. 207). Ela também

enseja a extinção da punibilidade do agente (art. 107, V, CP). Porém, ao contrário da renúncia, é ato **bilateral**, dependendo da aceitação do agressor, já que ele pode recusá-lo, prosseguindo no feito visando obter uma sentença absolutória.

Essa aceitação do perdão pode ser feita por procurador, desde que possua poderes especiais, não necessitando ser advogado (artigos 55 e 59 do CPP). A aceitação pode ser **processual** ou **extraprocessual** (ela constará de declaração assinada pelo agente do delito ou por procurador com poderes especiais, que deve ser juntada ao processo – é exemplo de aceitação extraprocessual o envio de uma carta pelo agente delitivo ao querelante concordando com o perdão oferecido).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador do Tribunal de Contas de São Paulo, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), dentre outros aspectos relevantes do perdão na ação penal privada, foi cobrada a possibilidade da aceitação deste instituto de forma extraprocessual. Nesse sentido, indagou-se: *"O perdão, nos crimes de ação penal privada, a) não poderá ser aceito por procurador com poderes especiais. b) poderá ser aceito fora do processo por meio de declaração assinada pelo próprio querelado. c) será concedido pelo querelante mediante declaração expressa nos autos, ensejando a intimação do querelado para aceitação ou não no prazo de 10 dias. d) não poderá ser concedido pelo querelante pela via extraprocessual. e) concedido a um dos querelados aproveitará a todos, inclusive aos que recusarem"*. A resposta correta foi a letra B.

Se o querelado for mentalmente enfermo ou retardado mental e não tiver representante legal, ou colidirem os interesses deste com os do querelado, a aceitação do perdão caberá ao curador que o juiz lhe nomear, nos termos do art. 53 do CPP.

O perdão pode ocorrer **até o trânsito em julgado da sentença condenatória** (art. 106, § 2º, CP). Ele pode ser **expresso** (*processual*: petição dirigida ao juiz, podendo ser feita por procurador, desde que possua poderes especiais – **o querelado será intimado para, no prazo de 3 (três) dias, se manifestar, sendo que o seu silêncio importará em aceitação**, consoante o art. 58 do CPP – essa intimação do querelado deverá ser pessoal, salvo se o seu procurador possui poderes especiais para a aceitação do perdão; ou *extraprocessual* – deve-se firmar um termo nos autos, pessoalmente ou por procurador com poderes especiais) ou **tácito** (quando o ofendido toma atitudes incompatíveis com o desejo de processar, a exemplo

de se casar com o seu ofensor - art. 106, § 1º, CP - valem todos os meios de prova lícitos para sua demonstração - art. 57 CPP).

Por força do princípio da indivisibilidade, o perdão dirigido a um dos agentes **pode** beneficiar todos os demais, devendo o juiz intimar todos os querelados para que se manifestem se aceitam ou não este perdão. No entanto, como ele é ato bilateral, é possível que alguns aceitem e outros não, sendo que a ação penal continuará para aqueles agentes que não aceitaram - art. 51 CPP e art. 106, incisos I e III, CP.

De outro lado, se há mais de uma vítima, o perdão de uma não afeta a situação da outra (art. 106, II, CP).

Havendo vários processos envolvendo vítima e agressor, o perdão feito em um deles não atinge os demais processos.

Há de se salientar que o mero convívio social (exemplo: cumprimentos ao longo do dia) ou comercial (exemplo: sentar-se em uma mesa de negócio) não implica em perdão.

▸ **Atenção:**

Considerando que o Código Civil de 2002 reduziu a maioridade para 18 (dezoito) anos, entende-se que os artigos 52 e 54 do CPP foram tacitamente revogados, pois a legitimidade para perdoar é apenas do maior de 18 (dezoito) anos, não havendo legitimidade concorrente em relação ao menor de 21 (vinte e um) anos, pois ele já é absolutamente capaz.

Renúncia	Perdão
É instituto pré-processual, pois se opera antes do início da ação penal.	É instituto processual, pois se opera após o início da ação penal, até o trânsito em julgado da sentença condenatória.
É ato unilateral, pois não depende da concordância do agente delitivo.	É ato bilateral, dependendo da concordância do querelado.
A renúncia feita a apenas um dos agentes delitivos necessariamente se estende aos demais (art. 49 CPP).	O perdão concedido a apenas um dos agentes delitivos não necessariamente se estende aos demais, tendo como único
	efeito a obrigatoriedade da intimação dos outros querelados, que podem ou não aceitar este perdão, sendo que a ação continuará para quem não aceitá-lo (art. 51 CPP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SC, em 2010, foi cobrado o conceito de perdão do ofendido, que não pode ser confundido com perdão judicial. Nesse sentido, a assertiva *"Perdão é o ato pelo qual o ofendido ou seu representante legal desiste do prosseguimento da ação penal. O perdão judicial só tem lugar na ação penal exclusivamente privada"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça de Pernambuco, em 2013, promovido pela Fundação Carlos Chagas, cobrou-se o teor do art. 51 do CPP, nos seguintes termos: *"Nos crimes de ação penal de iniciativa privada, A) a renúncia ao exercício do direito de queixa se estenderá a todos os querelantes. B) a renúncia é ato unilateral, voluntário e necessariamente expresso. C) a perempção pode ocorrer no curso do inquérito policial. D) o perdão do ofendido somente é cabível antes do exercício do direito de ação. E) o perdão concedido a um dos querelados aproveitará a todos, sem que produza, todavia, efeito em relação ao que o recusar."*. A resposta da questão foi a letra E.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, promovido pela EJEF (Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes), em 2014, dentre outros aspectos relevantes da ação penal privada, cobrou-se a diferença entre renúncia e perdão do ofendido extraída dos arts. 49 e 51 do CPP, como se segue: *"Assinale a alternativa INCORRETA. a) - Na ação penal privada subsidiária da pública, o Promotor de Justiça pode repudiar a queixa e oferecer denúncia substitutiva, quando a queixa apresentada for inepta. b) - Tanto a renúncia ao exercício do direito de queixa como o perdão do ofendido em relação a um dos autores do crime, a todos se estenderá, extinguindo-se a punibilidade. c) - A renúncia, nas ações penais privadas, pode ser tácita e admite, para tanto, todos os meios de prova, conforme previsto no Código de Processo Penal. d) - Tratando-se de ação penal privada personalíssima, a morte da vítima extingue a punibilidade. "*. A alternativa considerada incorreta foi a letra B.

6.6. Perempção (art. 60 CPP)

A perempção da ação penal exclusivamente privada ocorre "quando o querelante, por desídia, demonstra desinteresse pelo prosseguimento da ação penal" (NUCCI, 2008, p. 209). Desse modo,

ela funciona "como autêntica penalidade imposta ao negligente querelante, incapaz de conduzir corretamente a ação penal, da qual é titular" (NUCCI, 2008, p. 209). Por consequência, a perempção acarreta a extinção da punibilidade do agente (art. 107, IV, CP).

As hipóteses de perempção estão previstas no art. 60 do CPP:

> *Art. 60. Nos casos em que somente se procede mediante queixa, considerar-se-á perempta a ação penal:*
>
> *I – quando, iniciada esta, o querelante deixar de promover o andamento do processo durante 30 dias seguidos;*

Para que se opere esta hipótese de perempção, exige-se a intimação do advogado do querelante e do próprio querelante pessoalmente, com a finalidade de que este último não seja punido pela inércia do seu procurador. Além disso, somente haverá a perempção se a inércia por mais de 30 (trinta) dias se der sem motivo justificado (se, por exemplo, se deve a greve do Judiciário, está justificada, não se configurando a perempção). Por fim, registre-se que o prazo de 30 (trinta) dias não pode ser reunido (deve-se contar de uma vez só, e não com a junção de intervalos menores).

> *II – quando, falecendo o querelante, ou sobrevindo sua incapacidade, não comparecer em juízo, para prosseguir no processo, dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, qualquer das pessoas a quem couber fazê-lo, ressalvado o disposto no art. 36;*

Esse prazo de 60 (sessenta) dias começa a correr do evento morte ou incapacidade do querelante, não sendo preciso, portanto, haver a intimação do cônjuge (o que também deve incluir o companheiro), ascendente, descendente ou irmão (art. 31 do CPP) para o início do seu curso.

> *III – quando o querelante deixar de comparecer, sem motivo justificado, a qualquer ato do processo a que deva estar presente, ou deixar de formular o pedido de condenação nas alegações finais;*

Na primeira hipótese tratada por este dispositivo legal ("quando o querelante deixar de comparecer, sem motivo justificado, a qualquer ato do processo a que deva estar presente"), somente se reconhece a perempção quando a presença do querelante não pode ser suprida pela presença do advogado (como no caso de necessidade de oitiva pessoal do querelante em juízo).

Na segunda hipótese ("quando o querelante deixar de formular o pedido de condenação nas alegações finais"), deve estar claro o desejo de o querelante não mais ver o querelado punido. Se não consta pedido expresso de condenação, mas o contexto das alegações finais permite concluir que é esse o desejo do querelante, não há que se falar em perempção. Noutro giro, se o querelante não apresentar as alegações finais dentro do prazo de 30 (trinta) dias, deverá ser igualmente reconhecida a perempção, mas com base no inciso I do art. 60 do CPP. Em havendo concurso de infrações penais, pode-se operar a perempção apenas em relação a algumas delas, prosseguindo o feito para as demais. Havendo vários querelantes, a perempção referente a alguns deles não atinge os demais.

> *IV – quando, sendo o querelante pessoa jurídica, esta se extinguir sem deixar sucessor.*

A simples extinção da pessoa jurídica não é causa de perempção, sendo ainda necessário, para que isso ocorra, que ela se extinga sem deixar sucessor.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública do Estado do Pará, em 2009, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foram cobradas as hipóteses de perempção previstas no art. 60 do CPP, nesses termos: "*Nos casos em que somente se procede mediante queixa, considera-se perempta a ação penal:* **A** *quando, iniciada esta, o querelante deixar de promover o andamento do processo durante 60 dias seguidos.* **B** *quando, falecendo o querelante, ou sobrevindo sua incapacidade, não comparecer em juízo, para prosseguir no processo, dentro do prazo de 30 dias, qualquer das pessoas a quem couber fazê-lo.* **C** *quando o querelante deixar de comparecer, sem motivo justificado, a qualquer ato do processo a que deva estar presente, ou deixar de formular o pedido de condenação nas alegações finais.* **D** *quando, sendo o querelante pessoa jurídica, esta se extinguir.* **E** *quando houver perdão judicial*". A assertiva considerada correta foi a de letra C.

▸ Aplicação em concurso público:

No LII concurso de Promotor de Justiça Substituto do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pelo MPMG, voltou-se a cobrar o instituto da perempção, da seguinte forma: "*Assinale a alternativa* **CORRETA. A)** *A perempção é causa de extinção da punibilidade decorrente da perda do prazo para a realização de ato processual.* **B)** *A perempção acontece quando o autor da ação for pessoa jurídica e esta se extinguir sem deixar sucessor.* **C)** *A perempção fica caracterizada na ausência do autor da ação em audiência*

conciliatória, ainda que presente seu procurador. **D)** *A perempção ocorre quando o Ministério Público deixa de promover o andamento do processo durante trinta dias seguidos".* A assertiva correta foi a letra B.

6.7. Espécies de ação penal privada

6.7.1. Ação penal exclusivamente privada ou propriamente dita

Ocorre quando o ofendido, seu representante legal (no caso de menoridade do ofendido - art. 30 do CPP), seus sucessores (no caso de morte ou declaração judicial de ausência do ofendido - art. 31do CPP) ou seu curador especial (nas hipóteses do art. 33 do CPP) podem ingressar com a ação penal.

6.7.2. Ação penal privada personalíssima

Ocorre quando a legitimidade ativa é **privativa da pessoa ofendida**, não se admitindo que o representante legal, seus sucessores ou o curador especial da mesma assumam o polo ativo. Diante disso, se o ofendido é menor de 18 (dezoito) anos, o prazo decadencial só passa a ser contado a partir da sua maioridade. Se doente mental, só é contado a partir de quando recobra sua sanidade. Enquanto essas circunstâncias não acontecem, não correrá o prazo decadencial. Ademais, se o ofendido falecer, não será possível o início ou o prosseguimento da ação penal, operando-se a extinção da punibilidade do agente delitivo por decadência (se a ação ainda não foi instaurada) ou por perempção (se a ação já foi instaurada).

Atualmente, o único exemplo de ação penal privada personalíssima existente no ordenamento jurídico brasileiro é o **crime de induzimento a erro essencial e ocultação de impedimento ao casamento (art. 236, parágrafo único, CP)**, pois o crime de adultério (art. 240 CP), que também estava submetido a esta espécie de ação penal, foi revogado pela Lei nº 11.106/05.

6.7.3. Ação penal privada subsidiária da pública ou supletiva (art. 5º, LIX, CF, e art. 29 CPP)

Ocorre quando o ofendido ou seu representante legal ingressa "diretamente, com ação penal, através do oferecimento de queixa, quando o Ministério Público, nos casos de ações públicas, deixe de fazê-lo no prazo legal (art. 46, CPP)" (NUCCI, 2008, p. 211).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Analista do TRF1, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foi cobrado o conceito de ação penal privada subsidiária da pública. Nesse trilhar, afirmou-se o seguinte: *"A ação penal ajuizada pelo ofendido ou por quem tenha condições de representá-lo, nos crimes de ação pública, quando não for intentada pelo Ministério Público no prazo legal, denomina-se ação penal a) privada exclusiva. b) pública incondicionada. c) privada subsidiária da pública. d) pública condicionada. e) privada personalíssima."*. A resposta correta foi a letra C.

Esta espécie de ação penal privada tem autorização constitucional, mais precisamente no art. 5º, LIX, da Carta Magna Federal, o que permite a sua sobrevivência no ordenamento jurídico e consequentemente a validade do art. 29 do CPP, afinal de contas, como regra geral, a ação penal pública é privativa do Ministério Público, conforme estabelece o art. 129, inciso I, do Texto Constitucional. Aliás, ela está elencada na Constituição Federal como direito fundamental do cidadão porque visa promover um controle feito pelo ofendido contra abusos do Estado-acusação, quando houver demora excessiva no oferecimento da ação penal.

▸ Ação penal privada subsidiária da pública na Lei de abuso de autoridade:

A Lei de abuso de autoridade (Lei nº 4.898/65) também prevê a ação penal privada subsidiária da pública, ao dispor, em seu art. 16, que "Se o órgão do Ministério Público não oferecer a denúncia no prazo fixado nesta lei, será admitida ação privada. O órgão do Ministério Público poderá, porém, aditar a queixa, repudiá-la e oferecer denúncia substitutiva e intervir em todos os termos do processo, interpondo recursos e, a todo tempo, no caso de negligência do querelante, retomar a ação como parte principal.". Essa previsão legal ganhou ainda mais notoriedade em novembro de 2016, quando o ex-Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ajuizou no TRF da 4ª Região ação penal privada em face do Juiz Federal Sérgio Moro, sob a alegação de que este último teria cometido contra aquele uma série de arbitrariedades, no curso da operação Lava Jato, no deferimento de condução coercitiva, busca e apreensão e gravação de conversas.

Pode-se afirmar que ela é uma faculdade do ofendido, pois ele só oferecerá a ação se quiser. Para valer-se dela, o ofendido tem o **prazo decadencial de 6 (seis) meses** para oferecer a chamada **queixa-crime substitutiva**, prazo este **contado desde o fim do prazo que possui o Ministério Público para oferecer denúncia.**

A esse respeito configura-se a **decadência imprópria**, que é aquela que incide na ação penal privada subsidiária da pública. Assim, como já registrado alhures, após o transcurso do prazo em branco ("in albis") para o Ministério Público oferecer a denúncia, inicia-se o prazo de 6 (seis) meses para o particular oferecer essa ação penal (art. 38, *caput*, parte final do CPP), encaminhando ao juízo criminal competente a queixa-crime substitutiva. No entanto, a perda de tal prazo não enseja a extinção da punibilidade, caracterizando-se assim uma decadência, de fato, imprópria. O único efeito dessa decadência é a exclusão da legitimidade ativa desse agente, autorizando o órgão ministerial a iniciar a ação como seu autor.

Portanto, esse prazo "não atinge o Estado-acusação, que mantém o dever de denunciar, até que ocorra a prescrição" (NUCCI, 2008, p. 212), havendo, pois, hipótese de *legitimidade concorrente*. Nesse sentido, o Ministério Público figura como um **interveniente adesivo obrigatório** (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 141) ou **assistente litisconsorcial** (NUCCI, 2008, p. 211-214), atuando em todos os termos do processo, sob pena de nulidade (art. 564, inciso III, alínea "d", do CPP), tendo amplos **poderes de parte** nesse tipo de ação (art. 29 do CPP): pode aditar a queixa-crime substitutiva (para incluir novo agente e/ou fato delitivo); oferecer *denúncia substitutiva*, repudiando a queixa-crime (não por mera arbitrariedade, mas sim se a queixa é inepta e não preenche os requisitos legais, do contrário, o juiz deverá rejeitar a denúncia substitutiva e manter a queixa-crime substitutiva); intervir em todos os termos do processo; fornecer elementos de prova; interpor recurso; retomar a ação principal, se houver negligência do querelante, nos casos de perempção - art. 60 CPP (por conta disso, afirma-se que o instituto da **perempção não se aplica na ação penal privada subsidiária da pública**). Ademais, por força do art. 105 do Código Penal, **não cabe o perdão do ofendido nesse tipo de ação** - se o querelante perdoar o seu ofensor, o Ministério Público retoma o curso da ação penal.

Fala-se então em **ação penal indireta**, que é aquela que se verifica justamente quando, na hipótese de ação penal privada subsidiária da pública, há inércia ou negligência do querelante, o que permite que o Ministério Público retome o polo ativo da ação como parte principal. É situação prevista no art. 29, parte final do CPP. Nessa esteira, os institutos da decadência, renúncia, perdão do ofendido e perempção não provocam a extinção da punibilidade na ação penal privada subsidiária da pública, tendo como consequência apenas a

exclusão da legitimidade ativa do particular, abrindo espaço para o *Parquet* iniciar/prosseguir a ação como seu autor.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLIX concurso do MP/MG, em 2010, foi cobrado em que espécie de ação penal incide a perempção. Nesse sentido, a assertiva *"A perempção afeta a ação penal pública, mas não tem eficácia sobre a ação penal privada subsidiária da pública"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SC, em 2010, foi cobrada a atuação do Ministério Público na ação penal privada subsidiária da pública. Nesse sentido, a assertiva *"A renúncia do titular da queixa substitutiva, ou seja, no caso de ação penal privada subsidiária da pública, impede que o órgão do Ministério Público ofereça a denúncia, iniciando a ação penal pública"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SC, em 2010, foi cobrada também a atuação do Ministério Público na ação penal privada subsidiária da pública. Nesse sentido, a assertiva *"Embora o art. 28 do CPP admita expressamente a ação penal privada nos crimes de ação pública se esta não for intentada no prazo legal, cabe ao Ministério Público aditar a queixa, repudiá-la e oferecer denúncia substitutiva, intervindo em todos os termos do processo, fornecendo elementos de prova. Contudo, em caso de negligência do querelante, que assumiu a iniciativa da propositura da ação, não poderá o Ministério Público retomar a ação como parte principal"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SP, em 2015, dentre outros aspectos relevantes sobre a ação penal, foi cobrada mais uma vez a atuação do Ministério Público na ação penal privada subsidiária da pública, da seguinte forma: *"Assinale a alternativa correta: a) A vítima poderá, em hipótese específica, provocar a prestação da tutela jurisdicional, mesmo em crime de ação pública. Neste caso, o Promotor de Justiça atuará como interveniente obrigatório subsdiário. b) A requisição do Ministro da Justiça é, por definição, uma ordem legal e, portanto, impõe o oferecimento da denúncia e o início da ação penal nos delitos a ela condicionados. c) O princípio da indivisibilidade da ação privada não comporta exceções. d) O crime de lesões corporais dolosas de natureza leve, quando envolver violência doméstica contra mulher, é de ação pública condicionada à representação. e) O fenômeno*

da assistência no processo penal pode se verificar nas ações penais públicas e privadas, nos termos do artigo 268 do Código de Processo Penal. " A assertiva considerada correta foi a letra A.

Se o Ministério Público entender que a ação oferecida pelo ofendido não possui justa causa, deverá oferecer parecer pugnando pela rejeição da peça acusatória. O magistrado, porém, não está vinculado ao parecer ministerial, podendo receber a queixa-crime substitutiva. Restará ao *Parquet* (e ao próprio réu) o oferecimento de *habeas corpus* visando o trancamento da ação penal.

Ainda com relação ao Ministério Público, assevere-se que o art. 801 do CPP ("Findos os respectivos prazos, os juízes e os órgãos do Ministério Público, responsáveis pelo retardamento, perderão tantos dias de vencimentos quantos forem os excedidos. Na contagem do tempo de serviço, para o efeito de promoção e aposentadoria, a perda será do dobro dos dias excedidos.") não tem mais aplicabilidade, já que a Constituição Federal assegura a irredutibilidade dos vencimentos aos membros do *Parquet*, bem como os critérios de promoção encontram-se previstos nas respectivas Leis Orgânicas (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 142).

Quanto à figura do ofendido, registre-se que, na hipótese de ele ser afastado do polo ativo desta demanda, ainda assim poderá habilitar-se como assistente de acusação.

Ressalte-se que **a manifestação de arquivamento do inquérito policial pelo Ministério Público não permite o manejo dessa ação**, que só é permitido se houver absoluta inércia do órgão ministerial. Nesse sentido é a posição do STF (RT 653/389, 431/419, 534/456, 597/421 e 613/431). O mesmo se diga se o Ministério Público procurar complementar o inquérito policial, adotando as providências mencionadas nos artigos 16 e 47 do CPP, ou ainda se este órgão firmar com o investigado, em sede de Procedimento Investigatório Criminal (PIC), o acordo de não persecução penal disciplinado pelo art. 18 da Resolução nº 181/2017 do Conselho Nacional do Ministério Público.

Por fim, registre-se que **não há pagamento de custas ou demais despesas processuais neste tipo de ação.**

▸ **Ação penal pública subsidiária da pública:**

A ação penal pública subsidiária da pública, que não deve ser confundida com a ação penal privada subsidiária da pública, é verificada quando, em virtude de absoluta inércia do Ministério Público no prazo legal para oferecimento da denúncia, outro órgão público passa a ter legitimidade para iniciar a ação penal pública. A doutrina aponta as seguintes hipóteses desta modalidade de ação penal: 1) art. 2º, parágrafo 2º, do Decreto-lei nº 201/67 (versando sobre os crimes de responsabilidade de Prefeitos, prevê, na hipótese de inércia do Ministério Público Estadual, na figura do Procurador-Geral de Justiça – em virtude da prerrogativa de foro no Tribunal de Justiça assegurada pelo art. 29, X, da Carta Magna Federal a tais agentes públicos –, poderá este ser substituído pelo Procurador-Geral da República), dispositivo de duvidosa constitucionalidade (por promover uma alteração de atribuição não prevista constitucionalmente, mesclando, de forma indevida, as esferas federal e estadual); 2) art. 357, parágrafos 3º e 4º, do Código Eleitoral (assevera que, sendo o Ministério Público Eleitoral inerte no prazo legal para oferecimento da denúncia – 10 dias –, o juiz solicitará ao Procurador Regional Eleitoral a designação de outro Promotor, para, no mesmo prazo, oferecer a peça acusatória, sendo ainda permitido a qualquer eleitor provocar a representação contra o órgão do Ministério Público se o juiz, no prazo de 10 dias, não agir de ofício), dispositivo igualmente de duvidosa constitucionalidade, por violar, de um lado, a independência funcional dos membros do Ministério Público e, de outro, a imparcialidade do juiz e o próprio sistema acusatório; 3) art. 27 da Lei nº 7.492/86 (tratando dos crimes contra o sistema financeiro nacional, prevê que, quando a denúncia não for intentada no prazo legal, o ofendido poderá representar ao Procurador-Geral da República, para que este a ofereça, designe outro órgão do Ministério Público Federal para oferecê-la ou determine o arquivamento das peças de informação recebidas); 4) art. 5º, parágrafo 4º, da Constituição Federal (possibilidade de deslocamento de competência para o Tribunal Penal Internacional – TPI, na hipótese de inércia dos órgãos internos brasileiros envolvendo crimes contra a humanidade); 5) art. 109, parágrafo 5º, do Texto Constitucional (incidente de deslocamento de competência para a Justiça Federal no caso de grave violação de direitos humanos).

6.8. Custas e honorários advocatícios

Com relação às custas e demais despesas processuais, como já afirmado no tópico anterior, não haverá o pagamento das mesmas na ação penal privada subsidiária da pública. Nas demais espécies de ação penal privada, ocorrerá esse pagamento, nos termos previstos no art. 806 do CPP:

> *Art. 806. Salvo o caso do art. 32, nas ações intentadas mediante queixa, nenhum ato ou diligência se realizará, sem que seja depositada em cartório a importância das custas.*
>
> *§ 1º Igualmente, nenhum ato requerido no interesse da defesa será realizado, sem o prévio pagamento das custas, salvo se o acusado for pobre.*
>
> *§ 2º A falta do pagamento das custas, nos prazos fixados em lei, ou marcados pelo juiz, importará renúncia à diligência requerida ou deserção do recurso interposto.*
>
> *§ 3º A falta de qualquer prova ou diligência que deixe de realizar-se em virtude do não pagamento de custas não implicará a nulidade do processo, se a prova de pobreza do acusado só posteriormente foi feita.*

No que tange aos honorários advocatícios, é possível a fixação do seu pagamento por parte do querelante vencido ao advogado que patrocinou a defesa do querelado (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 142). Por fim, com fincas nos ensinamentos de Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar, "Nas hipóteses de nomeação do advogado pelo juiz para ajuizar a ação, sendo a vítima pobre, em razão da impossibilidade ou inexistência de Defensor Público na comarca, os honorários devem ser fixados pelo magistrado, de acordo com a tabela organizada pelo Conselho Seccional da OAB, e são devidos pelo Estado, ao amparo do art. 22, § 1º da Lei nº 8.906/94" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 142).

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ já decidiu que é possível condenar o querelante em honorários advocatícios sucumbenciais na hipótese de rejeição de queixa-crime por ausência de justa causa, com fundamento nos arts. 3º e 804 do CPP, em harmonia com o art. 20 do CPC/1973 (Informativo nº 586).

7. DENÚNCIA OU QUEIXA-CRIME

A denúncia é a peça privativa do Ministério Público que dá início à ação penal pública. Já a queixa-crime é a peça privativa do ofendido ou de seu representante legal ou seu sucessor ou ainda seu curador que dá início à ação penal privada.

A ação penal é iniciada com o simples oferecimento da denúncia ou queixa, mas, segundo posicionamento do STF, o **ajuizamento da ação** se opera no momento do **recebimento da inicial acusatória,**

que permitirá a citação do réu, o que ficou claro com a redação do art. 363, *caput*, do CPP, dada pela Lei nº 11.719/08, segundo o qual "O processo terá completada a sua formação quando realizada a citação do acusado". É também o recebimento da denúncia ou queixa o marco de **interrupção da prescrição** (art. 117, inciso I, CP).

7.1. Formalidades essenciais para a elaboração da denúncia ou queixa-crime (arts. 41 e 44 CPP)

O art. 41 do CPP apresenta os requisitos formais para oferecimento da denúncia ou queixa-crime:

I. **Exposição do fato criminoso, com todas as suas circunstâncias:** O autor da ação penal deve imputar todos os fatos relacionados ao tipo penal principal e às qualificadoras e causas especiais de aumento de pena, podendo não incluir na inicial, porém, as circunstâncias agravantes, que, inclusive, podem ser reconhecidas de ofício pelo juiz, consoante o art. 385 do CPP (embora essa postura do CPP seja criticável para parcela minoritária da doutrina, eis que implicaria em violação ao sistema acusatório e à própria imparcialidade do magistrado). Também devem ser narradas as circunstâncias de tempo, lugar e *modus operandi*.

É de se destacar a extrema importância deste requisito da inicial acusatória, haja vista que o que vincula a defesa (e o próprio juiz) é a narrativa dos fatos e não a tipificação do delito. Nesse sentido, peça acusatória sem narrativa dos fatos ou com narrativa inócua, frágil ou sem individualização de condutas é considerada inepta, devendo ser rejeitada (art. 395, inciso I, do CPP). Se tal peça for recebida, haverá nulidade do feito. Contudo, registre-se que, segundo posicionamento do STF, "a inépcia da inicial só pode ser suscitada até antes da prolação da sentença. Advindo sentença, o que se pode questionar, a partir de então, é a própria decisão condenatória, e não mais a denúncia que deu ensejo à mesma" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 148).

II. **Qualificação do acusado ou esclarecimentos pelos quais se possa identificá-lo:** É suficiente que o autor da ação proceda à *identificação física do autor*, o que geralmente inclui a menção à nacionalidade, ao estado civil, profissão, data de nascimento, naturalidade, filiação, endereço, documentos de identidade e

CPF, e, na falta de um ou alguns desses elementos, recorre-se à identificação através de apelido, tatuagens, características físicas marcantes, a exemplo de uma deficiência física.

Nesse sentido, vale a pena registrar que o art. 259 do CPP estatui que "a impossibilidade de identificação do acusado com o seu verdadeiro nome ou outros qualificativos não retardará a ação penal, quando certa a identidade física. A qualquer tempo, no curso do processo, do julgamento ou da execução da sentença, se for descoberta a sua qualificação, far-se-á a retificação, por termo, nos autos, sem prejuízo da validade dos atos precedentes". Esse requisito da peça inicial confere importância especial à identificação datiloscópica do acusado, que é permitida nos termos da Lei nº 12.037/09, que revogou a anterior Lei nº 10.054/00.

III. **Classificação do crime**: É a tipicidade ou a definição jurídica do fato, que não vincula a defesa e o juiz, já que o acusado se defende dos fatos alegados. Recomenda-se sempre que o autor da ação penal insira não só o dispositivo legal em que se encontra incurso o agente delitivo (exemplo: artigo 155, *caput*, do Código Penal), mas também o nome do crime por este cometido - *nomen juris* (exemplo: furto simples). A esse respeito, vale a pena registrar que o art. 383 do CPP, consagrando o instituto da *emendatio libelli*, assevera que "O juiz, sem modificar a descrição do fato contida na denúncia ou queixa, poderá atribuir-lhe definição jurídica diversa, ainda que, em consequência, tenha de aplicar pena mais grave".

Conforme posicionamento clássico do STF, o momento correto para que o juiz opere a *emendatio libelli* é o da prolação da sentença, daí porque se entende que o magistrado, quando do recebimento da denúncia ou queixa, não poderá alterar a classificação do delito que ali conste, mesmo que dela discorde, sob pena de violação da sua parcialidade e do sistema acusatório (STF, 1ª Turma, Rel. Min. Carmen Lúcia, HC nº 87.324/SP, DJ 18/05/2007). Este Tribunal Superior, no entanto, admite excepcionalmente a *emendatio libelli* no momento do recebimento da denúncia ou queixa, quando realizada em benefício do réu (a exemplo do que ocorreria se a nova tipificação da conduta permitisse ao acusado o recebimento da proposta de suspensão condicional do processo) ou para permitir a correta fixação da competência ou do procedimento a ser adotado (STF, 1ª Turma, Rel. Min. Rosa Weber, HC nº 115831/MA, DJe 18/11/2013).

O STJ, também segue este posicionamento do STF, tanto em relação à regra geral (STJ, 5ª Turma, HC nº 213043/MS, Rel. Min. Laurita Vaz, DJe 13/08/2013) como também no que diz respeito às ressalvas alhures indicadas (STJ 5ª Turma, RHC nº 27628/GO, Rel. Min. Jorge Mussi, julgado em 13/11/2012). Aliás, em relação à possibilidade excepcional de *emendatio libelli* no recebimento da denúncia ou queixa, o STJ, em julgamento marcante proferido em 2015, asseverou que matérias de ordem pública, de enfrentamento necessário em qualquer fase processual - como competência, inexistência de justa causa, trancamento da ação, transação penal, suspensão condicional do processo ou prescrição -, podem exigir como fundamento inicial o adequado enquadramento típico dos fatos acusatórios, como descritos (assim independendo da instrução) – Informativo nº 553.

Contudo, isso não impede que o juiz proceda a uma **rejeição parcial da denúncia ou queixa.** Constatando a ausência de justa causa, seja em relação a alguns acusados, seja para alguns fatos delitivos, seja no que se refere a qualificadoras ou causas especiais de aumento de pena, o magistrado poderá decotá-los. Contra essa decisão caberá **recurso em sentido estrito**, por interpretação extensiva do art. 581, inciso I, do CPP.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLVIII concurso do MP/MG, em 2009, na Prova Especializada de Direito Processual Penal, foi indagado ao candidato: *"O Juiz de Direito poderá receber parcialmente a denúncia, decotando qualificadora que entenda ser impertinente? Poderá, no mesmo ato, alterar a imputação para reconhecer a prática de crime diverso do narrado?"*. É possível o recebimento parcial da denúncia, com o decote da qualificadora impertinente, mas não é possível a alteração para reconhecimento da prática de crime diverso do narrado, conforme exposto nos parágrafos anteriores.

IV. **Rol das testemunhas:** É elemento facultativo da denúncia ou queixa. Tradicionalmente, a jurisprudência brasileira sempre entendeu que este seria o momento correto e único para o oferecimento do rol de testemunhas, sob pena, portanto, de preclusão. No entanto, mais recentemente, o STJ decidiu que seria aplicável ao Processo Penal o disposto no art. 321 do CPC/15, que permite a emenda da inicial. Por conta disso, o tribunal permitiu que o Ministério Público emendasse a inicial acusatória (desde que antes da formação da relação processual) para incluir o rol de testemunhas (STJ, 5ª Turma, RHC nº 37.587/SC; Informativo nº 577). O dispositivo legal em

comento é reflexo do princípio da cooperação processual estampado no art. 6º do CPC/15, perfeitamente aplicável à esfera processual penal. Ademais, é possível ainda que o juiz, a seu exclusivo critério, colha o depoimento de testemunhas não arroladas pelas partes, de acordo com o art. 209, *caput*, do CPP: "O juiz, quando julgar necessário, poderá ouvir outras testemunhas, além das indicadas pelas partes". O número de testemunhas varia de acordo com o procedimento a ser seguido. No procedimento ordinário, por exemplo, são 8 (oito) testemunhas. Esse número diz respeito a **cada fato criminoso**, no caso de concurso de crimes.

Além dos requisitos formais previstos pelo art. 41 do CPP, outros requisitos da denúncia ou queixa ainda podem ser apontados, a saber:

V. **Pedido de condenação:** O pedido de condenação é genérico, no sentido de que o autor da ação penal não precisa pleitear ao magistrado a pena que desejaria fosse aplicada ao agente do delito, sendo suficiente a solicitação tão-somente de condenação. Compete ao juiz aplicar a pena cabível no caso concreto. De outro lado, o pedido de condenação não necessariamente precisa ser expresso, podendo defluir do contexto da peça inicial.

Ademais, já existindo nos autos elementos suficientes que demonstrem a absoluta inimputabilidade do agente, o autor da ação penal poderá formular o pedido de absolvição imprópria, para que o juiz aplique a medida de segurança.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público de Minas Gerais, em 2013, foram cobrados aspectos relevantes da denúncia, dentre eles o pedido, da seguinte forma: *"Considerando a formalização da ação penal pública, assinale a alternativa* **FALSA**: *A) Nos crimes de autoria coletiva, aos sócios com poder de gerência e administração podem ser imputados fatos correlatos, não individualizados, desde que sem prejuízo ao exercício da defesa. B) A peça acusatória deve delimitar, com precisão, as ações praticadas pelos autores, distinguindo-as das condutas dos partícipes. C) É insuficiente, nos crimes societários, a denúncia atribuir responsabilidade penal à pessoa física, considerando apenas o cargo ou função desempenhados na empresa. D) A inicial acusatória deve trazer pedido de condenação e de imposição da suspensão dos direitos políticos, viabilizando o contraditório imediato."*. A resposta da questão foi a letra D.

VI. **Endereçamento**: O autor da ação deverá indicar o órgão jurisdicional competente para processá-la e julgá-la. No entanto, segundo posicionamento do STF, o erro quanto ao endereçamento não enseja inépcia da inicial (RHC nº 60216, DJU 24/9/1982, p. 9444).

VII. **Nome e assinatura**: A peça acusatória deve conter o nome e a assinatura do autor da ação. Se não for firmada assinatura na denúncia, o ato será inexistente, salvo se, ainda assim, for possível a identificação do seu subscritor, como no caso de um Promotor de Justiça que lança cota nos autos, assinando-a, afirmando que acaba de oferecer denúncia, hipótese em que ocorrerá mera irregularidade, de acordo com jurisprudência consolidada dos tribunais superiores. Guilherme de Souza Nucci, entretanto, alerta para o fato de que a queixa-crime será sempre inexistente se não contiver a assinatura do seu subscritor, devendo ser rejeitada (NUCCI, 2008, p. 219).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, foi questionada a posição dos tribunais superiores anteriormente aludida segundo a qual há mera irregularidade da denúncia que, embora não tenha sido assinada por Promotor de Justiça, permita a perfeita identificação do seu verdadeiro autor, nos termos a seguir expostos: *"Segundo os Tribunais Superiores e posição doutrinária dominante, uma denúncia, sabidamente autêntica, que não contém assinatura do Promotor de Justiça, é: a) – Absolutamente nula. b) – Formalmente correta. c) – Inexistente. d) – Meramente irregular."*. A alternativa correta é a letra D.

Com relação à queixa-crime, o art. 44 do CPP ainda exige que ela venha acompanhada de **procuração com poderes especiais** (não sendo suficiente a mera cláusula *ad juditia*), devendo constar em tal instrumento de mandato **o nome do querelado** (embora o dispositivo legal se refira ao nome do querelante, que, por óbvio, já vai aparecer na procuração) **e a menção ao fato criminoso**, salvo quando esses esclarecimentos dependerem de diligências que devem ser previamente requeridas ao juízo criminal. A menção ao fato criminoso diz respeito a uma descrição sucinta e direta do acontecimento delitivo, embora o STJ já tenha decidido que seria suficiente a mera indicação de artigo de lei (STJ, RHC nº 7762/SP, DJU 14/9/98, p. 92).

Frise-se que a queixa-crime pode ser oferecida pelo próprio querelante, se ele for advogado. Ressalte-se ainda que eventuais

defeitos da procuração serão supridos se o querelante assinar a petição inicial juntamente com o advogado.

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ já decidiu que é nula a queixa-crime oferecida por advogado substabelecido com reserva de direitos por procurador que recebera do querelante apenas os poderes da cláusula *ad judicia et extra* - poderes para o foro em geral -, ainda que ao instrumento de substabelecimento tenha sido acrescido, pelo substabelecente, poderes especiais para a propositura de ação penal privada (Informativo nº 544).

Ademais, omissões formais da procuração podem ser sanadas até o final do prazo decadencial para oferecimento da queixa-crime (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 152), embora o STF já tenha julgado que tais omissões podem ser supridas até a prolação da sentença (STF, HC nº 84397/DF, 1ª Turma, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, DJ 12/11/2004, p. 29).

Se não preenchidos os requisitos formais da denúncia ou queixa acima previstos (itens I a VII) e isso implicar em prejuízo à ampla defesa (*vício insanável, que não pode ser retificado por meio de aditamento*), deverá ocorrer a **rejeição** da inicial acusatória por inépcia, conforme previsto no art. 395, inciso I, do CPP. Em doutrina, essa imputação realizada com grave deficiência é conhecida como **criptoimputação** (termo que deriva de "criptografia", linguagem codificada, impenetrável, incompreensível ao leitor ordinário). Aliás, a denúncia ou queixa também será rejeitada se faltar alguma condição da ação ou pressuposto processual (art. 395, inciso II, do CPP) ou ainda se faltar justa causa à ação penal (art. 395, inciso III, do CPP).

Nesse contexto, é importante destacar que a doutrina majoritária não acata a distinção entre *rejeição* e *não recebimento* da denúncia ou queixa engendrada por José Antônio Paganella Boschi, para quem a rejeição envolveria decisões de mérito, formando-se a coisa julgada material, evitando-se o oferecimento de nova ação penal e permitindo-se a interposição de recurso de apelação, ao passo que o não recebimento seria uma decisão de caráter processual, que permitiria a repropositura da ação em sendo superado o vício anterior, devendo ser oferecido contra tal decisão o recurso em sentido estrito (BOSCHI, 2002, p. 233). Prevalece, pois, o entendimento doutrinário de que as expressões são idênticas (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 157-158).

Contra a decisão de rejeição da denúncia ou queixa, em regra, cabe **recurso em sentido estrito**, no prazo de 5 (cinco) dias, nos termos do art. 581, inciso I, do CPP. Há, contudo, **exceções**: 1. *Art. 82 da Lei nº 9.099/95*: contra a rejeição da denúncia ou queixa no procedimento do Juizado Especial Criminal cabe o recurso de apelação, no prazo de 10 (dez) dias. 2. *Lei nº 8.038/90*: Não cabe recurso ordinário contra a rejeição ou recebimento da denúncia ou queixa nos procedimentos de competência originária, apenas recurso extraordinário ou recurso especial, se presentes as hipóteses de cabimento exigidas pela Constituição Federal.

Seja ele qual for, o recurso oferecido contra a decisão de rejeição da denúncia ou queixa, se julgado procedente, pode resultar em 2 (dois) efeitos distintos. O primeiro efeito ocorre se esta decisão estiver eivada de *error in procedendo* (erro no procedimento): é o de anulação da decisão e retorno dos autos ao juízo *a quo* para que ele profira nova decisão, recebendo ou rejeitando a peça acusatória. O segundo se opera na hipótese de existência de *error in judicando* (erro no julgamento): o acórdão do Tribunal substituirá a decisão de primeiro grau, já servindo como recebimento da inicial. Nessa esteira é o teor da Súmula nº 709 do STF: "Salvo quando nula a decisão de primeiro grau, o acórdão que provê o recurso contra a rejeição da denúncia vale, desde logo, pelo recebimento dela".

Considerando justamente essa possibilidade de que a decisão do Tribunal, em grau recursal, sirva como recebimento da inicial acusatória é que se entende que o réu da ação penal tem o direito de oferecer contrarrazões recursais, ainda que não tenha se manifestado em primeiro grau. É o que assevera a Súmula nº 707 do STF: "Constitui nulidade a falta de intimação do denunciado para oferecer contrarrazões ao recurso interposto da rejeição da denúncia, não a suprindo a nomeação de defensor dativo".

Assevere-se, porém, que, uma vez superado o erro que provocou a rejeição da inicial, será possível a sua **repropositura**, desde que não extinta a punibilidade do agente.

De outro lado, frise-se que eventuais deficiências na denúncia ou queixa que não prejudiquem o exercício da ampla defesa (*vício sanável*) podem ser supridas a todo tempo, antes da sentença de primeiro grau, por meio de aditamento, como estatui o art. 569 do CPP. No caso de ação penal privada, porém, esse suprimento somente pode ocorrer se dentro do prazo decadencial de 6 (seis)

meses, contados desde o conhecimento da autoria, para o oferecimento da queixa-crime, consoante entendimento de Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 219).

▸ **Observação:**

Por não existir previsão legal de recurso contra o recebimento da denúncia ou queixa, será possível atacar essa decisão judicial por meio do *habeas corpus*, com base no art. 648, inciso I, do CPP.

▸ **Atenção:**

O art. 44, § 2º, da Lei nº 5.250/67 (Lei de Imprensa) asseverava que contra a decisão de rejeição da denúncia ou queixa por crime de imprensa era cabível o recurso de apelação, enquanto que o recebimento da inicial deveria ser combatido por meio do recurso em sentido estrito. Entretanto, essas previsões especiais não são mais válidas, tendo em vista que o STF, no julgamento da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 130/DF, julgou pela não recepção ou revogação de toda essa lei, daí porque, para esses casos, passa a valer a regra geral de cabimento do recurso em sentido estrito contra a rejeição da denúncia ou queixa.

7.2. Concisão da denúncia ou queixa. Denúncia ou queixa genérica. Denúncia ou queixa alternativa.

É sempre recomendável que a denúncia ou queixa sejam concisas, contendo apenas o necessário, sendo absolutamente não recomendável a inclusão de doutrina e jurisprudência, o que deverá ser feito em fase de alegações finais.

Com efeito, a concisão da denúncia ou queixa não pode implicar em peças lacônicas, não sendo, pois, admissível, em regra, denúncia ou queixa **genérica**, que é aquela feita sem individualização precisa da autoria ou participação de cada acusado e/ou sem a narrativa de cada fato criminoso, eis que violadora do princípio constitucional da ampla defesa.

Isso é excepcionado, porém, quando não for possível, de nenhuma forma, identificar a conduta de cada agente no cometimento do crime, como no caso de um crime de rixa envolvendo centenas ou milhares de torcedores em um estádio de futebol (crime praticado sob influência de multidão). Entretanto, se as condutas de cada agente estiverem bem individualizadas no inquérito policial, deve o autor da ação penal proceder à narrativa detalhada das respectivas condutas, sob pena de inépcia da peça acusatória.

Não se admite também a chamada denúncia ou queixa **alternativa**, aquela que implica *alternância de imputação*. Ao contrário do processo civil, em que a petição inicial pode conter pedidos alternativos, tal prática não é admitida no processo penal. Assim, se houver dúvida sobre determinado fato ou sobre sua imputação (exemplo: dúvida se o homicídio é por motivo fútil ou torpe) – *imputação alternativa objetiva* – ou ainda sobre a participação ou autoria de dois ou mais agentes – *imputação alternativa subjetiva* –, o autor da ação penal deve fazer a opção antes de oferecer a peça inicial, não podendo colocar ambos de forma alternativa, sob pena de violação da ampla defesa.

▸ Observação:

Os chamados *crimes societários*, a exemplo dos crimes contra a ordem tributária previstos na Lei nº 8.137/90, são tidos como crimes de gabinetes, eis que cometidos a portas fechadas, dentro, portanto, de gabinetes. Em razão disso, torna-se praticamente impossível elaborar a peça inicial expondo o fato criminoso, com todas as suas circunstâncias, como exigido pelo art. 41 do CPP. Sendo assim, para que o oferecimento da inicial em tais crimes não seja inviabilizado, o que acabaria consagrando uma indesejável impunidade, a jurisprudência do STJ e do STF vem autorizando que ela seja apresentada sem a individualização da conduta do agente com todas as suas circunstâncias, excepcionando-se, portanto, a regra prevista no art. 41 do CPP. Contudo, a denúncia ou queixa não poderá deixar de narrar o nexo de imputação, a vinculação mínima entre a conduta do acusado e o crime por ele cometido, enfim, como aquele concorreu para a prática deste. De outro lado, porém, a mesma jurisprudência do STJ e do STF entende que a simples condição de sócio de determinada sociedade não autoriza que o agente seja incluído no polo passivo da demanda, exigindo-se a demonstração de que ele concorreu de alguma forma para a prática do delito, ou, do contrário, teríamos uma responsabilidade penal objetiva, que deve ser sempre evitada. Por fim, ressalte-se que o STF também admite a formulação de denúncia ou queixa genérica nos *crimes de autoria coletiva*, como é o caso dos crimes multitudinários. Entende o Pretório Excelso que se deve permitir que a instrução processual possa fornecer os elementos de individualização de conduta dos agentes delitivos.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do MP/GO, em 2009/2010, foram cobrados os requisitos para o oferecimento da denúncia, nesses termos: "*Leia as afirmativas sobre a Denúncia e, após, escolha a alternativa correta: I – Será inepta, mesmo que parcialmente, quando a peça, embora descreva os elementos*

do tipo, não narre a circunstância qualificadora, mesmo que a capitule ao final da exordial acusatória. II – Pode narrar a conduta de forma genérica, quando tratar-se de concurso de agentes, quando não se conseguir, por absoluta impossibilidade, identificar claramente a conduta de cada um. III – A inicial acusatória deve constar as agravantes e as minorantes. IV – Deverão constar em seu corpo, todas as circunstâncias, inclusive as causas de aumento e de diminuição de pena. V – Deverão constar em seu texto as circunstâncias agravantes e atenuantes, causas de aumento e de diminuição de pena. VI – Nos delitos de homicídio não poderão constar na Denúncia as circunstâncias agravantes, visto que tais igualmente não constarão da Pronúncia. VII – Não poderá constar da Denúncia qualificadoras e agravantes genéricas idênticas por constituir bis in idem". São verdadeiras as assertivas de números I, II e VII.

7.3. Prazo para oferecimento da denúncia (art. 46, *caput*, CPP)

O prazo para oferecimento de denúncia, em se tratando de **investigado preso**, é de **5 (cinco) dias**, contados da data em que o órgão do Ministério Público receber os autos do inquérito policial e, para o **investigado solto**, é de **15 (quinze) dias**, nos termos do art. 46, *caput*, do CPP.

Embora seja prerrogativa do membro do Ministério Público receber intimação pessoal de qualquer feito (art. 41, inciso IV, da Lei nº 8.625/93), o STJ e o STF entendem que o prazo começa a contar desde a entrada dos autos na Promotoria de Justiça. Ademais, quando o Ministério Público dispensar o inquérito policial, o prazo para o oferecimento da denúncia contar-se-á da data em que tiver recebido as peças de informações ou a representação, nos termos do art. 46, § 1º, do CPP.

No caso de investigado solto, esse prazo para o Ministério Público é impróprio, pois a denúncia pode ser apresentada a qualquer tempo, sem que ocorra qualquer sanção processual, desde que o crime não esteja prescrito. A única consequência concreta é a permissão da ação penal privada subsidiária da pública (art. 29 do CPP), isso sem falar em uma possível responsabilização criminal do agente ministerial desidioso por prevaricação (art. 319 CP), caso tenha concorrido dolosamente, sem esquecer da responsabilização funcional no âmbito interno do *Parquet*.

Já se o investigado estiver preso, caso o prazo não seja observado, além das consequências anteriormente mencionadas, haverá

constrangimento ilegal na prisão e a determinação da soltura do mesmo. Se existirem investigados presos e soltos, conta-se o prazo como se todos estivessem presos.

Segundo a doutrina majoritária, o prazo deve ser contado como se prazo processual fosse, nos termos do art. 798, § 1º, do CPP (excluindo o dia do início e incluindo o dia do final; mas se o último dia do prazo for feriado ou final de semana, prorroga-se para o próximo dia útil, por força do art. 798, § 3º, do CPP). Havendo motivo de força maior (exemplo: greve dos servidores, acidente, obra urgente etc), deve haver uma prorrogação na contagem do prazo para o primeiro dia útil, conforme previsto no art. 798, § 4º, do CPP.

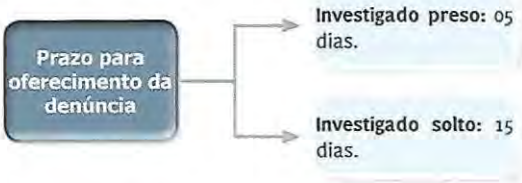

Há, porém, **prazos especiais para o oferecimento da denúncia:**

I. **10 (dez) dias para crime eleitoral** (art. 357 do Código Eleitoral);

II. **10 (dez) dias para crimes previstos na Lei de Tóxicos** (art. 54, inciso III, da Lei nº 11.343/06);

III. **48 (quarenta e oito) horas para crime de abuso de autoridade** (art. 13 da Lei nº 4.898/65);

IV. **2 (dois) dias para crimes contra a economia popular** (art. 10, § 2º, da Lei nº 1.521/51);

V. **15 (quinze) dias para os crimes falimentares**, se o Ministério Público, quando o investigado estiver solto, resolver aguardar a apresentação de relatório a ser feito pelo administrador judicial, hipótese em que o prazo começa a ser contado após a apresentação desse relatório - art. 187, § 1º, da Lei nº 11.101/05; caso o *Parquet* resolva não esperar pela apresentação deste relatório, o prazo será contado da forma prevista no art. 46 do CPP.

▸ **Atenção:**

O prazo de 10 (dez) dias para o oferecimento de denúncia nos crimes de imprensa, previsto no art. 40, § 1º, da Lei nº 5.250/67 (Lei de Imprensa), não mais subsiste, tendo em vista que o STF, no julgamento da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 130/DF, julgou pela não recepção ou revogação de toda essa lei, daí porque, para esse caso, há de se aplicar a regra geral prevista no art. 46, *caput*, do CPP.

Prazos especiais para oferecimento da denúncia
1. 10 dias para crime eleitoral;
2. 10 dias para crimes previstos na Lei de Tóxicos;
3. 48 horas para crime de abuso de autoridade;
4. 2 dias para crimes contra a economia popular;
5. 15 dias para crimes falimentares.

7.4. Prazo para oferecimento da queixa-crime (art. 38 CPP)

Nos termos do art. 38 do CPP, o prazo decadencial para oferecimento da queixa-crime é de **6 (seis) meses, contados a partir do conhecimento da autoria**. A contagem desse prazo é feita a partir da regra contida no art. 10 do CP (conta-se o dia de início e exclui-se o dia do vencimento), não se interrompendo, suspendo ou prorrogando. De qualquer forma, em havendo dúvida, ela deve ser resolvida em favor do ajuizamento da ação (NUCCI, 2008, p. 203).

O prazo decadencial tem seu cômputo finalizado com o simples oferecimento da peça acusatória da ação penal privada, que é a queixa-crime. Pouco importa, portanto, se houve ou não o recebimento desta peça. Nesse sentido, o oferecimento da queixa-crime em juízo sem **competência territorial (competência relativa)** para processar e julgar o feito tem o condão de promover a interrupção do prazo decadencial, "desde que seja o próprio juiz a remeter os autos a outro magistrado, sem que o processo finde. Caso a parte desista da ação, propondo outra no foro correto, é preciso estar dentro do prazo de seis meses, pois nova demanda está sendo ajuizada e a interrupção perdeu efeito" (NUCCI, 2008, p. 204). Entretanto, o oferecimento da queixa em juízo sem **competência absoluta (em razão da matéria ou por prerrogativa de foro)** para processar e julgar o feito não tem o condão de interromper o prazo decadencial.

Noutro giro, **a demora para a conclusão do inquérito policial não interrompe a decadência.** Nessa situação, é prudente que o querelante ofereça a ação penal e requeira ao magistrado, na inicial, o apensamento do inquérito concluído ao processo criminal.

No **crime continuado** previsto no art. 71 do Código Penal, conta-se o prazo decadencial **individualmente**, para cada delito, regra idêntica àquela da contagem da prescrição para este crime, de acordo com o art. 119 do Código Penal (NUCCI, 2008, p. 204).

Já para o **crime permanente**, a regra não deve ser a mesma da contagem da prescrição (da data em que cessar a permanência, como dispõe o art. 111, inciso III, do Código Penal), devendo ser seguida a regra geral de que se conta o prazo a partir do **conhecimento da autoria**. Se houver o término do prazo de 6 (seis) meses e ainda assim o crime persistir, continua sendo possível o oferecimento da ação penal, mas apenas para os fatos posteriores aos 6 (seis) meses já vencidos. Essa regra geral também deve ser aplicada para os **crimes habituais** (NUCCI, 2008, p. 204-205).

Há, porém, **prazos decadenciais especiais** para o oferecimento da queixa-crime:

I. **6 (seis) meses, a partir do trânsito em julgado da sentença que, por motivo de erro ou impedimento, anule o casamento (art. 236, parágrafo único, CP);**

II. **30 (trinta) dias, a contar da homologação do laudo (art. 529 CPP)**, é o prazo para a queixa-crime no caso de crime contra a propriedade imaterial que deixar vestígios. Com relação a este segundo prazo, porém, é preciso compatibilizá-lo com o prazo geral indicado no art. 38 do CPP (seis meses, contados do conhecimento da autoria), daí porque, "conhecido o infrator, é deflagrado o prazo decadencial de seis meses. Ficando pronto o laudo, com a respectiva homologação, terá então a vítima no máximo trinta dias para deflagrar a ação. É como se o prazo geral fosse limitado pela homologação do laudo" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 670).

▸ **Atenção:**

O prazo decadencial de 3 (três) meses para o oferecimento da queixa-crime, a contar da transmissão ou publicação da notícia, nos crimes de imprensa, previsto no art. 41, § 1º, da Lei nº 5.250/67 (Lei de Imprensa),

não mais subsiste, tendo em vista que o STF, no julgamento da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 130/DF, julgou pela não recepção ou revogação de toda essa lei, daí porque, para esse caso, há de se aplicar a regra geral prevista no art. 38 do CPP.

Prazo para oferecimento da queixa-crime	Prazos especiais para oferecimento da queixa-crime
6 meses, contados da descoberta da autoria.	1. 6 meses, a partir do trânsito em julgado da sentença que, por erro ou impedimento, anule o casamento (art. 236 CP); 2. 30 dias, a contar da homologação do laudo pericial (art. 529 CPP).

8. INTERVENÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO NA AÇÃO PENAL PRIVADA

A atuação do Ministério Público é também obrigatória na ação penal privada, devendo operar como fiscal da lei (*custos legis*), sob pena de nulidade relativa do feito (art. 564, inciso III, "d", do CPP).

Nesta espécie de ação penal, o órgão ministerial possui o **poder de aditar a queixa, no prazo de 3 (três) dias** - se não se pronuncia nesse prazo, entende-se que não há o que aditar, devendo a ação prosseguir normalmente (art. 46, § 2º, CPP). Como o STF decidiu pela revogação da Lei de Imprensa no julgamento da ADPF nº 130/DF, não há mais de ser aplicado o prazo de aditamento de 10 (dez) dias então previsto no art. 40, § 3º, deste diploma legal.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador do Tribunal de Contas de São Paulo, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foi cobrado exatamente o prazo que possui o Ministério Público para aditar a queixa-crime, da seguinte forma: *"O prazo para o Ministério Público aditar a queixa na ação privada subsidiária ou exclusiva, contado da data do recebimento dos autos, será de a) 02 dias. b) 03 dias. c) 05 dias. d) 08 dias. e) 10 dias."*. A resposta correta foi a letra B.

No exercício desta atividade, o *Parquet* poderá elaborar correções de ordem formal e incluir novos fatos delitivos. Porém, **na ação penal exclusivamente privada, não pode o Ministério Público incluir**

agente que o ofendido não incluiu, por faltar-lhe legitimidade *ad causam* ativa, sob pena de violação do princípio da oportunidade. Nessa hipótese, velando pelo princípio da indivisibilidade, percebendo que o querelante não agiu de má-fé, deve o Ministério Público propor ao mesmo que adite a queixa para incluir autores que ficaram de fora, sob pena de implicar renúncia do direito de queixa contra um deles, extensível aos demais. Se, no entanto, o querelante excluiu outros agentes dolosamente, deverá o órgão ministerial oferecer parecer pugnando pela extinção da punibilidade de todos os envolvidos, por força da renúncia. Na ação penal privada subsidiária da pública, porém, os poderes do *Parquet* são amplíssimos, o que inclui a possibilidade de incluir novos agentes delitivos.

Por fim, registre-se que o Ministério Público, **na ação penal exclusivamente privada, não pode oferecer recurso contra a absolvição do querelado se o querelante não recorreu, sob pena de violação do princípio da disponibilidade.** Como já afirmado anteriormente, na ação penal privada subsidiária da pública, porém, os poderes do *Parquet* são amplíssimos (eis que o órgão atua como verdadeira parte), o que inclui a possibilidade de recorrer nesta hipótese ora apontada.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SC, em 2010, foi cobrado justamente o prazo que possui o Ministério Público para aditamento da queixa-crime (3 dias). Nesse sentido, a assertiva *"O prazo para aditamento da queixa será de cinco dias, contado da data em que o órgão do Ministério Público receber os autos. Findo tal prazo sem manifestação, entender-se-á que não tem o que aditar, prosseguindo-se nos demais termos do processo"* (destacada) foi considerada incorreta.

9. RECONHECIMENTO DA EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE (ARTS. 61 E 62 CPP)

O reconhecimento da extinção da punibilidade do agente delitivo pode ser feito a qualquer tempo e de ofício pelo juiz. Se, porém, houver requerimento da parte, deve-se autuar o pedido em apartado, ouvindo a parte contrária; caso esse procedimento não seja necessário, determina-se a produção de prova em 5 (cinco) dias, decidindo o juiz em 5 (cinco) dias ou na sentença final (art. 61 do CPP).

Em havendo morte do réu, a extinção da punibilidade só pode ser declarada com a juntada da certidão de óbito e ouvido o

Ministério Público (art. 62 do CPP, que é mera aplicação do disposto no art. 155, parágrafo único, do CPP).

Questão interessante diz respeito ao decreto de extinção da punibilidade com base em **certidão de óbito falsa**. Para Guilherme de Souza Nucci, nada mais poderia ser feito, não sendo possível, portanto, a reabertura do caso, sob pena de revisão criminal em prol da sociedade, o que é vedado pelo CPP, cabendo apenas o processo de quem falsificou a decisão (NUCCI, 2008, p. 230-231). Entretanto, não é essa a posição do STJ (Informativo nº 433) e do STF (HC nº 84.525-8-MG, DJ 3/12/2004; Informativo nº 613), que entendem que a decisão de extinção da punibilidade não formaria coisa julgada em sentido estrito, podendo ser, portanto, revogada, até porque o agente não poderia ser beneficiado pela própria torpeza. Na doutrina, é a posição também de Eugênio Pacelli de Oliveira (OLIVEIRA, 2008, p. 36-37).

Capítulo VIII

Ação civil *ex delicto*

1. CONCEITO

A ação civil *ex delicto* é a ação "ajuizada pelo ofendido, na esfera cível, para obter indenização pelo dano causado pelo crime, quando existente". (NUCCI, 2008, p. 233). Nesse contexto, esclareça-se que ela envolve tanto a **execução**, no juízo cível, da sentença penal condenatória (art. 63 do CPP), a qual, por tornar certa a obrigação de reparar o dano causado pelo crime (art. 91, inciso I, do Código Penal), servirá de título executivo judicial, com base no art. 475-N, inciso II, do Código de Processo Civil de 1973 e art. 515, inciso VI, do Código de Processo Civil de 2015, como também a **ação civil de conhecimento (ação para ressarcimento do dano)**, em que se pleiteia a reparação dos danos causados à vítima (art. 64 do CPP).

Ação civil ex delicto
1. Execução da sentença penal condenatória (art. 63 CPP);
2. Ação civil de conhecimento – ação para ressarcimento do dano (art. 64 CPP).

Há de se ressaltar ainda, com fincas nos ensinamentos de Guilherme de Souza Nucci, que o "dano pode ser material ou moral, ambos sujeitos à indenização, ainda que cumulativa" (NUCCI, 2008, p. 233). Em se tratando de dano material, a parte interessada pode pleitear tanto os danos emergentes como os lucros cessantes. Além disso, quando possível, poderá também solicitar a restituição da coisa.

2. SENTENÇA PENAL CONDENATÓRIA COMO TÍTULO EXECUTIVO (ART. 63 CPP)

Como regra geral, a responsabilidade civil é independente da criminal (**separação ou independência da jurisdição**), não se podendo, porém, questionar mais sobre a existência do fato, ou

sobre quem seja o seu autor, quando estas questões se acharem decididas no juízo criminal, consoante o art. 935 do Código Civil. A respeito destas hipóteses excepcionais, acrescente-se que o Código Penal, no seu art. 91, inciso I, determina como efeito da condenação a obrigação de reparar o dano.

Nesse trilhar é que o art. 63, *caput*, do CPP apregoa que transitada em julgado a sentença condenatória, poderão promover-lhe a execução, no juízo cível, para o efeito da reparação do dano, o ofendido, seu representante legal ou seus herdeiros. Com efeito, quanto à indenização, tem-se que, no juízo cível, "não se discutirá se esta é devida (*an debeatur*), mas tão-somente o quanto é devido pelo réu (*quantum debeatur*)" (NUCCI, 2008, p. 236).

Ainda sobre o teor do art. 63, *caput*, do CPP, é imprescindível notar que a **legitimidade ativa** para a propositura da ação civil *ex delicto* é amplíssima, incluindo o ofendido, seu representante legal (se aquele for menor de 18 anos ou doente mental) e seus herdeiros (na hipótese de morte ou declaração judicial de ausência), sendo que tais herdeiros não são apenas o cônjuge, ascendentes, descendentes e irmãos, mas todos os potenciais herdeiros existentes.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado do Espírito Santo, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada a legitimidade para o oferecimento da ação civil *ex delicto*. Nesse trilhar, a assertiva "*Rose recebeu sentença penal condenatória transitada em julgado pela prática do crime de roubo qualificado pelo uso de arma de fogo. Nessa situação, considerando que Lina tenha sido a única vítima do delito, a correspondente ação civil ex delicto somente poderá ser promovida pela ofendida*" foi considerada incorreta.

De outro lado, o art. 63, parágrafo único, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.719/08, estatui que transitada em julgado a sentença condenatória, a execução poderá ser efetuada pelo valor mínimo da reparação do dano fixado na sentença condenatória (art. 387, IV, CPP), sem prejuízo da liquidação para a apuração do dano efetivamente sofrido.

A inovação trazida pelo referido diploma legal nos artigos 63, parágrafo único, e 387, inciso IV, do CPP é bastante significativa e, por isso mesmo, merece especial atenção. Em primeiro lugar,

constata-se que a novel legislação mitigou o sistema da separação ou independência das instâncias cível e criminal, até então adotado como regra geral no Brasil (art. 935 do Código Civil), passando a consagrar o **sistema da confusão**, já que as pretensões cível e penal podem ser discutidas em ação única, no juízo criminal. Em outras palavras, o pedido formulado no juízo criminal "engloba ao mesmo tempo a condenação e a reparação dos danos" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 182).

Contudo, esse sistema da confusão somente poderá ser adotado se as partes tiverem a possibilidade, durante a ação penal, de produzirem provas a respeito do valor da indenização, o que apenas ocorrerá se tais provas não interferirem nem tumultuarem a instrução processual penal. Assim, se o *quantum* indenizatório for de evidente aferição, de complexidade mínima ou inexistente, será adotado o referido sistema da confusão. Mas se a causa cível for tão ou mais complexa do que a causa criminal, o juiz deverá remeter as partes à esfera cível, para que o valor indenizatório possa ser discutido de modo exauriente (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 183).

Nesse contexto, é extremamente relevante esclarecer que, a nosso ver, o magistrado só poderá fixar o valor mínimo da reparação do dano se houver **pedido expresso** nesse sentido do ofendido formulado na inicial acusatória, não podendo, portanto, arbitrá-lo de ofício, sob pena de julgamento *extra petita*. A esse respeito, Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar afirmam:

> *[...] não acreditamos que o magistrado possa reconhecer o pleito indenizatório sem que tenha havido requerimento neste sentido. Não funcionaria como um efeito automático da sentença condenatória, que até então apenas tornava certa a obrigação de indenizar. O magistrado não pode julgar* extra petita, *de sorte que só estabelecerá o valor da indenização se tal requerimento lhe foi apresentado, em regra, com a apresentação da inicial acusatória.* (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 182-183).

É esse também o entendimento de Guilherme de Souza Nucci:

> *De todo modo, parece-nos que somente o ofendido poderia solicitar a indenização e o juiz não teria condições de fixá-la de ofício, sem nenhum pedido. Afinal, não tendo havido requerimento expresso, inexistiria discussão nos autos em relação ao valor, motivo pelo qual seria incabível a fixação de um montante qualquer, que não foi objeto de debate entre as partes interessadas.* (NUCCI, 2008, p. 235).

O STJ acata integralmente a posição alhures exposta. Assim, por exemplo, no julgamento dos Embargos de Declaração em Recurso Especial nº 1286810/RS, chegou-se a asseverar categoricamente que "Para que seja fixado na sentença o valor mínimo para reparação dos danos causados à vítima, com base no art. 387, inciso IV, do Código Penal, deve haver pedido formal nesse sentido pelo ofendido, além de ser oportunizada a defesa pelo réu, sob pena de violação aos princípios da ampla defesa e do contraditório".

No entanto, por lealdade acadêmica, registre-se que há entendimento doutrinário em sentido contrário, sustentando que seria hipótese de um julgamento *extra petita* autorizado, ou seja, haveria a possibilidade de reconhecimento de um pedido implícito pelo juiz quanto a este valor. É o que apregoam Eugênio Pacelli de Oliveira e Rômulo de Andrade Moreira (MOREIRA, 2009b, p.220).

Nesse cenário, impende noticiar que o STF, no julgamento do caso do "Mensalão" (Ação Penal nº 470), deixou de fixar valor mínimo para reparação dos danos causados pelas infrações cometidas pelos réus alegando, dentre outros motivos, justamente a inexistência de pedido formal a esse respeito na denúncia, não sendo mais possível a formulação deste requerimento em sede de alegações finais.

Quanto à **legitimidade para requerer a indenização**, devem ser consideradas as seguintes situações:

1. *Se a ação penal for privada:* Terá legitimidade a *vítima do delito*, na condição de autor desta ação penal (*querelante*).

2. *Se a ação penal for pública:* A princípio, o Ministério Público não terá legitimidade, salvo se atuar em favor de vítima pobre em local em que a Defensoria Pública não se encontra estruturada, como permitido pelo art. 68 do CPP. Desse modo, como regra geral, a legitimidade é igualmente da *vítima do delito*, devendo, porém, habilitar-se nos autos como *assistente de acusação* para que possa formular requerimento desta natureza (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 183). Contudo, importa destacar a existência de entendimento doutrinário segundo o qual o Ministério Público teria legitimidade para pleitear a fixação de valor mínimo de indenização em casos de ação penal pública e quando ocorresse prejuízo efetivo ao patrimônio público, a exemplo do que ocorre em alguns crimes contra a Administração Pública, como o peculato. O

STF já chegou a se pronunciar a esse respeito, inclusive no julgamento do processo do "Mensalão" (Ação Penal nº 470). Todavia, tal requerimento deverá ser formulado na peça acusatória, não sendo possível que ele se opere em momentos posteriores, como, por exemplo, em alegações finais, pois não haveria mais a oportunidade de as partes produzirem provas sobre tal matéria nesta etapa processual.

Caso haja pedido expresso de valor mínimo da reparação dos danos, mas o magistrado deixe de reconhecê-lo ou mesmo o fixe em patamar que desagrade a parte, será possível a interposição do recurso de **apelação**, com fincas no art. 593, inciso I, do CPP. Na primeira hipótese (juiz deixa de reconhecer o valor mínimo da reparação dos danos), podem recorrer tanto o Ministério Público como a vítima, enquanto assistente de acusação. Já na segunda hipótese (juiz fixa valor da reparação dos danos que desagrade a parte), só poderá recorrer a vítima enquanto assistente de acusação, faltando interesse ao Ministério Público, "porque se trata de assunto meramente privado e de interesse da vítima" (GRINOVER; GOMES FILHO; FERNANDES, 2009, p. 105).

Noutro giro, se o juiz, pelos elementos acostados nos autos, pôde fixar o valor exato da indenização, este poderá ser executado no juízo cível independente de prévia liquidação. Mas se isso não foi possível, fixando, pois, o magistrado apenas o valor mínimo da indenização, deverá a vítima, no juízo cível, realizar a prévia liquidação do título judicial (art. 63, parágrafo único, do CPP) para, em momento posterior, executá-lo. Nesta segunda hipótese, a vítima, na fase de liquidação, poderá inclusive impugnar o valor mínimo atribuído pelo juiz, sob o argumento de que ele é insuficiente para a cobertura dos danos por ela sofridos.

Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar destacam hipótese em que a execução poderá ocorrer no próprio juízo penal:

> *Caso o juiz penal fixe o quanto da indenização e o réu condenado tenha prestado fiança, entendemos que excepcionalmente a execução pode ser feita na própria esfera penal, bastando ao ofendido requerer ao próprio juízo criminal o levantamento do valor da fiança para satisfação do seu direito.* (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 185).

Quanto à aplicação no tempo do disposto no art. 387, inciso IV, do CPP a partir do advento da Lei nº 11.719/08, o STJ já decidiu que a norma em comento seria processual penal pura, motivo por que,

nos termos do art. 2º do CPP, deveria ser aplicada desde então, mesmo para os processos já em andamento (STJ, 6ª Turma, REsp nº 1176708/RS, Rel. Min. Sebastião Reis Júnior, julgado em 12.06.2012). Contudo, há entendimento doutrinário no sentido de que tal norma seria processual penal mista ou híbrida e, como tal, somente poderia incidir para crimes cometidos após a sua vigência, a exemplo do que apregoa Rômulo de Andrade Moreira (MOREIRA, 2012). Nessa esteira, o STF, mais recentemente, no julgamento do caso "Donadon" (Revisão Criminal nº 5437), por meio do seu Plenário, decidiu que a norma em questão não poderia retroagir, não sendo possível, portanto, a sua aplicação para fatos ocorridos e ações penais deflagradas antes do seu advento.

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ já decidiu que o juiz, ao proferir sentença penal condenatória, no momento de fixar o valor mínimo para a reparação dos danos causados pela infração (art. 387, IV, CPP), pode, sentindo-se apto diante de um caso concreto, quantificar, ao menos o mínimo, o valor do dano moral sofrido pela vítima, desde que fundamente essa opção (Informativo nº 588).

▸ Sentença que concede o perdão judicial

Embora o STJ, na sua Súmula nº 18, consagre o entendimento de que a sentença que concede o perdão judicial tem natureza declaratória, prevalece na doutrina o entendimento de que ela possui **natureza condenatória e, como tal, pode ser executada no juízo cível**. Nesse sentido, Guilherme de Souza Nucci (2008, p. 236-237), Mirabete (2004) e Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar (2009, p. 185).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado justamente o teor da Súmula nº 18 do STJ. Nesse sentido, a assertiva *"Conforme entendimento pacificado no Superior Tribunal de Justiça, assinale a alternativa correta: Não subsiste qualquer efeito condenatório, uma vez extinta a punibilidade pela concessão do perdão judicial"* (destacada) foi considerada correta.

▸ Extinção das pretensões punitiva e executória:

Se houver a **extinção da pretensão punitiva** (extinção da punibilidade antes da sentença definitiva), pela prescrição da pretensão punitiva ou por qualquer outra causa prevista no art. 107 do Código Penal, como não haverá qualquer efeito da eventual sentença condenatória porventura

prolatada, **não será possível a sua execução no juízo cível**, pois não haverá a formação de um título executivo judicial. Diferente ocorre se a **extinção for da pretensão executória** (extinção da punibilidade depois da sentença definitiva), pela prescrição da pretensão executória ou por qualquer outra causa prevista no art. 107 do Código Penal: como todos os efeitos secundários da sentença condenatória prolatada persistem (maus antecedentes, reincidência etc), há formação de um título executivo judicial, motivo pelo qual **será possível a sua execução no juízo cível**.

▸ **Sentença penal condenatória proferida em país estrangeiro:**

Relembre-se que a sentença penal condenatória proferida em país estrangeiro pode ser homologada no Brasil, pelo STJ (art. 105, inciso I, alínea "i", da Constituição Federal), quando a lei brasileira na espécie produzir as mesmas consequências (art. 788 do CPP); se isso ocorrer, igualmente **será possível a sua execução no juízo cível**.

▸ **Revisão criminal e ação rescisória:**

Como a revisão criminal apaga a anterior sentença condenatória proferida, eliminando-se, portanto, o título executivo judicial, entende-se que **tal sentença não mais poderá ser executada no juízo cível**. Assim, "se ainda não iniciada a execução, não mais pode ocorrer; caso tenha começado, deverá o juiz extingui-la por inexigibilidade do título. E, derradeiramente, se já tiver sido paga a indenização - uma vez que não houve processo de conhecimento para apurar a culpa na esfera cível - caberia ação de restituição, onde se poderia então debater a culpa do pretenso autor de ato ilícito" (NUCCI, 2008, p. 237). Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar ainda acrescentam que "Pode ocorrer ainda o trânsito em julgado da sentença cível assegurando a indenização. Se posteriormente, advier no âmbito penal sentença absolutória reconhecendo a inexistência do fato, admite-se agora, na esfera civil, o manejo da **ação rescisória**" (art. 485 do CPC de 1973 e art. 996 do CPC de 2015) - destacamos (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 187).

3. AÇÃO PARA RESSARCIMENTO DO DANO (ART. 64 CPP)

Caso a parte prejudicada não queira aguardar o trânsito em julgado de uma sentença penal condenatória, poderá, desde já, oferecer a ação para ressarcimento do dano, no juízo cível, contra o autor do crime e, se for o caso, contra o responsável civil (art. 64, *caput*, do CPP), o que apenas reforça a regra geral de separação da jurisdição. Registre-se que os civilmente responsáveis pelo pagamento

da indenização são aqueles indivíduos elencados no art. 932 do Código Civil.

Vale a pena abrir aqui um parêntese para esclarecer que a **legitimidade passiva** da ação civil *ex delicto*, como afirmado alhures, envolve o autor do crime e o responsável civil, mas este último "só poderá ser sujeito passivo da ação de conhecimento, não se admitindo a execução da sentença penal condenatória em seu detrimento, afinal, não foi parte no processo penal, não servindo o título contra aquele que não figurou no pólo passivo da demanda" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 180). Do contrário, haveria violação dos princípios constitucionais do devido processo legal, do contraditório e da ampla defesa. Nesse sentido também é Guilherme de Souza Nucci (2008, p. 238-240).

Em sede de doutrina, vem prevalecendo o entendimento de que o responsável civil, por não participar do processo penal, poderá arguir qualquer matéria de defesa durante a ação civil de conhecimento, inclusive rediscutir a autoria e a materialidade delitivas, ainda que elas já estejam assentadas na sentença penal condenatória transitada em julgado (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 181).

No entanto, deve-se rememorar que, no procedimento sumaríssimo do Juizado Especial Criminal, o responsável civil é notificado para comparecer à audiência preliminar, oportunidade em que poderá firmar acordo de composição civil dos danos, o que ensejará uma sentença homologatória, título executivo judicial que vinculará tal pessoa (artigos 72 e 74 da Lei nº 9.099/95).

De outro lado, dispõe o art. 64, parágrafo único, do CPP que, uma vez intentada a ação penal, para evitar decisões contraditórias, o juiz da ação civil *poderá* suspender o curso desta, até o julgamento definitivo daquela. Seguindo o teor da norma processual penal, o CPC de 1973, em seu art. 110, *caput*, estipula que se o conhecimento da *lide* depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, *pode* o juiz mandar *sobrestar* no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal. Já o CPC de 2015, em seu art. 315, *caput*, com conteúdo semelhante ao diploma anterior, apenas com pequenas mudanças em relação ao emprego de alguns termos, assevera que se o conhecimento do *mérito* depender de verificação da existência de fato delituoso, o juiz *pode* determinar a *suspensão* do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Nesse sentido, embora seja sempre recomendável a suspensão da ação civil, prevalece na doutrina o entendimento de que essa **suspensão é meramente facultativa**. É a posição de Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 184) e Eugênio Pacelli de Oliveira (OLIVEIRA, 2008). Na jurisprudência, é a posição do STJ no julgado REsp nº 47246/RJ, 3ª Turma, Rel. Min. Costa Leite, DJ 30/08/1994.

Ressalte-se também que, ainda que a ação penal não tenha sido deflagrada, será possível a suspensão da ação civil. De acordo com o CPC de 1973 (art. 110, parágrafo único), se a ação penal não for exercida dentro de *30 (trinta)* dias, contados da *intimação do despacho de sobrestamento*, cessará o efeito deste, decidindo o juiz cível a questão prejudicial. O CPC de 2015 amplia este prazo, ao afirmar, no seu art. 315, §1º, que se a ação penal não for proposta no prazo de *3 (três) meses*, contado da *intimação do ato de suspensão*, cessará o efeito desse, incumbindo ao juiz cível examinar incidentemente a questão prévia.

Frise-se, por fim, que se as ações civil e penal tramitarem simultaneamente, a ação civil somente poderá ficar suspensa pelo prazo de até 1 (um) ano, em conformidade com o disposto no art. 265, § 5º, do Código de Processo Civil de 1973 e no art. 315, §2º, do CPC de 2015. Caso o juízo cível determine o prosseguimento da demanda civil e, no seu curso, sobrevenha sentença criminal, tal juízo poderá levá-la em consideração para julgamento da questão civil prejudicada, conforme permitido pelo art. 462 do CPC de 1973. O CPC de 2015 possui norma semelhante a esta, consagrada no art. 493, o qual ainda acrescenta que, surgindo fato novo (o advento da sentença penal), deverá ser respeitado o contraditório, impondo-se ao juízo cível a oitiva das partes sobre este fato antes de decidir.

4. COMPETÊNCIA NA AÇÃO CIVIL *EX DELICTO*

Na vigência do CPC de 1973, em sede de doutrina, prevalecia o entendimento de que a competência para o processamento e julgamento da ação civil *ex delicto* (pouco importava se a ação era de conhecimento ou executória) seria do juízo cível do domicílio da vítima ou do local do fato, devendo a opção ser feita pela própria vítima, com base no art. 100, parágrafo único, do referido diploma legal. Seria ainda possível que a vítima optasse pelo domicílio do réu (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 181).

Todavia, o CPC de 2015 dá novo tratamento à matéria, fornecendo regras de competência distintas para a ação de conhecimento e para a ação executória. Desse modo, para a ação de conhecimento, é aplicável o teor do art. 53, inciso V, segundo o qual é competente o foro do domicílio do autor ou do local do fato, para a ação de reparação de dano sofrido em razão de delito ou acidente de veículos, inclusive aeronaves, o que acaba constituindo regra semelhante àquela encontrada no CPC de 1973 (art. 100, parágrafo único). A grande novidade é encontrada então na regra de competência para a ação executória, firmada no art. 516, parágrafo único, do CPC de 2015: o exequente poderá optar pelo juízo do atual domicílio do executado, pelo juízo do local onde se encontrem os bens sujeitos à execução ou pelo juízo do local onde deva ser executada a obrigação de fazer ou de não fazer, casos em que a remessa dos autos do processo será solicitada ao juízo de origem.

5. EXCLUDENTES DE ILICITUDE (ART. 65 CPP)

O art. 65 do CPP prevê as situações em que a sentença penal fará coisa julgada no juízo cível. São os casos de reconhecimento das **excludentes de ilicitude** do *estado de necessidade, legítima defesa, estrito cumprimento do dever legal* e *exercício regular de direito*.

Pondere-se que o art. 65 do CPP deve ser lido em conjunto com o art. 188 do Código Civil, que assevera:

> *Art. 188. Não constituem atos ilícitos:*
>
> *I – os praticados em legítima defesa ou no exercício regular de um direito reconhecido;*
>
> *II – a deterioração ou destruição da coisa alheia, ou a lesão a pessoa, a fim de remover perigo iminente.*
>
> *Parágrafo único. No caso do inciso II, o ato será legítimo somente quando as circunstâncias o tornarem absolutamente necessário, não excedendo os limites do indispensável para a remoção do perigo.*

No que tange ao art. 188, inciso I, do Código Civil, é preciso destacar que a legítima defesa putativa e a hipótese de erro na execução do crime (*aberratio ictus*) permitem a indenização cível.

Com relação ao que consta no art. 188, inciso II, do Código Civil, há de se afirmar que se a pessoa lesada ou o dono da coisa deteriorada ou destruída não for o causador do perigo, terá

direito à indenização (art. 929 do Código Civil). Nessa situação, o agente que atuou em estado de necessidade e foi absolvido na justiça penal deverá indenizar, cabendo ação regressiva contra o causador do perigo para reaver aquilo que pagou (art. 930 do Código Civil).

De outro lado, é de se registrar ainda que as excludentes de culpabilidade previstas no art. 22 do Código Penal (coação irresistível e obediência hierárquica) não afastam a possibilidade de oferecimento de ação civil indenizatória.

Por fim, noticie-se que o art. 386, incisos I a VII, do CPP, ao tratar das hipóteses de sentença absolutória, traz situações que excluem a indenização cível e outras que não afastam esse direito. Abaixo, são analisados, em separado, todos os incisos do referido dispositivo legal.

I. **Estar provada a inexistência do fato:** Nesta situação, a sentença absolutória exclui a responsabilidade civil.

II. **Não haver prova da existência do fato:** É hipótese consagradora do princípio do *in dubio pro reo*, que, no entanto, não afasta a responsabilidade civil.

III. **Não constituir o fato infração penal:** Como, nesta hipótese, ainda poderá ser provado que o ilícito civil subsiste, permite-se a responsabilidade civil.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrada justamente a repercussão na responsabilidade civil da sentença absolutória que decidir não constituir crime o fato imputado. Nesse sentido, a assertiva *"Não impede a ação civil sentença de absolvição que decidir não constituir crime o fato imputado"* (destacada) foi considerada correta.

IV. **Estar provado que o réu não concorreu para a infração penal:** É hipótese que afasta a responsabilidade civil.

V. **Não existir prova de ter o réu concorrido para a infração penal:** Segundo Guilherme de Souza Nucci, é possível ainda a responsabilidade civil, se provado que o réu participou do ilícito civil (NUCCI, 2008, p. 669).

VI. **Existirem circunstâncias que excluam o crime ou isentem o réu de pena, ou mesmo se houver fundada dúvida sobre**

sua existência: Em regra, as excludentes de ilicitude excluem a possibilidade de ajuizamento da ação indenizatória, conforme já abordado anteriormente, nos termos do art. 65 do CPP. No entanto, excepcionalmente, em algumas situações indicadas no art. 188 do Código Civil, também já apreciadas alhures, será possível o oferecimento da ação indenizatória. Com relação às excludentes de culpabilidade, em regra, elas não afastam a obrigação de indenizar. Ademais, se o juiz absolve o réu em virtude de fundada dúvida sobre a existência de ambas as excludentes (parte final deste dispositivo), não se impede, em tese, a reparação civil do dano.

VII. **Não existir prova suficiente para condenação:** Este dispositivo legal, com redação dada pela Lei nº 11.690/08, consagra novamente o princípio do *in dubio pro reo*, permitindo, pois, a responsabilidade civil.

6. CAUSAS QUE POSSIBILITAM A AÇÃO CIVIL INDENIZATÓRIA (ARTS. 66 E 67 CPP)

O CPP prevê expressamente **causas que não impedem** o oferecimento da ação civil indenizatória. São elas:

I. **sentença penal absolutória que não reconhecer categoricamente a inexistência material do fato** (art. 66 CPP);

II. **despacho de arquivamento do inquérito ou das peças de informação** (art. 67, I, CPP);

III. **decisão que julgar extinta a punibilidade** (art. 67, II, CPP);

IV. **sentença absolutória que decidir que o fato imputado não constitui crime** (art. 67, III, CPP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No LII concurso de Promotor de Justiça Substituto do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pelo MPMG, foi cobrada hipótese que impede a ação civil *ex delicto*, da seguinte forma: "*Assinale a alternativa* **CORRETA**. *Impede o ajuizamento da ação civil para reparação do dano causado por crime:* ***A)*** *O acórdão que reconhece a inexistência material do fato.* ***B)*** *O despacho de arquivamento do inquérito policial.* ***C)*** *A decisão que julga extinta a punibilidade.* ***D)*** *A sentença que decide que o fato não constitui crime*". A assertiva correta foi a letra A.

7. LEGITIMIDADE PARA OFERECIMENTO DA AÇÃO CIVIL *EX DELICTO* NO CASO DE INTERESSADO POBRE (ART. 68 CPP)

Segundo o art. 68 do CPP, quando o titular do direito à reparação do dano for pobre, a execução da sentença penal condenatória (art. 63 do CPP) ou a ação civil de conhecimento (art. 64 do CPP) será promovida, a seu requerimento, pelo Ministério Público, que age como verdadeiro substituto processual. Nesse sentido, relembre-se que, nos termos do art. 32, § 1º, do CPP, é considerado pobre aquele que não pode prover às despesas do processo, sem privar-se dos recursos indispensáveis à sua manutenção ou de sua família. Além disso, "Prova-se a pobreza pela simples apresentação de declaração de próprio punho" (NUCCI, 2008, p. 243).

O STF entende, porém, que o art. 68 do CPP é eivado de **inconstitucionalidade progressiva** (RE nº 147.776-SP, 1ª Turma, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, DJ 19/05/1998), no sentido de que o Ministério Público só tem legitimidade para o oferecimento da ação enquanto a Defensoria Pública não se estruturar adequadamente; caso isso venha a ocorrer, a legitimidade deixa de ser do Ministério Público, passando à Defensoria Pública, instituição constitucionalmente formatada para o exercício de funções desta natureza, nos termos do art. 134 da Carta Magna Federal.

De qualquer forma, é possível também que o magistrado nomeie defensor dativo em favor do interessado pobre para o oferecimento da ação.

8. PRAZO PRESCRICIONAL

Nos termos do art. 200 do Código Civil, quando a ação civil "se originar de fato que deva ser apurado no juízo criminal, não correrá a prescrição antes da respectiva sentença definitiva". A partir do trânsito em julgado da sentença penal condenatória é que o prazo prescricional para a ação civil começa a ter curso. Nesta hipótese, a prescrição se opera no prazo de 3 (três) anos, consoante o art. 206, § 3º, inciso V, do Código Civil.

Capítulo IX

Jurisdição e competência

1. JURISDIÇÃO

Jurisdição é o poder soberano do Estado de dizer o direito no caso concreto, resolvendo conflitos, em substituição à vontade das partes. A **substitutividade** é, pois, a característica mais marcante desse poder.

Nesse sentido, são **características da jurisdição:**

a) ***substitutividade***: é nota marcante da jurisdição, implicando na atuação do Estado em substituição à vontade das partes na resolução das lides, o que impede, em regra, a autotutela;

b) ***inércia***: em regra, os órgãos jurisdicionais, para atuarem, precisam ser provocados (*ne procedat judex ex officio*);

c) ***existência de lide***: para o exercício da jurisdição, pressupõe-se uma lide, um conflito de interesses qualificado pela pretensão resistida, nas clássicas lições de Carnelutti (CARNELUTTI, 2000, p. 93). Embora seja esse o posicionamento doutrinário prevalecente, deve-se chamar a atenção para o fato de que, modernamente, vem sendo entendido que, no processo penal, não há, a rigor, um conflito de interesses, "já que defesa e acusação possuem o mesmo objetivo, que é o justo provimento jurisdicional. O MP há muito tempo deixou de ser mero órgão de acusação, passando a funcionar como fiscal da lei e guardião da sociedade" (TÁVORA; ARAÚJO, 2010, p. 103);

d) ***atuação do direito***: é objetivo da jurisdição a aplicação do direito no caso concreto, resolvendo-se a lide, para que seja garantida a paz social;

e) ***imutabilidade***: a jurisdição tem o seu exercício concluído em uma sentença, que, visando a pacificação social, deve ter caráter definitivo, salvo exceções expressamente previstas em lei, a exemplo da revisão criminal *pro reo*.

Características da jurisdição
1. Substitutividade;
2. Inércia;
3. Existência de lide;
4. Atuação do direito;
5. Imutabilidade.

De outro lado, são **princípios regentes da jurisdição criminal**:

I. ***Investidura***: "Para exercer jurisdição é necessário ser magistrado; logo, estar devidamente investido na função" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 193);

II. ***Indeclinabilidade***: "o juiz não pode abster-se de julgar os casos que lhe forem apresentados" (NUCCI, 2008, p. 247); é, pois, a proibição do *non liquet*;

III. ***Inevitabilidade ou irrecusabilidade***: "A jurisdição não está sujeita à vontade das partes. Impõe-se" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 194);

IV. ***Improrrogabilidade***: "as partes, mesmo que queiram, não podem subtrair ao juízo natural o conhecimento de determinada causa, na esfera criminal" (NUCCI, 2008, p. 247);

V. ***Indelegabilidade***: o juiz não pode delegar a função jurisdicional a quem não possui. Nesse sentido, convém esclarecer que a carta precatória e a carta de ordem não implicam em delegação de jurisdição, mas sim em delegação de competência;

VI. ***Juiz natural***: encontra previsão constitucional no art. 5º, incisos LIII ("ninguém será processado nem sentenciado senão pela autoridade competente") e XXXVII ("não haverá juízo ou tribunal de exceção"), da Carta Magna Federal;

VII. ***Inafastabilidade***: também encontra previsão constitucional, mais precisamente no art. 5º, inciso XXXV, da Carta Magna

Federal ("a lei não excluirá da apreciação do poder judiciário lesão ou ameaça a direito");

VIII. ***Devido processo legal***: possui guarida constitucional no art. 5º, inciso LIV, da Carta Magna Federal ("ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal");

IX. ***Unidade***: "a jurisdição é única. pertencente ao Poder Judiciário, diferenciando-se apenas no tocante à sua aplicação e grau de especialização, podendo ser civil - federal ou estadual; penal - federal ou estadual; militar - federal ou estadual; eleitoral ou trabalhista" (NUCCI, 2008, p. 247).

Princípios da jurisdição
1. Investidura;
2. Indeclinabilidade;
3. Inevitabilidade ou irrecusabilidade;
4. Improrrogabilidade;
5. Indelegabilidade;
6. Juiz Natural;
7. Inafastabilidade;
8. Devido processo legal;
9. Unidade.

2. COMPETÊNCIA

Competência é a medida da jurisdição, espaço dentro do qual o poder jurisdicional pode ser exercido. Jurisdição todo juiz possui, mas competência não. Assim, por exemplo, o STF tem competência sobre todo território nacional, enquanto um juiz de direito tem competência apenas na comarca em que exerce as suas funções. Para melhor compreensão da matéria competência no processo penal, fundamental é o estudo dos princípios do juiz natural e do juiz imparcial, o que já foi feito no capítulo de princípios do processo penal, para onde remetemos novamente o leitor.

No processo penal, a competência poderá ser **absoluta** ou **relativa**. A **competência absoluta** é aquela que não permite prorrogação, por envolver interesse público, podendo ser arguida

a qualquer tempo e em qualquer grau de jurisdição, inclusive de ofício, sob pena de nulidade absoluta de todos os atos praticados no feito (decisórios ou instrutórios), segundo posicionamento doutrinário mais abalizado. Há **três hipóteses de competência absoluta:**

I. **Competência em razão da matéria (*ratione materiae*):** é aquela que leva em conta a natureza da infração a ser julgada;

II. **Competência por prerrogativa de função (*ratione personae*):** é aquela que leva em conta o cargo público ocupado por determinada pessoa que cometeu a infração penal, o que implica em um foro por prerrogativa de função;

III. **Competência funcional:** é aquela que leva em conta a distribuição dos atos processuais praticados. Ela envolve três critérios:

   1. **Fase do processo:** quando dois juízes atuam em fases distintas do feito, a exemplo do juiz que instrui e sentencia a causa criminal e daquele responsável pela fase de execução penal, consoante o art. 65 da Lei de Execução Penal;

   2. **Objeto do juízo:** quando há distribuição de tarefas dentro de um mesmo processo, a exemplo do que ocorre no Tribunal do Júri, em que o juiz-presidente é responsável pela resolução das questões de direito, pela prolação da sentença e pela dosimetria da pena, ao passo que compete aos jurados a votação dos quesitos;

   3. **Grau de jurisdição:** também conhecido como competência funcional vertical, resulta no duplo grau de jurisdição, com o oferecimento de recursos, ou na competência originária dos Tribunais, em casos de foro por prerrogativa de função.

Já a **competência relativa** permite prorrogação, caso não seja arguida a tempo a incompetência do foro, afinal de contas ela interessa sobretudo às partes. O desrespeito às normas de competência relativa, segundo posicionamento doutrinário prevalente, leva apenas à nulidade relativa dos atos decisórios (não são anulados os atos instrutórios, conforme melhor interpretação conferida ao art. 567 do CPP). No Processo Penal, é

hipótese de competência relativa a **competência territorial (*ratione loci*)**. Ressalte-se, porém, que, **no Processo penal, a competência territorial pode ser reconhecida de ofício pelo juiz**, motivo pelo qual a **Súmula nº 33 do STJ**, que apregoa que "A incompetência relativa não pode ser declarada de ofício", **só tem aplicabilidade no Processo Civil**. Contudo, de acordo com entendimento majoritário da doutrina, o magistrado só poderá declarar-se de ofício incompetente até a absolvição sumária (art. 397, CPP), ao passo que a defesa deverá alegar a matéria até o prazo final de apresentação da resposta escrita à acusação, que é de dez dias (art. 396, CPP), sob pena de preclusão.

▸ Observação:

Para se alcançar o juiz competente para julgar determinado processo penal, devem ser seguidos os critérios que determinam a competência previstos no art. 69 do CPP, quais sejam, o lugar da infração (inciso I), o domicílio ou residência do réu (II), a natureza da infração (III), a distribuição (IV), a conexão ou continência (V), a prevenção (VI) e a prerrogativa de função (VII), os quais passam a ser analisados adiante.

Competência absoluta	Competência relativa
Envolve interesse público.	Envolve sobretudo interesse das partes.
Não permite prorrogação, podendo ser arguida a qualquer tempo e em qualquer grau de jurisdição, inclusive de ofício pelo juiz.	Permite prorrogação, caso não seja oferecida a tempo a exceção de incompetência pela parte. Pode, porém, ser reconhecida de ofício pelo juiz, até a absolvição sumária.
O seu desrespeito implica em nulidade absoluta de todos os atos praticados no feito, decisórios ou instrutórios.	O seu desrespeito implica em nulidade relativa dos atos decisórios, não sendo anulados os atos instrutórios (art. 567 CPP).
Espécies: I. Competência em razão da matéria (*ratione materiae*); II. Competência por prerrogativa de função (*ratione personae*); III. Competência funcional.	Espécie: Competência territorial (*ratione loci*)

▸ Qual o entendimento do STF sobre o assunto?

O STF vem mitigando bastante as diferenças entre competência absoluta e competência relativa. Assim, por exemplo, ao reconhecer a incompetência (absoluta) da justiça militar em hipótese de crime que

deveria ser julgado pela justiça federal, entendeu que caberia a este tribunal somente anular a decisão condenatória.

Nesse sentido, asseverou-se que se deveria deixar ao juízo que o Supremo estaria a considerar competente a decisão de anular, ou não, os demais atos do processo, pois, do contrário, haveria um salto jurisdicional. Destarte, destacou-se caber ao juiz federal decidir acerca da subsistência, ou não, dos atos já praticados. Acrescentou-se ainda que, atualmente, *a divisão de competência em absoluta ou relativa deveria ter como única consequência remeter os autos ao juízo competente*, pois a jurisdição seria una. Registrou-se tratar-se de tendência decorrente da ***translatio iudicii*** (reassunção do processo e remessa dos autos ao juízo competente, nos casos em que é declarada a incompetência do juízo - absoluta ou relativa). Conclui-se que o juízo competente, ao receber o processo, absorveria a causa e a julgaria e, se entendesse necessário, poderia renovar os atos processuais (Informativo nº 755 do STF).

3. COMPETÊNCIA TERRITORIAL *(RATIONE LOCI)*

3.1. O lugar da infração penal como regra geral (art. 70 CPP)

Como regra geral para definição da competência territorial, adota-se o **local em que ocorreu a consumação do delito ou, no caso de tentativa, o local em que foi praticado o último ato de execução** (art. 70, *caput*, do CPP). Essa regra consagra, no âmbito do processo penal, a **teoria do resultado** (local do resultado).

Se, porém, for incerto o limite territorial entre duas ou mais jurisdições, ou quando incerta a jurisdição por ter sido a infração consumada ou tentada nas divisas de duas ou mais jurisdições, a competência firmar-se-á pela **prevenção**, consoante o art. 70, § 3º, do CPP, o que significa a adoção excepcional da **teoria da ubiquidade ou mista ou eclética** (local da ação ou omissão ou local do resultado).

A competência também será definida pela **prevenção** no caso de **infração continuada ou permanente, praticada em território de duas ou mais jurisdições**, nos termos do art. 71 do CPP, resultando também na aplicação excepcional da **teoria da ubiquidade**.

Na hipótese de **crime à distância** - que é aquele em que a ação ou omissão ocorre em um país e o resultado em outro -, há de se aplicar também, por exceção, a **teoria da ubiquidade**, que encontra guarida no ordenamento jurídico brasileiro no art. 6º do Código

Penal, segundo o qual "Considera-se praticado o crime no lugar em que ocorreu a ação ou omissão, no todo ou em parte, bem como onde se produziu ou deveria produzir-se o resultado" (como se vê, para o Direito Penal, quanto ao lugar do crime, vale, como regra geral, a teoria da ubiquidade, ao passo que, como já visto, no Processo Penal, na definição do juízo territorialmente competente, a regra geral é a teoria do resultado).

Desse modo, nos casos em que se permite a aplicação da lei penal brasileira, embora para crimes cometidos no estrangeiro (extraterritorialidade da lei penal brasileira, de acordo com o art. 7º do Código Penal), em apertada síntese, pode-se afirmar que será competente o juízo do local que tocar por último o território nacional, pouco importando se é o local da ação ou omissão ou do resultado, daí porque se fala na aplicação da teoria da ubiquidade.

É o exemplo de um indivíduo que envia pelos correios do Brasil uma carta-bomba dirigida ao Presidente da República que se encontra na Argentina, provocando a sua morte (art. 7º, inciso I, alínea "a", do Código Penal). Nessa hipótese, incidindo-se a lei penal brasileira, aplica-se, para fins de definição do foro competente, a regra prevista no art. 70, § 1º, CPP: se, iniciada a execução no território nacional, a infração se consumar fora dele, a competência será determinada pelo **lugar em que tiver sido praticado, no Brasil, o último ato de execução**. No exemplo fornecido, competente será o foro do local do Brasil em que o agente enviou a carta-bomba pelos correios.

Ainda com relação ao **crime à distância**, o art. 70, § 2º, CPP, determina que quando o último ato de execução for praticado fora do território nacional, será competente o juiz do lugar em que o crime, embora parcialmente, tenha produzido ou devia produzir seu resultado. Para ilustrar essa situação, basta inverter o exemplo acima fornecido.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Analista do TRE/AP, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), dentre outros temas relacionados à competência no processo penal, foram cobrados aspectos relevantes sobre a competência territorial, do seguinte modo: *"Analise as seguintes assertivas sobre a competência, de acordo com o Código de Processo Penal: I.*

A competência será, de regra, determinada pelo lugar em que se consumar a infração, ou, no caso de tentativa, pelo lugar em que for praticado o último ato de execução. II. Quando o último ato de execução for praticado fora do território nacional, será competente o juiz do lugar em que o crime, embora parcialmente, tenha produzido ou devia produzir seu resultado. III. A competência será determinada pela continência quando a prova de uma infração ou de qualquer de suas circunstâncias elementares influir na prova de outra infração. Está correto o que se afirma somente em a) I e II. b) I e III. c) II e III. d) I. e) III". A resposta correta foi a letra A.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Analista do TRE/TO, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foi questionado a respeito do juízo competente em caso de crime à distância. Nesse sentido, indagou-se: *"Na hipótese de crime cuja execução tenha sido iniciada no território nacional, mas a consumação tenha ocorrido fora dele, a competência será determinada a) pelo lugar em que tiver sido praticado, no Brasil, o último ato de execução. b) pelo lugar em que tiver sido praticado, no Brasil, o primeiro ato de execução. c) pela prevenção. d) pela residência ou domicílio do réu. e) pelo lugar onde ocorreu a consumação.".* A resposta correta foi a letra A.

▸ Crimes plurilocais:

Embora semelhantes com os crimes à distância, os crimes plurilocais com estes não se confundem, inclusive para fins de definição do foro competente. São crimes plurilocais aqueles nos quais a ação ou omissão se dá em um lugar e o resultado em outro, desde que ambos os locais se encontrem dentro do mesmo território nacional (crimes à distância envolvem sempre países distintos, sendo que a ação ou omissão ocorre em um país e o resultado em outro). É o exemplo de um indivíduo que envia pelos correios de Belo Horizonte/MG uma carta-bomba dirigida à residência da vítima em Salvador/BA, provocando a sua morte. Para tais crimes, há de ser aplicada, em regra, a **teoria do resultado** prevista no **art. 70, *caput*, do CPP**.

No exemplo fornecido, o foro competente seria de Salvador/BA. Registre-se, porém, que há **entendimento jurisprudencial** no sentido de que, no caso de **homicídio**, deve prevalecer o **juízo da ação ou omissão (teoria da atividade)**, como forma de privilegiar a verdade real, facilitando-se a colheita de prova, bem como para garantir uma efetiva resposta à sociedade do local em que o crime foi executado, eis que naturalmente mais interessada na sua punição. No exemplo mencionado, o foro competente seria alterado, passando a ser o de Belo Horizonte/MG. É esse o posicionamento do STJ (Informativo nº 489) e do STF (Informativo nº 715).

▸ **Crimes preterdolosos ou qualificados pelo resultado:**

Para crimes desta natureza, é igualmente aplicada a regra geral prevista no art. 70, *caput*, do CPP (**teoria do resultado**), embora Guilherme de Souza Nucci (2008, p. 253) defenda o local da ação ou omissão como foro competente (teoria da atividade), como forma de privilegiar a verdade real, facilitando-se a colheita de prova.

▸ **Competência em hipóteses de crimes de estelionato:**

No caso do crime de **estelionato praticado pela emissão de cheque sem fundo** (art. 171, § 2º, VI, CP), o juízo competente é o do **local onde houver a recusa do pagamento do cheque**, conforme a **Súmula nº 521 STF e a Súmula nº 244 STJ**. Entretanto, na hipótese de crime de **estelionato praticado mediante falsificação de cheque**, a regra é diversa, sendo **competente o local da obtenção da vantagem ilícita**, nos termos da **Súmula nº 48 STJ**. Noutro giro, conforme julgado pela Terceira Seção do STJ, compete ao juízo do foro onde se encontra localizada a agência bancária por meio da qual o suposto estelionatário recebeu o proveito do crime – e não ao juízo do foro em que está situada a agência na qual a vítima possui conta bancária – processar a persecução penal instaurada para apurar crime de estelionato no qual a vítima teria sido induzida a depositar determinada quantia na conta pessoal do agente do delito (Informativo nº 565). Todas essas regras referentes à competência para julgamento de crimes de estelionato acabam decorrendo da aplicação da teoria do resultado.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLIX concurso do MP/MG, em 2010, foi cobrado justamente o teor da Súmula nº 48 do STJ. Nesse sentido, a assertiva *"Compete ao juízo do local da obtenção da vantagem ilícita processar e julgar crime de estelionato mediante falsificação de cheque"* (destacada) foi considerada correta.

▸ **Competência em crime de contrabando ou descaminho:**

No caso do crime de **contrabando ou descaminho** (art. 334, CP), o juízo competente é definido pela **prevenção do Juízo Federal do lugar da apreensão dos bens**, nos termos da **Súmula nº 151 do STJ**.

▸ **Atenção:**

Nas **infrações de menor potencial ofensivo**, consoante o art. 63 da Lei nº 9.099/95, será competente para o seu julgamento o local onde foi **praticada** a infração, que, segundo entendimento majoritário, é o **local da ação ou omissão**, adotando-se, portanto, a **teoria da atividade** (local da ação ou omissão).

▸ **Competência na lei de imprensa:**

Nos crimes de imprensa, consoante o art. 42 da Lei nº 5.250/67 (Lei de Imprensa), o foro competente era definido pelo local da impressão do jornal ou periódico, e pelo local onde estivesse situado o estúdio do permissionário ou concessionário do serviço de radiodifusão, bem como o da administração principal da agência noticiosa. Todavia, esse critério de fixação de competência não mais subsiste, tendo em vista que o STF, no julgamento da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 130/DF, julgou pela não recepção ou revogação de toda essa lei, daí porque, para esse caso, há de se aplicar a regra geral prevista no art. 70, *caput*, do CPP.

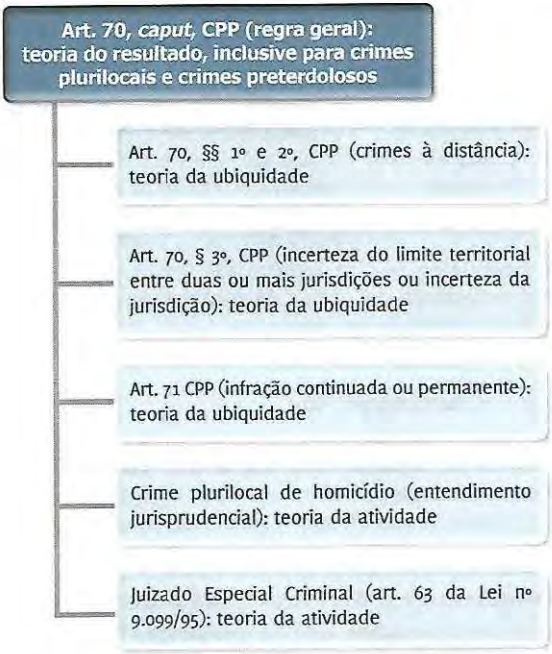

3.2. O domicílio ou residência do réu como foro supletivo (art. 72 CPP)

Quando não se tem conhecimento sobre o local da consumação do crime, vale a **regra supletiva do foro do domicílio ou residência do réu**. Se o réu tiver **mais de um domicílio ou residência**, a competência será firmada pela **prevenção** (art. 72, § 1º, do CPP). E se o réu não tiver residência certa ou for ignorado o seu paradeiro,

será competente o **juiz que primeiro tomar conhecimento do fato** (art. 72, § 2º, do CPP).

3.3. Ação penal exclusivamente privada (art. 73 CPP)

No caso de **ação penal exclusivamente privada** (o que exclui, portanto, a hipótese de crime submetido a ação penal privada subsidiária da pública, mas inclui a ação penal privada personalíssima), **mesmo que conhecido o local da infração**, o querelante pode optar pelo foro do domicílio ou residência do réu.

> ▸ **Aplicação em concurso público:**
> No concurso do MP/SC, em 2010, foi cobrado justamente o teor do art. 73 do CPP. Nesse sentido, a assertiva *"Quando a ação penal for exclusivamente privada o querelante poderá preferir o foro de domicílio ou da residência do réu, ainda quando conhecido o lugar da infração"* (destacada) foi considerada correta.

4. COMPETÊNCIA EM RAZÃO DA MATÉRIA (*RATIONE MATERIAE*) OU PELA NATUREZA DA INFRAÇÃO (ART. 74 CPP)

4.1. Competência do Tribunal do Júri

A competência do Tribunal do Júri envolve o julgamento dos **crimes dolosos contra a vida**. Os crimes dolosos contra a vida são apenas aqueles previstos entre os **artigos 121 e 127 do Código Penal, consumados ou tentados** (art. 74, § 1º, do CPP). Assim, o Tribunal do Júri não julga outros crimes com resultado morte, como o latrocínio (Súmula 603 do STF), estupro seguido de morte, lesão corporal seguida de morte etc.

Trata-se de hipótese de **competência constitucional** (art. 5º, XXXVIII, "d", CF – é cláusula pétrea) e **mínima** (a lei ordinária pode ampliá-la, disciplinando que outros crimes ficarão sujeitos ao julgamento do Tribunal do Júri; não pode, porém, reduzi-la, disciplinando que algum crime doloso contra a vida deixará de ser julgado pelo Tribunal do Júri).

Essa competência prevista na Constituição Federal necessita ser complementada pelo CPP, art. 78, inciso I, tendo em vista que o Tribunal do Júri também terá competência para o julgamento dos crimes conexos ou continentes aos crimes dolosos contra a vida.

Sobre a competência para julgamento do crime doloso contra a vida, vale a pena destacar as hipóteses de **desclassificação** deste delito para outro que não seja doloso contra a vida, de competência do juiz singular, e indicar o órgão jurisdicional que passará a ter a competência para o seu julgamento. As situações são as seguintes:

1. *Se a desclassificação do crime doloso contra a vida é feita pelo juiz no momento da análise da pronúncia do réu, os autos devem ser remetidos ao juízo competente (art. 74, § 3º, CPP)*: Nessa hipótese, caso não haja alteração fática do delito, mas sim apenas novo enquadramento legal, não é necessário o aditamento da inicial, sendo recomendável, porém, em respeito ao contraditório, que o juízo competente possibilite que as partes se manifestem, inclusive indicando provas, requerendo diligências e apresentando alegações finais. De outro lado, se houver alteração fática do delito por força da desclassificação, deve o juízo competente determinar que o autor da ação penal adite a inicial (*mutatio libelli*, consoante art. 384 do CPP), indicando provas, após o que a defesa deve se manifestar, prosseguindo-se logo após a instrução criminal. Nesse sentido Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 752) e Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 693).

2. *Se a desclassificação do crime doloso contra a vida é feita pelo Conselho de Sentença em plenário, o juiz-presidente do Tribunal do Júri é quem vai julgar singularmente o feito, não o remetendo ao juízo competente, por economia processual (arts. 74, § 3º, e 492, § 1º, CPP)*: O mesmo raciocínio se aplica se há um crime doloso contra a vida e um crime conexo ou continente de outra natureza (não doloso contra a vida): feita a desclassificação do crime doloso contra a vida, o juiz-presidente do Tribunal do Júri julgará o crime conexo ou continente (art. 492, § 2º, do CPP). Em ambas as situações, se, por força da desclassificação, for possível a aplicação dos institutos previstos na Lei nº 9.099/95, o magistrado assim deverá proceder, conforme disposto no art. 492, § 1º, parte final, do CPP.

4.2. Competência da Justiça Eleitoral

A Justiça Eleitoral tem competência para o julgamento dos crimes eleitorais e aqueles que lhes são conexos ou continentes. Essa competência tem previsão na Carta Magna Federal (arts. 118 a 121).

▸ **Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?**

A Terceira Seção do STJ já decidiu que compete à Justiça Federal - e não à Justiça Eleitoral - processar e julgar o crime caracterizado pela destruição de título eleitoral de terceiro, quando não houver qualquer vinculação com pleitos eleitorais e o intuito for, tão somente, impedir a identificação pessoal (Informativo nº 555).

▸ **Conexão entre crime eleitoral e crime doloso contra a vida:**

Considerando que ambos os crimes têm competência prevista na Constituição Federal e que, nos dois casos, a competência é especializada, em havendo conexão entre crime eleitoral e crime doloso contra a vida, deve ser operada a **disjunção** (separação) dos mesmos, vindo o crime eleitoral a ser julgado pela Justiça Eleitoral e o crime doloso contra a vida pelo Tribunal do Júri, segundo posicionamento doutrinário prevalente.

4.3. Competência da Justiça Militar

A competência da Justiça Militar está prevista expressamente na Constituição Federal, art. 125, §§ 3º a 5º. Assim, em um primeiro momento, a Carta Magna Federal assevera que a lei estadual poderá criar, mediante proposta do Tribunal de Justiça, a Justiça Militar estadual, que é constituída, em **primeiro grau**, pelos **juízes de direito** e pelos **Conselhos de Justiça** e, em **segundo grau**, pelo próprio **Tribunal de Justiça**, ou por **Tribunal de Justiça Militar nos Estados em que o efetivo militar seja superior a vinte mil integrantes** (art. 125, § 3º).

Em seguida, o Texto Constitucional esclarece que compete à Justiça Militar estadual processar e julgar os militares dos Estados, nos crimes militares definidos em lei e as ações judiciais contra atos disciplinares militares, ressalvada a competência do júri quando a vítima for civil, cabendo ao tribunal competente decidir sobre a perda do posto e da patente dos oficiais e da graduação das praças (art. 125, § 4º).

Finalmente, a Constituição Federal, no art. 125, § 5º, apregoa que compete aos **juízes de direito** do juízo militar processar e julgar, singularmente, os crimes militares cometidos contra civis e as ações judiciais contra atos disciplinares militares, cabendo ao **Conselho de Justiça**, sob a presidência de juiz de direito, processar e julgar os demais crimes militares.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado da Paraíba, em 2010, foi cobrada a competência de cada órgão que integra a Justiça Militar, da seguinte forma: *"Considere as proposições abaixo e, em seguida, indique a alternativa que contenha o julgamento devido sobre elas: I - Em razão de vedação constitucional de criação e instalação de novos Tribunais de Justiça Militares nos estados, a competência recursal para as causas penais militares é dos Tribunais de Justiça. II - As ações judiciais contra atos disciplinares militares serão julgadas pelo Juiz de Direito do Juízo Militar, de forma monocrática. III - Aos Conselhos de Justiça, Permanente ou Especial, competem o julgamento de policiais militares ou bombeiros militares por crimes militares cometidos contra militares, e, ainda, por crimes militares praticados em desfavor de civis, excetuados os delitos dolosos contra a vida, de competência do Tribunal do Júri. A) Apenas a proposição II está correta. B) Apenas a proposição I está correta. C) Apenas a proposição III está correta. D) Todas as proposições estão corretas. E) Todas as proposições estão incorretas."*. A assertiva correta foi a letra A.

Atualmente, há uma tendência na comunidade jurídica em geral em se defender o esvaziamento da jurisdição militar. A esse respeito, há quem sustente que ela deva ser extinta por completo. Para outros, ela deve existir apenas para se ocupar dos crimes em que existe uma real afetação do interesse militar (LOPES JR., 2017). Nesse sentido, a jurisprudência inclusive consagrou o entendimento de que não basta ser crime militar, praticado por militar nas hipóteses definidas em lei, para que haja o julgamento pela Justiça Castrense: é preciso ainda que exista a efetiva violação de dever militar ou afetação direta de bens jurídicos das forças armadas ou uma situação de interesse militar. Finalmente, há autores em doutrina para os quais, em um Estado Democrático de Direito, não se admite uma Justiça Militar, ao menos em tempo de paz e para julgar crimes cuja tipificação já se encontra na legislação penal ordinária; ela deveria existir, apenas e excepcionalmente, para julgar crimes militares próprios (ou propriamente militares), ou seja, aqueles tipificados exclusivamente na legislação especial militar e, por óbvio, cometidos em tempo de guerra (MOREIRA, 2017).

Certo é que a Justiça Militar julga crimes militares (além das ações judiciais contra atos disciplinares militares). O primeiro desafio que surge no estudo da competência desta Justiça é, portanto, apontar com precisão o que se entende por crime militar.

A doutrina estabelece seis critérios para tornar mais concreta a definição deste conceito, quais sejam: ratione personae, *ratione materiae, ratione temporis, ratione loci, ratione legis* e o critério processual.

Segundo o critério *ratione personae*, crime militar estaria relacionado com o sujeito ativo do crime, ou seja, a qualidade do agente enquanto militar seria elemento necessário para caracterização do crime. Pelo critério *ratione materiae*, o crime militar seria uma violação de um dever militar., conforme disposto nos artigos 183 a 203 do Código Penal Militar. O critério *ratione temporis* refere-se ao contexto da prática da conduta delituosa, que impõe uma diferenciação entre tempo de guerra e tempo de paz. Pelo critério *ratione loci*, infere-se que o crime militar seria o praticado em local que esteja sujeito à administração militar. Quanto ao critério processual, tem-se que a competência de foro seria responsável por diferenciar os crimes militares dos crimes comuns. Por fim, o critério *ratione legis* traz a ideia de que crime militar é aquele definido por lei competente para tanto.

Conforme se verifica da redação dos artigos 124 e 125, §4º, da Constituição Federal, o ordenamento jurídico brasileiro adotou como parâmetro para a definição de crime militar o critério *ratione legis*.

Pois bem, os crimes militares em tempo de paz estão previstos no art. 9º do Código Penal Militar, enquanto que os crimes militares em tempo de guerra estão capitulados no art. 10 do mesmo diploma legal.

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ já decidiu que compete à Justiça Comum Federal – e não à Justiça Militar – processar e julgar a suposta prática, por militar da ativa, de crime previsto apenas na Lei nº 8.666/1993 (Lei de Licitações), ainda que praticado contra a administração militar, já que, tecnicamente, ele não constitui crime militar (Informativo nº 586).

Quanto aos crimes militares em tempo de paz (art. 9º do CPM), a matéria foi radicalmente alterada pela Lei nº 13.491/2017. A seguir, são sistematizadas as modificações mais relevantes promovidas por esta legislação:

1) Os crimes previstos no CPM e os **previstos na legislação penal**, quando praticados nas hipóteses do art. 9º, inciso II, alíneas "a" a "e", do CPM, são de competência da Justiça Militar.

2) Os crimes previstos no art. 9º do CPM, quando **dolosos contra a vida** e cometidos por **militares estaduais** contra **civil**, serão de competência do **Tribunal do Júri** (art. 9º, § 1º, do CPM);

3) Os crimes previstos no art. 9º do CPM, quando **dolosos contra a vida** e cometidos por **militares das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica)** contra **civil**, serão de competência da **Justiça Militar da União**, se praticados no contexto (art. 9º, § 2º, do CPM):

I - do cumprimento de atribuições que lhes forem estabelecidas pelo Presidente da República ou pelo Ministro de Estado da Defesa;

II - de ação que envolva a segurança de instituição militar ou de missão militar, mesmo que não beligerante; ou

III - de atividade de natureza militar, de operação de paz, de garantia da lei e da ordem ou de atribuição subsidiária, realizadas em conformidade com o disposto no art. 142 da Constituição Federal e na forma dos seguintes diplomas legais:

a) Lei no 7.565, de 19 de dezembro de 1986 - Código Brasileiro de Aeronáutica;

b) Lei Complementar no 97, de 9 de junho de 1999;

c) Decreto-Lei no 1.002, de 21 de outubro de 1969 - Código de Processo Penal Militar; e

d) Lei no 4.737, de 15 de julho de 1965 - Código Eleitoral.

Estas alterações sofreram, de imediato, severas críticas por parte da doutrina, com fundamento, respectivamente, nos argumentos abaixo elencados:

1) Em virtude da primeira alteração anteriormente explicitada, conclui-se que a Justiça Militar (federal ou estadual) passa a ter competência para julgar os crimes previstos no CPM **e na legislação penal (comum e especial/extravagante)**. Isso significa uma ampliação substancial da competência da Justiça Castrense, que julgará crimes não previstos no CPM, tais como abuso de autoridade, tortura, associação para o tráfico, organização criminosa etc. Diante disso, estariam inclusive superadas as Súmulas números 75 ("Compete à Justiça Comum Estadual processar e julgar o policial militar

por crime de promover ou facilitar a fuga de preso de estabelecimento penal"; este crime está tipificado no art. 351 do Código Penal) e 172 ("Compete à Justiça Comum Estadual processar e julgar militar por crime de abuso de autoridade, ainda que praticado em serviço"; o crime de abuso de autoridade é disciplinado pela Lei nº 4.898/65) do STJ. Nessa linha de intelecção, para alguns doutrinadores, seria possível até defender a competência da Justiça Militar para julgar os crimes previstos na Lei Maria da Penha, quando praticados por militar. Ora, como muito bem aponta Aury Lopes Jr., tudo isso se revela um grande exagero, na medida em que esbarra na absoluta falta de interesse militar, afetação de bens militares ou aderência à atividade militar. Existiu, portanto, um gravíssimo retrocesso. Não só pela falta de estrutura e condições de investigar e julgar tantos crimes, mas também porque alcança crimes não afetos diretamente às atividades militares. Também cria o risco de efetivo corporativismo, especialmente em relação a crimes como abuso de autoridade e tortura, nos quais existe, em geral, uma percepção e valoração por parte dos militares que é completamente distinta da população civil acerca da gravidade e tipificação dessas condutas. Há o risco concreto de um entulhamento das Justiças militares para julgar crimes que não deveriam a ela ser afetos, inclusive com o agravante de que isso vai se operar de forma imediata. Não se pode esquecer que a lei processual penal no tempo é regida pelo princípio da imediatidade, de modo que muitos processos atualmente em andamento na Justiça comum poderão (ou melhor, deverão!) ser imediatamente enviados para a respectiva Justiça Militar (LOPES JR., 2017).

2) Pelo que se percebe das duas últimas alterações acima indicadas, a lei deu um tratamento diferenciado conforme o militar seja estadual ou membro das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica). Assim, o policial militar **estadual** em atividade que cometa **crime doloso contra a vida de civil** será sempre julgado pelo **Tribunal do Júri**. No entanto, se o militar membro das **Forças Armadas** cometer **crime doloso contra a vida de civil nas hipóteses do art. 9º, parágrafo 2º, do CPM** será julgado na **Justiça Militar Federal**, e não no Tribunal do Júri. Isso implicaria em violação ao princípio

constitucional da igualdade (clara diferenciação no tratamento dos militares agindo em idêntica situação), bem como ao próprio pacto federativo (tratamento diferenciado, de modo injustificado, da União e do Estado). Nesse contexto, registre-se que, em uma operação conjunta entre um policial militar estadual e um membro das Forças Armadas, se, em uma abordagem, eles cometerem um crime doloso contra a vida de um civil em alguma das hipóteses do já citado art. 9º, parágrafo 2º, do CPM, ocorrerá a disjunção do processo, sendo aquele julgado no Tribunal do Júri e este na Justiça Militar Federal (LOPES JR., 2017). Ademais, haveria desrespeito à competência constitucional mínima do Tribunal do Júri, retirando deste Juízo o julgamento de crimes que seriam dolosos contra a vida. Contra este último argumento, alguns doutrinadores, a exemplo de Rômulo de Andrade Moreira, sustentam que não haveria afronta à competência constitucional do Júri justamente porque os crimes cometidos nas situações expostas no art. 9º, parágrafo 2º, do CPM não seriam dolosos contra a vida e sim crimes militares, conforme definição estabelecida por lei, definição esta autorizada pela própria Constituição Federal - art. 124, caput (MOREIRA, 2017).

3) O principal motivo para a terceira alteração alhures exposta, realizada no art. 9º, parágrafo 2º, do CPM, sobretudo em seu inciso III, foi uma tentativa de ampliação do papel das Forças Armadas na segurança pública urbana, considerando os recentes eventos violentos no país, relacionados especialmente ao contexto de tráfico de drogas e crime organizado, merecendo destaque o aumento das chamadas Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), reguladas pelo art. 15 da Lei Complementar nº 97/1999, o qual define tais operações como atividades militares para os fins do art. 124 da Constituição Federal. A situação que passa a cidade do Rio de Janeiro, desde meados do ano de 2016, é exemplo de hipótese de aplicação dessa norma. Tendo em vista a autorização do Presidente da República para a realização destas Operações, tem-se que todos os crimes dolosos contra a vida em que figurem como vítimas civis, ocorridos em virtude das GLOs, a competência para a investigação, eventual processamento e julgamento será da Justiça Militar da União.

> Nesse diapasão, cumpre destacar a nota emitida pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) e a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), n°160/17, de 13 de outubro de 2017, que manifestou sua contrariedade e preocupação com a recente aprovação pelo Congresso brasileiro da Lei n° 13.491/17. Isso porque entenderam os órgãos supranacionais que a alteração legislativa promovida viola diversos princípios fundamentais de Direito Internacional relacionados aos Direitos Humanos, que inclusive estão protegidos por instrumentos internacionais dos quais o Brasil é signatário e incorporou ao seu ordenamento interno. Destaca-se, ademais, nesta seara, o conteúdo do artigo 8.1 do Pacto de San José da Costa Rica, que garante a qualquer indivíduo o direito a ser julgado por um tribunal competente, independente e imparcial, que não esteja sujeito a nenhum tipo de hierarquia, o que não ocorre na esfera dos tribunais militares, os quais contam com juízes de direito e juízes provenientes de carreira militar.

Acrescente-se ainda o fato de que, nos termos do art. 3º da Lei nº 13.491/2017, todas as alterações ora apreciadas terão vigência imediata, sem tempo de vacância, daí porque elas se aplicam aos inquéritos e ações penais em andamento, o que pode provocar o deslocamento de um número considerável de feitos, sobrecarregando indevidamente a Justiça Militar.

À guisa de conclusão a respeito das modificações estabelecidas pela Lei nº 13.491/2017, Aury Lopes Jr. sintetiza:

Enfim, a nova lei vai muito além da questão da competência do júri. Representa uma significativa ampliação da competência das Justiças militares da União e dos estados, que agora terão de dar conta de uma imensa demanda para a qual não estão preparadas e tampouco foram criadas. Esse entulhamento exigirá um substancial investimento na estrutura das Justiças militares e também na própria investigação preliminar no âmbito militar, o que dificilmente ocorrerá a médio prazo. Como se trata de lei processual penal, com aplicação imediata – inclusive para os processos em curso, repita-se –, é evidente que esse deságue inesperado de processos irá gerar grande impacto na administração da Justiça Militar. (LOPES JR., 2017).

Noutro giro, no que tange à **competência territorial da Justiça Militar Estadual**, assevere-se que ela é estipulada pelo **local em**

que o policial estadual exerce as suas funções, pouco importando o Estado-membro onde houve a consumação do delito. Nesse sentido, se um policial militar de Minas Gerais praticar algum crime militar na Bahia deverá ser julgado pela Justiça Militar Estadual mineira. É o que afirma a **Súmula nº 78 do STJ**: "Compete à Justiça Militar processar e julgar policial de corporação estadual, ainda que o delito tenha sido praticado em outra unidade federativa".

▸ **Conexão entre crime militar e crime comum (Súmula nº 90 do STJ):**

Havendo conexão entre crime militar e crime comum, haverá disjunção do feito, por força do art. 79, inciso I, do CPP e da Súmula nº 90 do STJ, que dispõe: "Compete à Justiça Estadual Militar processar e julgar o policial militar pela prática do crime militar, e à Comum pela prática do crime comum simultâneo àquele".

▸ **Civil acusado de prática de crime contra instituições militares estaduais (Súmula nº 53 do STJ):**

Nos termos da Súmula nº 53 do STJ, "Compete à Justiça Comum Estadual processar e julgar civil acusado de prática de crime contra instituições militares estaduais".

▸ **Observação:**

Crime praticado por militar, fora do serviço, com arma da corporação, passou a ser de competência da Justiça comum, pois a Lei nº 9.299/96 revogou a alínea "f" do art. 9º do Código Penal Militar, que cuidava do tema.

4.4. Competência da Justiça Federal

A competência da Justiça Federal é sempre **expressa e taxativa**, ao passo que a competência da Justiça Estadual é residual. Por conta disso, em havendo conexão ou continência entre crime de competência da Justiça Federal e crime de competência da Justiça Estadual, prevalece a competência da Justiça Federal, nos termos da **Súmula nº 122 do STJ**. Embora não haja hierarquia entre a Justiça Federal e a Justiça Estadual, já que ambas fazem parte da Justiça Comum, entende-se que a Justiça Federal é especial em relação à Justiça Estadual.

▸ **Teoria do juízo aparente:**

A produção de provas determinada por juízo que se revele posteriormente incompetente não será anulada se, pelas circunstâncias fáticas existentes no momento desta produção, tal juízo *aparentemente* era o competente para tanto. Assim, por exemplo, se, em um primeiro momento, o crime processado é o de tráfico local de drogas, de competência da Justiça Estadual, a ordem proferida por juiz estadual que permite a interceptação das comunicações telefônicas não será anulada e esta prova não será tida como ilícita ainda que, com o passar do tempo, as circunstâncias fáticas sejam alteradas, evidenciando, na verdade, o caráter internacional deste crime, o que desloca o feito à Justiça Federal. É esse o posicionamento do STF ao consagrar a aplicação da teoria do juízo aparente (Informativo nº 701). O STJ também acata esta teoria, já tendo decidido com fundamento nela que é legítima a obtenção de elementos relacionados a pessoa que detenha foro por prerrogativa de função por juiz que até aquele momento era competente para o processamento dos fatos. Assim, a homologação de acordo de colaboração premiada por juiz de primeiro grau de jurisdição, que mencione autoridade com prerrogativa de foro no STJ, não traduz em usurpação de competência desta Corte Superior. Na hipótese, como as investigações até então se referiam a pessoas sem prerrogativa de foro e a informação a respeito do possível envolvimento de autoridade com prerrogativa de foro no STJ somente surgiu com a formalização do acordo de colaboração premiada, o juízo de primeiro grau de jurisdição era competente para sua homologação, não havendo, portanto, nulidade a ser declarada em relação ao ponto. Todavia, ocorrendo a descoberta fortuita de indícios do envolvimento de pessoa com prerrogativa de foro, os autos devem ser encaminhados imediatamente ao foro prevalente, definido segundo o art. 78, III, do CPP, o qual é o único competente para resolver sobre a existência de conexão ou continência e acerca da conveniência do desmembramento do processo (Informativo nº 612).

As hipóteses de competência da Justiça Federal de primeiro grau estão previstas nos incisos IV, V, V-A c/c § 5º, VI, VII, IX, X, XI e § 3º do art. 109 da Constituição Federal.

> *Art. 109 – Aos juízes federais compete processar e julgar:*
>
> *IV – os crimes políticos e as infrações penais praticadas em detrimento de bens, serviços ou interesse da União ou de suas entidades autárquicas ou empresas públicas, excluídas as contravenções e ressalvada a competência da Justiça Militar e da Justiça Eleitoral;*

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ já decidiu que compete à Justiça estadual o julgamento de crime ambiental decorrente de construção de moradias de programa habitacional popular, nas hipóteses em que a Caixa Econômica Federal - CEF (empresa pública da União) atue, tão somente, na qualidade de agente financiador da obra. O fato de a CEF atuar como financiadora da obra não tem o condão de atrair a competência da Justiça Federal. Isto porque para sua responsabilização não basta que figure como financeira, sendo imprescindível sua atuação na elaboração do projeto, ou seja, deve ter atuado na qualidade de fiscalizadora da segurança e higidez da obra (agente executor de políticas públicas federais de promoção à moradia) - Informativo nº 615.

É muito importante ter em mente as exceções previstas no dispositivo constitucional em comento. Assim, nos termos da **Súmula nº 38 do STJ**, "Compete à **Justiça Estadual Comum**, na vigência da Constituição de 1988, o processo por **contravenção penal**, ainda que praticada em detrimento de bens, serviços ou interesse da União ou de suas entidades" (destacamos).

Também de acordo com entendimento do STJ, é da competência da Justiça estadual o julgamento de contravenções penais, mesmo que conexas com delitos de competência da Justiça Federal (Informativo nº 511).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Procurador da República do Ministério Público Federal, em 2013, questionou-se acerca do posicionamento do STJ alhures mencionado (Informativo nº 511), do seguinte modo: *"Assinale a alternativa correta: a) Não obstante evidente conexão entre crimes de competência da Justiça Federal e contravenções penais, compete à Justiça Estadual julgar acusado da contravenção penal, devendo haver desmembramento da persecução penal; b) Pessoa condenada na Justiça Estadual é transferida de presídio estadual para presídio federal. A competência para a execução penal permanece na Justiça Estadual; c) A competência para julgamento de crimes ambientais é, em regra, da Justiça Federal, com exceção daqueles cometidos em terras indígenas; d) Segundo a Lei n. 9.613/98, os crimes de lavagem de capitais não têm persecução penal na Justiça Estadual."*. A resposta da questão foi a letra A.

Note-se ainda que se a infração penal for praticada em detrimento de bens, serviços ou interesse de **sociedade de economia mista**, a competência será da **Justiça Comum Estadual**, nos termos da **Súmula nº 42 do STJ**.

Segundo ensinamentos de Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar, por falta de previsão constitucional, outros entes estão também excluídos da competência da Justiça Federal, a saber, **concessionárias de serviço público, sindicatos e entidade particular de ensino superior** (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 203).

As regras de competência da **Justiça Militar** e da **Justiça Eleitoral** também devem prevalecer sobre a regra de competência tratada no dispositivo constitucional, afinal de contas ambas envolvem **competências constitucionais especiais**. Nessa linha de intelecção, convém informar que, nos termos da novel **Súmula Vinculante nº 36 do STF**, *"Compete à Justiça Federal comum processar e julgar civil denunciado pelos crimes de falsificação e de uso de documento falso quando se tratar de falsificação da Caderneta de Inscrição e Registro (CIR) ou de Carteira de Habilitação de Amador (CHA), ainda que expedidas pela Marinha do Brasil"*. No presente caso, a competência não será da Justiça Militar, pois não está em jogo o julgamento de crime militar. Portanto, reserva-se a competência à Justiça Comum, mais precisamente a Justiça Federal, considerando que os documentos anteriormente mencionados interessam à União.

Ademais, se houver conexão entre crime eleitoral e crime da competência da Justiça Federal, deverá ocorrer a disjunção, de acordo com entendimento do STJ (Conflito de Competência 126729 RS 2013/0036278-6).Embora o dispositivo constitucional em apreço não faça menção expressa, entende-se que os crimes praticados em detrimento de uma **fundação pública federal** são também processados e julgados pela Justiça Federal, afinal de contas tais entidades seriam espécies do gênero autarquia (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 203).

De outro lado, o crime cometido contra **Conselhos de fiscalização profissional**, a exemplo da OAB, deve ser julgado pela Justiça Federal, pois tais entes têm natureza de **autarquia**, consoante posicionamento do STF firmado no julgamento da ADIN nº 1.717-DF, que decidiu pela inconstitucionalidade do art. 58 da Lei nº 9.649/98, o qual retirava essa natureza dos citados entes.

Saliente-se que o simples fato de um réu ser servidor público federal (delegado da polícia federal, por exemplo) não atrai a competência da Justiça Federal: para fins de definição desta competência, é preciso, além disso, que o crime viole bens, serviços ou interesses da União e de suas autarquias públicas ou empresas públicas, conforme entendimento do STJ (Informativo nº 430).

O STJ também entende que a competência para processo e julgamento do delito previsto no art. 304 do Código Penal (uso de documento falso) deve ser fixada com base na qualificação do órgão ou entidade à qual foi apresentado o documento falsificado, que efetivamente sofre prejuízo em seus bens ou serviços, pouco importando, em princípio, a natureza do órgão responsável pela expedição do documento. Assim, por exemplo, em se tratando de apresentação de Certificado de Registro e Licenciamento do Veículo (CRLV) falso à Polícia Rodoviária Federal, órgão da União, em detrimento do serviço de patrulhamento ostensivo das rodovias federais, previsto no art. 20, II, do Código de Trânsito Brasileiro, afigura-se inarredável a competência da Justiça Federal para o julgamento da causa, nos termos justamente do art. 109, IV, da Constituição Federal. (Informativo nº 511). É esse inclusive o teor de recente Súmula do STJ, de nº 546: *"A competência para processar e julgar o crime de uso de documento falso é firmada em razão da entidade ou órgão ao qual foi apresentado o documento público, não importando a qualificação do órgão expedidor."*.

Ainda quanto à competência da Justiça Federal prevista no art. 109, inciso IV, do Texto Constitucional, a Terceira Seção do STJ modificou o entendimento a respeito da competência para julgamento do crime previsto no art. 297, §4º, do CP (caracterizado pela omissão de anotação de vínculo empregatício na CTPS), passando a reconhecer que tal competência deve ser atribuída ao Juízo Federal, pois o sujeito passivo deste delito é o Estado (Informativo nº 554).

Noutro giro, a Lei de Terrorismo (Lei nº 13.260/2016), em seu art. 11, *caput*, assevera que *"Para todos os efeitos legais, considera-se que os crimes previstos nesta Lei são praticados contra o interesse da União, cabendo à Polícia Federal a investigação criminal, em sede de inquérito policial, e à Justiça Federal o seu processamento e julgamento, nos termos do inciso IV do art. 109 da Constituição Federal."*.

▸ **Lembrete:**

Os crimes políticos mencionados no dispositivo constitucional alhures transcrito são aqueles definidos nos **artigos 8º a 29 da Lei de Segurança Nacional (Lei nº 7.170/83)**. A esse respeito, registre-se que o art. 30 do referido diploma, que estatuía que os crimes contra a segurança nacional seriam julgados pela Justiça Militar, não foi recepcionado pela Constituição Federal de 1988. Ademais, contra a decisão proferida pelo juiz federal em processo envolvendo crime político caberá o **recurso ordinário constitucional**, que é dirigido diretamente ao **STF**, consoante o art. 102, inciso II, alínea *b*, da Constituição Federal.

▸ **Aplicação no STJ:**

O STJ possui outras relevantes Súmulas referentes à competência da Justiça Estadual e da Justiça Federal, que merecem ser destacadas, quais sejam: **Súmula nº 62** (*"Compete à Justiça Estadual processar e julgar o crime de falsa anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, atribuído à empresa privada"*); **Súmula nº 73** (*"A utilização de papel-moeda grosseiramente falsificado configura, em tese, o crime de estelionato, da competência da Justiça Estadual"*); **Súmula nº 104** (*"Compete à Justiça Estadual o processo e julgamento dos crimes de falsificação e uso de documento falso relativo a estabelecimento particular de ensino"*); **Súmula nº 147** (*"Compete à Justiça Federal processar e julgar os crimes praticados contra funcionário público federal, quando relacionados com o exercício da função"*); **Súmula nº 165** (*"Compete à Justiça Federal processar e julgar crime de falso testemunho cometido no processo trabalhista"*); **Súmula nº 200** (*"O Juízo Federal competente para processar e julgar acusado de crime de uso de passaporte falso é o do lugar onde o delito se consumou"*); **Súmula nº 208** (*"Compete à Justiça Federal processar e julgar prefeito municipal por desvio de verba sujeita a prestação de contas perante órgão federal"*); **Súmula nº 209** (*"Compete à Justiça Estadual processar e julgar prefeito por desvio de verba transferida e incorporada ao patrimônio municipal"*). Quanto ao teor da Súmula nº 73 do STJ, impende esclarecer que se o agente utiliza papel-moeda que não é grosseiramente falsificado, responderá pelo crime contra a fé pública previsto no art. 289, §1º, do Código Penal (moeda falsa), o qual, por lesar diretamente os interesses da União, é de competência da Justiça Federal, nos moldes do art. 109, inciso IV, da Constituição Federal, consoante entendimento também do STJ (Conflito de Competência nº 119010/PR).

▸ **Atenção:**

A **Súmula nº 91 do STJ**, que dispunha que "Compete à Justiça Federal processar e julgar os crimes praticados contra a fauna", foi **cancelada**, sob o argumento de que a competência para proteger o meio ambiente, florestas, fauna e flora não é exclusiva da União, mas comum da União e dos Estados, nos termos do art. 23, incisos VI e VII, da Constituição Federal, motivo pelo qual o crime praticado contra a fauna somente será julgado pela Justiça Federal se de fato houver violação a bem, serviço ou interesse da União (art. 109, inciso IV, da Constituição Federal).

A esse respeito, o STF definiu que a competência da Justiça Federal aplica-se aos seguintes crimes ambientais, que também se enquadram nas hipóteses previstas na Constituição, quando: a) atentarem contra bens, serviços ou interesses diretos e específicos da União ou de suas entidades autárquicas; b) previstos tanto no direito interno quanto em tratado ou convenção internacional, tiverem a execução iniciada no País, mas o resultado tenha ou devesse ter ocorrido no estrangeiro, ou na hipótese inversa; c) tiverem sido cometidos a bordo de navios ou aeronaves; d) houver grave violação de direitos humanos; ou ainda e) guardarem conexão ou continência com outro crime de competência federal, ressalvada a competência da Justiça Militar e da Justiça Eleitoral, conforme previsão expressa da Constituição. Por conta disso, estabeleceu que compete à Justiça Federal processar e julgar o crime ambiental de caráter transnacional que envolva animais silvestres, ameaçados de extinção e espécimes exóticas ou protegidas por compromissos internacionais assumidos pelo Brasil Isso porque a razão de ser das normas consagradas no direito interno e no direito convencional conduz à conclusão de que a transnacionalidade do crime ambiental de exportação de animais silvestres atinge interesse direto, específico e imediato da União, voltado à garantia da segurança ambiental no plano internacional, em atuação conjunta com a comunidade das nações (Informativo nº 853).

> *V - os crimes previstos em tratado ou convenção internacional, quando, iniciada a execução no País, o resultado tenha ou devesse ter ocorrido no estrangeiro, ou reciprocamente;*

Este dispositivo constitucional está a se referir, na verdade, aos **crimes à distância**, já estudados neste capítulo. Exemplos desta espécie de crime são o tráfico internacional de drogas e o tráfico internacional de crianças.

A respeito do **crime de tráfico internacional de drogas**, vale a pena registrar o teor da Súmula nº 522 STF, que assevera: "Salvo ocorrência de tráfico para o exterior, quando, então, a competência será da Justiça Federal, compete à Justiça dos Estados o

processo e o julgamento dos crimes relativos a entorpecentes". Além disso, nos termos da Súmula nº 528 do STJ, *"Compete ao juiz federal do local da apreensão da droga remetida do exterior pela via postal processar e julgar o crime de tráfico internacional."*. Para fins de definição da competência da Justiça Federal, é desnecessária a efetiva transposição de fronteira do Brasil, sendo suficiente a demonstração inequívoca da intenção de realizar o tráfico internacional de substâncias entorpecentes.

Quanto ao **crime de tráfico internacional de crianças**, tipificado no art. 239 do Estatuto da Criança e do Adolescente ("Promover ou auxiliar a efetivação de ato destinado ao envio de criança ou adolescente para o exterior com inobservância das formalidades legais ou com o fito de obter lucro"), o STF também já decidiu pela competência da Justiça Federal (Informativo nº 755).

Registre-se que os crimes previstos nos artigos 241 ("Vender ou expor à venda fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente") e 241-A ("Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente") do ECA, quando envolverem a rede mundial de computadores (*internet*), serão julgados pela Justiça Federal, no local em que o material pornográfico foi publicado, que é o local da consumação do delito (art. 70, *caput*, do CPP), pouco importando o local onde se encontra o provedor em que tal material está armazenado ou onde houve sua efetivação visualização pelos usuários. Nesse sentido é o entendimento pacificado do STJ (CC 94423/DF, 3ª Seção, Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho, j. 25/6/2008, DJe 8/8/2008).

Em julgado posterior, esclarecendo com mais detalhes a competência para o julgamento do crime tipificado no art. 241-A do ECA, a Terceira Seção do STJ definiu que compete à Justiça Federal a condução do inquérito que investiga o cometimento deste delito nas hipóteses em que há a constatação da internacionalidade da conduta e à Justiça Estadual nos casos em que o crime é praticado por meio de troca de informações privadas, como nas conversas via *Whatsapp* ou por meio de chat na rede social *Facebook* (Informativo nº 603).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz Federal Substituto do TRF 4ª Região, em 2016, dentre outras matérias relevantes referentes ao Processo Penal, cobrou-se o teor da Súmula nº 528 do STJ, conforme consta a seguir: *"Assinale a alternativa correta. (a) Caso os depoimentos colhidos em audiência sejam registrados por meio audiovisual, a respectiva transcrição deverá ser disponibilizada às partes, no prazo de cinco dias. (b) O trânsito em julgado da sentença homologatória da transação penal impede o Ministério Público de dar continuidade à* persecutio criminis, *ainda que o autor do fato haja descumprido as cláusulas do referido documento. (c) O processo e o julgamento do crime de lavagem ou ocultação de bens, direitos e valores de-pendem do prévio processo e julgamento das respectivas infrações penais antecedentes. (d) Da decisão do juiz singular que não receber a apelação, por considerá-la intempestiva, cabe a interposição de carta testemunhável. (e) Ao juiz federal com jurisdição sobre o local da apreensão da droga remetida do exterior pela via postal compete processar e julgar o crime de tráfico transnacional de substâncias entorpecentes."*. A assertiva correta foi a letra E.

Ademais, ainda de acordo com o STJ, não tendo sido identificado o responsável e o local em que ocorrido o ato de publicação de imagens pedófilo-pornográficas em site de relacionamento de abrangência internacional, competirá ao juízo federal que primeiro tomar conhecimento do fato apurar o suposto crime de publicação de pornografia envolvendo criança ou adolescente (art. 241 do ECA), em respeito ao critério da prevenção - art. 72, parágrafo 2º, do CPP (Informativo nº 532).

Aliás, noticie-se que o Plenário do STF, no julgamento do RE nº 628624, reconheceu repercussão geral à matéria e firmou o entendimento de que "Compete à Justiça Federal processar e julgar os crimes consistentes em disponibilizar ou adquirir material pornográfico envolvendo criança ou adolescente [artigos 241, 241-A e 241-B da Lei 8.069/1990] quando praticados por meio da rede mundial de computadores".

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do TJ/MG, em 2009/2010, promovido pela Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes (EJEF), na Prova Escrita, foi indagado ao candidato: *"Luiz Bernardino, conhecido fotógrafo estabelecido na Rua Goiás, 253, em Belo Horizonte, expôs à venda, via "internet", fotografias pornográficas com cenas de sexo explícito, todas envolvendo crianças, cujo acesso se deu além das fronteiras nacionais. A sua conduta foi tipifi-*

cada no artigo 241 da Lei 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Explique, indicando o texto legal que dê sustentação aos seus argumentos, qual o juízo competente para processar e julgar a ação penal respectiva". A competência será da Justiça Federal de Belo Horizonte, pelo que foi exposto nos parágrafos anteriores.

Todavia, apenas a título de informação, em julgado mais recente, o STJ assentou o entendimento de que, no caso de crime contra a honra praticado pela *internet* (que, a princípio, até seria de competência da Justiça Estadual), a competência territorial se firma pelo local em que se localize o provedor do *site* onde se hospeda o *blog*, no qual foi publicado o texto ofensivo à honra (CC 125125/SP, 3ª Seção, Rel. Min. Alderita Ramos de Oliveira, j. 28/11/2012, DJe 12/12/2012).

Ainda quanto a crimes praticados na *internet*, é fundamental esclarecer que, segundo posicionamento do STJ, o simples fato de o delito ter sido cometido por meio da rede mundial de computadores, mesmo que em páginas eletrônicas internacionais, tais como redes sociais (*Facebook*, *Twitter*), não atrai, por si só, a competência da Justiça Federal. Para que a competência seja deslocada para a Justiça Federal, é preciso que o crime ofenda a bens, serviços ou interesses da União ou esteja previsto em tratado ou convenção internacional em que o Brasil se comprometeu a combater, como, por exemplo, mensagens que veiculassem pornografia infantil, racismo, xenofobia, dentre outros, conforme preceitua o art. 109, incisos IV e V, da Constituição Federal (CC 121431/SE, 3ª Seção, Rel. Min. Marco Aurélio Bellizze, j. 11/04/2012, DJe 07/05/2012).

Nessa linha de intelecção, o STF também já decidiu que compete à Justiça Estadual processar e julgar crime de incitação à discriminação cometido via *internet*, quando praticado contra pessoas determinadas e que não tenha ultrapassado as fronteiras territoriais brasileiras (Informativo nº 744).

> *V-A – as causas relativas a direitos humanos a que se refere o § 5º deste artigo;*
>
> [...]
>
> *§ 5º Nas hipóteses de grave violação de direitos humanos, o Procurador-Geral da República, com a finalidade de assegurar o cumprimento de obrigações decorrentes de tratados internacionais de direitos humanos dos quais o Brasil seja parte,*

> *poderá suscitar, perante o Superior Tribunal de Justiça, em qualquer fase do inquérito ou processo, incidente de deslocamento de competência para a Justiça Federal.*

Os dispositivos constitucionais acima transcritos, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 45/2004, dizem respeito ao chamado **incidente de deslocamento de competência**, ou, como ficou popularmente conhecido, federalização dos crimes envolvendo direitos humanos. Esse incidente tem como **objetivo precípuo assegurar e preservar a competência da Justiça Federal** (competência absoluta) para processar e julgar crimes que envolvam grave violação a direitos humanos previstos em tratados internacionais dos quais o Brasil seja signatário, caso os magistrados e delegados de polícia estaduais não declinem de ofício, respectivamente, de sua competência e atribuição ou não reconheçam (os juízes) a procedência da exceção de incompetência do juízo oferecida pela parte.

Nesse contexto, esclareça-se que, em havendo a instauração de inquérito policial na esfera estadual, haverá mera irregularidade do feito, sendo possível o aproveitamento por parte da Polícia Federal de todas as diligências praticas pela Polícia Civil. No entanto, se houver início de processo criminal na Justiça Estadual, todos os atos praticados por este juízo (instrutórios ou decisórios) serão nulos, devendo ser refeitos na Justiça Federal (arts. 564, inciso I, e 573 do CPP).

Não basta simples violação a direito humano para que ocorra este incidente (um crime de homicídio, por exemplo, por si só, constituiria uma violação a direito humano, a vida, o que banalizaria o instituto): é preciso que a **violação seja grave**, a exemplo de uma chacina, assim como que **tal direito humano seja objeto de tratado internacional do qual o Brasil seja parte.**

Ademais, quem pode suscitar esse incidente é apenas o **Procurador-Geral da República**, perante exclusivamente o **STJ**. O incidente pode ser suscitado em **qualquer fase do inquérito ou do processo.** Caso o STJ acate o pedido formulado no incidente, a causa tramitará perante a Justiça Federal.

Interessante destacar que o incidente em apreço foi instaurado pelo Procurador-Geral da República no caso da missionária americana Doroty Stang, brutalmente assassinada no Estado do Pará. O STJ, no entanto, não acolheu o incidente, ao argumento de que,

além da violação de direitos humanos previstos em tratado ou convenção internacional do qual o Brasil seja signatário, seria preciso também que a polícia ou justiça estaduais não cumprissem o seu papel, isto é, **seria necessário que houvesse algum empecilho na esfera estadual que dificultasse ou impedisse o êxito das investigações ou do processo** (STJ, IDC-1/PA, Rel. Min. Arnaldo Esteves Lima, j. 8/6/2005), enfim, que a esfera estadual não atuasse com eficiência (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 206-207).

Rogério Sanches Cunha e Thales Tácito Pontes Luz de Pádua Cerqueira apontam para a inconstitucionalidade do incidente ora em evidência, sob o argumento de que ele violaria os princípios constitucionais do juiz e do promotor natural (pois criaria regra de competência que só seria fixada de acordo com conceitos fluidos, como "grave violação de direitos humanos", e com o subjetivismo do Procurador-Geral da República, que poderia ou não, a seu bel-prazer, instaurar tal incidente), da ampla defesa (já que não se permite a impugnação do incidente por parte de interessados, principalmente do próprio Ministério Público) e do pacto federativo (já que implica em intervenção federal nos Estados fora das hipóteses previstas na própria Constituição Federal, art. 34, incisos I a VII). Além disso, noticiam que tramita no STF a ADIN nº 3.486/DF para atacar este incidente com os mesmos argumentos que acabam de ser expostos (CUNHA; CERQUEIRA, 2010, p. 713-726).

> *VI – os crimes contra a organização do trabalho e, nos casos determinados por lei, contra o sistema financeiro e a ordem econômico-financeira;*

Quanto aos **crimes contra a organização do trabalho**, que são aqueles previstos nos artigos 197 a 207 do Código Penal, o STJ e o STF entendem que só incide a competência da Justiça Federal no caso de **ofensa às instituições do trabalho ou aos direitos coletivos dos trabalhadores**. Desse modo, seriam de competência da Justiça Federal os crimes previstos nos artigos 201, 202, 204, 206 e 207 do Código Penal. De outro lado, seria de competência da Justiça Estadual o crime previsto no art. 205 do Código Penal. Ademais, podem ser de competência, conforme o caso, de uma ou outra Justiça os crimes definidos nos artigos 197, 198, 199, 200 e 203 do Código Penal.

Noutro giro, os **crimes contra o sistema financeiro nacional são aqueles previstos na Lei nº 7.492/86**. Nesse trilhar, o art. 26 do

citado diploma legal assevera que nos crimes nela previstos a ação será promovida pelo Ministério Público Federal, perante a Justiça Federal. Os **crimes contra a ordem econômico-financeira**, por sua vez, **são aqueles disciplinados pelas Leis de números 8.137/90 e 8.176/91**. No entanto, estas duas últimas leis não trazem previsão expressa de competência da Justiça Federal para julgamento dos crimes contra a ordem econômico-financeira, motivo pelo qual se entende que, em regra, eles são de competência da Justiça Estadual, somente sendo julgados pela Justiça Federal se houver violação a bens, serviços ou interesses de ente federal (art. 109, inciso IV, da Constituição Federal). Nesse sentido é o posicionamento do STJ (STJ, CC 15206/RJ, Rel. Min. Fernando Gonçalves, DJ 23/6/1997, p. 29942).

▸ **Atenção:**

Com base no dispositivo constitucional em comento, o STJ entende que o **crime de redução à condição análoga à de escravo (art. 149 do Código Penal) é de competência da Justiça Federal**, pois haveria violação tanto à atividade do trabalhador em si como à dignidade humana do trabalhador (CC nº 113428/MG). É o mesmo posicionamento do STF, firmado no julgamento do RE nº 398.041/PA e do RE nº 459510/MT.

▸ **Competência em crimes de lavagem de dinheiro (art. 2º, III, da Lei nº 9.613/98):**

Em regra, os crimes de lavagem de dinheiro previstos na Lei nº 9.613/98 são de competência da Justiça Estadual. No entanto, nas hipóteses indicadas pelo art. 2º, inciso III, desta lei, passam a ser julgados pela Justiça Federal, a saber: a) quando praticados contra o sistema financeiro e a ordem econômico-financeira, ou em detrimento de bens, serviços ou interesses da União, ou de suas entidades autárquicas ou empresas públicas; b) quando a infração penal antecedente for de competência da Justiça Federal.

> *VII - os* habeas corpus, *em matéria criminal de sua competência ou quando o constrangimento provier de autoridade cujos atos não estejam diretamente sujeitos a outra jurisdição;*

Haverá competência da Justiça Federal se a autoridade coatora do *habeas corpus* ou do mandado de segurança em matéria criminal estiver sujeita à jurisdição federal.

> *IX - os crimes cometidos a bordo de navios ou aeronaves, ressalvada a competência da Justiça Militar;*

Salvo as embarcações e aeronaves militares, os crimes cometidos a bordo de navios e aeronaves civis são de competência da Justiça Federal. Saliente-se que o conceito de **navio** vem previsto no art. 11 da Lei nº 2.180/54. A esse respeito, somente haverá competência da Justiça Federal **se o navio for de grande porte e tiver a capacidade de realizar viagens internacionais** (ou seja, se estiver em situação de deslocamento internacional ou de potencial deslocamento), conforme jurisprudência do STJ (Informativo nº560). Por conta disso, estão excluídos desse conceito botes, jangadas, canoas, lanchas etc. Se algum crime for cometido a bordo destas embarcações a competência será da Justiça Estadual.

Por sua vez, o conceito de **aeronave** vem previsto no art. 106 da Lei nº 7.565/86 (Código Brasileiro de Aeronáutica), que **não contém as mesmas exigências acima mencionadas**, quais sejam, o grande porte e a capacidade de realização de viagens internacionais: "Considera-se aeronave todo aparelho manobrável em voo, que possa sustentar-se e circular no espaço aéreo, mediante reações aerodinâmicas, apto a transportar pessoas ou coisas".

O tema voltará a ser debatido quando da análise dos artigos 89 a 91 do CPP ainda neste capítulo.

> *X – os crimes de ingresso ou permanência irregular de estrangeiro, a execução de carta rogatória, após o exequatur, e de sentença estrangeira, após a homologação, as causas referentes à nacionalidade, inclusive a respectiva opção, e à naturalização;*

Os **crimes de ingresso ou permanência irregular de estrangeiro** vêm previstos nos **artigos 232-A (acrescido pela Lei nº 13.445/2017 – Lei de Migração, que revogou, em seu art. 124, II, a Lei nº 6.815/80 – Estatuto do Estrangeiro, a qual contemplava a conduta em comento no art. 125, XI, XII e XIII) e 338 do Código Penal**. De outro lado, após a Emenda Constitucional nº 45/04, a competência para a homologação de sentenças estrangeiras e a concessão de *exequatur* às cartas rogatórias deixou de ser do STF e passou a ser do STJ, nos termos do art. 105, inciso I, alínea *i*, da Constituição Federal.

> *XI – a disputa sobre direitos indígenas.*

Deve-se esclarecer que a causa somente será de competência da Justiça Federal **se ela envolver o direito indígena propriamente dito**. Assim, por exemplo, segundo o STJ, **compete à Justiça Federal – e não à Justiça Estadual – processar e julgar ação penal referente**

aos crimes de calúnia e difamação praticados no contexto de disputa pela posição de cacique em comunidade indígena (Informativo nº 527).

Se, porém, o interesse em jogo é meramente individual do índio, o feito é julgado pela Justiça Comum Estadual, em consonância com a Súmula nº 140 do STJ: "Compete à Justiça Comum Estadual processar e julgar crime em que o indígena figure como autor ou vítima".

Ademais, em havendo **genocídio contra índios**, o feito será de competência do **juiz federal singular** (e não do Júri federal), segundo entendimento do **STF** exarado no RE nº 351487/RR.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XXIV concurso do MPF, em 2007, foi cobrada justamente a competência para julgamento do crime de genocídio praticado contra grupo indígena, nesses termos: ***"O CRIME DE GENOCÍDIO PRATICADO CONTRA GRUPO INDÍGENA: a)*** *É da competência do Tribunal Penal Internacional, por se tratar de crime previsto no art. 5º e definido no art. 6º, ambos do Estatuto de Roma, incorporado ao direito brasileiro por força de sua ratificação, pela República Federativa do Brasil e do disposto no art. 5º, § 4º, da Constituição Federal;* ***b)*** *É da competência originária do tribunal do júri federal, por se tratar de crime contra a vida e envolver disputa sobre direitos indígenas (art. 109, XI da Constituição Federal);* ***c)*** *É da competência originária de juiz singular federal – afastadas as hipóteses de foro por prerrogativa de função – porque, a par de envolver disputa sobre direitos indígenas (art. 109, XI da Constituição Federal), o bem jurídico tutelado não é a vida do indivíduo considerado em si mesmo, mas sim a vida em comum do grupo de homens ou parte deste, ou seja, da comunidade de povos;* ***d)*** *É da competência originária da justiça estadual, por incidir a Súmula 140 do STJ, segundo a qual "compete a justiça comum estadual processar e julgar crime em que o indígena figure como autor ou vítima".* A assertiva considerada correta foi a de letra C.

> *§ 3º Serão processadas e julgadas na justiça estadual, no foro do domicílio dos segurados ou beneficiários, as causas em que forem parte instituição de previdência social e segurado, sempre que a comarca não seja sede de vara do juízo federal, e, se verificada essa condição, a lei poderá permitir que outras causas sejam também processadas e julgadas pela justiça estadual.*

O dispositivo constitucional traz hipótese de **delegação de competência**: em sendo, em tese, caso de competência da Justiça Federal, mas não havendo, no local, vara federal, **desde que haja**

expressa previsão legal nesse sentido, deve atuar no feito o juiz de direito estadual (e, por consequência, o Ministério Público do Estado) como se juiz federal fosse, tanto assim que eventual recurso deve ser oferecido ao Tribunal Regional Federal (e não ao Tribunal de Justiça). O crime de tráfico internacional de drogas era exemplo clássico de aplicação desta regra. Entretanto, o art. 70, parágrafo único, da Lei nº 11.343/06 passou a estatuir que se o crime for praticado em Município que não seja sede de Vara Federal, será processado e julgado **na vara federal da circunscrição respectiva.**

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/GO, em 2009/2010, foram cobrados diversos aspectos relevantes da competência no processo penal, nesses termos: "*Leia as afirmativas sobre a competência e, após, escolha a alternativa correta: I - Compete à Justiça Estadual Comum, na vigência da Constituição de 1988, o processo por contravenção penal, ainda que praticada em detrimento de bens, serviços ou interesse da União ou de suas entidades. II - Compete ao juízo do local da obtenção da vantagem ilícita processar e julgar crime de estelionato cometido mediante falsificação de cheque. III - Compete à Justiça Comum Estadual processar e julgar civil acusado de prática de crime contra instituições militares estaduais. IV - Compete à Justiça Militar processar e julgar o policial militar por crime de promover ou facilitar a fuga de preso de estabelecimento penal. V - Compete à Justiça Estadual Militar processar e julgar o policial militar pela prática do crime militar e do crime comum cometidos simultaneamente*". São corretas as assertivas de números I, II e III.

5. A DISTRIBUIÇÃO COMO ALTERNATIVA À COMPETÊNCIA CUMULATIVA SUPLETIVA (ART. 75 CPP)

A distribuição (sorteio) fixará a competência quando, em um mesmo juízo, existirem juízes igualmente competentes para o julgamento de determinada infração penal (art. 75, *caput*, do CPP).

Além disso, consoante o art. 75, parágrafo único, do CPP, a distribuição realizada para o efeito da concessão da fiança ou da decretação da prisão preventiva ou de qualquer diligência anterior à denúncia ou queixa (exemplos: dilação do prazo de conclusão do inquérito policial; interceptação telefônica; comunicação de flagrante etc) prevenirá a da ação penal. Nesse caso, a ação penal já vai ser distribuída por meio da distribuição por dependência (é direta, sem sorteio).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SC, em 2010, foi cobrado justamente o teor do art. 75, parágrafo único, do CPP. Nesse sentido, a assertiva *"A distribuição realizada para o efeito de concessão de fiança prevenirá a da ação penal"* (destacada) foi considerada correta.

6. A COMPETÊNCIA POR CONEXÃO E CONTINÊNCIA – ALTERAÇÃO DE COMPETÊNCIA (ARTS. 76 E 77 CPP)

Na verdade, a conexão e a continência não são critérios de definição da competência e sim de sua **alteração**. Isso porque, sem tais institutos, haveria julgamento regular por parte de um juiz competente. Em virtude de ambas, há o deslocamento do feito de um juiz competente para outro que passa a ser o legitimamente competente. Porém, se houver violação dos critérios de conexão e continência, haverá nulidade meramente relativa do feito (dependente da demonstração de prejuízo).

A **conexão** é o vínculo, o liame entre duas ou mais infrações penais, que, em regra, enseja a união entre os feitos para facilitar a produção da prova e para evitar decisões contraditórias. Entretanto, ela não determina a reunião dos processos se um deles já foi julgado, como preceitua a Súmula nº 235 do STJ. O mesmo deve valer em relação à continência.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Defensor Público do Estado da Bahia, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, houve cobrança a respeito da impossibilidade de reunião dos feitos, em virtude de continência, se um deles já foi julgado. Nesse sentido, a assertiva *"Júlio e Lauro foram denunciados, em processos distintos, pela prática da mesma infração penal. Nessa situação, a continência pode ser reconhecida em qualquer fase da persecução penal, ainda que um dos processos esteja em sede recursal ou, ainda, na fase de execução penal"* foi considerada incorreta.

De outro lado, a princípio, a conexão é instituto que permite a reunião apenas de processos, não de inquéritos policiais. Assim, em tese, para cada infração haverá um inquérito policial tramitando na respectiva circunscrição em que ela se consumou. No entanto, a doutrina alerta para o fato de que, havendo utilidade, pode-se determinar a reunião dos inquéritos em uma mesma delegacia,

desde que exista autorização judicial nesse sentido, ouvido o Ministério Público (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 222).

As **espécies** de conexão vêm previstas no art. 76 do CPP, a saber:

I. **Conexão intersubjetiva (art. 76, I, CPP)**: É a espécie de conexão em que duas ou mais infrações, interligadas, são praticadas necessariamente por **duas ou mais pessoas** (daí porque intersubjetiva). Ela é dividida nas seguintes subespécies:

   A) **Conexão intersubjetiva por simultaneidade (art. 76, I, 1ª parte, CPP)**: se, ocorrendo duas ou mais infrações, houverem sido praticadas, ao mesmo tempo, por várias pessoas reunidas. Nesta hipótese, *não há prévio ajuste entre os agentes*. Exemplo: saque simultâneo a um mesmo estabelecimento comercial, cometido por várias pessoas, que sequer se conhecem. Outro exemplo: vários torcedores, sem estarem previamente ajustados, depredam um estádio de futebol.

   B) **Conexão intersubjetiva por concurso (art. 76, I, 2ª parte, CPP)**: se, ocorrendo duas ou mais infrações, houverem sido praticadas por várias pessoas em concurso, embora diverso o tempo e o lugar. É hipótese de concurso de agentes dilatado no tempo. Nesta espécie, *há prévio ajuste entre os agentes*. Exemplo: A pratica um furto de um documento, B o falsifica futuramente e C, com esse documento, pratica futuramente estelionato. Outro exemplo: grupo de pessoas que comete vários delitos em uma mesma cidade, porém em bairros diferentes.

   C) **Conexão intersubjetiva por reciprocidade (art. 76, I, 3ª parte, CPP)**: se, ocorrendo duas ou mais infrações, houverem sido praticadas por várias pessoas, umas contra as outras. Exemplo: lesões corporais recíprocas. O crime de rixa não é exemplo desta espécie de conexão, pois ele é um crime único, ao passo que, na conexão intersubjetiva por reciprocidade, deve haver duas ou mais infrações, embora cometidas em reciprocidade.

II. **Conexão objetiva ou material ou consequencial ou lógica ou teleológica ou finalista (art. 76, II, CPP)**: se, ocorrendo duas ou mais infrações, houverem sido umas praticadas para facilitar ou ocultar as outras, ou para conseguir

impunidade ou vantagem em relação a qualquer delas. A conexão objetiva difere da hipótese de conexão intersubjetiva por concurso porque, naquela, não há prévio ajuste entre os agentes, enquanto que nesta há esse prévio ajuste. Exemplo: A mata B, mas C presencia toda a execução do crime. A informa para D, seu irmão, a respeito do testemunho feito por C. D, por conta própria, sem comunicar A, mata C. Ademais, a conexão objetiva exige a presença de mais de um agente, diferente da hipótese de conexão instrumental, a seguir exposta.

III. **Conexão instrumental ou probatória ou processual ou ocasional (art. 76, III, CPP)**: quando a prova de uma infração ou de qualquer de suas circunstâncias elementares influir na prova de outra infração. Exemplo: A pratica furto, repassando a *res furtiva* para B, que, com isso, comete receptação. A conexão instrumental pode envolver apenas um agente, diferente da conexão objetiva, em que se exige a presença de, no mínimo, dois agentes. Exemplo: A mata B e depois vem a ocultar seu cadáver (arts. 121 e 211 CP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Agente da Polícia Civil do Distrito Federal, em 2009, promovido pela Fundação Universa (Funiversa), foram cobradas as espécies de conexão no processo penal, nesses termos: "*Manoel, Joaquim e Maria resolvem obter vantagem para si em prejuízo de Ana, induzindo-a em erro mediante ardil, cuja conduta foi, por fim, praticada por Manoel e amolda-se à figura típica do art. 171, caput, do Código Penal Brasileiro. A Joaquim coube subtrair carteira de identidade alheia, tipificando a conduta descrita no art. 155, caput, do Código Penal Brasileiro; a Maria, falsificar o produto do furto, amoldando-se à figura do art. 297 do Código Penal Brasileiro. Considerando essa situação hipotética, haverá unidade de processo e julgamento em virtude da conexão: (A) intersubjetiva por concurso. (B) intersubjetiva por simultaneidade. (C) objetiva. (D) teleológica. (E) intersubjetiva por reciprocidade*". A assertiva considerada correta foi a de letra A.

A **continência**, por sua vez, ocorre quando um fato criminoso engloba outro fato desta natureza. Ela está prevista no art. 77 do CPP, possuindo as seguintes **espécies**:

I. **Continência em razão do concurso de pessoas ou por cumulação subjetiva (art. 77, I, CPP)**: quando duas ou mais

pessoas forem acusadas pela mesma infração. Difere da conexão intersubjetiva por concurso porque, nesta espécie de conexão, há a prática de duas ou mais infrações, enquanto que na espécie de continência em comento existe apenas uma infração. Exemplo: coautoria em crime de homicídio.

II. **Continência em razão do concurso formal de crimes ou por cumulação objetiva (art. 77, II, CPP)**: quando a infração for cometida nas condições previstas nos artigos 70, 73, segunda parte, e 74, segunda parte, do Código Penal (*concurso formal de crimes*).

▸ **Conexão e continência nas infrações de menor potencial ofensivo:** Em havendo conexão ou continência entre infração de menor potencial ofensivo e outra infração qualquer, inclusive crime doloso contra a vida, deve haver a **junção** dos feitos **no juízo comum ou no Tribunal do Júri** (e não no Juizado Especial Criminal), embora, no juízo competente, seja possível a **aplicação dos institutos da transação penal e da composição civil dos danos**, nos termos do art. 60, parágrafo único, da Lei nº 9.099/95, com a redação dada pela Lei nº 11.313/06. Nesse sentido, entende-se que, primeiramente, o magistrado deverá determinar a realização de audiência preliminar para que sejam oferecidas as propostas dos respectivos benefícios. Se não houver acordo a respeito de tais benefícios é que a ação penal deverá ser iniciada no juízo comum ou no Tribunal do Júri, incluindo a infração de menor potencial ofensivo.

Segundo posicionamento majoritário da jurisprudência, o art. 60, parágrafo único, da Lei nº 9.099/95 é constitucional, haja vista que **a competência do Juizado Especial Criminal é competência territorial** (e não competência material), competência, pois, relativa, que, se desrespeitada, enseja nulidade relativa do feito (dependente da demonstração e prejuízo). É essa a posição do STF, no julgamento do HC nº 85019, 2ª Turma, Rel. Min. Ellen Gracie, DJ 4/3/2005, p. 36. No entanto, Guilherme de Souza Nucci (2008, p. 285-286), em posição minoritária, mas respeitável, alega a inconstitucionalidade deste dispositivo legal, sob o argumento de que a competência do Juizado Especial Criminal está prevista na Constituição Federal (art. 98, inciso I), sendo, pois, absoluta, e, como tal, deveria promover a disjunção dos feitos. O STJ já teve a oportunidade de decidir que a competência do Juizado Especial Criminal é absoluta (Conflito de Competência nº 34.586/MG, Rel. Min. Félix Fischer, j. 27.11.2002). Entretanto, insista-se, não é a posição que deve prevalecer.

7. FORO PREVALENTE (ART. 78 CPP)

Havendo conexão ou continência, impõe-se a junção dos feitos (*simultaneus processus*) para facilitar a prova e evitar decisões contraditórias. Há aqui hipótese de prorrogação de competência. Mas é preciso saber qual o foro será o prevalente para o julgamento das infrações conexas ou continentes. Nesse sentido, insta advertir que, regra geral, se houver em jogo duas infrações conexas ou continentes, cada uma com competência distinta prevista na Constituição Federal, será o caso de disjunção do feito, ao passo que, em havendo uma infração sem competência prevista na Carta Magna Federal e outra com competência nela prevista, ocorrerá a junção dos feitos e ambas serão julgadas neste último foro (foro de atração).

Feito esse esclarecimento, passa-se à análise do art. 78 do CPP, que apresenta as regras de fixação do foro prevalente:

I. **Competência prevalecente do Júri (art. 78, I, CPP)**: no concurso entre a competência do júri e a de outro órgão da jurisdição comum, prevalecerá a competência do júri. Nesse sentido, registre-se que se houver conexão ou continência entre um crime de competência do Tribunal do Júri e um crime de competência da Justiça Federal, ambos serão apreciados no Júri instalado na órbita federal. Contudo, se houver concurso entre a competência do Júri e a competência de jurisdição especial (militar ou eleitoral), ocorrerá a disjunção dos feitos.

II. **Jurisdição da mesma categoria (art. 78, II, CPP)**: Magistrados da mesma categoria são aqueles aptos a julgar o mesmo tipo de causa (exemplo: ambos os juízes são de primeiro grau). No concurso de jurisdições de mesma categoria, preponderará a do:

   A) **Foro onde foi cometida a infração mais grave (art. 78, II, "a", CPP)**. Exemplo: roubo em Belo Horizonte/MG e receptação em Contagem/MG - ambos os crimes serão julgados em Belo Horizonte/MG.

   B) **Foro onde foi cometido o maior número de infrações (art. 78, II, "b", CPP)**: Regra aplicada caso a gravidade das infrações seja a mesma. Exemplo: dois furtos simples em Salvador/BA e uma receptação simples em Feira de Santana/BA - ambos os crimes serão julgados em Salvador/BA.

C) **Foro residual estabelecido pela prevenção (art. 78, II, "c", CPP)**: Regra aplicada na hipótese de a gravidade e o número de infrações serem os mesmos.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, promovido pela EJEF (Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes), em 2014, foram questionados diversos aspectos relevantes da competência no Processo Penal, dentre eles a regra contida no art. 78, II, "a", CPP, com a seguinte redação: *"A respeito da jurisdição e competência, analise as afirmativas a seguir. I - O princípio da identidade física do juiz no processo penal se reveste de caráter absoluto. II - Na competência por conexão ou continência, havendo concurso de jurisdições da mesma categoria, preponderá a do lugar da infração à qual for cominada pena mais grave. III - A competência será determinada pela continência nas hipóteses de concurso formal, erro na execução e resultado diverso do pretendido. IV - Tratando-se de infração permanente, praticada em território de duas ou mais jurisdições, a competência será determinada pelo lugar em que for praticado o último ato de execução. A partir da análise, conclui-se que estão CORRETAS. a) I, II e III apenas. b) II e III apenas. c) I, II e IV apenas. d) I e IV apenas."*. A resposta correta foi a letra B.

III. **Jurisdição de categoria diversa (art. 78, III, CPP)**: Envolve a distinção entre jurisdição superior (tribunais que podem rever as decisões de outras cortes e também de juízes monocráticos) e jurisdição inferior (tribunais que não podem rever as decisões de outras cortes). Prevalece a jurisdição superior ou de maior graduação. Exemplo: crime praticado por quem tem prerrogativa de foro em concurso com quem não tem - o crime será julgado pelo foro por prerrogativa de função. A esse respeito, vale a pena registrar o teor da Súmula nº 704 do STF: "Não viola as garantias do juiz natural, da ampla defesa e do devido processo legal a atração por continência ou conexão do processo do corréu ao foro por prerrogativa de função de um dos denunciados". No entanto, segundo entendimento da doutrina (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 223), se os dois agentes possuírem foro por prerrogativa de função previsto na Constituição Federal, deveria ocorrer a disjunção do feito. Não é esse, porém, o posicionamento do STF (Informativo nº 529), que entende que, nesta hipótese, ambos os agentes devem ser julgados por um órgão da

jurisdição superior. Assim, se um Governador (foro por prerrogativa de função no STJ) comete crime em concurso com um magistrado federal (foro por prerrogativa de função no TRF), ambos deverão ser julgados no STJ. E se um Governador (foro por prerrogativa de função no STJ) comete crime em concurso com um Senador (foro por prerrogativa de função no STF), ambos deverão ser julgados igualmente no STF. A posição do STF é a que merece prevalecer. Aliás, *o próprio STF, em julgado ainda mais recente, entendeu que compete a este tribunal decidir quanto à conveniência de desmembramento de procedimento de investigação ou persecução penal, quando houver pluralidade de investigados e um deles tiver prerrogativa de foro perante a Corte* (Informativo nº 750). Em outros termos, concluiu-se que o juízo de conveniência fundado no art. 80 do CPP, quanto à eventual cisão processual, competiria sempre ao Pretório Excelso. Neste mesmo julgado, o STF determinou fosse promovido o desmembramento do feito, a permanecer sob a jurisdição da Suprema Corte a investigação que tem como alvo integrante do Congresso Nacional, com remessa dos demais autos indiciários ao juízo de origem. Noutro giro, se um agente com prerrogativa de função previsto na Constituição Federal cometer crime de competência do Júri (competência constitucional – art. 5º, inciso XXXVIII, alínea "d", CF) em concurso com quem não possua prerrogativa, a hipótese será de **disjunção**, segundo posicionamento mais recente do STF (JSTF 175/346), embora este mesmo tribunal já tenha decidido anteriormente que seria caso de junção do feito no foro por prerrogativa de função (HC nº 83583/PE, Rel. Min. Ellen Gracie, 2004). Desse modo, por exemplo, se um Desembargador comete crime de homicídio em concurso com uma pessoa do povo sem prerrogativa de função, haverá a disjunção do feito, sendo o Desembargador julgado no STJ e o cidadão comum no Tribunal do Júri.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública do Estado do Pará, em 2009, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foi cobrado justamente o teor do art. 78 do CPP para definição do foro prevalente, nesses termos: *"Na determinação da competência por conexão ou continência, no concurso de jurisdições da mesma categoria, será observada a seguinte regra:* **A**

no concurso entre a competência do júri e a de outro órgão da jurisdição comum, prevalecerá a competência do júri. ***B*** *no concurso entre a justiça militar e a comum prevalecerá a da justiça castrense.* ***C*** *prevalecerá a do lugar em que houver ocorrido o maior número de infrações.* ***D*** *firmar-se-á a competência pela prevenção, em qualquer caso.* ***E*** *preponderará a do lugar da infração, à qual for cominada a pena mais grave".* A assertiva considerada correta foi a de letra E.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XXIV concurso do MPF, em 2007, foi cobrado o foro prevalente em caso de concurso de jurisdições de categorias diversas, nesses termos: ***"O CO-RÉU SEM DIREITO A FORO POR PRERROGATIVA DE FUNÇÃO, EM AÇÃO PENAL MOVIDA CONTRA DEPUTADO FEDERAL:*** ***a)*** *Será julgado em processo separado, na primeira instância, em respeito às garantias do juiz natural, da ampla defesa e do devido processo legal;* ***b)*** *será julgado no mesmo processo, pelo Supremo Tribunal Federal, sempre que se verificar conexão e continência;* ***c)*** *será julgado no mesmo processo, pelo Supremo Tribunal Federal, quando se verificar a continência;* ***d)*** *somente poderá ser julgado com o deputado federal na primeira instância e somente quando encerrado o mandato deste, suspensa, até então, a prescrição da pretensão punitiva do Estado".* A assertiva considerada correta foi a de letra C.

IV. **Jurisdição comum e especial (art. 78, IV, CPP):** A jurisdição comum tem competência residual. A especial (eleitoral e militar) tem competência expressa. No caso de concurso entre a jurisdição comum e a especial, prevalece a especial. Assim, se houver um crime eleitoral e um crime comum, ambos serão julgados na Justiça Eleitoral, até porque esta tem competência para o julgamento dos crimes eleitorais e aqueles que lhes são conexos ou continentes. Contudo, essa regra não se aplica à Justiça Militar, nos termos do art. 79, inciso I, do CPP, analisado no tópico seguinte. Desse modo, havendo crime militar em concurso com crime comum, haverá a disjunção do feito. Por fim, relembre-se que, em havendo concurso entre a justiça estadual e a justiça federal, prevalece esta, que é especial em relação àquela, nos termos da Súmula nº 122 do STJ.

8. SEPARAÇÃO OBRIGATÓRIA DE PROCESSOS (ART. 79 CPP)

O art. 79 do CPP apresenta situações nas quais a conexão e a continência não importarão unidade de processo e julgamento,

excepcionando-se, assim, a regra prevista no art. 78 do CPP. As situações são as seguintes:

I. **Jurisdição comum e jurisdição militar (art. 79, I, CPP)**: Haverá a disjunção dos processos. A esse respeito, relembre-se o teor da Súmula nº 90 do STJ: "Compete à Justiça Estadual Militar processar e julgar o policial militar pela prática de crime militar, e à Comum pela prática de crime comum simultâneo àquele".

II. **Justiça comum e Justiça da Infância e Juventude (art. 79, II, CPP)**: Haverá igualmente disjunção do feito, pois o agente menor de 18 (dezoito) anos será julgado pelo Juizado da Infância e da Juventude, no qual haverá a aplicação de medida socioeducativa prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente, enquanto que o agente maior de idade será julgado na Justiça Criminal, na qual receberá uma pena.

III. **Superveniência de doença mental (art. 79, § 1º, CPP)**: Essa situação ocorre quando, após a prática de um crime, um dos réus vem a sofrer de doença mental, exigindo-se que haja a suspensão do processo até que se recupere e possa acompanhar a instrução (art. 152 do CPP). Nesse caso, desaparece a conveniência de se manter os processos reunidos, daí porque haverá a disjunção, prosseguindo-se regularmente o feito com relação ao outro réu.

IV. **Fuga de um dos réus (art. 79, § 2º, CPP)**: Se um dos réus estiver foragido e não for possível seu julgamento à revelia, não haverá a junção dos feitos, ocorrendo, portanto, disjunção ou desmembramento dos processos. A situação em que o réu não pode ser julgado à revelia é conhecida como **crise de instância**. É a hipótese prevista, por exemplo, no art. 366 do CPP, segundo o qual o réu revel citado por edital que não comparecer aos autos nem constituir advogado não poderá ser julgado, devendo o processo ficar suspenso. Outro exemplo é a impossibilidade de julgamento no plenário do Tribunal do Júri de réu preso, salvo se ele e seu defensor pedirem a dispensa da presença daquele (art. 457, § 2º, do CPP).

▸ **Observação:**

Antes do advento da Lei nº 11.689/08, a doutrina ainda apontava para a existência de outra hipótese de separação obrigatória de processos.

Ela ocorria no Tribunal do Júri, com a **recusa imotivada ou peremptória**. Nesse sentido, essa recusa consiste na possibilidade que tem cada parte de, durante o sorteio dos jurados que irão compor o Conselho de Sentença, recusar, sem justificativa, até 3 (três) jurados. Em havendo dois réus com defensores distintos, é possível que estes últimos optem por fazer a recusa individualmente (3 recusas por defensor). Em assim sendo, se um defensor recusasse um jurado, mas o outro o aceitasse (e o Ministério Público também), haveria a separação obrigatória dos feitos. Na prática, isso funcionava como um estímulo para que os defensores provocassem a separação dos processos. No entanto, a Lei nº 11.689/08, alterando a redação do art. 469, § 1º, do CPP, deu nova sistemática ao tema: nesta situação, não haverá mais separação dos feitos e sim simples afastamento do jurado recusado por um dos defensores. O máximo que poderá ocorrer a partir de agora é o adiamento do julgamento se, por força das recusas, não se atingir o número de 7 (sete) jurados para o Conselho de Sentença.

9. SEPARAÇÃO FACULTATIVA DE PROCESSOS (ART. 80 CPP)

Diferente das hipóteses previstas no art. 79 do CPP, nas quais a separação dos feitos é obrigatória, o art. 80 do CPP traz situações em que a separação dos processos é meramente facultativa. Tais situações podem ser arguidas pelas partes ou reconhecidas de ofício pelo juiz:

I. **Separação facultativa em caso de tempo ou lugar diferenciado (art. 80, 1ª parte, CPP)**: quando as infrações tiverem sido praticadas em circunstâncias de tempo ou de lugar diferentes e o juiz reputar conveniente a separação.

II. **Separação facultativa em virtude do excessivo número de acusados (art. 80, 2ª parte, CPP)**: quando pelo excessivo número de acusados e para não lhes prolongar a prisão provisória, o juiz reputar conveniente a separação. Visa efetivar o princípio constitucional da duração razoável do processo (art. 5º, inciso LXXVIII, CF), que deságua no princípio da duração razoável das prisões cautelares.

III. **Separação facultativa em face de motivo relevante (art. 80, 3ª parte, CPP)**: por outro motivo relevante, o juiz reputar conveniente a separação.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Defensor Público do Estado do Amazonas, em 2013, promovido pela Fundação Carlos Chagas, dentre outros aspectos relevantes sobre a competência no Processo Penal, questionou-se acerca do teor do art. 80 do CPP, nos seguintes termos: *"Em relação à competência em processo penal, é correto afirmar que A) será determinada pela continência quando a prova de uma infração ou de qualquer de suas circunstâncias elementares influir na prova de outra infração. B) é absoluta a nulidade decorrente da inobservância da competência penal por prevenção. C) será facultativa a separação dos processos quando as infrações tiverem sido praticadas em circunstâncias de tempo ou de lugar diferentes, ou, quando pelo excessivo número de acusados e para não lhes prolongar a prisão provisória, ou por outro motivo relevante, o juiz reputar conveniente a separação. D) nos casos de ação penal de iniciativa pública, não sendo conhecido o lugar da infração, a competência regular-se-á pelo domicílio ou residência do ofendido. E) na determinação da competência por conexão ou continência, no concurso entre a jurisdição especial e a comum, prevalecerá esta, em regra."*. A resposta da questão foi a letra C.

10. PERPETUAÇÃO DA JURISDIÇÃO - *PERPETUATIO JURISDICTIONIS* (ART. 81 CPP)

No caso de junção dos feitos, se constatada a incompetência do juízo que exerceu a força atrativa (por absolvição ou desclassificação), por questões de economia processual (pois a prova já foi produzida), o crime conexo ou continente será julgado também pelo juízo de atração, nos termos do art. 81, *caput*, do CPP, o que constitui a perpetuação da jurisdição (*perpetuatio jurisdictionis*).

Consequência extremamente relevante desta regra reside no fato de que, em sendo **criada uma nova vara criminal** em uma determinada comarca, os processos que versem sobre infração penal que passa a ser de competência da nova vara não devem ser remetidas para esta, permanecendo na vara anterior. Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar apresentam exemplo interessante desta consequência:

Seria o caso da Lei nº 11.343/2006 (nova Lei Anti-drogas), que tratando do tráfico internacional, dispõe que a competência será da vara federal da circunscrição respectiva. Imaginemos que um processo por tráfico internacional de drogas esteja tramitando na vara estadual do

local onde ocorreu a consumação do delito. Com o advento da nova lei de tóxicos, acreditamos que não deve haver a remessa para a vara federal da circunscrição respectiva, em razão da perpetuatio jurisdicionis. (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 229).

No entanto, registre-se que o STJ já decidiu que a redistribuição do feito decorrente da criação de vara com idêntica competência com a finalidade de igualar os acervos dos juízos e dentro da estrita norma legal, não viola o princípio do juiz natural, uma vez que a garantia constitucional permite posteriores alterações de competência (HC 102.193-SP, **Rel. Min. Laurita Vaz, julgado em 2/2/2010). No mesmo sentido é o STF** (HC 91.253-MS, DJ 14/11/2007).

Aplicação em concurso público:

No concurso do MP/PR, em 2016, foi cobrado o posicionamento do STJ alhures referido a respeito da criação de nova vara e não violação do princípio do juiz natural e também da *perpetuatio jurisdictionis*. Nesse sentido, a assertiva *"A redistribuição de processos pela instalação de novas varas ofende os princípios do devido processo legal, do juiz natural e da* perpetuatio jurisdictionis" foi considerada incorreta.

Em julgamento que envolveu a famigerada "chacina de Unaí", o STF entendeu que a criação superveniente de vara federal na localidade de ocorrência de crime doloso contra a vida (Unaí/MG, local da prática de homicídios de auditores-fiscais do trabalho) não enseja a incompetência do juízo em que já se tenha iniciado a ação penal (Belo Horizonte/MG), em respeito à regra da *perpetuatio jurisdictionis* (Informativo nº 783).

As **exceções** a essa regra ocorrem no Tribunal do Júri. Nesse juízo, em primeiro lugar, se o juiz singular profere decisão de absolvição sumária, impronúncia ou desclassificação do crime doloso contra vida para crime que não é doloso contra a vida, não deve julgar tal crime e nem o crime conexo ou continente, devendo remeter os autos ao juízo competente para o seu julgamento (art. 81, parágrafo único, do CPP).

A segunda hipótese no Júri ocorre se a desclassificação do crime doloso contra a vida é feita pelo Conselho de Sentença. Nesse caso, igualmente o crime doloso contra a vida e o crime conexo ou continente deverão ser julgados pelo juiz-presidente (não pelo juiz competente ou pelos jurados), consoante o art. 492, § 2º, do CPP. Todavia, se o Conselho de Sentença julga pela **absolvição** do réu pelo

crime doloso contra a vida, será o próprio Conselho de Sentença que continuará julgando o crime conexo ou continente.

11. AUTORIDADE DA JURISDIÇÃO PREVALENTE (ART. 82 CPP)

Consoante o art. 82 do CPP, se, não obstante a conexão ou continência, forem instaurados processos diferentes, o juízo prevalente pode **avocar** os processos instaurados em outros juízos, desde que não tenha havido **sentença definitiva**. Por sentença definitiva deve-se entender como aquela que "encerrou a primeira fase processual, contudo pode ainda ser passível de recurso" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 225).

Caso não seja possível a reunião dos feitos por já ter sido prolatada sentença definitiva, a unidade dos processos ocorrerá **ulteriormente**, para o efeito de **soma ou unificação de penas na fase de execução penal, pelo próprio juiz da execução** (art. 66, inciso III, alínea *a*, da Lei nº 7.210/84 - Lei de Execução Penal).

12. A PREVENÇÃO COMO CRITÉRIO RESIDUAL DE FIXAÇÃO DA COMPETÊNCIA (ART. 83 CPP)

A prevenção é critério residual de fixação da competência aplicada quando dois ou mais juízes poderiam conhecer do caso. Por força dela, deve-se escolher o juiz que **primeiro tomar conhecimento do caso**, o que implica naquele que **primeiro tomou algum ato decisório**, ainda que essa decisão tenha sido proferida em sede de inquérito policial (art. 75, parágrafo único, do CPP) - exemplo: decreto de prisão preventiva.

Contudo, é preciso registrar que as decisões proferidas por magistrados de plantão em dias não úteis ou relacionadas ao julgamento de *habeas corpus* interposto contra ato praticado pelo delegado na fase de inquérito policial não firmam o juízo prevento para o julgamento da ação penal principal (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 220).

A prevenção é critério residual porque é aplicada quando todas as outras regras aqui estudadas são insuficientes para apontar o juízo competente. Ela incide nas hipóteses previstas nos artigos 70, § 3º, 71, 72, §§ 1º e 2º, e 78, II, alínea c, do CPP, já apreciados ao longo deste capítulo, mas que merecem ser relidos.

13. COMPETÊNCIA EM RAZÃO DA PRERROGATIVA DE FORO (*RATIONE PERSONAE*)

É competência que, ao menos em tese, visa privilegiar o cargo ocupado, nunca, pois, a pessoa propriamente dita que o exerce, o que levaria a uma injusta desigualdade entre os cidadãos. Diante disso, não é recomendável o uso do termo "foro privilegiado" para designar esta espécie de competência, pois, em verdade, privilégio não há, apenas proteção a um cargo de relevância pública. É de todo inconveniente também fazer menção a esta competência como uma competência em razão da pessoa (*ratione personae*), apesar de a expressão já ter sido amplamente consagrada. O termo mais técnico, portanto, é competência em razão da "prerrogativa de foro".

No entanto, tudo isso acaba funcionando apenas em tese, afinal de contas, na prática, esta competência viola frontalmente o princípio da igualdade, não existindo motivo especial que possa sustentá-la. Nesse sentido, convém relembrar que a prerrogativa de função não existe em causas cíveis, apenas em feitos criminais.

Muitos doutrinadores afirmam que o foro por prerrogativa de função evitaria, em algumas hipóteses, uma subversão hierárquica, o que poderia ocorrer, por exemplo, se um magistrado singular julgasse um crime cometido por um Desembargador. Contudo, é argumento inócuo, já que qualquer magistrado, em qualquer processo, de qualquer natureza, deverá proferir julgamento sempre de forma imparcial, independente do cidadão que venha a ocupar o polo passivo da relação jurídica processual.

Outros autores asseveram que esta modalidade de competência serviria para aliviar o magistrado de pressões políticas. É, porém, mais um argumento que não merece prevalecer, pois, a uma, o magistrado pressionado poderá comunicar tal fato aos órgãos competentes (como a Corregedoria do Tribunal, o Conselho Nacional de Justiça, o órgão do qual faça parte o agente opressor, o Ministério Público etc), e, a duas, ainda que a pressão surta os efeitos pretendidos, a parte prejudicada sempre poderá impugnar a decisão por via recursal.

Certo é que o foro por prerrogativa de função tem previsão na Constituição Federal e, em certos casos, nas Constituições dos Estados-membros, daí porque continua sendo válido. Nesse trilhar, frise-se novamente que ele deve ser lido sempre como uma proteção

ao cargo ocupado pelo agente delitivo, daí porque só persiste enquanto ele permanecer em tal cargo: se praticou a infração penal antes de exercer o cargo, terá direito a ser julgado pelo foro por prerrogativa de função (e se, por acaso, a ação penal foi ajuizada em primeiro grau, os autos deverão ser encaminhados ao foro por prerrogativa de função, sendo válidos todos os atos processuais praticados naquele juízo, inclusive o recebimento da denúncia, não sendo necessária a ratificação de tais atos no novo juízo criminal - STJ, Informativo nº 556), mas, uma vez encerrado o citado cargo, os autos devem retornar ao juízo singular.

Questão bastante tormentosa na jurisprudência do STF diz respeito ao efeito que a **renúncia ao cargo público** poderia provocar na competência por prerrogativa de função. Como *regra geral*, o Pretório Excelso firmou o entendimento de que a renúncia a este cargo público, seja por qual motivo e independente do momento processual, determina o término da competência por prerrogativa de foro. Assim, por exemplo, se um Deputado Federal estava sendo processado perante o STF e, no curso da ação penal, vem a renunciar a este cargo público, tal ação deveria ser encaminhada ao juízo de primeiro grau para prosseguimento do feito, sem prejuízo da validade dos atos anteriormente praticados.

Contudo, aos poucos, a Suprema Corte passou a perceber que a renúncia ao cargo público poderia servir de expediente para protelar ainda mais o andamento do processo e com isso buscar alcançar a prescrição da pretensão punitiva da conduta em julgamento. Desse modo, com a finalidade de não mais tutelar a má-fé processual, o STF, no julgamento do então Deputado Federal Natan Donadon, abriu uma exceção à regra acima explicitada e determinou que referido agente continuaria a ser julgado por este tribunal, ainda que tenha renunciado ao cargo público, uma vez que a renúncia ocorreu após o feito ter sido incluído na pauta para julgamento do Plenário da Corte (aliás, às vésperas deste julgamento), ou seja, com abuso de direito, fraude processual e iminente risco de prescrição da pretensão punitiva. Assim, entendeu-se que a renúncia de mandato seria ato legítimo, porém não deslocaria a competência considerando que não cabe ao réu escolher por qual instância será julgado (STF, Ação Penal nº 396/RO).

A partir desse julgamento, os Ministros do STF passaram a discutir até que momento processual a renúncia ao cargo público poderia alterar a competência por prerrogativa de foro. Nesse sentido,

é marcante o debate relatado no Informativo nº 740 da Corte, segundo o qual, para alguns Ministros (Luís Roberto Barroso, Teori Zavascki, Luiz Fux e Joaquim Barbosa), a partir do recebimento da inicial acusatória, mesmo que o parlamentar viesse a renunciar, a competência para o processo e julgamento da ação penal não se deslocaria, ao passo que, para a Ministra Rosa Weber, a renúncia somente alteraria a competência por prerrogativa de função se realizada até o término da instrução criminal. Entretanto, o tribunal acabou deliberando pela apreciação do tema em outra ocasião, já que não fora alcançada a maioria absoluta no sentido da definição, para o futuro, de critério objetivo referente à preservação da competência penal originária da Corte na hipótese de renúncia do réu ao mandato parlamentar.

Posteriormente, em outro julgamento, veio a prevalecer na 1ª Turma do STF o entendimento da Ministra Rosa Weber acima indicado, no sentido de que, nas ações penais originárias da Suprema Corte, eventual renúncia de parlamentar ao cargo eletivo – ***após o final da instrução criminal*** – não gera o efeito de cessar a competência do Supremo para julgar o processo (Informativo nº 754 do STF). Assim, com fincas no art. 11 da Lei nº 8.038/90 ("Realizadas as diligências, ou não sendo estas requeridas nem determinadas pelo relator, serão intimadas a acusação e a defesa para, sucessivamente, apresentarem, no prazo de quinze dias, alegações escritas"), o réu, ao invés de encaminhar suas alegações finais, deveria oferecer sua renúncia, sob pena de prevalecer a competência do foro por prerrogativa de função até o julgamento final.

Foi exatamente isso que acabou acontecendo no processo do então Deputado Federal Eduardo Azeredo, réu em ação penal envolvendo o famigerado "mensalão tucano" ou "mensalão mineiro" em virtude da prática de crimes de lavagem de dinheiro e peculato: como ele apresentou a sua renúncia no momento processual em que deveria encaminhar as suas alegações finais, o STF declinou a sua competência para a primeira instância da Justiça de Minas Gerais (STF, Ação Penal nº 536/MG). Aliás, noticie-se que, em dezembro de 2015, o referido agente foi condenado pelo juízo criminal de primeiro grau de Belo Horizonte/MG à pena privativa de liberdade de 20 (vinte) anos e 10 (dez) meses de reclusão, além de 1.904 (mil novecentos e quatro) salários-mínimos. Em agosto de 2017, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), no julgamento de recurso

de apelação, decidiu, de forma não unânime (permitindo, pois, o recurso de embargos infringentes e de nulidade), manter a condenação, reduzindo, porém, levemente a pena para 20 (vinte) anos e 1 (um) mês de reclusão. Em seguida, no mês de novembro de 2017, o mesmo TJMG, ao julgar desta feita recurso de embargos de declaração, manteve, de modo unânime, esta última condenação, declarando ainda que a ordem de prisão será emitida ao término da possibilidade de recurso da defesa a este Tribunal, na linha do entendimento do STF acerca da constitucionalidade da execução provisória de pena.

Mais recentemente, o STF, por meio do seu Plenário, voltou a se dedicar ao momento processual em que a renúncia ao cargo público poderia alterar a competência por prerrogativa de foro, bem como se preocupou em limitar a existência do próprio critério de prerrogativa de função. Na Ação Penal nº 937, em sessão realizada no dia 23 de novembro de 2017, quando ocorreu a votação de 8 (oito) Ministros do Tribunal, 6 (seis) deles votaram no sentido de que: 1) após o final da instrução processual, com a publicação do despacho de intimação para apresentação de alegações finais, a competência para processar e julgar ações penais não será mais afetada em razão de o agente público vir a ocupar outro cargo ou deixar o cargo que ocupava, qualquer que seja o motivo; 2) o foro por prerrogativa de função aplica-se **apenas aos crimes cometidos durante o exercício do cargo e relacionados às funções desempenhadas.**

O julgamento não foi encerrado em virtude do pedido de vista formulado pelo Ministro Dias Toffoli ao final desta sessão (não tendo sido retomado até o fechamento desta edição). No entanto, observa-se que, em virtude da existência de 6 (seis) votos favoráveis ao entendimento supra explicitado, a questão já está praticamente decidida nesta direção. Terminado definitivamente o julgamento, tal posicionamento será aplicado a todos os processos pendentes no STF, por se tratar de uma regra fixadora de competência.

O foro por prerrogativa de função implica em uma **competência originária**, no sentido de que as causas relacionadas aos agentes que possuem esta prerrogativa devem ser processadas originariamente nos tribunais.

Sobreleva destacar que sempre que a autoridade que possua foro por prerrogativa de função praticar infração penal, ainda que

esteja fora da jurisdição territorial do respectivo tribunal, deverá ser julgada perante o **tribunal de origem** (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 218). É o caso de um Juiz de Direito do Estado de Minas Gerais que pratica crime no Estado da Bahia – será julgado pelo Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.

▸ Qual o entendimento do STF sobre o assunto?

No âmbito da "Operação Patmos", o STF entendeu que o inquérito que apurava a conduta de Procurador da República deveria tramitar perante o TRF da 1ª Região (Tribunal em que ele atuava exclusivamente à época dos fatos investigados) e não no TRF da 3ª Região (Tribunal em que ele ocupa seu cargo atualmente). Baseou-se, para tanto, na interpretação do art. 108, I, "a", da Constituição Federal (CF), segundo o qual compete aos TRFs processar e julgar, originariamente, os juízes federais da área de sua jurisdição. O mesmo tratamento dado aos juízes federais no tema deve ser conferido aos membros do Ministério Público e aos advogados, tendo em vista que o vocábulo "jurisdição", do texto constitucional, deve ser entendido também como "atribuição". Assim, o Procurador da República precisa ser julgado pelo TRF em cuja área exerce suas atribuições, sob pena de ofensa ao princípio do juiz natural (Informativo nº 871).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do MP/PR, em 2016, foi cobrada a relação entre a competência por prerrogativa de foro e a competência territorial. Assim, a assertiva *"A competência* ratione personae *prevalece sobre a competência* ratione loci" foi considerada correta.

A respeito da competência por prerrogativa de função, merecem ser lidos os seguintes dispositivos da Constituição Federal: art. 102, I, alíneas "b" e "c", (competência do STF); art. 105, I, alínea "a" (competência do STJ); art. 108, I, alínea "a" (competência dos Tribunais Regionais Federais); arts. 96, III, e 125, § 1º (competência dos Tribunais de Justiça dos Estados e do Distrito Federal).

Com relação à **jurisdição política** (julgamento perante órgãos do Poder Legislativo), vale a pena conferir o teor do art. 52, I e II, da Constituição Federal (julgamento perante o Senado Federal); art. 78, § 3º, da Lei nº 1.079/50 (julgamento perante Tribunal Especial, constituído por 5 deputados estaduais, escolhidos pela Assembleia Legislativa, e 5 desembargadores, sorteados pelo presidente do Tribunal de Justiça, que também o presidirá, conforme art. 78,

§ 3º, da Lei nº 1.079/50); art. 4º do Decreto-Lei nº 201/67 (julgamento perante a Câmara Municipal).

Ademais, com fincas na Súmula Vinculante nº 46 do STF, "*A definição dos crimes de responsabilidade e o estabelecimento das respectivas normas de processo e julgamento são da competência legislativa privativa da União.*". Aliás, justamente com base nesta ideia, o STF julgou que, por violar a competência privativa da União, o Estado-membro não pode dispor sobre crime de responsabilidade. No entanto, durante a fase inicial de tramitação de processo por crime de responsabilidade instaurado contra governador, a Constituição estadual deve obedecer à sistemática disposta na legislação federal. Assim, em um primeiro momento, definiu-se como constitucional norma prevista em Constituição estadual que preveja a necessidade de autorização prévia da Assembleia Legislativa para que sejam iniciadas ações por crimes comuns e de responsabilidade eventualmente dirigidas contra o governador de Estado (Informativo nº 774).

Acerca exatamente desse tema, vale a pena registrar a celeuma envolvendo o governador do Estado de Minas Gerais, Fernando Pimentel. Alvo da operação Acrônimo, da Polícia Federal, ele foi denunciado pela Procuradoria-Geral da República no STJ em virtude da suposta prática dos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e ocultação de valores, já que supostamente teria recebido propina da montadora de veículos CAOA em troca de benefícios quando comandava o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior entre 2011 e 2014. A polêmica foi posta porque a Constituição do Estado de Minas Gerais, diferentemente do que se verifica em outros estados, não prevê a autorização do Legislativo para a abertura de ação penal contra o chefe do Executivo. Assevera apenas que o governador deverá ser suspenso de suas funções ao ser submetido a processo e julgamento no STJ por crimes comuns ("Art. 92 - O Governador do Estado será submetido a processo e julgamento perante o Superior Tribunal de Justiça, nos crimes comuns. § 1º - O Governador será suspenso de suas funções: I - nos crimes comuns, se recebida a denúncia ou a queixa pelo Superior Tribunal de Justiça;").

Todavia, a Corte Especial do STJ, em 05/10/16, decidiu pela necessidade de autorização prévia da Assembleia Legislativa de Minas Gerais para processar criminalmente o governador Pimentel. Como fundamento para esse julgado, em um primeiro momento, o

STJ relembrou o teor da jurisprudência alhures referida do STF no sentido de que a autorização da Assembleia é constitucional e protege a vontade popular sobre um governador eleito (STF, Informativo nº 774). Citou ainda o precedente do próprio STF no *Habeas Corpus* 80511, em que este último tribunal entendeu pela necessidade de autorização prévia da Assembleia para julgar o então governador de Minas Gerais, Itamar Franco. Além disso, invocou o princípio constitucional da simetria, que estabelece que os estados podem se autorregular nos limites da Constituição Federal.

Com esta decisão, a Corte Especial do STJ chegou inclusive a oficiar o legislativo a se manifestar.

Contudo, em momento posterior, o Plenário do STF, no julgamento da ADI 5540 ajuizada em face do art. 92, § 1º, I, da Constituição do Estado de Minas Gerais, em 03/05/17, alterando o seu próprio posicionamento, decidiu em sentido diametralmente oposto, firmando a tese de que "Não há necessidade de prévia autorização da Assembleia Legislativa para o recebimento da denúncia ou queixa-crime e instauração de ação penal contra o governador de estado, por crime comum, cabendo ao STJ, no ato de recebimento da denúncia ou no curso do processo, dispor fundamentadamente sobre a aplicação de medidas cautelares penais, inclusive afastamento do cargo" (ou seja, medidas desta natureza não seriam efeitos automáticos e obrigatórios do ato de recebimento da peça inicial acusatória, mas sim decretadas pelo Juízo competente e com a devida fundamentação). Desse modo, asseverou-se que as disposições do art. 86 da Constituição Federal são exclusivas da mais alta autoridade do Executivo do país, o Presidente da República, não se aplicando (sequer por simetria) aos governadores dos Estados.

Aliás, aproveitando o ensejo, o mesmo Plenário do STF julgou também ações declaratórias de inconstitucionalidade interpostas contra normas estaduais que expressamente exigiam a autorização da Assembleia Legislativa para o início de ação penal por crime comum no âmbito do STJ (ADI 4764 - Estado do Acre; ADI 4797 - Estado do Mato Grosso; ADI 4798 - Estado do Piauí). Nesta senda, o Tribunal confirmou o entendimento de que, com fincas no art. 22, I, da Constituição Federal, as unidades federativas não têm competência para editar normas que exijam autorização da Assembleia Legislativa para o início da ação penal perante o STJ em desfavor de governador por crime comum. Igualmente foi confirmado que, no caso de início da ação penal, o afastamento do cargo não ocorre

automaticamente. Ao pacificarem esse entendimento, os Ministros aprovaram, por unanimidade, tese segundo a qual "É vedado às unidades federativas instituírem normas que condicionem a instauração de ação penal contra governador, por crime comum, à prévia autorização da casa legislativa, cabendo ao Superior Tribunal de Justiça dispor, fundamentadamente, sobre a aplicação de medidas cautelares penais, inclusive afastamento do cargo.". Esse texto e a tese anteriormente transcrita serão usados como base para a propositura de Súmula Vinculante sobre a matéria. Ademais, o teor da Súmula Vinculante nº 46 do STF foi inteiramente reafirmado neste julgamento.

Algumas outras situações especiais também merecem ser aqui destacadas. Em primeiro lugar, insta salientar que os **prefeitos**, em regra, são julgados pelos Tribunais de Justiça (art. 29, X, CF), ainda que cometam crime doloso contra a vida. Porém, se cometem crime de competência da Justiça Federal, são julgados pelos Tribunais Regionais Federais. E se cometem crime de competência da Justiça Eleitoral, são julgados pelos Tribunais Regionais Eleitorais, tudo isso conforme a Súmula nº 702 do STF. Registre-se que, ainda de acordo com o STF, o mesmo regramento aplicável ao prefeito em matéria de foro de prerrogativa de função deve prevalecer para a figura do **deputado estadual** (STF, HC nº 72207/PA, Pleno. Rel. Min. Néri da Silveira, DJ 3/3/2000, p. 60).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista Judiciário do TRE/ES, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado o foro por prerrogativa de função competente para o julgamento do prefeito em caso de cometimento de crime eleitoral. Nesse sentido, a assertiva *"O tribunal de justiça não tem competência para julgar prefeito municipal pela prática de crime eleitoral"* foi considerada correta, afinal de contas o foro competente é o TRE.

Ainda com relação à situação dos prefeitos, em ocorrendo **desvio de verbas públicas** por parte deles, o juízo competente é apontado pelas **Súmulas de números 208 e 209 do STJ** - Súmula nº 208 ("Compete à Justiça Federal processar e julgar prefeito municipal por desvio de verba sujeita a prestação de contas perante órgão federal"); Súmula nº 209 ("Compete à Justiça Estadual processar e julgar prefeito por desvio de verba transferida e incorporada ao patrimônio municipal").

Aliás, a respeito da Súmula nº 208 do STJ, fazendo um breve adendo, esclareça-se que, de acordo com o próprio STJ, **compete**

à Justiça Federal processar e julgar as ações penais relativas a desvio de verbas originárias do Sistema Único de Saúde (SUS), independentemente de se tratar de valores repassados aos Estados ou Municípios por meio da modalidade de transferência "fundo a fundo" ou mediante realização de convênio. Isso porque há interesse da União na regularidade do repasse e na correta aplicação desses recursos (art. 107, inciso IV, da Constituição Federal), que, conforme o art. 33, § 4º, da Lei 8.080/1990, estão sujeitos à fiscalização federal, por meio do Ministério da Saúde e de seu sistema de auditoria (Informativo nº 527).

No caso de cometimento de crime por parte de **magistrados e membros do Ministério Público**, tais autoridades são sempre julgadas pelo Tribunal a que estão vinculados, ressalvada apenas a competência da Justiça Eleitoral (art. 96, III, CF), pouco importando a natureza do crime que cometem (exemplo: Juiz de Direito estadual que comete crime que seria de competência da Justiça Federal - será julgado pelo Tribunal de Justiça a que está vinculado) e o lugar da infração (exemplo: Juiz de Direito do Estado de Minas Gerais que pratica crime no Estado da Bahia - será julgado pelo Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais). Por força disso, estas autoridades serão julgadas pelo respectivo foro por prerrogativa de função na hipótese de cometimento de crime doloso contra a vida e não pelo Tribunal do Júri.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista Judiciário do TRE/ES, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado se o Tribunal do Júri poderia julgar crime doloso contra a vida praticado por promotor de justiça. Nesse sentido, a assertiva *"O tribunal do júri é competente para julgar promotor de justiça que comete crime doloso contra a vida, consumado ou tentado"* foi considerada incorreta, afinal de contas o foro competente é o Tribunal de Justiça.

De outro lado, no **concurso entre competência por prerrogativa de função e competência do Tribunal do Júri**, como ambas têm sede constitucional, mas aquela competência é especializada, deve prevalecer sobre esta. Assim, se, por exemplo, um Deputado Federal pratica crime de homicídio doloso, deve ser julgado pelo STF e não pelo Tribunal do Júri. Porém, se ele pratica crime doloso contra a vida em concurso com um particular que não possui prerrogativa de foro, deve ocorrer a *disjunção* (separação) dos feitos: o Deputado Federal será julgado pelo STF e o particular pelo Tribunal do

Júri. É esse o posicionamento mais recente do STF (*JSTF* 175/346), embora este mesmo tribunal já tenha decidido anteriormente que seria caso de junção do feito no foro por prerrogativa de função (HC nº 83583/PE, Rel. Min. Ellen Gracie, 2004).

Por fim, ressalte-se que, se a **competência por prerrogativa de função é estabelecida exclusivamente pela Constituição estadual**, praticando o agente crime doloso contra a vida, deverá ser julgado perante o Tribunal do Júri, cuja competência é prevista na Constituição Federal, consoante já afirmava a Súmula nº 721 do STF, a qual teve a sua redação incorporada ao texto da recente Súmula Vinculante nº 45 do STF (*"A competência constitucional do Tribunal do Júri prevalece sobre o foro por prerrogativa de função estabelecido exclusivamente pela constituição estadual."*). Assim, por exemplo, se um Secretário de Estado, Vice-governador ou Defensor Público comete crime de homicídio doloso, será julgado pelo Tribunal do Júri.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista Judiciário do TRE/ES, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado justamente o teor da Súmula nº 721 do STF, nesses termos: *"Conforme entendimento sumulado do STF, quando o foro por prerrogativa de função for estabelecido exclusivamente pela constituição estadual, prevalecerá o juízo natural previsto na CF, ou seja, a competência do tribunal do júri, para os crimes dolosos contra a vida, por exemplo"*. A assertiva foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Roraima, promovido pela Fundação Carlos Chagas, em 2015, dentre outros aspectos relevantes da competência no Processo Penal, foram cobradas regras da competência por prerrogativa de função, a saber: *"A definição da competência processual penal possui regras previstas na Constituição Federal, no Código de Processo Penal e nas leis especiais. Sobre a competência, analise as seguintes assertivas:* ***I.*** *Conforme a Constituição Federal, caberá ao STF julgar, nas infrações penais comuns e nos crimes de responsabilidade, o Presidente da República, o Vice-presidente, os membros do Congresso Nacional, os Ministros de Estado, os comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica.* ***II.*** *No conflito entre foro determinado pela Constituição Federal, por prerrogativa de função e o foro material, definido para o tribunal do Júri no artigo 50, XXXVIII, d, prevalecerá este último por ser garantia fundamental individual.* ***III.*** *O foro por prerrogativa de função é sempre definido pela Constituição Federal,*

mas as constituições estaduais também podem conferir foro por prerrogativa. IV. Os prefeitos devem ser julgados por Tribunal de Justiça Estadual, mas em cometimento de crimes federais deverão ser julgados pelo Tribunal Regional Federal. V. Em casos de delitos cometidos em erro na execução e resultado diverso do pretendido a competência será determinada pela conexão. Está correto o que se afirma APENAS em (A) I e III. (B) III e IV. (C) I e V. (D) II e IV. (E) III e V.". A resposta correta foi a letra B.

13.1. Perpetuação da jurisdição em caso de foro privilegiado (art. 84, § 1º, CPP)

O art. 84, § 1º, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 10.628/02, asseverava que a competência especial por prerrogativa de função, relativa a atos administrativos do agente, prevalecia ainda que o inquérito ou a ação judicial fossem iniciados após a cessação do exercício da função pública. Entretanto, esse dispositivo foi declarado **inconstitucional** pelo STF no julgamento da ADIN de número 2.797-2-DF. Diante disso, persiste a regra de que o foro prerrogativa de função, em sendo uma proteção ao cargo e não à pessoa que o ocupa, só deve persistir enquanto perdurar o exercício das funções.

Aliás, relembre-se que o atual posicionamento do STF remonta àquele exarado pelo próprio Pretório Excelso em 9/11/2001, quando, no Inquérito nº 687/SP, decidiu pelo cancelamento da sua Súmula nº 394, que assim asseverava: "Cometido o crime durante o exercício funcional, prevalece a competência especial por prerrogativa de função, ainda que o inquérito ou a ação penal sejam iniciados após a cessação daquele exercício".

O posicionamento ora exposto não colide com o teor da Súmula nº 703 do STF, segundo a qual "A extinção do mandato do prefeito não impede a instauração de processo pela prática dos crimes previstos no art. 1º do Decreto-lei 201/1967". Isso porque, nesta hipótese, a ação penal não será mais instaurada no foro por prerrogativa de função.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/GO, em 2009/2010, foi cobrado justamente o teor da Súmula nº 703 do STF. Nesse sentido, a assertiva *"Nas proposições abaixo, assinale a alternativa incorreta à luz das decisões sedimentadas pelo Supremo Tribunal Federal: A extinção do mandato do prefeito não*

impede a instauração de processo pela prática dos crimes previstos no artigo 1º do Decreto-Lei 201/1967" (destacada) foi considerada correta.

Por fim, noticie-se que o Plenário do STF, em julgamento proferido em 2012, assentou o entendimento de que os efeitos da declaração de inconstitucionalidade dos §§ 1º e 2º do art. 84 do CPP, inseridos pelo art. 1º da Lei 10.628/2002, têm eficácia apenas a partir de 15.9.2005 (Informativo nº 666).

13.2. Extensão do foro privilegiado às ações de improbidade administrativa (art. 84, § 2º, CPP)

O art. 84, § 2º, do CPP, igualmente com a redação dada pela Lei nº 10.628/02, também consagrava o foro por prerrogativa de função para a ação de improbidade administrativa, de natureza nitidamente civil. Entretanto, esse dispositivo também foi julgado **inconstitucional** pelo STF no julgamento da ADIN de número 2.797-2-DF. Diante disso, tem-se que o foro por prerrogativa de função só é aplicado a infrações penais.

Conforme já apontado alhures, o Plenário do STF, em julgamento proferido em 2012, assentou o entendimento de que os efeitos da declaração de inconstitucionalidade dos §§ 1º e 2º do art. 84 do CPP, inseridos pelo art. 1º da Lei 10.628/2002, têm eficácia apenas a partir de 15.9.2005 (Informativo nº 666).

No entanto, o tema ainda suscita discussões no âmbito jurisprudencial. É que o próprio STF, em 2008, decidiu, por maioria, que é de sua competência o julgamento de ato de improbidade administrativa praticado por "atual Ministro do STF, à época Advogado-Geral da União, e outros, na qual se lhe imputam a suposta prática dos crimes previstos nos artigos 11, I e II, e 12, III, da Lei 8.429/92". Ao final do julgamento, o STF "determinou o arquivamento da petição, em relação ao referido Ministro desta Corte, haja vista o fato de ele não mais ocupar o cargo de Advogado-Geral da União, e a descida dos autos ao mencionado juízo de 1ª instância, relativamente aos demais acusados" (STF, Pet. 3211 QO/DF, Pleno, Rel. Min. Marco Aurélio - Informativo nº 498).

13.3. Exceção da verdade nos crimes contra a honra (art. 85 CPP)

A exceção da verdade, que é cabível apenas nas hipóteses dos arts. 138, § 3º (crime de calúnia), e 139, parágrafo único (crime de

difamação se o ofendido é funcionário público e a ofensa é relativa ao exercício de suas funções), ambos do Código Penal, quando interposta contra agente com foro privilegiado, deverá ser processada em tal foro.

Todavia, de acordo com o STJ, o juízo de admissibilidade desta exceção da verdade pode ser feito pelo juízo da ação penal de origem, que, portanto, está autorizado a inadmiti-la caso verificada a ausência dos requisitos de admissibilidade para o processamento do referido incidente (Informativo nº 522).

Uma vez admitida, se a exceção da verdade for julgada procedente, o querelado é absolvido e futuramente o querelante poderá até ser processado criminalmente por denunciação caluniosa (art. 339 do Código Penal). Se, porém, for julgada improcedente, a ação penal voltará a ter seu curso normal.

14. REGRAS DE APLICAÇÃO DA LEI PROCESSUAL PENAL NO ESPAÇO (ARTS. 88 A 91 CPP)

Nas hipóteses de **crimes praticados no exterior**, em sendo caso de aplicação da lei penal brasileira (extraterritorialidade prevista no art. 7º do Código Penal), será competente o juízo da Capital do Estado onde houver por último residido o acusado. Se este nunca tiver residido no Brasil, será competente o juízo da Capital da República (art. 88 do CPP).

Já nas hipóteses de **crimes praticados a bordo de navios ou aeronaves**, insta salientar inicialmente que eles são de competência da Justiça Federal, nos termos do art. 109, inciso IX, da Constituição Federal. Porém, para definição do local em que tais delitos serão processados, devem ser observadas as regras previstas nos artigos 89 a 91 do CPP:

> **Art. 89 do CPP:** Dispõe o art. 89 do CPP que os crimes cometidos em qualquer embarcação nas águas territoriais da República, ou nos rios e lagos fronteiriços, bem como a bordo de embarcações nacionais, em alto-mar, serão processados e julgados pela justiça do primeiro porto brasileiro em que tocar a embarcação, após o crime, ou, quando se afastar do País, pela do último em que houver tocado. É preciso ressaltar que a Justiça Federal somente terá competência para julgar o feito se a embarcação for de grande porte e tiver condições de realizar viagem internacional. Nesse trilhar, o

STF já decidiu que crime cometido a bordo de uma jangada é de competência da Justiça Comum Estadual.

Art. 90 do CPP: A regra do art. 90 do CPP é bastante semelhante à regra do art. 89 do CPP acima apreciada, com a diferença de que o presente dispositivo legal refere-se a crimes cometidos a bordo de aeronave (e não embarcação). Assim, os crimes praticados a bordo de aeronave nacional, dentro do espaço aéreo correspondente ao território brasileiro, ou ao alto-mar, ou a bordo de aeronave estrangeira, dentro do espaço aéreo correspondente ao território nacional, serão processados e julgados pela justiça da comarca em cujo território se verificar o pouso após o crime, ou pela da comarca de onde houver partido a aeronave. Outra diferença com relação ao art. 89 do CPP é que, neste caso, a competência será sempre da Justiça Federal, independente do tamanho da aeronave e da sua capacidade de realizar viagem internacional.

Art. 91 do CPP: Determina o art. 91 do CPP que, nos casos dos artigos 89 e 90 do CPP, quando incerta e não se determinar a competência de acordo com as regras ali previstas, ela será fixada com base na prevenção.

▸ **Atenção:**

Sobreleva destacar que, "se uma embarcação estrangeira está apenas passando por águas territoriais brasileiras, caso venha a ocorrer um crime em seu interior, sem reflexos externos, ou seja, não atingindo a paz, a segurança e a boa ordem brasileira, mesmo reconhecendo que a infração ocorreu no território nacional, o Brasil não irá julgá-la, em atenção ao **direito de passagem inocente**, resguardado no art. 3º da Lei nº 8.617/1993" - destacamos (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 214).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pela FUMARC, foram cobradas importantes regras referentes à competência no Processo Penal, a saber: "*Considere as seguintes assertivas acerca da competência em matéria processual penal: I.Compete à Justiça Federal processar e julgar contravenções penais praticadas em detrimento de bens da União. Compete à Justiça Federal processar e julgar contravenções penais praticadas em detrimento de bens da União. II. A competência do Tribunal do Júri pode ser corretamente ampliada por lei posterior, desde que mantida a competência mínima para julgamento dos crimes dolosos contra a vida, tentados ou consumados. III. No caso de conexão entre infrações de competência da Justiça Eleitoral e do Tribunal*

do Júri, impõe-se a competência do Tribunal do Júri. IV. Compete extraordinariamente à Justiça do Trabalho processar e julgar os crimes contra a organização do trabalho. Assinale a alternativa correta: a) Todas as assertivas estão corretas. b) Somente as assertivas I e III estão corretas. c) Somente a assertiva IV é incorreta. d) Somente a assertiva II é correta. e) As assertivas I, II III e IV estão incorretas". A assertiva considerada correta foi a letra D.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No LII concurso de Promotor de Justiça Substituto do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pelo MPMG, novamente foram cobradas regras relevantes de competência no Processo Penal, conforme transcrito a seguir: *"De acordo com o Código de Processo Penal, assinale a alternativa* ***CORRETA****, considerando como Verdadeiras ou Falsas as proposições abaixo: ( ) Determinarão a competência jurisdicional: o lugar da ação, o domicílio ou residência do réu, a natureza da infração, a distribuição, a conexão ou continência, a prevenção, a prerrogativa de função. ( ) Quando incerta a jurisdição por ter sido a infração consumada ou tentada nas divisas de duas ou mais jurisdições, a competência firmar-se-á pela prevenção. ( ) Se o tribunal do júri desclassificar a infração para outra atribuída à competência do juiz singular, a este serão remetidos os autos para julgamento. ( ) A competência será determinada pela continência no caso de concurso formal, erro na execução e resultado diverso do pretendido.* ***A)*** *F, V, F, V.* ***B)*** *F, F, F, V.* ***C)*** *V, F, V, F.* ***D)*** *V, V, V, F".* A assertiva correta foi a letra A.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012, mais uma vez houve a cobrança de diversas regras de competência, nesses termos: *"Leia atentamente as assertivas a seguir. I. Nos crimes sujeitos ao procedimento da Lei n.º 9.099/95, a respeito do lugar do crime, adota-se a teoria da atividade. II. No delito plurilocal, no caso de a conduta e o resultado ocorrerem dentro do território nacional, aplica-se a teoria da ubiquidade. III. Nos casos de exclusiva ação privada, o querelante poderá preferir o foro do domicílio ou da residência do réu somente quando não conhecido o lugar da infração. IV. Em relação ao foro especial, previsto em lei ordinária ou de organização judiciária, no caso de cometimento de crime contra a vida, prevalecerá a competência do Tribunal do Júri. Estão corretas apenas as afirmativas (A) I e IV. (B) II e III. (C) II e IV. (D) I, II e IV".* A assertiva correta foi a letra A.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, voltou-se a cobrar o tema competência em seus diversos aspectos, a saber: *"A respeito da competência e temas correlatos, analise as afirmativas a seguir. I. Quando incerto o limite territorial entre duas ou mais jurisdições, ou quando incerta a jurisdição por ter sido a infração consumada ou tentada nas divisas de duas ou mais jurisdições, a competência firmar-se-á pela prevenção, cuja inobservância constitui nulidade relativa, de acordo com a jurisprudência predominante do Supremo Tribunal Federal. II. A competência será determinada pela continência quando duas ou mais pessoas forem acusadas pela mesma infração e no caso da infração cometida nas hipóteses de concurso formal de crimes, erro na execução e resultado diverso do pretendido. III. De acordo com a jurisprudência dominante do Supremo Tribunal Federal, a atração por continência ou conexão do processo do corréu ao foro por prerrogativa de função de um dos denunciados não viola as garantias do juiz natural, da ampla defesa e do devido processo legal. IV. Verificada a reunião dos processos por conexão ou continência, ainda que no processo da sua competência própria venha o juiz ou tribunal a proferir sentença absolutória ou que desclassifique a infração para outra que não se inclua na sua competência, continuará competente em relação aos demais processos. Estão CORRETAS as afirmativas A) I e III apenas. B) II e IV apenas. C) I, II e IV apenas. D) I,II,III e IV."*. A alternativa correta é a letra D.

Capítulo

Questões e processos incidentes

1. QUESTÕES PREJUDICIAIS (ARTS. 92 A 94 CPP)

Questão prejudicial é toda questão relacionada ao mérito da causa, que necessita ser julgada antes deste. Difere da questão preliminar tendo em vista que esta última diz respeito ao próprio processo e seu regular desenvolvimento. Ademais, a decisão da questão prejudicial pode interferir no julgamento do mérito da causa. Já a questão preliminar tem o único efeito de impedir o julgamento do mérito da causa se ela for reconhecida pelo magistrado, mas, uma vez não reconhecida, não causa nenhuma interferência no mesmo. Além disso, a questão prejudicial é autônoma, pois existe independentemente da questão principal, podendo ser objeto de processo distinto (exemplo: o julgamento do crime de furto de forma autônoma ao crime de receptação) e podendo ainda ser julgada ou não pelo juízo penal, ao passo que a questão preliminar é absolutamente dependente, eis que depende da existência da questão principal e será sempre julgada pelo juízo penal (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 253). É exemplo de preliminar no processo penal o julgamento acerca de nulidades processuais.

Questão prejudicial	Questão preliminar
Diz respeito ao mérito da causa, necessitando ser julgada antes deste.	Diz respeito ao próprio processo e seu regular desenvolvimento.
A decisão da questão prejudicial pode interferir no julgamento do mérito da causa.	A decisão da questão preliminar tem o único efeito de impedir o julgamento do mérito da causa se ela for reconhecida pelo magistrado. Em não sendo reconhecida, não interfere no mérito da causa.

Questão prejudicial	Questão preliminar
É autônoma, pois existe independentemente da questão principal, podendo ser objeto de processo distinto e podendo ainda ser julgada ou não pelo juízo penal.	É absolutamente dependente, eis que depende da existência da questão principal e será sempre julgada pelo juízo penal.

No que diz respeito às questões prejudiciais, o Brasil adota o **sistema eclético ou misto**, já que diferencia questões prejudiciais homogêneas ou não devolutivas ou impróprias ou imperfeitas e questões prejudiciais heterogêneas ou devolutivas ou próprias ou perfeitas. As **questões prejudiciais homogêneas ou não devolutivas ou impróprias ou imperfeitas** são as que "pertencem e podem ser resolvidas na mesma jurisdição, ou no mesmo ramo do Direito" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 253), referindo-se à matéria da causa principal, que é de natureza penal, a exemplo da decisão sobre a exceção da verdade nos crimes de calúnia (art. 138, § 3º, CP). As **questões prejudiciais heterogêneas ou devolutivas ou próprias ou perfeitas**, por sua vez, referem-se a outras áreas do direito, devendo ser decididas por outro juízo que não o penal, a exemplo da "decisão sobre a posse, na esfera cível, antes de decidir a respeito do esbulho, previsto no art. 161, § 1º, II, CP" (NUCCI, 2008, p. 272).

Questão prejudicial homogênea	Questão prejudicial heterogênea
Refere-se à matéria da causa principal, que é de natureza penal, a exemplo da decisão sobre a exceção da verdade nos crimes de calúnia.	Refere-se a outras áreas do direito, devendo ser decidida por outro juízo que não o penal, a exemplo da decisão sobre a posse, na esfera cível, antes de decidir a respeito do esbulho, previsto no art. 161, § 1º, II, CP.

O Código de Processo Penal trata expressamente da questão prejudicial obrigatória e da questão prejudicial facultativa. A **questão prejudicial obrigatória (sistema da prejudicialidade obrigatória)** é aquela que impõe a suspensão do processo penal até que haja decisão prolatada por juízo cível. Ela vem prevista no art. 92 do CPP, que assevera: se a decisão sobre a existência da infração depender da solução de controvérsia, que o juiz repute séria e fundada, sobre o **estado civil das pessoas**, o curso da ação penal ficará suspenso até que no juízo cível seja a controvérsia dirimida por sentença passada em julgado, sem prejuízo, entretanto, da inquirição das testemunhas e de outras provas de natureza urgente.

Como aponta o dispositivo legal, a análise sobre a seriedade da questão controversa fica a cargo do magistrado. Assim, caso ele não a repute séria e fundada, mesmo que relacionada ao estado civil das pessoas, não haverá suspensão do feito criminal. Além disso, a questão deve dizer respeito à existência da infração e não a circunstâncias do crime, como uma circunstância agravante. É exemplo de questão prejudicial obrigatória a discussão do casamento na esfera cível para definição do crime de bigamia.

A questão prejudicial obrigatória determina apenas a suspensão do feito criminal, não havendo, portanto, suspensão do andamento do inquérito policial. Essa suspensão tem duração indefinida, até que haja decisão transitada em julgado no juízo cível a respeito da questão controversa. Há aqui verdadeira **crise de instância**. Contudo, o curso do prazo prescricional ficará **suspenso** (art. 116, inciso I, do Código Penal).

A decisão judicial que determina a suspensão do processo penal está sujeita a recurso em sentido estrito (art. 581, inciso XVI, do CPP). Já a decisão que não decreta a suspensão é irrecorrível, cabendo, no entanto, *habeas corpus* (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 257) ou até mesmo correição parcial (GRINOVER; GOMES FILHO; FERNANDES, 2009, p. 139). Ademais, **a decisão definitiva proferida pelo juízo cível faz coisa julgada no juízo penal**.

O parágrafo único do art. 92 do CPP ainda traz a regra de que, se for o crime de ação pública, o Ministério Público, quando necessário, promoverá a ação civil ou prosseguirá na que tiver sido iniciada, com a citação dos interessados. Essa legitimidade do Ministério Público decorre do princípio da obrigatoriedade da ação penal pública. Se necessário for, o querelante também poderá ajuizar a ação civil anteriormente mencionada (NUCCI, 2008, p. 274).

A **questão prejudicial facultativa** (**prejudicialidade facultativa**) é aquela que permite ao juiz criminal, de acordo com seu critério, suspender o processo, aguardando solução de determinada questão em outra esfera. Está prevista no art. 93 do CPP, que dispõe: se o reconhecimento da existência da infração penal depender de decisão sobre **questão diversa da prevista no artigo anterior** (ou seja, questão que não diga respeito ao estado civil da pessoa, a exemplo de direitos reais, direitos obrigacionais, relações empregatícias etc), e se neste houver sido proposta ação para resolvê-la, o juiz criminal poderá, **desde que essa questão seja de difícil**

solução e não verse sobre direito cuja prova a lei civil limite, suspender o curso do processo, após a inquirição das testemunhas e realização das outras provas de natureza urgente.

Como se vê da redação do dispositivo legal, para que ocorra a suspensão do feito criminal é obrigatório que a questão controversa esteja sendo discutida em ação civil já instaurada. Além disso, a questão controversa deve se referir à **prova da existência da infração penal**, não sendo suficiente que diga respeito a simples circunstância do crime, exigindo-se também que ela seja de **difícil solução**.

Acrescente-se também que a questão discutida na ação civil não pode envolver direito cuja prova a lei civil limite, como no caso de uma ação que visa provar a existência de um casamento por meio de testemunhas (lembrando-se que o casamento civil somente é provado por meio de certidão de casamento). Preenchidas essas condições, ainda assim a suspensão do processo penal é facultativa, ficando a cargo do juiz. E ela somente pode ser decretada **após a inquirição de todas as testemunhas arroladas pelas partes e realizadas outras provas de natureza urgente**. Se, no entanto, ele decretar essa suspensão, tal decisão pode ser atacada mediante recurso em sentido estrito (art. 581, inciso XVI, do CPP). A decisão que não decreta a suspensão é irrecorrível, cabendo, no entanto, *habeas corpus* (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 257).

Nos mesmos moldes da questão prejudicial obrigatória, a questão prejudicial facultativa determina apenas a suspensão do feito criminal, não havendo, portanto, suspensão do andamento do inquérito policial. No entanto, o curso do prazo prescricional ficará **suspenso** (art. 116, inciso I, do Código Penal). De outro lado, **a decisão definitiva proferida pelo juízo cível faz coisa julgada no juízo penal**.

Ainda com relação à questão prejudicial facultativa, o juiz marcará o prazo da suspensão, que poderá ser razoavelmente prorrogado, se a demora não for imputável à parte. Expirado o prazo, sem que o juiz cível tenha proferido decisão, o juiz criminal fará prosseguir o processo, retomando sua competência para resolver, de fato e de direito, toda a matéria da acusação ou da defesa (art. 93, § 1º, CPP). Consoante o art. 93, § 2º, CPP, do despacho que denegar a suspensão não caberá recurso. O art. 93, § 3º, do CPP estipula que, suspenso o processo, e tratando-se de crime de ação

pública, incumbirá ao Ministério Público intervir imediatamente na causa cível, para o fim de promover-lhe o rápido andamento (o que decorre do princípio da obrigatoriedade da ação penal pública). É possível também que o querelante intervenha nesta causa cível (NUCCI, 2008, p. 276).

Questão prejudicial obrigatória	Questão prejudicial facultativa
Prevista no art. 92 do CPP.	Prevista no art. 93 do CPP.

Frise-se que tanto no caso da questão prejudicial obrigatória, como na questão prejudicial facultativa, a suspensão do curso da ação penal será decretada pelo juiz, de ofício (decorrência do princípio do impulso oficial) ou a requerimento das partes (art. 94 do CPP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, em 2009, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foi cobrado exemplo de questão prejudicial obrigatória heterogênea, nesses termos: *"Em ação penal para o julgamento de crime de bigamia, a existência de ação civil relativa à validade do casamento, constitui (A) questão prejudicial obrigatória homogênea. (B) questão prejudicial obrigatória heterogênea. (C) questão prejudicial facultativa mista. (D) questão prejudicial facultativa heterogênea. (E) litispendência"*. A assertiva considerada correta foi a de letra B.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado o efeito da questão prejudicial homogênea facultativa no processo penal. Nesse sentido, a assertiva *"Arguida em defesa prévia questão prejudicial homogênea facultativa, ficará suspenso o processo até que no juízo cível seja a controvérsia dirimida por sentença transitada em julgado, sem prejuízo, entretanto, da inquirição de testemunhas e outras provas de natureza urgente"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso da Defensoria Pública da União, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado o teor do sistema eclético ou misto relacionado às questões prejudiciais. Nesse sentido, a assertiva *"Vigora, no Brasil,*

o sistema eclético ou misto, segundo o qual, em relação às questões prejudiciais heterogêneas relativas ao estado civil das pessoas, aplica-se o sistema da prejudicialidade obrigatória, de forma que compete ao juízo cível resolver a questão, ao passo que, no que concerne às demais questões heterogêneas, utiliza-se o sistema da prejudicialidade facultativa" (destacada) foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, dentre outros aspectos relevantes das questões prejudiciais, cobrou-se justamente o conteúdo do sistema da prejudicialidade obrigatória, da seguinte forma: *"Acerca dos sistemas teóricos de resolução da competência jurisdicional das questões prejudiciais, assinale a alternativa INCORRETA: a) - Denomina-se sistema de cognição incidental aquele em que o juiz que conhece da ação deva conhecer da exceção. b) - No sistema de prejudicialidade obrigatória, o juiz criminal deve conhecer da exceção. c) - Prepondera o Juízo de acordo com a natureza da exceção, no sistema da prejudicialidade facultativa. d) - Na legislação brasileira, prevalece o modelo eclético, implicando soluções da prejudicial tanto pelo juiz penal como extrapenal."*. A alternativa incorreta é a letra B.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz Federal Substituto do TRF da Quinta Região, promovido pelo Cespe/Unb, em 2015, foram cobrados aspectos relevantes das questões prejudiciais, do seguinte modo: *"No que se refere às questões prejudiciais, assinale a opção correta. A) De acordo com o CPP, as questões prejudiciais, obrigatórias ou facultativas, podem ser reconhecidas, de ofício, pelo juiz da causa principal, sendo prescindível, em qualquer dos casos, a produção antecipada de provas. B) Considere que um indivíduo, maior e capaz, tenha feito afirmação falsa, na condição de testemunha, em uma reclamação trabalhista em curso na justiça especializada. Considere, ainda, que, ao final da audiência, o magistrado do trabalho tenha encaminhado as peças ao MPF, e que este tenha ofertado denúncia. Nessa situação, a caracterização do crime de falso testemunho ficará pendente até o encerramento definitivo do processo de reclamação trabalhista, sendo, portanto, uma questão prejudicial heterogênea, e facultativa a suspensão do processo criminal. C) As questões prejudiciais submetem-se a juízo de prelibação, no qual o juiz criminal faz a análise da necessidade de suspensão do processo e remessa dos autos ao juízo competente, para que seja dirimida a controvérsia incidental. Caso o magistrado rejeite o pedido de suspensão do processo, caberá recurso em sentido*

estrito da decisão que ordene o seguimento da ação penal. D) As questões prejudiciais homogêneas cominam a obrigatoriedade da suspensão do processo criminal principal e devem ser necessariamente solucionadas pelo juiz da causa principal. E) Se, no curso de uma ação penal contra servidor público federal por suposta prática de peculato, na modalidade de apropriação ou desvio de recursos públicos, a defesa apresentar resposta à acusação, alegando regularidade das contas declaradas pelo TCU e idêntico posicionamento encontrado na ação de improbidade administrativa em curso, admitir-se-á a objeção apresentada pela defesa como questão prejudicial heterogênea, o que autoriza a suspensão da ação principal.". A resposta considerada correta foi a letra E.

Por fim, há de se apontar ainda a existência de questão prejudicial total e de questão prejudicial parcial. Será **questão prejudicial total** se "a solução da questão prejudicial tiver o condão de fulminar a existência do crime, como, por exemplo, o reconhecimento da invalidade do casamento anterior fará com o crime de bigamia" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 254-255). Noutro giro, será **questão prejudicial parcial** quando a questão prejudicial se limitar "ao reconhecimento de circunstâncias (agravantes, atenuantes, qualificadoras, etc.), deixando incólume a existência do crime" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 255).

Questão prejudicial total	Questão prejudicial parcial
Opera-se quando a solução da questão prejudicial tiver o condão de fulminar a existência do crime, como, por exemplo, o reconhecimento da invalidade do casamento anterior fará com o crime de bigamia.	Opera-se quando a questão prejudicial se limitar ao reconhecimento de circunstâncias (agravantes, atenuantes, qualificadoras, etc.), deixando incólume a existência do crime.

2. EXCEÇÕES (ARTS. 95 A 111 CPP)

Exceção é a "defesa indireta apresentada por qualquer das partes, com o intuito de prolongar o trâmite processual, até que uma questão processual relevante seja resolvida, ou com a finalidade de estancar, definitivamente, o seu curso, porque processualmente incabível o prosseguimento da ação" (NUCCI, 2008, p. 277).

O Código de Processo Penal prevê, no seu art. 95, 5 (cinco) espécies de exceções: a de suspeição, a de incompetência de juízo, de litispendência, de ilegitimidade de parte (tanto a ilegitimidade

ad causam como a ilegitimidade *ad processum*) e de coisa julgada. Essas exceções deverão ser processadas em autos apartados. Como regra geral, **não suspenderão o andamento da ação penal** (art. 111 do CPP).

As exceções podem ser **peremptórias** (proporcionam a extinção do processo sem julgamento do mérito, denominada *absolvição de instância*, o que ocorre com as exceções de litispendência e de coisa julgada) ou **dilatórias** (proporcionam o prosseguimento do feito, procrastinando-o, o que ocorre com as exceções de suspeição, incompetência do juízo e de ilegitimidade de parte). Como já afirmado anteriormente, ambas as partes podem se utilizar destas exceções, incluindo a acusação, "já que as exceções levantam questões atinentes aos pressupostos processuais e às condições da ação" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 257).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLIX concurso do MP/MG, em 2010, foi cobrada a classificação das exceções de coisa julgada e de litispendência como exceções peremptórias. Nesse sentido, a assertiva *"As exceções de coisa julgada e de litispendência situam-se na categoria das exceções peremptórias"* (destacada) foi considerada correta.

2.1. Exceção de suspeição (arts. 96 a 107 CPP)

Ab initio, há de se mencionar que a arguição da exceção de suspeição precede qualquer outra, salvo quando fundada em motivo superveniente (art. 96 do CPP).

As hipóteses de suspeição do juiz estão previstas no art. 254 do CPP. Em havendo a atuação de juiz suspeito, o feito estará eivado de nulidade relativa. Noutro giro, a suspeição não pode ser declarada nem reconhecida, quando a parte injuriar o juiz ou de propósito der motivo para criá-la, consoante o art. 256 do CPP, afinal de contas ninguém pode se beneficiar da própria torpeza.

A suspeição do juiz pode ser arguida espontaneamente pelo próprio magistrado (**de ofício**) ou a **requerimento das partes**. No primeiro caso, deve o juiz afirmar a suspeição por escrito, declarando o motivo legal, remetendo imediatamente o processo ao seu substituto, intimadas as partes (art. 97 do CPP). No segundo caso, a parte que pretender recusar o juiz (denominada **excipiente**)

deverá fazê-lo em petição assinada por ela própria ou por **procurador com poderes especiais (exceção de suspeição)**, aduzindo as suas razões acompanhadas de prova documental ou de rol de testemunhas (art. 98 do CPP). De acordo com o STJ, é exigível procuração com poderes especiais mesmo se o réu for representado pela Defensoria Pública, inclusive se ele estiver ausente do distrito da culpa (Informativo nº 560). Ainda nesse segundo caso, em sendo reconhecida a suspeição pelo magistrado, ele sustará a marcha do processo, mandando juntar aos autos a petição do recusante com os documentos que a instruam, e por despacho se declarará suspeito, ordenando a remessa dos autos ao substituto (art. 99 do CPP).

Entretanto, se não aceitar a suspeição, o juiz mandará autuar em apartado a petição, dará sua resposta dentro em 3 (três) dias, podendo instruí-la e oferecer testemunhas, e, em seguida, determinará sejam os autos da exceção remetidos, dentro em 24 (vinte e quatro) horas, ao juiz ou tribunal a quem competir o julgamento (art. 100, *caput*, do CPP). No tribunal, deve ser seguido o trâmite previsto no art. 100, §§ 1º e 2º, do CPP. Em seguida, em sendo julgada procedente a suspeição, ficarão nulos (**nulidade relativa**) os atos do processo principal, pagando o juiz as custas, no caso de erro inescusável (indescupável); de outro lado, se a suspeição for rejeitada, evidenciando-se a malícia do excipiente, a este será imposta multa (art. 101 do CPP), que, contudo, por não estar atualizada, não é exequível.

É possível ainda que a parte contrária reconheça a procedência da arguição de suspeição, **hipótese em que se permite excepcionalmente seja sustado o processo principal**, a seu requerimento, até que se julgue o incidente de suspeição (art. 102 do CPP). Em ocorrendo a suspeição em tribunal ou perante o STF, deve ser seguido o procedimento previsto expressamente no art. 103 do CPP.

Frise-se que não há apenas a suspeição do juiz, outros sujeitos que participam do processo penal também podem ser **exceptos** (pessoas contra as quais é arguida uma exceção). Assim, é possível que as partes arguam a **suspeição do órgão do Ministério Público**. Nesse caso, a decisão competirá ao juiz, que, antes, deverá ouvi-lo e poderá admitir a produção de provas no prazo de 3 (três) dias. **Contra essa decisão não cabe recurso** (art. 104 do CPP).

É possível também que as partes arguam a **suspeição dos peritos, dos intérpretes e dos serventuários ou funcionários de justiça.** Nessa hipótese, porém, o juiz deve decidir de plano e sem recurso, à vista da matéria alegada e prova imediata (art. 105 do CPP).

Permite-se ainda a arguição de **suspeição dos jurados**, de forma oral, decidindo de plano o presidente do Tribunal do Júri, que a rejeitará se, negada pelo recusado, não for imediatamente comprovada, o que tudo constará da ata (art. 106 do CPP).

Ressalte-se que não é possível a arguição da suspeição às autoridades policiais nos autos do inquérito, mas elas deverão declarar-se suspeitas, quando ocorrer motivo legal (art. 107 do CPP). Por analogia ao disposto no art. 5º, § 2º, do CPP, entende-se que, caso o delegado não se declare suspeito, será possível o oferecimento de recurso administrativo ao chefe de Polícia (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 259).

Por fim, frise-se que **não cabe recurso contra a decisão que acolhe a exceção de suspeição**, nos termos do art. 581, inciso III, do CPP. Entretanto, é possível o oferecimento de *habeas corpus* ou de mandado de segurança, se estiver em jogo, respectivamente, a liberdade de locomoção do réu ou o direito líquido e certo diverso da liberdade. Assim, por exemplo, se for procedente a exceção de suspeição oferecida em face de membro do Ministério Público caberá mandado de segurança (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 260). Além disso, se preenchidas as hipóteses constitucionais de cabimento, é possível o oferecimento dos recursos especial e extraordinário, consoante entendimento do STF (Informativo nº 65).

2.2. Exceção de incompetência (arts. 108 e 109 CPP)

A exceção de incompetência (ou *declinatioria fori*) é a defesa indireta apresentada pela parte para que seja reconhecida a incompetência relativa (territorial) do foro perante o qual está tramitando o feito criminal. Pode ser oferecida inclusive pela acusação, conforme entendimento doutrinário prevalecente (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 261).

Nada impede que a parte se utilize desta exceção para impugnar também a incompetência absoluta, embora a parte possa apontar o descumprimento de regra de competência desta natureza em

qualquer outra peça processual, inclusive, no caso do réu, na resposta escrita à acusação.

Há de se registrar, no entanto, que **a competência penal é matéria de ordem pública**, motivo pelo qual **pode ser reconhecida de ofício pelo juiz**, não se aplicando para o processo penal, pois, o teor da Súmula nº 33 do STJ ("A incompetência relativa não pode ser declarada de ofício"), que incide apenas no processo civil. Contudo, de acordo com entendimento majoritário da doutrina, o magistrado só poderá declarar-se de ofício incompetente até o momento da absolvição sumária (art. 397, CPP).

No que tange à incompetência absoluta, insta salientar que o seu reconhecimento pode ocorrer em qualquer fase do processo, devendo o juiz declarar os motivos nos autos, haja ou não alegação da parte, prosseguindo-se na forma do procedimento indicado no art. 108 do CPP. É essa a correta interpretação que merece ser dada ao disposto no art. 109 do CPP: "Se em qualquer fase do processo o juiz reconhecer motivo que o torne incompetente, declará-lo-á nos autos, haja ou não alegação da parte, prosseguindo-se na forma do artigo anterior".

Retomando o estudo da incompetência relativa (territorial), vale a regra de que, para a parte, ela somente pode ser arguida por meio da exceção ora debatida (exceção de incompetência), que deve ser oferecida no prazo da defesa preliminar (arts. 396 e 396-A do CPP), sob pena de **preclusão**.

A exceção de incompetência poderá ser oposta, **verbalmente ou por escrito**, no prazo de defesa, sob pena de preclusão, como já afirmado alhures (art. 108, *caput*, do CPP). Ela **não suspende o curso do processo principal**. Antes de o juiz decidir, o Ministério Público deverá ser ouvido.

Em sendo aceita a declinatória, o feito será remetido ao juízo competente, onde, ratificados os atos instrutórios anteriores (já que eles são válidos) e renovados os atos decisórios (já que estes são nulos), o processo seguirá (art. 108, § 1º, c/c art. 567, ambos do CPP). Ressalte-se que esse raciocínio é válido apenas para as hipóteses de nulidade relativa (incompetência relativa), afinal de contas se houver incompetência absoluta todos os atos são nulos (instrutórios ou decisórios), necessitando ser refeitos perante o juízo competente, conforme posição majoritária da doutrina.

Noutro giro, recusada a incompetência, o juiz continuará no feito, fazendo tomar por termo a declinatória, se formulada verbalmente (art. 108, § 2º, do CPP).

Contra a decisão que reconhece a incompetência do juízo ou julga procedente a exceção de incompetência caberá o **recurso em sentido estrito**, conforme previsão do art. 581, incisos II e III, do CPP. Já a decisão que julga improcedente a exceção é irrecorrível, podendo ser impugnada, porém, por *habeas corpus* ou mandado de segurança criminal, a depender do direito em jogo, ou ainda ser apontada como preliminar de futura apelação (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 261).

2.3. Exceções de litispendência, ilegitimidade de parte e coisa julgada (art. 110 CPP)

Para essas exceções, deve ser observado, no que lhes for aplicável, o disposto sobre a exceção de incompetência do juízo nos artigos 108 e 109 do CPP (art. 110, *caput*, do CPP). Se a parte houver de opor mais de uma dessas exceções, deverá fazê-lo numa só petição ou articulado (art. 110, § 1º, do CPP). Ademais, a exceção de coisa julgada (*exceptio rei judicatae*) somente poderá ser oposta em relação ao fato principal, que tiver sido objeto da sentença (art. 110, § 2º, do CPP).

Noutro giro, em havendo litispendência ou coisa julgada, caso ocorra a instauração de inquérito policial, este deve ser trancado por meio de *habeas corpus*, em virtude da ausência de justa causa (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 262).

No que tange à ilegitimidade de parte, é preciso destacar que é possível o oferecimento da exceção para alegar tanto a ilegitimidade *ad causam* como a ilegitimidade *ad processum*. Em sendo reconhecida a primeira (ilegitimidade *ad causam*), todo o processo será nulo, ao passo que, em havendo o reconhecimento da segunda (ilegitimidade *ad processum*), será possível o saneamento dos atos já praticados, desde que devidamente ratificados (art. 568 do CPP).

Essas exceções, como todas as outras, serão processadas em autos apartados e **não suspenderão, em regra, o andamento da ação penal** (art. 111 do CPP).

Ademais, registre-se que a litispendência, a ilegitimidade de parte e a coisa julgada podem ser reconhecidas de ofício pelo juiz, por se tratarem de matérias de ordem pública.

Quanto à **matéria recursal**, há de se salientar que a decisão que rejeita a exceção de litispendência é irrecorrível, podendo ser atacada apenas por *habeas corpus*, ao passo que a decisão que acolhe esta exceção, devidamente oferecida pela parte, deve ser combatida por meio de recurso em sentido estrito (art. 581, inciso III, do CPP). Se, porém, a litispendência for reconhecida de ofício pelo juiz, o recurso cabível é o de apelação (art. 593, inciso II, do CPP).

A decisão que acolhe a exceção de ilegitimidade de parte pode ser combatida por meio do recurso em sentido estrito (art. 581, inciso III, do CPP). No entanto, não há recurso previsto para atacar o não acolhimento desta exceção ou ainda o reconhecimento da ilegitimidade de parte de ofício pelo juiz, sendo autorizado, porém, o manejo do *habeas corpus* ou do mandado de segurança em matéria criminal, a depender do direito em jogo, bem como inserir tal matéria como preliminar do recurso de apelação.

Por fim, a decisão que acolhe a exceção de coisa julgada (*exceptio rei judicatae*) pode ser combatida pelo recurso em sentido estrito (art. 581, inciso III, do CPP). Se, no entanto, a coisa julgada for reconhecida de ofício pelo juiz, o recurso cabível é o de apelação (art. 593, inciso II, do CPP). E se a exceção de coisa julgada não for acolhida, não há recurso previsto em lei, autorizando-se, porém, o oferecimento de *habeas corpus*, bem como a arguição desta matéria como preliminar do recurso de apelação.

3. INCOMPATIBILIDADES E IMPEDIMENTOS (ART. 112 CPP)

A incompatibilidade não se confunde com a suspeição e com o impedimento. Nos dizeres de Marcellus Polastri Lima, "enquanto a suspeição advém do vínculo ou relação do juiz com as partes do processo, o impedimento revela o interesse do juiz em relação ao objeto da demanda, e a incompatibilidade, via de regra, encontra guarida nas Leis de Organização Judiciária, e suas causas estão amparadas em razões de conveniência" (LIMA, 2009, p. 318).

Em reforço, Eugênio Pacelli de Oliveira leciona que enquanto "os casos de suspeição e de impedimento têm previsão expressa no Código de Processo Penal, as *incompatibilidades* previstas no art. 112 do CPP compreenderão todas as demais situações que possam

interferir na imparcialidade do julgador e que não estejam arroladas entre as hipóteses de uma e outra. É o que ocorre, por exemplo, em relação às razões de *foro íntimo*, não previstas na casuística da lei, mas suficientes para afetar a imparcialidade do julgador" (OLIVEIRA, 2008, p. 260). Relembre-se que as causas de impedimento estão previstas no art. 252 do CPP e as de suspeição no art. 254 do CPP.

A respeito da incompatibilidade e do impedimento, o art. 112 do CPP assevera que o juiz, o órgão do Ministério Público, os serventuários ou funcionários de justiça e os peritos ou intérpretes têm o dever de declarar a sua incompatibilidade ou impedimento legal, abstendo-se de servir no processo. Porém, se não se der a abstenção por aqueles sujeitos, a incompatibilidade ou o impedimento poderá ser arguido pelas partes, seguindo-se o processo conforme o procedimento previsto para a exceção de suspeição.

Saliente-se ainda que, contra a decisão judicial que não reconhece a incompatibilidade ou o impedimento, não há recurso previsto em lei, podendo ser oferecido, porém, o *habeas corpus* ou o mandado de segurança em matéria criminal, a depender do direito que esteja em jogo.

4. CONFLITO DE JURISDIÇÃO (ARTS. 113 A 117 CPP)

Em verdade, quando o Código de Processo Penal se refere ao conflito de jurisdição está querendo fazer menção ao **conflito de competência**.

A respeito deste tema, o art. 113 do CPP afirma que as questões atinentes à competência resolver-se-ão não só pela exceção de incompetência, mas também pelo conflito de jurisdição (conflito de competência). Esse conflito pode ser tanto **positivo** (quando dois ou mais órgãos jurisdicionais afirmam a sua competência para julgar determinado caso) como **negativo** (quando dois ou mais órgãos jurisdicionais negam a sua competência para julgar determinado caso).

O art. 114 do CPP deixa ainda mais claro quando haverá conflito de jurisdição: I - quando duas ou mais autoridades judiciárias se considerem competentes (conflito positivo) ou incompetentes (conflito negativo) para conhecer do mesmo fato criminoso; II - quando entre elas surgir controvérsia sobre unidade de juízo, junção ou separação de processos (em decorrência de conexão e continência).

Há **legitimidade** para suscitar o conflito da **parte interessada (o que deve incluir o assistente de acusação), dos órgãos do**

Ministério Público junto a qualquer dos juízos em dissídio e de qualquer dos juízes ou tribunais em causa (art. 115 do CPP).

O conflito deve ser suscitado **perante o tribunal competente para julgá-lo. A forma de suscitar tal conflito é sempre escrita,** ganhando o nome de **representação se oferecida por juízes e tribunais** e de **requerimento se interposta pela parte interessada** (art. 116, *caput*, do CPP). Juntamente com a petição escrita, que deve expor de modo circunstanciado os fundamentos da causa, o interessado apresentará os documentos probatórios. No tribunal, deve ser seguido o procedimento previsto no art. 116 do CPP.

O acórdão emitido pelo tribunal que decidir o conflito de competência poderá permitir o manejo do *habeas corpus* ou do mandado de segurança em matéria criminal, a depender da natureza do direito que esteja em jogo, ou ainda do recurso especial ou do recurso extraordinário, se presentes as hipóteses constitucionais de cabimento.

Ademais, frise-se que o STF tem o poder de avocar para si o julgamento de uma causa em relação a qual possui competência para julgar, quando ela for interposta indevidamente perante juízes ou tribunais inferiores (art. 117 do CPP), o que acaba se estendendo também para o STJ (NUCCI, 2008, p. 308).

▸ Aplicação no STJ:

A respeito do conflito de jurisdição, o STJ editou as **Súmulas de números 22 e 59**, com os seguintes verbetes: *"Não há conflito de competência entre o Tribunal de Justiça e Tribunal de Alçada do mesmo Estado-membro"* (Súmula nº 22, sendo que o art. 4º da Emenda Constitucional nº 45/04 extinguiu os Tribunais de Alçada); *"Não há conflito de competência se já existe sentença com trânsito em julgado, proferida por um dos juízos conflitantes"* (Súmula nº 59).

▸ Súmulas de números 348 e 428 do STJ:

O STJ entendia, na sua Súmula nº 348, que *"Compete ao Superior Tribunal de Justiça decidir os conflitos de competência entre juizado especial federal e juízo federal, ainda que da mesma seção judiciária"*. No entanto, essa Súmula foi **parcialmente mitigada pelo STF no julgamento do RE nº 590409/RS**, que decidiu que ela somente continua sendo válida para os conflitos de competência entre juizado especial federal e juízo federal vinculados a Tribunais Regionais Federais diversos, pois, na hipótese de conflitos de competência entre juizado federal especial e juízo federal vinculados ao mesmo Tribunal Regional Federal, será este último o órgão competente para dirimi-los. Nesse sentido, **o STJ acabou cancelando a Súmula nº 348 e editando a Súmula nº 428**, que possui o

seguinte enunciado: *"Compete ao Tribunal Regional Federal decidir os conflitos de competência entre juizado especial federal e juízo federal da mesma seção judiciária".*

▸ **Conflito de atribuições:**

O conflito de jurisdição (competência) envolve necessariamente dois órgãos do Poder Judiciário, como dois juízes, por exemplo. Diferente ocorre com o chamado conflito de atribuições, que é aquele "existente entre autoridades administrativas ou entre estas e autoridades judiciárias" (NUCCI, 2008, p. 298), a exemplo do conflito estabelecido entre dois promotores de justiça. Como é sabido, antes de se iniciar a ação penal, com o oferecimento da denúncia, não se pode falar em conflito de competência ou de jurisdição, mas tão somente em conflito entre membros do Ministério Público, a ser dirimido pelo Procurador-Geral de Justiça, no âmbito do MP estadual, ou pelas Câmaras de Coordenação e Revisão Criminal, no âmbito do MPF (art. 62, VII, da Lei Complementar nº 75/93). Contudo, sem dúvida alguma, a hipótese mais destacada pela doutrina de conflito de atribuições se dá no **conflito entre membros do Ministério Público Federal e do Ministério Público do Estado ou entre membros de Ministérios Públicos dos Estados. Historicamente, o STF sempre entendeu que esse conflito deveria ser resolvido pelo próprio Pretório Excelso,** com base no art. 102, inciso I, alínea "f", da Constituição Federal, por se tratar de verdadeiro conflito entre a União e Estado ou entre Estados (Pet. 3631/SP, Pleno, Rel. Min. Cezar Peluso, DJ 7/3/2008, p. 245). Não se aplicaria aqui, portanto, a previsão contida no art. 105, inciso I, alínea "g", da Constituição Federal, que determina a competência do STJ para dirimir conflitos de atribuições entre autoridades administrativas e judiciárias da União, ou entre autoridades judiciárias de um Estado e administrativas de outro ou do Distrito Federal, ou entre as deste e da União. Era esse também o entendimento do STJ (CAt. 163/ES, 1ª Seção, Rel. Des. Fed. Conv. Carlos Fernando Mathias, DJ 23/6/2008). No entanto, mais recentemente, o STF mudou o seu posicionamento, passando a entender que o conflito de atribuições entre membros do Ministério Público Federal e do Ministério Público do Estado deve ser dirimido pelo **Procurador-Geral da República** (Informativo nº 826) por ser ele o chefe do Ministério Público da União. Embora o STF não tenha apreciado neste recente julgamento matéria atinente a conflito de atribuições entre membros de Ministérios Públicos estaduais distintos, a tendência é que o teor daquele acórdão também se estenda a esse tipo de conflito. O novo posicionamento do STF é suscetível de críticas, afinal de contas não há qualquer hierarquia entre o Ministério Público Federal e o Ministério Público Estadual. Situação ainda mais inusitada envolveria o julgamento do conflito entre membros de Ministérios Públicos estaduais diferentes por profissional absolutamente estranho a estas instituições (Procurador-Geral da República). Por conta disso, talvez o posicionamento

anterior do STF fosse mais acertado tecnicamente do que atual. A título de sugestão, o Conselho Nacional do Ministério Público poderia ser o órgão escolhido para assumir a função de dirimir conflito dessa natureza.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública da União, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado justamente qual seria o órgão jurisdicional competente para o julgamento de conflito de atribuições entre membro do Ministério Público Federal e membro do Ministério Público do Estado (o STF). Nesse sentido, a assertiva *"Na fase pré-processual, havendo conflito de atribuições entre membros do Ministério Público Federal e do Ministério Público do estado, ele deve ser solucionado pelo Superior Tribunal de Justiça, seguindo-se a mesma sistemática constitucionalmente delineada para resolução de conflito de competência entre juízes vinculados a tribunais diversos. Idêntico procedimento é adotado quando do arquivamento de inquérito policial por juiz materialmente incompetente"* (assertiva destacada). A assertiva foi considerada incorreta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, voltou a ser cobrada a competência do STF para o julgamento do conflito de atribuições entre membros de Ministérios Públicos de Estados diferentes da Federação, nos termos a seguir expostos:

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, voltou a ser cobrada a competência do STF para o julgamento do conflito de atribuições entre membros de Ministérios Públicos de Estados diferentes da Federação, nos termos a seguir expostos: *"Assinale a alternativa que, CORRETAMENTE, completa a lacuna existente na afirmativa abaixo: Compete ao _____ dirimir conflito de atribuições entre Ministérios Públicos de dois diferentes Estados da Federação que, diante de inquérito policial já relatado, entendem pertencer ao outro a atribuição para nele funcionar. a) - Conselho Nacional do Ministério Público. b) - Supremo Tribunal Federal. c) - Procurador-Geral da República. d) - Superior Tribunal de Justiça."*. A alternativa correta é a letra B.

5. RESTITUIÇÃO DAS COISAS APREENDIDAS (ARTS. 118 A 124 CPP)

Com relação às coisas apreendidas durante a fase investigatória ou até mesmo judicial para facilitar o esclarecimento do crime e de sua autoria, vale a regra geral de que, antes de transitar em julgado a sentença final, elas não poderão ser restituídas enquanto

interessarem ao processo (art. 118 do CPP). Entretanto, os bens que serão perdidos em favor da União por efeito da condenação (art. 91, inciso II, do Código Penal) não poderão ser restituídos, mesmo depois de transitar em julgado a sentença final, salvo se pertencerem ao lesado ou a terceiro de boa fé (art. 119 do CPP).

A restituição, quando cabível, poderá ser **determinada pela própria autoridade policial ou pelo juiz**, mediante termo nos autos. Nesse sentido, para que seja possível a restituição de coisas apreendidas, é necessário **não existir dúvida quanto ao direito do reclamante** (art. 120, *caput*, do CPP).

Se, porém, **esse direito for duvidoso**, deve ser autuado em apartado um pedido de restituição, conferindo-se ao requerente o prazo de 5 (cinco) dias para a prova. Nesse incidente, **apenas o juiz criminal poderá autorizar a restituição** (art. 120, § 1º, do CPP). O mesmo incidente ocorrerá - e também **apenas o juiz criminal decidirá - se as coisas forem apreendidas em poder de terceiro de boa fé**, que será intimado para alegar e provar o seu direito, em prazo igual e sucessivo ao do reclamante, tendo um e outro 2 (dois) dias para arrazoar (art. 120, § 2º, do CPP). Acerca do pedido de restituição, em qualquer caso, é **obrigatória a oitiva do Ministério Público** (art. 120, § 3º, do CPP).

Em havendo dúvida sobre quem seja o verdadeiro dono, o juiz remeterá as partes para o juízo cível, ordenando o depósito das coisas em mãos de depositário ou do próprio terceiro que as detinha, se for pessoa idônea (art. 120, § 4º, do CPP). Conforme o art. 120, § 5º, do CPP, tratando-se de coisas facilmente deterioráveis, serão avaliadas e levadas a leilão público, depositando-se o dinheiro apurado, ou entregues ao terceiro que as detinha, se este for pessoa idônea e assinar termo de responsabilidade.

No que tange à coisa adquirida com os proventos da infração, ela será avaliada e vendida em leilão público, após o transito em julgado da sentença condenatória, recolhendo-se ao Tesouro Nacional o que não couber ao lesado ou a terceiro de boa fé (arts. 121 e 133 do CPP). Exatamente o mesmo destino terá a coisa apreendida, lícita ou ilícita, se a parte interessada em sua devolução não requerer a sua restituição até o prazo de 90 (noventa) dias após transitar em julgado a sentença condenatória (art. 122 do CPP). Situação semelhante é também descrita no art. 123 do CPP, que merece ser lido.

Registre-se que os instrumentos do crime, cuja perda em favor da União foi decretada, e as coisas confiscadas, de acordo com o art. 91, inciso II, alíneas "a" e "b", do Código Penal, serão inutilizados ou recolhidos a museu criminal, se houver interesse na sua conservação (art. 124 do CPP).

Os produtos que utilizem a suástica, no caso de crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, serão confiscados, nos termos do art. 20 da Lei nº 7.716/89. Já na hipótese de crime de reprodução de obra com violação de direito autoral (art. 184, §§ 1º a 3º, do Código Penal, e art. 530-G do CPP), o juiz determina, na sentença, a destruição dos bens ilicitamente produzidos ou reproduzidos, assim como o perdimento em favor da Fazenda Nacional dos equipamentos apreendidos que se destinem à prática do ilícito (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 272).

Por fim, frise-se que contra a decisão referente ao pedido de restituição caberá recurso de **apelação**, sendo possível ainda o oferecimento de **mandado de segurança** (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 272).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público de Minas Gerais, em 2013, questionou-se acerca da restituição das coisas apreendidas, a saber: *"Assinale a alternativa* **FALSA**: *A) Insatisfeita a parte com a solução do incidente de restituição, ela deverá procurar o juízo cível para provar o seu direito. B) Duvidoso ou não o direito existente sobre o objeto apreendido, haverá a prévia manifestação do Ministério Público. C) Independentemente do direito do possuidor, deixarão de ser devolvidos os instrumentos do crime cujo porte constitua crime por si. D) A coisa apreendida em decorrência da prática criminosa pode ser devolvida ao proprietário pela autoridade policial ou pelo juiz"*. A resposta da questão foi a letra A.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador da República do Ministério Público Federal, em 2013, questionou-se acerca do recurso cabível da decisão de restituição de coisas apreendidas, que é o recurso de apelação: *"Assinale a alternativa incorreta: a) A Lei n. 9.034/95 admite escuta ambiental, autorizada judicialmente, no interior de residências, quando infrações penais investigadas tiverem sido cometidas por organizações criminosas. A prova obtida, neste caso, não ofende a inviolabilidade do domicílio; b) Segundo ordenamento jurídico vigente, o inquérito policial não é o único procedimento de investigação criminal. O Ministério Público também reali-*

za a investigação criminal; c) A restituição de coisa apreendida é medida cautelar de natureza patrimonial. Recurso contra indeferimento do pedido é o recurso em sentido estrito, pois a decisão é interlocutória; d) A prisão administrativa não foi recepcionada pela Constituição. A prisão em flagrante deve ser comunicada imediatamente ao juiz competente, que a relaxará, se não for legal. O auto de prisão em flagrante deve ser encaminhado, também, ao Procurador da República que oficiar junto ao Juízo competente, em 24 horas.". A resposta da questão foi a letra C.

6. MEDIDAS ASSECURATÓRIAS (ARTS. 125 A 144 CPP)

As medidas assecuratórias "são as providências tomadas, no processo criminal, para garantir futura indenização ou reparação à vítima da infração penal, pagamento das despesas processuais ou penas pecuniárias ao Estado ou mesmo evitar que o acusado obtenha lucro com a prática criminosa" (NUCCI, 2008, p. 314). Há 3 (três) espécies de medidas assecuratórias: o sequestro, a hipoteca legal e o arresto.

6.1. Sequestro (arts. 125 a 133 CPP)

O sequestro consiste em "reter os bens imóveis e móveis do indiciado ou acusado, ainda que em poder de terceiros, quando adquiridos com o proveito da infração penal, para que deles não se desfaça, durante o curso da ação penal, a fim de se viabilizar a indenização da vítima ou impossibilitar ao agente que tenha lucro com a atividade criminosa" (NUCCI, 2008, p. 314). Nesse sentido é o art. 125 do CPP, que estatui que caberá o **sequestro dos bens imóveis**, adquiridos pelo indiciado com proventos da infração, ainda que já tenham sido transferidos a terceiro.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SC, em 2009, foi cobrado o conceito de sequestro. Nesse sentido, a assertiva *"O sequestro é medida assecuratória que pode recair sobre os bens imóveis adquiridos pelo indiciado com os proventos da infração, salvo se tenham sido transferidos a terceiros de boa-fé"* (destacada) foi considerada incorreta.

Para a decretação do sequestro, bastará a existência de **indícios veementes da proveniência ilícita dos bens**, não se exigindo prova cabal e inequívoca a esse respeito (art. 126 do CPP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SC, em 2010, foram cobrados os requisitos para que fosse decretado o sequestro, de acordo com o CPP. Nesse sentido, a assertiva *"Para a decretação do seqüestro de bens imóveis, na forma do Código de Processo Penal, é preciso prova da materialidade do crime e da ilicitude dos bens constritados"* (destacada) foi considerada incorreta.

O sequestro só pode ser determinado pelo **juiz**, seja de ofício, seja a requerimento do Ministério Público ou do ofendido, ou ainda mediante representação da autoridade policial. Ele pode ser decretado na fase do **inquérito policial ou ao longo da ação penal** (art. 127 do CPP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado de Polícia do Estado de Goiás, em 2013, UEG, cobrou-se exatamente o teor do art. 127 do CPP:

"Sobre as medidas assecuratórias, tem-se que, segundo o Código de Processo Penal: a) são instrumentos processuais cuja finalidade é, cumulativa e exclusivamente, garantir o pagamento das despesas processuais, assegurar o pagamento da pena de multa e ressarcir o acusado em caso de absolvição ou anulação do processo. b) o arresto prévio à hipoteca legal é medida assecuratória que incide sobre os bens móveis e imóveis adquiridos com proventos da prática criminosa, ou seja, sobre os lucros obtidos de forma indireta pelo crime. c) o sequestro se presta a salvaguardar possível ressarcimento em face da prática do crime, enquanto a hipoteca legal visa, tão somente, a evitar que o bem móvel produto ou provento da prática do crime pereça antes de solvida a discussão da causa. d) o juiz, de ofício, a requerimento do Ministério Público ou do ofendido, ou mediante representação da autoridade policial, poderá ordenar o sequestro em qualquer fase do processo ou ainda antes de oferecida a denúncia ou queixa.". A resposta da questão foi a letra D.

Efetivada tal medida assecuratória, o juiz ordenará a sua inscrição no Registro de Imóveis (art. 128 do CPP). O sequestro deverá ser autuado em apartado e admite embargos de terceiro (art. 129 do CPP). Pode também ser embargado pelo acusado, sob o fundamento de não terem os bens sido adquiridos com os proventos da infração (art. 130, inciso I, do CPP), ou pelo terceiro, a quem houverem os bens sido transferidos a título oneroso, sob o fundamento de tê-los adquirido de boa-fé (art. 130, inciso II, do CPP). Nesses embargos, porém, não poderá ser pronunciada decisão antes de passar em julgado a sentença condenatória (art. 130, parágrafo único, do CPP).

O art. 131 do CPP apresenta as hipóteses em que o sequestro poderá ser levantado:

> *Art. 131. O sequestro será levantado:*
>
> *I - se a ação penal não for intentada no prazo de sessenta dias, contado da data em que ficar concluída a diligência;*
>
> *II - se o terceiro, a quem tiverem sido transferidos os bens, prestar caução que assegure a aplicação do disposto no art. 74, II, b, segunda parte, do Código Penal;*
>
> *III - se for julgada extinta a punibilidade ou absolvido o réu, por sentença transitada em julgado.*

Caberá o **sequestro de bens móveis** apenas se não couber a medida de busca e apreensão prevista no art. 240 do CPP (art. 132 do CPP), ou seja, quando tais bens "não forem **produto direto do crime**, mas sim **proventos** do mesmo" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 274). Para o sequestro de bens móveis é aplicado, no que for compatível, o regramento do sequestro de bens imóveis.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, dentre outros aspectos relevantes das medidas assecuratórias, foi questionada justamente a possibilidade de efetivação de sequestro de bens móveis, a saber: *"Sobre as medidas assecuratórias, assinale a alternativa INCORRETA: a) - A hipoteca legal sobre os imóveis do indiciado poderá ser requerida pelo ofendido em qualquer fase do processo, desde que haja certeza da infração e indícios suficientes da autoria. b) - Caberá ao Ministério Público promover a hipoteca legal e o arresto se o ofendido for pobre e o requerer. c) - A medida assecuratória de sequestro não é cabível em bens móveis. d) - O juiz determinará a alienação antecipada dos bens quando houver dificuldade para sua manutenção."*. A alternativa incorreta é a letra C.

O art. 133 do CPP determina que, transitada em julgado a sentença condenatória, o juiz, de ofício ou a requerimento do interessado, determinará a avaliação e a venda dos bens em leilão público, sendo que, do dinheiro apurado, será recolhido ao Tesouro Nacional o que não couber ao lesado ou a terceiro de boa-fé.

Finalmente, ressalte-se que cabe o recurso de **apelação** contra a decisão que nega ou concede a medida de sequestro (art. 593, inciso II, do CPP).

6.2. Hipoteca legal (arts. 134 e 135 CPP)

A hipoteca legal é a medida que visa "assegurar a indenização do ofendido pela prática do crime, bem como ao pagamento das custas e despesas processuais" (NUCCI, 2008, p. 319). Não se trata de confisco, "nem se destina o apurado pela eventual venda do imóvel à União" (NUCCI, 2008, p. 319). É, portanto, uma "medida cautelar, prevista em lei, não dependente de requerimento para existir, cujo procedimento para sua utilização depende de especialização, logo, sujeito ao pedido da parte interessada, podendo ser o imóvel *seqüestrado* [...] desde logo, para garantir que a própria especialização tenha sucesso" (NUCCI, 2008, p. 319).

Nesse contexto, é de se relembrar que o art. 91, inciso I, do Código Penal determina que é efeito da condenação tornar certa a obrigação de indenizar o dano causado pelo crime. Além disso, o Código Civil, no seu art. 1.489, inciso III, assevera que a lei confere hipoteca ao ofendido, ou aos seus herdeiros, sobre os imóveis do delinquente, para satisfação do dano causado pelo delito e pagamento das despesas judiciais. E, na dicção do art. 140 do CPP, as garantias do ressarcimento do dano alcançarão também as despesas processuais e as penas pecuniárias, tendo preferência sobre estas a reparação do dano ao ofendido.

A especialização da hipoteca legal recai sobre **bens imóveis de origem lícita**. Nesse sentido, nos termos do art. 134 do CPP, a hipoteca legal sobre os imóveis do indiciado poderá ser requerida pelo **ofendido** em qualquer fase do processo, desde que haja **certeza da infração e indícios suficientes da autoria**. Embora a redação deste dispositivo legal seja confusa (ora fala em indiciado, ora em processo), entende-se que somente é possível essa medida assecuratória **na fase do processo**, não tendo cabimento, pois, na fase de inquérito policial. Nesse sentido, Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 275) e Norberto Avena (AVENA, 2009, p. 338).

Ademais, não obstante o art. 134 do CPP só mencionar o ofendido como legitimado a requerer a medida em comento, certo é que também poderá fazê-lo o seu representante legal ou seus herdeiros, ou ainda o Ministério Público, se houver interesse da Fazenda Pública (recebimento de multa ou custas) ou se o ofendido for pobre e o requerer (art. 142 do CPP). Quanto à legitimidade do Ministério Público, porém, é preciso ponderar que ela somente existe, em caso de ofendido pobre, se no local não houver Defensoria Pública devidamente estruturada (inconstitucionalidade progressiva

do dispositivo legal). Além disso, o *Parquet* não poderá mais atuar em prol do interesse da Fazenda Pública, considerando que cada ente federativo possui o seu próprio órgão de advocacia pública, assim como a Constituição Federal, no seu art. 129, inciso IX, vedou que a instituição exercesse a representação judicial e a consultoria jurídica de entidades públicas.

O art. 135 do CPP, por sua vez, evidencia o procedimento que deve ser seguido para especialização da hipoteca, merecendo ser lido na íntegra. Destaque para os §§ 3º e 4º, os quais, de acordo com o STF, revelam a existência de um **poder geral de cautela**, segundo o qual é possível por parte do juiz a suplementação, de ofício, de medidas cautelares (e as medidas assecuratórias são medidas cautelares patrimoniais) não requeridas pelo Ministério Público (Informativo nº 708).

O processo de especialização da hipoteca correrá em auto apartado (art. 138 do CPP). A especialização da hipoteca legal será cancelada se, por sentença irrecorrível, o réu for absolvido ou julgada extinta a punibilidade (art. 141 do CPP). Noutro giro, passando em julgado a sentença condenatória, serão os autos de hipoteca remetidos ao juiz cível (art. 143 do CPP).

Em arremate, contra a decisão que concede ou nega a especialização da hipoteca legal caberá o recurso de **apelação** (art. 593, inciso II, do CPP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça de Pernambuco, em 2013, promovido pela Fundação Carlos Chagas, questionou-se acerca das medidas assecuratórias e, em especial, da hipoteca legal, da seguinte forma: "*Quanto às medidas assecuratórias, de acordo com o Código de Processo Penal, é correto afirmar: A) A hipoteca legal sobre os imóveis do indiciado poderá ser requerida pelo ofendido em qualquer fase do processo, desde que haja certeza da infração e indícios suficientes da autoria. B) O sequestro poderá ser embargado pelo Ministério Público. C) Se o réu oferecer caução suficiente, em dinheiro ou em títulos da dívida pública, pelo valor de sua cotação em Bolsa, o juiz poderá mandar deixar de proceder ao sequestro de bem imóvel. D) Em caso de alienação antecipada, não alcançado o valor estipulado pela administração judicial, será realizado novo leilão, podendo os bens ser alienados por valor não inferior a 75% do estipulado na avaliação judicial. E) A especialização da hipoteca e o arresto correrão nos próprios autos do inquérito ou ação penal.*". A resposta da questão foi a letra A.

6.3. Arresto (arts. 136 a 144 CPP)

Arresto é a medida que visa tornar indisponível **bem de origem lícita** (no que difere do sequestro), para garantia de futura indenização ao ofendido ou ao Estado. É medida altamente salutar, pois "o procedimento de especialização de hipoteca legal pode demorar, razão pela qual se torna, de antemão, indisponível o bem (ou os bens imóveis), até que seja feita a inscrição do que for cabível no Registro de Imóveis" (NUCCI, 2008, p. 321).

Aliás, tanto na especialização da hipoteca legal como no arresto, as garantias obtidas alcançarão também as despesas processuais e as penas pecuniárias, tendo preferência sobre estas a reparação do dano ao ofendido, como preceitua o art. 140 do CPP.

Consoante o art. 136 do CPP, o **arresto do imóvel** poderá ser decretado de início, revogando-se, porém, se no prazo de 15 (quinze) dias não for promovido o processo de inscrição da hipoteca legal. É possível também o **arresto de bens móveis penhoráveis**, nos termos em que é facultada a hipoteca legal dos imóveis, se o responsável não possuir bens imóveis ou os possuir de valor insuficiente (art. 137, *caput*, do CPP) - nesse sentido, considera-se o **arresto de bens móveis uma medida residual** (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 278). Para bens móveis fungíveis, há de ser aplicado o disposto no § 1º do art. 137 do CPP, procedendo-se de acordo com o art. 120, § 5º, do CPP. Com relação às rendas dos bens móveis, poderão ser fornecidos recursos arbitrados pelo juiz, para a manutenção do indiciado e de sua família, com base no § 2º do art. 137 do CPP.

Tanto o processo de especialização da hipoteca como do arresto correrão em auto apartado (art. 138 do CPP). De outro lado, o arresto será levantado ou cancelada a hipoteca, se, por sentença irrecorrível, o réu for absolvido ou julgada extinta a punibilidade (art. 141 do CPP). Passando em julgado a sentença condenatória, serão os autos de hipoteca ou arresto remetidos ao juiz do cível (art. 63), conforme o art. 143 do CPP.

O Ministério Público tem a legitimidade para promover a especialização da hipoteca legal sobre bens imóveis e o arresto sobre bens móveis, se houver interesse da Fazenda Pública ou se o ofendido for pobre e o requerer (art. 142 do CPP). Quanto a esta legitimidade do Ministério Público, porém, é preciso ponderar que ela somente existe, em caso de ofendido pobre, se no local não houver

Defensoria Pública devidamente estruturada (inconstitucionalidade progressiva do dispositivo legal). Além disso, o *Parquet* não poderá mais atuar em prol do interesse da Fazenda Pública, considerando que cada ente federativo possui o seu próprio órgão de advocacia pública, assim como a Constituição Federal, no seu art. 129, inciso IX, vedou que a instituição exercesse a representação judicial e a consultoria jurídica de entidades públicas.

O art. 144 do CPP permite que os interessados ou, nos casos acima aludidos, o Ministério Público requeiram no juízo cível, contra o responsável civil (responsabilidade civil solidária), as medidas de especialização da hipoteca legal sobre bens imóveis e o arresto sobre bens móveis ou imóveis. O depósito e a administração dos bens arrestados ficarão sujeitos ao regime do processo civil (art. 139 do CPP).

Registre-se que o novel art. 144-A do CPP, *caput* e parágrafos 1º a 6º, com a redação dada pela Lei nº 12.694/12, passou a cuidar da possibilidade de o juiz determinar a alienação antecipada para preservação do valor dos bens que estiverem sujeitos a qualquer grau de deterioração ou depreciação, ou quando houver dificuldade para sua manutenção, merecendo ser lido na íntegra.

Aliás, aproveitando o ensejo, noticie-se que a referida Lei nº 12.694/12 alterou também o Código Penal, acrescentando os parágrafos 1º e 2º ao seu art. 91, os quais asseveram, respectivamente, que "Poderá ser decretada a perda de bens ou valores equivalentes ao produto ou proveito do crime quando estes não forem encontrados ou quando se localizarem no exterior" (§ 1º) e "Na hipótese do § 1º, as medidas assecuratórias previstas na legislação processual poderão abranger bens ou valores equivalentes do investigado ou acusado para posterior decretação de perda" (§ 2º).

Da decisão que concede ou denega o arresto **não cabe recurso**, sendo possível, porém, o manejo do **mandado de segurança em matéria criminal**.

▸ Medidas assecuratórias e legislação especial (Leis números 13.260/2016 e 13.344/2016):

A Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista, oferece relevantes regras sobre as medidas assecuratórias, em seus artigos 12 a 15, nos seguintes termos: *"Art. 12. O juiz, de ofício, a requerimento do Ministério Público ou mediante representação do delegado de polícia, ouvido o Ministério Público em*

vinte e quatro horas, havendo indícios suficientes de crime previsto nesta Lei, poderá decretar, no curso da investigação ou da ação penal, medidas assecuratórias de bens, direitos ou valores do investigado ou acusado, ou existentes em nome de interpostas pessoas, que sejam instrumento, produto ou proveito dos crimes previstos nesta Lei. § 1º Proceder-se-á à alienação antecipada para preservação do valor dos bens sempre que estiverem sujeitos a qualquer grau de deterioração ou depreciação, ou quando houver dificuldade para sua manutenção. § 2º O juiz determinará a liberação, total ou parcial, dos bens, direitos e valores quando comprovada a licitude de sua origem e destinação, mantendo-se a constrição dos bens, direitos e valores necessários e suficientes à reparação dos danos e ao pagamento de prestações pecuniárias, multas e custas decorrentes da infração penal. § 3º Nenhum pedido de liberação será conhecido sem o comparecimento pessoal do acusado ou de interposta pessoa a que se refere o caput *deste artigo, podendo o juiz determinar a prática de atos necessários à conservação de bens, direitos ou valores, sem prejuízo do disposto no § 1º. § 4º Poderão ser decretadas medidas assecuratórias sobre bens, direitos ou valores para reparação do dano decorrente da infração penal antecedente ou da prevista nesta Lei ou para pagamento de prestação pecuniária, multa e custas. Art. 13. Quando as circunstâncias o aconselharem, o juiz, ouvido o Ministério Público, nomeará pessoa física ou jurídica qualificada para a administração dos bens, direitos ou valores sujeitos a medidas assecuratórias, mediante termo de compromisso. Art. 14. A pessoa responsável pela administração dos bens: I - fará jus a uma remuneração, fixada pelo juiz, que será satisfeita preferencialmente com o produto dos bens objeto da administração; II - prestará, por determinação judicial, informações periódicas da situação dos bens sob sua administração, bem como explicações e detalhamentos sobre investimentos e reinvestimentos realizados. Parágrafo único. Os atos relativos à administração dos bens serão levados ao conhecimento do Ministério Público, que requererá o que entender cabível. Art. 15. O juiz determinará, na hipótese de existência de tratado ou convenção internacional e por solicitação de autoridade estrangeira competente, medidas assecuratórias sobre bens, direitos ou valores oriundos de crimes descritos nesta Lei praticados no estrangeiro. § 1º Aplica-se o disposto neste artigo, independentemente de tratado ou convenção internacional, quando houver reciprocidade do governo do país da autoridade solicitante. § 2º Na falta de tratado ou convenção, os bens, direitos ou valores sujeitos a medidas assecuratórias por solicitação de autoridade estrangeira competente ou os recursos provenientes da sua alienação serão repartidos entre o Estado requerente e o Brasil, na proporção de metade, ressalvado o direito do lesado ou de terceiro de boa-fé.".*

Por sua vez, a Lei nº 13.344, de 6 de outubro de 2016, dispondo sobre prevenção e repressão ao tráfico interno e internacional de pessoas e

sobre medidas de atenção às vítimas, também apresenta importante regramento acerca das medidas assecuratórias, ao asseverar em seu art. 8º o seguinte: "*Art. 8º O juiz, de ofício, a requerimento do Ministério Público ou mediante representação do delegado de polícia, ouvido o Ministério Público, havendo indícios suficientes de infração penal, poderá decretar medidas assecuratórias relacionadas a bens, direitos ou valores pertencentes ao investigado ou acusado, ou existentes em nome de interpostas pessoas, que sejam instrumento, produto ou proveito do crime de tráfico de pessoas, procedendo-se na forma dos arts. 125 a 144-A do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal). § 1º Proceder-se-á à alienação antecipada para preservação do valor dos bens sempre que estiverem sujeitos a qualquer grau de deterioração ou depreciação, ou quando houver dificuldade para sua manutenção. § 2º O juiz determinará a liberação total ou parcial dos bens, direitos e valores quando comprovada a licitude de sua origem, mantendo-se a constrição dos bens, direitos e valores necessários e suficientes à reparação dos danos e ao pagamento de prestações pecuniárias, multas e custas decorrentes da infração penal. § 3º Nenhum pedido de liberação será conhecido sem o comparecimento pessoal do acusado ou investigado, ou de interposta pessoa a que se refere o caput, podendo o juiz determinar a prática de atos necessários à conservação de bens, direitos ou valores, sem prejuízo do disposto no § 1º. § 4º Ao proferir a sentença de mérito, o juiz decidirá sobre o perdimento do produto, bem ou valor apreendido, sequestrado ou declarado indisponível.*".

7. INCIDENTE DE FALSIDADE (ARTS. 145 A 148 CPP)

Trata-se de incidente "voltado à constatação da autenticidade de um documento, inclusive os produzidos eletronicamente (art. 11, *caput* e § 2º, Lei 11.419/2006), inseridos nos autos do processo criminal principal, sobre o qual há controvérsia" (NUCCI, 2008, p. 327).

A instauração desse incidente deve ser requerida **por escrito** (art. 145, *caput*, do CPP). Podem requerer a instauração do incidente todas as partes que atuam no feito, a saber, o Ministério Público, o querelante, o assistente de acusação ou o acusado. Esse requerimento pode ser feito por **procurador, desde que possua poderes especiais** (art. 146 do CPP). É possível ainda que o reconhecimento da falsidade se dê **de ofício pelo juiz** (art. 147 do CPP). Uma vez instaurado o incidente, o juiz deve observar o procedimento previsto no art. 145 do CPP, que merece ser lido na íntegra. Em sendo reconhecida a falsidade, o documento deve ser retirado do processo, determinando o juiz o envio dos autos do incidente ao Ministério

Público para que possa adotar as providências cabíveis quanto a eventual conduta delitiva (arts. 40 e 145, inciso IV, do CPP). Qualquer que seja a decisão, **não fará coisa julgada em prejuízo de ulterior processo penal ou civil** (art. 148 do CPP).

▸ **Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?**

O STJ já decidiu que, embora não exista prazo definido em lei para que se possa requerer a instauração do incidente de falsidade documental previsto no art. 145 e seguintes do Código de Processo Penal, não há nulidade na decisão que indefere pedido de incidente de falsidade referente à prova juntada aos autos há mais de 10 anos e contra a qual a defesa se insurge somente após a prolação da sentença penal condenatória, uma vez que a pretensão está preclusa (Informativo nº 615).

Contra a decisão que decide o incidente de falsidade cabe **recurso em sentido estrito** (art. 581, inciso XVIII, do CPP), que, porém, **não possui efeito suspensivo** (art. 584 do CPP), devendo subir ao tribunal nos próprios autos do incidente.

8. INSANIDADE MENTAL DO ACUSADO (ARTS. 149 A 154 CPP)

Trata-se de procedimento "instaurado para apurar a inimputabilidade ou a semi-imputabilidade do acusado, levando-se em conta a sua capacidade de compreensão do ilícito ou de determinação de acordo com esse entendimento, à época da infração penal" (NUCCI, 2008, p. 330), ou seja, nos casos indicados no art. 26 do Código Penal.

Autoriza-se a instauração do procedimento **quando houver dúvida sobre a integridade mental do acusado** (art. 149, *caput*, do CPP). Essa instauração pode ser feita de ofício pelo juiz ou a requerimento do Ministério Público, do defensor, do curador, ascendente, descendente, irmão ou cônjuge do acusado (art. 149, *caput*, do CPP). É possível ainda a instauração **na fase do inquérito policial**, por meio de **representação da autoridade policial** ao juiz competente (art. 149, § 1º, do CPP).

O procedimento deve ser instaurado por meio de **portaria do juiz**. Uma vez instaurado tal procedimento, o juiz deverá nomear **curador** em favor do acusado. Além disso, determinará a **suspensão** do processo, se já iniciada a ação penal, salvo quanto às diligências que possam ser prejudicadas pelo adiamento (art. 149,

§ 2º, do CPP). Ressalte-se, porém, que **não haverá a suspensão ou interrupção do prazo prescricional**. Aliás, estas provas urgentes devem ser realizadas na presença do curador, "assegurando-se ao réu a possibilidade de reinquiri-las, assim que recobrar a sanidade" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 285).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso da Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, dentre outros aspectos relevantes das questões e processos incidentes, foi cobrado justamente o teor do art. 149, § 2º, do CPP, do seguinte modo: *"A respeito das questões e processos incidentes, assinale a alternativa INCORRETA. A) De acordo com o código de processo penal, a exceção de coisa julgada somente poderá ser oposta em relação ao fato principal que tiver sido objeto da sentença. B) Se em qualquer fase do processo o juiz reconhecer motivo que o torne incompetente, declará-lo-á nos autos, haja ou não alegação da parte. C) A instauração do incidente de insanidade mental do acusado não suspende o processo se já iniciada a ação penal. D) Somente à autoridade judicial compete decidir a respeito do pedido de restituição das coisas apreendidas em poder de terceiro de boa-fé."*. A alternativa correta é a letra C.

Na sequência, as partes vão ser intimadas para oferecer os **quesitos**. Segundo Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar, "na fase do inquérito o advogado do indiciado deve ser admitido a apresentar quesitos, mesmo ao reconhecimento que nesta etapa impera a inquisitoriedade" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 283), sendo que é o magistrado quem deve "determinar a intimação do advogado do suspeito para que apresente os quesitos que entender pertinentes" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 283). Logo após, o acusado será submetido a **exame médico-legal**. Ao final, o laudo pericial será juntados aos autos do incidente, que, por sua vez, serão apensados ao feito principal.

Para o efeito do exame, se o acusado estiver **preso**, será internado em **manicômio judiciário**, onde houver, ou, se estiver solto, e o requererem os peritos, em estabelecimento adequado que o juiz designar (art. 150, *caput*, do CPP).

O **prazo para realização do exame não pode superar 45 (quarenta e cinco) dias**, salvo se os peritos demonstrarem a necessidade de maior prazo (art. 150, § 1º, do CPP). Se não houver prejuízo

para a marcha do processo, o juiz poderá autorizar sejam os autos entregues aos peritos, para facilitar o exame (art. 150, § 2º, do CPP).

Se os peritos concluírem que o acusado era, ao tempo da infração, irresponsável, nos termos do art. 26 do Código Penal, o processo prosseguirá, com a presença do curador (se concluem que era imputável, o processo prossegue sem o curador).

Se, porém, se verificar que a doença mental sobreveio à infração o processo continuará suspenso até que o acusado se restabeleça, nomeando-se curador, podendo haver a prática de diligências que possam ser prejudicadas pelo adiamento (art. 152, *caput*, do CPP). Nessa situação, é possível que o juiz ordene a internação do acusado em manicômio judiciário ou em outro estabelecimento adequado (art. 152, § 1º, do CPP). Há aqui **crise de instância**, pois o processo somente poderá retomar o seu curso se o acusado restabelecer a sua higidez mental, ficando-lhe, porém, assegurada a faculdade de reinquirir as testemunhas que houverem prestado depoimento sem a sua presença (art. 152, § 2º, do CPP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Rondônia, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, dentre outros aspectos relevantes do processo penal, foi cobrada justamente a hipótese de crise de instância anteriormente apontada, nesses termos: "*Acerca do processo penal, assinale a opção correta. a) A sentença penal que reconhece não haver prova da existência do fato permite a absolvição do réu e faz coisa julgada no cível, impedindo a propositura de ação civil indenizatória. b) Quando, em incidente de insanidade mental do acusado, verificar-se que a doença mental sobreveio à infração, o processo penal deverá continuar suspenso até que o réu se restabeleça. c) A restituição de coisa apreendida em poder de terceiro de boa fé pode ser feita pela autoridade policial mediante a prova da propriedade. d) A arguição de falsidade documental e a de insanidade mental, quando feitas por procurador, exigem poderes especiais. e) A citação do acusado será feita por hora certa quando ele não for encontrado ou se ocultar para não ser citado*". A assertiva correta foi a de letra B.

O procedimento de insanidade mental processa-se sempre em auto apartado, que só depois da apresentação do laudo será apenso ao processo principal (art. 153 do CPP). Registre-se ainda que se a insanidade mental sobrevier no curso da execução da pena, observar-se-á o disposto ou no art. 41 do Código Penal

(**doença transitória**: o condenado deve ser transferido para o hospital penitenciário, sem alteração da sua pena) ou no art. 183 da Lei de Execução Penal (**doença permanente**: há conversão da pena em medida de segurança), a depender do caso.

Quanto à **matéria recursal**, entende-se que a decisão que determina a instauração do incidente em comento é irrecorrível, sendo possível, porém, o manejo do mandado de segurança em matéria criminal. Já para atacar a decisão que rejeita este incidente deve ser oferecido *habeas corpus*.

A doutrina vem sustentando que, em regra, **o agente não pode se recusar a se submeter ao incidente de insanidade mental**, "isto porque o expediente objetiva a detecção da higidez mental que irá refletir na postura a ser assumida em razão da sanção cabível, se pena, ou medida de segurança, não havendo contrariedade ao art. 5º, inc. LXIII, ao asseverar que ninguém pode ser obrigado a auto-incriminar-se" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 284). Somente em situações excepcionais, nas quais se constata manifesta ilegalidade, é que o agente poderá se recusar a se submeter ao incidente, recusa esta que estará agasalhada pelo oferecimento de mandado de segurança em matéria criminal. Contudo, não é esta a posição mais recente da jurisprudência. Assim, em decisão proferida em 06/09/2016 (Informativo nº 838), a 2ª Turma do STF decidiu que o incidente de insanidade mental é prova pericial constituída em favor da defesa, daí porque não é possível determiná-lo compulsoriamente na hipótese em que ela se oponha à sua realização. Nessa esteira, asseverou-se que, embora existissem nos autos indícios da inimputabilidade do réu, a defesa não solicitara a realização de exame pericial, motivo pelo qual aquele indivíduo não estaria obrigado a se submeter a esse exame.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLIX concurso do MP/MG, em 2010, foi cobrada a repercussão do exame de insanidade mental no processo penal, nesses termos:

"No curso do processo de rito ordinário, realizado o exame pericial para aferir a inimputabilidade do agente (exame de insanidade mental) e verificando-se que a doença mental sobreveio à data da consumação da infração penal versada nos autos, o Juiz de Direito ***DEVERÁ:*** *A) proferir decisão de absolvição sumária, quando essa for a única tese sustentada na defesa preliminar. B) deliberar que o processo prossiga com a presença do defensor e do curador acusado. C) determinar que o processo fique*

suspenso até que o acusado se restabeleça. D) remeter os autos ao Conselho Penitenciário para que seja emitido parecer quanto à inimputabilidade do agente. E) se o crime for de competência do Júri, pronunciará o acusado para que o Conselho de Sentença delibere quanto à inimputabilidade". A assertiva considerada correta foi a de letra C.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Defensor Público do Estado do Paraná, promovido pela Fundação Carlos Chagas, em 2017, foram cobrados aspectos relevantes do incidente de insanidade mental do acusado, conforme a seguir transcrito: *"Em relação à insanidade mental do acusado, (A) o rito de insanidade mental será processado nos autos principais. (B) o juiz nomeará curador ao acusado, quando determinar o exame, sem estabelecer a suspensão do processo, se já iniciada a ação penal. (C) o exame não poderá ser ordenado na fase do inquérito policial. (D) a suspensão processual continua até que o acusado se restabeleça, se a doença mental sobrevier à infração. (E) o exame não durará mais de trinta dias, salvo se os peritos demonstrarem a necessidade de maior prazo."*. A alternativa correta foi a letra D.

Capítulo XI

Prova

1. CONCEITO

Prova é todo meio de se demonstrar, evidenciar uma verdade. No caso particular do processo penal, a prova tem estreita ligação com o **princípio da busca da verdade real** (já analisado no capítulo 2 deste trabalho, para onde se remete o leitor), a exigir a obtenção da verdade dos fatos, a verdade do mundo real, diferente do que ocorre com o processo civil, em que se verifica a procura tão somente da verdade formal, a verdade dos autos.

Contudo, como é cediço, a verdade é sempre conceito relativo, o que impossibilita a reprodução, nos autos, da realidade dos fatos com absoluta fidelidade, daí porque o autêntico objetivo da prova é a busca da persuasão do juiz, permitindo que ele julgue sempre com base em uma **certeza**.

2. SISTEMAS DE AVALIAÇÃO DA PROVA (ART. 155 CPP)

Embora as partes sejam destinatárias indiretas da prova, certo é que o **magistrado é o seu destinatário direto**, pois, como já afirmado alhures, o principal objetivo da atividade probatória é a formação do convencimento do juiz.

A esse respeito, são encontrados 3 (três) sistemas de avaliação da prova por parte do magistrado, a saber:

1. **Íntima convicção ou livre convicção ou certeza moral do juiz:** Neste sistema, "há valoração livre ou [...] íntima convicção do magistrado, significando não haver necessidade de motivação para suas decisões" (NUCCI, 2008, p. 394). No Brasil, esse sistema é aplicado apenas no **Tribunal do Júri**, no qual os jurados não motivam o seu voto, até porque ele é sigiloso.

2. **Prova legal ou regras legais ou sistema tarifário ou certeza moral do legislador**: Nesse sistema, há "valoração taxada ou tarifada da prova, significando o preestabelecimento de um determinado valor para cada prova produzida no processo, fazendo com que o juiz fique adstrito ao critério fixado pelo legislador, bem como restringido na sua atividade de julgar" (NUCCI, 2008, p. 394). Atualmente, no Brasil, há resquício desse sistema no teor do **art. 158 do CPP**, que exige o exame de corpo de delito, direto ou indireto, para a formação da materialidade da infração penal que deixar vestígios, vedando a sua produção através da confissão (NUCCI, 2008, p. 394).

3. **Persuasão racional ou convencimento racional ou livre convencimento motivado ou apreciação fundamentada ou prova fundamentada**: É o sistema adotado no Brasil, por força do art. 93, inciso IX, da Constituição Federal, que exige a motivação de todas as decisões judiciais. Ele vem estampado expressamente no art. 155, *caput*, do CPP ("O juiz formará sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, não podendo fundamentar sua decisão exclusivamente nos elementos informativos colhidos na investigação, ressalvadas as provas cautelares, não repetíveis e antecipadas".).

Por meio desse sistema, permite-se que o juiz decida a causa "de acordo com seu livre convencimento, devendo, no entanto, cuidar de fundamentá-lo, nos autos, buscando persuadir as partes e a comunidade em abstrato" (NUCCI, 2008, p. 395). Para formação do seu convencimento, em regra, o juiz só pode se utilizar de **prova produzida ao longo do processo penal**, eis que ela estará submetida ao contraditório e à ampla defesa.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado do Espírito Santo, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada exatamente a redação do art. 155, *caput*, do CPP. Nesse sentido, a assertiva *"Marcelo recebeu sentença condenatória baseada, unicamente, em elementos coligidos na fase do inquérito. Nessa situação, a jurisprudência do STF reconhece a insubsistência do pronunciamento condenatório sob o fundamento de violação ao princípio do contraditório"* foi considerada correta.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador da República do Ministério Público Federal, em 2013, cobrou-se a aplicação do sistema do livre convencimento motivado, da seguinte forma: *"Assinale a alternativa correta. O livre convencimento motivado: a) é incompatível com as restrições em relação ao meio da obtenção da prova; b) é aplicável às decisões do juiz singular e aos jurados; c) é aplicável às decisões do juiz singular; d) não se confunde com persuasão racional"*. A resposta da questão foi a letra C.

Excepcionalmente, porém, é possível a utilização de provas produzidas no inquérito policial para a formação da convicção do magistrado, se tais provas forem **cautelares, não repetíveis e antecipadas** (art. 155, *caput*, do CPP). – são os **elementos migratórios no Processo Penal**, assim denominados porque eles migram da investigação para o processo penal, autorizando que o juiz os utilize em seu julgamento.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto/DF, promovido pelo Cespe, em 2016, questionou-se acerca do princípio do livre convencimento motivado, inclusive quanto às exceções previstas na parte final do art. 155, *caput*, do CPP, conforme consta a seguir: *"Acerca do princípio do livre convencimento do juiz, assinale a opção correta. A) Tendo formado sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, o juiz poderá proferir decisão baseada exclusivamente nas provas não repetíveis, mas não poderá fazê-lo em caso de provas antecipadas ou cautelares. B) O juiz deve formar sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, não podendo proferir decisão baseada exclusivamente nos elementos informativos colhidos na fase de investigação, tampouco nas provas cautelares, não repetíveis e antecipadas. C) Dada a previsão de que o juiz deve formar sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório, a prova produzida na fase de investigação poderá fundamentar a decisão do magistrado se a sua produção tiver sido acompanhada pelo advogado do réu, ou seja, poderá o juiz fundamentar sua decisão exclusivamente nos elementos informativos produzidos na fase de inquérito. D) Em decorrência do princípio do livre convencimento adotado pelo CPP, o juiz pode decidir de acordo com sua vivência acerca dos fatos, desde que sua decisão seja devidamente fundamentada. E) O juiz deve formar sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial, e poderá proferir decisão com base exclusivamente nas provas cautelares, não repetíveis e antecipadas."*. A assertiva correta foi a letra E.

Embora aparentemente as expressões sejam idênticas, há diferença entre provas cautelares, não repetíveis e antecipadas. As

provas cautelares são aquelas que, em razão da necessidade e urgência, devem ser praticadas, sob pena de que os elementos venham a ser perdidos. São exemplos a busca e apreensão domiciliar e a interceptação telefônica. Já as **provas não repetíveis** são aquelas que não podem ser reproduzidas durante a fase processual, por pura impossibilidade material. É o exemplo do exame de corpo de delito em um crime que deixa vestígios. Elas são produzidas de forma inquisitiva, mas serão submetidas a um **contraditório diferido ou postergado**, exercido ao longo da ação penal, quando as partes poderão impugná-las ou mesmo requerer a produção de contraprova, se possível for. As **provas antecipadas**, por sua vez, são aquelas produzidas em incidente pré-processual que tramita perante um magistrado, havendo a efetiva participação das futuras partes, motivo pelo qual são respeitados o contraditório e a ampla defesa, o que legitimará a utilização de tais provas na fase processual (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 329-330).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/MG, em 2009/2010, promovido pela Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes (EJEF), na Prova escrita, foi indagado ao candidato: *"O artigo 155 do Código de Processo Penal, na sua parte final, faz expressa ressalva em relação às provas cautelares, não repetíveis e antecipadas, que podem ser utilizadas na formação do convencimento do julgador, mesmo que no momento de sua produção não tenha sido observado o contraditório. Considerada a variação terminológica utilizada pelo legislador, explique, se há distinção entre as provas cautelares, não repetíveis e antecipadas, e em que consistem essas provas, apresentando exemplos que ilustrem a argumentação"*. A diferenciação entre as expressões foi feita nos parágrafos anteriores.

Além disso, toda prova lícita pode ser utilizada no processo penal, havendo apenas limitação quanto ao **estado das pessoas**, hipótese em que serão seguidas as restrições estabelecidas na lei civil (art. 155, parágrafo único, do CPP). Assim, por exemplo, um casamento somente pode ser provado mediante certidão de casamento, um nascimento pela certidão de nascimento e um óbito pela certidão de óbito. É com esse fundamento que o art. 62 do CPP assevera que, no caso de morte do acusado, o juiz somente à vista da certidão de óbito, e depois de ouvido o Ministério Público, declarará extinta a punibilidade. É ainda nessa esteira que o STJ editou a Súmula nº 74, que possui o seguinte verbete: "Para efeitos penais, o reconhecimento da menoridade do réu requer prova por documento hábil".

Noticie-se que o Código de Processo Civil de 2015 trouxe novidade a respeito do sistema de avaliação da prova adotado como regra geral no Brasil, suprimindo a expressão "livre" que acompanha o convencimento do juiz, nos termos do art. 371 ("O juiz apreciará a prova constante dos autos, independentemente do sujeito que a tiver promovido, e indicará na decisão as razões da formação de seu convencimento"). Essa novidade, por ser bem-vinda, deve repercutir na esfera processual penal, reforçando-se a ideia de que, embora o juiz tenha liberdade na apreciação da prova, ele encontra limites para fundamentar, não podendo a sua fundamentação estar alicerçada em argumentos que não encontram respaldo no ordenamento jurídico, daí porque, de fato, a sua liberdade é regrada.

3. ÔNUS DA PROVA, ATIVIDADE PROBATÓRIA DO JUIZ E GESTÃO DA PROVA (ART. 156 CPP)

Quanto ao ônus da prova, há de se salientar que, em regra, a prova da alegação incumbirá a quem a fizer (art. 156, *caput*, do CPP). Nesse sentido, em regra, por força do princípio da presunção de inocência, o **ônus é da acusação**. Assim, compete ao autor da ação penal a demonstração da autoria e da materialidade delitiva, do dolo ou culpa do agente e de circunstâncias que venham a exasperar a pena (qualificadoras, causas de aumento de pena e até mesmo agravantes, embora estas últimas possam ser reconhecidas de ofício pelo juiz, nos termos do art. 385 do CPP).

Excepcionalmente, é **ônus da defesa a prova da existência de excludentes de ilicitude e de culpabilidade**, embora seja possível absolvição do réu se simplesmente houver fundada dúvida acerca da existência de tais excludentes (art. 386, inciso VI, do CPP). **Também é ônus da defesa a prova de causas de extinção da punibilidade (art. 107 do CP) e de circunstâncias que mitiguem a pena.**

Esse sistema de **distribuição do ônus da prova** entre a acusação e a defesa é aquele que vem prevalecendo na doutrina e na jurisprudência do STJ (STJ, RHC nº 1330/RJ, 6ª Turma, Rel. Min. Luiz Vicente Cernicchiaro, DJ 9/9/1991, p. 12214).

▸ **Prova duplamente diabólica:**

A prova diabólica é aquela prova impossível ou excessivamente difícil de ser produzida, a exemplo da prova de fato negativo. Ela é vedada

expressamente pelo CPC (art. 373, parágrafo 2º) e, de forma implícita, pela regra de distribuição do ônus da prova prevista no art. 156, caput, CPP. Nesse contexto, a prova duplamente diabólica envolve situações em que a impossibilidade ou a dificuldade para a sua colheita atinge ambas as partes. São situações, pois, de inesclarecibilidade.

De outro lado, em proteção à busca da verdade real, a Lei nº 11.690/08, alterando a redação do art. 156 do CPP, permitiu que o juiz ordenasse, mesmo antes de iniciada a ação penal (ou seja, na fase de inquérito policial), a produção antecipada de provas consideradas urgentes e relevantes, observando a necessidade, adequação e proporcionalidade da medida (art. 156, inciso I, do CPP), bem como determinasse, no curso da instrução, ou antes de proferir sentença, a realização de diligências para dirimir dúvida sobre ponto relevante (art. 156, inciso II, do CPP).

No que tange ao teor do art. 156, inciso I, do CPP, não obstante não seja recomendável a atuação do juiz na fase do inquérito, participando ativamente da atividade de produção de provas, certo é que a intenção do legislador foi privilegiar o princípio da busca da verdade real, tendo o magistrado o papel de preservar as provas daquela natureza, sem que isso implique em violação da sua imparcialidade e do próprio sistema acusatório, embora haja respeitáveis posições em sentido contrário, a exemplo de Aury Lopes Jr., para quem o dispositivo legal em comento é inconstitucional, eis que consagrador da figura do "juiz-instrutor" (LOPES JR., 2010, p. 262).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), dentre outros aspectos relevantes das provas no processo penal, foi cobrado exatamente o teor do art. 156, I, CPP, da seguinte forma: "*No tocante à prova, o juiz a) formará sua convicção pela livre apreciação da produzida nos autos, sem qualquer restrição. b) poderá, de ofício, ordenar a produção antecipada de provas consideradas urgentes e relevantes, mas apenas depois de iniciada a ação penal. c) formará sua convicção pela livre apreciação da produzida em contraditório judicial, não podendo fundamentar sua decisão em provas cautelares, não repetíveis e antecipadas. d) observará a necessidade, adequação e proporcionalidade da produção antecipada de provas, mesmo antes de iniciada a ação penal. e) não poderá determinar, de ofício, no curso da instrução, a realização de diligências para dirimir dúvida sobre ponto relevante*". A resposta correta foi a letra D.

Com relação ao disposto no art. 156, inciso II, do CPP, é de se destacar que se o juiz não está satisfeito com as provas produzidas pelas partes, antes de decidir e eventualmente aplicar o princípio do *in dubio pro reo*, deverá determinar a realização de diligências para dirimir dúvida sobre ponto relevante da causa; apenas se, após a produção destas diligências, persistir alguma dúvida é que será possível a aplicação do princípio anteriormente mencionado.

Ainda quanto ao dispositivo legal em referência, tem-se que a atuação do magistrado não pode substituir atividade típica da acusação. Assim, por exemplo, se compete ao Ministério Público providenciar a juntada na ação penal por ele oferecida do exame de copo de delito em crimes que deixam vestígios, sob pena de nulidade (art. 564, III, "b", CPP), em não ocorrendo tal juntada, não está autorizado o julgador a determinar, de ofício, a produção deste exame. De outro lado, em proteção ao *favor rei* e pretendendo uma igualdade material (efetiva) entre as partes, a aplicação da norma em comento não encontra restrição na esfera de interesse da defesa: ainda que esta última não requeira a produção da prova, poderá o magistrado determinar de ofício a sua produção quando a mesma tiver o condão de favorecer o réu.

Como se vê, portanto, todos esses poderes instrutórios conferidos ao juiz pelo art. 156 do CPP, típicos de um sistema que procura privilegiar a busca da verdade real, como já se disse anteriormente, não podem permitir que o magistrado venha a substituir a atividade probatória das partes. Em verdade, a atividade do magistrado na produção de provas deve ser sempre **complementar**, afinal de contas o ônus da prova permanece nas mãos das partes, de acordo com a distribuição alhures apontada.

Exige-se do juiz sempre uma postura de imparcialidade, não podendo substituir as partes na atividade em apreço, sob pena de se tornar impedido (art. 252 do CPP) ou suspeito (art. 254, IV, do CPP). Caso, ao final do processo, a atividade probatória não permita que o juiz forme o seu convencimento a respeito da procedência das teses de uma ou outra parte, deverá absolver o réu, em atendimento ao princípio do *in dubio pro reo*.

▸ Síndrome de Dom Casmurro no Processo Penal/Quadro mental paranoico:

Em sua obra-prima "Dom Casmurro", Machado de Assis narra a história de Bentinho, que, casado com Capitu, passa a desconfiar que

sua esposa o traíra com o seu melhor amigo, Escobar. Conforme uma das múltiplas interpretações possíveis para este romance, tudo não teria passado de uma profunda crise de ciúme do protagonista, que teria criado uma paranoia e, a partir daí, procurado qualquer detalhe que confirmasse o seu prejulgamento. Pois bem, no Processo Penal, a Síndrome de Dom Casmurro refere-se à situação em que o juiz, sob o pretexto de estar em busca da verdade real, primeiro toma a sua decisão em seu íntimo e depois passa a adotar no processo comportamentos que visem confirmar esta sua convicção. Para tanto, pratica atos instrutórios de ofício, colocando em risco a sua imparcialidade em prol da confirmação do seu prejulgamento. Desse modo, o magistrado legitima o seu imaginário, tomando-o como verdadeiro. Também conhecida como "quadro mental paranoico", essa Síndrome é fruto de um sistema inquisitivo puro, devendo ser absolutamente repudiada em um sistema acusatório como é o brasileiro, sob pena de violação da indispensável imparcialidade do julgador.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista do STM, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado o teor do art. 156, II, CPP do seguinte modo: *"A adoção do princípio da inércia no processo penal brasileiro não permite que o juiz determine, de ofício, diligências para dirimir dúvida sobre ponto relevante dos autos"*. A assertiva foi considerada incorreta.

Nesse contexto, é preciso esclarecer que, quanto à gestão da prova, o Brasil adota o sistema acusatório. A **gestão da prova** diz respeito ao modo de produção da prova em determinado sistema. Se o poder probatório está nas mãos do juiz, diz-se que o sistema é inquisitivo. De outro lado, se a atividade probatória fica a cargo das partes o sistema é considerado acusatório.

Como já afirmado, por força do art. 129, inciso I, da Constituição Federal (determina a titularidade da ação penal pública por parte do Ministério Público), o Brasil adota, como regra geral de gestão da prova, o **sistema acusatório**, pois sãos as partes os agentes responsáveis pela instrução probatória. Nesse trilhar, apenas excepcionalmente, de forma complementar, é que o juiz deve possuir poderes instrutórios, sob pena de violação do sistema adotado pelo país.

4. MEIOS DE PROVA (ART. 157 CPP)

É possível a utilização, no processo penal, de **todos os meios de prova lícitos**. Nesse trilhar, impende registrar que o CPP, atento ao

princípio da busca da verdade real, não apresenta um rol taxativo dos meios de prova lícitos. As provas disciplinadas nos artigos 158 a 250 do *Codex* se tratam simplesmente dos **meios de prova típicos ou nominados**. Mas, além deles, existem os **meios de prova atípicos ou inominados**, que são aqueles não previstos em lei.

Prova anômala:

A prova anômala é aquela utilizada para objetivos diferentes que lhe são próprios, com características de outra prova típica. Ela é produzida quando, por exemplo, o Ministério Público, em vez de arrolar testemunha presencial do crime como testemunha de acusação, colhe o seu depoimento nas próprias dependências do órgão e junta aos autos este depoimento para caracterizar a produção de prova documental. Há um verdadeiro desvio de finalidade da prova, não sendo ela aceita no Processo Penal, já que implica em descaracterização do sistema probatório. Ela não se confunde com a prova atípica, que consiste naquela que não possui um procedimento probatório específico, a exemplo da reprodução simulada dos fatos (art. 7º do CPP), mas é aceita pelo ordenamento jurídico em virtude do princípio da liberdade de provas.

Noutro giro, nos termos do art. 5º, inciso LVI, da Constituição Federal, são **inadmissíveis, no processo, as provas obtidas por meios ilícitos**. O Código de Processo Penal, com o advento da Lei nº 11.690/08, passou a disciplinar com pormenores a matéria. Assim, inicialmente, repetiu o mandamento constitucional no art. 157, *caput*, estatuindo que são inadmissíveis, devendo ser desentranhadas do processo, as provas ilícitas.

Complementando esta ideia, o art. 157, § 3º, do CPP determina que preclusa a decisão de desentranhamento da prova declarada inadmissível, esta será inutilizada por decisão judicial, facultado às partes acompanhar o incidente. Contudo, se a prova ilícita não for desentranhada dos autos, mas ela não for utilizada pelo juiz na formação do seu convencimento, não haverá qualquer nulidade no feito. Não obstante, caso o juiz venha a se utilizar de uma prova ilícita para proferir a sentença, esta será nula, em virtude de manifesto *error in procedendo* (erro no procedimento). Além disso, a doutrina aponta para o fato de que o magistrado que teve contato com a prova ilícita juntada no processo tem comprometida, direta ou indiretamente, a sua imparcialidade para o julgamento da causa, devendo, pois, por cautela, declarar-se impedido para continuar no feito (LOPES JR., 2010, p. 599).

› Qual o entendimento do STF sobre o assunto?

O STF já decidiu que as peças processuais que fazem referência à prova declarada ilícita, a exemplo, no tribunal do júri, da denúncia, pronúncia e acórdão do recurso em sentido estrito, não devem ser desentranha das do processo. Isso porque o art. 157 do CPP, ao tratar das provas ilícitas e derivadas, não prevê a exclusão de tais peças processuais. Em suma, a exclusão de peça que faça menções à realização da prova e ao debate quanto à validade da prova não é uma consequência óbvia da exclusão da prova (Informativo nº 849).

Não se pode negar que a postura do CPP em determinar que a prova ilícita seja inutilizada é bastante criticável, afinal de contas uma prova ilícita (geralmente um documento) pode ser o corpo de delito de um crime de falsidade e a sua destruição acabaria eliminando a materialidade desta infração penal e impedindo a responsabilização do autor da ilicitude. Desse modo, mais prudente é aplicar o teor do disposto no art. 145, inciso IV, do CPP, combinado com o art. 40 do CPP, determinando o magistrado o desentranhamento da prova ilícita dos autos e a sua remessa ao Ministério Público para a adoção das providências cabíveis quanto ao suposto crime de falsidade documental.

Não obstante, a decisão que determina o desentranhamento da prova ilícita dos autos é irrecorrível, podendo ser combatida, porém, por meio de oferecimento de *habeas corpus* ou de mandado de segurança em matéria criminal, a depender do direito que esteja em jogo, ou ainda a matéria ser alegada como preliminar de apelação, como cerceamento do direito da acusação ou da defesa.

Em seguida, no mesmo dispositivo legal (art. 157, *caput*), o CPP define o que se entende por provas ilícitas: são aquelas que violam tanto **normas constitucionais** como **legais**.

Ressalte-se ainda que a doutrina considera a existência do gênero **prova proibida ou vedada ou inadmissível**, tendo como espécies a **prova ilícita**, violadora de regra de **direito material** (exemplo: confissão obtida mediante tortura; interceptação telefônica realizada sem autorização judicial), e a **prova ilegítima**, aquela obtida mediante violação de **regra de direito processual** (exemplo: laudo pericial confeccionado por apenas um perito não oficial). O CPP (e a própria Constituição Federal), porém, não acolhe essa distinção, tratando uma prova que viole norma constitucional ou legal sempre como prova ilícita.

▸ **Prova irritual:**

A prova irritual é aquela típica colhida sem a observância do modelo previsto em lei. Em outros termos, esta prova envolve um correto meio de prova, mas não o procedimento para este último legalmente estabelecido. Desse modo, o rito adotado para a produção desta prova é diferente daquele fixado no ordenamento jurídico. Como tal prova é confeccionada em desrespeito ao modelo legal, trata-se de *prova ilegítima*, que pode ensejar a declaração de nulidade, desde que demonstrado o prejuízo (*pas de nullité sans grief*).

Na sequência, o CPP, no art. 157, § 1º, consagrou **expressamente** também a impossibilidade de utilização das **provas ilícitas por derivação (teoria dos frutos da árvore envenenada ou do efeito à distância - *fruits of the poisonous tree*,** construção da Suprema Corte americana e que já vinha sendo aceita, no Brasil, pelo STF), que são aquelas provas que decorrem de uma prova ilícita originária, sendo que tal ilicitude somente restará caracterizada se houver demonstração do **nexo causal** entre as provas ou quando as derivadas não puderem ser obtidas por uma **fonte independente** das primeiras.

Exemplo de aplicação da prova ilícita por derivação ocorre se, após uma escuta telefônica realizada por um delegado sem autorização judicial, a polícia consegue encontrar o local onde está escondida determinada coisa furtada (prova primária) e, em razão disso, obtém da autoridade judiciária um mandado judicial de busca e apreensão para recuperá-la (prova secundária) - esta última é uma prova ilícita por derivação daquela primeira.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público de Minas Gerais, em 2013, dentre outros aspectos relevantes das provas no Processo Penal, questionou-se acerca da prova ilícita por derivação, da seguinte forma: *"Sobre as provas no Processo Penal, assinale a alternativa* **FALSA**: *A) É possível o uso de prova obtida fortuitamente através de interceptação telefônica licitamente conduzida, ainda que o crime descoberto, conexo ao que foi objeto da interceptação, seja punido com detenção. B) Para a busca e apreensão, o conceito normativo de*

"casa" revela-se abrangente e pode estender-se a qualquer compartimento privado não aberto ao público, onde alguém exerce profissão ou atividade e compreende os escritórios profissionais, inclusive os de contabilidade. C) Se o órgão da persecução penal demonstrar que obteve novos elementos de informação a partir de uma fonte autônoma de prova, que guarde relação de dependência ou decorra da prova originariamente ilegítima, tais dados probatórios revelar-se-ão plenamente admissíveis. D) As provas colhidas no bojo de instrução processual penal, desde que obtidas mediante interceptação telefônica devidamente autorizada por Juízo competente, admitem compartilhamento para fins de instruir procedimento criminal ou mesmo procedimento administrativo disciplinar contra outros agentes.". A resposta da questão foi a letra C.

Como já afirmado anteriormente, o CPP apresenta **temperamentos** à teoria dos frutos da árvore envenenada. Assim, afasta a ilicitude da prova se ela não possuir nexo causal com a prova ilícita originária ou se ela puder ser obtida por uma fonte independente. A esse respeito, considera-se **fonte independente** aquela que por si só, seguindo os trâmites típicos e de praxe, próprios da investigação ou instrução criminal, seria capaz de conduzir ao fato objeto da prova (art. 157, § 2º, do CPP). Nesse ponto, o CPP acaba consagrando no ordenamento jurídico brasileiro a **teoria da prova absolutamente independente ou limitação da fonte independente (*independent source limitation*,** na jurisprudência da Suprema Corte americana), segundo a qual "se existirem provas outras no processo, **independentes** de uma determinada prova ilícita produzida, não há de se falar em contaminação, nem em aplicação da teoria dos frutos da árvore envenenada, pois, em não havendo vinculação nem relação de dependência, a prova ilícita não terá o condão de contaminar as demais" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 316). Essa teoria também já era aceita pelo STF (HC nº 84.679, 1ª Turma Rel. Min. Eros Grau, julgado em 30/8/2005, DJU 30/9/2005).

Outro temperamento à teoria dos frutos da árvore envenenada é apontado pela doutrina. Consiste na **teoria da descoberta inevitável da prova (*inevitable discovery*,** na jurisprudência da Suprema Corte americana), segundo a qual "se a prova, que circunstancialmente decorre de prova ilícita, seria conseguida de qualquer maneira, por atos de investigação válidos, ela será aproveitada, eliminando-se a contaminação. A inevitabilidade da descoberta leva ao reconhecimento de que não houve um proveito real, com a violação legal" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 317). Exemplo da aplicação desta

teoria ocorre com as declarações prestadas por uma testemunha obtidas por interceptação telefônica sem autorização judicial, sendo que tal testemunha inevitavelmente seria ouvida ao longo das investigações, pois várias outras testemunhas a indicaram como testemunha presencial dos fatos (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 317).

A teoria da descoberta inevitável da prova difere da teoria da prova absolutamente independente porque, nesta, não há qualquer nexo causal entre a prova ilícita e as outras provas produzidas no feito, ao passo que naquela há este nexo causal, mas ele não é decisivo, "pois a prova derivada, mesmo que a ilicitude não se operasse, ainda assim seria produzida dentro da lei. Era apenas uma questão de tempo" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 318). Todavia, ambas encontram guarida atualmente no CPP, no art. 157, § 1º.

Há outras tantas teorias construídas pela jurisprudência americana que pretendem mitigar a teoria dos frutos da árvore envenenada. As mais destacadas são a **teoria da contaminação expurgada (*"purged taint" limitation*) ou conexão atenuada - *"attenuated connection" limitation*** (haveria vínculo entre a prova ilícita e a prova derivada, mas ele seria tão tênue, insignificante, que não levaria à ilicitude da prova derivada) - e a **teoria da boa-fé - *good faith exception*** (haveria a produção de uma prova ilícita por força de uma atuação de agentes da polícia sem má-fé, ou seja, por puro erro). No entanto, elas não encontram previsão expressa no ordenamento jurídico brasileiro, daí porque não vêm encontrando aplicação no país.

Ressalte-se, por fim, que a jurisprudência brasileira começa a reconhecer a **teoria da proporcionalidade** (ou **teoria da razoabilidade** ou **teoria do interesse predominante**, de construção alemã - *Verhältnismäbigkeitsgrundsatz*) na apreciação da prova ilícita. Essa teoria, como criada na Alemanha, visa essencialmente equilibrar os direitos individuais com os interesses da sociedade, daí porque rejeita a vedação irrestrita do uso da prova ilícita. Desse modo, se a prova é ilícita seria preciso *ponderar* os interesses em jogo para avaliar a possibilidade de sua utilização. Assim, por exemplo, para a descoberta de um crime de sequestro, libertando-se a vítima do cativeiro, prendendo-se e processando-se criminosos perigosos, seria possível a violação do sigilo das comunicações, como a escuta clandestina (NUCCI, 2008, p. 89-90).

No Brasil, a teoria da proporcionalidade vem sendo admitida de modo excepcional, mas com restrições, ou seja, apenas em **benefício dos direitos do réu inocente que produziu tal prova para a sua absolvição (*pro reo*)**, pois, nesta situação, ele estaria agindo, para uns (GRINOVER; GOMES FILHO; FERNANDES, 2009), em legítima defesa, para outros, em estado de necessidade ou mesmo se configuraria hipótese de inexigibilidade de conduta diversa (NUCCI, 2008). Acrescente-se ainda que esse entendimento impediria a permanência de um erro judiciário, que deve ser sempre evitado (art. 5º, LXXV, CF). Todavia, essa postura não vai admitir que a prova ilícita colhida pelo réu seja usada contra outros agentes: a sua utilização é restrita à defesa dos seus próprios interesses.

É o exemplo de um agente que, injustamente acusado, vem a invadir domicílio alheio (crime do art. 150 do Código Penal) para apreender prova essencial à sua absolvição: tal agente não responderá pelo suposto crime cometido e essa prova poderá ser regularmente utilizada em seu favor. Nestor Távora e Rosmar Rodrigues Alencar chegam a afirmar que essa hipótese vem a ilustrar a **teoria da exclusão da ilicitude da prova**, que é justamente aquela que "Informa que a prova, aparentemente ilícita, deve ser reputada como válida, quando a conduta do agente na sua captação está amparada pelo direito (excludentes de ilicitude)" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 323).

Isto posto, não vem sendo utilizada, no país, a teoria da proporcionalidade em favor dos interesses da acusação (*pro societate*), embora haja entendimentos minoritários em sentido contrário, a exemplo de Denilson Feitoza (FEITOZA, 2009). É postura que tende a perdurar por um bom tempo, pois, como adverte Guilherme de Souza Nucci, a sociedade brasileira ainda não está madura o suficiente para garantir os direitos individuais do cidadão e, por isso, admitir a teoria em comento significaria incrementar o desrespeito a tais direitos (NUCCI, 2008, p. 90-91). No futuro, com a consolidação, na prática, dos direitos fundamentais do indivíduo, abre-se, por certo, a possibilidade de aplicação desta teoria para tutela dos interesses da acusação.

▸ ***Theory ticking bomb scenario:***

A *Theory ticking bomb scenario* (Teoria do cenário da bomba-relógio) pretende relativizar a proibição da tortura. Desse modo, conforme esta teoria, se um terrorista instala em um determinado local uma

bomba-relógio, não existindo outro meio para que ela seja localizada e desarmada, a tortura deste terrorista seria justificável. Trata-se de teoria que se insere no contexto do Direito Penal do Inimigo (Jakobs) e que é aplicada em alguns países, principalmente nos EUA, inclusive no âmbito da sua Suprema Corte, embora seu uso desmedido permita a prática reiterada de tortura nesse país, o que vem sendo alvo de críticas. No Brasil, considerando que a Constituição Federal veda de forma absoluta a prática de tortura (art. 5º, III) e as leis de tortura (9.455/97) e de terrorismo (13.260/16) não contemplam qualquer possibilidade excepcional de sua aplicação, ela não vem sendo adotada pela doutrina e pela jurisprudência. Portanto, se uma prova dessa natureza for colhida no país, haveria a produção de prova ilícita (art. 5º, LVI, CF; art. 157, *caput*, CPP).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado do Espírito Santo, em 2011, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada, de forma implícita, a possibilidade de aplicação da teoria da proporcionalidade como hipótese excepcional de admissão da utilização da prova ilícita. Nesse sentido, a assertiva *"De acordo com a doutrina e a jurisprudência pátrias, são inadmissíveis, em qualquer hipótese, provas ilícitas ou ilegítimas no processo penal brasileiro"* foi considerada incorreta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, cobrou-se expressamente a aplicação da teoria da proporcionalidade como hipótese que autoriza o uso da prova ilícita em favor do réu (*pro reo*), com a seguinte redação: *"A vedação constitucional da prova ilícita não é absoluta no processo penal, já que é possível ser afastada em favor do acusado, quando tiver por fim a prova da inocência com fundamento no princípio da proporcionalidade."*. A alternativa foi considerada correta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública do Estado de Pernambuco, promovido pelo Cespe/Unb, em 2015, voltou-se a cobrar a possibilidade de utilização da prova ilícita em favor do réu, da seguinte forma: *"Pedro, sem autorização judicial, interceptou uma ligação telefônica entre Marcelo e Ricardo. O conteúdo da conversa interceptada constitui prova de que Pedro é inocente do delito de latrocínio do qual está sendo processado. Nessa situação, embora a prova produzida seja manifestamente ilícita, em um juízo de proporcionalidade, destinando-se esta a absolver o réu, deve ser ela admitida, haja vista que o erro judiciário deve ser a todo custo evitado."*. A assertiva foi considerada correta.

▸ **Importante!**

Prova obtida por meio de psicografia: Questão interessante diz respeito à licitude de uma prova obtida por meio de psicografia. A doutrina tende a considerá-la uma prova ilícita, a exemplo de Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 91-93), para quem tal prova violaria a liberdade de religião insculpida no art. 5º, VI, da Constituição Federal (o julgador não é obrigado a crer no espiritismo, até porque o Estado é laico, nos termos do art. 1º, *caput*, do Texto Constitucional), o contraditório e a ampla defesa - art.5º, LV, CF (se a prova psicografada for entendida como um documento, levando-se em consideração o teor da psicografia, não haveria como a parte requerer a instauração de um incidente de falsidade documental; se for tida como prova testemunhal, levando-se em consideração as declarações do médium, a parte não teria como contraditá-la).

Contudo, noticie-se que essa prova já foi legitimamente utilizada em alguns julgamentos perante o Tribunal do Júri, sob o argumento de que atenderia ao princípio constitucional da plenitude de defesa (art. 5º, XXXVIII, CF), que lhe é típico. Nesse sentido, histórico julgamento chegou a ser realizado em Goiânia/GO, em 1979, com base em uma carta psicografada pelo médium "Chico Xavier", em que a vítima inocentava o réu, o que acabou resultando na absolvição do mesmo. No Rio Grande do Sul, cidade de Viamão, duas cartas psicografadas, atribuídas à vítima do delito, foram utilizadas em um julgamento que culminou com a absolvição da ré.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Defensor Público do Estado do Rio Grande do Sul, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), foram cobrados aspectos relevantes das provas ilícitas, da seguinte forma: "*Sobre provas ilícitas, é incorreto afirmar: a) A vedação da utilização de provas ilícitas pode ser excepcionalmente afastada em favor do acusado. b) A doutrina processual penal faz uma distinção conceitual entre a prova ilícita e a prova ilegítima, sendo aquela a obtida com violação ao direito substantivo e esta a obtida com violação ao direito adjetivo. c) As provas derivadas das ilícitas não se considerarão contaminadas quando puderem ser obtidas de uma fonte independente destas, ou quando não evidenciado o nexo de causalidade entre umas e outras, segundo o disposto na norma processual penal. d) Consoante previsto no Código de Processo Penal, preclusa a decisão de desentranhamento da prova declarada inadmissível, esta será inutilizada por decisão judicial. e) Contra a decisão interlocutória que não reconhece a ilicitude de prova cabe recurso em sentido estrito.*". A resposta da questão foi a letra E.

5. PROVA EMPRESTADA

A prova emprestada é "aquela produzida em outro processo e, através da reprodução documental, juntada ao processo criminal pendente de decisão" (NUCCI, 2008, p. 390).

Ela também é um meio de prova lícito. Pode ser, portanto, utilizada no processo penal, desde que atendidos os seguintes requisitos:

1. **Mesmas partes**: as partes envolvidas nos dois processos devem ser as mesmas;
2. **Mesmo fato probando**: o fato objeto dos dois processos deve ser o mesmo;
3. **Contraditório**: a prova deve ter sido produzida sob o crivo do contraditório; por conta disso, não é possível que uma prova produzida no inquérito policial seja emprestada ao processo penal;
4. **Preenchimento dos requisitos legais da prova**: a prova deve ter sido produzida com o cumprimento dos requisitos legais, a exemplo do que ocorre com a prova pericial, que deve ser produzida por um perito oficial ou, na falta deste, dois peritos não oficiais.

Seguidos os requisitos acima indicados, a prova emprestada pode ser perfeitamente utilizada para fins de condenação, até porque, no sistema do livre convencimento motivado, não há que se falar em hierarquia entre provas. Nesse sentido, frise-se inclusive que pode uma prova produzida em processo cível ser emprestada para um processo penal.

Nessa esteira, o CPC de 2015, em seu art. 372, estipula que o juiz poderá admitir a utilização de prova produzida em outro processo, atribuindo-lhe o valor que considerar adequado, observado o contraditório.

Com fincas na Súmula nº 591 do STJ, é possível ainda a utilização de prova emprestada (inclusive do processo penal) no processo administrativo disciplinar, desde que devidamente autorizada pelo juízo competente (no âmbito do processo penal, do juízo criminal competente) e respeitados o contraditório e a ampla defesa.

A prova que é proveniente de outro processo ingressa no processo atual como verdadeira **prova documental**, independentemente

da natureza que ela possuía no processo originário. Assim, por exemplo, se, realizada uma perícia em um processo anterior, ela for juntada ao processo posterior, neste último ela terá o caráter de prova documental (não mais prova pericial). E se em um primeiro processo é colhido o depoimento de uma testemunha, depoimento este juntado a um segundo processo, ele passa a ter igualmente a natureza de prova documental (não mais prova testemunhal).

Por fim, saliente-se que se o processo em que foi produzida a prova emprestada foi nulo, há de se averiguar o nexo causal entre o ato nulo e tal prova para identificar se esta última foi ou não atingida pela nulidade. Se a nulidade do ato é meramente relativa, nos termos do art. 567 do CPP, somente os atos decisórios serão nulos, permanecendo válidos os atos instrutórios, motivo pelo qual a prova emprestada não é atingida. Se a nulidade, porém, for absoluta, considerando que esta atinge tanto os atos decisórios como os instrutórios, a prova emprestada será alcançada.

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

Em 2014, o STJ proferiu importante julgado envolvendo a prova emprestada. Ainda que tal julgamento tenha sido proferido no âmbito processual civil, merece ser conhecido, até porque diz respeito a requisitos da prova emprestada alhures mencionados. Assim, a Corte Especial deste tribunal decidiu que é admissível, *assegurado o contraditório*, prova emprestada de processo do qual *não participaram as partes do processo para o qual a prova será trasladada* Destarte, a grande valia da prova emprestada residiria na economia processual que proporciona, tendo em vista que se evita a repetição desnecessária da produção de prova de idêntico conteúdo..

Igualmente, a economia processual decorrente da utilização da prova emprestada importaria em incremento de eficiência, na medida em que garante a obtenção do mesmo resultado útil, em menor período de tempo, em consonância com a garantia constitucional da duração razoável do processo, inserida na CF pela EC 45/2004. Desse modo, seria recomendável que a prova emprestada fosse utilizada sempre que possível, desde que mantida hígida a garantia do contraditório. Porém, ainda de acordo com o STJ, a prova emprestada não poderia se restringir a processos em que figurem partes idênticas, sob pena de se reduzir excessivamente sua aplicabilidade sem justificativa razoável para isso. Assegurado às partes o contraditório sobre a prova, isto é, o direito de se insurgir contra a prova e de refutá-la adequadamente, o empréstimo seria válido (Informativo nº 543 do STJ).

6. FINALIDADE E OBJETO DA PROVA

A **finalidade** da prova é "convencer o juiz a respeito da verdade de um fato litigioso" (NUCCI, 2008, p. 392). No processo penal, essa verdade deve se aproximar o máximo possível da verdade real, da verdade do mundo real.

O **objeto** da prova, em regra, são "os **fatos** que as partes pretendem demonstrar" (NUCCI, 2008, p. 392) - destacamos. Ressalte-se que devem ser provados apenas os **fatos relevantes** (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 309). Excepcionalmente, porém, é possível que se exija da parte a prova de **direitos**, quando eles versarem sobre **normas de caráter internacional, consuetudinário, estadual ou municipal**, sendo que, nas hipóteses de normas estadual e municipal, a prova das mesmas somente é exigida "caso se trate de unidade da Federação diversa daquela onde está o magistrado" (NUCCI, 2008, p. 392). A parte também poderá ter a incumbência de provar normas que digam respeito a **estatutos e regras internas de pessoas ou personalidades jurídicas**. Além disso, são provadas **regras de experiências**, "porque, na essência, são fatos reiterados" (NUCCI, 2008, p. 392).

Noutro giro, são **fatos que independem de prova**:

I. **Fatos notórios (ou verdade sabida)**: são os fatos "nacionalmente conhecidos, não se podendo considerar os relativos a uma comunidade específica, bem como os atuais, uma vez que o tempo faz com que a notoriedade se esmaeça, levando a parte à produção da prova" (NUCCI, 2008, p. 392). O art. 334, inciso I, do Código de Processo Civil de 1973, e o correlato art. 374, inciso I, do Código de Processo Civil de 2015, aplicados subsidiariamente à espécie, afirmam expressamente a desnecessidade de prova dos fatos notórios. São fatos notórios, por exemplo, os feriados nacionais. Ademais, registre-se que, ao "contrário do Processo Civil [...], os fatos incontroversos, que são aqueles alegados por uma parte e reconhecidos pela outra, carecem de demonstração probatória" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 309), nos termos do art. 334, inciso II, do CPC de 1973 e art. 374, inciso II, do CPC de 2015.

II. **Fatos que contêm uma presunção legal absoluta (*juris et de jure*)**: são fatos que "não comportam prova em sentido contrário" (NUCCI, 2008, p. 392), a exemplo da inimputabilidade do menor de 18 (dezoito) anos. Ressalte-se que

as presunções relativas (*juris tantum*) provocam apenas a inversão do ônus da prova, necessitando, porém, serem demonstradas.

III. **Fatos impossíveis**: são fatos que "causam aversão ao espírito de uma pessoa informada" (NUCCI, 2008, p. 392), a exemplo da afirmação de que o réu estava na lua no momento do cometimento do crime.

IV. **Fatos axiomáticos ou intuitivos**: são fatos que "se auto demonstram, têm força probatória própria" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 309), a exemplo do art. 162, parágrafo único, do CPP, que "dispensa o exame interno cadavérico, quando as lesões externas permitirem precisar a causa da morte, como no caso da decapitação, ou de carbonização do cadáver. Esse fato seria evidente. A verdade salta aos olhos" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 309).

V. **Fatos irrelevantes ou impertinentes ou inúteis**: são fatos que "não dizem respeito à solução da causa" (NUCCI, 2008, p. 392), a exemplo da "verificação do passatempo preferido da vítima, se não guarda correspondência com o fato imputado ao réu" (NUCCI, 2008, p. 392).

7. CLASSIFICAÇÃO DA PROVA

Basicamente, há 4 (quatro) critérios utilizados para classificar a prova, são eles:

I. **Quanto ao objeto**: Esse critério aborda a "relação ou incidência que a prova tem com o fato a ser provado" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310). Nesse sentido, a prova pode ser: ***a) Direta***: quando ela se refere "diretamente ao fato probando, por si o demonstrando" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310), a exemplo da testemunha presencial; ***b) Indireta***: quando ela se refere a "um outro acontecimento que, por ilação, nos leva ao fato principal" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310), a exemplo dos indícios (art. 239 do CPP).

II. **Quanto ao efeito ou valor**: Esse critério aborda o "grau de certeza gerado pela apreciação da prova" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310). Nesse sentido, a prova pode ser: ***a) Plena***: é aquela prova "necessária para condenação, imprimindo

no julgador um juízo de certeza quanto ao fato apreciado" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310); ***b) Não plena ou indiciária***: é aquela prova "limitada quanto à profundidade, permitindo, por exemplo, a decretação de medidas cautelares" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310).

III. **Quanto ao sujeito ou causa**: Esse critério avalia "em que consiste o material produzido" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310). Nesse sentido, a prova pode ser: ***a) Real***: é aquela prova "emergente do fato" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310), a exemplo de fotografias, pegadas etc; ***b) Pessoal***: é aquela prova que "decorre do conhecimento de alguém em razão do *theme probandum*" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 310), a exemplo da confissão, da prova testemunhal, do depoimento do ofendido etc.

IV. **Quanto à forma ou aparência**: É critério que aborda "como a prova se revela no processo" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 311). Por força deste critério, a prova pode ser: ***a) Testemunhal***: é aquela prova "expressa pela afirmação de uma pessoa, independente se é tecnicamente testemunha ou não" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 311), a exemplo do interrogatório do réu; ***b) Documental***: é aquela que "irá condensar graficamente a manifestação de pensamento" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 311), a exemplo de um contrato; ***c) Material***: é aquela que "simboliza qualquer elemento que corporifica a demonstração do fato" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 311), a exemplo do exame de corpo de delito.

8. TEORIA DO ENCONTRO FORTUITO OU CASUAL DE PROVAS/SERENDIPIDADE

Ocorre o chamado encontro fortuito ou casual de provas "quando a prova de determinada infração penal é obtida a partir da busca regularmente autorizada para a investigação de *outro crime*" (OLIVEIRA, 2008, p. 314). De acordo com doutrina majoritária, a princípio, esse encontro fortuito implica na produção de **prova ilícita**. É o caso, por exemplo, de uma busca e apreensão domiciliar autorizada no bojo da apuração de um crime contra a fauna, visando apreender animais silvestres, que, no entanto, resulta na descoberta por parte dos policiais de drogas e armas escondidas nas gavetas ou armários da residência (OLIVEIRA, 2008, p. 314).

Ainda de acordo com a doutrina, neste mesmo exemplo, porém, os policiais poderão efetivar a prisão dos envolvidos, mas não por força do mandado judicial (haveria aqui prova ilícita) e sim em decorrência do cometimento de um crime em flagrante, o qual permite o ingresso no domicílio alheio a qualquer hora do dia ou da noite para a efetivação desta modalidade de prisão cautelar (art. 5º, XI, CF).

Em não sendo possível a realização da prisão em flagrante, eis que não configurada qualquer hipótese legitimadora desta modalidade de prisão prevista no art. 302 do CPP, os policiais deverão solicitar ao juiz a expedição de novo mandado de busca e apreensão para que nele seja incluída a diligência pretendida. Seria o exemplo de policiais, em cumprimento de mandado de busca e apreensão domiciliar, adentrarem em domicílio de um funcionário público visando a apuração de um crime contra a fauna, mas lá encontrarem quantia em espécie recebida pelo mesmo em virtude da prática do crime de corrupção passiva.

No entanto, consoante entendimento doutrinário, essa teoria precisa ser aplicada com **temperamentos**, ou, do contrário, em certos crimes, haverá a indesejada impunidade dos seus autores. Assim, se houver **acentuada conexão entre os dois crimes**, como no caso entre tráfico ilícito de entorpecentes e porte ilegal de arma de fogo, não há de ser invocada esta teoria, sendo a prova obtida por meio fortuito absolutamente **lícita**. É o caso de uma interceptação telefônica decretada para a apuração de determinado crime que acaba revelando fortuitamente o cometimento de outro crime, diverso daquele inicialmente investigado. O STF inclusive já teve a oportunidade de decidir desta forma, *ex vi* do HC nº 83.515/RS, Rel. Min. Nelson Jobim (Informativo nº 361).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XXIV concurso do MPF, em 2007, foi cobrado justamente o conceito da teoria do encontro fortuito de prova, nesses termos: ***"ENTENDE-SE POR ENCONTRO FORTUITO DE PROVA: a)*** *O mesmo que por prova emprestada.* ***b)*** *O uso de uma mesma prova achada por acaso em várias investigações.* ***c)*** *A obtenção de prova de uma infração a partir da busca regularmente autorizada pela investigação de outro crime.* ***d)*** *A harmonização fortuita de provas em casos diversos".* A assertiva considerada correta foi a de letra C.

Noutro giro, em sede de jurisprudência do STJ, mais recentemente, consagrou-se o fenômeno da **serendipidade**, que consiste justamente na descoberta fortuita de delitos que não são objeto da investigação (Informativo nº 539). Desse modo, o que em doutrina se conhecia como teoria do encontro fortuito ou casual de provas passou a ser conhecido em jurisprudência (ao menos do STJ) por serendipidade.

No referido julgamento, o STJ asseverou que o fato de elementos indiciários acerca da prática de crime surgirem no decorrer da execução de medida de quebra de sigilo bancário e fiscal determinada para apuração de outros crimes não impede, por si só, que os dados colhidos sejam utilizados para a averiguação da suposta prática daquele delito.

Dessa forma, de acordo com esse fenômeno da serendipidade reconhecido pelo STJ, não houve qualquer delimitação ou restrição quanto ao nexo causal, daí porque se conclui que pouco importa se há ou não nexo causal entre o crime apurado e o crime descoberto de modo fortuito ou casual, a prova fortuita ou casual seria sempre lícita. Percebe-se, pois, uma diferença marcante entre o entendimento da doutrina e aquele consagrado na jurisprudência do STJ: enquanto, para a doutrina, a prova fortuita ou causal, em regra, seria ilícita, tornando-se apenas lícita quando houvesse nexo de causalidade entre o crime apurado e o descoberto fortuitamente, para o STJ citada prova seria sempre lícita.

Como se vê, a jurisprudência do STJ é muito mais flexível do que o entendimento doutrinário. Nesse sentido, a ideia contida no julgamento anteriormente exposto não se aplica apenas à quebra de sigilo bancário e fiscal (objeto do acórdão), mas a toda e qualquer prova que se insira nesse contexto de descoberta fortuita ou casual.

Ainda quanto ao requisito do nexo causal, registre-se que é possível falar em **serendipidade de primeiro grau** (quando há nexo causal entre o crime apurado e o crime descoberto fortuitamente; para a doutrina, nesta situação é que a prova seria lícita) e **serendipidade de segundo grau** (quando não há nexo causal entre o crime apurado e o crime descoberto fortuitamente).

Por fim, aponta-se também para a subdivisão deste fenômeno em **serendipidade objetiva** (quando se descobre fortuitamente fato até então não apurado) e **serendipidade subjetiva** (quando se descobre fortuitamente agente até então não envolvido no fato).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Defensor Público/GO, promovido pela UFG, na segunda fase, ocorrida em 2014, indagou-se a respeito do fenômeno da serendipidade no âmbito da jurisprudência do STJ, com esta redação: *"Em que consiste o fenômeno jurídico da serendipidade? Explicite os casos em que a serendipidade vem sendo expressamente admitida pelo Superior Tribunal de Justiça no contexto de interceptações telefônicas."*. A questão deveria ser respondida de acordo com as informações expostas alhures.

▸ **Crime achado:**

Termo empregado pelo STF (Informativo nº 869), "crime achado" é a infração penal desconhecida e não investigada até o momento em que se descobre o delito. Refere-se, pois, ao encontro fortuito ou casual de provas (serendipidade objetiva), as quais são tidas como lícitas.

9. PROVAS EM ESPÉCIE

9.1. Prova pericial (arts. 158 a 184 CPP)

A prova pericial é uma prova técnica, na medida em que pretende evidenciar a existência de fatos cuja certeza, segundo a lei, somente seria possível a partir de conhecimentos científicos.

Nesse trilhar, se a infração deixar **vestígios**, necessariamente deverá ser feito o **exame de corpo de delito** (que é uma das formas de prova pericial), não podendo supri-lo nem mesmo a confissão do acusado (art. 158 do CPP), sob pena de nulidade absoluta do feito (art. 564, inciso III, alínea "b", do CPP e Súmula nº 361 STF), o que constitui um resquício do sistema tarifário de provas.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador da República do Ministério Público Federal, em 2013, dentre outros aspectos relevantes das provas no Processo Penal, cobrou-se exatamente o teor do art. 158 do CPP: *"Assinale a alternativa correta: a) Segundo o Código de Processo Penal, quando a infração penal deixar vestígios e eles não tiverem desaparecido, será indispensável o exame de corpo de delito; b) Arma de fogo não precisa ser periciada, pois não constitui corpo de delito; c) As coisas apreendidas, mesmo constituindo corpo de delito, podem ser devolvidas ao titular assim que periciadas, pois o laudo é suficiente à instrução criminal; d) A partir da Lei n. 11.690/08, o exame de corpo de delito pode ser realizado por dois peritos oficiais."*. A resposta da questão foi a letra A.

Entretanto, em regra, admite-se o oferecimento da inicial acusatória desacompanhada do exame de corpo de delito, pois ele poderá ser produzido ao longo do feito, salvo nos casos em que a lei o exige para que seja deflagrada a ação penal (condição de procedibilidade da ação penal), como nas infrações contra a propriedade imaterial que deixam vestígios (art. 525 do CPP) e nos crimes disciplinados na Lei de Tóxicos (Lei nº 11.343/06), nos quais o laudo de constatação é obrigatório para a lavratura da prisão em flagrante delito e para o oferecimento da denúncia.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso da Defensoria Pública do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2014, foi cobrado justamente o teor do art. 525 do CPP, da seguinte forma: *"Segundo o código de processo penal, nos crimes contra a propriedade imaterial, no caso de haver o crime deixado vestígio, a queixa ou a denúncia não será recebida se não for instruída com o exame pericial dos objetos que constituam o corpo de delito."*. A assertiva foi considerada correta.

A esse respeito, o art. 158 do CPP menciona que o exame de corpo de delito pode ser feito de modo **direto** (quando os peritos têm contato pessoalmente, diretamente com o objeto a ser periciado - exemplo: no crime de lesões corporais, o perito tem contato imediato com o corpo da vítima) ou **indireto** (que será realizado quando inexistentes ou desaparecerem os vestígios, através de outros meios de prova em direito admitidos, a exemplo do exame de ficha clínica de hospital, fotografias, filmes, atestados de outros médicos e, principalmente, através da **prova testemunhal**, nos termos do art. 167 do CPP).

Nesse contexto, impende destacar que o STJ e o STF entendem que o exame de corpo de delito indireto pode ser feito **sem a confecção formal de um laudo pericial**, como, por exemplo, com a simples oitiva de testemunhas (art. 167 do CPP), embora haja posicionamento minoritário em sentido contrário (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 338).

Há algumas **exceções** à regra do art. 158 do CPP acima referida. A primeira delas vem prevista no art. 12, § 3º, da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06), segundo o qual "Serão admitidos como meios de prova os laudos ou prontuários médicos fornecidos por hospitais e postos de saúde".

A segunda vem estampada no art. 77, § 1º, da Lei nº 9.099/95, que estatui: "Para o oferecimento da denúncia, que será elaborada com base no termo de ocorrência referido no art. 69 desta Lei, com dispensa do inquérito policial, prescindir-se-á do exame do corpo de delito quando a materialidade do crime estiver aferida por boletim médico ou prova equivalente".

A terceira exceção vem insculpida no art. 14 da Lei nº 4.898/65, que apregoa: "Se o ato ou fato constitutivo do abuso de autoridade houver deixado vestígios o ofendido ou o acusado poderá: a) promover a comprovação da existência de tais vestígios, por meio de duas testemunhas qualificadas; b) requerer ao juiz, até 72 (setenta e duas) horas antes da audiência de instrução e julgamento, a designação de um perito para fazer as verificações necessárias. § 1º. O perito ou as testemunhas farão o seu relatório e prestarão seus depoimentos verbalmente, ou o apresentarão por escrito, querendo, na audiência de instrução e julgamento. § 2º. No caso previsto na letra *a* deste artigo a representação poderá conter a indicação de mais duas testemunhas".

Em sendo a prova pericial uma prova essencialmente técnica, deverá ser produzida por pessoas devidamente habilitadas. Em regra, essas pessoas pertencem aos quadros do próprio Estado, são os chamados **peritos oficiais ou judiciais**, que são auxiliares da Justiça (art. 275 do CPP) investidos na função por força de lei (concursados) e não por nomeação do juiz, submetendo-se às mesmas causas de suspeição dos juízes (art. 280 do CPP).

Nos termos do art. 159 CPP, *caput*, com a redação dada pela Lei nº 11.690/08, a regra geral é a de que a perícia deve ser realizada **por apenas um (não mais dois) perito oficial**, portador de diploma de curso superior. Nesse sentido, impende registrar que a Súmula nº 361 do STF ("No processo penal, é nulo o exame realizado por um só perito, considerando-se impedido o que tiver funcionado, anteriormente, na diligência de apreensão"), quanto ao número de peritos oficiais, perdeu a sua razão de ser. Persiste apenas para a perícia feita por peritos não oficiais, hipótese em que envolverá a ocorrência de nulidade meramente relativa.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado de Polícia do Estado de Goiás, em 2013, UEG, questionou-se sobre a atuação do perito oficial na confecção do exame

de corpo de delito, da seguinte forma: *"Quanto à prova pericial, segundo o Código de Processo Penal, tem-se o seguinte: a) na falta de peritos oficiais, a perícia será realizada por uma pessoa idônea, portadora de diploma de qualquer área de habilitação técnica. b) será facultada ao Ministério Público e ao acusado a formulação de quesitos aos peritos, mas, diferentemente do previsto no Código de Processo Civil, as partes não poderão indicar assistente técnico. c) em regra, o exame de corpo de delito e outras perícias serão realizados por perito oficial, portador de diploma de curso superior. d) a falta do exame de corpo de delito direto nos crimes que deixam vestígios é causa de nulidade insanável, não podendo ser suprida pela prova testemunhal."*. A resposta da questão foi a letra C.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado da Polícia Civil do Estado de São Paulo, promovido pela Vunesp, em 2014, dentre outros aspectos relevantes do exame de corpo de delito, cobrou-se justamente o número de perito oficial (um) necessário para a confecção do laudo pericial, a saber: *"- No delito de homicídio, o exame de corpo de delito: a) - é prova pericial fundamental, sem a qual não pode haver o oferecimento da denúncia. b) - deve, em regra, ser realizado por perito oficial, portador de diploma de curso superior. c) - é dispensável, no caso de confissão do crime. d) - é dispensável, caso existam outras provas da prática delituosa. e) - deve ser realizado por dois peritos médicos pertencentes ao Instituto Médico Legal."*. A resposta correta foi a letra B.

Como afirmado alhures, o nível universitário é condição indispensável para quem pretende ser perito oficial. Contudo, quem já era perito oficial sem possuir nível superior poderá continuar exercendo suas funções, salvo a hipótese de perícia médica, em que se exige peremptoriamente o diploma superior (art. 2º da Lei nº 11.690/08).

A **disciplina do perito oficial de natureza criminal** é feita pela **Lei nº 12.030/09**, merecendo destaque o seu art. 2º, que dispõe que "No exercício da atividade de perícia oficial de natureza criminal, é assegurado autonomia técnica, científica e funcional, exigido concurso público, com formação acadêmica específica, para o provimento do cargo de perito oficial".

Sendo a **perícia complexa**, que abranja mais de uma área de conhecimento especializado, pode ser designado pelo juiz mais de um perito oficial e indicado pela parte mais de um assistente técnico, consoante previsão do art. 159, § 7º, do CPP.

Apenas **quando não houver peritos oficiais** é que deverá o juiz nomear **duas pessoas portadoras de diploma de curso superior preferencialmente na área específica**, dentre as que tiverem habilitação técnica relacionada com a natureza do exame (art. 159, § 1º, do CPP): são os **peritos não oficiais**. Estes peritos, para que possam exercer suas funções, deverão **prestar o compromisso** de bem desenvolver sua atividade (art. 159, § 2º, do CPP), o que não se exige para os peritos oficiais, para os quais este compromisso já decorre do cargo público que ocupam. Todavia, a ausência da colheita do compromisso é causa de **mera irregularidade**, não provocando a nulidade do laudo pericial.

O art. 159, § 3º, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.690/08, passou a permitir que o Ministério Público, o assistente de acusação, o ofendido, o querelante e o acusado **formulem quesitos e indiquem assistentes técnicos**.

A respeito da **formulação de quesitos**, sobreleva destacar que as partes podem requerer a oitiva dos peritos em audiência de instrução e julgamento com a finalidade de que informem dados sobre a prova produzida e justamente respondam estes quesitos. Para tanto, os peritos devem ser intimados no prazo de 10 (dez) dias de antecedência, recebendo os quesitos ou questões previamente. Ademais, as respostas dos peritos podem ser fornecidas também por meio de laudo complementar (art. 159, § 5º, inciso I, do CPP).

No que tange à figura do **assistente técnico**, convém salientar que ele ingressa no feito a **partir da sua admissão pelo magistrado e após a conclusão dos exames e a elaboração do laudo pelo perito oficial**, sendo as partes intimadas dessa decisão (art. 159, § 4º, do CPP). Essa decisão do magistrado é irrecorrível, embora permita o manejo de *habeas corpus* ou mandado de segurança em matéria criminal ou ainda a sua impugnação em sede de preliminar do recurso de apelação. Além disso, frise-se que o assistente técnico pode apresentar pareceres em prazo a ser fixado pelo juiz ou ser inquirido em audiência (art. 159, § 5º, inciso II, do CPP).

O assistente técnico atua como um perito de confiança das partes. Ele não produz o laudo pericial, apenas o ratifica ou o infirma, apresentando o seu parecer técnico. Assim como o perito, deve possuir nível superior, mas ele não está submetido ao regime de impedimento e suspeição dos magistrados, pois sua atuação é parcial, em favor da parte.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SP, em 2010, na Prova Escrita, foi indagado ao candidato: *"Qual é a função do assistente técnico indicado pela parte, em relação aos exames periciais?"*. A função é de auxílio à parte, conforme exposto nos parágrafos anteriores.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista do TRE/TO, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), dentre outros aspectos relevantes sobre a prova pericial, foi questionada a possibilidade de indicação de assistente técnico pelas partes. Nesse trilhar, afirmou-se o seguinte: *"Quanto ao exame de corpo de delito e às perícias em geral, de acordo com o Código de Processo Penal: a) Os exames de corpo de delito serão feitos por dois peritos oficiais. b) Se a infração deixar vestígios, a ausência do exame de corpo de delito pode ser suprida pela confissão do acusado. c) Ao assistente de acusação, ao ofendido, ao querelante e ao acusado é facultada a indicação de assistente técnico. d) Os peritos não oficiais ficarão dispensados de compromisso se forem especialistas na matéria objeto da perícia e tiverem prestado compromisso em entidade de classe. e) O laudo pericial será elaborado no prazo máximo de cinco dias, podendo este prazo ser prorrogado por igual período, a requerimento do Ministério Público."*. A resposta correta foi a letra C.

Nos termos do art. 159, § 6º, do CPP, havendo requerimento das partes, o material probatório que serviu de base à perícia será disponibilizado no ambiente do órgão oficial, que manterá sempre sua guarda, e na presença de perito oficial, para exame pelos assistentes, salvo se for impossível a sua conservação.

O resultado da prova pericial deve ser apresentado pelos peritos por meio de *laudo pericial*, que "é a conclusão a que chegaram os peritos, exposta na forma escrita, devidamente fundamentada, constando todas as observações pertinentes ao que foi verificado e contendo as respostas aos quesitos formulados pelas partes" (NUCCI, 2008, p. 406). Nesse laudo, os peritos devem descrever minuciosamente o que examinarem e responder aos quesitos formulados (art. 160, *caput*, do CPP). Eles têm o prazo de 10 (dez) dias para a elaboração do laudo pericial, sendo que tal prazo pode ser prorrogado, em casos excepcionais, a requerimento do perito (art. 160, parágrafo único, do CPP). Já a autoridade e as partes podem formular os seus respectivos quesitos até o ato da diligência (art. 176 do CPP).

Prevalece o entendimento na doutrina de que, na fase de inquérito policial, o investigado, por meio de procurador ou defensor, não teria direito de formular quesitos, afinal de contas este procedimento é essencialmente inquisitivo. No entanto, corrente minoritária destaca a importância de que o delegado autorize a formulação destes quesitos, pois as perícias produzidas nesta etapa, em regra, não serão repetidas em juízo (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 336).

Com fincas no art. 161 do CPP, o exame de corpo de delito pode ser feito em qualquer dia e horário - assim, por exemplo, autoriza-se que um cadáver seja liberado para o funeral, realizando-se o exame de necropsia em dia não útil.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Analista do TRE/RN, em 2011, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC), dentre outros aspectos relevantes da prova pericial, foi cobrado exatamente o teor do art. 161 do CPP, do seguinte modo: "*O exame de corpo de delito a) é dispensável e pode ser suprido pela confissão do acusado. b) não pode ser feito entre 22:00 e 6:00 horas. c) não pode ser feito aos domingos e feriados. d) pode ser feito em qualquer dia e a qualquer hora. e) deve ser sempre direto, não podendo jamais ser indireto.*". A resposta correta foi a letra D.

Permite-se que o exame pericial seja feito por **carta precatória** (art. 177 do CPP), se o objeto ou material a ser analisado se encontrar em comarca diversa daquela onde se situa a autoridade policial ou o juiz. Como regra geral, é o juiz ou a autoridade policial do local da diligência (juízo deprecado) quem nomeia o perito, sem qualquer participação das partes. Excepcionalmente, porém, se a ação for penal privada, havendo acordo entre as partes, a nomeação pode ser feita pelo juízo deprecante (e não pelas partes, já que elas nunca interferem na nomeação dos peritos, que é ato privativo do juiz). Em qualquer caso, os quesitos formulados pelo juiz e pelas partes seguirão na carta precatória (art. 177, parágrafo único, do CPP).

O CPP, no seu art. 162, prevê a possibilidade de realização da prova pericial denominada **autópsia ou necropsia**, que é "o exame feito por peritos das partes internas de um cadáver" (NUCCI, 2008, p. 407) e que visa essencialmente comprovar a morte e sua causa. Conforme o art. 162, *caput*, do CPP, para a realização da autópsia, garante-se o tempo mínimo de segurança de 6 (seis) horas, tempo

este necessário para o surgimento de "incontroversos sinais tanatológicos, demonstrativos da morte da vítima, evitando-se qualquer engano fatal" (NUCCI, 2008, p. 407). Esse prazo, porém, é relativizado quando a morte é evidente, o que deve ser declarado no auto pelo perito.

Com base no art. 162, parágrafo único, do CPP, nos casos de **morte violenta (não natural)**, como um suicídio, bastará o simples exame externo do cadáver, quando não houver infração penal que apurar, ou quando as lesões externas permitirem precisar a causa da morte e não houver necessidade de exame interno para a verificação de alguma circunstância relevante (**fato axiomático ou intuitivo**), como nas hipóteses de decapitação ou carbonização da vítima.

Outra modalidade de prova pericial prevista no CPP (artigos 163 a 166) é a **exumação**, que "significa desenterrar ou tirar o cadáver da sepultura" (NUCCI, 2008, p. 408), ao contrário da inumação, que é sinônimo de enterro ou sepultamento do mesmo. Esse procedimento necessita de autorização legal, não podendo ser feito, portanto, sem justificativa. Se a exumação é feita em desacordo com o regramento legal, há o cometimento da contravenção penal prevista no art. 67 da Lei de Contravenções Penais.

A exumação pode ser feita para a realização da autópsia, se surgir dúvida sobre a causa da morte, sendo que essa dúvida, no momento do sepultamento, não existia. Pode ser feita também para o refazimento da perícia ou para a complementação dos dados já colhidos.

Em regra, cabe à autoridade policial determinar a realização da exumação (pois a ela cabe determinar a realização de autópsia – art. 6º, inciso VII, do CPP), mas o juiz também pode determiná-la, devendo, porém, ser conduzida pela autoridade policial. A doutrina ainda aponta para a possibilidade de o Ministério Público determinar a realização da exumação, já que ele poderá requisitar diretamente ao delegado a prática de diligências, por força do art. 47 do CPP (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 340).

O art. 163, *caput*, do CPP determina que, em caso de exumação para exame cadavérico, a autoridade providenciará para que, em dia e hora previamente marcados, se realize a diligência, da qual se lavrará auto circunstanciado. Já o parágrafo único do art. 163 do CPP estipula que o administrador de cemitério público ou

particular indicará o lugar da sepultura, sob pena de desobediência. No caso de recusa ou de falta de quem indique a sepultura, ou de encontrar-se o cadáver em lugar não destinado a inumações, a autoridade procederá às pesquisas necessárias, o que tudo constará do auto.

O art. 164 do CPP assevera que os cadáveres serão sempre fotografados na posição em que forem encontrados, bem como, na medida do possível, as eventuais lesões externas e os vestígios deixados no local do crime.

Conforme o art. 165 do CPP, para representar as lesões encontradas no cadáver, os peritos, quando possível, juntarão ao laudo do exame provas fotográficas, esquemas ou desenhos, devidamente rubricados.

Se houver dúvida sobre a identidade do cadáver, deve ser feito o seu reconhecimento, lavrando-se auto (*auto de reconhecimento e de identidade*), no qual ele será descrito com todos os seus sinais e indicações (art. 166 do CPP). Além disso, tudo o que for encontrado com o cadáver deverá ser recolhido e autenticado (art. 166, parágrafo único, do CPP).

No caso de crime **lesão corporal**, se houver um primeiro exame pericial incompleto, é possível a realização de um **exame complementar**, por determinação da autoridade policial ou judiciária, de ofício ou a requerimento do Ministério Público, do ofendido ou do acusado, ou de seu defensor, visando apurar a extensão da lesão corporal (art. 168, *caput*, do CPP). Nesse exame complementar, os peritos terão presente o auto de corpo de delito, a fim de suprir-lhe a deficiência ou ratificá-lo (art. 168, § 1º, do CPP).

É possível ainda a realização do **exame pericial complementar** para a constatação do **crime de lesão corporal grave que resulta na incapacidade da vítima para as ocupações habituais, por mais de 30 (trinta) dias** (art. 129, § 1º, inciso I, do Código Penal), se ainda presentes os vestígios, logo após o prazo de 30 (trinta) dias, contados da data do crime, para que se saiba justamente acerca do tempo de incapacidade provocada pelo delito (art. 168, § 2º, do CPP). Se, no entanto, desaparecerem os vestígios do crime, não será possível a realização do exame complementar, devendo ser suprido, porém, pela prova testemunhal, na linha do art. 168, § 3º, do CPP.

Outra prova pericial é o **exame do local em que foi praticada a infração**, previsto no art. 169 do CPP. Para fins de realização deste exame, a autoridade providenciará imediatamente para que não se altere o estado das coisas até a chegada dos peritos (art. 169, *caput*, do CPP c/c art. 6º, inciso I, do CPP). Estes, por sua vez, podem instruir seus laudos com fotografias, desenhos ou esquemas elucidativos (art. 169, *caput*, do CPP).

Se, porém, os peritos percebem a mudança do local do crime, deverá fazer constar no relatório essa circunstância, apresentando suas conclusões sobre a influência dessas alterações no resultado da perícia. Além disso, devem os peritos levantar hipóteses, evidenciando as diversas situações delas decorrentes (art. 169, parágrafo único, do CPP).

Mais uma espécie de prova pericial encontra-se prevista no art. 170 do CPP, é o **exame laboratorial**, que é "o realizado em lugares próprios ao estudo experimental e científico" (NUCCI, 2008, p. 411). São, portanto, exames feitos em laboratório, com aparelhos e elementos químicos adequados.

Conforme o art. 170 do CPP, os peritos, ao final do exame, devem guardar material suficiente do produto analisado para a realização, se for o caso, de nova perícia ou contraprova. No silêncio da lei, entende-se que o material deve ser guardado até a prolação da sentença. Ademais, sempre que conveniente, os laudos serão ilustrados com provas fotográficas, ou microfotográficas, desenhos ou esquemas (art. 170 do CPP).

São exemplos mais conhecidos deste exame o exame toxicológico para identificação de substâncias entorpecentes ilícitas e o exame de dosagem alcoólica.

Com relação à **identificação de substâncias entorpecentes ilícitas**, há de se destacar que, para efeito da lavratura do auto de prisão em flagrante e estabelecimento da materialidade do delito, é suficiente o **laudo de constatação** da natureza e quantidade da droga, firmado por um perito oficial ou, na falta deste, **por apenas uma (e não duas) pessoa idônea** (art. 50, § 1º, da Lei nº 11.343/06). O perito que subscrever este laudo não ficará impedido de participar da elaboração do laudo definitivo (art. 50, § 2º, da Lei nº 11.343/06).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz Substituto do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012, foi cobrada a regra prevista no art. 50, § 2º, da Lei nº 11.343/06, da seguinte forma: "*O perito que subscrever o laudo de constatação toxicológico ficará impedido da elaboração do laudo definitivo*". A assertiva foi considerada incorreta.

Entretanto, o laudo de constatação não permite a condenação do réu, o que somente poderá ocorrer à vista do laudo definitivo, que deverá ser lavrado por dois peritos. Contudo, se o laudo de constatação já for firmado por um perito oficial, dispensa-se a realização do laudo definitivo.

No que concerne ao **exame de dosagem alcoólica**, registre-se que, até bem pouco tempo, ele era obrigatório para fins de constatação do crime de embriaguez ao volante (art. 306 da Lei nº 9.503/97), sendo feito apenas por meio de bafômetro ou mediante exame de sangue. O objetivo deste exame seria identificar a existência de quantia superior a 6 decigramas de álcool por litro de sangue do condutor do veículo automotor. Incidia (como ainda deve incidir) neste caso o princípio de que ninguém está obrigado a produzir prova contra si mesmo.

Todavia, as leis de números 12.760/12 e 12.971/14, pretendendo conferir maior rigor à "Lei Seca" (Lei nº 11.705/08), alteraram substancialmente esse panorama. É certo que o exame em comento ainda é muito útil, pois, de acordo com o art. 306, § 1º, inciso I, da Lei nº 9.503/97, com a redação dada pela Lei nº 12.760/12, a conduta de embriaguez ao volante pode ser constatada por concentração igual ou superior a 6 decigramas de álcool por litro de sangue ou igual ou superior a 0,3 miligrama de álcool por litro de ar alveolar. Só que a Lei nº 12.760/12 foi muito além, estipulando no art. 306, § 1º, inciso II, da Lei nº 9.503/97 que tal conduta pode ser comprovada também por sinais que indiquem, na forma disciplinada pelo Contran, alteração da capacidade psicomotora. Nesse trilhar, o § 2º deste dispositivo legal, com a redação dada pela Lei nº 12.971/14, assevera que a demonstração desta conduta poderá ser obtida mediante teste de alcoolemia ou toxicológico, exame clínico, perícia, vídeo, prova testemunhal ou outros meios de prova em direito admitidos, observado o direito à contraprova.

Em resumo, assim como já ocorria para fins de lavratura do auto de infração administrativa, o crime previsto no art. 306, *caput*, da Lei nº 9.503/97, com o advento da Lei nº 12.760/12, pode ser demonstrado por qualquer meio de prova, não apenas pelo exame de dosagem alcoólica. Desse modo, ainda que o condutor se recuse a participar do citado exame (o que é possível, em virtude do princípio da não autoincriminação), o crime poderá ser demonstrado por outros meios de prova, o que acaba confirmando a adoção pelo país do sistema do livre convencimento motivado.

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ já decidiu que não é possível a concessão de ordem de *habeas corpus* preventivo apenas se houver o simples temor de, porventura, ter o paciente de se submeter ao exame de bafômetro ao trafegar pelas ruas em veículo automotor, até porque, no caso julgado, não haveria qualquer procedimento investigatório direcionado ao paciente (Informativo nº 425).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Sergipe, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrado exatamente o posicionamento do STJ acima mencionado, nesses termos: "*Considerando o entendimento mais recente do STJ sobre a realização do exame de alcoolemia, popularmente denominado bafômetro, assinale a opção correta. a) É inconstitucional a previsão legal desse exame, pois ofende o princípio nemo tenetur se detegere. b) É inconstitucional a exigência da realização do exame, pois ofende a dignidade da pessoa humana. c) O STJ afirmou a constitucionalidade absoluta da lei, de forma que o motorista é obrigado a realizar o exame. d) Não cabe habeas corpus preventivo para discutir o tema, pois não se pode considerar como fundado receio o simples temor de, porventura, ter de se submeter ao exame ao trafegar pelas ruas em veículo automotor, sem a existência de procedimento investigatório. e) Considerando que o STJ tem entendimento pacificado sobre o tema, admite-se, por simples reclamação, a impugnação de decisões de tribunais que não concedam habeas corpus para evitar a submissão do motorista ao exame.*". A resposta correta foi a letra D.

O art. 171 do CPP estipula outra modalidade de prova pericial, qual seja, a **perícia em furto qualificado**, que visa demonstrar as qualificadoras de destruição ou rompimento de obstáculo e escalada do crime de furto (art. 155, § 4º, incisos I e II, do Código Penal). Neste exame, os peritos deverão descrever os vestígios, indicando

os instrumentos utilizados, os meios e a época em que se presume ter sido o fato praticado (art. 171 do CPP).

Em crimes contra o patrimônio, quando necessário, deve ser confeccionado o **laudo de avaliação das coisas destruídas, deterioradas ou que constituam produto do crime** (art. 172, *caput*, do CPP). Essa avaliação pode ser **direta** ou **indireta** (se impossível aquela, devendo ser feita por meio dos elementos existentes nos autos e dos que resultarem de diligências), nos termos do art. 172, parágrafo único, do CPP.

Para verificação do crime previsto no art. 250 do Código Penal (incêndio), é possível a realização de **exame de local de incêndio**. Nos termos do art. 173 do CPP, os peritos devem verificar a causa e o lugar em que houver começado, o perigo que dele tiver resultado para a vida ou para o patrimônio alheio, a extensão do dano e o seu valor e as demais circunstâncias que interessarem à elucidação do fato.

Exame extremamente útil, em muitos casos, para a determinação da autoria de determinados crimes, principalmente de estelionato e de falsificação, é o **exame de reconhecimento de escritos ou grafotécnico ou caligráfico**, que visa "certificar, admitindo como certo, por comparação, que a letra, inserida em determinado escrito, pertence à pessoa investigada" (NUCCI, 2008, p. 415). O procedimento para a realização deste exame vem previsto exaustivamente no art. 174 do CPP, que merece ser lido.

Lembre-se que o investigado ou acusado somente participa deste exame se quiser, por força do princípio de que ninguém está obrigado a produzir prova contra si mesmo. É esse inclusive o posicionamento do STF (HC nº 77.135/SP, 1ª Turma, Rel. Min. Ilmar Galvão, DJ 8/9/1998). Pode ainda o agente delitivo disfarçar a letra no momento da escrita ou dificultar, de qualquer forma, a perícia, informando, por exemplo, que é canhoto, quando, na verdade, é destro. Todavia, segundo posicionamento da doutrina, "a ausência injustificada pode implicar em condução coercitiva" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 342).

É possível ainda o **exame dos instrumentos do crime**, os quais são os "objetos que servem de agente mecânico para a realização do crime" (NUCCI, 2008, p. 417), a exemplo de um revólver, faca etc. Nos termos do art. 175 do CPP, o exame verificará a natureza e a eficiência do instrumento.

Se a perícia for feita por 2 (dois) peritos não oficiais, havendo divergência entre eles, cada um dos peritos poderá apresentar, no mesmo laudo, as suas opiniões em seções diferenciadas e com respostas separadas aos quesitos ou, se preferirem, elabore cada qual o seu laudo. Ademais, em qualquer caso, o juiz poderá (faculdade) nomear um terceiro perito, chamado de *perito desempatador*. Persistindo, porém, a divergência, o juiz pode (faculdade) determinar a realização de outra perícia, repetindo a produção da prova, por outros peritos, tudo conforme o art. 180 do CPP.

O juiz, no sistema do livre convencimento motivado, não está adstrito ao laudo apresentado, podendo rejeitá-lo, no todo ou em parte (art. 182 do CPP), desde que sempre fundamente a sua decisão no conjunto probatório (é a ele que o juiz está vinculado e não ao exame pericial isoladamente) - exemplo: o juiz pode rejeitar um laudo pericial feito no local do crime e aceitar o depoimento das testemunhas presenciais, que informaram que a posição do corpo da vítima no momento do delito não era a retratada no laudo. Trata-se da adoção, no Brasil, do **sistema liberatório** de apreciação dos laudos periciais, em detrimento do sistema vinculatório.

Essa possibilidade de recusa do laudo pericial, todavia, deve ser analisada com temperamento, já que, nas provas tarifadas, o juiz está vinculado ao teor do laudo - exemplo: o magistrado não pode condenar alguém por tráfico ilícito de entorpecentes quando o laudo concluiu que a substância apreendida não era entorpecente.

Porém, se o juiz recusa o teor do laudo pericial, tratando-se de infração que deixa vestígios e estando estes ainda presentes, poderá determinar que seja suprida a falha do laudo, complementado ou esclarecido, ou determinar a realização de novo laudo, até nomeando novos peritos para tanto, se julgar conveniente, se de prova exclusivamente técnica se cuidar (art. 181 do CPP).

Por fim, assevere-se que o juiz e o delegado podem indeferir a produção de prova pericial, se ela for irrelevante para a solução do caso. Isso, porém, **não pode ser feito no caso do exame de corpo de delito, se o crime deixa vestígios, sendo ele, portanto, sempre obrigatório** (art. 158 do CPP). A parte que se sentir prejudicada com o ato que indefere a produção de uma prova pericial poderá interpor mandado de segurança ou, em preliminar de recursos de apelação ou em sentido estrito, questionar a produção da prova, ou, por fim,

solicitar ao Ministério Público ou ao juiz que requisite a produção da prova, se foi o delegado quem a indeferiu (NUCCI, 2008, p. 421).

▸ **Importante!**

Prova pericial e arma de fogo: Até bem pouco tempo, havia séria discussão na jurisprudência do STJ e do STF se, para fins de caracterização da causa especial de aumento de pena do crime de roubo consistente no emprego de arma de fogo (art. 157, § 2º, inciso I, CP), seria necessária ou não a apreensão e perícia da arma. Em alguns julgados, referidos tribunais chegaram a decidir que a causa de aumento só poderia ser reconhecida se houvesse a apreensão e perícia da arma de fogo (STJ, HC 169151/DF, 6ª Turma, Rel. Min. OG Fernandes, j. 22/6/2010, DJe 2/8/2010; STF, HC 96865/SP, 2ª Turma, Rel. Min. Ellen Gracie, j. 31/3/2009, DJe 7/8/2009). No entanto, mais recentemente, ambos os tribunais pacificaram a sua jurisprudência no sentido de que a citada causa especial poderia ser reconhecida mesmo sem a apreensão da arma de fogo e sua consequente perícia, pois, de acordo com o sistema do livre convencimento motivado, qualquer outro meio de prova poderia supri-la, notadamente a prova testemunhal, com fincas no art. 167 do CPP. É o que se verifica, por exemplo do julgamento proferido pelo Tribunal Pleno do STF no HC nº 96099/RS e do acórdão encontrado no HC nº 188399/AC do STJ.

▸ **Desnecessidade de prova pericial para condenação por uso de documento falso (STJ):**

De acordo com entendimento do STJ, é possível a condenação por infração ao disposto no art. 304 do CP (uso de documento falso) com fundamento em documentos e testemunhos constantes do processo, acompanhada da confissão do acusado, sendo desnecessária a prova pericial para a comprovação da materialidade do crime, mormente se a defesa não requereu, no momento oportuno, a realização do referido exame (Informativo nº 553). Trata-se de entendimento que possui como fundamento a adoção no país do sistema do livre convencimento motivado como regra geral de avaliação da prova.

▸ **Crime de violação de direito autoral e perícia (STJ):**

O STJ já havia decidido que na verificação da materialidade delitiva do crime de violação de direito autoral (art. 184, § 2º, do CP), admite-se perícia realizada com base nas características externas do material apreendido, não sendo necessária a catalogação dos CDs e DVDs, bem como a indicação de cada título e autor da obra apreendida e falsificada (Informativo nº 549). Nessa mesma linha de intelecção, desta feita em sede de

recursos repetitivos, também decidiu que é suficiente, para comprovação da materialidade deste crime, a perícia realizada, por amostragem, sobre os aspectos externos do material apreendido, sendo desnecessária a identificação dos titulares dos direitos autorais violados ou de quem os represente (Informativo nº 567). Mais recentemente, esse tribunal consolidou definitivamente este seu posicionamento ao aprovar a Súmula nº 574, segundo a qual "Para a configuração do delito de violação de direito autoral e a comprovação de sua materialidade, é suficiente a perícia realizada por amostragem do produto apreendido, nos aspectos externos do material, e é desnecessária a identificação dos titulares dos direitos autorais violados ou daqueles que os representem.".

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Agente da Polícia Civil do Distrito Federal, em 2009, promovido pela Fundação Universa (Funiversa), foram cobrados aspectos relevantes sobre a teoria geral da prova e as provas em espécie, nesses termos: *"No tocante à prova no direito processual penal brasileiro, assinale a alternativa incorreta. (A) O juiz formará sua convicção pela livre apreciação da prova produzida em contraditório judicial e, somente quanto ao estado das pessoas, serão observadas as restrições estabelecidas na lei civil. (B) Os exames de corpo de delito e as outras perícias serão feitos por dois peritos oficiais. (C) Se for impossível a realização do exame de corpo de delito, mesmo nas hipóteses em que exigido pela lei, a prova testemunhal poderá suprir a sua falta. (D) O silêncio do acusado, que não importará em confissão, não poderá ser interpretado em prejuízo da defesa. (E) O exame de corpo de delito poderá ser feito em qualquer dia e a qualquer hora"*. A assertiva considerada incorreta foi a de letra B.

9.2. Interrogatório (arts. 185 a 196 CPP)

Por muito tempo, especialmente à época da ditadura militar, o interrogatório foi entendido como meio de prova, pois o acusado era tido como objeto da prova. Nesse sentido, o objetivo primordial do interrogatório era a obtenção da confissão do réu, a qual era considerada rainha das provas.

Modernamente, porém, sob uma visão garantista do processo penal, em que o acusado é sujeito de direitos, e no contexto do sistema acusatório, o interrogatório, embora continue sendo um meio de prova (e assim está previsto no CPP nos artigos 185 a 196), é também um **meio de defesa (natureza híbrida ou mista**

do interrogatório, mescla entre meio de prova e meio de defesa, consoante posição do STJ e do STF).

Desse modo, o interrogatório pode ser definido como a oportunidade que o réu possui para apresentar, perante o juiz, a sua versão pessoal dos fatos delitivos narrados na peça acusatória, em um legítimo exercício da **autodefesa**.

Nesse trilhar, ele é um **ato personalíssimo**, pois só o próprio acusado poderá prestar depoimento em juízo, não podendo ser substituído, para esses fins, nem mesmo por seu defensor ou procurador. Se a ré for pessoa jurídica, "será designada pessoa por instrumento de preposição" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 349). De outro lado, o interrogatório é regido pela **judicialidade**, pois o acusado deverá prestar depoimento necessariamente na presença de um juiz.

Por conta disso, a oitiva do investigado colhida na fase de inquérito policial, tecnicamente, não pode ser chamada de interrogatório. Nesse cenário, relembre-se que o art. 6º, inciso V, do CPP determina, para a oitiva do investigado, a aplicação do regramento do interrogatório judicial. Essa aplicação, no entanto, somente é feita no que for cabível, dado o caráter inquisitivo do procedimento investigatório. Assim, por exemplo, não há, na fase de inquérito, os direitos ao contraditório e à ampla defesa.

Por ser um meio de exercício da autodefesa, que é sempre disponível, não obrigatória, o acusado pode se calar, sem que o seu **silêncio** seja interpretado em seu desfavor (art. 186, parágrafo único, do CPP), assim como poderá **mentir**, em decorrência do princípio constitucional do **direito ao silêncio** (art. 5º, inciso LXIII, da Constituição Federal).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pela FUMARC, dentre outros aspectos relevantes do interrogatório, cobrou-se justamente o direito que o réu tem de mentir neste ato processual, nesses termos: "*Pode o acusado silenciar-se durante o interrogatório, podendo inclusive mentir e se for o caso fazer a leitura de declarações que houver redigido antes do ato processual*". A assertiva foi considerada correta.

Nessa esteira, pode-se afirmar que o interrogatório é regido pela **espontaneidade**, não podendo o réu ser constrangido ou

compelido a prestar depoimento, sob pena de nulidade absoluta do ato. "Da mesma maneira, se o magistrado advertir que o silêncio será interpretado em prejuízo do interrogado, haverá nulidade, contudo meramente relativa, cabendo a demonstração do prejuízo. Não são admitidos detectores de mentira, mesmo que o réu aceite se submeter a tal constrangimento. Se isso ocorrer, a nulidade é insanável" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 351).

Entretanto, ressalte-se que a disponibilidade da autodefesa **não autoriza que o réu minta ou se cale na primeira parte do interrogatório judicial** (art. 187, § 1º, do CPP), referente às perguntas sobre a sua qualificação pessoal, o que é apenas permitido na segunda parte deste ato processual (art. 187, § 2º, do CPP), no momento das perguntas sobre os fatos delitivos.

Em se recusando a fornecer sua qualificação, o agente poderá praticar a contravenção penal prevista no art. 68 da Lei de Contravenções Penais (recusa de dados sobre própria identidade ou qualificação). De outro lado, se o réu atribui a si mesmo outra identidade, pode restar configurado o crime definido no art. 307 do Código Penal (falsa identidade). Aliás, este crime também estará caracterizado se a conduta de atribuir-se falsa identidade for praticada perante autoridade policial, de acordo com a Súmula nº 522 do STJ. Ademais, também não se permite que o réu, na segunda parte do interrogatório, formule imputação falsa a terceiros (o que configura as chamadas **mentiras agressivas**) ou mesmo autoimputação falsa, sob pena inclusive de responsabilidade penal por seu ato, caracterizando-se o crime de denunciação caluniosa (art. 339 do Código Penal) ou até de autoacusação falsa (art. 341 do Código Penal).

Todavia, o art. 260, *caput*, do CPP assevera que se o réu não atender à intimação para o interrogatório, reconhecimento ou qualquer outro ato que, sem ele, não possa ser realizado, a autoridade poderá mandar conduzi-lo à sua presença.

Contudo, há de se registrar que boa parcela da doutrina aponta para a inconstitucionalidade deste dispositivo legal por violação aos princípios do direito ao silêncio e da proibição de produção de provas contra si mesmo, a exemplo de Guilherme de Souza Nucci (NUCCI, 2008, p. 552) e de Eugênio Pacelli de Oliveira (OLIVEIRA, 2008, p. 326) – não obstante este último sustentar a inconstitucionalidade apenas para o ato do interrogatório, sendo, para ele, constitucional a previsão de condução coercitiva para o reconhecimento de

pessoas ou qualquer outro ato que dependa da participação do réu. É esse também o posicionamento do STJ (REsp nº 346677/RJ, 6ª Turma, Rel. Min. Fernando Gonçalves, j. 10/9/2002, DJ 30/9/2002, p. 297) e do STF (HC nº 89837/DF, 2ª Turma, Rel. Min. Celso de Mello, j. 20/10/2009, DJe 20/11/2009). Aliás, convém noticiar que, mais recentemente, em 19 de dezembro de 2017, o Ministro da Suprema Corte Gilmar Mendes, em decisão monocrática liminar, entendeu pela não recepção do art. 260 do CPP, de acordo com os fundamentos anteriormente explicitados, remetendo em seguida a matéria para julgamento pelo Plenário, o que, até o fechamento desta edição, ainda não ocorreu (ADPF 395/DF e ADPF 444/DF).

Além disso, como também pontuado por Eugênio Pacelli de Oliveira (OLIVEIRA, 2008, p. 331), o não comparecimento do réu ao interrogatório não permite necessariamente a sua prisão preventiva, o que somente poderá ocorrer se restar demonstrada a necessidade da custódia cautelar.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso da Defensoria Pública da União, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada a inconstitucionalidade da condução coercitiva do réu para interrogatório. Nesse sentido, a assertiva *"Parte da doutrina manifesta-se contrariamente à expressa previsão legal de cabimento da condução coercitiva determinada para simples interrogatório do acusado, como corolário do direito ao silêncio"* (destacada) foi considerada correta.

No que tange ao **local em que o interrogatório deve ser realizado**, convém esclarecer que se o réu residir fora da jurisdição em que tramita o feito, nada impede que seja ouvido mediante carta precatória, na qual poderão constar as perguntas a serem feitas, por analogia ao disposto no art. 222 do CPP. Acrescente-se ainda que, por enfermidade ou velhice, o interrogatório pode ser realizado onde o réu se encontre, por analogia ao teor do art. 220 do CPP.

Ademais, o STF considera que a **falta de oportunidade do interrogatório enseja nulidade relativa do feito** (HC nº 82.933-3/SP, Rel. Min. Ellen Gracie, em 27/3/2003), dependente, pois, da demonstração de prejuízo, já que há o direito de o réu não comparecer a este ato ou, comparecendo, ficar em silêncio, ou ainda poderá ocorrer a absolvição do mesmo.

De qualquer forma, a todo tempo, o julgador poderá proceder a novo interrogatório de ofício ou a pedido fundamentado de qualquer das partes (art. 196 do CPP), inclusive na pendência de julgamento do recurso de apelação, hipótese em que o tribunal, câmara ou turma poderá procedê-lo (art. 616 do CPP). Entretanto, isso não cria para o réu o direito de ser ouvido no feito a qualquer momento, quando ele tiver interesse. Exige-se o cumprimento de todas as etapas processuais por parte de todos os agentes envolvidos no feito, inclusive o acusado. Assim, é garantido ao réu apenas o direito de ser interrogado no momento próprio, devendo ser intimado para tanto, sob pena de nulidade (art. 564, inciso III, alínea "e", do CPP).

Nesse contexto, assevere-se que o art. 400, *caput*, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.719/08, determina que, nos procedimentos ordinário e sumário, o interrogatório é o último ato de instrução praticado na audiência de instrução e julgamento, não sendo mais o réu citado para tanto (e sim para oferecer resposta escrita).

No procedimento do Tribunal do Júri, é possível que o réu preso e seu defensor requeiram a dispensa daquele em plenário (art. 457, § 2º, do CPP), o que fará com que não ocorra o interrogatório na segunda etapa deste procedimento, sem que isso implique em qualquer nulidade. A doutrina entende que essa previsão deve ser estendida para os demais procedimentos (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 348).

Noticie-se que o art. 359, parágrafo único, do Código Eleitoral assevera que o interrogatório pode ser substituído pela contestação escrita da peça acusatória.

Por envolver o exercício de defesa, o interrogatório necessariamente deve ser **acompanhado por defensor**, ainda que dativo, sob pena de nulidade absoluta. Este defensor poderá inclusive formular perguntas ao réu. Além disso, o réu tem direito a **entrevista prévia com o seu defensor** (art. 185, § 5º, do CPP), em qualquer modalidade de interrogatório, sob pena de nulidade absoluta, a permitir até o oferecimento de correição parcial.

▸ **Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?**

O STJ já decidiu que não configura nulidade a negativa de pedido da Defensoria Pública de requisição de réu preso para entrevista pessoal com a finalidade de subsidiar a elaboração de defesa preliminar.

Isso porque inexiste previsão legal que autorize a Defensoria Pública a transferir ao Poder Judiciário o ônus de promoção de entrevista pessoal do réu preso (Informativo nº 551).

O interrogatório inicia-se com uma **fase preliminar**, em que o juiz deve advertir o réu sobre o seu **direito ao silêncio**, sob pena de nulidade do feito (art. 186 do CPP). Nesse contexto, alerte-se para o fato de que o interrogatório realizado sem as formalidades legais, o que inclui a ausência de advertência da autoridade competente ao agente delitivo do seu direito ao silêncio, é conhecido como **interrogatório sub-reptício**, nas palavras do STF (STF, HC 80949/RJ, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, DJ 14/12/2001 - Informativo nº 250), o que pode ocorrer tanto na fase policial como em juízo. É o exemplo de um delegado que, sem comunicar nada ao investigado, inicia uma conversa com o mesmo na Delegacia de Polícia e a grava com uma câmera escondida. Como já afirmado, esse interrogatório, se for feito em juízo, será nulo. Na fase policial, porém, por inexistir nulidade em sede de inquérito policial, o ato não atingirá a futura ação penal.

▸ **Interrogatórios duros:**

Interrogatórios duros são aqueles colhidos por meio de tortura. Utilizados sob o argumento de segurança de Estado, foram frequentes na prisão de Guantánamo, na qual os presos sofriam diversos maus tratos para que confessassem eventuais crimes (o que deu origem à expressão **guantanamização do Processo Penal**).

Em seguida, segue-se o **procedimento do interrogatório**, dividindo-se em duas partes, segundo dicção do art. 187 do CPP. A primeira diz respeito à sua **qualificação** (art. 187, § 1º, do CPP), fundamental para a aferição das circunstâncias judiciais do art. 59 do Código Penal, oportunidade em que ele não pode se calar ou mentir. A segunda diz respeito aos **fatos** (art. 187, § 2º, do CPP), ou seja, o mérito da causa, oportunidade em que pode se calar ou mentir (não podendo, porém, fazer autoimputação falsa ou imputação falsa a terceiros).

Etapas do interrogatório do réu (art. 187 CPP)

- **Etapa preliminar:** juiz adverte o réu sobre o seu direito ao silêncio.
- **1ª Etapa:** Perguntas sobre a qualificação do réu, oportunidade em que ele não poderá se calar ou mentir.
- **2ª Etapa:** Perguntas sobre os fatos, oportunidade em que o réu poderá se calar ou mentir.

Como o interrogatório passou a ser também um meio de defesa, ele deixou de ser um ato privativo do juiz, possibilitando-se a participação das partes neste ato processual mediante a formulação de perguntas dirigidas ao réu, nos termos do art. 188 do CPP. E se houver mais de um acusado, serão interrogados separadamente, com fincas no art. 191 do CPP (**individualidade do interrogatório**).

Parcela da doutrina, a exemplo de Eugênio Pacelli de Oliveira (OLIVEIRA, 2008, p. 344), sustenta que, em analogia ao disposto no art. 212 do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.690/08, essas perguntas podem ser feitas diretamente, ficando o juiz como fiscal das mesmas, podendo indeferir aquelas que puderem induzir a resposta, não tiverem relação com a causa ou importarem na repetição de outra já respondida. Apenas após as perguntas das partes é que o magistrado formularia as suas perguntas complementares.

Todavia, esse posicionamento doutrinário é minoritário, pois acabou prevalecendo o entendimento de que o art. 188 do CPP está mantido, daí porque o interrogatório deve ser iniciado com as perguntas do juiz, encerrando-se com as perguntas complementares das partes, feitas por intermédio do magistrado, que poderá indeferi-las se impertinentes ou irrelevantes, o que restará consignado no termo de audiência, permitindo futura alegação das partes de nulidade do feito por cerceamento do direito à acusação ou defesa. Mantém-se, portanto, o **sistema presidencialista** de perguntas no interrogatório.

Certo é que, no **Tribunal do Júri**, as **perguntas podem ser feitas pelas partes diretamente ao réu**. As **perguntas dos jurados**, porém, necessariamente devem ser formulados **por meio do juiz** (art. 474, §§ 1º e 2º, do CPP).

Em resposta às perguntas formuladas quanto aos fatos delitivos, se o acusado negar a acusação, no todo ou em parte, poderá (mera faculdade) prestar esclarecimentos e indicar provas (art. 189 do CPP). Mas se confessar a autoria, será perguntado sobre os motivos e circunstâncias do fato e se outras pessoas concorreram para a infração, e quais sejam (art. 190 do CPP).

Quanto ao **interrogatório do réu preso**, como regra geral, ele deve ser feito no **estabelecimento prisional**, em sala própria, desde que estejam garantidas a segurança do juiz, do membro do Ministério Público e dos auxiliares bem como a presença do defensor e a publicidade do ato (art. 185, § 1º, do CPP).

Excepcionalmente, em não estando atendidos os requisitos acima referidos, o interrogatório do réu preso poderá ser feito **por videoconferência ou meio virtual ou *on line* ou por meio eletrônico**, conforme previsão expressa no art. 185, § 2º, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.900/09.

A esse respeito, insta salientar que não tem mais validade a anterior decisão do STF (HC nº 88914/SP, 2ª Turma, Rel. Min. Cezar Peluso, Informativo nº 476) proferida no sentido de que o interrogatório por videoconferência não seria permitido. Isso porque tal decisão se respaldou na falta de previsão legal para a realização deste ato processual, o que foi superado com o advento da Lei nº 11.900/09. Noutro giro, assevere-se que, mesmo antes do surgimento deste diploma legal, o STJ admitia a realização do interrogatório por meio virtual (RHC nº 15.558/SP, Rel. Min. José Arnaldo da Fonseca, DJ 11/10/2004, p. 351).

É certo que, não obstante a autorização conferida pela Lei nº 11.900/09, parcela da doutrina ainda sustenta a inconstitucionalidade do interrogatório por videoconferência, ao argumento de que a presença física do acusado à frente do juiz seria elemento importante para a formação do seu convencimento, integrando, pois, o arsenal da ampla defesa (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 350).

Ousamos discordar desse posicionamento. É que, em um Estado Democrático de Direito, não é possível sustentar a prevalência

de uns direitos fundamentais em relação a outros, já que não há hierarquia entre os mesmos. Nesse sentido, não se nega que uma visão garantista do Processo Penal deve estar atenta aos interesses do réu, mas eles não são os únicos interesses em jogo. Um verdadeiro garantismo é exercido quando há respeito aos interesses do acusado sem que isso implique em desrespeito aos interesses da sociedade. Portanto, certas ocasiões estão a exigir o interrogatório do réu preso por videoconferência, sob pena de se colocar em risco a sociedade. Os elevados custos da diligência, onerando injustificadamente os cofres públicos, e o constante risco de fuga legitimam a realização deste ato.

Para equilibrar esse aparente conflito de interesses, é prudente que se afirme que essa modalidade de interrogatório é **excepcional**, somente podendo ser realizada nas hipóteses taxativamente previstas em lei, devidamente evidenciadas no caso concreto e fundamentadas pelo magistrado, hipóteses que serão abordadas a seguir. É nessa esteira que a jurisprudência vem entendendo pela constitucionalidade desta espécie de interrogatório.

Assim, o interrogatório por videoconferência é decretado pelo juiz em despacho fundamentado, de ofício ou a requerimento das partes, sendo que a fundamentação deve se ater às finalidades indicadas pelo art. 185, § 2º, do CPP ("I - prevenir risco à segurança pública, quando exista fundada suspeita de que o preso integre organização criminosa ou de que, por outra razão, possa fugir durante o deslocamento; II - viabilizar a participação do réu no referido ato processual, quando haja relevante dificuldade para seu comparecimento em juízo, por enfermidade ou outra circunstância pessoal; III - impedir a influência do réu no ânimo de testemunha ou da vítima, desde que não seja possível colher o depoimento destas por videoconferência, nos termos do art. 217 deste Código; IV - responder à gravíssima questão de ordem pública").

As partes são intimadas com 10 (dez) dias de antecedência da decisão que permitir essa modalidade de interrogatório (art. 185, § 3º, do CPP). O réu tem direito de assistir a todos os outros atos referentes à audiência (art. 185, § 4º, do CPP), bem como a se entrevistar com seu defensor e a ter contato com ele, a todo momento, por meio telefônico (art. 185, § 5º, do CPP). A sala da videoconferência será fiscalizada pelos corregedores, pelo juiz, Ministério Público e OAB (art. 185, § 6º, do CPP). A videoconferência pode ser realizada em qualquer ato que dependa da participação de pessoa presa,

como acareação, reconhecimento de pessoas e coisas, inquirição de testemunhas ou tomada de declarações do ofendido (art. 185, § 8º, do CPP), atos estes que serão acompanhados pelo acusado e pelo defensor (art. 185, § 9º, do CPP).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso da Defensoria Pública da União, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada a possibilidade de utilização da videoconferência no processo penal. Nesse sentido, a assertiva *"O interrogatório, na atual sistemática processual penal, deve ser realizado, como regra geral, por intermédio da videoconferência, podendo o juiz, por decisão fundamentada, nos expressos casos legais, decidir por outra forma de realização do ato. O CPP estabelece, de forma expressa, o uso da videoconferência ou de recurso tecnológico similar para oitiva do ofendido e de testemunhas, inclusive nos casos em que se admite a utilização de carta rogatória"* (destacada) foi considerada incorreta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso do MP/GO, em 2009/2010, foram cobradas as hipóteses que permitem a realização do interrogatório por videoconferência, nos termos do art. 185, § 2º, do CPP, nesses termos: *"Medida de caráter excepcional no processo penal brasileiro, o interrogatório de réu preso por sistema de videoconferência prevista na Lei 11.900/09, ocorrerá mediante decisão fundamentada do magistrado e atenderá a uma das seguintes finalidades: I - Proporcionar economia de recursos públicos em casos excepcionais, mediante requerimento das partes ou de ofício pela autoridade judiciária. II - Viabilizar a participação do réu no interrogatório, quando haja qualquer dificuldade para seu comparecimento em juízo, por enfermidade ou outra circunstância pessoal. III - Impedir a influência do réu no ânimo de testemunha ou da vítima, desde que não seja possível colher o depoimento destas por videoconferência, nos termos do art. 217 do Código de Processo Penal. IV - Quando houver interesse público"*. Apenas a assertiva de número III está correta.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo, em 2011, foram cobradas importantes regras sobre o interrogatório do réu preso, da seguinte forma: *"Analise as seguintes assertivas com relação ao interrogatório judicial do acusado preso: I. determinado o interrogatório por videoconferência, é defeso ao réu acompanhar, pelo mesmo sistema, os atos anteriores da audiência de instrução e julgamento prevista no procedimento comum; II. o juiz garantirá ao réu o direito de*

entrevista prévia e reservada com seu defensor, ainda que o interrogatório seja realizado por videoconferência; III. a fiscalização da sala reservada no estabelecimento prisional para a realização de atos processuais por sistema de videoconferência é atribuição exclusiva do Ministério Público; IV. no caso de enfermidade do réu, que dificulte seu comparecimento em juízo, o juiz poderá determinar a realização do interrogatório por videoconferência; V. se o interrogado não souber escrever, não puder ou não quiser assinar, o termo será assinado a rogo, subscrevendo-o duas testemunhas. Está correto apenas o que se afirma em (A) I e IV. (B) I e V. (C) II e IV. (D) III e IV. (E) III e V.". A resposta correta foi a letra C.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público de Minas Gerais, em 2013, foram cobrados aspectos relevantes do interrogatório por videoconferência, a saber: "*Levando-se em conta os princípios orientadores do Processo Penal e a realização de interrogatóriopor sistema de videoconferência, identifique a alternativa* ***FALSA****: A) A videoconferência ocorre por fundada suspeita de que o interrogando integre organização criminosa ou que possa fugir durante o deslocamento para ser ouvido perante o juízo deprecado. B) A videoconferência é exceção à regra e se realiza quando há dificuldade de comparecimento do réu em juízo, em virtude de circunstância pessoal como a residência temporária fora do país. C) A videoconferência é medida que protege a vítima ou testemunha em seu ânimo, de possível influência a ser exercida pelo réu, que poderia trazer um temor com a sua presença. D) A videoconferência se justifica por necessidade de resposta às gravíssimas questões de ordem pública, como aquelas que justificam o decreto de prisão preventiva*". A resposta da questão foi a letra B.

Não havendo a possibilidade de realização do interrogatório do réu preso no estabelecimento prisional ou por videoconferência, deverá ser feito por meio de uma terceira modalidade, qual seja, por **requisição do réu preso em juízo** (art. 185, § 7º, do CPP), hipótese em que o Estado deverá providenciar o encaminhamento do acusado à sede do juízo (fórum) para que seja realizado tal ato processual.

Modalidades de interrogatório do réu preso (art. 185 CPP)

- **1ª Modalidade:** Interrogatório no estabelecimento prisional.
- **2ª Modalidade:** Interrogatório por videoconferência.
- **3ª Modalidade:** Interrogatório por requisição.

Com fincas no art. 185, § 1º, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016 (Estatuto da Primeira Infância), em proteção à "primeira infância", "Do interrogatório deverá constar a informação sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa.".

Vale, como regra geral, a **oralidade** na realização do interrogatório. No que tange ao **interrogatório do surdo**, porém, deve ele ser feito por meio de perguntas por escrito, que serão respondidas oralmente (art. 192, inciso I, do CPP). Já o **interrogatório do mudo** é feito por meio de perguntas orais, com respostas escritas (art. 192, inciso II, do CPP). O **interrogatório do surdo-mudo**, por sua vez, é feito mediante perguntas e respostas escritas (art. 192, inciso III, do CPP). De qualquer forma, caso o interrogando não saiba ler ou escrever, intervirá no ato, como intérprete e sob compromisso, pessoa habilitada a entendê-lo (art. 192, parágrafo único, do CPP).

▸ **Aplicação em concurso público:**

No XLIX concurso do MP/MG, em 2010, foi cobrado o modo de realização do interrogatório de pessoa surda. Nesse sentido, a assertiva *"O interrogatório de pessoa surda será realizado por escrito e o interrogando responderá também por escrito, anexando-se aos autos as perguntas e respostas"* (destacada) foi considerada incorreta.

De outro lado, se o acusado **não falar a língua nacional**, mesmo que o juiz e os demais presentes na audiência falem o idioma estrangeiro, o interrogatório será feito por meio de intérprete (art.

193 do CPP). Essa regra será desnecessária se "a língua estrangeira aproxima-se da nacional, como o português de Portugal ou o castelhano" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 351).

Se o **interrogado não souber escrever, não puder ou não quiser assinar**, tal fato será consignado no termo (art. 195 do CPP), não sendo o caso, portanto, de colheita de suas impressões digitais.

Por fim, noticie-se que não há mais necessidade de atuação de curador especial, durante o interrogatório, em favor do réu maior de 18 (dezoito) e menor de 21 (vinte e um) anos de idade, já que o art. 194 do CPP, que fazia essa exigência, foi revogado expressamente pela Lei nº 10.792/03. A figura do curador só persiste para os inimputáveis por doença mental (tendo atuação destacada no incidente de insanidade mental do acusado, *ex vi* do art. 149, § 2º, do CPP) e para quem não possua plena capacidade.

9.3. Confissão (arts. 197 a 200 CPP)

A confissão é o reconhecimento por parte do réu dos fatos narrados na peça acusatória. Ela é **divisível** (o juiz pode considerar apenas parte dela, de acordo com o seu livre convencimento; contudo, a confissão não poderá ser divisível se a sua divisão implicar em uma versão dos fatos sem qualquer lógica, sem coerência) e **retratável** (o réu pode voltar atrás, se em tempo, devendo, nesta hipótese, o magistrado determinar a realização de novo interrogatório; a retratação da confissão, porém, no sistema do livre convencimento motivado, não vincula o juiz, que pode se utilizar da anterior confissão no momento da sentença), consoante o art. 200 do CPP.

É ainda **informal** (não há forma prevista em lei para a sua realização), **expressa** (não há confissão tácita ou ficta no processo penal, até porque a revelia, nesta seara jurídica, em face da indisponibilidade dos direitos em jogo, não induz o efeito da presunção da veracidade dos fatos narrados na exordial, que é típico do processo civil), **pessoal** (não pode ser feita por preposto ou mandatário; se houver concurso de agentes, a confissão de um réu não interfere na situação dos demais), **voluntária** (deve ser produzida livremente pelo réu, sem qualquer coação) e **judicial** (deve ser feita na presença de um juiz ou, quando isso não ocorrer, ao menos será tomada por termo nos autos; se extrajudicial, como aquela feita no inquérito policial, deverá ser confirmada em juízo).

Em verdade, a confissão pode até ser **extraprocessual**, não necessitando, portanto, ser feita necessariamente no interrogatório, mas será tomada por termo nos autos (art. 199 do CPP).

Quanto aos **efeitos**, é possível que a confissão seja **simples** (quando o réu apenas confirma os fatos narrados na peça acusatória), **complexa** (quando o réu confirma vários fatos delitivos que são objeto do feito) ou **qualificada** também conhecida como **ponte de bronze**, ela se opera (quando o réu, além de confirmar o teor da inicial acusatória, acrescenta elementos que excluem a responsabilidade penal, a exemplo de excludentes de ilicitude ou de culpabilidade; de acordo com a Súmula nº 545 do STJ, quando utilizada para a formação do convencimento do julgador, ela enseja a aplicação da atenuante prevista na alínea "d" do inciso III do artigo 65 do CP).

Embora a confissão seja uma prova extremamente relevante no processo penal, certo é que ela não pode ser mais encarada como a "rainha das provas" como outrora era feito, pois, no sistema do livre convencimento motivado, não há hierarquia entre as provas previstas no ordenamento jurídico brasileiro. Desse modo, **a simples confissão não permite que o juiz não determine a produção das demais provas do processo** (art. 197 do CPP), até porque sempre é possível a existência de uma autoimputação falsa. Nessa esteira, compete ao magistrado analisar a confissão sempre à luz de todo o material probatório produzido no feito, para que seja devidamente certificada a sua credibilidade.

Apesar de o art. 198 do CPP estatuir que "O silêncio do acusado não importará confissão, mas poderá constituir elemento para a formação do convencimento do juiz" (grifamos), certo é que, em proteção aos princípios da não autoincriminação e do direito ao silêncio, não se pode admitir que o silêncio do réu seja considerado como elemento para a formação do convencimento do juiz, daí porque o citado dispositivo legal, em sua parte final, não foi recepcionado pela ordem jurídica atual.

▸ **Importante!**

Delação/colaboração premiada ou benéfica - legislação e jurisprudência do STF

No momento do interrogatório, o acusado poderá, além de confessar a autoria do delito, apontar o nome de outros coautores, o que vem a

constituir, no processo penal, a figura da **delação**. Trata-se de meio de prova lícito e válido, desde que seja devidamente submetido ao contraditório, permitindo-se que o defensor do delatado formule perguntas àquele réu, no mesmo interrogatório ou em segundo ato desta natureza, exclusivamente sobre o teor da delação. Em algumas hipóteses previstas em lei, o réu que realizar a delação obterá alguns benefícios, o que servirá como estímulo para que ele a opere, facilitando a integral apuração do crime. Tem-se, nessas situações, a chamada **delação/colaboração premiada ou benéfica**. A lei prevê esta espécie de delação nas seguintes hipóteses: I – Art. 8º, parágrafo único, da Lei nº 8.072/90 (crimes hediondos); II – Art. 159, § 4º, do Código Penal (extorsão mediante sequestro); III – Arts. 13 e 14 da Lei nº 9.807/99 (proteção a vítimas e testemunhas); IV – Art. 1º, § 5º, da Lei nº 9.613/98 (lavagem de capitais), com a redação dada pela Lei nº 12.683/12; V – Art. 41 da Lei nº 11.343/06 (lei de tóxicos); VI – Art. 25, § 2º, da Lei nº 7.492/86 (crimes contra o sistema financeiro nacional); VII – Art. 16, parágrafo único, da Lei nº 8.137/90 (crimes contra a ordem tributária, econômica e relações de consumo); VIII – Arts. 4º a 7º da Lei nº 12.850/13 (organização criminosa). Para conhecer de perto como se dá a delação premiada em cada uma destas hipóteses, é suficiente a leitura dos citados dispositivos legais, por serem eles autoexplicativos.

O STF, por meio do seu Plenário, definiu a colaboração premiada como um **negócio jurídico processual**, figurando, de um lado, o Ministério Público ou até a autoridade policial (embora esteja pendente de julgamento – até o fechamento desta edição – no STF a ADI 5508, na qual a Procuradoria-Geral da República questiona trechos de dispositivos da Lei nº 12.850/2013 que atribuem a delegados de polícia o poder de realizar acordos de colaboração premiada, apontando, dentre outros argumentos, violação ao sistema acusatório) – ouvido o *Parquet* neste último caso –, e, de outro, o colaborador, devidamente assistido por advogado, tendo como finalidade a obtenção de provas, com formação de elementos indiciários suficientes à futura formação de prova em regular processo penal, seja em face do colaborador ou do corréu delatado. Por consequência desta natureza jurídica, o Pretório Excelso estabeleceu um caráter **personalíssimo** a este instituto, motivo pelo qual inadmitiu impugnação por terceiro delatado, tendo em vista que a celebração do acordo, por si só, não atinge a esfera jurídica do terceiro delatado, não fazendo prova contra ele, até mesmo porque todos os elementos indiciários formados passarão pelo indispensável crivo do contraditório e ampla defesa, não sendo autorizada a condenação tão somente com fundamento nos elementos advindos da colaboração premiada (STF, HC nº 127.483/PR).

Igualmente como corolário desta natureza jurídica, alertou para o fato de que a possibilidade de rescisão ou de revisão, total ou parcial, de

acordo de colaboração premiada, devidamente reconhecido pelo Poder Judiciário, em decorrência de descumprimento de deveres assumidos pelo colaborador, não propicia conhecer e julgar alegação de imprestabilidade das provas, porque justamente a rescisão ou revisão tem efeitos apenas entre as partes, não atingindo a esfera jurídica de terceiros (Informativo nº 878).

Rememorou ainda o caráter sigiloso deste instituto (art. 7º, *caput*, da Lei nº 12.850/13), sendo que tal sigilo deve perdurar, no máximo, até o recebimento da denúncia, conforme art. 7º, § 3º, da Lei nº 12.850/13 (Informativo nº 877).

Por fim, o Plenário da Suprema Corte, no julgamento a respeito da homologação monocrática da delação dos empresários da JBS feita pelo Relator Ministro Luiz Edson Fachin, consignou a atribuição do Relator, nos limites dos §§ 7º e 11 do art. 4º da Lei nº 12.850/2013 e incisos I e II do art. 21 do Regimento Interno do STF, para, monocraticamente, homologar acordos de colaboração premiada, oportunidade na qual se limita ao juízo de regularidade, legalidade e voluntariedade da avença. Reafirmou também a competência colegiada deste Tribunal para avaliar, em decisão final de mérito, o cumprimento dos termos bem como a eficácia do acordo (Informativo nº 870).

▸ ***Queen for a day*:**

Tendo origem no direito norte-americano, a Teoria do *Queen for a day* (Rainha por um dia) é aplicada ao instituto da delação/colaboração premiada, incidindo ao longo das reuniões realizadas entre o possível colaborador e o representante do Ministério Público para a negociação do acordo, conhecidas como reuniões preliminares ou tratos preliminares. Com efeito, os elementos de prova oferecidos pelo eventual colaborador ao órgão ministerial durante essas reuniões não podem ser utilizados, em hipótese alguma, por este último, em desfavor daquele enquanto tal acordo não é formalizado. Por se tornar intocável até que ocorra esta formalização é que este agente se torna "Rainha por um dia". A vedação do uso dos elementos de prova encaminhados ao *Parquet* decorre do princípio da lealdade processual.

Características da confissão
1. Divisível.
2. Retratável.
3. Informal.
4. Expressa.

Características da confissão
5. Pessoal.
6. Voluntária.
7. Judicial, podendo ser extraprocessual.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/GO, em 2009/2010, foram cobrados aspectos relevantes da teoria geral da prova e as características da confissão, nesses termos: "*Sobre as provas no processo penal, marque a alternativa incorreta. a) Quanto ao objeto, as provas podem ser diretas ou indiretas. As provas diretas referem-se imediatamente ao objeto a ser provado (fato probando). Já a prova indireta demonstra a existência de outro fato, que se liga ao fato a ser provado por uma construção lógica. Assim, é possível afirmar que a prova indiciária é sempre indireta. b) A prova do estado civil das pessoas está sujeita às limitações impostas pela lei civil. Assim, para que seja declarada extinta a punibilidade, a morte do réu não poderá ser provada por testemunhas. c) Prova real é aquela decorrente dos vestígios deixados pelo crime, não necessariamente o objeto material do delito. d) São características da confissão no processo penal a retratabilidade, a relatividade de valor e a indivisibilidade*". A assertiva incorreta é a de letra D.

9.4. Perguntas ao ofendido (art. 201 CPP)

O ofendido, por ser a vítima da infração penal cometida pelo réu, não é considerado testemunha. Por isso, não tem o compromisso de dizer a verdade (art. 203 do CPP) e, por consequência, não pode cometer crime de falso testemunho (art. 342 do CP), mas pode ser autor do crime de denunciação caluniosa (art. 339 do CP).

Todavia, é possível a sua **condução coercitiva** se, intimado, não comparecer em juízo sem motivo justo, pois ele tem o dever de depor (art. 201, § 1º, do CPP). Ainda por conta da sua ausência injustificada, poderá também ser responsabilizado por crime de **desobediência**. Registre-se que a não oitiva do ofendido, quando arrolado pelas partes ou determinado de ofício pelo juiz, enseja mera nulidade relativa do feito, dependente, pois, da demonstração de prejuízo. Ademais, ele **não possui direito ao silêncio**, salvo se o seu depoimento puder incriminá-lo, como ocorre na hipótese de crime de lesões corporais recíprocas.

▸ Qual o entendimento do STF sobre o assunto?

Em caso envolvendo o incêndio na boate "Kiss", ocorrido em Santa Maria/RS na madrugada de 27/01/2013 e que provocou a morte de 242 pessoas, deixando ainda 680 feridas, o STF entendeu que não seria obrigatória a oitiva de todas as vítimas do homicídio tentado. Assim, afirmou que não há direito absoluto à produção de prova. Em casos complexos, há que confiar no prudente arbítrio do juiz da causa, mais próximo dos fatos, quanto à avaliação da pertinência e relevância das provas requeridas pelas partes. Desse modo, a obrigatoriedade de oitiva da vítima deve ser compreendida à luz da razoabilidade e da utilidade prática da colheita da referida prova. Com efeito, o magistrado, em observância ao sistema da persuasão racional, motivara a dispensa da oitiva de todas as vítimas do homicídio tentado. Segundo o juiz de origem, a produção dessa prova, diante da peculiaridade do caso concreto, acarretaria, em síntese, a necessidade de mais de 954 horas de audiência para a tomada de declarações das 638 vítimas, a nova exposição delas ao cenário traumático em que os fatos teriam se desenvolvido e a repetição de relatos que não auxiliariam no esclarecimento dos fatos. Além disso, o paciente do habeas corpus oferecido perante este tribunal deixara de requerer, na resposta à acusação, a oitiva de todas as vítimas. Acrescentou-se, ainda, que o rito especial do tribunal do júri limita o número de testemunhas a serem inquiridas e, ao contrário do procedimento comum, não exclui dessa contagem as testemunhas que não prestam compromisso legal (Informativo nº 823).

Não há que se olvidar sobre a importância do depoimento do ofendido no processo penal, notadamente naqueles crimes em que não há testemunhas, a exemplo de um roubo praticado em local ermo, na calada da noite, ou um estupro. Contudo, dado o natural e justificado interesse da vítima do crime na condenação do seu agressor, esse meio de prova deve ser analisado pelo magistrado com muita cautela, exigindo-se o seu cotejo com todo o contexto probatório produzido nos autos.

▸ Síndrome da mulher de Potifar:

Segundo o texto da Bíblia (Gênesis, capítulos 37 e 39), José (do Egito, filho de Jacó) foi vendido como escravo a um oficial do exército egípcio, Potifar, cuja mulher, após ter tentado sem sucesso seduzi-lo, passou a imputar-lhe falsamente a prática de crime de estupro, o que culminou em sua prisão. Diante disso, a Criminologia criou a Síndrome da mulher de Potifar para se referir à situação em que a mulher, rejeitada, oferece uma notícia de crime (em regra contra a dignidade sexual) falsa apenas para prejudicar a pessoa que a rejeitou. Além dos efeitos de

Direito Penal (crime de calúnia ou até denunciação caluniosa), há repercussão da matéria também no Processo Penal, cabendo ao delegado que receber essa notícia-crime, antes de instaurar formalmente o inquérito policial, realizar diligências preliminares e informais que busquem apurar um mínimo de veracidade dos fatos narrados pela suposta vítima. Em juízo, no contexto do convencimento motivado, este depoimento certamente perderia credibilidade com a análise das demais provas colhidas pelas partes.

Durante a oitiva do ofendido, é plenamente possível a participação das partes formulando perguntas para ele, inclusive de forma direta, consoante previsão do art. 473 do CPP, válido para o procedimento do Tribunal do Júri, mas invocado, por analogia, em qualquer procedimento (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 366).

A Lei nº 11.690/08 procurou estar atenta à situação do ofendido no processo penal. Diante disso, alterando o art. 201 do CPP, passou a exigir que ele seja intimado sobre o ingresso e a saída do réu da prisão, a designação de data para audiência, a sentença e respectivos acórdãos que a mantenham ou modifiquem (art. 201, § 2º, do CPP), desde a fase de inquérito até a execução penal (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 367). Essa intimação será feita no endereço por ele indicado ou até por meio eletrônico, se ele assim optar (art. 201, § 3º, do CPP). Além disso, garantiu-se ao ofendido, enquanto não presta depoimento, que ele possa aguardar a sua chamada em espaço reservado (art. 201, § 4º, do CPP).

Caso o juiz entenda necessário, poderá determinar o acompanhamento do ofendido por equipe multidisciplinar, especialmente nas áreas psicossocial, de assistência jurídica e de saúde, a expensas do ofensor ou do Estado (art. 201, § 5º, do CPP). Nesse trilhar, o Estado deverá arcar com esses custos até o trânsito em julgado da sentença condenatória, em virtude do princípio da presunção de inocência. Apenas após esse momento é que haverá a possibilidade de o agressor assumir o pagamento de tais custos, os quais serão parte do valor mínimo indenizatório (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 368).

Para que sejam preservadas a intimidade, a vida privada, honra e imagem do ofendido, poderá também o juiz determinar o segredo de justiça em relação aos dados, depoimentos e outras informações constantes dos autos a seu respeito para evitar sua exposição aos meios de comunicação (art. 201, § 6º, do CPP).

Por fim, noticie-se que se o juiz verificar que a presença do réu poderá causar humilhação, temor, ou sério constrangimento ao ofendido, de modo que prejudique a verdade do depoimento, fará a inquirição por videoconferência e, somente na impossibilidade dessa forma (por ausência de recursos tecnológicos, por exemplo), determinará a retirada do réu, prosseguindo na inquirição, com a presença do seu defensor, por força do art. 217, *caput*, do CPP. Igual prerrogativa será assegurada à testemunha, como será exposto a seguir.

▸ **Depoimento sem dano/Depoimento especial (Lei nº 13.431/2017):** O depoimento sem dano (DSD) é prática inovadora que envolve a oitiva de crianças e adolescentes em situação de violência, permitindo-se que o depoimento seja tomado através de um técnico (psicólogo ou assistente social) em uma sala especial, conectada por equipamento de vídeo e áudio à sala de audiência, em tempo real. O técnico possui um ponto eletrônico por meio do qual o juiz direciona as perguntas a serem encaminhadas ao menor. Além disso, o depoimento é gravado, constando como prova no processo. De acordo com entendimento do STJ, não configura nulidade por cerceamento de defesa o fato de o defensor e o acusado de crime sexual praticado contra criança ou adolescente não estarem presentes na oitiva da vítima devido à utilização do método do depoimento sem dano, precluindo eventual possibilidade de arguição de vício diante da falta de alegação de prejuízo em momento oportuno e diante da aquiescência da defesa à realização do ato processual apenas com a presença do juiz, do assistente social e da servidora do Juízo. Com efeito, em se tratando de crime sexual contra criança e adolescente, justifica-se a inquirição da vítima na modalidade do depoimento sem dano, em respeito à sua condição especial de pessoa em desenvolvimento, procedimento aceito pelo STJ, inclusive antes da deflagração da persecução penal, mediante prova antecipada. Ademais, o STJ tem entendido que a inércia da defesa, em situações semelhantes à presente, acarreta preclusão de eventual vício processual, mormente quando não demonstrado o prejuízo concreto ao réu, incidindo, na espécie o art. 563 do CPP (Informativo nº 556). Mais recentemente, o depoimento sem dano acabou sendo disciplinado expressamente por lei, qual seja, a Lei nº 13.431/2017. Referindo-se a ele pelo termo depoimento especial (que não deve ser confundido com a escuta especializada, procedimento de entrevista sobre situação de violência com criança ou adolescente perante órgão da rede de proteção, limitado o relato estritamente ao necessário para o cumprimento de sua finalidade – art. 7º; o depoimento especial é o procedimento de oitiva de criança ou adolescente vítima ou testemunha de

violência perante autoridade judiciária ou até policial – art. 8º), esta lei, nos artigos 8º a 12, apresenta um regramento bem detalhado a respeito deste instituto, merecendo destaque o inteiro teor do art. 12, que indica o procedimento para a sua realização. Vale a pena ainda registrar que, conforme o art. 3º, parágrafo único, a aplicação desta lei é facultativa para as vítimas e testemunhas de violência entre 18 (dezoito) e 21 (vinte e um) anos, de acordo com o previsto no art. 2º, parágrafo único, do Estatuto da Criança e do Adolescente. Portanto, o depoimento sem dano/depoimento especial pode ser realizado também em prol da vítima ou testemunha de violência maior de 18 (dezoito) e menor de 21 (vinte e um) anos. Nessa esteira, no âmbito da Lei Maria da Penha, consoante o seu art. 10-A, § 2º, com a redação dada pela Lei nº 13.505/2017, na inquirição de mulher em situação de violência doméstica e familiar ou de testemunha de delitos de que trata esta Lei, será adotado o procedimento dos incisos I a III deste dispositivo legal, em muito semelhante àquele relativo ao depoimento sem dano/depoimento especial.

9.5. Testemunhas (arts. 202 a 225 CPP)

Testemunha, mais um meio de prova lícito do processo penal, é a "pessoa que declara **em juízo** o que sabe acerca dos fatos, em face das percepções colhidas sensorialmente acerca dos mesmos" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 369) – destacamos. Como se vê por esse conceito, somente é considerada testemunha aquela pessoa que presta depoimento perante um juiz (**judicialidade**). Assim, depoimento prestado, por exemplo, na fase de inquérito policial deverá ser repetido na fase judicial para que possa ser considerado um meio de prova válido.

Diferente do processo civil, no processo penal, toda e qualquer pessoa tem **capacidade para testemunhar** (art. 202 do CPP). Cabe, entretanto, ao juiz valorar o teor do depoimento de cada testemunha.

A testemunha, em regra, tem o **compromisso de dizer a verdade** (arts. 203 e 206 do CPP), independente de lembrança feita pelo juiz nesse sentido, daí porque o seu não atendimento ensejará a prática do crime de falso testemunho (art. 342 do CP). A esse respeito, frise-se que a testemunha **não tem direito ao silêncio** e, se assim proceder, igualmente responderá pelo crime de falso testemunho. O silêncio não poderá ser exercido nem mesmo no que tange aos

seus dados de qualificação mencionados no art. 203 do CPP, pena de prática do crime de falso testemunho. Todavia, **a testemunha poderá se calar apenas e tão-somente em relação aos fatos que possam incriminá-la.** É essa a posição do STF (HC nº 79812/SP, Pleno, Rel. Min. Celso de Mello, julgamento 8/11/2000).

Em razão de tudo isso, o art. 211, *caput*, do CPP assevera que se o magistrado, após a sentença final, reconhecer a prática do crime de falso testemunho deverá encaminhar cópia do depoimento à autoridade policial para a instauração de inquérito. Aliás, prevê também o CPP, no art. 211, parágrafo único, a possibilidade de prisão em flagrante da testemunha que prestou falso testemunho, caso a sentença seja proferida na própria audiência em que o depoimento falso foi prestado. Se isso ocorrer em plenário do Tribunal do Júri, deve ser realizado quesito específico sobre o falso testemunho e, uma vez reconhecido o crime pelos jurados, o magistrado poderá determinar a sua prisão em flagrante (não havendo o reconhecimento do crime pelos jurados, nada poderá ser feito).

Não obstante, em razão de laços de afinidade, o CPP **dispensa o dever de depor** para as pessoas referidas no art. 206, parte final (ascendente, descendente, afim em linha reta, cônjuge – o que deve incluir o companheiro –, ainda que separado, irmão, pai, mãe e filho adotivo do *réu*, não da vítima), **salvo quando não for possível, de outro modo, obter-se ou integrar-se a prova do fato e de suas circunstâncias** (se o testemunho for o único meio de prova ou for fundamental para a integração do contexto probatório), hipótese em que não prestam o compromisso de dizer a verdade e, por consequência, não cometem crime de falso testemunho (art. 342 do CP).

De outro lado, o CPP **dispensa o dever de prestar compromisso** para as pessoas referidas no art. 208 do CPP (doentes, deficientes mentais, menores de 14 anos e as pessoas mencionadas no art. 206 do CPP). Embora o CPP não se utilize desta expressão, a doutrina vem chamando tais pessoas de **declarantes** ou **informantes**. Elas não integram o número legal de testemunhas.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Rondônia, em 2010, promovido pelo Cespe/Unb, dentre outros aspectos

relevantes das provas no processo penal, foi cobrado justamente o teor do art. 208 do CPP, nesses termos: *"Assinale a opção correta a respeito da prova criminal. a) Na falta de perito oficial, o exame de corpo delito deverá ser realizado por um profissional idôneo, indicado pelo juiz, que tenha habilitação técnica relacionada com a natureza do exame. b) O juiz penal está adstrito ao laudo, não podendo rejeitar suas conclusões em face do princípio da persuasão racional. c) O interrogatório é ato privativo do juiz, que, durante sua realização, assegurará o direito do réu ao silêncio e ao privilégio de não ser obrigado a produzir prova contra si, razão pela qual é vedada à acusação e à defesa a elaboração de perguntas. d) De acordo com o CPP, os doentes mentais e os menores de quatorze anos de idade podem ser testemunhas não compromissadas. e) No reconhecimento de pessoa, aquele que for submetido a reconhecimento deve ser colocado ao lado de, pelo menos, outros dois indivíduos que tenham as mesmas características físicas, sob pena de nulidade do ato"*. A assertiva correta foi a de letra D.

Noutro giro, o art. 207 do CPP apresenta as pessoas que estão **proibidas de depor**. Isso ocorre nos casos em que certas pessoas, em razão de função, ministério, ofício ou profissão, devam guardar segredo, a exemplo de padres, pastores, médicos, psicólogos, psiquiatras etc. Ressalte-se que este sigilo incide apenas sobre fatos passados, não valendo para fatos futuros. Contudo, se a parte interessada desobrigá-las, tais pessoas, caso queiram, podem prestar depoimento, sob o dever de dizer a verdade, pena de cometimento de crime de falso testemunho (art. 342 do CP).

Peculiaridades no depoimento de testemunhas previstas no CPP

- **Art. 206 do CPP:** Dispensa do dever de depor.
- **Art. 207 do CPP:** Proibição do depoimento.
- **Art. 208 do CPP:** Dispensa do dever de prestar o compromisso de dizer a verdade (declarantes ou informantes).

Saltando os muros do Código de Processo Penal, podem ser encontradas outras vedações a depoimentos de determinadas pessoas, a saber (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 371-372):

I. *advogados*: ainda que autorizados pela parte interessada, podem se recusar a depor, nos termos do art. 7º, XIX, do Estatuto da OAB;

II. *deputados e senadores*: não estão obrigados a depor acerca de informações recebidas ou prestadas no exercício do mandato, nem sobre pessoas que lhes confiaram ou deles receberem informações, consoante art. 53, § 6º, da Constituição Federal. No entanto, se a informação não foi obtida em virtude do exercício do cargo, volta a existir o dever de depor;

III. *magistrados e membros do Ministério Público*: estão impedidos de atuar na persecução penal e, simultaneamente, figurar como testemunhas (arts. 252, II, e 258 do CPP);

IV. *corréu*: não pode depor em relação aos fatos que atingem o seu coautor.

As testemunhas, em regra, devem ser arroladas na peça inicial ou na resposta escrita do réu à acusação, sob pena de preclusão. São as chamadas **testemunhas numerárias**, testemunhas arroladas pelas partes, compromissadas e que integram o número legal. Há limitação do número dessas testemunhas, a depender do tipo de procedimento a ser adotado. No procedimento comum ordinário, por exemplo, são 8 (oito) testemunhas. Esse número diz respeito a **cada fato criminoso**, no caso de concurso de crimes, e é destinado para cada réu, no caso de concurso de agentes.

Além dessas testemunhas, o juiz poderá determinar, de ofício, a oitiva de outras, que são conhecidas como **testemunhas extranumerárias** (art. 209, *caput*, do CPP). Em regra, elas são compromissadas. Exemplo destas testemunhas são as **testemunhas referidas ou referenciais** (art. 209, § 1º, do CPP), que são aquelas pessoas referidas pelas testemunhas numerárias. Elas não integram o número máximo de testemunhas, ao lado das **testemunhas inócuas**, aquelas que **nada souberem sobre os fatos** (art. 209, § 2º, do CPP), e dos **laudadores** ou **"testemunhas de beatificação"** (testemunhas que vão a juízo apenas para falar bem do comportamento e da conduta social do réu).

A legislação especial faz menção às chamadas **testemunhas da coroa**, que são os agentes infiltrados, policiais disfarçados que acompanham o cometimento de determinado delito para facilitar

as investigações criminais, o que ocorre nas organizações criminosas (arts. 10 a 14 da Lei nº 12.850/13) e nos crimes de tóxicos (art. 53, inciso I, da Lei nº 11.343/06).

Encerrando a classificação doutrinária das testemunhas, é encontrada a distinção entre **testemunhas próprias** (aquelas que prestam depoimento sobre o objeto da causa, os fatos delitivos) e **testemunhas fedatárias ou impróprias ou instrumentárias** (não prestam depoimento sobre o objeto da causa, mas sim acerca da regularidade formal de determinado ato por elas presenciado, o que ocorre na oitiva do investigado durante o inquérito policial, quando duas testemunhas assinam o termo que lhe tenham ouvido a leitura, com base no art. 6º, inciso V, do CPP; na busca e apreensão domiciliar, quando duas testemunhas assinam o auto de formalização da diligência, consoante o art. 245, § 7º, do CPP; e na lavratura do auto de prisão em flagrante delito, em que assinam duas testemunhas de apresentação se não existirem testemunhas presenciais, com fincas no art. 304, § 2º, do CPP, ou duas testemunhas que ouviram a leitura do auto, na presença do preso que se recusar, não souber ou não puder assinar, nos termos do art. 304, § 3º, do CPP).

Classificação das testemunhas
1. Declarantes ou informantes (art. 208 CPP).
2. Numerárias.
3. Extranumerárias (art. 209, *caput*, CPP), a exemplo das referidas ou referenciais (art. 209, § 1º, CPP).
4. Inócuas (art. 209, § 2º, CPP).
5. Laudadores ou "testemunhas de beatificação".
6. Testemunhas da coroa (art. 2º, V e parágrafo único, Lei nº 9.034/95 e art. 53, I, Lei nº 11.343/06).
7. Próprias.
8. Fedatárias ou impróprias ou instrumentárias (arts. 6º, V, 245, § 7º, e 304, §§ 2º e 3º, CPP).

▸ ***Hearsay Testimony:***

Hearsay Testimony (ou *hearsay rule* ou *hearsay witness* ou testemunha indireta ainda ou "Depoimento de Auditu") é o testemunho prestado por "ouvir dizer". Refere-se, pois, à testemunha que não presenciou o

fato, nem mesmo ouviu diretamente sobre o ocorrido, depondo acerca de tal fato a partir daquilo que ouviu ser narrado por outrem. Esta prova não é tida como ilícita pelo sistema probatório brasileiro, podendo, portanto, ser utilizada, embora deva ser evitada (haja vista a sua pouca credibilidade) ou ao menos valorada com extrema cautela. A esse respeito, o STJ já decidiu que o testemunho por ouvir dizer (*hearsay rule*), produzido somente na fase inquisitorial, não serve como fundamento exclusivo da decisão de pronúncia, que submete o réu a julgamento pelo Tribunal do Júri (Informativo nº 603).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Promotor de Justiça Substituto do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, promovido pela Fundep, em 2017, questionou-se acerca da testemunha indireta, nesses termos: "A palavra de testemunha indireta (hearsay witness) por refletir a vox publica é suficiente para a pronúncia, porque caracteriza o in dubio pro societate.". A alternativa foi considerada incorreta.

▸ Testemunho oculto e testemunho anônimo:

Testemunho oculto é termo que não deve ser confundido com o testemunho anônimo. O testemunho oculto é aquele em que o depoente não mantém qualquer contato visual com os demais corréus, embora sua identidade seja conhecida. Nesse sentido, verifica-se que o direito de o réu presenciar a produção de prova contra ele produzida em juízo (direito ao confronto) cede espaço aos direitos fundamentais à vida, integridade física e segurança, os quais devem ser tutelados por um Estado Democrático de Direito. Por conta disso é que a Lei nº 12.850/13 assegura ao colaborador o direito de "participar das audiências sem contato visual com os outros acusados" (art. 5º, IV). Já o testemunho anônimo é aquele em que a parte não tem conhecimento dos dados que qualificam o depoente. Ele é previsto no art. 5º, II, da Lei nº 12.850/13, segundo o qual o colaborador tem o direito de "ter nome, qualificação, imagem e demais informações pessoais preservados", sendo que a conduta de "revelar a identidade, fotografar ou filmar o colaborador, sem sua prévia autorização por escrito" é definida como crime no art. 18 desta mesma lei. Todavia, em prol do contraditório e da ampla defesa, o STF já decidiu que o defensor do corréu tem o direito de conhecer a identidade do colaborador (HC 90.321).

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz de Direito Substituto/RS, promovido pela FAURGS, na segunda fase, ocorrida em 2015, indagou-se a respeito do testemunho

"por ouvir dizer", com esta redação: *"Disserte sobre a "testemunha de ouvir dizer", apontando seu conceito, sua classificação como tipo de prova testemunhal e sua possibilidade, ou não, de utilização no direito processual penal brasileiro."*. A questão deveria ser respondida de acordo com as informações expostas alhures.

A testemunha que reside fora do juízo será ouvida por **carta precatória** (art. 222 do CPP), que deve ser expedida com prazo razoável e que, em regra, **não suspenderá o curso do processo** (art. 222, § 1º, do CPP). No entanto, antes do término do prazo fixado para cumprimento da precatória, não será possível a realização do julgamento do feito. Findo este prazo, o julgamento poderá ser efetivado. A todo tempo, porém, a precatória, uma vez devolvida, será juntada aos autos (art. 222, § 2º, do CPP), mesmo após o julgamento.

As partes devem ser intimadas apenas e tão-somente acerca da **expedição da carta precatória** (sob pena de nulidade relativa do feito, nos termos da Súmula nº 155 do STF), não sendo obrigatória a intimação pelo juízo deprecado da data da realização do ato, devendo o advogado acompanhar tal designação por meio da imprensa, consoante a Súmula nº 273 do STJ.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto/RS, em 2016, promovido pela FAURGS, dentre outros aspectos relevantes das provas no Processo Penal, questionou-se acerca da Súmula nº 273 do STJ, conforme consta a seguir: *"Com relação às provas no Processo Penal brasileiro, assinale a alternativa correta. (A) No caso de oitiva de testemunhas por carta precatória, segundo o entendimento do Superior Tribunal de Justiça, torna-se desnecessária a intimação da defesa com relação a data da audiência no juízo deprecado, se houve a sua intimação da expedição da precatória. (B) Na fase policial, o princípio* nemo teneturse detegere *pode ser relativizado em função do dever-poder do Estado de exercer a investigação preliminar e diante da ausência de nulidades no inquérito policial. (C) A ação controlada, nos termos da Lei nº 12.850/2013, consiste em retardar a intervenção policial ou administrativa relativa à ação praticada por organização criminosa ou a ela vinculada, independentemente de prévia comunicação ao juiz, desde que mantida sob observação e acompanhamento para que a medida legal se concretize no momento mais eficaz à formação de provas e obtenção de informações. (D) Em se tratando de instrução criminal de procedimento comum ordinário no qual quatro acusados respondem, igualmente, por quatro crimes em concurso material,*

tendo constituído um único advogado, a defesa poderá arrolar até oito testemunhas para cada acusado, não se computando, nesse número, os informantes e as testemunhas referidas. (E) Consoante entendimento do Supremo Tribunal Federal, é possível submeter, coercitivamente, o indiciado a exame grafotécnico e à perícia para extração de DNA com base no princípio da proporcionalidade e razoabilidade, desde que se esteja apurando a prática de crime hediondo ou, ainda, praticado com violência ou grave ameaça à pessoa.". A assertiva correta foi a letra A.

Nesse trilhar, entende-se que a presença do réu na audiência a ser realizada perante o juízo deprecado é meramente facultativa. Porém, a presença do procurador ou do defensor do acusado é obrigatória. Se ele não estiver presente, deverá ser nomeado defensor *ad hoc* para acompanhar o ato.

Com efeito, com o advento da Lei nº 11.900/08, que alterou a redação do art. 222, § 3º, do CPP, a expedição de carta precatória restou esvaziada no processo penal, pois é possível a oitiva da testemunha que reside fora do juízo por **videoconferência** (permitida a presença do defensor), o que pode ser feito inclusive ao longo da audiência de instrução e julgamento.

▸ **Prova (de) fora da terra:**

A prova (de) fora da terra é aquela produzida fora do juízo em que tramita o feito no qual ela será utilizada. Exemplo clássico de sua aplicação é justamente a colheita de depoimento de testemunha por meio de carta precatória, nos termos do art. 222, *caput* e parágrafo 1º, do CPP. A confecção desta prova não viola o princípio da identidade física do juiz (art. 399, parágrafo 2º, do CPP), eis que prevista pelo próprio ordenamento jurídico.

Se a testemunha, devidamente intimada, não comparece injustificadamente à audiência de instrução e julgamento, o juiz pode requisitar à autoridade policial a sua apresentação ou determinar seja conduzida por oficial de justiça (condução coercitiva), que poderá solicitar o auxílio da força pública (art. 218 do CPP). Além disso, a testemunha faltante estará sujeita à multa prevista no art. 458 c/c art. 436, § 2º, do CPP (1 a 10 salários mínimos), às custas da diligência e ao crime de desobediência (art. 219 do CPP). Qualquer testemunha deve comunicar ao juiz, no prazo de 1 (um) ano, a mudança de residência, sujeitando-se, pela simples omissão, a todas essas penas do não comparecimento. A testemunha não está obrigada, porém, a comparecer ao juízo situado em local em que não reside.

O art. 214 do CPP traz a possibilidade de a parte **contraditar testemunhas**, no caso de circunstâncias ou defeitos que tornem as testemunhas suspeitas de parcialidade ou indignas de fé, a exemplo daquelas que não podem depor (art. 207 do CPP) ou que estão dispensadas de prestar o compromisso de dizer a verdade (art. 208 do CPP). A prova desses requisitos deve ser feita imediatamente, logo após a qualificação da testemunha. Feita a contradita, o juiz deverá ouvir a parte contrária e a própria testemunha contraditada. Em seguida, profere julgamento, devendo decidir se excluirá a testemunha ou se irá ouvi-la sem o compromisso de dizer a verdade.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do MP/SC, em 2010, foi cobrada a possibilidade de se contraditar testemunha no processo penal. Nesse sentido, a assertiva "*A contradita é a impugnação ou objeção apresentada pela parte em relação à testemunha arrolada que, por alguma circunstância, não pode depor ou não deve ser compromissada*" (destacada) foi considerada correta.

Se ocorrer dúvida sobre a identidade da testemunha, o juiz procederá à verificação pelos meios ao seu alcance, podendo, entretanto, tomar-lhe o depoimento desde logo (art. 205 do CPP).

O art. 221 do CPP evidencia que algumas autoridades públicas possuem certas prerrogativas quando prestam depoimento como *testemunhas*, inclusive podendo marcar dia, horário e local, bem como prestar depoimento por escrito. Complementando este rol, a Lei nº 13.327, de 29 de julho de 2016, em seu art. 38, inciso VI, garante aos advogados públicos federais a prerrogativa de serem ouvidos, como *testemunhas*, em dia, hora e local previamente ajustados com o magistrado ou a autoridade competente. Todavia, segundo o STJ, as autoridades com foro por prerrogativa de função previstas no art. 221 do CPP, quando figurarem na condição de *investigados* no inquérito policial ou de *acusados* na ação penal, não têm o direito de serem inquiridas em local, dia e hora previamente ajustados com a autoridade policial ou com o juiz (Informativo nº 547).

Nos termos dos §§ 2º e 3º do art. 221 do CPP, o **militar**, quando servir como testemunha, deverá ser requisitado à autoridade superior, enquanto que o **funcionário público** deverá ser intimado por mandado, devendo ser também comunicado o chefe da

repartição pública onde ele serve, para que não haja prejuízos ao andamento do serviço público.

As testemunhas devem ser ouvidas de *per si*, separadamente, para que umas não tomem conhecimento do teor do depoimento das outras, o que reduziria a credibilidade desse meio de prova (art. 210, *caput*, do CPP). Nessa esteira, o art. 210, parágrafo único, do CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.690/08, determina que seja disponibilizado espaço reservado para a garantia da incomunicabilidade das testemunhas. Contudo, se uma testemunha entrar em contato com outra haverá mera irregularidade do feito (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 376).

Já o art. 212, *caput*, do CPP, igualmente com a redação conferida pelo citado diploma legal, afirma que as **perguntas serão formuladas às testemunhas diretamente pelas partes**, com a fiscalização constante do juiz, que poderá indeferir aquelas que puderem induzir a resposta, não tiverem relação com a causa ou importarem na repetição de outra já respondida, o que constará no termo de audiência.

Primeiramente deve formular perguntas aquela parte que arrolou a testemunha que presta depoimento, o que vem a consagrar o sistema americano do *direct examination*. Em seguida, a parte contrária formulará as suas perguntas, o que estampa o sistema americano do *cross examination*. A adoção de ambos os sistemas decreta a extinção do sistema presidencialista, no qual as perguntas eram formuladas sempre por intermédio do juiz. No entanto, é preciso destacar que, **no Tribunal do Júri, os jurados não podem fazer perguntas diretamente ao ofendido e às testemunhas** (art. 473, § 2º, do CPP).

Apenas após as perguntas diretas das partes é que o juiz poderá formular as suas perguntas complementares (art. 212, parágrafo único, do CPP). Caso ocorra inversão na ordem das perguntas formuladas, haverá nulidade relativa, conforme posição do STJ (HC nº 144.909-PE, 6ª Turma, Rel. Min, Nilson Naves, julgado em 4/2/2010, Informativo nº 421; HC nº 133.655-DF, 6ª Turma, Rel. Min. Nilson Naves, julgado em 18/2/2010, Informativo nº 423).

Toda essa ordem de perguntas insculpida no art. 212 do CPP foi declarada constitucional pelo STF, sob o argumento de que ela consagra o sistema acusatório na colheita da prova testemunhal, já

que deixa tal colheita sobretudo a cargo das partes (STF, 1ª Turma, HC 111815).

O **depoimento da testemunha é sempre oral**, podendo, porém, **consultar brevemente apontamentos escritos** (art. 204 do CPP). Contudo, o STJ já decidiu pela possibilidade de a vítima de crime contra a dignidade sexual, menor de idade, por seu abalo psicológico, prestar depoimento escrito, que, entretanto, deve ser confeccionado na audiência de instrução e julgamento, na presença do juiz (Informativo nº 431 do STJ).

No depoimento prestado pela testemunha, o juiz não permitirá que ela apresente suas impressões pessoais, salvo quando inseparáveis da narrativa do fato (art. 213 do CPP). O juiz deve sempre se preocupar em transcrever, tanto quanto possível, as expressões utilizadas pelas testemunhas, reproduzindo fielmente as suas palavras (art. 215 do CPP). Desse modo, deverá incluir no termo de depoimento erros de português, expressões regionais etc, tudo entre aspas, o que dará maior credibilidade à prova, já que atenderá à verdade real.

O depoimento da testemunha será reduzido a termo, assinado por ela, pelo juiz e pelas partes, embora, sempre que possível, o registro deva ser feito pelos meios ou recursos de gravação magnética, estenotipia, digital ou técnica similar, inclusive audiovisual (art. 405, § 1º, do CPP). Mas se a testemunha não souber assinar, ou não puder fazê-lo, pedirá a alguém que o faça por ela, depois de lido na presença de ambos (art. 216 do CPP). Já se a testemunha não conhecer a língua nacional, será nomeado intérprete para traduzir as perguntas e respostas (art. 223, *caput*, do CPP). Tratando-se de mudo, surdo ou surdo-mudo, são seguidas as regras do interrogatório do réu previstas no art. 192 do CPP (art. 223, parágrafo único, do CPP).

Ademais, as pessoas impossibilitadas de comparecerem para depor, por velhice ou enfermidade, podem ser ouvidas no local em que se encontram (art. 220 do CPP). E se qualquer testemunha houver de ausentar-se, ou, por enfermidade ou por velhice, inspirar receio de que ao tempo da instrução criminal já não exista, o juiz poderá, de ofício ou a requerimento de qualquer das partes, tomar-lhe antecipadamente o depoimento (art. 225 do CPP).

O art. 217 do CPP, também com a redação dada pela Lei nº 11.690/08, estabelece a **inquirição de testemunha ou do ofendido**

por videoconferência, caso o juiz perceba que a presença do réu possa causar humilhação, temor ou sério constrangimento àqueles, prejudicando a verdade do depoimento. Somente se não for possível a colheita do depoimento por videoconferência (por ausência de recursos tecnológicos, por exemplo) é que se deve determinar a retirada do réu da sala de audiência, embora o defensor continue acompanhando o ato.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça de Pernambuco, em 2013, promovido pela Fundação Carlos Chagas, cobrou-se acerca da aplicação do art. 217 do CPP, nos seguintes termos: *"Em relação à prova testemunhal, de acordo com o Código de Processo Penal, é INCORRETO afirmar: A) As perguntas no procedimento comum serão formuladas pelas partes diretamente à testemunha, não admitindo o juiz aquelas que puderem induzir a resposta, não tiverem relação com a causa ou importarem na repetição de outra já respondida. B) As cartas rogatórias só serão expedidas se demonstrada previamente a sua imprescindibilidade, arcando a parte requerente com os custos de envio. C) O Vice-Presidente da República poderá optar pela prestação de depoimento por escrito, caso em que as perguntas, formuladas pelas partes e deferidas pelo juiz, lhe serão transmitidas por ofício. D) Se o juiz verificar que a presença do réu poderá causar temor à testemunha ou ao ofendido, de modo que prejudique a verdade do depoimento, determinará desde logo a retirada do réu, prosseguindo na inquirição, com a presença de seu defensor. E) A testemunha que morar fora da jurisdição do juiz será inquirida pelo juiz do lugar de sua residência, expedindo-se, para esse fim, carta precatória, com prazo razoável, intimadas as partes."*. A resposta da questão foi a letra D.

O art. 222-A CPP, com a redação dada pela Lei nº 11.900/09, afirma que a carta rogatória somente será expedida se demonstrada previamente a sua imprescindibilidade, arcando a parte requerente com os custos do envio, já que é possível a colheita do depoimento da testemunha por meio virtual.

Por fim, registre-se que é possível a **substituição de testemunhas** arroladas pelas partes e não encontradas, ainda que os artigos 397 e 405 do CPP, que contemplavam expressamente essa possibilidade, tenham sido alterados pela Lei nº 11.719/08, deixando de disciplinar a matéria em comento. Isso porque o art. 408 do Código de Processo Civil de 1973 e o art. 451 do Código de Processo Civil de 2015 permitem a citada substituição, sendo que estes dispositivos

legais, por aplicação analógica, incidem no Processo Penal, conforme permitido pelo art. 3º do CPP. É esse inclusive o posicionamento do STF (Informativo nº 764). No entanto, essa substituição somente poderá ser feita se a parte agiu de boa fé, não utilizando desse expediente para arrolar testemunha inexistente e procrastinar o feito (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 375-376).

▸ Observação:

O regime da **proteção à testemunha** encontra-se atualmente disciplinado pela Lei nº 9.807/99, que merece ser lida na íntegra. Nesse sentido, convém destacar que a novel Lei nº 12.483/11 acrescentou a esta lei um art. 19-A, o qual, no seu *caput*, estatui que "Terão prioridade na tramitação o inquérito e o processo criminal em que figure indiciado, acusado, vítima ou réu colaboradores, vítima ou testemunha protegidas pelos programas de que trata esta Lei", ao passo que o seu parágrafo único assevera: "Qualquer que seja o rito processual criminal, o juiz, após a citação, tomará antecipadamente o depoimento das pessoas incluídas nos programas de proteção previstos nesta Lei, devendo justificar a eventual impossibilidade de fazê-lo no caso concreto ou o possível prejuízo que a oitiva antecipada traria para a instrução criminal". Ademais, o Decreto nº 3.518/2000, que regulamenta a citada Lei nº 9.807/99, em seu art. 10, incisos I e II, consagra a figura do **depoente especial**, que pode ser entendido como: I – o réu detido ou preso, aguardando julgamento, indiciado ou acusado sob prisão cautelar em qualquer de suas modalidades, que testemunhe em inquérito ou processo judicial, se dispondo a colaborar efetiva e voluntariamente com a investigação e o processo criminal, desde que dessa colaboração possa resultar a identificação de autores, coautores ou partícipes da ação criminosa, a localização da vítima com sua integridade física preservada ou a recuperação do produto do crime; e II – a pessoa que, não admitida ou excluída do Programa, corra risco pessoal e colabore na produção da prova.

▸ Aplicação em concurso público:

No concurso de Juiz Federal Substituto do TRF da Primeira Região, promovido pelo Cespe/Unb, foram cobrados aspectos relevantes acerca da prova testemunhal, a saber: *"Em relação à prova testemunhal, assinale a opção correta. A) Nos termos do CPP, para que um militar seja inquirido em juízo, deve ser feita uma requisição diretamente à autoridade que lhe seja hierarquicamente superior. B) A legislação brasileira é silente no que se refere à realização de oitiva de testemunha por videoconferência, uma vez que os legisladores reconhecem a dificuldade que muitos municípios teriam em providenciar o equipamento necessário. C) Quando não for possível obter ou integrar a prova do fato e de suas circunstâncias*

por outros meios, o ascendente ou descendente do réu não poderá ser eximido de depor sob compromisso. D) Caso um deputado federal venha a ser réu em uma ação penal, sua inquirição deverá se dar em local, dia e hora que previamente ele ajustar com a autoridade judicial. E) Para a produção de prova testemunhal em outro juízo, deve a parte requerer a expedição de carta rogatória ou precatória ao juiz, demonstrando, em ambos os casos, a imprescindibilidade da prova testemunhal na motivação do requerimento.". A resposta correta foi a letra A.

9.6. Do reconhecimento de pessoas e coisas (arts. 226 a 228 CPP)

Trata-se de procedimento para identificação de pessoas "de alguma maneira envolvidas no fato delituoso, e de coisas, cuja prova da existência e individualização seja relevante para a apuração das responsabilidades" (OLIVEIRA, 2008, p. 365).

Quanto ao reconhecimento de pessoas, insta salientar que não só o agente delitivo pode ser reconhecido: é possível também o reconhecimento de testemunhas e até mesmo do ofendido. A diligência pode ser feita tanto na fase policial (sob a presidência da autoridade policial) como na fase judicial (sob a presidência da autoridade judiciária). O procedimento para a realização deste meio de prova é estatuído no art. 226 do CPP, que merece ser lido.

Em apertada síntese, pode-se afirmar que esse reconhecimento se dá, em primeiro lugar, com a pessoa descrevendo o suspeito, e, em um segundo momento, colocando-se, se possível, uma pessoa ao lado de outras suspeitas que possuam as características físicas semelhantes, para que seja feita a identificação (art. 226, inciso II, do CPP), devendo ser lavrado termo de todo o ocorrido. Se várias forem as pessoas que irão realizar a identificação, cada uma deverá fazê-la em separado (art. 228 do CPP).

Vale a pena ainda registrar que, em respeito ao contraditório, à ampla defesa e à publicidade, o disposto no art. 226, inciso III, do CPP (que possibilita que uma parte não veja a outra em caso daquela estar com receio da presença desta), não se aplica em juízo ou em plenário do júri, nos termos do art. 226, parágrafo único, do CPP.

Quanto ao reconhecimento de objetos, é aplicado, no que couber, o mesmo regramento anteriormente exposto (art. 227 do CPP).

Por fim, saliente-se que o STF admite o reconhecimento de pessoas ou coisas por meio de **fotografias** (HC nº 74.267-0, 2ª Turma, Rel. Min. Francisco Rezek, DJ 28/2/1997). Nessa esteira, a doutrina também admite o reconhecimento por meio de vídeos (OLIVEIRA, 2008, p. 365) e pela voz - clichê fônico (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 384). Não se admite, porém, como meio de prova, o "retratado falado", que serve apenas como instrumento de auxílio às investigações.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Delegado de Polícia do Estado de Goiás, em 2013, UEG, questionou-se sobre o reconhecimento de pessoas e coisas, da seguinte forma: *"Quanto ao reconhecimento de pessoas ou coisas, tem-se o seguinte: a) segundo o Supremo Tribunal Federal, o reconhecimento fotográfico não poderá ser efetivado na impossibilidade de recognição pessoal e direta, mesmo que obedecidos os parâmetros definidos pelo Código de Processo Penal quanto ao reconhecimento pessoal. b) o reconhecimento de voz ou auditivo não possui valor probatório, uma vez que não se encontra previsto na legislação processual penal ou em qualquer outra legislação extravagante. c) a jurisprudência majoritária inadmite reconhecimento pessoal em juízo, sem as formalidades previstas na legislação processual, mesmo quando se tratar de ratificação de reconhecimento formal anterior realizado no bojo do inquérito policial. d) segundo o Código de Processo Penal, a pessoa, cujo reconhecimento se pretender, será colocada, se possível, ao lado de outras pessoas que com ela tiverem qualquer semelhança, convidando-se quem tiver de fazer o reconhecimento a apontá-la."*. A resposta da questão foi a letra D.

9.7. Acareação (arts. 229 e 230 CPP)

A acareação é meio de prova admitido entre acusados, entre acusado e testemunha, entre testemunhas, entre acusado ou testemunha e a pessoa ofendida, e entre pessoas ofendidas, sempre que divergirem, em suas declarações, sobre fatos ou circunstâncias relevantes (art. 229, *caput*, do CPP).

Ela é realizada da seguinte forma: os acareados são **reperguntados** para que expliquem os pontos de divergência das declarações já anteriormente prestadas, reduzindo-se a termo o ato de acareação (art. 229, parágrafo único, do CPP). A acareação pode ser feita tanto na fase policial como em juízo, de ofício ou por provocação, lembrando que, com relação ao agente delitivo, ele participa do ato se quiser, por força do princípio de que ninguém

está obrigado a produzir prova contra si mesmo. E se resolver participar, ainda poderá exercer o seu direito ao silêncio.

No caso de testemunha ausente, a acareação deve seguir o procedimento previsto no art. 230 do CPP, que merece ser lido.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Agente da Polícia Federal, em 2009, promovido pelo Cespe/Unb, foi cobrada a possibilidade de realização da acareação entre o acusado e o ofendido. Nesse sentido, a assertiva *"Não se admite a acareação entre o acusado e a pessoa ofendida, considerando-se que o acusado tem o direito constitucional ao silêncio, e o ofendido não será compromissado"* (destacada) foi considerada incorreta.

9.8. Documentos (arts. 231 a 238 CPP)

A noção de documento, no processo penal, deve ser a mais flexível possível. Assim, para fins de caracterização deste meio de prova, o que importa apenas é a sua **originalidade**. Nesse sentido, o art. 232 do CPP define documento como qualquer escrito, instrumento ou papel, público ou particular. O parágrafo único deste dispositivo ainda ressalta que "À fotografia do documento, devidamente autenticada, se dará o mesmo valor do original".

Portanto, é documento "qualquer manifestação *materializada*, por meio de grafia, de símbolos, de desenhos e, enfim, que seja uma forma ou expressão de linguagem ou de comunicação, em que seja possível a compreensão de seu conteúdo" (OLIVEIRA, 2008, p. 366). Nesse trilhar, são considerados documentos desenhos, fotos, gráficos, *e-mails* etc.

Ademais, não apenas os **documentos nominativos** (aqueles que identificam o seu autor) são aceitos no processo penal: os **documentos anônimos** (sem identificação do autor) podem ser utilizados, a exemplo de cartas anônimas, fotos ou bilhetes, desde que não sejam falsos e não tenham origem ilícita.

Será sempre possível a **juntada de documentos no processo penal, em qualquer fase**, desde que submetidos ao contraditório, salvo exceções previstas em lei (art. 231 do CPP). A **exceção diz respeito ao procedimento do Tribunal do Júri**, no qual não é possível a utilização de documento em plenário, se não tiver sido

apresentado com a antecedência mínima de 3 (três) dias, dando-se ciência à outra parte, consoante o art. 479, *caput*, do CPP.

Nos termos do parágrafo único deste dispositivo, compreende-se na proibição deste artigo a leitura de jornais ou qualquer outro escrito, bem como a exibição de vídeos, gravações, fotografias, laudos, quadros, croqui ou qualquer outro meio assemelhado, cujo conteúdo versar sobre a matéria de fato submetida à apreciação e julgamento dos jurados. Nessa vedação, porém, não estão incluídos "revistas ou jornais que não tratem da matéria discutida em juízo, ou os documentos que já fazem parte dos autos, como a ficha de antecedentes" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 388).

Se o documento estiver em língua estrangeira, necessariamente deve ser traduzido por tradutor público, ou, na falta, por pessoa idônea nomeada pela autoridade, mesmo que o juiz conheça tal língua (art. 236 do CPP).

As **cartas particulares**, interceptadas ou obtidas por meios criminosos, não serão admitidas em juízo, conforme o art. 233, *caput*, do CPP, até porque são provas ilícitas. A exceção ficaria por conta apenas da utilização desta prova ilícita em favor do réu, por aplicação do princípio da proporcionalidade (*pro reo*). O parágrafo único desse dispositivo admite, porém, que as cartas particulares sejam exibidas em juízo pelo respectivo destinatário, **para a defesa de seu direito, ainda que não haja consentimento do signatário.**

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso do TJ/SP, 2009, promovido pela Vunesp, na Prova Escrita, o candidato foi indagado: *"Carta particular obtida por meio criminoso pode ser admitida como prova documental que sirva para determinar a absolvição do réu?"*. Pode, desde que *pro reo*, por aplicação do princípio da proporcionalidade.

Assevere-se que o art. 234 do CPP permite que o juiz, em busca da verdade real, requisite, de ofício, documento cuja existência tenha chegado ao seu conhecimento, quando necessário para resolver dúvida sobre ponto relevante do material probatório.

A letra e firma dos documentos particulares serão submetidas a exame pericial, quando contestada a sua autenticidade (art. 235 do CPP). Já as públicas-formas, que são cópias de escrito avulso,

extraídas por oficial público (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 386), só terão valor quando conferidas com o original, em presença da autoridade (art. 237 do CPP).

Por fim, ressalte-se que o art. 238 do CPP dispõe que os documentos originais, juntos a processo findo, quando não exista motivo relevante que justifique a sua conservação nos autos, poderão, mediante requerimento, e ouvido o Ministério Público, ser entregues à parte que os produziu, ficando traslado nos autos.

▸ **Aplicação em concurso público:**

No concurso de Procurador do Estado de Minas Gerais, promovido em 2012 pela FUMARC, dentre outros aspectos relevantes das provas no Processo Penal, cobrou-se justamente a utilização de cartas particulares em juízo, nesses termos: "*Assinale a alternativa INCORRETA: a) São proibidas de depor as pessoas que em razão de função, ministério, ofício ou profissão, devam guardar segredo, salvo se, desobrigadas pela parte interessada, quiserem dar seu testemunho. b) O Juiz não ficará adstrito ao laudo pericial que lhe for apresentado, podendo aceitá-lo ou rejeitá-lo, no todo ou em parte, já que no sistema brasileiro vigora o sistema da livre convicção para apreciação das provas. c) O princípio da identidade física do juiz é adotado no processo penal brasileiro. d) A confissão do acusado é divisível e retratável, sem prejuízo do livre convencimento do juiz, fundado no exame das provas colhidas. e) As cartas não poderão ser exibidas em juízo pelo respectivo destinatário, para defesa de seu direito, quando não haja concordância do signatário*". A assertiva tida como incorreta foi a letra E.

9.9. Indícios (art. 239 CPP)

Nos termos do art. 239 do CPP, considera-se indício a circunstância conhecida e provada, que, tendo relação com o fato, autorize, por indução, concluir-se a existência de outra ou outras circunstâncias.

É o exemplo da prova do dolo de um crime qualquer, notadamente do crime de homicídio. No mundo dos fatos, é impossível fazer prova deste elemento subjetivo. Desse modo, para que se prove tal elemento, é possível, por exemplo, provar através de auto de corpo de delito o local em que a vítima sofreu os golpes por parte do réu. Feita esta prova, analisa-se se a região do corpo da vítima é ou não uma região vital. Em caso positivo, a princípio, por simples indução, chega-se à conclusão de que o acusado agiu

com o dolo de matar (*animus necandi*). Como se vê, para a correta valoração dos indícios, exige-se que o magistrado se utilize das *regras de experiência*.

Com efeito, pode-se apontar a existência de **indícios positivos** (aqueles que indicam a presença do fato ou elemento que se pretende provar) e de **indícios negativos ou contra-indícios** (aqueles que indicam a impossibilidade lógica do fato ou elemento que se pretende demonstrar – é o que ocorre com um álibi) (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 389).

Os indícios podem perfeitamente ser utilizados como prova para a condenação, afinal de contas é um meio de prova lícito como outro qualquer.

9.10. Busca e apreensão (arts. 240 a 250 CPP e art. 5º, XI, CF)

A busca e apreensão é meio de prova **cautelar**, já que visa o "acautelamento do material probatório, de coisa, de animais e até de pessoas, que não estejam ao alcance, espontâneo, da Justiça" (OLIVEIRA, 2008, p. 369). Todo esse material ficará à disposição do juízo para posterior valoração.

Por força desta natureza cautelar, entende-se que esse meio de prova é **excepcional**, pois implica na "quebra da inviolabilidade do acusado ou de terceiros, tanto no que se refere à inviolabilidade do *domicílio* quanto no que diz respeito à inviolabilidade *pessoal*" (OLIVEIRA, 2008, p. 369). Por tudo isso, "somente quando fundadas razões, quanto à **urgência** e à **necessidade** da medida, estiverem presentes, é que se poderá conceder a busca e apreensão, tanto na fase de investigação como no curso da ação penal" (OLIVEIRA, 2008, p. 369) – destacamos.

A busca e apreensão pode ser **domiciliar** ou **pessoal**. Ambas podem ser praticadas a qualquer tempo, mesmo antes do início do inquérito policial, como em uma *blitz*, passando pela fase de investigação criminal, da ação penal, inclusive na fase recursal (art. 616 do CPP), e até a execução penal.

A **busca e apreensão domiciliar** ocorre na residência (para fins penais, o conceito de casa é aferido da análise do art. 150, §§ 4º e 5º, do Código Penal, que merece ser lido) de outrem ou na extensão da residência feita pelo art. 246 do CPP (compartimento habitado

ou aposento ocupado de habitação coletiva ou em compartimento não aberto ao público, onde alguém exercer profissão ou atividade). No entender da doutrina, "se o automóvel não é apenas um meio de transporte, sendo utilizado como residência, como ocorre com o trailer, alguns barcos, a parte traseira do interior da boléia do caminhão, o tratamento é o mesmo dado à busca e apreensão domiciliar" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 399).

Para a efetivação desta medida, é preciso **ordem judicial fundamentada e escrita**, exceto se ela for realizada pela própria autoridade policial ou pela autoridade judiciária, nos termos do art. 241 do CPP. Contudo, registre-se que a doutrina vem entendendo que a autoridade policial deverá apresentar o mandado judicial para cumprimento da busca e apreensão domiciliar, **estando este dispositivo, nesta parte, não recepcionado pela Constituição Federal** (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 394-395). Em virtude da exigência de autorização judicial nesse sentido (**cláusula de reserva de jurisdição**) é que não se admite a efetivação da medida, por conta própria, pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), Ministério Público etc. Ademais, não é recomendável a efetivação da busca e apreensão domiciliar diretamente pelo juiz, sob pena de violação do sistema acusatório (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 394-395).

▸ **Teoria dos campos abertos ou da primeira vista (*plain view doctrine*):**

A teoria dos campos abertos ou da primeira vista (*plain view doctrine*) postula que, na hipótese de uma prova se encontrar à vista da autoridade competente para a sua colheita, dispensa-se a necessidade de mandado judicial para a produção desta prova. Destarte, o mandado de busca e apreensão poderia então ser dispensado em casos em que um agente policial se encontra, legalmente, em posição na qual ele pode perceber determinado objeto, sendo que o caráter incriminador deste mesmo objeto é imediatamente aparente. Essa percepção pode ser feita através de qualquer um dos cinco sentidos humanos. Ademais, para que essa teoria se implemente na prática, faz-se indispensável ainda o cumprimento de dois requisitos, quais sejam: a) o objeto a ser apreendido deve estar exposto, não ocorrendo, pois, qualquer busca em sentido técnico/legal; b) nesta situação, não há qualquer expectativa legítima de privacidade. A título de ilustração, é o que ocorre quando um policial apreende "maconha" ao sentir o cheiro desta droga sendo queimada no interior de um veículo (olfato). A apreensão de arma de fogo por policial que escuta o som de seu disparo (audição) é também outro exemplo clássico aplicável à espécie.

A ordem judicial pode ser expedida de ofício ou a requerimento das partes (art. 242 do CPP). As hipóteses de cabimento da busca e apreensão domiciliar estão previstas no art. 240, § 1º, do CPP, em um rol não taxativo, que merece ser lido.

▸ Qual o entendimento do STJ sobre o assunto?

O STJ já decidiu que a ausência de lacre em todos os documentos e bens – que ocorreu em razão da grande quantidade de material apreendido - não torna automaticamente ilegítima a prova obtida. Ante a presunção de validade e legitimidade dos atos praticados por funcionários públicos, compete à defesa demonstrar de forma concreta o descumprimento das formalidades legais e essenciais do ato e, especificamente, que o material apreendido e eventualmente não lacrado foi corrompido ou adulterado, de forma a causar prejuízo à defesa e modificar o conteúdo da prova colhida. Desse modo, à mingua de exigência legal específica, a ausência de lacre em todos os documentos e bens apreendidos – que decorreu da grande quantidade de material – desacompanhada de maiores dados concretos sobre efetiva interferência dos agentes públicos ou da acusação sobre as provas colhidas –, não tem o condão de nulificar o ato e a ação penal. (Informativo nº 608).

Ressalte-se que é preciso ter cautelas no cumprimento do mandado de busca e apreensão, conforme exposto no art. 243 do CPP, que também deve ser lido. Assim, o mandado não pode ser genérico, como ocorreria, por exemplo, se fosse autorizada a busca e apreensão em todas as casas de uma rua ou de determinada localidade, como uma favela. É preciso, pois, delimitar com precisão o local do cumprimento, bem como a autoridade que irá cumpri-lo. Se também houver autorização judicial para prisão do agente, essa circunstância deve vir prevista no mandado (art. 243, § 1º, do CPP).

▸ Qual o entendimento do STF sobre o assunto?

Em virtude justamente da inexistência de mandado judicial específico, o STF declarou a ilegalidade da apreensão, pela Polícia Federal, de computadores e o espelhamento de discos rígidos (HDs) do Banco Opportunity S/A, durante diligências das operações Satiagraha e Chacal. Isso porque policiais federais cumpriram o mandado de busca e apreensão expedido pelo Juiz da 5ª Vara Federal Criminal de São Paulo no endereço profissional de Daniel Dantas, localizado no 28º andar de um edifício comercial no centro do Rio de Janeiro. Todavia, ao serem informados que a sede do Banco Opportunity ficava no 3º andar do mesmo prédio, os policiais comunicaram o ocorrido ao Juiz substituto, que autorizou, por meio de ofício sem maiores detalhes, o espelhamento

[cópia] do disco rígido do servidor da instituição financeira. Destarte, o Magistrado que despachou o caso no dia da busca e apreensão não foi alertado ou não percebeu que os equipamentos em questão estavam em local diverso do constante no mandado, o que, de acordo com a Suprema Corte, caracteriza a ilicitude na produção desta prova, violando-se a regra constitucional de inviolabilidade de domicílio do art. 5º, XI, da Constituição Federal (Informativo nº 771).

▸ **Cumprimento de um mesmo mandado de busca e apreensão domiciliar em duas oportunidades distintas:**

Em decisão proferida em 11/10/2016, a 2ª Turma do STF entendeu que um só mandado de busca e apreensão domiciliar pode ser usado em duas oportunidades distintas, desde que dentro de um lapso temporal razoável. Nesse sentido, decidiu-se que não seria ilícita a apreensão de uma agenda encontrada no veículo do investigado horas depois de realizada busca e apreensão, autorizada judicialmente, em sua casa. Como suas ligações telefônicas estavam sendo monitoradas, as autoridades policiais tiveram notícia de que a agenda contendo anotações, tabelas, notas fiscais e outros documentos que poderiam elucidar o crime, e inclusive levar à sua prisão, não tinha sido levada, pois estava em seu carro. Os policiais retornaram então ao local e apreenderam a agenda no interior do veículo. Esclareceu-se ainda que, em se tratando de busca e apreensão em veículo, em regra, não se exige a existência de mandado de busca e apreensão expedido, eis que será realizada uma busca e apreensão pessoal. A única exceção ocorre quando o veículo é destinado à habitação do indivíduo, no caso de *trailers*, cabines de caminhão, barcos, entre outros, quando se inserem no conceito jurídico de domicílio, necessitando, pois, de autorização judicial (RHC 117767).

A busca domiciliar será **cumprida de dia, salvo se o morador consentir que seja realizada durante a noite** (art. 5º, XI, CF). Entende-se como dia "o intervalo que vai das 6 às 18 horas, no horário local, com a incidência das alterações pelo horário de verão" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 393). Além disso, frise-se que se a busca for iniciada durante o dia, poderá estender-se para além das 18 horas, em sendo absolutamente necessário, para que a interrupção não implique em significativo prejuízo ao ato (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 396). No entanto, "percebendo a autoridade que o ato irá se prolongar por tempo considerável, deve interromper a diligência, cercando-se dos cuidados para que os objetos procurados não sejam sonegados, e se necessário, fazendo campana em frente ao imóvel, para que no dia subseqüente pela manhã a busca se reinicie" (TÁVORA; ALENCAR, 2009, p. 396).

Contudo, relembre-se que, em havendo cometimento de crime em flagrante delito no interior da residência, notadamente crimes permanentes, como posse ilegal de arma de fogo, tráfico ilícito de entorpecentes ou sequestro, será possível o ingresso em residência alheia a qualquer tempo (dia ou noite), mesmo sem mandado de busca e apreensão (art. 5º, XI, CF).

De qualquer sorte, o agente deverá ler o mandado ao morador ou a quem o represente, intimando-o em seguida a abrir a porta. Se houver desobediência, a porta será arrombada e forçada a entrada. É possível o uso de força também contra coisas existentes na casa, que prejudiquem o descobrimento do que se procura. Tanto o arrombamento como a destruição de objetos poderão ser feitos se não houver morador na residência no momento do cumprimento da diligência, devendo, porém, haver a intimação de qualquer vizinho para acompanhar o ato (art. 245 do CPP). No caso de residência habitada, a busca deve ser feita de forma que não moleste os moradores mais do que o necessário para o cumprimento da diligência (art. 248 do CPP).

Com base no art. 249 do CPP, a **busca em mulher será feita por outra mulher, se não importar retardamento ou prejuízo da diligência.** Nesse contexto, frise-se que a Lei nº13.271, de 15 de abril de 2016, estipula, em seu art. 1º, que "As empresas privadas, os órgãos e entidades da administração pública, direta e indireta, ficam proibidos de adotar qualquer prática de revista íntima de suas funcionárias e de clientes do sexo feminino."

Ademais, destaca o art. 250 do CPP que a autoridade ou os seus agentes poderão penetrar no território de jurisdição alheia, ainda que de outro Estado, quando, para o fim da apreensão, forem no seguimento de pessoa ou coisa, devendo apresentar-se à competente autoridade local, antes da diligência ou após, conforme a urgência desta.

O art. 243, § 2º, do CPP dispõe que não é possível a apreensão de documento em poder do **defensor**, salvo quando constituir **elemento do corpo de delito**, como no caso de um dado documento falso em um crime de falsidade.

Em complemento a esta regra, vale a pena registrar que a Lei nº 11.767/08 alterou o art. 7º do Estatuto da OAB, disciplinando o seguinte: garante-se a inviolabilidade do escritório do advogado ou de seu local de trabalho, bem como de seus instrumentos de trabalho,

de sua correspondência escrita, eletrônica, telefônica e telemática, **desde que relativas ao exercício da advocacia** (art. 7º, inciso II); Presentes indícios de autoria e materialidade da prática de crime **por parte de advogado**, a autoridade judiciária competente poderá decretar a quebra da inviolabilidade de que trata o inciso II do *caput* deste artigo, em decisão motivada, expedindo mandado de busca e apreensão, específico e pormenorizado, a ser cumprido na presença de representante da OAB, sendo, em qualquer hipótese, vedada a utilização dos documentos, das mídias e dos objetos pertencentes a clientes do advogado averiguado, bem como dos demais instrumentos de trabalho que contenham informações sobre clientes (art. 7º, § 6º); A ressalva constante do § 6o deste artigo **não se estende a clientes do advogado averiguado** que estejam sendo formalmente investigados como seus partícipes ou coautores pela prática do mesmo crime que deu causa à quebra da inviolabilidade (art. 7º, § 7º).

Não obstante, o STJ já decidiu que é lícita a apreensão, em escritório de advocacia, de drogas e de arma de fogo, em tese pertencentes a advogado, na hipótese em que outro advogado tenha presenciado o cumprimento da diligência por solicitação dos policiais, ainda que o mandado de busca e apreensão tenha sido expedido para apreender arma de fogo supostamente pertencente a estagiário do escritório - e não ao advogado - e mesmo que no referido mandado não haja expressa indicação de representante da OAB local para o acompanhamento da diligência, tudo isso com fundamento na serendipidade, fenômeno plenamente aceito na jurisprudência deste tribunal, conforme anteriormente explicitado (Informativo nº 557). Já a **busca e apreensão pessoal** não exige ordem judicial para sua efetivação, desde que presentes razões de natureza cautelar e, por isso, urgentes, nos termos dos artigos 240, § 2º (quando houver fundada suspeita de que alguém oculte consigo arma proibida ou objetos mencionados nas letras *b* a *f* e letra *h* do art. 240, § 1º, do CPP), e 244 (se houver fundada suspeita de que o agente esteja na posse de arma proibida ou de objetos ou papéis que constituam corpo de delito, ou quando a medida for determinada no curso de busca domiciliar) do CPP. A efetivação de uma prisão, em flagrante ou por ordem judicial, por óbvio, também permite a busca e apreensão pessoal.

Busca e apreensão	
Domiciliar	art. 240, § 1º, CPP
Pessoal	arts. 240, § 2º, e 244 CPP

Referências bibliográficas

ALVES, Leonardo Barreto Moreira. **Ação Penal nos Crimes Contra a Dignidade Sexual Após a Lei n. 12.015/09.** *In:* Revista Magister de Direito Penal e Processual Penal. Porto Alegre: Magister, v.33, dez./jan. 2010, p. 85-94.

ALVES, Leonardo Barreto Moreira; BERCLAZ, Márcio Soares. **Ministério Público em Ação:** atuação prática jurisdicional e extrajurisdicional. 6. ed. rev., ampl. e atual. Salvador: JusPODIVM, 2017.

ALVES, Leonardo Barreto Moreira. **Sinopse para Concursos:** Processo Penal - Parte Especial. 6. ed. rev., ampl. e atual. Salvador: JusPODIVM, 2017, v. 8.

AVENA, Norberto. **Processo Penal Esquematizado.** São Paulo: Método, 2009.

BANDEIRA DE MELLO, Celso Antônio. **Curso de direito administrativo.** 18. ed. rev. e atual. até a Emenda Constitucional n. 45, de 8.12.2004. São Paulo: Malheiros, 2005.

BEDÊ JÚNIOR, Américo; SENNA, Gustavo. **Princípios do Processo Penal:** entre o garantismo e a efetividade da sanção. São Paulo: RT, 2009.

BONFIM, Edilson Mougenot. **Curso de Processo Penal.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

BOSCHI, José Antônio Paganella. **Ação Penal:** denúncia, queixa e aditamento. 3. ed. Rio de Janeiro: AIDE, 2002.

CALABRICH, Bruno. **Investigação Criminal pelo Ministério Público:** uma renitente e brasileira polêmica. *In:* ALVES, Leonardo Barreto Moreira; CHAVES, Cristiano; ROSENVALD, Nelson. **Temas Atuais do Ministério Público:** a atuação do *Parquet* nos 20 anos da Constituição Federal. 2. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Lumen Juris, p. 605-634.

CAPEZ, Fernando. **Curso de Processo Penal.** 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

CARNELUTTI, Francesco. **Sistemas de direito processual civil.** Tradução: Hiltomar Martins Oliveira. São Paulo: ClassicBook, 2000, v.1.

CUNHA, Rogério Sanches; CERQUEIRA, Thales Tácito Pontes Luz de Pádua Cerqueira. **Incidente de Deslocamento de Competência (IDC - art. 109, § 5º, CF). Uma Análise Crítica.** *In:* CHAVES, Cristiano; ALVES, Leonardo Barreto Moreira; ROSENVALD, Nelson. **Temas Atuais do Ministério Público:** a atuação do *Parquet* nos 20 anos da Constituição Federal. 2. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, p. 713-728.

FEITOZA, Denilson. **Direito Processual Penal:** teoria, crítica e práxis. 6. ed. rev., ampl. e atual. Niterói: Impetus, 2009.

GOMES, Luiz Flávio. **Direito Processual Penal.** São Paulo: RT, 2005.

GRINOVER, Ada Pellegrini Grinover; GOMES FILHO, Antonio Magalhães; FERNANDES, Antonio Scarance. **Nulidades no processo penal.** 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: RT, 2009.

GRINOVER, Ada Pellegrini; GOMES FILHO, Antonio Magalhães; FERNANDES, Antonio Scarance. **Recursos no Processo Penal.** 6. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: RT, 2009.

LIMA, Marcellus Polastri. **Manual de Processo Penal.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

LIMA, Marcellus Polastri. **Algumas Antigas e Novas Questões sobre o Arquivamento e o Desarquivamento dos Autos de Investigação Criminal.** *In:* ALVES, Leonardo Barreto Moreira; CHAVES, Cristiano; ROSENVALD, Nelson. **Temas Atuais do Ministério Público:** a atuação do *Parquet* nos 20 anos da Constituição Federal. 2. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Lumen Juris, p. 727-748.

LOPES JR., Aury. **Direito Processual e sua conformidade constitucional.** 5. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, v. I.

LOPES JR., Aury. **Lei 13.491/2017 fez muito mais do que retirar os militares do tribunal do júri.** Disponível em: ‹https://www.conjur.com.br/2017-out-20/limite-penal-lei-134912017-fez-retirar-militares-tribunal-juri›. Acesso em: 27 dez. 2017.

MARQUES, José Frederico. **Elementos de direito processual penal.** São Paulo: Forense, 1961, v. 1.

MARQUES, José Frederico. **Elementos de Direito Processual Penal.** 2. ed. Campinas: Millennium, 2003, v. 1.

MIRABETE, Júlio Fabbrini. **Processo Penal.** 16. ed. rev. e atual. por Renato N. Fabbrini. São Paulo: Atlas, 2004.

MOREIRA, Rômulo de Andrade. **Ação penal nos crimes contra a liberdade sexual e nos delitos sexuais contra vulnerável:** a lei n. 12.015/09. ***Jus Navigandi***, Teresina, ano 13, n. 2239, 18 ago. 2009a. Disponível em: ‹http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=13345›. Acesso em: 05 dez. 2009.

MOREIRA, Rômulo de Andrade. **Curso Temático de Direito Processual Penal.** 2. ed. Salvador: JusPODIVM, 2009b.

MOREIRA, Rômulo de Andrade. **O Termo de Ajustamento de Conduta Ambiental e os Efeitos no Exercício da Ação Penal Pública.** Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 25 ago. 2009. Disponível em: ‹http://www.conteudojuridico.com.br/?colunas&colunista=228_Romulo_Moreira&ver=390›. Acesso em: 27 ago. 2011.

MOREIRA, Rômulo de Andrade. **O Supremo Tribunal Federal e a fixação da reparação do dano na sentença penal condenatória.** ***Jus Navigandi***, Teresina, ano 17, n. 3459, 20 dez. 2012. Disponível em: ‹http://jus.com.br/revista/texto/23296›. Acesso em: 4 fev. 2013.

MOREIRA, Rômulo de Andrade. **A Lei que Alterou a Competência da Justiça Militar da União.** Disponível em: ‹http://emporiododireito.com.br/leitura/a-lei-que-alterou-a-competencia-da-justica-militar-da-uniao-por-romulo-de-andrade-moreira-1508242671›. Acesso em: 27 dez. 2017.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Manual de Processo Penal e Execução Penal.** 5. ed. São Paulo: RT, 2008.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Crimes contra a dignidade sexual:** comentários à lei 12.015, de 7 de agosto de 2009. São Paulo: RT, 2009.

OLIVEIRA, Eugênio Pacelli de. **Curso de Processo Penal.** 10. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

QUEIROZ, Paulo. **Retroatividade da lei processual penal e garantismo.** Disponível em: ‹http://pauloqueiroz.net/retroatividade-da-lei-processual-penal-e-garantismo/›. Acesso em: 27 jan. 2014.

RANGEL, Paulo. **Direito Processual Penal.** 17. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

RANGEL, Paulo. **A Linguagem pelo Avesso:** a denúncia anônima como causa (i)legitimadora da instauração de investigação criminal: inconstitucionalidade e irracionalidade. *In*: ALVES, Leonardo Barreto Moreira; CHAVES, Cristiano; ROSENVALD, Nelson. **Temas Atuais do Ministério Público:** a atuação do *Parquet* nos 20 anos da Constituição Federal. 2. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Lumen Juris, p. 749-765.

TÁVORA, Nestor; ALENCAR, Rosmar Rodrigues. **Curso de Direito Processual Penal.** 3. ed. rev., ampl. e atual. Salvador: JusPODIVM, 2009.

TÁVORA, Nestor; ARAÚJO, Fábio Roque. **Código de Processo Penal para Concursos.** Salvador: JusPODIVM, 2010.

TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. **Manual de Processo Penal**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2003, v. 1.

TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. **Crimes Contra a Liberdade Sexual, em Face da Nova Lei**. *In*: Revista Magister de Direito Penal e Processual Penal. Porto Alegre: Magister, v.33, dez./jan. 2010, p. 78-84.

coleção SINOPSES para concursos 7

PROCESSO PENAL

PARTE GERAL

A *Coleção Sinopses para Concursos* tem por finalidade a preparação para concursos públicos de modo prático, sistematizado e objetivo.

Foram selecionadas as principais matérias constantes dos editais e chamados professores especializados em preparação de concursos a fim de elaborarem, de forma didática, o material necessário para a aprovação em concursos.

Diferentemente de outras sinopses/resumos, preocupamo-nos em apresentar ao leitor o entendimento do STF e do STJ sobre os principais pontos, além de abordar temas tratados em manuais e livros mais densos. Assim, ao mesmo tempo em que o leitor encontrará um livro sistematizado e objetivo, também terá acesso a temas atuais e entendimentos jurisprudenciais.

Dentro da metodologia que entendemos ser a mais apropriada para a preparação nas provas, demos destaques (em outra cor) às palavras-chaves, de modo a facilitar não somente a visualização, mas, sobretudo, a compreensão do que é mais importante dentro de cada matéria.

Quadros sinóticos, tabelas comparativas, esquemas e gráficos são uma constante da coleção, aumentando a compreensão e a memorização do leitor.

Contemplamos também questões das principais organizadoras de concursos do país, como forma de mostrar ao leitor como o assunto foi cobrado em provas.

Atualmente, essa "casadinha" é fundamental: conhecimento sistematizado da matéria e como foi a sua abordagem nos concursos.

Esperamos que goste de mais esta inovação que a Editora Juspodivm apresenta.

Nosso objetivo é sempre o mesmo: otimizar o estudo para que você consiga a aprovação desejada.

Bons estudos!

Leonardo Garcia
leonardo@leonardogarcia.com.br
www.leonardogarcia.com.br

ISBN 978-85-442-1978-2
9 788544 219782

EDITORA JUSPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

2ª edição
revista, ampliada e atualizada

Marcos Destefenni

DIREITOS
DIFUSOS E COLETIVOS

Coleção
PROVAS DISCURSIVAS
respondidas e comentadas
Organizadores:
Antônio Augusto Jr. e Paulo Lépore

INCLUI
- Respostas redigidas pelo autor do livro
- Seleções de jurisprudências temáticas
- Seleções de questões relacionadas

EDITORA JUSPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

DIREITOS DIFUSOS E COLETIVOS

EM PROVAS DISCURSIVAS

MARCOS DESTEFENNI
Promotor de Justiça.
Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Doutor e Mestre em Direitos Difusos (PUC/SP).
Mestre em Processo Civil (PUC/CAMPINAS)

DIREITOS DIFUSOS E COLETIVOS

EM PROVAS DISCURSIVAS

2015

EDITORA JusPODIVM

EDITORA JusPODIVM

www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Conselho Editorial: Antonio Gidi, Eduardo Viana, Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Diagramação: Caetê Coelho *(caete1984@gmail.com.br)*

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

Copyright: Edições JusPODIVM

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **7**

NOTA DO AUTOR **9**

DIREITOS DIFUSOS E COLETIVOS **11**

✦ **QUESTÕES COMENTADAS** **11**

1. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2010) 11
2. (MPE-MS – PROMOTOR DE JUSTIÇA – MS/2008) 16
3. (FMP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – MT/2008) 26
4. (89º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2012) 33
5. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2010) 42
6. (83º CONCURSO DE INGRESSO À CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2002) 45
7. (ACP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – PB/2011) 50
8. (MPE-MS – PROMOTOR DE JUSTIÇA – MS/2007) 58
9. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2008) 63
10. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2010) 69
11. (CESPE – DEFENSOR PÚBLICO – MA/2011) 74
12. (83º CONCURSO DE INGRESSO À CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2002) 86
13. (89º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2012) 91
14. (89º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2012) 100
15. (90º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2013) 110
16. (90º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2013) 115
17. (LIV CONCURSO PARA INGRESSO NA CARREIRA DO MPE – MG) 127
18. (53º CONCURSO PARA INGRESSO NA CARREIRA DO MPE DE MG) 134
19. (53º CONCURSO PARA INGRESSO NA CARREIRA DO MPE – MG) 140
20. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2010) 144

APRESENTAÇÃO

Embora existam muitos livros de questões comentadas de provas objetivas, é nítida a escassez no mercado de obras que se destinem a auxiliar o candidato a obter um desempenho satisfatório numa prova discursiva.

O propósito desse livro é justamente identificar as bases sobre as quais deve se firmar a preparação do candidato para provas discursivas.

As provas selecionadas são de concursos de todas as carreiras jurídicas: PFN, AGU, Magistratura, Ministério Público, Defensoria Pública, Procuradorias, Tribunais de Contas.

Buscou-se abordar o máximo de assuntos da matéria por meio das provas. Além de questões, também há a resolução de peças processuais e pareceres, o que dá um panorama completo das provas discursivas.

Trata-se de um projeto inovador, diferente do que existe no mercado sobre provas discursivas.

A obra se distingue por fornecer, após a resposta do autor para cada questão, um farto panorama doutrinário e jurisprudencial sobre o tema abordado no enunciado, o que acaba tornando o livro um poderoso instrumento de revisão. Como se não bastasse, ao final de algumas respostas são trazidas questões de primeira etapa, de forma a demonstrar ao leitor a predileção das bancas pelo assunto.

No intuito de ser um material de estudos completo, os livros da coleção possuem um espaço, logo após o enunciado das questões, destinado para o leitor tentar responder a questão discursiva. Desse modo, o concurseiro pode, antes de ir direto para a resposta da questão, ter a oporutnidade de simular a resolução das provas discursivas, e logo em seguida conferir sua resposta com a do autor e com a doutrina e a jurisprudência temática.

Essa coleção é indispensável para todos aqueles que desejam preparar-se para concursos públicos de forma dinâmica e otimizada, estudando a matéria ao mesmo tempo em que constata a aplicação do conteúdo nas provas. Assim, além do aprendizado dos temas mais exigidos nos concursos, o leitor também se torna um conhecedor das provas de segunda fase.

NOTA DO AUTOR

O presente texto tem por objetivo suprir a escassez de obras que se destinam a auxiliar o candidato em provas discursivas.

Como autor do presente volume, procurei comentar questões selecionadas de "Direitos Difusos", trazendo tópicos importantes a serem explorados pelo candidato.

Em alguns casos, extrapolei o limite máximo de linhas. Porém, decidi não reduzir o texto para que o leitor tenha maior subsídio na realização das provas discursivas. Acredito que maiores informações possam trazer melhores resultados!

Vale registrar que, nos últimos anos, tenho me deparado com vários alunos que apresentam dificuldades na preparação para as provas discursivas.

Assim, após o texto que elaborei, o leitor poderá, no espaço reservado para este fim, tentar responder à questão discursiva dentro dos limites dos concursos públicos. Com certeza, isto propiciará ao concurseiro, antes e depois de ler a resposta da questão, simular a sua própria resolução, evitanto, inclusive, possível "padronização" de respostas.

Estou aberto às críticas e sugestões!

MARCOS DESTEFENNI

DIREITOS DIFUSOS E COLETIVOS

QUESTÕES COMENTADAS

1. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2010)

Diferencie interesses ou direitos difusos dos coletivos.

RESPOSTA

Os interesses ou direitos difusos e coletivos (no sentido estrito) são espécies de direitos transindividuais. Ambos são de natureza indivisível.

Todavia, enquanto os direitos difusos são titularizados por pessoas indeterminadas (ou indetermináveis), os direitos coletivos pertencem a um grupo, a uma classe ou a uma categoria de pessoas. Portanto, a primeira grande diferença é a titularidade.

Outra diferença está no fato de que não existe relação jurídica base unindo os titulares dos direitos difusos (estão ligados, apenas, por circunstâncias de fato) ao contrário do que ocorre com os direitos coletivos, cujos titulares apresentam algum grau de associação, entre si ou com uma mesma parte contrária, por uma relação jurídica base.

Direitos difusos genuínos são, por exemplo, o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e o direito à ampla informação do consumidor. O direito à informação é difuso, por dizer respeito a uma massa de consumidores que não pode ser determinada.

O direito à reserva de vagas para deficientes físicos em concurso público é coletivo, assim como a pretensão de invalidar cláusula contratual que impõe o pagamento da taxa de conservação aos adquirentes de parcelas em loteamentos é de natureza coletiva, uma vez que beneficia todos os adquirentes, de forma indivisível.

Atenção! Duas características chamam muito a atenção quando se pensa em direitos coletivos no sentido estrito: o fato de que são direitos que pertencem a um grupo determinável de pessoas e a existência de um vínculo associativo entre eles.

Eles também são transindividuais e indivisíveis.

Com relação aos direitos difusos, fique atento, sempre, às seguintes características:

a) são transindividuais;

b) são indivisíveis;

c) são titularizados por um número indeterminável de pessoas;

d) não há, entre os titulares, um vínculo associativo.

Os direitos difusos e coletivos, em função da característica da indivisibilidade, são considerados genuinamente coletivos. A indivisibilidade que se fala é a objetiva, isto é, não é possível decompor o direito de forma a atender, de maneira específica, cada um dos titulares.

Os direitos individuais homogêneos é que não são genuinamente coletivos. Na verdade, são direitos individuais e divisíveis, isto é, passíveis de fracionamento.

Os direitos coletivos diferem dos individuais homogêneos em função de os primeiros apresentarem as características da indivisibilidade e do vínculo associativo, características que não estão presentes nos últimos.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Kazuo Watanabe: "A tutela coletiva abrange dois tipos de interesses ou direitos de natureza coletiva: a) os essencialmente coletivos, que são os 'difusos', definidos no inc. I do parágrafo único do art. 81, e os 'coletivos' propriamente ditos, conceituados no inc. II do parágrafo único do art. 81; b) os de natureza coletiva apenas na forma em que são tutelados, que são os 'individuais homogêneos', definidos no inciso III do parágrafo único do art. 81. O legislador preferiu defini-los para evitar que dúvidas e discussões doutrinárias, que ainda persistem a respeito dessas categorias jurídicas, possam impedir ou retardar a efetiva tutela dos interesses ou direitos dos consumidores e das vítimas sou seus sucessores" (*Código brasileiro de defesa do consumidor*, São Paulo: Forense Universitária, 1993, p. 503).

b) Kazuo Watanabe: "Na conceituação dos interesses 'difusos', optou-se pelo critério da indeterminação dos titulares e da inexistência entre eles de relação jurídica base, no aspecto subjetivo, e pela indivisibilidade do bem jurídico, no aspecto objetivo" (*Código brasileiro de defesa do consumidor*, São Paulo: Forense Universitária, 1993, p. 504-505).

c) Consuelo Yatsuda Moromizato Yoshida: "O direito positivo elegeu basicamente dois critérios para caracterizar e diferenciar as três modalidades de direitos e interesses meta ou transindividuais: 1) um critério objetivo, relativo à indivisibilidade ou divisibilidade do objeto (bem jurídico); e 2) um critério subjetivo, referente à indeterminabilidade ou determinabilidade dos titulares, que estão ligados por 'circunstâncias de fato', por uma 'relação jurídica-base' ou pela 'origem comum': são os elementos comuns que justificam e possibilitam a tutela jurisdicional coletiva" ("Direitos e interesses individuais homogêneos: a "origem comum" e a complexidade da causa de pedir. Implicações na

legitimidade *ad causam* ativa e no interesse de agir do Ministério Público", *in Revista da Faculdade de Direito da PUC / SP*, São Paulo: Método, 1º semestre de 2001, p. 92).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) 2ª Turma do STJ (REsp nº 1.192.281-SP, REL. MIN. MAURO CAMPBELL MARQUES):

"PROCESSUAL CIVIL. ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. IMPUGNAÇÃO DE CLÁUSULA CONTRATUAL QUE IMPÕE O PAGAMENTO DA TAXA DE CONSERVAÇÃO AOS ADQUIRENTES DE PARCELAS EM LOTEAMENTOS. CONFIGURAÇÃO. 1. No presente caso, pelo objeto litigioso deduzido pelo Ministério Público (causa de pedir e pedido), o que se tem é o pedido de tutela contra exigência dirigida globalmente a todos os adquirentes de parcelas de um loteamento: a declaração da nulidade de cláusula contratual que impõe o pagamento da taxa de conservação aos adquirentes de parcelas nos loteamentos Terras de Santa Cristina – Glebas II e III, implantados na forma da Lei nº 6.766/79 e situados na cidade de Itaí, no Estado de São Paulo, bem como a condenação da ora recorrida à não inserção da referida cláusula nos contratos futuros. Não se buscou reparação da repercussão dessa exigência na esfera jurídica particular de cada um dos adquirentes (devolução da cobrança indevidamente cobradas), hipótese em que haveria tutela de interesses individuais homogêneos. 2. Atua o Ministério Público, no caso concreto, em defesa do direito indivisível de um grupo de pessoas determináveis, ligadas por uma relação jurídica base com a parte contrária, circunstâncias caracterizadoras do interesse coletivo a que se refere o art. 81, parágrafo único, II, da Lei nº 8.078/90. E o art. 129, inc. III, CR/88 é expresso ao conferir ao Parquet a função institucional de promoção da ação civil pública para a proteção dos interesses difusos e coletivos. 3. É patente, pois, a legitimidade ministerial em razão da proteção contra eventual lesão ao interesse coletivo dos adquirentes de parcelas de loteamento. 4. Recurso especial provido".

b) Informativo nº 0547

Período: 8 de outubro de 2014.

Quarta Turma

DIREITO PROCESSUAL CIVIL E DO CONSUMIDOR. TUTELA DE INTERESSES INDIVIDUAIS HOMOGÊNEOS, COLETIVOS E DIFUSOS POR UMA MESMA AÇÃO COLETIVA. Em uma mesma ação coletiva, podem ser discutidos os interesses dos consumidores que possam ter tido tratamento de saúde embaraçado com base em determinada cláusula de contrato de plano de saúde, a ilegalidade em abstrato dessa cláusula e a necessidade de sua alteração em consideração a futuros consumidores do plano de saúde. O CDC expõe as diversas categorias de direitos tuteláveis pela via coletiva. Com efeito, as tutelas pleiteadas em ações civis públicas não são necessariamente puras e estanques – ou seja, não é preciso que se peça, de cada vez, uma tutela referente a direito individual homogêneo, em outra ação, uma tutela de direitos coletivos em sentido estrito e, em outra, uma tutela de direitos difusos, notadamente em ação manejada pelo Ministério Público, que detém legitimidade ampla no processo coletivo. Sendo verdadeiro que um determinado direito não pertence, a um só tempo, a mais de uma categoria, isso não implica afirmar que, no mesmo cenário fático ou jurídico conflituoso, violações simultâneas de direitos de mais de uma espécie não possam ocorrer. Nesse sentido, tanto em relação aos direitos individuais homogêneos quanto aos coletivos, há – ou, no mínimo,

pode haver – uma relação jurídica comum subjacente. Nos direitos coletivos, todavia, a violação do direito do grupo decorre diretamente dessa relação jurídica base, ao passo que nos individuais homogêneos a relação jurídica comum é somente o cenário remoto da violação a direitos, a qual resulta de uma situação fática apenas conexa com a relação jurídica base antes estabelecida. Assim, eventual negativa indevida do plano de saúde pode gerar danos individuais, concretamente identificáveis em posterior liquidação. Mas essa recusa é antecedida por uma relação jurídica comum a todos os contratantes, que podem ou não vir a sofrer danos pela prática abusiva. A mencionada relação jurídica base consiste exatamente no contrato de prestação de serviços de saúde firmado entre uma coletividade de consumidores e a administradora do plano, razão pela qual se pode vislumbrar o direito coletivo, e não exclusivamente um direito individual homogêneo. Vale dizer, portanto, que há uma obrigação nova de indenizar eventuais danos individuais resultantes da recusa indevida em custear tratamentos médicos (direitos individuais homogêneos), mas também há outra, de abstrata ilegalidade da cláusula contratual padrão, e que atinge o grupo de contratantes de forma idêntica e, portanto, indivisível (direitos coletivos em sentido estrito). Por outra ótica, eventual ajuste da cláusula ilegal refere-se a interesses de uma coletividade de pessoas indeterminadas e indetermináveis, traço apto a identificar a pretensão como uma tutela de interesses difusos. REsp 1.293.606-MG, Rel. Min. Luis Felipe Salomão, julgado em 2/9/2014.

c) Informativo nº 0546

Período: 24 de setembro de 2014.

Terceira Turma

DIREITO DO CONSUMIDOR E PROCESSUAL CIVIL. RESTITUIÇÃO DE TEB EM SEDE DE AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA POR ASSOCIAÇÃO CIVIL DE DEFESA DO CONSUMIDOR. Em sede de ação civil pública ajuizada por associação civil de defesa do consumidor, instituição financeira pode ser condenada a restituir os valores indevidamente cobrados a título de Taxa de Emissão de Boleto Bancário (TEB) dos usuários de seus serviços. Com efeito, os interesses individuais homogêneos não deixam de ser também interesses coletivos. Porém, em se tratando de direitos coletivos em sentido estrito, de natureza indivisível, estabelece-se uma diferença essencial diante dos direitos individuais homogêneos, que se caracterizam pela sua divisibilidade. Nesse passo, embora os direitos individuais homogêneos se originem de uma mesma circunstância de fato, esta compõe somente a causa de pedir da ação civil pública, já que o pedido em si consiste na reparação do dano (divisível) individualmente sofrido por cada prejudicado. Na hipótese em foco, o mero reconhecimento da ilegalidade da TEB caracteriza um interesse coletivo em sentido estrito, mas a pretensão de restituição dos valores indevidamente cobrados a esse título evidencia um interesse individual homogêneo, perfeitamente tutelável pela via da ação civil pública. Assentir de modo contrário seria esvaziar quase que por completo a essência das ações coletivas para a tutela de direitos individuais homogêneos, inspiradas nas class actions do direito anglo-saxão e idealizadas como instrumento de facilitação do acesso à justiça, de economia judicial e processual, de equilíbrio das partes no processo e, sobretudo, de cumprimento e efetividade do direito material, atentando, de uma só vez, contra dispositivos de diversas normas em que há previsão de tutela coletiva de direitos, como as Leis 7.347/1985, 8.078/1990, 8.069/1990, 8.884/1994, 10.257/2001, 10.741/2003, entre outras. REsp 1.304.953-RS, Rel. Min. Nancy Andrighi, julgado em 26/8/2014.

◉ QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (UFPR – Defensor Público – PR/2014) Assinale a alternativa correta.

a) Os direitos difusos são transindividuais e seus titulares formam uma categoria ligada por uma relação jurídica base.

b) A classificação tripartite estabelecida pelo CDC tem como critérios identificadores, no plano processual, o pedido e a causa de pedir.

c) Os direitos coletivos stricto sensu são transindividuais e possuem como característica a indeterminação absoluta de seus titulares.

d) Nos direitos individuais homogêneos, a lesão e a satisfação do dano são uniformes com relação a todos os possíveis titulares.

e) A legitimidade da Defensoria Pública encontra limitação apenas quanto à tutela dos direitos difusos.

➘ *Resposta: "b".*

02. (Vunesp – Defensor Público – MS/2014) A tutela dos direitos coletivos em sentido amplo poderá ser exercida quando se tratar de

a) direitos difusos, assim entendidos, os transindividuais de natureza indivisível, de que sejam titulares pessoas indeterminadas ou não, ligadas por circunstâncias de fato.

b) direitos coletivos em sentido estrito, assim entendidos, os transindividuais, de natureza indivisível, de que seja titular grupo, categoria ou classe de pessoas ligadas entre si ou com a parte contrária por uma relação jurídica base.

c) direitos individuais homogêneos, assim entendidos os decorrentes de origem comum ou não, que afetem grande quantidade de pessoas.

d) direitos individuais heterogêneos, assim entendidos aqueles decorrentes de infração cometida pelo agente do ato, que afetem pessoas no âmbito nacional.

➘ *Resposta: "b".*

03. (FCC – Defensor Público – AM/2013) São hipóteses de causas de interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, respectivamente,

a) instituição de reserva legal em área particular, convenção coletiva que viola direito dos trabalhadores de uma empresa de montagem de veículos e recall de veículo do tipo A.

b) área de preservação permanente em bem público, área de preservação permanente em loteamento e área de preservação permanente em propriedade particular individual.

c) propaganda enganosa veiculada em jornal de pequena circulação, regularização de loteamento clandestino e poluição sonora do bairro X.

d) poluição causada por indústria multinacional, poluição causada por indústria nacional e poluição causada por indústria municipal.

e) regularização de loteamento clandestino, poluição de córrego na cidade Y e cláusula abusiva em contrato de adesão de financiamento da instituição financeira Z.

➘ *Resposta: "a"*

04. (Cespe – Defensor Público – RR/2013) A respeito da teoria constitucional dos direitos difusos e coletivos e dos interesses público, privado, difusos, coletivos e individuais homogêneos, assinale a opção correta.

a) Embora a legislação apresente diferenças entre os interesses difusos e os interesses individuais homogêneos, a doutrina aponta que, na prática, a distinção é inviável, em razão de ambas as espécies originarem-se de circunstâncias de fato comuns.

b) A CF prevê, como instrumentos para a tutela dos direitos coletivos latu sensu, apenas a ACP e a ação coletiva.

c) A distinção entre interesse público primário (o bem geral) e interesse público secundário (o modo pelo qual a administração vê o interesse público) é, atualmente, juridicamente irrelevante, pois, na sociedade moderna, qualquer interesse público coincide com o interesse da sociedade.

d) Os interesses difusos não são mera subespécie de interesse público, pois, embora possa haver coincidência entre interesses de um grupo indeterminável de pessoas e interesses do Estado ou da coletividade, isso nem sempre acontece.

e) A única diferença entre interesse difuso e interesse coletivo em sentido estrito é a origem da lesão.

➘ *Resposta: "d"*

05. (Defensor Público/AM – 2013 – FCC) São hipóteses de causas de interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, respectivamente,

a) instituição de reserva legal em área particular, convenção coletiva que viola direito dos trabalhadores de uma empresa de montagem de veículos e recall de veículo do tipo A.

b) área de preservação permanente em bem público, área de preservação permanente em loteamento e área de preservação permanente em propriedade particular individual.

c) propaganda enganosa veiculada em jornal de pequena circulação, regularização de loteamento clandestino e poluição sonora do bairro X.

d) poluição causada por indústria multinacional, poluição causada por indústria nacional e poluição causada por indústria municipal.

e) regularização de loteamento clandestino, poluição de córrego na cidade Y e cláusula abusiva em contrato de adesão de financiamento da instituição financeira Z.

➘ *Resposta "A"*

2. (MPE-MS – PROMOTOR DE JUSTIÇA – MS/2008)

Disserte sobre o atual microssistema brasileiro de tutela jurisdicional dos interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos.

◉ RESPOSTA

O direito brasileiro, na era moderna, era regido por Códigos.

A codificação do direito foi baseada em vários princípios, especialmente o da generalidade, segundo o qual o Código deveria reger um aspecto bastante amplo da vida das pessoas (a vida civil ou penal, p. ex.) e o da completude, segundo o qual o Código seria um sistema fechado e apto a solucionar todos os problemas.

Também está por trás da ideia de codificação a crença de que a lei seria a fonte formal do direito, principal ou única.

Todavia, os Códigos, pela generalidade de suas normas, foram perdendo espaço na regulação da vida das pessoas, sobretudo pela edição de inúmeras leis especiais.

Por isso, os Códigos, de normas gerais, acabaram se transformando em normas subsidiárias, só aplicáveis quando inexiste uma lei específica ou, então, para complementar alguma lacuna da lei especial.

Percebe-se, também, que nos Códigos há predominância de um tipo de regramento (civil, penal ou administrativo), enquanto que as leis especiais são híbridas, apresentando dispositivos civis, penais, administrativos...

Assim, o direito assistiu ao nascimento de inúmeros microssistemas normativos, materiais e processuais, que foram editados para reger determinado setor da vida das vidas (não toda a vida civil, p. ex.), com regras e princípios próprios.

Nesse contexto, vale destacar que a tutela jurisdicional dos direitos transindividuais (difusos, coletivos e individuais homogêneos) é regida por um microssistema, o microssistema da tutela coletiva.

Portanto, existe um microssistema processual que rege as ações coletivas. Não existe um Código de Processo Coletivo, embora já tenha sido apresentada proposta legislativa nesse sentido.

Embora não exista o Código de Processo Coletivo, as ações coletivas se integram e formam aquilo que se convencionou chamar de Microssistema da Tutela Jurisdicional Coletiva, que já foi reconhecido pela jurisprudência.

Tal interação foi possível por força da edição do Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078/90), que passou a formar, juntamente com a Lei da Ação Civil Pública (Lei nº 7.347/85), o regramento básico do Microssistema da Tutela Coletiva.

Portanto, referidas leis são aplicáveis à defesa dos direitos e interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, sendo as duas principais normas do microssistema da tutela coletiva, mas não são as únicas.

E vale lembrar que o Código de Processo Civil só é aplicável subsidiariamente ao microssistema da tutela coletiva.

O microssistema da tutela coletiva foi desenvolvido para que seja propiciada uma efetiva e também adequada tutela aos direitos transindividuais.

Afinal, o Código de Processo Civil é um instrumento voltado à tutela de direitos subjetivos individuais, nem sempre sendo adequado à tutela de direitos transindividuais.

Além disso, o processo coletivo é marcado pela indisponibilidade do direito material por parte do autor, uma vez que ele não é titular do direito material postulado em juízo.

Tal característica traz uma série de consequências na regulamentação dos principais temas do processo coletivo. Por exemplo, a ação coletiva não deve ser imediatamente extinta no caso de ilegitimidade do autor, abandono ou inércia dele. Cabe ao juiz, antes de decidir, ouvir o MP, permitindo-lhe a assunção da titularidade ativa.

A indisponibilidade do direito material discutido em juízo também incrementa os poderes do juiz, os instrutórios e os relacionados à condução da demanda.

Também são apontados, pela doutrina, princípios específicos do processo coletivo ou, então, aspectos peculiares dos princípios fundamentais do processo na jurisdição coletiva.

Um dos mais importantes é o da máxima efetividade da tutela coletiva, consagrado no art. 93 do CDC, que impõe a admissão de todas as espécies de ações e pedidos capazes de proteger, adequadamente, os direitos transindividuais.

Para a máxima efetividade, contribui a flexibilização da técnica processual que ocorre na jurisdição coletiva, de tal forma que as normas que regem o processo coletivo devem ser sempre interpretadas de forma aberta e flexível.

O processo coletivo também está relacionado à universalidade da jurisdição, pois permite o acesso das massas, de forma facilitada por alguns institutos, como a isenção de custas, por exemplo, aos órgãos do Poder Judiciário. Também favorece a economia processual, considerando que uma ação coletiva pode pleitear direitos de centenas de pessoas.

O microssistema da tutela coletiva também permite a participação da coletividade na administração dos bens e interesses públicos, considerando-se, por exemplo, a legitimação das associações.

Questões fundamentais de processo que são importantes para a efetividade da tutela dos direitos transindividuais também estão regulamentadas, de forma específica, no microssistema da tutela coletiva.

Há, por exemplo, um rol de entes com legitimidade ativa para a tutela dos direitos transindividuais.

A questão da legitimidade é extremamente importante, pois os direitos metaindividuais não são titularizados por uma pessoa, o que poderia ser um obstáculo, à luz do Código de Processo Civil, à tutela jurisdicional.

Com efeito, o CPC, em seu art. 6º, exige que o autor da ação seja titular do direito material. E como sabemos, existem direitos transindividuais titularizados por pessoas indetermináveis (difusos).

Assim, as ações coletivas não podem ser propostas por qualquer pessoa, mas apenas por aqueles entes legitimados pelo legislador.

No Brasil, a escolha do representante adequado para agir em juízo é feita pelo Legislativo. Por isso se diz que o nosso sistema é *ope legis*. Em oposição ao mencionado sistema, é possível que a legitimidade *ad causam* seja ampla, quando caberá ao juiz decidir, em demanda concreta, ajuizada por qualquer pessoa, se aquele que se apresentou em juízo é um adequado representante da coletividade (sistema *ope judicis*).

A legitimidade para o ajuizamento de ação civil pública é concorrente (há mais de um legitimado, assim, não é exclusiva) e disjuntiva, pois cada um dos colegitimados pode, sozinho, ajuizar a ação.

Portanto, cada um dos vários colegitimados tem autonomia para agir em juízo de forma independente. Um não depende do outro para ajuizar a ação coletiva (disjuntiva).

Quando a legitimidade é concorrente, o fato de lei posterior incluir mais um legitimado no rol não exclui, de forma alguma, a legitimidade de qualquer outro ente anteriormente legitimado.

Também é importante destacar que, no microssistema da tutela coletiva, verificam-se situações de restrição da legitimidade ativa. Tal ocorre, por exemplo, na ação de improbidade administrativa, que só pode ser proposta pelo Ministério Público ou pela pessoa jurídica de direito público interessada.

Ainda em relação à legitimidade, tema central do microssistema da tutela coletiva, é fundamental observar que o Ministério Público exerce múltiplas funções nas ações civis públicas e no processo coletivo em geral.

Com efeito, tem legitimidade ativa, isto é, para propor a ação civil pública para a tutela de direitos transindividuais, bem como, para assumir a titularidade ativa no caso de demanda proposta por outro colegitimado e abandonada sem justa causa.

Além disso, quando não é autor da ação, deve atuar, obrigatoriamente, como órgão interveniente.

Assim, deve ficar bem claro que o MP, na ação civil pública, atua:

a) como autor;

b) como órgão interveniente;

c) como órgão incumbido de assumir a titularidade ativa no caso de abandono ou desistência injustificada.

A assunção da titularidade ativa nem sempre é um dever do Ministério Público, uma vez que há necessidade de se verificar se a desistência é justificada ou não, ou seja, se a ação não é temerária, se existem elementos que justifiquem o seu prosseguimento.

Questão sempre suscitada e importante é a que se refere à legitimidade do Ministério Público no que diz respeito aos direitos individuais homogêneos.

Não há dúvida. O Ministério Público tem legitimidade, amparada na Constituição Federal, para a tutela de direitos individuais homogêneos indisponíveis.

A legitimidade para a defesa de direitos difusos e coletivos está expressa no art. 129, III, da CF de 1988.

A CF de 1988 não fez referência à legitimidade para a tutela de direitos individuais homogêneos, pois esta espécie de direito transindividual foi sistematizada em 1990, com a Lei nº 8.078/90 (art. 81, parágrafo único, III).Ou seja, o direito ainda não fazia referência expressa aos direitos individuais homogêneos.

O rol constitucional das funções institucionais do MP, porém, é exemplificativo, tanto que ele está autorizado, pela CF, a exercer outras funções que lhe forem conferidas, desde que compatíveis com sua finalidade. O que não pode é ser representante judicial ou exercer a consultoria jurídica de entidades públicas.

Portanto, o MP tem legitimidade para a defesa de todos os direitos e interesses transindividuais.

Contudo, deve ser feita a seguinte observação:

a) O MP tem legitimidade para a defesa de direitos individuais indisponíveis;

b) O MP poderá ter legitimidade para a defesa de direitos individuais disponíveis.

Tais conclusões são respaldadas nos seguintes fatos: a legitimidade do MP tem fundamento constitucional e infraconstitucional; está relacionada à eliminação de obstáculos ao acesso à justiça; é imprescindível para coibir práticas abusivas e punir infratores; promove o estrito cumprimento da lei em situações que podem atingir o consumidor, o idoso, a criança, o adolescente, enfim, vulneráveis e hipervulneráveis; a legitimidade do MP não está subordinada à natureza do direito discutido em juízo; a tutela coletiva de direitos individuais homogêneos evita a multiplicação e demandas individuais.

O que é crucial, para auferir a legitimidade do MP, é a constatação da relevância social da sua atuação, em função do bem jurídico que se pretende tutelar.

A falta de legitimidade ativa do Ministério Público pode ser constatada diante de determinado caso concreto, sobretudo pela falta de relevância social. Frise-se: não se pode afirmar, em abstrato, a ilegitimidade do *Parquet* em face da natureza do direito transindividual pleiteado em juízo, ou seja, por se tratar de direitos individuais homogêneos, por exemplo. Nem mesmo se os direitos individuais homogêneos forem disponíveis.

O que não se admite, na prática forense, é que o órgão ministerial ajuíze ação coletiva para defender um pequeno grupo de interessados, facilmente identificáveis.

Enfim, a legitimidade do MP, para a tutela de direitos individuais homogêneos, não pode ser analisada apenas à luz da espécie de direito material coletivo tutelado. A criação das ações coletivas está relacionada a bens e valores superiores, como, por exemplo, a possibilidade de acesso à justiça.

Outro aspecto importante, que acabou regulamentado pelo microssistema da tutela coletiva, diz respeito à determinação do foro competente.

Enquanto no processo civil individual as ações devem ser propostas, em regra, no foro do domicílio do réu, as ações civis públicas devem ser propostas no foro do local do dano (quando reparatórias) ou no foro do local onde possa ocorrer o dano (quando preventivas), sendo tal competência absoluta.

Se a lesão (ou ameaça) se der em mais de um foro (comarca ou seção judiciária), haverá competência concorrente. Ou seja, a ação poderá ser proposta em mais de um foro.

Aplica-se, no caso, o critério da prevenção, que também tem regra específica no âmbito das ações coletivas.

Com efeito, a prevenção, no caso de ações coletivas, é do juízo perante o qual foi proposta a primeira ação coletiva. Não se dá a prevenção pelo despacho da inicial ou pela citação, como ocorre no processo civil individual.

Outra inovação do microssistema coletiva é a determinação da competência territorial em função da extensão do dano.

Come feito, a legislação, mais especificamente o art. 93 do Código de Defesa do Consumidor, aplicável às ações civis públicas, distingue a competência em função de se tratar de dano de âmbito local, regional ou nacional.

Se o dano regional atinge comarcas de um mesmo Estado, a ação deve ser proposta no foro da Capital.

Outro ponto essencial para a efetividade do microssistema coletivo é o que diz respeito aos efeitos da coisa julgada. Por isso, referido tema recebeu tratamento peculiar.

No caso de procedência da ação coletiva, além dos efeitos entre as partes do processo e os relacionados aos demais colegitimados, as vítimas e sucessores podem se valer da coisa julgada para promover a liquidação e execução dos danos que sofreram, provando o nexo de causalidade na liquidação.

Na hipótese de improcedência da ação coletiva, não são atingidas as pretensões individuais, restando íntegra a possibilidade de ajuizamento de ações pelas vítimas ou interessados.

Ou seja, a improcedência da ação coletiva nunca prejudica os direitos individuais.

A improcedência da ação coletiva, por falta de provas, também não impede o ajuizamento de nova ação coletiva, relativa aos mesmos fatos, desde de que haja prova nova. Há discussão no caso de improcedência de ação coletiva que tutela direitos individuais homogêneos, por falta de provas. Há quem entenda, como base na literalidade do art. 103, III, do CDC, que fica obstada nova ação coletiva.

A improcedência da demanda coletiva por motivo que não seja a insuficiência de provas produz efeitos em relação aos colegitimados, pois, nesse caso, não pode ser ajuizada nova ação coletiva relativa aos mesmos fatos. Resta a possibilidade de uma ação rescisória, no prazo de dois anos, para desconstituir a decisão de improcedência.

As ações individuais que tiverem sido suspensas em função do ajuizamento da ação coletiva também poderão prosseguir, se ela for julgada improcedente (seja qual for o motivo).

O microssistema da tutela coletiva ainda tem uma série de outras peculiaridades.

A exposição dos fatos (causa de pedir) nas ações coletivas é mais fluida do que no processo individual, especialmente nas ações que tutelam direitos individuais homogêneos.

Por isso, os fatos não devem ser expostos de forma muito detalhada, considerando que tal detalhamento ocorrerá na liquidação da sentença coletiva.

Aliás, o Código de Defesa do Consumidor regulou uma ação coletiva reparatória específica para a tutela de direitos individuais homogêneos, com o fim de propiciar uma tutela mais adequada e efetiva aos mencionados direitos.

No caso da tutela de direitos individuais homogêneos, o Código de Defesa do Consumidor afirma, expressamente, que, no caso de procedência do pedido, a condenação será genérica, fixando a responsabilidade do réu pelos danos causados (art. 95).

A flexibilização procedimental por iniciativa do juiz, com a mitigação do modelo do sistema da legalidade das formas e o seu temperamento pelo modelo da liberdade das formas, também contribui para a efetividade da tutela coletiva.

Na jurisdição coletiva também deve ser admitida a fixação do ônus da prova de forma dinâmica, com a possibilidade de o juiz alterá-lo no curso da ação.

A inversão do ônus da prova é uma das principais técnicas desenvolvidas para a maior efetividade da tutela jurisdicional coletiva.

Embora prevista genericamente no estatuto consumerista, deve-se entender como possível a inversão em ações de outra natureza, como as ambientais, por exemplo. Inclusive quando a ação é movida pelo Ministério Público ou outro ente colegitimado.

O reexame necessário, nas ações coletivas, também ocorre de forma peculiar, adaptando-se à exigência de maior efetividade, sendo que deve ocorrer no caso de sentença de improcedência ou de carência de ação coletiva e não em prol de interesses patrimoniais da Fazenda Pública.

O sistema recursal do processo civil individual é adotado no âmbito das ações coletivas, por força da regra da aplicação subsidiaria do CPC, mas existem peculiaridades. A principal está no fato de que os recursos não têm efeito suspensivo automático.

Vale registrar, ainda, que no microssistema da tutela coletiva não haverá adiantamento de custas, emolumentos, honorários periciais e quaisquer outras despesas, nem condenação da associação autora, salvo comprovada má-fé, em honorários de advogado, custas e despesas processuais.

Sendo assim, se o Ministério Publico ou outro colegitimado for vencido na ação coletiva, não haverá pagamento de honorários advocatícios, exceto no caso de ser comprovada a má-fé.

Enfim, estas são as principais características do microssistema da tutela coletivo, concebido para a tutela dos direitos transindividuais difusos, coletivos e individuais homogêneos.

Atenção! O candidato nunca deve perder a referência em relação ao concurso que está prestando. Por isso, em uma questão abrangente como a acima comentada, não pode deixar de ser enfatizado o papel do Ministério Público:

a) como autor;

b) como órgão interveniente;

c) como órgão incumbido de assumir a titularidade ativa no caso de abandono ou desistência injustificada.

O fato de existir um órgão com incumbência para assumir a titularidade ativa, antes de eventual extinção do processo, revela o caráter de indisponibilidade que existe nas ações coletivas.

Além disso, não deve deixar de ser assinalada, em detalhes, a questão de sua legitimidade para demandar, exaltando-se que:

i) tem fundamento constitucional e infraconstitucional (art. 129, IX, da CF, c.c. o art. 82, I, do CDC);

ii) está relacionada à eliminação de obstáculos ao acesso à justiça;

iii) é imprescindível para coibir práticas abusivas e punir infratores;

iv) promove o estrito cumprimento da lei em situações que podem atingir o consumidor, o idoso, a criança, o adolescente, dentre outros;

v) a legitimidade do MP não está subordinada à natureza do direito discutido em juízo;

vi) a tutela coletiva de direitos individuais homogêneos evita a multiplicação e demandas individuais.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Marcos Destefenni: "A interação entre o Código de Defesa do Consumidor e a Lei da Ação Civil Pública, que, juntamente com outras leis, forma o *microssistema* do processo coletivo, garante a efetividade da tutela dos direitos difusos, coletivos e individuais homogêneos.

Por isso, é inegável que a ação civil pública pode ser utilizada para a tutela de direitos individuais homogêneos, questão que já foi controvertida no direito brasileiro" (Manual de processo civil individual e coletivo. São Paulo: Saraiva, 2ª ed., 2013).

b) Fredie Didier Jr. e Hermes Zaneti Jr.: "Parece que, aplicando o princípio hermenêutico de que a solução das lacunas deve ser buscada no microssistema coletivo, pode-se concluir que se a ação coletiva for julgada procedente ou improcedente por ausência de direito, haverá coisa julgada no âmbito coletivo; se julgada improcedente por falta de provas não haverá coisa julgada no âmbito coletivo, seguindo o modelo já examinado para os direitos difusos e coletivos em sentido estrito" (*Curso de processo civil: Processo coletivo*, 8ª ed., Salvador: Juspoivum, 2013, p. 391).

◉ JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) A importância da LACP foi bem destacada pela 1ª Turma do STJ (REsp 1106515 / MG):

"Os arts. 21 da Lei da Ação Civil Pública e 90 do CDC, como normas de envio, possibilitaram o surgimento do denominado Microssistema ou Minissistema de proteção dos interesses ou direitos coletivos amplo senso, com o qual se comunicam outras normas, como os Estatutos do Idoso e da Criança e do Adolescente, a Lei da Ação Popular, a Lei de Improbidade Administrativa e outras que visam tutelar direitos dessa natureza, de forma que os instrumentos e institutos podem ser utilizados para "propiciar sua adequada e efetiva tutela" (art. 83 do CDC).

Apesar do reconhecimento jurisprudencial e doutrinário de que 'A nova ordem constitucional erigiu um autêntico 'concurso de ações' entre os instrumentos de tutela dos interesses transindividuais' (REsp 700.206/MG, Rel. Min. LUIZ FUX, Primeira Turma, DJe

19/3/10), a ação civil pública é o instrumento processual por excelência para a sua defesa".

b) Sobre a interação entre o CDC e a LACP, assim enunciou a 1ª Turma do STJ (REsp 695396 / RS):

"Os arts. 21 da Lei da Ação Civil Pública e 90 do CDC, como normas de envio, possibilitaram o surgimento do denominado Microssistema ou Minissistema de proteção dos interesses ou direitos coletivos amplo senso, no qual se comunicam outras normas, como o Estatuto do Idoso e o da Criança e do Adolescente, a Lei da Ação Popular, a Lei de Improbidade Administrativa e outras que visam tutelar direitos dessa natureza, de forma que os instrumentos e institutos podem ser utilizados com o escopo de "propiciar sua adequada e efetiva tutela" (art. 83 do CDC)".

c) Exemplo de aplicação subsidiária do CPC, em demandas coletivas, se deu no julgamento do REsp 1221254 / RJ: "A Lei de Improbidade Administrativa estabelece prazo de 15 dias para a apresentação de defesa prévia, sem, contudo, prever a hipótese de existência de litisconsortes. Assim, tendo em vista a ausência de norma específica e existindo litisconsortes com patronos diferentes, deve ser aplicada a regra do art. 191 do CPC, contando-se o prazo para apresentação de defesa prévia em dobro, sob pena de violação aos princípios do devido processo legal e da ampla defesa".

d) Sobre a legitimidade do MP, decidiu a 4ª Turma do STJ (REsp 1033274 / MS, DJe 27/09/2013), "o Ministério Público tem legitimidade para promover ação civil pública visando à defesa de direitos individuais homogêneos, ainda que disponíveis e divisíveis, quando na presença de relevância social objetiva do bem jurídico tutelado".

Outra decisão interessante sobre a legitimidade do MP foi proferida pela 3ª Turma do STJ (REsp 945785 / RS):

"O Ministério Público possui legitimidade *ad causam* para propor Ação Civil Pública visando à defesa de direitos individuais homogêneos, ainda que disponíveis e divisíveis, quando a presença de relevância social objetiva do bem jurídico tutelado a dignidade da pessoa humana, a qualidade ambiental, a saúde, a educação".

e) Sobre a falta de legitimidade do MP, assim decidiu a Quarta Turma do STJ:

"O Ministério Público não tem legitimidade ativa para propor ação civil pública na qual busca a suposta defesa de um pequeno grupo de pessoas – no caso, dos associados de um clube, numa óptica predominantemente individual.

A proteção a um grupo isolado de pessoas, ainda que consumidores, não se confunde com a defesa coletiva de seus interesses. Esta, ao contrário da primeira, é sempre impessoal e tem como objetivo beneficiar a sociedade em sentido amplo. Desse modo, não se aplica à hipótese o disposto nos artigos 81 e 82, I, do CDC.

No caso, descabe cogitar, até mesmo, de interesses individuais homogêneos, isso porque a pleiteada proclamação da nulidade beneficiaria esse pequeno grupo de associados de maneira igual. Além disso, para a proteção dos interesses individuais homogêneos, seria imprescindível a relevância social, o que não está configurada na espécie" (REsp 1109335 / SE).

◉ QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Defensoria/SP – 2013 – FCC) O processo civil coletivo brasileiro, desde a edição da Lei da Ação Civil Pública, tem trilhado um caminho de profundo desenvolvimento teórico e normativo, inclusive a ponto de estabelecer princípios próprios que norteiam a interpretação do microssistema em questão, diferenciando-se, em diversos aspectos, do processo civil individual. À luz desse cenário, NÃO está de acordo com as premissas do sistema processual coletivo o princípio da

a) representação adequada.

b) taxatividade e tipicidade da ação coletiva.

c) indisponibilidade da demanda coletiva.

d) reparação integral do dano.

e) primazia do conhecimento do mérito.

➘ *Resposta: "b".*

02. (Promotor de Justiça/MG – 2014) Tomando-se por base os aspectos processuais introduzidos pelo Código de Defesa do Consumidor, e que fazem parte do microssistema de tutela jurisdicional coletiva, está CORRETO afirmar que:

a) Por ser a legitimidade ativa para a defesa de interesse coletivo disjuntiva, não sendo o Ministério Público parte na ação, é despiciendo sua presença no processo.

b) Tomando-se por base que para a defesa dos interesses coletivos "são admissíveis todas as espécies de ações capazes de propiciar sua adequada e efetiva tutela", a aplicação do Código de Processo Civil é integrada.

c) Quando o objeto material do processo for direito ou interesse difuso ou direito ou interesse coletivo stricto sensu, é de se aplicar as disposições que constam dos artigos 91 a 100 do Código de Defesa do Consumidor e, no que couber, as normas dos outros capítulos do Título III desse mesmo código, da Lei de Ação Civil Pública e do Código de Processo Civil. Quando o objeto material for direitos ou interesses individuais homogêneos, aplicar-se-ão as disposições processuais previstas na Lei de Ação Civil Pública e, no que couber, as constantes do referido Título III do Código de Defesa do Consumidor, além do Código de Processo Civil.

d) A sentença de procedência na ação coletiva tendo por causa de pedir danos referentes a direitos individuais homogêneos será, em regra, genérica, de modo que depende de superveniente liquidação, não apenas para apuração do quantum debeatur, mas também para aferir a titularidade do crédito, por isso denominada "liquidação imprópria".

➘ *Resposta: "d"*

03. (MINISTÉRIO PÚBLICO/MT – 2012 – UFMT) Sobre o microssistema processual coletivo, assinale a afirmativa INCORRETA.

a) O compromisso de ajustamento de conduta, segundo a doutrina, possui, no mínimo, duas grandes vantagens sobre a via judicial; a primeira consiste em equacionar de forma mais rápida e efetiva a irregularidade e a segunda consiste na previsão de mecanismos de sanções exigíveis desde logo para o caso de descumprimento das obrigações.

b) A multa imposta em sede de Ação Civil Pública só é exigível do réu após o trânsito em julgado da decisão favorável ao autor, ainda que seja devida desde o dia em que se configurou o descumprimento.

c) O compromisso de ajustamento de conduta é uma negociação que se estabelece entre os órgãos públicos legitimados a propor a Ação Civil Pública e os descumpridores da legislação de regência da matéria.

d) Em sede de improbidade administrativa, o Termo de Ajustamento de Conduta se mostra incabível tendo em vista a vedação expressa do artigo 17, § 1º, da Lei nº 8.429/1992 no que se refere aos agentes ímprobos, não sendo descartada a possibilidade de firmar compromisso na matéria estranha à improbidade, quando cabível.

e) O compromisso de ajustamento de conduta, quando firmado no curso de uma ação civil pública, está sujeito à homologação do Conselho Superior do Ministério Público como condição de validade do próprio compromisso.

➥ *Resposta: "e".*

3. (FMP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – MT/2008)

Em tema de processo coletivo, o que significam as expressões "tutela coletiva dos direitos" e "tutela dos direitos coletivos"? Como funciona a legitimação do Ministério Público para propositura de ação em ambos os casos?

◉ RESPOSTA

O Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078/90), em seu art. 81, parágrafo único, procurou sistematizar e apontar as principais características dos direitos transindividuais. Referido diploma normativo inovou ao possibilitar a tutela de direitos individuais homogêneos, de tal forma que passou-se a falar em uma divisão tripartite dos direitos coletivos (lato sensu): difusos, coletivos e individuais homogêneos, embora sejam genuinamente coletivos apenas os dois primeiros.

Com efeito, os direitos individuais homogêneos não são direitos genuinamente coletivos. Apenas podem ser postulados em juízo de forma coletiva. Não são indivisíveis e seus titulares devem ser determinados na fase executiva.

Os direitos difusos e coletivos, em função da característica da indivisibilidade, são considerados genuinamente coletivos. A indivisibilidade que se fala é a objetiva, isto é, não é possível decompor o direito de forma a atender, de maneira específica, cada um dos titulares.

Exatamente em função desta dicotomia (direitos genuinamente coletivos e direitos individuais passíveis de tutela coletiva) é que surgiram as expressões, atribuídas ao Ministro Teori Albino Zavascki, "tutela de direitos coletivos" e "tutela coletiva de direitos".

Há tutela de direitos coletivos quanto são pleiteados direitos *genuinamente* coletivos, isto é, difusos e coletivos. Há tutela coletiva de direitos no caso de direitos individuais homogêneos.

A possibilidade da tutela coletiva de direitos individuais homogêneos suscita a questão da legitimidade do Ministério Público para tal fim. Tem legitimidade o Ministério Público para pleiteá-los em juízo?

Não há dúvida. O Ministério Público tem legitimidade, amparada na Constituição Federal, para a tutela de direitos individuais homogêneos indisponíveis.

A legitimidade para a defesa de direitos difusos e coletivos está expressa no art. 129, III, da CF de 1988.

A CF de 1988 não fez referência à legitimidade para a tutela de direitos individuais homogêneos, pois esta espécie de direito transindividual foi sistematizada em 1990, com a Lei nº 8.078/90 (art. 81, parágrafo único, III).Ou seja, o direito ainda não fazia referência expressa aos direitos individuais homogêneos.

O rol constitucional das funções institucionais do MP, porém, é exemplificativo, tanto que ele está autorizado, pela CF, a exercer outras funções que lhe forem conferidas, desde que compatíveis com sua finalidade. O que não pode é ser representante judicial ou exercer a consultoria jurídica de entidades públicas.

Portanto, o MP tem legitimidade para a defesa de todos os direitos e interesses transindividuais.

Contudo, deve ser feita a seguinte observação:

a) O MP tem legitimidade para a defesa de direitos individuais indisponíveis;

b) O MP poderá ter legitimidade para a defesa de direitos individuais disponíveis.

Tais conclusões são respaldadas nos seguintes fatos: a legitimidade do MP tem fundamento constitucional e infraconstitucional; está relacionada à eliminação de obstáculos ao acesso à justiça; é imprescindível para coibir práticas abusivas e punir infratores; promove o estrito cumprimento da lei em situações que podem atingir o consumidor, o idoso, a criança, o adolescente, enfim, vulneráveis e hipervulneráveis; a legitimidade do MP não está subordinada à natureza do direito discutido em juízo; a tutela coletiva de direitos individuais homogêneos evita a multiplicação e demandas individuais.

O que é crucial, para auferir a legitimidade do MP, é a constatação da relevância social da sua atuação, em função do bem jurídico que se pretende tutelar.

A falta de legitimidade ativa do Ministério Público pode ser constatada diante de determinado caso concreto, sobretudo pela falta de relevância social. Frise-se: não se pode afirmar, em abstrato, a ilegitimidade do *Parquet* em face da natureza do direito transindividual pleiteado em juízo, ou seja, por se tratar de direitos individuais homogêneos, por exemplo. Nem mesmo se os direitos individuais homogêneos forem disponíveis.

O que não se admite, na prática forense, é que o órgão ministerial ajuíze ação coletiva para defender um pequeno grupo de interessados, facilmente identificáveis.

Enfim, a legitimidade do MP, para a tutela de direitos individuais homogêneos, não pode ser analisada apenas à luz da espécie de direito material coletivo tutelado. A criação das ações coletivas está relacionada a bens e valores superiores, como, por exemplo, a possibilidade de acesso à justiça.

Deve-se acrescentar que os direitos individuais homogêneos podem ser tutelados por meio da ação civil pública, não obstante a ação civil pública faça referência à tutela de direitos difusos e coletivos. Ocorre que a Lei nº 8.078/90 determinou a integração entre os diplomas normativos que tutelam os direitos transindividuais e constituiu, assim, um microssistema para a tutela dos direitos transindividuais.

Discute-se, ainda, a natureza da legitimidade ativa do autor da ação coletiva. Com efeito, há grande divergência terminológica em relação à legitimidade dos entes para a defesa de direitos difusos, coletivos e individuais homogêneos.

Com efeito, enquanto alguns entendem tratar-se de legitimidade extraordináriá do órgão ou instituição que promove a ação coletiva, outros afirmam tratar-se de uma legitimidade específica para o processo coletivo, que é chamada de "legitimação autônoma para a condução do processo".

Por outras palavras, alguns autores defendem o emprego da terminologia tradicional do processo civil, que divide a legitimidade *ad causam* em ordinária e extraordinária. Outros, por sua vez, defendem o emprego de uma terminologia própria e específica para o processo coletivo, considerando a inadequação do transporte de determinadas categorias do processo individual para o coletivo.

Por fim, há o entendimento no sentido de que haveria legitimidade extraordinária no caso da tutela de direitos individuais homogêneos e legitimação autônoma para a condução do processo no caso de direitos difusos e coletivos.

Assim, enquanto os adeptos da terminologia tradicional preferem o emprego das expressões legitimidade ordinária e legitimidade extraordinária, outros preferem o emprego de uma terminologia especifica para o processo coletivo, distinguindo-se, ainda, a legitimidade no caso da tutela de direitos coletivos da legitimidade no caso de tutela coletiva de direitos.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Para Teori Albino Zavascki (Processo coletivo – Tutela de direitos coletivos e tutela coletiva de direitos, São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006, p. 41-42) não se deve confundir a tutela de direitos coletivos com a tutela coletiva de direitos: "É preciso, pois, que não se confunda defesa de direitos coletivos com defesa coletiva de direitos (individuais). Direitos coletivos são direitos subjetivamente *transindividuais* (= sem titular determinado) e materialmente *indivisíveis*. Os direitos coletivos comportam sua acepção no singular, inclusive para fins de tutela jurisdicional. Ou seja: embora indivisível, é possível conceber-se uma única unidade da espécie de direito coletivo. O que é múltipla (e indeterminada) é a sua titularidade, e daí a sua transindividualidade. 'Direito coletivo' é designação genérica para as duas modalidades de direitos transindividuais: o difuso e o coletivo *stricto sensu*. É denominação que se atribui a uma especial categoria de direito material, nascida da superação, hoje indiscutível, da tradicional dicotomia entre interesse público e interesse privado (...).

Já os direitos individuais homogêneos são, simplesmente, direitos subjetivos individuais. A qualificação de *homogêneos* não altera e nem pode desvirtuar essa sua natureza. É qualificativo utilizado para identificar um conjunto de direitos subjetivos individuais ligados entre si por uma relação de afinidade, de semelhança, de *homogeneidade*, o que permite a defesa coletiva de todos eles".

b) Teori Albino Zavascki (2006, p. 27), sobre os mecanismos de tutela jurisdicional, dividindo-os em três grandes grupos:

"(a) mecanismos para *tutela de direitos subjetivos individuais*, subdivididos entre (a.1) os destinados a tutelá-los individualmente pelo seu próprio titular (disciplinados,

basicamente, no Código de Processo) e (a.2) os destinados a tutelar coletivamente os direitos individuais, em regime de substituição processual (as ações civis coletivas, nelas compreendido o mandado de segurança coletivo); (b) mecanismos para *tutela de direitos transindividuais*, isto é, direitos pertencentes a grupos ou a classes de pessoas indeterminadas (a ação popular e as ações civis públicas, nelas compreendida a chamada ação de improbidade administrativa); e (c) instrumentos para *tutela da ordem jurídica*, abstratamente considerada, representados pelos vários mecanismos de controle de constitucionalidade dos preceitos normativos e das omissões legislativas".

c) Fredie Souza Didier Jr. (*Sobre a teoria geral do processo*, tese apresentada à Faculdade de Direito do Largo São Francisco da Universidade de São Paulo, 2011, p. 136-137) critica, de forma veemente, a criação de uma terceira espécie de legitimação:

A legitimação ao processo coletivo é extraordinária: autoriza-se um ente a defender, em juízo, situação jurídica de que é titular um grupo ou uma coletividade. Não há coincidência entre o *legitimado* e o *titular* da situação jurídica discutida. Quando não há essa coincidência, há legitimação extraordinária. A dicotomia *legitimação ordinária/legitimação extraordinária* é apta a explicar qualquer espécie de legitimação, até mesmo por um imperativo lógico: ou se vai a juízo defender situação jurídica de que se afirma titular, ou se vai a juízo defender situação jurídica cuja titularidade é imputada a terceiro – entre os opostos contraditórios não há meio termo, *tertium non datur*.

Não obstante, houve quem reputasse imprescindível a criação de uma *terceira espécie de legitimação ad causam*, apta a explicar o que ocorre no âmbito da tutela coletiva. Propôs-se, então, a designação *legitimação autônoma para a condução do processo* – tratar-se-ia de tradução de uma categoria desenvolvida pela doutrina alemã: *selbständige Prozeßführungsbefugnis*. A proposta justificava-se da seguinte maneira: o legitimado não vai a juízo na defesa do próprio interesse, portanto, não é legitimado ordinário, nem vai a juízo na defesa de interesse alheio, pois não é possível identificar o titular do direito discutido. A ideia angariou adeptos.

A nova categoria é prenhe de equivocidades.i) Toda legitimação *ad causam* é um poder *para a condução do processo*. Nada há de especial, portanto, que justifique acrescer à designação da categoria esse qualificativo, cujo enunciado passa a ser tautológico (algo como "*legitimação para ser legitimado*").

ii) *Legitimação autônoma* é conceito *lógico-jurídico* útil à visualização das espécies de legitimação extraordinária. Há legitimação extraordinária *autônoma* quando o legitimado extraordinário está autorizado a conduzir o processo independentemente da participação do titular do direito litigioso".

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) Destacou o STJ: "A Lei da Ação Civil Pública, originariamente, foi criada para regular a defesa em juízo de direitos difusos e coletivos. A figura dos direitos individuais homogêneos surgiu a partir do Código de Defesa do Consumidor, como uma terceira categoria equiparada aos primeiros, porém ontologicamente diversa" (REsp. 399.357/SP, Rel. Min. NANCY ANDRIGHI, DJe 20.04.2009).

b) Os interesses individuais homogêneos não são coletivos em sua essência, mas no modo como são exercidos. Assim se manifestou a 3ª Turma STJ (REsp nº 1.074.756-MG,

RELATORA MINISTRA NANCY ANDRIGHI): "É da natureza dos direitos individuais homogêneos a sua divisibilidade e disponibilidade, podendo-se dizer que, em verdade, trata-se de direitos individuais com tutela coletiva por força de lei, e não direitos ontologicamente coletivos, do ponto de vista jurídico".

c) O STJ, por decisão de sua 3ª Turma, relatada pela eminente Ministra Nancy Andrighi, fez uma importante síntese da questão da legitimidade do MP:

"A Lei 7.347/1985, que dispõe sobre a legitimidade do Ministério Público para a propositura de ação civil pública, é aplicável a quaisquer interesses de natureza transindividual, tais como definidos no art. 81 do CDC, ainda que eles não digam respeito às relações de consumo.

Essa conclusão é extraída da interpretação conjunta do art. 21 da Lei 7.347/1985 e dos arts. 81 e 90 do Código de Defesa do Consumidor, os quais evidenciam a reciprocidade e complementaridade dos referidos diplomas legislativos, mas principalmente do disposto no art. 129, III da Carta Constitucional, que estabelece como uma das funções institucionais do Ministério Público, 'promover o inquérito civil e a ação civil pública, para proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos'.

Mesmo no que se refere aos interesses de natureza individual homogênea, após grande discussão doutrinária e jurisprudencial acerca da legitimação processual extraordinária do parquet, devido à ausência de menção expressa a tal categoria no texto constitucional e nos dispositivos da lei da ação civil pública, firmou-se entendimento no sentido de que basta a demonstração da relevância social da questão para que ela seja reconhecida.

Nesse sentido, o STF pacificou a questão ao estabelecer que no gênero 'interesses coletivos', ao qual o art. 129, III, CF faz referência, se incluem os 'interesses individuais homogêneos' cuja tutela, dessa forma, pode ser pleiteada pelo Ministério Público (RE 163.231/SP, Pleno, Rel. Min. Maurício Corrêa, DJ 29-06-2001).

E esta Corte, na mesma linha, já se manifestou no sentido de que 'os interesses individuais homogêneos são considerados relevantes por si mesmos, sendo desnecessária a comprovação desta relevância' (REsp 635.807/CE, 3ª Turma, minha relatoria, DJ 20.06.2005)".

d) Importante consignar que a tutela coletiva de direitos individuais homogêneos não se restringe às questões consumeristas.

A 2ª Turma do STJ (REsp nº 1.199.611-RS, RELATOR MINISTRO MAURO CAMPBELL MARQUES) afirmou a possibilidade de tutela de direitos individuais de servidores públicos:

"PROCESSO CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. DEFESA DE DIREITOS INDIVIDUAIS HOMOGÊNEOS DE SERVIDORES PÚBLICOS. CABIMENTO. LEGITIMIDADE DO SINDICATO. ISENÇÃO DE CUSTAS PELA PARTE AUTORA.PRECEDENTES. RECURSO ESPECIAL PROVIDO. 1. Esta Corte posicionava-se no sentido de que, para que houvesse a proposição da ação civil pública, mister estivesse a questão inserida no contexto do art. 1º, da Lei nº 7.347/85. Tal artigo deveria, ainda, ser analisado juntamente com o artigo 81 da Lei nº 8.078/90, ou Código de Proteção e Defesa do Consumidor – CDC. Entendia-se, portanto, que o cabimento de ação civil pública em defesa de direitos individuais homogêneos se restringia

àqueles direitos que evolvessem relação de consumo. 2. A jurisprudência atual, contudo, entende que, o artigo 21 da Lei nº 7.347/85, com redação dada pela Lei nº 8.078/90, ampliou o alcance da ação civil pública também para a defesa de interesses e direitos individuais homogêneos não relacionados às relações de consumo. 3. Deve, portanto, ser reconhecida a legitimidade do sindicato recorrente para propor a presente ação em defesa de interesses individuais homogêneos da categoria que representa. 4. Afigura-se desarrazoável o adiantamento de custas processuais pela parte autora da ação civil pública, devido à isenção legalmente concedida"

◉ QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Ministério Público/MG – 2011) A tutela jurisdicional dos interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos é considerada pela doutrina uma das conquistas mais expressivas do Direito brasileiro, dada sua relevância política e inegável dimensão social. Em relação aos direitos individuais homogêneos, definidos no artigo 81, III, da Lei nº 8.078/90, pode-se afirmar que

I. o adjetivo "homogêneos" indica que o fato gerador é único, já que a dimensão qualitativa ou quantitativa do direito pode variar em razão do indivíduo.

II. a origem comum caracterizadora dos direitos individuais homogêneos é identificada com maior intensidade nas causas remotas e diz respeito às circunstâncias de fato comuns às pessoas a elas ligadas.

III. a categoria dos interesses e direitos individuais homogêneos guarda semelhança em relação aos interesses coletivos, na medida em que em ambas as espécies os titulares são identificados ou identificáveis.

IV. os direitos difusos e coletivos são indivisíveis e seus titulares são indeterminados ou apenas determináveis, ao passo que os indivi-duais homogêneos são divisíveis e seus titulares são determinados.

V. a característica da divisibilidade significa, em termos práticos, que a satisfação do direito de um só dos titulares implica a satisfação de todos, assim como a lesão de um só constitui a lesão de toda a coletividade.

Apenas estão CORRETAS as opções:

a) I, IV e V.

b) II, III, e V.

c) I, III e IV.

d) II, III e IV.

➘ *Resposta: "d".*

02. (MINISTÉRIO PÚBLICO/RO – 2010 – CESPE) A respeito dos direitos difusos e coletivos e da atuação do MP, assinale a opção correta.

a) Os interesses coletivos são aqueles que abrangem número indeterminado de pessoas unidas pelas mesmas circunstâncias de fato.

b) De acordo com entendimento do STF, as mensalidades escolares, quando abusivas ou ilegais, não podem ser impugnadas pelo MP por intermédio da ação civil pública ante a natureza individual do direito envolvido.

c) Segundo o STJ, o MP possui legitimidade ativa para promover a defesa dos direitos difusos e coletivos dos consumidores, bem como dos interesses ou direitos individuais homogêneos destes, exceto no que se refere à prestação de serviços públicos.

d) Na defesa dos interesses transindividuais, o MP não possui legitimação ativa para a impetração de mandado de segurança coletivo.

e) Consoante o entendimento do STJ, após a constatação da importância e dos inconvenientes da legitimação isolada do cidadão, é de se reconhecer a legitimatio ad causam do MP para a ação popular, na defesa dos interesses difusos e coletivos.

➥ *Resposta: "E"*

---

03. (Ministério Público/SE – 2010 – CESPE) Com referência ao tema de legitimação para a tutela coletiva no ordenamento jurídico brasileiro, assinale a opção correta.

a) É legitimado à ação coletiva o membro do grupo, categoria ou classe para a defesa de interesses ou direitos difusos de que seja titular um grupo, categoria ou classe de pessoas ligadas entre si com a parte contrária por uma relação jurídica base.

b) O PROCON de Sergipe, Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa do Consumidor, órgão público destituído de personalidade jurídica, tem legitimidade apenas para ajuizar demandas objetivando a tutela individual dos consumidores.

c) Em se tratando de legitimidade das associações para a propositura de demanda coletiva, somente pode ser dispensado pelo juiz o requisito da pré-constituição após a anuência do MP.

d) A interação entre as normas da Lei da Ação Civil Pública, do CDC e da Lei da Ação Popular admite a legitimidade para agir do cidadão, em defesa de interesses individuais homogêneos de que sejam titulares pessoas ligadas por circunstâncias de fato.

e) O MPE tem legitimidade processual extraordinária para promover a execução de título extrajudicial originário de tribunal de contas estadual, em caso de falha no sistema ordinário de representação da administração pública.

➥ *Resposta: "E"*

---

04. (Ministério Público/SE – 2010 – CESPE) No que se refere à adequação e ao alcance atualmente conferidos pela legislação, doutrina e jurisprudên-cia relativamente à ação civil pública e à tutela dos direitos difusos, coletivos, individuais indisponíveis e individuais homogêneos, bem como à legitimação do MP, assinale a opção correta.

a) A ação civil pública é instrumento hábil conferido ao MP contra a cobrança excessiva de taxas que alcancem expressivo número de contribuintes.

b) Ao MP não se permite a utilização de ação civil pública com o escopo de impedir aumento abusivo de mensalidades escolares por estabelecimentos privados de ensino fundamental de certo município brasileiro.

c) O MP tem legitimação para, mediante ação civil pública, compelir o poder público a adquirir e fornecer medicação de uso contínuo, de alto custo, não disponibilizada pelo SUS, mas indispensável e comprovadamente necessária e eficiente para a sobrevivência de um único cidadão desprovido de recursos financeiros.

d) A proteção da moralidade administrativa, objeto precípuo da ação popular, somente tem lugar em ação civil pública movida pelo MP em caráter subsidiário.

e) O MP está legitimado a agir, por meio de ação civil pública, em defesa de condôminos de edifício de apartamentos contra o síndico, objetivando o ressarcimento de parcelas de financiamento pagas para reformas afinal não efetivadas.

➥ *Resposta: "C"*

4. (89º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2012)

"Dissertação: O interesse público como fundamento da legitimação do Ministério Público na tutela de interesses difusos e coletivos".

RESPOSTA

O Ministério Público é dotado de legitimidade ativa para a tutela dos direitos transindividuais, seja eles difusos, coletivos ou individuais homogêneos.

Aliás, no processo coletivo cabe ao órgão ministerial, quando não for o autor da ação, atuar, obrigatoriamente e sob pena de nulidade, como órgão interveniente (*custos legis* na terminologia clássica).

Além disso, a legislação atribui ao mencionado órgão a obrigação de assumir a titularidade ativa da ação proposta por colegitimado, se houver abandono ou desistência injustificada.

Sobre a legitimidade do Ministério Público para demandar, é fundamental observar alguns aspectos.

De início, relevante o fato de que a legitimidade, no caso, tem fundamento constitucional e infraconstitucional. Ou seja, é a própria Constituição Federal que entende ser o Ministério Público um representante adequado da coletividade para tutelar os direitos transindividuais.

Além da previsão constitucional expressa para instaurar inquérito civil e ajuizar ação civil pública (e, portanto, ações coletivas) na defesa de direitos difusos e coletivos, a Lei Maior ainda estabeleceu que a lei ordinária poderia dar ao Ministério Público a atribuição para exercer outras funções, desde que compatíveis com a sua missão constitucional.

Nesse contexto, tem amparo na própria CRFB a legitimidade que lhe foi conferida pelo Código de Defesa do Consumidor para a tutela de direitos individuais homogêneos, além da legitimidade constitucional para a tutela de direitos difusos e coletivos.

Se não bastasse, a legitimação do Ministério Público é atribuída em atenção ao interesse público, revelado por inúmeros fatores.

É de interesse público da coletividade a existência de um órgão público autônomo e independente com legitimidade para tutelar, judicial e extrajudicialmente, direitos ou interesses transindividuais, considerando-se, inclusive, o fato de que o sistema processual clássico só admitia que a ação fosse movida pelo titular do direito material.

Ora, no caso dos direitos e interesses difusos, é impossível a reunião de todos os titulares para a propositura de demanda em juízo. Com efeito, os direitos difusos, por exemplo, são titularizados por um número indeterminável de pessoas. Então, como exigir a presença em juízo dos titulares (indetermináveis) do direito material?

Cabe lembrar, em acréscimo, que muitos dos direitos transindividuais são fundamentais. Assim, por exemplo, o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, que é direito fundamental essencial à sadia qualidade de vida. Há, ainda, dever do

Estado e da coletividade em preservar referido direito para as presentes e futuras gerações (direito intergeracional). É o que se depreende do art. 225 da CF.

Por isso, há interesse público na legitimação do Ministério Público para tutelar direitos transindividuais difusos e coletivos. Pode-se dizer, aliás, que o interesse público, no caso, é presumido em função da própria relevância do bem jurídico a ser protegido.

Há, ainda, outros importantíssimos fatores a serem considerados.

A legitimação do Ministério Público também está relacionada à eliminação dos obstáculos ao acesso à justiça (que é garantia fundamental).

Com efeito, o acesso à justiça pode ser dificultado por uma série de fatores, técnicos e políticos.

Dentre os técnicos, a legitimação de um órgão público autônomo e independente e que reúne, em seus quadros, agentes públicos altamente especializados, é de inegável interesse público.

A atuação imparcial do Ministério Público na defesa de direitos da coletividade contribui para a democracia e para a proteção jurisdicional efetiva de imprescindíveis e irrenunciáveis direitos fundamentais (individuais e sociais) transindividuais.

A defesa do meio ambiente, do consumidor, do idoso, das crianças, dos adolescentes, das pessoas com necessidades especiais, além de outros, é de interesse público. Assim como a legitimação de órgão que goza de grande reconhecimento social e que é constituído por órgãos internos de execução com atuação especializada.

O Ministério Público é constituído por Promotorias de Justiça especializadas, integradas por Promotores de Justiça que atuam, às vezes, exclusivamente na defesa de determinados direitos e interesses difusos e coletivos.

Assim, além de vocacionado para a tutela dos direitos e interesses individuais e coletivos indisponíveis, o Ministério Público é composto por inúmeros órgãos de execução e de apoio, de primeiro e de segundo grau, que gozam de grande respeito social, além de reputação ilibada e de notória combatividade.

Registre-se, ainda, a existência de uma Procuradoria de Justiça (ou seja, de um órgão do Ministério Público que atua na Segunda Instância) especializada na tutela de direitos difusos e coletivos. Isto ocorre, por exemplo, no Ministério Público de São Paulo.

Portanto, há interesse público na legitimação do *Parquet*.

Mas não é só. É imprescindível coibir práticas abusivas e punir infratores. Por exemplo, na defesa dos consumidores, vulneráveis e hipervulneráveis.

As funções inibitória e repressiva são fundamentais para a efetiva proteção dos direitos transindividuais. E o Ministério Público é altamente vocacionado para coibir práticas abusivas e pleitear a punição dos infratores.

É indisponível o interesse na criação de um órgão público com legitimidade e, portanto, competência em sentido amplo para atuar de forma preventiva e repressiva.

Portanto, a legitimidade do Ministério Público, no processo coletivo, também está relacionada à responsabilização, judicial e extrajudicial, daqueles que atentam ou ofendem direitos e interesses transindividuais.

É prática abusiva, por parte de algumas pessoas e empresas, causar pequenas lesões individuais que, consideradas na sua totalidade, revelam-se altamente prejudiciais à coletividade e rebaixam a qualidade de vida das pessoas.

Portanto, faz-se imprescindível a legitimação do Ministério Público também por este aspecto.

O órgão ministerial, ainda, ao ser dotado de legitimidade ativa, pode promover o estrito cumprimento da lei em situações que podem atingir o consumidor, o idoso, a criança, o adolescente, dentre outros. Enfim, o *Parquet* defende vulneráveis e hipervulneráveis, o que, inegavelmente, não pode deixar de ser garantido pelo Estado.

Cabe registrar, ainda, por força do que já se falou e demonstrou, que a legitimidade do MP não pode estar subordinada à natureza do direito discutido em juízo. Ou seja, a legitimidade do Ministério Público não se restringe à tutela de direitos difusos e coletivos.

Cabe ao órgão ministerial, ainda, a tutela coletiva de direitos individuais homogêneos, embora este seja o ponto mais controvertido quando se pensa na legitimação do Ministério Público.

Ocorre que a legitimação do MP, além dos aspectos já considerados, também contribui para evitar a multiplicação de demandas individuais, que congestiona o Poder Judiciário e compromete a efetividade e a celeridade da prestação jurisdicional.

Portanto, o MP tem legitimidade para a defesa de todos os direitos e interesses transindividuais.

Contudo, deve ser feita a seguinte distinção:

a) O MP tem legitimidade para a defesa de direitos individuais indisponíveis;

b) O MP poderá ter legitimidade para a defesa de direitos individuais disponíveis.

Se há interesse público presumido no caso da tutela de direitos individuais indisponíveis, no caso da tutela de direitos individuais disponíveis deve ser demonstrado o interesse público, normalmente auferido em face da demonstração concreta da relevância social da atuação.

Por exemplo, há relevância social quando estão sendo discutidos direitos que, reflexamente, são indisponíveis. É o que ocorre, por exemplo, na tutela do direito à moradia, embora envolvendo questões patrimoniais.

Há que ser considerado, sobretudo, o bem jurídico que imediata ou mediatamente está sendo tutelado.

Vale lembrar que o interesse de agir do Ministério Público é sempre presumido quando há uma norma que lhe impõe a atribuição (competência em sentido amplo).

De fato, presume-se o interesse quando a lei confere legitimidade ao órgão ministerial. E o MP está legitimado, expressamente, pelo CDC, à tutela de direitos individuais homogêneos.

A falta de legitimidade ativa do Ministério Público só pode ser constatada diante de determinado caso concreto, sobretudo pela falta de relevância social. Frise-se: não se pode afirmar, em abstrato, a ilegitimidade do *Parquet* em face da natureza do direito transindividual pleiteado em juízo, ou seja, por se tratar de direitos individuais homogêneos, por exemplo. Nem mesmo se os direitos individuais homogêneos forem disponíveis.

Não se admite, na prática forense, por exemplo, que o órgão ministerial ajuíze ação coletiva para defender um pequeno grupo de interessados, facilmente identificáveis.

Assim, por força do interesse público subjacente à hipótese, o Ministério Público tem legitimidade processual para a propositura de ação civil pública objetivando a defesa de direitos e interesses transindividuais difusos, coletivos e individuais homogêneos.

Pode-se afirmar, com tranquilidade, que a propositura da ação civil pública pelo Ministério Público é sempre admissível para a defesa de quaisquer interesses individuais que apresentem relevância jurídica e venham beneficiar um número razoável de pessoas.

As ações coletivas tutelam bens e valores superiores, garantindo o acesso à justiça.

Por fim, cabe lembrar da clássica dicotomia, amplamente acolhida pela doutrina e pela jurisprudência nacionais.

Cabe ao Ministério Público a proteção e a tutela do interesse público primário, ou seja, por aquele que coincide com os interesses gerais da coletividade. Não lhe cabe zelar pelo interesse público secundário, assim considerado aquele interesse meramente econômico das pessoas jurídicas de direito público. O interesse que qualquer pessoa tem, seja natural, seja jurídica.

Daí a razão de não se reconhecer legitimidade ao Ministério Público para cobrar tributos em prol das pessoas jurídicas de direito público, ou, ainda, para atuar nas execuções fiscais. O STJ possui entendimento sumulado no sentido de que não cabe ao MP, em todo caso, atuar como órgão interveniente nas execuções fiscais.

De fato, não cabe ao Ministério Público zelar pelo interesse público secundário, meramente patrimonial. Mas sim pelo interesse público primário, que é geral, que está relacionado ao bem comum da coletividade.

Assim, não cabe ao órgão ministerial intervir em ação meramente reparatório ajuizada por pessoa jurídica de direito público.

Porém, cabe ao Ministério Público zelar pelo patrimônio público, tendo legitimidade, inclusive, para ajuizar ação civil pública com esse fim, inclusive a ação de improbidade administrativa.

Ocorre que o conceito de patrimônio público não se confunde com o mero interesse patrimonial da Fazenda Pública. Os bens que compõem o patrimônio público são materiais e imateriais.

Nesse contexto, cumpre notar que a prática de ato de improbidade administrativa não ofende apenas interesses patrimoniais.

É por isso que há legitimidade do órgão ministerial para ser guardião da legalidade e da moralidade administrativa, bem como para defender, em sentido amplo, o patrimônio público.

Para que não haja dúvida, é bom notar que o ajuizamento de ação de improbidade administrativa pode trazer benefício ao interesse público secundário (ressarcimento do dano), mas não se limita a esta questão. O interesse público secundário, no caso, é reflexo da tutela de interesse superior, qual seja, a própria moralidade administrativa.

Enfim, presente o interesse público primário, está legitimado o Ministério Público para demandar ou para intervir na demanda proposta, sem prejuízo da possibilidade de assumir a titularidade ativa se houver abandono ou desistência injustificada.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Rodolfo de Camargo Mancuso (*Ação civil pública*, São Paulo: Revista dos Tribunais, 1992, p. 83): "Em que pese o imperativo 'assumirá' – cremos que resta uma certa discricionariedade ao MP para *decidir, interna corporis*, se a assunção da ação de quem desistiu ou abandonou consulta ou não ao interesse público. E isso, por estas razões: a) se o legislador assegurou discricionariedade ao *Parquet* para, através de inquérito civil, verificar se é o caso ou não de *propor* a ação (Lei 7.347/85, arts. 8º, § 1º e 9º e §§) , com maior razão, ou ao menos por analogia *a pari*, deve-se admitir que a mesma discrição lhe assiste quando o autor originário desiste ou abandona a ação: pode mesmo suceder que o autor tenha proposto a ação acerca de uma matéria que, ao ver do MP no inquérito civil, não justificava o ajuizamento (!); b) a ação pode ter sido proposta por associação ou por um ente político, em virtude de espírito emulativo ou por motivos políticos: aberra ao bom senso que em tais casos fique o MP constrangido a prosseguir na ação; c) a mesma *ratio legis* presente no § 3º do art. 5º da Lei 7.347/85 existe no art. 9º da lei de ação popular (n. 4.717/65, ela também um instrumento de tutela de interesses difusos): ali se diz que em caso de desistência ou 'absolvição de instância' fica *assegurado* 'a qualquer cidadão, bem como ao representante do Ministério Público, dentro do prazo de 90 dias da última publicação feita, promover o prosseguimento da ação'".

b) Maurício Augusto Gomes: "O que determina a participação do Ministério Público (agente ou interveniente) no processo é sempre a existência do interesse público, que estará relacionado ao interesse de pessoas determinadas (incapazes) ou indeterminadas (consumidores) ou ainda de toda a coletividade (ação popular, meio ambiente).

Esse interesse público, de que aqui se fala na ordem jurídica estatal, é o chamado interesse público primário, que, na conhecida distinção de Renato Alessi, se caracteriza por consubstanciar os interesses gerais da coletividade, de alcance do bem geral ou de realização do bem comum, e que não se confunde com o chamado interesse público secundário que o Estado, sujeito de direito, tem como qualquer outra pessoa, tais como o são os de natureza patrimonial" ("Ministério Público, Mandado de Segurança e Ação Popular". In: *Funções institucionais do Ministério Público*, org. Airton Buzzo Alves e outros. São Paulo: Saraiva, p. 200).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) Súmula nº 189 do STJ: É desnecessária a intervenção do Ministério Público nas execuções fiscais.

b) EREsp 1151639 / GO

Relator Ministro BENEDITO GONÇALVES

S1 – PRIMEIRA SEÇÃO

DJe 15/09/2014

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. EMBARGOS DE DIVERGÊNCIA EM RECURSO ESPECIAL. DIVERGÊNCIA CONFIGURADA. AÇÃO DE RESSARCIMENTO AO ERÁRIO PROPOSTA POR ENTE PÚBLICO. INTERVENÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO. DESNECESSIDADE. NULIDADE NÃO CONFIGURADA. 1. A interpretação do art. 82, II, do CPC, à luz dos arts. 129, incisos III e IX, da Constituição da República, revela que o "interesse público" que justifica a intervenção do Ministério Público não está relacionado à simples presença de ente público na demanda nem ao seu interesse patrimonial (interesse público secundário ou interesse da Administração). Exige-se que o bem jurídico tutelado corresponda a um interesse mais amplo, com espectro coletivo (interesse público primário). 2. A causa de pedir ressarcimento pelo ente público lesionado, considerando os limites subjetivos e objetivos da lide, prescinde da análise da ocorrência de ato de improbidade, razão pela qual não há falar em intervenção obrigatória do Ministério Público. 3. Embargos de divergência providos para, reformando o acórdão embargado, dar provimento ao recurso especial e, em consequência, determinar que o Tribunal de origem, superada a nulidade pela não intervenção do Ministério Público, prossiga no julgamento do recurso de apelação. Constou, ainda, do mencionado acórdão: "Não é obrigatória a intervenção do Ministério Público em ação de ressarcimento ajuizada por ente público. Isso porque se trata de tutela meramente patrimonial e a eventual constatação de que o ato ilícito que gerou lesão ao erário possa configurar, também, ato de improbidade administrativa não enseja a intervenção obrigatória da instituição. A prática de ato ímprobo legitima o Ministério Público a pedir o ressarcimento dos danos dele decorrentes, seja em ação de improbidade, seja em ação de indenização por danos causados ao erário. Mas, essa circunstância extraordinária deve ser demonstrada pelo órgão ministerial nas ações de ressarcimento que ele próprio manejar, para o fim de afirmar a sua legitimidade ativa. Não se admite, pois, o alargamento impróprio dos limites da demanda proposta pelo ente público ordinariamente legitimado".

c) AgRg no REsp 872733 / SP

Relator Ministro HERMAN BENJAMIN

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 27/04/2011

PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA EM FAVOR DE PESSOA FÍSICA. LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO. GARANTIA CONSTITUCIONAL À SAÚDE. DIREITO INDIVIDUAL INDISPONÍVEL. 1. Hipótese em que o Estado de São Paulo impugna a legitimidade do Ministério Público para propor Ação Civil Pública em favor de indivíduo determinado, postulando a disponibilização de tratamento médico. 2. O direito à saúde, insculpido na Constituição Federal, é indisponível, em função do bem comum maior a proteger, derivado da própria força impositiva dos preceitos de ordem pública que regulam a

matéria. Não se trata de legitimidade do Ministério Público em razão da hipossuficiência econômica – matéria própria da Defensoria Pública –, mas da natureza jurídica do direito-base (saúde), não disponível. 3. Ainda que o Parquet tutele o interesse de uma única pessoa, o direito à saúde não atinge apenas o requerente, mas todos os que se encontram em situação equivalente. Cuida-se, portanto, de interesse público primário, de que não se pode dispor. 4. Agravo Regimental não provido.

d) MC 023396

Relatora Ministra ASSUSETE MAGALHÃES

Data da Publicação: 03/11/2014

Decisão monocrática

MEDIDA CAUTELAR Nº 23.396 – RJ

"O entendimento dominante, seja jurisprudencial ou doutrinário, é no sentido de que o Ministério Público tem legitimidade ativa, quer seja indisponível ou disponível o direito homogêneo alegado, desde que, neste último, se apresente com relevância social, ou seja, presença intensa do interesse público primário e amplitude significativa, qual seja, grande número de direitos individuais lesados. Portanto, nestes casos, não serão simples direitos individuais, mas interesses sociais que se convertem, em razão de sua particular origem comum, em direito individuais homogêneos".

e) REsp 723296 / SP – Relator Ministro MAURO CAMPBELL MARQUES

T2 – SEGUNDA TURMA – DJe 19/05/2010

"É de se asseverar a legitimidade ativa ad causam do Ministério Público que, na espécie, ao contrário do que se alega, não funciona como acautelador de interesses patrimoniais do erário, mas como guardião da legalidade e da moralidade administrativa e do patrimônio público, na forma do que dispõe o art. 129, inc. III, da Constituição da República vigente.

(...)

No caso concreto, o Ministério Público noticiou que pode ter havido conluio entre agentes públicos e particulares para fins de burlar licitação, com consequente nulidade do contrato e recomposição do erário.

Como se nota, o benefício ao interesse público secundário é mera decorrência de providências tomadas como medidas que dizem com interesse público primário (inclusive de status constitucional). Daí porque o Ministério Público não atua como advogado do Estado, mas como promotor do interesse público primário.

(...) a instância ordinária asseverou, com base nesse conjunto, que ficou plenamente caracterizada a vontade consciente das partes em elaborar aditivos de forma a angariar mais verba, em detrimento do interesse público primário (e secundário também). Trecho do acórdão combatido".

f) REsp 1113959 / RJ

Relator Ministro LUIZ FUX

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 11/03/2010

PROCESSUAL CIVIL E TRIBUTÁRIO. AÇÃO ORDINÁRIA. ARGÜIÇÃO DE PRESCRIÇÃO ADMINISTRATIVA INTERCORRENTE. NÃO OCORRÊNCIA. TERMO INICIAL. CONSTITUIÇÃO DO CRÉDITO TRIBUTÁRIO. ARTIGO 174, DO CTN. MINISTÉRIO PÚBLICO. ILEGITIMIDADE PARA RECORRER. MATÉRIA DE ORDEM PÚBLICA. INOCORRÊNCIA. (...) 7. A ratio essendi do art. 82, inciso III, do CPC, revela que a manifestação do Ministério Público se faz imprescindível quando evidenciada a conotação do interesse público, seja pela natureza da lide ou qualidade da parte. 8. A escorreita exegese da dicção legal impõe a distinção jus-filosófica entre o interesse público primário e o interesse da administração, cognominado "interesse público secundário". Lições de Carnelutti, Renato Alessi, Celso Antônio Bandeira de Mello e Min. Eros Roberto Grau. 9. O Estado, quando atestada a sua responsabilidade, revela-se tendente ao adimplemento da correspectiva indenização, coloca-se na posição de atendimento ao "interesse público". Ao revés, quando visa a evadir-se de sua responsabilidade no afã de minimizar os seus prejuízos patrimoniais, persegue nítido interesse secundário, subjetivamente pertinente ao aparelho estatal em subtrair-se de despesas, engendrando locupletamento à custa do dano alheio. 10. Deveras, é assente na doutrina e na jurisprudência que indisponível é o interesse público, e não o interesse da administração. Nessa última hipótese, não é necessária a atuação do Parquet no mister de custos legis, máxime porque a entidade pública empreende a sua defesa através de corpo próprio de profissionais da advocacia da União. Precedentes jurisprudenciais que se reforçam, na medida em que a atuação do Ministério Público não é exigível em várias ações movidas contra a administração, como, v.g., sói ocorrer, com a ação anulatória de cobrança de determinado tributo. 11. In genere, as ações que visam ao ressarcimento pecuniário contêm interesses disponíveis das partes, não necessitando, portanto, de um órgão a fiscalizar a boa aplicação das leis em prol da defesa da sociedade. 12. Deveras, a legitimidade para recorrer do Ministério Público está fundamentada no mesmo interesse que o legitima a ajuizar a ação ou intervir no feito. Nesse sentido, as lições da doutrina, verbis: "Exceto quando haja como representante da parte ou substituto processual da pessoa determinada (quando o órgão do Ministério Público atua em defesa direta das pessoas por ele próprio representadas ou substituídas), nas demais hipótese de atuação, o órgão ministerial conserva total liberdade de opinião. Contudo, se tem liberdade para opinar, porque para tanto basta a legitimidade que a lei lhe confere para intervir, já para acionar ou recorrer é mister que o Ministério Público tenha interesse na propositura da ação ou na reforma do ato atacado: ele só pode agir ou recorrer em defesa do interesse que legitimou sua ação ou intervenção no feito". (Hugo Nigro Mazzilli. A defesa dos interesses difusos em juízo. 17ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 90). 13. O Ministério Público não deve intervir em ações como a presente, mas utile per inutile non vitiatur.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (DEFENSOR – DPE/ MA – INST.CIDADES – 2011) "Impõe-se a construção de novo paradigma para a teoria jurídica em suas dimensões civil, pública e processual, capaz de contemplar o constante e o crescente aparecimento histórico de novos direitos. Esses "novos" direitos que se desvinculam de uma especificidade absoluta e estanque assumem caráter relativo, difuso e metaindividual."(WOLKMER, Antonio Carlos. Introdução aos fundamentos de uma teoria geral dos "novos direitos". In: Os "novos" direitos no Brasil. Org: LEITE, José Rubens Morato e WOLKMER, Antonio Carlos, São Paulo: Saraiva, p. 3). Acerca dos interesses públicos, privados e transindividuais, considere as seguintes assertivas:

I. Conforme a doutrina mais moderna, pautada na obra do italiano Mauro Cappelletti, interesse público pode ser conceituado como aquele em que há uma contraposição do interesse do Estado ao do indivíduo.

II. Interesses públicos primários são o modo pelo qual os órgãos da administração veem o interesse público; interesses públicos secundários, por sua vez, são os interesses gerais da sociedade como um todo.

III. Segundo expressa disposição legal, são considerados interesses ou direitos difusos os transindividuais, de natureza indivisível, de que sejam titulares pessoas indeterminadas e ligadas por circunstâncias de fato.

Está correto o que se afirma SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) II e III.

e) Nenhuma das alternativas.

➘ *Resposta: "C".*

---

02. O interesse público primário pode ser identificado como o interesse social ou da coletividade, e o interesse público secundário, como o modo pelo qual os órgãos da administração veem o interesse público.

( ) Certo ( ) Errado

➘ *Resposta: certo.*

---

03. (Promotor de Justiça/DF – 2013) Assinale a alternativa CORRETA:

a) Em tema de direitos difusos, podem as partes firmar compromisso de ajustamento de conduta, que se constitui em título executivo extrajudicial. De igual forma, no curso da ação civil pública, as partes podem firmar acordo, que, homologado, importará no julgamento do mérito da lide ou na suspensão do feito, até o efetivo cumprimento do ajuste.

b) Na transação de direitos difusos, que acontece no curso de ação coletiva, tanto o juiz quanto o Ministério Público velarão pelo interesse público primário, sendo admissível, portanto, transigir sobre o objeto da lide, definir prazos, condições, lugar e forma de cumprimento.

c) Homologado judicialmente o acordo, a discordância de qualquer outro colegitimado, quanto à conciliação obtida, não o autoriza utilizar dos mecanismos de revisão da decisão judicial na instância superior, eis que não participou da relação jurídica processual em que se deu o acordo.

d) Diante do trâmite simultâneo de ação civil pública, proposta pelo Ministério Público, e uma ação popular proposta por mais de um cidadão, com idêntico fundamento e pedido de fixação de dano moral coletivo, a ação popular deverá ser extinta, já que está caracterizada a litispendência.

e) O princípio da unidade do Ministério Público impede que os Ministérios Públicos estadual e federal atuem conjuntamente em ação coletiva que visa à proteção de interesses difusos decorrentes da construção e instalação de uma hidrelétrica, cuja produção de energia beneficiará os habitantes de determinado estado da federação.

➘ *Resposta: "A"*

---

04. (Ministério Público/TO – 2012 – CESPE) Com relação à teoria constitucional e à tutela dos direitos difusos e coletivos, assinale a opção correta.

a) São considerados interesses coletivos os transindividuais, de natureza indivisível, de que sejam titulares pessoas indeterminadas e ligadas por circunstâncias de fato.

b) Direitos ou interesses transindividuais não possuem titulares individuais determinados e pertencem a uma comunidade ou coletividade.

c) O interesse público secundário é o interesse social, o da sociedade ou da coletividade, assim como a proteção ao meio ambiente.

d) Os interesses relacionados a condôminos de um edifício excedem o âmbito estritamente individual, constituindo interesses públicos.

e) Direitos difusos e direitos coletivos distinguem-se pela coesão como grupo, categoria ou classe anterior à lesão, própria dos direitos difusos, e não dos coletivos stricto sensu.

➘ *Resposta: "B".*

05. (MINISTÉRIO PÚBLICO/PI – 2012 – CESPE) A respeito dos direitos coletivos, considerados em sentido amplo, assinale a opção correta.

a) Os direitos transindividuais e metaindividuais, direitos coletivos em sentido amplo, abrangem os direitos difusos, coletivos, individuais homogêneos e o individual indisponível.

b) Os bens que integram o patrimônio financeiro do Estado inserem-se no âmbito do interesse público primário.

c) A lei confere exclusividade ao MP na defesa judicial do interesse público primário.

d) O interesse público secundário é protegido pelos denominados direitos difusos, coletivos, individuais homogêneos e individuais indisponíveis, pertencentes à sociedade.

e) Em regra, o MP tem legitimidade para a defesa dos interesses público e particular.

➘ *Resposta: "A".*

5. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2010)

Está o Ministério Público legitimado ativamente para a defesa de interesses individuais homogêneos disponíveis de consumidores? Justifique.

◉ RESPOSTA

Sim. O Ministério Público tem legitimidade para a tutela de direitos individuais homogêneos disponíveis de consumidores, embora tal regra não seja absoluta.

A legitimidade do Ministério Público respaldo na Constituição Federal e na legislação infraconstitucional.

Embora a CF não faça referência expressa à legitimidade para a tutela de direitos individuais homogêneos, o fato é que esta espécie de direito transindividual só foi sistematizada em 1990, com o advento da Lei nº 8.078/90 (art. 81, parágrafo único, III).

Além disso, o rol constitucional das funções institucionais do MP é exemplificativo e a própria Lei Maior estabelece que ele está autorizado a exercer outras funções que lhe forem conferidas, desde que compatíveis com sua finalidade. E a legitimidade para a tutela de direitos individuais homogêneos acabou consagrada no art. 82 do CDC.

Contudo, deve ser feita a seguinte observação:

a) O MP tem legitimidade para a defesa de direitos individuais indisponíveis;

b) O MP poderá ter legitimidade para a defesa de direitos individuais disponíveis.

Tais conclusões são respaldadas nos seguintes fatos: a legitimidade do MP tem fundamento constitucional e infraconstitucional; está relacionada à eliminação de obstáculos ao acesso à justiça; é imprescindível para coibir práticas abusivas e punir infratores; promove o estrito cumprimento da lei em situações que podem atingir o consumidor, o idoso, a criança, o adolescente, enfim, vulneráveis e hipervulneráveis; a legitimidade do MP não está subordinada à natureza do direito discutido em juízo; a tutela coletiva de direitos individuais homogêneos evita a multiplicação e demandas individuais.

O que é crucial, para auferir a legitimidade do MP, é a constatação da relevância social da sua atuação, em função do bem jurídico que se pretende tutelar.

A falta de legitimidade ativa do Ministério Público pode ser constatada diante de determinado caso concreto, sobretudo pela falta de relevância social. Frise-se: não se pode afirmar, em abstrato, a ilegitimidade do *Parquet* em face da natureza do direito transindividual pleiteado em juízo, ou seja, por se tratar de direitos individuais homogêneos, por exemplo. Nem mesmo se os direitos individuais homogêneos forem disponíveis.

O que não se admite, na prática forense, é que o órgão ministerial ajuíze ação coletiva para defender um pequeno grupo de interessados, facilmente identificáveis.

Enfim, a legitimidade do MP, para a tutela de direitos individuais homogêneos, não pode ser analisada apenas à luz da espécie de direito material coletivo tutelado. A criação das ações coletivas está relacionada a bens e valores superiores, como, por exemplo, a possibilidade de acesso à justiça.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Fredie Didier Jr. e Hermes Zaneti Jr.: "Correta a tendência dos tribunais de reconhecer a legitimação do Ministério Público quando na tutela de direitos individuais homogêneos for perceptível o interesse social relevante compatível com as finalidades da instituição" (*Curso de processo civil: Processo coletivo*, 8ª ed., Salvador: Juspoivum, 2013, p. 370).

b) Nelson e Rosa Nery (*Código de Processo Civil comentado*, 12ª ed., São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012, p. 207): "Quando o legislador legitima o MP para a propositura da ação civil é porque identificou previamente o interesse processual, que deriva da própria outorga da legitimação (...). É suficiente para aferir-se a existência do interesse processual do MP a demonstração de que se trata de uma hipótese de ação civil pública. Nas situações comuns a legitimidade para a causa é um *prius* e o interesse processual um *posterius*: porque sou legitimado para a causa (afirmo ser titular do direito material a ser discutido em juízo (*prius*), posso (ou não) ter interesse processual em obter a tutela jurisdicional (*posterius*). Para a situação do MP o sistema se inverte: o interesse processual é um *prius* e a legitimidade para a causa um *posterius*: porque o legislador identificou uma situação de interesse social (*prius*), legitimou o MP para o ajuizamento da ação respectiva (*posterius*)".

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) Como decidiu a 4ª Turma do STJ (REsp 1033274 / MS, DJe 27/09/2013), "o Ministério Público tem legitimidade para promover ação civil pública visando à defesa de direitos individuais homogêneos, ainda que disponíveis e divisíveis, quando na presença de relevância social objetiva do bem jurídico tutelado".

b) Sobre a legitimidade do MP, também é elucidativa a decisão proferida pela 3ª Turma do STJ (REsp 945785 / RS):

"O Ministério Público possui legitimidade *ad causam* para propor Ação Civil Pública visando à defesa de direitos individuais homogêneos, ainda que disponíveis e divisíveis, quando a presença de relevância social objetiva do bem jurídico tutelado a dignidade da pessoa humana, a qualidade ambiental, a saúde, a educação".

c) Oportuna, também, a decisão da 2ª Turma do STJ, no caso de aumento abusivo de tarifa, que ofende interesses individuais homogêneos:

"CONSUMIDOR E ADMINISTRATIVO. AGRAVO REGIMENTAL. SERVIÇO DE ÁGUA E ESGOTO. AUMENTO ABUSIVO DO VALOR COBRADO. NATUREZA JURÍDICA DA CONTRAPRESTAÇÃO. PREÇO PÚBLICO (OU TARIFA). INTERESSE INDIVIDUAL HOMOGÊNEO CONSUMERISTA. RELEVÂNCIA SOCIAL PRESUMIDA. LEGITIMIDADE ATIVA DO MP. ARTS. 81, P. ÚN., INC. III, E 82, INC. I, DO CDC. 1. Após intenso debate no Supremo Tribunal Federal e no Superior Tribunal de Justiça, esta Corte está se adequando à jurisprudência daquele Tribunal, passando a tratar a quantia recolhida a título de prestação do serviço de esgoto como preço público (ou tarifa), e não como taxa. Precedentes. 2. Tratando-se de tarifa, é plenamente aplicável a disciplina do Código de Defesa do Consumidor – CDC em casos de aumento abusivo. Note-se que os interesses defendidos pelo recorrente, na hipótese, tem caráter divisível, derivando de origem comum, motivo pelo qual são enquadrados pela legislação consumerista como individuais homogêneos (CDC, art. 81, p. ún., inc. III), mas têm relevante espectro social, o que autoriza a legitimidade ativa do Parquet (art. 82 do CDC). 3. Mesmo que não se admitisse comprovado, na hipótese, o relevante interesse social, doutrina e jurisprudência são unânimes em admitir que o Ministério Público tem legitimidade ativa de interesses individuais homogêneos na seara do direito do consumidor, pois presume-se a importância da discussão para a coletividade" (AgRg no REsp nº 856.378-MG, RELATOR MINISTRO MAURO CAMPBELL MARQUES).

d) Sobre a legitimidade para a tutela de direitos individuais homogêneos, é paradigmática a decisão proferida pela Terceira Turma do STJ (AgRg no Ag 1323205 / SP):

"O Ministério Público tem legitimidade processual para a propositura de ação civil pública objetivando a defesa de direitos individuais homogêneos.

Não é da natureza individual, disponível e divisível que se retira a homogeneidade de interesses individuais homogêneos, mas sim de sua origem comum, violando direitos pertencentes a um número determinado ou determinável de pessoas, ligadas por esta circunstância de fato. Inteligência do art. 81, CDC".

e) RE 401482 AgR / PR

Relator Min. TEORI ZAVASCKI

DJe-119 DIVULG 20-06-2013 PUBLIC 21-06-2013

PROCESSUAL CIVIL. AGRAVO REGIMENTAL NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. DEFESA DE INTERESSES INDIVIDUAIS HOMOGÊNEOS DISPONÍVEIS. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. PRECEDENTES. 1. O Ministério Público possui legitimidade para propor ação civil coletiva em defesa de interesses individuais homogêneos de relevante caráter social, ainda que o objeto da demanda seja referente a direitos disponíveis (RE 500.879-AgR, rel. Min. Cármen Lúcia, Primeira Turma, DJe de 26-05-2011; RE 472.489-AgR, rel. Min. Celso De Mello, Segunda Turma, DJe de 29-08-2008). 2. Agravo regimental a que se nega provimento.

◉ QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Ministério Público/GO – 2012) No tocante à tutela judicial de interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, pelo Ministério Público, é incorreto afirmar que:

a) A legitimação é genérica, porque o órgão ministerial pode propor qualquer ação civil pública com praticamente qualquer pedido, quando atue em defesa de interesses transindividuais, desde que essa iniciativa consulte aos interesses gerais da coletividade.

b) É vedada toda e qualquer atuação fora de sua vocação institucional e, no caso de interesses individuais, só poderá exercitar a sua defesa se forem indisponíveis ou se tiverem expressão social, como se dá no caso de interesses individuais homogêneos de larga abrangência ou relevância social.

c) A Constituição vedou ao órgão a representação das entidades públicas, mas seus membros agem como representantes da Fazenda quando propõem ações em defesa do patrimônio público.

d) Quando a lei confere ao Ministério Público legitimidade para agir ou intervir na defesa de um interesse, está igualmente conferindo-lhe capacidade postulatória, a ser exercitada pelos seus órgãos.

➘ *Resposta: "C"*

02. (Defensor Público/AC – 2012 – CESPE) Assinale a opção correta acerca dos interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos.

a) As lesões a direitos individuais homogêneos e disponíveis podem ser investigadas pelo MP.

b) A revista íntima praticada pelo empregador constitui lesão ao direito individual homogêneo, no âmbito da relação jurídica de emprego.

c) Direitos coletivos são os de natureza indivisível, de que sejam titulares pessoas indeterminadas e ligadas por circunstâncias de fato.

d) Os direitos difusos são determináveis porque os seus titulares são identificados conforme o grupo, categoria ou classe em que estejam inseridos.

e) Os direitos individuais homogêneos, derivados de relação jurídica idêntica, são indivisíveis, e seus titulares, indeterminados.

➘ *Resposta: "A"*

6. (83º CONCURSO DE INGRESSO À CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2002)

"Explique no que consiste o requisito da pertinência temática cuja presença é necessária para que uma associação civil ajuíze uma ação civil pública em defesa de um interesse transindividual".

◉ RESPOSTA

No processo coletivo, a apuração da legitimidade ativa das associações e dos sindicatos, que atuam como substitutos processuais passa pela análise do que se convencionou chamar "pertinência temática".

A expressão "pertinência temática", conduto, não está textualmente mencionada na legislação.

Com efeito, a LACP e o CDC exigem que a associação, para ter legitimidade ativa, deve, concomitantemente, estar constituída há pelo menos um ano e incluir, entre suas finalidades institucionais, a proteção do interesse transindividual tutelado.

A exigência de incluir entre as suas finalidades estatutárias a proteção do direito ou interesse transindividual cuja tutela se persegue em juízo que se consubstancia na "pertinência temática".

Portanto, trata-se da coincidência entre o objeto estatutário e o objeto da ação. Ou seja, devem ser analisados os fins sociais da entidade e o mérito da ação proposta, como forma de se concluir pela admissibilidade ou inadmissibilidade da ação coletiva.

Enquanto o requisito da constituição ânua, presentes alguns requisitos, pode ser dispensado pelo juiz, o requisito da pertinência temática tem que estar presente.

Assim, uma organização não-governamental vocacionada, conforme seu estatuto, para a tutela do meio ambiente, não pode ajuizar uma ação civil pública para a defesa dos consumidores. Falta, no caso, exatamente o requisito da pertinência temática, cuja aferição pode se dar de ofício pelo juiz.

Na jurisprudência tem sido admitida que essa finalidade seja razoavelmente genérica. Não se exige que o estatuto afirme, especificamente, aquele exato direito pleiteado na ação coletiva.

Por exemplo, basta que seja vocacionada à defesa do consumidor para ajuizar ação civil pública em prol de participantes de um consórcio de veículos. Não se exige que o estatuto preveja a defesa do consorciados.

Porém, o objeto estatutário não pode ser extremamente amplo, a ponto de ser criada uma associação para a defesa de qualquer interesse.

Por fim, é importante observar que o entendimento dominante é no sentido de que o requisito de pertinência temática não se restringe às associações, podendo ser auferido em outras situações semelhantes, como no caso de fundações sindicatos, corporações e mesmo entidades e órgãos da administração pública.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) "A pertinência temática significa que as associações civis devem incluir entre seus fins institucionais a defesa dos interesses objetivados na ação civil pública ou coletiva por elas propostas, dispensada, embora, a autorização de assembleia. Em outras palavras, a pertinência temática é a adequação entre o objeto da ação e a finalidade institucional.

As associações civis necessitam, portanto, ter finalidades institucionais compatíveis com a defesa do interesse transindividual que pretendam tutelar em juízo. Entretanto, essa

finalidade pode ser razoavelmente genérica; não é preciso que uma associação civil seja constituída para defender em juízo especificamente aquele exato interesse controvertido na hipótese concreta. Em outras palavras, de forma correta já se entendeu, por exemplo, que uma associação civil que tenha por finalidade a defesa do consumidor pode propor ação coletiva em favor de participantes que tenham desistido de consórcio de veículos, não se exigindo tenha sido instituída para a defesa específica de interesses de consorciados de veículos, desistentes ou inadimplentes. Essa generalidade não pode ser, entretanto, desarrazoada, sob pena de admitirmos a criação de uma associação civil para a defesa de qualquer interesse, o que desnaturaria a exigência de representatividade adequada do grupo lesado.

Devemos perquirir se o requisito de pertinência temática só se limita às associações civis, ou se também alcançaria as fundações privadas, sindicatos, corporações, ou até mesmo as entidades e os órgãos da administração pública direta ou indireta, ainda que sem personalidade jurídica. Numa interpretação mais literal, a conclusão será negativa, dada a redação do art. 5° da LACP e do art. 82, IV, do CDC. Entretanto, onde há a mesma razão, deve-se aplicar a mesma disposição. Os sindicatos e corporações congêneres estão na mesma situação que as associações civis, para o fim da defesa coletiva de grupos; as fundações privadas e até mesmo as entidades da administração pública também têm seus fins peculiares, que nem sempre se coadunam com a substituição processual de grupos, classes ou categorias de pessoas lesadas, para defesa coletiva de seus interesses" (Hugo Nigro Mazzilli, A defesa dos interesses difusos em juízo, São Paulo: Saraiva, 2006, p. 277-278).

b) Fredie Didier Jr. e Hermes Zaneti Jr.: "Entre os vários critérios para a verificação da representatividade adequada, um que atualmente tem apresentado utilidade prática pode servir de exemplo: exige-se que exista um vínculo de afinidade temática entre o legitimado e o objeto litigioso. A jurisprudência do STF deu a este vínculo o nome de 'pertinência temática'" (*Curso de processo civil: Processo coletivo*, 8ª ed., Salvador: Juspoivum, 2013, p. 217).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) AgRg no REsp 997577 / DF

Relator Ministro ANTONIO CARLOS FERREIRA

T4 – QUARTA TURMA

DJe 26/09/2014

PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO COLETIVA DE COBRANÇA. EXPURGOS INFLACIONÁRIOS. CADERNETAS DE POUPANÇA. ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES. ILEGITIMIDADE ATIVA. PERTINÊNCIA TEMÁTICA NÃO VERIFICADA. APRECIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO ESTATUTO. ENUNCIADOS nº 5 E 7 DA SÚMULA DO STJ. 1. A apuração da legitimidade ativa das associações e dos sindicatos como substitutos processuais, em ações coletivas, passa pelo exame da pertinência temática entre os fins sociais da entidade e o mérito da ação proposta. Precedentes. 2. No caso concreto, o Tribunal de origem apreciou as normas estatutárias e concluiu que a ASSOCIAÇÃO MARACAJUENSE DE AGRICULTORES – AMA não tinha permissão institucional para propor a presente demanda, esbarrando a pretensão recursal nos óbices dos enunciados nº 5 e 7 da Súmula do STJ. 3. Agravo regimental desprovido.

b) REsp 876931 / RJ

Relator Ministro MAURO CAMPBELL MARQUES

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 10/09/2010

AMBIENTAL E PROCESSUAL CIVIL. PRESERVAÇÃO ARQUITETÔNICA DO PARQUE LAGE (RJ). ASSOCIAÇÃO DE MORADORES. LEGITIMIDADE ATIVA. PERTINÊNCIA TEMÁTICA CARACTERIZADA. CONCEITO LEGAL DE "MEIO AMBIENTE" QUE ABRANGE IDEAIS DE ESTÉTICA E PAISAGISMO (ARTS. 225, CAPUT, DA CR/88 E 3º, INC. III, ALÍNEAS "A" E "D" DA LEI nº 6.938/81). 1. O estatuto da associação recorrente prevê, em seu art. 4º (1), que um de seus objetivos é "[z]elar pela manutenção e melhoria da qualidade de vida do bairro, buscando manter sua ocupação e seu desenvolvimento em ritmo e grau compatíveis com suas características de zona residencial". 2. Desta cláusula, é perfeitamente possível extrair sua legitimidade para ação civil pública em que se pretende o seqüestro do conjunto arquitetônico "Mansão dos Lage", a cessação imediata de toda atividade predadora e poluidora no conjunto arquitetônico e a proibição de construção de anexos e de obras internas e externas no referido conjunto arquitetônico. Dois são os motivos que levam a tal compreensão. 3. Em primeiro lugar, a Constituição da República vigente expressamente vincula o meio ambiente à sadia qualidade de vida (art. 225, caput), daí porque é válido concluir que a proteção ambiental tem correlação direta com a manutenção e melhoria da qualidade de vida dos moradores do Jardim Botânico (RJ). 4. Em segundo lugar, a legislação federal brasileira que trata da problemática da preservação do meio ambiente é expressa, clara e precisa quanto à relação de continência existente entre os conceitos de loteamento, paisagismo e estética urbana e o conceito de meio ambiente, sendo que este último abrange os primeiros. 5. Neste sentido, importante citar o que dispõe o art. 3º, inc. III, alíneas "a" e "d", da Lei nº 6.938/81, que considera como poluição qualquer degradação ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente prejudiquem a saúde e o bem-estar da população e afetem condições estéticas do meio ambiente. 6. Assim sendo, não há como sustentar, à luz da legislação vigente, que inexiste pertinência temática entre o objeto social da parte recorrente e a pretensão desenvolvida na presente demanda, na forma do art. 5º, inc. V, alínea "b", da Lei nº 7.347/85. 7. Recurso especial provido.

c) AgRg no REsp 901936 / RJ

Relator Ministro LUIZ FUX

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 16/03/2009

PROCESSUAL CIVIL. ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMATIO AD CAUSAM DO SINDICATO. PERTINÊNCIA TEMÁTICA. AUSÊNCIA DE INTIMAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL NAS INSTÂNCIAS ORDINÁRIAS. PREJUÍZO INDEMONSTRADO. NULIDADE INEXISTENTE. PRINCÍPIO DA INSTRUMENTALIDADE DAS FORMAS. 1. Os sindicatos possuem legitimidade ativa para demandar em juízo a tutela de direitos subjetivos individuais dos integrantes da categoria, desde que se versem direitos homogêneos e mantenham relação com os fins institucionais do sindicato demandante, atuando como substituto processual (Adequacy Representation). 2. A pertinência temática é

imprescindível para configurar a legitimatio ad causam do sindicato, consoante cediço na jurisprudência do E. S.T.F na ADI 3472/DF, Sepúlveda Pertence, DJ de 24.06.2005 e ADI-QO 1282/SP, Relator Ministro Sepúlveda Pertence, Tribunal Pleno, DJ de 29.11.2002 e do S.T.J: REsp 782961/RJ, desta relatoria, DJ de 23.11.2006, REsp 487.202/RJ, Relator Ministro Teori Zavascki, DJ 24/05/2004. 3. A representatividade adequada sob esse enfoque tem merecido destaque na doutrina; senão vejamos: "(...)A pertinência temática significa que as associações civis devem incluir entre seus fins institucionais a defesa dos interesses objetivados na ação civil pública ou coletiva por elas propostas, dispensada, embora, a autorização de assembleia. Em outras palavras, a pertinência temática é a adequação entre o objeto da ação e a finalidade institucional.

As associações civis necessitam, portanto, ter finalidades institucionais compatíveis com a defesa do interesse transindividual que pretendam tutelar em juízo. Entretanto, essa finalidade pode ser razoavelmente genérica; não é preciso que uma associação civil seja constituída para defender em juízo especificamente aquele exato interesse controvertido na hipótese concreta. Em outras palavras, de forma correta já se entendeu, por exemplo, que uma associação civil que tenha por finalidade a defesa do consumidor pode propor ação coletiva em favor de participantes que tenham desistido de consórcio de veículos, não se exigindo tenha sido instituída para a defesa específica de interesses de consorciados de veículos, desistentes ou inadimplentes. Essa generalidade não pode ser, entretanto, desarrazoada, sob pena de admitirmos a criação de uma associação civil para a defesa de qualquer interesse, o que desnaturaria a exigência de representatividade adequada do grupo lesado.

Devemos perquirir se o requisito de pertinência temática só se limita às associações civis, ou se também alcançaria as fundações privadas, sindicatos, corporações, ou até mesmo as entidades e os órgãos da administração pública direta ou indireta, ainda que sem personalidade jurídica. Numa interpretação mais literal, a conclusão será negativa, dada a redação do art. 5° da LACP e do art. 82, IV, do CDC. Entretanto, onde há a mesma razão, deve-se aplicar a mesma disposição. Os sindicatos e corporações congêneres estão na mesma situação que as associações civis, para o fim da defesa coletiva de grupos; as fundações privadas e até mesmo as entidades da administração pública também têm seus fins peculiares, que nem sempre se coadunam com a substituição processual de grupos, classes ou categorias de pessoas lesadas, para defesa coletiva de seus interesses." in A Defesa dos Interesses Difusos em Juízo, Hugo Nigro Mazzilii, São Paulo, Saraiva, 2006, p. 277/278".

◉ QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Defensor Público/AM – 2013 – FCC) Com relação à legitimidade ativa para propor ação civil pública, é correto afirmar:

a) Dos legitimados ativos, somente o Ministério Público e a Defensoria Pública podem ajuizar ação civil pública sem necessidade de demonstração da pertinência temática.

b) Com relação à associação, o requisito da pertinência temática pode ser dispensado pelo juiz, quando haja manifesto interesse social evidenciado pela dimensão ou característica do dano, ou pela relevância do bem jurídico a ser protegido.

c) A Defensoria Pública passou a ter legitimidade ativa para a propositura de ação civil pública com o advento da Constituição Federal de 1988.

d) Tratando-se de ação civil pública envolvendo pessoas carentes a Defensoria Pública deve intervir como custos legis.

e) Nos termos da Lei da Ação Civil Pública, dentre os legitimados ativos para a sua propositura, somente o Ministério Público pode instaurar inquérito civil.

➘ *Resposta: "E"*

02. (UFPR – Defensor Público – PR/2014) Assinale a alternativa correta:

a) Conforme entendimento jurisprudencial majoritário, a verificação da existência de indivíduos hipersuficientes economicamente no âmbito de ação coletiva interposta pela Defensoria Pública é relevante apenas na fase de liquidação e/ou de execução do julgado coletivo.

b) A constituição há mais de um ano da associação que intenta a ação coletiva é requisito subjetivo necessário de legitimação, razão pela qual deve ser analisado em concreto, sem possibilidade de dispensa pelo juiz.

c) A legitimidade para a propositura de ação coletiva é concorrente e disjuntiva, mas havendo pertinência temática do objeto litigioso aos fins institucionais com determinado co-legitimado forma-se o litisconsórcio ativo necessário.

d) O Brasil adotou o sistema judicial de legitimação, eis que exige a demonstração processual da representatividade adequada dos entes legitimados.

e) União, Estados e Municípios estão legitimados para o ingresso de ação coletiva de consumo, mas não podem fazer uso deste instrumento órgãos públicos da administração indireta, ainda que tenham em suas atribuições a defesa do consumidor.

➘ *Resposta: "a"*

7. (ACP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – PB/2011)

Podem os efeitos de uma tutela jurisdicional coletiva de iniciativa de uma associação ser aproveitados por não associados? Discorra a respeito, abordando as várias modalidades de interesses tuteláveis.

◉ RESPOSTA

Os entes associativos têm legitimidade para a propositura de ações coletivas para a tutela de direitos transindividuais difusos, coletivos e individuais homogêneos.

A legitimidade decorre, por exemplo, do art. 5º, V, da Lei nº 7.347/85, bem como do art. 82, IV, da Lei nº 8.078/90.

No caso do ajuizamento de ação coletiva é expressamente dispensada pela legislação a autorização assemblear.

Afinal, o ente associativo, neste caso, atua em regime de substituição processual e com legitimidade extraordinária.

Na hipótese de ação coletiva, a ação poderá beneficiar pessoas ainda não identificadas e não associadas. Nesse caso, também, não há necessidade de identificar os possíveis beneficiários, nem mesmo de apresentar qualquer relação de associados.

Frise-se então: desde que atue como substituta processual, na condição de legitimada extraordinária, a entidade associativa tem legitimidade para ajuizar ação coletiva independentemente de autorização especial ou da apresentação de relação nominal de associados.

Por isso é correto dizer que as associações não atuam exclusivamente na defesa de seus associados. Exceto se for o caso de representação judicial dos interesses dos associados, na hipótese do art. 5º, inciso XXI, da Constituição Federal: as entidades associativas, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para representar seus filiados judicial ou extrajudicialmente.

A associação, portanto, além da legitimidade para propor ações coletivas em regime de substituição processual, também pode representar, judicial ou extrajudicialmente, seus associados, hipótese em que a ação apenas beneficiará os representados, ou seja, os associados.

Portanto, os efeitos de uma tutela jurisdicional coletiva de iniciativa de uma associação podem ser aproveitados por não associados. Afinal, é pacífico o entendimento no sentido de que há legitimidade extraordinária, conferida pela Constituição Federal, aos Sindicatos, para defesa, em juízo ou fora dele, dos direitos e interesse coletivos ou individuais homogêneos, independentemente de autorização expressa do associados.

Se a ação proposta pela associação versar sobre direitos difusos, os efeitos são erga omnes, isto é, beneficiam qualquer pessoa, independentemente de qualquer vínculo associativo.

No caso da tutela de direitos coletivos, os efeitos não serão erga omnes, mas sim ultra partes. Neste caso, beneficiarão todos os membros de uma classe, categoria ou grupo de pessoas. Aqui também a decisão poderá beneficiar membros do grupo que não sejam associados. Afinal, os direitos coletivos, assim como os difusos, são indivisíveis.

Portanto, a coisa julgada coletiva beneficia todos os membros da categoria e não apenas os filiados.

É a indivisibilidade do objeto da ação coletiva que determina a extensão dos efeitos positivos da decisão a pessoas não integrantes diretamente da entidade classista.

Não seria possível admitir-se que a decisão pudesse atingir de maneira diversos os membros da mesma categoria, grupo ou classe.

Por exemplo, se uma associação ajuíza ação para defender o meio ambiente ecologicamente equilibrado, não teria sentido que a decisão só beneficiasse os associados. Afinal, todos respiram o mesmo ar! Assim também ocorre se a ação for proposta para defender uma categoria de pessoas. A defesa não se limita aos associados.

No caso dos direitos individuais homogêneos, a coisa julgada coletiva decorrente da sentença condenatória genérica beneficia todas as vítimas e seus sucessores. Aqui, como os direitos individuais são de origem comum, mas divisíveis, a definição da cota-parte de cada vítima vai se dar no momento da liquidação e execução individual.

No caso do processo coletivo, os entes associativos são legitimados para defender direitos individuais homogêneos e não direitos individuais de associados.

Só no caso de mandado de segurança coletivo é que há maior limitação à atuação dos entes associativos, em virtude da Lei nº 12.016/2009 dar legitimidade para que atuem na defesa de direitos de todos os membros ou de uma parte deles.

Por fim, importante consignar que não se admite que uma associação mova ação individual para postular, em nome próprio, direito alheio, por meio de substituição processual. A atuação, nesse caso, deve ser na condição de representante da parte.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) José dos Santos Carvalho Filho: "As associações, sendo legitimadas para a ação civil pública, atuam no processo em nome próprio. Todavia, como visam à defesa dos interesses difusos ou coletivos a que estão preordenadas, pode-se dizer que atuam em nome próprio na defesa de interesse alheio. Em virtude dessa circunstância, têm legitimidade ***extraordinária*** para a ação.

(...)

Diversamente, porém, do que sucede com as demais pessoas habilitadas, as associações têm legitimação ***condicionada***, visto que a lei não conferiu simplesmente o direito de ação a toda e qualquer associação, mas somente àquelas que preenchessem as condições preestabelecidas. Podemos vislumbrar nos incisos pertinentes três tipos de condição para a ***legitimatio***.

A primeira é a ***condição formal***, exigindo-se que a associação se tenha constituído nos termos da lei civil. O aspecto fundamental nessa condição é a instituição da personalidade jurídica da associação, fator que, de resto, completa a própria capacidade processual.

A segunda é a ***condição temporal***, ou seja, a associação deverá ter-se constituído há pelo menos um ano, contando-se o prazo, evidentemente, a partir do ato de inscrição dos estatutos. A condição temporal sofreu atenuação pelo advento do art. 82, § 1º, do Código de Defesa do Consumidor, aplicável à ação civil pública por força do art. 21 da Lei nº 7.347/85. Reza o citado dispositivo que, no caso das ações coletivas para a defesa de interesses individuais homogêneos, o requisito da pré-constituição pode ser dispensado pelo juiz, desde que haja manifesto interesse social evidenciado pela dimensão ou característica do dano, ou pela relevância do bem jurídico a ser protegido. Embora a norma se refira à defesa dos interesses individuais homogêneos, quer-nos parecer que, presentes os pressupostos da dispensa judicial previsto na lei, aplica-se também às ações civis públicas, ou ações cautelares que tenham por objeto a tutela de interesses coletivos ou difusos. O legislador, como é fácil notar, deu preferência à tutela de direito material sobre o aspecto formal da pré-constituição da associação pelo prazo anterior de um ano.

A última é a ***condição institucional***, significando que a associação deverá ter, entre os objetos estatutários, o objetivo de defesa do interesse coletivo ou difusos. Em relação a esta última, entendemos que a legitimidade também se condicionará ao caráter de ***pertinência objetiva*** ou ***finalística***, derivado do confronto entre o objeto da associação e o interesse a ser tutelado na ação" (*Ação civil pública: comentários por artigo*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2001, p. 136-137) – destaques no original.

b) Hugo Nigro Mazzilli: "Com acerto, o plenário do Supremo Tribunal Federal, acompanhando voto do Min. Sepúlveda Pertence, entendeu que, nas ações civis públicas ou coletivas, a entidade de classe está legitimada a defender todos seus associados, e não apenas aqueles que deram autorização expressa em assembleia geral ou por autorização específica nos autos para que se efetuasse a defesa coletiva. Afinal, nas ações civis

públicas, verifica-se a figura da *substituição processual*, por meio de legitimação extraordinária; dessa forma, diversamente do que ocorreria na mera *representação*, as associações e sindicatos substituem todo o grupo de lesados, e não somente aqueles que lhes deram autorização para agir.

Pode uma associação defender interesses transindividuais que ultrapassem os de seus próprios associados?

Em tese, a reposta também é positiva, havendo mesmo precedente unânime do Plenário do STF a admitir que os benefícios do *decisum* no processo coletivo se estendam a associados admitidos depois do ajuizamento da ação.

Quando uma associação defende interesses *difusos* ou *coletivos*, reconhece-se facilmente possa buscar proveito em favor de todo o grupo lesado, e até de quem dela não seja associado. Isso é inevitável, dado o caráter indivisível dos interesses difusos e coletivos. Assim, se uma associação de defesa do meio ambiente ou do consumidor ajuíza ação civil pública ou coletiva para zelar pela qualidade do ar que respiramos, ou para combater propaganda enganosa divulgada pela televisão, a eventual procedência beneficiará não apenas seus associados (interesses difusos). Da mesma forma, se uma associação de defesa dos moradores de um bairro pretende impedir o lançamento de poluentes na represa que abasteça de água potável não só o próprio bairro, mas toda a cidade, a procedência beneficiará associados e não associados (interesses difusos). E, mesmo quando ajuíze ação coletiva para anular cláusula em contrato de adesão, pode estar a beneficiar outras pessoas que se encontram na mesma condição (interesses coletivos).

Mas, quando uma associação civil ajuíze uma ação de índole coletiva pra a defesa de *interesses individuais homogêneos*, a discussão é maior: o proveito obtido só se limitaria a seus associados?

O art. 103, III, do CDC, dispõe que em matéria de interesses individuais homogêneos, a procedência será *erga omnes*, para beneficiar *todas as vítimas e seus sucessores*. Como as associações civis públicas estão em pé de igualdade com os demais legitimados ativos para a defesa de interesses transindividuais, nada impede que o pedido que façam beneficie também pessoas que delas não são associadas. O que importa é que tenham pré-constituição temporal mínima e finalidade institucional compatível com a defesa do interesse pretendido.

Nessa linha, corretamente o STJ já reconheceu que as associações de moradores de bairros podem ajuizar ações de natureza coletiva em proveito de grupos maiores que apenas seus próprios associados; já tem ainda admitido a legitimidade de associações civis para pleitear em juízo em favor de todos quantos se encontrem na situação alcançada por seus fins, ainda que dela não sejam associados. Entretanto, para os fins do mandado de segurança coletivo, a organização sindical, a entidade de classe ou a associação só podem agir em defesa de direitos líquidos e certos da totalidade, ou de parte, dos seus membros ou associados" (*A defesa dos interesses difusos em juízo*, 25ª ed., São Paulo: Saraiva, p. 337-338).

◉ JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) (AgRg no REsp 1.107.839/MT)

Relator Ministro PAULO DE TARSO SANSEVERINO

T3 – TERCEIRA TURMA

DJe 20/08/2012

AGRAVO REGIMENTAL NO RECURSO ESPECIAL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE ATIVA. SINDICATO. AÇÃO REVISIONAL DE CONTRATOS BANCÁRIOS. 1. Está pacificado nesta Corte Superior o entendimento no sentido de que há legitimidade extraordinária, conferida pela Constituição Federal, aos Sindicatos, para defesa, em juízo ou fora dele, dos direitos e interesse coletivos ou individuais homogêneos, independentemente de autorização expressa do associados. 2. Disposições contratuais presentes em todos os contratos de adesão, configuram homogeneidade no interesse perseguido em juízo, legitimando a pretensão do Sindicato. 3. AGRAVO REGIMENTAL DESPROVIDO.

b) REsp 228507 / RR

Relator Ministro FRANCISCO PEÇANHA MARTINS

Relatora p/ Acórdão Ministra ELIANA CALMON (1114)

T2 – SEGUNDA TURMA

DJ 05/05/2004 p. 125

PROCESSO CIVIL – AÇÃO CIVIL PÚBLICA – LEGITIMIDADE ATIVA – SINDICATO. 1. Nas ações civis públicas pode o sindicato funcionar como substituto processual ou como representante de seus sindicalizados. 2. Como substituto processual não precisa de autorização, mas o interesse defendido deve ser não só do sindicalizado, mas também da própria entidade, se conectado for o interesse dela com o daquele. 3. Na hipótese de representação, há necessidade de autorização do sindicalizado, porque o interesse defendido é unicamente seu, sem conexão alguma com o interesse da entidade. 4. A autorização, seguindo posição jurisprudencial majoritária, pode ser considerada como formalizada pela juntada da ata de reunião do sindicato, onde constem os nomes dos presentes. 5. Recurso especial conhecido e provido.

c) AgRg no REsp 1213290 / PR

Relator Ministro SIDNEI BENETI

T3 – TERCEIRA TURMA

DJe 01/09/2014

AGRAVO INTERNO. RECURSO ESPECIAL. PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA POR ASSOCIAÇÃO OBJETIVANDO A DEFESA DE DIREITO INDIVIDUAL DISPONÍVEL DE DETERMINADOS ASSOCIADOS. IMPOSSIBILIDADE. SUBSTITUIÇÃO PROCESSUAL NÃO AUTORIZADA. 1. – Não se confundem os institutos da substituição e da representação processual. Na substituição a Associação age em nome próprio e não depende de autorização de seus filiados para ajuizar ação na defesa de seus direitos coletivos e individuais homogêneos. Já na representação, os filiados integram o polo ativo da ação, dependendo o seu ajuizamento, pela Associação, da autorização daqueles. 2. – Impossibilidade de ajuizar-se ação civil pública para a defesa de direitos individuais disponíveis de parcela dos associados.Precedentes. 3. – Agravo Regimental improvido.

d) AgRg no AREsp 454098 / SC

Relator Ministro NAPOLEÃO NUNES MAIA FILHO

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 09/10/2014

ADMINISTRATIVO. AGRAVO REGIMENTAL EM AGRAVO RECURSO ESPECIAL. AÇÃO COLETIVA AJUIZADA POR ASSOCIAÇÃO CLASSISTA. LEGITIMIDADE DO INTEGRANTE DA CATEGORIA PARA PROPOR EXECUÇÃO INDIVIDUAL DO JULGADO. PRECEDENTES ESPECÍFICOS DESTA CORTE SUPERIOR. AGRAVO REGIMENTAL DA UNIÃO DESPROVIDO. 1. Conforme orientação consolidada nesta Corte Superior, o sindicato ou associação, como substitutos processuais, têm legitimidade para defender judicialmente interesses coletivos de toda a categoria, e não apenas de seus filiados, sendo dispensável a juntada da relação nominal dos filiados e de autorização expressa. Assim, a formação da coisa julgada nos autos de ação coletiva deve beneficiar todos os servidores da categoria, e não apenas aqueles que na ação de conhecimento demonstrem a condição de filiado do autor (Ag 1.153.516/GO, Rel. Min. MARIA THEREZA DE ASSIS MOURA, DJe 26.4.2010). No mesmo sentido: RESP 936.229-RS, Rel. Min. ARNALDO ESTEVES LIMA, DJe 16.03.2009. 3. A indivisibilidade do objeto da ação coletiva conduz à extensão dos efeitos positivos da decisão a pessoas não integrantes diretamente da entidade classista postulante que, na verdade, não é a titular do direito material, mas tão somente a substituta processual dos componentes da categoria, a que a lei conferiu legitimidade autônoma para a promoção da ação. Nessa hipótese, diz-se que o bem da vida assegurado pela decisão é fruível por todo o universo de participantes da categoria, grupo ou classe, ainda que não filiados à entidade, isso porque o universo da categoria geralmente é maior do que o universo de filiados à entidade representativa. 4. A extensão subjetiva é consequência natural da transindividualidade e indivisibilidade do direito material tutelado na demanda, que logicamente deve ser uniforme para toda a categoria, grupo ou classe profissional, uma vez que estando os servidores beneficiários na mesma situação, não encontra razoabilidade a desigualdade entre eles; como o que se tutela são direitos pertencentes à coletividade como um todo, não há como nem porque estabelecer limites subjetivos ao âmbito de eficácia da decisão; na verdade, vê-se que o surgimento das ações coletivas alterou substancialmente a noção dos institutos clássicos do Processo Civil, entre os quais o conceito de parte, como encontra-se devidamente evidenciado. 5. A exegese da ação coletiva favorece a ampliação da sua abrangência, tanto para melhor atender ao seu propósito, como para evitar que sejam ajuizadas múltiplas ações com o mesmo objeto; não há nenhuma contraindicação a esse entendimento, salvo o apego a formalismos exacerbados ou não condizentes com a filosofia que fundamenta as ações coletivas. 6. Agravo Regimental da União desprovido.

e) STJ. Informativo 416

IDEC. AÇÃO INDIVIDUAL. ILEGITIMIDADE. Trata-se de ação civil pública na qual o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC) objetiva, em nome próprio, fazer com que os recorridos, colégios de primeiro e segundo graus, procedam aos descontos de matrícula e mensalidade dos filhos dos substituídos processuais. O Instituto recorrente embasou seu pedido nas disposições do DL nº 3.200/1941. O juiz julgou a ação procedente para determinar os descontos postulados. Interposta a apelação, o TJ reformou a sentença ao entendimento de que o IDEC não possui legitimidade ativa ad causam para postular em nome próprio direito alheio, exceto se por meio de ação coletiva, o que não é a hipótese. Ao recurso aviado pelo IDEC, o Min. Relator dava-lhe provimento, ao entendimento de que o Instituto tem legitimidade para propor ação coletiva para defender interesses individuais homogêneos. O Min. João Otávio de Noronha, em seu

voto-vista, divergindo do Min. Relator, destacou que este Superior Tribunal já julgou ações, propostas pelo MP, cujo fundamento era o desconto de mensalidades escolares com base no DL nº 3.200/1941, tendo decidido pela improcedência da ação, visto que o art. 24 do referido decreto encontra-se revogado. Todavia, ressaltou que a hipótese contempla uma peculiaridade: a presente ação não é coletiva, mas individual. E a norma consumerista é específica ao conferir legitimidade a associações para postularem em nome próprio nas hipóteses em que a ação proposta seja coletiva (arts. 81, III, 82, IV, do CDC). Nessa norma percebe-se não haver previsão de substituição processual extraordinária para defesa de interesses particulares por meio de ações individuais, como ocorre no caso. Para o Min. João Otávio de Noronha, não se trata apenas de mero formalismo com o nome atribuído à presente ação, mas dos contornos a ela conferidos pelo autor, que sonegou a feição metaindividual ao feito. Mesmo que os interesses fossem considerados "individuais homogêneos", a legitimidade da associação estaria condicionada a que fossem também indisponíveis. In casu, havendo apenas a soma de interesses individuais de duas pessoas, interesses que parecem legítimos, mas não coletivos, não cabe à associação defendê-los. No caso, não há previsão de substituição processual. Já a hipótese de representação, não foi levantada pelo IDEC, que postulou em nome próprio, entendendo que fazia a defesa de direitos individuais homogêneos, conferindo ao presente feito a feição coletiva. Diante disso, a Turma, ao prosseguir o julgamento, por maioria, não conheceu do recurso. Precedentes citados: REsp 72.413-SP, DJ 22/4/1996, e REsp 168.339-SP, DJ 16/8/1999. REsp 184.986-SP, Rel. originário Min. Luis Felipe Salomão, Rel. para acórdão Min. João Otávio de Noronha, julgado em 17/11/2009.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (MPE-MS – Promotor de Justiça – MS/2013) Em matéria de legitimidade e competência em sede de ação civil pública, é correto afirmar que:

a) É competente a Justiça Eleitoral para julgar de ação civil pública que visa apurar ato praticado por prefeito municipal no decorrer de mandato eletivo, quando utilizou símbolos pessoais na publicidade de obras e serviços realizados pela prefeitura.

b) Possuindo o partido político natureza associativa e preenchendo os requisitos da lei da ação civil pública, ele possui legitimidade ativa para ajuizamento desse tipo de ação coletiva.

c) A legitimação das associações para propor ação civil pública é ordinária, em se tratando de representação de interesses ou direitos individuais homogêneos de associados ou não associados, exigindo-se, para tanto, esteja constituída há pelo menos um ano e que o objeto da ação esteja incluído entre suas finalidades.

d) A fundação instituída pelo poder público não possui legitimidade para ajuizamento da ação civil pública, pois somente a fundação privada detém legitimidade ativa, desde que tenha em suas finalidades institucionais a defesa de um dos direitos protegidos pela lei da ação civil pública.

e) Havendo litisconsórcio facultativo entre o Ministério Público Estadual e o Federal no ajuizamento da ação civil pública, a competência para julgamento é do juiz estadual do local onde ocorreu o dano.

➥ *Resposta "b".*

02. (Defensor Público/PR – 2012 – FCC) Um cidadão procura os serviços de assistência jurídica da Defensoria Pública do Paraná em Curitiba, relatando a cobrança da "taxa para procedimentos operacionais", no valor de R$ 5.000,00, pelo Banco Lucrobom, para a expedição da declaração de quitação integral do financiamento imobiliário que havia

contratado. Ao pesquisar sobre o assunto, o Defensor Público responsável pelo caso identificou uma ação civil pública ajuizada pela Defensoria Pública do Ceará, na 1a Vara Cível da Comarca de Fortaleza, contra o mesmo banco e questionando a mesma taxa, cuja sentença, ao julgar procedente a demanda, proibiu a cobrança da taxa em novas oportunidades e determinou a devolução em dobro para aqueles que já a haviam custeado. A decisão transitara em julgado um mês antes, após julgamento da apelação, à qual se negou provimento, pelo Tribunal de Justiça do Ceará. Diante desses fatos, a medida a ser adotada pelo Defensor Público é

a) o ajuizamento de ação individual de conhecimento em Curitiba, já que a eficácia da sentença em ação civil pública limita-se à competência territorial do órgão prolator e apenas os residentes em Fortaleza podem executar aquela decisão.

b) a execução individual da decisão em Curitiba, já que a eficácia da sentença em ação civil pública não sofre limitação territorial, alcançando todos que dela possam beneficiar-se.

c) o encaminhamento do caso para a Defensoria Pública do Ceará para que a decisão seja executada em Fortaleza, ainda que o cidadão resida em Curitiba, já que a eficácia da sentença em ação civil pública limita-se à competência territorial do órgão prolator.

d) o encaminhamento do caso para a Defensoria Pública do Ceará para que a decisão seja executada em qualquer comarca do Ceará, ainda que o cidadão resida em Curitiba, já que a eficácia da sentença em ação civil pública limita-se à competência territorial do órgão prolator, que é o Tribunal de Justiça do Ceará, por ter manifestado-se sobre o mérito da ação no julgamento da apelação.

e) o ajuizamento de ação individual de conhecimento em Curitiba, já que a eficácia da sentença em ação civil pública limita-se à competência territorial do órgão prolator e como houve manifestação do Tribunal de Justiça do Ceará no caso, apenas os residentes daquele estado podem executar a decisão.

➥ *Resposta: "B"*

03. (Analista – TJ/PB – 2008 – COMPROV) O artigo 6º do Código de Processo Civil dispõe que "ninguém poderá pleitear, em nome próprio, direito alheio, salvo quando autorizado por lei". Analisando essa disposição legal e as assertivas abai-xo:

I. O Ministério Público, ao ajuizar uma ação civil pública, por exemplo, funcio-na como substituto processual e possui legitimidade ordinária, em face do in-teresse público revelado pela natureza do direito material que defende.

II. A associação de classe que impetra mandado de segurança coletivo em defe-sa dos interesses de seus membros age como substituto processual.

III. O substituto processual é aquele que age em nome próprio, na defesa de interesse alheio.

IV. Se a parte pleiteia, em nome próprio, o reconhecimento de direito alheio, sem autorização legal, violando, pois, o dispositivo citado no enunciado desta questão, a consequência será a extinção do processo com resolução do mérito, com fundamento na carência de ação.

V. A substituição processual difere da representação processual, porque, na pri-meira, o substituto defende em nome próprio direito alheio, a exemplo do Mi-nistério Público, enquanto parte; na segunda, defende em nome alheio o direito alheio, como no caso da ação de alimentos promovida por filho menor, repre-sentado por sua genitora.

Está(ão) correta(s) apenas:

a) I.

b) I, II e III.

c) IV e V.

d) IV.

e) II, III e V.

➘ *Resposta: "E"*

8. (MPE-MS – PROMOTOR DE JUSTIÇA – MS/2007)

A inversão do ônus da prova, prevista no Código de Defesa do Consumidor, pode de algum modo ser aplicada à defesa de quaisquer interesses transindividuais? Fundamente a resposta.

◉ RESPOSTA

A possibilidade de o juiz determinar a inversão do ônus da prova, no curso do processo, foi regulamentada, no Brasil, no âmbito do Código de Defesa do Consumidor.

Logo foi aclamada como uma característica marcante e fundamental do microssistema da tutela coletiva, calcada em motivos de interesse público, como corolário do princípio da facilitação da defesa judicial do hipossuficiente.

Trata-se de importante técnica processual relacionada à busca de uma decisão mais justa, pois permite ao magistrado melhor distribuir os encargos probatórios das partes, uma vez que o ônus da prova pode ser excessivamente oneroso a uma delas (hipossuficiente) se aplicadas as regras do direito privado ou do processo civil individual, que só prevê a chamada inversão legal (*ope legis*).

De fato, nem sempre haverá um real equilíbrio de forças entre os litigantes se forem aplicadas as regras do Código de Processo Civil sobre o ônus da prova.

Por isso, caberá ao juiz impor o ônus da prova à parte que estiver em melhores condições de produzir a prova, alterando regras rígidas que procuram atribuir ao autor o ônus de provar o fato constitutivo do seu direito e ao réu o ônus de provar fatos impeditivos, extintivos ou modificativos do direto do autor.

A questão é que o ônus da prova não fique determinado apenas em função da natureza dos fatos a serem provados.

A inversão do ônus probatório pelo juiz se enquadra nas técnicas adotadas pela legislação para a facilitação da defesa dos vulneráveis e dos hipossuficientes.

Como pode determinada pelo juiz, à luz do caso concreto (inversão judicial – sistema *ope judicis*), cabe a ele verificar a verossimilhança da alegação ou à hipossuficiência da parte (requisitos alternativos segundo a jurisprudência atual).

A hipossuficiência deve ser examinada sob diversos aspectos: do ponto de vista social, técnico, econômico e informacional. São fundamentais as regras ordinárias de experiência.

Por exemplo, já se decidiu que a posição vantajosa do fornecedor em relação ao consumidor é motivo para que se atribua ao fornecedor o ônus de provar a ausência de qualquer defeito no produto ou no serviço.

Obviamente que não há um poder absolutamente discricionário do juiz, pois os fundamentos da inversão estão apontados em lei.

Porém, como é fundada no princípio da isonomia, aplicado ao processo ("paridade de armas") e tem por fim a obtenção de uma tutela mais justa ao titular do direito material, tem sido que a inversão do ônus da prova seja pleiteada em demanda proposta pelo Ministério Público ou pela Defensoria Pública, sempre em prol dos hipossuficientes. Assim tem entendido o STJ, por exemplo.

Por isso que a inversão pode ocorrer em ações individuais ou coletivas.

Ocorre que o objetivo do instituto é a facilitação da defesa da coletividade, sendo que devem ser beneficiados os titulares do direito material. O benefício da inversão, na verdade, não se refere à parte processual, mas sim à "parte material".

Além disso, com base no que vem entendendo o STJ, pode ser cravado que a inversão não é restrita às ações consumeristas.

Existem precedentes em matéria ambiental, onde a inversão do ônus da prova é fundada, também, no princípio da precaução.

De fato, a inversão, em outras demandas, como as ambientais, também permite a efetiva tutela de hipossuficientes, vulneráveis e hipervulneráveis, além de contribuir para a proteção de direitos indisponíveis e intergeracionais.

O grande fundamento é o fato de que a inversão do ônus da prova não é calcada, apenas, em aspectos processuais, mas também materiais, ou seja, de ordem substantiva, como os princípios da isonomia e da precaução, por exemplo.

Fala-se, ainda, em direito ambiental, na existência do princípio *in dubio pro natura*, o que justifica a imposição de determinados encargos probatórios ao empreendedor da atividade potencialmente perigosa.

Quem causa ou pode causar o dano ambiental deve ter o encargo probatório de demonstrar que sua atividade não causa ou não tem a potencialidade de causar dano ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, que está relacionado à sadia qualidade de vida.

De observar que a norma que determina a inversão do ônus probatório tem como destinatário o juiz, de tal forma que cabe a ele auferir a necessidade ou não da inversão, por meio da análise dos elementos do caso concreto.

Para arrematar, a norma tem caráter processual e, portanto, integra o microssistema da tutela coletiva, de modo que pode ser invocada em qualquer ação coletiva.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Hugo Nigro Mazzilli: "Como sabemos, o art. 6º, VIII, do CDC permite expressamente a inversão do ônus da prova a favor do consumidor. A norma tem evidente caráter processual, ainda que não inserida no Título III do CDC. Ora, a *mens legis* consiste em integrar por completo as regras processuais de defesa de interesses transindividuais, fazendo da LACP e do CDC como que um só estatuto. Dessa forma, a inversão pode ser aplicada, analogicamente, à defesa judicial de quaisquer interesses transindividuais" (*A defesa dos interesses difusos em juízo*, 25ª ed., São Paulo: Saraiva, p. 641/642).

b) Celso Antonio Fiorillo, Marcelo Abelha Rodrigues e Rosa Maria Andrade Nery: "Seja para atingir a parte em sentido material ou processual, a inversão do ônus da prova leva

em consideração a aplicação dos princípios constitucionais da isonomia e ampla defesa, de forma que, se se tratar de ação coletiva para tutela do meio ambiente, a hipossuficiência de que se trata, regra geral, será da coletividade diante daquele que se nos afigura como parte mais forte na relação jurídica, que é o poluidor. Portanto, a coletividade, titular do direito ao meio ambiente, poderá ser beneficiada pela decretação da inversão do ônus da prova a seu favor como regra de julgamento do juiz, seja para suprir (antes de prolatar a sentença) o *non liquet*, sempre que restar hipossuficiente técnica ou economicamente, ou, quando verossímeis as suas alegações" (*Direito processual ambiental brasileiro*, Belo Horizonte: Del Rey, 1996, p. 144).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) Predomina o entendimento, na atualidade, no sentido de que os requisitos para a inversão do ônus da prova não são cumulativos.

Conforme ressaltou o Ministro LUIS FELIPE SALOMÃO, do STJ, no julgamento do AREsp 527970, "os requisitos do art. 6°, inc. VIII, do Código de Defesa do Consumidor, não são cumulativos (não se exige a um só tempo a verossimilhança + hipossuficiência), mas sim alternativos (um ou outro)"

b) Sobre o tema da vulnerabilidade do consumidor, é paradigmático o julgamento da Terceira Turma do STJ (REsp 1195642 / RJ):

"A doutrina tradicionalmente aponta a existência de três modalidades de vulnerabilidade: técnica (ausência de conhecimento específico acerca do produto ou serviço objeto de consumo), jurídica (falta de conhecimento jurídico, contábil ou econômico e de seus reflexos na relação de consumo) e fática (situações em que a insuficiência econômica, física ou até mesmo psicológica do consumidor o coloca em pé de desigualdade frente ao fornecedor).

Mais recentemente, tem se incluído também a vulnerabilidade informacional (dados insuficientes sobre o produto ou serviço capazes de influenciar no processo decisório de compra).

A despeito da identificação *in abstracto* dessas espécies de vulnerabilidade, a casuística poderá apresentar novas formas de vulnerabilidade aptas a atrair a incidência do CDC à relação de consumo. Numa relação interempresarial, para além das hipóteses de vulnerabilidade já consagradas pela doutrina e pela jurisprudência, a relação de dependência de uma das partes frente à outra pode, conforme o caso, caracterizar uma vulnerabilidade legitimadora da aplicação da Lei nº 8.078/90 (...)".

c) ACP. INVERSÃO. ÔNUS. PROVA. MP.

Trata-se, na origem, de ação civil pública (ACP) interposta pelo MP a fim de pleitear que o banco seja condenado a não cobrar pelo serviço ou excluir o extrato consolidado que forneceu a todos os clientes sem prévia solicitação, devolvendo, em dobro, o que foi cobrado. A Turma entendeu que, na ACP com cunho consumerista, pode haver inversão do ônus da prova em favor do MP. Tal entendimento busca facilitar a defesa da coletividade de indivíduos que o CDC chamou de consumidores (art. 81 do referido código). O termo "consumidor", previsto no art. 6º do CDC, não pode ser entendido apenas como parte processual, mas sim como parte material da relação jurídica extraprocessual, ou seja, a parte envolvida na relação de direito material consumerista – na verdade,

o destinatário do propósito protetor da norma. REsp 951.785-RS, Rel. Min. Luis Felipe Salomão, julgado em 15/2/2011".

d) A inversão não é restrita às ações consumeristas.

Assim já decidiu a Segunda Turma do STJ (REsp 1237893 / SP):

"Em ação ambiental, impõe-se a inversão do ônus da prova, cabendo ao empreendedor, no caso concreto o próprio Estado, responder pelo potencial perigo que causa ao meio ambiente, em respeito ao princípio da precaução. Precedentes".

Sobre esta questão, não há como não citar o seguinte trecho do julgamento proferido pela Segunda Turma do STJ (REsp 883656 / RS):

"O legislador, diretamente na lei (= *ope legis*), ou por meio de poderes que atribui, específica ou genericamente, ao juiz (= *ope judicis*), modifica a incidência do *onus probandi*, transferindo-o para a parte em melhores condições de suportá-lo ou cumpri-lo eficaz e eficientemente, tanto mais em relações jurídicas nas quais ora claudiquem direitos indisponíveis ou intergeracionais, ora as vítimas transitem no universo movediço em que convergem incertezas tecnológicas, informações cobertas por sigilo industrial, conhecimento especializado, redes de causalidade complexa, bem como danos futuros, de manifestação diferida, protraída ou prolongada.

No Direito Ambiental brasileiro, a inversão do ônus da prova é de ordem substantiva e *ope legis*, direta ou indireta (esta última se manifesta, p. ex., na derivação inevitável do princípio da precaução), como também de cunho estritamente processual e ope judicis (assim no caso de hipossuficiência da vítima, verossimilhança da alegação ou outras hipóteses inseridas nos poderes genéricos do juiz, emanação natural do seu ofício de condutor e administrador do processo).

Como corolário do princípio *in dubio pro natura*, "Justifica-se a inversão do ônus da prova, transferindo para o empreendedor da atividade potencialmente perigosa o ônus de demonstrar a segurança do empreendimento, a partir da interpretação do art. 6º, VIII, da Lei 8.078/1990 c/c o art. 21 da Lei 7.347/1985, conjugado ao Princípio Ambiental da Precaução" (REsp 972.902/RS, Rel. Min. Eliana Calmon, Segunda Turma, DJe 14.9.2009), técnica que sujeita aquele que supostamente gerou o dano ambiental a comprovar "que não o causou ou que a substância lançada ao meio ambiente não lhe é potencialmente lesiva" (REsp 1.060.753/SP, Rel. Min. Eliana Calmon, Segunda Turma, DJe 14.12.2009).

A inversão do ônus da prova, prevista no art. 6º, VIII, do Código de Defesa do Consumidor, contém comando normativo estritamente processual, o que a põe sob o campo de aplicação do art. 117 do mesmo estatuto, fazendo-a valer, universalmente, em todos os domínios da Ação Civil Pública, e não só nas relações de consumo (REsp 1049822/RS, Rel. Min. Francisco Falcão, Primeira Turma, DJe 18.5.2009).

Destinatário da inversão do ônus da prova por hipossuficiência – juízo perfeitamente compatível com a natureza coletiva ou difusa das vítimas – não é apenas a parte em juízo (ou substituto processual), mas, com maior razão, o sujeito-titular do bem jurídico primário a ser protegido".

e) De acordo com o consignado pela 4ª Turma do STJ (AgRg no AGRAVO DE INSTRUMENTO Nº 1.406.633 – RS), é cabível a inversão do ônus da prova em ação individual ou coletiva"

"Não há óbice a que seja invertido o ônus da prova em ação coletiva – providência que, em realidade, beneficia a coletividade consumidora –, cabendo ao magistrado a prudente análise acerca da verossimilhança das alegações do ente substituto. Precedentes".

No mesmo julgamento foram citados os seguintes precedentes:

"CONSUMIDOR E PROCESSUAL CIVIL. JULGAMENTO MONOCRÁTICO. LEGALIDADE. ART. 557 DO CPC. POSSIBILIDADE DE AGRAVO INTERNO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. MINISTÉRIO PÚBLICO. INVERSÃO DO ÔNUS DA PROVA. POSSIBILIDADE. 1. Não há óbice a que seja invertido o ônus da prova em ação coletiva – providência que, em realidade, beneficia a coletividade consumidora –, ainda que se cuide de ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público. 2. Deveras, "a defesa dos interesses e direitos dos consumidores e das vítimas" – a qual deverá sempre ser facilitada, por exemplo, com a inversão do ônus da prova – "poderá ser exercida em juízo individualmente, ou a título coletivo" (art. 81 do CDC). 3. Recurso especial improvido. (REsp 951.785/RS, Rel. Ministro LUIS FELIPE SALOMÃO, QUARTA TURMA, julgado em 15/02/2011, DJe 18/02/2011)

AGRAVO REGIMENTAL EM RECURSO ESPECIAL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. MINISTÉRIO PÚBLICO. INVERSÃO DO ÔNUS DA PROVA. DIREITO DO CONSUMIDOR. – A jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça é pacífica no entendimento de que o Ministério Público, no âmbito de ação consumerista, faz jus à inversão do ônus da prova. Agravo regimental improvido. (AgRg no REsp 1300588/RJ, Rel. Ministro CESAR ASFOR ROCHA, SEGUNDA TURMA, julgado em 03/05/2012, DJe 18/05/2012)".

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Promotor de Justiça/MG – 2014) É correto concluir, quanto ao inquérito civil, EXCETO:

a) Eventual irregularidade praticada em seu bojo não é capaz de inquinar de nulidade ação civil pública se observadas as garantias do devido processo legal, da ampla defesa e do contraditório.

b) O habeas corpus não se presta para impedir o seu prosseguimento pelo fato de apurar eventual ato de improbidade administrativa.

c) Cabe a aplicação, em seu bojo, da inversão do "ônus da prova", em analogia ao inciso VIII do artigo 6° do Código de Defesa do Consumidor.

d) Sujeita-se, em regra, ao princípio da publicidade, salvo se o Ministério Público teve acesso a informações sigilosas que passaram a integrar os autos ou se da publicidade resultar prejuízo à investigação ou ao interesse da sociedade ou do Estado, quando poderá ser decretado o sigilo parcial ou integral sobre o seu conteúdo.

➥ *Resposta: "C"*

02. (PROMOTOR – MPE/ CE – FCC – 2011) A inversão do ônus da prova para facilitação da defesa dos direitos do consumidor no processo civil é

a) obrigatória quando o pedido se fundar em norma de ordem pública, porque o interesse privado do fornecedor neste caso deverá ser sempre afastado.

b) obrigatória, sempre que o Ministério Público for o autor da ação e, nos casos em que, intervindo como fiscal da lei, requerer aquele benefício.

c) inadmissível quando o objeto do processo revestir interesse exclusivamente privado, para não ferir o princípio da isonomia.

d) admissível, a critério do juiz, desde que a parte o requeira, mediante declaração de pobreza firmada de próprio punho, porque ela firma presunção relativa de sua hipossuficiência.

e) admissível quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiência.

➥ *Resposta: "e".*

03. (FCC – 2012 – DPE-SP – Defensor Público) 53. A inversão do ônus da prova em Ação Civil Pública em matéria ambiental, conforme entendimento jurisprudencial do Superior Tribunal de Justiça, consolidado no julgamento do Recurso Especial no 1.060.753/SP, de relatoria da Ministra Eliana Calmon, tem como fundamento normativo principal, além da relação interdisciplinar entre as normas de proteção ao consumidor e as de proteção ambiental e o caráter público e coletivo do bem jurídico tutelado, o princípio

a) da precaução.

b) da função ambiental da propriedade.

c) 'do usuário-pagador.

d) do desenvolvimento sustentável.

e) da cooperação.

➥ *Resposta: A*

9. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2008)

Considerando que o sistema jurídico em vigor permite nas ações civis públicas tanto a concessão de medida liminar como de antecipação de tutela, responda:

a) Aponte os fundamentos jurídicos dessa assertiva e/ou discuta sua correção.

b) Através de exemplos práticos identifique uma hipótese em que seria mais apropriado (conveniente e oportuno) o pedido de medida liminar e uma em que o seria o de antecipação de tutela.

c) O pedido de antecipação de tutela ou de medida liminar vincula o juiz? Justifique

◉ RESPOSTA

Medidas liminares, cautelares e antecipatórias, podem ser amplamente concedidas pelo juiz no bojo das ações coletivas. Por outras palavras, é plenamente aplicável a tutela de urgência no âmbito da jurisdição coletiva.

Vale destacar que a tutela jurisdicional dos direitos transindividuais (difusos, coletivos e individuais homogêneos) é regida por um microssistema, o microssistema da tutela coletiva, composto pela interação de diversos diplomas normativos. Os dois principais são o Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078/90) e a Lei da Ação Civil Pública (Lei nº 7.347/85), que formam o "regramento básico do Microssistema da Tutela Coletiva".

Porém, há integração com diversos outros diplomas normativos, como, por exemplo, a Lei da Ação Popular (Lei nº 4717/65), a Lei de Improbidade Administrativa (Lei nº 8.429/92), a Lei do Mandado de Segurança (Lei nº 12.016/2009), o Estatuto da Criança

e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741//2003), a Lei de proteção das pessoas com necessidades especiais (Lei nº 7.853/89).

Por isso, todas as referidas leis são aplicáveis à defesa dos direitos e interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, de tal forma que as medidas cautelares ou antecipatórias aí previstas podem ser pleiteadas em ações civis públicas.

É importante, lembrar, ainda, que o Código de Processo Civil é aplicável subsidiariamente ao microssistema da tutela coletiva. Sendo assim, também toda tutela de urgência, cautelar ou antecipatória, prevista no CPC, é plenamente aplicável às ações civis públicas. Cumpre destacar a aplicabilidade dos arts. 273 e 461 do CPC, bem como todo o seu Livro III.

Da Lei nº 7.347/85, destacamos os seguintes dispositivos legais: o art. 4º consigna que poderá ser ajuizada ação civil pública cautelar; a legitimidade ativa conferida pelo art. 5º da mesma lei é para a propositura de *ação principal e a ação cautelar*; o art. 12 dispõe sobre o poder do juiz de conceder medida liminar, com ou sem justificação prévia. Do Código de Defesa do Consumidor destacamos o art. 84, que admite tutela de urgência no caso de obrigações de fazer e de não fazer.

E, de fato, é imperiosa e necessária a possibilidade de concessão de medidas liminares, cautelares ou antecipatórias, para a efetiva tutela dos direitos transindividuais. O comando de efetividade vem do art. 93 do CDC.

E como se sabe, o princípio da máxima efetividade acaba por conferir ao juiz diversos poderes. Dentre eles, poderes instrutórios, poderes para conceder liminares, com ou sem justificação prévia, poder para determinar medidas de antecipação de tutela, poder para a utilização de medidas de apoio.

O juiz, aliás, tem poderes para, excepcionalmente, conceder tutela de urgência contra o Poder Público sem a sua prévia oitiva no prazo de 72 horas. Tudo com o fim de garantir a efetividade da prestação jurisdicional.

Em relação aos exemplos práticos (item "b" da questão), pode-se dizer que é plenamente justificável a concessão de uma medida liminar cautelar para determinar, no bojo de ação civil pública por ato de improbidade administrativa, o arresto de bens. A medida, no caso, é cautelar, uma vez que conservativa dos bens necessários a eventual ressarcimento do dano e até mesmo ao pagamento de multa civil.

Outra medida cautelar comum é para a paralização de obras, quando há o risco de construção com infração à ordem urbanística.

De outro lado, cabe medida antecipatória de tutela, por exemplo, para suspender licenças ambientais, o que seria um efeito decorrente da pronúncia de sua nulidade em juízo (eficácia desconstitutiva). Outro exemplo muito comum na prática forense é o da determinação liminar de fornecimento de medicamentos.

Por fim, quanto ao terceiro tópico, deve-se observar que o princípio da congruência (adstrição, correlação, correspondência ou vinculação), que é corolário do princípio da demanda (art. 2º do CPC), é mitigado no caso da tutela de urgência.

Com efeito, o poder geral de cautela conferido ao magistrado pelo ordenamento jurídico brasileiro (Livro III do CPC), bem como o poder geral de antecipação dos

efeitos da tutela (arts. 273 e 461 do CPC), autorizam o magistrado a conceder a medida mais adequada ao caso concreto, seja na hipótese em que há erro do requerente em qualificar a medida, seja no caso de o juiz entender que a natureza jurídica da providência é diversa daquele afirmada pelo requerente.

Aliás, é norma expressa no direito brasileiro aquela que admite a fungibilidade entre as medidas de urgência, cautelares e antecipatórias (art. 273, § 7º, do CPC).

Por isso, o juiz não está absolutamente vinculado ao que foi pedido pela parte. Cabe a ele conceder a medida necessária e mais adequada ao caso concreto.

DOUTRINA TEMÁTICA

a) José Roberto dos Santos Bedaque (*Tutela cautelar e tutela antecipada*: tutelas sumárias e de urgência – tentativa de sistematização, 3ª ed., São Paulo: Malheiros, 2003, p. 159) afirma a existência, de um lado, de uma tutela definitiva e, de outro, de uma tutela provisória, sumária e de urgência, apesar de sustentar o autor que os provimentos antecipatórios e conservativos "pertencem à mesma categoria de provimentos sumários, instrumentais e provisórios".

b) Cândido Dinamarco (*Nova era do processo civil*, São Paulo: Malheiros, 2003, p. 49) sustenta a existência de *medidas urgentes:* "Cautelares e antecipatórias são as duas faces de uma moeda só, elas são dois irmãos gêmeos ligados por um veio comum que é o empenho em neutralizar os males do *tempo-inimigo*".

c) Sérgio Shimura (*Arresto cautelar*. 3ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2005, p. 49): "No concernente ao termo 'liminar', pensamos que está a indicar apenas o *momento* em que proferido o pronunciamento judicial. A identificação da categoria não se faz pelo seu *conteúdo, função ou natureza* da medida. O critério é apenas *cronológico*. Toda liminar envolve antecipação da tutela pretendida (de natureza satisfativa ou preventiva), porquanto ocorrente antes da decisão *final*. Isto é, a liminar pode ter natureza de tutela de *urgência* (cautelar) ou tutela de *evidência* (tutela antecipada)".

d) Adroaldo Furtado Fabrício (Breves notas sobre provimentos antecipatórios, cautelares e liminares, in *Inovações do CPC*, Organizador José Carlos Teixeira Giorgis, Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1996, p. 18): "Liminar é aquilo que se situa no início, na porta, no limiar. Em linguagem processual, a palavra designa o provimento judicial emitido *in limine litis*, no momento mesmo em que o processo se instaura. A identificação da categoria não se faz pelo conteúdo, função ou natureza, mas somente pelo momento da prolação. Nada importa se a manifestação judicial expressa juízo de conhecimento, execução ou cautelar".

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) REsp 1366721 / BA

Relator Ministro NAPOLEÃO NUNES MAIA FILHO

Relator(a) p/ Acórdão Ministro OG FERNANDES

S1 – PRIMEIRA SEÇÃO

DJe 19/09/2014

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. RECURSO ESPECIAL REPETITIVO. APLICAÇÃO DO PROCEDIMENTO PREVISTO NO ART. 543-C DO CPC. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. CAUTELAR DE INDISPONIBILIDADE DOS BENS DO PROMOVIDO. DECRETAÇÃO. REQUISITOS. EXEGESE DO ART. 7º DA LEI nº 8.429/1992, QUANTO AO PERICULUM IN MORA PRESUMIDO. MATÉRIA PACIFICADA PELA COLENDA PRIMEIRA SEÇÃO. 1. Tratam os autos de ação civil pública promovida pelo Ministério Público Federal contra o ora recorrido, em virtude de imputação de atos de improbidade administrativa (Lei nº 8.429/1992). 2. Em questão está a exegese do art. 7º da Lei nº 8.429/1992 e a possibilidade de o juízo decretar, cautelarmente, a indisponibilidade de bens do demandado quando presentes fortes indícios de responsabilidade pela prática de ato ímprobo que cause dano ao Erário. 3. A respeito do tema, a Colenda Primeira Seção deste Superior Tribunal de Justiça, ao julgar o Recurso Especial 1.319.515/ES, de relatoria do em. Ministro Napoleão Nunes Maia Filho, Relator para acórdão Ministro Mauro Campbell Marques (DJe 21/9/2012), reafirmou o entendimento consagrado em diversos precedentes (Recurso Especial 1.256.232/MG, Rel. Ministra Eliana Calmon, Segunda Turma, julgado em 19/9/2013, DJe 26/9/2013; Recurso Especial 1.343.371/AM, Rel. Ministro Herman Benjamin, Segunda Turma, julgado em 18/4/2013, DJe 10/5/2013; Agravo Regimental no Agravo no Recurso Especial 197.901/DF, Rel. Ministro Teori Albino Zavascki, Primeira Turma, julgado em 28/8/2012, DJe 6/9/2012; Agravo Regimental no Agravo no Recurso Especial 20.853/SP, Rel. Ministro Benedito Gonçalves, Primeira Turma, julgado em 21/6/2012, DJe 29/6/2012; e Recurso Especial 1.190.846/PI, Rel. Ministro Castro Meira, Segunda Turma, julgado em 16/12/2010, DJe 10/2/2011) de que, "(...) no comando do art. 7º da Lei 8.429/1992, verifica-se que a indisponibilidade dos bens é cabível quando o julgador entender presentes fortes indícios de responsabilidade na prática de ato de improbidade que cause dano ao Erário, estando o periculum in mora implícito no referido dispositivo, atendendo determinação contida no art. 37, § 4º, da Constituição, segundo a qual 'os atos de improbidade administrativa importarão a suspensão dos direitos políticos, a perda da função pública, a indisponibilidade dos bens e o ressarcimento ao erário, na forma e gradação previstas em lei, sem prejuízo da ação penal cabível'. O periculum in mora, em verdade, milita em favor da sociedade, representada pelo requerente da medida de bloqueio de bens, porquanto esta Corte Superior já apontou pelo entendimento segundo o qual, em casos de indisponibilidade patrimonial por imputação de conduta ímproba lesiva ao erário, esse requisito é implícito ao comando normativo do art. 7º da Lei nº 8.429/92. Assim, a Lei de Improbidade Administrativa, diante dos velozes tráfegos, ocultamento ou dilapidação patrimoniais, possibilitados por instrumentos tecnológicos de comunicação de dados que tornaria irreversível o ressarcimento ao erário e devolução do produto do enriquecimento ilícito por prática de ato ímprobo, buscou dar efetividade à norma afastando o requisito da demonstração do periculum in mora (art. 823 do CPC), este, intrínseco a toda medida cautelar sumária (art. 789 do CPC), admitindo que tal requisito seja presumido à preambular garantia de recuperação do patrimônio do público, da coletividade, bem assim do acréscimo patrimonial ilegalmente auferido". 4. Note-se que a compreensão acima foi confirmada pela referida Seção, por ocasião do julgamento do Agravo Regimental nos Embargos de Divergência no Recurso Especial 1.315.092/RJ, Rel. Ministro Mauro Campbell Marques, DJe 7/6/2013. 5. Portanto, a medida cautelar em exame, própria das ações regidas pela Lei de Improbidade Administrativa, não está condicionada à comprovação de que o réu esteja dilapidando seu patrimônio, ou na iminência de fazê-lo, tendo em vista que o periculum in mora encontra-se implícito no comando legal que rege, de forma peculiar, o sistema de cautelaridade na ação de improbidade administrativa, sendo possível ao juízo que preside a referida ação, fundamentadamente, decretar a indisponibilidade de bens do demandado, quando presentes fortes indícios da prática de atos de improbidade administrativa. 6. Recursos especiais providos, a que restabelecida a decisão de primeiro

grau, que determinou a indisponibilidade dos bens dos promovidos. 7. Acórdão sujeito ao regime do art. 543-C do CPC e do art. 8º da Resolução nº 8/2008/STJ.

b) AgRg no AREsp 132838 / SP

Relator Ministro FRANCISCO FALCÃO

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 07/05/2012

ADMINISTRATIVO E PROCESSUAL CIVIL. EMBARGOS DECLARATÓRIOS. VIOLAÇÃO AO ART. 535 DO CPC. FUNDAMENTAÇÃO DEFICIENTE. SÚMULA 284/STF. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AMBIENTAL. PROTEÇÃO À VEGETAÇÃO NATIVA. ANTECIPAÇÃO DE TUTELA CONCEDIDA. PRESSUPOSTOS. REEXAME. DESCABIMENTO. SÚMULA 7/STJ. PRECEDENTES. I – A interposição recursal fundada em violação ao art. 535 do CPC demanda ao recorrente explicitar quais vícios teriam ocorrido, e em que consistiria para o julgado a análise de tais questões. Incidência da Súmula 284/STF na hipótese, em razão da deficiência de fundamentação. Precedentes: AgRg no Ag nº 1.105.747/RS, Rel. Min. RAUL ARAÚJO, QUARTA TURMA, DJe de 21/03/2011 REsp nº 1.262.527/SC, Rel. Min. MAURO CAMPBELL MARQUES, SEGUNDA TURMA, DJe de 24/02/2012; II – Recurso especial interposto contra decisão que concedeu antecipação de tutela em autos de ação civil ambiental, com vistas à proteção de vegetação nativa, cujos critérios adotados pela instância ordinária para tanto não cabem ser revistos nesta instância, porquanto demandariam o revolvimento do conjunto fático-probatório dos autos, o que é inviável frente ao enunciado sumular 7/STJ. Precedente: AgRg no Ag nº 1.399.499/DF, Rel. Min. HUMBERTO MARTINS, SEGUNDA TURMA, DJe de 29/06/2011; III – Agravo regimental improvido.

c) REsp 1077638 / RS

Relator Ministro SIDNEI BENETI

T3 – TERCEIRA TURMA

DJe 11/11/2010

RECURSO ESPECIAL. INDENIZAÇÃO A PESCADOR LESADO POR DANO AMBIENTAL. EXECUÇÃO PROVISÓRIA INDIVIDUAL ALIMENTAR DE LIMINAR DE ANTECIPAÇÃO DE TUTELA DEFERIDA EM AÇÃO CIVIL PÚBLICA MOVIDA POR ENTIDADE DE PESCADORES. BLOQUEIO DE BENS DA RECORRENTE PROPORCIONAL AO ARBITRADO AO PESCADOR. LEVANTAMENTO, CONTUDO, CONDICIONADO À DEMONSTRAÇÃO DE SITUAÇÃO DE EFETIVAMENTE LESADO. OFENSA AO ART. 535 CPC INEXISTENTE. PREQUESTIONAMENTO. DIVERGÊNCIA JURISPRUDENCIAL. SÚMULAS STJ 211 E STF 282, 356. I. Deferida liminar de antecipação de tutela em ação civil pública, para bloqueio de bens da acionada e pagamento de pensão de um salário-mínimo mensal a cada pescador lesado por dano ambiental, e promovida execução provisória individual, deve permanecer o bloqueio, proporcional ao valor a ser pago ao exequente, condicionado, contudo, o levantamento, à demonstração, na execução provisória individual, de se tratar efetivamente de pescador lesado. II. Ofensa ao art. 535 do Código de Processo Civil inexistente. III. Prequestionamento não realizado, exigência inafastável que impede o conhecimento de matérias sustentadas no recurso, visto que não examinadas, em que pese interpostos Embargos de Declaração. IV. Recurso Especial improvido, com recomendação de agilização do andamento da ação-civil pública, de que dependentes as execuções individuais provisórias.

d) AgRg no AREsp 580269 / SE

Relator Ministro HUMBERTO MARTINS

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 17/11/2014

ADMINISTRATIVO. PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LIMINAR CONCEDIDA, EXCEPCIONALMENTE, SEM OITIVA PRÉVIA DA PESSOA JURÍDICA DE DIREITO PÚBLICO. ART. 2º DA LEI nº 8.437/1992. POSSIBILIDADE. SÚMULA 83/STJ. 1. Cinge-se a controvérsia dos autos se é possível a concessão de liminar, sem oitiva prévia do município, nos casos de ação civil pública. 2. O entendimento jurisprudencial do Superior Tribunal de Justiça permite, excepcionalmente, em especial para resguardar bens maiores, a possibilidade de concessão de liminar, sem prévia oitiva da pessoa jurídica de direito público, quando presentes os requisitos legais para a concessão de medida liminar em ação civil pública. Precedentes. AgRg no REsp 1.372.950/PB, Rel. Min. HUMBERTO MARTINS, SEGUNDA TURMA; AgRg no Ag 1.314.453/RS, Rel. Min. HERMAN BENJAMIN, SEGUNDA TURMA;REsp 1.018.614/PR, Rel. Min. ELIANA CALMON, SEGUNDA TURMA; REsp 439.833/SP, Rel. Min. DENISE ARRUDA, PRIMEIRA TURMA. 3. A iterativa jurisprudência desta Corte é no sentido de que, para analisar os critérios adotados pela instância ordinária que ensejaram a concessão ou não da liminar ou da antecipação dos efeitos da tutela, é necessário o reexame dos elementos probatórios, o que não é possível em recurso especial, dado o óbice da Súmula 7 desta Corte. Agravo regimental improvido.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (TJRO – 2011 – PUCPR – JUIZ) A Lei 7.347/1985 disciplina a Ação Civil Pública de responsabilidade por danos ao meio ambiente, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico turístico e paisagístico, entre outros. Tem sido amplamente utilizada na tutela ambiental tanto para a reparação do meio ambiente quanto para a prevenção de danos.

Analise quais as assertivas abaixo são verdadeiras e quais são falsas, de acordo com as disposições da Lei 7.347/1985. Marque, em seguida, a única alternativa cuja sequência, de baixo para cima, está CORRETA:

( ) Em Ação Civil Pública poderá o juiz conceder mandado liminar, com ou sem justificação prévia, em decisão sujeita a agravo.

( ) Em Ação Civil Pública, poderá o Presidente do Tribunal a que competir o conhecimento do respectivo recurso, a requerimento de Pessoa Jurídica de Direito Público e, para evitar grave lesão à ordem, à saúde, à segurança e à economia pública, suspender a execução da liminar, em decisão fundamentada.

➘ *Resposta: afirmativas corretas*

02. (MPPI – 2012 – CESPE – PROMOTOR) Com base no direito processual civil, assinale a opção correta.

a) Na ação coletiva, vigoram os princípios da disponibilidade motivada e da obrigatoriedade da execução, em relação a todos os colegitimados.

b) Na ACP, o princípio da máxima efetividade confere ao juiz amplos poderes instrutórios, independentemente de iniciativa das partes, além de concessão de liminares, sem justificação prévia, antecipação de tutela e utilização de medidas de apoio, destinadas a assegurar resultado prático equivalente à tutela pretendida..

c) O princípio da adstrição da sentença, corolário do princípio da demanda, aplica-se à tutela jurisdicional específica das obrigações de fazer, não fazer e entregar coisa.

d) Na atividade jurisdicional desenvolvida pelo STF em sede de recurso extraordinário, admite-se a invocação do princípio jura novit curia, ou seja, do princípio de que o juiz conhece o direito.

e) Em jurisdição constitucional, no âmbito do processo de controle abstrato de constitucionalidade, aplica-se o princípio da demanda ou da adstrição das sentenças ao pedido.

➥ *Resposta: B*

03. (Defensor Público/AM – 2013 – FCC) O sistema processual faz distinções entre a tutela cautelar e a tutela antecipada, sendo que no subsistema das ações coletivas em sentido amplo,

a) nas ações coletivas, admite-se somente a tutela cautelar e não a tutela antecipatória.

b) nas ações coletivas admite-se somente a concessão de liminar, mas não de antecipação de tutela.

c) julgada procedente a ação civil pública, confirmando-se a antecipação de tutela em sentença, o recurso de apelação será recebido no duplo efeito.

d) é vedada a concessão de liminar ou de antecipação de tutela contra ato do Poder Público quanto à pagamento de qualquer natureza a servidor público.

e) o juiz independe de pedido do autor tanto para conceder a liminar – instrumental ou antecipatória – ou a antecipação de tutela como para impor multa diária para assegurar o cumprimento de sua decisão".

➥ *Resposta: "d".*

10. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2010)

É admissível na ação civil pública de responsabilidade por ato de improbidade administrativa a mudança de polo processual da pessoa jurídica interessada? Justifique, apontando o fundamento legal.

◉ RESPOSTA

Questão das mais interessantes é a que se refere à atuação processual da pessoa jurídica de direito público atingida por ato de improbidade administrativa ou no bojo de ação popular.

Na ação de improbidade administrativa, a pessoa jurídica de direito público pode contestar, abster-se de contestar ou migrar para o polo ativo, nos mesmos moldes do que ocorre na ação popular. Afinal, a LIA, no art. 17, § 3º, estabelece que, *no caso de a ação principal ter sido proposta pelo Ministério Público, aplica-se, no que couber, o disposto no § 3º do art. 6º da Lei nº 4.717, de 29 de junho de 1965.*

Há, portanto, uma certa instabilidade subjetiva na ação de improbidade, considerando que a pessoa jurídica pode migrar de polo processual, fato que não se repete no âmbito das demais ações cíveis, mas que também ocorre na ação popular.

Contudo, a pessoa jurídica de direito público não deve partir para a defesa descabida do ato de improbidade administrativa, devendo estar atenta à necessidade de observar sua vinculação com o interesse público e de respeitar os princípios da

moralidade e da legalidade. Também deve fundamentar sua decisão de migrar de polo, uma vez que não deve ser tolerada uma alteração completamente desarrazoada ou carente de motivação.

Aliás, modernamente a doutrina processual vem pregando a necessidade de uma visão despolarizada da relação processual.

A nossa cultura jurídica processual nos faz pensar em uma relação processual onde os polos estão bem definidos. Há regras para garantir a estabilidade objetiva, isto é, a inalterabilidade do pedido e da causa de pedir (CPC, arts. 264, 294 e 321), bem como a estabilidade subjetiva (CPC, arts. 41, 42 e 264), ou seja, para garantir que a ação tramite entre as mesmas partes até o final.

Todavia, na ação de improbidade há essa *exótica* previsão, que autoriza a pessoa jurídica de direito público a migrar do polo. Assim, embora citada como ré, poderá ocupar o polo ativo. Também poderá abster-se de contestar, de tal forma que sua *neutralidade* não pode ensejar o efeito material da revelia (presunção de veracidade dos fatos não impugnados).

Como base nessa instabilidade subjetiva, parcela da doutrina já afirma a necessidade de que seja abolida a visão estática que, tradicionalmente, temos da relação processual.

Enfim, observadas determinadas premissas, é admissível na ação civil pública de responsabilidade por ato de improbidade administrativa a mudança de polo processual da pessoa jurídica interessada.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Antônio do Passo Cabral: "Inúmeros ordenamentos e muitos autores sempre estiveram apegados a uma polarização da demanda, vinculando estaticamente a atuação dos sujeitos do processo à correlata posição que aquele sujeito ocupa na relação jurídica material. Na doutrina de origem germânica, consagrou-se um princípio ou sistema de dualidade de partes (*Zweiparteienprinzip*), pois, se ninguém pode litigar consigo mesmo, o processo só seria possível no âmbito de uma plurissubjetividade direcionada àqueles indivíduos que conflitam em torna de uma relação jurídica material.

Ainda que a pluralidade de sujeitos seja nota característica do processo, parece-nos ser necessária uma análise da relação processual mais dinâmica, desprendida da rigidez bipolar" (*Despolarização do processo e 'zonas de interesse': sobre a migração entre polos da demanda.* In: Tutela jurisdicional coletiva – 2ª série. Coord. Fredie Didier Jr. *et alli.* Salvador: JusPodivum, 2012).

b) MARINO PAZZAGLINI FILHO, MÁRCIO FERNANDO ELIAS ROSA e WALDO FAZZIO JÚNIOR: "Somente pode a pessoa jurídica assumir qualquer dos polos da relação jurídica de direito material controvertida se demonstrado o interesse público naquele posicionamento, não sendo admitida a assunção desarrazoada ou desmotivada. Assim, verbi gratia, contestar o pedido apenas para a defesa pessoal do agente público jamais será admitido, podendo significar, para quem ordenar a indevida postura processual o cometimento de outro ato de improbidade (art. 11, caput)" (*Improbidade administrativa – aspectos jurídicos da defesa do patrimônio público*, 3ª ed., São Paulo: Atlas, 1998, p. 211).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) Oportuna a advertência lançada pelo STJ no julgamento do REsp 637.597/SP, sobre essa atuação da pessoa jurídica: "A pessoa jurídica de direito público interessada, em qualquer hipótese, haverá de pautar-se não na defesa do interesse público, excluída a atuação pro parte, e na observância dos princípios da moralidade e da legalidade, que regem a atuação do administrado público. Neste particular, revela-se valiosa a lição de MARINO PAZZAGLINI FILHO, MÁRCIO FERNANDO ELIAS ROSA e WALDO FAZZIO JÚNIOR, na medida em que advertem: '... somente pode a pessoa jurídica assumir qualquer dos polos da relação jurídica de direito material controvertida se demonstrado o interesse público naquele posicionamento, não sendo admitida a assunção desarrazoada ou desmotivada. Assim, verbi gratia, contestar o pedido apenas para a defesa pessoal do agente público jamais será admitido, podendo significar, para quem ordenar a indevida postura processual o cometimento de outro ato de improbidade (art. 11, caput)' (in 'Improbidade Administrativa – Aspectos Jurídicos da Defesa do Patrimônio Público', 3.ª ed., rev. e atual., São Paulo: Ed. Atlas, 1998, p. 211).

b) A 1ª Turma do STJ (REsp 791042 / PR) deu destaque ao fato de que a pessoa jurídica de direito público, em demanda coletiva, pode ocupar qualquer dos polos da relação processual. Inclusive, habilitar-se como litisconsorte em qualquer dos polos:

"As ações de defesa dos interesses transindividuais e que encerram proteção ao patrimônio público, notadamente por força do objeto mediato do pedido, apresentam regras diversas acerca da legitimação para causa, que as distingue da polarização das ações *uti singuli*, onde é possível evitar a 'confusão jurídica' identificando-se autor e réu e dando-lhes a alteração das posições na relação processual, por força do artigo 264 do CPC.

A ação civil pública e a ação popular compõem um microssistema de defesa do patrimônio público na acepção mais ampla do termo, por isso que regulam a *legitimatio ad causam* de forma especialíssima.

Nesse seguimento, ao Poder Público, muito embora legitimado passivo para a ação civil pública, nos termos do § 2º, do art. 5º, da lei 7347/85, fica facultado habilitar-se como litisconsorte de qualquer das partes.

O art. 6º da lei da Ação Popular, por seu turno, dispõe que, muito embora a ação possa ser proposta contra as pessoas públicas ou privadas e as entidades referidas no art. 1º, bem como as autoridades, funcionários ou administradores que houverem autorizado, aprovado, ratificado ou praticado o ato impugnado, ou que, por omissão, tiverem dado oportunidade à lesão, e contra os beneficiários diretos do mesmo, ressalva no parágrafo 3º do mesmo dispositivo que, *verbis*: § 3º – A pessoa jurídica de direito público ou de direito privado, cujo ato seja objeto de impugnação, poderá abster-se de contestar o pedido, ou poderá atuar ao lado do autor, desde que isso se afigure útil ao interesse público, a juízo do respectivo representante legal ou dirigente.

Essas singularidades no âmbito da legitimação para agir, além de conjurar as soluções ortodoxas, implicam a decomposição dos pedidos formulados, por isso que o poder público pode assumir as posturas acima indicadas em relação a um dos pedidos cumulados e manter-se no polo passivo em relação aos demais.

In casu, a União é demandada para cumprir obrigação de fazer consistente na exação do dever de fiscalizar a atuação dos delegatários do SUS e, ao mesmo tempo, beneficiária

do pedido formulado de recomposição de seu patrimônio por força de repasse de verbas.

Revelam-se notórios, o interesse e a legitimidade da União, quanto a esse outro pedido de reparação pecuniária, mercê de no mérito aferir-se se realmente a entidade federativa maior deve ser compelida à fazer o que consta do pedido do *parquet*.

Recurso especial desprovido para manter a União em ambos os polos em relação aos pedidos distintos em face da mesma formulados".

◉ QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Ministério Público/GO – 2012) Em relação à tutela da probidade administrativa, considere as seguintes proposições:

I. Por intervenção processual móvel entende-se o poder conferido à pessoa jurídica de assumir no processo de improbidade adminis-trativa, a posição que melhor convier ao interesse público, refutando ou concordando com as alegações do Ministério Público;

II. Na defesa preliminar prevista na Lei 8429/1992 poderá o requerido alegar somente questões preliminares, sendo-lhe vedado apre-sentar defesa de mérito, pois, referida lei não prevê a possibilidade do juiz, de plano, julgar a improcedência do pedido;

III. De acordo com a posição majoritária do STJ, a presença da pessoa jurídica de direito público é essencial para a existência e valida-de do processo de improbidade administrativa, pois, em caso de procedência do pedido de ressarcimento do dano, este será desti-nado ao ente de direito público lesado e não o Fundo de Defesa dos Direitos Difusos. Trata-se de hipótese de litisconsórcio ativo obrigatório, motivo pelo qual a falta de cientificação do ente público constitui nulidade insanável;

IV. Embora a doutrina divirja sobre a possibilidade de utilização da interceptação telefônica como prova emprestada em processo de improbidade administrativa, há decisões do STF admitindo sua utilização em processo administrativo disciplinar e no próprio campo da improbidade administrativa desde que observadas certas condições e requisitos.

a) apenas os itens I e III estão corretos;

b) todos os itens estão corretos;

c) apenas o item III está incorreto;

d) os itens II e III estão incorretos.

➘ *Resposta "D"*

02. (Ministério Público/CE – 2009 – FCC) Ação de improbidade administrativa.

I. No caso de a ação de improbidade ser proposta pelo Ministério Público, a pessoa jurídica de direito público, cujo ato seja objeto de impugnação, poderá atuar ao lado do autor.

II. Tem legitimidade para propor a ação de improbidade a pessoa jurídica de direito público, cujo ato seja objeto de impugnação.

III. Não caberá recurso da decisão que receber a petição inicial.

IV. Recebida a petição inicial, não pode o juiz extinguir o processo sem a resolução do mérito.

V. A propositura de ação de improbidade administrativa não prevenirá a jurisdição do juízo.

a) Somente III, IV e V estão corretas.

b) Somente II, IV e V estão corretas.

c) Somente III e IV estão corretas.

d) Somente I e II estão corretas.

e) I, II, III, IV e V estão corretas.

➘ *Resposta "D"*

03. (Ministério Público/MG – 2010.1) Em relação à ação popular, prevista na Lei Federal nº 4.717/65, pode-se afirmar

I. Consideram-se patrimônio público os bens e direitos de valor econômico, artístico, estético, histórico ou turístico da União, do Distrito Federal, dos Estados, dos Municípios, de entidades autárquicas, de sociedades de economia mista, de sociedades mútuas de seguro nas quais a União represente os segurados ausentes, de empresas públicas, de serviços sociais autônomos, de instituições ou fundações para cuja criação ou custeio o tesouro público haja concorrido ou concorra com mais de cinquenta por cento do patrimônio ou da receita ânua, de empresas incorporadas ao patrimônio da União, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios e de quaisquer pessoas jurídicas ou entidades subvencionadas pelos cofres públicos.

II. São anuláveis os atos lesivos ao patrimônio público nos casos de incompetência, vício de forma, ilegalidade do objeto, inexistência dos motivos e desvios de finalidade.

III. A ação será proposta contra as pessoas públicas e privadas e as entidades indicadas no item I, contra as autoridades, funcionários ou administradores que houverem autorizado, aprovado, ratificado ou praticado o ato impugnado, ou que, por omissão, tiverem dado oportunidade à lesão, e contra os beneficiários do mesmo, exceto se não houver beneficiário direto do ato lesivo ou se for ele indeterminado ou desconhecido

IV. Caberá ao Ministério Público, ao oficiar obrigatoriamente no feito, se entender da legalidade, moralidade e/ou da eficiência da ação impugnada, ou mesmo dos seus eventuais benefícios à população, assumir a defesa do ato impugnado.

V. A pessoa jurídica do direito público, cujo ato seja objeto de impugnação, deve defender o ato impugnado, sob pena de omissão do seu representante, exigência que não se aplica à pessoa jurídica de direito privado na mesma situação.

Marque a opção CORRETA.

a) I, II e III estão corretas.

b) II, III e IV estão corretas.

c) I e III estão corretas.

d) II e III estão corretas.

e) Todas estão corretas.

➘ *Resposta "C"*

04. (MPE/ MG – PROMOTOR DE JUSTIÇA SUBSTITUTO – 2010). Em relação à ação popular, prevista na Lei Federal nº 4.717/65, pode-se afirmar

I. Consideram-se patrimônio público os bens e direitos de valor econômico, artístico, estético, histórico ou turístico da União, do Distrito Federal, dos Estados, dos Municípios, de entidades autárquicas, de sociedades de economia mista, de sociedades mútuas de seguro nas quais a União represente os segurados ausentes, de empresas públicas, de serviços sociais autônomos, de instituições ou fundações para cuja criação ou custeio o tesouro público haja concorrido ou concorra com mais de cinquenta por cento do patrimônio ou da receita ânua, de empresas incorporadas ao patrimônio da União, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios e de quaisquer pessoas jurídicas ou entidades subvencionadas pelos cofres públicos.

II. São anuláveis os atos lesivos ao patrimônio público nos casos de incompetência, vício de forma, ilegalidade do objeto, inexistência dos motivos e desvios de finalidade.

III. A ação será proposta contra as pessoas públicas e privadas e as entidades indicadas no item I, contra as autoridades, funcionários ou administradores que houverem autorizado, aprovado, ratificado ou praticado o ato impugnado, ou que, por omissão, tiverem dado oportunidade à lesão, e contra os beneficiários do mesmo, exceto se não houver beneficiário direto do ato lesivo ou se for ele indeterminado ou desconhecido

IV. Caberá ao Ministério Público, ao oficiar obrigatoriamente no feito, se entender da legalidade, moralidade e/ou da eficiência da ação impugnada, ou mesmo dos seus eventuais benefícios à população, assumir a defesa do ato impugnado.

V. A pessoa jurídica do direito público, cujo ato seja objeto de impugnação, deve defender o ato impugnado, sob pena de omissão do seu representante, exigência que não se aplica à pessoa jurídica de direito privado na mesma situação.

Marque a opção CORRETA.

a) I, II e III estão corretas.

b) II, III e IV estão corretas.

c) I e III estão corretas.

d) II e III estão corretas.

e) Todas estão corretas.

➘ *Resposta: "c"*

11. (CESPE – DEFENSOR PÚBLICO – MA/2011)

Entre outros direitos assegurados às pessoas portadoras de necessidades especiais, é-lhes garantida a inclusão social mediante a instalação de rampas em calçadas, sanitários adequados e acentos preferenciais em quaisquer meios de transporte.

Thiago Henrique Fedri Viana. Manual dos direitos difusos e coletivos. Campinas, SP: Millennium, 2010, p. 37 (com adaptações).

Considerando o fragmento de texto acima, disserte sobre os interesses das pessoas portadoras de necessidades especiais. Ao elaborar seu texto, aborde, necessariamente, os seguintes aspectos:

- conceito de interesse público primário e conceito de interesse público secundário;
- classificação dos interesses das pessoas portadoras de necessidades especiais – primários ou secundários;
- legitimação da defensoria pública para a defesa de tais interesses.

◉ RESPOSTA

As pessoas que apresentam necessidades especiais têm direito ao pleno exercício de direitos individuais e sociais, sendo que um dos grandes objetivos da legislação protetiva é a integração social.

O princípio fundamental da isonomia material determina que sejam implementados os direitos fundamentais (individuais e coletivos) das mencionadas pessoas, sendo todos destinatários dos comandos constitucionais e infraconstitucionais.

Outro princípio estreitamente relacionado à promoção da efetiva integração social é o da dignidade da pessoa humana.

Ao Poder Público são atribuídas competências legislativas e administrativas para que sejam viabilizadas as ações governamentais necessárias. Assim, são destinatários dos preceitos normativos, na esfera estatal, todos os Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário.

Os deveres, porém, não se restringem ao do Poder Público, pois se estendem a toda sociedade.

Evidente que é importante vedar qualquer discriminação e coibir qualquer forma de preconceito.

Todavia, não basta a repressão, devendo ser adotadas medidas preventivas e afirmativas, com o que será viável a integração social.

Dentre os direitos que são assegurados às pessoas com necessidades especiais, cabe mencionar os direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade.

Evidente que a referida relação é meramente exemplificativa, pois qualquer providência que possa propiciar o bem-estar pessoal, social e econômico pode ser pleiteada, administrativa ou judicialmente.

Órgãos e entidades da administração pública, direta e indireta, devem conferir tratamento prioritário e adequado às pessoas com necessidades especiais.

Os principais direitos estão relacionados às seguintes áreas: educação, saúde, formação profissional, trabalho, recursos humanos. Também há uma especial atenção legislativa com as edificações.

Impõe-se a inclusão no sistema educacional, sendo assegurada a educação especial em todas as etapas, inclusive voltada à habilitação e reabilitação profissionais. Devem existir escolas especiais, privadas e públicas, sendo obrigatória a oferta (gratuita) do serviço educacional especial.

As obrigações não se limitam aos estabelecimentos de ensino. Também devem ocorrer em unidades hospitalares e abrangem a garantia de acesso a equipamento educacional adequado e ao fornecimento de merenda escolar e de bolsas de estudo.

Na área da saúde, são necessárias ações preventivas dos órgãos e agentes públicos.

Impõe-se o planejamento familiar, o aconselhamento genético, o acompanhamento da gravidez, do parto e da pessoa em todas as fases da sua vida.

Relevante, no caso, o diagnóstico e o encaminhamento precoces, o desenvolvimento de programas especiais preventivos e a garantia de acesso a estabelecimentos de saúde públicos e privados, aptos a fornecer adequado tratamento.

No que se refere à área da formação profissional e do trabalho, impõe-se o apoio governamental, a formação profissional adequada e a garantia de acesso aos serviços.

Importante que haja oferta de empregos adequados e compatíveis, se não for possível o acesso aos empregos comuns.

Nesta área é adequada a reserva de um mercado de trabalho.

Para que os direitos sejam efetivamente assegurados e implementados, também é indispensável a formação de professores, de técnicos e de instrutores, com incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico em todas as áreas do conhecimento relacionadas com a pessoa portadora de deficiência.

No que se refere às edificações, os principais direitos estão relacionados à funcionalidade dos edifícios e das vias públicas. Imprescindível a eliminação de obstáculos que dificultem o acesso, inclusive aos meios de transporte. É fundamental a instalação de rampas em calçadas, sanitários adequados e acentos preferenciais em quaisquer meios de transporte.

Posto isso, não há dúvida de que está presente o interesse público primário na tutela das pessoas com necessidades especiais.

Pode-se afirmar, com tranquilidade, que a propositura da ação civil pública pela Defensoria Pública é sempre admissível para a defesa de quaisquer interesses individuais ou coletivos das pessoas com necessidades especiais, pois todos apresentem relevância jurídica.

As ações coletivas, nesta seara, tutelam bens e valores superiores, garantindo o acesso à justiça.

Cabe lembrar da clássica dicotomia, amplamente acolhida pela doutrina e pela jurisprudência nacionais, que divide o interesse público em primário e secundário.

Cabe à Defensoria Pública a proteção e a tutela do interesse público primário, ou seja, daquele que coincide com os interesses gerais da coletividade. Não lhe cabe zelar pelo interesse público secundário, assim considerado aquele interesse meramente econômico das pessoas jurídicas de direito público. O interesse que qualquer pessoa tem, seja natural, seja jurídica.

Daí a razão de se reconhecer a legitimidade da Defensoria Pública para demandar em face do próprio Poder Público, inclusive, tendo em vista que os interesses das pessoas portadoras de necessidades especiais são primários.

Cabe observar que, ainda que seja postulada tutela em prol de uma pessoa com necessidades especiais estaremos diante do interesse público primário, pois o que está em discussão, no caso, é o próprio direito fundamental à integração social, que não se limita à esfera do requerente, pois interesse a toda coletividade.

Assim, a Defensoria Pública é legitimada à tutela de direitos transindividuais e individuais das pessoas com necessidades especiais.

Ocorre que a Defensoria Pública, como órgão público, está expressamente legitimada à tutela dos direitos transindividuais, por força do inciso II do art. 5º da Lei nº 7.347/1985, com a redação atribuída pela Lei nº 11.448, de 2007. Vale observar que a legitimação do mencionado órgão público, de forma geral, é anterior à mudança ocorrida em 2007. De fato, o Código de Defesa do Consumidor, em seu art. 82, III, já

reconhecia mencionada legitimidade. A alteração da LACP, contudo, torna expressa e indiscutível a referida legitimidade.

A Defensoria Pública, a propósito, ostenta legitimidade para a tutela de toda espécie de direito material coletivo, isto é, difuso, coletivo propriamente dito e individual homogêneo. Além do próprio direito individual, especialmente quando se tratar de pessoa com necessidade econômica (mas não exclusivamente).

Importante, porém, estar atento à sua missão constitucional. Afinal, trata-se de instituição essencial à função jurisdicional do Estado, incumbida da orientação jurídica e da defesa, em todos os graus, dos necessitados.

O mencionado órgão público tem dever de atuar em prol das pessoas com necessidades especiais, prestando orientação jurídica (assistência jurídica), bem como assistência judiciária, promovendo, se for necessário, demandas perante o Poder Judiciário em prol dos necessitados. De lembrar que deve sempre tentar a solução extrajudicial, mesmo no âmbito da tutela coletiva, sendo dotada do poder, por exemplo, de celebrar compromisso de ajustamento de conduta.

Como a legitimidade é ampla, a Defensoria Pública tem legitimidade para promover ações individuais e coletivas, principalmente no caso de direitos sociais, econômicos, culturais e ambientais.

Para espancar qualquer dúvida, cabe lembrar que os que apresentam necessidades especiais são vulneráveis ou hipervulneráveis, ou seja, são merecedores de proteção especial do Estado.

As Leis Orgânicas da Defensoria Pública permitem a tutela de direitos e interesses individuais, difusos, coletivos e individuais homogêneos.

O órgão pode atuar como parte (substituição processual) ou, sem ostentar a qualidade de parte, pode representar processualmente o vulnerável.

Deve ser reconhecida legitimidade à Defensoria Pública, no campo das ações coletivas, para ser autora de ações coletivas, bem como para atuar como assistente judicial de entidades legitimadas à propositura de demandas coletivas que sejam desprovidas de recursos financeiros para tal.

A jurisprudência tem corroborado essa legitimidade.

Concluindo, cabe à Defensoria Pública a tutela judicial e extrajudicial dos direitos e interesses das pessoas portadores de necessidades especiais.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Celso Antônio Bandeira de Mello: "O Estado, concebido que é para a realização de interesses públicos (situação, pois, inteiramente diversa da dos particulares), só poderá defender seus próprios interesses privados quando, sobre não se chocarem com os interesses públicos propriamente ditos, coincidam com a realização deles" (*Curso de direito administrativo*. 19ª ed, São Paulo: Malheiros, 2005, p. 66).

b) Hugo Nigro Mazzilli: "Nosso entendimento é o de que a Defensoria Pública pode propor ações civis públicas ou coletivas, em defesa de interesses difusos, coletivos ou individuais homogêneos de pessoas que se encontrem na condição de necessitados, ou

seja, de quem tenha insuficiência de recursos para custear a defesa individual, mesmo que, com isso, em matéria de *interesses difusos* (que compreendem grupos indetermináveis de lesados), possam ser indiretamente beneficiadas terceiras pessoas que não se encontrem na condição de deficiência econômica, até porque não haveria como separar os integrantes desse grupo atingido. Apenas no tocante à defesa de *interesses coletivos* em sentido estrito ou de *interesses individuais homogêneos* (nestas duas hipóteses temos grupos determináveis de lesados), é mister que os beneficiários da ação sejam pessoas necessitadas, para que a Defensoria Pública possa exercitar em seu favor o processo coletivo" (*A defesa dos interesses difusos em juízo*, 25ª ed., São Paulo: Saraiva, p. 324).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) RECURSO ESPECIAL Nº 1.127.478 – SP (2009/0044048-8)

RELATOR: MINISTRO BENEDITO GONÇALVES

Trata-se de ação civil pública que visa compelir o Município de Jacareí ao fornecimento de uma cadeira de rodas, uma cadeira de banho, 240 fraldas, além do tratamento em instituição especializada e transporte por ambulância, para portador de necessidades especiais.

O Tribunal de origem entendeu que a ação civil pública não poderia ter sido ajuizada pelo Ministério Público porque o direito à saúde seria direito individual. Todavia, esse entendimento não se coaduna com a interpretação conferida à matéria pelo Superior Tribunal de Justiça.

A Primeira Seção do STJ, no julgamento do REsp 931.513/RS, chegou ao entendimento de que "o Ministério Público possui legitimidade para defesa dos direitos individuais indisponíveis, mesmo quando a ação vise à tutela de pessoa individualmente considerada".

É o caso dos autos.

Cabe citar as palavras do Ministro Herman Benjamim, proferidas quando do julgamento do REsp 440.502/SP: No campo dos direitos individuais e sociais de absoluta prioridade, o juiz não deve se impressionar nem se sensibilizar com alegações de conveniência e oportunidade trazidas pelo administrador relapso. A ser diferente, estaria o Judiciário a fazer juízo de valor ou político em esfera na qual o legislador não lhe deixou outra possibilidade de decidir que não seja a de exigir o imediato e cabal cumprimento dos deveres, completamente vinculados, da Administração Pública.

"Sobreleva notar, ainda, que hoje é patente a idéia de que a Constituição não é ornamental, não se resume a um museu de princípios, não é meramente um ideário; reclama efetividade real de suas normas. Destarte, na aplicação das normas constitucionais, a exegese deve partir dos princípios fundamentais, para os princípios setoriais. E, sob esse ângulo, merece destaque o princípio fundante da República que destina especial proteção a dignidade da pessoa humana" (RMS 24.197/PR, Rel. Ministro LUIZ FUX, PRIMEIRA TURMA, DJe 24/08/2010).

Não se tem dúvidas, portanto, de que o Ministério Público do Estado de São Paulo está a defender direito constitucional, indisponível e homogêneo: o direito de todos os cidadãos à saúde, conforme assegurado no art. 196 da Constituição Federal de 1988; atribuição que lhe é conferida expressamente pelo art. 127 da CF/88.

A propósito, registra-se o raciocínio desenvolvido pelo Ministro Teori Albino Zavascki, no julgamento do AgRg no Ag 981.163/RJ: Poder-se-ia, quem sabe, duvidar da auto-aplicabilidade do art. 127 da CF, em face do seu conteúdo indeterminado, o que comprometeria sua força normativa para, desde logo, independentemente de intermediação do legislador infraconstitucional, autorizar o Ministério Público a propor demandas judiciais em defesa dos bens jurídicos ali referidos. A dúvida não tem consistência. Mesmo quando genéricas, as normas constitucionais possuem, em algum grau, eficácia e operatividade. "Não há norma constitucional alguma destituída de eficácia.

Todas elas irradiam efeitos jurídicos, importando sempre uma inovação da ordem jurídica preexistente...", ensina José Afonso da Silva. (Auto-aplicabilidade das normas constitucionais, SP, RT, 1968, p. 75). "De fato", observa Celso Bandeira de Mello, "não teria sentido que o constituinte enunciasse certas disposições apenas por desfastio ou por não sopitar seus sonhos, devaneios ou anelos políticos. A seriedade do ato constituinte impediria a suposição de que os investidos em tão alta missão, dela se servissem como simples válvula de escape para emoções antecipadamente condenadas, por seus próprios emissores, a permanecer no reino da fantasia.

Até porque, se desfrutavam do supremo poder jurídico, seria ilógico que, desfrutando-o, houvessem renunciado a determinar, impositivamente, aquilo que consideram desejável, conveniente, adequado" (Eficácia das normas constitucionais sobre justiça social, Revista de Direito Público, v. 57, p. 238). Ora, o preceito constitucional que confere ao Ministério Público a incumbência de promover a defesa de direitos individuais indisponíveis (art. 127) é um preceito completo em si mesmo, apto a legitimar o agente ministerial, se for o caso, a exercer inclusive judicialmente a incumbência ali atribuída. Trata-se de preceito muito mais específico que o contido, por exemplo, no art. 82, III, do CPC, que atribui ao Ministério Público a competência para intervir em todas as causas em que há interesse público. Muito se questionou a respeito da extensão de tal comando processual, mas jamais se duvidou de sua auto-aplicabilidade. A mesma atitude interpretativa se há de ter frente à norma constitucional do art. 127: pode-se questionar seu conteúdo, mas não sua suficiência e aptidão para gerar, desde logo, a eficácia que lhe é própria.

Na hipótese dos autos, em que a ação civil pública visa ao fornecimento de medicamento necessário e de forma contínua a um grupo de portadores de insuficiência renal crônica, há de ser reconhecida a legitimação do Ministério Público a fim de garantir a tutela dos direitos individuais indisponíveis à saúde e à vida.

Nesse contexto, deve-se reconhecer a legitimidade ativa do Ministério Público para o ajuizamento da presente ação civil pública.

No mesmo sentido, confiram-se:

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. PROTEÇÃO A DIREITOS FUNDAMENTAIS. DIREITO À VIDA E À SAÚDE. DEVER CONSTITUCIONAL. 1. O Ministério Público Federal tem legitimidade ativa para ajuizar ação civil pública a fim de garantir direitos indisponíveis tais como a saúde e a vida. Precedentes. 2. Não havendo, nos autos, recurso extraordinário com o intuito de rever o entendimento de que a legitimidade do Ministério Público estaria respaldada no artigo 127 da Carta da República, cabe a aplicação da Súmula 126/STJ. 3. Agravo regimental não provido (AgRg no REsp 1196516/SP, Rel. Ministro CASTRO MEIRA, SEGUNDA TURMA, julgado em 21/09/2010, DJe 04/10/2010).

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. AUSÊNCIA DE COMBATE AOS FUNDAMENTOS DO ACÓRDÃO. INCIDÊNCIA DA SÚMULA 283/STF. REVISÃO. MATÉRIA FÁTICO-PROBATÓRIA. INCIDÊNCIA DA SÚMULA 7/STJ. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE ATIVA DO

MINISTÉRIO PÚBLICO. PROTEÇÃO A DIREITOS FUNDAMENTAIS. DIREITO À VIDA E À SAÚDE. DEVER CONSTITUCIONAL. MEDIDA EXECUTIVA. POSSIBILIDADE. ART. 461, § 4º, CPC. 1. Ausência de ataque específico a fundamento do acórdão recorrido atrai incidência da Súmula 283/STF, por analogia. 2. Hipótese em que o Tribunal de origem concluiu, com base na prova dos autos, que, "Em sentido contrário ao que alega a União Federal, os documentos colacionados às fls. 99 e seguintes e os depoimentos colhidos na fase de instrução processual demonstram que há irregularidades no fornecimento de medicamentos pela União, ou seja, o ente estatal não vem cumprindo a Portaria nº 371/GM do Ministério da Saúde, dispensando medicamentos em quantia insuficiente". A revisão desse entendimento implica reexame de fatos e provas, obstado pelo teor da Súmula 7/STJ. 3. Legitimidade ativa do Ministério Público para propor Ação Civil Pública em defesa de direito indisponível, como é o direito à saúde. Precedentes do STJ. 4. É possível a fixação, pelo juízo ou a requerimento da parte, de astreintes contra a Fazenda Pública pelo inadimplemento de obrigação de dar, nos termos do art. 461, § 4º, do CPC. 5. Agravo Regimental não provido (AgRg no Ag 1247323/SC, Rel. Ministro HERMAN BENJAMIN, SEGUNDA TURMA, julgado em 08/06/2010, DJe 01/07/2010).

PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA EM FAVOR DE PESSOA FÍSICA. LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO. GARANTIA CONSTITUCIONAL À SAÚDE. DIREITO INDIVIDUAL INDISPONÍVEL. 1. Hipótese em que o Estado do Rio Grande do Sul impugna a legitimidade do Ministério Público para propor Ação Civil Pública em favor de indivíduo determinado, postulando a disponibilização de tratamento médico. 2. O direito à saúde, insculpido na Constituição Federal, é direito indisponível, em função do bem comum maior a proteger, derivado da própria força impositiva dos preceitos de ordem pública que regulam a matéria. Não se trata de legitimidade do Ministério Público em razão da hipossuficiência econômica – matéria própria da Defensoria Pública – mas da natureza jurídica do direito-base (saúde), que é indisponível. 3. Ainda que o parquet esteja tutelando o interesse de uma única pessoa, o direito à saúde não atinge apenas o requerente, mas todos os que se encontram em situação equivalente. Trata-se, portanto, de interesse público primário, indisponível. 4. Recurso Especial provido (REsp 716.712/RS, Rel. Ministra ELIANA CALMON, Rel. p/ Acórdão Ministro HERMAN BENJAMIN, SEGUNDA TURMA, julgado em 15/09/2009, DJe 08/02/2010).

Ante o exposto, com fundamento no art. 557, § 1º-A, do CPC, dou provimento ao recurso especial para, reconhecendo a legitimidade ativa do parquet para o ajuizamento da ação civil pública, anular o acórdão recorrido.

Publique-se. Intimem-se.

Brasília (DF), 26 de setembro de 2011.

b) REsp 1356260 / SC

Relator Ministro HUMBERTO MARTINS

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 19/02/2013

ADMINISTRATIVO. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. CONTRATAÇÃO DIRETA DE EMPRESA ORGANIZADORA DE CONCURSO PÚBLICO, COM FUNDAMENTO NO ART. 24, II, DA LEI DE LICITAÇÕES. VALOR DO CONTRATO ADMINISTRATIVO INFERIOR A R$ 8.000,00 (OITO MIL REAIS). RECEBIMENTO PELA EMPRESA CONTRATADA DAS TAXAS DE INSCRIÇÃO DO CONCURSO, EM MONTANTE SUPERIOR AO PERMISSIVO DA LEI DE LICITAÇÕES. NECESSIDADE DE PRÉVIO PROCEDIMENTO LICITATÓRIO. 1. Discute-se nos autos a possibilidade

de dispensa de licitação para contratação de organizadoras de concursos públicos, quando o valor do contrato administrativo for inferior ao limite estabelecido no art. 24, II, da Lei nº 8.666/93, qual seja, R$ 8.000,00 (oito mil reais) e ocorre o pagamento de taxas de inscrição pelos candidatos à instituição organizadora, totalizando um valor global superior ao limite supracitado. 2. A Constituição da República estabelece como regra a obrigatoriedade da licitação, que é dispensável nas excepcionais hipóteses previstas em lei, não cabendo ao intérprete criar novos casos de dispensa. Isso porque a licitação destina-se a garantir a observância do princípio constitucional da isonomia e a seleção da proposta mais vantajosa para a administração (art. 3º da Lei nº 8.666/93). 3. É imprescindível ponderar, também, a distinção entre interesse público primário e secundário. Este é meramente o interesse patrimonial da administração pública, que deve ser tutelado, mas não sobrepujando o interesse público primário, que é a razão de ser do Estado e sintetiza-se na promoção do bem-estar social. Nos dizeres de Celso Antônio Bandeira de Mello: "O Estado, concebido que é para a realização de interesses públicos (situação, pois, inteiramente diversa da dos particulares), só poderá defender seus próprios interesses privados quando, sobre não se chocarem com os interesses públicos propriamente ditos, coincidam com a realização deles." (MELLO, Celso Antônio Bandeira de. Curso de Direito Administrativo. 19ª edição. Editora Malheiros. São Paulo, 2005, pág. 66.) 4. Portanto, ainda que os valores recolhidos como taxa de inscrição não sejam públicos, a adequada destinação desses valores é de interesse público primário. Mesmo que a contratação direta de banca realizadora de concurso sem licitação não afete o interesse público secundário (direitos patrimoniais da administração pública), é contrária ao interesse público primário, pois a destinação de elevado montante de recursos a empresa privada ocorrerá sem o processo competitivo, violando, dessa maneira, o princípio da isonomia, positivado na Constituição Federal e no art. 3º da Lei nº 8.666/93.

Recurso especial provido.

c) AgRg no REsp 872733 / SP

Relator Ministro HERMAN BENJAMIN

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 27/04/2011

PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA EM FAVOR DE PESSOA FÍSICA. LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO. GARANTIA CONSTITUCIONAL À SAÚDE. DIREITO INDIVIDUAL INDISPONÍVEL. 1. Hipótese em que o Estado de São Paulo impugna a legitimidade do Ministério Público para propor Ação Civil Pública em favor de indivíduo determinado, postulando a disponibilização de tratamento médico. 2. O direito à saúde, insculpido na Constituição Federal, é indisponível, em função do bem comum maior a proteger, derivado da própria força impositiva dos preceitos de ordem pública que regulam a matéria. Não se trata de legitimidade do Ministério Público em razão da hipossuficiência econômica – matéria própria da Defensoria Pública –, mas da natureza jurídica do direito-base (saúde), não disponível. 3. Ainda que o Parquet tutele o interesse de uma única pessoa, o direito à saúde não atinge apenas o requerente, mas todos os que se encontram em situação equivalente. Cuida-se, portanto, de interesse público primário, de que não se pode dispor. 4. Agravo Regimental não provido.

d) EREsp 506226 / DF

Relator Ministro HUMBERTO MARTINS

S1 – PRIMEIRA SEÇÃO

DJe 05/06/2013

ADMINISTRATIVO E PROCESSUAL CIVIL. INTERVENÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO. DESAPROPRIAÇÃO INDIRETA. DIVERGÊNCIA DEMONSTRADA. INTERESSE PÚBLICO. AUSÊNCIA DE OBRIGATORIEDADE. 1. A ação de desapropriação indireta tem conteúdo patrimonial que a vincula ao chamado interesse público secundário, cuja titularidade é atribuída à Fazenda Pública, devidamente representada em juízo por seus órgãos de procuratura judicial. Ao Ministério Público, em regra, cabe a defesa do interesse público primário (art. 82, inciso III, do CPC). 2. A natureza patrimonial da ação, especialmente ligada a interesses econômicos, implica que a não intervenção do Ministério Público é insusceptível de anular todo o processo sob esse exclusivo fundamento. 3. "O princípio do art. 82, III, do Código de Processo Civil não acarreta a presença do Ministério Público pelo só fato de haver interesse patrimonial da fazenda pública, que dispõe de defensor próprio e é protegida pelo duplo grau de jurisdição. Se quisesse abranger as causas dessa natureza, o legislador processual o teria mencionado expressamente, tal a amplitude da ocorrência." (RE 86.328/PR, Relator Min. Decio Miranda, RTJ 98-1). Precedentes do STJ e do STF. 4. Em regra, a ação de desapropriação direta ou indireta não pressupõe automática intervenção do Parquet, exceto quando envolver, frontal ou reflexamente, proteção ao meio ambiente, interesse urbanístico ou improbidade administrativa.

Embargos de divergência providos.

e) REsp 1148463 / MG

Relator Ministro MAURO CAMPBELL MARQUES

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 06/12/2013

ADMINISTRATIVO. INTIMAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO. AUSÊNCIA DE INTERESSE. CONTRATAÇÃO COM O PODER PÚBLICO SEM O NECESSÁRIO FORMALISMO. NÃO-PAGAMENTO. COBRANÇA JUDICIAL. PRINCÍPIO DO NÃO ENRIQUECIMENTO ILÍCITO. PAGAMENTO DEVIDO. 1. Há que se diferenciar o interesse público e o interesse da Administração (ou interesse público secundário). No caso em tela, trata-se de ação de cobrança da empresa recorrida em face de mercadorias entregues ao Município e não adimplidas, em nítida persecução ao seu próprio interesse, consistente em minimizar o dispêndio de numerário. Tal escopo não se coaduna com o interesse público primário da sociedade.

f) EREsp 1151639 / GO

Relator Ministro BENEDITO GONÇALVES

S1 – PRIMEIRA SEÇÃO

DJe 15/09/2014

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. EMBARGOS DE DIVERGÊNCIA EM RECURSO ESPECIAL. DIVERGÊNCIA CONFIGURADA. AÇÃO DE RESSARCIMENTO AO ERÁRIO PROPOSTA POR ENTE PÚBLICO. INTERVENÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO. DESNECESSIDADE. NULIDADE NÃO CONFIGURADA. 1. A interpretação do art. 82, II, do CPC, à luz dos arts. 129, incisos III e IX, da Constituição da República, revela que o "interesse público" que justifica a intervenção do Ministério Público não está relacionado à simples presença de ente público na demanda nem ao seu interesse patrimonial (interesse público secundário ou interesse da Administração). Exige-se que o bem jurídico tutelado corresponda a um

interesse mais amplo, com espectro coletivo (interesse público primário). 2. A causa de pedir ressarcimento pelo ente público lesionado, considerando os limites subjetivos e objetivos da lide, prescinde da análise da ocorrência de ato de improbidade, razão pela qual não há falar em intervenção obrigatória do Ministério Público. 3. Embargos de divergência providos para, reformando o acórdão embargado, dar provimento ao recurso especial e, em consequência, determinar que o Tribunal de origem, superada a nulidade pela não intervenção do Ministério Público, prossiga no julgamento do recurso de apelação.

g) AgRg no REsp 1049156 / CE

Relator Ministro SEBASTIÃO REIS JÚNIOR

T6 – SEXTA TURMA

DJe 01/02/2013

AGRAVO REGIMENTAL. RECURSO ESPECIAL. FURTO. LESÃO AO INTERESSE PÚBLICO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO. OFENSIVIDADE DA CONDUTA. PRINCÍPIO DA INSIGNIFICÂNCIA. NÃO INCIDÊNCIA. 1. Na análise da tipicidade material da conduta, para a aplicação do princípio da insignificância, não se mostra razoável a consideração isolada do valor do bem material furtado, desacompanhada da análise do prejuízo causado. 2. No presente caso, por haver ofensa tanto ao interesse público primário (acesso da comunidade universitária aos livros) quanto ao secundário (patrimônio de autarquia federal), não se mostra mínima a ofensividade da conduta, a ponto de possibilitar a aplicação do princípio da bagatela, uma vez que se verifica afronta de alguma gravidade ao bem jurídico protegido. Precedentes. 3. Agravo regimental improvido.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Defensor Público/SP – 2012 – FCC) "Tramita no Supremo Tribunal Federal a Ação Direta de Inconstitucionalidade no 3.943 inter-posta pela Associação Nacional dos Membros do Ministério Público – CONAMP, contestando a legitimidade da Defensoria Pública para a propositura de Ação Civil Pública, sob a alegação, em linhas gerais, de que tal legitimidade da Defensoria Pública "afeta diretamente" as atribuições do Ministério Público. De acordo com os diplomas normativos e a doutrina dominante que tratam do Direito Processual Coletivo,

a) a exclusão da Defensoria Pública do rol dos entes legitimados para a propositura da Ação Civil Pública, especialmente para a hipótese dos direitos difusos, notadamente no caso da proteção do ambiente, segue o caminho da ampliação do acesso à Justiça, encontrando suporte normativo na legislação processual co-letiva e mesmo na Lei Fundamental de 1988.

b) no caso da tutela coletiva dos direitos fundamentais sociais, o ajuizamento de Ação Civil Pública pela De-fensoria Pública implica sobreposição de atribuições com o Ministério Público, tomando por base ainda que os beneficiários de tais medidas não se enquadram no público alvo da Defensoria Pública e, por tal razão, não haveria como identificar a pertinência temática no caso.

c) a legitimidade da Defensoria Pública para a tutela coletiva de direitos difusos – como, por exemplo, a ordem urbanística, o direito aos serviços públicos essenciais de saúde e educação e o direito ao ambiente – está em perfeita sintonia com o art. 5º, II, e o rol exemplificativo de direitos coletivos em sentido amplo trazido pelo art. 1º, ambos da Lei no 7.347/85.

d) a Ação Direta de Inconstitucionalidade deve ser julgada procedente, tendo em vista a contrariedade exis-tente entre o art. 5º, II, da Lei no 7.347/85, e o art. 129, § 1º, da Constituição

Federal de 1988, o qual con-fere ao Ministério Público exclusividade para a propositura de Ação Civil Pública.

e) a legitimidade da Defensoria Pública em matéria de direitos difusos não pode ser admitida, mas tão so-mente em relação aos direitos individuais homogêneos, uma vez que não se faz possível a identificação dos beneficiários de uma Ação Civil Pública que tenha tal propósito".

➥ *Resposta: "c".*

02. (Defensor Público/SP – 2012 – FCC) No julgamento do Recurso Especial no 931.513/RS, no âmbito do Superior Tribunal de Justiça, o Ministro Antônio Herman Benjamin reconheceu a legitimidade do Ministério Público para a propositura de Ação Civil Pública em prol de direito individual de pessoa com deficiência para obtenção de prótese auditiva, reconhecendo, no caso, a caracterização de "sujeito hipervulnerável". No seu voto, o Ministro destaca que "a categoria ético-política, e também jurídica, dos sujeitos vulneráveis inclui um subgrupo de sujeitos hipervulneráveis, entre os quais se destacam, por razões óbvias as pessoas com deficiência física, sensorial ou mental", bem como que, "em caso de dúvida sobre a legitimação para agir de sujeito intermediário – Ministério Público, Defensoria Pública e associações, p. ex. –, sobretudo se estiver em jogo a dignidade da pessoa humana, o juiz deve optar por reconhecê-la e, assim, abrir as portas para a solução judicial de litígios que, a ser diferente, jamais veriam seu dia na Corte". A partir de tais considerações e com base no que dispõe a Lei Orgânica Nacional da Defensoria Pública (Lei Complementar no 80/94, com as alterações trazidas pela Lei Complementar no 132/09) é correto afirmar:

a) O conceito de necessitado (ou vulnerável) deve ser tomado exclusivamente em sentido estrito, tal qual estabelecido no art. 2º, parágrafo único, da Lei no 1.060/50, ou seja, apenas vislumbrando a perspectiva exclusivamente econômica do indivíduo ou grupo social que busca o serviço da Defensoria Pública.

b) Com base no art. 4º, VII, da Lei Complementar no 80/94, a legitimidade da Defensoria Pública para a propositura de Ação Civil Pública é ampla e irrestrita, não havendo qualquer limitação de ordem legislativa.

c) Muito embora a previsão do art. 4º, X, da Lei Complementar no 80/94, no sentido de assegurar a legitimidade da Defensoria Pública para promover a mais ampla defesa dos direitos fundamentais dos necessitados, abrangendo seus direitos individuais e sociais, não há consagração expressa de tal legitimidade para a proteção dos seus direitos ambientais.

d) O art. 4º, XII, da Lei Complementar no 80/94 assegura a legitimidade da Defensoria Pública para a instauração de inquérito civil.

e) A previsão do art. 4º, XI, da Lei Complementar no 80/94, ao reconhecer a legitimidade da Defensoria Pública para exercer a defesa dos direitos coletivos da criança e do adolescente, do idoso, da pessoa portadora de necessidades especiais, da mulher vítima de violência doméstica e familiar e de outros "grupos sociais vulneráveis" que mereçam proteção especial do Estado, permite ampliar o conceito de necessitado para o que a doutrina denomina de "necessitados do ponto de vista organizacional".

➥ *Resposta "E"*

03. (Defensor Público/SP – 2012 – FCC) Tramita no Supremo Tribunal Federal a Ação Direta de Inconstitucionalidade no 3.943 interposta pela Associação Nacional dos Membros do Ministério Público – CONAMP, contestando a legitimidade da Defensoria Pública para a propositura de Ação Civil Pública, sob a alegação, em linhas gerais, de que tal legitimidade da Defensoria Pública "afeta diretamente" as atribuições do Ministério Público. De acordo com os diplomas normativos e a doutrina dominante que tratam do Direito Processual Coletivo,

a) a exclusão da Defensoria Pública do rol dos entes legitimados para a propositura da Ação Civil Pública, especialmente para a hipótese dos direitos difusos, notadamente no caso da proteção do ambiente, segue o caminho da ampliação do acesso à Justiça, encontrando suporte normativo na legislação processual coletiva e mesmo na Lei Fundamental de 1988.

b) no caso da tutela coletiva dos direitos fundamentais sociais, o ajuizamento de Ação Civil Pública pela Defensoria Pública implica sobreposição de atribuições com o Ministério Público, tomando por base ainda que os beneficiários de tais medidas não se enquadram no público alvo da Defensoria Pública e, por tal razão, não haveria como identificar a pertinência temática no caso.

c) a legitimidade da Defensoria Pública para a tutela coletiva de direitos difusos – como, por exemplo, a ordem urbanística, o direito aos serviços públicos essenciais de saúde e educação e o direito ao ambiente – está em perfeita sintonia com o art. 5º, II, e o rol exemplificativo de direitos coletivos em sentido amplo trazido pelo art. 1º, ambos da Lei no 7.347/85.

d) a Ação Direta de Inconstitucionalidade deve ser julgada procedente, tendo em vista a contrariedade existente entre o art. 5º, II, da Lei no 7.347/85, e o art. 129, § 1º, da Constituição Federal de 1988, o qual confere ao Ministério Público exclusividade para a propositura de Ação Civil Pública.

e) a legitimidade da Defensoria Pública em matéria de direitos difusos não pode ser admitida, mas tão somente em relação aos direitos individuais homogêneos, uma vez que não se faz possível a identificação dos beneficiários de uma Ação Civil Pública que tenha tal propósito.

➥ *Resposta "C"*

04. (Defensoria/SP – 2013 – FCC) A Defensoria Pública ajuizou ação civil pública com o fim de obrigar o Município de Osasco a tornar acessíveis, do ponto de vista arquitetônico, as escolas públicas municipais de ensino infantil no prazo máximo de um ano, sob pena do pagamento de multa diária no valor de quinhentos reais, além de indenização por danos morais no valor de cinco mil reais por aluno que em razão de sua deficiência não conseguisse acessar a escola ou a sala de aula autonomamente. Determinada a citação da municipalidade, foi oferecida contestação.

Após, o juízo determinou que as partes se manifestassem sobre eventual interesse na tentativa de conciliação e especificassem as provas que pretendiam produzir. Ambas as partes manifestaram interesse na conciliação e especificaram suas provas. Ato contínuo, sem que fosse designada audiência, o juiz proferiu sentença declarando a ilegitimidade da Defensoria Pública para a propositura da ação, sustentando tratar-se de interesses difusos, para os quais a legitimidade seria do Ministério Público. Sustentou que o pedido de dano moral fora feito de forma inadequada, eis que deveria eventual indenização ser revertida ao fundo dos direitos difusos. Por fim, justificou a não designação de audiência de conciliação em razão da impossibilidade de transação em matéria que envolva direitos coletivos lato sensu, eis que indisponíveis. Considerando a causa apresentada,

a) oferecido recurso de apelação, o magistrado poderá se retratar e determinar o prosseguimento da ação, deixando de remeter o recurso ao Tribunal de Justiça.

b) a transação judicial envolvendo direitos coletivos lato sensu é vedada pelo ordenamento jurídico, admitindo – se apenas o termo de ajustamento de conduta extrajudicial celebrado pelo Ministério Público.

c) a Defensoria Pública não possui legitimidade para a propositura da ação mencionada, visto que eventual decisão poderia favorecer parcela da população não hipossuficiente do ponto de vista financeiro.

d) o pedido de indenização por dano moral formulado revela tutela de interesses individuais homogêneos, devendo a indenização ser recuperada ao fundo criado por lei especialmente

para esse fim, vinculando a utilização da verba a projetos de educação e conscientização sobre as diversas espécies de deficiência.

e) eventual ação individual de reparação de danos em razão da inacessibilidade de determinado prédio escolar deverá tramitar junto ao mesmo órgão jurisdicional que processa a ação coletiva, em razão da litispendência.

➘ *Resposta "A"*

05. (DEFENSOR – DPE/ MA – INST.CIDADES – 2011) Acerca da defesa das pessoas portadoras de necessidades especiais, julgue os itens a seguir:

I. Nas ações civis públicas destinadas à proteção de interesses coletivos ou difusos das pessoas portadoras de deficiência, a sentença que concluir pela carência ou pela improcedência da ação fica sujeita ao duplo grau de jurisdição, não produzindo efeito senão depois de confirmada pelo tribunal.

II. Conforme entendimento jurisprudencial consolidado, o portador de visão monocular não tem direito de concorrer, em concurso público, às vagas destinadas aos portadores de necessidades especiais.

III. Na construção, ampliação ou reforma de edifícios públicos ou privados destinados ao uso coletivo, estes deverão dispor, pelo menos, de um banheiro acessível, distribuindo-se seus equipamentos e acessórios de maneira que possam ser utilizados por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

IV. Os parques de diversões, públicos e privados, devem adaptar, no mínimo, 5% (cinco por cento) de cada brinquedo e equipamento e identificá-lo para possibilitar sua utilização por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, tanto quanto tecnicamente possível.

Está correto o que se afirma SOMENTE em

a) I e II.

b) I, III e IV.

c) III.

d) III e IV.

e) I e III.

➘ *Resposta "b"*

12. (83º CONCURSO DE INGRESSO À CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2002)

"Pode ser proposta, pelo Ministério Público, ação ressarcitória fundada na Lei nº 8.429, de 02 de junho de 1992, independentemente do pleito de imposição das sanções prescritas no artigo 12? Por quê?"

◉ RESPOSTA

Sim. Pode ser proposta, pelo Ministério Público, ação ressarcitória fundada na Lei nº 8.429, de 02 de junho de 1992, independentemente do pedido referente à aplicação das sanções prescritas no artigo 12 do mencionado diploma normativo.

O pedido de ressarcimento ao erário pode ser deduzido no bojo de ação de improbidade administrativa, que é uma espécie de ação civil pública que tem objeto específico, qual seja, impor sanções e a obrigação de reparar o dano aos agentes ímprobos, aos coautores e partícipes, bem como aos beneficiários do ato, mesmo que não sejam agentes públicos.

Todavia, é importante observar que as pretensões deduzíveis em ação de improbidade, em regra, são prescritíveis, em prazo que varia conforme o vínculo que o agente possui com o Poder Público (efetivo ou temporário). A pretensão de ressarcimento ao erário, porém, é imprescritível, conforme determina a Constituição Federal (CF, art. 37, § 5º).

Por isso, se ocorrer a prescrição das demais pretensões, pode o Ministério Público ajuizar ação civil pública com pedido exclusivamente ressarcitório.

A possibilidade encontra respaldo na doutrina e na jurisprudência.

Importante registrar, em relação à questão, que a ação, no caso, perde sua vocação punitiva e passa a ostentar caráter reparatório, o que traz implicações em relação ao rito processual, especialmente pela desnecessidade da fase de defesa preliminar, que antecede a decisão sobre a admissibilidade da demanda.

Para finalizar, é bom destacar que, no caso, não há mera defesa de interesse público secundário, pois o ajuizamento da ação de ressarcimento protege interesse superior, qual seja, relacionado à tutela do patrimônio público em sentido amplo e da própria moralidade administrativa, atingida pelo ato de improbidade administrativa.

DOUTRINA TEMÁTICA

a) Wallace Paiva Martins Júnior (Probidade administrativa, 4ª ed., São Paulo: Saraiva, 2009, p. 328-329) acrescenta: "Se não for provada a ocorrência de ato de improbidade administrativa, mas houver razoável e suficiente comprovação de prejuízo ao patrimônio público por infração aos princípios do art. 37 da Constituição ou a qualquer outra norma constitucional ou infraconstitucional, caberá sempre o ressarcimento do dano em razão do disposto no art. 5º da Lei Federal nº 8.429/92, por conduta dolosa ou culposa, seja o ato de qualquer espécie de improbidade administrativa ou não".

b) Carlos Frederico Brito dos Santos: "Entendemos que o Ministério Público é parte legítima para a propositura da ação que visa tão-somente a reparação do dano ao erário, dissociada da aplicação das penalidades decorrentes da improbidade administrativa, posto que prescritas, mormente quando ocorre a omissão do agente público responsável por sua propositura, que deve ser, por seu turno, responsabilizado como ímprobo pela violação do disposto no art. 11, inciso II ("*retardar ou deixar de praticar, indevidamente, ato de ofício*"), da lei comentada" (*Improbidade administrativa: reflexões sobre a Lei nº 8.429/92*, Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 95-96).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) REsp 1232548 / SP

Relator Ministro NAPOLEÃO NUNES MAIA FILHO

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 24/10/2013

ADMINISTRATIVO. RECURSO ESPECIAL. VIOLAÇÃO AO ART. 535 DO CPC. INOCORRÊNCIA. IMPUTAÇÃO DE ATO DE IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. COMPRAS E CONTRATAÇÕES FRAUDULENTAS DESTINADAS A BENEFICIAR PESSOAS DETERMINADAS. ALEGAÇÃO DE QUE OS AGENTES POLÍTICOS NÃO ESTÃO SUBMETIDOS À LEI 8.429/92.

PRECEDENTE DA CORTE ESPECIAL. RCL 2.790/SC, MIN. REL. TEORI ALBINO ZAVASCKI. RESSARCIMENTO DE DANO AO ERÁRIO. IMPRESCRITIBILIDADE. RESSALVA DO PONTO DE VISTA DO RELATOR. RECURSO ESPECIAL A QUE SE NEGA PROVIMENTO. 1. Não se reconhece da violação ao art. 535 do CPC, porquanto a lide foi resolvida com a devida fundamentação, não sendo obrigatório ao órgão julgador responder, um a um, os questionamentos suscitados pelas partes, mormente se notório o caráter de infringência do julgado. 2. A Corte Especial, no julgamento da RCL 2.790/SC, de relatoria do eminente Ministro TEORI ALBINO ZAVASCKI, já orientou caber a submissão dos Agentes Políticos à Lei de Improbidade Administrativa, e a jurisprudência desta Corte e do STF vem se mantendo majoritária nesse sentido. 3. A prescrição das sanções pela prática de atos de improbidade não impede o ajuizamento de ação objetivando ressarcimento de dano, mas deverá cursar segundo o procedimento civil comum ordinário, previsto no CPC, porque a Ação Civil Pública tem finalidade específica e inampliável, conforme lições processuais antigas e reverenciadas; o processo civil, há muito tempo, tornou-se capítulo importante da Ciência Jurídica, munido de metodologia e autonomia didática próprias. 4. A jurisprudência desta Corte inclina-se em favor da imprescritibilidade da ação de ressarcimento de dano ou prejuízo ao Erário, embora o tema esteja submetido, no STF, a apreciação em sede de recurso em repercussão geral (RE 669.069/MG), ainda pendente de solução. 5. O Ministério Público Federal, em parecer da lavra da ilustre Subprocuradora-Geral da República MARIA CAETANA CINTRA SANTOS, manifestou-se pelo não conhecimento do Recurso. 6. Recurso Especial a que se nega provimento.

(RESSALVA DE ENTENDIMENTO) (MIN. NAPOLEÃO NUNES MAIA FILHO)

Não é possível o prosseguimento da ação de improbidade administrativa quanto ao pedido de ressarcimento ao erário na hipótese em que reconhecida a prescrição relativa aos atos ímprobos. Isso porque o melhor entendimento nesses casos é o de que a ação ressarcitória do dano ao erário, qualquer que seja o lapso temporal de sua prescrição, e isso é um problema jurídico relevante, deve ser processada seguindo as regras de direito comum, até porque os alegados atos de improbidade já não podem, por causa da prescrição, ser investigados.

(CONSIDERAÇÕES DO MINISTRO) (MIN. NAPOLEÃO NUNES MAIA FILHO)

Carece de legitimidade ativa o Ministério Público para propor ação de ressarcimento de dano ao erário, porque lhe é vedado atuar como representante judicial, advogado, de entes públicos bem como prestar-lhes consultoria jurídica, conforme disposto no artigo 179, inciso IX, da CF.

b) Informativo nº 0428

Período: 22 de março a 2 de abril de 2010.

Primeira Seção

REPETITIVO. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. NOTIFICAÇÃO PRÉVIA. A Seção, ao apreciar recurso representativo de controvérsia (art. 543-C do CPC e Res. nº 8/2008-STJ), decidiu que o especialíssimo procedimento estabelecido na Lei nº 8.429/1992 (Lei delmprobidade Administrativa), que prevê um juízo de delibação para recebimento da petição inicial conforme previsto no art. 17, §§ 8º e 9º, precedido de notificação do demandado, como disposto no art. 17, § 7º, somente é aplicável nas ações de improbidade administrativatípicas. No caso dos autos, a ação foi proposta como de responsabilidade civil contra prefeito com pedido no sentido de declarar nulas as concessões de adicionais de insalubridade,

gratificações especiais, ajuda de custo e pagamento de horas extras a comissionados e diversos funcionários públicos municipais, bem como a indenização ao erário pela devolução atualizada dos benefícios percebidos pelos funcionários públicos. Anotou-se, também, que somente na apelação foi suscitada a impropriedade do rito pela inobservância do § 7º do art. 17 da citada lei, o qual prevê a notificação inicial do demandado. Entretanto, a apelação foi rejeitada pelo tribunal a quo ao argumento de ser cabível a dispensa da notificação, visto que a ação foi fundada em inquérito instaurado pelo parquet e que esse procedimento recolheu material probatório suficiente à instauração da demanda, tornando, assim, desnecessária uma defesa prévia. Para o Min. Relator, o acórdão deve ser confirmado, mas por outro fundamento, ou seja, por não se tratar de uma ação de improbidade típica. Explica que a instauração de inquérito civil no âmbito do qual se produz prova necessária à ação de improbidade é o procedimento padrão e normal em casos da espécie (arts. 14, § 3º, e 15 da lei em comento), mas nem por isso, proposta a ação, fica o juiz dispensado de promover o juízo de delibação para recebimento da inicial precedido da notificação prévia do demandado para se manifestar a respeito, conforme exige o art. 17, §§ 7º, 8º e 9º, da mesma lei. Observa que, no caso dos autos, a dispensa da notificação e a própria decisão delibatória sobre o recebimento da inicial não são atos processuais obrigatórios, porque não se trata de ação de improbidade administrativa típica, uma vez que não se pode confundi-la com uma simples ação de ressarcimento de danos ao erário, pois a ação em exame não contém pedido algum de aplicação ao infrator de quaisquer sanções político-civis, de caráter punitivo; há apenas o pedido de anulação de atos danosos ao erário e o de ressarcimento desses danos. REsp 1.163.643-SP, Rel. Min. Teori Albino Zavascki, julgado em 24/3/2010

c) "ADMINISTRATIVO. PROCESSO CIVIL. CONCESSÃO IRREGULAR DE VANTAGENS A SERVIDORES PÚBLICOS. AÇÃO DE RESPONSABILIDADE CIVIL, COM PEDIDO DE ANULAÇÃO DOS ATOS CONCESSIVOS E DE RESSARCIMENTO DOS DANOS. 1. Não se pode confundir a típica ação de improbidade administrativa, de que trata o artigo 17 da Lei 8.429/92, com a ação de responsabilidade civil para anular atos administrativos e obter o ressarcimento do dano correspondente. Aquela tem caráter repressivo, já que se destina, fundamentalmente, a aplicar sanções político-civis de natureza pessoal aos responsáveis por atos de improbidade administrativa (art. 12). Esta, por sua vez, tem por objeto consequências de natureza civil comum, suscetíveis de obtenção por outros meios processuais. 2. O especialíssimo procedimento estabelecido na Lei 8.429/92, que prevê um juízo de delibação para recebimento da petição inicial (art. 17, §§ 8º e 9º), precedido de notificação do demandado (art. 17, § 7º), somente é aplicável para ações de improbidade administrativa típicas" (REsp 1.163.643/SP).

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. **(MINISTÉRIO PÚBLICO/PI – 2012 – CESPE)** A respeito da atuação do MP em matéria de improbidade administrativa, assinale a opção correta com base na jurispridência.

a) É absolutamente vedada a condenação do MP ao pagamento de honorários advocatícios em ACP.

b) Não se admite que o MP utilize a denominada prova emprestada em ACP cujo objeto seja ato de improbidade administrativa.

c) É imprescritível a ACP que tenha por objeto o ressarcimento de danos causados ao erário por atos de improbidade administrativa.

d) O critério para fixar a competência para a ACP por ato de improbidade administrativa proposta pelo MP é o do domicílio do réu, e não o do local do dano.

e) O MP não pode instaurar inquérito civil contra magistrado, com o fim de apurar a prática de ato de improbidade a este atribuída.

➘ *Resposta "C"*

02. (Ministério Público/GO – 2012) Acerca da disciplina dada pela Lei 8.429/1992 às sanções aplicáveis aos agentes públicos que praticarem atos de improbidade administrativa, é incorreto afirmar:

a) A ação para aplicação de sanções aos agentes públicos que praticarem atos de improbidade administrativa e a ação de ressarcimento prescrevem em cinco anos após findo o exercício de mandato, de cargo em comissão ou de função de confiança e dentro do prazo prescricional previsto em lei específica para faltas disciplinares puníveis com demissão a bem do serviço público, nos casos de exercí-cio de cargo efetivo ou emprego.

b) O responsável por ato de improbidade administrativa que importa enriquecimento ilícito está sujeito à perda dos bens ou valores acres-cidos ilicitamente ao patrimônio, ressarcimento integral do dano, quando houver, perda da função pública, suspensão dos direitos políti-cos de oito a dez anos, pagamento de multa civil de até três vezes o valor do acréscimo patrimonial e proibição de contratar com o Po-der Público ou receber benefícios ou incentivos fiscais ou creditícios, direta ou indiretamente, ainda que por intermédio de pessoa jurídi-ca da qual seja sócio majoritário, pelo prazo de dez anos.

c) Constitui ato de improbidade administrativa importando enriquecimento ilícito aceitar promessa de vantagem econômica de qualquer natureza, direta ou indireta, para tolerar a exploração ou a prática de jogos de azar, de lenocínio, de narcotráfico, de contrabando, de usura ou de qualquer outra atividade ilícita.

d) A ação de responsabilização por prática de ato de improbidade administrativa segue o rito ordinário, com a ressalva de que, autuada a inicial, o requerido será notificado para oferecer manifestação por escrito, dentro do prazo de quinze dias, sendo que somente após cumprida essa formalidade o juiz, em decisão fundamentada, deliberará sobre a rejeição da ação ou recebimento da inicial, para só en-tão, neste último caso, proceder à citação do réu para contestação.

➘ *Resposta "A"*

03. (Ministério Público/GO – 2010) Sobre a prescrição do direito de ação civil pública ajuizada com fundamento na Lei 8.429/92 (Lei de Improbidade Administrativa), assinale a alternativa correta:

a) Sendo o agente ímprobo detentor de mandato eletivo, o direito de ação prescreverá no prazo de 04 anos contado do término do exercício de mandato.

b) João José foi eleito Prefeito de Goiantins, cidadezinha do interior de Goiás, para o mandato de 2001 a 2004. Nas eleições de 2004, foi reeleito para o mandato de 2005 a 2008. Em relação ao ato de improbidade cometido no ano de 2002, de acordo com precedentes do STJ, o prazo prescricional para o exercício do direito de ação civil pública ajuizada com fundamento na Lei 8.429/92 será contado do término do primeiro mandato, ou seja, 31 de dezembro de 2004.

c) A ação de ressarcimento ao erário é imprescritível, não incidindo o prazo prescricional previsto no artigo 23 da Lei 8.429/92 em relação à sanção de ressarcimento dos danos, podendo a ação civil pública ser ajuizada a qualquer momento.

d) Por tutelar o patrimônio público e a probidade administrativa, o direito de exercício da ação civil pública ajuizada com base na Lei 8.429/92 é imprescritível em relação a todas as sanções previstas no artigo 12 da Lei 8.429/92, conforme o disposto no artigo 37 § 5º da Constituição Federal.

➘ *Resposta "C"*

13. (89º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2012)

"Aponte as tutelas sumárias provisórias gerais e específicas na defesa da probidade administrativa. Dê os fundamentos legais da resposta e pelo menos dois exemplos: um de tutela provisória de urgência e outro de tutela provisória de evidência".

◉ RESPOSTA

A tutela sumária provisória pode ser de natureza predominantemente conservativa (ou cautelar), ou, predominantemente satisfativa (antecipatória ou da evidência).

Há concessão de tutela provisória quando o juiz concede uma medida de indisponibilidade de bens, no bojo de ação de improbidade administrativa. De outro lado, ao determinar a sustação dos efeitos de um contrato administrativo celebrado de forma fraudulenta, o juiz está, de certa forma, antecipando possíveis efeitos da invalidação do referido contrato.

Vale registrar que não há uma distinção absoluta entre medidas cautelares e antecipatórias. Por isso o uso, acima, da palavra "predominantemente".

De outro lado, ao determinar o imediato pagamento da quantia incontroversa, no bojo de determinada ação, o juiz está concedendo medida que pode ser considerada de tutela do direito evidente, ou seja, há prestação de tutela da evidência. No caso, é dispensável a verificação do *periculum in mora* ou do risco de dano irreparável. A evidência do direito discutido em juízo justifica a possibilidade de aceleração dos resultados do processo.

Portanto, medidas provisórias e sumárias podem ser amplamente concedidas pelo juiz no bojo das ações civis públicas, inclusive relacionadas à repressão do ato de improbidade administrativa. Por outras palavras, é plenamente aplicável a tutela de urgência no âmbito da jurisdição coletiva.

Vale destacar que a tutela jurisdicional dos direitos transindividuais (difusos, coletivos e individuais homogêneos) é regida por um microssistema, o microssistema da tutela coletiva, composto pela interação de diversos diplomas normativos. Os dois principais são o Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078/90) e a Lei da Ação Civil Pública (Lei nº 7.347/85), que formam o "regramento básico do Microssistema da Tutela Coletiva".

Porém, há integração com diversos outros diplomas normativos, como, por exemplo, a Lei da Ação Popular (Lei nº 4717/65), a Lei de Improbidade Administrativa (Lei nº 8.429/92), a Lei do Mandado de Segurança (Lei nº 12.016/2009), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741//2003), a Lei de proteção das pessoas com necessidades especiais (Lei nº 7.853/89).

Por isso, todas as referidas leis são aplicáveis à defesa dos direitos e interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, de tal forma que as medidas provisórias aí previstas podem ser pleiteadas em ações civis públicas.

É importante, lembrar, ainda, que o Código de Processo Civil é aplicável subsidiariamente ao microssistema da tutela coletiva. Sendo assim, também todas tutelas sumárias e provisórias, de urgência ou não, cautelar, antecipatória ou de evidência,

previstas no CPC, são plenamente aplicáveis às ações civis públicas. Cumpre destacar a aplicabilidade dos arts. 273 e 461 do CPC, bem como todo o seu Livro III.

Da Lei nº 7.347/85, destacamos os seguintes dispositivos legais: o art. 4º consigna que poderá ser ajuizada ação civil pública cautelar; a legitimidade ativa conferida pelo art. 5º da mesma lei é para a propositura de *ação principal e a ação cautelar*; o art. 12 dispõe sobre o poder do juiz de conceder medida liminar, com ou sem justificação prévia. Do Código de Defesa do Consumidor destacamos o art. 84, que admite tutela de urgência no caso de obrigações de fazer e de não fazer.

E, de fato, é imperiosa e necessária a possibilidade de concessão de medidas liminares, cautelares ou antecipatórias, para a efetiva tutela dos direitos transindividuais. O comando de efetividade vem do art. 93 do CDC.

E como se sabe, o princípio da máxima efetividade acaba por conferir ao juiz diversos poderes. Dentre eles, poderes instrutórios, poderes para conceder liminares, com ou sem justificação prévia, poder para determinar medidas de antecipação de tutela, poder para a utilização de medidas de apoio.

O juiz, aliás, tem poderes para, excepcionalmente, conceder tutela de urgência contra o Poder Público sem a sua prévia oitiva no prazo de 72 horas. Tudo com o fim de garantir a efetividade da prestação jurisdicional.

Por sua vez, a Lei nº 8.429/92 (Lei de Improbidade Administrativa) faz referência ao afastamento do agente público do exercício do cargo, emprego ou função, ao sequestro e à indisponibilidade de bens.

A possibilidade de afastamento do agente público está prevista no artigo 20, parágrafo único, da LIA: *A autoridade judicial ou administrativa competente poderá determinar o afastamento do agente público do exercício do cargo, emprego ou função, sem prejuízo da remuneração, quando a medida se fizer necessária à instrução processual.*

Admitida a possibilidade, é inegável a necessidade de cautela, principalmente a fixação do prazo de afastamento, sendo que existem decisões no sentido de ser razoável o afastamento de ocupante de mandato pelo prazo de cento e oitenta dias.

Além dessa medida de ordem pessoal, é possível a concessão de medidas de ordem patrimonial: o sequestro e a indisponibilidade de bens.

A indisponibilidade de bens é oportuna, por exemplo, na ação em que se apura ato de improbidade administrativa que causa lesão ao patrimônio público e, portanto, deve recair sobre bens que possam assegurar o integral ressarcimento do dano. Se ensejar enriquecimento ilícito, pode ser oportuno o sequestro dos bens adquiridos ou recebidos com o produto do ilícito.

As referidas medidas provisórias, portanto, estão relacionadas ao ressarcimento do erário e devem ser aplicadas no caso de enriquecimento ilícito e de prejuízo ao erário.

Alguns autores não vislumbram distinção entre a indisponibilidade de bens e o sequestro.

É possível, contudo, dizer que a indisponibilidade de bens relaciona-se mais diretamente à reparação do dano, enquanto que o sequestro é mais apropriado a garantir a conservação dos valores e bens ilicitamente obtidos pelo agente público.

O acervo de bens presentes e futuros do agente fica sujeito à medida de sequestro, que, para muitos, não passa de um arresto especial, pois não está sujeito aos requisitos do CPC (813-814) que, como se sabe, são muito rígidos.

A indisponibilidade deve determinar a inalienabilidade. Pode se traduzir num bloqueio de contas ou em uma restrição à alienação imobiliária. Está relacionado à futura execução por quantia.

A indisponibilidade não deve ser total. Deve incidir sobre o necessário à plena reparação do dano. Daí a importância da estimativa do dano na petição inicial.

No caso de indisponibilidade ou de sequestro de bens em caso ação de improbidade administrativa, o *periculum in mora* é presumido. Por isso é que se afirma que a hipótese é, nitidamente, de tutela da evidência (e não de urgência). Não há necessidade de prova do *periculum in mora*.

Há divergência quanto à possibilidade de indisponibilidade no caso de bem de família. Preferimos o entendimento segundo o qual o fato de se tratar de bem de família de imóvel não é suficiente para obstar a ordem de indisponibilidade.

Em relação aos exemplos práticos, pode-se dizer que é plenamente justificável a concessão de uma medida liminar para determinar, no bojo de ação civil pública por ato de improbidade administrativa, a indisponibilidade de bens. A medida, no caso, é de evidência, pois como se disse, não há necessidade de se demonstrar risco de dilapidação patrimonial. Entende-se, no caso, que o *periculum in mora* é presumido. Afinal, há determinação constitucional para a decretação da indisponibilidade de bens no caso de improbidade administrativa.

Um exemplo de medida cautelar, comum na prática forense, relacionada à apuração de ato de improbidade administrativa, é aquela voltada, no bojo de ação preparatória, à quebra do sigilo bancário e fiscal do investigado.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) José Roberto dos Santos Bedaque: "No caso específico da obrigação decorrente de improbidade administrativa duas medidas podem ser adotadas com a finalidade de assegurar a eficácia prática da tutela final.

A primeira consiste na indisponibilidade dos bens do indiciado, requerida pelo Ministério Público, mediante representação da autoridade administrativa responsável pelo inquérito (art. 7º).

A constrição atingirá os bens necessários ao ressarcimento integral do dano ou todo o patrimônio correspondente ao enriquecimento ilícito (parágrafo único).

A outra é o sequestro de bens e o bloqueio de qualquer ativo financeiro mantido no exterior, a ser requerido nos termos dos arts. 822 e 825 do Código de Processo Civil (art. 16 e §§) .

Verifica-se, portanto, a existência de duas medidas de urgência, ambas de natureza cautelar e destinadas a assegurar a efetividade da tutela final: a indisponibilidade de bens (art. 7º) e o sequestro de bens e bloqueio de contas bancárias (art. 16)" ("Tutela jurisdicional cautelar e atos de improbidade administrativa". In: *Improbidade administrativa:*

questões polêmicas e atuais. Coord. De Cassio Scarpinella Bueno e Pedro Paulo de Rezende Porto Filho. São Paulo: Malheiros, p. 259).

b) Carlos Mário Velloso Filho: "No que se refere, pois, à indisponibilidade dos bens acrescidos ilicitamente ao patrimônio do responsável pelo ato de improbidade, estar-se-á diante de um sequestro típico, uma vez que o objeto da medida serão bens determinados, exatamente aqueles cuja persa será postulada na ação principal.

O mesmo, todavia, não sucede com a indisponibilidade referente à improbidade causadora de dano ao erário, porquanto, nesse caso, o objeto da medida não será um bem determinado, mas qualquer bem que possa garantir o ressarcimento dos prejuízos sofridos pelos cofres públicos"("A indisponibilidade de bens na Lei nº 8.429, de 1992". In: *Improbidade administrativa: questões polêmicas e atuais*. Coord. De Cassio Scarpinella Bueno e Pedro Paulo de Rezende Porto Filho. São Paulo: Malheiros, p. 104).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) A seguinte decisão da Primeira Turma do STJ (AgRg no AREsp 20853/SP, DJe 29/06/2012) bem explica a medida de indisponibilidade dos bens:

"ADMINISTRATIVO E PROCESSUAL CIVIL. AGRAVO REGIMENTAL NO AGRAVO EM RECURSO ESPECIAL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA POR ATO DE IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. INDISPONIBILIDADE DOS BENS. ART. 7º DA LEI 8.429/92. DECRETAÇÃO. REQUISITOS. ENTENDIMENTO DO STJ DE QUE É POSSÍVEL ANTES DO RECEBIMENTO DA INICIAL. SUFICIÊNCIA DE DEMONSTRAÇÃO DE DANO AO ERÁRIO OU DE ENRIQUECIMENTO ILÍCITO (FUMAÇA DO BOM DIREITO). PERIGO DA DEMORA IMPLÍCITO. INDEPENDÊNCIA DE DILAPIDAÇÃO PATRIMONIAL. INCIDÊNCIA TAMBÉM SOBRE BENS ADQUIRIDOS ANTES DA CONDUTA. TRIBUNAL DE ORIGEM QUE INDIVIDUALIZA AS CONDUTAS E INDICA DANO AO ERÁRIO EM MAIS DE QUINHENTOS MIL REAIS. SÚMULA nº 83/STJ. 1. Hipótese na qual se discute cabimento da decretação de indisponibilidade de bens em ação civil pública por ato de improbidade administrativa. 2. O acórdão recorrido consignou expressamente 'haver prejuízo ao erário municipal', bem como que 'estariam presentes os requisitos necessários (fumus boni iuris e o periculum in mora) (....) limitado ao valor total de R$ 535.367.50'. 3. O entendimento conjugado de ambas as Turmas de Direito Público desta Corte é de que, a indisponibilidade de bens em ação de improbidade administrativa: a) é possível antes do recebimento da petição inicial; b) suficiente a demonstração, em tese, do dano ao Erário e/ou do enriquecimento ilícito do agente, caracterizador do fumus boni iuris; c) independe da comprovação de início de dilapidação patrimonial, tendo em vista que o periculum in mora está implícito no comando legal; d) pode recair sobre bens adquiridos anteriormente à conduta reputada ímproba; e e) deve recair sobre tantos bens quantos forem suficientes a assegurar as consequências financeiras da suposta improbidade, inclusive a multa civil. Precedentes: REsp 1115452/MA; REsp 1194045/SE e REsp 1135548/PR. 4. Ademais, a indisponibilidade dos bens não é indicada somente para os casos de existirem sinais de dilapidação dos bens que seriam usados para pagamento de futura indenização, mas também nas hipóteses em que o julgador, a seu critério, avaliando as circunstâncias e os elementos constantes dos autos, afere receio a que os bens sejam desviados dificultando eventual ressarcimento. (AgRg na MC 11.139/SP). 5. Destarte, para reformar a convicção do julgador pela necessidade da medida em favor da integridade de futura indenização, faz-se impositivo revolver os elementos utilizados para atingir o convencimento demonstrado, o que é insusceptível no âmbito do recurso especial, tendo em vista o óbice da Súmula nº 7/STJ. 6. Agravo regimental não provido".

b) "ADMINISTRATIVO E PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. LIMINAR. INDISPONIBILIDADE DE BENS. PERICULUM IN MORA PRESUMIDO.

A concessão da medida de indisponibilidade não está condicionada à comprovação de que os réus estejam dilapidando seu patrimônio, ou na iminência de fazê-lo, tendo em vista que o periculum in mora está implícito no comando legal. Assim deve ser a interpretação da lei, porque a dilapidação é ato instantâneo que impede a atuação eficaz e acautelatória do Poder Judiciário. Precedentes: Edcl no REsp 1.211.986/MT, Rel. Ministro Herman Benjamin, Segunda Turma, DJe 9/6/2011; REsp 1.244.028/RS, Rel. Ministro Mauro Campbell Marques, Segunda Turma, DJe 2/9/2011; Edcl no REsp 1.205.119/MT, Rel. Ministro Mauro Campbell Marques, Segunda Turma, Dje 8.2.2011; REsp 1.190.846/PI, Rel. Ministro Castro Meira, Segunda Turma, DJe 10/2/2011; REsp 967.841/PA, Rel. Ministro Mauro Campbell Marques, Segunda Turma, DJe 8/10/2010; REsp 1.203.133/MT, Rel. Ministro Castro Meira, Segunda Turma, DJe 28/10/2010; REsp 1.199.329/MT, Rel. Ministro Mauro Campbell Marques, Segunda Turma, Dje 8.10.2010; REsp 1.177.290/MT, Rel. Ministro Herman Benjamin, Segunda Turma, DJe 1º/7/2010; REsp 1.177.128/MT, Rel. Ministro Herman Benjamin, Segunda Turma, Dje 16.9.2010; REsp 1.135.548/PR, Rel. Ministra Eliana Calmon, Segunda Turma, DJe 22/6/2010; REsp 1.134.638/MT, Relator Ministra Eliana Calmon, Segunda Turma, Dje 23.11.2009; REsp 1.098.824/SC, Rel. Ministra Eliana Calmon, Segunda Turma, DJe 4/8/2009.

Contudo, nada impede que o réu, nos autos da Ação Civil Pública, indique bens suficientes a assegurar a providência acautelatória, de modo a garantir o ulterior pagamento da reparação econômica e de eventual multa civil" (AgRg no REsp 1311465/TO, Segunda Turma, DJe 24/09/2012).

De acordo com a Segunda Turma do STJ (AgRg no REsp 937085/PR, DJe 17/09/2012), "a jurisprudência do STJ conclui pela possibilidade de a indisponibilidade recair sobre bens adquiridos antes do fato descrito na inicial, pois o sequestro ou a indisponibilidade dá-se como garantia de futura execução em caso de constatação do ato ímprobo; assim, irrelevante se a indisponibilidade recaiu sobre bens anteriores ou posteriores ao ato acoimado de ímprobo. Precedentes: AgRg no Ag 1.423.420/BA, Rel. Min. Benedito Gonçalves, Primeira Turma, DJe 28.10.2011; e REsp 1.078.640/ES, Rel. Min. Luiz Fux, Primeira Turma, DJe 23.3.2010".

Há divergência quanto à possibilidade de indisponibilidade no caso de bem de família. Para a Segunda Turma do STJ, "o caráter de bem de família de imóvel não tem a força de obstar a determinação de sua indisponibilidade nos autos de ação civil pública, pois tal medida não implica em expropriação do bem. Precedentes desta Corte" (REsp 900783/PR, DJe 06/08/2009).

c) REsp 1115452 / MA

Relator Ministro HERMAN BENJAMIN

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 20/04/2010

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. INDISPONIBILIDADE DOS BENS. DECRETAÇÃO. REQUISITOS. ART. 7º DA LEI 8.429/1992. 1. Cuidam os autos de Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público Federal no Estado do Maranhão contra a ora recorrida e outros, em virtude de suposta improbidade administrativa em operações envolvendo recursos do Fundef e do Pnae. 2.

A indisponibilidade dos bens é medida de cautela que visa a assegurar a indenização aos cofres públicos, sendo necessária, para respaldá-la, a existência de fortes indícios de responsabilidade na prática de ato de improbidade que cause dano ao Erário (fumus boni iuris). 3. Tal medida não está condicionada à comprovação de que os réus estejam dilapidando seu patrimônio, ou na iminência de fazê-lo, tendo em vista que o periculum in mora está implícito no comando legal. Precedente do STJ. 4. Recurso Especial provido.

d) REsp 957766 / PR

Relator Ministro LUIZ FUX

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 23/03/2010

ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. DANO AO ERÁRIO. VIOLAÇÃO AOS PRINCÍPIOS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. INDISPONIBILIDADE DE BENS. RESSARCIMENTO INTEGRAL DO DANO. ART. 7º, PARÁGRAFO ÚNICO, DA LEI nº 8.429/92.INCLUSÃO DA MULTA CIVIL DO ART. 12, INCISOS II E III, DA LEI nº 8.429/92. 1. O decreto de indisponibilidade de bens em ação civil pública por ato de improbidade deve assegurar o ressarcimento integral do dano (art. 7º, parágrafo único da Lei nº 8.429/92), que, em casos de violação aos princípios da administração pública (art. 11) ou de prejuízos causados ao erário (art. 10), pode abranger a multa civil, como uma das penalidades imputáveis ao agente improbo, caso seja ela fixada na sentença condenatória. 2. Raciocínio inverso conspiraria contra a ratio essendi de referido limitador do exercício do direito de propriedade do agente improbo que é a de garantir o cumprimento da sentença da ação de improbidade. 3. Precedentes da Segunda Turma:AgRg nos EDcl no Ag 587748/PR, Rel. Ministro HUMBERTO MARTINS, DJ de 23/10/2009; AgRg no REsp 1109396/SC, Rel. Ministro MAURO CAMPBELL MARQUES, DJ de 24/09/2009; REsp 637.413/RS, Rel. Ministro HERMAN BENJAMIN, DJ de 21/08/2009; AgRg no REsp 1042800/MG, Rel. Ministro HERMAN BENJAMIN, DJ de 24/03/2009; REsp 1023182/SC, Rel. Ministro CASTRO MEIRA, DJ de 23/10/2008. 4. Recurso especial desprovido.

e) EDcl no Ag 1179873 / PR

Relator Ministro HERMAN BENJAMIN

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 12/03/2010

PROCESSUAL CIVIL. EMBARGOS DE DECLARAÇÃO RECEBIDOS COMO AGRAVO REGIMENTAL. PRINCÍPIO DA FUNGIBILIDADE RECURSAL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. MEDIDA CAUTELAR INCIDENTAL. INDISPONIBILIDADE E SEQÜESTRO DE BENS ANTES DO RECEBIMENTO DA PETIÇÃO INICIAL. POSSIBILIDADE. REEXAME FÁTICO-PROBATÓRIO. INVIABILIDADE. SÚMULA 7/STJ. 1. Por inexistir omissão, obscuridade ou contradição na decisão embargada e pelo princípio da fungibilidade recursal, recebem-se os presentes Embargos de Declaração como Agravo Regimental. 2. Pode-se determinar a indisponibilidade e sequestro de bens, para fins de assegurar o ressarcimento ao Erário, antes do recebimento da petição inicial da Ação de Improbidade. Precedente do STJ. 3. O fato de a Lei 8.429/1992 prever contraditório prévio ao recebimento da petição inicial (art. 17, §§ 7º e 8º) não restringe o cabimento de tais medidas, que têm amparo em seus arts. 7º e 16 e no poder geral de cautela do magistrado, passível de ser exercido mesmo inaudita altera pars (art. 804 do CPC). 4. A pretensão de

discutir a suficiência da prova acolhida pelo Tribunal de origem demanda revolvimento fático-probatório, impossível em Recurso Especial (Súmula 7/STJ). 5. Agravo Regimental não provido.

f) RMS 25949 / BA

Relator Ministro LUIZ FUX

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 23/03/2010

PROCESSUAL CIVIL. ADMINISTRATIVO. MANDADO DE SEGURANÇA IMPETRADO CONTRA DECISÃO DO RELATOR QUE INDEFERE PEDIDO DE LIMINAR (ART. 527, PARÁGRAFO ÚNICO). IRRECORRIBILIDADE. SÚMULA 267/STF. NÃO INCIDÊNCIA. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. MEDIDA CAUTELAR. INDISPONIBILIDADE E SEQÜESTRO DE BENS. DEFERIMENTO DE LIMINAR INAUDITA ALTERA PARS ANTES DA NOTIFICAÇÃO PRÉVIA. POSSIBILIDADE. ARTS. 7º E 16 DA LEI 8429/92. 1. A decisão do relator que defere ou infere o pedido de efeito suspensivo, no âmbito de agravo de instrumento, mercê da impossibilidade de sua revisão mediante a interposição de agravo previsto em regimento interno, porquanto sujeita apenas a pedido de reconsideração (parágrafo único do art. 527, do CPC), desafia a impetração de mandado de segurança, afastando, outrossim, a incidência da Súmula 267/STF. Precedentes do S.T.J: REsp1032924/DF, QUINTA TURMA, DJ de 29/09/2008; RMS 25619/BA, QUARTA TURMA, DJ de 01/09/2008; MC 14561/BA, TERCEIRA TURMA, DJ de 08/10/2008; RMS 25143/RJ, TERCEIRA TURMA, DJ 19.12.2007; e RMS 22847/MT, TERCEIRA TURMA, DJ 26.03.2007. 2. Ressalva do Relator no sentido de que: 2.1. O legislador no novel parágrafo único do art. 527, do CPC, explicita que a decisão liminar, proferida nos casos dos incisos II e III, somente é passível de reforma quando do julgamento do agravo, salvo se o próprio relator a reconsiderar; 2.2. O escopo de celeridade e redução recursal enquadra a irrecorribilidade da decisão monocrática do relator que confere efeito suspensivo ou ativo ao agravo ou o indefere, bem como da que determina a conversão de um tipo em outro. É que o agravo interno ou regimental é substituído pelo pedido de reconsideração. 2.3. Consoante a doutrina do tema: "(...)Essa novel técnica vai ressuscitar duas questões importantes a saber: a inconstitucionalidade de eclipsar-se nas mãos do relator um julgamento que deveria ser colegiado por força da cláusula pétrea da ampla defesa, a qual abarca o duplo grau de jurisdição e a utilização, outrora promíscua, do mandado de segurança substitutivo de recurso. Nada obstante, segundo o legislador, a mola propulsora dessa reforma pontual foi: "o escopo de alterar a sistemática de agravos, tornando regra o agravo retido, e. reservando o agravo de instrumento para as decisões suscetíveis de causar à parte lesão grave e de difícil reparação, e outras especificadas na redação proposta da alínea b, do § 4º do art. 523 do Código de Processo Civil". Ademais, prevê que, das decisões dos relatores, ao mandar converter os agravos de instrumento em retidos, ou ao deferir ou indeferir o chamado efeito ativo, não mais caberá agravo interno (que, aliás, na segunda hipótese vários tribunais já atualmente não admitem), sem prejuízo da faculdade de o relator reconsiderar sua decisão. É interessante evitar a superposição, a reiteração de recursos, que ao fim e ao cabo importa maior retardamento processual, em prejuízo do litigante a quem assiste a razão (...)" in Curso de Direito Processual Civil – Processo de Conhecimento, Luiz Fux, 2008, Forense, Rio de Janeiro, p. 846-847. 3. In casu, o recurso ordinário foi interposto contra o indeferimento da inicial de Mandado de Segurança impetrado em face do indeferimento de efeito suspensivo, requerido no âmbito de agravo de instrumento, apreciado pelo colegiado local em sede de agravo regimental. 4. A ausência de análise meritória do mandamus,

cuja inicial restou indeferida in limine pelo Tribunal local, com supedâneo na Súmula 267/STF, conduz à inaplicabilidade do § 3º do art. 515, vedando, a fortiori, o exame do indeferimento do pedido de efeito suspensivo veiculado no AG 11959-7/2007 manejado contra a concessão de liminar inaudita altera pars, em sede de ação civil publica por ato de improbidade administrativa, que determinou o afastamento do demandado, ora recorrente, titular de mandato eletivo, pelo prazo de 180 (cento e oitenta dias), sem prejuízo do recebimento de seus vencimentos, bem como a indisponibilidade de seus bens (fls. 41/46). 5. Recurso Ordinário provido para determinar que o Tribunal a quo examine o mérito do mandamus.

g) REsp 1040254 / CE

Relator Ministra DENISE ARRUDA

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 02/02/2010

ADMINISTRATIVO. RECURSO ESPECIAL. MEDIDA CAUTELAR. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. INDISPONIBILIDADE DE BENS. NATUREZA JURÍDICA. NOTIFICAÇÃO PRÉVIA. PROCEDIMENTO ESPECÍFICO SOMENTE APLICÁVEL AO PROCESSO PRINCIPAL. LIMITES DA CONSTRIÇÃO. PRECEDENTES DO STJ. RECURSO ESPECIAL PROVIDO. 1. Na hipótese examinada, o Ministério Público Federal ajuizou ação cautelar preparatória de ação civil de improbidade administrativa contra os ora recorridos (fls. 70/87), na qual foi deferida, entre outros pedidos, a indisponibilidade de todos os bens dos referidos réus (fls. 24/30). A Corte a quo afastou a referida constrição em razão dos seguintes fundamentos: a) a medida cautelar não observou o rito previsto na Lei de Improbidade Administrativa que exige a notificação prévia do requerido para apresentação de defesa prévia; b) a indisponibilidade dos bens somente poderia recair sobre bens adquiridos supostamente após o fato apontado como ímprobo. 2. É notória a existência do procedimento específico da ação civil de improbidade administrativa, previsto no art. 17 e parágrafos da Lei 8.429/92, especificamente a fase preliminar de defesa prévia que antecede o recebimento da petição inicial da referida ação. Entretanto, a possibilidade de indisponibilidade de bens não está condicionada ao recebimento da exordial, tampouco à prévia manifestação dos réus. Ademais, é manifesta a conclusão no sentido de que a referida fase preliminar somente é aplicável à "ação principal", no caso específico a ação civil por improbidade administrativa, mas inexigível em medida cautelar preparatória. 3. A natureza jurídica da indisponibilidade de bens prevista na Lei de Improbidade Administrativa é manifestamente acautelatória, pois visa assegurar o resultado prático de eventual ressarcimento ao erário causado pelo ato de improbidade administrativa. Assim, o pedido pode ser formulado incidentalmente na ação civil de improbidade administrativa ou medida cautelar preparatória, e deferido, mediante a presença dos requisitos autorizadores, antes mesmo da notificação do réu para a apresentação de defesa prévia. 4. A decretação de indisponibilidade de bens em decorrência da apuração de atos de improbidade administrativa deve observar o teor do art. 7º, parágrafo único, da Lei 8.429/92, limitando-se a constrição aos bens necessários ao ressarcimento integral do dano, ainda que adquiridos anteriormente ao suposto ato de improbidade. 5. Provimento do recurso especial.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (MPDFT – 2011 – MPDFT – PROMOTOR) Sob a sistemática atual das tutelas de urgência na ação de improbidade administrativa, conforme a legislação pertinente e a jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça, marque a afirmativa correta:

a) A Lei de Improbidade Administrativa autoriza que a autoridade administrativa competente determine o afastamento do agente público do cargo, emprego ou função, inclusive no âmbito do inquérito civil, devendo o Ministério Público, na hipótese, notificar a autoridade pública hierarquicamente superior ao agente, para o cumprimento da medida de afastamento do investigado até o ajuizamento da ação civil pública.

b) Não havendo o cometimento de crime em tese, não é possível o afastamento cautelar de parlamentar, estadual ou distrital, de suas funções legislativas, enquanto se aguarda decisão final em ação de improbidade administrativa, sob pena de subtração de mandato popular.

c) Em razão da excepcionalidade das severas sanções impostas na Lei de Improbidade Administrativa, o rol das medidas cautelares cabíveis, tanto no campo sancionatório, quanto no reparatório, é de tipicidade fechada, não admitindo ampliação por intermédio de interpretação extensiva.

d) Admite-se a cumulação de medidas cautelares patrimoniais, evidenciando-se situação de enriquecimento ilícito e dano ao patrimônio público. No primeiro caso, a medida de sequestro recairá sobre o valor indevidamente agregado ao patrimônio do agente. Em relação à reparação integral do prejuízo causado ao ente público, a garantia deverá efetivar-se mediante a indisponibilidade de bens, podendo recair sobre qualquer bem do agente, à semelhança da cautelar de arresto.

e) O caráter de bem de família retira a possibilidade de decretação de medida cautelar de indisponibilidade de bens, notadamente se adquirido anteriormente ao ato de improbidade em apuração.

➘ *Resposta: D*

02. (MPSP – 2011 – MPSP – PROMOTOR) Assinale a alternativa que indica corretamente características da ação de improbidade administrativa.

a) O pedido relativo à condenação em multa civil, prevista na Lei de Improbidade Administrativa, deve ser formulado em caráter cominatório, para o caso de descumprimento de determinação do Juiz no sentido de o demandado fazer ou abster-se de praticar determinada conduta, em termos semelhantes ao previsto no art. 461 do Código de Processo Civil.

b) O recebimento da inicial está condicionado à prévia notificação do demandado, para que se manifeste por escrito no prazo de 15 (quinze) dias. Somente depois de tal manifestação, se o Juiz entender que a inicial está em termos para ser recebida e que não é caso de julgamento preliminar de improcedência, em face das provas carreadas aos autos ou da inexistência de ato de improbidade, o demandado deverá ser citado para contestação.

c) Diversamente do que ocorre na ação popular, se a ação for proposta pelo Ministério Público, a pessoa jurídica de direito público não poderá optar entre abster-se de contestar o pedido e autuar ao lado do autor, devendo apresentar contestação, ainda que para alegar a exclusiva responsabilidade do agente público demandado.

d) Não obstante a Lei de Improbidade Administrativa vede a transação, o acordo ou a conciliação nos processos por ela regidos, é possível aceitar a revelia, o reconhecimento jurídico do pedido, a confissão e, mediante homologação judicial, o acordo de delação premiada, previsto em legislação específica.

e) As liminares estão restritas à indisponibilidade de bens, prevista na própria Constituição Federal, e ao sequestro, previsto na lei respectiva, não se admitindo outras medidas de caráter cautelar ou de antecipação de tutela.

➘ *Resposta: B*

03. (Cartório/ES – 2013 – CESPE) No que se refere a improbidade administrativa, assinale a opção correta.

a) Será punido com pena de demissão, a bem do serviço público, sem prejuízo de outras sanções, o agente público que se recusar a prestar declaração de seus bens dentro do prazo determinado.

b) Qualquer pessoa poderá representar a autoridade administrativa competente, ainda que anonimamente, pedido de instauração de investigação de ato de improbidade.

c) Para a caracterização de ato de improbidade administrativa, e imprescindível o dolo, ainda que genérico.

d) A gravidade dos ilícitos imputados ao agente público e a existência de robustos indícios contra ele justificam o seu afastamento do exercício do cargo, por via administrativa, desde que determinado pela autoridade administrativa competente.

e) Não poderá haver a imposição de pena ao agente público pela pratica de ato de improbidade que cause dano ao erário se o tribunal de contas tiver aprovado suas contas.

➘ *Resposta "A"*

14. (89º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2012)

"Defina o que são 'políticas públicas' e de que forma o Ministério Público, através dos instrumentos de tutela coletiva, pode ser eficiente e resolutivo na sua indução e implementação".

◉ RESPOSTA

As políticas públicas são os programas, as ações, as atividades desenvolvidas pelo Estado para implementar os direitos que são assegurados às pessoas e à coletividade em geral.

O Estado nem sempre implementa os direitos fundamentais de forma direta, pois também pode fazê-lo por meio de parcerias e convênios com entidades públicas ou privadas.

Assim, o Estado age direta ou indiretamente para assegurar e concretizar os direitos reconhecidos em lei. Por exemplo, nas críticas áreas da educação e da saúde, que são direitos fundamentais de todos, cabe ao Poder Público desenvolver programas que possam permitir o acesso universal a estabelecimentos de ensino e de saúde.

Políticas públicas também são impostas pela legislação. Pode-se citar o exemplo da Lei nº 6.938/81, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente.

Assim, o Poder Legislativo e o Executivo são órgãos garantidores do desenvolvimento das políticas públicas.

Além disso, também se reconhece, na atualidade, um importante papel ao Poder Judiciário no controle das chamadas políticas públicas.

Afinal, o Poder Judiciário também pode ser provocado a agir para garantir os direitos fundamentais da coletividade. E um dos principais agentes provocadores do Judiciário é justamente o Ministério Público, que tem legitimidade para promover ações que obriguem a efetivação dos inúmeros direitos fundamentais assegurados pela Constituição Federal e pelas demais leis.

É a própria Constituição Federal (arts. 127 a 129) que dá legitimidade ao Ministério Público para agir, judicial e extrajudicialmente, na busca da efetivação dos direitos fundamentais.

Cabe observar que a sociedade também deve participar na formulação das políticas públicas, bem como no acompanhamento, na fiscalização e na avaliação dos programas, das ações e das atividades voltadas à efetivação dos direitos fundamentais.

A participação popular não só é permitida, como deve ser incentivada pelo Poder Público, existindo diversos instrumentos voltados à discussão, à elaboração e à realização das políticas públicas. Por exemplo, as audiências públicas são espaços especialmente destinados à discussão de planos que possam ser realizados.

Os planos são necessários para estabelecer diretrizes, prioridades e objetivos serem alcançados em determinados lapsos temporais.

Os programas, essencialmente, definem os planos que serão implementados pelas ações que possam alcançar os objetivos estabelecidos.

Foi o desenvolvimento dos direitos fundamentais de segunda geração ou dimensão (direitos sociais) que trouxe profundos impactos para os ordenamentos jurídicos no sentido do desenvolvimento das políticas públicas, tendo em vista que são direitos que exigem uma atuação positiva do Estado.

Os direitos sociais contrapõem-se aos direitos de liberdade, ou seja, aos direitos de primeira geração (liberdades públicas), na medida em que os direitos sociais exigem, principalmente, uma atuação positiva, enquanto que os direitos de liberdade se caracterizam por impor limites (omissões) ao Poder Público.

Os direitos sociais são revelados no século XX como direitos que podem e devem ser exercidos contra o Estado, cobrando uma atuação positiva deste no sentido de propiciar o bem-estar social. Ou seja, cobrando políticas públicas, isto é, programas, ações e atividades que possam assegurar os mencionados direitos.

Deve ser combatida e eliminada qualquer pretensão no sentido de transformar as normas que asseguram os direitos fundamentais sociais em normas puramente programáticas, ou seja, dotadas de pouca eficácia e dependentes da intermediação legislativa para serem concretizadas.

Os direitos sociais têm sim eficácia imediata e exigibilidade administrativa e jurisdicional, não obstante as alegadas limitações por parte de muitos agentes públicos, que procuram reduzir a eficácia e a exigibilidade dos mencionados direitos, sob a alegação de exiguidade, carência ou limitação de meios e recursos.

E como se disse, a implementação dos direitos sociais, culturais e econômicos se dá por políticas públicas a serem desenvolvidas pelo Estado, de tal forma que a efetivação desses direitos também se transformou em um desafio para o Poder Judiciário. Em consequência, houve significativa judicialização da política.

Como pode se configurar, em determinadas situações, uma falta de comprometimento do Poder Público com a efetivação dos direitos fundamentais, revela-se importante garantir o acesso ao Poder Judiciário e a órgãos públicos resolutivos, isto é, que possam cobrar das pessoas jurídicas de direito público, judicial e extrajudicialmente, a implementação dos direitos assegurados legalmente.

Assim, não basta a previsão ou o estabelecimento de um rol de direitos fundamentais. É imprescindível que existam meios administrativos e processuais que possam ser utilizados para a concretização dos direitos, ainda que seja pela provocação do Estado, no sentido de obrigá-lo a desenvolver as necessárias políticas públicas.

E é nesse contexto que deve ser destacado o importante papel do Ministério Público, como órgão resolutivo (e não apenas reivindicativo) e como legítimo representante da sociedade, escolhido pelo legislador constitucional como adequado portador em juízo das pretensões individuais e transindividuais indisponíveis.

Como os direitos fundamentais são individuais e coletivos (vide o art. 5º da CRFB), cabe ao Ministério Público agir para tutelar direitos individuais e transindividuais (difusos, coletivos e individuais homogêneos).

No que diz respeito aos direitos individuais, cabe registrar que lhe cabe a tutela dos direitos indisponíveis (vida, saúde e outros) e dos individuais disponíveis que apresentem relevância social (p. ex., daqueles que digam respeito a um número significativo de pessoas e que, portanto, possam resultar em inúmeras ações individuais).

Por isso, não podemos pensar apenas na jurisdição individual. Afinal, quando uma pretensão coletiva é endereçada a um órgão jurisdicional, por meio de um ente legitimado pela lei, o Judiciário prestará uma tutela coletiva, de tal forma que por meio de uma única sentença poderá tutelar inúmeras situações.

Todavia, chegou o momento de registrar que o Ministério Público não pode se caracterizar por apenas reivindicar direitos junto ao Poder Judiciário. Ou seja, não pode, simplesmente, esperar a violação dos direitos para reivindicá-los junto ao Poder Judiciário.

A atuação do Ministério Público não pode ser, apenas, de reação às violações e às situações conflituosos.

Embora o papel de postular junto ao Poder Judiciário seja importante, não lhe cabe, apenas, ser um órgão demandista.

Enfim, ele não pode apenas atuar *perante* o Judiciário.

A defesa da ordem jurídica e dos direitos e interesses fundamentais da coletividade exige um papel mais ativo, mais proativo do Ministério Público, de tal forma a desenvolver inúmeras atividades extrajudiciais na defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis.

Por isso que pode e deve exercer uma atividade fiscalizatória, instaurando inquéritos civis, acompanhando e designando audiências públicas, envolver-se com a comunidade, sendo um agente de discussão junto a ela dos principais problemas.

Deve o órgão ministerial incumbido da atividade executiva, mas também a instituição como um todo, desenvolver planos, traçar objetivos e agir extrajudicialmente para buscar a efetivação dos direitos fundamentais.

Para tanto, o órgão ministerial é dotado de uma série crescente de atribuições extrajudiciais para desenvolver uma atuação proativa e resolutiva.

É claro que a atuação extrajudicial não pode desobrigar o órgão agente do Ministério Público de cumprir seu papel de órgão demandista e que atua perante o Poder Judiciário, inclusive no cumprimento de suas funções burocráticas.

Na verdade, ao lado da atuação judicial, cabe ao Ministério Público desenvolver uma atuação extrajudicial bastante efetiva, integrando-se, inclusive, à comunidade na discussão dos principais problemas.

Para tanto, deve atuar em prol do idoso, da criança, do adolescente, do consumidor, do meio ambiente, da defesa das pessoas com necessidades especiais, da ordem urbanística, da ordem econômica, por exemplo, instaurando inquéritos civis, celebrando compromissos de ajustamento de conduta, designando e participando de audiências públicas, bem como expedindo recomendações. Sem se esquecer de atender o público.

O Compromisso de Ajustamento de Conduta, que pode ser celebrado pelos órgãos públicos legitimados à tutela dos direitos transindividuais, permite que o Ministério Público tome dos obrigados o compromisso de cumprir as exigências legais sob pena de consequências diretas e imediatas, por meio de um instrumento que é dotado de eficácia executiva (extrajudicial).

O ajustamento da conduta pode evitar ou encerrar um conflito, além de permitir a tutela do direito em menor tempo, uma vez que a solução jurisdicional costuma ser bastante demorada.

Vale lembrar que o objeto do acordo é o estabelecimento de compromisso quanto à prática ou à cessação de determinada conduta, normalmente pelo estabelecimento de obrigações de fazer e de não fazer.

Além disso, trata-se de instrumento destinado a disciplinar a questão da responsabilidade civil por danos ou por ameaça de danos aos bens transindividuais.

A atuação resolutiva, todavia, não cabe apenas ao promotor de justiça individualmente.

A própria instituição deve estar envolvida na implementação de uma atuação extrajudicial efetiva.

Daí a importância da criação, por exemplo, de grupos de atuação regional. Ocorre que muitos direitos e interesses transindividuais não são de interesse apenas local.

Por isso, a cúpula da instituição pode e deve fomentar a atuação conjunta e integrada de todos os órgãos de execução do Ministério Público. Um importante

mecanismo, neste sentido, é a criação de grupos de atuação especial que, junto ao promotor natural, podem estabelecer uma atuação integrada, coordenada e concentrada.

Para tanto, os grupos podem estabelecer prioridades e metas, observando as peculiaridades locais e regionais.

Nesse contexto, o Ministério Público, ao instaurar um inquérito civil (para o qual é legitimado exclusivo), ou seja, uma investigação administrativa no bojo da qual poderá ser celebrado o TAC, deve estar atento ao fato de que sua atuação não é destinada, apenas, à colheita de elementos para ajuizar uma ação perante o Poder Judiciário.

Ciente da sua missão proativa e resolutiva, o membro do Ministério Público que presidir o inquérito civil estará atento à possibilidade de ser o agente que vai resolver o problema, sem necessidade do concurso do Judiciário.

É relevante observar que o Ministério Público também é dotado do poder de referendar acordos extrajudiciais, dando ao ajusta a eficácia de título executivo extrajudicial.

Referida atribuição pode ser importante, por exemplo, na tutela do idoso. Afinal, poderá, ainda que seja no trato de questões disponíveis que envolvam o idoso, referendar eventual acordo que possa ser importante para o idoso que esteja em situação de risco.

O Ministério Público também é dotado do poder de instaurar investigação para apurar lesão a direito individual indisponível. Ou seja, o poder investigatório do Ministério Público não se restringe às situações de ameaça ou de lesão a direitos e interesses transindividuais.

No âmbito do Ministério Público de São Paulo há previsão para a instauração de investigação administrativa para apuração de lesão a direito individual.

Outro instrumento de tutela coletiva, que pode ser eficiente e resolutivo na indução e implementação de políticas públicas, é a recomendação.

Calcada no poder dado ao Ministério Público para cuidar e garantir respeito aos direitos assegurados em lei, a recomendação pode ser expedida no exercício das atribuições do órgão ministerial e ser dirigida aos órgãos e entidades públicas, com requisição de resposta escrita.

A recomendação deve visar à melhoria dos serviços públicos e de relevância pública. Além disso, pode exigir o respeito aos interesses e direitos transindividuais.

É sim um importante mecanismo para defender e cobrar a defesa de direitos, permitindo, inclusive, a fixação de prazo razoável para a adoção das providências cabíveis.

Pode ser expedida no bojo de um inquérito civil ou de um procedimento preparatório de inquérito civil. Deve ser devidamente fundamentada e ter por objetivo, principalmente, a melhoria dos serviços públicos e de relevância pública.

Porém, é fundamental observar que a recomendação não é uma medida substitutiva do compromisso de ajustamento de conduta ou de eventual ação civil pública.

Ressaltada a importância da atuação extrajudicial e resolutiva do Ministério Público, cabe observar que isto não retira importância da atuação judicial do mencionado órgão.

Afinal, instrumentos judiciais também podem ser eficientes na indução e implementação das políticas públicas.

E o Ministério Público é legitimado para promover ações coletivas na defesa dos direitos fundamentais, que, como se disse, também são aptas à indução e à implementação das políticas públicas.

O processo coletivo também garante o acesso universal à jurisdição.

Ocorre que é fácil constatar que as ações coletivas representam grande economia processual, uma vez que permitem que o representante adequado postule em juízo em nome de toda uma coletividade, obtendo uma sentença cujo comando pode beneficiar todos os membros que se encontrem na mesma situação fática.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Norberto Bobbio (*A era dos direitos*, trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Campus, 1992, p. 5-6): "Do ponto de vista teórico, os direitos do homem, por mais fundamentais que sejam, são direitos históricos, ou seja, nascidos em certas circunstâncias, caracterizadas por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes, e nascidos de modo gradual, não todos de uma vez e nem de uma vez por todas (...). A liberdade religiosa é um efeito das guerras de religião; as liberdades civis, da luta dos parlamentos contra os soberanos absolutos; a liberdade políticas e as liberdades sociais, do nascimento, crescimento e amadurecimento do movimento dos trabalhadores assalariados, dos camponeses com pouca ou nenhuma terra, dos pobres que exigem dos poderes públicos não só o reconhecimento da liberdade pessoal e das liberdades negativas, mas também a proteção do trabalho contra o desemprego, os primeiros rudimentos de instrução contra o analfabetismo, depois a assistência para a invalidez e a velhice, todas elas carecimentos que os ricos proprietários podiam satisfazer por si mesmos. Ao lado dos direitos sociais, que foram chamados de direitos de segunda geração, emergiram hoje os chamados direitos de terceira geração, que constituem uma categoria, para dizer a verdade, ainda excessivamente heterogênea e vaga, o que nos impede de compreender do que efetivamente se trata. O mais importante deles é o reivindicado pelos movimentos ecológicos: o direito de viver num ambiente não poluído. Mas 'já se apresentam novas exigências que só poderiam chamar-se de direitos de quarta geração, referentes aos efeitos cada vez mais traumáticos da pesquisa biológica, que permitirá manipulações do patrimônio genético de cada indivíduo. Quais são os limites dessa possível (e cada vez mais certa no futuro) manipulação? Mais uma prova, se isso ainda fosse necessário, de que os direitos não nascem todos de uma vez. Nascem quando devem ou podem nascer. Nascem quando o aumento do poder do homem sobre o homem – que acompanha inevitavelmente o progresso técnico, isto é, o progresso da capacidade do homem de dominar a natureza e os outros homens – ou cria novas ameaças à liberdade do indivíduo, ou permite novos remédios para as suas indigências: ameaças que são enfrentadas através de demandas de limitações do poder; remédios que são providenciados através da exigência de que o mesmo poder intervenha de modo protetor. Às primeiras, correspondem os direitos de liberdade, ou um não-agir do Estado; aos segundos, os direitos sociais, ou uma ação positiva do Estado. Embora as exigências de direitos possam estar dispostas cronologicamente em diversas fases ou gerações, suas espécies são sempre – com relação aos poderes constituídos

– apenas duas: ou impedir os malefícios de tais poderes ou obter seus benefícios. Nos direitos de terceira e de quarta geração, podem existir direitos tanto de uma quanto de outra espécie".

b) João Gaspar Rodrigues (*Ministério Público Resolutivo*: um novo perfil institucional, Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 2012, p. 35): "O Ministério Público de perfil antigo (ou clássico, como queiram) se caracteriza por simplesmente reagir aos fatos sociais, aguardando que os fatos se tornem patológicos, conflituosos, para serem submetidos ao crivo judicial. É uma **postura institucional reativa** (inercial, fragmentária) a negar parcela valiosa de atribuições extrajudiciais do MP e que, claramente, se inspira no art. 1º da Lei Complementar nº 40/81:

Art. 1º – O Ministério Público, instituição permanente e essencial à função jurisdicional do Estado, é responsável, perante o Judiciário, pela defesa da ordem jurídica e dos interesses indisponíveis da sociedade, pela fiel observância da Constituição e das leis...".

c) João Gaspar Rodrigues (*Ministério Público Resolutivo*: um novo perfil institucional, Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 2012, p. 35): "Que o Ministério Público é indispensável ao Judiciário, na realização do mister institucional deste (prestação da tutela jurisdicional), não há a menor dúvida (Rodrigues, 1999, p. 128; Porto, 1998, p. 17). Mas outras funções, tão ou mais importantes, são desenvolvidas extrajudicialmente, tanto que o próprio art. 127, da Constituição de 88 ao dizer que o MP é essencial à função jurisdicional do Estado, acrescenta-lhe a incumbência da defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis, aspectos mais abrangentes e igualmente relevantes da vida de um Estado, que não são necessariamente desenvolvidos perante o Judiciário.

Quando instaura inquérito civil, fiscaliza fundações, prisões e delegacias de polícia, promove audiências públicas para discutir problemas comunitários ou ainda quando estabelece compromissos de ajustamento, nota-se que o Ministério Público alarga e extrapola a órbita judicial, daí ter dito o legislador constituinte menos do que devida, na medida em que a instituição também é essencial em tarefas não jurisdicionais a si incumbidas (Porto, 1998, p. 17)".

d) João Gaspar Rodrigues (*Ministério Público Resolutivo*: um novo perfil institucional, Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 2012, p. 36-37): "A fatia de atribuições extrajudiciais (um rol sempre crescente) tem obrigado a instituição a adotar uma postura assumidamente pró-ativa e resolutiva, em que passa a concentrar seus recursos e esforços na busca de respostas preventivas para os problemas comunitários. Ao invés de reagir contra incidentes ou fatos consumados (que em boa parte das vezes não encontram uma solução adequada com a submissão judicial), o MP passa a trabalhar para a solução dos próprios problemas em conjunto com a comunidade. Neste novo perfil institucional, o promotor de justiça, como dizia Nietzsche (2005, p. 260), deve ser um *homem antecipador*, ou seja, deve se antecipar aos fatos, o que pressupõe uma nova atitude mental e uma renovada disposição para a ação.

O Ministério Público se debate entre dois tipos ideais de promotor: *promotor de gabinete* e *promotor de fatos*. O primeiro tipo pode ser definido como aquele que, embora utilize procedimentos extrajudiciais no exercício de suas funções, dá tanta ou mais relevância à proposição de medidas judiciais e ao exame e parecer dos processos judiciais dos quais está encarregado. Detalhe: o promotor de gabinete não usa os procedimentos extrajudiciais como meios de negociação, articulação e mobilização de organismos governamentais e não governamentais. O segundo tipo, o promotor de fatos, conquanto

proponha medidas judiciais e realize atividades burocráticas ligadas à sua área, dá tanta ou mais importância ao uso de procedimentos extrajudiciais, mobilizando recursos da comunidade, acionando organismos governamentais e não governamentais e agindo como articulador político (Silva, 2001, PP. 134-135)".

e) João Gaspar Rodrigues (*Ministério Público Resolutivo*: um novo perfil institucional, Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris, 2012, p. 60): "O Ministério Público age (ou deve agir) antes do aparecimento de qualquer controvérsia. Sua ação desenvolve-se em dois planos: do normal e do anormal jurídico. A base dessa ação é o primeiro plano (pró-ativa) e, em caso de perturbação, passa ao segundo plano (reativa). E nesta perspectiva, é fundamental ter como certo que o Judiciário é a última, porém não a única via para a solução e prevenção de conflitos. A entender-se que o Ministério Público só funciona colado às estruturas do Judiciário ou na órbita deste, não se justificaria as funções de fiscalização das fundações, de atendimento ao público, de *ombudsman*, as audiências públicas, os inquéritos civis, os termos de ajustamento de conduta, os referendos de acordos, o controle externo da atividade policial etc. Funções exercidas extrajudicialmente e que podem render resultados sem a necessidade da intervenção do Judiciário".

f) Alexandre Gavronski (*Técnicas extraprocessuais de tutela coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais): "Instrumento jurídico extraprocessual escrito por meio do qual, fundamentadamente e sem coercibilidade, o MP, respeitadas as regras de atribuição, antecipa oficialmente ao destinatário, pessoa física ou jurídica, de natureza pública ou privada, o seu posicionamento específico relacionado à melhoria de determinado serviço público ou de relevância pública ou ao respeito a interesses, bens ou direitos que lhe cabe promover, objetivando a correção de condutas ou adoção de providências do destinatário sem a necessidade de se recorrer à via judicial".

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) AI 835956 AgR / MA

Relator Min. DIAS TOFFOLI

DJe-125 DIVULG 28-06-2013 PUBLIC 01-07-2013

Agravo regimental no agravo de instrumento. Constitucional. Ação civil pública. Ampliação da atuação da Defensoria Pública. Relevância institucional. Implementação de políticas públicas. Possibilidade. Violação do princípio da separação dos poderes. Não ocorrência. Precedentes. 1. O Poder Judiciário, em situações excepcionais, pode determinar que a Administração pública adote medidas assecuratórias de direitos constitucionalmente reconhecidos como essenciais, sem que isso configure violação do princípio da separação dos poderes, inserto no art. 2º da Constituição Federal. 2. Agravo regimental não provido.

b) Informativo nº 0523

Período: 14 de agosto de 2013.

Primeira Turma

DIREITO PROCESSUAL CIVIL. LEGITIMIDADE ATIVA DO MP PARA O AJUIZAMENTO DE AÇÃO CIVIL PÚBLICA. O Ministério Público tem legitimidade para ajuizar ação civil pública contra a concessionária de energia elétrica com a finalidade de evitar a interrupção

do fornecimento do serviço à pessoa carente de recursos financeiros diagnosticada com enfermidade grave e que dependa, para sobreviver, da utilização doméstica de equipamento médico com alto consumo de energia. Conforme entendimento do STJ, o MP detém legitimidade ativa ad causam para propor ação civil pública que objetive a proteção do direito à saúde de pessoa hipossuficiente, porquanto se trata de direito fundamental e indisponível, cuja relevância interessa à sociedade. Precedentes citados: REsp 1.136.851-SP, Segunda Turma, DJe 7/3/2013 e AgRg no REsp 1.327.279-MG, Primeira Turma, DJe 4/2/2013. AgRg no REsp 1.162.946-MG, Rel. Ministro Sérgio Kukina, julgado em 4/6/2013.

c) Informativo nº 0522

Período: 1º de agosto de 2013

Segunda Turma

DIREITO ADMINISTRATIVO. INQUÉRITO CIVIL PARA APURAÇÃO DE ATOS DE IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. Não é possível impedir o prosseguimento de inquérito civil instaurado com a finalidade de apurar possível incompatibilidade entre a evolução patrimonial de vereadores e seus respectivos rendimentos, ainda que o referido procedimento tenha-se originado a partir de denúncia anônima, na hipótese em que realizadas administrativamente as investigações necessárias para a formação de juízo de valor sobre a veracidade da notícia. A CF impôs ao MP o dever de promover o inquérito civil e a ação civil pública para a proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos (art. 129, III). O dever constitucional deve ser compatibilizado com a vedação ao anonimato (art. 5º, IV, CF), com base no princípio da concordância prática. Nos termos do art. 22 da Lei 8.429/1992, o MP pode, mesmo de ofício, requisitar a instauração de inquérito policial ou procedimento administrativo para apurar qualquer ilícito previsto no mencionado diploma legal. Ressalte-se que o art. 13 dessa lei obriga os agentes públicos a disponibilizar periodicamente informações sobre seus bens e evolução patrimonial. Vale destacar que os agentes políticos sujeitam-se a uma diminuição na esfera de privacidade e intimidade, de modo que se mostra ilegítima a pretensão de não revelar fatos relacionados à evolução patrimonial. Precedentes citados: RMS 37.166-SP, Primeira Turma, DJe 15/4/2013; e RMS 30.510-RJ, Segunda Turma, DJe 10/2/2010. RMS 38.010-RJ, Rel. Min. Herman Benjamin, julgado em 4/4/2013.

d) Informativo nº 0517

Período: 2 de maio de 2013.

Segunda Turma

DIREITO PROCESSUAL CIVIL. LEGITIMIDADE DO MP PARA A PROPOSITURA DE AÇÃO CIVIL PÚBLICA OBJETIVANDO O FORNECIMENTO DE CESTA DE ALIMENTOS SEM GLÚTEN A PORTADORES DE DOENÇA CELÍACA. O Ministério Público é parte legítima para propor ação civil pública tendo por objeto o fornecimento de cesta de alimentos sem glúten a portadores de doença celíaca. Essa conclusão decorre do entendimento que reconhece a legitimidade do Ministério Público para a defesa da vida e da saúde, direitos individuais indisponíveis. AgRg no AREsp 91.114-MG, Rel. Min. Humberto Martins, julgado em 7/2/2013.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Ministério Público/SE – 2010 – CESPE) Com referência à ação popular e às ações coletivas, assinale a opção correta.

a) Na ordem constitucional vigente, as ações de tutela coletiva podem ensejar ao Poder Judiciário determinar, em situações excepcionais de políticas públicas definidas na CF, a sua implementação pelos órgãos estatais inadimplentes, observados os parâmetros de possibilidade no mundo fático.

b) Na inércia dos legitimados concorrentes à propositura da ação civil pública, a ação popular constitui sucedâneo à tutela de direitos difusos do consumidor.

c) O MP possui legitimidade para promover a execução de decisão condenatória em ação popular, proferida em segundo grau de jurisdição, apenas na condição de autor da ação popular, ainda que pendente a análise de recurso extraordinário ou especial.

d) Devido à relação de complementariedade entre a Lei da Ação Popular e as normas da Lei da Ação Civil Pública, em se tratando de indenização imposta em ação popular por dano ao patrimônio público, o valor da condenação deve reverter para fundo de direitos difusos, destinado à reconstituição dos bens lesados.

e) No caso de ação popular ajuizada pelo cidadão e ação de improbidade administrativa proposta pelo MP, com o escopo de proteção ao patrimônio público e com a mesma causa de pedir, o efeito da litispendência, ainda que parcial, determina a extinção da primeira, por possuir a segunda objeto mais amplo.

➘ *Resposta "A"*

02. (Magistratura Federal/2ª região – 2011 – CESPE) A tutela do meio ambiente, devido à complexidade que engendra, envolve definição de políticas públicas, utilização adequada de instrumentos de prevenção e controle das atividades econômicas e atuação constante do poder público. Acerca desse tema, assinale a opção correta.

a) O estudo de impacto ambiental exigido por órgão ambiental competente pode ser objeto de reforma judicial.

b) Entre as atribuições do Conselho Nacional do Meio Ambiente, integrante do Sistema Nacional de Meio Ambiente, inclui-se o desenvol-vimento de projetos para o uso racional e sustentável de recursos naturais e para melhorar a qualidade de vida da população.

c) Comparado à avaliação de impacto ambiental, o estudo de impacto ambiental tem abrangência restrita.

d) O estudo de impacto ambiental tem natureza jurídica de ato administrativo ambiental.

e) A autorização para o funcionamento de atividade potencialmente degradadora do ambiente independe da localização do empreendi-mento ou de estudos preliminares de uso do solo.

➘ *Resposta "C"*

03. (Ministério Público/PR – 2011) Nos autos do inquérito civil ou do procedimento preparatório, visando à tutela dos interesses ou direitos a cargo do ministério público, este poderá expedir recomendações administrativas no âmbito das atribuições inerentes às suas funções institucionais. Portanto, é correto afirmar que:

a) A recomendação é medida eminentemente substitutiva ao compromisso de ajustamento de conduta, mas não afasta a necessidade da propositura de ação civil pública;

b) A recomendação visa à melhoria dos serviços públicos e de relevância pública, bem como aos demais interesses, direitos e bens cuja defesa caiba ao Ministério Público promover, motivo pelo qual goza de coercibilidade;

c) A recomendação poderá ser expedida apenas mediante o encerramento dos atos de instrução do inquérito civil;

d) A recomendação pode ser expedida com o intuito de advertir o agente público acerca da violação de seu dever de probidade, hipótese em que a conveniência de sua utilização ficará sujeita à análise discricionária do Ministério Público;

e) O Ministério Público, ao expedir a recomendação, deverá fazê-lo fundamentadamente, fixando prazo razoável para adoção das provi-dências cabíveis, mediante cominação de multa.

➘ *Resposta "D"*

04. (MINISTÉRIO PÚBLICO/RJ – 2011) A recomendação expedida pelo Ministério Público:

a) tem caráter vinculativo, na medida em que impõe a adequação da prestação de um serviço de relevância pública, podendo ser expedida para órgãos públicos e empresas privadas;

b) tem caráter vinculativo, uma vez que é exarada por órgão que tem legitimação para o ajuizamento das ações coletivas e da persecução penal, podendo ser destinada apenas para órgãos públicos;

c) não tem caráter vinculativo, pois sua finalidade é apenas notificar o infrator de que ele está sob investigação, como forma de garantia de seus direitos fundamentais, podendo ser destinada para pessoas físicas e jurídicas;

d) tem eficácia apenas admonitória, em razão de sua natureza extrajudicial, podendo ser destinada apenas para órgãos públicos encarregados da regulação ou prestação de serviços de relevância pública;

e) tem eficácia apenas admonitória, podendo ser destinada para pessoas físicas e jurídicas, públicas e privadas, cujas condutas que estejam em desconformidade com a recomendação serão, após o seu recebimento, considera das dolosas.

➘ *Resposta "E".*

15. (90º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2013)

"O Ministério Público promoveu ação em face dos loteadores e do Município com o fito de obter a regularização de loteamento clandestino, para adequá-lo à legislação pertinente, ou, na impossibilidade de adequação, a condenação nos danos ambientais e urbanísticos. O Juiz da causa determinou a exclusão da pessoa jurídica de direito público da ação, ao argumento que o Município não era parte legítima para respondê-la, isentando-o de responsabilidade. Está correta a decisão? Fundamente a resposta".

◉ RESPOSTA

A decisão não está correta. Ocorre que as pessoas jurídicas de direito público podem ocupar o polo ativo ou o polo passivo das ações civis públicas. A legitimidade do Município, portanto, não é apenas para demandar, mas também para ser demando pelos atos que atentaram contra os direitos transindividuais, sejam eles omissivos ou comissivos.

No caso de loteamento irregular (p. ex., executado em desconformidade ao projeto aprovado pelo Município) ou clandestino (executado sem a observância de qualquer formalidade legal, em afronta aos preceitos da Lei nº 6.766/79), pode ser constatada a responsabilidade do ente municipal, solidária ou subsidiária, dependendo do caso concreto.

Com efeito, é dever do município fiscalizar os loteamentos, desde a aprovação até a execução de obras. Daí a possibilidade de responsabilizá-lo pela omissão.

Cabe lembrar que a CRFB de 1988 (art. 225, § 1º) impõe deveres ao Município no sentido de preservar e garantir o meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Além disso, a lei de parcelamento do solo (Lei 6.766/79) estabelece a responsabilidade do município pela regularização do loteamento irregular, especialmente em face da inexecução das obras de infraestrutura.

Ocorre que, ao se constatar que o loteamento ou desmembramento é irregular, isto é, não se acha registrado ou regularmente executado, cabe ao Município (e também ao Ministério Público) promover a notificação ao loteador.

Sendo desatendida a notificação pela regularização, a municipalidade poderá regularizar (ou ser demandada para) o loteamento.

As finalidades principais da regularização são: evitar lesão aos padrões de desenvolvimento urbano e defender os direitos dos adquirentes de lotes.

Portanto, o Ministério Público pode acionar o Município, em ação civil pública, com o fim de obter a regularização do loteamento, defendendo, no caso, a ordem urbanística e, também, ainda que reflexamente, os direitos dos adquirentes de lotes.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Hugo Nigro Mazzilli: "A União, os Estados, os Municípios ou o Distrito Federal podem ser legitimados passivos para a ação civil pública ou coletiva, pois que, quando não parta deles o ato lesivo, muitas vezes para este concorrem quando licenciam ou permitem a atividade nociva, ou então deixam de coibi-la, embora obrigados a tanto" (*A defesa dos interesses difusos em juízo*, 25ª ed., São Paulo: Saraiva, p. 392).

b) Álvaro Luiz Valery Mirra: "Parece-nos, porém, que acionar indiscriminadamente o Estado, em caráter solidário com o terceiro degradador, pela sua omissão em fiscalizar e impedir a ocorrência do dano ambiental, significaria, no final das contas, transferir à própria vítima última da degradação – a sociedade – a responsabilidade pela reparação do prejuízo, com todos os ônus daí decorrentes, quando, na verdade, a regra deve ser a da individualização do verdadeiro e principal responsável, evitando-se, com isso, indesejável socialização dos encargos necessários à reparação de danos ambientais praticados por pessoas físicas ou jurídicas determinadas" (*Ação civil pública e a reparação do dano ao meio ambiente*, São Paulo: Juarez de Oliveira, 2002, p. 205).

◉ JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) AgRg no AREsp 446051 / SP

Relator Ministro HERMAN BENJAMIN

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 22/04/2014

PROCESSUAL CIVIL. LOTEAMENTO. MUNICÍPIO. PODER-DEVER. LEGITIMIDADE. 1. A jurisprudência do STJ é no sentido de que o Município tem o poder-dever de agir para fiscalizar e regularizar loteamento irregular, pois é o responsável pelo parcelamento, uso e ocupação do solo urbano, atividade essa que é vinculada. 2. Agravo Regimental não provido.

b) REsp 897141 / DF

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO RECONHECIDA. 1. O Ministério Público possui legitimidade ativa para propor Ação Civil Pública para pleitear nulidade de contratos imobiliários relativos a loteamento irregular. 2. No campo de loteamentos clandestinos ou irregulares, o Ministério Público é duplamente legitimado, tanto pela presença de interesse difuso (= tutela da ordem urbanística e/ou do meio ambiente), como de interesses individuais homogêneos (= compradores prejudicados pelo negócio jurídico ilícito e impossibilidade do objeto). Assim sendo, em nada prejudica ou afasta a legitimação do Parquet o fato de que alguns consumidores, mesmo lesados, prefiram manter-se na posse do lote irregular. 3. Recurso Especial provido.

c) RECURSO ESPECIAL Nº 743.678-SP

ADMINISTRATIVO E PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LOTEAMENTO CLANDESTINO. AQUISIÇÃO DE LOTES IRREGULARES. PEDIDO DE INDENIZAÇÃO EM PROL DOS ADQUIRENTES FEITO PELO MINISTÉRIO PÚBLICO NO ÂMBITO DA AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE ATIVA. 1. O Ministério Público possui legitimidade para, no âmbito de ação civil pública em que se discute a execução de parcelamento de solo urbano com alienação de lotes sem aprovação de órgãos públicos competentes, formular pedido de indenização em prol daqueles que adquiriram os lotes irregulares. E isso por três motivos principais. 2. Em primeiro lugar, porque os arts. 1º, inc. VI, e 5º, inc. I, da Lei nº 7.347/85 lhe conferem tal prerrogativa. 3. Em segundo lugar porque, ainda que os direitos em discussão, no que tange ao pedido de indenização, sejam individuais homogêneos, a verdade é que tais direitos,no caso, transbordam o caráter puramente patrimonial, na medida que estão em jogo a moradia, a saúde e o saneamento básico dos adquirentes e, além disso, valores estéticos, ambientais e paisagísticos – para dizer o mínimo – do Município (art. 1º, inc. IV, da Lei nº 7.347/85). Aplicação, com adaptações, do decido por esta Corte Superior na IF 92/MT, Rel. Min. Fernando Gonçalves, Corte Especial, j. 5.8.2009. 4. Em terceiro e último lugar, porque os adquirentes, na espécie, revestem-se da qualidade de consumidor – arts. 81, p. ún., inc. III, e 82, inc. I, do CDC.

d) Segunda Turma do STJ (REsp 252.512/SP, DJ 29/10/2001, p. 194):

"ADMINISTRATIVO – LOTEAMENTO INACABADO – RESPONSABILIDADE SOLIDÁRIA DO MUNICÍPIO – AÇÃO CIVIL PÚBLICA – IMPUTAÇÃO POR AÇÃO DE REGRESSO À EMPRESA LOTEADORA. É dever do município fiscalizar os loteamentos, desde a aprovação até a execução de obras.

A CF/88 e a lei de parcelamento do solo (Lei 6.766/79) estabelecem a solidariedade na responsabilidade pela inexecução das obras de infra-estrutura (art. 40).

Legitimidade do município para responder pela sua omissão e inação da loteadora".

e) MP. LEGITIMIDADE. ACP. LOTEAMENTO IRREGULAR.

A Turma decidiu que, na ação civil pública (ACP) referente à execução de parcelamento de solo urbano com alienação de lotes irregulares, sem aprovação dos órgãos públicos competentes, o parquet tem legitimidade para formular pedido de indenização em favor dos adquirentes de tais lotes, seja em razão da prerrogativa conferida pelos arts. 1º, VI, e 5º, I, da Lei nº 7.347/1985, seja por versar sobre direitos individuais homogêneos que transbordam o mero caráter patrimonial, configurando, ademais, relação de consumo na forma dos arts. 81, parágrafo único, III, e 82, I, do CDC. REsp 783.195-SP, Rel. Min. Mauro Campbell Marques, julgado em 15/9/2009".

f) REsp 1192281 / SP

Relator Ministro MAURO CAMPBELL MARQUES

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 10/11/2010

PROCESSUAL CIVIL. ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. IMPUGNAÇÃO DE CLÁUSULA CONTRATUAL QUE IMPÕE O PAGAMENTO DA TAXA DE CONSERVAÇÃO AOS ADQUIRENTES DE PARCELAS EM LOTEAMENTOS. CONFIGURAÇÃO. 1. No presente caso, pelo objeto litigioso deduzido pelo Ministério Público (causa de pedir e pedido), o que se tem é o pedido de tutela contra exigência dirigida globalmente a todos os adquirentes de parcelas de um loteamento: a declaração da nulidade de cláusula contratual que impõe o pagamento da taxa de conservação aos adquirentes de parcelas nos loteamentos Terras de Santa Cristina – Glebas II e III, implantados na forma da Lei nº 6.766/79 e situados na cidade de Itaí, no Estado de São Paulo, bem como a condenação da ora recorrida à não inserção da referida cláusula nos contratos futuros. Não se buscou reparação da repercussão dessa exigência na esfera jurídica particular de cada um dos adquirentes (devolução da cobrança indevidamente cobradas), hipótese em que haveria tutela de interesses individuais homogêneos. 2. Atua o Ministério Público, no caso concreto, em defesa do direito indivisível de um grupo de pessoas determináveis, ligadas por uma relação jurídica base com a parte contrária, circunstâncias caracterizadoras do interesse coletivo a que se refere o art. 81, parágrafo único, II, da Lei nº 8.078/90. E o art. 129, inc. III, CR/88 é expresso ao conferir ao Parquet a função institucional de promoção da ação civil pública para a proteção dos interesses difusos e coletivos. 3. É patente, pois, a legitimidade ministerial em razão da proteção contra eventual lesão ao interesse coletivo dos adquirentes de parcelas de loteamento. 4. Recurso especial provido.

g) REsp 897141 / DF

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO RECONHECIDA. 1. O Ministério Público possui legitimidade ativa para propor Ação Civil Pública para pleitear nulidade de contratos imobiliários relativos a loteamento irregular. 2. No campo de loteamentos clandestinos ou irregulares, o Ministério Público é duplamente legitimado, tanto pela presença de interesse difuso (= tutela da ordem urbanística e/ou do meio ambiente), como de interesses individuais homogêneos (= compradores prejudicados pelo negócio jurídico ilícito e impossibilidade do objeto). Assim sendo, em nada prejudica ou afasta a legitimação do Parquet o

fato de que alguns consumidores, mesmo lesados, prefiram manter-se na posse do lote irregular. 3. Recurso Especial provido.

h) AgRg no Ag 928652 / RS AÇÃO CIVIL PÚBLICA.

LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO EM MATÉRIA AMBIENTAL E URBANÍSTICA. LOTEAMENTO IRREGULAR POR AUSÊNCIA DE LICENÇA E ENCONTRAR-SE SOBRE DUNAS. INEXISTÊNCIA DE PRESCRIÇÃO. O Ministério Público tem legitimidade para propor Ação Civil Pública para a defesa do meio ambiente e da ordem urbanística. Loteamento sem registro e projetado sobre dunas, o que caracteriza violação frontal da legislação urbanística e ambiental. Irrelevância da apuração do número exato de consumidores lesados, pois a legitimidade do Ministério Público, na hipótese dos autos, estabelece-se na linha de frente, por ofensa a genuínos interesses difusos (ordem urbanística e ordem ambiental). Na análise da legitimação para agir do Ministério Público no campo da Ação Civil Pública, descabe a utilização de critério estritamente aritmético. Nem sempre o Parquet atua apenas em razão do número de sujeitos vulnerados pela conduta do agente, mas, ao contrário, intervém por conta da natureza do bem jurídico tutelado e ameaçado. O pedido de indenização de eventuais consumidores lesados, em número incerto, é consectário-reflexo do reconhecimento da ilegalidade do empreendimento e da impossibilidade de construção no local.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (FUNDEP – Promotor de Justiça – MG/2014) Ao investigar possíveis irregularidades no parcelamento do solo urbano, em gleba não loteada, o Promotor de Justiça constatou que diversas áreas, na Cidade de Carlos Chagas-MG, demandam regularização. A área central, doada pelo Governo de Minas Gerais, em 1938, nunca foi loteada. O Bairro Amin El Aoar também nunca foi loteado e situa-se em área transferida ao Município, por doação. Os Bairros Lagoinha, Cruzeiro II e III e parte do Bairro Colina Verde fazem parte do registro da Fazenda Sagres, pertencente ao espólio de Carolina Leal do Norte. O Município compareceu à Promotoria e informou o início de providências visando a regularização dos loteamentos.

O inquérito Civil instaurado busca solução para problemas em diversas áreas: meio ambiente, registros públicos, proteção ao patrimônio público, habitação e urbanismo etc. Dentre essas áreas, os objetivos arrolados a seguir apresentam propósitos que visam à adequação registrária, EXCETO:

a) Regularização de áreas onde o parcelamento do solo se deu mediante desmembramento, sem o prévio registro das vias de circulação.

b) Verificação da conformidade do indicador Real, do Registro de imóveis, com o cadastro municipal usado para a cobrança de tributos.

c) Abertura de Matrícula em relação às áreas cujo registro de origem é anterior à vigência da Lei nº 6.015, de 1973.

d) Regularização e registro de imóveis situados nos loteamentos clandestinos localizados na Fazenda Sagres.

➘ *Resposta: "b"*

02. (FUNDEP – Promotor de Justiça – MG/2014) Sobre as ações civis públicas, levando em conta a atual jurisprudência dos tribunais superiores, é correto afirmar, EXCETO:

a) Quando proposta pelo Ministério Público ação civil pública por ato de improbidade administrativa, ocorrerá nulidade caso não se dê a citação da pessoa jurídica de direito público cuja probidade foi violada, para integrar o polo ativo.

b) Há litisconsórcio passivo facultativo, nas ações civis públicas por dano ambiental em loteamento irregular, entre os responsáveis primários pelos atos ilícitos, os terceiros adquirentes de lotes e seus ocupantes.

c) Não é possível a propositura de ação civil pública por ato de improbidade administrativa somente contra o particular, ainda que este tenha induzido, concorrido ou se beneficiado do ato.

d) Sendo o Ministério Púbico autor e requerendo a realização de prova pericial no bojo da ação civil pública, o encargo financeiro deve recair sobre a Fazenda Pública do ente federativo a que estiver vinculado.

➘ *Resposta: "a"*

16. (90º CONCURSO DE INGRESSO NA CARREIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO – SP – 2013)

"Dissertação: Valoração probatória, no processo judicial, dos elementos coletados no inquérito civil".

◉ RESPOSTA

O inquérito civil é um dos mais importantes instrumentos de que dispõe o Ministério Público para sua atuação extrajudicial.

Esse importante instrumento de atuação do Ministério Público acabou constitucionalizado em 1988 (CF, art. 129, III). Nos termos do texto constitucional, trata-se de função institucional do Ministério Público promover o inquérito civil e a ação civil pública, para a proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros direitos difusos e coletivos.

Também foi regulamentado pelo Conselho Nacional do Ministério Público por meio da Resolução nº 23/2007.

Trata-se de mecanismo de investigação administrativa, de atribuição exclusiva do Ministério Público, e tem por fim, segundo visão clássica, colher elementos de convicção para eventual propositura de ação civil pública.

Apresenta, normalmente, caráter inquisitório, no sentido de que durante sua tramitação não é obrigatória a observância dos princípios do contraditório e da ampla defesa.

Sua instauração não é obrigatória e nem é condição de procedibilidade para o exercício da ação civil pública.

O inquérito civil é um procedimento e não processo administrativo. A questão é importante e tem reflexos na discussão da incidência ou não de contraditório, bem como influi na valoração das provas colhidas no bojo da investigação.

Se fosse processo administrativo, a observância das garantias do contraditório e da ampla defesa seria necessária.

O seu caráter inquisitorial decorre do fato de que o inquérito civil não é um instrumento para a acusação de qualquer pessoa. Assim, não existem partes em litígio no bojo do inquérito civil.

Importante frisar que o IC deve ser instaurado para apurar fato certo e determinado, de tal forma que a portaria de instauração deve especificar o fato a ser apurado, bem como, sendo o caso, deve ser aditada para acrescer outros fatos.

A inobservância desse pressuposto torna ilegal a investigação, permitindo o pedido judicial de trancamento da investigação. Por isso, também trará reflexos na valoração da prova nele obtida.

É inegável que o inquérito civil pode ter por objeto de investigação a ocorrência de dano ou o risco de dano a direitos transindividuais: difusos, coletivos e individuais homogêneos.

Como o inquérito civil é privativo do Ministério Público, no que diz respeito aos direitos individuais homogêneos, deve ser utilizado para apurar aqueles indisponíveis ou disponíveis que tenham relevância social.

Caberá ao membro do Ministério Público investido da atribuição para propositura da ação civil pública a responsabilidade pela instauração de inquérito civil.

Portanto, ao membro do MP com atribuições na área do meio ambiente é que cabe a instauração de procedimento para investigar eventual lesão ao meio ambiente.

A instauração do inquérito civil produz uma série de feitos. Além de interromper a decadência, a sua correta instalação legitima o próprio poder investigatório do Ministério Público.

Por isso, é importante a observância de aspectos fundamentais, o que garantirá maior valor probatório aos elementos de convicção colhidos no inquérito civil.

Assim, é bom observar que, embora não haja um procedimento rígido a ser seguido na tramitação do inquérito civil, existem algumas questões fundamentais a serem observadas.

Por exemplo, é aplicável ao inquérito civil o princípio da publicidade dos atos, em decorrência da necessária transparência administrativa.

Só não pode haver publicidade dos dados que se referem a casos em que haja sigilo legal ou em que a publicidade possa acarretar prejuízo às investigações, casos em que a decretação do sigilo legal deverá ser motivada.

Podem ser formulados requerimentos para obtenção de certidões ou extração de cópia de documentos constantes dos autos, sempre com indicação dos fins e das razões do pedido.

Para instruir o inquérito civil, o presidente da investigação é dotado de poderes investigatórios.

Cabe lembrar que o poder investigatório do Ministério Público tem fundamento constitucional, pois é a própria Lei Maior que estabelece ao órgão ministerial o poder de expedir notificações, requisitar informações e documentos.

De fato, com respaldo em diversos diplomas legislativos, poderá o órgão ministerial requisitar, de qualquer organismo público ou particular, certidões, informações, exames ou perícias. Pode, inclusive, assinalar prazo para o cumprimento das requisições. O prazo não poderá ser inferior a dez dias úteis.

De lembrar que a recusa, o retardamento ou a omissão de dados técnicos indispensáveis à propositura da ação civil, quando requisitados pelo Ministério Público, poderá configurar crime.

Portanto, tem o Ministério Público poderes investigatórios para poder instruir o inquérito civil.

O referido poder, pelo que entende a maioria, não é absoluto, pois sofre restrições nos casos em que há sigilo imposto pela lei. Lembre-se, por exemplo, o sigilo das comunicações telefônicas. Nesses casos, deve o parquet formular solicitação ao Poder Judiciário.

Além das certidões e informações, como vimos, pode o MP requisitar exames e perícias.

Existem limites relacionados ao objeto das requisições, sobretudo em função de situações em que o sigilo é imposto ou em que há uma reserva de jurisdição quanto ao poder de requisição.

Em regra, não há possibilidade de ser alegado sigilo ao Ministério Público como motivo para eventual recusa em fornecer provas e documentos ao órgão ministerial.

Ocorre que o Ministério Público exerce poder investigatório com respaldo constitucional, de tal forma que tem garantido o acesso a quaisquer informações e documentos de órgãos públicos ou privados.

Apesar de ser possível discutir a questão, a jurisprudência dominante é no sentido da impossibilidade de o Ministério Público ter acesso direto aos dados referentes às movimentações bancárias de investigados.

Haveria, no caso, uma reserva constitucional de jurisdição.

Todavia, a CRFB não é expressa nesse sentido. O sigilo bancário, na verdade, não é objeto de previsão constitucional explícita. Está previsto, sim, em Lei Complementar (n. 105/2001).

Ocorre que os tribunais superiores dão fundamento constitucional ao sigilo bancário, ligando-o ao direito à privacidade (CF, art. 5º, X).

Haveria necessidade, pois, de ordem judicial para a quebra do sigilo bancário, o que obriga o Ministério Público a ajuizar ação cautelar inominada preparatória para quebrar o sigilo bancário.

De qualquer forma, deve ser enfatizada a inexistência de sigilo bancário no caso de verbas públicas.

Na gestão de verbas públicas deve ser garantida a máxima transparência, sendo verdadeiro absurdo invocar-se eventual sigilo como obstáculo à investigação do Ministério Público.

Enfim, o Ministério Público é dotado de grande poder investigatório para cumprir a sua missão constitucional. Referido poder é amparado na CRFB e em outras diversas leis. Aliás, ainda que não houvesse previsão expressa, seria decorrente da teoria dos poderes implícitos. Ou seja, se é estabelecido um dever ao órgão ministerial, ainda que implicitamente devem ser garantidos os meios para o pleno cumprimento desse dever.

Como se disse, a finalidade clássica do inquérito civil é a obtenção de provas que permitam o ajuizamento da ação civil pública por parte do Ministério Público.

Na verdade, o fim é reunir elementos de convicção para que possa o órgão ministerial formar sua convicção quanto à necessidade ou não da propositura de ação coletiva. Além disso, o inquérito também serve para propiciar a celebração de compromisso de ajustamento de conduta.

No inquérito civil são produzidas diversas provas, sendo que o valor probatório deve ser analisado em função da prova produzida e do contexto probatório.

Na verdade, diversos fatores contribuem para que à prova seja atribuído maior ou menor poder de convencimento. Por exemplo, provas técnicas, elaboradas por órgãos de grande credibilidade, possuem grande valor probatório. Não é o fato de terem sido obtidas administrativamente que retira valor probatório.

Além disso, a prova obtida durante a tramitação do inquérito civil pode até mesmo dispensar a instrução judicial, total ou parcialmente.

É possível sustentar a possibilidade de julgamento antecipado da lide com base na prova obtida durante a tramitação do inquérito civil.

Ocorre que o estatuto processual (art. 427 do CPC) dá ao juiz o poder de dispensar a prova pericial quando as partes trouxerem aos autos pareceres técnicos ou documentos elucidativos sobre as questões de fato.

Como é bastante recorrente a obtenção de prova técnica junto a órgãos públicos de notória especialização e ilibada reputação, não se pode deixar de cogitar desta possibilidade.

Também não há sentido em dizer que referida prova deve ser ratificada em juízo.

Outro fator que pode ter influência decisiva na valoração da prova obtida durante a tramitação do inquérito civil é o fato de ter sido garantido o contraditório e a ampla defesa, pelo órgão ministerial.

Se houve ampla participação do investigado na obtenção e/ou produção da prova, não há sentido em lhe retirar força probatória apenas pelo fato de a prova ter sido colhida em procedimento investigatório administrativo.

Com relação à jurisprudência, cabe observar que ela tem afirmado que as provas colhidas em procedimento administrativo não possuem valor absoluto.

Contudo, deve-se estar atento ao fato de que referida conclusão é baseada no fato de não ter sido observado o contraditório.

Assim, uma postura mais participativa do investigado, durante a tramitação do inquérito civil, deve garantir maior força probatória.

Outra questão que tem provocado a manifestação dos tribunais é o fato de a investigação ter sido instaurada com base em denúncia anônima.

Registre-se que o simples fato de o Inquérito Civil ter sido instaurado com base em denúncia anônima não impede que o Ministério Público realize administrativamente as investigações para formar juízo de valor sobre a veracidade da notícia.

Sobretudo quando se trata da investigação de desvio de verbas públicas por parte dos próprios agentes da Administração Pública.

Afinal, já existe o dever legal de os servidores disponibilizar informações sobre seus bens e evolução patrimonial.

Outro fator importante a ser considerado e que tem sido destacado pela jurisprudência diz respeito ao próprio comportamento do investigado.

Se ele, ainda que na fase administrativa, não oferece qualquer objeção e não apresenta qualquer prova que possa infirmar dados revelados por documentos obtidos no inquérito civil, não pode, sob a singela alegação de que a prova foi obtida administrativamente, pretender retirar eficácia probatória dos documentos.

Cabe ao investigado contestar, com dados sérios, a autenticidade e a veracidade do documento, sob pena de, ao aquiescer, dar valor probatório aos documentos obtidos, ainda que em fase administrativa.

Portanto, como no inquérito civil são produzidas diversas provas, o valor probatório deve ser analisado em função do tipo de prova produzido, do contexto probatório, dos aspectos da tramitação do inquérito, do objetivo da prova, enfim, de uma série de fatores.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Eurico Ferraresi (*Inquérito civil*, Rio de Janeiro: forense, 2010, p. 18-19): "Na medida em que o inquérito civil é presidido por membro de órgão público, investido constitucionalmente da prerrogativa de investigar e proteger direitos difusos, coletivos e individuais homogêneos, não parece razoável sustentar que seu escopo ficaria restrito à finalidade de convencer o membro do Ministério Público sobre a propositura ou não de ação civil pública. Deve-se avançar no sentido de permitir que as informações obtidas no inquérito civil sejam suficientes para, senão dispensar, ao menos reduzir a produção das provas em juízo, autorizando, até mesmo, o julgamento antecipado de mérito, quando a prova extrajudicial for completa e feita em contraditório".

b) Eurico Ferraresi (*Inquérito civil*, Rio de Janeiro: forense, 2010, p. 19): "O art. 427 do Código de Processo Civil – com a redação determinada pela Lei nº 8.455, de 24 de agosto de 1992 –, afirma que 'o juiz poderá dispensar a prova pericial quando as partes, na inicial e na contestação, apresentarem sobre as questões de fato pareceres técnicos ou documentos elucidativos que considerar suficientes'.

O objetivo da regra é permitir a dispensa de laudo nos casos já suficientemente instruídos.

Ora, quando o Ministério Público ajuíza ação civil pública, é comum que a demanda venha instruída com pareceres técnicos elaborados por órgãos públicos. Na instrução

do inquérito civil, o Promotor de Justiça poderá requisitar informações, exames, perícias e documentos de autoridades federais, estaduais e municipais, bem como dos órgãos e entidades da administração direta, indireta ou fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Ademais, as perícias são realizadas por membros e órgãos públicos, principalmente pelos servidores do Ministério Público ou por servidores públicos da União, Estado ou Município e respectivas administrações indiretas, por universidades públicas, por entidades de pesquisa técnica e científica, oficiais ou subvencionadas pelo Poder Público ou por aquelas que tenham convênio com a Instituição para esta finalidade".

c) Eurico Ferraresi (*Inquérito civil*, Rio de Janeiro: forense, 2010, p. 20-21): "Quando o Promotor de Justiça tenha autorizado a ampla participação do investigado durante as averiguações que se deram no inquérito, e as provas sejam suficientes para elucidar a questão, abre-se pouco espaço para nova instrução na fase judicial, salvo para esclarecimento do próprio juiz".

d) Eurico Ferraresi (*Inquérito civil*, Rio de Janeiro: forense, 2010, p. 22): "A observância do contraditório no inquérito civil aumenta o valor da prova extrajudicial, a ponto de permitir que a demanda proposta possa ser julgada com suporte no material coligido no inquérito civil".

e) Hugo Nigro Mazzili: "O valor do inquérito civil como prova em juízo decorre de ser uma investigação pública e de caráter oficial. Quando regularmente realizado, o que nele se apurar tem validade e eficácia em juízo, como as perícias e inquirições. Ainda que sirva essencialmente o inquérito civil para preparar a propositura da ação civil pública, as informações nele contidas podem concorrer para formar ou reforçar a convicção do juiz, desde que não colidam com provas de maior hierarquia, como aquelas colhidas sob as garantias do contraditório. Naturalmente, como se trata de investigação de caráter inquisitivo, é apenas relativo o valor dos elementos de convicção colhidos no inquérito civil" (O inquérito civil, São Paulo: Saraiva, 1999, p. 53).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) REsp 1449894 / RJ

Relator Ministro BENEDITO GONÇALVES

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 02/09/2014

ADMINISTRATIVO. RECURSO ESPECIAL. TELEFONIA. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IRREGULARIDADES NA PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE TELEFONIA FIXA. ALTERAÇÃO UNILATERAL DOS NÚMEROS DE TELEFONES, SEM PRÉVIA COMUNICAÇÃO AOS CONSUMIDORES. INDEFERIMENTO DE PEDIDO DE PRODUÇÃO DE PROVA PERICIAL E TESTEMUNHAL. OCORRÊNCIA DE CERCEAMENTO DE DEFESA. 1. Considerando que as provas cuja produção foi indeferida eram necessárias aos autos (para se comprovar se recorrente presta o serviço de acordo com as normas da Anatel), bem como que as provas colhidas no procedimento administrativo, únicas constantes nos autos, não possuem valor absoluto (posto que obtidas sem a observância do contraditório), é de se reconhecer a ocorrência de cerceamento de defesa, determinando-se o retorno dos autos a origem, para que sejam proferidas as provas requeridas nos autos. 2. Recurso especial provido.

b) AgRg no AREsp 362027 / MG

Relator Ministro HERMAN BENJAMIN

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 18/08/2014

PROCESSUAL CIVIL, CONSTITUCIONAL E ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. IRREGULARIDADES NA CONTRATAÇÃO DO SERVIÇO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA. VIOLAÇÃO DOS ARTS. 458 E 535 DO CPC. DEFICIÊNCIA NA FUNDAMENTAÇÃO. SÚMULA 284/STF. ART. 515 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL. AUSÊNCIA DE PREQUESTIONAMENTO. SÚMULA 211/STJ. INDISPONIBILIDADE DE BENS. MATÉRIA FÁTICO-PROBATÓRIA. INCIDÊNCIA DA SÚMULA 7/STJ. AGRAVO NÃO PROVIDO. 1. Trata-se, na origem, de Ação Civil Pública proposta pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais contra o Município de Passos, o Secretário Municipal de Administração e Vero Brasil Comunicação Ltda, buscando a declaração de nulidade de contratos celebrados, ressarcimento ao erário e imposição de penas pela prática de improbidade administrativa em decorrência das irregularidades na contratação do serviço de publicidade e propaganda. 2. Não se conhece de Recurso Especial no que se refere à violação aos arts. 458 e 535 do Código de Processo Civil quando a parte não aponta, de forma clara, o vício em que teria incorrido o acórdão impugnado. Aplicação, por analogia, da Súmula 284/STF. 4. A alegação de afronta ao art. 515 do Código de Processo Civil, a despeito da oposição de Embargos Declaratórios, não foi apreciada pelo Tribunal a quo. Incide a Súmula 211/STJ porque, para que se tenha por atendido o requisito do prequestionamento, é indispensável também a emissão de juízo de valor sobre a matéria. 5. O Tribunal de origem assim consignou: "a probabilidade do direito invocado pelo autor, ora agravado, encontra respaldo nas provas colacionadas aos autos, colhidas em precedente Inquérito Civil Público n° 0479.10.000227-4, a demonstrar indícios de ocorrências de contratações lesivas ao Município de Passos, ausência de licitação, aumento excessivo de preços com indícios de superfaturamento e contratação de proposta menos vantajosa ao interesse público. O "periculum in mora", por sua vez, encontra respaldo no próprio interesse público, em resguardar a viabilidade de futuro e provável ressarcimento ao erário. Saliente-se, no entanto, que a medida acautelatória sob enfoque há de respeitar os limites estabelecidos na legislação processual em vigor, referentemente à impenhorabilidade dos bens, a teor do disposto nos artigos 591 c/c art. 649 do Código de Processo Civil" (fls. 316-317, e-STJ). 6. Modificar a conclusão a que chegou a Corte de origem, de modo a acolher a tese da agravante, demandaria reexame do acervo fático-probatório dos autos, o que é inviável em Recurso Especial, sob pena de violação da Súmula 7 do STJ. 7. Agravo Regimental não provido.

c) RMS 38010 / RJ

Relator Ministro HERMAN BENJAMIN

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 16/05/2013

ADMINISTRATIVO. IMPROBIDADE. INQUÉRITO CIVIL. INVESTIGAÇÃO DECORRENTE DE DENÚNCIA ANÔNIMA. EVOLUÇÃO PATRIMONIAL INCOMPATÍVEL COM OS RENDIMENTOS. AGENTES POLÍTICOS. ILÍCITO QUE SE COMPROVA NECESSARIAMENTE POR ANÁLISE DE DOCUMENTOS. HARMONIZAÇÃO ENTRE A VEDAÇÃO DO ANONIMATO E O DEVER CONSTITUCIONAL IMPOSTO AO MINISTÉRIO PÚBLICO. POSSIBILIDADE. 1. Cinge-se

a controvérsia a definir se os recorrentes possuem o direito líquido e certo de impedir o prosseguimento de Inquérito Civil instaurado, após denúncia anônima recebida pela Ouvidoria-Geral do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, com a finalidade de apurar possível incompatibilidade entre a evolução patrimonial de agentes políticos e seus respectivos rendimentos. 2. O simples fato de o Inquérito Civil ter-se formalizado com base em denúncia anônima não impede que o Ministério Público realize administrativamente as investigações para formar juízo de valor sobre a veracidade da notícia. Ressalte-se que, no caso em espécie, os servidores públicos já estão, por lei, obrigados na posse e depois, anualmente, a disponibilizar informações sobre seus bens e evolução patrimonial. 3. A Lei da Improbidade Administrativa (Lei 8.429/92), não deixa dúvida a respeito: "Art. 13. A posse e o exercício de agente público ficam condicionados à apresentação de declaração dos bens e valores que compõem o seu patrimônio privado, a fim de ser arquivada no serviço de pessoal competente. § 1° A declaração compreenderá imóveis, móveis, semoventes, dinheiro, títulos, ações, e qualquer outra espécie de bens e valores patrimoniais, localizado no País ou no exterior, e, quando for o caso, abrangerá os bens e valores patrimoniais do cônjuge ou companheiro, dos filhos e de outras pessoas que vivam sob a dependência econômica do declarante, excluídos apenas os objetos e utensílios de uso doméstico. § 2º A declaração de bens será anualmente atualizada e na data em que o agente público deixar o exercício do mandato, cargo, emprego ou função". 4. As providências solicitadas pelo Parquet, na hipótese dos autos, não ferem direitos fundamentais dos recorrentes, os quais, na condição de agentes políticos, sujeitam-se a uma diminuição na esfera de privacidade e intimidade, de modo que não se mostra legítima a pretensão por não revelar fatos relacionados à evolução patrimonial. Sobre o tema, oportuno observar recente diretriz adotada pelo STF na SS 3902, Relator Min. Ayres Britto, Tribunal Pleno, DJe-189, de 3.10.2011. 5. A vedação ao anonimato, constante no art. 5°, IV, da Constituição Federal, há de ser harmonizada, com base no princípio da concordância prática, com o dever constitucional imposto ao Ministério Público de promover o Inquérito Civil e a Ação Civil Pública, para a proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos (art. 129, III). 6. Nos termos do art. 22 da Lei 8.429/1992, o Ministério Público pode, mesmo de ofício, requisitar a instauração de inquérito policial ou procedimento administrativo para apurar qualquer ilícito previsto no aludido diploma legal. 7. Assim, ainda que a notícia da suposta discrepância entre a evolução patrimonial de agentes políticos e seus rendimentos tenha decorrido de denúncia anônima, não se pode impedir que o membro do Parquet tome medidas proporcionais e razoáveis, como no caso dos autos, para investigar a veracidade do juízo apresentado por cidadão que não se tenha identificado. 8. Em matéria penal, o STF já assentou que "nada impede, contudo, que o Poder Público provocado por delação anônima ('disque-denúncia', p. ex.), adote medidas informais destinadas a apurar, previamente, em averiguação sumária, 'com prudência e discrição', a possível ocorrência de eventual situação de ilicitude penal, desde que o faça com o objetivo de conferir a verossimilhança dos fatos nela denunciados, em ordem a promover, então, em caso positivo, a formal instauração da persecutio criminis, mantendo-se, assim, completa desvinculação desse procedimento estatal em relação às peças apócrifas" (Inq 1.957, Rel. Min. Carlos Velloso, voto do Min. Celso de Mello, julgamento em 11.5.2005, Plenário, DJ de 11.11.2005). 9. Em se tratando de suposto ato de improbidade que só pode ser analisado mediante documentos, descabe absolutamente adotar medidas informais para examinar a verossimilhança, ao contrário do que se passa, por exemplo, em caso de denúncia anônima da ocorrência de homicídio. 10. O STJ reconhece a possibilidade de investigar a veracidade de denúncia anônima em Inquérito Civil ou Processo Administrativo, conforme se observa nos seguintes precedentes, entre os quais se destacam a orientação já firmada por esta Segunda Turma e uma recente decisão da Primeira Turma: RMS 37.166/SP, Rel. Ministro Benedito Gonçalves, Primeira Turma, DJe 15.4.2013; RMS 30.510/RJ, Rel. Ministra Eliana

Calmon, Segunda Turma, DJe 10.2.2010; MS 13.348/DF, Rel. Ministra Laurita Vaz, Terceira Seção, DJe 16.9.2009. 11. Recurso Ordinário não provido.

d) REsp 1280321 / MG

RelatorvMinistro MAURO CAMPBELL MARQUES

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 09/03/2012

PROCESSUAL CIVIL E ADMINISTRATIVO. OFENSA AO ART. 535 DO CPC. INOCORRÊNCIA. FRACIONAMENTO DE OBJETO PARA PROVOCAR DISPENSA. PREJUÍZO AO ERÁRIO IN RE IPSA. ART. 334, INC. I, DO CPC. FATO NOTÓRIO SEGUNDO REGRAS ORDINÁRIAS DE EXPERIÊNCIA. INQUÉRITO CIVIL. VALOR PROBATÓRIO RELATIVO. CARGA PROBATÓRIA DE PROVA DOCUMENTAL. AUTENTICIDADE DOS DOCUMENTOS OBTIDOS NA FASE PRÉ-JUDICIAL NÃO QUESTIONADA. SUFICIÊNCIA DOS ELEMENTOS PROBANTES. 1. Trata-se, na origem, de ação civil pública para provocar a declaração de nulidade de contrato administrativo, com consequente reparação de danos, em razão de ter havido fracionamento de objeto licitado com o objetivo de permitir a dispensa de licitação. 2. O acórdão recorrido entendeu que a irregularidade estava provada, mas que não haveria como se anular o contrato para garantir o ressarcimento, uma vez que não existiria, nos autos, prova de efetivo prejuízo ao erário. Além disso, a origem fundamentou descartou a caracterização de prejuízos por ter havido prestação do serviço contratado. 3. Nas razões recursais, sustenta a parte recorrente ter havido violação aos arts. 535 do Código de Processo Civil (CPC) – porque o acórdão seria omisso –, 4º, inc. III, "a", da Lei nº 4.717/65, 2º do Decreto-lei nº 2.300/86 e 159 do Código Civil de 1916 – ao argumento de que a violação ao procedimento licitatório, embora não possa configurar improbidade administrativa na espécie, por questões referente a direito intertemporal (não havia a Lei nº 8.429/92), é motivo que enseja a nulidade do ato e o consequente ressarcimento ao erário – e 333 e 372 do CPC – ao fundamento de que a instrução da causa com o inquérito civil, tratando-se de provas produzidas em fase pré-judicial, é suficiente para demonstrar as irregularidades. 4. Inicialmente, não viola o artigo 535 do CPC, tampouco nega prestação jurisdicional, acórdão que, mesmo sem ter examinado individualmente cada um dos argumentos trazidos pelo vencido, adota fundamentação suficiente para decidir de modo integral a controvérsia, conforme ocorreu no caso em exame. 5. No mais, é de se assentar que o prejuízo ao erário, na espécie (fracionamento de objeto licitado, com ilegalidade da dispensa de procedimento licitatório), que geraria a lesividade apta a ensejar a nulidade e o ressarcimento ao erário, é in re ipsa, na medida em que o Poder Público deixa de, por condutas de administradores, contratar a melhor proposta (no caso, em razão do fracionamento e consequente não-realização da licitação, houve verdadeiro direcionamento da contratação). 6. Além disto, conforme o art. 334, incs. I e IV, independem de prova os fatos notórios. 7. Ora, evidente que, segundo as regras ordinárias de experiência (ainda mais levando em conta tratar-se, na espécie, de administradores públicos), o direcionamento de licitações, por meio de fracionamento do objeto e dispensa indevida de procedimento de seleção (conforme reconhecido pela origem), levará à contratação de propostas eventualmente superfaturadas. (salvo nos casos em que não existem outras partes capazes de oferecerem os mesmos produtos e/ou serviços). 8. Não fosse isto bastante, toda a sistemática legal colocada na Lei nº 8.666/93 e no Decreto-lei nº 2.300/86 baseia-se na presunção de que a obediência aos seus ditames garantirá a escolha da melhor proposta em ambiente de igualdade de condições. 9. Dessa forma, milita em favor da necessidade de procedimento licitatório precedente à contratação a presunção de que, na sua ausência, a proposta contratada

não será a economicamente mais viável e menos dispendiosa, daí porque o prejuízo ao erário é notório. Precedente: REsp 1.190.189/SP, de minha relatoria, Segunda Turma, DJe 10.9.2010. 10. Despicienda, pois, a necessidade de prova do efetivo prejuízo porque, constatado, ainda que por meio de inquérito civil, que houve indevido fracionamento de objeto e dispensa de licitação injustificada (novamente: essas foram as conclusões da origem após análise dos autos), o prejuízo é inerente à conduta. Afinal, não haveria sentido no esforço de provocar o fracionamento para dispensar a licitação se fosse possível, desde sempre, mesmo sem ele, oferecer a melhor proposta, pois o peso da ilicitude da conduta, peso este que deve ser conhecido por quem se pretende administrador, faz concluir que os envolvidos iriam aderir à legalidade se esta fosse viável aos seus propósitos. 11. Por fim, o inquérito civil possui eficácia probatória relativa para fins de instrução da ação civil pública. Contudo, no caso em tela, em que a prova da irregularidade da dispensa de licitação é feita pela juntada de notas de empenho diversas, dando conta da prestação de serviço único, com claro fracionamento do objeto, documentos estes levantados em inquérito civil, não há como condicionar a veracidade da informação à produção da prova em juízo, porque tais documentos não tiveram sua autenticidade contestada pela parte interessada, sendo certo que, trazidos aos autos apenas em juízo, não teriam seu conteúdo alterado. 12. Recurso especial parcialmente provido.

e) RMS 21038 / MG

Relator Ministro LUIZ FUX

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 01/06/2009

PROCESSUAL CIVIL. ADMINISTRATIVO. RECURSO EM MANDADO DE SEGURANÇA. INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO. AÇÃO AJUIZADA. PERDA DO OBJETO SUPERVENIENTE. FATO CONSUMADO. LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO PARA INSTAURAR INQUÉRITO CIVIL. PROCEDIMENTO ADMINISTRATIVO. NATUREZA INQUISITORIAL. 1. A impetração de mandado de segurança a fim de suspender Inquérito Civil que já fora concluído, enseja a extinção do writ por falta de interesse de agir superveniente (art. 267, VI, do CPC). 2. In casu, denota-se que o writ restou impetrado (24.08.2004) com o fim de suspender os trabalhos do Inquérito Civil realizado pelo MP e, ao final, trancar, definitivamente, o Inquérito Civil Público nº 02/2002. Ocorre que o membro do Parquet ao prestar informações às fls. 1087/1117, esclareceu que o Inquérito Civil Público nº 02/2002 foi concluído no dia 30/08/04 e encaminhado à Justiça, sendo instaurada ação na qual além do impetrante, mais 18 (dezoito) pessoas são rés, motivo pelo qual não há que se falar em trancamento de inquérito, o que se denota falta de interesse de agir superveniente e, a fortiori, conduz à extinção do processo, nos termos do art. 267, VI, do CPC. 3. O Ministério Público possui legitimidade para promover o inquérito civil, procedimento este que tem natureza preparatória da ação judicial, não lhes sendo inerentes os princípios constitucionais da ampla defesa e do contraditório. 4. In casu, o recorrente afirma que o inquérito civil restou instaurado com suposto objetivo de apurar irregularidades nos procedimentos licitatórios realizados pela Prefeitura Municipal de São Lourenço e pela Fundação Municipal de Saúde, motivado unicamente por animosidade político-partidária, em razão de representação de vereadores e outros. 5. A norma imposta pelo inciso LV, do art. 5º da Constituição da República é expressa no sentido de sua observância no processo judicial e no administrativo. Entretanto, no procedimento meramente informativo, o contraditório e a ampla defesa não são imprescindíveis, salvo se houver restrição de direitos e aplicação de sanções de qualquer natureza, o que inocorre in casu.

6. O inquérito civil público é procedimento informativo, destinado a formar a opinio actio do Ministério Público. Constitui meio destinado a colher provas e outros elementos de convicção, tendo natureza inquisitiva. (Resp. 644.994/MG, Segunda Turma, DJ 21/03/2005). Precedentes desta Corte de Justiça: REsp 750591 / GO, Quinta Turma, DJe 30/06/2008; REsp 886137 / MG, Segunda Turma, DJe 25/04/2008. 7. A doutrina do tema é coadjuvante do referido entendimento, verbis: (...)"Tal aspecto, o de servir o inquérito como suporte probatório mínimo da ação civil pública, já havia sido notado por José Celso de Mello Filho quando, na qualidade de Assessor do Gabinete Civil da Presidência da República, assim se pronunciou no procedimento relativo ao projeto de que resultou a Lei nº 7.347/85: 'O projeto de lei, que dispõe sobre a ação civil pública, institui, de modo inovador, a figura do inquérito civil. Trata-se de procedimento meramente administrativo, de caráter pré-processual, que se realiza extrajudicialmente. O inquérito civil, de instauração facultativa, desempenha relevante função instrumental. Constitui meio destinado a coligir provas e quaisquer outros elementos de convicção, que possam fundamentar a atuação processual do Ministério Público. O inquérito civil, em suma, configura um procedimento preparatório, destinado a viabilizar o exercício responsável da ação civil pública. Com ele, frusta-se a possibilidade, sempre eventual, de instauração de lides temerárias. (grifos nossos).(Rogério Pacheco Alves, em sua obra intitulada "Improbidade Administrativa", 2a edição, págs. 582/583). 8. Como mero instrumento de apuração de dados, o inquérito civil, a símile do que ocorre com o inquérito policial, tem caráter inquisitório, não se aplicando, em decorrência disso, os postulados concernentes ao princípio do contraditório. (...) No inquérito civil, inexistem litigantes, porque o litígio, se houver, só vai configurar-se na futura ação civil; nem acusados, porque o Ministério Público limita-se a apurar fatos, colher dados, juntar provas e, enfim, recolher elementos que indiciem a existência de situação de ofensa a determinado interesse transindividual indisponível. (...) Sendo inaplicável, pois, o princípio do contraditório e da ampla defesa, não pode ser exigido do Ministério Público que acolha peças de contestação, indicação de testemunhas de defesa, pedido de alegações escritas ou orais e outros semelhantes. Nada impede, é verdade, que o órgão que presida o inquérito civil atenda a pedidos formulados por interessados, mas se o fizer será apenas para melhor constituição dos dados do procedimento. (...) (Ação Civil Pública, comentários por artigo, 5ª edição, José dos Santos Carvalho Filho, pág. 254). 9. Extinção do processo sem análise do mérito.

f) REsp 849841 / MG

Relatora Ministra ELIANA CALMON

T2 – SEGUNDA TURMA

DJ 11/09/2007 p. 216

PROCESSO CIVIL – AÇÃO CIVIL PÚBLICA – INQUÉRITO CIVIL: VALOR PROBATÓRIO. 1. O inquérito civil público é procedimento facultativo que visa colher elementos probatórios e informações para o ajuizamento de ação civil pública. 2. As provas colhidas no inquérito têm valor probatório relativo, porque colhidas sem a observância do contraditório, mas só devem ser afastadas quando há contraprova de hierarquia superior, ou seja, produzida sob a vigilância do contraditório. 3. A prova colhida inquisitorialmente não se afasta por mera negativa, cabendo ao juiz, no seu livre convencimento, sopesá-las, observando as regras processuais pertinentes à distribuição do ônus da prova. 4. Recurso especial provido.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Ministério Público/TO – 2012 – CESPE) Tendo em vista que o membro do MP está sujeito às mesmas regras de impedimento e suspeição dos juízes, assinale a opção correta.

a) Na ação rescisória, estará impedido de intervir o membro do MP que tiver atuado no processo do acórdão rescindendo.

b) A participação de membro do MP em inquérito civil não impede a sua atuação na ACP.

c) As causas de impedimento e suspeição somente se aplicam ao MP quando este atua como parte.

d) A suspeição de membro do MP pode ser alegada mesmo por quem não é parte no processo.

e) O rol de hipóteses de suspeição de membro do MP previsto no CPC não é taxativo, admitindo-se sua extensão.

➥ *Resposta "B"*

02. (Ministério Público/PB – 2010) Avalie as proposições seguintes e assinale a alternativa correta:

I. Produto de indenização do fundo previsto na Lei de Ação Civil Pública jamais se presta à reparação de lesões individuais diferenciadas.

II. O Ministério Público promoverá a liquidação da sentença oriunda de ação civil pública ajuizada por associação civil que tenha abandonado ou desistido da liquidação ou da execução, desde que o objeto da ação não seja relacionado a direito individual homogêneo.

III. Na instrução do inquérito civil público não cabe, em qualquer hipótese, quebra de sigilo de dados telefônicos, porque constitui grave violência ao direito de privacidade e, por conseguinte, prova ilícita.

a) Apenas I e II são verdadeiras.

b) Apenas I é verdadeira.

c) Apenas II é verdadeira.

d) Apenas I e III são verdadeiras.

e) I, II e III são verdadeiras.

➥ *Resposta "B"*

03. (Ministério Público/BA – 2010) Em relação ao Inquérito Civil e o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), identifique com V ou F, conforme o caso, as afirmativas verdadeiras e falsas.

I. O Inquérito Civil constitucionalizado é mero procedimento administrativo de cunho inquisitorial, sem imposição de contraditório ou exigência de participação obrigatória do investigado.

II. O Inquérito Civil é instrumento de investigação conferido aos co-legitimados para propositura da Ação Civil Pública, configurando-se forte instrumento da tutela coletiva.

III. O TAC firmado pelo Ministério Público, que passou pelo crivo do Conselho Superior da instituição, ficará sujeito à imutabilidade.

IV. A subscrição do TAC irradia efeitos erga omnes e intra-partes.

V. O TAC preliminar pode ter como objeto a obtenção de meios que viabilizem a continuidade das investigações ou obter parcialmente as medidas necessárias para o resguardo do bem jurídico ambiental tutelado.

A alternativa que contém a seqüência correta, de cima para baixo, é a:

a) V V F F V.

b) F F V F V.

c) F V F V F.

d) V F F F V.

e) V V V V V.

➘ *Resposta "D"*

04. (Ministério Público/ES – 2005) Assinale a alternativa correta.

a) Em obediência a Constituição Federal, o inquérito civil deverá obedecer ao princípio do contraditório.

b) O inquérito civil é indispensável à propositura da ação civil pública.

c) Qualquer dos co-legitimados à ação civil pública pode instaurar o inquérito civil, através de seus organismos administrativos.

d) Dentre os co-legitimados, apenas o Membro do Ministério Público pode instaurar e presidir o inquérito civil.

e) O arquivamento do inquérito civil instaurado pelo Ministério Público impede que os co-legitimados possam propor ação civil pública sobre a questão ali tratada.

➘ *Resposta "D"*

05. (MINISTÉRIO PÚBLICO/RO – 2010 – CESPE) Com referência ao instituto do inquérito civil público, assinale a opção correta.

a) O inquérito civil constitui procedimento de instauração obrigatória pelo MP, destinado a coligir provas e quaisquer outros elementos de convicção, de forma a viabilizar o exercício responsável da ação civil pública.

b) De acordo com a jurisprudência, é lícito negar ao advogado constituído o direito de ter acesso aos autos do inquérito civil, em especial aos elementos já documentados nos autos pertinentes ao investigado, desde que analisadas a natureza e a finalidade do acesso.

c) O inquérito civil, em que não há, em regra, a necessidade de se atender aos princípios do contraditório e da ampla defesa, constitui procedimento meramente informativo, que visa à investigação e à apuração de fatos.

d) Uma vez constatada a ocorrência de ilícitos penais, é vedado ao MP oferecer denúncia com base em elementos de informação obtidos em inquéritos civis instaurados para a apuração de ilícitos civis e administrativos.

e) De acordo com entendimento do STF, o habeas corpus é meio hábil para se questionar aspectos ligados ao inquérito civil público.

➘ *Resposta "C"*

17. (LIV CONCURSO PARA INGRESSO NA CARREIRA DO MPE – MG)

"A respeito da execução de Compromisso de Ajustamento de Conduta ambiental tomado pelo Ministério Público, responda e justifique: a) Quem possui legitimidade ativa? b) Qual o juízo competente para o processamento? c) Como realizá-la quando o título contiver obrigações de fazer e ou não fazer e multa cominatória por descumprimento dessas obrigações? d) Aplicam-se as hipóteses de extinção previstas nos incisos II e III do artigo 794 do Código de Processo Civil?"

◉ RESPOSTA

O Compromisso de Ajustamento de Conduta é destinado a disciplinar a questão da responsabilidade civil por danos ou por ameaça de danos aos bens transindividuais.

A legitimidade para celebrar o compromisso é mais restrita do que a legitimidade para propor as ações coletivas. Ocorre que a legitimidade para a propositura da ação envolve órgãos públicos e as associações (terceiro setor). Já a legitimidade para tomar o compromisso de ajustamento de conduta se restringe aos órgãos públicos legitimados para a ação. Ou seja, ficam excluídos os entes associativos.

Celebrado no âmbito administrativo, terá eficácia de título executivo extrajudicial, além de produzir outros efeitos, como a interrupção da prescrição.

No que se refere à legitimidade para a execução (item "a"), o principal legitimado é o Ministério Público, por ser o tomador do compromisso. De qualquer forma, também poderão promover a execução os demais legitimados à celebração do acordo.

A divergência está na possibilidade de a execução ser movida pelos entes associativos que, como se disse, não têm legitimidade para celebrar o compromisso.

Há precedente jurisprudencial afirmando a ilegitimidade dos entes associativos.

Se o compromisso versar sobre direitos individuais homogêneos, é possível a liquidação e a execução por parte da vítima ou de seu sucessor. Há, ainda, entendimento no sentido de que mesmo no caso de direitos difusos e coletivos é possível ao indivíduo valer-se do compromisso para promover liquidação e execução, naquilo que lhe beneficiar.

A execução deve ser proposta no foro que seria competente para julgar eventual ação civil pública.

Assim, o juízo competente para a execução (item "b") é o do foro do local do dano ou de onde possa ocorrer o dano. Entende-se que não é válida a eleição de foro no compromisso, uma vez que a competência é absoluta.

Com relação ao procedimento executivo (item "c"), devem ser aplicadas as normas da execução de título extrajudicial, previstas no CPC, tendo em vista que não há regulamentação específica no microssistema da tutela coletiva.

Por isso, a execução será por meio da instauração de processo de execução autônomo, que vai variar em função da natureza da obrigação que se pretende satisfazer.

São necessárias execuções distintas. Ou seja, a instauração de um procedimento executivo para as obrigações de conduta e outro para a execução da multa (por quantia certa). Não é possível a cumulação em um mesmo procedimento executório, considerando-se a existência de ritos diversos.

Por fim, quanto ao item "d", pode-se concluir que as hipóteses mencionadas não são aplicáveis à execução do compromisso, pois o exequente, no caso, não é titular do direito material que persegue em juízo. Assim, não pode o credor renunciar ao crédito ou perdoar a dívida.

ATENÇÃO! Há grande divergência e falta de uniformidade no âmbito dos diversos ministérios públicos quanto ao momento em que se produz a eficácia executiva.

De uma forma geral, pode-se dizer que há dois regimes: a) o da eficácia executiva imediata, após a celebração do compromisso; b) o da eficácia condicionada à homologação do arquivamento do inquérito civil.

Por exemplo, no Estado de São Paulo a eficácia executiva é condicionada à homologação do arquivamento do inquérito civil pelo Conselho Superior do Ministério Público.

Com efeito, a Lei Complementar Estadual nº 734/93, que institui a Lei Orgânica do Ministério Público de São Paulo, em seu artigo 112, dispõe: "O órgão do Ministério Público, nos inquéritos civis que tenha instaurado e desde que o fato esteja devidamente esclarecido, poderá formalizar, mediante termo nos autos, compromisso do responsável quanto ao cumprimento das obrigações necessárias à integral reparação do dano. Parágrafo único. A eficácia do compromisso ficará condicionada à homologação da promoção de arquivamento do inquérito civil pelo Conselho Superior do Ministério Público".

Geisa de Assis Rodrigues (*Ação civil pública e termo de ajustamento de conduta*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 201), após sustentar que "o ajustamento de conduta tem sua eficácia a partir do momento em que é celebrado, resultando na imediata suspensão do inquérito civil até que o mesmo seja devidamente cumprido", afirma que "o controle interno do Ministério Público seja feito após o cumprimento do ajuste": "Após a certificação do cumprimento do ajuste nos autos do inquérito, não havendo outras medidas a serem adotadas, deve a investigação ser arquivada, submetendo ao controle do Órgão Superior encarregado de apreciar os arquivamentos".

Para a mencionada autora (2011, p. 179), "a eficácia do ajuste não se inicia após a homologação de arquivamento, pois tal interpretação não se coaduna com os objetivos visados pela norma que concebeu o ajustamento".

Geisa de Assis Rodrigues (2011, p. 185-186) vai além: "Não há na lei federal nenhum dispositivo específico determinando a aprovação do Conselho como condição antecedente de eficácia do ajuste. Como se trata de matéria de competência privativa da lei federal disciplinar os títulos executivos extrajudiciais, pode-se considerar inconstitucional esse dispositivo da lei paulista. Disciplinar a eficácia de um título executivo não se encontra na esfera de competência do legislador estadual em nossa singular Federação".

A Resolução nº 87/2010, do Conselho Superior do Ministério Púbico Federal, que regulamenta, no âmbito do Ministério Público Federal, a instauração e tramitação do Inquérito Civil, dispõe em seu art. 21, § 4°, que: *Salvo previsão em contrário, o início da eficácia do compromisso será a data de sua celebração.*

Critério de correção da banca

Foi divulgado o seguinte espelho de respostas:

"a) A jurisprudência vem reafirmando que também possuiriam legitimidade ativa, além do próprio Ministério Público, os demais legitimados para tomar Compromisso de Ajustamento de Conduta, apenas. Aliás, nesse sentido foi proferida a única decisão no âmbito do STJ (REsp 1.020.009/RN). Todavia, é possível encontrar na doutrina a defesa de que poderia executar o CAC qualquer legitimado para a propositura de eventual ação

civil pública (artigo 5º da LACP), uma vez que o interesse é difuso (indivisível e indisponível, portanto), de toda a coletividade, havendo legitimidade concorrente e disjuntiva (ver, por exemplo, Fernando Reverendo Vidal Akaoui e João Batista de Almeida).

b) O juízo cível do foro do local onde ocorreu ou possa ocorrer o dano previsto no instrumento é o competente para a execução do referido CAC, sendo tal competência absoluta, nos termos do artigo 2º da Lei de Ação Civil Pública e do artigo 93 do Código de Defesa do Consumidor, aplicáveis por força do microssistema de tutela coletiva.

c) Não havendo disposições específicas no microssistema de tutela coletiva (principalmente na LACP e no CDC), por força da utilização subsidiária do Código de Processo Civil (artigo 19 da Lei de Ação Civil Pública), as obrigações de fazer e não fazer serão executadas nos termos dos artigos 632 a 645, enquanto a multa cominatória nos moldes dos artigos 646 e seguintes.

Deverão ser propostas execuções distintas em face da incompatibilidade dos ritos (artigo 573 do CPC). No entanto, deverão ser distribuídas por dependência, uma vez que existirá conexão em face da causa de pedir das respectivas ações (artigo 103 do CPC). No bojo da execução das obrigações de fazer e não fazer, poderá o magistrado utilizar-se da previsão contida no § 5º do artigo 84 do CDC, uma vez que é norma prevista no microssistema citado.

d) Não se aplicam as hipóteses previstas nos incisos II e III do artigo 794 do Código de Processo Civil à execução do CAC, uma vez que, sendo seu objeto interesse difuso (o meio ambiente ecologicamente equilibrado), não poderá o exequente remir a dívida ou renunciar ao crédito, uma vez que indisponível".

DOUTRINA TEMÁTICA

Eficácia do compromisso

A eficácia do compromisso em relação aos titulares de direitos individuais é condicionada, como explica Geisa de Assis Rodrigues (*Ação civil pública e termo de ajustamento de conduta*, 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 188): "Para os titulares de direitos individuais conexos ao direito difuso ou coletivo, ou integrantes da massa dos direitos individuais homogêneos, só se aplicam os efeitos do ajuste que lhes sejam benéficos. Assim, o indivíduo pode aderir plenamente ao ajuste, renunciando a qualquer outro tipo de iniciativa judicial ou extrajudicial, e receber as vantagens do termo, posto que este é, como afirmado, uma garantia mínima, ou, ainda, propor a ação judicial cabível para fazer valer outros direitos que repute cabíveis".

Observa Geisa de Assis Rodrigues (2011, p. 205) que "o ajuste não poderá criar nenhum obstáculo para a tutela individual. As medidas de proteção coletiva não podem jamais importar em restrição de acesso à justiça na tutela de direitos individuais. Ora, se é assim no caso das ações coletivas, imagine em se tratando de uma composição extrajudicial. O indivíduo poderá se beneficiar do ajuste celebrado, mas jamais pode ser prejudicado por sua celebração".

Foro de eleição

Conforme Geisa de Assis Rodrigues (2001, p. 205), "descabe a eleição de foro no compromisso de ajuste".

Legitimidade para a execução

Geisa de Assis Rodrigues (2001, p. 208) anota que "os outros colegitimados podem também promover a execução do ajustamento de conduta sem qualquer óbice. Não se trata de uma exceção à regra da legitimidade ativa da ação de execução, posto que os demais colegitimados também são credores das obrigações assumidas no ajuste".

A citada autora (2001, p. 208) ainda entende possível a liquidação: "Embora a primazia da liquidação ainda seja da 'sentença condenatória genérica', devendo os títulos executivos extrajudiciais ser, em regra, líquidos, nada impede que em determinadas situações, em que se configure adequado ao direito do credor, se possa fazer a liquidação de título executivo extrajudicial, mormente quando se trata de promover o acesso à justiça de várias pessoas".

Nada impede que uma pessoa interessada valha-se do compromisso para promover a execução, conforme lição de Geisa de Assis Rodrigues (2001, p. 208): "É razoável que o ajuste de conduta tratando sobre direitos individuais homogêneos possa ser executado por um beneficiário, desde que o exequente comprove que está inserido na situação de origem comum".

Geisa de Assis Rodrigues (2001, p. 209) entende possível que o ajustamento de conduta que verse sobre direito difuso ou coletivo seja executado por um indivíduo: "Entendemos que seja possível, desde que o ajustamento de conduta seja baseado nos mesmos elementos fáticos do direito individual conexo. Não tem sentido se promover uma ação de conhecimento quando já está reconhecida a responsabilidade pela reparação dos danos em um título executivo. Haverá necessariamente a ação de liquidação, na qual se demonstrará a identidade dos elementos fáticos e a dimensão do prejuízo individual".

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) REsp 1020009 / RN

Relator Ministro BENEDITO GONÇALVES

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 09/03/2012

ADMINISTRATIVO E DIREITO ECONÔMICO. RECURSO ESPECIAL. CONCORRÊNCIA DESLEAL. EXECUÇÃO DE TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA AJUIZADA POR SINDICATO. ILEGITIMIDADE ATIVA. INTELIGÊNCIA DOS ARTIGOS 5º, 6º E 13 DA LEI 7.347/85. 1. A controvérsia cinge-se em saber se os Sindicatos são legitimados a ajuizar ação de execução referente a Termo de Ajustamento de Conduta, tomado pelo Ministério Público, alegadamente não cumprido. 2. Se apenas os legitimados ao ajuizamento da ação civil pública que detenham condição de órgão público podem tomar das partes termos de ajustamento de conduta (arts. 5º e 6º da Lei 7.347/85), não há como se chegar a outra conclusão que não a que somente esses órgãos poderão executar o referido termo, em caso de descumprimento do nele avençado. 3. Assim, não há como admitir a legitimidade do Sindicato em requerer a execução de compromisso de ajustamento de conduta,

ainda que signatário, tendo em vista que não possui competência para firmá-lo. 4. Soma-se a isso o fato de que a multa obtida com o descumprimento do compromisso, por expressa previsão legal (art. 13 da Lei 7.347/85), há de ser revertida a um fundo de reparação dos danos aos interesses difusos e coletivos atingidos, não podendo servir ao interesse particular do Sindicato ou daqueles estabelecimentos que representa. 5. No caso dos autos, considerando que o compromisso foi tomado pelo Ministério Público, compete a este a devida fiscalização pelo cumprimento das obrigações assumidas no termo, assim como a respectiva execução em caso de descumprimento. 6. Recurso especial não provido.

b) REsp 828319 / PR

Relator Ministro MAURO CAMPBELL MARQUES

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 08/02/2011

PROCESSO CIVIL. RECURSO ESPECIAL. COMPROMISSO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA. TÍTULO EXECUTIVO EXTRAJUDICIAL. LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO PARA PROPOR A EXECUÇÃO. 1. Consoante decidiu esta Turma, ao julgar o REsp 443.407/SP (Rel. Min. João Otávio de Noronha, DJ de 25.4.2006, p. 106), encontra-se em plena vigência o § 6º do art. 5º da Lei nº 7.347/1985, de forma que o descumprimento de compromisso de ajustamento de conduta celebrado com o Ministério Público viabiliza a execução da multa nele prevista. No referido julgamento, ficou consignado que a Mensagem nº 664/90, do Presidente da República – a qual vetou parcialmente o Código de Defesa do Consumidor –, ao tratar do veto aos arts. 82, § 3º, e 92, parágrafo único, fez referência ao art. 113, mas não o vetou. 2. Recurso especial provido para reconhecer a força executiva do compromisso de ajustamento de conduta firmado com o Município de Curitiba e a legitimidade do Ministério Público para o ajuizamento da execução.

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (FCC – Promotor de Justiça – PE/2014) O compromisso de ajustamento de conduta

a) enseja necessariamente o arquivamento de inquérito civil em que celebrado.

b) referendado pelo Ministério Público não impede a adoção de medidas judiciais cabíveis por parte de qualquer colegitimado.

c) poderá versar acerca da disponibilidade do direito material controvertido.

d) referendado pelo Ministério Público tem a natureza de título executivo judicial.

e) é incabível, em qualquer situação, nos casos da lei de improbidade administrativa.

➥ *Resposta: "b".*

02. (FUNDEP – Promotor de Justiça – MG/2014) O compromisso de ajustamento previsto na Lei de Ação Civil Pública:

a) Pode ser tomado por todos os legitimados para a propositura da ação civil pública ou coletiva.

b) Tem natureza jurídica de contrato, uma vez que tem como características ser bilateral e consensual.

c) Quando tomado pelo Ministério Público, deve sempre esgotar todo o objeto da investigação em curso no inquérito civil e impede que outros co-legitimados tomem outro

compromisso ou proponham ação civil pública ou coletiva sobre os mesmos fatos, mesmo que versem sobre outras prestações, se entenderem as primeiras insuficientes ou incorretas;

d) Quando firmado no bojo de uma ação civil pública, mesmo não sendo o Ministério Público parte, deverá ser ouvido antes de eventual homologação.

➘ *Resposta: "d".*

---

03. (MP/RJ – 2011) A Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Salve-se-quem-puder instaurou inquérito civil para apurar notícia de despejo de produtos químicos em lagoa local por uma indústria de alimentos. No curso das investigações, foi apurado que efetivamente a investigada lançava efluentes sem qualquer tratamento, poluindo o referido corpo hídrico. Foi, ainda, verificado que a água contaminada era utilizada pelos agricultores locais para irrigar suas plantações, sendo que o consumo destes vegetais poderia causar sérios danos à saúde dos consumidores. Por fim, constatou-se que a mortandade de peixes havia acarretado enormes prejuízos aos pescadores, que, agora, não tinham mais sua fonte de subsistência. A empresa poluidora, ao ser notificada, afirmou não ter qualquer informação a prestar ao Ministério Público, vez que já havia firmado Termo de Ajustamento de Conduta com o Município, pelo qual se comprometera a fornecer alimentos aos pescadores pelo prazo de dez anos, a fornecer água para irrigação das lavouras vizinhas por meio de caminhões-pipa, bem como a isolara área da lagoa, evitando que desavisados pudessem vir a ser contaminados pelo contato com as águas. Diante de tal cenário, o Promotor de Justiça deve adotar a seguinte providência:

a) arquivar o inquérito civil, diante da solução do problema investigado;

b) ajuizar ação anulatória do Termo de Ajustamento de Conduta celebrado, vez que o município não tem legitimidade para tomar tais compromissos;

c) executar o Termo de Ajustamento de Conduta, para garantir a entrega das prestações a que se obrigou a indústria poluidora;

d) ajuizar ação civil pública para obrigar a indústria poluidora a adotar medidas reparadoras e compensatórias do dano ambiental;

e) manter o inquérito civil em tramitação, até o cumprimento integral das prestações a que se obrigou a indústria.

➘ *Resposta "D".*

---

04. (MP/RR – 2012) Em relação ao inquérito civil, ao compromisso de ajustamento de conduta e ao dispõe a Lei Complementar nº 75/1993, assinale a opção correta.

a) A assinatura do termo de ajustamento de conduta não obsta a instauração da ação penal, pois esse procedimento ocorre na esfera cível, que é independente da penal.

b) O inquérito civil público, embora previsto como função institucional do MP, não pode ser utilizado como elemento probatório hábil para embasar a propositura de ação penal.

c) É atribuição exclusiva do procurador-geral da República, como chefe do MPU, dirimir conflitos de atribuição entre integrantes de ramos diferentes do MPU.

d) É conferido prazo em dobro ao MP para interpor recurso, inclusive na hipótese de recurso especial criminal.

e) Em conformidade com o STJ, o MPE tem legitimidade para interpor agravo regimental perante os tribunais superiores, uma vez que a atuação perante essas Cortes não é restrita ao MPF.

➘ *Resposta "a".*

05. (MP/SP – 2012) Com relação ao compromisso de ajustamento de conduta, é correto afirmar:

a) Não se admite, ainda que em caráter excepcional, que seja celebrada sua novação nos termos da lei civil.

b) Admite-se que seja celebrado com característica de ajuste preliminar.

c) Admite-se a dispensa parcial das obrigações reclamadas para a efetiva satisfação do interesse ou direito lesado.

d) Admite-se sua celebração em qualquer fase do inquérito civil, ainda que o fato não esteja devidamente esclarecido.

e) Não se admite a dispensa de multa cominatória como garantia do cumprimento da obrigação principal.

➘ *Resposta "B".*

6) (DPE/PI – 2009) Com relação à ação civil pública e à ação popular, assinale a opção correta.

a) Quando um cidadão ajuíza ação popular, o Poder Judiciário está autorizado a invalidar opções administrativas ou substituir critérios técnicos por outros que repute mais convenientes ou oportunos.

b) Nas ações populares, inadmite-se a concessão de liminar.

c) À DP é vedado ajuizar ação civil pública, quando houver ação popular ajuizada sobre o mesmo fato.

d) Eventuais provas colhidas na fase de um inquérito civil têm valor relativo, podendo ser refutadas por contraprovas no curso de uma ação civil pública.

e) Caso um cidadão pretenda sustar a discussão de determinado projeto de lei na Câmara dos Deputados, ele poderá valer-se da ação popular.

Resposta "d". De fato, a prova obtida no inquérito civil não é de valor absoluto.

18. (53º CONCURSO PARA INGRESSO NA CARREIRA DO MPE DE MG)

PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA

"A partir da concepção de ondas renovatórias do direito, os interesses coletivos e sociais ganharam posição ontológica na nova ordem constitucional brasileira. Dado a importância de tais interesses, no espaço jurisdicional, mais do que nunca, é de se ter em conta a importância da celeridade processual e da efetividade do processo como garantias do acesso à justiça material. Para tanto, consolidam-se como instrumentos indispensáveis as tutelas de urgência e de evidência. Faça análise comparativa entre tais tutelas, principalmente quanto às suas características, suas semelhanças, suas especificidades e seus limites."

◉ RESPOSTA

A tutela de urgência (cautelar – Livro III do CPC – e antecipatória: art. 273, I, do CPC), que é provisória, e a tutela de evidência (art. 273, II e § 6º do CPC) são tutelas diferenciadas que foram desenvolvidas para melhor repartir o ônus do tempo do processo. Com efeito, a prestação jurisdicional exige tempo. O tempo, por sua vez, poderá trazer danos às partes, comprometendo a efetividade do processo.

A tutela cautelar é meramente conservativa, especialmente de bens e de provas, para garantir a efetividade e a utilidade da prestação jurisdicional. A tutela antecipada (de urgência ou de evidência) é satisfativa, pois antecipa o momento da fruição do bem da vida pretendido no processo.

Há tutela cautelar quando o juiz determina o arresto de um bem para garantir futura execução por quantia certa. Há tutela antecipada, de evidência, quando o juiz determina uma reintegração de posse. Neste caso, aliás, o requerente deve demonstrar a posse, o esbulho e a data em que ocorreu, não havendo necessidade de demonstrar o *periculum in mora*.

Porém, enquanto a tutela de urgência (cautelar ou antecipatória) exige a demonstração do risco de dano irreparável (ou *periculum in mora*), a tutela da evidência pode ser prestada mesmo sem a demonstração do risco da demora. Com efeito, a tutela da evidência pode ser prestada em função da incontrovérsia em relação a um dos pedidos ou a parcela de um. Por isso, para a tutela da evidência não haverá necessidade de produção de provas, considerando que autor e réu estão de acordo (há incontrovérsia) quanto a determinados fatos.

Para a antecipação de tutela baseada na urgência ou na evidência, porém, há necessidade de que não seja criada uma situação de irreversibilidade. De fato, que seja possível o retorno ao estado anterior. Exceto se a negativa de prestação jurisdicional também trouxer risco de dano irreparável, hipótese em que o juiz deverá proceder à ponderação dos interesses em conflito e, eventualmente, correr o risco de conceder medida que crie situação irreversível. Por exemplo, para salvar a vida poderá determinar o custeio de um tratamento de saúde a uma pessoa desprovida de recursos.

Critério de correção da banca

A Banca Examinadora divulgou o seguinte espelho:

"a) SEMELHANÇA: são tutelas diferenciadas, que têm por objetivo atenuar eventuais danos emergentes que possam ocorrer em decorrência de circunstâncias de fato ao direito material, justamente em face da aplicação tardia da prestação jurisdicional; (0,4 ponto)

b) PRINCIPAL DIFERENÇA: tutelas de urgência: necessitam do "periculum in mora"; tutelas de evidência: não necessitam do "periculum in mora"; (0,4 ponto)

c) LIMITE: atualmente, reversibilidade, com a mitigação em caso de direito fundamental; (0,2 ponto)

d) ESPÉCIES E CARACTERÍSTICAS DAS TUTELAS DE URGÊNCIA: d1) Espécies: cautelares e satisfativas. d2) Características: tutelas cautelares: temporariedade; tutelas satisfativas: provisoriedade. d3) Diferença: o que diferencia as tutelas de urgência cautelares das tutelas de urgência satisfativas é justamente a satisfatividade; (0,5 ponto)

e) ESPÉCIES E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS TUTELAS DE EVIDÊNCIA: e1) exemplos de tutelas de evidência: mandado de segurança e ação possessória (Luiz Fux e Fredie Didier Jr.); habeas corpus, habeas data, mandado de injunção (Antônio Souza Prudente); indisponibilidade de bens, nos termos do artigo 7º da Lei de Improbidade Administrativa (STJ: REsp 1.308.865/PA, Segunda Turma; REsp 1.319.515/ES, Primeira Turma; etc.); antecipações de tutela previstas no art. 273, II e § 6º, do Código de Processo Civil. e2)

A tutela de evidência é a tutela do direito aparente ou direito decorrente de evidência; a tutela de evidência dispensa prova (matéria meramente de direito assentado em fatos incontroversos ou notórios, por exemplo) ou deve estar frente a um direito com prova pré-constituída; (0,5 ponto)".

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) José Roberto dos Santos Bedaque (*Tutela cautelar e tutela antecipada*: tutelas sumárias e de urgência – tentativa de sistematização. 3ª ed., São Paulo: Malheiros, 1998, p. 11): "Sabe-se que não existe apenas um tipo de processo. A tutela jurisdicional se apresenta de várias formas, com conteúdo diverso, tudo em função da natureza do direito a ser protegido. A modalidade de tutela processual depende única e exclusivamente do tipo de proteção de que o direito material necessita.

Assim, para que a tutela jurisdicional seja eficaz quanto ao resultado que dela se espera, para que se possa dizer efetivo o mecanismo estatal de solução de controvérsias, é imprescindível que o titular da situação substancial carente de proteção possa utilizar instrumento estruturado para assegurar não apenas tutela formal de seu direito, mas proteção real, ou seja, capaz de proporcionar-lhe praticamente a mesma situação que o cumprimento espontâneo da norma lhe conferiria.

Isso significa que a efetividade do processo depende fundamentalmente da existência de meios adequados a resolver os inúmeros problemas surgidos no plano material.

É essa a razão por que, na construção do sistema processual de tutelas, não se pode ignorar a realidade jurídico-material. O reconhecimento dessa necessária influência contribui decisivamente para a efetividade do processo.

Daí a conclusão, já externada em outra oportunidade, a respeito do caráter ético da ciência processual. Na medida em que a tutela deve ser adequada às especificidades do direito material, não se pode pensar na construção de um instrumento absolutamente neutro, puramente técnico. Inexiste a suposta indiferença do instrumento em relação ao objeto. A variedade de meios procedimentais, formas e espécies de tutelas está relacionada às necessidades específicas das relações de direito substancial.

Somente com base em premissas dessa ordem é possível construir um sistema processual efetivo, porque adequado à solução das questões propostas para exame em sede jurisdicional".

b) Antonio Carlos de Araújo Cintra, Ada Pellegrini Grinover e Cândido Rangel Dinamarco: "A atividade cautelar foi preordenada a evitar que o dano oriundo da inobservância do direito fosse agravado pelo inevitável retardamento do remédio jurisdicional (*periculum in mora*). O provimento cautelar funda-se antecipadamente na hipótese de um futuro provimento jurisdicional favorável ao autor (*fumus boni iuris*): verificando-se os pressupostos do *fumus boni iuris* e do *periculum in mora*, o provimento cautelar opera imediatamente, como instrumento provisório e antecipado do futuro provimento definitivo, para que este não seja frustrado em seus efeitos" (*Teoria geral do processo*, São Paulo: Malheiros, 1995, p. 318).

c) Cândido Rangel Dinamarco (*Nova era do processo civil*, São Paulo: Malheiros, 2003, p. 49): "Cautelares e antecipatórias são as duas faces de uma moeda só, elas são dois irmãos gêmeos ligados por um veio comum que é o empenho em neutralizar os males do *tempo-inimigo*".

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) AgRg no REsp 1260737 / RJ

Relator Ministro SÉRGIO KUKINA

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 25/11/2014

AGRAVO REGIMENTAL NO RECURSO ESPECIAL. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. ART. 7º DA LEI Nº 8.429/92. INDISPONIBILIDADE DE BENS QUE ABRANGE INCLUSIVE AQUELES ADQUIRIDOS ANTES DA PRÁTICA DO SUPOSTO ATO DE IMPROBIDADE, ASSIM COMO O POTENCIAL VALOR DA MULTA CIVIL APLICÁVEL À ESPÉCIE. DESNECESSIDADE DE COMPROVAÇÃO DE DILAPIDAÇÃO IMINENTE OU EFETIVA DO PATRIMÔNIO DO DEMANDADO. PERICULUM IN MORA IMPLÍCITO NO COMANDO LEGAL. DECISÃO AGRAVADA MANTIDA PELOS SEUS PRÓPRIOS FUNDAMENTOS. 1 – O Superior Tribunal de Justiça, ao interpretar o art. 7º da Lei nº 8.429/92, tem decidido que, por ser medida de caráter assecuratório, a decretação de indisponibilidade de bens, ainda que adquiridos anteriormente à prática do suposto ato de improbidade, deve incidir sobre quantos bens se façam necessários ao integral ressarcimento do dano, levando-se em conta, ainda, o potencial valor de multa civil. Precedentes. 2 – A Primeira Seção desta Corte de Justiça, no julgamento do REsp 1.366.721/BA, sob a sistemática dos recursos repetitivos (art. 543-C do CPC), consolidou o entendimento de que o decreto de indisponibilidade de bens em ação civil pública por ato de improbidade administrativa constitui tutela de evidência e, ante a presença de fortes indícios da prática do ato reputado ímprobo, dispensa a comprovação de dilapidação iminente ou efetiva do patrimônio do réu, estando o periculum in mora implícito no comando do art. 7º da LIA. 3 – Agravo regimental a que se nega provimento.

b) REsp 1319515 / ES

Relator Ministro NAPOLEÃO NUNES MAIA FILHO

Relator(a) p/ Acórdão Ministro MAURO CAMPBELL MARQUES (1141)

Órgão Julgador: S1 – PRIMEIRA SEÇÃO

DJe 21/09/2012

ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA POR IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. MEDIDA CAUTELAR DE INDISPONIBILIDADE DE BENS. ART. 7º DA LEI Nº 8.429/92. TUTELA DE EVIDÊNCIA. COGNIÇÃO SUMÁRIA. PERICULUM IN MORA. EXCEPCIONAL PRESUNÇÃO. FUNDAMENTAÇÃO NECESSÁRIA. FUMUS BONI IURIS. NECESSIDADE DE COMPROVAÇÃO. CONSTRIÇÃO PATRIMONIAL PROPORCIONAL À LESÃO E AO ENRIQUECIMENTO ILÍCITO RESPECTIVO. BENS IMPENHORÁVEIS. EXCLUSÃO. 1. Trata-se de recurso especial em que se discute a possibilidade de se decretar a indisponibilidade de bens na Ação Civil Pública por ato de improbidade administrativa, nos termos do art. 7º da Lei 8.429/92, sem a demonstração do risco de dano (periculum in mora), ou seja, do perigo de dilapidação do patrimônio de bens do acionado. 2. Na busca da garantia da reparação total do dano, a Lei nº 8.429/92 traz em seu bojo medidas cautelares para a garantia da efetividade da execução, que, como sabemos, não são exaustivas. Dentre

elas, a indisponibilidade de bens, prevista no art. 7º do referido diploma legal. 3. As medidas cautelares, em regra, como tutelas emergenciais, exigem, para a sua concessão, o cumprimento de dois requisitos: o fumus boni juris (plausibilidade do direito alegado) e o periculum in mora (fundado receio de que a outra parte, antes do julgamento da lide, cause ao seu direito lesão grave ou de difícil reparação). 4. No caso da medida cautelar de indisponibilidade, prevista no art. 7º da LIA, não se vislumbra uma típica tutela de urgência, como descrito acima, mas sim uma tutela de evidência, uma vez que o periculum in mora não é oriundo da intenção do agente dilapidar seu patrimônio e, sim, da gravidade dos fatos e do montante do prejuízo causado ao erário, o que atinge toda a coletividade. O próprio legislador dispensa a demonstração do perigo de dano, em vista da redação imperativa da Constituição Federal (art. 37, § 4º) e da própria Lei de Improbidade (art. 7º). 5. A referida medida cautelar constritiva de bens, por ser uma tutela sumária fundada em evidência, não possui caráter sancionador nem antecipa a culpabilidade do agente, até mesmo em razão da perene reversibilidade do provimento judicial que a deferir. 6. Verifica-se no comando do art. 7º da Lei 8.429/1992 que a indisponibilidade dos bens é cabível quando o julgador entender presentes fortes indícios de responsabilidade na prática de ato de improbidade que cause dano ao Erário, estando o periculum in mora implícito no referido dispositivo, atendendo determinação contida no art. 37, § 4º, da Constituição, segundo a qual "os atos de improbidade administrativa importarão a suspensão dos direitos políticos, a perda da função pública, a indisponibilidade dos bens e o ressarcimento ao erário, na forma e gradação previstas em lei, sem prejuízo da ação penal cabível". 7. O periculum in mora, em verdade, milita em favor da sociedade, representada pelo requerente da medida de bloqueio de bens, porquanto esta Corte Superior já apontou pelo entendimento segundo o qual, em casos de indisponibilidade patrimonial por imputação de conduta ímproba lesiva ao erário, esse requisito é implícito ao comando normativo do art. 7º da Lei nº 8.429/92. Precedentes: (REsp 1315092/RJ, Rel. Ministro NAPOLEÃO NUNES MAIA FILHO, Rel. p/ Acórdão Ministro TEORI ALBINO ZAVASCKI, PRIMEIRA TURMA, julgado em 05/06/2012, DJe 14/06/2012; AgRg no AREsp 133.243/MT, Rel. Ministro CASTRO MEIRA, SEGUNDA TURMA, julgado em 15/05/2012, DJe 24/05/2012; MC 9.675/RS, Rel. Ministro MAURO CAMPBELL MARQUES, SEGUNDA TURMA, julgado em 28/06/2011, DJe 03/08/2011; EDcl no REsp 1211986/MT, Rel. Ministro HERMAN BENJAMIN, SEGUNDA TURMA, julgado em 24/05/2011, DJe 09/06/2011. 8. A Lei de Improbidade Administrativa, diante dos velozes tráfegos, ocultamento ou dilapidação patrimoniais, possibilitados por instrumentos tecnológicos de comunicação de dados que tornaria irreversível o ressarcimento ao erário e devolução do produto do enriquecimento ilícito por prática de ato ímprobo, buscou dar efetividade à norma afastando o requisito da demonstração do periculum in mora (art. 823 do CPC), este, intrínseco a toda medida cautelar sumária (art.789 do CPC), admitindo que tal requisito seja presumido à preambular garantia de recuperação do patrimônio do público, da coletividade, bem assim do acréscimo patrimonial ilegalmente auferido. 9. A decretação da indisponibilidade de bens, apesar da excepcionalidade legal expressa da desnecessidade da demonstração do risco de dilapidação do patrimônio, não é uma medida de adoção automática, devendo ser adequadamente fundamentada pelo magistrado, sob pena de nulidade (art. 93, IX, da Constituição Federal), sobretudo por se tratar de constrição patrimonial. 10. Oportuno notar que é pacífico nesta Corte Superior entendimento segundo o qual a indisponibilidade de bens deve recair sobre o patrimônio dos réus em ação de improbidade administrativa de modo suficiente a garantir o integral ressarcimento de eventual prejuízo ao erário, levando-se em consideração, ainda, o valor de possível multa civil como sanção autônoma. 11. Deixe-se claro, entretanto, que ao juiz responsável pela condução do processo cabe guardar atenção, entre outros, aos preceitos legais que resguardam certas espécies patrimoniais contra a indisponibilidade, mediante atuação processual dos interessados – a quem caberá, p.

ex., fazer prova que determinadas quantias estão destinadas a seu mínimo existencial. 12. A constrição patrimonial deve alcançar o valor da totalidade da lesão ao erário, bem como sua repercussão no enriquecimento ilícito do agente, decorrente do ato de improbidade que se imputa, excluídos os bens impenhoráveis assim definidos por lei, salvo quando estes tenham sido, comprovadamente, adquiridos também com produto da empreitada ímproba, resguardado, como já dito, o essencial para sua subsistência. 13. Na espécie, o Ministério Público Federal quantifica inicialmente o prejuízo total ao erário na esfera de, aproximadamente, R$ 15.000.000,00 (quinze milhões de reais), sendo o ora recorrente responsabilizado solidariamente aos demais agentes no valor de R$ 5.250.000,00 (cinco milhões e duzentos e cinquenta mil reais). Esta é, portanto, a quantia a ser levada em conta na decretação de indisponibilidade dos bens, não esquecendo o valor do pedido de condenação em multa civil, se houver (vedação ao excesso de cautela). 14. Assim, como a medida cautelar de indisponibilidade de bens, prevista na LIA, trata de uma tutela de evidência, basta a comprovação da verossimilhança das alegações, pois, como visto, pela própria natureza do bem protegido, o legislador dispensou o requisito do perigo da demora. No presente caso, o Tribunal a quo concluiu pela existência do fumus boni iuris, uma vez que o acervo probatório que instruiu a petição inicial demonstrou fortes indícios da ilicitude das licitações, que foram supostamente realizadas de forma fraudulenta. Ora, estando presente o fumus boni juris, como constatado pela Corte de origem, e sendo dispensada a demonstração do risco de dano (periculum in mora), que é presumido pela norma, em razão da gravidade do ato e a necessidade de garantir o ressarcimento do patrimônio público, conclui-se pela legalidade da decretação da indisponibilidade dos bens. 15. Recurso especial não provido.

c) REsp 1308865 / PA

Relator Ministro HERMAN BENJAMIN

T2 – SEGUNDA TURMA

DJe 25/06/2013

ADMINISTRATIVO E PROCESSUAL CIVIL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. INDISPONIBILIDADE DE BENS. COMPROVAÇÃO DE EFETIVA DILAPIDAÇÃO PATRIMONIAL. DESNECESSIDADE. PRECEDENTES. 1. Trata-se de Recurso Especial interposto pelo Ministério Público Federal contra decisão do Tribunal Regional Federal da 1ª Região que indeferiu o pedido de indisponibilidade de bens, por entender necessária a demonstração de dilapidação patrimonial ou de sua iminência. 2. A Primeira Seção do STJ (REsp 1.319.515/ES, Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho, Rel. p/ acórdão Min. Mauro Campbell Marques, DJe 21.9.2012) firmou a orientação de que a decretação de indisponibilidade de bens não se condiciona à comprovação de dilapidação efetiva ou iminente de patrimônio, porquanto tal medida consiste em "tutela de evidência, uma vez que o periculum in mora não é oriundo da intenção do agente dilapidar seu patrimônio e, sim, da gravidade dos fatos e do montante do prejuízo causado ao erário, o que atinge toda a coletividade". 3. Decisão de origem que diverge da jurisprudência do STJ. 4. Recurso Especial provido para determinar que o pedido de indisponibilidade seja examinado conforme a presença de fundados indícios da prática de atos de improbidade, estando dispensada a prova de dilapidação patrimonial ou de sua iminência.

◉ QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (Ministério Público/PR – 2011) DIANTE DAS DISPOSIÇÕES DA LEI N.° 7.347/85, QUE DISCIPLINA A AÇÃO CIVIL PÚBLICA, É INCORRETO AFIRMAR QUE:

a) Considerando que as ações serão propostas no foro do local onde ocorrer o dano, cujo juízo terá competência funcional para processar e julgar a causa, está-se diante de competência absoluta, a qual pode ser declarada de ofício em qualquer tempo e grau de jurisdição;

b) Poderá ser ajuizada ação cautelar na hipótese em que o dano é iminente, sendo que a tutela de urgência pode ser pleiteada antes ou no curso da ação civil pública;

c) Os órgãos públicos legitimados poderão tomar dos interessados compromisso de ajustamento de sua conduta às exigências legais, no qual é possível a eleição de foro diverso do local onde ocorrer o dano, afastando-se, assim, a competência funcional para a execução do título extrajudicial;

d) A ação civil pública poderá ter por objeto o cumprimento de obrigação de fazer ou não fazer, hipótese em que o juiz determinará o cumprimento da prestação da atividade devida ou a cessação da atividade nociva, sob pena de execução específica, ou de cominação de multa diária, independentemente de requerimento do autor;

e) Na ação civil pública, assim como na ação popular, a sentença será ou não acobertada pela autoridade da coisa julgada dependendo do resultado da lide, de tal modo que, caso o pedido seja julgado improcedente por insuficiência de provas, qualquer legitimado poderá intentar outra ação com idêntico fundamento, valendo-se de nova prova.

➘ *Resposta "C"*

02. (Defensor Público/AM – 2013 – FCC) O sistema processual faz distinções entre a tutela cautelar e a tutela antecipada, sendo que no subsistema das ações coletivas em sentido amplo,

a) nas ações coletivas, admite-se somente a tutela cautelar e não a tutela antecipatória.

b) nas ações coletivas admite-se somente a concessão de liminar, mas não de antecipação de tutela.

c) julgada procedente a ação civil pública, confirmando-se a antecipação de tutela em sentença, o recurso de apelação será recebido no duplo efeito.

d) é vedada a concessão de liminar ou de antecipação de tutela contra ato do Poder Público quanto à pagamento de qualquer natureza a servidor público.

e) o juiz independe de pedido do autor tanto para conceder a liminar – instrumental ou antecipatória – ou a antecipação de tutela como para impor multa diária para assegurar o cumprimento de sua decisão.

➘ *Resposta "D"*

19. (53º CONCURSO PARA INGRESSO NA CARREIRA DO MPE – MG)

PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA

"Quando se fala de caracterização do ato ímprobo para fins de sancionamento pela Lei de Improbidade Administrativa (Lei Federal no 8.429/92), verifica-se que uma das questões que gerou mais controvérsia desde a edição da referida lei foi a definição do elemento subjetivo dolo. Todavia, principalmente a partir de julgados do Superior Tribunal de Justiça, essa questão vem sendo pacificada. Pergunta-se: qual seria a melhor definição de dolo para fins de caracterização do ato de improbidade administrativa? E em que termos isso se dá?"

RESPOSTA

A improbidade é uma ilegalidade tipificada e qualificada pelo elemento subjetivo da conduta do agente. Por isso mesmo, a jurisprudência do STJ considera indispensável, para a caracterização de improbidade, que a conduta do agente seja dolosa ou, excepcionalmente, culposa. É imprescindível o dolo no caso dos arts. 9º e 11 (enriquecimento ilícito e atentado contra os princípios). Dolo ou culpa no caso do art. 10 (prejuízo ao erário). Portanto, só o ato que causa o prejuízo ao erário é que admite a forma culposa. Os demais atos exigem o dolo.

A jurisprudência, contudo, entende que é suficiente o "dolo genérico", não se exigindo a comprovação de intenção específica do agente.

Critério de correção da banca

A Banca Examinadora divulgou o seguinte espelho:

"Ainda que a Segunda Turma do STJ, em um momento e caso específico, tenha decidido que as infrações de que tratam os arts. 9º e 10 da Lei no 8.429/92, além de dependerem da comprovação de dolo ou culpa por parte do agente supostamente ímprobo, podem exigir, conforme as circunstâncias do caso, a prova de lesão ou prejuízo ao erário, enquanto o art. 11 elenca diversas infrações para cuja consecução, em tese, é desnecessário perquirir se o gestor público se comportou com dolo ou culpa, ou se houve prejuízo material ao erário (REsp 737.279/PR e REsp 988.374/MG), a definição dominante na doutrina e no próprio STJ é de que é exigível dolo para a configuração da improbidade prevista nos artigos 9º, 10 (na modalidade dolosa) e 11 da LIA, mas na forma genérica. Quer dizer, o dolo exigível para a caraterização de improbidade, trata-se do agir comissivo ou omissivo consciente na prática do ato previsto como ímprobo (contrário ao dever de honestidade e demais princípios da administração pública) e que desvia da finalidade do interesse público, ou seja, a manifesta vontade de realizar a conduta ímproba, não necessitando perquirir a vontade subjetiva e específica do agente. (2,0 pontos)".

DOUTRINA TEMÁTICA

a) Francisco Octavio de Almeida Prado: "Observa-se, portanto, que os atos de improbidade administrativa, ao contrário do que sucede com as faltas disciplinares, encontram-se muito mais no domínio do *dolo* que da simples culpa. A ideia de culpa, traduzida na imprudência, imperícia ou negligência, é incompatível com a noção de *improbidade*, que, pressupondo um desvio de ordem ética e merecendo uma qualificação infamante, só muito excepcionalmente poderá admitir modalidade culpsosa" (*Improbidade administrativa*, São Paulo: Malheiros, 2001, p. 37).

b) Carlos Frederico Brito dos Santos: "Como também podemos constatar, a responsabilidade será sempre subjetiva, diante da exigência do dolo e da culpa (sendo esta apenas nas hipóteses do art. 10) para a caracterização do ato ímprobo" (*Improbidade administrativa: reflexões sobre a Lei nº 8.429/92*, Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 19).

JURISPRUDÊNCIA TEMÁTICA

a) A jurisprudência do STJ dispensa o dolo específico para a configuração de improbidade por atentado aos princípios administrativos (Art. 11 da Lei nº 8.429/1992), considerando bastante o dolo genérico (EREsp. 654.721/MT, Rel. Ministra Eliana Calmon, Primeira Seção, julgado em 25.8.2010, DJe 1.9.2010). (AgRg no Ag 1331116/PR, Rel. Min. Herman Benjamin, Segunda Turma, julgado em 01/03/2011, DJe 16/03/2011).

b) REsp 1107666 / SP

Relator Ministro SÉRGIO KUKINA

T1 – PRIMEIRA TURMA

DJe 26/11/2014

ADMINISTRATIVO. IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. VIOLAÇÃO A PRINCÍPIOS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. ART. 11 DA LEI Nº 8.429/92. DESNECESSIDADE DE DEMONSTRAÇÃO DO DOLO. ANTIGO ENTENDIMENTO DO STJ ATUALMENTE SUPERADO. É IMPRESCINDÍVEL QUE O TRIBUNAL LOCAL AFIRME A PRESENÇA, OU NÃO, DE DOLO NA CONDUTA DO AGENTE, EM SE TRATANDO DE INFRAÇÃO CAPITULADA NO ART. 11 DA LIA. RETORNO DOS AUTOS À CORTE LOCAL PARA ESTE FIM. 1. A instância recursal de origem, para manter a sentença de parcial procedência do pedido autoral, partiu de premissa fundada em jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça já superada, no sentido de que a lesão a princípios administrativos, nos termos do art. 11 da LIA, dispensaria a comprovação de dolo na conduta do agente. 2. A atual e reiterada compreensão desta Corte sobre o tema é a de que "o elemento subjetivo, necessário à configuração de improbidade administrativa censurada nos termos do art. 11 da Lei 8.429/1992, é o dolo genérico de realizar conduta que atente contra os princípios da Administração Pública, não se exigindo a presença de dolo específico" (REsp 951.389/SC, Rel. Ministro Herman Benjamin, Primeira Seção, DJe 4/5/2011). 3. Recursos especiais parcialmente providos, com a determinação de retorno dos autos ao Tribunal a quo para que, afastada a premissa de que "o dolo não é imprescindível para a caracterização da improbidade administrativa, principalmente quando violados os princípios que regem a atividade da Administração, consoante art. 11 da lei 8.429/92" (fl. 2638), decida quanto à efetiva presença, ou não, de dolo nas condutas ímprobas imputadas aos recorrentes. Fica prejudicada a análise das demais questões, assim como cancelada a multa imposta com fundamento no art. 538 do CPC.

c) Informativo nº 0540

Período: 28 de maio de 2014.

Primeira Turma

DIREITO CONSTITUCIONAL E ADMINISTRATIVO. NÃO CONFIGURAÇÃO DE ATO DE IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA. Não configura improbidade administrativa a contratação, por agente político, de parentes e afins para cargos em comissão ocorrida em data anterior à lei ou ao ato administrativo do respectivo ente federado que a proibisse e à vigência da Súmula Vinculante 13 do STF. A distinção entre conduta ilegal e conduta ímproba imputada a agente público ou privado é muito antiga. A ilegalidade e a improbidade não

são situações ou conceitos intercambiáveis, cada uma delas tendo a sua peculiar conformação estrita: a improbidade é uma ilegalidade qualificada pelo intuito malsão do agente, atuando com desonestidade, malícia, dolo ou culpa grave. A confusão conceitual que se estabeleceu entre a ilegalidade e a improbidade deve provir do caput do art. 11 da Lei 8.429/1992, porquanto ali está apontada como ímproba qualquer conduta que ofenda os princípios da Administração Pública, entre os quais se inscreve o da legalidade (art. 37 da CF). Mas nem toda ilegalidade é ímproba. Para a configuração de improbidade administrativa, deve resultar da conduta enriquecimento ilícito próprio ou alheio (art. 9º da Lei 8.429/1992), prejuízo ao Erário (art. 10 da Lei 8.429/1992) ou infringência aos princípios nucleares da Administração Pública (arts. 37 da CF e 11 da Lei 8.429/1992). A conduta do agente, nos casos dos arts. 9º e 11 da Lei 8.429/1992, há de ser sempre dolosa, por mais complexa que seja a demonstração desse elemento subjetivo. Nas hipóteses do art. 10 da Lei 8.429/1992, cogita-se que possa ser culposa. Em nenhuma das hipóteses legais, contudo, se diz que possa a conduta do agente ser considerada apenas do ponto de vista objetivo, gerando a responsabilidade objetiva. Quando não se faz distinção conceitual entre ilegalidade e improbidade, ocorre a aproximação da responsabilidade objetiva por infrações. Assim, ainda que demonstrada grave culpa, se não evidenciado o dolo específico de lesar os cofres públicos ou de obter vantagem indevida, bens tutelados pela Lei 8.429/1992, não se configura improbidade administrativa. REsp 1.193.248-MG, Rel. Min. Napoleão Nunes Maia Filho, julgado em 24/4/2014.

◉ QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (CESPE – 2013 – STM – Juiz) Com base no disposto na Lei de Improbidade Administrativa, assinale a opção correta.

a) Os servidores públicos devem apresentar obrigatoriamente, todos os anos, a declaração de bens e valores que compõem seu patrimônio, sob pena de demissão.

b) Os atos de improbidade administrativa que causem lesão ao erário somente serão puníveis se praticados de forma dolosa.

c) Prescrevem em cinco anos, contados do término do exercício do mandato, cargo ou função de confiança, as ações contra servidores não efetivos destinadas a aplicar as sanções previstas na lei em apreço e a realizar o respectivo ressarcimento do patrimônio público.

d) A pessoa física pode figurar como sujeito passivo do ato de improbidade administrativa.

e) As penas previstas na referida lei não poderão passar da pessoa do condenado nem a obrigação de reparar o dano poderá ser estendida a seus sucessores.

➥ *Resposta A*

02. (FCC – 2013 – TJ-PE – Juiz) Nos termos da Lei Federal no 8.429/92,

a) ocorrendo lesão ao patrimônio público por ação ou omissão, desde que dolosa, do agente ou de terceiro, dar-se-á o integral ressarcimento do dano

b) no caso de enriquecimento ilícito, perderá o agente público ou terceiro beneficiário o quíntuplo dos bens ou valores acrescidos ao seu patrimônio.

c) reputa-se agente público, para os efeitos daquela lei, todo aquele que exerce, necessariamente de modo permanente e remunerado, por eleição, nomeação, designação, contratação ou qualquer outra forma de investidura ou vínculo, mandato, cargo, emprego ou função nas entidades da Administração direta ou indireta.

d) suas disposições são aplicáveis, no que couber, àquele que, mesmo não sendo agente público, induza ou concorra para a prática do ato de improbidade ou dele se beneficie sob qualquer forma direta ou indireta.

e) os agentes públicos são obrigados a velar pela estrita observância dos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade no trato dos assuntos que lhe são afetos, exceto se ocupantes de cargo ou emprego que não exija formação superior.

➘ *Resposta D*

03. **(Ministério Público/BA – 2008)** A Lei 8429/92 (Lei de improbidade administrativa) agrupa os atos de improbidade administrativa em três categorias, conforme os valores jurídicos objeto da tutela. Assinale a opção correta:

a) A conduta do agente somente é punível a título de dolo.

b) Para a caracterização do ilícito não importa o elemento subjetivo, bastando a conduta típica.

c) Para o ocupante de cargo temporário o prazo de prescrição da ação, de 05 (cinco) anos, começa a correr da data da exoneração do cargo.

d) As sanções previstas para as três categorias somente serão aplicadas se comprovada a efetiva ocorrência do dano material ao patri-mônio público.

e) O crime de denunciação caluniosa previsto no art. 19 caracteriza-se com a instauração de investigação administrativa ou inquérito policial.

➘ *Resposta "C".*

04. **(Ministério Público/RN – 2009 – CESPE)** Quanto à improbidade administrativa, assinale a opção correta à luz da Lei nº 8.429/1992.

a) É crime a representação por ato de improbidade contra agente público ou terceiro beneficiário, quando o autor da denúncia tem conhecimento de que este é inocente.

b) Ação culposa de terceiro não dará ensejo ao integral ressarcimento de dano, quando ocorrer lesão ao patrimônio público.

c) No caso de enriquecimento ilícito, o terceiro beneficiário não perde os valores acrescidos ao seu patrimônio.

d) Qualquer pessoa que tome conhecimento de prática de ato de improbidade administrativa deve representar ao MP estadual.

e) As ações de improbidade administrativa de atos que atentem contra os princípios da administração pública podem ser propostas até dez anos após o término da função de confiança de quem as tenha praticado.

➘ *Resposta "A"*

20. (MPE-SP – PROMOTOR DE JUSTIÇA – SP/2010)

O arquivamento do Inquérito Civil, devidamente homologado pelo Ministério Público, impede a propositura da ação civil pública por eventuais interessados? Justifique

◉ RESPOSTA

Concluído o inquérito civil, o membro do Ministério Público poderá ajuizar a ação coletiva, bem como poderá concluir que é o caso de arquivar o inquérito civil.

O arquivamento decorre do fato da inexistência de justa causa para a propositura da ação coletiva: a) falta de provas da autoria do dano difuso, coletivo ou individual homogêneo; b) falta de provas da materialidade; c) inexistência de dano; d) reparação

integral dos danos; e) falta de legitimidade do Ministério Público para a propositura da ação, como ocorre, por exemplo, se se tratar de direito individual disponível.

Após promover, fundamentadamente, o arquivamento do inquérito, ou do procedimento preparatório, o órgão de execução deverá cientificar os interessados.

Após, deverá encaminhar os autos para o órgão de revisão competente (Conselho Superior do Ministério Público ou da Câmara de Coordenação e Revisão), no prazo de três dias.

A decisão homologatória do arquivamento não adquire a autoridade de coisa julgada, isto é, não é imutável.

Por isso, é possível o desarquivamento do procedimento investigatório. O requisito específico é a notícia de novas provas.

Além disso, o arquivamento do inquérito civil não impede a propositura da ação civil por qualquer dos outros colegitimados.

Afinal, o arquivamento é promovido dentro do Ministério Público. Trata-se de ato interno, sem a participação do Judiciário, de tal forma que não há qualquer obstáculo à propositura de ação por parte de outro colegitimado.

Importante observar, também, que legitimidade para o ajuizamento de ação civil pública é concorrente (há mais de um legitimado, assim, não é exclusiva) e disjuntiva, pois cada um dos colegitimados pode, sozinho, ajuizar a ação.

Portanto, cada um dos vários colegitimados tem autonomia para agir em juízo de forma independente. Um não depende do outro para ajuizar a ação coletiva (disjuntiva).

Por isso, o arquivamento do Inquérito Civil, devidamente homologado pelo Ministério Público, não impede a propositura da ação civil pública por eventuais interessados.

◉ DOUTRINA TEMÁTICA

a) Hugo Nigro Mazzilli (*O inquérito civil*, São Paulo: Saraiva, 1999, p. 264): "A homologação do arquivamento do inquérito civil não é ato judicial nem muito menos jurisdicional e sim meramente administrativo; obviamente não gera preclusão e muito menos faz coisa julgada".

b) Hugo Nigro Mazzilli (1999, p. 265): "O arquivamento do inquérito civil não cria direito adquirido nem transforma a matéria fática subjacente aos autos arquivados em situação jurídica que deva ser respeitada ou em direito subjetivo que deva ser tutelado. A reabertura do caso apurado em inquérito civil já arquivado não fere direitos nem gera efeitos retroativos contra direitos, estes sim os verdadeiros limites contrários à revogação do ato administrativo".

QUESTÕES DE CONCURSOS RELACIONADAS

01. (MPSP – 2012 – MPSP) Assinale a alternativa correta acerca do arquivamento do Inquérito Civil.

a) Encerradas as investigações com a propositura de ação civil pública, quando esta não abranger todos os fatos e pessoas mencionados na portaria inicial do inquérito civil, deverá ser promovido, em decisão fundamentada, o arquivamento em relação a eles perante o Conselho Superior do Ministério Público.

b) A designação de outro membro à vista da recusa de homologação de promoção de arquivamento ou de provimento de recurso contra o indeferimento de representação é ato exclusivo do Procurador Geral de Justiça, independentemente da decisão do Conselho Superior do Ministério Público.

c) Recebida representação e obtida a satisfação do interesse por ela veiculado, no prazo de 30 (trinta) dias, e não havendo outra providência a tomar, o órgão do Ministério Público que a recebeu está dispensado de promover seu arquivamento perante o Conselho Superior do Ministério Público.

d) Celebrado o compromisso de ajustamento, o presidente do inquérito civil adotará as providências para verificação de seu cumprimento, após o qual lançará nos autos promoção de arquivamento e os remeterá à análise do Conselho Superior do Ministério Público.

e) Celebrado e homologado o compromisso de ajustamento de conduta, em caráter excepcional, poderá ser celebrada a novação, nos termos da lei civil, caso em que o presidente do inquérito civil deverá motivá-la, sem, no entanto, promover novo arquivamento do inquérito civil, pois, como no ajuste homologado, não poderá ocorrer disponibilidade do interesse objeto do inquérito civil.

➥ *GABARITO: A*

02. (Promotor de Justiça/GO – 2013) A respeito do Inquérito Civil é correto afirmar:

a) para remeter ofício, expedir requisição, notificação ou intimação à autoridade pública com prerrogativa legal (Presidente da República, Vice-Presidente, Ministros de Estado, inclusive dos Tribunais Superiores, Governadores dos Estados, membros do Poder Legislativo, federal e estadual, Desembargadores), o comunicante deverá ser o Procurador-Geral de Justiça, podendo valorar o contido no expediente, bem como deixar de encaminhar aqueles que não contenham os requisitos legais ou que não empreguem o tratamento protocolar devido ao destinatário.

b) o arquivamento do inquérito civil ou das peças de informação deve ser remetido ao Conselho Superior do Ministério Público, em até cinco dias, sob pena de o órgão do Ministério Público incorrer em falta grave.

c) deixando o Conselho Superior do Ministério Público de homologar a promoção de arquivamento, designará, desde logo, outro órgão do Ministério Público para o ajuizamento da ação.

d) todos os ofícios requisitórios de informações ao inquérito civil e ao procedimento preparatório deverão ser fundamentados e acompanhados de cópia da portaria que instaurou o procedimento ou a indicação precisa do endereço eletrônico oficial em que tal peça esteja disponibilizada.

➥ *Resposta: A: incorreta, pois não cabe a valoração do conteúdo, conforme o art. 6º, § 8º, da Resolução nº 23 do CNMP; B: incorreta, pois o prazo é de três dias (art. 9º, § 1º, da Lei nº 7.347/85); C: incorreta, pois outras providências poderão ser tomadas pelo CSMP, nos termos do art. 10, § 4º, da Resolução nº 23 do CNMP. Todavia, atenção! O texto da assertiva*

corresponde ao do art. 9º, § 4º, da Lei nº 7.347/85; D: correta, pois assim estabelece o art. 6º, § 10, da Resolução nº 23 do CNMP.

➘ *Gabarito "D"*

03. (Promotor de Justiça/PI – 2014 – CESPE) Se um promotor de justiça do estado X instaurar inquérito civil e o arquivar, o arquivamento poderá ser revisto, com base na Lei Orgânica Nacional do Ministério Público (Lei nº 8.625/1993), pelo

a) juízo da vara competente para o caso.

b) vice-procurador-geral de justiça.

c) Colégio de Procuradores de Justiça.

d) Conselho Superior do Ministério Público.

e) presidente do tribunal de justiça do referido estado.

➘ *Resposta "D"*

04. (Ministério Público/MG – 2005) Analise os enunciados abaixo.

I. O arquivamento implícito do inquérito civil público é possível apenas quando, havendo pluralidade de eventos, o Promotor de Justiça resolva propor ação civil pública em relação a um ou alguns dos objetos.

II. Constatado o arquivamento implícito é lícito ao juiz, no recebimento da ação civil pública, determinar a emenda da petição inicial ao representante do Ministério Público, fazendo assim o controle jurisdicional do inquérito civil público.

III. Proposta a ação civil pública concomitantemente ao arquivamento implícito, já não é cabível aos interessados (colegitimados) pro-vocar a obrigatória revisão por parte do Conselho Superior do Ministério Público.

IV. Mesmo na hipótese de arquivamento implícito do inquérito civil público podem os colegitimados propor a ação coletiva omitida pelo órgão ministerial.

Quanto às assertivas acima:

a) apenas os itens I, II e III estão corretos;

b) somente os itens I e II estão corretos;

c) apenas os itens II e IV estão corretos;

d) apenas o item I está correto;

e) somente o item IV está correto.

➘ *Resposta "E".*

05. (MINISTÉRIO PÚBLICO/PI – 2012 – CESPE) Com relação à ACP para a defesa de direitos coletivos em sentido amplo, assinale a opção correta.

a) De acordo com a concepção tripartite estabelecida legalmente para a caracterização dos interesses e direitos coletivos, os critérios identificadores desses interesses e direitos residem no pedido e na causa de pedir.

b) O arquivamento de inquérito civil induz os efeitos da preclusão e de coisa julgada e impede a propositura de ACP.

c) A legitimidade para a propositura da ACP é concorrente e disjuntiva, todavia, verificando-se pertinência temática do objeto litigioso aos fins institucionais de mais de um ente legitimado, forma-se litisconsórcio ativo necessário.

d) Na ACP, admite-se a dedução de pedido reconvencional pelo réu.

e) A ACP segue procedimento especial definido na Lei de Ação Civil Pública. Entretanto, se existir, para o pedido, procedimento especial definido no CPC, prevalecem as disposições da legislação processual civil, por expressa previsão legal.

➘ *Resposta "A".*

Impressão e Acabamento

Prol
EDITORA GRÁFICA

Coleção PREPARANDO PARA CONCURSOS

Questões discursivas comentadas

Organizadores: Leonardo de Medeiros Garcia e Roberval Rocha

Coordenadora: Bárbara Luiza Coutinho do Nascimento

MINISTÉRIO PÚBLICO — RJ

Promotor de Justiça

INCLUI

- **121 questões discursivas**
- Provas preliminares e especializadas
- Extraídas exclusivamente dos XXXI, XXXII e XXXIII Concursos para ingresso na carreira do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro
- Analisadas e respondidas por membros da carreira
- Separadas por ramo do Direito

AUTORES

- Adriana Garcia Pinto Coelho
- André Gonçalves Morgado
- Bárbara Luiza Coutinho do Nascimento
- Bianca Chagas de Macêdo Gonçalves
- Bruno Rinaldi Botelho
- Carolina Magalhães do Nascimento
- Eduardo Fonseca Passos de Pinho
- Giselle Guimarães Giovannoni Grizotti
- Leonardo Zulato Barbosa
- Lucas Fernandes Bernardes
- Ludimila Bissonho Rodrigues
- Marcelo Winter Gomes
- Marco Antonio Santos Reis
- Mariana Trino de Medeiros
- Matheus Gabriel dos Reis Rezende
- Michel Queiroz Zoucas
- Michelle Bruno Ribeiro
- Paula Cunha Basilio
- Rafael Thomas Schinner
- Roberta Gomes da Silva Jorio
- Uriel Gonzalez Soares Fonseca
- Vanessa Cristina Gonçalves Gonzalez
- Vania Cirne Manhães

DISCIPLINAS

- DIREITO ADMINISTRATIVO
- DIREITO CIVIL
- DIREITO DIREITO CONSTITUCIONAL
- DIREITO ELEITORAL
- DIREITO EMPRESARIAL
- DIREITO PENAL
- DIREITO PROCESSUAL CIVIL
- DIREITO PROCESSUAL PENAL
- DIREITO TRIBUTÁRIO
- PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO

EDITORA JuspODIVM

www.editorajuspodivm.com.br

Coleção PREPARANDO PARA CONCURSOS

Questões discursivas comentadas

Organizadores: **Leonardo de Medeiros Garcia e Roberval Rocha**

Coordenadora: **Bárbara Luiza Coutinho do Nascimento**

MINISTÉRIO PÚBLICO – RJ

Promotor de Justiça

INCLUI

- ✓ **121 questões discursivas**
- ✓ Provas preliminares e especializadas
- ✓ Extraídas exclusivamente dos XXXI, XXXII e XXXIII Concursos para ingresso na carreira do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro
- ✓ Analisadas e respondidas por membros da carreira
- ✓ Separadas por ramo do Direito

AUTORES

- Adriana Garcia Pinto Coelho
- André Gonçalves Morgado
- Bárbara Luiza Coutinho do Nascimento
- Bianca Chagas de Macêdo Gonçalves
- Bruno Rinaldi Botelho
- Carolina Magalhães do Nascimento
- Eduardo Fonseca Passos de Pinho
- Giselle Guimarães Giovannoni Grizotti
- Leonardo Zulato Barbosa
- Lucas Fernandes Bernardes
- Ludimila Bissonho Rodrigues
- Marcelo Winter Gomes
- Marco Antonio Santos Reis
- Mariana Trino de Medeiros
- Matheus Gabriel dos Reis Rezende
- Michel Queiroz Zoucas
- Michelle Bruno Ribeiro
- Paula Cunha Basílio
- Rafael Thomas Schinner
- Roberta Gomes da Silva Jorio
- Uriel Gonzalez Soares Fonseca
- Vanessa Cristina Gonçalves Gonzalez
- Vania Cirne Manhães

DISCIPLINAS

- **DIREITO ADMINISTRATIVO**
- **DIREITO CIVIL**
- **DIREITO CONSTITUCIONAL**
- **DIREITO ELEITORAL**
- **DIREITO EMPRESARIAL**
- **DIREITO PENAL**
- **DIREITO PROCESSUAL CIVIL**
- **DIREITO PROCESSUAL PENAL**
- **DIREITO TRIBUTÁRIO**
- **PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO**

2016

EDITORA JusPODIVM

www.editorajuspodivm.com.br

EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

Rua Mato Grosso, 175 – Pituba, CEP: 41830-151 – Salvador – Bahia
Tel: (71) 3363-8617 / Fax: (71) 3363-5050 • E-mail: fale@editorajuspodivm.com.br

Copyright: Edições *Jus*PODIVM

Conselho Editorial: Dirley da Cunha Jr., Leonardo de Medeiros Garcia, Fredie Didier Jr., José Henrique Mouta, José Marcelo Vigliar, Marcos Ehrhardt Júnior, Nestor Távora, Robério Nunes Filho, Roberval Rocha Ferreira Filho, Rodolfo Pamplona Filho, Rodrigo Reis Mazzei e Rogério Sanches Cunha.

Capa: Rene Bueno e Daniela Jardim *(www.buenojardim.com.br)*

Diagramação: Layer Up Editorial *(www.layerup.com.br)*

Fechamento desta edição: jun./2015.

Todos os direitos desta edição reservados à Edições *Jus*PODIVM.

É terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou processo, sem a expressa autorização do autor e da Edições *Jus*PODIVM. A violação dos direitos autorais caracteriza crime descrito na legislação em vigor, sem prejuízo das sanções civis cabíveis.

AUTORES

Adriana Garcia Pinto Coelho
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Pós-graduada em Direito pelo ISMP, Bacharel em Direito pela UFRJ.

André Gonçalves Morgado
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela UERJ.

Bianca Chagas de Macêdo Gonçalves
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Concluiu o curso de Direito da EMERJ, Bacharel em Direito pela UFJF.

Bruno Rinaldi Botelho
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela UERJ.

Carolina Magalhães do Nascimento
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Pós-graduada em Direito Privado pela UGF, Bacharel em Direito pela UFRJ.

Eduardo Fonseca Passos de Pinho
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Pós-graduado em Direito pela EMERJ, Bacharel em Direito pela UFRJ.

Giselle Guimarães Giovannoni Grizotti
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela UFRJ.

Leonardo Zulato Barbosa
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela UBM.

Lucas Fernandes Bernardes
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Especialista em Direito Privado pela UCAM. Bacharel em Direito pela UFOP.

Ludimila Bissonho Rodrigues
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Pós-graduada em Direito pela EMERJ, Bacharel em Direito pela UNIFLU.

Marcelo Winter Gomes
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso).Bacharel em Direito pela UFRJ.

Marco Antonio Santos Reis
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Mestre em Direito Penal pela UERJ, Bacharel em Direito pela UFRJ.

Mariana Trino de Medeiros
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela UERJ.

Matheus Gabriel dos Reis Rezende
Aprovado no XXXIII Concurso para Ingresso na Carreira do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito Milton Campos (MG).

Michel Queiroz Zoucas
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Pós-graduado em Direito Penal, Processual Penal, Constitucional e Administrativo pela UVA, Bacharel em Direito pela UFRJ.

Michelle Bruno Ribeiro
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXII Concurso). Bacharel em Direito pela UERJ.

Paula Cunha Basílio
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Pós-graduada em Direito pela EMERJ, Bacharel em Direito pela UERJ.

Rafael Thomas Schinner
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Pós-graduado em Direito Processual Civil pela UNIDERP, Bacharel em Direito pela UFRJ.

Roberta Gomes da Silva Jorio
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela UERJ.

Uriel Gonzalez Soares Fonseca
Promotor de Justiça Substituto do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela UERJ.

Vanessa Cristina Gonçalves Gonzalez
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo.

Vania Cirne Manhães
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Bacharel em Direito pela UFF.

Bárbara Luiza Coutinho do Nascimento
Autora e Coordenadora do Livro
Promotora de Justiça Substituta do MPRJ (XXXIII Concurso). Mestre em Teoria e Filosofia do Direito pela UERJ, pós-graduada em Direito pela EMERJ, Bacharel em Direito pela UERJ.

APRESENTAÇÃO

Somos um grupo de recém aprovados nos XXXIII e XXXII concursos de ingresso no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Com este livro, desejamos compartilhar um pouco de nossa experiência, ajudando aqueles que almejam o cargo de Promotor de Justiça.

O concurso do MPRJ apresenta peculiaridades. Tradicionalmente as provas escritas são todas discursivas, desde a primeira fase. A chamada prova preliminar exige do candidato um grande poder de síntese, ao exigir respostas com limite de linhas mas que não podem ser superficiais. Ou seja, o candidato deve conseguir mostrar profundidade de conhecimento em pouco espaço.

Além disso, a banca não oferece padrão de resposta e as questões não aparentam ter gabarito fechado, de modo que é possível que candidatos que optem por soluções diversas, mas façam a correta exposição do tema, sejam igualmente bem pontuados.

Portanto, é preciso destacar que as respostas apresentadas nesta obra são sugestões elaboradas por candidatos que foram aprovados neste concurso. Não pretendemos formar um gabarito, mas sim passar nossa percepção acerca daquilo que acreditamos que a banca gostaria de ler.

Após cada questão, o leitor encontrará uma **sugestão de resposta**, elaborada por nós como uma proposta daquilo que poderia ser literalmente escrito na prova pelo candidato. Além disso, quando necessário, os autores apresentarão **comentários** adicionais, que aprofundam o tema para ajudar no estudo ou fornecem dicas pontuais.

Nesse contexto, sempre que possível, nos esforçamos para nos manter fiéis a respostas efetivamente apresentadas por nós nas provas e bem pontuadas. Esperamos que a variedade de autores com diferentes perspectivas de enfrentamento das questões mostre ao candidato os elementos essenciais, aqueles que devem estar presentes para que uma resposta seja bem pontuada, e aqueles que podem variar de acordo com o estilo pessoal, especialmente nas provas específicas, que exigem um maior desenvolvimento dos temas.

Registre-se que nesse modelo de prova, o estudo da banca, embora não seja imprescindível, é muito importante. Recomenda-se ao candidato a leitura dos livros e artigos dos examinadores. Isso fará com que ele se familiarize com os termos e temas de interesse deles e da instituição.

Aliás, é fundamental que o candidato a Promotor de Justiça esteja atualizado com as mais recentes discussões envolvendo o Ministério Público. A título de exemplo, na prova de Direito Constitucional do XXXIII Concurso foi cobrado o papel do Conselho

Nacional do Ministério Público – CNMP. Além disso, o conhecimento da atuação extrajudicial do MP, no âmbito dos termos de ajustamento de conduta, do inquérito civil e da tutela coletiva como um todo tornou-se fundamental.

Tal ponto é tão importante que gerou uma alteração no concurso. A Lei Complementar 106/2003 do Estado do Rio de Janeiro, lei orgânica do MPRJ, foi alterada no ano de 2014 para inserir a obrigatoriedade de questões sobre Tutela Coletiva e Infância e Juventude a partir do XXXIV concurso.

Portanto, como parte de sua preparação, o candidato deve também conhecer a legislação de regência do concurso e acompanhar as suas eventuais alterações.

Resolvemos neste livro todas as questões dos concursos XXXI, XXXII e XXXIII do MPRJ. Os cadernos de questões desses e de concursos anteriores estão disponíveis no site http://www.mprj.mp.br/concursos/promotor-de-justica.

Desejamos bons estudos e boa sorte!

Bárbara Nascimento

SUMÁRIO

DIREITO ADMINISTRATIVO 11

1.1. Provas Preliminares 11

1.2. Provas Especializadas 17

DIREITO CIVIL 29

2.1. Provas Preliminares 29

2.2. Provas Especializadas 44

DIREITO CONSTITUCIONAL 79

3.1. Provas Preliminares 79

3.2. Provas Especializadas 88

DIREITO ELEITORAL 107

4.1. Provas Preliminares 107

4.2. Provas Especializadas 110

DIREITO EMPRESARIAL 129

5.1. Provas Preliminares 129

5.2. Provas Especializadas 136

DIREITO PENAL 155

6.1. Provas Preliminares 155

6.2. Provas Especializadas 170

DIREITO PROCESSUAL CIVIL 201

7.1. Provas Preliminares 201

7.2. Provas Especializadas 211

DIREITO PROCESSUAL PENAL 235

8.1. Provas Preliminares 235

8.2. Provas Especializadas 245

DIREITO TRIBUTÁRIO 261

9.1. Provas Preliminares 261

9.2. Provas Especializadas 266

PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO 275

10.1. Provas Preliminares 275

11.2. Provas Especializadas **279**

DIREITO ADMINISTRATIVO

1.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *QUESTÃO 16 - Direito Administrativo - No início de 2014, por ocasião de auditoria interna determinada pelo Chefe do Executivo, são localizados nos arquivos de determinado município fluminense inúmeros processos administrativos com decisão concessiva de aposentadoria e de fixação de proventos de ex-servidores em valores elevados. Como desdobramento dos trabalhos de auditoria, e não obstante contivessem decisões concessivas emanadas de agentes que integraram administração anterior, finda no ano de 2008, tais processos são remetidos ao TCE. Ao tomar conhecimento dos referidos atos, a Corte de Contas glosa o valor dos proventos por verificar que foram fixados contra legem, em patamar manifestamente superior ao devido e, em paralelo, dá ciência de sua decisão ao Ministério Público, onde é instaurado Inquérito Civil. Em sede judicial, os beneficiários dos atos concessivos de aposentadoria questionam a decisão do TCE sob os argumentos de violação ao contraditório, por não terem sido notificados a apresentar defesa, e decurso do prazo decadencial de 5 (cinco) anos para revisão e anulação dos atos administrativos. Já nos autos do Inquérito Civil, os agentes públicos responsáveis à época pela prática dos atos impugnados alegam a prescrição da eventual pretensão condenatória por ato de improbidade e pleiteiam o arquivamento do procedimento. Isto posto, analise objetiva e sucintamente, apontando a norma legal aplicável: a) a pretensão judicialmente apresentada contra a decisão do TCE; b) os argumentos aduzidos nos autos do Inquérito Civil, indicando se e qual providência poderia adotar o Promotor de Justiça em face dos agentes públicos que praticaram os atos. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

A) A pretensão em questão não merece prosperar, pois o ato de aposentação é complexo, exigindo em sua gênese dois atos: a concessão e a chancela pelo Tribunal de Contas, conforme art. 71, III, da Constituição da República. Logo, no exemplo apresentado, como não ocorrera a apreciação pelo TCE, ainda não havia se dado o termo inicial do prazo decadencial, mostrando-se possível a glosa. Além disso, conforme Súmula Vinculante nº 03, não se pode falar em violação ao contraditório. B) Considerando o teor do art. 23, I, da Lei nº 8.429/92, de fato as penas relativas aos atos de improbidade já

prescreveram. Contudo, em atenção ao art. 37, §5º, da Constituição da República, é possível ainda perquirir o ressarcimento ao erário pelos pagamentos indevidos, podendo ser ajuizada ação civil pública.

Comentário

Na questão em tela, são dois os aspectos a serem considerados. Inicialmente, nota-se a exigência de conhecimento atualizado da jurisprudência dos Tribunais Superiores, veiculada nos boletins informativos de jurisprudência. Além disso, é essencial que o candidato seja sucinto e direto em sua resposta, abordando sem delongas os questionamentos propostos. Foi nesse sentido que se propôs a resposta.

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *Questão 17 - Direito Administrativo - O prefeito da cidade de Porto Novo, no primeiro dia de seu mandato, nomeou para os cargos comissionados de Secretário Municipal de Saúde e de assessor jurídico da Secretaria Municipal de Governo, respectivamente, seu irmão e seu filho. No dia seguinte à formalização do ato de nomeação, o titular da Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Porto Novo tomou conhecimento dos fatos através de representação anônima encaminhada ao órgão de execução de sua titularidade, instruída com cópia da respectiva documentação comprobatória. Diante da comprovação dos fatos, indaga-se: na condição de Promotor de Justiça com atribuição legal para o caso, quais medidas deveriam ser adotadas?*

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

Com relação ao Secretário Municipal, o entendimento jurisprudencial é no sentido de que não há violação à Constituição nem à Súmula Vinculante 13, pois se trata de cargo político e cargos políticos não estão abrangidos pela SV 13. Nesse ponto, a representação deve ser indeferida de plano. Contudo, com relação à nomeação do filho como assessor jurídico, está configurado o nepotismo vedado pela SV 13. O promotor deve propor ação civil pública por improbidade administrativa em face do Prefeito e de seu filho, alegando violação ao princípio da impessoalidade (art. 11, Lei 8.429/92), com pedido liminar de afastamento do cargo sem recebimento de remuneração e, ao final, sua demissão e restituição de valores eventualmente recebidos.

Comentário

A presente questão cobrou conhecimento atualizado da jurisprudência dos tribunais superiores, mostrando a importância da leitura periódica de informativos.

(XXXII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2011) *16ª questão – Direito Administrativo – Permissionário de serviço público estadual passa a descumprir as obrigações que regem a execução do serviço, não sanando as irregularidades nem mesmo após a notificação do permitente, para viabilizar o contraditório e a ampla defesa. Pode o permitente declarar a caducidade do ajuste? Fundamente a resposta. RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

Sim. A caducidade, enquanto modalidade extintiva da concessão mediante rescisão unilateral do contrato em virtude de comportamento violador das obrigações que regem a execução do serviço, também se aplica às hipóteses de permissão em virtude do comando do art. 40, parágrafo único da Lei 8.987/89 e art. 6º, parágrafo único da Lei Estadual-RJ, n. 2831/97, as quais permitem a aplicação à permissão das normas atinentes às concessões no que couber. A hipótese diz respeito à fiscalização do delegante e dos encargos do delegatário, o que faz incidir à permissão as regras referentes à concessão. Frise-se que a declaração de caducidade pelo Estado requer a observância da a) notificação ao concessionário ou permissionário quanto ao descumprimento, recomendando-se a adequação da conduta dentro de determinado prazo e b) da instauração de processo administrativo a fim de se respeitar a ampla defesa e contraditório. Ao final, se for o caso, declarar-se-á a caducidade por decreto expedido pelo chefe do executivo.

Comentário 1

Conforme salienta José dos Santos Carvalho Filho, examinador do concurso e notável jurista:

"Sem embargo da denominação, a caducidade não deixa de ser o efeito extintivo decorrente de atuação culposa do concessionário...(...). A declaração de caducidade impõe a observância prévia de algumas formalidades, ensejando atividade vinculada dos agentes da Administração. Primeiramente, o concessionário deve receber a comunicação do seu descumprimento e a recomendação de ser sanada a irregularidade em certo prazo. Somente após é que o concedente instaurará processo administrativo, assegurando-se ampla defesa ao concessionário. Sendo constatada a inadimplência deste, o concedente declarará a caducidade por decreto expedido pelo Chefe do Executivo. Da indenização devida pelo concedente, relativa aos bens do concessionário, serão descontados as multas e os danos por ele causados. (...) Não cremos que essa seja a situação jurídica do permissionário diante do contrato que celebrou com o Poder Público. A conclusão, diga-se de passagem, emana do próprio art. 40, parágrafo único, da Lei, que admite a incidência na permissão de regras inerentes à concessão. Ora, como em relação a esta, o desfazimento unilateral do contrato pela Administração por razões de interesse público a obriga a indenizar o concessionário, o mesmo é de se esperar que ocorra com o permissionário, que, afinal, está prestando o mesmo serviço público que o concessionário poderia executar.(...) A fiscalização é poder jurídico intrínseco a quem delega o serviço. Tem, pois, o permitente o poder (e, por isso, o dever) de verificar se a

comunidade destinatária dos serviços os tem recebido a contento. Se não os tem, é porque o permissionário se desviou do objetivo de interesse público a que se comprometeu quando se propôs a prestar o serviço. E nesse caso a Administração deverá tomar as medidas necessárias para recompor a situação que propicie o benefício coletivo. (...) Por fim, incidem também as regras pertinentes aos encargos do concedente e do concessionário e aquelas que espelham direitos dos usuários..." (In: Manual de Direito Administrativo. 25.ed. São Paulo: Atlas, 2012, pp. 405, 416,418,419)

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *17ª questão - Direito Administrativo - É juridicamente possível que ato administrativo praticado no Poder Legislativo seja anulado diretamente pelo Supremo Tribunal Federal? Fundamente a resposta.*

Autor: Eduardo Fonseca

Sugestão de resposta

Os atos administrativos geralmente são praticados pelo Poder Executivo, mas os outros Poderes (Judiciário e Legislativo) também podem praticá-los, desde que no exercício de uma função administrativa. Por sua vez, a anulação do ato administrativo é espécie de extinção do ato por motivo de ilegalidade, podendo ser feita pela própria Administração Pública ou pelo Poder Judiciário. Nesta última hipótese, em regra, o ato não é anulado diretamente pelo Supremo Tribunal Federal. Contudo, em certos casos, é possível que o STF anule diretamente ato administrativo praticado no Poder Legislativo. É o caso, por exemplo, de Ação Direta de Inconstitucionalidade que tenha por objeto um ato normativo editado pelo Legislativo. Sendo o ato normativo espécie de ato administrativo, conclui-se que o STF, ao julgar procedente uma ADI, anula diretamente o ato administrativo praticado no Poder Legislativo. Outro exemplo é o do mandado de segurança impetrado por parlamentar com o objetivo de fazer prevalecer o direito subjetivo dos membros do Congresso Nacional à correta observância das regras do processo legislativo. Tal remédio constitucional tem por objeto um ato administrativo praticado pelo Legislativo, sendo certo que o STF, ao julgar o writ, irá anular diretamente tal ato.

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR -2009) *Questão 16 - Direito Administrativo - Quaisos elementos jurídicos e fáticos que impedem a Administração Pública de exercer o princípio da revogabilidade dos atos administrativos? RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autor: Leonardo Zulato

Sugestão de resposta

A revogação é a extinção de um ato administrativo anterior por razões de conveniência e oportunidade. Contudo, a revogabilidade do ato administrativo não é ilimitada. Como limitação fática, verifica-se que os atos que já exauriram seus efeitos não podem ser revogados pela impossibilidade de se atingir aquilo que já se esgotou. Em relação à limitação jurídica, afere-se que os atos vinculados, os atos complexos, os atos irrevogáveis por lei e os meros atos administrativos (certidões etc.) não podem ser revogados. Isso porque a regulamentação normativa destas espécies de atos retira a possibilidade de atuação discricionária do administrador, ou seja, não há análise de conveniência e oportunidade nestes. Ademais, os atos que integram procedimento ou que o decidem são alcançados pela preclusão processual e, por isso, também não podem ser revogados. Por fim, os atos que geram direitos adquiridos são intangíveis e irrevogáveis, conforme artigo 5º, XXXVI da CRFB/88.

Comentário 1

Resposta baseada em Carvalho Filho, José dos Santos. Manual de Direito Administrativo. 23ª Edição. 2ª Tiragem. Lumes Juris Editora, fls.186; e Mello, Celso Antônio Bandeira de. Curso de Direito Administrativo. 31ª Edição. Editora Malheiros, fls. 464/466.

Comentário 2

Os artigos 53, 54 e 55 da Lei n.º 9.784/99 cuidam de hipóteses de extinção do ato administrativo, quais sejam, anulação, revogação e convalidação. O enunciado n.º 473 da súmula de jurisprudência dominante do E. Supremo Tribunal Federal também trata do tema.

(XXXI Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2009) *17ª questão – Direito Administrativo – É juridicamente possível que o possuidor de terreno público tenha direito adquirido à outorga de concessão de uso especial para fins de moradia? É cabível esse tipo de concessão no que concerne a imóveis funcionais no âmbito da administração federal?*

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

Tal possibilidade foi prevista na Medida Provisória 2.220 de 04/09/2001 e depois inserida na Lei Federal 9636/98 através da Lei federal nº 11481/2007. Conforme art. 1º da MP 2.220/2001 os pressupostos para a concessão de uso especial para fins de moradia são: posse por cinco anos até 30 de junho de 2001; posse ininterrupta e pacífica de imóvel urbano público de até 250m²; que o uso do terreno seja para fins de moradia do

possuidor ou de sua família e que o possuidor não tenha a propriedade de outro imóvel urbano ou rural. Para José dos Santos Carvalho Filho, trata-se de direito subjetivo à outorga da concessão desde que cumpridos os requisitos legais, sendo ato administrativo vinculado. Quantos aos imóveis funcionais no âmbito da administração federal, tal concessão não é cabível, em razão da vedação legal contida no §1º do art. 22-A da Lei federal nº 9636/98.

Comentário 1

Para José dos Santos Carvalho Filho a concessão de uso especial para fins de moradia tem natureza jurídica de ato administrativo vinculado, ou seja a lei que criou o instituto (Lei nº 11481/2007 que inseriu o artigo 22-A na Lei 9636/98) não deu margem de discricionariedade para a Administração Pública conceder tal direito, que consiste, portanto em direito subjetivo do administrado, desde que cumpridos os requisitos previsto na Medida Provisória 2.220 de 04/09/2001.

A lei federal nº 11481/2007 também foi responsável por alterar a redação dos artigos 1225 e 1473 do Código Civil, inserindo a concessão de uso especial para fins de moradia como direito real e possibilitando que esse direito possa ser objeto de hipoteca.

Comentário 2

Ainda por Carvalho Filho, esse direito real surgiu da necessidade de se criar um instituto similar ao usucapião especial de imóvel urbano, previsto no artigo 183, §3º da CRFB e regulado pelo artigo 9º da Lei nº 10257/2001 (Estatuto da Cidade), já que os imóveis públicos não são suscetíveis de ser adquiridos por usucapião.

Comentário 3

Conforme apontado por Marçal Justen Filho em seu livro Curso de Direito Administrativo, essa modalidade de concessão admite, conforme artigo 2º da Medida Provisória nº 2.220/2001, modalidade coletiva, na hipótese de posse conjunta e indistinta por conjunto de pessoas para fins de moradia, admitindo-se nessa hipótese que o imóvel tenha área superior a 250 m², mas devendo ser atribuída a cada possuidor uma fração ideal não superior a esse limite.

Comentário 4

Imóveis funcionais são as unidades residenciais de propriedade da União localizadas na capital do país. Residências de outros estados, ainda que pertencentes a órgãos públicos federais e destinadas a servidores públicos não fazem parte desse universo.

1.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ADMINISTRATIVO - 2014) *1ª Questão - Criado por lei municipal que lhe atribui papel estritamente consultivo, o Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano de Arara Azul, município de 390 mil habitantes, reunido em caráter extraordinário, resolveu encaminhar representação à Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva local aduzindo, em síntese, o seguinte:*

a. que não obstante tivesse o Conselho recomendado ao Prefeito a realização de audiência pública com ampla e prévia divulgação antes do encaminhamento à Câmara Municipal do projeto de lei do orçamento anual, aquele ignorara a recomendação;

b. que o Prefeito igualmente ignorara requerimento do Conselho no sentido da revisão do plano diretor, aprovado em 2003;

c. que o Chefe do Executivo, à guisa de dar cumprimento ao plano diretor, lançara uma operação urbana consorciada, para tanto encaminhando projeto de lei à Câmara Municipal sem atender às solicitações de prévio acesso pelo Conselho aos documentos e levantamentos pertinentes e de que se realizasse audiência pública com representantes da comunidade atingida pela referida operação.

Instaurado Inquérito Civil pelo Promotor de Justiça e ouvido o Prefeito, este alega que efetivamente consultara o Conselho em todas as oportunidades, como determina o Plano Diretor, mas que, em razão do caráter consultivo daquelas manifestações, não estava obrigado a realizar audiência ou debate prévio ao encaminhamento da proposta orçamentária nem a revisar necessariamente o Plano Diretor, e que este, aliás, se mostrava ainda bastante atual e adequado à realidade municipal. Alegou, ainda, que a implementação do plano diretor é um dever do Chefe do Executivo, não havendo qualquer vício na deflagração da referida operação urbana.

Assiste razão ao Conselho nos pontos suscitados na representação? Caso positiva a resposta, quais as providências a serem adotadas visando à satisfação prática do que postulam os membros do Conselho com relação aos pontos em que lhes assiste razão? Há alguma providência a adotar com relação à conduta do Chefe do Executivo? Resposta fundamentada.

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

A Lei 10.257/2001, Lei de Política Urbana, é uma lei de caráter nacional, fundamenta-se nos artigos 182 e 183 da CRFB e visa a uma gestão participativa e democrática da cidade.

O Estatuto da Cidade, portanto, foi editado a luz deste paradigma de constitucionalismo participativo e democrático, que busca um cidadão ativo, não apenas um cidadão que vota. O conceito clássico de cidadania na sociologia é encontrado em T.H. Marshall, para quem a cidadania é um status outorgado àquele que é membro pleno de uma comunidade. Como ser membro pleno de uma comunidade (a cidade) sem possibilidade de participação em sua gestão democrática? Isso não é possível. Portanto, o Estatuto da Cidade traz instrumentos para viabilizar tal participação, promovendo a cidadania e reaproximando o cidadão do Estado. Essas são suas bases teóricas.

No caso concreto posto, a análise deve ser realizada em partes.

Quanto ao item a, a discussão é sobre o chamado orçamento participativo (art. 4º, III, f, Lei 10.257/2001). O art. 44 da Lei 10.257/2001 exige a realização de audiência pública sobre a proposta de lei orçamentária como condição obrigatória para sua aprovação pela Câmara Municipal. Contudo, não diz que isso deve se dar antes do encaminhamento da lei ao legislativo. Portanto, o debate político propiciado pela audiência pública pode se dar quando o projeto estiver na Câmara, desde que antes de sua aprovação, sem vício para o processo legislativo.

Quanto ao item b, o plano diretor foi aprovado em 2003. O art. 40, §3º, da Lei 10.257/01, estabelece que ele deve ser revisto a cada 10 anos. Em 2014, portanto, passaram-se mais de 10 anos. Note-se também que o plano é obrigatório para cidades com mais de 20 mil habitantes (art. 41, I, Lei 10.257/01), o que inclui o Município de Arara Azul.

Diante disso, equivoca-se o Prefeito ao afirmar que não está obrigado a revisar o plano, pois ele está obrigado pela lei. O descumprimento de tal obrigação é tão sério que gera uma hipótese própria de improbidade administrativa do Prefeito (art. 52, VII, Lei 10.257/01).

Quanto ao item c, a operação urbana consorciada é prevista como instrumento do Estatuto da Cidade no art. 4º, V, p, e nos artigos 32 a 34. De fato, o cumprimento do plano diretor é um dever do Prefeito, mas à luz dos princípios previamente expostos, não pode ser executado de forma arbitrária. Por isso o art. 40, §4º, I, II e III, da Lei 10.257/01, prevê que na fiscalização e na implementação do plano diretor, o Legislativo e o Executivo devem garantir a realização de audiências públicas e o acesso e publicidade das informações. Mais uma vez, o descumprimento de tais obrigações pelo Prefeito enseja a hipótese típica de improbidade do art. 52, VI, da Lei 10.258/01.

Assim, com relação à conduta do Prefeito, é possível que o Promotor proponha ação de improbidade administrativa pelos fundamentos já narrados.

Para a satisfação prática do que postulam os membros do Conselho, com relação aos pontos em que lhes assiste razão, o membro do MP pode expedir uma recomendação, propor um termo de ajustamento de conduta para ver os referidos direitos assegurados (lembrando que isso não é possível no caso da improbidade - art. 17, §1º, Lei 8.429/92) ou propor ação civil pública com fundamento no art. 1º, VI, da Lei 7.347/85.

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ADMINISTRATIVO – 2014) *2ª Questão – Esclareçase o parecer do procurador do Município, uma vez adotado como fundamento do subsequente ato administrativo lesivo ao Erário, pode ensejar a responsabilização daquele por ato de improbidade administrativa, e, se positiva a resposta, em quais circunstâncias. Neste caso, analise ainda a responsabilidade do ordenador de despesas que praticou o ato lesivo com base no aludido parecer. Tendo ocorrido eventual absolvição de ambos em processo administrativo disciplinar interno, que efeitos isto seria sobre a apuração das condutas em sede de tomada de contas especial pelo Tribunal de Contas ou ainda em sede de Inquérito Civil instaurado pelo Ministério Público para a apuração da responsabilidade dos envolvidos? Resposta fundamentada.*

Autora: Vania Cirne

Sugestão de resposta

Os pareceres consubstanciam espécies de atos administrativos, por meio dos quais são emitidas opiniões de determinados agentes públicos acerca de matéria submetida à sua apreciação.

Os pareceres podem ser facultativos ou obrigatórios. Facultativos quando a Administração Pública não está obrigada a formalizar a elaboração do parecer para a prática de certo ato. Obrigatórios quando são emitidos como preliminar à emanação do ato que lhe é próprio, em virtude de solicitação de órgão ativo ou de controle. Nesse caso, o ato administrativo é integrado pelo parecer, devendo este conter, portanto, todos os elementos necessários à sua validade (competência, forma, finalidade, motivo e objeto). Ausente quaisquer dos preditos elementos, o ato será eivado de ilegalidade.

Via de regra, o parecer não é vinculante, ou seja, não está o administrador público a adotar as razões do parecer, quando emanar o ato administrativo.

Aprovado o parecer, o mesmo passa a integrar o ato, sendo utilizado como fundamento do mesmo. Cumpre ressaltar que o parecer e o ato que o aprova constituem atos administrativos distintos. Destarte, não podem ser emanados pelo mesmo agente.

Não cabe a responsabilização do parecerista pelo ato praticado pelo Administrador Público, calcado em seu parecer, salvo se este for emitido dolosamente, configurando ato de improbidade administrativa.

Nesse viés, o parecer do procurador do Município, adotado como fundamento de ato administrativo lesivo ao Erário, pode ensejar a responsabilização, caso aquele tenha atuado dolosamente, incorrendo em improbidade administrativa.

Vale ressaltar que o artigo 38 da Lei 8666/93 impõe a emissão de parecer jurídico para a aprovação ou ratificação de convênios ou contratos administrativos. Todavia, como para tais atos é necessária a concorrência de condutas de diversas outras pessoas, somente cabe a responsabilização do parecerista quando este agir dolosamente, repise-se.

Impende consignar que parte da doutrina concebe a existência de pareceres vinculantes, ou seja, aqueles exigidos por lei para a feitura de determinado ato administrativo, e que não permitem à autoridade decisória a adoção de conclusão diversa do contida no parecer.

Conforme outra corrente de pensamento, constituindo o parecer mera emissão de opinião, seria um contra senso considerá-lo como vinculante, eis que o parecerista seria transmudado em autoridade decisória.

Não obstante, agindo o parecerista de forma dolosa e emitindo parecer que leve a autoridade a praticar ato ímprobo, deverá aquele ser responsabilizado solidariamente com esta.

No tocante à possibilidade de responsabilização dos agentes públicos em sede de tomada de contas especial pelo Tribunal de Contas ou em Inquérito Civil, em que pese a absolvição na seara administrativa disciplinar, cabe ressaltar que a independência entre as instâncias autoriza a aludida responsabilização.

Como é cediço, o processo administrativo disciplinar constitui instrumento de apuração, pela Administração, de apurações praticadas por agentes públicos, em seu âmbito. A legislação aplicável ao referido processo deve emanar do próprio ente público, em razão da competência legislativa dos entes da Federação. Ocorre que, nem sempre o ato que enseja responsabilidade (civil ou na esfera do Tribunal de Contas) irá corresponder a uma infração disciplinar. Nesse diapasão, mesmo não sendo aplicada punição disciplinar, poderá haver a responsabilização em outras esferas.

Outrossim, as demais autoridades não estão adstritas à decisão prolatada em sede de processo administrativo disciplinar. O membro do Ministério Público, no uso de suas atribuições legais e constitucionais, pode instaurar inquérito civil, com vistas à apuração de ato de improbidade administrativa, para angariar elementos necessários à propositura de ação de improbidade, com fulcro na Lei 8.249/92 c/c artigo 8º, § 1º, da Lei 7.347/1985.

Da mesma forma, o Tribunal de Contas procederá à tomada de contas, exercendo o controle financeiro externo da Administração Pública, no uso de sua atribuição constitucional (artigo 71 da CRFB), independentemente do resultado do processo administrativo disciplinar. Impende observar que as decisões do Tribunal que resultem em imputação de débito ou multa terão eficácia de título executivo judicial, nos termos do artigo 73, § 3º, da CRFB.

Cabe asseverar que, consoante a doutrina, o Tribunal de Contas, no uso de sua competência para sustar atos administrativos, deve observar os princípios constitucionais inarredáveis do contraditório e da ampla defesa, quando de tais decisões puder decorrer a anulação ou a revogação de ato que beneficie o interessado. Nesse diapasão, foi editada a Súmula Vinculante nº 03 ("Nos processos perante o Tribunal de Contas da União asseguram-se o contraditório e a ampla defesa quando da decisão puder resultar anulação ou revogação do ato administrativo que beneficie o interessado, excetuada a apreciação de legalidade do ato de concessão de aposentadoria, reforma e pensão").

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE ADMINISTRATIVO - 2012) *1ª questão - Irresignada com determinado ato administrativo, contra o qual era previsto recurso administrativo com efeito suspensivo no prazo de 15 (quinze) dias, ADRIANA dispensou o recurso e impetrou mandado de segurança no qual postulou a anulação do determinado ato. Pergunta-se:*

a)É cabível a impetração nessa hipótese?

b)Poderia ADRIANA ter oferecido o recurso administrativo e impetrado mandado de segurança concomitantemente?

c)Pode o juiz julgar o mandado de segurança sem o parecer do representante do Ministério Público?

FUNDAMENTE AS REPOSTAS E INDIQUE, QUANDO POSSÍVEL A FONTE NORMATIVA.

Autora: Vania Cirne

Sugestão de resposta

a) O mandado de segurança consiste em ação com assento constitucional vocacionada à tutela de direito líquido e certo contra ilegalidade do Poder Público ou de agente de pessoa privada no exercício de função delegada. O referido remédio constitucional tem previsão no artigo 5º, inciso LXIX, da Constituição da República, e é disciplinado pela na lei 12.016/09 (diploma revogador da Lei 1533/51). Há hipóteses em que o writ não é cabível, como no caso de ato do qual caiba recurso administrativo com efeito suspensivo, independentemente de caução, consoante 5º, inciso I, da Lei 12016/09.

Tal dispositivo legal tem recebido críticas por parte da doutrina, eis que parece exigir o exaurimento da via administrativa como condição para o mandamus. Todavia, a existência de previsão legal (expressa) de recurso com efeito suspensivo não obsta o ajuizamento da ação. Diversamente, caso haja interposição de recurso administrativo com efeito suspensivo pelo interessado, faleceria a este interesse de agir (uma das condições de ação). Explica-se: interposto recurso na seara administrativa, o ato não produzirá efeitos, não havendo falar em lesão a direito apta a ensejar a impetração do writ.

Cumpre ressalvar que se a lei exigir caução para a interposição de recurso administrativo, a jurisprudência passou a admitir o cabimento do mandado de segurança, caso o interessado deixe transcorrer o prazo recursal in albis. Isto porque a exaustão na via administrativa também ocorre quando há perda do prazo ou renúncia ao recurso.

Muito embora não seja a questão sob análise, impende consignar que, na hipótese de omissão do Poder Público, em que pese a previsão legal de recurso, o impetrado poderá impetrar mandado de segurança. Ora, não havendo ato, não há falar em suspensão de seus efeitos. Esta é a ratio do verbete sumular nº 429, do STF ("A existência de

recurso administrativo com efeito suspensivo não impede o uso de mandado de segurança contra omissão da autoridade").

Insta observar que, não sendo dotado de efeito suspensivo o recurso administrativo, o mandado de segurança pode ser impetrado concomitantemente, em função do risco de lesão, já que o ato possui aptidão para a produção de efeitos, independentemente da decisão final na seara administrativa.

No entanto, cabe atentar que a propositura do mandado de segurança implicará a desistência do recurso interposto no âmbito administrativo, haja vista que a impetração deve ser contra ato da autoridade competente para a sua correção, e tal ditará o juízo competente, de acordo com as regras constitucionais e infraconstitucionais, v.g., artigo 102, inciso I, alínea d; artigo 105, inciso I, alínea b, da Constituição da República.

Destarte, o mandado de segurança pode ser impetrado, na hipótese de Adriana dispensar a solução na via administrativa, deixando transcorrer in albis o prazo recursal ou renunciando ao recurso. Outro entendimento configuraria afronta ao principio constitucional da inafastabilidade da jurisdição, insculpido no artigo 5º, inciso XXXV, da CRFB.

b) Como brevemente explanado no item anterior, caso a interessada haja interposto recurso na seara administrativa (com efeito suspensivo, isto é, com a não execução do ato, até a decisão final), e concomitantemente venha a manejar o mandado de segurança, este será incabível, em razão da carência do interesse de agir, eis que o ato tido por ilegal ainda não possui aptidão para produzir efeitos no mundo jurídico. Nesse caso, como o mérito do processo não será julgado, caberá a impetração de novo mandado de segurança, dentro do prazo decadencial do artigo 23, Lei 12016/09, ou o ajuizamento de outra ação, consoante disposto nos artigos 19 e 6º, § 6º, do mesmo diploma legal.

c) No mandado de segurança, o juiz deve conceder a oportunidade de manifestação ao membro do Ministério Público, por força do artigo 12 da Lei 12.016/2009. Todavia, o parecer do Ministério Público não constitui condição sine qua non para o julgamento, vale dizer, com ou sem o predito parecer, o juiz poderá proferir sentença, nos termos do parágrafo único do referido dispositivo legal. Somente não pode o juiz deixar de oportunizar o pronunciamento do Ministério Público, sob pena de nulidade, em função do disposto no artigo 84 do Código de Processo Civil.

Ressalte-se que há entendimento no sentido da desnecessidade de manifestação do Ministério Público no bojo de todo e qualquer mandado de segurança, mas apenas quando houver interesse público evidenciado pela natureza da lide ou pela qualidade da parte, conciliando-se, pois, a previsão legal de emissão de parecer pelo Ministério Público com sua missão constitucional de tutela dos interesses sociais e individuais indisponíveis (artigo 127, caput, da CRFB), bem como com o disposto no artigo 82, inciso III, do Código de Processo Civil.

Destarte, deve haver interesse público na impetração do remédio constitucional, para a intervenção do Ministério Público. Caso este entenda prescindível sua intervenção, e não emita parecer, o juiz poderá proferir a sentença, inexistindo nulidade processual.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE ADMINISTRATIVO – 2012) *2ª questão – Disserte sobre a competência do Município para instituir normas gerais como instrumento do poder de polícia. Esclareça também o sentido da proporcionalidade no exercício do poder de polícia?*

RESPOSTAS FUNDAMENTADAS, COM A INDICAÇÃO, SE FOR O CASO, DA FONTE NORMATIVA.

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

No que toca à competência do Município para instituir normas gerais como instrumento do poder de polícia, é essencial identificar a matéria a ser regulamentada. Afinal, a Constituição da República prevê tratamentos diferenciados a depender do tema a ser abordado.

À luz do artigo 30, de nossa Bíblia Política, existem situações que conferem ao Município uma competência exclusiva para regulamentação. Nesses casos, evidentemente, não há dúvidas quanto à possibilidade deste ente editar normas gerais como instrumento do poder de polícia.

O que pode ser posto em dúvida é o permissivo constante no inciso II deste artigo, isto é, quanto à competência do Município para suplementar a legislação federal e estadual. Nesses casos, vislumbra-se uma atuação subsidiária da Municipalidade, ante a inércia ou omissão dos demais entes.

Nessa esteira, é de se concluir que caso a matéria deva ser regulamentada pela União ou pelo Estado (vide artigos 22, 23 e 24, da Constituição da República, havendo inércia, não só pode como deve o Município editar normas gerais no contexto do poder de polícia.

Isso porque o poder de polícia é um atributo intrinsecamente ligado a uma prestação de interesse público, e, não havendo normatização geral, pode ocorrer um consequente bloqueio a direitos fundamentais. Assim, na inércia ou omissão, deve o Município subsidiariamente editar normas gerais e zelar por seu cumprimento.

Sempre pertinente observar que o poder de polícia se desdobra em quatro atributos, de acordo com a doutrina de Diogo de Figueiredo Moreira Neto: ordem de polícia, consentimento de polícia, fiscalização de polícia e sanção de polícia. O estabelecimento de normas gerais está inserto no primeiro, que, naturalmente, é indelegável.

Ocorre que não se está falando de uma delegação propriamente dita, mas apenas de uma atuação subsidiária, com foco no cumprimento dos demais atributos, com a inerente busca pela eficiência que disso deflui - espelhando a orientação insculpida no artigo 37, caput, da Constituição da República.

Sendo assim, o que se salienta é que será possível ao Município instituir normas gerais como instrumento do poder de polícia em duas hipóteses: nas matérias a ele

constitucionalmente reservadas como sendo de competência privativa (como, por exemplo, a edição de um Código de Posturas) e subsidiariamente, ante eventual omissão ou inércia dos demais entes, observando-se a falta de normas gerais quanto a determinada matéria (e.g., eventual inexistência de normatização federal ou estadual quanto a dada espécie de dano ambiental, podendo o Município instituir regras próprias).

Outrossim, no que diz respeito ao sentido da proporcionalidade no exercício do poder de polícia, é imperioso destacar que o aludido postulado se desdobra em três subprincípios: necessidade, adequação e proporcionalidade em sentido estrito. Assim, sua correta aplicação passa pela análise destes três vetores de acordo com o caso que se apresente.

Além disso, o estudo da incidência da proporcionalidade está atrelado necessariamente à verificação da extensão da discricionariedade, de sorte que quanto maior for esta, maior será o espectro de observância do postulado em tela.

Conforme dito anteriormente, são quatro os momentos do poder de polícia: ordem, consentimento, fiscalização e sanção. Tendo isso em mente, é possível afirmar que a proporcionalidade se manifesta com maior força no primeiro destes.

Afinal, deve o legislador, quando da edição das normas gerais, estabelecer, para o descumprimento dos deveres impostos, sanções que se mostrem adequadas e não excessivamente gravosas. Deve-se, inclusive, sopesar a existência de outras punições que apresentem melhor "custo-benefício".

Nesse ponto, verifica-se que a proporcionalidade se destina intrinsecamente ao legislador. Contudo, tendo sido estipulada mais de uma possível sanção, há também no quarto momento do poder de polícia campo para incidência do aludido postulado, dada a necessidade de se averiguar qual sanção se mostra mais adequada e razoável.

Entretanto, os momentos de consentimento e fiscalização de polícia denotam atos com maior grau de vinculação, subtraindo do intérprete o exercício da discricionariedade. Não seria o caso, pois, de incidência da proporcionalidade, mas sim da verificação quanto ao cumprimento dos requisitos e deveres normativamente estabelecidos.

Comentário

A questão em análise é direta ao definir o que se espera do candidato, determinando a produção de texto dissertativo. Assim, a tarefa que se apresenta de início não é exatamente averiguar quais os pontos a serem abordados, uma vez que estes foram claramente delineados, mas sim definir tudo que pode ser inserido na resposta de modo a deixa-la com a maior completude possível.

Afinal, é sempre necessário um amplo grau de conhecimento da matéria, e, no caso em tela, isso se faz por meio da abordagem não só dos pontos expressamente referidos, mas também de tudo aquilo que for correlato. Ademais, não se pode olvidar do emprego da maior precisão terminológica possível.

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ADMINISTRATIVO - 2010) *1ª questão - Em ação de improbidade administrativa, o representante do Ministério Público postula a aplicação de todas as sanções previstas no art. 12 da Lei nº 8.429/92. Como o agente réu cometera dois atos de improbidade independentes entre si, o autor requer sejam as sanções aplicadas cumulativamente. O juiz, porém, julgando procedente o pedido, aplicou apenas 3 (três) sanções, não cumulando a de suspensão de direitos políticos e a de multa civil, mas cumulando a de reparação dos prejuízos. Opine sobre: a) a aplicação parcial de sanções de improbidade; b) a cumulatividade das sanções; c) a possibilidade de o julgador aplicar sanções não requeridas na petição inicial.*

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

a) A Lei nº 8429/92 é lacunosa no tocante a aplicação das sanções previstas no seu artigo 12, se possível a aplicação parcial ou se devida a aplicação de todas as sanções ali previstas. Dessa forma, coube a doutrina formular tal parâmetro. No entendimento de Emerson Garcia e Rogério Pacheco Alves descrito em seu livro sobre Improbidade Administrativa, o artigo 37, §4º da CRFB/88 impõe que compete ao legislador estabelecer os critérios de gradação das sanções aplicáveis ao agente público ímprobo. Desta forma, em análise da redação original do referido artigo 12, observa-se que o elenco das sanções se dá de forma aglutinativa, o que impunha ao julgador a aplicação cumulativa delas, lhe cabendo apenas realizar a dosimetria quanto às sanções que possuem patamares máximos e mínimos, em atenção ao princípio da proporcionalidade tendo por foco a gravidade e o dolo/culpa do ato ímprobo cometido. Contudo, em atenção a necessidade de conformidade da aplicação das sanções do artigo 12 aos direitos fundamentais do agente ímprobo, o julgador, poderia, excepcionalmente e de forma fundamentada suprimir alguma sanção, já que há funções que não guardam pertinência com o agente ímprobo nem com o ato, como por exemplo a sanção de perda da função pública que não pode ser imposta aquele que não detenha função pública.

Contudo, após a alteração legislativa do mencionado artigo 12, através da Lei nº12120/2009, o próprio legislador deu ao julgador a possibilidade de aplicar as sanções de forma isolada ou cumulativa. Dessa forma, relevante se faz apontar os parâmetros a ser usados pelos julgadores nessa individualização das sanções tendo o princípio da proporcionalidade como base para a individualização das sanções. Através dele, o elemento volitivo do agente ímprobo (dolo ou culpa e suas intensidades) bem como o grau de alcance do interesse público a despeito do ato ter sido ímprobo, são parâmetros concretos na escolha pelo judiciário das sanções do artigo 12. Ou seja, trata-se de uma relação de adequação (subprincípio da proporcionalidade) entre o ato ímprobo e a sanção, devendo o julgador ter como parâmetro principal a proteção suficiente da probidade administrativa. Por fim, as sanções de ressarcimento do dano e de perda dos bens não devem ser aplicadas isoladamente, pois visam apenas ao ressarcimento do erário não punindo de forma suficiente o agente ímprobo.

b) Sobre a cumulatividade das sanções do artigo 12, devemos acrescentar ao que já foi dito acima, observações pertinentes a própria narrativa da questão que traz o caso da cumulatividade das sanções ser pedida pelo autor em razão do agente ímprobo ter cometido dois atos de improbidade independentes entre si. Nesse caso a discussão se torna mais densa, visto que inexiste qualquer parâmetro legislativo para tal fato. É o caso do autor da ação de improbidade trazer como causa de pedir mais de um ato ímprobo e não um ato ímprobo que se enquadre em mais de um tipo da lei de improbidade. Neste segundo caso, sendo único o ato mesmo que se subsumindo a mais de um tipo, único deve ser o feixe de sanções do artigo 12, aplicadas em atenção aos parâmetros descritos no item "a" desta resposta. Já no primeiro caso, tantos serão os feixes de aplicação do artigo 12 quantos são os atos de improbidade. A problemática disso, conforme Emerson Garcia, é quanto as sanções que apresentam delimitação temporal, como a suspensão dos direitos políticos e a proibição de contratar com o Poder Público. Isso pois caso somados os anos de cada uma dessas espécies de sanção referentes a cada ato de improbidade distintos (com condenações feitas no mesmo processo ou em processos distintos), poderíamos alcançar sanções perpétuas. Assim, como não podemos usar por analogia os artigos do Código Penal e da Lei de Execução Penal sobre concurso material de crime, pois não se pode usar analogia para restringir direitos, entende o referido jurista pela aplicação do sistema da absorção, segundo o qual as sanções temporais irão se sobrepor. No tocante ao pagamento de multa, esta sanção pode ser fixada de forma cumulativa para cada ato de improbidade sem qualquer problema, visto que pena pecuniária. Quanto às sanções de perda da função pública, ressarcimento do dano e perda de bens, também não há problema na aplicação para atos de improbidade distintos, visto que a função pública só pode ser perdida uma vez e quanto ao ressarcimento de dano e perda de bens essas sanções são pertinentes aos danos e bens envolvidos em cada ato de improbidade individualmente considerados, sendo plenamente viável sua cumulação.

c) Sobre a possibilidade de o julgador aplicar sanções não requeridas na petição inicial, esta questão está intimamente vinculada com a aplicação do princípio da correlação entre o pedido e a sentença nas ações de improbidade administrativa. O Ministério Público na área cível deve observar o princípio da obrigatoriedade em agir (Hugo Nigro Mazzilli), obrigatoriedade essa que pode ser exercida com certa discricionariedade pelo membro do Parquet, desde que o interesse público seja integralmente preservado (já que o objeto perseguido não lhe pertence, mas pertence a coletividade). Contudo, no tocante aos atos de improbidade, o autor da ação também não detém o objeto sobre a relação de direito material posto em juízo, (que pertence à coletividade de forma geral que possui o direito à gestão ímproba da administração pública) só que as sanções do artigo 12 (com exceção do ressarcimento do dano) só podem ser impostas judicialmente o que afasta a discricionariedade na escolha dos meios para alcançar a proteção do interesse público (ação civil pública ou termo de ajustamento de conduta). Desta forma, o autor da ação de improbidade não pode restringir em seu pedido a abrangência das sanções do artigo 12, assim como ocorre na ação penal, em que o Ministério Público não escolhe a pena a ser aplicada, cabendo ao julgador essa dosimetria da pena. Caso equivocadamente o autor da ação restringir o seu pedido a aplicação de apenas algumas

sanções do artigo 12 cabe ao julgador desconsiderar tal fato e aplicar as sanções tendo por parâmetro apenas a proporcionalidade em sentido amplo. Isso, pois, conforme entendimento do i. jurista Emerson Garcia o princípio da congruência deve ser observado apenas quanto a causa de pedir descrita na exordial e não quanto ao pedido, que deve ser de condenação nas sanções do artigo 12 da Lei nº 8429/92, para que o julgador aplique a lei como entender adequado.

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ADMINISTRATIVO - 2010) *2ª questão- Emação de desapropriação, o Município, representado por sua Procuradoria-Geral, declara, na petição inicial, a urgência para os fins de imissão provisória na posse, declaração essa inexistente no decreto expropriatório. O requerimento para a imissão na posse, porém, só é oferecido 02 (dois) meses após o despacho inicial do juiz. Ao final, o juiz profere sentença fixando a indenização, os juros moratórios e compensatórios e os honorários advocatícios. Diante desses elementos, indaga-se:*

a) Deve o juiz deferir o pedido de imissão provisória na posse?

b) Como devem ser fixados os juros moratórios e compensatórios, no que tange ao termo inicial da contagem e ao percentual?

c) É possível que não haja condenação em honorários advocatícios?

Responda justificadamente as indagações, oferecendo os elementos nos quais se basearão as respostas.

Autor: Uriel Fonseca

Sugestão de resposta

A solução da questão proposta exige do candidato conhecimentos acerca dos dois mais controversos temas no tocante à fase judicial do procedimento de desapropriação. As respostas aos itens formulados dependem de análise das previsões do Dec.-Lei n.º 3.365/41 em cotejo com a jurisprudência dos Tribunais Superiores. Deste modo, os seguintes pontos não podem deixar de ser abordados pelo candidato:

a) Por pressuposto, é necessário delinear que a imissão prévia na posse depende de declaração formal de urgência para que, a partir de então, o Poder Público a requeira expressamente, por petição. O art. 15, § 2º, do referido Dec.-Lei n.º 3.365/41 não especifica o momento da declaração de urgência, havendo orientação consolidada, entre autores e tribunais, no sentido de que nada obsta sua efetivação em juízo, nos autos da ação de desapropriação (v. STJ, REsp 79.604/AP, Rel. Min. Ari Pargendler). Ocorre que, segundo o mesmo dispositivo, o requerimento de imissão não se dará, sob nenhuma hipótese, depois de 120 (cento e vinte) dias de formalizada a alegação de urgência (v. STJ, REsp 1.234.606/MG, Rel. Min. Herman Benjamin). Assim, no caso, se o período entre a

propositura da inicial e o requerimento de imissão na posse não for maior que 120 (cento e vinte) dias, independentemente da data do despacho inicial do juiz, será juridicamente viável o atendimento do pleito.

b) Quanto aos juros moratórios, prevalece o disposto no art. 15-B do Dec.-Lei n.º 3.361/45, derrogando o que outrora dispunha a Súmula n.º 70 do Superior Tribunal de Justiça - hoje, admitida apenas para as pessoas privadas que proponham a ação desapropriatória. Deste modo, apenas incidem juros a partir do dia 1º de janeiro do exercício seguinte àquele em que o pagamento deveria ter sido ser feito por precatório, nos termos do art. 100 da Constituição da República. A taxa prevista no referido diploma legal, segundo a doutrina, incide sob o valor fixado na sentença e não pode ser inferior aos 6 %, sob pena de violar-se a garantia constitucional da justa indenização.

c) Os juros compensatórios, por sua vez, servem a minorar os prejuízos decorrentes da perda prematura da posse, estando descritos no art. 15-A do Dec.-Lei n.º 3.365/41. Incidem, vale dizer, caso haja diferença entre o preço ofertado em juízo e o valor apurado em decisão judicial definitiva, a partir da imissão prévia na posse. Observe-se que o Supremo Tribunal Federal, no bojo da ADI 2332-2, suspendeu a eficácia da expressão "até 6% ao ano" constante do citado dispositivo, repristinando orientação consolidada no verbete n.º 618 de sua Súmula de Jurisprudência, segundo o qual incidem juros à razão de 12% ao ano. Neste sentido dispõe a Súmula n.º 408 do Superior Tribunal de Justiça. No mais, o Supremo também afirmou, em interpretação conforme a Constituição, que a base de cálculo dos juros compensatórios será a diferença eventualmente apurada entre 80% do preço apurado em juízo e o valor do bem fixado na sentença.

d) A condenação em honorários advocatícios, no âmbito da ação de desapropriação, depende da verificação de sucumbência do Poder Público. Em outras palavras, a sentença judicial deve fixar valor de indenização maior que o oferecido na esfera administrativa. É o que consta do art. 27, § 1º, do Dec.-Lei n.º 3.365/41.

Comentário

Em perguntas que envolvam vários itens, é interessante que o candidato aborde, sistemática e separadamente, cada uma das alíneas, independentemente de optar por fazer referência expressa às letras do enunciado ou redigir texto corrido. Ademais, como em qualquer questão de segunda fase sem limite de linhas, a demonstração de conhecimento do tema, ainda que aborde questão não diretamente questionada, é sempre relevante e diferencia o candidato.

DIREITO CIVIL

2.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2014) *7ª questão – Direito Civil – O abandono afetivo por parte do genitor caracteriza dano moral? Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Vanessa Gonzalez

Sugestão de resposta

Muito embora ainda exista controvérsia na doutrina e na jurisprudência acerca do assunto, em julgado paradigmático o Superior Tribunal de Justiça posicionou-se no sentido de que o abandono afetivo por parte do genitor caracteriza dano moral, passível de indenização, aplicando-se ao Direito de Família as regras estabelecidas no campo da responsabilidade civil.Seguindo a relatora Min. Nancy Andrighi[1], a Corte entendeu que *"amar é faculdade, cuidar é dever"*. Vale dizer: ninguém é obrigado a amar um filho[2], mas é obrigado a dispensar cuidado e estar presente na vida da prole. O cuidado como valor jurídico objetivo está incorporado ao ordenamento jurídico pátrio em diversos dispositivos legais e constitucionais (v.g. art. 1634, incisos I e II do Código Civil e arts. 3º, 4º e 5º do ECA), motivo pelo qual a omissão no cumprimento dos deveres inerentes ao poder familiar pode caracterizar dano moral indenizável.

Comentários

Os que defendem a tese da impossibilidade de compensação do dano moral decorrente do abandono afetivo entendem que o amor não pode ser mensurado economicamente, bem como que ninguém pode ser compelido a amar, razão pela qual é inviável a apreciação da questão sob a ótica da responsabilidade civil.

---

1. STJ,REsp 1.159.242-SP, Rel. Min. Nancy Andrighi, julgado em 24/4/2012
2. Justamente por tal fundamento é que ação semelhante, mas cuja causa de pedir era a "falta de amor", foi julgada improcedente pelo STJ (vide REsp 757.411/MG, Rel. Ministro Fernando Gonçalves, j. 29.11.2005). Note-se que amar não é dever ou direito e a falta de amor não gera indenização.

No entanto, de acordo com o entendimento recente no STJ e de parte da doutrina especializada, não há qualquer óbice à aplicação da teoria da responsabilidade civil no âmbito do Direito de Família. Decorrência disso é o fato de que todo aquele que por ação ou omissão causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito (arts. 186 e 927 do Código Civil).

Note que o STJ não fala em indenização por falta de amor, mas sim em indenização por descumprimento do dever objetivo de cuidado que os pais devem ter com sua prole. Justamente por tal fundamento é que ação semelhante à mencionada na sugestão de resposta, mas cuja causa de pedir era a "falta de amor", foi julgada improcedente pelo STJ (vide REsp 757.411/MG, Rel. Ministro Fernando Gonçalves, j. 29.11.2005). Note-se que amar não é dever ou direito e a falta de amor não gera indenização.

Em suma, caso haja abandono afetivo, com o descumprimento de deveres impostos pelo ordenamento jurídico aos pais, verifica-se a possibilidade de os filhos pleitearem judicialmente compensação por danos morais.

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *8ª questão - Direito Civil - É admissível a revisão de contrato por fato superveniente que torne excessivamente onerosa a prestação do fornecedor numa relação de consumo?*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

A despeito de o legislador ordinário elencar explicitamente como direito básico do consumidor, e não do fornecedor, a revisão das cláusulas em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas (Lei 8.078-90, art. 6º ,V), em nítida homenagem à teoria da base objetiva do negócio jurídico (Theorie der objektiven Geschäftsgrundlage) desenvolvida por Larenz em superação à teoria da base subjetiva do negócio de Oertmann, é admissível a aplicação do instituto da revisão contratual ao fornecedor numa relação de consumo. Primeiro porque o CDC, art. 4º, III, prevê como princípio a harmonização dos interesses dos participantes da relação de consumo, salientando a necessidade de boa-fé e equilíbrio nas relações, direitos e deveres entre fornecedores e consumidores. O princípio da equidade contratual encerra nota essencial à teoria da base objetiva do negócio que informa a revisão nos termos da pergunta. A CRFB, art. 170, caput, e inciso IV, põem em relevo a necessidade de um mercado estável, preservando a segurança e a livre iniciativa. Por fim, o CDC, art. 51, parágrafo 2º, estipula que a nulidade de cláusula abusiva, quando ausente, apesar dos esforços de integração, invalida o contrato quando decorrer ônus excessivo a qualquer das partes. O CDC não pode ser interpretado como mecanismo de desestabilização do mercado e aplicado unilateralmente, sob pena de ferir a harmonização dos interesses acima mencionados.

Comentário 1

O excelente artigo da lavra de Luiz Roldão de Freitas Gomes Filho, membro da Banca Examinadora, na revista do MPERJ, intitulado "A sociedade empresária como fornecedora e o Código de Defesa do Consumidor", assevera que: Não obstante reconheça o legislador a condição de vulnerabilidade do consumidor e busque protegê-lo amplamente, é nítida sua preocupação em estabelecer uma relação de consumo baseada na boa-fé e equilíbrio entre seus participantes, de forma que o fornecedor tenha também os direitos respeitados. Constitui grave equívoco ter o CDC como "instrumento de terrorismo" ou "elemento desestabilizador do mercado"10, na medida em que visa à harmonia e transparência nas relações de consumo, conferindo segurança não só ao consumidor, mas de igual modo ao fornecedor".(In: Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro n.33 jul-set, 2009, p. 60)

Comentário 2

Veja-se o escólio de Rogério Ferraz Doninni:

Pelo disposto no § 2º do art. 51 do CDC, vê-se que não somente o consumidor pode valer-se da resolução contratual, mas também o fornecedor, pois não teria qualquer sentido conservar um contrato que traga ônus excessivo a qualquer dos contratantes. O fornecedor pode, eventualmente, pelo disposto neste artigo, estar impossibilitado de cumprir com uma obrigação contratual que lhe cause ônus excessivo, o que configuraria uma violação ao art. 4º, III, do CDC, pelo qual os contratos devem ser celebrados e executados sempre com supedâneo na boa-fé e no equilíbrio nas relações entre consumidores e fornecedores. (Apud AVELAR, Ednara Pontes de. Considerações sobre o § 1º, III do art. 51 do CDC. Disponível em: http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1756/Consideracoes-sobre-o-1º-III-do-art-51-do-CDC)

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *9ª questão - Direito Civil - Em que consiste a desconsideração inversa da personalidade jurídica? É cabível em nosso sistema jurídico? Resposta objetivamente fundamentada.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

A desconsideração inversa da personalidade jurídica é uma construção doutrinária, acolhida pela jurisprudência do STJ, desenvolvida a partir de interpretação teleológica do art. 50 NCC/02, consistente no afastamento da autonomia patrimonial (a qual é efeito da aquisição da personalidade pelas pessoas jurídicas) da pessoa jurídica para que, ao invés de se atingir o patrimônio dos sócios, como na regra do art.50,CC, atinja-se a sociedade e o patrimônio social desta, de modo a responsabilizá-la por obrigações do(s) sócio(s). Tal se dá em virtude de atos praticados pelo(s) sócio(s), ou por interposta pessoa, nos quais há, dolosa e fraudulentamente, o esvaziamento do patrimônio pessoal do sócio para fazê-lo se confundir com o da pessoa jurídica. Como exemplo, a prática de atos por um dos

cônjuges para fraudar a partilha, transferindo bens do seu próprio patrimônio para a pessoa jurídica da qual é sócio em prejuízo do outro cônjuge em divisão legal de bens.

Comentário 1

Há, também, confusão patrimonial e desvirtuamento da finalidade, caracterizando o mesmo abuso de direito presente na leitura tradicional do art. 50. Como exemplo, no direito de família: a incidência da desconsideração inversa como forma de atacar a fraude ao direito de meação na hipótese de separação dos cônjuges. Veja-se a decisão do STJ:

RECURSO ESPECIAL Nº 1.236.916 - RS (2011/0031160-9)

DIREITO CIVIL. RECURSO ESPECIAL. AÇÃO DE DISSOLUÇÃO DE UNIÃO ESTÁVEL. DESCONSIDERAÇÃO INVERSA DA PERSONALIDADE JURÍDICA. POSSIBILIDADE. REEXAME DE FATOS E PROVAS. INADMISSIBILIDADE. LEGITIMIDADE ATIVA. COMPANHEIRO LESADO PELA CONDUTA DO SÓCIO. ARTIGO ANALISADO: 50 DO CC/02. 1. Ação de dissolução de união estável ajuizada em 14.12.2009, da qual foi extraído o presente recurso especial, concluso ao Gabinete em 08.11.2011. 2. Discute-se se a regra contida no art. 50 do CC/02 autoriza a desconsideração inversa da personalidade jurídica e se o sócio da sociedade empresária pode requerer a desconsideração da personalidade jurídica desta. 3. A desconsideração inversa da personalidade jurídica caracteriza-se pelo afastamento da autonomia patrimonial da sociedade para, contrariamente do que ocorre na desconsideração da personalidade propriamente dita, atingir o ente coletivo e seu patrimônio social, de modo a responsabilizar a pessoa jurídica por obrigações do sócio controlador. 4. É possível a desconsideração inversa da personalidade jurídica sempre que o cônjuge ou companheiro empresário valer-se de pessoa jurídica por ele controlada, ou de interposta pessoa física, a fim de subtrair do outro cônjuge ou companheiro direitos oriundos da sociedade afetiva. 5. Alterar o decidido no acórdão recorrido, quanto à ocorrência de confusão patrimonial e abuso de direito por parte do sócio majoritário, exige o reexame de fatos e provas, o que é vedado em recurso especial pela Súmula 7/STJ. 6. Se as instâncias ordinárias concluem pela existência de manobras arquitetadas para fraudar a partilha, a legitimidade para requerer a desconsideração só pode ser daquele que foi lesado por essas manobras, ou seja, do outro cônjuge ou companheiro, sendo irrelevante o fato deste ser sócio da empresa. 7. Negado provimento ao recurso especial.

(XXXII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2011) *7ª questão – Direito Civil – É possível o pedido de dano moral coletivo nas ações civis públicas ambientais propostas pelo Ministério Público? Qual a posição do Superior Tribunal de Justiça sobre o tema?*

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

Trata-se de questão controvertida na doutrina e jurisprudência. Há parte da doutrina que entende não ser possível, visto que a coletividade não pode padecer de

sofrimento, humilhação, não tendo dano moral a ser reconhecido, o que é chamado por Anderson Schreiber de concepção subjetivista do dano moral. Por outro lado, outro entendimento doutrinário caminha no sentido da possibilidade, sustentando uma concepção objetivista do dano moral, caracterizado pela violação de interesses existenciais da pessoa humana, permitindo sua integral reparação, como previsto no artigo 83 do CDC e no artigo 1º, IV da Lei nº 7347/85 que prevê expressamente as ações de responsabilidade por danos morais causados a qualquer interesse difuso ou coletivo, se enquadrando no primeiro o direito ao meio ambiente sadio. O Superior Tribunal de Justiça em seu julgado mais recente sobre o tema reconheceu a possibilidade de condenação por dano moral coletivo em razão de dano ambiental.

Comentários

Aqui a dificuldade da questão era em poucas linhas tratar de tema de tamanha profundidade doutrinária como o dano moral coletivo e com poucos dispositivos legais para embasar a resposta.

Ressalte-se que a questão foi respondida com base na doutrina e jurisprudência atual e não da época da prova, visto que o tema tem sido abordado pela doutrina cada vez de forma mais atual, motivo pelo qual entendemos ser útil ao candidato observar como a pergunta deveria ser respondida na atualidade.

A questão sobre o dano moral coletivo ultrapassa as ações civis públicas ambientais sendo questão tormentosa envolvendo mesmo uma releitura do próprio conceito de dano moral, que em sua origem, tem vinculação estreita com os sentimentos da pessoa humana, o que, na visão de Sergio Cavalieri Filho, seria um conceito positivo de dano moral, que se constituiria em dor, vexame, sofrimento, desconforto, humilhação. Pelo mesmo autor, há quem conceitue o dano moral por exclusão, onde dano moral seria todo dano não-material. E é essa diferença conceitual que determina a aceitação ou não do dano moral coletivo, em especial aquele vinculado a violação de interesses difusos, coletivos e individuais homogêneos, onde não se perquire sobre o dano do individuo mas sim sobre a violação do direito de uma coletividade de indivíduos cujas características de personalidade não interessam para quantificação do dano, pois são vistos como grupo, indeterminável (direitos difusos) ou determináveis (direitos coletivos e individuais homogêneos) mas cuja determinabilidade deve ser indiferente para a fixação do dano moral coletivo, caso contrário estaríamos falando de uma proteção coletiva do dano moral individual de cada lesado.

Dessa forma, para aqueles que se filiam ao conceito positivo de dano moral, resta afastada a possibilidade de dano moral coletivo, tendo se manifestado nesse sentido o Min. Teori Albino Zavascki no RESP 598.281/MG, entendendo que "a ofensa moral sempre se dirige á pessoa enquanto portadora de individualidade própria; de um vultus singular e único". Já com relação ao conceito negativo de dano moral, este possibilita o pedido de dano moral coletivo já que se refere a violação à interesses não materiais, existenciais da pessoa humana e dessa forma, segundo a Min. Eliana Calmon no RESP 1057274 "o dano moral coletivo, assim entendido o que é transindividual e atinge uma classe específica ou não de pessoas,

é passível de comprovação pela presença de prejuízo à imagem e à moral coletiva dos indivíduos enquanto síntese das individualidades percebidas como segmento, derivado de uma mesma relação juridica-base."

O posicionamento do STJ mencionado na resposta a questão é o RESP nº 1.269.494, a Ministra Eliana Calmon se refere especificamente a possibilidade de dano moral coletivo em ação civil pública ambiental, citando Carlos Alterto Bittar Filho que leciona: "quando se fala em dano moral coletivo, está-se fazendo menção ao fato de que o patrimônio valorativo de uma certa comunidade (maior ou menor), idealmente considerado, foi agredido de maneira absolutamente injustificável do ponto de vista jurídico". Assim, tanto o dano moral coletivo indivisível (gerado por ofensa aos interesses difusos e coletivos de uma comunidade) como o divisível (gerado por ofensa aos interesses individuais homogêneos) ensejam reparação.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *8ª questão - Direito Civil - Bernardoe Bianca, casal de namorados, ele com 19 anos de idade e ela com 17 anos de idade, ambos residentes na cidade do Rio de Janeiro, resolvem viajar no dia 10 de maio de 2011 para o litoral fluminense e embarcam no ônibus da Viação Litoral Sul Ltda. com destino a Cabo Frio, aonde iriam se hospedar na casa da tia materna de Bianca. Como medida preventiva, providenciam uma autorização para viajar subscrita apenas pela mãe de Bianca, a qual exibem no momento do embarque. Chegando ao destino, o casal encontra José Carlos, um amigo de infância de Bernardo, que os convida para se hospedar gratuitamente na Pensão Mar Azul Ltda., de sua propriedade, local onde permanecem por três noites. A tia de Bianca, para se eximir de futura responsabilidade, comunica o fato à mãe da adolescente e ao Ministério Público. Que medida(s) você, como Promotor de Justiça, promoveria na esfera judicial?RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autor: Marcelo Winter

Sugestão de resposta

Por se tratar de adolescente (art. 2º, caput, do ECA), Bianca prescinde de autorização para viajar dentro do território nacional, uma vez que o art. 83 do Estatuto somente criou restrições às crianças. No entanto, à adolescente não é permitida a hospedagem em estabelecimento hoteleiro, sem a devida autorização do responsável, por força do art. 82 do ECA. Considerando que Bianca não possuía autorização para se hospedar na Pensão, o Promotor de Justiça deve, com fulcro no art. 201, X, do ECA, representar em face do estabelecimento pela prática da infração administrativa prevista no art. 250 do ECA, sem prejuízo de também representar em face da genitora por incidir na infração tipificada no art. 249 do Estatuto, pois, apesar de cientificada da situação, manteve-se negligentemente inerte, descumprindo de forma culposa os deveres inerentes ao poder familiar.

Comentário 1

A prova preliminar do concurso para ingresso no MPRJ exige poder de síntese por parte do candidato. Desta forma, algumas ponderações relevantes sobre o tema abordado na presente questão deixaram de ser realizadas de modo a entregar uma resposta objetivamente justificada.

Por outro lado, se a mesma questão fosse indagada em uma prova específica ou especializada, seria de bom alvitre que o candidato dissertasse acerca da razão pela qual o legislador não criou restrições para adolescentes viajarem pelo território nacional. Estes, por apresentarem maior desenvolvimento físico e psíquico, possuem melhor discernimento de proteção e autodefesa do que crianças, naturalmente mais vulneráveis em razão da ingenuidade inerente à tenra idade.

Outro ponto que mereceria destaque é a evidente incompatibilidade entre as normas extraídas dos artigos 82 e 83 do ECA. Isso porque, em que pese ser permitido ao adolescente viajar pelo território nacional, desacompanhado e independentemente de autorização de seu responsável legal, ao mesmo não é permitido se hospedar em estabelecimento hoteleiro, desacompanhado ou sem autorização para tanto. Em casos tais, poderemos nos deparar com a paradoxal situação em que um adolescente, embora tenha viajado amparado pela legislação vigente, seja obrigado a pernoitar em via pública, uma vez que a mesma legislação, não apenas veda sua hospedagem, como também tipifica a conduta do hospedeiro como infração administrativa, conforme se depreende do art. 250 do ECA.

Por fim, revelar-se-ia oportuno ao candidato abordar a crítica da doutrina com relação ao fato de o legislador não ter feito qualquer distinção entre as diversas espécies de estabelecimento hoteleiro. Ora, se a intenção do legislador foi proteger a integridade física e psíquica de crianças e adolescentes, notadamente com o intuito de coibir a prática de abusos sexuais e de prostituição infantil, poderia ter restringido a proibição de hospedagem aos motéis, tendo em vista que tais estabelecimentos são notoriamente utilizados para a prática de atos libidinosos, permitindo a hospedagem em hotéis, pensões e pousadas, como forma de harmonizar tal vedação com o direito de direito de ir e vir insculpido no art. 16, I, do ECA.

Comentário 2

Considerando que o enunciado da questão menciona que Bianca permaneceu hospedada por três noites na Pensão, é possível concluir pela cessação da situação de risco na qual a mesma se encontrava. Não obstante, caso o enunciado da questão fosse omisso neste ponto, o candidato também deveria indicar a propositura de ação cautelar de busca e apreensão como uma das medidas judiciais a serem adotadas pelo Promotor de Justiça no caso concreto, tendo em vista que o Ministério Público não poderia permanecer inerte diante da manutenção da situação de risco.

Neste contexto, seria desejável entregar a adolescente aos cuidados de seus genitores, uma vez que esta possui o direito de permanecer integrada ao seio de sua família natural ou extensa (vide art. 19 do ECA), salvo se tal decisão fosse capaz de causar evidente risco - físico ou psíquico - à mesma, hipótese na qual o membro do Ministério Público teria que promover a medida protetiva extrema de acolhimento institucional.

Comentário 3

Até a realização do XXXIII Concurso para ingresso na carreira do MPRJ, as questões acerca do tema Infância e Juventude eram diluídas e questionadas pela Banca Examinadora de Direito Civil. Todavia, cumpre ressaltar que a Lei Orgânica do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (Lei Complementar estadual nº 106/2003) sofreu recente alteração em seu art. 55, IV, passando a exigir uma Banca Examinadora específica em matéria de Infância e Juventude, de modo que a partir do XXXIV Concurso, os candidatos deverão dispensar especial atenção à referida disciplina.

Comentário 4

A Procuradora de Justiça do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, Kátia Regina Ferreira Lobo Andrade Maciel, é coordenadora da obra "Curso de Direito da Criança e do Adolescente - Aspectos teóricos e Práticos - Editora Saraiva", cuja leitura é recomendada ao candidato que pretende ingressar na carreira, na medida em que reflete o entendimento de diversos membros desta instituição sobre tópicos relevantes da matéria.

(XXXII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2011)9ª questão – Direito Civil –Discorra sobre a admissibilidade da celebração de um contrato de doação por morte no direito brasileiro, especificando todas as suas eventuais consequências.

Autor: Eduardo Fonseca

Sugestão de resposta

Em regra, o ordenamento jurídico brasileiro não admite a celebração de contrato de doação por morte, pois lhe falta o caráter da irrevogabilidade, inerente às liberalidades. Assim, é característica do contrato de doação o fato de ser celebrado em vida, com a possibilidade de ser revogado nas hipóteses previstas no Código Civil. Por isso, o art. 426 do CC/02 consagra a proibição do pacto sucessório, chamado de "Pacto Corvina", ao estabelecer a impossibilidade de um contrato ter por objeto a herança de pessoa viva, já que não existe direito subjetivo à herança, mas tão somente mera expectativa de direito. Assim, tal contrato seria nulo por impossibilidade jurídica do objeto. Contudo, existe uma exceção prevista no art. 2.018 do CC/02, que é a partilha em vida, ou seja, aquela realizada por qualquer ascendente aos descendentes, exigindo-se que todos os herdeiros sejam maiores e capazes e que não haja conflito entre eles. Além disso, tal partilha não pode prejudicar a legítima dos herdeiros necessários, podendo se dar de 2 formas: Partilha doação - feita por ato entre vivos, por escritura pública - e Partilha testamento - feita por ato de disposição de última vontade. Assim, poderia se falar, portanto, em exceção à regra que inadmite a celebração de contrato cujo objeto seja a herança de pessoa viva, no direito brasileiro.

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2009) *7ª questão - Direito Civil - FábioBiscoitoé proprietário de uma fazenda na zona rural do Município de Silva Jardim, adquirida no mês de abril de 1995. O antigo proprietário ocupou a faixa ciliar do Rio X para fins de pastagem, atividade econômica mantida por Fábio Biscoito. No mês de maio de 2009, a fiscalização do Município constatou o dano ambiental, causado antes da aquisição do imóvel por Fábio Biscoito, e encaminhou os documentos para a Promotoria de Tutela Coletiva com a devida atribuição. Instado a se manifestar no bojo do procedimento investigatório, Fábio Biscoito afirma que não foi o causador do dano, bem como suscita a ocorrência do fenômeno da prescrição. Os autos são encaminhados ao Promotor de Justiça. Posicione-se indicando as medidas cabíveis e seus fundamentos jurídicos.*

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

Pelo artigo 225 da CRFB/88 o meio ambiente é direito de todos. A mata ciliar é área de preservação permanente (art. 2º, "a" e 4º caput e §1º da Lei 4771/65) sendo sua supressão é dano ambiental, devendo ser reparado pelo princípio do poluidor-pagador e da responsabilidade objetiva e solidária (arts. 2º, incisos VIII e IX, 3º, II, 4º, VI e 14, caput e §1º da Lei 6938/81). A obrigação de reparar é também de Fábio, pois *propter rem,* (função social da propriedade; STJ; arts. 170, III e VI, 182, §4º, III e 184 CRFB/88 e 1.228, §1º do Código Civil), e imprescritível pois continuado o dano, sendo cabíveis a propositura pelo MP de ACP (arts. 1º, I, IV, 3º e 5º, I da Lei 7347/85) em face de Fábio e/ou o antigo proprietário (solidários) exigindo a reparação/indenização do dano ambiental ou o ajustamento da conduta nos mesmos termos (TAC).

Comentário 1

Trata-se de questão que envolve menção ao texto constitucional e a diversos diplomas legais devendo o candidato apontar a maior quantidade de dispositivos legais envolvidos no tema, como passaremos a esmiuçar, mas que na prova preliminar deve ser descrito da forma mais sucinta possível, em razão da limitação do número de linhas.

Considerando que o tema é direito ambiental e que tal direito tem base constitucional, o candidato deve iniciar mencionando a base constitucional da solução da questão. Após, passar para os dispositivos legais que regem a discussão trazida no questionamento e por fim indicar as medidas cabíveis pelo Ministério Público.

Comentário 2

Devemos observar também que na data da prova a legislação vigente ainda era o antigo Código Florestal,Lei nº 4.771 de 1965 e por isso a resposta foi dada com base em seus artigos. O Novo código Florestal ainda não estava vigente (Lei nº 12.651, de 2012.)

Comentário 3

Primeiramente devemos observar ***que se trata de imóvel rural o que fixa a aplicação do Código Florestal de forma incontroversa*** *já que a origem histórica da edição do Código Florestal seria controlar a devastação das florestas e que a competência para dispor sobre política urbana seria dos Municípios e não da União através de lei federal, conforme artigo 182 e parágrafos da CRFB 88) o que impõe certa controvérsia sobre sua aplicação com relação a imóveis urbanos,* ***controvérsia essa que vem sendo afastada*** *pelo Superior Tribunal de Justiça e pelo nosso Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (ver AgRg no REsp 664886 / SC e TJRJ* ***0002844-89.2011.8.19.0079*** *- DES. JESSE TORRES - Julgamento: 04/03/2015 - SEGUNDA CAMARA CIVEL - APELAÇÃO. Ordinária. Obrigação de fazer c/c com reparação de dano moral. Negativa de instalação de medidor e consequente fornecimento de energia elétrica. Relação de consumo. Agravo retido que se rejeita: nenhum é o interesse do INEA na demanda, seja como parte ou como terceiro. Se a Concessionária apelante negou o fornecimento de energia elétrica à usuária apelada, ao argumento de que o imóvel se localiza em área de preservação ambiental, incumbia-lhe disto se certificar diretamente perante o INEA. Código****Florestal*** *de 1965: aplicação, às zonas* ***urbanas,*** *de seus princípios e limites, pois, se assim não fosse, seria desvirtuada a intenção da CR/88 de garantir ampla proteção ao meio ambiente. Ainda que se considere como de proteção ambiental a área onde se situa o imóvel, descaracterizou-se em face das múltiplas construções existentes, todas providas de energia elétrica, edificações essas que se presumem licenciadas pela Prefeitura Municipal, que certamente lhes cobra o IPTU. Na medida em que há o fornecimento de energia elétrica a imóveis contíguos, a exigência de autorização de órgão ambiental para a instalação do medidor e o fornecimento de energia elétrica viola o princípio da isonomia, inscrito no art. 5º, caput, da CR/88 ("Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza"). Precedentes jurisprudenciais. Desprovimento do recurso, por maioria.).*

Comentário 4

Primeiramente devemos apontar que a defesa do meio ambiente esta principalmente prevista no artigo 225, caput, §1º inciso III e §3º, sendo este último responsável pelo fundamento constitucional do dever de reparação dos danos ambientais.

Ademais, a faixa ciliar é área de preservação permanente destinada a proteção da mata ciliar (formação vegetal localizada nas margens dos córregos, lagos, represas e nascentes), conforme artigo 2º alínea "a" da Lei 4771/65 e atual artigo 4º, I da Lei nº 12651/12. Portanto, como área de preservação permanente, segundo o artigo 4º, caput e §1º da Lei nº 4771/65 e atual artigo 8º do Novo Código Florestal, só poderia ter sua vegetação suprimida em caso de utilidade pública ou de interesse social, conceitos esses definidos no artigo 2º, inciso IV e inciso V da antiga lei (atuais artigo 3º, incisos VIII e IX), ***onde não se encaixa o desenvolvimento de atividade econômica de pastagem descrito na questão, caracterizando, portanto, supressão ilegal de vegetação e portanto, dano ambiental a ser reparado.***

Isso, somado a Lei n 6938/81 que em seu artigo 2º, incisos VIII e IX prevê como princípios da Política Nacional do Meio Ambiente a recuperação de áreas degradadas e a

proteção de áreas ameaçadas de degradação e também em seu artigo 3º, inciso II, define como degradação da qualidade ambiental a alteração adversa das características do meio ambiente, apontando no inciso IV como poluidor a pessoa física ou jurídica, de direito público ou privado, responsável, direta ou indiretamente, por atividade causadora de degradação ambiental, ***resta claramente caracterizada a atividade de pastagem desenvolvida na fazenda de Fabio Biscoito como de degradação ambiental.***

Ainda, no artigo 4º, inciso VI da PNMA consta à "imposição, ao poluidor e ao predador, da obrigação de recuperar e/ou indenizar os danos causados e, ao usuário, da contribuição pela utilização de recursos ambientais com fins econômicos", onde fica imposto ao poluidor o dever de recuperar e/ou indenizar os danos ambientais causados, conhecido como princípio do poluidor-pagador. Interessante também apontar que o artigo 14, caput e §1º da Lei 6938/81 traz o fundamento legal da responsabilidade objetiva do poluidor de reparar/indenizar os danos ambientais e a legitimidade do Ministério Público para ajuizar a pertinente ação de responsabilidade civil e criminal ambiental o que ocorre através do ajuizamento de ação civil pública ambiental com fulcro nos artigos art. 1º, I, IV, 3º e 5º, I da Lei 7347/85.

Comentário 5

Contudo, a questão traz a seguinte reflexão: o dano ambiental não foi pessoalmente causado pelo atual proprietário da fazenda, Fábio Biscoito, mas sim pelo antigo proprietário, sendo que Fábio apenas continuou a explorar economicamente a área já degradada. Aqui, cabia ao candidato afirmar que o atual proprietário da fazenda era solidariamente responsável com o antigo proprietário pelos danos ambientais existentes na sua fazenda, podendo lhe ser exigido integral reparação e/ou indenização dos danos ambientais identificados no local. ***Isso, em razão da natureza propter rem da obrigação de reparar o dano ambiental (REsp 1237071 / PR),*** *natureza esta que possui fundamento constitucional no artigo 170, III e VI da CRFB/88 que traz a função social da propriedade e a defesa do meio ambiente como princípios da ordem econômica, o que está diretamente vinculado a questão visto que a propriedade privada, no caso, a fazenda de Fábio Biscoito, além de um direito, também é um dos princípios da ordem econômica, cujo uso deve se coadunar com os demais princípios, quais sejam, a função social da propriedade e a defesa do meio ambiente.* ***Ou seja, aquele que detém a propriedade tem o dever de promover nela sua função social que consiste, no caso da questão, na reparação do dano ambiental nela existente, mesmo não tendo dado causa a ele.*** *Tal função social da propriedade também tem fulcro nos artigos 182, §4º, III 184, "caput", ambos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que preveem sanções para a inobservância da função social da propriedade, bem como no Código Civil em seu artigo 1.228, §1º.*

Comentário 6

Além dessa reflexão, temos que atentar para a data da aquisição da fazenda por Fábio Biscoito que foi em abril de 1995. Considerando que Fábio Biscoito alega o fenômeno da prescrição para afastar sua responsabilidade civil ambiental, visto que já haviam transcorrido mais de 14 anos desde a aquisição da fazenda até o momento da fiscalização. Contudo,

em que pese controvérsia doutrinária a respeito, já que e a ação civil pública (instrumento utilizado pelo Ministério Público na defesa dos direitos difusos, o que inclui o meio ambiente) possui prazo prescricional de cinco anos (uso analógico do artigo 21 da Lei de Ação Popular), o candidato, conforme nosso entendimento, deveria se posicionar conforme posicionamento do STJ, segundo o qual as infrações ao meio ambiente são de caráter continuado, motivo pelo qual as ações de pretensão de cessação dos ***danos ambientais*** *são imprescritíveis (AgRg no REsp 1421163 / SP; REsp 1223092 / SC; REsp 1237071 / PR).*

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2009) *8ª questão - Direito Civil - Em que consiste a violação positiva do contrato? RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

A violação positiva do contrato ou do crédito, cuja criação é atribuída a Hermann Staub pela literatura jurídica, tem origem no direito alemão, e surgiu como tentativa de superar uma lacuna de regulação do BGB (código civil alemão), a saber, a caracterização de violações ao contrato distintas das categorias clássicas de violação à obrigação principal (mora e impossibilidade da prestação). A rigor, Staub prevê um grupo de possíveis violações positivas que se referem a) ora ao cumprimento defeituoso (como a parte que contratada para colocar "x" outdoors sobre um produto na cidade, embora cumpra o avençado, coloca os anúncios em lugares ermos); b) ora à violação de deveres laterais baseados na boa-fé objetiva, como os deveres de informação, transparência, correção, cooperação, sigilo, lealdade, cuidado entre outros. Tal idéia se dá à luz da noção da obrigação como um ente jurídico complexo. Em síntese: o instituto se compõe de casos nos quais alguém faz algo que deveria se abster de fazer ou cumpre a prestação a que está obrigado, mas de forma defeituosa.

Comentário1

(A) As chamadas violações positivas do contrato ou do crédito (positive Vertrags-oder Forderungsverletzung) inserem-se, portanto, em um caso de inadimplemento diferente do inadimplemento absoluto e da mora, sendo, destarte, uma hipótese de perturbação da prestação (Leistungstörung), cujo fundamento remonta ao conteúdo da boa-fé objetiva. A rigor, a terminologia correta seria 'violações positivas do contrato' no plural, e não no singular, não só para fazer jus ao título da obra (Die positiven Vertragsverletzungen...), mas também, e sobretudo, porque Staub procura tratar de um grupo de casos e não de um único caso. Consoante destaca o excelente artigo de Raphael Manhães Martins (In: Revista da EMERJ, vol.11, n. 44, ano 2008 - Análise paradigmática do Direito das Obrigações: Boa-fé, deveres laterais e violações positivas do contrato), "a doutrina costuma elencar as seguintes hipóteses como capazes de configurar uma Violação Positiva do Contrato: i) mau cumprimento de

deveres de prestação, gerando danos distintos dos causados pela mora ou pela impossibilidade; ii) recusa antecipada do devedor em cumprir a obrigação; iii) descumprimento de obrigação negativa; iv) o não cumprimento de prestações singulares em contratos de fornecimento sucessivo; v) descumprimento de outros deveres laterais"(p. 233).

(B) O cerne da questão exige do candidato a abrangência do chamado cumprimento defeituoso (Nicht-oder Schlechterfüllung) e das violações aos chamados deveres satelitários ou laterais da boa-fé objetiva (Nebenpflichtenverletzungen).

(C) A terminologia em si, mesmo na Alemanha, também se alterou, uma vez que a doutrina prefere a nomenclatura violações positivas do crédito (Forderungsverletzungen), como assevera Volker Emmerlich, citado na indispensável obra de Renata Steiner:

"As principais categoriais [refere-se à violação da obrigação] são a impossibilidade, o atraso e a geral quebra de dever, a qual pertencem o mau cumprimento (ou má prestação), a culpa nas tratativas negociais (culpa in contrahendo, c.i.c.) assim como a convencional violação positiva do contrato, ou melhor: violação positiva do crédito.

(Tradução livre da autora de: Die wichtigsten Erscheinungsformen sind die Unmöglichkeit, der Verzug und die allgemeine Pflichvertletzung, zu der vor allem die Schlechterfüllung (oder Schlechtleistung), das Verschulden bei Vertragsverhandulung (culpa in contrahendo, c.i.c), sowie die herkömmliche positive Vertrags-oder besser: Forderungsverletzung gehören" - In: STEINER, Renata C. Complexidade intra-obrigacional e a complexidade da obrigação: da violação positiva do contrato. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Direito das Relações Sociais, Programa de Pós-Graduação em Direito, Setor de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Paraná. 2009, p. 148-149)

(D) A despeito das críticas sofridas pela teoria, a idéia permanece, hoje, e, apesar da diferença acima aludida entre o código civil brasileiro e alemão, MENEZES Cordeiro atesta o grande valor da elaboração teorética:

"as críticas a STAUB e à violação positiva do contrato só ganhariam peso decisivo se lhe fossem contrapostas construções alternativas. Fique assente - no que representa um ponto importante a favor de STAUB - que a existência do problema por ele diagnosticado, isto é, a presença de violações creditícias não integráveis, com linearidade, nos esquemas da mora e da impossibilidade, constantes do BGB é confirmada pelos seus críticos, de modo implícito ou explícito". (Apud STEINER, Renata C. Complexidade intra-obrigacional...p.182)"

(E) Franz Wieacker pontua:

"Enquanto que o direito comum das obrigações apenas conhecia dois tipos de não cumprimento, ou seja, o inadimplemento definitivo (impossibilidade) e o retardamento da acção do cumprimento (mora), hoje todos os outros casos de violação dos deveres contratuais (cumprimento defeituoso [Pflichtverletzung im Vertrag]) obrigam à indenização dos prejuízos e habilitam a outra parte à denúncia do contrato. Esta evolução foi iniciada desde cedo pelo facto de, na esteira de uma indicação pioneira de Staub, a jurisprudência ter reconhecido como incumprimento contratual, além do inadimplemento da prestação ou do adimplemento tardio, também a chamada violação contratual positiva [positive

Vertragsverletzung] (frequentemente, mas não sempre, verificada quando de um acto incorreto de cumprimento). A partir daqui impôs-se progressivamente o ponto de vista de que os três tipos omissão, mora e cumprimento defeituoso da prestação principal eram, afinal, apenas aspectos particulares dum cumprimento da prestação gerador de responsabilidade. A evolução é típica de um abandono, trabalhoso, mas contínuo das posições da pandectística, pois as hipóteses restritas e incompletas de cumprimento defeituoso do BGB fundam-se numa generalização feita por Friedrich Mommsen a partir das fontes romanísticas, nas quais a figura da impossibilidade definitiva estava limitada à obrigação individual proveniente da stipulatio. A formulação geral deste ponto de vista é devida a Ernest Rabel e Heinrich Stoll." (Apud COSTA, Ana da Cunha G. A violação positiva do contrato. Disponível em: http://www.fesmpdft.org.br/arquivos/a1_ana_cunha.pdf)

(F) Como exemplos de situações de aplicação do instituto em comento, Jorge Leite Areias Ribeiro de Faria:

Exemplo 1: o dono do veículo manda consertar os travões deste. O mecânico procede ao conserto, mas não informa ao dono que o óleo dos travões está praticamente no fundo. O dono do veículo tem, por isso, um acidente. Exemplo 2: a empresa produtora vende a um industrial uma máquina. Por defeito de fabrico, ela explode quando é posta, na fábrica deste último, em funcionamento. Daqui resultam também vultosos prejuízos nas instalações fabris do industrial. Exemplo 3: A fábrica de cerveja comprometeu-se ao fornecimento de 2 hl. de cerveja, para uma cervejaria, duas vezes por semana. Em vários fornecimentos de cerveja, constatou-se a qualidade inferior dela. Por esse facto, o dono da cervejaria recusou-se a receber posteriores remessas de cerveja. (Apud COSTA, Ana da Cunha G. A violação positiva do contrato. Disponível em: http://www.fesmpdft.org.br/arquivos/a1_ana_cunha.pdf)

Comentário 2

A título ilustrativo, a própria ideia delineada por Staub:

De acordo com o § 286 BGB o devedor tem de compensar o credor dos danos produzidos pelo atraso. Em mora está aquele que deixa de cumprir uma prestação para a qual ele está obrigado. Com isto está a previsão clara e suficiente para todos os casos onde alguém não cumpre uma prestação para a qual está obrigado, onde alguém não cumpre o que deveria cumprir. Ao contrário, o BGB não contém uma prescrição igual para os inúmeros casos nos quais alguém viola uma obrigação por meio de um fazer positivo, nos quais alguém faz o que está obrigado a se abster ou efetua uma prestação a que está obrigado, mas o faz de forma defeituosa. Tradução livre de: "Nach § 286 BGB hat der Schuldner dem Gläubiger der durch den Verzug entstehenden Schaden zu ersetzen. Im Verzuge ist, wer eine Leistung unterlässt, zu welcher er verpflichtet ist. Damit ist deutlich und ausreichend Fürsorge getroffen für alle Fälle, wo jemand eine Leistung nicht bewirkt, die er zu bewirken verpflichtet ist, wo jemand unterlässt, was er tun soll. Dagegen entält das BGB eine gleiche Vorschrift nicht für die zahlreichen Fälle, in denen jemand eine Verbindlichkeit durch positives Tun verletzt, in denen jemand tut, was er unterlassen soll, oder die Leistung, die er zu bewirken hat, zwar bewirkt, aber fehlerhaft."(In: STAUB, Hermann. Die positiven Vertragsverletzungen.und ihre Rechtsfolgen. (Disponível em: http://www.uni-leipzig.de/~brkern/data/skriptregi2.pdf. Último acesso em 24.03.2015)

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2009) *9ª questão - Direito Civil - O Ministério Público ajuizou, em 10 de março de 2009, representação para imposição de penalidade administrativa por infração às normas de proteção à criança e ao adolescente, em face da pessoa jurídica Dance Clube Danceteria Ltda. e em face do empresário Joaquim Paixão. Este havia locado o espaço para uma festa à fantasia aberta ao público e, em fiscalização durante a madrugada, foi constatada, no local, a presença de 05 adolescentes, com idade inferior a 16 anos, desacompanhados de qualquer dos representantes legais, violando portaria do Juízo. Os adolescentes confirmaram em Juízo estarem no local quando foram abordados pelo Comissário da Infância e Juventude e pelos membros do Conselho Tutelar, afirmando, ainda, que não lhes foram exigidos documentos de identidade na oportunidade do ingresso na danceteria, não existindo qualquer espécie de controle neste sentido pelos funcionários da danceteria, encarregados da fiscalização no local. O Juízo da Infância e Juventude da Comarca de Resende decidiu pela ilegitimidade passiva de Dance Clube Danceteria Ltda. por cuidar-se de pessoa jurídica, condenando, com fulcro no art. 258 da Lei n.º 8.069/90, o empresário Joaquim Paixão ao pagamento de multa no valor equivalente a 10 salários-mínimos, convertidos em cestas básicas a serem entregues a entidade de atendimento local. Agiu com acerto o Juízo? Resposta objetivamente justificada.*

Autor: Uriel Fonseca

Sugestão de resposta

O juízo não agiu com acerto, seja com relação à ilegitimidade passiva da pessoa jurídica, seja no que tange à conversão da multa pecuniária em cestas básicas. Explica-se. Os Tribunais têm jurisprudência firme admitindo a responsabilização de pessoas jurídicas de direito privado por infração administrativa, podendo esta conclusão ser extraída a partir do preceito secundário disposto no artigo em comento, que estabelece, além da multa, a possibilidade de "fechamento do estabelecimento", em clara sanção à própria pessoa jurídica envolvida. Além disso, a multa prevista no art. 258 do Estatuto da Criança e do Adolescente tem natureza jurídica de multa administrativa, não se confundindo, deste modo, com a multa penal nem lhe sendo aplicáveis institutos específicos da seara criminal, tais como a substituição da pena imposta, não havendo, para tal providência, qualquer respaldo legal.

Comentários

É fundamental, em questões de primeira fase, com espaço reduzido para a apresentação das respostas, que o candidato seja objetivo e responda, logo nas primeiras linhas, aos questionamentos apresentados pela banca examinadora, desenvolvendo, em seguida, sua justificativa e eventualmente trazendo informações complementares. Para embasar a resposta, quanto à possibilidade de responsabilização da pessoa jurídica de direito privado por infração administrativa, v. STJ, REsp 622.707/SC, Rel. Min. Eliana Calmon, e, com relação à natureza jurídica da multa nesta sede, v. STJ, REsp 781.015/SC, Rel. Min. Denise Arruda.

2.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CIVIL – 2014) *1ª questão – Distinga, exemplificando cada qual, obrigação propter rem, obrigação com eficácia real e ônus reais. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Vania Cirne

Sugestão de resposta

Trata-se de institutos jurídicostraduzidos como figuras híbridas, constituindo um misto de obrigação e de direito real, encontrando-se entre os direitos reais e os direitos obrigacionais (pessoais).

Antes de se proceder às distinções entre os institutos em comento, passa-se a tecer breves considerações acerca de cada um, exemplificando.

a) Da obrigação propter rem

Traduz-se propter rem como "por causa da coisa". Configura direito misto, nem propriamente real, tampouco essencialmente obrigacional. Portanto, cuida-se de obrigação (pessoal) que recai sobre a coisa, por força de direito real (como o de propriedade), adquirindo, assim, características próprias dos direitos reais, como a aderência e a ambulatoriedade.

Nesse contexto, alterada a titularidade da coisa, as dívidas inerentes à mesma passarão ao novo titular. Com efeito, a obrigação adere à coisa, passando a acompanhar seu novo titular (característica da ambulatoriedade, imanente aos direitos reais).

Temos como exemplos dessa espécie de obrigação: o imposto sobre a propriedade territorial urbana - IPTU; as cotas condominiais; a obrigação de reparar o meio ambiente degradado por parte do proprietário (Lei n.º 12.651/2012, artigo 2º, § 2º; obrigação dos titulares dos imóveis vizinhos para com as despesas relativas a construções de tapumes e divisórias; obrigações relativas ao direito de vizinhança, entre outras.

Em tais casos, o bem seguirá com os débitos pendentes para o novo proprietário, que não poderá eximir-se de sua obrigação, ao argumento de ser a aquisição posterior às dívidas.

b) Da obrigação com eficácia real

Constitui obrigação (pessoal), todavia passa a ter eficácia erga omnes, vale dizer, oponibilidade a todos (qualidade inerente aos direitos reais), quando levado a efeito o devido registro.

Podemos citar como exemplo de obrigação com eficácia real o contrato de locação de imóvel averbado no Registro de Imóveis, na forma do artigo 33, parágrafo único, da Lei 8245/91 c/c artigo 576, parágrafo segundo, do Código Civil. Nesse caso, efetivada a

averbação, adquire o contrato eficácia real, com a notável característica da oponibilidade contra todos, tendo o locatário o direito de preferência, em caso de alienação do imóvel.

c) Ônus reais

Recaem sobre a coisa, configurando gravames ou direitos oponíveis erga omnes e constituindo, assim, limites ao uso e gozo da propriedade, aderindo à coisa. Diz-se, inclusive, que quem deve é a coisa, porquanto, uma vez inadimplida a obrigação, será aquela excutida. A renda constituída sobre imóveis constitui exemplo de ônus reais.

Das distinções

Pelo exposto, conclui-se que, à medida que a obrigação propter rem recai sobre uma pessoa, em virtude de determinado direito real, a mesma pode permanecer, ainda que pereça a coisa. Diversamente, os ônus reais, que recaem sobre a coisa, desaparecem, perecendo o bem.

Outrossim, na obrigação propter rem, o devedor responde com todos os seus bens, ilimitadamente, pois é ele que se encontra vinculado. Já quando dos ônus reais, a responsabilidade é limitada ao bem onerado.

Ademais, a obrigação propter rem pode advir de obrigação negativa, enquanto os ônus reais implicam sempre em prestação positiva.

Quanto à natureza das ações cabíveis, outra distinção: quando dos ônus reais, a ação possui natureza real; nas obrigações propter rem, a ação tem cunho pessoal.

Por sua vez, a obrigação com eficácia real, muito embora mantenha seu caráter de direito à prestação, obrigacional, é oponível a terceiros, observado o requisito do registro. Destarte, não perde seu caráter de direito à prestação, entretanto ganha força de direito real.

Comentários

1 - Optou-se, na resposta, por introduzir a matéria, explanar resumidamente sobre casa instituto, para, enfim, distingui-los. Ressalte-se que não é pacífica a distinção entre ônus reais e obrigações propter rem. Por isso, conceituar os institutos e traças suas principais características, primeiramente, pode demonstrar o conhecimento que o candidato possui da matéria, antes de adentrar na pretendida distinção.

2 - Vale informar que, para evitar dispersão do tema, não foi feita distinção entre direitos reais e diretos obrigacionais, no corpo da resposta. Contudo, uma vez que os institutos versados constituem figuras híbridas entre os preditos direitos, eis as principais diferenças:

- O direito real é oponível erga omnes (a todos), ao passo que o direito pessoal tem por sujeito passivo um sujeito determinado;

- O objeto do direito real é sempre determinado, já o do direito pessoal é determinável;

- O direito real exige a existência atual da coisa, diversamente do direito pessoal, que admite sua possibilidade;

- O direito real é exclusivo, enquanto o direito pessoal não exige a exclusividade;

- O direito real pode ser adquirido por usucapião, inadmissível para os direitos pessoais;

- O direito real conserva-se, inobstante seu não exercício, até que se constitua situação favorável a outro titular (usucapião), já o direito pessoal extingue-se pela inércia;

- O direito real é suscetível a posse;

- O direito real adere e acompanha a coisa;

- O titular do direito real goza de preferência, em caso de falência ou concurso creditório;

- O titular do direito real pode abandoná-lo;

- O direito real tende à perpetuidade, ao passo que os direitos pessoais ou de crédito, em regra, nascem para serem extintos com o adimplemento.

3 -A seguir, as principais características dos direitos reais, algumas citadas na resposta acima:

- Oponibilidade erga omnes:

Os direitos reais produzem efeitos em face de todas as pessoas, sendo absolutos, pois. A coletividade é sujeito universal, consoante adeptos da teoria personalista. Acerca dessa teoria, cumpre transcrever o seguinte ensinamento de Hans Kelsen:

"Sob influência da antiga jurisprudência romana costuma distinguir-se entre direito sobre uma coisa (jus in rem) e o direito em face de uma pessoa (jus in personam). Esta distinção induz em erro. Também o direito sobre uma coisa é um direito em face de pessoas. Quando, para manter a distinção entre direito real e pessoal, se define aquele como o direito de um indivíduo a dispor por qualquer forma de uma coisa determinada, perde-se de vista que aquele direito apenas consiste em que os outros indivíduos são juridicamente obrigados a suportar essa disposição quer dizer: a não impedir ou por qualquer forma dificultar; que, portanto, o jus in rem é também o jus in personam. De primária importância é a relação entre indivíduos, a qual também no caso dos chamados direitos reais consiste no dever de uma determinada conduta em face de um indivíduo determinado. A relação com a coisa é de secundária importância, pois apenas serve para determinar com mais rigor a relação primária." (in Teoria Pura do Direito. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1999, 5 Ed., p. 145/ 146)

- Aderência

Os direitos reais aderem ao seu titular, passando a acompanhá-lo. Também é denominada inerência, e tem por consequência a ambulatoriedade e a sequela. Esta é traduzida pelo direito de perseguir a coisa, podendo o titular de direito real reavê-la onde e com quer que ela esteja. A ambulatoriedade, por sua vez, consiste nessa aptidão do direito caminhar com seu titular, após aderir à coisa.

- Preferência

Tem o titular do direito real de garantia a prerrogativa de receber seu crédito antes dos demais credores.

- Perpetuidade

Não se extinguem os direitos reais pelo não uso, salvo os direitos reais sobre coisa alheia de gozo ou fruição, como a servidão predial e o usufruto.

Ressalte-se que a usucapião não se trata de prescrição extintiva do direito real. A usucapião tem por natureza jurídica a aquisição, e não a perda da propriedade. Nesse viés, caso o bem não venha a ser usucapido, seu titular permanecerá gozando da propriedade, com todos os seus consectários.

- Publicidade

Tendo em vista a característica da oponibilidade a todos, é fundamental a publicidade da titularidade do direito sobre um bem, a fim de que a coletividade, conhecendo-a, seja obrigada a respeitá-la.

- Taxatividade

Tradicionalmente, o rol dos direitos reais é taxativo, numerus clausus. Não obstante, o denominado condomínio de fato encontra guarida na própria Constituição da República, em homenagem ao princípio da função social da propriedade, merecendo a aludida característica relativização, face ao comando do legislador constituinte.

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CIVIL – 2014) *2ª questão – João, maior e capaz, filho de Joana, que era caseira do sítio pertencente a Dalva, propõe, 20 (vinte) anos após o falecimento desta, ação de usucapião extraordinária em face de seu espólio. Alega, na inicial, que reside no local desde que nasceu, tendo lá permanecido, sem oposição dos herdeiros da proprietária, após a morte de sua mãe, ocorrida 8 (oito) anos antes do ajuizamento da ação. Sustenta também ter ampliado as construções já existentes no imóvel, a fim de abrigar um número maior de familiares. Como representante do Ministério Público, opine sobre a pretensão de João, dispensada a forma de parecer. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autor: Rafael Schinner

Sugestão de resposta

Alguns fatores devem ser analisados para que se chegue à conclusão a respeito da viabilidade de se conceder a João o que pretende: a declaração de propriedade sobre o bem outrora pertencente a Dalva.

Com efeito, para que João logre obter a usucapião, impende que ostente a denominada posse ad usucapionem, que é a posse capaz de dar sustentação ao pedido de usucapião. João, conforme consta do enunciado, é sucessor da caseira do imóvel. Esta situação jurídica deve ser analisada pormenorizadamente para se evitar decisões equivocadas.

Conforme consta do enunciado, João, autor da demanda de usucapião, é sucessor de Joana, uma fâmula da posse. Nesta qualidade, Joana não era, inicialmente, possuidora do

imóvel em que trabalhava como caseira, mas mera detentora. Aplica-se, no caso, o disposto no art. 487 do CC/1916, considerando-se que tempus regit actum. Insta salientar que o art. 1.198, do CC/2002, traz previsão legal no mesmo sentido do revogado Código Civil.

A seu turno, se Joana a posse tivesse, João a receberia, por herança, na qualidade de sucessor universal, com os mesmos caracteres titularizados pela de cujus (art. 495 do CC/1916 e art. 1.206 do CC/2002), fenômeno este denominado de sucessio possessionis. No entanto, João, de acordo com o enunciado, não teria, a princípio, nada a herdar de Joana no que se refere ao sítio, porque posse ela não tinha. O vínculo de Joana com Dalva é uma relação de trabalho. Joana é, para todos os efeitos, uma empregada doméstica. Seu óbito acarreta a extinção do contrato de trabalho e a permanência de sua família no sítio dependeria de permissão, ou tolerância, dos proprietários ou possuidores.

Por ser mera detentora, Joana não possuía o imóvel em questão. Assim, jamais poderia se iniciar o prazo para usucapião, a não ser que um evento extraordinário, denominado de interversão do caráter da posse, viesse a ocorrer.

A interversão do caráter da posse excepciona o princípio da continuidade do caráter da posse, previsto no art. 1.203 do Código Civil de 2002 e outrora previsto no art. 492 do CC/1916, admitindo que a causa da posse seja alterada. De acordo com o aludido princípio, a posse mantém-se com as mesmas características de quando adquirida. Exemplificativamente, a posse iniciada com boa-fé permanecerá sendo considerada de boa-fé e a posse iniciada sob a forma injusta permanecerá classificada como tal. No entanto, a continuidade do caráter da posse é uma presunção iuris tantum. Como presunção relativa que é, admite prova em contrário, conforme consentem os próprios dispositivos citados.

A mutação do caráter da posse pode ocorrer por diversos meios. Pode se dar por acordo de vontades (o possuidor direto compra o bem do possuidor indireto), por ato unilateral de vontade (o depositante comunica ao depositário que está renunciando em seu favor bens que lhe foram entregues) e pela interversão do caráter da posse. No caso da interversão, a alteração do caráter da posse se dá por iniciativa exclusiva do possuidor, que determina, por seu novo modo de possuir, a mutação da causa possessionis. O possuidor muda por si mesmo a causa da posse. É o caso, por exemplo, do comodatário que, negando-se a restituir a coisa, passa, por meio do esbulho, de possuidor direto, com posse justa e de boa-fé, a possuidor pleno, com posse injusta e de má-fé.

Há farta jurisprudência admitindo, também, a interversão do caráter da posse para permitir que alguém que apenas ostentava posse ad interdicta passe a titularizar posse ad usucapionem. A posse ad interdicta é aquela que concede ao possuidor o poder de manejar as ações possessórias e de exercer o desforço imediato (autotutela) contra terceiros e contra o proprietário ou possuidor indireto. No entanto, a posse ad interdicta não permite a usucapião. Para que se permita a usucapião, mister que se possua com animus domini, e não com mero animus tenendi. Com efeito, o possuidor deve se comportar como se dono fosse e não apenas como se exercesse poderes sobre o bem em virtude de direito pessoal ou real mantido contra o possuidor indireto (art. 1.197 do Código Civil).

No caso em apreço, para que João postule a usucapião extraordinária, imperativo que Joana tenha passado a possuir a coisa com animus domini e, dessa sorte, com posse ad usucapionem, transmitindo-a, com sua morte, a seu filho.

Aqui surge outra questão, que consiste em saber se pode um detentor, que não é, portanto, possuidor, interverter o caráter da posse. Em uma leitura mais afoita, tal premissa soa no mínimo teratológica, já que não existe, propriamente, previsão legal para interversão do caráter da detenção.

Entretanto, deve-se ter em mente que, adotada a teoria de Ihering, posse e detenção não possuem diferença no plano ontológico. Existindo a affectio tenendi, a posse também existirá. E, a seu turno, haverá affectio tenendi em qualquer espécie de tença, bastando, para tanto, o corpus. Partindo-se dessa premissa estrutural da teoria "objetiva" de Jhering, posse e detenção passam a não mais serem distinguidas sob o aspecto ontológico, diferentemente do que ocorreria se se adotasse a teoria "subjetiva" de Savigny. Por isso, a detenção nada mais é do que uma posse desqualificada ou degradada, da qual o legislador, por razões de política-legislativa, decidiu retirar efeitos que tão-somente são atribuídos ao possuidor, sobretudo o de reintegrar-se na posse contra o proprietário ou contra o possuidor indireto.

Uma interessante visão doutrinária do fenômeno defende, acertadamente, que a posse é formada por elementos positivos e por elementos negativos. Os elementos positivos variam de acordo com a doutrina adotada (Savigny ou Jhering). Os elementos negativos, denominados de causa degradationis, desqualificam a posse para detenção, se verificados. Cuidam-se de elementos eleitos pelo legislador e previstos taxativamente pela lei. Ausente a previsão legal de degradação da posse, posse será.

Partindo-se da premissa de que a posse e a detenção não possuem, ontologicamente, diferenças estruturais, plenamente admissível, portanto, que um detentor venha a interverter o caráter de sua posse e, a partir daí, se tornar verdadeiro possuidor.

Logo, para que João possa fazer a usucapião na modalidade que evoca (extraordinária), Joana deve ter praticado ato ou atos que conduzam à conclusão de que houve interversão do caráter da posse, passando, dessa sorte, do status de detentora ao de possuidora, e com posse ad usucapionem.

De acordo com o que consta do enunciado, tudo indica que isto ocorreu.

Dalva, por certo, faleceu há 20 (vinte) anos. João ali reside no local desde que nasceu e sem oposição dos herdeiros da proprietária. Tudo está a sugerir que Joana, nesse longo período de tempo, passou a exercer a posse como se dona fosse. Defensável, portanto, que ocorreu a interversão do caráter da posse. O STJ possui precedentes no sentido de que o comodatário, por exemplo, pode passar a possuir com animus domini e com posse ad usucapionem se, após longo período de inércia do comodante, passar a comportar-se como se dono fosse.

Vê-se, portanto, que o abandono do bem pelos proprietários conjugado com o exercício de posse, pela caseira, como se dona fosse, pode acarretar a interversão do caráter da posse, dando início ao prazo para usucapião.

No entanto, outros pontos ainda devem ser observados.

Não se sabe, até aqui, se João é o único herdeiro de Joana. Se não o for, seu direito de usucapir, sozinho, o bem, ficará obstado pelo condomínio instituído pela saisine (art. 1.572 do CC/1916). No entanto, nada impede, a princípio, que todos os herdeiros manejem a ação de usucapião. João poderá pleitear a adição subjetiva da inicial. Os próprios coerdeiros poderão pleitear sua inclusão no polo ativo. Caso outros sucessores não anelem participar da ação, surge a possibilidade de citá-los para que tomem uma de duas posturas: resistir à pretensão, contestando, ou ficar inertes, aproveitando-se, neste caso, da coisa julgada, pro et contra, a ser produzida.

Por outro lado, ainda que tenha ocorrido a interversão do caráter da posse, não é possível, de antemão, determinar o dies a quo do prazo de usucapião. Para isso, elementos sensíveis da realidade deverão ser estudados. Impende perquirir o momento em que os herdeiros de Dalva deixaram de procurar o imóvel e pararam de custeá-lo. Também impende conferir o momento em que deixaram de pagar o salário de Joana. Tais atitudes caracterizam abandono. Deverá ser pesquisado, ademais, a partir de que momento Joana passou a ocupar o sítio como se dona fosse, arcando com seus custos, ocupando a sede do imóvel, convidando outros parentes para ali residir etc. Tais dados dependem de prova e apenas podem ser considerados à luz de todos os elementos juntados aos autos.

Há que se considerar, ainda, a regra do direito intertemporal prevista no art. 2.028 do CC/2002.

Com efeito, a depender do momento em que ocorreu a interversão do caráter da posse, o prazo poderá ser aquele previsto no art. 550 do CC/1916 (vinte anos) ou o previsto na cabeça do art. 1.238 do CC/2002 (quinze anos). O prazo poderá, em tese, ser, ainda, o previsto no art. 1.238, parágrafo único, do CC/2002 (dez anos), acrescido do período de que trata seu art. 2.029. Aliás, é mencionado, no enunciado, que João ampliou, manu propria, as construções já existentes no imóvel, a fim de abrigar um número maior de familiares. Tal tornaria possível, em tese, a aplicação da usucapião extraordinária prevista no parágrafo único do art. 1.238 do CC/2002, o que seria possível ainda que João tivesse pleiteado a do caput, por se tratar de matéria de direito e, afinal, iura novit curia.

Em conclusão, opinaria, como Promotor de Justiça, pela plausibilidade jurídica do pedido de João. No entanto, lograria obter informações sobre se Joana deixou outros herdeiros, o que poderá acarretar consequências na composição do polo ativo ou até mesmo prejudicar a usucapião. Ademais, postularia pela produção de provas, a fim de se verificar se ocorreu verdadeira interversão do caráter da posse, procurando saber se os herdeiros de Dalva abandonaram o imóvel e se Joana passou a se comportar como se dona dele fosse. Com isso, seria possível identificar o dies a quo do prazo prescricional aplicável e concluir pela norma de regência aplicável (se a prevista no art. 550 do CC/1916 ou se a prevista no art. 1.238 do CC/02) para, só então, emitir opinião segura a respeito da usucapião.

Comentários

Pode um caseiro fazer usucapião do imóvel em que prestava seus serviços? É possível convolar uma posse ad interdicta em ad usucapionem?

A questão aborda um dos institutos mais badalados da posse, que é a interversão do caráter da posse, prevista tanto no art. 492 do CC/1916 como no art. 1.203 do CC/2002. O termo interversão veio da expressão latina interversio possessionis. Nada obstante, é comum encontrar quem se valha dos termos transformação, alteração ou mesmo inversão do caráter da posse para designar esta espécie de modificação da causa possessionis (TJ-RJ - APL: 00782779619988190001 RJ 0078277-96.1998.8.19.0001, Data de Julgamento: 09/09/2014, SÉTIMA CAMARA CIVEL, Data de Publicação: 11/09/2014 00:00). No entanto, tal não é aconselhável, pois, além de confundir a espécie de mutatio causae possessionis com o gênero, demonstra desconhecimento da origem celsiana do termo (a propósito, vide Pontes de Miranda, in Tratado de Direito Privado, Parte Especial, Tomo X, Direito das Coisas: Posse. Campinas: Editora Bookseller, 2002, 1a ed, p. 85-86), que aponta a particularidade de ser esta a única forma ensimesmada de transformação da causae possessionis e, daí, ser inter, e não alter, como as demais formas acima citadas, justificando a necessidade do uso correto do prefixo.

Não há discussão a respeito da possibilidade de interversão do caráter da posse em geral. Doutrina e jurisprudência, de forma majoritária, quiçá uníssona, admitem-na. A norma é clara: a continuidade do caráter da posse é uma presunção juris tantum (artigos 492 do CC/1916 e 1.203 do CC/02). Foi, inclusive, publicado, na Terceira Jornada de Direito Civil do Conselho de Justiça Federal (CJF), o Enunciado 237, que trata especificamente do tema, verbis:

237 - Art. 1.203: É cabível a modificação do título da posse - interversio possessionis - na hipótese em que o até então possuidor direto demonstrar ato exterior e inequívoco de oposição ao antigo possuidor indireto, tendo por efeito a caracterização do animus domini.

A questão aborda outro dos mais intrigantes institutos relacionados à posse, que é a detenção. Durante séculos, talvez milênios, juristas dos mais diversos povos tentaram explicar por que alguns são possuidores e por que outros são detentores (vide Pontes de Miranda, op. cit., p. 59). A diferença entre a detenção e a posse é, decerto, captada pela intuição humana (Humberto Theodoro Junior, in Curso de Direito Processual Civil, Procedimentos especiais, Volume III. Rio de Janeiro: Forense, 2012, p. 105). No entanto, exprimir esta intuição em palavras e sistematizá-la, estabelecendo critérios racionais de taxonomia, é tarefa que desafiou, e ainda desafia, a cultura jurídica.

Considerações à parte, importa saber que Joana, mãe de João, é detentora, conforme se infere da leitura do art. 487 do Código Civil/1916, vigente à época dos fatos. Importa, por conseguinte, saber se o detentor pode passar ao status de possuidor valendo-se da interversão do caráter da posse.

A doutrina e a jurisprudência admitem-na, e o fazem porque, adotada a teoria de R. von Jhering, não há de se cogitar em diferença ontológica entre a posse e a detenção (Pontes de Miranda, op. cit., p 55). Se se adotasse a teoria subjetiva de Savigny, a diferença entre posse e detenção seria verificada pela análise da presença do animus domini: havendo corpus e

animus domini, estar-se-ia diante de posse; presente o corpus e ausente o animus domini, haveria detenção. A diferença seria, por assim dizer, ontológica, e subjetivamente verificada. Com Jhering, tudo é diferente. Afinal, para Jhering, posse há sempre que houver corpus mais animus, porém Jhering fala em animus tenendi, e não animus domini, tal qual defendia Savigny. O animus tenendi se faz presente sempre o sujeito aja tal qual age um proprietário. E "O animus tenendi é o mesmo para a detenção e para a posse: não há animus possidendi que dele se diferencie" (Pontes de Miranda, op. cit., p. 56). O candidato deve se atentar para o fato de que a denominada teoria "objetiva" de Jhering não refuta a existência de qualquer elemento volitivo para caracterização da posse. Não é pela ausência de elementos subjetivos que sua teoria é chamada de objetiva. A teoria é objetiva porque presume a posse, sendo certo que apenas não haverá posse se o ordenamento jurídico subtrair, daquele que tenha o corpus e a affectio tenendi, a possibilidade de manejo de interditos, desqualificando a sua situação jurídica, dessa sorte, para a detenção. Leia-se, a propósito, o que ensina Fábio Ulhoa Coelho, verbis:

Em Savigny, o critério discriminatório é o animus domini, presente na posse (e a autorizar a sua proteção) e ausente na detenção (a justificar o seu desamparo). Em Jhering, o elemento volitivo, o comportamento do possuidor similar ao do proprietário (animus tenendi) não serve para proceder a esta distinção, posto que também o detentor se comporta de forma análoga ao proprietário. A discriminação será possível por força de disposições legais que excluam certas situações (detenção) da proteção possessória. Por isso, é que a teoria de Jhering é denominada objetiva: porque desconsidera o sujeito da definição de detenção ou posse e considera apenas a ordenação positiva dos institutos (Ulhoa Coelho, Fábio. Dos Elementos da Posse no Direito Comparado. In Revista Justitia do Ministério Público de São Paulo, vol. 126 (pág. 77), 1984, p.88).

Vê-se portanto, que "(...) o sistema jurídico, inspirado por motivos de ordem prática, negativamente, tirou a eficácia possessória (= de tutela possessória) a algumas relações que, sem isso, não seriam simples detenção, mas posse" (Pontes de Miranda, op. cit., p. 56). A detenção nada mais é, para Jhering, do que a posse juridicamente desprovida de proteção (JHERING, Rudolf von. Teoria simplificada da posse. Trad. bras. de Pinto Aguiar. Bauru: EDIPRO, 1999, p.24/25). Sua teoria é essencialmente negativa: detenção é a posse a que se recusam os interditos, de modo que o ônus da prova de que não há posse incumbe ao réu (Pontes de Miranda, op. cit., p. 56).

Conforme leciona o saudoso professor Tupinambá Miguel Castro Nascimento, a posse seria, para a teoria objetiva, formada por elementos positivos (corpus e animus tenendi) e negativos (causa degradationis), sendo que o "elemento negativo é a situação fática ou jurídica que tem força de descaracterizar uma relação que, não fosse tal circunstância, seria possessória" (in Posse e Propriedade. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2a ed., p. 18).

Considerando-se que posse e detenção são, portanto, ontologicamente idênticos, nada obsta que o fâmulo da posse interverta seu caráter, passando a possuir a coisa com corpus, como já o fazia, e com animus domini. A hipótese não é admitida com facilidade pela jurisprudência, que tende a exigir excepcional lapso temporal e contundente prova do abandono da coisa pelo possuidor ou proprietário (TJ-PE - AGV: 2595548 PE , Relator: Itabira de

Brito Filho, Data de Julgamento: 07/02/2014, 3ª Câmara Cível, Data de Publicação: 18/02/2014; TJ-RS - AC: 70054412556 RS , Relator: Carlos Cini Marchionatti, Data de Julgamento: 26/06/2013, Vigésima Câmara Cível, Data de Publicação: Diário da Justiça do dia 19/07/2013; TJ-SP - APL: 06228908420008260000 SP 0622890-84.2000.8.26.0000, Relator: Paulo Alcides, Data de Julgamento: 25/04/2013, 6ª Câmara de Direito Privado, Data de Publicação: 29/04/2013; TJ-RJ - APL: 00021540220078190079 RJ 0002154-02.2007.8.19.0079, Relator: DES. MONICA MARIA COSTA DI PIERO, Data de Julgamento: 08/10/2013, OITAVA CÂMARA CÍVEL, Data de Publicação: 03/02/2014 20:30). Entretanto, não raro se encontram precedentes favoráveis (TJ-PR - APL: 10476878 PR 1047687-8 (Acórdão), Relator: Denise Antunes, Data de Julgamento: 26/11/2014, 18ª Câmara Cível, Data de Publicação: DJ: 1493 10/12/2014), embora seja de se reconhecer que é mais fácil encontrar precedentes acolhendo a interversão para os que outrora possuíam o bem na qualidade de possuidores diretos (TJ-RJ - APL: 00021540220078190079 RJ 0002154-02.2007.8.19.0079, Relator: DES. MONICA MARIA COSTA DI PIERO, Data de Julgamento: 08/10/2013, OITAVA CÂMARA CÍVEL, Data de Publicação: 03/02/2014 20:30).

Esses são os núcleos da questão.

Outras questões, também interessantes, porém satelitares, podem ser levantadas.

Joana possui outros filhos? Possui algum legatário? Pois, caso possua, o pedido de usucapião extraordinária de João ficará prejudicado, pois não logrará obter esta modalidade de usucapião contra os demais sucessores. Neste caso, o polo ativo da demanda deverá, obrigatoriamente, ser aditado, embora a existência do denominado litisconsórcio ativo necessário encontre acirrada resistência na doutrina. Quem trabalha com usucapião rotineiramente encontra essa dificuldade. Na prática, a não participação do denominado litisconsorte ativo necessário no polo ativo da demanda se assemelha a uma verdadeira resistência à pretensão, admitindo-se, por isso, que o coautor necessário seja citado para forçadamente participar da demanda e assim sofrer os efeitos de eventual coisa julgada material que poderá vir a ser produzida (neste sentido, BEDAQUE, José Roberto dos Santos. In Código de Processo Civil Interpretado. Antônio Carlos Marcato (coord.). São Paulo: Atlas, 2004, p. 155). É o que defendem, dentre outros, Nelson Nery Jr. e Rosa Nery, verbis:

Citado, aquele que deveria ter sido litisconsorte necessário ativo passa a integrar de maneira forçada a relação processual. Já integrado no processo, esse réu pode manifestar sua vontade de: a) continuar no pólo passivo, resistindo à pretensão do autor; b) integrar o pólo ativo, formando o litisconsórcio necessário ativo reclamado pelo autor (in Código de Processo Civil comentado e legislação extravagante. São Paulo: RT, 2004, 8ª ed. p. 475)

De outra banda, os prazos para usucapião foram alterados, substancialmente, com a entrada do novo Código Civil. É importante que o candidato demonstre saber trabalhar com o direito intertemporal, aplicando, corretamente, o disposto nos artigos 2.028, 2.029 e 2.030 do Código Civil. É comum, na praxe forense, constatar erronia no manejo, por exemplo, de ação "de usucapião extraordinária" evocando-se o caput do art. 1.238 do Código Civil, quando o correto seria aplicar o prazo vinterário do art. 550 do Código Beviláqua. A considerar pela data da prova (2010), e observando-se que a antiga proprietária havia falecido há 20 anos, muito provavelmente seria o art. 550 do CC/1916 o fundamento jurídico do pedido (STJ

- AgRg no REsp: 1320217 MG 2012/0027434-9, Relator: Ministro SIDNEI BENETI, Data de Julgamento: 21/11/2013, T3 - TERCEIRA TURMA, Data de Publicação: DJe 06/12/2013; TJ-RS - AC: 70053152567 RS , Relator: Gelson Rolim Stocker, Data de Julgamento: 06/06/2013, Décima Sétima Câmara Cível, Data de Publicação: Diário da Justiça do dia 02/07/2013; TJ-SC - AC: 20140054790 SC 2014.005479-0 (Acórdão), Relator: Jaime Ramos, Data de Julgamento: 05/11/2014, Quarta Câmara de Direito Público Julgado; TJ-MG - AC: 10447120010288001 MG , Relator: Pereira da Silva, Data de Julgamento: 25/06/2013, Câmaras Cíveis/10ª CÂMARA CÍVEL, Data de Publicação: 05/07/2013).

Deve-se consignar que a posição aqui defendida é ousada. Admissível que se defenda a impossibilidade de João pleitear a usucapião com base, por exemplo, na excepcionalidade da interversão do caráter da posse. Resposta neste sentido não seria considerada errada. É importante, em qualquer caso, que o candidato demonstre saber operar com os diferentes institutos jurídicos envolvidos na questão, expondo as divergências eventualmente existentes e assumindo, justificada e firmemente, uma posição.

Aqui fica a dica: o candidato deve defender o que realmente acredita. É isso o que se quer de um Promotor de Justiça. Sua livre consciência juridical motivada, protegida pela prerrogativa da independência funcional (art. 127, §1º, da CRFB/88), é, por certo, sua mais cara distinção, motivo por que muitos procuram a carreira. Valorize-a. O membro da banca apreciará o candidato que provoque reflexões, desde que, por evidente, as discussões sejam levantadas com cientificidade e elegância. Admirável é o candidato que possui personalidade e assume uma posição justificada, ainda que divirja da do membro da banca. O examinador perceberá que o candidato valoriza sua prerrogativa e isso será considerado na avaliação.

Lembre-se de levar, para a prova, um Código Civil de 1916.

Mãos à obra e boa sorte!

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CIVIL – 2012) *1ª questão – Tramitam no Juízo Único da Comarca de Iguaba Grande os processos de abertura, registro e cumprimento do testamento e o de inventário dosbens deixados pelo Sr. Fábio José Biscoito, que faleceu no ano de 2010, com 45 anos de idade. No momento da abertura da sucessão o de cujus deixou o seguinte patrimônio: seis imóveis situados no Município de Iguaba Grande, avaliados em R$ 100.000,00 (cem mil reais), cada. Fábio José foi casado com Júlia Biscoito durante 26 anos pelo regime da comunhão parcial de bens e todo o seu patrimônio foi adquirido onerosamente após o enlace matrimonial. Do relacionamento conjugal nasceram dois filhos, André Pato e Guilherme Ovo, hoje com 25 e 15 anos de idade, respectivamente. Em razão de problemas de comportamento André Pato reside com sua avó paterna desde os 18 anos de idade. Dois anos antes de falecer, Fábio José havia doado um imóvel para a sua esposa Júlia e outro para o seu filho Guilherme Ovo (com a devida outorga), ambos situados na cidade de Silva Jardim, adquiridos onerosamente em 2006 e avaliados no momento da liberalidade em R$ 70.000,00 (setenta mil reais), cada. Além disto, no ano de 1999 o de cujus elaborou um testamento, na forma pública, incluindo cláusula de inalienabilidade em todos os*

seus imóveis, fulcrado no receio da dilapidação patrimonial, visto que a locação dos mesmos era a principal renda familiar. Estipulou, ainda no citado testamento, que a metade do seu patrimônio deveria ser dividida entre Júlia e Guilherme Ovo. Após tal data, Fábio José nunca mais modificou, revogou ou ratificou a cédula testamentária, que foi realizada cumprindo todas as formalidades exigíveis à época. Nos autos do processo de inventário André Pato informa as liberalidades feitas em vida por seu pai e requer a colação dos valores de mercado dos imóveis à época da doação. Júlia e Guilherme Ovo se manifestam no processo aduzindo a desnecessidade da colação em razão da presunção de que tais disposições relacionam-se à parte disponível do patrimônio do de cujus e à inexistência de regra expressa determinando a colação. Alegam, subsidiariamente, não concordar em colacionar os valores do momento da liberalidade, mas sim os valores de mercado atuais dos bens, que efetivamente sofreram desvalorização, ou os próprios imóveis. Inconformado com a inclusão da cláusula de inalienabilidade, André Pato também intenta ação anulatória do testamento, aduzindo a impossibilidade de inserção da mesma na parte atinente à legitima e a ocorrência de rompimento do testamento. De maneira subsidiária, sustenta a necessidade de uma interpretação das regras atinentes ao testamento conforme a Constituição Federal de 1988, considerando os princípios constitucionais da isonomia constitucional entre os filhos (proibição de tratamento discriminatório) e da dignidade da pessoa humana. Na ação anulatória Júlia e Guilherme Ovo discordam dos fundamentos apresentados, alegando que o testamento foi elaborado em conformidade com a legislação, tanto a que vigorava no momento de sua elaboração, como o atual Código Civil. O magistrado, após analisar as questões suscitadas nos processos acima descritos, determina o encaminhamento dos autos ao Ministério Público para manifestação. Na qualidade de Promotor de Justiça, como você se posicionaria em relação a todas as questões suscitadas e aplicáveis ao caso em tela? As afirmações devem ser sempre fundamentadas, inclusive apontando os dispositivos legais incidentes (a questão NÃO é para ser respondida em formato de peça processual). RESPOSTA JUSTIFICADA.

Autora: Adriana Garcia

Sugestão de resposta

O caso apresentado refere-se, principalmente, a questões suscitadas e aplicáveis à sucessão testamentária de Fábio, tendo-se por premissa os fatos apresentados no enunciado.

A primeira questão refere-se à colação do valor dos imóveis adquiridos e doados pelo falecido à sua esposa e a seu filho menor após a realização do testamento, no ano de 2008. Sobre esse ponto, nenhuma das partes está totalmente com a razão. Tem aplicação, no caso, a norma do art.544 do CC/02, que prevê que a doação de bens de ascendentes a descendentes, ou entre cônjuges, importa em adiantamento do que lhes cabe por herança (a legítima), portanto, em regra, não se refere à parte disponível do patrimônio de que tratou o testamento. No entanto, conforme o art.2002 do CC/02, apenas os bens doados aos descendentes devem ser colacionados para igualar a legítima, salvo diante de dispensa expressa do doador (art. 2.006 do CC/02), devendo ser

considerado o valor avaliado no momento da liberalidade, e não por ocasião da abertura da sucessão, como ocorre com os demais bens, em atenção ao art. 2.004 do Código Civil. Portanto, não sendo mencionada dispensa expressa da colação pelo doador, o bem doado ao filho menor deverá ser levado à colação, considerando o valor avaliado no momento da liberalidade.

Destaca-se que, considerando que a relação matrimonial é regulada pelo regime da comunhão parcial de bens e que o patrimônio apresentado na ocasião da sucessão é comum, o cônjuge sobrevivente não sucederá em concorrência com os descendentes, de acordo com a melhor interpretação do art. 1.829 do Código Civil, fixada também em enunciado de Jornada de Direito Civil do CJF, uma vez que esta já tem direito à meação no que se refere aos bens comuns. Desta forma, o bem doado ao cônjuge não pode ser considerado como adiantamento da legítima, mas sim da parte disponível. Em que pese o cônjuge seja considerado herdeiro necessário (art.1.845 do CC), nem sempre haverá sucessão nos bens do falecido, posto que devem ser observadas as regras da sucessão legítima e a ordem da vocação hereditária.

A segunda questão refere-se aos fundamentos da ação anulatória do testamento. Acerca da cláusula de inalienabilidade, deve ser destrinchada a questão de direito intertemporal atinente aos artigos 1848 e 2042, ambos do CC/02.

O testamento de Fábio foi elaborado no ano de 1999, momento em que vigiam as regras do CC/16, sendo, portanto, este o diploma normativo paradigma para aferição da validade do negócio jurídico praticado, em atenção ao princípio do tempus regit actum, apesar de sua eficácia se dar apenas com a morte. A aplicação de uma lei nova a determinada hipótese deverá respeitar o ato jurídico perfeito, em atenção aos ditames da norma fundamental extraída do art.5º, inciso XXXVI, da CR/88 e da norma geral do art. 6º da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, que devem prevalecer na hipótese. Portanto, a exigência de justa causa para a aposição de cláusula de inalienabilidade dos bens da legítima, que só surgiu no CC/02, com o disposto nos artigos acima mencionados, não poder ser colocada como condição de validade do negócio jurídico praticado, posto que é exigência posterior à constituição do ato. A despeito da existência de posicionamento diverso, deve prevalecer o entendimento de que a norma prevista no art.2.042 do CC/02 não deve ser aplicada, por violar o ato jurídico perfeito. O princípio da dignidade da pessoa humana e da isonomia entre os filhos não são suficientes, na hipótese, à invalidade da cláusula restritiva. A interpretação pretendida equivaleria à não aplicação de uma norma expressa e válida ao tempo da realização do testamento. No entanto, nada impede que os efeitos futuros da cláusula sejam questionados, nos termos do artigo 2.035 do CC/02, no que tange a função social da propriedade, o que a doutrina chama de retroatividade mínima.

Comentário 1

Nem sempre o candidato se recorda especificamente de qual Jornada de Direito Civil é algum enunciado, sendo indicado colocar da forma acima mencionada. Destaca-se que tais

enunciados não são leis, mas apenas entendimentos fixados em séries de palestras realizadas pelo Conselho da Justiça Federal, e que servem de orientação aos órgãos da Justiça Federal. Caso se recorde com segurança de qual seja, pode ser mencionado o enunciado específico. O enunciado em referência é o 270, da III Jornada de Direito Civil do Conselho da Justiça Federal, que dispõe: "O art. 1.829, inc. I, só assegura ao cônjuge sobrevivente o direito de concorrência com os descendentes do autor da herança quando casados no regime da separação convencional de bens ou, se casados nos regimes da comunhão parcial ou participação final nos aquestos, o falecido possuísse bens particulares, hipóteses em que a concorrência se restringe a tais bens, devendo os bens comuns (meação) ser partilhados exclusivamente entre os descendentes".

Comentário 2

A sucessão e a legitimação para suceder são reguladas pela lei material vigente ao tempo da abertura da sucessão, nos termos do art.1.787 do CC/02, o que ocorre com o falecimento; já as normas processuais são aplicadas imediatamente.

Comentário 3

Com relação ao entendimento defendido na resposta sugerida, há divergência doutrinária acerca da aplicação do art. 2.042 do CC/02. Conforme o enunciado, o candidato deve fundamentar a resposta adotando um dos posicionamentos. Parte da doutrina defende ser plenamente válida a aplicação do citado dispositivo, tendo em vista a crítica pretérita ao advento do Novo Código Civil acerca da validade da cláusula de inalienabilidade, que implica a impenhorabilidade e a incomunicabilidade, nos termos do art. 1.911 do CC/02 e do enunciado da Súmula nº 49 do Supremo Tribunal Federal. Nesse sentido, observa Carlos Roberto Gonçalves: "O art. 2.042 do Código Civil constitui regra transitória, dizendo que se aplica o disposto no caput do art. 1.848 e, portanto, 'não subsistirá a restrição', quando a sucessão for aberta no prazo de um ano após a entrada em vigor deste Código, ainda que o testamento tenha sido feito na vigência do diploma de 1916, se, no prazo, o testador não aditar o testamento para declarar a justa causa de cláusula aposta à legítima. Obviamente, diz Zeno Veloso, 'para as sucessões que se abrirem depois de um ano da entrada em vigor do novo Código Civil, aplica-se o que determina o caput do art. 1.848. As pessoas que tiverem feito testamento estabelecendo cláusulas restritivas à legítima, seguindo o que faculta o art. 1.723 do Código Civil de 1916, terão de fazer novo testamento, aditando o anterior, para declarar a justa causa aposta à legítima. Se não tomarem essa providência, e se a sucessão abrir-se depois de um ano do começo da vigência deste Código, não subsistirá a restrição'". (GONÇALVES, Carlos Roberto. Direito Civil Brasileiro, volume 7: Direito das Sucessões. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2014. Título II, Capítulo II, item 2.). De outro lado, o ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal Eros Grau apresenta a seguinte referência em vários julgados monocráticos por ele proferidos: "Ao cuidar do ato jurídico perfeito, o preceito constitucional está a referir situações existentes e válidas [mesmo que ainda não eficazes] - exemplificando: o testamento formalizado no regime da lei anterior, enquanto vivo o testador, e, de

forma geral, os negócios jurídicos sujeitos a condição suspensiva. Nesses casos, verificados os pressupostos da existência e os elementos da validade, as situações mantêm-se íntegras, a salvo de eventuais modificações, no direito positivo, que incidam sobre tais pressupostos e elementos. Não se trata, então, de direito adquirido, mas de ato jurídico perfeito - os contemplados pelo testamento feito no regime da lei anterior [enquanto vivo o testador], ou os contratantes que se vincularam sob condição suspensiva [enquanto esta não se verifica], não são titulares de 'direito adquirido'. Resulta nítida, destarte, a distinção entre direito adquirido e ato jurídico perfeito, o que evita a confusão entre ambos, quando o primeiro é submetido ao segundo e vice-versa. Pois é certo existir direito adquirido que não se funda em ato jurídico perfeito [os direitos do nascituro, v.g.] e ato jurídico perfeito que não implica direito adquirido [justamente os negócios sujeitos a condição suspensiva e o testamento, em ambos os casos enquanto, respectivamente, não verificada a condição, ou vivo o testador]." (Supremo Tribunal Federal, Recurso Extraordinário - RE 613157/SP - São Paulo, Julgado em 30/06/2010; Recurso Extraordinário - RE 612982/PE - Pernambuco, julgado em 22/06/2010; Recurso Extraordinário RE 602724/RS - Rio Grande do Sul, julgado em 26/02/2010; RE 566956/MG - Minas Gerais, julgado em 09/12/2009.)

Comentário 4

Conforme explica Carlos Roberto Gonçalves, "a cláusula de inalienabilidade não excederá, em duração, à vida do herdeiro. Nos casos em que é admitida, não obstará a livre disposição dos bens por testamento e, em falta deste, a sua transmissão, desembaraçados de qualquer ônus, aos herdeiros legítimos, pois, quando vitalícia, extingue-se com a morte do herdeiro necessário, não podendo ultrapassar uma geração. Como o testamento só produz efeitos após a morte do testador, quando os bens já estarão livres da restrição, a deixa é válida. Nessa consonância, proclamou o Superior Tribunal de Justiça: 'A cláusula de inalienabilidade e impenhorabilidade, disposta no testamento em favor da herdeira necessária, desaparece com o seu falecimento. A cláusula pode apenas atingir os bens integrantes da legítima enquanto estiver vivo o herdeiro, passando livres e desembaraçados aos herdeiros deste. Com a morte do herdeiro necessário (CC/1916, art. 1.721; CC/2002, arts. 1.846 e 1.829), que recebeu bens clausulados em testamento, os bens passam aos herdeiros deste, livres e desembaraçados (CC/1916, art. 1.723; CC/2002, art. 1.848)'." (GONÇALVES, Carlos Roberto. Direito Civil Brasileiro, volume 7: Direito das Sucessões. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2014. Título II, Capítulo II.)

Comentário 5

Recomenda-se a leitura do seguinte texto sobre o tema: http://www.tjrj.jus.br/c/document_library/get_file?uuid=a829d860-4b82-465b-a43e-8f4d1efcbb3d&groupId=10136

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CIVIL – 2012) *2ª questão - Diferencie as teorias dos atos anormais, do risco proveito e do*

risco criado, esclarecendo qual(is) dela(s) foi (ou foram) adotada(s) no parágrafo único, do artigo 927, do Código Civil. RESPOSTA JUSTIFICADA.

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

A chamada teoria dos atos anormais foi defendida (e depois abandonada) por Georges Ripert, civilista francês, como um critério para aferição da responsabilidade extracontratual. A figura foi especificamente projetada para dirimir conflitos ínsitos à temática do direito de vizinhança e tem seu cerne no denominado uso anormal da propriedade. A ruptura do estado ou situação de normalidade das possibilidades de uso da propriedade gera, assim, responsabilização. Esta teoria, ao revés das teorias do risco-proveito e do risco criado, não se baseia na idéia de risco, mas de anormalidade nos possíveis usos da propriedade.

A despeito de abandonada posteriormente por Ripert, que retornou a uma concepção subjetiva de responsabilidade extracontratual, vozes importantes defendem a influência ainda hoje do construto teorético do civilista francês. No Brasil, em particular, Hely Lopes Meirelles defende em obra sobre o direito de construir a aplicação da tese da anormalidade para fundamentar o mau uso da propriedade no direito de vizinhança. O próprio Código Civil brasileiro, no título III - Da propriedade, capítulo V, intitula a seção I como "Do uso anormal da propriedade". O art. 1277 estipula que "o proprietário ou o possuidor de um prédio tem o direito de fazer cessar as interferências prejudiciais à segurança, ao sossego e à saúde dos que o habitam, provocadas pela utilização de propriedade vizinha". O parágrafo único salienta ainda que "proíbem-se as interferências considerando-se a natureza da utilização", dentre outros critérios.

A teoria foi criticada duramente pelos irmãos Mazeaud no sentido de que a referida anormalidade na utilização da propriedade não passaria de mero ato culposo, perfeitamente evitável pelo homem diligente, consciencioso.

Se é verdade que o disposto no art. 927, parágrafo único do NCC/02 pontua que "haverá obrigação de reparar o dano, independentemente de culpa, nos casos especificados em lei, ou quando a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano implicar, por sua natureza, risco para os direitos de outrem", tal formulação não corresponde àquela ideia delineada por Ripert. Apesar de a teoria da anormalidade se situar num contexto de busca por critérios outros que não a culpa para a fundamentação da responsabilidade aquiliana (ao menos não expressamente), não há como afirmar que o dispositivo em comento a acolheu.

O surgimento das teorias que fundamentam a responsabilidade extracontratual na existência do risco corresponde à derrocada do conceito de culpa como base da responsabilidade civil, isto é, do abandono cada vez maior de critérios subjetivos, baseados na discussão e aferição da culpa no caso concreto. Tal se deu por uma conjunção de fatores.

No plano histórico-social, o capitalismo e a revolução industriais alavancaram a economia dos países por meio do desenvolvimento de novas tecnologias que, se por um lado geravam maior conforto e facilidades, por outro lado inseriram as relações num caminho sem volta: o da crescente dependência de atividades arriscadas, a ocorrência de acidentes e ausência de regras claras para a regulamentação de tais atividades. O sem-número de fábricas e a assunção de riscos pelos trabalhadores urbanos aliados à necessidade da demonstração de culpa para que fizessem jus às indenizações por acidentes de trabalho, estabeleceu, sem dúvidas, um solo fecundo às discussões.

Tudo isto trouxe, e continua a trazer, crescente complexidade às relações humanas e na gestão dos riscos inerentes a um estilo de vida totalmente diferente do anterior. Ulrich Beck, em sua obra sobre a 'sociedade de risco' (Risikogesellschaft) traduz de forma sistemática estes desafios constantes deste tipo de sociedade.

No plano jurídico, em primeiro lugar, as estruturas típicas da responsabilidade subjetiva não mais logravam explicar e tratar adequadamente das relações em que o risco passava a ser elemento preponderante. Em segundo lugar, a necessidade de demonstração da culpa em um esquema de responsabilidade subjetivo tornava a vítima mais vulnerável. As dificuldades de demonstração da culpa pela vítima e a própria situação de vulnerabilidade desta, em uma sociedade cada vez mais dependente de tecnologias utilizadas corriqueiramente por todos, mas sem que a maioria sequer entenda a dinâmica de funcionamento e operação destas mesmas tecnologias, geraram uma situação de transição do modelo da culpa para o modelo da responsabilidade objetiva, sem culpa, baseada no risco.

Este cenário convergiu para a eleição de outros valores ou premissas de orientação da responsabilidade civil, a saber: o crescimento de uma visão baseada menos na discussão da culpa e mais na reparação efetiva dos danos e prejuízos à luz da solidariedade social, da justiça distributiva e do compartilhamento social dos ônus da sociedade de risco, fatores estes que, insofismavelmente, materializam os comandos constitucionais imbuídos da construção de uma sociedade livre, justa e solidária sob o pilar republicano da dignidade da pessoa humana. Em última análise estas são as razões da própria redação atual do art. 927, parágrafo único do NCC/02.

No plano jurídico-dogmático, a revolução copérnica da responsabilidade extracontratual remonta às colaborações de Louis Josserand e Raymond Saleilles e tem seu berço no direito francês. A responsabilidade subjetiva, inerente à doutrina liberal que animava o Código Napoleônico, cedeu lugar a uma nova jurisprudência e leis.

É Raymond Saleilles quem dá o primeiro passo em sua obra clássica sobre os acidentes de trabalho e a responsabilidade civil, em que se busca no art. 1382 do Código Napoleônico o parâmetro objetivo para questionar a responsabilidade subjetiva por ato ilícito formulada no art. 1384. Saleilles afirma ainda que a responsabilidade extracontratual diz respeito a uma questão de risco e não a uma questão de culpa e que, devendo chamar as coisas pelo seu próprio nome, propõe a substituição da culpa, uma vez que tal orientação seria mais condizente, sob o ponto de vista social, com a ideia de dignidade humana e, igualmente, corresponde à tentativa de interpretação extensiva do próprio autor em referência ao art. 1382 do código civil napoleônico.

É, ainda, firme o autor na crítica à culpa, chegando a dizer que esta é uma humilhação e algo fantasioso. Advoga, assim, a substituição da culpa pela causalidade com uma visão fortemente embasada pelas ideias de equidade social.

O trabalho de Saleilles causaria mudanças impactantes na jurisprudência e legislação francesa, dando azo, por exemplo, à legislação trabalhista que obrigava o patrão a indenizar os trabalhadores pelo risco profissional, independentemente da demonstração de culpa por estes.

As ideias de Saleilles encontraram ressonância em Louis Josserand que, a despeito de tecer críticas ao seu antecessor, colaborou decisivamente na estabilização das teorias do risco como fundamento à responsabilidade objetiva. Josserand, em suas célebres conferências, aprofunda a crítica de Saleilles e sedimenta o cainho para a difusão das teorias do risco. Seja a noção do risco-proveito, seja a do risco criado. Coo asseverava o próprio Josserand, as teorias do risco significam um último estágio de evolução da compreensão da responsabilidade, que migra da necessidade de culpa, passando pela chamada culpa presumida até a objetivização dos critérios de aferição da responsabilidade calcada na aferição do risco.

A título ilustrativo, a teoria do risco engloba uma série de variantes além da do risco proveito e do risco criado, havendo ainda as chamadas teorias do risco integral, do risco profissional e do risco excepcional.

A responsabilidade objetiva não é, assim, uma novidade trazida pelo Novo Código Civil, mas fruto de um pujante debate histórico e que já estava presente no ordenamento brasileiro, ainda que de forma esparsa. Por exemplo, no Decreto 2.681/1912, que em seu art.1º, não obstante preveja a culpa presumida, fundamenta-se na ideia de risco criado aos passageiros na temática da responsabilidade nas estradas de ferro. Também no Código Brasileiro Aeronáutico (Lei 7.565); na Lei 6.453, a qual dispõe que a responsabilidade civil por danos nucleares e a responsabilidade criminal por atos relacionados com atividades nucleares e dá outras providências, segundo setor da doutrina fundamentada pela ideia de risco integral, mas para outro setor, mais técnico, caso de responsabilidade pelo risco criado. Igualmente, a Constituição da República trouxe ou corroborou hipóteses claras de responsabilidade objetiva, como a responsabilidade civil do Estado no art. 37, parágrafo 6º, a responsabilidade objetiva pelos danos causados ao meio ambiente (art. 225, parágrafo 3º), a despeito de a Lei 6.938 em seu art. 14, parágrafo 1º já trazer hipótese de responsabilidade objetiva, além das hipóteses dos arts. 21, XXIII e 7º, XXVIII. Ressalte-se o art. 1.529 do Código Civil de 1916 que também trazia a hipótese de responsabilidade sem culpa ao habitante da casa pelo dano causado das coisas que desta caíssem ou fossem lançadas. Por fim, a responsabilidade objetiva baseada no risco presente no Código de Defesa do Consumidor (responsabilidade pelo fato e vício do produto ou do serviço - arts. 12 a 17).

A teoria do risco-proveito fundamenta-se na máxima latina de que 'onde está o ganho, também está o ônus' (ubi emolumentum, ibi onus), isto é, todo aquele que extrai ganho, lucro ou vantagem do exercício de uma atividade está sujeito à reparação do

dano daí advindo. Nesta vertente da teoria do risco, necessária se faz a demonstração do proveito auferido. Necessidade essa ausente na teoria do risco criado.

Ainda no que se refere à teoria do risco-proveito, existe o problema não menos tormentoso de estabelecer critérios para determinar o alcance e significado do termo 'proveito'. Para determinado setor, proveito se liga, essencialmente a atividades geradoras de lucro, o que restringiria a aplicabilidade da regra a quem desempenha atividades empresariais, ou seja, capazes de organizar os fatores de produção para fins de circulação de produtos e oferecimento de serviços.

Caso o termo seja interpretado com maior amplitude, outras categorias de atividade seriam abarcadas, aproximando-se de uma concepção integral do risco, uma vez que é possível deduzir alguma vantagem (mesmo não econômica), posto indireta, de praticamente qualquer atividade exercida. Os inconvenientes sob o prisma da definição do significado e alcance do proveito e, sobretudo, a imprescindível demonstração deste por parte da vítima para que se tornasse devida a reparação (uma espécie de retrocesso) colaboraram para que a teoria do risco criado ganhasse destaque e adeptos.

Por seu turno, a teoria do risco criado fundamenta o dever de reparar na mera atividade criadora de risco. Com a superveniência do dano e estando presente o nexo de causalidade, não há cogitar de eventual proveito para a responsabilização. Ainda que haja alguma controvérsia doutrinária, é possível afirmar que o parágrafo único do art. 927 se aproximou e escolheu a variante do risco criado. Não obstante esta informação a apreensão do significado das normas contidas neste dispositivo demanda exame mais detido.

O referido dispositivo diz que: "haverá obrigação de reparar o dano, independentemente de culpa, nos casos especificados em lei, ou quando a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano implicar, por sua natureza, risco para os direitos de outrem".

Em primeiro lugar, o elemento 'independentemente de culpa' indica o teor objetivo da responsabilidade e que caberá à vítima a mera prova do nexo de causalidade entre a atividade desenvolvida e o dano causado, sem quaisquer referências ao proveito auferido. Trata-se, destarte, da chamada cláusula geral de responsabilidade objetiva.

Em segundo lugar, o legislador acentua que as disposições contidas em leis especiais não serão afetadas pela disposição em comento, consoante as hipóteses delineadas acima, exemplificativamente.

Em terceiro lugar, o legislador abre nova possibilidade além da dos casos já delineados em leis especiais. Trata-se das hipóteses em que a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano implicar, por sua natureza, risco para os direitos de outrem. Alguns pontos merecem atenção: a) o que é atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano?; b) quais os critérios de aferição?; e c) o que significa 'por sua natureza' implicar risco para direito de terceiros?

Sobre a atividade desenvolvida é de se salientar que a doutrina estabelece que se deve levar em conta não só a proteção das vítimas e a atividade do autor dos danos, mas também a prevenção e o interesse social envolvido. Isto inaugura uma espécie de

juízo de ponderação em que se enfrentam a proteção e prevenção da vítima e, ao mesmo tempo, o interesse social na atividade desenvolvida. Discute-se na doutrina se atividade seria sinônimo de serviço ou abrangeria significado mais amplo.

Também afirma a doutrina a aplicação do dispositivo quando a atividade normalmente desenvolvida, apesar de não defeituosa, induzir por suas qualidades intrínsecas risco específico e diferenciado para os direitos alheios. O critério de avaliação deste risco se baseará em considerações de estatística, probabilidade à luz do estado da arte ou da ciência consolidada, prova técnica e no conhecimento haurido da experiência.

Há quem afirme a necessidade de a atividade normalmente desenvolvida corresponder ao teor do art. 966 do NCC/02, no sentido de encerrar atividade profissional e economicamente organizada para a produção ou circulação de bens ou de serviços, exigência esta que, contudo, para setor doutrinário, não parece encontrar ressonância na moldura normativa do parágrafo único do art. 927, o qual apenas remete à natureza da atividade e, não necessariamente, à incidência de aspectos econômicos ou empresariais.

A atividade deve ser normalmente praticada, isto é, frequentemente e não de modo esporádico. O caráter de reiteração, habitualidade e organização da atividade seriam, assim, notas presentes no conceito.

A atividade deve ainda, conforme respeitável doutrina, ter como elemento intrínseco a criação e realização de riscos de determinada intensidade e categoria, além dos riscos comumente observáveis. Deve ter aptidão para gerar riscos diferenciados e com ofensividade a direitos de terceiros. O risco deve ser, assim, da essência da atividade, indissociável desta. Tratar-se-ia, pois, de atividade (essencialmente) de risco e não de risco da atividade. No primeiro caso, o risco sempre está presente em maior ou menor grau de acordo com as condições e circunstâncias de tempo, modo, lugar e outros fatores. Ao revés, risco da atividade não implica, necessária e essencialmente, a presença de riscos diferenciados sempre que a atividade em apreço for concretizada. Registrem-se, porém, opiniões no sentido de que a atividade não necessariamente deve ter o risco como essência, posição esta que amplia o alcance da expressão.

Além disto, há de se sublinhar que a atividade normalmente desenvolvida não precisa representar no caso uma atividade anormal ou mesmo antijurídica. Ao revés, depreende-se que esta atividade do parágrafo único do art. 927 é habitual, constante, reiterada e, inclusive, pode ser licitamente levada a cabo, não havendo que se falar em critérios de anormalidade, como, por exemplo, a proposta de Gaudemet, baseada na teoria do risco criada por atividade anormal, sendo a anormalidade verificada por meio de critérios consuetudinários.

À guisa de síntese: a teoria dos atos anormais se diferencia das teorias do risco proveito e do risco criado porque a) não elege o risco como critério de apuração do dever de indenizar, mas sim a anormalidade no uso da propriedade e porque b) conforme visto e salientado pela crítica dos irmãos Mazeaud, não parece diferir da própria idéia de culpa, que se pretendia superar. Também não é uma teoria adotada pelo art. 927,

parágrafo único do NCC/02, apesar de ter lançado raízes em outros dispositivos, como o art. 1277 do NCC/02, no direito de construir e de vizinhança.

As teorias do risco criado e do risco proveito são uma resposta à responsabilidade subjetiva típica do período liberal. Aproximam-se no sentido de significarem modelos objetivos de apuração da responsabilidade extracontratual. Afastam-se na medida em que no risco-proveito existe a vinculação do dever de reparar à prova do proveito auferido, o que significa um ônus à vítima, retrocesso este responsável pelo esvaziamento do construto teórico em comento. Também se afasta da teoria do risco criado pelo fato de que nesta não há cogitar da natureza econômica ou empresarial da atividade desempenhada, o que significa uma exigência a menos à incidência do dever de indenizar.

A despeito de posições em contrário, a teoria do risco criado restou acolhida pelo art. 927, parágrafo único e, não obstante as críticas que sofre e o constante aperfeiçoamento de suas linhas mestras, mostra-se consonante com os ditames de justiça social, solidariedade social e equidade nas relações em prol do primado da efetiva reparação e compartilhamento dos riscos da complexa sociedade atual.

Comentário 1

Hely Lopes Meirelles assim escreveu sobre a teoria da anormalídade no direito de construir:

O conceito de normalidade no direito de construir abrange todas as formas e modalidades de uso da propriedade. Normal é o exercício do direito de construir sem lesão para a vizinhança : anormal é toda construção ou atividade que lese o vizinho na segurança do prédio, ou no sossego ou na saúde dos que o habitam. Tudo que prejudica a vizinhança além dos incômodos próprios da comunidade entende-se anormal e, portanto, enquadrável no conceito de mau uso da propriedade, repudiado pelo direito (Código Civil, art. 554) (...) Este dispositivo acolhe e consagra no nosso direito positivo o princípio da relatividade do direito de propriedade, ou mais adequadamente, o da normalidade de seu exercício. O que a lei está a dizer é que ao proprietário ou possuidor só é lícito o uso regular do imóvel, sem abuso ou excesso na fruição de seus direitos. Toda utilização que exceder a normalidade, vale dizer, os padrões comuns de uso da propriedade, segundo a destinação e localização do imóvel, erige-se em mau uso, e como tal pode ser impedido pelo vizinho, por anormal. A teoria da normalidade, sistematizada por RIPERT, domina hoje todo o exercício do direito de propriedade, notadamente nas soluções dos conflitos de vizinhança. [Apud OLIVEIRA, Cláudia Abreu de. Estudo de Impacto de Vizinhança: Um Aspecto da Função Social da Propriedade Urbana. Revista de Direito da Cidade, vol.03, nº 02. ISSN 2317-7721, p. 211-212.].

Comentário 2

Art. 1382 do Código Napoleônico: Tout fait quelconque de l'homme, qui cause à autrui um dommage, oblige celui par la faute duquel il est arrivé, à le réparer (Tradução livre:"Todo fato, qualquer que seja, daquele que causar a outrem um dano, obriga aquele, por culpa de quem este ocorreu, a repará-lo)". O dispositivo subordina a responsabilidade, claramente, à ocorrência de culpa (faute), a despeito do esforço interpretativo explicado no comentário 3.

Comentário 3

Conforme pontua Saleilles: "A teoria objetiva é uma teoria social que considera que o homem faz parte de uma coletividade e que o trata como uma atividade frente às individualidades que o circundam. Eu não sei de nada tão falso e, às vezes, humilhante como esta ideia de culpa posta em relevo pelos menores atos de nossa atividade e pelas menores manifestações de nossa liberdade. Ao qualificar de imprudência o que é fato ordinário de todos aqueles que agem; o infortúnio de um acidente torna-se uma culpa e um delito. Se é assim, portanto, chamemos as coisas pelo seu nome. Deixemos de lado essa ideia de culpa e digamos, simplesmente, que será mais equitativo sob o ponto de vista social e mais conforme a ideia mesma de dignidade individual, que cada um ao agir corre riscos e quando um infortúnio ocorrer como resultado de um fato voluntário e livre, o autor do fato pagará pelos riscos: é o preço da liberdade e é, igualmente, a fórmula que procurei demonstrar, do art. 1382. (...) Que a responsabilidade seja fundada na ideia de culpa é o ponto de vista penal (...) Historicamente e do ponto de vista romano, este foi, com efeito, a origem primeira de toda a teoria do delito civil; isso jamais foi totalmente suprimido. Mas esta não é a questão: se um dano se produz, trata-se de saber quem suporta os prejuízos pecuniários. Agir é correr riscos e a vida não se ocupa de outra coisa senão disto; é uma questão de saber como repartir os riscos entre os que enfrentam as consequências. Não é mais uma questão de culpa; é uma questão de equidade social.". Tradução livre do original: "La théorie objective est une théorie sociale qui considere l homme comme faisant partie d úne collectivitè et qui le traite comme une activité aux prises avec les individualitès qui l éntourent. Je ne sais rien de faux et parfois d humiliant comme cette idèe de faute mise en avant pour les moindres actes de notre activité et les moindres manifestations de notre libertè. On qualifie d imprudence ce qui est le fait ordinaire de tous ceux qui agissent; le malheur qui a fait qu ún accident est survenu devient une faute et un délit. S il en est ainsi, appelons done les choses par leur nom. Laissons cette idée de faute de côte, et disons tout simplement, ce qui sera plus équitable au point de vue social, et plus conforme à l îdée même de la dignité individuelle, que chacun en agissant court des risques, et que là où un malheur arrive par suite d ún fait volontaire et libre, l áuteur du fait paiera les risques: c ést le prix de la libertè, et c ést également la formule, j ái essayé de le demontrer, de l árticle 1382. (...)Que la responsabilité soit fondée sur l îdée de faute c ést le point de vue pénal (...) Historiquement, et au point de vue romain, telle a été en effet l órigine première de toute cette théorie du délit civil; elle ne s én est jamais complètement dégagée. Mais là n ést pas la question: un dommage se produit, il s ágit de savoir qui doit en supporter le préjudice pécuniaire. Agir c ést courir des risques, la vie n ést faite que de cela; il s ágit de savoir comment les répartir entre ceux qui les subissent. Ce n ést plus une question de faute, c ést une question d équité sociale" (in: Les accidents de travail et la responsabilité civile. Essai d úne théorie de La responsabilité délictuelle. Paris: Rosseau, 1897, p. 74-75).

Consoante salientava Caio Maio: "O maior valor da doutrina sustentada por Raymond Saleilles, e que seria, por certo, a razão determinante da conquista de espaço em seu país e no mundo ocidental, foi ter engendrado a responsabilidade sem culpa, assentando-a em disposições do próprio Código Civil francês, que desenganadamente é partidário da teoria da culpa, proclamada por expresso no art. 1.382. Em esforço de interpretação do vocábulo

"faute", Saleilles argumenta com o art. 1.384, entendendo que foi empregado na acepção de "fait", equivalendo à causa determinante de qualquer dano" (In: SILVA, Caio Mário Pereira da. Responsabilidade civil. Rio de Janeiro: Forense, 1989, p. 22.

Comentário 4

Ressalte-se a opinião abalizada de Luiz Roldão de Freitas Gomes, sobre a adoção da teoria do risco criado:

"Inequivocadamente, filiou-se o legislador aqui ao conceito de risco criado. Nas palavras do inolvidável Mestre, Prof. e Des. Serpa Lopes (Curso de direito civil. Vol. V, p. 155) "pelo próprio fato de agir, o homem frui todas as vantagens de sua atividade, criando riscos de prejuízos para os outros, de que resulta o justo ônus dos encargos". Segundo o Prof. Caio Mário da Silva Pereira (Responsabilidade civil. Forense, 1989. p. 300) ela tem lugar "quando a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano implicar, por sua natureza, risco para os direitos de outrem". É mais vantajosa do que a concepção do risco-proveito, porquanto não impõe ao prejudicado o ônus de demonstrá-lo em favor do autor do dano, menos ainda questiona sobre sua natureza, se de ordem econômica, ou não. "O que se encara é a atividade em si mesma, independentemente do resultado bom ou mau que dela advenha para o agente (...)". "A idéia fundamental da teoria do risco pode ser simplificada, ao dizer-se que, cada vez que uma pessoa, por sua atividade, cria um risco para outrem, deveria responder por suas conseqüências danosas". Vai nisso um problema de causalidade. No Direito Italiano, Massimo Bianca (Responsabilitá civile. Milano: Giuffrè, 1994. p. 686 e SS.) explana que a responsabilidade objetiva se inclui na noção e disciplina do ilícito e revela idêntico fundamento: a violação do dever de respeito a outrem. Corresponde à exigência prevalente de tutelar terceiros também contra fatos não culpáveis daqueles que, mediante atividades ou coisas, expõem os outros a um perigo não completamente evitável, embora com emprego da diligência adequada à natureza das atividades ou da coisa. Está conforme o princípio de justiça social, segundo o qual o risco de danos a terceiros inevitavelmente conexos a uma atividade ou coisa deve ser suportado por quem a exerce ou usa a coisa" (in: "Aspectos controvertidos do Novo Código Civil". Coord. Arruda Alvim; Joaquim Portes de Cerqueira César e Roberto Rosas - escritos em homenagem ao Ministro José Carlos Moreira Alves. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003. p. 457.

Comentário 5

Veja-se a célebre conferência de Josserand sobre a evolução da teoria da responsabilidade: "Conhecia-se a palavra do nosso velho MONTAIGNE que, nos seus 'Essais", constata-se que "le dommage de l úm est le profit de l áutre, e que parecia bem aceitar essa lei natural, filosofia e bom humor:..(...) quando um acidente sobrevém, em que a vítima nada se pode censurar, por haver descumprido um papel passivo e inerte, sentimos intuitivamente que lhe é devida uma reparação; precisamos que ela a obtenha, sem o que nos sentiremos presos de um mal estar moral, de um sentimento de revolta; vai-se a paz de nossa alma. (...) Quem, dos nossos dias, admitiria que um operário, vítimas dum acidente cuja causa é desconhecida, ficasse sem reparação e que a miséria e a fome se instalassem no seu lar? Ninguém,

tenho a certeza. (...) Toda a teoria tradicional da responsabilidade repousava sobre a velha ideia de culpa: não há responsabilidade sem culpa provada; eis um dogma milenário, herdado do direito romano, uma verdade primária que as gerações de juristas se transmitiam de século em século, e que resistia a tudo...(...) Então, a vítima dum acidente, mais geralmente dum dano qualquer, devia, para obter uma indenização, oferecer uma tríplice prova; precisava estabelecer, antes de tudo, que sofrera um dano; depois, que seu adversário cometera um delito; enfim que o dano decorria do dito delito; dano, culpa, relação de causa entre esta e aquele...Ora, no caso, o ônus probatório era singularmente pesado; constituía um considerável handicap para aquele sobre cujos ombros caía. (...) Impor à vítima ou aos seus herdeiros demonstrações dessa natureza equivale, de fato, a recusar-lhes qualquer indenização; um direito só é efetivo quando a sua realização, a sua praticabilidade é assegurada. A teoria tradicional da responsabilidade repousava manifestamente em bases muito estreitas; cada vez mais se mostrava insuficiente e perempta...(...) Por essa concepção nova, quem cria um risco deve, se esse risco vem a verificar-se à custa de outrem, suportar as consequências, abstração feita de qualquer falta cometida. (...) Não é cometer uma falta fazer uma companhia ferroviária transitarem seus trens nos trilhos: ela obteve para esse fim uma concessão dos poderes públicos e realiza um serviço público: não obstante, se as trepidações dos trens comprometem a solidez das casas marginais, se o fumo das locomotivas enegrece uma lavanderia estabelecida precedentemente perto da via férrea...não será de toda justiça conceder uma reparação à vítima desses prejuízos? (JOSSERAND, Louis. Evolução da Responsabilidade Civil - Conferência. In: Revista Forense, vol. LXXXVI, ano XXXVIII. Rio de Janeiro, abril – 1941, p. 548 e seq.)

Comentário 6

Resposta baseada na leitura e estudo, à época e hoje, das obras de: a) SCHREIBER, A. Novos Paradigmas da Responsabilidade Civil. Da Erosão dos Filtros da Reparação à Diluição dos Danos. Ed.Atlas; b) LIMA, Alvino. Culpa e Risco. Revista dos Tribunais; c) Leitura de enunciados das Jornadas de Direito Civil do CJF; d) STOCO, Rui. Tratado de Responsabilidade Civil. Doutrina e Jurisprudência. Ed. Revista dos Tribunais, tomo I.; e) demais obras citadas nos comentários.

Enunciados das Jornadas de Direito Civil do CJF (a consulta aos enunciados não tem sido permitida nos últimos concursos, de modo que o leitor deve tê-los na memória antes da prova):

e. 38 - Art. 927: A responsabilidade fundada no risco da atividade, como prevista na segunda parte do parágrafo único do art. 927 do novo Código Civil, configura-se quando a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano causar a pessoa determinada um ônus maior do que aos demais membros da coletividade.

e. 446 - Art. 927: A responsabilidade civil prevista na segunda parte do parágrafo único do art. 927 do Código Civil deve levar em consideração não apenas a proteção da vítima e a atividade do ofensor, mas também a prevenção e o interesse da sociedade.

e. 448 - Art. 927: A regra do art. 927, parágrafo único, segunda parte, do CC aplica-se sempre que a atividade normalmente desenvolvida, mesmo sem defeito e não essencialmente perigosa, induza, por sua natureza, risco especial e diferenciado aos direitos de outrem.

São critérios de avaliação desse risco, entre outros, a estatística, a prova técnica e as máximas de experiência.

(XXXI CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CIVIL – 2009) *1ª questão – Discorra sobre as diferenças entre a doação e a compra e venda de ascendentes a descendentes e de descendentes a ascendentes no ordenamento pátrio, abordando, também, os efeitos sucessórios porventura existentes.*

Autora: Mariana Trino

Sugestão de resposta

A compra e venda de ascendente a descendente é anulável, por disposição do art. 496, caput, CC/02, salvo consentimento expresso dos demais descendentes e cônjuge do alienante (dispensado, no que se refere ao cônjuge, se o regime de bens for separação obrigatória, conforme o parágrafo único do dispositivo). Cuida-se de situação onde viciada a legitimação, ou seja, a especificação da capacidade, referente à prática de certos e determinados negócios jurídicos. A natureza do vício foi alvo de polêmica em sede doutrinária, restando pacificada pelo diploma de 2002 que, ao determinar a anulabilidade, consagrou a preponderância do interesse privado sobre o interesse público quanto ao tema.

Logo, aplica-se à hipótese a disciplina dos arts. 172 a 179, do CC/02, salientando-se que a invalidação do negócio jurídico sujeita-se ao prazo decadencial de dois anos, uma vez que a regra do art. 179 superou o disposto na antiga súmula 494, do STF, aprovada ainda na vigência do Código Civil de 1916. Nesse sentido aponta a jurisprudência recente do STJ e o enunciado 368, CJF/STJ.

Com efeito, o ato já era considerado viciado pelo CC/16, sempre com o objetivo de resguardar o princípio de igualdade da legítima. A ratio da norma é evitar a simulação de uma alienação a título gratuito sob a forma de compra e venda, o que geraria diminuição patrimonial, em prejuízo de herdeiros necessários. Por isso, há a previsão da condição de validade de consentimento dos descendentes e cônjuge, que deve ser expresso, não se admitindo o consentimento tácito. Tratando-se de herdeiro incapaz, como é clara a colisão de interesses, faz-se imperiosa a nomeação de curador especial, a fim de representá-lo.

A norma extraída do referido art. 496 menciona o consentimento dos demais descendentes. Contudo, a interpretação doutrinária e jurisprudencial majoritária é no sentido de ser necessária a concordância apenas dos descendentes com expectativa de serem chamados à sucessão, por serem os mais próximos em grau ou por direito de representação, em caso de herdeiro pré-morto. Assim se manifestam, por exemplo, Gustavo Tepedino e Sílvio Venosa.

Do contrário, compete aos prejudicados, no referido prazo decadencial, promover judicialmente a invalidação do contrato. Todavia, uma vez prestado o consentimento, por ser a compra e venda negócio jurídico bilateral e oneroso, após a morte do ascendente, não há que se falar em colação do bem.

No que se refere à venda de descendentes a ascendentes, não há a imperiosidade de consentimento para afastar nulidade relativa. Em verdade, durante o trâmite legislativo do CC/02 foi alterado o projeto original para excluir esta hipótese de anulabilidade. Não obstante, foi mantida, na redação do parágrafo único, do art. 496, a expressão "em ambos os casos", que fazia alusão à venda de descendentes a ascendentes. Tal termo deve ser desconsiderado, o que, inclusive, encontra-se consagrado no enunciado 177, CJF/STJ. Não poderia ser diferente, uma vez que não é admitido criar situações proibitivas onde a lei é omissa e não há qualquer menção legal a vícios neste caso.

Por sua vez, nos termos do art. 544 do CC/02, a doação de ascendentes a descendentes é, a princípio, válida, dentro dos limites da legítima, desde que não haja outros vícios. Contudo, importa, por presunção legal, em adiantamento do que lhes cabe por herança, a fim de se tutelar o princípio da igualdade das legítimas e, em última análise, o princípio da igualdade entre os filhos, enunciado no art. 227, §6º, CF/88 e no art. 1.596, CC/02.

Assim, o descendente beneficiado pela liberalidade deverá, após a abertura da sucessão, trazer o bem à colação, consoante art. 2.002, CC/02, sob pena de sonegados, ou seja, de perda do direito sobre a coisa (art. 1.992, CC/02). Entretanto, pode o doador dispensar o donatário da colação, determinando que esta saia da sua parte disponível, como autoriza o art. 2.005, CC. Por isso, diz-se que a norma não visa à tutelar igualdade absoluta de quinhões entre os descendentes, embora proteja a isonomia mínima entre eles, que reside na legítima.

Em suma, a colação traz à partilha o bem recebido em vida pelos descendentes a título de doação, pois o art. 544, CC, cria a presunção de antecipação das quotas legítimas. Ocorre que o doador, desde que não exceda a parte disponível, pode, como mencionado, afastar tal disciplina.

Caso a doação feita a herdeiros necessários exceda a parcela disponível acrescida da legítima, a doação terá sido inoficiosa, cabendo a sua redução nos termos do art. 2.007, §3º, CC. Trata-se de hipótese de invalidade no que se refere à parte excedente, devendo o donatário repor o bem ou o valor em dinheiro, caso este não mais exista.

Por fim, tal qual na compra e venda, a lei não estende a disciplina às doações realizadas por descendentes a ascendentes. Não compete, portanto, ao intérprete criar restrições, de modo que os ascendentes estão livres de trazer os bens recebidos por liberalidade à colação.

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CIVIL - 2009) *2ª questão - A AAIMR - Associação de Adquirentes de Imóveis e Mutuários da Região dos Lagos - propõe Ação Civil Pública em face da sociedade empresária Viver Bem, na comarca de Iguaba Grande, em razão dos seguintes fatos:*

> Sessenta pessoas adquiriram terrenos no empreendimento chamado "Loteamento Nova Ipitanga", sendo alegado na petição inicial que: a) os terrenos vendidos pela sociedade empresária Viver Bem se encontravam em área de proteção ambiental; b) os

terrenos vendidos eram menores do que o permitido pela legislação; c) a propaganda que ensejou a aquisição dos terrenos relatava a existência de infraestrutura já montada, em conformidade com a legislação aplicável, o que era inverídico; d) a ocorrência de dano ambiental em razão da instituição do empreendimento.

O autor da ação formulou os seguintes pedidos: 1 - paralisação imediata de qualquer construção, bem como cessação das obras de infraestrutura; 2 - ressarcimento material dos danos individuais e coletivos, eventualmente causados; 3 - dano moral coletivo; 4 - demolição de quaisquer obras porventura existentes; 5 - paralisação da comercialização dos terrenos e das propagandas realizadas; 6 - recuperação da área degradada.

A pessoa jurídica Viver Bem foi citada, apresentando as seguintes alegações em sua peça de defesa: a) a gleba está devidamente registrada no Cartório do Registro de Imóveis; b) não existe qualquer gravame na matrícula da citada gleba, além da anotação da existência da Área de Proteção

Ambiental e do seu zoneamento; c) não houve concretização de comercialização, em razão da inexistência de averbação de qualquer contrato no registro de imóveis; d) somente existem instrumentos particulares de promessa de compra e venda, o que não constitui negócio jurídico de transferência da propriedade do imóvel; e) a inocorrência de danos ambientais.

Na fase probatória, ficou comprovado que: a) a venda de terrenos do empreendimento continuava sendo anunciada através de prospectos e de uma rádio comunitária da cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro; b) o projeto do loteamento ainda não havia sido aprovado pelo Município e que o processo administrativo ainda estava tramitando, encontrando-se a gleba registrada no Cartório do Ofício Único de Iguaba Grande em nome do réu.

O laudo pericial judicial elaborado apresentou as seguintes conclusões: I) Os terrenos vendidos encontravam-se todos inseridos em área de proteção ambiental, notadamente em zona de conservação ambiental da vida silvestre, que, em conformidade com o preconizado no plano diretor da respectiva APA, impedia qualquer tipo de ocupação; II) Os terrenos descritos nas promessas de compra e venda possuíam metragem menor do que a prevista no projeto que sequer foi aprovado; III) Não existia nenhuma construção por parte dos adquirentes, nem infraestrutura concluída, tendo somente um início de arruamento realizado pelo empreendedor; IV) O início do arruamento causou dano ambiental, posto que suprimiu vegetação nativa da faixa marginal de proteção da Lagoa de Araruama e da zona de conservação da vida silvestre; V) O empreendedor não apresentou licença ambiental; VI) O memorial descritivo do loteamento não está registrado no cartório competente.

Após manifestação das partes, os autos são remetidos ao Ministério Público para manifestação final. Como Promotor de Justiça, elabore a peça adequada, enfrentando todas as questões suscitadas pelas partes.

Autor: Rafael Schinner

Sugestão de resposta

EXCELENTÍSSIMO (A) DR. (A) JUIZ (ÍZA) DE DIREITO DA ___ VARA CÍVEL DE IGUABA GRANDE

Autos n.

O MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, presentado pelo Promotor de Justiça subscritor, vem, na demanda promovida pela **Associação** de **Adquirentes de Imóveis** e Mutuários da Região dos Lagos (AAIMR) em face de Viver Bem, e com fundamento no art. 127, caput, e 129, III, da CRFB/88 e no art. 5º, §1º, da LACP, apresentar a seguinte promoção ministerial.

1. Sinopse dos autos.

(...)

2. Questões Processuais

Não há irregularidades processuais ou carência da ação na demanda em apreço.

Com efeito, trata-se de juízo competente, ainda que haja notícia de que o réu prossiga fazendo publicidade em território de outra Comarca. A ação civil pública em comento veicula diversos pedidos, todos guardando correlação com as mesmas causas de pedir. Aplica-se, dessa sorte, a regra de competência prevista no art. 2º da LACP: é competente, de forma absoluta, o foro do local em que ocorrer o dano. Por natural, o alegado dano ambiental ocorreu na Comarca de Iguaba Grande. Este fato é capaz de atrair a competência deste d. Juízo para apreciar os demais pedidos aqui veiculados, *ex vi* do parágrafo único do dispositivo citado.

Ambas as partes são legitimadas para a demanda e se encontram devidamente representadas.

É de se notar, neste ponto, que a AAIMR é uma Associação de Adquirentes de Imóveis e, por isso, inclui, dentre suas finalidades institucionais, a de proteger o consumidor, satisfazendo, com isso, o requisito previsto no art. 5º, V, "*b*", da LACP. Deve-se atentar para o fato de que a dimensão do dano aqui aventado, que possui natureza ambiental, e a relevância do bem jurídico pleiteado, que guarda relação com o direito de moradia, autorizam a dispensa do requisito de pré-constituição ânua, conforme autoriza o §4º do art. 5º da LACP.

Dessa forma, possui a autora legitimidade extraordinária para ajuizar a presente ACP.

A sociedade Viver Bem é a parte legitimada passivamente a responder ao processo. A AAIMR expressamente alega, em sua inicial, que a parte ré praticou os atos e danos que reputa ilícitos. A discussão de se a parte ré efetivamente praticou esses atos e perpetrou tais danos é relativa ao mérito.

O interesse de agir é evidente e o pedido é juridicamente possível.

Em suma, constata-se que a relação processual foi validamente estabelecida perante juízo competente e com partes legitimadas e bem representadas.

Passa-se, portanto, à análise do mérito.

3. Mérito da Demanda

No mérito, os pedidos autorais devem, em sua grande maioria, ser julgados procedentes.

As exceções contra o mérito evocadas pela Viver Bem não merecem guarida.

Alega a ré, em sua defesa, que a gleba está devidamente registrada no Ofício de Registro de Imóveis. No entanto, tal não lhe autoriza que comercialize terrenos inseridos na área da gleba sem que sejam considerados validamente como lotes.

Nesse contexto, "Gleba" pode ser definida como a porção de terra ainda não submetida a parcelamento sob a forma de Lei 6.766, de 19 de dezembro de 1979. A gleba, para que seja objeto de parcelamento, deve, necessariamente, possuir matrícula no Ofício de Registro de Imóveis, *ex vi* dos artigos 9º e 10 da Lei 6.766/1979. Nada disso, entretanto, afasta a ilegalidade das práticas perpetradas pela ré. Por certo, antes de realizado o parcelamento, e sabendo-se que o projeto de loteamento sequer foi, ainda, aprovado, a venda, a promessa de terrenos na gleba ou mesmo publicidade neste sentido são práticas ilícitas, inclusive penalmente ilícitas (art. 50, incisos II e III, aplicando-se, destaque-se, a forma qualificada prevista no inciso I do parágrafo único do citado dispositivo).

É de se notar, entretanto, que a Lei 9.785/1999, ao incluir o §4º do art. 2º da Lei 6.766/1979, alterou o conceito de lote, passando a admitir sua existência desde que o terreno seja servido de infraestrutura básica e com dimensões que atendam aos índices urbanísticos definidos pelo plano diretor ou lei municipal para a zona. Embora não tenha sido comprovado que a metragem dos terrenos alienados seja menor do que autoriza a legislação, comprovado foi que a gleba em apreço não era dotada dos equipamentos urbanos de que trata o §5º do art. 2º da Lei 6.766/1979, não possuindo, desta feita, infraestrutura básica.

Também não merece guarida a alegação de inexistir qualquer gravame na matrícula da gleba, além da anotação da existência da APA e do seu zoneamento.

Conforme ficou demonstrado na fase instrutória da demanda, os terrenos comercializados estão inseridos em área de proteção ambiental e em zona de conservação da vida silvestre, que, em conformidade com o preconizado no plano diretor, impede qualquer tipo de ocupação.

O proprietário privado destes lotes, todavia, sofrerá severas restrições, inclusive no que toca à intimidade e privacidade (art. 15, §5º, da Lei 9.985, de 18 de julho de 2000). Entretanto, conforme demonstrado na presente demanda, o Plano Diretor de planejamento urbanístico municipal impede, naquela APA, qualquer tipo de ocupação. A limitação é autorizada pela lei que disciplina a criação de Estações Ecológicas e APAs (vide art. 9º da Lei 6.902, de 27 de abril de 1981). A seu turno, a Lei do Parcelamento do Solo Urbano expressamente autoriza que o Plano Diretor limite ou impeça o parcelamento do solo nas áreas que assim impuser (art. 3º, caput, da Lei 6.766/1979).

Ora, o Plano Diretor é veiculado por uma lei (municipal) em sentido estrito (art. 39 da Lei 10.257, de 10 de julho de 2001). Como lei que é, é pública. Aliás, a lei é o ato público por excelência (não existe lei sigilosa) e, ainda, *ignorantia legis neminem excusat* (art. 3º da LINDB). Restrições a loteamentos estabelecidas no Plano Diretor não precisam ser anotadas na matrícula da gleba para que surtam efeitos contra seu proprietário. Entender o contrário atentaria contra o princípio da inalegabilidade da ignorância. A lei supre, portanto, a publicidade, que é o objetivo maior da anotação de qualquer informação na matrícula dos imóveis. Aliás, tais restrições sequer constam do rol de atos ou fatos objeto de inscrição ou averbação na matrícula (art. 168, I e III, da Lei 6.015, de 31 de dezembro de 1973).

Também não procedem os argumentos por que não houve concretização de comercialização, em razão da inexistência de averbação de qualquer contrato no registro de imóveis.

Para que haja contrato de compra e venda, ou contrato preliminar de promessa de compra e venda, basta que seja celebrado o ajuste de vontades, ainda que sob a forma particular. Tal ato não se confunde com o ato de transcrição. Decerto, nosso mecanismo de aquisição de propriedade imóvel pela via contratual filia-se ao sistema alemão, embora com temperamentos. A aquisição da propriedade só ocorrerá, decerto, com a transcrição da escritura pública (ou de instrumento particular, no caso do art. 108, fine, do CC/2002) no Ofício de Registro de Imóveis (art. 168, II, h da Lei 6.015/1973 e art. 1.245, cabeça, do CC/02). No entanto, isso não afasta o ilícito na comercialização dos lotes. O que interessa, para saber se houve ilícito, é verificar se ocorreu alguma forma de negociação (preliminar ou definitiva) ou se foi veiculada proposta ou publicidade dos lotes em questão. Até porque, ao menos sob o enfoque jurídico, o ato de verificar se uma sociedade imobiliária exerce "comercialização" implica em analisar se há exercício de atividade empresarial nos moldes previstos no art. 966 do CC/2002. Essa discussão, todavia, é irrelevante.

Não merece, mais uma vez, guarida o argumento por que somente instrumentos particulares de promessa de compra e venda foram firmados, o que não constitui negócio jurídico de transferência da propriedade do imóvel.

Em verdade, conforme aduzido supra, não existe um negócio jurídico de transferência de imóvel, pois o que transfere o imóvel é o registro do título (art. 1.245 do CC/02), já que nosso sistema não se filiou ao modelo francês. Os negócios jurídicos têm, isso sim, aptidão para transferir a titularidade. E o compromisso de compra e venda também a tem. Tanto isso é verdade que se admite o manejo de ação de adjudicação compulsória para esta finalidade, valendo-se, como causa de pedir, de compromisso de compra e venda, ainda que não registrado. Não à toa o e. STF expediu a Súmula 413, prevendo que o compromisso de compra e venda de imóveis, ainda que não loteados, dá direito à "execução" (sic) compulsórla, se reunidos os requisitos legais. De sua banda, o enunciado da Súmula 239 do STJ prevê que o direito à adjudicação compulsória não se condiciona ao registro do compromisso de compra e venda no cartório (sic) de imóveis. Ademais, e conforme o disposto na Súmula 84 do STJ, admitem-se embargos de

terceiro fundados em alegação de posse advinda de contratos desprovidos de registro. O registro apenas seria imprescindível para o manejo da ação de adjudicação compulsória em face de terceiros (artigos 1.417 e 1.418 do CC/02).

Por último, alega a parte ré que não ocorreram danos ambientais. No entanto, as provas colhidas demonstram que houve dano ambiental, pois, conforme o laudo pericial, o início do arruamentosuprimiu vegetação nativa da faixa marginal de proteção da Lagoa de Araruama e da zona de conservação da vida silvestre.

Vê-se, dessa sorte, que nenhuma das teses defensivas merece acolhimento.

Passa-se, agora, à análise dos pedidos autorais.

Com efeito, conforme ficou demonstrado nos autos, nenhuma obra de infraestrutura foi realizada no local. Não há, na dita gleba, acessões intelectuais, pois não foi soerguida qualquer construção, conforme restou consignado no laudo pericial. Dessa sorte, esse pedido deve ser julgado improcedente.

Entretanto, cuida-se de sucumbência mínima, pois todos os demais pedidos devem ser julgados procedentes.

O autor pleiteia a paralisação imediata de qualquer construção, bem como a cessação das obras de infraestrutura. Foi verificado, no decorrer do processo, que a gleba em questão se situa em Área de Proteção Ambiental que, conforme preconizado em seu plano diretor, impediria qualquer tipo de ocupação. Foi verificado, ademais, que a parte ré, embora não tenha dado início a obras para implantação de rede de infraestrutura, iniciou o arruamento do local. Dessa forma, há indícios de que a parte ré vem se preparando para iniciar construções na gleba. Por isso, deve esse pedido ser também julgado procedente.

Nada impede que a parte ré, titular do bem, se lhe aprouver, se socorra ao Poder Judiciário, pela via própria, para obter indenização por eventual prática de desapropriação indireta.

Também deve ser deferido o pedido de ressarcimentomaterial dos danos individuais e coletivos eventualmente causados. Conforme consta dos autos, diversas pessoas entabularam negócios jurídicos para a aquisição de terrenos em local impossível de se lotear. Não é, dessa sorte, possível negociar tais imóveis, de forma que este negócio jurídico é nulo (art. 104, II, do CC/02) e os prejuízos sofridos, individual ou coletivamente, devem ser ressarcidos, até por conta da aplicação da *restitutio in integrum* prevista no art. 927, caput, do Código Civil.

O pedido foi feito de forma genérica, o que é autorizado, neste caso, pelo art. 286, II, do CPC. Por isso, a comprovação do dano deverá ocorrer em fase posterior à sentença, instaurando-se o incidente de liquidação (art. 475-A do CPC).

Também deve ser julgado procedente o pedido de fixação de valor compensatório pela ocorrência de dano moral coletivo.

A existência de dano moral coletivo passou a ser expressamente admitida pelo direito positivo com a entrada em vigor do CDC. Com efeito, preceitua seu art. 6º, VI, que

é direito básico do consumidor a efetiva reparação de danos morais, sejam eles individuais, coletivos ou difusos.

No caso em comento, o dano ambiental, degradando Área de Proteção Ambiental e Zona de Vida Silvestre, acarreta, insofismavelmente, prejuízos ao moral de toda uma coletividade difusamente considerada. Ademais, a veiculação de publicidade enganosa também é fator que deprecia a honra de um grupo indeterminável de indivíduos.

A fixação do valor compensatório de dano moral coletivo deverá levar em consideração esses fatores. Por isso, sugere-se que seja fixado em elevada monta, capaz de desestimular a parte ré a reiterar nesse ilícito e de restaurar a dignidade das comunidades afetadas.

Deve-se consignar que o caso em comento permite concluir pela existência de dano moral *in re ipsa*, definível como aquele que exsurge da força dos próprios fatos, porque a conduta ilícita da ré ofende a personalidade de um grupo indeterminável de pessoas.

A seu turno, a jurisprudência vem admitindo a existência de dano moral coletivo e do dano moral coletivo *in re ipsa*.

Da mesma forma deve ser julgado procedente o pedido de paralisação da comercialização dos terrenos e de paralisação da publicidade. Conforme ficou comprovado no decorrer da instrução, a parte ré prossegue fazendo publicidade da venda de terrenos na gleba em questão. O negócio que pretende avençar é irregular por diversas razões (restrições ambientais, metragem que não corresponde ao que anuncia, projeto do loteamento ainda não aprovado pelo Município, falta de licença ambiental etc.), sendo certo que, por motivo de absoluta impossibilidade de parcelamento da gleba, não é possível que a parte ré comercialize os terrenos de nenhuma forma. A atividade deve ser, portanto, encerrada, fixando-se, na sentença, as *astreintes* pertinentes para o caso de insistência na comercialização e na publicidade. Nesta caso, impende ser fixada multa por cada negócio jurídico entabulado (seja de compra e venda, seja de promessa de compra e venda) ou por dia de publicidade efetuada.

Para que a sentença tenha efetividade, opina-se no sentido de que a multa por cada negócio realizado corresponda ao dobro do valor da avença. Quanto à publicidade, opina-se que seja fixada multa por cada dia em que seja o empreendimento anunciado e por cada prospecto ou panfleto publicitário encontrado.

O julgamento de procedência deve se estender, ademais, ao pedido de recuperação da área degradada. Restou inequívoca a existência de dano ambiental, sendo certo que a aludida área sofreu perturbações à sua integridade física, química e biológica, razão por que é imperiosa a reversão de sua atual condição. O desiderato é recuperar sua capacidade produtiva no que tange à produção de alimentos, matérias-primas e serviços ambientais, resgatando, então o equilíbrio dinâmico da área devastada.

O art. 225, §2º, CRFB/88 prevê, expressamente, a obrigação de recuperar o meio-ambiente degradado por aquele que lhe impingiu os danos, que, no caso, é o próprio

réu. Nesse sentido, há verdadeiro direito subjetivo difuso ao meio-ambiente ecologicamente equilibrado, de natureza fundamental.

A recuperação ambiental é, inclusive, um dos princípios insertos na Política Nacional do Meio-Ambiente (art. 2º, VIII, Lei 6.938/1981).

A Lei 6.938/1981, em seu art. 4º, VII, dispõe que o poluidor é obrigado a recuperar os prejuízos efetivados, consolidando, assim, o princípio do poluidor-pagador.

A propósito, a recuperação mencionada deve ser efetuada de modo integral, sujeitando-se o réu às sanções administrativas elencadas no art. 14, §1º, Lei 6.938/81, se não regressar a área ao seu *status quo ante*, conforme os danos ambientais verificados na fase de liquidação de sentença.

4. Conclusão.

Em conclusão, opina o Ministério Público pela procedência de todos os pedidos autorais, à exceção do pedido demolitório.

Em razão da sucumbência minima, deverá a parte ré arcar, sozinha, com os ônus sucumbenciais.

Manifesta-se o *parquet*, ademais, pela fixação, desde logo, de *astreintes* para o caso de descumprimento das obrigações impostas, na forma descrita no corpo da promoção.

Cidade, data.

Promotor de Justiça

Matrícula

Comentários

Quando o Ministério Público atua como custos legis, suas manifestações assumem, em regra, a forma jurídica de "Promoção" ou "Promoção Ministerial". Assumirão forma diversa quando estiver interpondo recursos. O termo"Parecer" não é errado, porém o Ministério Público não é parecerista, pois titulariza ampla capacidade postulatória, ainda que atue como fiscal da lei.

Importante consignar que, à época da prova, vigorava a Resolução CONAMA 10, de 14 de dezembro de 1988. De acordo com o art. 4º desta Resolução, toda APA deveria possuir uma zona da vida silvestre. Além disso, era, em tese, viável a implantação de projetos de urbanização em área situada em uma APA, admitindo-se, ainda, a comercialização de seus lotes (art. 8º, f, da Res. CONAMA 10/1988). O licenciamento de empreendimentos de significativo impacto ambiental em Unidades de Conservação, de uma forma em geral, é, hoje, regulamentado pela Resolução CONAMA 428, de 17 de dezembro de 2010.

A especialização das bancas nos concursos de ingresso na carreira do Ministério Público é uma tendência. Já houve alteração legislativa prevendo a inclusão de Tutela Coletiva como disciplina autônoma (Lei Complementar estadual 159/2014). Antes da

inclusão, as provas de Direito Civil e Processo Civil eram acentuadamente interdisciplinares. Em todo caso, prudente que o candidato leve todos os seus códigos para todas as provas e tenha consigo legislação específica sobre os mais diferentes assuntos.

Havendo, em uma banca, peças e questões teóricas, procure iniciar a prova pelas peças. Caso o candidato não finalize uma questão teórica, deixar de expor, de fato, um ou outro tópico sobre o qual anelava dissertar e perderá, com isso, alguns pontos. Entretanto, a parte conclusiva da peça é de vital importância. Se o candidato não a finalizar, perderá enorme pontuação, pois deixará de expor suas habilidades na formulação dos pedidos.

Por fim, ao redigir sua peça, o tempo poderá ser escasso. Sempre é, em verdade. Tempo é o bem mais caro para o candidato. Por isso, preocupe-se com o conteúdo. O examinador precisa saber que o candidato sabe resolver um problema jurídico. A escrita, por isso, deve ser operacional e econômica. Abandone parnasianismos. Procure fazer frases curtas e dividir as ideias em parágrafos.

DIREITO CONSTITUCIONAL

3.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *Questão 14 - Direito Constitucional- A Câmara de Vereadores do Município de Nova Friburgo aprovou lei ordinária, cujo projeto foi de iniciativa de vereador, que instituiu a gratuidade no transporte coletivo para acompanhantes de idosos, sem indicar a fonte de custeio para o referido benefício. O mencionado diploma legal restou sancionado pelo Chefe do poder Executivo local.As concessionárias municipais do transporte público, que já prestavam o serviço, em razão de regular contrato administrativo firmado anteriormente à edição da citada lei, por entenderem que a mesma padecia de vícios de inconstitucionalidade, não estavam permitindo o ingresso gratuito dos acompanhantes de idosos. Simultaneamente, por meio de sindicato estadual, instituído há seis anos, ingressaram com representação de inconstitucionalidade perante o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, objetivando fosse reconhecida a regularidade da conduta que vedava a entrada dos acompanhantes sem o pagamento da tarifa. Sob a ótica constitucional, existem vícios na referida lei municipal? A medida judicial adotada encontra-se juridicamente correta? Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Vania Cirne

Sugestão de resposta

A lei municipal em questão padece de vícios de inconstitucionalidade, seja formal, por afronta ao artigo 61, § 1º, inciso II, alínea "b", da CRFB (norma de observância simétrica e reprodução obrigatória nos Estados), e material, por contrariedade ao artigo 112,§ 2º, da CERJ.A representação de inconstitucionalidade encontra amparo no artigo 162 da CERJ. Todavia, o sindicato carece de legitimidade ativa, ante expressa disposição do referido dispositivo, que confere legitimidade às federações sindicais, que, consoante artigo 534 da CLT, são formadas por, no mínimo, cinco sindicatos.De outro giro, em que pesem os preditos vícios, a norma goza de eficácia e deve ser observada, até que sobrevenha a declaração inconstitucionalidade, não podendo o particular furtar-se ao cumprimento, ao abrigo de sua invalidade.

Comentários

1 - Observe-se que a questão aborda temas como: a) a inconstitucionalidade material (vício de conteúdo) e formal (por vício de iniciativa); b) a possibilidade ou não de a sanção do Chefe do Poder Executivo corrigir a mácula da inconstitucionalidade pelo vício de iniciativa; c) o cabimento da representação de inconstitucionalidade perante o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro; d) a legitimidade para a aludida RI; e) da vigência, validade e eficácia da lei.

Passemos a tratar de cada um dos temas, a fim de aclarar a resposta acima.

a.1) Da inconstitucionalidade material (vício de conteúdo ou substancial)

A lei ou ato normativo que vier a contrariar preceito ou princípio constitucional (que se encontra no ápice de nosso ordenamento jurídico) será inquinada de inconstitucionalidade material.

Consoante Luiz Roberto Barroso," a inconstitucionalidade material expressa uma incompatibilidade de conteúdo, substantiva entre a lei ou o ato normativo e a Constituição".

Vale informar que a doutrina também confere a pecha de inconstitucionalidade material à norma infraconstitucional que: excede do poder legislativo, tendo por objeto finalidade diversa daquela contida na Constituição (nesse sentido, conferir Caio Tácito, in "Desvio do Poder Legislativo", in Revista Trimestral de Direito Público, nº 01, 1993, p. 62; Guilherme Peña de Moraes, in "Curso de Direito Constitucional", Ed. Atlas, 4ª Edição, 2012, p. 142); viola o princípio da proporcionalidade, havendo na norma correspondência à finalidade da Constituição, contudo de forma desproporcional (vide Gilmar Ferreira Mendes, in "A Proporcionalidade na Jurisdição do Supremo Tribunal Federal, in Revista IOB, nº 23, 1994, p. 469, e ob. Cit., p. 143).

A inconstitucionalidade material também é denominada pela doutrina como "nomoestática" (v. L.A.D. Araújo e V.S. Nunes Júnior, in "Curso de Direito Constitucional, p. 24, e Pedro Lenza, in "Direito Constitucional Esquematizado", Ed. Saraiva, 16ª Ed., 254).

In casu, a discussão gira em torno de possível vício de inconstitucionalidade material da lei que institui a gratuidade no transporte coletivo (para acompanhantes de idosos ou outras pessoas), sem indicar a fonte de custeio para o referido benefício, face à vedação inserta no artigo 112, §2º, da Constituição do Estado do Rio de Janeiro ("Não será objeto de deliberação proposta que vise conceder gratuidade em serviço público prestado de forma indireta, sem a corresponde fonte de custeio").

A respeito do predito dispositivo, cumpre consignar que foi ajuizada ação direta de inconstitucionalidade, no STF, sob o nº 3225, ao argumento de que tal norma configuraria afronta ao princípio constitucional da dignidade da pessoa humana, bem como o princípio federativo e a separação de poderes. A predita ADI foi julgada improcedente, em 17/09/2007, consoante aresto abaixo colacionado:

EMENTA: INCONSTITUCIONALIDADE. Ação direta. Art. 112, § 2º, da Constituição do Estado do Rio de Janeiro. Serviço público. Prestação indireta. Contratos de concessão e permissão. Proposta legislativa de outorga de gratuidade, sem indicação da correspondente

fonte de custeio. Vedação de deliberação. Admissibilidade. Inexistência de ofensa a qualquer cláusula constitucional. Autolimitação legítima do Poder Legislativo estadual. Norma dirigida ao regime de execução dos contratos em curso. Ação julgada improcedente. Voto vencido. É constitucional o disposto no art. 112, § 2º, da Constituição do Estado do Rio de Janeiro.

Nesse viés, julgada improcedente a ADI, o artigo 112,§ 2º, CERJ foi declarado constitucional, merecendo a devida observância pelas normas que lhes são subalternas, como a lei municipal em comento. Destarte, a norma padece do vício de inconstitucionalidade, por afrontar o referido dispositivo constitucional estadual.

Vale ressaltar que o STF, pela primeira turma, em sede de controle difuso de constitucionalidade , afastou a exigência de fonte de custeio, quando se tratar de transporte capaz de viabilizar a concretização da dignidade da pessoa humana e de seu bem-estar, evocando com precedente decisão proferida pelo Tribunal Pleno (ADI 3768/DF, Relatora Ministra CÁRMEN LÚCIA, em julgamento de 19/09/2007, conforme DJ de 20-10-2007).

Em que pese o entendimento supra, a norma inserta no artigo 112, § 2º, CERJ, foi considerada constitucional e, como explanado acima, merece observância.

a.2) Da inconstitucionalidade formal subjetiva. Do vício de iniciativa.

Consoante artigo 61, § 1º, inciso II, alínea "b", da CRFB (norma de observância simétrica e reprodução obrigatória nos Estados), são de iniciativa privativa do Chefe do Poder Executivo as leis que disponham sobre serviços públicos.

A lei municipal em tela dispôs acerca de serviços públicos, ao garantir uma espécie de gratuidade. Como o processo legislativo foi deflagrado por vereador, e não pelo chefe do Poder Executivo (no caso, prefeito), restou patente a inconstitucionalidade formal subjetiva, vale dizer, por vício de iniciativa.

Insta observar que a inconstitucionalidade formal é denominada nomodinânima.

Pode a sanção a projeto de lei sanar a inconstitucionalidade formal subjetiva?

Conforme entendimento do Pretório Excelso (v. ADI 1070, Relator Ministro Celso de Melo, DJU 15.09.95), a sanção do chefe do Poder Executivo não possui o condão de sanar o vício de inconstitucionalidade formal, eis que a vontade daquele não tem aptidão jurídica para convalidar defeito oriundo do descumprimento da Constituição da República.

Desta feita, a lei municipal em comento é inconstitucional, em que pese a sanção pelo chefe do Poder Executivo, que teve sua iniciativa usurpada.

c) Do cabimento da representação de inconstitucionalidade perante o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

A representação de inconstitucionalidade de leis ou atos normativos estaduais ou municipais em face da Constituição do Estado do Rio de Janeiro encontra guarida no artigo 162 da referida.

d) Da legitimidade

Extrai-se do artigo 162 da CERJ que a legitimidade para a representação de inconstitucionalidade é conferida a federações sindicais, e não a sindicatos.

Ora, federação sindical, prevista no artigo 534 da CLT, é composta por, no mínimo, cinco sindicatos de atividades idênticas, similares ou conexas, representantes da maioria absoluta dos sindicatos do correspondente grupo, no âmbito estadual.

Nesse sentido, carece da legitimidade ativa o sindicato, isoladamente, para a propositura da RI em comento.

e) Da vigência, validade e eficácia da lei. Planos distintos.

Vigência consiste na existência jurídica da norma, estando atrelada ao seu tempo de duração, diferentemente com vigor, que se encontra relacionado à sua força vinculante.

Não se confunde vigência com validade da norma, concernente à qualidade da norma produzida em consonância com o ordenamento jurídico.

Plano diverso é da eficácia da norma, que consiste em sua aptidão para a produção de efeitos. Vale mencionar a existência da eficácia imediata, diferida, suspensa, retroeficácia e ultraeficácia.

Destarte, a norma pode ser inválida, por contrariedade à norma constitucional (de superior hierarquia, onde é buscado seu fundamento de validade), mas gozar de eficácia, ou seja, produzir efeitos, até que seja declarada sua inconstitucionalidade.

No tocante à natureza do ato inconstitucional e da decisão de inconstitucionalidade, paira divergência doutrinária. Segundo uma corrente de pensamento, o ato inconstitucional é nulo, inválido, sem aptidão para produzir efeitos jurídicos. A natureza da decisão de inconstitucionalidade seria, portanto, declaratória, por apenas declarar a nulidade do ato. Tal entendimento é esposado pelo Supremo Tribunal Federal. Todavia, a modulação dos efeitos da decisão declaratória de inconstitucionalidade permite a existência de atos nulos com a produção de efeitos válidos.

Conforme outra corrente (austríaca, capitaneada por Hans Kelsen), o ato inconstitucional seria anulável, de sorte que produz efeitos até o momento de sua anulação. A decisão declaratória, destarte, possui natureza constitutiva negativa.

No caso em questão, muito embora a norma sofra de vício de inconstitucionalidade, há de ser observada pelos destinatários, por se encontrar em vigor. Caso sobrevenha a declaração de inconstitucionalidade, a decisão pode, inclusive, ter seus efeitos modulados, tendo eficácia ex nunc, ou seja, não retroativos.

(XXXIII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2014) *Questão 15 – Direito Constitucional – É cabível projeto de emenda à Constituição da República Federativa do Brasil por iniciativa popular, com o fim de instituir o direito à renda mínima aos hipossuficientes? E no que concerne à Constituição do Estado do Rio de Janeiro, é possível tal iniciativa?*

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

A CRFB não traz expressamente a possibilidade de Emenda Constitucional de iniciativa popular (o art. 61, caput e §2º, traz tal possibilidade apenas para projetos de lei), porém também não veda. Assim, alguns autores defendemtal possibilidade com fundamento na teoria do poder constituinte, que é permanentee emana do povo. No mérito, o Projeto de Emenda seria cabível, pois a fixação do direito à renda mínima aos hipossuficientes não viola cláusulas pétreas. A Constituição do Estado do Rio de Janeiro permite EC de iniciativa popular no art. 111, IV. Mas ainda que não houvesse tal previsão expressa, normas sobre processo legislativo aplicam-se por simetria, então seria possível aplicar à CERJ o mesmo raciocínio doutrinário aplicado à CRFB.

Comentário 1

A prova preliminar do XXXIII concurso foi realizada em 2/2/2014 e a Emenda Constitucional 56/2013, que alterou a CERJ incluindo a possibilidade de iniciativa popular para propostas de Emenda à Constituição, é de 18/12/2013. Isso mostra que é importante que o candidato se mantenha atento com relação a alterações normativas recentes também no plano estadual. Contudo, o conhecimento dessa alteração não foi determinante para se obter uma boa nota. Candidatos que fizeram a correta exposição da questão teórica, inclusive mencionando o princípio da simetria, mas afirmaram expressamente que o art. 111 da CERJ não trazia a previsão de EC de iniciativa popular, receberam pontuação superior àqueles que se limitaram a trazer a inovação.

Comentário 2

Deve ser registrado, contudo, que o ponto é divergente na doutrina.

Comentário 3

O examinador titular da banca de direito constitucional, Emerson Garcia, traduziu o livro "Exposição Refletida dos Direitos do Homem e do Cidadão", obra clássica de Abade Sieyès, possivelmente o autor mais influente na elaboração da teoria do poder constituinte. Recomenda-se a leitura do texto.

(XXXII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2011)Questão 14 – Direito Constitucional – No ordenamento jurídico pátrio é reconhecido o exercício, pelas minorias parlamentares, do direito de investigar? Caso possível, é cabível o controle jurisdicional de ato de caráter político que vise obstaculizar esse direito?

Autor: Michel Zoucas

Sugestão de resposta

As CPIs (art. 58, §3º da CRFB/88, Lei nº 1.579/52 e art. 109, §3º, Constituição do RJ - CERJ), são instrumentos parlamentares para investigação de fato certo e determinado, cuja criação deve observar requisitos previstos no citado dispositivo: (i) requerimento subscrito por, no mínimo, 1/3 dos parlamentares da Casa Legislativa; (ii) investigar fato determinado e (iii) prazo certo para desenvolvimento dos trabalhos. Em razão do quantitativo de subscritores do requerimento, entende-se que as CPIs consubstanciam direito público subjetivo das minorias, pois, preenchidos os requisitos constitucionais, não pode a Casa Legislativa indeferir o requerimento de instalação ou estipular outros requisitos. Caso isso ocorra, é possível a impetração de mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal (art. 102, I, "d", CFRB/88) ou Tribunal de Justiça (art. 161, IV, "e", 3, CERJ), no âmbito estadual, visando a salvaguarda de seu direito subjetivo público. Neste caso, será feito o controle jurisdicional da legalidade constitucional do ato de caráter político, tendo como parâmetro o supracitado artigo constitucional uma vez que, observados os requisitos mencionados, eventual juízo de oportunidade e conveniência pela maioria parlamentar afrontaria à Constituição.

Comentários

Precedentes: (i) STF - MS 26441, Relator(a): Min. CELSO DE MELLO, Tribunal Pleno, julgado em 25/04/2007, DJe-237 DIVULG 17-12-2009 PUBLIC 18-12-2009; (ii) STF - MS 24831, Relator(a): Min. CELSO DE MELLO, Tribunal Pleno, julgado em 22/06/2005, DJ 04-08-2006; (iii) STJ - RMS 23.618/AM, Rel. Ministro TEORI ALBINO ZAVASCKI, PRIMEIRA TURMA, julgado em 02/12/2008, DJe 11/12/2008 e (iv) TJMG - Agravo de Instrumento-Cv 1.0209.14.004384-2/001, Relator(a): Des.(a) Duarte de Paula, 4ª CÂMARA CÍVEL, julgamento em 25/09/2014, publicação da súmula em 02/10/2014.

(XXXII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2011)Questão 15 – Direito Constitucional – Segundo o entendimento majoritário no Supremo Tribunal Federal, é constitucional Lei Orgânica do Ministério Público Estadual, que amplie o rol de autoridades previsto no inciso VIII do Artigo 29 da lei nº 8625/93?

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

Sim. Conforme entendimento do Pleno do STF, é possível a ampliação, pela lei orgânica estadual, da atribuição originária do Procurador-Geral de Justiça prevista no artigo 29, VIII da Lei nº 8625/93. O fundamento de tal decisão é que a Lei Orgânica do Ministério Público Estadual não usurpa competência legislativa da União ao definir as atribuições do Procurador-Geral, pois não se trata de matéria processual. A questão é atinente às atribuições do Ministério Público local, o que, na forma do artigo 128, § 5º,

da CRFB/88, é da competência dos Estados-membros. O legitimado ativo, que é matéria processual, continua sendo o Ministério Público, sendo que a LOMP apenas definiu o órgão de execução com atribuição para a promoção do inquérito civil e ajuizamento da ação civil pública, sendo que as atribuições dos órgãos de execução devem, conforme artigo 128, §5º da CRFB 88, ser definidas pela Lei Complementar de cada Estado.

Comentário 1

Esta questão pedia uma resposta bem objetiva, diretamente vinculada ao conhecimento do entendimento do STF sobre o tema, cabendo ao candidato, se possível, esboçar conhecimento sobre a diferença entre atribuição e legitimidade, bem como sobre a competência legislativa para tratar de cada instituto.

Comentário 2

Sobre a diferença entre atribuição e legitimidade, podemos de forma resumida dizer que atribuição, para Carlos Roberto Jatahy em sua obra sobre Princípios Institucionais do Ministério Público, é a limitação criada por lei ou por ato do Procurador-Geral de Justiça, dentre as funções institucionais do Ministério Público, para que seus agentes exerçam corretamente seu múnus. Já legitimidade é condição da ação, que seria em conceitos gerais a pertinência subjetiva relativa à relação jurídica de direito material descrita na demanda.

Comentário 3

Sobre a competência legislativa para editar a lei orgânica do Ministério Público Estadual, temos o artigo 61, §1º, II, "d" da CRFB 88 que diz ser do Presidente da República a iniciativa privativa para a lei que dita as normas gerais para a organização do Ministério Público dos Estados, sendo essa lei a Lei n 8625/93. Para a Lei Orgânica Estadual há, pelo princípio da simetria, iniciativa concorrente entre o Procurador-Geral de Justiça e o Governador do Estado, o que se infere da leitura sistemática dos artigos 128, §5º e artigo 25 da CRFB 88 c/c art. 112, §1º, inciso II, "c" c/c art. 172, ambos da Constituição Estadual.

Comentário 4

O julgado do STF mencionado na questão foi proferido na ADI nº 1916/MS Rel. Min. Eros Grau.

(XXXI Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2009) *Questão 14 – Direito Constitucional – Direito Constitucional: (Valor – 5 pontos) Um estado da federação, tradicional produtor e exportador agrícola, editou uma lei proibindo o plantio de Organismos Geneticamente Modificados (OGMs), em seu território, visando proteger o meio*

ambiente e defender a saúde da sua população. Tal lei estadual é constitucional? RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.

Autora: Vanessa Gonzalez

Sugestão de resposta

Lei Estadual nos termos acima mencionados seria inconstitucional porque extrapolaria os limites da competência legislativa concorrente, prevista na Constituição Federal, para tratar de questões ambientais (art. 24, inciso VI da CF) e de proteção à saúde da população (art. 24, inciso XII da CF). Isso porque há norma geral, editada pela União, permitindo o plantio de OGM sob determinadas condições, sem deixar margem para a imposição de restrições nos termos mencionados no enunciado.De acordo com o Supremo Tribunal Federal, "não se afigura admissível, no uso da competência residual", que o Estado-Membro formule uma disciplina que acabe por afastar a aplicação das normas federais pertinentes ao assunto, de caráter geral.

Comentários

O entendimento aqui defendido foi adotado pelo Supremo Tribunal Federal por ocasião do julgamento da ADI 3035 e da ADI 3054, ajuizadas contra a Lei Estadual Paranaense nº 14.162/2003 . Por ocasião deste julgamento (ano de 2005) o parecer da Procuradoria Geral da República foi no sentido do reconhecimento da inconstitucionalidade da referida Lei Estadual.

Note-se que a referida Lei estabeleceria normas restritivas ao cultivo de OGM, trazendo uma vedação total de sua utilização, apesar da existência de legislação federal (Lei 8.974/1995 e Medida Provisória 2.191/2001, em vigor à época do julgamento das mencionadas ADIs; atualmente, a Lei Federal que trata do plantio de OGM é a Lei 11.105/2005, a chama Lei de Biossegurança) que fixa normas gerais para tais temas, permitindo o plantio de OGM com algumas restrições.

Sem embargo do entendimento acima exposto, há autores (especialmente da área do direito ambiental) que defendem que em tema de competência legislativa concorrente, poderia a norma ambiental estadual estabelecer regramento mais rígido no âmbito do seu Estado do que aquele previsto na Lei Federal.

Para esses autores, a solução dos conflitos de normas ambientais editadas pela União e pelos Estados no exercício da competência legislativa concorrente não se restringe à aplicação do art. 24 da Constituição Federal, em razão do princípio in dubio pro natura, do modelo de federativo e do Estado Democrático de Direito.

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2009) *Questão 15 - Direito Constitucional - Determinada Constituição Estadual, em seu texto original, estabelece que Prefeitos Municipais não possam ausentar-se do Município, por período superior a*

10 dias, sem prévia autorização da Câmara Municipal. A despeito disso, Lei Orgânica Municipal posterior estabelece outro prazo, 15 dias, mantendo a mesma limitação territorial. Então, agente público legitimado ingressou com representação por inconstitucionalidade da norma municipal perante o Tribunal de Justiça. Autos encaminhados ao Ministério Público, o Procurador-Geral de Justiça manifestou-se contrariamente ao pleito, em razão da inconstitucionalidade da norma estadual. Pergunta-se: 1. É correto o entendimento do Procurador-Geral quanto à incompatibilidade da Constituição Estadual com a Carta Federal? 2. Como é possível, sob o ponto de vista processual-constitucional, a improcedência da citada representação? RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.

Autor: Matheus Rezende

Sugestão de resposta

O entendimento do Procurador-Geral de Justiça está correto, uma vez que o STF decidiu, inúmeras vezes, inclusive por meio de ADI, que a norma dos art. 83 e art. 49, III, ambos da CR/88 é de observância obrigatória. Os Poderes Constituintes Derivados Decorrentes dos Estados-Membros e Municípios, para parte da doutrina que entende que os Municípios possuem Poder Constituinte Derivado Decorrente, devem guardar similitude com o modelo federal. Logo, a ausência apta a justificar a autorização do Prefeito deve ser de 15 (quinze) dias e ela não pode se restringir à circunscrição do Município, devendo ser sua ausência considerada também do território nacional. Sob o ponto de vista jurídico processual, a improcedência da representação justifica-se no fato de o TJ poder analisar, incider tantum, a constitucionalidade de norma da CE em face da CR/88, pois o parâmetro usado é prejudicial ao julgamento do mérito da ADIn Estadual. Haveria, portanto, impossibilidade jurídica do pedido. Isso porque o parâmetro invocado viola norma de repetição obrigatória prevista na CR/88..

Comentário 1

Norma de repetição obrigatória, norma de observância obrigatória ou princípios constitucionais extensíveis: "são normas centrais comuns à União, Estados, Distrito Federal e Municípios, de observância obrigatória (obviamente, também aos Estados) e que percorrem toda a Constituição)". FERNANDES, Bernardo Gonçalves. CURSO DE DIREITO CONSTITUCIONAL. 6ª edição. Ed. JusPodivm. 2014. P. 150.

Comentário 2

O Supremo Tribunal Federal já decidiu no controle abstrato-concentrado de constitucionalidade que a norma prevista nos art. 49, III, e art. 83, ambos da CR/88, é de observância obrigatória. Portanto, está maculada pelo vício da inconstitucionalidade qualquer norma da Constituição Estadual e/ou da Lei Orgânica Municipal que estabeleça prazos de ausência sem autorização diversos dos parâmetros traçados pela Constituição da República. Dentre os

inúmeros julgados no STF, vide: ADI 678-9/RJ, Rel. Min. Carlos Velloso; RE317.574/MG, Rel. Min. Cezar Peluso; ADI 738-6/GO, Rel. Min. Maurício Corrêa.

Comentário 3

Sobre a possibilidade de o Tribunal de Justiça analisar a constitucionalidade do parâmetro da Constituição Estadual em face da Constituição da República no julgamento da ADIn Estadual, sem que isso importe em usurpação de competência: vide no STF Reclamação 526/SP, Rel. Min. Moreira Alves). Na doutrina, vale transcrever os ensinamentos de Gilmar Mendes, citado por Bernardo Gonçalves Fernandes:

"...'pode ocorrer que o Tribunal estadual considere inconstitucional o próprio parâmetro de controle estadual por entende-lo ofensivo à Constituição Federal'. Nesse caso, concordamos com o posicionamento doutrinário que afirma que, mediante tal hipótese (do TJ chegar à conclusão, após sua análise que inconstitucional é a própria Constituição Estadual!): 'o Tribunal de Justiça competente para conhecer da ação direta de inconstitucionalidade em face da constituição estadual suscite ex officio a questão constitucional - inconstitucionalidade do parâmetro estadual em face da Constituição Federal - declarando, incidentalmente, a inconstitucionalidade da norma constitucional estadual em face da Constituição Federal e extinguindo, por conseguinte, o processo, ante a impossibilidade jurídica do pedido (declaração de inconstitucionalidade em face do parâmetro constitucional estadual violador da Constituição Federal)'". (MENDES, Gilmar Ferreira; COELHO, Inocêncio Mártires; BRANCO, Paulo Gustavo Conet. CURSO DE DIREITO CONSTITUCIONAL. São Paulo: Saraiva, 2008. P. 1314-1315 apud in FERNANDES, Bernardo Gonçalves. CURSO DE DIREITO CONSTITUCIONAL. 6ª edição. Ed. JusPodivm. 2014. P. 1205).

Comentário 4

O tema acerca da (in)existência de Poder Constituinte Derivado Decorrente para os Municípios é divergente na doutrina e jurisprudência. Na doutrina prevalece que os Municípios não gozam de Poder Constituinte. Todavia, o STF já sinalizou entendimento sobre a possível existência de verdadeiro Poder Constiuinte Derivado Decorrente (ADInMC 980/DF). Trata-se de interessante discussão a ser explorada em provas subjetivas de concursos públicos.

3.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CONSTITUCIONAL – 2014) *1ª Questão – Discorra sobre o poder normativo do Conselho Nacional do Ministério Público. Resposta fundamentada.*

Autora: Vania Cirne

Sugestão de resposta

Concebido como órgão de controle externo do Ministério Público, o Conselho Nacional do Ministério Público possui assento constitucional (artigo 130-A, inserto na Seção I, atinente ao Ministério Público, do Capítulo IV, concernente às Funções Essenciais à Justiça, na Constituição da República Federativa do Brasil). Consoante disposto no parágrafo segundo do predito dispositivo constitucional, compete ao CNMP o controle da atuação administrativa e financeira do Ministério Público e do cumprimento dos deveres funcionais de seus membros, tendo por atribuições, dentre outras, o zelo pela autonomia funcional e administrativa dos membros do Ministério Público. Para tanto, poderá expedir atos regulamentares, no âmbito de sua atribuição, ou recomendar providências.

Destarte, o poder normativo do CNMP, traduzido na expedição de resoluções, decorre da Constituição da República, e tem por escopo a tutela da autonomia do Ministério Público, que também encontra guarida na nossa Lei Maior, em seu artigo 127, § 2º.

Vale asseverar que a parte final do artigo 130-A, § 2º, inciso I, da CR, deve ser interpretada em consonância com a primeira parte da norma, devendo-se observar que o poder normativo do CNMP foi criado com vistas a resguardar a independência e autonomia do Ministério Público da ingerência de todo e qualquer poder.

Nesse sentido, autorizada doutrina entende que deve haver balizamentos ao exercício do poder normativo do CNMP, de maneira a evitar excessos, bem como a não reduzir a autonomia assegurada pelo legislador constituinte ao Ministério Público. Deve-se proceder à ponderação de princípios constitucionais, com o fito de evitar contradições no ordenamento constitucional.

Como é cediço, o poder regulamentar encontra-se atrelado à possibilidade de estruturas estatais especificarem, de forma cogente, as providências a serem adotadas para o aperfeiçoamento dos comandos legais e constitucionais.

No caso do poder normativo do CNMP, o próprio legislador constituinte atribuiu ao referido órgão o exercício do poder regulamentar, a fim de conferir máxima efetividade à Constituição.

Cumpre consignar que, segundo o STF, as resoluções do CNJ (e o mesmo entendimento é válido para as resoluções do CNMP) encontram-se imbuídas das características de generalidade (seus dispositivos veiculam normas proibitivas de ações administrativas padronizadas), impessoalidade (ausência de indicação nominal ou patronímica de quem quer que seja) e abstratividade (trata-se de um modelo normativo com âmbito temporal de vigência em aberto, pois é vocacionada para renovar de forma contínua o liame que prende suas hipóteses de incidência aos respectivos mandamentos).

Tendo em vista a terminologia empregada pelo legislador constituinte no artigo 130-A, § 2º, inciso I, da CR ("atos regulamentares"), passamos a tecer breves considerações acerca dos regulamentos, sua natureza jurídica, bem como da impropriedade da aludida expressão.

Grassa divergência na doutrina a respeito da natureza do regulamento, ou seja, se consiste em ato administrativo, sob a ótica formal, ou se pode ser concebido como ato legislativo, sob o aspecto material.

Não se pode olvidar a imprescindibilidade da fiel observância dos regulamentos à norma hierarquicamente superior, in casu, a Constituição da República, donde é diretamente extraído tal poder normativo, assim como à lei.

Ora, se a norma tem de buscar seu fundamento de validade na Constituição da República, sob pena de padecer do vício de inconstitucionalidade, não pode exorbitar da função conferida pela Lei Maior, devendo guardar a devida proporcionalidade e adequação aos fins alvitrados pelo poder constituinte. Ou seja, a norma posta não pode afrontar a norma que lhe dá suporte.

Ressalte-se que há entendimento no sentido de que os regulamentos servem-se tão somente à execução das leis e, portanto, não haveria falar em decreto autônomo (denominado regulamento autônomo por alguns), o qual prescinde de autorização legal para sua edição. Em sentido diametralmente oposto, admitem-se as seguintes espécies de manifestações do poder regulamentar: autônoma ou independente, pela qual seriam preenchidas as lacunas da lei; executiva, que se serve à aplicação das normas legais; e autorizada, por meio da qual há disciplina das matérias descritas na lei que delegou ou permitiu o exercício do poder regulamentar.

Segundo a doutrina que admite a existência dos decretos autônomos, o fundamento da referida espécie normativa estaria estampada na própria Constituição ou na lei, tendo-se por exemplo o artigo 84, VI, c/c artigo 61, § 1º. Inciso II, da Constituição da República. De acordo com o artigo 84, inciso IV, da Constituição da República, compete privativamente ao Chefe do Poder Executivo regulamentar a lei, por meio de decreto e regulamento. Insta observar a impropriedade da expressão, eis que o regulamento constitui o conteúdo do decreto, e não espécie distinta.

O legislador constituinte derivado (através da Emenda Constitucional 45/2004), a par da competência privativa do Poder Executivo, autorizou a expedição de "atos regulamentares" pelo Conselho Nacional de Justiça e pelo Conselho Nacional do Ministério Público, nos artigos 103-B, § 4º, inciso I, e 130-A, § 2º, inciso I, da Constituição da República, respectivamente.

Assevere-se que os atos regulamentares do CNMP não foram alçados ao nível de lei, sob pena de mácula às normas constitucionais definidoras de competências, bem como aos princípios federativo, democrático e da independência entre os Poderes.

Com efeito, as resoluções do CNMP constituem "regulamentos autônomos" a serem exercidos "no âmbito de sua competência", isto é, na seara das matérias previstas no artigo 130-A da Constituição da República, não podendo extrapolar tais limites, portanto.

É de se notar que o Supremo Tribunal Federal, no bojo da Ação Declaratória de Constitucionalidade nº 12, em sede de cognição sumária, entendeu que as resoluções do CNJ teriam força de diploma normativo primário, porquanto seu fundamento de

validade seria extraído diretamente da Constituição. Com isso, parte da doutrina passou a entender que tal posicionamento seria válido para as resoluções do CNMP.

Em que pese a referida decisão do Pretório Excelso, as resoluções ou regulamentos autônomos devem observância às normas constitucionais que dispõem sobre a divisão de competências entre os entes federados, bem como à lei. Outrossim, as resoluções do CNMP não podem ser assimiladas aos decretos autônomos do Poder Executivo e, por fim, nenhum dos exemplos de atos normativos que não a lei, previstos na Constituição, foi expressamente intitulado de "ato regulamentar" (tal qual o artigo 130-A, § 2º, inciso I, da CR).

De outro giro, como brevemente explanado acima, o CNMP possui missão constitucional de zelar pela autonomia funcional e administrativa do Ministério Público. Para tanto, o legislador constituinte outorgou-lhe dois instrumentos: expedir atos regulamentares, no âmbito de sua competência e recomendar providências. Nesse viés, a ratio do poder regulamentar do CNMP é a tutela da autonomia do Ministério Público.

Traduz-se por autonomia a prerrogativa de estabelecer as próprias normas. Ao Ministério Público é essencial autonomia administrativa e financeira, para fins de realização de seu mister constitucional, qual seja, a proteção da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis, nos termos do artigo 127, caput, da CRFB.

Desta feita, o CNMP deve editar atos regulamentares com vistas a atender à autonomia institucional, tendo por fim último, a consecução das finalidades institucionais do Ministério Público insculpidas no precitado dispositivo, numa interpretação sistemática da Constituição.

Deflui do nosso sistema constitucional, que repousa sobre os princípios, direitos e garantias fundamentais, que o Ministério Público, instituição vocacionada à tutela dos direitos mais caros ao nosso Estado de Direito Democrático, que constituem cláusulas pétreas, não pode sofrer limitação em sua autonomia. Aliás, o próprio Supremo Tribunal Federal já proferiu decisão no sentido de que, se o Ministério Público defende as cláusulas pétreas, é tão pétreo quanto estas, não podendo sequer emenda constitucional reduzir suas garantias.

Vale ressaltar que os atos regulamentares somente podem alcançar os atos de natureza administrativa e funcional, sem perder de vista o objetivo de assegurar a autonomia da Instituição. Nesse viés, esclareça-se que os atos praticados no âmbito do Ministério Público podem ter natureza administrativa, financeira, funcional stricto sensu (o exercício da atividade-fim do Ministério Público) e política. Como mencionado acima, os atos regulamentares expedidos com vistas à tutela da autonomia funcional, não poderão limitá-la, tampouco afetar a independência funcional dos membros do Ministério Público, princípio que se afigura como indispensável à realização de sua atividade-fim (defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis).

Por todo o exposto, entende-se que o poder regulamentar do Conselho Nacional do Ministério Público encontra limitação no âmbito de competência do colegiado, nas próprias regras e princípios constitucionais e na lei, e deve ser exercido com o desiderato de zelar pela autonomia funcional e administrativa do Ministério Público.

Comentário 1

A resposta foi elaborada em consonância com o artigo de autoria do examinador da banca de Direito Constitucional (vide: Emerson Garcia. "AS RESOLUÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO E O SEU NECESSÁRIO BALIZAMENTO". Revista Eletrônica do CEAF. Porto Alegre - RS. Ministério Público do Estado do RS. Vol. 1, n. 1, out. 2011/jan. 2012). Vale destacar, portanto, a importância da leitura das obras dos examinadores, pelo concursando, para se inteirar do entendimento da banca.

Comentário 2

Segue ementa da decisão proferida pelo STF, na ADC 12 (em sede de medida cautelar):

EMENTA: AÇÃO DECLARATÓRIA DE CONSTITUCIONALIDADE, AJUIZADA EM PROL DA RESOLUÇÃO Nº 07, de 18/10/2005, DO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. MEDIDA CAUTELAR.

Patente a legitimidade da Associação dos Magistrados do Brasil - AMB para propor ação declaratória de constitucionalidade. Primeiro, por se tratar de entidade de classe de âmbito nacional. Segundo, porque evidenciado o estreito vínculo objetivo entre as finalidades institucionais da proponente e o conteúdo do ato normativo por ela defendido (inciso IX do art. 103 da CF, com redação dada pela EC 45/04).

Ação declaratória que não merece conhecimento quanto ao art. 3º da resolução, porquanto, em 06/12/05, o Conselho Nacional de Justiça editou a Resolução nº 09/05, alterando substancialmente a de nº 07/2005.

A Resolução nº 07/05 do CNJ reveste-se dos atributos da generalidade (os dispositivos dela constantes veiculam normas proibitivas de ações administrativas de logo padronizadas), impessoalidade (ausência de indicação nominal ou patronímica de quem quer que seja) e abstratividade (trata-se de um modelo normativo com âmbito temporal de vigência em aberto, pois claramente vocacionado para renovar de forma contínua o liame que prende suas hipóteses de incidência aos respectivos mandamentos).

A Resolução nº 07/05 se dota, ainda, de caráter normativo primário, dado que arranca diretamente do § 4º do art. 103-B da Carta-cidadã e tem como finalidade debulhar os próprios conteúdos lógicos dos princípios constitucionais de centrada regência de toda a atividade administrativa do Estado, especialmente o da impessoalidade, o da eficiência, o da igualdade e o da moralidade.

O ato normativo que se faz de objeto desta ação declaratória densifica apropriadamente os quatro citados princípios do art. 37 da Constituição Federal, razão por que não há antinomia de conteúdos na comparação dos comandos que se veiculam pelos dois modelos

normativos: o constitucional e o infraconstitucional. Logo, o Conselho Nacional de Justiça fez adequado uso da competência que lhe conferiu a Carta de Outubro, após a Emenda 45/04.

Noutro giro, os condicionamentos impostos pela Resolução em foco não atentam contra a liberdade de nomeação e exoneração dos cargos em comissão e funções de confiança (incisos II e V do art. 37). Isto porque a interpretação dos mencionados incisos não pode se desapegar dos princípios que se veiculam pelo caput do mesmo art. 37. Donde o juízo de que as restrições constantes do ato normativo do CNJ são, no rigor dos termos, as mesmas restrições já impostas pela Constituição de 1988, dedutíveis dos republicanos princípios da impessoalidade, da eficiência, da igualdade e da moralidade. É dizer: o que já era constitucionalmente proibido permanece com essa tipificação, porém, agora, mais expletivamente positivado. Não se trata, então, de discriminar o Poder Judiciário perante os outros dois Poderes Orgânicos do Estado, sob a equivocada proposição de que o Poder Executivo e o Poder Legislativo estariam inteiramente libertos de peias jurídicas para prover seus cargos em comissão e funções de confiança, naquelas situações em que os respectivos ocupantes não hajam ingressado na atividade estatal por meio de concurso público.

O modelo normativo em exame não é suscetível de ofender a pureza do princípio da separação dos Poderes e até mesmo do princípio federativo. Primeiro, pela consideração de que o CNJ não é órgão estranho ao Poder Judiciário (art. 92, CF) e não está a submeter esse Poder à autoridade de nenhum dos outros dois; segundo, porque ele, Poder Judiciário, tem uma singular compostura de âmbito nacional, perfeitamente compatibilizada com o caráter estadualizado de uma parte dele. Ademais, o art. 125 da Lei Magna defere aos Estados a competência de organizar a sua própria Justiça, mas não é menos certo que esse mesmo art. 125, caput, junge essa organização aos princípios "estabelecidos" por ela, Carta Maior, neles incluídos os constantes do art. 37, cabeça.

Medida liminar deferida para, com efeito vinculante: a) emprestar interpretação conforme para incluir o termo "chefia" nos inciso II, III, IV, V do artigo 2° do ato normativo em foco b) suspender, até o exame de mérito desta ADC, o julgamento dos processos que tenham por objeto questionar a constitucionalidade da Resolução nº 07/2005, do Conselho Nacional de Justiça; c) obstar que juízes e Tribunais venham a proferir decisões que impeçam ou afastem a aplicabilidade da mesma Resolução nº 07/2005, do CNJ e d) suspender, com eficácia ex tunc, os efeitos daquelas decisões que, já proferidas, determinaram o afastamento da sobredita aplicação.

Comentário 3

A título de ilustração, colacionamos os seguintes julgados do Supremos Tribunal Federal, acerca da atribuição do CNMP:

EMENTA: MANDADO DE SEGURANÇA. REPRESENTAÇÃO PARA PRESERVAÇÃO DA AUTONOMIA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. COMPETÊNCIA DO CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO ESTABELECIDA NO ART. 130-A, INC. I, § 2º, DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA. SEGURANÇA DENEGADA. 1. A independência funcional garantida ao Impetrante pelo art. 127, § 1º, da Constituição da República não é irrestrita, pois o membro do Ministério Público deve respeito à Constituição da República e às leis. 2. Compete ao Conselho Nacional

do Ministério Público zelar pela autonomia funcional do Ministério Público, conforme dispõe o inc. I do § 2º do art. 130-A da Constituição da República. 3. Segurança denegada. (MS 28408 / DF - DISTRITO FEDERAL. MANDADO DE SEGURANÇA. Relator(a): Min. CÁRMEN LÚCIA. Julgamento: 18/03/2014 Órgão Julgador: Segunda Turma)

EMENTA: MANDADO DE SEGURANÇA. CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. ANULAÇÃO DE ATO DO CONSELHO SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO EM TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA. ATIVIDADE-FIM DO MINISTÉRIO PÚBLICO ESTADUAL. INTERFERÊNCIA NA AUTONOMIA ADMINISTRATIVA E NA INDEPENDÊNCIA FUNCIONAL DO CONSELHO SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO NO ESPÍRITO SANTO - CSMP/ES. MANDADO DE SEGURANÇA CONCEDIDO. MS 28028 / ES - ESPÍRITO SANTO (MANDADO DE SEGURANÇA Relator(a): Min. CÁRMEN LÚCIA Julgamento: 30/10/2012 Órgão Julgador: Segunda Turma)

EMENTA Mandado de segurança. Ato do Conselho Nacional do Ministério Público. Competência reconhecida para fiscalizar os princípios que regem a Administração Pública, consagrados no art. 37, caput, da Constituição Federal. Cessão de servidor público. Ausência dos pressupostos legais objetivos. Prevalência de interesse público sobre o privado. Impropriedade do debate. Impossibilidade de dilação probatória. Segurança indeferida. 1. Competência do Conselho Nacional do Ministério Público para promover a fiscalização dos princípios constitucionais da Administração Pública, consagrados no art. 37, caput, da Constituição Federal, entre eles o princípio da moralidade, que rege a vedação ao nepotismo. 2. É inexequível a precisão dos interesses públicos e privados envolvidos, ressalvando-se, ademais, a obrigatoriedade de o Poder Público pautar seus atos pelo respeito aos princípios da administração pública, em especial, no caso dos autos, aos da legalidade e da impessoalidade (art. 37, caput, da CF/88). 3. A edição de atos regulamentares ou vinculantes por autoridade competente para a orientação da atuação dos demais órgãos ou entidades a ela vinculados quanto à configuração do nepotismo não retira a possibilidade de, em cada caso concreto, proceder-se à avaliação das circunstâncias à luz do art. 37, caput, da CF/88. 4. Segurança indeferida. MS 31697 / DF - DISTRITO FEDERAL

(Mandado de Segurança Relator(a): Min .DIAS TOFFOLI. Julgamento: 11/03/2014 Órgão Julgador: Primeira Turma)

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CONSTITUCIONAL – 2014)2ª Questão – Analise a denominada "cláusula de barreira" sob o prisma dos princípios fundamentais da República Federativa do Brasil e da funcionalidade dos partidos políticos.

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

A expressão "cláusula de barreira" pode ser utilizada para designar diversos fenômenos.

Inicialmente, é possível falar em uma cláusula de barreira "natural". Explica-se: no Direito brasileiro, aquele partido que não alcança o quociente eleitoral em eleições proporcionais sequer pode participar da distribuição das sobras, ficando sem cadeiras.

Além disso, é possível falar em uma cláusula de barreira "artificial", que é aquela criada pela legislação estabelecendo que partidos que não alcancem um determinado percentual de votos sofram consequências com relação à manutenção de um candidato eleito ou à manutenção do seu funcionamento parlamentar.

A cláusula de barreira artificial verdadeira é rechaçada no Brasil. Ela existe em países como a Alemanha, dentre outros, e exige que o partido alcance uma votação mínima sob pena do seu candidato eleito perder a cadeira conquistada.

Nacionalmente, o que tivemos foram dispositivos da Lei 9.096/95 que trouxeram consequências negativas para partidos que não cumprissem os requisitos do seu art. 13, como a perda do fundo partidário (art. 41, I e II, da Lei 9.096/95) e a impossibilidade de compor CPIs. Além disso, quando o partido não possui representação na Câmara dos Deputados, a participação em debates de rádio ou televisão não é assegurada aos seus candidatos (art. 46, Lei 9.504/97). Mas note-se que essas não se tratam de cláusulas de barreira propriamente ditas. O mais técnico seria falar em "cláusulas de desempenho". Isso porque o partido não perderia cadeiras nas hipóteses narradas, mas sofreria sanções que prejudicariam o seu desempenho.

Contudo, o STF julgou inconstitucionais as limitações trazidas pela Lei 9.096/95 valendo-se do argumento do pluripartidarismo.

O Brasil é um Estado Democrático de Direito. Isso pressupõe pluralismo político e possibilidade de ampla deliberação no espaço público. O partido, como o próprio nome diz, é parte desse sistema. Na obra "Origens do Totalitarismo", Hannah Arendt demonstra que apenas em democracias há espaço para verdadeiros partidos, no sentido de parte, pois nos Estados totalitários o que há é centralização do poder nas mãos do grupo dominante. O poder político se torna uno, não partido.

Assim, os partidos, apesar de terem caráter nacional, refletem diferentes visões de mundo e modos de vida.

O Brasil é uma sociedade plural, formada por diferentes heranças culturais, e isso se espelha na repartição política. O pluralismo político, portanto, permite que as minorias sejam representadas, tenham voz. Lembre-se que o conceito contemporâneo de Estado Democrático de Direito pressupõe não apenas o respeito à vontade política majoritária como também a compatibilização dessa vontade com os direitos fundamentais das minorias.

É importante, portanto, a representação política adequada dos grupos minoritários, o que dará até uma maior legitimidade democrática à vontade da maioria, pois ampliará o debate público que contribuiu para formar a decisão.

No plano positivo, considerando-se essas questões de ordem filosófica, o pluralismo político foi previsto como princípio fundamental da República no art. 1º, V, da CRFB,

o pluripartidarismo foi expressamente trazido pelo artigo 17 da CRFB e o parágrafo 3º do mesmo artigo 17 trouxe o direito dos partidos a recursos do fundo partidário.

O STF, ao declarar a inconstitucionalidade dos artigos 13 e 41, I e II, da Lei 9.096/95, o fez por entender que tais dispositivos violavam de forma tão intensa os direitos dos partidos que atingiam o núcleo duro do pluralismo político.

Comentário

Por vezes a expressão "cláusula de barreira" tem sido utilizada de forma não técnica pela mídia para projetos de lei que não trazem verdadeiras cláusulas de barreira. Recomenda-se cautela ao candidato, devendo sempre buscar a precisão terminológica.

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CONSTITUCIONAL - 2012) *Questão 01 - AComissão Permanente de Assuntos Municipais e de Desenvolvimento Regional da ALERJ ajuíza Representação por Inconstitucionalidade, perante o Órgão Especial do TJRJ, alegando que determinada norma do Regimento Interno da Câmara de Vereadores de cidade integrante da região metropolitana viola os artigos 234, inciso III, e 236, da Constituição do Estado. O preceito impugnado na citada Representação por Inconstitucionalidade faculta ao Plenário da Câmara de Vereadores, por maioria simples de votos dos seus membros, a dispensa de realização de audiência pública em processos legislativos que tenham por objetivo adaptação dos planos urbanísticos às novas realidades da urbe. A Câmara de Vereadores, intimada para se manifestar sobre os termos da Representação, aduz, preliminarmente, que a referida comissão não deteria legitimidade para instaurar processo de controle concentrado de constitucionalidade, em razão do dever de simetria ao rol dos legitimados contido no artigo 103 da CF, razão pela qual o citado processo deveria ser extinto, sem julgamento de mérito, por ilegitimidade ativa. Quanto ao mérito, assentou que a norma do Regimento Interno da Câmara veicula matéria interna corporis, insuscetível de controle judicial, sob pena de violação ao princípio da separação de poderes. No mais, argumentou que as normas da Constituição do Estado, ao dispor sobre o processo legislativo dos Municípios, invadiram a esfera de competência própria dos entes municipais, o que implicaria na sua inconstitucionalidade, por violação ao artigo 18 da CF, devendo o Órgão Especial, de forma incidental, reconhecer a citada inconstitucionalidade. Alternativamente, pugnou por uma interpretação conforme a Constituição, para permitir que a Casa Legislativa de cada Município decida em cada caso concreto acerca da necessidade ou não de realização de audiência pública. A Procuradoria-Geral do Estado, intimada para se pronunciar na forma do artigo 162, § 3º, da Constituição do Estado, manifestou-se pela rejeição da preliminar processual, uma vez que a Constituição do Estado deteria competência para atribuir legitimidade ativa na Representação para outros órgãos, mesmo que não guardem relação com os legitimados da Ação Direta de Inconstitucionalidade. No mérito, aduziu que o Órgão Especial do Tribunal de Justiça, no âmbito do processo objetivo da Representação por Inconstitucionalidade, não pode*

realizar controle de constitucionalidade tendo como paradigma a Constituição Federal, pugnando pela declaração de inconstitucionalidade do preceito do Regimento Interno, com efeitos temporários ex nunc, uma vez que diversas licenças de construções já foram editadas com base em leis urbanísticas aprovadas sob o rito estabelecido no Regimento Interno, o que poderia causar lesão ao interesse público e ao direito de terceiros de boa-fé. O processo é, então, remetido ao Procurador-Geral de Justiça para manifestação. Elabore manifestação jurídica (dispensada a forma de parecer), abordando todos os aspectos suscitados.

Autor: Uriel Fonseca

Sugestão de resposta:

A questão propõe uma análise sobre diversos assuntos envolvendo o tema controle de constitucionalidade no âmbito estadual, norteada pelas mais variadas alegações apresentadas pelos órgãos instados a se manifestar. É importante que o candidato associe a análise da normativa aplicável, dos ensinamentos doutrinários e das decisões paradigmáticas proferidas pelo Supremo Tribunal Federal sobre os temas, oferecendo, assim, ao examinador uma visão ampla do instituto em tela. Neste sentido, devem ser abordados e desenvolvidos os seguintes pontos:

a) Legitimidade ativa (v. ADI 558/RJ, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, DJ 26/03/1993). A única regra da Constituição da República a esse respeito está contida no art. 125, § 2º, e veda, tão somente, que a atribuição de legitimação seja outorgada a um único órgão. Ainda assim, segundo a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, não poderia o ente federativo prever rol de legitimados inferior àquele contemplado, em âmbito federal, no art. 103 da Constituição da República, sendo este o único parâmetro de simetria estabelecido. Em outros termos, nada impede a ampliação da iniciativa a outros órgãos públicos ou entidades.

b) Possibilidade de controle de constitucionalidade sobre regimento interno de Casa Legislativa. A jurisprudência do STF tem admitido o controle judicial sobre normas de regimento interno de Casas Legislativas, ainda que, a rigor, constituam matéria interna corporis, sempre que tendentes a violar regra essencial do processo legislativo veiculado na Constituição da República (v. STF, MS 26.441/DF, Rel. Min. Celso de Mello, DJe 18/12/2009). Por simetria, o mesmo se pode dizer em relação ao controle estadual, tomando por paradigma o processo legislativo disciplinado na Constituição do Estado.

c) Declaração de inconstitucionalidade incidental da norma paradigma frente a Constituição da República. Como qualquer juiz de primeiro grau, considerando-se que o modelo de controle de constitucionalidade, no Brasil, assume caráter misto, o Órgão Especial do Tribunal de Justiça não só pode, como deve exercer o controle incidental no caso, já que não pode aplicar norma que repute inconstitucional. Então, como questão prejudicial à análise do objeto da Representação de Inconstitucionalidade, o Órgão Especial avaliará, incidentalmente, a constitucionalidade da norma da Constituição Estadual frente à Constituição da República. A controvérsia, neste particular, é

meramente processual, caso reconhecida a inconstitucionalidade da previsão da Constituição Estadual: se seria hipótese de improcedência ou de inadequação da ação, com extinção do processo sem julgamento do mérito neste último caso. Prevalece, em doutrina, o segundo entendimento apresentado, eis que a improcedência, no caso, traduziria um juízo de constitucionalidade em abstrato, em usurpação à competência do Supremo Tribunal Federal, único foro competente para controlar, em abstrato, a inconstitucionalidade de norma da Constituição estadual, por meio de ADIn.

d) Modulação dos efeitos da decisão no controle de constitucionalidade em âmbito estadual. Nada impede que, havendo relevante razão de direito, lastreada na tutela da segurança jurídica ou de interesse social, se modifiquem os efeitos temporais da decisão em sede de Representação de Inconstitucionalidade, tomada, por analogia, a regra do art. 27 da Lei n.º 9.868/99. No caso específico do Rio de Janeiro, o Regimento Interno do Tribunal de Justiça, no seu art. 108, § 2º, contempla dispositivo análogo ao da citada lei federal.

e) Mérito. A Constituição Estadual, em seus arts. 234, inciso III, e 236, paradigmas da Representação de Inconstitucionalidade em questão, não estabelece a forma pela qual a sociedade civil participará da elaboração dos planos urbanísticos, pois, do contrário, invadiria a esfera de atribuição dos Municípios no planejamento local. Ao revés, apenas garante, de maneira genérica, a participação ativa das entidades representativas na ordenação municipal, razão pela qual, a priori, não há que se reconhecer, incidentalmente, qualquer inconstitucionalidade nas normas paradigmas. Quanto ao objeto do controle, também não se verifica qualquer vício, eis que não afasta, por completo, a participação democrática na elaboração da regulamentação urbanística do Município em referência. Cria, tão somente, mecanismo de dispensa da realização da audiência pública em casos excepcionais, sem que se estabeleça, vale dizer, qualquer vedação apriorística a outros métodos de integração popular no processo legislativo.

Comentário

Ainda que não se exija conhecimento aprofundado da legislação estadual, a questão revela ser necessário ter consigo, no momento da realização do exame, os principais diplomas normativos estaduais, notadamente a Constituição do Estado. Também é interessante pontuar que, muito embora os tópicos comentados devam constar da resposta do candidato, o acréscimo de considerações periféricas, que demonstrem o conhecimento acerca do controle de constitucionalidade em âmbito estadual, é fundamental à obtenção da pontuação integral. Trata-se de apresentar diferencial em relação aos demais candidatos, certamente levado em consideração pelo examinador. Com relação à análise do mérito da Representação de Inconstitucionalidade em questão, não há gabarito fechado, cabendo ao candidato a elaboração de resposta fundamentada, com argumentos lógicos e coerentes.

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CONSTITUCIONAL - 2012) *2ª Questão - O Promotor de Justiça da Infância e da Juventude da Comarca de Petrópolis toma conhecimento de que há inúmeras crianças sendo vítimas de exploração sexual no referido Município. Constata, ainda, a existência de projeto do poder público visando ao atendimento de crianças vítimas de abuso, contudo, este não é executado. Pergunta-se:*

1. No âmbito das funções institucionais do Ministério Público, é cabível medida judicial para obrigar o Município a executar o projeto?

2. Cabe ao Poder Público invocar a cláusula da reserva do possível, na hipótese?

3. Eventual decisão judicial pode obrigar o poder público a implementar direitos de segunda geração? RESPOSTA JUSTIFICADA.

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

1) A questão versa sobre a possibilidade do Ministério Público atuar judicialmente visando obrigar o ente público a implementar determinada política pública. Tal discussão é de grande relevância visto que grande parte das ações civis públicas de obrigação de fazer ajuizadas pelo Parquet tem como objeto principal obrigar o ente público a implantar corretamente alguma política pública definida pelo legislador constitucional ou infraconstitucional. Considerando que o Ministério Público tem por função institucional previstas no artigo 129, II e III da CRFB/88 zelar pelo efetivo respeito dos Poderes Públicos e dos serviços de relevância pública aos direitos assegurados nesta Constituição, promovendo as medidas necessárias a sua garantia bem como promover o inquérito civil e a ação civil pública, para a proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos. Dessa forma, está incluída a proteção dos direitos das crianças através do ajuizamento de ação civil pública de obrigação de fazer, requerendo ao Município que dê efetividade e concretude ao já existente projeto do poder público visando ao atendimento de crianças vítimas de abuso sexual, com fulcro nos artigos já mencionados e também nos artigos 1º, IV, 5º, I, da Lei 7347/85 e arts. 5º e 201, V da Lei nº 8069/90 (ECA), já que a proteção das crianças é dever do Estado com absoluta prioridade, conforme artigo 227 da nossa Carta Magna.

2) A cláusula da reserva do possível tem por conceito uma limitação econômica, orçamentária, frente a qual o Estado deve eleger prioridades por não possuir recursos para atender a todos os anseios da sociedade. Contudo, entendemos pela sua inaplicabilidade da forma como tem sido feita pelos entes públicos visando justificar sua omissão na implantação e efetivação de direitos fundamentais. Explicamos.

Primeiramente, a reserva do possível não pode ser obstáculo à concretização do mínimo existencial da pessoa humana que se consubstancia nas mínimas condições materiais de existência daquele individuo, especialmente se o indivíduo em questão é

uma criança, cuja prioridade absoluta foi determinada pela Constituição da República no artigo 227 e que sua exploração sexual além de conduta criminosa (artigo 244-A da Lei nº 8069/90) afeta gravemente o desenvolvimento psicofísico da criança o que se impõe de forma radicalmente oposta ao preceito constitucional da absoluta prioridade da criança. Neste sentido, ARE 639337/SP, Relator. Min. Celso de Mello.

Ademais, o gestor público ao criar um projeto visando ao atendimento de crianças vítimas de abuso, em razão consequente aumento de despesas, tem que ter realizado prévio estudo de impacto orçamentário e a indicação da rubrica orçamentária que iria suportar o investimento financeiro necessário para sua implementação, já que são vedados pela CRFB/88, em seu artigo 167 o início de programas ou projetos não incluídos na lei orçamentária anual, bem como a realização de despesas ou a assunção de obrigações diretas que excedam os créditos orçamentários ou adicionais, artigo esse aplicável ao orçamento municipal pelo princípio da simetria. Ou seja, ou os recursos para concretização do projeto do poder público referente ao abuso sexual de crianças já estavam incluídos em alguma rubrica orçamentária já aprovada quando da publicação da lei orçamentária ou houve a criação de credito adicional ou suplementar para tal, com a competente indicação da origem dos recursos. Assim, também por esse motivo não aceitamos a alegação da reserva do possível como obstáculo para a implementação de política pública já criada pelo Poder Público que possui discricionariedade administrativa para optar pelo melhor meio de alcançar a finalidade inafastável, que é a proteção integral das crianças e adolescentes. Desta forma, escolhida pelo gestor público tal política pública tendo feito para tal todos os estudos de impacto orçamentário exigidos pela lei/constituição não lhe cabe escusar-se da sua implementação concreta pela falta de recursos financeiros.

3) Sobre a judicialização dos direitos de segunda geração. Inicialmente nos cabe delimitar o conceito de direitos de segunda geração. Por Gilmar Mendes em seu Curso de Direito Constitucional, direitos de segunda geração são aqueles direitos através dos quais se intenta estabelecer uma liberdade real e igual para todos, mediante a ação corretiva dos Poderes Públicos. São uma segunda etapa da evolução histórica dos direitos fundamentais, onde a primeira geração diz respeito a direitos abstencionistas, de não intervenção do Estado nas liberdades individuais, em contraponto ao poder estatal absoluto que antecedeu as Revoluções Francesa e Americana. Já a terceira geração de direitos traz os direitos de titularidade coletiva, proteção de direitos não individuais.

Desta forma, ultrapassada a conceituação entendemos que cabe ao Poder Judiciário sim determinar a implantação de direitos de segunda geração, os chamados direitos sociais. Isso, pois as normas definidoras de direitos fundamentais possuem aplicação imediata (artigo 5º, §1º da CRFB 88) podendo ser utilizadas pelo Judiciário de forma a fundamentar decisões hábeis a concretizar seu conteúdo, em especial no tocante a direitos constitucionais sociais já amplamente complementados pelo legislador infraconstitucional bem como pela criação da política pública necessária a sua efetivação, onde o judiciário teria apenas por missão determinar ao gestor público que implemente a política pública já criada por ele mesmo, não havendo portanto obstáculo nem mesmo na chamada discricionariedade administrativa, em respeito a qual o

Administrador Público tem a liberdade de escolha da política pública a ser implantada, em atenção a sua conveniência, oportunidade e conteúdo, já que a escolha já foi feita, visto que o projeto de proteção as crianças alvo de abuso sexual já existe.

Ressalte-se que mesmo essa discricionariedade administrativa, quando representa obstáculo a efetividade de direitos fundamentais, deve ser afastada pelo Poder Judiciário sem que represente violação ao princípio da separação de Poderes (art. 2º CRFB 88), mas sim em respeito ao artigo 5º, XXXV também da Constituição que preconiza o dever de intervenção do Poder Judiciário quando a atuação de qualquer outro Poder lesiona ou ameaça de lesão algum direito. E é com esse fundamento que deve ser permitida a judicialização dos direitos de segunda geração, bem como de políticas públicas em geral, já que ao Administrador não cabe atuar com omissão ou mesmo ação lesiva ao mínimo existencial dos direitos fundamentais, não se situando no âmbito da discricionariedade administrativa tal atuação, já que esta zona discricionária deve sempre ter como limite sua adstrição em atender aos princípios da Administração Pública, e por consequência a proteção aos direitos fundamentais, já que dentre esses princípios se encontra a legalidade, lato e stricto sensu (art. 37, caput, CRTB 88).

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CONSTITUCIONAL - 2012) *3ª Questão - A Lei nº 8.080/90, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, dispõe o seguinte: "Artigo 15: A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios exercerão, em seu âmbito administrativo, as seguintes atribuições: (...) XIII - para atendimento de necessidades coletivas, urgentes e transitórias, decorrentes de situações de perigo iminente, de calamidade pública ou de irrupção de epidemias, a autoridade competente da esfera administrativa correspondente poderá requisitar bens e serviços, tanto de pessoas naturais como de jurídicas, sendo-lhes assegurada justa indenização." Assim, pergunta-se: a União Federal pode requisitar bens e serviços de um determinado Município sob a alegação de que está ocorrendo grave crise no sistema de saúde, com base no texto legal mencionado?*

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

De forma inicial, nos cabe conceituar o instituto da requisição, que conforme o i. jurista José dos Santos Carvalho Filho é a modalidade de intervenção estatal através da qual o Estado utiliza bens móveis, imóveis e serviços particulares em situação de perigo público iminente. Dessa forma observa-se que numa leitura do conceito, bem como do artigo 15, XIII da Lei nº 8080/90, trata-se de instituto destinado a justificar uma intervenção do Poder Público na propriedade, por regra geral, privada.

Neste sentido, decidiu o STF ao julgar um Mandado de Segurança (MS 25295) que a União Federal não poderia requisitar bens e serviços de um Município sob a

alegação de que está ocorrendo grave crise no sistema de saúde com base no artigo 15, XIII da Lei nº 8080/90, pelos seguintes fundamentos: (i) a requisição de bens e serviços do município, já afetados à prestação de serviços de saúde, não tem amparo no inciso XIII do art. 15 da Lei 8.080/1990, sendo tal inciso referente a requisição apenas de bens privados; (ii) nesse sentido, as determinações impugnadas através da requisição operada pela União configuram-se efetiva intervenção da União no município, vedada pela Constituição; (iii) é inadmissível a requisição de bens municipais pela União em situação de normalidade institucional, sem a decretação de Estado de Defesa ou Estado de Sítio (iv) tal requisição ofende a autonomia municipal (artigo e ao pacto federativo.

No sentido deste julgado, a requisição operada na questão guarda maior similitude com o instituto da intervenção federal, já que houve a perda de autonomia de um ente da federação para outro de hierarquia superior, havendo também situação excepcional para ser corrigida e há uma autoridade que terá poderes para restabelecer a normalidade. Contudo, mesmo que se quisesse aceitar tal requisição como se intervenção federal fosse, tal seria inconstitucional, visto que editada como requisição, não teria observado os rígidos requisitos para uma intervenção federal, descritos nos artigos 34 e 35 da CRFB/88.

Ademais, conforme o artigo 23, II da CRFB/88 todos os entes federativos possuem competência material para cuidar da saúde, e que o SUS, conforme artigo 4º da Lei nº 8080/90 é um sistema o conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, estando previsto no artigo 18, I da mesma lei que cabe aos Municípios planejar, organizar, controlar e avaliar as ações e os serviços de saúde e gerir e executar os serviços públicos de saúde, cabendo aos Estados apenas suplementar essa execução (art. 17 da Lei nº 8080/90) e à União atuar mais no campo do planejamento (art. 16 da Lei nº 8080/90), atuando na execução apenas em alguns pontos, como a execução da vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras (art. 16, VII da Lei nº 8080/90).

Assim, no caso de grave crise no sistema de saúde de um município, pelo entendimento do STF não seria possível essa requisição federal dos bens e serviços de saúde de um determinado Município, cabendo sim uma união de esforços dos três entes federativos envolvidos visando o resgate do sistema de saúde que está incorrendo em grave crise.

Contudo, nesse mesmo julgado do STF houve diversas divergências, sendo que o Ministro Relator e o Presidente entenderam possível em tese a requisição pela União de bens e serviços dos Municípios para atendimento a situações de comprovada calamidade e perigo público (votando contrariamente por outras razões). Insta salientar que o próprio relator enfatizou que se é cabível a desapropriação pela União de bens do Município (DL 3365/421, art. 2 §2º), porque não seria cabível a requisição, que é instituto menos gravoso.

Ademais, ainda no mencionado julgado do STF, o próprio Ministério Público Federal opinou pela manutenção da requisição federal dos serviços e bens municipais, afirmando este que o art. 15, inciso XIII da Lei 8080/90 autoriza tal instituto, apontando que o referido inciso não faz distinção entre pessoas jurídicas de direito público ou privado.

(XXXI CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CONSTITUCIONAL – 2010)1ª questão –A competência para o julgamento de um crime ambiental contra a fauna endêmica da Serra do Mar, considerada patrimônio nacional, é da justiça federal ou da estadual?

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

A competência da justiça federal é determinada pelo artigo 109 da CRFB. No contexto da pergunta formulada, chama atenção o inciso IV do referido art. 109, segundo o qual crimes cometidos em detrimento de bens, serviços ou interesse da União são julgados pela Justiça Federal.

O artigo 225, §4º, da Constituição da República, classifica a Serra do Mar como patrimônio nacional. Em que pese haver divergência na doutrina sobre o conceito de "patrimônio" utilizado no referido parágrafo, é certo que não se trata de uma noção clássica do direito civil relacionada à propriedade. Ou seja, não se trata de uma desapropriação realizada pela CRFB, transferindo para a União os bens de particulares e dos Estados e Municípios localizados na Serra do Mar e nos demais ecossistemas lá mencionados. Também não se trata do estabelecimento de um domínio público. Na verdade, a natureza jurídica da Serra do Mar é de espaço territorial especialmente protegido pela Constituição, sob o domínio eminente do Estado, de forma que as propriedades inseridas nessa área devem obedecer à função ambiental.

Portanto, se a noção de patrimônio prevista no artigo 225, §4º, da CRFB, não significa que a Serra do Mar seja bem da União, a princípio a competência para o julgamento de um crime ambiental cometido na da Serra do Mar será da Justiça Estadual, que possui a competência residual.

Excepcionalmente, contudo, podem estar presentes outros elementos no caso concreto que desloquem a competência para a Justiça Federal. É possível, por exemplo, que haja uma Unidade de Conservação Federal na Serra do Mar. Se assim for, o crime lá praticado será de competência da Justiça Federal, mas por ter sido praticado em uma unidade de conservação federal e não por ter sido praticado na Serra do Mar.

Restaria saber se a fauna endêmica da Serra do Mar pode ser considerada bem da União, pois se assim fosse também seria hipótese de aplicação do art. 109, IV, da CRFB.

Em um primeiro momento o STJ editou a Súmula 91, entendendo que competia à Justiça Federal processar e julgar os quaisquer crimes praticados contra a fauna silvestre. Isso porque reconhecia-se um interesse federal subjacente na proteção dos animais sob a égide da Lei 5.197/67. Segundo o artigo 1º da referida lei, a fauna silvestre é propriedade do Estado. Tal dispositivo era entendido no sentido de que a União teria um dever de proteger os animais, mas não poderia dispor deles.

O entendimento jurisprudencial mudou com a edição da Lei 9.605/98 e a Súmula 91 foi cancelada. Passou-se a entender que um delito contra a fauna endêmica, por si

só, não atrai a competência federal se não estiver acompanhado de outro elemento previsto no artigo 109 da CRFB. Isso porque a proteção ao meio ambiente é competência comum da União, dos Estados, do DF e dos Municípios (art. 23, VI, CRFB) e os animais não são bens da União.

Assim, se nem a Serra do Mar nem sua fauna endêmica são bens da União, deve o crime sob análise, em regra, ser julgado pela Justiça Estadual. Excepcionalmente, caso presentes outras situações previstas no art. 109 da CRFB que atraiam a competência da justiça federal, esta julgará o crime.

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO CONSTITUCIONAL - 2010) *2ª questão - Determinadamedida provisória, regularmente editada pelo Presidente da República, passou a vedar a concessão de liminares em mandados de segurança individuais ou coletivos e ações ordinárias ou cautelares que versem sobre determinado diploma legal.*

Diante deste quadro e à luz dos critérios de hermenêutica constitucional, analise a constitucionalidade da medida, dissertando especialmente sobre:

A) O papel constitucional das medidas provisórias e sua abrangência

B) Os princípios constitucionais envolvidos, seus conflitos e a técnica para sua solução;

C) Os mecanismos de controle de constitucionalidade aplicáveis e os respectivos órgãos jurisdicionais com tal competência;

Autora: Adriana Garcia

Sugestão de resposta

As Medidas Provisórias foram estabelecidas na CR/88 como espécies legislativas primárias, de edição privativa do Chefe do Poder Executivo Federal, atribuindo-lhe função atípica de legislar, tendo força, eficácia e valor de lei, desde que observados alguns pressupostos específicos e cumulativos. Os requisitos cumulativos necessários à edição das Medidas Provisórias são estabelecidos no art. 62, caput, da CR/88: o objeto tratado deve ser relevante e urgente. Também foram estabelecidas vedações materiais à sua edição no § 1º do art.62 da CR/88, trazido pela EC 32/2001, de forma a evitar abusos na discricionariedade praticados pelo Chefe do Poder Executivo na avaliação política de tais requisitos. Dentre as vedações está a proibição de edição de Medida Provisória sobre matéria processual civil, que é a hipótese apresentada. Portanto, Medida Provisória que estabeleça vedação de concessão de liminar sobre matéria afeta a determinado diploma legal em quaisquer espécies de ação seria inconstitucional e, consequentemente, inválida. A dita inconstitucionalidade não decorreria apenas da violação do requisito formal estabelecido no §1º, inciso I, alínea "b", do art.62, da CR/88, mas também por violação dos requisitos

formais do caput do mesmo, ante a patente ausência de urgência para a edição do ato normativo. Haveria, também, violação material da CR/88, uma vez que a vedação da concessão de liminar sem qualquer justificativa específica confrontaria o princípio do acesso à Justiça, que é garantia fundamental elencada no art.5º, inciso XXXV, da CR/88.

Na hipótese, os princípios em colisão são o princípio da separação dos poderes, decorrente dos arts. 2º e 60, §4º, inciso III, ambos da CR/88, e o princípio da inafastabilidade do Poder Judiciário no que se refere à apreciação de lesão ou ameaça a direito (art.5º, inciso XXXV, da CR/88), também chamado de princípio do acesso à justiça.

No âmbito principiológico, as regras tradicionais de hermenêutica para solução de conflitos ante a colidência de normas (critérios hierárquico, cronológico e da especialidade) não são suficientes, devendo ser empregado o método de ponderação de interesses. Esta técnica hermenêutica consiste em uma análise trifásica da problemática: primeiro são identificados os princípios em conflito; depois são analisadas as circunstâncias do caso concreto e suas repercussões; por fim, é realizada a ponderação em concreto, com a avaliação de cada um dos princípios em relação às conseqüências que se colocam, com o fim de se estabelecer qual deles deve prevalecer na hipótese, valendo-se de argumentação jurídica valorativa.

Como dito, as Medidas Provisórias têm força de lei, podendo ser objeto de controle de constitucionalidade. Não é possível um controle de constitucionalidade prévio, diante da aplicação imediata desta espécie normativa com sua publicação no Diário Oficial pelo Chefe do Poder Executivo. No entanto, pode haver um controle de constitucionalidade posterior ou repressivo no âmbito do Poder Legislativo (Congresso Nacional, na hipótese), quando da análise da conversão da medida provisória em lei, quanto a seus pressupostos constitucionais, sejam eles formais ou materiais (art.62, §5º, da CR/88). No âmbito do Poder Judiciário também há possibilidade de controle posterior ou repressivo, que poderá ser abstrato ou concreto. O controle abstrato, ou por via de ação, de Medida Provisória editada pelo Presidente da República é feito por meio de Ação Direta de Inconstitucionalidade perante o Supremo Tribunal Federal, conforme previsto no inciso I, alínea "a", do art.102 da CR/88, tanto no aspecto formal, quanto no aspecto material, podendo ter por objeto, inclusive, os requisitos da relevância e urgência, quando estes forem flagrantemente violados, constatando-se um abuso da discricionariedade política do Chefe do Poder Executivo, apesar de serem conceitos jurídicos indeterminados. O controle concreto, incidental, ou por via de exceção, pode ser feito por todos os magistrados, até mesmo os que atuam na primeira instância, como fundamento de decidir um caso concreto, sendo que, para que seja declarada a inconstitucionalidade no âmbito do Tribunal, deve ser observada a cláusula de reserva de plenário (art.97 da CR/88).

Comentário 1

Desde que as Constituições Estaduais e as Leis Orgânicas do DF e Municípios reproduzam todas as diretrizes básicas fixadas na CF/88 sobre processo legislativo das Medidas Provisórias, em atenção ao princípio da simetria, entende-se possível a edição de MPs pelos

chefes dos Executivos estaduais, distrital e municipais. Ademais, não há proibição expressa a que os Estados-membros adotem a figura da Medida Provisória, sendo certo que a CR/88, no §1º do art.25, reservou aos Estados as competências que não lhes sejam vedadas por aquele diploma. Segundo entendimento já exarado pelo Supremo Tribunal Federal, quis o Constituinte que as unidades federadas pudessem adotar o modelo do processo legislativo admitido para a União, uma vez que nada está disposto, no ponto, que lhe seja vedado. (LENZA, Pedro. Direito Constitucional Esquematizado. 15.ed.rev., atual. E ampl. - São Paulo:Saraiva, 2011. Pg.538 e 539, nota de rodapé nº 86.)

Comentário 2

Quando de sua publicação, a Medida Provisória suspende a eficácia das demais normas que sejam com ela incompatíveis, conforme interpretação dada ao §3º do art.62 da CR/88. A análise de validade da norma pretérita, que pode levar ou não à revogação, será feita quando, e se, a Medida Provisória for posteriormente convertida em lei.

Comentário 3

Marcelo Novelino esclarece que "caso ocorra a revogação da norma impugnada de uma medida provisória objeto de ADI, a ação ficará suspensa até que o Congresso Nacional aprove ou rejeite a medida provisória revogadora: se aprovada, a ADI restará prejudicada pela perda do objeto, devendo ser extinta sem julgamento do mérito; se rejeitada, a ação prosseguirá. A conversão da medida provisória em lei não lhe confere imunidade e nem convalida os seus vícios originários. Caso haja alteração substancial do conteúdo impugnado, a ADI ficará prejudicada, em razão da perda do objeto. Na hipótese de conversão sem alteração do ponto questionado, a ADI não ficará prejudicada; entretanto, deverá ser feito o aditamento da inicial com a substituição da medida provisória pela lei de conversão." (Novelino, Marcelo. Manual de direito constitucional - 9. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2014. Título VI, item 36.5.3.9).

DIREITO ELEITORAL

4.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *Questão 6 - Direito Eleitoral - Candidato a vereador não eleito em Município de Comarca de juízo único, "José da Padaria", teve a sua prestação de contas de campanha eleitoral julgada como não prestada, por decisão definitiva, eis que, embora apresentada tempestivamente, não foi instruída com os documentos exigidos pela legislação eleitoral.*

Nas eleições municipais subsequentes, José renovou sua candidatura ao cargo de vereador, protocolando regularmente o seu pedido de registro perante a Justiça Eleitoral. Após notificação nos autos do requerimento de registro de candidatura para esclarecer a ausência de quitação eleitoral, José reapresentou as contas pretéritas, desta feita, de maneira adequada. As contas foram rejeitadas e o registro de candidatura indeferido com fundamento na referida rejeição.

Inconformado, José opôs embargos de declaração com efeitos infringentes contra a sentença que indeferiu seu pedido de registro de candidatura, aduzindo que a sentença que rejeitou a segunda prestação de contas de campanha não gera ausência de quitação eleitoral e ainda não transitou em julgado.

Comente, de forma fundamentada, a decisão judicial que indeferiu o pedido de registro de candidatura para a segunda eleição municipal. Resposta objetivamente fundamentada.

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

De fato, o que gera ausência de quitação eleitoral com relação às contas de campanha é o fato de elas não terem sido prestadas. Ou seja, no caso, José tem razão ao afirmar que a rejeição das contas de campanha não impede a quitação eleitoral. Contudo, segundo entendimento do TSE, o momento de se avaliar a quitação eleitoral é o do pedido do registro. Assim, no momento de tal pedido, a situação de José era de contas não prestadas, o que impede a quitação eleitoral e o registro, contudo com fundamento diverso do usado na sentença (ou seja, deveria ter se valido do art. 11, §7º, c/c art. 11, §10º, da Lei 9.504/07).

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *Questão 6 - Direito Eleitoral - JoãoPipoqueiro e Alfredo da Farmácia foram eleitos para o cargo de vereador do Município de Petrolândia pelo Partido Democrata de Deus (PDD), integrante da coligação Unidos Venceremos (UV), composta por aquele, pelo Partido Rural Cristão (PRC) e pelo Partido Trabalhista Republicano (PTR). Na referida eleição, foram eleitos também Paulinho da Funerária, filiado ao PRC, Professora Carla, filiada ao PDD, e Jorge da Funilaria, também filiado ao PDD, como 1º, 2º e 3º suplentes, respectivamente. Após dois anos de mandato, João Pipoqueiro se desfiliou de seu partido, motivando expressamente sua decisão na intenção de se filiar ao PTR, o que se verificou imediatamente após deixar o PDD. Já Alfredo da Farmácia optou por desfiliar-se do PDD em razão da alteração de suas convicções políticas pessoais, passando a integrar o Partido da Libertação Brasileira (PLB). Diante dos fatos noticiados, responda, fundamentadamente, à luz do ordenamento vigente e do atual posicionamento jurisprudencial acerca da ordem de suplência a ser seguida na vacância de mandatos eletivos:*

a) Os vereadores João Pipoqueiro e Alfredo da Farmácia manter-se-ão nos cargos respectivos após as trocas partidárias noticiadas?

b) Em caso de resposta negativa ao item anterior, quem ocupará a(s) vaga(s) deixada pelo(s) originariamente eleito(s)?

c) De posse das informações consignadas no enunciado da presente questão, como o Promotor Eleitoral deverá proceder?

Autor: Lucas Bernardes

Sugestão de resposta

a) Ambos os vereadores perderão seus cargos por infidelidade partidária, pois trocaram de partido político, no curso do mandato, sem que houvesse justa causa para a desfiliação partidária (art.1°, § 1°, da Resolução 22.610/07). b) As vagas dos vereadores serão ocupadas pelo primeiro e segundo suplentes da coligação partidária, no caso Paulinho da Funerária e Professora Carla. Isso porque, o STF decidiu, no julgamento dos MS 30260 e 30272, que "deverá ser empossado no cargo eletivo o candidato mais votado na lista da coligação, e não do partido que pertence o parlamentar afastado". c) O Promotor de Justiça Eleitoral deverá oficiar ao Procurador Regional Eleitoral informando à ocorrência de infidelidade partidária para que este ajuíze à ação de perda de mandato eletivo por infidelidade partidária, cuja competência para apreciação é do TRE (art.1° § 2° c/c art.2° da Resolução 22.610/2007).

Comentário

Inicialmente cabe ao partido político interessado requerer, perante o TRE, a decretação da perda de cargo eletivo em decorrência de desfiliação partidária sem justa causa, no prazo de 30 dias, contados da desfiliação (art.1° § 2° da Resolução 22.610/07). Se neste

prazo o partido político interessado não efetuar o pedido, o Ministério Público Eleitoral (MPE) deverá ajuizar a ação de perda de mandato eletivo por infidelidade partidária nos 30 dias subsequentes ao encerramento do prazo para o partido político fazê-lo (legitimidade subsidiária do MPE). Como a competência para apreciar a ação é do TRE caberá ao Procurador Regional Eleitoral (PRE) o ajuizamento desta, pois o PRE atua com exclusividade perante o TRE (art.77 da LC 75/93).

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2009) *Questão 6 - Direito Eleitoral - Candidato ao cargo de Vereador utiliza-se de sua condição de Secretário Municipal de Saúde para forçar os servidores daquela secretaria a colaborarem em sua campanha eleitoral, vindo a ser eleito. Existe prazo decadencial legalmente previsto para propositura de ação de impugnação ao registro, nesta hipótese? Que outros meios teria o Promotor de Justiça para coibir a perpetuação desta ilegalidade? RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autora: Vanessa Gonzalez

Sugestão de resposta

No presente caso, o Promotor Eleitoral deverá ajuizar Ação de Impugnação de Registro de Candidatura (AIRC), no prazo decadencial de 5 dias (art. 3º, caput da LC 64/90), a contar da publicação dos pedidos de registro, sob pena de preclusão, salvo nos casos de matéria constitucional.No caso específico analisado, a conduta do agente público, candidato a vereador, enquadra-se também em outras duas hipóteses vedadas pela Legislação Eleitoral: abuso de poder político e conduta vedada aos agentes públicos em campanha eleitoral.Em razão disso, o membro do Parquet poderá ajuizar Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE), com fundamento no art. 22 da Lei Complementar 64/1990, bem como representação por conduta vedada do art. 73, inciso III da Lei 9.504/1997.

Comentários

A AIRC é a ação eleitoral cabível quando se pretende o indeferimento do pedido de registro de candidato, em razão da ausência de condição de elegibilidade, a incidência de causa de inelegibilidade e o não preenchimento de condição de registrabilidade.

Note-se que o prazo decadencial para ajuizamento da AIRC tem início a partir da publicação do pedido de registro de candidatura na imprensa oficial ou na sede do órgão jurisdicional, visto que nesses casos não há previsão de intimação pessoal para o Promotor Eleitoral. A despeito da controvérsia existente, essa é o entendimento atualmente aceito pela Justiça Eleitoral e deve ser seguido pelo Promotor Eleitoral, a fim de evitar a perda do prazo.

A partir do julgamento da representação prevista no art. 73, inciso III da Lei 9.504/1997 poderá haver a cassação do registro ou do diploma, bem como aplicação de multa, o que evitará

a perpetuação da ilegalidade, caso o candidato tenha o seu pedido de registro deferido (seja pelo fato de a AIRC ser julgada improcedente, seja pelo não ajuizamento da AIRC no prazo legal).

Do mesmo modo, com o julgamento da AIJE por abuso de poder político será possível a cassação do registro ou do diploma do candidato, sendo desnecessário o ajuizamento de AIME ou de RCED.

Importante ressaltar, ainda, que desde a LC 135/2010 o ato caracterizador de abuso de poder político não precisa ter potencialidade de alterar o resultado da eleição, nos termos do art. 22, inciso VXI da LC 64/1990.

4.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ELEITORAL – 2014) *1ª Questão – Caracterizadoato de propaganda eleitoral extemporânea, em ano de eleição para o cargo de Deputado Estadual, responda:*

a) O Promotor de Justiça, investido em função eleitoral em Comarca de juízo único, possui atribuição para notificar o (s) beneficiário(s) da propaganda irregular, visando a sua cessação? E para ajuizar eventual representação?

b) Indique o prazo para ajuizamento da referida representação e o Juízo competente para apreciá-la.

Autora: Bianca Chagas

Sugestão de resposta

a) O gênero propaganda política se subdivide em três espécies, quais sejam: 1) propaganda partidária; 2) propaganda intrapartidária; 3) propaganda eleitoral. A propaganda partidária busca difundir os programas partidários daquele partido (e candidato), divulgando a ideologia partidária. É feita de maneira gratuita na televisão e no rádio nos semestres não-eleitorais e tem previsão na Lei 9.096 de 1995 em seus art.45 e ss. Já a propaganda intrapartidária é feita pelo postulante ao cargo eletivo no âmbito interno de seu partido, na quinzena anterior à escolha pelo partido do seu candidato para as eleições. Nesse tipo de propaganda é vedado o uso dos meios de comunicação como televisão, rádio e outdoor, podendo o postulante ao cargo eletivo pelo partido, no máximo, afixar sua propaganda no local onde será realizada a convenção partidária para escolha de seus candidatos. Está prevista no art.36, parágrafo 1° da Lei 9.504 de 1997. Finalmente, a propaganda eleitoral busca angariar votos do eleitor para que o candidato seja eleito e só é permitida após o dia 5 de julho do ano da eleição (ou seja, começa, de fato, apenas em 6 de julho) e tem previsão legal nos arts.36 a 59-A da Lei 9.504 de 1997.

A propaganda eleitoral quando realizada em período anterior ao dia 6 de julho do ano eleitoral é considerada antecipada ou extemporânea. É até de certa forma comum que pré-candidatos (ou seja, aqueles que ainda não tiveram seus nomes confirmados como candidatos nas convenções partidárias) comecem a pedir votos mesmo antes de 6 de julho, o que pode gerar um desequilíbrio na disputa eleitoral, que visa-se combater. É de salientar-se que a propaganda extemporânea é tida como propaganda irregular, já que não segue os requisitos estipulados nas leis que tratam sobre eleição. O art.36-A da Lei 9.504 de 1997 estabelece o que se considera propaganda irregular.

Deve-se esclarecer que compete ao Ministério Público Federal oficiar junto a Justiça Eleitoral, tendo em vista que esta é um ramo do Poder Judiciário Federal. No entanto, como em nosso país a quantidade de zonas eleitorais é enorme, sendo muito maior do que a quantidade de membros do Ministério Público Federal, ocorre a delegação da atividade eleitoral aos membros dos Ministérios Públicos Estaduais para oficiar junto aos juízes eleitorais de primeira instância.

Cabe aqui fazer uma diferenciação entre o que ocorre nas eleições municipais e nas eleições federal, estadual e distrital. No caso de eleições municipais será o Promotor de Justiça Eleitoral que atuará tanto na fase extraprocessual, emitindo notificações, colhendo elementos de prova para embasarem futura ação eleitoral, dentre outras atividades, como na fase judicial, ajuizando a respectiva ação/representação eleitoral. Isso porque a ação também será proposta junto ao juízo eleitoral de primeira instância (vide art.78 da LC 75/93, art.32,III da Lei 8.625/93, Resolução 30 CNMP e Resolução Conjunta MPRJ/MPE 10/09). No entanto, no caso de eleições federal, estadual e distrital o Promotor de Justiça eleitoral atuará tão somente na fase extraprocessual. Caso este tenha colhido informações no bojo de um procedimento (visando o ajuizamento de futura ação eleitoral), tais informações serão remetidas ao Procurador Regional Eleitoral e somente este terá atribuição para o ajuizamento da ação cabível, eis que a ação, nesse caso, deve ser proposta perante o Tribunal Regional Eleitoral e, os Promotores de Justiça Eleitoral atuam apenas no âmbito da justiça eleitoral de primeira instância.

Ante o exposto, constata-se que no caso ora em análise o Promotor de Justiça investido de função eleitoral tem atribuição para notificar o beneficiário da propaganda irregular, visando sua cessação. No entanto, não tem atribuição para o ajuizamento da representação por propaganda irregular, eis que, trata-se de candidato a Deputado Federal, cuja representação deverá ser endereçada ao Tribunal Regional Eleitoral, nos termos do disposto no art.96,II da Lei 9.504 de 1997.

O Promotor de Justiça eleitoral apenas terá atribuição para a expedição da notificação, mas eventual representação por propaganda irregular é de atribuição do Procurador Regional Eleitoral e será endereçada ao Tribunal Regional Eleitoral respectivo.

b) Como a propaganda extemporânea ou antecipada é aquela realizada antes de 6 de julho do ano eleitoral, a representação por propaganda antecipada deve ocorrer até tal data, eis que, a partir do dia 6 de julho do ano eleitoral a propaganda deixa de ser antecipada. Já o juízo competente para apreciação da representação por propaganda irregular

no caso do candidato ser Deputado Federal será o Tribunal Regional Eleitoral do respectivo Estado, nos termos do que dispõe o art.96, II da Lei 9.504 de 1997.

Comentário

Apesar de não ter sido indagado o conceito de propaganda eleitoral extemporânea é importante que o candidato ao responder a questão faça uma introdução explicando o seu conceito e as espécies de propaganda política existente. Deve-se também fazer uma breve explicação sobre a função eleitoral desempenhada no âmbito do Ministério Público Federal e dos Ministérios Públicos Estaduais.

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE ELEITORAL - 2014) *2ª Questão - Caracterizado o abuso de poder político e econômico praticado por candidato ao cargo de Governador, durante a campanha eleitoral, responda:*

a) Qual a ação judicial cabível? Qual o prazo e rito a ser adotado?

b) Esclareça acerca da atribuição do Ministério Público para oferecimento da referida ação e o juízo competente.

c) Qual o bem jurídico tutelado e quais as sanções cabíveis?

d) Indique os integrantes do polo passivo.

Autora: Bianca Chagas

Sugestão de resposta

a) A ação judicial cabível será a Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE), que, nos termos do art.22 da LC 64 de 1990, tem por escopo apurar o abuso de poder político ou econômico que poderá influir na normalidade do pleito eleitoral, desestabilizando a paridade de armas entre os candidatos. O prazo para o ajuizamento da referida ação, apesar de não estabelecido expressamente pela legislação eleitoral, será o ato da diplomação dos candidatos eleitos, ocasião em que se opera a decadência para o ajuizamento da AIJE. Tal ocorre pois com a diplomação as ações a serem porventura propostas serão a Ação de Impugnação de Mandato Eletivo (AIME) ou o Recurso Contra Expedição de Diploma (RCED). Adota-se o rito previsto no próprio art.22 da LC 64 de 1990 que traz a AIJE.

b) Os legitimados ativos para propositura da Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE) são o candidato (escolhido já em convenção partidária), o partido político, a coligação partidária e o Ministério Público Eleitoral (art.22, caput da LC 64 de 1990). No caso do Ministério Público Eleitoral tal função compete ao Ministério Público Federal eis que a função eleitoral é uma função federal. No entanto, como em nosso país a quantidade de zonas eleitorais é enorme, sendo muito maior do que a

quantidade de membros do Ministério Público Federal, ocorre a delegação da atividade eleitoral aos membros dos Ministérios Públicos Estaduais para oficiar junto aos juízes eleitorais de primeira instância.

Cabe aqui fazer uma diferenciação entre o que ocorre nas eleições municipais e nas eleições federal, estadual e distrital. No caso de eleições municipais será o Promotor de Justiça Eleitoral que atuará tanto na fase extraprocessual, emitindo notificações, colhendo elementos de prova para embasarem futura ação eleitoral, dentre outras atividades, como na fase judicial, ajuizando a respectiva ação/representação eleitoral. Isso porque a ação também será proposta junto ao juízo eleitoral de primeira instância (vide art.78 da LC 75/93, art.32,III da Lei 8.625/93, Resolução 30 CNMP e Resolução Conjunta MPRJ/MPE 10/09). No entanto, no caso de eleições federal, estadual e distrital o Promotor de Justiça eleitoral atuará tão somente na fase extraprocessual. Caso este tenha colhido informações no bojo de um procedimento (visando o ajuizamento de futura ação eleitoral), tais informações serão remetidas ao Procurador Regional Eleitoral e somente este terá atribuição para o ajuizamento da ação cabível, eis que a ação, nesse caso, deve ser proposta perante o Tribunal Regional Eleitoral e, os Promotores de Justiça Eleitoral atuam apenas no âmbito da justiça eleitoral de primeira instância.

No presente caso como a Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE) será proposta contra o candidato a Governador, ou seja, trata-se de eleição estadual, a atribuição é do Procurador Regional Eleitoral e a ação deverá ser proposta perante o Corregedor Regional de Justiça Eleitoral, nos termos do que dispõe o art.22, caput e inciso I da LC 64 de 1990.

c) Na Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE) o bem jurídico tutelado é a higidez e normalidade do pleito eleitoral que, por vezes, fica em desequilíbrio a favor de um dos candidatos ao proceder ao abuso do poder político ou econômico. Tutela-se também, ainda de que modo reflexo, a moralidade e probidade administrativas.

No âmbito da Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE) são cabíveis as sanções previstas pelo art.22, inciso XIV da LC 64 de 1990, quais sejam, a inelegibilidade do representado e todos aqueles que concorreram para a prática do ato (lembrando-se que todos devem integrar o polo passivo da demanda) pelo prazo de 8 (oito) anos subsequentes à eleição em que ocorreu o ato, cassação do registro ou diploma de candidato diretamente beneficiado pelo ato, sem prejuízo de eventuais processos disciplinar e ação penal.

d) Devem integrar o polo passivo na Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE) o candidato e pessoas físicas que tenham concorrido para a prática do ato de abuso do poder político ou econômico. Saliente-se que as pessoas jurídicas não podem integrar o polo passivo, de acordo com entendimento do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), até porque não podem sofrer as sanções cominadas no bojo da AIJE. Em relação ao candidato a vice (nos casos de candidatura de chapa única) havia controvérsia sobre a necessidade de litisconsórcio passivo entre este e o candidato. Em um primeiro momento o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) entendeu não ser necessário tal litisconsórcio. No entanto, tal posição foi alterado e atualmente entende-se ser necessário o litisconsórcio passivo entre candidato e vice pois a decisão proferida no âmbito da AIJE poderá acarretar a perda do mandato, logo é necessária a participação do candidato a vice no bojo da AIJE.

Comentários

a) Para que se possa saber qual a ação cabível inicialmente deve-se verificar qual a finalidade de cada uma das ações eleitorais. Ocorre que, em muitos casos, há mais de uma ação que tem a mesma finalidade. Nestes casos para se saber a ação cabível é necessário averiguar-se qual é o momento que se encontra dentro do período eleitoral. No caso em tela houve abuso do poder político e econômico praticado por um candidato ao cargo de Governador, ou seja, ainda não há notícia de que tenha ocorrido a diplomação deste. Assim sendo, antes da diplomação não são cabíveis a Ação de Impugnação de Mandato Eletivo (AIME) ou o Recurso Contra Expedição de Diploma (RCED), mas apenas a Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE) com finalidade de apurar abusos de poder político ou econômico.

b) Aqui apesar de a questão indagar sobre a atribuição do Ministério Público é importante que se faça uma breve introdução acerca da legitimidade ativa na Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE), elencando-se todos os seus legitimados, para, só então, discorrer especificamente sobre a atribuição do Ministério Público. É importante notar que parte da resposta dada para essa questão também foi dada na questão anterior (letra "a"). Apesar das duas questões fazerem parte da mesma prova (do mesmo concurso) é importante que a cada questão se demonstre o conhecimento de maneira isolada, ou seja, considerando que cada questão será analisada por um examinador diferente. Ao se explicar sobre a atribuição do Ministério Público Eleitoral e relacioná-la ao Ministério Público Federal e Ministérios Públicos Estaduais na questão anterior não se pode deixar de fazê-la nesta questão pois nem sempre será o mesmo examinador a corrigir as questões e, ainda que o seja, o conhecimento deve sempre ser demonstrado de maneira plena em cada questão isoladamente.

c) Sem comentários.

d) Primeiramente deve-se elencar os integrantes do polo passivo da ação. Posteriormente, existindo controvérsia sobre o tema, esta deverá ser apresentada (seja controvérsia doutrinária e/ou jurisprudencial). Caso haja entendimento firmado na jurisprudência é importante que seja citado pelo candidato.

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ELEITORAL - 2012) *1ª questão -Aderbal Ribeiro, postulando candidatura ao cargo eletivo de Prefeito Municipal nas eleições de 2012, teve seu registro indeferido, porquanto demitido a bem do serviço público em 2006. Da decisão de indeferimento, Aderbal interpôs recurso, alegando a inconstitucionalidade da LC 105/10, com vistas à reforma da decisão, que não poderia ter contemplado fatos anteriores à promulgação daquela, prosseguindo, portanto, na campanha eleitoral.*

Na disputa, um correligionário, com a ciência daquele, estacionou um ônibus em uma comunidade carente, passando ali a prestar atendimento odontológico gratuito e constante, sendo certo que no interior do veículo, em frente à cadeira do paciente, encontrava-se estampada uma foto do candidato Aderbal.

O Partido Moralista do Brasil (PMB) ingressou com ação de investigação judicial eleitoral, pedindo a cassação do registro e do eventual diploma, por abuso de poder econômico. Aderbal sagrou-se vitorioso no pleito, tendo recebido mais da metade dos votos válidos, e o juiz eleitoral acabou por diplomá-lo.

Discorra sobre a matéria, em texto único, abordando os tópicos seguintes:

a) Como deveria atuar o Promotor Eleitoral;

b) Se haveria litispendência entre a AIJE em questão e eventual medida a ser proposta pelo Ministério Público Eleitoral;

c) Caso o TRE mantivesse definitivamente a decisão de indeferimento, qual seria a repercussão no pleito;

d) E se o TRE reformasse a decisão de indeferimento, qual seria a repercussão no pleito;

e) Na hipótese de Aderbal ter sido candidato ao cargo eletivo de vereador, a solução seria idêntica?

RESPOSTA JUSTIFICADA.

Autora: Giselle Grizotti

Sugestão de resposta

Inicialmente, cumpre afirmar que o Promotor Eleitoral desempenha suas funções perante à Justiça Eleitoral de primeira instância, isto é, perante o juízo incumbido do serviço de cada zona eleitoral e perante a Junta Eleitoral.

Acerca do caso concreto, verifica-se que são apresentadas duas problemáticas iniciais, as quais serão explicadas separadamente.

A primeira é a da presença de uma inelegibilidade legal, prevista no art. 1º, inciso "o" da LC 64/90, com a redação dada pela LC 135/2010, qual seja, a demissão do serviço público em 2006, sendo que se deve mencionar aqui que a jurisprudência entende que não viola a Constituição Federal a aplicação das causas de inelegibilidade instituídas pela LC 135/2010 a fatos anteriores a sua vigência (entendimento este que foi assentado no julgamento das ADCs nºs 29 e 30 e na ADI 4.578). Dessa forma, mesmo esta causa de inelegibilidade tendo sido instituída pela LC 135/10, aplica-se ao fato ocorrido em 2006 e, portanto, o candidato é inelegível pelo prazo de 8 anos, contados da decisão que determinou sua demissão do serviço público.

Sobre a presença desta causa de inelegibilidade, observa-se que o candidato teve seu registro indeferido, tendo interposto recurso contra esta decisão. Diante disso, pode-se afirmar que Aderbal é um candidato com registro sub judice, pendente de decisão judicial.

A segunda problemática apresentada é a de que o candidato Aderbal teve ciência de que um correligionário prestou serviço odontológico de forma gratuita e constante a uma comunidade carente, sendo que no próprio ônibus onde o serviço era prestado, havia propaganda expressa do candidato. Tal conduta configura flagrante hipótese de abuso de poder econômico, que ocorre, por exemplo, quando há emprego abusivo de recursos patrimoniais, descumprimento de regras atinentes à arrecadação e ao uso de fundos de campanha, o emprego na campanha de recursos oriundos do "caixa dois" ilicitamente arrecadados, bem como quando há oferta ou doação a eleitores de bens, produtos ou serviços diversos.

Dessa forma, tendo em vista que o candidato Aderbal praticou conduta que configura abuso de poder econômico e foi diplomado, caberia ao Promotor Eleitoral propor a Ação de Impugnação ao Mandato Eletivo (AIME), prevista no art. 14, parágrafo décimo da CRFB/88, no prazo de 15 dias contados da diplomação.

Nesse diapasão, deve-se registrar que a AIME deve ser proposta quando houver abuso do poder econômico, corrupção ou fraude e sua finalidade, no presente caso, é a de destituir o mandado do eleito, uma vez que obtido com abuso do poder econômico.

Em sendo proposta a AIME pelo promotor eleitoral, deve-se observar que não haveria litispendência entre a AIJE proposta pelo Partido Moralista Brasileiro e a demanda ajuízada pelo Ministério Público Eleitoral. E isso porque, de acordo com o entendimento do Tribunal Superior Eleitoral, não existe litispendência entre a Ação de Investigação Judicial Eleitoral (AIJE), Ação de Impugnação ao Mandato Eletivo (AIME) e Recurso contra a expedição de diploma (RCED ou RCD), uma vez que estas demandas são instrumentos processuais autônomos com causas de pedir próprias.

Além disso, no caso, observa-se que a AIJE foi proposta por partido político, que é um colegitimidado para esta ação e qualquer eventual medida a ser proposta pelo Ministério Público Eleitoral seria viável, já que o Parquet é parte diferente e tem legitimidade para propor ação eleitoral, no caso de estarem preenchidos os requisitos para a demanda processual própria.

Sobre a decisão de indeferimento do registro, caso o TRE a mantivesse, a repercussão no pleito seria de que os votos obtidos pelo candidato em questão não seriam mais considerados válidos, para efeito algum. Tal indagação, saliente-se, está atrelada à questão do candidato com registro sub judice, que é aquele candidato que tem o registro indeferido e recorre da decisão de indeferimento, estando, portanto, sub judice. Nessa situação, o art. 16-A da Lei 9.504/97 prevê que este candidato com registro sub judice pode efetuar todos os ato relativos à campanha eleitoral, ficando a validade dos votos a ele atribuídos, contudo, condicionada ao deferimento de seu registro por instância superior. Dessa forma, o cômputo dos votos atribuídos ao candidato cujo registro esteja sub judice no dia da eleição dependerá do deferimento do registro do candidato. Assim, caso a decisão de indeferimento do registro seja mantida, os votos por ele obtidos não serão mais considerados válidos.

Se o TRE reformasse a decisão de indeferimento, o candidato passaria a ter o registro deferido. Dessa forma, os votos obtidos pelo candidato seriam considerados

válidos. Saliente-se, contudo, que da decisão do TRE dando provimento ao recurso de Aderbal e deferindo o registro da candidatura, seria cabível recurso para o TSE.

Na hipótese de Aderbal ser candidato ao cargo eletivo de vereador, o sistema eleitoral a ser adotado é o proporcional, e não o majoritário. No caso do sistema proporcional, caso a decisão de indeferimento do registro seja mantida, não se computam para a legenda os votos dados ao candidato com o registro indeferido à data da eleição, ainda que a decisão no processo de registro só transite em julgado após o pleito. Contudo, nos termos do art. 16-A, parágrafo único da Lei 9.504/97, caso o TRE reformasse a decisão de indeferimento e deferisse o registro, os votos atribuídos ao candidato com registro sub judice seriam computados para o candidato e para o respectivo partido ou coligação.

Comentários

Sobre os assuntos que foram abordados, seguem as decisões do TSE: 1) "[...] Ação de impugnação de mandato eletivo. Alegação. Litispendência. Ações de investigação judicial eleitoral. Não-configuração. [...] Violação. Arts. 267, V, e 301, §§ 1º e 2º, do Código de Processo Civil. Não-caracterização. [...] 1. Não há litispendência entre ação de impugnação de mandato eletivo e investigação judicial eleitoral, uma vez que tais ações têm fundamentos próprios, bem como possuem objetivos diversos: enquanto a Aime visa a cassação do mandato eletivo, a Aije busca a declaração de inelegibilidade dos investigados e/ou a cassação do registro do candidato beneficiado. [...]" (Ac. de 6.3.2007 no AgRgREspe no 26.314, rel. Min. Caputo Bastos.); 2) "Registro de candidatura. Eleição proporcional. Cômputo dos votos. 1. Conforme jurisprudência consolidada nesta Corte superior, não se computam para a legenda os votos dados ao candidato com o registro indeferido à data da eleição, ainda que a decisão no processo de registro só transite em julgado após o pleito. 2. Somente poderão ser computados os votos para a legenda quando o indeferimento do registro sobrevém à eleição, e, não, quando a antecede, independentemente do momento do trânsito em julgado. [...]" NE: Trecho do voto do relator: "Observo que, como apontado na decisão agravada, não tendo o candidato, no momento do pleito, decisão deferitória de seu registro, não há como computar os votos para a legenda, com base no § 4º do art. 175 do Código Eleitoral. Os votos, portanto, são nulos de pleno direito, nos termos do § 3º da referida disposição legal, orientação, inclusive, adotada pelo Tribunal nas eleições de 2004 [...]" (Ac. de 22.11.2007 no AgRgREspe nº 28.070, rel. Min. Arnaldo Versiani.); 3) "Eleições 2012. Registro. Prefeito. Indeferimento. Condenação criminal. Inelegibilidade. Art. 1º, inciso I, alínea e, item 2, da LC nº 64/90. Incidência. 1. No julgamento das ADCs nos 29 e 30 e da ADI no 4.578, o STF assentou que a aplicação das causas de inelegibilidade instituídas ou alteradas pela LC nº 135/2010 a fatos anteriores à sua vigência não viola a Constituição Federal. 2. Por ter sido o agravante condenado, por decisão colegiada, pela prática de crime contra o patrimônio privado e contra a ordem tributária, ele está inelegível desde a condenação até o transcurso de oito anos após o cumprimento da pena, nos termos do art. 1º, I, e, 2, da LC nº 64/90. [...]" (Ac. de 14.2.2013 no AgR-REspe. nº. 9677, rel. Min. Henrique Neves.)

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ELEITORAL – 2012) *2ª questão – O Promotor Eleitoral possui atribuição para atuar com Procuradores Regionais Eleitorais, em auxílio? Justifique, indicando também os princípios aplicáveis à hipótese. RESPOSTA JUSTIFICADA.*

Autora: Giselle Grizotti

Sugestão de resposta

O Ministério Público Eleitoral fundamenta-se, basicamente, em dois princípios institucionais, que são os Princípios da federalização e da delegação.

Pelo Princípio da federalização, compete ao Ministério Público Federal, em regra, a atribuição de oficiar perante à Justiça Eleitoral, considerando que a Justiça Eleitoral é um ramo especializado do Poder Judiciário Federal.

Ocorre que como a quantidade de zonas eleitorais é muito maior que a quantidade de membros do Ministério Público Federal, é impossível que haja o pleno cumprimento do princípio da federalização, com o exercício de todas as funções e atribuições eleitorais pelo Ministério Público Federal.

Diante disso, a LC 75/93 delega aos membros do Ministério Público dos Estados a atribuição de oficiar junto aos juízos eleitorais de primeira instância. Dessa forma, cabe ao promotor eleitoral desempenhar suas funções perante os juízos eleitorais e perante às juntas eleitorais. Este é o princípio da delegação, que excepciona o princípio da federalização.

Portanto, cabe ao Ministério Público Federal e aos Ministérios Públicos dos Estados o exercício das atribuições do Ministério Público Eleitoral.

Acerca do questionamento apresentado - se o promotor eleitoral possui atribuição para auxiliar os Procuradores Regionais Eleitorais (PREs) -, pode-se afirmar que a resposta a tal indagação é positiva, sendo possível que os promotores eleitorais auxiliem o PRE em suas atribuições, com fulcro nos princípios da federalização e da delegação.

Assim, pode-se dizer que em eleições estaduais e federais, cuja atribuição para propor eventual ação eleitoral é do PRE, caberá aos Promotores Eleitorais fiscalizar a campanha dos candidatos e as eleições nas respectivas Zonas Eleitorais, investigar e apurar a prática de ilícitos eleitorais nas respectivas Zonas Eleitorais, praticar atos nas respectivas Zonas Eleitorais por delegação do Procurador Regional Eleitoral ou dos Procuradores Regionais Eleitorais Auxiliares, representar aos Juízes Eleitorais para o exercício do Poder de Polícia e adotar as medidas cabíveis para a prevenção e repressão dos crimes eleitorais.

Registre-se, ainda, por fim, que de acordo com o art. 10, IX, h, da Lei nº 8.625/93, é atribuição do Procurador-Geral de Justiça designar membros do Ministério Público para oficiar perante os Juízes e Juntas Eleitorais ou junto ao Procurador Regional Eleitoral, em havendo solicitação deste. De acordo com este preceito, portanto, é possível que existam duas possibilidades distintas para as designações: o exercício da função

eleitoral perante os órgãos jurisdicionais e o auxílio ao Procurador Regional Eleitoral. Nesse último caso, a designação estará sujeita à disponibilidade de pessoal do Ministério Público Estadual, não sendo demais lembrar que por solicitação não se deve entender um comando cogente, sendo ela passível de valoração, do que poderá resultar o deferimento ou não do postulado.

(XXXI CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ELEITORAL – 2009) *1ª Questão – Quais as exceções à regra do efeito devolutivo dos recursos eleitorais? RESPOSTA JUSTIFICADA.*

Autor: Rafael Schinner

Sugestão de resposta

Ao contrário do que ocorre no Processo Civil, em que os recursos são dotados, em regra, de efeito devolutivo e suspensivo (art. 520 do Código de Processo Civil de 1973), os recursos eleitorais, regra geral, apenas são providos de efeito devolutivo. É isso o que se extrai da leitura da cabeça do art. 257 do Código Eleitoral (CE).

As decisões judiciais proferidas pela Justiça Eleitoral produzem, portanto, efeitos imediatamente, ainda que algum recurso haja sido interposto. Esta regra é fundamental para que se dê vazão à especial celeridade característica do processo eleitoral. Por certo, a curta duração do processo eleitoral, que se inicia com as convenções partidárias e se encerra com a diplomação, exige que os prazos processuais sejam exíguos e que as decisões judiciais sejam prontamente eficazes. Caso contrário, frustrar-se-iam os objetivos do sistema, em prejuízo para a própria instrumentalização da participação política e para a consagração do exercício do poder de sufrágio popular.

A literalidade do art. 257 do CE leva a crer que nenhum recurso eleitoral terá efeito suspensivo. Entretanto, algumas exceções podem ser apontadas.

De início, impende destacar que o Código Eleitoral (Lei 4.737/65) tem status de lei. Lei que é, não vincula o próprio legislador, que está livre para inovar no ordenamento, podendo criar, assim, hipóteses de recursos eleitorais com efeito suspensivo. Dessa sorte, a atribuição de efeito suspensivo a recurso eleitoral é tema de política legislativa. Nada obsta, portanto, que novas exceções sejam criadas, desde que pela via de lei.

Uma das exceções mencionadas por parcela da doutrina estaria prevista no próprio Código Eleitoral e se trataria do Recurso Contra a Expedição de Diploma (RCED), pois, enquanto não julgado o RCED, poderá o diplomado exercer o mandato em toda a sua plenitude, preservando-se a vontade "soberana" do eleitorado (art. 216 c/c art. 262 do CE). Tais dispositivos normativos devem ser lidos em sintonia com o art. 15 da LC 64/1990, cuja redação foi alterada, substancialmente, pela LC 135/2010 (Lei da Ficha Limpa). Antes da alteração legislativa, apenas a decisão judicial transitada em julgado, em sede de RCED, daria azo à cassação do diploma. Dessa sorte, até que decidido, definitivamente, o

RCED, o candidato diplomado poderia exercer livremente seu mandato. Após a LC 135/2010, no entanto, o trânsito em julgado não mais é necessário, pois se passou a prever que será negado, ou cancelado, o registro, ou declarado nulo o diploma, desde que publicada a decisão proferida por órgão colegiado que declarar a inelegibilidade do candidato, o que se convencionou denominar de efeito suspensivo automático. Agora, portanto, o RECD deverá ser recebido no efeito suspensivo até que decisão transitada em julgado ou decisão colegiada, ainda que não definitiva, declare a inelegibilidade. É de se ressaltar, todavia, que o RCED não pode ser, tecnicamente, considerado verdadeira exceção à regra da devolutividade recursal, pois, conforme posição doutrinária e jurisprudencial majoritária, quiçá uníssona, tal instrumento possui natureza jurídica de ação autônoma, e não de recurso. Afinal, o ato de diplomação dos eleitos é ato de administração eleitoral, e não de jurisdição. O RECD veicula, dessa sorte, verdadeira demanda nova, cujo pedido consiste em desconstituir o ato administrativo de diplomação.

A segunda exceção à regra da devolutividade dos recursos eleitorais está prevista no art. 26-C, incluído pela LC 135/2010 no corpo da LC 64/1990. Dito dispositivo autoriza o órgão colegiado do tribunal a conceder de efeito suspensivo em recurso tirado contra as decisões colegiadas mencionadas nas alíneas "d", "e", "h", "j", "l" e "n" do inciso I do art. 1º da LC 64/1990. Neste caso, o efeito suspensivo será atribuído, conforme prevê o próprio dispositivo em comento, em caráter cautelar, exigindo-se que se verifique a plausibilidade da pretensão recursal (fumus boni iuris). Embora a lei nada diga expressamente, é defensável que, ao lado do fumus boni iuris, também seja exigida a presença do periculum in mora, requisito este comum à ideia de cautelaridade, tal qual dispõe o art. 798 do CPC, que prevê o denominado poder geral de cautela. Além disso, deve-se observar que este efeito suspensivo nunca poderá ser concedido monocraticamente, conforme se infere da leitura da parte inicial da cabeça do art. 26-C, que exige decisão proferida por órgão colegiado. Para harmonizar a concessão do efeito suspensivo, nesta hipótese do art. 26-C, com a peculiar celeridade que marca o processo eleitoral, o julgamento do recurso a que tenha sido atribuído o "duplo efeito" preferirá a todas as demais demandas, à exceção do julgamento das ações de Mandado de Segurança e habeas corpus (§2º do art. 26-C). Além disso, o efeito suspensivo poderá ser revogado a qualquer tempo, bastando, para tanto, que se verifique a prática de atos protelatórios por parte da defesa (§3º do art. 26-C). Deve-se consignar que sua concessão depende de provocação do recorrente, pois a lei exige que esta "providência tenha sido expressamente requerida, sob pena de preclusão, por ocasião da interposição do recurso" (art. 26-C, caput). Ao fazer tal exigência, a lei afasta a possibilidade de o Ministério Público postular, na qualidade de custos legis não recorrente, a concessão do efeito suspensivo. Deve-se ponderar que a concessão cautelar de efeito suspensivo já era admitida no TSE, mesmo antes da LC 135/2010, desde que requerida pela via de ação cautelar autônoma, sistemática essa já conhecida pelas cortes superiores quando do processamento de recursos extraordinários. Embora tecnicamente possível, apenas em excepcionais situações, que exigiram extremo esforço argumentativo e probatório, o TSE concedeu efeito suspensivo pela via da ação autônoma.

A terceira exceção à regra do efeito devolutivo dos recursos eleitorais consta do art. 16-A, da Lei 9.504, de 30 de setembro de 1997, introduzido pela Lei 12.034, de 29 de setembro de 2009. De acordo com este dispositivo, o candidato cujo registro esteja sub judice poderá efetuar todos os atos relativos à campanha eleitoral e terá seu nome mantido na urna eletrônica, ficando a validade dos votos a ele atribuídos condicionada ao deferimento de seu registro por instância superior. Este dispositivo adotou, expressamente, a denominada "teoria da conta e risco". De acordo com esta "teoria", o candidato cujo registro esteja sub judice tem ciência de que o resultado da demanda judicial pode não lhe ser favorável. Deve o candidato, portanto, ponderar os riscos da demanda, assumindo que todo seu esforço durante a campanha poderá revelar-se inútil caso o indeferimento de seu registro seja confirmado por decisão irrecorrível. Até lá, poderá praticar todos os atos de campanha, por "sua conta e risco". Desse modo, a teoria da conta e risco, positivada no art. 16-A da Lei 9.504/1997, implica na atribuição automática de efeito suspensivo ao recurso interposto contra decisão de indeferimento do pedido de registro de candidatura. Embora expressamente positivada pela Lei 12.039/2009, tal teoria já vinha sendo adotada pelo TSE ao interpretar o art. 15 da LC 64/90, em sua redação original. É de se consignar que o cômputo dos votos, para o partido ou coligação, atribuídos ao candidato cujo registro esteja sub judice, fica condicionado ao deferimento do registro do candidato, o que se convencionou denominar de "teoria dos votos engavetados" (parágrafo único do art. 16-A da Lei 9.504/1997).

A propósito, a Lei 12.034/2009 trouxe à baila mais duas exceções à regra do efeito devolutivo dos recursos eleitorais. Decerto, dita lei incluiu o §4º no art. 37 da Lei 9.096, de 19 de setembro de 1995 (Lei dos Partidos Políticos). Tal dispositivo prevê que o recurso contra a decisão que desaprovar, total ou parcialmente, a prestação de contas dos órgãos partidários será recebido, seja pelo TRE, seja pelo TSE, no "duplo efeito", de modo que estarão presentes ambos os efeitos recursais devolutivo e suspensivo. Esta seria, portanto, uma quarta exceção à regra em comento.

Além desta exceção, a Lei 12.034/2009 trouxe outra, agora inserida no §5º no art. 45 da Lei dos Partidos Políticos. Tal norma prevê que será recebido com efeito suspensivo o recurso contra a decisão que jugar procedente o pedido veiculado em representação por ilicitude cometida em propaganda partidária. A decisão de procedência desta representação "cassa", nos termos da lei, o direito de transmissão de propaganda partidária. Acaso interponha recurso, poderá o partido veicular, livremente, sua propaganda, até que venha a decisão definitiva. Cuida-se de exceção que homenageia o pluralismo político (art. 1º, V, da CRFB/88), o pluripartidarismo (art. 17, cabeça, da CRFB/88) e a liberdade de expressão (art. 5º, IV, da CRFB/88). Tem-se, aqui, a quinta exceção.

Uma sexta exceção comporta os recursos ao Tribunal Regional Eleitoral dasafiados por condenações criminais eleitorais, conforme se extrai da leitura dos artigos 362 e 363 do Código Eleitoral. O art. 363 do CE prevê que, se a decisão do Tribunal Regional Eleitoral for condenatória, os autos serão baixados à instância inferior para execução de sentença. Entretanto, em se tratando de execução de sentença criminal, dita regra deve ser interpretada à luz do princípio da presunção de inocência (ou de não culpabilidade, na dicção do art. 5º, LVII, da CRFB/88). Preceitua a Constituição da República que

ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado da sentença penal condenatória. Ora, a decisão proferida por TRE é recorrível, não podendo haver punição antes do trânsito em julgado. Logo, caso tenha sido interposto recurso contra decisão condenatória proferida pelo TRE, tal recurso deverá ser recebido no efeito suspensivo, havendo, aqui, mais uma exceção ao disposto no art. 257 do CE.

São essas, em suma, as exceções à regra do efeito devolutivo dos recursos eleitorais. Foram citadas seis exceções. No entanto, conforme apontado, uma delas (o RCED) não consubstancia, propriamente, exceção, pois não se trata de recurso eleitoral, porém ação eleitoral autônoma.

Comentários

Os candidatos, ao se depararem com este enunciado, poderão manifestar duas reações distintas.

Poderão entender, de pronto, que o enunciado faz referência à regra geral por que os recursos eleitorais são providos apenas de efeito devolutivo ("Os recursos eleitorais não terão efeito suspensivo", conforme o art. 257, caput, do Código Eleitoral). Logo, concluirão que a questão indaga hipóteses em que o recurso eleitoral seja dotado de efeito devolutivo e suspensivo, fenômeno que certa doutrina processual denomina de "duplo efeito" (o que é criticável, pois os recursos possuem diversos outros efeitos, tais como o obstativo, o substitutivo, o expansivo, o regressivo, dentre outros). Este candidato não terá qualquer problema para resolver a questão, desde que, naturalmente, conheça as exceções a que o enunciado se refere.

Um segundo grupo pensará que a questão provoca o candidato a realmente procurar exceções ao efeito devolutivo dos recursos, id est, a apontar situações em que os recursos eleitorais não possuiriam efeito devolutivo, ou não o possuiriam em sua integralidade. Aqui, a situação fica complicada, pois, por mais que a resposta apresentada pelo candidato seja engenhosa, por mais que desafie a doutrina com brilhantes considerações e citações de interessantes hipóteses que supostamente excepcionariam a regra, ainda assim dificilmente lograria obter nota que lhe permita concorrer nas próximas fases. Afinal, aprendemos que todos os recursos possuem efeito devolutivo, havendo alguma divergência doutrinária a respeito dos embargos de declaração e certa pacificidade a respeito do efeito translativo (efeito devolutivo na vertical) dos recursos extraordinários. Para parcela significativa doutrina, a dessemelhança entre o órgão a quo e o órgão ad quem seria pressuposto da devolutividade, o que não ocorreria, nunca, nos embargos de declaração (por todos, vide BARBOSA MOREIRA, José Carlos. O novo processo civil brasileiro. 21. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 156.). Quanto aos recursos extraordinários, dentre os quais se inclui o Recurso Especial Eleitoral, seu efeito devolutivo seria restrito ou mitigado por conta do pré-requisito do prequestionamento. Por certo, ainda que determinada matéria tenha sido ventilada no processo, apenas será admitida a interposição de recurso extraordinário lato sensu se a decisão desafiada houver debatido o tema in iudicium deducta. A isso doutrina e jurisprudência chamam de efeito devolutivo restrito ou mitigado, por conta do corte que o não cumprimento do requisito do prequestionamento acarreta na profundidade da matéria devolvida (vide, no âmbito

do Tribunal Superior Eleitoral, o Acórdão proferido no Agravo Regimental na Ação Cautelar 1932-68.2010.6.00.0000, publicado no DJe de 1 de outubro de 2010).

Vejam que a questão parte da premissa de que a regra, em Direito Eleitoral, é a de que os recursos possuem "apenas" o efeito devolutivo, sendo desprovidos de efeito suspensivo (art. 257, caput, CE). Para respondê-la, o candidato deve elencar as situações excepcionais em que os recursos eleitorais possuem, portanto, efeito devolutivo e suspensivo. A prova é de Direito Eleitoral, embora atraia discussão de índole processual. A comunicação entre as disciplinas é inegável, sendo certo que há quem defenda a existência de um autônomo Direito Processual Eleitoral (Landim, Francisco. Direito Processual Eleitoral ou Direitos Processuais Eleitorais? - As leituras críticas da locução processo eleitoral, p. 11. Revista Eleições & Cidadania, Ano 2, no 2, jan./dez. 2010, p. 35.). Ainda assim, o candidato deve ter foco, sobretudo aquele que aprecia a Teoria Geral do Processo e é inclinado, por isso, a processualizar as discussões. Profundas elucubrações a respeito da natureza jurídica do direito de recorrer ou do recurso em si, ou a respeito dos diversos efeitos recursais não são bem-vindas aqui. Levantar tais discussões apenas se recomenda ao candidato que consiga, no bojo de um debate de matéria eleitoral, apontar algumas implicações processuais.

Há alguns pontos de extrema relevância a ressaltar.

A prova em questão foi aplicada ainda no fim do ano de 2009, antes, portanto, da entrada em vigor da Lei Complementar 135, de 4 de junho de 2010 (Lei da Ficha Limpa), mas após a entrada em vigor da Lei 12.034, de 29 de setembro de 2009. A resposta, à época, não comportaria as exceções trazidas pela LC 135/2010, contudo, estaria sujeita às inovações advindas da Lei 12.034/2009.

A Lei 12.034/2009 incluiu o art. 16-A no corpo da Lei 9.504, de 30 de setembro de 1997, trazendo uma nova hipótese de suspensão dos efeitos da decisão, em havendo interposição de recurso eleitoral. Positivou a denominada "teoria da conta e risco", conforme leciona Pedro Lenza (Direito Constitucional Esquematizado. 15ª Ed., São Paulo: Saraiva, 2011. p. 301-302). Nada obstante, tal teoria já havia sido admitida, ao lado da teoria "dos votos engavetados", pelo TSE, com base na redação original do art. 15 da Lei Complementar 64/1990 (MS nº 3.100/MA, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, DJ de 7.2.2003). A seu turno, a LC 135/2010 provocou uma alteração no art. 15 da Lei Complementar 64/1990 (Lei das Inelegibilidades), e, consequentemente, acarretou consequências a uma das exceções à regra do efeito devolutivo dos recursos eleitorais, exceção esta que deve ser conjugada com os artigos 216 e 262 do Código Eleitoral. Estas consequências estão descritas no corpo da resposta. Ademais, a LC 135/2010 introduziu, na LC 64/1990, o art. 26-C, que trouxe à baila mais uma exceção à regra do efeito devolutivo dos recursos eleitorais.

Além desta inovação, a Lei 12.034/2009 também incluiu o §4º no art. 37 e o §5º no art. 45, ambos da Lei 9.096, de 19 de setembro de 1995 (Lei dos Partidos Políticos), e ambos veiculando novas exceções à regra do efeito devolutivo dos recursos eleitorais.

Estas são as novidades legislativas que alteraram, cada uma a seu modo, a matéria. Para que a resposta soe atual, foi redigida com base da legislação hoje em vigor, incluindo, dentre as exceções, aquela trazida pela LC 135/2010.

Importa aqui consignar que a "Lei da Ficha Limpa" (LC 135/2010) quebrou, como é cediço, um verdadeiro tabu de nossa cultura jurídica, pois permite que indivíduos processados, e cuja situação ainda esteja indefinida, sofram consequências no planto político-eleitoral, inclusive com a cassação do diploma. Tal inovação não é de todo desconhecida de nosso direito objetivo. Antes da Lei da Ficha Limpa, a Lei Complementar 5, de 5 de abril de 1970, previa, na alínea "n" do inciso I de seu art. 1º, a inelegibilidade para sujeitos denunciados por certos crimes, exigindo, para efeito de inelegibilidade, o mero recebimento da denúncia. Dita lei foi elaborada durante a ditadura militar, tendo sido promulgada no governo Médici. Esta exceção foi utilizada pelos governos militares para a perseguição de opositores políticos em casos que são citados, hoje, como exemplos de violência jurídica levada a cabo pela ditadura e chancelada pelo Tribunal Superior Eleitoral. É o que ocorreu, por exemplo, com o deputado Sebastião Paes de Almeida (RESPE 2.869/MG) e com o Marechal Henrique Teixeira Lott (AG 2.879/RJ), candidatos indicados por Juscelino Kubitschek aos governos, respectivamente, de Minas e da Guanabara, conforme leciona Hermano Martins Domingues, em seu artigo intitulado Direitos humanos, Ficha Limpa e Jurisdição Constitucional - O entendimento do Supremo Tribunal Federal 25 anos depois da Constituição Cidadã (Revista do Instituto de Hermenêutica Jurídica - RIHJ Belo Horizonte, ano 11, n. 13, jan. / jun. 2013, p. 230, nota de rodapé no 6). O TSE entendeu, inicialmente, constitucional a regra ali prevista, muito embora a posição majoritária encontrasse notáveis resistências, como se dessume do famoso voto vencido proferido pelo Ministro Xavier de Albuquerque, no bojo do Recurso Ordinário 4.189/RJ (BEL - Boletim Eleitoral, Volume 279, Tomo 1, Página 558). Tal entendimento viria a ser revisto quando do julgamento do RESPE 4.221/RS, em que se sagrou, enfim, vencedor o entendimento do então Relator Ministro Xavier de Albuquerque (TSE, Pleno, rel. Min. Xavier de Albuquerque, 15.10.1974.).

A exceção já causava, naturalmente, certo estranhamento, pois ia de encontro ao disposto no art. 11, nº 1, da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), e no art. 8º, nº 2, da Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), de 22 de novembro de 1969. O tema, assim, terminou sendo levado, via Recurso Extraordinário, ao Supremo Tribunal Federal, que foi provocado a analisar a validade constitucional do dispositivo, em cotejo com os artigos 151, incisos I a IV, e 153, ambos da Constituição de 1969 (ou da Emenda Constitucional 1, de 17 de outubro de 1969, conforme preferem alguns). À época, o STF já havia se posicionado pela validade desta exceção ao princípio da presunção de inocência, saindo-se vencedor o voto do então Relator Min. Thompson Flores (vide Recurso Extraordinário Eleitoral 86.297-SP, j. 17-11-1976, 79:671-715, 1977.). Foi entendido que a norma se coadunava com o princípio da moralidade, previsto no art. 151, IV, da CRFB/1969. Saliente-se que o voto vencedor contou com as importantes resistências dos Ministros Leitão de Abreu, Xavier de Albuquerque, Bilac Pinto e Eloy da Rocha. Ainda assim, precedente foi criado, e esta posição viria a ser retomada décadas após. O rigor da regra, que exigia apenas o recebimento da denúncia para caracterização da inelegibilidade, causava certo constrangimento e veio, por isso, a ser atenuado ainda durante a ditadura militar, quando da entrada em vigor da LC 42, de 1 de fevereiro de 1982 e de sua predecessora Emenda Constitucional 8/1977. Dita lei passou a exigir, para a inelegibilidade, que os candidatos tivessem sido condenados pelos crimes previstos na alínea "n" do inciso I do art. 1º LC 5/1970. O STF foi

levado a reanalisar a matéria, agora com a nova realidade positiva, ao julgar, em 12/11/1982, o Recurso Extraordinário 99.069/BA. Passou-se a exigir condenação definitiva para que houvesse inelegibilidade, saindo vencedor o voto do então Ministro Relator Oscar Dias Corrêa.

Por conta de tais fatores, as exceções ao princípio da presunção de inocência (ou da não culpabilidade, na dicção do art. 5º, LVII, da CRFB/1988) acabaram sendo relacionadas, pelo inconsciente coletivo, ao totalitarismo.

A LC 5, de 5 de abril de 1970, viria a ser revogada pela LC 64/1990. O legislador, à época, procurou não repetir a exceção ao princípio do estado de inocência, que era vista, pelos congressistas recém saídos da voraz ditadura militar, como verdadeira regra atentatória aos direitos humanos.

Ainda assim, o STF, ao julgar a ADI 4.578/AC, a ADC 29/DF e a ADC no 30/DF, entendeu constitucional a regra e admitiu como válida a aludida exceção criada.

A partir da "Lei da Ficha Limpa", importantes discussões a respeito de direito intertemporal viriam à baila.

Feito este obter dictum, vamos a comentários sobre o modo de construção da resposta. Não perca tempo! Procure elaborar sua questão iniciando com a identificação do núcleo do problema abordado pelo enunciado e concluindo com uma síntese dos argumentos expostos. Sempre que ler algum enunciado, já vá anotando os dispositivos legais e súmulas aplicáveis e mãos à obra!

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO ELEITORAL - 2009) *2ª Questão - Político postula registro de candidatura ao cargo eletivo de vereador. Em certidão trazida aos autos, consta a informação de que o requerente, quando exercia o cargo de diretor de hospital público dois anos antes, teve suas contas rejeitadas. Como deve proceder o Promotor Eleitoral na hipótese?*

Autor: André Morgado

Sugestão de resposta

Em constando, na documentação acostada ao pedido de registro de candidatura, informação de rejeição de contas previamente prestadas pelo requerente na qualidade de diretor de hospital público, deve o Promotor de Justiça com atribuição eleitoral analisar a incidência, ao caso, da hipótese de inelegibilidade descrita no art. 1º, I, g, da LC 64/90.

Por expressa menção legal, é imprescindível à configuração da inelegibilidade do requerente cuidar-se de rejeição de contas derivada de irregularidade insanável, declarada em decisão irrecorrível proferida por órgão competente, não anulada ou suspensa por provimento jurisdicional.

Quanto ao último requisito, de natureza negativa, a interpretação literal da Súmula nº 1, do TSE, leva à compreensão de que a mera propositura de ação objetivando a

anulação da decisão administrativa de rejeição de contas elide a hipótese de inelegibilidade. No entanto, o melhor entendimento é no sentido de que é imprescindível a obtenção de provimento, em sede de tutela antecipada, suspendendo os efeitos da decisão administrativa. De toda forma, o TSE possui o entendimento de que a ação judicial deve ser proposta em prazo razoável, não sendo apta a afastar a inelegibilidade a ação maliciosamente proposta às vésperas da data estabelecida para o registro de candidaturas.

Já o caráter insanável da irregularidade na prestação de contas do requerente deve ser aferido no bojo do julgamento proferido pela Corte de Contas. Em não havendo menção, naquele procedimento, à qualificação da irregularidade como insanável, abre-se a via para a aferição, na ação em trâmite perante a Justiça Eleitoral, da incidência do referido requisito, levando-se em conta a gravidade do dano ao ente público, bem como a prática de ato doloso, dentre outros elementos.

De sua parte, considera-se irrecorrível, para os fins do art. 1º, I, g, da LC 64/90, a decisão preclusa na via administrativa, isto é, sobre a qual se operou o fenômeno da coisa julgada administrativa, ainda que, naturalmente, sujeita a posterior controle jurisdicional. Ainda, a competência da Corte de Contas é aferida em função do ente federativo a que vinculado o hospital público em apreço.

Em sendo verificada a efetiva incidência dos referidos requisitos legais, e considerando não ter transcorrido o quinquênio depurador, cumpre ao Promotor de Justiça propor ação de impugnação de pedido de registro de candidatura do vereador, conforme o art. 3º, da LC 64/90.

A ação em apreço é de competência do juízo eleitoral de primeira instância, porquanto se cuide de postulação de registro de candidatura ao cargo de Vereador (art. 2º, III, da LC 64/90).

Impende salientar que o prazo para a propositura da referida ação, por conta da indispensável celeridade ao procedimento de registro de candidaturas, é contado a partir da publicação do pedido de registro. É que, de acordo com a jurisprudência do TSE, a prerrogativa da intimação pessoal ao membro do Ministério Público não se aplica à aferição do termo inicial do prazo para a propositura da ação, já que, em relação aos demais atos processuais, mesmo aqueles praticados no bojo da ação de impugnação de registro de candidatura (p. ex., interposição de recursos), se aplica a mencionada garantia funcional.

Comentário

A questão, embora de enunciado curto e, aparentemente, de simples resolução, foi elaborada em sede de Prova Específica, sem limitação de linhas para a resposta.

Nesse contexto, cumpria ao candidato dissecar todos os elementos relacionados à questão formulada, analisando-os detidamente, com o fim de demonstrar conhecimento e domínio sobre a matéria, angariando maior pontuação.

A prova em questão foi realizada em 15/11/2009. À época, não vigorava a LC nº 135/2010 (Lei da Ficha Limpa), que entrou em vigência em 07/06/2010 e promoveu substancial alteração no dispositivo matriz da resposta (o art. 1º, I, g, da LC nº 64/90).

Se já estivesse em vigor, interessantíssima temática de direito intertemporal seria levantada e a resposta seria absolutamente distinta da sugerida acima.

No ponto, cumpriria ao candidato analisar a aplicação das hipóteses de inelegibilidade, nas condições estabelecidas na LC nº 135/2010, em razão de fatos pretéritos, tese que foi agasalhada pelo STF no julgamento das Ações Declaratórias de Constitucionalidade nº 29 e 30. Na ocasião, dentre outras discussões atinentes à constitucionalidade do novel diploma, a Corte Suprema assentou a distinção entre os conceitos de "retroatividade" e "retrospectividade" da lei, sendo esta, permitida, ainda que mais gravosa ao postulante do registro de candidatura, vindo a ser aplicada aos pleitos de 2012 e 2014.

DIREITO EMPRESARIAL

5.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2014) *Questão 12 – Direito Empresarial – Nota promissória emitida com base em contrato de alienação fiduciária em garantia pode instruir requerimento de falência?*

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

A princípio, uma nota promissória não paga na data do vencimento demonstra a impontualidade do devedor, é título executivo e pode instruir requerimento de falência desde que preencha os requisitos do art. 94, I, Lei 11.101/2005. Contudo, quando vinculada a um contrato, mantém as características dele. Portanto, como na alienação fiduciária em garantia o credor possui uma garantia real, a princípio ele não terá interesse de agir no requerimento de falência, devendo executar a garantia para satisfazer seu crédito. Contudo, se a garantia se tornar insuficiente ou se o bem se perder, haverá o interesse de agir no requerimento de falência, sendo ônus do credor provar tal interesse desde o início do processo.

(XXXIII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2014) *Questão 13 – Direito Empresarial – A decretação da liquidação extrajudicial de uma instituição financeira tem por efeito o bloqueio dos bens dos seus ex-administradores. Determinado ex-administrador figura como executado em ação cambial proposta por um credor particular. Qual será o efeito do decreto de liquidação em relação à ação cambial em curso?*

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

Um dos efeitos da decretação da liquidação extrajudicial é a suspensão das execuções em face da instituição financeira (art. 18, a, Lei 6.024/74). O credor desta deve se habilitar na liquidação. A ação cambial possui natureza executiva. No caso sob análise, contudo, ela pode prosseguir porque a dívida é pessoal do administrador. O objetivo da

liquidação extrajudicial é impedir a dilapidação do patrimônio da financeira, mas segundo o STJ os direitos dos credores particulares dos sócios são independentes. Logo, o decreto de liquidação não produz efeitos sobre essa ação cambial em curso, sob pena do credor particular ter seus direitos violados.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *Questão 12 - Direito Empresarial - Explique as diferenças entre estabelecimento empresarial, patrimônio social, patrimônio líquido e capital social no Direito Societário. RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autora: Mariana Trino

Sugestão de resposta

Estabelecimento empresarial é o complexo organizado de bens, corpóreos e incorpóreos, reunidos pela vontade e destinados ao exercício da empresa (art. 1.142, CC). Patrimônio social é a totalidade de bens, direitos e obrigações da sociedade, incluindo ativos (bens e direitos) e passivos (deveres). A diferença entre os referidos ativos e passivos é denominada patrimônio líquido. O Patrimônio social não pressupõe, portanto, o fator organização, a ligação funcional com a atividade. Logo, o estabelecimento integra o patrimônio, mas este não se reduz àquele. Capital social é uma cifra contábil, correspondente aos valores que os sócios se obrigaram a transferir à sociedade. Enquanto o patrimônio é real e dinâmico, o capital social é formal e estático, não se alterando no cotidiano da atividade, mas através de modificação contratual/estatutária.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *Questão 13 - Direito Empresarial - Cabe Mandado de Segurança contra o ato judicial anulatório da arrematação em praça de falência? Explique a resposta.*

Autor: Rafael Schinner

Sugestão de resposta

A anulação ou a declaração de nulidade de arrematação pode ser obtida via ação autônoma ou de ofício. Em qualquer hipótese, o ato judicial, seja interlocutório, seja sentença, desafia agravo de instrumento (art. 522 do CPC) ou apelação (art. 522 do CPC), ambos recursos dotados de efeito suspensivo (ope legis na apelação e ope judicis no caso do AI, ex vi do art. 527, III c/c 588, CPC). A impetração de MS nestas situações é vedada (art. 5º, II, da Lei 12.016/2009 e Súmula 267/STF). Deve o interessado, ainda que terceiro (id est, o arrematante), interpor o recurso cabível, salvo se for terceiro totalmente estranho, até então, ao processo, hipótese em que o MS é admitido, desde que o prazo recursal haja escoado (Súmula 202/STJ).

Comentários

O Direito Falimentar é o ramo do Direito Empresarial que mais exige conhecimentos a respeito do Direito Processual Civil. Afinal, falência é "(...) o processo judicial de execução concursal do patrimônio do devedor empresário, que, normalmente, é uma pessoa jurídica revestida da forma de sociedade por quotas de responsabilidade limitada ou anônima" (COELHO, Fabio Ulhoa. Comentários a Nova Lei de Falências e de Recuperação Judicial. 2ª Ed. São Paulo, SP. Editora Saraiva, p. 194) (grifo nosso).

A questão em comento versa sobre a possibilidade de impetração de Mandado de Segurança (MS) contra decisão judicial que anula arrematação, ato que, de acordo com Pontes de Miranda, possui duas acepções: "(...) em sentido de movimento processual, é a submissão do bem penhorado ao procedimento da alienação ao público e em sentido de estática processual é assinação do bem, que foi posto em hasta pública, ao lançador que ofereceu maior lanço" (in Comentários ao Código de Processo Civil. Tomo X. (Arts. 612 a 735). Rio de Janeiro: Forense, 1976).

Quando da aplicação desta prova, já estava em vigor a nova Lei do Mandado de Segurança (Lei 12.016, de 7 de agosto de 2009), que revogou, expressamente, a Lei 1.533, de 31 de dezembro de 1951. Dita lei já trazia o óbice à impetração de Mandado de Segurança contra atos judiciais que desafiassem recurso de qualquer espécie, id est, possuindo ou não efeito suspensivo (art. 5º, II). O que fez a lei foi positivar a ideia do interesse de agir como óbice explícito à impetração do MS. Afinal, se contra a decisão cabe recurso ou outra medida intraprocessual capaz de reformá-la ou anulá-la, então não há necessidade de se manejar o writ, por ausência de interesse-necessidade, embora haja quem resolva o problema pelo interesse-adequação (TJ-RJ - MS: 14911952012819000 0 RJ 0014911-95.2012.8.19.0000, Relator: DES. BENEDICTO ABICAIR, Data de Julgamento: 22/03/2012, SEXTA CÂMARA CÍVEL, Data de Publicação: 18/05/2012). Mesmo diante do claro óbice legal, insistia-se na impetração de Mandado de Segurança contra atos judiciais impugnáveis via recurso, sobretudo quando o recurso não fosse dotado de efeito suspensivo. Para estancar a prática, foi editada a Súmula 267/STF, publicada em 13 de dezembro de 1963. O teor da súmula é o seguinte: "Não cabe mandado de segurança contra ato judicial passível de recurso ou correição". Vê-se, portanto, que o STF não distinguiu, ao aprovar a Súmula, se se trata de recurso com ou sem efeito suspensivo, e o fez propositadamente. A discussão acerca do efeito suspensivo estava superada. No entanto, o rigor do art. 5º, II, da Lei 1.533, de 31 de dezembro de 1951, seria atenuado nas décadas seguintes, passando a jurisprudência a admitir MS contra decisões judiciais desafiadoras de recursos sem efeito suspensivo, porém em determinadas situações excepcionais (STJ, AGRMS 201300742904, ARNALDO ESTEVES LIMA, CORTE ESPECIAL, DJE DATA:01/07/2013). A tendência de se atenuar o disposto no art. 5º, II, da Lei 1.533/1951, culminaria com a positivação do tema, conforme se dessume da leitura do atual art. 5º, II, da Lei 12.016, de 7 de agosto de 2009, que é, basicamente, o núcleo da resposta. Há quem critique a inovação, taxando-a de verdadeiro retrocesso, pois ressuscita o uso do mandado de segurança como medida de apoio a recurso sem efeito suspensivo (Luiz Manoel Gomes Junior [et al]. Comentários à Nova Lei do Mandado de Segurança. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009, p. 57 e 58).

A par dessa discussão, urge apontar algumas peculiaridades sobre a questão.

O ato judicial de anulação ou a declaração de nulidade da arrematação pode se dar de ofício ou mediante provocação, nos próprios autos da falência (ou de uma ação de execução que acarrete constrição a bem da massa falida) ou via ação judicial autônoma. A questão fala em ato judicial de anulação, sugerindo que tal ato se deu mediante provocação, pois, regra geral, apenas nulidades (e processuais) podem ser reconhecidas de ofício. Nada aduz, entretanto, sobre se tal ato ocorreu em virtude de ação autônoma ou se se trata de decisão proferida nos próprios autos. Entretanto, tais dados são irrelevantes para a solução da questão, pois em ambos os casos as decisões judiciais desafiarão recursos que possuem, ou têm o potencial de possuir, efeito suspensivo.

A questão também nada aduz sobre quem está a impetrar o MS. Caso o impetrante já seja parte do processo, a impetração é inviável. Entretanto, a jurisprudência possui certo abrandamento dessa regra, admitindo, em situações pontuais e excepcionais, o MS impetrado contra decisão teratológica, de manifesta ilegalidade ou abuso de poder, capaz de causar danos irreparáveis ou de difícil reparação (STF, Pleno, MS 24159/DF - Questão de Ordem, Publicação DJI 31.10.2003, PP: 00015; STF - RMS 22910, Rel. Min. MARCO AURÉLIO. Data: 08/10/2010; STJ - RMS: 27325 BA 2008/0157923-0, Relator: Ministra LAURITA VAZ, Data de Julgamento: 20/03/2012, T5 - QUINTA TURMA, Data de Publicação: DJe 29/03/2012; (STJ - RMS: 28737 SP 2009/0017062-1, Relator: Ministro CASTRO MEIRA, Data de Julgamento: 09/02/2010, T2 - SEGUNDA TURMA, Data de Publicação: DJe 24/02/2010). Mais recentemente, o e. STF veio a confirmar a admissibilidade excepcional de MS tirado contra decisão judicial (STF - RMS 30.550/DF, Relator: Min. GILMAR MENDES, Data de Julgamento: 24/06/2014, Segunda Turma).

Entretanto, caso o impetrante seja terceiro (por exemplo, caso seja o arrematante), a manejo do MS será possível, desde que, cumulativamente, o paciente não seja parte do processo e o prazo recursal já tenha se escoado. Deve-se lembrar que o prazo para o recurso do terceiro prejudicado é o mesmo para o recurso das partes e se inicia no mesmo momento (DIDIER JR., Fredie. Recurso de terceiro: juízo de admissibilidade. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002, p. 169). Aplica-se, no caso, a Súmula 202 do e. STJ ("A impetração de segurança por terceiro, contra ato judicial, não se condiciona à interposição de recurso"). Caso o prazo recursal não tenha transcorrido, deverá o interessado ingressar no feito na qualidade de terceiro prejudicado (art. 499 do CPC).

Ainda que haja toda esta discussão, o candidato não deve se descurar do fato de que a questão em apreço veicula matéria de Direito Comercial. Além disso, é prova de primeira fase, com pouquíssimas linhas para lançar a resposta. Por isso, não deve o candidato perder tempo e espaço descendo a discussões processuais que não interessam diretamente à solução do problema.

Lembre-se: tenha foco! Anote os dispositivos legais pertinentes e as súmulas aplicáveis. Procure organizar a resposta mentalmente e mãos à obra!

(XXXI Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2009) *12ª questão – Direito Empresarial – No âmbito do Direito Cambiário EXPLIQUE duas exceções pessoais e duas exceções não pessoais oponíveis ao terceiro. RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

Se o portador se insere na situação da parte final do art. 17 do Dec. 57.663, está de má-fé, permitindo-se a oponibilidade de exceções pessoais pelo devedor. Entre estas, pode-se citar as hipóteses do negócio jurídico originário que foi celebrado: (a) com dolo (CC, art. 145) por uma das partes, sendo o dolo, a intenção de se obter do contratante uma declaração volitiva que não seria emitida caso não houvesse o engano; e com (b) simulação (CC, art. 167), consistente na dissonância intencional entre o que se realmente deseja e a declaração manifestada entre declarantes em conluio com o fim de enganar terceiros. Entre as exceções não pessoais, incluem-se, as exceções processuais como a falta de requisito para exercício da ação cambiária. Exemplos: a coisa julgada material, que é a imutabilidade do conteúdo do dispositivo da sentença transitada em julgado, ou a superveniência de prescrição, que é a neutralização da eficácia de uma pretensão (art. 70, Dec. 57.663).

Comentário 1

A autonomia das obrigações cambiárias, a qual tem por pressuposto de incidência a existência de duas ou mais obrigações cambiárias (não obstante considerável parte da doutrina tenha por pressuposto a circulabilidade da cambial por endosso), revela como subprincípio a inoponibilidade das exceções pessoais ao terceiro que estiver de boa-fé. Consoante apregoava Pontes de Miranda, da necessidade de circulação segura e negociabilidade dos títulos cambiários, nasceu a autonomia e o subprincípio da inoponibilidade das exceções pessoais ao terceiro de boa-fé. Esta proteção ao terceiro, contudo, não se faz presente quando este, por exemplo, adquire a cambial ciente de vício que macule o título ou de eventual exceção, procedendo, destarte, conscientemente em detrimento do devedor consoante apregoa o art. 17, in fine, anexo I do referido Decreto. Neste caso são oponíveis a este terceiro exceções pessoais que configurem a má-fé, como o dolo, o erro, a simulação, fraude, causa ilícita o contrato não cumprido, o pagamento, a compensação, a novação, a remissão entre outros. Há também que se considerar as exceções de natureza processual. Nesse caso a defesa será materializada mediante a oposição de embargos à execução em virtude de o título de crédito dotado de autonomia ser considerado um título executivo extrajudicial. Não obstante o espectro das matérias defensivas alegáveis do CPC, art. 745 [art. 917 e incisos no Novo CPC], ação típica para títulos executivos extrajudiciais, no caso de um título cambiário dotado de autonomia, o rol das matérias defensivas sofrerá redução em virtude da concorrência do princípio da inoponibilidade das exceções pessoais ao terceiro de boa-fé. Interpretação diversa seria burlar o subprincípio. A forma defeituosa da cambial e as defesas fundadas na falta de requisito à ação cambial se mostram oponíveis ao terceiro de boa-fé.

Comentário 2

Veja-se a redação do art. 17: "As pessoas acionadas em virtude de uma letra não podem opor ao portador exceções fundadas sobre as relações pessoais delas com o sacador ou com os portadores anteriores, a menos que o portador ao adquirir a letra tenha procedido conscientemente em detrimento do devedor".

Obs: A referência à LUG se justifica, pois, apesar de esta mencionar a letra de câmbio, trata-se da lei aplicável ao direito cambiário no Brasil, devendo o intérprete procurar nesta, primeiramente, as regras aplicáveis a este ramo. Posteriormente, no que tange às reservas, a consulta ao Decreto 2.044. Deve-se consultar se o título em questão apresenta legislação específica, como por exemplo a cédula de crédito bancário, para só depois realizar-se a consulta ao Código Civil.

É o art. 51 da Lei Saraiva (Decreto 2.044, art. 51, que estabelece as defesas possíveis:

"Art. 51. Na ação cambial, somente é admissível defesa fundada no direito pessoal do réu contra o autor, em defeito de forma do título e na falta de requisito necessário ao exercício da ação."

As defesas fundadas na falta de requisito necessário à execução da ação cambial e no defeito de forma do título são exceções não pessoais.

As defesas fundadas em direito pessoal são aquelas que dizem respeito a alguma causa advinda de relação estranha ao direito cambiário, podendo encerrar desde um defeito no surgimento do negócio jurídico, vício de vontade ou fator atinente à eficácia daquele. O certo é que, incidindo o princípio da autonomia, o qual pressupõe a pluralidade de obrigações cambiárias, serão inoponíveis ao terceiro de boa-fé isto é, aquele que não se encontra atingido pela parte final do art. 17 do Decreto 57.663, sendo a inoponibilidade das exceções pessoais ao terceiro de boa-fé um subprincípio da autonomia. São, contudo, oponíveis ao terceiro de má-fé. Exemplos: erro, dolo, exceção do contrato não cumprido, violência, simulação, motivo ou causa ilícita, condição pendente de cumprimento, pagamento, compensação, novação, confusão, remissão e outros.

As defesas advindas do defeito de forma do título dizem respeito à não observância de algum requisito essencial da cambial. Por exemplo: a indicação da data em que e do lugar onde é passada e a assinatura do subscritor na nota promissória (Decreto 57.663, art. 75). Tais defesas são oponíveis ao terceiro de boa-fé.

Por fim, as chamadas exceções de natureza processual ou, como quer a letra da lei, atinentes à falta de requisito necessário ao exercício da ação, como, por exemplo, a prescrição, a não-apresentação do título já vencido ou a sua apresentação extemporaneamente, ou o não vencimento do título. Também as hipóteses de excesso de penhora, nulidades processuais, coisa julgada, litispendência, a falta de legitimidade das partes, entre outras.

(XXXI Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2009) *13ª questão – Direito Empresarial – Asociedade "X" assina com a sociedade "Y" um contrato mediante o qual cede à sociedade "Y" o seu estabelecimento empresarial. Por ocasião da tradição, as partes levantam um balanço contábil do estabelecimento, indicando os ativos e listando os passivos atinentes ao contrato. Fica estipulado que a sociedade "Y" responsabiliza-se apenas pelos débitos que constarem desse balanço. O contrato foi averbado no competente órgão de registro e devidamente publicado na imprensa oficial. Dois anos depois da data da tradição do estabelecimento, a sociedade "Y" tem a sua falência decretada. No curso*

da falência, como deve opinar o Ministério Público quanto à apresentação dos credores abaixo: a) Sociedade C, alegando ser credora da sociedade "Y", por sucessão da sociedade "X", uma vez que vendeu à sociedade "X" um veículo, que foi objeto da cessão do estabelecimento e que não foi pago; b) INSS, alegando ser credor da sociedade "Y", por sucessão da sociedade "X", quanto a contribuições devidas com relação ao período anterior à cessão do estabelecimento, mas relativas a empregados que continuaram a trabalhar para a sociedade "Y" após a cessão.

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

a) considerando que a tradição foi feita em atenção ao artigo 1444 do CC/02, se o veículo estava incluído no contrato de trespasse e não foi pago pela sociedade Y, a Sociedade C deve ser incluída no rol de credores com relação a esse crédito, conforme art. 1446 do CC/02 e art. 83 da Lei 11101/2005. **b)**Em se tratando de débitos tributários anteriores ao trespasse, onde se inclui as contribuições devidas ao INSS, há determinação legal expressa de responsabilização do adquirente do estabelecimento (art. 133 do CTN), podendo ser integral ou subsidiária, a depender da sociedade alienante (X) ter continuado a exercer a empresa ou não. Assim, o crédito do INSS deve ser habilitado na falência da sociedade Y conforme art. 83, III, Lei nº 11101/2005.

Comentário 1

A cessão de estabelecimento empresarial mencionada na questão é chamada de contrato de trespasse, sendo ineficaz caso após a cessão a sociedade cessionária reste sem bens para fazer frente ao seu passivo, estabelece o art. 1145 do Código Civil que a alienação será ineficaz, a não ser que todos os credores sejam pagos ou manifestem seu consentimento, de modo expresso ou tácito , a respeito do negócio, no prazo de 30 dias. Contudo tal fato não foi trazido na questão, então o candidato deveria partir do pressuposto que a cessão foi eficaz.

Comentário 2

Quanto aos débitos de INSS a questão não informa se eles estavam descritos no balanço contábil realizado antes da cessão. Contudo, considerando que a responsabilidade da sociedade adquirente do estabelecimento decorre de lei (art. 133 do Código Tributário Nacional), seria inaplicável qualquer disposição em contrário.

5.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO EMPRESARIAL - 2014) *1ª Questão- "A" e "B" são sócios de uma sociedade limitada por longo período. Com o falecimento de "A", responda:*

a) Os herdeiros de "A" ingressarão no quadro societário?

b) A partir de que momento a sociedade poderá ser considerada como unipessoal?

c) Após o evento morte, por quanto tempo o sócio "B" poderá figurar regularmente como único sócio da sociedade limitada?

d) Configurada a unipessoalidade qual será o destino da sociedade?

Resposta objetivamente fundamentada.

Autor: Matheus Rezende

Sugestão de resposta

A sociedade limitada é o tipo societário mais utilizado no Brasil. Segundo ensina a doutrina, a sociedade limitada pode ser caracterizada de duas formas: sociedade limitada de pessoas e sociedade limitada de capital. Para estabelecer a diferença entre ambas, são usados dois critérios: o primeiro, dito legal, é aquele em que o contrato social indica o tipo de sociedade limitada. Isso porque, segundo o art. 1053, caput, do CC/02, em regra, as normas da sociedade simples são aplicadas subsidiariamente à limitada. Todavia, nos termos do parágrafo único do mesmo dispositivo legal, o contrato social da sociedade limitada pode prever a regência supletiva das normas da sociedade anônima.

Por outro lado, outro critério que se soma ao anterior e, portanto, não é excludente, é analisar o affectio societatis existente entre os sócios. Se o affectio societatis entre os sócios for de extrema relevância e a contribuição pessoal dos sócios for indispensável para a realização do objeto social, estar-se-á diante de uma sociedade de pessoas. De outra feita, se a contribuição pecuniária do sócio for mais importante, estar-se-á perante uma sociedade limitada de capital.

a) O art. 1028, do CC/02, em regra, com a morte do sócio, as suas quotas serão liquidadas. O inciso III desse dispositivo estabelece que os herdeiros podem, por acordo, regular a substituição do sócio falecido. Todavia, uma leitura apressada do inciso pode levar a conclusões equivocadas.

Conforme exposto acima, é preciso analisar se a entrada dos herdeiros do sócio falecido, no caso os herdeiros de "A", ocorrerá a quebra da affectio societatis e/ou se eles terão como contribuir para a realização do objeto social, em uma sociedade limitada de pessoas. Constatando-se que haverá nítida quebra do vínculo psicológico, não é

recomendável que os herdeiros ingressem no quadro societário. Proceder-se-á, nesse caso, a dissolução das quotas do sócio falecido "A". Isso porque, em uma sociedade limitada de pessoas, o ingresso de sócio poderá trazer efeitos negativos à continuação da sociedade.

Noutro sentido, caso os herdeiros do sócio "A" sejam capazes de manter o affectio societatis com o sócio "B" e contribuírem para a realização do objeto social da sociedade limitada, em homenagem ao princípio da conservação da empresa, é louvável que eles ingressem no quadro societário e deem continuidade à atividade.

B, C e D) Primeiramente, é importante destacar que, como regra, o direito brasileiro não admite uma sociedade unipessoal. Ou seja, para a existência de uma sociedade, é preciso que haja, em regra, pluralidade de sócios. Existe uma exceção em que admite-se a sociedade unipessoal: trata-se da sociedade subsidiária integral, espécie de sociedade anônima, prevista no art. 251, §2º, da Lei 6404/76.

É de se ressaltar que com a morte do sócio "A" a legislação estabelece um prazo temporário e acidental durante o qual a sociedade limitada poderá subsistir como unipessoal, isto é, tendo em seu quadro societário apenas um sócio. Esse prazo é de 180 (cento e oitenta) dias. Após o decurso desse prazo, caso não se restabeleça a pluralidade de sócios, a sociedade limitada deverá ser dissolvida.

Dessa forma, a partir da morte do sócio "A", a sociedade limitada poderá figurar como sociedade unipessoal temporariamente pelo prazo de 180 dias, tendo apenas "B" em seu quadro societário. Transcorrido o prazo legal e não havendo pluralidade de sócios, a sociedade limitada estará dissolvida.

Contudo, durante o prazo previsto no art. 1033, IV, do CC/02, o sócio "B", verificando que os herdeiros não ingressarão no quadro societário e com a liquidação das quotas do sócio de cujus, poderá preservar a empresa e adotar uma das seguintes providências, ambas previstas no art. 1033, parágrafo único do CC/02: o sócio "B" poderá requerer sua inscrição como empresário individual; ou ele poderá transforma-se em uma empresa individual de responsabilidade limitada.

Conforme afirmado, caso "B" não adote nenhuma dessas providências, não restará outro caminho senão a dissolução da sociedade limitada, uma vez que o Direito Brasileiro não admite, como regra, a sociedade unipessoal.

Comentário 1

Nessa questão, embora o conhecimento acerca da diferenciação entre sociedade limitada de pessoas e sociedade limitada de capitais não seja o objeto central da pergunta, é interessante o candidato abordar o tema, para demonstrar profundo entendimento sobre o assunto.

Comentário 2

A doutrina diverge acerca da natureza jurídica da EIRELI, se seria sociedade ou uma pessoa jurídica sui generis. A segunda posição prevalece. Certo é que o CC/02, em seu art. 44, VI, a considerou como uma nova categoria de pessoa jurídica.

Comentário 3

Para estudo do Direito Empresarial para concursos públicos, recomenda-se a leitura do livro "Direito Empresarial Esquematizado" de André Luiz Santa Cruz Ramos.

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO EMPRESARIAL - 2014) *2ª Questão - Umaassociação de catadores de lixo reciclável tem faturamento de R$ 1.000.000,00 (um milhão de reais) por ano e emprega 1.000 (mil) trabalhadores, afigurando-se, desta feita, como um importante agente econômico da cidade. Um credor locatício ingressa com pedido de falência em face da associação, instruindo o pedido com o contrato de locação protestado, cujo aluguel mensal é de R$ 15.000,00 (quinze mil reais). Em sua defesa, realizando o depósito elisivo, a associação alega não ser possível o requerimento de falência. Encaminhado o processo à Promotoria de Massas Falidas, manifeste-se sobre todos os itens da questão. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Vanessa Gonzalez

Sugestão de Resposta

Processo nº

Partes

MM. Juiz

Trata-se de pedido de falência formulado por credor locatício em face de associação de catadores de lixo reciclável.

Apoia-se o presente pedido de falência em contrato de locação protestado, cujo valor estipulado a título de aluguel mensal é de R$ 15.000,00 (quinze mil reais).

A associação requerida, além de realizar o depósito elisivo, alega em sua defesa que não é possível o acolhimento do pleito do credor locatício.

Os autos vieram a esta Promotoria de Justiça de Massas Falidas para análise e parecer.

É a breve síntese da demanda.

Desde logo, verifica-se a impossibilidade de decretação da falência do devedor, tendo em vista a realização do depósito elisivo, nos termos do art. 98, p. único da Lei 11.101/05.

Independentemente da questão atinente ao depósito elisivo, a controvérsia trazida nestes autos gira em torno da possibilidade ou não de decretação de falência de associação que, no caso concreto, movimenta vultosas quantias anuais e conta com cerca de 1000 (mil) trabalhadores.

A Lei 11.101/05 regula o procedimento de falência e recuperação judicial e extrajudicial de empresários e sociedades empresárias (art. 1º).

O Código Civil, em seu art. 966, adotou a teoria dos atos de empresa, segundo a qual é considerada empresária a sociedade ou a pessoa física que exerça atividade econômica organizada de produção ou circulação de bens ou serviços, com habitualidade e visando lucro.

A requerida não se enquadra no conceito de legal de empresário ou sociedade empresária, tratando-se de outra espécie de pessoa jurídica de direito privado, qual seja, associação (art. 44, inciso I do Código Civil).

Embora pratique atos de empresa com habitualidade, a associação não visa ao lucro, nos termos do art. 53 do Código Civil, muito embora nada impeça que o lucro ocorra em razão de suas atividades.

Ainda que se reconheça que associação é uma reunião de pessoas que se organizam para fins não econômicos, nada impede que sua atividade gere lucro.

Isso porque, no caso específico das associações de catadores de lixo reciclável, o que se verifica no dia a dia são entidades criadas com o propósito de agrupar tais pessoas para tratar de diversos assuntos de seu interesse, e não apenas para obter lucro com a venda dos materiais recicláveis.

Evidente que o lucro acaba por ser percebido, mas ele não é a finalidade principal da referida entidade. Também não se vislumbra, no caso da associação de catadores de lixo reciclável, a presença de todos os demais elementos de empresa.

No presente caso, o *Parquet* também não vislumbra a existência de uma "associação de fachada" que exerce atividade econômica organizada e visa ao lucro. Caso assim entendesse, poderia ser considerada uma sociedade irregular e, nesse caso, seria cabível o pleito falimentar.

Assim, analisando o caso destes autos, impossível falar-se na caracterização da associação requerida como sociedade empresária ou empresário para fins de aplicação da Lei 11.101/05.

Superada a questão acima, importante esclarecer se o contrato que embasou o pedido seria apto a ensejar a decretação da falência de um empresário ou de uma sociedade empresária.

Nos termos do art. 94, inciso I da Lei 11.101/05, será decretada a falência do devedor que, sem relevante razão de direito, não paga, no vencimento, obrigação líquida materializada em título executivo protestado, cuja soma ultrapasse o equivalente a 40 salários mínimos na data do pedido de falência.

Dessa feita, embora o contrato de locação seja título executivo extrajudicial (art. 585, inciso V do Código de Processo Civil) dotado de liquidez e certeza, ainda que tenha sido protestado com a indicação do recebedor da notificação do protesto, verifica-se incabível o pedido de falência formulado nestes autos ante a não caracterização da requerida como sociedade empresária.

Ante todo exposto, embora o título executivo que embasou o presente pedido seja apto para a formulação de pedido de falência (art. 94, inciso I da Lei 11.101/05), opina o Ministério Público pelo seu indeferimento na medida em que a requerida, não sendo sociedade empresária, não se sujeita à Lei 11.101/05.

Em consequência do indeferimento do presente pedido de falência, deverá ser restituído à requerida o valor relativo ao depósito elisivo, nos termos do art. 98, p. único da Lei 11.101/05.

Por fim, ainda que se entenda pela sujeição da requerida à Lei 11.101/05 e pelo não acolhimento das razões expostas pelo Ministério Público, importante destacar que não é cabível a decretação da falência da associação requerida, eis que já realizado o depósito elisivo.

É o parecer.

Local, data

Assinatura

Comentários

No caso em análise, não foi explicitado se o candidato deveria responder a questão com texto dissertativo ou em forma de parecer. Diante do conteúdo do enunciado, informando que o processo fora encaminhado à Promotoria de Massas Falidas, optou-se por formular a resposta em forma de parecer. Ressalte-se, no entanto, que candidatos que optaram por formular uma resposta discursiva foram bem pontuados. No nosso entender, de fato não haveria prejuízo, desde que fossem abordados todos os aspectos que envolvem o caso.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO EMPRESARIAL – 2012) *1ª Questão – A teoria da desconsideração da personalidade jurídica é aplicável ao empresário individual?*

Autora: *Carolina Magalhães*

Sugestão de resposta

A teoria da desconsideração da personalidade jurídica foi introduzida em nosso ordenamento através de diversos diplomas legais, tais como o artigo 28 da Lei 8.078/1990 (Código de Defesa do Consumidor), artigo 18 da Lei 8.884/1994 (Lei

Antitruste) e artigo 4° da Lei 9.605/1998 (Lei do Meio Ambiente), bem como artigo 50 do Código Civil de 2002, não obstante já ser aplicada por nossos Tribunais anteriormente a qualquer previsão legal. Trata-se de um instituto de direito civil que visa proteger os credores coibindo o uso da autonomia patrimonial da pessoa jurídica. Possui três espécies, conforme nossa mais atualizada doutrina e jurisprudência, quais sejam: direta, inversa e indireta, podendo ainda ser citada a desconsideração extensiva, já aplicada para casos de falência.

A desconsideração, em sua forma mais tradicional, a direta, ocorre quando existe a necessidade de se desconsiderar a personalidade da pessoa jurídica e seu patrimônio próprio, para adentrar no patrimônio pessoal de seus sócios a fim de que as dívidas da pessoa jurídica sejam pagas. A indireta ocorre quando a pessoa física esconde seus bens no patrimônio da pessoa jurídica, buscando-se assim seus bens no patrimônio da sociedade empresária, por exemplo. Em sua modalidade inversa, existem duas pessoas jurídicas com sócios comuns, atividades, domicílio, enfim, seriam duas pessoas jurídicas que se confundiriam, e em razão disto, para pagar os credores de uma das pessoas jurídicas, busca-se o sócio da outra pessoa, pois revela ter relação direta com ambas as pessoas jurídicas.

Existem também as teorias maior e menor, que explicam como se dá a desconsideração, e quais requisitos devem ser observados para sua aplicação.

De acordo com a teoria maior, devem estar preenchidos os requisitos previstos no artigo 50 do CC/02, havendo necessidade de comprovação do abuso da personalidade, através ou do desvio de finalidade ou da confusão patrimonial. Porém, em se tratando de relações trabalhistas e ambientais, outros requisitos deverão ser observados, eis que nestes casos existe uma maior preocupação com a fragilidade destas relações, que faz com que seja facilitado o acesso aos bens dos sócios, com menor rigor. Aqui se aplica a teoria menor, havendo tão somente que se demonstrar a frustração do pagamento das dívidas pela pessoa jurídica.

Pois bem. Trazidas essas premissas básicas, é importante salientar que somente pode ser aplicado o instituto da desconsideração da personalidade jurídica às pessoas jurídicas, isto porque o propósito do instituto é justamente desconsiderar sua personalidade jurídica para alcançar a personalidade e os bens das pessoas dos seus sócios ou integrantes. Isto posto, resta analisar o empresário individual e sua forma de constituição.

No âmbito do direito empresarial, tem-se que para exercer empresa, ou seja, para exercer atividade econômica organizada, nos moldes da previsão do artigo 966 do Código Civil de 2002, existe a necessidade, como primeira opção, de se constituir uma sociedade empresária, situação esta em que haverá adoção de personalidade jurídica própria. Pode-se, ainda, optar pela qualificação de empresário individual, situação em que a pessoa física permanece como tal, não lhe sendo atribuído nenhuma personalidade jurídica, prevista esta figura nos artigos 966 ao 980, do CC/02. Por fim, introduzida recentemente em nosso Código Civil, em seu artigo 980-A e 44, inciso VI, ambos dos CC/02, temos a figura da empresa individual de responsabilidade limitada - EIRELI. Importante ressaltar, por fim, que o microempresário e empreendedor individual, figuras

previstas na Lei de Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, são formas de organização do empresário individual, portanto, pessoa física.

No que tange à sociedade empresária, a teoria da desconsideração da personalidade jurídica lhe é aplicável, isto porque existe a pessoa jurídica e os sócios que a integram.

Em relação ao empresário individual, não existem dúvidas de que não pode ser aplicado o instituto da desconsideração, isto porque sequer existe personalidade jurídica a ser desconsiderada. Não se adota para empresário individual a teoria da personificação ou personalidade jurídica, não dando azo, portanto, à desconsideração.

Existe tão somente a pessoa física que exerce a empresa, e que se confunde, portanto, com *a* pessoa do empresário individual. O primeiro pressuposto para a aplicação da desconsideração é que seja pessoa jurídica. Por se tratar da própria pessoa física, o empresário individual tem responsabilidade direta e ilimitada, aplicando-se ao caso o artigo 591 do Código de Processo Civil, já que o devedor responde a seus credores com todos seus ativos patrimoniais, salvo limitação legal, dos bens impenhoráveis. Recentemente foi editado enunciado da 1ª Jornada de direito comercial que diz que quanto às obrigações decorrentes da empresa, o empresário individual responderá primeiramente com os bens relacionados com a atividade negocial. O enunciado não é lei, é orientação, mas estabelece uma certa garantia aos bens da pessoa física, uma vez que prevê uma ordem de preferência. Não se trata de responsabilidade subsidiária, porque não há patrimônio distinto, mas mera ordem de preferência. Este enunciado atende ao princípio da função social da empresa.

O que ocorre é que pode existir um patrimônio de afetação da pessoa física que seja destinado para a atividade empresária, e nesse caso o pagamento das dívidas desta atividade deve ser retirado, em primeiro lugar, deste patrimônio de afetação, e, em segundo lugar, do patrimônio da pessoa física, sem necessidade da desconsideração, isto porque se trata da mesma pessoa.

Por fim, imperioso trazer a questão da aplicação do instituto à eireli. Por se tratar de um instituto novo, existem intensas controvérsias sobre sua natureza jurídica e forma de constituição. Trata-se de pessoa jurídica unipessoal permanente. Esta é a diferença básica com a figura do empresário individual, já que este é pessoa física e a eireli é pessoa jurídica

A eireli tem responsabilidade direta e ilimitada, tal como o empresário individual, no entanto, há limitação para seu integrante, em razão da adoção da teoria da personificação.

Duas controvérsias principais devem ser destacadas.

Primeiramente, discute-se se a eireli tem natureza de sociedade empresária ou se seria uma terceira espécie, ao lado da sociedade empresária e do empresário individual. Existe uma primeira corrente doutrinária que defende que se trata de uma sociedade unipessoal e permanente; seria, então, uma terceira hipótese de unipessoalidade permanente, ao lado da empresa pública e da subsidiária integral. Para uma segunda corrente, tratar-se-ia de uma nova modalidade de pessoa jurídica, um novo ente

personificado, e não uma sociedade. Reforçando esta posição, tem-se o enunciado 03 da 1ª Jornada de direito comercial, que diz que eireli não é sociedade.

Uma segunda discussão traz à tona a questão de sua constituição, ou seja, se somente uma pessoa física pode formá-la, ou se uma pessoa jurídica pode fazê-lo. Existe uma primeira corrente que entende que somente pode constituir eireli uma pessoa física. A idéia primordial da eireli foi justamente permitir que uma única pessoa física a constituísse, com responsabilidade limitada para seu integrante, para não ficar tão desprotegido como ocorre com o empresário individual. Há uma segunda corrente, no entanto, que entende que tanto pessoa física como pessoa jurídica pode constituir eireli.

Independente de todas essas controvérsias, percebe-se que a eireli é considerada pessoa jurídica e como tal não existe óbice para a aplicação do instituto da desconsideração da personalidade jurídica, ao contrário do que ocorre com o empresário individual, possuindo este responsabilidade direta e ilimitada, da mesma forma que a eireli. No entanto, esta possui um véu protetor em relação ao seu integrante, da mesma forma como se dá com as sociedades empresárias e seus sócios.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO EMPRESARIAL – 2012) *2ª Questão – A ação civil pública, com legitimidade ativa do Ministério Público, prevista em legislação extravagante própria, visando obter ressarcimento de danos causados aos acionistas de sociedade anônima, decorrentes de manipulação e criação de condições artificiais de preço de valores mobiliários, se confunde, em seus elementos identificadores, com a demanda franqueada aos acionistas pelo artigo 246 da lei das sociedades anônimas (Lei 6404/76)? JUSTIFIQUE A RESPOSTA.*

Autor: André Morgado

Sugestão de resposta

As ações mencionadas no enunciado são distintas.

De plano, aponte-se que a ação civil pública que visa obter ressarcimento de danos causados aos acionistas de sociedade anônima, decorrentes de manipulação e criação de condições artificiais de preço de valores mobiliários, possui previsão normativa no art. 1º, inc. I, da Lei nº 7.913/89.

Quantos às partes processuais, a legitimidade ativa para a propositura da ação descrita na legislação extravagante acima indicada recai, exclusivamente, sobre o Ministério Público. Cuida-se de típica hipótese de tutela de interesses transindividuais - no caso, individuais homogêneos, observados os conceitos veiculados pelo Código de Defesa do Consumidor, em seu art. 81 - cuja inequívoca relevância social, aliada à expressa menção legal, atrai a legitimidade ativa do Ministério Público (art. 127, caput, da CRFB), a despeito de sua disponibilidade. A modalidade de legitimação, de acordo com a melhor doutrina - que apregoa o descabimento, no processo civil coletivo, das

tradicionais figuras de legitimação estabelecidas no processo civil individual - é a denominada institucional, ou autônoma.

A ação em apreço se sujeita a regime específico de liquidação, estabelecido no art. 2º da Lei nº 7.913/89, que prevê a fixação do montante indenizatório já na sentença proferida no processo de conhecimento e a convocação dos credores por edital para a habilitação de seus créditos e, em não havendo, no prazo de dois anos, a habilitação de créditos em montante que alcance o fixado na sentença, reverte-se o excedente para o fundo previsto no art. 13, da Lei nº 7.347/85, mecanismo este conhecido como *fluid recovery*.

Por seu turno, a legitimidade ativa para a propositura da ação estabelecida no art. 246, da Lei nº 6.404/76 recai, por expressa menção legal, exclusivamente sobre os acionistas da sociedade controlada, observadas as condicionantes do §1º do citado artigo.

Cuida-se de legitimação extraordinária, já que os citados legitimados estarão, em nome próprio, tutelando interesse da sociedade controlada de que são acionistas.

Quanto à legitimidade passiva, igualmente, há distinção entre as ações.

De fato, para a ação descrita na Lei de Sociedades Anônimas, a legitimidade passiva recai sobre a sociedade controladora, cujo conceito é veiculado no art. 243, §2º, do citado diploma, existindo precedente do STJ admitindo a legitimidade passiva, em litisconsórcio, dos administradores da sociedade controladora[3].

Já para a ação descrita na legislação extravagante, a legitimidade passiva é ampla, vez que a norma não veicula qualquer restrição para tanto.

Vê-se, pois, que as ações em apreço são distintas no que atine à legitimidade ativa e passiva, bem como quanto à modalidade de legitimação ativa.

Quanto à causa de pedir, igualmente, há distinção entre as ações em comento.

Na ação prevista na Lei de Sociedades Anônimas, a causa de pedir é o dano causado à sociedade controlada por ato da sociedade controladora praticado com infração aos arts. 116 e 117.

Já na ação civil pública estabelecida na Lei nº 7.913/89, a causa de pedir corresponde aos danos causados aos investidores no mercado de valores mobiliários decorrentes especialmente, mas não limitadamente, das condutas listadas nos incisos I a III do art. 1º da referida lei.

Quanto ao pedido, a ação civil pública em comento pode veicular pretensão de natureza inibitória ("evitar prejuízos" - art. 1º, caput) ou indenizatória ("obter ressarcimento de danos" - art. 1º, caput), neste caso, em benefício aos lesados.

Já a ação descrita no art. 246 da Lei de Sociedades Anônimas comporta, exclusivamente, pretensão indenizatória, em benefício da sociedade controlada.

---

3. REsp 16.410/SP, Rel. Ministro SÁLVIO DE FIGUEIREDO TEIXEIRA, QUARTA TURMA, julgado em 14/12/1992, DJ 16/05/1994, p. 11771.

Conclui-se que as ações descritas na Lei nº 7.913/89 e no art. 246, da Lei nº 6.404/76, distinguem-se em todos os seus elementos identificadores.

Comentário

A questão, embora de enunciado curto e, aparentemente, de simples resolução, foi elaborada em sede de Prova Específica, sem limitação de linhas para a resposta.

Nesse contexto, cumpria ao candidato dissecar todos os elementos relacionados à questão formulada, analisando-os detidamente, com o fim de demonstrar conhecimento e domínio sobre a matéria, angariando maior pontuação.

Note-se que a questão em comento exigia, a par de domínio do Direito Empresarial, conhecimento aprofundado da disciplina de Direito Processual Civil, evidenciando a interdisciplinaridade que marca o concurso para ingresso na carreira do MPRJ.

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO EMPRESARIAL - 2012) *3ª Questão- Asociedade empresária JET OIL LTDA., de compra e vende de material aeroespacial, encontra-se na chamada zona de insolvência. Diante disto, os sócios desta sociedade empresária insistem no prolongamento artificial de sua existência, fazendo e recebendo pedidos aos seus fornecedores, como se não estivesse atravessando uma grave crise econômico-financeira, inflando, artificiosamente, o seu passivo a descoberto. Diante do exposto, pergunta-se:*

a) É dever da sociedade empresária, em casos como este, confessar a autofalência?

b) Diante da omissão em confessar a autofalência, seus administradores poderão ser responsabilizados pessoalmente por violação dos seus deveres fiduciários para com os credores da sociedade empresária?

c) É aplicável, in casu, a teoria da desconsideração da personalidade da pessoa jurídica?

Respostas justificadas.

Autor: Uriel Fonseca

Sugestão de resposta

A questão aborda a divergência acerca da existência de um dever, atribuível a um devedor em insolvência, de confessar sua autofalência. Pela redação do art. 105 da Lei n.º 11.101/05, aquele que atravessa grave crise econômico-financeira que julgue não ser passível de recuperação judicial "deverá" requerer a falência. Partindo destas premissas, o candidato deverá abordar, em sua resposta, os seguintes pontos:

a) Não é pacífica a interpretação literal do citado art. 105 da Lei n.º 11.101/05. Há relevante posição doutrinária no sentido de que autofalência é mera faculdade, isto é, o devedor não é obrigado a liquidar seu negócio, eis que não existe sanção legal correspondente ao descumprimento deste suposto dever.

b) A despeito de não haver pacificidade quanto à caracterização de um dever de autofalência, é certo que os administradores podem ser responsabilizados pelo prolongamento artificial das atividades empresariais, na forma do art. 82 da Lei n.º 11.101/05. Trata-se de uma obrigação de fidúcia dos sócios e administradores para com seus credores, lastreada na boa-fé objetiva. A confissão da falência, sob este prisma, diminui os prejuízos decorrentes da dívida já consolidada, o que, em última instância, representa a maximização do ativo do falido, em atenção ao princípio inserto no art. 75 da mesma Lei n.º 11.101/05.

c) Ainda que o ponto não tenha sido diretamente inquirido pelo examinador, vale anotar que há, em doutrina, quem defenda a legitimidade ativa do Ministério Público para as ações de responsabilidade aludidas pelo art. 82 da Lei n.º 11.101/05, orientada pela tutela dos interesses metaindividuais dos credores do empresário em falência.

d) Quanto à aplicabilidade da desconsideração da personalidade jurídica, há de se ter, como regra, que, quando a própria lei prevê a responsabilidade pessoal do sócio, a disregard torna-se desnecessária, como nos casos do art. 135 do CTN ou do art. 1080 do Código Civil. Na questão da autofalência, como delineado, a personalidade não é obstáculo à responsabilização dos administradores diante de previsão legal expressa que admite tal possibilidade, o que deixa sem sentido a pretensão pela desconsideração.

Comentário

Em perguntas que envolvam vários itens, é interessante que o candidato aborde, sistemática e separadamente, cada uma das alíneas, independentemente de optar por fazer referência expressa às letras do enunciado ou redigir texto corrido. Ademais, como em qualquer questão de segunda fase sem limite de linhas, a demonstração de conhecimento do tema, ainda que aborde questão não diretamente questionada, é sempre relevante e diferencia o candidato.

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO EMPRESARIAL - 2009) *1ª Questão - No sistema da Convenção de Genebra sobre letras de câmbio e notas promissórias explique justificadamente se estão em vigor no Brasil os artigos 14, 31 e 38 do anexo I da LUG (Lei Uniforme de Genebra), indicando, se for o caso, a outra norma legal vigente no País sobre a matéria.*

Autor: Rafael Schinner

Sugestão de resposta

O art. 14 da Lei Uniforme de Genebra (LUG) disciplina, em sua segunda parte, o endosso em branco, permitindo que o portador da letra preencha o espaço em branco

com seu nome ou com o de outro, endosse-a novamente, em branco ou em preto, ou a transfira a um terceiro sem preencher o espaço em branco e sem endossar (tradição).

Com o advento das Leis 8.021/1990 e 8.088/1990, que versam, respectivamente, sobre a identificação dos contribuintes para fins fiscais e sobre a atualização do Bônus do Tesouro Nacional e dos depósitos de poupança, levantou-se a discussão sobre a vigência do art. 14 da LUG. Por certo, o art. 1º, caput, e o art. 2º, II, da Lei 8.021/1990, proíbem o resgate ou pagamento de títulos de crédito a beneficiários não identificados e, dessa sorte, dão a entender que estaria proibida a emissão de títulos ao portador e, conseguintemente, o endosso em branco. A seu turno, o art. 19 da Lei 8.088/1990 é mais incisivo e parece proibir, em uma primeira leitura, expressamente, o endosso em branco.

Antes destas leis, já havia consolidado entendimento pela possibilidade de endosso de cambais em branco. Aliás, este é o teor do enunciado da Súmula 387 do e. STF, bastando que a cambial seja completada pelo credor de boa-fé antes da cobrança ou do protesto.

Indaga-se, dessa sorte, se estas leis teriam revogado o art. 14 da LUG e derrubado a Súmula 387 do e. STF.

Esta não parece ser a posição mais correta.

A Lei 8.021/90 e a Lei 8.088/90 não são capazes de revogar norma prevista na LUG. Em verdade, nenhuma lei resultante do processo legislativo interno é capaz de revogar norma incorporada por Tratado ou Convenção Internacional. Afinal, as Convenções Internacionais consubstanciam verdadeiro empenho da palavra de um país, que as adere na qualidade de parte contratante. Com isso, o país signatário assume o compromisso de cumprir a Convenção, não se admitindo o declínio pela legislação interna corporis produzida. Para que o compromisso seja declinado, impende seja realizado um procedimento formal de denúncia da Convenção Internacional. Além do mais, a competência para firmar o tratado pertence ao Presidente da República (art. 84, VIII, da CRFB/88). Por razões de simetria, impossível denunciar qualquer tratado internacional sem que atue, como personagem principal, o Chefe de Estado.

De outra banda, deve-se ressaltar que as referidas leis foram expedidas com o fito de permitir a identificação do beneficiário da cártula para fins exclusivamente fiscais. O endosso em branco e a circulação por mera tradição não frustram os objetivos do art. 19 da Lei 8.088/90 e art. 1º, e art. 2º, II, da Lei 8.012/90, desde que, ao tempo do vencimento, o beneficiário se identifique, convertendo o pretérito endosso em branco em endosso em preto. Há posição doutrinária e precedentes do e. STJ neste sentido.

Vê-se, dessa sorte, que o art. 14 da LUG e a Súmula 387 do STF persistem em vigor.

Passa-se, agora, à análise da vigência do art. 31 da LUG.

A primeira alínea do art. 31 da LUG disciplina que o aval é escrito na própria letra ou numa folha anexa. Esta alínea está em vigor, pois o Brasil não adotou a reserva prevista no art. 4º, do Anexo II, da LUG, conforme se conclui da leitura do preâmbulo do Decreto 57.663, de 24 de janeiro de 1966. Não é possível, portanto, aval em ato separado no sistema da LUG. Por outro lado, interessante notar que o Código Civil, ao

disciplinar o aval para os títulos de crédito em geral, não previu, em seu art. 898, a possibilidade de o aval ser lançado em folha anexa ao título. No entanto, persiste válido o aval lançado em folha anexa a Letras de Câmbio e a Notas Promissórias, pois o art. 898, por ser norma geral, não tem o condão de revogar a LUG, que é norma especial. Ademais, conforme já dito acima, não se admite que o legislador interno denuncie tratados internacionais, devendo, para tanto, ser realizado o procedimento diplomático de denúncia.

A segunda alínea do art. 31 preceitua que o aval exprime-se pelas palavras "bom para aval" ou fórmula equivalente, seguida da assinatura do dador do aval. Já a terceira alínea prevê que o aval considera-se como resultante da simples assinatura aposta no anverso da letra, salvo se se tratar das assinaturas do sacado ou do sacador. Ambas as alíneas persistem em vigor.

Entretanto, importante notar que o governo brasileiro adotou a reserva constante do art. 2º do Anexo II da LUG. Ao adotá-la, passou à legislação doméstica a atribuição da escolha do modo por que poderá ser suprida a falta de assinatura. Dessa sorte, caso um sujeito cambiário tenha aposto a expressão "bom para aval", porém não tenha lançado a sua assinatura, não se verificará, a princípio, nulidade, podendo ser suprida sua falta desde que se possa constatar a vontade daquele que deveria ter assinado.

As demais alíneas do art. 31 prosseguem em vigor, pois não foram objeto de reserva. No entanto, uma observação deve ser feita quanto às suas duas últimas alíneas. Delas consta que o aval deve indicar por quem se dá e, na falta de indicação, entender-se-á pelo sacador. Nada é dito, portanto, a respeito da validade do aval antecipado, dado em favor do aceitante, antes mesmo de o sacado aceitar a letra, ou em favor do endossante, antes deste fazer circular o título pela tradição. Em razão da omissão da LUG, entende-se aplicável o art. 14 do Decreto 2.044/1908, que permite, expressamente, que o aval seja lançado, independentemente de aceite ou endosso.

Por fim, analisa-se a vigência do art. 38 da LUG.

O art. 38 da LUG possui duas alíneas. Casa uma merece análise própria.

A primeira preceitua que o portador de uma letra pagável em dia fixo, em certo termo de data ou certo termo de vista deve apresentá-la a pagamento no mesmo dia do vencimento ou em até dois dias úteis seguintes.

Neste ponto, impende salientar que o governo brasileiro adotou as reservas constantes dos artigos 5º e 6º do Anexo II da LUG. A reserva do art. 5º faculta à parte signatária completar a regra a respeito da época de apresentação da letra para pagamento, para determinar que o portador da letra deva apresentá-la no próprio dia do vencimento, sob pena de responder por perdas e danos.

Adotada a reserva, deve-se socorrer-se à lei cambiária interna (Decreto 2.044/1908). O art. 20 deste Decreto preceitua que a apresentação da letra de câmbio para pagamento deve ocorrer no próprio dia do vencimento, ou, sendo feriado, no primeiro dia útil seguinte. Há, aqui, uma coincidência entre o que preceitua o Decreto 2.044/1908 e o que prevê a LUG em seu art. 5º do Anexo II. O art. 20 do Decreto 2.044/1908 está, portanto, em vigor.

No entanto, ao contrário do que prevê a LUG, o art. 20 do Decreto 2.044/1908 sanciona o portador da letra com a perda do direito de regresso. Urge, portanto, discutir qual será, afinal, a sanção acarretada ao portador da letra que não a apresenta para pagamento do dia do vencimento, ou, se feriado, no dia útil subsequente.

Aqui a doutrina discrepa. Para uma corrente, a sanção aplicável é aquela prevista no próprio art. 5º do Anexo II da LUG. Sendo assim, deve o portador da letra responder por perdas e danos pelo atraso na apresentação.

Todavia, importante setor doutrinário defende que não é possível aplicar a sanção prevista na LUG, pois, a teor do próprio art. 5º de seu Anexo II, a reserva efetuada pelo governo brasileiro precisa ser completada para que se torne eficaz. Como isso não ocorreu, vigoraria, então, a sanção prevista no art. 53 da LUG, que é, tal qual a do art. 20 do Decreto 2.044/1908, a da perda do direito de regresso contra endossantes, sacador e avalistas.

Entretanto, a posição mais correta não é nem uma nem outra. Ao se adotar uma reserva qualquer, a norma constante do Anexo I, atacada pela reserva, não vem à lume no ordenamento jurídico. O governo, com efeito, assumiu o compromisso de completar o art. 38 do Anexo I da Lei Uniforme de Genebra. Até que o faça, o art. 20 do Decreto 2.044/1908 permanece incólume. O não cumprimento de compromissos assumidos internacionalmente apenas acarretam consequências no plano do direito internacional. O direito interno não é afetado. As instâncias são diversas. Portanto, defende-se que, ao se adotar a reserva constante do art. 5º do Anexo II, o art. 20 do Decreto 2.044/1908 permanece inteiramente aplicável, inclusive no que toca à sanção nele prevista.

Por fim, a alínea 2a do art. 38 da LUG prevê que a apresentação da letra a uma câmara de compensação equivale a apresentação para pagamento.

Aqui se deve lembrar que o governo brasileiro adotou a reserva prevista no art. 6º do Anexo II da LUG. Com isso, adquiriu a faculdade de legislar sobre que instituições devem ser consideradas câmaras de compensação.

A sistemática de apresentação de títulos para pagamento em câmaras de compensação não é desconhecida do direito brasileiro. Com efeito, há previsão específica na Lei do Cheque (art. 34 da Lei 7.357/1985). No entanto, o Decreto 2.044/1908 não possui norma jurídica regente da matéria, tampouco há norma específica no sentido da reserva, de forma que não houve a introdução da alínea 2a do art. 38 da LUG no ordenamento jurídico.

Em conclusão, pode-se afirmar que o art. 14 da LUG persiste em vigor, não tendo sido revogado pela Lei 8.021/90 ou pela Lei 8.088/90. O art. 31 da LUG também está em vigor, pois o Brasil não adotou a reserva prevista no art. 4º, do Anexo II, da LUG. No entanto, algumas observações podem ser feitas no que se refere às implicações decorrentes da adoção da reserva prevista no art. 2º do Anexo II e sobre a questão do aval antecipado, que chama à baila a regência supletiva do Decreto 2.044/1908. Por fim, o art. 38 sofreu os afeitos da adoção da reserva prevista nos artigos 5º e 6º do Anexo II, estando vigente, consequentemente, o art. 20 do Decreto 2.044/1980.

Comentários

É muito importante que o candidato possua um bom Código Comercial, que contenha a íntegra de todas as Convenções Genebrinas e o Decreto 2.044, de 31 de dezembro de 1908.

Sugiro que o candidato, ao estudar o Direito Cambiário, grife todas as normas do Anexo I da LUG que foram objeto de reserva, fazendo a respectiva remissão. Isso economizará muito tempo. Ademais, dará mais segurança ao enfrentar este tipo de questão.

O candidato, ao se deparar com essa questão, procurará, de imediato, identificar se as reservas adotadas pelo governo brasileiro atacam algum dos dispositivos citados.

No entanto, o art. 14, do Anexo I da LUG, não foi objeto de nenhuma reserva. A discussão acerca da vigência deste dispositivo gira em torno das leis que foram aprovadas para sustentar o Plano Collor, e mais especificamente, das Leis 8.021/90 e 8.088/90. Em verdade, o candidato familiarizado com o Direito Empresarial muito provavelmente já terá se deparado com essas leis quando do estudo de outros temas, como a respeito da possibilidade de emissão de cheque ao portador (art. 2º, I, da Lei 8.021/90) ou sobre a possibilidade da emissão de títulos à ordem de uma forma em geral (art. 2º, II, da Lei 8.021/90).

Contudo, atenção! Procure verificar se ambas as leis constam do Código Comercial que será levado para a prova. Caso dele não constem, imprima-as. São leis de vital importância e servirão de base para resolver outros problemas ou enriquecer a resposta dada a uma questão que verse sobre títulos ao portador, sobre a característica da circulabilidade dos títulos de crédito, sobre cheques, dentre outras.

A seu turno, o art. 31 da LUG também não foi objeto de reserva. O candidato, aliás, deve ter cuidado ao interpretar o preâmbulo do Decreto 57.663, de 24 de janeiro de 1966. É que consta de seu texto que o governo brasileiro adotou a Convenção "com reserva aos" artigos 2º, 3º, 5º, 6º, 7º, 9º, 10, 13, 15, 16, 17, 19 e 20 do anexo II. A locução empregada é problemática, pois leva a crer, em uma leitura mais afoita, que o governo adotou todas as reservas do Anexo II, menos aquelas constantes dos dispositivos que elenca. No entanto, o que se deu foi exatamente o contrário. Para enriquecer a resposta, o candidato pode citar alguma controvérsia que porventura conheça a respeito das alíneas do art. 31. No entanto, o tempo e o foco não devem ser desperdiçados.

O art. 38, a seu turno, foi afetado pela adoção das reservas dos artigos 5º e 6º. Interessante que o candidato discuta as implicações da adoção destas reservas, sobretudo quanto à sanção que será aplicada ao portador do título que não o apresente para pagamento na data do vencimento. Afinal, será o portador, neste caso, sancionado com a perda do direito de regresso ou com o dever de ressarcir perdas e danos sofridos por algum interessado? A discussão é abordada com proficuidade por Luiz Emydgio Franco da Rosa Jr. (in Títulos de Crédito, 5a Edição, 2007: Editora Renovar, Rio de Janeiro/São Paulo/Recife, p. 357, nota de rodapé nº 30).

Por fim, aqui vai uma dica para o candidato: nunca diga que a norma de regência supletiva da LUG é o Código Civil de 2002. A redação de seu art. 903 pode levar a essa equivocada conclusão. Afinal, este dispositivo prevê que "Salvo disposição diversa em lei especial, regem-se os títulos de crédito pelo disposto neste Código". A norma de regência supletiva da LUG é o

Decreto 2.044, de 31 de dezembro de 1908, também chamado de Lei Cambiária Interna. Cuida-se, aliás, de diploma legal de notória qualidade técnica, qualidade esta que viria a postergar a internalização da LUG em nosso sistema por mais de 20 (vinte) anos. Lembre-se que a Convenção de Genebra sobre letras de câmbio e notas promissórias foi subscrita, por nota da Legação de Berna, em agosto de 1942. Porém, apenas foi aprovada pelo Decreto Legislativo 54, de 1964, e apenas foi promulgada pelo Decreto 57.663, de 24 de janeiro de 1966.

Abra a LUG e as demais leis aplicáveis e deixe tudo pronto para fazer a sua resposta. Respire, prepare o seu antebraço para escrever por quase uma hora e mãos à obra!

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO EMPRESARIAL -2009) *2ª Questão - Após o decurso do prazo previsto no artigo 6º, § 4º da Lei 11.101/05 e com base nas normas constitucionais do artigo 114, incisos de I e IX, é possível que o Juízo Trabalhista determine prosseguimento de atos executórios em reclamação de crédito trabalhista já incluído no quadro geral de credores de processo de Recuperação Judicial? Dê resposta objetivamente justificada.*

Autor: Matheus Rezende

Sugestão de resposta

A Lei de Falência e Recuperação Judicial, (Lei no 11.101.05) colocou fim ao antigo e nefasto instituto da concordata, substituindo-o pela recuperação judicial. Esta tem por especial objetivo ajudar o devedor, que se encontra em crise econômico-financeira, cuja recuperação mostra-se viavel, a se reestabelecer no mercado. Trata-se de instituto que prioriza o princípio da conservação da empresa, uma vez que efeitos mais prejudiciais podem advir da decretação da falência (art. 47, da LFR). Ao invés de partir imediatamente para a "quebra" da sociedade empresária, o que gera consequências desastrosas tanto para o devedor, quanto para os seus credores, faculta-se ao devedor, após uma demonstração real de possibilidade de recuperação, a oportunidade de se reerguer.

Constatada a dificuldade econômico-financeira, o devedor poderá requerer judicialmente a sua recuperação judicial, a fim de que lhe seja concedido um prazo para, em suma, renegociar suas dívidas e viabilizar a sua manutenção no mercado. Com o intuito de ajudar a sociedade em crise, a legislação determina que deferido o processamento da recuperação judicial, todas as ações de execução propostas em face do devedor ficarão suspensas pelo prazo improrrogável de 180 (cento e oitenta dias) - art. 6º, caput e §4º, da LFR. Essa medida é de salutar importância, haja vista que execuções em curso, inclusive, com penhora de bens da devodora podem agravar a crise econômica e invibilizar, de vez, qualquer possibilidade de qualquer recuperação.

O art. 6º, §4º, da LFR ao afirmar que o prazo de suspensão das execuções de 180 (cento e oitenta dias) é improrrogável. De acordo com a interpretação literal do dispositivo, conclui-se que expirado o prazo, as execuções voltam a tramitar normalmente.

Entretanto, esse método de interpretação, pode trazer enormes consequências negativas para o devedor e para terceiros. Isso porque, conforme afirmado, o principal objetivo da Lei 11.101/05 é viabilizar a recuperação econômica da sociedade, que está à beira de ir à falência. Como é cediço, a falência acarreta inúmeros prejuízos ao devedor e, também, à toda sociedade. Como exemplo, pode-se citar: vários trabalhadores serão dispensados, contratos de obra-prima serão desfeitos, etc.

Com base no princípio da conservação da empresa e, subsidiariamente, nos paradigmas do CC/02 da socialidade e da operabilidade, a possibilidade de manutenção da atividade empresária no mercado reafirma a função social da empresa e é salutar do ponto de vista econômico, social e trabalhista. Não é interessante para o Estado, para a sociedade e, principalmente, para o devedor e seus credores a decretação da falência e a instauração de um concurso universal de credores.

Em consonância com esses princípios, o Superior Tribunal de Justiça tem entendimento consolidado de que o decurso do prazo de 180 (cento e oitenta dias), por si só, previsto no art. 6º, §4º, da LFR, não é capaz de ensejar a retomada imediata das execuções contra o devedor. Logo, poderá haver uma extrapolação do prazo, desde que demonstrado, concretamente, que pode haver êxito no final da recuperação judicial.

O STJ analisa, ainda, se o devedor está de boa-fé ou má-fé ao cumprir as obrigações constantes do plano de recuperação judicial. Explica-se: a exegese do dispositivo legal é assegurar a rápida solução da recuperação judicial. Caso o juiz constate que o devedor, maliciosamente, está se valendo do plano de recuperação judicial para se beneficiar da suspensão das execuções, o art. 6º, §4º, da LFR deve ser plenamente aplicável. Portanto, nessa hipótese, após o transcurso do prazo legal as execuções devem ser retomadas. Isso porque, ninguém pode se beneficiar da própria torpeza. Por outro lado, uma vez certificado que o devedor está contribuindo para o rápido e eficaz trâmite da recuperação judicial e que o atraso na conclusão do processo não seja culpa sua, a retomada das execuções não deve ser imediata. Logo, a suspensão das execuções deve perdurar por mais de 180 dias.

Em outras palavras, o STJ tem interpretado o prazo de suspensão da execução do art. 6º, §4º, da LFR cum grano salis. Apenas a situação concreta é que deve balizar a decisão do juiz, de acordo com a culpa ou não do devedor no cumprimento das obrigações e conclusão do plano de recuperação judicial.

O Tribunal da Cidadania também aplica o entendimento apresentado para as execuções trabalhistas. Ou seja, a regra dos 180 (cento e oitenta) dias também é mitigada, de modo que mero decurso do prazo legal não pode ser usado como fundamento para o prosseguimento das execuções na Justiça do Trabalho. Isso porque, a preservação dos interesses dos trabalhadores não pode ser absoluta. Embora os créditos trabalhistas ostentem natureza alimentar, o prosseguimento das execuções trabalhistas pode colocar em risco toda a evolução e tentativa de superação da crise do devedor em prol do atendimento de interesses meramente privados. Assim, em uma ponderação de interesses e levando-se em conta a boa-fé do devedor na conclusão da recuperação judicial, não é plausível que a regra legal seja interpretada literalmente.

Ademais, eventual decretação da falência poderá gerar efeitos negativos ainda para os credores com execuções trabalhistas em curso, uma vez que com a quebra haverá a instauração do concurso universal de credores. Muito embora os créditos trabalhistas sejam os primeiros na classificação do art. 83, I, da LFR, é relevante mencionar que todas as obrigações contraídas pelo devedor na vigência do plano de recuperação judicial terão preferência para pagamento, pois são créditos extraconcursais (art. 67, da LFR). Portanto, além de a aplicação literal do dispositivo da Lei de Falência poder gerar efeitos negativos ao próprio exequente trabalhista, que corre o risco de ter a expectativa de seu crédito frustrado; ela, certamente, fulminará o desenvolvimento e conclusão de um plano de recuperação judicial que poderia ser exitoso.

Conclui-se que o melhor entendimento deve ser o do STJ que determina uma mitigação do art. 6º, §4º, da LFR, com base nos princípios da função social da atividade empresária e da conservação da empresa. Ademais, por todos os argumentos expostos, tal prosseguimento das execuções trabalhistas suspensas deve ser decidido pelo juízo que concedeu a recuperação judicial. A Justiça do Trabalho não tem competência para determinar a retomada do trâmite dessas execuções.

Comentário 1

Ao responder qualquer questão de Direito Privado, incluindo o Direito Empresarial, é importante dominar os paradigmas do Código Civil de 2002: eticidade, socialidade e operabilidade. Também vale revisar o tripé de Miguel Reale: fato, valor e norma. Isso ajuda o candidato a repensar toda a estrutura do Direito Privado e a interpretar as cláusulas gerais e os conceitos jurídicos indeterminados.

Comentário 2

Para estudo do Direito Empresarial para concursos públicos, recomenda-se a leitura do livro "Direito Empresarial Esquematizado" de André Luiz Santa Cruz Ramos.

Comentário 3

André Luiz Santa Cruz Ramos, na obra citada acima, tem interessante raciocínio, que, inclusive, encontra respaldo em julgado do STJ (AgRg no CC 110.250/DF, Rel. Min. Nancy Andrighi, julgado em 08/09/2010). Não é a posição que se recomenda adotar em provas, pois trata-se de entendimento minoritário na doutrina e jurisprudência. Todavia, em razão da relevância do raciocínio jurídico, vale transcrever a observação do autor:

"...Na nossa opinião, o entendimento do STJ é equivocado. Veja-se que o tribunal tem aplicado a suspensão do §4º após a aprovação do plano de concessão da recuperação judicial, o que é sem sentido. Explico: uma vez aprovado o plano, há uma novação dos créditos a ele submetidos, e a decisão que o homologa constitui novo título executivo em favor dos credores. Assim, as eventuais execuções contra o devedor, que estavam suspensas, deve ser

oportunamente extintas, e cada credor receberá seu crédito por meio de pagamentos espontâneos do devedor, nos termos do plano.." (RAMOS, André Luiz Santa Cruz. DIREITO EMPRESARIAL ESQUEMATIZADO. Ed. Método. 2a edição. 2012: P. 717).

Comentário 4

Precedentes do STJ que mitigam o prazo do art. 6º, §4º, da LRF são citados na obra de RAMOS, André Luiz Santa Cruz. DIREITO EMPRESARIAL ESQUEMATIZADO. Ed. Método. 2a edição. 2012: P. 716. Dentre eles: AgRg no CC 101.628/SP, Rel. Min. João Otávio de Noronha, julgado em 25/05/2011; CC 112.799/DF, Rel. Min. Luis Felipe Salomão, julgado em 14/03/2011.

DIREITO PENAL

6.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII CONCURSO - PROVA PRELIMINAR - 2014) 1ª Questão - Direito Penal- Estabeleça a definição dos chamados delitos de intenção, inclusive com exemplos. Dentro dessa categoria, aponte a diferença entre os crimes de resultado cortado e os crimes mutilados de dois atos. Resposta objetivamente fundamentada.

Autor: Marco Antônio Reis

Sugestão de resposta

Os delitos de intenção (Absichtsdelikten) ou de tendência interna transcendente se definem por uma intenção do autor, ínsita ao plano subjetivo deste, de realizar uma finalidade específica, a qual, apesar de expressa na descrição do tipo de injusto, não precisa se realizar no caso concreto para a consumação do delito, como, exemplificativamente, a intenção de ocultar desonra própria (art. 134, CP) ou o fim de obter para si ou para outrem qualquer vantagem como condição ou preço do resgate (art.159, CP). Enquanto nos delitos de resultado cortado o autor objetiva a realização de um resultado que ultrapassa a descrição típica, cuja superveniência é irrelevante à consumação do delito e que para ser atingido não depende de um segundo agir do autor, nos delitos mutilados de dois atos, ao revés, o atingimento do resultado visado e exigido pelo tipo de injusto depende da realização de um agir ulterior pelo autor.

Comentário 1

Os delitos de intenção também são comumente chamados de delitos de tendência interna transcendente (Delikte mit überschießenderInnentendenz), conforme assinala Christina Geissler:

"Tipos cujos elementos típicos subjetivos não encontram correspondência no tipo objetivo são delitos com tendência interna transcendente" [Tradução livre de: Tatbestände, deren subjektive Tatbestandsmerkmale keine tatbestandliche Entsprechung im objektiven Tatbestand finden, sind Delikte mit überschiessender Innentendenz. In: Strukturen betrugsnaher Tatbestände. Zur Legitimation und Begrenzung modernen Wirtschaftsstrafrechts. Peter Lang, 2010, p. 106, nota de rodapé 168].

Comentário 2

A classificação, conforme pontua a resposta, já é encontrada no manual de Edmund Mezger, que inclui os delitos de intenção como uma das hipóteses ou casos da existência de elementos subjetivos do injusto penal. E, particularmente, dentro da categoria dos delitos de intenção insere os delitos de resultado cortado (kupierten Erfolgsdelikten) e os chamados delitos mutilados - ou mais literalmente 'atrofiados' - de dois atos (verkümmertzweiaktigen Delikten). Eis as palavras de Mezger:

"Os casos clássicos daqueles elementos subjetivos do injusto na fundamentação do injusto aparecem no direito aplicável em três formas: 1. No caso dos chamados delitos de intenção. A subtração de uma coisa móvel alheia só é um furto, segundo o art. 242 do Código Penal alemão, se ela (a subtração) se der na 'intenção' subjetiva para se apropriar ilegalmente daquela. Incluem-se, porém, entre os delitos de intenção, nomeadamente, aqueles casos que se tem chamado de 'delitos atrofiados de dois atos', nos quais o autor faz algo como meio para um agir próprio ulterior: assim, p.ex, quem falsifica moeda ,para', de acordo com o art. 146 do CP alemão, utilizá-la como verdadeira. Além disso, os 'delitos de resultado cortado', nos quais o autor faz algo para que com isto um efeito ulterior ocorra: assim, p.ex, quando ele, de acordo com o art. 229 do CP alemão, dá veneno para danificar a saúde". [Tradução livre de: 'Die „klassischen" Fälle derartiger subjektiver Unrechtselemente bei der Unrechtsbegründung erscheinen im geltenden Recht in drei Formen: 1. Bei den sog. Absichtsdelikten. Die Wegnahme einer fremden beweglichen Sache ist nach § 242 StGB Diebstahl nur dann, wenn sie in der subjektiven „Absicht" geschieht, dieselbe sich rechtswidrig zuzueignen. Zu den Absichtsdelikten zählen dann aber namentlich diejenigen Fälle, die man als „verkümmert zweiaktige Delikte" bezeichnet hat, bei denen der Täter etwas tut als Mittel zu eigenem weiteren Tun: so z.B. wer Geld fälscht, „um" es nach §146 StGB als echtes zu gebrauchen. Ferner die "kupierten Erfolgsdelikte", bei denen der Täter etwas tut, damit eine weitere Folge eintrete: so z.B. wenn er nach § 229 StGB Gift gibt, „um" die Gesundheit zu beschädigen' - In: Strafrecht. Allgemeiner Teil. Ein Studienbuch. 8. Ed. München/Berlin: CHBeck śche, 1958, p. 87];

Comentário 3

Exemplos dados pelo manual de um dos examinadores do concurso: no caso dos delitos mutilados de dois atos: art. 207, CP; no caso dos delitos de resultado cortado (CP, art. 131, CP). Como exemplos dos delitos de intenção, os acima declinados na resposta. Assinala o autor: "A diferença para os delitos de resultado cortado reside na necessidade de, nos delitos mutilados de dois atos, realizar o agente uma nova conduta para conseguir satisfazer esse objetivo especialmente demandado pelo tipo". (in: JOPPERT, A.C. Fundamentos de Direito Penal. Parte Geral. 3.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011, p. 1367-137).

Comentário 4

Repare o candidato que (i) a questão só exige exemplos de delitos de intenção, mas não exige o fornecimento de exemplos de delitos mutilados de dois atos e de resultado

cortado. Isto é importante porque o espaço de resposta deve ser bem utilizado. É de se observar, também, que (ii) a pergunta não quer uma definição de cada uma dessas últimas categorias (delitos mutilados de dois atos e de resultado cortado). Ao revés, a indagação quer apenas a diferença entre uma e outra. O essencial à questão, portanto, é o seguinte: (a) definição dos delitos de intenção e, ao menos, dois exemplos; (b) explicação da diferença entre as categorias acima descritas, sem a necessidade de exemplo. Tais pontos satisfazem a indagação. Caso o candidato conseguisse sintetizar tais informações, de modo que sobrasse, ainda, algum espaço de resposta, seria de bom alvitre a inserção de informações adicionais que reforçam a convicção do examinador quanto ao domínio da matéria.

(XXXIII CONCURSO – PROVA PRELIMINAR – 2014) *2ª Questão – Direito Penal – Felix, inconformado com a constante indiferença de seu pai César e decidido a se vingar, resolve aplicar um vigoroso desfalque nas contas de seu genitor, este nascido em 07/01/1954. Para tanto, no início da madrugada de 06/01/2014, aproveitando-se do fato de ter ciência da senha do cofre particular de César na residência habitada por ambos, Felix subtrai de seu interior uma folha de cheque da conta corrente de seu pai, devidamente assinada pelo último, sem beneficiário e com a ordem de pagamento da quantia de R$ 70.000,00 (setenta mil reais), sendo, naquele mesmo dia, o referido título cambial depositado por Felix em sua própria conta bancária. Vinte e quatro horas depois do depósito, o título de crédito rapinado é compensado, sendo o desfalque financeiro prontamente constatado por César, que pretendia usá-lo para o pagamento de um novo carro. Fato é que, consultando as imagens do circuito interno de TV de sua residência, César acaba por descobrir toda a ação de Felix, que, uma vez interpelado, confessa sem qualquer remorso a conduta por ele praticada. Por conta da pronta admissão dos fatos por Felix, César revela profundo desapontamento, alegando sempre ter confiado cegamente no primeiro, por considerá-lo como um filho, muito embora tenha, por vezes, duvidado de sua paternidade em relação a Felix, dada a enorme discrepância na aparência física e no temperamento entre eles. Diante da bombástica revelação, Felix demonstra veemente indignação com as suspeitas levantadas por seu pai acerca de sua filiação. Tanto é que, após áspera discussão, resolvem ir juntos para uma clínica particular para a realização de exame de DNA. Certo é que, dias depois, o citado exame genético conclui que a desconfiança de César procedia, já que Felix não é seu filho biológico, muito embora este tenha até então acreditado piamente nisso. Considerando que César não foi ressarcido do prejuízo por ele suportado, analise as consequências jurídico-penais da conduta de Felix. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Roberta Jorio

Sugestão de resposta

Em tese, há descrição de furto qualificado pelo abuso de confiança (art. 155, § 4º, inciso II, do CP), praticado durante o repouso noturno (aplicação do § 1º do art. 155 ou considerá-lo como circunstância judicial na pena-base). Ocorre que há possível

incidência de escusa absolutória no caso (art. 181, inciso II, do CP). Inicialmente, em que pese entendimento contrário, considera-se que o cheque preenchido e assinado pode ser objeto material do crime de furto, aplicando-se, assim, a teoria da atividade (art. 4º do CP), para concluir que o crime ocorreu quando a vítima tinha 59 anos, o que afasta a incidência do art. 183, inciso III, do CP. Em seguida, estabelece-se que a escusa absolutória assume caráter objetivo - independe da impressão pessoal do agente -, segundo entendimento majoritário, o que, a princípio, a afastaria no caso sob análise. Por fim, a previsão legal merece interpretação estritiva, a despeito de entendimento que admite analogia in bonam partem para alcançar a paternidade socioafetiva.

Comentário

A questão versa sobre inúmeras controvérsias, que devem ser abordadas superficialmente, tendo em vista o exíguo espaço para a resposta. É importante que o candidato seja claro que conhece os pontos divergentes e que seja organizado. Apesar de, normalmente, ser interessante que o candidato se posicione logo ao início da questão, como, neste caso, há uma série de discussões a serem abordadas, vale a pena que o candidato apenas aponte a sua conclusão desde logo, sem se firmar de forma absoluta nesta convicção.

(XXXIII CONCURSO - PROVA PRELIMINAR - 2014) *3ª Questão - Direito Penal - Joaquim ajuizou uma ação indenizatória cível pleiteando danos morais em face de determinada concessionária de serviços de telefonia móvel, instruindo seu pedido com uma certidão falsificada pelo próprio, na qual constava o seu nome como inscrito em um cadastro geral de devedores inadimplentes, o que teria se dado por iniciativa indevida da mencionada empresa. No decorrer do itinerário processual, obedecido o amplo contraditório, a apontada fraude não restou descoberta, já que a própria pessoa jurídica, por desorganização de seus quadros administrativos, acreditou na veracidade do documento. Isso porque Joaquim frequentemente atrasava o pagamento de suas contas mensais, o que ocasionava o envio de reiteradas advertências quanto à possibilidade de encaminhamento de seus dados aos órgãos de proteção ao crédito, embora isso jamais tivesse ocorrido. Ao final da demanda, o pedido foi julgado procedente, com a consequente condenação da ré e fixação dos valores pleiteados. Seis meses após o trânsito em julgado do provimento jurisdicional, a pessoa jurídica sucumbente obteve dados irrefutáveis que atestaram a falsidade do documento utilizado por Joaquim no processo original, tendo, por tal razão, ingressado com ação rescisória (artigo 485, III e VI, do Código de Processo Civil) visando desconstituir a coisa julgada material, o que, efetivamente, veio a ocorrer. No corpo do acórdão rescisório, ficou determinada a extração de cópias do expediente e posterior remessa ao Ministério Público, para a apuração dos crimes de Estelionato Judiciário e Fraude Processual. Na qualidade de Promotor de Justiça com atribuição natural, formule a correspondente opinio delicti, tipificando a conduta de Joaquim, sem necessidade de elaboração de peça processual. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Roberta Jorio

Sugestão de resposta

Com relação ao crime de fraude processual, capitulado no art. 347 do CP, os fatos descritos não revelam tipicidade, na medida em que não houve inovação artificiosa no estado de lugar, coisa ou pessoa. Já em relação ao estelionato (art. 171 do CP), há controvérsia. De fato, corrente capitaneada pela jurisprudência do STJ defende a inexistência do chamado estelionato judiciário, uma vez que haveria de se garantir o acesso à justiça em sua plenitude e eventual deslealdade processual deveria ser remediada pelas sanções descritas na lei processual. Adotando-se esta visão no caso, restaria apenas a punição pela falsidade de documento particular, descrita no art. 298 do CP. Ocorre que abalizada e acertada doutrina defende a possibilidade de tipificação da conduta do estelionato judiciário, como forma de sancionar lides temerárias baseadas em falsos, reconhecendo que o fato de existir sanção civil não afastaria a responsabilidade penal ante a reprovabilidade do crime. Neste caso, a falsificação em questão seria absorvida pelo crime-fim, nos moldes da Súmula 17 do STJ.

Comentário

Nesta questão, é fundamental que o candidato demonstre conhecer a jurisprudência dos Tribunais Superiores em relação ao chamado "estelionato judiciário", porém apresente visão crítica. Destaca-se que o examinador não deixou de pontuar quem se filiou à orientação jurisprudencial prevalecente, desde que apresentasse fundamentos lógicos. O simples fato de se tratar de um exame de ingresso à carreira de Promotor de Justiça não significa que prevaleçam, sempre, os argumentos pró-acusação. Deve-se privilegiar a lógica do direito e a razoabilidade dos fundamentos utilizados. No mais, é importante que se conheça a forma de pensar do examinador, ainda que ele não tenha publicado nada sobre o tema da questão. Isso, por si só, pode ajudar a desvendar a postura que se deve adotar no enfrentamento do ponto.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *1ª Questão - Direito Penal - Indique as possíveis consequências jurídico-penais do consentimento do ofendido e os requisitos para que possam ser validamente reconhecidas.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

São duas as consequências jurídico-penais possíveis: a) quando a descrição típica pressupõe, explícita ou implicitamente, o dissenso do titular do bem jurídico tutelado, o instituto funciona como causa de exclusão da tipicidade; b) quando a descrição típica não exige dissenso, mas verdadeira renúncia ao bem jurídico pelo disponente, o consentimento opera como causa supralegal de exclusão da antijuridicidade. Entre os requisitos para o reconhecimento válido do consentimento do ofendido estão os seguintes: a) assentimento livremente manifestado pelo ofendido (ausência de coação,

fraude ou outro vício); b) o consentimento deve ser informado, isto é, o ofendido deve estar ciente das consequências da disposição do bem; c) capacidade de consentir, isto é, que quando do consentimento o ofendido seja capaz de compreender o significado e alcance real das consequências de seu ato; d) o caráter disponível do bem jurídico atingido ou exposto a perigo pelo consentimento; e) relação de identidade entre a conduta efetivamente prevista e a conduta típica realizada a fim de que esta não ultrapasse os limites do consentimento manifestado.

Comentário 1

Sobre o instituto do consentimento, Ulpiano já estabelecia que 'Nulla iniura est, quae in volentem fiat', isto é, o que acontece com a vontade do ofendido não é lesão. Segundo a doutrina, o consentimento do ofendido ora pode funcionar como causa de exclusão da tipicidade ou consentimento destipificante (Die tatbestandsausschließende Einverständnis) sob a forma de concordância, ora como causa de exclusão da ilicitude ou consentimento justificante (Die rechtfertigende Einwilligung). Como assevera Roxin, funciona como causa de exclusão de tipicidade naqueles casos em que 'a ação típica pressupõe já conceitualmente um agir contra ou sem a vontade do ofendido' [...bei denen die Tatbestandhandlung schon begrifflich ein Handeln gegen oder ohne den Willen des Verletzten voraussetzt]. Por seu turno, o consentimento do ofendido como exclusão da antijuridicidade ou, no dizer de Roxin, o consentimento em sentido estrito, só deve ser concedido quando o consentimento do portador do respectivo bem jurídico tiver efeito de justificação, sem excluir a realização do tipo. Neste ponto, ainda segundo o autor, os exemplos mais significativos são os tipos penais de lesão corporal (como no caso da pergunta) e de dano. [in: Strafrecht. Allgemeiner Teil. 4.ed. München: CH Beck, 2006, p. 539-540]. Ou, ainda, nas palavras certeiras de Wessels "diferentemente do consentimento excludente do tipo, o consentimento justificante é por sua natureza uma renúncia à proteção jurídica. Seu âmbito de influência restringe-se, por isso, aos casos nos quais o ordenamento jurídico concede a possibilidade aos protegidos de fazer uso de seu direito de autodeterminação por meio da renúncia de seus bens". [Anders als das tatbestandsausschließende Einverständnis ist die reschtfertigende Einwilligung ihrem Wesen nach ein Verzicht auf Rechtsschutz. Ihr Wirkungsbereich beschränkt sich daher auf Fälle, in denen die Rechtsordnung dem Geschützten die Möglichkeit einräumt, von seinem Selbstbestimmungsrecht durch Preisgabe seiner Güter Gebrauch zu machen" - In: WESSELS/BEULKE. Strafrecht. Allgemeiner Teil. Die Straftat und ihr Aufbau. 39.ed. Heidelberg: CF Müller, 2009, p.130].

Comentário 2

Resposta baseada na obra de Alexandre Araripe Marinho e André Guilherme Tavares de Freitas. O primeiro, examinador da banca de direito penal do concurso em questão. In: Manual de Direito Penal. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011, p.310.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *2ª Questão - Direito Penal -Considerando a jurisprudência atual dos Tribunais Superiores (STJ e STF) a respeito do tema, responda justificadamente: a) Pode a circunstância atenuante prevista no art. 65, III, "d", do Código Penal ser reconhecida se o agente retratou em juízo a confissão feita perante a autoridade policial?b) Uma vez reconhecida, pode a atenuante da confissão espontânea compensar a agravante da reincidência no momento da fixação da pena em concreto?*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

a) Se a confissão extrajudicial foi efetivamente utilizada para embasar a sentença condenatória, a atenuante da confissão espontânea deve ser aplicada (art. 65, III, d, do CP), mesmo que posteriormente haja retratação em juízo. **b)** A circunstância agravante da reincidência, como preponderante, deve prevalecer sobre a atenuante da confissão espontânea a teor do art. 67 do CP. Se "no concurso de agravantes e atenuantes a pena deve aproximar-se do limite indicado pelas circunstâncias preponderantes, entendendo-se como tais, as que resultam dos motivos determinantes do crime, da personalidade do agente e da reincidência", então é cediço que o código penal dispensa maior peso às circunstâncias subjetivas e, entre estas, está a reincidência.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *3ª Questão - Direito Penal - Ao sair de uma boate de madrugada andando por uma rua deserta e mal iluminada, Vespúcio viu cruzar a esquina e caminhar em sua direção Caio, antigo desafeto e autor de inúmeras ameaças pretéritas de morte. Tão logo avistou Vespúcio, Caio colocou a mão direita dentro de seu paletó com um sorriso nos lábios. Apavorado e supondo estar na iminência de ser mortalmente agredido, Vespúcio sacou seu revolver cal. 38, do qual tinha regular registro e autorização para porte, com o qual efetuou um único disparo contra seu desafeto, atingindo-o na coxa direita e fazendo-o tombar ao solo. Após o disparo, Vespúcio aproximou-se de Caio e constatou que, na verdade, seu declarado inimigo estava desarmado e que o objeto que pretendia tirar do bolso de seu paletó era um lenço branco, destinado a selar simbolicamente a paz entre os dois, conforme lhe foi dito pelo próprio ferido. Nada obstante a essa surpreendente constatação e à revelia das súplicas de Caio por socorro, Vespúcio, dominado pelo rancor acumulado durante os longos anos de rivalidade, resolve abandoná-lo à própria sorte, deixando o local, embora fosse perfeitamente possível prestar-lhe assistência ou, no mínimo, solicitar socorro pelo telefone celular que portava. Sem qualquer assistência médica, Caio agonizou na rua deserta, vindo a falecer em consequência de grave hemorragia, por ruptura da artéria femoral. Quais serão as consequências jurídico-penais para Vespúcio, decorrentes do episódio narrado? RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

Vespúcio responderá pelo crime de homicídio doloso consumado qualificado por motivo torpe. Inicialmente, as circunstâncias do caso concreto tornam o erro (invencível) de Vespúcio sobre a existência dos pressupostos objetivos de uma causa de justificação (descriminante putativa prevista no art. 20, parágrafo 1º, CP). Todavia, a conduta de Vespúcio encerra omissão imprópria, quando, já ciente de seu erro, prefere deixar Caio à própria sorte, assumindo o risco da superveniência do resultado morte (CP, art. 18, I, in fine). Isto porque Vespúcio estava (i) investido do poder fático para salvar a vida de Caio e (ii) premido pelo dever de agir para evitar o resultado, visto que era agente garantidor em virtude de ter criado o risco do resultado morte com o seu comportamento anterior, sendo, neste particular, desimportante que a conduta anterior seja ou não dolosa ou culposa.

Comentários

(1) *O item 17 da exposição de motivos do Código Penal Brasileiro assim dispõe sobre a hipótese do art. 20, parágrafo 1º: "Com efeito, acolhe o Projeto , nos arts. 20 e 21, as duas formas básicas de erro construídas pela dogmática alemã: erro sobre elementos do tipo (Tatbestandsirrtum) e erro sobre a ilicitude do fato (Verbotsirrtum). Definiu-se a evitabilidade do erro em função da consciência potencial da ilicitude (parágrafo único do art.21), mantendo-se no tocante às descriminantes putativas a tradição brasileira, que admite a forma culposa, em sintonia com a denominada 'teoria limitada da culpabilidade'(Culpabilidade e a problemática do erro jurídico penal', de Francisco de Assis Toledo, in: RT 517/251). Destarte, segundo a chamada teoria limitada da culpabilidade (eingeschränkte Schuldtheorie), adotada pela exposição de motivos do CP, esta hipótese da questão perfaz, naquele primeiro momento, um erro de tipo permissivo, e não de proibição (como quer a teoria extremada da culpabilidade), o qual, in casu, por ser invencível, não geraria sequer responsabilidade a título culposo. Parcela da doutrina ainda sustenta que, a rigor, o art. 20, parágrafo 1º do CP trata de um erro de proibição em virtude de uma decorrência da adoção do finalismo ortodoxo, a saber: a chamada teoria extremada da culpabilidade (Die strenge Schuldtheorie). Tal posição, porém, é de se abandonar, pois é o próprio legislador em sua exposição de motivos quem não lhe dá prevalência. Ademais, a teoria extremada desconhece a diferença valorativa da conduta do agente que incorre num erro sobre os pressupostos objetivos de uma causa de justificação. Quem o faz nesta situação, faz em razão de uma finalidade fiel ao ordenamento jurídico. A objeção de que o agente incidente num erro sobre a concorrência dos pressupostos objetivos de justificação teria um dever de exame cuidadoso esbarra na constatação de que quem incorre num injusto em virtude de não ter examinado tais circunstâncias de modo cuidadoso não pode agir com dolo, mas sim com culpa. (2) A hipótese do art. 13, parágrafo 2º, alínea c, contudo, encerra debate acadêmico. A chamada hipótese da Ingerência (Ingerenz) não encontra uniformidade no que diz respeito aos seus requisitos. No que diz respeito à questão, é de se salientar que o examinador da banca à época possui obra na qual estatui o seguinte: " A terceira hipótese de responsabilidade penal por omissão é a do sujeito que 'com o seu comportamento anterior, criou o risco da ocorrência do resultado'. (...) Por outro lado, não importa que o comportamento anterior do agente causando o perigo*

seja doloso ou culposo, ou ainda, mesmo sem culpa ou dolo. Presente o perigo da ocorrência do resultado lesivo, tendo o agente conhecimento desta situação, e sabendo que foi ele a fonte do perigo, estará presente o dever de agir para impedir eventual dano a bens jurídicos alheios. Isto não significa dizer que o agente necessariamente irá responder pelo resultado lesivo ocorrido, visto que ainda se deve perquirir se houve dolo ou culpa em sua omissão" (In: MARINHO, A.A; FREITAS, A.G.T. de. Manual de Direito Penal. Parte Geral. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011, p. 181). Segundo esta visão, Vespúcio teria, de fato, com seu comportamento anterior, criado risco ao bem jurídico. A questão na doutrina, porém, é controvertida. Hans-Joachim Rudolphi exige que o comportamento anterior seja antijurídico. Neste sentido o BGH já decidiu nos seguintes termos: "quem em legítima defesa (§ 32 StGB) lesiona o agressor, via de regra, não é garantidor do corpo ou da vida do agressor" [Wer in erlaubter Notwehr (§ 32 StGB) den Angreifer verletzt, ist in der Regel, kein Garant für Leib oder Leben des Angreifers] (BGH St 23, 327 f). Há quem, contudo, exija critérios mais restritivos. Juarez Tavares, seguindo critério de Roxin, assevera que os pressupostos para a afirmação da ingerência dizem respeito aos pressupostos do processo de imputação objetiva e podem se manifestar nos casos: (i) limitação objetiva da causalidade; (ii) risco permitido; (iii) âmbito de responsabilidade do sujeito e (iv) licitude do fato (in: Teoria dos crimes omissivos. Marcial Pons, 2012, p. 333). (3) Ressalte-se, a título de advertência, que o projeto Sarney para um novo Código Penal traz alteração na forma como este tipo de erro é tratado atualmente. Eis a redação do art. 35, parágrafo 3º: "Art. 35. O erro sobre a ilicitude do fato, se inevitável, exclui a culpabilidade.(...) § 3º Aplica-se o disposto neste artigo às hipóteses em que o agente supõe situação de fato que, se existisse, tornaria a ação legítima. (4) Em questões extensas como esta, faz-se essencial ao candidato ler e reler o enunciado, inclusive, sublinhando, conforme propomos, as expressões e termos mais significativos que ora denotam a (i) a torpeza do motivo e a natureza do dolo: "dominado pelo rancor acumulado durante os longos anos de rivalidade, resolve abandoná-lo à própria sorte" (ou seja, em primeiro lugar o rancor afirma a torpeza, pois viola o sentimento ético comum matar aquele que desejava fazer as pazes por mero ressentimento, e e por meio de conduta omissiva dolosa, assume o risco de que seu desafeto morra de hemorragia. Caso o dolo fosse direto, poderia Vespúcio tê-lo matado com mais alguns tiros); (ii) a possibilidade fática concreta de agir: "embora fosse perfeitamente possível prestar-lhe assistência ou, no mínimo, solicitar socorro pelo telefone celular que portava"; (iii) a invencibilidade do erro no primeiro momento: "antigo desafeto e autor de inúmeras ameaças pretéritas de morte.... de madrugada andando por uma rua deserta e mal iluminada... Caio colocou a mão direita dentro de seu paletó com um sorriso nos lábios. Apavorado e supondo estar na iminência de ser mortalmente agredido.

(XXXI CONCURSO – PROVA PRELIMINAR – 2009) *1ª Questão – Direito Penal– Nodia 06 de agosto de 2009, cerca das 16h, durante revista realizada para o ingresso de visitantes na POLINTER, a inspetora FLAVIA encontrou e apreendeu um aparelho de telefone celular que MARIA, companheira de JOÃO, preso preventivamente naquela unidade por prática de latrocínio e tráfico de drogas, havia ocultado na cavidade vaginal. O aparelho foi descoberto porque MARIA foi obrigada pela inspetora a desnudar-se*

e agachar-se para revista íntima. Ao ser detida, MARIA alegou que fora coagida a introduzir o celular na carceragem pelo próprio JOÃO, chefe do tráfico de drogas no "Morro da Zoeira", que ameaçou estuprar e matar sua filha ANTONIA, com doze anos de idade, fruto de outra relação amorosa, caso não cumprisse a determinação. Em sede policial, sabendo que MARIA havia sido detida, compareceu sua amiga MARCIA, que confirmou as ameaças feitas por JOÃO, aduzindo que se tratava de um sujeito "muito violento", que "costumava bater em MARIA e ANTONIA" e que esta última havia "apanhado" recentemente e ainda apresentava marcas de escoriações no corpo. Temerosa, MARIA disse que não desejava tomar qualquer providência, preferindo "esquecer o acontecido". A autoridade policial liberou MARIA, entendendo que ela havia atuado sob coação moral irresistível e lavrou termo circunstanciado, indiciando a inspetora FLAVIA pela prática de constrangimento ilegal (art. 146 do Código Penal), sob o argumento de que "a Constituição proíbe a realização de revista íntima, porque ela fere o princípio da dignidade da pessoa humana". Analise as condutas de MARIA, JOÃO e FLAVIA e indique a(s) providência(s) que deve(m) ser tomada(s) pelo Promotor de Justiça ao receber os autos com vista. Resposta objetivamente justificada.

Autor: Uriel Fonseca

Sugestão de resposta

Em primeiro lugar, quanto a Maria, o fato é atípico, na medida em que a Lei n.º 12.012/09, que acrescenta o art. 349-A ao Código Penal e tipifica a conduta por ela perpetrada, entrou em vigor somente no dia 07/08/09, razão pela qual não se aplica ao caso em tela (art. 1º do CP). Com relação à inspetora Flávia, a melhor orientação, entre autores e tribunais, verifica a necessidade de ponderação do direito à intimidade com o direito à segurança pública para assegurar a constitucionalidade da chamada "revista íntima", não se constatando qualquer ilícito penal na conduta sob exame, do que se extrai o necessário arquivamento do termo circunstanciado instaurado. Por fim, com relação a João, a grave ameaça imposta à vítima Maria denota constrangimento ilegal (art. 146 do CP), havendo de se requisitar a instauração de termo circunstanciado. No mais, o relato das lesões sofridas por sua companheira e sua enteada impõe a requisição para instauração de Inquérito Policial em função da prática do crime do art. 129, § 9º, do CP, eis que tal ilícito, segundo acertada ótica da doutrina e da jurisprudência, independe de representação da ofendida, por força do art. 41 da Lei 11.340/06.

Comentário

A questão aborda uma série de divergências doutrinárias e jurisprudenciais, exigindo do candidato capacidade de concisão, de organizar adequadamente suas ideias e de tomar partidos com firmeza. Há de se ter especial atenção nas datas que, eventualmente, constarem dos enunciados propostos. Observe-se que, a despeito de, efetivamente, Maria ter agido sob coação moral irresistível, não há crime a se apurar, eis que o tipo penal do art. 349-A do CP é posterior aos fatos. Vale registrar que, para o preso, a utilização de aparelhos

telefônicos em estabelecimentos penais constitui tão somente falta grave, não novo crime, não havendo que se falar na participação de Maria em ilícito penal diverso. Quanto à conduta imputada à inspetora Flávia, há intensa discussão acerca da constitucionalidade da "revista íntima", ainda que regularmente realizada por agentes penitenciárias mulheres, sem excessos a se considerar. Há precedentes nos tribunais que reconhecem ser legítima a medida, enquanto não houver, nos presídios brasileiros, aparelhamento suficiente à garantia de segurança e de ordem (v., neste sentido, STF, RE 456.654/RS, Rel. Min. Dias Toffoli; TJRJ, EmbInf 0025701-50.2008.8.19.0204, Rel. Des. Cláudio Dell Orto). Por fim, com relação aos fatos imputados a João, notadamente as lesões corporais praticadas sob sua companheira e sua enteada, é interessante notar que a questão é anterior ao julgamento do Supremo Tribunal Federal, no qual se firmou o entendimento de que, ao crime do artigo 129, § 9º, do CP, quando praticado no âmbito da violência doméstica e familiar contra a mulher, não se aplica o art. 88 da Lei n.º 9.099/95, admitindo-se como absolutamente constitucional a vedação contida no art. 41 da Lei 11.340/06 (v. STF, ADI 4424, Rel. Min. Marco Aurélio).

(XXXI CONCURSO - PROVA PRELIMINAR - 2009) *2ª Questão - Direito Penal- Desejando diminuir sua despesa mensal com a conta de energia elétrica, CARLOS, policial militar, contratou o eletricista PEDRO para efetuar alteração no medidor de consumo de sua residência, pagando a ele R$ 250,00 (duzentos e cinqüenta reais). Executado o serviço, o consumo medido ficou reduzido em 1/3 em relação ao consumo real. Cerca de um ano e meio após, inspeção da Light S/A constatou o problema, tendo os funcionários da companhia providenciado o corte do fornecimento e retirado o medidor para encaminhamento à perícia. Ao ser alertado por vizinhos, CARLOS que estava de folga bebendo cerveja em um bar na esquina da rua onde morava, voltou para casa e, visivelmente embriagado, passou a ofender os inspetores da Light S/A com palavras de baixo calão dizendo aos mesmos que se registrassem ocorrência na D.P. o "bicho ia pegar". Diante da insistência dos funcionários da empresa fornecedora em levar o fato ao conhecimento da autoridade policial, CARLOS, furioso, descarregou a munição da pistola cal. .40 que portava, no automóvel de propriedade da empresa, estacionado na frente de sua casa. O automóvel ficou com vários furos na carroceria, pneus inutilizados e vidros quebrados. Analise as condutas acima descritas e indique o(s) crime(s) cometido(s). Justifique a resposta. RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autor: Leonardo Zulato

Sugestão de resposta

A primeira conduta de Carlos e Pedro se adéqua ao artigo 155, §§3º e 4º II (segunda figura) e IV do CP. A fraude posterior ao contrato com a concessionária permite aos agentes a subtração parcial da energia sem o conhecimento daquela. Para que fosse estelionato, a fraude deveria ser anterior e induzir a lesada a entregar energia em patamar que o agente não teria direito. Após, Carlos perpetrou desacato (art. 331 do CP) e a embriaguez não afasta o dolo desta conduta. A última conduta de Carlos se amolda ao art.

163, parágrafo único, III do CP c/c art. 15 da Lei n.º 10.826/2003 n/f art. 70 do CP. A subsidiariedade prevista no art. 15 deve ser afastada, pois o dano qualificado (mais abrangente) não é crime mais grave. Por fim, a resistência iniciada foi abandonada. Houve, destarte, progressão criminosa para o dano qualificado, devendo ser aplicada a consunção.

Comentário 1

Importante, de início, compreendera diferença entre o furto mediante fraude e o estelionato. Para tanto, transcreve-se um trecho da obra de Rogério Sanches Cunha com fincas a esclarecer a diferença:

O furto mediante fraude não se confunde com o estelionato. Naquele, a ***fraude visa a diminuir a vigilância da vítima e possibilitar a subtração. O bem é retirado sem que a vítima perceba que está sendo despojada****. No estelionato,* ***a fraude visa a fazer com que a vítima incida em erro e entregue espontaneamente o objeto ao agente****. A vontade de alterar a posse no furto é unilateral (apenas o agentes quer); já no estelionato é bilateral (agente e vítima querem). Grifos e negritos não constam no original - Manual de Direito Penal. Parte Especial. Volume Único. 6ª Edição. Editora JusPodivm, fls.275.*

A questão data de 16.08.2009. Hodiernamente, a tendência é adequar a primeira conduta ao estelionato. Esse tem sido o posicionamento do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, verbis:

Apelação Criminal. Sentença Condenatória. Furto de energia elétrica mediante fraude (Artigo 155, § 3º e 4º, II do Código Penal). Pena de 2(dois)anos de reclusão, em regime inicial aberto, e pagamento de 10(dez) dias-multa, sendo a pena corporal substituída por uma restritiva de direitos e multa. Recurso defensivo (...) Possibilidade de Emendatio libelli nesta instância revisora. Inteligência dos artigos 383 e 617 do CPP. Na hipótese, trata-se de crime de estelionato positivado, ***eis que, no furto, o agente desvia a energia elétrica de sua fonte natural, fazendo uma ligação clandestina sem passar pelo medidor, e no delito em tela, o mesmo altera o dito relógio, mediante fraude, para que mostre resultado inferior do que o real consumado****. (...)RECURSO QUE SE NEGA PROVIMENTO E, DE OFÍCIO, DESCLASSIFICA A CONDUTA DELITIVA DOS AGENTES PARA O TIPO PENAL DO ARTIGO 171, CAPUT, DO CP, DETERMINANDO-SE A REMESSA DOS AUTOS AO JUÍZO DE ORIGEM PARA OPORTUNIZAR A PROPOSTA MINISTERIAL SE PRESENTES OS REQUISITOS PARA TANTO. (0026106-11.2011.8.19.0001 - APELACAO - DES. ANTONIO CARLOS BITENCOURT - Julgamento: 06/02/2014 - QUINTA CAMARA CRIMINAL)*

O Superior Tribunal de Justiça também já se manifestou nesse mesmo sentido:

HABEAS CORPUS. APELAÇÃO. MATÉRIA NÃO SUSCITADA NO TRIBUNAL A QUO. DEVOLUÇÃO INTEGRAL DO TEMA. INÉPCIA DA DENÚNCIA. ADULTERAÇÃO NO QUADRO DE ENERGIA ELÉTRICA. CRIME DE ESTELIONATO. ORDEM PARCIALMENTE CONHECIDA E, NESSA EXTENSÃO, CONCEDIDA. (...)4. Configura o delito de estelionato a adulteração no medidor de energia elétrica, de modo a registrar menos consumo do que o real, fraudando a empresa fornecedora. (HC 67.829/SP, Rel. Ministro ARNALDO ESTEVES LIMA, STJ, QUINTA TURMA, julgado em 02/08/2007, DJ 10/09/2007)

Mas também há decisão em sentido contrário:

PENAL. PROCESSO PENAL. APELAÇÃO CRIMINAL. CRIME DE FURTO DE ENERGIA ELÉTRICA MEDIANTE FRAUDE (ART. 155, § § 3º E 4º, INCISO II, DO CÓDIGO PENAL). (...) DESCLASSIFICAÇÃO PARA O CRIME DE ESTELIONATO. IMPOSSIBILIDADE. REALIZAÇÃO DAS ELEMENTARES DO DELITO DE FURTO QUALIFICADO PELA FRAUDE. (...) 8. A materialidade delitiva restou positivada através do laudo de exame de local e material, através do qual se constatou ¿uma irregularidade no medidor de consumo de energia elétrica configurada pelo fato de que as bobinas de potencial correspondentes às fases A e B não efetuavam o registro de consumo, ou seja, encontravam-se inoperantes. Durante o Exame Complementar realizado no Setor de Criminalística desta especializada, efetuou-se o deslocamento do bloco dos bornes, constatando que os fios dos circuitos de potencial correspondentes às referidas bobinas encontravam-se cortados, rente ao conector de entrada (linha), evidenciando uma manipulação intencional como causa determinante da irregularidade constatada no medidor de consumo de energia elétrica¿, o que impedia o aparelho de efetuar o registro real da energia elétrica consumida. (...) 12. No ponto, deve-se considerar que tais fatos teriam supostamente ocorrido em dezembro de 2005, e que, de acordo com o laudo pericial, duas das três fases do relógio medidor não registravam o consumo de energia elétrica, ou seja, o aparelho registrava apenas 1/3 (um terço) do consumo real de energia. (...) 20. O crime do art. 171 do Código Penal estaria configurado se a fraude antecedesse a entrega espontânea do bem ao agente criminoso, ou seja, se o ofendido, induzido a erro pelo agente criminoso, entregasse-lhe voluntariamente a coisa. 21. Na presente hipótese, a fraude foi realizada, sorrateiramente, após a entrega espontânea do bem por força de contrato firmado entre as partes, com o objetivo de subtrair parcialmente a coisa (energia), retirando-a da esfera de vigilância da empresa lesada, razão pela qual não há que se cogitar da pretendida desclassificação. (...) 30. Parcial provimento do recurso. (0237336-37.2009.8.19.0001 - APELACAO - DES. JOSE MUINOS PINEIRO FILHO - Julgamento: 12/11/2013 - TERCEIRA CAMARA CRIMINAL)

Portanto, importante que o candidato saiba a diferença entre o furto qualificado pela fraude e o estelionato. Esta questão é recorrente nos concursos públicos.

Comentário 2

O furto qualificado pela fraude narrado na questão é uma conduta única, a caracterizar o crime instantâneo de efeitos permanentes. Não se pode falar, assim, em continuidade delitiva ou concurso de crimes, na hipótese. Sobre o tema, esclarece a doutrina de Alexandre Couto Joppert:

Crimes instantâneos são os que se completam num só momento. A consumação se dá num determinado instante, sem continuidade temporal (ex.: lesão corporal, em que a ofensa ocorre num momento certo, consumando-se o delito). Crimes permanentes são os que causam uma situação danosa ou perigosa que se prolonga no tempo. O momento consumativo se protai no tempo (ex.: crime de seqüestro ou cárcere privado - art. 148 do CP - em que o crime continua em fase de consumação enquanto a vítima estiver privada de sua liberdade). Não se pode confundir os crimes permanentes com os delitos instantâneos de efeitos permanentes. Nestes, a permanência dos efeitos não depende da vontade do agente. São na verdade crimes

instantâneos que se caracterizam pela índole duradoura de suas conseqüências. Aqui o delito se consuma em determinado instante e seus efeitos perduram à revelia do querer do delinqüente. - Fundamentos de Direito Penal. Parte Geral. 3ª Edição. Lumen Juris Editora, fls.124.

Comentário 3

Sobre a embriaguez no crime de resistência, desacato e ameaça, esclarece a doutrina de Rogério Greco:

"(...) Existe discussão doutrinária e jurisprudencial a respeito da influência da embriaguez do agente para efeitos de caracterização o delito de resistência. Uma primeira corrente aduz que a embriaguez teria o condão de afastar o dolo, eliminando, conseqüentemente, a infração penal. Existe posição, ainda, no sentido de que mesmo nos casos de embriaguez completa, não proveniente de caso fortuito ou força maior, deveria o agente responder pela infração penal praticada, aplicando-se, pois, a teoria da actio libera in causa.

Tal como discorremos quando do estudo do crime de ameaça, entendemos que a questão não pode ser colocada em termos absolutos. É claro que se o agente estiver embriagado a ponto de não saber o que faz, não teremos condições de identificar o dolo, principalmente se proferiu ameaças, no sentido de opor-se à execução do ato legal. Entretanto, se a embriaguez foi um fator que teve o poder de soltar os freios inibidores do agente, não podemos descartar a caracterização do delito.

(...)

Tal como ocorre em outras infrações penais, a exemplo do delito de resistência, discute-se se a embriaguez do agente teria o condão de eliminar o seu dolo e, conseqüentemente, afastar a infração penal em estudo. - Código Penal Comentado. Editora Impetus. 2ª Edição, fls. 787 e 795

Comentário 4

A subsidiariedade resolve o conflito aparente entre o tipo subsidiário e o tipo principal em favor do tipo principal. O tipo principal deve ser mais abrangente e mais grave, caso contrário a hipóteses será de concurso de crimes e não de aplicação do princípio da subsidiariedade e sim o concurso de crimes.

Esclarece Alexandre Araripe Marinho:

"(...) O princípio da subsidiariedade é aplicável quando houver um crime mais grave e mais abrangente do que um outro mais simples. Isto importará o fato de o tipo penal mais simples ser absorvido pelo mais grave. Neste caso, o crime menos grave e menos abrangente funciona como um tipo de reserva, só aplicável nas situações nas quais não existiriam, no fato natural, alguns dos elementos necessários para a aplicação do tipo mais abrangente. Por vezes, localizamos no ordenamento jurídico penal infrações mais abrangentes do que outras, porém menos graves, hipóteses em que não deverá ser aplicado o princípio da subsidiariedade, mas sim as regras relacionadas ao concurso de crimes (...) Marinho, Alexandre Araripe; e Freitas, André Guilherme Tavares, Manual de Direito Penal. 2ª Edição. Lumen Juris Editora, fls.517/584.

Comentário 5

Segundo o professor Alexandre Araripe Marinho, a progressão criminosa só ocorre na hipótese de desistência. Caso o crime esteja consumado, não se pode falar em progressão criminosa, mas em concurso de delitos (Marinho, Alexandre Araripe; e Freitas, André Guilherme Tavares, Manual de Direito Penal. 2ª Edição. Lumen Juris Editora, fls.146/147).

(XXXI CONCURSO - PROVA PRELIMINAR - 2009) *3ª Questão - Direito Penal - Em relação ao crime capitulado no art. 90, da Lei 8666/93 (Lei de Licitações): qual é a objetividade jurídica? b) É possível a tentativa? c) A vantagem pretendida pelo agente deve ser de natureza econômica?d) É de concurso necessário de pessoas?*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

a) Sob a perspectiva genérica, é proteção da validade da norma, como postula Günther Jakobs. Sob um prisma específico, a objetividade jurídica é a proteção da dos interesses da Administração Pública, sejam patrimoniais ou morais, no que tange à competitividade, legalidade e lisura do procedimento licitatório. b) Uma vez que o crime é plurissubsistente, isto é, sua execução é suscetível de fracionamento em mais de um ato, perfeitamente admissível a tentativa. c) Não necessariamente. O tipo penal não o exige, assim como a vantagem pretendida pode vir a ser, por exemplo, a obtenção de uma técnica mais sofisticada aplicável a um produto ou serviço. d) Sim, mas apenas no que tange às hipóteses em que se menciona o ajuste ou a combinação como elementos essenciais à incidência da norma penal incriminadora, pois tanto o ajuste como a combinação supõem o concurso necessário de duas ou mais pessoas.

Comentário 1

Gabarito da letra a) baseado na doutrina do examinador da cadeira de direito penal à época: "O objeto jurídico, ou objetividade jurídica do crime, a nosso ver, pode ser encarado em duas dimensões. Uma delas é a dimensão genérica, na medida em que uma das funções do direito penal e, portanto, das normas penais incriminadoras (tipos penais) é, na esteira dos ensinamentos de Jakobs, a proteção da vigência da norma de convivência social. Neste passo, a objetividade jurídica fundamental de toda norma incriminadora, no plano genérico, é a proteção do convívio em sociedade. Por outro lado, em uma dimensão específica adotada pela sistemática de nossa lei, o objeto jurídico do tipo penal é o bem ou interesse tutelado pela norma penal incriminadora..." (In: ARARIPE, A.M. e FREITAS, A.G. Tavares de. Manual de Direito Penal. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011, p. 223-224).

Comentário 2

Gabarito da letra d) baseado na doutrina acima referida: "Veja-se que, na parte onde menciona "ajuste" e "combinação", este tipo será plurissubjetivo, pois só pode haver ajuste ou combinação quando forem dois ou mais os agentes. Serão estas hipóteses de concurso necessário de pessoas. Já quando o tipo menciona a forma "qualquer outro expediente", o crime será monossubjetivo, pois poderá ser praticado por apenas um agente. (Ibidem, p. 392). Ressalte-se, neste sentido, posição de Nucci: "A menção, no tipo, dos termos ajuste e combinação dá a entender tratar-se de crime plurissubjetivo (cometido, sempre, por mais de uma pessoa), o que não se afigura correto, pois a expressão ou qualquer outro expediente permite a prática da infração por um só agente, se preciso for". (In: Leis Penais e Processuais Penais Comentadas, vol.1. 8.ed.São Paulo: Ge. Forense, 2014, p. 529).

6.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PENAL – 2014) *1ª Questão – Em 19.09.11, quando se encontrava em sua loja de comércio de eletrônicos, Tício, nascido em 21.09.90, foi procurado por Mévio, nascido em 06.08.93, que, de posse de um aparelho de Blue-Ray, pretendia vendê-lo pelo preço de R$ 190,00 (cento e noventa reais). Indagado sobre a procedência do aparelho, que ainda se encontrava na embalagem original, Mévio disse tê-lo adquirido de Semprônio, nascido em 03.06.1993, pelo preço de R$ 100,00 (cem reais), compra efetuada em 05.07.2011, em frente a um bar. Esclareceu ter realizado o negócio por entendê-lo extremamente vantajoso, visto que o aparelho valia à época, a preço de mercado, cerca de R$ 400,00 (quatrocentos reais). Informou, ainda, que quarenta e cinco dias após a aquisição do Blue-Ray, o próprio Semprônio lhe confidenciou que o utensílio eletrônico fora por este subtraído no início da madrugada do dia 03.06.2011, quando, após se embriagar para tomar coragem e, empunhando um revólver, ingressou clandestinamente num imóvel ameaçando o casal de idosos enfermos e uma enfermeira que ali residiam, vindo em seguida a eliminá-los sumariamente a tiros, em face da reação verbal por eles oposta. Não obstante tais informações e sabendo da origem ilícita do bem, o comerciante Tício acabou por adquirir o aparelho, para fins de futura revenda, pagando naquele mesmo dia 19.09.11 o preço pretendido por Mévio.*

Tome-se em conta que:

A- Mévio, embora não ostente qualquer condenação, encontra-se indiciado em diversos inquéritos policiais como suposto autor de inúmeros estelionatos, em tese praticados ao longo do mês de novembro de 2011;

B- Tício possui uma condenação anterior por crime de furto simples, esta com trânsito em julgado certificado nos autos em 19.01.10, tendo sido declarada extinta a punibilidade pelo cumprimento da pena em 19.06.11 ;

C- Tício confessou espontaneamente seu atuar criminoso perante as autoridades policial e judiciária.

Analise as consequências jurídico-penais das condutas dos envolvidos, esclarecendo, inclusive, todas as circunstâncias e etapas que devem ser observadas para a fixação da pena de cada um, na hipótese de condenação. Resposta objetivamente fundamentada.

Autora: Paula Basílio

Sugestão de resposta

Provados os fatos, confirmada a autoria e a materialidade, passo a analisar a consequência jurídico-penal de cada um dos crimes praticados pelos autores.

De início, enfrento a responsabilidade penal de Tício.

Tício era proprietário de uma loja de comércio de eletrônicos quando, em 19.09.2011, adquiriu de Mévio bem que sabia ser produto de crime. Abstratamente, Tício praticou o crime de receptação qualificada.

Em relação à tipificação, o primeiro ponto a se destacar envolve o elemento subjetivo do tipo. O crime do artigo 180, *caput*, do Código Penal exige do agente o dolo direto, tendo em vista que contém a seguinte expressão: "que SABE ser produto de crime". Por sua vez, o crime de receptação qualificada se satisfaz com o dolo eventual, bastando que o comerciante adquira coisa "que deve saber" ser produto de crime. Apesar do artigo 180, §1º do Estatuto Repressivo mencionar apenas a expressão "deve saber", não há dúvidas que também poderá ser elemento subjetivo do tipo o dolo direto. Nesse sentido têm se posicionado a mais autorizada doutrina e também a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal.

Não se está aqui a defender a aplicação de analogia *in malam partem,* algo proibido pelo Direito Penal em face do princípio da legalidade. A hipótese é de mera interpretação extensiva, com o intérprete retirando aquilo que a norma - e até mesmo o legislador -pretendiam. Não existe qualquer proporcionalidade em o crime menos grave do *caput* exigir dolo direto e o mais grave do parágrafo primeiro não incluir esse elemento subjetivo. O legislador pretendeu punir de maneira mais severa aquele que em virtude de comércio tem maior disponibilidade de bens e maior potencial para conhecer a origem ilícita.

No caso, Tício sabia que o bem era produto de crime (seja pela infração de Semprônio seja pelo crime anterior de receptação de Mévio), logo houve dolo direto.

Destaco, ainda, que a doutrina vem ressaltando que o tipo qualificado do parágrafo primeiro exige que o verbo núcleo do tipo seja praticado pelo comerciante se aproveitando desta sua condição, ou seja, o bem deve estar relacionado à atividade desenvolvida pelo agente. Isso ocorreu na presente hipótese, pois Tício, por ser proprietário de loja de comércio eletrônico, teve facilidade para adquirir o *blue-ray* e também terá para revendê-lo.

Definido o crime praticado, não havendo que se falar em prescrição pela pena em abstrato, ainda que contada pela metade pelo fato de Tício ser menor de 21 anos na data dos fatos (art. 115, Código Penal), passo a analisar as circunstâncias a serem analisadas quando da aplicação da pena.

O artigo 68 do Código Penal prevê o critério trifásico de aplicação da reprimenda penal, balizado pela pena mínima e máxima prevista no tipo - no caso, entre 03 e 08 anos -, o juiz avaliará as circunstâncias do artigo 59 do Código Penal, fixando a pena base.

Obviamente, a condição de comerciante não poderá ser considerada para fins de aumentar a pena base, tendo em vista que já foi devidamente valorada para qualificar o crime. Penso que não há nenhuma circunstância que ultrapasse o normal do tipo para justificar que a pena base seja fixada acima do mínimo legal.

Na segunda fase, ao assentar a pena intermediária, o magistrado deverá considerar as agravantes e atenuantes. Tício possui uma condenação anterior com trânsito em julgado em 19.01.2010. Considerando que o fato praticado por Tício, no momento apurado, ocorreu após o trânsito em julgado da condenação anterior, será ele reincidente, na forma do artigo 63 do Código Penal. A reincidência é circunstância agravante prevista no artigo 61, inciso I, Código Penal e, por isso, não foi considerada maus antecedentes, respeitando-se a Súmula 241 do Superior Tribunal de Justiça.

Existem, ainda, duas atenuantes a incidir. A primeira está no fato de Tício ter confessado a prática do crime em sede policial e judicial (artigo 65, inciso III, alínea d, CP). A segunda está prevista no artigo 65, inciso I, CP, uma vez que Tício era menor de 21 anos na data dos fatos.

O artigo 67 do Código Penal traz a solução para a hipótese de concurso de circunstâncias agravantes e atenuantes. A reincidência está prevista como preponderante, mas também assim deve funcionar a personalidade, que certamente engloba a menoridade relativa. Importante mencionar, porém, que se a denúncia for formulada não pela prática do verbo adquirir, mas sim em outro que configure crime permanente, como ter em depósito, a atenuante do artigo 65, inciso I, não deverá incidir, pois logo após a compra o agente completou 21 anos.

Em relação à confissão espontânea, o tema é extremamente controvertido. Hoje, prevalece nos Tribunais Superiores a possibilidade de compensação entre a reincidência e a confissão. Penso que a melhor solução está na análise do caso concreto. Sendo a confissão simples (não qualificada), realizada desde o início ou relevante para a solução da hipótese concreta, adequada será a compensação, pois representará a personalidade do agente. Se, contudo, for qualificada ou de pouca relevância para o caso, somente sendo realizada visando uma redução da pena, poderá o juiz deixar de realizar a compensação.

A Súmula 231 do STJ destaca que as atenuantes não podem conduzir à aplicação da pena intermediária abaixo do mínimo legal estabelecido no tipo penal secundário. A ideia é que, em relação às atenuantes, o legislador não previu o quantum de redução da pena, como fez em relação às causas de diminuição. Assim, se, em tese, pudesse o juiz reduzir a pena abaixo do mínimo legal, poderia ele determinar uma pena qualquer, como, por exemplo, de 10 dias, violando o princípio da separação de poderes. A corrente minoritária que admite que a pena seja fixada abaixo do mínimo nesse momento justifica sua posição com a literalidade do artigo 65, CP, que diz "são circunstâncias que **sempre** atenuam a pena".

O crime está consumado e não há causas de aumento ou de diminuição a serem consideradas na terceira fase.

Restando a pena no mínimo legal e sendo o réu reincidente, a Súmula 269 do STJ poderia ser aplicada para reconhecer o regime inicial de cumprimento da sanção como semiaberto.

Não há que se falar em *sursis* da pena ou substituição da pena privativa de liberdade por restritiva de direitos, pois o réu é reincidente, de modo que os requisitos dos artigos 44 e 77 do Código Penal não estão preenchidos.

Em relação a SEMPRÔNIO, o primeiro fato a ser destacado é que, quando da prática do crime de subtrair o Blue-ray, ele já era imputável. O Código Penal, no artigo 4º, adota a Teoria da Atividade. O momento do crime é o momento da ação e essa ocorreu em 03.06.2011, dia do aniversário de 18 anos de Semprônio. Nesta data, não importando o horário do nascimento, o agente é considerado imputável, permitindo aplicação da pena pela prática de um fato típico e ilícito.

Resta, agora, determinar o crime praticado. Semprônio ingressou no imóvel onde residiam dois idosos e uma enfermeira, subtraindo um aparelho de *Blue-Ray*. A violência empregada, que causou a morte de três pessoas, foi utilizada dentro do contexto da prática do roubo. Foi exercida violência diante das reações das vítimas quando da subtração. O crime praticado, então, foi o de latrocínio, previsto no artigo 157, §3º, *in fine*, CP, merecendo destaque que esse crime é qualificado pelo resultado, podendo a morte decorrer de dolo ou culpa.

Considerando que apenas o bem de uma das vítimas foi subtraído, o crime de latrocínio seria único, ainda que dele decorram três mortes. Trata-se de crime contra o patrimônio, como demonstra a Súmula 603 do Supremo Tribunal Federal, ao estabelecer a competência da Vara Criminal comum para julgamento desses crimes e não do Tribunal do Júri.

No momento da aplicação da pena base, porém, o número de vítimas e o fato das mortes serem dolosas deverão ser considerados, justificando um incremento razoável com base nas circunstâncias do crime e na culpabilidade.

Na segunda fase de aplicação da pena, haverá a atenuante da menoridade relativa, pois o agente era menor de 21 anos na data dos fatos, na forma do artigo 65, inciso I, Código Penal. Em relação às agravantes, verificamos a presença do artigo 61, inciso II,

aliena h, CP, pois o crime foi cometido contra idosos enfermos, e do artigo 61, inciso II, aliena l, CP, diante da embriaguez preordenada. O agente se colocou em estado de embriaguez voluntariamente para cometer um crime. Essa conduta, ao invés de afastar a imputabilidade, torna o comportamento ainda mais reprovável. A Teoria da *actio libera in causa* permite que a análise da imputabilidade seja feita quando da ingestão da bebida (artigo 28, inciso II, Código Penal), apesar da doutrina mais autorizada permitir a análise do dolo e da culpa quando da prática do crime. Não há que se falar, no caso, em confissão.

Na terceira fase, não existem causas de aumento ou de diminuição a serem reconhecidas, pois a jurisprudência não admite que as majorantes do artigo 157, §2º, CP sejam aplicadas sobre a pena prevista no parágrafo terceiro do mesmo dispositivo.

Destaco que se bens particulares dos três residentes do imóvel fossem subtraídos, haveria controvérsia sobre o número de latrocínios praticados. De maneira geral, o número de crimes de roubo ou latrocínio é definido pelo número de patrimônios atingidos. No caso, em tese, sendo bens de três patrimônios subtraídos, haveria três crimes de latrocínio em concurso formal. Tecnicamente, esse concurso de crimes deveria ser formal impróprio, em razão dos desígnios autônomos, justificando a soma das penas. Contudo, analisando a proporcionalidade em face dos mesmos crimes praticados em continuidade delitiva, a jurisprudência tem solucionado a questão com o reconhecimento de concurso formal próprio.

Todavia, não há como mencionar que o Supremo Tribunal Federal, em decisão publicada em seu Informativo de Jurisprudência do ano de 2013, entendeu, em hipótese semelhante a esta, que o dolo do agente neste caso era de roubar o imóvel e não especificamente patrimônios distintos, logo haveria apenas um latrocínio.

Retornando ao caso concreto, o regime inicial de cumprimento de pena adequado seria o fechado, não cabendo substituição de pena privativa de liberdade por restritiva de direitos.

Não há que se falar em invasão de domicílio ou receptação para Semprônio, pois o princípio da consunção deve ser aplicado e haveria *ante factum* e *post factum* impuníveis, respectivamente.

Caso não haja apreensão da arma de fogo ou prova de que houve porte do material em momento diverso daquele da prática do latrocínio, o crime do artigo 14 ou 16 da Lei 10.826/03 ficaria absorvido pelo artigo 157, §3º, CP.

Por fim, o crime de MÉVIO.

Mévio adquiriu de Semprônio um aparelho que não sabia, de início, ser produto de crime. Em tese, provado nos autos a ausência de dolo direto, essa conduta de Mévio se enquadraria na figura típica de receptação culposa, pois pela desproporção do preço deveria ele presumir a origem criminosa do bem. Ocorre que, tal compra foi efetivada em 05.07.2011, antes de Mévio completar 18 anos de idade. Assim, haveria apenas a prática de ato infracional e não crime por sujeito culpável.

Todavia, quando já era maior de idade, Mévio veio a saber da origem ilícita do bem. Surge a controvérsia: cabe receptação quando o dolo é posterior ao momento da aquisição do bem? Hungria e Magalhães Noronha têm opiniões contrárias sobre o tema, pois apenas o primeiro entende pela possibilidade. Penso que, independente da posição adotada, ocorreu infração penal. O tipo do artigo 180 do Código Penal é misto alternativo. Conhecendo Mévio a origem ilícita do bem e praticando quaisquer dos verbos núcleo do tipo, caberia sua punição pela prática de receptação simples, em especial se ele manteve em depósito o bem após completar 18 anos. O verbo mencionado tem natureza de permanente e a maioridade foi completada enquanto ainda ocorria a consumação do crime.

Há autorizada doutrina que entende que Mévio deveria responder como partícipe do crime de receptação qualificada de Semprônio (artigo 30, Código Penal). Ouso discordar desse entendimento. Mévio cometeu crime ao transportar ou ter em depósito bem que já sabia ser produto de crime. Logo, seu crime se consumou em momento anterior à venda para Tício.

A pena base de Mévio deverá ser fixada no mínimo legal, de acordo com a jurisprudência dos Tribunais Superiores. Inquéritos policiais ou condenações sem trânsito em julgado não podem configurar maus antecedentes em face do princípio da presunção de não culpabilidade.

No Rio de Janeiro, forte corrente jurisprudencial permitia, porém, que o constante envolvimento com o aparato policial ou judicial fosse valorado como conduta social desfavorável. Contudo, em face da Súmula 444 do Superior Tribunal de Justiça, essa corrente jurisprudencial se enfraqueceu, tendo em vista que a súmula veda que os inquéritos ou ações em curso sejam considerados negativamente na **pena base** e não apenas como maus antecedentes. Prevaleceu a posição de que seria uma maneira indireta de violar a presunção de não culpabilidade, apesar de, particularmente, entender que a primeira posição melhor valoriza o princípio da isonomia.

Na hipótese, os estelionatos teriam sido praticados após a receptação, logo não poderiam funcionar como maus antecedentes.

Na segunda fase, presente a atenuante do artigo 65, inciso I, Código Penal, relembrando que nesse momento a pena não pode ser fixada abaixo do mínimo.

Não há causas de aumento ou de diminuição.

Em tese, o regime inicial de cumprimento de pena seria o aberto e caberia substituição de pena privativa de liberdade por restritiva de direitos, na forma do artigo 44, Código Penal.

Comentários

O artigo 180, parágrafo primeiro, do Código Penal, que prevê o delito de receptação qualificada, teve sua redação determinada pela Lei 9.426/96. A partir da inovação legislativa, surgiram questionamentos sobre sua constitucionalidade, sob o argumento de que

haveria uma violação ao princípio da proporcionalidade, pois o crime mais grave do parágrafo primeiro exigiria a presença do dolo eventual, enquanto que o caput previa a necessidade do dolo direto. Assim, alguns doutrinadores passaram a defender que o comerciante que praticasse o crime de receptação, valendo-se dessa qualidade, com dolo direto, deveria responder pelo crime de receptação simples, já que não haveria adequação típica com a modalidade qualificada. Esse não foi o entendimento que prevaleceu no STF, contudo. A questão foi pacificada no julgamento do HC 97.344/SP, com a seguinte ementa:

DIREITO PENAL. HABEAS CORPUS. ART. 180, § 1º DO CÓDIGO PENAL. CONSTITUCIONALIDADE. ORDEM DENEGADA. 1. A conduta descrita no § 1º do art. 180 do Código Penal é evidentemente mais gravosa do que aquela descrita no caput do dispositivo, eis que voltada para a prática delituosa pelo comerciante ou industrial, que, pela própria atividade profissional, possui maior facilidade para agir como receptador de mercadoria ilícita. 2. Não obstante a falta de técnica na redação do dispositivo em comento, a modalidade qualificada do § 1º abrange tanto do dolo direto como o dolo eventual, ou seja, alcança a conduta de quem "sabe" e de quem "deve saber" ser a coisa produto de crime. 3. Ora, se o tipo pune a forma mais leve de dolo (eventual), a conclusão lógica é de que, com maior razão, também o faz em relação à forma mais grave (dolo direto), ainda que não o diga expressamente. 4. Se o dolo eventual está presente no tipo penal, parece evidente que o dolo direto também esteja, pois o menor se insere no maior. 5. Deste modo, não há que se falar em violação aos princípios da razoabilidade e da proporcionalidade, como pretende o impetrante. 6. Ante o exposto, denego a ordem de habeas corpus.

Em concurso público, fundamental que o candidato exponha o conhecimento sobre as controvérsias de todos os temas que circunscrevem a questão, além de eventual posição majoritária nos Tribunais Superiores. Após, o ideal é que seja exposta a posição pessoal, com a devida fundamentação. Apesar disso, muitas vezes a solução da questão é trazida pelo próprio examinador em suas obras doutrinárias. Interessante que o candidato mencione e elogie tal posição e, sempre que possível, a adote como se fosse seu entendimento próprio. No caso, o examinador do concurso tinha em seu livro enfrentado a controvérsia sobre elemento subjetivo do tipo do artigo 180, §1º, CP.

Em relação à teoria da actio libera in causa, cabe destacar que a doutrina majoritária entende que a análise do elemento subjetivo deve retroagir ao momento em que a bebida alcoólica foi ingerida, evitando-se, com isso, a responsabilidade objetiva. Assim, para essa posição, no momento em que o agente dolosamente se coloca em estado de embriaguez que deve ser analisado se havia intenção de cometer crime ou, no caso de culpa, se a prática do delito era ao menos previsível. Contudo, em sua excelente obra doutrinária, o examinador Alexandre Joppert manifesta sua opinião sobre o tema, explicitando que o elemento subjetivo pode ser avaliado quando efetivamente da prática do crime, razão pela qual foi sua posição destacada na resposta da questão.

Interessante, também, que sempre que o candidato tenha conhecimento sobre uma decisão paradigma dos Tribunais Superiores, a mencione, ainda que não seja indicado o número do processo ou o número do Informativo de Jurisprudência em que ela foi publicada.

A decisão mencionada sobre a análise do elemento subjetivo para determinar o número de crimes de roubo/latrocínio praticados foi a seguinte:

Habeas corpus. 2. Paciente condenado pela prática de latrocínio consumado em concurso formal com latrocínio tentado (arts. 157, § 3º, última parte, c/c 61, II, c e h, e 157, § 3º, última parte, c/c 61, II, c e h, c/c 14, II, todos do CP). 3. Delito praticado mediante ação desdobrada em vários atos atingindo duas vítimas. 4. Pedido de afastamento da causa de aumento de 1/6 referente ao concurso formal de crimes. 5. Paciente objetivou roubar bens que guarneciam a residência do casal (patrimônio único). Não é razoável a importância dada à subtração das alianças das vítimas a fim de justificar a subtração de patrimônio individual. 6. Embora as alianças nupciais integrem patrimônio personalíssimo na legislação civil, na seara do Direito Penal, há de se conferir relevância ao dolo do agente. 7. Caracterizada a prática de latrocínio consumado, em razão do atingimento de patrimônio único. 8. O número de vítimas deve ser sopesado por ocasião da fixação da pena-base, na fase do art. 59 do CP. Precedente: HC n. 71267-3/ES, 2ª Turma, rel. Min. Maurício Corrêa, DJ 20.4.95. 9. Determinação de baixa dos autos ao Juízo de primeiro grau, para que proceda a nova dosimetria da pena, considerando a quantidade de vítimas na primeira fase do sistema trifásico e respeitando a pena aplicada, em atenção ao princípio do non reformatio in pejus. 10. Ordem parcialmente concedida. HC 109539 / RS - RIO GRANDE DO SUL -HABEAS CORPUS Relator(a): Min. GILMAR MENDES Julgamento: 07/05/2013 Órgão Julgador: Segunda Turma

Por fim, quanto à aplicação da pena, importante realizar um destaque sobre a discussão existente sobre a possibilidade de compensação entre a agravante da reincidência e a atenuante da confissão. Inicialmente, destaco que preponderar não significa desconsiderar. O fato de eventual agravante preponderar não significa que a atenuante não deve ser valorada, mas sim que a redução da pena deve ser inferior ao aumento realizado. Além disso, em um segundo momento ressalto que um equívoco comum de se observar diz respeito à interpretação da nova posição dos Tribunais Superiores. O Superior Tribunal de Justiça, majoritariamente, vem permitindo que a reincidência seja compensada com a confissão, que representa a personalidade do agente, que também é circunstância preponderante de acordo com o artigo 67 do Código Penal. Apesar disso, em momento algum tal Tribunal afirma que a compensação é uma imposição, mas sim uma possibilidade. Diante disso, adequado que a possibilidade de compensação seja devidamente analisada considerando-se as peculiaridades do caso concreto. A confissão qualificada, por exemplo, que é aquela em que o agente confessa os fatos, mas alega causa de exclusão da ilicitude ou culpabilidade, apesar de vir sendo admitida pelo Superior Tribunal de Justiça como atenuante, não justificaria uma compensação, pois não é plena.

Independente das posições adotadas, entretanto, sempre imprescindível a fundamentação do seu entendimento, além de destacar o respeito às posições em contrário.

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PENAL – 2014)2ª Questão – Os irmãos Atílio e Gentil, com o propósito de antecipar o recebimento da herança de seu pai, Adalberto, arquitetaram um plano para ceifar sua

vida. Para tanto, desde as tratativas preliminares, ficou ajustado que caberia a Atílio a tarefa de adquirir um veneno (cuja letalidade se concretizaria exatamente 02 horas após a ingestão) *e que a inserção da substância na refeição do genitor seria feita por Gentil no almoço de domingo, servido, invariavelmente, às 13h. Nos primeiros minutos do dia estabelecido, Atílio, após cumprir sua parte no plano, movido por um sentimento de comiseração que jamais lhe acometera, desistiu de continuar a concorrer para o aludido parricídio, contatando Gentil por telefone, solicitando-lhe, aos prantos, que não mais executasse a sua parte do plano, o que foi prontamente repelido. Posta a mesa com o inusitado atraso de uma hora, Gentil, resoluto em sua sanha criminosa, pôs o veneno na comida de seu pai e observou, sentado na cadeira ao lado, o "velho" saciar sua fome folclórica, não deixando sequer um grão de semente no prato que lhe fora oferecido. Para evitar maiores desconfortos, Gentil preferiu não ver o último suspiro de seu ascendente e saiu da residência antes do prazo letal, não sem antes enviar para o seu irmão uma mensagem, via SMS, em que dizia: "Missão Cumprida". O patriarca Adalberto, acometido pelo banzo próprio dos momentos que sucedem aos grandes banquetes, antes que o veneno lhe corroesse definitivamente as vísceras, adormeceu, como jamais fizera, no chão do cômodo central da velha morada. Atílio, por sua vez, no afã de se certificar da veracidade da assertiva de seu irmão Gentil, decidiu ir até o local da empreitada e assim deparou-se, por volta de 15h20, com seu pai estirado no tapete da sala, com o semblante sereno e olhos completamente cerrados. Ato seguinte, imaginando que o genitor já estivesse sem vida, Atílio, com o objetivo de dificultar as investigações e proteger o seu irmão, resolveu dar à cena contornos de um crime patrimonial, desalinhando a arrumação do ambiente e destruindo a maçaneta da porta de entrada. Em sequência, lançando mão de uma antiga garrucha da família, Atílio desferiu, às 15h40, três disparos no peito de seu pai, causando-lhe, conforme comprovado no laudo necroscópico, lesões corporais que, por sua natureza e sede, foram a causa eficiente de sua morte. Encaminhados os autos do procedimento investigatório ao Ministério Público, analise detalhadamente a relevância penal das condutas de Gentil e Atílio à luz de nossa legislação substantiva, considerando que a morte ocorreria de qualquer modo, pela precedente ingestão do veneno. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Roberta Jorio

Sugestão de resposta

A questão apresenta detalhada descrição de fatos, muito embora o candidato deva se ater às condutas praticadas por cada um dos envolvidos e ao tempo de sua ocorrência. No caso, percebe-se, desde logo, que a ingestão de veneno não foi causa suficiente à morte de Adalberto. Sob esta perspectiva, a análise dos ilícitos praticados pelos irmãos Gentil e Atílio depende da abordagem dos seguintes pontos:

a) Primeiramente, o candidato deve afastar a incidência do instituto da desistência voluntária (art. 15 do CP) na conduta de Atílio, eis que não foi eficiente para impedir a consumação do crime.

b) Em seguida, deve ser abordado o tema central para a resolução da questão, qual seja, o dolo geral, admitido por parcela significativa da doutrina brasileira a partir da concepção de aberratio causae ou erro incidente sobre o nexo causal. Em suma, ocorre quando um agente, acreditando ter obtido o resultado pretendido com uma primeira conduta, realiza uma segunda, esta sim causadora do resultado visado. Haveria, pois, uma má compreensão da conduta que serviu de causa a determinado resultado. No caso, mesmo acreditando que seu genitor já estivesse morto, Atílio responderá pelo homicídio doloso consumado, pois concretizou, ainda que em momento posterior e de outra forma, a sua intenção inicial. Do mesmo modo, Gentil responderá pelo homicídio doloso consumado, porque obrou para a realização de seu propósito original, tendo o resultado ocorrido, mesmo que por meio diverso.

c) Após, devem ser analisadas as qualificadoras aplicáveis ao caso. A despeito de posições doutrinárias minoritárias, uma sustentando a incidência das qualificadoras observadas tanto na primeira (motivo torpe e emprego de veneno) quanto na segunda conduta (impossibilidade de resistência da vítima) e outra indicando a prevalência apenas das qualificadoras da última conduta, é majoritário o entendimento de que são aplicáveis apenas as qualificadoras presentes no momento inicial, eis que, para as surgidas na conduta final, não haveria elemento subjetivo. Deste modo, incidem, no caso, as qualificadoras do motivo torpe e do emprego de veneno.

d) Capitulação: Atílio e Gentil devem responder por homicídio doloso consumado duplamente qualificado (art. 121, § 2º, incisos II e IV, do CP). Além disso, Atílio responde, ainda, pela fraude processual (art. 347 do CP), em razão de ter inovado artificiosamente no estado das coisas para simular a ocorrência de crime contra o patrimônio.

Comentário

Em prova discursiva sem limite de linhas, ao candidato é importante demonstrar vasto conhecimento dos temas objetos de análise e organização na elaboração da resposta. Deste modo, em primeiro lugar, é interessante que a resposta siga um padrão semelhante a um artigo científico, em que se estabelecem premissas, como conceitos, princípios aplicáveis e eventuais divergências, para, em momento posterior, enfrentar-se diretamente a questão proposta, apresentando, ao final, a solução definitiva do caso. Frise-se que, nesta fase do concurso, vale utilizar todo o conhecimento jurídico disponível, mesmo que apenas tangencie o tema central da questão.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PENAL – 2012) *1ª Questão – CARLOS, estudante do quarto ano de medicina e conhecido fornecedor de drogas ilícitas em boates da cidade de Niterói, vendo o desespero de sua amiga FLÁVIA, em razão de sua gravidez não desejada, forneceu gratuitamente para a mesma, na noite de 20/09/11, em uma casa de shows, certa quantidade de cloridrato de cocaína, esclarecendo-a acerca dos sabidos efeitos abortivos do consumo daquela droga,*

instruindo-a sobre a quantidade a ser eficazmente ingerida para fins da provável causação da morte do indesejado filho que carregava em seu ventre. Nos três dias seguintes, FLÁVIA ingeriu reiteradamente a cocaína graciosamente cedida, até alcançar a quantidade aconselhada por CARLOS, o que acabou lhe acarretando uma involuntária overdose, com consequente arritmia cardíaca, convulsões e desmaio, sendo a gestante socorrida por terceiros e levada ao hospital mais próximo. Imediatamente atendida pela equipe plantonista do hospital, FLÁVIA sofreu uma parada cardíaca nas dependências da sala de emergência, que conseguiu ser eficazmente revertida pelos proficientes médicos, que, no entanto, não conseguiram evitar a morte do feto, apesar de salvar a vida da gestante, que teve alta hospitalar sete dias após sua internação. Apurada pela polícia a identidade do fornecedor da substância entorpecente ingerida por, FLÁVIA, chegou-se à residência de, CARLOS para fins de cumprimento de mandado de busca e apreensão, constatando-se que o mesmo mantinha em depósito em seus aposentos 50 (cinquenta) comprimidos de "Ecstasy", além de 250 (duzentos e cinquenta) gramas de cannabis sativa, vulgarmente conhecida por "Maconha", acondicionada e distribuída em 40 (quarenta) invólucros plásticos, e que segundo o próprio CARLOS, eram destinados à revenda para frequentadores de casas noturnas da cidade de Niterói. Ainda dentro dos aposentos de CARLOS a polícia apreendeu uma balança de precisão, além de um caderno que continha a contabilidade da venda de drogas efetuada, com listagem de fregueses e valores por eles devidos com o ilícito comércio. Considerando tais fatos, analise as respectivas consequências jurídico-penais (RESPOSTA FUNDAMENTADA)

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

No que diz respeito a CARLOS, este deve ser responsabilizado pelo cometimento dos seguintes crimes:

(a) Como partícipe, em função de sua contribuição material dolosa, pelo crime de autoaborto (CP, art. 124, caput, 1ª parte);

(b) Pelo crime de lesão culposa (CP, art. 129, parágrafo 6º);

(c) Pelo crime art. 33, caput, c.c art. 40, inciso III, ambos da Lei 11.343/06.

No que diz respeito a FLÁVIA, esta responderá pelo crime do art. 124, caput, 1ª parte do Código Penal.

Carlos é partícipe (cúmplice) no autoaborto de FLÁVIA, uma vez que lhe presta contribuição material consistente na entrega de cloridrato de cocaína, substância dotada de efeito abortivo. A participação, conforme se sabe, é conduta acessória dolosa que se dirige e pressupõe uma conduta principal dolosa típica e antijurídica, em homenagem à teoria da acessoriedade limitada (Die limitierte Akzessorietät), adotada no Brasil e formulada por Max Ernst Mayer. Uma vez que existiu uma conduta dolosa principal típica e antijurídica por parte de FLÁVIA (autoaborto) que se valeu da contribuição material dolosa de CARLOS (conduta dolosa acessória), caracterizada resta a participação

punível. Por ter a substância efeitos abortivas, tem-se que a participação foi causal e eficaz para o resultado. Há concurso de agentes, portanto, tendo em vista a pluralidade de agentes e condutas, a identidade da infração penal, o liame subjetivo entre os agentes e a relevância e eficácia causal de cada conduta.

Consoante defende Nélson Hungria e abalizada doutrina, CARLOS também responderá pelo crime de lesão corporal culposa. Isto porque restou caracterizado perigo à vida (art. 129, parágrafo 1º, inciso II, CP) de FLÁVIA, perigo este advindo da conduta de CARLOS.

Muito embora o aumento de pena previsto no art. 127 se aplique tão-somente aos casos dos arts. 125 e 126, e tampouco a própria gestante possa vir a responder por lesões que causou em si mesma, voluntariamente, em função de que as autolesões são impuníveis, o partícipe (instigador ou auxiliar) responderá pelas lesões (graves) em FLÁVIA a título culposo.

Parte da doutrina entende desta forma justamente porque, apesar da gravidade da lesão, o art. 127, conforme cediço, só se aplica às hipóteses de aborto dos arts. 125 e 126, ocasionando uma lacuna de punibilidade.

A conduta de participação de CARLOS é, assim, interpretada como violadora de um dever de cuidado objetivo, atuando em reforço, com causalidade e eficácia, proporcionando um resultado (perigo de morte) perfeitamente previsível objetivamente e adequada ao tipo penal existente de lesões culposas.

Registre-se, contudo, posição doutrinária divergente, no sentido de que não deve CARLOS responder por lesão culposa, seja porque não haveria nexo de causalidade entre a participação e o resultado, como preceitua MAGALHÃES NORONHA, seja porque à luz dos critérios de imputação objetiva, autocolocações em perigo desejadas e realizadas de forma responsável não se enquadram no tipo dos delitos de lesão corporal e de homicídio, mesmo que o risco superveniente se realize com a colocação em perigo consciente. Quem meramente induz, possibilita ou favorece tal autocolocação em perigo não se faz punível por um delito de lesão corporal ou de homicídio.

Carlos ainda responderá pelo crime do art. 33, caput, da Lei 11.343, pois as circunstâncias do caso concreto apontam a finalidade evidente de tráfico de drogas: a confissão da finalidade de traficância, a quantidade de droga encontrada, a forma de acondicionamento e a presença de instrumentos ínsitos à atividade de traficância, como a balança encontrada. Incidirá, ainda, a causa de aumento do art. 40, inciso III da Lei 11.343, uma vez que a conduta de entregar a droga à FLÁVIA se deu dentro de uma casa de shows, bem como é fato que CARLOS traficava drogas em boates de Niterói.

Saliente-se que não há consunção entre a participação no autoaborto e o crime do art. 33 da Lei de Drogas. Este, por seu turno é crime de perigo abstrato, o qual se consuma em momento diferente da participação no autoaborto, que para ser reconhecida depende da conduta principal. O crime de tráfico de drogas vulnera, ainda, bem jurídico diverso, a saber, a saúde pública, consoante jurisprudência e doutrina majoritárias.

A circunstância de se encontrar uma balança de precisão em poder de CARLOS, não autoriza a incidência do art. 34 da Lei 11.343 como figura autônoma. Reconhecido o crime do art. 33, não há lugar para a incidência do art. 34, pois este é tipo penal subsidiário àquele, via de regra. Conforme acentua o STJ, o reconhecimento do art. 33 absorve o crime do art. 34, desde que não se vislumbre no caso concreto contextos autônomos e coexistentes capazes de violar o bem jurídico saúde pública de modos diferentes. No caso em análise, o instrumento encontrado, a saber, a balança de precisão, se revela como meio para a prática do crime do art.33, não apresentando as circunstâncias concretas indício de que se vislumbre autonomia para o tipo penal do art. 34.

Também não se aplica o art. 38 da Lei de Drogas porque CARLOS não é, ainda, profissional da área da saúde e porque a prescrição não foi culposa, mas dolosa.

Também não há elementos suficientemente seguros para que se responsabilize CARLOS pelo crime do art. 35 da Lei 11.343, uma vez que não há qualquer menção a uma segunda pessoa.

Comentário 1

O ponto mais difícil da questão é, de fato, a discussão, em nossa opinião, a respeito de se CARLOS deve responder por lesões culposas. Conforme dito, existem posições diversas sobre a hipótese.

Veja-se Hungria:

"O aborto qualificado somente diz com as modalidades criminais previstas nos arts. 125 e 126. O aumento especial da pena não é aplicável à mulher (no caso de sobrevivência desta à lesão sofrida), ainda quando consensiente. No caso de lesões ou morte da mulher, tratando-se de auto-aborto, o instigador ou auxiliar, se houver, será punível, não como tal, mas a título de lesões corporais culposas ou homicídio culposo". (in: Comentários ao Código Penal, v.5. Rio de Janeiro: Forense, 1979, p. 304)

Por seu turno, Damásio:

"o partícipe do auto-aborto, além de responder por este delito, pratica homicídio culposo ou lesão corporal de natureza culposa, sendo inaplicável o disposto no artigo 127 do CP, uma vez que esta norma exclui os casos do artigo 124"(in: Direito Penal: parte especial. 21. Ed. São Paulo: Saraiva, v.2, 1999, p. 120). (grifei)

Esta posição de Damásio é, particularmente, estranha, pois se o próprio autor afirma que as lesões relevantes a título da causa de aumento são as graves, mas que o art. 127 só se aplica aos arts. 125 e 126, então, se o legislador assim resolveu, por que motivo deveria o partícipe responder por crime culposo? Não teria o legislador se omitido de propósito em uma espécie de silêncio eloquente? A parte final do trecho acima leva o leitor a entender que a imputação pelo crime culposo deve ocorrer única e exclusivamente porque tal hipótese não foi abarcada pelo art. 127, CP.

Também a doutrina de Heleno Fragoso, de forma lacônica:

"O agente que participa do auto-abôrto de que resultem lesões coporais graves ou a morte da gestante será punível, conforme o caso, por lesões culposas ou homicídio culpos. (FRAGOSO, Heleno. Lições de direito penal. São Paulo: Livros Jurídicos, 1962, p. 76)

Contra a responsabilização por lesões culposas ou homicídio culposo, Magalhães Noronha:

"cremos, entretanto, que o co-autor não praticará outro delito senão o do artigo 124. Inteiramente estranho à execução, da atividade moral que desenvolveu não pode derivar a morte ou a lesão da mulher; não há nexo de causalidade ante aquela atividade e o evento ocorrido" (Direito penal.33.ed. São Paulo: Saraiva, v. 2, 2003, p. 673)

Assim também Delmanto:

"A matéria não é pacífica na doutrina, mas entendemos que o partícipe que meramente auxilia ou encoraja a gestante a consentir está incurso no art. 124 e não no art. 126 ou 127, ainda que ela morra ou sofra lesão grave" (DELMANTO, Celso. Código Penal Comentado. Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 268-269).

Particularmente, acreditamos que no plano ideal, a controvérsia deveria ser decidida de modo contrário, com base em critérios de imputação objetiva, inclusive, já delineados pelo BGH. Autolesões cometidas por pessoas capazes, responsáveis são impuníveis. São uma decorrência do princípio da lesividade. O caso trata de uma autocolocação em risco (Selbstgefährdung) por pessoa responsável, maior de idade, em suas condições de saúde mental. Ademais, a participação, enquanto conduta acessória dolosa incidente e dependente de uma conduta principal típica e antijurídica, não pode se realizar sequer nesses termos. Isto porque se autolesões são impuníveis, então não existe conduta principal típica e antijurídica sobre a qual pudesse a participação incidir. O resultado causado pela entrega do cloridrato de cocaína exige uma decisão por parte de FLÁVIA, pessoa maior e capaz, ciente de que tal substância possa lhe fazer mal, além de matar o feto. É dificultoso mesmo conceber a figura da lesão culposa aqui a título de autoria daquele que é partícipe no autoaborto. Primeiro porque a conduta de entregar droga a alguém, apesar de configurar tráfico, por si só não é uma conduta de lesão. A lesão depende da decisão da pessoa maior e capaz de ingerir a droga. É por isto mesmo que o tráfico de drogas se afigura como crime de perigo abstrato: prescinde do resultado lesão, sendo suficiente a colocação em perigo de outrem. E, justamente por esta conduta, CARLOS já é responsabilizado (art. 33 da Lei de Drogas).

Segue a posição da jurisprudência alemã do BGH:

"Eigenverantwortlich gewollte und verwirklichte Selbstgefährdungen unterfallen nicht dem Tatbestand eines Körperverletzungs-oder Tötungsdelikts, wenn das mit der Gefährdung bewusst eingegangene Risiko sich realisiert. Wer lediglich eine solche Selbstgefährdung veranlasst, ermöglicht oder fördert, macht sich nicht wegen eines Körperverletzungs-oder Tötungsdelikts strafbar" (Autocolocações em perigo desejadas e realizadas de forma responsável não se enquadram no tipo dos delitos de lesão corporal e de homicídio, mesmo que o risco superveniente se realize com a colocação em perigo consciente. Quem meramente induz, possibilita ou favorece tal autocolocação em perigo não se faz punível por um delito de lesão corporal ou de homicídio) in: Deutsches Strafrecht. Allgemeiner Teil. Band 1. 2.ed. Sttutgart: Kohlhammer, 2004, p.117.

Comentário 2

A despeito do dito acima, acreditamos que o gabarito previa a tomada de posição em favor da tese de Hungria e Damásio. A obra do examinador não parece adotar as implicações da moderna teoria da imputação objetiva em função das justificativas que se seguem: "Contudo, em termos de aplicação prática, em face da legislação penal brasileira, parece-nos que os conceitos da teoria em questão esbarram na adoção expressa , por nós, da teoria da equivalência dos antecedentes que, a rigor, resolve a grande parte, senão a totalidade, dos problemas de imputação possíveis..." (In: MARINHO, Alexandre Araripe e FREITAS, André Guilherme Tavares de. Manual de Direito Penal. Parte Geral...p.208.)

Comentário 3

Sobre a relação entre os tipos penais do art. 33 e do art. 34 da Lei 11.343, eis a posição do STJ: "o tráfico de maquinário visa proteger a 'saúde pública ameaçada com a possibilidade de a droga produzida ', ou seja, tipifica-se conduta que pode ser considerada como mero ato preparatório. Portanto, a prática do art. 33, caput, da Lei de Drogas absorve o delito capitulado no art. 34 da mesma lei, desde que não fique caracterizada a existência de contextos autônomos e coexistente, aptos a vulnerar o bem jurídico de forma distinta. Deve ficar demonstrada a real lesividade dos objetos tidos como instrumentos destinados à fabricação, preparação, produção ou transformação de drogas, ou seja, relevante analisar se os objetos apreendidos são aptos a vulnerar o tipo penal em tela. No caso dos autos, a apreensão de medidores, aquecedores, fogão de boca, liquidificador industrial 5 (cinco) liquidificadores de uso doméstico, triturador elétrico, 8 (oito) peneiras, diversas fitas isolantes, tanques, tonéis, sendo 3 (três) de tamanho grande e 2 (dois) pequenos, 2 (duas) balanças de precisão....e 1 (um) galão de 20 (vinte) litros de amoníaco, todos com resquícios de cocaína em pó ou já transformada em crack, bem como a existência de provas que demonstram a existência de laboratório destinado ao refinamento de cocaína e da transformação desta em crack, demonstram a autonomia das condutas e inviabilizam a incidência do princípio da consunção, por não serem esses objetos meios necessários ou fase normal de execução do tráfico de drogas"(AgRg no AResp 303213-SP, 5ª T., rel. Marco Aurélio Bellizze, DJ 08.10.2013).

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PENAL – 2012) *2ª Questão – Sobre a aplicação da pena responda às seguintes indagações: a) Ao aplicar a pena pode o juiz considerar o privilégio do art. 155, parágrafo 2º, do Código Penal, nos casos de furto qualificado? Resposta fundamentada em consonância com a evolução doutrinária e jurisprudencial (STJ e STF) sobre o tema. b) Enumere as razões pelas quais se fixou entendimento, atualmente sumulado pelo STJ (enunciado 231), no sentido de que as circunstâncias atenuantes não podem reduzir a pena aquém do mínimo legal.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

a) Uma primeira orientação, outrora majoritária em sede doutrinária e jurisprudencial, defende a impossibilidade do furto privilegiado-qualificado. A rigor, por três razões.

Um primeiro argumento, à luz de uma interpretação topográfica do art. 155 do Código Penal, defende que a causa de diminuição do parágrafo 2º só seria aplicável ao furto durante o repouso noturno e ao furto simples. Isto porque o legislador trata das qualificadoras do furto (parágrafos 4º e 5º) em parágrafos distintos e posteriores. Há, no entanto, críticas a este argumento no sentido de que ele inverte o raciocínio, a saber: não é por uma questão topográfica que a causa de diminuição não se aplica, mas por conta do conteúdo normativo ínsito às figuras qualificadas. Noutros termos: a circunstância que impede a incidência da causa de diminuição às figuras do furto qualificado é que tais qualificadoras encerram gravidade maior, incompatíveis com o reconhecimento daquela. Esta crítica é o fundamento para um segundo argumento contrário à possibilidade cogitada na pergunta.

Um segundo argumento sublinha a incompatibilidade entre as espécies. Isto porque as hipóteses de furto qualificado traduzem um injusto penal mais grave, detentor de um desvalor da ação (Handlungsunwert) mais profundo que o desvalor da ação contido nas hipóteses de causas de diminuição do furto (parágrafo 2º). Inconciliáveis, portanto, as espécies.

Um terceiro argumento, que em geral acompanha o segundo, salienta que o reconhecimento do furto privilegiado-qualificado encerraria novo tipo penal, isto é, figura sui generis, não prevista pelo legislador, circunstância esta que significaria violação ao princípio da separação de funções ou poderes e ao princípio da legalidade.

Uma segunda orientação, defendida por considerável setor doutrinário e atualmente acolhida em julgados pelos Tribunais Superiores, admite a figura do furto privilegiado-qualificado.

O Supremo Tribunal Federal admite a compatibilidade entre o privilégio e a qualificadora quando houver primariedade do agente e for de pequeno valor a coisa furtada.

O Superior Tribunal de Justiça também admite o furto privilegiado-qualificado com condicionantes: desde que (i) a(s) qualificadora(s) seja(m) de natureza objetiva; (ii) o fato não seja de maior gravidade; (iii) estejam presentes os requisitos da primariedade do agente e o pequeno valor da coisa furtada e (iv) a pena final não se restrinja à pena de multa isoladamente.

Possível, portanto, que, ao aplicar a pena, o juiz considere o privilégio do art. 155, parágrafo 2º do Código Penal, nos casos de furto qualificado.

b) Em primeiro lugar, a incidência de atenuante não pode levar a pena para aquém do mínimo cominado porque caso isto fosse possível haveria violação ao princípio da separação de funções ou poderes. É cediço que a tarefa de criar incriminações e estipular sanções cabe ao Poder Legislativo e não ao Judiciário. Na medida em que se

faculta ao juiz extrapolar o limite mínimo estipulado pela lei em cada crime, estar-se-á a desrespeitar a vontade do povo representada pelo Legislativo. É como se se permitisse ao juiz criar uma norma (não existente) apta a rebaixar a pena. A rigor, o legislador estabeleceu crimes e cominou penas mínima e máxima, espaço dentro do qual o juiz deve, fundamentadamente, decidir a pena justa ao caso, partindo de uma pena-base a ser considerada a partir da pena mínima.

Em segundo lugar, a incidência de atenuante não pode levar a pena abaixo do mínimo cominado porque caso tal fosse possível haveria violação ao princípio da legalidade. Assevera a Constituição da República: "não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal" (Art. 5º , inciso XXXIX). Disto se extrai que é a lei que comina penas e, também assim, por conseguinte, o limite mínimo e máximo de pena para cada crime.

Em terceiro lugar, é de se observar que o legislador fixou expressamente o quantum de aumento ou redução por ocasião da incidência de majorantes ou minorantes na terceira fase. Na segunda etapa do sistema de aplicação da pena (pena-provisória) o legislador se limitou a dizer que a pena deve ser aumentada ou diminuída conforme a circunstância legal (agravante ou atenuante) presente e incidente, não permitindo, pois, que a agravante tenha o condão de conduzir a pena para além do limite máximo e, tampouco, que a incidência de circunstância atenuante tenha o poder de rebaixá-la para aquém do limite mínimo.

Em quarto lugar, a conclusão de que a circunstância legal atenuante não pode rebaixar a pena para aquém do limite mínimo cominado porque o ponto de partida da fixação da pena-base já é aquele que se inicia a partir do mínimo cominado. Há, portanto, um sistema ou critério próprio que orientou o legislador penal de 1940. Trata-se de um argumento que decorre do próprio sistema de aplicação da pena brasileiro e que também se fundamenta na segurança jurídica que se espera do funcionamento do sistema.

Em quinto lugar, sob a perspectiva político-criminal e das funções da pena, o mínimo de pena cominado a cada delito manifesta uma valoração do legislador quanto ao mínimo de reprimenda aceitável no sistema jurídico-penal brasileiro. Noutros termos: o cometimento do injusto culpável "A" merece uma reprimenda que, no mínimo, preveja a quantidade de pena "B" em função da afetação do bem jurídico-penal "C", o qual ostenta uma importância "D". A ultrapassagem deste limite mínimo só seria cabível em hipóteses insuscetíveis de serem ignoradas, como são as hipóteses de causas de diminuição presentes no ordenamento jurídico-brasileiro, seja porque significam um desvalor menor da ação (como, por exemplo, o homicídio cometido por motivo de relevante valor social ou moral), seja porque significam um desvalor do resultado menor (por exemplo, a tentativa). Tais causas de diminuição incidem sobre a pena provisória e esta incidência é regida por determinadas frações legalmente estabelecidas. Em sexto lugar, caso fosse admitida a redução da pena para aquém do mínimo cominado por ocasião do reconhecimento de uma atenuante, sob pena de ilogicidade, imperativa também a aceitação de que eventual (is) circunstância(s) agravante(s) pudessem conduzir a pena para além do máximo cominado.

Por fim, ao se permitir que a pena restasse abaixo da mínima cominada por ocasião da segunda etapa de aplicação de pena, estar-se-ia, por consectário lógico, permitindo também a elevação da pena acima do máximo cominado, o que resultaria em fixação de pena ilimitada, violando-se o princípio da proporcionalidade e da individualização das penas, este último cláusula pétrea.

Comentário 1

Atualmente a possibilidade é reconhecida pelo enunciado da Súmula 511 do STJ, o que só confirma a tendência da discussão à época da prova: "É possível o reconhecimento do privilégio previsto no § 2º. do art. 155 do CP nos casos de furto qualificado, se estiverem presentes a primariedade do agente, o pequeno valor da coisa e a qualificadora for de ordem objetiva".Antes mesmo da recente edição da súmula:

Informativo nº 0481

Período: 15 a 26 de agosto de 2011.

Terceira Seção

FURTO QUALIFICADO. PRIVILÉGIO. PRIMARIEDADE. PEQUENO VALOR. RES FURTIVA.

A Seção, pacificando o tema, julgou procedente os embargos de divergência, adotando orientação de que o privilégio estatuído no § 2º do art. 155 do CP mostra-se compatível com as qualificadoras do delito de furto, desde que as qualificadoras sejam de ordem objetiva e que o fato delituoso não seja de maior gravidade. Sendo o recorrido primário e de pequeno valor a res furtiva, verificando-se que a qualificadora do delito é de natureza objetiva - concurso de agentes - e que o fato criminoso não se revestiu de maior gravidade, torna-se devida a incidência do benefício legal do furto privilegiado, pois presente a excepcionalidade devida para o seu reconhecimento na espécie. Precedentes citados do STF: HC 96.843-MS, DJe 23/4/2009; HC 100.307-MG, DJe 3/6/2011; do STJ: AgRg no HC 170.722-MG, DJe 17/12/2010; HC 171.035-MG, DJe 1º/8/2011, e HC 157.684-SP, DJe 4/4/2011. EREsp 842.425-RS, Rel.Min. Og Fernandes, julgados em 24/8/2011.

Informativo nº 0459

Período: 6 a 10 de dezembro de 2010.

Quinta Turma

HC. FURTO PRIVILEGIADO E QUALIFICADO.

Trata-se de habeas corpus impetrado pela Defensoria Pública contra acórdão do TJ em que o paciente foi condenado ao cumprimento de dois anos de reclusão em regime aberto, substituído por prestação de serviços à comunidade por igual período e, ainda, ao pagamento de dez dias-multa por violação do art. 155, § 4º, III e IV, do CP. Isso porque o paciente, juntamente com o corréu e mediante o emprego de chave falsa (mixa), subtraiu para si um aparelho toca-cds que se achava instalado no interior do veículo, sendo que não houve prejuízo à vítima, pois a res furtiva foi recuperada. As instâncias ordinárias reconheceram que o paciente

era primário, bem como que a res furtiva foi avaliada em R$ 150,00 - consta do auto de avaliação indireta juntado aos autos que esse valor era inferior ao salário mínimo vigente de R$ 240,00 à época do delito (janeiro de 2004). Busca a impetração o reconhecimento do furto privilegiado, aplicando-se ao paciente pena de multa; para isso, alega que a conduta perpetrada pelo agente se amolda ao tipo previsto no art. 155, § 2º, do CP. Para o Min. Relator, a questão dos autos envolve admitir ou não, em nosso ordenamento jurídico, a figura do furto qualificado-privilegiado. Assevera que o acentuado desvalor de ação nas hipóteses de furto qualificado não pode ser abalado ou neutralizado pela configuração de dados componentes do furto privilegiado(menor desvalor de resultado e primariedade), visto que o furto privilegiado se identificaria com o furto bisonho de um réu primário. Afirma não guardar o furto privilegiado relação com as maneiras de agir (revoltantes e atrevidas) descritas no § 4º do art. 155 do CP (furto qualificado). Ademais, explica que, se o desvalor de resultado não distingue, em termos do bem jurídico patrimônio, o ilícito penal do ilícito civil, carece de sentido jurídico aceitar que, nofurto, um menor desvalor de resultado possa nulificar o acentuado desvalor de ação (fator decisivo, aqui, na identificação do grau do injusto). Considera ainda o Min. Relator, entre outras questões, que, se fosse aplicado ao § 4º o disposto no § 2º, ter-se-ia acentuada diferença de tratamento penal na aplicação ao réu reincidente em comparação ao primário; no concurso de agentes, o primário ficaria com pena simbólica e o reincidente, com pena acima de dois anos de reclusão (dada a agravante), mas ressalta que a mesma situação poderia ocorrer em processos distintos. Observa, com base na doutrina e na jurisprudência, que, se fosse diferente, toda tentativa de furto seria, em verdade, tentativa de furto privilegiado. Conclui que, ainda que a res furtiva seja de pequeno valor (e não ínfimo, porquanto esse implicaria a incidência do princípio da insignificância) e o réu seja primário, não se aplica ao furto qualificado a minorante do § 2º do mesmo artigo e codex citados. Não obstante os abalizados argumentos do Min. Relator, a Turma, ao prosseguir o julgamento, concedeu a ordem, aderindo, por maioria, ao voto vista do Min. Jorge Mussi, de acordo com a mais recente orientação do Supremo Tribunal Federal a qual afirma não haver qualquer incompatibilidade teórica ou legal da incidência do privilégio do § 2º do art. 155 do CP às hipóteses de furto qualificado, desde que as qualificadoras sejam de ordem objetiva e que a pena final não fique restrita à multa. O voto vista aplicou, em favor do paciente, o privilégio do § 2º do art. 155 do CP, observando que sua pena definitiva ficou em oito meses de reclusão, substituída por prestação de serviços à comunidade por igual período em local e hora a serem designados pelo juízo da execução, além do pagamento de sete dias-multa, mantidos, no mais, a sentença e o acórdão impugnado. Também noticiou que a Sexta Turma deste Superior Tribunal vem reconhecendo a compatibilidade entre o furto qualificado e o privilégio disposto no § 2º do art. 155 do CP, conforme a orientação do STF. Precedentes citados do STF: HC 102.490-SP, DJe 18/6/2010; HC 97.034-MG, DJe 7/5/2010; HC 99.569-MG, DJe 12/3/2010; HC 99.581-RS, DJe 5/3/2010; HC 96.752-RS, DJe 14/8/2009; HC 96.843-RS, DJe 14/6/2009; no STJ: REsp 77.143-SP, DJ 10/6/1996; REsp 84.671-SP, DJ 17/2/1997; HC 124.238-MG, DJe 7/12/2009, e HC 118.206-MG, DJe 8/6/2009. HC 157.684-SP, Rel. originário Min. Felix Fischer, Rel. para acórdão Min. Jorge Mussi, julgado em 7/12/2010.

A jurisprudência do STF no mesmo sentido:

Ementa: penal. Recurso ordinário em habeas corpus. Furto qualificado pelo abuso de confiança - art. 155, § 4º, II, do CP. Aplicação da figura privilegiada do § 2º do art. 155

- primariedade e pequeno valor da coisa. Compatibilidade. Precedentes. 1. O furto qualificado privilegiado encerra figura harmônica com o sistema penal no qual vige a interpretação mais favorável das normas penais incriminadoras, por isso que há compatibilidade entre os §§ 2º e 4º do art. 155 do Código Penal quando o réu for primário e a res furtivae de pequeno valor, reconhecendo-se o furto privilegiado independentemente da existência de circunstâncias qualificadoras. Precedentes: HC 96.843, Relatora a Ministra Ellen Gracie, 2ª Turma, DJe de 24/04/2009; HC 97.034, Relator Min. Ayres Britto, 1ª Turma, DJe de 07/05/2010; HC 99.222, Relatora Ministra Cármen Lúcia, 1ª Turma, DJe de 089/06/2011; e HC 101.256, Relator Min. Dias Toffoli, 1ª Turma, DJe de 14/09/2011). 2. In casu, os requisitos legais reclamados pelo § 2º do art. 155 do Código Penal para o reconhecimento do furto privilegiado restaram reconhecidos: primariedade e pequeno valor da coisa subtraída (aproximadamente 100 reais), não devendo prevalecer, no ponto, por contrariar a jurisprudência desta Corte, os acórdãos da apelação e o ora impugnado, porquanto afastaram a aplicação da figura privilegiada sob o singelo fundamento de sua incompatibilidade com a qualificadora do § 4º, II, do art. 155 do Código penal. 3. Recurso ordinário provido para restabelecer a sentença condenatória no ponto em que, reconhecendo a figura privilegiada no crime de furto qualificado, substituiu a pena de dois anos de reclusão por detenção pelo mesmo tempo (RHC 115225 / DF - DISTRITO FEDERAL

Julgamento: 12/03/2013).

Também em trechos de ementas contidas nos informativos n. 519 e 540, respectivamente, se nota a postura do Tribunal:

"Em seguida, salientou-se a compatibilidade, em determinadas hipóteses, da incidência do art. 155, § 2º, do CP, ao furto qualificado ("Art. 155. ... § 2º - Se o criminoso é primário, e é de pequeno valor a coisa furtada, o juiz pode substituir a pena de reclusão pela de detenção, diminuí-la de um a dois terços, ou aplicar somente a pena de multa."). Tendo isso em conta, bem como a primariedade do paciente, o pequeno valor da coisa furtada e a ausência de circunstâncias judiciais desfavoráveis (CP, art. 59), concedeu-se, de ofício, o writ para se reduzir a pena-base, fixada em 2 anos, em 2/3 (CP, art. 155, § 2º), o que conduz à pena corporal de 8 meses, tornada definitiva. Ademais, diante da regra contida no art. 44, § 2º, do CP, esclareceu-se que a substituição da pena privativa de liberdade por uma restritiva de direito, consistente na prestação de serviços à comunidade, será feita na forma a ser definida pelo juízo das execuções criminais, no tempo estabelecido para a pena privativa de liberdade. Afastou-se, por fim, a substituição da pena corporal por multa (CP, art. 44, § 2º, 1ª parte) ou a imposição de somente pena de multa (CP, art. 155, § 2º, parte final), em face da circunstância de haver a qualificadora do inciso IV do § 4º do art. 155 do CP.

HC 94765/RS, rel. Min. Ellen Gracie, 9.9.2008. (HC-94765)

" A Turma, superando a restrição do Enunciado 691 da Súmula do STF, deferiu habeas corpus para aplicar a minorante prevista no § 2º do art. 155 do CP ("Se o criminoso é primário, e é de pequeno valor a coisa furtada, o juiz pode substituir a pena de reclusão pela de detenção, diminuí-la de um a dois terços, ou aplicar somente a pena de multa.") à pena de condenado por furto qualificado mediante concurso de pessoas (CP, art. 157, § 4º, IV). Assentou-se, de início, que se deveria considerar como critério norteador a verificação da compatibilidade

entre as qualificadoras (CP, art. 155, § 4º) e o privilégio (CP, art. 155, § 2º) e, a esse respeito, entendeu-se que, no segmento do crime de furto, não haveria incompatibilidade entre as regras constantes dos dois parágrafos referidos. Reputou-se, então, possível, na espécie, a incidência do privilégio estabelecido no § 2º do art. 155 do CP, visto que, apesar de o crime ter sido cometido em concurso de pessoas, o paciente seria primário e a coisa furtada de pequeno valor (R$ 125,00). Tendo isso em conta, reduziu-se, em 2/3, a pena-base fixada em 2 anos e 4 meses de reclusão, o que conduziria à pena corporal de 9 meses e 10 dias de reclusão. Enfatizou-se, por fim, que o cumprimento da pena restritiva de direito, consistente na prestação de serviço à comunidade, será feito na forma a ser determinada pelo magistrado sentenciante, observado, como período, o cumprimento da pena ora fixada.

HC 96843/MS, rel. Min. Ellen Gracie, 24.3.2009. (HC-96843)

Comentário 2

Resposta ao item b também foi baseada na obra dos examinadores, já citados nesta edição. MARINHO, Alexandre Araripe e FREITAS, André Guilherme Tavares de. Manual de Direito Penal. Parte Geral. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011, p. 577. Veja-se citação de SHECAIRA e CORRÊA JUNIOR, contida no livro: "Entre os argumentos que amparam a versão sumulada, pode ser citado aquele segundo o qual o legislador, através das causas gerais ou especiais de aumento ou diminuição, estabeleceu de forma expressa a quantidade de alteração que a sanção deve sofrer na terceira fase do cálculo. Ao contrário, na segunda fase, o legislador não autorizou que se excedesse o mínimo ou o máximo cominado abstratamente, estabelecendo apenas que a pena deveria ser alterada para baixo ou para cima, de acordo com a natureza da circunstância legal verificada".

Comentário 3

A título de acréscimo ao debate da questão em si, interessante a explicação de Bruno Salles Pereira Ribeiro, em seu artigo intitulado 'A possibilidade de redução da pena aquém do mínimo legal pelo reconhecimento de circunstâncias atenuantes: uma nova leitura da função dos marcos penais'. Assim destaca o autor: "Como já pudemos pontuar, o rechaço à tese de que as atenuantes possam diminuir a pena provisória aquém do mínimo legal vai encontrar seu fundamento no antigo art. 42 do Código Penal brasileiro, o qual não distinguia as circunstâncias judiciais e atenuantes e impunha que sua aplicação se circunscrevesse aos limites cominados no preceito secundário do tipo penal. Assim, com fundamento no princípio da legalidade, em respeito ao texto expresso da lei, doutrina e jurisprudência foram uníssonas no sentido de que apenas as causas de diminuição e aumento de pena poderiam exceder os limites estabelecidos nos tipos penais. Além da interpretação dada ao antigo art. 42 do Código Penal, levanta-se um fundamento linguístico para a vedação de extrapolação das circunstâncias legais, bem como para permissão, nos casos das causas de aumento e diminuição. A interpretação semântica dos verbos "aumentar" e "diminuir", como somar ou subtrair, além do já cominado seria o fundamento da possibilidade de se avançar ou recuar fora dos marcos estabelecidos no preceito secundário. Da mesma forma, os verbos "agravar" e "atenuar" guardariam consigo o

sentido de se manter a mesma pena, aplicando-a apenas de maneira diferida, com mais ou menos intensidade". Disponível em: http://www.tribunavirtualibccrim.org.br/artigo/2-A-possibilidade-de-reducao-da-pena-aquem-do-minimo-legal-pelo-reconhecimento--decircunstancias-atenuantes:-uma-nova-leitura-da-funcao-dos-marcos-penais

Comentário 4

É de conhecimento do candidato bem preparado que existem vozes importantes defensoras da possibilidade de redução da pena para aquém do mínimo legal por ocasião da incidência de atenuante. Optou-se por não aduzir tais críticas na resposta por duas razões: a pergunta deseja saber as razões pelas quais o enunciado da súmula 231 deve se impor, e não o contrário. Em segundo lugar, a apresentação das críticas, apesar de enriquecer a questão (talvez não de forma determinante), poderia tomar tempo do candidato para outras questões da prova. A administração do tempo é essencial.

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PENAL -2009) *1ª Questão - TÍCIO, indivíduo do sexo masculino, perfeitamente sadio, com 25 anos de idade, é transexual assumido, manifestando desde a infância, para todos os que o conheciam, o desejo de eliminar os genitais masculinos e perder todas as características primárias e secundárias de seu sexo anatômico natural, para adquirir as do sexo oposto. Tal insatisfação com suas características sexuais sempre causou a TÍCIO grande sofrimento psíquico, apresentando constantes quadros de depressão e forte desejo de automutilação. Através da indicação de amigos, TÍCIO procurou o cirurgião MÉVIO para consultá-lo a respeito de cirurgia de mudança de sexo e o cirurgião propôs a TÍCIO a realização de procedimento cirúrgico denominado neocolpovulvoplastia, consistente na amputação do pênis, retirada dos testículos e posterior criação, através de técnicas de cirurgia plástica, de uma cavidade com aparência de órgão sexual feminino. Após assinatura de termo de concordância expressa do paciente, a cirurgia foi realizada em 23 de março de 2009, no Hospital XXX, com absoluto sucesso, sendo certo que TÍCIO ficou extremamente satisfeito com sua nova condição anatômica. Outrossim, cessaram inteiramente os problemas psíquicos decorrentes de sua insatisfação com o sexo masculino. Tomando conhecimento do fato, determinada associação religiosa, através de seu advogado, ofereceu notícia de crime perante a Autoridade Policial, imputando ao cirurgião MÉVIO, a FÚLVIO, médico assistente, a SEMPRÔNIO, médico anestesista e a NEIDE e PERLA, respectivamente instrumentadora e enfermeira, a prática do crime capitulado no art. 129, parágrafo 2º, III, do Código Penal, ressaltando ser o corpo humano dádiva divina e a integridade corporal protegida pela Constituição da República. Instaurado inquérito policial, os fatos foram integralmente comprovados e o laudo de exame de corpo de delito a que TÍCIO foi submetido constatou a existência de lesão à integridade física e perda da função reprodutora pela retirada da bolsa escrotal, dos testículos e do pênis. Relatado, o inquérito foi encaminhado ao Ministério Público para a "opinio delicti". Na qualidade de Promotor de Justiça, analise os fatos sob o aspecto*

jurídico-penal e redija a peça que entender cabível. OBS: A PEÇA NÃO DEVERÁ SER ASSINADA, SOB PENA DE ELIMINAÇÃO DO CONCURSO.

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

EXMO.SR.DR.JUIZ DE DIREITO DA COMARCA DE _____ DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

REFERÊNCIA - AUTOS DO INQUÉRITO POLICIAL nº_____

O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, presentado pela ___Promotoria de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, que a esta subscreve, em obediência ao art. 43, III da Lei 8.625 e no uso de suas atribuições, vem apresentar

PROMOÇÃO DE ARQUIVAMENTO

pelas razões a seguir descritas.

I. Do Relatório

O presente inquérito policial foi instaurado a partir de notícia de crime oferecida por associação religiosa, por intermédio de seu advogado, ofereceu notícia de crime imputando ao cirurgião Mévio, a Fúlvio, médico assistente, a Semprônio, médico anestesista e a Neide e Perla, respectivamente instrumentadora e enfermeira, a prática do crime capitulado no art. 129, parágrafo 2º, III, do Código Penal, ressaltando ser o corpo humano dádiva divina e a integridade corporal protegida pela Constituição da República.

Realizadas as diligências, os fatos foram integralmente comprovados e o laudo de exame de corpo de delito a que Tício foi submetido constatou a existência de lesão à integridade física e perda da função reprodutora pela retirada da bolsa escrotal, dos testículos e do pênis.

Eis o breve relatório.

II. Da Fundamentação

Ao regular exercício da ação penal é imprescindível a demonstração de que a imputação realizada não é temerária, mas lastreada em um suporte indiciário mínimo ou justa causa, o que inclui a presença de indícios de autoria, existência material do crime, enquanto fato objetiva e subjetivamente típico e um mínimo de convicção a partir dos elementos informativos quanto à antijuridicidade e culpabilidade da conduta. Este proceder decorre do sistema acusatório moderno e da premissa de que o ônus da prova cabe à acusação, concretizando nada menos do que o comando do art. 41 do Código de Processo Penal, o qual impõe que a ação penal contenha a exposição do fato criminoso, com todas as suas circunstâncias.

As condutas dos profissionais da área médica, investigadas nos autos do inquérito policial em epígrafe, não correspondem a um conjunto indiciário mínimo capaz de

afirmar a existência de um fato típico com algum início de prova de antijuridicidade e culpabilidade. Isto porque não se constatam: a) elementos afirmativos de adequação típica subjetiva (inexistência de dolo) e b) elementos indicativos de antijuridicidade das condutas em virtude da concorrência de causa excludente de ilicitude manifesta, a saber, o exercício regular de direito à luz da incidência de consentimento do ofendido válido e legitimamente obtido.

A hipótese fática dos autos traz a lume a situação de (i) uma pessoa maior de idade, com 25 (vinte e cinco) anos; (ii) que apresenta saúde plena; (iii) evidente descompasso entre o sexo anatômico biológico e o perfil psicológico e existencial, desde cedo. Situação esta que é (iv) de conhecimento geral no círculo social daquela, bem como são patentes (v) o desejo de Tício de apresentar um corpo compatível com a sua orientação psicológico-existencial, pleito perfeitamente legítimo em função da dignidade da pessoa humana, e (vi) o profundo sofrimento em virtude do descompasso apontado. Além disto, houve (vi) expresso consentimento do ofendido, mediante termo assinado, após consulta esclarecedora das técnicas e conseqüências do procedimento cirúrgico aplicável.

Imperioso destacar que a transexualidade é classificada pela Organização Mundial de Saúde como transtorno de identidade de gênero dentro da categoria das disfunções sexuais, fatores delineados pelo Ministério da Saúde como determinantes e condicionantes para a situação da saúde. A Portaria 1.707 de 2008 do Ministério da Saúde e a Resolução 1.652/2002 do Conselho Federal de Medicina, em seus arts. 3º e 4º, autorizam a cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia desde que preenchidos requisitos mínimos, a saber: desconforto com o sexo anatômico natural; o desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto; a permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos; a ausência de outros transtornos mentais; o diagnóstico médico de transgenitalismo; ser a pessoa maior de 21 (vinte e um) anos e a ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia. Tais requisitos estão preenchidos no caso vertente.

Destarte, em primeiro lugar, não há elementos suficientes que permitam afirmar a existência de dolo. Sendo (a) o dolo a vontade consciente de realizar os elementos constitutivos do tipo penal e sendo (b) a intervenção médico-cirúrgica autorizada, segura e realizada com finalidade terapêutica de adequação do sexo anatômico natural ao sexo psicológico de Tício, não há na conduta dos profissionais responsáveis pela cirurgia a vontade de lesionar o bem jurídico integridade física, mas, ao revés, vontade consciente direcionada a produzir um resultado terapêutico, o que vai ao encontro do princípio da dignidade da pessoa humana, pilar republicano, no contexto do próprio direito à saúde, da autorrealização da própria personalidade e da vedação constitucional à discriminação. Não há suporte indiciário de que houve dolo de lesionar, o que torna impossível a afirmação da tipicidade subjetiva da conduta.

Em segundo lugar, se há previsão normativa autorizando e fomentando a cirurgia nos moldes acima delineados, inclusive pelo S.U.S, então há uma clara hipótese de exercício regular de direito (CP, art. 23, inciso III, in fine) lastreado em consentimento do

ofendido regular e validamente manifestado e obtido. As condutas dos profissionais de saúde investigadas nos autos do inquérito policial encontram-se, portanto, de acordo com o conjunto de proibições e permissões do ordenamento jurídico-penal brasileiro. O que é permitido e, segundo a mencionada Portaria, inclusive, fomentado nas hipóteses aplicáveis, não pode ser considerado ilícito.

O consentimento do ofendido é causa supralegal de exclusão da ilicitude e, para que seja aplicável, exige a concorrência de alguns requisitos: a) a concordância livre do ofendido, isto é, sem coações, fraudes ou outros vícios que maculem a vontade manifestada; b) a disponibilidade do bem jurídico lesionado ou posto em perigo; c) que no instante do consentimento, o ofendido esteja ciente das conseqüências e do real significado e alcance da decisão que dispõe do bem jurídico em questão. Noutros termos, o consentimento deve ser informado, bem como o ofendido deve ser capaz e estar em condições de consentir quando da disposição do bem jurídico. Por fim, deve haver relação de identidade entre a conduta lesiva do bem jurídico acerca do qual o ofendido dispôs com o que efetivamente estava previsto, de modo que a conduta concretamente não extrapole os limites do consentimento. Considerando que a cirurgia foi, comprovadamente, exitosa e atingiu a finalidade terapêutica pretendida em benefício de Tício, o consentimento foi válido, legítimo e eficaz.

III. Da Conclusão

Considerando que o princípio da obrigatoriedade da ação penal tem como pressuposto a afirmação de indícios de autoria, de prova da existência do delito enquanto fato objetiva e subjetivamente típico, além de alguma prova da antijuridicidade e culpabilidade da conduta, perfazendo-se suporte indiciário mínimo apto a descrever e imputar a conduta criminosa com todas as suas circunstâncias e que no caso vertente não há elementos para afirmar a adequação típica subjetiva da conduta ao crime de lesão corporal grave, bem como não há, minimamente, elementos para afirmar a antijuridicidade da conduta, sem prejuízo do art. 18 do Código de Processo Penal, requer o Ministério Público, com fulcro no art. 28, CPP, o arquivamento dos autos do inquérito policial em comento.

Comentário 1

O Enunciado n. 06 da I Jornada do CJF assevera que "a expressão "exigência médica" contida no art. 13 refere-se tanto ao bem-estar físico quanto ao bem-estar psíquico do disponente". O Enunciado n. 276, da IV Jornada do CJF, por seu turno, destaca que "o art. 13 do Código Civil, ao permitir a disposição do próprio corpo por exigência médica, autoriza as cirurgias de transgenitalização, em conformidade com os procedimentos estabelecidos pelo Conselho Federal de Medicina, e a consequente alteração do prenome e do sexo no Registro Civil". Se a conduta da equipe médica não desafiaria sequer ilícito civil, com muito mais razão não há se falar em ilícito penal.

Comentário 2

Segundo a doutrina, o consentimento do ofendido ora pode funcionar como causa de exclusão da tipicidade ou consentimento destipificante (Die tatbestandsausschließende Einverständnis) sob a forma de concordância, ora como causa de exclusão da ilicitude ou consentimento justificante (Die rechtfertigende Einwilligung). Como assevera Roxin, funciona como causa de exclusão de tipicidade naqueles casos em que 'a ação típica pressupõe já conceitualmente um agir contra ou sem a vontade do ofendido' [...bei denen die Tatbestandhandlung schon begrifflich ein Handeln gegen oder ohne den Willen des Verletzten voraussetzt]. Por seu turno, o consentimento do ofendido como exclusão da antijuridicidade ou, no dizer de Roxin, o consentimento em sentido estrito, só deve ser concedido quando o consentimento do portador do respectivo bem jurídico tiver efeito de justificação, sem excluir a realização do tipo. Neste ponto, ainda segundo o autor, os exemplos mais significativos são os tipos penais de lesão corporal (como no caso da pergunta) e de dano. [in: Strafrecht. Allgemeiner Teil. 4.ed. München: CH Beck, 2006, p. 540]. Ou, ainda, nas palavras certeiras de Wessels "diferentemente do consentimento excludente do tipo, o consentimento justificante é por sua natureza uma renúncia à proteção jurídica. Seu âmbito de influência restringe-se, por isso, aos casos nos quais o ordenamento jurídico concede a possibilidade aos protegidos de fazer uso de seu direito de autodeterminação por meio da renúncia de seus bens". [Anders als das tatbestandsausschließende Einverständnis ist die reschtfertigende Einwilligung ihrem Wesen nach ein Verzicht auf Rechtsschutz. Ihr Wirkungsbereich beschränkt sich daher auf Fälle, in denen die Rechtsordnung dem Geschützten die Möglichkeit einräumt, von seinem Selbstbestimmungsrecht durch Preisgabe seiner Güter Gebrauch zu machen" - In: WESSELS/BEULKE. Strafrecht. Allgemeiner Teil. Die Straftat und ihr Aufbau. 39.ed. Heidelberg: CF Müller, 2009, p.130].

Comentário 3

É de conhecimento geral do estudioso do direito penal a tese de Eugênio Raúl Zaffaroni, segundo a qual, a partir da teoria da tipicidade conglobante, a hipótese da questão daria azo à exclusão da tipicidade. Pois, com base no princípio republicano, o que é fomentado pelo Estado não pode, simultaneamente, ser considerado típico para fins de relevância penal. Não obstante o reconhecimento do valor da teoria, neste ponto, na obra de um dos examinadores, é relevante citar passagem do livro deste sobre a discussão: "Aplica-se o conceito de antinormatividade fundamentalmente para recolocar os casos de condutas justificadas pelas causas legais de exclusão de ilicitude do estrito cumprimento de dever legal (v.g., o oficial de justiça que, munido de mandado, viola uma residência para realizar uma diligência) e do exercício regular de direito (v.g, intervenções cirúrgicas; violência esportiva) e da causa supralegal relativa ao consentimento do ofendido, no âmbito da própria tipicidade, retirando essas causas da esfera da antijuridicidade. (...) Conquanto reconheçamos que o conceito de antinormatividade faz sentido, na verdade é válido somente de lege ferenda, vez que, não há dúvida de que o legislador expressamente incluiu o estrito cumprimento do dever legal e do exercício regular de direito entre as causas de exclusão de ilicitude..." (MARINHO, A.A.; FREITAS, André G.T de. Manual de Direito Penal - Parte Geral...p.242, 243).

(XXXI CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PENAL –2009) *2ª Questão – Estabeleçaas diferenças entre as circunstâncias judiciais, as qualificadoras, as agravantes e atenuantes e as causas de aumento e de diminuição, indicando em que momentos da aplicação da pena devem ser consideradas e os critérios para a respectiva dosagem.*

Autor: Leonardo Zulato

Sugestão de resposta

Os tipos penais são formados por uma unidade subjetiva e objetiva de elementos descritivos e normativos. Diferentemente, as circunstâncias são aspectos exteriores ao tipo penal, não contribuindo para existência ou não existência do delito. Essas tampouco alteram a designação típica. As circunstâncias, assim, são dados e fatos exteriores ao tipo influenciando na mensuração da pena, ou seja, no seu abrandamento ou exasperação.

Neste sentido, o estudo das circunstâncias é de suma importância para a correta aplicação da pena e podem ser divididas em duas espécies, basicamente, circunstâncias judiciais e circunstâncias legais, classificadas estas últimas como agravantes, atenuantes, causas de aumento e diminuição de pena.

As circunstâncias judiciais são aquelas que a lei não define, deixando a cargo do juiz a função de identificá-la e mensurá-las concretamente. As circunstâncias judiciais estão previstas no artigo 59 do Código Penal. Ressalte-se que há o dissenso doutrinário de que estas também seriam circunstâncias legais, vez que a lei expressamente prevê a sua observância pelo magistrado na dosimetria da pena.

As circunstâncias judiciais possuem suma relevância na fixação da sanção penal e devem ser utilizadas na fundamentação da escolha qualitativa da pena (artigo 59, I), na fixação quantitativa da pena (artigo 59, II), no regime inicial de cumprimento de pena (59, III) e na substituição da pena privativa de liberdade por restritivas de direitos (59, IV).

As circunstâncias judiciais são a culpabilidade, antecedentes, conduta social, personalidade, circunstâncias e consequências do crime, e o comportamento da vítima. Estas são analisadas na fixação da pena-base.

As circunstâncias legais, como dito acima, estão expressamente relacionadas na lei. Dividem-se em agravantes, atenuantes, causas de aumento e de diminuição de pena. Podem ser genéricas se estiverem previstas na Parte Geral do Código Penal ou específicas caso previstas na Parte Especial do Código Penal.

Saliente-se, por oportuno, que as qualificadoras e os privilégios são elementares do tipo derivado, não se podendo dizer que estas são circunstâncias ou elementos acidentais, mas sim verdadeiras elementares adicionais ao tipo fundamental. Em razão dessas novas elementares, há previsão de novos limites de pena, diferenciando as penas do tipo fundamental e do tipo derivado. As qualificadoras são elementares previstas no tipo derivado que provocam a fixação de maiores limites de cominação de pena.

Nesse sentido, as qualificadoras identificam o tipo derivado ao qual se adéqua a conduta, antes mesmo da fixação da pena-base.

As agravantes são circunstâncias legais genéricas previstas taxativamente nos artigos 61 e 62 do Código Penal. Estas devem necessariamente ser reconhecidas pelo juiz e exasperam a pena-base na segunda fase da dosimetria da pena. Incidem, apenas, nos crimes dolosos, ressalvada a hipótese de reincidência que incide também nos crimes culposos. As atenuantes são circunstâncias legais genéricas previstas exemplificativamente nos artigos 65 e 66 do Código Penal. Estas reduzem a pena-base na segunda fase da dosimetria da pena. Os quantitativos de aumento ou de diminuição da pena-base em função das atenuantes ou agravantes não foram previstos pelo legislador.

As causas de aumento e diminuição de pena são circunstâncias legais que determinam a majoração ou minoração da pena intermediária através de frações previstas pelo legisladorde forma fixa ou variável. Esta característica as diferencia das agravantes e atenuantes, vez que estas não possuem patamar de majoração ou minoração previsto em lei. Ademais, diferenciam-se das agravantes e atenuantes por serem consideradas na terceira fase da dosimetria da pena. Tampouco se confundem com qualificadoras ou privilégios, eis que estes são elementares do tipo derivado e são levadas antes mesmo da fixação da pena-base.

O artigo 68 do Código Penal prevê que a pena-base será fixada atendendo-se ao critério do artigo 59 (circunstâncias judiciais - primeira fase da dosimetria); em seguida serão consideradas as circunstâncias atenuantes e agravantes (segunda fase da dosimetria da pena); por último, as causas de diminuição e de aumento (terceira fase da dosimetria da pena). Este é o sistema trifásico da dosimetria da pena.

Há grande divergência sobre a forma de dosagem das circunstâncias judiciais e do ponto de partida da pena.

Parte da doutrina sustenta que a pena-base parte do mínimo legal. Outros defendem o termo médio que é a soma da pena máxima com a pena mínima dividido por dois.

No que toca à dosagem das circunstâncias judiciais, alguns doutrinadores sustentam o critério matemático, sendo que a pena-base deve ser majorada em 1/8 (um oitavo)a cada circunstância judicial reconhecida de forma negativa. Essa fração incidiria sobre a diferença entre a pena máxima e a pena mínima. Outros defendem a utilização da proporcionalidade, sem a fixação de um patamar único.

Em relação às agravantes e atenuantes, a doutrina sustenta, face o vazio legislativo, que as agravantes ou atenuantes preponderantes majoram ou minoram a pena-base fixada na primeira fase da dosimetria da pena em 1/6 (um sexto). Outros autores sustentam a aplicação de patamares proporcionais, sem valores fixos.

Saliente-se que a pena intermediária não pode ficar aquém do mínimo legal, conforme enunciado n.º231 da súmula de jurisprudência dominante do Superior Tribunal de Justiça. Além disso, o artigo 67 do Código Penal revela as agravantes e atenuantes preponderantes na hipótese de concurso entre estas. No caso de concurso, parte da

doutrina sustenta a neutralização de ambas, agravantes e atenuantes, mantendo-se a pena-base. Outros pensadores sustentam a majoração ou redução em menor patamar, ou seja, 1/12 (um doze avos), por exemplo. Tal fração importaria em não desconsiderar nenhum aspecto relevante para a produção da norma jurídica justa.

As causas de aumento e diminuição de pena são aplicadas na terceira fase da dosimetria da pena. Estas não devem respeito aos limites mínimos ou máximos da pena prevista em abstrato. As causas de aumento e diminuição devem ser aplicadas em cascata. Esta regra evita que se chegue a uma pena zero na hipótese de concursos de causas de diminuição. O parágrafo único do artigo 68 do Código Penal autoriza ao juiz aplicar apenas um aumento ou uma diminuição no concurso de causas especiais de aumento ou diminuição. As frações fixas são aplicadas sem possibilidade de majoração ou redução de seu patamar. As frações variáveis são aplicáveis de acordo com a intensidade da majorante ou da minorante, ou seja, depende da natureza da cada causa.

Comentário 1

Resposta baseada na obra de Marinho, Alexandre Araripe; e Freitas, André Guilherme Tavares, Manual de Direito Penal. 2ª Edição. Lumen Juris Editora, fls.517/584.

Comentário 2

A questão data de 2010. Hodiernamente, seria de suma relevância abordar a temática da compensação entre a confissão espontânea e a reincidência. Para o STJ, "(...)HABEAS CORPUS SUBSTITUTIVO DE RECURSO PRÓPRIO. (...) 2) CONFISSÃO ESPONTÂNEA E REINCIDÊNCIA. COMPENSAÇÃO. ERESP N. 1154752/RS. (...)ORDEM CONCEDIDA DE OFÍCIO. - Nos termos da jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça - STJ, se a confissão do réu, ainda que parcial, for utilizada para fundamentar a condenação, como ocorreu na hipótese, de rigor a incidência da respectiva atenuante.- Esta Corte Superior, no julgamento dos Embargos de Divergência n. 1.154.752/RS, pacificou o posicionamento de que a atenuante da confissão espontânea deve ser compensada com a agravante da reincidência, reconhecendo que ambas as causas são igualmente preponderantes.(...) Habeas corpus não conhecido. Ordem concedida, de ofício, para reduzir a pena aplicada ao paciente.(HC 246.258/SP, Rel. Ministro ERICSON MARANHO (DESEMBARGADOR CONVOCADO DO TJ/SP), SEXTA TURMA, julgado em 19/03/2015, DJe 27/03/2015) "quando do julgamento dos EREsp n. 1.154.752/RS (DJe 4.9.2012), a Terceira Seção deste Superior Tribunal pacificou o entendimento no sentido de que é possível, na segunda fase da dosimetria da pena, a compensação da agravante da reincidência com a atenuante da confissão espontânea, por serem igualmente preponderantes, de acordo com o artigo 67 do Código Penal.". Contudo, o STF ainda possui jurisprudência no sentido da preponderância da reincidência "Ementa: Habeas Corpus substitutivo de recurso ordinário. Roubo circunstanciado. Compensação da agravante da reincidência com a atenuante da confissão espontânea. Impossibilidade 1. O acórdão impugnado está em conformidade com a jurisprudência de ambas as Turmas do Supremo Tribunal Federal, no sentido de que, a teor do art. 67 do Código Penal, "a agravante da reincidência

prepondera sobre a atenuante da confissão espontânea, razão pela qual é inviável a compensação pleiteada" (RHC 110.727, Rel. Min. Dias Toffoli). 2. Habeas Corpus extinto sem resolução de mérito por inadequação da via processual. (HC 105543, Relator(a): Min. ROBERTO BARROSO, Primeira Turma, julgado em 29/04/2014, PROCESSO ELETRÔNICO DJe-100 DIVULG 26-05-2014 PUBLIC 27-05-2014)."

Comentário 3

Também seria prudente abordar o enunciado n.º 443 da súmula de jurisprudência dominante do Superior Tribunal de Justiça: "O aumento na terceira fase de aplicação da pena no crime de roubo circunstanciado exige fundamentação concreta, não sendo suficiente para a sua exasperação a mera indicação do número de majorantes.".

DIREITO PROCESSUAL CIVIL

7.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *Questão 10 - Direito Processual Civil - Funcionário Público estadual, inconformado com o ato editado pelo Governador do Estado, que o demitiu do serviço público, intentou ação, sob o rito ordinário, em que pleiteava a sua invalidação, sob o fundamento de que não cometera o ilícito funcional que lhe havia sido atribuído. A demanda foi distribuída à 1ª Vara de Fazenda Pública da Comarca da Capital e recebeu juízo positivo de admissibilidade em 10 de agosto de 2013, tendo ocorrido a citação válida em 20 de setembro do mesmo ano. Antes da prolação da sentença, o mesmo servidor propôs uma nova ação, também sob o rito ordinário, na qual alegou a existência de vícios formais no processo administrativo disciplinar que teriam importado no cerceamento do seu direito de defesa, para postular, de igual modo, a desconstituição do ato demissório editado em seu desfavor. A segunda ação foi distribuída à 3ª Vara de Fazenda Pública da Capital, com provimento liminar positivo em 12 de setembro de 2013 e citação válida efetivada no dia 18 do mesmo mês. Diante da existência de ambos os feitos, qual a consequência processual daí decorrente? E se a segunda demanda fosse veiculada através de mandado de segurança, embora apoiada nos mesmos fundamentos fático-jurídicos da primeira demanda? Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Vania Cirne

Sugestão de resposta

Trata-se da possibilidade de reunião das causas, em virtude da conexão, ante a identidade do direito material. Com efeito, a conexão importará na reunião dos processos no juízo prevento, ou seja, na 1ª Vara de Fazenda Pública da Comarca da Capital, onde foi proferido o primeiro provimento liminar positivo (10/08/2013). A citação válida (requisito de eficácia do processo em relação ao réu e validade dos atos subsequentes) tornou prevento o juízo (artigos 106, 219 e 263, do CPC). Todavia, se a segunda demanda fosse veiculada por meio de mandado de segurança, ainda que com o mesmo suporte fático-jurídico, não caberia a reunião das causas, eis que compete ao Tribunal de Justiça o julgamento do writ contra ato do Governador do ERJ (art. 161, IV, "e", 1, da CERJ) e, em se tratando de competência funcional, não cabe modificação.

Comentários

1- A presente questão possui enunciado extenso, merecendo a devida atenção do candidato para informações importantes, como datas, rito, causa de pedir e pedidos das ações. A questão nodal é a possibilidade ou não de reunião das demandas, em razão da conexão, fato jurídico processual que importa na modificação da competência relativa. Para alcançar a resposta, portanto, necessário abordar temas como citação, prevenção, competência (inclusive a funcional, que é absoluta) e conexão.

2- Da citação

A citação válida torna prevento o juízo, induz litispendência e faz litigiosa a coisa e, ainda quando determinada por "juiz" incompetente, constitui em mora o devedor e interrompe a prescrição, consoante disposto no artigo 219, do Código de Processo Civil.

Nos termos do artigo 263, a propositura da ação somente possui o condão de produzir os efeitos acima, quando o réu for validamente citado.

Com efeito, consiste a citação em condição de eficácia do processo em relação ao réu, e requisito de validade dos atos processuais posteriores. A nulidade processual em razão da ausência da citação pode ser reconhecida a qualquer tempo, tratando-se de vício "trasnrescisório", conforme entendimento doutrinário e jurisprudencial.

Destarte, regularmente citado o réu, prevento será o juízo que proferiu o primeiro juízo positivo de admissibilidade, ou "despacho" liminar positivo, como preferem alguns. Ao determinar a citação, entendeu o juiz que deve ser admitida a demanda. Por tal motivo, há controvérsia na doutrina no que tange à natureza jurídica do "cite-se", ou seja, se constitui mero despacho ou decisão interlocutória.

José Carlos Barbosa Moreira concebe o "cite-se" como a decisão que admite a petição inicial, julgando-a apta a desencadear o processo. Por possuir conteúdo decisório, o "cite-se" é recorrível. Do contrário, caso se considere mero despacho, será irrecorrível, por força do artigo 504 do CPC.

3- Da prevenção

Feitas tais considerações, cumpre ressaltar a importância da data da admissão da demanda. Explica-se. De acordo com o artigo 106 do CPC, quando tramitam separadamente duas ações conexas perante juízes com a mesma competência territorial, considera-se prevento aquele que despachou em primeiro lugar. Ora, a questão nos informa que a competência de ambos os juízos é idêntica (1ª e 3ª Varas de Fazenda Pública da Comarca da Capital do Rio de Janeiro), logo, prevento será aquele que proferiu o primeiro "cite-se", com a subsequente citação válida. Nesse caso, prevento e, portanto, competente, será o juízo da 1ª Vara de Fazenda Pública da Comarca da Capital, cujo juízo positivo de admissibilidade ocorreu em 10 de agosto de 2013. Observe-se que, em que pese a citação válida ter ocorrido posteriormente, o juízo será prevento por ter "despachado" em primeiro lugar, em consonância com o mencionado artigo 106 do CPC. Situação diversa seria em caso de não haver citação válida. Nessa hipótese, a prevenção não se concretizaria, em observância ao artigo 219 c/c artigo 263, do CPC.

4 - Da conexão

Reputam-se conexas duas ou mais ações, quando lhes for comum o objeto ou a causa de pedir, nos termos do artigo 103, do CPC. Trata-se a conexão de vínculo, elo, liame de semelhança entre duas causas pendentes, seja pelo objeto litigioso, seja pelos fundamentos da ação.

Há crítica por parte da doutrina no tocante à definição de conexão disposta no predito artigo. Adotou-se no nosso Código de Processo Civil a teoria tradicional, segundo a qual a conexão consiste na identidade de pedido e causa de pedir. Já a teoria de Carnelluti preleciona que conexão é identidade de questões, vale dizer, para que demandas sejam consideradas conexas, bastará que ambas sejam sede de discussões acerca de determinadas razões de direito e de fato comuns. Já a teoria materialista concebe a conexão quando houver identidade da relação jurídica de direito material. Ou seja, causas que versem sobre a mesma questão de direito material, ainda que sob enfoques diversos, serão reputadas conexas. Tal teoria é bem recebida, por render homenagem ao princípio da economia processual, e por garantir julgados uniformes em casos semelhantes.

No caso em comento, existe conexão entre as ações, em virtude de ambas versarem sobre o ato demissório, uma para a discussão dos supostos vícios que inquinaram o processo administrativo disciplinar que culminou no referido ato (vício formal) e a outra ao argumento de inexistência da infração funcional (vício material). Consignamos que não será discutida a questão da independência entre as esferas civil e administrativa, eis que tal matéria atine ao Direito Administrativo.

Destarte, reconhecida a conexão, a consequência será a reunião dos processos, para evitar decisões contraditórias, porquanto se trata de competência relativa, in casu. A conexão importará modificação da competência. Cumpre ressaltar que a reunião dar-se-á no juízo prevento, ou seja, na 1ª Vara de Fazenda Pública da Comarca da Capital.

Frise-se que não cabe modificação da competência absoluta, mas tão somente da relativa.

Cabe ressaltar, ainda, que não se deve confundir a conexão com seu efeito, que é a reunião de processos.

Por fim, em que pese não ter sido perguntado, insta observar que ao réu cabe alegação de conexão em preliminar de contestação: a conexão pressupõe competência, tendo sido a mesma modificada. Não se confunde com a exceção de incompetência, portanto.

5 - Da competência

Passa-se a tecer breves considerações acerca da competência.

Como é cediço, a competência consiste no resultado de diversos critérios existente para a distribuição das atribuições relativas ao desempenho da jurisdição entre os órgãos do Poder Judiciário.

Nesse contexto, vale consignar que a jurisdição consiste na função estatal de prevenção e composição de conflitos, aplicando o direito ao caso concreto.

Fixa-se a competência quando da propositura da demanda, com vistas à estabilidade do processo. Tal regra é traduzida como a denominada perpetuação da jurisdição

(perpetuatio jurisdicionis). Desse modo, fixada a competência, não caberá alteração, via de regra, comportando-se as exceções adiante comentadas.

A competência pode ser absoluta, fixada com base no interesse público, em razão da matéria ou hierarquia (funcional), ou relativa, estabelecida em virtude do valor ou do território (tendo por exceções o artigo 95 do CPC e o artigo 80 da Lei 10741/2003).

Conforme brevemente explanado acima, somente a competência relativa pode ser modificada em razão da conexão ou continência.

A competência absoluta, excepcionalmente, poderia sofrer alteração em caso de supressão de órgão judiciário ou por alteração superveniente da competência em razão da matéria ou da hierarquia.

Ademais, a incompetência absoluta pode ser alegada a qualquer tempo, inclusive por meio de ação rescisória, devendo ser reconhecida ex officio pelo magistrado.

6 - Da competência funcional

Fixada em razão do interesse público, tal espécie de competência está atrelada à distribuição das funções a serem exercidas no processo. Vicente Greco Filho classifica a competência funcional como sendo: por graus de jurisdição (originária ou recursal); por fases do processo; por objeto do juízo (declaração de inconstitucionalidade, prevista no artigo 480 do CPC).

Impende asseverar que a competência dos tribunais é regida por normas da Constituição da República e de organização judiciária, em observância ao disposto no artigo 93 do CPC.

Nesse diapasão, a competência para julgamento de mandado de segurança, sendo a autoridade inquinada como coatora o Governador do Estado do Rio de Janeiro, é do Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, consoante artigo 161, inciso IV, aliena "e", número 1, da Constituição do Estado do Rio de Janeiro.

Desta feita, não caberia reunião entre os processos, caso um deles consistisse em mandado de segurança.

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *Questão 11 - Direito Processual Civil - Uma lei estadual instituiu o "passe livre" no transporte intermunicipal, em favor de profissionais da educação. O sindicato dos professores de um determinado Município ingressou com ação civil pública na qual pleiteia a outorga do referido "passe livre" em favor da categoria que representa. Em sede preliminar, o Estado alegou ausência de condição da ação, sob o argumento de que não teria sido observada a indivisibilidade do interesse coletivo, dado que o sindicato não representa as demais categorias de profissionais de educação, nem os professores sediados em outros Municípios. Alegou-se, ainda, que o sindicato não apresentou autorização específica dos integrantes da categoria para a propositura da ação. Por fim, foi suscitado o fato de que diversas ações individuais sobre o mesmo tema já estavam em curso. Analise. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

Os argumentos apresentados pelo Estado não merecem prosperar. Em primeiro lugar, cumpre reparar que foi observada a indivisibilidade do interesse coletivo, vez que, conforme art. 81, parágrafo único, II, da Lei nº 8.078/90, este se limita justamente a um grupo, categoria ou classe - o que foi visto em concreto, pois quem está em juízo é o sindicato de professores, abarcando toda a categoria no Município, sendo inexigível condicionar o direito a eventual litisconsórcio ativo. Além disso, conforme Enunciado nº 629, da Súmula do STF, não há a necessidade de autorização específica por parte dos integrantes da categoria. Por fim, tendo em vista o disposto no art. 104, da Lei nº 8.078/90, verifica-se que é possível a tramitação simultânea de ações individuais e coletivas, assegurando-se aos litigantes individuais a possibilidade de suspensão da demanda singular ("right to opt out").

Comentário 1

Há dois aspectos a serem observados. Em primeiro lugar, é pertinente lembrar que o certame diz respeito ao ingresso na carreira do Ministério Público. Sob essa perspectiva, é certo que o Promotor de Justiça goza de independência funcional, mas é recomendável que se analise o problema com um enfoque favorável à concretização dos direitos transindividuais, visto que a tutela coletiva é uma das principais atribuições ministeriais. Mostra-se pertinente, pois, que o candidato forneça resposta pensando como uma hipótese real, como se membro da instituição já fosse. Não é razoável, portanto, um viés estritamente fazendário - até mesmo porque, no caso concreto, não é essa a interpretação mais correta.

Comentário 2

Além disso, é recomendável examinar com calma a situação apresentada, identificando os pontos controvertidos levantados e fornecendo respostas absolutamente diretas e objetivas, sem maiores delongas, dada a limitação de espaço para resposta.

(XXXII Concurso – PROVA PRELIMINAR –2011) *Questão 10 – Direito Processual Civil – Tendo tomado conhecimento através da imprensa das precárias condições de atendimento de determinada Instituição de Longa Permanência, a Defensoria Pública ajuíza Apuração Judicial de Irregularidades, visando à interdição da entidade. É deferida medida liminar determinando que a entidade se abstenha de receber novos hóspedes até o julgamento final da lide. Em sua contestação, a entidade alega, dentre outras coisas, que celebrou um termo de ajustamento de conduta com o Ministério Público visando à adequação de suas instalações e do serviço prestado. Como deve se posicionar o Ministério Público ao ser intimado a intervir no processo?*

RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.

Autor: Rafael Schinner

Sugestão de resposta

Partindo da premissa de que foi celebrado TAC para adequar instalações e serviço, carece de interesse de agir o manejo de Apuração Judicial de Irregularidades cujo objeto seja a interdição e cuja causa de pedir sejam as precárias condições de atendimento. O TAC possui eficácia de título executivo extrajudicial (art. 5º, §6º, da LACP), sendo que qualquer colegitimado à propositura de ACP pode executá-lo, ou comunicar seu descumprimento ao Ministério Público, que adotará as medidas pertinentes. Desta forma, como membro do parquet, opinaria pela prolação de sentença terminativa com fulcro no art. 267, IV, do CPC (carência da ação).

Comentários

A trilogia estrutural do direito processual (ação, processo e jurisdição) é tema sempre cobrado no concurso de ingresso para o MPRJ. O candidato que souber trabalhar com os institutos basilares do processo civil conseguirá responder grande parte das questões.

No caso em comento, o enunciado aduz que a Defensoria Pública ajuizou Ação "de Apuração de Irregularidades em Entidade de Atendimento", ação esta de caráter coletivo e cujo rito, especial, está previsto nos artigos 64 a 68 do Estatuto do Idoso.

Pelo que narra o enunciado, a Defensoria Pública pleiteou a interdição da unidade, valendo-se, como causa de pedir fática, das condições precárias de atendimento ali verificadas.

A questão aborda as consequências que a prévia celebração de Compromisso de Ajustamento de Conduta acarretam em ação civil pública manejada por quem não tenha celebrado o acordo.

A doutrina em geral soluciona este problema pela carência da ação civil pública por falta de interesse de agir (SOUZA, Motauri Ciocchetti de. Ação Civil Pública e Inquérito Civil. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008, pág. 80-83). Afinal, a celebração do TAC objetiva precisamente evitar os percalços da ação judicial de conhecimento, pulando esta pesada etapa do acesso à jurisdição (SHIMURA, Sérgio. Tutela Coletiva e sua efetividade. São Paulo: Método, 2006, p. 135).

O ajuizamento de ação civil pública só seria possível para suprir eventual omissão do TAC (MILARÉ, Edis. Apud RODRIGUES, Geisa de Assis. Reflexões sobre a atuação extrajudicial do Ministério Público: inquérito civil público, compromisso de ajustamento de conduta e recomendação legal. In: CHAVES, Cristiano; ALVES, Leonardo Barreto Moreira; ROSENVALD, Nelson (org.). Op. cit., p. 207/208). Caso houvesse algum vício apto a invalidar, no todo ou em parte, o TAC celebrado com o Ministério Público, a possibilidade de ajuizamento direto de ação civil pública por outro colegitimado, independentemente de anulação ou declaração de nulidade da avença, é controvertida. Alguns autores defendem a possibilidade de ajuizamento direto, incluindo a discussão a respeito da validade do TAC como tema incidenter tantum no bojo da ação civil pública (MAZZILLI, Hugo Nigro. A defesa dos interesses difusos em juízo: meio ambiente, consumidor, patrimônio cultural, patrimônio público e outros interesses. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 367.). Outros defendem que o ajuizamento prévio de ação

declaratória da nulidade ou ação anulatória do TAC é imprescindível (ROGRIGUES, Geisa de Assis. Ação Civil Pública e termo de ajustamento de conduta: teoria e prática. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p.202-206).

Infelizmente, o curto espaço de resposta não permite entrar nestas interessantes discussões.

Poder-se-ia questionar se a medida mais correta não seria opinar pela suspensão do processo até que cumpridas as cláusulas do TAC, aplicando-se, por analogia, o que dispõe o §3º do art. 68 do Estatuto do Idoso, verbis:

Art. 68. Apresentada a defesa, o juiz procederá na conformidade do art. 69 ou, se necessário, designará audiência de instrução e julgamento, deliberando sobre a necessidade de produção de outras provas.

(...)

§3º Antes de aplicar qualquer das medidas, a autoridade judiciária poderá fixar prazo para a remoção das irregularidades verificadas. Satisfeitas as exigências, o processo será extinto, sem julgamento do mérito.

Embora defensável esta tese, cuida-se de solução que não parece a mais adequada. Se o Ministério Público celebrou TAC com a referida unidade de atendimento, então esforços foram envidados para que os serviços prossigam ali sendo prestados. O objeto do TAC consistiu, ao que consta do enunciado, em compelir a unidade a remover os ilícitos nela verificados. Caso haja descumprimento das cláusulas, o Ministério Público, ou outro colegitimado para a ação civil pública, poderá executar o TAC, cobrando as astreintes ou, caso estas não surtam o efeito almejado, procurando outra medida que assegure o resultado prático equivalente, evocando, para tanto, o art. 461, cabeça, do CPC. Observe-se que a interdição da unidade seria a estratégia de ultima ratio do Ministério Público. Por isso, não soa estrategicamente prudente suspender a Averiguação de Irregularidades, sendo que a razão desta suspensão seria apenas sobrestar a interdição.

A questão não discute a legitimidade da Defensoria Pública para ajuizar a demanda em apreço. O candidato deve ter cuidado para não perder o foco. O art. 65 do Estatuto do Idoso inclui, dentre os legitimados para o ajuizamento da Apuração de Irregularidade, "pessoa interessada" e o Ministério Público. Nada é dito a respeito da Defensoria Pública ou de outro órgão. Defender a ilegitimidade da Defensoria Pública para esta demanda, ainda assim, soaria extravagante, sobretudo porque o Estatuto do Idoso integra o microssistema processual coletivo e, por isso, atrai a aplicação do art. 5º, II, da LACP, com a redação dada pela Lei 11.448, de 15 de janeiro de 2007. Ademais, seria um desperdício de precioso espaço de resposta. Entretanto, se esta fosse uma questão de segunda fase, este debate deveria ser ventilado.

Fica a dica: o domínio das categorias basilares da teoria geral do processo é crucial para o bom desempenho nas provas do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, e em quaisquer de suas fases.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR -2011) *Questão 11 - Direito Processual Civil - "Atos processuais são todos os que constituem a sequência de atos, que é o próprio processo, e todos aqueles que, dependentes de certo processo, se praticam à parte, ou autônomos, para finalidade de algum processo, ou com o seu fim em si mesmo - em processo. Todo processo é série de atos encadeados com mais ou menos coesão tendente à preparação final indispensável á atividade julgadora ou de entrega da prestação jurisdicional. [...] Todos os atos de promoção e incoação do processo, de formação da relação jurídica processual, de definição ou definitivação do processo, de desenvolvimento e de terminação da relação jurídica processual e de terminação do processo (nem sempre contemporâneas), são atos processuais" (Pontes de Miranda. Comentários ao Código de Processo Civil. T. III. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1998, pp. 12/13). O trecho transcrito ilustra um tema central do estudo do processo civil e provoca as seguintes indagações: o ato processual pode ser inválido e produzir efeitos? E pode ser válido, mas não produzir efeitos? Formule exemplos. RESPOSTA OBJETIVAMENTE FUNDAMENTADA*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

Existência, validade e eficácia são planos inconfundíveis e defectividade do ato jurídico não se confunde com a falta de requisitos para a irradiação de efeitos. Se o ato existe, está apto a produzir efeitos. O ato jurídico processual s.s. é uma vontade manifestada que compõe o suporte fático de uma categoria jurídica predeterminada. O ato processual inválido existe, pois entrou no mundo jurídico, mas é defeituoso em função de preenchimento insuficiente ou deficiente da hipótese de incidência. Este ato inválido existe e está apto a produzir efeitos desde a sua entrada no mundo jurídico até que seja decretada a sua invalidação. Como exemplo, a sentença sem fundamentação que, não obstante encerrar ato processual gravemente defeituoso (requisito essencial, vide art.458, II, CPC), produz efeitos até que receba a sanção de nulidade. Também pode o ato processual ser válido e não produzir efeitos. Exemplo: a sentença regularmente prolatada contra a Fazenda Pública só produzirá efeitos se confirmada após o reexame necessário (CPC, art. 475, I), verdadeira determinação inexa ou condição de eficácia das sentenças prolatadas em desfavor da Fazenda.

Comentário 1

Veja-se, sobre o assunto, a indispensável obra sobre invalidades processuais de Fredie Didier Jr que, em boa medida, se serve da doutrina de Pontes de Miranda: "O ato inválido é - portanto pode produzir efeitos. Não é correto dizer que toda hipótese de nulidade implica a impossibilidade de o ato produzir efeito: é possível que atos nulos produzam efeitos até a sua desconstituição (veja-se a hipótese conhecida do casamento nulo) - e, como será visto adiante, é isso o que ocorre com as invalidades processuais...(...) Às vezes, a propagação dos efeitos do ato ou negócio jurídico processual fica sujeita a algum acontecimento descrito na

própria norma jurídica....Nas sentenças proferidas contra a Fazenda Pública, o CPC-1973 (art. 475, I; NCPC, art. 483, I) coloca o reexame necessário com uma condição legal de eficácia do ato". (DIDIER JR, Fredie; NOGUEIRA, Pedro Henrique Pedrosa. Teoria dos Fatos jurídicos processuais. Jus Podvum. 2011,p.72, 146.). Sustentando que o reexame necessário tem natureza condição de eficácia da sentença, além do próprio Didier Jr, :JÚNIOR, N.N. Princípios Fundamentais - Teoria Geral dos Recursos. 5. ed., São Paulo: Revista dos Tribunais, 2000, p. 60; Também neste sentido, a lição de Leonardo Carneiro da Cunha: Não obstante o peso da doutrina que fundamenta esse segundo entendimento, parece mais correto mesmo encaixar o reexame necessário como condição de eficácia da sentença, eis que não atendidos vários princípios e requisitos recursais, não há como enquadrá-lo como mais um tipo de recurso" (A Fazenda Pública em juízo. 12.ed. São Paulo: Dialética, p. 226).

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR -2009) *Questão 10 - Direito Processual Civil - Ajuizou-se ação visando à adoção de uma criança que havia sido abandonada pelos genitores biológicos desde seu nascimento, em um abrigo municipal. O juiz prolatou a sentença e julgou procedente o pedido de adoção. Houve recurso de apelação, ainda não apreciado pelo órgão competente. Entrementes, o Ministério Público ajuizou ação para destituir o poder familiar daqueles genitores e o autor do pedido de adoção pleiteia o ingresso no processo na condição de assistente litisconsorcial. Manifeste-se.*

Autor: Leonardo Zulato

Sugestão de resposta

A presente ação de adoção possui como prejudicial a destituição do poder familiar (artigo 169 do ECA), não se amoldando o abandono à hipótese do artigo 45, §1º do ECA. A sentença de procedência da pretensão, sem efeito suspensivo à interposição do recurso (artigo 198, VI do ECA), produz efeitos em relação à adoção a partir do trânsito em julgado (artigo 47, §6º do ECA). Contudo, a destituição do poder familiar tem efeitos imediatos. Diante disso, a ação do *Parquet* não possuiria interesse jurídico. Caso se entenda que adoção prescinde da destituição, na hipótese, a assistência não seria litisconsorcial, mas simples, pois o autor do pedido de adoção não possui relação jurídica com o adversário do assistido (artigo 54 do CPC). A única relação jurídica existente é com o assistido, eis que o *Parquet* atua como legitimado extraordinário e representa os interesses da criança (artigo 201, III do ECA).

Comentário 1

Esta questão foi formulada em 16.08.2009, antes da Lei n.º 12.010/2009, portanto. Esta lei revogou o artigo 198, VI do ECA que previa, como regra, a existência apenas de efeito devolutivo aos recursos, o que era uma especialidade da temática processual da Infância e Juventude. Hodiernamente, a sistemática processual do ECA segue aos regramentos do CPC

(efeito devolutivo e suspensivo), salvo em hipóteses específicas, como na adoção (artigo 199-A do ECA) em que o recurso permanece possuindo apenas efeito devolutivo.

Comentário 2

Alguns doutrinadores sustentam a desnecessidade da acumulação da ação de destituição do poder familiar na hipótese de criança ou adolescente abandonado, com fulcro no artigo 45, §1º do ECA. Por todos, Galdino Augusto Coelho Borallo: "Existe a causa do abandono que justificaria a destituição do poder familiar (Art. 1.638, II do CC), mas seria ilógico destituir-se do poder familiar uma pessoa que nunca assumiu o vínculo jurídico.". Maciel, Kátia Regina Ferreira Lobo Andradre. Curso de Direito da Criança e do Adolescente. Aspectos Teóricos e práticos. 5ª Edição. Lumen juris Editora, p. 845.

(XXXI Concurso – PROVA PRELIMINAR –2009) *Questão 11 – Direito Processual Civil – O Juiz, entendendo haver o réu praticado ato de improbidade administrativa, pode aplicar parcialmente as sanções previstas nos incisos do art. 12 da Lei nº. 8.429, de 2 de junho de 1992? RESPOSTA OBJETIVAMENTE FUNDAMENTADA.*

Autor: Leonardo Zulato

Sugestão de resposta

O artigo 37, §4º da CRFB/88 prevê a aplicabilidade de sanções aos atos ímprobos. Cuida-se de norma constitucional de eficácia limitada, conforme expressão contida ao final daquele dispositivo ("na forma e gradação prevista em lei").O artigo 12 da Lei n.º 8.429/92, norma integrativa deste comando constitucional, previu que todas as sanções aos atos de improbidade devem serconjuntamente aplicadas ao se utilizar da conjunção aditiva "e"(e não "ou") no final do texto legal. Ademais, a própria lei tratou das hipóteses em que certas sanções não são aplicáveis ao se utilizar da expressão "quando houver". Portanto, o Magistrado está obrigado à aplicação de todas as penas previstas em cada inciso do artigo 12. A sua aplicação parcialavilta, assim, a separação de poderes. A discricionariedade do Juiz está na dosagem proporcional de cada sanção dentro dos patamares previstos em lei (parágrafo único do artigo 12 daquela Lei), apenas.

Comentário 1

Este era o posicionamento, por exemplo, do ilustre doutrinador Emerson Garcia, conforme se infere do livro "Garcia, Emerson, e Alves, Rogério Pacheco. Improbidade Administrativa, Editora Saraiva, 7ª Edição, fls. 690/694."

Comentário 2

Esta questão foi formulada em 16.08.2009, antes, portanto, da entrada em vigor da Lei n.º 12.120/2009 (16.12.2009). Este diploma legal alterou a redação do caput do artigo 12 da Lei n.º 8.429/92, alterando substancialmente a resposta a ser apresentada. O legislador infraconstitucional, com a nova regulamentação acima mencionada, expressamente possibilitou a aplicação parcial das sanções previstas no artigo 12 da Lei n.º8.429/92, verbis:

Art. 12. Independentemente das sanções penais, civis e administrativas, previstas na legislação específica, está o responsável pelo ato de improbidade sujeito às seguintes cominações: (redação original)

Art. 12. Independentemente das sanções penais, civis e administrativas previstas na legislação específica, está o responsável pelo ato de improbidade sujeito às seguintes cominações, que podem ser aplicadas isolada ou cumulativamente, de acordo com a gravidade do fato: (Redação dada pela Lei nº 12.120, de 2009).

Comentário 3

Alguns doutrinadores sustentam que a obrigatoriedade da acumulação das sanções adviria da própria Constituição da República, uma vez que o parágrafo quarto do artigo 37 dispõe que os atos de improbidade administrativa "importarão" a suspensão de direitos políticos etc., o que afastaria a discussão sobre o ponto de vista infraconstitucional. Tal menção também é colhida do livro "Garcia, Emerson, e Alves, Rogério Pacheco. Improbidade Administrativa, Editora Saraiva, 7ª Edição, p. 690.".

7.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL- 2014) *1ª Questão -O Ministério Público ingressou com ação de improbidade administrativa em face de três agentes públicos. Após o oferecimento de defesa prévia, nos termos do art. 17, §7º, da Lei nº 8.429/92, o Juiz proferiu decisão nos seguintes termos: "Recebo a inicial em face do primeiro Réu, eis que presentes indícios suficientes da autoria e da materialidade do ato de improbidade administrativa que lhe é imputado. No entanto, em relação ao segundo Réu, a análise da prova dos autos revela que o mesmo evidentemente não praticou o ato de improbidade administrativa que lhe foi imputado na inicial, motivo pelo qual julgo extinto o processo em relação a ele, por ilegitimidade ad causam, nos termos do art. 267, VI, do CPC. Finalmente, quanto ao terceiro Réu, verifico que houve o decurso do prazo prescricional previsto no art. 23 da Lei de Improbidade Administrativa, motivo pelo qual, desde logo, rejeito a pretensão em relação ao mesmo". Sob o aspecto processual, incorreu a decisão judicial em algum equívoco? Qual(is) o(s) recurso(s) eventualmente cabível(is) em face da decisão acima*

reproduzida? Se por algum motivo não houvesse interposição de recurso em face da referida decisão, seria cabível ação rescisória em face da mesma? Resposta objetivamente fundamentada.

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

Analisando a decisão sob o aspecto processual, verifica-se inicialmente que não houve equívoco quanto ao primeiro réu. Contudo, houve erros em relação aos demais demandados - impondo-se o manejo do agravo de instrumento, como se passa a demonstrar.

No que toca ao segundo réu, o entendimento de que o indivíduo não praticou o ato diz respeito a uma conclusão de mérito, vez que não se tratou de uma mera indicação errada do polo passivo. Em verdade, o magistrado chegou a analisar os atos praticados pelo segundo réu, entendendo pela não verificação da autoria no caso concreto. Logo, a autoridade judiciária exerceu atividade cognitiva, amparada no artigo 17, §8º, da Lei nº 8.429/92.

Com efeito, o artigo 267, VI, do Código de Processo Civil, trata da extinção do processo sem resolução de mérito. Por conta disso, não pode ser invocado como supedâneo para um ato judicial que concluiu por uma suposta ausência de autoria - cuja consequência processual é a improcedência da ação, na forma do artigo 269, I, do Código de Processo Civil.

Além disso, considerando o emprego pelo Superior Tribunal de Justiça da teoria da asserção (avalizado por parcela considerável da doutrina), é de se destacar que o momento para identificar a presença das condições da ação é o primeiro contato com a inicial, tendo por base os termos desta. A ação de improbidade possui a peculiaridade consistente na notificação prévia, e por isso deve-se aferir a presença das condições da ação no ato em que é determinada a notificação. Passado este, o exame deverá ater-se ao mérito.

Em corolário a tal posicionamento, cumpre observar o entendimento de Cassio Scarpinella Bueno, que observa que, materialmente, a notificação equivaleria a uma citação, ao passo que a citação propriamente dita traduziria uma intimação em sua essência.

Diante disso, a decisão relativa ao segundo réu não poderia ser baseada no artigo 267, VI, do Código de Processo Civil, uma vez que diz respeito a uma análise de mérito.

Já em relação ao terceiro réu, há dois aspectos a serem considerados. Em primeiro lugar, tendo em mente o entendimento de Cassio Scarpinella Bueno já apresentado, e lembrando que a essência do ato vale mais que o "nomen juris" a ele conferido (dentro de um formalismo valorativo), o artigo 202, I, do Código Civil, determina que o ato judicial que determina a vinda aos autos do demandado interrompe a prescrição. Ademais, o artigo 219, §1º, do Código de Processo Civil, orienta que tal interrupção irá retroagir até o momento da propositura da ação.

Nesse contexto, considerando que o juiz determinou o oferecimento de defesa prévia, houve aqui a interrupção da prescrição.

Além disso, ainda que não se acolhesse o raciocínio acima exposto, é imperioso lembrar que, caso o ato de improbidade envolva, ainda que reflexamente, dano ao erário, sua persecução é imprescritível, na forma do artigo 37, §5º, da Constituição da República. Por conta disso, ainda que prescritas as sanções trazidas pela Lei nº 8.429/92, seria possível o prosseguimento da ação para a finalidade de ressarcimento ao erário (prestigiando o princípio "pro actione").

Há, pois, equívocos em relação ao segundo e terceiro réus.

Quanto à recorribilidade da decisão, cumpre atentar para o fato de que o artigo 17, §1º, da Lei nº 8429/92, traz o agravo de instrumento como a medida cabível para combater o recebimento da petição inicial. Considerando que, no caso concreto, houve o prosseguimento do feito em relação a um dos réus, é possível classificar a decisão como interlocutória. Por isso, o recurso cabível será o agravo de instrumento, na forma do artigo 522, do Código de Processo Civil - e não a regra específica da Lei de Improbidade, que trata da situação oposta.

Por fim, caso não houvesse a interposição do agravo de instrumento, cumpre destacar que seria cabível ação rescisória em relação ao segundo e ao terceiro réu. Afinal, de acordo com o artigo 485, caput, do Código de Processo Civil, apenas decisões de mérito se sujeitam à ação rescisória. E o artigo 269, IV, do Código de Processo Civil, determina que a decisão que acolhe prescrição faz coisa julgada material.

Em relação ao segundo réu, considerando que a decisão materialmente disse respeito ao mérito, resta claro o cabimento da ação rescisória, ainda que a decisão tenha sido formalmente baseada no art. 267.

Comentário

É necessário fixar os pontos passíveis de discussão apresentados pelo problema, sendo certo que a resposta deverá abordar cada um deles. Como de hábito, tratando-se de uma prova discursiva sem limite estrito de linhas, o candidato precisa demonstrar conhecimento de todas as formas possíveis, seja abordando a existência de entendimentos diferentes ou mesmo em pequenas passagens, valendo-se da maior precisão técnica e terminológica possível.

No caso concreto, são expressamente questionadas a correção da decisão, a recorribilidade e a possibilidade de se ingressar com ação rescisória, no caso de não interposição de recurso. Note-se que o próprio enunciado demonstra que é cabível, ao menos em tese, recurso em relação a um ou mais réus.

Além disso, é importante registrar que o primeiro questionamento é genérico, permitindo que o candidato aborde todo e qualquer aspecto relacionado a cada um dos réus. É pertinente trazer à baila eventuais posições doutrinárias que auxiliem na fundamentação a ser empregada.

Considerando que a questão trata conjuntamente de réus com situações consideravelmente distintas, é necessário separar, na resposta, cada um dos demandados, dando assim maior clareza e precisão à solução que vier a ser apresentada.

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL – 2014) *2ª Questão – O Ministério Público, por meio de um Promotor de Justiça, firmou Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com o Estado, na pessoa do respectivo Governador, visando à conclusão de obras já iniciadas para o atendimento hospitalar pediátrico, cominando multa diária em caso de descumprimento. Como esse ajuste foi celebrado no decorrer de um inquérito civil, o procedimento investigatório encerrou-se e foi remetido ao Conselho Superior do Ministério Público para homologação. Quatro anos depois de sua celebração, verificando o descumprimento parcial do TAC, o Ministério Público iniciou a execução de obrigação de fazer e por quantia certa em face do Estado e por quantia certa em face do Governador. Pode o Colegiado pronunciar-se sobre o conteúdo do referido termo? Qual o prazo inicial da eficácia desse TAC? Analise objetivamente as demais questões procedimentais e processuais relacionadas à constituição do TAC e à sua execução. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

Tendo em vista as disposições relativas à competência do Conselho Superior do Ministério Público na tutela coletiva trazidas pela Lei Complementar Estadual n° 106/03 e pela Resolução GPGJ n° 1.769/12, observa-se que o Colegiado não poderá se pronunciar sobre o conteúdo do termo de ajustamento de condutas (TAC).

Afinal, no Estado do Rio de Janeiro, o inquérito civil ou o procedimento preparatório são enviados ao Conselho Superior apenas quando forem arquivados. A efetividade do TAC não está sujeita à apreciação do Colegiado - como se observa, a título de exemplo, pelo artigo 26, caput, da Resolução GPGJ n° 1.769/12.

Logo, verifica-se que compete ao Conselho Superior apenas a fiscalização quanto ao cumprimento do princípio da obrigatoriedade no âmbito da tutela coletiva - e é por isso que o aludido órgão aprecia apenas os arquivamentos. Tendo essas premissas em mente, resta claro que não cabe ao Colegiado pronunciar-se sobre o conteúdo do TAC.

Por oportuno, vale registrar que há Estados, como São Paulo, que tratam da matéria de modo distinto, exigindo a chancela do Conselho Superior para a eficácia do TAC. Nesses casos, evidentemente, poderá o Colegiado analisar o conteúdo do termo. Ressalte-se, contudo, que essa regra não consta na legislação fluminense sobre o tema.

Em consequência, considerando que não cabe ao Conselho Superior analisar o mérito, bem como o fato de que o próprio órgão de execução é responsável pela fiscalização, o prazo inicial de eficácia é justamente a data de sua celebração pelo Promotor de Justiça.

Mais uma vez, em estados cujas leis subordinam a eficácia do TAC à apreciação pelo Conselho Superior a solução seria distinta, e o termo inicial da eficácia seria a data da apreciação pelo Colegiado.

No caso em tela, o TAC constitui-se como título executivo extrajudicial, na forma do artigo 5°, §6º, da Lei n° 7.347/85. A doutrina discute se o TAC seria materialmente um acordo propriamente dito, sendo certo que o direito material, indisponível que é, não pode ser transacionado, podendo ser objeto de discussão apenas a forma de satisfação do mesmo.

Celebrado o TAC, e não havendo prestação periódica a ser fiscalizada, impõe-se o arquivamento, nos termos do artigo 26, §2º, da Resolução GPGJ n° 1.769/12, com a remessa para o Conselho Superior. Note-se que o controle do Conselho se dá sobre a promoção de arquivamento, e não sobre o TAC.

Verificado o descumprimento, possível a execução, na forma do §4º do mesmo artigo 26 acima citado. Note-se, inclusive, que, dentro da sistemática do microssistema da tutela coletiva, qualquer dos legitimados trazidos pelo artigo 5°, da Lei n° 7.347/85, poderia promover a execução.

No caso em tela, verifica-se que as astreintes foram executadas diretamente em face do agente político que, em nome da Unidade da Federação, celebrou o TAC. Tal prática é possível em virtude do artigo 461, caput, e §5º, CPC, combinados o artigo 19, da Lei n° 7.347/85, considerando a preponderância do "interesse coletivo" (que, no caso em tela, se amolda ao disposto no artigo 81, parágrafo único, I, da Lei n° 8.078/90, sendo portanto um direito difuso).

Logo, a cobrança da multa pecuniária diretamente do agente público responsável pelo TAC não apenas é cabível, mas também recomendável, visando garantir o resultado prático equivalente. Trata-se, à evidência, de medida acessória, sendo certo que a finalidade primordial é a obrigação de fazer (no caso, o atendimento hospitalar pediátrico).

Terá atribuição para promover a execução em comento o Promotor de Justiça responsável pela celebração e fiscalização do TAC, não sendo necessária a remessa do feito ao Procurador-Geral de Justiça. Isso porque não se aplica ao caso concreto o art. 39, VIII, da Lei Complementar Estadual nº 106/03, uma vez que o Governador do Estado não figura como autoridade reclamada, mas sim como representante. Em outras palavras, o Compromisso de Ajustamento de Conduta se deu por parte do Estado, e não pelo Governador, que figura tão somente como responsável pelo cumprimento.

Além disso, a execução do TAC, ainda que em face do Governador, constitui mera decorrência de sua celebração. Por isso, entender que a atribuição recai sobre pessoa diversa do que aquele a quem incumbe a fiscalização importaria em ofensa ao Princípio do Promotor Natural.

Por fim, cumpre salientar que o fato de ter se passado um lapso de quatro anos não exclui a possibilidade de execução, não tendo havido a prescrição. Considerando que a Lei n° 7.347/85 não traz prazos prescricionais, a jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça, operando dentro do microssistema da tutela coletiva, vem entendendo que tal prazo é de cinco anos, a teor do artigo 21 da Lei n° 4.717/65.

Comentário

Antes do candidato adentrar a sugestão de resposta propriamente dita, é importante fixar os pontos controvertidos apresentados pelo enunciado, sendo certo que a resposta deverá abordar cada um deles. Como de hábito, tratando-se de uma prova discursiva sem limite exíguo de linhas, é essencial demonstrar conhecimento de todas as formas possíveis, seja abordando a existência de entendimentos diferentes ou mesmo em pequenas passagens, valendo-se da maior precisão técnica e terminológica possível.

No caso concreto, é diretamente questionado ao candidato se é possível que o CSMP se manifeste sobre o mérito do TAC e qual é o termo inicial da eficácia do TAC celebrado nas condições descritas no problema. À evidência, é imperioso o tratamento destes pontos. Contudo, a descrição trazida apresenta ainda alguns aspectos que devem ser analisados ao longo da resposta:

1. Qual é o momento de atuação do CSMP no Inquérito Civil. Deve ser esclarecido se o Conselho Superior atua em toda e qualquer celebração de TAC ou apenas no arquivamento do IC. Convém ainda tratar aqui do diferente tratamento dado em Ministérios Públicos estaduais distintos, de acordo com as respectivas Leis Orgânicas.

2. Natureza jurídica do TAC e efeitos dessa classificação.

3. Consequências da celebração do TAC no IC.

4. Possibilidade de execução das astreintes diretamente do agente político responsável pela celebração do termo e atribuição para tanto dentro do Ministério Público - uma vez que figurará no polo passivo Governador do Estado.

5. Como a questão apresenta um lapso de tempo, indica-se que o candidato deverá se manifestar sobre a ocorrência ou não de prescrição, situando a resposta à luz do microssistema da tutela coletiva.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL – 2012) *1ª questão – Podeo Ministério Público figurar no polo passivo de uma relação processual?*

Autora: Mariana Trino

Sugestão de resposta

De início, cumpre distinguir a possibilidade de o Ministério Público ocupar o polo passivo, como réu da demanda, das hipóteses em que ocupa o polo passivo de demais relações jurídicas processuais. Outrossim, no primeiro caso, vale diferenciar a atuação do Parquet em legitimidade ordinária e extraordinária, como se passa a demonstrar.

No que se refere ao Ministério Público atuando como réu, no polo passivo da demanda, ressalta-se que, consoante entendimento tradicional, ele não possui

personalidade jurídica, porquanto constitui órgão que compõe o Estado. Não obstante, é inconteste, em sede doutrinária e jurisprudencial, que o Parquet possui personalidade judiciária. Do contrário, não poderia ir a juízo, e atuar extrajudicialmente, em defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses indisponíveis e coletivos, missões conferidas pela Constituição de 1988, nos seus arts. 127 a 129.

Ocorre que a atuação judicial do Ministério Público pode se dar em defesa dos direitos titularizados por outrem, através de legitimidade extraordinária ou legitimidade autônoma para a condução do processo, segundo nomenclatura utilizada para a tutela coletiva por parcela da doutrina, a exemplo de Nelson Nery Jr., mas também pode se dar em defesa de direitos e prerrogativas de titularidade da instituição e membros. Em verdade, trata-se de sujeito de direitos, com patrimônio jurídico próprio. O MP é dotado de autonomia, que lhe confere direitos e obrigações. Assim, se detém capacidade para titularizar tais posições jurídicas, deve possuir capacidade para sua defesa em juízo.

Ora, não são recentes os julgados, proferidos pelo STF e pelo STJ, que garantem capacidade para ser parte, legitimidade ad causam e, inclusive, capacidade postulatória ao Ministério Público para defender a sua autonomia administrativa, a independência funcional de seus membros e outras prerrogativas, por exemplo, através do manejo de Mandado de Segurança. Hipótese usualmente citada pela doutrina é a possibilidade de o Ministério Público Estadual, através do Procurador Geral de Justiça, impugnar ato praticado pelo CNMP que viole a autonomia do Parquet estadual. Pelos mesmos fundamentos, admite-se capacidade para o MP ser parte em defesa de demais posições jurídicas de vantagem que compõem sua esfera jurídica.

De fato, a capacidade é termo que não admite restrições, sendo sempre plena. A legitimidade é que dependerá da titularidade da relação jurídica ou da habilitação legal para prática de atos. Assim, deve-se entender que o Ministério Público detém, sim, capacidade para ser parte, e também capacidade postulatória, para atuar, seja no polo passivo ou ativo da demanda. Nessa linha, há autores que admitem, por exemplo, que o Ministério Público ocupe o polo passivo em demanda que impugna recomendações expedidas a ente federativo, por seus membros.

Em caso de defesa dos atributos que constituem a esfera jurídica da instituição, atuará o Parquet em exercício de legitimidade ordinária, como autor ou réu. Será réu, exercendo legitimidade ordinária, exemplificativamente, no caso em que certa construção de prédio do MP gerar dano ambiental, em uma ação civil pública proposta por qualquer outro legitimado.

De outro lado, se estiver em juízo defendendo interesses de outrem (individuais indisponíveis ou coletivos em sentido amplo) atuará em legitimidade extraordinária (ou autônoma para condução do processo). Sobre o tema, é relevante a discussão acerca da admissão do chamado processo coletivo passivo, no qual o Ministério Público atuaria como réu, defendo interesses transindividuais, em demanda formulada contra a coletividade. Casos aceitos pela doutrina de forma quase unânime são as hipóteses de ações coletivas passivas derivadas, como a ação rescisória ajuizada para desconstituir

sentença favorável à coletividade tutelada pelo MP, inicialmente no polo ativo, uma ação cautelar incidental a um processo coletivo ou embargos à execução coletiva.

Contudo, há situações mais polêmicas na doutrina, que independem de uma demanda originária, quando a coletividade é titular de um dever jurídico. Nessas hipóteses, a discussão reside em determinar se há, e quem seria, o legitimado, sendo necessário fixar um representante adequado, que, na maioria das vezes, não será o Ministério Público, mas sim associações. (Ex: determinada Universidade ajuíza ação possessória em face de coletividade de alunos que invadiram a reitoria.). Admitindo tais casos de processos coletivos passivos, destaca-se Ada Pellegrini Grinover, que fundamenta sua posição na disciplina do art. 5º, §2º, da Lei 7.347/85 e no art. 83, do CDC. O primeiro dispositivo permite às associações atuarem como litisconsortes de quaisquer das partes e o segundo admite todas as ações eficazes para tutela dos interesses dos consumidores.

Por fim, é possível se falar no Ministério Público ocupando posições jurídicas passivas nas relações processuais, sem que seja o réu em uma demanda. Afinal, como ressalta Fredie Didier Jr., o processo dá ensejo a múltiplas relações jurídicas. No exemplo citado pelo autor, se o réu de uma ação civil pública, proposta pelo MP, opõe exceção de incompetência, o Parquet assumirá, como excepto, uma posição passiva nesta relação jurídica processual. Além disso, há hipótese clara de presença do Parquet em posição passiva na Lei Orgânica Estadual, LC 106/03, no seu art. 81, §2º, que prevê a possibilidade de o Ministério Público, representado pelo Procurador Geral de Justiça, habilitar-se como assistente do réu, em ação civil ajuizada em face de membro, em virtude de ato praticado no exercício das suas funções.

Comentário

O promotor de justiça Robson Renault Godinho compôs a banca do XXXII concurso, assim como do XXXIII. Para a preparação para o concurso, caso mantida a banca, recomenda-se a leitura de seus artigos, publicados na Revista do Ministério Público, bem como foco em questões atinentes à atuação do Ministério Público, que relacionam o conteúdo da disciplina de Processo Civil com a matéria de Princípios Institucionais.

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL - 2012) *2ª questão - Após as fortes chuvas que assolaram a região serrana do Estado no verão de 2011, um grupo de desabrigados ocupou uma área de terras da União, situada na divisa dos municípios de Chuvópolis e de Torolândia, onde ergueram precárias moradias. Seis meses após a ocupação, moradores de um condomínio vizinho, assustados com a construção de casas de alvenaria no local, comunicaram o fato a diversos órgãos públicos, incluindo a Promotoria de Justiça da Infância e Juventude de Torolândia e as Promotorias de Justiça do Meio Ambiente e de Cidadania de Chuvópolis. Foram instaurados procedimentos investigatórios no âmbito de cada uma daquelas Promotorias de Justiça, realizando-se, entre outras diligências, vistorias no*

local, constando nos respectivos laudos que a área ocupada pertence inteiramente ao município de Chuvópolis. Entrementes, os desabrigados procuraram a Defensoria Pública e constituíram uma associação civil para defender seus interesses, denominada Associação de Moradores do Torozinho. Diante do impacto social do caso, os Promotores de Justiça em atuação naqueles órgãos decidem atuar em conjunto e ajuízam uma única ação civil pública na comarca do local do dano, em face do Município de Chuvópolis, pleiteando a construção de casas populares em local adequado e o reassentamento daquelas famílias. Em sede de antecipação de tutela, requerem que os núcleos familiares que tenham entre seus membros crianças ou adolescentes sejam contemplados imediatamente com aluguel social e assistidos na busca de um imóvel. Por fim, pleiteiam ainda a construção de um abrigo provisório, que apresente condições dignas de habitação, para receber famílias na eventualidade de uma nova tragédia, a fim de evitar futuras invasões de áreas públicas. Antes da citação, a Associação de Moradores de Torozinho postula sua inclusão no pólo ativo da demanda, sendo admitida como litisconsorte do Ministério Público. O município de Chuvópolis, citado, apresenta defesa, alegando, em sua contestação o que segue:

a) ilegitimidade ativa da Promotoria de Justiça da Infância e Juventude de Torolândia e da Associação; [Aplica-se o princípio da unidade da instituição: que promove a ação é o Ministério Público e a divisão interna de atribuições é problema interna corporis, doméstico; ademais, a demanda foi ajuizada em conjunto com a Promotoria de meio-ambiente a legitimidade desta, que é inconteste, supre eventual ilegitimidade daquela]

b) ilegitimidade passiva, uma vez que o assentamento se situaria no território de Torolândia, e, por esse mesmo motivo, incompetência funcional; [o assentamento se situa integralmente em Chuvópolis]

c) impossibilidade de formação de litisconsórcio ativo entre Promotorias de Justiça e entre o MP e a Associação de Moradores [claro que pode; não há qualquer vedação legal neste sentido; ambos têm legitimidade ativa para ACP; a questão é pacífica em doutrina e jurisprudência];

d) impossibilidade jurídica do pedido, em virtude da discricionariedade da administração [questão da proporcionalidade e razoabilidade; controle do mérito administrativo; atividades vinvuladas e discricionárias]; e) incompetência da Justiça Estadual; f) ausência de dotação orçamentária específica e de local adequado no município para a construção de casas destinadas ao assentamento pleiteado.

Na mesma peça da contestação, em capítulo próprio, ofereceu-se reconvenção em face da Associação, postulando que os moradores desocupem o terreno por meios próprios, assim como paguem indenização pelos danos causados ao meio ambiente.

Redija a manifestação adequada do Ministério Público, abordando as respostas do município.

RESPOSTA JUSTIFICADA.

Autor: André Morgado

Sugestão de resposta:

EXMO. SR. DR. JUIZ DE DIREITO DA COMARCA DE CHUVÓPOLIS

O MINISTÉRIO PÚBLICO, nos autos da ação proposta em face do Município de Chuvópolis, vem, com fulcro nos arts. 326 e 327, ambos do CPC, apresentar RÉPLICA à contestação oferecida pelo réu.

1 - Relatório

Trata-se de ação civil pública proposta pela Promotoria de Justiça de Infância e Juventude de Torozinho, pelas Promotorias de Justiça de Cidadania e Meio Ambiente de Chuvópolis e pela Associação de Moradores do Torozinho, em face do Município de Chuvópolis, objetivando a construção de casas populares em local adequado e o reassentamento das famílias que atualmente ocupam a localidade denominada Torozinho.

Em sede liminar, requereu-se que os núcleos familiares que tenham entre seus membros crianças ou adolescentes sejam contemplados imediatamente com aluguel social e assistidos na busca de um imóvel, bem como a construção de um abrigo provisório, que apresente condições dignas de habitação, para receber famílias na eventualidade de uma nova tragédia.

Citado, o réu ofereceu contestação, em que sustentou questões preliminares à análise do mérito, bem como fatos impeditivos, modificativos ou extintivos do direito invocado, a ensejar o cabimento da réplica ora apresentada.

2 - Da alegação de ilegitimidade ativa da Promotoria de Justiça da Infância e Juventude de Torolândia e da Associação de Moradores do Torozinho

Não assiste razão ao réu.

No que tange à Associação de Moradores do Torozinho, embora não haja comprovação de que esteja constituída "há mais de um ano" (art. 5º, V, a, da Lei nº 7.347/85), resta evidenciado que há, no caso, manifesto interesse social evidenciado pela dimensão ou característica do dano, assim como pela relevância do bem jurídico a ser protegido (art. 5º, §4º, da Lei nº 7.347/85).

Por outro lado, os Tribunais Superiores têm assentado a legitimidade ativa, para a propositura de ações civis públicas, por parte de associações de moradores, desde que incluam, em suas finalidades institucionais, algum dos objetivos listados no art. 5º, V, b, da Lei nº 7.347/85.

De fato, como norte interpretativo das normas de tutela de interesses transindividuais, deve-se privilegiar o acesso à justiça, ante o reconhecimento de que a tutela de interesses pela via coletiva, molecularizada, é mais vantajosa do que a tutela de tais interesses pela via individual, atomizada, vez que promove a socialização e democratização

do processo, prevenindo a existência de decisões conflitantes, diminuindo o assoberbamento dos órgãos jurisdicionais, concentrando a análise de danos pulverizados no seio social e alcançando indivíduos lesados que, por razões diversas (econômicas, sociais, intelectuais, etc.), não veiculariam sua pretensão em juízo, dentre outras vantagens.

Assim, de rigor a dispensa da observância ao requisito temporal de constituição da associação autora - ante a constatação de que há candente interesse social e relevância jurídica na resolução do caso, que versa sobre o reassentamento de população de baixa renda instalada precariamente em área de risco - bem como uma análise extensiva das finalidades da associação.

No que tange à Promotoria de Justiça de Infância e Juventude de Torolândia, igualmente legitimada à presente demanda.

Com efeito, como sói ocorrer em casos de tutela de interesses transindividuais, a ação em apreço veicula uma miríade de interesses diversos, seja quanto a seus titulares, seja no aspecto qualitativo.

Ora, não há dúvidas de que o caso posto encerra, dentre outros, interesses transindividuais de crianças e adolescentes residentes na localidade, a determinar a atribuição do Ministério Público (arts. 201, V, e 201, I, ambos do ECA; art. 34, VI, a, da LOMPERJ), sendo certo que, no âmbito institucional, a tutela de tais interesses é atribuída às Promotorias de Infância e Juventude.

Assim, de serem rejeitadas as preliminares opostas pelo réu.

3 - Das alegações de ilegitimidade passiva do Município de Chuvópolis e de incompetência funcional do órgão jurisdicional

De acordo com os laudos técnicos acostados aos autos, lavrados no bojo de inquéritos civis instaurados pelos órgãos ministeriais que figuram no polo ativo da presente ação civil pública, o assentamento irregular se situa, integralmente, nos limites territoriais do Município de Chuvópolis.

De outra parte, cediço que compete aos entes municipais promover o adequado ordenamento territorial, mediante o controle do uso e da ocupação do solo urbano (art. 31, X, da CRFB), bem como executar a política de desenvolvimento urbano (art. 182, caput, da CRFB).

Ainda, as condições da ação são aferidas in statu assertionis, isto é, em função das alegações do autor. Ora, considerando que as providências requeridas na exordial (concessão de aluguel social, construção de abrigo provisório e reassentamento das famílias em moradias construídas pelo Município) são de competência administrativa do ente municipal, patente a legitimidade passiva do Município de Chuvópolis.

Quanto à competência, o local do dano é o Município de Chuvópolis, critério legal de definição de competência territorial para o julgamento das ações civis públicas (art. 2º, caput, da Lei nº 7.347/85), de ser rejeitada a preliminar de incompetência do juízo.

4 - Da alegação de impossibilidade de litisconsórcio ativo entre órgãos do Ministério Público, e com a Associação de Moradores do Torozinho

Quanto ao litisconsórcio ativo entre órgãos ministeriais distintos, não há qualquer óbice à sua instauração, sendo certo que as normas do microssistema de tutela coletiva são expressas em admitir o litisconsórcio entre ramos diferentes do Ministério Público (art. 5º. V, da Lei nº 7.347/85; art. 210, §1º, do ECA), o que, por analogia, deve ser estendido a órgãos distintos de determinado ramo do Ministério Público.

Invoca-se, novamente, o acesso à justiça e o reconhecimento das vantagens da tutela coletiva de interesses, a nortear a interpretação da norma em apreço e permitir o litisconsórcio entre órgãos ministeriais diversos.

Por outro lado, a habilitação, como litisconsorte, de qualquer das partes processuais, por associação legitimada é expressamente admitida por lei (art. 5º, §2º, da Lei nº 7.347/85). Cuida-se do fenômeno da intervenção superveniente de colegitimado, a evidenciar o desacerto das preliminares invocadas pelo réu.

5 - Da alegação de impossibilidade jurídica do pedido, fundada na discricionariedade administrativa

No ponto, tem-se que, tal como formulada, a alegação em apreço - descabimento do controle jurisdicional do mérito administrativo - se refere ao mérito da causa, não versando sobre a condição da ação da possibilidade jurídica do pedido (art. 267, VI, do CPC), que corresponde à inadmissibilidade abstrata e absoluta da providência requerida na inicial.

Ainda, assinale-se que, a despeito da expressa menção legal, há forte orientação doutrinária sustentando que as hipóteses de impossibilidade jurídica do pedido encerram, de fato, julgamento de mérito, definitivo, e não meramente terminativo.

De toda sorte, como já pontuado, a condução e execução da política de ocupação do solo urbano é atribuída aos municípios (arts. 31, X, e 182, caput, ambos da CRFB), sendo exercida sob o pálio da discricionariedade administrativa.

No ponto, não há dúvidas de que política de ocupação do solo urbano é meio de concretização do direito social à moradia (art. 6º, caput, da CRFB) e, em última análise, da dignidade da pessoa humana, estabelecida como fundamento da República (art. 1º, III, da CRFB).

De outra parte, a inafastabilidade do controle jurisdicional de lesão ou ameaça de lesão a direito é garantia individual atribuída ao cidadão (art. 5º, XXXV, da CRFB).

Demais disso, a inação administrativa sujeita o ente - e, portanto, a coletividade em geral - a responsabilização civil, na hipótese de nova tragédia ambiental, com danos à população instalada no local.

É dizer, há comando normativo, de estatura constitucional, a determinar, no presente caso, a atuação do ente administrativo, já que os moradores da região denominada Torozinho estão, atualmente, instalados precariamente no solo urbano, em área sujeita a risco, sendo patente a violação a seus legítimos interesses.

Além disso, possível antever, no caso de descumprimento de seu dever de fiscalização e implementação de direitos sociais, a possibilidade de responsabilização civil do ente.

Assim, no Estado Democrático de Direito prometido pela Carta da República, não há lugar para a omissão administrativa, nas hipóteses, como a presente, em que incumbe ao ente estatal agir na tutela de interesses transindividuais violados. É dizer, conquanto a atuação estatal seja, necessariamente, discricionária, o âmbito de conformação da conduta administrativa não abrange o não-fazer, a omissão.

Nesse contexto, ao censurar a omissão ilícita e determinar ao Poder Executivo a adoção de determinada conduta, não se verifica, por parte do Poder Judiciário, violação ao modelo tripartido de separação de Poderes engendrado por Montesquieu, senão, precisamente, o fortalecimento deste, mediante o emprego do mecanismo de checks and balances, ou freios e contrapesos, que preconiza a limitação de um Poder por outro.

De rigor, portanto, a rejeição da preliminar suscitada pelo réu.

6 - Da alegação de incompetência da Justiça Estadual

A mera constatação de que a área atualmente ocupada pela população de Torozinho se caracteriza como bem da União não enseja a fixação da competência na Justiça Federal. O interesse do ente federativo nacional é meramente reflexo, na medida em que a lesão é atualmente suportada pelos moradores da região do Torozinho e adjacências; já as providências são requeridas, integralmente, ao Município de Chuvópolis que, como visto, possui competência administrativa para promover a ocupação lícita do solo urbano e garantir o direito social à moradia.

Assim, não incide, no caso, qualquer das hipóteses legais de fixação de competência da Justiça Federal, taxativamente listadas no rol inscrito no art. 109, da CRFB.

7 - Das alegações de ausência de dotação orçamentária específica e de local adequado no município para a construção de casas destinadas ao assentamento pleiteado

Como visto, o direito social é moradia é garantido ao cidadão, por expressa menção contida no texto constitucional (art. 6º, caput, da CRFB). Bem ainda, compete aos Municípios promover a ocupação ordenada do solo urbano e delinear a política urbanística (arts. 31, X, e 182, caput, ambos da CRFB).

Cumpre, portanto, ao Município de Chuvópolis destinar dotação orçamentária anual para a consecução de seus misteres legais. Seria teratológico considerar possível ao ente federativo escudar-se em omissão ilícita (não destinação de verba em sua lei orçamentária) para justificar o cumprimento de seus deveres legais (não promoção de ocupação regular do solo urbano e desatendimento ao direito social à moradia).

Ainda que o argumento de índole orçamentária seja tido como válido, deve, no caso em tela, ser ponderado com os demais interesses em jogo.

Ora, não há dúvidas de que o direito social à moradia, porquanto inerente à própria dignidade da pessoa humana, há de prevalecer sobre a norma de Direito Financeiro,

mormente na hipótese em que a população que ocupa a localidade denominada Torozinho sofre risco de vida, no previsível caso de novas chuvas torrenciais.

Ademais, o Direito Financeiro possui modalidades de abertura de créditos adicionais (suplementares, especiais e extraordinários - arts. 40 e 41, da Lei nº 4.320/64) aplicáveis a despesas não previstas na lei orçamentária.

Noutro giro, a alegação de ausência de local adequado, no Município de Chuvópolis, para a construção de casas populares, há de ser cotejada com as provas produzidas durante a instrução, descabendo sua análise em fase processual prematura.

8 - Da necessária rejeição da reconvenção proposta pelo réu em face da Associação de Moradores do Torozinho

O Município de Chuvópolis apresentou reconvenção em face da citada associação, objetivando a condenação dos associados por danos ao meio ambiente e a desocupação do local por meios próprios.

Embora a legislação determine a apresentação da reconvenção em peça distinta da contestação (art. 299, do CPC), o melhor entendimento é no sentido de que a apresentação em peça única, desde que bem delimitados os pedidos, constitui mera irregularidade, não ensejando seu indeferimento de plano ante a ausência de prejuízo.

No entanto, há, no caso óbice intransponível à admissão da reconvenção proposta pelo réu.

De fato, o art. 315, par. único, do CPC é expresso em vedar a reconvenção nos casos em que o autor demanda "em nome de outrem".

Ora, embora, no processo civil coletivo, o autor litigue em nome próprio, fato é que, no plano material, o interesse defendido é titularizado por terceiros, e não pelo representante adequado determinado pela legislação.

Ainda, as normas de processo civil coletivo hão de ser interpretadas de modo a garantir aos titulares de interesses transidividuais a tutela adequada de seus direitos, e não para, inversamente, esvaziar a garantia do devido processo legal que lhes é constitucionalmente deferida (art. 5º, LIV, da CRFB).

No ponto, não há dúvidas de que a admissão do pedido indenizatório formulado na reconvenção, a ser suportado pelos indivíduos titulares do interesse transindividual violado, em ação na qual não figuram como partes processuais, representaria indevido esvaziamento de suas garantias constitucionais processuais.

Assim, consoante a melhor doutrina sobre o tema, de ser indeferida, por ausência de interesse processual (na modalidade interesse-adequação) a reconvenção proposta pelo réu em face da Associação de Moradores do Torozinho (art. 295, III, c/c 267, VI, ambos do CPC).

9 - Conclusão

Ante o exposto, o Ministério Público:

- reitera o pedido, formulado na exordial a título de antecipação de tutela, de deferimento de aluguel social e assistência na busca de imóvel aos núcleos familiares que tenham entre seus membros crianças ou adolescentes;

- reitera o pedido, formulado na exordial a título de antecipação de tutela, de construção de um abrigo provisório, que apresente condições dignas de habitação;

- requer a rejeição das questões preliminares ao conhecimento do mérito deduzidas pelo réu e, consequentemente, a continuação do processo, com o julgamento de procedência das pretensões deduzidas na inicial; e

- requer o indeferimento da reconvenção apresentada pelo Município de Chuvópolis.

Chuvópolis, data.

Promotor de Justiça

Comentários:

A questão cuja resposta foi acima sugerida é longa, possuindo diversos elementos a serem enfrentados. A dificuldade é acentuada, ainda, ante o fato de o examinador ter determinado a elaboração de peça processual. Sugere-se ao candidato proceder à divisão de sua resposta em tópicos e de forma idêntica àquela procedida pelo examinador ao redigir a questão.

Ainda, em se cuidando de questão que envolve o conhecimento de disciplinas diversas (no caso, Direito Processual Civil, Constitucional, Administrativo e Financeiro), é preferível ao candidato limitar-se a discorrer mais profundamente sobre a(s) matéria(s) relacionada(s) à Banca Examinadora que formulou a questão (no caso, Direito Processual Civil), buscando sempre efetuar a correlação com os temas contidos no ponto sorteado.

(XXXI CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL– 2009) *1ª questão – O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, através da Promotoria de Tutela Coletiva de Ondefica, instaurou inquérito civil visando a apurar notícia de má prestação do serviço público de transporte coletivo urbano por ônibus naquela cidade. No curso das investigações, restou apurado que os veículos da concessionária do serviço, Rodebem Transportes Ltda., estavam em péssimas condições, apresentando vícios capazes de expor a vida e a segurança dos usuários a graves riscos. Apurou-se ainda que os veículos já contavam mais de quinze anos de utilização, em que pese o contrato de concessão prever que a vida útil dos coletivos não poderia ultrapassar dez anos. No curso das investigações, o Promotor de Justiça oficiante é surpreendido com a notícia de que a concessionária firmara um Termo de Ajustamento de Conduta com a Associação de Moradores de Canavial, principal bairro servido pelas linhas operadas por aquela, visando à solução do problema. Requisitada cópia deste TAC, o Promotor de Justiça verificou que ali constavam as seguintes cláusulas: 1) A concessionária efetuará a troca de toda a frota de veículos; 2) A concessionária realizará*

reparos mecânicos nos veículos coletivos hoje em uso, de forma a torná-los seguros e adequados; 3) A concessionária indenizará qualquer consumidor que sofra danos materiais ou morais decorrentes da má prestação do serviço com a quantia de R$ 1000,00.

Diante desse quadro, o que pode fazer o Promotor de Justiça? Elabore a peça processual que entender adequada.

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA VARA CÍVEL DA COMARCA DE ONDEFICA - RIO DE JANEIRO

Ref:. IC nº xxx

O **MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**, por intermédio do(a) Promotor(a) de Justiça signatário(a), em atuação na da Promotoria de Tutela Coletiva de Ondefica/RJ, lastreado no, legitimado pelos artigos 127, *caput* e 129, inciso III, da Constituição Federal e nos termos do artigo 25, inciso IV, da Lei n. 8.625/93, e na Lei Complementar n. 106/2003 (Lei Orgânica do Ministério Público do Estado Rio de Janeiro), combinado com os artigos 1°, II, IV e 21 da Lei Federal n° 7.347/85, vem, perante Vossa Excelência, propor a presente

AÇÃO CIVIL PÚBLICA DECLARATÓRIA DE NULIDADE DE TAC CUMULADA COM OBRIGAÇÃO DE FAZER E DE PAGAR

em face de

1) Rodebem Transportes Ltda, concessionária de serviço público, CNPJ nº xxx, com sede na Rua XXX.

2) **Associação de Moradores de Canavial,** associação civil com sede na rua xxx.

3) **Município de Ondefica,** com sede xxxxx, devendo ser citado na pessoa de seu Procurador Geral.

Pelos motivos de fato e de direito que passamos a expor

1. DOS FATOS

O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, através da Promotoria de Tutela Coletiva de Ondefica, instaurou inquérito civil visando a apurar notícia de má prestação do serviço público de transporte coletivo urbano por ônibus naquela cidade. No curso das investigações, restou apurado que os veículos da concessionária do serviço, Rodebem Transportes Ltda., estavam em péssimas condições, apresentando vícios capazes de expor a vida e a segurança dos usuários a graves riscos. Apurou-se ainda que os veículos já contavam mais de quinze anos de utilização, em que pese o contrato de concessão prever que a vida útil dos coletivos não poderia ultrapassar dez anos, o que fere o direito do consumidor de obter uma prestação de serviço seguro e adequado, bem como corresponde a descumprimento do contrato de concessão.

Contudo, durante as investigações, este órgão de execução foi surpreendido com a notícia de que a concessionária firmara um Termo de Ajustamento de Conduta com a Associação de Moradores de Canavial, principal bairro servido pelas linhas operadas por aquela, visando à solução do problema, sem, a participação, portanto deste órgão ministerial.

O referido TAC, nulo de pleno direito pelos motivos de direito que passaremos a expor, é composto pelas seguintes cláusulas: 1) A concessionária efetuará a troca de toda a frota de veículos; 2) A concessionária realizará reparos mecânicos nos veículos coletivos hoje em uso, de forma a torná-los seguros e adequados; 3) A concessionária indenizará qualquer consumidor que sofra danos materiais ou morais decorrentes da má prestação do serviço com a quantia de R$ 1000,00.

Este é o breve resumo dos fatos. Passemos a fundamentação jurídica da demanda.

2 - DOS FUNDAMENTOS JURÍDICOS

2.1 - DA LEGITIMIDADE DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Dentre as funções institucionais do Ministério Público, prevê a Constituição Federal, no seu art 129, inciso II *"zelar pelo efetivo respeito dos Poderes Públicos e dos serviços de relevância pública aos direitos assegurados nesta Constituição, promovendo as medidas necessárias a sua garantia"*.

Mais adiante, no inciso III, também do art. 129, a Carta Constitucional, confere legitimidade ao Ministério Público para *"promover o inquérito civil e a ação civil pública, para a proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos"*.

Também, o art. 25, inciso IV, alínea a, da Lei Orgânica nº 8.625/93 determina, por sua vez, que ao *Parquet* incumbe promover o inquérito civil e a ação civil pública, na forma da lei para a anulação ou declaração de nulidade de atos lesivos ao patrimônio público ou à moralidade administrativa do Estado ou de Município, de suas administrações indiretas ou fundacionais ou de entidades privadas de que participem". No mesmo sentido dispõe o artigo 34, VI da Lei Complementar Estadual nº 106/2003.

Ademais, considerando que as péssimas condições da frota de ônibus usada pela demandada Rodebem caracteriza frontal violação aos direitos difusos e individuais homogêneos dos consumidores, dos usuários indetermináveis e dos usuários determináveis e individualmente lesados pelo serviço público de má qualidade oferecido pela segunda ré, também se confirma a legitimidade do Ministério Público Estadual para a presente demanda através dos artigos 6º, X, 8º, 81, parágrafo único I e III e 82, I todos do Código de Defesa do Consumidor.

2.2 - LEGITIMIDADE PASSIVA DOS DEMANDADOS

A legitimidade passiva da concessionária de serviço público Rodebem Transportes Ltda. é evidente em razão de ser a responsável direta pela inadequada prestação do serviço de transporte coletivo aos usuários do serviço.

Sobre o Município de Ondefica sua inclusão no polo passivo se justifica em razão da sua omissão em fiscalizar o cumprimento do contrato de concessão do serviço

público de transporte coletivo firmado entre a Municipalidade e a **Rodebem Transportes Ltda**, visto que é dever do poder concedente exigir o correto cumprimento do contrato, conforme artigo 29 incisos I, II, VI e VII da Lei nº 8987/95.

Já a **Associação de Moradores de Canavial**, esta deve participar como ré da presente ação visto ser a compromitente do TAC nulo, cuja declaração de nulidade é um dos pedidos desta demanda, devendo, por óbvio, integrar seu polo passivo, em atenção ao princípio do contraditório.

2.3 – DA NULIDADE DO TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA FIRMADO PELA TERCEIRA DEMANDADA

Primeiramente, nos cabe esclarecer os motivos do pedido de declaração de nulidade do TAC firmado pela Associação de Moradores de Canavial com a concessionária de serviço público Rodebem **Transportes Ltda, visto que aparentemente protege os interesses dos usuários do serviço.**

Como é cediço, as associações civis possuem legitimidade para propor a ação civil pública, podendo, portanto firmar termo de ajustamento de conduta nos termos do artigo 5º, §6º da Lei nº 7347/85. Contudo, para tal se faz necessário o preenchimento dos requisitos previstos na Lei 7347/85 em todas as suas nuances, incluindo o disposto no artigo 5º, inciso V e §6º, o que não ocorreu no caso em tela.

Isso, pois a Associação de Moradores de Canavial, como associação de moradores, possui como finalidade institucional a proteção dos interesses dos moradores do referido bairro, não incluindo, entre suas finalidades institucionais, a proteção ao patrimônio público e social e ao consumidor (art. 5º, V, "b" Lei 7347/85) o que acarreta o descumprimento doutrinariamente chamado de pertinência temática, o que impõe por si só a nulidade do TAC visto que carece de legitimidade a referida associação para representar os interesses difusos e individuais homogêneos dos consumidores usuários do serviço de transporte coletivo.

Ademais, mesmo que tal associação tivesse legitimidade para firmar o mencionado TAC, este foi feito sem interveniência do Ministério Público, o que também atrai sua nulidade, já que representa uma burla indireta ao artigo 5º, §1º da Lei 7347/85, afastando a interveniência do Ministério Público, legalmente imposta pelo referido artigo para os casos de ação civil pública proposta por outro legitimado, que não pode, por óbvio, ser afastada nos casos de termo de ajustamento de conduta. Isso, pois o TAC é um instrumento extrajudicial de resolução de conflito que dispensa homologação judicial para surtir efeitos, não podendo ser utilizado de forma possibilitar a ausência da referida intervenção do *Parquet* como fiscal da lei, uma das suas mais relevantes atribuições institucionais.

2.4- DA VIOLAÇÃO AOS DIREITOS DOS USUÁRIOS DO SERVIÇO DE TRANSPORTE PÚBLICO

Partindo do inafastável pressuposto da nulidade do TAC firmado entre a Associação dos Moradores de Canavial e a Rodebem Transportes Ltda. se impõe que a presente demanda deve servir de instrumento de proteção aos consumidores, diretamente afetados pelas péssimas condições dos ônibus da Rodebem Transportes Ltda.

Considerando que se trata de uma prestação de serviço público que tem fundamento num contrato de concessão, claramente descumprido no caso em tela, temos a incidência da Lei Federal n. 8.987/95, onde consta do art. 6º, parágrafos 1º e 2º, a necessidade de prestação de um serviço adequado (seguro e regular e atual dentre outros), bem como dos artigos 29, incisos I, VI e VII, que impõe a necessidade de fiscalização da qualidade do serviço prestado aos usuários pelo poder concedente (Município de Ondefica) e artigo 31, I e VII, que traz como obrigações da concessionária a prestação do serviço adequado e a necessidade de zelo dos bens vinculados a concessão, o que também não ocorreu.

Já com base nesses dispositivos legais da Lei 8987/95 estaria plenamente demonstrada a violação do contrato de concessão e por consequência o descumprimento do direito dos usuários do serviço, consumidores por força do artigo 6º, inciso X, visto que a idade avançada da frota de ônibus e as péssimas condições desses veículos já descumprem o conceito de "serviço adequado".

Mas, inclusive por se tratar de direitos difusos e individuais homogêneos dos consumidores, a essa violação também se aplica a Lei 8078/90, incidindo sobre a questão os artigos 4º, VII, 6º, I, VI e X, 8º e em especial o artigo 22 e seu parágrafo único que aponta serem os órgãos públicos, por si ou suas empresas, concessionárias, permissionárias ou sob qualquer outra forma de empreendimento, obrigados a fornecer serviços adequados, eficientes, seguros e, quanto aos essenciais, contínuos e que nos casos de descumprimento, total ou parcial, das obrigações referidas neste artigo, serão as pessoas jurídicas compelidas a cumpri-las e a reparar os danos causados, na forma prevista neste código.

2.5- DO DANO MORAL COLETIVO

Em razão da violação ao direito difuso dos consumidores, usuários e possíveis usuários do serviço de transporte coletivo, que tiveram sua sensação de segurança e confiança no serviço oferecido pela Rodebem Transportes Ltda destruída, é devido pela concessionária, em razão da inadequação do serviço prestado, e pelo Município de Ondefica, em razão da sua omissão em fiscalizar a adequação dos serviços prestados pela concessionária, o pagamento de indenização do dano moral coletivo a ser depositado no Fundo de Direitos Difusos (artigo 13 da lei nº 8987/95), já que é um dos danos advindos da já descrita violação do dever de prestação do serviço adequado e como tal, a lei deve permitir sua integral reparação, como previsto no artigo 83 do CDC e no artigo 1º, IV da Lei nº 7347/85 que prevê expressamente as ações de responsabilidade por danos morais causados a qualquer interesse difuso ou coletivo, se enquadrando no primeiro o respeito aos direitos dos consumidores.

2.6 DOS DANOS MORAIS E MATERIAIS INDIVIDUAIS HOMOGÊNEOS

Além do dano moral coletivo, é devida indenização pelos danos individualmente causados em cada consumidor que expôs a risco a sua segurança e saúde ao ser transportado por veículos em péssimas condições de uso, ressaltando que tal dano não se confunde com o dano moral coletivo, visto que este é a violação do direito de uma coletividade de indivíduos cujas características de personalidade não interessam para quantificação do dano, pois são vistos como grupo cuja determinabilidade deve ser indiferente para a fixação do dano moral coletivo.

Aqui, no caso estamos falando de uma proteção coletiva do dano moral e material individual de cada lesado, a ser apurado em fase de liquidação de sentença, mas cuja legitimidade para pleitear é deste órgão ministerial por ser tratar de direito individual homogêneo, já que há uma situação fática que une os titulares desse direito de indenização, indenização essa também devida pela concessionária pela inadequação do serviço prestado e pelo Município de Ondefica este em razão da sua omissão em fiscalizar a adequação dos serviços prestados pela concessionária.

3. DO PEDIDO DE CONCESSÃO DE LIMINAR

O fundamento legal para a CONCESSÃO DE LIMINAR na presente ação civil pública está no art. 12 da Lei n.º 7.347/85 c/c o art. 273 do Código de Processo Civil c/c artigo 84 §3º do CDC. Nesse passo, os requisitos para o deferimento da medida são a relevância do fundamento da demanda ou *fumus boni juris* e o receio de dano irreparável e de difícil reparação, ou seja, o *periculum in mora*.

No caso em análise, encontra-se patenteada a "*fumaça do bom direito*", uma vez que ficou demonstrada a violação das normas que regem a prestação do serviço público, conforme já exposto anteriormente.

Por outro lado, justifica-se o "perigo da demora" em razão do perigo ao qual estão expostos os usuários do serviço de transporte público oferecido aos cidadãos do Município de Ondefica já que os ônibus utilizados não possuem as condições adequadas de segurança para o transporte viário de passageiros.

Presentes, assim, os pressupostos autorizadores da concessão de MEDIDA LIMINAR, requer seja, com fundamento nos arts. 12 da Lei n. 7.347/85 (LACP) e 84, § 3º. do Código de Defesa do Consumidor – aplicável a qualquer tipo de ação civil pública em virtude do que dispõe o art. 21 da LACP -, a referida medida de urgência LIMINARMENTE deferida, **para:**

1) determinar a concessionária de serviço Rodebem Transportes Ltda que:

a) retire de circulação todos os ônibus que estejam sem condições de realizar o transporte viário de passageiros com segurança em 48 horas;

b) apresente em 30 dias um cronograma para troca dos veículos que possuem mais de 10 anos de uso, bem como para o conserto daqueles que possuem menos de 10 anos de uso mais que por outros motivos não estão nas condições para a prestação do serviço adequado de transporte público.

2) determinar ao Município de Ondefica que à decisão concessiva da liminar seja dada a máxima publicidade, por meios físicos e virtuais, com vistas ao seu conhecimento pela comunidade em geral.

4. DOS PEDIDOS PRINCIPAIS

Ao final do processo, requer o Ministério Público seja:

4.1. Seja **declarada a nulidade** do TAC firmado entre a Associação dos Moradores de Canavial e a concessionária de serviços públicos;

4.2. Seja, ainda, imposta a primeira demandada **a obrigação de fazer**, qual seja, adequar todos os veículos utilizados para o transporte coletivo de passageiros no Município de Ondefica às normas de segurança e conservação de forma a atender ao conceito de serviço adequado, em especial, a manter a frota com idade inferior a 10 anos, conforme previsto no contrato de concessão.

4.3. Seja também determinado ao Município de Ondefica a **obrigação de fazer**, consistente em fiscalizar corretamente o contrato de concessão firmado com a primeira demandada, exigindo a prestação de serviço adequado e punindo nos termos do referido contrato a concessionária em caso de descumprimento;

4.4. Sejam a primeira e a terceira demandadas condenadas a **obrigação de pagar** indenização do dano moral coletivo causado a coletividade pelo descumprimento comissivo e omissivo (respectivamente) do dever de prestação do serviço de transporte coletivo público adequado e seguro, estimada em cem mil reais a ser depositado na conta do Fundo de Direitos Difusos.

4.5. Sejam a primeira e a terceira demandadas condenadas a **obrigação de pagar** indenização pelos danos materiais e morais individualmente comprovados em sede de liquidação de sentença causados aos consumidores usuários dos serviços de transporte coletivo prestado pela primeira demandada.

5. DOS REQUERIMENTOS

5.1. Sejam os autos do **Inquérito Civil nº XXX distribuídos como documentos que acompanham essa demanda;**

5.2 Seja determinada a **citação dos réus**, para que contestem a ação no prazo legal, sob pena de suportar os efeitos da revelia;

5.3 A condenação dos réus no ônus da sucumbência, fixados em 20% (vinte por cento) do valor da causa, os quais deverão ser revertidos para o Fundo Especial do Ministério Público/Centro de Estudos Jurídicos do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, nos termos da Lei Estadual nº 2.819/97, regulamentada pela Resolução GPGJ nº 801/98;

5.4 seja a verba sucumbencial destinada ao Fundo Especial do Ministério Público, regulamentado pela Lei Estadual n.º 2819/97 e pela Resolução GPGJ n.º 801/98.

Protesta por todas as provas admitidas em direito, especialmente, as provas documental, testemunhal, além de pericial e outras que se mostrarem necessárias no curso do processo.

Dá-se à causa o valor de R$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para efeitos fiscais.

P. deferimento.

Onde fica, XX de XXXX de XX

Promotor de Justiça

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL - 2009) *2ª questão - O Ministério Público ajuizou ação civil pública visando a obrigar determinado Município a fornecer medicamentos necessários à manutenção da vida de pessoas idosas enfermas e com deficiência física, mas com o necessário discernimento para os atos da vida civil. Em contestação, alegou-se ilegitimidade ativa, por se tratar de direitos individuais de pessoas com plena capacidade para seus atos, bem como impossibilidade jurídica do pedido, por ausência de determinação da fonte de custeio e por se tratar de tema afeto à discricionariedade administrativa. Acolhendo tais argumentos, o juiz extinguiu o processo sem resolução do mérito e remeteu os autos ao Tribunal para reexame necessário, não tendo havido recurso do Ministério Público. Por não haver necessidade de provas, o Tribunal reformou a sentença e julgou o mérito do processo favoravelmente ao Ministério Público, excluindo a condenação em honorários advocatícios em razão da natureza da parte autora. Manifeste-se objetivamente sobre as decisões judiciais.*

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

Tendo em vista os fatos narrados, é de se destacar que a primeira decisão se mostra totalmente equivocada, ao passo que a segunda, apesar de adotar orientação acertada, se mostra errada no que toca ao capítulo relativo aos honorários advocatícios.

Abordando a primeira decisão, é imperioso observar que ambos os argumentos fazendários jamais mereceriam prosperar. Inicialmente, não há que se discutir a legitimidade ativa, uma vez que não há no ordenamento jurídico qualquer atrelamento entre a atuação do Ministério Público e a ausência de discernimento para atos da vida civil.

É certo que, ausente a capacidade de se autodeterminar e exteriorizar vontade, surge a legitimação do MP para atuar. Contudo, não há aqui um limite exclusivo de ação ministerial.

Afinal, há um grupo de pessoas com problema semelhante, reunindo características afins, indeterminadas porém determináveis. Por isso, resta clara a existência de um direito individual homogêneo, a teor do artigo 81, parágrafo único, III, da Lei n° 8.078/90.

O artigo 129, III, da Constituição da República, confere ao Ministério Público a função de promover o inquérito civil e a ação civil pública em defesa de interesses difusos e coletivos. À evidência, o texto constitucional trata tal espécie de direitos como gênero, havendo ainda a subespécie daqueles individuais homogêneos.

Não se desconhece a existência de entendimento doutrinário limitando a atuação do Parquet aos interesses difusos e coletivos, a partir de uma interpretação gramatical do texto constitucional. Contudo, tal visão se contrapõe à máxima efetividade dos direitos fundamentais, tolhendo o Ministério Público de atuar em defesa de pessoas que, coletivamente consideradas, estão em situação de vulnerabilidade.

Ademais, o artigo 82, I, da Lei n° 8.078/90, confere ao Parquet legitimidade para a tutela dos interesses ora abordados.

Logo, não resta dúvida quanto à ausência de vícios na legitimidade ativa ministerial.

Além disso, ainda no que toca aos argumentos fazendários que ensejaram a primeira decisão, a ausência de fonte de custeio não pode jamais obstar a concretização de um direito fundamental. Afinal, o fornecimento de medicamentos se mostra como condição essencial à plena fruição do direito à saúde, e à própria vida, com respaldo no artigo 6º, de nossa Bíblia Política.

Nesse sentido, regras de direito orçamentário não possuem o condão de se contrapor à máxima efetividade dos direitos fundamentais, uma vez que, fosse o contrário, haveria flagrante ofensa ao Estado Democrático de Direito.

Em verdade, a privação de medicamentos chega a ferir o mínimo existencial de saúde, sendo, assim, intolerável.

Por isso, à luz de um juízo de proporcionalidade, não é válido invocar a ausência de fonte de custeio para negar o fornecimento de medicamentos pretendido.

Outrossim, no que toca à alegada discricionariedade administrativa, é necessário observar que não é uma escolha do administrador fornecer ou não remédios. Trata-se de uma obrigação impositiva, extraída do fato de que a saúde é direito de todos e dever do Estado (artigo 196, CRFB), e incluída no conjunto de ações que compõe o SUS, a teor do artigo 4º, §1º, da Lei n° 8.080/90.

Não há, assim, qualquer margem de discricionariedade, tratando-se de ato inteiramente vinculado. Por isso, não é minimamente razoável que se invoque tal argumento para obstar a concretização de um direito fundamental.

Portanto, resta claro que todos os argumentos invocados pela sentença não merecem prosperar, e, portanto, mostra-se equivocada a decisão que os acolheu.

No que toca à segunda decisão, primeiramente é de se registrar que o Tribunal agiu acertadamente ao prosseguir imediatamente ao julgamento da causa, e não simplesmente anular a decisão e determinar o retorno dos autos ao 1º grau de jurisdição. Afinal, a questão não enseja maiores comprovações quanto ao direito invocado, sendo certo que a Fazenda Pública não apresentou qualquer matéria fática em defesa.

Logo, possível e até mesmo recomendável o julgamento do mérito diretamente, tendo em vista que a interposição do recurso devolve ao 2º grau de jurisdição a integralidade do mérito. Não há, pois, limites horizontais à cognição de segundo grau, a teor do artigo 515, caput e §2º, do Código de Processo Civil.

Por isso, considerando que não haveria no caso concreto prejuízo a qualquer das partes, é altamente indicado o julgamento de pronto do mérito da causa, com base na ideia de eficiência e no artigo 5º, LXXVIII, da Constituição da República, que trata da razoável duração do processo.

Contudo, a decisão de 2º grau de jurisdição se mostra equivocada no que diz respeito aos honorários, uma vez que o Ministério Público se integra no ente federativo estadual, ao passo que o polo passivo é composto pelo Município. Há, pois, em termos gerais, entes diferentes em litígio, sendo perfeitamente possível a fixação de honorários sucumbenciais.

É certo, porém, que toda e qualquer verba relativa a honorários em favor do Ministério Público deverá ser direcionada a Fundo Especial, sendo revertida em favor da instituição - jamais para o membro individualmente considerado, conforme expressa vedação constitucional insculpida no artigo 128, §5º, II, a.

Por todo o exposto, verifica-se que a segunda decisão se mostra parcialmente acertada.

Comentário

Como é de praxe em questões discursivas, a primeira tarefa que se apresenta é a identificação dos pontos a serem abordados na resposta. Tal exercício é especialmente relevante no caso em tela, tendo em vista o comando genérico apresentado. Assim, são duas as decisões a serem examinadas. A primeira delas acolheu os argumentos fazendários, o que torna necessária a análise dos fundamentos aduzidos em defesa pelo Município. Já a segunda é parcialmente favorável ao Parquet, devendo o candidato observar se o julgamento favorável ao MP foi correto, apontando o porquê de sua conclusão, bem como abordar a exclusão da condenação de honorários.

DIREITO PROCESSUAL PENAL

8.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII CONCURSO – PROVA PRELIMINAR – 2014) *4ª Questão – Direito Processual Penal – Austeclenianoé acusado de tráfico ilícito de drogas (art. 33 da Lei n.º 11.343/06), perante a Vara Criminal de determinada cidade, eis que preso em flagrante, na posse de 279 "papelotes" de cocaína pura, mais 451 pedras de "crack". No momento da sentença, o Juiz, entendendo que as drogas seriam para uso recreativo, opera a desclassificação da conduta, para aquela descrita no art. 28 da citada Lei (porte para uso próprio) e, em consequência, remete os autos ao Juizado Especial Criminal, por declínio de competência. O órgão do Ministério Público perante o Juízo Criminal de origem toma ciência da decisão, porém não maneja qualquer recurso. Chegando os autos ao Juizado Especial, a perplexidade toma conta do Juiz e do Promotor ali em exercício. Absolutamente convencidos de que a hipótese não é de porte para uso próprio, aquele, a requerimento deste, suscita conflito negativo de competência, remetendo os autos ao Tribunal de Justiça para exame e decisão da controvérsia. Diante da situação, pergunta-se: Cabe o conflito de competência suscitado? É possível o manejo de algum recurso contra a decisão desclassificatória por parte do Promotor em exercício perante o Juizado Especial Criminal? Em caso positivo, qual? Em caso negativo, qual seria o desfecho do caso? Resposta objetivamente justificada.*

Autora: Roberta Jorio

Sugestão de resposta

Não cabe o conflito de competência suscitado. Muito embora o Ministério Público possa, de fato, requerer ao Juízo que se suscite o chamado conflito de jurisdição (art. 115, inciso II, do CPP), no caso descrito, já estarão preclusos os meios de impugnação da decisão desclassificatória da qual resultou a alteração da competência. Tampouco cabe recurso por parte do Promotor de Justiça em exercício perante o Juizado Especial Criminal, pois, além da preclusão, este enfrentaria o óbice da ausência de atribuição para o ato, que seria privativo do Promotor de Justiça oficiante no Juízo Criminal de origem. Assim, cabe ao membro do Ministério Público requerer a absolvição do acusado, vez que convencido de

que os fatos não se amoldam ao crime tipificado no art. 28 da Lei n.º 11.343/06 e a análise do mérito quanto ao tráfico de drogas já estará transitada em julgado.

Comentário

A intenção do examinador foi de afastar a visão pré-concebida de que, em prova para o Ministério Público, a acusação implacável é sempre a melhor solução. Ressalte-se que há orientação minoritária sustentando a possibilidade, no caso, de revolver matéria já preclusa pela via do conflito de competência. Não foi este, porém, o entendimento adotado pela banca examinadora, que se filiou à posição majoritária, consentânea com a marcha evolutiva do processo.

(XXXIII CONCURSO - PROVA PRELIMINAR - 2014) *5ª Questão - Direito Processual Penal - O arquivamento do inquérito penal ou peças de informação pode fazer coisa julgada matéria? Isso seria compatível com o sistema acusatório e o princípio da inércia?*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

O arquivamento do inquérito penal ou de peças de informação não faz coisa julgada material, pois o arquivamento é ato administrativo complexo, uma decisão judicial, e não jurisdicional, no qual, após a manifestação do órgão de execução do Ministério Público neste sentido, em virtude de lastro indiciário mínimo inexistente, o juiz se limita a homologar a promoção de arquivamento. Como não há ação penal, não pode haver também jurisdição, que depende da provocação, e, portanto, também não há processo. Logo, por imperativo lógico, não pode haver coisa julgada material. Caso o arquivamento produzisse coisa julgada material, tal encerraria violação à inércia, pois estar-se-ia prestando jurisdição, com definitividade, sem provocação mediante ajuizamento de ação penal e, também, ao sistema acusatório, na medida em que uma suposta decisão de arquivamento com coisa julgada supõe, por parte do juiz, a formulação e admissão de uma imputação que sequer foi feita pelo titular da ação penal, vulnerando-se, destarte, a divisão entre as funções de acusação e julgamento, as quais estariam personificadas no mesmo órgão.

Comentário 1

É cediço que o STF já admitiu a eficácia de coisa julgada material à decisão judicial de homologação do arquivamento, nos termos que, fielmente, reproduzimos abaixo:

*Inq 2164/DF**

RELATOR: MIN. GILMAR MENDES

DECISÃO: Trata-se de inquérito policial contra o Senador Marcelo Bezerra Crivella e o Deputado Federal João Batista Ramos da Silva, para apurar suposta prática do crime previsto no artigo 299 do Código Penal (falsidade ideológica).

A Procuradoria-Geral da República, em parecer da lavra do Procurador-Geral, Doutor Antonio Fernando Barros e Silva de Souza, requereu o arquivamento do feito, afirmando o seguinte (fls. 790-793):

"Trata-se de inquérito instaurado para apurar possível prática do crime previsto no artigo 299 do Código Penal, por parte do Senador Marcelo Bezerra Crivella e do Deputado Federal João Batista Ramos da Silva.

O objeto de investigação reside no fato desses parlamentares terem supostamente ostentado, nos termos da Cláusula Quinta da 21ª alteração do contrato social da empresa TV Cabrália Ltda., datada de 13/11/2003, a condição de 'sócios administradores' da referida empresa concessionária de serviço de radiodifusão de sons e imagens, situação vedada pelo art. 54, 'a' c/c inciso II, 'a', da Constituição Federal e pelo art. 38, parágrafo único da Lei nº 4.117/92, com redação dada pela Lei nº 10.610/02. (fl. 126).

Não obstante, os parlamentares declararam na cláusula décima quinta da citada alteração contratual 'não estarem impedidos, por lei especial, de exercer a administração da sociedade' (fl. 126) o que, ao menos em tese, consubstanciaria o crime de falsidade ideológica (art. 299 do CP), eis que haveria o falseamento da verdade sobre fato juridicamente relevante.

Ainda segundo a representação, haveria fortes indícios de que o Senador Marcelo Crivella teria praticado crime contra a ordem tributária.

Marcelo Bezzerra Crivella

Consoante disposto no instrumento particular de promessa e cessão e transferência de quotas e outras avenças (280/281), em 22/12/1999 o Senador Marcelo Crivella 'cede e transfere ao Promitente Cessionário, ou a quem este indicar, 133.711 (cento e trinta e três mil, setecentos e onze) quotas' da TV Cabrália Ltda. Em contrapartida, Osvaldo Roberto Ceola 'assume perante a Anuente, a dívida do Promitente Cedente no valor de R$ 305.520,53 (trezentos e cinco mil, quinhentos e vinte reais e cinqüenta e três centavos), valor este atualizado até a presente data, na condição de devedor principal e assessório'. A outra metade das quotas do referido Senador foi transferida a José Célio Lopes, também na mesma data (fls. 282/283).

Essas transferências foram mencionadas nas Declarações de Rendas do Senador Marcelo Crivella em 2000, ano calendário 1999 (fls. 497) e, como é natural, o cedente afastou-se da TV Cabrália, bem como nas Declarações do Imposto de Renda dos adquirentes, no mesmo período (fls. 713 e 743).

Compulsando os autos, percebe-se que a transferência das cotas se deu em período anterior a 19/12/2002, data em que Marcelo Crivella diplomou-se Senador da República. E mais, ainda que a empresa TV Cabrália tenha posteriormente manifestado desistência do pedido de transferência de quotas (fl. 218), tal se deveu em razão do pretendente sócio-cotista Osvaldo Roberto Ceola já ter ultrapassado os limites fixados para estações radiodifusoaras de sons e imagens, no art. 12 do Decreto-lei nº 236/67, conforme informação do Ministério

das Comunicações (fl. 213/214). Ademais, esse pedido de desistência já não poderia ser imputado ao Senador, posto que já havia se retirado da sociedade, não cabendo falar em descumprimento doloso do art. 54, 'a', c/c inciso II, 'a', da Constituição Federal e pelo art. 38, parágrafo único da Lei nº 4.117/92, com redação dada pela Lei nº 10.610/02.

Outrossim, após a diplomação do Senador, seu nome continuou a constar formalmente do Contrato Social da TV Cabrália por mero equívoco da assessoria jurídica da empresa, não existindo nos autos nenhuma prova de que o referido Senador tinha ciência desse equívoco.

Ora, o crime de falsidade ideológica admite somente a forma dolosa. Portanto, o parlamentar não cometeu crime de falsidade ideológica ao afirmar estar desimpedido, por lei especial, de exercer a administração da sociedade, porque realmente acreditava estar completamente afastado daquela sociedade. E materialmente estava, malgrado equívoco da assessoria jurídica da empresa ter mantido seu nome no contrato social da TV Cabrália.

Com relação à TV Record de Franca, os fatos se deram de maneira semelhante. Em 15/06/1999, portanto anteriormente à data de diplomação, o Senador Marcelo Crivella cedeu e transferiu a Clodomir dos Santos Matos 16.5000 (dezesseis mil e quinhentas) quotas da TV Franca Ltda. recebendo a quantia de R$ 235.000,00 (duzentos e trinta e cinco mil reais), conforme atestado pela Superintendência Regional da 7ª Região Fiscal (fl. 284).

Portanto, cabe concluir pela atipicidade da conduta, não podendo ser imputada a prática de crime de falsidade ideológica e, considerando as declarações de renda prestadas à Receita Federal, tampouco cogitar de crime contra a ordem tributária.

João Batista Ramos da Silva

Consta dos autos pedido de substituição da administração da TV Cabrália Ltda. (fl. 310), protocolado em 16/09/2002, anteriormente a 19/12/2002 (data em que João Batista Ramos da Silva foi diplomado Deputado Federal), que passaria a ser gerida por João Luis Dutra Leite e Alexandre Faria Raposo.

Entretanto, a Junta Comercial só registra a transferência dos poderes de gestão a terceiros com a anuência do Ministério das Comunicações. O pedido de anuência foi encaminhado ao Ministério das Comunicações em 16/09/2002, mas o referido Ministério não manifestou anuência até o presente momento devido a questões burocráticas, que estão fora do alcance do referido Deputado Federal, de sorte que não se poderia falar em descumprimento doloso do art. 54, inciso 'a' c/c inciso II, 'a', da Constituição Federal e pelo art. 38, parágrafo único da Lei nº 4.117/92, com redação dada pela Lei nº 10.610/02.

Portanto, não se verificando dolo do parlamentar de falsear a verdade sobre fato juridicamente relevante, conclui-se pela atipicidade da conduta, descabendo a imputação do crime previsto no art. 299 do Código Penal, mesmo porque 'o crime de falsidade ideológica só se caracteriza se a inserção em documento particular de declaração falsa for precedida de dolo específico de criar, extinguir ou alterar situação jurídica de direito público ou privado. Embora delito de natureza formal, é mister, para que a conduta do agente se torne típica, a demonstração do elemento subjetivo do tipo. Inexistente esse, inexistente o crime (RT 807/531)'.

Ante o exposto, requer o MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL o ARQUIVAMENTO dos autos, na forma preceituada no art. 28 do Código de Processo Penal." (fls. 790-793).

No julgamento do HC nº 83.343/SP, 1ª Turma, unânime, DJ de 19.08.2005, o ministro relator, Sepúlveda Pertence, manifestou-se acerca dos efeitos jurídicos decorrentes de deferimento judicial do pedido de arquivamento de inquérito policial por parte do Ministério Público, em virtude da atipicidade do fato, como demonstra a seguinte ementa:

"I - Habeas corpus: cabimento. É da jurisprudência do Tribunal que não impedem a impetração de habeas corpus a admissibilidade de recurso ordinário ou extraordinário da decisão impugnada, nem a efetiva interposição deles.

II - Inquérito policial: arquivamento com base na atipicidade do fato: eficácia de coisa julgada material.

A decisão que determina o arquivamento do inquérito policial, quando fundado o pedido do Ministério Público em que o fato nele apurado não constitui crime, mais que preclusão, produz coisa julgada material, que - ainda quando emanada a decisão de juiz absolutamente incompetente -, impede a instauração de processo que tenha por objeto o mesmo episódio. Precedentes: HC 80.560, 1ª T., 20.02.01, Pertence, RTJ 179/755; Inq 1538, Pl., 08.08.01, Pertence, RTJ 178/1090; Inq-QO 2044, Pl., 29.09.04, Pertence, DJ 28.10.04; HC 75.907, 1ª T., 11.11.97, Pertence, DJ 9.4.99; HC 80.263, Pl., 20.2.03, Galvão, RTJ 186/1040."

Na hipótese de existência de pronunciamento do Chefe do Ministério Público Federal pelo arquivamento do inquérito, tem-se, em princípio, um juízo negativo acerca da necessidade de apuração da prática delitiva exercida pelo órgão que, de modo legítimo e exclusivo, detém a opinio delicti a partir da qual é possível, ou não, instrumentalizar a persecução criminal.

A jurisprudência do Supremo Tribunal Federal (INQ nº 510/DF, Rel. Min. Celso de Mello, Plenário, unânime, DJ de 19.04.1991; INQ nº 719/AC, Rel. Min. Sydney Sanches, Plenário, unânime, DJ de 24.09.1993; INQ nº 851/SP, Rel. Min. Néri da Silveira, Plenário, unânime, DJ de 06.06.1997; HC nº 75.907/RJ, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, 1ª Turma, maioria, DJ de 09.04.1999; HC nº 80.560/GO, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, 1ª Turma, unânime, DJ de 30.03.2001; INQ nº 1538/PR, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, Plenário, unânime, DJ de 14.09.2001; HC nº 80.263/SP, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, Plenário, unânime, DJ de 27.06.2003; INQ nº 1608/PA, Rel. Min. Marco Aurélio, Plenário, unânime, DJ de 06.08.2004; INQ nº 1884/RS, Rel. Min. Marco Aurélio, Plenário, maioria, DJ de 27.08.2004; INQ-QO nº 2044/SC, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, Plenário, maioria, DJ de 08.04.2005; e HC nº 83.343/SP, 1ª Turma, unânime, DJ de 19.08.2005), assevera que o pronunciamento de arquivamento, em regra, deve ser acolhido sem que se questione ou se entre no mérito da avaliação deduzida pelo titular da ação penal, exceto nas duas hipóteses em que a determinação judicial do arquivamento possa gerar coisa julgada material, a saber: prescrição da pretensão punitiva e atipicidade da conduta.

Nesse particular, é válido transcrever o inteiro teor da ementa do Inquérito nº 1.604, também da relatoria do Ministro Sepúlveda Pertence, que expõe a questão ainda com maior clareza:

"Inquérito policial: arquivamento requerido pelo chefe do Ministério Público por falta de base empírica para a denúncia: irrecusabilidade. 1. No processo penal brasileiro, o motivo do pedido de arquivamento do inquérito policial condiciona o poder decisório do juiz, a quem couber determiná-lo, e a eficácia do provimento que exarar. 2. Se o pedido do Ministério Público se funda na extinção da punibilidade, há de o juiz proferir decisão a respeito, para declará-la ou para denegá-la, caso em que o julgado vinculará a acusação: há, então, julgamento definitivo. 3. Do mesmo modo, se o pedido de arquivamento - conforme a arguta distinção de Bento de Faria, acolhida por Frederico Marques -, traduz, na verdade, recusa de promover a ação penal, por entender que o fato, embora apurado, não constitui crime, há de o Juiz decidir a respeito e, se acolhe o fundamento do pedido, a decisão tem a mesma eficácia de coisa julgada da rejeição da denúncia por motivo idêntico (C.Pr.Pen., art. 43, I), impedindo denúncia posterior com base na imputação que se reputou não criminosa. 4. Diversamente ocorre se o arquivamento é requerido por falta de base empírica, no estado do inquérito, para o oferecimento da denúncia, de cuja suficiência é o Ministério Público o árbitro exclusivo. 5. Nessa hipótese, se o arquivamento é requerido por outro órgão do Ministério Público, o juiz, conforme o art. 28 C.Pr.Pen., pode submeter o caso ao chefe da instituição, o Procurador-Geral, que, no entanto, se insistir nele, fará o arquivamento irrecusável. 6. Por isso, se é o Procurador-Geral mesmo que requer o arquivamento - como é atribuição sua nas hipóteses de competência originária do Supremo Tribunal - a esse não restará alternativa que não o seu deferimento, por decisão de efeitos rebus sic stantibus, que apenas impede, sem provas novas, o oferecimento da denúncia (C.Pr.Pen., art. 18; Súmula 524). 7. O mesmo é de concluir, se - qual sucede no caso -, o Procurador-Geral, subscrevendo-o, aprova de antemão o pedido de arquivamento apresentado por outro órgão do Ministério Público." (INQ 1604, Rel. Min. Sepúlveda Pertence, DJ 13.12.02)

Constata-se, portanto, que apenas nas hipóteses de atipicidade da conduta e extinção da punibilidade poderá o Tribunal analisar o mérito das alegações trazidas pelo Procurador-Geral da República.

Isso evidencia que, nas demais hipóteses, como nada mais resta ao Tribunal a não ser o arquivamento do inquérito, a manifestação do Procurador-Geral da República, uma vez emitida, já é definitiva no sentido do seu arquivamento.

Sendo assim, o ato de "solicitar o arquivamento", na hipótese estrita em que se alegue a inexistência de lastro probatório mínimo, apresenta a natureza eminentemente jurídica de obstar a apreciação judicial de eventual persecução penal por parte do Poder Judiciário.

No caso concreto ora em apreço, o pedido de arquivamento formulado pelo Procurador-Geral da República, Doutor Antonio Fernando Barros e Silva de Souza, baseia-se no argumento de que a conduta apurada nos autos deste inquérito é atípica.

Da leitura dos elementos colhidos nas investigações, observa-se que os investigados, o Senador Marcelo Bezerra Crivella e o Deputado Federal João Batista Ramos da Silva, no momento da investidura em seus respectivos cargos não mais integravam ou possuíam cotas ou ações das empresas concessionárias de serviços de radiodifusão de sons e imagens.

O tipo penal imputado aos investigados é o previsto no art. 299 do Código Penal: "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita, com o fim de prejudicar direito, criar obrigação ou alterar a verdade sobre fato juridicamente relevante."

Ante o exposto, portanto, os fatos apurados não podem, nem mesmo em tese, ser considerados como criminosos, porque, na espécie, é manifesta a atipicidade da conduta de ambos os investigados.

Nestes termos, na linha do posicionamento do Ministério Público Federal, determino, com fundamento no art. 21, XV, do RI/STF e no art. 3º, I, da Lei nº 8.038/1990, o arquivamento do presente inquérito.

Publique-se.

Arquive-se.

Brasília, 5 de setembro de 2006.

Ministro GILMAR MENDESRelator

Não obstante a posição do STF, a questão exigia como resposta a negativa de que a decisão judicial de arquivamento produza efeitos de coisa julgada material. E com razão, pois, como assevera Afrânio Silva Jardim: "Dissemos decisão judicial, no sentido próprio da expressão. Vale dizer, não é um mero despacho como pode fazer crer uma leitura apressada do código. Não é sentença por inexistir processo ou jurisdição, mas simples decisão administrativa (sentido lato). Por ser oriunda do Poder Judiciário, torna-se judicial" In: Direito Processual Penal.Estudos e Pareceres. 12.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris. 2013, p. 194.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR -2011) *4ª questão - Direito Processual Penal- No que se refere aos procedimentos penais, pergunta-se: a) É possível a decretação de absolvição sumária com base na prescrição virtual ou pela pena ideal? b) Existe a possibilidade de realização de diligências após a audiência concentrada no procedimento sumário?*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

a) A despeito de posições em contrário, no sentido de que a prescrição virtual ou pela pena ideal encerraria falta de interesse de agir, a decretação de absolvição sumária é impossível porque viola o princípio da obrigatoriedade da ação penal pública. Ademais, o enunciado da súmula n. 438 do STJ reputou inadmissível a extinção da punibilidade pela prescrição da pretensão punitiva com fundamento na pena hipotética, independentemente da existência ou sorte do processo penal.B) Uma vez que (i) o art. 533 prevê a aplicação do procedimento ordinário quando omisso for o procedimento sumário, e que o (ii) art. 535,CPP, assevera que Nenhum ato será adiado, salvo quando

imprescindível a prova faltante, via de regra a realização de diligências após a audiência concentrada não é possível, à exceção daquelas consideradas essenciais ou houver complexidade acima do normal e número elevado de réus, devendo o juiz, nestes casos excepcionais, paralisar ou fracionar a audiência, abrindo vista às partes para memoriais (art. 403, parágrafo 3º, CPP).

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR -2011) *5ª questão - Direito Processual Penal - Dado o advento da Lei 12.403/11, pergunta-se: a) Foi extinta a modalidade cautelar de flagrante delito? b) No caso de não existirem os motivos para a prisão preventiva em crime com pena abstrata maior de quatro anos, como pode agir o juiz ao receber o auto de prisão em flagrante? RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

a) Antes do advento da Lei 12.403/11, a prisão em flagrante, lavrado o auto, administrativamente, pela autoridade policial e, após comunicação ao juiz, em homenagem ao art. 5º, LXII, e, desde que corroborada por este, passava a encerrar título prisional cautelar autônomo. Isso porque quando da lavratura do auto já está presente o fummus comissi delicti, restando ao juiz a apreciação do periculum in mora. Tal se infere do art. 5º, LXI, CR. Com a alteração legislativa, perdeu o título prisional autonomia, pois o juiz não mais ratifica o flagrante e o mantém com a mesma natureza, mas está obrigado pelo art. 310, CPP a relaxar a prisão ilegal, conceder liberdade provisória quando não for o caso de decreto preventivo ou converter a prisão em flagrante (realizada pela autoridade policial) em preventiva. Não subsiste mais, portanto, a prisão em flagrante como forma autônoma de cautelar prisional.

b) Conforme a hipótese pode conceder liberdade provisória vinculada na forma do art. 310, parágrafo único, CPP; b) conceder liberdade provisória com fiança; c) conceder liberdade provisória sem fiança, cumulada com uma ou mais medidas cautelares do art. 319, CPP, sempre respeitados os critérios do art. 282, CPP, conforme estipula a regra do art. 321 do CPP.

Comentário 1

Consoante salienta o examinador da banca à época em obra: "Ocorre que a Lei 12.403/2011, amparada nesta doutrina, acabou por retirar autonomia da prisão em flagrante como cautelar. A referida defende que, 'O flagrante é uma medida precária, que não está dirigida a garantir o resultado final do processo, e que pode ser praticado por um particular ou pela autoridade policial. Com esse sistema, o legislador consagrou o caráter pré-cautelar da prisão em flagrante...' [o autor cita neste trecho a doutrina de Aury Lopes Jr]". Noutro trecho, assevera o autor: "Porém, para nós, esta alteração feita pelo legislador não foi a mais acertada. Ora, entre

nós a prisão em flagrante, após ratificada pela autoridade judicial, sempre foi uma forma autônoma de prisão cautelar, conforme se depreende do texto constitucional".(Cf. LIMA, Marcellus Polastri. Da Prisão e da Liberdade Provisória....Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011p.72,73).

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR -2009) *4ª questão - DireitoProcessual Penal - José foi preso em flagrante delito, e lavrado o flagrante pelo Delegado da 9ª DP, por crime de roubo, sendo recolhido o agente ao cárcere provisório e a comunicação do flagrante foi distribuída ao juiz da Vara Criminal competente dentro das necessárias 24 (vinte e quatro) horas. Pergunta-se:a) O Magistrado, não estando presentes motivos para a soltura do detido, pode manter, justificadamente, aquela prisão em flagrante já efetivada pelo delegado, com base no fumus comissi delicti e, em caso positivo, o que deve apreciar o juiz?b) Ou seria necessário que, neste caso concreto, não estando presentes os motivos para relaxamento ou liberdade provisória, o Magistrado decretasse uma cautelar de prisão preventiva do agente preso? EM CADA LETRA DA QUESTÃO JUSTIFIQUE A OPÇÃO ESCOLHIDA e REBATA, SE FOR O CASO, A NÃO ESCOLHIDA DE FORMA SEPARADA E SUCINTA*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

a) A resposta é afirmativa, devendo o juiz analisar o periculum libertatis. Neste momento, o juiz fará um exame sobre a necessidade da prisão. Tal se fundamenta no disposto pelo art.5º , LXII da CRFB/1988, o qual impõe a comunicação imediata da prisão em flagrante ao magistrado e justifica-se pela (i) necessidade de reação social imediata ou autodefesa social face ao injusto penal e (ii) pela colheita imediata de suporte indiciário mínimo em função da certeza visual do delito e da necessidade de preservação desses elementos. **b)**A resposta é que não será necessário que o juiz decrete a prisão preventiva. A posição oposta se baseia na ideia de que a prisão em flagrante não pode subsistir por si só, em virtude de ser medida pré-cautelar de natureza pessoal. Esta posição se equivoca, pois a prisão em flagrante é, após confirmada autoridade judicial, modalidade autônoma de cautelar à luz da CRFB, art. 5º, LXI e LXII e do CPP, art. 306, parágrafo 1º.

Comentário 1

A questão, atualmente, resta prejudicada. Isto porque a última grande reforma do CPP quanto às prisões e outras medidas cautelares modificou sensivelmente o tratamento da prisão em flagrante e da preventiva. Conforme é cediço, hodiernamente, uma vez lavrado o auto de prisão em flagrante, a comunicação imediata se dá ao juiz para que este, em caso de presença dos requisitos que autorizam a prisão preventiva, converta a prisão em flagrante naquela.

Neste particular, concordamos com Afrânio Silva Jardim e Pierre Souto Maior Coutinho de Amorim: "Verifica-se, portanto, que a possibilidade de o juiz decretar a prisão preventiva,

quando da homologação do flagrante, em atuação ex officio, é inconstitucional, por violar o art. 129, inciso I da CR, já que o juiz provoca a própria jurisdição, na fase inquisitorial, avançando indevidamente acerca da opinio delicti. O juiz somente pode converter a prisão em flagrante em prisão preventiva mediante provocação do Ministério Público ou por representação da Autoridade Policial" (in: Direito Processual Penal. Estudos e Pareceres. 12.ed Rio de Janeiro: Lumen Juris: 2013, p. 428).

Comentário 2

A resposta procurou guardar consonância com o conteúdo da obra do examinador à época sobre o ponto perguntado. (In: LIMA, Marcellus Polastri. Manual de Processo Penal. 5.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009, p. 609 et seq: "E daí a pergunta: e quanto ao outro requisito da prisão cautelar, o periculum in mora ou periculum libertatis? Este requisito fica ao prudente exame do juiz, que, ao receber o auto de prisão em flagrante, fará um juízo da presença da necessidade da prisão e, caso negativo, deverá liberar o preso. E é por este motivo que o legislador constituinte dispõe no art. 5º, LXII, que deve haver imediata comunicação da prisão em flagrante ao juiz de direito. E quais são as justificativas para esta exceção, com exame posterior da necessidade da prisão? Parte da doutrina aponta duas justificativas: 1. Reação social imediata à prática do ilícito penal; 2. Necessidade de coleta imediata da prova ". Ainda em trecho posterior, em resposta à doutrina que atribuía caráter de medida pré-cautelar à prisão em flagrante, o autor arremata: "Porém, esta conclusão não nos afigura a mais acertada. Ora, entre nós a prisão em flagrante, após ser ratificada pela autoridade judicial, é forma autônoma de prisão cautelar, conforme se depreende do texto constitucional e do Código de Processo Penal. O que ocorre é que se trata de medida excepcional, pela qual são autoirizadas a captura, a lavratura do auto de prisão em flagrante e a detenção, sem prévia ordem judicial, por estar evidentemente presente o fummus comissi delicti".

Comentário #3. A antiga redação do art. 306 e parágrafo 1º do CPP, ao qual a resposta faz menção, dispunha neste sentido:

Art. 306. A prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão comunicados imediatamente ao juiz competente e à família do preso ou a pessoa por ele indicada. (Redação dada pela Lei nº 11.449, de 2007).

§ 1º Dentro em 24h (vinte e quatro horas) depois da prisão, será encaminhado ao juiz competente o auto de prisão em flagrante acompanhado de todas as oitivas colhidas e, caso o autuado não informe o nome de seu advogado, cópia integral para a Defensoria Pública. (Redação dada pela Lei nº 11.449, de 2007).

(XXXI Concurso – PROVA PRELIMINAR –2009) *5ª questão – DireitoProcessual Penal – Pedro foi condenado a 22 anos de prisão no dia 24.04.2009, por prática de homicídio qualificado, pelo Tribunal do Júri de Niterói. De imediato, o advogado apresentou o recurso de protesto por novo júri, afirmando que o crime foi praticado e o réu pronunciado no ano de 2007, quando este recurso estava ainda em vigor em nossa lei*

processual. Alegou o defensor que a norma tinha caráter hibrido ou que seria norma mista, com carga penal, não podendo ser aplicada a novatio legis da reforma penal do ano de 2008 e, ainda, que não poderia ser ofendido o princípio ou garantia do duplo grau de jurisdição que rege a matéria de recursos. O advogado de Pedro estaria com razão?- JUSTIFIQUE A REPOSTA, POSITIVA OU NEGATIVAMENTE CONSIDERANDO CADA ARGUMENTO DO CAUSÍDICO.

Autor: André Morgado

Sugestão de resposta

Há controvérsia sobre o tema. Para determinado setor doutrinário, a norma que revogou a mencionada espécie recursal encerraria conteúdo híbrido (penal e processual penal), pelo que não poderia retroagir para alcançar fato pretérito, ante a garantia de irretroatividade da lex gravior (art. 5º, XL, da CRFB). O melhor entendimento, no entanto, é no sentido de que a norma possui conteúdo exclusivamente processual, já que se limitou a expurgar do ordenamento determinada modalidade recursal, não refletindo sobre o direito material. Aplicável a regra tempus regit actum (art. 2º, do CPP), sendo certo que o marco temporal é a data da lavratura da decisão pelo Conselho de Sentença. Quanto à alegação de violação da garantia do duplo grau de jurisdição, tampouco assiste razão ao causídico, seja porque a decisão proferida pelo Tribunal do Júri continua a desafiar recurso de apelação (art. 593, III, do CPP), seja porque a modalidade recursal revogada não provocava a atuação da instância de grau superior.

Comentários

A questão foi formulada em 16/08/2009, isto é, pouco mais de um ano após a vigência da Lei nº 11.689/08. De toda forma, a obra do examinador, de leitura obrigatória, já analisava a questão (LIMA, Marcellus Polastri. Manual de Processo Penal, 4ª ed., Ed. Lumen Juris, pp. 1047/1048), tendo a jurisprudência se pacificado, posteriormente, no mesmo sentido defendido na citada obra. Em se cuidando de questão de Prova Preliminar, com severa limitação de linhas para a resposta, cumpre ao candidato ser conciso em sua explanação e preciso no uso do vernáculo, concentrando o máximo de informações em um texto curto.

8.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL PENAL- 2014) *- 1ª Questão - Uma sentença tida por inexistente pode gerar algum tipo de efeito jurídico no processo penal? Caso positivo, qual ou quais? Resposta objetivamente fundamentada.*

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

A sentença é uma manifestação da jurisdição. Jurisdição é o poder que o Estado tem de dizer o Direito. Pela sentença, o magistrado aplica o direito aos fatos que foram levados a seu conhecimento. Trata-se, portanto, da manifestação de um dos poderes políticos do Estado.

Mas como ato jurídico que é, a sentença possui planos de existência, validade e eficácia. Só se afere validade e eficácia caso ela exista.

Para que ela, a sentença, exista, deve emanar de um órgão que possui jurisdição. Por isso, uma sentença assinada por quem não é juiz não existe, sequer pode ser chamada de sentença, pois emana de quem não possui jurisdição.

Portanto, em regra, uma sentença inexistente não pode gerar qualquer efeito jurídico no processo penal.

Há, contudo, uma hipótese na qual doutrina e jurisprudência divergem: sentença emanada de órgão judicial sem competência constitucional para apreciar a questão. Passa-se a explicar.

É dito que a competência é parcela da jurisdição atribuída a um órgão. Tal definição é criticada por alguns sob o argumento de que a jurisdição é uma, portanto o que haveria seria uma repartição de trabalho. De qualquer forma, a Constituição da República reparte a competência em diversos dispositivos, como o art. 102 que traz a competência do STF, o art. 105 que traz a do STJ e o 109, que traz a competência da Justiça Federal. A competência da Justiça Estadual não é trazida expressamente pois é residual e alcançada por um critério de exclusão.

Diante disso, levanta-se a questão: qual é o vício que possui a sentença emanada por quem não tem competência constitucional? Ou seja, se é hipótese de competência da Justiça Federal, por força do art. 109 da CRFB, mas o feito foi processado e julgado perante a Justiça Estadual, qual é a natureza do vício dessa sentença?

Para uma primeira corrente, ela seria nula, o vício seria de nulidade absoluta, porque em que pese o juiz estadual não ter competência para aquele feito, ele é dotado de jurisdição, então a sentença existiria.

A segunda corrente, contudo, entende que o vício é de inexistência, pois a sentença seria emanada de órgão absolutamente incompetente para a apreciação da causa, de forma que reconhecer a existência desta sentença (a emanada por órgão sem competência constitucional) seria violar a própria Constituição.

Essa segunda corrente se divide com relação aos efeitos dessa sentença inexistente. Alguns autores defendem que apesar de ela ser inexistente, se o órgão do Ministério Público não atacar tal vício por recurso, ou seja, se apenas a defesa recorre, o Tribunal deve reconhecer o vício e absolver o réu. Mas em nome da vedação da reformatio in pejus e do Pacto de São José da Costa Rica, que impede que um indivíduo seja julgado duas vezes pelo mesmo fato (art. 8º, item 4, Decreto 678/1992), a ação não

poderá ser novamente proposta na justiça correta. Ou seja, neste caso, mesmo sendo a sentença inexistente, se absolver o réu ela terá gerado efeitos. Quais efeitos? Impedirá a reapreciação do fato pelo órgão constitucionalmente competente.

Afirmou-se, contudo, que havia uma subdivisão da segunda corrente com relação aos efeitos. E isso porque o STF, apesar de entender que o vício é de inexistência, não extrai qualquer efeito jurídico daí, permitindo que a demanda seja novamente proposta diante de seu juiz natural, pois entende que de ato inexistente nenhum efeito pode ser extraído.

Note-se, por fim, que neste caso também o princípio do promotor natural seria violado, para aqueles que entendem que tal princípio existe, pois a ação penal teria sido proposta por quem não tem atribuição constitucional para tanto.

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL PENAL– 2014) *– 2ª Questão –Sobre a interceptação telefônica, responda:*

a) Qual sua natureza jurídica? Pode ser determinada de ofício pelo juiz? E mediante representação da Autoridade Policial, com manifestação contrária do Ministério Público?

b) Por quanto tempo e por quantas vezes pode ser prorrogada?

c) As conversas interceptadas têm que ser integralmente transcritas? Ou podem ser transcritas apenas naquilo que interessar à investigação? Neste último caso, a Defesa pode ter acesso ao conteúdo integral das conversas interceptadas e gravadas?

d) É possível utilizar a conversa gravada como prova em desfavor do interlocutor que não era alvo da medida? E este novo interlocutor pode passar a ser monitorado independentemente de uma nova decisão judicial determinando a interceptação de suas conversas próprias?

e) É possível utilizar as conversas interceptadas como prova emprestada em outros processos, civis ou criminais, caso o Juiz do processo criminal em que foi determinada autorize?

Resposta objetivamente fundamentada.

Autora: Roberta Jorio

Sugestão de Resposta

A questão propõe uma ampla análise do tema interceptação telefônica, norteada pelas indagações que compõem o enunciado. É importante que o candidato associe a análise da Lei n.º 9.296/96 aos conhecimentos oriundos da doutrina e da

jurisprudência para oferecer ao examinador uma visão ampla do instituto em tela. Devem ser abordados e desenvolvidos os seguintes pontos:

a) Trata-se de medida cautelar probatória cuja realização de ofício pelo juiz, apesar de prevista genericamente no art. 3º da Lei 9.296/96, só deve ser admitida depois de inaugurada a ação penal, sob pena de ofensa à imparcialidade do julgador. Havendo representação da autoridade policial, é necessário que o Ministério Público manifeste-se, pois constitui o titular privativo da ação penal, sendo sua a última palavra acerca da produção da prova. Portanto, manifestando-se contrariamente ao pleito formulado pelo delegado de polícia, não poderá o juiz, deste modo, acatá-lo.

b) Segundo o art. 5º da Lei n.º 9.296/96, a diligência não se estenderá por um prazo maior do que 15 (quinze) dias, renovável por igual tempo. Ocorre que tal previsão fora mitigada pela jurisprudência dos Tribunais Superiores, que, atualmente, admitem tantas renovações quantas forem necessárias para a obtenção da prova.

c) A despeito do que parece constar no § 1º do art. 6º da Lei n.º 9.296/96, a jurisprudência aponta para a desnecessidade de degravação integral das conversas interceptadas, admitindo-se que sejam transcritos apenas os trechos necessários à investigação. Segundo precedentes dos Tribunais Superiores (STJ, HC 278.794/SP), indicando-se a existência de efetivo prejuízo na degravação parcial, pode a defesa pleitear o acesso ao conteúdo integral das conversas interceptadas e gravadas.

d) Havendo evidência em desfavor de interlocutor diverso do alvo da interceptação, tem-se o que a doutrina comumente denomina de encontro fortuito de prova. Neste caso, será possível a utilização deste novo elemento de convicção, desde que o procedimento do qual resultou seja absolutamente regular (good faith exception). Quanto à possibilidade de iniciar-se novo monitoramento independentemente de decisão judicial, a doutrina diverge, prevalecendo a orientação de que a nova prova serve ao início de um procedimento investigatório distinto, sendo, portanto, indispensável novo decreto cautelar para a interceptação telefônica.

e) A jurisprudência dos Tribunais Superiores tem admitido que apenas o laudo de degravação das conversas interceptadas possa servir como prova emprestada em instruções distintas, pois, nestas condições, assumirá o caráter de prova documental. Frise-se que, segundo as lições de Ada Pelegrini Grinover, o empréstimo da prova depende do preenchimento de dois requisitos essenciais: (i) a participação dos mesmos envolvidos no momento da produção da prova original; e (ii) tenha sido a prova emprestada obtida sob o crivo do contraditório.

Comentário

Em perguntas que envolvam vários itens, é interessante que o candidato aborde, sistemática e separadamente, cada uma das alíneas, independentemente de optar por fazer referência expressa às letras do enunciado ou redigir texto corrido.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL PENAL – 2012) 1ª questão – Tendo em vista a modificação ocorrida sobre a possibilidade de participação das partes no interrogatório, é possível que sejam asseguradas perguntas ao advogado e ao Ministério Público no momento em que o réu é inquirido no inquérito policial?

Autor: Eduardo Fonseca

Sugestão de resposta

A persecução penal no processo penal brasileiro pode ser dividida em duas grandes fases: a fase pré-processual e a fase processual. Esta última é aquela que se verifica após a deflagração da ação penal em face do autor do fato criminoso. No direito brasileiro, vige o sistema acusatório durante o curso do processo, que é aquele sistema pelo qual há nítida divisão de atribuições entre acusador, defensor e julgador, além do respeito às garantias do acusado com a observância dos princípios do devido processo legal, do contraditório e da ampla defesa. Assim, apesar do Código de Processo Penal Brasileiro possuir normas nitidamente inquisitórias, influenciado pelo código italiano elaborado durante o governo fascista de Benito Mussolini, deve-se lembrar que tal diploma legal foi impactado com a promulgação e vigência da Constituição da República de 1988, que trouxe diversos direitos e garantias processuais em seu texto, de forma que é possível concluir que, hoje, o sistema vigente no processo penal brasileiro é o acusatório.

Por sua vez, a fase pré-processual é a fase de investigação penal que tem como maior exemplo de aplicação o inquérito policial, que nada mais é do que um procedimento administrativo preliminar e preparatório que tem por objetivo apurar a infração penal e sua autoria para justificar, futuramente, a deflagração da ação penal. Trata-se de procedimento dispensável, não sendo imprescindível a existência de um inquérito policial para que seja iniciado o curso do processo, pois o que se exige para o oferecimento de denúncia/queixa é tão somente a presença de justa causa, com indícios suficientes de autoria e materialidade do delito.

Na fase pré-processual, diferentemente, vige o sistema inquisitorial, haja vista que não há processo propriamente dito, mas tão somente uma investigação. Dessa forma, garantias como a ampla defesa e o contraditório são aplicadas tão somente na fase processual, o que não permite concluir que o investigado será tratado como objeto de direito, mas tão somente que haverá a imposição de limites a tais garantias.

E é exatamente neste aspecto que surge a indagação sobre a possibilidade de participação das partes no interrogatório do investigado em sede policial, com o oferecimento de perguntas por parte do advogado e do membro do Ministério Público.

O art. 188 do CPP, que trata do interrogatório em juízo, estabelece que "*Após proceder ao interrogatório, o juiz indagará das partes se restou algum fato para ser esclarecido, formulando as perguntas correspondentes se o entender pertinente e relevante*".

Por outro lado, o art. 6º, inciso V do Código de Processo Penal, ao tratar do interrogatório durante o inquérito policial, diz que "*Logo que tiver conhecimento da prática da infração penal, a autoridade policial deverá ouvir o indiciado, com observância, no que for aplicável, do disposto no Capítulo III do Título VII, deste Livro, devendo o respectivo termo ser assinado por duas testemunhas que lhe tenham ouvido a leitura*".

Merece destaque neste último dispositivo a expressão "no que for aplicável". Isso porque foi dito acima que as fases pré-processual e processual em muito se diferenciam, sendo que naquela vige o sistema inquisitorial, enquanto que nesta está presente o sistema acusatório.

Portanto, tendo em vista que no momento em que o sujeito é interrogado no inquérito policial não é considerado acusado propriamente dito, mas tão somente investigado, não são aplicáveis, nesse momento, as garantias do contraditório e da ampla defesa. Assim, a autoridade policial, responsável pelo interrogatório, não é obrigada a estender ao advogado do investigado a possibilidade de formular perguntas na sua inquirição. Isso porque, repita-se, observa-se nessa fase o sistema inquisitorial e não acusatório.

Por outro lado, no que tange a possibilidade do membro do Ministério Público formular perguntas, o melhor entendimento é aquele que estende ao mesmo tal prerrogativa, na medida em que o inquérito policial, como já dito, tem por objetivo tão somente a formação de justa causa para que o Ministério Público ofereça a denúncia. Ora, sendo o Ministério Público o titular da ação penal e o destinatário das conclusões obtidas no Inquérito Policial, não parece lógico não lhe permitir participar de tal ato.

Nesse sentido, de acordo com tudo que foi exposto, o melhor entendimento a respeito do tema é aquele o qual permite ao membro do MP a formulação de perguntas ao investigado em seu interrogatório em sede policial, negando tal prerrogativa ao advogado daquele, haja vista que nesta fase, por ser inquisitiva, não vigem as garantias que são inerentes à fase processual, onde é aplicado o sistema acusatório.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL PENAL– 2012) 2ª questão

a) Qual é a origem do sistema adotado para inquirição de testemunhas no processo comum do CPP?

b) Existe identidade com algum sistema estrangeiro?

c) É admissível o sistema de reperguntas por qualquer das partes?

d) E na primeira fase do procedimento do júri, qual o procedimento a ser adotado a respeito da inquirição de testemunhas?

RESPOSTA JUSTIFICADA.

Autora: Giselle Grizotti

Sugestão de resposta

a) A Lei 11.690/2008, que alterou o Código de Processo Penal, adotou o sistema do exame cruzado e da inquirição direta, cuja origem é norte-americana. Esse método de perguntas de forma direta pelas partes às testemunhas é adotado, ainda, por países como Inglaterra, Alemanha e Itália. Através desse sistema, a parte que arrolou a testemunha inicia a inquirição desta e formula as perguntas de forma direta, sem intervenção do juiz (exame direto). Após, a testemunha é inquirida pela parte contrária, através de um exame cruzado. Ao final, caso haja necessidade, o juiz pode complementar a inquirição da testemunha sobre os pontos não esclarecidos. Esse sistema está previsto no art. 212 do CPP, alterado pela Lei 11.690/208, o qual prevê expressamente que as perguntas serão formuladas pelas partes diretamente à testemunha, sendo que o juiz poderá complementar a inquirição.

b) O sistema do exame direto e cruzado adotado com a reforma do Código de Processo Penal não é idêntico ao exame cruzado norte-americano (Cross-examination), embora deste se aproxime. Apesar de ambos os sistemas realizarem um exame direto e cruzado, com a participação da parte contrária, os sistemas não são idênticos, já que no sistema do Cross-examination norte-americano a inquirição das testemunhas é função exclusiva das partes, não podendo o magistrado e os jurados realizarem esta tarefa. Registre-se, ainda, que no sistema do Cross-examination o juiz limita-se a presidir o ato, não podendo fazer perguntas de forma supletiva.

c) Sim, é admissível o sistema de reperguntas pelas partes, considerando os princípios do contraditório e da busca pela verdade. Caso o magistrado resolva inquirir as testemunhas, após as partes, deve ser dado a estas o poder de terminar a inquirição. Dessa forma, a parte que arrolou a testemunha repergunta em primeiro lugar e, em seguida, a parte contrária poderá também assim proceder.

d) O procedimento adotado para o julgamento dos crimes dolosos contra a vida é bifásico, escalonado, sendo composto por duas fases. Na primeira fase, haverá o juízo de admissibilidade, em que irá se verificar se o réu será submetido a julgamento ou não pelo Tribunal do Júri. Caso o réu seja pronunciado, será realizada a segunda fase (juízo de mérito), em que os fatos serão apreciados pelos jurados, sob a presidência do juiz-presidente do Tribunal do Júri. Acerca do procedimento adotado na inquirição de testemunha, pode-se dizer que o art. 411 do CPP omite-se em relação à forma de se fazer a inquirição. Diante disso, deve ser aplicada à primeira fase do procedimento do Júri, por analogia, a regra prevista no art. 212 do Código de Processo Penal, com a redação dada pela Lei 11.690/2008, a qual adotou o sistema do exame direto e cruzado. Já durante a instrução plenária do júri (segunda fase), o art. 473 do CPP, com a redação dada pela Lei 11.689/2008, prevê que o magistrado deve perguntar primeiramente e, após, haverá a inquirição direta pelas partes.

Comentário

Antes da reforma do Código de Processo Penal realizada pela Lei 11.690/2008 não se adotava no Brasil o sistema do exame direto e cruzado, em que as partes perguntam diretamente às testemunhas. Adotava-se o exame judicial ou sistema presidencialista, em que as perguntas eram transmitidas à testemunha pelo magistrado (antigo art. 212 do CPP). A Lei 11.690/2008, ao ter modificado o art. 212 do CPP, passou a adotar o sistema do exame direto e cruzado. Assim preconiza o atual art. 212 do CPP, alterado: "Art. 212. As perguntas serão formuladas pelas partes diretamente à testemunha, não admitindo o juiz aquelas que puderem induzir a resposta, não tiverem relação com a causa ou importarem na repetição de outra já respondida. (Redação dada pela Lei nº 11.690, de 2008) Parágrafo único. Sobre os pontos não esclarecidos, o juiz poderá complementar a inquirição. (Incluído pela Lei nº 11.690, de 2008)". Já sobre a forma de inquirição das testemunhas durante a instrução plenária do júri, assim dispõe o artigo 473 do CPP: "Prestado o compromisso pelos jurados, será iniciada a instrução plenária quando o juiz presidente, o Ministério Público, o assistente, o querelante e o defensor do acusado tomarão, sucessiva e diretamente, as declarações do ofendido, se possível, e inquirirão as testemunhas arroladas pela acusação. (Redação dada pela Lei nº 11.689, de 2008)". Sobre a pergunta direcionada ao candidato acerca do novo sistema de inquirição das testemunhas, verifica-se que o examinador de Processo Penal deste concurso, Dr. Marcellus Polastri, trouxe em sua obra comentários aprofundados a respeito do assunto (in Manual de Processo Penal, 5ª edição, 2010, Editora Lumen Juris, págs. 494/503.

(XXXI CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUAL PENAL –2009) *1ª Questão – Joséfoi procurado para ser citado em abril de 2007, por prática do delito do art.121 do CP e, sendo encontrado, foi citado para ser interrogado, mas por sua contumácia, ou seja, por sua própria vontade não compareceu ao ato de interrogatório e nem constituiu advogado, prosseguindo, assim, o processo, à sua revelia, sendo-lhe nomeado defensor público. Pronunciado, em outubro de 2009, não foi localizado ao ser procurado para intimação da pronúncia. O Magistrado em 05/10/2009 determinou publicação de edital, mas o réu não foi localizado no endereço que constava dos autos. O defensor público peticionou pedindo a suspensão do processo, nos termos do art. 366 do CPP. Autos com vista ao Ministério Público qual deveria ser a promoção?*

Autora: Paula Basílio

Sugestão de resposta

O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, pelo Promotor de Justiça que essa subscreve, vem se manifestar sobre o requerimento formulado pela defesa do acusado José às fls.

Em que pese a relevância dos argumentos defensivos, manifesta-se o *Parquet* pelo indeferimento do pleito pelas razões que passo a expor.

José foi denunciado pela prática do crime previsto no artigo 121 do Código Penal, razão pela qual foi devidamente citado no mês de abril de 2007, optando, contudo, por não comparecer ao ato de interrogatório designado, assim como se omitiu na constituição do advogado, razão pela qual o processo seguiu à sua revelia, sendo o réu patrocinado pela Defensoria Pública.

De início, cabe destacar que, atualmente, o entendimento que prevalece é que o comparecimento do acusado para seu interrogatório é uma opção sua, que, no exercício da ampla defesa, pode optar por não comparecer ao ato, permitindo que o processo prossiga à sua revelia. Não há que se falar, assim, em condução coercitiva, pois o direito de presença, oriundo da autodefesa, e o direito ao silêncio, consagrado constitucionalmente, englobam o direito de escolha do agente de se fazer presente ou não na audiência.

Superada essa questão, deve ser destacado que, na hipótese, apesar de José não comparecer aos atos processuais e de não constituir advogado, não há que se falar em aplicação do artigo 366 do Código de Processo Penal. Isso porque, prevê o mencionado dispositivo unicamente que o acusado **citado por edital** que não compareça ou constitua advogado terá seu processo suspenso. A citação por edital é uma modalidade de citação ficta, pois não há nessa hipótese certeza de que o acusado efetivamente tomou conhecimento da existência de uma acusação contra si. A ideia do legislador ao estabelecer a atual redação do artigo 366 do Código de Processo Penal foi evitar que determinado processo tenha seguimento, possibilitando uma posterior condenação e até restrição do direito de liberdade, sem que nem mesmo o denunciado tenha conhecimento de que aquele procedimento foi instaurado contra si, prejudicando sua oportunidade de defesa.

No caso, porém, José foi citado pessoalmente e optou por não comparecer aos atos processuais. Assim, desde o começo o denunciado tenha conhecimento da existência de ação penal contra si e lhe foi oportunizada a possibilidade de vir a juízo se defender. A omissão foi uma escolha e não uma ausência de conhecimento da ação. Indevido, dessa forma, falar em suspensão do processo.

Superados os destaques decorrentes da citação de José, passo a analisar a validade da intimação da decisão de pronúncia. A controvérsia existente decorre do fato de que antes da edição da Lei 11.689/2008 não era possível a realização da intimação do réu da pronúncia através de edital, devendo tal ato, se o crime fosse inafiançável, ser realizado pessoalmente. Caso o acusado não fosse encontrado para ser intimado pessoalmente, antes da reforma, o processo ficaria suspenso. Atualmente, não sendo o réu solto encontrado para ser intimado (o réu preso deve ter sua intimação realizada pessoalmente no presídio), poderá a intimação ser realizada através de edital. Não há que se falar em prejuízo para a defesa, pois o réu tinha conhecimento do processo e da obrigação de manter o juízo atualizado de seu endereço. Não sendo possível localizá-lo, a utilização de edital torna-se válida.

A validade da nova previsão legislativa é indiscutível. A controvérsia que se instalou após a inovação e que é de grande relevância para o caso concreto é sobre a possibilidade de essa novidade ser aplicada para fatos anteriores à edição da Lei 11.689/2008.

Uma primeira corrente defende que a norma trazida pelo artigo 420, parágrafo único, do Código de Processo Penal tem conteúdo misto, ou seja, material-processual, de modo que não poderia retroagir para atingir situações pretéritas, sob pena de violar o princípio da legalidade e seu subprincípio da irretroatividade da lei penal prejudicial. O principal argumento daqueles que defendem essa posição é no sentido de que a inovação envolve o direito à ampla defesa, em especial a autodefesa e o direito de presença, de modo que, por envolver garantia constitucional, teria conteúdo de norma material, apesar de prevista no Código de Processo Penal. O direito de liberdade estaria em risco, então a norma não poderia retroagir para atingir situação prévia. A conclusão, então, é que a disposição anterior no sentido de que a intimação pessoal da decisão de pronúncia deveria ser aplicada e o processo ficaria suspenso enquanto essa não fosse realizada.

A segunda posição, contudo, argumenta que a norma é de conteúdo unicamente processual, logo deve ser aplicada de imediato. Prevê o artigo 2º do Código de Processo Penal que a lei processual aplicar-se-á desde logo, sem prejuízo da validade dos atos já praticados. Assim, para a lei processual penal, foi adotado pelo sistema brasileiro o princípio do *tempus regit actum*. A lei em vigor no momento do ato deve ser de imediato respeitada, ainda que o fato apurado e julgado tenha ocorrido antes de sua entrada em vigor.

Penso que a segunda posição é a mais adequada a ser adotada na hipótese e destaco que, em que pese tenha conhecimento da existência de decisões em sentido contrário, foi esse o entendimento que prevaleceu no âmbito dos Tribunais Superiores.

A inovação legislativa tem conteúdo processual, de modo que irrelevante o fato de que o crime praticado por José foi realizado antes da entrada em vigor da Lei 11.689/2008. A decisão de pronúncia foi proferida em outubro de 2009, ou seja, quando já vigia a nova redação do artigo 420, parágrafo único, do Código de Processo Penal. Dessa forma, a decisão do magistrado que determinou a intimação por edital em razão do réu não ter sido encontrado no endereço constante dos autos para ser intimado pessoalmente foi correta. Não há que se falar, então, em suspensão do processo.

A grande consequência da intimação por edital da pronúncia é que pode o processo ter prosseguimento normalmente, sem ser realizada qualquer suspensão, independente de manifestação expressa do acusado no processo, devendo ser aberta oportunidade para que as partes se manifestem sobre diligências, na forma do artigo 422 do Código de Processo Penal. Após, poderá ser designada data para realização da sessão plenária e essa ocorrerá independente do comparecimento do acusado. Dispõe o artigo 457 do CPP que o julgamento não será adiado pelo não comparecimento do acusado solto regularmente intimado. Assim, combinando os artigos 420, parágrafo único, e 457, ambos do CPP, é possível concluir pela possibilidade do chamado "julgamento de cadeira vazia".

O artigo 366, CPP apenas trata das hipóteses de citação do acusado, em nada se confundindo com a intimação da decisão de pronúncia, pois, nesse momento, é de se concluir que o réu tomou conhecimento do processo em momento oportuno.

A solução aqui apresentada somente ficaria prejudicada na hipótese de processo pela prática de fato anterior à Lei 9.271/1996. Este diploma legal inovou o Código de

Processo Penal para prever que o réu citado por edital que não comparecesse ao processo ou constituísse advogado teria ter sua ação penal suspensa. Antes dessa previsão, ainda que a citação fosse realizada por edital e não se pudesse afirmar que o acusado tomou conhecimento da acusação contra si, o processo prosseguiria normalmente à revelia. Essa norma trazida pela lei de 1996, sim, tem conteúdo material e é prejudicial ao acusado, pois suspende também o curso do prazo prescricional. Não deve retroagir, então, para atingir situações pretéritas. Logo, no caso de fato anterior à essa lei, é possível que o processo tenha prosseguido até a pronúncia sem que efetivamente o acusado tivesse conhecimento da acusação. Diante disso, permitir que a intimação da decisão de pronúncia também seja realizada por edital prejudicaria o exercício da ampla defesa. O Superior Tribunal de Justiça, então, excepcionou a aplicação do artigo 420, parágrafo único, do CPP para fatos praticados antes da entrada em vigor da Lei 9.271/1996 e que não tenha ocorrido a citação pessoal.

No caso, contudo, o fato foi praticado em 2007. José foi citado pessoalmente, de modo que efetivamente tinha conhecimento da acusação instaurada contra si. O processo somente correu à sua revelia por uma opção sua. Como deve ser adotada a posição de que a previsão do artigo 420, parágrafo único, CPP tem conteúdo processual, poderá ela ser aplicada. O acusado não manteve o juízo atualizado em relação ao seu endereço, não sendo ele encontrado para ser intimado pessoalmente. Assim, válida a intimação de José da decisão de pronúncia por edital, não havendo razões pela suspensão do processo.

Diante de todo o exposto, manifesta-se o Ministério Público a favor do prosseguimento do feito, sem suspensão do processo, requerendo a concessão de prazo para apresentação das diligências, na forma do artigo 422 do Código de Processo Penal.

Local, data

Assinatura

Comentário

Em uma questão de concurso público, fundamental que o candidato identifique o principal enfoque pretendido pelo examinador para enfrentá-lo diretamente, sem fugir ao tema proposto. Apesar disso, sempre importante que sejam expostos os conhecimentos sobre o tema exigido. Na presente questão, penso que o fundamental era que o candidato demonstrasse ter conhecimento sobre a controvérsia existente sobre a natureza da inovação do artigo 420, parágrafo único, do Código de Processo Penal, concluindo, assim, pela possibilidade ou impossibilidade de aplicá-lo para fatos ocorridos antes de sua entrada em vigor.

Conforme já demonstrado, uma primeira corrente defende o conteúdo processual-material da previsão, de modo que a norma, por sua natureza mista, estaria sujeita ao princípio da irretroatividade da lei penal prejudicial ao réu. Imediatamente após a inovação legislativa, a jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça foi vacilante. No Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro ainda encontramos algumas decisões nesse sentido:

0002460-53.2004.8.19.0021 - EMBARGOS INFRINGENTES E DE NULIDADE DES. JOSE AUGUSTO DE ARAUJO NETO - Julgamento: 27/08/2013 - SEGUNDA CAMARA CRIMINAL - EMBARGOS INFRINGENTES E DE NULIDADE. HOMICÍDIO QUALIFICADO PELO MOTIVO FÚTIL, NA MODALIDADE TENTADA. RECURSO OBJETIVANDO A PREVALÊNCIA DO VOTO VENCIDO, EM QUE SE RECONHECIA, DE OFÍCIO, A NULIDADE DO FEITO POR FALTA DE INTIMAÇÃO PESSOAL DO RÉU, FORAGIDO, DA SENTENÇA DE PRONÚNCIA. PRETENSÃO PLAUSÍVEL. FATO OCORRIDO ANTES DO ADVENTO DA LEI N.º 11.689/08, QUE DEU NOVA REDAÇÃO AOS ARTS. 420, 431 E 457 DO CÓDIGO DE PROCESSO PENAL. NORMAS DE NATUREZA HÍBRIDA, QUE NÃO PODEM RETROAGIR EM PREJUÍZO DO ACUSADO. RECURSO A QUE SE DÁ PROVIMENTO. 1. A nova redação de dispositivos do Código de Processo Penal introduzida pela Lei n.º 11.689, de 09/06/2008, que entrou em vigor em 09/08/2008 estabeleceu a possibilidade de intimação editalícia da decisão de pronúncia do acusado solto que não for encontrado (art. 420 e seu par. único), bem assim passou a permitir, em idêntica situação, que o réu seja intimado por edital para ¿a sessão de instrução e julgamento (art. 431 c.c. o art. 420) e que seja ele, caso não compareça, julgado à revelia pelo Tribunal do Júri (art. 457). 2. Cuidando-se, portanto, de normas de natureza processual e material, eis que influem no curso do prazo prescricional porquanto restará ele interrompido na hipótese de condenação do acusado pelo júri, o que, na hipótese vertente, se sucedeu, é de se reconhecer a irretroatividade dos referidos dispositivos legais, que, por serem mais gravosos, não têm aplicação aos delitos cometidos anteriormente à sua vigência, como ocorre no caso sub examen, impondo-se, assim, a anulação do processo desde a intimação editalícia do acusado da decisão de pronúncia e, consequentemente, de seu julgamento pelo Tribunal do Júri, devendo ser aguardada a sua intimação pessoal da mencionada sentença terminativa para que a ação penal tenha regular prosseguimento, reconhecendo-se, em consequência, a ultra-atividade do disposto nos artigos 413, 414 e 451 do Código de Processo Penal, com a redação em vigor antes do advento da Lei n.º 11.689/08. 3. Recurso provido.

Contudo, não foi essa a posição que prevaleceu nos Tribunais Superiores. O entendimento adotado atualmente, em ambas as Turmas do Superior Tribunal de Justiça, e no Supremo Tribunal Federal é no sentido de que a norma tem conteúdo processual, devendo ser aplicada de imediato conforme as seguintes decisões:

RHC 46758 / SP - RECURSO ORDINARIO EM HABEAS CORPUS - 2014/0070516-7 – Rel. Ministra LAURITA VAZ - T5 - QUINTA TURMA - Publicação 21/08/2014 - RECURSO ORDINÁRIO EM HABEAS CORPUS. PROCESSUAL PENAL. HOMICÍDIOQUALIFICADO. FATO OCORRIDO ANTES DA LEI N.º 9.271/1996. RÉU CITADOPESSOALMENTE E INTIMADO DA SENTENÇA DE PRONÚNCIA. POSTERIOR FUGA.APLICAÇÃO DO ART. 420, PARÁGRAFO ÚNICO, DO CÓDIGO DE PROCESSOPENAL,COM A REDAÇÃO MODIFICADA DA LEI N.º 11.689/2008. PROCEDÊNCIA.INEXISTÊNCIA DE NULIDADE. PRECEDENTES. RECURSO ORDINÁRIODESPROVIDO.1. À luz do princípio do tempus regit actum, as normas processuaispenais têm aplicação imediata e devem ser aplicadas ainda que ocrime tenha ocorrido em data anterior à sua vigência. Precedente.2. Não se descura que o art. 420, parágrafo único, do Código deProcesso Penal - com redação conferida pela Lei n.º 11.689, de 9dejunho de 2008 -, estabelece que "será intimado por edital o acusadosolto que não for encontrado"(sem grifos no original). Por isso,nahipótese de réu revel, não há nulidade pela citação por edital

dapronúncia ou realização do julgamento plenário sem a sua presença.3. Na hipótese, apesar de o crime ter sido anterior à Lei 9.271/1996, o réu foi citado pessoalmente da denúncia oferecida emoutubro de 1992, apresentou defesa prévia e, após intimado dasentença de pronúncia, interpôs recurso em sentido estrito. Aintimação por edital ocorreu apenas porque o acusado não foilocalizado quando do julgamento pelo Tribunal Júri.4. O Recorrente revel teve ciência prévia da acusação, logo, não háviolação ao exercício do direito ao contraditório e à ampla defesa.Precedentes.5. Recurso ordinário desprovido.

RHC 37526 / SP - Relator(a) Ministra MARIA THEREZA DE ASSIS MOURA - T6 - SEXTA TURMA - Data da Publicação/Fonte - DJe 17/10/2014 - PROCESSO PENAL. RECURSO ORDINÁRIO EM HABEAS CORPUS. HOMICÍDIOQUALIFICADO. DENÚNCIA. CITAÇÃO PESSOAL. PRONÚNCIA. ART. 420, CPP.APLICABILIDADE IMEDIATA. CONHECIMENTO DA DECISÃO: PESSOAL. ACÓRDÃOAMANTER O DECISUM. LIBELO OFERTADO. NOVEL INTIMAÇÃO FRUSTRADA.DETERMINAÇÃO PARA A EXPEDIÇÃO DE EDITAL. PECHA. NÃO OCORRÊNCIA. SESSÃO PLENÁRIA. INTIMAÇÃO EDITALÍCIA. POSSIBILIDADE. ART. 431 DOESTATUTO PROCESSUAL REPRESSIVO. CONSTRANGIMENTO ILEGAL. NÃOOCORRÊNCIA. RECURSO DESPROVIDO.1. Premente se mostra a pronta aplicação da possibilidade deintimação por edital do réu pronunciado, que se encontra ausente, ateor do art. 420 c.c. o art. 2.º do Código de Processo Penal, com aredação prevista pela Lei n.º 11.689/08, não obstante os fatosimputados serem anteriores à vigência do regramento.2. Na hipótese, observa-se que o recorrente foi citado pessoalmenteda denúncia, bem como intimado da pronúncia, sendo obstado oconhecimento do decisum colegiado que manteve a submissão ao júri edo subsequente libelo acusatório, determinando-se, então, aexpedição de edital.3. A intimação editalícia somente foi determinada após a nãolocalização do increpado para os demais atos processuais, o queensejou, ademais, a decretação da prisão preventiva.4. Apresenta-se, outrossim, possível a intimação ficta para asessãoplenária do júri, com espeque no artigo 431 do Estatuto ProcessualRepressivo, sob o critério tempus regit actum.5. Inexiste vício no procedimento da instância ordinária, eis que orecorrente possuía ciência do processo em seu desfavor, optandopelonão comparecimento aos atos processuais.6. Recurso desprovido.

Ainda a respeito do tema, Damásio:

O art. 420 aplica-se a todos os processos em andamento antes da entrada em vigor da Lei 11.689/2008, que se deve no dia 09 de agosto de 2008, desde que o réu tenha sido citado pessoalmente ou, se citado por edital, que ele e seu defensor tenham comparecido posteriormente. (JESUS, 2010, p. 622)

Apesar de ser bastante adequada a demonstração do conhecimento da controvérsia, o ideal é que sempre o candidato se posicione, adotando a corrente que entende mais adequada e fundamentando sua posição.

Relevante, ainda, conhecer a posição do examinador. Marcellus Polastri Lima, então examinador, por exemplo, não entendia haver qualquer inconstitucionalidade no julgamento em Plenário na ausência do acusado, desde que fosse regularmente citado. Vejamos duas de suas manifestações:

"Mas a grande novidade, sem dúvida, é a possibilidade da realização do julgamento sem a presença do acusado. É que, no sistema anterior o réu deveria estar presente, sendo o delito inafiançável, pois, caso não tivesse sido localizado para intimação da pronúncia, o feito ficaria sobrestado, até a localização do réu, e mesmo se fosse intimado o acusado, se não comparecesse ao julgamento, este não poderia se realizar. Agora, como se viu anteriormente, é possível a intimação editalícia da decisão de pronúncia, ficando o réu de qualquer forma intimado e, assim, poderá ser feito seu julgamento à revelia." (Manual de Processo Penal . 2.ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009, p. 771 e 772).

"Outros autores fazem criticas alegando que "é preocupante a possibilidade do acusado ser submetido a um julgamento sem o contato direto com o juiz natural da causa", havendo um descompasso com a Constituição. Porém, como sustentamos supra, não há inconstitucionalidade, pois a citação se dá no inicio da primeira fase, e ali se assegura o conhecimento (ciência) do processo e a conseqüente autodefesa. A crítica feita se referia ao projeto inicial da reforma, em que o recebimento da inicial só se daria com a pronúncia, mas na forma que foi aprovada e sancionada, a citação se dá no início do judicium accusationis, e isso é crucial de ser observado." (LIMA, 2009, p. 177)

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO PROCESSUALPENAL -2009) *2ª Questão - Emsendo um delito falimentar, com pena menor de 02 anos, qual o rito cabível para o julgamento? Como deve ser o procedimento?*

Autor: Lucas Bernardes

Sugestão de resposta

Anteriormente à edição da lei 11.101/05 os crimes falimentares possuíam um rito especial estabelecido nos artigos 503 a 512 do CPP. A lei 11.101/05 revogou os artigos 503 a 512 do CPP e estabeleceu que os crimes falimentares, previstos nos art. 168 a 178 da lei 11.101/05, seguirão o rito sumário (art.531 a 540 do CPP), conforme art. 185 da lei falimentar.

Ocorre que apenas um crime falimentar, omissão de documentos contábeis obrigatórios (art.178 da lei 11.101/05), possui pena de detenção de 1 (um) a 2 (dois) anos, o que admitiria, em tese, à aplicação do rito sumaríssimo, previsto no art. 394, inciso III do CPP, e disciplinado na lei 9.099/95, uma vez que o crime de omissão de dados contábeis se encaixa no conceito de infração de menor potencial ofensivo (art.61 da lei 9.099/95).

Para as infrações de menor potencial ofensivo foi estabelecido um rito simplificado, denominado sumaríssimo, regido pelos princípios da oralidade, informalidade, economia processual e celeridade (art.62 da lei 9.099/95).

No entanto, segundo Marcellus Polastri Lima[4], em sua obra, Manual de Processo Penal, aplica-se aos crimes de falência o rito sumário, mesmo que "a pena seja igual ou menor que dois anos ou igual a quatro, já que se trata de Lei especial que faz tal exigência".

Polastri justifica seu entendimento sustentando que à exigência de aplicação do rito sumário para os crimes da lei de falências está prevista em lei especial, o que derroga a regra geral estabelecida no art.394, inciso III, do CPP.

É importante destacar que a aplicação do rito sumário para o crime previsto no art.178 da lei 11.101/05 não impede à aplicação dos institutos despenalizadores previstos na lei 9.099/95. Nesse sentido, preenchidos os requisitos objetivos e subjetivos de admissibilidade dos institutos, aquele que cometeu o crime de omissão de dados contábeis (art.178 da lei 11.101/05) fará jus aos institutos da composição civil dos danos (art.74 da lei 11.101/05); da transação penal (art.76 da lei 9.099/95); e da suspensão condicional do processo (art.89 da lei 9.099/95).

A aplicação do rito sumário ao crime de omissão de dados contábeis não retira o caráter de infração de menor potencial ofensivo deste crime, razão pela qual serão aplicados os institutos despenalizadores da lei 9.099/95 ao crime previsto no art.178 da lei 11.101/05.

4. O então examinador.

DIREITO TRIBUTÁRIO

9.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2011) *20ª questão - Direito Tributário - Diferencie os conceitos de elisão fiscal e evasão fiscal. Resposta objetivamente fundamentada.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

A evasão fiscal consiste em comportamento ilícito do sujeito passivo da obrigação tributária, caracterizada pelo uso de meios ilícitos (fraude, dolo, conluio, sonegação fiscal) com a finalidade de ocultar do Fisco a ocorrência do fato gerador concreto e, assim, não pagar tributo devido. A evasão ocorre no momento do fato imponível ou após este. Já a elisão (lícita) fiscal é uma técnica de planejamento tributário e consiste na utilização pelo contribuinte de meios e formas jurídicas lícitas, antes da exteriorização da hipótese de incidência tributária, as quais encerram suporte fático não pressuposto legal da incidência de certo tributo ou, que até permitem a ocorrência de fato gerador, mas de maneira menos onerosa. Trata-se de economia lícita de tributo. Controverte-se sobre se o art.116, parágrafo único do CTN é inconstitucional por ferir a legalidade; se trata, a rigor, de norma antievasiva ou se é constitucional a norma antielisiva a fim de se evitar o abuso de direito.

Comentário 1

O dispositivo citado, conhecido como cláusula antielisão é duramente criticado por parte da doutrina. Eis a redação: "A autoridade administrativa poder desconsiderar atos ou negócios jurídicos com a finalidade de dissimular a ocorrência do fato gerador do tributo ou a natureza dos elementos constitutivos da obrigação tributária, observados os procedimentos a serem estabelecidos em lei ordinária". No que respeita ao debate doutrinário acerca da chamada norma antielisiva, vê-se desde a defesa da inconstitucionalidade da disposição em virtude da violação dos princípios da legalidade estrita, passando-se pela posição de que o dispositivo, a rigor, não cuida dos casos de elisão, mas somente de evasão fiscal, por conta do verbo 'dissimular' contido na redação, o que dá a ideia de simulação e fraude, ínsitas ao

caso de evasão. Por derradeiro, existem vozes que admitem a aplicabilidade do dispositivo às hipóteses de elisão, tendo-se por base a adoção do sistema francês e a ponderação de interesses pró-Fisco, objetivando-se a consecução de verdadeira política econômica e tributária voltada à evitação do abuso de direito e ao combate à corrupção.

Note o leitor que ao inserir a informação 'elisão (lícita) fiscal' já se põe em relevo a possibilidade das chamadas elisões ilícitas, as quais são realizadas com abuso de direito ou de forma, conforme se verá em comentário ulterior.

Comentário 2

Veja-se a opinião de Ives Gandra: "Entre os direitos e garantias individuais, que são cláusula pétreas do texto da lei suprema, encontra-se o princípio da estrita legalidade, que é conformado pela tipicidade fechada e reserva absoluta da lei formal.(...) Estou convencido que, tanto quanto a lei complementar n. 104 (norma anti-elisão), como a n. 105 (quebra do sigilo bancário), são inconstitucionais por violarem direitos fundamentais do contribuinte. O seu alvo, todavia, não foi apenas o contribuinte, mas o Poder de decidir do Judiciário (quebra do sigilo) e o Poder de legislar do Congresso (norma anti-elisão). Dois dos poderes da República, a partir dos referidos diplomas, passam a ser sumariamente substituídos pelos agentes fiscais!" (In: A inconstitucionalidade da norma anti-elisão. Disponível em: http://www.academus.pro.br/professor/ivesgranda/artigos_incostitucionalidade.htm)

Comentário 3

Aprofundando o setor que defende a constitucionalidade e legalidade da norma antielisiva, consoante explicação de Fernando Costacurta Valente: "Nesta corrente doutrinária, segundo Luciano Alaor Bogo (2006, p. 234 a 239), a norma geral antielisiva não padece de qualquer vício, restando respaldada pela própria Constituição Federal nos princípios da capacidade contributiva e da isonomia perante a tributação, e não consubstanciando violação a garantias fundamentais do contribuinte. Também tal norma não recepciona os casos de simulação que continuam sendo submetidos ao artigo 149 do Código Tributário Nacional, mas sim apenas os casos de dissimulação. Para Ricardo Lobo Torres a norma "opera no plano da mens legis, impedindo a interpretação dissimulada do Fato Gerador Abstrato, e não a dissimulação dos fatos concretamente ocorridos, como acontece na dissimulação presente na simulação relativa." (TORRES, citado por BOGO, 2006, p. 234).

Para esta corrente, a aqui questionada norma nacional tem como base a norma geral antielisiva francesa. Assim como sua norma inspiradora, a normatividade nacional, quando editada, tinha como fundamento coibir a elisão lícita praticada com abuso de direito (abuso de direito e forma, bem como fraude à lei), no intuito de encobrir a obrigação tributária.

Na presente corrente doutrinária acredita-se que a norma geral antielisiva não afeta o princípio da legalidade e não se utiliza de analogia, tampouco da interpretação econômica, para a cobrança do tributo. (Apud VALENTE, Fernando Costacurta. NORMA GERAL ANTIELISIVA, INAPLICABILIDADE OU INCONSTITUCIONALIDADE? Disponível em: http://tcconline.utp.br/

wp-content/uploads/2012/06/NORMA-GERAL-ANTIELISIVA-INAPLICABILIDADE-OU-INCONSTITUCIONALIDADE.pdf)

Nas palavras do próprio Ricardo Lobo Torres, "a recente regra antielisiva tem as seguintes características: permite à autoridade administrativa requalificar os atos ou negócios praticados, que subsistem para efeitos jurídicos não-tributários; atinge a dissimulação do fato gerador abstrato, para proceder à adequação entre a intentio facti e a intentio juris, o que é característica da elisão, na qual o fingimento se refere à hipótese de incidência, e não no fato concreto, como acontece na simulação relativa ou dissimulação no sentido do direito civil". Acentua, ainda, o autor celebrado que a norma do art. 116, parágrafo único é antielisiva, sim, pois: a) não faria sentido se concluir que o Congresso, legitimamente eleito, tenha se reunido para fins de votar lei inócua (este argumento me em vista um outro, baseado na proposição de que o legislador teria sido inócuo, uma vez que o art. 116, p.único do CTN teria dito o mesmo que o art. 149, VII e 150, parágrafo 4º); b) a norma antielisiva equilibraria a legalidade com o princípio de capacidade contributiva; c) a norma antielisiva se fundamentaria no combate à corrupção e do abuso de direito e na supremacia da substância perante a forma, entre outras proposições. (In: Revista eletrônica de direito administrativo econômico. N.4, nov-dez 2005. Normas gerais antielisivas).

Comentário 4

Para a terceira orientação, consistente em fazer o dispositivo ser aplicável somente para os casos de evasão, a pena de Misabel Abreu Machado Derzi:

O parágrafo único do artigo 116 refere-se à evasão ilícita, pois a simulação absoluta ou relativa (dissimulação), quando oculta a ocorrência do Fato Gerador ou a natureza dos elementos constitutivos da obrigação (preço, por exemplo), viola a lei, configurando verdadeira sonegação. E mais, sempre foram desconsiderados pela autoridade administrativa. (DERZI, citada por BOGO, 2006, p. 241) [Apud VALENTE, Fernando Costacurta. NORMA GERAL ANTIELISIVA, INAPLICABILIDADE OU INCONSTITUCIONALIDADE? Disponível em: http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/06/NORMA-GERAL-ANTIELISIVA-INAPLICABILIDADE-OU-INCONSTITUCIONALIDADE.pdf]

(XXXII Concurso – PROVA PRELIMINAR – 2011) *20ª questão –Direito Tributário – Dissertesobre os princípios da anterioridade e anterioridade nonagesinal em matéria tributária.*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

A anterioridade genérica ou anual, enquanto limitação ao poder de tributar prevista no art. 150, III, "b", CRFB/88, consiste na vedação ao Fisco da cobrança de tributo no mesmo exercício financeiro de sua instituição ou majoração. Insere-se nos chamados

direitos de defesa (Abwehrrechte), com natureza de cláusula pétrea e concretiza o valor da segurança jurídica. Os tributos que excepcionam tal limitação são: (i) os impostos de importação, exportação, sobre operações de crédito, seguro e câmbio, sobre produtos industrializados (em função da natureza extrafiscal destes, ligada à regulação político-econômica), (ii) o ICMS sobre combustíveis e lubrificantes sujeitos à incidência unifásica, (iii) os empréstimos compulsórios em caso de guerra e calamidade pública, (iv) o imposto extraordinário de guerra e (v) as contribuições dos arts. 195, parágrafo 6º e do 177, parágrafo 4º, I, b, in fine. A anterioridade nonagesimal ou noventena, enquanto limitação ao poder de tributar decorrente do poder constituinte derivado (EC-42-03), prevista na alínea 'c' do inciso III, art. 150, CR, manifesta o mesmo valor e natureza supra, e consiste na proibição de cobrança pelo Fisco de certos tributos antes de decorrido o prazo de 90 dias do termo a quo da publicação da lei instituidora ou majoradora de tais tributos. As hipóteses de exceção à noventena são: i) a instituição e majoração do IR; (ii) a majoração da base de cálculo do IPVA e do IPTU.

Comentário 1

A resposta acima, quando dada na ocasião da prova, poderia ser mais sintética. Explica-se: optou-se, aqui, por dar o nome dos tributos que excepcionam os princípios mencionados a fim de poupar ao leitor o tempo de consulta à legislação. Quando da prova, porém, bastaria a menção aos dispositivos em si, o que pouparia algumas linhas ao candidato.

Comentário 2

Não obstante o limite de linhas em uma questão preliminar, a pergunta é aberta, pois o examinador deseja uma dissertação sobre o tema. Note o leitor que a resposta contempla várias informações, ainda que de modo resumido: o conceito, a natureza jurídica, o fundamento legal, o valor que orienta os princípios, bem como exceções a estes. No caso da anterioridade nonagesimal, ainda se sublinha a informação de que se trata de fruto do poder constituinte derivado. Em questões desta natureza, cabe ao candidato mencionar o máximo de informações relevantes sobre o assunto.

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR -2009) *20ª questão -Direito Tributário - De acordo com a jurisprudência recente do Superior Tribunal de Justiça, no caso de tributos sujeitos a lançamento por homologação, quando o contribuinte realiza o depósito judicial com vistas à suspensão da exigibilidade do crédito tributário, está obrigado o Fisco a lançar o tributo para prevenir a decadência do direito? RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autora: Vanessa Gonzalez

Sugestão de resposta

Revendo a posição pacificada na Corte desde 2005, em recentes decisões[5], o Superior Tribunal de Justiça reconheceu que, nos casos de tributos sujeitos a lançamento por homologação, o depósito judicial do valor questionado tornaria dispensável o ato formal de lançamento por parte do Fisco[6].Ainda de acordo com o entendimento do Superior Tribunal de Justiça, eventuais diferenças não cobertas pelos valores depositados poderão ser lançadas pelo Fisco no prazo de cinco anos, contados da data da conversão dos depósitos em renda.

Comentários

Primeiramente, deve-se ter em mente que o enunciado mencionava posicionamento recente do STJ. A prova ocorreu em meados de 2009, motivo pelo qual foi sugerida a resposta acima.

Para responder à presente questão, importante destacar que em 2005, o Superior Tribunal de Justiça pacificou a questão com o julgamento do ERESP nº 572.603/PR[7], ocasião em que entendeu que a presença de uma das causas de suspensão da exigibilidade do crédito tributário, previstas no art. 151 do CTN - dentre as quais está o depósito judicial - não impediria o lançamento do tributo, especialmente nos casos de tributos sujeitos a lançamento por homologação, tendo em vista que as causas previstas no art. 151 do CTN não obstam a decadência para a constituição do crédito tributário, mas apenas suspendem a prescrição para a cobrança judicial do crédito tributário.

---

5. 1. O depósito judicial do tributo questionado torna dispensável o ato formal de lançamento por parte do Fisco (REsp 901052 / SP, 1ª S., Min. Castro Meira, DJ de 03.03.2008; EREsp 464343 / DF, 1ª S., Min. José Delgado, DJ 29.10.2007; AGREsp 969579 / SP, 2ª T., Min. Castro Meira, DJ 31.10.2007; REsp 757311 / SC, 1ª T., Min. Luiz Fux, DJ 18.06.2008).
2. Embargos de divergência a que se dá provimento.
(EREsp 671.773/RJ, Rel. Ministro TEORI ALBINO ZAVASCKI, PRIMEIRA SEÇÃO, julgado em 23/06/2010, DJe 03/11/2010)

6. Nesse sentido, vide REsp 901052/SP, Min. Castro Meira, DJ de 03.03.2008; EREsp 464343/DF, Min. José Delgado, DJ 29.10.2007; AGREsp 969579/SP, Min. Castro Meira, DJ 31.10.2007; REsp 757311/SC, Min. Luiz Fux, DJ 18.06.2008; EDcl no REsp nº 736.918, Min. José Delgado, DJ de 03.04.06; REsp 736328, Min. Francisco Falcão, DJ de 26.09.06, REsp 615.303, Min. José Delgado, DJ de 04.04.05.

7. TRIBUTÁRIO. EMBARGOS DE DIVERGÊNCIA. LANÇAMENTO POR HOMOLOGAÇÃO. DECADÊNCIA. PRAZO QUINQUENAL. MANDADO DE SEGURANÇA. MEDIDA LIMINAR. SUSPENSÃO DO PRAZO. IMPOSSIBILIDADE.
1. Nas exações cujo lançamento se faz por homologação, havendo pagamento antecipado, conta-se o prazo decadencial a partir da ocorrência do fato gerador (art. 150, § 4º, do CTN), que é de cinco anos.
2. Somente quando não há pagamento antecipado, ou há prova de fraude, dolo ou simulação é que se aplica o disposto no art. 173, I, do CTN.
3. A **suspensão da exigibilidade do crédito tributário na via judicial** impede o Fisco de praticar qualquer ato contra o contribuinte visando à cobrança de seu crédito, tais como inscrição em dívida, execução e penhora, mas **não impossibilita a Fazenda de proceder à regular constituição do crédito tributário para prevenir a decadência do direito de lançar.**
4. Embargos de divergência providos. (EREsp 572.603/PR, Rel. Ministro CASTRO MEIRA, PRIMEIRA SEÇÃO, julgado em 08/06/2005, DJ 05/09/2005, p. 199)

Assim, o Fisco estaria impedido de praticar qualquer ato contra o contribuinte visando à cobrança do tributo, mas não estaria impedido de efetuar o lançamento. Diante desse posicionamento, o Fisco estaria obrigado a lançar o tributo para prevenir a decadência.

No entanto, em recentes decisões[8] (prolatadas meses antes da realização da prova), o Superior Tribunal de Justiça passou a entender como desnecessário o ato formal de lançamento, nos casos de depósito judicial do valor questionado nos tributos sujeitos a lançamento por homologação.

9.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO TRIBUTÁRIO – 2014) *1ª Questão – Emenda Constitucional pode autorizar a cobrança de tributo previamente instituído pelo Município sem previsão na Constituição Federal? Justifique.*

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

Não, pois o direito brasileiro não admite o fenômeno da constitucionalização superveniente.

A competência tributária é rigorosamente distribuída na Constituição da República. Quanto aos Municípios, eles podem instituir impostos, taxas, contribuições de melhoria (art. 145, CRFB) e contribuição para custeio da iluminação pública (art. 149-A, CRFB).

Quanto aos impostos, o art. 156 traz taxativamente aqueles que o Município pode cobrar. A instituição de um imposto fora dessas possibilidades (IPTU, ITBI e ISS) seria inconstitucional. Apenas a União pode instituir imposto residual (art. 154, CRFB).

Quanto às demais espécies tributárias no art. 145, ou seja, taxas e contribuição de melhoria, seus requisitos estão expressos na própria CRFB. O Município não pode inventar novas espécies de tributo. Como afirma Luís Roberto Barroso, o poder de tributar é também o poder de destruir, de forma que há uma garantia constitucional do cidadão em face da tributação abusiva do Estado.

8. 1. O depósito judicial do tributo questionado torna dispensável o ato formal de lançamento por parte do Fisco (REsp 901052 / SP, 1ª S., Min. Castro Meira, DJ de 03.03.2008; EREsp 464343 / DF, 1ª S., Min. José Delgado, DJ 29.10.2007; AGREsp 969579 / SP, 2ª T., Min. Castro Meira, DJ 31.10.2007; REsp 757311 / SC, 1ª T., Min. Luiz Fux, DJ 18.06.2008) .
2. Embargos de divergência a que se dá provimento.
(EREsp 671.773/RJ, Rel. Ministro TEORI ALBINO ZAVASCKI, PRIMEIRA SEÇÃO, julgado em 23/06/2010, DJe 03/11/2010)

Portanto, se o Município viola a competência tributária constitucionalmente estabelecida, seja criando uma espécie tributária nova ou violando as regras que disciplinam as já existentes, sua atuação será inconstitucional. Originalmente inconstitucional. Assim, não poderá uma emenda constitucional posterior constitucionalizar esse tributo.

O STF adota a teoria da nulidade das normas inconstitucionais e entende que a declaração de inconstitucionalidade possui, em regra, efeitos ex tunc (salvo na hipótese de modulação dos efeitos). Então, se a lei nasce inconstitucional, será sempre inconstitucional, não podendo ser constitucionalizada por Emenda futura.

Registre-se que até há entendimento doutrinário em sentido contrário, defendendo que com a possibilidade de modulação de efeitos o STF aproximou-se da teoria da anulabilidade do controle de constitucionalidade defendida por Kelsen, argumentando que o STF poderia permitir que uma lei que nasceu inconstitucional mas se tornou materialmente compatível com a CRFB após uma Emenda pudesse ser considerada válida após essa EC (nunca retroagindo para legitimar o passado), evitando que o Município tivesse que editar uma nova lei, mas o STF não aceita tal tese.

Veja-se o exemplo da Taxa de Iluminação Pública e da COSIP. O STF declarou inconstitucional a TIP (Súmula 670, STF), pois não estavam presentes os requisitos do art. 145, II, da CRFB. Ou seja, não havia um serviço específico e divisível de iluminação pública nem exercício de poder de polícia. Diante disso, puderam os Municípios simplesmente criar uma espécie tributária não prevista na CRFB? Não. Foi necessário vir a EC 39/2002 e acrescentar o art. 149-A à CRFB, permitindo que os Municípios instituíssem a COSIP. Essa Emenda constitucionalizou eventuais leis anteriores que estabelecessem tal contribuição, ainda que com outro nome? Também não, porque não há constitucionalização superveniente para o STF.

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO TRIBUTÁRIO - 2014) *2ª Questão - Discorra sobre a aplicação temporal da lei tributária interpretativa, analisando especificamente a norma do artigo 3º da Lei Complementar 118/05 e sua interpretação jurisprudencial, tendo em vista o prazo prescricional aplicável para o ajuizamento de repetição de indébito, nos casos de tributos lançados por homologação. Resposta fundamentada.*

Autor: Matheus Rezende

Sugestão de resposta

O lançamento por homologação exige que o contribuinte ou responsável tributário declare ao Fisco o fato gerador do tributo, aplique a alíquota sobre a base de cálculo, bem como os demais elementos da obrigação tributária principal e, por fim, realize o pagamento antecipado do tributo. Esse pagamento, por expressa disposição legal tem natureza precária, uma vez que depende de homologação (art. 150, §1º, do CTN). A

legislação fixou um prazo máximo de 05 (cinco) anos para que o Fisco homologasse todos os elementos constitutivos da obrigação e do crédito tributário constituído, sob pena de ocorrência de uma homologação tácita (art. 150, §4º, do CTN). Esse prazo deve ser contado da ocorrência do fato gerador.

Vale ressaltar, entretanto, que essa regra aplica-se, segundo a melhor doutrina, apenas para os tributos sujeitos ao lançamento por homologação quando há antecipação do pagamento por parte contribuinte ou responsável tributário. Nos casos de dolo, fraude, simulação e quando não houver pagamento do tributo, aplicar-se-á a regra geral da decadência, prevista no art. 173, I, do CTN. Assim, o prazo decadencial para o Fisco constituir o crédito tributário seria também de 05 (cinco) anos, mas contados a partir do primeiro dia do ano seguinte ao qual o tributo poderia ter sido constituído.

Diante dessa peculiaridade dos tributos sujeitos a lançamento por homologação, no qual não havia pagamento, consolidou-se no Superior Tribunal de Justiça a intitulada "Tese dos Cinco mais Cinco". Isso porque, segundo o Tribunal da Cidadania, na hipótese de inocorrência do pagamento do tributo, o Fisco não tinha o que homologar. Dessa forma, após o transcurso do prazo de 5 (cinco) anos que a Administração Pública tinha para homologar o pagamento inexistente, ela poderia lançar o tributo de ofício, hipótese em que se iniciaria o prazo do art. 173, I, do CTN. Em resumo, ocorreria uma cumulação dos prazos decadenciais do art. 150, §4º, com o art. 173, I, ambos do CTN. Na prática, o Fisco dispunha de 10 (dez) anos para lançar o tributo e constituir o crédito tributário. Era um entendimento extremamente favorável à Fazenda e desfavorável ao contribuinte.

Todavia, o Superior Tribunal de Justiça modificou o seu entendimento para refutar a "Tese dos 5 + 5" em favor do Fisco, para entender que os prazos dos art. 150, §4º, e art. 173, I, ambos do CTN, não são cumulativos. Eles são independentes. Logo, na sistemática dos tributos sujeitos a lançamento por homologação, devem ser observadas as seguintes regras:

a) tributo não declarado e não pago: aplica-se a regra geral de decadência (art. 173, I, CTN) - prazo decadencial inicia-se no primeiro dia do exercício seguinte àquele em que o lançamento poderia ter sido efetuado;

b) tributo declarado e pagamento realizado: aplica-se a regra do art. 150, §4º, do CTN - prazo decadencial para homologação tácita é contado de 05 (cinco) anos da data do fato gerador;

c) tributo declarado e não pago: nesse caso, o STJ sumulou o entendimento de que a simples declaração do contribuinte que reconhece o débito é capaz de constituir o crédito tributário (súmula 436). Estando devidamente constituído, o prazo não será mais de decadência, mas de prescrição. A extinção do crédito pela prescrição será contada a partir do dia após o vencimento para pagamento do tributo.

Por outro lado, havia a "tese dos cinco mais cinco" que era favorável ao contribuinte. Explica-se. Como o pagamento nos tributos sujeitos a lançamento por homologação tem natureza precária, era preciso que o Fisco homologasse ou esperasse o transcurso do prazo de 05 (cinco) anos para ocorrer a homologação tácita, o que acontecesse

primeiro. Somente após uma dessas providências é que iniciava-se o prazo de repetição do indébito do art. 168, do CTN. O contribuinte dispunha, na prática de 10 (dez) anos para ajuizar a ação de repetição do indébito, quais sejam, 05 anos para que a Administração homologasse o pagamento antecipado e, após, mais 05 (cinco) anos para ajuizar a ação de repetição.

A LC 118/05 estabeleceu em seu art. 3º que nos casos de tributos sujeitos a lançamento por homologação, muito embora o pagamento tenha natureza precária, esta data passou a ser extremamente relevante para fins de início de contagem do prazo para ajuizar a ação de repetição do indébito.

Com o advento da LC 118/05, houve, expressamente, a antecipação do início da contagem do prazo para ajuizamento da ação de repetição do indébito para o momento em que o pagamento é realizado. Mesmo ainda tendo natureza precária por expressa disposição legal, o pagamento antecipado nos tributos sujeitos a lançamento por homologação provoca a extinção do crédito tributário. Atualmente, o prazo de 05 (cinco) anos para que o contribuinte pleiteie a restituição do valor do tributo pago indevidamente deve ser contado da data do pagamento antecipado. Trata-se, portanto, de regra claramente desfavorável ao contribuinte e vantajosa para o Fisco.

É de se observar que dada a natureza eminentemente interpretativa da norma do art. 3º, da LC 118/05, ela deveria retroagir, nos termos do art. 106, I, do CTN. Segundo este dispositivo, a lei tributária interpretativa pode ser aplicada a fatos ou atos pretéritos, excetuado apenas a interpretação que conduza à aplicação de penalidades. No caso do art. 3º, da LC 118/05, tem-se uma norma tributária genuinamente interpretativa, pois ela teve como objetivo por fim à interpretação jurisprudencial da Tese dos 5 + 5 em favor do contribuinte, que dispunha acerca do prazo para ajuizamento da ação de repetição do indébito tributário.

Contudo, o Superior Tribunal de Justiça resolveu modular os efeitos da aplicação do art. 3º da LC 118/05 de modo que estabeleceu o seguinte entendimento:

1) para os pagamentos antecipados realizados posteriormente à vigência da LC 118/05 (09/06/2005): o prazo para ajuizamento da ação de repetição do indébito é de 05 (cinco) anos, contados da data do pagamento antecipado;

2) para os pagamentos antecipados realizados antes da vigência da LC 118/05 (09/06/2005): deve-se realizar o seguinte procedimento:

2.1) aplicar a Tese dos 5 + 5;

2.2) verificar se a aplicação da Tese dos 5 + 5 não superou 05 (cinco) anos da vigência da LC 118/05 (09/06/2010). Se não houver superado, a Tese dos 5 + 5 continua válida;

2.2.1) Se a aplicação da Tese dos 5 + 5 houver superado 05 (cinco) anos da vigência da LC 118/05 (09/06/2010), aplica-se como data limite para o ajuizamento da ação de repetição do indébito os 05 (cinco) anos da vigência da LC 118/05.

Conclui-se que a Tese dos 5 + 5 encontra-se completamente ultrapassada. Seja para beneficiar o Fisco, nos casos dos tributos sujeitos a lançamento por homologação

sem antecipação do pagamento; seja para beneficiar o contribuinte, nos casos de ação de repetição do indébito para tributos sujeitos a lançamento por homologação com pagamento antecipado.

Comentário 1

É importante saber a diferença entre decadência e prescrição do crédito tributário. Aquela caracteriza-se pela perda do direito de o tributo ser lançado; logo, não haverá o crédito tributário propriamente constituído. Já prescrição é o prazo máximo que o Fisco tem para cobrar - ajuizar a execução fiscal - do crédito tributário já constituído.

Comentário 2

Para aprofundamento sobre a sistemática dos tributos sujeitos a lançamento por homologação para expurgar a "tese dos cinco mais cinco" em favor do Fisco, vide: ALEXANDRE, Ricardo. DIREITO TRIBUTÁRIO ESQUEMATIZADO. Ed. Método. 2013. P. 451-453).

Comentário 3

Para aprofundamento das regras de transição da aplicação do art. 3º, da LC 118/05, vide STJ, REsp 1002932/SP, Rel. Min. Luiz Fux, julgado em 25/11/2009.

Comentário 4

Entender a sistemática dos tributos sujeitos a lançamento por homologação é de extrema relevância, uma vez que é a modalidade de constituição do crédito tributário mais comum e que exige menos trabalho para o Fisco.

Comentário 5

Não esquecer da redação da Súmula 436, do STJ, bastante explorada em concursos, in verbis: "A entrega de declaração pelo contribuinte reconhecendo débito fiscal constitui o crédito tributário, dispensada qualquer outra providência por parte do fisco".

Comentário 6

Embora já expirado o prazo de 05 (cinco) anos da vigência da LC 118/05, a Tese dos 5 + 5 continua a ser explorada pelos concursos públicos, o que demanda conhecimento por parte do candidato. Vide, por exemplo, a questão ter sido explorada no XXXIII Concurso do MPRJ, prova aplicada em 2014.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO TRIBUTÁRIO – 2012) *1ª questão – Contribuinte foi autuado por pagar a menor o IPTU supostamente devido e não obtém êxito na esfera administrativa. O valor de IPTU a menor exigido a título de principal é de R$ 20.000,00 (vinte mil reais) e a multa aplicada, sob o argumento de reiteração do recolhimento a menor, foi imputada no valor de R$ 40.000,00 (quarenta mil reais).*

a) Ajuizada a execução fiscal, quais são os instrumentos jurídicos cabíveis paradefesa do contribuinte?

b) Disserte sobre os argumentos jurídicos a serem utilizados na defesa dessecontribuinte em sede judicial.

RESPOSTA JUSTIFICADA.

Autora: Ludimila Rodrigues

Sugestão de resposta

a) Inicialmente, consigne-se que o Imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana, previsto no art. 156, I, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, possui característica predominantemente fiscal, tratando-se de uma importante fonte de arrecadação municipal. No entanto, por expressa previsão no texto da Carta Magna, pode ser utilizado com finalidade extrafiscal, conforme prevê o art. 182, § 4º, II, CR/88. Na forma do que prevê o art. 32, do Código Tributário Nacional, o IPTU tem como fato gerador a propriedade, o domínio útil ou a posse de bem imóvel por natureza ou por acessão física, localizado na zona urbana do Município .

A base de cálculo do IPTU, conforme estabelece o art. 33, do CTN, é o valor venal do imóvel, no qual não se considera o valor dos bens móveis mantidos, em caráter permanente ou temporário, no imóvel. Observe-se, por relevante, que as alterações da base de cálculo do IPTU não se sujeitam ao princípio da anterioridade nonagesimal, por força do que prevê o art. 150, § 1º, parte final, da CR/88. O Contribuinte desse imposto é o proprietário do imóvel, o titular do domínio útil ou o possuidor a qualquer título, na forma do art. 34, do CTN.

Quanto à forma de constituição do crédito tributário, trata-se de imposto sujeito a lançamento de ofício, uma vez que a autoridade administrativa constitui o crédito tributário relativo ao IPTU utilizando-se das informações que constam do seu banco de dados relativas à propriedade de imóveis na área urbana do Município.

Uma vez ajuizada execução fiscal em face do contribuinte, caberá o oferecimento de Embargos à Execução, no prazo de 30 (trinta) dias, na forma do que prevê o art. 16, § 1º, da lei nº 6.830/80 c/c art. 38, do mesmo diploma legal. Conforme leciona Fredie Didier Jr., "os embargos servem para impugnar o título executivo, a dívida exequenda ou o procedimento executivo. O embargante pode discutir a validade do título, a inexistência da dívida ou um defeito do procedimento executivo, por exemplo."

A teor do que estabelece o art. 16, § 1º, da lei nº 6.830/80, não são admissíveis os embargos do executado antes de estar garantida a execução. No prazo dos embargos, o executado poderá alegar toda matéria útil à defesa, requerendo a produção das provas que entender cabíveis, conforme art. 16, § 2º, da lei nº 6.830.

Um outro instrumento jurídico cabível em defesa do contribuinte em questão é a exceção de pré-executividade ou, como preferem alguns, objeção de pré-executividade. Trata-se de mecanismo que possibilita ao executado a provocação o Judiciário com relação a matérias que impedem o regular prosseguimento da execução fiscal, sem a necessidade de garantir o juízo, o que representa, portanto, uma vantagem em relação aos embargos à execução. Nos termos do que prevê a súmula nº 393, do Egrégio Superior Tribunal de Justiça, a exceção de pré-executividade será admissível nas execuções fiscais relativamente às matérias que possam ser conhecidas de ofício e não demandem dilação probatória.

Em se tratando de discussões envolvendo a incidência de multa moratória, uma primeira linha de entendimento é no sentido de que tal matéria demanda dilação probatória, razão pela qual não seria cabível a exceção de pré-executividade. No entanto, há posicionamento jurisprudencial e doutrinário admitindo o instrumento jurídico da exceção de pré-executividade aos casos em questão. Essa segunda linha de entendimento leva considera a desnecessidade de dilação probatória para se aferir se a multa imposta ao contribuinte é ou não proporcional, notadamente após o Recurso Extraordinário nº 582.461/SP, julgado sob o ângulo da repercussão geral em 18 de maio de 2011.

b) O art. 150, da Constituição da República Federativa do Brasil prevê limitações expressas ao poder de tributar, elencando verdadeiras garantias asseguradas aos contribuintes. Conforme entendimento doutrinário e jurisprudencial, trata-se de verdadeira cláusula pétrea à luz do que prevê o art. 60, § 4º, IV, da CR/88. Dentre essas garantias, encontra-se o princípio da vedação ao confisco, conforme art. 150, IV, da CR.

O princípio da vedação ao confisco também pode ser denominado como princípio da razoabilidade ou proporcionalidade da carga tributária. Nesse sentido, a ideiaé a de que o poder de tributar seja utilizado de forma razoável, moderada e sem dificultar o exercício de atividades lícitas por parte do contribuinte e o suprimento de suas necessidades básicas.

A grande questão apontada pela doutrina gira em torno da indeterminação do conceito de confisco, o que faz com que fique a cargo do Poder Judiciário o reconhecimento da existência de efeito confiscatório na tributação.

A propósito do tema, vale consignar que, na ADI nº 551-1/RJ, foi declarada a inconstitucionalidade dos §§ 2º e 3º do art. 57 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Estado do Rio de Janeiro que previam a possibilidade de a multa consequente do não recolhimento de impostos ou taxas estaduais serem superiores a duas vezes o seu valor e, nos casos de sonegação de impostos ou taxas, não poderiam ser inferiores a cinco vezes o seu valor.

Disso se extrai que o princípio do não confisco deve ser aplicado não apenas aos tributos, mas também às multas tributárias.

O posicionamento do Supremo Tribunal Federal é no sentido de que a aplicação da multa moratória tem o efeito de sancionar o contribuinte que não cumpre suas obrigações tributárias, prestigiando a conduta daqueles que pagam em dia os tributos aos cofres públicos. Desse modo, para que a multa moratória cumpra seu propósito de desencorajar a elisão fiscal, não poderá ser pífia e, por outro lado, não poderá ter um importe que lhe confira característica confiscatória, o que inviabilizaria, inclusive, o recolhimento de futuros tributos.

No mesmo sentido foi o entendimento tomado no RE nº 833.106 AGR/GO, no qual deu-se provimento ao recurso para assentar a inconstitucionalidade da cobrança de multa tributária em percentual superior a 100% do tributo devido.

Logo, no caso concreto em questão, uma vez que o tributo totaliza o valor de R$ 20.000,00 e a multa foi cobrada no patamar de R$ 40.000,00, tem-se que a multa totaliza o percentual de 200% (duzentos por cento) do valor do tributo, estando em desarmonia com a atual jurisprudência do Supremo no sentido da invalidade da imposição de multa que ultrapasse o valor do próprio tributo, em respeito aos princípios da vedação à utilização do tributo e da multa com efeito de confisco, razoabilidade e proporcionalidade.

Comentários

1) A respeito do que se entende por área urbana do Município, importante trazer à colação o disposto no art. 32, § 1º, do CTB, in verbis:

"Art. 32. O imposto, de competência dos Municípios, sobre a propriedade predial e territorial urbana tem como fato gerador a propriedade, o domínio útil ou a posse de bem imóvel por natureza ou por acessão física, como definido na lei civil, localizado na zona urbana do Município.

§ 1º Para os efeitos deste imposto, entende-se como zona urbana a definida em lei municipal; observado o requisito mínimo da existência de melhoramentos indicados em pelo menos 2 (dois) dos incisos seguintes, construídos ou mantidos pelo Poder Público:

I - meio-fio ou calçamento, com canalização de águas pluviais;

II - abastecimento de água;

III - sistema de esgotos sanitários;

IV - rede de iluminação pública, com ou sem posteamento para distribuição domiciliar;

V - escola primária ou posto de saúde a uma distância máxima de 3 (três) quilômetros do imóvel considerado."

2) Ainda sobre o conceito dos Embargos à Execução, vale trazer a lição de Humberto Theodoro Júnior, no seguinte sentido: "são os embargos a via para opor-se à execução forçada. Configuram eles incidentes em que o devedor, ou terceiro, procura defender-se dos efeitos da execução, não só visando evitar a deformação dos atos executivos e o descumprimento de regras processuais, como também resguardar direitos materiais supervenientes ou

contrários ao título executivo, capazes de neutralizá-lo ou de reduzir-lhe a eficácia, como pagamento, novação, compensação, remissão ausência de responsabilidade patrimonial etc." (Curso de Direito Processual Civil. 34ª ed., vol. III. Rio de Janeiro: Forense, 2005, p. 267)

3) Súmula 393, do STJ: "A exceção de pré-executividade é admissível na execução fiscal relativamente às matérias conhecíveis de ofício que não demandem dilação probatória".

4) Entendendo pelo não cabimento da exceção de pré-executividade para a discussão de casos tais como o da presente questão, confira-se: "TRIBUTÁRIO E PROCESSUAL CIVIL. EXCEÇÃO DE PRÉ-EXECUTIVIDADE. MULTA CONFISCATÓRIA. REDUÇÃO. DILAÇÃO PROBATÓRIA. OBJEÇÃO. IMPOSSIBILIDADE. 1. A via da exceção de pré-executividade é cabível para arguição de matérias de ordem pública, devidamente instruídas com a prova da alegação. 2. O excesso de onerosidade da multa aplicada trata-se de caso que demanda incursão probatória, pelo que resta indevido o manejo da exceção de pré-executividade, sendo questão a ser debatida na via própria, nos termos do art. 16 da Lei nº 6.830/80. 3. Agravo desprovido. (TRF 5, AG 14236220134050000, Julgamento em 16/05/2013, Terceira Turma - sem grifos no original).

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE DIREITO TRIBUTÁRIO - 2010) *1ª questão - Norma que institui a cobrança de tributo municipal sem matriz na Constituição Federal pode ser alvo de emenda constitucional posterior que autorize sua cobrança?*

Autora: Bárbara Nascimento

Sugestão de resposta

Vide 1ª Questão da prova específica de Direito Tributário do XXXIII Concurso.

Comentários

Apesar de formulada com outra estrutura e outras palavras, no mérito a presente questão foi idêntica à 1ª Questão da prova específica de Direito Tributário do XXXIII Concurso. Por esse motivo, remetemos o leitor àquela resposta. Mas deve ser ressaltado que isso demonstra: a) como é importante o estudo de questões anteriores; e b) que o candidato deve perceber que a repetição de questões não necessariamente significará a repetição de respostas.

No caso, entendo que a resposta seria a mesma, contudo é possível haver alterações legislativas ou jurisprudenciais que afetem a solução a ser dada ao caso. Além disso, é possível que o examinador faça ligeiras alterações na pergunta que podem resultar em uma alteração significativa da resposta. O candidato deve ter atenção aos detalhes.

PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO

10.1. PROVAS PRELIMINARES

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *Questão 18 - Princípios Institucionais do MP - Como se dá o controle da observância do princípio da obrigatoriedade da ação penal pública, nos casos da atribuição originária do Procurador Geral de Justiça? Resposta objetivamente fundamentada.*

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

Conforme o disposto no art. 40 da Lei Complementar Estadual n° 006/03, o controle da observância do princípio da obrigatoriedade da ação penal pública nos casos citados compete ao Órgão Especial do Colégio de Procuradores de Justiça. Assim, mediante requerimento de legítimo interessado, poderá o Órgão Especial rever eventual decisão de arquivamento, designando um de seus membros para promover a denúncia. Desse modo, torna-se possível garantir a observância do princípio da obrigatoriedade - o qual, vale lembrar, prevê que, presentes as condições da ação, é obrigatório ao Ministério Público promover a ação penal pública. Por isso, o art. 40 permite que, não observada a obrigatoriedade pelo Procurador-Geral de Justiça, seja revisto tal procedimento.

Comentário

O enunciado em tela aborda um ponto que, usualmente, não é visto no dia-a-dia forense, qual seja, o controle da obrigatoriedade da ação penal pública quando esta incumbir ao PGJ. Trata-se de uma exceção à regra do art. 28, do Código de Processo Penal, uma vez que, neste caso, atua o Procurador-Geral de Justiça como "fiscalizador", ao passo que naquela situação narrada no enunciado ele se enquadra como "fiscalizado". Assim, é necessário observar que a Lei Orgânica do Parquet Fluminense confere ao Órgão Especial do Colégio de Procuradores de Justiça, na forma prescrita, a tarefa em comento.

(XXXIII Concurso - PROVA PRELIMINAR - 2014) *Questão 19 - Princípios Institucionais do MP - O Ministério Público pode intervir em ação de reparação de danos morais proposta contra um de seus membros em razão de sua atuação funcional?*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

A intervenção é admissível, respeitando-se algumas condicionantes. O Enunciado 17 da Assessoria de Recursos Constitucionais do Procurador Geral de Justiça assevera que o Ministério Público tem interesse jurídico para intervir como custos legis, na forma do art. 82, III do CPC em ação proposta contra seus membros, quando a causa de pedir estiver vinculada à atuação funcional do Promotor ou Procurador de Justiça. Trata-se de interesse institucional. O membro do Ministério Público, no entanto, será civilmente responsável somente quando, no exercício de suas funções, proceder com dolo ou fraude (art. 125, parágrafo 2º da LC 106/03). Portanto, a intervenção com base no interesse institucional é possível, mas só em casos de dolo ou fraude na atuação funcional do membro.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR -2011) *18ª questão - Princípios Institucionais do MP - Discorra sobre a possibilidade de atuação do Ministério Público estadual perante o Supremo Tribunal Federal, indicando as normas aplicáveis à hipótese.*

Autor: Michel Zoucas

Sugestão de resposta

A atuação dos Ministérios Públicos Estaduais (MPEs) no STF, que é um Tribunal nacional, é legítima. Sustenta essa conclusão o princípio da unidade (art. 127, § 2º, CRFB/88; art. 1º, P.U., da Lei 8.624/93 e art. 1º, P.U., da LC/RJ 106/03), da autonomia dos MPEs (art. 127, § 2º, CRFB/88; art. 3º, P.U., da Lei 8.624/93 e art. 3º, P.U., da LC/RJ 106/03), o pacto federativo (art. 1º, caput, CRFB/88) e a inexistência de hierarquia entre os MPEs e o Ministério Público da União. Não se ignora o art. 46 da LC 75/93 e que a atuação principal dos MPEs é perante as Justiças Estaduais, mas é preciso ter em mente que o princípio da unidade do Ministério Público se aplica a cada Ministério Público, Estadual ou da União, isoladamente, e que o citado dispositivo rege apenas o Ministério Público Federal. Entender o contrário configuraria afronta à autonomia das Instituições ministeriais e consequente reconhecimento de hierarquia entre elas, o que não é correto. Impediria, também, os MPEs de carrear a um tribunal nacional interesses afetos às atribuições próprias, decorrentes do pacto federativo, condicionando suas pretensões ao prévio crivo do Procurador Geral da República, chefe do MPU, quando tivessem que ser levadas ao STF.

Comentário 1

Precedentes jurisprudenciais: (i) STF, Pleno, Rcl. nº 7.358/SP, Rel Min. Ellen Gracie, julgada 24/02/2011, no qual a citada Corte admitiu a formulação direta de reclamação pelos MPEs, quando se argumente o descumprimento dos comandos de uma súmula vinculantes; (ii) STF, QO no RE nº 593.727, rel. Min. Cézar Peluso, julgada em 21/06/2012, quando foi permitida a sustentação oral pelo Procurador Geral de Justiça em Recurso Extraordinário interposto por MPE e (iii) STJ, Primeira Seção, AgRg no AREsp nº 194.892/RJ, Rel. Min. Mauro Campbell Marques, julgado em 24/10/2012, cujos fundamentos são plenamente aplicáveis para legitima a atuação do MPE também no STF.

Comentário 2

A presente questão foi cobrada em prova preliminar escrita aplicada no dia 04/12/2011 e o julgado destacado no item "(i)" havia sido veiculado no Boletim Informativo do STF nº 617, do mesmo ano. O candidato que conhecesse o julgado teria grande chances de obter uma pontuação muito alta na questão trabalhada, o que demonstra a importância de se estar atualizado com os Boletins Informativos dos Tribunais Superiores publicados, ao menos, nos doze meses anteriores à prova. Não raro, questões desta fase preliminar do certame do MP/RJ têm inspiração em julgados publicados nos citados informativos.

(XXXII Concurso - PROVA PRELIMINAR -2011) *19ª questão - Princípios Institucionais do MP - Pode o membro do MP exercer função em órgão situado fora da estrutura administrativa do parquet? Resposta fundamentada, como indicação das normas aplicáveis à hipótese.*

Autor: Michel Zoucas

Sugestão de resposta

Do art. 128, §5º, II, "d", CRFB/88, art. 44, IV, Lei 8.625/93 e art. 119, IV, da LC/RJ 106/03 se extrai o entendimento de que, em regra, é vedado ao membro do MP, da ativa ou afastado temporariamente em razão de disponibilidade, o exercício de função em órgão situado fora de sua estrutura, salvo uma de magistério. Deve ser priorizada a ratio da vedação para se concluir ela alcança qualquer vínculo com o Poder Público pelo membro do MP, ressalvadas a exceção constitucional, ainda que decorrente de cargo em comissão ou emprego público, o que nos parece correto. Ademais, a vedação é aplicável ao membro do MP e não à Instituição. Nada impede que o Ministério Público, e aí presentado por um de seus membros, participe de reuniões, conselhos e congêneres ligados à sua atividade fim (art. 129, IX, CRFB/88), como prevê, por exemplo, o art. 7º, §4º, da Lei 12.847/2013 e o art. 5º, X, I e II, do Dec. 99.274/90. A vedação trabalhada não abarca os membros do MP que tenham ingressado na Instituição antes da promulgação da

atual Constituição e tenham optado pelo regime jurídico anterior (art. 29, §3º, do ADCT), quando seriam regidos pelo art. 42, II, da LC 40/1981 e art. 75, caput, Lei 8.625/93.

Comentário 1

Menos de dois meses antes da aplicação da prova em que foi cobrada a questão supra, o Boletim Informativo do STF nº 646 noticiou julgado (ADI 3463/RJ, rel. Min. Ayres Britto, 27.10.2011.) acerca do art. 51 do ADCT da Constituição do Estado do Rio de Janeiro ("Art. 51 - Fica criado o Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente, como órgãos normativo, consultivo, deliberativo e controlador da política integrada de assistência à infância e à juventude. Parágrafo único - A lei disporá sobre a organização, composição e funcionamento do Conselho, garantindo a participação de representantes do Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Ordem dos Advogados do Brasil, órgãos públicos encarregados da execução da política de atendimento à infância e à juventude, assim como, em igual número, de representantes de organizações populares de defesa dos direitos da criança e do adolescente, legalmente constituídas e em funcionamento há pelo menos um ano"), cujo conhecimento levaria o candidato a estar ambientado com o tema demandado na questão e aumentaria suas chances de sucesso. Mais uma vez se ressalta a necessidade de o candidato ter conhecimentos dos Boletins Informativos dos Tribunais Superiores publicados, ao menos, nos doze meses anteriores à prova.

Comentário 2

Sugestão de leitura: Ministério Público: organização, atribuições e regime jurídico. Emerson Garcia. - 4ª ed. rev., ampl. e atual. - São Paulo, 2014. pp.760/766.

(XXXI Concurso – PROVA PRELIMINAR –2009) *18ª questão – Princípios Institucionais do MP – Os membros do Ministério Público podem ser convocados perante comissões parlamentares de inquérito, na condição de investigados em razão de fatos relativos ao seu exercício funcional?*

Autor: Marco Antonio Reis

Sugestão de resposta

Não obstante existir posição doutrinária no sentido de que a convocação é possível desde que vinculada a atividade irregular do membro, é de se rechaçar tal possibilidade. Em primeiro lugar porque viola o princípio da independência funcional(CRFB/88, art. 127, parágrafo 1º, in fine). Em segundo lugar porque não é atribuição da comissão parlamentar punir os membros do Ministério Público, ressaltando-se que estes possuem foro especial por prerrogativa de função constitucionalmente estabelecido. A competência correicional e disciplinar cabe a cada um dos Ministérios Públicos

estaduais, ao MPF e ao CNMP, cada qual em sua esfera e limites próprios. Por derradeiro, violaria, inclusive, a depender do caso concreto, o sigilo de informações sobre as quais o MP tem o dever de manter (art. 26, parágrafo 2º da Lei 8.625).

(XXXI Concurso - PROVA PRELIMINAR -2009) *19ª questão - Princípios Institucionais do MP - Procurador de Justiça inativo desde 1º de setembro de 2006, dos quadros do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro - MPRJ, inicia atividade advocatícia perante o Supremo Tribunal Federal e o Superior Tribunal de Justiça. Em recursos especial e extraordinário por ele interpostos contra acórdão do Tribunal de Justiça fluminense, a Assessoria de Recursos Constitucionais da Subprocuradoria-Geral de Justiça de Atribuição Originária Institucional e Judicial do MPRJ manifesta-se pelo não conhecimento de ambos pela falta de capacidade postulatória e encaminha cópia dos autos à Corregedoria-Geral do MPRJ, para as medidas que entender pertinentes. Recebendo as peças, o Corregedor-Geral instaura processo disciplinar e decide pela aplicação da pena de censura ao mencionado procurador. As providências adotadas estão em conformidade com os dispositivos aplicáveis, quanto à atribuição e ao mérito? Cite-os RESPOSTA OBJETIVAMENTE JUSTIFICADA.*

Autor: Leonardo Zulato

Sugestão de resposta

O Corregedor-Geral não pode instaurar diretamente sindicância ou processo disciplinar em face de Procurador de Justiça. Antes, deve representar ao Órgão Especial para que este decida sobre a instauração daqueles (art. 126 c/c art. 19, V da LC estadual n.º 106/2003). O Corregedor-Geral tampouco possui atribuição para impor censura a Procurador de Justiça, cabendo ao Procurador-Geral de Justiça fazê-lo (artigo 136, II, "a" da LC estadual n.º 106/2003). No tocante ao mérito, a conduta do membro inativo viola o artigo 128, §6º c/c o artigo 95, parágrafo único, V, da Constituição da República. Contudo, o membro inativo não está sujeito às sanções disciplinares, tendo em vista que não possui vínculo jurídico com o *Parquet*. A única sanção aplicável ao membro inativo se refere a atos praticados antes da aposentadoria do membro quando o vínculo ainda existia, nos exatos termos do artigo 134, §6º da LC estadual n.º 106/2003.

11.2. PROVAS ESPECIALIZADAS

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO - 2014)1ª questão -O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, na condição de órgão agente, deflagrou ação judicial na qual havia interesse de incapaz no polo passivo da relação processual. Neste caso,

haverá necessidade de intervenção de outro órgão ministerial? Na hipótese de demanda envolvendo dois incapazes com interesses contrapostos haverá obrigatoriedade de intervenção de dois órgãos do Ministério Público? Resposta fundamentada.

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

Em ambas as situações propostas a resposta será negativa, de forma que apenas um órgão do Ministério Público intervirá em cada feito. A justificativa para tanto está nos princípios da Unidade e da Indivisibilidade, insculpidos no artigo 127, §1º, da Constituição da República.

Utiliza-se aqui a conceituação apresentada por Emerson Garcia. Nessa esteira, a Unidade diz respeito à possibilidade de substituição, de alternância do presentante do Ministério Público, sem que isso comprometa a atuação institucional. Em outras palavras, não importa quantos e quais membros oficiem em determinado feito, pois se trata de um só Ministério Público.

Já a indivisibilidade consiste na impossibilidade de criação de órgãos não subordinados administrativamente à Chefia da Instituição (sem prejuízo da independência funcional). Trata-se, pois, de um todo, incindível.

Tomando por base tais conceitos, e já tratando dos casos apresentados, cumpre destacar que o Ministério Público, embora dotado de diversas atribuições, é uma instituição única, que, à luz da teoria da imputação, pratica atos por seus presentantes. Considerando isso, seria até mesmo ilógico determinar, em um mesmo caso concreto, a atuação de dois presentantes.

Tradicionalmente, distingue-se a atuação do Ministério Público nas qualidades de órgão agente e órgão interveniente. Entretanto, considerando que o artigo 127, caput, da Constituição da República, confere à instituição a defesa da ordem jurídica e do regime democrático, é de se concluir que toda atuação ministerial observará, ainda que reflexa ou implicitamente, o caráter de "custos iuris".

Exemplo disso é a possibilidade, calcada na independência funcional, do Ministério Público opinar, em alegações finais, pela improcedência de ação por ele promovida.

A existência de interesse de incapaz em um processo atrai a atuação do Ministério Público, mas não condiciona o entendimento a ser por ele aplicado. Afinal, o presentante ministerial é dotado de independência funcional. Vale observar que tal ponto foi recentemente decidido pelo Superior Tribunal de Justiça, que entendeu que o Ministério Público pode se posicionar contrariamente ao interesse de incapaz, justamente pelo seu caráter de "custos iuris".

No primeiro caso narrado, o fato do Ministério Público ter deflagrado ação judicial com interesse de incapaz no polo passivo não significa que, ao final, haverá necessariamente uma opinião desfavorável ao incapaz. Além disso, mesmo que haja tal

"opinio", ainda assim não haveria qualquer vício, pois não se pode condicionar o entendimento ministerial aos interesses em jogo.

Na segunda situação, igualmente, não há qualquer vício, tendo em vista os mesmos argumentos acima apresentados.

Ademais, é importante observar que o artigo 7º, da Deliberação OECPJ nº 30/11, enuncia ser desnecessária a atuação, em um mesmo grau de jurisdição, de dois membros do Parquet.

Dessa forma, considerando a Unidade e a Indivisibilidade, bem como a Independência Funcional de que são dotados os órgãos de execução, é de se concluir que apenas um órgão deverá atuar em cada caso.

Comentário

Como sempre, a primeira tarefa a ser feita quando da leitura da questão é a identificação dos temas controvertidos a serem abordados. No caso apresentado, o enunciado é bastante direto, em forma de pergunta. Logo, não há maiores dúvidas acerca do que deve o candidato tratar.

Em ambos os questionamentos, é importante trazer à baila entendimentos doutrinários e/ou jurisprudenciais pertinentes, e, sempre que possível, lastrear a resposta com fundamentos legais.

Percebe-se, aliás, que a questão exige que o candidato aborde princípios institucionais basilares, como a Unidade, a Indivisibilidade e a Independência Funcional. Nesse ponto, é essencial que não se adote um "pressuposto" de que o examinador conhece no que consistem tais princípios, sendo imprescindível uma conceituação.

Ademais, sempre indispensável a precisão terminológica, mostrando à banca conhecimento técnico. Isso se observa, por exemplo, no fato de que o membro do Ministério Público presenta a Instituição, e não a representa.

(XXXIII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO - 2014) *2ª questão – É possível ao órgão do Ministério Público buscar tutela judicial para amparar direito individual de pessoa com deficiência física? Resposta fundamentada.*

Autor: Vanessa Gonzalez

Sugestão de resposta

Nos termos da Constituição Federal e das Leis que compõe o microssistema processual coletivo, não há dúvidas de que o Ministério Público possui legitimidade para ajuizamento de ações civis públicas na defesa de direitos difusos e coletivos.

A controvérsia surge no tocante aos direitos individuais homogêneos, também chamados de acidentalmente coletivos. Para alguns há legitimidade do *Parquet* para a propositura de ação coletiva nesses casos; para outros o Ministério Público falece de legitimidade pois estaria defendendo direitos individuais e disponíveis, fugindo, assim, às suas funções institucionais.

Ao nosso ver, o Ministério Público possui legitimidade[9] para a defesa coletiva dos direitos individuais homogêneos que, muito embora sejam individuais na essência, merecem a tutela coletiva pela dimensão social que alcançam.

Isso porque, nesses casos, o processo será coletivo até a prolação de sentença condenatória na ação civil pública de conhecimento. Somente a partir da fase de habilitação é que os lesados individuais passarão a ser representados, individualmente, por advogado ou defensor público.

Note-se que não se pode confundir patrimonialidade com disponibilidade, o que é deveras comum nos casos envolvendo direitos individuais homogêneos.

Quando o direito individual atinge um grande número de pessoas e alcança dimensão social, supera-se a nota da disponibilidade (que existia quando do tratamento individual da questão), motivo pelo qual não há como negar a legitimidade do *Parquet* para sua defesa judicial.

Dessa forma, verificamos que é possível ao Ministério Público a defesa de direitos individuais (ainda que homogêneos) de pessoas portadoras de deficiência física, sejam eles indisponíveis ou disponíveis (nesse último caso, desde que possuam relevância social).

No entanto, outra questão de extrema relevância merece destaque: no caso de direito individual, não homogêneo, de pessoa portadora de deficiência física poderia o Ministério Público atuar para defendê-lo?

A doutrina e a jurisprudência dividem-se acerca do tema.

Os que sustentam a ilegitimidade do Ministério Público argumentam que tal defesa fugiria às suas funções institucionais e careceria de previsão legal expressa.

Por outro lado, os que defendem a legitimidade do Ministério Público para, em alguns casos, tutelar de direito individual de um único portador de deficiência, sustentam que tal

---

9. Nesse sentido vale destacar: ADMINISTRATIVO. PROCESSUAL CIVIL. AGRAVO REGIMENTAL NO RECURSO ESPECIAL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. TRATAMENTO MÉDICO. DIREITO INDIVIDUAL INDISPONÍVEL. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO NA DEFESA DE INTERESSES OU DIREITOS INDIVIDUAIS HOMOGÊNEOS. CONFIGURAÇÃO. PRECEDENTE DO STJ. AGRAVO REGIMENTAL NÃO PROVIDO.
1. A Primeira Seção do Superior Tribunal de Justiça consolidou seu entendimento pela legitimidade do Ministério Público para ajuizar Ação Civil Pública "com o intuito de garantir fornecimento de prótese auditiva a portador de deficiência" (REsp 931.513/RS, Rel. p/ acórdão Min. HERMAN BENJAMIN, DJe 27/9/10).
2. Agravo não provido.
(AgRg no REsp 1086805/RS, Rel. Ministro ARNALDO ESTEVES LIMA, PRIMEIRA TURMA, julgado em 02/08/2011, DJe 15/09/2011)

legitimidade decorre dos artigos 127, *caput* e 129, inciso IX da Constituição Federal e se justifica em razão da hipervulnerabilidade/hipossuficiência de tais pessoas, sempre que elas não possam por si só, nem pelos seus parentes, tutelar seus direitos indisponíveis.

De acordo com a maioria da doutrina e com recentes precedentes do Superior Tribunal de Justiça[10], direitos individuais indisponíveis (p.ex. saúde e vida) de uma única pessoa portadora de deficiência podem ser tutelados pelo Ministério Público, à luz do disposto no art. 127 da Constituição Federal.

Nesses casos, o Ministério Público agiria como substituo processual da pessoa portadora de deficiência, pleiteando em nome próprio direito alheio. A autorização do sistema normativo para essa atuação como substituto processual decorre de norma inserta na própria Constituição da República, dotada de eficácia plena e aplicabilidade imediata.

Por sua vez, no tocante à defesa de direito individual disponível de portador de deficiência física, salvo nas hipóteses já mencionadas de direitos individuais homogêneos, o entendimento majoritário inclina-se pela ilegitimidade do Ministério Público.

(XXXII CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO – 2012) *1ª questão – Otávio, serventuário de Justiça, tem contra si proposta ação de interdição e, citado, não constitui advogado, sendo designado o Ministério Público para representá-lo. Em razão de fatos ocorridos ao tempo em que exercia suas funções regulares, Otávio é arrolado como testemunha em procedimento disciplinar instaurado pela Corregedoria-Geral de Justiça, sendo determinado pelo Corregedor-Geral, presidente do procedimento, ao Procurador-Geral de Justiça que designe o Promotor de Justiça em atuação na ação de interdição para atuar na audiência em que Otávio testemunhará. No curso da audiência é atribuída suposta paternidade a Otávio em relação à criança recém nascida e ainda não civilmente registrada, sendo determinado ao responsável pelo registro civil de pessoas naturais da circunscrição da respectiva maternidade que proceda na forma da Lei nº 8.560/92.*

PERGUNTA-SE:

a) É correta a designação do Ministério Público para representar Otávio nos autos da ação de interdição?

b) Há diferença na qualidade em que se dá a atuação judicial do Ministério Público na ação de interdição de Otávio e nos autos deflagrados a partir do nascimento do seu pretenso filho, com base na Lei nº 8.560/92?

c) É exigível a designação do Promotor de Justiça determinada pelo Poder Judiciário?

---

10. Nesse sentido, vide EREsp 819010/SP, REsp 700853/RS, EREsp 488427/SP, REsp 984078 / SC, REsp 838978 / MG,

d) A quem cabe decidir acerca da necessidade ou da impossibilidade de intervenção do Ministério Público nos processos, na forma do artigo 82, incisos I a III, c/c art. 84, do Código de Processo Civil?

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

A) Sim, a designação é correta, a teor do art. 1.182, §1º, do Código de Processo Civil.

Note-se, por oportuno, que há certa controvérsia em relação à aludida possibilidade. Parte da doutrina entende que o dispositivo em questão não teria sido recepcionado pela Constituição da República de 1988, uma vez que, diante do novo papel institucional que veio com o atual texto constitucional, não haveria uma coadunação deste com a atribuição em comento.

Contudo, invocando aqui o entendimento doutrinário que se contrapõe ao supracitado, há que se observar que o artigo 129, IX, de nossa Bíblia Política, faz com que o rol em questão não seja tido como taxativo. Possível, pois, que a legislação ordinária atribua ao parquet outras atribuições, respeitando-se, evidentemente, as vedações constitucionais.

Nessa perspectiva, resta claro que a normativa contida no Código de Processo Civil não conflita com o perfil constitucional da instituição. Na verdade, há uma correspondência, vez que a defesa do interdito vem por efetivar a defesa pelo MP da pessoa em especial situação de vulnerabilidade, zelando por interesses indisponível, como determina o artigo 127, caput, parte final, da Constituição da República.

Por essa razão, mostra-se correta a designação em tela.

B) Há, em verdade, diferenças e semelhanças entre as situações apresentadas.

Na interdição, vê-se que o Ministério Público se posiciona em um dos lados da relação jurídica, promovendo a tutela do interditando ou se manifestando no interesse deste. Já na investigação de paternidade (não tendo a mesma sido promovida pelo parquet), atua o MP como fiscal da correta aplicação da lei, de maneira equidistante e não necessariamente favorável aos interesses do incapaz - como já decidiu o Superior Tribunal de Justiça.

Logo, na interdição, o MP atua como órgão agente, ao passo que na investigação de paternidade a instituição se portará como órgão interveniente.

Contudo, mesmo no caso em que atue como órgão agente, sempre incumbirá ao parquet uma função, ainda que secundária ou reflexa, de guardião do ordenamento jurídico. Isso justifica, assim, que diversas atribuições ministeriais se mantenham mesmo que estando o MP na defesa do interditando (como seria o caso, por exemplo do artigo 34, XXIII, da Lei Complementar Estadual nº 106/03, em que deveria o membro do MP comunicar à OAB qualquer falta observada).

Portanto, é de se observar que há diferenças e também semelhanças nos casos apresentados.

C) Não, é vedado ao Judiciário designar membro do Ministério Público, havendo diversos motivos para tanto.

Primeiramente, é de se destacar que o MP não é subordinado ao Judiciário, sendo tratado na Constituição da República em espaço separado inclusive, dentro das Funções Essenciais à Justiça. Não há qualquer grau de vinculação entre as instituições em questão.

Ademais, o membro do Ministério Público somente pode ser designado pelo Procurador-Geral de Justiça, como se verifica no artigo 11, da Lei Complementar Estadual n° 106/03. E, em regra, essa designação não ocorre casuisticamente, mas sim de maneira geral e abstrata, para funcionar no órgão de execução. Lembre-se, por oportuno, que o membro titular do MP é dotado de inamovibilidade.

Além disso, todos os órgãos jurisdicionais possuem um órgão de execução do Ministério Público com atribuição para neles atuar, em decorrência do Princípio do Promotor Natural. Assim, havendo a necessidade de intervenção do parquet, será este membro que a fará. Afinal, considerando a unidade e a indivisibilidade, o que é essencial é a atuação da instituição, seja por que membro ela ocorrer.

Logo, é inconcebível a designação de membro do MP pelo Poder Judiciário.

D) Nas situações apresentadas, incumbe ao próprio membro do Ministério Público com atribuição para intervir no feito examinar se é ou não caso de atuação institucional. É o que se infere do artigo 6°, da Deliberação n° 30/11 do Órgão Especial do Colégio dos Procuradores de Justiça.

Caso entenda o Promotor de Justiça pela não intervenção e discorde o órgão jurisdicional, pacificou-se na jurisprudência o entendimento que deve ser feita uma analogia com o artigo 28, do Código de Processo Penal, remetendo-se o feito ao Procurador-Geral de Justiça para manifestação.

Comentário

A questão traz um detalhamento fático extenso, mostrando que é exigida do candidato atenção com relação a diversos pontos. Importante, pois, observar de plano quais fatos narrados apresentam aspectos polêmicos, ou mesmo equivocados.

É certo que são formulados quatro questionamentos distintos, devidamente destacados. Com efeito, é essencial que, em atenção a cada um deles, o candidato traga o máximo de informações que consiga incluir na resposta, com precisão terminológica. Afinal, cada detalhe é essencial para demonstrar conhecimento e, por que não, somar pontos.

Frise-se, por oportuno, que o fato do examinador ter dividido a questão em quatro pontos não significa que se espera uma resposta concisa para cada item. A prova em tela é específica, e assim é necessário que em cada pergunta se procure exaurir a temática.

Em tempo, é importante destacar que mais importante que procurar acertar o entendimento adotado pela banca é fundamentar adequadamente a posição apresentada. Lembre-se que o Promotor de Justiça é dotado de independência funcional, mas que, em seu mister, precisa lastrear suas manifestações concretamente. E, certamente, o que é mais importante é averiguar se o candidato ampara sua resposta em aspectos sólidos, isto é, dispositivos normativos, doutrina e/ou jurisprudência.

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO - 2012) *2ª questão – Emrepresentação pela prorrogação de prisão temporária de indiciado preso, com promoção favoravel do Ministério Público, é correta a decisão de indeferimento sob o fundamento de que as diligências apontadas pela autoridade policial não são imprescindíveis e que já estão presentes indícios suficientes para deflagração da ação penal pública? Como deve promover o Promotor de Justiça ao receber os autos para ciência dessa decisão? RESPOSTA JUSTIFICADA.*

Autor: Bruno Rinaldi

Sugestão de resposta

Não é correta a decisão de indeferimento da prorrogação da prisão temporária que se baseia nos argumentos apresentados, tendo em vista as razões que se passa a demonstrar.

Em primeiro lugar, é imperioso destacar que o titular da ação penal é o Ministério Público, por força do artigo 129, I, da Constituição da República - que, por sinal, expressamente enuncia a natureza privativa dessa atribuição ministerial. Assim, todos os atos praticados na preparação da ação penal a ser deflagrada dizem respeito ao Parquet, em vista do notório caráter acessório neste momento verificado.

Dito isto, é importante lembrar que a prisão temporária é, de acordo com a doutrina majoritária, essencialmente instrumental, isto é, destinada à proteção da própria investigação penal. É o que se observa pela leitura do artigo 1º, I, da Lei nº 7.960/89, que, à luz do entendimento doutrinário prevalente, traz requisito indispensável a toda qualquer decretação de prisão temporária. Vê-se, pois, pela literalidade da norma, que a prisão temporária tem seu cabimento condicionado a ser "imprescindível para as investigações do inquérito policial" - sem prejuízo, evidentemente, da verificação em concreto de "fumus boni iuris", "periculum in mora" e dos requisitos constantes nos incisos III e II, este último se for o caso.

Como visto, o aludido inciso deixa claro que a custódia aqui tratada diz respeito à própria investigação. Além disso, demonstra-se ainda que o cabimento desta espécie de prisão cautelar se atém a um momento pré-processual - até porque, oferecida a denúncia, seria caso de se perquirir a prisão preventiva.

Logo, se a prisão temporária diz respeito a uma atividade que tem por destinatário final o Ministério Público - que oferecerá a denúncia, se for o caso -, é este que deve avaliar se estão presentes os requisitos autorizadores atinentes. Assim, feita a representação pela autoridade policial, é imprescindível que o órgão de execução com atribuição se manifeste, como expressamente determina o artigo 2º, §1º, da Lei nº 7.960/89.

À evidência, este mesmo raciocínio será observado também na prorrogação da prisão temporária, uma vez que está se tratando de um mesmo instituto, apenas em momento posterior.

Logo, se o Promotor de Justiça entende que ainda não é caso de oferecer denúncia, sendo necessário o prosseguimento das investigações, com a prorrogação da prisão temporária, não é dado à autoridade judiciária adentrar neste exame. Tal atitude ofende frontalmente a garantia constitucional da independência funcional, insculpida no artigo 127, §1º, da Constituição da República.

Com efeito, a decisão judicial acerca do pedido de prorrogação do prazo da prisão temporária deve se manter adstrita à análise dos elementos constantes no artigo 1º, da Lei nº 7.960/89. Trata-se, pois, de um juízo de legalidade, jamais de conveniência e oportunidade.

Assim, considerando que, no caso em tela, o juízo pautou sua decisão em argumentos que nada têm a ver com os parâmetros do artigo 1º, da Lei nº 7.960/89, resta clara a sua incorreção.

Recebendo os autos para ciência da decisão, deve o Promotor de Justiça apresentar Recurso em Sentido Estrito, com azo no artigo 581, V, do Código de Processo Penal, valendo-se de uma interpretação extensiva. É importante lembrar que o Livro de Ritos é anterior à Lei de Prisão Temporária, não prevendo, portanto, recurso específico para o caso. Tendo isso em mente, é razoável que se interprete o dispositivo citado extensivamente, haja vista a similitude da situação nele contida, de modo a alcançar a hipótese em exame.

Comentário

Como em todas as questões de prova específica, o candidato deve atentar para os aspectos polêmicos trazidos pelo enunciado, incluindo em sua resposta o maior conteúdo possível, com alta precisão terminológica.

No caso em tela, é essencial identificar o cerne da resposta exigida. E, ao que tudo indica, a presente questão se centra (i) na posição do MP no bojo da ação penal, (ii) na natureza da prisão temporária, e (iii) na atuação do Parquet no contexto desta espécie de custódia cautelar. Imprescindível, pois, que a abordagem trate desses temas.

Além disso, questiona-se do candidato qual a solução concreta a ser empregada, ou seja, o que faria o membro do MP, na prática, ao lidar com o caso apresentado. Deve-se, assim, esclarecer qual é a peça a ser feita - sem, evidentemente, redigi-la.

Por fim, é necessário destacar que a questão traz uma pergunta objetiva, no que toca à correção ou não da decisão. Tendo isso em vista, é aconselhável iniciar a redação com uma resposta a esta indagação, mostrando ao examinador a posição escolhida, fornecendo após a fundamentação para tanto.

(XXXII CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO - 2012) *3ª questão - AOuvidoria do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro recebe notícia anônima relatando que em determinado Município o Prefeito desviou, em proveito próprio, expressiva verba destinada à reforma e ampliação de unidade escolar municipal do ensino fundamental, recebida do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - FUNDEF. Encaminhada a representação ao Promotor de Justiça em atuação na Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva com atribuição no respectivo Município, no qual não há sede de Vara Federal, é determinada a notificação do Prefeito reeleito para se manifestar sobre a notícia. Em sua defesa, o mandatário sustenta a prerrogativa do foro privilegiado; que aquela verba recebida não foi aplicada na mencionada obra, que teria sido realizada apenas com recursos do próprio Município, durante sua gestão anterior e já decorridos mais de cinco anos desde a conclusão da empreitada e daquele mandato; por fim, alega que o FUNDEF foi extinto pela Lei nº 11.494/07 e que suas contas daquela gestão foram aprovadas pela Câmara Municipal. Realizadas inspeções pelos Tribunais de Contas da União e do Estado (TCU e TCE), os relatórios de ambos demonstram e comprovam o efetivo desvio de verbas, na época indicada pelo Prefeito, tanto daquelas recebidas do FUNDEF, quanto das do próprio Município, estando a unidade de ensino desativada desde a data prevista para o início da obra. Finalmente, o relatório do TCE relata que irregularidades também foram constatadas na execução de obra em curso em outra unidade escolar municipal, realizada com verbas provenientes de convênio com o Governo Federal.*

DISCORRA

a) Sobre a atribuição e a legitimação dos órgãos de execução do Ministério Público estadual, do Ministério Público Federal e a competência - no âmbito cível e no penal

b) Sobre a prescrição em Improbidade Administrativa imputada a Chefe de Poder Executivo.

Autora: Michelle Ribeiro

Sugestão de resposta

a) Em análise do caso narrado na questão, nos cabe primeiramente definir a natureza do FUNDEF, atual FUNDEB. Trata-se de um fundo de natureza contábil, composto por recursos do próprio Estado, Distrito Federal e Municípios que conta com recursos do Fundo de Participação dos Estados, do Fundo de Participação dos Municípios, do

Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços, do Imposto sobre Produtos Industrializados proporcional às exportações, do Imposto de Transmissão *Causa Mortis*, do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores, do Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural e que **a título de complementação, o FUNDEB poderá receber uma parcela de recursos federais, sempre que, no âmbito de cada Estado, seu valor por aluno não alcançar o mínimo definido nacionalmente**.

Ou seja, trata-se de fundo de composição bipartite, podendo ser tripartite (incluindo verba federal) caso os recursos lá contidos sejam insuficientes, de uso vinculado à manutenção e ao desenvolvimento da educação básica pública e à valorização dos trabalhadores em educação, incluindo sua condigna remuneração (artigo 2º da Lei nº 11494/2007).

Também nos cabe definir a diferença entre legitimação, legitimidade e atribuição.

Atribuição, para Carlos Roberto Jatahy em sua obra sobre Princípios Institucionais do Ministério Público, é a limitação criada por lei ou por ato do Procurador-Geral de Justiça, dentre as funções institucionais do Ministério Público, para que seus agentes exerçam corretamente seu múnus. Já **legitimidade** é condição da ação, que seria em conceitos gerais a pertinência subjetiva relativa à relação jurídica de direito material descrita na demanda. Por **legitimação**, para aqueles que a distinguem da legitimidade, entende-se que esta é o consenso sociopolítico necessário para posterior atribuição da legitimidade a alguém.

Desta forma, a **legitimidade** é sempre do Ministério Público, cabendo definir se a **atribuição** é do Ministério Público Estadual ou Ministério Público Federal.

No caso narrado, temos os dois âmbitos, o cível e o penal.

No âmbito da atribuição cível, nos termos da decisão recente do STF houve uma mudança de entendimento jurisprudencial. Anteriormente à ACO 1808, o STF na ACO 911 havia determinado que a atribuição para apreciar as questões decorrentes da má administração da verba do FUNDEF seria do Ministério Público Federal, já que a fiscalização da aplicação dos recursos federais é atribuição do Tribunal de Contas da União. Na ACO 1808 houve alteração de entendimento jurisprudencial, fixando a atribuição do MP Estadual para instauração de inquérito civil e competente propositura das ações civis públicas e de improbidade, afirmando que a circunstância de ter o Município recebido complementação do Fundeb com recursos federais não torna a União diretamente responsável por vicissitudes decorrentes da adoção de políticas públicas e práticas gerenciais eventualmente inadequadas por parte dos gestores daquele Município. Contudo, afirmou que havendo desvio ou apropriação dessas verbas diretamente remetidas pela União a título de complementação haveria atribuição do MPF bem como competência da justiça federal (em conformidade com o entendimento da forma da Súmula 208 do STJ).

Já quanto a **atribuição para a persecução penal**, o STF manteve seu entendimento na ACO 1808, apontando o Ministério Público Federal com atribuição para tal. A jurisprudência do Supremo Tribunal assentou a atribuição do Ministério Público Federal para a adoção de medidas judiciais em matéria penal contra gestores responsáveis pela malversação de recursos do Fundef ou Fundeb, independentemente da complementação, ou não,

desses fundos com recursos federais. Na ACO 1109/SP o STF decidiu pela atribuição do MPF, podendo justificá-la em razão do interesse moral no feito. In casu, assume peculiar relevância o papel da União na manutenção e na fiscalização dos recursos do FUNDEF, por isso o seu interesse moral (político-social) em assegurar sua adequada destinação, o que atrai a competência da Justiça Federal, em caráter excepcional, para julgar os crimes praticados em detrimento dessas verbas e a atribuição do Ministério Público Federal para investigar os fatos e propor eventual ação penal (art. 109, IV, CR88).

Contudo, Emerson Garcia em seu livro sobre Organização, atribuições e regime jurídico do Ministério Público, discorda desse posicionamento, afirmando primeiro a concepção de interesse moral poderia atrair para a Justiça Federal o exame de toda e qualquer relação processual que envolva a inobservância de leis editadas pela União; também, diz que as receitas destinadas ao Fundeb não resultam de liberalidade, mas sim de imposição constitucional, o que afasta qualquer interesse da União nesta seara; ainda diz que a educação é dever do Estado, da família e da sociedade, o que demonstra a impossibilidade do sistema federativo ser desconsiderado em prol da prevalência da União; por fim, afirma o jurista que, tratando-se de detrimento de serviço público integralmente prestado por outros entes federados, não há falar em interesse da União.

Sobre verbas repassadas a título de convênios com a União, conforme entendimento do STF, a atribuição para apurar eventuais irregularidades na sua aplicação seria do MPF, já que nesse caso a verba seria especificamente federal e transferida voluntariamente para o Município, tendo fiscalização pelo Tribunal de Contas da União (art. 71, VI da CRFB 88) e, portanto se enquadrando na Súmula nº 208 da Jurisprudência do STJ.

Quanto à **competência**, não se confunde nem com legitimidade nem com atribuição. Esta, nos **processos cíveis**, nos termos da decisão do STF na ACO 1808 foi fixada na Justiça Estadual para os casos em que não haja indícios de crimes, mas tão somente de atos de improbidade, casos esses em que o órgão com atribuição seria o Ministério Público Estadual. No caso da verba desviada ser diretamente federal, a atribuição, para o STF, seria do Ministério Público Federal e nesse caso a jurisprudência se divide quanto a competência. Há julgados do STJ e da Justiça Federal que apontam no sentido de que a mera presença do MPF no polo ativo da demanda atrai a competência para julgamento para a Justiça Federal (CC 100.300/PI STJ, TRF4, AC 2004.04.01.000142-0). Por outro lado, encontramos posicionamento também da Justiça Federal de que mesmo sendo o MPF o legitimado ativo, apenas a presença da União Federal no feito atrairia a competência da Justiça Federa, não bastando a presença do MPF. Nos **processos criminais**, havendo indícios de crime envolvendo verbas federais, a competência é da Justiça Federal em razão do artigo 109, IV da CRFB 88, que firma essa competência em razão de bens, serviços e interesse da União.

Quanto a inexistência de Vara Federal no referido Município, o fato não se enquadra na exceção descrita no artigo 109, §3º da CRFB 88, devendo o feito ser distribuído para a Vara Federal com competência para julgar fatos ocorridos naquele Município (cancelamento da Súmula 183 do STJ), inexistindo prorrogação da competência para a Vara Estadual.

No caso narrado na questão, **sobre o desvio de verbas municipais,** não há controvérsia sobre a atribuição do Ministério Público Estadual, já que não envolve nem bens, nem agente público federal, nem serviço público federal, sendo de atribuição cível e penal do Ministério Público Estadual bem como eventual demanda devendo ser ajuizada na Justiça Estadual.

b) Sobre a prescrição em Improbidade Administrativa imputada a Chefe de Poder Executivo podemos dizer que no caso narrado na questão, o fato do ato de improbidade ter sido cometido no primeiro mandato e de já ter decorrido mais de 5 anos do fato ímprobo não afastam a punibilidade pelo ato de improbidade, pois conforme jurisprudência reiterada dos tribunais superiores há continuidade no exercício da função política e consequente unicidade a atividade exercida pelo agente público quando os mandatos são sucessivos, só se iniciando a contagem do prazo prescricional do artigo 23, I, da ei 8429/92 com o término do segundo mandato, até porque, durante seu exercício o agente público poderia influenciar a apuração dos fatos. A prescrição só teria ocorrido se entre o primeiro e o segundo mandato tiver havido um lapso de afastamento, como para a desincompatibilização para concorrer para outro cargo eletivo, já que nesse caso o afastamento teria sido definitivo, pois vencida ou perdida a segunda eleição ele não retornaria para o cargo que possuía no segundo mandato (ex: governador querendo se eleger para presidente), assim a prescrição correria da data do afastamento e não do fim do mandato formal eletivo.

Comentário 1

A questão traz alguns outros pontos controvertidos, que apesar de não terem sido objeto de questionamento, poderiam ser abordados pelo candidato caso houvesse tempo disponível para tal resposta sem prejudicar o tempo necessário para resposta das demais questões da prova. Poderia ser abordado que Prefeito não possui foro especial por prerrogativa de função, o que não existe com relação às ações de improbidade administrativa ou de ressarcimento de dano ao erário, mas apenas com relação as ações penais conforme o art. 29, X da CRFB 88 e Súmula 702 do STF. Também poderia ser dito que a aprovação das contas do Prefeito pela Câmara de Vereadores não vincula a atuação do Ministério Público, nem mesmo a aprovação das contas pelo Tribunal de Contas do Estado, podendo o Parquet investigar o desvio de verbas e por outros meios alcançar a conclusão de que houve ato de improbidade, ajuizando a ação civil pertinente.

Comentário 2

As decisões mencionadas na resposta eram recentes à época da prova. Atualmente, a decisão mais recente é o julgado da PETIÇÃO 4.885 SÃO PAULO/STF, onde o posicionamento praticamente se manteve, se percebendo, contudo da leitura do inteiro teor do acórdão uma tendência em se manter a atribuição cível com o Ministério Público Estadual enfatizando a descentralização da prestação do serviço educacional.

Comentário 3

Sobre o número dos julgados mencionados na resposta, é natural que o candidato não se recorde no momento da prova, sendo importante mesmo que aponte o órgão jurisdicional que manifesta a posição jurisprudência citada.

(XXXI CONCURSO - PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO -2010) *1ª questão - Princípios Institucionais do MP- O Princípio do Promotor Natural é admitido no ordenamento jurídico brasileiro? Há amparo constitucional e/ou legislativo do princípio? Há mitigação a esse princípio? Indique os dispositivos legais eventualmente aplicáveis.*

RESPOSTA INTEGRALMENTE FUNDAMENTADA.

Autor: Marcelo Winter

Sugestão de resposta

O princípio do promotor natural tem por escopo impedir a designação casuística de membros do Ministério Público para atuação em processos específicos, eliminando, assim, a indesejada figura do "promotor de encomenda" ou "acusador de exceção". Saliente-se, por oportuno, que, antes de configurar uma garantia para o próprio Promotor de justiça, na medida em que lhe assegura o exercício pleno e independente da sua função, tal princípio caracteriza uma garantia para toda a coletividade, de ver atuando no caso concreto apenas o Promotor de Justiça com atribuição previamente definida a partir de critérios abstratos, estabelecidos em lei.

A Constituição Federal, em seu art. 127, §1º, elenca como princípios institucionais do Ministério Público a independência funcional, a unidade e a indivisibilidade. Todavia, em que pese não haver previsão expressa, doutrina e jurisprudência vislumbram a presença do princípio do promotor natural implicitamente no texto constitucional, como consectário lógico das garantias da inamovibilidade (art. 128, §5º, I, b, CF), da independência funcional (art. 127, §1º, CF), do devido processo legal (art. 5º, LIV, CF), e de que ninguém será processado senão pela autoridade competente (art. 5º, LIII, CF).

Já no plano infraconstitucional, o princípio do promotor natural é extraído das normas contidas nos artigos 10, IX, 'e' e 'g'; 23, §§ 2º e 3º; 24; e 26, §5º, todos da Lei nº 8.625/1993. Particularmente, no âmbito da lei orgânica do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro - Lei complementar estadual nº 106/2003 - o referido princípio possui previsão nos artigos 11, incisos XIII, 'e', e XIV; 19, I, 'c'; 32, §1º; e 35, §5º.

Em apreço ao princípio do promotor natural, portanto, a divisão interna de atribuições no âmbito do Ministério Público exige prévia delimitação através de critérios objetivos definidos pelo Colégio de Procuradores. Ressalte-se, entretanto, que o princípio sob análise não ostenta caráter absoluto, comportando mitigações, como a

designação excepcional pelo Procurador-Geral de Justiça, o auxílio consentido e a prorrogação de atribuição do Promotor de Justiça na hipótese de interposição de recurso em matéria criminal desacompanhada das respectivas razões recursais.

A primeira mitigação encontra amparo no art. 10, IX, 'g' da Lei nº 8.625/1993, bem como no art. 11, XIII, 'e', da Lei complementar estadual nº 106/2003. Por tal instrumento, o Procurador-Geral de Justiça, por ato excepcional e fundamentado com base em interesse público, poderá designar membro do Ministério Público para exercer as funções processuais afetas a outro membro da Instituição, submetendo sua decisão, contudo, ao controle do Conselho Superior do Ministério Público.

Quanto ao auxílio consentido, impende destacar que o art. 24 da Lei nº 8.625/1993, bem como o art. 11, XIV, da Lei complementar estadual nº 106/2003, admitem que o Promotor de Justiça natural, isto é, aquele que ostenta atribuição previamente delimitada para atuar em determinado processo, consinta em receber auxílio de outros Promotores de Justiça, os quais serão designados pelo Procurador-Geral de Justiça.

Por sua vez, a prorrogação de atribuição do Promotor de Justiça na hipótese de interposição de recurso em matéria criminal desacompanhada das respectivas razões restou regulamentada pela Resolução GPGJ nº 1.521/2009. Uma vez interposto recurso em matéria criminal, caso o Promotor natural que receber os autos para oferecimento das respectivas razões não compartilhar do entendimento manifestado pelo membro que o interpôs, deverá emitir comunicação, no prazo de 24 horas, para que este as ofereça, restando prorrogada, desta maneira, a atribuição do Promotor de Justiça que subscreveu o recurso.

Registre-se, por fim, que, por ostentar natureza jurídica de pressuposto processual de validade, o exercício da atribuição por membro diverso daquele previamente definido como Promotor natural da causa, e que tampouco esteja compreendido nas situações excepcionais supramencionadas, acarretará a nulidade do feito, ressalvada a possibilidade de saneamento através de posterior ratificação pelo Promotor natural.

Comentário 1

No âmbito do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, a Resolução GPGJ nº 1.570/2010 criou o Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (GAECO), cuja finalidade é identificar, prevenir e reprimir o crime organizado e as atividades ilícitas especializadas, bem como integrar Promotorias e Procuradorias de Justiça para atuações conjuntas. A atuação do GAECO configura exemplo atual e recorrente de mitigação do princípio do promotor natural, na modalidade auxílio consentido, uma vez que o Grupo oficiará nos procedimentos que recomendem atuação especializada, por solicitação justificada do Promotor investido de atribuição ou, mediante anuência do Promotor Natural, por iniciativa do Coordenador.

Comentário 2

O candidato que pretende prestar o concurso para ingresso na carreira do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro deve estar atualizado com a legislação institucional,

bem como demonstrar conhecimento acerca de Enunciados e Súmulas editados pelos órgãos de Administração. Para tanto, recomenda-se ao candidato a aquisição de compilações deste material, como a obra organizada pelo Procurador de Justiça Carlos Roberto de Castro Jatahy, intitulada "Ministério Público - Legislação Institucional", publicada pela Editora Lumen Juris".

(XXXI CONCURSO – PROVA ESCRITA ESPECIALIZADA DE PRINCÍPIOS INSTITUCIONAIS DO MINISTÉRIO PÚBLICO –2010) *2ª questão – Princípios Institucionais do MP – O Princípio da Obrigatoriedade da ação penal pública possui similitude na atuação do Ministério Público contra a improbidade administrativa no âmbito das Promotorias de Justiça de Tutela Coletiva? Indique, se for o caso, os dispositivos legais aplicáveis. RESPOSTA INTEGRALMENTE FUNDAMENTADA.*

Autor: Marcelo Winter

Sugestão de resposta

A Constituição Federal, em seu art. 129, I, atribui ao Ministério Público legitimidade para promover privativamente a ação penal pública, sendo certo que a referida norma encontra repetição no texto do art. 25, III, da Lei nº 8.625/1993. Trata-se de verdadeira garantia fundamental ao indivíduo, na medida em que assegura que apenas um órgão estatal imparcial, comprometido com a satisfação do interesse público e, consequentemente, desprovido de qualquer sentimento revanchista, possa ajuizar ações desta natureza, ressalvada a possibilidade de propositura de ação penal privada subsidiária da pública (art. 5º, LIX, CF).

É cediço que a ação penal pública apresenta, como um de seus princípios regentes, o da obrigatoriedade, conforme se depreende dos artigos 5º e 24 do Código de Processo Penal. E nem poderia ser diferente, diante da indisponibilidade da pretensão punitiva estatal e do monopólio conferido pela Constituição ao Ministério Público com relação à legitimidade para propor a ação penal, ressalvada, uma vez mais, a exceção contida no art. 5º, LIX, da Constituição Federal.

Em que pese o fato de o Ministério Público não ostentar o mesmo monopólio no campo da tutela dos interesses difusos e coletivos, uma vez que os artigos 129, §1º, da CF; 5º da Lei nº 7.347/85; 16 e 17 da Lei nº 8.429/92, permitem a propositura da ação civil pública por terceiros, isso não possui o condão de afastar a incidência do princípio da obrigatoriedade nesta seara.

Muito pelo contrário. Mesmo à míngua de previsão constitucional ou legal expressa acerca do referido princípio, é possível afirmar que, diante da indisponibilidade dos interesses envolvidos - afetos à cidadania e à proteção do patrimônio público - uma vez verificada hipótese concreta de atuação na defesa de tais interesses, o membro do Ministério Público deverá agir, seja instaurando inquérito civil, seja propondo a ação civil pública, quando já existirem elementos de convicção suficientes para tanto. Em outras palavras, somente ser-lhe-á conferida margem de discricionariedade para conduzir

as investigações ou para optar entre os diferentes mecanismos processuais disponíveis para o exercício da função.

Não foi por outra razão que o legislador instituiu, através do art. 9º da Lei nº 7.347/85, rigoroso procedimento para o arquivamento do inquérito civil, o qual deverá contar com a chancela do Conselho Superior do Ministério Público. Saliente-se, por oportuno, que, mesmo nos casos em que o Promotor de Justiça indeferir, de plano, a instauração de inquérito civil, tal decisão será passível de controle pelo Conselho Superior do Ministério Público, mediante provocação da parte interessada, conforme se infere do art. 5º, §2º, da Resolução CNMP nº 23/2007, bem como do art. 8º, §1º, da Resolução GPGJ nº 1.769/2012.

Ademais, a obrigatoriedade da propositura da ação civil pública por ato de improbidade administrativa também pode ser extraída da redação do art. 17, caput, da Lei nº 8.429/92, o qual prevê, em caráter imperativo, que a ação principal será proposta pelo Ministério Público ou pela pessoa jurídica interessada.

Ressalte-se, por fim, que, apesar da indiscutível similitude entre os princípios da obrigatoriedade aplicáveis à ação penal e à ação civil, para parcela da doutrina, não haveria integral identidade entre ambos. Isso porque, enquanto a obrigatoriedade inerente à ação penal pública comportaria mitigação, notadamente por força do instituto da transação penal, previsto na Lei nº 9.099/1995; a obrigatoriedade relacionada à ação civil pública, não admitiria transação ou conciliação, diante da expressa vedação contida no §1º, do art. 17, da Lei nº 8.429/1992.

Comentário 1

A chamada "mitigação ao princípio da obrigatoriedade da ação penal pública" é tema controvertido na doutrina. Para o Promotor de Justiça Marcelo Lessa Bastos (membro titular da banca examinadora de Direito Processual Penal no XXXIII Concurso para ingresso na carreira do MPRJ), a transação penal nada mais é do que uma espécie de exercício da ação penal, uma vez que o Ministério Público não pode dispor da pretensão punitiva estatal, mas tão somente optar entre oferecer a denúncia ou a proposta de aplicação imediata da pena não privativa de liberdade, desde que preenchidos os requisitos objetivos para tanto.

Comentário 2

Conforme já mencionado alhures, o candidato que pretende prestar o concurso para ingresso na carreira do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro deve estar atualizado com a legislação institucional, bem como demonstrar conhecimento acerca de Enunciados e Súmulas editados pelos órgãos de Administração.

Com relação ao controle exercido sobre os arquivamentos de inquérito civil, merecem especial atenção os Enunciados exarados pelo Conselho Superior do Ministério Público, na medida em que revelam situações concretas de promoções de arquivamento homologadas, que poderão nortear a elaboração de eventual sobre o tema no certame.

EDITORA
JUSPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

CATÁLOGO

Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino

CATÁLOGO

Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino

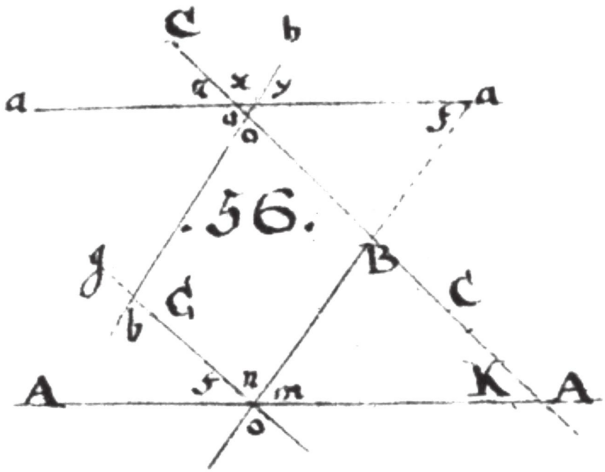

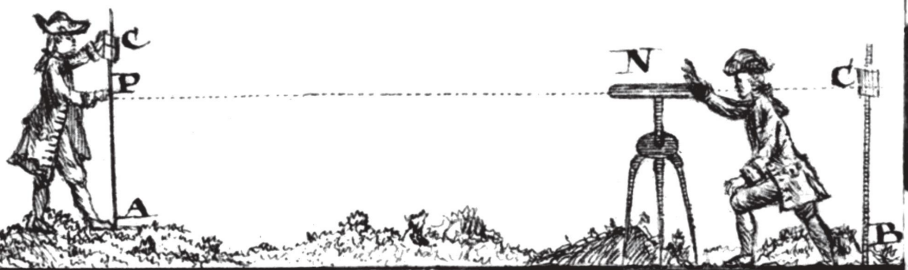

Projeto Resgate "Barão do Rio Branco"

Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

Rio de Janeiro
2011

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Dilma Rousseff, Presidente do Brasil

Ministério da Cultura
Anna Maria Buarque de Hollanda, Ministra
Marcelo Otávio Dantas Loures da Costa, Diretor de Relações Internacionais

Projeto Resgate "Barão do Rio Branco" /DRI/MinC
Wladimir Murtinho (in memoriam), Coordenador Geral
Katia Jane de Souza Machado, Coordenadora Técnica
Esther Caldas Bertoletti, Consultora "ad hoc"

Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação
Aloizio Mercadante Oliva, Ministro

Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST
Maria Margaret Lopes, Diretora

Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior/PORTUGAL
José Mariano Rebelo Pires Gago, Ministro

Arquivo Histórico Ultramarino/Lisboa/ IICT
Ana Cannas, Diretora

Produção Editorial

Realização

Museu de Astronomia e Ciências Afins

Diagramação

Vitor Dulfe

Capa

Luciana Costa Leite

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela bibliotecária Eloísa Helena P. Almeida-CRB7-2935

F224 FARIA, Maria Dulce de
Catálogo da Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino/Maria Dulce de Faria. Rio de Janeiro : Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2011.
376p.
.

Inclui bibliografia
Acompanha CD-ROOM

1. Arquivo Histórico Ultramarino-Portugal- Catálogo. 2. Cartografia - Catálogo. 3. Iconografia – Catálogo. 4. Manuscritos - Catálogo I. Projeto Resgate Barão do Rio Branco.I. Museu de Astronomia e Ciências Afins. III. Título.

CDU: 930.25

SUMÁRIO

Apresentação
Maria Margaret Lopes 7

O Resgate Cartográfico e Iconográfico Manuscrito do Arquivo Histórico Ultramarino
Katia Jane de Souza Machado 9

Imagens com emoção
Esther Caldas Bertoletti 11

Um catálogo para ver "coisas novas"
Ana Cannas 14

A Coleção Cartográfica e Iconográfica do Arquivo Histórico Ultramarino
Maria Dulce de Faria 17

BRASIL 21

CAPITANIAS

REGIÃO NORTE 31
- Rio Negro 33
- Pará 41

REGIÃO NORDESTE 75
- Maranhão 77
- Piauí 101
- Ceará 102
- Paraíba 104
- Pernambuco 108
- Alagoas 160
- Sergipe 162
- Bahia 164

REGIÃO SUDESTE 203
- Espírito Santo 205
- Minas Gerais 210
- Rio de Janeiro 235
- São Paulo 298

REGIÃO SUL 327
- Santa Catarina 328
- Rio Grande do Sul 338

REGIÃO CENTRO-OESTE 353
- Mato Grosso 355
- Goiás 364

NOVA COLÔNIA DO SACRAMENTO 377

ÍNDICES
- Onomástico 382
- Temático 389
- Títulos 405
- Toponímico 421

BIBLIOGRAFIA 434

Os documentos deste catálogo
localizados pela codificação
“anexa à CONSULTA AHU_ACL_CU... “
podem ser acessados da seguinte forma
“anexa à CONSULTA AHU_CU_...--

Apresentação

A publicação do "Catálogo da coleção cartográfica e iconográfica do Arquivo Histórico Ultramarino", um dos produtos do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, é uma iniciativa que muito honra o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), instituto de pesquisa do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, que tem como missão a pesquisa nas áreas de História das Ciências e da Tecnologia, Educação em Ciências e Preservação de acervos documentais e museológicos.

No DVD que acompanha este catálogo encontram-se registros cartográficos e iconográficos de cartas geográficas, corográficas e topográficas, plantas de fortificação e desenhos técnicos que, em sua grande maioria, foram traçados por astrônomos, engenheiros militares e cartógrafos - formados em diversas instituições européias e portuguesas – que realizaram trabalhos técnicos e contribuíram para a formação territorial do Império português na América.

Este material, finalmente reunido, é de inegável importância para o avanço de estudos sobre as práticas científicas e técnicas do período e, esperamos que possa vir a contribuir para a sugestão de novas questões sobre o papel destes saberes na expansão e no controle do espaço ultramarino, assim como nas controvérsias e resistências geradas por esses processos. É verdade que muito já se estudou sobre as influências portuguesas nas instituições culturais e científicas do Império do Brasil. Mas também é conhecido o quanto ainda está por ser feito. Como um dos resultados desta iniciativa, o MAST espera atrair novos pesquisadores interessados no tema e continuar contribuindo para a consolidação do campo da História da Ciência e da Tecnologia no Brasil.

Maria Margaret Lopes

Diretora
Museu de Astronomia e Ciências Afins

O Resgate Cartográfico e Iconográfico Manuscrito do Arquivo Histórico Ultramarino

O Projeto Resgate de Documentação Histórica "Barão do Rio Branco", do Ministério da Cultura do Brasil/Diretoria de Relações Internacionais, foi instaurado em 1983 por uma comissão formada no Ministério de Educação e Cultura (MEC), tendo como coordenador-geral o embaixador Wladimir Murtinho (in memoriam) e consultora ad hoc Esther Caldas Bertoletti. Seu órgão depositário é a Fundação Biblioteca Nacional (Divisão de Manuscritos e a Coordenadoria de Microrreprodução), e suas raízes foram fixadas quando firmou o seu primeiro protocolo com Portugal, o que deu origem a tantos outros.

Sua linha de trabalho foi incentivada pelo Projeto Guia de Fontes para a História das Nações da UNESCO sob a Resolução n°4212/1974, e foi lançado em 1992 nas comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil. São nove os países onde o Projeto resgatou manuscritos, entre documentos, cartografia e iconografia, que fazem parte de sua coleção de Guias de Fontes, Catálogos, Microfilmes e CDs. Percorreu, para tanto, cerca de 137 cidades e 294 instituições em Europa e nos Estados Unidos da América, reunindo e corporificando o material historiográfico armazenado nestas Instituições. Estima-se em mais de três milhões de páginas manuscritas de documentos já microfilmados e/ou digitalizados nesses nove países. Somente no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa foram pesquisadas mais de dois milhões de páginas, publicadas num total de 25 títulos em 66 volumes, 316 CDs e mais de 2.490 rolos de microfilmes.

O Projeto tendo em conta a Globalização e o multicultural, decidiu abarcar esta idéia e fazer-se parceiro de outras instituições interessadas em cultura histórica e na integração entre os povos e as Nações, dando ênfase a Memória Brasileira.

O Catálogo da Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino, realizado por Maria Dulce de Faria, visa recuperar a memória histórica brasileira, a democratização informacional e a evolução de estudos. Para tanto, apresenta pesquisa efetuada pela pesquisadora do Projeto Resgate "Barão do Rio Branco" sobre as relações luso-brasileiras dos séculos XVII a XVIII através da cartografia e da iconografia manuscrita do Brasil assinalada nas coleções do Arquivo Histórico Ultramarino. A referida pesquisa nos permitirá ultrapassar a questão do colonialismo

e analisar o espaço americano em suas múltiplas perspectivas, com base em mapas, cartas e uma diversidade de material selecionado, observando-se os problemas dos limites, da história militar, das fortificações, dos indígenas, da cultura, assim como outros tantos temas que deram "início" e repercussão a nossa história, em cerca de quatrocentos e trinta e cinco verbetes e imagens.

Pensando o conteúdo deste Catálogo, cabe ao Projeto Resgate "Barão do Rio Branco" agradecer a Ana Cannas, diretora do Arquivo Histórico Ultramarino (1931) e seus colaboradores, pelo apoio incondicional na confecção de mais este produto cultural. Agradecimentos extensivos a Maria Margaret Lopes, diretora do Museu de Astronomia e Ciências Afins (1985) e a servidora Heloísa Gesteira, pelo interesse e a publicação do Catálogo da Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino. Ambas as instituições levam em seu âmago a importante tarefa de prezar pela história e tal e qual o Projeto Resgate objetivam compartilhar cultura, democratizando seu acervo e abrindo o leque da historiografia brasileira aos estudiosos.

Rio de Janeiro, novembro de 2011

Katia Jane de Souza Machado

Coordenadora Técnica do PROJETO RESGATE BARÃO DO RIO BRANCO
Pesquisadora da Fundação Biblioteca Nacional
resgate@cultura.gov.br; katia.machado@cultura.gov.br; kjane@bn.br

Imagens com emoção

Quando iniciamos os trabalhos de re-organização das caixas que continham os documentos manuscritos sobre o Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, no início dos anos 90, após mais de 10 anos de negociações diplomáticas e acordos assinados, todos sabiam que os desafios seriam grandes, mas, nunca intransponíveis, graças ao trabalho dedicado e competente de mais de 120 pesquisadores e o apoio financeiro de uma centena de instituições públicas e privadas brasileiras, em sua maioria, e portuguesas. Quando terminávamos de fazer a microfilmagem dos documentos já reordenados nas "capilhas" e das caixas, após a sua catalogação sistêmica em verbetes, partíamos para a publicação no Brasil dos Catálogos dos referidos verbetes dos documentos manuscritos e tínhamos presente, desde sempre, o desafio da documentação cartográfica e iconográfica que, por sua natureza e peculiaridade exigiria muita atenção. Mas, pouco a pouco, fomos conseguindo realizar a catalogação técnica dos documentos manuscritos cartográficos e iconográficos respeitantes ao Brasil, incluindo-se a antiga Colônia do Sacramento. O resgate fotográfico, em cromos, dos mapas e desenhos foi feito pela competente dupla de especialistas portugueses Laura Castro Caldas e Paulo Cintra, sob a constante supervisão dos técnicos do Arquivo Histórico Ultramarino. As fotografias/cromos, realizadas com extremo cuidado, foram depois digitalizadas para que as imagens pudessem ser trazidas para o Brasil nas duas versões. Convém informar que foi entregue pelo PROJETO RESGATE ao Arquivo Histórico Ultramarino um conjunto dos cromos, podendo assim compartilhar, pesquisadores portugueses e brasileiros, a informação contida na documentação histórica, patrimônio comum, facilitando o acesso a todos os interessados e preservando os originais, pois já não necessitam mais ser manuseados.

Foram vários os especialistas que ajudaram a re-catalogar e apurar as divergências técnicas-metodológicas, entre os quais me permito lembrar a do pesquisador paulista Julio Caio Velloso, que fez a primeira catalogação da parte iconográfica, ao lado de todos os outros citados pela competente colega e amiga Maria Dulce de Faria, desde sempre responsável pela divisão de cartografia da Fundação Biblioteca Nacional. Esta, com sua extrema competência e dedicação, não só catalogou em Lisboa a parte da cartografia, como fez a revisão de todas as informações, alinhavando a estrutura deste Catálogo, juntamente com a professora Katia Jane Machado, atual coordenadora-técnica do Projeto Resgate, catálogo que ora se publica graças à sensibilidade da diretora do MAST Maria Margaret Lopes e da pesquisadora Heloisa Gesteira. É mais uma contribuição do Projeto Resgate "Barão do Rio Branco". Oxalá o Arquivo Histórico Ultramarino,

sob a direção da professora Ana Cannas, possa, em breve, publicar outros catálogos da rica e inédita cartografia e iconografia referentes aos outros países lusófonos, cujos sonhos de digitalização, principalmente da cartografia manuscrita, começaram há muitos anos atrás, ainda na gestão da antiga diretora, Maria Luisa Abrantes, no âmbito do Projeto de Modernização do Arquivo Histórico Ultramarino, que abrangeria as quase 40 séries da Coleção de Cartografia, das quais 50% dizem respeito ao Brasil e cujos objetivos eram "pesquisa, identificação e catalogação das espécies cartográficas e sua digitalização e a constituição de uma base de dados informatizada de texto e imagem e disponibilização das espécies através de recursos eletrônicos", conforme podemos ler na apresentação do folder preparado à época do referido Projeto que foi executado entre 1999-2002.

Graças ao apoio de tantos, sem esquecermos as figuras da professora Heloisa Liberalli Bellotto e da doutoranda Erika Simone de Almeida Carlos Dias, as quais, ao longo dos anos, deram o apoio e o incentivo aos diversos pesquisadores que, por mais de 25 anos sonharam e trabalharam sistematicamente, em Lisboa, debruçados nos documentos, sejam os manuscritos, sejam os cartográficos e iconográficos. Tal material permite hoje aos pesquisadores reescrever a história do Brasil colônia. São mais de 300.000 verbetes, publicados em catálogos temáticos e/ou geográficos, cerca de um milhão de páginas manuscritas aos quais se somam agora, neste novo Catálogo do Projeto Resgate, os 435 verbetes referentes às 700 imagens que transmitem a emoção da visualização do passado luso-brasileiro. Lendo os documentos e vendo as imagens, podemos compreender melhor e analisar com mais acuidade o passado colonial do nosso país.

O Projeto Resgate continua a vencer os seus desafios agora sob a coordenação técnica da pesquisadora Katia Jane Machado, colega da Fundação Biblioteca Nacional, ela própria uma pesquisadora do Projeto Resgate na Espanha, no Arquivo das Índias em Sevilha.

* * *

Mais um Catálogo publicado que vem se somar ao conjunto dos diversos e úteis Catálogos do Projeto Resgate/Portugal com o apoio das diversas instituições públicas e privadas que, ao lado dos diversos Guias de Fontes dos países com os quais o Brasil se relacionou nos períodos colonial e imperial, têm facilitado aos pesquisadores o acesso às informações, sabendo-se que as cópias dos microfilmes, as imagens em formato digital e os cromos encontram-se espalhados por diversas instituições culturais e de pesquisa em todo o Brasil.

Continuo cultivando os velhos sonhos de resgate e acesso à documentação histórico-cultural nos diversos institutos históricos estaduais e municipais, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/IHGB, no Comitê de Cultura da Associação Comercial do Rio de Janeiro/ACRJ e no Real Gabinete Português de Leitura, instituições às quais fui me vinculando ao longo dos anos, contribuindo, na medida das minhas possibilidades e conhecimentos acumulados, para aumentar o acesso às informações contidas nos documentos, cuidando também da sua preservação. Só tenho a agradecer a todos os colegas e amigos com os quais convivi nessa trajetória de trabalho e que fui cultivando ao longo de tantos e tantos anos. A todos que me permitiram sonhar e contribuir para o avanço de projetos como o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, o Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras e o Projeto Resgata "Barão do Rio Branco", que tive a honra de coordenar, como técnica consultora em documentação por longos períodos, o meu muito obrigada, relembrando aqui a figura emblemática do embaixador Wladimir Murtinho, que desde o início do Projeto Resgate até dezembro de 2002, não mediu esforços para possibilitar o andamento, sem interrupção, dos trabalhos no exterior, com recursos do Ministério e de diversas bolsas do CNPq em projetos por mim coordenados.

Rio de Janeiro, novembro de 2011

Esther Caldas Bertoletti

Consultora "ad hoc" do PROJETO RESGATE
Técnica consultora em documentação da FBN/MinC
Sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Sócia correspondente da Academia Portuguesa de História
Sócia grande benemérita do Real Gabinete Português de Leitura/RJ

Um catálogo para ver "coisas novas"

Com o presente catálogo, fica ao alcance do público de língua portuguesa o conhecimento das quase 900 peças manuscritas da colecção cartográfica do Arquivo Histórico Ultramarino (IICT) relativas ao Brasil.

Como refere a autora, professora Maria Dulce de Faria, esta colecção integra documentos cartográficos mas também iconográficos que, por razões diversas, aí se têm mantido. Os documentos cartográficos impressos e que fazem parte da colecção cartográfica bem como outros iconográficos da colecção iconográfica do AHU, igualmente relativos ao Brasil, foram ainda objecto de descrição, na sequência do Projecto Resgate - Barão do Rio Branco, longamente coordenado pela Doutora Esther Bertoletti, conforme instrumento disponível na Sala de Leitura do Arquivo, a disponibilizar de forma mais ampla assim que oportuno.

O interesse deste catálogo evidencia-se desde logo pela representação da diversidade de conteúdos informativos dos documentos, expressa nas legendas e no traçado frequentemente pormenorizado e colorido e enriquecida pela relação aqui estabelecida com outros documentos do AHU. Datadas predominantemente do séc. XVIII, muitas destas peças eram anexas sobretudo a ofícios enviados das autoridades no Brasil para o Conselho Ultramarino e para a Secretaria de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, organismos da administração central colonial em Lisboa. Tratava-se de documentos produzidos para informar adequadamente a administração e o governo, servir de prova e fundamentar decisões. Este uso para a governação perdurou para além da independência do Brasil, em relação a vários dos documentos, em especial os relativos à delimitação de fronteiras.

São naturalmente relevantes para os utilizadores todos os elementos de informação que aqui constam, de forma variável, consoante os documentos, e que as respectivas imagens, embora úteis, não substituem. Para além do título, autoria, data, o tipo de documento, a escala, a ornamentação, o processo de desenho, traçado ou pintura, os materiais de escrita e a dimensão ou a marca de água, constituem elementos de indiscutível valia para a multiplicação das possibilidades de uso destas peças. Muitos podem funcionar como pontos de acesso à pesquisa que ficará ainda mais facilitada quando esta catalogação for transferida para uma base dados.

Acrescem as anotações feitas à existência de mais exemplares seja no Brasil, na Biblioteca Nacional e na Mapoteca do Ministério das Relações

Exteriores, seja em Portugal, em particular na Casa da Ínsua. Valerá também a pena relembrar a existência, ainda em Portugal, de muitas outras peças cartográficas referentes ao Brasil, na Biblioteca Nacional e na Direcção de Infra-Estruturas do Exército, cujas descrições e algumas imagens têm vindo a ser disponibilizadas on-line.

Beneficia-se outrossim das frequentes notas da autora integrando contributos de pesquisadores sobre a autoria de algumas das peças, informando sobre a não execução de projectos desenhados, a correspondência entre topónimos constantes nos documentos e os actuais, as alterações e os usos de edifícios e espaços ou o destino de áreas urbanas. Respiga-se, por exemplo, a curiosa anotação na notícia catalográfica da planta do Forte da Praia Vermelha, que menciona, além das construções remanescentes do forte, as instituições militares e o monumento que, no Bairro da Urca no Rio de Janeiro, hoje ocupam a área correspondente, e ainda a Pista Claúdio Coutinho (ou Caminho do Bem-te-vi), para caminhadas ecológicas.

A consulta deste catálogo permite também vislumbrar aspectos significativos da história do Brasil, nas suas diversas pertenças e na construção do seu imenso território, um Brasil "Tão majestoso, tão sem limites, tão despropositado" na poesia de Carlos Drummond de Andrade ("Hino Nacional", 1934). Aludiremos apenas a alguns aspectos.

A pertença portuguesa, africana (em particular atlântica) e índia, é visível nomeadamente nos topónimos registados em muitos destes documentos. A ressonância portuguesa da Ilha das Couves convive com a angolana da Ilha do Quitoque. O mesmo sucede com a Ponta de S. Vicente e a Ponta da Juatinga, esta de origem tupi, ou com o Rio dos Pinheiros e o Rio Mongaguá, igualmente tupi. Sem falar da serra que separava a capitania de S. Paulo da capitania de Minas Gerais, dita da Mantiqueira, (tupi) ou do Dumba (origem swaili), referenciada ainda como país dos Quilombos (ecoando novamente África), por aí se refugiarem os escravos negros.

O reconhecimento do território perpassa em muitos outros documentos. Ficaram registadas áreas da extensa costa, com a representação de enseadas, baías, cais, portos e respectivas barras, pontas e cabos e ainda praias, restingas e inúmeras ilhas. Entrando no interior, surgiram as referências a lagoas, rios, riachos, córregos ou cachoeiras. Assinalaram-se recifes e assoreamentos e a navegabilidade das águas e ainda morros e serras. Traçaram-se muitas fortificações, traduzindo programas de fixação sistemática de fronteiras e desenharam-se edifícios de instituições

religiosas e da administração, para vilas e cidades, deles transparecendo formas de povoamento e processos de urbanização.

Estamos, deste modo, na posse de um instrumento que abre perspectivas de utilização mais intensa e porventura inovadora deste acervo do AHU/IICT, permitindo que realidades cruzadas no Brasil, sobretudo no séc. XVIII, voltem "em cor" e "em paisagem" apropriando-nos, mais uma vez, de palavras de Drummond de Andrade.

Lisboa, AHU/IICT, 6 de Dezembro de 2011

Ana Cannas

Diretora
Arquivo Histórico Ultramarino

A coleção cartográfica e iconográfica manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino

O Projeto Resgate "Barão do Rio Branco" tem como objetivo inventariar toda a documentação manuscrita sobre o Brasil Colonial em diversas instituições, o que me deu a oportunidade de trabalhar com todo o acervo existente na Cartografia do Arquivo Histórico Ultramarino, AHU.

Agradeço a Esther Caldas Bertoletti, na época coordenadora do Projeto Resgate, que me proporcionou fazer este trabalho, à acolhida da diretora do Arquivo Histórico Ultramarino, Ana Cannas, e às colaborações de Érika Simone de Almeida Carlos Dias e Heloísa Liberalli Bellotto, Historiadoras do Projeto Resgate, além de José Sintra Martinheira e Carlos Alberto Faria, na ajuda da recuperação da identificação e localização da coleção cartográfica e iconográfica e a Jorge Fernandes Nascimento na reprodução documental, servidores do AHU. Manifesto a minha gratidão especial à Érika Dias na orientação de decifrar os caracteres e identificar as abreviaturas de paleografia dos séculos XVII e XVIII, além da colaboração de resgatar a conexão dessa coleção aos documentos manuscritos. Declaro o meu agradecimento aos colegas das Divisões de Cartografia e Iconografia, Coordenadoria de Acervo Especial e Centro de Referência e Difusão da Biblioteca Nacional, especialmente Maria Cristina Leal Feitosa Coelho e Katia Jane de Souza Machado, Coordenadora do Projeto Resgate. Agradeço, também, aos pesquisadores, professores brasileiros e portugueses, que contribuíram na elaboração deste catálogo, que se distinguem: Adriano Bittencourt Andrade, André Ferrand de Almeida, Antônio Gilberto Costa, Antonio Wilson Silva de Souza, Caio Figueiredo Fernandes Adan, Íris Kantor, João Garcia, Jorge Cintra, Lívia Lindóia Paes Barreto, Márcia Maria Duarte Santos, Maria de Fátima Costa e Mário Olímpio Clemente Ferreira. Coube a Jorge Cintra, professor de Cartografia Digital e História da Cartografia da Escola Politécnica da USP, à revisão e anotações referentes ao acervo cartográfico e iconográfico da Capitania de São Paulo.

* * *

A Cartografia do Arquivo Histórico Ultramarino é composta de acervos de cartografia e iconografia, cerca de quinhentos e setenta e cinco documentos manuscritos, desde o século XVII até o início do século XIX. Esses desenhos cartográficos e iconográficos, outrora anexados aos requerimentos, cartas, ofícios e outros tipos de documentos, constituem importantes testemunhos para a análise da história do Brasil Colonial, com particularidades espaciais

na sua configuração territorial. O conjunto deste material totaliza 435 verbetes no catálogo.

O acervo cartográfico, cerca de trezentos e treze documentos, é constituído aproximadamente por trezentos e três mapas, cinco vistas, um roteiro e quatro perfis. São mapas de levantamentos geográficos, cartas cadastrais, hidrográficas, sesmarias, planos de portos, roteiros, vistas panorâmicas, plantas de cidade, aldeias indígenas, vilas e mapas de capitanias. Exemplos dessa documentação:

– conjunto de cartas produzidas, de acordo com as longitudes, pelos padres matemáticos Domingos Capacci e Diogo Soares, que tinham a incumbência de fazer o levantamento do território brasileiro e elaborar o mapa do Brasil;

– cartas de defesa da Baía de Guanabara, Baixada Santista, Belém e da costa das regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste elaboradas por cartógrafos e engenheiros renomados como João Teixeira Albenaz I, João Massé, Jacques Funck, Gaspar João Geraldo de Gronsfeld e outros.

– cartas hidrográficas do rio Amazonas, Negro, Tietê, como a carta de navegação pelo rio Amazonas de Pedro Teixeira, elaborada por Bento da Costa, cartas de levantamento do rio Negro feita pelos integrantes da quarta divisão da comissão de demarcação de fronteiras do Tratado de Santo Ildefonso, Manuel da Gama Lobo de Almada e José Simões de Carvalho;

– carta da Capitania de São Paulo, solicitada pelo governador Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus;

– cartas sobre as riquezas minerais encontradas na Bahia, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso;

– plantas referentes às aldeias, que foram intensificadas no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino;

– cartas que indicam tribos indígenas, algumas extintas, e quilombos destruídos;

– plantas de áreas geográficas que desapareceram em vista da construção de usinas hidroelétricas como a cidade de São João Marcos, inundada para

a ampliação da hidroelétrica que abastecia a cidade do Rio de Janeiro, na época capital federal, e o desaparecimento do Salto de Itapura no Rio Tietê;

– mapas de locais, cuja povoação foi removida para outra área, um exemplo destes foi o Município de Amaro Leite, no Estado de Goiás, cuja sede foi transferida para as proximidades da rodovia BR-153, passando a se chamar Mara Rosa;

– cartas sobre demarcações de fronteiras;

– mapas que descrevem ou indicam as unidades militares;

- um mapa da Capitania de Goiás com ilustração de uniformes militares de diferentes graus de hierarquia militar do período colonial.

No que tange à documentação iconográfica, existem cerca de duzentos e sessenta peças, sendo a maior parte de plantas de fortificações, além de desenhos de alçados e plantas arquiteturais de igrejas, conventos, alfândegas, câmaras, prisões, quartéis, cemitérios, barcos, casas dos contos e dos governadores. Estão incluídos também nessa documentação dois cadernos de desenhos da Aula Militar da Bahia – um possui vinte e oito desenhos técnicos e seis plantas e o outro com seis folhas de traçados iconográficos. Dentre dessa documentação iconográfica, encontram-se os alçados e as plantas arquitetônicas de Antônio José Landi, que veio ao Brasil para integrar a Comissão de Demarcação de Fronteiras na Região Norte. Ao retornar de Barcelos, antiga Mariuá, capital da Capitania do Rio Negro, exerceu trabalhos de arquiteto e construtor no Pará. Outros exemplos são as plantas arquitetônicas do Aqueduto da Carioca, além de desenhos de fortificações, hospitais, igrejas que não foram concretizados.

Para a organização do catálogo, seguiram-se duas normas, a do "Código de Catalogação Anglo-Americano" e a de "Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos", sendo seguida as indicações do Código para as descrições catalográficas e a das Normas para as transcrições dos documentos cartográficos e iconográficos nas notas catalográficas.

Os registros catalográficos estão dispostos por ordem geográfica, iniciando-se pelos mapas que abrangem uma boa parte do Brasil e/ou documentos iconográficos não identificados pela área geográfica. Em seguida, optou-se pela ordem geográfica que corresponde às atuais Regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, colocando-se por último as referências da antiga

colônia portuguesa, situada no Uruguai – Nova Colônia do Sacramento. Depois, dentro de cada região, fez-se a ordenação seguindo o nome das capitanias, e prosseguiu-se pela sequência cronológica e alfabética por autor ou título dos registros catalográficos. Foram incluídas legendas, constando de assunto, tipo de documento e data, ao alto de cada registro, para maior visibilidade das referências. Acrescentaram-se, também, índices onomástico, toponímico, temático e de títulos para melhor recuperação dos documentos. Quanto ao índice toponímico, acrescentaram-se os subcabeçalhos mapa, vista e iconografia para uma clara distinção entre os documentos.

Com a publicação deste catálogo, graças ao apoio do Museu de Astronomia e Ciências Afins, nas pessoas de Maria Margaret Lopes (Diretora) e Heloísa Gesteira (Coordenadoria de História da Ciência), o Projeto Resgate, mais uma vez, cumpre o seu papel que é o de divulgar e tornar mais acessível a memória histórica do Brasil Colonial. Esperamos, assim, estar contribuindo com todos os pesquisadores e demais interessados no assunto.

Rio de Janeiro, novembro de 2011

Profª. Maria Dulce de Faria

Chefe da Cartografia e bibliotecária da Fundação Biblioteca Nacional

BRASIL

P. d'Guarugaba.
Ginaquera miri.
Embetu miri.
E. d'Ginaquera
Barrancaives.
P. d'Embatuba.
E. d'Guayba.
P. d'Tapiroba.

1 MINA. Iconografia. 17--

[Planta de uma mina]. – [17--]. – 1 desenho técnico : nanquim , color ; 44,5 x 28,1cm.

Desenho a nanquim.
Estão assinalados: *poso da escada, barraca, regueira, poso da cana, entrada da mina, posomar, posinho, sarrado da sounda, pedreira, loireiro, cantodreira, salto dagoa, sarrado do cacal.*
Marca d'água: flor de lis, encimada por uma coroa e embaixo as letras WR.
Aquarelada nas cores cinza e amarela.

AHU_CARTm_025, D. 1255

2 PERFIL DE UMA MURALHA. Iconografia. 17--

[Perfil de uma muralha]. – Escala [ca. 1:500]. – [17--]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 37,2 x 24,6cm.

Inclui um texto, esclarecendo as medidas: *Esta mulhara, vai escarpada, de cáda 10 palmos de alto de camiza, hum de escárpa, e tocão a cada 5, meyo. O alicerce tem de alto, o que der o fundo do chão firme. A camiza tem 4 palmos de grosso; o parapeito 3; tem de alto por dentro trez palmos e meyo, e por fóra 3. Em cima leva lajes, que tem meyo palmo de groço, que o atraveção e sai fóra, pela banda da escárpa 3 ou 4 polegadas. Quando se for fazendo esta muralha, logo se há de ir terra plenando por dentro, e calcando, de sórte, que sempre a terra há de andar emparelhada com a muralha, e não impórta, que a muralha vá mal liza por dentro, i desta, pela parte, que pégua com a terra. Se o tempo, e a terra estiver seco, se burrife terra com agoa, mas pouca, para ligar melhor.*

Escala gráfica de 300 palmos [= 12cm].
Desenho a nanquim.
Aquarelado nas cores amarela, ocre e aguada de preta.

AHU_CARTm_025, D. 1257

3 BRASIL – COSTA. Mapa. ca. 1737

Soares, Diogo, 1684-1748.
Carta 4 [da] Costa [do Brasil]: a Ponta de Araçatuba, Ilha de S. Catarina, Rio de S. Fran^{co}. Parnaguá athe a Barra de Ararapira : comp^{de}. do Cam^{o}.

do Certão. – [ca. 1737]. 1 carta ms. : color, desenho a tinta ; 23 x 30,9cm em folha 31,2 x 43,1cm. – Costa [do Brasil] : Carta 4.

Autoria atribuída somente a Diogo Soares em: A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. P. 135. Imagem reproduzida, p. Mapa 9.
Data atribuída também por André Ferrand de Almeida.
Alberto Iria (IRIA, 1966) atribuiu a autoria aos padres matemáticos Diogo Soares e Domingos Capacci.
Segundo Serafim Leite, pertence à coleção incompleta de sete cartas da Costa do Brasil da autoria dos padres da Companhiam de Jesus.
Mostram o cálculo das latitudes de 8 localidades.
Título uniforme: Costa do Brasil.
Abrange o litoral e o interior dos atuais Estados de Santa Catarina e Paraná.
Segundo Ferrand de Almeida é a carta mais rica deste conjunto de cartas dos padres matemáticos "pela extensão do interior que abrange, assinalando os caminhos e o desenho da rede hidrográfica".
Nas margens esquerda e direita do mapa, contém anotações sob os títulos *Caminho do Certão* e *Corre a Costa*, que correspondem a relação das distâncias em léguas de diferentes pontos entre Pousos Altos e Curitiba.
Alguns destes estão apontados os rumos e as latitudes calculadas de 8 localidades.
Relevo representado em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, vermelha e sépia
Marca d'água: brasão com cruz, ladeado por 2 dragões, encimado por uma coroa, ladeada por 2 bandeiras, abaixo possui a letras CEROVA e outra marca com um brasão de Portugal, encimado comuma coroa.
Meridiano de origem: Rio de Janeiro.
Pertence à coleção de sete cartas truncadas da Costa do Brasil, levantada pelos padres matemáticos da Companhia de Jesus, Domingos Capacci e Diogo Soares.
Ver documento em AHU_ACL_CU_O17,Cx. 21, D.2.289.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 312.

AHU_CARTm_025, D. 1138

4 BRASIL – COSTA. Mapa. ca. 1737

Soares, Diogo, 1684-1748 & Capacci, Domingos, 1694-1736.

Carta 5.ª da Costa do Brasil : ao meridin°. do Rio de Janeyro desde a B. d'Ibepetuba athe aponta de Guarùpaba na E. de Syri / pelo Padre Diogo Soares S. J. G[eógraf]o R[égio] no E. do Brazil. – Escala [ca. 1:1.000.000]. – [ca. 1737]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 19,3 x 32,1cm em folha 24,9 x 37cm. –Costa do Brasil : Carta 5.ª.

Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. Mapa 5.
Abrange o litoral dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.
Título uniforme: Costa do Brasil.
Escala gráfica de 9 léguas portuguesas [=6,2cm] e 10 léguas francesas [=5,1cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelado nas cores verde, azul, vermelho,marrom e cinza.
No interior, está escrito: *Caminho d'1º descobrimento de Faria e Souza.*
Nomenclatura no litoral: *Torres , Rio Ibetuba, Rio Negro, Rio Cangicassú, Rio Uruçanga, Lagoa d' Guarupaba, Rio Tubarão, Obs.: m. est. Santa Martha, Ponta d'Tapiroba, Enseada d' Guayba, Biraquera miri Ponta d' Guarupaba.*
Cartuchos de título e escala decorados em estilo barroco.
Pertence à coleção de truncadas da Costa do Brasil, levantada pelos padres matemáticos da Companhia de Jesus, Domingos Capacci e Diogo Soares.
Ver documento em AHU_ACL_CU_O17,Cx. 21, D.2.289.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 307.

AHU_CARTm_025, D. 1139

5 BRASIL – COSTA. Mapa. ca. 1737

Soares, Diogo, 1684-1748 & Capacci, Domingos, 1694-1736.
Carta 6.ª da Costa do Brasil : ao meridiano do Rio d' Jan°. desde a ponta de Araçatuba athe a barra do Guaratuba / pelo P. M. Diogo Soarez S. J. G. R. no Estado do Brasil – Escala [ca. 1:1.000.000]. – [ca. 1737]. – 1 carta ms. : color. ; 18,5 x 31,6cm em folha 24,9 x 37,6cm. – Costa do Brasil : Carta 6.ª

Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. P. 137. Fig. 8.
Título uniforme: Costa do Brasil.

Abrange a costa dos Estados de Santa Catarina e Paraná.
Nomenclatura somente no litoral:*Ponta de Araçatyba, Ilha do Coral, Ilha d. Cardos, Ilha de Santa Catarina, Ilha do Arvoredo do Sul, Ilha dos Ratones, Ilha dos Frãcezes, E. das Canavieyras, Ilha do Arvoredo, I. da Galê, Tujuca P. Anhuetyba, Tujuca Gr, Zimbo, Fajardo, Palmas, Ilha Macucaoca, E. do Inferno, Bombas, Guaropas, Rio Cambariy Enseada Cambariy, Rio Tajay, Enseada de Tajay, Enseada de Tapacroya, Rio Cambariymeri, Itacolumim, Ponta Tajuba, Bº. Velha, Enseada de Tapicu, Rio Tapicu, Baía de Aracori, Ilha dos Remedios do Sul, Ilha de São Francisco, Ilha de Tamboretez, Ilha dos Remédios do Norte, Rio Pexiguera, Conchas, Rio Rariu, Rio do Cubatão, Rio das Trez Barras, Rio do Baretirros, Rio das Minas, Itapema, Rio de Jaty, Ilha de Sahy, Rio de Sahy, Rio de São João, Barra de Guarattyba.*

Escala gráfica de 9 léguas portuguesas [= 6,3cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelado nas cores verde, azul, vermelho, marrom e cinza.
Cartuchos de título decorado em estilo barroco.
Pertence à coleção de sete cartas truncadas da Costa do Brasil, levantada pelos padres matemáticos da Companhia de Jesus, Domingos Capacci e Diogo Soares.
Ver documento em AHU_ACL_CU_O17,Cx. 21, D.2.289.

O Arquivo Histórico do Exército possui uma cópia de época. A Mapoteca do Itamaraty possui a cópia desse Arquivo, datado 1737, porém, mais detalhada (ALMEIDA, 2001; ADONIAS, 1960).

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 308.

AHU_CARTm_025, D. 1140

6 BRASIL – COSTA. Mapa. ca. 1737

Soares, Diogo, 1684-1748 & Capacci, Domingos, 1694-1736.
Carta 9.ª [8ª] da Costa do Brazil : ao meridiano do Rio d' Janeiro dezde a barra de Bertioga athe aponta da Guaratuba / pelo padre M. Diogo Soarez S. J. – Escala [ca. 1:1.000.000]. – [Ca. 1737]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 19,3 x 32,1cm em folha 24,9 x 37cm. – Costa do Brasil : Carta 9.ª [8ª].

Abrange o litoral dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, desde a

cidade da Bertioga até parte da cidade do Rio de Janeiro (Barra da Tijuca).
Título uniforme: Costa do Brasil.
Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. Imagem reproduzida, Mapa 10.
Existe outra cópia de época, abrangendo desde Santos (Estado de São Paulo) a Restinga de Marambaia (Estado do Rio de Janeiro), com número 9 em AHU_CARTm_025, D. 1142 ref. 421.
No litoral estão assinalados: Barra *da Bertioga, M. Paschoal, M. d' Trigo, Alcatrazes, Rio Jaguare, Rio Guaratuba, Rio Una, Ilha d' Sahy, Toquetoque, Rio Mucucanga, Rio claro, Rio Juriquqre, Rio Carambury, Rio Nambuy, Rio Tabatinga, Ponta d´Cilada, Ilha d' São Sebastião, Ponta d' Sepetiba, Boneto, Indayaiba, Sombrio, Ponta d' Figueira, Busios, Castelhano, Ilha d'Victoria, Ponta Grossa, Tamandua, Mal Virado, Tuberois, Ilha d'Porcos, Ubatua, Vila d'Ubatuba, Ilha d'Peça, Ilha d'Couves, Ubatuba meri, Ponta d'Trindade, Ponta d'Juatinga, Algodão, Mantimenta, Guarauna, Cedros, Ilha Grande,Vergontó, Ipoia, Ilha d'Jorge Grego, Ponta d'Castelhanos, Baía d´Marambaya, Ponta d'Leste, Marambaya, Guayga, Mangaratiba, Jaguano, Rio Itanguacú,Mª. Mir., Madª, Rio Tauay, Rio Guandú, Santa Crus, Pedra, Ponta d'Guaratiba, Palmas, Tojucas, Ilha Tapera, Ilha Redonda.*

Escala gráfica de 7 léguas portuguesas [=4,8cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Nomenclatura somente na costa.
Aquarelado nas cores verde, azul, vermelho,laranja, amarelo e cinza.
Cartuchos de título e escala decorados em estilo barroco.
Pertence à coleção de sete cartas truncadas da Costa do Brasil, levantada pelos padres matemáticos da Companhia de Jesus, Domingos Capacci e Diogo Soares.
Ver documento em AHU_ACL_CU_O17,Cx. 21, D.2.289.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 309.

AHU_CARTm_025, D. 1141

7 BRASIL – COSTA. Mapa. ca. 1737

Soares, Diogo, 1684-1748 & Capacci, Domingos, 1694-1736.
Carta 9.ª da Costa do Brazil : ao meridiano do Rio d' Janeiro dezde a barra de Santos athe a da Marambaya / pelos PP Diogo Soares e Domingos

Capacî S. J.G.R. no Estado do Brasil. – Escala [ca. 1:1.000.000]. – [ca1737].
–1 carta ms. :
e vegetação representados em forma pictórica. – Costa do Brasil : Carta 9.ª

Nomenclatura no litoral e parte no interior: *Taypus, Santos Nuela, Bertioga, Pascoal, Rio Tanguaré, Rio Guaraiuba, M d' Trigo, Rio Una, Ilha d'Sahy, Rio d'Sahy, Toquetoque, Rio Musucanga, São Sebastiam, Ilha d'São Sebastião, Indayaiba, Sombrio, Ponta d'Figueira, Rio Claro, Rio Carambuy, Rio Juriquari, Busios, Catilhanos, Victoria, Tamandua, Mal virado, Tuberóis, Ilha d'Porcos, Embatuba, Ilha d'Peca, Ilha d'Couves, Ponta d'Trindade, Ponta, Joatinga, Algodão, Mantimtp. Guarauna, Cedras, Varganho, Ypoi, Ponta d'Leite, Cutealases, Palmas, Ilha Grande, Jorge Grego, Baía de Marambaya, Guayba, Jaguano Madrª., Rio Sapucay mirim.*
Indica topônimos na Serra da Mantiqueira e no Rio Paraíba, como: *Tapiti, Paraty, Jacarahy, São Jose, Obs.: m. est. Velhas, Rio do Peixe, Boqueira, Tabate, Pinhamga., Rio Rubiz, Rio Capivary.*

Aquarelado nas cores verde, azul, laranja, amarelo e cinza.
Cartuchos color., desenho a nanquim ; 18,7 x 31,5cm em f.olha 24,8 x 37,7cm.
Abrange a costa dos Estados de São Paulo (Santos) e do Rio de Janeiro (Restinga de Marambaia).
Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. Mapa 11
Título uniforme: Costa do Brasil.
Existe outra cópia de época, abrangendo desde Bertioga (Estado de São Paulo) a atual Barra da Tijuca (Estado do Rio de Janeiro), com a número 9, AHU_CARTm_025, D. 1141, ref. 429.
Embora a nomenclatura seja rica no litoral, indica o Rio Paraíba e a Serra da Mantiqueira no interior.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Escala estimada pelos cáculos das outras escalas.
Relevo de título decorado em estilo barroco.
Pertence à coleção de sete cartas truncadas da Costa do Brasil, levantada pelos padres matemáticos da Companhia de Jesus, Domingos Capacci e Diogo Soares.
Ver documento em AHU_ACL_CU_O17,Cx. 21, D.2.289.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 310.

AHU_CARTm_025, D. 1142

8 BRASIL – COSTA. Mapa. ca. 1737

Soares, Diogo, 1684-1748 & Capacci, Domingos, 1694-1736.
Carta 10ª da Costa do Brasil: ao meridiano do Rio de Janeyro dezde a barra da Marambaya athê Cabbo Frio / pelos PP Diogo Soares e Dos. Capacî S. J.G.R. no Estado do Brasil. – Escala [ca. 1:1.000.000]. – [ca. 1737]. – 1 carta : repr. em papel de microf. ; 28,5 x 42cm. – Costa do Brasil : Carta 10

Abrange desde Angra dos Reis até Rio das Ostras, no atual Estado do Rio de Janeiro.
Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. P. 181.
Título uniforme: Costa do Brasil.
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Escala em léguas portuguesas a 18 [...] grau.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Cartucho de título decorado em estilo barroco.
ORIGINAL NÃO LOCALIZADO.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 311.

AHU_CARTm_025, D. 1143

9 BRASIL – COSTA. Mapa. ca. 1737

Soares, Diogo, 1684-1748.
O rio d'S. Frco. Xavier na América Austral e portuguesa aos 26, 12' e 58" de latitude / pelo P.M. Diogo Soarez S. J. Geographo Regio. – Escala [ca. 1:400.000]. – [ca. 1737]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 19,5 x 32,5cm em f. 25 x 37,5cm.

Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. P. 182.
Meridiano de origem: Rio de Janeiro.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Escala gráfica de 3 léguas portuguesas [= 5,3cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Nomenclatura somente no litoral.
Na costa estão assinalados: *Rio d'Sahios, Itapema, Pontal, Rio Saquarema, Rio d'Barboza, Ribeirão, Friaz, Rio Bicuy, Rio das Minnas, Rio Barreiros,*

*Rio 3. Barraz, Rio Piraberá, Rio Cubatão, Rio Frariu, Rio Arariru-meri, Rio Peixiguera, Rio das Conchas, Sayguassu, Canal Alexandre, Canal Parati, Rio Olivei*ra, *Canal de Diaz, Canal d'Pinheiros, Rio Piraque, Baía de Itapicu, Lago Itapicu.*

Na Baía de Bapitonga estão assinalados: *Ilha Remedios do Norte, Ilha Bayau, Ilha Purgº, Ilha Alvarenga, Ilha Mandajtiba, Ilha Pinto, Ilha Redonda, Ilha do Melo, Ilhas Cabaças, Ilha Gonçalo, Ilha Miranda, Ilha Itapema, Ilha Gurarz, Ilha Papagaios, Ilha d' Palmas, Ilha Bicuy, Baía de Aracury, Ilha d'Remedios do Sul*.
Aquarelado nas cores verde, laranja, amarelo e cinza.
Cartuchos de escala decorada em estilo barroco.
Há presença de ornato caligráfico.
Pertence à coleção de sete cartas truncadas da Costa do Brasil, levantada pelos padres matemáticos da Companhia de Jesus, Domingos Capacci e Diogo Soares.
Ver documento em AHU_ACL_CU_O17,Cx. 21, D.2.289.

AHU_CARTm_025, D. 1144

REGIÃO NORTE

CAPITANIA DO RIO NEGRO

10 ALDEIA DE MAJURI. Mapa. ca. 1728

[Mapa da aldeia do principal de Majuri]. – [ca. 1728]. – 1 planta ms. : color., desenho a bico de pena ; 27,9 x 42, 3cm.

Mostra a aldeia dos Índios Mayapenas, cercados por tropas portuguesas. Esta tribo indígena era aliada aos Índios Manaos. Ambas as tribos habitavam na região do Médio e Baixo rio Negro.
O croqui não tem legenda, mas contém indicações alfanuméricas, exibindo a batalha iniciada no dia 6 de julho de 1728, de acordo com a descrição do documento localizado em AHU_ACL_CU_020, Cx. 1, D. 2.
Os números assinalados se referem às pedras (3) e às guaritas (1) e as letras denotam as posições de grupos de combate de soldados portugueses.
Aquarelada nas cores vermelha, verde, cinza e sépia.
No verso está escrito: "2ª. vª. Pertence à carta nº. 17".
Vegetação representada sob forma pictórica, onde está aquarelada de verde.

Referência: Catálogo exp. Pará - 1981, nº 16 – Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 366.

AHU_ACL_CARTm_020, D. 0773

11 FORTE DE SÃO JOSÉ DE MARABITANAS. Fortificação/Mapa. ca. 1767

Sturm, Fellipe**.**
[Planta da nova fortaleza dos Marabitanas]. – Escala ca. [ca.1:1.500]. – [ca. 1767]. – 1 planta ms., 1 desenho técnico : color. ; em folha 49,7 x 31,4cm.

Atribuída ao Fellipe Sturm.
Elaborado no período em que o autor fez parte da quarta comissão de demarcação de fronteiras na Região Norte da América do Sul, em decorrência do Tratado de Madri de 1750.
Desenho a lápis e nanquim vermelho.
Aquarelado.

Estão assinalados: *Calopois, corpo guardo, caza da polvora, quartel para a*

Infantaria, caza forte antiga, quartéis para oficiais do armasem.
Escala gráfica de 200 palmos [=7,3cm]. Ao alto da escala está escrito *braça* e abaixo *ponoça.*
No mesmo desenho está representada uma vila ou aldeia. Ao centro desta planta está escrito *Braca.*
Anexos ao AHU_ACL_CU_020,Cx.2, D.141 – 1767, Agosto, 10.
Chamado também de Forte São José de Marabitanas, localizado a 15 km de Cucuí, fronteira com a Venezuela. O Distrito de Cucuí pertence ao Município de São Gabriel da Cachoeira (antigos nomes São Gabriel e Uaupés), no Estado de Amazonas.
O Forte foi erguido com este nome, em 1763, por existir nesta região aldeia indígena Marabitanas. Atualmente está em ruínas. A fortificação é denominada por Aníbal Barreto de Forte do Cucuí.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 367.

AHU_CARTm_020, D. 0774/774 A

12 NEGRO, RIO. Mapa. ca. 1784

Carvalho, José Simões de, séc. XVIII.
Mappa em que se mostrão 3 comunicaçons do R. Negro para o Japura por 3 bocas superiores á do R. Vaupes : a pra. pello R. Xie, segdª pello Issana, 3ª pello R. Thomon / Coronel Manoel da Gama Lobo de Almada ; Copiei cap.am engenheiro Jozé Simoinz de Carvalho. – [ca. 1784]. – 1 carta ms.: color, desenho a tinta, ; 18,7 x 22cm.

Abaixo do título contém as seguintes observações: *A linha de pontos pretos denota o caminho. que já fica averiguado e reconhecido; os pontos encarnados mostrão a direcção que poucos mais ou menos averá a seguir para sahir a o Japura.*

Topônimos assinalados: **Rio Negro** – *Rio Thomon, Santo Agostinho Fraternidade Castelhana, São Carlos, São José Fraternidade*, , *Rio Xie, São Marcelino, Nossa Senhora da Guia, São João Baptista, Rio Issana* [Içana] , *São Filipe* [atual cidade de Içana], *São Joaquim, Santa Anna, São Miguel, São Gabriel, Nossa Senhora da Nazaré, São Bernardo, São Jose, São Pedro, Rio Uaupés, Rio Curicuriau, Rio Mariá, São João Nepocuimaceno, Santo Antonio do Castanheiro Novo, Nossa Senhora do Loreto, Rio Cavaboris, Rio Chivara, Rio Inuixi,* (seus afluentes *Apupua, Amaniu*), *Rio Urubixi, Santa Isabel, Rio Thomon, Santo Antonio, Rio Pama*; Rio Xie: *Caxoeira,* Rio *Teuaupuri*; **Rio Uaupes** – *Rio Capuri, Rio Tiquié*; **Rio Japurá** – *Rio Uapapuris,* Rio *Veya,* Rio

Muruti-parana, Caxoeira Cupati, Rio Mera.
No verso do mapa está escrito: Rio Negro off. de João Pereira Caldas. Barcellos 26 julho 1784.

Mapa elaborado por uns dosintegrantes, José Simões de Carvalho e Manuel da Gama Lobo, da Quarta Partida, Região Norte, da Comissão Demarcadora de Limites do Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1º de outubro de 1777. Essa Partida teve como o primeiro comissário João Pereira Caldas (1724-1794), que foi governador do Pará entre 1772 e 1780. A Comissão da Quarta Partida tinha como incumbência de subir o rio Japurá e outros rios, e alcançar as cordilheiras que separam as bacias do Amazonas e do Orenoco, demandando o rio Oiapoque até sua foz no Atlântico.

Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a bico de pena e nanquim vermelho.
Aguada na cor verde.
Inclui rosa-dos ventos com flor de lis.
Anexa ao AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D. 318 – 1784, Julho, 26.
Ver ao AHU_ACL_CU_020, Cx. 7, D.314.

Existe uma cópia de época no Arquivo Público do Estado do Pará em: Catálogo Iconográfico. Disponível em < http://www.apep.pa.gov.br/Acervo/CatalogoIconografico.pdf > . Acesso em: 2 ago.2009.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 354.

AHU_CARTm_020, D. 0775

13 UAUPÉS, RIO. Mapa. ca. 1785

Almada, Manuel da Gama Lobo de.
Communicação do rio Vaupés para o Iapurá, pelo rio Yucari, ou Pururé paráná : os riscos que cortam os rios são Cachoeiras / Manoel da Gama Lobo d'Almada. – [ca. 1785]. – 1 carta ms : color, desenho a tinta ; 16,3 x 21,1cm em folha 22,2 x 28,4cm.

Estão assinalados: *Rio Vaupés, Manibas, Ananás, Jauhis, Meinons, Rio Dumariaré, Rio Yveari, ou Pururéparaná, Rio Capuri, Sevabonis, Rio Tiquié, Cumacumans, Rio Dumariavé, Rio Cananari, Fuma, Rio Apapuris* [Rio Apaporis], *Curetus, Rio Japurá.*

Mapa elaborado por um dos integrantes, Manuel da Gama Lobo, da Quarta Partida, Região Norte, da Comissão Demarcadora de Limites do Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1º de outubro de 1777. Essa Partida teve como o primeiro comissário João Pereira Caldas (1724-1794), que foi governador do Pará entre 1772 e 1780.
A Comissão da Quarta Partida tinha como incumbência de subir o rio Japurá e outros rios, e alcançar as cordilheiras que separam as bacias do Amazonas e do Orenoco, demandando o rio Oiapoque até sua foz no Atlântico.

Aquarelada somente nos rios.
Indica caminho por terra entre os rios Dumariavé e Pururé-paraná, com tracejamento, na cor vermelha.
Doc. anexo a AHU_ACL_CU_020, Cx.9, D.0363, de 1785, Janeiro, 13.

Existe uma cópia de época no Arquivo Público do Estado do Pará em: Catálogo Iconográfico. Disponível em: < http://www.apep.pa.gov.br/Acervo/CatalogoIconografico.pdf > . Acesso em 2 ago.2009.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 355.

AHU_CARTm_020, D. 0776

14 UAUPÉS, RIO. Mapa. ca. 1785

Almada, Manuel da Gama Lobo.
Mappa em que se demostra o reconhecimento do rio Uaupés, desde a foz do rio Yucari ou Pororé paraná para cima : e a communicação mais alta do mesmo Uaupés para o Japurá pello Rio Unhunham, até ao rio Ussá-paraná, q. dezagoa no Apaporis. / no original, se asignou Manoel da Gama Lobo de Almada. – [ca. 1785]. – 1 carta ms.: desenho a nanquim ; 25 x 37,1cm em folha 32,4 x 44,7cm.

Cópia de época.
Possui alguns caminhos por terra entre os rios: Cananari e *Ycarari*, Iviari e Ussá-paraná, afluente do Rio Apaporis, e Muruti-paraná e Apaporis.
Estão assinalados: *Rio Negro*, São *Gabriel*, Rio *Xié – Teuapoics*, São *Jozé*, São *Agostinho* São *Carlos, Cachiquiari, São Miguel*, Rio *Thomon*, Santo *Antonio*, Rio *Pama, Rio Uapes, Marié, São Joaquim, Pesqueiro, mocinanas, Mácus, Tiquié* [caminho por terra entre Tiquié e Japu Paraná], *Macus, Uaihons, Mocinans, Uaruas, Seuabonis, Capuri, Queunacans, Jauhis, Ananás, Manibas*, Rio *Yucari*

ou Pororéparana [caminho por terra entre este rio eo Cananari], *Rio Iviaria – hé de agora preta, Pirichauine, Mazai, Buritaza – gentilidadem, onde havia toca mandada fazer pellos castelhanos, mazai, mazai, muazá – maloca de gentilidade, d'aonde se levarão 2 tapuias por guias, hum dos quais fala claramente castelhano, Rio Tenari, Rio Unhumham, Ussá-paraná, Rio Apaporis, Rio Dumariari, Rio Cananari, Furnas, Macunans, Curetus, Cumácumany, Tavaras, Pirá-paraná, Jápu-paraná, Rio Teraira, Rio Muruti-paraná.*

Marca d'água: brasão com uma flor-de lis, no centro, encimado por 1 coroa.
No verso está escrito: Rio Negro off. n. 8 de João Pereira Caldas de Barcellos, de 1785, outubro, 30.

Mapa elaborado por um dos integrantes, Manuel da Gama Lobo, da Quarta Partida, Região Norte, da Comissão Demarcadora de Limites do Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1º de outubro de 1777. . Essa Partida teve como o primeiro comissário João Pereira Caldas (1724-1794), que foi governador do Pará entre 1772 e 1780.
A Comissão da Quarta Partida tinha como incumbência de subir o rio Japurá e outros rios, e alcançar as cordilheiras que separam as bacias do Amazonas e do Orenoco, demandando o rio Oiapoque até sua foz no Atlântico.

Doc. anexo a AHU_ACL_CU_020, Cx.10, D.393.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 357.

AHU_CARTm_020, D. 0778

15 UAUPÉS, RIO. Mapa. ca. 1785

Almada, Manuel da Gama Lobo de.
Mappa em que se demostrão duas cummonicaçoens do Rio Uaupés para o Japurá, pelo Rio Yucari, e pelo Tiquié : esta segunda se póde também fazer, descendo pelo Rio Teraira. / Manoel da Gama Lobo d'Almada. – [ca. 1785]. – 1 carta ms. : desenho a nanquim ; 27,6 x 37,7cm em folha 34,2 x 43,8cm.

Abaixo do título contém a seguinte informação: *Por linhas de pontos, vai marcada a direcção, que se seguio na descoberta, reconhecimento das sobreditas duas cummonicaçoens*.

Entre os rios Yucari ou Pururéoparaná, Dumari está escrito: *trajeto por terra*.
Doc. anexo a AHU_ACL_CU_020,Cx.9, D.364, de , de 1785, Janeiro, 28.
As cachoeiras dos rios Japurá e Uaupés estão indicadas com traços.
Estão assinalados: *Rio Negro, Rio Uaupés, São Joaquim, Feitoria do Peixe, Mocinons, Seuabonis, Rio Capurí, Queuanancans , Jauhis, Ananás, Maninas, Rio Yucari ou Pururéparaná, Trajeto de Terra,Rio Dumariari, Cananarí, Rio Apapurís* [Rio Apaporis], *Furna, Macunans, Curetús, Cuma, Cumans, Rio Japurá, Rio Piráparaná, Uaruás, Uainhons, Macús, Rio Teraíra.*
Marca d'água: brasão, embaixo possui as letras hxew & zoonem, encimado por uma árvore.
Mapa elaborado por um dos integrantes, Manuel da Gama Lobo, da Quarta Partida, Região Norte, da Comissão Demarcadora de Limites do Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1º de outubro de 1777. Essa Partida teve como o primeiro comissário João Pereira Caldas (1724-1794), que foi governador do Pará entre 1772 e 1780.
A Comissão da Quarta Partida tinha como incumbência de subir o rio Japurá e outros rios, e alcançar as cordilheiras que separam as bacias do Amazonas e do Orenoco, demandando o rio Oiapoque até sua foz no Atlântico.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 356.
Antiga lista da Cartografia do AHU: nº 005

AHU_CARTm_020, D. 0777

16 MURAS NO LAGO MAMIÁ. Mapa. ca. 1786

...Planta para mostrar a situação do novo estabelecimento dos Muras no Lago Mamiá : a qual, e os sitios mais remarcáveis semostrão pelo alfabeto seguinte, como milhor se soube J.B.M. explicar... – [ca.1786]. – 1 carta ms. : desenho a nanquim ; 27,2 x 36,5cm em folha 35 x 43,2cm.

Título completo: Por ordem do Illmo. e Exmo. Snor. João Pereira Caldas General incarregado da Demarcação de limites na fronteira do Estado do Pará, e Capitania do Rio Negro se fez esta planta para mostrar a situação do novo estabelecimento dos Muras no Lago Mamiá : a qual, e os sitios mais remarcáveis semostrão pelo alfabeto seguinte, como milhor se soube J.B.M. explicar.
João Pereira Caldas (1724-1794) foi o primeiro comissário da Quarta Partida, Região Norte, da Comissão Demarcadora de Limites do Tratado

de Santo Ildefonso de 1777. e governador do Pará entre 1772 e 1780.
A Comissão da Quarta Partida tinha como incumbência de subir o rio Japurá e outros rios, e alcançar as cordilheiras que separam as bacias do Amazonas e do Orenoco, demandando o rio Oiapoque até sua foz no Atlântico.

Mostra a região do Rio Solimões, abrangendo os atuais municípios de Coari, antiga Vila de Alvelos,Tefé, antiga Vila de Ega, e Manacapuru, antigo estabelecimento dos Índios Mura em 7 de setembro de 1786. Além de compreender os Lagos Caiambé, Coari e Mamiá.
O norte do mapa está voltado para o lado inferior da folha.

Estão assinalados: *Mamiá, Muras, Coari, Alvellos, Cayambé, Mutum coára, Ponta da Canoa Hespanhola, Teffé, Hespanhoes, Ega, Furo, furo para o Solimoeñs, Armazem, Guarita.*

Marca d'água: hxew & zoonem.
Doc. anexo a AHU_ACL_CU_020,Cx.11, D.0435.

AHU_CARTm_020, D. 0779

17 RIOS JAPURÁ, AMAZONAS E NEGRO. Mapa. ca. 1786

[Reconhecimento da parte superior do Rio Negro e parte dos rios Amazonas e Japurá]. – [ca.1786]. – 6 cartas ms : color., desenho a bico de pena e nanquim ; 28,1 x 15,8cm em f. 34,4 x 21,8cm.

Primeira carta,AHU_CARTm_020, D. 0780, assinala os seguintes topônimos: *Marié Rio, Serra de Marié,* Rio *Oeny,* Rio *Emabixi, Rio Teia e Rio Negro.* Marca d'água: brasão contendo um grande X no centro, embaixo possui as letras sxwk, encimado por uma árvore com frutas.

Segunda carta, AHU_CARTm_020, D. 0781, inclui trajetos por terra que vai de um afluente do rio Capori para o Uaupes e Piraparaná, do Rio Piraparaná para o Tequié e deste para o Capori, do rio Iapuparaná para o 3º braço Castº. paraná. Assinala os seguintes topônimos: Rio *Capori,* Rio *Uaupes,* Rio *Piraparana,* Rio *Tiquié,* Rio *Iapuparaná, 3º braço Castº. paraná , 2º Braço Orucuparana,* Rio *Apaporis,* Rio *Iupura, 1º Braço de Água Preta,* Rio *Uaupese, Rio Negro.* Marca d'água: brasão contendo um grande X no centro, embaixo possui as letras *sxwk*, encimado por uma árvore com frutas.

Terceira carta, AHU_CARTm_020, D. 0782, ocorre: Rio *Iapuparana,* Rio *Piráparaná,*onde tem trajeto para, *Rio Tiquié,* Rio *Apaporis, Poré o Rio,* Rio *Namoritante,* onde tem trajeto por terrra para o *Rio Iapuparaná, 2º Braço Orucuparaná, 1º Braço Água Preta,* Rio *Uaupés, Oeny Rio, Serra Marié, Rio Negro,* Rio *Amazonas.* Marca d'água: brasão contendo um grande X no centro, embaixo possui as letras sxwk, encimado por uma árvore com frutas.

Quarta carta, AHU_CARTm_020, D. 0783, assinala: *Maripi Novo, Maripi Velho, Bocca do Riacho, trajetto*[por terra], *Canal do lago Marahá, Lago do Marahá,* Rio *Iupura, Bahoamá braço, Braço que não tem nome, Restinga, Rio Irubaxi, Rio Negro e Rio Amazonas.* Marca d'água: *SEBILE VAN KETELL & WASSENBERGH*.

Quinta carta, AHU_CARTm_020, D. 0784, assinala: *Amazonas, R*io *Vayanapy, R*io *Comapi, Lago Comani, R*io *Iupura, 2º braço Ababixi, 1º braço Iudacá* Rio *Vaviana, Rio Negro e* Rio *Amazonas.*Marca d'água: *SEBILE VAN KETELL & WASSENBERGH*.

Sexta carta, AHU_CARTm_020, D. 0785 inclui trajetos por terra entre os rios [Japurá] e Vevinuixi. Assinala os topônimos: *Ivpvra, rio Vevnvixi, Cabarabi, Carabi braço,Tauá Braço, Capanari Braço, Braço Rucabi, Braço Iriveni, Irvená Braço.* Marca d'água: brasão contendo um grande X no centro, embaixo possui as letras *sxwk*, encimado por uma árvore com frutas.

Mapa elaborado pelos integrantes da Quarta Partida, Região Norte, da Comissão Demarcadora de Limites do Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1º de outubro de 1777. Essa Partida teve como o primeiro comissário João Pereira Caldas (1724-1794), que foi governador do Pará entre 1772 e 1780.
A Comissão da Quarta Partida tinha como incumbência de subir o rio Japurá e outros rios, alcançar as cordilheiras que separam as bacias do Amazonas e do Orenoco, demandando o rio Oiapoque até sua foz no Atlântico.

Relevo representado em forma pictórica.
Aquarelado.
Doc. anexo a AHU_ACL_CU_020, Cx. 10, D.0410.
Ver AHU_ACL_CU_020, Cx. 10, D.407- 409.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 358-363.

AHU_CARTm_020, D. 0780/0785

CAPITANIA DO PARÁ

18 ARTILHARIA. Iconografia. ca. 1688

[Planta e alçado de um trem de artilharia]. – Escala [ca. 1:200] – [ca.1688]. – 2 desenhos técnicos : nanquim, color. ; 41,7 x 32,1cm.

Estão assinalados na planta: *armazém das armas, armazém de munições, baranda com escada para o trem, cisterna, carvoeira, officina dos armeiros, trem da artilheria, celeiras das calhas, porta principal do trem, corpo da goarda principal, casas dos armeiros, patio do trem, Segunda porta com escada para o trem.*
Escala gráfica de 50 pés [= 9cm].
Cartucho de escala decorado em estilo barroco.
Aquarelados nas cores vermelho, amarelo e preto.
As paredes do alçado são aguadas na cor preta.
1688, Maio, 31, Lisboa. Anexo a AHU_ACL_CU_013, Cx.3, D.271.
CONSULTA do Conselho Ultramarino para o rei D. Pedro II, sobre as informações prestadas pelo ouvidor-geral do Estado do Maranhão, Miguel da Rosa Pimentel, referentes às execuções dos índios acusados da morte de padres da Companhia de Jesus.

AHU_CARTm_013, D. 0786

19 ARTILHARIA. Iconografia. ca. 1688

[Pormenor de outro alçado do mesmo trem : alçado do paiol]. – Escala [ca. 1:200] – [ca.1688]. – 1 desenhos técnico : nanquim, color. ; 41, x 41,8cm.

Escala gráfica de 50 pés [= 9cm].
Cartucho de escala decorado em estilo barroco.
Aquarelados nas cores vermelho, amarelo e preto.
As paredes do alçado são aguadas na cor preta.
1688, Maio, 31, Lisboa. Anexo a AHU_ACL_CU_013, Cx.3, D.271.
CONSULTA do Conselho Ultramarino para o rei D. Pedro II, sobre as informações prestadas pelo ouvidor-geral do Estado do Maranhão, Miguel da Rosa Pimentel, referentes às execuções dos índios acusados da morte de padres da Companhia de Jesus.

AHU_CARTm_013, D. 0787

20 FORTE DO RIO BATABOUTE. Fortificação. ca. 1688

Carneiro, Pedro de Azevedo.
...Caza fortefeita em hu fortim de Estrella : a qual fiz em o cabo do Norte em o rio Araguari... / Pedro de Az^{do}. Carn^{ro}. feset. – Escala [ca.1:440]. – [ca. 1688]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 29,1 x 20,8 cm em folha 29,8 x 41,8cm.

Escala gráfica de 60 pés [=4,5cm].
Texto completo: *A presente planta representa a caza fortefeita em hu fortim de estrella. A qual fiz em Cabo do Norte em o Rio Aragari, e por ser o sítio pouco capaz de resistir nelle fortificassão de major força nem e que no sitio nem fora delle pelos capazes de duração por serem ilhas alagadissas com as madeiras que nellas se acharão demais dura – porque os mais delles são paos onde* [...] *e de pouca duração, por esta causa formei a dita casa forte com a madeira que se pode achar .E por sertos inconvenientes a formei na forma que mostra a planta por ser mais defensível e dela se poder defender de qualquer assalto cõ melhor forma do que a outra planta que fiz por esta ser maior que a outra, e ser formada sobre grossos madr.os com sua trincheira de grossos paos, entre os quais entulhados de terra de faxina mui bem foguada com seis terraplenos e reparos capases de resistir aos tiros que o sitio permite, possa o inimigo conduzir que a defender tem de lado e grossura, e altura o que mostra o seu perfil.*

Estão assinalados no perfil, de acordo com a legenda: *AB- Lado do poligono 10º; Ag- Altura da muralha 12; AC- largura da muralha 3 ½; EF- altura da escarpa 8; EG - largura da escarpa 2 ½; CJ- altura do parapeito 3 ½; Ji – Largura do terrapleno 20; l- altura da cazaforte 8; lm – largura da caza forte 26 ½; ln- comprimento da cazaforte 26 ½; angulo flanqueado YAG 62 gos.; Ny Extensão do flanco 18 ½.*
Ao lado, outra legenda intitulada *Taboa que mostra para as letras os nomes das figuras que cada huma dellas representa: K Caza do cabo, D Quartéis dos soldados, V Armazém, R Corredor, Q Copiar ou baranda, P Patio ou serventia, E Escada, M Porta.*

Anexo a 1688, Junho, 2, Lisboa. CONSULTA do Conselho Ultramarino para o rei D. Pedro II, sobre a construção de um forte em Araguari, por ordem do governador [e capitão-general do Estado do Maranhão Grão-Pará e Rio Negro], Artur de Sá e Meneses.
Anexo: 1 carta Obs.: m. est. – AHU_ACL_CU_013, Cx. 3, D. 272.

Atualmente o Rio Araguari pertence ao atual Estado do Amapá.
Este forte localizava-se na margem esquerda do Rio Bataboute ou Batabouto, afluente da margem esquerda do Rio Araguari, no Estado do Amapá. O forte teve duração efêmera, abandonado e destruído pelo

tempo.
O território do Amapá foi desmembrado do Estado do Pará em 1943, sendo elevado a categoria de Estado com a promulgação da Constituição brasileira de 1988.

AHU_CARTm_013, D. 0788

21 FORTE DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS DA BARRA DE BELÉM. Fortificação. ca. 1695

[Planta da fortaleza da barra do Pará]. – [ca. 1695]. – 1 planta ms. : color. desenho a nanquim ; 16,1 x 20, 8cm.

Aquarelada nas cores marrom claro, terracota, preta e aguada de preta.
Anexo ao OFÍCIO 1695, julho, 8 – AHU_ACL_CU_013, Cx.4, D.322.

A Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra de Belém localizava-se em um pequena ilha rochosa, que dá acesso ao porto de Belém. A fortaleza passou a funcionar como depósito de inflamáveis na década de 1940. Em 1947, foi destruída devido a uma explosão em toda a instalação, causado por um curto-circuito.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 277.

AHU_CARTm_013, D. 0789

22 FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS DA BARRA DE BELÉM. Fortificação. ca. 1696

Azevedo, José Coelho de
Planta da fortaleza da barra do Pará / [por] Joseph Coelho de Azevedo . – Escala [ca. 1:200]. – [ca. 1696]. – 3 desenhos técnicos : tinta ; 42,1 x 28,6cm em folha 42,7 x 29,3cm + 1 f. anexa ; 42,7 x 29cm.

Escala gráfica de 50 Palmos [=6,2cm].
Estão assinalados*: entrada ou corredor, corpo da guarda, hermidas, armazem para polvora com duas portas, armazem para o mesmo, e petrechos, secretta, com via para as agoas da chuva, subida para a artilharia, cazas mattas, respiradouro para sahir o formo do fogam das peças, escada, muralha e parapeito, terrapleno.*
Planta aquarelada nas cores marrom claro, terracota, preta e aguada de preta.

O cartucho da escala da planta e a letra capital do título estão decorados em estilo neoclássico.

Inclui perfil e a perspectiva da fortaleza, anexa a planta, monocromáticos a aquarela e aguada na cor preta, com a cota AHU_CARTm_013, D. 0791 . A letra capital do título *Perfil* está ornamentada em estilo neoclássico. Neste desenho lê-se: *altura em que achei quando vim, altura em que figua quazi toda.* No outro desenho está escrito: *Prespetiva; entrada das cazas mattas, entrada da secretta.*

A Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra de Belém localizava-se em um pequena ilha rochosa, que dá acesso ao porto de Belém. A fortaleza passou a funcionar como depósito de inflamáveis na década de 1940. Em 1947, foi destruída devido a uma explosão em toda a instalação, causado por um curto-circuito.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 277.

AHU_CARTm_013, D. 0790/0791

23 FORTE DO CASTELO DE BELÉM. Fortificação. ca. 1696

Planta da fortaleza da cidade do Pará : em a qual o penejado mostra a obra antigua e toda aroinada. – Escala [ca.1:400]. – [ca. 1696]. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica; 28,5 x 41,5cm em folha 29,4 x 42,1cm.

Abaixo do título lê-se: *O risco delgado a obra que se propoz se lhe podia fazer para que ficasse com milhores defensas inda que curtas por causa do terremno e edificios da praça. Sobre que veyo rezulução que se fizesse e que se accomodasse hum Baluarte inteiro onde se mostra ua o meyo Baluarte G da mesma sorte que no Baluarte opposto H casi se mostra accomodado com o risco mais grosso, e toda a planta com milhor forma ficando as muralhas velhas que sam de terra servindo de terraplano.*
Escala gráfica de 150 Palmos [=8,8cm].
A fortaleza possui 4 pontas.
Estão assinalados: *entrada ou porta, corpos da guarda, armazens, praça baixa, explanadas.*

O Forte do Castelo de Belém, foi construído com o nome de Forte do Presépio de Belém, na época da fundação da cidade de Belém, em 1616.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 278.

AHU_CARTm_013, D. 0792

24 ARMAZÉNS, FORTIFICAÇÃO. 17--

Planta do armazém para a pólvora – Escala [ca.1:150]. – [17--]. – 2 desenhos técnicos : tinta ferrogálica ; 30,1 x 20,4cm em folha 30,7 x 21,2cm.

Escala gráfica de 50 Palmos da planta [= 8cm].
Com: Perfil [fachada do armazem para a pólvora].
Na planta ocorre: *caza principal de pólvora, corredores que a deffendem e servem para o que for necessário, estâncias para os guardas e sentinellas, portas, janellaz.*
Anexos à CARTA de 1703, Julho, 8, Belém do Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 5, D. 391.

AHU_CARTm_013, D. 0816/0817

25 FORTIFICAÇÃO. ca. 1719

[Planta de um forte que o Cap. José Sanches de Brito pretendia construir à sua custa junto à cidade de Belém do Grão Pará em frente às casas que foram de Manuel Guedes Aranha]. – Escala [ca. 1: 200] – [ca. 1719]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 28,2 39,6cm em folha 30,3 x 42cm.

Escala gráfica de 100 palmos [= 10,6cm].
Inclui perfil.
Assinala alguns locais: *Baxa mar, Cazas Joseph da Cunha e Cazas de Manuel Guedes*
Anexo à CONSULTA 1719, Setembro, 4, Lisboa. CONSULTA do Conselho Ultramarino para o rei D. João V, sobre a proposta do capitão do Forte da cidade de Belém do Pará, José Sanches de Brito, de construir, à sua custa, um novo forte naquela cidade, desde que obtivesse autorização para utilizar mão-de-obra indígena nos trabalhos, bem como a concessão do posto de tenente general da Artilharia daquela Cidade. AHU_ACL_

CU_013, Cx. 6, D. 544.

AHU_CARTm_013, D. 0793

26 DEFESA DE BELÉM. Mapa. ca. 1724

Mapa em que se mostram as defenças da Barra e Cidade do Gram Parâ, e a obra que se intenta fazer na reedificação do fortim da ditta barra : q. fica na Ilha fronteyra á Fortaleza Redonda della, aqual Ilha não tem funda^to^. solido ; e se ve na planta proxima acima na qual o risco pretto mostra a obra antiga e aruinada, e o de pontinhos a que propoem. – Escala [ca. 1:40.000]. – [ca. 1724]. – 1 planta ms. ; desenho a tinta ferrogálica ; 31,5 x 43cm em folha 32,2 x 43,6cm.

Assinala alguns edifícios na indicação da cidade de Pará: *Santo Xpt^o^* [Cristo], *Fortaleza, matriz ou Sé, Colejo,* Igreja *N*ossa *S*enhora *das Merces, B*aluar*te N*ossa *S*enhora *das Merces, B*aluar*te de S*anto *Anto*nio, Igreja de *S*anto *Anto*nio.
Mostra o litoral, indicando alguns topônimos: *Terra firme, Ilha das Onças, cidade do Pará, Olaria, Aldeya devina, Val. de Caens, Fortaleza da Barra, Forim* [sic],localizado numa ilha, *Roça , Ilha Redonda, q*ue *se viy desfazendo, livramento.*
Escala gráfica de 30.000 palmos [=16,5cm].
Anexa à CARTA 1724, Setembro, 8, Belém do Pará. AHU_ACL_CU_013, Cx. 8, D. 726.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Encarte: Planta do Fortim e Perfil. Escala [ca. 1: 800], escala gráfica de 100 pés [= 7,7cm].
Mostra a defesa da cidade de Belém e proximidades na Baía de Guajará. Estão representadas algumas fortificações, como o Forte do Presépio de Belém e o chamado Fortim da Barra de Belém. Esse localizava-se na Ilha do Fortim, cuja construção foi iniciada em 1738, por determinação do governador da Capitania do Pará, João de Abreu Castelo Branco, para fortalecer a defesa da entrada do porto. Em 1754, o governador da Capitania, Francisco Xavier de Mendonça Furtado reforçava a sua importância e pedia conclusão da obra desta fortificação. Porém, nada foi feito depois desse governo. Atualmente só resta a ilha com este nome

A Mapoteca do do Itamaraty possui uma planta deste Fortim (ADONIAS, 1966, p. 178, item 141).

AHU_CARTm_013, D. 0794

27 PARÁ, COSTA. Mapa. [ca. 1729]

[Mapa da parte da costa do Pará, desde o rio Juriparipucu até ao rio Vicente Punçon]. – [ca. 1729]. – 1 carta ms. : desenho a nanquim, aguada ; 26,3 x 40,7cm em folha 27,2 x 41,5cm.

Abrange o litoral do atual Estado do Amapá, entre os Rios Oiapoque, antigo Vicente Pinzón, e Anauerapucu , além do Rio *Juriparipucu*.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
O rio Vincente Pinzón, atual Rio Oiapoque, faz fronteira com o Brasil e a Guiana Francesa.
Estão assinalados: Rio *Juriparipucu*, Rio *Anarapucu* [*Anauerapucu*] Rio *Matapi*, Rio *Matapimirim*, Rio *Macapá, Fradilgus, Citio para a Fortaleza*, Rio *Oriju*, Rio *Varahur*, Rio *Araguari*, Rio *Caravahu, Cabo do Norte*, Ilhas *Belehos* e *Caviana*, Rio *Mayalari*, Rio *Corcioni*, Rio *Maripanari*, Rio *Guayrapo*, Rio *Coanani, Guarayapa Garapé*, Rio *Caxepuru*, Rio *de Vincente Punçon, Montanhas de Prata.*
Possui marca d'água.

AHU_CARTm_013, D. 0795

28 FORTE DE MACAPÁ. Fortificação. ca. 1739

[Planta da fortaleza de Macapá, na margem do Rio Amazonas]. – Escala [ca. 1:300] – [ca. 1739]. – 1 planta ms. : col. desenho a nanquim ; 32 x 26,3cm.

Escala gráfica de 160 palmos [= 13cm].
Contém perfil da fortaleza.
Aquarelada na cor preta e aguada de cinza.
Marca d'água.
Ver doc. nº56 .

O Forte de Macapá existia desde 1738, onde se localizava na atual cidade de Macapá. Em 1751, foi fundada a povoação de Macapá, com a vinda de colonos açorianos. Este forte foi substituído pela Fortaleza São José de Macapá, em 1764. A Fortaleza de Macapá deu origem à cidade de Macapá, que fazia parte do Pará. Atualmente, a cidade pertence ao Estado do Amapá e é a sua capital.

A planta provavelmente é anterior a 1739. Ela estava anexada a uma

CONSULTA do Conselho Ultramarino 1739, julho, 3 – AHU_ACL_CU_013, Cx.22, D.2065. Nela o Conselho ordenou ao engenheiro-mor que analisasse dois papéis: a carta do governador do Maranhão, João de Abreu Castelo Branco, de 1738, e um *risco mal feito*, como diz o engenheiro-mor, do dito forte. A carta do governador menciona vestígios de um forte e pedia que o Conselho procurasse alguma planta do mesmo nos papéis da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar. Assim, o Conselho envia ambos os documentos ao engenheiro.

AHU_CARTm_013, D. 0834

29 RIO AMAZONAS E SEUS AFLUENTES . Mapa. 175--

[Mapa do curso dos rios Tocantins, Araguaia, Madeira, Amazonas e seus afluentes]. – [175-]. – 1 mapa ms. : color., desenho a nanquim preto e vermelho; 29,8 x 28,8cm em folha 38 x 29,9cm.

Abrange a Região Norte do Brasil, com os atuais Estados de Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Tocantins, parte de Goiás (rios Pilões e Claro) , e a região das Missões Jesuíticas de Mojos e Chiquitos na Bolíva. Mostra as tribos indígenas dos Cavaleiro, que pertenciam a Nação dos Guaicuru (Mato Grosso), Mura e Kayapó.
A data de elaboração é posterior a 1750.
Na capa da pasta feita pela Restauração do AHU, onde o mapa está acondicionado, possui uma nota: *em perspectiva, fora do enquadramento, perfil longetudinal de curso de água não identificada*.
Título que aparece no Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas de Castro e Almeida : Mappa do curso dos rios Tocantins, Araguaya, Madeira e Amazonas e seus afluentes, desde o Equador até o paralelo 20.
O Rio Guaporé está registrado como Rio *Aporé.*
O mapa foi delineado com o norte para o lado inferior.
Estão assinalados ao norte e na linha do Equador : *Rio Orenoco,* Rio Negro, *F*orte *do Macapá*.

Na margem esquerda do *Rio das Am*azonas: Rio *Urubu, R*io Jaraca, *R*io [Y?]*atinia, F*orte *Pauxis, F*orte *Pará*.

Na margem direita do *Rio das Am*azonas *Rio Yavari, Rio da Madeira* (indicando 19 trechos com cachoeiras), *Abacaxis, R*io *Canuma, R*io *dos Tapajos, R*io *Xingu, Ald. Maturá, Ald. Caviana, Ald. Arapijo, F*orte *do Gurupa, R*io *dos Patajos, Ilha dos Joannes, V*ila *do Camutá, Cidade do Pará, , R*io *Tocantins*

Nas margens do Rio Madeira aparecem os seguintes topônimos: *Ald. do Trocano, Rio Ariopana, Rio Unicore, Rio dos Muras, Arraial de Nossa Senhora da Conceiçam, Rio Benim, Rio Mamoré, Rio Apore* [Guaporé].

Nas regiões dos rios Beni, Maporé e Guaporé estão assinalados: *Santos Reyes, Exaltaçam, São Francisco Xavier, São Joaquim, São Pedro, São Gabriel, Madalena, Conceiçam,Trindade, Caza Redonda, Ald S. S. Simão, Aldeia São Miguel, Santa Roza, Vila São Francisco Xe*[...], Índios *Cavalheiros.*

Estão também representados o rio Araguaia, seu afluente rio Claro, com os seus tributários rio Pilões e São João.

Mais ao sul, indica o Rio Paraguai e próximo a este, estão assinalados: *Rio Coxipo, Rio Coxipo ald.*, e *Cuyaba.*

Escala linear de longitude no enquadramento 20º [=26,1cm] e 25º de latitude [=27cm].
Aguada nas cores preta, vermelha, marrom.
Inclui um perfil longitudinal de um curso de água não identificável.
Marca d'água: C & I Honing.
Ver OFÍCIO de 1780, Maio, 2, Pará - AHU_ACL_CU_013, Cx. 85, D. 6977.

Mário Olímpio Clemente Ferreira e André Ferrand de Almeida mencionam uma cópia manuscrita, de menores dimensões, no final do manuscrito *Navegação do Rio da Madeira, principiada em 25 de Setembro de 1749*, da viagem de José Gonçalves da Fonseca na Divisão de Manuscritos (nº2,3,8) da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
Título atribuído por Castro e Almeida: Mapa do curso dos rios Tocantins, Araguaia, Madeira, Amazonas e seus afluentes, desde o Equador até o paralelo 20.
Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 274.

AHU_CARTm_013, D. 0823

30 ALFÂNDEGA. Iconografia. ca. 1757

Landi, Antônio José, 1713-1791.
Primeira idea do portal da nova Alfandega. – [ca. 1757]. – 1 desenho técnico : nanquim :38,1 x 29,2cm em folha 41,3 x 32,5cm.

Este projeto da alfândega, elaborado por Antonio Giusepe Landi, não foi

realizado (MENDONÇA, 2003, , p. 331, fig. 200).
Escala gráfica de 40 palmos.
Aquarelada na cor negra.
Marca d'água.
Anexo à CONSULTA 1757, Maio, 16, Lisboa - AHU_ACL_CU_013, Cx. 42, D. 3859
Acondicionado na pasta com outro desenho: *Segunda idea do portal da nova Alfândega*, cota: AHU_CARTm_013, D. 0797.

Antonio Giuseppe Landi, conhecido no Brasil e em Portugal como Antônio José Landi, nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Brasil, partindo de Lisboa em 1753, a convite do Rei de Portugal, para integrar na Comissão Demarcadora de Fronteiras na Região Norte. Auxiliou o astrônomo Giovanni Angelo Brunelli nas medições e iniciou suas observações na flora e fauna amazônica, enquanto aguardava sua viagem ao Rio Negro. Em 1759, retornou da capital da Capitania do Rio Negro (Aldeia de Mariuá, atual cidade de Barcelos) para Belém, e iniciou os seus trabalhos de arquiteto e construtor na Amazônia, principalmente em Belém.

AHU_CARTm_013, D. 0796

31 ALFÂNDEGA. Iconografia. ca. 1757

Landi, Antônio José, 1713-1791.
Segunda ideia do portal da nova Alfândega. – Escala [ca.1:70]. – [ca. 1757]. – 1 desenho técnico : tinta, color. ; 30, 5 x 17,1cm.

Este projeto da alfândega, elaborado por Landi, não foi realizado (MENDONÇA, 2003, p. 333, fig. 201, p. 333).
Escala gráfica de 25 [palmos= 16,4cm].
Aquarelado nas cores rosa e preto.
Acondicionado na pasta com outro desenho: Primeira idea do portal da nova Alfandega, cota: AHU_CARTm_013, D. 0796.
Anexo à CONSULTA 1757, Maio, 16, Lisboa - AHU_ACL_CU_013, Cx. 42, D. 3859.

Antonio Giuseppe Landi, conhecido no Brasil e em Portugal como Antônio José Landi, nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Brasil, partindo de Lisboa em 1753, a convite do Rei de Portugal, para integrar na Comissão Demarcadora de Fronteiras na Região Norte. Auxiliou o astrônomo Giovanni Angelo Brunelli nas medições e iniciou

suas observações na flora e fauna amazônica, enquanto aguardava sua viagem ao Rio Negro. Em 1759, retornou da capital da Capitania do Rio Negro (Aldeia de Mariuá, atual cidade de Barcelos) para Belém, e iniciou os seus trabalhos de arquiteto e construtor na Amazônia, principalmente em Belém.

AHU_CARTm_013, D. 0797

32 ALÇADO DE IGREJA. Iconografia. ca. 1761

Landi, Antônio José, 1713-1791.
[Alçado principal de uma igreja] . – [ca.1761] – 1 desenhos técnico: nanquim preto e vermelho ; 23,1 x 36cm em folha 26,8 x 38,7cm.

Projeto para a Igreja Paroquial da Vila de Chaves, na Ilha de Marajó (MENDONÇA, 2003, p. 356, fig. 216).
Aquarelado de preto.
Acondicionado com: [Planta e alçado lateral de uma igreja].
Ver OFÍCIO de 1761, Junho, 4, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 49, D. 4478.
OFÍCIO do governador e capitão-general do Estado de Pará e Maranhão, Manuel Bernardo de Melo e Castro, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a ordem régia para que mandasse recolher ao Reino [os matemáticos e engenheiros] João Ângelo Bruneli e José António Landi, e informando os motivos que o levaram a manter este último na capitania sob sua administração.

Antonio Giuseppe Landi, conhecido no Brasil e em Portugal como Antônio José Landi, nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Brasil, partindo de Lisboa em 1753, a convite do Rei de Portugal, para integrar na Comissão Demarcadora de Fronteiras na Região Norte. Auxiliou o astrônomo Giovanni Angelo Brunelli nas medições e iniciou suas observações na flora e fauna amazônica, enquanto aguardava sua viagem ao Rio Negro. Em 1759, retornou da capital da Capitania do Rio Negro (Aldeia de Mariuá, atual cidade de Barcelos) para Belém, e iniciou os seus trabalhos de arquiteto e construtor na Amazônia, principalmente em Belém.

AHU_CARTm_013, D. 0824

33 ALÇADO DE IGREJA. Iconografia. ca. 1761

Landi, Antônio José, 1713-1791.
[Planta e alçado lateral de uma igreja]. – Escala [ca.1:70]. – [ca.1761]. – 2 desenhos técnicos : nanquim peto e vermelho, color. ; 35,3 x 45,3cm.

Projeto para a Igreja Paroquial da Vila de Chaves, na Ilha de Marajó (MENDONÇA, 2003, p. 357, fig. 217).
O alçado da igreja foi desenhado dentro da planta arquitetônica.
Aquarelados de vermelho e preto.
Acondicionado com: [Alçado principal de uma igreja].
Ver OFÍCIO de 1761, Junho, 4, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 49, D. 4478.
OFÍCIO do governador e capitão-general do Estado de Pará e Maranhão, Manuel Bernardo de Melo e Castro, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a ordem régia para que mandasse recolher ao Reino [os matemáticos e engenheiros] João Ângelo Bruneli e José António Landi, e informando os motivos que o levaram a manter este último na capitania sob sua administração.

Antonio Giuseppe Landi, conhecido no Brasil e em Portugal como Antônio José Landi, nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Brasil, partindo de Lisboa em 1753, a convite do Rei de Portugal, para integrar na Comissão Demarcadora de Fronteiras na Região Norte. Auxiliou o astrônomo Giovanni Angelo Brunelli nas medições e iniciou suas observações na flora e fauna amazônica, enquanto aguardava sua viagem ao Rio Negro. Em 1759, retornou da capital da Capitania do Rio Negro (Aldeia de Mariuá, atual cidade de Barcelos) para Belém, e iniciou os seus trabalhos de arquiteto e construtor na Amazônia, principalmente em Belém.

AHU_CARTm_013, D. 0825

34 ANAJÁS, RIO E ARARI, RIO. Mapa. ca. 1761

Carta do lago, e cabeceiras do Rio Ararí, e das cabeceiras do Rio Anajaz do Tajiperú e das Fazendas que se achão situadas nas dittas terras e das que de novo se achão de situar conforme a Ordem de S.M.F. – Escala [ca. 1: 200.000]. – [ca. 1761]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ; 20,7 x 33,7cm em folha 24 x 37cm.

Abrange parte da Ilha de Marajó.

Estão assinalados : *Rio Camoti, Anajás do Tajiperú, Forquilha, Santos Reys, São João de Deus, Nossa Senhora do Monte, Rio Ararí, Remedios, Santo Elias, Rio Tejeju, São Jozé, Nossa Senhora do Loreto, Menino Jezus, Rio Anajás do Araní, Santa Roza, São Luiz, Corral de São Carlos, Santo Ignacio, Boa Vista, Santa Cruz, Nanatuva.*

Escala gráfica de 3 léguas [=10,1cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquareladas nas cores vermelho, sépia e preto.
Marca d'água: brasão com 2 faixas enviesadas.
Anexo ao OFÍCIO de 1761, Novembro, 23, Pará - AHU_ACL_CU_013, Cx. 51, D. 4704.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 273.

AHU_CARTm_013, D. 0802

35 ARTILHARIA. Fortificação. ca. 1761

Landi, Antônio José, 1713-1791.
[Armazéns de Armas e mais petrechos de Guerra pertencentes ao almoxarifado do Pará.] / Landi. – Escala [ca.1:2.000]. – [ca. 1761]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 32,2 x 42,3cm em folha 34,3 x 44,4cm.

Estão assinalados: *caza das armas, caza das patronas e mais armamento militar, passagem para hir aos outros armazens, armazens para ouzo do almoxariffe, porta que entrodus aos armazens do almoxariffado pella parte da fortaleza, corredor de cumunicação para todos os armazens, pateo que fica da parte da fortaleza, elevação enttrior da caza das armas.*
Desenho a nanquim, com alguns traços do desenho a lápis.
Aquarelado nas cores vermelha, preta e amarela.
Escala gráfica de 200 palmos [= 26,3cm].
Marca d'água: D & C BLAUW
Doc.anexo a AHU_ACL_CU_013 – OFÍCIO 1761, Junho, 18.
Ver OFÍCIO de 1761, Junho, 4, Pará - AHU_ACL_CU_013, Cx. 49, D. 4478.

Antonio Giuseppe Landi, conhecido no Brasil e em Portugal como Antônio José Landi, nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Brasil, partindo de Lisboa em 1753, a convite do Rei de Portugal, para integrar na Comissão Demarcadora de Fronteiras na Região Norte. Auxiliou o astrônomo Giovanni Angelo Brunelli nas medições e iniciou

suas observações na flora e fauna amazônica, enquanto aguardava sua viagem ao Rio Negro. Em 1759, retornou da capital da Capitania do Rio Negro (Aldeia de Mariuá, atual cidade de Barcelos) para Belém, e iniciou os seus trabalhos de arquiteto e construtor na Amazônia, principalmente em Belém.

AHU_CARTm_013, D. 0800

36 CHAVES. Mapa. ca. 1761

Landi, Antônio José, 1713-1791.
Planta de Nova Villa de Chavez : cuja se esta fazendo / Landi. – Escala [ca.1:1.200] – [ca. 1761]. – 1 planta ms. : color, desenho a nanquim ; 32 x 42,9cm em folha 34,5 x 45,1cm.

Atual cidade de Chaves, na Ilha de Marajó.
Indica igreja, pelourinho, casas para as pessoas *principais* e moradores da vila.
Aquarelada de cinza.
Desenho de dois paralelos de diferentes dimensões, unidos por um terceiro eixo transversal.
Marca dágua: brasão com corneta curva, encimada com uma coroa.
Escala gráfica de 200 braças [=36,8cm].
Doc.anexo a AHU_ACL_CU_013, Cx.50, D.4550, [1761, Julho, 3 de].

Antonio Giusepe Landi nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Antonio Giuseppe Landi, conhecido no Brasil e em Portugal como Antônio José Landi, nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Brasil, partindo de Lisboa em 1753, a convite do Rei de Portugal, para integrar na Comissão Demarcadora de Fronteiras na Região Norte. Auxiliou o astrônomo Giovanni Angelo Brunelli nas medições e iniciou suas observações na flora e fauna amazônica, enquanto aguardava sua viagem ao Rio Negro. Em 1759, retornou da capital da Capitania do Rio Negro (Aldeia de Mariuá, atual cidade de Barcelos) para Belém, e iniciou os seus trabalhos de arquiteto e construtor na Amazônia, principalmente em Belém.

AHU_CARTm_013, D. 1270

37 Arsenal. Iconografia. ca. 1761

Planta e perfil do Arsenal para a construção de huã nau de 50 Peças : com

q. se declarão as circunstancias do terreno e fundo do rio para se poder lançar a mesma nau... – Escala [ca.1:600]. – [ca. 1761]. – 1 planta ms. : desenho a nanquim, color. ; 71,3 x 50,8cm em folha 74,5 x 53cm.

Subtítulo: ...como despoes de repetidos exames foy mandado estabelecer-se pello Illmo. Exmo. Sñor. Senhor Manoel Bernardo de Mello de Castro, do Concelho de S. M. Fidel^{ma}. Governador e Capp^{am}. General do Estado do Para, Maranhão, e Piahuhy...
Estão assinalados: *Igreja e hospicio de São Boaventura, Muro da cerca do mesmo hospicio, situação do estalero pella nau de 50 peças, Tilbeiro para os officiaes, que devem trabalhar as madeiras, caza do risco, feytoria, ferraria, estacada de divisão, caza das canoas, para uso dos escaleros e outras embarcações pequenas, estalero dos navios da companhia geral do comercio, tilbeiro para as obras da mesma,feytoria, e ferraria da mesma, estacada de divisão, caminho novo para serventia do Arsenal, e para communicação de São Boaventura. Rio da cidade Pará.*
Na mesma folha: *Perfil cortado no lugar CD da planta, aonde se deve instalar o estaleiro da nau*.
Contém dados sobre o perfil, onde se lê: *Hé certo que lancandose a Nau por hu plano inclinado com huma inclinassão igual á huá duodecima parte do seu comprimento rapresentado pella linha x y1 y 2 , e imaginando, que isto aconteça no tempo da baixa-mar das mayores agoas, despoes de sahir com poppa para fora da estremidade da carreira situada perto do ponto da baixa mar por huã terceira parte do comprimento da quilha no ponto k, que não encontrara resitencia alguã, que se possa enteromper a continuação do seu movimento, pella rezão de ser hu lodo molle o que fica debaixo da continuada linha Xy1y2 como pella inspecção do Perfil hé manifesto. Mas como o tempo de se lançar a nau he o da préamar das mayores agoas, em que encontrara a Nau 16 palmos de altura perpendicular de agoa sobre o ponto da Baixa mar, e mais de 18 no ponto K, no qual começa a ser suspendida pella agoa; fica pois evidentetemente manifesto, que lançando-se a nau no referido tempo da préamar das mayores agoas, não podera encontrar obstaculo algum que embarace o seu livre lancamento.*
Escala gráfica de 600 palmos [=32,5cm].
Escala gráfica do perfil de 200 Palmos [=21,6cm]. Escala [ca.1:200].
Dimensões do perfil: 18, 9 x 50,8cm.
Aquarelados nas cores verde, vermelho, amarelo e sépia.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo ao ofício de 1761, Junho, 26, Pará - AHU_ACL_CU_013, Cx. 49, D. 4517.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 282.

AHU_CARTm_013, D. 0799

38 FAROL. Iconografia. 1761

Gotz, Manuel.
[Planta de um farol que serve de marco à navegação a fim de prevenir dos perigos dos baixos da Tigioca] / Cap^{m}. Gotz. – Escala [ca.1:70]. – 1761. – 1 desenho técnico : nanquim ; 36,3 x 22,9cm em folha 37,8 x 24,4cm.

Escala gráfica de 40 palmos [=12cm].
Aquarelado na cor preta.
Encarte: Planta da torre. Aquarelada de vermelho e preta.
Marca d'água: flor de lis.
A data está indicada na entrada do farol.
Anexo ao AHU_ACL_CU_013, Cx. 51, D.4633.

AHU_CARTm_013, D. 0803

39 MACAPÁ. Mapa. 1761

Gronsfeld, Gaspar João Geraldo de.
Planta da Villa de S. Jozé do Macapa... / pello Capitão Eng^{ro}. Gaspar João de Gronfelde. –Escala [ca.1:3.500]. – em o anno de 1761. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 30 x 34cm em folha 32,1 x 36,2cm.

Subtítulo: ...tirada por ordem do Ilmo Sñor Manoel Bernardo de Mello de Castro, Gov^{or}. e Capp^{am}. general do Estado do Para....
Estão assinalados: *igreja nova, igreja velha, forte de fascina começado por ordem de Sua Excelência, palacio velho, quarteis novos dos soldados, porto da Fortaleza, Porto das Canoas, caza do Vigario, caza da camara, assougue, praça de São João, Praça de São Sebastião, 77 cazas novas dadas por Sua Excelência aos moradores, caza do comandante, Rua de São Jozé, Rua formoza, Rua das flores, rua da Campina, rua do sol, rua direita, rua da ponte, rua das Merces, rua das fontes, Travessa da guarda, travessa da Vigia, travessa da atalaya, travessa de Valverde, travessa da Espera, Travessa da Estrella. Travessa do Espirito Santo, Travessa de Santo Antonio, Travessa do Lago, Pelourinho.*
Escala gráfica de 2000 braças [=13,3cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação representada em forma.
Aguada e aquarelada nas cores vertmelha e sépia.
Marca d'água: brasão encimado por uma coroa.
Anexo ao OFÍCIO 1770, Janeiro, 13, Pará - AHU_ACL_CU_013, Cx. 70, D.6006 e 1773, Maio, 18, Pará AHU_ACL_CU_013, Cx. 65, D. 5598.
Ver ofício de 1773, Maio, 18, Pará - AHU_ACL_CU_013, Cx. 70, D. 6008.

Gronsfeld, engenheiro militar alemão, foi contratado pela coroa portuguesa para participar dos "assuntos astronômicos e geodésicos" na Comissão mista de demarcação de fronteiras na Região Norte, em 1751. Como sargento mor engenheiro, trabalhou em obras para fortificar Pará, inclusive na Fortaleza de Macapá em 1769.

Referência : Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 284.

AHU_CARTm_013, D. 0798

40 MARAJÓ, ILHA. Mapa. ca. 1761

Carta de parte da costa da Ilha Grande de Joannes, desde o Igarapé Grande, ate o Rio Cambu e das villas, e fazendas que se achão situadas entre os ditos rios. –. Escala [ca. 1: 200.000]. – [ca. 1761]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 29,9 x 33,6cm em folha 24 x 35,9cm.

Atualmente a Ilha de Joannes se chama Ilha de Marajó.

Estão assinalados os rios *Igarapé Grande, Paracauani, Maratacá, Cajutu, Camarupi* e *Canibu*.
Indica as vilas (atuais cidades) de Salvaterra, Soure e outros locais como *Mondim L. Antonio Luiz, Mathias de Moura, Corral do Bom Jardim* e *Pesqueiro.*

Escala gráfica de 3 léguas [= 10,1cm].
Aquarelados nas cores vermelho, sépia e aguada de preto.
Desenho a nanquim somente no cartucho do título, rosa dos ventos e na moldura do mapa.
Anexo ao ofício de 1761, Novembro, 23, Pará - AHU_ACL_CU_013, Cx. 51, D. 4704.
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 272.

AHU_CARTm_013, D. 0801

41 EMBARCAÇÃO. Iconografia. 1763

Vista do que está cheyo com forro, e escoas na fragata de guerra que se

fabrica no Arsenal de Guerra do Gram Pará... – Escala [ca. 1:10]. – em 26 de julho de 1763 – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 43,6 x 64,1cm em folha 43,6 x 66,8cm.

Escala gráfica de 40 pés ingleses [= 14cm].
Aguada nas cores vermelha e preta.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Ver OFÍCIO 1763, Julho, 24, Pará - AHU_ACL_CU_013, Cx. 54, D. 4971.

AHU_CARTm_013, D. 1271

42 EMBARCAÇÃO. Iconografia. 1765

Vista e profil da fragata de guerra que se fabrica no Arsernal da cidade de Bellem do Gram Pará. – Escala [ca. 1:10]. – ...em 20 de julho de 1765 – 1 desenho técnico : color. ; 43,7 x 64,1cm.

Escala gráfica de 40 pés ingleses [= 14cm].
Desenho a nanquim, com traços a tinta ferrogálica.
Aguada nas cores preta e cinza.
Cartucho de título escrito a tinta ferrogálica.
Doc.anexo a AHU_ACL_CU_013 – 1765, Abril, 20.

AHU_CARTm_013, D. 1272

43 ARMAZÉNS. Iconografia. ca. 1767

[Planta do novo armazém das fazendas de S. Majestade]. – [ca. 1767]. – 1 desenho técnico : nanquim vermelho, color. ; 21,6 x 34,4cm.

Estão assinalados: *porta principal, primeira caza em que está a balança, duas escadas por onde se sobe ao sobrado, varanda por onde se comunicão as mais cazas do sobrado, porta por onde se vai para a casza das fazendas, porta por onde sevay para a caza da Inspecção, porta por onde se vay a caza em que se guardas as fazendas.*
Na planta está escrito: *Loja em que se guarda sal e varias couzas mais, loja em que se guardão manteygas, vão em que se pertende fazer a caza das armas, vão em que se pertende fazer a caza do almoxarife.*
Escala gráfica de 250 [...] = [30,1cm].
Aquarelado na cor vermelha.
Inclui alçado do prédio, com título de *Perspectiva da obra*.

Ver OFÍCIO 1765, Julho, 5, Belém do Pará –AHU_ACL_CU_ 013, Cx. 58, D. 5222.

AHU_CARTm_013, D. 1273

44 FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DO MACAPÁ. Fortificação. 1772

Planta da fortaleza de S. Jozé de Macapá. – Escala [ca. 1:2.000]. – 1772. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 451,5 x 31,1cm em folha 43,1 x 32,6cm.

A Fortaleza São José de Macapá foi construída no local onde exitiam antigas fortificações, erguidas em 1738 e 1761, para defender do litoral e assegurar a conquista do Rio Amazonas.
Escala gráfica de 30 braças [=3,3cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Possui indicações das marés.
Aquarelada nas cores vermelha, amarela, azul, verde e preta.
A data aparece no verso.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Ver OFÍCIO em 1772, Dezembro, 16, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 69, D. 5918.
Ver também OFÍCIO (2ª via)1770, Janeiro, 13, Pará –AHU_ACL_CU_013, Cx. 65, D. 5598.
Estão assinalados: *ABCD- Corpo da praça. E- meya-lua para encobrir a porta, e suas comunicaçõens F.G.H.J.K. Estrada coberta adiante do lado attacavel AB, cuja extremidade F deve situarse alem da rabanceira, sobre o terreno baixo e allagadiço Z para seus lanços ficarem flanqueados igualmente. KLMN estrada coberta do lado attacavel B.C, flanqueados pelas batterias 1,2 e 3,4 e todo baluarte MO e que juntamente com o revelin PQR deffende o foco aquático praticado no terreno baixo adiante destas obras que se fanquião reciprocamente: Este revelim PQR encobre as battarias 1,2 e 3,4 e todo o baluarte MO dos fogos do inimigo. S Radente para defender a estrada coberta F. 5,6,7,8,9,10 battarias baixas, para impedir o acesso da Fortaleza ás embarcaçoens inimigas. 11 porta da praça. 12 Caza do Comandante. 13 Capella. 14 Quarteis para oficiaes.15,1 e 17,18 cazas-mattas debaixo dos terraplenos. 19 Armazem para as moniçoens de guerra a prova de bomba. 20. Armazém para as moniçoens de boca. 21. Armazém da pólvora. 22 Hospital, todos os três aprova de bomba.23. Sortidas. 24. Comunicação para a villa.*

No verso está escrito: *Pertence à Con*[...] *dezembro dada pelo governador João*

Pereira Caldas ao Illustrissimo. Excelentíssimo Martinho de Mello e Castro. Na parte inferior, à direita, lê-se: *N38B.*
João Pereira Caldas (1724-1794) foi governador do Pará entre 1772 e 1780.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 285.

AHU_CARTm_013, D. 0804

45 FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DO MACAPÁ. Fortificação. ca. 1772

Planta da fortaleza de Macapá. – Escala [ca. 1:2.000]. – [ca. 1772]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 40,3 x 30,3cm em folha 44,4 x 35cm.
Mostra os caminhos para *Campinas*.
A Fortaleza São José de Macapá foi construída no local onde exitiam antigas fortificações de Macapá, para denfeder litoral e assegurar a conquista do Rio Amazonas.

Estão assinalados: *A,B,C,D Corpo da Praça. E- meia lua para encobrir a porta e suas communicaçoens. F,G,H,I,K estrada encoberta adiante do lado attacavel. AB cuja extremidade F deve situarse alem da rabanceira a,b.c, sobre o terreno baixo, e allagadiço Z, para seos lanços ficarem flanqueados igualmente K,L,M,N. Estrada encoberta do lado attacavel B,C flanqueada pelas baterias 1,2,3,4 do baluarte M,O, e que juntamente com o revelim PQR deffende o foço aquático praticado no terreno baixo adiante destas obras que se flanqueão reciprocamente. Este revelim PQR encobre as baterias 1,2,3,4 e todo o baluarte M.O. dos fogos do inemigo. S radente para deffender a estrada encuberta F. 5,6,7,8,9,10. Baterias baixas para impedir o acesso da fortaleza às embarcaçoens inimigas. 11. Porta da praça.12 Caza do Comandante. . 13 Capella, 14. quartéis para officiaes 15,16,17,18- cazas matas debaixo dos terraplenos. 19. Armazem para as moniçoens de guerra a prova de bomba. 20. armazem para as moniçoens de boca. 21. armazem da pólvora. 22.hospital, todos os três as prova de bomba. 23. Sortidos. 24. Communicação para a villa.*

Escala gráfica de 30 braças [=3,3cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Indica marés.
Desenho a nanquim nas cores preta e vermelha.
Aquarelada nas cores verde, amarela, laranja, vermelha, cinza e aguada de laranja.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo à CONSULTA de 1773, Dezembro, 10, Lisboa – AHU_ACL_

CU_013, Cx. 71, D. 6091.

AHU_CARTm_013, D. 0805

46 CASA DA FEITORIA DO NEGÓCIO. Iconografia. ca. 1773

Landi, Antônio José, 1713-1791.
[Alçado do edifício da Feitoria do Negócio na Vila de Borba]. – Escala [ca.1:150]. – [ca. 1773]. – 1 desenho técnico : nanquim ; 29,3 x 39,1cm em folha 30,9 x 40,7cm.
Atribuído a Landi no AHU.
Aquarelado nas cores preta e cinza
Escala gráfica de 160 [palmos ?]. [= 37,3cm].
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo ao OFÍCIO de 1773, Julho, 15, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 71, D. 6028.

Antonio Giuseppe Landi, conhecido no Brasil e em Portugal como Antônio José Landi, nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Brasil, partindo de Lisboa em 1753, a convite do Rei de Portugal, para integrar na Comissão Demarcadora de Fronteiras na Região Norte. Auxiliou o astrônomo Giovanni Angelo Brunelli nas medições e iniciou suas observações na flora e fauna amazônica, enquanto aguardava sua viagem ao Rio Negro. Em 1759, retornou da capital da Capitania do Rio Negro (Aldeia de Mariuá, atual cidade de Barcelos) para Belém, e iniciou os seus trabalhos de arquiteto e construtor na Amazônia, principalmente em Belém.

AHU_CARTm_013, D. 0810

47 BELÉM. Mapa. ca. 1773

Gronsfeld, Gaspar João Geraldo de.
Planta em que se mostra como se pode fortificar huma parte desta cidade do Grampará pelo methodo mais simplex que pode admitir o terreno pantanoso facendo permanente o Lago do Piri... / pelo Sargento-Mor Engenheiro Gaspar João Geraldo de Gronfeldt. – Escala [ca.1:7.000]. – [ca. 1773]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 31 x 40,7cm em folha 33,6 x 43,3cm.

Subtítulo: ...por onde fica intocável este projecto offerecido ao Illmo. e Exmo. Snor. Perreira Caldas Governador e Capp^am^. General do Estado do Grampará Maranhão. Piauhy, Rio Negro e do Concelho do S.M.F.
João Pereira Caldas (1724-1794) foi governador do Pará entre 1772 e 1780.

Projeto de Gronsfeld uniria as duas partes da cidade, os bairros da Cidade Velha e Campina, aterrando-se o Igarapé do Piri, mas este não foi realizado devido à crise econômica vivida por Portugal no final do século XVIII. O Igarapé Piri foi aterrado no governo de Conde dos Arcos, no iníco do século XIX.
Gaspar João Geraldo de Gronsfeld, engenheiro militar alemão, foi contratado pela coroa portuguesa para participar dos "assuntos astronômicos e geodésicos" na Comissão mista de demarcação de fronteiras na Região Norte, em 1751. Como sargento mor engenheiro, trabalhou em obras para fortificar Pará, inclusive na Fortaleza de Macapá em 1769.
Estão assinalados: *baluartes projectados, comportas, porta para a campina, portas para o lago, casas a roda do lago, as escadas, collego, Carmo, Nossa Senhora do Rosário, S. João, Forte do Senhor Santo Cristo Caes do Pelourinho. Forte das Merces, reducto de São Jose, Santo Antonio, Misericórdia, Santa Anna, Rosário, Armazem da pólvora, Alfantica, quartéis para soldados, Hospital. Os armazéns necessáriso para as muniçoens de bocca e guerra se devem ser vazios. A execução deste porjecto poderá emportar em três milhoens de cruzados*.

Indica o mercado e o palácio.
Mostra o Igarapé Piri, como Lago.
Escala gráfica de 300 Braças [=9,9cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Desenho a nanquim vermelho.
Aquarelada nas cores azul, amarela, verde, vermelha, preta e cinza.
Indicação de maré.
Marca d'água: D & C BLAUW.

Ver CONSULTA de 1773, Dezembro, 10, Lisboa – AHU_ACL_CU_013, Cx. 71, D. 6089.
Ver OFÍCIO de 1773, Março, 28, Pará – AHU_ACL_CU013, Cx. 70, D. 5981.

AHU_CARTm_013, D. 0806

48 BELÉM. Mapa. ca.1773

Gronsfeld, Gaspar João Geraldo de.

Planta da cidade de Belem do Gram Pará : fortificada pelo methodo mais simplez e de menor despeza q. pode admittir, a irregularidade da sua figura e inegualidade do seu terreno em parte pantanoso, e em parte cheio de obstáculos e dificuldades principalmente sobre a margem do rio. / Sargento Mor Engº. Gaspar João Geraldo de Gronfeld. – Escala [ca. 1:1.7.000]. – [ca. 1773]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 31,2 x 41cm em folha 34 x 44cm

Após o título: *projecto que offerece ao Illmo. e Exmo. Snor. João Pereira Caldas do Concelho S.M.F. Gov^or^. do Grampará, Maranhão, Piauhy*.
João Pereira Caldas (1724-1794) foi governador do Pará entre 1772 e 1780.

O Projeto de Gronsfeld uniria as duas partes da cidade, os bairros da Cidade Velha e Campina, aterrando-se o Igarapé do Piri, mas este não foi realizado devido à crise econômica vivida por Portugal no final do século XVIII. O Igarapé Piri foi aterrado somente no governo de Conde dos Arcos, no iníco do século XIX.
Gaspar João Geraldo de Gronsfeld, engenheiro militar alemão, foi contratado pela coroa portuguesa para participar dos "assuntos astronômicos e geodésicos" na Comissão mista de demarcação de fronteiras na Região Norte, em 1751. Como sargento mor engenheiro, trabalhou em obras para fortificar Pará, inclusive na Fortaleza de Macapá em 1769.
Contém caminhos de São Bovaentura, de São José.
Mostra o Forte Santo Cristo e o Lago do Piri [Igarapé Piri].
Indica as marés.
Escala gráfica de 300 braças [=9,7cm].
Inclui rosa dos ventos.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a nanquim vermelho e preto.
Aquarelada nas cores vermelha, verde, cinza e preta.
Estão assinalados: A, *B, C, D, E, F- baluartes deste novo projecto; G.H.I- ravelims projectados, K- Sª Sé., L- Collegio M- Nossa Senhora do Carmo, P- Nossa Senhora das Mercês, R- Santo Antonio, S- Nossa Senhora do Rosário, T- Alfandega, V- Quartéis dos soldados, X- Arcenal. Y- São Jozé, ij- armazém da pólvora velho, nº1- comportas para o fosso aquático, nº2- Palácio novo. O Lago do Piri no verão chega a seccar, e no inverno 4 palmos d'água. A execução deste projecto custarà quatro milhoens e meio.*
Marca d'água.
Anexo ao OFÍCIO de 1773, Maio, 18, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 70, D. 6008**.**

Escala gráfica de 300 braças [=9,8cm].

A Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro, Palácio do Itamaraty, possui uma cópia desta planta.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 275.

AHU_CARTm_013, D. 0808

49 BELÉM. Mapa. ca. 1773

Gronsfeld, Gaspar João Geraldo de.
Projecto o qual mostra como se podia fortificar somente a cidade [Belém do Grão Pará] : e não incluindo a Campina, pello methodo mais simplex que pode admitir o terreno pantanoso... / Gaspar João Gronfeld Major – Escala [ca. 1:7.000]. – [ca.1773]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim vermelho e preto ; 31,3 x 40,9cm em folha 33,5 x 43,5cm.

Subtítulo: ne menos he projectado o Lago Piri, que utilidade se pode tirar delle ; primeiro com suas três anteportas os quaes feitas de vigas, faz a cidade inattacavel e, segundo tira a camera grande donativo pª. os bens do Conseilho de pesca terceiro tem os moradores as suas canoas siguras nos seus portos pª. que na se desencaminhem o projecto, offerece ao Illmo e Exmo. Snor. João Perª. Caldas do Concelho S.M.Furo.. Gouvor. do Grampará, Maranhão, Piauhy, Rio Negro.
João Pereira Caldas (1724-1794) foi governador do Pará entre 1772 e 1780.

Projeto de Gronsfeld uniria as duas partes da cidade, os bairros da Cidade Velha e Campina, aterrando-se o Igarapé do Piri, mas este não foi realizado devido à crise econômica vivida por Portugal no final do século XVIII. O Igarapé Piri foi aterrado no governo de Conde dos Arcos, no iníco do século XIX.
Gaspar João Geraldo de Gronsfeld, engenheiro militar alemão, foi contratado pela coroa portuguesa para participar dos "assuntos astronômicos e geodésicos" na Comissão mista de demarcação de fronteiras na Região Norte, em 1751. Como sargento mor engenheiro, trabalhou em obras para fortificar Pará, inclusive na Fortaleza de Macapá em 1769.

Indica a Sé, o palácio e o Lago Piri [Igarapé Piri].
Escala gráfica de 300 braças [=9,8cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Estão assinalados: *I,K,L-anteportas; M- porta para Campina; N- portas para*

o Lago,O- cazas a roda do Lago, P-as escadas, Q- o collegem, R-o Carmen, S- Nossa Senhora do Rosário, T- Santo João, V- Forte Santo Christo, W- o Mercado, X- Armazins puplicas; IJ- caes do pilurionho, Z- forte das Mercês, nº 1, Santo Jozé, 2- Santo Antonio; 3 Misericordia;4- Santa Anna; 5- Rosario; 6- Armazim da polvora; 7- Alfandica; 8. quartéis dos soldados;9 Hospital / Os armazins da Bocca e mancoens de guerra achaose nas cortinas e baluartes os quais são ocos. Custera três milliones a Fortificação.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores amarela e vermelha.
O título, a legenda e os topônimos estão escritos a tinta ferrogálica.
No verso está escrito: *pertence ao n. 50. do ano de 1773.*
Na margem abaixo : *N.63*.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo ao OFÍCIO de 1773, Maio, 18, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 70, D. 6008**.**

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 276.

AHU_CARTm_013, D. 0809

50 COMPANHIA GERAL DO COMÉRCIO DO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO. Iconografia. ca. 1773

Landi, Antônio José, 1713-1791.
[Alçado e plantas das casas de administração da Companhia Geral do Grão Pará] / Landi. – Escala [ca.1:200]. – [ca. 1773]. – 5 desenhos técnicos em 3 folhas : nanquim ; 46,9 x 33,1cm

Escala gráfica de 260 palmos [=27cm].

A primeira folha, D. 0812, contém 3 desenhos de alçado, onde estão assinalados: *frontaria das cazas da administração da Companhia Geral pella parte do Mar, elevação pella qua se vê todas as partes in teriores do edifício, frontaria principal das cazas da administração da Companhia Geral*.

A segunda folha, D. 0813, possui a planta arquitetural de uma edificação, onde ocorre as seguintes divisões: *caza da fazenda, escritório, caza para recolher fazenda, cazas para accomodações dos administradores, cazas de espera, passagem interior da serventia das cazas, cazas para dormir, cazas para criados, cazas para jantar, cozinhas, depensas, varandas, lugar da escada, passagens que conduzem na varanda, cozinha e outras partes, corredores fechados, lugar da*

escada que fica para a travessa, cazas para despejos, lugar da escada principal. A terceira folha, D. 0814, com outra planta arquitetural onde estão assinaladas as seções: *porta principal, portas que dão serventia aos armazéns, caza do recebimento dos effeitos, entrada que dá comonicação a todas as partes do edifício, escada principal, armazéns, cazas para accomodaçoens dos escravos e escravas, cazas para hospital dos ditos, cozinha, escada interior, secretas, pátio pincipal consuas arcadas, outro pátio, caza para fabrica do arrós, armazem para recolher o dito, escada com serventia para travessa, payol para recolher o cacau*.

O alçado é aquarelado nas cores preta e vermelha, a planta da casa, D. 0813, aquarelada na cor preta e a outra na cor vermelha, D. 0814.
Marca d'água: D&C BLAUW.
Anexos ao OFÍCIO de 1773, Novembro, 6 – AHU_ACL_CU_013, Cx. 71, D. 6064.

Antonio Giuseppe Landi, conhecido no Brasil e em Portugal como Antônio José Landi, nasceu em Bolonha, na Itália, em 1713. Veio para o Brasil, partindo de Lisboa em 1753, a convite do Rei de Portugal, para integrar na Comissão Demarcadora de Fronteiras na Região Norte. Auxiliou o astrônomo Giovanni Angelo Brunelli nas medições e iniciou suas observações na flora e fauna amazônica, enquanto aguardava sua viagem ao Rio Negro. Em 1759, retornou da capital da Capitania do Rio Negro (Aldeia de Mariuá, atual cidade de Barcelos) para Belém, e iniciou os seus trabalhos de arquiteto e construtor na Amazônia, principalmente em Belém.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 279-281.

AHU_CARTm_013, D. 0812/813/814

51 CASA DA FEITORIA DO NEGÓCIO. Iconografia. ca. 1773

[Planta do edifício da Feitoria do Negócio na vila de Borba]. – Escala [ca.1:150]. – [ca. 1773]. – 1 desenho técnico : nanquim, color ; 29,4 x 39cm em folha 31,1 x 40,5cm.

Estão assinalados: *páteo, varanda.* Lado esquerdo: *commua, caza para escravos, cozinha, despensa, caza para comer, despensa, camera, , caza para*

administrador, armazem. Lado direito: *commua, caza para escravos, cozinha, despensa, caza para comer, despensa, camera, , caza para administrador, armazem.*
A nomenclatura está escrita a tinta ferrogálica.
Aquarelado na cor amarela.
Escala gráfica de 160 [palmos?= 37,3cm].
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo ao OFÍCIO de 1773, Julho, 15, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 71, D. 6028.

AHU_CARTm_013, D. 0811

52 MAZAGÃO. RESIDÊNCIAS. Iconografia. ca. 1773

Planta e elevação das casas que actualmente se edificão na Vª. nova de Mazagão. – Escala [ca.1:100]. – [ca. 1773]. – 4 desenhos técnicos : nanquim, color. : em folha 37,2 x 48,6cm

Atual cidade de Mazagão, no Estado do Amapá.
Escala gráfica de 60 palmos [=13cm].
Aquarelados nas cores vermelha, amarela e cinza.
Marca d'água: flor de lis, com número e algarismo romano VI.
Anexos ao OFÍCIO de 1773, Maio, 18, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 70, D. 6008**.**

AHU_CARTm_013, D. 0807

53 EMBARCAÇÃO. Iconografia. ca. 1786
[Projeto de uma corveta para a Guarda-Costa no Cabo Norte]. – [ca. 1786]. – 3 desenhos técnicos : tinta, color. ; 29,6 x 94,7cm.

Escala gráfica de 296 [...] [= 14,8cm].
Contém indicações alfanuméricas sem legenda.
Inclui desenho do casco da corveta.
Desenhado sobre 2 papéis colados.
Aquarelado nas cores vermelho preto e amarelo.
Doc.anexo a AHU_ACL_CU_013 –1786, Agosto, 17.

AHU_CARTm_013, D. 1274.

54 BELÉM. Mapa. ca. 1787

[Planta com explicação das ruas, casas, terrenos e outros pormenores da cidade do Grão-Pará, Largo e Praça do Povo].– [ca. 1787]. – 1 planta ms. : color, desenho a nanquim ; 27,2 x 38cm em folha 34,5 x 41,1cm.

Estão assinalados: *Praça do Poço do Povo, terreno que se edifica ,. cazas do Reverendo Cônego Joze Braz, Poço e quartéis antigos, caza de rezidencia do Coronel João Felipe, cazas do dito em deferentes partes, Rua de Santa Anna, Rua Fermoza ou da Tezouraria, Rua dos Quartéis, plano dos armazéns para muniçoens de guerra e boca trem de artelharia, palácio de rezidencia, jardim, caza de opera, cano para dececar a Lagoa Peri, Praça dos Quartéis, e ditos novos.*
Aquarelada nas cores vermelha, amarela e verde.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo à CARTA de 1787, Setembro, 12, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 97, D. 7677.

Outro título atribuído: Planta da cidade de Belém.

AHU_CARTm_013, D. 1275

55 FORTIFICAÇÃO. ca. 1798

Rebelo, Sebastião José Gregório & Sturm, Fellipe.
Desenho de huma cortina baixa entre os dous fortins da Marinha, na cid^{e}. de Bellem do Gram Pará... /... pellos off^{es}. Engenh^{ros}. Sebastião José Gregório Rebelo e Fellipe Sturm. – Escala [ca. 1:2.000]. – [ca. 1798]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 22,2 x 44,6cm em folha 24,4 x 46,7cm.

Subtítulo: ...feito por ordem P^{nal}., do mesmo Estado Illmo. e Exmo. S^{r}. Francisco Xavier de Mendõça Furtado para melhor defença da mesma cid^{e}. ficando huma suficiente praça para as obras que nella se pertemdem fazer...
Escala gráfica de 1000 palmos [=12,1cm].
Inclui rosa dos ventos.
Desenhado a nanquim nas cores preta e vermelha.
A nomenclatura das indicações na planta, dos cartuchos de título e legenda estão escritos a tinta ferrogálica.
Aguada nas cores vermelha, sépia e preta.
Possui as assinaturas dos engenheiros.
Anexo ao OFÍCIO de 1798, Abril, 20, Pará – AHU_ACL_CU_013, Cx. 112,

D. 8712.

Estão assinalados: *fortins antigo da cidade, projecto da cortina, desembarcadouros, palácio do bispo, collegios dos padres da companhia, collegios dos padres das Mercês, casa das canoas, alfândega*.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 283.

AHU_CARTm_013, D. 0815

56 SESMARIAS. Mapa. 1814

Ribeiro, Joaquim Pedro.
Carta topographica da demarcação da terra do Ten. Coronel Francisco Jozé de Faria / pello pilloto Joaquim Pedro Ribeiro... – Escala [ca. 1:13.500] – Anno de 1814. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim preto e vermelho ; 30,2 x 47,3cm em folha 36,3 x 53,4cm.

Escala gráfica de 500 braças [8,1cm].
Inclui rosa dos ventos.
Indica os pontos cardeais.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores amarela, azul e verde.

[Ant. 1823, Julho, 30] REQUERIMENTO de Francisco José de Faria para o rei [D. João VI], solicitando carta de confirmação de data e sesmaria de terras devolutas situadas num lago próximo ao rio Paranamerim do Maracassu, no distrito da vila de Óbidos, na província do Pará, às quais já havia realizado o respectivo tombo e demarcação.Anexo: requerimentos, bilhetes, autos, carta de data e sesmaria, cartas. – AHU_ACL_CU_013, Cx. 161, D. 12247.
Estão assinalados somente *Lago do Macaco* e *terras de Francisco Jozé de Faria*. Atualmente, o Lago do Macaco pertence ao atual Município de Oriximiná, Estado do Pará, localizado, aproximadamente, 60 km do Porto de Trombetas. Esse lago juntamente com o Lagos Faria e Jacaré são considerados principais locais de pesca. Disponível em: http://www.portaldehospedagem.com.br/atrativos.asp?atrativo=487. Acesso em: 06 ago. 2011.

AHU_CARTm_013, D. 0818

57 SESMARIAS. Mapa. 1814.

Ribeiro, Joaquim Pedro.
Carta topographica da demarcação do Cacoal do Ten. Coronel Fran^co^. Jozé de Faria no Paraná miri, destrito da Villa de Obidos / pello Pilotto Joaquim Pedro Ribeiro. – Escala [ca. 1:6.500]. – anno de 1814. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 29,6 x 47,7cm em folha 35,1 x 53,9cm.

O terreno demarcado está localizado nas margens do paraná-mirim, entre as terras de Ilário Antônio de Oliveira e José Plácido Pagonis.
Escala gráfica de 300 braças [=10,5cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores amarela, verde e azul.
Marca d'água: brasão com uma corneta, encimado por coroa.
[Ant. 1823, Julho, 30] REQUERIMENTO de Francisco José de Faria para o rei [D. João VI], solicitando carta de confirmação de data e sesmaria de terras devolutas situadas num lago próximo ao rio Paranamerim do Maracassu, no distrito da vila de Óbidos, na província do Pará, às quais já havia realizado o respectivo tombo e demarcação.Anexo: requerimentos, bilhetes, autos, carta de data e sesmaria, cartas. – AHU_ACL_CU_013, Cx. 161, D. 12247.

AHU_CARTm_013, D. 0819

58 SESMARIAS. Mapa. 1815

Ribeiro, Joaquim Pedro & Oliveira, Manuel Caetano de
Carta topographica, da demarcação do Cacoal do Ten. Coronel Francisco Jozé de Faria : segundo os termos dos Autos, Termo da villa de Óbidos / Pello Pilloto Joaquim Pedro Ribeiro ; delineada por Manoel Caetano de Oliveira. – Escala [ca.1:4.500]. – 1815. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim preto e vermelho ; 25,8 x 46,2cm em folha 31,5 x 53,6cm.

Mostra a demarcação das terras do Ten. Cel. Franciso José de Faria com as dos João Antônio Pereira Castro e dos herdeiros de Jacó Furtado.
No terreno demarcado ocorre: *Fundo do terreno do Tenente Francisco Jozé de Faria do seu Cacoal no destrito da Vila de Óbidos.*
Escala gráfica de 100 braças [=5,3cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, amarela, vermelha e azul.

[Ant. 1823, Julho, 30] REQUERIMENTO de Francisco José de Faria para o rei [D. João VI], solicitando carta de confirmação de data e sesmaria de terras devolutas situadas num lago próximo ao rio Paranamerim do Maracassu, no distrito da vila de Óbidos, na província do Pará, às quais já havia realizado o respectivo tombo e demarcação.Anexo: requerimentos, bilhetes, autos, carta de data e sesmaria, cartas. –AHU_ACL_CU_013, Cx. 161, D. 12247.

AHU_CARTm_013, D. 0821

59 AMAZONAS, SESMARIAS. Mapa. ca. 1822

Paço, Manuel Joaquim do
[Carta topográfica de uma parte do território do Rio Negro, Vila Flor] – Escala [ca. 1:2.500]. – [ca. 1822]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 21,4 x 19,5cm em folha 24,5 x 42,4cm.

Abrange parte da atual cidade de Manaus.
Atribuído ao Sargento Mor adido ao Estado Maior do Exército Manuel Joaquim do Paço, de acordo com o AHU. Manuel Joaquim do Paço foi último governador da Capitania do Rio Negro, entre 1818 e 1821.
Escala gráfica de 120 braças [=10cm].
Vegetação representada em forma pictórica.

Na nota, especifica os tipos de árvores, onde se lê: *as árvores em (a) são cajazeiro,em (b) tamarineiros, em (e) laranjeiras,abieiros, janipapeiros, mangueiras periodicamente.*
No verso está escrito: *Reconheço a rubrica da conta supra ser do Doutor Ouvidor Geral Francisco Carneiro Pinto Vieira de Mello de que dou fé. Pará 29 de julho de 1822.*

Estão também assinalados: *estrada Princeza Real, Estrada do* [...], *Igarapé dos Manaos, Campo Del Rey, Igarapé de Villa Flor, Igarapé da Ponte, Ponte da povoação, parte do Lugar da Barra* – atualmente cidade de Manaus,capital do Estado do Amazonas –, *Rio Negro.*

Ao lado do mapa lê-se: *O snor Francisco Carneiro Pinto Vieira de Mello do Dez. De S. Mag. Fª. Seu* [...]*Geral Juiz da India e Mina e mais cargos nesta cidade sua Comarca Vila. Faço saber que por feito escrivão que esta sob* [...] *me consta a serem os signais publico e razo se de Fernando Antonio de Lima Barros, hum dos tabeliaens desta* [...] *cidade, a que hey por instificado. Pará 3 de julho de 1822. Joao Hilario Matrins, que resobescrevey. Francisco Carneiro Pinto Vieira.*

N.684. Bº que de sello seo Vila Pará. 30 de julho de 1822.
Aquarelada nas cores verde e azul.
Marca d'água: C & I Honig.
Ver CONSULTA 1822, Dezembro, 14, Lisboa AHU_ACL_CU_013, Cx. 157, D. 12020.
Ver OFÍCIO 1822, Agosto, 1, Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 155, D. 11892 .
Ver OFÍCIO 1780, Maio, 2, Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 85, D. 6977.

A cidade de Manaus se origina do nome de uma antiga tribo que vivia no vale do rio Negro.
Em 1669, o governador Coelho de Carvalho mandou erigir uma fortificação na barra do rio Negro, Fortaleza de São José do Rio Negro, para que resguardasse a região limítrofe do rio Negro. Como os indígenas não descansavam os conquistadores, vieram os religiosos carmelitas, que foram formando o povoamento em torno do reduto fortificado. Em 1791, a capital da Capitania do Rio Negro foi transferida de Barcelos para a Barra, no governo de Manuel da Gama Lobo de Almada. Em 1799, a capital volta para Barcelos. Somente, em 1808, no governo de José Joaquim Vitório da Costa, a Capital da Capitania do Rio Negro retorna para o "Lugar da Barra". Em 1833, o Lugar da Barra passou a ser vila, com o nome de Manaus. Com a lei nº 147 de 1848, a localidade mudou o nome para "Barra do Rio Negro". Em 1856, já capital da Província do Amazonas, a vila tem o seu nome novamente alterado, passando a designar-se cidade de Manaus.

AHU_CARTm_013, D. 0820

60 MAZAGÃO. Mapa. ca.1830

Planta da villa nova de Mazagão – Escala [ca.1:4.000] – [ca.1830]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 35,5 x 47,1cm em folha 37,7 x 51,2cm.

Atualmente a cidade de Mazagão pertence ao Estado do Amapá.
Esse território foi desmembrado do Estado do Pará em 1943, sendo elevado a categoria de Estado do Amapá com a promulgação da Constituição brasileira de 1988.

Escala gráfica de duzentas braças [=11,5cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Aquarelada nas cores cerde, amarela, vermelha e preta.
Vegetação representada em forma pictórica.
Marca d'água: flor de lis, n. VI.
Estão assinalados: *casa da câmara e cadeia, pilourinho, igreja matriz, capella da*

Senhora Santa Anna que se achava edificada sinco moradas com dous quartos demais.
Ver OFÍCIO 1797, Janeiro, 14, [Vila Nova de Mazagão]. AHU_ACL_CU_013, Cx. 108, D. 8523.
OFÍCIO dos oficiais da Câmara da Vila Nova de Mazagão para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre os registos de ordens régias relativas àquela vila, existentes nos arquivos da Câmara.
Anexo: registos (cópia).

AHU_CARTm_013, D. 0822

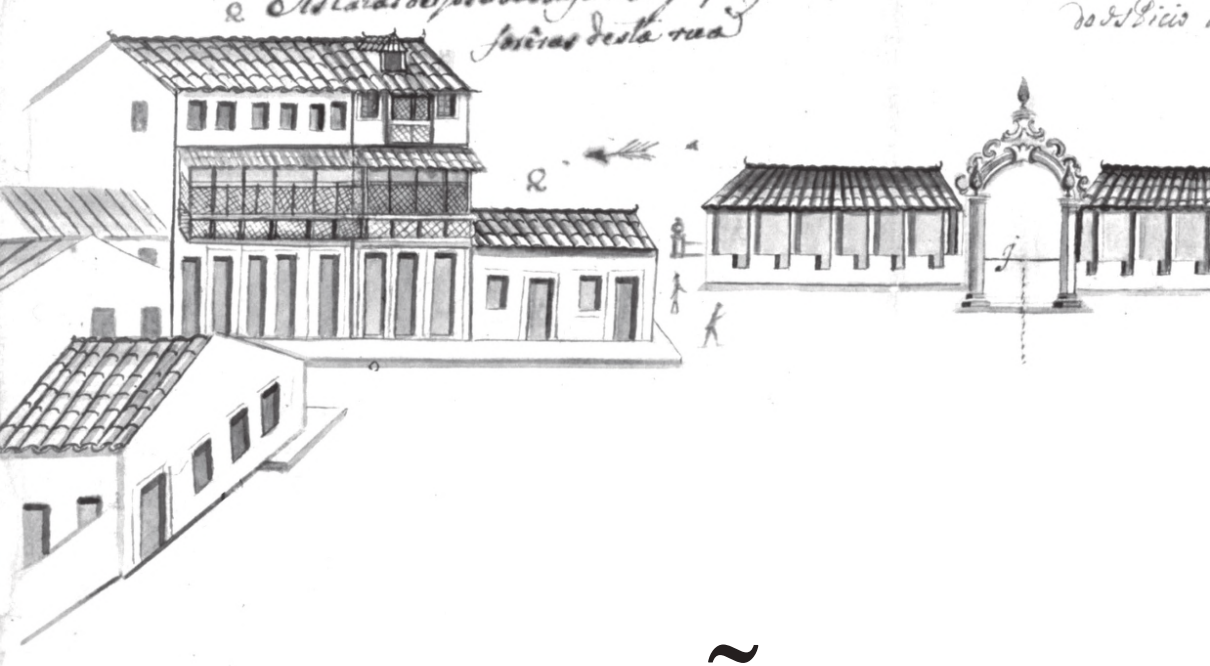

REGIÃO NORDESTE

CAPITANIA DO MARANHÃO

61 ÍNDIOS BARBADOS. Mapa. 16--

Constava esta aldea dos Indios da nação Barbados de 291. cazas como se mostra neste mapa... – [16--]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 84,1 x 59,3cm.

Subtítulo: ... en trando as seis cazas gr^{des}. que stão no meyo da dita aldea das quais servia a hua dellas p^{a}. armazem das armas q. são as suas frexas e paos tostados, e nas sinco se acomodavão os indios solteiros porq. nas cazas que ficão no cercuito da aldea moravão os cazados acomodandosse em cada hua dellas, seis, sete e outo cazaes com toda a sua familia, e nenhum destes indios fas a barba e por esta rezão lhe chamão os barbados, e se diz procedem dos p^{ros}. conquistadores q. vierão a cidade de S. Luiz do Maranham e pelo danno que lhas fazia o gentio q. habitava naq^{la}. Ilha se retirarão p^{a}. o Rio Itapecuru e emtre este e do Mearim fizerão a sua habitação fazendo pazes com os indios daquelle certão cuja aldea senão havia descuberto, e som^{te}. vinhão aos rios assima declarados, e também a Cap^{nia}. do Piauhy fazer dannos q. se tem exprimentado sem q. lho podessem embaraçar as tropas q. em todos os annos sem mandavão p^{a}. a defença daq^{les}. moradores. Ta aldea fica a p^{te}. do sul nas cabeceiras do Rio Pirituro.

Assinatura do autor está indecifrável.
Estão assinalados: *estrada dos rollos*, *Ilha do Angical*, *bagaie*, *abalrruada*, *emfantaria* [em três partes] e *estrada dos guanares, estrada do marim*.
Mostra a aldeia da Tribo Indígena Barbado, a infantaria portuguesa e a vegetação em forma pictórica.
Esta tribo localizava-se no Rio Itapecuru, entre os Igarapés Peritoró e Pirapemas. São descendentes de brancos, a quem eles chamavam Perós, provavelmente algum Pedro notável.
Reprodução colorida em "História da Expansão Portuguesa no Mundo".

Ver CARTA 1726, Julho, 9, São Luís do Maranhão – AHU_ACL_CU_009, Cx. 15, D. 1525; [post. 1738], PARECER de André Lopes de Lavre sobre os índios barbados. – AHU_ACL_CU_009, Cx. 24, D. 2521.

AHU_CARTm_009, D. 0846
62 AMAZONAS, RIO. Mapa. 1637
Costa, Bento da &Teixeira, Pedro, séc. XVII.
[Mapa do Rio Amazonas, desde Quito até à Barra do Pará]. – São Luiz, 22 de maio de 1637. – 1 carta ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 41,5 x 28,5cm.

Mostra a expedição de Pedro Teixeira pelo Rio Amazonas, quem acompanhou o retorno dos padres da Companhia de Jesus, Christoval de Alcuña e Andrés Artieda, ao Peru, entre 1637 a 1639. Teixeira partiu de Cametá, próxima a foz do Amazonas, chegando a embocadura do Napo, seguiu até a confluência do Rio Aguarico. Lá, a expedição desembarcou, continuou por terra a Quixos, atravessou Baeza até a encosta dos Andes e chegou a Quito, onde foi recebida com grandes festividades.
Conforme Jaime Cortesão esta carta foi traçada por Bento da Costa, piloto da expedição de Pedro Teixeira.
Pedro Teixeira (HORCH, 1966) foi o primeiro navegador a fazer o percurso do Rio Amazonas no sentido contrário, isto é, a expedição de Pedro Teixeira iniciou pela foz do Rio Amazonas até Quito e retornou no mesmo caminho a Belém do Pará em 1640. Teixeira foi governador do Grão-Pará no período de 16 de fevereiro de 1640 a maio de1641.
O rio Amazonas recebe o nome de Solimões no Estado do Amazonas, no encontro de suas águas com o rio Negro e segue com o nome de Solimões até a cidade de Benjamin Constant na fronteira com a Colômbia e o Peru, onde passa a se chamar Rio Marañon.

Aguada, monocromática de verde.
Carta vista da foz sob forma de perspectiva.
Abaixo do mapa, contém texto sobre a viagem: *Este rio cuia figura aqui vaj começa pelas terras do Peru junto a sidade de Quito aonde se chama São Francisco de Quitto e corre ate entrar no mar na prouincia e gouerno do Maranhão na Cappitania do Para aonde* [...] *em que nome Rio das Amazonas tem di comprimento linha direta. 450 legoas e pelas voltas que faz devem de ter de caminho perto de 800 legoas e saindo por ele arriba começando donde entra as terras da Cappitania do Para 230 legoas e por ele asima* [...] *e na altura de cete graos de banda* [...] *Norte sul como Serro de Potosy e caminhando ao Sul por terras 150 legoas estarão no dito Serro de Potosy e* [...]*maz pelo rio / arriba como* [...] *de 330 legoas pondoce em alturas de sinco graos figurão norte sul como sidade de Cusco que esta distante do ditto Rio caminhando por terras ao sul 75 legoas indo pelo mesmo sul 130 legoas se dara* [...] *de sima e a sidade de Quito fiqua na cabeceira do rio debaixo da linha e o ditto rio corre da banda do sul da linha* [...] *do este e as legoas que contamos pelo dito rio arriba se entende sempre linha direita* [...] *tem pelas voltas que da se poderão julgar conforme ao caminho que forem fazendo para adiar horas que ganharem na dita viagem feitto em São Luiz do Maranhão de maio 22 de 1637 annoz.*
Além do texto estão assinalados: *R. das Amazonas, Pará, Cabo do Norte, Quito* (Equador), *Lima, Cusco* (Peru), *Arico* (Chile), *Serro de Potosi* (Bolívia).
Marca d'água.
Anexo ao doc. 1637, Maio, 29 – AHU_ACL_CU_009, Cx.1, D112.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 245.

AHU_CARTm_009, D. 0826

63 COSTA DO MARANHÃO E PIAUÍ, E RIO PARNAÍBA . Mapa. ca. 1678

[Mapa da costa e rio Parnaíba, entre o rio Maranhão e as serras de Ibiapaba]. [ca. 1678]. – 1 carta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 59,5 x 82,7cm.

Mostra a costa dos atuais estados do Pará, Maranhão e Piauí.
Focaliza o Delta do Parnaíba.
No verso do mapa está escrito: *Donde chegou Vital Maciel quando foi castigar os Tramanbez.* Vital Maciel Parente comandou o combate aos ìndios Tremembé, junto com a tribo Tupinambá.

Data atribuída ca. 1678, devido a verificação da documentação sobre a atuação de Vital Maciel, em AHU_ACL_CU_009, Cx. 6, D. 631, por informar na pasta, onde acondiciona a carta, que a mesma pertenceu à documentação da Bahia.
A Serra de Ibiapaba representada em forma pictórica.
Inclui uma rosa dos ventos com flor de lis e as indicações para norte e sul, aquarelada na cor vermelha.
Aguada de verde e crayon na cor preta.
Desenhado sobre três folhas de papel coladas entre si.
Marca d'água: três círculos, em sentido vertical, encimados por uma cruz. O círculo inferior tem a representação de uma meia lua, no seu interior.

Estão assinalados: *Rio dos Mosquistos, Maranhão,* rio *Itápucurú,* rio *Tabucuçu,* rio *Tabiamiri,* rio *Moni, Santa Maria* rio *Jacanêig. Jaguoarapina , Mangues secos, Mairî,Lençôis, Rionegro. Preguiças, Canindei,*[...], *Goarapiuna, Paramiri, Parâgoaçû, aqui se tomou a gente forra, Igârâçû, aqui se deu a guerra, Cajâig. Temona e Camucî.*
Na costa do Brasil aparecem: *Lago grande* [onde da fim o Parámiri], *Igoaragoa, Anapuní ires, Uruatizze, daqui dizem os tapuias que hé o mais perto caminho para os Moni e Itapucuru, Cai caires, 5 graos e 20 minutos, Piraigi, Lago, Pedras, Crítizes, Serras de Ibiapãba.*

AHU_CARTm_009, D. 1048

64 FORTIM DA ILHA DE PERIÁ. Fortificação. Ca. 1688

Pereira, Antônio Barros.
[Planta casa do forte do Poriá]. – [ca.1688]. –1 desenho técnico : bico de pena, color. ; 29,6 x 41,6cm.

Estão assinalados: *Alpendre, porta da estacada, 2 goaritas com 13 palmos, em quadra com 25 palmos*, [onde está representado um canhão]. No interior da fortificação ocorre *Caza dos índios, caza do cabo, caza dos soldados.* Abaixo lê-se: *Tem toda esta caza de comprido outenta palmos. Este largo tem trinta.* Do lado esquerdo indica o armazém com as seguintes inscrições: *armazem tem em quadra 29 palmos*.
Aquarelada nas cores sépia, verde e amarela.
Marca d'água: três círculos encimados por uma cruz.
O Fortim da Ilha de Periá, localizava-se na Ilha de Periá, atual cidade de Primeira Cruz, na foz do Rio Periá, no Estado do Maranhão.

Anexo ao doc.1688, Maio, 17 – AHU_ACL_CU_009, CX.7, D.797.

AHU_CARTm_009, D. 0827

65 FORTE DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA DE SÃO LUÍS. Fortificação. 1692

Carneiro, Pedro de Azevedo.
Planta do forte, que disinhei, e se fica fazendo na ponta de João Dias barra na Cidade do Maranhão... / Pedro de Azevedo Carneyro fecit. – 1692. – 2 plantas ms, 1 perfil : color., desenho a tinta ferrogálica ; 41, 8 x 28,5cm in fólio 43cm.

Subtítulo: ... q. mostra pello perfil atraz as grosuras, e alturas delle como de seo fosso pela mais conveniente forma ma foy possivel, pela imcapacidade do terreno.
Escala de Tronco de léguas [= 1cm].
A primeira planta (cota AHU_CARTm_009, D. 0828) está aquarelada nas cores amarela, marrom e preta e possui o cartucho de título ornamentado com 2 anjos ladeados.
A segunda (AHU_CARTm_009, D. 0829), aguada em sépia, indica os baluartes, cortinas, casa do cabo, quartéis dos soldados, corpo da guarda, armazém e serventias, com perfil da fortificação e não consta de título.

Contém texto no verso da planta com a cota AHU_CARTm_009, D. 0828, intitulado: *Extracto da planta do forte que se está fazendo na ponta de João Dias, barra da da Cidade de S.Luiz do Maranhão* . Segue o texto:
Esta planta disenhey na Cidade do Maranhão na ponta de João Dias que fica junto a barra, e canal aonde surgem os navios em prea mar: Hê bem util e necessaria para segurança della, mas impediãome tres dificuldades; a pri- meira não haver dinheiro no Estado para se poder fazer a obra, que permite o sitio, a segunda ser hua areal solto, que aos 4 e 5 palmos se dâ com agoa, a treceira não haver neste estado os meteriais necessarios para se fazer a dita obra/ como se requerem, por falta de madeiras que as que hâ são currutiveis, e poco duráveis, pois não hâ naquella cidade o pao de girao do Pará ou pinho do Reino para as estacarias ,e grade sobre que se devem fundar os alicerces, nem / pedreiro ou oficiais que saibão obrar: vendo pois que erão inrremediaveis as dificuldades apontadas, e tão necessaria a fortificação daquella barra, me acomodey ao mais pequeno poligono, que admite o nosso methodo lusitano, e ao mais pequeno perfil da taboada nº 7 sobre as grossuras dos fortes quadrados, e baluartes inteiros como mostra/ o prezente perfil, por que sendo a fortificação pequena requere menos gastos, e melhor se poderâ sustentar sobre os alicerces, pois o terreno não permite grande fundura, que logo se dâ com a goa , e hê impossivel esgotalla, que como hê area enche, e vaza a marê, e a falta dos meteriais, impossibilita o fazerce os alicerces, como permitia a grandeza da obra que sendo a câl, que hâ neste estado de obra , com agoa se desfaz depois de postas nas paredes quanto mais nos alicerses alagadiços que estes requerem hua argamação de cal pedra, e azeyte, e essa havia ser do Reino. Disenhey este forte, ou sidadella, como mostra a que planta atraz pello methodo da propozição 14 e suposto me fica pequeno flanco secundario e me vali das cortinhas F e E que servem de plantaforma os seos te=/ raplenos, que estes dominão toda a barra, e canal como mostra a plantaforma, e que domina a entrada do canal para a banda de [Arasagy?], *e a plantaforma F domina , e defende todo o canal; o baluarte B fica opposto a S. Mar=cos , que serve de atalaya a cidade, aonde está, hua pessa de artelharia, que aviza quando vêm navio: o baluarte A seo colatral fica dominando o boqueyrão, e toda a baya de Tapuitapera: o baluarte C fica dominando o Rio de S. Francisco, digo, o Rio de Nossa Senhora do Desterro, que entra ao redor da cidade, pella parte. direita e vai findar nos matos; o baluarte D fica dominando o rio di São Francisco, que rodea em parte a cidade pella parte esquerda, e vay findar nos matos, com que a cidade fica entre huo, e outro rio, com que tambem, o baluarte C e D fazem opozição a cidade, e tendo esta qualquer fortificação com o forte feyto da ponta*

de João Dias, fica pella parte da barra inconquistavel, que pella parte da terra o hé porque. os matos a defendem. Corre huo riacho do rio de São Francisco para ponta da arêa ou João Dias que fica opposto a cortina P correndo parallelo com ella, e com os baluartes D e B e vai cercando a contra escarpa do baluarte B que bem se poderâ abrir ao mâr, que fica proximo de preamar 20 passos,que cortado este ficava o forte de hua banda rodeado do mar, e da otra do riacho, que com a correnteza da enchente poderâ fazer mayor o ricacho, maz não sou deste parecer, por que. as correntezas são grandes e depende a fortaleza de outra capacidade, e ser feita de enchelaria para poder ter mão nas correntes, e ser feita de otra forma, como o que fasso no Pará sobre a lagem que fica tomando parte da baya, a qual ha de ser redonda como a torre do Bogio da cidade de Lisboa como se verá da planta, que fiz, e dey ao governador Artur de Saá e Menezes, e tem otra dificuldade que não aponto por não ser aquy necessario. Tratando do fosso deste forte, que hê o reparo mais necessario e conveniente para a defença delle vendo a imcapacidade do terreno, e não se poder fundar pellas rezoens asima referidas , o faço arteficial do terreno para sima de pedra, e cal com sua esplanada, que começa da linha superior de sua altura, e acaba na linha inferior da esplanada do terreno ficando a linha razante do parapeito razando a esplanada athê o fim do terreno com que vem a servir o fosso de estrada encuberta, e a contra escarpa esplanada como mostra o prefil isto me preceo mais ajustado as dificuldades, que puz no principio por me acomodar ao pouco cabedal, que há neste estado, e a falta de meteriais, e officiais de pedreiros que estes pode Sua Magestade que Deos guarde remedear com os mandar vir do Reino que huo que aquy hâ nesta terra apenas sabe fazer hua taypa: a mesma necessidade tem o estado de engenheiros por que eu sou sô, e não posso rezolver as duvidadas, que se me movem sobre tão diversas fortificaçoens, e huo homem sô não pode resolver, o que para tão varios cazos se necessita e eu sem ter quem me ajude, não poderey asertar conforme o meo dezejo que este hê acudir a todas as partes quantas carecem de minha assistencia. Esse forte farâ de custo com pedreiros e pagamentos de indios com sustento, e selario de duas varas de panno de algodao por mez cada huo , sendo 100 indios efetivos para carregarem pedra, fazerem cal, e ajudarem os pedreiros, ferro para se fazer ferramenta, e taboado que for necessario e mais aparelhos, 15 mil cruzados, pouco mais, ou menos, e trabalhandosse efetivamente se acabarâ em tres annos, Sua Magestade poderâ mandar ver, e ordenar o que for servidor. Parâ 15 de março de 692 annos. Pedro de Azevedo Carneiro.

À esquerda, lê-se: *acrescentei deitando lhe a linha razante da quarta parte da cortina no tenpo que o desenhei porque menos ficava flanco secundario nehum e era mui pouco a defensa.*

O Forte de Santo Antônio da Barra de São Luís localiza-se na Ponta da Areia, anteriormente denominada Ponta de João Dias..

AHU_CARTm_009, D. 0828/D. 0829

66 BATERIA. Fortificação. 17--?

[Planta de uma bateria].– [17--?]. – 1 desenho técnico. : tinta ferrogálica, color. ; 25,8 x 20 cm.

Estão assinalados: *simidia mitro; praça vazia; frente a frente.*
Abaixo da planta contém a seguinte nota: *A parede de dentro hade ser mais sinco palmos e meyo que a de fora dealto que hê o ponto que leva de madeiramento.*

Aquarelada nas cores amarela e azul.
Ver Ofício 1763, Julho, 18, Maranhão - AHU_ACL_CU_009, Cx. 41, D. 4021.

AHU_CARTm_009, D. 0845

67 FORTE DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA DE SÃO LUÍS. Fortificação. 1718

Planta da Fortaleza que seade fazer na Barra de Sam Luiz de Maranhão... – Escala [ca. 1:200] – anno de 1718. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 42,2 x 43,7cm em folha 43,3 x 45cm.

Mostra diversas perspectivas de localização da fortaleza, onde se lê: *frente que olha para a cidade, frente que olha para a terra, frente que olha para o mar, frente que olha para a ponta dareia* .
Dentro da fortaleza estão distribuídos: 2 lados para as seteiras, *trânsito*, 2 lados para o corpo da guarda, 5 estabelecimentos para o quartel, armazém da pólvora, poço, ermida, 4 lados de baluartes com escadas.
Inclui perfil.
Escala de gráfica de 150 palmos [=17,7cm].
Outra cópia de época em AHU_CARTm_009, D. 0831, ref. 68.

O Forte de Santo Antônio da Barra de São Luís localiza-se na Ponta da Areia (denominada anteirormente Ponta de João Dias).

AHU_CARTm_009, D. 0830

68 FORTE DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA DE SÃO LUÍS. Fortificação. 1718

Planta da Fortaleza que seade fazer na Barra de San Luiz de Maranhão ... – Escala [ca.1:200] – anno de 1718. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 49 x 41cm.

Outra cópia de época em AHU_CARTm_009, D. 0830, ref. 67.
Escala de gráfica de 150 palmos [=17,5cm].
Inclui perfil.
Marca dágua: brasão com uma cruz e letra B, encimado por uma coroa, com2 águias de cada lado e 2 círculos abaixo.

O Forte de Santo Antônio da Barra de São Luís localiza-se na Ponta da Areia (denominada anteirormente Ponta de João Dias).

AHU_CARTm_009, D. 0831

69 SALINAS. Iconografia. ca.1720

Afonseca, Francisco Galvão de.
[Planta das salinas reais]. – [ca,1720]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 11,1 x 18,5cm em folha 31 x 42cm.

Estão assinalados: *marinhas, deszaguadouro das salinas, moralha, que se a de fazer, porta para entrarem as aguas no tanque.*
Com: [Planta do prédio que contém o armazém para a recolha do sal e casa para os trabalhadores de salinas ao seu redor].
Inclui perfil da Vigia, onde está escrito *Vigia da pessa, com que se faz sinal aos navios para salvarem os baixos* [baxios] e o [alçado da ermida Nossa Senhora da Conceição].
Francisco Galvão de Afonseca visitou as salinas reais, no Maranhão, e mandou refazer o muro, construir o armazém, cômodos ao redor do mesmo para os índios que trabalhavam nas salinas, vigia e a ermida Nossa Senhora da Conceição.
Marca d'água: 3 círculos em sentido vertical, com uma cruz pequena.

Contém marca d'água: uma cruz pequena encimada com 3 círculos em sentido vertical.

Anexo ao doc. 1720, Junho 26 – AHU_ACL_CU_009, Cx.12, D.1268.

AHU_CARTm_009, D. 0832

70 SALINAS. Iconografia. ca. 1720

Afonseca, Francisco Galvão de.
[Planta do prédio que contém o armazém para recolha do sal e casa para os trabalhadores de salinas ao seu redor]. – [ca. 1720]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 13,5 x 18,2cm em f. 31 x 42cm.
Estão assinalados: *frente do armazém, compri, cazas para comodo dos trabalhadores das salinas com sercujto* [circuito] *do armazem.*
Com: [Planta das salinas reais].
Inclui perfil de mapa da Vigia, onde está escrito *Vigia da pessoa, com que se faz sinal aos navios para salvarem os baixos* [baixios] e [alçado da ermida Nossa Senhora da Conceição].
Francisco Galvão de Afonseca visitou as salinas reais, no Maranhão, e mandou refazer o muro, construir o armazém, cômodos ao redor do mesmo para os índios que trabalhavam nas salinas, vigia e a ermida Nossa Senhora da Conceição.
Marca d'água: 3 círculos em sentido vertical, com uma cruz pequena.
Anexo ao doc. 1720, Junho 26 – AHU_ACL_CU_009, Cx.12, D.1268.

AHU_CARTm_009, D. 0832

71 SANTA CASA. Iconografia. 1724?

Rey, Alexandre do.
Planta da Sta. Caza do M. Pª.O. M. d. Campº / Alxe. R. fes. – [1724 ?]. – 1 desenho técnico : tinta, color. ; 49,5 x 34,5cm em folha 50,4 x 35,5cm.

A autoria está assinada no cartucho da escala.
Cartuchos do título e da escala decorados em estilo barroco.
Escala gráfica, sem especificação, [= 8,2 cm].
Aquarelado na cor azul.
Estão assinalados: *emfermaria, coredor, seq*[...], *varanda, patio, sancrestia, jorz, igreia.*
Pertence a um conjunto de 2 plantas ver doc. 833 Anexa ao documento 16 de junho de 1724, AHU_ACL_CU_009_Cx.13, D.1389.

AHU_CARTm_009, D. 1279

72 IGREJA MATRIZ. Iconografia. 1724

Rey, Alexandre do.
[Planta da nova Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Rio Itapucuru] / Alexandre do Rey. – Escala [ca. 1:80]. – 1724. – 1 desenho técnico: nanquim ; 42,2 x 29,6 cm.

Escala gráfica de 50 [palmos =13,7 cm].
Estão assinalados: *sancristia, torre, capella-Mor.*
Abaixo contém anotação: *Certifico eu Alexandre do Rey Ajudante das fortificaçoens desta prasa que hua igreja feita e acabada ao modo desta planta asima sendo de taipa de pilao que he usual e perfeitamente acabada de miteriais fará despeza de tres mil cruzados dinheiro da terra pouco maiz ou menos o que afirmo debacho do juramento de meu cargo São Luis do Ma/ranhão 9 de julho de 724, Alexandre do Rey.*
A cidade de Rosário iniciou-se com uma povoação chamada de Itapecuru Grande, na margem esquerda do Rio Itapecuru, onde havia uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Passou a se chamar Rosário pela pela Provisão Régia de 25/09/1801, quando tornou-se Distrito.
A Igreja Matriz foi desabada em decorrência do seu estado de preservação e das chuvas intensas ocorridas em março de 1866. Em 1868 iniciou a construção da nova Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.
Aquarelada, monocromática na cor azul.
Anexa à carta 1724, Junho, 16, São Luís do Maranhão – AHU_ACL_CU_009_Cx.13, D.1389.

AHU_CARTm_009, D. 0833

73 ITAQUI. Mapa. 1750.

Rolim, Carlos Varjão.
Planta do citio e terreno onde sepertende abrir huma valla na parage ACB por onde poção entrar as canoas que vem dos Rios Miarîm, Iguarâ, Itapecurû, e outros pª. a Cidade de São Luis do Maraªm. ... / Carlos Varjao Rolim. – Escala [ca. 1:15.000] – [ca. 1750]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 52,9 x 74,8cm.

Subtítulo: pª. escuzarem passar operigoso passo DD, chamada o boqueirão, aonde repetidas vezes tem naufragado varias canoas e por não poderem passar estas sempre em qualquer tempo se demorão quatro e sinco dias nolugar A, chamado espera, atherem favoravel maré de entrar no porto da cidade.

Escala gráfica de 600 braças [= 10 cm].
Inclui rosa dos ventos.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aguada na cor marrom e aquarelada de verde.
Estão assinalados: *G.Vegia de São Marcus, Fr. ponta da aréa, P.Ilha de São Francisco, Y.Ilha do Medo, M.cidade de São Luis do Maranham, J. o Senhor do bom fim, R.R.riacho aonde ande sahir as canoas que vierem pella valla ACB, H.Nossa Senhora da Guia, D.D. Boqueiram, A. o lugar aonde se demorâo as canoas que vem para a cidade esperando bom tempo para passar o boqueiraõ. neste lugar, chamado espera, deve principiar as avalla ACB. E. Parte do Itaqui; e He o caminho das canoas que vão dos sobre ditos rios ao Maranham. Por Carlos Varjão Rolim.*
Acondicionada com outro documento cartográfico sobre o mesmo assunto, com título atribuído: Planta do sítio e terreno onde se pretende abrir uma vala ou furo entre A e B, em AHU_CARTm_009, D.0836, ref. 74.
Anexo ao doc. 1750, Maio, 12, AHU_ACL_CU_009_Cx.031, D. 3210.

AHU_CARTm_009, D. 0835

74 ITAQUI. Mapa. 1750.

[Planta do sítio e terreno onde se pretende abrir uma vala ou furo entre A e B na cidade de São Luís]. – Escala [ca. 1:15.000] – [ca. 1750]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 49,7 x 70,2cm.

Escala gráfica de petipé de 600 braças [= 9,7cm].
Inclui rosa dos ventos.
Aguada na cor verde.
Estão assinalados: *A. B. Comprimento da valla, ou furo, que se pertende abrir, C.D. Mayor altura de terras que seade tirar, E.E. – Garape dos Padres do Carmo, F.F, - Cidade, G – Igreia do Senhor do bom fim dos padres do Carmo., h – Riacho ahonde sepertende abrir com mais facilidade menos gastos, ij – garape ahonde ha de vir avallos L.L. terra alagada das mares, M. M. Espera; chamado assim, por quanto nesta pacagem esperão as canoas, que a pacagem do boqueirão esteja capas para poderem pacar e muitas vezez estao nesta tres e quatro dias; por lher não dar lugar o mar, NN terra alagada das mares, da parte da Espera,O. Outeiro que se acha entre a terra alagada LL e aterra alagada nn, PP. Altura do oiteiro sobre o level da praia, QP.altura total que sedeve dar de 30 plmos, R. oiteiro da Nossa Senhora da Guia, SS Bouqueirão e aqui he que correm grande risco as canoasl, TT.canal que vem buscar as canoas e metido nelle não tem risco,VV- canal por onde entrão os navios, XX – Ilha do Medo, ZZ Ponta do Itaqui, 1 1 – Caminho do Rio Mearis, Papecuru e Monim varzea do Icatu.*

Acondicionada com outro documento cartográfico sobre o mesmo assunto, intitulado *Planta do citio e terreno onde sepertende abrir huma valla naparagem ACB por onde poção entrar ascanoas que vem doRios Miarîm, Iguarâ, Itapecurû, e outros para a Cidade de São Luis do Maraam* ...em AHU_CARTm_009, D. 0835, ref. 73.
Anexo ao doc. 1750, Maio, 12 – AHU_ACL_CU_009_Cx.031, D.3210.

AHU_CARTm_009, D. 0836

75 RIOS PARNAÍBA, ITAPECURU, MEARIM E PINDARÉ. Mapa. ca. 1751

[São Luís do Maranhão, foz de vários rios]. – [ca. 1751]. – 1 carta ms.: desenho a nanquim ; 42,6 x 59cm.

Mostra o litoral e parte do interior do Estado do Maranhão atingindo até a Chapada que divide as vertentes dos Rios Tocantins e Parnaíba
Indica tribos indígenas.
A flor de lis está desenhada a nanquim, com um traço a lápis atravessado.
Estão assinalados os seguintes topônimos: *Rio Turi a sû, Tapuitapera, Maranham,Rio Guara, Rio Itapecuru, Rio Pinaré, Rio gajaû, Rio Miarim, Ribeira de São Joâo, Rio Parnaiba.*
Marca d'água: Brasão com flor de lis, coroa de 5 pontas (2 com flores e uma com a flor delis), ao alto, e uma cruz abaixo.
Provavelmente anexo à CARTA 1751, Setembro, 28, Lisboa.CARTA do provedor-mor da Fazenda do Maranhão, Faustino de Fonseca Freire de Melo para o rei D. José I, em resposta à provisão régia respeitante à carreira marítima entre a cidade de São Luís do Maranhão e a vila de Tapuitapera. Em anexo: vários documentos. AHU_ACL_CU_009, Caixa: 32, Doc. 3280.
Título atribuído por Castro e Almeida: Mapa de toda a terra que se compreende entre os dois rios Parnaíba e Tocantins e dos Rios Miarim, Pindaré e Guaju do Estado dão Maranhão.
Referência: Catálogo de Mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarelas. / Castro e Almeida. Nº 247.

AHU_CARTm_009, D. 1276

76 BAÍA DE SÃO JOSÉ. Mapa. ca. 1759

[Carta representando uma parte da Baía de S. José e ilha do Maranhão] –

[ca.1759]. – 1 carta ms. : desenho a tinta ferrogálica; 37,1 x 48,6cm.

Abrange a Baía de São José, parte da Ilha do Maranhão, atual Ilha de São Luís e Rio Parnaíba.
Indica o rios Parnaíba, Iguará e Igaraçu.
Mostra o povoamento e fazenda de gado na região dos rios Iguará e Parnaíba.
Inclui rosa dos ventos.
Esta carta foi mandada fazer pelo ouvidor Gaspar Gonçalves dos Reis.
Contém rosa dos ventos.
Marca dágua: flor de lis e algarismo romano IV.
Estão assinalados: *Ilha do Maranhã, São jozé de Ribamar, Rio dos Perixes, Fortaleza, Rio Itapicuru, Nazareth, Igarapê das Caxoeiras, Bahia de S. Jozê, Tucha, Pirâyussara, Rio Monî Merim, Rio Monî, Terra Firme, Rio Iguarâ, Rio Preto, Moquens, Braço do Moni, Monî, Braço do Una, Rio Una, Vila Nova do Icatû, Rio Icatû, Terra Firme, Camonpos, Santa Quiteria fazenda de gado, Fazenda de Gado Malacieiras, Santo Agostinho fazenda de gado, São Bernardo Freguezia, Rio Paranahiba, Rio Igarasu.*
Anexo ao documento 1759, Setembro, 12 – AHU_ACL_CU_009, Cx. 39_D. 3831.

AHU_CARTm_009, D. 0837

77 ITAQUI. Mapa. 1780

Mappa do furo q. se principio abrir para as canoas evitarem a perigosa passagem da ponta do Itaqui. – Escala [ca. 1:70.000] – 1780. – 1 mapa ms. : color., desenho a nanquim. ; 18,9 x 30,2cm em folha 21,3 x 33cm.

Duas 2 cópias manuscritas de época.
Escala gráfica de meia légua [= 4,1cm].
Inclui rosa dos ventos.
Vegetação representada em forma pictórica.
A data aparece no final da legenda e na margem inferior, à direita.
Aguada de nanquim.
Aquarelada nas cores amarelo e vermelho somente no canal.
A primeira cópia mede 18,9 x 30,2cm em folha 21,3 x 33cm, e a 19,1 x 30,2cm em folha 21,3 x 33cm.
Projeto da abertura do canal entre os rios Bacanga e Cachorros.
Estão assinalados: *j . Pequena, caminho para o estreito, Rio da Baganga* (Rio Bacanga), *Bonfim, Maranhão, Rio do Anil.*
Na legenda, lê-se: *P.Ponta do Itaqui – e – secco pelo qual sobe a marê athe o*

principio do alagadiso.m. m.b. alagadiso limpo b. a. terra que hê entreposta athe outtro alagadiso a. f. f. porto das terras chamadas da Bacanga. c. Casa da asistencia dos que administrarão esta obra. d. Casas para os trabalhadores, armazens da ferramenta, e mantimento. R. Caminho para as rossas. que pontta da terra da fortalesa de Santo Francisco v. riacho.
Anexo ao doc. 1780, Setembro, 7 – AHU_ACL_CU_009_Cx. 56, D. 5221.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 248.

AHU_CARTm_009, D. 0838/D. 0838A

78 REGIÃO ENTRE OS RIOS PARNAÍBA E TOCANTINS. Mapa. 1780

Mappa de toda a terra q. se comprihende entre os dous Ryos Parnahiba e Tocantins.– 1780. – 1 carta ms. : color. desenho a tinta ferrogálica ; 44 x 54cm em folha 55 x 64,9cm.

Abrange partes dos atuais estados Pará, Maranhão, Tocantins e Piauí. Mostra a nascente do Rio Tocantins na Serra Grande.
Contém dados sobre a região, onde se lê : *Dos Rios Miarim, Pindaré, e Guajau do Estado Maranhão suas teras e campos tão extenços, que confinão com a Comarca dos Goyazes, abeirando sempre ao mesmo Tocantins, em que fazem junção varios rios, alem dos mencionados, com mattos as suas margens e dilactadissimas campinas para criaçoens de gado : os quaes tem seus nascimentos das serranias, que atravessão aquelles certoens, sendo tambem o mesmo continente cheyos de ricas minas de ouro, como afirmão os que por elle tem viajado, contendo em sy muitos centos legoas de terra que podem ser habitadas extendendo-se a povoação e lavoura para augmento do mesmo Estado.*

Na margem inferior está escrito: *A Serrania que atravessa o continente dos certoens dos Ryos Parnahiba e, Tocantins, he conhecida por todos os certanistas e mineiros, pella denominação da Chapada Grande, alem de diversos nomes, que toma dasdeferentes partes por donde passa em cuja planisse habita innumeravel gentelismo, como sejá naparte chamada o Cocal Grande,e he asua extensão tão extremoza, que no ssimo della ha dilactadissimos, campos com olhos de ágoa perenes, donde se podem fundar fazendas de gado, e densas vertentes, são todas as terras mineiraes, de donde emana a raiz e origem de todo outro. Os diferentes rios, que regao aquella região; são as suas margens ocupadas de fertelissimas mattas para lavoura e campinas geraes para criar gados e os do Miarim, e Pindaré e as ricas minas de ouro de sua vezinhança, são bem notorias, portraddiçoens dos antigos paulistas e brazileiros por cuja razão faz tãobem memorias dellas o*

Exceletíssimo Berredo nos seus annaes do Maranhão nos números 27-28 e 29 nas paginas 11, 12 do Livro 1º Esta hé a configuração verdadeyra, ainda que não vá debaycho de rigoroza geographia etc. Anno 1778.
Na margem esquerda lê-se: *O Ryo Itapucurú, tem o seu nascimento das mesmas serranias, e corre pelo continente da Freguezia dos Pastos bons paralello ao Miarim e Parnahiba, pela terra q medya entre hum, e outro Rio, athe se meter no mar por detrás da Ilha do Maranhao, pela banda do sul, no fim da Bahya de São Joze; este hé o que está mais povoado de lavouras de algodão e arros porem não passa a sua povoação das aldeyas altas para sima.*
Na direita está escrito: *Todos os ryos, que vão estampados neste mappa, entrão nelles innu-meraveis ryos mais pequenos, que delles se não fas aqui memorriap or falta de noticia de seus nomes.*

Estão assinalados: *para rumo fica Cuyabá e Matto Grosso, Rio Tocantins, povoação, Arrayal do Carmo, povoação e as terras novas, Rio Dias Palmas, Rio da Fumassa, ribeirão do Ouro, Rio do Sonno, Rio de Manuel Alves Verdadeiro, Rio Vermelho, Estrada do Maranhão para o Pará por terra, Pará, Costa do Maranhão para o Pará, Tapetapera, Villa de Alcantara, Freguezia Miarim, Rio Pindaré, Rio Guajá-u, Rio Miarim, Rio da Corda, Rio do Itapucuru, Aldeyas Altas, Freguezia Itaipucuru, Freguezia Miarim, Rio dos Mosquitos,Bahia de São José, Maranham cidadem Bahia de São Marcos, Costa do Maranhão para o Pará, Cocal Grande, Rio das Baliças, Rio Parnahiba, Villa da Paranahyba da Cappitania do Piauhy, Costa do Ciará, Ilhas de Santa Anna.*
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, crayon (cor preta)e tinta sépia.
Anexo ao doc 1791, Abril, 28 – AHU_ACL_CU_009_Cx. 77, D6597.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 247.

AHU_CARTm_009, D. 0839

79 SESMARIAS. Mapa. 1791

[Planta da demarcação de terras de Sesmarias, na margem do rio Itapecuru]. – 1791. – 1 mapa ms : desenho a tinta ferrogálica ; 18,8 x 31,2cm em folha 43,7 x 33,6cm + 4 folios de texto.

Estão assinalados ao longo do Rio Itapecuru: *3 legoas de João Belfort – Antonio Nunes 2332* [fundos, extensão de] *3000* [braças] *– Agostinho de Castro Moura – Luis Alberto Nunes vendidas – Lucas Rapoza Pedro – Pedro lamgna – Joaquim Antonio Laune – terras da contenda principiadas a demarcar*

por Joze de Carvalho 4923,1500, 3850, 2843, 2351 [braças].
Contém as indicações norte, sul, leste e oeste.
Possui um texto anexo ao documento onde descreve sobre a demarcação de terras dos sesmeiros e herdeiros.
Acondicionada com outra planta sobre o o mesmo assunto: [Planta da demarcação de terras de Sesmarias, na margem do rio Itapicurú] (ref. 93, doc.841).
Anexo ao doc. 1792 , Fevereiro, 18 – AHU_ACL_CU_009, Cx. 78, D. 669. Observa-se o despacho do Conselho Ultramarino, datado de 18 de Abril de 1792, contido no REQUERIMENTO do alferes José Carvalho, informando que este documento foi remetido pelo juiz de fora – 1791, Janeiro, 20.

AHU_CARTm_009, D. 0840

80 SESMARIAS. Mapa. ca.1791

[Planta da demarcação de terras de Sesmarias, na margem do rio Itapecuru] : Mapa letra B. – [ca.1791]. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 59,6 x 41,5cm.

Possui indicação para o norte.
Marca d'água: EACIBBONKI.
Estão indicadas as demarcações das terras com os nomes dos sesmeiros.

Contém uma legenda que informa as terras demarcadas dos sesmeiros.

Acondicionada numa pasta com outra planta sobre mesmo assunto: *Planta da demarcação das terras de Sesmarias, na margem do rio Itapicuru.* (doc.840, ref. 79).
Anexo ao doc. 1792, fevereiro,18 - AHU_ACL_CU_009, Cx. 78, D. 669. Observa-se o despacho do Conselho Ultramarino, datado de 18 de Abril de 1792, contido no REQUERIMENTO do alferes José Carvalho, informando que este documento foi remetido pelo juiz de fora – 1791, Janeiro, 20.

AHU_CARTm_009, D. 0841

81 SESMARIAS. Mapa. 1795

[Planta da sesmaria de Antonio Alves e outros na Vila de São José de Guimarães, no Maranhão] – Escala [ca.1:150.000] – [1795]. – 1 planta ms. :

desenho a tinta ferrogálica ; 40,5 x 53,5cm + 1 folio 34,5cm.

[Escala de] 3000 [braças?= 4,2cm].

Estão assinalados: *Primeira sismaria 9000 bracas=3 legoas, B 3000 bracas de largo, Gatos, Costa, Pedro. Vaz Fernandes, Rio Curupumirim, Jozé Antonio Lisboa, Manuel Caetano, Rio Curupu assú, Garape das Sallinas, Borges, Joze de Amorim Loureiro, Florentino e varioz moradores, Rio Cabello de*[...]*lha, Ignacio Alves, Antonio Alves, Marmorim, Borges, Borges Jose Gonçalves, Rio Najatuba, Ilhas de Mangue, ponta de Cazaqueira, Segunda cismaria 9000 bracas= 3 legoas, D 3000 bracas de largo H, Borges, Borges, Mangue Costa da Bahia, Toryrana, S. Joze Mirim, , Terceira sesmaria 9000 bracas= 3 legoas, Garape do Iriri Rio Tury Assú, Ilha de Mata, Carapanahy, Ponta do Banha, Ilha de São João, Garape, Ponta do Tauha.*
Possui uma legenda em outra folha onde esclarece a geografia dos terrenos e as demarcações dos sesmeiros.
Marca d'água: Brasão com flor de lis, encimada com coroa de 5 pontas (2 com flores e uma com a flor de lis no centro), ao alto.
Ver documento em AHU_ACL_CU_009, Cx. 85, D.7170.

AHU_CARTm_009, D. 1277

82 SESMARIAS. Mapa. [1797]

Silva, Antônio Carlos da.
[Sesmaria na ribeira de Itapecuru] / o Piloto Ant°. Carlloz da S^a^. – Escala [ca.1:150.000] – [1797]. – 1 planta ms : desenho a tinta ferrogálica ; 44,2 x 35 cm.

Escala gráfica de 3000 braças [= 4,2cm].

Estão assinalados: *Riacho das Pirapimas, marco que serve de pião do meio destas duas sesmarias fincado na paragem São Lourenço e olaria, Rio Itapicuru acima, Caxoeira Grande, Cruatas Riacho das Pedras, Sesmaria concedida a Jozé Alvez de Carvalho, 300, terras concedidas a Paulo Berreza, testada de Paulo Bezerra, terras concedidas a Manuel Pires da Costa Seabra, Matas do Iguara concedidas a D. Anna Joaquina Carneiro de Souto Maior que se acha demarcada e tombada, Matta do Iguará, Mata das Pirapimas, Campos do iguara toda a extençao de Salpicos.*
Inclui nota esclarecendo as novas divisões dos terrenos com seus proprietários.

No verso indica o reconhecimento de assinatura.
Marca d'água: HCW ZOONEN.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_009_Cx.95, D. 7788 de 13 de Novembro de 1797.

AHU_CARTm_009, D. 1278

83 BRASIL, NORDESTE - COSTA. Mapa. 1798

Veiga, Antônio Joaquim Simões da.
Mapa da Costa do Brazil, da Jericoáquará até a Ilha de São João : oferecido ao Illmo. e Exmo. Snr. D. Diogo de Souza... / pelo Cap^{m}.Ant^{o}. Joaq^{m}. Simões da Veiga, Academico da Real Academia das Ciencias Mathematicas da Mar^{a}. – 1798 . – 1 carta ms. : color, desenho a tinta ferrogálica ; 40,8 x 53,6cm em folha 42, 8 x 54,9cm.

Subtítulo: Fidalgo, da Casa de S. Mag^{e}., e do seu Conselho, Coronel dos seis exercitos, Governador e Cap^{m}. General do Estado do Maranhão.

Abrange as costas dos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará.
Meridiano de origem: Lisboa e Paris.
Escala de latitudes de 15 min. [=2,9cm].
Inclui flor de lis e batimetria.
Aquarelado nas cores amarela, verde e vermelha.
Cartucho do título ornamentado em estilo neoclássico.
Marca d'água.
Estão assinalados: *Capitania do Siara Grande, Jericoáquára, Borgalhao, e Coral branco, Coral, e areia groça, Coral rouxo, Areia e conxa, Lago, Rio Camosim, Rio Timonia, Rio Igarasú, Capitania do Piauhy, Barra d'Igarasu, Vila da Parnaíba, Capitania do Maranhão, Ilha d'João Leite,Barrada Pao que areou, Barra do meio, Barra das Canarias, Barra do Cajú, Vila da Feitoria, Lago, Rio das Perguiças, Lançoes Grandes, Mangues Verdes, Rio Marim, Rio Priá, Moconandiva, Mannuna, Anajatuba, Ponta de Tacaroça, Rio Moní, Rio Itapicurú, Rio do Mosquito,* Ilha de São Luís, *Arraial, Maranhão,Ponta de São Jozé, São Marcos, Rio Miarim, Cajapió, Vila de Alcantra, Porerema,Canavieiras, Barra do Curriá, pont dos Atins, Ponta do Caranguejo, Vila de Guimarães, Barra do Sussuitá, Sussuitá, Coatitihuá, Moconandiva, Rio Cororupú, Coissapoeira,Ilha de São João, Baxo de Manuel Luiz.*
Anexo ao OFÍCIO 1799, Novembro, 29, São Luís do Maranhão AHU_ACL_CU_009, Caixa: 107 Doc.: 8484.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas

/ Castro e Almeida. Nº 246.

AHU_CARTm_009, D. 0842

84 SESMARIAS. Mapa. 1802?

[Planta das sesmarias na ribeira de Itapecuru]. – [1802 ?]. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 30 x 42,5cm.

Inclui rosa dos ventos, desenhada a lápis.
Estão assinalados: *Rio Itapicuru, Manuel Pires Seabra, Paulo Bezerra, Jose Alvez de Carvalho, Bernardo Pereira de Abreo, Nordeste centro, o Capitam Antonio Gonçalves, João Antonio Freire Viana, João Joze de Seixas , Caetano Pereira Queiróz, Izidoro Baptista Pereira, o Capitam Izidoro Rodrigues Pereira, Dona Vicencia, Agostinho Ignacio Rodriguez Torres, Susueste rio asima, sueste que lhe não servio, demarcaçao feita ao P. Ayres fazendo piam no meio do rio – meia legoa de lado parte Norte Sul. Leste oeste.*

Inclui nota esclarecendo as novas divisões dos terrenos com seus proprietários.
Marca d'água: desenho de um cachorro, e letras JOAN – ROIG.
Ver REQUERIMENTO AHU_ACL_CU_009, Cx.131, D.9777 anteiror a 15 de dez de 1803.

AHU_CARTm_009, D. 1280

85 BAÍA DE SÃO MARCOS E O PORTO DE SÃO LUÍS. Mapa. ca.1817

[Carta da Baía de São Marcos e o porto de São Luís]. – Escala [ca. 1:904]. – [ca.1817]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 42 x 54,9cm em folha 42,7 x 55,6cm.

Mostra a costa do Maranhão e a cidade de São Luís.
Escala gráfica de 300 p[almos?=7,3cm].
Inclui batimetria.
Contém rosa dos ventos.
Marca d'água: J. Whatman 1812.
Aquarelada na cor vermelha, aguada e bico de pena na cor preta.
Estão assinalados: *B Bom fim, G Nossa Senhora da Guia, C Cidade de São Luís, L Nossa Senhora dos Remedios, Rio do Anil, P Restinga de São*

Francisco, F Forte de Santo Antonio, São Marcos, M Ilha do Mêdo, V Boqueirão, X Entrada da Barra.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_009, Cx. 163, D.11783, 3 de março de 1817.

AHU_CARTm_009, D. 0843

86 SESMARIAS. Mapa. 1820.

Guimarães, Manuel Antônio de Oliveira.
Planta topográfica da Sesmaria demarcada afavor da Sesmaria D. Luiza Rosaura de Carvº : as cifras italicas desde 1º athe 6º mostraõ seguidamᵉ. os Marcos e todas as maiz balozas e marcas perdorames constaô dos auttos. / Manoel Antº. de Olivª. Guimᵉˢ.– Escala [ca. 1:150.000] – 1820. – 1 planta ms. : color. desenho a tinta ferrogálica ; 29,7 x 41,8cm.

Escala gráfica de 3000 braças [= 5cm].
Abaixo da indicação da escala está escrito *D. Gratt.*
Inclui flor de lis.
Aquarelado de azul, vermelho, marrom e preto.
Indica os marcos, delimitando as seguintes sesmarias: *D. Luisa Rosaura de Carvalho, Herdeiros de Joze Rodriguez Pereira, Francisco Joaquim Carvalho.*
Marca d'água: *aqua santa*.
Na parte superior, à direita, está escrito o nº 9.
Anexo ao doc. AHU_ACL_CU_009, Cx. 169, D. 12291, anterior a 24 de Abril de 1822.

AHU_CARTm_009, D. 1281

87 SESMARIAS. Mapa. 1821.

Sesmaria de António Martins da Silva.– Escala [ca. 1:100.000] – Anno 1821. – 1 planta ms ; color, desenho a tinta ferrogálica ; 23,5 x 36,1cm.

Escala gráfica de 3000 braças [= 6,4cm].
Aquarelado de azul na demarcação da sesmaria de Antonio Martins da Silva, amarelo e branco na rosa dos ventos e azul e branco na flor de lis.
Estão assinalados os 4 marcos de Antônio Martins da Silva e o *testado de Anna Maria Matta Bosques, a qual esta a beira do Rio Maiarim*.
Há uma nota bene: *NB O mais consta dos autos*.
Marca d'água: MONTGOLFIER.

Anexo ao REQUERIMENTO AHU_ACL_CU_009, Cx. 171, de 12459, 26 de novembro de 1822.

AHU_CARTm_009, D. 1282

88 SESMARIAS. Mapa. 1822

Guimarães, Manuel Antônio Oliveira.
[Sesmaria de Antônio Lopes Teixeira, na margem direita do Rio Guajahú, no Distrito de Mearim] / Manoel Antº. de Olivª. Guimᵉˢ. – Escala [ca. 1:90.000] – 1822. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 34, 5 x 21cm em f. 35, 3 x 25,2cm.

Escala gráfica de 3000 braças [=7,2cm].
Inclui rosa dos ventos.
Indica 4 marcos da demarcação desta sesmaria.
Mostra a sesmaria vizinha de Francisco da Costa Lobo.
Aguada rosa na sesmaria de Antonio Lopes Teixeira, na cor azul o rio dessa sesmaria e verde a vegetação.
Aquarelado nas cores laranja e vermelho nas demarcações.
Vegetação representada em forma pictórica.
Anexo ao AHU_ACL_CU_009, Cx. 173, D. 12563, de 11 de março de 1823.

Segundo IBGE, o atual município de Vitória do Mearim já teve diversos nomes como: Baixo Mearim, Vitória do Baixo Mearim, Sítio Velho e Curral da Igreja. O povoado Curral da Igreja foi criado pelo Padre José Gama d'Eça com a invocação de construir a Igreja Nossa Senhora do Nazaré, às margens do Rio Mearim. Porém, não foi possível construir a igreja devido às inundações do rio no inverno. Em 1728, o padre tentou mudar o povoado para outro local, partindo rio acima. Mas, aconteceu o mesmo. Em 1750, o povoado transferiu-se para outro local elevado, onde indicava o terreno firme e fora de inundações. Ali, edificaram casas e a atual Igreja Nossa Senhora do Nazaré, com o nome de Mearim. O povoado foi elevado a vila e distrito, com o nome de Mearim, conforme a resolução de 19 de abril de1833 e confirmado pela lei provincial nº 7 de 29 de abril de 1835. Em 1933, já município, passou a se chamar Vitória do Mearim.

AHU_CARTm_009, D. 1283

89 ARSENAL DA MARINHA. Iconografia. 1822

Mascarenhas. Manuel do Canto Castro & Sousa, Manuel Joaquim de..
Plano do Arsenal da Marinha / deliniado pelo Illmº. Senr. Cheffe de Divizão e Intendente de Marinha, Mannoel do Canto Castro Mascarenhas ; tirado pelo mestre das obras nacionais e peais Manoel Joaquim de Souza. – . Escala [ca. 1:20]. – em maio de 1822. – 3 desenhos técnicos. : nanquim, color. ; 56, 3 x 58cm em folha 58 x59,2cm.

Cópia manuscrita do original elaborado no Maranhão em 1815.
Estão representadas 2 plantas arquitetônicas e 1 alçado.
Escala de gráfica de 100 polegadas [=15,2cm].
A nomenclatura do cartucho de título e planta está escrita a tinta ferrogálica.
Aquarelado nas cores vermelha, amarela e cinza.
Contém a fachada do prédio.
Estão assinalados: *Entrada do Arsenal, Quartel da Ordem, Quarto para o Pontador, Quarto do Mestre, Quartel do Sargento, Ferraria. Serventia Geral, Offecina de Carpinteiros de terra, Armazens do troço, Offecina de Carpinteiros do mar, Arrecadação de algodão, Quartel da Marinhagem, Armazem das Madeiras. Quartel do Commandante da Guarda. Quartel dos Soldados, Tilheiro dos Escalerios, Quartel do Intendente, Tribunal da Intendencia, Quartel do Patrão Mor, Caza do risco, Armazem do Panno, ditto de Cabos, Caza de contar panno.*

Contém observações sobre o método de realização do arsenal.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 249.

AHU_CARTm_009, D. 0844

90 SESMARIAS. Mapa. ca. 1822

Ramos, Antônio José.
Mappa da Sismaria de Joze Izidoro Vianna de huma legoa de terra defrente eduas de fundo em o Alto Miarim aparte esquerda beira Rio assima / demarcador Antonio Joze Ramos. – Escala [ca. 1:150.000] – [ca. 1822]. – 1 planta ms : color., desenho a tinta ; 30,7 x 32cm.

Escala gráfica de 3000 braças [=5,2cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis, e orientação para leste.
As demarcações no mapa seguem: *terra já demarcada do Tenente Ingenheiro Ignacio Viana, terra do demarcado Joze Izidoro Vianna.*

As informações sobre a demarcação estão assinaladas: *Notaçõens: A Primeiro marco e delle seguio-se o rumo de Leste quarta de Nordeste . B Segundo marco e delle seguio-se o rumo de Sul quarta de Sueste. C Terceiro marco e delle seguio-se o rumo de Oeste quarta de Sudeste. D Quarto marco e delle seguio-se o rumo de Norte quarta de noroeste a encontrar com o primeiro marco que se havia fincado na beira do Rio da prezente demarcação – E o mais consta dos auttos. E Igrape F Igrape G Rio Miarim.*

Aquarelado nas cores azul,vermelho e branco.
Marca d'água.
Na parte superior, à direita, está escrito o nº 5.
Anexo REQUERIMENTO 1822, Agosto, 26 – AHU_ACL_CU_009, Cx. 170, D.12387.

AHU_CARTm_009, D. 1284

91 SESMARIAS. Mapa. ca. 1822

Ramos, Antônio José.
[Mapa da sesmaria do negociante Manuel Silvestre Ramos] / Antonio Joze Ramos. – Escala [ca.1:90.000]. – [ca .1822]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 33,5 x 38, 4cm em folha 34,5 x 44,5cm.

A demarcação do sesmeiro foi feita em seis marcos de A a F. Nela indica matas , *terra de gouquiris*, *bamburais alagoias*, igarapé e área de terreno com dimensões de 17.998.000 braças [ca. 40.000 km].
Título da legenda: *Denotaçoens dos Marcos e Terra*.
A área do terreno está decorada com figuras empregadas pelo pelo estilo neoclássico, tais como flores, ramos, além de serpentes.
Escala gráfica de 3000 braças [=7,7cm].
Inclui rosa dos ventos.
Aquarelada nas cores vermelha, verde e amarel.
As margens estão coloridas de amarelo e vermelho com vértices decorados de elementos que apresentam tendência para o estilo neoclássico.
Na parte superior do mapa contém o número 43.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo ao REQUERIMENTO –AHU_ACL_CU_009, CX.170, D. 12396

AHU_CARTm_009, D. 1286

92 SESMARIAS. Mapa. ca. 1822

Ramos, Antônio José.
Mappa da Sismaria do Te. Joaquim Ignacio Vianna de meia legoa de terra de frente com duas legoas de fundo em o Alto Miarim a parte esquerda desse rio assima / Pilloto Antonio Joze Ramos. – Escala [ca. 1:150.000] – [ca. 1822]. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 30 x 28,3cm em folha 30,6 x 42cm.

Escala gráfica de 3000 braças [=5,1cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis e indicação para leste.
Aquarelado somente na rosa dos ventos, de vermelho, amarelo e azul.
As demarcações são desenhadas de nanquim vermelho e azul.
Estão representadas as seguintes demarcações: *terra demarcada do Brigadeiro Sebastião Gomes da Silva Belford que fica sendo vizinho ao sismeiro demarcado, Terra demarcada do sismeiro o Tenente Joaquim Ignacio Vianna, marco Rumo de Leste 4 d'Nordeste 6000 braças, 2º marco s. SE 1500 braças, no Oeste 4ª de demarcação Sudoeste 6000 braças, D N 4ª I N E 1500.*

Estão assinaladas em *Notaçoens dos marcos e, rumos, e das louzas mais notaveis que, se forão encontrados por todos os quatro rumos destas sismaria; que vão numeradas com as suas letras do alfabeto. A. Primeiro marco, e delle segui-se o rumo do Leste quartos de Nordeste. B. Segundo marco e delle seguio-se o segundo rumo de o Sul quarto de Sueste. C. Terceiro marco, ao terceiro rumo de Oeste quarto de Sudeste. D Quarto marco e o quarto rumo de Norte quarto de Noroeste, e pelo dito rumo se encontrou no fim o primeiro marco que se tinha plantado na prezente demarcação. E Igarape digo o Pão Rial encontrado por nome Berendiba. F. Igarape. E. são as louzas mais notaveis que se encontrarão em todos os quatro rumos da prezente demarcação e o mais consta dso auttos.*

Na parte superior, à direita, está escrito o nº 6.
Anexo ao REQUERIMENTO – AHU_ACL_CU_009, Cx. 170, D. 12388 anterior a 26 de Agosto de 1822.

AHU_CARTm_009, D. 1285

93 SESMARIAS. Mapa. ca.1823

Couto, Antônio José do
Sesmaria de D. Maria Magdalena Gomes no rio Guajahu / Antonio Joze do Couto. – Escala [ca. 1:100.000]. – [ca. 1823]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta e a lápis ; 22 x 34,5cm

Escala gráfica de 3000 braças [=6,4cm].
Inclui rosa dos ventos.
Desenhado a tinta ferrogálica, lápis e aquarela.
Aquarelada nas cores de vermelha e azul.
Indica os quatro marcos da demarcação da sesmaria, *o Rio Guajahu* e a *testada de Carlota Joaquina Gomes Freire.*
Na parte superior; à direita, está escrito 9.
Marca dágua: brasão, com x grande no meio, escrito VC&C, encimado com uma flor.
Anexo ao REQUERIMENTO – AHU_ACL_CU_009_Cx. 175, D. 1270.

AHU_CARTm_009, D. 1287

94 SESMARIAS. Mapa. ca.1823

Couto, Antônio José do
Sismaria de D. Carlota Joaquina Roza Freire no Rio Guajahu / Antonio Joze do Couto. – Escala [ca. 1:100.000]. – [ca. 1823]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 21,8 x 34,5cm.

Escala gráfica de 3000 braças [=6,4cm].
Inclui rosa dos ventos.
Aquarelada de vermelho e azul.
Ver doc. 1823, Agosto, 13.
Indica os quatro marcos da demarcação da sesmaria, o *Rio Guajahu* e a *testada de Joaquim Pereira dos Santos Queirós.*
Na parte superior; à direita, está escrito 8.
Anexo ao REQUERIMENTO – AHU_ACL_CU_009, Cx. 175, D12701.

AHU_CARTm_009, D. 1288

CAPITANIA DO PIAUÍ

95 PARNAIBA. Mapa. 1798

Mapa exacto da Villa d'S. Ioão da Parnaiba. – 1798. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 43, 7 x 56,1cm.

Escala gráfica de 100? [= 19,5cm].

Inclui rosa dos ventos, aquarelada de azul, amarelo e vermelho.
Aquarelada nas cores vermelha e verde.
Cartucho de título ilustrado em estilo barroco.
Carta cadastral onde estão assinalados: *Pilourinho; fogos que contém esta villa —366.*
Mostra as frentes das casas erigidas, linhas vermelhas, indicando os terrenos com planejamento para construção das casas, linha negra, os rios *Igarassu* [Igaraçu] e *Garapé* e alagado, *onde está a agulha assentada.*
Marca d'água: D & C Blauw.
Anexo ao doc. AHU_ACL_CU_016, Cx. 21, D.1115, 1798, Novembro, 22.

São João da Parnaíba foi fundada pelo governador João Pereira Caldas em 1759. Em 1762 foi elevada a vila, e cidade em 1844, com a denominação de Parnaíba.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 300.

AHU_CARTm_016, D. 0847

CAPITANIA DO CEARÁ

96 FORTALEZA. Mapa. ca. 1730

[Planta da] Villa Nova da Fortaleza de Nª. Sª. da Assunpssão da Capitania do Ciará grande : q. S. Mag^de^. q. o Deos g^de^. [guarde] foy cervido mandar criar. – [ca. 1730]. – 1 planta ms. : color ., desenho a tinta ; 42,4 x 58cm.

Mostra as obras da cidade feitas pelo Capitão Mor Manuel Francês.
Planta pictórica com representação de casas, câmara, fortificação com a bandeira da metrópole, vegetação, igreja, mar e uma embarcação.
Desenho a aquarela nas cores vermelho,verde, marrom, preto, cinza e branco.
Estão assinalados: *Caza de Câmera, São Joseph, redeficou Capitam Mor esta rua toda e caza da Camera fes o Capitam Mor* Manuel Francês, *fortaleza redeficou Capitam Mor, caza de Capitam Mor, redeficou o dito, este campo todo arrancou de mato Capitam Mor e arvoredo silvestrez, forca, caza dos padres da Companhia, fes de novo o Capitam Mor* etc.
Contém um riacho representado por linha aquarelada de azul claro, onde se lê *regato que corre para o mar.*
Anexo ao AHU_ACL_CU_006, Cx.2, D. 120, anterior a 26 de abril de 1731.

A cidade de Fortaleza teve origem do Forte Schoonenborch, construído por Ricardo Caar, no período da invasão holandesa, em 1641. Em 1654, os holandeses foram derrotados e Matias Beck fez a entrega da praça de guerra ao Capitão Álvaro de Azevedo Barreto. Este mudou o nome para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. A partir dessa época começou a povoação nessa região. Em 13 de abril de 1726 foi instalada a Vila da Fortaleza Nossa Senhora da Assunção pelo Capitão-mor Manuel Francês. Tornou-se distrito com nome de Fortaleza em 1761.

AHU_CARTm_006, D. 0848

97 CASA DE PÓLVORA. Fortificação. 1800

Torres, Francisco Xavier.
[Projecto da Caza da Polvora] / Franco. Xer. Torres – Escala [ca.1:100]. – [ca. 1800]. – 5 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color. ; em folha 34 x 44cm.

Estão representados uma planta e quatro perfis da casa de pólvora .
Escala gráfica das plantas[sic] de 40 palmos [= 9,3cm] e dos perfis de 30 palmos [= 9,3cm].
Contém legenda sobre a casa da pólvora, onde se lê: *Ainda que pelos petipés se pode com facilidade vir no conhecimento das dimençoens da Caza ds Polvora, cuja planta e perfis neste papel se manifestão na seguinte explicação se declarão as mesmas, e mais algumas circonstancias pertencentes as mesma. Tem adita 22 palmos com quadro de pavimento, e 13 ditos de altura, dois incáves hum exterior,e outro exterior com huma porta de madeira de sedro em cada hum com as feixaduras desencontradas, tem a porta interior dobradiças e pregos de bronze, e fexadura e mais chapas de cobre, he murada em roda na distancia 9 ½ palmos com seu respiradouro para a parte donde o vento he quazi sempre geral, he ladrilhado o-pavimento da Caza, e o intervalo entre esta e o muro; fica distante da Fortaleza de Nossa Senhora de Assumpção 938 palmos: toda esta obra he feita de tijolos e cal, a segastarão na sua construcção 800#000 reis. Arrumão-se os Barris sobre hum bancos de madeira de pau d'arco de altura de hum palmo, e do comprimento da caza ficando por este meio fácil observar o copim, baixo que destroe neste cais quazi todas as madeiras;podendo-se acommodar neste em tres fiados de cada lado, 500 barris, ficando huma suficiente coxia; a caza da goarda disposta da maneira, que nas plantas se observa fica em distancia de 100 palmos. Francisco Xavier Torres. 4º tenente.*
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_006, Cx.13, D.748.
Marca d'água.

Aquarelada de vermelho e sépia.

AHU_CARTm_006, D. 1289

98 FORTIFICAÇÃO. ca.1800

Torres, Francisco Xavier.
[Planta da Fortaleza da Vila de Nossa Senhora da Assunção e do reduto de São Luís na Ponta do Mucuripe] – Escala [ca.1:220]. – [ca. 1800]. – 2 desenhos técnicos : tinta ferrogálica ; 13, 4 x 15,7cm em folha 34,2 x 21,8cm.

A primeira planta,*figura 1ª* , possui 5 canhões e a a Segunda, *figura 2ª* , medindo 5,3 x 5,1cm, 3 canhões.
A 2ª planta indica a posição onde deverão ficar a bandeira e o reduto – *lugar do pau da Bandeira na Fortaleza, idem no reduto*.
Marca d'água: D&C Blauw.
Escala gráfica de 100 palmos [= 10cm].
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_006, Cx. 13, D.748.

A fortificação está localizada na margem esquerda da foz do Rio Pajeu, na Cidade de Fortaleza.
A Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção foi construida em 1649 a mando do holandês Matias Bech. Devido a não conservação, em 1812 a fortaleza desmoronou. Em outubro do mesmo ano, no local, construiu-se outra Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção (último forte construído no Ceará). Em 1958 servia de sede ao Quartel-General da 10ª Região Militar.

AHU_CARTm_006, D. 0849

CAPITANIA DA PARAÍBA

99 CASA DO GOVERNADOR. Iconografia. ca. 1743

Planta da casa q. se deve fazer pª. o gor. ger. – Escala [ca. 1:94]. – [ca. 1734]. – 2 desenhos técnicos : tinta ferrogálica ; 20,5 x 28cm em folha 63 x 31,3cm.

Escala gráfica de 50 [palmos?= 11,6cm].
Inclui alçado do prédio, medindo 18,6 x 28cm.

Contém explicações sobre a edificação: *A figura B mostra caza no trassejamento e pello petipé deverão as suas medidas. As paredes nºs.4 hão de subir toda a altura. A parede do meyo nº 3 subirá so athé o trassejamento. Os nºs 2 mostra a varanda pella parte de letras que asentará sobre pillares de pedra a cozinha nº 1 será também sobre pillares. A figura A, mostra fronteira, sem pitipé por não se hua* figura *tão pequena que não sofre ins*[...] *visivel porem a sua altura ses é marcada nos cunhaes athê o trassejamento 16 palmos e dest para sima 14. As janellas serão de cantaria sacada, e não marcadas nas cazascom as letras o, o e as primeiras cazas nos lados levarão também janellas, e as outras janelas nos mesmoslados serão de peitoril. as divisiris da caza serão de tampamento de tijollo/ A porta destas cazas será na letra F G a porta do corpo da guarda/ H caza para os officiaes e outra he o corpo da guarda. I huma caza e as mais mhão de ser duas para despejos.*

Marca d'água: 3 círculos, no interior do círculo superior há uma meia lua, no círculo do meio, possui as letras AA, encimados com uma cruz.

AHU_CARTm_014, D. 0882

100 FORTE DE SANTA CATARINA, CABEDELO. Fortificação. ca. 1752

Lemos, António José de.
Planta exacta da Fortaleza de S.ª Catharina do Cabedelo, cituada huma legoa da Barra do Rio da Parahiba do Norte, na America Meridional e Portuguesa... / tirada por Ant.º Josê de Lemos Capt^am^. de Infataria da Cappitania de Pernambuco – Escala [ca. 1:54] – [ca.1752]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 48,4 x 65cm.

Localizada em Cabedelo, pertence, atualmente ao Estado da Paraíba.
Escala gráfica de 60 palmos [= 24,1cm].
Mostra o desgaste da construção da fortaleza, que vem sofrendo através dos tempos pelo mar.
Vegetação representada em forma pictórica.
Cartucho do título decorado em estilo barroco.
Aquarelado nas cores verde e amarelo.
Ver doc. AHU_ACL_CU_014, Cx. 1379.

A construção do Forte de Cabedelo remonta ao século XVI, para servir de apoio aos navios da coroa portuguesa e impedir os ataques indígenas às povoações. Mais tarde, passou a se chamar Fortaleza Santa Catarina,

em homenagem à Duquesa portuguesa Dona Catarina de Bragança. No período do domínio holandês, Maurício de Nassau mudou-lhe o nome para Forte Margareth (Margarida), em homenagem à sua irmã. Após a expulsão dos neerlandeses, voltou a denominação antiga, Fortaleza Santa Catarina. Em 1675, o rei de Portugal enviou uma nova carta régia mandando construir uma nova fortificação. Houve sucessivas cartas solicitando reconstruções do forte. Entre 1974 e 1978, o forte foi restaurado, mantendo o estabelecimento de acordo com a planta do século XVIII.

AHU_CARTm_014, D. 0885

101 Baía da Traição. Mapa. ca. 1755
Portugal, Dinísio Ferreira
Demostração da Bahia da Treiçol e Coal tem a figura como mostra a estampa... / feita por Dinizº Ferrª Portugal . – Escala [ca. 1:70.000] – [ca. 1755]. – 1 vista panorâmica ms : color., desenho a tinta ferrogálica ; 31,7 x 41,6cm.

Estão assinalados: *Coqueiros,* Igreja de *S. Miguel, Aldeya,Barreiro do Forte, Rio da Pacatuba, Coqueiros. Tudo isto limpo e bem fundo.*
Faz referência aos recifes, como: *O resife tem e por fora em toda parte23 palmos. Embaixa mar de agoas viuas*

Escala gráfica de 4 léguas [= 33,7cm].
Inclui rosa dos ventos.
Contém batimetria.
Aquarelada nas cores verde, bege, vermelho.
Anexo ao documento 1755, Maio, 12 - AHU_ACL_CU_014, Cx. 18, D. 1438.

A Baía da Traição foi frequentada pelos franceses, que visavam o comércio do pau-brasil. Em 1585, Martim Leitão chegou à Baía da Traição com a finalidade de colonizar, onde enfrentou resistência por parte dos Índios da Tribo Potiguara, franceses e seus aliados. Após a vitória, os portugueses levantaram uma povoação construída pelos indígenas que habitavam a região. Em 1625, foi dominada pelos holandeses, mas por pouco tempo, e foram expulsos. Com a chegada dos jesuítas, o povoado começou a se desenvolver. Em 1762, o povoado foi elevado a freguesia. Somente em 1962, a cidade foi elevada a categoria de município com o nome de Baía

da Traição.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 288.

AHU_CARTm_014, D. 0883

102 PARAÍBA DO NORTE, RIO. Mapa. ca. 1791
Explicação da Planta do rio Parª. [Paraíba do Norte] q. comprehende do Porto desta Ciᵈᵉ. the a Barra do Cabº. [Cabedelo] . – Escala [ca. 1:2.500.000]– [ca. 1791]. – 1 planta ms : desenho a nanquim ; 34 x 42,9cm.

Mostra os portos, onde desembarcavam as madeiras reais.
Escala gráfica de 40 léguas [= 9,2cm].
Inclui rosa dos ventos.
Aguada de preto.
Ilustrada com representações de casas, igrejas, coqueiros e uma fortificação – Fortaleza de Cabedelo.
Indica o Forte de Cabedelo e a cidade da Paraíba, atual João Pessoa, com diversas edificações.

Ao longo do Rio Paraíba do Norte e do litoral, estão assinalados: *Praia de o versa, e cambuinha, Enciada de Lucenna, Rio chamado Sauê, Porto de Madeiras Reais, Hospício da Guia, Porto da Guia, Ponta de Santo Antonio, Fortaleza do Cabedello, Caza da Pradaria, Arrombado, Ilha Restinga i Ribeira de Naos, Rio Tubarão, Porto de madeiras Res, Rio Principal da cidade da Paraiba, Outeiro do Peixe Boy, Porto do Forte Velho, madeiras Reais, Capela da Senhora do Livramento, Porto do Livramento, Porto Ribeira de madeiras Res., Rio chamado Gargaû, Porto Gahe de madeiras Reais, Ilha do Padre João Coelho, Braço do rio chamado Forte Velho, Porto Purijeucira, Rio Tiriry e Rio Galê, Cação, Rio chamado Portinho de Gargaú, Caes da cidade chamado de Varadouro, Rio Boa Vista e Rio Portº.*

Anexo ao ofício 1791, Setembro, 27 – AHU_ACL_CU_014, Cx.30, D.2238.

AHU_CARTm_014, D. 0884

CAPITANIA DE PERNAMBUCO

103 PORTO. Vista. 1690

[Carta topográfica do Porto de Pernambuco] . – 1690. – 1 vista : color., desenho a tinta ferrogálica ; 31,3 x 129,9cm.

Inclui rosa dos ventos, com flor de lis e os pontos cardeais.
Aquarelado nas cores sépia, verde, vermelho, preto, branco e bege.
Inclui cartucho, esclarecendo as dimensões do cais. Segue a transcrição: *Tem o cais de comprido 930 Palmos conforme mostra na planta tirada em prespectiva e de alto seis palmos e de grosso 4 e a estrada trinta palmos ladrilhada de pedra negra de lastro, a escada tem 20 palmos com sinco degraos, hade tero caiz 2 arcos para despeiar as agoas do inverno, 1690*.
Ilustrado com embarcações, ponte, carro de bois, tipoia e canoas, algumas fazendo trasnportes de passageiros.

Anexo ao documento 1691, Novembro, 28 AHU_ACL_CU_015, Cx. 15, D. 1558. CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. Pedro II sobre a carta dos oficiais da Câmara de Pernambuco acerca da possibilidade de se fazer por cima da nova cadeia a Casa da Câmara e da audiência, ficando as outras para os bispos, por estarem juntas da Sé e, também, sobre a necessidade de um cais e calçada junto ao rio Beberibe.

AHU_CARTm_015, D. 0886

104 CASA DA CÂMARA E CADEIA. Iconografia. ca. 1691

José da Conceição, Carmelitas Descalços, Frei.
[Plantas da casa da Câmara e cadeia de Pernambuco] / Frei Joseph da Conceição Carmellita descalsso. – Escala ca. – [ca. 1691]. – 3 desenhos técnicos. : tinta ferrogálica ; 24 x34cm.

Partes: *Primeira planta, enxoia, enxovia dos pretos – Segunda planta, Sala livre, sala da fechada, sala fechada p<u>ara</u> molheres – terseira planta, casa da Câmara, Casa de audiencia, alcova, despenssa, cozinha, sala enterior, sala do coarto apozento dos coregadores*.

As duas primeiras plantas arquitetônicas (D. 088) foram desenhadas em uma folha 35,5 x 48,9cm.
A segunda planta possui o desenho da escada e a terceira (AHU_CARTm_015, D. 0887) tem o espaço da escada riscada na segunda.

Marca d'água: AB.
Anexos ao documento 1691, Novembro, 28 AHU_ACL_CU_015, Cx. 15, D. 1558. CONSULTA do Conselho Ultramarino ao rei D. Pedro II sobre a carta dos oficiais da Câmara de Pernambuco acerca da possibilidade de se fazer por cima da nova cadeia a Casa da Câmara e da audiência, ficando as outras para os bispos, por estarem juntas da Sé e, também, sobre a necessidade de um cais e calçada junto ao rio Beberibe.

AHU_CARTm_015, D. 0887/0888

105 ALFÂNDEGA. Iconografia. 17--

Alçado da Nova Alfândega. – Escala [ca.1:90]. – [17--]. – 3 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color. ; em folha 52,5 x 75cm.

Estão representados 3 alçados.
Escala gráfica de 100 palmos [= 23,7cm].
Na parte superior está escrito: *nº 1.*
Marca dágua: D & C BLAUW.
Anexo ao AHU_ACL_CU_015, Cx. 211, D.14371.

Elaborados no final do século XVIII, de acordo com a marca d'água. Atualmente este prédio, localizado em Recife, foi transformado em shopping, com o nome de Shopping Paço Alfândega.

AHU_CARTm_015, D. 0946

106 ALFÂNDEGA. Iconografia. 17--

Planta da nova Alfandiga, do que pertençe ao plano do terreno. – Escalas [ca. 1:200]. – [17--]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color ; 35,3 x 45,5cm.

Escala gráfica de 100 palmos [= 12,4cm].
Aquarelada nas cores vermelho, verde, azul e amarelo.
Cartucho das legendas decorados em estilo neoclássico.

Estão assinalados: *Armazém da a comodação das caixas, coxia das serventias dos carros e pretos que transportão as mesmas, cirvintia da comunicação delas para dito armazém e comodidade para severas marcas das caixas, caza para marcas e cirvintia para sima, caza para a meza do Provedor e abertura, caza da*

balança da Alfândega, armazém para mulhados, caza da balança da expenção, caza da cirventia com escada para o tribunal da dita Alenza.
Na parte superior está escrito: *nº 1.*

Marca dágua: D & C BLAUW.
Anexa ao AHU_ACL_CU_015, Cx. 211, D.14371.
Elaborada no final do século XVIII, de acordo com a marca d'água.
Atualmente este prédio, localizado em Recife, foi transformado em shopping, com o nome de Shopping Paço Alfândega.

AHU_CARTm_015, D. 0947

107 ALFÂNDEGA. Iconografia. 17--

Planta do sobrado da Alfandega. – Escalas [ca. 1:170] – [17--]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; color. ; 35,3 x 45,5cm.

Estão assinalados: *corredor de cirvintia, armazém para fardas e armas, armazém para fazenda da Alfândega, cirvintia para caza de contos, caza de contos, caza de livros, caza emediata a cirvintia para alfândega, caza de cofres, dita de escala, meza da expenção, caza da entrada da mesma e da cirvintia para baixo.*

Escala gráfica de 200 palmos [= 25,7cm].
Aquarelado nas cores vermelho, verde, azul e amarelo.
Cartucho das legendas decorados em estilo neoclássico.
Na parte superior das plantas está escrito a tinta ferrogálica *nº 1.*
Marca dágua: D & C BLAUW.
Anexo ao AHU_ACL_CU_015, Cx. 211, D.14371

Elaborado no final do século XVIII, de acordo com a marca d'água.
Atualmente este prédio, localizado em Recife, foi transformado em shopping, com o nome de Shopping Paço Alfândega.

AHU_CARTm_015, D. 0948

108 FORTALEZA VELHA DE FERNANDO DE NORONHA. Fortificação. 17-

Planta da Fortaleza Velha de Fernando de Noronha. – [17--]. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica 30,9 x 49cm.

Estão assinalados: *estas meyas paredes parece forão quarteis, ezcutilhas do payol da polvora, toda muralha tem toda a âltura que lhe he perciza, e sô no nº hum tem hua brecha que nôz reabrimos para entrar ansia artilharia, licerces, meya parede que parece forão igreja, vistigios de quarteis, com um palmo de alto de paredes.*
Marca d'água: monograma IHS, sob cruz, com 3 cravos, em moldura oval.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx. 67, D. 5689.

A antiga fortificação dos holandeses, foi destruída, e sobre suas ruínas foi construído o Forte Nossa Senhora dos Remédios de Fernando Magalhães, a partir de 1741.

AHU_CARTm_015, D. 0953

109 FORTE DO BRUM. Fortificação. ca. 1702

Pimentel, Luís Francisco, m.1707.
Planta do Forte do Brum. – [ca. 1702] . – 1 planta ms : color., desenho a tinta ferrogálica ; 30,3 x 42,2cm.

Elaborado pelo sargento mor engenheiro Luis Francisco Pimentel em:
AHU_ACL_CU_CARTAS DE PERNAMBUCO, cod. 257, fl. 137.
Escala gráfica de 200 ? [= 6,2cm].
Ao lado da planta está escrito: *o que vai de tinta da china he o que está feito, o vermelho mostra a obra que se lhe pertende fazer.*
Aguada de preto, vermelho e verde e aguada de verde.
Marca d'água: brasão com uma cruz, círculo em torno dela, ladeados de 2 dragões, encimada por 1 coroa, e embaixo 2 círculos em sentido vertical.
No primeiro círculo contém as letras: MT.
Na parte superior, à direita , está escrito a lápis número 9.
Ver Parecer AHU_ACL_CU_015, Cx. 20, D. 1916.
AHU_ACL_CU_CARTAS DE PERNAMBUCO, cod. 257, fl. 137.

Antigo nome Forte Novo São Jorge , iniciou sua construção em 1629 com o projeto do engenheiro português Diogo Pais e a cargo das obras pelo engenheiro sargento Pedro Correia da Gama. Com a invasão do holandeses, em 1630 a obra foi interrompida e refeita pelos engenheiros neerlandeses Tobias Commerteyn, Andréas Drewich e Pieter van Bueren. A fortificação passou a ser chamada de Forte Bruyne, em homenagem a Johan Bruyne, integrante do Conselho de Comissários que governou o Brasil holandês. Atualmente chamado de Forte do Brum.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas

/ Castro e Almeida. Nº. 290.

AHU_CARTm_015, D. 0891

110 FORTE DO PAU AMARELO. Fortificação. ca. 1702
Pimentel, Luís Francisco, m.1707.
[Planta de uma projetada fortaleza na Barra do Pau Amarelo, na Capitania de Pernambuco]. – Escala [ca. 1:20.000] – [ca. 1702]. – 1 planta ms. : color. desenho a nanquim ; 55,7 x 44,2cm em folha 56,8 x 45,8cm.

Elaborado pelo sargento mor engenheiro Luis Francisco Pimentel em: AHU_ACL_CU_CARTAS DE PERNAMBUCO, cod. 257, fl. 137.
Escala gráfica de 100 palmos [= 11,4 cm].
Aguada de vermelho e amarelo.
Inclui perfil.
A nomenclatura está escrita a tinta ferrogálica, onde estão assinalados: *A. Plataforma para a bateria, B. Pateo vazio,C. quarteis, D. armazaes de abobeda para armas, e polvora, E. capoeiras para deffensa do fosso, bastão as duas onde vão as letras.*
Marca d'água: brasão com uma flor de lis, encimado com uma coroa.
Ver PARECER AHU_ACL_CU_015, Cx. 20, D. 1916.

O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres de Pau Amarelo ou Forte do Pau Amarelo (localizado no muncípio de Paulista, em Pernambuco) foi mandado para ser construído pela carta régia de 15 de setembro de 1703. Essa carta régia definia os recursos a serem utilizados, oriundos da própria Capitania, conforme o projeto da planta enviada com comentários de autoria do engenheiro Luís Francisco Pimentel. Porém, Pimentel morreu afogado no Rio Doce, em 1707.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 291.

AHU_CARTm_015, D. 0890

111 PERNAMBUCO, COSTA. Mapa. ca. 1702.

Pimentel, Luís Francisco, m.1707.
Demonstração da costa de Pernambuco da cidade de Olinda até Itamaraca . – Escala [ca. 1:1.500] – [ca. 1702]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 39, 5 x 27, 5cm em folha 42,1 x 30,1cm.

Elaborado pelo sargento mor engenheiro Luis Francisco Pimentel em: AHU_ACL_CU_CARTAS DE PERNAMBUCO, cod. 257, fl. 137.
Projeto de 2 fortificações, uma na Enseada do Pau Amarelo (Forte Nossa Senhora dos Prazeres do Pau Amarelo ou Forte do Pau Amarelo) e outra no Rio Doce (Forte do Rio Doce), além de indicar um forte na Ilha de Itamaracá.
Escala gráfica de 200 palmos [= 2,8 cm].
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Olinda está indicada com a simbologia de casas.
Estão assinalados: *Itamaracá; Barra de Itamaracá, Maria Farinha, A. Forte que desenhei no pao amarelo, Barra do Pao amarelo. B. Fortim no Rio Doce, Rio doce Aberta do Recife, cidade de Olinda, Baixos da Cidade*.
Aguada de verde para ressaltar o mar e os rios.
Cartuchos de título e escala decorados em estilo barroco.
Marca d'água: brasão com uma cruz, um círculo em torno dela, com 2 dragões de cada lado, encimada por 1 coroa, e embaixo 2 círculos em sentido vertical. No primeiro círculo contém as letras: MT.
Ver Parecer AHU_ACL_CU_015, Cx. 20, D. 1916.
Na margem inferior, à direita , está escrito a lápis: *8*.

O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres de Pau Amarelo ou Forte do Pau Amarelo (localizado no muncípio de Paulista, em Pernambuco) foi mandado para ser construído pela carta régia de 15 de setembro de 1703. Essa carta régia definia os recursos a serem utilizados, oriundos da própria Capitania, conforme o projeto da planta enviada com comentários de autoria do engenheiro Luís Francisco Pimentel. Porém, Pimentel morreu afogado no Rio Doce, em 1707.
O Forte do Rio Doce se localiza nas margens do Rio Doce. Ao norte de Olinda. Foi um dos locais que o portugueses resistiram às invasões holandesas, após a tomada de Recife e Olinda em fevereiro e março de 1630.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 289.

AHU_CARTm_015, D. 0889

112 Prisões. Iconografia. ca. 1710

Real, João de Macedo Corte
Planta da cadeia pª. Goyana / João de Maᵈᵒ. Corte Real. – Escala [ca. 1:60] – [ca. 1710]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 20 x 28,8cm.

Escala gráfica de 50 palmos [=18,5cm].
Estão assinalados: *escada, cadeya para homens, janela, cadeya para molheres,janela.*
Desenho a tinta ferrogálica.
Anexa à CARTA de 14 de Julho de 1710, AHU_ACL_CU_014,Cx.004, D. 0317.

AHU_CARTm_015, D. 1290

113 PONTE. Iconografia. ca. 1724

José da Conceição, Carmelitas Descalços, Frei
[Ponte a construir sobre o rio Cabibaripe-Mirim em Goiana] / Fr. Joseph da Conceição Carmelita Descalzo. – Escala [ca.1:80]. – [ca.1724]. – 1 desenho técnico ; 69,6 x 50,2cm.

A obra da ponte, está associada aos documentos da Casa da Câmara e Cadeia de Goiana.
Escala gráfica de 100 palmos [=28,8cm].
Desenho a tinta ferrogálica sobre 2 folhas coladas.
Aquarelado na cor preta.
AHU_ACL_CU_015, Cx. 30, D. 2694.
Partes: Perfil da pra. planta – Perfil da riva emsima – Perfil superficial dos arcos.

AHU_CARTm_015, D. 1256

114 ALJUBE DE OLINDA. Iconografia. 1729

Barros, João do Rego; Real, João de Macedo Corte; Veloso, Diogo da Silveira.
Planta para o Aljube que se pertende fazer na cidade de Olinda ... / Joam do Rego Barros; João de Macedo Corte Real ; Diogo da Sylveyra Velloso. – Escala [ca. 1:83] – 30 de Mayo de 1729. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 29,9 x 41,3cm em folha 31, 3 x 42,cm.

Subtítulo: ...a qual mostra hua enxovia de quarenta e sete palmos de frente, e quarenta de fundo, com quatro janellas de seis palmos de largo, e cinco dealto para grades de ferro.

Outras informações: *Suas paredes de quatro palmos de groço e cinco no alicerce:*

leva dous arcos com hum pilar no meyo para sustentar a parede que divide as cazas que vão emsima, as quais sam huma salla fechada para sacerdotes e homens de distinçam, hua salla fechada para mulheres com vinte e hum palmo de comprido e vinte e dous de largo, e hua salla livre de vinte palmos. as paredes exteriores desta obra de sima bastará que tenhão tres palmos de groço, e a parede intermedia dous. o pê direyto para toda esta obra sera de trinta e hum palmo a saber dezaseis para enxovia, e quinze para as cazas de sima. A salla fechada para os clerigos terá de largo vinte e cinco palmos e quarenta e dous de fundo. As janellas terão cinco palmos de largo e sete de alto. O custo desta obra julgamos poderá ser pouco mais ou menos de tres mil cruzados, segundo os preços porque se rematar a obra. Parnambuco 30 de meyo de 1729.

O Aljube da Diocese era cárcere de mulheres e homens acusados por delito contra a igreja católica romana, sob jurisdição eclesiástica. Atualmente funciona o Museu de Arte Contemporânea, em Olinda.

Escala gráfica de 80 palmos [= 21, 2cm].
Aquarelado de cinza.
Marca d'água.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_015, Cx. 38, D. 3437.

AHU_CARTm_015, D. 0892

115 ALFÂNDEGA. Iconografia. ca. 1730

Real, João de Macedo Corte & Veloso, Diogo da Silveira.
[Planta do novo edifício da Alfândega de Pernambuco, no forte do Matos] / João de Macedo Corte Real, Diogo da Sylveyra Vellozo. – Escala [ca 1:300]. – [ca. 1730]. – 1 desenho técnico. : tinta ferrogálica, color. ; 27,8 x 41,7cm em folha 28,3 x 42,4cm.

Escala gráfica de 200 palmos craveiros [= 16,3cm].
A planta da parte superior determina as divisões para a administração e segurança da Capitania, onde estão assinaladas: *caza dos contos, vedoria, caza para os livros, salla para provedor ou algum menistro que aqui seja mandado a alguã deligencia, alcova, salla extravagante, caza para se darem as fardas, alcova, camara, gabinente, para criado, armazem para as armas.*
O desenho da parte inferior se refere a alfândega, onde está escrito: *Aramazem para molhados, alfandega, armazem para ballas de artelheria de guerra.* Entre as escadas laterais da parte inferior do edifício esclarece que a construção está concentrada no terreno do Forte do Matos. Segue a especificação: *Esta obra se acômoda toda dentro do forte chamado Mattos,*

ficandolhe huã muyto suficiente praça de-fronte da porta da Alfandega, e ainda fica terreno para se poder aforar para casas. No fundo do Armazem dos molhados, fica terreno para se poderfazer hum bom armazem para o tabaco, de oytenta palmos de largo, e mais de cento e quarenta de comprido, que não só he o que basta, mas o que sobra. No fundo do armazem dos petrechos de guerra, tambem fica terreno que se pode aforar, deyxando porem o que baste para a nova fortificãoa sua serventia, e tambem se deve conservar o trem em se fabricão as carretas de artelharia.

Em frente ao Armazém para os molhados, há uma projeção do trapiche, onde está escrito: *ponte sobre o mar para descarga da fazenda*.
Justifica-se a expessura das paredes e avalia-se os custos da obra.
Aquarelado na cor cinza.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_015, Cx. 41, D. 3684, de 1730, novembro, 28.
Este projeto foi feito para construir nova alfândega no "sítio chamado forte de Matos". A obra chegou a ser iniciada em 1743, mas foi suspensa no ano seguinte. (Alfândega de Recife; 2009).

AHU_CARTm_015, D. 0894

116 FORTE DO MATOS. Fortificação. ca. 1730

Fortuna, Manuel de Almeida.
[Planta do Forte do Matos] – [ca. 1730]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica color. ; 21,3 x 32cm.

Informa algumas partes destruídas do forte, como: os telhados da casa da pólvora, a área que o governador mandou demolir por falta de alicerce, flanco etc.
Ver documento AHU_ACL_CU_015, Cx. 41, D.3684, de 28 de novembro de 1730.

Este forte foi construído com o nome de Forte de Madre de Deus e São Pedro pelo engenheiro Antônio Fernandes de Matos, em 1685. Mais tarde, ficou conhecido como o Forte do Matos, localizado no bairro do Recife. Atualmente funciona o "Museu a Céu Aberto do Bairro do Recife".
Indica, também, o armazém localizado ao lado da casa de pólvora, arrendado por 35 réis.

AHU_CARTm_015, D. 0893

117 ALFÂNDEGA. Iconografia. ca. 1732

[Planta da nova Alfândega de Pernambuco, no Forte do Matos]. – Escala [ca. 1:276] – [ca. 1732]. – 2 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color. ; em folha 33,8 x 34,cm.

A planta arquitetônica da parte superior contém a câmara, com 6 repartições, e outras divisões administrativas da Capitania, onde está escrito: *Salla do reçebimento para oprovedoris, alcova, salla do estrado, despensias, cuzinhas, s.casa para se recolherem as fardas, caza para se darem as fardas aos sodados, salla para estarem os soldados* [...]*se faz do que, tribunal da dedoria, salla vaga.*
A da parte inferior tem as seções: alfândega, tribunal e casa dos selos. A alfândega possui uma divisão onde está escrito *armazem para os molhados* e *trapiche.*
Escala gráfica de 300 palmos [= 23,9cm].
Aquarelada nas cores amarela e verde.
Acondicionada [Planta da cidade de Recife, entre a Restinga de Olinda e o Forte do Matos], D.0895 – [Planta da cidade de Recife entre os Fortes Bom Jesus e do Matos], D.0896
Ver documentos AHU_ACL_CU_015,Cx 15, D. 4617, de 1738, Novembro, 14.

AHU_CARTm_015, D. 0897

118 RECIFE. Mapa. ca. 1732.

Fortuna, Manuel de Almeida.
[Planta da cidade de Recife entre os Fortes Bom Jesus e do Matos] / Mel. de Almeida Fortuna – [ca. 1732]. – 1 planta : color., desenho a tinta ferrogálica ; 28,1 x 20,6cm em folha 28,5 x 21cm.

Indica alfândega, onde se lê *alfandega alugada*, Forte do Matos (em fase de destruição), boqueirão, onde está escrito *por onde entra a maré*, Convento da Nossa Senhora de Madre de Deus da Recoleta, residências dos padres da Recoleta ponte sobre o Rio Beberibe que faz comunicação com o bairro do Recife ao de Santo Antônio, Igreja Matriz do Corpo Santo, terreno apontado para nova alfândega, portas do Forte Bom Jesus.
Área apontada da construção da nova alfândega no Forte do Matos, por Manuel da Maia.
Mostra uma fortificação na parte da cidade entre o Forte do Matos e a área apontada para a nova alfândega, onde se lê: *Noua Fortificação,que Sua*

Magestade que Deos guarde manda fazer em toda Recife.
Abaixo, na parte esquerda está escrito *P.S.*[...] *Duarte Sodré.*
Aquarelado nas cores verde, vermelho e sépia.
Acondicionada [Planta da cidade de Recife, entre a Restinga de Olinda e o Forte do Matos], D.0895 - [Planta da nova Alfândega de Pernambuco, no forte do Matos], D.0897
Ver documentos AHU_ACL_CU_015,Cx 15, D. 4617, de 1738, Novembro, 14.

AHU_CARTm_015, D. 0896

119 RECIFE. Mapa. ca. 1732

Real, João de Macedo Corte, m. 1734 & Veloso, Diogo da Silveira.
[Planta da cidade de Recife, entre a Restinga de Olinda e o Forte do Matos] / João de Macedo Corte Real, Diogo da Sylveyra Vellozo . – Escala [ca.1:157?]. – [ca.1732] – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 41,7 x 57,3cm em folha 42,2 x 58,2cm.

Indica a alfândega, a qual está servindo à Capitania nesta época, trapiches ou ponte, onde transladam as mercadorias, Igreja Matriz do Corpo Santo, quartéis militares, Casas dos Contos e de uniformes militares, antigo Forte do Bom Jesus, em ruínas, igreja e convento dos Padres da Congregação do Oratório, Forte do Matos, ponte sobre o Rio Beberibe que faz comunicação com o bairro do Recife ao de Santo Antônio, boqueirão, casa do trem, onde recolhem e fabricam as corvetas.
Escala gráfica de 100 [= palmos? = 14 cm].
Aquarelada nas cores verde, cinza e amarela.
Acondicionada com [Planta da cidade de Recife entre os Fortes Bom Jesus e do Matos], D.0896 - [Planta da nova Alfândega de Pernambuco, no forte do Matos], D.0897.
Ver documentos AHU_ACL_CU_015,Cx 15, D. 4617, de 1738, Novembro, 14.

AHU_CARTm_015, D. 0895

120 ALFÂNDEGA. Iconografia. 1736

Bernardo, Luís Xavier.
[Alçado da nova Alfândega a construir na capitania de Pernambuco]. – [1736]. – 1 desenho técnico : bico de pena, color. ; 25,6 x 61,7cm em folha

26, 7 x62,7cm.

Aquarelado nas cores vermelho, amarelo e sépia.
Anexo à [Planta da nova Alfândega a construir na capitania de Pernambuco], D. 0901, ref. 121.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.53, D.4617.

AHU_CARTm_015, D. 0902

121 ALFÂNDEGA. Iconografia. 1736

Bernardo, Luís Xavier.
[Planta da nova Alfândega a construir na capitania de Pernambuco]. – Escala [ca. 1:100] – [1736]. – 2 desenhos técnicos. : tinta ferrogálica, color. ; em folha48,6 x 54,6cm.

Na parte superior está destinada ao almoxarifado onde se lê: *caza do almoxariphe, caza de monicões, caza de armas, vam da escada e corpo da goarda, caza de fardamento, caza do Tizouro, caza de Senhor e papeis do provedor, tribunal da vedoria.* Na debaixo contém a alfândega e armazéns, onde estão assinalados: *Alfandega, caza de molhados, vam da escada e corpo da goarda, armazem de petrechos de guerra, caza do sello.*
Escala gráfica de 110 palmos [= 24cm].
Aquarelada nas cores vermelha e amarela.
Inclui fachada do prédio, em folha a parte, D. 0902, ref. 120.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.53, D.4617.

AHU_CARTm_015, D. 0901

122 FORTE DE NOSSA SENHORA. DOS REMEDIOS. Fortificação. 1739?

Planta do Forte de Nossa S^{ra}. dos Remedios na Ilha de Fern^{do}. de Noronha : com hum alto bastante elevado, con que se acharão vestijios de antiga fortificação. – Escala. [ca. 1:224]. – [1739?]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 38,4 x 58,9cm em folha 39,5 x 60cm.

Explicação sobre a fortificação, onde se lê: *He este citio todo contado a pique, inacçeçível porto ap^{te}., com hum sô passio estreito por onde sobe nelle, não admite outra forma de fortificação em razão de sua irrigularid^{e}., todos ang^{os}. desta fig^{a}. ficão sobre o despinhade^{o}., cauza porq. senão pode sahir mais p^{a}. fora*

com elles, nem os flancos sinallados com as letras AE, se podem aumentar pella mesma razão. nem hâ nessecid^e^. disso, porq. não pôde ser atada por p^te^. algua, mais que pello referido tranzito que moztra a letra F. Os vestigios que se acharão da fortificação antiga, são de ôbra mais restricta. Achouçe tão bem neste citio, hum armazem de abóboda subterraneo de polvora, con[...]*uto, e capas de nelle se recolher, e com efeito nelle se recolherão 169 barris, póde levar 180; e antes de se recolher nelle a polvora. se mandou a so olhar de tabádo, sobre barrótes, â mayor cautella, vay sinallado com a letra P, e a letra G, mostra o escotilhão por onde se desce delle, não julgo que seja a próva de bomba, mas póde fazerçe se quizerem.*

Estão assinalados: *M. quartel para capitam, N. quartel para os soldados, R. armazem para armas, e petrechos de guérra, X. armazem para recolher mantimentos, no cazo de experimentar âccêdio.*
Em seguida esclarece: *o tranzito sinallado com a letra F, não tem mais de 20 palmos* [= 4,40 m] *de largura, porque para huma, e outra parte he despinhadeiro.*
Escala gráfica de 110 palmos [= 10,8 cm].
Inclui batimetria.
Aquarelada nas cores sépia e verde.
Faz parte do conjunto de [Plantas das fortalezas da Ilha de Fernando de Noronha, pertencente à Capitania de Pernambuco]. AHU_CARTm_,015, D.0898/0899/900.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_015,Cx. 55, D.4771, 1739, Dezembro, 12.

Este forte, localizado na Ilha Fernando de Noronha, foi erguido pelos portugueses, sobre as ruínas de uma antiga posição holandesa, em 1737. O projeto foi desenhado pelo engenheiro militar, Diogo da Silveira.
A Ilha Fernando de Noronha foi ocupada pelos franceses, sob o comando do Capitão Lesquelin, no final de 1736. Um ano depois, foram expulsos pelos portugueses, sob o comando do tenente-coronel João Lobo de Lacerda.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 298.

AHU_CARTm_015, D. 0899

123 REDUTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Fortificação. ca. 1739

Planta do Forte de Nossa S^ra^. da Conceição, com hua ponta de terra q. fás a Ilha de Fern^do^. de Noronha, o q^al^. Forte defende as duas emsseadas

sinaládas com as letras L, R. – Escala [ca. 1:247]. – [ca. 1739]. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 34,3 x 48,5cm.

Estão assinalados: *F. Forte de Nossa Senhora da Comceição; G. quartel para os soldados; H. quartel para o capitam; I. caza da polvora que recólhe 160 barris; L. emseada e porto que sóbe para a pousação, e nella se desembarcarão todos os materiaes e artilharia; R. emseada em que se pode dezembarcar, ainda que não em todo o tempo. O lado PQ se não aumentou mais, por se dizer que avia ocazioens com que o mar que em todas as enseadas desta Ilha hê muito groso, sobia por esta ponta asima, e passava de hua, a outra emseâda, e por ôbviár este dano que nos podia cauzar â muralha, por ser esta de pedra, e barro, e porque este he o que faz mais f[...]o.*

Escala gráfica de 80 palmos [= 7,1cm].
Relevo representado em forma pictórica.
Inclui batimetria.
Possui a indicação para o norte.
Aquarelada em sépia.
Faz parte do conjunto de [Plantas das fortalezas da Ilha de Fernando de Noronha, pertencente à Capitania de Pernambuco]. AHU_CARTm_,015, D.0898/0899/900.
Anexa ao documento AHU_ACL_CU_015,Cx. 55, D.4771, de 1739, Dezembro, 12.

O Reduto de Nossa Senhora da Conceição de Fernando de Noronha foi erguido em fins de 1737, pelo engenheiro militar Diogo da Silveira sob a direção do tenente-coronel João Lobo de Lacerda.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 297.

AHU_CARTm_015, D. 0898

124 REDUTO DE SANTO ANTÔNIO. Fortificação. ca. 1739

Planta do Forte de Santo Antº. sobre o porto principal da Ilha de Fernᵈᵒ. [Fernando de Noronha], fundado sobre hua rôcha a plumo. – Escala [ca. 1: 226]. – [ca. 1739]. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica. ; 30,7 x 48,4cm.

Estão assinalados: *A. bataria que jóga des pessas barba,e 8 por canhoneiras, B. quartel para soldâdos, C. quartel para o capitam, D. caza da pólvora para 160*

barris ,E. porto principal da Ilha, com o seu fundo em brássas, as quaes mostrão os nºs. 18,19 e 20, que mostrão o fundo em que as nossas fragatas ancoram em linha, N. mostra a ponta que pega com a outra do Forte de Nossa senhora da Comceição, que mostra a letra M. em que se achou hum armazem de polvora subterraneo, em que se hirige a principal fortificação.

Escala gráfica de 110 palmos [= 10,7cm].
Inclui batimetria.
Aquarelada em sépia.
Faz parte do conjunto de [Plantas das fortalezas da Ilha de Fernando de Noronha, pertencente à Capitania de Pernambuco]. AHU_CARTm_,015, D.0898/0899/900.
Anexa ao documento AHU_ACL_CU_015,Cx. 55, D.4771, de 12 de Dezembro de 1739.

O Reduto de Santo Antônio foi erguido no final de 1737, pelo engenheiro militar Diogo da Silveira sob a direção do tenente-coronel João Lobo de Lacerda.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 299.

AHU_CARTm_015, D. 0900

125 CONSTRUÇÃO CIVIL. Iconografia. ca. 1745

Antunes, José.
Copia do perfil das cazas : [que o Reverendo Padre Gabriel de Malagride pretende fazer na Vila de Igarassu] / Joseph Antunes. – [ca. 1745]. – 1 desenho técnico ; 30,4 x 41,9cm.

Faz parte [Planta das casas que pretende fazer na Vila de Igarassû o Reverendo Padre Gabriel de Malagride] D.0903.
Na planta está escrito: *Tem de altura 27 palmos,tem a morada actua 36 palamos, tem de acrescimoda caza 70 palmos de testada.*
No verso da fachada tem a cópia do despacho ao Padre Frei Estevão de Loreto, informando que a planta trata de construção de casas, e não de hospício ou convento.
Desenho a tinta ferrogálica e a lápis.
Anexa à CONSULTA AHU_ACL_CU_015, Cx. 62, D.5292, de 1745, Outubro, 14.

A cidade de Igarassu foi fundada em 1537, sendo considerada o primeiro núcleo de povoamento do Brasil. Em 1890, foi elevada a condição de cidade, com nome de Iguarassu e em 1938 passou a denominar-se Igarassu. Este munícipio é marcado por movimentos, como a Revolução Praieira. (IBGE. Cidades, 2011).
Gabriel Malagrida (1689-1791), jesuíta italiano, foi missionário no Brasil. Evangelizou os índios, principalmente no Pará e Maranhão. Ele passou também por Pernambuco e Bahia.

AHU_CARTm_015, D. 0904

126 CONSTRUÇÃO CIVIL. Mapas. ca. 1745

Antunes, José.
Cópia do plano : [Planta das casas que pretende fazer na Vila de Igarassu o Reverendo Padre Gabriel de Malagride] : / Joseph Antunes. – [ca. 1745]. – 1 planta : desenho a tinta ferrogálica ; 37,8 x 38,1cm.

Inclui fachada de prédio desenhada em outra folha D.0904.
Anexa à CONSULTA 1745, Outubro, 14 – AHU_ACL_CU_015, Cx. 62, D.5292.
Marca dágua: brasão encimado por uma coroa.
A cidade de Igarassu foi fundada em 1537, sendo considerada o primeiro núcleo de povoamento do Brasil. Em 1890, foi elevada a condição de cidade, com nome de Iguarassu e em 1938 passou a denominar-se Igarassu. Este munícipio é marcado por movimentos, como a Revolução Praieira. (IBGE. Cidades, 2011).
Gabriel Malagrida (1689-1791), jesuíta italiano, foi missionário no Brasil. Evangelizou os índios, principalmente no Pará e Maranhão. Ele passou também por Pernambuco e Bahia.

AHU_CARTm_015, D. 0903

127 ENSEADAS DE JARAGUÁ E PAJUÇARA. Mapa. ca.1757

Lemos.
Planta e explicação daz enciadaz de Iaragôa, Pajusara : as quais ficão juntas como se vê na planta situadas em 10 gr.e 8 m.de latitude sul e 347 gr.e 10m. de longitude / Lemos. – Escala [ca.1: 7.400]. – [ca. 1757]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 65,7 x 97,8cm.

Atualmente, as enseadas de Pajuçara e de Jaraguá fazem parte da cidade de Maceió, no Estado de Alagoas.
Escala gráfica de 1500 braças *para medir a marinha* [=22,4cm].
Inclui batimetria.
Possui rosa dos ventos.
Os cartuchos de título e de escala decorados em estilo barroco.
No cartucho de escala está assinado Lemos.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Povoado representado com casas e igreja.
Ilustrado com embarcações, onde mostra que podem ser ancorados navios, até de grandes dimensões, nessa parte da Enseada de *Iaragoa* [Jaraguá], no período de janeiro a março.
Aquarelada nas cores verde, azul, vermelho, amarelo e sépia.
Indica os recifes. caminho para o povoado das Alagoas, casa para viajantes e barretas.

Considerada a planta mais antiga de Alagoas em: Maceió : vista de 1757.Gazeta de Alagoas. Caderno B, 18/6/2002. Disponível em <http://gazetaweb.globo.com/gazeta/Frame.php?f=Materia.php&c=9195&e=139>. Acesso em: 12 fev. 2008.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 292.

AHU_CARTm_015, D. 0905

128 FORTALEZA EM MACEIÓ. Fortificação. 1762

Planta da Fortaleza de terra e faxina que por ordem do Illmo. e Exce^{mo}. S^{r}. Luiz Diogo Lobo da Sylva governador, e capp^{am}. g^{l}. das Cappitanias de Param^{co}. se mandou fazer na ponta, em as duas anciadas de Iaragûa e Pajusara, com as mais obras que se seguem para a parte da Villa das Alagoas, como tudo se vé na mesma planta... – Escala [ca.1:800]. – em 2 de Julho de 1762 a[n]os. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 30,6 x 79,35cm em folha 32,1 x 80,6cm.

As enseadas de Pajuçara e de Jaraguá fazem parte da cidade de Maceió, no Estado de Alagoas.
Escala gráfica de 60 braças [= 16,4cm].
Desenhado sobre 2 folhas coladas.
Marca d'água: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz e nº em algarismo romano IV.

Na parte superior, à direita, está escrito: *Nº 10*.
Com (anexo): Planta do Reduto do fim da anseada de Jaragoai...Escala [ca. 1:500], [nº11], D.0917.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.
Cópia de época, com pequenas diferenças, em D.0927, ref. 129.

AHU_CARTm_015, D. 0916

129 FORTALEZA EM MACEIÓ. Fortificação. 1762

Fortaleza de terra e fachinas que por ordem do Illmo. e Excc^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}. governador, e capp^{am}. general das Cappitanias de Param^{co}. se fizerão nas anciadas, Iaraguâ e Pajusára : distante da Prassa do R^{e}. oytenta leguas, com a qual fortaleza ficão defendidas uma , e outra anciadas e se lhe acressentou mais as obras que se seguem para a parte do sul, e na ponta a que faz a d^{t}. [dita] anciada, buscando a passaje p^{a}. a V^{a}. de Alagoas... – Escala [ca.1:1.300]. – em 15 de Junho de 1762 a[nos]. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica; 32,8 x 63,4cm em folha 34,1 x 65,4cm.

As enseadas de Pajuçara e de Jaraguá fazem parte da cidade de Maceió, no Estado de Alagoas.
Escala gráfica de 60 braças [= 10,4cm].
Desenhado sobre 2 folhas coladas.
Na parte superior, à direita, está escrito: *Nº 10*.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Cópia de época, com pequenas diferenças em D.0916, ref. 128.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.
Com (anexo): Reduto...se mandou fazer em noutra Ponta da Anceada da parte do Sul buzcando a pacaje pa. a Va. das Alagoas nº10, D.0928.

AHU_CARTm_015, D. 0927
130 FORTE DE SANTA CRUZ DO MAR. Fortificação. 1762
Trincheyra por ordem de Illmo. e Excc^{mo} Snr. Luis Diogo Lobo da S^{a}. [Silva] governador e captam general das capitanias de Param^{co}. mandou erigir na marinha da cidade de Olinda, desde o dique, ou Varadouro, até por todo rio Tapado : ficando compreendido, na mesma trincheyra uma bateria ancian, que avia fronteyra a Barra da d^{a}. [dita] cidade... – Escala [ca.

1:1.400]. – [1762]. – 1 desenho técnico : color ; 46,4 x 154,7cm em folha 47,5 x 156cm.

Subtítulo: o que se expplica com as letras seguintes. A Convento dos Frades do Desterro Religiozo de Sancta Thareza. B. Varadouro donde corre pelas bicas agua de beber sobre a salgada. C. Roducto que compreende bateria ansian. D. dita bateria. EE. as Trincheyras. FF. Hé estrada por onde se anda de maré vazia , distante desta Praça, huma legoa pra o Norte.

Escala gráfica de de 100 braças [= 16,2cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Indica o Convento dos Frades Religiosos de Santa Teresa, varadouro por onde corre a água de beber pelas bicas, trincheiras e baterias.
Marca d'água: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz e nº em algarismo romano IV.
Na margem superior direita está escrito: *Nº 2*.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Desenhada a tinta ferrogálica e a nanquim sobre 8 folhas, sendo 6 coladas numa seção, medindo 47,5 x 116cm e 2 em outra, 45,9 x 40cm.
Aguada nas cores verde e cinza.
Cópia de época, com pequenas diferenças, em D.0919, ref. 145.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Forte de Santa Cruz do Mar fortificação localizava-se na Praia dos Milagres, próxima ao Convento de São Bento, em Olinda. Nesta região teria existido um fortim com o nome de Fortim de Santa Cruz. Mais tarde passou a denominar-se Guarita de João de Albuquerque. De acordo com o levantamento histórico do Laboratório de Arqueologia da UFPE, esse fortim teria sido construído no governo de Matias de Albuquerque com o nome de Forte Santa Cruz do Mar, entre 1620 e 1622. Foi tomado pelos holandeses, como as demais fortificações, em 1630. Na cartografia holandesa figura como *Guarda dos Judeus.* Com a tomada dos portugueses, o nome voltou para Forte de Santa Cruz.

AHU_CARTm_015, D. 0908

131 FORTE DE SÃO FRANCISCO XAVIER. Fortificação. 1762

Trinxeiras, e Rodutos, que se fizerão por ordem de Illmo. e Exce^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}. governador, e capp^{am}. g^{l}. das Cappitanias de Param^{co}. desde antes de chegar ao Reduto de S. Francisco X^{er}. [Xavier] do Gahibû, até o monte de N. Snr^{a}. de Nazareth... – Escala [ca.1:1.700]. – [1762]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 42,3 x 66,1cm em folha 43,4 x 67,8cm.

Subtítulo: ...ficando dentro das d^{as}. trincheiras e rodutos que se fizerão, a ponta do Xarco, anciada da Palheta, seu roduto emsima do Monte, como tudo se declara.

Mostra as posições dos canhões nas trincheiras do outeiro e do Revelim de São Francisco Xavier.
Estão assinalados: *A: Roduto de S. Francisco Xavier do Gahibû. B: Trincheyra antes de chegar ao dito. C: as Trincheiras, que se seguem. D: o Rio Macayô. E: Roduto feito na ponta do Xarês. F: Trincheyra na anciada da Colhêta. G: Roduto emsima no Oyteiro: tudo feito na prezença do mesmo Senhor asima distante sete legoas para o sul.*
Escala gráfica de 70 braças [= 9,1cm].
Inclui rosa dos ventos com lor de lis.
Relevo e vegetação representadas em forma pictórica.
Desenho a tinta ferrogálica e nanquim.
Aguada nas cores verde, preta e cinza.
Na parte superior, à direita, está escrito: *Nº 8*.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Marca d'água: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz e nº em algarismo romano IV.
Cópia de época, com pequenas diferenças, em D.0925, ref. 132.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

Denominado também de Reduto de São Francisco Xavier ou Reduto de Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Tomé, localizava-se na praia do Gaibu, no extremo norte do Cabo de Santo Agostinho. Esta fortificação remonta ao ano de 1630. Foi reforçada durante o governo de Luís Diogo Lobo da Silva (entre 1756 e 17630). Em 1775 sofreu obras de reparo, foi reconstruído em 1792, e abandonado no século XIX. Atualmente, encontram-se ruínas dessa fortificação.

AHU_CARTm_015, D. 0914

132 FORTE DE SÃO FRANCISCO XAVIER. Fortificação. ca. 1762

Trincheiras e rodutos que se fizerão na prezença do Illmo. e Exce^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da Sylva governador, e capp^{am}. general das Cappitannias de Param^{co}. no lugar chamado Gahibú : distante desta prassa 7 leguas em toda a sua marinha desde antes de chegar ao Roduto Velho de S. Francisco X^{er}., até ao oyteyro de N^{a}. Sr^{a}. da Nazareth... – Escala [ca.1:1.700]. – [ca. 1762]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 42,4 x 65cm em folha 43,8 x 66,6cm.

Subtítulo: ...ficando em meyo aponta do Xarco, ansiada da Calheta, e se fortificou o oyteyro emsima p^{a}. melhór difença; o que se declara pellas letras seguintes. A: trincheira, antes de chegar ao Revelim do S. Fran^{co}. X^{er}. B: d^{to} Revelim. C: a ponta do Xarco. D: Anciada da Calheta. : monte fortificado.
Mostra as posições dos canhões nas trincheiras do outeiro e do Revelim de São Francisco Xavier.
Escala gráfica de 70 braças [= 9,1cm].
Ao lado da indicação da escala lê-se: *que só serve para as trincheiras e rodutos.*
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representadas em forma pictórica
Desenho a nanquim e a tinta ferrogálica.
Aquarelada nas cores verde, preta e cinza.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Na parte superior, à direita, está escrito: *N° 8*.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688 e D. 7699.
Cópia de época com pequenas diferenças, em D.0914 ref. 131.

Denominado também de Reduto de São Francisco Xavier ou Reduto de Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Tomé, localizava-se na praia do Gaibu, no extremo norte do Cabo de Santo Agostinho. Esta fortificação remonta ao ano de 1630. Foi reforçada durante o governo de Luís Diogo Lobo da Silva (entre 1756 e 17630). Em 1775 sofreu obras de reparo, foi reconstruída em 1792, e abandonada no século XIX. Atualmente, encontram-se ruínas dessa fortificação.

AHU_CARTm_015, D. 0925

133 FORTE DO BRUM. Fortificação. 1762

Fortificaçam que por ordem do Illmo. e Exmo. Senr. Luis Diogo Lobo da Sylva , G^{or}., e Cap^{am}. Gn^{al}. de Pern^{co}. se fes p. toda a Marinha desde o Forte do Brum, fronteyro a Barra desta v^{a}. do R^{e}. [Recife] athê o Cais dos Quarteis da Iunta. – Escala [ca. 1:1.200]. – em 30 de Junho de 1762 annos. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 31,3 x 86,7cm em folha 31,8 x 87,1cm.

Escala gráfica de 100 braças [= 18,8cm].
Inclui rosa dos ventos.
Indica o cais, o quartel da Junta, e o Forte Brum.
O cartucho da legenda lê-se: *Explicação para o Forte de São João Baptista de Brum que se mostra com a letra A: Este dito forte , nunca teve fosso na bateria do mar pelo que foi servido o Illustríssimo Excelentíssimo Governador General manda le fazer guarnecido de estacaria e parapeito de estorada cuberta da mesma estacaria ; a qual comessa desde CC até B que finda nos quarteis dos soldados das naos de guerra.*
Aquarelada na cor verde.
Desenhada sobre 3 folhas coladas.
Na margem superior direita está escrito: *Nº 1.*
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Marca d'água: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz.
Cópia de época em D.0918, ref. 134.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Forte de São João Batista do Brum, antigo nome Forte Novo São Jorge , iniciou sua construção em 1629 com o projeto do engenheiro português Diogo Pais, e a cargo das obras pelo engenheiro sargento Pedro Correia da Gama. Com a invasão do holandeses, em 1630 a obra foi interrompida e refeita pelos engenheiros neerlandeses Tobias Commerteyn, Andréas Drewich e Pieter van Bueren. Passou a ser chamado de Forte Bruyne, em homenagem a Johan Bruyne, integrante do Conselho de Comissários que governou o Brasil holandês, e mais tarde ficou conhecido como Forte do Brum.

AHU_CARTm_015, D. 0907

134 FORTE DO BRUM. Fortificação. ca. 1762

Trincheiras da fachina, terra, e estacaria que mandou eregir em sua prezença Illmo. e Exce^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}., Governador, e Capp^{am}. General das Cappitanias de Param^{co}. em toda a marinha desde o Forte de S. João Baptista do Brum, fronteyro a barra da V^{a}. do R^{e}. até o caes dos quarteiz dos Soldados das Naôs de Guerra ... – Escala [ca. 1:1.150]. – [ca. 1762]. – 1 planta ms. : color.desenho a tinta ferrogálica ; 33,8 x 85,8cm. em folha 35 x 86,8cm.

Subtítulo: ...o que se mostra, com as letras seguintes.A: Quartéis. B: Caés. Contém a seguinte notificação: *Explicação do Forte do Brum, este dito forte, não tinha fosso na bateria do mar; pello que foy servido ao Illustrissimo Exccelentíssimo Senhor General mandou fazer deestacaria e parapeyto destrada emcobera; o que se mostra com as letras CC desde o seu princípio até o fim.*

Escala gráfica de 80 braças [= 15,4cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Aquarelada na cor verde.
Desenhada sobre 2folhas coladas.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Planta semelhante com pequenas diferenças em D.0907, ref.133.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.

O Forte de São João Batista do Brum, antigo nome Forte Novo São Jorge , iniciou sua construção em 1629 com o projeto do engenheiro português Diogo Pais, e a cargo das obras pelo engenheiro sargento Pedro Correia da Gama. Com a invasão do holandeses, em 1630 a obra foi interrompida e refeita pelos engenheiros neerlandeses Tobias Commerteyn, Andréas Drewich e Pieter van Bueren. Passou a ser chamado de Forte Bruyne, em homenagem a Johan Bruyne, integrante do Conselho de Comissários que governou o Brasil holandês, e mais tarde ficou conhecido como Forte do Brum.

AHU_CARTm_015, D. 0918

135 FORTE DO PAU AMARELO. Fortificação. 1762

Planta de parte da Bateria do Pao Amarello... – Escala [ca. 1:750]. – em 21

de Junho de 1762. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 31,4 2 x 40cm em folha 32, 4 x 41,1cm.

Subtítulo: a q^{l}. se mostra pellas letras AA: nesta dita bateria numca se lhe fes fosso pelo que foi servido O Illmo. e Exce^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da Sylva governador, e capp^{am}. general de Param^{co}. mandar-lo fazér com as medidas, que se achão pelo seu petipé ficando liziria entre o d^{o}. [dito] fosso, e a d^{a}. [dita] bateria, fazendo-lhe o Revelim, que mostrão as letras BB: e seguindopara o norte,e sul as obras, que semostrão, com as letras CC: tudo feito na prezença do mesmo sr...
Elaborado pelo sargento mor engenheiro Luis Francisco Pimentel em: AHU_ACL_CU_CARTAS DE PERNAMBUCO, cod. 257, fl. 137.
Escala gráfica de 40 braças [= 11,9cm].
Marca d'água: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz.
Aguada na cor verde.
Na margem superior direita está escrito: *Nº 4.*
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Cópia de época com pequena diferença em D.0921, ref. 136.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres de Pau Amarelo ou Forte do Pau Amarelo (localizado no muncípio de Paulista, em Pernambuco) foi mandado para ser construído pela carta régia de 15 de setembro de 1703. Essa carta régia definia os recursos a serem utilizados, oriundos da própria Capitania, conforme o projeto da planta enviada com comentários de autoria do engenheiro Luís Francisco Pimentel. Porém, Pimentel morreu afogado no Rio Doce, em 1707.

AHU_CARTm_015, D. 0910

136 FORTE DO PAU AMARELO. Fortificação. 1762

Planta de parte da Bateria do Pâo amarello... – Escala [ca. 1:750] – em 21 de Junho de 1762. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 33,4 x 42, 8cm em folha 34,9 x 44,8 cm.

Subtítulo: a q^{l}. se mostra pellas letras AA: nesta dita bateria numca se lhe fes fosso pelo q. foi servido O Illmo e Exccmo. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}. governador, e capp^{am}. general das Cappitanias de Param^{co}. o manda-lo fazér com as medidas, que se achár pelo seu petipé ficando liziria entre

o dº. [dito] fosso, e a dª. bateria, fazendo-celhe o Revelim, q. mostrão as letras BB: e seguindo pª. o norte,e sul as obras, que semostrão, com as letras CC: tudo feito na prezença do memo sr. Fica esta acima distante desta Praça de Rᵉ. 5 léguas pª. a parte do Norte.
Escala gráfica de 40 braças [= 11,9cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis, que está representada em forma de mão, com um dedo apontado para o norte.
Aguada na cor verde.
Na margem superior direita está escrito: *Nº 4*.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Cópia de época com pequenas diferença em D.0910, ref. 135.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres de Pau Amarelo ou Forte do Pau Amarelo (localizado no muncípio de Paulista, em Pernambuco) foi mandado ser construído pela carta régia de 15 de setembro de 1703. Essa carta régia definia os recursos a serem utilizados, oriundos da própria Capitania, conforme o projeto da planta enviada com comentários de autoria do engenheiro Luís Francisco Pimentel. Porém, Pimentel morreu afogado no Rio Doce, em 1707.

AHU_CARTm_015, D. 0921

137 FORTE DO RIO DOCE. Fortificação. 1762

Trincheiras feitas de fachina, estacaria e terra que por ordem de Illᵐᵒ. e Exceᵐᵒ. Snr. Luiz Diogo Lobo da Sª. governador e captam general das capitanias de Paramᶜᵒ. na sua prezença mandou erigir no lugar do rio Dose destante da cedade de Olinda 3 legoas : não para a defensa da sua barreta sô, senão para defender tão bem a paraje da sua ponte, tudo na forma , que se mostra nesta planta... – Escala [ca.1:1.500]. – [1762]. – 1 desenho técnico : tinta, color. ; 42,1 x 34cm em folha 43,2 x 34,7cm.

Subtítulo: ...A: ponte. B: tincheyra, umas fronteyras ao mar, outras para a parte da ponte, segundo forma que ofeceresse o terreno; o qual tém as irreguralidades que mostra a planta.

Escala gráfica de 100 braças [= 15cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.

Vegetação representada em forma pictórica.
Desenhado a tinta ferrogálica e a nanquim.
Aguada nas cores verde, cinza e preta.
Cópia de época, com pequenas diferenças, em D0920, 138.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Na margem inferior direita, ao lado do cartucho, está escrito: *Nº 3*.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].

O Forte do Rio Doce se localiza nas margens do Rio Doce, ao norte de Olinda. Foi um dos locais em que o portugueses resistiram às invasões holandesas, após a tomada de Recife e Olinda, de fevereiro a março de 1630.

AHU_CARTm_015, D. 0909

138 FORTE DO RIO DOCE. Fortificação. 1762

Trincheyras feitas de faxina, estacaria e terra que por ordem de Illmo. e Exce^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da Sylva governador, e capt^{am}. general daz cappitannias de Param^{co}. na sua prezença mandou erigir no lugár do Rio Dosse distante da ci^{de}. de Olinda : 3 leguaes, não só para a defensa da sua barreta , senão tãobem p^{a}. defender a pasaje da sua ponte tudo na forma, q. se mostra nesta planta – Escala [ca.1:1.500] – [ca. 1762]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 43 x 34cm em folha 44,1 x 35,1cm.

Estão assinalados: *A.ponte. B. Trincheiras, umas fronteyras asmár, e outras para a parte da ponte, segundo a forma que oferesse o terreno, o qual tem as irregolaridades, que mostra a planta. Hé feita esta obra distante desta Prassa do Recife 2 leguaes para a parte do Norte.*

Escala gráfica de 100 braças [= 15,2cm], somente para as trincheiras.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis, que está representada em forma de mão, com um dedo apontado para o norte.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenhado a tinta ferrogálica e a nanquim.
Aguada nas cores verde, cinza e preta.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Na parte inferior, à direita, ao lado do cartucho, está escrito: *Nº 3*.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de

Pernambuco].
Cópia de época com pequenas diferenças em D.0909, ref. 137.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Forte do Rio Doce localiza-se nas margens do Rio Doce, ao norte de Olinda. Foi um dos locais em que o portugueses resistiram às invasões holandesas, após a tomada de Recife e Olinda, de fevereiro a março de 1630.

AHU_CARTm_015, D. 0920

139 FORTE PRÍNCIPE GUILHERME. Fortificação. 1762

Fortaleza de faxina, e terra q^{e}. por ordem de Illmo. e Exce^{mo}. Senhór. Luis Diogo Lobo da S^{a}. governador, e cappitão general das Cappitanias de Param^{co}. se mandou fazer no Lugar dos Afogadoz defronte da ponte do Motocolonbo, p^{a}. sua defença. – Escala [ca. 1:1.400]. – [1762]. – 1 desenho técnico : tinta, color. ; 30,5 x 39,2cm em folha 32 x 40,6cm.

Escala gráfica de 80 braças [= 12,6cm].
Estão assinalados: *A: ponte. BB: a Fortaleza. C: seu baluarte em meyo, tudo feito na prezença do mesmo senhor distante desta Praça huma legoa para o Sul.*
Desenho a bico de pena e tinta ferrogálica.
Aquarelado nas cores verde e cinza.
Na parte superior, à direita, está escrito: *Nº 6*.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Marca d'água: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz e nº em algarismo romano IV.
Cópia de época com pequenas diferenças em D.0923, ref. 140.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Forte Príncipe Guilherme localiza-se junto a ponte do bairro Afogados, em Recife. Foi levantado no período do domínio holandês, em1638.

AHU_CARTm_015, D. 0912

140 FORTE PRÍNCIPE GUILHERME. Fortificação. 1762

Fortaleza de fachina e terra q^{e}. por ordem de Illmo. e Exce^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}. governador, e capp^{am}. general das Cappitanias de

Param^{co}. se mandou fazér no lugár dos Afogados, defronte da ponte do Motocolombo, para a sua defença. – Escala [ca. 1:1.400]. – [1762]. – 1 planta : color, desenho a tinta ; 33,6 x 43,7cm em folha 35 x 43,9cm.

Escala gráfica de 80 braças [= 12,4cm].
Ao lado da indicação da escala lê-se: *que só serve para a Fortaleza*.
Estão assinalados: *A: ponte. BB: a Fortaleza distante da prassa do Recife uma legua.*
Desenho a bico de pena e tinta ferrogálica.
Aquarelado nas cores verde e cinza.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Na parte superior, à direita, está escrito: *Nº 6*.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Cópia de época com pequenas diferença em D.0912, ref. 139.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Forte Príncipe Guilherme localiza-se junto a ponte do bairro Afogados, em Recife. Foi levantado no período do domínio holandês, em1638.

AHU_CARTm_015, D. 0923

141 FORTIM DE CATUAMA. Fortificação. 1762

Reduto que por ordem de Illmo. e Excc^{mo}. Senhór. Luiz Diogo Lobo da Sylva governador, e capp^{tam}. general das Cappitanias de Param^{co}. mandou erigir em o lugar chamado da Catuama fronteyro a sua barra, para a sua defença... – Escala [ca. 1:500]. – [1762]. – 1 desenho técnico: tinta ferrogálica ; 33,7 x 43cm em folha 34,6 x 44cm.

Subtítulo:... segundo a mesma fig^{a}. do terreno, no qual senão faz mais que o parapeito, de sorte que fiquem os porpugnadores cobertos; e desta sorte fica o fogo mais orizontal ; por a d^{a}. [dita] obra ser feita em sima do Oyteyro, donde tem melhór capacidade, para a defensa daquella barra. Tudo executado na prezença do mesmo Sr. distante desta Praça dez legoas p^{a}. o Norte.
Escala gráfica de 20 braças [= 9,9 cm].
Na margem superior direita está escrito: *Nº 5.*
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].

Cópia de época com pequenas diferenças em D.0922, ref. 142.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Fortim de Catuama, se localizava sobre um outeiro, próximo à barra norte do Canal de Santa Cruz, na Ilha de Itamaracá. Esse fortim foi erguido juntamente com o Reduto do Marcos, localizado na barra sul, para a defesa do Porto de Pernambuco. O Fortim de Catuama, também, foi mencionado pelos neerlandeses, no período do domínio holandês. No século XVIII, o governador da Capitania de Pernambuco reforçou as fortificações no litoral pernambucano e ergueu um novo reduto na ponta da Catuama, fronteiro a barra. No diário de viagem do imperador D. Pedro II de 1859, menciona as ruínas deste fortim, ao visitar a Ilha de Itamaracá. No século XX, O Laboratório de Arqueologia da UFPE pôde identificar a localização de ruínas de uma estrutura de fortificação na ponta norte da Ilha de Itamaracá, que provavelmente correspondem aos vestígios do antigo Fortim de Catuama. Segundo o Laboratório, os vestígios são de difícil identificação, mas se reconhecem através de"descrições do local e na memória de alguns populares, que afirmam ter conhecido restos das paredes nas primeiras décadas do século XX" (Brasil Arqueológico, 2011).

AHU_CARTm_015, D. 0911

142 FORTIM DE CATUAMA. Fortificação. 1762

Roduto q^{e}. por ordem de Illmo. e Excc^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}. governador, e cap^{tam}. general das Capitanias de Param^{co}. mandou erigir em o lugar chamado da Catuama fronteyro a sua barra, para a sua defença... – [ca. 1:500]. – [ca.1762]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 34 x 43,5cm em folha 35 x 44,5cm.

Subtítulo:... segundo a memsma figura. do terreno, no qual senão faz mais que o parapeito, de sorte que fiquem os porpunadores cobertos; e desta sorte fica o fogo mais orizontal ; por a d^{a}. [dita] obra sér feita emsima do Oyteyro, donde tem melhór capacidade, pa a defensa daquella barra. Tudo executado na prezença do mesmo sr.

Escala gráfica de 20 braças [= 10cm].
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Na margem superior direita está escrito: *Nº 5.*
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de

Pernambuco].
Cópia de época com pequenas diferenças em D.0911, ref. 141.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

O Fortim de Catuama, se localizava sobre um outeiro, próximo à barra norte do Canal de Santa Cruz, na Ilha de Itamaracá. Esse fortim foi erguido juntamente com o Reduto do Marcos, localizado na barra sul, para a defesa do Porto de Pernambuco. O Fortim de Catuama, também, foi mencionado pelos neerlandeses, no período do domínio holandês. No século XVIII, o governador da Capitania de Pernambuco reforçou as fortificações no litoral pernambucano e ergueu um novo reduto na ponta da Catuama, fronteiro a barra. No diário de viagem do imperador D. Pedro II de 1859, menciona as ruínas deste fortim, ao visitar a Ilha de Itamaracá. No século XX, O Laboratório de Arqueologia da UFPE pôde identificar a localização de ruínas de uma estrutura de fortificação na ponta norte da Ilha de Itamaracá, que provavelmente correspondem aos vestígios do antigo Fortim de Catuama. Segundo o Laboratório, os vestígios são de difícil identificação, mas se reconhecem através de"descrições do local e na memória de alguns populares, que afirmam ter conhecido restos das paredes nas primeiras décadas do século XX" (Brasil Arqueológico, 2011).

AHU_CARTm_015, D. 0922

143 MACEIÓ. Fortificação. 1762

Planta do Reduto do fim da anceada de Jaragoai : que por ordem do Illmo. e Exmo. Snr. Luis Diogo Lobo da Sylva g^{or}., e capp^{am}. gen^{l}. de Param^{co}. e mais Cap^{nas}. anexas, a le mandou fazer. – Escala [ca. 1:500]. – em 2 de Julho de 1762. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 33,6 x 42,9cm em folha 34,7 x 44cm.

Está representada somente a planta da fortificação, sem mostrar a enseada de Jaraguá, que pertence à cidade de Maceió, Estado de Alagoas.
Escala gráfica de 20 braças [= 10cm].
Coloração com riscos de nanquim preto na representação da fortificação.
Na parte superior, à direita, perto do título, está escrito a lápis *Nº 10* .
Anexa à *Planta da Fortaleza de terra e faxina que por ordem do Illmo e Exccmo. Sr. Luiz Diogo Lobo da Sylva governador, e capp^{am}. G^{l}. das Cappitanias de Param^{co}. se mandou fazer na ponta, em as duas anciadas de Iaragûa e Pajusara...*
Escala [ca.1:800], n.10, D.0916.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações

feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Cópia de época com pequenas diferenças em D. 0928, ref. 144
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.

AHU_CARTm_015, D. 0917

144 MACEIÓ. Fortificação. 1762

Reduto que por ordem do Illmo. e Exmo. Snr. Luis Diogo Lobo da Sylva g^{or}., e cap^{am}. general destas Cap^{nas}. de Param^{co}. e mais anexas se mandou fazer em a outra ponta da Anciada de parte do Sul, buzcando a pacaje p^{a}. a V^{a}. de Alogoaz : como do titulo da Planta da Fortificação da Barra de Jaragoay q. se refere este reduto com a letra R. – [1762]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 33,6 x 42cm em folha 34,8 x 43,9cm.

Está representada somente a planta da fortificação, sem mostrar a enseada de Jaraguá, que pertence à cidade de Maceió, Estado de Alagoas.
Coloração com riscos de nanquim pretona representação da fortificação
Na parte superior, à direita, perto do título, está escrito *Nº 10*
Anexa à planta *Fortaleza de terra e fachinas que por ordem do Illmo e Exccmo. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}. governador capp^{am}. general das Cappitanias de Param^{co}. se fizeram nas anciadas, Iaraguâ e Pajusára...*
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Cópia de época com pequenas diferenças em D.0917, ref. 143
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

AHU_CARTm_015, D. 0928

145 OLINDA. Fortificação. 1762

Trincheyras que por ordém do Illmo. e Excc^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}. governadór e capp^{tam}. generál das cappitannias de Param^{co}. se fés desde a ponta da Cidade que fica para o Súl do Rio Zapado até a ponta ou Dique da Ci$^{de.}$ de Olinda ficando compreendidas entre as d^{s}. d[ita]s e os seus baluartes a bateria anciam chamada de S. Francisco... – Esca [ca. 1:1.400]. – [ca. 1762]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 46 x 160,3cm em folha 47,4 x 162,3cm.

Subtítulo: ... como se mostra com as letras seguintes. AA: trincheiras, com seus baluartes,. B: bateria ancian de S. Francisco. C: baluarte. D: dique de Olinda, correndo agua dosse sobre a salgada, como se vé. E: Convento dos Frades Carmelitas descalssos q. fica fronteyro. Fica esta obra distante da Prassa do Re. [Recife] uma legua.

Escala gráfica de de 100 braças [= 16cm], somente para as trincheiras.
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Indica o Convento dos Frades Carmelitas Descalços e o dique de Olinda por onde corre a água doce sobre a salgada.
Marca d'água: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz e nº em algarismo romano IV
Na parte superior direita está escrito: *Nº 2*.
Desenhada a tinta ferrogálica e a nanquim sobre 5 folhas, sendo 3 coladas numa seção, medindo 47,4 x 121,3cm, e 2 em outra, 45,9 x 41cm.
Aguada nas cores verde cinza e preto.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Cópia de época com pequenas diferenças em D.0908, ref. 130.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

AHU_CARTm_015, D. 0919

146 PORTO DE GALINHAS. Fortificação. 1762

Trincheiras de terra, faxina e estacaria que mandou fazer em sua prezença o Illmo. e Exccmo. Sr. Luiz Diogo Lobo da Sa. governador, e cappam. general das Cappitanias de Paramco. no lugar chamado Porto de Galinhas por toda a marinha fronteyra a barra do dito porto ... – Escala [ca.1:1.050] – [1762]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta; 30,7 x 58,3cm em folha 31,8 x 59,8cm.

Subtítulo: as quais se mostrão com as letras AA, e o armazem qe. aly a aonde se recolhem as caixas de assucar, e o seu trapiche se mostra pellas letras B.B: distante desta Praça doze legoas para o sul.

Escala gráfica de 50 braças [= 10,7cm].
Contém indicação para o norte.
Desenhada a tinta ferrogálica e a bico de pena sobre 2 folhas coladas.
Aquarelada nas cores verde, preta e cinza.
Na parte superior, à direita, está escrito: *Nº 9*

Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Marca d'áua: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz e nº em algarismo romano IV.
Cópia de época, com pequenas diferenças em D.0926, ref. 147.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

AHU_CARTm_015, D. 0915

147 PORTO DE GALINHAS. Fortificação. 1762

Trincheiras de terra fachina e estacaria que mandou fazér em sua prezença o Illmo e Excc^{mo}. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^{a}. governadór, e capp^{am}. general das Cappitanias de Param^{co}. no lugár chamado Porto de Galinhas : por toda a marinha fronteyra a barra do d[it]o porto... – Escala [ca.1:1.000] – [1762]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 34 x 66cm.

Subtítulo: ...as quaes se mostrão com as letras AA, e o armazem que aly ha em que se recolhem as caychas de assucar, com trapiche se mostra pellas letras B.B: fica este d^{o}. porto a redado desta Prassa do R^{e} . 12 leguas para a parte do sul.

O desenho do porto está ilustrado com 2 embarcações e estivadores trabalhando.
Escala gráfica de 40 braças [= 9,1cm].
Contém indicação para o norte.
Desenhada a tinta ferrogálica e a bico de pena sobre 2 folhas coladas.
Aquarelada nas cores verde, preta e cinza.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Cópia de época com pequenas diferenças em D.0915, ref.146.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

AHU_CARTm_015, D. 0926

148 BARRA DA CANDELÁRIA. Fortificação. 1762

TRINXEIRA que se fes na Marinha fronteira a Barra da Candallaria : por ordem de Illmo. e Exmo. Snr. Luis Diogo Lobo da Sylva g^{or}., e cap^{am}. general

destas Cap^nas^. de Pern^co^. – Escala [ca.1:1.700]. – em 8 de Junho de 1762 annos. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 30,7 x 79,2cm em folha 31,8 x 80,8cm.

Escala gráfica de 100 braças [= 12,9cm].
Inclui flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenhado sobre 2 folhas coladas.
Aguada nas cores verde, preta e cinza.
Na parte superior, à direita, está escrito: *Nº 7*
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].
Marca d'água: brasão, ladeado por 2 leões, com uma coroa ao alto e encimada por uma cruz e nº em algarismo romano IV.
Cópia de época com pequenas diferenças em D.0924, ref. 149.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

AHU_CARTm_015, D. 0913

149 BARRA DA CANDELÁRIA. Fortificação. 1762

Trinxeiras de terra, e faxina eztacaria que por ordem do Illmo. e Excc^mo^. Sr. Luiz Diogo Lobo da S^a^. governador, e capp^am^. general das Cappitanias de Param^co^. em sua prezença se fizerão na marinha que fica front^ra^. a barreta da Candelaria, para sua defença.... – Escala [ca.1:1.700]. – em o mes de junho de 1762. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 34 x 86,5cm em folha 35,2 x 87,8cm.

Subtítulo ...o que se mostra na planta desde a letra A: até a letra B: distante desta Prassa do R^e^. [Recife] 3 leuas e meya.
Escala gráfica de 70 braças [= 9cm].
Ao lado da indicação da escala lê-se: *que só serve para a medida das trincheiras*
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenhado sobre 2 folhas coladas.
Aquarelada nas cores verde e preta.
Na parte superior, à direita, está escrito: *Nº 7*.
Marca d'água: D. Sebille & Wend.
Pertence ao conjunto de [Coleção de onze plantas e quatro mapas estatísticos referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco].

Cópia de época com pequenas diferenças em D.0913, ref. 148.
Ver AHU_ACL_CU_015, Cx.98,D.7688.

AHU_CARTm_015, D. 0924

150 BAIRRO DE SANTO ANTÔNIO, RECIFE. Mapa. 1763

Planta genografica da Villa de S. António do Recife de Pernambuco : cituada em 8 graos 4 minutosde latitude e 348 graos de longetude ao sul da linha na America meridional. – [1763]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 34 x 42,3cm em folha 35 x 42,8cm.

Indica recifes, Forte do Brum, Fortaleza de Cinco Pontas, Palácio das 2 torres, ponte, ruas, e o Rio Beberibe.
Aponta, também, as instituições religiosas como*: Igreja de Nossa Senhora do Pillar, Matris do Corpo Santo, Igreja da Madre de Deos,Convento de Sam Francisco, Igreja do Hospital, Matris do Sacramento, Igreja de Nossa Senhora da Conceiçam dos Soldados, Igreja de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, Convento dos Padres da Companhia, Igreja Nossa Senhora do Livramento dos Pardos e sua rua, Igreja de São dos cleligos e sua rua, Convento de Nossa Senhora do Carmo e sua rua, Igreja de Nossa Senhora do Terço e sua rua, Convento de Nossa Senhora da Penha e sua rua, Igreja de Nossa Senhora da Conceiçam, Igreja de Santa Crus*, e *Igreja de Sam Goncalo.*

Estão assinalados: *Terras daboa Vista e sua Pouoaçam, Rio Capibaribe, Brasso do dito Rio, Terra dos Afogados.*
Inclui rosa dos ventos.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelado nas cores verde, vermelho, amarelo e sépia.
Faz parte do conjunto [Mapas de vários regimentos da Capitania de Pernambuco]. Os mapas das guarnições das fortalezas, cujas folhas são citadas nas plantas das mesmas, encontram-se em AHU_ACL_CU_ LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.
Na margem superior a direita aparece o nº 25.

O atual bairro de Santo Antônio, situado na ilha, foi o inicío da colonização cidade de Recife. No período do domínio holandês (1630-1654), Maurício de Nassau residiu nessa ilha, onde deu o início à expansão territorial. Mais tarde, construiu o seu palácio, em 1644.

AHU_CARTm_015, D. 0929

151 FERNANDO DE NORONHA, ARQUIPÉLAGO. Mapa. 1763

Mappa da Jlha de Fernando de Noronha : situada em 3 graos 5 minutos de latitude do Sul e 351, de longetude osidental demostrada com todos os portos de sua circunferencia e depois com a sua prespectiua – Escala [ca. 1:35.000] – [1763]. – 1 mapa ms. : color., desenho a nanquim ; 36,8 x 47cm em folha 38 x 49,5cm.

Indica as fortificações e a Igreja Nossa Senhora dos Remédios.
Escala gráfica de 1 légua [= 15,9 cm].
Inclui batimetria.

Estão assinalados: *A.O desembarque na pedra em Santo Antonio, B.Pedra que o mar cobre edescobre com amare, C. Praya em que pode aportar embarcacam,D. Omonte da burra leiteira, E.Lugar de arca em que sepode darfundo de 17 braças, F. Lugar de área em que sepode darfundo de 19 braças; G. O Morro da Fortaleza dos Remédios, J. Porto de Poucaçam; KK. Lugar por corre agoa coando chove, H. fonte que corre da pouoaçam, Y. Porto do Sueste que bom dezembarque.*

Encarte: Prespectivas vista da parte do sudoeste nas distâncias de 1 legoa.
Contém indicação para o norte.
Aquarelado nas cores vermelho, cinza, amarelo e sépia.
Na margem superior a direita aparece o nº 37.
Faz parte do conjunto [Mapas de vários regimentos da Capitania de Pernambuco]. Os mapas das guarnições das fortalezas, cujas folhas são citadas nas plantas das mesmas, encontram-se em AHU_ACL_CU_ LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.

AHU_CARTm_015, D. 0941

152 FORTALEZA, COSTA. Mapa. 1763

Planta da costa do Ciara Grande da ponta do Mucurique the Iacaracanga . – Escala [ca. 1:14.000]. – [1763]. – 1 carta ms : color., desenho a nanquim ; 33,8 x 40,2cm em folha 35 x 42,7cm.

Abrange o litoral da cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará, desde Jacarecanga até Mucuripe.
O norte do mapa está voltado para o lado inferior da folha.
Escala gráfica Petipé de 600 braças para a costa [= 9,5 cm].

Indica a Vila do Ceará, atual Fortaleza.

Estão assinalados: *Mocuripe, dezembarque em mare vazia elugar que deve ser fortificado com o forte, barra velha de que hoje senam pode uzar, lugar onde houve huma estacada de madeira he a Villa do Ciarâ , petipe thomado em braças para a costa, e pella parte de sima em palmos para a nova obra e para as parte do perfil o que sam des palmos se tomara por hum para servir no conhecimento da sua altura.*

Encarte: [Projeto da planta e perfil da fortaleza].
Possui indicação para o norte.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelado nas cores verde, vermelho, cinza, preto, amarelo e sépia.
Na margem superior a direita aparece o nº 36.
Faz parte do conjunto [Mapas de vários regimentos da Capitania de Pernambuco]. Os mapas das guarnições das fortalezas, cujas folhas são citadas nas plantas das mesmas, encontram-se em AHU_ACL_CU_ LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.

AHU_CARTm_015, D. 0940

153 FORTALEZA DOS REIS MAGNOS. Fortificação. ca. 1763

Planta da Fortalleza dos Treis Reis Magnos da cidade do Natal. – Escala [ca. 1:310]. – [ca. 1763]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 33,3 x 38,2cm em folha 35 x 40,4cm
Escala gráfica de 200 palmos [= 14,1cm].

Estão assinalados: *emtrada para a fortaleza, corpo da goarda. Cadea e por caza do cabo de sobrado de 2 andares, cisterna, porta falça ou caminho coberto, coarteis de sobrado de hum andar, capella de aboboda e por sima caza da polvora, escadas por donde se cobe* [sic] *para as esplanadas ou terraplenos*.
Na margem superior, à direita, contém o número 35.
Na margem inferior da planta contém 2 listas de instrumentos de artilharia necessários para a sua defesa, intituladas: *Relaçãm da artelharia e mais petrexos que se acham prezentemente capazes de servirem nesta Fortaleza* e *Relaçam dos petrexos que faltão para o fornecimento desta fortaleza* existentes na fortificação e outra de instrumentos.

Entre as duas listas, está escrito: *Esta fortaleza se acha capas de laborar no que*

respeita a forteficaçam.

Aquarelada nas cores vermelha e cinza.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
Contém listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas listas estão escritas a tinta ferrogálica.
Na margem superior, à direita, aparece o nº 35.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 22 em AHU_ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929

A Fortaleza dos Reis Magnos localiza-se na Praia do Forte, Bairro de Santo Reis, na cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Foi denominada Fortaleza dos Reis Magos, devido a sua construção ter iniciado no dia de Reis, 6 de janeiro de 1598.
Outras denominações: Forte dos Reis Magos, Fortaleza da Barra do Rio Grande

AHU_CARTm_015, D. 0939

154 FORTE DAS CINCO PONTAS. Fortificação. 1763

Planta do Forte chamado da Cinco Pontas. – Escala [ca. 1:625]. – [1763]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 33,3 x 38,3cm em folha 34,8 x 40,5cm.

Escala gráfica de 400 palmos [= 14,1cm].
Inclui perfil.
Está localizado no Bairro de Santo Antônio, em Recife, Pernambuco.

Estão assinalados: *emtrada para o Forte, ponte dormente, tranzito, cadea, rampas ou subidas para os terraplenos, outa cadea que esta de bacho da rampa, corredor ou caminho que vaipor bacho do terrapleno sahir aofosso com anobeda por sima, a sua porta fica por dentro do quartel H, os mais quarteis dos soldados co do cabo fica por cima das abobedas das cadeas DD e tranzito C, aonde também huma pequena capella, cazada polvora. O perfil he do meio da tenalha, oposta a do portam.*
Na m argem superior, à direita, contém o número 27.
Na margem inferior da planta contém uma lista de materiais bélicos existentes na fortificação e outra de instrumentos necessários para a sua defesa.

Entre as duas listas, está escrito: *Esta fortaleza se acha capas de laborar no que respeita a forteficaçam.*

Aguada na cor preta e aquarelada nas cores vermelha, cinza sépia.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
Contém listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas listas estão escritas a tinta ferrogálica.
Na margem superior, à direita, aparece o nº 27
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 13 em AHU_ ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.

O Forte das Cinco Pontas foi construído pelos neerlandeses, no período do domínio holandês. O engenheiro responsável foi Commeresteyn. Foi submetido à sucessivas reformas em 1637, 1684, 1822 e 1904. Em 1979, foi restaurado, adquirindo suas feições atuais, que conserva o traçado regular e quatrobastiões poligonais.
Outros nomes: Forte de São Tiago das Cinco Pontas, Forte Frederik Hendrik, Forte Frederico Henrique, Forte Frederik, Heinrich Trots Den Duivel (Desafio Ao Diabo), Vijfhuck (Cinco Pontas), Fortaleza de Frederico Henrich.

AHU_CARTm_015, D. 0931

155 FORTE DE SANTA CATARINA, CABEDELO. Fortificação. ca. 1763

Planta da Fortaleza de S. Caterina do Cabedelo. – Escala [ca. 1:100]. – [ca. 1763]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 33,3 x 39,6cm em folha 34,8 x 40,6cm.

Localizada em Cabedelo, pertence, atualmente ao Estado da Paraíba.
Escala gráfica de 60 palmos [= 13,3cm].
Estão assinalados na planta: A. *emtrada do mar dentro do fosso ê corre emthe C, esta fortaleza nam tem contra muralha mas q*ue *da letra A the a ponte e dahi pa*ra *diante o q*ue *vai notado com risquinhos pretos he terra levanta q*ue *sinala o fosso.D. Ponte e emtrada pa*ra *a fortaleza. E. Rampas q*ue *dece para o fosso. F. Tranzito, em cima esta a caza dos orgaos G. Corpo da goarda H. Armazém por cima a caza do cap*i*tam mor.J caza de polvora LL. Quarteis M. Armazem velho N. Emtrada de um cam*[*inh*?]*o coberto O. Caza do comand*an*te P. Capella.*

Na margem inferior da planta contém 2 listas de instrumentos de artilharia necessários para a sua defesa, intituladas: *Relaçãm da artelharia e mais petrexos que se acham prezentemente capazes de servirem nesta Fortaleza* e *Relaçam dos petrexos que faltão para o fornecimento desta fortaleza* existentes na fortificação e outra de instrumentos.
Na margem superior, à direita, contém o número 34.
Entre as duas listas, está escrito: *Esta fortaleza nam esta acabada em algumas partestem parapeito a barba, em outras ona ó tem as goritas só lhe fizeram as bazes, e o lagedo em poucas partes o há, nam tem contra escarpa, mas que da mesma letra A té a ponte e dahi para diante o que vai notado com os resquinhos em preto hé terra levantada que a sinala o fono que lhe fica mais bayxo tres ou quatro palmos.*

Aquarelada nas cores vermelha e cinza.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
A escada foi desenha em sépia.
Contém listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas listas estão escritas a tinta ferrogálica.
Na margem superior, à direita, aparece o nº 34.
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 21 em AHU_ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.

A construção do Forte de Cabedelo remonta ao século XVI, para servir de apoio aos navios da coroa portuguesa e impedir os ataques indígenas às povoações. Mais tarde, passou a se chamar Fortaleza Santa Catarina, em homenagem à Duquesa portuguesa Dona Catarina de Bragança. No período do domínio holandês, Maurício de Nassau mudou-lhe o nome para Forte Margareth (Margarida), em homenagem à sua irmã. Após a expulsão dos neerlandeses, voltou a denominação antiga, Fortaleza Santa Catarina. Em 1675, o rei de Portugal enviou uma nova carta régia mandando construir uma nova fortificação. Houve sucessivas cartas solicitando reconstruções do forte. Entre 1974 e 1978, o forte foi restaurado, mantendo o estabelecimento de acordo com a planta do século XVIII.

AHU_CARTm_015, D. 0938

156 FORTE DE SANTA CRUZ DO MAR. Fortificação. ca. 1763

Planta do forte de S. Crux do Mar. – Escala [ca. 1:110]. – [ca. 1763]. – 1

dsenho técnico : color., nanquim ; 33,5 x 39cm em folha ; 35 x 40,2cm.

Escala gráfica de 80 palmos [= 16,1cm].
Inclui perfil.
Estão assinalados na planta: *entrada para o Forte,patio donde se deuidem os quarteis, caza da polvora, quarteis de soldados, sisterna em perfeita, escada para subir a esplanada.*
No perfil, está escrito: *altura the oliuel da emtrada, anpneda com que sam cobertos os quarteis, toda a altura do dito forte, metade do comprimento do dito forte, o seo parapeito.*
Na margem superior, à direita, aparece o nº 29.
Na margem inferior da planta contém 2 listas de instrumentos de artilharia necessários para a sua defesa, intituladas: *Relaçãm da artelharia e mais petrexos que se acham prezentemente capazes de servirem nesta Fortaleza* e *Relaçam dos petrexos que faltão para o fornecimento desta fortaleza* existentes na fortificação e outra de instrumentos.

Entre as duas listas, está escrito: *Este forte se acha capas de laborar no que respeita a forteficaçam.*

Aquarelada nas cores vermelha, cinza e amarela.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
Contém listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas listas estão escritas a tinta ferrogálica.
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 15 em AHU_ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.

O Forte de Santa Cruz do Mar localizava-se na Praia dos Milagres, próxima ao Convento de São Bento, em Olinda. Nessa região teria existido um fortim com o nome de Fortim de Santa Cruz. Mais tarde passou a denominar-se Guarita de João de Albuquerque. De acordo com o levantamento histórico do Laboratório de Arqueologia da UFPE, esse fortim teria sido construído no governo de Matias de Albuquerque com o nome de Forte Santa Cruz do Mar, entre 1620 e 1622. Foi tomado pelos holandeses, como as demais fortificações, em 1630. Na cartografia holandesa figura como *Guarda dos Judeus.* Com a tomada dos portugueses, o nome voltou para Forte de Santa Cruz.

AHU_CARTm_015, D. 0933

157 FORTE DE TAMANDARÉ. Fortificação. ca. 1763

Planta da Fortaleza de Jtamandarê . – Escala [ca. 1:730]. – [ca. 1763]. – 1 planta ms. : color., desenhado a nanquim ; 33,3 x 38,1cm em folha 35,4 x 40,4cm.

Escala gráfica de 400 palmos [= 12,1cm].
Inclui perfil.

Estão assinalados na planta: *entrada para a Fortaleza,ponte, tranzito, corpo da goarda, cadea, caza do trem da artilharia, caza da polvora, quarteis, caza aonde estam balas, capella, sancristia, subidas para incuba, quarteis dos soldados o do Cabohê por sima da emtrada sobre as abobedas do tranzito, corpo da goarda, e caza do trem.*

Na margem inferior da planta contém 2 listas de instrumentos de artilharia necessários para a sua defesa, intituladas: *Relaçãm da artelharia e mais petrexos que se acham prezentemente capazes de servirem nesta Fortaleza* e *Relaçam dos petrexos que faltão para o fornecimento desta fortaleza* existentes na fortificação e outra de instrumentos.

Entre as duas listas, está escrito: *Esta fortaleza se acha com hum baluarte aruinado que apriva o poder laborar daquela parte.*

Aguada na cor preta, aquarelada nas cores vermelha, amarelo e cinza.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
Contém listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas listas estão escritas a tinta ferrogálica.
Na margem superior, à direita, aparece o nº 33.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 19 em AHU_ ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.

Mais conhecido como Forte de Tamandaré , posssui outras denominações: Forte de Santo Inácio de Tamandaré, Fortaleza da Barra Grande, Fortaleza Tamandaré, Fortaleza de Tamandaré. Localiza-se na Praia de Tamandaré, na entrada da cidade de Tamandaré, em Pernambuco. Com relação à sua construção, há referências de que o forte teria sido mandado erguer para proteger o porto e as embarcações portuguesas dos ataques dos neerlandeses, em 1646. Mais tarde, o forte foi tomado pelos holandeses, e posteriormente recuperado pelos luso-brasileiros. Em 1812, o forte foi reconstruído e sofreu reparos em 1822. Atualmente o forte funciona como farol, com residência para o faroleiro e na área pública é aberto para

visitação.

AHU_CARTm_015, D. 0937

158 FORTE DO BRUM. Fortificação. 1763

Planta do Forte de S. Joam Baptista do Brum. – Escala [ca. 1:550]. – [1763]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 33,3 x 38,5cm em folha 34,8 x 40,2cm.

Estão assinalados: *emtradada de fornte, tranzito, cadea, outra cadea nacoal esta agora polvora, ranpas, por donde sisobe para as esplanandas, caza do Cabo do sobrado é por baxo quartéis, quartel em que está mais polvora, os mais quartéis.*
Inclui perfil.
Escala gráfica de 400 palmos [=16,2cm].
Possui listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas listas estão escritas a tinta ferrogálica.
Na margem superior, à direita, contém o número 26.
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 22 em AHU_ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.
Aquarelado nas cores vermelho, cinza e sépia.

O Forte de São João Batista do Brum, antigo nome Forte Novo São Jorge , iniciou sua construção em 1629 com o projeto do engenheiro português Diogo Pais, e a cargo das obras pelo engenheiro sargento Pedro Correia da Gama. Com a invasão do holandeses, em 1630 a obra foi interrompida e refeita pelos engenheiros neerlandeses Tobias Commerteyn, Andréas Drewich e Pieter van Bueren. Passou a ser chamado de Forte Bruyne, em homenagem a Johan Bruyne, integrante do Conselho de Comissários que governou o Brasil holandês, e mais tarde ficou conhecido como Forte do Brum.

AHU_CARTm_015, D. 0930

159 FORTE DO BURACO. Fortificação. ca. 1763

Planta do Forte de S. Antonio dos Coqueiros do Buraco. – Escala [ca. 1:400]. – [ca. 1763]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 33,5 x 39cm em folha 35,1 x 41,2cm.

Escala gráfica de 300 palmos [= 17,2cm].
Inclui perfil.

Estão assinalados: *entrada para o Forte, tranzito, corpo da goarda, caza em que esta o que pertence a artelharia,cadea, caza que algum tenpo foi da polvora, quarteis, capella de S. Antonio, caza do Cabo, os dois baluartes demolidos, os quaes vam riscados de amarelo thê do se achão partidos.*

Na margem superior, à direita, aparece o nº 28.
Na margem inferior da planta contém 2 listas de instrumentos de artilharia necessários para a sua defesa, intituladas: *Relaçãm da artelharia e mais petrexos que se acham prezentemente capazes de servirem nesta Fortaleza* e *Relaçam dos petrexos que faltão para o fornecimento desta fortaleza* existentes na fortificação e outra de instrumentos.

Entre as duas listas, está escrito: *Esta fortaleza se acha com a muralha da parte do mar toda cahida, pela tirar ruinado o mesmo, e apriva o poder laborar.*

Aquarelada nas cores vermelha, cinza sépia e amarela.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
Contém listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas listas estão escritas a tinta ferrogálica.
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 13 em AHU_ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.

O Forte do Buraco foi construído em 1630, com o nome de *Domina Brunonsis*, em homenagem à esposa de Bruyne, presidente do Conselho Holandês. Sua construção localiza-se entre Olinda e Recife, provavelmente onde teria existido o Forte São Jorge Velho. Em 1654, o Forte foi ocupado pelos portugueses e restaurado em 1705. Em 1958 foi demolido pela Marinha para a construção do Terceiro Distrito Naval.

AHU_CARTm_015, D. 0932

160 FORTE DO PAU AMARELO. Fortificação. ca. 1763

Planta da Bataria do Pau Amarelo. – Escala [ca. 1:170]. – [ca. 1763]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 33,2 x 38,5cm em f.; 34,6 x 40 cm.

Escala gráfica de 100 palmos [= 13cm].

Inclui perfil.
Estão assinalados na planta: *bataria da parte do mar, comprimento do lage em que anda a arte ibaria,a sua largura o que vai de amarelo he o terrapleno que entre o lageado e acontra muralha o que al terrapleno esta para acabar, parede que divide os quarteis da parte da fronteira, quarteis acabados, ramal da parte do norte, ramal da parte do sul.*

Na margem inferior da planta contém 2 listas de instrumentos de artilharia necessários para a sua defesa, intituladas: *Relaçãm da artelharia e mais petrexos que se acham prezentemente capazes de servirem nesta Fortaleza* e *Relaçam dos petrexos que faltão para o fornecimento desta fortaleza* existentes na fortificação e outra de instrumentos.

Entre as duas listas, está escrito: *Este forte se acha ainda para acabar, e só tem huma bataria feita, como o da planta se vê.*

Aquarelada nas cores vermelha, cinza e amarela.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
Contém listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas listas estão escritas a tinta ferrogálica.
Na margem superior, à direita, aparece o nº 30.
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 16 em AHU_ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.

O Forte de Nossa Senhora dos Prazeres de Pau Amarelo ou Forte do Pau Amarelo (localizado no muncípio de Paulista, em Pernambuco) foi mandado ser construído pela carta régia de 15 de setembro de 1703. Essa carta régia definia os recursos a serem utilizados, oriundos da própria Capitania, conforme o projeto da planta enviada com comentários de autoria do engenheiro Luís Francisco Pimentel. Porém, Pimentel morreu afogado no Rio Doce, em 1707.

AHU_CARTm_015, D. 0934

161 CASTELO DO MAR. Fortificação. 1763

Planta do Reduto que se acha na Barra de N. S. da Nazarê. – Escala [ca. 1:173]. – [ca. 1763]. – 1 desenho técnico : nanquim ; 33,4 x 38,6cm. em folha ; 35,2 x 40,2cm.

Escala gráfica de 100 palmos [= 12,7cm].

Localiza-se na cidade do Cabo de Santo Agostinho.
Estão assinalados na planta: *muralha a qual tem umas aberturas largas e lhe ceruem de canhoeiras, parede delgada que devide esta obra da outra, muralha principiada de nouo qual senao acabou, emtrada para esta bataria, corpo da goarda, caza aonde estao os petrexos da artelharia, caza aonde estao ballas, emtrada para a caza da primeira, caza da polvora da abobeda.*

Na margem superior, à direita, aparece o nº 32.
Na margem inferior da planta contém 2 listas de instrumentos de artilharia necessários para a sua defesa, intituladas: *Relaçãm da artelharia e mais petrexos que se acham prezentemente capazes de servirem nesta Fortaleza* e *Relaçam dos petrexos que faltão para o fornecimento desta fortaleza* existentes na fortificação e outra de instrumentos.

Entre as duas listas, está escrito: *Este reduto se acha com huma das baterias cahida que apriva o poder laborar, alem da pouca capacidade que tem.*

Aquarelada nas cores vermelha e cinza.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
Contém listas de artilharia e petrechos. As nomenclaturas dessas lista estão escritas a tinta ferrogálica.
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 18 em AHU_ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND.

O Forte do Castelo do Mar, conhecido históricamente e popularmente, possui outras designações: *Castrum Maritimus*, Castello Marítimo, Reduto da Barra de N.S. de Nazaré e Forte de Nossa Senhora de Nazaré (este último nome não é certo). Sua localização seria no Município Cabo de Santo Agostinho, próximo ao Povoado de Nazaré, sobre o pontal do cabo. Segundo, a Equie do Laboratório de Arqueologia da UFPE, há dúvidas quanto ao nome da fortificação com referência à sua localização. Alguns autores atribuem ser o Forte Nazaré construído sobre o rochedo na ponta do cabo, o que não corresponde aos autores coevos. Outra dificuldade em relação à identificação dos fortes, que em muitas vezes os nomes são alterados, em decorrência de suas tomadas pelos inimigos. Conforme o Laboratório deArqueologia, em análise com este documento e uma iconografia seiscentista, declara que as estruturas correspondentes àquelas das ruínas sobre os rochedos junto à barra, onde o próprio título descreve "Reduto que se acha na Barra de N.S. de Nazaré" e não o Forte de Nossa Senhora de Nazaré.

AHU_CARTm_015, D. 0936

162 FORTE ORANGE. Fortificação. ca. 1763

Planta do forte que existe na Jlha de Jtamaracâ. – Escala [ca. 1:625]. – [ca. 1763]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 33,4 x 38,3cm em folha 35,2 x 40,2cm.

Planta arquitetônica do Forte Orange, localizado na Ilha de Itamaracá.
Escala gráfica de 400 palmos [= 14,1cm].
Inclui perfil.

Estão assinalados na planta: *emtrada para forte, as contra muralhas deste lado,quarteis acabados, capella, caza de sobrado bacho, caza da polvora sobre hua aboboda sobre 10 palmos de alto, escadas para subir para estas cazas, quarteis para acabar, aubidas para os baluartes. O perfil he de tenalha oposta a emtrada*.

Na margem superior, à direita, aparece o nº 31.
Na margem inferior da planta contém 2 listas de instrumentos de artilharia necessários para a sua defesa, intituladas: *Relaçãm da artelharia e mais petrexos que se acham prezentemente capazes de servirem nesta Fortaleza* e *Relaçam dos petrexos que faltão para o fornecimento desta fortaleza* existentes na fortificação e outra de instrumentos.
Entre as duas listas, está escrito: *Esta fortaleza nunca se acabou de todo, e só tem tres baluartes terraplenados, ea cortina da parte do mar e parte destes baloartes feitos. Prezentemente se acha só com hum baloarte prompto, e as mais cortinase baloartes basicamente aroinados, parte cahidos,*[...] *outros para isso.*

Aquarelada nas cores vermelha, cinza e sépia.
As cores do nanquim utilizadas foram vermelho e preto.
Marca d'água: DXWS / D SEBILLE & WEND
O mapa da guarnição desta fortaleza encontra-se na folha 17 em AHU_ACL_CU_LIVROS DE PERNAMBUCO, cód. 1989.
Ver AHU_ACL_CU_ 015, Cx. 83, D.6929.

O Forte Orange foi construído pelos holandeses, cujo nome foi dado em homenagem ao príncipe Frederico Henrique de Orange, tio de Maurício de Nassau. Com a saída dos neerlandeses, o forte foi ocupado pelos portugueses, mantendo a sua estrutura construtiva por muitos anos.
Em 1696, uma carta régia mandava a sua reconstrução e em 1777, o forte assume aproximadamente a sua configuração atual. Em 1970 foi tombado pelo patrimônio histórico e foi restaurado.

AHU_CARTm_015, D. 0935

163 PORTOS DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO. Mapa. post.1783

Soares, Antonio José.
Portos pertencentes à Capitania de Pernambuco : a onde qual embarcação pode hir carregar madeiras pª. sua Magᵉ. a fim de se ivitarem as despezas, q. se fazem com as sumacas, q. conduzem as dittas madeiras, pª. Pernambuco, com já se praticou em Jeraguá em os anos de 1781,82, e 83 aonde carregarão os navios Nª Srª do pilar. e o Paqᵗᵉ. [Paquete] Gloria, Remedios / Antonio Joze Soares – Escala [ca. 1:1.300]. – [post.1783]. – 1 f. ms. (2 cartas) : desenho a tinta ferrogálica ; 33,5 x 42,2cm em folha 35 x 43,7cm.

As duas cartas que se referem aos portos da Capitania de Pernambuco, atualmente as áreas geográficas assinalada nelas pertencem aos Estados de Alagoas –as enseadas de Pajuçara e Jaraguá – e Paraíba –a Baía da Traição.
Escala gráfica de 3 léguas portuguesas [=13,4cm].
Inclui rosa dos ventos.
Inclui batimetria.
Partes: Bahia da Treição – Enseada de Geraguá.
Marca d'água: H C WEND & ZOONEN.
Foi datado post 1783, na pasta, onde o documento está acondicionado.

AHU_CARTm_015, D. 1291

164 RECIFE. Mapa. 1788

Xavier, Francisco Braga
Planta do Bayrro Pé da Ponte da Conceyção do Rᶜᵉ. de Pernᶜᵒ. / Francisco Xaveriuz Bracareussis diliniavit et fecit– Escala [ca. 1:150]. – . Pernanbuco, 1788. – 1 planta ms. : col., desenho a nanquim; 34,4 x 57,1cm em folha 49, 7 x 63,3cm.

Mostra a rua antiga do Açougue, também chamada Senzalas, os terrenos pertencententes às Congregações de São Bento e do Oratório, Casa de José Roiz de Senne etc.
Escala gráfica de 10 braças, equivalente a 100 palmos [= 15, 2 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Aquarelado de marron, preto, e aguada de laranja.
A nomenclatura da legenda está escrita a tinta ferrogálica sobre duas folhas de papel coladas na folha da planta.

Marca d'água: Hessels & Vorster.

AHU_CARTm_015, D. 0942

165 ALFÂNDEGA. Iconografia. 1789

Desenho da Nova Alfandega de Pernco. / por F.X.R. em Pern[ambu]co ... – Escala [ca. 1:135]. – 1789. – 6 desenhos técnicos em 2 fs. ms. : nanquim ; 43 x 59,3cm em folha 47,8 x 68,1cm.
A folha que está escrita *1 parte* possui 2 plantas arquiteturais – AHU_CARTm_015, D. 0943 –, a segunda onde se lê *2 parte* consta de 4 desenhos de alçados do prédio – AHU_CARTm_015, D. 0944.
Escala gráfica de 114 palmos [= 19cm].
Cartuchos das legendas ilustrados em estilo barroco.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Ofício do Governador de Pernambuco, Thomaz de Mello de 10 de Agosto de 1789.

Atualmente este prédio, localizado em Recife, foi transformado em shopping, com o nome de Shopping Paço Alfândega.

AHU_CARTm_015, D. 0943/944

166 FORTE DE SÃO FRANCISCO XAVIER. Mapa/ Fortificação. 1799

Albuquerque, José Francisco de Paula Cavalcante de
Mappa topographico do lugar do Gayabú : no qual se mostra o plano do Reducto de N. S. do Monte do Carmo e St. Thomé, sobre a Ponte do Gayabú que defende a Enceada do mesmo nome... / por Jozé Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, Capitam Commandante de Artilheria . – Escala de 200 braças craveiras. – Anno 1799. – 1 carta ms., 2 desenhos técnicos : nanquim ; em folha 45,6 x 65,6cm.

Subtítulo: ... e foi construido por ordem do IIImº. e Exmº. Senhor D. Thomás José de Mello, oferecîdo ao Excellentissimo e Illustrissimos Senhores do Governo Interino destas Capitanias.
Partes: Planta do Reducto Nossa Senhora do Monte do carmo e S. Thomé sobre a ponta do Gayabu. Escala [ca. 1:350] – [Carta da Enseada e Ponta do Gaiabu]. Escala ca. 1:3.050 – [Planta do quartel]. Escala [ca.1:35].
A [carta da Enseada e Ponta do Gaiabu] contém batimetria, e a vegetação

representada nela é em forma pictórica. Indica também recifes, caminhos para a fortificação, a Ponta do Rapa e o Cabo de Santo Agostinho.
Inclui rosa dos ventos.
Na margem superior à direita, está escrito a lápis o número 11.
Marca d'água: D & C BLAUW IV.
ver ofício do Governador interino da Capitania de Pernambuco de 20 de Junho de 1799.

O Forte de São Francisco Xavier localiza-se no município Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco.
O Reduto de Nossa Senhora do Monte do Carmo e São Tomé possui outras denominações, Forte de Gaibu, Reduto de São Francisco Xavier, Forte de São Francisco Xavier.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 293.

AHU_CARTm_015, D. 0945

167 PLANTA DE FORTALEZA. Fortificação. ca. 1801

[Planta de uma fortaleza]. – Escala [ca. 1:100]. – [ca.1801]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 34,2 x 43,9cm.

Escala gráfica de 180 palmos [=37,8 cm].

Estão assinalados: *Gurita, banquetas, esplanada, cano de exvalir as agoas da praça, comprimento desta cortina 144 palmos, grosso das muralhas 8" palmos, caza de polvora 13 palmos emcoadro, quartel do comandante da fortaleza, alojamento dos soldados, cuzinha, corredor, portão , comprimento desta cortina 168 palmos.*

Aquarelada nas cores amarelo e vermelho.
Marca d'água: D & C BLAUW.

AHU_CARTm_015, D. 0950

168 RECIFE. Vista. ca. 1801

[Perspectiva de vários edifícios entre os quais a do Hospício de Nossa Senhora da Penha dos Capuchinhos]. – [ca. 1801]. – 1 vista panorâmica :

desenho a nanquim ; 31 x 43,2cm em folha 32,1 x 44,6cm.

Os edifícios assinalados fazem parte da cidade de Recife, que se destacam: Hospício da Penha dos Capuchichos, Ribeira Nova , Largo da Penha, Casa de José de Sousa Rangel, casa de Manuel Carvalho e ruas da praia chamada Rangel e Santa Rita.
Aquarelado de preto e cinza.

AHU_ACL_CU_015, Cx. 223, D.15117.

AHU_CARTm_015, D. 0949

169 QUARTÉIS. Iconografia. ca. 1802

Castro, Manuel Joaquim Barbosa de, 1765-1817.
[Planta de um quartel para o regimento de artilharia, a erigir no largo de fronte do Convento do Carmo, em Olinda] / Manuel Joaquim Barboza de Castro a fez incapas de aparecer em razão do pouco tempo, q. Se lhe aprazou e acharse duente. – Escala [ca.1:200]. – [ca. 1802]. – 1 desenho técnico : nanquim ; 43,5 x 55,8cm em folha 47,5 x 59,9cm.
Escala gráfica de 10 braças [=12,4cm].
Aquarelada na cor cinza.
Inclui fachada do prédio.
Marca d'água: D C & Blauw.
Anexo ao doc. nº. 15612 de 1802, Janeiro, 18.

AHU_CARTm_015, D.1292

170 ARMAZÉM DO CAIS, RECIFE. Mapa. ca. 1820

Demonstração geografica e verdadeira, na q^{l} se mostra a lezão enormissima do novo Armazem (senão for sobrado) ereto em sima do Cais Real... – Escala [ca. 1:350]. – [ca.1820]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 36 x 50,2cm.

Subtítulo: ...com premissão e impulsão Prectoriano, contra a justa opozição dos respectivos proprietarios fronteiros e imediatos como do mapa se vê q. jámais púderão os acerbos despos. do g^{or}. e da Junta sendo os respectivos propiet^{ros}. athe o anno 1759.

Abaixo do título está escrito: *Senhores livres dos seus quintaes reparados*

de páos a pique aonde o mar empregava os seus continuados impectos e então se derão ao novo recinto por fazer utilidade ao resto do povo, e sen[...] *de paceyo publico e estancia de todo o genero de couzas embarcadas e prezetemente alem das cazas entaipadas como se vê ficando as 3 moradas livre do autor.Lezou a todas as mais colateraes, desde a rua do Trapiche Rua pral. e todo o pateo, e cazas da Companhia e Alfandega ficarão privados da delicioza vista da Barra, e seu castelo, a qual demora ao nornordeste, pois sendo o terrapleno no mais estreito de 50 palmos o reduzio a 22 ", e no lado* [...] *ultima caza nova que tinha 40 palmos o reduzio a 12. Ficando com incapacidade de passar tropas formadas, ultimamente athé prejudicou as*[...] *de todo o mundo e todos os mais individuos mortos, e sepultados.*

Estão assinalados: *cazas de Alfândega, cazas da Companhia Geral, pontes de trapiche, guarda de trapixe, commua dos soldados, lingueta do dezembarqe, caza do malcozinhado,hospedage dos R.R.B.B., caza do trr. dita dos B.B., Pr.a caza imtaipada, Dito o mesmo Francisco Gomes, caza* [...], *dita de Manuel Santa. , estanque de tabaco dita, estreito de 22 palmos, caza ditta em taipada, dita o mesmo, caza nº 18 athê 10 entaipada, caza antiga de Bernardo Raymundo., dita antiga de Bernardo Raymundo, novissima do dito Raymundo, dito dos herdeiros de Jozê Vaz Salgado. Rua do Torres, rua do Trapixe, rua da secolê, Trapixe da Fazenda, reduto da Companhia, cais que fez o Gro. Luis Diogo sempre, a memoravel, que tem mais d 1000 p., beco da rua dos Janoeyros que vay para o Fortinho , e S. Bom Jezus, Cais de Luis Diogo.Este edificio está só em 4 paredes, é altura de 16 palmos, 25 de março de 1787, Este edificio de sobrado, com simulação de armazem, deve ser demolido pello preijuizo dos direitos que pode cauzar nos*[...] *contrabandos introduzidos nelle, pr.ses. obra de natureza hidraulica,sobremar, trapixe novo, Orilhon ou prtte do Forte Bom Jezus.*
Escala gráfica de 100 palmos [=6,4cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Cartucho de título e legenda decorado em estilo barroco.
Aquarelado nas cores vermelho, verde, amarelo e preto.
Marca d'água: HESSELS.

AHU_CARTm_015, D. 0951

171 SESMARIAS. Mapa. 1821

Ribeiro, José Dias
Planta da sesmaria concedida a Fran^co^. Gonçalves da Rocha : situada no lugar denominado Prato Grande, nas margens do Rio Pirangi, freguesia do Rio Preto. Termo da Villa de Serinhaem / demarcada pelo Piloto Jozé Dias Ribeiro, e levantada a vista da derrota do dito piloto, por Joaquim

Jozé de Figueiredo . – 1821. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 628 x 38,2cm.

Escala gráfica de meia legoa de 1500 braças [=15cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Estão assinalados: *Rio Pirangi, Grota seca, caxoeira, marco de João Venceslau da Rocha, Riacho da Pedras, Riacho Urucú, marco de antonio Jozé Marroquim, testada de João Venceslau da Rocha Couseiro.*

Desenhada a nanquim preto e vermelho.
Aquarelada na cor verde.
Possui assinatura de *Jozé Francisco Maciel Monteiro, Secretário do Governo*
Marca d'água: J KOOL & COMP
Anexa ao AHU_ACL_CU_015, Cx. 282, D. 19188.

AHU_CARTm_015, D. 0952

CAPITANIA DE ALAGOAS

172 FREGUESIA DE UNA. Mapa. 17--.

[Mapa da Freguesia de Una e seus limites entre Sirinhaém e Porto Calvo]. – Escala [ca.1:224.000] – [17--]. – 1 mapa ms. : color, desenho a tinta ; 34,2 x 22,2cm.

Abrange pequena parte do norte do Estado de Alagoas, indicando os atuais municípios de Jacuípe e Porto Calvo, e o sul do Estado de Pernambuco, onde assinala a demarcação das terras dos índios de São Miguel dos Barreros, atual cidade de Barreiros, em Pernambuco.
Segundo IBGE, a Aldeia de São Miguel dos Barreiros foi elevada a categoria de vila em 1786 e instalada em 1860. Em 1892, a vila foi elevada a condições de cidade e município com o nome de Barreiros. Portanto, este mapa é anterior a 1786.
Mostra o Rio Una desde os limites da Freguesia do Una, Garanhus e Curato dos Bezerros até o Oceano Atlântico.
Aponta o seu afluente da margem direita, Rio Jacuípe.
O norte está voltado para o lado direito.
Indica a igreja matriz em Jacuípe, no atual Estado de Alagoas.
Informa que a freguezia do Una possui 61 engenhos e 2200 *fogos* [casas habitadas].
Escala gráfica de 2 léguas [= 4,8cm].

Aquarelado nas cores vermelho , azul e verde.
Marca d'água: D & C BLAUW.

AHU_CARTm_004, D. 0955

173 IGREJA MATRIZ DA CONCEIÇÃO. Iconografia. ca. 1766.

[Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição na Vila de Alagoas]. – [ca 1766]. – 2 desenhos técnicos ; 41,7 x 30,6 cm.

Um desenho é a planta arquitetônica, feito a tinta ferrogálica, medindo 39,5 x 29,8cm. O outro é o alçado da igreja, decorado em estilo barroco, com 2 torres sineiras, encimadas por 2 aves equilibradas sobre a roda, e no meio o crucifixo.
O alçado foi desenhado a bico de pena na cor sépia, colorido de crayon preto, medindo 41,7 x 30,6cm.
Ver REQUERIMENTO do pároco e moradores da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da vila de Alagoas ao rei [D. José] a pedirem esmola e ajuda de custo para continuar as obras de reedificação e aperfeiçoamento da igreja matriz, e que esse donativo se tire da Fazenda Real de Pernambuco. [ant. 1766, Julho, 9, vila de Alagoas]. AHU_ACL_CU_004, Cx. 3, D. 185.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição pertence a cidade de Marechal Deodoro. Essa cidade foi fundada em 1611, com nome Santa Maria da Madalena de Sumaúna, que servia para proteger o pau-brasil do contrabando. Em 1636, passou a se chamar Vila de Santa Maria da Madalena da Lagoa do Sul. Tornous-e caital de Alagoas em 1827, passando a se chamar Vila de Alagoas. Em 1839, a capital de Alagoas foi transferida para Maceió. Mais tarde, o nome da cidade de Alagoas mudou para Marechal Deodoro, em homenagem ao primeiro presidente da república, nascido nesta cidade, Marechal Deodoro da Fonseca.

AHU_CARTm_004, D. 1293/1294

174 CASA DA CÂMARA E CADEIA. Iconografia. ca.1713

[Planta da casa da câmara e cadeia da Vila de Bom-Sucesso do Porto Calvo]. – [ca.1713]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 21,5 x 31,1cm.

Estão assinalados. *camera, caza para audiencias, camera e caza dos acordos, 46 palmos de esquina a esquina, baranda de doze palmos de largo.*
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_004, Cx.1, D.12.

Fundada com o nome de Freguesia de Bom Sucesso, foi um dos primeiros locais a ser habitado pelos portugueses e a primeira freguesia do Estado de Alagoas. Em 1636 foi elevada a vila e a cidade em 1889, passando a denominar-se Porto Calvo.

AHU_CARTm_004, D. 1295

CAPITANIA DE SERGIPE

175 PROPRIÁ. Mapa. ca. 1757

Freguesia de S. António de Orubu de baixo Rio de S. Fran^co^.– [ca 1757]. – 1 mapa ms. : desenho a bico de pena ; 30,1 x 63,1cm.

Atualmente é chamado de Muncípio de Propriá e pertence ao Estado do Sergipe.
Abaixo do título, está escrito: A. *Igreja Matriz. B. Capella filial e unica da freguesia.* C. I*greja da Fazenda Iabotão dos Padres da Companhia. D. Missão de São Pedro dos Capuchos. E. Cazas do Morgafo do Porto da Folha. Os Rios F.G. H. I e L. São secos pelo verão, e não são navegaveis em tempo algum, e se ão sabe dos seos nascimentos. Tem esta freguesia 1357pessoas de comunhão.*

No mapa estão assinalados: *Por este rio chamado Japarotuba se divide esta Freguesia do Orubu esmade IES*[...] *Maria Jozé e São Gonçallo do Pé do Banco. Rio Japaratuba navegavel com as inundaçõens do Inverno.Nascente de Japarata. Continua a divizão do Pé do Banco. Distão todas Fazendas da Freguezia nove legoas; e o Rio Japaratuba 10 legoas. Pão de assucar; huma legoa a este citio do meio; duas legoas a esta fazenda; Fazenda de gado desta a que esta a huma legoa se Fazenda 3 legoas; Pedras Brancas. Fazenda de gado; Cabeça de Onça;Fazenda de gado; Cajueiro desta Freguesia 8 legoas; Confinão por este lado a divizão desta Freguesia do Orubu com a da Santo Antonio de Vila Nova; Nesta C do Desterro dos Padres da Companhia desta da Freguesia 4 legoas; Fazenda do Jacare; Fazendas de gado; Cedro; Nascente do Riacho Jacare; Varge chamada Propria, tem aqui 4 legoas de circuito navegavel de canoa nos mezes Outubro, Novimbro, Janeiro, Fevereiro, Março e Abril pela enchente do Rio São Francisco; Citio do Buraco de*[...] *da beira do rio 2*[...] *legoas; Varge de Maruipe por ella se entra de canoa, por aqui se divide esta Freguesia com a da Vila Nova; Citio chamado*

Maruipe; deste citio a Freguezia são 3 legoas; Citio chamado Propriha; A; da Freguesia aquella Capella de Moribondos Amparo 3 legoas; Nossa Senhora. Do Amaparo; B; Varge de Jaguaripe, que enche em nos ditos mezes navegaveis, e terao emeirato pouco mais ou menos 3 legoas; deste luga Jaguaripe a este do Curral das Pedras são 5 legoas; deste a este da Boa Vista são 5 legoas; Citio Jaguaripe, Curral das Pedras a este do Ariticu são duas legoas; Varge do Ariticu navegavel nos ditos mezes de enchentedo rio; desta Fazenda a esta huma legoa; Fazenda de gado Jacioba; Caiçara; Fica esta Misião destante da Freguesia 15 legoas legoas; F Rio das Antas; deste rio a este são 2 legoas e meia; G Riacho chamado Jacare; Ilha de Ferro, fazendas de gado; deste rio a este outro são 5 legoas;desta a esta duas legoas; Calindê, Fazendas de gado;Rio Curituba; deste riacho aquele 4 legoas;desta aquela huma legoa; Fazenda de gado Cacaminhá, Cabeça de Negro; Rio do Xingó que divide esta Freguezia com a de Santo Antonio do Pambu. Rio de São Francisco, que divide a Capitania da Bahia da de Pernambuco, navegavel todo anno, e caudalozo, sobe thé dentro das minas, onde tem o seu nascimento mais do 500 legoas. Terras pertencentes a Pernambuco portado deste lado direito. Sertoens agrestes e inhabitados.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
A nomenclatura foi escrita a tinta ferrogaálica.
Desenhado sobre 2 folhas coladas.
Cartucho de título decorado em estilo barroco.
Marca d'água: flor de lis, sustentando uma medalha e encimada por uma coroa. Outra marca dágua com a representação de um quadrúpede, tendo ao alto uma coroa.
AHU_ACL_CU_005-01, D.2709.

Santo Antônio de Urubu de Baixo foi elevada a freguesia em 1718, e em 1801 passou para a categoria de vila. Em 1821, já com o nome de Vila de de Santo Antônio de Propriá, perdeu uma grande parte do seu território com a criação da Freguesia de São Pedro de Porto da Folha. Em 1866 é elevada a cidade com o nome de Propriá.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 220.

AHU_CARTm_022, D. 0975

CAPITANIA DA BAHIA

176 ALFÂNDEGA. Iconografia. ca. 1618

Modêlo da obra que se ha de fazer na Alfândega da Baýa . – [ca. 1618]. – 5 desenhos técnicos em 3 folhas ; tinta ferrogálica ; 27,7 x 58,3cm.

4 folhas coladas, formando 2 conjuntos com desenhos de 4 plantas arquitetônicas. O primeiro conjunto contém planta geral da alfândega, AHU_CARTm_005, D956, e detalhe do armazém, onde está escrito *armazem das armas,* AHU_CARTm_005, D957-A. O segundo conjunto possui parte da planta da alfândega (*caza da alfãdega*) AHU_CARTm_005, D958, e casa de pólvora (*caza da polluora fechada da boboda*) AHU_CARTm_005, D958-A.
O alçado foi desenhado em outra folha, medindo 25,4 x 38,8cm. AHU_CARTm_005, D958-B.
Coloração de aguada em sépia.
As escalas gráficas representadas não possuem indicações numéricas.
Marca d'água: oval encimada por um coração, sustentando um trevo.
Anexo ao documento 1618, Agosto, 6 – AHU_ACL_CU_005-02, Cx.2, D. 174.

Este projeto da nova alfândega de Salvador, no Estado da Bahia não foi adiante, segundo Memória, Receita Federal. Disponível em < http://www.receita.fazenda.gov.br/Memoria/administracao/reparticoes/colonia/alfandegas/alf_S.asp > . Acesso em: 17 fev. 2008.

AHU_CARTm_005, D. 0956/958A-B

177 JAGUARIPE. Mapa. 1705

Ribeiro, Antônio Rodrigues.
Planta da Villa de Nª. Sª. da Juda de Iaguaripe : feita ...por ordem do Sr. D. Rodrigo da Costa Governador e Cappª General do Estado do Brazil..... / Ant. Roi z . Ribro. – Escala [ca. 1:2.800]. – [Salvador], feito no no anno de 1705. – 1 planta ms. : color, desenho a tinta ferrogálica ; 41,4 x 58cm em folha 42,4 x 58,3cm.

Nome dado em 1697 de Vila de Nossa Senhora d'Ajuda de Jaguaripe, atual cidade de Jaguaripe.
Jaguaripe foi o primeiro município criado no Recôncavo baiano, com a denominação de Vila de Nossa Senhora da Ajuda de Jaguaripe, por base

na Carta Régia de 27.12.1693.
Escala gráfica de 170 braças [=13,7cm].
Inclui um texto para o rei de Portugal, apontando as moradias, com algumas construções rústicas, igreja, câmara e a distância de 13 ou 14 léguas (ca.85 km.) da cidade de Salvador, informando também a transferência da praça para a beira do rio pelo Dr. Belchior de Souza Vilas Boas, em oposição a Estevão Terras de Campos.
Aquarelada nas cores verde, vermelho, cinza e sépia.
Ilustrada com algumas embarcações.
Marca d'água: CAM.
Rodrigo da Costa foi governador-geral do Brasil entre 1702 e 1705.

AHU_CARTm_005, D. 0959

178 CAMAMU, BARRA. Mapa. ca. 1707

Gomes, Gregório**.**
Mapa da entradas da barras eisterior e interior da Villa do Camamu / Gregorjo Gomes. – [ca.1707]. – 1 carta ms. : color., desenho a bico de pena ; 42,6 x 57,9cm + 1 folio (31,3 cm).

O fólio contém dados sobre o mapa, onde está escrito: *Explicação deste mapa***.**
Aquarelada nas cores azul, marrom, verde, amarelo.
Indica a Vila de Camamu, cais, fortificações, restinga, baixios etc.
Inclui batimetria.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_005,Cx.5, D.462.

Camamu tem origem da Aldeia dos Tupininquins. Em 1561 foi transformada em freguesia após o estabelecimento dos jesuítas, com o nome de Nossa Senhora de Assunção de Macamamu. Tornou-se vila em 1693, com o nome de Camamu, e elevada a cidade em 1891.

AHU_CARTm_005, D. 0960 + A e B

179 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PALMA. Iconografia. ca. 1710.

Costa, Miguel Pereira da & Abreu, Gaspar de.

Planta da Igreja de Nossa Senhora da Palma da Cidade da Bahia / Miguel Prª. d. Costa ; Gaspar de Abreu . – Escala [ca.1:60] – [ca.1710]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 39,6 x 27,7cm.

Estão assinalados: *corpo da igreja, portas principal e travessas,genellas na igreja e sanscristia, degrao que divide o cruzeiro e os do choan mor, pulpito, cruzeyro, capella mor, altares, sanchristia, lugar para o cayxão e nicho para Senhor Xpo.* [Cristo], *almario para os calices, lavatorio,caza da fabrica igual a da sanchristia, portas para a rua e capella mor.*
Escala gráfica de 40 palmos craveiros [=11,2cm].
Monocromático. Aguada na cor preta.
Ver doc. de 1712, AHU_ACL_CU_005, Cx.8, D.697.

AHU_CARTm_005, D. 0961

180 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PALMA. Iconografia. ca. 1712.

Costa, Miguel Pereira da & Abreu, Gaspar de.
Planta da Igreja de Nossa Senhora da Palma da Cidade da Bahia / Miguel Prª. [Pereira] d. [da] Costa ; Gaspar de Abreu. – Escala [ca.1:60] – [ca. 1712]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 43,5 x 30,7cm.

Escala gráfica de 40 palmos craveiros [=14,7 cm].
Monocromático. Aguada na cor preta.
Ver documento 1712. AHU_ACL_CU_005,Cx.8, D.697.

AHU_CARTm_005, D. 0962

181 MORRO DE SÃO PAULO. Mapa. ca. 1725

Costa, Miguel Pereira da.
Planta do Morro de S. Paulo : 13 de leguas ao sul da Cidᵉ. da Bahia / Miguel Prª. d. Costa. – Escala [ca.1:300]. – [ca. 1725] – 1 mapa ms. : color., desenho a bico de pena e tinta ferrogálica ; 32 x 23,8cm em folha 53,4 x 40,8cm.
Indica fortificações, presídio, Capela Nossa Senhora da Luz, armazém da pólvora, moradia dos soldados e do capelão, povoação e a Igreja da Luz.
Encartes: Planta da bateria. Escala [ca.1:550].Escala gráfica de 200 palmos [=8,1cm]. – Perfil. Escala [ca. 1:27]. Escala gráfica de 100 palmos [=8,1cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.

Aquarelado nas cores: verde, azul, marrom, vermelho e amarelo.
Miguel Pereira da Costa detalha a fortificação, onde está escrito: *Entrada da Barra, Baluartinho plano em que estão montadas sette pessas; mas pellas pequenhes de sua ârea não podem laborar ao mesmo tempo, corpo da guarda, e caza do capitão, lanço de muralha em que estão sette pessas rodando sobre o terreno para deffença do porto, portalô, que he oposto onde surgem os barcos, subida feita em degraos no terreno, porção de mulhara da forteficação que se fez ha 20 annos, mas ainda imperfeita, e sem terrapleno, bateria aos dous terços da subida do monte em que estão sinco pessas rodando sobre a terra, e ficão na altura de 200 palmos da praya. Neste liuel que he o mesmo da muralha, corre arroado monte. Huma mesma no terreno na qual queirão naquelle tempo fazer parapeito em toda ella para singir o monte, e a distancias algumas baterias como I. na ponta da tromba, mas mostra a experiencia a pouca solidez do terreno, pois de annos a esta parte tem arruninado muito. Caza que serve de armazem da polvora., cappela de Nossa Senhora da Lux no mais alto monte, caza do cappellao do prezidio, bateria tão incapas como as mais, ilhote do caetâ sobreauguado de preamar, pequeno porto onde entra o riacho de agoa doce, cazas em que morão os soldados do prezidio, bateria noua proposta a se fazer, na ponta, e entrada da Barra, que deffende inteiramente o canal, parte dos baixos da banda da terra firme.*

Ver ofício 1725, janeiro, 8 – AHU_ACL_CU_005,Cx.20, D.1822.

AHU_CARTm_005, D. 0963

182 IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DE OLIVEIRA DOS CAMPINHOS. Iconografia. ca.1726

Costa, Miguel Pereira da & Carvalho, Nicolau de Abreu.
Planta nova da Matris N. S. da Oliveira dos Campinhos / Miguel Pr^{a}. d. Costa; Nicolau de Abreu Carv^{lho}. – Escala [ca. 1:150]. – [ca.1726]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 35,3 x 25,3cm.

A igreja pertence a cidade de Oliveira de Campinhos, Distrito do Município de Santo Amaro, no Estado da Bahia.
Indica altar (decorado no interior da planta), capela-mor, casa da fábrica, os lugares do púlpitos e coro, sacristia, pia de batismo, cruzeiro, portas etc.
Escala gráfica de 100 palmos [=16,1cm].
Aquarelado nas cores vermelho e amarelo.
Anexa a Carta 1726, Agosto, 21, Bahia, AHU_ACL_CU_005,Cx.28, D.2538
Ver AHU_ACL_CU_005,Cx.22, D.2011.

AHU_CARTm_005, D. 0964

183 PALÁCIO DOS VICE-REIS. Iconografia. ca.1734

[Planta de reconstrução do Palácio onde residiam os Vice-Reis do Estado do Brasil, na cidade da Bahia]. – Escala [ca. 1:90]. – [ca.1734]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 41,2 x 56cm.

Escala gráfica de 30 palmos [=7,9cm].
Aquarelada de amarelo e laranja.
Marca d'água: CVW.
Ver 1734, julho, 4 – AHU_ACL_CU_005,Cx.848, D.4280.

Este palácio sofreu uma série de alterações arquitetônicas. Em 1549, com o nome de "Casa dos Governadores" foi construído de taipa. Em 1663, o palácio foi construído de pedra e cal por ordem de D.Afonso VI para a ocupação do Governador Geral Francisco Barreto de Menezes. Nesse período o prédio apresentava dois pavimentos: no térreo funiconava os setores administrativos e no andar superior a residência do governador. Esse edifício foi demolido em 1890. Em 1900 foi construído outro edíficio em estilo renascentista. Em 1912 foi bombardeado por tiros disparados do Forte São Marcelo. A partir de 1924, foi restaurado e mais tarde teve obras de ampliação com estrutura de concreto armado e pintura interna e externa. Hospedou governadores gerais, vice-reis, reis, presidentes de província, imperadores e governadores de estado. Atualmente se chama Palácio Rio Branco e abriga Fundação Cultural do Estado da Bahia e a Fundação Pedro Calmon.

AHU_CARTm_005, D. 0965

184 IGREJA MADRE DE DEUS. Iconografia. ca. 1735

Planta [da Igreja da Madre de Deus de Perajuhia]. – [ca. 1735]. – 1 desenho técnico : nanquim ; 34,8 x 24,4cm.

Estão assinalados: *Tribuna por letras da Capella Mór, Sachristia que tambem esta por fazer, Capella Mór, que ainda esta por fazer que para esta se pede a esmólla , que podera fazer de custo tres mil cruzados ao menos, Corpo da igreja que já esta feito com sessenta palmos de comprido, e trinta e dous de largo, porta travessa, porta principal.*
Anexa ao AHU_ACL_CU_005,Cx.51, D.4483.

Provavelmente esta igreja pertence à freguesia de Madre de Deus de Pirajuía, atual distrito de Jaguaripe, entre as barras dos rios Jaguaripe e do Paraguaçu, conforme a observação do pesquisador Adriano Bittencourt Andrade.

AHU_CARTm_005, D. 0966

185 CASA DA PÓLVORA. Fortificação. 1751.

Saldanha, Manuel Cardoso de, m. 1767.
Planta, profil, fachada, e a metade do telhado da caza em q. se fabricou a polvora na cidade da Bahia : sita ao pe do Forte de S.Pedro / Me[l]. Cardozo de Saldanha. – Escala [ca. 1:400]. – Bahia [Salvador], 25 de junho de 1751. – 4 desenhos técnicos : nanquim, color. ; em folha 28,9 x 45,9cm.

Escala gráfica de 150 palmos [=8,3cm].
Aquarelado nas cores vermelho e cinza.
Outra cópia datada 7 de março de 1756, assinada por Inácio Lopes de Azevedo, em D. 0968, ref. 193.
Ver AHU_ACL_CU_005,Cx.105, D.8266.
Marca d'água: VI.
Conteúdo: *Fig[a]. 1, Panta do dito edificio... – Fig[a]. 2, profil feito na linha de pontinhos na planta denotado A, B, C, D, E,F p[a]. se verem as alturas – Fig[a]. 3, Fachada com o seu portico... – Fig[a]. 4, a metade do telhado.*

AHU_CARTm_005, D. 0967

186 RIBEIRAS DOS RIOS PARDO E JEQUITINHONHA. Mapa. ca. 1752

Mariz, Pedro Leolino
[Planta das ribeiras situadas entre os rios Pardo e Jequitinhonha e da ribeira Piauhy Bravo] / Pedro Leolino Mariz. – [ca. 1752]. – 1 carta ms. : color., desenho a bico de pena ; 24,6cm de diâm. em folha 42,52 x 31,2cm.

Contém os pontos cardeais.
Estão assinalados: *Rio Jequitinhonha, Bara de Ar*[...]*duahi, Barra dos Auba*[...], *Salinas, tocaios, Fazenda, jinipapo,Piauhi, fazendas.*
Aquarelada nas cores verde, azul, amarela,preta e marrom.
Marca d'água: VORNO AML.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx.2, D.252-256

Pedro Leolino Mariz foi mestre-de-campo, coronel, superintendente das minas, ordem, 20 set. 1757 e edital, 20 set. 1757. (Salitre, mineração, Colônia. 2008) .

AHU_CARTm_005, D. 0969

187 MINAS DE PRATA. Iconografia. ca. 1753

[Planta de prospecção da mina de prata de Arassuahuy]. – [ca. 1753]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 27,5 x 46cm em folha 29,1 x 47,8cm.

Mostra o método utilizado para a extração da prata.
Marca d'água: brasão com uma flor-de- lis, abaixo.
Inventário Castro e Almeida Anexo ao ofício AHU_ACL_CU_005-01, D.603-608.
Atualmente essa região pertence ao Estado de Minas Gerais. (IVO, 2010).

AHU_CARTm_005, D. 0970

188 TRINCHEIRA. Fortificação.1753

Caldas, José Antônio, fl. 1750-1770 ; Carvalho, Nicolau de Abreu ; Saldanha, Manuel Cardoso de, m.1767 .
Planta do terreno em , q. esta hua trinch^{ra}. de terra informe, a q^{l}. tem a capaci^{de}. p^{a}. nelle se fazerem 122 quarteis e mais dois em duas moradas de cazas ... / feita por José António Caldas cabo de esquadra , e praticante do numero desta Accademia Millitar... – Escala [ca.. 1:400] – Cid^{e}. Bahia [Salvador], 31 de outubro de 1753. – 1 desenho técnico : nanquim , color. ; 27 x 45,3cm em folha 29,8 x 47,9cm.

Escala gráfica de 200 palmos [=10,7cm].
Subtítulo:...XX, q. [que] servirão para off^{es}. [officiaes], demulindo-se 5 moradas contiguas, e immediatas, como se vê na planta.
Possui anotações para a reforma da substituição da fortificação em quartéis.
Estão assinalados: *Rua da Piedade, Rua da Forca, Traveça do Mocambinho, Travessa que vai para a Forca.*
A nomenclatura está escrita a tinta ferrogálica.
Contém as assinaturas de Nicolau de Abreu Carvalho e Manuel Cardozo de Saldanha.
Aquarelado nas cores preto e vermelho.
Marca d'água: VI.

Planta semelhante a esta, elaborada por Nicolau de Abreu e Carvalho e Manuel Cardoso de Saldanha, em D. 0971, ref.189.
Ver AHU_ACL_CU_005, Cx. 115, D.9036 e AHU_ACL_CU_005, Cx.119, D.9332.

AHU_CARTm_005, D. 0972

189 TRINCHEIRA. Fortificação. 1753

Carvalho, Nicolau de Abreu. & Saldanha, Manuel Cardoso de, m.1767.
Planta do terreno em q. esta hua trinxeira de terra informe, o q^{l}. tem a capacidade de se fazerem 122 quarteis, e mais dois em duas moradas de cazas... / Nicolau de Abreu Carv^{lho}.; Me^{l}. Cardozo d. Saldanha. – Escala [ca. 1:400] – Bahia [Salvador], 15 de setembro de 1753. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 29,7 x 46,8cm em folha 30,3 x 48,5cm.

Subtítulo:...XX, q. servirão para off^{es}. [officiaes], dimulindosse 5 moradas contiguas, e immediatas, como se vé na planta.
Contém anotações para a reforma da substituição da fortificação, que se seguem: *O primeiro rectangulo que faz frente ao hospicio de Nossa Senhora da Piedade dos Barboneos tem capacidade para 30 quarteis desenhados na planta da figura 1ª, e o seu profil na figura 2ª. cortado na linha de pontinhos AB na planta. O segundo e terceiro rectangulos para 34 cada hum; e o quarto, que faz frente à forca para 24 quarteis, e mais dois nas cazas X,X. A irregularidade do terreno cauza irregularidade nas ruas para facejarem com ellas.*
Estão assinalados: *Rua da Piedade, Rua da Forca, Traveça do Mocambinho, Travessa que vai para a Forca.*
Escala gráfica de 400 palmos [=21,5cm].
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, preto e vermelho.
Marca d'água: brasão, sustentando flor de lis.
Planta semelhante a esta, elaborada por José Antônio Caldas, em D.0972, ref. 188.
Ver AHU_ACL_CU_005, Cx. 115, D.9036 e AHU_ACL_CU_005, Cx.119, D.9332.

AHU_CARTm_005, D. 0971

190 CASA DA MOEDA. Prisões. Iconografia. 1754

Saldanha, Manuel Cardoso de, m. 1767.

Planta e fachada da caza da Moeda da cidade da Bahia : cita na praça defronte do Palacio do Vice Rey / Me[l]. Cardozo d. Saldanha. – Escala [ca. 1:250]. – Bª. [Salvador] e de Maio 17 de 1754. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 19,2 x 30,2cm em folha 22,1 x 34cm.

Indica as divisões do prédio, com moradias para o juíz, serralheiro, chaveiro da Casa da Moeda, lugar para servir de cadeia aos domésticos brancos dos moedeiros e cadeia para os escravos dos moedeiros.
Estão assinalados: *Entrada da Caza da Moeda. Caza do despacho. Caza do Juiz da balança, se vzo, mais que de pasaje. Caza interior do Juiz da balança. Caza do cunho. Caza dos cachões dos cadinhos com repartimentos, em que estão fechados cadinhos, agoa forte, xumbo,* [*xa*?]. *Caza das fieras. Caza do carvão, com escada para hum sobrado que está sobre ella. e a immediata da fundição em que mora o chaveiro da caza. Caza da fundição. Serralheira, e sobre ella o sobrado, em que mora serralheiro. Caza de branquear as moedas com sobrado, que pode servir de cadea para os domesticos brancos dos moedeiros. Entrada para hum sobrado em que está a caza do abridor, cadea para os moedeiros, e a do ensayo antigua que está sem vzo sobre as cazas F,E,D,C: sobre este sobrado estão 6 cazas que fes o Provedor tendo tres cada Ensayador como mostra a fachada correspondente. Pateo. Debaxo da caza F pode haver cadea para os escravos dos Moedeiros com janellas para fora, por ter a rua declividade sifocoemte para tal cadea. Rua declive, ou ladeira da Mizericórdia.Cazas por este lado. Rua Direita que vai da Praça para a Sé.*
Escala gráfica de 100 palmos [=9,7cm].
Inclui alçado.
Aquarelado nas cores vermelho e cinza.
Marca d'água: IBC.
Ver documento AHU_ACL_CU_005, Cx.119, D.9325.

AHU_CARTm_005, D. 1296

191 CASA DA PÓLVORA. Fortificação. 1755

Jordão, Bernardo José.
Planta profil e corte da caza que servia da fabrica de refinar a polvora / deliniada pello Cappitam Engenheiro Bernardo Jozé Jordam .... – Escala [ca. 1:300]. – anno de 1755. – 3 desenhos técnicos : nanquim, color. ; em folha 48 x 35,1cm.

Após a autoria: *por ordem do concelheyro e Entendente geral do ouro Wenceslao Pereira da Silva.*
Escala gráfica de 140 palmos [=11,4 cm].

Aquarelado nas cores vermelha, cinza, amarela e rosa.
Marca d'água: flor de lis e o número em algarismos romano VI.
Inventário Castro e Almeida Anexo ao documento AHU_ACL_CU_005-01, D.1897.
Conteúdo: [Planta da Casa da Pólvora] – [Alçado] – [Fachada com o seu pórtico].

AHU_CARTm_005, D. 0973

192 BAHIA, COSTA. Mapa. ca. 1756

[Carta da costa da Bahia, desde a Barra do Rio Grande até a Barra do Rio Una]. – [ca. 1756]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 21 x 30,6cm.

2 cópias de época.
Abrange a região da costa do Sul da Bahia; entre Canavieiras e Rio Una.
Estão assinalados: *Barra do Rio Grande, Aldeya dos Índios Menhañs, Barreta das Farinhas, Povoação da Embucagrande, Povoação da Embuquinha, Povoação da Patipé, Barra de Patipe, Rio do Juciá, Porto do Matto, Barra do Poxym, Barra do Comandatuba, Povoação do Poxym, Barra do Una, Rio Una, edificio da capella que ahi houve* [nas margens do Rio Una], *Rio do Comandatuba que nasce das serrras vizinhas, rio do Poxym, Rio de Patipe, Rio da salsa que nasce da Cachoeira do Rio Grande, e bota hum braço para o Patipé e o outro para o mesmo Rio Grande, Rio Grande*.
Escala gráfica em léguas [= 1,5cm].
Abaixo da indicação da escala está escrito: *Na latitude da Ilha da Barra de Patipe thé a das farinhas aumentey o ponto para demostrar as povoaçoins*.
Não foi encontrada a Tribo indígena Menhañs, mas existe uma tribo chamada Maniân, com outras denominações Manyã/Menien, localizada na Bahia, cf. *Listagem dos nomes dos povos indígenas no Brasil.*
Aquarelada na cor verde.
Marca d'água:VOBNO.

AHU_CARTm_005, D. 0954/D0954-A

193 CASA DA PÓLVORA. Fortificação. 1756

Azevedo, Inácio Lopes de.
Planta, profil, fachada, e a metade do telhado da caza em q. se fabricou a polvora na cidade da Bahia : sita ao pé do Forte de S.Pedro / Ignacio Lopes

de Azevedo a fez... – Escala [ca. 1:450]. – Bª. [Salvador], 7 de março de 1756. – 4 desenhos técnicos : nanquim, color. ; 28,8 x 43,2cm em folha 33,1 x 47,4cm.

Indica 3 casas com moinho, 1 com fornalha e outra com caldeira e pátio.
Representação do pórtico do prédio em estilo barroco.
Escala gráfica de 200 palmos [=10,3cm].
Aquarelado nas cores vermelho e cinza.
Ao alto do título do mapa esta escrito *n.1º*.
Marca d'água: flor de lis encimada por uma coroa, e abaixo letra V.
Ver AHU_ACL_CU_005,Cx.128, D.9997.
Outra cópia datada 25 de junho de 1751, assinada por Manuel Cardozo de Saldanha, em D.0967, ref. 185.
Conteúdo: *Figura 1ª que mostra a planta do ditto edificio... – Figura 2ª he o profil feito na linha de pontilhoz na planta denotado com AB para se verem as alturas... – Figura 3ª Fachada com seu portico – Figura 4ª, a metade do telhado.*

AHU_CARTm_005, D. 0968

194 CONVENTO NOSSA SENHORA DA LAPA. Iconografia. ca. 1756

Abreu e C., João de.
Planta do Convto. de N. S. da Lapa e ses. accessors. / por Ioão de Abreu e C.– Escala [ca. 1:500]. – [ca. 1756]. – 1 desenho técnico : bico de pena, color. ; 48 x 68,5cm em folha 50,8 x 71,4cm.

Contém a assinatura *Nicolao de Abreu e Carv*alho, a tinta ferrogálica.
Indica casa de moradores em frente ao convento.
Estão assinalados: *convento, pateo, cazas do capellão e alguas servas, capella de N. S. da lapa que serve de Igreja, Igreja de novo fundada, Rua da Lapa, cazas de moradores, Fonte do Coqueiro*.
Vegetação representada em forma pictórica e na cor verde.
Aquarelado nas cores verde, vermelho e amarelo.
Escala gráfica de 200 palmos [=9,7cm].
Anexo ao ofício 1756, Março, 6 - AHU_ACL_CU_005,Cx.107, D.8418.

AHU_CARTm_005, D. 0974

195 ITAPARICA. Mapa. ca. 1757

Palma, João Gomes.
[Planta da Ilha de Itaparica, abrangendo as Ilhas de Cal, de Bruges e parte da Costa]. – [ca.1757]. – 1 planta ms. : color. desenho a tinta ferrogálica ; 42,6 x 31cm.
Abrange a barra do Rio Jaguaripe e povoamentos da ilha de Itaparica, a exemplo de Caixa-pregos, Catú e Aratuba, conforme descrição de Adriano Bittencourt Andrade.
Indica as distâncias em léguas.
Estão assinalados: *Ilha de Itaparica: fr*eguezia *de S*anto *Amaro, S*ão *João, Rio dos Paus, Rio do Sobrado meia legia, Catu*m*, Rio daguas nortes do Catu meias legoa, Caixa pregos, Aratuba pela costa do Mar Grande, Matanga, Rio Parapetinga,* Canal: *Ilha S. Gonsalo, Cabunga pasão lanxas, Bola da Barra da Jigoaripe, Rio Cambaquira, Rio da Villa de Jigoaripe, pr do Taparica finda fr*eguezia*, Mangaueira,* Igreja *S*anta *Anna, Rio deaugas Mortas do Julho, furado q*ue *vai villa, Mucuios purificasão* Igreja*, Jacoruna, Rio Jacoruna,I*greja *S. Emcarnasão, chamada a Mezericordia.*
Inclui rosa dos ventos.
Aguada em sépia no contorno da Ilha e aquarelada nas cores vermelha e amarela.
Marca d'água: flor de lis, encimada por uma coroa, sustentando uma oval, com outra oval no centro, e abaixo as letras S A, além da representação de 1 boi.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.2690. Anexo ao documento Relação da Freguezia de Santo Amaro da Ilha de Itaparica pelo Vigario João Vieira de Barros AHU_ACL_CU_005-01, D 2688.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 221.

AHU_CARTm_005, D. 0976

196 MARAGOGIPE. Mapa. ca. 1757

[Planta da] Villa de Maragugippe, Freguesia de S. Bartholomeo Reconcavo da Bahia . – [ca. 1757]. – 1 planta ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 26,8 x 16,5cm em folha 29,2 x 20,9cm.

Indica as comunicações entre as freguesias e vilas.
Mostra a Enseada da *B*ahi*a* e as freguesias limítrofes: *Fr*eguezia *do Desterro do Outeyro Redondo, Fr*eguezia *de Santiago do Igoape, Fr*eguezia *de S. D*eos.

da Saubára, Freguezia da Madre de Deus da Pirajhia. Freguezia da Ajuda de Jaguarpe, Freguezia de São Phillipe.
Estão assinalados: *Ponta da Barra, Costa da Saubara, Paraguassû Rio , Barbara Diaz Ilha, Ilha Frances, Maragujipe, Ponta da Barra, Esperanca, Necessidades, Victoria, Batata Rio, Canisigipe Rio, São Sebastião, Iraporande Rio, Forte Santa Crus, Conceição Porto, Conceição, Engenho Velho, Convento de São Francisco, Engenho da Ponta, Ponta do Ferreiro, Tororô Rio, Rio Grande, Capanema Grande,Guaha Rio, Necessidade, Tio Grande ou Igarassa, Estrada da Capanema, Capanema Pequena, Santo Antonio, Carobas Rio, Cachoeira Rio, Estrada de São Phillipe, Ribeirão, Sunuga Rio, Estrada de São Miguel, Santa Anna, Quelembe Rio, Saude, Itapecerica Rio, Santo Antonio da Aldeia, Bacalhao Rio, Estrada do Bacalhao, Estrada do Caminhaoa, Ponta do Souza, Livramento, Rozario, Sununga Rio, Copioba Rio, Serra da Copioba.*
Inclui rosa dos ventos.
Marca d'água: animal quadrúpede em pé, letra C D B.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.2701.

Maragogipe foi elevada a vila, em 1724, e em 1850 recebeu foros de cidade. Em 1911, já muncípio, contava com cinco distritos. Atualmente a composição administrativa do muncípio de Maragogipe conta com seis distritos, de acordo com a lei nº 628, de 30 de dezembro de 1953, que se distinguem: Maragogipe, Coqueiros, Guaí, Guapira, Nagé e São Roque do Paraguaçu.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 219.

AHU_CARTm_005, D. 0977

197 ESTRADA DOS MONTES ALTOS A PORTO DE S. FELIS. Mapa. 1758

Saldanha, Manuel Cardoso de, m.1767 & Caldas, José Antônio, fl. 1750-1770.
Planta chorographica da estrada que principiando na Serra dos Montes Altos... vem finalizar no Porto de S. Felis defronte da Vila da Cachoeira no Rio Paraguasu... / Observada, e delineada por Manoel Cardozo de Saldanha... e feita por José António Caldas... . – Bahia [Salvador] aos 16 de Set[em]bro de 1758. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 58,8 x 32,9cm em folha 64,5 x 38,8cm.

Título completo: *Planta chorographica da estrada que principiando na Serra dos*

Montes Altos, que estão em 16 graos e 25 minutos de latitud para o sul e em 339 graos e 46 minutos de longitud, vem finalizar no Porto de S.Felis defronte da Vila da Cachoeira no Rio Paraguasu, com 136 legoas de comprimento, e navegandose pelo rio abaixo 7 legoas vem fazer barra no mar defronte da Ilha de Itaparica na enseyada, em que o mar se recolhe a fazer o porto da cidade da Bahia, navegando-se pela mesma enseyada outras7 legoas a dar fundo no porto da mesma cidade.

Mostra o caminho de Montes Altos para Goiás onde se lê: *Montes Altos, Pão de Espinho, Estrada que vai para Goyas.*
Indica a rota por terra da Serra de Montes Altos à Vila Cachoeira (atualmente cidade), à margem do Rio Paraguaçu. Nela estão assinalados: *Nossa. Senhora. Madre de Deos, Agua Verde, Rio das Rans, Rio da Serra, Posões, Carnaibas, Pasage de Ingenheiro. de Souza, Brejo de Mathias João, Hospício, Pe do Morrinho, Tucano, Imbuzeiro, Saco do Melo, Pasage de area, Quebradas, Juazeiro, Lagoa de Paulo de Barros, Covas de Mandioca, Morro de São Sebastião Tapera, Vila do Rio das Contas, Garrote Tamandoá, Caza da Telha, Rio das Contas Pequenas Rio das Contas Grandes, Vazeada das Eguas, Rancharia do Riacho Seco, Capão da Volta, Pazaguasuzinho, Sincorá, Manuel Joze na Fazenda de João Baptista, Engenho de S. Anto., Morrinhos, Queimadas, Venda do Rio Una, Macacos, Capivaradas, Quimadas, Pâu a pique, Florez, Tapera, Rancharia dos Tambuîs, Palma, Rancharia do Conco., Vila do João Amaro, Roncadouro, Varginhas, Cabeca do Touro, Boa Vista, Rancharia do Riacho, Seco, Pedra Redonda, Boqueiram, Mangabeira, Curralinho, Candeal, Ginipapo, Salgado, Cerca, Aporâ, Catitinga, Lagoa, São Pedro da Moritiba, Porto de São Felis e Vila da Cachoeira.* Em seguida, mostra o Caminho pelo Rio Paraguaçu a Ilha de Itaparica, com os seguintes topônimos: *Iguape, Vila de Mazage., São Francisco. de Paraguasu, Engenho Velho, Fortinho, Barra de Paraguasu, Ilha dos Frades,* e *Ilha de Itaparica.*

Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aguada nas cores azul e sépia.
A nomenclatura dos topônimos e o título estão escritos a tinta ferrogálica.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.3608, Anexo ao documento AHU_ACL_CU_005-01, D 3587.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 222.

AHU_CARTm_005, D. 0978

198 MONTES ALTOS, SERRA DOS. Mapa. 1758

Saldanha, Manuel Cardoso de, m.1767 & Caldas, José Antônio, fl. 1750-1770.
Planta topographica e prospectos da Serra dos Montes Altos : que está em 16 graos e 25 minutos de latitud pª. o sul, e em 339 graos e 46 minutos de longitud, na qual se mostrão os lugares examinados pelos comisarios desta diligencia pª. conhecimento do Salitre, q. ha nela / Observada e delineada por Manuel Cardozo de Saldanha Academico Numerário na Academia Militar desta cidade e feita por José António Caldas. – Escala [ca.1:90.000]. – Cidade da Bª. [Salvador], 19 de Setembro de 1758. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 34,8 x 57,8cm em folha 40,8 x 63,9cm.

Após o título: *Toda esta serra he cortada, e talhada nos lugares em que a mina do salitre se descobre naturalmente, e tem morros de terras encostados, por cuja rezão fas a serra muitas voltas pela parte inferior. Está toda cheia de catingas (he hua especie de arvoredo mediano e intrincado) que dão lenha emabundancia para as fabricas de salitre não so na serra mas em toda vizinhança e vertentes com agoa notadas nos tres logares Coqueiros, Cuiate e Cacunda. A letra Z mostra o prospeto notado na planta com a linha de pontinhos. S T e a letra Y mostra o prospeto notado na planta com a linha de pontinhos V.X.*

Escala gráfica de l légua [=7cm].
Indica 7 lugares examinados pelos comissários.
Mostra o exame feito nas minas de salitre e a quantida da extração do minério.
Relevo representado em forma pictórica.

Estão assinalados: *Chapada por sima da Serra, Picada que se fes na Chapada por sima da Serra, Picada ou caminhos* que *se fizerão pelo pé da serra na extensam de seis legoas, riachos no cacunda, Beta que abraça toda a extensam da serra.*
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.3607, Anexo ao documento AHU_ACL_CU_005-01, D 3587.

AHU_CARTm_005, D. 0979

199 PEDREIRAS DE SALITRE. Mapa. ca.1758

Rocha, Manuel Álvares da.
Roteiro cosmografico, q. por ordem do Dzor. Thomas Roby de Barros Barreto faz Mel. Alez. da Rocha das duas pedreiras de Salitre já descobertas,

a saber no R. Sipo, a pedreira chamada de Goez, e no Rio Parauna a chamada do Arco... – [ca. 1758]. – 1 carta ms. : color., desenho a aquarela ; 57,8 x 84,8cm.

Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Indica: tribos índigenas e tipos de animais (onças, veados), Serra do *Caldim* e da *Lapa*, sítio de Manuel da Silva, caminho para Sabará, uma cadeia de 8 pedreiras, chamadas de Santo Antônio, no Rio Cipó (letras X), sítio de João Luís que fica no Rio Paraúna etc.
Aquarelada nas cores verde, azul, marrom, cinza e preto.
Cartucho de título decorado em estilo neoclássico.
Referência: Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.3586, Ver AHU_ACL_CU_005-01, D 3529.

Atualmente esta região pertence ao atual Estado de Minas Gerais.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 224.

AHU_CARTm_005, D. 0981

200 VILA DO FANADO E VILA DO RIO DAS CONTAS. Mapa. ca. 1758

[Mapa do território da Capitania da Bahia, compreendido entre o Rio de S.Francisco, o Rio Grande e o riacho chamado Gavião, que divide o termo da Vila do Fanado da Vila do Rio das Contas]. – [ca.1758]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 34,9 x 60,8cm em folha 40,3 x 64,4cm.

Indica: Serra de Montes Altos, Fazenda dos Montes Altos, acampamento do Vice-Rei Conde dos Arcos, estrada para Vila Boa de Goiás.
Estão indicados 12 lugares de extração de salitre, a cabeceira do Rio das Rãs e Serra do Brejo.

Na margem esquerda superior está escrito: *Este he o rio verde grande que vai por detras do Montes Altos, e fas barra no Rio de São Francisco tem seu nascimento nesta serra onde se chama Tocambira.* Mais ao alto está escrito: *Aqui vao as cabeceiras do Rio Verde Pequeno.*

Na serra dos Montes Altos estão assinalados: *Montes Altos, Chapada por sima da serra, Olho d'agoa que nasce em sima desta serra, Riacho da Fazenda de Montes Altos, Corrigo Ca*[...]*te, Corrigo seco, Capela, Pau de espinho, Coartel*

do Senhor Conde dos Arcos, vice Rei e Capitam General de mar e Guerra deste Estado do Brasil quando veyo de Goyas.

No caminho entre Minas Novas (atualmente pertence ao Estado de Minas Gerais) estão assinalados: *Estrada que veem das minas novas para a cidade da Bahia cituada,Riacho chamado o gaviam pelo qual que se divide da Vila do Fanado da Villa do Rio das Contas, Sitio da Conceipção, Sítio das Almas, Sítio de Felis Monteiro, Vila da Alagoa, Sítio do Boqueirão, Sítio São Doman, Sítio das Barrocas , Sítio da Vendinha.*

No rio das Rãs e nas cabeceiras do mesmo aparecem os seguinte topônimos: *Cabiceira do Rio das Rans ,Sítio São Doman, Sítio das Barrocas , Sítio da Vendinha, Serra do Brejo, Ospicio, os 3 corrigos, Carnaibas de fora, Carnaibas de dentro, corrigo chamado Ca[...]nda, Possoins, corrigo chamarão, Pé da serra, Agoa verde.*

No caminho entre a Vila de Goiás e Vila da Bahia (Slavador) estão assinalados: *Saco do Melo, Estrada que vai da Vila para Goyazes, legoas do Saco do Melo 10, , Termo da Vila do Urubu que divide o do Rio das Contas, Rio de São Francisco pela parte de Paranambuco, da parte da Bahia, Varges que acompahão o Rio de São Francisco,os lugares assinalados são os lugares com que se extrahio salitre, e são 12,do nº 1 ate o nº 11 por linhas curvas tem 8 legoas de extentenção, Curralinho Rio das Rans.*

Relevo representado em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, branca,cinza, laranja e amarela.
Referências: Inventário Castro e Almeida Anexo ao documento. AHU_ACL_CU_005-01, D.3476-3477.

Em 1727, chegaram os primeiros bandeirantes, chefiados por Sebastião Leme do Prado, na Vila do Fanado. Encontraram ouro e diamantes nesta região. Mais tarde, em 1730, formou um povoado, e tornou-se Vila Nossa Senhora do Bonsucesso das Minas do Fanado. Em 1840, foi elevada a cidade, denominando-se Minas Novas. Nesta época pertencia à Capitania de Porto Seguro da Bahia. Depois, em 1857 foi incorporada à Comarca de Serro Frio da Capitania de Minas Gerais.
A Vila do Rio das Contas, hoje cidade do Rio de Contas, localiza-se na Bahia.
Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 218.

AHU_CARTm_005, D. 0980

201 QUILOMBO BURACO DO TATU. Mapa. ca.1764

Planta do Quilombo chamado o Buraco do Tatu[m] para a Costa da Itapoam : que a 2 de 7bro [setembro] de 1763 foy attacado pelo Cappitam mor da conquista do Gentio Barbaro Joaquim da Costa Cardozo. – [ca.1764]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 43,2 x 59cm em folha 44,8 x 65,2cm.

Estão assinalados: *estrada falsa coberta de estrepes, que mostra a entrada, fogos cobertos, e destro estres, pinguelas levadisas por onde se servião, e de noite as tiravão, caza do porteyro que tinha as pinguelas a seu cargo, fonte, hua preta que lavava, e gritando se matou a espingarda, hum preto que granada lhe quebrou as pernas, e se matou, o preto que chegou a dar hum tiro, e foi morto , hua preta velhissima que matou, que dizião era feyticeyra, a caza do cappitam, as cazas do arrayal do chamado seu Povo, trinxeyra estrepada com varios estrepes, mayores chegarão aos peytos de qualquer homem, e hião diminuindo athe fica em menos de palmo, a latada de maracujá, as ortas, o bregio que sercava o quilombo com tal atoleyoro, que sumergia hum homem, a pinguela por onde passava para o quilombo, quilombo pequeno, as cazas, estreparia, pinguela por onde se servião para a parte do mar. Este nome pinguela he o mesmo que hum barrote por sima do qual passavão o brejo, e os fogos, sendo estes huns buracos largos.*

Mostra as casas ordenadas conforme um sistema de arruamento e o esquema de defesa do Quilombo.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, preta, cinza.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.6450.

O Quilombo Buraco do Tatu, localizava-se às margens da estrada que ligava à Vila de Santo Amaro de Ipitanga à Campinas de Pirajá, atual região metropolitana de Salvador, localidade Ipitanga.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 225.

AHU_CARTm_005, D. 0982

202 NOVA VIÇOSA. Mapa. ca.1769

[Mapa da nova Vila Viçosa.] – [ca. 1769]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 59,8 x 100cm.

Atribuído ao Ouvidor José Xavier Machado Monteiro (REIS FILHO, 2000, p. 321).
Planta da Vila Viçosa, atual Nova Viçosa, está situada entre a margem do Rio Peruípe, a *Barra do Rio da Vila de Caravelas* e o Oceano Altântico.
Estão representados 15 quadras de moradias, *cazas*, *quintais*, 9 ruas, 4 travessas, e 2 praças, uma com igreja e a sua volta o adro; além de constar *Laranjal, Breja e Campo.*
As ruas aparecem denominadas, como: *Rua do Lira, Rua das Flores, Rua da Cobica, Rua do Dezembargador, Rua Bella, Rua do Brejo, Rua Fermoza, Rua do Prado, Rua do Campo.*
Vegetação representada em forma pictórica e aquarela.
Aquarelada nas cores verde, azul, vermelha, amarela e marrom.
Ver AHU_ACL_CU_005, Cx.164, D.12457 e ver AHU_ACL_CU_005-01, D.8215.

Nova Viçosa foi fundada pelos colonos vindos do atual município de Mucuripe, que desceram o rio Peruípe, onde se estabeleceram, fundando a povoação de Campinhos, em 1720. Em 1768, o arraial foi elevado a vila, com a denominação de Viçosa. Em 1944, já distrito, passou a chamar-se Maraobá, e em 1953, com o nome de Nova Viçosa. A cidade de Nova Viçosa foi elevada a município, pela lei estadual nº1751, em 27/07/1962.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 233.

AHU_CARTm_005, D. 0983

203 MUCURI. Mapa. ca.1772

Mapa da nova Villa de Portalegre. – [ca. 1772]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 85 x 101,7cm.

Atribuído ao Ouvidor José Xavier Machado Monteiro (REIS FILHO, 2000, p. 322).
Estão representados 16 quadras de moradias, *cazas*, *quintais*, 3 ruas, 3 travessas, 3 praças, *Prassa do Pelourinho, campo*, *Rio de Mearim*, *matos*,como também a anotação *estrada q*ue *vem da praya pa*ra *avilla*, *matos*. Em uma das praças está localizada uma igreja e a sua frente o adro.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, amarela, preta e marrom.

Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.8216.

A vila de São José de Porto Alegre teve origem da aldeia de Mucuri, formada por índios residentes na região e portugueses degredados, que construíram uma capela dedicada a São José, denominando Aldeia de São José. Com a ordem régia de 10 de outubro de 1769 foi criado o município São José de Porto Alegre, cuja instalação se deu a 15 de outubro de 1779. No dia 22 de dezembro de 1795 foi elevada a categoria de freguesia. Em 1911, passou a se chamar de Porto Alegre, com a categoria de município. Em 1931, Decreto estadual nº 7.191, tornou-se município com o nome de Mucuri.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 232.

AHU_CARTm_005, D. 0984

204 PRADO. Mapa. ca. 1772

Planta da Nova Villa de Prado. – [ca. 1772]. – 1 planta ms. : color., desenho a bico de pena ; 67 x 85,3cm.

Atribuído ao Ouvidor José Xavier Machado Monteiro (REIS FILHO, 2000, p. 322).
Estão representados 16 quadras de moradias, 4 ruas, *cazas*, *quintais*, 3 travessas, 2 praças, onde está locazidada 1 igreja com 2 adros,1 na frente e outro atrás, além de estarem assinalados *praya mar, nascente, matos, norte, poente campo*.

A cidade teve origem da Aldeia de Jucuruçu dos Índios Aimorés. Foi elevada a vila em 1755, com o nome de Prado, permanecendo com o mesmo nome.

Vegetação representada em forma pictórica e aquarela.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, preta e cinza.
Planta anexa a carta –1768, Outubro, 15, Porto Seguro.
CARTA do ouvidor da comarca de Porto Seguro, José Xavier Machado Monteiro, ao rei [D. José I] relatando os progressos da capitania.
Inventário Castro e Almeida Ver AHU_ACL_CU_005-01, D.8552-8554.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 231.

AHU_CARTm_005, D. 0985

205 ALCOBAÇA. Mapa. 1774

Mapa da nova Villa de Alcobaça : na capitania de Porto Seguro. – [1774]. – 1 planta ms. : color., desenho a bico de pena ; 67 x 86,6cm.

Atribuído ao Ouvidor José Xavier Machado Monteiro (REIS FILHO, 2000, p. 322).
Contém 1 igreja com cemitério (*adro*) 1 praça, 4 ruas, 3 travessas e 16 quadras.
O título está escrito no verso, a tinta ferrogálica.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, vermelha e preta.
A nomenclatura está escrita a tinta ferrogálica, onde se lê: *prassa, adro, ruas, travessas, cazascampo todo a roda, mato, mar, rio, nascente, poente*.
Contém os pontos cardeais.
Marca d'água: D C & BLAUW.

Em 1697, Antônio Gomes Pereira e Antônio Mendes, vindos de Caravelas, se estabeleceram na margem esquerda do Rio Intahaém, e em 1752 foi fundado o povoado com nome desse Rio. Em 1755, o povoado foi elevado a Vila São Bernardo de Alcobaça, pelo Rei D. José I, na carta régia de 3 de março de 1755 e instalada no dia 12 de novembro de 1772 pelo desembargador José Xavier Machado Monteiro, ouvidor e provedor da Comarca de Porto Seguro.
Anexo ao Ofício 1774, Maio, 1, Porto Seguro OFÍCIO do ouvidor da comarca de Porto Seguro, José Xavier Machado Monteiro, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre o estado da capitania de Porto Seguro. Em 1896 foi elevada a cidade com a denominação de Alcobaça.
Anexo: planta da vila de Alcobaça.
AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 46, D. 8628-8629.A planta é o D. 8629.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.8629 anexo ao AHU_ACL_CU_005-01, D.8628.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 230.

AHU_CARTm_005, D. 1047

206 BAHIA DE TODOS OS SANTOS. Mapa. 1774

Sousa, José Francisco & Caldas, José Antônio.
Topografica da Bahia de todos os S^{tos}. na q^{l}. está cituada a cid^{e}. de S.Salvador em alt^{a}. de13º de latitude ao sul , e 345º e 36′ de longitude. / Esta topografica foi tirada p^{lo}. Sarg^{nto}. Mor Eng^{ro}. Jozé Ant^{o}. Caldas ; e foi copiada e reduzida por Jozé Fran^{co}. de S^{za}... – Escala. [ca.1:250.000] – aos 24 de Setembro de 1774. – 1 carta hidrográfica ms. : color. desenho a nanquim ; 44 x 33,1cm em folha 46.1 x 35,5cm.

Contém texto sobre a área geográfica, hidrográfica, transporte, comércio e defesa. Nele menciona o encontro de 12 companhias com 800 homens de armas: uma companhia de cavalaria de 50 praças e outra composta de negros livres, com mais de 100 soldados, chamada Terceiro Regimento de Milícias de Infantaria, conhecido como Regimento Henrique Dias.

Escala gráfica de 2 léguas [=5,5cm].
Coloração em aguada.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis e batimetria.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Marca d'água D C & BLAUW.

A Ilha de Itaparica, está estampada com a indicação de alguns topônimos, que se seguem: *Forte de São Lourenco, Ponta de Itaparica fabrica de Baleias, Ponta do Manguinho, São João Capela, Nossa Senhora do Bom despacho, Rio do Ingahu, Santo Antonio de valascos, Rio da Penha, Nossa Senhora da Penha Capela, Rio da Vera Cruz, Santa Vera Cruz Freguesia, Rio do Apicu Grande, Paraunaz, Nossa Senhora da Conceiçam Capela, Rio Prategipe, Rio Parapatingas, Rio Matangi, São João Capela, Santo Amaro Capela, Rio dos Paos, Ponta da Aratuba, Rio Piru, Rio Catu, Ponta do Caixaprego, Ponta da Agoa Morta, Baixo de Leste*.

Dentre as 56 ilhas da Baía de Todos os Santos estão assinaladas: *Coqueiros,* com a indicação *Ponta do Graces* [Gracês], *Ilha de Santa. Anna, Ilha São Gonçalo, Ilha do Dez*[...]*or,Parajuhia,* Ilha *da Cal,* , *Ilha* Pequena, *Ilha* Gra*nd*e, *Ilhas Carapitubas, Ilha de Canai, Ilha do Medo, Cajahiba, Ilha da Moretiba, Ilha Yi Pontes, Ilha do Pahi, Ilha do João dos Santos, Ilha de Maria Goarda, Ilha de Vacas, Ilha Madre de Deus, Boqueiram, Ilha de Frades* (onde aponta as capelas *Nossa Senhora do Loreto* e *Nossa Senhora da Agoa do Lupe, Ilha da Mar.*

No litoral baiano estão assinalados: *Baixo do Carapebas, Vila de Jagoaripe, Rio Jaguaripe, Rio Jacoruna, Nossa Senhora da Madre de Deus Freguezia, Nossa*

Senhora da Conceiçam Capela, *Nossa Senhora da Esperança* Capela, *Nossa Senhora das Nececidades* Capela, *Rio da Batata, São Roque* Capela, *Barra do Cavalg*[...],*Rio Camarogipe, Pam de Asucar, São Sebastião, Tapararande, Forte de Santa Cruz, Nossa Senhora da Conceiçam* Capela, *Engenho Novo, Rio Capanema Engenho Capanema, Vila de Maragogipe, Rio da Cachoeira, Engenho da Ponte, Rio da Cachoeira, Rio Iguape, Engenho de Imbiaza, Rio Imbiara, São Iago Freguesia, São Francisco Capuchinhos, Ilha dos Francezes, EngenhoVelho, Rio de Alemam, ,Cabeza do Negro, Ilha do Cavalg*[...]*te, Barra do Cavalg*[...]*te Rio Paraguasu, Bom Jesus* Capela, *Costa da Saubara, Ponta da Aratela, São Dom*ingos *Freguesia, Engenho do Acupe, Rio Araziba, Rio Patatiba, Rio Pitinga, Rio Sergipe do Conde, Engenho do* Conde, *Rio Pericora, Convento de Brotas Bento Engenho dos Bastos, Engenho do Pedro de Albuquerque, Tra*[...]*Engenho D. João, Rio Guaiba,* Engenho *da Guaiba de Sima, Engenho deAgea, Nossa Senhora S. Monica Freguesia, Engenho Sacra Familia, Porto, , Engenho Paranamerim, Trap*[e]*. S. Almas, Engenho Velho, Engenho São Lourenco, Nossa Senhora do Desterro* Capela, *Engenho São Estevão, Rio Curupeba, Rio Caipe, Rio mataripe, Nossa Senhora do Socorro Freguesia, Engenho de São Paulo, Rio Pitinga, Engenho da Pitinga, Restinga do Pase, São Sebastião, Freguesia, Engenho Novo, Engenho de Agoa, Engenho Jacoruna, Engenho Caboto, Engenho da Freguesia, Nossa Senhora da Piedade Freguesia, Rio Matuim, Engenho Matuim, Rio Cotegipe, Rio Pripe, Ponta do Toque Toque, São Roque* Capela, *Nossa Senhora do O da Freguezia, Praia de Paripe, Praia Grande, Nossa Senhora da Escada* Capela, *Gacaranha, São Bras* Capela, *São João* Capela, *Rio Piraja, Nossa Senhora da Freguesia, Nosso Senhor do Bomfin* Capela, *Ponta de Nossa Senhora de Monzserrate, Forte de Mont serrate, Nossa Senhora da Boa Viagem, Convento dos Capuchos, Nossa Senhora da Encarnasão, Noveciado que foi dos Jezuitas, Forte São Alberto,* [cidade Salvador], *Forte São Francisco, Forte do Mar* [Forte de Nossa Senhora do Pópulo e São Marcelo], *Forte da Ribeira, Dique, Bataria São Paulo , Forte São Paulo, Nossa Senhora da Vitória Forte, Santo Antonio da Barra, Forte São* Diogo, *Forte Santa Maria, Forte Santo Antonio, Nossa Senhora da Grasa Bento, São Lazaro, São Goncalo, , Nossa Senhora da Forte do Rio Vermelho, Rio Vermelho ,Armasão da Alagoa, , Nossa Senhora da Lus Porto da Ubarana, Armasam do Saraiva, Armasam da Cozim. Bamba, Nossa Senhora da Marez C. C.,Rio Parajuhia, Ilha do Medo, Ilha de São Gonçalo, Barra do Cal, Ilha do Dez*[...]*or, Ilha de Santa Anna, Rio da Estiva, Rio das Pedras, Rio Jaguaripe.*

Referência: Mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e

Almeida. Nº 213.

AHU_CARTm_005, D. 0986

207 PLANTA E PROSPECTO DE OBRA. Iconografia. ca. 1776.

Planta e prospecto da obra, que pertendem fazer os negociantes da Cidade da Baîa. – Escala [ca. 1:550]. – [ca.1776]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 48,5 x 70cm em folha 53,3 x 72,1cm.

Projeto para construção de estaleiro de pedra.
Estão assinalados: *mostra a parte da bataria da ribeira, contigua à obra nova, carreiras de pedra para se construírem navios, guindastes, caza para servir de prasa do comercio, armazems, e cazas já construidas, pertencentes à diferentes senhorios.*
Escala de 300 palmos [= 12cm].
Aquarelado nas cores amarela, sépia, vermelha.
Nomenclatura escrita a tinta ferrogálica.
Marca d'água: D C & BLAUW.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.9122.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 215.

AHU_CARTm_005, D. 0987

208 PLANTA DE CAIS. Mapa. 1777
Caldas, José Antônio de, fl. 1750-1770 & Castro, João de Souza**.**
[Planta do cais do Sodré da Cana, da Misericórdia, da Farinha e ruas anexas] / José António Caldas e João de Souza de Castro discipulo da Aula Militar compartido copiou. – Escala [ca.1:550]. – B[ahi]a [Salvador], 19 de 9bro [setembro] de 1777. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 25,1 x 48,5cm em folha 28,5 x 72,7cm.

Escala gráfica de 100 palmos [= 4cm].
Contém dados históricos sobre a mudança do cais.
Estão assinalados na planta: *Travessa da Fonte dos Padres, Trapixe do Julião, Propriedades do Cais do Sodre, Cais do Sodre, Cais da cana, Cuberto Grande, Pequenos Cubertos, Travessa do Gindaste, Beco da Garapa, Cais da lenha que foi, Arco dos Algibedes, ;cais do Lixa em outro tempo, Travessa do Cais do Lixa, Cais*

Novo ou da Mizericordia, Cais da farinha.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Aguada nas cores vermelha, amarela, cinza e sépia.
Inventário Castro e Almeida. AHU_ACL_CU_005-01, D.9611.

AHU_CARTm_005, D. 0988

209 DESENHOS MILITARES. Iconografia/Mapa. 1778-1779

[Caderno de desenhos da] Aula Militar [da] Bahia. – 1778-1779. – 40 f. : 22 desenhos técnicos, 6 plantas ms., 12 mapas ms., nanquim ; 21,7 x 33,3cm.

Elaborado pelos alunos da Aula Militar da Bahia: Inácio José, João Vieira da Silva, Antônio Mendes, João de Sousa.
Encadernado.
Inventário Castro e Almeida. AHU_ACL_CU_005-01, D.10151-10197.

AHU_CARTm_005, D. 0990-1028-1028A

210 DESENHOS MILITARES. Iconografia. 1778-1779

Ribeiro, Manuel Antônio.
[Caderno de desenhos da] Aula Militar [da] Bahia. / M^{el}. Ant^{o}. Rib^{ro}.– 1779. – 6 f. : desenhos técnicos, nanquim ; 29 x 43,5cm.

Elaborado pelo aluno da Aula Militar da Bahia, Manuel Antônio Ribeiro.
Encadernado.

Referência: Inventário Castro e Almeida. AHU_ACL_CU_005-01, D.10151-10197.

AHU_CARTm_005, D. 1029-1034

211 IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO. Iconografia. ca. 1779

Planta da Igreja Matriz da Villa de Santo Amaro da Purificação... – Escala [ca.1:200] – [ca. 1779]. – 1 desenho técnico : nanquim ; 35 x 22cm.

A igreja está situada na cidade de Santo Amaro, antiga Vila de Nossa

Senhora da Purificação e Santo Amaro.
Mostra a ampliação da capela mór de 27 palmos ao fundo e a capelinha do sacramento sem nenhum ornamento, sacristia e a fonte batismal.
Estão assinalados: *capela mór. ampliada. e acrescentada para a parte do fundo 27 palmos mais do que estava desde o pê da cruz té a parede posterior, capelinha do sacramento, sem retabulo, nem forro, nem altar, sancristia com seus consistorios por cima, carneiro, altares, fonte batismal.*
Escala gráfica de 90 palmos [= 10,9cm].
Marca d'água: H C WEND & ZOONEN.
Ver 1727, Julho, 28, Lisboa, CONSULTA do Conselho Ultramarino ao Rei D. João V sobre o que o [vice-rei e capitão-general do estado do Brasil], conde de Sabugosa, Vasco Fernandes César de Meneses da conta da nova vila que mandou erigir na povoação de Santo Amaro da Purificação.
AHU_ACL_CU_005, Cx. 30 D. 2765.

AHU_CARTm_005, D. 0989

212 SALVADOR. Vista. ca. 1786.

Teixeira, Manuel Rodrigues.
Prospecto visto pela frente de hua porção da cid^e^. da Bahia : no qual se mostrão os edificios comprehendidos na parte superior, e inferior da mesma cid^e^., as ruinas q. se achão no prolongamento do seu monte e o projecto do novo paredão, p^a^. conter o impurão das terras q. ameasão queda sobre toda a extensão baixa / Manuel Roiz Tex^ra^. Ajudante Engenheiro. – [ca. 1786]. – 1 vista panorâmica : color., desenho a nanquim e aquarela ; 30,2 x 46,6 cm.

Mostra os riscos de deslizamentos à frente da antiga Catedral, e ao lado, a Igreja de São Pedro dos Clérigos.
Contém o orçamento da construção de uma muralha para sustentar o terreno de prédios na parte superior que ameaça cair sobre a inferior.
Indica os seguintes prédios: *Sé, Palacio do Arcebispo, S. Pedro dos Clerigos, colegio, Rosario dos Pretos, Trapixe do quintal, de Jozé Pires, De conego Mages, Caes da Cachoeira, de Santa Barbara, capela mesma santa, caes da Farinha, Caes da Lenha, Caes da Misericordia.*
Aquarelada nas cores vermelha, sépia, preta e cinza.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.12061 ver AHU_ACL_CU_005-01, D.12060.

Manuel Rodrigues Teixeira foi aprendiz na Aula de Arquitetura Militar.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 214.

AHU_CARTm_005, D. 1035

213 AÇÃO DE NUNCIAÇÃO - SALVADOR. Iconografia. ca.1790

[Alçados (2) das casas pertencentes ao Mestre de Campo Francisco Barbosa Marinho de Castro]. – [ca. 1790]. – 2 desenhos técnicos em 1 folha : tinta ferrogálica, color. ; 56,1 x 43,8cm.

Entre os 2 desenhos do alçado está escrito: *Rua debaixo de São Bento.*
Estão assinalados: Nº 1 *Cazas do Nunciado. Nº2 janelas do mesmo,que de novo se abrirão, e sobre o que versão os Artigos de attentado e de que se cede. Nº 3 janellas antigas que naquele lado tinham as cazas do Nunciado. Nº 4 Lugar em que se pertendiam abrir as novas janellas, que se embargarão. Nº 5 Que conthem toda as face das Cazas da Nunciante que correm desde a Caza do Nunciado, té ao Nº 7 aonde pegão as de outros possuidores. Nº 6 Cazas da Nunciante* [D. Maria Francisca Cavalcante e Albuquerque] *aonde habita a sua familia. Nº 7 Caza de diverso possuidor. Nº 8 Aguas furtadas que o Anunciado acrescentou para a face da Rua, depois da compra.*
Aquarelado de vermelho e sépia.

Referência: Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.13837. Anexo ao doc. D.13836, 1790, Julho, 19 – OFÍCIO Dom Fernando José de Portugal para Martinho de Mello e Castro, no qual informa acerca da composição amigável entre o Mestre de Campo Francisco Barbosa Marinho de Castro e D. Maria Francisca Cavalcante e Albuquerque, por causa de uma questão judicial.

AHU_CARTm_005, D. 1037/1038

214 ABRANTES DISTRITO DE CAMAÇARI. Mapa. ca. 1794

[Planta da] Villa de Abrantes da Comarca do Norte. – [ca. 1794]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 45 x 34,1cm.

Atribuído ao Ouvidor José Xavier Machado Monteiro (REIS FILHO, 2000, p. 322).

Indica igreja matriz, habitação do vigário, casa da câmara, olaria, cartório onde reside o escrivão diretor, casa do capitão mór, praça e moradas dos índios.
Aponta estradas para os seguinte lugares: Capoame, Feira do Gado, Arambedo (povoação de Torrres e sertões), área indígena, Santa Ana da Ipitanga e estrada que vem do Rio de Janeiro.
Aguada a nanquim nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a aldeia no verso , a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía].

Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Existe outra cópia, item 219, AHU_CARTm_005, D. 1301 da coleção datada [ca. 1801] e anexa ao processo de 1801, 24 de Novembro.

O Distrito de Abrantes pertence atualmente ao Município de Camaçari, que teve origem da Vila de Abrantes.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas na "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

AHU_CARTm_005, D. 1043

215 ITUBERÁ. Mapa. ca.1794

[Planta da] Villa de Santarem da Comm^{ca}. dos Ilheos. – [ca. 1794]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 45,1 x 34,1cm.

Atribuído ao Ouvidor José Xavier Machado Monteiro (REIS FILHO, 2000, p. 323).
Estão representados 2 igrejas , 1 casa da Comarca, 1 casa de cartório e casa do diretor, 4 casas dos oficiais de patentes superiores e morada dos índios.
Aponta estradas para os seguintes lugares: fazenda, onde os índios trabalham na agricultura, rio e povação de Jequié.
Aguada a nanquim nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a vila no verso, escritos a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes a aldeias da

capitania da Baía].
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Existe outra cópia item 221, cota AHU_CARTm_005, D. 1297 da coleção datada [ca. 1801] anexa ao processo 1801, Novembro, 24.

Ituberá teve origem da aldeia jesuítica de Santo André, formando a povoação de Nova Santarém. Em 1758, por determinação do Marquês de Pombal, foi criada a Vila de Santarém. Em virtude da lei estadual nº759, de 14 de agosto de 1909, passou a ter a categoria de cidade, e em 1911, é elevada para município. Em 1943, Decreto-lei Estadual nº141, o município passou a se chamar Serinhaém, e em 1944, Decreto-lei Estadual nº 12.978 foi retificado , mudando o nome para Ituberá.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia como as outras desenhadas na "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

AHU_CARTm_005, D. 1039

216 ALDEIA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DE JEQUIRIÇÁ. Mapa. ca. 1794

[Planta da] Aldêa de Nossa Senhora dos Prazeres de Jequirica. – [ca. 1794]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 45 x 34,1cm.

Indica igreja matriz, casa do capitão mor índio e moradas dos índios. Aponta estradas para os seguinte lugares: fazenda onde os índios trabalham na agricultura, o corte da madeira e a Freguesia para *Santo Antônio de Jequiricá* .
Aguada nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a aldeia no verso , a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes a aldeias da capitania da Baía].

Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Existe outra cópia, item 222, cota AHU_CARTm_005, D. 1299 da coleção

datada [ca. 1801] anexa ao processo 1801, Novembro, 24.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas nos documentos cartográficos da "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

A região era habitada pelos índios aimorés, que foram expulsos pelos bandeirantes Baião Parente e Pedro Barbosa Leal, quando penetraram a "Mata dos Macucos". Após a conquista do território, sertanistas, comerciantes, boiadeiros e tropeiros, vindos do alto sertão baianos, formaram o povoado de Nossa Senhora de Jequiriçá. Pouco depois o povoado foi abandonado devido às epidemias de cólera e varíola, em conseqüência das enchentes dos rios Jiquiriçá e Boqueirão. Na primeira metade do século XIX, o governo imperial autorizou Pedro Barbosa Leal pesquisar a região "Mata dos Macucos" com a finalidade de encontrar cobre. Restabeleceu, assim, o antigo povoado, passando a se chamar Santo Antonio de Jequiriçá, incorporado ao município de Valença. (IBGE.cidades)Em 1833, o distrito foi elevado à categoria de vila com a denominação de Jequiriçá, pelo decreto de 13-11-1832, sendo desmembrado do município de Valença. Daí por diante, houve várias mudanças e ficou estabelecido o município de Jiquiriçá, loalizado bem mais interiorano às margens do mesmo rio. Com referência à Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres de Jequiriçá, esta desapareceu. (Dias, 2007).

AHU_CARTm_005, D. 1041

217 MASSARANDUPIÓ. Mapa. ca. 1794

[Planta da] Aldêa de Massarão Dupio. – [ca. 1794]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim; 44,7 x 34,1cm.

Estão representados: igreja matriz, casa do missionário, hospedaria, casa do capitão mór índio, palhoças que mandou levantar, em decorrência da destruição das antigas, ocasionadas pelo incêndio.
Aponta estradas para os seguinte lugares: fazenda onde os índios trabalham na agricultura, campos férteis do bibó, que vai para os Rios *Embosahi* (Rio Imbassaí) e *Sauipe* (Sauípe) o corte da madeira e a Freguesia para Santo Antônio de Jequiricá .
Aguada nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a aldeia no verso , a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes às aldeias da

capitania da Baía].
Atualmente, Massarandupió pertence ao muncípio de Entre Rios, na Bahia, e foi uma das primeiras praias de naturismo.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas na "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Existe outra cópia, item 223, AHU_CARTm_005, D. 1300 da coleção datada [ca. 1801]e anexa ao processo 1801, Novembro, 24.

AHU_CARTm_005, D. 1042

218 VALENÇA – ALDEIA DE SÃO FIDELIS. Mapa. ca. 1794

[Planta da] Aldêa de S. Fidelis da Comm^ca^. dos Ilheos. – [ca. 1794]. – 1 planta ms.: color. desenho a nanquim ; 44,2 x 34cm.

Estão representados: uma igreja , a casa do administrador e moradas dos índios, onde em cada uma delas morava mais de uma família.
Aponta estradas para os seguinte lugares: fazenda onde os índios trabalham na agricultura,
Aguada a nanquim nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a vila no verso, escritos a tinta ferrogálica: Aldeia dos Índios Nossa Senhora dos Prazeres, o corte da madeira e casa do pároco .
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía].

Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Existe outra cópia, item 224, cota AHU_CARTm_005, D. 1298 da coleção datada [ca. 1801] anexa ao processo 1801, Novembro, 24.

Segundo Alfredo Moreira Pinto, a antiga aldeia de São Fidelis do Estado da Bahia localizava-se nas margens do Rio Una, a 9 km. de Valença.
De cordo com o site História de Valença[1], ca. 1750, os índios da aldeia do Una foram transferidos para a aldeia de S. Fidelis, há 6 km de Valença. Receberam uma légua de terra, dirigida por um capelão e depois um vigário, sendo elevada à freguesia. O núcleo de povoação que se formou nas proximidades da capela de N.S. do Amparo começou a estender-se pelo lado de leste até as margems do rio Una.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas na "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

AHU_CARTm_005, D. 1040

219 ABRANTES DISTRITO DE CAMAÇARI. Mapa. ca. 1801

[Planta da] Villa de Abrantes da Comarca do Norte. – [ca. 1801]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 45 x 34,1cm.

Indica igreja matriz, habitação do vigário, casa da câmara, olaria, cartório onde reside o escrivão diretor, casa do capitão mór índio, praça e moradas dos índios.
Aponta estradas para os seguinte lugares: Capoame, feira do gado, do Arambedo (povoação de Torrres e sertões), área indígena, Santa Ana da Ipitanga e estrada que vem do Rio de Janeiro etc.
Aguada a nanquim nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a aldeia no verso , a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes às aldeias da capitania da Baía].
Anexo a consulta de 1801, Novembro, 24, Lisboa - AHU_ACL_CU_005, Cx. 223, D. 15515.

Existe outra cópia, item 214, AHU_CARTm_005, D. 1043 da coleção datada [ca. 1794].
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-

1 História de Valença. Disponível em: <http://www.bahiasol.com/historia/hisval.htm > , acesso em: 27 nov. 2010

15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

O Distrito de Abrantes pertence atualmente ao Município de Camaçari, que teve da origem da Vila de Abrantes.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas na "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

AHU_CARTm_005, D. 1301

220 RESIDÊNCIAS. Iconografia.1801.

[Elevação da casa de Manoel Corrêa de Mattos e da de António Teixeira de Sousa e da de José Domingues situadas na rua principal da Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro]. – Escala [ca.1:50]. – Anno d' 1801. – 1 desenho técnico : color.; 50,9 x 72,8cm em folha 54,1 x 76,6cm.

Escala gráfica de 30 palmos [=15,2cm].
Desenho a bico de pena, nanquim vermelho e preto da fachada do prédio.
Aguada nas cores vermelha, preta e aquarelado de preto e vermelho.
Na margem superior está escrito *n. 12.*
Marca d'água: PIESCIA A MASSO.
Ver AHU_ACL_CU_005, Cx.236, D.16292.

Ver 1805, Março, 14, Salvaterra de Magos - AVISO do [secretário de estado da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, [João Rodrigues de Sá e Melo] ao [conselheiro do Conselho Ultramarino], barão de Moçâmedes, [José de Almeida Vasconcelos] para que se faça consulta sobre o REQUERIMENTO de Manuel Correia de Matos, AHU-Baía, cx.233, doc. 58
AHU_ACL_CU_005, Cx. 235, D. 16245.
Ver AHU_ACL_CU_005, Cx. 236, D. 16292.

AHU_CARTm_005, D. 1044

221 ITUBERÁ. Mapa. ca. 1801

[Planta da] Villa de Santarem da Comm^{ca}. dos Ilheos. – [ca. 1801]. – 1

planta ms.: color., desenho a nanquim; 45,1 x 34,1cm.

Estão representados 2 igrejas , 1 casa da Comarca, 1 casa de cartório e casa do diretor, 4 casas dos oficiais de patentes superiores e morada dos índios. Aponta estradas para os seguintes lugares: fazenda onde os índios trabalham na agricultura, rio e povação de Jequié.
Aguada a nanquim nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a vila no verso, a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes às aldeias da capitania da Baía].
Anexo a consulta de 1801, Novembro, 24, Lisboa - AHU_ACL_CU_005, Cx. 223, D. 15515.

Existe outra cópia, item 215, AHU_CARTm_005, D. 1039, da coleção datada [ca. 1794]

Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Ituberá teve origem da aldeia jesuítica de Santo André, formando a povoação de Nova Santarém. Em 1758, por determinação do Marquês de Pombal, foi criada a Vila de Santarém. Em virtude da lei estadual nº759, de 14 de agosto de 1909, passou a ter a categoria de cidade, e em 1911, é elevada para município. Em 1943, Decreto-lei Estadual nº141, o município passou a se chamar Serinhaém, e em 1944, Decreto-lei Estadual nº 12.978 foi retificado , mudando o nome para Ituberá.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas na "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

AHU_CARTm_005, D. 1297

222 ALDEIA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES DE JEQUIRIÇÁ. Mapa. ca 1801

[Planta da] Aldea de Nossa Senhora dos Prazeres de Jequirica . – [ca. 1801]. – 1 planta ms. : color, desenho a nanquim ; 45 x 34,1cm.

Estão representados: igreja matriz, casa do capitão mór índio e moradas

dos índios.
Aponta estradas para os seguinte lugares: fazenda onde os índios trabalham na agricultura, o corte da madeira e a Freguesia para Santo Antônio de Jiquiricá .
Aguada nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a aldeia no verso , a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes a aldeias da capitania da Baía].
Anexo a CONSULTA de 1801, Novembro, 24, Lisboa - AHU_ACL_CU_005, Cx. 223, D. 15515.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Existe outra cópia, item 216, AHU_CARTm_005, D. 1041, da coleção datada [ca. 1801] anexa ao processo de 24 de Novembro de 1801.

Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas nos documentos cartográficos da "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

A região era habitada pelos índios aimorés, que foram expulsos pelos bandeirantes Baião Parente e Pedro Barbosa Leal, quando penetraram a "Mata dos Macucos". Após a conquista do território, sertanistas, comerciantes, boiadeiros e tropeiros, vindos do alto sertão baianos, formaram o povoado de Nossa Senhora de Jequiriçá. Pouco depois o povoado foi abandonado devido às epidemias de cólera e varíola, em conseqüência das enchentes dos rios Jiquiriçá e Boqueirão. Na primeira metade do século XIX, o governo imperial autorizou Pedro Barbosa Leal pesquisar a região "Mata dos Macucos" com a finalidade de encontrar cobre. Restabeleceu, assim, o antigo povoado, passando a se chamar Santo Antonio de Jequiriçá, incorporado ao município de Valença. (IBGE.cidades)Em 1833, o distrito foi elevado à categoria de vila com a denominação de Jequiriçá, pelo decreto de 13-11-1832, sendo desmembrado do município de Valença. Daí por diante, houve várias mudanças e ficou estabelecido o município de Jiquiriçá, loalizado bem mais interiorano às margens do mesmo rio. Com referência à Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres de Jequiriçá, esta desapareceu. (Dias, 2007).

AHU_CARTm_005, D. 1299

223 MASSARANDUPIÓ. Mapa. ca. 1801

[Planta da] Aldêa de Massarão Dupio. – [ca. 1801]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 44,7 x 34,1cm.

Estão representados: igreja matriz, casa do missionário, hospedaria, casa do capitão mór índio, palhoças que mandou levantar, em decorrência da destruição das antigas ocasionadas pelo incêndio.
Aponta estradas para os seguinte lugares: fazenda onde os índios trabalham na agricultura, campos férteis do bibó, que vai para os Rios *Embosahi* (Imbassaí) e *Sauipe* (Sauípe) o corte da madeira e a Freguesia para Santo Antônio de Jequiricá .
Aguada nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a aldeia no verso , a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes a aldeias da capitania da Baía].
Anexo a CONSULTA de 1801, Novembro, 24, Lisboa - AHU_ACL_CU_005, Cx. 223, D. 15515.

Existe outra cópia, item 217, AHU_CARTm_005, D. 1042 da coleção datada [ca. 1794], anexa ao Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799.

Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Atualmente, Massarandupió pertence ao muncípio de Entre Rios na Bahia e foi uma das primeiras praias de naturismo.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas na "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

AHU_CARTm_005, D. 1300

224 VALENÇA – ALDEIA DE SÃO FIDELIS. Mapa. ca. 1801

[Planta da] Aldea de S. Fidelis da Comm^{ca}. dos Ilheos. – [ca. 1801]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 44,2 x 34cm.

Estão representados: uma igreja, a casa do administrador e habitações indígenas, onde em cada uma delas morava mais de uma família.
Aponta estradas para os seguinte lugares: fazenda onde os índios trabalham na agricultura, Aldeia dos Índios Nossa Senhora dos Prazeres, o corte da madeira e casa do pároco.
Aguada a nanquim nas cores preta e cinza.
Contém dados sobre os índios e a vila no verso , a tinta ferrogálica.
Pertence a uma [Colecção de cinco plantas referentes a aldeias da capitania da Baía].
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 81, D.15795-15799 (plantas) . O conjunto de documentos desta capilha vai do D. 15794-15836.

Existe outra cópia, item 218, AHU_CARTm_005, D. 1040, da coleção datada [ca. 1801] anexa ao processo de 24 de Novembro de 1801.

Segundo Alfredo Moreira Pinto, a antiga aldeia de São Fidelis do Estado da Bahia localizava-se nas margens do Rio Una, a 9 km. de Valença.
De cordo com o site História de Valença[2], ca. 1750, os índios da aldeia do Una foram transferidos para a aldeia de S. Fidelis, há 6 km de Valença. Receberam uma légua de terra, diretor capelão e depois um vigário, sendo elevada à freguesia. O núcleo de povoação que se formou nas proximidades da capela de N.S. do Amparo começou a estender-se pelo lado de leste até as margens do rio Una.
Conforme Fabrício Lyrio Santos, esta aldeia, como as outras desenhadas na "Coleção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía", foi intensificada no processo de secularização dos aldeamentos missionários em vilas de administração civil, durante o período pombalino.

AHU_CARTm_005, D. 1298

225 SANTO AMARO. RUAS. Mapa. ca. 1805

[Planta das ruas, Principal e do Carro, e dos becos de Antônio da Costa, Padre Bitancur e Vicente Jozé na Vila de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro]. – Escala [ca. 1:250]. – [ca.1805]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 52 x 73,8cm em folha 54,3 x 76,1cm.

2 História de Valença. Disponível em: <http://www.bahiasol.com/historia/hisval.htm > , acesso em: 27 nov. 2010

Indica as moradias de José Domingues, Manuel Correia de Matos e Antônio Teixeira de Souza.
Escala gráfica de 150 pa. [palmos=14cm].
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a bico de pena e nanquim vermelho.
Aguada na cor vermelha e aquarelada nas cores verde e cinza.
Na margem superior está escrito *n. 10*.
Marca d'água: D C & BLAUW.
Ver AHU_ACL_CU_005, Cx.236, D.16292.

AHU_CARTm_005, D. 1045

226 CONSTRUÇÃO CIVIL. Iconografia. ca. 1806

[Planta das casas do capitão Manuel Domingues de Carvalho e do capitão José Gomes e do terreno que fica entre elas]. – Escala indeterminável. – [ca. 1806]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 34,3 x 44,5cm.
Escala gráfica [...] [= 3cm].
Na margem direita, superior está escrito: *n 2º*.
Aquarelado na cor amarela.
Marca d'água: SEBILLE VAN KETEL & WASSENBERGH.
Ver AHU_ACL_CU_005, Cx.244, D.16875. PROCESSO relativo à construção das casas do capitão Manuel Domingues de Carvalho e do capitão José Gomes Dantas.Obs: docs. emitidos e recebidos pelo Senado da Câmara da Bahia. AHU-Bahia, cx. 241, doc. 34.

AHU_CARTm_005, D. 1046

REGIÃO SUDESTE

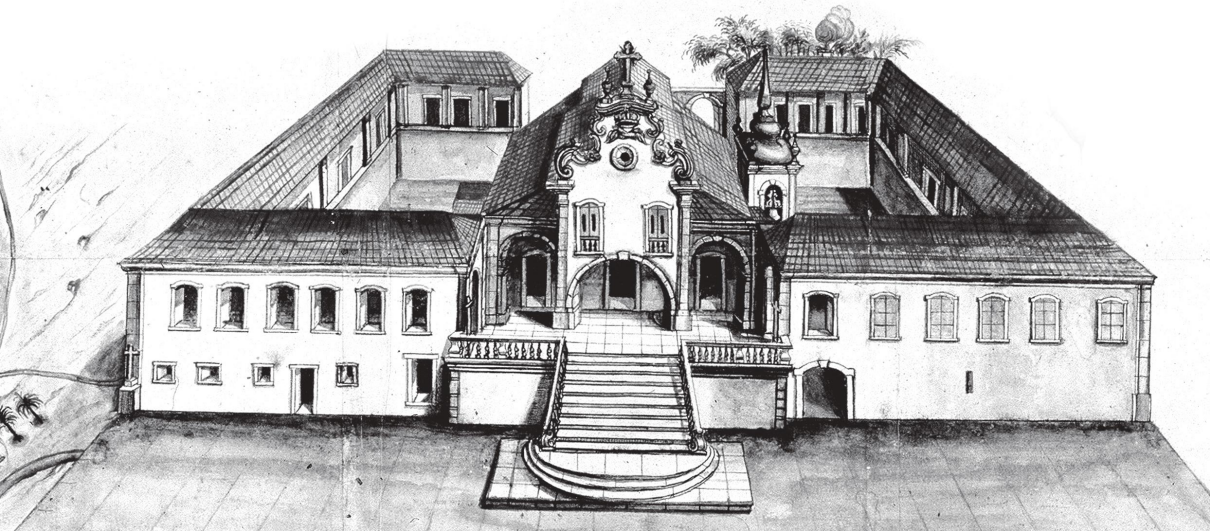

CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

227 IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA VITÓRIA. Iconografia. ca. 1728

Couto.
Planta da Matris N. S. da Victoria da Capitania do Spiricto Sancto / Couto. – Escala [ca. 1:150]. – [ca. 1728]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 31,4 x 22,1cm.

Estão assinalados: *Corpo da Igreja, cruzeiro, grandeza das serventias, presbiterio, degraos, altar mayor, parede lateral, grossura de outras paredes, lugar da torre, do pupito, do coro.*
Escala gráfica de 115 palmos [= 17,5cm].
Desenho a tinta ferrogálica.
Aquarelado nas cores amarela e cinza.
Marca d'água: flor de lis.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 33, D. 7614-7615.
Anexa as informações catalogadas no inventário do CA-RJ: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 33, D. 7606. Datação com base na documentação anexa.

A Igreja Matriz foi demolida e em seu sítio foi construída a Catedral Metropolitana de Vitória.

AHU_CARTm_007, D. 1075

228 IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA VITÓRIA. Iconografia. ca. 1728

Planta da Matriz N. Snra. da Victoria da Cappitania do Spiricto Sancto. – Escala [ca. 1:150]. – [ca. 1728]. – 1 desenho técnico : nanquim vermelho e preto, color. ; 29 x 21cm em folha 30,1 x 22,4cm.

Estão assinalados: *Corpo da Igreja, cruzeiro, grandeza das serventias, presbiterio, degraos, altar mor ou lugar delle, parede lateral, grossura de outras paredes, lugar da torre, lugar do pupito, lugardo coro.*
Escala gráfica de 100 palmos [= 15,1cm].
Aquarelado na cor vermelha.
Datação com base na documentação anexa.
Inventário do Castro e Almeida-RJ AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 33, D.7615
Anexa às informações do Provedor da Fazenda do Rio de Janeiro, sobre

a reedificação da Igreja matriz de Nossa Senhora da Vitória, da Capitania do Espírito Santo: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 33, D. 7606-7613.

A Igreja Matriz foi demolida e em seu sítio foi construída a Catedral Metropolitana de Vitória.

AHU_CARTm_007, D. 1076

229 VITÓRIA, BAÍA. Mapa. 1766

Plano do Rio do Espirito Sancto, comprehendida a barra, suas fortalezas e vilas. – [1766]. – 1 carta ms. : color. ; 51 x 82,5cm em folha 56 x 87,5cm.

Atualmente chamada de Baía de Vitória.
Na área da cidade de Vitória, se lê: *Neste lugar está cituada a Vila de Vitoria.*

Na *Explicação*, está escrito: *Os Algarismos que vão notados na barra deve-se emtender braças de oito palmos, foy esta sonta feita com marés mortas, e com mares cheias de agoas vivas, hade ter no mais baixo da barra, tre braças e meia. Pelo rio acima the à vila da Vitoria, nonde não vão notadas as braças, tem fundo capas de pasar huma nau. O lugar notado com a letra N hé a praia de Suha, onde o Olandes fes o seu desembarque no princípio do Reinado do Senhor D. João quarto. O Rio chamado, o Rio da Costa, as suas areas tem emtopido a barra, principamente em tempo de seca, e no tempo de cheias fica a barra mais larga meia braça. Na ponta do Nordeste da Jlha do Boy, pode se fazer huma boa fortificação, para a defeza da barra, e impedimento de alguns lanxoens, que posão fazer desembarques na praia de Maroipe.*

Na atual cidade de Vitória estão assinalados: *Forte de Santo Ignacio, Fortaleza de Nossa Senhora do Carmo, Forte de São Diogo, Reduto de Nossa Senhora do Carmo,Ponta da Praia de Bento Ferreira, Jlha dos Frades, Jlha do Boy, Rio de Maroipe.*
Na cidade de Vila Velha, contém os seguintes locais: *Pao de Asucar, Rio de Aureri, Vila do Espírito Santo* [...], *Fortaleza de São Francisco Xavier dq Barra, Convento de Nossa Senhora da Penha dos Religiosos Franciscanos, Rio da Costa, Morro fronteiro à barra*

Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Contém batimetria.
Vegetação e relevo repesentados em forma pictórica.
Desenho a bico de pena e a nanquim vermelho e preto.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, azul e marrom.

Inventário dos avulsos do Rio de Janeiro: AHU_ACL_CU_017, Cx. 77, D. 6934, ver também o D. 6933.

O Forte de São Francisco Xavier de Piratininga é conhecido como Forte de Piratininga ou Forte de São Francisco Xavier da Barra.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 349.

AHU_CARTm_007, D. 1108

230 ANCHIETA E PIUMA. Mapa. 1790

Vila nova de Benavente. – [1790]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta e a bico de pena ; 34, 7 x 44,5cm. em folha 37,6 x 48,2cm.

Compreende as atuais cidades Anchieta e Piuma.
Estão assinalados: Rio *Itapemerim, Monte do Agha, Ilha do Francez, Ilhas de Piuma, Barra de Piuma, Barra Grande, Barra do Moleque, Ponta dos Castelhanos*.
Estão representados uma igreja e algumas moradias.
Contém uma nota, onde está escrito: *Nesta barra em pria-mar tem 13,14,15,16 palmos de agua se reinão ventos do mar em aguas vivas, e marés mortas, em pria-mar tem 8 palmos, e baixa mar tem 6. Esta entrada he muito abrigada de ventos da terra, Ilha com ilha he que entra muito mar, mas a tença he boa, dentro do rio he abrigado de todos os ventos.*

Inclui rosa dos ventos.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Contém batimetria.
Aquarelada nas cores verde, marrom, vermelho e cinza
Na margem superior está escrito:*Mappa 3º*.
Marca d'água: D C & BLAUW.
Pertence a uma coleção de 3 mapas da "Costa marítma da Capitania do Espírito Santo".
Inventário Castro e Almeida-BA: AHU_ACL_CU_005-01, D.13.863
Ver oficio do Governador D. Fernando José de Portugal, datado da Baía 4 de Setembro de 1790.
Data atribuída com base na documentação anexa.

Anchieta foi fundada pelo Jesuíta José Anchieta, em 1569, com a denominação de Aldeia de Iriritiba ou Reritiba. Com a expulsão dos

jesuítas, em 1759, o povoado recebeu foros de vila com o nome de Benevente, Vila Nova de Benvente. Em 1887, foi elevada a categoria de cidade com o nome de Anchieta, em homenagem ao seu fundador, José de Anchieta. As suas terras foram desmembradas na emancipação dos muncípios Alfredo Chaves, Iconha e Piúma.
Piúma foi habitada pelos Índios Puris e fundada por José de Anchieta, na mesma época da criação da atual cidade de Anchieta, entre 1565 e 1567. Em 1883, o povoado passou a ser sede da freguesia do município de Anchieta, com o nome de Nossa Senhora de Piúma, e em 1891, foi criado o municipio de Piúma, com o território desmebrado de Anchieta. Pela decreto estadudal nº 81 de 1904, a sede de Piúma foi transferida para Iconha, e em 1924, pela lei estadual nº 1428, o muncípio passou a ser chamado de Iconha com 2 distritos: Piúma e Iconha. Em 1963, com o nome de Piúma, a cidade foi novamente elevada a categoria de muncípio, sendo desmembrada de Iconha. O Município de Piúma passou a ter os distritos de Piúma e Agha.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 229.

AHU_CARTm_007, D. 1051

231 GUARAPARI. Mapa. 1790

Villa de Guaraparim. – [1790]. – 1carta ms. : color., desenho a tinta e a bico de pena ; 34,3 x 45,5cm em folha 37,4 x 48,5cm.

Estão assinalados: *Guaraparim, Rapoza, Escarvada, Trez Ilhas*
Inclui rosa dos ventos.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Estão representados, também, uma igreja e algumas edificações.
Contém batimetria.
Aquarelada nas cores verde, marrom, vermelho e cinza.
Na margem superior está escrito:*Mappa 2º*.
Pertence a uma coleção de 3 mapas da "Costa marítima da Capitania do Espírito Santo".
Marca d'água: D C & BLAUW.
Inventário Castro e Almeida-BA: AHU_ACL_CU_005-01, D.13.862.
Ver oficio do Governador D. Fernando José de Portugal, datado da Baía 4 de Setembro de 1790.
Datação com base na documentação anexa.

Antiga aldeia jesuítica, recebeu os seguintes nomes: Aldeia dos Jesuítas, Aldeia de Nossa Senhora, Aldeia Santa Maria de Guaraparim, Guaraparim, Goaraparim e por fim Guarapari. Foi elevada a vila em 1679.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 228.

AHU_CARTm_007, D. 1050

232 BAÍA DE VITÓRIA. Mapa. 1790

Barra da Capitania do Espirito Santo. – [1790]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ; 34,3 x 66,5cm em folha 37,6 x 70,3cm.

Atualmente é chamada de Baía de Vitoria.
Abrange as cidades de Vitória e Vila Velha.
Estão assinalados: *Villa da Victoria, capitania do Espirito Santo, Morro da Vigia, Fortaleza de São João, Mestra arvaro, Ponta de Piraem, Pão de Assucar, Villa Velha, Fortaleza de Pertininga* [nome atual Forte de São Francisco Xavier de Piratininga], *Nossa Senhora da Penha, Moreno, Ilha do Boi, Baixa Grande, Cavallo, Escarraia.*
Estão representados algumas edificações.
Inclui rosa dos ventos.
Contém batimetria.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Desenho a tinta e a bico de pena.
Aquarelada nas cores vede, marrom, vermelho e cinza.
Na margem superior está escrito:*Mappa 1º*.
Marca d'água: D C & BLAUW.
Pertence a uma coleção de 3 mapas da "Costa marítima da Capitania do Espírito Santo".
Ver oficio do Governador D. Fernando José de Portugal, datado da Baía 4 de Setembro de 1790.
Datação com base na documentação anexa.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_005-01, D.13.861.

O Forte de São Francisco Xavier de Piratininga é conhecido como Forte de Piratininga ou Forte de São Francisco Xavier da Barra.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 227.

AHU_CARTm_007, D. 1049

CAPITANIA DE MINAS GERAIS

233 QUARTÉIS. Iconografia. 1722

Oliveira, José Rodrigues de.
Vista ôu prospectiva de hum lado dos quarteis da villa de N. S.ª do Carmo : Planta geografica dos d^{os}. quarteis / Joseph Roz de Oliveyra cap^{am}. de Dragois o fes. – Escalas [ca.1:200] e [ca.1:350] – em 15 de outubro de 1722. – 2 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color. ; 12,1 x 33,3cm.

Um desenho técnico é o alçado do quartel, com a escala gráfica de 60 palmos [=6,3cm], medindo 12,1 x 33,3cm; e o outro, a planta arquitetural do prédio, com a escala gráfica de 90 palmos [=5,8cm] e a dimensão de 8,8 x 33cm.
Aquarelados nas cores laranja, vermelho, azul, dourado e sépia.
Inclui rosa dos ventos.
Vegetação representada em forma pictórica.
Anexos ao documento de 1723, Julho, 23 AHU_CU_011,Cx.004, D. 00047.
Anexada aos desenhos dos quartéis de Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, AHU_CARTm_011, D.1152.

Atual cidade de Mariana, foi a primeira entre as cidades surgidas com efeito expedicionário dos bandeirantes, em 1696, com nome de Ribeirão do Carmo. Em 1712 passou a se chamar Vila Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo. Com a carta régia de 1745 passou denominar-se Mariana.

AHU_CARTm_011, D. 1151

234 QUARTÉIS. Iconografia. 1722
Oliveira, José Rodrigues de.
Vista ôu prospectiva de hum lado dos quarteis de Villa Rica : Planta geografica dos d^{os}. quarteis / Joseph Roz de Oliveyra cap^{am}. de Dragois deste governo o fes. – Escala [ca.1:350]. – anno de 1722. – 2 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color. ; em folha 23,4 x 35,3cm.

Um desenho técnico é a fachada do quartel, medindo 11,3 x 33,2cm; e o outro, a planta arquitetural do prédio, 120 palmos a planta [=7,7cm] e a dimensão de 9,9 x 33,2cm.

Aquarelados nas cores, cinza, laranja, vermelha, sépia e dourada.
Anexo ao documento de 1723, Julho, 23 AHU_ACL_CU_011,Cx.4, D. 47.

Anexada aos desenhos dos quartéis de Vila Nossa Senhora do Carmo, AHU_CARTm_011, D.1151.

AHU_CARTm_011, D. 1152

235 BANDEIRANTES. Mapa. 1732

Soares, Diogo, 1684-1748 & Capacci, Domingos, 1694-1736.
S. Sebastião nas Geraez e Matto Dentro. – Escala indeterminável. – 1732. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 19,5 x 32,4cm em folha 25,5 x 39,9cm.

Atualmente a cidade tem o nome de Bandeirantes, distrito do município de Mariana.
Atribuída aos Padres Matemáticos, Domigos Capacci e Diogo Soares (COSTA, 2002, p. 56).
Escala gráfica de 300 [...] [=3,4cm].
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores azul, amarela, vermelha e marrom.
Cartucho de título decorado em estilo barroco.
Faz parte de um conjunto de 3 cartas.Ver D.1155 e 1156.
Pertenceu a um volume encadernado, cuja localização foi Enc.XVII, fol.17.
Descrita em Castro e Almeida D.257.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 257.

AHU_CARTm_011, D. 1154

236 DISTRITO PADRE VIEGAS. Mapa. 1732

Soares, Diogo, 1684-1748 & Capacci, Domingos, 1694-1736.
Sumidouro nas Geraez e Matto Detro [Dentro]. – Escala indeterminável. – 1732. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 19,5 x 32,9cm em folha 25,5 x 40cm.

Atualmente se chama Padre Viegas, distrito do município de Mariana.
Atribuída aos Padres Matemáticos, Domigos Capacci e Diogo Soares (COSTA, 2002, p. 56).
Escala gráfica de 400 [...] [=4,3cm].
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores azul, amarela, vermelha e marrom.

Cartucho de título decorado em estilo barroco.
Faz parte de um conjunto de 3 cartas.Ver D.1154 e 1156.
Pertenceu a um volume encadernado, cuja localização foi Enc.XVII, fol.18
Descrita em Castro e Almeida D.258.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 258.

AHU_CARTm_011, D. 1155

237 DISTRITO DE MONSENHOR HORTA. Mapa. ca. 1732

Soares, Diogo, 1684-1748 & Capacci, Domingos, 1694-1736.
S. Caetano nas Geraez e Matto Dentro. – [ca.1732]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 19,7 x 32,8cm em folha 25,5 x 39,9cm.

Atribuída aos Padres Matemáticos, Domigos Capacci e Diogo Soares(COSTA, 2002, p. 56).
Mostra escravos trabalhando, provavelmente, na mineração.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores azul, amarela, vermelha, preto e marrom.
Cartucho de título decorado em estilo barroco.
Faz parte de um conjunto de 3 cartas.Ver D.1154 e 1155.
Provavelmente pertenceu a um volume encadernado, como as outras cartas, cuja localização deve ter sido Enc.XVII, fol.19.
Descrita em Castro e Almeida D.258.

A cidade de São Caetano, atualmente, é denominada Monsenhor Horta, Distrito do município de Mariana.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 259.

AHU_CARTm_011, D. 1156

238 CAPITANIA DE MINAS GERAIS. Mapa. ca. 1736

Soares, Diogo, 1684-1748.
[Carta da Capitania de Minas Gerais entre os rios das Velhas e o Araçuaí]. – [ca. 1736]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 19,8 x 32,5cm em folha 23,5 x 35,9cm.

Continuação da carta da cota D.1175 (ref. 241), no que se refere ao rio Jequitinhonha e o seu afluente Araçuaí.
Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto da América Portuguesa (1713-1748) / André Ferrand de Almeida. P. 132.
Título atribuído pelo Ferrand de Almeida: Mapa da região entre os rios Arasuahi, Jequitinhonha e rio das Velhas.
Os rios rios das Velhas, Cipó e Santo Antônio continuam no D.1173 (ref 239).
Mostra as comunicações entre os locais.
Estão assinalados: *Rio Coromathy, Rio Areya, Burizital, Córrego das Lages,*Rio das Velhas*, Rio Pardo, Córrego do Pasto, Rio Pardo Pequeno, Contrie, Santo Hipolito, São João, Rio Areya, Rio Cayte mirim, Capella, Rio Tejuco assu, Rio Manso, Rio Juacupuca, Rio Inhay grande, Rio Sylva, Rio Santa Anna, Rio Mombuca, Rio Inhay, Rio Pinheiro, Rio Palmital, Rio do Machado, Rio Coquinhos, Rio Mosquito, Rio Santa Maria, Tojuco, Rio Cafundo, Bicas, Brudivinha, Rio Salema, Rio do Infreno, Pedras, Engenho, Gouvea, Andrequisse, Rio Pirauma, Pirauma, Guramba, Bananeiras, Congonhas, Barreto, Pedra* [...], *Morro do Sono, Lapa, Rio Fundo, Pirauna, Cipó, Ratolo, Rio Giquitinhonhado Campo, Rio Giquitinhonha do Mato, Rio Capibaribe, São Gonçalo, Milho Verde,* Rio *Tres Barras, Pico do Itambé, Rio Arassuahi, Rio Preto, Córrego das Almas, Rio Vermelho, Rio da Areya, Rio Noruega, Rio Samabaya, Paes, Rio Itacrambi, Rio Boritis, Rio Olaria., Rio Itinga., Córrego das Lages, Rio Barreyras., Rio Assossuy grande, Rio Assossuy pequeno, Vila do Príncipe, Rio Peixe Pequeno, Rio* [Guanhaens?], *Passage, Rio do Peixe,* [Robovedo?], *Pedras, Rio Prado, Tapera, Corregos, Conceyção,Cubaz, Somidouro, Rio Preto do Morro, Rio de Santo Antonio.*

Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores vermelha, azul, cinza e amarela.
Cartucho inacabado, contendo somente a moldura, decorada em estilo barroco.
Faz parte da coleção de 4 cartas atribuídas aos padres matemáticos Diogo Soares e Domingos Capacci, conforme a pasta que a acondiciona.
Ver AHU_CARTm_011, D. 1173 a D. 1175 (refs. 239-241).

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 252.

AHU_CARTm_011, D. 1172

239 CAPITANIA DE MINAS GERAIS. Mapa. ca.1736

Soares, Diogo, 1684-1748.
[Carta da Capitania de Minas Gerais entre os rios São Pitangui e Santo Antônio]. – [ca. 1736]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 19,8 x 32,4cm em folha 22,9 x 35,7cm.

Continuação da carta da cota D.1172 (ref. 238), no que se refere aos rios das Velhas, Cipó e Santo Antônio.
O Rio Paraopeba continua no D.1175 (ref. 241).
Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto da América Portuguesa (1713-1748) / André Ferrand de Almeida. P. 182
Título atribuído pelo Ferrand de Almeida: Mapa abrangendo a região entre o alto rio Doce [Ribeirão do Carmo], o rio das Velhas, o rio Paraopeba, e o rio São Francisco.
Mostra as comunicações entre os locais.

Estão assinalados: *Rio de São Francisco, Rio Pitangui, Rio do Picão, Rio Pompeo, Rio do,Peixe, Rio Morim, Rio Areyas, Batatal, Córrego da Onça, Rio de São João, Guarda, Choro, Rio Paraopeba, Rio Joannico, Matheus Leme, Borba, Rio Itatiayaua, Brumadinho, Vera Cruz, Rio Manso, Ignácio de Souza, Rio das Velhas, Rodiadouro, Rio da Onça, Taboquinha, Rio do Mello, Menino diabo, Pega bem, Rio Taboca, Sete Lagoas, Rio Jaquitiba, Buritis, Rio Palmital, Caza Alta, Rio Pao do Clero, Rio da Anta, Jaguara, Somidouro, Rio Fidalgo, Lagoa Grande, Pereyra, Tres Barras, Jaboticatuba, Tacoara-assu, Rio Bonito, Rio de Santo Antonio, Rm. da Areya, Macaubas, Rm. da Mata, Gls., Minhoca, São Gonçalo, Santa Luzia, Lapa, C. del Rei, Sabará, Cayte, Rapozos, M. Vermelho, Congonhas, Santa Rita, Santo Antonio, Moco, Rio dos Machados, Rio Manso, Rio das Pedras, Itaubira, Gravato, Rio da Cachoeyra, Lapa, Rio Fundo, Pirauna, Cipó, Ratolo, Joanna, Rio Tacoru-assu-merim, Rio de Santo Antonio, Conceyção,Cubaz, Somidouro, Rio Preto do Morro, Rio Preto do Itambé, Itambé do Mato,Macuco, Rio do Tanque, Morro Alto, Cocaes, Rio de Santa Barbara, Santa Barbara, São João, Escalvado, Barra, Rio Brumadinho, Ajuda, Santa Barbara, Rio Piracicaba, São Miguel, Rio de São Francisco, Catas Altas, Itapeba, Inficionado, Rio Galaxo do Norte, Barboza, Gama, Camargos, Antonio Pereira, Rio Galaxo do Sul, Forquim., São Caetano, São Sebastiãm, Vila Rica, Somidouro, Brumadao, Caldas Novas, Maynarte, Rio Galaxo do Sul, Bacalhao, Pinheyro, Itatiaya, Chiqueiro, Soledade, Ouro Branco, Passage,Santo Antonio, Congonhas, Redondo, Seyxas .*

Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores vermelha, rosa, azul, cinza e amarela.
Cartucho inacabado, contendo somente a moldura, decorada em estilo barroco.

Faz parte da coleção de 4 cartas atribuídas aos padres matemáticos Diogo Soares e Domingos Capacci, conforme a pasta que a acondiciona.
Ver AHU_CARTm_011, D. 1172 a AHU_CARTm_011, D. 1174 a D. 1175 (refs. 238, 240-241).

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 253.

AHU_CARTm_011, D. 1173

240 CAPITANIA DE MINAS GERAIS. Mapa. ca.1736

Soares, Diogo, 1684-1748.
[Carta da Capitania de Minas Gerais entre a Serra Tucambira, Rio Jequitinhonha e o seu afluente Araçuaí]. – [ca. 1736]. – 1 carta ms : color., desenho a nanquim ; 19,8 x 31,7cm em folha 23,3 x 35,1cm.
Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto da América Portuguesa (1713-1748) / André Ferrand de Almeida. P. 182.
Título atribuído pelo Ferrand de Almeida: [Mapa da região entre o rio Jequitinhonha e o rio Arasuahi].
O rio Jequitinhonha e o seu afluente Araçuaí continuam no D. 1172 (ref. 238).
Estão assinalados: *Vacaria, Serra da Tucambira, Rio Tucambira-assu, Felis, Botas, Gtzº. Payva, Santa Anna, Rio Giquitinhnha, Buritis, Guarda, Contage, Rio Bonito, Rio da Conceição, Cayçaba, Rio de São João, Rio da Onça, Bigodes, Rio das Macaubas, C. Seco, Os Macacos, Capão Grande, Rio Inhay, Rio Tujuco-assu, Rio Arassuahy, Corregos,Barbosa, Macacos, Gomas, Ribeira, Passos, Agoa Suja, Teixeira, Padre Paulino, Rio Sucuruy, Rio Capibari, Chapada, Rio Fanado, Bom Sucesso, Teyxeyra, Pequenino, Rio da Conceyção, Olhos dagoa, Rio Itamarandiba, Rio Pindatuba, Noruega, Samabaya, Rio Itamaramdiba, Rio Pindatuba, Curra-linho, Rio Tujuco-assu, Rio Itacoambri, Campo Alegre, Curralinho, Rio Mandioca-assu, Buritis, Olaria, Rio Itingua, Lages, Rio Barreyras, Rio Preto.*

Mostra as comunicações entre os locais.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores vermelha, rosa, azul, cinza e amarela.
Cartucho inacabado, contendo somente a moldura, decorada em estilo barroco.
Faz parte da coleção de 4 cartas atribuídas aos padres matemáticos Diogo Soares e Domingos Capacci, conforme a pasta que a acondiciona.
Ver AHU_CARTm_011, D. 1172 a D. 1173 e AHU_CARTm_011, D. 1175

(refs. 238-239, 241.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 254.

AHU_CARTm_011, D. 1174

241 CAPITANIA DE MINAS GERAIS. Mapa. ca.1736

Soares, Diogo, 1684-1748.
[Carta da Capitania de Minas Gerais entre o rio Paraopeba e Ribeirão do Carmo] – [ca. 1736]. – 1 carta ms : color., desenho a nanquim ; 19,7 x 32,5cm em folha 23,4 x 35,2cm.

Continuação da carta da cota D.1173, ref. 239, no que se refere ao Rio Paraopeba.
Data atribuída em: A formação do espaço brasileiro e o projecto da América Portuguesa (1713-1748) / André Ferrand de Almeida. P. 182,
Título atribuído pelo Ferrand de Almeida: [Mapa da região entre o alto rio Doce [Ribeirão do Carmo], o rio das Velhas e o rio Paraopeba].
Mostra as comunicações entre os locais.
Próximo ao Rio dos Coroados aparece uma linha de meridiano, onde se lê: *pa*[...] *meridiano*.
Estão assinalados: *Vera Cruz, Ignácio de Souza, Congonhas, Soledade, Santo Antonio, Chiqueiro, Redondo, Seyxas, Moreira, São Caetano, São Sebastiam, Vila Rica, Somidouro, Brumadao, Caldas Novas, Maynarte, Bacalhao, Pinheyro, Itatiaya, Ouro Branco, Passage, Santa Rita, Santo Antonio, Moco, Rio dos Machados, Rio Manso, Rio das Pedras, Itaubira, Gravato, Cachoeyra, Ajuda, Santa Barbara, Rio Piracicaba, São Miguel, Rio de São Francisco, Catas Altas, Itapeba, Inficionado, Caraça, Rio Galaxo do Norte, Bento Rodriguez Gama, Camargos, Antonio Pereira, Barboza, Ribeyrão do Carmo, Rio Galaxo do Sul, Carijos, Mulatas, Itabaraba, Paraopeba, Rio Xepoto, Bananeiras, Rio do Bacalhao, Rio Pirapitinga, C. Altas, Noruega, Rio Guarapiranga, Rodriguez, Rio Brejaubas, Vellozo, Mello, Caranday, Ressaca, Registo, Morro Redondo, Rio Lopo, Quilombo, Rio dos Coroados, Córrego de São João, Córrego da Casca, Poço,Grande.*

Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores vermelha, rosa, azul, cinza e amarela.
Cartucho inacabado, contendo somente a moldura, decorada em estilo

barroco.
Faz parte da coleção de 4 cartas atribuídas aos padres matemáticos Diogo Soares e Domingos Capacci, conforme a pasta que a acondiciona.
Ver AHU_CARTm_011, D. 1172 a D. 1174 (refs. 239-240).

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 255.

AHU_CARTm_011, D. 1175

242 PREVENÇÃO DE INUNDAÇÃO DE MARIANA. Mapa. ca. 1746

[Planta em que se mostra a obra a fazer para evitar a inundação das ruas da Cidade de Mariana pelo rio que ali corre]. – [ca.1746]. – 1 planta ms. : desenho a tinta ; 31,6 x 44cm.

Estão assinalados: *Cazas do Senador Antonio Mendes, a obra do cerco sempre a mesma do primeiro, ponte, cruz, corrego de sima, corrego da em*[...]*den ca*[...]*,corrego da* [...] *parte da ci*[da?]*de, serco que se ha de fazer, neste lugar mais forte, e se for forrado de sai do milhor,* [...]*como está o risco e he menos obra em comprimento, rio do segundo sentido, corte, guta, serco de Antonio Butelho, caminho dos mossas, cata.*
Aquarelada em sépia.
Marcas dágua: FABRICA, NOVA
Anexo ao doc. de 1746, Agosto, 17, AHU_ACL_CU_011,Cx.47, D.32.

AHU_CARTm_011, D. 1157

243 MANGA. Mapa. ca. 1764

Mapa da Freguezia da Manga : [na Capitania de Minas Gerais]. – [ca.1764]. – 1 mapa ms : color., desenho a tinta ; 84,8 x 61cm.
Compreende a região norte de Minas Gerais, desde a nascente do Rio São Francisco até o limite do atual Estado da Bahia.
Título no verso.
Assinala o Rio São Francisco, sua nascente e seus afluentes: *Rio Carunhanha* (Cariranha), *Brejo do Salgado, Riacho PanBrejo do Salgado, Riacho Pandeyros, Rio Pardo, Rio Urucuya, , Rio Preto, Rio do Sono, Rio Paracatu, Rio. do Bayte, Rio da Prata, Rio Escuro Grande, Rio Escuro, Rio de Setembro, Izabel, Rebeyram de S. Pedro, Corigo Rico.*

Demarca a Freguesia da Manga com o Bispado de Mariana, as comarcas de Serro Frio, Sabará, Rio das Mortes e as Capitanias da Bahia e Goiás.
Mostra as distância entre os arraiais, rios e outros locais, em léguas.
Indica as minas de ouros, diamantes e donos das lavras minerais, onde se lê: *pavuassão nova ha titulo de discuberto de ouro, por qui se ezperão gran/des averes de ouro, cartel del Rey descuberto de diamantes, lavra do Vigário, lavra do Dinis.*
Na região dos rios Abaeté, Paracatu e São Francisco, está escrito: *foezte ambito entre o Rio São Francisco e Rio Paracatu tem 50 fazendas que bem po hora pode sustentar hum curatto fazendoce neste lugar matriz.*
Aponta arraiais e outros topônimos, como: *São Caetano do Japoré; Jacaré, sertão povoado de jentio Comição, Capela, Capela do Boqueirão, Santo Antonio, Contaje de São Luiz, Contaje dos Olhos dagoas, Arayal de São Domingos, Arayal de São Sebastião, Arayal Paracatu, Arayal de São Romão, porto do Bezerra onde desembarcão barcas.*
Contém alguns edifícios públicos no Arraial de Paracatu: *Rozario, cadea, caza douizitodor,* igreja *matriz,* Igreja *Santa Anna, emtendencia, caza do Vigário, caza do Conteyo danazare.*
Inclui os pontos cardeais.
Desenhado a nanquim e aquarela sobre 2 folhas de papel coladas.
Aquarelado nas cores amarela, vermelha, verde e marrom.
Marca d'água: AP.
Anexo ao doc. 1764, Setembro, 15, AHU_CU_011, Cx. 84, D. 37.

AHU_CARTm_011, D. 1158

244 SABARÁ. Mapa. ca.1765

Mapa em q. se comprihende toda a com^{ca}. do Sabara denominada do Rio daz Velhaz : vilaz, fre^{z}. e arrayaes da mesma com^{ca}. com toda a sua extensão e emq^{to}. forão orssados os cabedaez dos seus respectivos habitadores com o n^{o}. daz pessoas q. os possuem como tãobem a q^{ta}. [quota] q. se lançou de derrame a cada v^{a}., fre^{a}. e arrayal. – [ca. 1765]. – 1 mapa ms : color., desenho a tinta ferrogálica ; 21,6 x 14,1cm em folha 45,4 x 34,8cm.

Estão assinalados: *Termo do Sabara, Divisão do Termo de Pitanguy, Rio São Francisco. Devizão do Termo da Vila da Raynha do Caethé.*
Na mesma folha contém um quadro da relação de freguesias, arraiais, informando o número de pessoas, valor dos impostos, e a quantia da extração de 4 arrobas de ouro.
Aquarelada nas cores verde e vermelho.

Anexo ao doc. de 1765, Ago., 15; AHU_CU_011,Cx. 85, n.º 69.

AHU_CARTm_011, D. 1159

245 OURO PRETO. Mapa. ca. 1766

Carta geografica do termo da Villa Rica em que se mostra que os arrayaes das Catas Altas da Noroega, Itaberava e Carigóes lhe ficão bem mais perto q. ao da Villa de S. José a que pertencem : e igualmente o de S. Antonio do Rio das Pedras q. toca ao do Sabará, o q. se mostra pela escala ou petipé de 5 leguas. – Escala [ca.1:400.000]. – [ca.1766]. – 1 carta ms. : color., desenho a bico de pena ; 49,6 x 40,3cm em folha 51,7 x 42,1cm.

Mostra a divisão administrativa do Termo de Vila Rica em cidades, vilas, arraiais e outros sítios, além da representação hidrográfica.
Cidades e vilas assinaladas: *cidade Mariana, Vila de Sabará, Vila do Caeté, Vila Rica*.

Arraiais indicados: *Santa Luzia, São João do Morro Grande, Brumado, Catas Altas de Matto Dentro, Inficionado, Bento Rodriguez, Santa Rita, Santo Antonio do Rio Accima, Santo Antonio do Rio do Pedras, Santo Antonio da Caza Branca, Antonio Pereira, Camargos, São Bartholomeu, Passage, Taquaral, Cacoeira, Itaubíra, Congonhas, Soledade, Ouro Branco, Ititiaua, Santa Rita, Pinheiro, Bacalháo, Piranga, Capelinha, Catas Altas da Noroéga, Itaberaba, Carijos, Igreja Nova.*

Locais apontados: *Sande, Xiqueiro, Crioulo, Maynarte, Pé do Morro, Lavrinhas do Pelas, Vendas Novas, Peroupeba, Engenho, Taypa, Canindahy, Gama, Rissaca, Estevão dos Reys, Alberto Dias, Lanções, Lamim, Gloria, Dutra, Barjaúbas.*

Rios assinalados: *Rio das Velhas, Rio Doce, Rio Gualaxo do Norte, Rio Maynarte, , Rio Gualaxo do Sul, Rio Piranga, Rio Peroupeba, Rio Congonhas, Rio Canindahí, Rio Itaberaba, Rio Piranguinha, Rio Chopetó, Forquilha, Ribeirão da Espera, Rio Barjaúbas Grandes, Rio Barjaúbas Pequennas Chopetó*; Relevos: *Serra da Mantiqueira, Serra do Melo, Pedra Menina, Serra do Dente Livre.*

Indica caminhos entre os locais da Capitania.
Escala gráfica de 5 léguas [=7,7cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis, em estilo neoclássico.
Relevo representado em forma pictórica.
Cartucho de título decorado em estilo neoclássico.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, azul, amarela, marrom.

Marca d'água: brasão com flor de lis, encimada por uma coroa, algarismo romano VI.
Anexo ao doc. 1766, Agosto, 26; AHU_CU_011,Cx.88, D.31.
Descrita em Castro e Almeida D.256.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 256.

AHU_CARTm_011, D. 1160

246 DIAMANTINA. Mapa. ca. 1775

Pequena planta do Arraial do Tejuco. – Escala [ca.1:4.000]. – [ca 1775]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 14,4 x 19,3cm em folha 16,8 x 43,7cm.

O título e a escala estão em outra folha, juntamente com a legenda.
Na legenda, se lê: *Contem este Arraial sete templos, estes vão numerados nos seos lugares como adiante se mostra, contem mais 567 cazas, estas se mostrão nos lugares escurecidos com pardo, e quazi todas inda no centro do mesmo Arraial, tem pateo, úas maiór, otras menór conforme acomodidade de cadaúma; as linhas, que semostrão na planta são os muros que dividem os quintaes, os pontinhos são caminho, que saem do mesmo arraial. Este está situado na descida de um morro e se estende quazi até a falda, é toda esta acompanhada de úm regato, que se intitúla Rio de São Francisco, todos os lugares onde acompanha úa sombra azúl aúm risco prêto são valos com algúa agua que vão dar ao mesmo Rio.*
Estão assinalados: *Santo Antonio, Igreja Matriz, Senhora do Rozario, Igreja dos Prêtos, Senhor do Bomfim, Capelinha São Francisco de Paula, Igreja dos Terceiros do Carmo, Senhora da Conceição, Igreja dos Terceiros Franciscanos, Senhora do Amparo, Igreja dos Pardos, Santa Quiteria, Capelinha.*
Escala gráfica de 190 braças [=10,3cm].
Rosa dos ventos com flor de lis.
Aquarelada nas cores marrom, vermelho e azul.
Proveniente do desmenbramento do volume encadernado, cuja localização foi Enc. XVIII.
Ver OFÍCIO de João da Rocha Dantas e Mendonça, datado de Tejuco, 1775, Fevereiro, 15. Anexo ao doc. AHU_CU_011, Cx.108, D.9.

O Arraial do Tijuco foi elevado a categoria de vila, com o nome de Diamantina, em 1821.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas

/ Castro e Almeida. Nº 257.

AHU_CARTm_011, D. 1162

247 DIAMANTINA, DEMARCAÇÃO. Mapa. ca. 1775

Pequeno mapa da demarcação diamantina. – Escala [ca.1:850.000]. – [ca.1775]. – 1 mapa ms. : desenho a nanquim ; 14,8 x 19,6cm em folha 16,9 x 43,3cm.

Escala gráfica de 11 leguas [=7,7cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis, aquarelada nas cores azul e vermelha.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica e aquarelados na cor cinza.
A nomenclatura está escrita a tinta ferrogálica.
Os topônimos encontrados são: *Rio Parauna, Rio Cacoeiras, Cabeceiras do Gequitinhonha, Rio Cabeças, Rio Ó, Corgo Borbos, Corgo Capivari, Rio Gequitinhonha do Campo, Ribeirão do Inferno, Rio Mando, Rio Caitemerim, Rio Pardo Pequeno, Corrego de São João, Rio Pardo Grande, Turquilha.*
Contém um quadro de legenda com os nome dos lugares onde foi realizada a extração dos diamantes, intitulada *Declaração do Mapa em fronte*.
Indica os arraiais que ficam dentro da demacarcão diamantina: *Tejuco, Chapada, Rio Manso, São Gonsalo, Andréquicé, Gouvêa, Milho Verde e Indahý*.
Cartucho de título decorado em estilo neoclássico.
Proveniente do desmenbramento do volume encadernado, cuja localização foi Enc. XVIII.
Ver OFÍCIO de João da Rocha Dantas e Mendonça, datado de Tejuco, 1775, Fevereiro, 15. Anexo ao doc. AHU_CU_011, Cx.108, D.9.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 264.

AHU_CARTm_011, D. 1161

248 DIAMANTES. Mapa. ca. 1776

[Mapa da] demarcaçam da terra que produs diamantes . – Escala [ca. 1:600.000]. – [ca.1776] – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 25,4 x 25,2cm em folha 25,9 x 33,3cm.

Título retirado em volta do mapa.
Escala gráfica de 5 legoas [= 5,4cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, azul e vermelha.
Marca d'água: C & I HONIG.
Contém notas sobre a fundação da vila do Príncipe (atual cidade do Serro), dos arraiais do Tijuco (atual cidade de Dimantina), Milho Verde, São Gonçalo, Inhaí, Rio Manso e povoação do Rio Paraúna. Segue a transcrição: *A villa do Principe capital da Comarca do Serro do Frio, se fundou em 1714 no sitio das Lavras Velhas, descuberto por Lucas de Freitas. Ao Arrayal do Tijuco, deu nome Jeronimo Correa natural da Bahia em 713, O Arrayal do Milho Verde descobrio Manuel Rodrigues Milho Verde, natural da Provincia do Minho em 1713. O Arraial de São Gonçalo descobrio Domingos Barboza natural do Minho donde fundou hua ermida a este santo em 1729. Tomou nome o Arraial do Rio manço da mancidão com que pello meyo delle corre o tal rio, e delle foi primeiro povoador Jozé de Godoy Passo paulista em 1719. Descubrio Kaeté mey Antonio Rapozo paulista em1714. Foy o 1º situador do Arraial do Hinhahy, e que lhe deu nome o Tapuyo Thome Ribeiro em 1716. De hua viuva chamada f. de Gouvea natural Portogal houve nome e principio o Arraial de Gouvea em 1715. A povoação do Rio Parahuna foi principiada em1713 por João Borges Delgado.*

Anexo a CARTA de 1776, Janeiro, 13, Tejuco - Nº do catálogo: 8527, AHU-Minas Gerais, cx. 109, doc. 4 – AHU_ACL_CU_011, Cx. 109, D. 8650.

AHU_CARTm_011, D. 1153

249 ITACAMBIRUÇU, RIO E MINAS NOVAS. Mapa. ca. 1781

Mapa do Itacambirussú e das Minas Novas : o Rio Itacambirussu tem o seo nascim^to^. em dessesete graos e vinte úm minutos meridionaes, e correndo quazi de sudoeste a nordeste desagoa na Jiquitinhonha em desesseis graos e trinta cinco minutos... – Escala [ca.1:700.000] – [ca.1781]. – 1 mapa ms. : desenho a tinta ; 26 x 34,5cm em folha 44,6 x 34,5cm.

Após o título lê-se: *Neste rio desagoa o riacho da estema, e por baixom da barra deste principia a levantrar-se aos poucos a Serra de Santo Antonio, e a que vulgo agira chama do Mogor. A serra quazi de repente chega a maior altura defronte da fazenda de Santo Antonio, ecorrendo por espaço de onze legoas de sul ao norte com a diferença de uma Quarta vai findar na margem meridional da Vacaria. Defronte de Santo Antonio em distancia deùma legoa tem ùma bocaina ou abertura, por onde entrarão os ladroens, e em distancia de outra legoa para*

o norte tem outra abertura chamada do rayo por onde tambem sobem: esta é menos ingreme, e mais dilatada. O que se sabe da serra é o que fica de ùma a outra abertura, ou entrada: terà em sima ùma legoa e meia de largura no plano, e vertentes. Seguindo se a Serra da parte de Santo Antonio tem ùma grande abertura por onde se atravessa para o taquaral, bosque, e ventania, que partecipão das vertentes da Serra e lhe ficão a leste.

Duas legendas mostram caminhos para a bocaina: uma é da fazenda do Pé do Morro, onde está assinalado: *o caminho que se segue ou se deve seguir desde a fazenda do Pé do Morro para a Serra é o seguinte em que vão notadas em legoas. do Pé do morro ao Corgo Seco 5 legoas, do Corrego Seco a Santa Crus 1 légua de Santa Crus a Ventura 1,5 légua, da Ventura ao Machado 3 léguas,do machado a Santa Anna 1 légua, de Santa Anna ao Lucas 1 légua, do Lucas ao Padre Felipe 3 léguas,do Padre Felipe ao Izidoro 3 léguas, Do Iziodoro a Passage do Itacambirussu 3 léguas da Passage ao Ponte alta 2 léguas,*da *Ponte alta a Serra Quiteria 1,5 légua, de Serra Quiteria a Santo Antonio 4 léguas , Santo Antonio a que grande das bocainas 1 légua.*
A outra legendamostra o itinerário da Vila de Bom Sucesso a Bocaina, onde está escrito: *Caminho que se segue da Vila do Bom Sucesso.: da Vila a Piedade 3 léguas , A passage do Arassuahy 2 léguas, A Simão Viera 6 léguas, a Santa Anna 4 léguas, a Lucas 1 légua, ao padre Pelipe 3 léguas, ao* zidoro *3 léguas, a Passage 3 léguas, a Serra Quiteira 1,5 légua, Santo Antonio 4 léguas, a Bocaina 1 3 légua.*

Escala gráfica de 18 léguas o grau [=15cm].
Inclui rosa dos ventos, situada na Vila de Bom Sucesso.
Relevo representado em forma pictórica.
Os topônimos assinalados estão a tinta ferrogálica, a indicação da escala desenhada a tinta, a nomenclatura do título e outras informações escritos a nanquim.
Existe um mapa que abrange a mesma área geográfica e o mesmo assunto em AHU_CARTm_011, D. 1163, ref. 250.
Anexo ao doc. de 1781, Novembro, 22 AHU_ACL_CU_ 011,Cx. 117, Doc. 42
Ver AHU_ACL_CU_ 011, Cx. 117, Doc. 68 e 79.
Marca d'água:D &C Blauw.

A Biblioteca Nacional de Portugal possui um mapa parecido, intitulado *Mapa do Itacambirussù, e das Minas Novas* em: História Chronologica dos contratos da Minerassão dos Diamantes dos outros contratos da Extracção delles dos cofres de Lisboa para os Païzes Estrangeiros dos Abuzos em que todos laborarão, e das providencias com que se lhe tem ocorrido ate o anno de 1788. - [Post. 1788]. - F. [33]. Disponível em: < http://purl.pt/103/1/

catalogo-digital/registo/260/260.html > . Acesso em: 18 out. 2008.

AHU_CARTm_011, D. 1164

250 SANTO ANTÔNIO, SERRA. Mapa. ca. 1781

[Mapa da serra de Santo António e seus contornos]. – Escala [ca. 1:600.000]. – [ca.1781]. – 1 mapa ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 34,5 x 44,2cm.

Estão assinalados: Rio *Jiquitinhonha,* Rio *Itabatinga, Rio Verde, Borba,* Rio *Mocambas,* Rio *São João Arassuahi,* Rio *São Domingos, quartel, Gracia, Corgo Seco, Simão Viera, Machado, Itacambira,* Rio *Itacambirussu, Congonhas, Picororó, Vira Saya, Ponte Alta, Estrema, Santo Antonio, Boa Vista, Brejo Grande, Lamarão, Pé de Morro, Machada, Santa Anna, Padre Filipe, Izidoro, Santa Clara, Serra de Santo Antonio, Santa Crux, Bocainas, Bananal, Cocaes, Conceição, Ventania, Taquaral, Buriti, Bosque, Curralinho, Vacaria Rio, Tocoyoz, passagem da Bahia,Correntes, Arassuahy mirim,* Rio *Arassuahy, São Domingos, Pega, Agoa-çuja, Pega, Capivari, Chapada, Itamaramdiba, Piedade, Vila do Bom Sucesso,* Rio *Fanado, Ipangoa, Rio Preto.*
Inclui os pontos cardeais: *Septentrião, Occidente, Oriente, Meyo dia* [Meridional] e as latitudes (S 16º - S 18º).
Escala gráfica de 18 [léguas= 18,5cm].
Relevo representado em forma pictórica.
Marca d'água: H Cwend & Zoonen.
Anexo ao doc. de 1781, Novembro, 22 AHU_ACL_CU_ 011,Cx. 117, Doc. 68
Ver AHU_ACL_CU_ 011,Cx. 117, Doc. 42 e 79.
Existe mapa que abrange a mesma área geográfica e o mesmo assunto em AHU_CARTm_011,D. 1164, ref. 249.
A Biblioteca Nacional de Portugal possui uma cópia. Disponível em < http://purl.pt/103/1/catalogo-digital/registo/260/260.html > . Acesso em: 18 out. 2008.

AHU_CARTm_011, D. 1163

251 CADEIA DE OURO PRETO. Iconografia. ca. 1784

Guimarães, C. Manuel Ribeiro.
Planta da nova cadeia de Vª. Rica : principiada no anno de 84 pelo Illm.º e Exm.º Senhor Luis da Cunha Menezes Gor. e Capm. General da mesma

e... / desenhada por C. Manoel Rib^ro^. Guimaraens. – Escalas [ca. 1:300 e ca. 1:200]. – [ca.1784]. – 6 desenhos técnicos : nanquim : em folha 40,9 x 62,1cm.

Contém 4 fachadas, 1 perfil de interior e 2 plantas da parte inferior e superior.
O período da construção da Casa da Câmara e Cadeia entre 1784 e 1846.
Atualmente, funciona o Museu da Inconfidência.
A margem da folha mede 40, 9 x 62,1cm e a folha no todo mede 44, 4 x 65,5cm.
Escalas gráficas de 13 e 19 braças [= 13,2cm e 19,9cm].
Aquarelado na cor cinza.
Na parte inferior, à direita, contém a assinatura do governador: *Luiz da Cunha de Menezes*.
Marca d'água: D &C BLAUW.
Anexo ao OFÍCIO. de 1786, setembro, 6; AHU_CU_011,Cx. 125, D.34.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 268.

AHU_CARTm_011, D. 1166

252 CONQUISTA DE IGNÁCIO CORREYA PAMPLONA. Mapa. ca. 1784

Gonçalves, Manuel Ribeiro**.**
Mappa da conquista do Mestre de Campo Regente chefe de legião Ignácio Correya Pamplona / M^el^. Rib^ro^. G^es^. o fes. – Escala [ca.1:450.000]. – [ca.1784]. – 1 mapa ms. : color., desenho a nanquim ; 29,7 x 38,8 cm em folha 32,4 x 39,9cm.

Mostra acampamentos militares, serras, tribos indígenas, capelas, arraiais do Rio da Velha, Paracatu, *Vila Nova de Tamandoã*, Rio São Francisco e quilombos destruídos por Pamplona.
Indica a viagem e a conquista do Mestre-de-Campo e Guarda-Mor Inácio Correia Pamplona.
Escala gráfica de 5 léguas [=6,6cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Aquarelado.
Na margem superior, está escrito a tinta ferrogálica: *Fiel copia do mappa que entreguei ao Illustríssimo Luiz da Cunha Menezes, que pro elle foi criado a Legiãocom 2 regimentos de cavallaria e infantaria, 14 esquadras do Matto tudo na comquista do campo grande e suas anexas da Comarca do Rio das Mortes no*

anno de 1784, nº 6. Monteiro.
A numeração e os dados estão escritos a tinta ferrogálica, provavelmente foram posterior à elaboração do mapa.
Relevo representado em sombreado e vegetação em forma pictórica.
Na parte superior, à direita está escrito *nº 28*.
Os topônimos estão assinalados a nanquim e algumas localidades estão numeradas a tinta ferrogálica.

Seguem as relações dos locais numerados: *Nº 1 Capela da Senhora da Oliveira,* próxima, *estrada que fes o Mestre de Campos, Nº2 Vila Nova de Tamandbá, Matris de São Bento, Nº 3 Capela de São Francisco de Paulla, Nº4, Capela de Bom Suçeço detras da Serra de Iboturuna, Nº 5 Capela de Santo Antonio do Amparo, Nº 6, Capela do Senhor Bom Jezus dos Perdoens, Nº 7 Capela de Santa Anna, Nº 8 Bom Jezus de Matozinhos, Nº 9 Capela da Senhora das Candeyas, Nº 10 Capela de São Vicente da Formiga, Nº 11 Matris da Senhora do Livramento do Pihui, Nº 12 Capela de Santo Antonio da ponte de Diamante, Nº 13 Capela de São Francisco de Salis, Nº 14 Capela da Senhora do Carmo do Japão, Nº 15 Capela da Senhora do Desterro, Nº 16 Capela da Senhora Apareçida do Clausio, Nº 17 Capela doEspirito Santo e São Francisco de Paulla, Nº 18 do Senhor Bom Jezus dos Moraes, Nº19 Capela de Santo Antonio Monte mde Diogo Lopes, Nº20 Matris de Santa Anna de Bamboy, Nº21 Rio de São Francisco, Nº22 Serra da Marçela, Nº23 Serra da Castra, Nº24 Fazenda* da Palestina, *Nº25 Serra de São Pedro de Alcantara, Nº26 Serra do Pihui, Nº27 Serra Negra, Nº28 Serra dos Paulistas, Nº29 Serra dos Araras, Nº30 Quilombo destruido pelo Mestre de Campos da mata da Tapada, Nº31 Quilombo destruido pelo Mestre de Campos Regente, Nº32 Quilombo destruido pelo Mestre de Campos Regente, Nº33 Quilombo destruido pellos Boinos, Nº34 Quilombo destruido pelos Boinos, Nº35 Quilombo do Andaya, Nº36 Quilombo que destruio o Mestre de Campos, Nº37 Quilombo destruido pelo Mestre de Campos, Nº38 Quilombo destruido pelo Mestre de Campos, Nº39 Quilombo destruido pelos Boinos, Nº 40 Destacamento dos Arrenpendidos , Nº 41 Quilombo destruido no anno de 1764, Nº 42 Quilombo destruido pelo Mestre de Campos Regente, Nº 43 Quilombo do Ambrozio, Nº 44 Arrayal do Piracatu, Nº 45 São Marcos, Nº 46 Rio de São Marcos, Nº 47 Serra dos Confins, Nº 48 Rio das Velhas, Arrayal do Rio das Velhas , Nº 49 Dezemboque, Nº 50 Fazenda do Pedrozo em terras da Capitania de Minas Geraes, Nº 51 Cabeceiras do Rio Grande, Nº 52 Rio Pernaiba, Barra, Nº 53 Vertentes para o Rio de São Francisco.*
Marca d'água: D & C Blauw.
Ver 1800, maio, 19, AHU_CU_011,Cx153, D.10.

Inácio Correia Pamplona foi um dos delatores de Tiradentes e responsável pela destruição de quilombos em Minas Gerais.

A Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Brasil possui roteiro de sua jornada.

AHU_CARTm_011, D. 1165

253 DIAMANTES. Mapa. ca. 1787

[Mapa da] demarcaçam diamantina : com 18 legoas de cumprimento que fazem huma circunferencia de 54 legoas. – [ca.1787]. – 1 mapa ms. : color., desenho a tinta ferrogálica e nanquim ; 31,7 x 39,1cm em folha 57,3 x 44,3cm.

A área geográfica se localiza entre os rios Jequitinhonha, Pardo Grande, Pardo Pequeno e Paraúna.
Estão assinalados alguns locais como *Andrequice, Parauna, Milho Verde, Tejuco, Gouveia, São Gonçalo, Rio Manso, Mazinhos, Arrayal do Inhahy, Arayal de Chapada* etc.
Inclui os pontos cardeais.
Contém legenda com a relação dos afluentes dos rios Jequitinhonha, Paraúna, Pardo Grande e Pardo Pequeno com a sinalética destes no mapa.
Aquarelado nas cores verde e amarelo.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo ao doc. de 1787, Abril, 27 ;AHU_CU_011,Cx. 126, D. 36.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 260.

AHU_CARTm_011, D. 1167

254 IGREJA DA MATRIZ. Iconografia. 1788?

Souza.
[Metade do alçado do retábulo do altar-mór da igreja da matriz de Santo António de Itaverava] / Souza. – Escala [ca.1:20]. – [1788?]. – 1 desenho técnico : nanquim ; em folha 60,4 x 47cm.

Desenho em estilo barroco.
Aquarelado nas cores cinza e preto.
Escala gráfica 36,5 [palmos?=40,4cm].
Marca d'água: SP.
Anexo ao doc 1788, Maio, 7; AHU_CU_011,Cx. 128, D. 50.

AHU_CARTm_011, D. 1168

255 CONSELHEIRO LAFAIETE. Mapa. ca. 1790

Mappa do termo da Real Villa de Queluz : segundo observaçoens de Capaci e desnos correctas e emendadas as alturas variantes para conhecimento da verdade. – [ca.1790]. – 1 mapa ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 29,8 x 296,8cm em folha 34,2 x 44,3cm.

Limites assinalados: *Termo da Real Vila de Queluz, Termo de Villa Rica, Termo da cidade de Mariana, Termo da Villa de São Jozé.*

Queluz passsou a se chamar Conselheiro Lafaiete em homenagem ao jurisconsulto, político e estadista, nascido nesta cidade, em 1934.

Os rios assinalados são: *Rio Paurapeba, Rio Manso, Ribeirão de macaubas, Rio Paracatu Pequeno, Rio Doce, Rio das Mortes, Cabeceiras do Rio Piranga, Rio Guarara, Rio Xupotó, Ribeirão de Aguas Claras, Pirapitingi,Lamin, Rio Doce, Motaca, Rio Carandahy, Mello Piqueno, Mendonça, Gome Sudre, Palmital, Papagayo, Rio do Peixe, Ribeirão da Espera.*
Relação das serras: *Hequi, Itacolomi, Prados, Serra do Mello, Pedra Branca, Pedras de Sevar.*
Os locais apontados são*: Real Villa de Queluz, Itaberaba Freguezia, Freguezia das Congonhas do Campo, Capella da Soledade, Capella de Santa Quiteria, Capela de Santa Anna, Capela do Bomfim, Capela da Piedade, Capela do Rio do Peixe, Capela do Brumado, Capela do Suasuhy, Capela do Redondo, Capela de São Gonçalo, Capela de Santo Amaro, Capela de São Caetano, Capela da Gloria, Bom Jardim, Capela de São Caetano no Ribeirão da Espera, Capela de Sam Jozé, Capela dos Remédios, Piranga, Calambaû, Vila Rica, cidade de Mariana,Freguezia de Itaubyra, Freguezia da Itatiaya, São Jozé – próxima ao Rio Paraopeaba, Capela dos Olhos Dagoa, Lagoa Dourada, São João del Rey, Igreja Nova, Ressaca.*
Mostra divisa de Sabará com a Comarca de São José.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Contém escalas de latitudes e longitudes.
Distância entre o grau da latitude [=9,5cm].
Cartucho de título decorado em estilo neoclássico.
Aguada na cor cinza.
Marca d'água: H C Wend & Zoonen
Anexo ao doc. de 1791, Jun. , 23; AHU_CU_011,Cx. 136, D.43.

AHU_CARTm_011, D. 1169

256 CAMPANHA. Mapa. ca. 1799
Sales, Francisco de.

Mappa de toda a extenção da Campanha da Princeza : feixada pelo Rio Grande e pelos registos que limita a capitania das Minas / Francisco de Sales o fez. – [ca. 1799]. – 1 mapa ms. : desenho a nanquim ; 32,4 x 38,3cm em folha 34,3 x 40,7cm.

Mostra os limites dos Bispados de Mariana e São Paulo.
Estão assinalados os rios *Grande, Ayruóca, Turvo Pequeno, Turvo, Capivari, Rio Ingahi, Rio do Peixe, Verde, Lambari, Sapocahi mirim, Sapocahi, Maxado, Cabo Verde, Muzambo, Jaguarí, Mandu, Servo*, Serras *Mantiqueyra, Papagayo e Gamarra, Capivari, Carrancas,* locais *Garambéo, Piedade, Madre de Deos, Turvo, Bom Jesus, Serranos, Veradouro, Guapeara, Alagôa, São Gonçalo, Registo da Mantiqueira, Registo de Jaguarí, Registo de Tolledo, Registo das Caldas* e freguesias *Lavras do Funil, Baependi, Ayruoca, Pouso Alto, Itajubá, Cabo Verde, Santa Anna, Ouro Fino, Camandaucaya.*

Inclui rosa dos ventos com flor de lis, decorada em estilo neoclássico.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Marca d'água: H C Wend & Zoonen.
Contém as distância em léguas entre os locais.
Possui a relação dos seis portos no Rio Grande, que cobravam taxas aos seus usuários para a coroa.
Encartes: Villa de São João – Villa de Mariana.
Cópia ms. em AHU_CARTm_011, D. 1170A, ref. 257, sem assinatura do cartógrafo.
Anexo a AHU_ACL_CU_LIVROS DE MINAS GERAIS, COD.2166.

Campanha foi elevada a vila em 1798 como o nome vila da Campanha da Princesa da Beira. Em 1840 passou a denominar-se Campanha e foi elevada à condição de cidade.

AHU_CARTm_011, D. 1170

257 CAMPANHA. Mapa. ca. 1799

Sales, Francisco de.
Mappa de toda a extenção da campanha da princeza : feixada pelo Rio Grande e pelos registos que limita a capitania das Minas. – [ca. 1799]. – 1 mapa ms. : desenho a nanquim ; 32,7 x 39cm em folha 34,3 x 39,9cm.

Cópia de época em AHU_CARTm_011, D. 1170, ref. 256, com assinatura do cartógrafo.
Mostra os limites dos Bispados de Mariana e São Paulo.

Na parte superior, à direita, está escrito, a tinta ferrogálica, *32*.
Marca d'água: J HONIG & ZOONEN.
Anexo a AHU_ACL_CU_LIVROS DE MINAS GERAIS, COD.2166.

AHU_CARTm_011, D. 1170A

258 HORTO BOTANICO. Iconografia. 1799

Guimarães, Manuel Ribeiro
Mapa topografico do orto botanico do Ouro preto / por Manoel Rib^ro^. Guim^es^. – Escala [ca. 1:400]. – [S.l.] : [s.n.], 1799. – 1 planta : gravada em metal, color ; 46 x 41,5cm em folha 49 x 47,2cm.

Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica de 24 braças [= 14,8cm].
Aquarelada nas cores verde e vermelha.
Cartucho de título decorado com indígena.
Marca d'água: D &C BLAUW.
Anexo ao doc de 1800, Jul.,4 . – AHU_CU_011,Cx. 153, D. 36.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 269.

AHU_CARTm_011, D. 1171

259 PARACATU. Mapa. ca. 1800

Demarcação do termo da Villa do Paracatu do Principe. – [ca.1800]. – 1 mapa ms. : desenho a nanquim ; 18,6cm de diâm. em folha 22,1 x 23,3cm.

Estão assinalados: *Rio da Pernaiba, Registo dos Ferreiros, Cabeceiras do Rio São Francisco, Rio do Andaia, Rio de São Marcos, Rio dos Arrependidos, Vila de Sabará, Vila de Pitangui, estrada de Pitangui a Paracatu pela Picada de Goiás, Vila de Paracatu, estrada de Paracatu a Goiz, Chapada de Santa Maria com povoaçoens ao lado de Goiáz e de Paracatú, Rio do Turvo, Rio do Abaité, Rio de Santo Antonio, Rio do Sono, Rio da Prata,Corgo Seco,Rio Preto,* Vila de *São Romão, estrada de São Romão a Paracatu, Rio de São João, estrada de São Romão a Goiaz, Rio do Orucuia, Rio do Accari, Rio Pardo, Rio dos Pandeiros, Rio do Peruasú, Rio da Cariranha, povoaçoens nas ribeiras destes rios,* Vila *Salgado, Rio das Velhas, barra do Rio das Velhas, Rio de são Francisco.*

A vila de Paracatu está indica com a simbologia de igreja.

Inclui os pontos cardeais.
Marca d'água: D &C BLAUW.
Os topônimos e o título estão escritos a tinta ferrogálica.
AHU_CU_LIVROS DE MINAS GERAIS, CÓD.2108, intitulado: Copia authentica de todos os autos que se fizerão no estabelecimento da Villa do Paracatu do principe extrahida dos livros competentes da camara da mesma villa. AHU_CU_LIVROS DE MINAS GERAIS, CÓD.2108.

AHU_CARTm_011, D. 1177

260 RIO DOCE. Mapa. 1800

Araújo, João Batista dos Santos.
Carta da viagem que pelo Ryo Doce athé às escadinhas / fez o Tenente Coronel João Baptista dos S^{tos}. e Araujo de ordem do Illm.º e Exm.º Snr. Bernardo Jozé de Lorena Gov^{dor}. e Cap^{am}. gen^{al}. da Capitania de Minas Geraes; offerecida por Manoel Joze Pires da Silva Pontes que acompanhou a expedição... – Escala [ca.175.000]. – 1800. – 1 carta ms. : desenho a tinta ferrogálica ; 37,7 x 44,4cm em folha 42,5 x 49,9cm.

Estão assinalados: *Porta de Souza, escadinhas,* Rio *Guandu, limites das duas capitanias, man-assu, Rochedo de Lorena, Porto de Lorena, Correntezas do Inferno, estreitos e correntes do Obs.: m. est., João Pinto, Cuithe, Sato no Sapé, cachoeria comprida, foz do Cuithé, travessagem, Ribeirão das Larangeiras, cachoeirinha, Portugal, Ribeirão das Trairas, Supuhigrande, Serra das Itapeterunas, Correntes da Itapeterunas , ou pedras que estão a flordágoa, Ribeirão Capim, Supuhi pequeno, Cachoeira dos Baguaris, Corrente, Ilha dos Motuns, Ribeirão dos Bugres, Santo Antonio, Prezidio, Cachoeira Escura, Ribeirão dos BAGRES, Ribeirão dos Macacos, Andre Vás, Entrefolho, Barjauba, Garrafa, Panema Ryo Doce, Foz do Piraciaba, Rompimento da Cachoeira Alegre, Cachoeirinha, Coaes pequeno, Cocaes grande, onça grande, onça pequena, Porto.*

Escala gráfica de 5 léguas [=16,9cm].
Relevo representado em forma pictórica.
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Marca d'água: I VELLADARY.
Anexo ao doc. de 1801, Abr., 27; AHU_CU_011, Cx. 157, D. 2a
Ver AHU_CU_011, Cx. 157, D. 28.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 270.

AHU_CARTm_011, D. 1176

261 NOVA LORENA DIAMANTINA. Mapa. 1801

Miranda, C. L.
Carta da Nova Lorena Diamantina / C. L. Miranda pint. – Escala [ca. 1:1.400.000]. – em Tejuco, 1801. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 40,3 x 32,6cm em folha 45,1 x 35,1cm.

Abrange a região central de Minas Gerais, no percurso do Rio São Francisco, entre o atual município de São Romão ao norte, Serra da Saudade ao Sul, Guarda dos Ferreiros ao Sudoeste e a cidade de Paracatu ao Noroeste.
Indica vilas, arraiais, fazendas ou ranchos e riquezas minerais, como platina, cobre e chumbo.

Estão assinalados: Vilas de *Piracatu* e *Pitangui,* Arraiais *de Santo Antonio, Passagem do Rio do Prado, São Romão,* destacamentos *de São Luis, Olhos d'Água, Nazaré, porto do Bezerra, quartel geral, quartel de Santa Anna, João, quartel dos Ferreiros, quartel da Cachoeirinha, quartel do Bambu, quartel do Bambui, Ascenção,*fazendas ou ranchos *de São Romão, Boa Vista, Santa Crus, Gado Bravo, Passage, Conceição, Almas, Rio do Sono, Davila, Cocaes, Amaro da Costa São Felis Cachoeira Mansa, Cachoeira bonita, Paiol Geral.*
Os rios assinalados são: *Rio San Francisco, Rio das Velhas, Rio Urucuia, Rio Piracatu, Rio Catinga, Rio do Sono, Rio das Almas, Rio de Santo Antonio, Rio Escuro, Rio Preto, Rio Barra d'Egua, Rio Formoso, Três Barras, Rio Abaite, Rio Abaite do Norte, Rio Abaite do Sul, Rio Burrachudo, Rio Andaia, Rio Estrema Rio Bambui.*

Esta carta foi elaborada a partir dos levantamentos mineralógicos de José Vieira Couto na Capitania de Minas Gerais.
Indica a presença indígena no Rio Abaeté.
Escala gráfica de 20 [léguas? = 8,6cm].
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, amarela e vermelha, nas indicações de vilas, arraiais, destacamentos, fazenas, nos rios e em volta da região.
Cartucho de título decorado em estilo neoclássico.
Semelhante ao mapa AHU_CARTm_011, D. 1179, ref. 262, com pequenas diferenças na coloração e na ilustração do cartucho.
AHU_CU_LIVROS DE MINAS GERAIS, CÓD. 1819. 1801. Anexo AHU_ ACL_ CU_011, Cx.161, D.23.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 261.

AHU_CARTm_011, D. 1178

262 NOVA LORENA DIAMANTINA. Mapa. 1801

Vilas Boas.
Carta da Nova Lorena diamantina / C.R.X.D. Villas Boas des. – Escala [ca. 1:1.400.000]. – [1802]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 40,3 x 32,6cm em folha 45,1 x 35,7cm.

Abrange a região central de Minas Gerais, no percurso do Rio São Francisco, entre o atual município de São Romão ao norte, Serra da Saudade ao Sul, Guarda dos Ferreiros ao Sudoeste e a cidade de Paracatu ao Noroeste.
Indica vilas, arraiais, fazendas ou ranchos, e riquezas minerais como platina,cobre e chumbo.

Estão assinalados: Vilas de *Piracatu* e *Pitangui*, Arraiais *de Santo Antonio, Passagem do Rio do Prado, São Romão,* destacamentos *de São Luis, Olhos d'Água, Nazaré, porto do Bezerra, quartel geral, quartel de Santa Anna, João, quartel dos Ferreiros, quartel da Cachoeirinha, quartel do Bambu, quartel do Bambui, Ascenção,*fazendas ou ranchos *de São Romão, Boa Vista, Santa Crus, Gado Bravo, Passage, Conceição, Almas, Rio do Sono, Davila, Cocaes, Amaro da Costa São Felis Cachoeira Mansa, Cachoeira bonita, Paiol Geral.*

Os rios assinalados são: *Rio San Francisco, Rio das Velhas, Rio Urucuia, Rio Piracatu, Rio Catinga, Rio do Sono, Rio das Almas, Rio de Santo Antonio, Rio Escuro, Rio Preto, Rio Barra d'Egua, Rio Formoso, Três Barras, Rio Abaite, Rio Abaite do Norte, Rio Abaite do Sul, Rio Burrachudo, Rio Andaia, Rio Estrema Rio Bambui.*

Esta carta foi elaborada a partir dos levantamentos mineralógicos de José Vieira Couto na Capitania de Minas Gerais.
Indica povoação indígena, *gentio*, no Rio Abaeté.
Escala gráfica de 20 [léguas = 8,6cm].
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Aquarelada na cor amarela somente em volta da região.
Cartucho de título decorado em estilo neoclássico.
Semelhante à Carta da Nova Lorena diamantina de C. L. Miranda,

em AHU_CARTm_011, D. 1178, ref. 261,com pequenas diferenças na coloração e na ilustração do cartucho.
No verso está escrito: *pertence à Memoria que acompanou o officio do governador de Minas Geraes de 6 de fevereiro de 1802,n. 7.*
AHU_CU_LIVROS DE MINAS GERAIS, CÓD. 1819.
Anexo AHU_ACL_ CU_011, Cx.161, D.23.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 262.

AHU_CARTm_011, D. 1179

263 NITRATEIRAS DE MONTE RORIGO. Mapa. ca. 1803

Carta das Nitrateiras de Monte Rorigo. – Escala [ca. 1:60.000]. – [ca.1803]. – 1 carta ms. : desenho a bico de pena ; 19,7 x 28,6cm em folha 22,2 x 31,1cm.

Estão assinalados: *Monte Rorigo*, Fazenda *Lucena, posição das nitrateiras, tanque, rego, tanque, posição das nitrateiras,* Fazenda a *Brejo, Rio Paraúna, Araial do Piçauna, Rio das Velhas,Caquente, Nitrateira da Varzea d'Anta,* Fazenda *Porteira, Boa Vista.*

Escala gráfica de 1 legoa [=9,8cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Cartucho decorado em estilo neoclássico.
Marca d'água: VANDIERLEY.
Anexo a AHU_CU_011, Cx.176, D.77
In códice n.º 2095 intitulado: Memoria sobre as Nitrateiras naturaes e artificiaes de Monte Rorigo na capitania de Minas Geraes, por ordem de Sua Alteza Real.

AHU_CARTm_011, D. 1180

264 HOSPEDARIA DO CARAÇA. Iconografia. ca. 1805

[Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens, fundado por Frei Lourenço na Serra de Caraça, freguesia de Catas Altas]. – [ca.1805]. – 1 desenho técnico: bico de pena, color. ; 68,1 x 85,2cm.

Contém os locais mais próximos do estabelecimento como *Catas Altas, Morro D'Agua Quente, Inficionado, Bento Rodriguez, Camargos, Mariana, Villa Rica, Cocaes, Brumado, Santa Barbara.*
Inclui rosa dos ventos, com flor demlis.
Desenhado a bico de pena sobre 2 folhas de papel coladas.
Aquarelado nas cores vermelha, verde, azul, cinza, marrom e preta.
Marca d'água: HCWEND &ZOONEN.
Anexo ao doc. 1805, Set. – 07 AHU_ACL_CU_011,Cx. 117, D. 33 (13.158).

Este edifício pertence ao Parque Nacional do Caraça, localizado na Serra do Espinhaço, no Muncípio de Catas Altas. Este região já pertenceu ao colégio de padres, seminário e atualmente abriga a hospedaria do Caraça. Mantém todo seu entorno natural trasformado em Reserva Particular do Patrimônio Natural, através do Decreto 98.914, de 31/01/1990.

AHU_CARTm_011, D. 1181

CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO

265 FORTE TAMANDARÉ DA LAJE. Fortificação. 1645?

[Plantas da Fortaleza de Laje do Rio de Janeiro]. – [1645?]. – 4 desenhos técnicos : tinta ferrogálica ; cada folha 40,5 x 18,6cm.

Partes: Perfil da Plataforma – Planta da Lage do Rio de Janeiro. Escala gráfica de 60 palmos [=16,1cm], escala [ca. 1:90] – [Planta do terraço] – Planta do sobrado.

A Planta da Lage do Rio de Janeiro está na mesma folha que o Perfil da Plataforma, medindo 40,5 x 18,6cm. Nela estão assinalados: *porta, princípio da escada, coredor, almazem, alojamento, sesterna fica debaijo da escada, escarpa, grosura do parapeito, frestas.* O perfil possui os seguinte dados: *príncípio da escada, fin da escada, porta da císterna, porta da casa do capitão, parte da costerma. taríma do alojamento, sobrado da casa do capitão, frestas que dão lus as casas, de sima e as debajo, prasa donde joga artilheria.* COTA: AHU_CARTm_017, D. 1054-1055.

A planta do terraço mede 20,1 x 12,4cm, onde se lê: *fín da escada, praça da artilheria, guarita, sumideiro para a cisterna, canos.* COTA: AHU_CARTm_017, D. 1056
A Planta do Sobrado, possui os seguintes dados: *príncípío da escada, escada continuada, porta da cisterna, porta do capitão, sala ,cusínha, camara, frestas.*
Cota: COTA: AHU_CARTm_017, D. 1057.
Descrito em Inventário Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017, Cx.2, D.144

O Forte da Laje, situado em frente à Barra da Baía de Guanabara, teve a sua construção iniciada por Villegagnon em 1555. Em 1584, Salvador Correia de Sá deu continuidade a obra, mas também foi interrompida. Em 1644, por iniciativa de D. Francisco Souto Maior, a obra prosseguiu. Nas três iniciativas, as obras foram sempre interrompidas. Somente em 1770, com o Marquês do Lavradio, a obra foi concluída. Por Decreto nº 34.152 de 12 de outubro de 1953, passou a se chamar Forte Tamandaré, em homenagem do Exército à Marinha de Guerra. Em 1997, o forte foi desativado.

AHU_CARTm_017, D. 1054-1057

266 GUANABARA, BAÍA DE. Mapa. 1645

Albernaz I, João Teixeira, fl. 1602-1649.
Demostrasão do Rio de Ianeiro / Feita por Ioão Teixeira cosmographo de Sua Magestade. – 1645. – 1 carta ms. : color. , desenho a tinta ferrogálica ; 42,9 x 63,6cm.

Mostra a defesa da Baía de Guanabara, riscada a nanquim vermelho, com as seguintes fortificações: Fortaleza de Santa Cruz (Niterói), Laje, atual Forte Tamandaré, Fortes de São João, São Tiago e Villegagnon,*Viragalhão*, e de um reduto em frente ao Mosteiro de São Bento.
Estão assinalados: *Ilhas a que chamão do Senhor meu pai*; *Pão de Sucar*; *entrada pera nauivos de pouco porte; Barra Grãde*; *Forte S Yoão* ; *Lage, cuja grandeza pouco mais ou menos he como pateo da alfandega de Lixbo* [Lisboa]; *odesterro*; *See*; *Colegio*; *Santo Antonio*; *São Sebastião*; *Cõseisão* [Conceição]; *Viragalhão* [Villegagnon]; *Forte São Tiago*; *São Bento*; *Reduto*; *Ilha das Cobras, afastada, da ponta de São Bento, hum tiro de mosquete*; *São Pedro, São Cristouão, Aldea*; *Ilha do Governador*; Rio *Miritibe*; Rio *Sirapohi*; Rio *Guaguaçu*; Rio *Sorey*; *Macuco*; Rio *Guaxindiba*; *Fortalelza Santa Cruz.*
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.

Segundo os Portugaliae Monumenta Cartographica é anexo ao documento de João de Balhesteiros, datado de março de 1645, informando a maneira de fortificar a Ilha de Laje, localizada na entrada da Bahia de Guanabara.

AHU_CARTm_017, D. 1052

267 GUANABARA, BAÍA DE. Mapa. 1645

Pereira, Manuel Vaz.
Demostrasão da barra do Rio de Janeiro e planta da Lage / M[l]. Vaz Pereira . – [ca. 1645]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 42,1 x 30,5cm.
Entre a Ilha de Laje e Forte de São João, na cidade do Rio de Janeiro, lê-se: *Barra para navios de pouco porte*, e entre a Ilha de Lage e a Fortaleza de Santa Cruz, no atual Município de Niterói está escrito *Barra grande para grandes embarcações*.

Pequeno texto onde se lê: *Lage que esta no meyo da barra do Rio de Janeiro. a grandeza della coforme o pareser de omes bem entendidos e que té estado naquelle Rio por muito vezes de quem tomei esta informasão, faz a figura que se mostra; a grandeza della afirmão ser como pateo da alfandega de Lixboa; té para hua parte hum penedo nassido sobre a mesma lage não muito alto; esta lage. Com tempos rijos he muitas com batida do mar e quasi lavada delle está apartada da fortaleza Santa Cruz que lhe fica de banda de leste. hum tiro de mosquete e faz com a dita fortaleza a barra prinsipal capaz de grandes navios e pela parte de oesta lhe fica o baluarte São João. com o qual faz outra barra de pouco fundo que só serve pera navios de pouco porte.*
Marca d'água: 3 ovais, uma sobre a outra, em sentido vertical, sendo a de cima encimada por uma coroa.
Inventário Castro e Almeida AHU_ACL_CU_017, Cx.2, D.137.

O Forte da Laje, situado em frente à Barra da Baía de Guanabara, teve a sua construção iniciada por Villegagnon em 1555. Em 1584 Salvador Correia de Sá deu continuidade a obra, mas também foi interrompida. Em 1644, por iniciativa de D. Francisco Souto Maior, a obra prosseguiu. Nas três iniciativas, as obras foram sempre interrompidas. Somente em 1770, com o Marquês do Lavradio, a obra foi concluída. Por Decreto nº 34.152 de 12 de outubro de 1953, passou a se chamar Forte Tamandaré, em homenagem do Exército à Marinha de Guerra. Em 1997, o forte foi desativado.

AHU_CARTm_017, D. 1053

268 FORTE DA PRAIA VERMELHA. Fortificação. ca. 1698

Gomes, Gregório.
Deliniação da Planta para a fortificação da Praja Vermelha [do Rio de Janeiro] : deduzida em quatro formas / Gregorio Gomes. – Escala [ca.1:800]. – [ca. 1698]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 42,2 x 58,3cm.

Em volta da planta contém representação pictórica de vegetação e relevo. Nesta representação estão assinalados *Pão de Asucar e Parja de Anto*nio *Cosme, Custa da baya* e *ponta do An*[tônio?] .
A planta contém as seguintes indicações: *terrapleno, da tenalha descrita, primeiro, segundo terceiro* e *quarto modo.*
Escala gráfica de 400 palmos [=11,2cm].
Aquarelada nas cores: verde, azul e sépia.
Descrita em Inventário Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017, Cx.6, D.638

Atualmente a área e o entorno do forte, localizados no Bairro da Urca, estão ocupados pelas seguintes instituições: Escola do Comando e Estado Maior do Exército, Escola Técnica do Exército e Monumento aos Heróis da Retirada da Laguna. Na década de 1980, o Exército Brasileiro abriu ao público a Pista Cláudio Coutinho, para caminhadas ecológicas. Da antiga fortificação restam os baluartes, situados nas extremidades da Praia, com guaritas recobertas por cúpulas.

AHU_CARTm_017, D. 1058

269 COSTA - RIO DE JANEIRO (ESTADO). Mapa. 17--

[Carta da costa na capitania do Rio de Janeiro, desde o baixo dos Pargos até Cabo Frio]. – [17--]. – 1 carta ms. : color., desenho a bico de pena ; 59,5 x 42,7cm.

Descrição dos topônimos somente no litoral, a tinta ferrogálica, que se seguem: *Bayxo dos Pargos, Rio Parayba, Lagoa Feya, Rio Yguaçu, Cabo de S*ão *Thome, Carapebus, Rio Macahé,Termo da Mediçam, Ilhas de S*anta *Anna, Rio de S*ão *João, Campos Novos, Rio Una, Ponta dos Buzios, Fran*cis*co Correya, Anto*nio *Vieyra, Aldeya, cidade, Fucinho de Cabo Frio.*
Escala gráfica de 7 légoas de 3000 cada hua [=8,7cm].
Aquarelada nas cores verde, vermelha e cinza.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx.16, D.1827.

AHU_CARTm_017, D. 1148

270 FAZENDA REAL DE SANTA CRUZ. Mapa. 17--

Planta da fazenda d'El Rey. – [17--]. – 1 planta ms : col, desenho a tinta ; 58,8 x 84,3cm.

Mostra a casa da fazenda onde se lê: [...] *casa de vivenda com a mesma obra que represesenta desta fazenda* [...] *diante feita toda em quadro a feixar a sacristia.* [...] *hum pattio no meyo e algumas arvores de fruto nomesmo* [...] *e para a parte da frente tem um terreno de 60 – 080 brassas e o mais de hum lado e outro as rua e cazas dos escravos, aonde se achão mil e quinhentas e tantas almas. Desta fazenda do quintal aos mattos* [...] *tira tres quartos de hua legoa, ou a mesma legoa*[...].

No meio do desenho do alçado está escrito: *Patio que fica no meyo com cazas em toda a volta*
Na parte inferior, à direita, está escrito: *lugar chamado Sepetiba : Marinha, também otra Aldea Velha dos Posdia.*

Estão assinalados: *Matos e roças dos escravos da Fazenda d'El Rey,campos ruraes, Rio do Guandu e ponte, deste rio a fazenda terâ meya legoa, campos verdes de todo o ano, campos verdes de todo o ano para o gado, fazenda do genro Antonio de Andrade-Lagoa Nova se chama, Estrada Real, fazenda de José Teixeira ,este rio da para o norte ê a nossa diviza, Aldea do indios de Vagoins, da aldea para aguas da serra tem 2 legoas, estrada real, estrada nova mudada, aldea velha dos mesmos indios do Vagons chama da Itimga, caminho da dita aldea e hoje o que seguetodo povo da via do mar: e tambem real depois da guerra passada, barra do Rio Vagoahy, matos e costa do mar, Estrada Real para a cidade do Rio de Janeiro.*

Aquarelada nas cores verde, azul, branco, marrom, amarelo.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx.142, D.11072.

A região da baixada de Santa Cruz e morros adjacentes foram doados ao Cristóvão Monteiro, por Martim Afonso de Sousa, como recompensa dos serviços prestados à expulsão dos franceses no Rio de Janeiro, em 1567. Após a sua morte, a sua viúva doou as terras da Fazenda de Santa Cruz aos padres da Companhia de Jesus, que constituíram um imenso latifúndio com uma grande quantidade de escravos (de acordo com a legenda do mapa – mil quinhentas e tantas almas). Essa fazenda se estendia entre os atuais municípios de Mangaratiba e Vassouras. Dentre as edificações da Fazenda de Santa Cruz, conta: igreja, convento e uma ponte represa, chamada *Ponte do Guandu* ou *Ponte dos Jesuítas*. A construção dessa ponte teve como finalidade de regular o volume das águas das enchentes do rio Guandu.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, as terras passaram a pertencer à coroa e mais tarde à família imperial. Atualmente, parte dessa fazenda, com as edificações desde o período colonial, é o atual bairro de Santa Cruz, da cidade do Rio de Janeiro.
Mostra a trilha que no período colonial ligava a cidade do Rio de Janeiro para o sertão, as minas de ouro. A princípio essa trilha era chamada *Caminho dos Jesuítas*, mais tarde, com o nome de *Caminho das Minas*, e depois passou a denominar *Estrada Real da Fazenda de Santa Cruz.*
A arquitetura do prédio da Fazenda de Santa Cruz sofreu uma série de modificações desde o período colonial. Atualmente é a sede do Batalhão Escola de Engenharia, Batalhão Villagran Cabrita.

AHU_CARTm_017, D. 1145

271 FORTE TAMANDARÉ DA LAJE. Fortificação. ca. 1704

Veloso, Diogo da Silveira.
[Planta de uma fortaleza a construir na Ilha de Lage para a defesa da barra do Rio de Janeiro] / Diogo da Syleyra Vellozo. – Escala [ca. 1:400]. – [ca. 1704]. – 1 desenho técnico. : tinta ferrogálica, color. ; 34,3 x 49,1cm em folha 35 x 49,2cm

2 cópias de época, com pequenas diferenças na legenda.
Estão assinalados na planta da cota AHU_CARTm_017, D. 1059: *lado que olha para a Fortaleza de Santa Cruz de 215 palmos, lado que olha para a barra de 300 palmos, lado que olha para a Fortaleza de S. Joãode 158 , lado que olha para a cidade tambem de 300 palmos, caza para a polvora, quarteis para os soldados e caza para o cabo que ali estiver de guarniçao, sisterna que se deve fazer, esta lage tem toda em redondo 15 a 16 braças de fundo e muitas mares se cobre quazi toda. Tambem se pode seguir openssam*^{to}*. que vai rescado com tinta mencarnada AKL mas devesse atender ao que for mais forte pela grande impressão que ali fas omar.*

Estão assinalados na planta da cota AHU_CARTm_017, D. 1059a: AB *lado de 138 palmos, BD lado que olha para a Fortaleza de Santa Cruz 174, DE lado que olha para a barra de 270 palmos,EF lado que oha para a Fortaleza de S. João de 112 palmos, AF lado que olha para a cidade de 290 palmos, L caza de polvora, MFR quarteis para os soldados e caza para o cabo que ali estiver de guarniçam, Y cisterna que se deve fazer. esta lage tem toda em redondo 15 a 16 braças de fundo e muitas mares se cobre quazi toda.*
Escala gráfica de 200 palmos [=11,8cm].
2 cópias de época.
A planta D. 1059A mede 34,4 x 48cm em folha 35 x 48,6cm.

Aquareladas nas cores verde, cinza e amarelo.
Descritas em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3334-3335 de 1704.

O Forte da Laje, situado em frente à Barra da Baía de Guanabara, teve a sua construção iniciada por Villegagnon em 1555. Em 1584, Salvador Correia de Sá deu continuidade a obra, mas também foi interrompida. Em 1644, por iniciativa de D. Francisco Souto Maior, a obra prosseguiu. Nas três iniciativas, as obras foram sempre interrompidas. Somente em 1770, com o Marquês do Lavradio, a obra foi concluída. Por Decreto nº 34.152 de 12 de outubro de 1953, passou a se chamar Forte Tamandaré, em homenagem do Exército à Marinha de Guerra. Em 1997, o forte foi desativado.

AHU_CARTm_017, D. 1059/1059A

272 ILHA DAS COBRAS. Fortificação. ca. 1712

Chaves, Pedro Gomes.
Planta da Ilha das Cobras / Pedro Gomes Chaves. – Escala [ca.1:2.500]. – [ca. 1712]. – 1 desenho técnico : tina ferrogálica ; 39,1 x 57,1cm.

Mostra a importância de fazer a obra de fortificação para impedir os inimigos de desembarcarem no porto e entrarem na baía depois de passarem pela Fortaleza de Villegagnon.
Aponta para as posições das baterias.
Escala de 150 toesas [= 12,1 cm].
Descrita em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3296.
Anexa a CONSULTA de 1712, Março, 2, Lisboa, AHU_ACL_CU_017-01, D. 3287.

Atualmente, a fortificação pertence ao Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

AHU_CARTm_017, D. 1063

273 RIO DE JANEIRO (RJ). Mapa. ca. 1712

Massé, João.
[Planta da] cidade do Rº. de Janº. : aos 22. 58′ de latit. austral / com a

delineação de M. Massé. – [ca. 1712]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim. ; 27,5 x 38,7cm.

Estão assinalados: *collegio*, Forte *São Sebastiam*, Forte *Conceysão*.
Escala gráfica de 350 [...] [= 5,7cm].
Aquarelada nas cores vermelha e amarela.
Mostra o projeto do cerco da cidade por muralha, partindo da Fortaleza da Conceição (Morro da Conceição), seguindo a Rua da Vala, atual Rua Uruguaiana, e Fortaleza de São Sebastião do Castelo até atingir o Colégio. Essa última fortificação se localizava no Morro do Castelo, que foi demolido em 1922, na prefeitura de Carlos Sampaio.
Descrita em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3295, anexa a CONSULTA de 1712, março, 2, Lisboa: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3287.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 315.

AHU_CARTm_017, D. 1061

274 RIO DE JANEIRO (RJ). Mapa. ca. 1713

Massé, João.
Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com as suas fortifficaçoins. – Escalas variam – [ca.1713]. – 1 planta ms. : color. desenho a bico de pena ; 59,5 x 88,9cm.

Atribuída a João Massé (ADONIAS. 1966, p.28, ref.37).
Segundo Isa Adonias, esta é a primera planta do resultado dos estudos de Massé, onde mostra como se deveria proteger a cidade por terra, tornando-a inexpugnável, para evitar a repetição da invasão ocorrida em 1711, por Duguay-Trouin. Com as obras suplementares, propunha que "se cercasse a cidade por uma muralha (S na planta) que partindo do morro da Conceição e seguindo mais ou menos a futura rua da Vala (Uruguaiana), ia atingir o morro do Castelo (demolido em 1922) na altura da capela de Nossa Senhora do Parto (atual rua Rodrigo Silva com a São José).
Indica a Ilha das Cobras e a ponte de comunicação com a cidade.

Estão assinalados: *Fortaleza de São Sebastião com suas obras feitas de novo e dessinadas desde o dito tempo, baluarte dessinado no sitio em que esta a sée com sua linha de communicação, o collegio com sua cerca e ladeiras, a mizericorida,*

Fortaleza antiga de Santo Iago, cais dessinado, armazens del Rei, Caza da Moeda, Convento do Carmo, cazas do governador e alfandiga, Convento de São Bento, com sua cerca e ladeira, Almazens da Junta, Battaria da Prainha ,que deve ser reparada, Trapixe dos Terceiros, Fortaleza da Conceição com suas communicaçoens ao mar e ao muro da cidade,cazas do Bispo com suas plataformas por diante, muro da cidade, Convento de Santo Antonio com sua cerca e ladeira e huma obra dessinada na coroa de, a Ilha das Cobras com suas fortificaçoens dessinadas e sua ponta de communicação, linha punctuada que mostra outro sitio aonde se pode atar o muro se se quizer emcluir os coarteis dentro delle.

Escala gráfica das fortalezas de terra de 100 braças [= 11,6 cm] [ca.1:2.000].
Escala gráfica da cidade à ilha de 200 braças [=11,9 cm] [ca.1:4.000].
Aquarelada nas cores verde, vermelha, amarela.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis. Esta tem a representação de um rosto no seu interior.
Relevo representado em hachuras.
Descrita em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3296.
AHU_ACL_CU_017-01, cx. 16, doc. 3324, anexa a consulta AHU_ACL_CU_017-01, cx. 16, D. 3317.

João Massé, engenheiro militar francês, a serviço de Portugal veio ao Brasil para estudar e planejar a defesa das cidades e portos.

Existe uma cópia no Arquivo Histórico do Exército.

Referência: Catálogo de plantas e mapas da cidade do Rio de janeiro / Isa Adonias. P.28, ref.37

AHU_CARTm_017, D. 1064

275 FORTALEZAS DA CONCEIÇÃO E SÃO SEBASTIÃO DO CASTELO. Mapa/fortificação. ca. 1714

Massé, João.
[Plantas dos fortes de Nª. Sª. da Conceição e São Sebastião do Rio de Janeiro]. – Escala [ca.1:4.000]. – [ca. 1714]. – 1 planta ms. : color. desenho a tinta ; 33,6 x 46cm em folha 34,4 x 46,9cm.

Atribuída a João Massé , com data ca. 1713 (FERREZ , 1972, nº 26).
Mostra o contorno da cidade murada, na parte terrestre.
A cidade do Rio de Janeiro está somente indicada em branco, constando

no centro uma a rosa dos ventos, com flor de lis, e o muro que a cerca.

Estão assinalados: [contorno da] *cidade do Rio de Janeiro, muro da mesma cidade, arobaldo da Misericordia, porta do campo, Forte da Nossa Senhora da Coneição, Caza do Bispo, comunicação da Porta do muro, Banquete do dito Forte ao mar, trapixe da Ordem Terseira, Couento de São Bento com sua cerca,Forte de São Sebastião, Colégio dos Padres da Companhia, Ca*[...]*eada do Collagio, Igreja da Sée, Convento de Santo Antonio com sua cerca, Ermida de Nossa Senhora doRozario, batteria do mar.*
Escala gráfica de 100 braças [=5,8cm].
Escala gráfica de 1000 palmos [=5,8cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Desenho a tinta ferrogálica, nanquim vermelho e a bico de pena.
Aquarelada nas cores verde, marrom, vermelha , azule amarela.
A nomenclatura está escrita a tinta ferrogálica.
Descrita em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, D. 3325 e anexa a CONSULTA de 1714, fevereiro, 6, Lisboa: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3317.

A Fortaleza da Conceição localiza-se no Morro da Conceição, Bairro da Saúde, no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente abriga a 5ª Divisão de Levantamento do Serviço Geográfico do Exército.
A Fortaleza de São Sebastião do Castelo localizava-se no Morro do Castelo. Essa fortificação foi destruída, em 1922, com a obra desmonte do Morro do Castelo, na prefeitura de Carlos Sampaio.

AHU_CARTm_017, D. 1069

276 FORTE TAMANDARÉ DA LAJE. Fortificação. ca. 1714

Elevação da Fortaleza da Laja : cortada pello meio da sua altura. – [ca. 1714]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 32,5 x 23,5cm.

Perfil da planta arquitetônica, onde estão assinalados*: linha orisontal da Laja, entulho que se ha de leuantar a Fortaleza, escarpa da camisa do entulho, altura do entulho de pé direito, camisa do entulho com 5 sapatos, cada hum de 4 palmos e 4 de largo tudo 21 P., altura de pé direito da Boueda, altura de pé direito da Torre sobre o entulho, escarpa do mesmo, cordas, parapeitte com suas alturas e larguras.*
Descrito em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3296.

AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3326, anexa ao n.º 3317.

O Forte da Laje, situado em frente à Barra da Baía de Guanabara, teve a sua construção iniciada por Villegagnon em 1555. Em 1584, Salvador Correia de Sá deu continuidade a obra, mas também foi interrompida. Em 1644, por iniciativa de D. Francisco Souto Maior, a obra prosseguiu. Nas três iniciativas, as obras foram sempre interrompidas. Somente em 1770, com o Marquês do Lavradio, a obra foi concluída. Por Decreto nº 34.152 de 12 de outubro de 1953, passou a se chamar Forte Tamandaré, em homenagem do Exército à Marinha de Guerra. Em 1997, o forte foi desativado.

AHU_CARTm_017, D. 1066

277 FORTE TAMANDARÉ DA LAJE. Fortificação. ca. 1714

Planta da Laja e Fortaleza que se ha de fazer. – Escala [ca.1:250]. – [ca. 1714]. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica; 32,9 x 23,3 cm.

Projeto do forte na Ilha da Laje está representado com dois círculos aquarelados nas cores amarela e vermelha.
Escala gráfica de 100 palmos [=9cm].
Aquarelada nas cores verde, marrom, cinza, vermelha e amarela.
Descrita em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3296 e anexa a CONSULTAde 1714, fevereiro, 6, Lisboa AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3317.

O Forte da Laje, situado em frente à Barra da Baía de Guanabara, teve a sua construção iniciada por Villegagnon em 1555. Em 1584, Salvador Correia de Sá deu continuidade a obra, mas também foi interrompida. Em 1644, por iniciativa de D. Francisco Souto Maior, a obra prosseguiu. Nas três iniciativas, as obras foram sempre interrompidas. Somente em 1770, com o Marquês do Lavradio, a obra foi concluída. Por Decreto nº 34.152 de 12 de outubro de 1953, passou a se chamar Forte Tamandaré, em homenagem do Exército à Marinha de Guerra. Em 1997, o forte foi desativado.

AHU_CARTm_017, D. 1068

278 CÂMARA E CADEIA. Iconografia. ca. 1717

[Planta de um piso do edifício da Câmara e Cadeia do Rio de Janeiro]. – [ca. 1717]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, sépia,; 21,1 x 25cm.

Estão assinalados: *caza da camera, caza da audiência, casa do segredo, salla fechada, sala estrarragante, sala luire.*
Descrita em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 17, D. 3541 e anexa a CONSULTA de 1717, fevereiro, 20, Lisboa: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 17, D. 3528.

AHU_CARTm_017, D. 1070

279 AQUEDUTO DA CARIOCA. Iconografia. ca. 1718

Couto, Manuel dos Reis.
[Planta do cano de água da Carioca] / Manoel dos Reis Coutto. – Escala [ca. 1:100] – [ca. 1718]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 124,1 x 27,4cm.

Estão assinalados: *corcouado, donde ven agoa, cayxa noua donde recebe agoa, huma grota que sempre temagoa, sitios de morador, cayxa de agoa da obra velha, Varja de andaray, Varja chamado o Catete e Largo da Carioca,Varja Dajuda, Monte do Desterro,Ladeira do Desterro.*
Escala gráfica de 30 palmos [=8,9cm].
Inclui 2 rosas de ventos com flor de lis.
Relevo representado em forma pictórica.
Desenhada sobre 3 folhas de papel coladas.
Aguada na cor sépia e amarela, e aquarelada de verde
Marca d'água: uma bota com um círculo em volta.
Considerada a primeira planta do Aqueduto da Carioca (ADONIAS, 1960, ref. 40).

O Aqueduto da Carioca, conhecido popularmente como os Arcos da Lapa, foi construído para conduzir água do rio Carioca para a cidade. A obra foi concluída em 1723, ligando o Morro do Desterro (atual Morro de Santa Teresa) ao Morro de Santo Antônio. Esta obra foi inspirada na construção do Aqueduto de Águas Livres em Lisboa, que acabara de ser erguido. As águas levavam à fonte do Chafariz, que eram distribuídas à população no Campo de Santo Antônio, atual Largo da Carioca.
O Aqueduto se localiza na Lapa, atual bairro boêmio da cidade do Rio de Janeiro.

Descrita em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, D. 3992 e anexa a informação do governador Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-01, D. 3981-3998.

AHU_CARTm_017, D. 1072

280 AQUEDUTO DA CARIOCA. Iconografia. 1720

Couto, Manuel dos Reis.
Planta do cano da agoa de Carioca que se acha feitto / Manoel dos Reis Coutto. – Escala [ca. 1:5.000]. – [1720]. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 28 x 77,7cm em folha 31,7 x 80,2cm.

Gilberto Ferrez data 1718 (ADONIAS, 1966, p. 30, nº 40).
Considerada a primeira planta do Aqueduto da Carioca (ADONIAS, 1966).
Mostra o início do cano, onde recebe a água do Rio Carioca, até Nª Sª da Glória.
Estão assinalados: *conserua de agoa que recebe do Rio Carioca a que basta para o cano que uem para a Cidade, cano de agoa que esta feito, fim do cano athe onde se continuou esta obra, defronte de Nossa Senhora da Gloria, e nesta linha se acha diuersos lados, com diferentes números, que senificão os palmos de cada lado; arcos sobre o que desse formar onouo cano para agoa da Carioca; arco dagoa em Nossa Senhora da Ajuda junto da cidade...*
Possui o orçamento da obra.
Escala gráfica de 3000 palmos [=13,5cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Aquarelada nas cores vermelha e amarela.
Desenhada sobre 2 folhas de papel coladas.
Anexo a informação do governador descrito em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, D. 3981-3998.

O Aqueduto da Carioca, conhecido popularmente como os Arcos da Lapa, foi construído para conduzir água do rio Carioca para a cidade. A obra foi concluída em 1723, ligando o Morro do Desterro (atual Morro de Santa Teresa) ao Morro de Santo Antônio. Esta obra foi inspirada na construção do Aqueduto de Águas Livres em Lisboa, que acabara de ser erguido. As águas levavam à fonte do Chafariz, que eram distribuídas à população no Campo de Santo Antônio, atual Largo da Carioca.
O Aqueduto localiza-se na Lapa, atual bairro boêmio da cidade do Rio de Janeiro.

AHU_CARTm_017, D. 1071

281 PRISÕES. Iconografia. ca. 1720

Couto, Manuel dos Reis.
[Planta da cadeia do Rio de Janeiro] / por M[el]. dos Reis Coutto. – Escala [ca. 1: 150]. – [ca.1720]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 19,7 x 29cm.

Estão assinalados: *primeira soprefice, A taboleiro, B escada C emxova. A demostrasão amarella esta em altura de vinte palmos, he no que ha de ficar em seu peê direito. A mais demostrasão agoada, esta em altura das soleiras.*
Aquarelada na cor amarela.
Escala gráfica de 75 palmos [=10,8 cm].
Anexo ao documento descrito em Castro e Almeida [RJ] à CONSULTA de 1720, Dezembro, 19: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 18, D. 3994-4001.

AHU_CARTm_017, D. 1297

282 IGREJA DA SÉ. Iconografia. ca. 1722

[Planta da nova Sé]. – [ca.1722]. – 1 desenho técnico. : nanquim, color. ; 35,8 x 54,1cm em folha 37, 8 x 55,4cm.

Estão assinalados: *Sacristia, Cabido, Presbiterio, caza de despejos, via sacra, capella do santissimo, entrada.*
Desenhada sobre 2 papéis colados.
Aquarelada nas cores amarela, preta e cinza.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx.12, D.1295,D. 1333. D. 1336.
Pertenceu a um volume encadernado, cuja localização foi Enc.XXVI.

AHU_CARTm_017, D. 1149

283 IGREJA DA SÉ. Mapa. ca. 1722

[Planta do local em que se indica o projeto da nova Sé a construir relativamente aos armamentos e construções]. – Escala [ca. 1:600]. – [ca. 1722]. – 1 planta : color., desenho a nanquim ; 39 x 54cm em folha 39, 9 x 57,8cm.

Abrange atualmente as ruas Uruguaiana, Carioca e Ramalho Ortigão.
Estão assinalados: *Campo, Projecto da nova Sé, Chácara de Joco, cazas, alicerce da muralha, Igreja dos Pretos* (atual Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito), *valla, rua em que vai para o mar.*
Escala gráfica de 400 palmos [=14,6cm].

Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a nanquim preto e vermelho sobre 2 folhas de papel.
Aquarelada nas cores vermelha, amarela, cinza e preta.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx.12, D.1295, D. 1333. D. 1336.
Pertenceu a um volume encadernado, cuja localização foi Enc. XXVI.

AHU_CARTm_017, D. 1150

284 FORTE TAMANDARÉ DA LAJE. Fortificação. ca. 1723

Chaves, Pedro Gomes de
[Planta da fortaleza da Laje]. – Escala [ca.1:250]. – [ca.1723]. – 1 desenho técnico: tinta ferrogálica, color. ; 29,7 x 22,9cm.

Escala gráfica de 100 palmos [=10,3cm].
Inclui perfil.
Aquarelada nas cores amarelo e sépia.

Na legenda lê-se: *Explicação do meyo exagono da nova fortificação dalagem. A. frente do mar que olha para a abra da barra, B. gueolha para Santa Cruz, C. Banda de Sam Joam, D. Grossura da muralha que acabou, E. lugar das carretas, F. vãos sobrear abobedas, G. Meyo patio que fica interior, H. Canhoneiras, ou portinholas, I. Serventias, L. Demonstração de toda a grossura da muralha e comprimento dos quarteis até a primeira bateria, M. Segunda demonstraçao de toda a grossura da muralha, e vãos interirores com suas abobedas, como mostra a figura, N.Plantaforma ultima.*

Descrita em Catálogo Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 18, D. 4066 anexo ao catálogo do Castro e Almeida-RJ de 23 de Fev. de 1723: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 18, D. 4061-4065.

O Forte da Laje, situado em frente à Barra da Baía de Guanabara, teve a sua construção iniciada por Villegagnon em 1555. Em 1584, Salvador Correia de Sá deu continuidade a obra, mas também foi interrompida. Em 1644, por iniciativa de D. Francisco Souto Maior, a obra prosseguiu. Nas três iniciativas, as obras foram sempre interrompidas. Somente em 1770, com o Marquês do Lavradio, a obra foi concluída. Por Decreto nº 34.152 de 12 de outubro de 1953, passou a se chamar Forte Tamandaré, em homenagem do Exército à Marinha de Guerra. Em 1997, o forte foi desativado.

AHU_CARTm_017, D. 1298

285 QUARTÉIS. Iconografia. 1725?

Couto, Manuel dos Reis.
Planta [de um piso] dos quartéis [da Ilha Grande] / Coutto . – Escala [ca. 1:115] – [1725?]. – 1 desenho técnico : tinta ferrográlica, color. ; 18,5 x 29cm.

Estão assinalados: *Obra que comprehende esta planta sendo as paredes exteriores de pedra e cal para segurança, e as paredes interiores, que repartem os comodos sendo de pau a pique, ou adobes, chegará pouco mais ou menos a hum conto, e settecentos mil reis, pelos preço conforme o estado da terra, advertido que sam terreas*.
Na legenda lê-se: *quartel para os soldados, quartel dos officiaes, camarinha dos dittos, patios, servirm para cozinhas, corpo da guarda, patios para servir de cozinha os soldados, cosinhas*.
Escala gráfica de 50 palmos [= 9,7cm].

Anexa a CONSULTA Catálogo Castro e Almeida de 1725, Maio, 8, Lisboa [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 21, D. 4720-4724.

AHU_CARTm_017, D. 1073

286 CEMITÉRIO. Iconografia. ca. 1726

Couto, Manuel dos Reis.
[Planta de Cemitério a construir no Rio de Janeiro] / Manoel dos Reis Coutto. – Escala [ca.1:100] – [ca.1726]. – 1 desenho técnico : tinta, color. ; 21,8 x 10,9cm em folha 29,8 x 21,5cm.

Contém um texto informando as medidas e o orçamento para a construção.
Escala gráfica de 55 palmos [=12,4cm].
Na parte interior do desenho lê-se: *Importa o orsamento desta obra ao todo setesentos e oytenta mil e quatrosentos* [...].
Anexa a carta do provedor Bartolomeu de Siqueira Cordovil de 1726, Junho, 22, Rio de Janeiro: AHU_ACL_CU_017, Cx. 16, D. 1787.

O AHU possui um desenho do mesmo cemitério e autor, com o título atríbuído [Planta e orçamento do cemitério], em AHU_CARTm_017, D. 1300 (ref. 287).

AHU_CARTm_017, D. 1074

287 CEMITÉRIO. Iconografia. ca. 1726

Couto, Manuel dos Reis.
[Planta e orçamento do cemitério] / por Manoel dos Reis Coutto. – Escala [ca.1:150]. – [ca.1726]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 23,8 x 10,2cm em folha 27,8 x 20cm.

Na parte interior do desenho lê-se: *Importa o orsamento desta obra ao todo, hum conto trezentos e dezessette mil settecentos e vinte e trêz.*

Contém informações detalhadas sobre o material e custo da obra.
Escala gráfica de 40 palmos [=7,3cm].
Anexo ao doc. 1726, junho,22, AHU_ACL_CU_017, Cx.16, D. 1787.

O AHU possui um desenho do mesmo cemitério e autor, com o título atríbuído [Planta de Cemitério a construir no Rio de Janeiro] do mesmo autor, em AHU_CARTm_017, D. 1074, ref. 286.

AHU_CARTm_017,D. 1300

288 CADEIA. Iconografia. 1728

Couto, Manuel dos Reis.
[Planta e fachada da cadeia do Rio de Janeiro]. – [1728]. – 2 desenhos técnicos : nanquim ; em folha 28,5 x 23,5cm.

Autoria atribuída pelo Arquivo Histórico Ultramarino.
Outro título atribuído pelo AHU: Quatro plantas focando vários aspectos da cadeia do Rio de Janeiro.
Na fachada do prédio lê-se: *Esta fegura A he afrente que fica na ilharga de Sam Joze he esta na altura de 20 palmos de cunhal a cunhal.*

Na planta arquitetônica ocorre: *Espllicação do terreno a fegura B he a mesma frente A. A letra C he afrente da rua prencipal e esta feita em the a letra D emthe altura de 20 palmos. A letra E esta feito emthe altura de 20 palmos e pella mesma letra esta o alicerce cheio em the a sua altura de 11 palmos fechando acoa fora a topar emthe a parede da costa do senado. Nº1 prensipio da caza forte esta feita o dito numero. Nº2 são as emtradas que fazem para emxouia estão fechadas de parte de para se[...ar] desta cochia emcoanto senão acabar de fechar de todo aobra he do que para os dar emformasão.*
Anexas ao documento AHU_ACL_CU_O17-01, Cx. 28, D.6476-6510, em descrição Castro e Almeida, e AHU_ACL_CU_O17, Cx. 19, D.2106.

AHU_CARTm_017, D. 1080

289 CADEIA. Iconografia. 1728

Couto, Manuel dos Reis
[Plantas da cadeia do Rio de Janeiro] / Manoel dos Reis Coutto. – Escala [ca.1:150]. – [1728]. – 3 desenhos técnicos : tinta, 28,5 x 37,6cm.

Outro título atribuído pelo AHU: Quatro plantas focando vários aspectos da cadeia do Rio de Janeiro.
Escala gráfica de 75 palmos [=13,2 cm].
Escala gráfica de 70 palmos [=12cm].
Partes: Planta pra. [primeira] – Segunda planta – Treseira planta de prefil [alçado]
Anexas ao documento AHU_ACL_CU_O17-01, Cx. 28, D.6476-6510, em descrição Castro e Almeida, e AHU_ACL_CU_O17, Cx. 19, D.2106.

AHU_CARTm_017, D. 1077/1079

290 FORTALEZA DA CONCEIÇÃO. Fortificação. 1730

Soares, Diogo, 1684-1748.
Planta da Fortaleza de Nª. Sª. da Conceição na Cidade do Rio de Ianeyro. – Escala de [ca. 1:800]. – 1730. – 1 desenho técnico. : tinta, color. ; 19,7 x 32,3cm em folha 23,9 x 36,7cm.

Autoria atribuída a Diogo Soares (ALMEIDA. 2001, p. 111-112. ref. H, p. 103).
Estão assinalados: *cisterna, quartel e casa da polvora.*
Escala gráfica 250 palmos [=7,1 cm].
Desenho a nanquim vermelho e a aquarela.
Aquarelada nas cores , azul, amarela, vermelha e preta
Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a ùltima em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14. Esta é a planta 11.

Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas. Diogo Soares produziu algumas fortificações da cidade do Rio de Janeiro, e Domingos Capacci se ocupou aos cálculos das coordenadas geográficas, estabelecendo a posição do Meridiano do Rio de Janeiro, durante as suas permanências de oito meses nesta cidade, em 1730.

A Fortaleza da Conceição localiza-se no Morro da Conceição, Bairro da Saúde, no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente abriga a 5ª Divisão de Levantamento do Serviço Geográfico do Exército.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 322.

AHU_CARTm_017, D. 1085

291 FORTALEZA DE SÃO FRANCISCO XAVIER DA ILHA DE VILLEGAGNON. Fortificação. 1730

Soares, Diogo, 1684-1748.
Planta do Forte do Villeganhon na Ençeada do Rio de Ianeyro. – Escala de [ca. 1:800]. – 1730. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 18,5 x 31,7cm em folha 23,5 x 35,5cm.

Autoria atribuída a Diogo Soares (ALMEIDA, 2001, p. 111-112, planta G).
Estão assinalados: *quartel, casa da polvora.*
Atualmente funciona a Escola Naval.
Escala gráfica 250 palmos [=7,1cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Desenho a nanquim vermelho e a aquarela.
Aquarelada nas cores verde, marrom , azul, amarela, vermelha e preta.
Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a ùltima em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14. Esta é a planta 7.

Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas. Diogo Soares produziu algumas fortificações da cidade do Rio de Janeiro, e Domingos Capacci se ocupou aos cálculos das coordenadas geográficas, estabelecendo a posição do Meridiano do Rio de Janeiro, durante as suas permanências de oito meses nesta cidade, em 1730.

A Ilha de Villegagnon era chamada anteriormente de Ilha de Serigipe. Nela foi erigido o Forte Coligny na época do domínio francês, sob o comando de Nicolau Durand de Villegagnon, em 1555. Foi o núcleo do estabelecimento colonial francês, conhecido como a França Antártica (1555-1560). Em 1567, os franceses foram expulsos pelos portugueses. A estrutura da Fortaleza foi reformada em 1695, no governo de Sebastião

de Castro Caldas. Em 1711, houve outra invasão do corsário francês René Du Guay-Trouin, na cidade do Rio de Janeiro, arrasando a fortaleza. Essa foi recuperada em 1730. No governo de Gomes Freire de Andrade, em 1761, foi construída uma nova fortaleza, sob a invocação ao São Francisco Xavier, e mais tarde, houve várias propostas de obra pelo engenheiro Jacques Funck. Com a Revolta da Armada (1893-1894), a Fortaleza foi danificada, sendo entregue ao Ministério da Guerra e devolvida ao Ministério da Marinha. Após os reparos, o Corpo de Marinheiros Nacionais ficou aquartelado até a determinação do Ministro da Marinha, Almirante Protógenes Guimarães, de construir novas instalações da Escola Naval, sobre as muralhas da Fortaleza. A Escola foi inaugurada em 1938.

Outra cópia de época pertence ao Arquivo Histórico do Exército.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 318.

AHU_CARTm_017, D. 1081

292 FORTALEZA DE SÃO JOÃO. Fortificação. 1730

Soares, Diogo, 1684-1748.
Planta das fortalezas de terra no morro de S. Ioão Barra do Rio de Ianeyro. – Escala de [ca. 1:800]. – 1730. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 19,4 x 32,3cm em folha 24,3 x 36,3cm.

Autoria atribuída a Diogo Soares (ALMEIDA. 2001, p. 111-112. ref. c, p. 103).
Estão assinalados: *capela e porta principal, Caza do Comendante, quartel, quarteis.*
Escala gráfica 300 palmos [=6,4cm].
O mar está representado na cor verde.
Desenho a nanquim vermelho e a aquarela.
Aquarelada nas cores , azul, amarela, verde,vermelha e preta.
Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a ùltima em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14]. Esta é a planta 12.

Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas. Diogo

Soares produziu algumas fortificações da cidade do Rio de Janeiro, e Domingos Capacci se ocupou aos cálculos das coordenadas geográficas, estabelecendo a posição do Meridiano do Rio de Janeiro, durante as suas permanências de oito meses nesta cidade, em 1730.

Conhecida também como Fortaleza de São João da Barra ou Forte São João, localiza-se ao leste da Baía de Guanabara, no Bairro da Urca. É constituída dos Redutos de São Diogo, São José, São Martinho e São Teodósio.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 323.

AHU_CARTm_017, D. 1086

293 FORTALEZA DE SÃO JOÃO. Fortificação. 1730

Soares, Diogo, 1684-1748.
Planta do Forte de S. Diogo na Barra do Rio de Ianeyro. – Escala de [ca. 1:400]. – 1730. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 18,4 x 31,5cm em folha 23,5 x 35,5cm.

Autoria atribuída a Diogo Soares (ALMEIDA, 2001, p. 111-112, ref. I, p. 103) .
Está assinalado somente *quartel.*
Escala gráfica 100 palmos [= 6cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Desenho a nanquim vermelho e a aquarela.
Aquarelada nas cores verde, marrom , azul, amarela, vermelha e preta.
Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a ùltima em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14. Esta é a planta 8.

Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas. Diogo Soares produziu algumas fortificações da cidade do Rio de Janeiro, e Domingos Capacci se ocupou aos cálculos das coordenadas geográficas, estabelecendo a posição do Meridiano do Rio de Janeiro, durante as suas permanências de oito meses nesta cidade, em 1730.
O Reduto de São Diogo foi concluído em 1618. Mais tarde, esse reduto com os de São José, São Martinho e São Teodósio formaram a Fortaleza de

São João da Barra ou Fortaleza de São João.
Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a última em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 319.

AHU_CARTm_017, D. 1082

294 FORTALEZA DE SÃO JOÃO. Fortificação. 1730

Soares, Diogo, 1684-1748.
Planta do Forte de S. Ioão na Barra do Rio de Ianeyro. – Escala de [ca. 1:400]. – 1730. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 19,1 x 32cm em folha 23,9 x 35,9cm.

Autoria atribuída a Diogo Soares (ALMEIDA. 2001, p. 111-112. ref. D, p. 103).
Está assinalado : *quartel.*
Escala gráfica 100 palmos [= 6,9cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Desenho a nanquim vermelho e a aquarela.
Aquarelada nas cores verde, marrom , amarela, vermelha e preta.
Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a ùltima em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14. Esta é a planta 14.

Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas. Diogo Soares produziu algumas fortificações da cidade do Rio de Janeiro, e Domingos Capacci se ocupou aos cálculos das coordenadas geográficas, estabelecendo a posição do Meridiano do Rio de Janeiro, durante as suas permanências de oito meses nesta cidade, em 1730.
Conhecida também como Fortaleza de São João da Barra ou Forte São João, localiza-se no lado leste da Baía de Guanabara, no Bairro da Urca. É constituída dos Redutos de São Diogo, São José, São Martinho e São Teodósio.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 325.

AHU_CARTm_017, D. 1088

295 FORTALEZA DE SÃO SEBASTIÃO DO CASTELO. Fortificação. 1730

Soares, Diogo, 1684-1748.
Planta da Fortaleza de S. Sebastião na cidade do Rio de Ianeiro. – Escala de [ca. 1:800]. – 1730. – 1 desenho técnico : nanquim vermelho, color. ; 19,4 x 32,6cm em folha 24,3 x 36,7cm.

Autoria atribuída a Diogo Soares (ALMEIDA. 2001, p. 111-112. ref. f, p. 103).

Estão assinalados : *quartel , e caza forte, cisterna, armazem da poluora .*
Escala gráfica 250 palmos [=7,1 cm].
Aquarelado nas cores , azul, amarela, vermelha e preta.
Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a ùltima em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14]. Esta é a planta 12

Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas. Diogo Soares produziu algumas fortificações da cidade do Rio de Janeiro, e Domingos Capacci se ocupou aos cálculos das coordenadas geográficas, estabelecendo a posição do Meridiano do Rio de Janeiro, durante as suas permanências de oito meses nesta cidade, em 1730.
A Fortaleza de São Sebastião do Castelo localizava-se no Morro do Castelo. Essa fortificação foi destruída, em 1922, com a obra desmonte do Morro do Castelo, na prefeitura de Carlos Sampaio.
Outra cópia no Arquivo Histórico Ultramarino.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 324.

AHU_CARTm_017, D. 1087

296 FORTE DA PRAIA VERMELHA. Fortificação. 1730

Soares, Diogo, 1684-1748.
Planta da Fortaleza ou Bateria da Praya Vermelha na Costa do Sul da Barra do Rio de Ianeyro. –[Escala de] 600 [palmos]. – 1730. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ; 32,5 x 19,3cm.
Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados

pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas. Diogo Soares produziu algumas fortificações da cidade do Rio de Janeiro, e Domingos Capacci se ocupou aos cálculos das coordenadas geográficas, estabelecendo a posição do Meridiano do Rio de Janeiro, durante as suas permanências de oito meses nesta cidade, em 1730.

Atualmente a área e o entorno do forte, localizados no Bairro da Urca, estão ocupados pelas seguintes instituições: Escola do Comando e Estado Maior do Exército, Escola Técnica do Exército e Monumento aos Heróis da Retirada da Laguna. Na década de 1980, o Exército Brasileiro abriu ao público a Pista Cláudio Coutinho, para caminhadas ecológicas. Da antiga fortificação restam os baluartes, situados nas extremidades da Praia, com guaritas recobertas por cúpulas.

Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a ùltima em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14]. Esta seria a planta 9.

ORIGINAL NÃO LOCALIZADO.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 320.

AHU_CARTm_017, D. 1083

297 FORTE TAMANDARÉ DA LAJE. Fortificação. 1730

Soares, Diogo, 1684-1748.
Planta da Fortaleza da Lage na Barra do Rio de Ianeyro. – 1730. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 18,8 x 32cm em folha 23,9 x 36 cm.

Autoria atribuída a Diogo Soares (ALMEIDA. 2001, p. 111-112. ref. E, p. 103).
Escala gráfica sem indicação numérica e desenhada a lápis.
Desenho a nanquim vermelho e aquarela.
Aquarelada nas cores verde, marrom , amarela, vermelha e preta.
Pertence a um códice encadernado contendo 10 folhas, estando a 1ª. e a ùltima em branco e as restantes contendo 8 plantas numeradas a lápis com os números de 7 a 14. Esta é a planta 10.

Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados

pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas. Diogo Soares produziu algumas fortificações da cidade do Rio de Janeiro, e Domingos Capacci se ocupou aos cálculos das coordenadas geográficas, estabelecendo a posição do Meridiano do Rio de Janeiro, durante as suas permanências de oito meses nesta cidade, em 1730.
O Forte da Laje, situado em frente à Barra da Baía de Guanabara, teve a sua construção iniciada por Villegagnon em 1555. Em 1584, Salvador Correia de Sá deu continuidade a obra, mas também foi interrompida. Em 1644, por iniciativa de D. Francisco Souto Maior, a obra prosseguiu. Nas três iniciativas, as obras foram sempre interrompidas. Somente em 1770, com o Marquês do Lavradio, a obra foi concluída. Por Decreto nº 34.152 de 12 de outubro de 1953, passou a se chamar Forte Tamandaré, em homenagem do Exército à Marinha de Guerra. Em 1997, o forte foi desativado.

Outra cópia de época pertence ao Arquivo Histórico do Exércido.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 321.

AHU_CARTm_017, D. 1084

298 BATERIA DA PRAINHA. Fortificação. Ca. 1733

Planta da marinha da parte desta cidade na paragem da Praynha ensinuada por numeros arismeticos . – Escala [ca.1:500]. – [ca.1733]. – 1 desenho técnico : tinta, color. ; 38,5 x 54,6cm em folha 40,9 x 56,8cm.

Estão assinalados: *parte da cerca dos Frades Bentos, rua que vai do dezembarque para a cidade, cazas que estão feitas na mesma rua, caminho para à Conceição,cazas que estão feitas da parte do mar, trapiche ou armazem de Domingos Miz Britto, o caes do trapiche do dito de Domingos Miz Britto , terreno livre e separado do dito trapiche onde se há de fazer o Payol, cazas junto ao trapiche da Ordem Terceira, Trapiche da Ordem Terceira, O caes do dito Trapiche da Ordem Terceira, porto onde desembarca para vir para a cidade, Fortim para a denfença da Marinha, quartéis para os soldadeos que se acharem de guarnição no dito fortim, cazas da parede da Marinha, praya da mesma Marinha, linha maginaria que pertende Domingos Miz Britto lançar ao mar para alargar mais o caes de seu trapiche.*
Escala gráfica de 200 Palmos [= 10,3cm].
Descrita em Catálogo Castro e Almeida AHU_ACL_CU_017-01, Cx.34,

D.7899.
Anexa ao Documento descrito em Castro e Almeida [RJ]AHU_ACL_CU_017-01, Cx.34, D.7892, de 1733, junho, 10.
Assinatura ilegível de Pedro Gomes [Ravel?].

A Bateria da Prainha situava-se na antiga Enseada da Prainha, aterrada atualmente. Hoje, estaria localizada no final da Rua do Acre, na Praça Mauá.

AHU_CARTm_017, D. 1089

299 PAVIMENTOS DA CÂMARA. Iconografia. 1735

[Plantas dos pavimentos da Casa da Câmara do Rio de Janeiro]. – Escala [ca.1:150]. – [7 de Maio de 1735]. – 3 desenhos técnicos : nanquim, color. ; 24,5 x 36,2cm em folha 29,9 x 43cm.

Escala gráfica de 100 palmos [= 15,7 cm].
A planta arquitetônica da cota AHU_CARTm_017, D. 1090 ocorre: *vão em que se ha de fazer a caza da rellação e as mais acomodações de que se necessita.*
Na segunda planta, AHU_CARTm_017, D. 1091, estão assinalados: *caza da câmara, salla donde o Juiz de fora faz audiência, salla livre,* [4] *cazas de segredo.*
Na terceira planta, AHU_CARTm_017, D. 1092, lê-se: *Asougue, emchovias.*
Aquareladas na cor cinza.
Anexas ao documento descrito em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, cx. 37, D. 8577-8582.

AHU_CARTm_017, D. 1090/1092

300 CASA DAS CONTAS. Iconografia. ca. 1739

[Planta da Casa das Contas do Rio de Janeiro]. – [ca. 1739]. – 2 desenhos técnicos : nanquim, color. ; 20 x 19,3cm em folha ; 21,5 x 32,8cm.

Com elemento dobrável anexado, indicando a reforma do prédio.
A nomenclatura está escrita a tinta ferrogálica.

Estão assinalados: *tudo o que vai nesta planta alta abaixa com auguda de tinta da china he o que se achaua feito e o de auguada de carmim he o que sefez de nouo dentro do antigo. A esta se segue a casa da moeda. Descuberto, caza donde es daua para das armas , pateo,caza destinada para se fazer nella armário, saleta*

comua a dous tribunaes devedoria e fazenda, caza que selodrio e serve por hora de armazém, porta que se abrio, caza da procuradoria da fazenda Real, porta que mandei fazer,caza que era de espera a da fazenda e hoje vedoria.
Na segunda folha ocorre: 2º *armazém, armazém que se lubrio, caza de recolher varias cousas pertencentes ao armazéns, pateo, armazém, caza para a balança, armazém, escada velha e a re*[...]*ada,menvia noua para o es*[...] *dos mantimentos.*
Aquareladas nas cores vermelha e cinza.
Anexas aos documentos descrito em Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-01, cx. 46, D. 10885- 10892.

AHU_CARTm_017, D. 1093

301 AQUEDUTO DA CARIOCA. Iconografia. ca. 1739

[Perfil do cano de água da Carioca]. – [ca.1739]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 47,8 x 60,5cm.
Aquarelado na cor amarela, em volta do desenho.
Marca d'água: um brasão encimado com flor de lis, e mais afastado a inscrição do algarismo romano IV.
Descrito em Catálogo Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, D. 10407 e anexo à CONSULTA de 1739, Julho, 10, Lisboa: AHU_ACL_CU_017-01, D. 10397/10407.

AHU_CARTm_017, D. 1094

302 HOSPÍCIO DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA. Iconografia. 1740

Alpoim, José Fernandes Pinto, 1700-1765 & Castro, Manuel de Melo e.
Plano da obra do hospício dos padres Barbonios / José Frz Pto Alpoym ; Mel de Mello e Castro – Escala [ca. 1: 600]. – [ca. 1740]. – 4 desenhos técnicos : nanquim, color. ; 31,1 x 46,2cm em folha 33,3 x 48,4cm.

Escala gráfica de 400 palmos [= 16,4cm].
Folha desenhada com 1 planta arquitetural, 1 alçado do prédio, e 2 perfis.
Na legenda do alçado lê-se: *Vista da parte do dormitorio.*
No perfil está escrito: *vista da caza de lavar os habitos.*
Na planta ocorre: *cacbao para os ornamentos, sacristia, igreja, caza de doentes,* (8) *cazas, livraria, caza do comu, despenca, cuzinha n.1, de pofundis, refeitório, caza de lavar os hábitos.*
Na fachada lê-se: *capelinha, vista da parte da rua do dormitório.*

Aquarelada nas cores vermelha, cinza e amarela.
AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 44, D. 10.418.
Anexo ao documento descrito em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 44, D. 10.408.

Os Padres Barbornos, também chamados de Barbadinhos ou Capuchinos, pertencem a uma das ordens franciscanas reformadas.
A construção do prédio dos religiosos Barbonos foi iniciada em 1740, com o nome Hospício de Nossa Senhora da Oliveira, que deu origem a Rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga. Esse edifício foi destruído, e em seu lugar ergueu-se o prédio da atual Sede do Quartel General da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ).

AHU_CARTm_017, D. 1095

303 HOSPÍCIO DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA. Mapa. 1740
Alpoim, José Fernandes Pinto, 1700-1765**.**
Planta do Chaom [carta topográfica do local escolhido para a edificação dos Padres Barbadinhos]. – Escala indeterminável. – [ca. 1740]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 22 x 45,9cm.

Aponta o Aqueduto da Carioca, *Cano da Carioca*, que passa nas proximidades do local da edificação dos padres Barbonos e do quintal de João Antunes .
Escala gráfica de 300 [?] [=14,2cm].
Vegetação representada em forma pictórica.
A planta do Hospício está desenhada sobre um pedaço de folha de papel colada sobre a carta, onde mostra a região da edificação.
Desenho a nanquim vermelho e preto.
Aquarelada nas cores verde, vermelha e amarela.
Marca d'água: um brasão encimado com flor de lis e inscrição do algarismo romano IV.
Descrita em Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 44, D. 10.418 e anexo ao documento AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 44, D. 10.408.

A construção do prédio dos religiosos Barbonos foi iniciada em 1740, com o nome Hospício de Nossa Senhora da Oliveira, que deu origem a Rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga. Esse edifício foi destruído, em seu lugar ergueu-se o prédio da atual Sede do Quartel General da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ).

AHU_CARTm_017, D. 1096

304 CASA DA RELAÇÃO. Mapa. ca. 1746

[Planta do local em que se indica o edifício a construir da casa da relação, relativamente aos arruamentos e construções]. – Escala [ca.1:300]. – [ca. 1746]. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ; 19,2 x 40,3cm em folha 26,7 x 47,8cm.

Estão assinalados: *prolongo de casas de vários moradores,terreno da cadea e caza da camera, terreno para a Caza da Relação, passadiço da cadea para a dita Relação, passadiço de Palaçio para a mesma Relação, prolongo de Palaçio e Caza da Moeda, o mar em frente da obra projectada.*

Escala gráfica de 100 palmos [= 7,6cm].
Desenhado e colorido a aquarela na cores amarela, verde e vermelha.
A nomenclatura está escrita a nanquim.
Marca d'água: brasão com flor de lis, encimado por uma coroa, e abaixo a letra W.

A Casa da Relação foi criada por alvará de 13 de outubro de 1751, expedido pelo rei D. José I. O prédio abrigava a cadeia e o Senado da Câmara. Mais tarde passou a se chamar Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Ver documento descrito em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 64, D. 15153, e avulsos: AHU_ACL_CU_017, Cx. 44, D. 4520.

AHU_CARTm_017, D. 1099

305 FORTALEZA DA CONCEIÇÃO. Fortificação. ca. 1751

Fortaleza de N. Senra. da Conceição [e terrenos anexos]. – Escala [ca.1:350] – [ca. 1751]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 51,6 x 34,4cm em folha 53,9 x 36,5cm.

Escala gráfica de 20 braças [= 14,4cm].
Estão assinalados: *muralha da fortaleza* e *plano do Palácio do Excelemtíssimo Reveremdo Senhor Bispo* [Palácio Episcopal da Conceição].
Vegetaçãoe relevo representados em forma pictórica.
Indica também moradias na fortaleza.
Desenho a nanquim vermelho e a aquarela.
Aguada nas cores preta, vermelha e aquarelada de verde e preto.

A Fortaleza da Conceição e o Palácio Episcopal da Conceição se localizam no Morro do mesmo nome, que pertence ao Bairro da Saúde, centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. O Palácio Episcopal da Conceição foi residência do bispo entre 1702 e 1905. Em 1922 foi adquirido pelo Ministério da Guerra, e após uma grande reforma, em 1948, veio a ser ocupado pelo Serviço Geográfico do Exército. Atualmente o palácio e a fortaleza pertencem ao Museu Cartográfico do Serviço Geográfico do Exército.

AHU_CARTm_017, D. 1101

306 PALÁCIO EPISCOPAL DA CONCEIÇÃO. Iconografia. ca. 1751

[Planta do Paço Episcopal da cidade do Rio de Janeiro] . – Escala [ca. 1:60] – [ca. 1751]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 42,5 x 31,8cm em folha 43,4 x 32,9cm.

Estão assinalados: do lado esquerdo do altar *saâcristia* e do lado direito *caza de fábrica.*
Na lateral esquerda há uma escada e com a indicação: *comunicação para o pulpito, coro e torre, baptisterio, na parte superior o coro.*
Escala gráfica de 30 [palmos?= 11,2cm].
Aquarelada nas cores cinza e amarelo.
Marca d'água: um brasão com armadura encimado com 2 estrelas, setas dentro de um cesto e trapézio, decorado em estilo barroco. Mais adiante estão as letras: PS
Ver documento descrito em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 78, D. 18057.

O Palácio Episcopal da Conceição, localizado no Morro do mesmo nome, pertence ao Bairro da Saúde, centro histórico da cidade do Rio de Janeiro, e foi residência do bispo entre 1702 e 1905. Em 1922 foi adquirido pelo Ministério da Guerra, e após uma grande reforma, em 1948, veio a ser ocupado pelo Serviço Geográfico do Exército. Atualmente funciona o Museu Cartográfico do Serviço Geográfico do Exército.

AHU_CARTm_017, D. 1100

307 ALFÂNDEGA. Iconografia. ca. 1752

Apontamentos para a nóva óbra d'Alfandega, que se pertende fazer no lugar, em que hoje estão as cazas da Junta, que são da fazenda Real. – Escala [ca. 1:300]. – [ca.1752]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 40,2 x 54,3cm.

Estão assinalados: *Rua que vai para os quarteis, cazas, quintal, ladeira de São Bento, sagão entre o muro de São Bento, e Alfandega, Largo de Braz de Pina, Meza da Balança, Preamar, Baixa-mar, Rampa, Armazem, Armazem dos Molhados, Baixo mar.*

Escala gráfica de 200 palmos [=16cm].
Desenho de relevo com vegetação junto a planta, mostrando a localização do prédio numa parte elevada da cidade.

Contém um texto sobre a obra e o tipo de material a ser utilizado, na parte inferior onde se lê: *Serão as paredes, e pilares feitos ao ordinario, com as grossuras, e alturas, que mostrão as plantas, e levará a parede da parte do mar se o forro de cantaria como mostra o prospecto: será toda a Alfandega de abobedas dobrada, feitas em barretes, e por sima ladrilhada de tijôlo quadrado, bem assentado sobre argamassa de cal, e arêa : o chão de toda a óbra; como tam bem o ezpaço entre o Caes, e a parede da dita Alfandega, será lageado com bom lagedo ordinario com suas juntas bem feitas, ezquadrejadas : para a caza de sima de sóbirá rampas, feitas sobre ababeda dobrada e por sima serão lageadas com bom lagedo, assentado como asima: as janelas, e portaes, serão como mostra a planta, exceto as portas da sahida, qu serão de Toscáno simples com pilar, e traspilar: levara hua em sima huas armas do Rey de pedra do Reyno: levará a obra as grades de ferro, que móstra a planta: o caes será feito de pedras de cantaria, que não terão menos de 6 palmos de comprido, e 2 ½, ou 3 de grosso, e se dirá aos Mes/tres rematantes, o como as hão deitar n'agoa; e a mais parede, que lhe fica por detras, ao ordinario, e da mayor pedra, com os seus vaons cheyos, e argamassados, e o mais resto, que fica até a parede da Alfandega, será* [...]*o entulhado, e batido ao Pilão; será feotp este Caes em escarpa; porém cada fiada serrecolherá para dentro meyo palmo; e se for necessario grade, ou eztacada, para segurança da óbra, a fará o Mestre rematante* [...]*a custa : poderá Mestre rematante cobrar a pedra, que lhe fica nas costas da óbra, para a empregar na dita; será toda a óbra rematada por braças, e varas, e por cada portal, e janela hum tanto, como bem hum tanto por cada libra de ferro, sentado na óbra: será em madeirada ao ordinario com caibros, e ripado, tirado á serra, e será forrado o telhado com estuque : o telhado será a*

moiriscado [...]*seus ventos, para que este não faça impreção no telhado.*

No verso ocorre: *As portas, e janelas interiores serão derraveça á cóla: as principaes, serão almofadadas : as portas principaes e as das sahidas , e entradas levarão seus ferrolhos com tres chaves cada hum para mayor cautéla Declarace, que dentro do risco vermelho o cenclua a caza da Junta, e tudo o que vai de amarélo he óbra nóva, e em outra planta vai* [...] *caza em plano e em prospecto. Será a fazenda Real obrigada a dar a cal ao pé da óbra, e os Mestres Rematantes porão tudo o mais, que for necessario,para de fazer completamente esta óbra, e selhe dará o dinheiro por tres vezes; assim que rematarem a óbra hua Terça parte, ou hua porção , que parecer conveniente, outra porção estando a mediçao feita até o sobrado, e o terceiro quartel á entregua das chaves ao Provedor da fazemda Real : ou se se rematar a carga serrada, e por hum tanto, selhe a Terça parte do dinheiro logo ao principio, com bons fiadoresoutra no meyo da óbra, e a* [...]. *no fim della ou como parecer melhor.*
Aquarelado nas cores verde, vermelha, preta e cinza
Desenho a nanquim vermelho e preto.
Marca d'água: coroa e abaixo possui as letras GR.
Anexo a AHU_ACL_CU_017, Cx.45, D. 4574.

AHU_CARTm_017, D. 1132

308 ALFÂNDEGA. Iconografia. ca. 1752

[Planta da Alfândega]. – Escala [ca. 1:300]. – [ca. 1752]. – 2 desenhos técnicos : nanquim, color. ; 40 x 52,9 cm.

Estão assinalados na planta arquitetônica: *Caza do Celo, Mesa de Abertura, Varanda, Caza das Encomendas, Armazém.*
Escala gráfica de 200 palmos [=16,1cm].
O alçado do edifício contém somente as nomenclaturas: *rua, caes, preamar.*
Aquarelada nas cores amarela, vermelha, cinza, preta e verde.
Marcas d'água: brasão com uma flor de lis, encimada por uma coroa, e abaixo escrito C & I. HONIG e outra com uma coroa e abaixo possui as letras GR.
Anexo a AHU_ACL_CU_017, Cx.45, D. 4574.

AHU_CARTm_017, D. 1134

309 ALFÂNDEGA. Iconografia. ca. 1752

[Planta da Alfândega do Rio de Janeiro]. – Escala [ca. 1:300]. – [ca. 1752]. – 1 planta ms. : color., desenho a aquarela ; 25,8 x 41,8cm em folha 27,4 x 43,3cm.

Estão assinalados: *caes, cazas de particulares, pateo da alfândega, meza da abertura, meza da alfândega, duas moradas de cazas que se comprarão, armazém, caza do selo, armazém de telha van* (2), *armazém q*ue *por sima tem hua varanda dela aberta, armazém que por sima mora provedor, caza do provedor de que se serve dos altos e baixos.*

Atrás dos armazéns está assinalada a Rua Direita, atual Primeiro de Março.
Escala gráfica de 200 palmos [=16,5cm].
Aquarelada nas cores vede e cinza.
Marca d'água: um brasão com armadura e encimado com 2 estrelas, setas dentro de um cesto e trapézio, decorado em estilo barroco. Mais adiante estão as letras OS.

AHU_CARTm_017, D. 1102

310 QUARTÉIS. Iconografia. ca. 1752

Planta do Chão dos Quarteis da Marinha dos quaes os emadeiramentos estão todos podres e ainda os mesmos quarteis aróinados de todo e são humidissimos. – Escala [ca.1:300] . – [ca.1752]. – 2 desenhos técnicos : nanquim vermelho e preto, color. ; 32,3 x 42,8 cm em folha 33,9 x 44,2cm.

Contém um alçado e uma planta.
Possui desenho de relevo com vegetação junto a planta, mostrando a localização do quartel numa parte elevada da cidade.
Estão assinalados: *quintal, quarteis dos soldados da Marinha, quarteisdos Cap*ita*ens de mar e guerra, hospital.*
Escala gráfica de 200 palmos [=16,1cm].
Anexo AHU_ACL_CU_017, Cx.45, D. 4574.

AHU_CARTm_017, D. 1136

311 QUARTÉIS. Iconografia. ca. 1752

[Planta de um quartel de infantaria]. – Escala [ca. 1:300]. – [ca.1752]. – 1 desenho técnico : nanquim preto e vermelho, color. ; 25,5 x 41,4cm em folha 27,1 x 42,8cm.

Estão assinalados: *Loje da sala do comissario, Tarimbas, quartel, cozinha commua, quartel, loje de hum Capitam de mareguerra, loje de outro, quartel dos soldados, caza de cirugioens, e capeloens.*

Escala gráfica de 200 palmos [=16,1cm].
Aquarelada nas cores amarelo e cinza.
Marca d'água: brasão com uma flor de lis, encimada por uma coroa, e abaixo escrito C & I. HONIG.
Anexo AHU_ACL_CU_017, Cx.45, D. 4574.

AHU_CARTm_017, D. 1135

312 QUARTÉIS. Iconografia. 1752?

Apontamentos para os novos quarteis que se pertendem fazer no lugar, em que se acha a Alfandega, que hoje existe. – Escala [ca. 1:280] – [1752?]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 26,3 x 41,5cm em folha 27,6 x 42,3cm.

Escala gráfica de 200 palmos [=16,1cm].
Estão assinalados: *Vão da escada, corredor, sala caza do comissiario, despença, ante camara, cozinha, camara, quartel dos officiaes, cozinha, etc.*
Contém um texto que descreve: *Toda esta óbra será feita ao ordinario, excepto as escadas dos capitaens de Mar, e guera, que serão de pédra, por que descem por ellas os cofres dos Reas quintos : todas as devizoens das cazas serão de estuque e serão as cazas dos officiaes,e capitaens de mar, e guerra, comissario, forrados de tapinloão: será esta obra paga por graças e varas, hum tanto por cada portal, porta,e janela e os mes? rematantes porao* [...]*os dos os materiais, e tudo o que for necessario para a dita óbra, a sua custa, exceto a cal, que sera Por conta da fazenda Real , posta ao pé da obra os riscos vermelhos mostraõ , que dentro delles se faz a óbra , que vai de amarélo; por que he toda nova, em planta a parte vai a da dita Alfandega velha: o dibeiro por que serrematar esta óbra será repartido em trez quarteos. jum ap principio da óbra, outro no meyo, e o outro quando os Mestres rematantes entregarem as chaves ao Provedor da fazemda Real.*
Assinatura ilegível.
Aquarelada nas cores amarela, vermelha, cinza e preta.

Inclui fachada do prédio.
Marca d'água: coroa e abaixo possui as letras GR.
Anexo ao documento de 1752, fevereiro, 17: AHU_ACL_CU_017, Cx. 45, D. 4574.

AHU_CARTm_017, D. 1133

313 PRISÕES. Iconografia. 1755

Alpoim, José Fernandes Pinto, 1700-1765.
[Plantas do edifício da cadeia da Cidade do Rio de Janeiro] / Alpoym. – Escala [ca.1:200]. – [ca.1755]. – 2 desenhos técnicos : nanquim, color. ; 30,6 x 40,9cm em folha 32,9 x 43cm.

Do lado direito do primeiro desenho, D. 1097, com o título *Apontamentos para remediar a cadeya desta cidade*, esclarece o projeto que se segue: *Todo o chão da primeira planta será lageado de lagêdo de grandes pedras e com o maior tardos que pode ser; lavrado a camartelo, e bem junto e unido sem quina quebrada. Os canos dos despeijos das secretas, serão feitos como mostra a planta 2ª, com pedras atraveçadas e em quina viva para dentro, cujas pedras serão postas logo no dezemboucadouro da parede da cadeya. Serão todas as paredes pello seu interior forradas com forro de pedras grandes e sahidas da parede meyo, ou 1 palmo, e terão para dentro das paredes os maiores tardos que poder ser sem enfraquecer as paredes da cadeya, que se rronperão o que for necessário: sera também lavrado de carmatelo, porem com juntas muito bem feitas, para fiquem bem unidas huas as outras, caso chegara este forro athe a laltura de 6 ½ ou 7 palmos. A cadeya dos pretos levara hum pilar de cantaria grossamente lavrada para sustentar os Barretes que selhe de hão de fazer na dita caza: as mais miudezas se veem na planta, so que nos três canos dos despeijos das secretas, se hão de hir melter em dum so, que hira ao mar e para receberem as agoas da chuva se lhe fará ver o trabalho necessario*. Nela estão distribuídos as seguinte divisões: *cadeya de pretas, cadeya de pretos, enxovia, prisão apertada.*

Possui informações sobre a construção da prisão na primeira planta arquitetônica onde se lê, ao alto, *planta 1ª*, do lado esquerdo: *Também se fará hum oratorio, como vai marcado na 2ª planta e o velho ficará servindo de segredo, e com as divizoens de estuque, que parecerem convenientes. Nos telhados, e sobrados e caza do carcereiro, se bolirá, conforme parecer melhor, fazendo-lhe suas divizoens de estuque. Os pilares das enxovias serão de cantaria, que temham de alto seis palmos com 2 ½ de lado para em sima se lhe porem as varimbas: tudo o que vai de vermelho he obra que se acha feita, e o que vai de amarello há de ser obra nova quese ha de fazer e poderá ainda ser necessário mais algumas miudezas*

a que se dever ter respeito para com os rematantes. Todas as enxalharias serão gateadas de pau brazil, cujo modo se dara aos mestres pedreiros.
Nesta planta ocorre: *cadeya de pretas, cadeya de pretos, enxovia, prisão apertada, andar do chão, enxovia,*

Na planta 2ª, D. 1098, estão assinalados: *cadeya para mulheres brancas, tarimbas, oratório novo, caza da audiência, sala livre, andar do sobrado, cadeya de brancos.*
Escala gráfica de 100 palmos [=13,2cm].
Inclui um perfil para escoar as latrinas na planta 2ª.
A nomenclatura está escrita a tinta ferrogálica.
Aquareladas nas cores cinza e vermelha.
Anexas ao doc. de 1755, agosto, 11: AHU_ACL_CU_017, Cx. 49, D. 4913.

AHU_CARTm_017, D. 1097/1098

314 TRINDADE, ILHA DA. Mapa. ca. 1757

[Planta da ilha a que uns chamam Ascenção outros Trindade]. – [ca. 1757]. – 1 carta ms. : desenho a nanquim ; 42 x 63,5cm em folha 45,2 x 66,4cm.
Abrange a costa do Brasil desde Santos (SP) a Abrolhos (BA), com indicação da Ilha da Trindade no Oceano Atlântico.
Título retirado do encarte, conforme *Inventário geral da Cartografia Brasileira existente no Arquivo Histórico Ultramarino...* de Alberto Iria, apresentado no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Ref. 229.
Escala gráfica, do encarte, *braças de 8 palmos que a legoa tem 3522* [=12,7cm].
Estão assinalados: *I. c. Barbara dos Abrolhos Rio da Caravelas, Rio Doce, Espírito Santo, Paraíba do Sul, Cabo de São Thomé, Esparcel, Ilha de Santa Anna, Ilha da Anco., Cabo Frio, Rio de Ianeiro, Ilha de Marica, Ilha Grande, Ilha de São Sebastião, Santos*.
Aguada de verde, que já perdeu muito o seu tom.
Meridiano de origem: Ilha de Ferro.
Inclui escala de latitudes e longitudes.
Marca d'água: Brasão, encimado por uma coroa. Abaixo do brasão em a letraV / COIH[...].
Anexo ao documento de 1757, Maio, 26: AHU_ACL_CU_017, Cx. 52, D. 5218.

Referência: . Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 313.

AHU_CARTm_017, D. 1103

315 GUANABARA, BAHIA DE. Mapa. ca. 1761

Planta da Barra do Rio de Janeyro. – [ca. 1761]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ; 27,8 x 40cm em folha 31,6 x 42,7cm.

Atualmente denominada Baía de Guanabara, abrange as cidades do Rio de Janeiro e Niterói.
Mostra uma embarcação à entrada da Baía, deparando com 4 fortificações: Fortaleza de São João (Rio de Janeiro), Forte de São Martinho (atualmente faz parte do conjunto de mais 3 baterias da Fortaleza de São João), Fortaleza de Santa Cruz (Niterói) e Forte da Ilha de Laje (posteriormente chamado Forte Tamandaré da Laje, e desativado em 1997).

Estão assinalados os seguintes topônimos: lado da cidade do Rio de Janeiro, *Praia vermelha, Forte São João, Forte de São Martinho, , Fortaleza da Laje,* Forte *Villagalhon, que se está, desmontando, Calhabouço, cidade* do Rio de Janeiro, *Amarração, Ilha das Cobras, ,Ilha dos Ratos.* Lado de Niterói, *Fortaleza de Santa Cruz* , Igreja *Nossa da Boa Viagem, Cravatá.*

Inclui rosa dos ventos.
Contém batimetria.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Desenho a nanquim vermelho e preto, e aquarelado.
Cartucho de título decorado em estilo neoclássico.
Aquarelada nas cores verde, vermelho, preta e cinza.
Marca d'água: Brasão, encimado por uma coroa. Abaixo do brasão está escrito: V / COIH[...].
Planta anexa ao OFÍCIO do governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, de 1761, Fevereiro, 20 e que está anexado a Consulta de Outubro do mesmo ano.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx. 63, D. 6043.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 316.

AHU_CARTm_017, D. 1104

316 ARSENAL DE MARINHA. Mapa.ca. 1764.

Demonstrasão do Arcenal, que mandou fazer, nesta cidade do Rio de Janeiro... – Escala indeterminável. – [ca. 1764]. – 1 planta ms. : desenho a nanquim ; color. 36,3 x 64,4cm em folha 46 x 66,8 x 46,0 cm.

Subtítulo:.. o Ilustríssimo e Excellentissimo Conde de Cunha do Concelho de Sua Majestade, e do de Guerra, Tenente General de seus Exercitos, e General de Artelhari do Reino, Capitão General de Mar e terra e vice Rey de todo o Estado do Brazil.
Possui elemento dobrável anexado na planta para mostrar os projetos dos edifícios. Portanto, foram feitas 2 cópias digitais, uma com o elemento dobrável anexado e outra sem.
Indica as ruas São Bento, Direita (atual Primeiro de Março), dos Quartéis e dos Pescadores.
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica de 30 [...] [= 14,3cm].
Desenho a nanquim vermelho e preto.
Aquarelado nas cores vermelha, cinza e verde.
Anexo ao doc. de 1764, set., 5 ; Cx. 79, n.º 1-A: AHU_ACL_CU_017, Cx. 72, D. 6590.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx. 74, D. 6709.

O Arsenal foi criado pelo Vice-Rei Antônio Álvares da Cunha, em 1763. Sua instalação foi no sopé do Mosteiro de São Bento. A partir de 1820, suas dependências começaram a se expandir para a Ilha das Cobras.

Referências: . Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 347.

AHU_CARTm_017, D. 1105

17 FORTALEZA DE SANTA CRUZ DA BARRA. Fortificação. 1765

Plano da Fortaleza de Santa Cruz : novamente reedificada pelo Conde de Cunha – Escala [ca. 1:550]. – .em o anno de 1765. – 1 planta ms. : desenho a nanquim, color. ; 46,1 x 69,9cm em folha 51,8 x 73,8cm.

Traz informações sobre a obra:*Toda mura e terraplenos, que vão notadas com Rom, he, o que levou reforma, e o que vai do Carmim, he o que ficou como estava.*
Estão assinalados: *Portão, rampas que vão ao porto, quarteis do comamdo e guarnição, mirante por cima do portão, escada para caza do guarda e pasagem para a igreja, reducto que defende a furna,ponte levadiça, sarilho para sospender a ponte, furna pela natureza, guarda fora da praça, capela, caza que pertence ao guarda, cesterna, caza da pólvora, cada palamenta, por cima dela, caza da aboboda que da serventia as baterias próximas, farol, pão da bandeira, telheiros, comuas.*

Com elemento dobrável anexado, para mostrar o mirante por cima do portão.
Escala gráfica de 40 braças [=17 cm].
Cartucho de título e os cantos das margens da planta decorados em estilo neoclássico.
Aquarelada nas cores verde, amarela, vermelha e cinza.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx. 75, D. 6857.

A Fortaleza de Santa Cruz da Barra se localiza na entrada da Baía de Guanabara, no Bairro de Jurujuba, na cidade de Niterói.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 326.

AHU_CARTm_017, D. 1106

318 SANTA BÁRBARA, ILHA DE. Fortificação. 1765

Planta dos armazéns da pólvora que mandou fazer o Conde de Cunha na Ilha das Pombas... – Escala [ca.1:1.600]. – em o anno de 1765. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta. ; 45,4 x 138,2cm em folha 52 x 144,9cm.

Estão assinalados: *armazens da pólvora, muralha em roda dos armazéns,com a mesma altura das paredes dos ditos, caza da entrada em que esta a balança.*

Desenho a nanquim e a aquarela.
Aquarelada nas cores vermelha, verde, cinza, marrom, amarela e preta.
Inclui perfis e alçados.
Escala gráfica do plano e dos prospectos 120 braças [=16,8cm].
Ver catálogo de documentos avulsos AHU_ACL_CU_017, Cx. 72, D. 6591 e AHU_ACL_CU_017, Cx. 77, D. 6931.

Atualmente se chama Ilha de Santa Bárbara, localizada em frente ao Cais do Porto. Em: Panorama da Baía: Pombas. Disponível em <http://www.cibg.rj.gov.br/detalhenoticias.asp?codnot=134&codman=28.>. Acesso em: 20 jul. 2009.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 348.

AHU_CARTm_017, D. 1107

319 FORTALEZA DE SÃO FRANCISCO XAVIER DA ILHA DE VILLEGAGNON. Fortificação. ca. 1767

Funck, Jacques.
Planta das obras novamente propostas ao Forte do Vilagalhão / pelo Brigadeiro Inginheiro Jacques Funck. – Escala [ca. 1:500] – [ca. 1767]. – 1 planta ms.: desenho a nanquim, color. ; 34,9 x 52,8cm.

Estão assinalados: *A fortificação antiga que deve ficar, he a que vay marcada de cor encarnada, e a que vay com a mesma cor mais fraca,he a que se ha de desmanchar, a que vay marcada de cor amarela, he a obra novamente proposta, e as linhas de pontinhos, mostrão o subterraneo de sima do cavaleiro. O que vai de cor verde, he a immenda feita pelo Conde de Cunha sobre a obra velha, que ficava servindo no projecto do Brigadeiro Ingenheiro.*

Com elemento dobrável anexado, onde está escrito: *esta immenda que vay sobre posta de amarelo mais claro he feita por ordem do Conde de Cunha, pelo mesmo Ingenheiro que fes a planta, para milhor defesa da porta*. AHU_CARTm_017, D. 1109. Portanto, foram feitas 2 cópias digitais, uma com o elemento dobrável anexado e a outra sem.
Escala gráfica de 200 palmos [= 10cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores amarela, vermelha e cinza.
Anexo ao doc. de 1767, outubro, 30: AHU_ACL_CU_017, Cx. 82, D. 7355.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D. 7496; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D. 7387; AHU_ACL_CU_017, Cx. 80, D. 7229.

A Ilha de Villegagnon era chamada anteriormente de Ilha de Serigipe. Nela foi erigido o Forte Coligny na época do domínio francês, sob o comando de Nicolau Durand de Villegagnon, em 1555. Foi o núcleo do estabelecimento colonial francês, conhecido como a França Antártica (1555-1560). Em 1567, os franceses foram expulsos pelos portugueses. A estrutura da Fortaleza foi reformada em 1695, no governo de Sebastião de Castro Caldas. Em 1711, houve outra invasão do corsário francês René Du Guay-Trouin, na cidade do Rio de Janeiro, arrasando a fortaleza. Essa foi recuperada em 1730. No governo de Gomes Freire de Andrade, em 1761, foi construída uma nova fortaleza, sob a invocação ao São Francisco Xavier, e mais tarde, houve várias propostas de obra pelo engenheiro Jacques Funck. Com a Revolta da Armada (1893-1894), a Fortaleza foi danificada, sendo entregue ao Ministério da Guerra e devolvida ao Ministério da Marinha. Após os reparos, o Corpo de Marinheiros Nacionais ficou aquartelado até a determinação do Ministro da Marinha,

Almirante Protógenes Guimarães, de construir as novas instalações da Escola Naval, sobre as muralhas da Fortaleza. A Escola foi inaugurada em 1938.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 327.

AHU_CARTm_017, D. 1109/1109A

320 FORTE BARÃO DO RIO BRANCO. Fortificação. ca. 1767

Planta e vestigens do Forte de Sant Antonio, praia de fora. – Escala indeterminável. – [ca.1767]. – 1 planta ms. : color., desenho a bico de pena ; 35,3 x 51,2cm em folha 37 x 53,5cm.

Estão assinalados: *Ponta da Tubaiva, caza da polvora, ponta do arpiador.*
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Escala gráfica de 1400? [=20,7cm].
Marca d'água: C&I HONIG.
Aquarelada nas cores verde, rosa, cinza e marrom.
Ver ofício do Vice-Rei, Conde da Cunha, datado do Rio de Janeiro, 1767, Outubro, 30; AHU_ACL_CU_017, Cx. 82, D.7.355.

A Bateria de Santo Antônio da Praia de Fora foi incorpoada ao Forte Barão do Rio Branco, em 1938. Essa fortificação está situada na Praia do Rio Branco, antiga Praia de Fora, em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 346.

AHU_CARTm_017, D. 1110

321 BATERIA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse, sur la presqu'isle de Boa Viagem située a l'est dans la baye – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37,3 x 23,4cm – Nº 6.

Escala gráfica de 50 braças [= 6,2 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a nanquim e bico de pena.
Aguada nas cores preta , azul, laranja , amarela, aquarelada de vermelho preto e cinza.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

A Bateria de Nossa Senhora da Boa Viagem também chamada de Forte da Boa Viagem ou Fortim da Boa Viagem, localiza-se na Ilha do mesmo nome, em Niterói. Essa ilha também abriga a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, cuja construção remonta ao período colonial do Brasil. Atualmente a Bateria encontra-se em ruínas, oculta pela vegetação, ao contrário da Igreja, que ainda permanece.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 334.

AHU_CARTm_017, D. 1117

322 CASA DE PÓLVORA. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan du Magazin General de Poudre situè dans la Baye, au nord de la ville sur l'Isle de Sa Barbara. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 37,7 x 23,5cm – [Nº.13].

Escala gráfica de 50 braças [= 6,2cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Aguada nas cores preta , azul e vermelha.

Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao ofício de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 341.

AHU_CARTm_017, D. 1124

323 FORTALEZA DA CONCEIÇÃO. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse de Conceição situèe sur une hauteur au nord dans la ville. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 37,7 x 23,7cm – Nº. 11.

Escala gráfica de 50 braças [= 6,2 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Aguada nas cores preta , laranja , azul e vermelha.
Marca d'água: D & C BLAUW
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

A Fortaleza da Conceição se localiza no morro do mesmo nome, que pertence ao Bairro da Saúde, centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente funciona o Museu Cartográfico do Serviço Geográfico do Exército.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 339.

AHU_CARTm_017, D. 1122

324 FORTALEZA DA ILHA DAS COBRAS. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse sur l'Isle de Cobras situèe au west du grand passage dans la baye. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 37,1 x 68,3cm – Nº. 9.

Abrange as Ilha das Cobras, parte do Arsenal de Marinha e a Ilha dos Ratos.
Escala gráfica de 50 braças [= 6,2 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Aguada nas cores preta, azul, laranja e vermelha.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51.
No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

Atualmente, a fortificação pertence ao Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 337.

AHU_CARTm_017, D. 1120

325 FORTALEZA DE SANTA CRUZ DA BARRA. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse de S.ª Cruz, située sur la langue de terren a l'est, au bord de l'entrée du port. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : desenho a tinta, color. ; 37,6 x 47,1cm – Nº. 1.

Escala gráfica de 50 braças [=6,2cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Relevo representado em sombreado.
Desenho a nanquim e bico de pena.
Aguada nas cores preta e aquarelada de vermelho e cinza.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

A Fortaleza de Santa Cruz da Barra localiza-se na entrada da Baía de Guanabara, no Bairro de Jurujuba, na cidade de Niterói.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 329.

AHU_CARTm_017, D. 1112

326 FORTALEZA DE SÃO FRANCISCO XAVIER DA ILHA DE VILLEGAGNON. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse, sur l'Isle de Villagalhão situèe au west du grand passage dans la baye. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37 x 22,7cm – Nº. 8

Escala gráfica de 50 braças [= 6,2 cm].

Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a nanquim e bico de pena.
Aguada nas cores preta, azul, aquarelada de vermelho e preto.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

A Ilha de Villegagnon era chamada anteriormente de Ilha de Serigipe. Nela foi erigido o Forte Coligny, na época do domínio francês, sob o comando de Nicolau Durand de Villegagnon, em 1555. Foi o núcleo do estabelecimento colonial francês, conhecido como a França Antártica (1555-1560). Em 1567, os franceses foram expulsos pelos portugueses. A estrutura da Fortaleza foi reformada em 1695, no governo de Sebastião de Castro Caldas. Em 1711, houve outra invasão do corsário francês René Du Guay-Trouin, na cidade do Rio de Janeiro, arrasando a fortaleza. Essa foi recuperada em 1730. No governo de Gomes Freire de Andrade, em 1761, foi construída uma nova fortaleza, sob a invocação ao São Francisco Xavier, e mais tarde, houve várias propostas de obra pelo engenheiro Jacques Funck. Com a Revolta da Armada (1893-1894), a Fortaleza foi danificada, sendo entregue ao Ministério da Guerra e devolvida ao Ministério da Marinha. Após os reparos, o Corpo de Marinheiros Nacionais ficou aquartelado até a determinação do Ministro da Marinha, Almirante Protógenes Guimarães, de construir as novas instalações da Escola Naval, sobre as muralhas da Fortaleza. A Escola foi inaugurada em 1938.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 336.

AHU_CARTm_017, D. 1119

327 FORTALEZA DE SÃO JOÃO. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan des fortifications sur la presqu'isla de S. João située a west, au bord de l'entrée du port. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37,7 x 70cm – Nº. 2.

Escala gráfica de 60 braças [= 7,5 cm].
Estão assinalados: *entrada* [da fortaleza], *Praya de São João, B. de São Theodozio, B. de São Jozé.*
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Relevo representado em sombreado.
Desenho a nanquim e bico de pena.
Aguada nas cor preta, azul, laranja, aquarelada de vermelho preto e cinza.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51.
No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

Conhecida também como Fortaleza de São João da Barra ou Forte São João, localiza-se no lado leste da Baía de Guanabara, no Bairro da Urca. É constituída dos Redutos de São Diogo, São José, São Martinho e São Teodósio.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 330.

AHU_CARTm_017, D. 1113

328 FORTALEZA DE SÃO JOÃO. Fortificação. ca. 1768

Plano da Fortaleza de São João. – Escala [ca. 1:1.800]. – [ca.1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 43 x 61,3cm em folha 52,3 x 70,7cm.

Estão assinalados no mapa: *Pão de Asucar, praia grande de fora da barra, barra.*

Na *Explicação da Praça*, estão assinalados: *capela, e por baixo dela o portão; quarteis; caza da polvora; baluarte do porto; baluarte de Santa Luzia; porta da Praça; caza dos mossios do escale; cesterna.*
Na *Explicação dos Fortes da Barra*, estão assinalados: *forte de São Theodozio; quarteis; caza da polvora; pao da bamdeira; Forte de São João.*

Escala gráfica de 60 braças [=7,5cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores vermelha, verde, marrom e laranja.
Anexo a AHU_ACL_CU_017, Cx.80, D.7190.

O Forte São João ou Fortaleza de São João da Barra, localiza-se ao lado leste da Baía de Guanabara, no Bairro da Urca. A Fortaleza é constituída dos Redutos de São Diogo, São José, São Martinho e São Teodósio.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 345.

AHU_CARTm_017, D. 1128

329 FORTALEZA DE SÃO SEBASTIÃO DO CASTELO. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse de S. Sebastião situèe sur une hauteur au sud dans la ville. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 37,1 x 23,3cm – Nº. 10

Escala gráfica de 50 braças [= 6,3 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Aguada nas cores preta , laranja , azul e vermelha.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51.
No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

A Fortaleza de São Sebastião do Castelo localizava-se no Morro do Castelo. Essa fortificação foi destruída, em 1922, com a obra desmonte do Morro do Castelo, na prefeitura de Carlos Sampaio.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 338.

AHU_CARTm_017, D. 1121

330 FORTALEZA DO CALABOUÇO. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse de Calhabuço situèe au sud dans la ville sur un promontoire. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 37,2 x 23,1cm – Nº. 12.

Estão assinalados: *Cavalherise*; *Trem*; *Quartéis*.
Escala gráfica de 50 braças [= 6,2cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Aguada nas cores preta , cinza, laranja , azul e vermelha.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

O Forte de Santiago, originou-se da Bateria de Santiago, mandada ser construída na ponta de Santiago, em 1567, no governo de Mem de Sá. Em 1603, a Bateria foi ampliada tornando-se Forte de Santiago, que visava proteger a cidade do Rio de Janeiro. Em 1693, o Forte veio a servir também como Calabouço, prisão destinada a escravos faltosos, quando a região passou a ser conhecida como Ponta do Calabouço. Em 1762, o Conde de Bobadela mandou erigir a Casa do Trem, ao lado do Forte de Santiago. Essa destinava à guarda dos armamentos (trem de artilharia) das novas tropas enviadas de Portugal para reforçar a defesa da cidade. Com a elevação da cidade do Rio de janeiro à capital do Estado do Brasil,

foi construído o Arsenal de Guerra, em 1764, junto à Casa do Trem. O Arsenal de Guerra tinha como função de reparo de armas e fabricação de munições. No início do século XX, o Arsenal foi transferido para a Ponta do Caju. Na década de 20 a Ponta do Calabouço foi aterrada para acolher a "Exposição Internacional de 1922". Por determinação do Presidente Epitácio Pessoa, o Pavilhão abrigou, em duas de suas salas, que gerou o núcleo inicial do Museu Histórico Nacional. Com o encerramento da Exposição, o Museu veio ocupando progressivamente toda a área.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 340

AHU_CARTm_017, D. 1123

331 FORTE BARÃO DO RIO BRANCO. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la fortification, commencèe sur la praya de Fora situèe a lest hors la baye. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37,5 x 47cm – Nº. 5

Estão assinalados: *Praya de fora, Vargem, Portinho*.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Escala gráfica de 50 braças [= 6,2 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a nanquim e bico de pena .
Aguada nas cores preta , azul, marrom, aquarelada de vermelho preto e cinza.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. Funk*.
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

A Bateria de Santo Antônio da Praia de Fora foi incorpoada ao Forte Barão

do Rio Branco, em 1938. Essa fortificação está situada na Praia do Rio Branco, antiga Praia de Fora, em Niterói.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 333.

AHU_CARTm_017, D. 1116

332 FORTE DA PRAIA VERMELHA. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la Forteresse de Praya Vermelha, situèe au West hors la Baye. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37,5 x 46,9cm – Nº. 4.

Estão assinalados: *Morro da Urca, Praya Vermelha, Serra do Leme, Praya do Suzano*
Escala gráfica de 50 braças [= 6,2 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a nanquim e bico de pena .
Aguada nas cores preta , azul, laranja, aquarelada de vermelho preto e cinza.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. Funk*.
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

Atualmente a área entorno do forte está ocupada pelas seguintes instituições: Escola do Comando e Estado Maior do Exército, Escola Técnica do Exército e Monumento aos Heróis da Retirada da Laguna. Na década de 1980, o Exército Brasileiro abriu ao público a Pista Cláudio Coutinho, para caminhadas ecológicas. Da antiga fortificação restam os baluartes, situados nas extremidades da Praia, com guaritas recobertas por cúpulas.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 332.

AHU_CARTm_017, D. 1115

333 FORTE DE SÃO DOMINGOS DE GRAGOATÁ. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse de Gravatá situee sur un promontoire a l'est dans la baye. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37,6 x 23,2cm – Nº. 7.

Escala gráfica de 50 braças [= 6,2 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Vegetação representada em forma pictórica.
Desenho a nanquim e bico de pena.
Aguada nas cores preta , azul, laranja , aquarelada de vermelho e preto.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51.
No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.

Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

Atualmente se chama Forte de São Domingos do Gragoatá, teve outras denominações como Bateria de São Domingos, Forte de Gragoatá, São Domingos, Gravatá, Caraguatá ou Caracuatá. Localiza-se no Bairro de Gragoatá, em Niterói.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 335.

AHU_CARTm_017, D. 1118

334 FORTE TAMANDARÉ DA LAJE. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan de la forteresse de Lâgé, situé sur un rocher dans l'entrée du port. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37,5 x 23,2cm – Nº. 3

Escala gráfica de 50 braças [= 6,2cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Desenho a nanquim e bico de pena.
Aguada nas cores preta , azul, laranja, aquarelada de vermelho preto e cinza.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

O Forte da Laje, situado em frente à Barra da Baía de Guanabara, teve a sua construção iniciada por Villegagnon em 1555. Em 1584, Salvador Correia de Sá deu continuidade a obra, mas também foi interrompida. Em 1644, por iniciativa de D. Francisco Souto Maior, a obra prosseguiu. Nas três iniciativas, as obras foram sempre interrompidas. Somente em 1770, com o Marquês do Lavradio, a obra foi concluída. Por Decreto nº 34.152 de 12 de outubro de 1953, passou a se chamar Forte Tamandaré, em homenagem do Exército à Marinha de Guerra. Em 1997, o forte foi desativado.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 331.

AHU_CARTm_017, D. 1114

335 GUANABARA, BAÍA DE. Mapa.1768

Funck, Jacques.
Plan de Ryo de Janeyro avec ses forteresses et une partie de la baye / Jacques Funk. – Escala [ca.1:25.000]. – 1768. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ; 38 x 70cm.

Mostra a Baía de Guanabara, abrangendo as cidades do Rio de Janeiro e Niterói.
Mostra a posição das fortificações na defesa da cidade, como também, o Aqueduto da Carioca, na cidade do Rio de Janeiro.

Na cidade do Rio de janeiro, indica alguns locais, que se seguem: *Caminho de Copacabana*; *Serras do Leme*, com algumas edificações; Praia do Leme, com algumas edificações; *Ilha Corumdaba*; *Forte da Praya Vermelha Pão de Asucar*; *Bateria de São Jozé*; *Bateria de São Theodozio*; Forte da Lage ; *Forte de São João*; *Morro da Urca*; *Praya do Suzano*; *Caminho da Alagoa*; *Praya de Botafogo*; *Gavea*; *Rio Catete*; *Vigario Geral*; *Praya do Flamengo*; *Nossa Senhora da Glória*; *Praya de Nossa Senhora da Glória; Desterro* ; *Caminho de Mata Cavallos* (atual Rua Riachuelo); *Alagoa de Sentinela*; *Caminho de Mata Porcos* (atual rua Frei Caneca) ; *Caminho de Minnas*; *Barbadinhos*; *Santo Antonio*; *Luzia*; *Forte de Vilagalhão* [Villegagnon]; *Forte de São SebastiãoForte do Calhabouço*; *Santa Anna*; *Campo de São Domingos*; *São Bento*; *Forte da Ilha das Cobras*; *Ilha dos Ratos*; *Forte da Conceição*; *Val Longuinho*; *Nossa Senhora do Livramento*; *Val Longo*; *Nossa Senhora daSaude*; *Ilha de Santa Barbor* ; *Ilha do Pombeba*; *Cortume*; *Ilha dos Meloens*; *Capella de Santa Thereza*; *Saco de São Diogo*; *São Diogo*; Rio *Catete*; *Bicca*; *Rio da Ponte de Pedra*; *Callado Abade*; *Teles*; *Rio de São Christovão*; *Quinta de São Christovão*; *São Christovão*.

Na cidade de Niterói estão assinalados: *Lagoa de Pertininga* [Piratininga]; *Ponta do Pão Torto*; *Praya do Imboy*; [Caminho entre as Praias do Imbuí e *o Sambaguaya*, atual Charitas] ; *Forte* da *Praya de Fora*; *Forte de Santa Cruz*; *Prainha de Dentro*; *Prainha de Fora*; *Ponta, e Marco da Jurujuba*; *Portinho*, com algumas edificações; *Ponta do Gagé*; *Vargem*, com algumas edificações; *Ponta do Piso*; *Praya do Sambaguaya*, com algumas edificações; *Morro do Cortume* ; *Morro da Ricca*; *Capella da Nossa Senhora da Assumção*; *Praya do Arão*, com algumas edificações; *Malheiros*; *Praya Xaritas*; *Antonio Ferreyra*; *Capella do São Francisco Xavier*; *Rio Tabuaba*; *Rio de Santo Antonio*; *Ponta, e Morro do Cavalão*; *Rio do Caray*; *Praya do Caray*; *Praya da Frexas*; *Nossa Senhora da Boa Viagem*; *Forte da Boa Viagem*; *Praya Rasa*; *Forte de Cravatá* [Gragoatá]; *Capela e Praya de São Domingos*.

Escala gráfica de 1000 braças [=10,3cm].
Contém batimetria.

Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Desenho a nanquim e bico de pena sobre 2 folhas coladas.
Aguada nas cores azul, laranja, vermelha e cinza.
Cartucho de título ilustrado, com um carro de pedra, sendo puxado por 10 homens, e no meio do carro, 2 homens trabalhando na lapidação.
O cartucho de escala decorado com um tridente e uma fita amarrada, contendo a a escala gráfica em braças. O tridente está lançado nas nuvens.
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.
Ver AHU_CARTm_017, D.1112 a D.1126.

Outra cópia na Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Brasil.

Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 328.

AHU_CARTm_017, D. 1111

336 PERFIL DOS MORROS DE SÃO DIOGO E SANTA TERESA. Perfil de mapa. 1768

Funck, Jacques.
Profil au travers des hauteurs de S. Diogo et S.ª Thereza et du bas terrein, au front de la ville pris pas les lettres, A,B,C, avec une faciade des ouvrages proposès, entre ces des hauteurs : profil qui coupe au long la hauteur de S. Diogo par les lettres D, E, F, G, H : profil qui coupe au long la hauteur de S.ª Thereze par les lettres les lettres, I,K, L,M,N : profil qui coupe le terrain entre les cimes des hautters de S.º Antonio, et de Pedro Dias, par les lettres, O, P :. – Escala [ca. 1:1.800]. – 1768. – 4 perfis de mapa ms. : color. , desenho a nanquim ; 37,9 x 141,5cm – [Nº. 16].

Escala gráfica de 100 braças [=12,4cm].
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le*

Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Aquarelados nas cores laranja, azul, cinza e preta.
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 344.

AHU_CARTm_017, D. 1127

337 REDUTO DO MORRO DE SANTA TERESA. Fortificação. 1768

Funck, Jacques.
Plan des fortifications proposèes sur la hauteur de S.ª Thereze. – Escala – [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37,9 x 70,95cm – [Nº. 15].

Indica o convento de Santa Teresa e o Aqueduto da Carioca.
Escala gráfica de 100 braças [= 12,3cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Desenho a nanquim e a aquarela sobre 2 folhas coladas.
Aquarelada nas cores preta , amarela, laranaja, azul e vermelha.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768,* encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

O Reduto de Santa Teresa foi um projeto do engenheiro Jacques Funck no alto do morro, do mesmo nome, para complementar a defesa por terrra.

Porém, este projeto não chegou a ser executado.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 343.

AHU_CARTm_017, D. 1126

338 REDUTO DO MORRO DE SÃO DIOGO. Fortificação. 1768
Funck, Jacques.
Plan des fortifications proposèes sur la hauteur de S. Diogo. – Escala [ca. 1:2.000]. – [1768]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 37,3 x 70,9cm – Nº. 14.

Escala gráfica de 100 braças [= 12,3cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em sombreado.
Desenho a nanquim e a aquarela sobre 2 folhas coladas.
Aquarelada nas cores preta , amarela, laranaja, azul e vermelha.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Faz parte do códice *Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, avec la situation et leur Etat present. Rio de Janeiro le 7 d'octobre de 1768.*, encadernando (Enc.XXIII), constituído de [16] plantas e [38] folhas manuscritas, numeradas a lápis de 1 a 27 e de 41 a 51. No verso da f. 55, paginada a lápis, aparece a inscrição a tinta *Nº 28 Rio de Janeiro 7 de Dezembro de 1769, Dolngenh. FunK.*
Anexo ao OFÍCIO de 1768, Maio, 1 , AHU_ACL_CU_017, Cx. 85, D. 7499.
Ver também AHU_ACL_CU_017, Cx. 84, D.7496, D. 7452; AHU_ACL_CU_017, Cx. 83, D.7387.

O Morro de São Diogo, atual Morro do Livramento, foi ocupado e fortificado pelo corsário francês René Duguay-Trouin, em 1711. Assim, o engenheiro Jacques Funck projetou o Reduto do Morro de São Diogo para este local. Porém, este projeto não chegou a ser executado.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 342.

AHU_CARTm_017, D. 1125

339 RIO DE JANEIRO (RJ). Mapa. ca. 1770

Roscio, João Francisco.
Planta da cidade do Ryo de Janeyro, capital dos Estados do Brazil : e projecto com que pode ser fortificada. – Escala [ca.1:10.700]. – [ca. 1770]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 38,9 x 47,9cm.

Abrange desde o rio Carioca, no bairro do Flamengo, até a *Bicca do Marinheiro* no *Saco de São Diogo* (atualmente aterrado, dando origem ao Estácio e às futuras Avenidas Brasil, Francisco Bicalho e Rodrigues Alves). Mostra a cidade fortificada com baluartes, por terra, no litoral e na baía de Guanabara com fortalezas.

Estão assinalados : *Rio Cattette, Caminho da Praya Vermelha, Morros da Pedreira,* , Igreja de *N*ossa *S*enhora *da Gloria, Aqueduto da Carioca , Rio Catumbi, Caminho de Catumbi, Recolhim*ento *do Desterro,* Igreja de *N*ossa *S*enhora *da Lapa, Arcos da Carioca, Boqueirão, Convento da Ajuda, Barbadinhos, Morro e Convento de S*anto *Antônio, Caminho de Matta Cavallos,* Igreja de *S*an*ta Luzia, Ospital, Caste*lo *de S*ão *Sebastião, Fortaleza de Villagalhão, Calhabouco, I*lha *dos Rattos, Fortalleza da Ilha das Cobras, Prainha, Trapixe da Sella, Caste*lo *da Conceição, Val longuinho, Val longo, Campo de S*ão *Domingos, Campo de S*anta *Anna, Morro de Pedro Dias, Alagoa da Sentinella,Caminho de Mata Porcos, Barro Vermelho, Mata Porcos, Bicca do Marinheiro, Sacco de S*ão *Diogo,Bica do Marinheiro, S*ão *Diogo, Sacco d e São Diogo, S*an*ta Thereza, Morro de Paullo Caeiro, Cortume,* Igreja de *N*ossa *S*enhora *do Livrameno, Caminho da Gamboa, Praia da Gamboa,* , Igreja de *N*ossa *S*enhora *da Saúde Trapi*che *do Leite, I*lha *dos Mell*ões, *I*lha *dos Caens.*

Escala gráfica de 400 brassas [=8,2cm].
Inclui batimetria e hachuras.
Contém rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada nas cores vermelha, verde, laranja,cinza e preta.
Folha anexa com os desenhos *Plano de huia tenalha de novo projecto* e *Prefil tomado de A a B do Plano.* AHU_CARTm_017, D. 1130.
Anexo ao doc. AHU_ACL_CU_017, Cx.88, D.7760.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx.88, D.7761.
Descrita em Catálogo Castro e Almeida Nº do catálogo:314.
Marca d'água: D&CBLAUW.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 314.

AHU_CARTm_017, D. 1129

340 TENALHA. Fortificação. ca. 1770

Plano de hua tenalha de novo projecto : Prefil tomado sobre a linha AB do Plano– Escala [ca.1:700], Escalas [ca. 1:1700] e [ca.1:170]. – [ca. 1770]. – 2 desenhos técnicos : nanquim, color. ; 29,9 x 45,7cm em folha 33,9 x 49,3cm.

Escala gráfica de 100 braças para o plano e 100 palmos para o perfil [=13,2cm].
Aquarelada nas cores verde, amarela, vermelha, cinza e preta.
Anexo à Planta da cidade do Ryo de Janeiro, capital dos Estados do Brazil, de autoria de João Francisco Roscio, D. 1129, item 339.
Ver AHU_ACL_CU_017, Cx.88, D.7760, D.7761.
Marca d'água: flor de lis e algarismo romano VI.

AHU_CARTm_017, D. 1130

341 ANGRA DOS REIS. Mapa. 1788

[Planta da Vila de Nossa Senhora da Conceição da Ilha Grande] . – [1788]. – 1 planta ms. : color., desenho a aquarela ; 33,5 x 43,5cm.

Estão assinalados: *São Bento, Barra do Rio, Nossa Senhora da Lapa, Camera; Matris, São Bernardino, , Convento Velho, Cuzeiro de Bernardino, Santa Luzia.*

Ilustrada com embarcações.
Aquarelada nas cores verde, azul e cinza.
Marca d'água: J. HONIG & ZOONEN.
Anexo AHU_ACL_CU_005,Cx.190, D.13943.

Atualmente esta cidade se chama Angra dos Reis.
Angra dos Reis foi uma das primeiras povoações após a descoberta do Brasil. Alguns autores atribuem a baía de Angra dos Reis ter sido descoberta no dia 6 de janeiro de 1502 por André Gonçalves, outros concedem a Martim Afonso de Sousa, no mesmo dia e mês, no ano de 1532. O nome da baía Angra dos Reis foi dado em alusão religiosa ao dia de Reis. Após o seus descobrimento, os primeiro colonos se dirigiram entre 1556 e 1559. Em 1593, a povoação foi reconhecida freguesia e elevou-se a categoria de vila em 1608, com o nome de Vila dos Reis Magos. Mais tarde, passou a se chamar Nossa Senhora da Conceição da Ilha Grande. Em 1835, foi elevada à condição de cidade com o nome de Angra dos Reis.

AHU_CARTm_017, D. 1036

342 TERRENO. Mapa. ca. 1796

Demonstração do terreno emmediato aos Armazens do Sal, ao norte do Monte de S. Bento. – Escala [ca. 1:950. – [ca.1796]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 20,2 x 31,3cm.

Abrange a Rua da Prainha, atual Rua do Acre, e o Morro de São Bento.

Estão assinalados: *Monte de São Bento, coxeira da Religião, ladeira dos carros, e carruagens da Religião de São Bento,portão, armazens do sal, trapixe, terreno do Capitam João Teixeira Malheiros, terreno do Sardinha, Terreno de Manuel da Assunção, armazem do azeite de peixe, Prainha, Rua da Prainha, rua nova de São Bento*, portão, arco.

Escala gráfica de 600 palmos [=14,3cm].
Aquarelada nas cores vermelho, azul, marrom, preto e cinza.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_017, Cx. 157, D. 11838.

A Rua da Prainha era lugar de embarque da cidade, o que corresponde, hoje, a Praça Mauá.

AHU_CARTm_017, D. 1299

343 TERRENOS E CASAS. Mapa. ca. 1796

[Planta dos terrenos e casas da juntos à ladeira de São Bento]. – Escala [ca.1:300]. – [ca.1796]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim preto e vermelho; 32,2 x 52, 4 cm em folha 33,9 x 54,3cm.

Na parte inferior do mapa, contém uma vista dos alçados das casas e armazéns.
Estão assinalados: *cazas, quintal, armazens, corredor, ponte de madeira, ladeira de São Bento, cazas da Junta do Comissario, que foi. Todas estas cazas são de pao a pique, e estão aróinadinimas, cerca de São Bento, preamar, baixamar.*

Escala gráfica de 200 palmos [=16,1cm].
Aquarelada nas cores vermelha, verde, cinza e preta.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Marca d'água: PS.
Anexo ao AHU_ACL_CU_017, Cx.157, D. 11.838.

AHU_CARTm_017, D. 1137

344 FREGUESIA DE SÃO JOÃO MARCOS. Mapa. ca. 1801

[Mapa da freguesia de São João Marcos com indicação dos seus limites]. – Escala [ca. 1:450.000]. – [ca.1801]. – 1 mapa ms.: color. , desenho a tinta ; 44,5 x 34,5cm.

Mostra o curso do Rio Paraíba e a Estrada Real, com a indicação da Freguesia de São João Marcos.
As altitudes entorno da freguesia estão representadas em forma pictórica.

Estão assinalados: *Rio Paraîba, Capela de Santa Anna, Rio Pirahy, este rio divide as duas freguesias, Estrada Real para a Vila, Ribeirão das Lages, São João Marcos, Rio da Barra Mansa, Caminho para a Vila pela picada, caminho novo de São Paulo, Rio do Bananal, Rio dos Barreiros, Vila de Rezende, Aldeya de São Luis , Freguesia das Arêas da Capitania de São Paulo, Fortaleza, Rio Negro, Divisão de Minas com o Rio de Janeiro.*
Escala gráfica de 10 léguas de ora de caminho [=13,3cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Aguada nas cores cinza e preto.
Anexo do doc. de 1801, Novembro, 3: AHU_ACL_CU_017, Cx. 196, D. 13959.

A cidade localizava-se no território de Rio Claro, município da região do Médio Paraíba, interior do Estado do Rio de Janeiro.
Esta região foi descoberta pelo bandeirante Simão da Cunha Gago, na distância de 10 léguas da atual cidade de Resende. O colono português, João Machado Pereira iniciou a construção de sua fazenda em 1737, justamente no ponto onde o Rio Cachoeira formava uma queda, que seria o território da futura cidade São João Marcos. Em 1755, se tornou freguesia, e em 1811, foi elevada a vila com o nome de São João do Príncipe, em homenagem ao Príncipe Regente Dom João VI. Em1890, foi elevada a cidade, voltando a se chamar São João Marcos. Pelo decreto 635 de 14/12/38, a cidade foi anexada ao Município de Rio Claro. Em 1941, São João Marcos foi inundada para a ampliação da usina hidroelétrica Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Co. Ltd, que abastecia energia à capital federal.

AHU_CARTm_017, D. 1146

345 PRAIA DOS MINEIROS. Mapa. ca. 1803

[Planta do terreno na Praia dos Mineiros]. – [ca.1803]. – 1 planta ms. : col. ,

desenho a nanquim ; 42 x 32,2 cm em folha 43,2 x 33,5cm.

Mostra a Praia dos Mineiros, a atual rua Visconde de Itaboraí, e o Cais dos Mineiros, hoje 1º Distrito Naval, localizados entre o sopé do morro de São Bento e a atual praça XV de Novembro, quase em frente a atual Igreja da Candelária, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Está, também, situada nessa área a Casa França Brasil.

Estão assinalados: *Rua das Violas a sair a praya, Estancia D. Manuel Joze Marques Dias Guimarães, estancia 2, cais dos mineiro, praya, Rua da Praya, passages, Barraca n. 1 Da. n. 1* a *setembro.*

Aguada nas cores vermelho e verde.
Contém um traçado incompleto, na parte inferior, que deveria indicar a escala gráfica.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Anexo ao Doc. 41,cx.210 AHU_ACL_CU_017,Cx.215, D.14.874.

AHU_CARTm_017, D. 1301

346 DIQUE. Iconografia. 1810

Campbell, Donald.
[Planta de um dique] . – 1810. – 1 desenho técnico : nanquim ; 22,8 x 15,2cm em folha 33,2 x 24,6cm.

Aguada na cor cinza.

Contém legenda em folha anexa, onde está escrito: *Descripção do primeiro modelo. Quando falei no modelo do dique tinha toda a esperança de acaba-lo e remete-lo por esta via: porem vendo que era impos-sivel sou obrigado a substituir apressada-mente huma planta do mesmo, que podeservir de dar alguma idea, em quanto não chegar a Nau Primeira da Beira, pe-la qual vai o verdadeiro modelo, que está proporcionado ahuma polegada por vinte pés, e contudo em huma peça solida de madeira como bem se podia cortar na ro-xa de porto brandamente. A, ou o nº 1 he o dique maximo, e o pri-meiro, em que o navio deve entrar, e he a unica obra feita por baixo d'agoa : este dique pode ser, pouco mais ou menos, como o que se acha em Lisboa, podendo dar-se-lhe ao seu fundo aquella configuração, que se achar mais conveniente para limpa-lo de alguma area, ou lodo que possa entrar, pois nunca ha tenção de esgota-lo d'agoa. O fundo deste dique deve ser vinte pés baixo do nivel d'agoa em prai-mar. B, ou nº 2 he hum dique capás de huma Nau de tres pontes, e o seu fundo he ao nivel d'agoa em praiamar. C, ou o*

nº 3 tem as mesmas propriedades porem he para huma Nau de duas pontes. D, ou nº 4 he hum dique com as mesmas propriedades, porem he para huma fragata. E, he hum espaço entre os diques, e os tanques no mesmo nivel dos fundos dos tanques quarenta pés elevada do fundo do dique maximo, e vinte pés elevado do fundo dos outros diques, e rezervado para o trabalho. F, são os tanques, em que está depozitada a agoa para encher os diques: estes tanques, ainda que alguns podem supor inconvenientes elevados vinte pés por sima do chão no centro de hum Arsenal, a experiencia mostra que esta mesma elevação necessaria para o seu principal fim, qual he o de encher os diques podem sevir [...] *de muita utilidade, pois esta mesma elevação admite o dessarmar-se os conductos para todos os armazens, pelo que se pode extinguir com a maior facilidade, e pela simples operação de virar huma torneira qualquer incendio, que por cazualidade, ou por malicia se possa atear no mesmo Arsenal, vantage esta da ultima ponderação. G he a porta maxima, e fas angulo por dentro. H, são as portas dos diques inferiores, e fazem angulo por fora. o navio tendo entrado no dique A feichase a porta G, e abrindo a porta H pertencente aquelle aque está destinado, e fechando as outras duas, virão-se duas torneiras situadas em E primeiro:sahe então a agoa dos tanques enchendo o dique A, e tãobemo dique, cuja porta esta aberta e levando o navio em proporção que a agoa entra até que esteja em altura de entrar no dique inferior, e então se feichão as tormeoras F primeiro. Se for no dique segundo não tem mais que andar como o navio para diante. Se for nos diques ou de huma, ou de outra parte, o espaço cortado como mostra I dá lugar de ageita-lo para entrar no seu respectivo dique. Estando o navio em seu lugar abrem-se os postigos na porta G, a agoa sahe, e reduzindo a agoa de dentro ao nivel da de fpra pde, anror-se as portas G ficando então o dique, em que está a Nau com incrivel brevidade, e athe o mesmo dique A pronto para servir a caldeira podendo meter nelle embarcaçoens carregadas de madeira para serviço do Arsenal. NB. As descripçoens do guindaste, e do ventilador espero remete-las pela Nau Princeza da Beira juntas com todos os modelos.*

Anexo ao ofício de Donald Campbell para o Secretário de Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho de 10 de Fev. de 1810: AHU_ACL_CU_017, Cx. 189, D. 13662.

AHU_CARTm_017, D. 1147

CAPITANIA DE SÃO PAULO

REVISÃO FEITA PELO PROF. DR. JORGE CINTRA, PROFESSOR DE CARTOGRAFIA DIGITAL E HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA DA ESCOLA POLITÉCNICA DA USP, COM ACRÉSCIMO DE ANOTAÇÕES.

347 PARANAGUÁ, BAÍA DE. Mapa. ca. 1653

[Carta da Baía de Paranaguá] – [ca.1653]. – 1 carta ms: color., desenho a tinta ferrogálica ; 42,5 x 30,9cm.

Traz a indicação das minas e pela primeira vez as Vilas de Paranaguá e Curitiba (ADONIAS, 1966,Ref.653).
Ilustrada com casarios, pessoas, animais selvagens, embarcações, cruzeiro e um sol. Aparecem também pelourinhos, indicativo do poder municipal das vilas.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Cartucho da legenda composto por uma facha decorativa com motivos geométricos iluminados.
Aquarelada nas cores vermelha, verde, dourada, marrom,azul e preta.
Na entrada da Baía está escrito: *Praya do Norte, Praya do sul.*
Primeira povoação (em uma ilha) refere-se ao local onde se estabeleceu a primeira povoação na baia
A cidade de Pernagua (Paranaguá) aparece desenhada em perspectiva.
Sem nome aparece também Antonina.
Danificado em alguns pontos.
Nessa legenda estão indicadas diversas localidades com letras (A,B,C) que se repetem no mapa para assinalar as diversas localidades: *Ilha do Mel;pedra no meyo da barra; Barra de Soporagui; Ilha das Pessa* [Peças]*; Varadouro; Ilha das Cobras; Ilha das Gamelas; ilha donde se crião os guarases; aues*[aves] *uermelhas, Barra de Ubupetuba; Ilha Rasa; Primeira Pouoação*[numa ilha]*, a cidade do Pernagua, ilha de Ibirarema, Ilha de guarapirocaba, Casa donde comesão as minas, camino de quereitiba* [Curitiba]*; tromba da serrra de guararabi, campos de queyretiba; pouoaçcão noua* [Curitiba]*; recifes na barra de Soporagui*.
Descrição em Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-1, Cx.10, D.1841.
Anexo ao documento descrito em Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-1,, Cx.10, D.1839.
Anexa nº 1836/1842 Castro e Almeida Rio de janeiro – 1841.

A Mapoteca do Itamaraty possui uma cópia posterior (ADONIAS, 1993, p. 209).

AHU_CARTm_023, D. 1182

348 IGREJA MATRIZ. Iconografia. 17--

Planta da Igreja Matriz de Sam Paulo. – Escala [ca. 1:100] – [17--]. – 1 desenho técnico : lápis ; 82,4 x 95,4cm.

Título no verso.
Elaborado anterior a 1729.
Mostra a planta da Igreja e dos terrenos e casas adjacentes, pertencentes à Cúria.
Este desenho se assemelha com o da cota AHU_CARTm_023, D. 1194, embora seja mais simples.
Outras plantas arquitetônicas da igreja matriz se encontram em AHU_CARTm_023, D. 1189/1194 (ref. 407).
Estão assinalados: *o corpo da igreja, as paredes são de taipa, lugar para as capellas; vãos que se acharão no meyo das paredes; terreno que pretence a igreja para crucheiro, capellamor, sancrestia, cazas para cabido, e para a fabrica; beco que não tem serventia, e sendo necessario pode servir para a igreja; quintaes que se podem tomar para a igreja sendo necessario; cassas em que mora o ouvidor, quintal das cassas do ouvidor; quintal; cassas velhas, cassas terreas; quintaes.*
Desenhada sobre 6 folhas coladas.
Escala gráfica de 8 [palmos? = 1,9cm].
Marca d'água: C & I Honic.

O templo da Catedral Metropolitana de São Paulo foi construído e destruído três vezes no mesmo local. O primeiro teve uma construção em taipa de pilão (paredes feitas de barro e palha socados e estruturados), em 1591. Em 1745, a velha Sé, como era chamada, foi elevada a Catedral, após a cidade tornar-se sede de bispado. Assim, foi destruída e teve uma nova edificação no início do século XVIII. Com o alargamento da Praça da Sé, em 1911, foi demolida novamente, junto com a Igreja de São Pedro dos Clérigos (erguida em meados do século XVIII), por interesses de se obter uma igreja com uma arquitetura imponente para a cidade. Em 1913, foi construída a nova catedral.
Esta planta arquitetural, provavelmente, é um projeto para a edificação do século XVIII.

AHU_CARTm_023, D. 1209

349 RANCHOS. Iconografia. 17--

Planta e prospecto dos ranxos q. se ão dem fazer no caminho q. vai da cidade de S. Paulo pª. a villa de Santos. – Escala [ca. 1:125]. – [17--]. – 1

desenho técnico.: nanquim, color. ; 21,9 x 33,7cm.

Elaborado provavelmente na segunda metade do XVIII.
Escala gráfica de 80 palmos [=13,9cm].
Aquarelada nas cores vermelha, laranja e amarela
Na o interior da planta lê-se: *35 palmos em quadro / caza estevada ahonde se devem goardar os azucarez*
Há uma nota bene: *NB. Os ranchos, que vem das differentes estradas até essa cidade são semelhantes a estes só com a diferença de que cada caza tem trinta palmos em quadra.*
Marca d'água: Hessels & Vorster
Ver documento AHU_ACL_CU_023, Cx. 6, D. 356.

AHU_CARTm_023, D. 1212

350 SÃO PAULO, ESTADO. Mapa. ca.17--

Planta do novo descoberto de São João de Jacuhy. – Escala [ca. 1:1.000.000]. – [ca. 17--]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 61,9 x 39cm em folha 67,4 x 44,4cm.

Abrange parte dos atuais estados de São Paulo, Minas Gerais, e Rio de Janeiro. Na parte superior do mapa figura o Atlântico e na parte inferior o Rio Grande.
Elaborado na metade do século XVIII.

Escala gráfica de 20 léguas [=13,4cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em forma pictórica.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, cinza.

No litoral estão assinalados: *Ilha Grande, Vila da Ilha Grande, Vila de Paraty, iBarra de Cayruçu, Ponta Juatinga, Ilha das Coves, Ilha dos Porcos, Vila de Ubatuba, Ilha de Marvirado, Ilha da Vitoria, Ponta de Canavieiras, Ponta de Buzios, Ilha de São Sebastião, Povoação de São Sebastião, Ilha do Quitoque, Rio Mosucangu, Ilha de Sahy, Rio do Una, Rio Guaratuba, Rio Jaquare, Ilha das Alcatrazes, Enceada e ponta do Monte Paschoal, Forte da Bertioga, Bahia da Bertioga, Ilha da Moela, Lagem, Bahia Grande de Santos, Ponta de São Vicente, Vila, Convento de São Vicente, Ilha Queimada, Rio de Mangagua, Rio da Conceição, Vila de Nossa Senhora da Conceição, Convento, Rio e Ilha de Guarahy, Rio de Una.*

No interior estão assinalados*:*
– No vale do Paraíba: *Caeté ou Mato Gal., Rio Parahuba,O Funil, Marco da devizão, Serra da Mantiquira*
– No vale do Tietê: *Rio Tiete, Cidade de São Paulo, Rio Tamandoatey , Rio dos Pinheiros, Geragua, Rio Juquari, Rio do Jundiahy, Vila de Jundiahy, Aldea de Atibaya, Rio de Atibaya, Rio de Jaguariguasú, Rio Camanducaya, , Marco do Morro do Lopo que pos a Camará do Rio das Mortes, Aldea de Ouro fino.*
–Nos vales do Mogi-Guaçu e Pardo: Rio *de Mogy Guasu, Aldea de Mogy mini, Aldea de Mogy Guasu,* Rio *Urusanga,* Rio *Otupeba,* Rio *Jaguari merin, Rio Pardo,* Serra *Araraquará, Rio Sapucahy Merin, Estrada de Goyazes Aldea do Ouro Fino, Rio Sapucahy, Aldea de Santa Anna, Rio Sapucahy merin.*
- No vale do Sapucaí: *Rio Sapucahy, Rio Verde, Rio Baependy,* Rio *das Araras,* Rio *do Sero,* Rio *d'Ágoa Verde,* Rio *Sapucahy merin, Aldea de Santa Anna, Rio do Machado, Rio Cabo Verde, Aldea de descuberto de Cabo Verde,* Rio *Claro, Aldeia do Rio Claro,* Rio *do Espirito Santo, Aldea e Rio de Santa Quiteria, Rio Topixé, Serra do Dumba ou da Mantiqueira,Pays dos Quilombos.*
– Na região do Rio Grande: *Rio Grande Paraná,* Rio *da Conquista,* Rio *de São João do Jacuhy,* Rio *Mambuca,* Rio *da Mula,* Rio *Cravata,* Rio *do Saco, Rio Boavista,* Rio *da Carapuça,* Serra *Vuturubusu,* Rio *da Penha,* Rio *de São João,* Rio *de São Gregório,* Rio *de Santa Anna, Chapadam, Aldea de Santa Anna, Rio da Aréa,* Rio *de São Pedro,* Aldeia de Jacuí, Rio *dos Pinhaes,* Rio *de São João Pequeno, Aldeia de São João,* Rio *Fundo,* Rio *Descabelado.*

Ver descrição em Mendes Gouveia, Ver AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 28, D. 2618.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 374.

AHU_CARTm_023, D. 1211

351 ROTEIROS DE SÃO PAULO A MINAS E GOIÁS. Roteiro. ca. 1710

[Roteiro da cidade de São Paulo para as Minas Gerais]. – [ca.1710]. – 1 desenho : tinta ferrogálica ; 30,9 x 42cm.

Na margem superior à esquerda está escrito: *Copea do mapa do Nº 2º.*
Roteiro de São Paulo para Goiás e Minas Gerais.
Trata-se de um mero esquema de traços gerais em que umas poucas linhas representam a ligação entre cidades.
O roteiro *Caminho de Goyâz* parte de São Paulo e segue por *São João da*

Athibaya, Serra da Mantequeyra. Depois da Mantiqueira, uma variante segue pela *Serra de Santa Izabel* passa ao lado do *Morro do Lopo* e de *Mogyguaçû* e vai a *Ouro Fino,* à direita há o Rio Manduguaçû e o *Arrayal de Santa Ana.* Da linha da Serra da Mantiqueira sai o *Rio Sapocay,* nas proximidades do qual estão *São Gonçalo* e *Campanha.*
O roteiro da *estrada das Geraes* partindo de São Paulo, vai por *Mogy das Cruzes, Jacarahy, Thaubathe, Pindamunhangaba , Guaratimguitâ, Serra da Mantequeyra, Rio Verde, Serra Cachanbû*, e cruza a *estrada do Rio das Mortes.*
Nessas imediações situam-se *Bapindy Rio*, *Rio Grande.*
Marcas d'água: oval com trevo e dentro possui as letras PS /CA – jarra encimada com a letra M e coroa, abaixo uma cruz.
Outro título pelo qual é conhecido: Itinerários da cidade de São Paulo a Minas Gerais e Goiás.
Ver AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 1, D. 92.

AHU_CARTm_023, D. 1207

352 FORTALEZA DA PRAIA GRANDE. Fortificação. ca. 1712

[Planta da Fortaleza projetada na barra da Vila de Santos]. – Escala [ca. 1:2.300]. – [ca.1712]. – 1 planta ms.: color., desenho a bico de pena ; em folha 42,5 x 48,3 cm.

Esta fortificação projetada e desenhada no meio da ilha de Santos e São Vicente chama-se Fortaleza da Praia Grande.
Escala gráfica de120 toesas ou 720 pés [=10,1cm].
Desenhada nas cores vermelha e verde.
Aguada na cor verde.
Dentro da planta da fortaleza lê-se: *Methodo de Monsieur Ozanam.*
Estão assinalados em volta da fortaleza: *Villa de São Vicente, Rio do Cubatão, Villa de Santos, rio que vem da Barra da Bertioga, Fortalleza de Santo Amaro, Barra Grande* [e diversas vezes, a palavra Rio sem especificação concreta].
A nomenclatura e a indicação de escala escritas a tinta ferrogálica.
Descrita em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx.16, D.3384.
Ver descrição Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3280 ao 3286.

A fortaleza está desenhada no centro de um espaço envolvente que corresponde a um esboço da ilha de Santo Amaro, que contém as povoações de Santos e São Vicente. Esse espaço maior está naturalmente

em uma outra escala. Não se assinala, portanto, com precisão, a posição da fortaleza na ilha.

O método Ozanam indicado dentro da Fortaleza corresponde ao nome do engenheiro que o inventou.

AHU_CARTm_023, D. 1062

353 FORTALEZA DA PRAIA GRANDE. Fortificação. 1712

Vilalobos, Manuel Pinto de, m. 1734.
Fortaleza que se ha de fazer na praya grande de Santos / Mel. Pinto de Va. Lobos. – Escala [ca.1:2.500] . – 1712. – 1 planta ms.: desenho a tinta ferrogálica ; 42,5 x 57,8cm.

Estão assinalados: *lado do poligno exterior 1400 palmos, sobrefaces que conforme as segundas posiçoins do mecitro do luzitanico são de 3712 palsmos, flancos prolongados de 3712/8 palmos, flancos prolongados de 2231/8 palmos, francos actuaes de 1337/Agosto.*

Aguada na cor preta.
Escala gráfica de140 braças ou 1400 palmos [=13,2cm].
Contém: legenda; tem no canto inferior um perfil da mesma obra a medida de 80 palmos.
[Escala da] planta =13,3 cm [e Escala de] perfil de 5,2 cm.
Descrita em Castro e Almeida com a seguinte cota: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3285, anexa do D. 3280.
Inclui perfil. Escala gráfica de 80 palmos [=5,2cm]. Escala [ca. 1:400].

A Fortaleza da Barra Grande de Santo Amaro é conhecida também como: Fortaleza de Santo Amaro e Fortaleza da Praia Grande.

AHU_CARTm_023, D. 1060

354 FORTALEZA DA PRAIA GRANDE. Fortificação. ca. 1714

Massé, João.
Planta de hua Fortaleza dessinada de novo na Villa de Santos : cuja explicação vai em hum papel a parte. – Escala [ca.1:692]. – [ca.1714]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 22,8 x 33,1cm em follha 25,3 x 35,8cm.

Atribuída a João Massé em descrição Castro e Almeida [RJ]. AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3385 ao 3294.
Escala gráfica de 400 palmos [=12,7cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Desenho a nanquim preto e vermelho.
Aquarelada nas cores laranja, amarela, verde e cinza.
Marca d'água: CAM.

AHU_CARTm_023, D. 1067

355 FORTALEZA DA PRAIA GRANDE. Fortificação. ca. 1714

Massé, João.
Planta da Fortaleza dessinada de novo na Barra Gr^de^. [Grande] de Santos : cuja explicação vai em hum papel a parte – Escala [ca.1:800]. – [ca. 1714]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim vermelho e preto ; 33,2 x 22,3cm em folha 36 x 25,3cm.

Atribuída a João Massé em descrição Castro e Almeida [RJ]. AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 16, D. 3385 ao 3294.
Escala gráfica de 400 palmos [=10,5cm].
Aquarelada nas cores cinza, laranja, amarela e verde.

AHU_CARTm_023, D. 1065

356 FORTE DA VERA CRUZ DE ITAPEMA. Fortificação. ca. 1714

Massé, João.
[Planta da] Fortaleza de Itapema, no rio defronte da villa de Santos. – Escala [ca. 1:282]. – [ca. 1714]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 27,6 x 18,5cm em folha 29,9 x 20,9cm.

Estão assinalados: *obra que estava feita, Linha do perfil, Casa de polvora, Quartel de Official, Quartel de Soldados.*
Escala gráfica de 100 palmos [= 7,8cm].
Contém rosa dos ventos, com flor de lis.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores marrom, cinza , vermelha e verde.

Marca d'água: rosa dos ventos, com flor de lis.
Inclui no canto esquerdo perfil segundo a linha indicada em planta.
Descrita em Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-1, Cx.16, D.3394
Anexo da CONSULTA, em Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-1,, Cx.16, D.3385.

O Forte da Vera Cruz de Itapema, conhecido também como Forte de Itapema ou Forte da Vera Cruz ou Forte da Santa Cruz, localiza-se numa ponta de terra (rocha), na Ilha de Santo Amaro, no Distrito de Vicente de Carvalho, Município de Guarujá, em frente à cidade de Santos. Essa Fortaleza, restaurada sucessivas vezes, continua existindo, e encontra-se atualmente sob a responsabilidade da Universidade Católica de Santos.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N.350.

AHU_CARTm_023, D. 1183

357 SANTOS. Mapa. ca. 1714

Massé, João.
Planta da vª. de Santos e de seu porto com suas fortificações desenhadas de novo. – Escala [ca. 1:3.000]. – [ca.1714]. – 1 planta ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 44,1 x 62cm em folha 45,1 x 63,4cm.

Atribuída a João Massé em descrição anexa à CONSULTA 1714, novembro, 13; AHU_ACL_CU_017-01, D. 3385-3394.

Estão assinalados somente fortificações, entidades religiosas, alfândega e cais do porto, que seguem, de acordo com a *Explicasão: Fortin desenhado de novo, quarteis para soldados, convento dos padres da companhia, bateria antiga onde ha sinco pesas, igreja matriz, convento dos padres do Carmo, a Mizericordia, alfandega, convento de Sam Francisco, Convento de Sam Bento, muro desenhado de novo, cais desenhado de novo com seu molhe, porto aonde dão fundo os navios, Serra de Nossa de Senhora de Monsarrate aonde se devia fazer hum reducto em forma de atalaya, serra detras de São Bento, adonde se deve fazer outro reducto.*
Escala gráfica de 120 braças [=9,1cm].
Aquarelada na cor cinza.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Possui ilustração de uma embarcação próxima ao porto.
Marca d'água: âncora, com as letras *M* e *J* de cada lado.

Descrita em Castro e Almeida nº 389.
Há uma planta, que parece ser cópia desta em AHU_CARTm_023, D. 1184, ref. 358.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 389.

AHU_CARTm_023, D. 1210

358 SANTOS. Mapa. ca. 1714

Massé, João.
Planta da Villa de Santos e de seu porto, com suas fortifficaçoens dessinadas de novo. – Escala [ca. 1:3.000]. – [ca.1714]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 45 x 58,5 em folha 46,3 x 59,2cm.

Atribuída a João Massé em: anexa a CONSULTA de 1714, novembro, 13; AHU_ACL_CU_017-01, Cx.16, D.3385 [RJ] Castro e Almeida.
Indica uma fortificação, instituições religiosas, alfândega, porto.
Na cartela *Explicação* estão assinalados: *Fortin desinado para se fazer de Novo; Coarteis para Soldados, Convento dos padres da Companhia* [de Jesus]; *Batteria antigua aonde ha sinco pessas, Igreja matriz, Convento do Carmo, Mizericordia, Alfandiga, Convento de São Francisco, Convento de São Bento, Muro dessinado de novo, cays dessinado de novo com seu molho, Porto aonde dão fundo os navios, Serra de Nossa Senhora, de Montsarrato aonde se deve fazer hum reduto em forma de atalaja, Serra detras de São Bento aonde se deve fazer outro.*

No canal entre Santos e Bertioga está representada a direção da corrente através de setas e os locais onde se pode fundear os navios através de âncoras. Está desenhado também um muro em vermelho que cerca a cidade.
Escala gráfica de 120 braças [= 9cm].
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores vermelha, verde e amarela.
Marca d'água: CDC.
Há uma planta, que parece ser esboço desta em AHU_CARTm_023, D. 1210, ref. 357.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 389.

AHU_CARTm_023, D. 1184

359 CADEIA DE PARANAGUÁ. Iconografia. 1721

Pardinho, Rafael Pires.
Obra interior pª. as cadeias da vª. de Pernagua da ouvidoria de São Paulo Estado do Brasil. – 1721. – 1 desenho técnico. : tinta ferrogálica ; 16,3 x 28,9cm em folha 42,7 x 28,9cm.

Estão assinalados: *Porta, que da salla das audiencias ha de dar serventia para huma salleta de 30 palmos de comprido e 13 de largo com su chumine, e porta para a caza do carcereyro...; alçapão, que desta salleta desce para o corredor, em que ha de haver as portas para as cadeias, e para cada hua sua janelinha com grades, que serva de vegia para ellas; porta, e vegia e para a enchovia; porta e vegia e para a cadeia dos homens, que todas as 3 ficão* [...] . *Levantadas do pavimento das cadeias, a que darão serventia com hua escada se mão, que estará no corredor; os dous segredos, que ficão por baicho do tal corredor.*
Contém um texto esclarecendo o interior.
Aguada em sépia.
Com (no verso): Planta das cazas do concelho e cadeia pª. a vª. [vila] de Pernagua.
Ver descrição Mendes Gouveia, AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 3, D.2332.

AHU_CARTm_023, D. 1185 (verso)

360 CADEIA DE PARANAGUÁ. Iconografia. 1721

Pardinho, Rafael Pires.
Planta das cazas do concelho e cadeia pª. a vª. de Pernagua / Raphael Pires Pardinho. – Escala [ca.1:112]. – anº. de 1721. – 1 desenho técnico. : tinta ferrogálica ; 21 x 28,9cm em folha 42,7 x 28,9cm.

Escala gráfica de 40 palmos [= 7,8cm].
Estão assinalados na explicação e no mapa, com letras de correspondência: *Enchovia, de 40 palmos de fundo, e 30 de largo, e por cima a salla que ha de servir de audiencia, aonde ha de ficar a sercentia, por um balcão de duas escadas; Cadeia para mulheres com 25 palmos de comprido, e 13 de largo, e por cima salla fechada; Cadeia para homens com 25 palmos de comprido, e 13 de largo, e por cima caza para o carcereyro; Segredos que ficão no fundo das duas cadeias, 11 palmos de comprido 13 de largo, e 12 de alto, e por baicho do corredor, que ha serventia a 3 cadeias, como atras se vé; Caza de 40 palmos de fundo e 30 de largo, que servirá para açouge ou seriena, e por cima caza para as vereações e Concelho.*
Contém um texto sobre orçamento e especificações da obra, logo abaixo

da explicação com os seguintes dizeres: *Em seis mil cruzados ficou ajustada. Com o Mestre pedreiro principal desta obra: a saber todos os alicerces em redondo, que tem 114 palmos de facie e de fundo 40 palmos de grosso hão de ter 7 palmos e de alto 11 palmos: os alicerces do meio hão de ter 5 palmos, e 8 de alto: sobre os quais ha de levantar a caza do meio com paredes de 5 palmos de groço athe o envigamento e deste athe as frechas (?)hão de ser três palmos; cunhais decantaria, duas janellas de assentos e porta com balcão com escadas por hua e outra parte, por baicho do qual ha de ficar a grade da enchovia, do mesmo material ha de por de ferro groço. As vigas hão de ser de maes de hum palmo de groço em quadra, e ficar huas distantes das outras menos de hum palmo, asoalhado de taboado groço e caibros, vigas e forro de madeiras de canella preta, com telha boa e sua* [*si*?] *malha de tijolo. Logo se lhe deram 600$000 reis que havia depositados dos bens do Concelho e o mais se lhe ha de ir dando todos os anos pelos sobejos do mesmo Concelho athe acabar, e aperfeiçoar a tal Caza, e alicerces dous lados, o que se ajustou por escritura publica com os officiaes da Camara, e aprovação do ouvidor geral da Comarca de São Paulo.* Segue a assinatura: *Raphael Pires Pardinho*.
Aguada em sépia.
Contém um texto sobre orçamento.
Inclui fachada do prédio, em que se vê o brasão português, com a 5 quinas, as grades nas janelas que correpondem à cadeia e escadas conforme a descrição e especificações .
Com (no verso): Obra interior pª. as cadeias da vª. de Pernagua da ouvidoria de São Paulo Estado do Brasil.
Ver descrição Mendes Gouveia, AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 3, D.2332

AHU_CARTm_023, D. 1185 (frente)

361 PARANÁ. Mapa. 1728

Soares, Antônio dos Santos.
Verdadeyra descripção dos campos Geraes da Coritiba desde o Campo Largo athe Cambeju com os Curraes que ha nelles / pelo Dr. Antº. dos Sanctos Soares. – Escala [ca.1:6.000]. – 1728. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 31,3 x 43,2cm.

Atualmente esta região compreendida entre os Campos Gerais de Curitiba e Campo Largo, faz parte do Estado do Paraná.

O esboço, com textos de difícil leitura, está estruturado pelo *Rio Grande que vai ao Paraná*, isto é, o Iguaçu, que nasce nas imediações de Curitiba e deságua no Paraná. Inclui os afluentes: *Pepaguayo, Tamanduá, das Monções,*

Verde. Contém localidades na beira do *Matto Grosso* como: *Almas,Povoas de baixo, Povoas de cima, Busicuara, C. Guarda, Lapa, Camarinhas, Bagos, Campo Largo, Redojo.* Em campo aberto figuram:*Curral Novo, Cayacanga, C. d' Índia, Tapera, Pelado, cancella, Payaguayos, Tapera do Pe., Garcia, Flamengo, Tapera do Flamengo, Tapera da Snra., Camarinhas, Curral de R. Sa., Estrada velha, Carlos, Boniba, Congonhas.*

Escala gráfica de 3 [léguas?=8,8cm].
Vegetação representada em forma pictórica.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Aquarelada nas cores cinza, preta e sépia.
Marca d'água: três círculos encimados por uma cruz. O circulo superior possui uma meia lua , o do meio as letras AR.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 390.

AHU_CARTm_023, D. 1249

362 BATERIA DA PRAIA DO GÓIS. Mapa /fortificação. ca. 1734

[Planta da Barra grande de Santos, com a fortaleza de Santo Amaro]. – [ca. 1734]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 23,4 x 37,6cm.

Contém os seguintes dizeres distribuídos nos locais respectivos: *Mangais, alagadiços, Caminho da fortaleza para reduto, Reduto, Caza que serve de armazens, Quarteis, Fortaleza de Santo Amaro, Barra grande de Santos, Caminho da fortaleza para a cortadura, Cortadura, O risco amarelo he obra que se ha de fazer como* [faz?] *bem canhoneiras nas duas baterias e Reduto e Lagedo neste, e na bateria de baixo, e fazer o armazem, Praya do Goes.*
A Fortaleza denomina-se hoje Itapema e está sob a responsabilidade da Universidade Católica de Santos.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Desenho a tinta ferrogálica e aquarela.
Aquarelada nas cores marrom ,amarela e verde.
Ver Mendes Gouveia, AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 8, D. 901-902

AHU_CARTm_023, D. 1186

363 FORTE DA VERA CRUZ DE ITAPEMA. Fortificação. ca. 1738

Paes, José da Silva, 1679-1760.
[Planta da] Fortaleza de Itapema. – Escala [ca. 1:300] – [ca.1738]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 21,3 x 30,4cm.

Escala gráfica de 100 palmos [=7,3cm].
Inclui perfil.
Aquarelada nas cores marrom e verde.
Marca d'água: VORNO.
Mendes Gouveia, AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 13, D. 1241.

O Forte da Vera Cruz de Itapema, conhecido também como Forte de Itapema ou Forte da Vera Cruz ou Forte da Santa Cruz, localiza-se numa ponta de terra (rocha), na Ilha de Santo Amaro, no Distrito de Vicente de Carvalho, Município de Guarujá, em frente à cidade de Santos. Essa Fortaleza, restaurada sucessivas vezes, continua existindo, e encontra-se atualmente sob a responsabilidade da Universidade Católica de Santos.

AHU_CARTm_023, D. 1187

364 IGREJA. Iconografia. ca. 1747

[Plantas para a construção da nova sé e palácio episcopal na cidade de São Paulo]. – [ca. 1747]. – 6 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color. ; em folha 32,4 x 43,7cm.

Aquarelados nas cores vermelha, cinza e sépia.
Partes: Plantas das casas superiores do Palácio – Planta das cazas inferiores do Palácios – [Alçado da fachada lateral] – [Alçado da fachada principal] – [Planta do piso térreo para a construção do Palácio Episcopal] – [Planta da nova Sé].

Inclui fachada da Sé.
Os alçados do palácio episcopal foram desenhados em folhas de papel a parte, mas estas foram coladas com as folhas das plantas.
Estão assinalados na planta superior: *Capella, Talha vaga, entrada da escada, ante salla de serventia, Salla das vizitas, Caza da livraria, Camara, Corredor de serventia interior, Porta com escada para as cazas inferiores, Hum coarto fechado, Portas particulares para capella, Dormitorio com cubiculos para a familia, Cubiculos.* Todos esses cômodos são numerados na lista e na planta, para

que se possa identificá-los.

Na planta inferior contém: *Porta principal do Palacio, Logea da mesma, Subida para o Palacio, Portas de serventia dos coartos inferiores, quarto fechado, outro similhante, outro, Quarto para a escrivaninha da Camara, quarto, serventia da cavaleirice, Lugar para cavaleirice e cocheira, Caza para despença, caza do refeitorio, cozinha, sahida da escada particular. Pilares do corredor das cazas superiores. Faz este Palacio conforme o risco 150 palmos de frontaria, e da outra parte 120 sem as janellas grandes 8 palmos de largo e 12 de alto.*

Na planta do piso térreo para a construção do Palácio Episcopal está escrito: *tem esta Ilha por qualquer das partes donde estão as cazas 216 palmos, e da parte da igreja, e norte 250. He sufficiente para nella se fazer Palacio com cerca para os excelentíssimos bispos.*
Anexo ao documento 1747, julho, 4; AHU_ACL_CU_023, Cx. 3, D. 221.

A Catedral da Sé, foi construída a partir de 1750 de acordo com essa planta, com algumas mudanças: o frontão triangular foi substituído por um barroco, a porta principal ganhou maior monumentalidade e não foram construídas duas torres, mas somente a da esquerda. Essa, em estilo barroco simplificado, foi destruída em 1911, sendo erigida no seu lugar, em 1913, a catedral atual, em estilo neo-gótico.
Ao lado da planta da Igreja há uma relação de letras explicativas, que figuram nos locais respectivos. Por exemplo: porta principal, capelas laterais, torres e outras.
Aparece também no desenho, a Igreja de São Pedro dos clérigos, que serviu de Sé durante a construção.

AHU_CARTm_023, D. 1189/1194

365 FORTE DE SÃO JOÃO DA BARRA DA BERTIOGA. Fortificação. 1751? Iconografia. 1751?

[Planta da fortaleza de São João da Barra de Bertioga]. – Escala [ca. 1:170] – [1751?]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 44,2 x 33,4cm.

Assinado por Luis Ant°. de Sâ Queiroga [Luís Antônio de Sá Queiroga], governador da Praça de Santos.
Estão assinalados: na parte inferior: *Barra com a boca ao leste, dentro da fortaleza: quarteis reformados, terrapleno, o azul he obra velha demolida, tinha de comprido 80 palmos e 25 de largo e 10 de alto.*
Na parte da frente da fortaleza está escrito: *tem 135 palmos de comprido, e 19*

de alto da sapata para sima; e 6 de groço emsima da muralha, e na lateral, *tem 130 de comprido, 9 de alto para sima da sapata. e esta de groço 5 palmos, e em sima 3, e dahi para sima vai a estacada que mostra a figura.*
No verso está escrito: *petição e documentos do Capitam Mathias de Couto.*

Escala gráfica de 70 palmos [=9cm].
Aquarelada nas cores marrom e rosa.
Marca d'água: PS.
Anexo ao REQUERIMENTO (Mendes Gouveia) AHU_ACL_CU_023-01, Cx.16, D.1530.
Ver AHU_ACL_CU_023-01, Cx.20, D. 1946,1977.

O Forte São João da Barra da Bertioga localiza-se na Barra do município do mesmo nome, de frente à Ilha de Santo Amaro. Foi erguido sobre o antigo Fortim de São Tiago, em alvenaria e cal, no final do século XVII.

AHU_CARTm_023, D. 1195

366 SÃO PAULO, ESTADO. Mapa. ca. 1752

[Mapa da Capitania de São Paulo, no qual se assinalam cidades, montes, estradas e a barra] – [ca. 1752]. – 1 mapa ms. : color., desenho a tinta ; 42,8 x 90,3cm.

Esboço sem escala abrangendo uma faixa que inclui o litoral entre os atuais estados de Santa Catarina e Rio de Janeiro, bem como a serra do mar e a corresponde porção do interior do país.
A antiga povoação do Rio Grande foi fundada em 1737, e criada vila em 1745.

Na costa estão assinalados, no sentindo para o sul: Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, *Barra do Ryo, Ilha das Cobras e o forte,* 2 fortificações, *cidade do Ryo* de Janeiro,*Caminho da Sipitiba, Barra da Marambaya, Vila da Ilha Grande* Angra dos Reis, *Ilha Grande, Parati, Barra do Carracâ, Ubatuba, Ilha de São Sebastião, Rio do Tietê, Barra da Bertioga, Santos, Fortaleza, São Vicente, Conceição* Itanhaém, *Iguape, Cananeam,* [Paranagua ?],*Vila de São Francisco,* Ilha de *Santa Catharina, Laguna, Rio Grande.*

Nascendo nas imediações da serra do mar, aponta os rios Tietê e Paraíba, este com seus formadores, o Paraibuna (não nomeado, mas com a curva característica). Nascendo na serra da Mantiqueira há diversos rios, correndo para o interior do Estado, e que seriam o Jaguari, o Mogi Guaçú,

o Pardo e outros, em direção a Minas Gerais, como o rio Verde ou o das Mortes.

Mostra roteiro de São Paulo para as Minas Gerais e Goiás, com as distâncias entre os lugares em léguas, onde se lê: *São Paulo, caminho para Mogy 9 legoas e 8 para Jacarey, a Vila de Jacarehy 13 a Taubate 3 à Pindamonhagaba Goratingueta, 2 a Piedade, 10 a Serra, atravessa o Rio Verde, Rio de Capivaras sem ponte, 8 aos Pouzos Altos, do lado esquerdo Morro do Caxambu, caminho de Caxambu para a Campanha, de Pouzos Altos segue a Baipendy, do lado direito Juruoca, Rio Juruoca, segue de Baipendy 12 as Carrancas 4 ao Rio Grande, Cachoeiras do Rio Grande, Rio das Morte, Caminho das Geraes, do lado esquerdo, caminho novo do Rio das Mortes para, que passa pellas cabeceiras de São Francisco que nasce do Morro Grande para o Verde, Rio Veteruna.*

Indica trilhas de São Paulo para outros locais, onde estão assinaladas *São Paulo, Jundiahy, São Paulo, Cubatão de São Paulo, Cubatão de Mogy, Caminho para o descuberto Sopocahy, caminho de Caxambu para a Campanha.* Mais adiante está escrito: *Ribeira de Santo Amaro pro descuberto, neste sertão andão os bandeirantes,e ha mais descobertos pella parte de São Paulo athe o Rio Grande que estão para se repartir e povoar.*

Indica o caminho antigo do Rio de Janeiro para Minas, passando por Sepetiba, Parati, e os locais assinalados: *Boa Vista, caminho para as Minas Geraes, Piedade, Pouzos Altos, Baipendy e Rio das Mortes*, e segue a mesma rota dos paulistas. O caminho novo é o que parte do Porto de Estrela, na atual Baía de Guanabara, onde está escrito *caminho novo das Gerais para o Rio de Janeiro.*
Outras anotações referentes à Capitania do Rio de Janeiro: *Caminho de Goratingueta para o Rio, Santa Cruz.*

Estão, também, assinalados os topônimos: *Saqueri, Serra da Mantiqueira, Ribeirão do Morro Coroado, Sapocahy Merim, Sapocahy Guazu, Rio do lambari, Caxoeira Grande, Rio da Paraybuna, Vila de Maguacu, Rio do Tieté.*

As serras da Mantiqueira, do Mar e os demais relevos representados em forma pictórica.
Desenhado a tinta ferrogálica e sangria sobre 3 folhas de papel coladas.
Aquarelado nas cores, verde, azul, preto, cinza.
Marcas d'água: flor de lis, encimada por uma coroa e abaixo uma oval, com círculos ao seu redor e outra oval no seu interior. – brasão de Portugal, com duas bandeiras de cada lado.

Anexo a AHU_ACL_CU_023, Cx. 4, D .257.

AHU_CARTm_023, D. 1188

367 PARANÁ. Mapa. 1755

Aguiar, Manuel Angelo Figueira de
Mappa do certam do Tibagi riquissimo de averes assim de oiro, estanho fino e Antimonio Excelente, como de fertiz campos para criar animaes : sabe-se q. hé rico de oiro, p^{os}. roteiros, e tradiçoens dos antigos Paulistas q. fizerão entradas no d^{o}. [dito] Certam... / Manuel Angelo Figueira de Aguiar n^{l}. [natural] d. V^{a}. e S^{tos}. e cidadão d. S. Paulo o fez. – 1755. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 63,8 x 40,3cm em folha 66,7 x 43,3cm.

Continuação do título: como foi o grande G^{or}. Fernão Dias Paes : com estas noticias, entrou Angelo Pedrozo na diligencia de descobrir e tem feito as picadas notadas com linhas de pontinhos no tempo de sete annos a espensas suas; e tem descoberto o q. se vê declarado e apontado e promette breve o do morro Apucarana (1) principal objecto e foi visto de longe no anno de 54.

Abrange o atual Estado do Paraná.
Mostra dois Campos de Guarapuava: um entre o Rio Grande do Registo (atual Rio Iguaçu) e o Ubatuba, onde estão os Campos de Guarapuava e o outro entre os Rios Ubatuba, Tibagi e Paranapanema.
Indica os caminhos de São Paulo para Viamão e de Curitiba para São Paulo e a Vila de Curitiba.
Estão assinalados: *Rio Tibagi, Rio Tibagi innavegavel por ser de salto e caxoeiras, Rio Yapo, Rio Pitangui, Rio Guataúna, Rio Guenbetubusu, Rio Guenbetumerim, Rio Capivari com faizqueira de oiro,Este ribeirao e suas vertentes tem oiro, Rio com faizqueira, Rio Parapanema, Rio Ubatuba abundante de peixe: faz barra acima das 7 quedas, Rio Ubatuba com faizqueira, Rio Ypatinga, Rio Grande do Rezisto, Rio da Vargea, Rio Ytypeba, Rio Negro, Rio Mogi, Este ribeiram mostrou oiro. Morro da Pedra Branca: todas as sias vertentens tem oiro, Serra dos agudos, Morro Capivarusu, Morro chamado Apucarama, Campos de Gurapuaba,Campos de Aputerebu, Campos de Ybuturuna, Campos Curyitibanos, rosa* [roça] *de Angelo Pedrozo, Rezisto,Villa de Curytiba.*

Relevo e vegetação representados em forma pictórica. As roças (rosas) estão assinaladas pictoricamente com pequenas casas.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelado na cor verde.
Ver AHU_ACL_CU_023, Cx. 4.D.270, D.281, D.291.

A Mapoteca do Itamaray possui uma cópia deste mapa de 1910, onde está escrito: *Está conforme o originalm existente n'este Archivo. Lisboa 23 de novembro 1910. O Conservador-Diretor do dece^cão^. do Arch^o^.de Mar.^a^ e Utramar.^o^ Eduardo Castro e Almeida.*

Angelo Pedroso, sertanista, abriu várias picadas nesta região ~~na região~~ nos 7 anos de diligência.

AHU_CARTm_023, D. 1196

368 MEDIÇÃO. Iconografia. ca. 1765

Medição da trincheira e estacada que se determina fazer na Praya chamada de Goes p^a^. defender o dezembarque naquelle sitio, pelo qual se pode ganhar o alto que domina inteiramen]te a Fortaleza de S^to^. Amaro da Barra Grande da Villa de Santos. – [ca.1765]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica ; 54,3 x 16 cm.

Uma linha poligonal indica a trincheira e estacada a serem construídas para evitar um desembarque nessa pequena praia ao sul da Fortaleza, que a tornaria vulnerável. Os ângulos internos estão demarcados no desenho (por exemplo: graos 122), bem como as distâncias, para propiciar a sua implantação, tanto nos trechos retos como no trecho em curva.
A não indicação da unidade de medida (braças ou palmos), impede a determinação segura da escala. Ainda que o mais provável sejam palmos (0,22m cada um), levando a uma escala de 1:174 ou 1:200, o que é bastante compatível para esse tipo de obra e sua execução. No caso de serem braças, a escala seria 1:2.000, menos adequada.

Escala gráfica de 50 [=6,3cm].
Desenhado sobre 2 folhas de papel coladas.
Anexo ao documento de 1765, Julho, 30, Mendes Gouveia, AHU_ACL_CU_023-01,Cx. 23, D.2235.

AHU_CARTm_023, D. 1197

369 CAMINHO DE VIAMÃO. Mapa. ca. 1767

Batista, João.
Demonstração do caminho que vai de Viamão the a cidade de S. Paulo / Sargento João Baptista o fes. -– escala [ca. 1:2.000.000]– [ca.1767]. – 1 mapa ms. : desenho a nanquim ; 50,7 x 31,5cm em folha 52,7x 33,7cm.

Abrange o leste da Região Sul, e parte do Estado de São Paulo.
Mostra detalhadamente o tronco principal do caminho dos tropeiros, do criatório em Viamão até Sorocaba, onde aconteciam as feiras de muares, emendando com São Paulo.

Indica lugares para se fundar novas vilas ao longo desse caminho, conforme se lê dentro da cartela: A. *Lugar donde se quer fundar a nova Villa, B. Rio donde se termina o Governo do Rio Grande, C. Lugar donde a nova Villa ficaria maiz comoda para recorrer a Cidade de S. Paullo, D. Lugar donde seria util que Sua Magestade mandace fundar huã Villa fazendosse a que se pertende para o Norte do Rio das Canoas*.

Estão assinalados na região de São Paulo: *Rio Tieté, cidade de São Paulo, Tamanduati, Anangavay, Rio dos Pinheiros, Mboy, Peayassara, Yaguaraé, Carapucuba, Rio da Cutya, Baruerimini, Rio Petirébi, Ytú, Vila Aritaguaba, Rio Piraebi, Rio Surucabuçu, Surucamini, Villa de Surucava, Rio Ypane, Rio Serapoy, Rio Tapitininga, Minas de ouro e diamantes, Rio Paranapane, Rio Piay, Paranapitanga, Serro Ybitirembeta, São Xavier, Lagoa Yupabay, Rio Taquary, Ytarari, Yquaricatu, Rio Yquariaiba.*

Estão assinalados na região do Paraná: Rio *Yguaçu ou Curitiba, Rio Yapo, Minas, Rio Pitangui, Vila Curitiba, Rio Tibagi, Rio do Registo, Registo de Curitiba, Rio da Varge, Ybituruna, Rio Negro, Matto de São João.*

Estão assinalados na região de Santa Catarina e Rio Grande do Sul: *Rio Tajuy,* Rio *Uruguay, Rio Correntes, Maromas, Rio dos Cachorros, Rio das Canoas, Rio das Caveiras, Rio das Peloltas Ribeiram do Inferno, Caminho para as Missões do Uruguay, Rio das Antas, Camizas, Tainhas, Arroyo Crus, Rolantes, Rio dos Sinos, Garavatahy, Registo, Viamão, Porto dos Cazaes, Cidreira.*

Estão assinalados no litoral: *Rio da Conceipção, Ilha queimada, Rio Jurea, Rio da Ribeira, Rio Iguapé, Rio Cananea, Rio Arapira, Rio Acuparavi, Parnaguá, Rio Guaratuba, Saju, Rio São Francisco, Rio Araquari, Rio Tajuba, Rio Tacutumi, Rio Tajuy, Tapicoroya, Enceada das Garoupas, Armação das Balleas, Ilha de Santa Catharina, Barra do Sul, Villa Nova, Villa da Laguna, Morros de Santa Martha, Garupava, Rio Vrusanga, Rio Araranguá, Conventos, Lagoinhas, Arroyo grande, Rio Mampituba, Torres, Ytapeba, Entrada, Rio Tramanday.*

Também se assinalam em grandes letras: *Vacaria* e, ao longo da serra do Mar, paralela à costa, no divisor de águas: Entre as vertentes dos Rios que cahem para a costa e as dos que entrão para a Campanha vay a serra.

Escala gráfica de 20 léguas [= 6,6 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Marca d'água: brasão com flor de lis, encimado por uma coroa, nº VI.
Descrito em Castro e Ameida 370.
Ver descrição em Mendes Gouveia, AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 24, D. 2294.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 370.

AHU_CARTm_023, D. 1208

370 FORTE DE NOSSA SENHORA DO CARMO DOS CAMPOS DE GUARAPUAVA. Fortificação. ca.1770

Planta do forte de Nossa Senhora do Carmo : que o comandante de expedição Candido Xavier de Almeyda fundou de novo nos campos de Gurapuaba descobertos em 7 de Setembro de 1770. – [ca. 1770]. – 1 planta ms. : color. desenho a nanquim ; 31,6 x 41,6cm em folha 34,5 x 44,6cm.

Estão assinalados: *Picada e lugar onde sahio a tropa a primeira vez que buscou campo entre as Povoacoens do Gentio, porto do Botelho, campanha para o Norte, campanhas altas para o sul, Salto outro, Rio de Capivarusu, Funil, Porto asima do Funil, Rio do Registo, Caminho que do d sae ao Campo, Novo Porto de São Francisco das Chagas.*
Contém dados sobre o forte: *Nossa Senhora do Carmo com huma Atalaya no centro de 45 palmos de alta na qual se concerva ha vegia que descobre toda a campanha, Armazens, Quarteis para ofeciaes, Quartel do Comandante, Caza ou Corpo da guarda, Piquette, Quartel da Tropa, Estacada com 4 palmos de largura, Berma com 2 palmos de largo, Fosso com dez palmos de largo, Portão com ponte levadisssa.*
No verso: *N. 6*
Inclui rosa-dos- ventos com a indicação: *Rumo pouco mais ou menos*.
Aquarelada nas cores verde, amarela, vermelha e sépia.
Marca d'água: D & C BLAUW.
Ver ofício do governador, 1770, Dezembro, 3, AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 27, D. 2526.

O Forte de Nossa Senhora do Carmo dos Campos de Guarapuava foi fundado, em 1770, para proteger o núcleo de povoação de Guarapuava do aldeamento indígena.
Cândido Xavier de Almeida e Sousa nasceu na cidade de São Paulo 1748 e morreu em Santos, em1831. Foi militar, político e também desbravador de territórios, dentre eles Guarapuava.

AHU_CARTm_023, D. 1199

371 PARANÁ E SÃO PAULO, ESTADO. Mapa. 1770

Carta chorografica dos dous certoens de Tibagy e Ivay : novamente descubertos pelas ordens e instruçoens de D. Luiz Antonio de Souza Governador e Capitão General de S. Paulo no anno de 1770 – 1770. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 30 x 39,3cm em f. 33,9 x 43,9cm.

Abrange os atuais Estados do Paraná e São Paulo, que na época formavam uma só Província. Os limites internacionais são a *Província do Paraguay* a oeste, o Terriório das *Missoens* ao sul. Abrange na região leste um trecho do Oceano Atlântico, onde está representada uma rosa dos ventos, com a tradicional flor de lis.
Trata-se de uma carta desenhada segundo princípios científicos, graduada em latitude e longitude e possuindo projeção cartográfica (Carta plana quadrada). A longitude é contada de 0 a 360º, para oeste. O meridiano de origem não é o da Ilha do Ferro, como parece à primeira vista. Uma conta feita com a cidade de São Paulo aponta para um local a leste das Ilhas de Cabo Verde (21º 44').
No título, *novamente* corresponde a recentemente.

Estão assinalados: *Rio Grande ou Paraná, Rio Sacury, Rio Verde, Rio Pardo navegação do Cuyabá, Rio Avinhema ou 3 Barras, Rio Amanbai, Caminho de terra do Goaitemy, Rio Furquilha, Nova Praça dos Prazeres, Rio Guaitemy, Rio Yapey ou Guarey, Serra de Maracayu, Salto de Guaira ou Sete quedas, Rio Mogy, Mogi Guasú, Mogi Mirim, Rio Tiete ou Aniemby, Rio Mambarihú, Rio Jacaré popira minim, Rio Jacaré popira Guasu, Rio Bariri minim, Rio Piracicaba, Curimbatay, Pirapitingui, Vila Nova de Piracicaba, Rio Camanducaya, Rio Jaguari, Rio Atibaia, Rio Mbaruy, Rio dos Lançoes, Rio Araraquara minim, Rio Itacuí, Rio Equacatú, Rio Capivaminim, Rio Capivariguasu, Rio Jundiay, Vila de Jundiay Rio Tiete, São Paulo, Rio dos Pinheiros, Rio da Cotia, Cubatão, Vila de Santos, Vila de São Vicente, Fortaleza Itapema, Fortaleza Santo Amaro, Ytu, Araratitaguaba, Rio Sorocaba, Vila de Sorocaba, Rio Sarapuy, Rio Parana Panema, Rio Tibagy, Rio Tapetinga, Rio Taquary, Rio Pirituba, Rio Verde, Rio Itararé, Rio Jaguaricatu, Rio*

Jaguariaiva,Certão do Tibagy, Serra dos Agudos, Pedra Branca, Rio da Una, Rio Yapó, Rio Pitangui, Canha, Rio Capivari, Rio Mbtubaassu, Rio Tibagy, Curetiba , Rio D. Luiz, atual Rio Ivaí, *caxoeiras,Caminho das Bandeiras, Rio Mourão, Rio Guia, Rio Tinto, Rio d. D. Afonso, Rio Bom, Rio Soberbo, Rio Capivarussu, Rio Jua, Rio Pepery, Rio de São Bento, Rio de São Francisco, Pantanos, Caminho dos indios, Rio Grande do Registo ou Iguasu, Rio de Santo Antonio, Rio Iguassu, Rio Ipatinga, Missões, Campo de Ibuturuna, Campo d Apetrebu, Rio Mogi, Morro Ambucarana, Rio Negro, Rio da Varge , Serra do Mar, Rio Yguassu, Rio de São Joze, São Joze* [dos Pinhais], *Rio Una, Rio Sabauna, Rio dos Prelados, Baia da Cananea, Rio Ubapurunduba, Rio Jacupiranga, Rio da Ribeira, Rio das Estrellas, Rio Assungui, Rio Caite, Baía de Parnaguá,* Baía *de Guaratuba, Vila Nova de Guaratuba.*

Indica as tribos indígenas que viviam nas margens do Rio Paraguai: *Campanhas da Vacaria do Gentio Cavaleiro, Canhoaã e Goaicurú.*

Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Aquarelada na cor verde e vermelha, aguada em sépia.
Marca d'água: D & C BLAUW.
No verso: .2 e 3.
Anexo ao documento 1770, Dez., 03, AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 27, D. 2526.
AHU_CARTm_023, D. 1198

372 SÃO PAULO, ESTADO. Mapa. ca. 1773

Mappa da Capitania de S. Paulo em que se mostra tudo o que ella tinha antigamente the o Rio Paná. – [ca.1773]. – 1 mapa ms. : color., desenho a nanquim ; 53,5 x 41,3cm em folha 56,5 x 44,2cm.

Mostra a área geográfica que passou a fazer parte da Capitania de Minas Gerais, outrora pertencente à de São Paulo.
Indica caminho para o Rio de Janeiro.
Na legenda está escrito: *A linha recta encarnada mostra a divizão, que teve pelo Morro do Cachumbú, quando a Camera de Guaratinguitá de S. Paulo foi criar a do Rio das Mortes nas Minas Geraes: ha linha curva encarnada, mostra tudo quanto a Capitania de Minas Geraes tem tpº. prez.* [tempo presente] *uzurpado à de S. Paulo deixandolhe somente as terras que cahem a costa do Mar.*
Contem uma rede de meridianos e paralelos, incluindo explicitamente o *Trópico de Capricórnio.*

O mapa possui, portanto, coordenadas geográficas e projeção cartográfica

denominada de latitudes crescentes, que se deduz pela proporção dos lados da malha. O meridiano de origem não é convencional: cresce para a direita sim, mas apresenta valores na faixa de 137 a 141º para essa região, sendo que em São Paulo, se a origem fosse o meridiano do Ferro, estaria na casa dos 331,4º, quando está situada em 139,4º.
Relevo representado em sombreado.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelado nas cores vermelha, verde e marrom.
Cartucho de título decorado em estilo barroco.

Topônimos assinalados na Capitania de Minas Gerais, na sua maior parte colocado dentro da região denominada Certão usurpado a Capitania de Sam Paulo e abaixo dos dizeres *A antiga devizão*: *Rio Grande do Parana, Lanhozo, Iberava, Falça, Toldas, Ribeirão do Inferno, Rio das Pedras, Calçao de Velha, Monjolinho, Vieira, Joao dos Reis, Salgado, Bagris, Bom Jezus* (duas vezes), *São Matheus, São Thomas,* [*Relha* ?],*Morro do Caminho Velho, Rio do Bomsucesso, Rio do Juiz, Rio da Conceição, Rio do São Joao, Rio do Inferno, Juruoca, Baipindy, Morro Cachumba, Santo Antonio, São Gonçalo, Santa Anna, Sam Pedro, Ouro Fino, Santa Izabel, Itagiba, São Francisco de Paula.*

Topônimos assinalados na Capitania de São Paulo: *Rio Pardo, Matto do Rio Pardo tem 8 legoas, Serra que devide as vertentes, Morro do Caminho Velho, Rio Sapucay, Paciencia, Batataes, Araraquara, Rio das Pedras, Rafael, Carlos Barboza, Passage tapada Go. do Bezerra, Rio Tambau, cercado, Caza Branca, Rio Jaguary piqueno,Pinarao, Olho dagua, Itupeva, Itaquy, Urusanga, Rio Mogy, Mogi Grande, Mogi Piqueno, Borda do Matto, Rio Tieté, Rio Piracicaba, Piracicaba, Rio Pirapitingy, Rio Camandaucaya, Rio Jaguary, Tolledo,Registo, Rio da Atibaya, Freguesia de Jaguary, Itapema, Pinheiros, Rio Capivary, Pedro Franco, Rio Jundiahy,Vila de Jundiahy, Arararitaguaba, Vila de Ytu, Rio Sorocaba, Fabrica do Ferro, Vila de Sorocaba, Rio Pregibu, Arasariguama, Vila de Parnahiba, Cotia, Carapicuuba, Rio dos Pinheiros, Mboa, Itapicirica, Pinheiros, São Paulo, São Miguel, Vila de Mogy das Cruzes, Conceição, Santa Anna, Juquery, Abreu, Pedro Leme, Tapera, Vila de Jundiay, Vila de São João de Atibaya, Nazareth, Registo, Escada, Vila Nova de São Joze, Vila de Jacarahy, Rio Paraitinga, Taubaté, Pindamonhangaba, Villa de Guaratingueta, Freguezia da Piedade, Caxueira grande, Freguesia do Facão, Rio Paraibuna, Ilha dos Porcos, Ilha de São Sebastião, Vila de São Sebastião, Vila de Santos, Vila de Sam Victe, Cubatão.*
Topônimos assinalados na Capitania do Rio de Janeiro: *Vila de Paraty, Ilha Grande, Angra dos Reis.*

Marca d'água: D Sebille & Wend.
Truncado, na parte do litoral paulista.

Ver Mendes Gouveia, AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 28. D.2620.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 368.

AHU_CARTm_023, D. 1200

373 SÃO PAULO (ESTADO). Mapa. ca. 1777

[Mapa de demarcação de terras entre a Serra de Botucatu e o Rio Paranapanema]. – [ca.1777]. – 1 mapa ms. : color., desenho a nanquim ; 30, 1 x 41,7cm em folha 32,7 x 44,2cm.

Estão assinalados: *Rio Jucy* (?), *Rio Tatui guaçû, Rio Nhanduy, Alan, Curral dos Pes, Rio de Santo Ignácio, daqui abrio para Igatemy, alias da serra para diante, Serra de Botucatu, Rio Capivariy, Curral de Joseph de Campos, São João, Rio Jaguariy, Rio Guayariy, Picada para o butucatu, Rio Tapitininga, Rio Parananpanema, Rio Tatuymirim, Rio Pirapora, Rio Serapoy, Sorocaba, Itú, estrada do sul, São Paulo.*

Fora das bordas existem as indicações orientativas: *occidente, oriente.*

AHU_CARTm_023, D. 1201

374 PARANÁ, RIO. Mapa. ca. 1783

Sousa, Cândido Xavier de Almeida e, 1748-1831.
Plano do Rio Paranâ : desde a barra do Rio Ygatemy tê a caxoeira que está duas legoas ao sul do Rio Yguari / tirado pelo capitão de Garnadeiros Candido Xavier de Almeyda e Souza. – Escala [ca. 1:200.000]. – [ca.1783]. – 1 carta ms : color., desenho a nanquim ; 31,1 x 40,3cm.

2 cópias de época.
Abaixo do título estão assinalados: *Ilha das Barrancas, Porto de S. Francisco, Porto da Experiência, Porto do Bom Jesus, Ilha do Pillar, Os pontinhos em carmim denotaõ a Derrota* [a rota que foi seguida] *Notta = Pela observação do Tenente Coronel João Alves Ferreira, está a Barra do Rio Ygurey em 24 graos e 40 minutos.*
Estão ainda assinalados no mapa: *Rio Iguariy, Ilha do Pillar, Rio que se entende ser o Ygurey, Principio dos Ervais, Sette Quedas, Povoação de Guairá destruída, Rio Iguatemy, Rio Pequeri.*

Escala gráfica de 5 legoas [= 16,6cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquareladas nas cores verde e marrom.
Possui sinais, a nanquim vermelho, nos locais dos portos.
O AHU possui 2 cópias de época.
A carta da cota D. 1202 mede 31 x 40,3c. em folha 34,7 x 44,1cm, e a outra, D. 1203, mede 29,5 x 39,7cm em folha 33,9 x 44,8cm.
Marca d'água D. 1202: HCW[...]d&[...]NEN.
Marca d'água D. 1203: D&C BLAUW.

AHU_CARTm_023, D. 1202/1203

375 VALE DO PARAÍBA DO SUL. Mapa. ca. 1788

[Mapa da demarcação do distrito da Piedade, nova Vila de Lorena]. – [ca.1788]. – 1 mapa ms.: color., desenho a tinta ferrogálica ; 22,2 x 34,5cm.

Trata-se de um esboço do Vale do Paraíba do Sul (São Paulo), sem escala, no qual se assinalam fundamentalmente cidades, caminhos e distâncias. A *Serra da Mantiquira* a *Serra do Mar* e o *Morro da Fortaleza* servem de referência para o posicionamento, juntamente com os rios: *Parahiba, Rio do Imbahu, Pirahi* e outro inominado. As cidades são representadas por um círculo encimado por uma cruz e, quando não nomeadas, deduz-se qual seja pela indicação do caminhos.

Estão assinalados na margem direita do Rio Paraíba: *Caminho das boiadas, de Guaratinguet*a *a Pie*da*de 2 e1/2* léguas, Está representado um marco de divisa entre essas duas localidades e uma linha desce até a Serra do Mar, à direita da qual se escreve *destrito da Pie*da*de,* outra linha reta e a mesma expressão se repete no fim do distrito mais adiante, fechando por baixo uma linha reta contém a indicação: *desta linha divizoria ao nacimento do Rio Pirahi 16 legoas.* Continuando: *da Pie*da*de aos campos e Serra do Mar 11 legoas,do marco ao Rio Pirahi são 24 legoas de comprido, Porto do Meira, Caxoueira, Estrada da Paraiba nova tem 21 legoas, S*anta *Anna, Morro da Fortaleza, Paraiba Nova*, No caminho que sai da Piedade estão indicadas as localidades: *Áreas, Capitam Mor, Bananal, S*ão *João Marcos, Registo de Tagoahi.* Mais ao sul figuram: *Rio Entre Costo, Cunha.* E mais, isoladamente: *e fica a Pie*da*de des da Parahiba para a Serra do Mar, que lhe serce de diviza 12 legoas.* E na margem esquerda do Rio Paraíba: *Porto de Guaratinguet*a*, Serra da Mantiquira, Manuel Gomes, Registo de Itajubá, estrada de Minas, Rio do Imbahu, estrada que segue para Minas, deste*

rio a Serra da Mantiqueira tera 3, e ½ legoas onde mais largo for, Sertão, Registo da Mantiquira.

Uma última legenda registra ainda distâncias: *De Guaratinguetá ao Marco 1, ¾; Aa Piedade 2 ½, De Guaratinguetá dalem da Parahiba abaixo até o Sertão 11 legoas, E de largo onde mais for 2, the 3 legoas, e ½.*

Relevo representado em forma pictórica.
Marca d'água: D&C BLAUW.
Anexo ao documento de 1804, dezembro, 15, AHU_ACL_CU_23-01, Cx. 56, D. 4269.

AHU_CARTm_023, D. 1204

376 ITAPURA, SALTO. Vista. ca. 1789

Salto do Itapura do R. Tieté de 44 palmos de altura. – [Entre 1788 e 1789] ou [ca.1789]. – 1 vista ms. : color., desenho a tinta ; 31,2 x 17,8cm em folha 34,4 x 20,5cm.

Vegetação e relevo representados em forma pictórica
Desenho a nanquim e aquarela.
Aquarelada nas cores ver, marrom, cinza e preta.
Marca d'água: D&C BLAUW.
Anexo ao documento SÃO PAULO,1788-1789 ("Diário /da7 Viagem da Villa Bella de Matto Grosso / athe a / Cidade de S. Paulo /em 188, e 1789" pelo doutor astrónomo Francisco José de La-Cerda e Almeida) doc. 391 Cat. C. A. AHU_ACL_CU_23, 1788/89;Cx. 9, n.º 13-A.

O Salto de Itapura (no Rio Tietê) deixou de existir, juntamente com as ruínas da colônia militar de mesmo nome, com a inauguração da Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias (Jupiá, no Paraná), no final da década de 1960. Atualmente existe uma nova cidade nas proximidade de Itapura.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 391

AHU_CARTm_023, D. 1205

377 RIOS PARANÁ, PARAGUAI E URUGUAI. Mapa. ca. 1796

Carta geografica em que se demonstrão as correntes dos rios que sahem da capitania de São Paulo : sua extensão e curso e os grandes rios em que entrão os certoens e as provincias por onde passão. – Escala [ca.1: 4.000.000]. – [ca.1767]. – 1 carta ms: color., desenho a nanquim ; 32 x 42,3cm em folha 34,2 x 44,3cm.

Abrange o Estado de São Paulo, parte dos estados do Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como também partes de Paraguai e Argentina.
Escala gráfica de 40 léguas [=6,7cm].
Indica os rios principais Paraná, Paraguai e Uruguai, os campos de Guarapuava, as missões dos jesuítas no Tape (Rio Grande do Sul), às margens do rio Uruguai, a missão jesuítica Xeres destruída pelos bandeirantes etc.

Estão assinalados: *Rio da Prata ou Paraguay, Rio Paraguay, Xeres destruída, Chapada da Vacaria do gentio cavaleiro Guaycurú, Rio Nunday, Rio Paraná ou Rio Grande, Rio Pardo, Rio Inviheima, Rio Amambay,Rio Yguatemyni, Passo onde se ha de fazer forteficação, Salto Grande de 7 Quedas, Rio Jejui, Vila de Coroguaty, Aracaimini, Empalado, Ynú, Juquery, Rio Munday, cidade de Paraguay, Vila Rica. Rio Ybicuari, Missões, Rio Mogy, Rio Anhenby ou Tieté, Aritaguaba, Rio Aguapey, Rio Perananpané, Rio Tapetiniga, Rio Capivari, São Francisco Xavier, Rio Taquary, Rio Yaguariahiba, São Paulo vila, Rio Pirapó, Rio Yvay, Rio Pequeri, Minas de Ferro, Rio Yguassú, Campos de Guarapuava, Ryo Yapó, Pitangui, Tibagi, Rio Coritiba, Rio Negro, Serra de Apucaraná, Matto de São João, Missões, Rio Uruguay, Rio das Caveiras, Campo das Lagens, Rio das Pelotas, Campo da Vacaria das Antas, Aldea de Missões adonde foi o nosso Exercito, Parati, Marambaia, Ilha Grande, Cariosú, Ubatuba, Ilha de São Sebastiam, Freguezia do Bertioga, Armação das Baleias, Freguezia de Santo Amaro, Vila de Santos, Vila de São Vicente, Conceiçam de Itanhaém, Jurêa, Iguape, Sabauna, Cananea, Pernagoá, Garatuba, Garoupas, Ilha de Santa Catharina, Laguna, Ararangua, Tramandi.*

Relevo representado em forma pictórica.
Desenho a nanquim e aquarela.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, branca e sépia.
Marca d'água: D&C BLAUW.
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 372.

AHU_CARTm_023, D. 1206

378 TIETÊ, RIO. Mapa. ca. 1804

[Rio Tietê e seus afluentes]. – [ca. 1804]. – 1 mapa ms : color. aquarelado, desenho a nanquim ; 38,2 x 25, 6cm.

REQUERIMENTO do coronel de Dragões do Regimento de Cavalaria Miliciana de São Paulo, Policarpo Joaquim de Oliveira, ao (Príncipe Regente D. João) em que se queixa de que os seus inimigos, aproveitando a sua visita ao Reino, o intrigaram junto do governador de São Paulo, (Antônio José da Franca e Horta), fazendo com que este tomasse medidas muito prejudiciais aos seus interesses. Também os seus inimigos tinham conseguido à força de intrigas que o governador fizesse substituir a antiga estrada ao sul do rio Tieté, à beira da qual os negociantes de açúcar haviam estabelecido à sua custa armazéns, desde a vila de Itu até a cidade de São Paulo, por outra nova. Pedia, para remediar tão grandes prejuízos, que fossem ouvidos os governadores de São Paulo que se encontravam no Reino.
Anexo: mapa.
AHU-São Paulo-MGouveia, cx. 56, doc. 4254.
AHU_ACL_CU_023-01, Cx. 56, D. 4254.

O mapa mostra as estradas, onde se lê: *antiga que conta mais de duzentos annos* e a *moderna feita por ordem do governo*, entorno do curso do Rio Tietê, entre *Villa de Ittú* e *cidade de Sam Paullo*.
Estão assinaladas também: *Fazendas delriar de Santa Quiteria, curraes e fabricas pertencentes ao Supplente., fazenda e engenho grande de asucar do Supplente, Villa da Parnaiba.*
Ao alto, à esquerda do mapa está escrito: *A estrada marcada com agoada amarella, he a antiga, que conta mais de 200 annos. A estrada marcada com agoada vermelha hé a nova. Os lugares indicados com as letras aaaa, são as pontes que se fizeram, e que fazem mais perigosas a conservação da mesma estrada. Os lugares indicados com agoada esverdeada, são as terras do Supplente que ficão aruinadas co o tranzito dos viandantes e liberdade das suas criações formadas nas fazendas da parte do Norte. A travessa, ou passagem, marcada com pontinhos na parte do Sul, foi mandada abrir com gravissimo prejuízo do engenho do Supplente por ficarem os frutos de suas terras expostos a todo o viandante, conservados antes fechados mais de 15 annos com duas chaves, em dous portões. Esta travessa foi feita para algumas pessoas hirem por ella ouvir missa a capella, ou a igreja, que se notão no fim della, desviando-se da estrada geral, que fica a par della, por onde podião hir.*
As anotações, o tracejado e o título estão escritos a tinta ferrogálica.

AHU_CARTm_023, D. 1489

379 HOSPITAL MILITAR. Iconografia. ca. 1805

Ferreira, João da Costa, 1750-1822.
Planta do Hospital Militar da Capitania de S. Paulo. – [ca.1805]. – 1 desenho técnico : nanquim ; 47,2 x 67,3cm.

Autoria atribuída a João da Costa Ferreira (REIS FILHO, 1994).
Data atribuída 1792, pela obra acima citada.
É interessante notar o frontão neoclássico na fachada desse projeto.
Contém varandas nas enfermarias.

Estão assinalados as seguintes dependências: *Caza da lenha, Comua dos doentes, Caza de escravos, Caza dos mortos, Caza de banhos, Cozinha, Fogam, Enfermaria dos escravos, Caza dos escravos serventes, Despença, Comua dos particulares, Caza de anatomia, Galinheiro, Emfermaria das febres, Emfermaria do galico, Convalecença, Emfermaria dos feridos, Emfermaria dos inferiores, e particulares, Enfermaria dos prezos, Caza da goarda, Caza do oficial da guarda, Salão da entrada, Camera, Cozinha, Caza da cirugia, Camera, Caza do oficial que esta de dia, Cozinha, Cameras, Caza do ajudante do emfermeiro mor, Cozinha, Camera, Sala, Camerim, Caza do emfermeiro mor, Caza da fazenda, Despença, Camera, Saleta de livraria, Boticas, Armazém das drogas, Caza de jantar, Aula, Cozinha, Caza de linhas, Laboratorio quimico, Comuas, Caza dos escravos da botica, Caza dos escravos.*
Estão indicadas as fachadas norte e sul.

Marca d'água: D & C BLAUW.
Ver AHU_ACL_CU_023, Cx. 17, D. 852.
Ver AHU_ACL_CU_023, Cx. 19, D. 949.

Projeto do Hospital Militar da Capitania de São Paulo pelo engenheiro militar português, João da Costa Ferreira. A sua construção foi iniciada, mas não concluída. Foi erguido outro prédio mais simples para abrigar o hospital militar em outro terreno (Nestor. p.45). Segundo Prof. Nestor, João da Costa Ferreira executou diversos projetos e construções na Capitania de São Paulo.

AHU_CARTm_023, D. 1213

REGIÃO SUL

CAPITANIA DE SANTA CATARINA

380 LAGUNA. Mapa. 1737

Mernyn, Ambrosio.
Barra da Laguna no mar do sul / por Ambrosio Mernyn. – Escala [ca. 1:20.000]. – 1737. – 1 carta hidrográfica ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 23 x 33cm em folha 25,9 x39,3cm.

Escala gráfica de 2,5 léguas portuguezas [=8,3cm].
Inclui batimetria.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelada nas cores vermelha e verde.

Estão assinalados: *Pycavia brava, Larangeiras, Vila, P. Rasa, Tamboretes, P. de Pruagil, Barraccyuaz, Cabeçudos, Giri*[valaba?]*, Pontal, Canal, Ilha das Araras, Ilha dos Lobos, Ilha racolominos.*

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 377.

AHU_CARTm_021, D. 1214

381 RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA. Mapa. 1738

Soares, Diogo, 1684-1748.
A villa da Laguna e barra do Taramandi : na costa do Brasil e America Portugueza... / pelo P. Diogo Soares S. J. Geographo no Estado do Brasil. – 1738. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 23,4 x 31,2cm em folha 28,1 x 35,9cm.

Abrange desde o Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul, até a Ponta de Garopaba, em Santa Catarina.

Estão assinalados: *Rio Tebiqueri ou Taquari, Barretos, Rio Caveira, Porcos, Rio Capibary, Tapes, Arambari, Rio das Pedras, Vacaria, Rio d'Anta, Morretes, Rio d' Camisas, Rio Curuyarey Ra. Nova, São Francisco, Rio d' Painhas, C. Comprido, S. Bº, Alto d' Serra, Rio Rodante, Rio Cayi, Rio d'Sino, Co. d' Sino, Campos de Giamão, Rio d'Sino, Rio Grande, Tejucas, Curz do Tapis, Boa Vista, Ilha do Coral, Rio Uy, Ponta da Garopaba, Biraquera-miri, Embatu-*

miri, Biraquera, Enseada d'Embatuba, Enseada d'Guayba, Laguna, Obs.: m. est. de Santa Marta, Rio Uruçanga, Rio Ararangua, conventos, Rio Ibepetuba, Torres, Rio de Itapeba, Rio Taramandi, Palmares.

O padre matemático Diogo Soares, juntamente com o padre Domingos Capacci, veio para o Brasil fazer o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão, a mando da coroa portuguesa. Domingos Soares elaborou diversas cartas de levantamento do Brasil e plantas de fortificações do Rio de Janeiro.

Inclui rosa dos ventos, com flor de lis e indicação para leste, aquarelada nas cores vermelha, azul e amarela.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Cartucho de título decorado em estilo barroco, e aquarelado nas cores vermelha, azul e amarela.
Aquarelada nas cores, verde, sépia, cinza.
Ver AHU_ACL_CU_021, Cx.1, D. 14.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 302

AHU_CARTm_021, D. 1215

382 FORTALEZA DE SANTA CRUZ DE ANHATOMIRIM. Fortificação. ca. 1740

PAES, José da Silva, 1679-1760
Plano da Fortaleza e Ilha de Anhatomiri. – Escala indeterminável. – [ca.1740]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 28 x43,1cm em folha 32,3 x 47cm.

A Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim, está localizada na Ilha de Anhatomirim, que pertence atualmente à área de Jurisdição do Município de Governador Celso Ramos. Essa obra foi a fortificação do antigo sistema defensivo da Ilha de Santa Catarina, que era composto pelas fortalezas de São José da Ponta Grossa, Santo Antônio de Ratones e Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba. A Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim foi projetada e construída pelo brigadeiro José da Silva Paes, entre 1739 e 1744.

Estão assinalados: *Tranzito, é porta da Fortaleza, Capella, caza da polvora, quartel do comandante, fonte, quarteis, alpendre por baixo dos quarteis,forte,*

bataria baixa, bandeira, estacada nova, projecto para cobri o lado da fonte.

Escala gráfica [400?] palmos. Parte da escala está truncada.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Desenho a nanquim vermelho e preto sobre folha de papel colada em suporte de papel.
Vegetação desenhada a aquarela na cor verde.
Aquarelada nas cores vermelha, marrom, cinza e verde.
Cartucho decorado em estilo barroco.
Ver descrição Castro e Almeida [RJ]AHU_ACL_CU_017-01,Cx.52, D.12129-12133.

AHU_CARTm_021, D. 1232

383 QUARTÉIS. Iconografia. ca. 1740

Paes, José da Silva, 1679-1760.
Planta e fachada dos Coarteis. – Escala ca [1:250]. – [ca. 1740]. – 3 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color. ; em folha 21,7 x 33,1cm.

A Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim, está localizada na Ilha de Anhatomirim, que pertence atualmente à área de Jurisdição do Município de Governador Celso Ramos. Essa obra foi a fortificação do antigo sistema defensivo da Ilha de Santa Catarina, que era composto pelas fortalezas de São José da Ponta Grossa, Santo Antônio de Ratones e Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba. A Fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim foi projetada e construída pelo brigadeiro José da Silva Paes, entre 1739 e 1744.
O quartel de tropa é considerado uma construção de destaque, que representa a imponência das obras de Silva Paes.

Título no verso.
A fachada e as plantas medem 10,8 x 33,1cm. As margens superiores da folhas de papel das plantas foram coladas. Na planta há elementos dobráveis anexados para os detalhes do desenho arquitetônico.
Aquarelada nas cores vermelha, cinza e preta.
Escala gráfica de 300 palmos [=27,6cm].
Partes: Fachada dos Coarteis q. ha pa a barra – Planta dos Coarteis na fortaleza de St.ª Crûs na Ilha de Anhatomerim.

A fachada do quartel possui a legenda indicando a casa do comandante, separada do prédio.

A primeira parte da planta possui algumas inscrições, que se seguem: *cozinha, sumid*ouro*, caza de passagem, despença, sala, camara alcoba, retret*e*, despença, caza de passagem, cozinha, sumid*ouro*, retret*e*, alcoba camara, sala.*

Ver descrição Castro e Almeida [RJ]AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 52, D.12129-12133.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 383.

AHU_CARTm_021, D. 1225/1227

384 ALÇADOS DA IGREJA MATRIZ. Iconografia. ca. 1747

[Alçados da Igreja Matriz da Vila do Desterro]. – [ca. 1747]. – 4 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color.; 33,2 x 21,7cm.

Aquarelados nas cores vermelha, amarela e cinza.
Partes: Vista pela frente da Igreja Matriz – Perfil da linha A B – Vista por hum lado da Igr[a]. Matriz –Perfil da Igreja Matriz.
Marca d'água: OS.
Pertence a um conjunto de cinco plantas e alçados da Igreja Matriz da vila do Desterro, que fez parte do volume encadernado XXV. Ver D.1216.
Anexo ao ofício de 1748, julho,3 e abril, 30, do governador da Ilha José da Silva Pais. AHU_ACL_CU_021, Cx.1, D. 45.

O sertanista Francisco Dias Velho mandou erguer uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro, entre 1671 e 1673. Por alvará régio de 5 de março de 1712, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora do Desterro. Em 1748 o governador José da Silva Paes dava a licença para a construção de um novo edifício da igreja matriz, que foi iniciada em 1753. Em 1906 a igreja matriz foi elevada a condição catedral, Catedral Metropolitana de Florianópolis, e em 1922 a catedral teve grandes reformas, permanecendo a sua atual estrutura.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 384-388.

AHU_CARTm_021, D. 1217/1220

385 CASA DO GOVERNO. Iconografia. ca. 1747

[Plantas e fachadas da Casa do Governo]. – Escala [ca. 1:160]. – [ca.1747]. – 4 desenhos técnicos : tinta ferrogálica, color. ; 44 x 33,2cm.

Título no verso da planta inferior.
Escala de 120 palmos [=16,3cm].
Aquareladas nas cores amarela, cinza e preta.
Marca d'água: PS.
Partes: [Planta inferior] – [Planta superior] – [...] da caza do Governo – Vista da caza do governo pellas costas.
As dimensões variam. As dimensões maiores são da planta inferior . As dimensões da planta superior são 21 x 33,1cm e as das fachada são 16,1 x 21,8cm.

Estão assinalados na planta inferior: *patio, cozinha, cocheira, caza de criados de escada abaxo, caza de negros, escada de 3 lances, caza de passaje, tarinba, dos soldados da guarda, calabouço, saguão, caza dos ofeciaez da guarda, palheriro, cavalharice*; e na planta superior: *copa, caza de fogo, caza de Tinelo, caza de criadoz caza dos baroz, caza de hospedez, camara, gabinete, sala de recibimento, sala do ofeciaes, secretaria, caza de hospedez.*
Pertence a um conjunto de duas plantas e dois alçados da Casa do Governo, que fez parte do volume encadernado XXV.

Anexo ao ofício de 1748, julho,3 e abril, 30, do governador da Ilha José da Silva Pais. AHU_ACL_CU_021, Cx.1, D. 45.

Atualmente funciona o Museu Histórico Palácio Cruz e Souza.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 379-382.

AHU_CARTm_021, D. 1221/1224

386 IGREJA MATRIZ. Iconografia. ca. 1747

Planta da Igreja Matriz : [na Vila do Desterro]. – Escala ca. [ca. 1:140]. – [ca.1747]. – 1 desenho técnico : tinta ferrogálica, color. ; 33,2 x 21,7cm.

Estão assinalados: *altar mayor, tribruna, samcristia, caza da fabrica,sancristia dos Irmaoesn do Santíssimo, caza do concestorio, altar do Santíssimo sancristia do dito, altar dos* [...], *caza dos despo.dos ditos, cruzeiro, altares colateraes,*

pulpitos, pias de agoa benta, pia batismal, escada para o coro [...].
Escala gráfica de 100 palmos [= 15cm].
Aquarelada na cor amarela.
Pertence a um conjunto de cinco plantas e alçados da Igreja Matriz da vila do Desterro, que fez parte do volume encadernado XXV. Ver D.1217 a D.1220.
Anexo ao ofício de 1748, julho, 3 e abril, 30, do governador da Ilha, José da Silva Pais.
AHU_ACL_CU_021, Cx.1, D. 45.

O sertanista Francisco Dias Velho mandou erguer uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro, entre 1671 e 1673. Por alvará régio de 5 demarço de 1712, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora do Desterro. Em 1748 o governador José da Silva Paes dava a licença para a construção de um novo edifício da igreja matriz, que foi iniciada em 1753. Em 1906 a igreja matriz foi elevada a condição catedral, Catedral Metropolitana de Florianópolis, e em 1922 a catedral teve grandes reformas, permanecendo a sua atual estrutura.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 384-388.

AHU_CARTm_021, D. 1216

387 IGREJA N. S. DA CONCEIÇÃO. Iconografia. 1751

Lourenço, Antônio Gonçalves
Planta da nova Igreja Parrochial de N. S. da Conceição da Lagoa da Ilha de St.ª Cna. : feita por ordem do Governador Manoel Escudeiro Ferreira de Souza... / riscou o cabo de esquadra Antonio Glvez. Louro.. – no anno de 1751. – 2 desenhos técnicos ; color ; 31,8 x 42,3cm em folha 33 x 43,6cm.

Desenho a nanquim e tinta ferrogálica do alçado e corte transversal da igreja.
Aquarelados nas cores cinza, preto e sépia.

Na margem inferior a direita está escrito: *foi director desta obra, por impedimento, do cappitam engenheiro Jozé Cardoso Ramalho, os Mestre Manuel de Deos Pereira.*
Marca d'água.

Descrita em Castro e Almeida [RJ], AHU_ACL_CU_017-01, Cx.78, D.

18036.
Anexo ao documento descrito em Castro e Almeida [RJ], AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 78 18037.

AHU_CARTm_021, D. 1228

388 IGREJA MATRIZ. Iconografia. ca. 1764
Plano da Igreja Matris de Santa Catarina. – Escala [ca.1:150]. – [ca. 1764]. – 1 desenho técnico : nanquim, color. ; 46,2 x 30,2cm em folha 52,2 x 36,2cm.

Mostra o trabalho concluído na cor vermelha, e o que está por fazer na cor amarela.

Estão assinalados: *caza da fabrica, sancristia altar do Santíssimo, lugar para a pia batismal tribuna, altar maior, frente, caza do conssistorio, sancristia dos Irmãos do Satissimo, caza de despacho, altar do Santissimo, altar dos terceiros.*

Aquarelada nas cores vermelha e amarela.
Escala gráfica de 120 palmos [= 20,8cm].
Ver AHU_ACL_CU_017,Cx.73, D. 6631.

O sertanista Francisco Dias Velho mandou erguer uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro, entre 1671 e 1673. Por alvará régio de 5 demarço de 1712, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora do Desterro. Em 1748 o governador José da Silva Paes dava a licença para a construção de um novo edifício da igreja matriz, que foi iniciada em 1753. Em 1906, a igreja matriz foi elevada a condição catedral, Catedral Metropolitana de Florianópolis, e em 1922 a catedral teve grandes reformas, permanecendo a sua atual estrutura.

AHU_CARTm_021, D. 1229

389 SANTA CATARINA, ILHA E COSTA CATARINENSE. Mapa. 1779

Caldas, José Antônio.
Topografica da Ilha de Santa Catarina e da terra firme que lhe fica fronteira desde a enceada das Tojucas athê a ponta da Arrazatuba que forma ,com a ponta do sul da mesma ilha a barra chamada do Sul... – Escala [ca. 1:250.000] – Em 15 de marso de 1779. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim vermelho e preto; 31,9 x 41,7cm em folha 35,8 x

46,9cm.

Subtítulo: *Esta Ilha, e Vila de Santa Catarina em altura de 27 graos e 34 minutos, e 41 segundos de latitude para o sul, e 337 graos e 25 minutos de longitude. Esta ilha foi tomada aos portuguezes pelos expanhoes em o ano de 1777 e foi outra ves restituida no ano de 1778*.
Atribuído a José Antônio Caldas em descrição Castro e Almeida [RJ]:AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 58, D.11053.
Anexo ao doc. AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 58,D.11052
Indica fortificações *Fortinho, São Joze, Praia de Fora, Estreito*, na Ilha de Santa Catarina, e os topônimos localizados nas ilhas de Anhantomerim, *Ratones Grande* da baía e na Barra do Sul.
Escala gráfica de 5 léguas [=11cm].
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Possui batimetria.

Contém as seguintes notas na Ilha de Santa Catarina: *campos de criar gado, o corpo de toda esta Ilha he composto de muito arvoredo silvestre enterçachado de grandes penedias, dessa ponta até a lagoinha hé huma montanha escabroza incapaz de se abitar nem de cultivar.*
Os topônimos assinalados na Ilha são: *Ponta das Canavieiras, São Francisco de Parrilha, Fortinho, F. d'São Joze, Rio de Ratones, Ponta do Sento, Ponta de Sambaquim Freguezia Nossa Senhora das Necicidades,* Rio *Vermelho, Pantanala, Morro do Inglez, Freguesia da Coneiçam,Guarda, Forte da Praya de Fora, Forte de Estreito, Vila de Nossa Senhora do Desterro, Ponta Groca, Pirajubae, Rio Tavares, Cayacangamirim, Cayangaocum, Armação Nova.* No litoral: *1ª Barra,* : *Ilha do Arvoredo Ilha dos Mulequez, Ilha do Badejo, Ilha das Aranhas, Ilha do Xavier Ilha das Galhetaz, Ilha do Capeche.*

Na costa estão assinalados: *2ª Barra, Ilha da Galhê, Penedo de Sâo Pedro, 3ª Barra, Enciada da Tojucas, Rio da Tojucas Grandes, Ponta dos Ganchos, Ilha da Palma, Porto do Ganchos, Ponta dos Trinta Reiz, Ponta da Armação, Armassão Grande, Ilha do Frances, Manuel Pereira, Ponta de Santa Maria, Enceada d'Magalhaes,* Ilha e Forte *de Anhantomerim, Ponta das Tojucas, Rio das Tojucas piquenas, Freguezia de São Miguel, Rio Biguaçu, Fortaleza de Ratones* na *Ilha d'Ratones Grande, Ilha d'Ratones Pequena Rio do Quebra Cavalos, Ilha dos Guarazes, Freguezia de São Jozé, Rio das Caranhas, Tapetingas, Ilha do Meruhi, Ilha dos Burros, Rio Cubatam, Freguesia da Nossa Senhora do Rozario, Enciada d' Brito, Ilha dos Cardos, Rio Maxambu, Feitoria, ou caza d'el Rei, Forte da Barra do Sul, Arrazatuba, Ilha do Coral, Barra do Sul, Ilhas as 3 Irmanz.*

Aguada na cor sépia.
Descrita em Castro e Almeida [BA]: AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 58, D.11053, anexo ao documento AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 58, D.11052.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 369.

AHU_CARTm_021, D. 1230

390 POVOAÇÕES. Mapa. ca. 1790

Configuração do terreno que parece mais conveniente para a 1.ª povoação das que se intentão fundar no certão de Santa Catharina – Escala [ca. 1:2.700]. – [ca.1790]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 40 x 24,3cm em folha 43,4 x 27,4cm.

Estão assinalados: *Rancho chamado do Quilombo, estrada do certão,lugar do certão,* dentro da pretensa povoação *quarterões de 5 cazas para hum, igreja, caza do governo e armas, passal do vigário, Rio Maruhy.*

Escala gráfica de 250 braças [= 20,8cm].
Aquarelada nas cores verde, rosa, azul, amarela e preta.
Ver AHU_ACL_CU_021, Cx.5, D.334.

Atualmente o Rio Maruí é chamado de Maruim, Imaruí ou Imaruim. É um rio do Estado de Santa Catarina.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 376.

AHU_CARTm_021, D. 1234

391 POVOAÇÕES. Mapa. 1792?

Configuração da parte do Certão pertencente ao Governo da Ilha de Santa Catharina que fica entre o Rio Biguassú e o Rio Cubabão aonde se intentão fazer as novas povoaçoens. – Escala [ca.1:250.000]. – [1792?]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim 48,6 x 31,1cm em folha 50,3 x 32,8 cm.

Abrange parte do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, principalmente no atual município de Palhoça.
Estão assinalados: *Freg. de São Jozé, Guarda de Maruhy, Fazenda de Caetano*

Silveira, rancho do Quilombo, aonde parece mais conveniente ser a primeria povoação, lugar que parece ser a Segunda povoação, campo da Boa Vista, Guarda da Boa Vista, Guarda do Trombudo, caminho que conduz as Villas das Lages.

Escala gráfica de 6 léguas [=13,7cm].
Inclui rosa-do-ventos, com flor de lis.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, azul e amarela.
Cartucho de título decorado em estilo barroco.
Ver AHU_ACL_CU_021, Cx.5, D.334.

O município de Palhoça foi criado no caminho da estrada que ligava Lages à Florianópolis.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 375.

AHU_CARTm_021, D. 1233

392 QUARTEL. Iconografia. ca. 1806

Decenho do quartel da Tropa da Guarnição da ilha de St.ª Catharina para 7 companhias na forma do antigo plano : mandado fazer pelo brigadeiro Manoel Soares Coimbra no tempo que governava esta Ilha no anno de 1794. – [ca.1806]. – 6 desenhos técnicos. : nanquim ; 34,3 x 103,2cm em folha 36,4 x 105,7cm.

Contém 4 alçados e 2 desenhos arquitetônicos.
Desenhado sobre 2 folhas de papel coladas.
Marca d'água: D&C BLAUW.
Título e assinatura de Luis Mauricio da Silveira, estão escritos a tinta ferrogálica.
Anexo ao ofício do governador Luís Mauricio da Silveira de 1806,junho, 2, AHU_ACL_CU_021, Cx.9, D. 501.

Conhecido como Quartel Campo do Manejo permaneceu até 1955. No seu local, foi construído o Instituto Estadual de Educação Dias Velho, restando apenas o muro do velho quartel. Enciclopedia Simpozio – Santa Catarina Colonial. Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~simpozio/EncReg/EncSC/MegaHSC/SCcolonial/91sc0440.htm#498>. Acesso em: 5 ago. 2009.

AHU_CARTm_021, D. 1231

CAPITANIA DO RIO GRANDE DO SUL

393 RIO GRANDE. PORTO. Mapa. ca. 1736

Paes, José da Silva, 1679-1760.
Dessenho por idea da barra e porto do Rio Grande de S. Pedro. – [ca.1736]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta; 30 x 41,7cm em folha 33,8 x 45,8cm.

Abrange a atual cidade do Rio Grande, que foi fundada pelo Brigadeiro José da Silva Paes com a construção do Presído Jesus-Maria-José, em 1737.
Possui rosa dos ventos com flor de lis.
Inclui batimetria.
Desenho a aquarela e sépia.
Encarte: I O novo dessenho do estreyto debaixo damedida, com o seu petipé. Escala [ca.1:6.000]. Escala gráfica de 150 braças [= 5,9cm].

Estão assinalados: *porto que se acha occupado com a nossa infantaria, 18 pessas de artelharia , e dous morteyros, novo dessenho para a fortifiçam que deve haver no estreyto , guarda do ribeyro o mercador defendida com hua groça estacaria e 70 soldadados com 3 pessas de artelharia, o passo da Mangueyra, defendido com estacaria, e cavallinhos, de friza, e 24 infantes, ancoradouro das embarcações, barracas de couro onde está a provedoria, Ilha do Marinheyro, terreno a que chamão a Mangueira, pantanos que cercão o rincam, que se deve occupar.*

Aquarelada nas cores verde, rosa, azul,vermelha, e amarela.
Há presença de ornato caligráfico.
Descrita em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 44, D. 10.364. Anexo ao documento AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 44, D. 10.360.

AHU_CARTm_019, D. 1235

394 AMÉRICA DO SUL, COSTA. Mapa. ca. 1740

Soares, Diogo, 1684-1748.
[Planta da costa do Brasil desde a barra do Rio Grande de São Pedro até às proximidades do cabo de Santa Maria]. – [ca. 1740]. – 1 carta ms. : color., desenho a bico de pena ; 23,8 x 32,5cm em folha 27,5 x 37,2cm.

Abrange a costa da América do Sul desde o cabo de Santa Maria, no Uruguai, até a Lagoa dos Patos.
Indica a fortificação do estreito na povoação do Rio Grande e os fortes de São Miguel e Taim.

Autoria atribuída a Diogo Soares, como também a data em: A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. P. 126. Imagem reproduzida, Mapa 3.
Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas.

Segundo André Ferrand de Almeida, este mapa, inacabado, deve ter sido o último trabalho do Padre Diogo Soares.
Outra atribuição de título: Mapa da costa do Brasil desde a barra do Rio Grande de São Pedro até às proximidades do cabo de Santa Maria.

Topônimos assinalados no Rio Grande do Sul: *Baía d'Rio Grande, Cayoba, Foz d' Tíy, (Cópia) Alto, P. Tajicu,Paes, Baía do Xuí Su*[...]*mortos, C. Xavnvoy.*

Topônimos assinalados no Uruguai: *Rio Sabolaty, Rio d' India Mozla, Rio de São Luis, F. de S.* [...]*gé, Castilhos Pequenos.*

Relevo representado em forma pictórica.
Cartucho inacabado, decorado em estilo barroco.
Aquarelada nas cores sépia, vermelha, azul e verde.

Ver AHU_ACL_CU_017-01,Cx.33, D.7623 e AHU_CARTm_021, D.1215 (Vila de Laguna e Barra de Taramandi, data 1738.

AHU_CARTm_019, D. 1243

395 BRASIL, ARGENTINA E URUGUAI. Mapa. ca. 1740

Soares, Diogo, 1684-1748.
[Planta da costa desde a barra de Paranaguá até ao Rio de Prata, indicando o interior, o curso deste rio e dos rios Uruguai e Paraná e seus afluentes]. – [ca.1740]. – 1 carta ms.: color., desenho a nanquim ; 41 x 63,3cm em folha 46,2 x 68,1cm.

Abrange, no litoral, desde a foz do Rio da Prata até a barra de Paranaguá, no Paraná, mostrando o curso dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai.
No interior abrange desde o sul do Paraná e do Paraguai até parte da Argentina.
Indica as missões jesuíticas do Guairá e do Paraguai.

Autoria atribuída a Diogo Soares, como também a data em: A formação

do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa / André Ferrand de Almeida. P. 124. Imagem reproduzida, Mapa 7. Diogo Soares e Domingos Capacci foram os padres matemáticos enviados pela coroa portuguesa para fazerem o levantamento do território do Brasil, incluindo o sertão e elaborarem cartas geográficas.

Na Barra do Rio Grande, está escrito *Pasio 2, Forte do Rio Grande* e *Santa Anna.*
No litoral estão assinalados, Brasil: *Baía d' Parnagua, Baía da Guaratuba, Baía de São Francisco, Enseada de Tapicu, Ponta de Tapacroya, Enseada de Tajahy, Rio Tajahi, Rio Tajahymiri, Enseada das Garoupas, Laguna, Taramandi, Rio Grande de São Pedro;* Uruguai: *Castilhos Pequenos, Castilhos Grandes, Rio Sabolati, Rio d' India Mozla Rio de São Luis, Cabo de Santa Maria, Ilha dos Lobos, Maldonado, Pontas Negras, Rio Soliz, Baía d' Inglez;* Argentina: *Cabo de Santo Antonio.*

No interior aparecem: *Cambejû, Porcoz, Rio Grande, Rio Pellado, Curitiba, C. Largo, Carlos, Rio Grande Merim, Cabo. do Tenente, passa 3, Rio Negro, Mato de São João, Rio Itupeba ou Canoaz Merim, Ribeirão, Espigão, Cabo Alto, Cabo. Alegre, Morro Tayo, Papagayos, Ascenção, Geada, Coritibanos, Fr. João, Rio São Thome, Rio Tachina, C. de Santa Luzia, Rio de Santo Andrê, Rio Uruguay, Rio das Canoaz, Rio Uruguay Mirî, Rio Uruguay.*

Nas margens do Rio Uruguai lê-se: *Pita, Rio Pepiri, Rio Guambaça, Rio Acaraño, Rio Iriboa, Rio de São João, Rio Nucora, Rio Yaguarape, San Angel, Rio Iyui-Mini, San Juan, São Lourenço, São Luiz, São Nicolaz, Rio Mbororo, Santo Gerônimo, SS MM, Santa Maria, Conceyção, SS Apostolo, São Joze, São Carlos, São Thome, Rio Piratini, Rio Ycabaqua, São Borja, Rio Nbututuy, Rio Aguapery, São Cnex., Yapeyu, Rio Ybicuy, Rio Ibicu-Mini, Rio Ybipitâ, Rio Ybicuacui, Rio Toropy, Rio Naguarû, Santa Catharina, Rio Urubugua, Rio Ibiati, Rio Mirinay, Lagoa Ybara, Rio Guaray, Rio Negro, Rio D. Estevan, Rio Durasno, Arroyo Grande, Rio São Salvador, Rio Naranjo Rio Sauce.*

No Uruguai, nas margens do Rio da Prata aparecem apenas: *Collonia, Barrancas, Rio de São Joze, Rio de Santa Luzia, Rio Canelonis, Baía d'Ortis, Baía d' Panella, Ilha Flrez, Carretas, Rio Solîz.*

Nas margens do Rio da Prata, na Argentina estão assinalados: *Santo Antonio, Rio Ortri, Rio Salado, G. de Margarida, Rio Sauces, Enseada d' Barragan, Rio e Ponta d'Nango, Rio Guiomar, Riachuelo, Buenos Ayres, Rio d' Larconchaz, Rio Lujan, Rio Areco, Recife, Lamatança, Rio Primeiro, Tortugas, Rio Segundo, Rio Tercero, Rio Caracanan, Gaboto, Santa Fê, Rio d' las Correntes, Santa Luzia, Rio de Santa Luzia, São Tyago, Itoma, Rio Blanco.*

Nas margens do Rio Paraná indicam: *Rio Pilcomayo, Corrientes, Ytati, Mbaquea, Ytu, Rio Atingi, Rio Aguapiy, Ytapua, Candelaria, São Cosme, Santa Anna,Loreto, Santo Ignacio, Corpuz, Trindade, Jezuz, Rio Capibaribe, Rio Mondaz, Rio P. d' corituba.*

Nas margens do Rio Paraguai apontam: *Rio Pilcomayo, Rio Grande, Rio Tibiquiri, Rio Canabê, Yariguaya,Yaguaron, Assumpção, Arecutaca.*

Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelada na cor rosa, somente no contorno dos rios Paraná, Uruguai, Negro e Prata, litoral, Lagoas dos Patos (RS), Mirim (Brasil e Uruguai) e Ybará (Uruguai).
Ver AHU_ACL_CU_021, Cx.1, D. 14.

Outro título atribuído: Mapa abrangendo a costa do Brasil desde a baía de Paranaguá até foz do Rio da Prata e, no sertão, os cursos dos rios Paraguai, Uruguai e Paraná.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 301.

AHU_CARTm_019, D. 1244

396 TRATADOS. Mapa. Entre 1715 e 1750

Demonstraçam facil e concludente do direito que tem a Coroa de Portugal ao dominio das terras, sobre que se fez o Tratado Provisional em 1681 as quaes forão cedidas na alliança de 1701 e restituidas pella paz de 1715.
–Escala [ca. 1:650.000]. – [Entre 1715 e 1750]. – 1 carta ms. : color. desenho a tinta ; 44 x 31,4cm em folha 48,6 x 37,6cm.
Abrange desde Cabo Frio, no atual Estado do Rio de Janeiro, até o Cabo de Santo Antônio, na Argentina.
Escala gráfica de 60 léguas [=5,7cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis, desenhada a lápis.

Possui as linha de demarcação na Lagoa dos Patos, onde está escrito *linha demarcação que determinarão os comissarios de Castella* e ou outra no Rio da Prata, próxima à Colonia do Sacramento, onde se lê escrito *linha demarcação que determinarão os comissarios de Portugal*.

Entre as duas linhas de demarcação, nas margens do Rio da Prata e na

Lagoa dos Patos, está escrito: *terras sobre as quaes se fez o Tratado Provisional no anno de mil seicentos e oitenta e hum.* Esse Tratado Provisional de Lisboa, 7 de maio de 1681, estipulava o reconhecimento da Colônia do Sacramento de posse portuguesa à Espanha.

Estão assinalados: *Cabo Frio, Rio de Janeiro, Ilha de Marambaya, Ilha de Jorge Grego ou Ilha Grande, Angra dos Reyes, Enceada de Vbatuba, Ilha dos Porcos, Ilha de São Sebastião, Ilha de Alcatrazes, Baía dos Santos, Baía de São Vicente,Nossa Senhora da Candelaria,Ilha Cananea, Barra de Itacuatiará, Baía de Supazabu, Baía Saguasui, Baía de Ibopeputuba, Ilha da Galé, Ilha de Santa Catherina, Ilha Alvoredo, Rio Vpaba, Barra do Rio Grande da Lagoa ou Porto de São Pedro, Rio de Martim Afonso se Sousa, Castilhos, Cabo de Santa Maria, Maldonado, Rio da Prata, Cabo de Santo Antonio, Buenos Ayres, Ilha de São Gabriel, Colonia do Sacramento.*

Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Desenho a nanquim e aquarelado.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 317.

AHU_CARTm_019, D. 1248

397 MISSIÕES DOS INDIOS GUARANI. Mapa. ca. 1750

Mapa de la missiones de los indios Guaranis. – Escala [ca. 1:1.500.000]. – [ca. 1750]. – 1 mapa ms.: desenho a nanquim; 65,6 x 52,3cm em folha 82 x 58,2cm.

Possui uma relação dos povos das missões com o número total de famílias e pessoas, que se seguem: *Santo Ignacio guazu, Nossa Senhora, de Fê, Santa Roza, São Tiago, Itapua, Candelaria, São Cosme, Santa Anna, Loreto, Santo Ignácio Miri, Corpus, Jesus, S.S. Trinidad, São Jozê, S.S. Apostolos, Concepcion, Santa Maria, São Xavier, S.S. Martires, São Nicolas, São Luis, São Lorenzo, São Miguel, São Juan Batista, Santo Angel, São Thome, São Borja, La Cruz, Yapeyu.*
Assinala Rio Paraguai e seus afluentes como: *Rio Tebiquary, Rio Paraguay Miri, Rio Corrientes, Rio Salado.*
Aponta o Rio Paraná com seus tributários: *Rio Ybabiry, Rio Acary, Rio Monday, Aquapary* - e no Rio Uruguai – *Rio Jejuy, Rio Paratiny e Rio Ibicuy* .
Próximo ao *Rio Tebiquary* estão indicados forte e capela de Domingos.
Indica também as tribos indígenas Abipones e Mocovies e os povos das

missões jesuíticas inacianas no Rio Salado (Santa Fé e São Xavier) e em Assunção.
Entre os rios Paraguai e Monday estão assinalados: *Yerbales dels espanoles, caminho de Curugaty, Guardia de los Anjos, Caaýguas, Villarica, Ypane F., CaasapàYuti F., Paraguay Estancia, Laguna Ypoa, Yaguaron,Villetta, Guarambare C., Ypané C.Assumpción,Emboscada, Altos, Atená, Tobaty.*

Escala gráfica de 20 legoas [= 8,2cm].
Desenhado sobre 4 folhas de papel coladas.
Aquarelado na cor cinza.
Marca d'água: LV Gerrevink.
Ver documento AHU_ACL_CU_019_Cx.1, D. 96, de 1755 fev. 19.

As Missões Jesuíticas dos Guaranis abrangiam parte do Paraguai, o Nordeste da Argentina, e o oeste do Rio Grande do Sul, na região dos Rios Paraguai, Paraná e Uruguai.

AHU_CARTm_019, D. 1251

398 CAMINHO DE TURITAMA A SANTO ANTONIO. Mapa. ca. 1753

Leão, Manuel Vieira, 1727-c.1803.
Mappa do caminho novo q. vai do Passo de Turitama ao de S. Antonio. – [ca. 1753]. – 1 carta ms. : col., desenho a tinta ; 28,2 x 31,2cm em folha 34,2 x 44,4cm.

Deve ter sido elaborado no início de 1753, uma vez que Vieira Leão acompanhou Gomes Freire de Andrade no começo das demarcações em dezembro de 1752.

Estão assinalados: *Rio Grande, Santo Antonio Novo, Rio de Santo Antonio, ou Cabbacuano, Passo das Pedras, Monte Alegre, São Silvestre, Passo da Caroia, São Simão, Arroio do Padre, lugar da festa dos índios, Piratini, Passo da Cruz, Serro Pelado, Rio Nossa Senhora da Conceição, Passo da Forquilha, Enseada de São Gonçalo, Rio Piratenhim* (atual Rio Piratini), *Rio dos Scrandiz, Passo do liscano, Novo Passo, Passo de Torutama, Sangradôro Mirim, Rio de São Thomaz, Rio das Pellotas, Passo dos Guamaz, Villa do Rio Grande, Guarda do Norte, Mangueira.*

Aquarelada na cor vermelha e aguada de verde e preta.
Relevo representado em hachuras.

Margens do mapa e cartucho de título decorados em estilo neoclássicos.
Marca d'água: C&I HONIG.
Descrita em Castro e Almedia [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 73, D. 16901. Anexo ao AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 73, D. 1690.
Desenho a bico de pena com tinta nanquim.

Indica a vila do Rio Grande.
Exibe todo o curso do rio Piratini e parte das Lagoas Mirim e dos Patos.

Mostra a justificativa da evacuação de uma tribo dos Índios Tapes Chimarrões do Passo de Turitama (atual região de Piratini e Canguçu), na serra dos Tapes, para Santo Antônio (BARRETO, 1973-1976, v.2, p. 803).
Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 303.

AHU_CARTm_019, D. 1236

399 FORTE JESUS, MARIA E JOSÉ DO RIO PARDO. Fortificação. ca. 1755

Leão, Manuel Vieira, 1727-c.1803.
Planta da fortaleza de Jesus Maria Jozé / Mel. Vra. Leão a fez, descipulo do Coronel Jozê Fez. Pinto Alpoym – Escala [ca. 1:800]. – [ca. 1755]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 19,8 x 31,8cm em folha 21,4 x 33,9cm.

Estão assinalados: *Praça de armas, caza do governo, igreja, sancrestia, cimeterio, corpos de guarda, caza da polovora, sua caza de recibimento, armazem de El Rey, quarteis de soldados, trem onde recolhem-ce todas as moniçoens , esgotadoro das agoas, cazas dos moradores, curral onde recolhem-ce os cavalos e bois, escada para o porto, praças baixas, praças altas, pao da bandeira.*

Escala gráfica de 20 braças [= 5,6cm].
Inclui perfil com cartela decorada em estilo barroco.
Cartucho de título decorado e estilo barroco.
Possui rosa dos ventos, aquarelada nas cores amarela, rosa e azul.
Desenho a nanquim vermelho, preto e bico de pena.
Aquarelada nas cores vermelha, cinza e laranja.
Marca d'água: PC.
Anexa a descrição Castro e Almeida [RJ] AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 78, D. 18.212/14.

O Forte Jesus, Maria e José do Rio Pardo localiza-se entre a margem esquerda do Rio Jacuí e na foz do Rio Pardo, limite da região das Missões

Jesuíticas, atualmente conhecido como Alta Fortaleza, na cidade do Rio Pardo. Com o Tratado de Madri, foi determinado que se construísse depósito de provisões e víveres, ali estabelecendo o seu quartel general, em 1751. O acampamento evoluiu para para um forte em 1752. Entre 1753 e 1756 houve a Guerra Guaranítica, o forte foi atacado pelos Índios da Tribo Tape.
Segundo Isa Adonias, esta fortificação foi levantada pelo coronel José Fernandes Pinto Alpoim, por ordem do General Gomes Freire de Andrade, em 1754.
A Mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro, possui uma cópia, com data atribuída 1754.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 304.

AHU_CARTm_019, D. 1237

400 FORTIM DE SÃO JOSÉ DO NORTE. Fortificação. ca. 1767.

[Fortificação com dois redutos, um deles chamado São José da Guarda do Norte]. – Escala [ca. 1:700] – [ca. 1767]. – 1 planta ms.: color., desenho a nanquim ; 18,5 x 30,5cm em folha 22x 34,9cm.

Mostra a retomada dos portugueses no Rio Grande, depois da conquista dos espanhóis em decorrência do Tratado de Pardo de 1761, que anulara o Tratado de Madri.

Na legenda ocorre: *reducto a que se pòs o nome de São Jozé da Guarda do Norte, guarnecido de 4 peças, 2 de 8, e 2 de 12, Segundo Reducto com 2 peças de 8, caza de polvora, pao da bandeira que colocamos, quartel antigo da nossa guarda, quarteis dos castelhanos, feitos de couros.*

Estão assinalados: *Caminho, portão, estacada, obra baixa, portão, Rio Grande.*
Escala gráfica de 25 braças [= 7,9cm].
Aquarelada nas cores cinza e preto.
Marca dágua: D&C BLAUW.
Anexo ao documento 1767, julho, 5, Rio de Janeiro, AHU_ACL_CU_017, Cx.81, D.7258.

AHU_CARTm_019, D. 1238

401 FORTE DE SANTA TECLA. Fortificação. ca. 1776

Plano da fortaleza de St.ª Tecla : feyta de taipa pellos castilhanos em hum citio eminente e descuberto nos annos de 1774, e 1775, e rendida, arazada e queymada, pellos portuguezes em o mez de Março de 1776. – Escala [ca. 1:900]. – [ca.1776]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 20,4 x 32,9cm em folha 22,2 x 35cm.

Mostra a retomada dos portugueses no Rio Grande, depois da conquista dos espanhóis em decorrência do Tratado de Pardo de 1761, que anulara o Tratado de Madri. Os baluartes tem os nomes de São José, São Francisco, Santo Agostinho, São Miguel e São João Batista.

Estão assinalados: *igreja, caza de comandante, caza do tenente coronel engenheiro, corpos de guarda, quarteis da tropa, cozinhas, praça com curral onde metião 150 animais que conservavão dentro, armazem, espaldoens que levantarão dipois do citio para não serem enfiados, rochedo cortado a precipicio, portão com ponte, porta de socorro, e de sortida, hospital, poços de agoa com mais de 120 palmos de profundidade abertos em roxa. O foço em todo o recinto he tambem aberto em roxa. A altura da muralha desde a Berma ao alto do parapeito tem treze palmos, e os baluartes de São Miguel e Santo Agostinho são a cavaleyro mais altos sete palmos que toda a muralha.*

Escala gráfica de 600 palmos ou 60 braças [=14,5cm].
Possui rosa dos ventos, rosa, com flor de lis.
Aguada nas cores marrom, cinza e amarela.
Marca d'água: H C WEND & ZOONEN.
Cópia de mesma época em AHU_CARTm_019, D. 1240, ref. 402.
Anexo ao documento de 1776, Abril, 30: AHU_ACL_CU_017, Cx. 99, D. 8541.

O Forte de Santa Tecla localizava-se em São Miguel, 7 km. de Bagé, confluência dos rios Negros e Piraí. Foi construído em 1774 e destruído pelos portugueses após tomarem dos espanhóis.

AHU_CARTm_019, D. 1239

402 FORTE DE SANTA TECLA. Fortificação. ca. 1776

Plano da fortaleza de St.ª Tecla : feita de taipa pellos castelhanos em hum sitio eminente, e discuberto nos annos de 1774, e mil sette centos e settenta e sinco, e rendida, arrazada e queimada pellos portuguezes em o mez de Março de 1776. – Escala [ca. 1:100]. – [ca.1776]. – 1 planta ms. : color.

desenho a nanquim ; 20,2 x 33cm em folha 22,2 x 34,9cm.

Mostra a retomada dos portugueses no Rio Grande, depois da conquista dos espanhóis em decorrência do Tratado de Pardo de 1761, que anulara o Tratado de Madri.
Os baluartes tem os nomes de São José, São Francisco, Santo Agostinho, São Miguel e São João Batista.

Estão assinalados: *igreja, caza de commandante, caza do tenente coronel engenheiro, corpo de guarda, quarteis da tropa, cozinhas, praça com curral onde metião 150 animais que conservavão dentro, armazem, espaldoens que levantarão dipois do citio para não serem infiados, rochedo cortado a precipicio, portão com ponte, porta de socorro, e de sortida, hospital, poços de agoa com mais de 120 palmos de profundidade abertos em rocha. O fosso em todo o recinto he tambem aberto em rocha. A altura da muralha desde a berma ao alto do parapeito tem treze palmos, e os baluartes de São Miguel e Santo Agostinho são a cavalheiro mais altos sette palmos que toda a muralha.*

Escala gráfica de 500 palmos [=12,2cm].
Escala gráfica de 600 palmos ou 60 braças [=14,5cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Aguada nas cores marrom, cinza e amarela.
Marca d'água: H C WEND & ZOONEN.
Cópia de mesma época, com pequenas diferenças na nomenclatura em AHU_CARTm_019, D. 1239, ref.401.
Anexo ao documento de 1776, Abril, 30: AHU_ACL_CU_017, Cx. 99, D. 8541.

O Forte de Santa Tecla localizava-se em São Miguel, 7 km. de Bagé, confluência dos rios Negros e Piraí. Foi construído em 1774 e destruído pelos portugueses após tomarem dos espanhóis.

AHU_CARTm_019, D. 1240

403 ACAMPAMENTOS DE DEMARCAÇÃO. Mapa. ca. 1784

Planta do acampamento das duas primeiras divizioens espanhola e portugueza da demarcação de lemites da America Meridional junto das margens do Arroyo Chuy em Fevereiro de 1784. – Escala [ca. 1:2.500]. – [ca. 1784]. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 32,5 x 42,1cm em folha 35,1 x 44,2cm.

Escala gráfica de 100 passos [=6,6 cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis, aquarelada nas cores braca e vermelha.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aquarelada naas cores verde, vermelha e cinza.
Marca d'água: H C WEND & ZOONEN.
Anexo ao documento de 1784, Março, 26: AHU_ACL_CU_059, Cx. 3, D. 226.

Referências: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. N. 353.

AHU_CARTm_019, D.1252

404 BRASIL. FRONTEIRAS. Mapa. ca. 1784

Plano da raia marcada no Estado do Brasil pellos officiaes da segunda divizão pertencente ao partido do Rio Grande de S. Pedro na expedição do anno de 1750 copiado do proprio original que se elevou na campanha. – [ca.1784]. – 1 carta ms.: desenho a nanquim ; 80,9 x 39,5cm em folha 84 x 42,7cm.

Truncado, podendo observar a abrangência da área geográfica entre *Salto Grande*, ou Cachoeira de Sete Quedas (extinta com a construção da usina hidroelétrica de Itaipu), no Rio Paraná, – fronteira Brasil, no Estado do Paraná, com Paraguai – e o rio Ibicuí – fronteira Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, com Uruguai.
Indica plantações de ervas, as missões jesuíticas do Tape e Guairá e algumas tribos indígenas como: *Mbaebera,* Guayaki etc.
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Possui escala de latitudes (S 24º – S 30º).
Ver ao doc. de 21 de Dez. de 1784: AHU_ACL_CU_059, Cx. 3, D. 232.

Estão assinalados nas margens do Rio Paraná: *Salto Grande, Rio Pequery, Rio Garey, Redemoinhos, Laguna de las Palometas, Herbales de Curriy, Rio de las Pelotas, Rio Pocuelos, Rio* [...]*aimble Guaçu, Rio de Santa Thareza, Rio Ybiranhatima Guaçu, Rio Yaquari, Yacaporan, Yacaovay, Ybiranhatima mini, Rio Yaca Guaçu, Ytacaray, Rio Jejuy, Rio Ybitirucay, Rio Juquiri guaçu, Aguarahy, Juquiri mini, Ju*[...], *Cª. Brevitagaia, Mbatebuy, Cª. Mborepea, Rio Yjaracui, Ytaipa, Caraquaty, Rio Ituquaba, Rio Tapitanga, Rio Piracabi, Rio Yacarabay, Rio Pindayguy, Rio Hocoy, Capivari, Tatyupia, Rio Capurugi, Rio Cuamicapu, Rio Naumby, Rio mandiupa, Rio Cayi, Rio Yribayay, Rio Boyigauçu, Rio Monday, Rio Boyimini, Rio Ygauçu, acampamento, J. Sola, Ilha Taquaray, Lagoa 4 hermanas, Ilha Grande, Ilha do pesqueiro, Rio São Francisco, Rio de Santo Antonio mini, Marcos, Gª Itamembuy, Rio Roy mini, Mbocaymini, Salto, Rio Mbocay guaçu, Cª. Yacuambé, Rio Yaycuipii, Rio Ytuti, Rio Yacy, Ytamenbejaca, Rio Tabucay, Pirapitay, Rio Uruguay, Rio Pirapitingui, Ilha Paranambu mini, Ilha Paranambu guaçu, Rio Taperabiu, Passo de infieis, Ita*[...], *Bujuy, Rio Itutiguaçu, Rio Itaboni*[...],*Rio Ynhaumby, Abati*[...],

Rio Aguaray guaçu, Rio Aguaray mini, Rio Yacuí, Rio Yaguarungua, Ilha Paraeba, Rio Piray mini, Guaçu, Passo de Jezus, Rio Guiraigua, Rio Guirapay,Yacarey, Para[...]*acan, Cª. Yabacu, Yacan*[...]*,Rio Paranahyguaçu, Rio Paranahyminirio YtatitayRio Tembey,* falta parte, *P. Iby, Santo Ignacio miri, Loreto, Santa Anna, Rio Aguapey, Candelaria, Rio Aguarupamini, San Crsitoval, Guazupizaro,San Joze, São Carlos.*

Nas margens do Rio Monday, afluente do Paraná: *Rio Aguary-mini, Emboicha, Barracanquery, Rio Emapallado, Guardia de Pallemares, Mundaimini, Mundai Guaçu, Rio Ibicuy, Rio Yna, São Joaquim, São Estanilau,Rio Miramqua, Cambaqua, Rio de la Borda, Cainiho de la entrada al Mbaebera, Pastoreo, Herbales de Caesapa Juli.*

Nas margens do Rio Jejuí e seus afluentes: *Nandurucay, Ytape guaçu, Ytape mini, Rio Jejuy mini, Tapatinga, Taquarembou, Rio Jejuy guaçu, Trapicheque, Guardia de Peguaho,* Rio *del Prezidio, Rio Verde, Rio Curuguati, Vila de Curuguati, Piquepo, Aaebaque, Tonday, Rio Carimbatay.*

Próximo à Laguna Grande: *Rio Tobali mini, Taquari, Acainoza, Mburietu, Rio del Espenilho, Guardia de los Ajos.*

Proximidades do Rio Tibiquari (Paraguai): *Capela Enramada, , Juli, Rio Capivari guaçu, Rio Capivari mini, Caaçapa, Hernando Arias, Rio Tibiqurari mini, Rio Acan guaçu, Rio Acan min , Rio del Pueblo, Vila Rica, Ytape.*
Nas margens do Rio Uruguai: *São Pedro, São Paulo, São Jorge, São Filipe, Santo Izidoro, Rio Tararera, Rio Tayiy*[...]*, Yancuyl, Povo novo de São Miguel, Santa Maria, Santa Cruz, Rio Aguapey, Rio Ybipitia, São Thome, Yrumbu, Rio Ybicuy, Rio Yaguary, Monte Grade, Ryaquari mini, Rio Ybicui mini, Rio Vacaray guaçu, Vacaray mini, Rio Ararica, Rio Yaguari, Rio Parati, Rio Mbuluy, Rio Mbutui mini, Rio Ybutui mini, Rio Ygoay mini, Rio Ygoay, Rio Ygoay guaçu, Rio Goay, São Thome, Rio Mbutu, São Borja, Rio Ycavacuam, Rio de São Jozeph, Rio Ypuichi, Rio Urnbi, Rio Capiguary, Rio Chemira, Cª. Ildefonso, Rio Arecutaby, Rio Yaguane, Rio Jacaray, Rio Tapea, Yacan, Rio Piratini, Rio Muitu, São Miguel, São Lourenço, São Luis, São Nicolas, Concepción, Santos Apostolos, Capirigua, Pequeno itu, Rio Yyuy, Santo Angelo, Yyui guaçu, São Joan, Yyimini, Tacaruare itu, Rio Anangui, Santa Maria, Martires, Tacuraio, Rio Tacapiare, Mandiy, Tacurujovi, Rio Guarapirco Yacarepoya mini, Yacarepoia guaçu, Ytu, Rio Apariu,Rio Ytapua, São Xavier, Rio Mborore, Yaquari,Ytupehe, Cª. Mbaey, Rio Tabay, Rio Ybirahi, Rio Ytay, Rio Iyoza guaçu, Rio Iyoza mini, Acaragua, Acaragua itu, Bacueta Itu, Rio Piray guaçu, Piray mini, Rio Naumbi, Rio Acarahy, Pindaibu, Rio Mbutiay mini, Mbutiay guaçu, Rio Guira gauçu, Rio Guira mini, Guiray itu, Passo de infieis, Rio Tapepeiri mini, Rio Tapepeiri guaçu, passo dos infieis, Yguarupia itu, Yguarupia, Ytaungua itu, Rio Cavacua guaçu, Cª Cavacua pucu, Cavacua mini,* [...]*pahu caray, Guarumbaca, Mandii guaçu, Mandii mini, Rio Piricay, Rio Ypane, Rio Peguaouvi, Ytacaray, Itacaray itu, passo das canoas, Salto Grande, Rio Uruguay Pita, Rio Apete*[...]*, Rio Ita*[...]*ona, Rio Peperi, Rio Peperi guaçu, Rio Peperi mini, Rio Yabotiy mini, Rio Yabotiy guaçu.*

Provavelmente esta cópia do trabalho da Comissão de Demarcação de Fronteiras da Região Sul decorrente do Tratado de Madri de 1750, foi feita para os trabalhos da Comissão de Demarcação do Tratado de Santo Ildefonso de 1777, que

estabelecia novos limites. A Primeira Divisão da Comissão se estenderia do Chuí ao Igureí (Região Sul) e a Segunda da Região Sul foi encarregada de delimitar entre os rios Igureí e Jauru (Regiões Sul e Centro-Oeste).

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 306.

AHU_CARTm_019, D. 1250

405 MARCO – TAIM, ARROIO. Iconografia. ca. 1784

Reprezentação dos marcos que se collocáram na linha divizoria desde a bocadura do Arroyo de Ytaym até o mar. – Escala [ca. 1:15]. – [ca.1784]. – 2 desenhos técnicos : tinta, color. ; em f. 22,4 x 34,5 cm.

Duas cópias de época.
Escala gráfica de 10 palmos [= 13,5cm].
Aguada nas cores rosa, marrom e cinza.
Estão representados dois alçados do marco onde estão escritos: *Alçado da parte do Norte – Alçado da parte Sul.*
Na margem superior, à direita, contém número 7.
REQUERIMENTO F. anno 1784; alçado da parte sul, terreno neutral até Chuy.
Marca d'água: D C & Blauw.
Anexo ao doc. de 21 de Dez. de 1784;Cx. 134, doc. 56-A: AHU_ACL_CU_059, Cx. 3, D. 232.

AHU_CARTm_019, D. 1131/1131A

406 PLANTAÇÃO DE CÂNHAMO. Mapa. ca. 1784

Portelli, Alexandre Elói, c.1750-1838.
Plano do terreno em que actualmente se fazem as experiencias da sementeira do linho de canhamo : por ordem do Illm.º e Exm.º Senhor Vice Rey do Estado / elevado por ordem do Brigadeiro Governador do continente por Alexandre Eloy Portelli Capitam de Infantaria com exercicio de Enginheiro. – Escala [ca. 1:100.000]. – [ca.1784]. – 1 mapa ms. : color., desenho a nanquim ; 40,3 x 31cm em folha 43,9 x 34,5cm.

2 cópias de época.
Abrange entre os arroios Correntes e das Pedras (atual Arroio Grande) e entre a Lagoa dos Patos e a altura da Serra dos Tapes, na cabeceiras do Arroio Moinho, próximo à atual cidade de Canguçu.

Estão assinalados: *Passo do Arroyo das Pedras, Arroyo das Pedras, Barra do Arroio das Pedras, sitio o mais alto da fazenda aonde se pode fazer hum grande pôtreiro, passo de cayamholas, Arroio do Tigre, potreiro piqueno, barra do Arroio do Tigre no de Correntes, passo do Arroio de Correntes , ronda do coronel, capas da Estrada, Poizo do Pe. Prates, Campo de Contaje, Passo da Caxoeira, Campo de São Lourenço, capão do Ladrão, Capão do Banhado, Poizo de Francisco Ferreira, Capão do Marco, Capão das Barreiras, porto de Francisco Ferreira, restinga da contra costa da lagoa de dentro, Barra do Arroio de Correntes, Lagoa chamada de dentro, Barra da Lagoa, Lagoa dos Patos.*
N.B. 1º a letra L denota o sitio aonde prezentemente ha linha semiado e nascido. 2º o plano foi efetuado por Ramos d'Agulha, e distancias arbitrarias,pois o tempo não permetil maior exactidão assim como o poder sondar os arroyos para saber o seu fundo. Os praticos porem informao que o de Correntes he navegavel até opasso da caxoeira e o das Pedras até quaze as suas vertentes. O primeiro com tudo da mais commodidade para os transportes pois dizem que ha hum canal incostado ao longo da costa do cangoçu pella parte da Lagoa dos Patos cujo canal entra em hum piqueno saco emmediato a Barra da Lagoa de dentro aonde o sobre dito Arroio dezemboca e que elle tem fundo que permite navegarem grandes embarcaçoens. O segundo tem na entrada da sua barra coras de area embaração a navegação de maiores canoas pello arroyo dentro. 3º o campo comprehendido entre os dois arroyos he dobrado ou composto de lombas e bachadas. 4º o terreno he todo, pella sua extensão comprehendidadas duas fazendas do capitao mor chamadas de Contaje e São Lourenço e pela sua largura da Serra dos Patos.

Escala gráfica de 2 léguas [=11,4cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aguada nas cores marrom, cinza e preta.
Marca d'água H C WEND & ZOONEN.
Anexo ao documento de 1784, Outubro, 2, Rio de Janeiro, AHU_ACL_CU_017, Cx. 124, D. 9983.

Nesta região do atual Estado do Rio Grande do Sul funcionou a Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu, por determinação do vice-rei, D. Luiz de Vasconcelos, a partir de 1783. Era uma propriedade agrícola com a função de produzir linho-cânhamo para confecção de cabos e velas para embarcações. A fazenda durou 6 anos, sendo transferida para São Leopoldo.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 305.

AHU_CARTm_019, D. 1241/D1242

REGIÃO CENTRO-OESTE

CAPITANIA DO MATO GROSSO

407 GUAPORÉ, RIOS E MAMORÉ, RIOS. Mapa. ca. 1743

Pereira, João Gonçalves
[Mapa da bacia hidrográfica dos rios Guaporé e Mamoré, com localização das missões da Companhia de Jesus das Indias Ocidentais de Castela] / João Gon^{ves}. Pra. – [ca. 1743]. – 1 carta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 32,9 x 45cm.

Abrange a região fronteira do Brasil, no Estado de Rondônia, com a Bolíva.
Segundo o historiador Mário Olímpio Clemente Ferreira, este documento de fraco rigor científico, revela as primeiras expedições portuguesas nos rios Guaporé e Mamoré. Nele, estão registradas as informações sobre as duas viagens de Francisco Leme do Prado, em 1742, na expedição de Manuel Félix de Lima, e em 1743. Estes viajantes prestaram depoimento ao ouvidor da vila de Cuiabá, João Gonçalves Pereira, que remeteu os dados da jornada, com um mapa anexo, à Lisboa. Mais tarde, este desenho viria a ser uma das fontes para a elaboração do conhecido "Mapa das Cortes" de 1749, que serviu de base para o Tratado de Madri.
Assinala os rios Guaporé ou Itenes, Mamoré, Baures, Itonamas, Sararé, as distâncias das jornadas, indicações indígenas, missões jesuíticas inacianas e minas de ouro.
Inclui dados importantes sobre as missões jesuíticas e o Rio Mamoré, entre eles se destacam: Chiquitos – *Diceraõ os P.P.* [padres] *que por todas heraõ 24 Missoens e com a Nova saõ 25, e na forma que elles riscaraõ o riscou Francisco Leme*; Rio Mamoré – *Este Rio a que chamaõ os P.P.* [padres] *Mamorè paça pella Cidade de Santa Cruz he rio muito Corrente e fundo naõ se pode navegar. Rio asima se naõ com Remo traz as agoas taõ turvas como agoas de faisqueiras que para se beber se deixa estar em vazo algum tempo para asentarem as areas e polme que trazem as agoas, e he quazi tam Largo na Barra como o nosso Rio, e para sima em algumas partes he mais Largo*; e missão de Santa Rosa, fundada na margem oriental do Guaporé, – *Missaõ nova de Santa Roza. Fundaraõ os P.P.* [padres] *esta Missaõ em Janeiro de 1743, porque paçando Francisco Leme em fins de Novembro de 1742 por esta paragem naõ havia signal della, e paçando segunda vez em Março de 1743 a achou fundada com Cazas e mais Feitorias*.

Contém as distâncias de jornadas de Domingos Gonçalves Ribeiro e Antônio Ferreira.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_010, Cx.3 , D. 175.

AHU_CARTm_010, D. 0850

408 MINAS DO MATO GROSSO. Mapa. ca. 1750

Fonseca, José Gonçalves da.
Configuração da chapada das minnas do Mato Grosso. – [ca. 1750]. – 1 carta ms. : desenho a nanquim, bico de pena ; 27,2 x 35,7cm em folha 31,6 x 40,1cm.
Representa as minas de Mato Grosso entre os rios Sararé e Galera.
Mário Olímpio Clemente Ferreira atribui a autoria deste mapa a José Gonçalves da Fonseca e data ca. 1750, de acordo com o texto *Situaçaõ do Matto e Cuyabá, estado de umas e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes* (A.H.U., Códice 1213, doc. nº XVI, fls. 189-223). Este códice foi publicado com o título *Noticia da Situação de Mato-Grosso e Cuyabá*: *minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes por José Gonçalves da Fonseca*, na Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (p. 361). Segundo Mário Ferreira, a forma de representação do relevo, da rede hidrográfica e da caligrafia desta carta se assemelha com a da *Carta Hidrográfica* assinada pelo José Gonçalves da Fonseca.
Indica arraiais, roças, exlporações das minas com os nomes das propriedades, locais ainda inabitados e rios.
Vegetação e relevo representados em forma pictórica.
Estão assinalados: *Parte que não está habitada, Rio Galera, Rio Sararê, Rio Monjólo, Rio Membeca, Rio Macobarê, Arraial de Santa Anna ,Serrania Geral, arrayal de São Francisco Xavier, Chapada de Faisqueiras, Corrego de São João, incognito, Corrego chamado do Boriti, Corrego chamado das Pedras, Arrayal de Nossa Senhora do Pilar, Lavra Corrego das Rodas, Serviço de Manuel Leite, Lavra de Antonio Leite, Lavra de Bras antunes, Lavra deP. Amaro Barbosa, Lavra de manoel dias Penteado, Lavra de Manuel Pinto, Lavra de João Nunes, Lavra do P. Josê de Barros Penteado, Rossas que há ma planicia em circunferencia da chapada.*
Marca d'água: um círculo, encimado por uma coroa, escrito em volta PRO PATRIA EIUS QUE LIBERTATE. No seu interior a imagem de um animal quadrúpede, em pé, segurando uma espada em uma pata e na outra, um documento. Abaixo está escrito VRYHEY.

Existem cópias na Casa da Ínsua e na Biblioteca Nacional do Brasil (Divisão de manuscritos). A cópia que pertence à Biblioteca Nacional encontra-se no último fólio do manuscrito *Navegação do Rio da Madeira, principiada em 25 de setembro de 1749*, com as dimensões 27,7 x 28 cm.
A outra existente na Casa da Ínsua (CG 79), difere na caligrafia e nas representações de relevo e vegetação dos trabalhos de José Gonçalves da Fonseca. Conforme Mário Ferreira, poderá ser uma carta elaborada no mesmo período para ser utilizada na Capitania, pelas autoridades locais.

AHU_CARTm_010, D. 0858

409 DEMARCAÇÃO DE FRONTEIRAS. Mapa. ca. 1754

Pereira, Diogo José
Mappa do certão, continente entre a barra do rio Jauru, q. desagua no Paraguay, até a margem ocidental do rio Guaporé : na paragem em que desemboca o Sararé; com as serras e rios mais conhecidos d'aquela campanha, pela qual deve correr a linha divisoria, entre as coroas de Portugal e Castella.... –.[ca. 1754] – 1 carta ms.: desenho a nanquim ; 22,8 x 35,6cm em folha 23,7 x 36,5cm.
Subtítulo: A graduação de tinta preta he tirada da primeira observação, q. passageiramente, e sem instrumentos Mathematicos, se fez dos certões, e rios, desde a Comarca de S. Paulo, até Villa-Bella; cuja estimativa não podia deixar de desmintir, e se conserva para concordar com os outros mappas, q. se tem feito, e remetido; e a de Carmim he tirada dos pontos fixos dos geographos, q. assistirão a positura ou erecção do marco, q. se acha na barra do Jauru.

Autoria atribuída a Diogo José Pereira, por Mário Olímpio Clemente Ferreira, em comparação às características (figuração do relevo e da vegetação, caligrafia, cartuchos artísticos) apresentadas em outras cartas. Dentre essas cartas, uma datada 1754 representa toda a viagem de Rolim de Moura, da vila de Santos a Vila Bela, existente na Academia de Ciências de Lisboa. Outra carta de 1769 mostra a bacia do médio Guaporé, e mais uma de 1755 representa o território entre Cuiabá e Vila Bela. Essas duas últimas pertencem à Casa da Ínsua.

Mário Ferreira atribuiu a data ca. 1754, por estar representada uma das regiões importantes nas fronteiras entre a América Portuguesa e a Espanhola. Nessa carta está assinalado o marco, na foz do Rio Jauru, pelos demarcadores da terceira partida do Tratado de Madri, em janeiro desse ano. O mapa reflete também os conhecimentos geográficos decorrentes da bandeira enviada por D. António Rolim de Moura em 1754 para explorar essa região, comandada por Bernardo de Oliveira Leitão. Mário Ferreira declara também que esta carta apresentava uma proposta por onde a linha divisória deveria seguir, em substituição da linha reta inicialmente proposta. Como esta proposta era a favor dos portugueses, foi elaborada uma relação que apresentava essas conveniências (AHU_ACL_CU_010, cx. 7, D. 454). Assim, os espanhóis poderiam observar o mapa, sem provocar a sua cobiça por aquelas terras.
Estão assinalados: *Caminho velho, do Cuyabá para o Matto-grosso* e *Caminho novo para o Cuiabá*.
Possui brasão de Portugal.
Monocromático, aguada e aquarela na cor preta.
Anexo à Notícia particular pertencente ao mapa sobre a exploração de

terras entre o rio Jaurú, no Paraguai, e a do rio Sararé, no Guaporé, para estabelecer a demarcação dos domínios de Portugal e Castela - [post a 1754], AHU_ACL_CU_010, cx. 7, D. 454

AHU_CARTm_010, D. 1253

410 ALDEIA DE SÃO MIGUEL. Mapa. 1765

Rego, José Matias de Oliveira.
Projecto do novo apuzento pª os indios da Aldeya de S. Miguel na margem do Rio Guapuré : asima do destacamto. de Nossa Snra. da Conceição quatro legoas; mandado fazer pello Illmo. e Exmo.Snr.João Pedro da Camara, governador e cappam. general desta Cappitania de Matto Grosso... / Sargto. Môr Jozé Mathias de Oliveira Rego afez. – Escala [ca. 1:500]. – Feita no mes de Dezembro de 1765. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim ; 28,8 x 49,9cm em f. 32,1 x 52,7cm.
Escala gráfica de 200 palmos [= 12,7cm].
Na *Explicação da planta* estão relacionados: I*greja, Sacristia,Praça,Caza do Padre, Caza para o Diretor, Payol para recolher os frutos, Engenho para assucar e seus pertences, Vão para as cazas do Indios*.
Aquarelado na cor amarela.
O título, a assinatura do autor e a nomenclatura estão escritos a tinta ferrogálica.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_010, Cx. 13, D 770, 1765, Dezembro, 16.

AHU_CARTm_010, D. 0851

411 PRESÍDIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Fortificação. ca. 1767

Rego, José Matias de Oliveira.
Projecto da Fortaleza que se quer fazer, no Prezidio denominado Nossa Snra. da Conceição, na margem do rio Guaporé, que extrema com as terras das Missoins de Hespanha do Reyno do Perú / desenhado pello Sargento Môr de Infantaria com exercicio de Engenheiro Jozé Mathias de Olivra. Rego. – Escala [ca. 1:1.000] – [ca.1767]. – 1 planta ms., 2 perfis : color. desenho a nanquim ; 31,5 x 36,7cm em folha 36,3 x 41,7cm.

Subtítulo: deleniado pello Illmo. e Exmo. Snr Joam Pedro da Camara, Governador Cappam. General desta Capnia. de Matto Groço, a cuja obra se

dei principio à sua execução no terreno, em 26 de outubro de 1767.
Escala gráfica de 30 braças [= 9,5cm].
Inclui perfis: *Profil da bataria do Rio passado por AB – Profil da face do meyo baluarte, e vista interior do seu flanco, e prospecto do baluarte oposto E, passado por CD.* Escala gráfica de 90 palmos [= 11,4 cm].
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Aguada de amarelo, vermelho, laranja, verde e preto.
Estão assinalados: *Corpo da guarda e calabouço, payol de polvora, payol de polvora subteranio, armazens, caza de armas, hospital, quarteiz, sanzala dps pretos, acressentamdos. novos .*
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_010, Cx. 15, D. 933, de 30 de Maio de 1771.

O Presído Nossa Senhora da Conceição, atualmente desaparecido, localizava-se no atual Muncípio Costa Marques, em Rondônia, cerca de 2 km, onde foi erguido o Real Forte Príncipe da Beira.

AHU_CARTm_010, D. 0852

412 IGREJA MATRIZ. Iconografia. 1769

Planta e frontespício da Igreja Matrix de Villa-Bella – Escala [ca. 1:300] – feita no anno de 1769. – 1 desenho téncico: color.; 35,8x 42,9cm.

Escala gráfica de 90 palmos [= 17, 9cm].
Possui alçado da igreja, com o telhado desenhado em sépia.
Desenho a tinta ferrogálica, alguns traços a nanquim e a tinta.
Aquarelado de cinza e marron.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_010, Cx. 19, D.1165 de 19 de Agosto de 1777.

Com a criação da Capitania De Mato Grosso, em 1751, foi instalada a sua primeira capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, situada às margens do Rio Guaporé para a defesa da fronteiras das possessões espanholas. Em 1835 a capital de Mato Grosso, já então Província, foi transferida para Cuiabá. Atualmente esta igreja matriz se encontra em ruínas, que faz parte do conjunto de ruínas de Vila Bela ou ruínas de Vila Bela da Santíssima Trindade.

AHU_CARTm_010, D. 0853

413 CARAIMBIARA, RIO, FOZ E GUAPORÉ, RIO. Mapa. ca. 1774

Planta da terra firme fronteira à foz do Rio Caraímbiara e confluencia do mesmo no Rio Guaporé : na latitude austral de 13 graos, e na longitude contada da Ilha de Ferro de 316 graos, e 45 minutos tirada por ordem de Luis de Albuquerque e Caçeres Govr. e Capp^{m}. Genl. desta Cap^{a}. de Mato Grosso. – Escala [ca. 1:300]. – [ca. 1774]. – 1carta ms. : color, desenho a sépia ; 29 x 32,8cm em folha 34 x 43,9cm.

Mostra a fronteira do Brasil com a Bolívia.
Escala gráfica de 220 braças [= 14 cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis, aquarelada de vermelho e amarelo.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Estão assinalados: *terra firme e elevada sobre as maiores excrecencias, terrenos alagadicos, ilha alagada, feitoria*.
Vegetação representada em forma pictórica, com uma parte desenhada a tinta verde.
Aguada na cor cinza e aquarelado na cor verde.
Anexo ao OFÍCIO 1775, Abril, 1 – AHU_ACL_CU_013, Cx.74, D. 6201.
Despachado pelo Governador e Capitão General Luis d[e] Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.

Luís de Albuquerque Pereira de Melo e Cáceres foi governador e grande administrador da Capitania de Mato Grosso entre 1772 e 1790. Defendeu a fronteira de Mato Grosso, atual Estado de Rondônia, dos espanhóis.

Mário Olímpio Clemente Ferreira menciona um outro mapa na Casa da Ínsua, com os contornos das margens dos rios em preto e branco, sem representação de vegetação ou relevo, mas constando da mesma legenda. Segundo Ferreira, parece ser uma cópia simplicada deste desenho cartográfico.

AHU_CARTm_010, D. 0854

414 AMARO LEITE. Mapa. 1775

Rodrigues, Marcelino.
Carta tipographica em que se demostra a actual pozição do Arraial dos Arrães ou de Amaro Leite : que a piquena diferença se conjectura estar no parallelo australde 15 graos e 28 minutos, e na longitude contada da ilha do Ferro de 326 graos e 40 minutos, a qual se reduzio conforme as noticias

e notas oculares do Sargento mor d'auxiliares Marcelino Roiz .... – Escala [ca. 1:15.000].– Villa Bella [Vila Bela da Santíssima Trindade], aos 20 de janeiro de 1775. – 1 carta ms, color. desenho a nanquim ; 38,9 x 31,3cm em folha 42 x 32,8cm.

Subtítulo: ... despachado pelo Go^{vor}. e Cap^{m}. General Luis d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, em 15 de maio de 1774, a fim de regular o referido estabelecimento em conformidade das instruçoens que recebeo.
Mostra a região do Arraial Amaro Leite, pantanosa, cercada por uma serra, que parece ser a Serra do Roncador.
Após o título, lê-se: *Nº. 1 Praça e igreja. Nº.2,3,4Pedreira e minas de ouro.*
Estão assinalados no mapa: *Esteiro da Pedreira do Nascente*, *Rio das Mortes, Rego de Santo Antonio para o Arraial, Caminho do Cuiabá, Caminho de Goyás, Estreito de Santo Antonio.*
Escala gráfica de *huma quarte parte de legoa do Brasil* = 750 braças [=10,4cm].
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Relevo representado em forma pictórica.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Contém a assinatura do Governador da Capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo e Cáceres.
Aquarelado nas cores verde, vermelha, amarela e preta.
Marca d'água: D&C Blauw.
AHU_ACL_CU_010, Cx.17, D.1094, 10 de fevereiro de 1775.

A região tem origem, quando a bandeira comandada por Amaro Moreira Leite descobriu ouro na região. Assim o povoado recebeu o nome de Amaro Leite em homenagem ao seu fundador. Esse povoado passou a ser distrito, pela Lei Provincial nº 14, de 23/07/1835, pertencendo ao Município de Pilar. Nas divisões territoriais de 31/12/1936 e 31/12/1943, o Distrito passou a pertencer ao Município de Santana, atual Uruaçu. Com a Lei Estadual nº 760, de 26-08-1953, Amaro Leite se torna município. Em 1963, a sede do muncípio é transferida para as proximidades da rodovia BR-153, devido a insalubridade à sede antiga, passando a se chamar Mara Rosa em homenagem às filhas do fundador da nova povoação. Atualmente pertence ao Estado de Goiás.

Mário Olímpio Clemente Ferreira revela a existência de um outro mapa idêntico, mas não assinado pelo Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres na Casa da Ínsua (CG 75). Ferreira sugere que essa cópia ficou com o governador da Capitania e a existente no AHU foi enviada para Lisboa, anexada ao ofício 10 de fevereiro de 1775.

AHU_CARTm_010, D. 0855

415 REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA. Fortificação. ca. 1775

Plano que deve executar-se na ereção do novo real forte que ha de denominarse sendo S. M. Servº do Princípe da Beira, sobre a margem oriental do Rio Guaporé : no meridano de 314 graos e 47 minutos, contados da Ilha deo Ferro e no paralelo austral de 12 graos e 7 minutos em que se observa o augmento de dimencoens, e huma nova bateria sobre o rio, que o Governador e Capitaõ General Luis d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres julga indispensável ajuntarlhe, em ordem a ficar suficentemente defendida , e conter os edificios necessarios. – Escala [ca.1:1000]. – [ca. 1775]. – 1 planta ms : color., desenho a nanquim ; 49 x 35,7cm em folha 36,8 x 51cm.

Contém 4 baluartes e cada um deles com 14 canhoneiras.
Escala gráfica de 90 braças [= 22cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Ao alto da planta ocorre *número 6*.
Vegetação representada em forma pictórica.
Aguada nas cores preta, vermelha, marrom, verde e amarela.
Marca dágua: D&C Blauw.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_010, Cx. 18, D. 1109, de 21 setembro de 1775.

O Real Forte Príncipe da Beira se localiza na margem do Rio Guaporé, no atual Município de Costa Marques, no Estado de Rondônia.
Luís de Albuquerque Pereira de Melo e Cáceres foi governador e grande administrador da Capitania de Mato Grosso entre 1772 e 1790, com a finalidade de vigiar as comunicações entre as bacias do Amazonas e Paraná Paraguai. O Real Forte Príncipe da Beira teve o iníco da construção em 1776, para a defesa da fronteira do Brasil dos espanhóis, principalmente para evitar o caminho destes entre as Missões de Mochos e Chiquitos, na Bolívia, e o Vale dos Solimões.

A Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro possui uma cópia de época.

AHU_CARTm_010, D. 0856

416 RIO PARAGUAY. Mapa. ca. 1792

Pereira, João de Almeida.

Idêa topográfica do Rio Paraguay, desde o Prezidio de Nova Coimbra athé Villa Real : novo estabelecimetno espanhol sobre a margem oriental do Paraguay, sinco legoas superior á boca do rio Ipanê que pelo mesmo lado desagoa nelle. / Formada pelo Pratico e antigo Sertanista Cabo de Esquadra de Dragoêns de João d'Almeida Pereira que no anno de 1791 foi mandado ao dito estabelecimento, em comsequencia das ordens do Illmo. e Exmo. Senhor João d'Albuquerque de Mello Per^{a}. e Caceres, Gov.^{or}. e Cap^{am}.General da Cap^{ita}. do Matto Grosso. Cuja figuração comprehende com pouca differença o espaço de tres gráos para tres e meyo. – Escala indeterminável. – [ca. 1792]. – 1 carta ms. : color. desenho a nanquim ; 40,3 x 116,8cm em folha 45,2 x 122,3cm.

Mostra algumas ações desenvovidas pelos espanhóis na região.
Aquarelada nas cores verde e vermelho.
Vegetação representada em forma pictórica.

Ao longo do Rio Paraguai, estão assinalados: *Prezidio de Nova Coimbra Lat. 19º 55' Longit. 320º1'45", Fundado em 1775 pelo Governador e Capitão General Luiz d'Albuquerque Rio Principal Quimá, Morro de Mig^{l}. Iozé, Feicho dos Morros, Morro Selado, Lugar a que chegou o Sargento por espanol Pedro Gracia, 3º Paredão da Boavista.B* [em vermelho] *lugar que os Espanhoes, ou o Sargento Mor escolheo, para fundar a nova Povoação em que poz em huma Arvore o titulo Viva El Rey de Espanha, e por cima delle hua croa feita a facão Rio da Lapa. 2º Paredão das Lageadas. 1º Paredão do Algodão. A* [em vermelho] *Lugar em que se encontrou o Padre Perico e o Alcaide Migl.Iozé Bainhes, com a mais comitiva onde querem estabelecer estancia de gado.*
Está representada no Rio Paraguai, a planta *Villa Real d'Espanha. Nossa Senhora da Conceição*; fundada pelos espanhóis, com a seguinte legenda *Comprimto. 205 passos largura 194 passos estacada 50 passos quadrados 4 peças Comandante 1 peça.*
Refere aos pantanais, onde está escrito: *Os pantanaes do Paraguay, principião na fox do Rio Jaurú, e terminão no Feixo dos Morros, com mais de 100 legoas de extensão. N.B. o rio Branco, talves seja o mesmo que pareceo aos Comissarios que no anno de 1754 colocarão o Marco na boca do Rio Jaurú.*

Ver anexo nº 3 "Derrota que faço na prezente ocazião sobre a Deligencia de que vou encarregado para os Dominios de Espanha pelo Ryo Paraguay abaixo hindo do Real Prezidio de Coimbra" com a explicação da expedição comandada pelo antigo sertanista João de Almeida em 1792.
Ver AHU_ACL_CU_,010,Cx. 29, D.1640.

Existe uma cópia na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro e outra na Casa da Ínsua (A 36 e nº 61, rolo nº 5 – P. Barbosa).

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº 250.

AHU_CARTm_010, D. 0857

CAPITANIA DE GOIÁS

17 REGIÃO ENTRE OS RIOS MARANHÃO E CRIXÁS. Mapa. 17--

[Carta da região compreendida entre os rios Maranhão e Crixás, na Capitania de Goiás]. – [17--]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 42,4 x 30,8cm.

Carta hidrográfica, onde assinala os rios: *Santo Antonio, Crixâz, Soberbo, Calhamarez, Rio Guarinos,* São *Pedro, Rio do Peixe, Rio Vermelho,* São *Patricio, Rio das Almas.*
Indica as vilas de Crixás, atual Município de Crixás, Pilar, atual cidade de Pilar de Goiás, Buriti e Guarinos.
Possui os pontos cardeais.
Aquarelada nas cores verde e vermelho.
Marca d'água: VORNO.

AHU_CARTm_008, D. 1254

418 CASA DO GOVERNADOR. Iconografia. 1742

Valença, José da Silva.
[Planta das casas e terreno anexo, pertencentes a José da Silva Valença, onde residia o governador da Capitania de Goiás, em Vila Boa de Goiás] / Jozé da Sylva Valça. – Vila Boa de Goiás [Goiás], em 30 de março de 1742. – 1 desenho técnico : color. ; 75,1 x 30cm.

Descreve as divisões da casa, com as medidas em palmos e o tipo de material utilizado na construção de quartos, gabinetes, sala de audiência, secretaria, casa dos oficiais da sala, copa, cozinha, varandas, jardins, quintal, muro etc.
Desenho a tinta revestido de aquarela nas cores verde, vermelho, marrom, e amarelo.
As observações e a nomenclatura estão escritas a tinta ferrogálica e nanquim vermelho.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_008, Cx. 2, D.147.

Vila Boa de Goiás, atual cidade de Goiás, foi fundada em 1726 por Bartolomeu Bueno da Silva com o nome de Santana. Em 1729, Santana foi criada como distrito e freguesia com a denominação de Santana de Goiás,

e em 1736, elevada a categoria de município com o nome de Vila Boa de Goiás. Em 1744, passou a ser sede da Capitania de Goiás, e em1818, seu nome foi reduzido para Goiás. Deixou de ser sede do governo do Estado em 1937, com a transferência da capital para Goiânia.

AHU_CARTm_008, D. 0859

419 IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. Iconografia. ca. 1749.

Costa, Manuel Coelho da.
[Plantas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Arraial de Traíras, Comarca de Goiás]. – [ca.1749]. – 6 desenhos técnicos : color. ; 59,3 x 46,9cm.

Desenhados a nanquim vermelho, aguadas de vermelho, em estilo barroco.
Partes: [D. 860] *Pavimento da Igreja de Nossa Snra. da Concepção de Trahiras* : [abrangendo porta principal, batistério, porta travessa, púlpitos, altares de São José, Santa Ana, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Almas, arco cruzeiro, escada do presbitério, altar mor e tribuna], 33 x 92,1cm. – Escala gráfica de 62 plamos [= 32,4cm] – [D. 861] *Fronstipício da Igreja de Nossa Snra. da Conceipção do Arayal de Thrahiras Comarca de Goyas* : [com 2 torres sineiras, portal emanado pela figura de Nossa Senhora da Conceição, ladeado de crianças], 59,3 x 46,9cm – [D. 862] *Parte da ilharga da Igreja de Nossa Snra. da Conceypção de Thrahiras : pia de baptismo, porta trauessa, pulpito*, 34,8 x 54,4cm – [D. 863] *Ilharga da capella : Porta da sacristia, Presbiterio* [e] *o Teto da Capella Mor* – 20,3 x 47,3cm – [D. 864]*os arcos do coro* (27,3 x 30,3cm) – [D. 865] *Teto apaynellado da Igreja* : [15 painéis quadrangulares], 29,8 x 50,3 cm.

A planta do pavimento da igreja está desenhada sobre 3 folhas de papel coladas.
Possui marca d'água.
Anexo ao documento 1749, dezembro, 2 – AHU_ACL_CU_008, Cx. 5, D. 416.

Atualmente o Arraial de Traíras se chama Tupiraçaba, distrito pertencente ao Muncípio de Niquelândia. No momento, Tupiraçaba possui uma série de construções em ruínas, inclusive esta igreja, que remontam ao período da descoberta do ouro no rio Traíras, no século XVIII.

AHU_CARTm_008, D. 0860/0865

420 GOIÁS. Mapa. ca. 1753

Cardoso, Angelo dos Santos
[Mapa geral da Capitania de Goiás]. – [ca. 1753]. – 1 mapa ms. : color. desenho a tinta ferrogálica ; 51,2 x 36,2cm em folha 52,2 x 37,2cm.

Autoria atribuída a Angelo dos Santos Cardoso, retificando a autoria dada anteriormente a Francisco Tosi Colombina (VIEIRA JÚNIOR, 2010).
2 cópias manuscritas de época, feitas pela mesma pessoa.
Abrange os atuais Estados de Tocantins e Goiás.
Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
A cópia do D.867 possui as seguintes dimensões 51,3 x 36,4cm em folha 51,6 x 36,5cm.
A capitania está demarcada na cor amarela.
Aquarelada nas cores amarela, vermelha, verde, cinza, azul, e branco.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Indica a capital de Vila Boa de Goiás, atual cidade de Goiás, representada na figura de uma casa,15 lugares de registro de mercadorias, tribos indígenas (Xavante, Kayapó, *Acuruha*) , *Ilha do Gentio Grumaree*, atual Ilha do Bananal, sítios, arraiais e as suas distâncias em léguas.
Mostra os caminhos entre os arraiais, da cidade de Vila Boa de Goiás, atual cidade de Goiás, e Cuiabá.
Contém demarcação das regiões minerais e criação de gado, nas cores vermelha e azul.
Inclui coordenadas geográficas.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Os principais rios assinalados são: *Tocantins*, *Sono*, *Rio das Mortes*, *Grande, Pardo*, *Coxihim, Verde, Parnahiba*, *Arinos*, *Corumbá, Taquari Grande* e *Taquari Pequeno*.
Anexo ao documento 1753, Setembro, 12 – AHU_ACL_CU_008, Cx.9, D. 603.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 234/235.

AHU_CARTm_008, D. 0866 /D.867

421 GOIÁS. Mapa. ca. 1758

Villa Boa de Goyas e tudo o que pertence ao seu termo. – [ca. 1758]. – 1 mapa ms : color., desenho a tinta ; 39 x 30,4cm em folha 40,3 x 32,2cm.

Abrange a capital da Capitania de Goiás, atual cidade de Goiás, e arredores.
Indica a extração do ouro, o caminho novo para Pilar, caminhos entre os arraiais, a capital e os outras localidades.
Vegetação representada em forma pictórica.
Inclui rosa dos ventos.
Aquarelado na cor azul, vermelha, verde, preta e branca
Cartucho de título e da legenda ilustrados em estilo barroco.
A moldura do mapa possui decoração barroca, em sépia, nos ângulos.
Abaixo do título está escrito: *O lugar da Villa e arraiais se mosta pelas capellas e cruz no frontespicio. Os sitios comeste sinal* [triângulo desenhado colorido a tinta ferrogálica]. *Os emgenhos com huma cruz emsima*; *Os rios decano a comeste sinal* [asterisco] *As serras e montes semostrão aqui de cor azul a cor verdecom arvoredos o matto grosso.*
Legenda: *Todos os corregos e ribeiroes com cor vermelha mostra que delles se estrahe o ouro, os pontos redondos como este asignalão as legoas.*
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_008, Cx.15, D.892 – 1758, Abril, 30.

Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 237.

AHU_CARTm_008, D.0868

422 CASA DA CÂMARA E CADEIA. Iconografia. ca. 1766

[Casa da Câmara e Cadeia de Villa Boa de Goiás]. – [ca.1766]. – 3 desenhos técnicos: nanquim ; 16, 3 x 37 cm em folha 34,8 x 43, 7 cm.

São 2 plantas arquitetônicas (inferior e superior do prédio) e um alçado.
A planta da parte inferior (D.870) contém os seguintes dados: *Plano baxo*; *Casa de Carcareiro, Corredor, prizão partecullar, enxovia forte, entrada, cadea de mulheres, enxovia forte.* A planta da parte superior (D.871) lê-se: *Plano alto*; *oratorio, varanda, prizão para mulheres, caza de camera, salla de ezpera, salla de emtrada, caza de audiencia, salla livre.* O alçado, D. 0869, é riscado em folha separada, medindo 34,4 x 44, 3cm.
Anexo ao doc. de 1766, julho 18 – Desmembrados do ENC . XVI.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_008, Cx. 22, D.1384.

Atualmente funciona o Museu das Bandeiras.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 238-240.

AHU_CARTm_008, D. 0869/0870/0871

423 REGIÃO ENTRE OS RIOS CLARO E PILÕES. Mapa. 1772

Carta topographica do país dos rios Claro e Piloens : que o Illmo. e Exmo. Snr. Jozê de Almeida de Vasconcellos Gouernador , e Cap^{m}. Gn^{al}. da Cap^{ta}. de Goyas mandou fazer, depois de mandar averiguar aquelle Continente, na qual semostra, os lugares ou cadeya dos guardas q. demarcão as terras diamantinas proibidas de se minerar nelas. – Escala [ca. 1:500.000] – 1772. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim; 39, 3 x 51,5cm em folha 42,1 x 54,5cm.

Subtítulo: Compriende tambem a jornada que fes Franc^{o}. Soares de Bulhoens em junho de prez^{e}. anno de 1772. buscando o descuberto de Urbano do Coitto.
Escala gráfica de 16 legoas [=23,3cm].

Na legenda lê-se: *A primeira guarda, B Segunda, C Treceira D Quarta, E Quinta, F Sesta. 1. Villa Boa, 2 Lagoa dos Pasmados, 3 Fundão, ou lugar do prometido descuberto de Urbano do Coito de donde retrocedeu, Francisco Soares, 4 morro de Santo Antonio. 5 Quartel da Guarda do Rio Claro, 6 Pasaje chamada Cuyabá.*

Estão assinalados: *Caminho da jornada que fes Francisco de Bulhoens, seguindo as insinuaçoens do Roteiro de Urbano do Coitto, Rio Predição, Rio dos Doirados, Rio Turuo, Rio dos Pasmados, Pedra da Galera, Boa Vista, Serra de Santa Marta, Vertentes para o Cayapô, Retiro de Antonio Gomes de Oliveira, Serra, Caminho prodonde se recolheu Francisco Soares, Escallada, Fazenda do dito Antonio Gomes, Ribeirão Fartura, Serra da Sentinela, Emgenho, Serra Doirada, Monte da averiguação, Rio Vermelho, Caminho para o Rio Claro, Rio Piloens, Rio dos Bugres, Rio Vermelho, Ribeirão dos Indios, Ribeirão do Tacuaral, Ribeirão dos Tigres, Estrada para o Cuyabá, Rio da Caxueira, Rio Claro.*
Inclui rosa-dos ventos.
Aquarelada nas cores verde, amarela e preta.
Relevo representado em forma pictórica.
Marca d'água: D&C Blauw.
Anexo ao ofício 1773, Fevereiro, 12 – AHU_ACL_CU_008,Cx.027, D. 1715.
A Mapoteca do Itamaraty e o Arquivo Histórico do Exército possuem uma cópia, com pequenas diferenças no título, como *Mappa dos rios Claro e Pilões* (ADONIAS. 1963. P. 642-647).

Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 242.

AHU_CARTm_008, D. 0872

424 REGIÃO ENTRE AS VILAS DE GOIÁS E MATO GROSSO. Mapa. 1774

Carta geographica de todo o terreno conhecido que medeya entre Villa Boa de Goyâs e Villa Bella de Matto Grosso : em q. se mostrão todos os rios, ribeiroens; e alguns corgos mais notaueis, con as distancias que a experiencia mais prudencial tem calcullado athe 15 de dezembro 1774. – [1774]. – 1 carta ms. : desenho a nanquim, color. ; 24,4 x 76,4cm em folha 27,4 x 79,4cm.

Abrange os atuais Estados de Mato Grosso, Rondônia e Goiás.
Indica vilas , aldeias, arraiais, fazendas e destacamentos, como: *Villa Bella de Matto Groso, Vila de Cuyaba, Aldeya de Santa Anna, Arrayal Amaro Leite, Registo da Insua, Fazenda do Rio Grande, Destacamento do Rio Claro, Villa Boa de Goyas, Arrayal e Freguezia da Anta, Arraial de Santa Rita, Arrayal das Tizouras, Aldeya de São Joze de Mosamedes*.

Estão também assinalados rios e relevos, como : *Rio Guapurê, Rio Sererê, Arayal de Sam Francisco de Xavier, Arrayal de Santa Anna, Rio Alegre, Rio dos Barbados, Mato de hua e outra parte do Guapure, Rio Guapehy, Rio Jauru, Sangrador, Serra do Jauru, Rio Paraguay, Corgo Rio,Serra do Paraguay, Rebeirão da Praputanuga, Rio Cuyabâ, Sangrador das Trevas, Rio Cuxipô, Serra de San Jeronimo, Laguinha Rio da Casca, Pontealta Rio dos Purrudos,*(atual Rio são Lourenço), *Rio Manso, Praputangas, Paranaiba m Parnaiba falsa, Sucury, Vertentes, Vertentes de hua e outra parte, Rio da Matrinxan, Pedra deuazir, Tronco, Rio de São João, Capoens de mato de varias Figueiras, Rio das Figueiras, Rio do Barreiro, Rio das Mortes, Roncador, Sangrador pequeno, Sangrador grande, Ribeirão fundo, Samambaya, Cutuuelo, Areas Jatabá, Barreiros, Pasa Vinte, Matrixan, Conceiçao, Lages do Campo, Rio do Peixe, Cubatao, Rio do Barreiro, 2 irmaos, Taquaral, Raviama grande, Raviama pequena, Lages, Rio Cayapó, Rio Grande, Capoens que formão uarias Figueiras, extrema, Boca do Serrador, Pe da serra, Serra do Rio Grabde, Matrinxan, Capuara, Lambary, Bareiro , e encruzilhada, Mutum, Serra e Calciada , Rio Claro, Rio Piloens, Rio Fartura, Arrayal e Freguezia da Anta, Arraial de Santa Rita, Arrayal das Tizouras, Serra Dourada, Aldeya de São Joze de Mosamedes, Mamoneiras, Guarda* [...], *caxueira, Tacuaral, índios, Boritizal, Carsareiro, Rio Vermelho, Rio dos Bugres, Macacos, Rio das Tizouras.*

Marca d'água: D & C Blauw.
Aquarelada de verde nos desenhos dos rios e vermelho nos símbolos das vilas, aldeias e arraiais.

Ver documento ACU_ACL_CU_008, Cx. 27, D.1797.

Anexo ao OFICIO do Governador da Capitania de Goiás , José d'Almeida

e Vasconcelos, 1775, agosto, 25 – AHU_ACL_CU_008,Cx. 28, D. 1825.
Ver OFÍCIO AHU_ACL_CU_008, CX. 28, D. 1824.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 236.

AHU_CARTm_008, D. 0873

425 ALDEIA DE SANTA ANA. Mapa. 1775

[Planta da Aldeia de Santa Ana, na Capitania de Goiás]. – Escala [ca.1:400]. – [1775]. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ferrogálica ; 53,3 x 42 cm.

Escala gráfica de 11 braças [= 6,1 cm].
Inclui rosa dos ventos.
Aquarelada nas cores vermelho, azul e marrom.
Estão assinalados: *Igreja, Caza de sobrado que da entrada para a aldeya, rego de agua que se tirou para serventia da Aldeya, Rio do Pissarrão, Rio das Farturas.*
Marca d'água: Círculo encimado com um animal quadrúpede, em pé com duas patas, segurando uma espada na pata dianteira esquerda e na direita um documento em rolo. Abaixo está escrito VRYREY, e ao alto, uma coroa e uma árvore.Em volta do círculo está escrito: *EIUS QUE LIBERTATI PRO PATRI.*
Anexo ao OFÍCIO 1775, agosto 25, do governador José de Almeida Vasconcelos – AHU_ACL_CU_008,Cx. 28, D. 1825.

A Aldeia de Santa Ana, como as outras de Mossamêdes e Maria I foram uns dos padrões de urbanização na administração do Marquês de Pombal no Brasil (REIS FILHO, Nestor, 2000).

Referência: Catálogo de mappas, plantas,, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 243.

AHU_CARTm_008, D. 0874

426 ALDEIA MARIA I. Mapa. 1782

Plano projectico de hû novo estabelecimento de Indios da Nação Cayapó çituado na margem do rio Fartura e denominado Aldeya Maria a 1ª, e tendo por oraculo a sua Igreja N. Snra. da Gloria como se vé do nº

1. – Escala [ca.1:1.500]. – Vila Boa de Goiás, 1782. – 1 planta ms. : color., desenho a nanquim; 29,6 x 40,6cm em folha 34,7 x 43,8cm.

Contém Igreja Nossa Senhora da Glória, casas dos índios, praça, horta, pomar, bananal, casas do vigário e do regente, praça, quartel para tropa e armazéns de mantimentos e sal.
Possui informações sobre a disposição da aldeia, a prioridade das construções e o tipo de material a ser utilizado para a construção.
Escala de gráfica de 60 braças [= 8,6cm].
Vegetação representada em forma pictórica.
Inclui 3 fachadas da praça e 2 perfis das casas para os índios.
Aquareladas nas cores vermelha, amarela e verde.
2 cópias manuscritas de época, desenhada pela mesma pessoa.
Anexo à CARTA de 1783, Janeiro, 10, Vila Boa – AHU_ACL_CU_008, Cx. 34, D. 2079.
Marca d'água: HCVWend & Zoonen.

A Aldeia Maria I foi criada em 1780, em homenagem à rainha de Portugal, D. Maria I, nas margens do Rio Fartura, a 11 léguas (72 km) da cidade de Goiás para os Índios Kayapó do Sul. Afredo Moreira Pinto menciona a distância da aldeia e da cidade de Goiás, 90 km. Esta aldeia como as de Mossamêdes e Santa Ana foram uns dos padrões de urbanização na administração do Marquês de Pombal no Brasil (REIS FILHO, 2000).

AHU_CARTm_008, D. 0875/876

427 GOIÁS (GO). Mapa. ca.1782

Guimarães, Manuel Ribeiro.
Planta de Vila Boa Capital da Capitania geral de Goyas : levantada no ano de 1782, pelo Illmo. e Exmo. Snr. Luis da Cunha Menezes, Governador , e Capitão General da mesma Cap^{ta}... / Manoel Ribeiro Guim^{es}. fes – Escala [ca. 1:5.000]. – [ca.1782]. – 1 planta ms : color., desenho a nanquim ; 45,7 x 51,6cm em folha 53,5 x 59,5cm.

Subtítulo: ...e copiada na latitude austral de 16 gos., e 20 m., e 322 gos., 30 m.del. da Ilha do Ferro, na q. demônstra tambem alèm das declaraçoens feitas no Ranvoâ, que a dita Vila actualmente 554 moradas de cazas, abitadas por 3000 pessoas entrando en. da sua goarnição, e q. ê 4 compa. do 1º Regimto. de Cavalaria Auxiliar, hua de Dragones Pagos, outra de Pedestres Pagos, 4 de Enfantaria Auxiliar, hua de Henriques,e 3 de Ordenanças.

Indica logradouros, chácaras e edifícios públicos como: igrejas, hospício,

câmera, palácio da residência do governo, cadeia, etc.
Luís da Cunha Menezes foi governador de Goiás no período de 16/10/1778 a 27/03/1783 e de Minas Gerais entre 1783 e 1788.
Escala gráfica de 140 braças [= 6,6cm].
Inclui rosa dos ventos, decorada em estilo neoclássico.
Na parte inferior, à esquerda possui dois desenhos técnicos com as seguintes legendas: *Fachada ou frente principal de Palácio – Fachada de um dos lados da praça principal da Vila que fas frente para Palaçio , e prospeto regular, para todas as mais ruas*.
Ao lado desses desenhos técnicos contém figurinos militares, com suas graduações: *Cavalaria auxiliar*, *Dragoens Pagos*, *Pedestres*, *Enfantaria Auxiliar*, *Henriques*, *Ordenança*.
Anexo ao documento AHU_ACL_CU_008, Cx.35, D.2148.

A Casa da Insua (Portugal) possui uma cópia ms. de época.

AHU_CARTm_008, D. 0877

428 GOIÁS. Mapa. 1782

Mappa thopographico em que se demonstra a extenção de terreno que ocupa na Capitania de Goyáz segundo regimento de Cavalaria Auxiliar da mesma Capitania... – Escala [ca. 1:1.300.000]. – No anno de 1782. – 1 planta ms. : color ., desenho a nanquim ; 49,8 x 23,4cm em folha 52, 8 x 26,9cm.

Subtítulo: devidido por Companhias nos seus arrayaes, que vão declaradoz como São Crixá, Pilar, Trairas, S. José de Tocantins, S. Feliz, Natevidadade, Cavalcante, S. Luzia, na forma e regularidade em que ficou pela criação q dele se fez .

Abrange os atuais Estados de Mato Grosso, Goiás e Tocantins.
Indica área desocupada pela tribo indígena Canoeiro para a criação de gado.
Escala gráfica de 20 léguas [= 9cm].
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado em hachuras e vegetação sob forma pictórica.
Aquarelado nas cores amarela, nas linhas de extensão do terreno da Capitania, e vermelha, nas indicações dos regimentos de cavalaria nos arraiais.

Estão assinalados: *Salinas, Rio Crixá, Rio Crixá Mirim, Arrayal do Crixá, Rio das Tizouraz, São Jozé , Lages, Estrema, Rio Ministro Rio Ururú, Rio das*

Almaz, Carretão, Ponte Alta, Rio de São Patricio Rio Soberbo, Arrayal de Pilar, Rio Vermelho, Rio das Lavrinhas, Rio Verde, Rio Corumbá, Rio das Areyas, Rio dos Montes Claros, Rio da Ponte Alta, Arraial de Santa Luzia, Rio do Gama, Pouzo Alegre, Rio dos Patoz, Rio Maranhão, Arraial das Trairas, Rio das Trairaz, Arraial de São Jozé, Rio Bacalhau, Rio da Caxoeira, Rio Tocantinz, Rio da Bagaje, Rio de Santo Ignaçio, Vertentes do Araguay, Rio Gameleyra, Rio Preto, Rio Claro, Rio do Engenho, Lagoa das Caldaz, Arraial das Traíras, Rio Custodio, Rio Paraná, Terras novas,as milhores que se tem encontrado para creyação de gadoz neste continente. Despovoadaz pelas ustlidades do Gentio Canoeiro, Rio de Manuel Diaz, Rio de Santa Tereza, Cana Branca, Rio das Areyaz, Lagoa dos G[...]lfos, Rio das Arrayas Rio Escuro, Plama, Rio das Mantrinxan, Rio de São Valerio, Moleque, Rio da Serra, Rio Manuel Alves, Rio da Taboca, Rio Salobro, Arraial da Natividade.

Anexo ao documento 1783, Fevereiro, 10 – AHU_ACL_CU_008,Cx. 34, D.2082.
Atualmente a Tribo Canoeiro é chamada de Rikbaktsa e está localizada no Mato Grosso (MONTEIRO, 1998).

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 399.

AHU_CARTm_008, D. 0878

429 COSTA DO BRASIL E A CAPITANIA DE GOIÁS. Mapa. ca. 1805

[Mapa da região da costa do Brasil e interior, desde a foz do rio Amazonas até Porto Alegre, abrangendo a Capitania de Goiás]. – [ca. 1805]. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 42,3 x 56,5cm em folha 51 x 64,7cm.

Abrange o Rio Guaporé, litoral norte, a Ilha de Marajó, foz do Rio Amazonas, a costa nordestina, desde o Cabo de São Roque a Vila de Porto Alegre, atual cidade de Mucuripe, na Bahia.
Enfatiza a configuração geográfica dos atuais Estados do Tocantins e Goiás. Neles estão assinalados: *Rio Araguaia, Aldeia do Ximbioa, Grande Aldeya, Rio Tapiraperas, Rio das Vertentes, Rio Manuel Alvez, Rio de Santa Thereza. Ilha de Santa Anna abitada de Gentio Javaé e Caraja, Nova Beira Natividade. Rio das Areas, Rio São João, Rio das Mortes, Rio das Barreiras, Morro di Espeta, Serra do Campo, Estrondo Murrinas Caldas, Canabravam, Coriolo, Aldeia de São Joze, Bom Fim, Rio das Almas.*
Algumas vilas e arraiais dos atuais Estados de Tocantins e Goiás estão

indicados como: *Natividade, Conceição, Arrayai, Corixás, Pillar, São Felix, Cavalcante, Trairas, Cocal, Agoaquente, Anta, Bugres, Villa Boa, Corgo e Meya Ponte.*
Vegetação representada em forma pictórica e relevo em hachuras.
Inclui rosa dos ventos.
Reforça também as indicações do marco firmado no Rio Jauru, no período da demarcação de fronteiras entre as colônias portuguesa e espanhola (1752-1771), a fortificações do Príncipe da Beira e das Pedras, ambas localizadas nas margens do Rio Guaporé, Forte do Rio Negro, nas margens do Rio Negro, Forte dos Tapajós e mais duas fortificações na beira do Rio Amazonas.
Relaciona alguns topônimos do norte de Minas Gerais, como a Vila de Paracatu, Rio das Velhas, *Tejuco*, atual Diamantina, etc.
Indica caminhos entre as cidades de Vila Bela, atual cidade de Mato Grosso, Cuiabá (Estado de Mato Grosso), Vila Boa, atual cidade de Goiás (Estado de Goiás), e Paracatu (Estado de Minas Gerais).
Aquarelada nas cores verde e vermelha.
Inclui enquadramento com latitude e longitude.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.

AHU_CARTm_008, D. 0881

430 GOIÁS (GO). Mapa. 1805

Villa Boa de Gojas e todo o q. pertence ao seu termo o Lugar da Villa e Arrayaes.... – 1805. – 1 carta ms. : color. , desenho a tinta ; 39,4 x 30,3cm em folha 40,5 x 310 x 40,5cm.

Subtítulo: ...se mostra pellas capellas q. estão em figura redonda com crus: os çitios denota este sinal [triângulo]: os Engenhos semostrão em figura de hum selindro com huma crus emsima: os rios de canoa com este sinal [asterisco]: as serras e montesmostrase só desenhadas somentes [sic] de preto: os arvoredos de cor verde mostra o matto grosso.

Mostra a extração de ouro nos Rios Vermelho, das Almas, Peixe Pequeno e outro afluente do Peixe.
Indica Vila Boa de Goiás (atual cidade de Goiás), os arraiais de São Miguel, Anta, Barra, Ferreiro, Ouro Fino; os engenhos do Bicudo, Santo Isidoro, Palmital, Casa da Telha e França e os caminhos para Crixá e Pilar e um Quilombo, perto do Arraial de São Miguel.
Na parte inferior, à direita, há um cartucho onde está escrito: *todos os corgos e reibeiroes com côr vermelha indicão que seextrahe ouro.*

Inclui rosa dos ventos, com flor de lis.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Desenho a nanquim preto e bico de pena vermelha.
Aguada de vermelho e verde.
Marca d'água: C.Wend & Zoonen.

AHU_CARTm_008, D. 0880

431 PILÕES, RIO E CLARO, RIO. Mapa. 1805

Mappa topographico da Campanha do Rio Piloens e Rio Claro diamantinos, com todas suas vertentes pertencentes a Comarca de Villa Boa de Goyas.... – Escala [ca. 1:500.000]. – Vª. Boa de Goiás [Goiás], no anno de 1805. – 1 carta ms. : color., desenho a nanquim ; 30,4 x 40,9cm em folha 33,7 x 43,3cm.

Subtítulo: ...mandado tirar pelo Illmo. Exmo. Snr. Dom Francisco de Assis Mascarenhas, Gor. Capm. General desta Capnia. sendo examinados todos ambos os rios, e suas vertentes pelo Mino. [Ministro] Dor. Manuel Joaquim de Agar. [Aguiar] Mourão Ouvor. e Corregor. q. foi desta Comca., engr. Joze Manoel da Sª. e Olivra., que ambos correrão a Campanha e abrirão picadas e camos. [caminhos] como mostra neste mappa.
Mostra os caminhos abertos pelo Ministro Manuel Joaquim de Aguiar Mourão e José Manuel da Silva e Oliveira ao longo dos Rios Claro e Pilões, onde estão assinalados: *o Ministro embarcado pelo Rio Funil, Motûm, Destacamento, Guardamt., Sintinela,* Serra *Boa Vista* Rio *Jacû,* Rio *Santa Maria,* Rio *São Miguel, Canal, Areyas, Furnas, Lambary, Arâras, Buritizaes, Bagage e Brumado, Estrada Real do Cuiabá,* Rio *Fartura, Aldea Maria,* Rio *Roncador , Canabraba, Caminho da Vila, As pedras da Chapada*.
Escala gráfica de 10 léguas [= 11,1cm].
Inclui rosa dos ventos.
Relevo e vegetação representados em forma pictórica.
Aquarelada e aguada na cor verde.
Anexo ao ofício 1805, Junho 4 de – AHU_ACL_CU_008, Cx. 49, D.2086.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº. 241.

AHU_CARTm_008, D. 0879

NOVA COLÔNIA DO SACRAMENTO

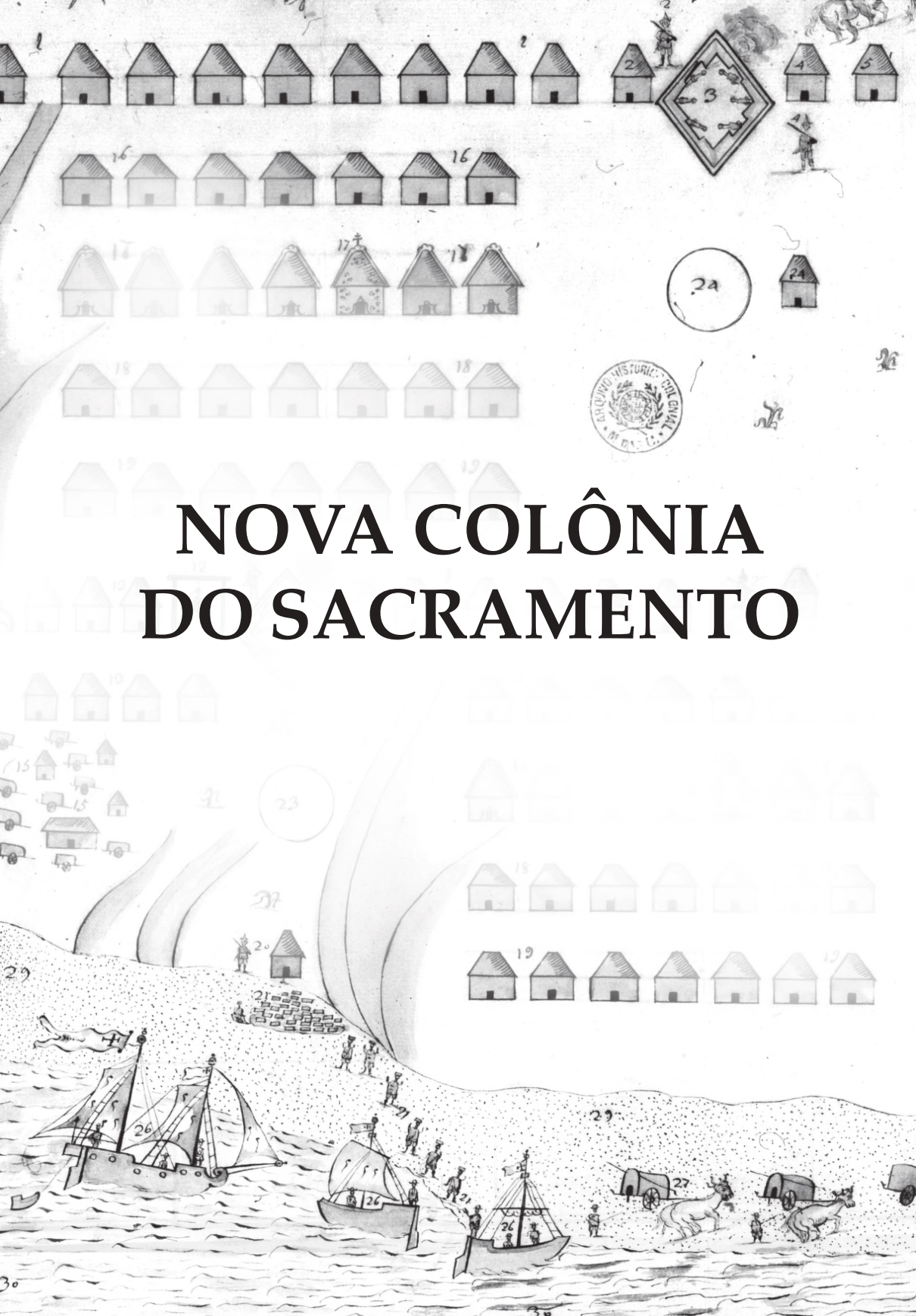

432 IGREJAS. Iconografia. ca. 1732

Figueiredo, Gomes.
[Plantas da] Igreja Velha, Igreja Nova : [Colônia do Sacramento] / Gomes Figr^do^. – Escala [ca. 1:100]. – Escala [ca. 1:100]. – [ca. 1732]. – 2 desenhos técnicos : nanquim ; em folha 46,2 x 33,6cm.

Na planta da igreja velha estão assinalados: *alpendre, porta principal, corpo da igreja, porta travessa, adro, capella mor, tribunos, caza de fabrica e sacristia.*

No desenho da igreja nova lê-se : *porta principal, lugar das torres, portas travessas, corpo da igreja, coxias dos altarez, cappela mór, cazas de fabricas, e comunicação para a sacristia, sacristia que fica debaixo da tribuna consistorio.*

Aguada na cor rosa e aquarelada de preta.
A nomenclatura e a assinatura estão escritas a tinta ferrogálica.
Escala gráfica 90 palmos [= 16,7 cm].
No verso: *Planta do thenente general emginheiro.*
Descrita em Castro e Almeida [RJ]; AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 33, D. 7632. Anexo ao documento descrito em Castro e Almeida [RJ]; AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 33, D. 7616.

AHU_CARTm_012, D. 1245

433 IGREJA MATRIZ. Iconografia. 1732?

Soares, Pedro Francisco.
[Planta da Igreja Matriz da Colônia do Sacramento] / Pedro Frano Soares. – Escala [ca. 1:110] – [1732?]. – 1 desenho técnico : a bico de pena ; em folha 42,9 x 62,6cm.

Escala gráfica de 10 palmos? [=2cm].
Aquarelada nas cores amarela, preta, verde, marrom e vermelha.
No verso: *Planta do Mestre Pedreiro Pedro Francisco.*
Inclui: alçado principal com representação de 2 torres sineiras, corte transversal e corte longitudinal.
Descrita em Castro e Almeida [RJ]; AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 33, D. 7633. Anexo ao documento descrito em Castro e Almeida [RJ]; AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 33, D. 7616.

AHU_CARTm_012, D. 1245-A

434 COLÔNIA DO SACRAMENTO. Fortificação/Mapa. 1736

Paes, José da Silva, 1679-1760.
Planta topografica da Praça da Nova Colonia : com o seu novo dessenho / pelo Brigadeyro Jozé da Sylva Paes. – Escala [ca. 1:3.000]. – Anno de 1736. – 1 planta ms. : color., desenho a tinta ; 63,7 x 42,2cm em folha 67,5 x 45,5cm.
Estão assinalados: *reduto imperfeito da Colonia, projecto da nova fortificação, curral del rey, rebelim, torre da parte do Norte, torre da parte sul, cazaes da parte sul, cazaes da parte norte, caza do governador, igreja matriz, trem, Hermida de Santa Ritta, Bateria de Santa Ritta, Colegio dos PP*[padres] *da Companhia, Hermida de São Pedro de Alcantara, Bateria de São Pedro de Alcantara, Moinho de Vento, accrescentamento das baterias, tenalha revestida do quadrº, ramal da parte norte, ramal da parte sul, caza da polvora.*
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Desenho a bico de pena e aquarela.
Aquarelada nas cores verde, vermelha, cinza, amarela, azul e marrom.
Escala gráfica de 160 braças [= 11,8cm].
Inclui perfil da tenalha. Escala [ca. 1:300]. Escala gráfica de 150 palmos [=12,2cm].
Cartucho de título decorado em estilo neoclássico.
Há presença de ornatos caligráficos.
Descrita em Castro e Almeida [RJ]: AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 44, D. 10.363. anexa ao documento AHU_ACL_CU_017-01, Cx. 44, D. 10.360.

AHU_CARTm_012, D. 1246

435 ACAMPAMENTO. Vista. ca. 1762

Acampamto. dos castelhanos, deffronte da Colonia com o nome de S. Carlos. – [ca.1762]. – 1 vista panorâmica ms : color., desenho a nanquim ; 33,9 x 43,9cm em folha 34,8 x 44,5cm.

Mostra sentinela das tropas espanholas, em decorrência do Tratado de Pardo, assinado em 12 de fevereiro de 1761.
Ilustrada com carretas, cavalos, embarcações, casario e figuras de pessoas.

Estão assinalados: *quarteis da tropa, da parte da Colonia, guarda sentinela do Forte dada parte de Santo Antonio, este forte, guarda de sentinela de Santo Antonio, gurada de sentinela da Athalaya, guarda sentinela dos medanos, Medanos da Areya, caza de amasar pam e biscouto para a tropa, guarda do forte da parte do Arrayal de Neras, este forte, sentinela do forte e forca, a forca com hum espanhol emforcado, cazas de soldados e povos cazados, forne de cozer o biscouto, carretas, caza dos apatas e povos das mesmas , cozinhas dos soldados, quarteis dos oficiais, e igreija, cozinha dos oficias e cazas de criados, cazas dos vivandeyros, guarda do porto honde se dezem carga, o tijollo e tudo o que vem de Buenos Ayres, monte de tijolo na Praya e quem a conduz , guarda e sentinela da sanga, curral do cauallos curral do gado, e caza dos apatas, caza da polvora, corsaria, corsaria e lanchas que conduzem o que vem de Buenos Ayres, carreta que andão seruindo, pião lacando cauallos, a praya, o mar.*

Após a legenda está escrito: *foi posto o bloqueyo em 6 de junho de 1761.*
Anexo ao doc. de 1762, Abril, 20 – [RJ] AHU_ ACL_CU_017, Cx.64, D.6106
Aquarelada nas cores rosa e cinza.
Marca d'água: D & C BLAUW.

Referência: Catálogo de mappas, plantas, desenhos, gravuras e aguarellas / Castro e Almeida. Nº.352.

AHU_CARTm_012, D. 1247

ÍNDICES

Índice onomástico

A

ABREU, Gaspar 179-180
ABREU E C., João de 194
AFONSECA, Francisco Galvão de 69-70
AGUIAR, Manuel Angelo Figueira de 367
ALBERNAZ I, João Teixeira 266
ALBUQUERQUE, Maria Francisca Cavalcante e 213
ALBUQUERQUE, José Francisco de Paula Cavalcante de 166
ALBUQUERQUE, Jozé Francisco de Paula Cavalcante de **ver** ALBUQUERQUE, José Francisco de Paula Cavalcante de
ALMADA, Manoel da Gama Lobo d' **ver** ALMADA, Manuel da Gama Lobo de
ALMADA, Manuel da Gama Lobo de 12-15
ALPOIM, José Fernandes Pinto 302-303, 313, 399
ANTUNES, José 125-126
ARAÚJO, João Batista dos Santos 260
AZEVEDO, Inácio Lopes de 193
AZEVEDO, José Coelho de 22

B

BARRETO, Tomás Robi de Barros 199
BARRETO, Thomas Roby de Barros **ver** BARRETO, Tomás Robi de Barros
BARROS, João do Rego 114
BATISTA, João 369
BERNARDO, Luís Xavier 120-121
BOTELHO MOURÃO, Luís António de Sousa **ver** MOURÃO, Luís António de Sousa Botelho.
BRACAREUSSIS, Francisco Xaveriuz 164
BRAGA, Francisco Xavier **ver** BRACAREUSSIS, Francisco Xaveriuz
BRASIL. Governador-Geral (1702-1705: Rodrigo da Costa) 177
BRASIL.Vice-Rei (1763-1767) : Antônio Álvares da Cunha) 316-318
BRITO, José Sanches de 25
BULHÕES, Francisco Soares 423

C

CÁCERES, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e 413-416
CALDAS, João Pereira 12-17, 44, 47-49
CALDAS, José Antônio 188, 197-198, 206, 208, 389
CÂMARA, João Pedro da 410-411
CAMPBELL, Donald 346
CAPACCI, Domingos 3-9, 235-241, 255
CAPACCI, Domenico **ver** CAPACCI, Domingos
CAPASSI, Domenico **ver** CAPACCI, Domingos
CAPASSI, Domingos **ver** CAPACCI, Domingos
CAPASSI, P. **ver** CAPACCI, Domingos,
CAPASSO, Domenico **ver** CAPACCI, Domingos,
CARDOSO, Angelo dos Santos 420
CARNEIRO, Pedro de Azevedo 20,65
CARNEYRO, Pedro de Azevedo **ver** CARNEIRO, Pedro de Azevedo
CARVALHO, José Simões de 12
CARVALHO, Luiza Rosaura de 86
CARVALHO, Manuel Domingues de 226
CARVALHO, Nicolau de Abreu 182, 188-189
CASTRO, Francisco Barbosa Marinho de 213
CASTRO, João de Souza 208
CASTRO, Manuel de Melo e 302
CASTRO, Manuel Bernardo de Melo e 37, 39
CASTRO, Manuel Joaquim Barbosa de 169
CHAVES, Pedro Gomes 272
CHAVES, Pedro Gomes de 284
COIMBRA, Manuel Soares 392
COLOMBINA, Francisco Tosi 420
CONCEIÇÃO, Frei da, Carmelita Descalço **ver** JOSÉ DA CONCEIÇÃO, Carmelita Descalço, Frei
COSTA, Bento 62
COSTA, Manuel Coelho da 419
COSTA, Miguel Pereira da 179-182
COSTA FERREIRA, João da ver FERREIRA, João da Costa
COUTO 227
COUTO, Antônio José do 93-94
COUTO, José Vieira 261-262
COUTO, Manuel do Rei **ver** COUTO, Manuel dos Reis
COUTO, Manuel dos Reis 279-281, 285-289
COUTO, Urbano do 423
COUTTO, Manoel do Rey **ver** COUTO, Manuel dos Reis.
COUTTO, Manoel dos Reis **ver** COUTO, Manuel dos Reis

COUTTO, Manuel dos Reis **ver** COUTO, Manuel dos Reis
CUNHA, Antônio Álvares, Conde da 316-318

F

FARIA, Francisco José 56-58
FERREIRA, Antônio 408
FERREIRA, João da Costa 379
FIGUEIREDO, Joaquim José de 171
FIGUEIREDO, Gomes 432
FONSECA, José Gonçalves da 408
FORTUNA, Manuel de Almeida 116, 118
FRANCÊS, Manuel 96
FREIRE, Carlota Joaquina Rosa 94
FREIRE, Carlota Joaquina Roza **ver** FREIRE, Carlota Joaquina Rosa
FUNCK, Jacques 319, 321-327, 329-338
FURTADO, Francisco Xavier de Mendonça 55

G

GOIÁS. Governador (1772-1778 : José de Almeida e Vasconcelos Soveral de Carvalho) 423
GOIÁS. Governador (1778-1783 : Luís da Cunha Menezes) 427
GOIÁS. Governador (1804-1809 : Francisco de Assis Mascarenhas) 431
GOMES, Gregório 178, 268
GOMES, José 226
GOMES, Maria Magdalena 93
GONÇALVES, Manuel Ribeiro 252
GOTZ, Manuel – 38
GRONSFELD, Gaspar João Geraldo de 39, 47-49
GUIMARÃES, C. Manuel Ribeiro 251
GUIMARÃES, Manoel Antonio de Oliveira ver GUIMARÃES, Manuel Antonio de Oliveira
GUIMARÃES, Manuel Antonio de Oliveira 86, 88
GUIMARÃES, Manoel Ribeiro **ver** GUIMARÃES, Manuel Ribeiro
GUIMARÃES, Manuel Ribeiro 427, 258
GUIMARAENS, C. Manoel Ribeiro **ver** GUIMARÃES, C. Manuel Ribeiro

J

JORDAM, Bernardo Jozé **ver** JORDÃO, Bernardo José
JORDÃO, Bernardo José 191
JOSÉ, Inácio 209
JOSÉ DA CONCEIÇÃO, Carmelitas Descalços, Frei 104, 113

L

LANDI, Antonio Giuseppe **ver** LANDI, Antônio José
LANDI, Antônio José 30-33, 35-36, 46, 50
LAPA, José de Almeida e Vasconcelos Soveral de Carvalho, Visconde da 423
LEÃO, Manuel Vieira 398-399
LEMOS 127
LEMOS, Antônio José de 100
LIMA, Angelo Pedroso **ver** PEDROSO, Angelo
LIMA, Manuel Félix de 408
LOURENÇO, Antonio Gonçalves 387

M

MACIEL, Vital 63
MAIA, Manuel da 118
MALAGRIDA, Gabriel 125-126
MALAGRIDE, Gabriel de **ver** MALAGRIDA, Gabriel
MARANHÃO. Governador (1798-1804 : Diogo de Sousa) 83
MARIZ, Pedro Leolino 186
MASCARENHAS, Francisco de Assis 431
MASCARENHAS. Mannoel do Canto Castro **ver** MASCARENHAS. Manuel do Canto Castro
MASCARENHAS. Manuel do Canto Castro 89
MASSÉ, Jean **ver** MASSÉ, João
MASSÉ, João 273-275, 354-358
MATEUS, Morgado de **ver** MOURÃO, Luís António de Sousa Botelho
MATO GROSSO. Governador (1765-1768 : João Pedro da Câmara) 410-411
MATO GROSSO. Governador (1772-1783: Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres) 413-416
MATOS, Manuel Correia de 220
MATTOS, Manoel Corrêa de **ver** MATOS, Manuel Correia de
MENDES, Antônio 209
MENEZES, Luís da Cunha 251, 427
MERNYN, Ambrosio 380
MINAS GERAIS. GOVERNADOR. (1783-1788 : Luís da Cunha Meneses) 251
MINAS GERAIS. Governador (1797-1803 : Bernardo José Maria Lorena e Silveira) 260
MIRANDA, C. L. 261
MONTEIRO, José Xavier Machado 202-205, 214-215
MOURÃO, Luís António de Sousa Botelho 371
MOURÃO, Manuel Joaquim de Aguiar 431

O

OLIVEIRA, José Manuel da Silva e 431
OLIVEIRA, José Rodrigues de 233-234
OLIVEIRA, Manoel Caetano 58
OLIVEYRA, Joseph Rodriguez **ver** OLIVEIRA, José Rodrigues de
OZANAM, Jacques 352

P

PAÇO, Manuel Joaquim do 59
PALMA, João Gomes 195
PAES, José da Silva 363, 382-383, 386, 393, 434
PAIS, José da Silva **ver** PAES, José da Silva
PAMPLONA, Inácio Correia 252
PARÁ. Governador (1753-1759 : Francisco Xavier de Mendonça Furtado) 55
PARÁ. Governador (1759-1763 : Manuel Bernardo de Melo e Castro) 37, 39
PARÁ. Governador (1772-1780 : João Pereira Caldas) 44, 47-49
PARDINHO, Rafael Pires 359-360
PEDROSO, Angelo 367
PEREIRA, Antônio Barros 64
PEREIRA, Diogo José 409
PEREIRA, João de Almeida 416
PEREIRA, João Gonçalves 407
PEREIRA, Manuel Vaz 267
PERNAMBUCO. Governador (1756-1763 : Luis Diogo Lobo da Silva) 128-149
PIMENTEL, Luiz Francisco 109-111, 135
PINTO ALPOIM, José Fernandes **ver** ALPOIM, José Fernandes Pinto
PONTES, Manoel José Pires da Silva **ver** PONTES, Manoel José Pires da Silva
PONTES, Manuel José Pires da Silva 260
PORTELLI, Alexandre Elói 406
PORTELLI, Alexandre Eloy **ver** PORTELLI, Alexandre Elói
PORTUGAL, Dinísio Ferreira 101
PRADO, Francisco Leme do 408

Q

QUEIROGA, Luís Antônio de Sá 365

R

RAMOS, Antônio José 90-92
RAMOS, Manuel Silvestre 91
REAL, João de Macedo Corte 112, 114-115, 119
REBELO, Sebastião José Gregório 55
REGO, José Matias de Oliveira 410-411
REGO, Jozé Mathias de Oliveira **ver** REGO, José Matias de Oliveira
REY, Alexandre do 71-72
RIBEIRO, Antônio Rodrigues 177
RIBEIRO, Domingos Gonçalves 408
RIBEIRO, Joaquim Pedro 56-58
RIBEIRO, José Dias 171
RIBEIRO, Jozé Dias **ver** RIBEIRO, José Dias
RIBEIRO, Manuel Antônio 210
RIO NEGRO, Capitania do Governador (1818-1821 : Manuel Joaquim do Paço) 59
ROCHA, Francisco Gonçalves 171
ROCHA, Manuel Álvares da 199
RODRIGUES, Marcelino 414
ROSCIO, João Francisco 339-340
ROLIM, Carlos Varjão 73

S

SALDANHA, Manuel Cardoso de 185, 188-190, 197-198
SALES, Francisco de 256-257
SANTA CATARINA. Governador (1739-1743 : José da Silva Paes) 382-383
SANTA CATARINA. Governador (1746: José da Silva Paes) 386
SANTA CATARINA. Governador (1749-1753 : Manuel Escudeiro Ferreira de Sousa) 387
SANTA CATARINA. Governador (1791-1793: Manuel Soares Coimbra) 392
SANTA CATARINA. Governador (1805-1817: Luís Maurício da Silveira) 392
SÃO PAULO (ESTADO). Governador (1765-1775: Luís António de Sousa Botelho Mourão) 371
SILVA, Antônio Carlos da 82
SILVA, João Vieira da 209
SILVA, Luís Diogo Lobo 128-149
SILVA, Wenceslau Pereira da 191
SILVA PAES, José da **ver** PAES, José da Silva
SILVEIRA, Bernardo José Maria Lorena e 266

SILVEIRA, Luís Maurício da 392
SOARES, Antonio José 163
SOARES, Antônio dos Santos 361
SOARES, Diogo 3-9, 235-241, 290-297, 381, 394-395
SOARES, Pedro Francisco 433
SOUSA, Cândido Xavier de Almeida e 370, 374
SOUSA, Diogo 83
SOUSA, José Francisco 206
SOUSA, João 209
SOUSA, Luís António de **ver** MOURÃO, Luís António de Sousa Botelho
SOUSA, Manuel Escudeiro Ferreira de 387
SOUSA, Manuel Joaquim de 89
SOUZA 254
SOUZA, Manoel Joaquim de **ver** Sousa, Manuel Joaquim de
STURM, Fellipe. 11, 55

T

TEIXEIRA, Antônio Lopes 88
TEIXEIRA, Manuel Rodrigues 212
TEIXEIRA, Pedro 62
TORRES, Francisco Xavier 97-98

V

VALENÇA, José da Silva 418
VASCONCELOS, José de Almeida de **ver** LAPA, José de Almeida e
Vasconcelos Soveral de Carvalho da Maria Soares de Albergaria, Visconde da
VEIGA, Antônio Joaquim Simões da 83
VIANA, Joaquim Inácio 92
VIANNA, Joaquim Ignacio **ver** VIANA, Joaquim Inácio
VIANA, José Isidoro 90
VIANNA, Joze Izidoro **ver** VIANNA, Joze Izidoro
VELOSO, Diogo da Silveira 114-115, 119, 271
VILA LOBOS, Manuel Pinto de **ver** VILALOBOS, Manuel Pinto de
VILALOBOS, Manuel Pinto de, 353
VILAS BOAS 262

X

XAVERIUZ BRACAREUSSIS, Francisco **ver** BRACAREUSSIS, Francisco Xaveriuz
XAVIER BRAGA, Francisco **ver** BRACAREUSSIS, Francisco Xaveriuz

Índice temático

A

Acampamento São Carlos (Uruguai) 435
Acampamentos militares – Goiás 423-424
Acampamentos militares – Minas Gerais 252
Acampamentos militares – Rio Grande do Sul 403
Acampamentos militares – Uruguai 403,435
Ação de Nunciação – Salvador (BA) 213
Alfândega – Bahia 176
Alfândega – Pará 30-31
Alfândega – Pernambuco 105-107, 115, 117-121, 165
Alfândega – Rio de Janeiro (Estado) 307-309, 312
Aljube da Diocese (Olinda, PE) 114
Aqueduto da Carioca (Rio de Janeiro, RJ) 279-280, 301
Aqueduto da Lapa (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Aqueduto da Carioca (Rio de Janeiro, RJ)
Aquedutos – Rio de Janeiro (Estado) 279-280, 301
Arcos da Carioca (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Aqueduto da Carioca (Rio de Janeiro, RJ)
Arcos da Lapa (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Aqueduto da Carioca (Rio de Janeiro, RJ)
Armazéns – Pará 24, 35, 43
Armazéns – Rio de Janeiro (Estado) 318
Arquitetura – Projetos – Bahia 207
Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (RJ) 316
Arsenal da Marinha – Maranhão 89
Arsenais – Maranhão 89
Arsenais – Pará 37
Arsenais – Rio de Janeiro (Estado) 316
Artilharia – Pará 18, 19, 35
Aula Militar da Bahia 209-210

B

Barcos – Construção – Pará 41-42, 53
Bateria da Praia do Góis (Guarujá, SP) 362
Bateria da Prainha (Rio de Janeiro, RJ) 298
Bateria de Nossa Senhora da Boa Viagem (Niterói, RJ) 321
Bateria de Santiago (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza do Calabouço (Rio de Janeiro, RJ)

Bateria de Santo Antônio da Praia de Fora (Niterói, RJ) **ver** Forte Barão do Rio Branco (Niterói, RJ)
Bateria de São Domingos (Niterói, RJ) **ver** Forte de São Domingos de Gragoatá (Niterói, RJ)
Buraco do Tatu, Quilombo do **ver** Quilombo do Buraco do Tatu

C

Cadeias **ver** prisões
Cais **ver** Portos
Câmara – Alagoas 174
Câmara – Goiás 422
Câmara – Pernambuco 104
Câmara – Rio de Janeiro (Estado) 278, 299
Caminhos ver trilhas
Cânhamo – Plantação – Rio Grande do Sul 406
Cano de Água da Carioca (Rio de Janeiro, RJ) ver Aqueduto da Carioca (Rio de Janeiro, RJ)
Carta cadastral – Recife (PE) 170
Carta cadastral – Rio de Janeiro (RJ) 283
Carta cadastral – Salvador (BA) 208
Cartas náuticas – Alagoas 127
Cartas náuticas – Brasil, Norte 83
Cartas náuticas – Maranhão 85
Cartas náuticas – Paraíba 101
Casa da Câmara e Cadeia (Goiás, GO) 422
Casa da Câmara e Cadeia (Porto Calvo, AL) 174
Casa da Câmara e Cadeia (PE) 104
Casa da Câmara e Cadeia (Ouro Preto, MG) 251
Casa da Câmara e Cadeia (Rio de Janeiro, RJ) 278
Casa da Feitoria do Negócio (Borba, AM) 46, 51
Casa da Moeda (Salvador, BA) 190
Casa da Moeda (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Casa das Contas (Rio de Janeiro, RJ)
Casa da Pólvora – Bahia 185, 191, 193
Casa da Pólvora (CE) 97
Casa da Pólvora – Pará 24
Casa da Pólvora – Rio de Janeiro (Estado) 322
Casa da Relação (Rio de Janeiro, RJ) 304
Casa da Suplicação do Brasil **ver** Casa da Relação (Rio de Janeiro, RJ)
Casa das Contas (Rio de Janeiro, RJ) 300
Casa do Bispo (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Palácio Episcopal da Conceição (Rio de Janeiro, RJ)

Casa do Governador (Goiás, GO) 418
Casa do Governador (João Pessoa, PB) 99
Casa do Governo (Florianópolis, SC) 385
Casa dos Governadores (Salvador, BA) **ver** Palácio dos Vice-Reis (Salvador, BA)
Castelo do Mar (Cabo de Santo Agostinho, PE) 161
Castello Marítimo (Cabo de Santo Agostinho, PE) **ver** Castelo do Mar (Cabo de Santo Agostinho, PE)
Castrum Maritimus (Cabo de Santo Agostinho, PE) **ver** Castelo do Mar (Cabo de Santo Agostinho, PE)
Catedral da Sé (São Paulo, SP) **ver** Igreja Matriz de São Paulo (SP)
Catedral Metropolitana de Florianópolis (SC) **ver** Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis, SC)
Cemitérios – Rio de Janeiro (RJ) 286-287
Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão (PA) 50
Construção civil– Bahia 226
Construção civil – Pernambuco 125-126
Convento dos Capuchinos (Rio de Janeiro, RJ) ver Hospício de Nossa Senhora da Oliveira (Rio de Janeiro, RJ)
Convento dos Padres Barbadinhos (Rio de Janeiro, RJ) ver Hospício de Nossa Senhora da Oliveira (Rio de Janeiro, RJ)
Convento dos Padres Barbonos (Rio de Janeiro, RJ) ver Hospício de Nossa Senhora da Oliveira (Rio de Janeiro, RJ)
Convento dos Capuchinos (Rio de Janeiro, RJ) ver Hospício de Nossa Senhora da Oliveira (Rio de Janeiro, RJ)
Convento Nossa Senhora da Lapa (Salvador, BA) 194
Costa – Amapá 27
Costa – Bahia 192
Costa – Brasil 3-9
Costa – Brasil, Leste 314
Costa – Brasil, Norte 83
Costa – Brasil, Sul 3, 4,5, 9, 394-395
Costa – Brasil, Sudeste 6-8
Costa – Ceará 152
Costa – Marajó, Ilha de (PA) 40
Costa – Maranhão 63, 85
Costa – Pará 40
Costa – Pernambuco 111
Costa – Piauí 63
Costa – Rio de Janeiro (Estado) 8, 269
Costa – Rio Grande do Sul 394-395
Costa – Uruguai 394

D

Demarcação de fronteiras – Rio Grande do Sul 403
Demarcação de fronteiras – Uruguai 403
Desenhos técnicos – Bahia 209-210
Diamantes — Goiás 423
Diamantes – Minas Gerais 243, 247, 248-250, 253, 261-262
Dias, Regimento Henrique **ver** Regimento Henrique Dias
Diques – Rio de Janeiro (Estado) 346

E

Edifícios **ver** Residências
Estradas **ver** trilhas
Extração de minério – Brasil 1
Extração de minério – Goiás 430

F

Faróis – Pará 38
Fazenda Real de Santa Cruz (Rio de Janeiro, RJ) 270
Fazendas – Bahia 186
Fazendas – Marajó, Ilha de (PA) 34
Fazendas – Maranhão 76
Fazendas – Minas Gerais 263
Fazendas – Pará 34, 40
Fazendas – Rio de Janeiro (RJ) 270
Fazendas – São Paulo (Estado) 378
Figurinos militares – Brasil – Goiás **ver** Uniformes militares –Brasil – Goiás
Fortaleza da Barra Grande (Guarujá, SP) **ve**r Fortaleza da Barra Grande de Santo Amaro (Guarujá, SP)
Fortaleza da Barra Grande (Tamandaré, PE) **ver** Forte de Tamandaré (PE)
Fortaleza da Barra Grande de Santo Amaro (Guarujá, SP) 362
Fortaleza da Barra Grande de Santo Amaro (Guarujá, SP) – Medidas – Desenhos 368
Fortaleza da Barra do Rio Grande (Natal, RN) **ver** Fortaleza dos Reis Magos (Natal, RN)
Fortaleza da Conceição (Rio de Janeiro, RJ) 275, 290, 305, 323
Fortaleza da Ilha das Cobras (Rio de Janeiro, RJ) 272, 324
Fortaleza da Praia Grande (Santos, SP) 352-355
Fortaleza de Anhatomirim (SC) **ver** Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim (SC)

Fortaleza de Frederico Henrich **ver** Forte das Cinco Pontas (Recife, PE)
Fortaleza de Itamaracá (PE) **ver** Forte Orange (Ilha de Itamaracá, PE)
Fortaleza de Itapema (Guarujá, SP) **ver** Forte da Vera Cruz de Itapema (Guarujá, SP)
Fortaleza de Laje (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Forte Tamandaré da Laje (Rio de Janeiro, RJ)
Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção (Fortaleza, CE) 98
Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza da Conceição (Rio de Janeiro, RJ)
Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra de Belém (Belém, PA) 21-22
Fortaleza de Santa Catarina (Cabedelo, PB) **ver** Forte de Santa Catarina (Cabedelo, PB)
Fortaleza de Santa Cruz (Ilha de Itamaracá, PE) **ver** Forte Orange (Ilha de Itamaracá, PE)
Fortaleza de Santa Cruz da Barra (Niterói, RJ) 317, 325
Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, (Governador Celso Ramos, SC) 382, 383
Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim (SC) **ver** Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, (Governador Celso Ramos, SC)
Fortaleza de Santa Tecla (Bagé, RS) **ver** Forte de Santa Tecla (Bagé, RS)
Fortaleza de Santo Amaro (Guarujá, SP) **ver** Fortaleza da Barra Grande de Santo Amaro (Guarujá, SP)
Fortaleza de São Diogo (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Reduto do Morro de São Diogo (Rio de Janeiro, RJ)
Fortaleza de São Francisco Xavier da Ilha de Villegagnon (Rio de Janeiro, RJ) 291, 319, 326
Fortaleza de São João (Rio de Janeiro, RJ) 292-294, 327, 328
Fortaleza de São João Batista do Brum (Recife, PE) ver Forte do Brum (Recife, PE)
Fortaleza de São João da Barra da Bertioga (SP) **ver** Forte de São João da Barra da Bertioga (SP)
Fortaleza de São João da Barra do Rio de Janeiro (RJ) **ver** Fortaleza de São João (Rio de Janeiro, RJ)
Fortaleza de São José da Ilha das Cobras (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza da Ilha das Cobras (Rio de Janeiro, RJ)
Fortaleza de São José do Macapá (AP) 44-45
Fortaleza de São José do Macapá (AP) **ver também** Forte do Macapá (AP)

Fortaleza de São Sebastião do Castelo (Rio de Janeiro, RJ) 275, 295, 329
Fortaleza de Tamandaré (Tamandaré, PE) ver Forte de Tamandaré (PE)
Fortaleza de Villegagnon (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza de São Francisco Xavier da Ilha de Villegagnon (Rio de Janeiro, RJ)
Fortaleza do Calabouço (Rio de Janeiro, RJ) 330
Fortaleza dos Afogados (Recife, PE) ver Forte Príncipe Guilherme (Recife, PE)
Fortaleza dos Reis Magos (Natal, RN) 153
Fortaleza Tamandaré (Tamandaré, PE) ver Forte de Tamandaré (PE)
Fortaleza Velha de Fernando de Noronha (Fernando de Noronha, Ilha de, PE) 108
Forte Barão do Rio Branco (Niterói, RJ) 320, 331
Forte da Bertioga (SP) **ver** Forte de São João da Barra da Bertioga (SP)
Forte da Boa Viagem (Niterói, RJ) **ver** Bateria de Nossa Senhora da Boa Viagem (Niterói, RJ)
Forte da Ilha de Laje (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Forte Tamandaré da Laje (Rio de Janeiro, RJ)
Forte da Praia Vermelha (Rio de Janeiro, RJ) 268, 332
Forte da Santa Cruz (Guarujá, SP) **ver** Forte da Vera Cruz de Itapema (Guarujá, SP)
Forte da Vera Cruz (Guarujá, SP) **ver** Forte da Vera Cruz de Itapema (Guarujá, SP)
Forte da Vera Cruz de Itapema (Guarujá, SP) 356, 363
Forte das Cinco Pontas (Recife, PE) 154
Forte de Bryne (Recife, PE) **ver** Forte do Brum (Recife, PE)
Forte de Caracuatá (Niterói, RJ) **ver** Forte de São Domingos de Gragoatá (Niterói, RJ)
Forte de Caraguatá (Niterói, RJ) **ver** Forte de São Domingos de Gragoatá (Niterói, RJ)
Forte de Gragoatá (Niterói, RJ) **ver** Forte de São Domingos de Gragoatá (Niterói, RJ)
Forte de Gravatá (Niterói, RJ) **ver** Forte de São Domingos de Gragoatá (Niterói, RJ)
Forte de Itapema (Guarujá, SP) **ver** Forte da Vera Cruz de Itapema (Guarujá, SP)
Forte de Macapá (AP) 28
Forte de Macapá (AP) **ver também** Fortaleza de São José de Macapá (AP)
Forte de Madre de Deus e São Pedro (Recife, PE) **ver** Forte do Matos (Recife, PE)
Forte de Matos (Cabedelo, PB) **ver** Forte de Santa Catarina (Cabedelo, PB)
Forte de Mattos (Cabedelo, PB) **ver** Forte de Santa Catarina (Cabedelo, PB)
Forte de Nazaré (Cabo de Santo Agostinho, PE) **ver** Castelo do Mar (Cabo

de Santo Agostinho, PE)
Forte de Nossa Senhora das Mercês da Barra de Belém (Belém, PA) **ver** Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra de Belém (Belém, PA)
Forte de Nossa Senhora de Nazaré Cabo de Santo Agostinho, PE) **ver** Castelo do Mar (Cabo de Santo Agostinho, PE)
Forte de Nossa Senhora do Carmo (Guarapuava, PR) **ver** Forte de Nossa Senhora do Carmo dos Campos de Guarapuava (PR)
Forte de Nossa Senhora do Carmo dos Campos de Guarapuava (PR) 370
Forte de Nossa Senhora dos Prazeres do Pau Amarelo (Paulista, PE) ver Forte do Pau Amarelo (Paulista, PE)
Forte de Nossa Senhora dos Remédios (Fernando de Noronha, Ilha de, PE) 108, 122
Forte de Piranga (Recife, PE) **ver** Forte Príncipe Guilherme (Recife, PE)
Forte de Santa Catarina (Cabedelo, PB) 100, 155
Forte de Santa Catarina do Cabedelo (PB) **ver** Forte de Santa Catarina (Cabedelo, PB)
Forte de Santa Cruz do Mar (Olinda, PE) 130, 156
Forte de Santa Cruz de Itamaracá (PE) **ver** Forte Orange (Ilha de Itamaracá, PE)
Forte de Santa Tecla (Bagé, RS) 401-402
Forte de Santiago (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza do Calabouço (Rio de Janeiro, RJ)
Forte de Santo Antônio (Fernando de Noronha, Ilha de, PE) **ver** Reduto de Santo Antônio (Fernando de Noronha, Ilha de, PE)
Forte de Santo Antônio da Barra de São Luís (MA) 65, 67-68
Forte de Santo Antônio da Praia de Fora (Niterói, RJ) **ver** Bateria de Santo Antônio da Praia de Fora (Niterói, RJ)
Forte de Santo Antônio dos Coqueiros do Buraco (PE) **ver** Forte do Buraco (PE)
Forte de Santo Inácio (Tamandaré, PE) **ver** Forte de Tamandaré (PE)
Forte de Santo Inácio de Tamandaré (PE) **ver** Forte de Tamandaré (PE)
Forte de São Diogo da Barra (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza de São João (Rio de Janeiro, RJ)
Forte de São Diogo (Rio de Janeiro, RJ) ver Reduto do Morro de São Diogo (Rio de Janeiro, RJ)
Forte de São Domingos (Niterói, RJ) ver Forte de São Domingos de Gragoatá (Niterói, RJ)
Forte de São Domingos de Gragoatá (Niterói, RJ) 333
Forte de São Francisco Xavier (Cabo de Santo Agostinho, PE) 131-132, 166
Forte de São João (Rio de Janeiro, RJ) ver Fortaleza de São João (Rio de Janeiro, RJ)
Forte de São João Batista do Brum (Recife, PE) ver Forte do Brum (Recife, PE)

Forte de São João da Barra da Bertioga (SP) 365
Forte de São José de Marabitanas (Cucuí, São Gabriel da Cachoeira, AM) 11
Forte de São Tiago (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza do Calabouço (Rio de Janeiro, RJ)
Forte de São Tiago das Cinco Pontas (Recife PE) **ver** Forte das Cinco Pontas (Recife, PE)
Forte de Tamandaré (PE) 157
Forte Diogo Paes (Recife, PE) **ver** Forte do Brum (Recife, PE)
Forte do Arraial do Bom Jesus (Recife, PE) **ver** Forte do Arraial Novo do Bom Jesus (Recife, PE)
Forte do Arraial Novo do Bom Jesus (Recife, PE) 118
Forte do Bom Jesus (Recife, PE) **ver** Forte do Arraial Novo do Bom Jesus (Recife, PE)
Forte do Bom Jesus Novo (Recife, PE) **ver** Forte do Arraial Novo do Bom Jesus (Recife, PE)
Forte do Brum (Recife, PE) 109, 133-134, 158
Forte do Buraco (PE) 159
Forte do Calabouço (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Forte de São Tiago (Rio de Janeiro, RJ)
Forte do Castelo de Belém (PA) 23
Forte do Castelo do Mar (Cabo de Santo Agostinho, PE) ver Castelo do Mar (Cabo de Santo Agostinho, PE)
Forte do Cucuí (São Gabriel da Cachoeira, AM) **ver** Forte de São José de Marabitanas (Cucuí, São Gabriel da Cachoeira, AM)
Forte do Macapá (Macapá , AP) 28
Forte do Macapá (Macapá , AP) **ver também** Fortaleza de São José do Macapá (Macapá, AP)
Forte do Matos (Recife, PE) 115-119
Forte do Pau Amarelo (Paulista, PE) 110-111, 135-136, 160
Forte do Periá (Primeira Cruz, MA) **ver** Fortim da Ilha de Periá (Primeira Cruz, MA)
Forte do Poriá (Primeira Cruz, MA) **ver** Fortim da Ilha de Periá (Primeira Cruz, MA)
Forte do Presépio de Belém (PA) **ver** (PA) Forte do Castelo de Belém
Forte do Príncipe Guilherme (Recife, PE) **ver** Forte Príncipe Guilherme (Recife, PE)
Forte do Rio Bataboute (Cabo Norte, AP) 20
Forte do Rio Doce (Olinda, PE) 111, 137-138
Forte Domina Brunonsis (PE) **ver** Forte do Buraco (PE)
Forte dos Afogados (Recife, PE) **ver** Forte Príncipe Guilherme (Recife, PE)
Forte dos Reis Magos (Natal, RN) **ver** Fortaleza dos Reis Magos (Natal, RN)

Forte Frederico Henrique (Recife, PE) **ver** Forte das Cinco Pontas (Recife, PE)
Forte Frederik (Recife, PE) **ver** Forte das Cinco Pontas (Recife, PE)
Forte Frederik Hendrik (Recife, PE) **ver** Forte das Cinco Pontas (Recife, PE)
Forte Gaibu (Cabo de Santo Agostinho, PE) **ver** Forte de São Francisco Xavier (Cabo de Santo Agostinho, PE)
Forte Ipiranga (Recife, PE) **ver** Forte Príncipe Guilherme (Recife, PE)
Forte Jesus-Maria-José (Rio Grande, RS) **ver** Presídio-Jesus-Maria-José (Rio Grande, RS)
Forte Jesus, Maria e José do Rio Pardo (RS) 399
Forte Madame Bruyne (PE) **ver** Forte do Buraco (PE)
Forte Margareth (Cabedelo, PB) **ver** Forte de Santa Catarina (Cabedelo, PB)
Forte Margarett (Cabedelo, PB) **ver** Forte de Santa Catarina (Cabedelo, PB)
Forte Margarida **ver** Forte de Santa Catarina (Cabedelo, PB)
Forte Margarida (Rio de janeiro, RJ) **ver** Fortaleza da Ilha das Cobras (Rio de Janeiro, RJ)
Forte Novo de São Jorge **ver** Forte do Brum (Recife, PE)
Forte Orange (Ilha de Itamaracá, PE) 162
Forte Perrexil (Recife, PE) **ver** Forte do Brum (Recife, PE)
Forte Príncipe Guilherme (Recife, PE) 139-140
Forte Príncipe Willem (Recife, PE) **ver** Forte Príncipe Guilherme (Recife, PE)
Forte Príncipe da Beira (Costa Marques, RO) **ver** Real Forte Príncipe da Beira (Costa Marques, RO)
Forte Tamandaré (PE) **ver** Forte de Tamandaré (PE)
Forte Tamandaré da Laje (Rio de Janeiro, RJ) 265, 267, 271, 276-277, 284, 297, 334
Fortificações – Alagoas 128-129, 143-144
Fortificações – Amapá 20, 28, 44-45
Fortificações – Amazonas 11
Fortificações – Bahia 181, 185, 188,191, 193
Fortificações – Brasil 2
Fortificações – Ceará 97-98, 152
Fortificações – Maranhão 64-68
Fortificações – Mato Grosso 429
Fortificações – Pará 18-26, 35, 47-49, 55
Fortificações – Paraíba 100, 155
Fortificações – Paraná 370
Fortificações – Pernambuco 108-111, 116, 118-119, 122-124, 130-142, 145-149, 151, 154, 156-162, 166-167
Fortificações – Rio de Janeiro (Estado) 265-268, 271-277, 284, 290-298, 305,

317-340
Fortificações – Rio Grande do Norte 153
Fortificações – Rio Grande do Sul 393, 399-402
Fortificações – Rondônia 411, 415, 429
Fortificações – Santa Catarina 382-383, 389
Fortificações – São Paulo (Estado) 352-358, 362-363, 365, 368
Fortificações – Uruguai 434
Fortim da Barra de Belém (Belém, PA) 26
Fortim da Boa Viagem (Niterói, RJ) **ver** Bateria de Nossa Senhora da Boa Viagem (Niterói, RJ)
Fortim da Ilha de Periá (Primeira Cruz, MA) 64
Fortim da Ponta de Catuama (Itamaracá, Ilha de, PE) **ver** Fortim de Catuama (Itamaracá, Ilha de, PE)
Fortim de Catuama (Itamaracá, Ilha de, PE) 141-142
Fortim de Santa Cruz de Olinda (PE) ver Forte de Santa Cruz do Mar (Olinda, PE)
Fortim de São José do Norte (São José do Norte, RS) 400
Fortim de São Tiago (Bertioga, SP) **ver** Forte de São João da Barra da Bertioga (SP)
Fortim do Arraial Novo do Bom Jesus (Recife, PE) **ver** Forte do Arraial Novo do Bom Jesus (Recife, PE)
Fortim do Arraial do Bom Jesus (Recife, PE) **ver** Forte do Arraial Novo do Bom Jesus (Recife, PE)
Fronteiras – Argentina 404
Fronteiras – Bolívia 409, 413
Fronteiras – Brasil 403-404, 409, 413, 429
Fronteiras – Paraguai 404, 409
Fronteiras – Uruguai 403-404

G

Guarda dos Judeus (Olinda, PE) **ver** Forte de Santa Cruz do Mar (Olinda, PE)
Guarita de João de Albuquerque (Olinda, PE) **ver** Forte de Santa Cruz do Mar (Olinda, PE)

H

Heinrich Trots Den Duivel (Recife, PE) **ver** Forte das Cinco Pontas (Recife, PE)
Henrique Dias, Regimento **ver** Regimento Henrique Dias
Horto Botânico de Ouro Preto (MG) 258
Hospedaria do Caraça (Catas Altas, MG) 264

Hospício de Nossa Senhora da Oliveira (Rio de Janeiro, RJ) 302-303
Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens **ver** Igreja Nossa Senhora da Mãe dos Homens (Catas Altas, MG)
Hospital Militar da Capitania de São Paulo 379
Hospitais – Maranhão 71

I

Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Arraial de Traíras, Comarca de Goiás **ver** Igreja Nossa Senhora da Conceição (Tupiraçaba, Niquelândia, GO)
Igreja de Nossa Senhora da Palma (Salvador, BA) 179-180
Igreja Matriz (Colônia del Sacramento, Uruguai) 433
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação (Santo Amaro, BA) 211
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória (Vitória, ES) **ver** Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória (Vitória, ES)
Igreja Matriz de Nossa Senhora de Oliveira dos Campinhos (Santo Amaro, BA) 182
Igreja Matriz de Santo Antonio (Itaverava, MG) 254
Igreja Matriz de São Paulo (SP) 348, 364
Igreja Matriz de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) 412
Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (Marechal Deodoro, AL) 173
Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória (Vitória, ES) 227-228
Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis, SC) 384, 386, 388
Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (Rosário, MA) 72
Igreja Nossa Senhora da Conceição (Tupiraçaba, Niquelândia, GO) 419
Igreja Nossa Senhora da Mãe dos Homens (Catas Altas, MG) 264
Igreja Nossa Senhora de Madre de Deus (Pirajuía, BA) 184
Igreja Paroquial da Vila de Chaves (PA) 32-33
Igreja Paroquial Nossa Senhora da Conceição (Florianópolis, SC) 387
Igrejas – Alagoas 173
Igrejas – Bahia 179-180, 182, 184, 211
Igrejas – Espírito Santo 227-228
Igrejas – Goiás 419
Igrejas – Maranhão 72
Igrejas – Mato Grosso 412
Igrejas – Minas Gerais 254, 264
Igrejas – Pará 32-33
Igrejas – Rio de Janeiro (Estado) 282-283
Igrejas – Santa Catarina 384, 386-388
Igrejas – São Paulo (Estado) 348, 364
Igrejas – Uruguai 432-433
Índios – Amazonas 10, 16
Índios – América do Sul 29, 371, 377, 397-398, 404, 407

Índios – Bolívia 407
Índios – Bahia 192, 202, 214-219, 221-224
Índios – Goiás 420, 425-426, 429, 431
Índios – Maranhão 61, 63, 75
Índios – Mato Grosso 424, 428
Índios– Minas Gerais 243, 252, 261-262
Índios – Pernambuco 172
Índios – Rondônia 410
Índios – Tocantins 420, 429
Índios Barbado 61
Indios Caiapó ver Indios Kayapó
Indios Canoeiro ver Índios Rikbaktsa
Índios Cavaleiro 29, 371
Indios Chiquito 407
Índios Guaicuru 371,377
Índios Guarani 397, 404
Indios Guayaki 404
Indios Kayapó 29, 420, 426
Indios Mojo 407
Índios Mayapena 10
Índios Mura 16, 29
Índios Rikbaktsa 428
Índios Tape 398
Índios Tapuia 63
Índios Taramembé **ver** Índios Tremembé
Índios Teremembé **ver** Índios Tremembé
Índios Tremembé 63
Indios Xavante 420
Inundações – Prevenção – Mariana (MG) 242

L

Limites – Minas Gerais 372
Limites – São Paulo (Estado) 372-373
Litoral **ver** Costa

M

Madeiras – Alagoas 163
Madeiras – Paraíba 102, 163
Marco – Rio Grande do Sul 405
Minas – Brasil 1
Minas – Mato Grosso 408

Minas de Prata – Minas Gerais 187
Minérios – Goiás 420
Minérios – Minas Gerais 243, 261-262
Minérios – Tocantins 420
Missões jesuíticas – Rio Grande do Sul 377
Missões Jesuíticas de Mojos e Chiquitos 407
Missões Jesuíticas dos Guaranis 397
Muralha – Brasil 2
Museu a Céu Aberto do Bairro do Recife (PE) **ve**r Forte do Matos (Recife, PE)
Museu Cartográfico do Serviço Geográfico do Exército **ver** Palácio Episcopal da Conceição (Rio de Janeiro, RJ)
Museu da Inconfidência (Ouro Preto, MG) **ver** Casa da Câmara e Cadeia (Ouro Preto, MG)
Museu de Arte Contemporânea (Olinda, PE) **ver** Aljube da Diocese (Olinda, PE)
Museu das Bandeiras (Goiás, GO) **ver** Casa da Câmara e Cadeia (Goiás, GO)
Museu do Forte do Presépio (Belém, PA) **ver** Forte do Presépio de Belém (PA)
Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza do Calabouço (Rio de Janeiro, RJ)

N

Nitrateiras de Monte Rorigo (MG) 263
Nitreira dos Montes Altos (BA) 198, 200

O

Ouro – Brasil, Norte 78
Ouro – Goiás 414, 421, 430
Ouro – Minas Gerais 243-244
Ouro – Paraná 367

P

Palácio Cruz e Souza (Florianópolis, SC) – **ver** Casa do Governo (Florianópolis, SC)
Palácio dos Vice-Reis (Salvador, BA) 183
Palácio Rio Branco (Salvador, BA) **ver** Palácio dos Vice-Reis (Salvador, BA)
Palácio Episcopal (São Paulo, SP) 364
Palácio Episcopal da Conceição (Rio de Janeiro, RJ) 305-306

Palácio Episcopal do Rio de Janeiro **ver** Palácio Episcopal da Conceição (Rio de Janeiro, RJ)
Paróquia Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis, SC) **ver** Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro Florianópolis, SC)
Pontes – Pernambuco 113
Portos – Alagoas 163
Portos – Minas Gerais 256-257
Portos – Paraíba 163
Portos – Pernambuco 103
Povoações – Santa Catarina 390-391
Prata – Minas Gerais 187
Presídio-Jesus-Maria-José (Rio Grande, RS) 393
Presídio Nossa Senhora da Conceição (Costa Marques, RO) 411
Prisões – Alagoas 174
Prisões – Bahia 190
Prisões – Goiás 422
Prisões – Minas Gerais 251
Prisões – Paraná 359-360
Prisões – Pernambuco 104, 112, 114
Prisões – Rio de Janeiro (Estado) 278, 281, 288-289, 313

Q

Quartel do Campo de Manejo (Florianópolis , SC) 392
Quartéis – Bahia 188-189
Quartéis – Minas Gerais 233-234
Quartéis – Pernambuco 169
Quartéis – Rio de Janeiro (Estado) 285, 310-312
Quartéis – Santa Catarina 383, 392
Quilombo Buraco do Tatu (Salvador, Bahia) 201
Quilombos – Bahia 201
Quilombos – Goiás 430
Quilombos – Minas Gerais 241, 252, 350

R

Ranchos – São Paulo (Estado) 349
Real Forte Príncipe da Beira (Costa Marques, RO) 415
Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu (RS) 406
Reduto da Barra de Nossa Senhora de Nazaré (Cabo de Santo Agostinho, PE) **ver** Castelo do Mar (Cabo de Santo Agostinho, PE)
Reduto da Prainha (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Bateria da Prainha (Rio de Janeiro, RJ)

Reduto de Nossa Senhora da Conceição (Fernando de Noronha, Ilha de, PE) 123
Reduto de Nossa Senhora da Conceição de Fernando de Noronha (PE) **ver** Reduto de Nossa Senhora da Conceição de (Fernando de Noronha, Ilha de, PE)
Reduto de Nossa Senhora de Monte Carmo e São Tomé (Cabo de Santo Agostinho, PE) **ver** Forte de São Francisco Xavier do Gaibu (Cabo de Santo Agostinho, PE)
Reduto de Santo Antônio (Fernando de Noronha, Ilha de, PE) 124
Reduto de São Diogo da Barra (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Fortaleza de São João (Rio de Janeiro, RJ)
Reduto de São Francisco Xavier (Cabo de Santo Agostinho, PE) **ver** Forte de São Francisco Xavier do Gaibu (Cabo de Santo Agostinho, PE)
Reduto de São José da Guarda do Norte **ver** Fortim de São José do Norte (São José do Norte, RS)
Reduto do Morro de Santa Teresa (Rio de Janeiro, RJ) 337
Reduto do Morro de São Diogo (Rio de Janeiro, RJ) 338
Regimento Henrique Dias 206
Regimentos – Bahia 206
Regimentos – Goiás 428,432
Relação do Rio de Janeiro (RJ) **ve**r Casa da Relação (Rio de Janeiro, RJ)
Residências – Amapá 52
Residências – Bahia 220
Residências – Pernambuco 125-126
Rio de Janeiro (Estado). Tribunal da Relação **ver** Casa da Relação (Rio de Janeiro, RJ)
Rios – Bahia 186, 206
Rios – Minas Gerais 259, 261-262
Roteiro ver trilhas
Ruas – Santo Amaro (BA) 225

S

Salinas – Maranhão, Capitania do 69-70
Salitre – Bahia 198, 200
Salitre – Minas Gerais 199, 263
Santa Casa – Maranhão 71
Sesmarias – Amazonas 59
Sesmarias – Maranhão 79-82, 84, 86-88, 90-94
Sesmarias – Pará 56-58

T

Tratado de Santo Ildefonso, 1777 12-17, 403
Tratados 396
Terceiro Regimento de Infantaria (Salvador, BA) **ver** Regimento Henrique Dias
Tribunal da Relação (Rio de Janeiro, Estado) **ver** Casa da Relação (Rio de Janeiro, RJ)
Trilhas – Amazonas 12
Trilhas – Bahia 197, 214-219, 221-224
Trilhas – Brasil, Sul 366, 369
Trilhas – Goiás, 351, 420-421, 423, 429-430-431
Trilhas – Mato Grosso 429
Trilhas – Minas Gerais 238-241, 245, 249-250, 252, 351, 366, 372,429
Trilhas – Paraná 366-367, 369, 371
Trilhas – Rio de Janeiro (Estado) 344, 366,372
Trilhas – Rio Grande do Sul 366-367, 369
Trilhas – Santa Catarina 369
Trilhas – São Paulo (Estado) 351, 366-367, 369, 371-373
Trilhas – Tocantins 420, 429

U

Uniformes militares 427

V

Vijfhuck (Recife, PE) **ver** Forte das Cinco Pontas (Recife, PE)

Índice de títulos

A

Acampam^to^. dos castelhanos, deffronte da Colonia com o nome de S. Carlos, 435
Alçado da Nova Alfândega, 105
Alçado da nova Alfândega a construir na capitania de Pernambuco, 120
Alçado do edifício da Feitoria do Negócio na Vila de Borba, 46
Alçado do paiol, 19
Alçado e plantas das casas de administração da Companhia Geral do Grão Pará, 50
Alçado principal de uma igreja, 32
Alçados (2) das casas pertencentes ao Mestre de Campo Francisco Barbosa Marinho de Castro, 213
Alçados da Igreja Matriz da Vila do Desterro, 384
Apontamentos para a nóva óbra d'Alfandega..., 307
Apontamentos para os novos quarteis ..., 312
Armazéns de Armas e mais petrechos de Guerra..., 35

B

Barra da Capitania do Espirito Santo, 232
Barra da Laguna no mar do sul, 380

C

Caderno de desenhos da Aula Militar da Bahia, 209-210
Carta 4 [da] Costa [do Brasil], 3
Carta 5.ª da Costa do Brasil , 4
Carta 6.ª da Costa do Brasil, 5
Carta 9.ª [8ª] da Costa do Brazil, 6
Carta 9.ª da Costa do Brazil, 7
Carta 10 da Costa do Brasil, 8
Carta chorografica dos dous certoens de Tibagy e Ivay, 371
Carta da Baía de Paranaguá, 347
Carta da Baía de São Marcos e o porto de São Luís, 85
Carta da Capitania de Minas Gerais entre a Serra Tucambira, Rio Jequitinhonha e o seu afluente Araçuaí, 240
Carta da Capitania de Minas Gerais entre o rio Paraopeba e Ribeirão do Carmo, 241
Carta da Capitania de Minas Gerais entre os rios das Velhas e o Araçuaí,

238
Carta da Capitania de Minas Gerais entre os rios São Pitangui e Santo Antônio, 239
Carta da costa da Bahia, desde a Barra do Rio Grande até a Barra do Rio Una, 192
Carta da costa na capitania do Rio de Janeiro, desde o baixo dos Pargos até Cabo Frio, 269
Carta da Nova Lorena diamantina 261-262
Carta da região compreendida entre os rios Maranhão e Crixás, na Capitania de Goiás, 417
Carta da viagem que pelo Ryo Doce athé às escadinhas, 260
Carta das Nitrateiras de Monte Rorigo, 263
Carta de parte da costa da Ilha Grande de Joannes, desde o Igarapé Grande, ate o Rio Cambu..., 40
Carta do lago, e cabeceiras do Rio Ararí, e das cabeceiras do Rio Anajaz do Tajiperú..., 34
Carta geografica do termo da Villa Rica em que se mostra que os arrayaes das Catas Altas..., 245
Carta geografica em que se demonstrão as correntes dos rios que sahem da capitania de São Paulo, 377
Carta geographica de todo o terreno... entre Villa Boa de Goyâs e Villa Bella de Matto Grosso, 424
Carta representando uma parte da Baía de S. José e ilha do Maranhão, 76
Carta tipographica em que se demostra a actual pozição do Arraial dos Arrães ou de Amaro Leite 414
Carta topographica, da demarcação do Cacoal do Ten. Coronel Francisco Jozé de Faria, 58
Carta topográfica de uma parte do território do Rio Negro, Vila Flor, 59
Carta topográfica do Porto de Pernambuco, 103
Carta topographica da demarcação da terra do Ten. Coronel Francisco Jozé de Faria, 56
Carta topographica da demarcação do Cacoal Ten. Coronel Fran^co^. Jozé de Faria no Paraná miri..., 57
Carta topographica do país dos rios Claro e Piloens, 423
Casa da Câmara e Cadeia de Villa Boa de Goiás, 422
Caza fortefeita em hu fortim de Estrella, 20
Coleção de onze plantas referentes a fortificações feitas na costa da Capitania de Pernambuco, 128-149
Colecção de cinco plantas referentes às aldeias da Capitania da Baía, 214-219, 221-224
Communicação do rio Vaupés para o Iapurá, pelo rio Yucari, ou Pururé Paraná, 13
Configuração da chapada das minnas do Mato Grosso, 408

Configuração da parte do Certão pertencente ao Governo da Ilha de Santa Catharina que fica entre o Rio Biguassú e o Rio Cubabão, 391
Configuração do terreno que parece mais conveniente para a 1.ª povoação das que se intentão fundar no certão de Santa Catharina, 390
Constava esta aldea dos Indios da nação Barbados..., 61
Copia do perfil das cazas : que o Reverendo Gabriel de Malagride pretende fazer na Vila de Igaraçu, 125
Copia do plano, 126
Costa da marítima da Capitania do Espirito Santo, 230-232
Costa do Brasil, 3-8

D

Decenho do quartel da Tropa da Guarnição da ilha de St.ª Catharina para 7 companhias, 392
Deliniação da Planta para a fortificação da Praja Vermelha do Rio de Janeiro, 268
Demarcação do termo da Villa do Paracatu do Principe, 259
Demonstraçam facil e concludente do direito que tem a Coroa de Portugal ao dominio das terras..., 396
Demonstração da costa de Pernambuco da cidade de Olinda até Itamaraca, 111
Demonstração do caminho que vai de Viamão the a cidade de S. Paulo, 369
Demonstração do terreno emmediato aos Armazens do Sal, ao norte do Monte de S. Bento, 342
Demonstração geografica e verdadeira, na q$^{l.}$ se mostra a lezão enormissima do novo Armazem..., 170
Demonstrasão do Arcenal, que mandou fazer, nesta cidade do Rio de Janeiro, 316
Demostração da Bahia da Treiçol e Coaltem a figura como mostra a estampa 101
Demostrasão da barra do Rio de Janeiro e planta da Lage, 267
Demostrasão do Rio de Ianeiro, 266Desenho da Nova Alfandega de Pern^{co}. , 165
Desenho de huma cortina baixa entre os dous fortins da Marinha, na cid^{e}. de Bellem, 55
Dessenho por idea da barra e porto do Rio Grande de S. Pedro, 393

E

Elevação da casa de Manoel Corrêa de Mattos, 220
Elevação da Fortaleza da Laja, 276

Explicação da Planta do rio Par^{a}. q. comprehende do Porto desta Ci^{de}. the a Barra do Cab^{o}., 102

F

Fortaleza de fachina... lugar dos Afogados, defronte da ponte do Motocolombo, para a sua defença, 140
Fortaleza de faxina... Lugar dos Afogadoz defronte da ponte do Motocolonbo, p^{a}. sua defença, 139
Fortaleza de N. Senra. da Conceição, 305
Fortaleza de terra e fachinas... se fizeram nas anciadas, Iaraguâ e Pajusára, 129
Fortaleza que se ha de fazer na praya grande de Santos, 353
Fortificaçam... desde o Forte do Brum, fronteyro a Barra desta v^{a}. do R^{e}. athê o Cais dos Quarteis da Iunta, 133
Fortificação com dois redutos, um deles chamado São José da Guarda do Norte, 400
Freguesia de S. António de Orubu de baixo Rio de S. Fran^{co}., 175

H

Hospício de Nossa Senhora Mãe dos Homens... na Serra de Caraça, freguesia de Catas Altas, 264

I

Idêa topográfica do Rio Paraguay, desde o Prezidio de Nova Coimbra athé Villa Real, 416
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição na Vila de Alagoas, 173
Itinerários da cidade de São Paulo à Minas Gerais e Goiás, 351

L

Livros de Minas Gerais 256-257, 259, 261-262

M

Mapa abrangendo a costa do Brasil desde a baía de Paranaguá até foz do Rio da Prata e, no sertão, os cursos dos rios Paraguai, Uruguai e Paraná, 395
Mapa abrangendo a região entre o alto rio Doce [Ribeirão do Carmo], o rio das Velhas, o rio Paraopeba, e o rio São Francisco, 239
Mapa da aldeia do principal de Majuri, 10

Mapa da bacia hidrográfica dos rios Guaporé e Mamoré, 407
Mapa da Capitania de São Paulo, no qual se assinalam cidades, montes, estradas e a barra, 366
Mapa da costa do Brasil desde a barra do Rio Grande de São Pedro até às proximidades do cabo de Santa Maria, 394
Mapa da Costa do Brazil, da Jericoáquará até a Ilha de São João, 83
Mapa da costa e rio Parnaíba, entre o rio Maranhão e as serras de Ibiapaba , 63
Mapa da demarcaçam da terra que produs diamantes, 248
Mapa da demarcaçam diamantina, 253
Mapa da demarcação do distrito da Piedade, nova Vila de Lorena 375
Mapa da entradas da barras eisterior e interior da Villa do Camamu 178
Mapa da freguesia de São João Marcos com indicação dos seus limites, 344
Mapa da Freguesia de Una e seus limites entre Sirinhaém e Porto Calvo, 172
Mapa da Freguezia da Manga, 243
Mapa da nova Vila Viçosa 202
Mapa da nova Villa de Alcobaça, 205
Mapa da nova Villa de Portalegre, 203
Mapa da parte da costa do Pará, desde o rio Juriparipucu até o rio Vicente Punçon 27
Mapa da região da costa do Brasil e interior, desde a foz do rio Amazonas até Porto Alegre, abrangendo a Capitania de Goiás, 429
Mapa da região entre o alto rio Doce [Ribeirão do Carmo], o rio das Velhas e o rio Paraopeba, 241
Mapa da região entre o rio Jequitinhonha e o rio Arasuahi, 240
Mapa da região entre os rios Arasuahi, Jequitinhonha e rio das Velhas, 238
Mapa da serra de Santo António e seus contornos, 250
Mapa da sesmaria do negociante Manuel Silvestre Ramos, 91
Mapa de demarcação de terras entre a Serra de Botucatu o Rio Paranapanema, 373
Mapa de la missiones de los indios Guaranis, 397
Mapa de toda a terra que se compreende entre os dois rios Parnaíba e Tocantins e dos Rios Miarim, Pindaré e Guaju do Estado dão Maranhão 75
Mapa do curso dos rios Tocantins, Araguaia, Madeira, Amazonas e seus afluentes, 29
Mapa do curso dos rios Tocantins, Araguaia, Madeira, Amazonas e seus afluentes..., 29
Mapa do Itacambirussù e das Minas Novas, 249
Mapa do Rio Amazonas, desde Quito até à Barra do Pará, 62

Mapa do território da Capitania da Bahia..., 200
Mapa em q. se comprihende toda a com[ca]. do Sabara denominada do Rio daz Velhaz, 244
Mapa em que se mostram as defenças da Barra e Cidade do Gram Parâ..., 26
Mapa exacto da Villa d'S. Ioão da Parnaiba, 95
Mapa geral da Capitania de Goiás, 420
Mapa topografico do orto botanico do Ouro preto, 258
Mapas de vários regimentos da Capitania de Pernambuco, 150-152
Mappa da Capitania de S. Paulo em que se mostra tudo o que ella tinha antigamente the o Rio Paná, 372
Mappa da conquista do Mestre de Campo Regente chefe de legião Ignácio Correya Pamplona, 252
Mappa da Jlha de Fernando de Noronha, 151
Mappa da Sismaria de Joze Izidoro Vianna..., 90
Mappa da Sismaria do Te. Joaquim Ignacio Vianna..., 92
Mappa de toda a extenção da Campanha da princeza 256-257
Mappa de toda a terra q. se comprihende entre os dous Ryos Parnahiba e Tocantins, 78
Mappa do caminho novo q. vai do passo de Turitama ao de S. Antonio, 398
Mappa do certam do Tibagi..., 367
Mappa do certão, continente entre a barra do rio Jauru, q. desagua no Paraguay..., 409
Mappa do curso dos Rios Tocantins, Araguaya, Madeira e Amazonas e seus afluentes, 29
Mappa do furo q. se principio abrir para as canoas evitarem a perigosa passagem da ponta do Itaqui, 77
Mappa do termo da Real Villa de Queluz, 255
Mappa em que se demostra o reconhecimento do rio Uaupés, 14
Mappa em que se demostrão duas cummonicaçoens do Rio Uaupés para o Japurá, 15
Mappa em que se mostrão 3 comunicaçons do R. Negro para o Japurá, 12
Mappa thopographico em que se demonstra a extenção de terreno... na Capitania de Goyáz 428
Mappa topographico da Campanha do Rio Piloens e Rio Claro diamantinos, 431
Mappa topographico do lugar do Gayabú, 166
Medição da trincheira e estacada que se determina fazer na Praya chamada de Goes, 368
Ao meridin[o]. do Rio de Janeyro desde a B. d'Ibepetuba athe aponta de Guarùpaba na E. de Syri, 4
Ao meridiano do Rio d' Jan[ro]. desde a ponta de Araçatuba athe a barra do

Guaratuba, 5
Ao meridiano do Rio d' Janeiro dezde a barra de Bertioga athe aponta da Guaratuba, 6
Ao meridiano do Rio d' Janeiro dezde a barra de Santos athe a da Marambaya, 7
Ao meridiano do Rio de Janeyro dezde a barra da Marambaya athê Cabbo Frio, 8
Metade do alçado do retábulo do altar-mór da igreja da matriz de Santo António de Itaverava, 254
Modêlo da obra que se ha de fazer na Alfândega da Baýa, 176

O

Obra interior pª. as cadeias da vª. de Pernagua da ouvidoria de São Paulo Estado do Brasil, 359

P

Planta de um quartel para o regimento de artilharia...em Olinda, 169
Pequena planta do Arraial do Tejuco , 247
Pequeno mapa da demarcação diamantina, 246
Perfil de uma muralha, 2
Perfil do cano de água da Carioca, 301
Perspectiva de vários edifícios entre os quais a do Hospício de Nossa Senhora da Penha dos Capuchinhos, 168
Plan de la forteresse de Calhabuço situèe au sud dans la ville sur un promontoire, 330
Plan de la forteresse de Conceição situèe sur une hauteur au nord dans la ville, 323
Plan de la forteresse de Gravatà situee sur un promontoire a l'est dans la baye 333
Plan de la forteresse de Lâgé, situé sur un rocher dans l'entrée du port, 334
Plan de la Forteresse de Praya Vermelha, situèe au West hors la Baye, 332
Plan de la forteresse de S. Sebastião situèe sur une hauteur au sud dans la ville, 329
Plan de la forteresse de S.ª Cruz, située sur la langue de terren a l'est, au bord de l'entrée du port, 325
Plan de la forteresse sur l'Isle de Cobras situèe au west du grand passage dans la baye, 324
Plan de la forteresse, sur la presqu'isle de Boa Viagem située a l'est dans la baye, 321
Plan de la forteresse, sur l'Isle de Villagalhão situèe au west du grand

passage dans la baye, 326
Plan de la fortification, commencée sur la praya de Fora située a lest hors la baye, 331
Plan de Ryo de Janeyro avec ses forteresses et une partie de la baye, 335
Plan des fortifications proposèes sur la hauteur de S. Diogo, 338
Plan des fortifications proposèes sur la hauteur de S.ª Thereze, 337
Plan des fortifications sur la presqu'isla de S. João située a west, au bord de l'entrée du port, 327
Plan du Magazin General de Poudre situè dans la Baye, au nord de la ville sur l'Isle de Sa Barbara, 322
Plano da Fortaleza de Santa Cruz, 317
Plano da Fortaleza de São João, 328
Plano da fortaleza de St.ª Tecla, 401-402
Plano da Fortaleza e Ilha de Anhatomiri, 382
Plano da Igreja Matris de Santa Catarina, 388
Plano da obra do hospício dos padres Barbonios, 302
Plano da raia marcada no Estado do Brazil..., 404
Plano de hua tenalha de novo projecto, 340
Plano do Arsenal da Marinha, 89
Plano do rio do Espirito Sancto, 229
Plano do Rio Paranâ, 374
Plano do terreno... se fazem as experiencias da sementeira do linho de cânhamo, 406
Plano projectico de hû novo estabelecimento de Indios da Nação Cayapó, 426
Plano que deve executar-se na ereção do novo real forte ... Princípe da Beira, 415
Planta chorographica da Estrada que principiando na Serra dos Montes Altos..., 197
Planta com explicação das ruas, casas, terrenos e outros pormenores da cidade do Grão-Pará 54
Planta da Aldêa de Massarão Dupio, 217, 223
Planta da Aldêa de Nossa Senhora dos Prazeres de Jequirica, 216, 222
Planta da Aldêa de S. Fidelis da Comm^ca^. dos Ilheos, 218, 224
Planta da Aldeia de Santa Ana, na Capitania de Goiás, 425
Planta da Alfândega, 308
Planta da Alfândega do Rio de Janeiro, 309
Planta da Barra do Rio de Janeyro, 315
Planta da Barra grande de Santos, com a fortaleza de Santo Amaro, 362
Planta da Bataria do Pau Amarelo, 160
Planta da cadeia do Rio de Janeiro, 281
Planta da cadeia p^a^. Goyana, 112
Planta da casa da câmara e cadeia da Vila de Bom-Sucesso do Porto Calvo,

174
Planta da Casa das Contas do Rio de Janeiro, 300
Planta da casa do forte do Poriá, 64
Planta da casa q. se deve fazer pª. o goʳ. gᵉʳ. 99
Planta da cidade de Belém, 54
Planta da cidade de Belem do Gram Pará, 48
Planta da cidade de Recife entre os Fortes Bom Jesus e do Matos, 118
Planta da cidade de Recife, entre a Restinga de Olinda e o Forte do Matos 119
Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com as suas fortifficaçoins, 274
Planta da cidade do Rº. de Janº., 273
Planta da cidade do Ryo de Janeyro, capital dos Estados do Brazil, 339
Planta da costa do Brasil desde a barra do Rio Grande de São Pedro até às proximidades do cabo de Santa Maria 394
Planta da costa do Ciara Grande da ponta do Mucurique the Iacaracanga 152
Planta da costa desde a barra de Paranaguá até ao Rio de Prata, 395
Planta da demarcação de terras de Sesmarias, na margem do rio Itapecuru, 79-80
Planta da fazenda d'El Rey, 270
Planta da fortaleza da barra do Pará 21-22
Planta da fortaleza da cidade do Pará 23
Planta da Fortaleza da Lage na Barra do Rio de Ianeyro, 297
Planta da fortaleza da Laje, 284
Planta da Fortaleza da Vila de Nossa Senhora da Assunção e do reduto de São Luís..., 98
Planta da Fortaleza de Itapema, 363
Planta da Fortaleza de Itapema, no rio defronte da villa de Santos, 356
Planta da fortaleza de Jesus Maria Jozé, 399
Planta da Fortaleza de Jtamandarê, 157
Planta da fortaleza de Macapá, 45
Planta da fortaleza de Macapá, na margem do Rio Amazonas, 28
Planta da Fortaleza de Nª. Sª. da Conceição na Cidade do Rio de Ianeyro, 290
Planta da Fortaleza de S. Caterina do Cabedelo, 155
Planta da fortaleza de S. Jozé de Macapá , 44
Planta da Fortaleza de S. Sebastião na cidade do Rio de Ianeiro, 295
Planta da fortaleza de São João da Barra de Bertioga, 365
Planta da Fortaleza de terra e faxina ... na ponta, em as duas anciadas de Iaragûa e Pajusara..., 128
Planta da Fortaleza dessinada de novo na Barra Grᵈᵉ. de Santos, 355
Planta da Fortaleza ou Bateria da Praya Vermelha na Costa do Sul da Barra

do Rio de Ianeyro 296
Planta da Fortaleza projetada na barra da vila de Santos 352
Planta da Fortaleza que seade fazer na Barra de Sam Luiz de Maranhão 67-68
Planta da Fortaleza Velha de Fernando de Noronha 108
Planta da Fortalleza dos Treis Reis Magnos da Cidade do Natal 153
Planta da Igreja da Madre de Deus de Perajuhia, 184
Planta da Igreja de Nossa Senhora da Palma da Cidade da Bahia, 179-180
Planta da Igreja Matriz: na Vila do Desterro, 386
Planta da Igreja Matriz da Colônia do Sacramento, 433
Planta da Igreja Matriz de Sam Paulo, 348
Planta da Igreja Matriz da Villa de Santo Amaro da Purificação, 211
Planta da ilha a que uns chamam Ascenção outros Trindade, 314
Planta da Ilha das Cobras, 272
Planta da Ilha de Itaparica, abrangendo as Ilhas de Cal, de Bruges e parte da Costa, 195
Planta da Laja e Fortaleza que se ha de fazer, 277
Planta da marinha da parte desta cidade na paragem da Praynha ensinuada por numeros arismeticos, 298
Planta da Matriz N. S. da Victoria da Capitania do Spiricto Sancto, 227
Planta da Matriz N. Snra. da Victoria da Cappitania do Spiricto Sancto, 228
Planta da nova Alfândega a construir na capitania de Pernambuco, 121
Planta da nova Alfândega de Pernambuco, no forte do Matos, 117
Planta da nova Alfandiga, do que pertençe ao plano do terreno, 106
Planta da nova cadeia de Vª. Rica, 251
Planta da nova fortaleza dos Marabitanas, 11
Planta da nova Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Rio Itapucuru, 72
Planta da nova Igreja Parrochial de N. S. da Conceição da Lagoa da Ilha de St.ª Cna., 387
Planta da nova Sé 282
Planta da Nova Villa de Prado, 204
Planta da sesmaria concedida a Franco. Gonçalves da Rocha, 171
Planta da sesmaria de Antonio Alves e outros na Vila de São José de Guimarães, no Maranhão, 81
Planta da Sta. Caza do M. Pª.O. M. d. Campº 71
Planta da terra firme fronteira à foz do Rio Caraímbiara e confluencia do mesmo no Rio Guaporé, 413
Planta da Vª. de Santos e de seu porto com suas fortificações desenhadas de novo 357
Planta da Vila de Nossa Senhora da Conceição da Ilha Grande, 341
Planta da Villa de Abrantes da Comarca do Norte 214, 219
Planta da Villa de Maragugippe, 196

Planta da Villa de Nª. Sª. da Juda de Iaguaripe, 177
Planta da Villa de S. Jozé do Macapa, 39
Planta da Villa de Santarem da Commca. dos Ilheos 215, 221
Planta da Villa de Santos e de seu porto, com suas fortifficaçoens dessinadas de novo, 358
Planta da Villa Nova da Fortaleza de Nª Sª da Assunpssão da Capitania do Ciará grande, 96
Planta da villa nova de Mazagão, 60
Planta das casas do capitão Manuel Domingues de Carvalho e do capitão José Gomes e do terreno..., 225
Planta das casas e terreno anexo, pertencentes a José da Silva Valença, 418
Planta das casas que pretende fazer na Vila de Igarassû... Padre Gabriel de Malagride 126
Planta das cazas do concelho e cadeia pª. a vª. de Pernagua 360
Planta das fortalezas de terra no morro de S. Ioão Barra do Rio de Ianeyro, 292
Planta das obras novamente propostas ao Forte do Vilagalhão, 319
Planta das ribeiras situadas entre os rios Pardo e Jequitinhonha e da ribeira Piauhy Bravo, 186
Planta das ruas, Principal e do Carro, e dos becos de Antônio da Costa, Padre Bitancur e Vicente Jozé na Vila de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro, 225
Planta das salinas reais, 69
Planta das sesmarias na ribeira de Itapecuru, 84
Planta de cemitério a construir no Rio de Janeiro, 286
Planta de hua Fortaleza dessinada de novo na Villa de Santos, 354
Planta de Nova Vila de Chavez, 36
Planta de parte da Bateria do Pâo Amarello, 135-136
Planta de prospecção da mina de prata de Arassuahuy, 187
Planta de reconstrução do Palácio onde residiam os Vice-Reis do Estado do Brasil..., 183
Planta de um dique, 346
Planta de um farol que serve de marco à navegação a fim de prevenir... dos baixos da Tigioca, 38
Planta de um forte que o Cap. José Sanches de Brito o pretendia construir... à cidade de Belém..., 25
Planta de um piso do edifício da Câmara e Cadeia do Rio de Janeiro, 278
Planta de um piso dos quartéis da Ilha Grande, 285
Planta de um quartel de infantaria, 311
Planta de um quartel para o regimento de artilharia, a erigir no larg,o... em Olinda, 169
Planta de uma bateria, 66
Planta de uma fortaleza, 167

Planta de uma fortaleza a construir na Ilha de Lage para a defesa da barra do Rio de Janeiro, 271
Planta de uma mina, 1
Planta de uma projetada fortaleza na Barra do Pau Amarelo, na Capitania de Pernambuco, 110
Planta de Vila Boa Capital da Capitania geral de Goyas, 427
Planta do acampamento das duas primeiras divizioens espanhola e portugueza ... 403
Planta do armazém para a pólvora, 24
Planta do Bayrro do Pé da Ponte da Conceyção do Rce de Pern^{co}. 164
Planta do cais do Sodré da Cana, da Misericórdia, da Farinha e ruas anexas, 208
Planta do cano da agoa de Carioca que se acha feitto, 280
Planta do cano de água da Carioca, 279
Planta do Chão dos Quarteis da Marinha dos quaes os emadeiramentos estão todos podres 310
Planta do Chaom 303
Planta do citio e terreno onde sepertende abrir huma valla 73
Planta do Conv^{to}. de N. S. da Lapa e se^{s}. accessor^{s}., 194
Planta do edifício da Feitoria do Negócio na vila de Borba, 51
Planta do Forte chamado da Cinco Pontas, 154
Planta do forte de Nossa Senhora do Carmo, 370
Planta do Forte de Nossa S^{ra}. dos Remedios na Ilha de Fern^{do}. de Noronha, 122
Planta do Forte de Nossa S^{ra}. da Conceição, 123
Planta do Forte de S. Antonio dos Coqueiros do Buraco, 159
Planta do forte de S. Crux do Mar, 156
Planta do Forte de S. Diogo na Barra do Rio de Ianeyro, 293
Planta do Forte de S. Ioão na Barra do Rio de Ianeyro, 294
Planta do Forte de S. Joam Baptista do Brum, 158
Planta do Forte de Santo Ant^{o}. sobre o porto principal da Ilha de Fern^{do}., 124
Planta do Forte do Brum, 109
Planta do Forte do Matos, 116
Planta do Forte do Villeganhon na Ençeada do Rio de Ianeyro, 291
Planta do forte que existe naJlha de Jtamaracâ, 162
Planta do forte, que disinhei, e se fica fazendo na ponta de João Dias barra na Cidade, 65
Planta do Hospital Militar da Capitania de S. Paulo, 370
Planta do local em que se indica o edifício a construir da casa da relação, 304
Planta do local em que se indica o projeto da nova Sé, 283
Planta do Morro de S. Paulo, 181

Planta do novo armazém das fazendas de S. Majestade 43
Planta do novo descoberto de São João de Jacuhy, 350
Planta do novo edifício da Alfândega de Pernambuco, no forte do Matos, 115
Planta do Paço Episcopal da cidade do Rio de Janeiro, 306
Planta do prédio que contém o armazém para recolha do sal e casa para os trabalhadores, 70
Planta do Quilombo chamado o Buraco do Tatu[m], 201
Planta do Reduto do fim da anceada de Jaragoai, 143
Planta do Reduto que se acha na Barra de N. S. da Nazarê, 161
Planta do sítio e terreno onde se pretende abrir uma vala ou furo entre A e B na cidade de São Luís, 74
Planta do sobrado da Alfandega, 107
Planta do terreno em , q. esta hua trinch^{ra}. de terra informe, a q^{l} tem a capaci^{de}. p^{a}. nelle se fazerem 122 quarteis e mais dois em duas moradas de cazas, 188
Planta do terreno em q. esta hua trinxeira de terra..., 189
Planta do terreno na Praia dos Mineiros, 345
Planta dos armazéns da pólvora que mandou fazer o Conde de Cunha da Ilha das Pombas, 318
Planta dos terrenos e casas juntos à ladeira de São Bento, 343
Planta e alçado de um trem de artilharia, 18
Planta e alçado lateral de uma igreja, 33
Planta e elevação das casas que actualmente se edificão na V^{a}.nova de Mazagão, 52
Planta e explicação daz enciadaz de Iaragôa, Pajusara, 127
Planta e fachada da cadeia do Rio de Janeiro, 288
Planta e fachada da casa da Moeda da cidade da Bahia, 190
Planta e fachada dos Coarteis, 383
Planta e Frontespício da Igreja Matrix de Villa-Bella, 412
Planta e orçamento do cemitério, 287
Planta e perfil do Arsenal para a construção de huã nau de 50 Peças, 37
Planta e prospecto da obra, que pertendem fazer os negociantes da Cidade da Baîa, 207
Planta e prospecto dos ranxos, 349
Planta e vestigens do Forte de Sant Antonio, praia de fora, 320
Planta em que se mostra a obra a fazer para evitar a inundação das ruas da Cidade de Mariana,. 242
Planta em que se mostra como se pode fortificar huma parte desta cidade do Grampará , 47
Planta exacta da Fortaleza de S.^{a} Catharina do Cabedelo, 100
Planta genografica da Villa de S. António do Recife de Pernambuco, 150
Planta nova da Matris N. S. da Oliveira dos Campinhos, 182

Planta para mostrar a situação do novo estabelecimento dos Muras no Lago Mamiá, 16
Planta para o Aljube que se pertende fazer na cidade de Olinda, 114
Planta profil e corte da caza que servia da fabrica de refinar a pólvora, 191
Planta topografica da Praça da Nova Colonia, 434
Planta topográfica da sesmaria deMarcada afavor da Sesmaria D. Luiza Rosaura de Carvº, 86
Planta topographica e prospectos da Serra dos Montes Altos, 198
Planta, profil, fachada, e a metade do telhado da caza em q. se fabricou a pólvora..., 185, 193
Plantas da cadeia do Rio de Janeiro, 289
Plantas da casa da Câmara e cadeia de Pernambuco, 104
Plantas da Fortaleza de Laje do Rio de Janeiro, 265
Plantas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Arraial de Traíras, Comarca de Goiás, 419
Plantas da Igreja Velha, Igreja Nova: Colônia do Sacramento, 432
Plantas das fortalezas da Ilha de Fernando de Noronha, pertencente à Capitania de Pernambuco, 122-124
Plantas do edifício da cadeia da Cidade do Rio de Janeiro, 313
Plantas dos fortes de Nª. Sª. da Conceição e São Sebastião do Rio de Janeiro, 275
Plantas dos pavimentos da Casa da Câmara do Rio de Janeiro, 299
Plantas e alçados da Igreja Matriz da vila do Desterro 384, 386
Plantas e fachadas da Casa do Governo 385
Plantas para a construção da nova sé e palácio episcopal na cidade de São Paulo, 364
A Ponta de Araçatuba, Ilha de S. Catarina, Rio de S. Franco. Parnaguá athe a Barra de Ararapira, 3
Ponte a construir sobre o rio Cabibaripe-Mirim em Goiana, 113
Pormenor de outro alçado do mesmo trem 19
Portos pertencentes à Capitania de Pernambuco, 163
Primeira idea do portal da nova Alfandega, 30
Profil au travers des hauteurs de S. Diogo et S.ª Thereza et du bas terrein, 336
Profil qui coupe au long la hauteur de S. Diogo, 336
Profil qui coupe le terrain entre les cimes des hautters de S.º Antonio, et de Pedro Dias, 336
Projecto da Caza da Polvora 97
Projecto da Fortaleza que se quer fazer, no Prezidio denominado Nossa Snra. da Conceição, 411
Projecto do novo apuzento pª os indíos da Aldeya de S. Miguel, 410
Projecto o qual mostra como se podia fortificar Somente a cidade Belém do Grão Pará, 49

Projeto de uma corveta para a Guarda-Costa no Cabo Norte, 53
Prospecto visto pela frente de hua porção da cid^e^. da Bahia, 212

Q

Quatro plantas focando vários aspectos da cadeia do Rio de Janeiro 288-289

R

Reconhecimento da parte superior do Rio Negro e parte dos rios Amazonas e Japurá. 17
Reduto... mandou erigir em o lugar chamado da Catuama, 141
Reduto... em a outra ponta da Anciada de parte do Sul, buzcando a pacaje p^a^. a V^a^. de Alogoaz, 144
Relation Generale de toutes les Places fortifiées autour le Port et la Ville de Rio de Janeiro, 321-327, 329-338
Reprezentação dos marcos que se collocáram na linha divizoria..., 405
O rio d'S. Fr^co^. Xavier na América Austral e portuguesa aos 26, 12' e 58" de latitude 9
Rio Tietê e seus afluentes 378
Roduto... mandou erigir emolugar chamado da Catuama fronteyro a sua barra, para a sua defença, 142
Roteiro cosmografico 199
Roteiro da cidade de São Paulo para as Minas Gerais, 351

S

S. Caetano nas Geraez e Matto Dentro, 237
S. Sebastião nas Geraez e Matto Dentro, 235
Salto do Itapura do R. Tieté de 44 palmos de altura, 376
São Luís do Maranhão, foz de vários rios, 75
Segunda ideia do portal da nova Alfândega, 31
Sesmaria de Antônio Lopes Teixeira, na margem direita do Rio Guajahú, no Distrito de Mearim, 88
Sesmaria de António Martins da Silva, 87
Sesmaria de D. Maria Magdalena Gomes no Rio Guajahu, 93
Sesmaria na ribeira de Itapecuru, 82
Sismaria de D. Carlota Joaquina Roza Freire no Rio Guajahu, 94
Situação do novo estabelecimento dos Muras no Lago Mamiá, 16
Sumidouro nas Geraez e Matto Dentro, 236

T

Topografica da Bahia de todos os S^{tos}, 206
Topografica da Ilha de Santa Catarina e da terra firme, 389
Trincheiras da fachina, terra, e estacaria... desde o Forte de S. João Baptista do Brum, 134
Trincheiras de terra, faxina e estacaria... no lugar chamado porto de Galinhas, 146-147
Trincheiras e rodutos... no lugar chamado Gahibú, 132
Trincheiras feitas de fachina, estacaria e terra... no lugar do rio Dose, 137
Trincheyra... na marinha da cidade de Olinda, desde o dique, ou Varadouro, até por todo rio Tapado, 130
Trincheyras ... no lugár do Rio Dosse distante da ci^{de}. de Olinda 138
Trincheyra ... desde a ponta da Cidade que fica para o Súl do Rio Zapado até a ponta ou Dique da Ci^{de}. de Olinda, 145
Trinxeira que se fes na Marinha fronteira a Barra da Candallaria , 148
Trinxeiras de terra, e faxina eztacaria... que fica front^{ra}. a barreta da Candelaria..., 149
Trinxeiras, e Rodutos... desde antes de chegar ao Reduto de S. Francisco X^{er}. do Gahibû, até o monte de N. Snr^{a}. de Nazareth, 131

V

Verdadeyra descripção dos campos Geraes da Coritiba..., 361
Vila nova de Benavente, 230
Villa Boa de Gojas e todo o q. pertence ao seu termo o Lugar da Villa e Arrayaes 430
Villa Boa de Goyas e tudo o que pertence ao seu termo, 421
A villa da Laguna e barra do Taramandi, 381
Villa de Guaraparim, 231
Vista do que está cheyo com forro, e escoas na fragata de guerra que se fabrica no Arsenal de Guerra do Gram Pará, 41
Vista e profil da fragata de guerra que se fabrica no Arsernal da cidade de Bellem do Gram Pará, 42
Vista ôu prospectiva de hum lado dos quarteis da villa de N. S.^{a} do Carmo, 233
Vista ôu prospectiva de hum lado dos quarteis de Villa Rica, 234

Índice toponímico

A

Abrantes (Camaçari, BA) – Mapa, 214, 219
Alagoas – Iconografia, 128-129, 143-144, 173-174
Alagoas – Mapa, 127, 163, 172
Alagoas (AL) **ver** Marechal Deodoro (AL)
Alcobaça (BA) – Mapa, 205
Aldeia de Iriritiba (ES) **ver** Anchieta (ES)
Aldeia de Jucuruçu dos Índios Aimorés **ver** Prado (BA)
Aldeia de Majuri (AM) – Mapa, 10
Aldeia de Nossa Senhora (ES) **ver** Guarapari (ES)
Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres de Jequiriçá (BA) – Mapa, 216, 222
Aldeia de Reritiba (ES) **ver** Anchieta (ES)
Aldeia de Santa Ana (GO) – Mapa 425
Aldeia de São Fidélis (BA) – Mapa, 218, 224
Aldeia de São José (BA) **ver** Mucuri (BA)
Aldeia de São Miguel (RO) – Mapa, 410
Aldeia dos Jesuítas (ES) **ver** Guarapari (ES)
Aldeia Jesuítica de Santo André (BA) **ver** Ituberá (BA)
Aldeia Maria I (GO) – Mapa, 426
Aldeia Santa Maria de Guaraparim (ES) **ver** Guarapari (ES)
Alvelos (AM) **ver** Coari (AM)
Amapá – Iconografia, 20, 28, 44-45, 52
Amapá – Mapa , 27, 39, 60
Amaro Leite (GO) – Mapa, 414
Amazonas – Iconografia, 11, 46, 51
Amazonas – Mapa, 10-17, 29, 59, 62
Amazonas, Rio – Mapa, 29, 62, 429
Amazonas Rio **ver** também Marañon, Rio (Peru)
Amazonas Rio **ver** também Solimões, Rio
Anajás, Rio (Marajó Ilha, PA) – Mapa, 34
Anchieta (ES) – Mapa, 230
Angra dos Reis (RJ) – Mapa, 341
Anhatomirim, Ilha de (Governador Celso Ramos, SC) – Mapa, 382
Anhatomirim, Ilha de (Governador Celso Ramos, SC) – Iconografia, 383
Apapóris, Rio (Colômbia) – Mapa, 13
Araçuaí, Rio (MG) – Mapa, 238, 240
Araçuaí, Rio, Vale (MG) – Iconografia, 187
Araguaia, Rio – Mapa, 29, 429
Arari, Rio (Marajó Ilha, PA) – Mapa, 34

Argentina– Mapa, 395, 397
Arraial das Lavras Velhas do Hivituruí (MG) **ver** Serro (MG)
Arraial das Lavras Velhas do Ivituruí (MG) **ver** Serro (MG)
Arraial de Traíras(GO) **ver** Tupiraçaba (Niquelândia, GO)
Arraial do Rio das Mortes (MG) **ver** São João del Rei (MG)
Arraial do Tejuco **ver** Diamantina (MG)
Arraial do Tijuco **ver** Diamantina (MG)

B

Babitonga, Baía da (SC) – Mapa, 9
Baía da Traição (PB) – Mapa, 101, 163
Bahia – Iconografia, 176, 179-180, 182-185, 188-191, 193-194, 207, 209-211, 213, 220, 226
Bahia – Mapa, 177-178, 181, 186, 192, 195-206, 208, 214-219, 221-225
Bahia – Vista, 212
Bahia, Sul – Mapa, 192
Bananal, Ilha do (TO) – Mapa, 420,429
Bandeirantes (Mariana, MG) – Mapa, 235
Barra do Rio Negro (AM) ver Manaus (AM)
Barreiros (PE) – Mapa, 172
Belém (PA) – Iconografia, 21-23, 25, 35, 50, 55
Belém (PA) – Mapa, 26, 37, 47-49, 54
Benevente (ES) **ver** Anchieta (ES)
Bertioga (SP) – Iconografia, 365
Boa Viagem, Ilha da (Niterói, RJ) – Mapa, 321
Bobitonga, Baía de (SC) **ver** Babitonga, Baía de (SC)
Bolívia – Mapa, 29, 62, 407
Bonsucesso (AL) **ver** Porto Calvo (AL)
Bonsucesso de Porto Calvo (AL) **ver** Porto Calvo (AL)
Borba (AM) – Iconografia, 46, 51
Botucatu, Serra de (SP) – Mapa, 373
Brasil – Iconografia, 1-2
Brasil – Mapa, 3-9
Brasil, Leste – Mapa, 314
Brasil, Sudeste – Mapa, 6-8
Brasil, Sul – Mapa, 3-5, 9, 369, 381

C

Cabedelo (PB) – Iconografia, 100, 155
Cabo de Santo Agostinho (PE) – Iconografia, 131-132, 161, 166
Cabo de Santo Agostinho (PE) – Mapa, 166

Cachoeira, Rio (MG) – Mapa, 241
Caiambé, Lago (AM) – Mapa, 16
Camamu (BA) – Mapa, 178
Campanha (MG) – Mapa, 256-257
Campanha da Princesa (MG) **ver** Campanha (MG)
Campanha da Princesa da Beira (MG) **ver** Campanha (MG)
Campinhos (BA) **ver** Nova Viçosa (BA)
Canastra, Serra da (MG) – Mapa, 252
Candelária, Barra de (PE) – Iconografia, 148-149
Caraça, Serra do (MG) – Mapa, 241
Caraímbiara, Rio (RO) **ver** Corumbiara, Rio (RO)
Carandaí, Rio (MG) – Mapa, 255
Castelo, Morro do (Rio de Janeiro, RJ) – Mapa, 329
Catas Altas (MG) – Iconografia, 264
Ceará – Iconografia, 97-98
Ceará – Mapa, 83, 96, 152
Chaves (PA) – Iconografia, 32-33
Chaves (PA) – Mapa, 36
Chuí, Arroio (Brasil – Uruguai) - Mapa, 403
Cipó, Rio (MG) – Mapa, 199, 239
Claro , Rio (GO) – Mapa, 423, 431
Coari, Lago (AM) – Mapa, 16
Cobras, Ilha das (RJ) – Iconografia, 272, 324
Colônia del Sacramento (Uruguai) **ver** Colônia do Sacramento (Uruguai)
Colônia do Sacramento (Uruguai) – Mapa, 396, 432-434-435
Colônia do Santíssimo Sacramento (Uruguai) **ver** Colônia do Sacramento (Uruguai)
Conceição, Morro da (Rio de Janeiro, RJ) – Iconografia, 323
Conceição, Morro da (Rio de Janeiro, RJ) – Mapa, 305
Conselheiro Lafaiete (MG) – Mapa, 255
Corumbiara, Rio (RO) – Mapa, 413
Costa Marques (RO) – Iconografia, 411, 415
Cubatão do Sul, Rio (SC) – Mapa, 391
Cucuí (São Gabriel da Cachoeira, AM) – Iconografia, 11
Cucuí (São Gabriel da Cachoeira, AM) – Mapa, 11

D

Desterro (SC) **ver** Florianópolis (SC)
Diamantina (MG) – Mapa, 246, 248
Doce, Rio (MG e ES) – Mapa, 260

E

Espinhaço, Serra do (MG e BA) – Mapa, 238, 245
Espírito Santo – Iconografia, 227-228
Espírito Santo – Mapa, 229-232, 314
Espírito Santo, Baía do (ES) **ver** Vitória, Baía de (ES)

F

Fernando de Noronha, Arquipélago (PE) – Iconografia, 108, 122-124
Fernando de Noronha, Arquipélago (PE) – Mapa, 151
Florianópolis (SC) – Iconografia, 384-388, 392
Fortaleza (CE) – Iconografia, 97-98
Fortaleza (CE) – Mapa, 96, 152
Fortim, Ilha do (Belém, PA) – Mapa, 26

G

Galera, Rio (MT) – Mapa, 408
Gameleira, Rio (MG) **ver** Paracatu, Rio (MG)
Goaraparim (ES) **ver** Guarapari (ES)
Goiana (PE) – Iconografia, 112-113
Goiás – Iconografia, 418-419, 422
Goiás – Mapa, 29, 414, 417, 420-421, 423-431
Goiás (GO) – Iconografia, 418, 422
Goiás (GO) – Mapa, 421, 427, 430
Góis, Praia do (Guarujá, SP) – Mapa, 362
Governador Celso Ramos (SC), 383
Grajahú , Rio (MA) **ver** Grajaú, Rio (MA)
Grajaú, Rio (MA) – Mapa, 88, 93-94
Grande, Ilha (RJ) – Iconografia, 285
Grande, Rio (MG e SP) – Mapa, 256-257
Grande, Serra (CE-PI) **ver** Ibiapaba, Serra da (CE-PI)
Grande do Registro, Rio (PR) **ver** Iguaçu, Rio (PR)
Grande Joanes, Ilha (PA) **ver** Marajó, Ilha de (PA)
Grande Joannes, Ilha (PA) **ver** Marajó, Ilha de (PA)
Guaicuí, Rio (MG) **ver** Velhas, Rio das (MG)
Guaicuy, Rio (MG) **ver** Velhas, Rio das (MG)
Guajahú, Rio (MA) **ver** Grajaú, Rio (MA)
Guajará, Baía de (PA) – Mapa, 26
Guanabara, Baía de (RJ) – Mapa, 266-267, 315, 335
Guaporé, Rio (Brasil-Bolívia) – Mapa, 29, 407, 409-410, 413
Guarapari (ES) – Mapa, 231

Guaraparim (ES) **ver** Guarapari (ES)
Guarapuava (PR) – Mapa, 367, 370
Guarupeba (SC) **ver** Garopaba (SC)
Guarujá (SP) – Mapa, 362
Guimarães (MA) – Mapa, 81

I

Ibiapaba, Chapada da (CE-PI) **ver** Ibiapaba, Serra da (CE-PI)
Ibiapaba, Costa da (CE-PI) **ver** Ibiapaba, Serra da (CE-PI)
Ibiapaba, Cuesta da (CE-PI) **ver** Ibiapaba, Serra da (CE-PI)
Ibiapaba, Serra da (CE-PI) – Mapa, 63
Içana, Rio (AM) – Mapa, 12
Igaraçu, Rio (MA) – Mapa, 76
Igarassu (PE) – Iconografia, 125-126
Igarassu, Rio (MA) **ver** Igaraçu, Rio (MA)
Iguaçu, Rio (PR) – Mapa, 367
Iguará, Rio (MA) – Mapa, 76
Iguarassu (PE) **ver** Igarassu (PE)
Ilha de Villegagnon (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Villegagnon, Ilha de (Rio de Janeiro, RJ)
Ilha Grande (RJ) **ver** Grande, Ilha (RJ)
Imaruí, Rio (SC) **ver** Maruim, Rio (SC)
Imaruim, Rio (SC) **ver** Maruim, Rio (SC)
Iriritiba (ES) **ver** Anchieta (ES)
Itaboraí, Visconde de, Rua (Rio de Janeiro, RJ) – Mapa, 345
Itacambira, Serra (MG) – Mapa, 240
Itacambiruçu, Rio (MG) – Mapa, 249-250
Itacambirussu, Rio (MG) **ver** Itacambiruçu, Rio (MG)
Itacolomi, Serra do (MG) – Mapa, 245
Itaim, Arroio (RS) **ver** Taim, Arroio (RS)
Itamaracá, Ilha de (PE) – Iconografia, 141-142, 162
Itambé, Pico do (MG) – Mapa, 238
Itaparica, Ilha de (BA) – Mapa, 195, 206
Itapecuru, Rio (MA) – Mapa, 75, 79-80, 82, 84
Itapecuru, Serra do (MA) – Mapa, 78
Itapecuru Grande (MA) **ver** Rosário (MA)
Itapura, Salto de (Itapura, SP) – Mapa, 376
Itaqui (São Luís, MA) – Mapa, 73-74, 77
Itaverava (MG) – Iconografia, 254
Itenes (Brasil-Bolívia) **ver** Guaporé (Brasil-Bolívia)
Ithaim, Arroio (RS) **ver** Taim, Arroio (RS)
Ituberá (BA) – Mapa, 215, 221

J

Jacuípe, Rio (AL-PE) – Mapa, 172
Jaguaripe (BA) – Mapa, 177
Japaratuba, Rio (SE) – Mapa, 175
Japurá, Rio (AM) – Mapa, 12-15, 17
Jaraguá, Enseada de (Maceió, AL) – Mapa, 127, 163
Jauru, Rio (MT) – Mapa, 409
Jequitinhonha, Rio (MG e BA) – Mapa, 186, 238, 240, 247, 248-250, 253
Jiquiriçá (BA) ver Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres de Jequiriçá (BA)
Joannes, Ilha (PA) **ver** Marajó, Ilha de (PA)

L

Laguna (SC) – Mapa, 380
Laje, Ilha da (RJ) – Iconografia, 265, 271, 276, 284, 297
Laje, Ilha da (RJ) – Mapa, 267, 277, 334
Livramento, Morro do (Rio de Janeiro, RJ) – Iconografia, 338
Lugar da Barra (AM) **ver** Manaus (AM)
Lugar da Barra do Rio Negro (AM) **ver** Manaus (AM)

M

Macaco, Lago do (PA) – Mapa, 56
Macapá (AP) – Iconografia, 28, 44-45
Macapá (AP) – Mapa, 39
Maceió (AL) – Iconografia, 128-129, 143-144
Maceió (AL) – Mapa, 127
Majuri **ver** Aldeia do Principal de Majuri
Madeira, Rio (AM-RO) – Mapa, 29, 429
Mamiá, Lago de (AM) – Mapa, 16
Mamoré, Rio (Bolívia-Brasil) – Mapa, 407
Manaus (AM) – Mapa, 59
Manga (MG) – Mapa, 243
Mantiqueira, Serra da– Mapa, 245, 256-257, 350, 375
Mar, Serra do – Mapa, 375
Mara Rosa (GO) **ver** Amaro Leite (GO)
Maragogipe (BA) – Mapa, 196
Marajó, Ilha de (PA) – Iconografia, 32-33
Marajó, Ilha de (PA) – Mapa, 34, 36, 40
Maranhão – Iconografia, 64-68, 71-72, 89
Maranhão – Mapa, 61, 63, 73-88, 90-94
Maranhão, Capitania – Iconografia, 69-70

Maranhão, Rio (GO-TO), – Mapa, 417
Marañon, Rio (Peru) – Mapa, 62
Marañon, Rio (Peru) **ver também** Amazonas, Rio
Marañon, Rio (Peru) **ver também** Solimões, Rio
Maraobá (BA) **ver** Nova Viçosa (BA)
Marechal Deodoro (AL) – Iconografia, 173
Mariana (MG) – Iconografia, 233
Mariana (MG) – Mapa, 242
Maruí, Rio (SC) **ver** Maruim, Rio (SC)
Maruim, Rio (SC) – Mapa, 390
Massarandupió (Entre Rios, BA)) – Mapa, 217, 223
Massarão Dupió (Entre Rios, BA) **ver** Massarandupió (Entre Rios, BA)
Mato Grosso – Iconografia, 412
Mato Grosso – Mapa, 29, 408-409, 424, 428-429
Mato Grosso do Sul – Mapa, 377, 416
Mazagão (AP) – Iconografia, 52
Mazagão (AP) –Mapa, 60
Mearim (MA) **ver** Vitória do Mearim (MA)
Mearim, Rio (MA) – Mapa, 75, 90, 92
Milho Verde (Serro, MG) – Mapa, 248
Minas Gerais – Iconografia, 187, 233-234, 251, 254, 258, 264
Minas Gerais – Mapa, 199-200, 235-250, 252-253, 255-257, 259-263, 350, 366, 372, 429
Minas Novas (MG) – Mapa, 249
Minas Novas do Fanado (MG) **ver** Minas Novas (MG)
Mineiros, Praia dos (Rio de Janeiro, RJ) – Mapa, 345
Monsenhor Horta (Mariana, MG) – Mapa, 237
Montes Altos, Serra dos (BA) – Mapa, 197-198, 200
Mucuri (BA) – Mapa, 203

N

Natal (RN) – Iconografia, 153
Negro, Rio (AM) – Mapa, 12-13, 17, 59
Niterói (RJ) – Mapa, 266-267, 315, 320-321, 331, 335
Niterói (RJ) – Iconografia, 317, 325,333
Nossa Senhora d'Ajuda de Jaguaripe **ver** Jaguaripe (BA)
Nossa Senhora da Conceição da Vila do Príncipe (MG) **ver** Serro (MG)
Nossa Senhora da Ilha Grande (RJ) **ver** Angra dos Reis (RJ)
Nossa Senhora da Piedade (SP) **ver** Lorena (S)
Nossa Senhora de Assunção de Macamamu **ver** Camamu (BA)
Nossa Senhora de Piúma (ES) **ver** Piúma (ES)
Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo (MG) **ver** Mariana (MG)

Nova Lorena (MG) **ver** Tiros (MG)
Nova Lorena Diamantina (MG) – Mapa, 261-262
Nova Santarém (BA) **ver** Ituberá (BA)
Nova Viçosa (BA) – Mapa, 202
Nova Vila de Porto alegre (BA) **ver** Mucuri (BA)

O

Óbidos (PA) – Mapa, 57-58
Olinda (PE) – Iconografia, 114, 130, 145, 156, 169
Oliveira de Campinhos (Santo Amaro, BA) – Iconografia, 182
Oriximiná (PA) – Mapa, 56
Ouro Preto (MG) – Iconografia, 234, 251, 258

P

Padre Viegas (Mariana, MG), – Mapa, 236
Pajuçara, Enseada de (Maceió, AL) – Mapa, 127
Palhoça (SC) – Mapa, 391
Pará – Iconografia, 18-19, 21-25, 30-32-33, 35, 37-38, 41-43, 50, 53, 55
Pará – Mapa, 26, 29, 34, 36, 40, 47-49, 54, 56-58, 62, 78
Paracatu (MG) – Mapa, 243, 259
Paracatu, Rio (MG) – Mapa, 243, 261-262
Paracatu do Príncipe (MG) **ver** Paracatu (MG)
Paraguaçu, Rio (BA) – Mapa, 197
Paraguai– Mapa, 395, 397
Paraguai, Rio– Mapa, 29, 377, 395, 397, 409, 416
Paraíba – Iconografia, 99-100, 155
Paraíba – Mapa, 101-102 163
Paraíba, Rio – Mapa, 344, 375
Paraíba do Norte, Rio (PB) – Mapa, 102
Paraná– Iconografia, 359-360, -, -, , 395, 404
Paraná – Mapa, 3, 5, 347, 361, 366, 367, 369-371, 374, 377
Paraná; Rio – Mapa, 371, 374, 377, 395, 404
Paranaguá (PR) – Iconografia, 359-360
Paranaguá (PR) – Mapa, 347,
Paranaguá, Baía de (PR) – Mapa, 347
Paranapanema, Rio (SP) – Mapa, 373
Paraopeba, Rio (MG) – Mapa, 239, 241, 255
Paraúna, Rio (MG) – Mapa, 199, 253, 263
Pardo Grande, Rio (MG) – Mapa, 253
Pardo Pequeno, Rio (MG) – Mapa, 253
Parecis, Chapada dos (RO-MT) – Mapa, 409

Parnaíba (PI) – Mapa, 95
Parnaíba, Rio (MA e PI) – Mapa, 63, 75-76, 78
Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (SC) – Mapa, 391
Patos, Lagoa dos (RS) – Mapa, 394
Paulista (PE) – Iconografia, 110, 135-136, 160
Pernambuco – Iconografia, 104-110, 112-117, 120-126, 130-142, 145-149, 154, 156-162, 165-167, 169
Pernambuco – Mapa, 111, 118-119, 150-151, 164, 166, 170-172
Pernambuco – Vista, 103, 168
Peru – Mapa, 62
Piauí– Mapa, 78, 83, 95
Pilões, Rio (GO), 423, 431
Pindaré, Rio (MA), 75
Pirajuía (Jaguaripe, BA) – Iconografia, 184
Piranga, Rio (MG) – Mapa, 255
Piratini, Rio (RS) – Mapa, 398
Piri, Igarapé (Belém, PA) – Mapa, 47-49
Pitangui, Rio (MG) – Mapa, 239
Piúma (ES) – Mapa, 230
Plata, Rio de la (Argentina e Uruguai) **ver** Prata, Rio da (Uruguai e Argentina)
Pombas, Ilha das (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Santa Bárbara, Ilha de (Rio de Janeiro, RJ)
Ponte da Conceição (Recife, PE) – Mapa, 164
Porto Alegre (BA) **ver** Mucuri (BA)
Porto Calvo (AL)) – Iconografia, 174
Porto de Galinhas (Ipojuca, PE) – Iconografia, 146-147
Prado (BA) – Mapa, 204
Praia do Góis (Guarujá, SP) **ver** Góis, Praia do (Guarujá, SP)
Praia Vermelha (Rio de Janeiro, RJ) – Iconografia, 268, 296
Praia Vermelha (Rio de Janeiro, RJ) – Mapa, 332
Prainha, Rua da (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Acre, Rua da (Rio de Janeiro, RJ)
Prata, Rio da (Uruguai e Argentina) – Mapa, 395-396
Príncipe, Vila do (MG) **ver** Serro (MG)
Propriá (SE) – Mapa, 175

Q

Quartel Geral (MG) – Mapa, 261-262
Queluz (MG) **ver** Conselheiro Lafaiete (MG)

R

Rãs, Rio das (BA) –Mapa, 200
Real Vila de Queluz **ver** Conselheiro Lafaiete (MG)
Recife (PE) – Iconografia, 105-107, 109, 115-117, 120-121, 133-134, 139-141, 154, 158, 165, 169
Recife (PE) –Mapa, 118-119, 150, 164, 170
Recife (PE) – Vista, 103, 168
Reritiba (ES) **ver** Anchieta (ES)
Reis Magos, Vila dos (RJ) **ver** Angra dos Reis (RJ)
Ribeirão do Carmo (MG) **ver** Mariana (MG)
Rio das Velhas (MG) **ver** Sabará (MG)
Rio das Velhas, Rio (MG) **ver** Velhas, Rio das (MG)
Rio de Janeiro (Estado) – Iconografia, 265, 268, 271-272, 276, 278-282, 284-290, 292-302, 306-313, 317-318-319, 322-328, 330, 333-334, 336-338, 340, 346
Rio de Janeiro (Estado) – Mapa 6-8, 266-267, 269, 270, 273-275, 277, 283, 291, 303-305, 315-316, 320-321, 329, 331-332, 335, 339, 341-345, 366, 372
Rio de Janeiro (RJ) – Iconografia, 265, 268, 271-272, 276, 278-282, 284, 286-290, 292-302, 306-313, 318-319, 322-324, 326-328, 330, 334, 336-338, 340
Rio de Janeiro (RJ) – Mapa, 266-267, 270, 273-275, 277, 283, 291, 303-305, 315-316, 329, 332, 335, 339, 342-343, 345
Rio Doce (MG e ES) **ver** Doce, Rio (MG e ES)
Rio Gameleira, Rio (MG) **ver** Paracatu, Rio (MG)
Rio Grande do Norte – Iconografia, 153
Rio Grande (RS) – Mapa 393, 398
Rio Grande do Sul – Iconografia, 400-402, 405
Rio Grande do Sul – Mapa, 4, 369, 381, 393-399, 403-404, 406
Rio Guaicuí, Rio (MG) **ver** Velhas, Rio das (MG)
Rio Guaicuy, Rio (MG) **ver** Velhas, Rio das (MG)
Rio Manso (MG) – Mapa, 248
Rio Paracatu, Rio (MG) **ver** Paracatu, Rio (MG)
Rio Pardo (RS) – Mapa, 399
Rondônia – Iconografia, 411, 429
Rondônia – Mapa, 29, 407, 410, 413, 415, 424, 430
Rosário (MA) – Iconografia, 72

S

Sabará (MG) – Mapa, 244
Salvador (BA) – Iconografia, 176, 179-180, 183, 185, 188-190, 193-194, 207, 213
Salvador (BA) – Mapa, 201, 208
Salvador (BA) – Vista, 212
Santa Bárbara, Ilha de (Rio de Janeiro, RJ) – Iconografia, 318, 322
Santa Catarina – Iconografia, 383-388, 392

Santa Catarina – Mapa, 3-5, 9, 366, 369, 377, 380, 382, 389, 390-391, 395
Santa Catarina, Ilha (SC) – Mapa, 382,389
Santa Cruz (Rio de Janeiro, RJ) – Mapa, 270
Santa Maria da Madalena da Lagoa do Sul (AL) **ver** Marechal Deodoro (AL)
Santa Maria da Madalena de Sumaúna (AL) **ver** Marechal Deodoro (AL)
Santa Maria de Belém do Grão-Pará (PA) **ver** Belém (PA)
Santa Teresa, Morro de (Rio de Janeiro, RJ) – Iconografia, 337
Santana (GO) **ver** Goiás (GO)
Santana de Goiás (GO) **ver** Goiás (GO)
Santarém (BA) **ver** Ituberá (BA)
Santo Amaro (BA) – Iconografia, 211, 220
Santo Amaro (BA) – Mapa, 225
Santo Antônio (Recife, PE) – Mapa, 150
Santo Antônio, Rio (MG) – Mapa, 239
Santo Antônio, Serra de (MG) – Mapa, 249-250
Santo Antônio de Urubu de Propriá (SE) **ver** Propriá (SE)
Santo Antônio de Urubu de Baixo (SE) **ver** Propriá (SE)
Santos (SP) – Iconografia, 353-356
Santos (SP) – Mapa, 352, 357-358
São Bento, Morro de (Rio de Janeiro, RJ) – Mapa, 342-343
São Caetano (MG) **ver** Monsenhor Horta (Mariana, MG)
São Francisco, Baía de (SC) **ver** Babitonga, Baía de (SC)
São Francisco, Ilha de (SC) **ver** São Francisco do Sul, Baía de (SC)
São Francisco, Rio – Mapa, 175, 243, 252, 261-262
São Francisco do Sul, Baía de **ver** Babitonga, Baía de (SC)
São Francisco do Sul, Ilha de (SC) – Mapa, 9
São Joanes, Ilha de (PA) **ver** Marajó, Ilha de (PA)
São Joannes, Ilha de (PA) **ver** Marajó, Ilha de (PA)
São João da Parnaíba (PI) **ver** Parnaíba (PI)
São João Marcos (RJ) – Mapa, 344
São José, Baía de (MA) – Mapa, 76
São José (BA) **ver** Mucuri (BA)
São José de Porto Alegre (BA) **ver** Mucuri (BA)
São José do Norte (RS) – Iconografia, 400
São Luís (MA) – Iconografia, 65, 67-68,
São Luís (MA) – Mapa, 73-74, 77, 85
São Marcos, Baía de (MA) – Mapa, 73-74, 85
São Miguel dos Barreiros **ver** Barreiros (PE)
São Miguel dos Barreros **ver** Barreiros (PE)
São Paulo (Estado) – Iconografia, 348-349, 353-356, 363-365, 368, 379
São Paulo (Estado) – Mapa, 6-7, 350, 352, 357-358, 362, 366, 369-373, 375-378
São Paulo (Estado) – Roteiro, 351
São Paulo (SP) – Iconografia, 364

São Paulo, Morro de (BA) – Mapa, 181
São Sebastião (MG) **ver** Bandeirantes (Mariana, MG)
Sapucaí, Rio (MG-SP) – Mapa, 350
Sararé, Rio (MT) – Mapa, 408
Sergipe – Mapa, 175
Serigipe, Ilha de (Rio de Janeiro, RJ) **ver** Villegagnon, Ilha de (Rio de Janeiro, RJ)
Serinhaém (BA) **ver** Ituberá (BA)
Sirinhaem (PE) – Mapa, 171
Serro (MG) – Mapa, 248
Solimões, Rio (AM) – Mapa, 16-17, 62
Solimões, Rio **ver também** Amazonas, Rio
Solimões, Rio **ver também** Marañon, Rio (Peru)
Sumidouro (MG) **ver** Padre Viegas (Mariana, MG)

T

Tacambira, Serra (MG) **ver** Itacambira, Serra (MG)
Taim, Arroio (RS) – Marco, 405
Tamandaré (PE) – Iconografia, 157
Tejuco (MG) **ver** Diamantina (MG)
Tibagi, Rio (PR) – Mapa, 367
Tietê, Rio (SP) – Mapa, 366, 378
Tijuco (MG) **ver** Diamantina (MG)
Tiquié, Rio (AM) – Mapa, 15
Tocantins – Mapa, 29, 78, 420, 428-429
Tocantins, Rio– Mapa, 29, 78,420, 429
Todos os Santos, Baía de (BA) – Mapa, 206
Traíras (Niquelândia, GO) **ver** Tupiraçaba (Niquelândia, GO)
Trindade, Ilha da (ES) – Mapa, 314
Tucambira, Serra (MG) **ver** Itacambira, Serra (MG)
Tupiraçaba (Niquelândia, GO) – Iconografia, 419
Turiaçu, Rio (MA) – Mapa, 75

U

Uaupés, Rio (Colômbia e Brasil) – Mapa, 12-15
Una, Rio (PE) – Mapa, 172
Uruguai– Mapa, 395-396, 403, 432-435
Uruguai, Rio – Mapa, 377, 395,397, 404

V

Valença (BA) – Mapa, 218, 224

Vaupés, Rio **ver** Uaupés, Rio
Velhas, Rio das (MG) – Mapa, 238-239, 241, 263
Vicente de Carvalho (Guarujá, SP) – Iconografia, 356, 363
Viçosa **ver** Nova Viçosa
Vila Bela (MT) **ver** Vila Bela da Santíssima Trindade (MT)
Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) – Iconografia, 412
Vila de Alagoas (AL) **ver** Marechal Deodoro (AL)
Vila da Fortaleza Nossa Senhora de Assunção (CE) **ver** Fortaleza (CE)
Vila de Benevente **ver** Anchieta (ES)
Vila de Nossa Senhora d'Ajuda de Jaguaripe **ver** Jaguaripe (BA)
Vila de Nossa Senhora da Ilha Grande (RJ) **ver** Angra dos Reis (RJ)
Vila de Sabará (MG) **ver** Sabará (MG)
Vila de Santarém **ver** Ituberá (BA)
Vila de Serinhaém **ver** Ituberá (BA)
Vila do Carmo (MG) **ver** Mariana (MG)
Vila do Príncipe (MG) **ver** Serro (MG)
Vila dos Reis Magos (RJ) **ver** Angra dos Reis (RJ)
Vila Nossa Senhora do Carmo (MG) **ver** Mariana (MG)
Vila Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo (MG) **ver** Mariana (MG)
Vila Nova de Benavente (ES) **ver** Anchieta (ES)
Vila Nova de Benevente (ES) **ver** Anchieta (ES)
Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabarabuçu (MG) **ver** Sabará (MG)
Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará (MG) **ver** Sabará (MG)
Vila Real de Queluz **ver** Conselheiro Lafaiete (MG)
Vila Real de Sabará (MG) **ver** Sabará (MG)
Vila Rica (MG) **ver** Ouro Preto (MG)
Vila Velha (ES) – Mapa, 229, 232
Vila Viçosa (BA) **ver** Nova Viçosa (BA)
Villegagnon, Ilha de (Rio de Janeiro, RJ) – Mapa, 291
Villegagnon, Ilha de (Rio de Janeiro, RJ) – Iconografia, 319, 326
Vitória, (ES) – Iconografia, 227-228
Vitória (ES) – Mapa, 229, 232
Vitória, Baía de (ES) – Mapa, 229, 232
Vitória do Mearim (MA) – Mapa, 88

X

Xié, Rio (AM) – Mapa, 12

Y

Ytaym, Arroio (RS) **ver** Taim, Arroio (RS)

BIBLIOGRAFIA

ADONIAS, Isa. *A cartografia da Região Amazônica*: catálogo descritivo 1500-1963. Rio de Janeiro:Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963.

____. *Catálogo de plantas e mapas da cidade do Rio de Janeiro*. [Rio de Janeiro]: Ministério das Relações Exteriores, Seção de Publicações, 1966.

____. *Mapa*: imagens da formação territorial brasileira. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1993. 399 p.

____. *Mapas e planos manuscritos relativos ao Brasil colonial conservados no Ministério das Relações Exteriores... para as comemorações do Quinto Centenario da morte do Infante Dom Henrique*. Brasilia : Ministério das Relaçôes Exteriores, Serviço de Documentaçâo, 1960.

ALFÂNDEGA de Recife. Disponível em < http://www.receita.fazenda.gov.br/Memoria/administracao/reparticoes/colonia/alfandegas/alf_R.asp> . Acesso em: 18 out. 2009.

ALMEIDA, André Ferrand de. *A formação do espaço brasileiro e o projecto do novo atlas da América portuguesa.* Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

____. A viagem de José Gonçalves da Fonseca e a cartografia do rio Madeira 1749-1752. *Anais do Museu Paulista*. Vol. 17, n. 2, jul.-dez. 2009. P. 215-235.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Quilombos*: geografia africana, cartografia étnica, territórios tradicionais. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 20-09. 190 p.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. Catálogo da exposição histórico-documental luso-brasileira. Brasília ; Rio de Janeiro ; São Paulo, abr-maio 1982.

BARBOSA, José Maria de Azevedo. *Fragmentos históricos*. Belém: [s.n], 2001. 242p.

BARDY, Cláudio. Arco do Teles. In: RIO DE JANEIRO em seus quatrocentos anos : formação e desenvolvimento da cidade. Rio de Janeiro

: Record, 1965. 460 p. P. 91.

____. Casa da Câmara e Cadeia. In: RIO DE JANEIRO em seus quatrocentos anos : formação e desenvolvimento da cidade. Rio de Janeiro : Record, 1965. 460 p. P. 184-185.

BARRETO, Abeillard. Bibliografia sul-riograndense : a contribuição portugueses e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973-76. 2 v.

BARRETO, Aníbal (Cel.). *Fortificações no Brasil (Resumo Histórico).* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958. 368p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Portugal). *A Nova Lusitânia*: cartografia do Brasil: imagens cartográficas do Brasil nas colecções da Biblioteca Nacional (1700-1822): Catálogo. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

BRASIL ARQUEOLÓGICO. *Arqueologia do Fortim de Catuama*. Disponível em: <http://www.brasilarqueologico.com.br/arq_fortimcatuama.php> . Acesso em: 5 maio 2011.

CARTA hydrografica da Bahia de Todos os Santos, comprehendido o Recôncavo da Capital da Província do mesmo nome... [S.l.: s.n., entre 1831 e 1849].

CHAIM, Marivone Matos. *Os aldeamentos indígenas e sua importância no Povoamento da capitania de Goiás no século XVIII (1749-1811*). Goiânia: Oriento, 1974.

CHAVES, Maria Anunciada. *Traços de cultura paraense*. Belem: [s.n.], 1981.

CÓDIGO de catalogação anglo-americano. São Paulo: FEBAB : Impr. Oficial, 2004. 1v. (folhas soltas)

CORTESÃO, Jaime.*História do Brasil nos velhos mapas Rio de Janeiro*: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio-Branco, [1957]. 2 v.

COSTA, Antônio Gilberto, org. *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte : Ed. UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.

____. *Cartografia de Minas Gerais*: da Capitania à Província. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

____. *Roteiro prático de cartografia*: da América Portuguesa ao Brasil Império. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2007.

DIAS, Marcelo Henrique. *Economia, sociedade e paisagens da Capitania e Comarca de Ilhéus no período colonial*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, Programa de Pós Graduação em História, 2007. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_DIAS_Marcelo_Henrique-S.pdf. >. Acesso em: 10 out. 2011.

FERREIRA, Mário Olímpio Clemente. *O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional*: trabalhos demarcadores das partidas do sul e a sua produção cartográfica, (1749-1761). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

FERREZ, Gilberto. *Rio de Janeiro e a defesa de seu port*o: 1555-1800. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1972.

FUNDACIÓN HISTÓRICA TAVERA. *Guía preliminar de fuentes documentales etnográficas para el estudio de los pueblos indígenas de Iberoamérica.* Archivo Historico Ultramarino(Portugal). Disponível em http://lanic.utexas.edu/project/tavera/portugal/ultramarino.html. Acesso em: 30 out.2009

GARCIA, João Carlos, coord. *A Mais dilatada vista do mundo*: inventário da colecção cartográfica da Casa da Ínsua. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, [2002].
GARRIDO, Carlos Miguez. Fortificações do Brasil. *Separata do Vol. III dos Subsídios para a História Marítima do Brasil.* Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940.

HORCH, Rosemarie Erika. *As tentativas de penetração amazônica por vias fluviais*. Lisboa [Portugal]: Instituto de Investigacao Cientifica Tropical, 1984 [i.e.1985].
IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, 1957-1958. 36 v.

____. Biblioteca. Disponível em:< http://biblioteca.ibge.gov.br. > Acesso em: 20.mar.2011.

____. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1 > Acesso em: 20.mar.2011.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *As denominações urbanas de Minas Gerais*: cidades e vilas mineiras com estudo toponímico e da categoria administrativa. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais. 1993.

IRIA, Alberto. *Inventário geral da Cartografia Brasileira existente no Arquivo Histórico Ultramarino*: elementos para a publicação da Brasilae Monumenta Cartographica. Separata da *Studia*. Lisboa: nº 17, abr/1966. 116 p.

MARQUES, Cezar Augusto. *Apontamentos para um diccionario historico, geographico, topographico e estatistico da Provincia do Maranhão*. . Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=147taWNPeDgC&dq=aponta mentos+para+um+diccionario+geographico&printsec=frontcover. Acesso em: 19 out. 2008.

____. Diccionário Histórico da Província do Maranhão. Maranhão: Tip. do Frias, 1870. 558p.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho. *António José Landi*, 1713-1791 : um artista entre dois continentes.dois continentes. Coimbra [Portugal] : Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 892p : il. (algumas col.). (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas)

MONTEIRO, Elizabeth Brêa & BRASIL, Maria Irene. Listagem dos nomes dos povos indígenas no Brasil. *Boletim do Museu do Índio*, nº. 8, 1998.

NORMAS técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos. Disponível em: http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Transcreve.pdf. Acesso em: 2 fev. 2008.

PIMENTEL, Manuel. *Arte de Navegar e Roteiro das viagens e costas marítimas (...)*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1762. 606p. il..

PINTO, Alfredo Moreia. *Apontamentos para o dicionário geográphico do Brasil.* Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & filhos, 1894-1899 . 3 v.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial.* São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial de São Paulo, 2000. 411p.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2005. 473p.

SANTOS, Fabrício Lyrio. *Aldeamentos e política colonial no século XVIII*: a propósito da expulsão dos jesuítas / Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/fabricio_lyrio_santos.pdf>, acesso em: 27 nov. 2010.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens às nascentes do Rio São Francisco de Goyaz*. Belo Horizonte, Liv. Itatiaia/USP, 1975. 190p

SANTOS, Fabiane Vinente dos & MAIA, Jean Ricardo Ramos. *O falar e o silenciar: etnografia de um evento crítico no alto rio Içana*. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/18584263/568196598/name/Artigo+evento+cr%C3%ADtico.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2011.

SILVA,Clarete Paranhos da. Êh minas... As atividades geocientíficas no Brasil colonial: um estudo da obra mineralógica de José Vieira Couto: transição dos séculos XVIII para o XIX. *Hist. cienc. saude-Manguinhos.* vol.5 no.1. Rio de Janeiro Mar./Jun. 1998.

SOUSA, Augusto Fausto de. Fortificações no Brazil. *RIHGB.* Rio de Janeiro: Tomo XLVIII, Parte II, 1885. p. 5-140

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Projeto fortalezas da Ilha de Santa Catarina*. Disponível em: <http://www.fortalezas.ufsc.br/fortalezasanhatomirim>.
Acesso em: 20 ago. 2011.

VIEIRA JÚNIOR, Wilson Carlos Jardim ; SCHLEE, Andrey Rosenthal; BARBO, Lenora de Castro. *Tosi Colombina, Autor do Primeiro Mapa da Capitania de Goiás*? In XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA, Aracajú, 16-20 maio 2010.

ISBN 978-85-60069-35-4
9 788560 069354

No CD encartado, encontra-se o segundo volume do livro e um aplicativo para acessar as imagens e a versão virtual do primeiro volume.

IICT
Instituto de Investigação Científica Tropical

MINISTÉRIO DA CULTURA
Diretoria de Relações Internacionais
PROJETO RESGATE

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

SÉRIE PRINCÍPIOS

Leonor Lopes Fávero

COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

editora ática

DIGITAL Source

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

SÉRIE PRINCÍPIOS

LEONOR LOPES FÁVERO

Sumário

01. Introdução _____ 5
02. Coesão e coerência — devem-se distinguir? _____ 8
03. Como analisar a coesão _____ 13
Revendo alguns autores _____ 13
Uma proposta de reclassificação _____ 17
04. Coesão referencial _____ 18
Substituição _____ 19
Reiteração _____ 23
05. Coesão recorrencial _____ 26
Recorrência de termos _____ 27
Paralelismo _____ 27
Paráfrase _____ 28
Recursos fonológicos, segmentais e supra-segmentais _____ 29
06. Coesão seqüencial _____ 33
Seqüenciação temporal _____ 33
Seqüenciação por conexão _____ 35

07. Pausa para análise de textos _____ 41
Texto 1: *Educação pela pedra* — João Cabral de Melo Neto_____ 42
Texto 2: *Letras louvando Pelé* — Carlos Drummond de Andrade _____ 44
Texto 3: *Ninguém entende de humor* — Ziraldo -_ 49
Texto 4: *A classe* — Luís Fernando Veríssimo ___ 52
08. Reformulando a noção de coerência _____ 59
09. As estruturas cognitivas _____ 62
Conceitos _____ 62
Modelos cognitivos globais _____ 63
Superestruturas _____ 69
O conhecimento prévio _____ 70
Revendo a proposta cognitivista _____ 72
Conclusão _____ 75
10. Pausa para análise de textos _____ 76
Retomando o texto 4 _____ 76
Texto 5: *Negociações* — Luís Fernando Veríssimo _____ 77
Texto 6: *O evento* — Millôr Fernandes _____ 78
Texto 7: *Infância* — Carlos Drummond de Andrade _____ 79
Texto 8: *Cidadezinha qualquer* — Carlos Drummond de Andrade _____ 81
11. Coesão e coerência no texto conservacional _____ 82
O texto conversacional _____ 82
Coesão e coerência _____ 87
12. Vocabulário crítico _____ 99
13. Bibliografia comentada _____ 102

1
Introdução

A lingüística textual, como ciência da estrutura e do funcionamento dos textos, começou a desenvolver-se na década de 60 na Europa, especialmente na Alemanha.

A origem do termo lingüística textual encontra-se em Cosériu[1] embora, no sentido que lhe é atualmente atribuí do, tenha sido empregado pela primeira vez por Weinrich[2].

As causas de seu desenvolvimento são, dentre outras, as falhas das gramáticas da frase no tratamento de fenômenos como a referência, a definitivização, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a ordem das palavras no enunciado, a entoação, a concordância dos tempos verbais, fenômenos estes que só podem ser explicados em termos de texto ou em referência a um contexto situacional.

Assim, o que a legitima é sua capacidade de explicar fenômenos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado ou, como afirma Conte (1977, p. 17-8), "é a descontinuidade

[1] COSÉRIU, E. 1955. Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar. Romanistisches Jahrbuch, 7 : 29-54.

[2] WEINRICH, H. 1966. Linguistik der Lüge. Heidelberg, Verlag Lambert Schneider.

entre enunciado e texto, já que há uma diferença qualitativa entre ambos (e não meramente quantitativa)".

Sendo o texto mais do que a soma dos enunciados que o compõem, sua produção e compreensão derivam de uma competência específica do falante — a competência textual.

Chegados a este ponto, algumas questões podem ser colocadas:

O que é competência textual? e o que é texto? do que se constitui e em que se distingue de um conjunto de frases? o que une, por exemplo, um grito isolado

-Socorro!

a um soneto de Camões e o que separa estes dois textos de um pseudotexto, por exemplo, um léxico?

Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados e esta competência é lingüística, em sentido amplo (distingue-se da competência frasal ou lingüística em sentido estrito, como a descreve, por exemplo, Chomsky em *Aspects ofthe theory of syntax* (1965). Qualquer falante é também capaz de parafrasear um texto, de resumi-lo, de atribuir-lhe um título, de produzir um texto a partir de um título dado e de distinguir um texto segundo os vários tipos de texto (por exemplo, uma conversação de um texto científico, de uma receita de bolo, de uma poesia). Todas essas habilidades explicitam a competência textual e justificam a construção de uma gramática textual.

Se sabemos intuitivamente não só distinguir entre textos e não-textos mas também que nossa produção lingüística se dá com textos e não com palavras isoladas, não sabemos, porém, definir intuitivamente o que faz com que um texto seja um texto, e nem os estudiosos são unânimes ao conceituá-lo. Também o fato de em algumas línguas como o alemão e o holandês só existir o termo "texto" (do qual se criaram as denominações "lingüística textual" e "gramática textual"),

e em outras, como as românicas, a par do termo “texto”, existir também o termo “discurso” acabou por criar uma confusão entre os dois termos, ora empregados como sinônimos, ora com sentidos diferentes.

O termo “texto” pode ser tomado em duas acepções:

“texto em sentido amplo, designando toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema etc.), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação” (Fávero e Koch, 1983, p. 25).

O discurso é manifestado, lingüísticamente, por meio de textos (*em sentido estrito*), O texto consiste, então, em qual quer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

A finalidade deste livro é examinar dois desses fatores:

coesão e coerência, procurando tornar explícitos mecanismos de estruturação e de compreensão de textos. O assunto é por si bastante complexo e aqui se apresentará não um modelo acabado, mas antes uma proposta, uma linha de reflexões.

2

Coesão e coerência — devem-se distinguir?

A coesão e a coerência constituem dois fatores importantes da textualidade. Deve-se distingui-las? Como fazer?

Há autores que distinguem dois níveis de análise, cor respondendo a coesão e coerência, embora a terminologia possa ser diferente; outros não distinguem, e outros ou fazem referência a apenas um desses fenômenos ou estudam vários de seus aspectos sem qualquer rotulação.

Hailiday e Hasan (1976) afirmam que o que permite determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto são as relações coesivas com e entre as sentenças, que criam a textura:

> Um texto tem uma textura e é isto que o distingue de um não texto. O texto é formado pela relação semântica de coesão" (p. 2).

E dão como exemplo:

> "Wash and core six cooking apples. Put them into a fireproof dish".

É claro, dizem eles, que "them" se refere a "six cooking apples". Essa função anafórica de "them" é que dá coesão às duas sentenças, que constituem juntas um texto.

Ou seja, a textura seria criada por esses itens lingüísticos e pela relação de coesão que existe entre eles.

Entendem, então, coesão como um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. O sistema lingüístico está organizado em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico ortográfico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico.

Halliday e Hasan reconhecem, entretanto, que a noção de coesão precisa ser "complementada" pela noção de registro, entendido como "uma série de configurações semânticas que estão associadas a classes específicas de contextos de situação e que definem a substância do texto: o que ele significa no sentido mais amplo, incluindo todos os componentes de seu significado social, expressivo, comunicativo, representacional etc." (p. 26).

Isenberg[1], lingüista alemão da Academia de Ciências de Berlim (um dos mais importantes centros de gramática gerativa da Europa), procura fundamentar sua gramática de texto na teoria-padrão gerativa, postulando, porém, como unidade básica de estudo o texto, e não o enunciado.

Em seu trabalho cita treze fenômenos somente explicáveis no âmbito da estrutura textual (por exemplo, a anáfora, a seleção de artigos, a pronominalização e os elementos pro adverbiais, a sucessão dos tempos), que podem ser considerados fatores de coesão, ao lado de diversos tipos de textualização,

[1] ISENBERG, H. 1968. Uberlegungen zur Texttheory. In: IHwE, Literatur wissenschaft und Linguistik. Ergebnisse und Perspektiven. Frankfurt am Main, Athenãum Fischer Taschenbuch Verlag. (Trad. jt. in: Conte, 1977.)

ou seja, relações entre os enunciados assindeticamente conjugados (por exemplo, conexão causal, conexão de motivos, tematização de objetos novos), estes podendo ser considerados fatores de coerência.

Weinrich[2] estuda aspectos relevantes para a elaboração de uma macrossintaxe dos discursos, como a sintaxe dos artigos e dos tempos verbais; mostra que a distribuição do artigo é um aspecto importante da estrutura sígnica textual, orientando o receptor na compreensão dos demais signos do texto. Quanto aos tempos verbais, classifica-os em dois grandes grupos, com limites bem definidos: os do mundo comentado e os do mundo narrado. Embora não fale nem em coesão nem em coerência, tanto os artigos quanto os tempos verbais devem ser incluídos entre os elementos de coesão.

Beaugrande e Dressier (1981), autores que serviram de ponto de partida para este trabalho, consideram constituírem a coesão e a coerência níveis diferentes de análise.

A coesão, manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma seqüência.

A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações sub jacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos.

Observe bem, leitor!

[2] WEINRICH, H. 1964. Tempus; Besprochene und Enzahlte welt. Stuttgart, Kohlhammer. Trad. fr. 1973. Les Temps; le récit et le commentaire. Paris, Seuil.

Coesão e coerência constituem fenômenos distintos pelo fato de

• poder haver um seqüenciamento coesivo de fatos isolados que não têm condição de formar um texto (a coesão não é condição nem suficiente nem necessária para formar um texto).

No exemplo

(1) Meu filho não estuda nesta Universidade.

Ele não sabe que a primeira Universidade do mundo românico foi a de Bolonha.

Esta Universidade possui imensos viveiros de plantas.

A Universidade possui um laboratório de línguas.

o item lexical "Universidade" vem constantemente retomado e o sintagma nominal "meu filho" vem pronominalizado. Todavia isto não é suficiente para conferir coerência a estes quatro enunciados. Não temos um texto, apesar de haver uma coesão relativamente forte no encadeamento das sentenças, mas as relações de sentido não unificam essa seqüência.

O mesmo ocorre em

(2) Maria está na cozinha. A cozinha tem as paredes com azulejos. Os azulejos são brancos. Também o leite é branco.

Outro fator que implica distinção entre coesão e coerência é o de

• poder haver textos destituídos de coesão mas cuja textualidade se dá ao nível da coerência:

(3) Luiz Paulo estuda na Cultura Inglesa.

Fernanda vai todas as tardes ao laboratório de física do colégio.

Mariana fez 75 pontos na FUVEST.

Todos os meus filhos são estudiosos.

Como bem aponta Conte (1977, p. 16-7) o exame desses exemplos permite-nos tirar três conclusões:

a. a retomada de elementos não é o único meio para se constituírem relações interfrásicas (não é condição necessária para a coerência).

b. a coerência não deve ser buscada unicamente na sucessão linear dos enunciados (ela não é unidimensional), mas, sim, numa ordenação hierárquica (é pluridimensional). Assim, para a textualidade do exemplo (3), contribui o último enunciado, de ordem superior aos três procedentes — "Todos os meus filhos são estudiosos" —, enunciado este que reduz os outros três a um denominador comum e recupera a unidade.

c. a coerência não é independente do contexto pragmático no qual o texto está inserido, isto é, não é independente de fatores, tais como, escritor/locutor, leitor/alocutário, lugar e tempo do discurso, ou, como diz Marcuschi (1983, p. 22):

"...o texto deve ser visto como uma seqüência de atos de linguagem (escritos ou falados) e não uma seqüência de frases de algum modo coesas. Com isto, entram, na análise geral do texto, tanto as condições gerais dos indivíduos como os contextos institucionais de produção e recepção, uma vez que estes são responsáveis pelos processos de formação de senti dos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas".

Veja-se o exemplo (4):

(4) "Comemora-se este ano o sesquicentenário de Machado de Assis. As comemorações devem ser discretas para que dignas de nosso maior escritor. Seria ofensa à memória do Mestre qualquer comemoração que destoasse da sobriedade e do recato que ele imprimiu a sua vida, já que o bruxo de Cosme Velho continua vivo entre nós"[3]

Aqui "Machado de Assis" foi substituído, dentre outros, por "bruxo de Cosme Velho"; neste caso, deve-se saber um pouco de sua vida (morou vinte e quatro anos em Cosme Velho, no Rio de Janeiro), e isto não se obtém a partir do conhecimento da língua, mas, sim, da cultura.

[3] Folha de S. Paulo, 4 fev. 1989.

3
Como analisar a coesão

Revendo alguns autores

Há inúmeras propostas de classificação das relações coesivas que podem estabelecer-se formalmente num texto. Examinarei brevemente, neste capítulo, algumas delas.

Hailiday e Hasan[1]

A coesão textual, isto é, as concatenações frásicas lineares dependem de cinco categorias de procedimento: referência, substituição, elipse, conjunção e léxico.

Referência — função pela qual um signo lingüístico se relaciona a um objeto extralingüístico. Ela pode ser situacional ou exofórica (isto é, extratextual) e textual ou endofórica.

A textual ou endofórica pode ser:

- anafórica: quando o item de referência retoma um signo já expresso no texto.

(5) Maria é excelente amiga. Ela sempre me deu provas disso.

[1] Hailiday e Hasan, 1976.

- catafórica: quando o item de referência antecipa um signo ainda não expresso no texto.

(6) Só desejo isto: que você não se esqueça de mim.

Há três tipos de referência: pessoal (pronomes pessoais e possessivos), demonstrativa (pronomes demonstrativos e advérbios indicativos de lugar) e comparativa (por via indireta, através de identidades ou similaridades).

Substituição — colocação de um item no lugar de outro(s) ou até de uma oração inteira. Pode ser *nominal* (feita por meio de pronomes pessoais, numerais, indefinidos, nomes genéricos como coisa, gente, pessoa) e *verbal* (o verbo "fazer" é substituto dos causativos, "ser" é o substituto existencial).

Elipse — omissão de um item lexical recuperável pelo contexto, ou seja, a substituição por zero (0). Pode ocorrer elipse de elementos nominais, verbais e oracionais.

Conjunção — tem natureza diferente das outras relações coesivas por não se tratar simplesmente de uma relação anafórica. Os elementos conjuntivos são coesivos não por si mesmos, mas indiretamente, em virtude das relações específicas que se estabelecem entre as orações, períodos e parágrafos. Essas diferentes relações conjuntivas possuem uma série de equivalentes estruturais. Por exemplo:

(7) Um tr seguiu-se à ventania.

(8) Depois da ventania, houve um trovão.

(9) Depois de ventar muito, trovejou.

(10) Ventou muito. Depois trovejou.

Os principais tipos de elementos conjuntivos são: advérbios e locuções adverbiais; conjunções coordenativas e subordinativas; locuções conjuntivas, preposições e locuções prepositivas; itens continuativos como *então, daí etc*.

Para se obter a coesão, é importante a escolha de conectivo adequado para expressar as diversas relações semânticas;

o mesmo conectivo pode expressar relações semânticas diferentes: é, pois, preciso saber reconhecê-las. A omissão de conectivos, embora admissível, só deve ser feita quando a relação semântica estiver bem clara para evitar a ambigüidade (a não ser que seja intencional).

Coesão lexical — é obtida pela reiteração de itens lexicais idênticos ou que possuem o mesmo referente. Inclui-se aí, também, o uso de nomes genéricos cuja função coesiva está no limite entre as coesões lexical e gramatical, nomes estes que estão a meio caminho do item lexical, membro de um conjunto aberto e do item gramatical, membro de um conjunto fechado. Gramaticalmente, os nomes como a *gente*, a *pessoa*, a *coisa*, o *negócio* etc. (determinante + nome geral) funcionam como itens de referência anafórica; lexicalmente, são membros superordenados (hiperônimos) agindo como sinônimos dos itens a eles subordinados (hipônimos).

Outro fator de coesão lexical é a *colocação*, resultante da associação de itens lexicais que regularmente ocorrem. Virtualmente não há colocações impossíveis, mas algumas são melhores do que outras, tendendo para o padrão que, quando fortes, constituem os clichês.

A proposta de Halliday e Hasan suscita algumas indagações:

1. A separação entre referência, substituição e elipse não resiste a uma análise mais acurada, pois a substituição também é uma forma de referência e, se a elipse é, como eles mesmos o dizem, uma substituição por zero (Ø), porque considerá-la um tipo à parte?

2. A exófora deve ser considerada um mecanismo coesivo? Se considerarmos coesão, segundo Beaugrande e Dressler (1981), os modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma seqüência, só podem ser considerados coesivos os elementos extratextuais recuperáveis no texto.

3. Quanto à coesão dita lexical, não tem ela, também, função de estabelecer referência ou recorrência? Por que então considerá-la um tipo à parte?

Marcuschi[2]

Baseando-se na proposta de Beaugrande e Dressler (1981), e sem preocupação classificatória ("não podemos ir além de breves incursões em terreno tão vasto", p. 31), Marcuschi, 1983, apresenta quatro grupos de fatores de "conexão seqüencial": repetidores, substituidores, seqüenciadores e moduladores.

Repetidores — recorrência, paralelismo e definitivização.

Substituidores — paráfrase, pro-formas (nominais, verbais, adverbiais e pro-sintagmas), pronominalização (anáfora, catáfora e exófora) e elipse.

Seqüenciadores — tempo, aspecto, disjunção, conjunção, contrajunção, subordinação, tema-rema.

Moduladores — entoação e modalidades.

Além das questões que já levantei a propósito da classificação de Halliday e Hasan, faço mais esta:

4. Por que a definitivização é um caso de repetição e não de substituição se, como dizem Brown e Yule (1983, p. 169), "a informação *nova* é caracteristicamente introduzida por expressões indefinidas e subseqüentemente *referida* por expressões definidas"? (grifos meus).

Mira Mateus et alii[3]

A *Gramática da língua portuguesa*, de Mira Mateus et all, apresenta a coesão como podendo ser gramatical e lexical. A gramatical pode ser frásica, interfrásica (junção),

[2] Marcuschi, 1983.

[3] Mira Mateus et alii, 1983.

temporal e referencial que engloba a referência, a substituição e a elipse.

Aqui cabe também a mesma questão (3) feita à classificação de Halliday e Hasan: por que considerar a coesão lexical um tipo à parte se ela também tem a função de estabelecer referência?

Fávero e Koch[4]

Em 1985 apresentei, juntamente com 1. Koch, uma primeira proposta de classificação da coesão: *referencial*, que englobaria a referência (exofórica e anafórica), a elipse e a definitivização; lexical, que englobaria a reiteração e a substituição; *seqüencial*, englobando a temporal e a conjunção de Halliday e Hasan.

Justifica-se aqui, também, a crítica feita às outras classificações com relação à coesão lexical (3 questão) e com relação à referência exofórica(2 questão).

Uma proposta de reclassificação

Feitas estas considerações, está-se tornando possível chegar a uma proposta teórica diferente das já sugeridas: uma classificação em termos de função que exercem esses mecanismos na construção do texto e não de classes de palavras, de léxico etc.

Assim, proponho três tipos de coesão:

referencial

recorrencial

e

seqüencial *stricto sensu,*

que serão estudados nos próximos capítulos.

[4] FÁVERO, L. L. & KOCH, 1. V. 1985. *Revendo os critérios de textualidade.* (Não-publicado.)

4
Coesão referencial

Reafirmando o que já disse no capítulo anterior, há certos itens na língua que têm a *função* de estabelecer referência, isto é, não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas fazem referência a alguma coisa necessária a sua interpretação.

A referência constitui um primeiro grau de abstração: o leitor/alocutário relaciona determinado signo a um objeto tal como ele o percebe dentro da cultura em que

vive.

No exemplo (4) observa-se uma série de elementos referenciais:

Machado de Assis = nosso maior escritor = Mestre = ele = bruxo de Cosme Velho.

Um item referencial, por exemplo, ele tomado isoladamente é vazio e significa apenas: procure a informação em outro lugar. No caso, *ele* = *Machado de Assis.*

A coesão referencial pode ser obtida por substituição e por reiteração.

Substituição

A substituição se dá quando um componente é retoma do ou precedido por uma *pro-forma* (elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui). No caso de retomada, tem-se uma *anáfora* e, no caso de sucessão, uma *catáfora*.

As pro-formas podem ser *pronominais*, *verbais*, *adverbiais*, *numerais*, e exercem função de *pro-sintagma*, *pro constituinte* ou *pro-oração*.

Observe, leitor, os exemplos:

(11) Tenho um automóvel.

Ele é verde. Ele = pro-forma pronominal

função: pro-sintagma

(12) Há a hipótese de terem sido os asiáticos os primeiros habitantes da América. Essa hipótese é bastante plausível.

Essa = pro-forma pronominal

função: pro-constituinte

(13) Lúcia corre todos os dias no parque. Patrícia faz o mesmo.

faz = pro-forma verbal (sempre acompanhada de uma forma pro nominal: o, o mesmo, isto etc.)

função: pro-oração

(faz o mesmo = forma cristalizada)

(14) Mariana e Luiz Paulo são irmãos. Ambos estudam inglês e francês.

Ambos = pro-forma numeral

função: pro-sintagma

(15) Paula não irá à Europa em janeiro. Lá faz muito frio.

Lá = pro-forma adverbial

função: pro-sintagma

Observações sobre a substituição

1. Em relação aos pronomes pessoais, somente os de terceira pessoa podem ser considerados propriamente pro-formas, isto é, substitutos textuais.

2. Postal criou o conceito de “ilha anafórica” (anaphoric island), segundo o qual uma pro-forma pronominal só pode substituir anaforicamente um nome, se esse nome estiver na estrutura superficial; um elemento da estrutura profunda não é antecedente suficiente, quer dizer, as pro-formas pronominais sempre se referem a elementos da estrutura superficial e nunca a entidades não recobráveis nessa estrutura. Assim, seria possível:

(16) Os pais de Pedro morreram. Ele os amava muito.

mas não

(17) Pedro é órfão. Ele os amava muito.

embora

órfão = que perdeu os pais.

Parece-me que isto não é possível do ponto de vista sintático, mas *cognitivamente sim*, porque há uma estrutura inferencial processada que permite tal construção. É o que se denomina *anáfora esquemática*, que permite dizer

(18) Minha filha vai casar-se. Ele é médico.

onde não há um antecedente expresso, porém nossa cultura nos permite inferir

[+ humano]

[+ sexo masculino] = o noivo

[+ adulto]

3. Não é possível a substituição por pro-forma pronominal, no caso de entidades negadas, por não ser processável cognitivamente, como no exemplo apresentado por Marcuschi (1983, p. 45):

(19) Não tenho automóvel. Ele é azul.

4. pode ser também *incluída*, na substituição, a questão da definitivização, um problema semântico e de difícil solução no nível da frase. Repito aqui as palavras de Brown e Yule já citadas no capítulo anterior: “a informação nova é caracteristicamente introduzida por expressões indefinidas e subseqüentemente *referida* por expressões definidas” (grifos meus).

Vejamos a seguinte receita:

(20) *Papos-de-anjo*

Ingredientes

18 gemas	2 xícaras de açúcar
4 claras	2 1/2 xícaras de água

Modo de fazer

Papos-de-anjo

Bater bem as gemas. Em separado bater as claras em neve firme e juntá-las às gemas. Levar ao forno em forminhas untadas e polvilhadas com farinha.

À parte preparar uma calda com o açúcar e a água, acrescentando um aromatizante. Quando os docinhos estiverem cozidos, colocá-los na calda e deixá-los ferver até ficarem bem embebidos. Colocá-los numa compoteira ou num prato de cristal e deixar esfriar.

Na lista de *Ingredientes* são introduzidas as entidades “novas”, que, ao serem mencionadas no *Modo de fazer*, tomam a forma de expressões definidas. São entidades já “dadas”: *as gemas, as claras, o açúcar, a água*. E, no *Modo de fazer*, são introduzidas outras entidades “novas”:

uma calda,

um aromatizante,

uma compoteira,

um prato de cristal,

que, ao serem indicadas como entidades “dadas”, tomam a forma definida: *a calda.*

As regras que referem o uso do definido e do indefinido são basicamente duas:

a. Numa seqüência, um referente indefinido deve, para que se mantenha a identidade referencial, ser retomado por um definido, como no exemplo (20).

b. Para que se mantenha a identidade referencial, um defini do só pode ser retomado por um definido:

(21) Eduardo comprou um carro. O carro é vermelho (refere o mesmo)

(22) Eduardo não comprou um carro, O carro é vermelho (não refere o mesmo)

É o que diz Marcuschi (1983, p. 35): “Um texto não pode manter o tempo todo suas entidades indefinidas, pois elas não seriam localizáveis no universo cognitivo”. O mais freqüente é uma proporção de três para um na relação entre defini dos e indefinidos; às vezes o indefinido não aparece.

O artigo permite a antevisão da informação e sua recuperação no texto: uma expressão introduzida por um definido tem um valor argumentativo bem grande; o autor cria um universo textual em que o referente determinado pelo artigo ganha existência.

5. As pro-formas verbais limitam-se, em português, aos verbos “ser” e “fazer” em exemplos como

(13) Lúcia corre todos os dias no parque. Patrícia faz o mesmo.

e

(23) Vou emprestar-lhe o dinheiro, mas quero que saiba que se afaço é porque confio em você.

O verbo “fazer” substitui somente verbos de ação; verbos de estado, como “parecer”, “ser”, “estar”, não são substituídos por “fazer”. Não posso ter:

(24) * Eduardo se parece com a mãe. Lúcia faz o mesmo.

A substituição de *fazer* exige sempre a presença de uma pro-forma pronominal:

(25) Ana fuma. Maria faz o mesmo.

6. Além da substituição por pro-formas, pode ocorrer também a substituição por zero (Ø) — elipse — de entidades já introduzidas no texto.

A elipse pode aparecer substituindo qualquer elemento lingüístico, embora costume limitar-se aos que podem ser substituídos por pro-formas.

Exemplo:

(26) — Aonde você foi ontem?

— À casa de Paulo.

— Ø Sozinha?

— Não, Ø com amigos.

Reiteração

A reiteração (do latim *reiterare* = repetir) é a repetição de expressões no texto (os elementos repetidos têm a mesma referência).

Dá-se por:

1. Repetição do mesmo item lexical

(27) O fogo acabou com tudo. A casa estava destruída. Da *casa* não sobrara nada.

(28) Diga trinta e três.

— Trinta e três... trinta e três.., trinta e três.

2. Sinônimos

A questão da sinonímia é extremamente complexa. Não existe sinonímia verdadeira, já que todos os elementos léxicos são, de algum modo, diferenciados e a língua não é um espelhamento simétrico do mundo. Como diz Bernárdez (1982, p. 104): “não existe identidade semântica absoluta

entre cachorro e cão, casa e mansão etc., pois variam tanto em suas conotações como em seu nível lingüístico, registro etc.”.O importante é a identidade referencial, pois a sinonímia não é um problema puramente léxico, mas textual.

(*29) A criança caiu e chorou. Também o menino não fica quieto!*

3. Hiperônimos e hipônimos

Quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação todo—parte, classe—elemento, tem-se um hiperônimo; e, quando o primeiro elemento mantém com o segundo uma relação parte—todo, elemento—classe, tem-se o hipônimo. Diferentemente dos hiperônimos, os hipônimos permitem maior precisão, deixando o texto menos vago.

Exemplos:

(30) Gosto muito de doces. Cocada, então, adoro. (hiperônimo)

(31) Os corvos ficaram à espreita. As aves aguardavam o momento de se lançarem sobre os animais mortos. (hipônimo)

Dressler[1] observa que uma construção como

(32) Pedro viu urna moto. O veículo brilhava ao sol.

— em que há uma relação de inclusão e o segundo componente tem uma extensão maior — é possível porque na estrutura profunda semântico-lexical há uma definição — uma mo to é um veículo — ou uma inclusão pelo traço [+ veículo] no componente moto. Porém, uma construção como

(33) Pedro viu um veículo. A moto brilhava ao sol.

— em que a extensão semântica maior está no primeiro componente — é “insólita” porque falta um intermediário: era uma moto.

1 DRESSLER, W. 1982. Einführung in die Textlinguistik, Tübingen, Max Nie meyer. Trad. ital. Introduz jone alia Lingujstjca dei Texto, Roma, Officina,1974.

Assim, pode-se dizer que a anáfora é possível, mesmo sem um conceito intermediário, no alargamento, mas não no estreitamento.

4. Expressões nominais definidas

Quando há retomadas (repetições) do mesmo fenômeno por formas diversas, esse tipo de reiteração baseia-se no nosso conhecimento do mundo e não num conhecimento somente lingüístico.

No exemplo (4), “Machado de Assis”, “nosso maior escritor”, “Mestre” e “bruxo de Cosme Velho” se equivalem como substitutos textuais (é o que se chama de *múltiplo referenciamento*).

O mesmo ocorre no exemplo (34):

> (34) O cantor Sting tem lutado pela preservação da Amazônia. O ex- líder da banda Police chegou ontem ao Brasil. O vocalista chegou com o cacique Raoni, com quem escreveu um livro.

A continuidade superficial se mantém com o auxílio do funcionamento sociopragmático da língua; as relações entre “Sting”, “ex-líder da banda Police” e “vocalista” são relações imanentes ao texto e não somente à língua.

5. Nomes genéricos

Nomes gerais como “gente”, “pessoa”, “coisa”, “negócio”, “lugar”, “idéia” funcionam como itens de referência anafórica:

> (35) “Até que o mar, quebrando um mundo, anunciou de longe que trazia nas suas ondas *coisa* nova, desconhecida, forma disforme que flutuava, e todos vieram à praia, na espera... E ali ficaram, até que o mar, sem se apressar, trouxe a coisa; e depositou na areia surpresa triste, um homem morto..[2] (Grifos meus.)

(Há também uma relação hiperonímica: *coisa*—um homem morto.)

[2] ALVES, R. A aldeia que nunca mais foi a mesma. Folha de S. Paulo, 19 mai. 1984.

5
Coesão recorrencial

A coesão recorrencial se dá quando, apesar de haver re tomada de estruturas, itens ou sentenças, o fluxo informacional caminha, progride; tem, então, por função levar adiante o discurso.

Constitui um meio de articular a informação nova (aquela que o escritor/locutor acredita não ser conhecida) à velha (aquela que acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso) (Brown e Yule, 1983, p. 154).

Observação importante: não se deve confundir *recorrência* com *reiteração.*

A *recorrência* tem por função, repito, assinalar que a informação progride; e a *reiteração* tem por função assina lar que a informação já é *conhecida* (dada) e mantida.

Reconheço que as coisas não são assim tão simples, pois na recorrência há também uma referência; porém se deve falar sempre em *termos de dominância.*

Constituem casos de coesão recorrencial: recorrência de termos; paralelismo (= recorrência de estruturas); paráfrase (= recorrência semântica); recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais.

Recorrência de termos

Dressler (1982, p. 34-5) reconhece, na recorrência de termos, dentre outras, as funções de ênfase, intensificação e “um meio para deixar fluir o texto”.

Em

(36) ‘‘Irene preta Irene boa

Irene sempre de bom humor [.....] [1]

Ou então nos seguintes versos de Fernando Pessoa [2] em que a repetição do termo “cansaço” consegue imprimir-lhe um caráter concreto:

(37) “O que há em mim é sobretudo cansaço

Não disto nem daquilo,

nem sequer de tudo ou de nada:

Cansaço assim mesmo, ele mesmo,

Cansaço.”

Ou nestes, de Chico Buarque de Holanda:

(38) “Pedro pedreiro, pedreiro esperando o trem

que já vem, que já vem, que já vem, que já vem...”

Paralelismo

Ocorre paralelismo quando as estruturas são reutilizadas, mas com diferentes conteúdos.

No poema de Manuel Bandeira *Irene no Céu*, exemplo (36), há não só recorrência de termos, mas também de estruturas.

Cito ainda, como exemplos de paralelismo, recorrência de termos e uso de termos do mesmo campo lexical, um trecho

1 BANDEIRA, M. 1958. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Aguilar. v. 1, p. 218.

2 PESSOA, F. 1960. Obra poética. Rio de Janeiro, Aguilar. p. 360-1.

do texto de Rubem Alves já referido no exemplo (35) e o fragmento da "Ode triunfal de Fernando Pessoa", assina da por Álvaro de Campos (Pessoa, 1960, p. 265).

(39) "Era uma aldeia de pescadores onde a alegria fugira, e os dias e as noites se sucediam numa monotonia sem fim, das mesmas coisas que se diziam, dos mesmos gestos que se faziam, e os olhares eram tristes, baços peixes que já nada procuravam, por saberem inútil procurar qualquer coisa, os rostos vazios de sorrisos e de surpresas, a morte prematura morando no enfado, só as intermináveis rotinas do dia-a-dia, fusão daqueles que se haviam conde nado a si mesmos, sem esperança, nenhuma outra praia pra onde navegar..."

(40) "Eia! eia! eia!

Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica Cosmopolita!

Eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho"

Paráfrase

A paráfrase é uma atividade efetiva de reformulação pela qual, como diz Fuchs [3], "bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não, se restaura o conteúdo de um texto- fonte, num texto-derivado".

Como apontam Fávero e Urbano [4],

[3] Fucs C. 1983. La paraphrase linguistjque. Le Français dans le monde,178, p. 129-32.

[4] FÁVERO, L. L. & URBANO, H. 1988. A paráfrase e outras formas de re construção da informação. Taubaté, XXX Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. A publicas em Estudos Lingüísticos.

“todo e qualquer texto tem uma multivocidade inerente (= muitas leituras); o enunciador faz sempre uma interpretação do texto-fonte e, assim, não só o restaura de modo diferente, mas também faz uma interpretação do texto-derivado no momento em que o produz como paráfrase”.

Contribui para a coesão de texto, já que atua como articuladora entre informações antigas e novas; distingue-se da repetição na medida em que possui uma característica importante: a criatividade — ausente daquela, caracterizada pelo automatismo.

Constituem exemplos de paráfrases as fábulas de La Fontaine.

Recursos fonológicos, segmentais e supra-segmentais

Chegamos aqui, caro leitor, a um ponto pouco estuda do na lingüística em geral e em especial na lingüística de texto: a função do componente fonológico no estabelecimento da coesão. Se, como diz Dressler (1982, p. 115), “em princípio, a forma fonética do texto é uma conseqüência da estrutura semântica fornecida pela sintaxe”, ela somente poderá ser prevista se levar em conta pelo menos a pragmática, a estilística e a psicolingüística.

Levantarei somente alguns casos em que a coesão é também obtida com esse componente.

1. Ritmo

Elemento pouco tratado na lingüística, ele é parte na for mação do texto. A duração relativa das sílabas está ligada, de um lado, à posição das pausas, acentos e entoação; de outro, a mudança do tempo pode constituir por si só uma função delimitadora ou um realce. Para que fique clara a função do ritmo na obtenção da coesão (e da coerência também),

deve-se entendê-lo como uma sucessão de movimentos num jogo de tensão e distensão; assim a análise rítmica é indissociável da rede complexa de significantes que compõem o texto.

O *silêncio* exerce inúmeras funções, podendo-se destacar: fim do texto; o locutor necessita de tempo para refletir; perdeu o interesse em prosseguir seu discurso; não pode ou não quer dar uma resposta (por exemplo, porque não quer *comprometer-se abertamente*); cala-se *intencionalmente* (por exemplo, por cortesia, para não magoar o interlocutor). Estas duas últimas funções são particularmente importantes por que o interlocutor pode reconstituir o conteúdo semântico ou pelo menos temático do que não foi dito (quem cala, consente). Ocorre também a ameaça, especialmente se há uma interrupção definitiva (aposiopese).

No exemplo

(41) — Se você fizer isto, então...

o conteúdo semântico de ameaça é mais ou menos claro, tanto que a resposta poderá ser

— Então, o quê?

Esta delimitação mediante silêncio, pausa, aparece também no texto escrito, por exemplo, nas narrativas das Mil e uma noites.

Entoação: o andamento da altura tonal tem, no texto, função distintiva e demarcativa: distintiva, porquanto a melodia do texto é diferente da frase, e demarcativa, porque delimita as porções textuais: há mais claramente uma entonação descendente no fim de uma seqüência e ascendente no início de outra. Isto se torna mais evidente na língua falada, porém não é exclusivo dela. Thomas Mann, no romance A *montanha mágica*, mostra o significado da entonação no fim do texto quando fala de Hans Castroup:

(42) “Disse a sua parte até o fim, calou-se, fez ponto final e seguiu

o seu caminho como um homem”.

Deve-se considerar também o *efeito das reticências, das frases incompletas*. Em Ulisses, de Joyce, o monólogo interior é apresentado sem pontuação e com variação enorme do ritmo.

2. Recursos de motivação sonora

Destaco a expressividade das vogais e das consoantes, aliterações, ecos, assonâncias etc., e passo a apresentar alguns exemplos.

No já citado exemplo (38), as consoantes j e v imitam o chiado dos freios, dando-nos a sensação de parada lenta.

No exemplo (43), o poema "Um sonho", de Eugênio de Castro [5] tem-se a *aliteração*.

(43) "Na messe que enloirece, estremece a Quermesse;

O sol, celestial girassol, esmorece...

E as cantilenas de serenos sons amenos

Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos...

As estrelas com seus halos

Brilham com brilhos sinistros...

Cornamusas e crótalos,

Cítolas, citaras, sistros

Soam suaves, sonolentos,

Em suaves, lentos lamentos De acentos

Graves...

Suaves..."

A harmonia das vogais contribui para a fluidez, vaguidão, imprecisão do texto.

Às vezes, como aponta Mattoso Câmara Jr. [6] a propósito da estrofe de Cruz e Souza

(44) "Vozes veladas, veludosas vozes,

Volúpia dos violões, vozes veladas,

[5] CASTRO, E. 1968. Obras poéticas. Lisboa, Parceria A. M. Pereira.

[6] MATT0SO CÂMARA IR., 3. 1977. Contribuição à estilística portuguesa 3. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.

Vagam dos velhos vórtices velozes

dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas”,

o som do violão se esvai diante da insistência do fonema /v/.

No poema “Jogo de bola”, Cecília Meireles [7] usa e abusa do efeito das vogais abertas, bem como das consoantes bilabiais e alveolares, de modo a sugerir o ruído da bola e, ao mesmo tempo, a alegria e despreocupação da infância.

(45) “A bela bola

rola:

A bela bola do Raul.

Rosa amarela,

a da Arabela.

A do Raul,

azul.

Rola a amarela

e pula a azul.

A bola é mole,

é mole e rola.

A bola é bela,

é bela e pula,

É bela, rola e pula, é m azul.

A do Raul é de Arabela,

e a de Arabela é de Raul.”

Veja também a crônica de Carlos Drummond de Andrade, “Letras louvando Pelé”, que você encontrará no capítulo 7 deste livro.

MEIRELES, C. 1964. Ou isto ou aquilo. São Paulo, Giroflê.

6

Coesão seqüencial

Os mecanismos de coesão seqüencial *strictu sensu* (porque toda coesão é, num certo sentido, seqüencial) são os que têm por função, da mesma forma que os de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional. Diferem dos de recorrência, por não haver neles retomada de itens, sentenças ou estruturas.

Podem ocorrer por seqüenciação temporal e por conexão [1].

Seqüenciação temporal

Embora todo texto coeso tenha uma seqüenciação temporal (já que a coesão é linear) uso o termo em sentido estrito: para indicar o tempo do "mundo real" ou, como afirmam Mira Mateus et alii (1983, p. 197),

"Qualquer seqüência textual só é coesa e coerente se a seqüencialização dos enunciados satisfizer as condições conceptuais sobre localização temporal e ordenação relativa que

[1] "Junção", na terminologia de Beaugrande e Dressier (1981); "conjun ção", na de Halliday e Hasan (1976); e "conexão", na de van Dijk (1977),

sabemos serem características dos estados de coisas no mundo selecionado pela referida seqüência textual" (grifos meus)

Assim, a seqüenciação temporal pode ser obtida por;

1.ordenação linear dos elementos — é o que torna possível

dizer

(46a) Vim, vi e venci.

e não

(46b) * Venci, vi e vim,

ou

(47a) Levantou cedo, tomou banho e saiu,

e não

(47b) * Saiu, tomou banho e levantou.

2. expressões que assinalam a ordenação ou continuação das seqüências temporais:

(48) Primeiro vi a moto, depois o ônibus.

49) Os capítulos anteriores tratam da eletrostática; agora falaremos da eletrodinâmica, deixando os problemas do eletromagnetismo para os próximos.

3. partículas temporais:

(50) Não deixe de vir amanhã.

(51) Irei ao teatro logo à noite.

4. correlação dos tempos verbais (consecutio temporum):

(52a) Ordenei que deixassem a casa em ordem.

(52b) Ordeno que deixem a casa em ordem.

(53) Paulo não chegou ainda embora tivesse saído cedo.

	congela
(54) Se a água atingir O °C,	congelará.
	congelou.

Seqüenciação por conexão

Num texto, tudo está relacionado; um enunciado está subordinado a outros na medida em que não só se compreende por si mesmo, mas ajuda na compreensão dos demais. Esta interdependência semântica e/ou pragmática é expressa por *operadores do tipo lógico, operadores discursivos e pausas*.

Os operadores do tipo lógico têm por função o tipo de relação lógica que o escritor/locutor estabelece entre duas proposições (não devem ser confundidos com os operadores lógicos propriamente ditos, porque as línguas naturais têm sua própria lógica, diferente da lógica formal).

Os operadores discursivos têm por função estruturar, através de encadeamentos, os enunciados em textos, dando-lhes uma direção argumentativa, isto é, orientando o seu sentido em dada direção.

Estudarei agora alguns desses elementos de conexão e as relações que podem estabelecer [2]:

1. Operadores do tipo lógico

Os operadores do tipo lógico podem estabelecer, por exemplo, relações de:

- *Disjunção*: combina proposições por meio do conector ou, que pode ser inclusivo, correspondendo ao latim *vel* e

2 Foge aos objetivos deste livro um estudo exaustivo dos operadores. Para outras informações, veja-se, entre Outros: FÁVERO, L. L. 1987. O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão. In: KIRST & CLEMENTE, org. Lingüística aplicada ao ensino de português, Porto Alegre, Mercado Aberto. Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada em 1985, no Encontro do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, em São José do Rio Preto, São Paulo.

significando um ou outros, possivelmente ambos; essa relação só é verdadeira se uma das proposições ou ambas forem verdadeiras — p V q (em que: p, q = proposições lógicas; V = disjunção inclusiva).

(55) — Quer sorvete ou chocolate?

— Quero os dois.

No exemplo (55), o leitor/alocutário interpreta a pergunta como uma seqüência de alternativas compatíveis. A expressão e/ou explicita esse sentido:

(56) Há vagas para moças e/ou rapazes.

As proposições podem, porém, ser combinadas por ou exclusivo (p diferente q), correspondendo ao latim *aut*, indicando que somente uma das duas é verdadeira, nunca ambas:

(57) Pedro ou João será eleito presidente do clube.

- *Condicionalidade:* conecta proposições que mantêm entre si uma relação de dependência entre a antecedente e a conseqüente: afirma-se não que ambas são verdadeiras, mas que a conseqüente será verdadeira se a antecedente o for. A condicionalidade pode ser de três tipos:

- factual ou real (será apresentada mais adiante)

- não factual ou hipotética

(58a) Se chover, não iremos à festa.

(58b) Se chovesse, não iríamos à festa.

- contrafactual ou irreal

(59) Se tivesse asas, voaria até o Sol.

(60) Se tivesse dinheiro, compraria uma fazenda.

- *Causalidade:* a relação de causalidade está inserida no tipo factual ou real da condicionalidade. Há relação de causalidade sempre que se verifica entre duas proposições A e B uma relação de causa e conseqüência:

61) Se Paulo é homem então é mortal.

(62) A água congelou porque chegou a O °C.

Nestes exemplos, tem-se uma relação de implicação lógica (se p —> q): a proposição A implica necessariamente a pro posição B: Se Paulo é homem, necessariamente é mortal — todo homem é mortal. Se a água congelou, necessariamente chegou a O °C. Portanto, certas construções exprimem tanto uma relação de causa e conseqüência, quanto uma relação de implicação entre A e B (causa = condição necessária e suficiente).

Não se pode esquecer, porém, de que as línguas naturais têm sua própria lógica: assim, em outras construções factuais ou reais, ocorre a relação de causa (condição suficiente) e conseqüência, mas não há relação de implicação entre A e B:

(63)	Falou baixo	porque	havia	gente	dormindo
	conseqüência	já que	causa		
(64)	Ele gritou tanto durante o jogo	que	ficou	rouco	
	causa	conseqüência			
(65)	Não estudou e	foi reprovado			
	causa	conseqüência			

A relação de causalidade é expressa pelas construções que a gramática chama de causais, conclusivas e consecutivas.

- *Mediação*: as relações de mediação, do mesmo modo que as de causalidade, também fazem parte da condicionalidade, mas as destaco por razões didáticas.

As relações de mediação são expressas por duas proposições, uma das quais exprime o meio para se atingir um de terminado fim:

(66) Fugiu para que não o vissem.

(67) Saiu cedo para chegar a tempo na reunião.

- *Complementação*: expressa-se por duas proposições, uma das quais complementa o sentido de um termo da Outra:

(68) Necessito de um livro.

(69) Mariana deu um presente a Luís.

(70) Levantou a hipótese de que os primeiros habitantes do lugar foram os asiáticos.

Aqui cabe uma observação: a relação apositiva — como em

Digo-lhes uma coisa: *João falará hoje*.

— nada mais é que um elemento de referência (hiperônimo):

o fragmento textual "João falará hoje", que estabelece o referente da cadeia anafórica, Ocorre no discurso subseqüente àquele em que surge o termo anafórico. E a catáfora enfática que cria expectativas no leitor/alocutário e não um tipo especial de oração como quer a Nomenclatura Gramatical Brasileira.

- *Restrição ou delimitação:* expressa-se por duas proposições em que uma restringe, limita a extensão de um termo da outra.

(71) Vi a menina que toca piano. (a menina)

(72) Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão. (ladrão)

Como já apontaram Mira Mateus et alii (1983), há muitas correspondências entre as relações de restrição e as de causalidade, referencialidade, simultaneidade temporal e outras:

(73) Comprei os livros que você pediu. (referência)

(74) Um dia quando estiveres bem velhinha recordarás com saudade este momento (simultaneidade temporal)

(75) Quem vai a Portugal, perde o lugar. (condicionalidade)

2. Operadores do discurso

Os operadores do discurso podem ser, por exemplo, de conjunção, disjunção, contra junção, explicação, conclusão, comparação. Examinarei aqui, sucintamente, alguns desses tipos:

• Conjunção: designa o tipo de conexão cujos conteúdos se adicionam: baseia-se na relação semântica de compatibilidade:

(76) Chove e faz frio.

• Disjunção: trata-se da disjunção de enunciados que têm orientações discursivas diferentes, e não da disjunção lógica já examinada em "Operadores do tipo lógico".

(77) Estude bastante para os exames. Ou você já se esqueceu dó que lhe aconteceu no ano passado?

• Contra junção: designa o tipo de conexão que articula seqüencialmente frases cujos conteúdos se opõem.

(78) Todas as frutas se conservaram, mas o morango azedou.

(79) Fez o que quis mas levou na cabeça.

(80)	porém	
	contudo	
Jogou muito bem,	todavia	não conseguiu o título almejado
	entretanto	
	no entanto	

(81) Foi à festa embora estivesse doente.

(82) Sairemos ainda que chova.

(83) Insiste em fazer o curso, apesar de não se ter saído bem nas provas.

O *mas* ocorre sempre em enunciados factuais e a não satisfação de condições para que uma situação ocorra frustra uma expectativa que se cria no leitor/alocutário.

Em (81) a (83), há uma situação inesperada ou não desejada; ocorre em enunciados factuais, hipotéticos ou contrafactuais, porém mantém uma expectativa no alocutário

Uma diferença fundamental entre os segmentos introduzidos por *mas* e os introduzidos por *embora, mesmo que, apesar de* etc, é que com o primeiro só é possível a ordem p, mas que e nunca mas q, p, e com os segundos é possível A, embora B e Embora B, A; neste último, enuncia-se, com antecedência, que o argumento se manterá.

• *Explicação ou justificação*: introduz-se uma explicação de um ato anteriormente realizado:

(84) "Quando eu disse que essa teoria fazia parte da velha medicina, remeti a crença para muito longe, mas olhe que ela durou... Tanto que muitos dicionários e enciclopédias que andam por aí ainda definem humorista como médico atuante da escola de Galeno,

(Ziraldo, *Ninguém entende de humor*)

(85) Deve ter havido um acidente, *pois* uma ambulância parou na esquina.

Observe-se que não se trata de uma relação de *causa* e *conseqüência* isto é não se trata de relação de causalidade, mas de explicação, justificação

3. Pausas

Indicadas, na escrita, por dois-pontos, vírgula, ponto- e-vírgula ou ponto-final etc., substituem os conectores frásicos, podendo assinalar relações diferentes facilmente explicitadas:

(86) Não mexa nesses fios; levará um choque, (condicionalidade)

(87) Não fui ao casamento; mandei um telegrama. (contrajunção)

(88) Onze e meia. Preciso ir. O metrô pára à meia-noite (causalidade)

(89) Estava cansado; decidiu não sair. (conclusão)

1

[1]Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

7

Pausa para análise de textos

A esta altura você já tem uma noção básica da coesão textual. Agora verá como se pode trabalhar esta noção no texto. A análise não será exaustiva; em cada texto serão apresentadas algumas ocorrências desse fator e você poderá completar a análise.

Atenção, porém!

• Num texto, a exploração de alguns fatores em detrimento de outros evidencia a constituição peculiar de cada texto, caracterizando conseqüentemente seu produtor.

• As marcas lingüísticas constituem indicadores das intenções do autor, porém podem não coincidir exatamente com estas mesmas intenções ou porque ele as mascarou ou por que o texto permite leituras não previstas. Assim, nunca se pode saber o que o autor quis realmente dizer.

"O texto prevê determinados sentidos, excluindo outros, de terminadas leituras, excluindo outras, porém não uma única leitura. Deste modo, a análise levantará marcas que levarão às intenções do texto, mas com certeza não haverá uma única leitura." [1]

[1] FÁVERO, L. L. 1985. Competência textual e ensino de leitura. Anais do V Congresso de Leitura do Brasil, UNICAMP. p. 159-63.

Neste sentido, pode-se dizer que todo leitor é também um produtor.

• Alerto também, para o fato de que, por razões didáticas, serão levantadas predominantemente marcas de coesão e, posteriormente, em outros textos, as de coerência. Porém, não só estes não são, como já apontei na "Introdução", os únicos fatores de textualidade (este livro propôs-se a discutir somente esses dois), como também é fato que o texto constitui uma totalidade em que tudo está relacionado e como tal deve ser visto. Por isso, embora predomine a análise de marcas coesivas, outras também serão assinaladas.

• Para facilitar a localização dos fatos apontados, os textos foram numerados e esta numeração está indicada na análise.

Texto 1:

Educação pela pedra — João Cabral de Meio Neto [2]

"Uma educação pela pedra; por lições;
para aprender da pedra; freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
5 A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
10 cartilha muda), para quem soletrá-la."

Re-leitura:

Uma educação pela pedra é *possível* por lições;
para aprender da pedra é *preciso* freqüentá-la;
é preciso captar sua voz inenfática, impessoal
(pela *ausência* de dicção ela começa as aulas)
não dicção

[2] Poesias completas. 1977. 2. cd. Rio de Janeiro, José Olympio.

A lição de moral é *dada* por sua resistência fria

ao que flui (por sua *resistência fria),* a fluir (por sua resistência fria),

a ser maleada;

a lição de poética é *dada* por sua carnadura concreta;

a lição de economia é *dada* por seu adensar-se compacta:

lições da pedra (de fora para dentro,

cartilha muda), só *podem* ser vistas por quem soletrá-la.

Há uma tentativa de ocultar o modalizador (elipse):

é possível (modalidade [3] alética) (1.° verso)

é preciso (modalidade deôntica) (2 verso)

A pedra não fala:

pela *de* dicção ela começa as aulas

(privação)

Voz inenfática, impessoal

cartilha muda

É preciso ser educado por ela: ver a lição que não é fala da, mas mostrada; a pedra fala sem dizer; ela *mostra*, não fala.

E segue-se o percurso desse processo de educação:

Primeiro, pela lição de moral: a pedra resiste, não se deixa moldar nem pelo que passa nem pelo ato de passar; ela resiste: às coisas — o que passa — e ao tempo — ato de passar.

Segundo, pela lição de poética: carnadura — musculatura; carne/dura — rigidez, não sujeita a golpes ou ferimentos.

E, terceiro, pela lição de economia: adensar-se compacta — uníssona.

Os dois últimos versos retomam a idéia do saber ver o que ela mostra:

cartilha muda — soletrá-la (recorrência parafrástica)

Nos oito primeiros versos, as pausas (ponto dois-pontos, ponto) substituem os conectores interfrásicos e assinalam a conjunção (adicionam-se argumentos a favor de

3. Modalidade: atitude do locutor perante o enunciado que produz; pode ser alética (= refere-se ao eixo da existência), deôntica (= refere-se ao eixo de conduta, ao que se deve fazer) e epistêmica (= refere-se ao eixo da crença, ao conhecimento de um estado de coisa).

uma mesma conclusão); nos dois últimos, há a contra junção (o conteúdo se opõe a algo explícito nos enunciados anteriores)

mas lições da pedra só para quem soletrá-la,

isto é, para quem a perfurar, porque o que a reveste é duro (carnadura concreta), rígido, resistente; é necessário tirar, furar, perfurar a dureza de sua carne para ver o que há dentro, para senti-la.

Como você pode ver, o texto se caracteriza pela intensa utilização da elipse e das pausas. Este procedimento trouxe uma série de implicações ao nível da coerência, fazendo com que o texto possa ser coerente para uns, e não para outros, possibilitando amplamente várias leituras.

Os conectores interfrásicos são substituídos, no texto, pelas pausas (ponto-e-vírgula, ponto, dois-pontos) que assinalam relações de conjunção e de contra junção: lições da pe dra só podem ser vistas por quem soletrá-la.

Texto 2:

Letras louvando Pelé — Carlos Drummond de Andrade

Pelé, pelota, peleja, Bola, boião, balaço. Pelé sai dando balõezinhos.

Vai, vira, voa, vara, quem viu, quem previu? GGGGoooolll.

Menino com três corações batendo nele, mina de Ouro mineira.

5 Garoto pobre sem saber que era tão rico. Riqueza de todos, a to dos doada na ponta do pé, na junta do joelho, na perna do peito. E dança. Bailado de ar, bola beijada, beleza. A boa bola, bólide, brasil-brincando. A trave não trava, trevo de quatro, de quantas pétalas, em quantas provas, que se contam. Mil e muitas. Mundo.

10 O gol de letra, de lustre, de louro, O gol de placa, implacável. O gol sem fim, nascendo natural, do nada, do nunca; se fazendo fácil na trama difícil, flóreo, feliz. Fábula.Na árvore de gols Pelé colhe mais um, romã rútila. No prato de gols papa mais um, receita rara. E não perde a fome? E não periga

15 a força? E não pesa afama?

In: MONTEIRO, .1. L. 1987. Fundamentos da estilística, Fortaleza, Secretaria da Cultura. p. 119.

45

Ama.

Ama a bola, que o ama, de mordente amor. Os dois combinam- se, mimam-se, ameigam-se, amigam-Se. “Vem comigo”, e entram juntos na meta. Quem levou quem? Onde um termina, e a outra

20 começa, mistura fina.

Saci-pererê, saci-pelelê, só pelê, Pelé, na pelada infantil. Assim se forma um nome, curto, forte, aberto. Saci com duas pernas pulando por quatro? Nunca vi. Nem eu. Mas vi. Saci corta o ar em fatias diáfanas, corta os atacantes, os defensores, saci-bola,

25 tatu-bola, roaz, reto, resplandece.

A arte que se tira do corpo, as belas artes do movimento, do ritmo. Músculos, nervos, tecidos, domados, acionados. Reflexos em flor florindo sempre. Escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, dirente, fluida. Pelé, escultor de si mesmo. A esmo.

30 Errante. Constante. Presente. Presciente. Próvido.

O sonho de todas as crianças a envolvê-lo. O sonho de continuar

nos adultos, novelo, desvelo. Não é do Santos, é de todos os Santos e pecadores. Sua foto leal, seu jeito legal. Um que sabe e não

é prosa; a maior proeza.

35 Não quer tomar pileques de glória, vai para sua casa, seu povinho, seu que-fazer. Deu tanta alegria que também precisa viver a sua. Chamada paz. Não pode? Pode. Não deve? Claro que deve. E nós, lhe devendo tanto, ainda iríamos lhe cobrar mais uns quantos? Mas leva a bola consigo; sem camisa amarela; só ela. Vai jogar

40 em família, com seu clube, sua paz, seu número dez. A bola não ficou triste, a bola alegre resiste. Vai conversando com ela. Agora estamos mais livres? Vamos viver mais para nós? A bola indaga; tem voz.

Pois é, responde Pelé. O nome rima no ar. Nome fácil de guardar.

45 De dizer. Os sons se cruzam, se abraçam. Pelé no Maracanã.

O imenso coro ressoa. Pe-lé, Pe-lé, Pe-lé.

Até

Amanhã.

Não é adeus, é até

50 logo, Pelé, até.

No Maracanã, na esperança, no mundo, o nome, a lembrança, a presença

de Pelé.

Carlos Drummond de Andrade parece brincar com as palavras para louvar a arte de Pelé que brinca com a bola. Essa brincadeira dá a impressão do desenrolar do jogo: os dribles, os chutes, o gol.

Predominam os elementos de coesão recorrencial vou apontar alguns e você poderá levantar outros; indicarei também

alguns de coesão seqüencial; levante Outros e, também, os de referência, que não são poucos.

1. Coesão recorrencial

• Paralelismo

O gol de letra, de lustre, de louro, O gol de placa, implacável. O gol sem fim, nascendo natural, do nada, do nunca;... (is. 10-1)

E não perde a fome? E não periga a força? E não pesa a fama? (is. 14-5)

Nunca vi. Nem eu. Mas vi. (1. 23)

A bola não ficou triste, a bola alegre resiste. (1. 41)

• Recorrência de termos

boa—bola—-bólide (1. 7)

placa—implacável (1. 10)

• Recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais

a. aliteração, sugerindo o bate-bola:

Pelé, pelota, peleja. (1. 1)

Bola, bolão, balaço (1. 1)

b. aliteração, imitando movimentos rápidos (/v/, ligação com verso/b/, com bailado; /f/, com fuga):

Vai, vira, voa, vara, quem viu, quem previu? (1. 3)

Bailado de ar, bola beijada, beleza. (1. 7)

.... se fazendo fácil na trama difícil... (1. 11-2)

flóreo, feliz. Fábula. (1. 12)

c. alternância de vogais, indicando a alegria ou o espanto do povo:

A boa bola, bólide, brasil-brincando. (1. 7-8)

O gol de letra, de lustre, de louro. O gol de placa, implacável.., se fazendo fácil, na trama difícil, flóreo, feliz. (is. 10-2)

d. associação de vocábulos de mesmos traços fonológicos:

Os dois combinam-se, mimam-se, ameigam-se, amigam-se. (Is. 17-8) Errante. Constante. Presente. Presciente. (1. 30)

e. alteração da forma dos vocábulos aproximando conteúdos diferentes:

Saci-pererê, saci-pelelê, só pelê, Pelé, na pelada infantil. (1. 21)

... saci-bola, tatu-bola, roaz, reto, resplandece. (1. 24-5)

f. rimas:

... sem camisa amarela; só ela. (1. 39)

A bola não ficou triste, a bola alegre resiste. (1. 41)

2. Coesão seqüencial por conexão

Há também importantes elementos de conexão — as pausas e operadores. Observe que a ausência destes últimos intensifica a sugestão de velocidade:

Não é do Santos, é de todos os Santos... (contra junção) (is. 32-3)

Sua foto leal, seu jeito legal. (conjunção) (1. 33)

A bola não ficou triste, a bola alegre resiste. (contra junção) (1. 41)

Agora estamos mais livres? Vamos viver mais para nós? (conjunção) (1. 42)

A bola indaga; tem voz. (explicação) (Is. 42-3)

O nome rima no ar. Nome fácil de guardar. (contra junção) (is. 44-5)

Nome fácil de guardar. De dizer. (conjunção) (Is. 44-5)

Não é adeus, é até logo (contra junção) (is. 49-50)

Particularizemos mais a análise, detendo-nos na parte final do texto, a partir de "Não quer tomar pileques de glória...", na linha 35.

Pelé abandona o futebol e vai viver para suas coisas:

"sua casa, seu povinho, seu que-fazer".

Deve Pelé abandonar o futebol ou não?

Há um belíssimo jogo de vozes: é a polifonia (incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores — interlocutores, terceiros, opinião pública). O locutor acumula funções, se desdobra em vários enunciadores, fala de várias perspectivas enunciativas:

(Enunciador 1 (E 1) = opinião pública)

"Não pode" "Não deve"

(Enunciador 2 (E2) = locutor do texto)

“Pode” “Claro que deve’’

E nós, lhe devendo tanto, ainda iríamos lhe cobrar mais uns quantos?

(E2 -“nós” inclusivo; locutor + opinião publica) (encadeador sobre o texto não sobre o que veio imediatamente antes)

(voz de E1— ainda — marcador dc excesso, não temporal, separa, no texto a voz dos dois enunciadores todo, e e introduz a asserção polifônica (“iríamos lhe cobrar mais uns quantos?”) introdutor de mais um argumento em favor de determinada conclusão)

Mas leva a bola consigo; sem camisa amarela; só ela.

(responde a E1)

(leva só a bola: é o jogo prazer prazer – em família, em paz, sem os compromissos oficiais representados aqui pela camisa amarela da Seleção não é o jogo profissão)

(exclusão: somente a bola e mais nada e reforço, realce)

A bola não ficou triste, a bola alegre resiste.

Agora estamos mais livres? Vamos viver mais para nós?

Agora o centro de perspectiva é a bola (E3 e Pelé responde: “Pois é” (E4)

A voz da bola e a de Pelé são coniventes; eles convivem intimamente e trocam o jogo-dever pelo jogo-prazer.

Os sons se cruzam, se abraçam.

O imenso coro ressoa.

Todas as vozes, todos os enunciadores (incluindo o locutor) se unem:

Até

Amanhã.

Não é adeus, é até

logo, Pelé, até.

Há uma separação (até — amanhã), Pelé vai embora, mas fica a possibilidade de continuar amanhã (E1); E2 se une à voz dos que não queriam que Pelé abandonasse o jogo (opinião pública, E1 e responde “Não é adeus, é até logo, Pelé, até”: é a *monofonização da polifonia* .— durante o percurso

narrativo o locutor (E2) acha que a opinião pública (E1) tem razão: realmente Pelé vai fazer uma falta enorme.

E conclui: no Maracanã, ficam a *lembrança* e a *presença* de Pelé.

Texto 3:

Ninguém entende de humor — Ziraldo [5]

A dificuldade da compreensão do que seja humor decorre muito da origem da palavra, de suas transformações semânticas, significando quase sempre, à primeira vista, coisas muito próximas umas das outras. A origem da palavra é latina, humor, oris

5 (quem sabe, da terceira declinação), e era todo o centro da velha medicina, desde Hipócrates, passando por Galeno, até os alquimistas da Idade Média. Eles acreditavam que o organismo do homem era regido por humores (fluidos orgânicos) que percorriam — ou apenas existiam — em maior ou menor intensidade em nosso

10 corpo. Eram quatro os humores: o sangue, a fleuma (secreção pulmonar), a bile amarela e a bile negra. E eram também estes quatro fluidos ligados aos quatro elementos fundamentais: ao Ar (seco), à Agua (úmido), ao Fogo (quente) e à Terra (frio), respectivamente. A predominância acentuada de um deles determinaria

15 o homem sanguíneo, o fleumático, o colérico ou o melancólico. Como forma de exteriorização dos temperamentos regidos pelos fluidos orgânicos, coube ao colérico o esgar, ao sanguíneo a apoplexia, ao melancólico a lágrima e ao fleumático o sorriso amarelo. Quando eu disse que essa teoria fazia parte da velha medicina

20 remeti a crença para muito longe, mas olha que ela durou...Tanto que muitos dicionários e enciclopédias que andam por aí ainda definem humorista como o médico atuante da Escola de Galeno, especialista que acredita “que a predominância normal de um dos humores é a causa de todas as doenças”. A palavra humor,

25 contudo, quanto ao seu significado primeiro em latim, continua a mesma. O sangue, a bílis, opus (oh, o pus!) são humores.

A lágrima também...

Já que a crença de que eram os humores que determinavam os temperamentos durou tanto, é fácil de se entender que:

30 1. quem tinha humores mais agradáveis, menos malignos, era um cara de bom-humor;

2. o camarada que tivesse humores coléricos em predominância, seria um tipo de mau-humor;

5 Revista Vozes, 3, abr., 1970.

3. o indivíduo que tivesse seus humores todos muito bem balan

35 ceados, seria um bem-humorado;

4. ao contrário, um que não tivesse tudo posto em equilíbrio no corpo (e na cuca), seria um mal-humorado; e, finalmente,

5. o que tivesse a noção dos humores em seu corpo, a capacidade de equilibrá-los por si mesmo e — em conseqüência — a noção

40 e o sentido das coisas em sua volta, este teria o senso dos humores ou, em outras palavras — e outra língua — the sense of humour!

O texto de Ziraldo é marcado pela presença acentuada de elementos coesivos. Vejamos:

1. Coesão referencial

- Substituição

No primeiro parágrafo:

... decorre muito da origem da palavra [humor] de suas transformações... (elipse) (is. 1-2)

... significando quase sempre, à primeira vista, coisas muito próximas *umas das outras.* (elipse) (is. 3-4)

A origem da palavra [humor].... (elipse) (1. 4)

Eles acreditavam... (pro-forma pronominal anafórica, função de prosintagna) (i. 7)

... era regido por humores (fluidos orgânicos) que... (pro-forma pronominal anafórica, função de pro-sintagma) (1. 8)

... ou apenas existiam... (elipse) (1. 9)

Eram quatro os humores: o sangue... (elipse catafórica) (1. 10) .... ao Ar (seco), à Água (úmido), ao Fogo (quente) e à Terra (frio), *respectivamente*. (pro-forma adverbial, função de pro-sintagma distributivo) (is. 12-4)

... de um deles determinaria... (pro-forma pronominal, função de pro sintagma) (1. 14)

... o fleumático, o colérico ou o melancólico. (definitivização, elipse)

(1. 15)

... coube ao colérico o esgar, ao sanguíneo a apoplexia, ao melancólico a lágrima e ao fleumático o sorriso amarelo. (definitivização, elipse) (is. 17-8)

No terceiro parágrafo:

... de que eram os humores que determinavam... (pro-forma pronominal, função de pro-sintagma) (is. 28-9)

... seria um bem-humorado... (elipse) (1. 35) ... um que não tivesse... (elipse) (1. 36)

... seria um mal-humorado... (elipse) (1. 37)

... a capacidade de equilibrá-los... (pro-forma pronominal anafórica, função de pro-sintagma) (is. 38-9)

... este teria o senso dos humores... (pro-forma pronominal anafórica, função de pro-sintagma) (is. 40-1)

Como se pode ver, abundam os casos de substituição (e olhe que o levantamento não está completo!), sem criar ambigüidades ou diminuição da informação; no último parágrafo, note que as elipses têm por função evitar a repetição das expressões referenciais.

- Reiteração

Examinemos o terceiro parágrafo. Nos itens:

1. quem tinha humores... era um cara de bom-humor;

2. o camarada que tivesse humores... seria um tipo de mau-humor;

3. o indivíduo que tivesse tudo... seria um bem-humorado;

4. um que não tivesse tudo... seria um mal-humorado;...

há uma relação de hiperonímia. Já o trecho

e, finalmente,

5. o que tivesse a noção dos humores... este teria o senso dos humores...

particulariza; há uma relação hiponímica, ressaltando a importância do humorista — o único que possui o *senso dos humores, the sense of humour*.

Veja que não se repetem as expressões referenciais — elas são reiteradas por hiperônimos e hipônimos, e a elipse é usada também como um recurso para não repetir.

2. Coesão seqüencial

Merecem destaque os encadeamentos entre os parágrafos.

52

O segundo parágrafo se inicia por: “Quando eu disse que essa teoria...”, onde, por meio de um conector temporal, o locutor retoma tudo o que foi

enunciado anteriormente. Neste segundo parágrafo, ainda saliento: “Tanto que muitos dicionários...” — *tanto que* não é aqui um operador consecutivo (como se decora na escola!) nem causal (não há relação de causa/conseqüência). O que se tem é um ato de justificativa ou explicação de um outro ato anterior; o encadeamento se faz não sobre o enunciado, mas sobre a enunciação.

O terceiro parágrafo se inicia por: “Já que a crença de que eram os humores...” — relação de causa/conseqüência que introduz a síntese.

3. Inter-relacionamento de campos lexicais

Há desde o começo um inter-relacionamento de três campos lexicais que se destacam nitidamente:

a. campo da medicina

b. campo lingüístico

c. campo do humor propriamente dito.

Eles se cruzam, e no terceiro parágrafo assume relevância o campo do humor — o humorista é o único que entende de humor (daí sua importância), o único que possui o *senso dos humores, the sense of humour!*

Texto 4:

A classe — Luís Fernando Veríssimo [6]

“A eliminação gradual da classe média brasileira, um processo que começou há anos mas que de uns tempos para cá assumiu proporções catastróficas, a ponto de a classe média brasileira ser hoje classificada pelas Nações Unidas como uma espécie em extinção,
5 junto com o mico-rosa e a foca-focinho-verde, está preocupando autoridades e conservacionistas nacionais. Estudam- se medidas para acabar com o massacre indiscriminado que vão

[6] Revista Veja, 17 out. 1984.

desde o estabelecimento de cotas anuais — só uma determinada parcela da classe média poderia ser abatida durante uma temporada
10 — até a criação de santuários onde, livre de impostos extorsivos e protegida de contracheques criminosos e custos predatórios, a classe média brasileira se reproduziria até recuperar sua antiga força numérica, e numerária. Uma espécie de reserva de mercado. A tentativa de recriar a classe média brasileira
15 laboratório, como se sabe, não deu certo, Os protótipos, assim que conseguiram algum dinheiro, fretaram um avião para a Disneyworld.

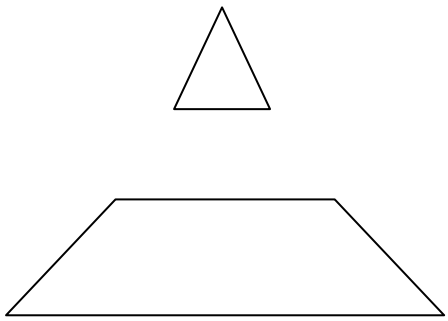

A preservação natural da classe média brasileira evitaria coisas constrangedoras como a recente reunião da classe realizada 20 em São Paulo, à qual, de vários pontos do Brasil, compareceram dezessete pessoas. As outras cinco não conseguiram crédito para a passagem. A reunião teve de ser transferida do Morumbi para a mesa de uma pizzaria, e ninguém pediu vinho. Uma proposta para que a classe fizesse greve nacional para chamar a atenção 25 do país para a sua crescente insignificância foi rejeitada sob a alegação de que ninguém iria notar. Fizeram uma coleta para financiar a eleição de representantes da classe média na Assembléia Constituinte, mas acabaram devolvendo os 10 cruzeiros. A única resolução aprovada foi a de que, para evitar a perseguição, todos 30 se despojassem de sinais ostensivos de serem da classe média, como carro pequeno etc., e passassem a viver como pobres. Aí não seria rebaixamento social, seria disfarce. No fim os garçons se cotizaram e deram uma gorjeta para os integrantes da mesa.

54

Cenas lamentáveis têm ocorrido também com ex-membros
35 da classe média que, passando para uma classe inferior, não sabem como se comportar e são alvo do desprezo de pobres tradicionais que os chamam de ‘novos pobres’.

Viu aquela ali? Quis fazer caneca de lata de óleo e não sabe nem abrir um buraco com prego.

40 — E usa lata de óleo de milho.

— Metida a pouca coisa...

— Já viram ela num ônibus? Não sabe empurrar a borboleta com a anca enquanto briga com o cobrador.

— E não conta o troco!

45 — Berço é berço, minha filha.

Alguns pobres menos preconceituosos ainda tentam ajudar os novos pobres a evitar suas gafes.

— Olhe, não leve a mal...

— O quê?

50 — É o seu jeito de falar.

— Diga-me.

— Você às vezes usa o pronome oblíquo muito certo.

— Mas...

— Aqui na vila, pronome oblíquo certo pega mal.

55 — Sei.

— E outra coisa...

— O quê?

— Os seus discos.

— O toca-discos foi a única coisa que eu consegui salvar
60 quando me despejaram.

— Eu sei. Mas Julio Iglesias?”

Aqui, num primeiro momento, será feito o levantamento dos fatores de coesão e, no capítulo 10, o exame do texto, do ponto de vista de sua coerência.

1. Coesão referencial Substituição

• Substituição

a. por pro-formas

a classe média brasileira se reproduziria até recuperar sua antiga força...(Is. 12-3)

pro-forma pronominal anafórica, função de pro-constituinte (classe média)

As outras cinco não conseguiram crédito... (1. 21)

pro pronominal anafórica, função de pro-sintagma (pessoas).

... e ninguém pediu vinho. (pessoas) (1. 23)
pro-forma pronominal anafórica, função de pro-sintagma
... todos se despojassem... (pessoas) (Is. 29-30)
pro-forma pronominal anafórica, função de pro-sintagma

— É o sei jeito de falar. (1. 50)
pro-forma pronominal (Locutor2)

— Os seus discos. (1. 58)
pro-forma pronominal (Locutor2)

— O toca-discos foi a única coisa que eu consegui salvar quando me despejaram. (Is. 59-60)

pro-forma pronominal anafórica, função de pro-sintagma (Locutor1)

b. por definitivização
Principais termos definitivizados

a classe (título; Is. 1, 3, 9, 12, 14, 18, 19, 24, 27, 30, 35)

a eliminação (1. 1)

o massacre (1. 7)

os protótipos (1. 15)

a preservação (1. 18)

a perseguição (1. 29)

2. Reiteração

• Repetição do mesmo item lexical

classe (título; ls. 19, 24)

classe média (ls. 9, 27, 30, 35)

classe média brasileira (Is. 1, 3, 12, 14, 18)

novos pobres (Is. 37, 47)

pobres (Is. 31, 47)

lata de óleo (Is. 38, 40)

• Sinonímia

pobres

classe inferior

pobres tradicionais

classe média

mico-rosa

foca-focinho-verde

ex-membros da classe média

novos pobres

• Relações hiperonímias

classe média

dezessete pessoas

Outras cinco

integrantes

ex-membros

medidas

estabelecimento de cotas anuais

criação de santuários

coisas constrangedoras

recente reunião

sinais ostensivos

carro pequeno

outra coisa

discos

• Relações hiponímicas

toca-discos

única coisa

Observação: como já disse, falo sempre em termos de dominância, mas os elementos se imbricam, como aqui, em que há elementos que são, ao mesmo tempo, de reiteração (repetição) e de recorrência.

3. Coesão seqüencial

• Conjunção

e (ênfase) (Is. 11, 13)

como (especificação do segundo conteúdo e sua relação com o primeiro) (1. 19)

e (conjunção e Condicionalidade) (1. 36)

e (conjunção) (is. 40, 44, 56)

enquanto (conjunção de conteúdos e seqüencialidade temporal) (1. 43)

• Contra junção

e (1. 23)

mas (1. 28)

e (1. 38)

mas (1. 61)

• Condicionalidade

pausa (condição suficiente) (1. 17)

e (condição suficiente) (1. 36)

•Restrição

que (1. 8)

à qual (1. 20)

•Complementação

de que (1. 29)

como (1. 36)

O quê (1, 49)

pausa (1. 53)

Como você pode notar, o texto é, da mesma forma que o texto 3, altamente coesivo e o título *A classe* remete ao texto, mostrando que se trata de uma classe determinada (presença do artigo definido), mas não há a especificidade de que classe se trata, o que desperta a curiosidade levando à leitura.

O desenho, símbolo convencional da divisão da sociedade em classes, constitui uma paráfrase do texto, fornecendo pistas sobre o assunto.

ESQUEMA GERAL DOS FATORES DE COESÃO

- REFERENCIAL
  - Substituição (anafórica e catafórica)
    - Pro-formas pronominais
    - pro-formas verbais
    - pro-formas adverbais
    - pro-formas numerais
  - reiteração
    - Repetição do mesmo item lexical
    - sinonímia
    - hiponímia e hiperonimia
    - expressões nominais definidas
    - nomes genéricos
- RECORRENCAL
  - recorrência de termos
  - paralelismo
  - paráfrase
  - Recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais
- SEQUENCIAL
  - temporal
    - Ordenação linear
    - expressões ordenadoras ou continuadoras
    - correlação dos tempos verbais
  - por conexão
    - operadores do tipo lógico
      - conjunção
      - disjunção
      - condicionalidade
      - medição
      - indicação lógica
      - complementação
      - restrição ou delimitação etc
    - operadores do discurso
      - conjunção
      - disjunção
      - contrajunção
      - explicação ou justificativa
      - conclusão etc
    - pausas

8

Reformulando a noção de coerência

Como você já viu nos capítulos anteriores, os fatores de coesão são os que dão conta da estruturação da seqüência superficial do texto; e os de coerência, os que dão conta do processamento cognitivo do texto e permitem uma análise mais profunda do mesmo.

Assim, enquanto a coesão se dá ao nível microtextual — conexão da superfície do texto, a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do senti do, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Segundo Beaugrande e Dressler o texto coerente é aquele em que há uma continuidade de sentidos entre os conheci mentos ativados pelas expressões do texto, e é

‘incoerente aquele em que o leitor/alocutário não consegue descobrir nenhuma continuidade, comumente porque há uma séria discrepância entre a configuração de conceitos e relações expressas e o conhecimento anterior de mundo dos receptores” (Beaugrande e Dressler, 1981, . 84).

“Enquanto o significado consiste na capacidade de uma expressão lingüística de apresentar ou veicular conhecimentos ou conteúdos, o sentido constitui aquilo que é atualmente veiculado pelas expressões que ocorrem num texto, sendo, por tanto, atualização seletiva de significados potenciais. Propõem,

assim, Beaugrande e Dressler, que se defina o sentido de uma expressão ou conteúdo de um conceito como um conjunto ordenado de hipóteses sobre a obtenção e ativação de elementos cognitivos dentro de um modelo atualizado." [1]

O texto contém mais do que o sentido das expressões na superfície textual, pois deve incorporar conhecimentos e experiência cotidiana, atitudes e intenções, isto é, fatores não lingüísticos. Deste modo, um texto não é em si coerente ou incoerente; ele o é para um leitor/alocutário numa determinada situação.

O exemplo (90), a seguir, mostra um texto com uma coesão seqüencial pouco visível e sem retomadas explícitas. Se nos mantivermos no princípio de que as sentenças denotam seqüências de fatos, o texto só seqüenciaria fatos isola dos e não exibiria uma textura que permitisse chamá-lo de texto. Seria, segundo Halliday e Hasan (1976), um não-texto, porém o título, Manifesto futurista, e seu autor, Marinetti, permitem que estabeleçamos um continuum de sentido, O texto exige um pouco de conhecimento do Modernismo, especialmente do Futurismo e do papel do poeta italiano Filippo Tommasio Marinetti no movimento, o que não nos é dado a partir do conhecimento da língua, mas, sim, da cultura.

Isso tudo leva Beaugrande e Dressier (1981) e Marcuschi (1983) a adotarem a semântica procedimental (*procedural semantics*), proposta por Winograd (1976) e Miller e Johson-Laird (1976) como a mais adequada para o tratamento da coerência porque opera com dois níveis de aquisição de conhecimentos: razão e experiência. Nela se distinguem dois tipos de conhecimento: o declarativo e o procedimental.

Conhecimento declarativo: é o conhecimento dado pelas sentenças e suas proposições que organizam os conhecimentos

[1]FÁVERO, L. L. & KOCH, 1. V. 1985. Critérios de textualidade Veredes, PUC-SP, p. 17-34.

a respeito de situações, eventos e fatos do mundo real e entre as quais se estabelecem relações do tipo lógico corno de generalização, especificação, causalidade etc. (armazena do na memória semântica).

Conhecimento procedimental: é o conhecimento dado pelos fatos ou convicções num determinado formato, para um uso determinado. Esse conhecimento, armazenado na memória episódica através de determinados modelos globais, é culturalmente determinado e construído através da experiência e trazido à memória ativa (= espaço de organização dos conhecimentos declarativo e procedimental) no momento da interação verbal, a partir de elementos presentes no texto.

No exemplo (90), o título e o nome do autor permitem, num primeiro momento, que isto ocorra.

Esses conhecimentos (que determinam a produção de sentido e, conseqüentemente, a coerência) estão armazena dos na memória em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas que serão examina dos a seguir.

(90) Manifesto futurista — Marinetti [2]

"Arte vida explosiva. Italianismo paroxístico. Antimuseu. Anti cultura. Antiacademia. Antilógica. Antigracioso. Antisentimental. Contra as cidades mortas — Modernolatria. Religião da nova originalidade velocidade. Desigualdade — Intuição e inconsciência criadoras — Esplendor geométrico. Estética da máquina. Heroísmo na arte e na vida. Café-concerto, físico-loucura e veladas futuristas. — Destruição da sintaxe. Imaginação sem fios. Sensibilidade geométrica e numérica. Palavras em liberdade ruidosas. Quadros palavras livres sinóticos coloridos. Declamação sinótica andante — Solidificação do impressionismo. Síntese de forma-cor. Dinamismo plástico. Estados de alma. Linhas-força. Transcendentalismo físico."

[2] In: TORRE, G. 1965. Historia de las literaturas de vanguardia. Madrid, Guadarrama. p. 151.

9

As estruturas cognitivas [1]

Conceitos

Os conceitos são, segundo Marcuschi, uma constelação de conhecimentos armazenados, na memória semântica e na memória episódica, em unidades consistentes, porém não monolíticas ou estanques. Beaugrande e Dressler apresentam uma tipologia bastante extensa, embora não exaustiva, dos conceitos, distinguindo como primários e secundários Os primários funcionam como controles centrais, isto é, como pontos por meio dos quais se dá, estrategicamente, o processamento do texto; a partir deles são ativados os secundários

São primários: objetos, situações, eventos, ações; secundários (dou somente alguns exemplos, já que o rol é extenso): agente, instrumento, tempo, locação, entidade afetada (tipos já acolhidos pela *gramática de casos* de Filimore),

[1] Este capítulo Contou com a colaboração da professora Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade. Para outras análises da coerência, veja também: FERNANDES DOS REIS, Z. M. J. 1987. A leitura compreen siva. São Paulo, PUC. Dissertação de Mestrado; GARRAFA, L. C. 1987. Coerência e literatura infantil. Dissertação de Mestrado.

cognição, emoção, volição, percepção etc. (relaciona dos a operações mentais), quantidade, modalidade, equivalência, oposição etc. (relativos a sistemas de significados).

Modelos cognitivos globais

Os modelos cognitivos globais são blocos de conheci mentos intensamente utilizados no processo de comunicação e representam de forma organizada nosso conhecimento prévio armazenado na memória. [2]

Assim, dada uma situação, por exemplo num cinema, o locutor (escritor/falante) não precisa informar a seu interlocutor (leitor/ouvinte) que há uma bilheteria onde se compra o ingresso, uma sala de projeção com tela grande e poltronas, que as luzes são apagadas quando se inicia a projeção, que é preciso fazer silêncio etc. Este tipo de representação está organizado na memória como "uma unidade completa de conhecimento estereotipado" (ibidem). São modelos cognitivos globais os frames, esquemas, planos, *scripts* e cenários.

Frames (= quadros, molduras)

A teoria dos *frames* foi proposta por Minsky [3] (dentro de uma perspectiva cognitivista) e, corno o próprio título da obra o indica, trata-se de um mecanismo de armazenagem de conhecimento por computadores, isto é, como repre sentar o conhecimento na linguagem artificial, de forma que se aproxime da linguagem natural.

Os *frames* são modelos globais que contêm o conheci mento comum sobre um conceito primário (geralmente situações estereotipadas), como Natal, Carnaval, Imposto

[2] Brown e Yule, 1983, p. 236 et seqs.

[3] MINSKY, M. 1975. A framework for representing knowledge. In: WIN STON, P. The psychology of computer vision. New York, McGraw-Hill.

de Renda, Fundo Monetário Internacional, INPS etc. Os *frames* estabelecem que elementos, “em princípio, fazem parte de um todo, mas não estabelecem entre eles uma ordem ou seqüência (lógica ou temporal)”

Exemplificando:

(91a) Festa de aniversário

A atualização dessa expressão ativa na mente do interlocutor elementos como: bolo, brigadeiro, bolas, roupas bonitas, música etc.; estes elementos individualmente são conceitos, mas conjuntamente constituem um frame sobre festa de aniversário (observe-se que não se estabelece entre eles uma seqüência.

O mesmo ocorre em

(91b) Natal

A atualização dessa expressão ativa na mente do interlocutor elementos como: árvore, Missa do Galo, presentes, correrias, presépio, ceia, festas etc.; esses elementos individual mente são conceitos, mas conjuntamente constituem um *frame*.

Quando se defronta com uma situação nova, seleciona da memória uma estrutura lá armazenada — o frame; essa estrutura, porém, “pode ser adaptada para adequar-se à realidade, mudando-se, quando necessário, alguns pormenores”. Assim, um professor provavelmente ativará, em Natal, elementos como: encerramento das aulas, correção de provas, entrega das notas; e um diretor de firma, gratificação aos funcionários, brindes, encerramento do exercício, balanços e outros.

Observe o exemplo (92), extraído do texto “A raposa e as uvas”, de Jô Soares, publicado na revista Veja (1? de abril de 1992):

(92) Passava certo dia uma raposa perto de uma videira. Apesar de normalmente nunca se alimentar de uvas, pois se trata de um animal carnívoro e não vegetariano — o que nos faz desconfiar um pouco da fábula original —, sua atenção foi chamada

pela beleza dos cachos que reluziam ao sol. Fenômeno estranhíssimo, uma vez que, geralmente, para desespero dos ecologistas, dos adeptos de alimentos naturais, toda fruta cultivada é revestida por uma fina camada protetora de inseticida e dificilmente pode refletir a luz solar com tal intensidade. Sendo curiosa e matreira como toda raposa matreira e curiosa, aproximou-se para melhor observar a videira. Os cachos estavam colocados muito acima de sua cabeça, e o animal (sem insulto) não teve oportunidade de prová-los, mas, sendo grande conhecedor, bastou-lhe um olhar para perceber que as uvas não estavam maduras.

"Estão verdes" — disse a raposa, deixando estupefatos dois coelhos que estavam ali perto e que nunca tinham visto uma raposa falar. [...] Note-se por esse pequeno detalhe aparentemente sem importância o profundo conhecimento que a raposa tinha de uvas ao afirmar, com convicção, que, apesar de pretas, elas eram verdes.

O texto constitui uma tentativa bem-humorada de satirizar e quebrar *frames* que a tradição cultural foi-nos impondo. Veja, por exemplo, sátiras ao frame de raposa:

"[...] curiosa e matreira como toda raposa matreira e curiosa [...]", "[...] que nunca tinham visto uma raposa falar [...]“,”[...] o profundo conhecimento que a raposa tinha de uvas ao afirmar, com convicção, que, apesar de pretas, elas eram verdes"

Esquemas

Os esquemas são, segundo Beaugrande e Dressler, modelos cognitivos globais de eventos ou estados dispostos em seqüências ordenadas, ligadas por relações de proximidade temporal e causalidade; são previsíveis, fixos, determinados e ordenados.

O termo foi usado pela primeira vez, em 1932, pelo psicólogo inglês Bartlett na obra Remembering [4] e reintroduzido nas últimas décadas por estudiosos da lingüística, psicologia

[4] Cambridge, Cambridge University.

cognitiva e inteligência artificial[5] interessados em caracterizar como nosso conhecimento de mundo está organizado e como tal organização influi na compreensão do texto.

Para Bartlett nossa memória não é meramente reprodutiva, mas construtiva, isto é, utilizamos, no processo de compreensão, não só as informações contidas no texto, mas também o saber acumulado em experiências passadas que não se apresentam desordenadamente mas estão organizadas em estruturas "que nos levam a esperar ou predizer certos aspectos" — são os esquemas. A maior contribuição de Bartlett foi a de assinalar que os esquemas "são estruturas que permanecem ativas e em evolução" (op. cit., p. 201).

Observe o exemplo do marido que diz à esposa:

(93) Há um acidente grave na esquina, pois uma ambulância e um carro da polícia estão parados lá.

A percepção de acidente foi possível porque temos um conhecimento acumulado sobre acidentes de trânsito, conhecimento esse organizado num *esquema* que contém elementos como ambulância que é chamada em caso de acidente com *vítimas, polícia* que chega para providenciar remoção das vítimas, liberação do tráfego, exame técnico do local para determinar culpabilidade. Esse conhecimento prévio, *partilhado* com o interlocutor e cujos componentes estão organizados em um esquema, é que permite a compreensão.[6]

O esquema é seletivo e permite grande economia, pois possibilita deixar implícito aquilo que é típico de uma situação

[5] RUMELHART, D. E. & ORTONY, A. 1977. The representation of knowledge in memory. In: ANDERSON, R.; SEIKO, R.; MONTAGUE, W., eds. Schoolling and the acquisition of knowiedge. New Jersey, Eribaum; RUMELHART, D. E. 1980. Schemata: the building blocks of cognition. In: SPIRO, R. et alii. Theorical issues in reading comprehension. New Jersey, Eribaum. DIJK, T. A. van. 1981. Studies in the pragmatis of discourse. New York, The Hague Mouton. Idem. 1983. La ciencia del texto. Buenos Aires, Paidós.

[6] Para Outros exemplos, consulte KLEIMAN, A. 1989. Texto e leitor. Campinas, Pontes.

No exemplo aqui citado, aspectos como a presença de pessoas observando, de policiais, de carros parados, a cor e a marca desses carros, a aparência geral dos policiais etc. passam despercebidos.

Os esquemas podem ser rompidos, recurso utilizado com muita freqüência, por exemplo, na linguagem da propaganda. Parece haver um limite de tolerância em relação a essa ruptura, pois, embora ela torne a leitura interessante (tem-se a impressão de que o leitor/ouvinte já espera essa quebra), desde que intensa, pode desorientar esse mesmo leitor/ouvinte, impedindo o estabelecimento de relações entre o seu universo cognitivo e os conhecimentos ativados.

Planos

Como caracterizam Schank e Abelson [7] e Marcuschi (1983), planos são "modelos de comportamento delibera- dos exibidos pelas pessoas, podendo abranger vários propósitos superpostos". Além de terem todos os elementos numa ordem previsível, levam o leitor/ouvinte a perceber a intenção do escritor/falante e é isso que os distingue dos esquemas: permitirem reconhecer o que pretende o planeja- dor. Exemplos: um funcionário que tem um plano de recompensa no trabalho ou um adolescente que organiza um plano para conseguir dos pais permissão para sair com os amigos.

Scripts

A noção de *script* foi desenvolvida por Schank e Abelson a partir da noção de *frame* de Minsky. São planos estabilizados, utilizados ou invocados freqüentemente "para especificar os papéis dos participantes e as ações deles esperadas";

[7] SCHANK, R. C. & ABELSON, R. P. 1977. Scripts, plans, goals and under standing. New York, Eribaum.

diferentemente dos planos, são estereotipados e contêm uma rotina preestabelecida.

‘Enquanto um *frame* é geralmente considerado um conjunto de elementos sobre uma situação estereotipada, o script é mais dinâmico, pois incorpora uma seqüência estereotipada de ações que descrevem uma situação” (Brown e YuIe, 1983, p. 243).

Observe os exemplos (93a) e (93b):

(93a) “Perdera a infância: já não podia correr com as meninas pelos barrancos, nem subir pelas árvores, nem passar por entre os arames das cercas de flores. Isso não poderia fazer nunca mais — e, ofegantes e suadas, parávamos diante dela com imensa pena. Perdera a mocidade: não tinha mais voz para cantar, nem corpo para dançar, e nunca mais poderia vestir-se de noiva, e era tão velha, que nem se podia imaginar como teria sido, quando moça.”

(93b) “Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca [...]

Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra. [...]

Enquanto isso, lá em cima, sobre as escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter janta, meditava ela. A morte era seu mistério.”

Em (93a), extraído do texto “Uma Velhinha”, de Cecília Meireles, há dois scripts: *infância e mocidade.*

Infância — caracterizada por ações que expressam essa fase da vida: “correr com as meninas pelos barrancos”, “subir pelas árvores”, “passar por entre os arames das cercas de flores”.

Mocidade — caracterizada também por ações que expressam essa fase da vida: “voz para cantar”, “corpo para dançar”, “poder vestir-se de noiva”.

Em (93b), extraído do conto “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector, há o script da velhice, caracterizada por ações que expressam essa fase da vida: “os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais”, “parecia oca”, “com aquela mudez que era a sua última palavra”, “a morte era seu mistério”.

Cenários

Sanford e Garrod [8] escolheram o termo *cenário* para descrever “o domínio estendido da referência” que é usado para interpretar textos escritos, pois “pode-se pensar o conhecimento de contextos e situações como constituindo um cenário interpretativo atrás do texto”.

O bom êxito na compreensão do cenário depende da eficácia do escritor/falante em ativar cenários apropriados. Assinalam que para que isto ocorra é preciso que um fragmento do texto constitua uma descrição parcial específica de um elemento do próprio cenário. Assim, uma das funções da tematização no nível textual seria a de ativar um cenário particular para o leitor, por exemplo, na escola, no clube, no tribunal.

Superestruturas

A noção de *superestrutura* (ou *hiperestrutura* ou *esquema textual*, segundo Van Dijk) foi desenvolvida principalmente por Van Dijk e pode ser caracterizada como “a forma global de um texto, que define sua organização e as relações hierárquicas entre seus fragmentos. Assim, uma superestrutura, mais do que a forma sintática de uma oração, é descrita em termos de categorias e regras de formação” (1983, p. 142).

[8] SANFORD, A. J. & GARROD, S. C. 1981. Understanding written language. Chicester, Wiley.

As regras de formação determinam a ordem em que essas categorias devem ocorrer, e a estrutura esquemática assim constituída precisa, por exemplo, se o texto está completo ou não e que tipo de informação cada categoria requer.

Exemplo: as categorias do texto narrativo seriam:

Situação — Complicação — Ação ou Avaliação - Resolução — Moral ou Estado Final (Van Dijk apóia-se aqui nos trabalhos de Labov e Waletsky); as do texto argumentativo *stricto sensu* seriam: (Tese Anterior) — Premissas — Argumentos —. (Contra — (Síntese) —. Conclusão (Nova Tese); as do texto científico: Introdução Problema

— Solução Conclusão; as do texto descritivo: palavras de entrada (tema-título); denominação, definição, expansão e/ou divisão.

"A superestrutura continua Van Dijk, é uma espécie de esquema ao qual o texto se adapta. Como esquema de produção isto significa que o falante sabe do que fala — Agora contarei uma história — enquanto, como esquema de compreensão, isto significa que o leitor ignora do que trata o texto, mas sabe, principalmente, que o texto é uma narração" (1983, p. 143).

Embora, certos tipos de textos, como os aqui citados, a superestrutura seja conhecida, seu estudo ainda está-se iniciando; sabe-se, contudo, que não há superestruturas universais e que elas são determinadas culturalmente isto é, possuem um caráter convencional: a maioria dos membros de uma comunidade as reconhece, embora essa comunidade possa ser bastante restrita, como a dos estudantes de medicina, dos técnicos em eletrônica, dos professores, dos delegados de polícia etc.

O conhecimento prévio

No decorrer deste capítulo falou-se várias vezes em conhecimento prévio, conhecimento partilhado, conhecimento de mundo.

Os estudiosos do texto ressaltam que a coerência depende antes de tudo de nosso conhecimento prévio que não é mais um elemento de coerência, como, por exemplo, os modelos cognitivos globais já examinados, mas o elemento-base, subjacente a todos os outros. “Sem o engajamento do conheci mento prévio do leitor não haverá compreensão” (Kleiman, op. cit., p. 13); a compreensão de um texto é um processo que se realiza pela ativação desse conhecimento, isto é, a memória, onde estão guardados nossos conhecimentos, busca as informações necessárias, a partir dos elementos presentes.

Os estudiosos apontam vários níveis de conhecimento: lingüístico, textual, de mundo: é graças à interação desses diversos níveis que o leitor/ouvinte constrói o sentido do texto. Examinemos cada um deles.

O *conhecimento lingüístico* é o conhecimento implícito que faz com que um indivíduo fale uma língua como falante nativo. Abrange desde “o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento do vocabulário e das regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua” (ibidem). Permite a percepção dos vocábulos e seu agrupamento em frases, identificando categorias como sintagma nominal, sintagma verbal e funções como sujeito e objeto.

O *conhecimento textual* está relacionado à classificação do texto quanto à estrutura (por exemplo, narrativo, expositivo, descritivo), quanto à interação autor-leitor (narração, argumentação, descrição). Quanto mais conhecimento textual o leitor/ouvinte tiver, melhor ele compreenderá o texto.

O *conhecimento de mundo* ou conhecimento enciclopédico, adquirido tanto formal como informalmente, abrange desde o conhecimento que um cientista tem sobre sua especialidade, como “a água contém porções ínfimas de deutério, um átomo de hidrogênio que pesa mais do que o átomo ordinário de hidrogênio”, um aluno de História Antiga sobre “a ação militar de César na Gália”, até o conheci mento de que “é proibido fumar nos coletivos”, “para obter a cédula de identidade é preciso levar fotografia

3 x 4”, “ao sentir cheiro de gás, não acenda a luz porque há risco de explosão”.

No dizer de Beaugrande: “como as pessoas sabem o que acontece no texto é um caso particular da questão de como as pessoas sabem o que acontece no mundo”. [9]

Exemplos dados por Brown e Yule (1983, p. 223) e aqui traduzidos servem de ilustração:

a) Seminário de Epistemologia: 3 ‘f., 3 de junho, 14:00 h. Steve Harlow (Departamento de Lingüística, Universidade de York)

(Aviso fixado na Universidade)

b) Tapeceiro

Orçamento sem compromisso — 332-5862

(Anúncio em jornal)

E o conhecimento de mundo, partilhado entre escritor/ falante __leitor/ouvinte que nos permite entender os textos acima assim como os exemplos (4) e (20) deste livro; é graças a ele, também, que podemos descrever uma cena num cinema ou num restaurante somente em seus aspectos distintivos, deixando implícitos que se deve entrar, sentar, esperas etc.

“ [...]o escritor/falante não precisa informar a seu leitor/ou vinte que há mesas e cadeiras no restaurante, nem que se pede e paga a comida ali consumida Normalmente se dá por conhecido este tipo de saber sobre os restaurantes Nas representações que se fazem destes saberes, os aspectos convencionais de uma situação, como as mesas e as cadeiras de um restaurante, podem ser considerados conhecidos e partilhados” (Brown e Yule, 1983, p. 236).

Revendo a proposta Cognitivista

Como você pôde observar no decorrer deste capítulo, os limites entre os modelos cognitivos globais apresentados pelos diferentes autores não são muito nítidos e a terminologia

[9] BEAUGRANDE, R. de. 1980. Text, discourse and process London, Long man. p. 30.

diferente nem sempre significa teorias diferentes; como dizem J3rown e Yule “há uma grande zona de coincidência no que eles descrevem”. Veja-se, por exemplo, a distinção entre *frames e scripts*, frames e esquemas, esquemas e cenários etc.

Para complicar ainda mais, alguns autores usam mais de um termo para o mesmo modelo cognitivo: assim é que Fillmore usa cenário e frame, embora diga preferir o termo módulo; Chafe, esquema, *frame* e categorização; e Bartlett diz que realmente prefere “modelos de desenvolvimento ativo”.

A “zona de coincidência” e, como diz Frederiksen, [10] a “estaticidade dos *frames*” (dos modelos cognitivos globais, pode-se dizer), tornam-nos muitas vezes inadequados para a compreensão dos textos e evidenciam a necessidade de revisão do modelo cognitivista.

Várias propostas foram apresentadas, por exemplo, por Tannen, [11] Lakoff, [12] Frederiksen e outros, todas elas procurando ressaltar que tais teorias são simplistas, já que o pensamento não é atomístico e a mente humana não manipula símbolos abstratos da mesma forma que o computador, isto é, o pensamento não se divide em blocos; ao contrário, é corporificado e imaginativo.

O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando- se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais. Assim, pode-se concordar com Brown e Yule quando definem frames “como estruturas nas quais repousa nosso conhecimento estereotipado” e afirmam que tal conceito “proporcionou um modelo de trabalho útil para especialistas

[10] FREDERIKSEN, C. H. 1981. Inference in preschool children’s conversation — a cognitive perspective. In: GREEN, S. L. & WALLAT, C., eds. Ethnography and language in educational settings. Norwood, Abiex. V. V, p.301-50.

[11] TANNEN, D. 1979. What’s in a frame. In: FREEDLE, R. O., ed. New directions in discourse processing. New Jersey. v. II.

[12] LAKOFF, G. 1987. Women, fire and dangerous things (what categories reveal about the mind). Chicago, Chicago University.

não só em inteligência artificial, mas também em sociologia e lingüística" (1983, p. 241).

De modo geral o *frame* pode ser visto sob duas perspectivas:

1) de acordo com a psicologia cognitivista e a inteligência artificial — são os modelos cognitivos globais aqui examinados;

2) de acordo com a perspectiva interacionista (Frede riksen e outros).

Dentro desta perspectiva, as estruturas de conhecimento são produzidas ativamente pelos participantes da interação e têm um reflexo direto sobre a própria contextualização. Assim, o frame deve ser visto não só como uma noção que se utiliza de esquemas cognitivos fixos, mas também como uma noção interativa em que a interpretação contextual é negociada pelos falantes, refletindo-se direta ou indiretamente em suas trocas conversacionais, perdendo, assim, seu caráter de fixidez e adquirindo maior dinamismo.

Como bem observa Frederiksen (op. cit., p. 310), "uma conseqüência central dessa noção expandida de *frame* é que os frames não podem ser especificados a *priori* para a interpretação sem referência aos processos de interação entre o usuário da língua e o texto".

Esta visão ampliada de frame mostrou-se adequada para resolver uma série de fenômenos que ocorrem numa conversação em que os participantes reorganizam e/ou modificam seus *frames* diante das possibilidades de negociação.

(94) L2 Õ Ed eu lhe pergunto o seguinte ...quem lhe garante que ele em estando só ele tava em solidão ou se ele tava

L1 olhe olhe não

L2 em solidão quando estava no

L1 não não tá claro tá claro

L2 meio da sociedade porque.. pelo menos

L1 claro claro claro não não

L2 Ele talvez no meio da sociedade até porque se ele não tivesse ele não tivesse consigo

L1 não não ô ô ô

L2 mesmo ele na aparente solidão ele

L1 Õ E, ta certo

L2 tava ele tava consigo ao mínimo

L1 tá certo eu aceito/não mas mas acontece que quando eu digo o homem precisa de solidão é pra estar consigo mesmo... dizem que a pior das solidões é aquela que você tem no meio da multidão né?

L2 no meio da multidão é a solidão de massa... ou não?

(Projeto NURC — Recife, Diálogo entre dois informantes, is. 153-72)

No exemplo (94), observa-se que L2 busca alterar o *frame solidão*, negociando com L1 ("quem lhe garante que ele em estando só ele tava em solidão ou se ele tava em solidão quando estava no meio da sociedade"). Entretanto, L1 é quem consegue ir além e mostrar que seu *frame* de solidão é mais abrangente ("tá certo eu aceito/não mas mas acontece que quando eu digo o homem precisa de solidão é pra estar consigo mesmo").

Conclusão

Para chegar à compreensão do texto como um todo coerente, é necessário que sejam trabalhadas não só as relações coesivas (a coesão é decorrência da coerência e a concatenação linear não é garantia de um texto coerente), mas, e *principalmente* as de conexão conceitual-cognitiva. "E preciso que o leitor/alocutário desenvolva habilidades que lhe permitam detectar as marcas que levarão às intenções do texto" (Fávero, 1985, p. 163).

10

Pausa para análise de textos

Serão apresentados aqui quatro textos analisados e um outro ficará para você mesmo analisá-lo. Seguindo o mesmo procedimento adotado no capítulo 7, será examinada, destacadamente, a coerência: continuam válidos, porém, os alertas que fiz. Releia-os.

Retomando o texto 4:

A classe — Luís Fernando Veríssimo Você já conhece; ele está à página 52. Retome-o, o texto procura satirizar uma situação e a constante inversão dos *frames* mostra a fragilidade dos mesmos e cria o humor. Observe alguns *frames* ativados:

classe média (1. 1) — espécie em extinção (Is. 4-5)

Nações Unidas (1. 4)

laboratório (1. 15)

Disneyworld (1. 17)

greve (1. 24)

Assembléia Constituinte (Is. 27-8)

reunião na pizzaria (1. 23)

A partir da linha 34, o autor opõe *classe média* (“novos pobres”) — classe pobre, dizendo que os primeiros devem ocultar a classe social de onde vêm e se adaptar à nova situação.

Texto 5:

Negociações — Luís Fernando Veríssimo

Veja este outro texto do mesmo autor, extraído de uma crônica publicada em O Estado de S. Paulo, em 8 de abril de 1990. Do mesmo modo que no texto anterior, há uma inversão de *frames*, impostos pela nossa cultura. Deixo-o aqui como uma sugestão para que você o analise.

“Li que a população dos ratos já supera em alguns bilhões a população humana da Terra. O rato é um animal urbano, como o homem, e simplesmente não haverá comida e espaço para as duas espécies coabitarem nas cidades do
5 futuro. O que fazer? Nenhum dos métodos tentados até agora deu resultado na nossa luta contra o rato pelo espaço vital. A ratoeira está superada. Os gatos falharam escandalosamente. A guerra química está fora de cogitações. Só há uma solução: vamos ter de negociar.
10 corta para sala do Centro de Conferências Internacionais de Genebra. O secretário-geral das Nações Unidas — depois de muita discussão — foi escolhido para falar pela Humanidade. Ele chega a Genebra cercado de assessores de várias nacionalidades. Traz gráficos, minutas e projetos.
15 Tem plenos poderes para falar pelo Homem. Instala-se numa grande mesa sob a luz de refletores e o olhar de expectativa de dezenas de câmaras, e prepara-se para o grande encontro. Quem falará pelos ratos?

Entra em cena, por um pequeno buraco na parede, o
20 representante do inimigo. Seu nome é Igor. Algumas palavras sobre lgor. Gerado por inseminação artificial numa rata amestrada do Centro de Estudos Genéticos da Universidade de Wisconsin Estados Unidos, criou-se

em vários laboratórios da América e da Europa. É um
25 veterano de todas as pesquisas importantes da sua época. Tem o corpo deformado por doenças inimagináveis, algumas criadas especialmente para serem testadas nele. Seus pulmões carcomidos, os bigodes amarelecidos, a voz rouca e os olhos injetados são as marcas da sua experiência com o fumo e
30 seus sucedâneos. Engordado com ciclamatos e depois submetido a dietas forçadas à base de psicotrópicos, Igor tem as olheiras e os hábitos de uma vida artificialmente dissipada. Seu coração é de plástico, movido a diminutas baterias. Seu imenso rabo — de vinil — segura um cigarro de maconha
35 sintética que ele leva à boca a intervalos pausados. Em vez do seu cérebro original de rato tem implantada na cabeça uma réplica miniaturizada do cérebro humano. Fala oito idiomas, lê, escreve, tem noções de cibernética e de lógica euclidiana. Treme um pouco, vestígio de anos de labirintos e choques
40 elétricos, em pesquisas motivacionais. Mas olha para tudo e para todos com superioridade. Um murmúrio de espanto e admiração percorre o grande salão, à sua entrada [...]”

Texto 6:

O evento — Millôr Fernandes 1

‘O pai lia o jornal — notícias do mundo. O telefone tocou tirrim-tirrim. A mocinha, filha dele, dezoito, vinte, vinte e dois anos, sei lá, veio lá de dentro, atendeu: ‘Alô. Dois quatro sete um dois cinco quatro. Mauro!!! Puxa, onde é que

5 você andou? Há quanto tempo! Que coisa! Pensei que tinha morrido! Sumiu! Diz! Não!?! É mesmo? Que maravilha! Meus parabéns!!! Homem ou mulher? Ah! Que bom!... Vem logo. Não vou sair não’. Desligou o telefone. O pai perguntou:

‘Mauro teve um filho?’ A mocinha respondeu: Não. Casou’.”

Moral: JÁ NÃO SE ENTENDEM OS DIÁLOGOS COMO ANTIGAMENTE

O pai tem um conhecimento de mundo que lhe permite supor que Mauro teve uni filho, já que a mocinha dissera: “Que maravilha! Meus parabéns!!! Homem ou mulher?” Entretanto, houve uma quebra do frame quando a mocinha respondeu que Mauro havia se casado; essa quebra confirma-se na Moral: *Já não se entendem os diálogos como antigamente.*

Texto 7:

Infância — Carlos Drummond de Andrade [2]

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
5 lia a história de Robinson Crusoé
Comprida história que não acaba mais.
No meio-dia brando de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se [
chamava para o café.
10 Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim.
15 — Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!
Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.
20 E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

[2] *Nova Reunião* 19 livros de poesia. 1983 Rio de Janeiro, José Olympio.

80.

Os elementos coesivos são bastante escassos; têm função mínima na estruturação dos sentidos. Destacam-se:

1. Coesão referencial

• Substituição

a. por pro-formas

Lá longe meu pai campeava. (1. 18)

pro-forma adverbial, função de pro-sintagma

era mais bonita que a de Robinson Crusoé. (1. 21)

pro-forma pronominal anafórica, função de pro-sintagma

b. por definitivização

o café — a preta velha — o menino — o berço

Todos esses elementos são entidades conhecidas de todos nós, fazem parte da vida familiar do interior, O locutor cria um universo em que o referente ganha existência.

2. Coesão seqüencial

a. restrição

...história que não acaba mais

...uma voz que aprendeu

...berço um mosquito

b. complementação

...eu não sabia que minha história

c. comparação

...era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

Note que a repetição dos mesmos acontecimentos confere ao texto uma monotonia e acentua a rotina da vida familiar: o pai ia para o campo, a mãe ficava cosendo, o irmão dormia no berço e ele sozinho lia a história de um outro solitário: Robinson Crusoé.

Já no título é ativado um *frame:* é um retrato de infância, dentro de uma cultura, infância rotineira, mas feliz - dois últimos versos.

Texto 8:

Cidadezinha qualquer — Carlos Drummond de Andrade [3]

Casa entre bananeiras

mulheres entre laranjeiras

pomar amor cantar

Um homem vai devagar

5 Um cachorro vai devagar

Um burro vai devagar

Devagar.., as janelas olham

Eta vida besta, meu Deus.

Neste texto, os elementos coesivos são também bastante escassos. Destacam-se elementos de coesão recorrencial intensamente utilizados: recorrência de termos e paralelismo.

Vai devagar — a recorrência imprime ao texto um caráter concreto: na cidadezinha tudo vai devagar, tudo é lento, tudo está parado e a única ação está nas janelas:

olham. Essa recorrência e o paralelismo constituem "um meio para deixar fluir o texto" e acentuam a monotonia.

Logo no título, uma paráfrase do texto, é ativado um *frame*: é o retrato da vida numa cidadezinha do interior e no último verso tem-se resumida a concepção sobre a vida que aí se leva: *Eta vida besta, meu Deus*.

[3] Ibidem.

11

Coesão e coerência no texto Conversacional

O texto Conversacional

Muitas pesquisas têm sido realizadas ultimamente sobre a linguagem da conversação

A conversação, como bem diz Castilho (1986, p. 21),

"é uma atividade lingüística básica, que pertence às práticas diárias de qualquer cidadão, independente de seu nível sócio cultural. Ela representa o intercurso verbal em que duas ou mais pessoas se alternam, discorrendo livremente sobre questões propiciadas pela vida diária".

Castilho distingue dois tipos de conversação: a natural (com as variedades informal, ou coloquial, e formal) e a artificial (desenvolvida em peças de teatro, filmes, novelas, romances; estas seguem um tipo de roteiro prévio).

Embora tanto no texto escrito quanto no falado o sistema lingüístico seja o mesmo para a construção das frases,

"as regras de sua efetivação, bem como os meios emprega dos são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar pro dutos diferenciados" (Marcuschi, 1986, p. 62).

Akinnaso [1] também observa que tanto a língua falada quanto a escrita derivam da mesma base semântica, fazendo uso do mesmo sistema léxico-sintático e variando principal mente na escolha e distribuição dos modelos sintáticos e do vocabulário, em resposta às restrições pragmáticas da modalidade específica ou, em outras palavras: fala e escrita são variações funcionais do mesmo sistema lingüístico.

Ainda que um número crescente de trabalhos compare as duas modalidades, pouco sabemos sobre elas.

Uma das hipóteses sempre presente é a de que a escrita é não só planejada mas também planejável, enquanto a fala não.

Ochs [2] registra quatro graus de planejamento, indo do falado não planejado ao escrito planejado, escolhendo esses dois para trabalhar (os quatro tipos apontados por ela são: falado não planejado, falado planejado, escrito não planejado e escrito planejado).

O falado não planejado é o que prescinde de reflexões prévias e preparação organizacional anterior a sua expressão; o escrito planejado é o pensado e projetado antes de sua manifestação. O trabalho de Ochs aponta uma tendência da língua falada para o não planejado ou, melhor dizendo, *ela é planejada localmente (locally managed)*, isto é, é uma "atividade administrada passo a passo". Uma das características da organização da conversação é que ela é produto de criação co letiva, pois locutor e alocutário constroem o texto em conjunto.

O fato de a elaboração se dar localmente confere à fala uma característica que Chafe [3] denomina de *fragmentação*, resultante em parte de sua natureza espontânea que reflete,

[1] AKINNASO, F. N. 1982. On the differences between spoken and written language. Language and Speech, 25, p. 97-125.

[2] OCHs, E. 1979. Planned and unplanned discourse. In: GIVÕN, T., ed. 1979. Discourse and syntax. New York, Academic.

[3] CHAFE, W. L. 1979. Integration and involvement in spoken and written language. Vienna, 2nd. Congress of the International Association for Semiotic Studies.

provavelmente, a natureza do pensamento (aos borbotões), em contraste com uma maior integração da escrita, explicada, segundo ele, por sua lentidão

A rapidez com que o locutor constrói a fala tem conseqüências no controle do fluxo da informação conduzindo a descontinuidades nesse mesmo fluxo, reveladas por fenômenos como repetições, paráfrases inserções, anacolutos falsos começos e outros; assim, ela vai mostrando seus próprios processos de criação ao contrário da escrita, que tende a escondê-los apresentando só OS resultados.

Esses Vários processos revelam também uma outra característica da língua falada denominada por Chafe, *envolvimento*, que contrasta com o *afastamento*, o deslocamento da escrita, e que é criado por um número de ocorrências do tipo:

- o locutor usa estratégias de monitoração (entoação, Pausas...)
- discurso direto
- uso do pronome de primeira pessoa
- uso de partículas enfáticas (realmente, Justamente)
- desfocado
- ênfase nas ações e agentes antes que estados e objetos
- ênfase nas pessoas e suas relações.

Além desses traços, deve-se acrescentar o *envolvimento interpessoal* (denominado, por alguns, “interação não focalizada”) em que locutor e alocutário(s) colaboram no sentido do discurso (como já disse, a conversação é produto da criação coletiva).

Segundo Betten [4] as descontinuidades são, em grande parte, técnicas lingüísticas utilizadas nas estratégias controladoras do diálogo e, para comandar as diversas estratégias,

[4] BETTEN, A. 1976. Ellipsen, Anakolute und Parenthesen Deutsche Sprache, 4, 207-30.

formula regras semelhantes aos postulados conversacionais de Grice [5] a partir de máximas do tipo:

"- não diga o óbvio — para não perder energia e poder concentrar-se na formulação do que é importante; - seja claro (não diga coisas incompreensíveis) — para não perder seu contato com o interlocutor e não perder de vis ta seus objetivos; - não fale de modo irresponsável (diga só o que corresponder à sua opinião) — para não confundir o interlocutor e com isso prejudicar seu relacionamento com ele, ser malvisto ou ser julgado erroneamente"

A partir dessas máximas, Betten deduz as regras:

a. logo que perceber que o ouvinte compreendeu o que você quer comunicar, torna-se desnecessária a continuação de sua fala;

b. assim que perceber que o ouvinte não está entendendo, interrompa seu discurso, mude seu planejamento ou insira algum esclarecimento;

c. assim que perceber que sua formulação não é adequada, interrompa e/ou corrija-se na seqüência".

Observe, leitor, alguns exemplos extraídos do inquérito 360 do tipo D2 (diálogo entre dois informantes), pertencentes ao arquivo do Projeto NURC [6]

GRICE H. P. 1975. "Logic and Conversation". In: COLE, P. & MORGAN, J. Syntax and semantics. New York, Academic Press. v. 3 ("Speech acts"). [6] In: PRETI, D. & CASTILHO, A. T. 1987. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo; diálogos entre dois informantes. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP. v. 2 p. 136-78.

Na transcrição dos exemplos, foram observadas as seguintes normas, que constam da página 9 da obra acima citada:

- qualquer pausa

- alongamento de vogal ou de consoante (como s, r)

- incompreensão de palavras ou segmentos

- superposição, simultaneidade de vozes — ligando as linhas

(95) *Contexto* — a Locutora 1 (L1 acabara de informar que tem seis filhos, quando a Locutora 2 (L2 lhe pergunta se eles dão muito trabalho, se têm "esses problemas de juventude".

Resposta de L1: **7**

1. (linha) 40 L1 não por enquanto não... estão entrando na as mais velhas estão entrando agora na adolescência e...

L1 percebe que uma informação importante está faltando: a de que entrar na adolescência aplica-se às filhas mais velhas e não a todos os filhos, como se poderia entender caso não fornecesse a informação; por isso interrompe repentinamente a enunciação do sintagma preposicional iniciado pelo *na* e faz a ressalva que atende à máxima "seja claro", recuando ao ponto de interrupção, retomando-o com a re petição dos mesmos itens lexicais: "estão entrando".

(96) *Contexto* — A Documentadora pergunta pelos filhos de L1 se eles foram programados ou aconteceram; L1 informa que eles "vieram ao acaso" e que haviam programado "Nove ou dez filhos".

1. 20 L2 a sua família é grande?

L1 nós somos :: seis filhos.

L2 a do marido?

L1 e a do marido.., era, doze agora são onze...

L2 ahn ahn

L1 quer dizer somos de famílias GRANdes e::...

A pergunta de L2 é entendida por L1 como um pedido de informação pormenorizada, em atenção à máxima "seja

7 Foge aos objetivos deste livro uma análise pormenorizada da conversação; para um estudo mais aprofundado, você pode consultar, além das obras aqui referidas, os seguintes trabalhos:

CASTILHO, A. T. de. 1988. Para o estudo das unidades discursivas no português falado; o problema dos marcadores. Campinas, UNICAMP. Mimeo.

MARCUSCHI, L. A. 1988. Coesão e coerência na conversação. Recife, UFPE. Mimeo.

claro”; assim L1 responde primeiro especificando: “nós somos:: seis filhos e a do marido.., eram doze agora são onze” e depois, sintetizando: “quer dizer somos de famílias GRANDES” (Fávero e Urbano, 1988).

(97) *Contexto* — L2 é advogada e procuradora do Estado e explica que praticamente toda a parte jurídica do Estado é feita por procuradores e que em todas as Secreta rias há algum procurador e seu marido é um deles.

1. 821 L2[...] existem... em diversas procuradorias

você.., vê o caso... o seu marido está

L1 [ele é da procuradoria da Secretaria

L2 [

( )

L1 dos transportes

L2 é... trabalha junto ah à Secretaria dos Transportes... o meu caso... é junto a:: (na) na Procurado ria Fiscal... trabalhando junto com a Secretaria da Fazenda... e assim tem:: tem a procuradoria de Assistência Judiciária.., tem a na promoção Social tem :: ... em todas as Ø em todas elas tem... Ø agora o :: o :: a as... as melhores... são junto às Assessorias...

Observe as elipses assinaladas por Ø: o elemento elidido

— Secretarias — é facilmente subentendido e de tal modo previsível, que a locutora 2 usa inicialmente o anafórico *elas* e depois apaga completamente a marca, em atenção à máxima “não diga o óbvio”.

Coesão e coerência

Os estudos realizados sobre a nversaçã0 mostram que ela é altamente estruturada e passível de uma análise formal. Assim, muitas das regras usadas implicitamente pelos interlocutores podem ser explicitadas e formalizadas, identificando

elementos de coesão e coerência; porém, como dizem os lingüistas que se dedicam ao estudo da questão, analisar coesão e coerência no texto oral é enfrentar uma questão polêmica por se tratar de um fenômeno de poucas evidências empíricas.

Como bem diz Marcuschi (1988, p. 2):

"Os termos 'coesão' e 'coerência' estão longe de uma definição clara. Na conversação, a coesão não pode ser definida em termos estritamente formais, pois o texto se produz dialogicamente, na concorrência de dois ou mais agentes. A coerência não é uma unidade de sentido, e sim uma dada possibilidade interpretativa resultante localmente. Dois interlocutores se entendem não só porque são coerentes no que dizem, mas principalmente porque sabem do que se trata em cada caso. E, quando não sabem, manifestam seu desentendimento de modo a integrá-lo como parte efetiva no próprio texto".

Assim, a coerência se dá pelo fato de os enunciados produzidos na conversação se apresentarem mutuamente ligados de maneira ordenada e significativa.

Coesão

A coesão, por sua vez, como já foi dito no segundo capítulo deste livro, é uma relação linear entre as sentenças, não sendo nem necessária nem suficiente para a coerência, já que pode haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá ao nível da coerência.

É esta também a opinião de Giora [8] ao observar que a coesão, "uma relação linear obtida entre pares de seqüências, não é condição nem necessária nem suficiente para a coerência de texto"; ela não é um fator independente, mas um subproduto da coerência que é "independente da coesão, pois esta se obtém linearmente, o que não.ocorre com a coerência,

[8] GI0RA, R. 1985. Notes towards a theory of text coherence. Poetics Today, 6:(4), p. 699-715.

que deve ser melhor caracterizada em termos de *tópico discursivo*”

Exemplos de coesão na conversação

Serão utilizados exemplos extraídos do mesmo inquérito 360 do arquivo do Projeto NURC-SP.

1. Coesão referencial — reiteração: repetição do mesmo item lexical

a. auto-repetição

(98) *Contexto* — L2 fala do filho de cinco anos que não gosta de acordar de manhã para ir à escola, mas que acorda cedo nos dias em que não há aula.

1. 374 L2 *ele já ia à escola da manhã* que eu *comecei* quando eu *comecei trabalhar... comecei a trabalhar* há dois anos.., só antes eu não trabalhava.., e quer dizer que então... ele já ia à escola de manhã por que eles dormem sete e meia e acordam seis e meia... é o horário normal deles.

b. heterorrepetição

(96) 1. 21 L1 nós somos seis filhos

L2 e a do marido?

L1e a do marido.. - eram doze agora são onze...

As repetições têm alta incidência na fala espontânea, advindas, nesses textos, de uma etapa nítida de planejamento, ou melhor, planejamento e execução coocorrem; além disso, também é alta a incidência de repetição no meio do turno, o que pode significar um recurso do locutor para continuar falando (exemplo (98)), ou ser um meio de o interlocutor ter acesso ao turno:

(99) *Contexto* — L2 fala da dificuldade que seu marido (faz seleção de pessoal) enfrenta em encontrar profissionais especializados.

1. 971 Doe, de BAIxa procura e no mesmo tempo que se necessita dessa ela,,, é difícil

L2 [é é é difícil de de encontrar ... uhn uhn normalmente é difícil

2. Coesão recorrencial — paráfrase

(100) Contexto — O tópico que se desenvolve é mercado de trabalho, especificamente a "procura de engenheiro".

1. 915 L2... a grande maioria é engenheiro administradores economistas

L1 é que a gente está na:: na espera da tecnologia, né?...

[mas engenheiro o peso é muito grande ....

Observam-se aí duas paráfrases:

- Uma, de certa forma *genera1izadora*, pois L1 ao ouvir "engenheiro" relaciona e identifica tal profissão como "tecnologia".

- Outra, *redutora*, pois ao tempo em que L1 falava "tecnologia", L2 esclarecia "mas engenheiro o peso é muito grande", reduzindo tecnologia a apenas engenheiro.

O fato de L1 e L2 falarem simultaneamente não invalida a análise de que há aí paráfrases, pois o texto conversacional é constituído, como já disse, coletivamente e o que transparece é a sua interação, característica desse tipo de texto (para maiores esclarecimentos sobre a paráfrase no texto conversacional, você, leitor, pode consultar o trabalho de Fávero e Urbano, 1988).

3. Coesão seqüencial — por conexão

(101) *Contexto* — o tópico que vem se desenvolvendo é o do planejamento familiar.

1. 16 L1 e:: nós havíamos programado NOve ou dez filhos.., não é?

[

L2 (nossa que chique)

[

L1 então

L2 a sua família é grande?

L1 nós somos:: seis filhos

L2 e a do marido?

[

L1 e a do marido.., eram doze agora são onze... ahn ahn

L2 ahn ahn

[

L1 quer dizer somos de famílias GRANdes e::... então ach/ acho que::... dado esse fator nos acostumamos a:: muita gente

L2 ahn ahn

L1 e::

L2 e daí o entusiasmo para NOve filhos...

L1 exatamente nove ou dez...

L2 [

( )

L1 é e:: mas... depois diante das dificuldades de conseguir quem me ajudasse... nó::s paramos no sexto filho...

L2 ahn ahn

L1 não é?... e... estamos muito contentes e...

L2 e dão muito trabalho tem esses problemas de juventude esses negócios ( )

Veja, meu caro leitor, que o *e* aparece interturno e intraturno com funções diferentes:

- indica continuação (de acordo com sua função sintática), unindo a fala de um mesmo interlocutor, constituindo, pois, um elemento de conjunção (coesão seqüencial);

- funciona, muitas vezes, como um marcador conversacional para manter o turno (segurar a vez) ou para “as saltar” o turno: observe que por duas vezes L1 tenta manter o turno (assinaladas no texto por uma seta), porém hesita, permitindo que L2 “o assalte”.

Considere mais este exemplo:

(102) Contexto — L1 relata que no primeiro colegial pensava em fazer medicina, mas a morte do pai fê-la optar por uma carreira profissionalizante

1. 1571 L1 um colegial profissionalizante para que eu tivesse chance de já trabalhar assim.., que formar não é? e:: daí me empolguei pelo magistério lecionei algum tempo... e:: ao terminar o normal eu logo optei pela pedagogia que era um curso assim que dá uma cultura,,, geral Boa não é?... ah o nosso curso foi.., bem dado e tudo mais e eu gostei... e não fiz outra:: outras especializações dentro outras especializações não.., outra::: não segui outras carreiras ah::... que o curso de pedagogia daria possibilidade como o caso da orientação educacional.., que:: no quarto ano eu poderia ter feito.., e a psicologia clínica também que:: eu poderia ter feito no quarto ano como opção.., entre a licenciatura,., ou ou a licenciatura em pedagogia ou a psicologia clínica sem vestibular naquele tempo era.., possível e:: eu não fiz por falta de tempo porque eu me casei no:: tercei/ no no terceiro ano.., de faculdade e daí logo vieram as gêmeas e eu não. não fiz.., a orientação no quarto ano porque a carga horária era muito grande... sabe? então eu... preferi terminar a pedagogia e fiz a licenciatura...

Há vários usos de *e* intraturnos, unindo grupos sintáticos, preparando, muitas vezes, o grupo seguinte. No trecho

tem-se o que Castilho (1986, p. 47) denomina “marcador conversacional de encurtamento de tópico”, isto é, L salta segmentos por supor que os interlocutores (L2 e a documentadora) já os apreenderam.

Como você pôde observar, a análise da coesão na conversação deve ser feita de uma maneira diferente da análise da coesão no texto escrito, exatamente porque, como já disse, a conversação é de natureza diferente: ela se produz dia logicamente, como criação coletiva dos interlocutores.

A noção de tópico discursivo

A dificuldade de se analisar a coerência na conversação é a mesma que se encontra na análise da coesão. De um mo do geral, o texto conversacional é coerente: o problema é que, como ele obedece a processos de ordem cognitiva, muitas vezes, se torna difícil detectar as marcas lingüísticas e discursivas dessa coerência, pois ela geralmente não se dá com base nessas marcas, mas, na relação entre os referentes; daí a importância que a noção de tópico e de desenvolvimento dos tópicos na conversação vem adquirindo ultimamente.

Mas o que é tópico?

Tomado no sentido geral de assunto, o tópico é uma noção que pode ser entendida como “aquilo acerca do que se está falando” (Brown e Yule, 1983, p. 73). Por se tratar de uma noção discursiva, ele pode assumir extensão maior ou menor, dependendo da perspectiva adotada. Tópico discursivo não se confunde com tópico sentencial (tomado muitas vezes na oposição tópico-comentário), podendo vários fragmentos de uma conversação pertencerem a um mesmo tópico discursivo.

O tópico tem como propriedades:

- A *centração* — isto é, o falar-se acerca de alguma coisa, implicando a utilização de referenciais explícitos ou inferi dos. O tópico é, portanto, antes de tudo uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional.

- A *organicidade* — isto é, a relação de interdependência que se estabelece, simultaneamente em dois planos: seqüencial — distribuição na seqüência horizontal — e *hierárquica* — distribuição na seqüência vertical. Sugiro que essa segmentação possa ocorrer em três níveis: supertópico, que abrange um conjunto de tópicos que por sua vez podem subdividir-se em subtópicos que correspondem a níveis menores de particularização do assunto em relevância.

- A *delimitação local* — isto é, o tópico é potencialmente marcado por início, desenvolvimento e fecho, embora isto nem sempre se evidencie.

As marcas dessa delimitação podem ser:

- lingüísticas: marcadores conversacionais, elementos prosódicos (pausas, hesitações), perguntas, anacolutos, mecanismos de contra junção, de conclusão, repetições etc.

- discursivas: implicatividade entre os turnos, perguntas feitas pelo interlocutor etc.

As digressões

Encontram-se, às vezes, no texto conversacional, porções que não se acham topicamente relacionadas nem com o que veio imediatamente antes, nem com o que está imediatamente depois, que, por sua vez, se acha relacionado com o primeiro: é o que se chama digressão (Marcuschi, 1988). Segundo Dascal e Katriel [9]

[9] DASCAL, M. & KATRIEL, T. 1982. Digressions: a study in conversational coherence. PTL, 4 (8): 78-95.

“em uma digressão, o tópico original é abandonado e um novo tópico é introduzido; este, por sua vez, é abandonado e substituído pelo tópico original, que é então reintroduzido. Assim, uma digressão pode ser caracterizada por uma mudança tópica sucessiva, envolvendo o mesmo tópico”

Esses autores propõem três tipos básicos de digressão:

- *Digressões baseadas no enunciado*: há algum tipo de relação de “conteúdo” entre o enunciado principal e a digressão; são introduzidas, por exemplo, por

> A propósito...
>
> isto me recorda...
>
> olha... isto me faz lembrar...
>
> bom você falar nisso, pois...

- *Digressões baseadas na interação*: não há nenhum tipo de relação com elementos do “conteúdo” do tópico em andamento.

Um aspecto muito importante e que não pode ser esquecido neste tipo de digressão é em relação ao conhecimento partilhado: os interlocutores são sabedores dos elementos de distração e o que faz a digressão é o que interpreta isso como relevante. Essas digressões são freqüentemente acompanha das por mecanismos não-verbais (gestos, por exemplo) mais do que por processos de construção lingüística, o que se explica por serem dependentes do contexto imediato.

- *Digressões baseadas em seqüências inseridas*: referem-se a uma grande variedade de atos de fala corretivos e esclarecedores. Elas ocupam uma posição intermediária entre as digressões baseadas no enunciado e na interação porque “se por um lado constituem uma resposta imediata, por outro não se dirigem ao ponto do discurso anterior e, portanto, não podem ser consideradas topicamente relevantes” (Dascal e Katriel, 1982, p. 825).

O que distingue esse tipo de digressão é que ele realiza uma espécie de função metaconversacional ou metalingüística; pode ser detectado geralmente por uma pausa no fluxo conversacional

Para as coisas ficarem mais claras, vejamos um exemplo:

Contexto — L2 vinha falando da questão do período escolar de seus filhos.

1. 387 L2 (que) eles acordam cedo mesmo.., e agora real mente ele não gosta muito e e e a gente cria um impasse *para a gente* (porque).., ele não eu pus em uma escola ele não gostou daquela.., aí eu achei que realmente a escola não preenchia tu do.., que eu gostaria (que) preenchesse então eu tirei.., aí eu procurei bastante escolhi/foi escolhida a que eles estão.., como sendo na opinião de muita gente uma das melhores et cetera et cetera.., tudo que tinha.., peguei todos os requisitos,,. fiz ((risos)),,. estudei bem fiz um estudo certinho para ver qual era a melhor e foi deter minado.., foi visto que aquela era melhor,., então foi posto quer dizer não foi uma escolha...

L1 sem::

L2 assim sem base

L1 ( )

L2 foi bem pensada bem escolhida e realmente a me nina gosta muito.., e eu pensei que ela fosse ter problema porque ela não fala muito,,, ela fala muito pouco ela fala um.,. vocabulário dela é composto por umas quarenta palavras mais ou menos,,, e ela não faz frase.., então eu pensei que ela fosse ter dificuldades na escola.., por causa disso mas não não tem gosta muito...( )

[

L1 ela se sente bem?

L2 ela se sente bem:: se sente par::te... então fala..

[

L1 ( )

L2 *devia ter ( ) dificuldade mas não tem não... ( ) não obrigado.., ( )*

L1 ainda não deu para...

L2 você.., chegou a trabalhar e depois deixou de trabalhar por causa dis/de::

L1 eu trabalhei s::ó no início.., de casada...

L2 (ahn)

L1 e quando as gêmeas nasceram.., eu... me afastei do serviço...

Aqui, o assunto é *escolha da escola dos filhos de L2* a partir de "... e agora realmente" ligado ao supertópico FA MÍLIA, que inclui, dentre outros, os exemplos aqui apresentados sob os números (96), (98) e (101).

Este tópico possui, dentre outras, marcas de *início*:

L2 e agora realmente

depois de uma pausa

L2 ... para a gente (porque)

quando começa o seu desenvolvimento.

No fecho

L2 devia ter ( ) dificuldade mas não tem não...

há um comentário de conclusão e uma pausa.

Em

L2 não obrigado...

há uma digressão baseada no enunciado (faltam dados para uma análise melhor), provavelmente é oferecido café e L2 não aceita.

Com uma pergunta

L2 você,., chegou a trabalhar e depois deixa de trabalhar por causa dis/de::

inicia-se o novo tópico: *abandono do trabalho fora de casa por parte de L1 para cuidar dos filhos* (estão sendo transcritas aqui somente as primeiras seqüências).

Quero enfatizar que a questão da segmentação é um problema crucial para o analista e que a análise aqui esboçada é *apenas* uma sugestão de trabalho, já que não foram feitas senão algumas pequenas incursões em terreno vasto e ainda pouco explorado.

12

Vocabulário crítico

Fiz o possível, no decorrer do livro, para não usar ter mos técnicos sem antes dar-lhes clareza ou defini-los. Assim, aqui, coloco agora apenas alguns termos que me parecem de maior complexidade ou que são de ordem mais geral.

Competência textual: capacidade do ser humano de distinguir entre um texto e um não-texto, de parafrasear um texto, de resumi-lo, de atribuir-lhe um título, de produzir um texto a partir de um título dado, de compreender o jogo de ações e intenções do texto, de distinguir os diferentes tipos de texto etc.

Gramática de texto: comumente usado como sinônimo de lingüística do texto ou textual. Em sentido estrito, formalização dos processos lingüísticos de formação do texto, deixando de lado fatores como informatividade, plano global do texto, intenção e outros.

Lingüística textual: estudo das operações lingüísticas, cognitivas e argumentativas reguladoras e controladoras dos processos de produção, constituição, funcionamento e com preensão dos textos escritos ou orais.

Macroestrutura: identificada como a estrutura profunda do texto, é considerada como a “forma lógica” ou estrutura

2

[2] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

subjacente de um texto. Consiste na representação semântica global que define a significação do texto “como um todo”

Marcadores conversacionais: elementos verbais, não-verbais, supra-segmentais que ligam as unidades comunicativas umas às outras, orientando os interlocutores na interação (podem ser tanto do falante quanto do ouvinte). São elementos do tipo: oi — e aí — escuta — vem cá — alô — bom — quer dizer — eu acho que — então eu acho que — ah:: essa não — né? sabe — certo? — viu? — daí — a — enfim — ahã etc. (cf. Castilho, 1986, e Marcuschi, 1986).

Microestrutura: identificada como a estrutura superficial do texto, consiste em um n-duplo ordenado de sentenças sub seqüentes.

Modalidade: chamam-se modalidades lógicas os diversos mo dos de considerar o predicado como verdadeiro, contingente ou possível. Do ponto de vista da pragmática, revelam a atitude do locutor perante o enunciado que produz.

Modelos cognitivos globais: blocos completos de conhecimentos relativos a conceitos intensamente utilizados na interação. Organizam nosso *conhecimento de mundo em conjuntos bem integrados*

Polifonia: noção elaborada por Ducrot, constitui a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores — interlocutores, terceiros, opinião pública.

Superestrutura: forma global do texto, pode ser descrita em termos de categorias e regras de formação. Segundo van Dijk e Kintsch (1983. Strategies of discourse comprehension. New York, Academic Press), as superestruturas são elementos de natureza cognitiva, culturalmente dependentes, resultantes de processos de descrição de diferentes tipos de texto. Por exemplo, as categorias do texto narrativo seriam: situação, avaliação, complicação, resolução, avaliação e moral.

Textualidade: conjunto de propriedades que fazem com que um texto seja realmente um texto.

Tópico: “aquilo acerca do que se está falando” (Brown e Yule, 1983, p. 73). Em análise da conversação, é uma noção discursiva que pode, portanto, assumir uma extensão maior ou menor. Não deve ser confundido com tópico sentencia (na oposição sintática tópico

Turno: o que um falante produz enquanto está com a palavra, incluindo o silêncio, que também é significativo. As sim, a expressão *manter o turno* significa estar usando a palavra e *assaltar o turno*, tomar a palavra do outro. Co mo aponta Marcuschi (1986, p. 89), “é importante não confundir turno com ato de fala”. Em “Posso ir ao cine ma hoj e/que amanhã não tem prova na escola?”, temos um turno e dois atos de fala.

13

Bibliografia Comentada

BEAUGRANDE R. de & DRESSLER, M. U. 1981. Einführung in

die Textlinguistik Tübingen, Max Niemeyer Trad. ingl.:

Introduction to Text Linguistics London Longman

Obra que serviu de ponto de partida não só para este trabalho, mas também para muitos outros surgidos na área, em língua portuguesa. Apresenta primeiramente uma evolução da lingüística textual começando pela antiga retórica, estilística tagmêmica chegando a alguns autores de hoje: Harweg, Petöfi, van Dijk, e outros. Depois inicia os leitores no estudo dos "sete padrões de textualidade". A análise clara e documentada torna a obra leitura especialmente importante para o conhecimento da lingüística textual.

BERNÁRDEZ, Enrique. 1982. Introdución a la linguística del texto. Madrid Espasa-Calpe

Introdução clara aos problemas mais importantes da lingüística textual com apresentação de alguns autores e modelos. Trata de questões gerais, como origem e desenvolvimento da lingüística textual, conceito de texto, formas de coerência (que não distingue de coesão). Boa a bibliografia e o glossário apresentados no final.

BROWN, G. & YULE, G. 1983. Discourse analysis. Cam bridge, Cambridge University

o titulo e auto explicativo Obra essencial a analise do discurso de um modo geral. Assumem o pressuposto de que se, por um lado, a análise deve incluir o estudo das for mas lingüísticas e das regularidades de sua distribuição, por outro, deve incluir o estudo dos princípios gerais pelos quais o leitor/alocutário atribui um sentido ao que lê ou ouve (ele interpreta e faz inferências).

CASTILHO, A. T. de. 1986. Uma *proposta para o ensino de gramática no 1.0 e 2.° Graus*. Campinas, UNICAMP. Versão preliminar.

Excelente proposta de ensino de língua portuguesa, partindo das funções sociais tais como se apresentam na conversação, passando em seguida para as categorias mais abstratas da língua. O ponto de partida é então a língua oral; e o de chegada, a língua escrita — não substituindo esta por aquela, mas mostrando que o estudo de ambas as modalidades deve fazer-se paralelamente. Fundamentais os capítulos sobre “Turnos e seqüências” e “Articulação discursiva da conversação”.

CONTE, Maria Elizabeth. 1977. La *linguistica testuale.* Milano, Feltrineili Economica.

Contém nove textos de diferentes lingüistas, abordando problemas fundamentais da lingüística textual. Excelente, para quem se inicia no estudo, a introdução de Conte.

DIJK, Teun A. van. 1977. *Text and context*. London, Longman.

Obra de considerável importância por apresentar um mo delo próprio de gramática textual, que apresenta três características principais:

a. insere-se no quadro teórico gerativo;

b. usa instrumentos conceituais e operativos da lógica;

c. integra a gramática de enunciado na gramática textual.

FÁVERO, L. L. e KOCH, 1. V. 1983. *Lingüística textual*; introdução. São Paulo, Cortez.

O livro objetiva pôr em evidência problemas oriundos das propriedades específicas do texto e descrever alguns dos vários modelos de gramáticos textuais.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. 1976. *Cohesion in English*.

London, Longman.

Obra dedicada ao estudo da coesão. A textualidade depende, em grande parte, de certos fatores responsáveis pela coesão textual, conceito semântico que se refere às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto, fazendo com que a interpretação de um elemento seja dependente das de outros. Tem servido de base para inúmeras pesquisas no campo, especialmente aquelas que se orientam do enunciado para o texto.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. 1983. *Lingüística textual*, o que é e como se faz. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. Série Debates, v. 1.

Leitura indispensável para todos aqueles que se iniciam na área. Obra pioneira no Brasil, visa a uma sistematização geral de aspectos observáveis na produção de textos, isto é, apresenta uma classificação dos fatores de textualidade. Visa sobretudo "ao enfoque do aproveitamento da lingüística textual em função do ensino de língua na perspectiva textual".

_____ 1986. *Análise da conversação*. São Paulo, Ática, Série Princípios, v. 82

Primeira obra publicada em língua portuguesa sobre a análise da Obra básica sobre a organização da conversação com excelente estudo sobre marcadores conversacionais e tópico discursivo.

MIRA MATEUS, Maria Helena et alii. 1983. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina.

Constituída de quatro partes, a II, elaborada por Inês Silva Duarte e Isabel Faria, torna-se leitura obrigatória para os interessados nas questões de gramática textual do português. Baseia-se, essa parte II, na consideração de que qualquer língua natural é um instrumento utilizado pelos interlocutores com objetivos comunicativos e sua descrição implica a integração de uma análise dos mecanismos e processos (de natureza lógico-semântica e pragmática) que permitem a comunicação e interação verbal.

DIGITAL Source
VICIADOS em livros
googlegroups.com

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

Série O Clube dos Canalhas - 3

SARAH MACLEAN

Entre a ruína e a paixão

GUTENBERG

Entre a Ruína e a Paixão

No Good Duke Goes Unpunished

Série O Clube dos Canalhas 3

Uma noiva desaparecida na véspera de seu casamento. Um poderoso duque acusado de assassinato. Uma noite que mudou duas vidas para sempre. Temple viu seu mundo desmoronar quando acordou completamente nu e desmemoriado em uma cama repleta de sangue. Destituído de seu título e acusado de assassinato, o jovem duque foi banido da sociedade. Doze anos depois, recuperado em sua fortuna e seu poder como um dos sócios do cassino mais famoso de Londres, sua redenção surge quando a única pessoa que poderia provar sua inocência ressurge do mundo dos mortos. Após doze anos desaparecida, Mara Lowe se vê obrigada a reaparecer quando seu irmão perde toda a fortuna da família nas mesas do cassino do homem cuja vida ela arruinou. Temple quer provar a todos que é inocente e, sobretudo, se vingar e destruir a vida daquela mulher, enquanto Mara precisa enfrentar o passado para recuperar seu dinheiro. Assim, os dois formam um acordo obsceno que os une em um jogo de poder e sedução. Mas ambos descobrem que a realidade esconde muito mais do que as aparências revelam e eles se veem em uma encruzilhada na qual precisam escolher entre lavar a honra do passado e garantir o futuro ou ceder ao desejo de se entregarem de vez à irresistível atração que sentem um pelo outro, mas que pode arruiná-los para sempre.

Para Eric, meu próprio gigante gentil, por cuidar tão bem de mim.
A *memória de Helen, Lady Lowe.*

Ela estava a um metro dele. Trinta centímetros. Quinze, quando ele virou e a agarrou pelos punhos, puxando-a para perto - e a percepção de que estava desarmada veio com uma onda de calor e aroma cítrico.

Ela exclamou de surpresa, ficando absolutamente imóvel... hesitando um pouco antes de virar seu rosto para ele e falar.

“Solte-me.”

Havia algo na sua voz, uma honestidade calma, inesperada, que quase fez com que ele obedecesse. Quase fez com que ele a soltasse, que a deixasse desaparecer na noite.

Mas fazia muito tempo que ele não ficava tão intrigado com um oponente.

Ele transferiu os dois braços dela para uma de suas mãos enquanto usava a outra para verificar se a moça não trazia armas sob a capa. Sua mão parou no cabo de uma faca, escondida no fundo do forro da capa. Temple a retirou.

“O que você está querendo? Meus bolsos? Devia ter escolhido um alvo menor.” Mas ele não achou ruim que ela o tivesse escolhido. Temple estava gostando daquilo.

E gostou ainda mais da resposta dela.

“Estou querendo você.”

Temple

Whitefawn Abbey, Devonshire Novembro de 1819

Ele acordou com a cabeça latejando e o pau duro. Não era uma situação incomum. Afinal, ele tinha acordado todos os dias, por mais de meia década, com um dos itens em questão, e em mais manhãs do que conseguia se lembrar, com os dois. William Harrow, Marquês de Chapin e herdeiro do ducado de Lamont, era rico, nobre, privilegiado e atraente - e um jovem abençoado com essas características raramente tinha carência de qualquer coisa relacionada a vinho ou a mulheres. Foi por esse motivo que ele nem se preocupou naquela manhã. Sabendo (como sabem os bebedores habilidosos) que a dor de cabeça desapareceria até o meio-dia, ele se pôs em ação para curar a outra aflição e, sem abrir os olhos, estendeu o braço para a mulher que certamente estava ao seu lado. Só que ela não estava... Em vez de um corpo quente e disposto, William encheu a mão com um travesseiro incapaz de satisfazer sua necessidade.

Ele abriu os olhos e a luz brilhante do sol de Devonshire assaltou seus sentidos e intensificou o ribombar em sua cabeça. William praguejou, fechou os olhos e os cobriu com o antebraço para abrandar a luz do sol que queimava por trás das pálpebras vermelhas, e inspirou profundamente. A luz do dia era o modo mais rápido de se arruinar uma bela manhã. Provavelmente, era melhor mesmo que a mulher da noite anterior tivesse desaparecido, embora a lembrança dos lindos seios exuberantes, da cabeleira de cachos ruivos e da boca feita para o pecado trouxesse uma onda de decepção. Ela era deslumbrante. *E na cama...* Na cama ela foi...

Ele congelou. William não conseguia se lembrar. Com certeza ele não tinha bebido tanto assim. Ou tinha? Ela era alta e cheia de curvas, exatamente do jeito que ele gostava das mulheres, pois combinava com sua própria altura e seu tamanho, características que com frequência o atrapalhavam quando se tratava de garotas. Ele não gostava da sensação de que talvez pudesse esmagar uma delas. E ela tinha um sorriso que o fazia pensar em inocência e pecado ao mesmo tempo. Ela se recusou a lhe dizer seu nome... e a ouvir o dele... *Perfeição completa.* E os olhos dela... ele nunca tinha visto olhos como aqueles; um era azul como o mar do verão, e o outro era quase verde. Ele passou muito tempo fitando aqueles olhos, fascinado por eles, grandes e convidativos.

Eles entraram, sorrateiros, pela cozinha, e depois subiram pela escada dos criados, então ela lhe serviu um scotch... E isso era tudo de que William se lembrava. Bom Deus. Ele tinha que parar de beber. E faria isso assim que aquele dia acabasse. Ele precisaria beber para sobreviver ao dia do casamento de seu pai - o dia em que William ganharia sua quarta madrasta. Mais jovem que todas as outras. Mais jovem até que ele. E muito, muito rica.

Não que ele já a tivesse conhecido, aquela maravilha de noiva. Ele a conheceria durante a cerimônia, não antes, assim como tinha feito com as outras três. E então, uma vez que os cofres da família estivessem cheios de novo, ele partiria. De volta a Oxford após cumprir seu dever e interpretar o papel de filho devotado. De volta à vida gloriosa e libidinosa que viviam os herdeiros de ducados, uma vida cheia de bebida, jogatina e mulheres, sem qualquer preocupação no mundo.De volta à vida que ele adorava.

Mas nessa noite ele reverenciaria seu pai, saudaria sua nova madrasta e fingiria que se importava com tudo aquilo, pelo bem das aparências. E, talvez, depois que terminasse de interpretar o papel de herdeiro, ele sairia para procurar aquela coisinha deliciosa nos jardins e faria o seu melhor para relembrar os eventos da noite anterior. Obrigado Senhor pelas propriedades rurais e pelas núpcias com muitos convidados. Não havia uma mulher no mundo que pudesse resistir à atração

sexual que uma cerimônia de casamento propiciava, e por causa disso William tinha grande afinidade pelo sagrado matrimônio. Que sorte seu pai gostar tanto disso.

Ele sorriu com gosto e se espreguiçou na cama, esticando um braço por cima dos lençóis frios de algodão. Lençóis *gelados* de algodão. Lençóis de algodão gelados e *molhados. Que diabos?* Ele arregalou os olhos. Foi somente nesse momento que William percebeu que aquele não era seu quarto. Que aquela não era sua cama. E que a mancha vermelha por cima das cobertas, encharcando seus dedos com resíduos grudentos, não era seu sangue.

Antes que ele pudesse falar, ou se mexer, ou compreender, a porta daquele quarto estranho foi aberta e uma criada apareceu, o rosto alegre e ansioso. Dúzias de pensamentos diferentes poderiam ter passado pela cabeça dele naquele momento… centenas. Ainda assim, nos segundos fugazes que se passaram entre o momento em que a jovem criada surgiu e o instante em que ela reparou nele, William só conseguiu pensar em uma única coisa - que ele estava prestes a arruinar a vida da pobre garota. Ele soube, sem sombra de dúvida, que ela nunca mais abriria uma porta despreocupadamente, nem faria uma cama ou se deleitaria sob o sol brilhante de Devonshire em uma manhã de inverno sem lembrar desse momento. Um momento que William não podia mudar.

Ele não falou nada quando a criada reparou nele, nem quando ela ficou paralisada onde estava, tampouco quando ela ficou mortalmente pálida e seus olhos castanhos - engraçado que ele tenha reparado na cor - se arregalaram primeiro com a percepção e depois com o horror. Ele também não disse nenhuma palavra quando ela abriu a boca e gritou. Sem dúvida ele teria feito o mesmo se estivesse no lugar dela. Foi somente quando ela terminou aquele primeiro guincho alto, de furar os tímpanos - guincho que trouxe criados e criadas, convidados do casamento e seu pai, todos correndo que ele falou, aproveitando a calmaria antes da tempestade para fazer uma pergunta.

“Onde eu estou?”

A empregada apenas continuou olhando para ele, em choque. Ele começou a se levantar da cama e, quando os lençóis caíram até sua cintura, William parou, percebendo que suas roupas não estavam à vista. Ele estava nu. Em uma cama que não era a sua. E coberto de sangue. Ele se deparou de novo com o olhar horrorizado da criada e, quando falou, as palavras saíram carregadas de imaturidade e algo que mais tarde ele identificaria como medo.

“De quem é esta cama?”

Foi de admirar que a moça tenha conseguido responder sem gaguejar.

“Srta. Lowe.”

Srta. Mara Lowe, filha de um rico financista, com um dote grande o suficiente para pegar um duque. Srta. Mara Lowe, que em breve seria a Duquesa de Lamont.

Sua futura madrasta.

Capítulo Um

O Anjo Caído
Londres
Doze anos depois

Há beleza no momento em que a carne encontra o osso. Ela nasce do impacto violento dos nós dos dedos contra o queixo e do baque surdo do punho contra o abdome, e do grunhido rouco que ecoa no peito de um homem na fração de segundo que antecede sua derrota. Aqueles que se deleitam com essa beleza, lutam. Alguns lutam por prazer. Pelo momento em que o oponente desaba no chão, levantando uma nuvem de serragem, sem forças, sem fôlego, sem honra. Alguns lutam pela glória. Pelo momento em que o campeão se agiganta sobre o adversário derrotado e alquebrado, coberto de suor, poeira e sangue. E alguns lutam por poder. Enfatizado pela tensão dos tendões e pela dor dos hematomas que virão, e que anunciam a vitória que chega com a promessa de despojos.

Mas o Duque de Lamont, conhecido pelos cantos mais sombrios de Londres como Temple, lutava por paz. Ele lutava por aquele momento em que não se é nada além de músculos e ossos, movimento e força, destreza e fintas. Pelo modo como a brutalidade bloqueava o mundo ao redor, silenciando o alarido da multidão e as lembranças de sua mente, deixando-o apenas com sua respiração e sua força. Ele lutava porque, ao longo de doze anos, era somente no ringue que ele conhecia a verdade de si mesmo e do mundo. A violência era pura. Todo o restante era maculado. E esse conhecimento fez dele o melhor que havia.

Invicto em toda Londres - e em toda a Europa, alguns apostavam era Temple quem permanecia de pé no ringue todas as noites, com as feridas mal cicatrizadas correndo o risco de sangrar outra vez, as articulações das mãos envoltas em longas tiras de tecido. Ali, no ringue, ele confrontava seu próximo oponente - um homem diferente por noite, cada um acreditando que podia superar Temple. Cada um acreditando que seria o homem que reduziria o grande e inabalável Temple a uma maçaroca de carne jogada no chão do maior salão do antro de jogatina mais exclusivo de Londres.

O poder de sedução do Anjo Caído era intenso, construído sobre dezenas de milhares de libras apostadas todas as noites, firmado sobre a promessa de vício e pecado que atraía ao bairro de Mayfair, ao cair da noite, homens nobres de riqueza incomparável, que ficavam lado a lado e assim descobriam suas fraquezas ao som do marfim rodopiando, dos sussurros do feltro verde e dos giros do mogno. E depois que tinham perdido tudo nos reluzentes e brilhantes salões de cima, o último recurso desses cavalheiros era o salão que os aguardava abaixo do cassino — o ringue. O submundo em que Temple reinava.

Os fundadores do Anjo tinham criado um caminho de redenção para esses homens. Havia um meio pelo qual aqueles que perdiam sua fortuna para o cassino podiam recuperá-la. Enfrentar Temple. Derrotá-lo. E tudo seria perdoado. Mas isso nunca aconteceu, é claro. Há doze anos Temple lutava, primeiro em vielas assustadoras repletas de figuras ainda mais medonhas, por sua própria sobrevivência; depois em clubes de má reputação, por dinheiro, poder e influência. Todas as coisas que lhe tinham sido prometidas. Todas as coisas para a qual ele tinha nascido. *Todas as coisas que ele havia perdido em uma noite esquecida.*

Esse pensamento invadiu o ritmo da luta e por um instante fugaz o corpo de Temple ficou pesado, e seu oponente - que tinha metade de seu tamanho e um terço de sua força - acertou um golpe, com força e sorte, no lugar perfeito para fazer sacudir os dentes e aparecer estrelas diante de seus olhos. Temple cambaleou para trás, impulsionado pelo cruzado inesperado, com a dor e o choque interrompendo seus pensamentos quando ele encontrou o olhar triunfante de seu oponente sem nome.

Não sem nome. E claro que ele tinha um nome. Mas Temple raramente falava os nomes. Aqueles homens eram apenas um meio para seus fins. Assim como ele era um meio para os fins deles.

Um segundo - menos - e ele recuperou o equilíbrio, esquivando-se para a esquerda, depois direita, consciente de que o alcance de seu braço era quinze centímetros maior que o de seu adversário, percebendo a dor nos músculos do oponente, compreendendo como aquele homem mais novo, mais raivoso, caía vítima da fadiga e das emoções. Aquele sujeito tinha muito pelo que lutar: quarenta mil libras e uma propriedade em Essex; uma fazenda no País de Gales que criava os melhores cavalos de corrida da Grã-Bretanha; e meia dúzia de pinturas de um mestre holandês do qual Temple nunca tinha gostado. O dote de sua jovem filha. A educação do filho. Tudo perdido nas mesas do cassino no andar de cima. Tudo isso em disputa no ringue.

Temple fitou os olhos do adversário e viu o desespero estampado ah. O ódio. Ódio pelo clube que se revelou sua perdição, pelos homens que o administravam e principalmente por Temple - o centurião que guardava o tesouro roubado dos bolsos de cavalheiros elegantes e respeitáveis. Essa linha de pensamento ajudava os perdedores a dormir à noite. Como se fosse culpa do Anjo que a liberalidade com o dinheiro e o azar nos dados fossem uma combinação desastrosa. Como se fosse culpa de Temple. Mas era no ódio que eles se perdiam. Uma emoção inútil, nascida da soma do medo com a esperança e o desejo. Eles não sabiam qual era o truque - a verdade de tudo aquilo. Que aqueles que lutavam por alguma coisa estavam destinados a perder. Chegou, então, o momento de acabar com o sofrimento daquele homem.

A cacofonia de gritos ao redor do ringue atingiu uma frequência febril quando Temple atacou, fazendo o adversário recuar através do chão coberto de serragem. Se antes brincava com ele, agora seus punhos despachavam golpes firmes, determinados, engrenados em uma seqüência de acertos. Face. Queixo. Tronco. O homem chegou às cordas que delimitavam o ringue, caindo de costas nelas enquanto Temple continuava o ataque e ficava com pena daquela criatura que chegou a sonhar com a vitória. Que sonhou que poderia derrotar Temple. Que poderia derrotar o Anjo. O último golpe roubou a força do oponente, e Temple o observou desmoronar a seus pés, sob a algazarra ensurdecedora da multidão sedenta por sangue. Ele esperou, a respiração ofegante, por algum movimento do adversário. Que ele se levantasse para uma segunda tentativa. Para uma nova chance. O homem permaneceu parado, os braços envolvendo a cabeça. *Inteligente.* Mais inteligente que a maioria dos outros.

Temple virou e olhou para o coletor de apostas ao lado do ringue. E ergueu o queixo em uma pergunta silenciosa. O olhar do homem pairou um instante no amontoado humano aos pés de Temple. Ele ergueu um dedo nodoso e apontou para a bandeira vermelha no *comer* do ringue. O *corner* de Temple. A multidão rugiu. Temple se virou para o enorme espelho que dominava uma parede do salão e encarou seus próprios olhos pretos por um longo momento, meneando a cabeça uma vez antes de dar as costas para o reflexo e passar por entre as cordas.

Abrindo caminho em meio à turba de homens que pagaram um bom dinheiro para assistir à luta, ele ignorou as mãos estendidas da multidão sorridente que aplaudia, cujos dedos clamavam por tocar a pele suada que recobria seus braços - algo de que poderiam se vangloriar durante anos. *Eles tocaram um matador e viveram para contar a história.* Esse ritual o deixava irritado no começo; depois, com o passar do tempo, começou a sentir orgulho. No momento, aquilo o entediava.

Temple escancarou a pesada porta de aço que dava acesso a seus aposentos particulares e deixou que ela se fechasse atrás de si, já desenrolando uma longa tira de tecido de uma das mãos doloridas. Ele não olhou para trás quando a porta bateu, sabendo que ninguém que havia assistido à luta ousaria segui-lo até seu sombrio santuário subterrâneo. Não sem convite... O local era escuro e silencioso, isolado do espaço público além da porta, onde ele sabia, por experiência, que os homens corriam para reclamar seus ganhos, enquanto uns poucos ajudavam o perdedor a se levantar e chamavam um

médico para enfaixar as costelas quebradas e avaliar os machucados.

Ele atirou a faixa de tecido no chão e estendeu a mão para uma luminária próxima, que acendeu rapidamente. A luz se espalhou pelo aposento, revelando uma mesa baixa de carvalho, vazia a não ser por uma pilha bem arrumada de papéis e uma caixa entalhada de ébano. Ele começou a desenrolar a bandagem do outro punho e olhou para os papéis, agora desnecessários. Nunca eram necessários.

Juntando a segunda tira de tecido à primeira, Temple cruzou a sala quase vazia e segurou na tira de couro presa ao teto, permitindo que seu peso se reequilibrasse, contraindo os músculos dos braços, ombros e das costas. Ele não pôde evitar o longo suspiro que veio quando relaxou, pontuado por uma batida discreta na outra porta, localizada na extremidade escura da sala.

“Entre”, ele disse, sem se virar para olhar quando a porta abriu e fechou.

“Mais um que cai.”

“Eles sempre caem”, Temple completou o alongamento e se virou para Chase - responsável pela fundação de O Anjo Caído que atravessou a sala e se sentou em uma cadeira baixa de madeira.

“Foi uma boa luta.”

“Foi?” Elas pareciam todas iguais, ultimamente.

“E incrível como eles continuam a acreditar que podem te derrotar”, Chase comentou, recostando-se e estendendo as pernas compridas sobre o chão nu. “Era de se esperar que a essa altura já teriam desistido.”

Temple pegou uma garrafa de água no aparador e serviu um copo.

“E difícil rejeitar a possibilidade de vingança. Mesmo que seja uma possibilidade remota.” Temple, que nunca teve a possibilidade de se vingar, sabia disso melhor que qualquer um.

“Você quebrou três costelas do Montlake.”

Temple virou o copo e um fio de água escorreu por seu queixo. Ele passou as costas da mão pelo rosto antes de falar.

“Costelas saram.”

Chase aquiesceu e se mexeu na cadeira.

“Seu estilo de vida espartano não é dos mais confortáveis, sabia?”

“Ninguém convidou você a se sentar”, Temple respondeu, devolvendo o copo ao aparador. “Você vai encontrar veludo e estofados em algum lugar lá em cima, tenho certeza.”

Chase sorriu enquanto tirava um fiapo de uma perna da calça e colocava uma folha de papel sobre a mesa, perto da pilha que já estava lá. A lista de desafiantes para a próxima noite e para a seguinte. Uma lista interminável de homens que desejavam lutar por suas fortunas.

Temple soltou um suspiro longo e baixo. Não queria pensar na próxima luta. Tudo que ele queria era água quente e uma cama macia. Puxou a corrente da campainha, solicitando que seu banho fosse preparado. Passou os olhos pelo papel, que estava perto o bastante para ele ver que tinha meia dúzia de nomes rabiscados, mas longe o suficiente para que não conseguisse ler os nomes. Ele encarou Chase.

“Lowe desafiou você outra vez.”

Temple já devia estar esperando por isso - Christopher Lowe o havia desafiado doze vezes nos últimos doze dias —, mas ainda assim as palavras o atingiram como um golpe.

“Não.” A mesma resposta que já tinha dado onze vezes. “E você devia parar de trazê-lo até mim.”

“Por quê? O garoto não merece uma chance como todos os outros?”

Temple olhou para Chase.

“Canalha! Você gosta é de sangue.”

Chase gargalhou.

“Até gosto de ver o circo pegar fogo, mas de sangue até que não”.

“Continua sendo canalha.”

“Oras, eu só aprecio uma luta emocionante.” Chase deu de ombros. “Ele perdeu milhares de libras.”

“Não me importa se ele perdeu as joias da coroa. Não vou lutar com ele.” “Temple…”

“Quando nós fizemos esse acordo… quando eu aceitei vir para o Anjo, nós concordamos que as lutas seriam minhas. Não foi assim?”

Chase hesitou quando viu o rumo que a conversa tomava.

“Não foi assim?, repetiu Temple.

“Foi.”

“Eu não vou lutar com Lowe.” Temple fez uma pausa, então acrescentou, “Ele nem é um membro.”

“Ele é membro do Cavaleiro. Agora tem os mesmos direitos dos membros do Anjo.”

Cavaleiro, a mais nova aquisição do Anjo Caído, um cassino de menor estatura que conduzia os prazeres e as dívidas de quatrocentos sujeitos menos que agradáveis. A raiva inflamou Temple.

“Maldição… se não fosse por Cross e suas decisões estúpidas…”

“Ele teve seus motivos”, Chase ponderou.

“Que Deus nos proteja dos homens apaixonados.”

“Sábias palavras”, Chase concordou. “Mas nós temos outro cassino para administrar, de qualquer maneira, e essa espelunca possui a dívida do Lowe. E ele tem direito a uma luta se pedir por isso.”

“Como foi que esse garoto perdeu todo esse dinheiro?”, Temple perguntou, detestando a frustração que transpareceu em sua voz. “Tudo que o pai dele tocava se transformava em ouro.”

Por isso a irmã de Lowe tinha sido uma noiva tão bem-vinda. Ele detestou aquele pensamento. As lembranças que trouxe consigo.

Chase ergueu um dos ombros.

“A sorte vira num piscar de olhos.”

A verdade pela qual todos eles viviam. Temple praguejou.

“Não vou lutar com ele. Pode cortá-lo da lista.”

Chase olhou para ele.

“Não há prova de que você a matou.”

O olhar de Temple não vacilou.

“Não há prova de que não matei.”

“Eu apostaria tudo que tenho que você não matou”, afirmou Chase. “Mas não porque você saiba que isso é verdade.”

Nem mesmo Temple sabia.

“Eu conheço você.”

Ninguém o conhecia. Não de verdade.

“Bem, Lowe não me conhece. Não vou lutar com ele. E não vou mais conversar sobre isso. Se quer dar uma luta para o garoto, lute você.”

Ele esperou pela réplica de Chase. Um novo ataque. Mas a réplica não veio.

“Bem, Londres gostaria disso.” O fundador do Anjo levantou e pegou a lista de lutadores em potencial com a pilha de papéis que jazia sobre a mesa desde antes da luta. “Posso devolver os registros ao arquivo?”

Temple negou com a cabeça e estendeu a mão para pegar os papéis. “Eu faço isso.”

Fazia parte do ritual.

“Por que pegar os registros, afinal?”, Chase perguntou.

Temple olhou para os papéis que descreviam a dívida de Montlake com o Anjo de forma clara e

sucinta: cem libras aqui, mil libras ali, cinco hectares. Cem. Uma casa, um cavalo, uma carruagem. *Uma vida...*

Ele ergueu um ombro, apreciando a pontada que sentiu no músculo. “Ele poderia ter ganhado.”

Chase ergueu uma das sobrancelhas loiras.

“Ele poderia.”

Mas não ganhou.

Temple devolveu os papéis à mesa de carvalho.

“Eles apostam tudo na luta. Parece que o mínimo que eu posso fazer é compreender a magnitude daquilo por que estão lutando.”

“Mas você sempre vence.”

Era verdade. Mas ele compreendia o que era perder tudo. A vida inteira de uma pessoa mudando em um instante por causa de uma escolha que não deveria ter sido feita. Uma ação que não deveria ter sido empreendida. Mas havia uma diferença, é claro. Os homens que apareciam para lutar no ringue se lembravam das más escolhas que tinham feito. Das ações que tinham empreendido. *Temple não se lembrava.* Não que isso importasse.

Uma campainha na parede soou, anunciando que seu banho estava pronto, e isso o trouxe de volta ao presente.

“Eu não disse que eles não merecem perder”, disse Temple.

Chase riu, o som alto na sala silenciosa.

“Tão seguro de si mesmo. Um dia você pode não ganhar tão fácil.” Temple pegou uma toalha e pendurou o fino algodão turco no pescoço.

“Promessas inglórias”, ele disse enquanto se dirigia ao quarto de banhos ao lado, dispensando Chase, a luta e as feridas que havia provocado. “Promessas inglórias e maravilhosas.”

***

As ruas a leste da vizinhança de Temple Bar ganhavam vida à noite com o que havia de pior na cidade - ladrões, prostitutas e assassinos liberados de seus esconderijos diurnos, soltos na escuridão selvagem. Prosperando nela. Eles se deleitavam nas sombras das esquinas e recebiam a escuridão da cidade de braços abertos, a menos de um quilômetro de mansões principescas e de seus riquíssimos habitantes, marcando o território onde os nobres não se arriscariam a andar, temerosos de enfrentar a verdade da cidade - que ela era maior do que eles imaginavam. Ou, talvez, que ela fosse exatamente o que eles imaginavam.

Mas Temple conhecia a cidade inteira. Tudo que ele era, tudo que havia se tornado, tudo que seria... esse lugar, crivado de bêbados e prostitutas, era perfeito para um homem desaparecer. Sem deixar rastros. É claro que ele deixava rastros. Durante muito tempo, desde o momento em que, doze anos atrás, ele chegou, jovem e fedendo a medo e fúria, sem nada além de seus punhos para recomendá-lo àquele admirável mundo novo. Os sussurros o acompanhavam em meio à sujeira e ao pecado, marcando o tempo. A princípio ele fingia não ouvir a palavra, mas conforme os anos se passavam, ele a adotou, e o epíteto se tornou um título honorífico. *Assassino.* Isso mantinha os outros longe dele, mesmo que ainda o observassem. O *Duque Assassino.* Ele sentia a curiosidade em seus olhares - por que um aristocrata como ele, nascido no lado certo da cidade, com uma colher incrustrada de diamantes na boca, teria qualquer razão para matar? Que segredos obscuros e devastadores os ricos e privilegiados escondem tão bem por trás de suas sedas, joias e seu dinheiro? Temple deu esperança às almas mais obscuras de Londres. A oportunidade para que acreditassem que sua vida, sem graça e repleta de sujeira e vícios, talvez não fosse tão diferente da vida daqueles que pareciam estar por cima. Tão inatingíveis. *Se o Duque Assassino caiu,* ele ouvia nos olhares furtivos, *então talvez nós possamos subir.* E era naquela esperança fugaz que morava o perigo.

Ele virou uma esquina, deixando para trás as luzes e os sons da rua Long Acre, e sumiu nas ruas obscuras onde passou a maior parte de sua vida adulta. Anos de instinto deixaram seus passos silenciosos, pois ele sabia que era nesse trajeto da cidade - os últimos cem metros até sua casa - que encontravam coragem aqueles que o espreitavam. Por causa disso, não era de surpreender que estivesse sendo seguido. Já tinha acontecido antes - homens desesperados o bastante para querer enfrentá-lo, para empunhar facas e porretes na esperança de que um único e bem colocado golpe pudesse apagá-lo o tempo necessário para roubarem seu dinheiro. E se o ataque o apagasse para sempre, bem, tanto melhor. Era assim que funcionava nas ruas, afinal. Temple já os enfrentou antes, lutou com eles, derramou sangue e dentes ali, nos paralelepípedos de Newgate, com uma ferocidade que não aparecia no ringue do Anjo Caído. Ele já tinha lutado com eles e vencido. Dezenas. Centenas de vezes. Ainda assim, sempre havia algum novo pecador, desesperado, que o seguia, confundindo a elegância do casaco de Temple com fraqueza.

Ele diminuiu o ritmo, prestando atenção nos passos atrás de si, diferentes do habitual. Faltava o peso da bebida e do mau discernimento. Rápidos, concentrados e quase em cima dele antes que Temple reparasse o que diferenciava aqueles passos. Ele devia ter notado antes. Devia ter entendido imediatamente por que havia algo de tão inusitado naquele perseguidor em particular. Tão perturbador. Ele devia ter percebido, se não por outra razão, pelo que aquele perseguidor *não era*. Porque, em todos os anos em que foi seguido por aquelas vielas escuras - em todos os anos em que precisou erguer seus punhos para estranhos -, o agressor nunca foi uma mulher. Os passos dela ficaram cada vez mais hesitantes conforme se aproximava, e ele marcou o tempo com suas próprias passadas, compridas e lentas, sabendo que podia se virar e eliminar aquela ameaça a qualquer momento. Mas não era todo dia que se surpreendia. E a fedelha atrás dele não era outra coisa senão surpreendente. Ela estava perto o bastante para que ele pudesse ouvir sua respiração, apressada e entrecortada - sinais claros de energia e medo. Como se ela fosse novata naquilo. Como se ela fosse a vítima. *E talvez ela fosse.*

Ela estava a um metro dele. Trinta centímetros. Quinze, quando ele virou e a agarrou pelos punhos, puxando-a para perto — e a percepção de que ela estava desarmada veio com uma onda de calor e aroma cítrico. Ela não estava usando luvas. Ele mal teve tempo de registrar esse fato antes que ela soltasse uma exclamação de espanto, ficando absolutamente imóvel por uma fração de segundo antes de tentar puxar os braços e, após perceber que estavam presos pelos punhos fortes dele, começar a lutar para valer. A mulher era mais alta que a média, e mais forte do que ele esperava. Ela não gritou nem xingou, preferindo usar todo seu fôlego, toda sua força, para alimentar a tentativa de se soltar, o que fazia dela mais inteligente do que a maioria dos homens que enfrentou no ringue. Ela não era páreo para ele, contudo, e Temple a segurou. Firme e apertado, até ela desistir. Temple lamentou que ela desistisse. Mas foi o que ela fez, percebendo a futilidade de suas ações após um longo momento… hesitando brevemente antes de virar seu rosto para ele e falar.

“Solte-me.”

Havia algo na voz dela, uma honestidade calma, inesperada, que quase fez com que ele obedecesse. Quase fez com que ele a soltasse, que a deixasse desaparecer na noite. *Quase...* Mas fazia muito tempo que ele não ficava tão intrigado com um oponente. Puxando-a para perto de si, ele transferiu os dois braços dela para uma de suas mãos enquanto usava a outra para verificar se a moça trazia armas sob a capa. Sua mão parou no cabo de uma faca, escondida no fundo do forro da capa. Temple a puxou.

“Não, acho que não vou te soltar.”

“Isso é meu”, a moça protestou, tentando pegar a faca e praguejando quando ele a colocou fora de seu alcance.”

“Eu não gosto de encontros noturnos com agressores armados.”

“Não estou armada.”

Ele ergueu uma sobrancelha.

Ela suspirou alto, irritada.

“Quero dizer, estou armada, é óbvio. E tarde da noite e qualquer pessoa com a inteligência de um peixe estaria. Mas eu não tenho intenção de te esfaquear.” “E eu devo simplesmente aceitar sua palavra?”

As palavras dela soaram francas e verdadeiras.

“Se eu quisesse te esfaquear, já teria esfaqueado.”

Ele amaldiçoou a escuridão e seus segredos, querendo ver o rosto dela. “Você está atrás de quê?”, ele perguntou, calmo, guardando a faca em sua bota. “Dos meus bolsos? Devia ter escolhido um alvo menor.” Embora ele não tenha achado nada mal que ela o tivesse escolhido. Temple estava gostando daquilo.

E gostou ainda mais da resposta dela.

“Estou atrás de você.”

A resposta foi rápida o suficiente para parecer verdadeira, e para deixá-lo de queixo caído. Cautela.

“Você não é uma vagabunda.”

Aquilo não foi uma pergunta. Estava evidente que ela não era uma prostituta - a forma como ficou rígida em resposta à sua declaração, mantendo espaço entre eles. Ela não se sentia à vontade com o toque masculino. *Com o toque dele.* Ela redobrou os esforços para se soltar.

“E só isso que as pessoas querem de você? Seu dinheiro ou seu...” Ela se interrompeu, e Temple resistiu ao impulso de rir. Ela, com certeza, não era uma prostituta.

“As duas opções geralmente bastam para as mulheres.” Ele encarou o rosto escuro, desejando um pouco de claridade. Um fio de luz de alguma janela próxima. “Tudo bem, querida, se não é meu dinheiro nem meu...” Ele se interrompeu, apreciando o modo como ela prendeu a respiração antes que ele concluísse a frase. Ela era interessante, “...meu vigor que você quer, então o que é?”

Ela inspirou profundamente, e o silêncio pesou entre eles, como se o que ela estava para falar pudesse mudar o mundo dela. Ou o dele. Temple esperou, mal percebendo que também estava prendendo a respiração.

“Estou aqui para desafiar você.”

Ele a soltou e lhe deu as costas, afastando-se enquanto era dominado pela irritação e pela frustração, e por uma onda nada pequena de decepção. Ela o queria como um meio para atingir seus fins. Assim como todos os outros. As botas dela estalaram nos paralelepípedos enquanto corria atrás dele. “Espere.”

Ele não esperou.

“Alteza...” O título atravessou a escuridão. Machucou. *Ela não chegaria a lugar algum com essas boas maneiras.* “Espere um momento. Por favor!” Pode ter sido a delicadeza do pedido. Pode ter sido o próprio pedido - algo que o Duque Assassino não ouvia com frequência - que o deteve. Ele se virou.

“Eu não luto com mulheres. Não me importa quem é seu homem. Diga-lhe para encontrar sua hombridade e vir ele mesmo atrás de mim.” “Ele não sabe que estou aqui.”

“Receio que você deveria ter contado. Assim ele poderia ter impedido que você tomasse a decisão imprudente e precipitada de andar por uma viela escura, no meio da noite, com o homem que é considerado um dos mais perigosos de toda a Grã-Bretanha.”

“Eu não acredito nisso.”

Alguma coisa o tocou profundamente ao ouvir aquelas palavras. A verdade nelas. E por um brevíssimo momento, Temple considerou tomá-la em seus braços outra vez. E levá-la para sua casa.

Fazia muito tempo que uma mulher não o intrigava. Mas a sanidade retornou.

“Você devia acreditar.”

“Isso é uma bobagem. Foi desde o início.”

Ele estreitou o olhos e a encarou com firmeza.

“Vá para casa e encontre um homem que goste de você o bastante para salvá-la de si mesma.”

“Meu irmão perdeu uma grande quantidade de dinheiro”, ela explicou, as palavras soando com clareza na escuridão, marcadas ao mesmo tempo pela boa educação e pelo sotaque da zona leste de Londres. Não que ele se importasse com o sotaque. *Ou com ela.*

“Eu não luto com mulheres.” Havia conforto na repetição. No lembrete de que ele nunca havia machucado uma mulher. *Outra mulher.* “E seu irmão parece mais inteligente que a maioria. Eu nunca perco para homens.” “Eu desejo reaver o dinheiro, no entanto.”

“E eu desejo várias coisas que não posso ter”, ele retrucou.

“Eu sei. E por isso que estou aqui. Para dar essas coisas a você.” Havia algo a mais naquelas palavras. Força. Verdade. Ele não respondeu, mas a curiosidade o deixou na expectativa do que ela diria a seguir. E as palavras vieram como um golpe. “Estou aqui para propor um negócio.”

“Então você é uma vagabunda, afinal?”

Temple quis insultá-la. E falhou. Ela soltou uma meia risada na escuridão - e o som foi mais intrigante do que ele gostaria de admitir.

“Não esse tipo de negócio. Além disso, você não me quer tanto quanto quer o que eu posso lhe dar.”

Aquilo era um desafio, e ele teve vontade de aceitá-lo. Porque havia alguma coisa nas palavras daquela mulher tola, corajosa, que o atraía. Que o fazia querer considerar qualquer transação idiota que ela pudesse lhe oferecer. Ele a mediu de cima a baixo, e deu um passo em sua direção, sentindo seu perfume caloroso e acolhedor. Em um instante, ele a tomou em seus braços e a apertou contra o peito.

“Eu confesso: sempre gostei da combinação de beleza com coragem.” Temple sussurrou em sua orelha, adorando o modo como ela prendeu a respiração na garganta. “Quem sabe nós possamos chegar a algum acordo.” “Meu corpo não faz parte do negócio.”

Era uma pena. Aquela moça era atrevida como o diabo, e uma noite em sua cama podia valer o que quer que ela estivesse querendo.

“E o que te faz pensar que estou interessado em negociar com você?” Ela hesitou. Um segundo. Menos. Mas ele percebeu.

“Porque você quer o que eu estou oferecendo.”

“Sou rico como Creso, querida. Então, se você não está oferecendo sua companhia de boa vontade na minha cama, não há nada que você tenha que eu não possa conseguir sozinho.”

Ele se virou para ir embora, e deu vários passos antes que ela falasse: “Nem mesmo absolvição?”

Ele congelou. *Absolvição.* Quantas vezes Temple tinha ouvido aquela palavra sussurrada por sua mente? Quantas vezes ele a experimentou bem baixinho em sua língua, enquanto jazia na escuridão, somente com a culpa e a raiva como companheiras? Absolvição. Um turbilhão se alastrou por seu corpo, frio e impetuoso, e ele precisou de um momento para compreender. Cuidado. *Ela é perigosa.* Ele devia se afastar. Ainda assim... Ele se adiantou para capturá-la, valendo-se da velocidade pela qual era conhecido, e prendeu o braço dela com a mão forte. Temple ignorou a inspiração forte dela e a puxou pela rua até um trecho iluminado pela luz do poste à porta da sua casa. Ergueu a mão enluvada até o rosto dela, virando-o para a luz e assimilando suas feições - a pele perfeita corando ao contato com o ar frio da noite, o maxilar firme e desafiador. Os olhos grandes e claros, repletos de honestidade. Um azul. Um quase verde. *Estranho demais para ser comum. Memorável demais.*

Ela tentou soltar o queixo. Ele apertou a mão, impossibilitando o movimento. A pergunta veio rápida e rude na escuridão da noite.

“Quem é seu irmão?”

Ela engoliu em seco. Ele sentiu esse movimento na mão. No corpo todo. Uma eternidade se passou enquanto Temple aguardava a resposta.

“Christopher Lowe.”

O nome o atingiu como uma facada, e ele a soltou no mesmo instante, recuando um passo da onda de calor que o ameaçava, que engrossava seu sangue e fazia seus ouvidos zunirem com ferocidade. *Absolvição.* Ele balançou a cabeça lentamente, incapaz de se impedir de falar.

“Você é...” Sua voz sumiu e ela fechou os olhos, incapaz de sustentar o olhar de Temple. Não. Ele não aceitaria aquilo. “Olhe para mim.”

Ela se endireitou, os ombros para trás, a coluna ereta. E enfrentou o olhar dele sem vergonha. Sem remorso. *Jesus.*

“Diga.” Não foi um pedido.

“Eu sou Mara Lowe.”

Não *podia ser verdade.*

“Você está morta.”

Ela meneou a cabeça e o cabelo ruivo cintilou sob a luz.

“Eu estou viva.”

Tudo nele foi silenciado. Tudo que havia fervido durante tantos anos. Tudo que ele tinha evitado, odiado e temido. Tudo ficou quieto. *Até começar a rugir como o próprio inferno.* Ele se virou para destrancar a porta de sua residência, precisando de algo que o afastasse da raiva que sentia. As trancas de ferro se moveram sob sua força, estalando e deslizando, pontuando sua respiração difícil.

“Alteza?”

A indagação o trouxe de volta ao mundo. *Alteza.* O título para o qual ele tinha nascido. O título que ele havia ignorado durante anos. Dele, mais uma vez. Restaurado pela pessoa que o havia tomado. Sua Graça, o Duque de Lamont. Ele escancarou a porta e se virou para encará-la, a mulher que mudou sua vida. Que arruinou sua vida.

“Mara Lowe.” Ele falou e o nome saiu áspero e despedaçado, recoberto de história.

Ela aquiesceu. Ele riu, um ruído solitário ecoando na escuridão. Era tudo que ele podia fazer. Ela franziu a testa, confusa. Ele fez uma reverência rápida e debochada.

“Perdoe-me. Veja, não é todo dia que um assassino reencontra uma vítima do passado.”

“Você não me matou”, ela ergueu o queixo.

Tais palavras foram ditas com suavidade, mas com determinação, e estavam embebidas de uma coragem que ele devia ter admirado. De uma coragem que ele devia ter odiado. Ele não a matou. As emoções estavam tomando conta dele, impiedosas e ferozes. Alívio. Fúria. Confusão. E mais uma dezena. *Bom Deus. Que diabo tinha acontecido?*

Ele se afastou e indicou o hall de entrada escuro, além da porta.

“Entre.” De novo, não foi um pedido.

Ela hesitou, os olhos bem abertos, e por um instante Temple pensou que ela iria fugir. Mas não. Garota estúpida. Deveria ter corrido. A saia dela roçou em suas botas quando passou por ele, e esse toque o lembrou de que ela era de carne e osso. E estava viva. *Viva e era dele.*

Capítulo Dois

Quando a porta fechou e as trancas estalaram, pontuando a escuridão silenciosa daquela casa, ocorreu a Mara que aquele bem poderia ter sido o maior erro de sua vida. O que não era pouca coisa, considerando-se o fato de que, duas semanas após seu aniversário de dezesseis anos, ela fugiu de seu casamento arranjado com um duque, deixando o filho dele enfrentar a falsa acusação de tê-la assassinado. O filho, que sem dúvida estava pensando em transformar aquela acusação falsa em verdadeira. O filho, que tinha todo direito de soltar sua fúria. O filho, com quem ela estava naquele momento em um perturbador hall apertado. Sozinha. No meio da noite. O coração de Mara disparou naquele espaço confinado, e cada centímetro de seu corpo gritava para que ela fugisse. Mas ela não podia. Seu irmão tornou isso impossível. O destino se voltou contra ela. O desespero a levou até ali, e estava na hora de Mara enfrentar seu passado. Estava na hora de Mara enfrentar o *duque*.

Ela reuniu todas as suas forças e se virou para fazer exatamente isso, tentando ignorar o modo como aquela figura enorme — mais alta e mais larga do que qualquer outro homem que ela conhecia - pairava na escuridão, bloqueando sua saída. Então ele passou por ela, seguindo na direção de uma escada. Ela hesitou, lançando um olhar para a porta. Ela podia desaparecer outra vez. Exilar Mara Lowe novamente. Ela já tinha se perdido uma vez, poderia repetir tudo de novo. *Ela podia fugir.* E perder tudo que tinha. Tudo que era. Tudo pelo que havia trabalhado tanto.

“Você não vai conseguir correr dez metros antes que eu te pegue”, ele avisou.

Tinha isso também...

Ela ergueu o olhar para ele, que a observava de cima, com o rosto iluminado pela primeira vez naquela noite. Ele mudou nesses doze anos, e não do jeito comum - de um garoto de dezoito em um homem de trinta. A pele lisa e perfeita ganhou ângulos duros e a sombra da barba de vários dias por fazer. Mais do que isso, os olhos dele não tinham mais a marca da alegria que sustentavam naquela noite, uma vida atrás. Eles continuavam pretos como a meia-noite, mas agora continham segredos. E claro que ele a pegaria se ela corresse. Era por isso que ela estava ali, não era? Para ser pega. Para se revelar. *Mara Lowe.* Fazia mais de uma década que ela não dizia o nome em voz alta. Ela foi Margaret Maclntyre desde o momento em que sumiu naquela noite. Mas voltava a ser Mara naquele instante, pois não havia outro modo de salvar a única coisa que importava para ela. Aquilo que lhe dava um sentido. *Sua única escolha era ser Mara.*

Esse pensamento lhe deu ânimo para subir a escada que levava a uma sala que era parte biblioteca, parte escritório, completamente masculina. Quando ele acendeu as velas, um brilho dourado se espalhou sobre os móveis de cores escuras, revestidos de couro. Temple já estava agachado para acender o fogo na lareira quando ela entrou. Aquilo era tão impróprio - o grande duque acendendo o fogo - que ela não conseguiu se segurar.

“Você não tem criados?”

Ele levantou e limpou as mãos nas coxas grossas.

“Uma mulher vem de manhã para limpar.”

“Ninguém mais?”

“Não”, respondeu ele.

“Por que não?”

“Ninguém quer dormir na mesma casa que o Duque Assassino.” Não havia raiva em suas palavras. Nem tristeza. Apenas verdade.

Ele foi se servir de um scotch, mas não ofereceu para ela. Também não a convidou a se sentar quando ele próprio se ajeitou em uma grande poltrona de couro. Temple tomou um grande gole do

líquido âmbar e cruzou uma perna sobre a outra, balançando o copo com dois dedos enquanto a observava, os olhos pretos assimilando os detalhes, observando, analisando tudo.

Ela cruzou as mãos para controlar seu tremor e enfrentou o olhar dele. Ela também sabia brincar assim. Doze anos afastada do dinheiro, do poder e da aristocracia tinham lhe rendido uma determinação férrea. *Uma determinação que os dois compartilhavam.* O pensamento passou por sua cabeça com um fio de culpa. Ela escolheu aquela vida. Escolheu mudar tudo. Ele não. Ele foi a vítima do plano tolo e idiota de uma criança. *Sinto muito...* Era verdade. Ela nunca pretendeu que aquele jovem charmoso -todo músculos, graça e sorrisos - se tornasse uma vítima involuntária da sua fuga. *Não que ela tivesse tentado salvá-lo.* Ela ignorou o pensamento. Era tarde demais para pedir desculpas. Ela era a responsável por tudo aquilo e agora tinha de enfrentar as conseqüências.

Ele bebeu de novo, as pálpebras escondendo seu olhar, como se ela pudesse esquecer o modo como ele a encarava. Como se ela não sentisse aquele olhar até nos ossos. Era uma batalha. Ele não iria falar primeiro, e assim cabia a ela começar a conversa. *Uma ação de fraqueza.* E ela não podia perder para ele. Então Mara esperou, tentando não se inquietar. Tentando não pular de susto a cada estalo da lenha na lareira. Tentando não enlouquecer com o peso do silêncio. Aparentemente, ele também não queria perder.

Sustentou o olhar dele e apertou os olhos. Ela esperou até não aguentar mais, e então falou a verdade.

“Eu não gosto de estar aqui mais do que você gosta de estar comigo.”

As palavras o petrificaram por um instante, e ela mordeu a língua, com medo de falar. Com medo de piorar as coisas. Ele riu de novo - a mesma risada que ela ouviu antes, lá fora -, desprovida de humor, um ruído confuso que parecia mais uma manifestação de dor do que de alegria.

“Incrível. Até este momento eu realmente considerei a possibilidade de que você também tinha sido uma vítima do destino.”

“Não somos todos vítimas do destino?”

E ela tinha sido. Mara não queria fazer de conta que tinha sido uma participante involuntária em tudo o que aconteceu todos aqueles anos atrás... mas se ela soubesse como aquilo a mudaria... o que aquilo faria com ela... Ela interrompeu a mentira antes de a completar. Ela teria feito o mesmo de qualquer modo. Ela não teve escolha na época. Assim como não tinha escolha nessa noite. Há momentos que mudam a vida de uma pessoa. E caminhos que chegam sem uma bifurcação na estrada.

“Você está viva e bem, Srta. Lowe.”

O homem era um duque, rico e poderoso, com toda Londres a seus pés, se assim quisesse. Ela ergueu o queixo ao ouvir o tom de acusação.

“Você também, *Alteza.*”

Os olhos dele ficaram sombrios.

“Isso é discutível.” Temple se recostou na cadeira. “Parece que meu agressor não foi o destino, afinal. Foi você.”

Quando ele a surpreendeu do lado de fora, antes de saber quem ela era e por que estava ali, sua voz era calorosa - com uma nota de gravidade que a atraiu, por mais que ela soubesse que não devia se sentir assim. Esse calor tinha desaparecido àquela altura, substituído por uma calma fria - uma calma que não a enganou. Uma calma que, ela podia apostar, escondia uma tempestade terrível.

“Eu não agredi você.”

Fato, embora não fosse totalmente verdade. Ele continuou a encará-la. “Uma mentirosa rematada, pelo que vejo.”

Ela ergueu o queixo.

“Eu nunca menti.”

“Não? Você fez o mundo acreditar que estava morta.”

“O mundo acreditou no que quis.”

Ele estreitou os olhos pretos.

“Você desapareceu e deixou que cada um tirasse suas conclusões.”

A mão livre dele - a que não segurava o copo de scotch - traiu sua ira ao contorcer os dedos com energia quase incontida. Ela reparou no movimento, que percebia nos garotos de rua que tinha conhecido. Sempre havia alguma coisa que lhes traía a frustração. A raiva. Os planos. Mas diante dela não estava um garoto. Mara não era boba - doze anos tinham lhe ensinado uma centena de lições de segurança e autopreservação, e por um instante o arrependimento deu lugar ao nervosismo e ela novamente pensou em fugir. Daquele homem, daquele lugar e da escolha que havia feito. A escolha que ao mesmo tempo salvaria a vida que ela tinha construído e a destruiria. A escolha que a obrigaria a encarar seu passado e a colocar seu futuro nas mãos daquele homem.

Ela observou os dedos se mexendo. Eu *nunca quis te prejudicar.* Era o que ela queria dizer, mas ele não acreditaria. Mara sabia que não. E aquilo não dizia respeito a perdão ou compreensão, mas ao futuro dela. E ao fato de que ele tinha a chave para esse futuro.

“Eu desapareci, é verdade. E não posso apagar isso. Mas estou aqui agora.” “E finalmente chegamos a este momento. Por quê?”

Tantos motivos. Ela resistiu a esse pensamento. Só havia um motivo. Só um que importava.

“Dinheiro.” Era verdade. E também mentira.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

“Confesso que não esperava tanta sinceridade.”

Ela deu de ombros.

“Eu acho que mentiras complicam tudo.”

Ele exalou um longo suspiro.

“Você veio aqui pedir pelo seu irmão.”

Ela ignorou o surto de raiva que acompanhou as palavras.

“Vim.”

“Ele está devendo até o último fio de cabelo.”

Com o dinheiro dela.

“Eu soube que você pode mudar isso.”

“Poder não é querer.”

Ela respirou fundo e resolveu começar a negociação.

“Eu sei que ele não pode vencer você. Eu sei que lutar com o grande Temple é uma ilusão. Você sempre ganha. Por isso, eu deduzi, você não aceitou nenhum dos doze desafios. Francamente, fico feliz que não tenha aceitado. Assim você me deu a chance de negociar.”

Era difícil acreditar que os olhos pretos dele pudessem ficar mais escuros do que já estavam.

“Você mantém contato com ele.”

Ela ficou paralisada, refletindo sobre a revelação mal calculada. Ele não lhe deu tempo.

“Há quanto tempo você mantém contato com ele?”

Ela hesitou por um instante longo demais. Apenas um segundo. Mas o bastante para ele se levantar da poltrona e atravessar a sala, confrontando-a, fazendo-a recuar, fazendo-a tropeçar em suas saias.

Um braço imenso avançou na direção dela. E a pegou - um feixe de músculos duros como aço em suas costas. Ele a puxou para si; ela ficou presa junto a ele.

“Há quanto tempo?” Temple fez uma pausa, mas antes que ela pudesse responder, ele acrescentou: “Não precisa me dizer. Posso sentir o cheiro da culpa em você.”

Mara pôs as mãos no peito dele e sentiu a parede de ferro que havia ali. Empurrou. O esforço foi inútil. Ele só se moveria quando quisesse.

“Você e seu irmão imbecil armaram um plano idiota e você desapareceu.” Ele estava perto. Perto demais. “Talvez não idiota. Talvez genial. Afinal, todo mundo pensou que você estava morta. *Eu pensei que você tinha morrido.”* As palavras carregavam fúria e algo mais. Algo que ela esperava poder amenizar.

“Esse nunca foi o plano.”

Ele ignorou suas palavras.

“Mas aqui está você, doze anos depois, em carne e osso. Firme e forte.” A voz dele estava baixa, um sussurro na orelha dela. “Eu deveria fazer valer o nosso passado. A minha reputação.”

Ela sentiu a raiva na voz dele. Sentiu-a em seu toque. Mais tarde ela sentiria orgulho de sua própria coragem quando ergueu o rosto e falou: “Talvez você devesse mesmo fazer isso. Mas não vai.”

Ele a soltou, tão rápido que ela cambaleou para trás quando Temple se afastou e começou a andar de um lado para outro da sala, o que a fez se lembrar de um tigre que certa vez viu em uma exposição, enjaulado e frustrado. Naquele momento, ela pensou que trocaria de bom grado o Duque de Lamont pela fera. Ele próprio era indomado.

“Eu não teria tanta certeza”, ele respondeu, quando se virou. “Doze anos marcado como assassino fazem um homem mudar.”

Ela balançou a cabeça, sustentando o olhar negro dele.

“Você não é um assassino.”

“Você é a única que sabe disso.”

A voz dele saiu baixa e carregada de emoções. Mara reconheceu raiva, choque e surpresa, mas foi o tom de acusação que a perturbou. Não era possível que ele próprio pensasse que a tinha matado. Não era possível que ele tivesse acreditado nas fofocas. Nas especulações. *Ou era?* Ela devia falar alguma coisa. Mas o quê? O que se deve dizer para um homem falsamente acusado de assassinato?

“Ajudaria se eu pedisse desculpas?”

Ele endureceu o olhar.

“Você sente remorso?”

Ela não faria nada diferente. Por nada deste mundo.

“Sinto muito que você tenha sido envolvido dessa forma.”

“Você se arrepende de suas ações?”

Ela o encarou.

“Você quer a verdade? Ou um lugar-comum?”

“Você nem imagina as coisas que eu quero.”

Ela não podia mesmo imaginar.

“Eu entendo que você esteja com raiva.”

Aquilo pareceu provocá-lo, e ele avançou na direção dela, ainda segurando o copo e fazendo Mara recuar pela sala que era pequena demais. “Você *entende,* é mesmo?”

Ela disse a coisa errada. Desviou de um divã e ergueu as mãos, como se pudesse detê-lo, procurando a coisa certa para dizer. Ele não esperou que ela encontrasse.

“Você *entende* o que é perder tudo?”

Sim.

“Você *entende* o que foi perder meu nome?”

Ela entendia, na verdade. Mas sabia que não devia responder.

Ele continuou.

“Perder meu título, minha terra, minha *vida?”*

“Mas você não perdeu nada disso… você ainda é um duque. O Duque de Lamont”, ela rebateu, as palavras - que ela repetiu para si mesma ao longo dos anos - saindo rápidas e defensivas. “A terra

ainda é sua. O dinheiro. Você triplicou as posses do ducado."

Ele arregalou os olhos.

"Como você sabe disso?"

"Eu presto atenção."

"Por quê?"

"Por que você nunca voltou à propriedade?"

"De que adiantaria eu voltar?"

"Isso talvez faria você se lembrar de que não perdeu tanta coisa." As palavras saíram antes que ela pudesse se conter. Antes que ela percebesse como eram provocadoras. Ela correu para trás, colocando uma cadeira alta entre eles e olhando ao redor. "Eu não quis dizer..."

"E claro que quis." Ele começou a rodear a cadeira e a investir na direção dela.

Ela se foi andando em sentido contrário, mantendo o móvel entre eles. E tentou acalmar a fera.

"Você está bravo."

Temple meneou a cabeça.

"Bravo nem começa a descrever tudo que estou sentindo."

Ela aquiesceu, atravessando a sala de costas mais uma vez.

"Tem razão. Furioso."

"Quase isso", ele avançou.

"Exaltado."

"Isso também."

Ela olhou para trás e viu o aparador se aproximando. Aquela definitivamente não era uma sala muito grande.

"Indignado", ela completou.

"E isso."

Ela sentiu o carvalho duro às suas costas. *Encurralada de novo.*

"Não posso desfazer", ela argumentou, desesperada para reequilibrar a situação. "O que está feito." Ele parou, e por um instante ela conseguiu sua atenção. "Se eu não estou morta, você não é..." - *um assassino* - "...*o* que dizem." Ele não respondeu, e ela se apressou para preencher o silêncio. "E por isso que estou aqui. Eu vou me apresentar. Vou me mostrar para a Sociedade. Vou provar que você não é o que dizem."

Ele colocou o copo no aparador.

"Você vai fazer isso."

Ela soltou a respiração que não percebeu que estava prendendo. *Ele não era tão rancoroso quanto ela tinha imaginado.* Mara aquiesceu.

"Sim, eu vou. Vou contar para todo mundo..."

"Você vai contar a verdade para todo mundo."

Ela hesitou ao ouvir aquelas palavras, e as odiou, e o modo como representavam uma ameaça. Ainda assim ela concordou.

"Vou contar a verdade." Seria a coisa mais difícil que ela faria na vida, mas tinha que fazer.

Ela não tinha escolha. Aquilo a arruinaria, mas talvez pudesse salvar o que era importante. Ela só tinha uma chance de negociar com Temple. E tinha que fazê-lo corretamente.

"Com uma condição..."

Ele riu. Uma gargalhada forte e estrondosa. Ela franziu a testa. Mara não gostou daquele som, principalmente quando terminou com um sorriso perverso, sem humor.

"Você quer barganhar comigo?" Ele estava ao alcance de um toque. "Você acha que esta noite me deixou com vontade de negociar?"

"Eu desapareci uma vez. Posso desaparecer de novo." A ameaça não melhorou a disposição dele.

“Eu encontro você.” As palavras foram tão sérias, tão honestas, que Mara não duvidou dele.

Ainda assim, ela resistiu.

“Talvez, mas eu me escondi durante doze anos e me tornei boa nisso. E mesmo que você me ache, a aristocracia não vai, simplesmente, aceitar sua palavra de que estou viva. Você precisa que eu queira participar disso de boa vontade.”

Ele apertou os olhos e um músculo na sua mandíbula se contorceu. Quando ele falou, as palavras saíram como gelo.

“Posso lhe garantir que eu nunca vou precisar de você.”

Ela o ignorou e continuou.

“Eu vou contar a verdade. Vou apresentar uma prova de quem sou. E você vai perdoar a dívida do meu irmão.”

Houve um momento de silêncio em que as palavras pairaram entre eles e, durante esses segundos fugazes, Mara chegou a pensar que tivera sucesso ao negociar com ele.

“Não.”

Pânico. Ele não podia recusar. Ela ergueu o queixo.

“Eu acredito que é uma troca justa.”

“Uma troca justa por *destruir a minha vida?”*

Ela não pôde mais conter a irritação. Ele era um dos homens mais ricos de Londres. Da Grã-Bretanha, pelo amor de Deus! Com mulheres se jogando nos braços dele e homens desesperados para conquistar sua confiança. Ele manteve o título, a propriedade e agora tinha um verdadeiro império. O que ele sabia de vidas arruinadas?

“E quantas vidas você destruiu?” ela perguntou, sabendo que não devia, mas incapaz de se controlar. “Você não é nenhum santo, meu lorde.”

“O que quer que eu tenha feito...”, ele começou, então parou, mudando de abordagem com outro suspiro de incredulidade. “Chega. Você é tão idiota agora quanto era aos dezesseis anos se acha que está em condições de negociar os termos de um acordo entre nós.”

Ela pensou que sim no início, é claro, mas bastava olhar para os olhos furiosos e frios daquele homem para perceber que ela tinha calculado mal. Aquele homem não queria absolvição. Ele queria vingança. E ela era o caminho para ele conseguir isso.

“Não está vendo, Mara?”, ele se inclinou e sussurrou. “Você é minha agora.” Aquilo foi desconcertante, mas ela se recusou a demonstrar. *Ele não era um assassino.* Ela sabia disso melhor do que qualquer um. *Ele pode não ter te matado... mas você não tem ideia do que ele fez desde então.* Bobagem. Ele não era um assassino. Temple só estava bravo. Que era o que ela estava esperando, não é mesmo? Ela não tinha se preparado para isso? Ela não tinha considerado todas as opções antes de vestir sua capa e sair para as ruas para encontrá-lo? Ela ficou sozinha durante doze anos. E tinha aprendido a tomar conta de si mesma. Ela aprendeu a ser forte.

Temple se afastou dela e foi até uma poltrona perto da lareira.

“Você pode se sentar. Não vai a lugar algum mesmo.”

Ela se sentiu incomodada ao ouvir aquilo.

“O que isso quer dizer?”

“Quer dizer que você apareceu na minha porta, Srta. Lowe. E eu não tenho a menor intenção de deixar você escapar outra vez.”

O coração dela acelerou.

“Vou ser sua prisioneira, então?”

Temple não respondeu, mas o que disse antes ecoou nela. *Você é minha agora.* Maldição. Ela tinha cometido um erro de cálculo assustador. Ele a deixava sem opções.

Ignorando o aceno dele para se sentar junto à lareira, ela foi até a garrafa na outra extremidade

do aparador; servindo um copo e depois outro, medindo cuidadosamente o líquido. Ela se virou para encará-lo, reparando na sobrancelha acusadora erguida.

“Posso tomar uma bebida, não posso? Ou me deixar com sede faz parte da vingança?”

Ele pareceu refletir a respeito antes de responder.

“Fique à vontade.”

Ela atravessou a sala e lhe ofereceu o segundo copo, esperando que ele não percebesse que sua mão estava tremendo.

“Obrigada.”

“Você acha que boa educação vai lhe fazer ganhar pontos?”

Ela sentou na beira da poltrona de frente para ele.

“Mal não pode fazer.” Ele bebeu e ela soltou a respiração, olhando fixamente para o líquido, esperando antes de falar. “Eu não queria fazer isso.” “Eu imagino que não”, ele concordou, irônico. “Imagino que você desfrutou muito bem de doze anos de liberdade.”

Não foi isso que ela quis dizer, mas Mara sabia que não devia tentar corrigi-lo. “E se eu lhe disser que não foi sempre que desfrutei dessa liberdade? Que não foi sempre fácil?”

“Eu a aconselharia a não me dizer essas coisas. Percebi que perdi minha vontade de ser compreensivo.”

“Você é um homem difícil”, ela apertou os olhos para ele.

Ele bebeu novamente.

“Um sintoma de doze anos de solidão.”

“Eu não queria que acontecesse desse jeito”, ela disse, percebendo enquanto falava que estava revelando mais do que pretendia. “Nós não reconhecemos você.”

“Nós?”, ele congelou.

Ela não respondeu.

“Nós?” Ele se inclinou para frente. “Seu irmão. Eu deveria ter aceitado lutar com ele, quando pediu. Ele merece uma surra. Ele...” Temple hesitou. Mara prendeu a respiração. “Ele te ajudou a fugir. Ele ajudou você...” Ele levou a mão à cabeça, *“...a me drogar.”*

Ele arregalou os olhos pretos, chocado ao se dar conta, e Mara se levantou da poltrona, o coração disparado. Temple fez o mesmo, atingindo sua altura máxima - mais de um metro e oitenta, alto, largo e maior do que qualquer homem que ela conhecia. Quando eram mais novos, o tamanho dele a encantou. Intrigou. *Atraiu.*

Ele interrompeu os pensamentos dela.

“Você me drogou!”

Ela se colocou atrás da poltrona, deixando-a entre os dois.

“Nós éramos crianças”, ela se defendeu.

Qual é sua desculpa agora? Ele não lhe deixou alternativa. *Mentirosa.* “Maldição!”, Temple praguejou, o copo caiu da sua mão quando ele mergulhou na direção dela, errando o alvo, segurando-se na beira da poltrona. “Você fez isso... de novo...”

E ele despencou no chão.

Uma coisa era drogar um homem uma vez... mas duas vezes parecia demais. Mesmo ao longo de uma vida. Afinal, ela não era um monstro. Não que ele fosse acreditar nisso quando acordasse. Mara ficou olhando para o Duque de Lamont, agora caído como um grande carvalho em seu próprio escritório, e pensou no que fazer. Temple não lhe tinha dado escolha. Talvez se ela continuasse repetindo isso para si mesma, terminaria por acreditar. E então pararia de se sentir culpada por tudo isso. Ele ameaçou mantê-la prisioneira, como se ela *fosse* um monstro. *Qual dos dois era o monstro?*

Bom Deus, ele era enorme. E intimidante, de algum modo, mesmo inconsciente. E bonito, embora não de um modo clássico. Ele era pura força e tamanho, mesmo imóvel. Mara o mediu de

cima a baixo, observando as pernas e os braços longos em roupas perfeitas, sob medida; os músculos do pescoço sobressaindo do colarinho da camisa sem gravata, a curva até o maxilar forte e o queixo com uma covinha... e as cicatrizes. Mesmo com as cicatrizes, os ângulos do rosto dele revelavam a linhagem aristocrática, com ângulos agudos e linhas inclinadas - o tipo de rosto que faz as mulheres perderem o juízo por ele. Mara não podia culpá-las por isso. Ela mesmo quase tinha perdido o juízo uma vez. Quase, não. Ela *perdeu.*

Quando jovem, ele tinha um sorriso fácil e mostrava os dentes brancos e alinhados com uma expressão que prometia muito mais que brincadeiras. Prometia prazer. Seu tamanho, combinado àquela tranqüilidade, uma calma tão natural, fez Mara pensar que ele era qualquer coisa, menos um aristocrata. Um cavalariço. Ou criado. Ou talvez um membro da burguesia, convidado pelo pai para o enorme casamento que faria de sua filha uma duquesa.

Ele parecia alguém que não precisava se preocupar com as aparências. Não tinha ocorrido a Mara que o herdeiro de um dos ducados mais poderosos do país era o cavalheiro mais despreocupado da região. Mas é claro que ela devia ter percebido, no momento em que se encontraram naquele jardim frio, e ele sorriu para ela como se Mara fosse a única mulher da Grã-Bretanha, e ele o único homem, que ele era um aristocrata. Mas ela não percebeu. E nem passou pela cabeça dela que ele era o Marquês de Chapin. Herdeiro do ducado do qual ela em breve seria duquesa. Seu futuro enteado. O homem que jazia naquele momento esparramado sobre o piso de mogno não se parecia em nada com um enteado. Mas Mara não iria pensar nisso.

Ela se agachou para verificar a respiração dele, e ficou bastante aliviada quando viu o peito largo subindo e descendo em ritmo regular por baixo do paletó. O coração dela acelerou, sem dúvida de medo - afinal, se ele acordasse, não estaria nem um pouco feliz. Ela soltou uma risadinha ao pensar nisso. Feliz não era bem a palavra. Ele não estaria *humano.* Então, sentindo a vertigem do pânico percorrer seu corpo, Mara fez algo que nunca imaginou que seria capaz de fazer. Ou melhor, ela até se imaginava fazendo, mas nunca pensou que teria coragem para fazê-lo de fato. Ela o tocou... Sua mão já estava em movimento antes que ela pudesse se conter. Antes mesmo que ela soubesse por que estava fazendo aquilo. Mas seus dedos tocaram a pele dele - macia, quente e viva. E muito tentadora. Contornou as linhas do rosto com as pontas dos dedos, encontrando as bordas suaves da cicatriz de quase três centímetros ao longo do osso na base do olho esquerdo, depois desceu pelas saliências discretas do nariz que já tinha sido perfeito, e então Mara sentiu um aperto no peito ao imaginar as batalhas que produziram aquelas fraturas. E na dor que teriam causado. A vida que ele levou para obter aquelas cicatrizes. A vida que ela impôs a ele.

“O que aconteceu com você?”

A pergunta saiu em um suspiro. Ele não respondeu, e Mara deslizou seu toque até a última cicatriz, na curva do lábio inferior. Ela sabia que não devia... que não bastaria... mas seus dedos alcançaram a linha fina e branca, quase sem tocar a pele, traçando a elevação daquela boca. E então ela acariciou os lábios dele, acompanhando as reentrâncias e as curvas, deleitando-se com a maciez. Lembrando da sensação que produziram na sua boca. Desejando... *Não.*

Mara puxou a mão como se a tivesse queimado, e voltou sua atenção para o resto do duque, para o modo como estava caído com um braço aberto casualmente sobre o carpete, vítima do láudano. Ele parecia desconfortável, e ela se debruçou sobre seu corpo, com a intenção de endireitar aquele braço, posicionando-o alinhado ao corpo. Mas quando Mara pegou a mão dele, não pôde deixar de examiná-la ao ver os pelos pretos no dorso, a maneira como as veias se espalhavam como rios cortando uma paisagem, o modo como os nós dos dedos se pronunciavam e afundavam, calejados pelos anos de lutas. Marcados pela experiência.

“Por que você faz isso consigo mesmo?”

Ela passou o polegar por aqueles nós, incapaz de resistir, incapaz de permanecer indiferente à

presença dele. A lembrança dele - jovem, charmoso e belo, com o mundo a seus pés -, tentando-a como nenhuma outra coisa jamais a tentou. *Nenhuma outra coisa a não ser liberdade.* Ela estremeceu na sala fria e olhou para a lareira, onde as chamas que ele alimentou morriam, transformando-se em brasa. Ela levantou e foi alimentar a lareira com mais lenha, remexendo as brasas para atiçar o fogo. Depois que as chamas douradas voltaram a dançar, ela voltou para perto dele e apoiou as mãos nos quadris, tomando coragem para falar com ele, percebendo que isso era mais fácil quando aqueles olhos acusadores estavam fechados.

"Se você não tivesse me ameaçado, não estaríamos nesta situação. Se tivesse simplesmente concordado com minha proposta, você estaria consciente. E eu não estaria me sentindo tão culpada."

Ele não respondeu.

"Sim, eu deixei você receber a culpa pela minha morte."

Ele continuou quieto.

"Mas eu juro que não era para isso acontecer do jeito que aconteceu. A coisa toda fugiu do meu controle."

Ainda assim, ela fugiu.

"Se você soubesse por que eu fiz isso..."

O peito dele subiu em uma longa inspiração.

"Por que eu voltei..."

E desceu. Se ele soubesse, continuaria furioso. Ela suspirou.

"Bem. Aqui estamos. E eu estou cansada de fugir."

Sem resposta.

"Não vou fugir agora."

Parecia importante dizer aquilo. Talvez porque houvesse uma parte dela - uma parte muito lúcida e inteligente - que desejava fugir. Que desejava deixá-lo naquele chão duro e frio, para fugir do mesmo jeito que havia fugido há tantos anos. Mas havia outra parte dela - não tão lúcida e não tão inteligente - que sabia que tinha chegado a hora de sua penitência. E se ela jogasse bem com o que tinha, talvez pudesse conseguir o que queria.

"Supondo que você queira negociar."

Mara se virou para o aparador, onde jazia o jornal do dia, intocado. Ela se perguntou se ele era o tipo de homem que lia as notícias todos os dias. Se era o tipo de homem que se importava com o mundo. Ela sentiu a culpa aflorar novamente, mas tentou não dar importância. Então rasgou metade da folha de jornal, depois vasculhou as gavetas da sala até encontrar o que procurava - um frasco de tinta e uma pena. Escreveu um bilhete e abanou casualmente a tinta úmida enquanto voltava até ele, que continuava imóvel como um cadáver. Tirou um grampo do cabelo e se agachou novamente ao lado dele.

"Nada de sangue desta vez", ela sussurrou para Temple. "Espero que você repare nisso."

Imóvel, ele dormia. Mara prendeu o bilhete no peito do duque, recuperou a faca que estava na bota dele e se levantou para ir embora. Só que não conseguiu. Já na porta, olhou para trás, notando como o ambiente estava frio. Não podia deixá-lo daquele jeito. Ele pegaria um resfriado de matar. Sobre uma cadeira no canto, havia uma manta verde e preta. Era o mínimo que ela podia fazer. Afinal, ela tinha drogado aquele homem.

Mara atravessou a sala e, antes que mudasse de ideia, pegou o cobertor e o estendeu sobre Temple, ajeitando-o com cuidado ao redor do corpo, tentando não dar atenção ao tamanho dele. Ao calor que ele transpirava com um aroma tentador de cravo e tomilho. À lembrança dele. Ao agora dele. Não conseguiu. "Me desculpe", ela sussurrou.

E então foi embora.

Capítulo Três

Ele sonhou com o salão de festas de Whitefawn Abbey, reluzente como o sol sob a luz de mais de mil velas e com o resplendor de sedas e cetins em miríades de cores. O salão contradizia a escuridão que assomava às enormes janelas com vista para os imensos jardins da propriedade em Devonshire - a sede rural do Duque de Lamont. *Sua propriedade.*

Ele desceu a escadaria de mármore até o salão, onde uma aglomeração de corpos bailava ao ritmo da orquestra, situada atrás de uma parede de plantas na extremidade do salão. O calor dos convivas o sufocava enquanto ele atravessava a multidão, pressionado pelos corpos que pulsavam com risadas e suspiros, e mãos vinham na direção dele, tocando-o, segurando-o. Sorrisos amplos e palavras incompreensíveis o atraíam para o centro da massa de gente - que o acolhia em seu centro. *Lar.*

Ele trazia um copo na mão e o levou até os lábios. O champanha frio saciou a sede que ele nem reparou que sentia antes, mas que agora era insuportável. Ele baixou o copo, deixando-o cair no nada enquanto uma linda mulher se virava e caminhava até seus braços.

“Alteza.” O título reverberou nele, provocando uma onda de prazer.

Eles dançaram. Os passos vinham de uma lembrança distante, uma eternidade lenta e revolta, uma habilidade há muito esquecida. A mulher em seus braços era toda calor, e alta o bastante para combinar com ele, repleta de curvas que se encaixavam com perfeição em seus braços longos. A música cresceu, e os dois continuaram dançando, rodopiando sem parar, o mar de rostos no salão se dissolvendo na escuridão - as paredes do ambiente desaparecendo quando ele foi distraído por um peso repentino em sua manga. Ele voltou sua atenção para o antebraço, envolto em lã preta impecável, a não ser por uma manchinha branca do tamanho de uma moeda. Cera, que pingou do lustre acima deles.

Enquanto observava, a mancha se liqüefez e escorreu pela manga do paletó, como se fosse um fio de mel derretido. A mulher em seus braços levou a mão ao líquido - seus dedos longos e delicados deslizaram pelo tecido, e seu toque deixava um rastro de calor à medida que se aproximavam da mancha, a cera quente cobrindo a ponta dos seus dedos antes que ela os virasse para ele. Ela tinha mãos lindas. Uma pele linda. E não usava luvas. Ele acompanhou a linha de seu braço comprido, do pulso ao ombro, admirando a perfeição em cada detalhe - as curvas e os vales da clavícula; a longa elevação do pescoço; o maxilar anguloso; a boca larga e acolhedora; o nariz longo e elegante; e olhos incomparáveis. Um azul, outro verde.

Os lábios dela se curvaram ao pronunciar as palavras que ele desejou e temeu ouvir por tanto tempo. “Alteza.” E assim ela entrou em foco. *Mara Lowe.*

Ele acordou no chão de seu escritório, e se pôs de pé de repente, soltando um palavrão sob a luz tênue da alvorada. Uma manta xadrez verde e preta caiu aos seus pés quando ele levantou, e o fato daquela mulher ter se preocupado em cobri-lo depois de drogá-lo não serviu de consolo. Temple a imaginou de pé sobre ele, em seu momento de maior vulnerabilidade, e quis rugir de raiva. Ela o drogou e fugiu. *De novo.* No encalço desse pensamento, veio outro: *Graças a Deus. Ela está viva.* Temple não a matou. O alívio irrompeu e encheu seus pulmões, lutando contra a frustração e a raiva. *Ele não era um assassino.*

Ele passou a mão pelo rosto para aliviar a tensão dessa emoção, e notou que ela não tinha apenas fugido dele. Ela também deixou um bilhete, rabiscado no jornal do dia anterior e preso ao seu peito com um grampo de cabelo, como se ele fosse um pacote para ser entregue pelo correio. Tirou o recado da camisa sabendo que aquilo de pouco serviria para amenizar sua raiva. *Eu esperava que não*

precisássemos chegar a isto, mas não aceito intimidação nem violência. Ele resistiu ao impulso de amassar o bilhete e jogá-lo no fogo. Então ela achava que ele estava usando de violência? Quando *ele* foi drogado e largado no chão de seu próprio escritório? A *oferta é uma troca, nada mais. Quando estiver disposto a negociar, aceitarei sua visita para uma discussão entre iguais.*

Aquilo era impossível. Ele ainda não estava louco o suficiente para se igualar a ela. *Você pode me encontrar na Rua Cursitor,* 9. Ela lhe deixou seu endereço. Um erro. Ela deveria ter fugido. Não que Temple não conseguiria encontrá-la; ele dedicaria o resto da vida a persegui-la se ela tivesse fugido. Ele merecia sua vingança, afinal. E Mara lhe daria isso. Quem era aquela mulher estúpida e corajosa? Mara Lowe. Viva. Encontrada. *Forte como aço.* A lembrança veio, rápida como um raio, e ele colocou a mão dentro da bota, sabendo o que descobriria. Aquela harpia tinha levado a faca.

***

Em menos de uma hora ele se lavou e se colocou a caminho do número 9 da rua Cursitor, sem saber o que esperar. Era possível que a mulher tivesse fugido, no fim das contas, e enquanto se embrenhava cada vez mais no bairro de Holborn, Temple se perguntou se ela teria feito isso mesmo, deixando-lhe o endereço de seus assassinos particulares para que eles terminassem o serviço iniciado por ela na noite anterior.

A vizinhança era menos que agradável, mesmo às sete da manhã. Bêbados caídos, aninhados nas portas de tavernas repugnantes com garrafas vazias jogadas a seu lado, entregues ao estupor matinal. Uma prostituta macilenta apareceu, cambaleante, saindo de uma travessa, com os olhos vermelhos e pesados enquanto se arrastava na direção dele.

Seus olhos se encontraram, e Temple reconheceu aquele olhar distante.

“O que um tipão elegante como você está fazendo por aqui?”

Caçando fantasmas. Como um imbecil. As mãos da prostituta começaram a alisar o corpo dele, e Temple as segurou enquanto ela vasculhava o casaco à procura da carteira.

“Não teve sorte hoje, querida”, ele disse, extraindo a mão vazia do seu bolso.

Ela não demorou para se encostar, e ele ficou rígido ao sentir o hálito azedo dela.

“Oh, então vamos fazer um negocinho? Eu nunca peguei alguém do seu tamanho.”

“Obrigado”, ele respondeu, erguendo a moça e a colocando de lado. “Mas receio já ter outro compromisso.”

Ela arreganhou a boca numa espécie de sorriso e Temple viu que lhe faltavam dois dentes.

“Fala pra mim, amor. Você é *todo* grande?”

Qualquer outro homem teria ignorado a pergunta, mas Temple já tinha vivido bastante tempo nessas ruas e ficava à vontade com as prostitutas. Durante anos, elas foram as únicas mulheres dispostas a lhe fazer companhia - felizmente, ele nunca precisou ficar com prostitutas tão... usadas como aquela. O destino havia deixado aquela mulher em uma situação infeliz. Essa era uma verdade que Temple compreendia melhor que a maioria. Ela não merecia escárnio pela forma como se virava.

“Nunca reclamaram”, ele piscou.

Ela gargalhou.

“Quando quiser, amor. Uma barganha, é o que eu sou.”

“Vou me lembrar disso”, ele tocou a aba do chapéu.

E Temple foi adiante, descendo a rua Cursitor, contando as portas até chegar ao número nove. Aquele prédio parecia deslocado - mais limpo que a maioria, com fioreiras nas janelas, cada uma ostentando uma massa de crisântemos de cores brilhantes. Enquanto ficou ali, observando a fachada, Temple teve certeza de que havia encontrado o lugar. E que ela não tinha fugido. Mas por que morar ali, em uma rua imunda de Holbom?

Ele ergueu a aldrava e a deixou cair, com uma batida firme.

“Acho que não vou ser a primeira a provar o material.”

Temple se virou para a rua, de onde a prostituta o observava. Ela se aproximou e seu olhar, de repente, mostrou reconhecimento.

“Eu conheço você.”

Ele olhou para o outro lado.

“Você é o Duque Assassino.”

Ele começou a olhar fixamente para a porta, sentindo a frustração crescer dentro de si. Nunca ia embora, aquela mistura cortante de raiva com algo pior. Algo muito mais devastador.

“Não que eu me importe, meu amor. Uma garota como eu não pode ser muito seletiva.”

Mas ele sentiu a mudança no tom de voz dela. A ironia. Cautela e reconhecimento com um toque de igualdade. Afinal, os dois viviam nas sombras, não é?

Ele a ignorou, mas ela continuou.

“Você tem um garoto para a Maclntyre?”

Ele deu uma última olhada na porta, então se virou para a mulher na rua.

“Um garoto?”

“Você não é o primeiro, sabe”, ela ergueu uma sobrancelha. “E não vai ser o último. As coisas são assim. Os *homens* são assim. As garotas têm que ter cuidado nos dias de hoje. Principalmente perto de tipos como você.”

Era evidente que aquela mulher falava assim porque não conhecia Mara Lowe.

A porta foi aberta, encerrando o sermão da mulher e revelando uma jovem com rosto de querubim dentro da casa. Ela não podia ter mais de dezesseis anos e olhava para ele com olhos arregalados e surpresos.

“Bom dia”, ele tocou o chapéu. “Eu vim ver a Mara.”

A garota franziu a testa.

“O senhor quer dizer a Sra. Maclntyre?”

Ele já devia saber que ela não estaria ali. Devia saber que ela tinha mentido. Será que aquela mulher já havia dito alguma verdade em sua vida?

“Eu não...”

Temple não conseguiu terminar a frase, contudo, pois o inferno escolheu aquele exato momento para irromper dentro da casa. Uma cacofonia de gritos espocou em uma sala fora de seu campo de visão, e meia dúzia de criaturinhas apareceu no vestíbulo, perseguida por um punhado de criaturas um pouco maiores, uma das quais brandindo... uma perna de mesa?

Três das criaturas menores pareceram prever sua destruição iminente e fizeram o que qualquer ser inteligente faria numa situação dessas - correram para a saída. Eles cometeram um erro tático, no entanto, pois não contavam com Temple e a garota parados na entrada, então em vez de fuga em disparada pela rua, eles se viram capturados tal qual moscas em uma teia de pernas e saias. Os três gritaram de frustração. A jovem empregada soltou um grito que Temple avaliou como de terror, o que não era totalmente inadequado. E a criatura que brandia a perna de mesa soltou um grito de triunfo e pulou sobre uma mesinha na entrada, levantando seu porrete acima da cabeça, pronto para entrar na confusão. Por um momento fugaz, Temple admirou tanto a coragem daquela criança quanto seu comportamento em batalha.

A garota na porta não teve a menor chance. Ela desabou como um álamo, e os meninos tentaram fugir da armadilha que ela representava - cambaleando, chutando, guinchando e lutando. E foi somente quando os guinchos começaram a emanar dessa pilha de gente que Temple se deu conta de que não poderia se afastar da porta e deixar que aquela insanidade continuasse sem sua interferência. Se aquelas crianças escapassem, elas espalhariam o caos por Londres. E ele era a única pessoa

qualificada para contê-las. Era óbvio.

Sem pedir permissão, Temple entrou na casa e fechou a porta atrás de si com um estrondo, enquanto ajudava a criada a se levantar. Depois de conferir que todas as extremidades dela estavam em perfeita ordem, ele se virou outra vez para a confusão a seus pés... a pilha de garotos que se contorciam no centro do vestíbulo. E então fez o que fazia de melhor. Ele entrou na briga.

Temple foi puxando os garotos da pilha, um a um, colocando-os de pé, confiscando espadas de madeira, sacos de pedras e outras armas improvisadas de suas mãozinhas e de seus bolsos antes de libertá-los e colocar cada um deles no chão com um firme "Agora chega", para em seguida extrair mais um da confusão. Ele tinha pegado os dois últimos meninos nas mãos - o que carregava a perna de mesa e outro muito pequeno - e levantado ambos do chão quando viu aquilo, algo pequeno, rosa e imóvel. Temple se aproximou, ainda erguendo os garotos.

"Ahnn..." reclamou o menino com a perna de mesa, parecendo não se importar que seus pés estivessem pendurados meio metro acima do chão. "Ela vai escapar."

Aquilo era uma... A leitoa ganhou vida, soltou um guincho de estourar os tímpanos e correu para a sala mais próxima, assustando Temple, que deu um pulo para trás.

"Jesus Cristo!", ele exclamou.

E, pela primeira vez desde que tinha batido naquela porta, houve silêncio no número 9 da Rua Cursitor. Ele se virou para os garotos, que o encaravam com olhos arregalados.

"O que foi?", Temple perguntou.

Nenhum deles respondeu. Simplesmente olharam para o líder, que continuava segurando sua arma, mas felizmente não parecia estar inclinado a usá-la.

"Você usou o nome do Senhor em vão", o menino explicou, transparecendo acusação e algo parecido com admiração na voz.

"Sua leitoa me assustou."

O garoto balançou a cabeça em reprovação.

"A Sra. Maclntyre não gosta de blasfêmia."

Pelo que Temple tinha visto, a Sra. Maclntyre faria melhor ao se preocupar menos com a linguagem dos meninos e mais com a vida deles, mas não deu voz àquele pensamento.

"Muito bem", ele respondeu. "Então não vamos contar para ela." "Tarde demais", disse o pequenino em sua mão, e Temple olhou para o garoto, que apontou para alguma coisa atrás dele.

"Receio já ter ouvido."

Temple se virou para a voz feminina e suave. E conhecida. Colocou os garotos no chão. *Ela não fugiu.*

"Sra. Maclntyre, eu suponho?"

Mara não respondeu e apenas se dirigiu aos meninos.

"O que eu disse sobre caçar a Lavanda?"

"Nós não estávamos caçando!", exclamaram vários garotos ao mesmo tempo. "Ela era nosso butim!", outro explicou.

"Roubada do *nosso* tesouro!", disse o líder da turma. Ele olhou para Mara. "Nós estávamos *resgatando* a Lavanda."

Temple franziu a testa.

"O nome da porca é Lavanda?"

Mara não lhe deu atenção e continuou fixando seu olhar nos garotos, encarando um por um com uma expressão que Temple percebeu ser muito familiar - uma expressão que ele viu milhões de vezes no rosto da governanta em sua infância. Decepção.

"Daniel? O que eu disse?", Mara perguntou, encarando o líder da turminha barulhenta. "Qual é a regra?"

O garoto desviou o olhar, mas respondeu:

“Lavanda não é nosso tesouro.”

Ela voltou a atenção para o garoto do outro lado de Temple.

“E o que mais? Matthew?”

“Nada de caçar a Lavanda.”

“Exatamente! Mesmo se...? George?”

George se remexeu no lugar.

“Mesmo se ela começar.”

Mara assentiu

“Ótimo! Agora que todos nos lembramos das regras com relação à Lavanda, vão se arrumar e guardem suas armas, por favor. Está na hora do café da manhã.” Uma onda de hesitação tomou conta dos garotos, e cada um dos cerca de doze rostos encarou Temple para avaliá-lo.”

“Jovens”, disse Mara, chamando a atenção deles. “Creio que falei claramente, ou será que não?”

Daniel deu um passo à frente, projetando o queixo pequenino e pontudo na direção de Temple.

“Quem é ele?”

“Ninguém com quem você precise se preocupar”, garantiu-lhe Mara. Os garotos estavam céticos. *Garotos espertos.*

Matthew inclinou a cabeça, avaliando Temple.

“Ele é muito grande.”

“E forte, também”, outro deles completou.

Daniel concordou e Temple reparou que o garoto olhava para a cicatriz no alto de seu rosto.

“Ele veio pra levar a gente? Pra trabalhar?”

Anos de prática permitiram que Temple não revelasse sua surpresa com a pergunta do garoto, uma fração de segundo antes de compreender tudo. O prédio era um orfanato. Ele devia ter percebido antes, mas orfanatos costumavam evocar imagens de garotos miseráveis em longas filas para pegar tigelas fumegantes de grude cinzento. Não batalhões de guerreiros ensandecidos perseguindo porcos.

“E claro que não. Ninguém vai levar vocês.”

Daniel voltou sua atenção para ela.

“Quem é ele, então?”

Temple ergueu uma sobrancelha, perguntando-se como ela responderia àquilo. Com certeza ela não iria lhes contar a verdade. Mas ela encarou Temple, firme e decidida.

“Ele está aqui para se vingar.”

Uma dúzia de boquinhas foram abertas. Temple resistiu ao impulso de imitá-los.

“Se vingar do quê?”, Daniel perguntou.

“De uma mentira que eu contei.”

Jesus! Ela era destemida.

“Mentir é pecado”, lembrou o pequeno George.

Mara deu um sorrisinho, bem discreto.

“E é mesmo. Se vocês mentirem, um homem como ele virá punir vocês.” Simples assim, ela o transformou em vilão de novo. Temple fez uma expressão irônica quando todos os olhinhos arregalados daquele aposento se voltaram para ele.

“Como estão vendo, garotos”, ele falou, “tenho negócios a tratar com a Sra. MacIntyre.”

“Ela não teve intenção de mentir”, Daniel a defendeu.

Temple tinha certeza de que a Sra. MacIntyre teve toda intenção de mentir. “Ainda assim ela mentiu”, foi só o que conseguiu responder quando olhou para o garoto.

“Ela deve ter tido um bom motivo. Não foi?”, um mar de rostinhos jovens preocupados com Mara.

Alguma coisa brilhou no olhar dela. Humor? Ela achava aquela situação engraçada?

“Eu tive mesmo, Henry, e é por isso que pretendo fazer um acordo com nosso convidado.”

Só se fosse sobre o cadáver putrefato de Temple. Não haveria acordo. “Talvez nós devêssemos discutir seus motivos, Sra. *Maclntyre.”*

Ela inclinou a cabeça, recusando-se a ser intimidada.

“Talvez”, ela concordou, mas soando como se quisesse dizer exatamente o contrário.

Aquilo pareceu ser o suficiente para a maioria dos garotos, mas Daniel estreitou os olhos.

“Nós deveríamos ficar. Só por segurança”, e, por um momento, Temple identificou algo assustadoramente familiar no garoto.

Desconfiança. Suspeita. *Força.*

“E muito gentil da sua parte, Daniel”, Mara agradeceu, encaminhando a saída dos garotos por uma porta na lateral do vestíbulo, “mas posso lhe garantir que vou ficar bem.”

E ela ficaria mesmo. Temple não tinha dúvida. E a maioria dos garotos, ao que parecia, também não tinha, pois todos saíram como se não tivesse havido caça à porca, luta, saltos no ar ou qualquer outra coisa - todos exceto Daniel, que não parecia muito seguro, mas ainda assim deixou que o colocassem para fora da sala, embora tenha ficado olhando por cima do ombro o tempo todo, avaliando Temple com olhos escuros e sérios. Fazia muito tempo que alguém não o encarava assim, com tanta valentia. O *garoto era leal a Mara.* Temple quase ficou impressionado, até se lembrar que a mulher em questão era um demônio e não merecia lealdade. Depois que ela fechou a porta firmemente atrás do grupo de garotos, ele se equilibrou sobre os calcanhares.

“Sra. *Maclntyre*?”

Mas ao ouvir o chamado, Mara voltou sua atenção para a criada de olhos arregalados, que continuava petrificada junto à porta.

“Obrigada por enquanto, Alice. Por favor, diga à cozinheira que os garotos vão tomar café da manhã. E leve chá para nosso convidado na sala de estar.” Temple ficou surpreso.

“Mesmo se eu fosse homem de tomar chá, aprendi que não devo ingerir nada que você me oferecer. Nunca mais.” Temple olhou rapidamente para Alice. “Sem querer ofender, Alice.”

Mara ficou com as faces vermelhas. Ótimo. Ela merecia sentir vergonha. Ela poderia tê-lo matado com seu comportamento irresponsável. “Obrigada, Alice.”

A garota ficou mais do que satisfeita por sair da sala. Depois que ela se foi, Temple insistiu:

“Sra. Maclntyre?”

“Isso mesmo”, Mara respondeu concordando com a cabeça.

“O que aconteceu com o Sr. Maclntyre?”

“Ele era soldado”, ela respondeu com tranqüilidade. “Morreu em combate.” “Onde?”, Temple perguntou ironicamente.

Mara estreitou os olhos.

“A maioria das pessoas tem educação suficiente para não perguntar.” “Eu não tenho berço.”

Mara fez uma careta de deboche.

“Na Batalha de Nsamankow, já que você quer tanto saber.”

“Muito bem! Obscura o bastante para que ninguém consiga localizá-lo”, ele olhou ao redor. “E respeitável o bastante para colocar você aqui.”

Ela mudou de assunto.

“Não esperava que você viesse tão cedo.”

“Faltou arsênico no scotch?”

“Não era arsênico”, ela retrucou e depois baixou a voz. “Era láudano.” “Então você admite que me drogou.”

“Admito”, ela confirmou depois de hesitar.

“E, só para ter certeza, não foi a primeira vez?”

Mara demorou para responder, e Temple acrescentou:

“Não foi a primeira vez que você me drogou e fugiu, eu quero dizer.”

Ela bufou de irritação antes de dar um passo à frente e pegar o braço dele, para depois conduzi-lo até a sala para a qual a leitoa tinha fugido. O toque dela era firme e até quente, mesmo sobre o tecido do casaco, e ele teve uma lembrança fugaz do sonho - dos dedos dela passando pela cera derretida em sua manga. Aquela mulher era perturbadora. Sem dúvida porque representava um perigo à sua vida. Literal e figurativamente.

Ela fechou a porta, encerrando-os em uma sala de estar limpa e despretensiosa. No canto mais distante, um pequeno fogão de ferro estava aceso e aquecia a leitoa que havia escapado da morte certa há poucos minutos e agora parecia dormir. Sobre uma almofada. *Aquela mulher tinha uma leitoa que dormia sobre uma almofada. E que se chamava Lavanda.* Se ele não tivesse passado as últimas horas em que estava consciente em um estado de surpresa, teria estranhado aquele animal. Mas ele só olhou para o rosto da dona da porca, encostada na porta da sala.

“Eu não *fugi;* não exatamente”, ela tentou explicar. “Eu te deixei meu endereço. Eu praticamente... não. Eu *definitivamente* te convidei a vir atrás de mim.” Temple fingiu espanto.

“Oh, que magnânimo da sua parte.”

“Se você não estivesse tão bravo...”, ela começou.

Ele não conseguiu se conter e a interrompeu.

“E você acha que me deixar inconsciente, caído no chão do meu escritório ajudou a amenizar minha raiva?”

“Eu te cobri com uma manta”, ela tentou se defender.

“Como eu sou besta! E claro que isso resolve tudo!”

Mara suspirou e o fitou com aquele olhar estranho, envolvente.

“Eu não queria que tivesse acontecido dessa forma.”

“Mesmo assim você saiu de casa com um monte de láudano para ir me procurar.”

“Bem, você é um pouco maior que a maioria dos homens - eu tinha que estar preparada com uma boa dose. E você tomou a minha faca!” Temple fulminou Mara como o olhar.

“Sua língua afiada não me atrai nem um pouco.”

Ela imitou a expressão dele.

“Ah, que pena! Eu estava indo tão bem antes.”

Ele conteve a vontade de rir. Temple não podia permitir que ela o divertisse. Ela era nociva. E pessoas nocivas não são divertidas.

“Não nego que eu mereça um pouco da sua raiva, mas não aceito ser intimidada”, Mara continuou.

“E a segunda vez que você fala assim comigo. Preciso te lembrar que, desde que nos conhecemos, apenas um de nós drogou o outro? Duas vezes?” O rubor cobriu as faces dela. Culpa? Impossível.

“De qualquer modo, não parece improvável que você queira se comportar assim comigo, Alteza.”

Temple queria que ela parasse de chamá-lo assim. Ele odiava o honorífico - o modo como aquilo lhe causava um arrepio na espinha, lembrando-o de todos os anos que desejou usar o título. Os anos que não pode tê-lo, embora fosse seu por direito. *Embora ele o merecesse.* Mas, é claro, ele não sabia disso na ocasião. *Ele não a tinha matado.* Essa revelação ainda era um choque. Ele não sabia. Todos aqueles anos ele foi consumido pela ideia de que poderia ser um assassino. Todos aqueles anos. *Ela os roubou dele.* Uma onda de raiva invadiu Temple, espalhando calor e desconforto. O desejo de vingança nunca foi o seu combustível, mas naquele momento, por mais que tentasse

resistir, sentia a amargura da vingança em sua língua. Ele voltou sua atenção para ela.

“O que aconteceu?”

“Desculpe, não entendi”, ela arregalou os olhos.

“Doze anos atrás, em Whitefawn. Na véspera do seu casamento. O que aconteceu?”

“Você não lembra?”, Mara perguntou desconfiada.

“Eu estava muito drogado. Então, não, na verdade eu não me lembro.”

Não que ele não tivesse tentado se lembrar. Ele repassou os eventos daquela noite inúmeras vezes em sua cabeça. Ele se lembrava do uísque. Ele se lembrava de querer uma mulher. De ir atrás de uma. Não conseguia evocar um rosto, mas lembrava de olhos estranhos, cachos ruivos, belas curvas e uma risada que era meio inocência, meio pecado. E aqueles olhos. Ninguém poderia se esquecer daqueles olhos.

“Eu lembro que você estava comigo.”

Mara aquiesceu e o rubor voltou às suas faces. Ele sabia! Essa era uma das coisas de que nunca duvidou. Ele era jovem, estava bêbado e nunca tinha encontrado uma mulher que não conseguisse seduzir. E claro que ela esteve com ele. E, de repente, Temple quis saber tudo. Aproximou-se dela, percebendo que Mara ficou rígida e pressionou as costas na porta.

“E antes de você armar sua arapuca para mim, antes de você simular sua própria morte e fugir como uma covarde... nós ficamos sozinhos?”

Ela engoliu em seco, e Temple não pôde deixar de reparar nos músculos da garganta dela, no modo como eles músculos traíram seus nervos. Sua culpa.

“Ficamos.”

Ela baixou os olhos e alisou a saia. Ele reparou que Mara não usava luvas - como na noite anterior. Como no seu sonho. Mas naquele momento, à luz do dia, ele notou as marcas de trabalho em suas mãos: unhas curtas e limpas; pele bronzeada; e a lembrança de uma cicatriz na mão esquerda, clara o bastante para ser bem antiga. Ele não gostou da cicatriz. E também não gostou de ter reparado nela.

“Por quanto tempo?”

“Não muito.”

Ele deu uma risada sem graça ao ouvir aquilo.

“Tempo suficiente.”

Mara o olhou no fundo dos olhos, um olhar franco e cheio de... alguma coisa.

“Tempo suficiente para o quê?”

“Para você me incapacitar.”

Mara suspirou alto, e Temple percebeu que ela escondia alguma coisa. Ele a estudou durante um bom tempo, desejando que estivessem no ringue. Lá ele conseguia ver claramente os pontos vulneráveis de seus oponentes. Lá ele sabia exatamente onde atacar. Mas ali, naquela casa estranha, naquela batalha estranha com aquela mulher estranha, as coisas não eram tão fáceis.

“Me diga uma coisa. Você sabia quem eu era?,” por algum motivo, aquilo tinha importância.

Ela o encarou e, para variar, havia sinceridade em seus olhos.

“Não”, ela respondeu.

É claro que não sabia. O que ela tinha feito, então? O que havia acontecido naquele belo quarto amarelo tantos anos atrás? *Maldição.* Ele entendia muito bem de combates para saber que ela não lhe contaria. E também sabia que se demonstrasse interesse, ela ficaria em uma posição de força. E com certeza ele não a fortaleceria nem mais um pouco. O dia era dele. Temple mudou de assunto.

“Você não devia ter voltado. Mas já que voltou, seu erro será minha recompensa. E o mundo todo vai saber a verdade sobre nós.”

***

Mara nunca se sentiu tão grata como no momento em que ele mudou o rumo da conversa, daquela noite tão distante para o presente. Ela podia lidar com ele ali. No agora. Com raiva. Mas no instante em que o presente se misturava ao passado, ela perdia a confiança, insegura sobre como lidar com aquele homem enorme e com os anos que se passaram desde a última vez em que o viu. Ela afastou o pensamento e voltou sua atenção para a questão atual.

“Então você está pronto para negociar?” Fingindo não se sentir oprimida por Temple, Mara foi até a escrivaninha e se sentou. “Vou redigir hoje o rascunho de uma carta para o jornal, desde que você esteja pronto para esquecer a dívida em questão.”

Ele riu.

“Ah, não me diga que você achou mesmo que seria assim tão fácil.”

“Eu não diria que é fácil.”

Não seria fácil. Ela escreveu aquela carta uma centena de vezes em sua cabeça. Uma dúzia no papel. Durante anos. E nunca foi fácil.

“Mas diria que pode ser rápido, contudo. Creio que isso seja do seu interesse.”

“Esperei doze anos por isto. Nem facilidade nem rapidez são importantes agora.”

Ela fez a pergunta embora já soubesse a resposta.

“Então o que é importante?”

“Vingança.”

Ela deu uma risadinha abafada para encobrir como aquela palavra a pôs nervosa.

“E o que você planeja fazer? Um desfile comigo pelas ruas de Londres? Coberta de piche e penas?”

“Essa imagem não é de todo desinteressante.” Então ele sorriu com gosto, e ela supôs que ele tivesse sorrido assim centenas de vezes em seu clube. Em seu ringue. “Eu planejo, sim, desfilar com você por toda Londres. Embora não coberta de piche e penas.”

Ela se surpreendeu.

“Como, então?”

“Maquiada. E enfeitada.”

Ela balançou a cabeça negativamente.

“Não vão me aceitar.”

“Não como a herdeira rica que você era, não.”

Mesmo naquela época, ela mal era tolerada na sociedade. Mara foi uma ameaça a tudo que a aristocracia representava. A tudo que eles tinham. A filha jovem e bonita de um trabalhador que enriqueceu. Ela podia ser muito rica, mas nunca foi considerada boa o bastante para eles.

“Eles não vão aceitar minha presença.”

“Eles vão fazer o que eu quiser. Sabe, eu sou um duque. E, se me lembro bem, embora duques assassinos não sejam apreciados pelas decanas da sociedade, aqueles que não mataram ninguém são bem recebidos.” Temple se aproximou dela. “As mulheres gostam de duques.” As palavras eram mais respiração do que sons, e Mara resistiu ao impulso de tocar a pele exposta de seu próprio pescoço para, ao mesmo tempo, tirar aquelas palavras de si e mantê-las ali. “E você é minha para eu fazer o que quiser.”

Ela franziu o cenho ao ouvir aquelas palavras. Ao sentir a forma como lhe atingiram - quentes e ameaçadoras.

“E isso seria exatamente o quê?”

“Exatamente o que eu desejar.”

Ela ficou rígida.

“Não vou ser sua amante.”

“Primeiro, você não está em posição de fazer exigências. E segundo, não me lembro de ter me

oferecido para te possuir.”

Ela sentiu o rosto quente de vergonha.

“O que você quer, então?”

Ele deu de ombros, e Mara o odiou naquele instante.

“Não confio em você para ficar perto de mim enquanto durmo... mas as pessoas não precisam saber disso.”

Aquilo machucou.

“Amante apenas no nome?”

Temple chegou ainda mais perto, o bastante para ela sentir o calor que emanava dele.

“Doze anos mentindo em meu detrimento fizeram de você, sem dúvida, uma atriz convincente. E hora de usar toda essa experiência em meu benefício. Como eu quiser.”

Ela endireitou os ombros e ergueu o rosto para enfrentar o olhar dele. Temple estava tão perto - perto o bastante para que, em outra época, em outro lugar, como outra mulher, ela pudesse ficar na ponta dos pés e colar seus lábios nos dele. *De onde veio essa ideia?* Ela não queria saber de beijar aquele homem. Ele não servia para ser beijado. Não mais. Mara mordeu os lábios.

“Então você deseja me arruinar.”

“Você arruinou minha vida”, ele comentou, casualmente. “Acho que é justo, não?”

Ela estava arruinada há doze anos - desde o momento em que ensanguentou os lençóis e fugiu daquele quarto. *Ela estava arruinada antes disso.* Mas Mara tinha escondido tudo muito bem, e ela tinha uma casa cheia de garotos com que se preocupar. Talvez sua ruína fosse direito dele. E talvez ela a merecesse. Mas Mara não admitiria que ele arruinasse o Lar MacIntyre e o porto seguro que havia construído para aqueles meninos.

“Depois vou ter que ir embora. Recomeçar.”

“Você já fez isso antes”, ele disse.

Ele também. Vingança era uma beleza, não era? Mara endireitou os ombros e respondeu:

“Eu aceito.” Por meio segundo, ele arregalou os olhos, e ela gostou de vê-lo chocado. Era evidente que ele tinha subestimado sua força e sua determinação. “Mas tenho uma condição.”

Diga-lhe. Aquele pensamento veio do nada. *Diga-lhe que a dívida de Christopher inclui os fundos do orfanato.* Ela enfrentou o olhar dele. Frio. Inflexível. Insensível. Como os olhos dos pais dos garotos. *Diga-lhe que o que ele quer ameaça os garotos.*

“Não vejo motivo para ceder a qualquer uma de suas condições”, ele argumentou.

“Porque você não tem escolha. Eu desapareci uma vez. Posso desaparecer de novo.”

Temple a observou por um longo momento, o tom de ameaça pairando entre eles, o olhar ficando cada vez mais sombrio de irritação. Com algo pior. Algo mais perto do ódio. E talvez ele devesse odiá-la. Ela o moldou com a habilidade de um mestre escultor, não de mármore, mas de carne, osso e fúria. “Se você fugir, eu vou te encontrar. E não vai ser pra te fazer prisioneira.” Aquela promessa estava carregada de raiva e sinceridade. Nada o impediria de ter a vingança que queria. Ela corria risco, assim como tudo o que amava. Mas ela não colocaria os meninos em perigo. Mara entrou naquela batalha já pensando nos próximos passos... em como ela protegeria os garotos, a casa e seu legado se Temple cumprisse sua promessa. Ela endireitou os ombros e entrou no jogo.

“Se você vai me tratar como prostituta, então vai me pagar como uma.” As palavras o atingiram. Ela percebeu, um golpe que o atingiu de súbito, como se estivessem no ringue em que ele reinava. Como ele não retaliou, ela deu o próximo golpe.

“Eu vou fazer o que você me pede. Do jeito que pedir. Vou participar desse jogo bobo que você quer até que decida me revelar para o mundo. Até você decidir me mandar embora. E quando o fizer, eu irei.”

“Pela dívida do seu irmão.”

“Pelo que eu quiser.”

Um canto da boca dele se ergueu ligeiramente em um meio sorriso e, por um instante, Mara pensou que, em outro lugar, em outra época, como outra mulher, ela poderia ter gostado de fazê-lo sorrir. Mas naquele instante, ela odiou. “Ele não vale seu esforço”, Temple sentenciou.

“Ele não é da sua conta.”

“Por quê? Algum tipo de amor fraterno?” Os olhos dele escureceram e ela deixou que ele acreditasse nisso. Qualquer coisa que o mantivesse longe do orfanato. “A cara dele está precisando desesperadamente de um soco.” *Vingança.*

“Ainda assim, você não quer lutar com ele”, ela provocou, sentindo-se mais furiosa do que imaginava possível. “Está com medo de dar uma chance a ele?” Temple se impressionou, mas não mordeu a isca.

“Nunca fui superado.”

Ela sorriu.

“E eu não te superei na noite passada?”

Ele ficou imóvel com aquelas palavras, então a encarou com firmeza. Mara viu a surpresa nos olhos dele, na forma como se arregalaram só um pouco, só por um instante. Ela resistiu ao impulso de sorrir seu triunfo. “Você se gaba por ter me drogado?”

Ela negou com a cabeça.

“Eu me gabo por ter *derrubado* você. Esse é o objetivo, não? Você me deve dinheiro.”

“No ringue, Srta. Lowe. E lá que conta.”

Ela continuou sorrindo, sabendo que isso o irritaria. *Esperando* que o irritasse.

“Semântica. Você está com vergonha de admitir que eu te derrotei.” “Com a ajuda de narcóticos suficientes para derrubar um touro.” “Bobagem. Um cavalo, talvez. Mas não um touro. E você está com vergonha, sim. Eu trabalho com meninos, Meu Senhor. Preciso lembrá-lo de que sei reconhecer um garoto envergonhado quando vejo um?”

O olhar de Temple ficou sombrio e sério de novo, e ele se debruçou sobre Mara, ficando perigosamente perto. Perto o bastante para cobri-la, mais de um metro e oitenta de músculos e ossos, poder e força, cicatrizes e tendões. Ele cheirava a cravo e tomilho. Não que ela estivesse reparando nisso. E quando ele sussurrou, tão perto de sua orelha que ela mais sentiu do que ouviu, as palavras fizeram um arrepio percorrer sua coluna.

“Não sou nenhum garoto.”

Isso era verdade. Ela abriu a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Foi a vez de ele sorrir.

“Se você quiser me derrubar, Srta. Lowe, eu te encorajo a me encontrar no ringue.”

“Você vai ter que me pagar para isso.”

“E se eu não concordar?”, Temple perguntou. “Você não tem escolha.” *Verdade.*

“Eu também não tenho nada a perder”, ela rebateu.

Mentira.

“Bobagem”, ele disse. “Sempre existe algo para se perder. Posso lhe garantir. Eu encontraria algo.”

Ele a tinha em sua armadilha. Mara não podia fugir. Não sem garantir que os garotos ficariam bem. Não sem recuperar o dinheiro que Kit perdeu. Ela enfrentou os olhos pretos do Temple, mesmo ele demonstrando que parecia ler seus pensamentos.

“Você até pode tentar fugir”, ele sussurrou, “mas eu vou te encontrar. E você não vai gostar do que vai te acontecer.”

Maldito. Ele não iria concordar. Ela queria gritar. E quase gritou, mas então ele falou:

“Você não vai ser a primeira mulher que pago para fazer o que eu quero...”

Um vislumbre passou pela cabeça dela - braços e pernas enrolados em lençóis muito brancos, cabelo castanho e olhos pretos, e mais músculos do que um homem deveria ter.

"...mas eu lhe garanto, Srta. Lowe, você será a última."

As palavras pairaram entre eles, e Mara precisou de um instante para reorganizar seus pensamentos. Para perceber que Temple tinha concordado. Que o orfanato seria salvo. O preço seria sua ruína. Sua vida. Seu futuro. Mas os garotos seriam salvos. O alívio foi passageiro, interrompido pela promessa feita em voz baixa.

"Nós começamos esta noite."

Capítulo Quatro

“E quem sabe me dizer o que aconteceu com Napoleão depois de Waterloo?”

Um mar de mãozinhas se agitou dentro da pequena, mas bem arrumada, sala de aula do Lar MacIntyre para Meninos. Daniel esperou ser chamado.

“Ele morreu!”

Mara preferiu ignorar a satisfação que transbordava do jovenzinho por anunciar a morte do imperador.

“Ele, de fato, morreu. Mas eu queria saber o que aconteceu um pouco antes disso.”

Daniel pensou por um instante.

“Ele fugiu do Wellington chorando e soluçando… e morreu!”

Mara meneou a cabeça.

“Não foi bem isso. Matthew?”

“Ele cavalgou até uma trincheira francesa… e morreu!”

Ela retorceu os lábios.

“Infelizmente, não.” Ela escolheu outra mão que apontava para o teto. “Charles?”

Charles pensou nas opções. Depois declarou:

“Ele atirou no próprio pé, que ficou verde e caiu, e *então* ele morreu?”

Mara sorriu.

“Sabem, cavalheiros, não tenho certeza de que sou uma professora lá muito eficiente.”

As mãos foram baixadas e um gemido coletivo ecoou na sala, pois eles sabiam que teriam de estudar mais uma hora de história naquele dia. Os garotos foram salvos, contudo, quando uma batida soou e Alice apareceu na porta da sala de aula.

“Perdão, Sra. MacIntyre.”

Mara baixou o livro que segurava.

“Sim?”

“Tem…” Alice abriu a boca, fechou, então abriu novamente. “Tem… alguém para ver a senhora.”

Temple. Ele tinha voltado. Mara olhou para o relógio na parede da sala. Ele disse *esta noite*. Como ainda era *este dia*, ela só podia concluir que ele era um canalha trapaceiro. E era isso que iria dizer para ele. Assim que seu coração voltasse ao ritmo normal. O ar pareceu sumir da sala quando ela olhou para o mar de rostinhos que a rodeava e percebeu que ainda não estava pronta para contar a verdade ao mundo. Ela não estava pronta para voltar a ser Mara Lowe. Ela queria continuar sendo a Sra. MacIntyre, nascida em lugar algum, vinda do nada, agora governanta e tutora de um bando de garotos. A Sra. MacIntyre tinha um objetivo. A Sra. MacIntyre tinha um sentido. A Sra. MacIntyre tinha uma vida. Mara não tinha nada. Nada a não ser a verdade.

Ela obrigou suas pernas a se movimentarem, a carregá-la em meio ao grupo de meninos para encontrar Alice. Para então encarar o homem que voltava à sua casa, sem dúvida com um plano para mudar a vida dos dois. Quando chegou à porta, ela se virou para os alunos.

“Se eu…”

Não. Pigarreou e começou de novo.

“Quando eu voltar, quero ouvir o que aconteceu com Napoleão.”

Ela ouviu o resmungo coletivo enquanto fechava a porta com um estalido. Alice parecia saber que não devia dizer nada durante o percurso pelo corredor estreito e escuro. Mara admirou a intuição da jovem criada — ela não tinha certeza de que teria condições de sustentar uma conversa com seu coração martelando e os pensamentos se atropelando. Ele estava lá embaixo. Juiz, júri e carrasco,

tudo junto. Ela desceu as escadas lentamente, sabendo que nunca fugiria ao seu passado, e que não poderia evitar seu futuro.

A porta do pequeno escritório, onde tinham conversado naquela manhã, estava entreaberta, e ocorreu a Mara que aquela fresta de cinco centímetros entre a porta e o batente era uma coisa curiosa - e inspirava empolgação ou pavor, dependendo da situação. Ela ignorou o fato de que, naquele momento, inspirava as duas coisas. Ele não era nem um pouco empolgante; Temple era totalmente pavoroso. Mara inspirou fundo, desejando que o coração parasse de martelar em seu peito, e dispensou Alice com um sorriso desanimado - o melhor que ela conseguiu naquelas circunstâncias - antes de abrir a porta para encarar o homem lá dentro.

“Você falou com ele.”

Ela entrou e fechou a porta com firmeza.

“O que você está fazendo aqui?”

Seu irmão se aproximou.

“O que estava pensando pela sua cabeça ao se aproximar daquele homem?” “Eu perguntei primeiro” ela devolveu, indo ao encontro dele no centro da sala com dois passos largos. “Nós concordamos que você nunca viria aqui. Você devia ter enviado um bilhete.”

Era assim que eles se falaram ao longo dos últimos doze anos. Nunca naquela casa, e nunca em qualquer lugar onde ela pudesse ser reconhecida.

“Nós também concordamos que nunca diríamos àquele homem que você estava viva e morando bem debaixo do nariz dele.”

“Ele tem um nome, Kit.”

“Não um nome que ele use.”

“Ele tem um que usa.”

Temple. Não era difícil pensar nele como um templo. Grande como um, e frio. Será que ele sempre foi assim? Mara não o conhecia quando os dois eram jovens, mas a reputação o precedia - e ninguém nunca o chamara de frio. Libertino, devasso e canalha com certeza. Mas nunca frio. Nunca furioso. *Ela* fez isso com ele.

Kit passou a mão pelos cachos já desgrenhados, que eram de um castanho bem claro, e Mara reconheceu o cansaço nele. Dois anos mais novo, seu irmão era cheio de vida quando criança, sedento de adrenalina e cheio de planos. E então ela fugiu, arruinando a vida de Temple e deixando Kit para recolher os pedaços daquela noite insuportavelmente estúpida. E ele mudou. Eles trocaram cartas em segredo durante anos, até ela reaparecer, escondida à vista de todos. Sra. MacIntyre, a viúva proprietária do Lar MacIntyre para Meninos. Mas ele estava muito diferente. Mais frio. Mais duro. E jamais falou da vida que ela deixou para ele viver. Do homem com quem ela o deixou. E então ele se perdeu e perdeu também todo o dinheiro deles. Ela reparou nos ombros caídos e nas faces encovadas, além da sujeira nas botas pretas normalmente imaculadas, e reconheceu que Kit, pelo menos, compreendia o problema deles. O problema *dela.* Mara soltou um suspiro curto.

“Kit...”

“Eu gostaria que você não me chamasse assim”, ele retrucou. “Não sou mais um garoto.”

“Eu sei.” Foi tudo que ela conseguiu dizer.

“Você não deveria ter ido procurar esse homem. Sabe como o chamam?” Ela ergueu as sobrancelhas.

“Ele só é chamado assim por minha causa.”

“Isso não significa que ele não fez por merecer o apelido desde então. Eu não quero você perto dele outra vez.”

Tarde demais.

“Você não quer?” ela disse, irritada de repente. “Você não tem escolha. O homem está com todo

nosso dinheiro e tem todas as cartas na mão. E eu fiz o que é preciso para salvar o lar."

"Sempre o lar. Sempre os meninos", Kit respondeu com uma careta de deboche.

E claro que sim. Eles eram o mais importante. Eles eram o que ela tinha acertado. Eles eram o que ela tinha de bom. Mas não valia a pena brigar com Kit. "Como você ficou sabendo que ele veio até aqui?"

Ele apertou os olhos para ela.

"Você acha que sou um idiota? Eu pago um bom dinheiro para a prostituta da rua cuidar de você."

"Cuidar de mim? Ou ficar de olho em mim?"

"Ela viu o Duque Assassino e me avisou."

Ela sentiu a raiva aflorar ao constatar que o irmão a espionava.

"Não preciso da sua proteção."

"E claro que precisa. Sempre precisou."

Mara engoliu a resposta - que ela tinha enfrentado mais demônios que ele ao longo dos anos. Sozinha. E voltou para o assunto em pauta.

"Kit..." Ela se interrompeu. Reformulou. "Christopher, eu fui procurá-lo porque nós precisamos. Você..." Ela hesitou, sem saber direito como falar aquilo. Abrindo os braços, ela tentou de novo. "Você perdeu *tudo.*"

Christopher passou os dedos pelo cabelo mais uma vez, com um movimento violento e perturbado.

"Você acha que eu não *sei isso*? Por Deus, Mara!"

Christopher ergueu a voz e ela imediatamente se preocupou com o local em que estavam - e com o nome que ele usou. Mara olhou para a porta, confirmando que estava fechada. Ele não se importou.

"E claro que eu sei! Eu perdi tudo o que ele me deixou."

E também o que o pai deixou para Mara, que reuniu tudo e, estupidamente, confiou aos cuidados dele. Mas tudo isso não era nada comparado aos fundos que foram reservados para manter o orfanato. Cada centavo que os homens deixaram com seus filhos. O irmão lhe disse que o banco protegeria esses recursos. E os faria crescer, até. Mas ela era mulher, e não tinha prova de seu casamento ou da morte do marido e, sendo assim, seu irmão precisou fazer os depósitos. Seu irmão, que não conseguia parar de jogar. Ela sentia raiva, mesmo desejando não sentir. Mesmo desejando ter dezesseis anos de novo, de ser capaz de reconfortar o irmão mais novo, que era gentil e doce, sem odiar o homem que ele havia se tornado. Sem criticar seus erros.

"Você não sabe o que é viver à sombra dele", Christopher continuou.

O pai deles. O homem que, sem querer, colocou todos nesse caminho. Rico como Creso e nunca satisfeito. Ele sempre queria mais. Sempre queria o melhor. Ele queria um filho mais elegante, mais corajoso, mais inteligente. Ele queria que a filha fosse uma duquesa. E não conseguiu nenhuma dessas coisas. Christopher sorriu com amargura.

"Sem dúvida ele está assistindo a isso tudo de seu lugar no inferno, profundamente decepcionado."

Ela balançou a cabeça em negação.

"Ele não é mais nosso dono."

O irmão a encarou.

"E claro que é. Sem ele, nada disso teria acontecido. Você não teria fugido. Eu não teria jogado. Não teria perdido." Ele ergueu o braço comprido, que apontou na direção da rua. "Você não estaria morando entre crianças abandonadas e prostitutas..." Ele parou. Inspirou. "Por que você foi procurá-lo?" "Ele é o dono da nossa dívida."

Mara ficou reticente. Christopher não gostou.

“Com o que você concordou?”, ele insistiu. Ela sentiu a irritação na voz dele. A frustração.

“Com o que você acha que eu concordei?”

“Você se vendeu.”

Se *fosse tão simples.*

“Eu disse para ele que iria me mostrar. E devolvê-lo à sociedade.” Christopher refletiu sobre as palavras e, por um instante, Mara pensou que ele fosse protestar. Mas ela tinha esquecido que homens desesperados viram mercenários.

“E eu recupero meu dinheiro?”

Ela reparou nos pronomes. E os odiou.

“O dinheiro não é só seu.”

“A sua parte era mínima”, ele debochou.

“A parte do orfanato era suficiente para fazê-lo funcionar por um ano. Talvez mais.”

“Eu tenho muito com que me preocupar. Não posso ficar pensando nos seus cachorrinhos também.”

“São crianças! Eles dependem de mim para tudo!”

Ele suspirou, claramente farto da irmã.

“Você conseguiu meu dinheiro de volta ou não?”

Ele não se importava que ela pudesse perder tudo. A vida que Mara tinha construído. Aquele lugar que a manteve em segurança e que lhe deu um objetivo na vida. Ele não se importava, desde que recuperasse o dinheiro. Então ela fez aquilo em que era boa. Ela mentiu.

“Não.”

A fúria estampou o belo rosto do irmão.

“Você fez um acordo com o diabo e não conseguiu nada em troca? Para que isso serviu? Para que você serve?” Ele retorceu os lábios de irritação enquanto andava de um lado para outro. “Você arruinou tudo!”

Ela estreitou os olhos no irmão.

“Eu fiz o que tinha que ser feito. Ele não vai lutar com você, Kit. Agora, pelo menos, ele vai te deixar em paz.”

Kit se virou e jogou longe uma cadeira que estava no caminho. A peça se chocou contra a parede e se espatifou em uma dúzia de pedaços. Mara ficou petrificada. Aquela raiva era familiar. Em todos os sentidos da palavra. Ela se colocou atrás da escrivaninha, apertando os nós dos dedos no tampo, escondendo que suas mãos tremiam. *Ela estava perdendo o controle da situação.* Talvez ela merecesse. Talvez fosse isso que acontecia com mulheres que tentavam tomar o destino em suas próprias mãos. Ela tinha feito isso, mudado seu futuro. Mudado sua vida. E a viveu durante doze anos. Mas era hora de deixar Kit viver a dele.

“Esse é o acordo que fizemos. Sua única chance de manter a honra é se eu concordar em admitir o que fiz. Eu levei o homem para o meu quarto. Eu o droguei. Eu joguei sangue nos malditos lençóis.” Ela balançou a cabeça. “*Eu* fugi. Sou *eu* que preciso de perdão. E de mim que ele quer se vingar. E ele sabe disso.”

“E quanto a mim?”

“Ele não está interessado em você.”

Christopher foi até a janela e observou a tarde fria de novembro. Ele ficou quieto por um bom tempo antes de sussurrar.

“Mas deveria se interessar. Ele não sabe do que eu sou capaz.”

O sol, que se punha a oeste no céu, refletiu em seus cachos que ficaram com reflexos dourados, e Mara lembrou de uma tarde distante na casa de sua infância, em Bristol, quando Kit ria e corria à beira de um laguinho perto da casa, puxando um barco de brinquedo atrás dele. Ele tropeçou na raiz

de uma árvore e caiu, acabou soltando o barbante preso ao barco para se segurar, e o vento forte levou o barquinho para o meio do lago, onde virou e afundou. Os dois apanharam por seus erros e depois foram mandados para cama sem jantar - Kit porque não tentou resgatar o barco, que havia custado dinheiro a seu pai, e Mara porque teve a ousadia de lembrar ao pai que nenhum de seus dois filhos sabia nadar. Não foi a primeira vez que Kit teve azar, nem a primeira em que Mara tentou proteger o irmão da ira do pai. Também não foi a última. Mas hoje ela não estava protegendo o irmão. Hoje ela estava protegendo algo muito mais importante. E ela não confiava nele o bastante para torná-lo parte do plano.

"Você se livrou disso."

"E se eu não quiser?"

Ela abriu a porta da sala com um movimento rápido, indicando que tinha terminado a conversa.

"Você não tem escolha."

Ele se virou para encará-la e, por um instante, a luz a confundiu. Por um instante, ele se pareceu com o pai.

"Você nas mãos do Duque Assassino? Ele e aquele cassino têm tudo que é meu. Devo simplesmente aceitar isso? E o meu dinheiro?"

Nada de *e você?* Nada de *e a minha irmã?* Essa omissão não deveria tê-la surpreendido, mas surpreendeu. Ela conteve a surpresa e ergueu o queixo.

"Dinheiro não é tudo."

"Oh, Mara", ele disse, parecendo mais velho e sábio do que ela jamais tinha visto. "E claro que é."

A lição que o pai deixou gravada nos dois.

Ele a encarou.

"Eu não me livrei disso. E agora, nem você."

A verdade, finalmente.

***

Horas mais tarde, com Lavanda sobre uma almofada a seus pés, Mara tentava se concentrar no trabalho quando Lydia Baker entrou no pequeno escritório.

"Estou cansada de fingir que não notei", Lydia desabafou.

Mara tentou demonstrar surpresa, arregalando os olhos para sua melhor amiga.

"Perdão?"

"Não finja que não entendeu", disse Lydia, sentando-se em uma pequena cadeira de madeira do outro lado da escrivaninha de Mara e batendo no colo para chamar a atenção de Lavanda. A leitoa levantou a cabeça, analisou a humana e decidiu continuar na almofada. "Essa porca não gosta de mim."

Mara aproveitou a mudança de assunto.

"Essa porca passou metade da manhã fugindo de uma dúzia de garotos endiabrados."

"Melhor do que fugir de um fazendeiro com um machado." Lydia firmou o olhar no animal.

Lavanda suspirou. Mara riu. Lydia voltou ao assunto com Mara.

"Durante sete anos nós trabalhamos lado a lado, e nem uma vez eu te perguntei sobre o seu passado."

Mara se recostou no espaldar da cadeira.

"Algo pelo que lhe sou grata."

Lydia ergueu uma sobrancelha loira e abanou uma mão pretensiosamente delicada.

"Se tivesse sido apenas o homem que a visitou esta tarde, eu poderia ignorar. Mas combinado ao visitante da *manhã*, não posso deixar de perguntar. Duques mudam tudo."

Sem dúvida, *esse* era o eufemismo do século.

Lydia se inclinou para frente, tamborilando com ritmo perfeito a borda da carta que tinha em mãos no tampo da escrivaninha.

“Eu posso trabalhar em um orfanato, Margaret, mas não sou completamente ignorante do mundo além da nossa porta. O homem enorme que apareceu aqui no raiar do dia era o Duque de Lamont.” Ela fez uma pausa, então acrescentou o adjetivo. “O Duque *Assassino* de Lamont.”

Deus, ela estava começando a odiar aquele apelido.

“Ele não é assassino.” As palavras saíram antes que Mara conseguisse se conter - antes que se desse conta de que eram uma admissão tácita de que ela conhecia o homem em questão. Ela apertou os lábios, formando uma linha fina, enquanto Lydia arregalava os olhos, interessada.

“Não é?”

Mara refletiu com cuidado sobre as próximas palavras que diria.

“Não”, foi a que ela escolheu.

Lydia esperou por um bom tempo que Mara continuasse, seus cachos dourados desobedientes e revoltos, mal contidos pelas duas dúzias de grampos enfiados na rede. Quando ficou claro que Mara não diria mais nada, sua principal criada e a coisa mais próxima de amiga que ela tinha, cruzou as pernas e descansou as mãos sobre as coxas.

“Ele não veio deixar uma criança”, Lydia constatou.

Não era incomum que homens da aristocracia aparecessem trazendo seus filhos ilegítimos.

“Não.”

Lydia aquiesceu.

“Ele não veio *pegar* um menino.”

Mara colocou a caneta no suporte.

“Não.”

“E ele não esteve aqui para fazer uma doação generosa, exorbitante, para o orfanato.”

“Não”, Mara contorceu o canto da boca.

“Você acha que consegue convencê-lo a fazer uma?”, Lydia inclinou a cabeça.

Mara riu.

“Ele não tem uma disposição muito generosa quando estou por perto, infelizmente.”

“Ah. Então ele não esteve aqui por nada relacionado ao orfanato.”

“Não.”

“O que significa que ele esteve aqui por causa do seu segundo visitante do dia.”

Mara ficou alarmada e fitou a amiga nos olhos.

“Não entendi.”

“Mentira”, Lydia respondeu. “Seu segundo visitante foi o Sr. Christopher Lowe. Muito rico, pelo que sei, herdou uma fortuna gloriosa de seu falecido pai.” “Não é mais rico”, Mara apertou ainda mais os lábios.

“Não.” Lydia inclinou a cabeça para o lado. “Ouvi dizer que ele perdeu tudo para o homem que matou *a irmã dele"*

“Ele não matou...”

Mara se deteve. *Lydia sabia.*

“Humm...” Lydia removeu um fiapo de sua saia. “Você parece ter muita certeza disso.”

“Eu tenho.”

Lydia aquiesceu.

“Há quanto tempo você conhece o Duque de Lamont?”

Lá estava, a pergunta que mudaria tudo. A pergunta que a tiraria do esconderijo e a revelaria ao mundo. Mara teria que começar a contar a verdade em algum momento. Devia considerar uma

espécie de sorte poder começar com Lydia. Só que revelar para sua amiga mais próxima, que confiou nela ao longo de sete anos, que tinha mentido esse tempo todo seria a coisa mais difícil que ela já tinha feito. Mara inspirou fundo. E soltou.

"Doze anos."

Lydia assentiu de novo, lentamente.

"Desde que ele matou a irmã do Lowe?"

Desde que ele supostamente me matou. Deveria ter sido fácil falar. Lydia sabia mais sobre Mara do que qualquer outra pessoa no mundo. Ela conhecia a vida de Mara, seu trabalho, seus pensamentos, seus planos. Ela foi trabalhar para Mara como uma governanta jovem e sem experiência, para cuidar de um bando de garotos, vinda de uma grande propriedade rural em Yorkshire - o lugar em que Mara se escondeu durante os primeiros anos de sua "morte".

Lydia baixou a voz e usou um tom gentil. De aceitação. Carregado de amizade.

"Todas temos segredos, Margaret."

"Esse não é meu nome", Mara sussurrou.

"É claro que não", Lydia concordou, e essas palavras tão simples acabaram com Mara. Lágrimas afloraram aos seus olhos e Lydia sorriu, inclinando-se para frente. "Nem você nem Lavanda cresceram numa fazenda em Shropshire."

Mara soltou uma risada abafada na direção da porca, que roncava enquanto dormia.

"Uma fazenda em Shropshire seria um bom lugar para ela", disse ela.

Lydia sorriu.

"Bobagem. Ela é uma leitoa mimada que dorme em uma almofada macia e ganha comida da mesa. Ela não iria gostar do clima nem da lama." Os olhos de Lydia transbordavam simpatia. "De onde, então, já que não é de Shropshire?"

Mara olhou para a escrivaninha em que trabalhou nos últimos sete anos, esperando, todos os dias, que essas perguntas nunca viessem. Ela respondeu sem tirar os olhos dos papéis sobre a mesa.

"Bristol."

"Seu sotaque não é de alguém que cresceu nas docas de Bristol", Lydia duvidou.

Uma visão da casa enorme em que viveu sua infância passou pela cabeça de Mara. Seu pai costumava dizer que poderia comprar a Grã--Bretanha se quisesse, e construiu uma casa para provar isso para o resto do mundo. A casa foi pintada e folhada a ouro, e era cheia de esculturas que fariam os Mármores de Elgin parecerem minúsculos. Seu pai gostava especialmente de retratos, e preencheu cada centímetro das paredes com rostos de estranhos. *Um dia vou substituir todos eles por retratos da minha própria família,* ele costumava dizer toda vez que pendurava um novo. A casa era excessiva, na melhor das hipóteses. Uma afronta, na pior. E foi a única coisa que ela amou.

"Eu não cresci nas docas."

"E o duque?" Lydia sabia. Sem dúvida.

"Eu...", Mara hesitou e escolheu com cuidado as próximas palavras. "Eu o encontrei... uma vez."

Não era mentira, mas de algum modo também não era verdade. *Encontrar* não era o verbo mais preciso que ela devia usar para descrever suas interações para com o duque. O encontro foi tarde da noite e sua situação era desesperadora. Ela tirou vantagem dele. Por um breve momento. *Mas longo o suficiente.*

"Na véspera do seu casamento."

Ela receou esse momento por doze anos - temeu que pudesse destruí-la. Ainda assim, enquanto se equilibrava na borda do precipício que era admitir a verdade pela primeira vez em doze anos — e ser honesta com sua amiga e, de algum modo, com o universo, ela não hesitou.

"Sim."

Lydia aquiesceu.

“Ele não matou você.”

“Não.”

Lydia esperou.

Mara balançou a cabeça enquanto massageava, distraída, seu antebraço. “Eu não queria que tudo parecesse tão... horrível!”

Ela queria pôr sangue nos lençóis para parecer que tinha sido arruinada. Que tinha fugido com outro homem. Era para ele ter escapado antes que alguém visse o que aconteceu. Mas ela exagerou no láudano. E no sangue.

Lydia refletiu por um longo momento sobre o que devia dizer. Ela revirou várias vezes o envelope que tinha em mãos, e Mara não pôde deixar de assistir ao pequeno retângulo virar nas mãos dela.

“Não consigo me lembrar do seu nome”, Lydia disse enfim.

“Mara.”

“Mara.” Lydia repetiu, testando o nome. *“Mara.”*

Mara balançou a cabeça em aprovação, sentindo prazer ao ouvir o som de seu nome nos lábios de outra pessoa. Prazer e nenhum medo. *Não tinha volta agora.*

Finalmente, Lydia sorriu, alegre e franca.

“E *muito* bom conhecer você”, ela declarou.

Mara prendeu a respiração ao ouvir aquilo, palavras que a inundaram de alívio.

“Quando ele conseguir o que quer, eu vou ser revelada.”

Lydia olhou para ela com carinho, sabendo o que aquilo significava. Sabendo que Mara seria expulsa de Londres. Que o orfanato perderia tudo se ela fosse ligada ao caso. Sabendo que ela teria que partir.

“E ele vai conseguir o que quer?”

Vingança. Aquele homem não iria parar até conseguir. Mas ela também tinha seus planos. A vida que ela construiu poderia acabar, mas Mara não partiria sem garantir a segurança dos meninos.

“Não sem que eu também consiga o que quero.”

“Era o que eu esperava”, os cantos dos lábios de Lydia subiram, em um sorriso irônico.

“Eu vou entender se você quiser se afastar disso tudo. Se quiser ir embora.” “Eu não quero ir embora”, Lydia negou com a cabeça.

Mara sorriu.

“Ótimo. Este lugar vai precisar de você, depois que eu for embora.” “Vou estar aqui”, Lydia aquiesceu.

O relógio no vestíbulo badalou, como se estivesse marcando a importância daquele momento. O som as despertou.

“Agora que tiramos isso da frente”, disse Lydia, estendendo os envelopes que segurava para Mara, “talvez você possa me dizer por que está recebendo cartas de um cassino?”

Mara arregalou os olhos enquanto pegava o envelope que Lydia lhe estendia, e o virou em suas mãos. Na frente, em um garrancho quase ilegível em tinta preta, seu nome e endereço. No verso, um impressionante lacre prateado, timbrado com um delicado anjo feminino, esguio e encantador, com asas que abrangiam toda cera. O lacre era desconhecido.

Mara aproximou o envelope do rosto, para examiná-lo.

“O lacre é do Anjo Caído”, disse Lydia.

Mara ergueu o rosto e seu coração disparou subitamente.

“O clube do duque.”

Os olhos azuis de Lydia se acenderam de empolgação.

“O cassino mais exclusivo de Londres, onde metade da aristocracia aposta uma fortuna obscena

todas as noites.” Lydia baixou a voz. “Ouvi dizer que os membros só precisam pedir o que querem - qualquer coisa extravagante, lasciva ou impossível de adquirir -, e o clube providencia.”

Mara revirou os olhos.

“Se é impossível de adquirir, como o clube consegue?”

“Imagino que eles sejam homens muito poderosos”, Lydia deu de ombros.

Mara pensou nos ombros largos e no nariz quebrado de Temple, no modo como ele a fez entrar em sua casa. No modo como ele negociou os termos do acordo com ela.

“Creio que sim”, ela concordou, deslizando o dedo por sob a cera prateada e assim abrindo o envelope.

Duas palavras estavam rabiscadas no bilhete - duas palavras, rodeadas por uma quantidade enorme de espaço desperdiçado. Mara nunca tinha pensado em usar papel de forma tão extravagante. Aparentemente, economia não era uma das principais preocupações de Temple - a não ser, talvez, a economia de palavras.

Nove horas.

Só isso. Sem assinatura. Não que ela precisasse de uma. Fazia doze anos que alguém tinha exibido um controle tão imperioso sobre ela.

“Eu acho que não gosto muito do seu duque.” Lydia estava debruçada sobre a escrivaninha, com o pescoço esticado para espiar o bilhete.

“Como ele não é o *meu* duque, isso não me incomoda.”

“Você pretende ir?”

Ela tinha feito um acordo. Esse era o castigo dela. Sua penitência. *Sua única chance.*

Ignorando a pergunta, ela pôs o papel de lado, deixando o olhar cair no segundo envelope.

“Esse é menos interessante”, disse Lydia.

Era uma conta, Mara sabia sem precisar abrir.

“Quanto?”

“Duas libras e dezesseis. Carvão.”

Mais do que elas tinham em caixa. E se novembro era um sinal do que vinha por aí, o inverno seria muito frio. Raiva, frustração e pânico borbulharam, mas Mara engoliu suas emoções. Ela recuperaria o controle. Pegou o bilhete lacônico do duque, virou o papel e pegou sua caneta, molhando a pena com cuidado na tinta antes de responder.

£10.

Mara devolveu o papel ao envelope, com o coração na garganta, cheia de energia. Ele podia ditar os termos, mas ela ditava o preço. E dez libras manteriam os meninos do Lar MacIntyre aquecidos por um ano. Ela riscou seu nome no envelope e escreveu o dele antes de entregá-lo para Lydia.

“Amanhã nós discutimos a conta.”

Capítulo Cinco

Uma modista. Ele a levou até uma modista. No meio da noite, como se fosse crime comprar vestidos novos. E claro que esgueirar-se pela porta dos fundos de uma das modistas mais legendárias da Rua Bond, no meio da noite, dava uma sensação meio criminosa. Tão criminosa quanto o arrepio de prazer que Mara sentiu ao roçar nele enquanto entrava na sala de costura da loja, incapaz de evitar o contato com ele, que era grande como um touro. Não que ela tivesse reparado. Não que ela tivesse reparado em como Temple era ágil para seu tamanho, subia e descia rapidamente da carruagem, abria as portas - e as segurava com tranqüilidade e delicadeza para que ela passasse - como se ele fosse um bailarino e não um boxeador. Como se a graciosidade lhe tivesse sido transmitida no ventre da mãe. Mara, no entanto, se recusou a reparar nisso tudo, até mesmo quando seu coração disparou ao ouvir a porta se fechar atrás de Temple, e quando a presença daquele corpo maciço fez com que ela se sentisse compelida a adentrar a sala, cujas seis luminárias pouco faziam além de lançar sombras pelo local.

"Por que estamos aqui?"

"Você não precisa sussurrar. Hebert está nos esperando."

"Ela sabe o motivo?", Mara olhou de lado para ele.

Temple não olhou para ela, apenas continuou a atravessar a loja, transitando entre as máquinas de costura vazias.

"Creio que ela pense que eu quero vestir uma mulher e que gostaria de manter isso em segredo."

Ela o seguiu.

"Você faz isso com frequência?"

Ele parou e Mara quase trombou nas costas dele. Temple olhou por sobre o ombro.

"Tenho poucos motivos para manter mulheres em segredo."

Ela se lembrou do jovem e atraente Temple, cheio de sorrisos ousados e de mãos ainda mais atrevidas, tentando-a com aqueles ombros largos e olhos pretos. Ele não precisava mantê-las em segredo. Sem dúvida, as mulheres se atropelavam para lhe fazer companhia. Ela afastou aquele pensamento.

"Imagino que sim."

"Em grande parte graças a você", ele completou, e passou por uma cortina pesada que dava acesso a um provador, e ela o seguiu.

Mara já devia esperar o lembrete de que a vida dele era diferente antes dela. Temple era filho e herdeiro de um dos duques mais ricos e reverenciados da Grã-Bretanha. E embora continuasse rico, gastava seu dinheiro nas sombras. O duque havia perdido a reverência dos outros. Por *causa dela.*

Mara engoliu a pontada de culpa que sentiu ao pensar nisso e se colocou perto da saída.

"Quando vou receber meus fundos?"

"Quando cumprir o acordo."

"Como eu vou saber que você manterá sua palavra?"

Ele a estudou durante um bom tempo, e Mara teve a sensação de que não devia ter questionado a honra dele.

"Você vai ter que confiar em mim."

Ela fez uma careta de deboche.

"Eu jamais conheci um aristocrata que merecesse confiança." Ela conheceu aristocratas desesperados, furiosos, abusados, lascivos e desgostosos. Mas nunca honrados.

"Então sinta-se feliz porque eu raramente sou considerado aristocrático", ele respondeu e se

afastou dela, concluindo a conversa.

Mara o seguiu até a sala de provas de Madame Hebert, onde a proprietária já os esperava, como se não tivesse nada melhor para fazer no mundo do que ficar ali esperando pelo Duque de Lamont. As palavras dele, ainda ecoando em suas orelhas, mostraram-se verdadeiras dentro do salão. Ela não estava ali esperando o Duque de Lamont. Madame Hebert aguardava um dos poderosos donos do cassino mais lendário de Londres.

“Temple!”, Madame Hebert o cumprimentou, dando um passo à frente para pregar dois beijos no rosto dele. “Seu bárbaro gigante e lindo! Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria negado o pedido.” Ela sorriu, o prazer em sua expressão combinando com seu forte sotaque francês. “Mas não consigo resistir a você.” Mara resistiu ao impulso de franzir o nariz quando uma risada sacudiu o peito de Temple e ele respondeu:

“Você não consegue resistir ao Chase!”

Hebert gargalhou, e o som parecia o mais fino cristal.

“Bem, uma mulher de negócios precisa saber - como dizem vocês, ingleses - de onde vem a manteiga de seu pão.”

Mara mordeu a língua para não perguntar se o próprio Temple tinha enviado um bom número de clientes para a costureira. Ela não queria saber. E então Mara não conseguiu falar, porque o olhar escuro da modista recaiu sobre ela, demonstrando admiração.

“Esta aqui é lindíssima!”

Ninguém nunca a descreveu assim. Bem, talvez uma pessoa... uma vida inteira atrás... mas ninguém desde a noite em que fugiu. Outra coisa que tinha mudado. A costureira estava enganada. Mara tinha vinte e oito anos, mãos marcadas pelo trabalho e mais linhas de expressão em torno dos olhos do que gostaria de admitir. Ela não estava maquiada nem produzida como certamente andavam as mulheres com quem Temple estava acostumado, nem era *petite* como a moda exigia, tampouco falava suavemente como deviam falar as mulheres. E ela, com certeza, não era linda.

Mara abriu a boca, pronta para recusar o adjetivo, mas Temple já estava falando, e dispensou o elogio ao não lhe dar atenção.

“Ela precisa de roupas.”

“Eu não preciso de roupas”, Mara balançou a cabeça.

A francesa começou a acender uma série de velas que rodeavam uma pequena plataforma no centro da sala de provas, como se Mara não tivesse falado nada.

“Tire sua capa, por favor.” A costureira olhou para Temple. “Um enxoval completo?”

“Meia dúzia de vestidos de noite. Mais meia dúzia para o dia.”

“Eu não...”, Mara começou, mas Madame Hebert a interrompeu.

“Isso não chega para duas semanas.”

“Ela não vai precisar de mais do que duas semanas.”

“Ela continua presente, não continua? Nesta sala?”, Mara interveio, estreitando o olhar.

A costureira ergueu as sobrancelhas, surpresa.

“Oui, Srta...”

“Você ainda não precisa saber o nome dela”, Temple cortou.

Ainda. Aquela pequena palavra continha tanto significado. Algum dia a costureira saberia seu nome e sua história. Mas não nessa noite, nem no dia seguinte, enquanto cortava e costurava os vestidos que seriam a ruína de Mara.

Hebert terminou de acender as velas, cada nova chama contribuindo para a encantadora aura dourada em que, Mara imaginou, devia entrar. Enfiando a mão em um bolso fundo, a costureira pegou uma medida e se virou para Mara.

“Srta. O casaco. Precisa tirar.”

Mara não se mexeu.

“Tire-o”, Temple ordenou, as palavras soaram ameaçadoras na escuridão enquanto ele próprio tirava seu sobretudo e relaxava em um divã próximo, cruzando as pernas e depositando o imenso casaco cinzento sobre o colo. O rosto dele ficou imerso nas sombras daquela sala.

Mara riu, soltando um som curto e sem graça.

“Sério mesmo que você acredita que é assim tão fácil? Você ordena e as mulheres correm para obedecer?”

“Quando se trata de tirar as roupas das mulheres, sim, geralmente funciona desse jeito.” As palavras emanaram dele, e Mara quis bater o pé.

Mas, em vez disso, ela respirou fundo e tentou recuperar o controle. Pegou um caderninho preto e um lápis do bolso fundo de sua saia.

“Quanto custa para você, normalmente, fazer uma mulher tirar a roupa?”

Temple fez uma cara de quem tinha engolido um inseto enorme. Ela teria rido, se não estivesse tão furiosa.

“Menos de dez libras”, ele respondeu, depois que se recompôs.

Mara sorriu.

“Ah, acho que não fui clara. Esse era o preço para começar a noite.”

Ela abriu o caderninho e fingiu estudar a página em branco.

“Imagino que provas de roupa custem mais... cinco, vamos dizer?”

Ele soltou uma gargalhada.

“Você vai ganhar uma coleção dos vestidos mais desejados de Londres e ainda tenho que te pagar?”

“Ninguém come vestidos, Alteza”, ela observou, usando sua melhor voz de governanta.

Deu certo!

“Uma libra.”

Ela sorriu.

“Quatro.”

“Duas.”

“Três e dez.”

“*Duas* e dez.”

“Duas e dezesseis.”

“Você é uma profissional em extorsão.”

Ela sorriu e se voltou para a caderneta, empolgada. Mara não esperava conseguir mais do que duas.

“Duas e dezesseis, então.” A conta de carvão estava paga.

“Adiante, então”, ele disse. “Tire o casaco.”

Ela voltou a guardar a caderneta no bolso.

“Você é um verdadeiro príncipe.” Ela retirou o casaco, foi até onde Temple estava sentado e o colocou sobre o braço do divã. “Devo retirar o vestido, também?”

“Sim.” A resposta veio da costureira, alguns metros atrás deles, e Mara podia jurar que viu um lampejo de surpresa nos olhos de Temple antes de se transformar em humor.

Ela apontou um dedo à frente do nariz dele.

“Não ouse rir!”

“E se eu rir?”, ele ergueu uma sobrancelha em desafio.

“Para que eu possa tirar suas medidas, senhorita, preciso que esteja vestindo o mínimo possível. Talvez se estivéssemos no verão, e seu vestido fosse de algodão, mas agora...”

A modista não precisou terminar. Era fim de novembro e tanto a roupa de baixo quanto o vestido

que Mara usava eram de lã. Ela pôs as mãos nos quadris e encarou Temple.

“Vire para lá.”

“Não”, ele sacudiu a cabeça.

“Eu não lhe dei permissão para me humilhar.”

“Ainda assim, eu comprei a permissão”, ele sentenciou, ajeitando-se no divã. “Relaxe! Hebert tem um gosto impecável. Ela vai te vestir com sedas e cetins e eu vou pagar por isso.”

“Você acha que três libras bastam para me tornar flexível?”

“Eu não acho que algum dia você possa ser flexível. Mas espero que honre nosso acordo. Sua palavra.” Ele fez uma pausa. “E pense bem... depois que tudo estiver terminado, você terá uma dúzia de vestidos novos.”

“Um cavalheiro permitiria que eu conservasse meu pudor.”

“Pena que sou mais conhecido como um canalha.”

Foi a vez dela erguer a sobrancelha, com ar de desafio.

“Acredito firmemente que, ao longo do nosso relacionamento, irei chamá-lo de coisas bem piores.”

E então ele deu uma gargalhada. Uma promessa calorosa e cheia de significado sob a luz fraca. Um som do qual ela não deveria ter gostado tanto.

“Sem dúvida”, ele baixou a voz. “Com certeza você é forte o bastante para aguentar minha presença enquanto está com sua roupa de baixo. Você tem até uma acompanhante.”

Aquele homem a tirava do sério. Completa e absolutamente! Mara queria bater nele. Não! Isso seria fácil demais. Ela queria confundi-lo, vencê-lo nessa batalha intelectual... nesse jogo de palavras que ele, sem dúvida, sempre ganhava quando competia. Porque não bastava que Temple fosse forte no ringue. Não, ele também tinha que ser forte fora dele. Além de ágil com seus músculos e ossos, ele precisava ser rápido com as ideias e palavras. Mara passou a vida toda sob o controle de homens. Quando era criança, seu pai a impediu de viver como queria, ditando cada um de seus passos com um exército de criados-espiões, babás enjoativas e governantas traiçoeiras. Ele não pensou duas vezes antes de vendê-la a um homem com o triplo da sua idade e que, ela não tinha dúvida, seria tão dominador quanto o pai, e então teve de fugir.

Mas mesmo depois de fugir, mesmo depois de recomeçar sua vida no interior de Yorkshire e depois nas ruas mais sujas de Londres, ela nunca escapou ao fantasma desses homens. Ela nunca foi capaz de se livrar do controle deles - e eles a controlavam, mesmo sem saber. Eles a dominavam pelo medo - medo de ser descoberta e forçada a viver aquela vida da qual quis tão desesperadamente fugir. Medo de se perder. Medo de perder tudo pelo que tinha trabalhado. Tudo pelo que tinha lutado. Tudo que tinha arriscado.

E naquele instante, mesmo que tivesse prometido a si mesma que conseguiria o que queria, ela não conseguia afastar a sensação de que aquele era mais um, em uma longa linhagem de homens, que usava o poder como arma. Sim, ele queria vingança e talvez a merecesse. E sim, ela podia ter concordado com as exigências e se colocado às ordens dele, e ela honraria sua palavra e o acordo, mas Mara teria de se encarar no espelho quando tudo estivesse terminado. E maldita fosse ela se, além disso tudo, ainda fosse ter medo dele. Ele era convencido e presunçoso, e Mara queria muito lhe passar uma descompostura. Embora fosse ela que em breve estaria descomposta - apenas com a roupa de baixo.

Mara, talvez, não devia ter falado. Talvez devia ter se segurado. Talvez, se ela não estivesse tão irritada com ele, poderia ter se contido. Talvez se ela soubesse o que viria depois que Temple ouvisse aquelas palavras... ela teria segurado sua língua. Mas ela não se importou. Porque em vez de não as pronunciar, Mara se virou, marchou até a aura dourada de luz, assumiu seu lugar na plataforma e o encarou mais uma vez, permitindo que a modista começasse a soltar os botões e as presilhas do seu

vestido. Ela encarou a escuridão sem piscar, olhando fixamente para o ponto onde imaginava que um olhar de triunfo arrogante irradiasse do rosto dele, e então falou.

“Bem, creio que isso não tenha muita importância... Afinal, não é a primeira vez que você me vê com roupa de baixo.”

***

Tudo parou. Mara não podia ter dito o que ele estava pensando que ela tinha falado. Ela não estava sugerindo o que ele pensou que ela sugeria. Só que foi exatamente o que ela fez, com aquele olhar presunçoso no rosto, o brilho dançando no olhar, como se ela tivesse esperado a vida inteira para deixá-lo desconcertado. E *talvez tivesse mesmo.*

Temple sentou-se na beirada do divã de um salto, com os dois pés firmes no chão, o brilho residual das velas iluminando seu rosto.

“O que você disse?”

Mara ergueu a sobrancelha e Temple percebeu que ela estava debochando dele.

“Algum problema com sua audição, Alteza?”

Ela era a mulher mais chocante, irritante e difícil que ele conhecia. Ela o fazia ter vontade de revirar toda a mobília de veludo daquele lugar completamente feminino e arrancar as roupas do próprio corpo de tanta irritação. Ele estava prestes a se levantar e intimidá-la a se repetir - a se explicar - quando os fechos do vestido foram soltos e o traje caiu aos pés dela com um movimento memorável e fluido, deixando-a ali só com a roupa de baixo clara, o espartilho simples, e pouca coisa mais. E então ele não se mexeu mais. *Maldição.*

A francesa rodeou Mara, estudando-a por um bom tempo enquanto Temple tentava reencontrar sua voz. Hebert falou primeiro.

“Ela vai precisar de lingerie, também.”

Temple discordou. Mara não precisava de roupa de baixo. Na verdade, ele preferia que ela nunca mais vestisse nem um centímetro de lingerie. Ou de qualquer outra coisa. Meu Deus... Ela era perfeita. Mas estava mentindo. Pois se ele a tivesse visto em suas roupas de baixo — em qualquer coisa parecida com o que ela vestia naquele momento -, Temple se lembraria. Ele se lembraria da curva dos seios, das sardas salpicadas entre eles, do modo como se curvavam em belíssimos montes, encimados por... ele não conseguia vê-los, mas sabia que seus mamilos eram, muito provavelmente, tão gloriosos quanto o resto dos seios dela. Ele se lembraria daqueles seios. Ou não? *Não é a primeira vez que você me vê com roupa de baixo.*

Ele fechou os olhos para conter a frustração - a lembrança que não veio. Houve uma mulher, uma que ele pensou ser mais devaneio que lembrança. Mais imaginação que realidade. *Sorriso amplo. Olhos estranhos, inebriantes.*

“É vermelho?”

A voz da modista soou como disparos na sala escura e silenciosa. Ela assustou Mara.

“Perdão?”

“Seu cabelo” Hebert respondeu. “A luz das velas engana o olho. Mas é vermelho, não é?”

Mara sacudiu a cabeça.

“É castanho.”

Uma cascata sedosa de cachos ruivos.

“E castanho-avermelhado, quase ruivo”, Temple corrigiu.

“Você não parece ser o tipo de homem que repara nisso”, Mara comentou, recusando-se a encará-lo, preferindo observar a francesa esguia, que estava ajoelhada a seus pés.

“Eu reparo em mais coisas do que você pode imaginar.”

Aquele cabelo esvoaçou em sua lembrança por doze anos. Houve momentos em que ele decidiu

que não era real. Em seus momentos mais sombrios, ele achou que tivesse imaginado o cabelo. E a mulher. Algo de bom para lembrar daquela noite. *Mas ela era real.* Ele sabia que Mara era a chave para entender aquela noite. Que ela lembrava de mais coisas que ele. Que ela era sua única chance de montar o quebra-cabeça da sua queda. Mas nunca tinha lhe ocorrido que ela esteve com ele por mais tempo do que o necessário para destruí-lo.

Talvez não. Talvez fosse uma mentira. Talvez ela o tivesse drogado e deixado para distrair todo mundo enquanto ela fugia de Deus sabe o quê para Deus sabe onde, e aquelas palavras provocadoras eram sua mais recente tentativa de torturar Temple. Não era mentira. Ele sabia disso tão bem quanto sabia de tudo. Mas, de algum modo, saber a verdade piorava tudo. Porque ela não lhe deixou nenhuma lembrança dessa noite. *Mara o deixou sem nenhuma lembrança dela.* Temple precisava se recompor. Recuperar a posição de força. Ele se obrigou a se recostar no divã, e assim não deixar Mara perceber que o havia abalado.

"Por exemplo, eu reparei que você nunca usa luvas."

Como se movidas por fios, as mãos delas se juntaram com firmeza à frente do corpo.

"Quem trabalha para viver... não consegue."

Mas não teria sido necessário que ela trabalhasse. Ela poderia ter sido uma duquesa. Ele queria respostas. Estava ansioso para obtê-las.

"Todas as governantas que eu conheci usavam."

Temple acompanhou o movimento das mãos de Mara, sabendo que eram calejadas, que tinham a pele áspera em algumas áreas, as juntas vermelhas de frio. Eram mãos que sabiam o que era trabalho. Ele sabia porque suas mãos tinham a mesma aparência. Como se pudesse ouvir os pensamentos dele, Mara soltou as mãos, mantendo-as paradas e alinhadas ao lado do corpo. "Eu não sou uma simples governanta."

Sem dúvida.

"Eu nunca pensei que você fosse qualquer coisa simples."

Madame Hebert se levantou, pediu licença e deixou os dois sozinhos na sala. Mara ficou um bom tempo em silêncio antes de falar.

"Eu me sinto como se estivesse em um altar para ser sacrificada."

Ele entendia o porquê. A plataforma estava envolta em um brilho dourado, enquanto o resto da sala permanecia mergulhada na escuridão. Em suas roupas de baixo claras e desajeitadas, Mara podia facilmente desempenhar o papel da virgem inocente que está prestes a ser jogada no vulcão. *Virgem.* A palavra fez Temple se perguntar. Será que eles... A dúvida se dissolveu em uma imagem de Mara deitada sobre lençóis brancos de algodão, perfeita e nua, com os braços estendidos com displicência e as pernas longilíneas convidativamente afastadas. Sua boca ficou seca com esse pensamento, com a imagem de Mara completamente receptiva diante dele, e então se encheu de água quando ele pensou por onde começaria nela... a linha comprida e delicada do pescoço, a elevação dos seios, as curvas da cintura, os segredos aninhados entre o que ele sabia que seriam coxas perfeitas. *Ele começaria ali.*

Temple levantou e foi até ela, incapaz de se conter, como se fosse puxado por uma linha de pesca comprida e resistente. Mara cruzou os braços ao redor do tronco conforme ele se aproximava, e Temple reparou que ela estava com a pele arrepiada. *Ele poderia aquecê-la.*

"Está com frio?", ele perguntou.

"Sim", ela respondeu, atrevida. "Estou seminua."

Era mentira. Ela não estava com frio. Estava nervosa.

"Acho que não", ele provocou Ela olhou atravessado para ele.

"Por que você não tira suas roupas para ver como se sente?"

As palavras saíram antes que ela pudesse pensar direito. Antes que ela - ou ele, se Temple quisesse ser honesto - percebesse o que podiam evocar. Curiosidade. Frustração. E mais. Ele parou

um pouco antes de adentrar a aura de luz onde Mara aguardava, incapaz de esconder seu rosto.

“Eu já fiz isso antes?”, ele perguntou, as palavras pronunciadas com mas dureza do que ele pretendia. Com mais significado do que ele esperava.

Mara olhou para os próprios pés. Temple acompanhou o olhar dela, e admirou os pés revestidos pela meia fina. Como ela não respondeu, ele insistiu.

“Eu acordei nu naquela manhã. Nu e coberto com o sangue de alguém. Um monte de sangue”, ele disse, embora o sangue fosse o menos importante naquele momento. Ele entrou no círculo de luz. “Não era seu sangue.”

Ela negou com a cabeça e finalmente olhou para ele.

“Não era meu.”

“De quem era?”

“De porco.”

“Por quê?”

“Eu não queria...”

Droga. Ele não queria desculpas. Ele queria a verdade.

“Chega! Onde ficaram minhas roupas?”

Ela balançou a cabeça outra vez.

“Eu não sei. Eu as entreguei para o meu...”

“Para o seu irmão, é claro. Mas por quê?”

“Nós... eu...”, ela hesitou. “Eu pensei que se você estivesse nu, demoraria a sair para me procurar. Isso me daria mais tempo para escapar.”

“É só isso?”

Temple ficou horrorizado ao perceber que a explicação o decepcionou. O que ele esperava? Que ela confessasse uma atração profunda e irresistível por ele? *Talvez.* Não. Maldição. Essa mulher era encrenca pura. Ele não sabia mais o que queria dela.

“Eu estava nu, Mara! Eu lembro do seu cabelo caindo sobre mim. Seu corpo em cima do meu...”

Ela corou sob a luz das velas e ele soube exatamente o que queria saber. Temple subiu na plataforma, encurralando-a no espaço diminuto da pequenina plataforma redonda, mas de algum modo - pela graça de algo mais divino que nenhum dos dois merecia - não encostou nela.

“Nós fizemos...”

“Excusez moi, Alteza.”

Ele não hesitou nem se mexeu. Tampouco olhou para trás.

“Um instante, Hebert.”

A francesa sabia que não devia permanecer.

Temple envolveu a cintura de Mara com os braços, odiando a si mesmo pela fraqueza do gesto. Ele a puxou para bem perto de si, pressionando os seios dela contra seu peito quando os troncos se encontraram. Quando as coxas deles se tocaram. Ela gemeu, mas não havia medo no som. Meu Deus, ela não tinha medo dele. Quando foi a última vez que ele abraçou uma mulher que não o temia? A *última vez que ele a abraçou.*

“Fizemos, Mara?” Ele perguntou sussurrando baixinho na orelha dela, os lábios perto o bastante para roçarem a curva suave, a pele quente. Ele não resistiu a tomar aquele lóbulo com a boca, e a massageá-lo com os dentes até ela estremecer de prazer.

Mas não de medo.

“Nós trepamos?”

Ela enrijeceu ao ouvir a palavra, quente e imoral, junto à pele sensível de seu pescoço, e um fio de culpa o percorreu, por mais que Temple se recusasse a reconhecer o sentimento. Por mais que se recusasse a sentir remorso por ofendê-la. Não que ele precisasse sentir. Mas aquela mulher lutava

suas próprias batalhas. Então ela virou a cabeça e o imitou em tudo, pressionando seus lábios macios à orelha dele, beijando uma, duas vezes, passando a língua suavemente, antes de morder o lóbulo e assim fazer um rio de desejo inundá-lo. Meu Deus do Céu! Ele queria aquela mulher como nunca quis nada na vida. Mesmo sabendo que ela era venenosa. Mesmo quando ela provou que era puro veneno ao tirar os lábios dele, deixando-o desesperado para tê-los de volta, e perguntar:

"Se eu lhe contar, você perdoa a dívida?"

Ela era o adversário mais habilidoso que ele já tinha enfrentado. Porque naquele momento ele realmente considerou a ideia. Perdoar tudo e deixá-la fugir. E talvez tivesse perdoado se ela pudesse lhe restaurar a memória. Mas ela tinha lhe tirado isso também.

"Ah, Mara...", ele disse, soltando-a com um movimento lento, e com fúria e algo muito próximo de decepção chispando em seus olhos. Ele abraçou um dos sentimentos e ignorou o outro. "Nada que você disser vai me fazer perdoar."

Ele saltou da pequena plataforma e chamou Madame Hebert enquanto se recolhia à escuridão. A modista entrou novamente, com um fardo de cetim e renda nas mãos, e se aproximou de Mara.

"Mademoiselle, sil vous plait", ela pediu, gesticulando para Mara vestir o traje. Mara hesitou, mas Temple reparou no modo como ela olhava para o vestido - como se não comesse há dias e ali, nas mãos da francesa, houvesse comida.

Depois que Mara enfiou a cabeça, e enquanto abanava os braços dentro do tecido, Temple inspirou fundo para manter a calma e olhou para a costureira.

"Eu não quero vê-la com as roupas de outra pessoa. Quero tudo novo. Feito por você."

Madame Hebert olhou rapidamente para Temple.

"E claro. O vestido é para conferir o estilo. Você manifestou o desejo de aprovar a coleção."

Ao ouvir isso, Mara soltou um ganido de discordância e colocou a cabeça na luz.

"Não basta que você me humilhe ficando na sala enquanto eu provo a roupa? Precisa escolher o vestido também?"

Hebert logo começou a ajustar o caimento do vestido e a fechá-lo nas costas, permitindo que Temple visse Mara trajando o modelo cor de malva, um pouco apertado demais no corpete e solto na cintura, mas dava para ter uma ideia. Ele nunca tinha dado muito crédito à ideia de que vestidos podem tornar uma mulher mais bonita. Mulheres são mulheres; aquelas que são atraentes, o são vestindo qualquer coisa. As que não são, bem... o tecido não faz mágicas. Mas aquele vestido parecia ser mágico com suas linhas elegantes e o modo como cintilava sob a luz das velas e contrastava com a linda pele clara dela, brincando com os vermelhos do cabelo e o azul e o verde dos olhos. Inferno! Ele estava pensando como uma maldita mulher.

A questão era que ele nunca tinha conhecido essa Mara — a mulher a quem ele nunca fora apresentado formalmente, a que foi criada em meio a uma riqueza obscena, com toda Londres a seus pés. A mulher que foi escolhida para ser a Duquesa de Lamont. E maldito fosse quem dissesse que ela não parecia uma duquesa com aquele vestido. Parecida demais com uma duquesa. Parecida demais com uma lady. Parecida demais com algo que Temple queria tocar e... *Não.*

"O decote do corpete precisa ficar mais baixo."

"Mais non, Alteza", protestou a costureira. "O corpete está perfeito. Veja como ele revela sem revelar."

Ela tinha razão, claro. O corpete era a parte mais perfeita do vestido, com um desenho maravilhoso, baixo o bastante para enfeitiçar sem ser óbvio demais. Ele reparou nisso no instante em que Mara o vestiu - no modo como valorizava aqueles seios divinos e sardentos. No modo como instigava sua vontade de catalogar cada uma daquelas pintinhas. Era perfeito. Mas ele não queria perfeito. Ele queria escandaloso.

"Mais baixo."

A costureira então olhou para Mara, e Temple desejou que ela protestasse. Que se opusesse à ordem. Que insistisse que o decote do vestido fosse deixado como estava. Isso o teria feito se sentir melhor quanto à sua decisão. Era como se ela soubesse disso, claro. Como se soubesse que ele desejava que ela lutasse. Porque, em vez disso, ela ficou ereta, com a cabeça curvada em um gesto de obediência que ele sabia ser insincero, e não disse nada. Fazendo com que ele se sentisse vinte vezes mais canalha.

"Quanto tempo?", ele rosnou a pergunta para a costureira.

"Três dias."

Temple aquiesceu. Três era um bom prazo.

"Ela também precisa de uma máscara."

"Por quê? O objetivo não é me desmascarar?", Mara respondeu no lugar da costureira, e seu tom de voz revelou a contrariedade por ser deixada de fora da conversa. "Por que me esconder?"

Ele a fitou bem no fundo dos olhos. Ela era uma árvore, e ele uma tempestade. Mara não se vergaria. Temple sentiu admiração por ela, mas escondeu o sentimento. Ela o arruinara. Ela o vilipendiara.

"Você vai ficar escondida até eu decidir que deve ser revelada."

Ela aprumou a postura.

"Muito bem." Mara fez uma pausa quando a costureira soltou o vestido, e Temple rilhou os dentes quando ela apertou o traje junto ao peito, para que não caísse, evitando se mostrar para ele mais uma vez. "Diga-me, Alteza, de agora em diante sempre devo me despir na sua presença?"

O ambiente era quente e sufocante, e Temple estava louco por uma briga. Mas achou que não suportaria vê-la novamente só com as roupas de baixo. Ele fez uma mesura com a cabeça.

"Vou lhe dar privacidade, com prazer." E se dirigiu para a frente da loja, mas parou antes de passar pelas cortinas. "No entanto, quando eu voltar, é melhor você estar preparada para me contar a verdade sobre aquela noite. Não vou deixar você sair da minha frente até que o faça. E isso não é negociável." Temple não esperou pela resposta de Mara antes de passar para a loja, que tinha paredes repletas de bobinas de tecido e outras quinquilharias. Ele respirou fundo no ambiente mal iluminado e escorregou a mão pela borda de uma comprida prateleira de vidro, esperando o aviso de que podia voltar. De que ela estava vestida. De que a caixa de Pandora tinha sido fechada.

Enfiou a mão em um cesto que jazia sobre o vidro e tirou dali uma pena longa e escura, e deslizou os dedos por ela, admirando a maciez. Ele imaginou como ficaria no cabelo dela. Na pele dela. *Nos dedos dela deslizando na pele dele.* Ele deixou a pena cair como se o tivesse queimado, e deu meia-volta para retornar ao provador, encontrando Madame Hebert parada na entrada. "Verde", ela anunciou.

Ele não se importava com a cor que Mara vestiria. Temple não planejava lhe dar atenção suficiente para que isso importasse.

"Eu quero o cor de malva, também", ele disse mesmo assim. "O que ela experimentou."

Anos de prática ensinaram Madame Hebert a não revelar seus pensamentos.

"A moça deve usar verde mais do que qualquer outra cor."

Por um instante ele pensou nisso, e imaginou Mara de verde. Com cetim, renda e lingerie - com camisolas finas e espartilhos apertados e longas meias de seda. Ele pagaria um bom dinheiro para ver as pernas dela. *Talvez já tivesse visto.* Com esse pensamento, a frustração cresceu mais uma vez.

Temple ficou irritado com a ideia de Mara guardar segredos dele. Segredos que era tanto dele quanto dela.

"Vista-a com a cor que você quiser. Eu não ligo!" ele passou pela francesa. "Mas mande também o cor de malva."

"Temple", o nome nos lábios de Hebert o detiveram, e quando ele se virou, segurando as

cortinas com a mão, ela disse: “Já vesti dezenas das suas mulheres.”

“As mulheres do Anjo.”

Por algum motivo, o esclarecimento pareceu necessário. Hebert não discutiu.

“Esta não é como as outras.”

Aquilo era um eufemismo colossal.

“Não é.”

“Roupas”, continuou a francesa, “têm um poder inegável. Elas podem mudar tudo.”

Aquilo era bobagem, mas ele não se sentia disposto a discutir com uma modista sobre sua especialidade, então permitiu que ela continuasse.

“Tenha certeza de que você realmente deseja o que está pedindo.”

Era só o que faltava. Uma costureira francesa enigmática. Ele afastou as cortinas e seu olhar foi direto para a plataforma onde Mara esteve, altiva e digna, com aquele lindo vestido. Plataforma agora vazia. Na sala agora vazia. *Merda.*

Ela tinha fugido.

Capítulo Seis

Três minutos. Talvez menos. Era o tempo que ela tinha para se esconder antes que Temple saísse atrás dela. Se ele a pegasse, a noite daria uma reviravolta. Não que isso não tivesse acabado de acontecer.

Mara apertou o casaco em volta do corpo, e agradeceu mentalmente a Lydia por convencê-la a comprar um sobretudo de inverno para suas excursões com os meninos, enquanto corria pela viela atrás do ateliê de costura, desesperada para encontrar alguma reentrância onde pudesse se esconder bem e esperar que Temple saísse. Ela fugiu enquanto o condutor da carruagem dele não estava olhando - o universo conspirando a seu favor para variar. Agora, ela precisava se esconder. Quanto mais perto do ateliê, melhor. Temple pensaria que ela saiu correndo. Ele iria calcular o tempo que teve e a distância que poderia ter percorrido, e verificaria esse raio. Ela só precisava ficar em silêncio e esperar que Temple passasse por ela. Ele jamais imaginaria que ela estaria por perto.

Mara tinha aprendido a se esconder bem nos últimos doze anos. Na verdade, ela aprendeu a se esconder nas primeiras doze horas após sua fuga. Mas no momento ela não dispunha de uma carruagem com um condutor bem pago e uma legião de pessoas dispostas a ajudar. Ela estava em Mayfair no meio da noite. E enfrentava um dos homens mais poderosos de Londres. Se fosse pega, Mara tinha certeza de que ele a forçaria a contar a verdade. E a verdade sobre aquela noite - sobre sua vida - era seu único trunfo. E maldita fosse ela se Temple a arrancasse dela com tanta facilidade. Contudo, não foi por isso que ela fugiu. Ela fugiu porque ficou preocupada ao constatar que talvez não conseguisse resistir a ele como pensava que conseguiria. O coração dela disparou.

Graças a Deus pela arquitetura estranha de Mayfair. Ela não demorou para se perder em um labirinto de alcovas e vielas, e se escondeu atrás de uma pilha enorme de sabe-se-lá-o-quê, tentando não respirar muito fundo por causa do fedor. *Até a aristocracia produz lixo.* Ela tinha aprendido, na verdade, que a aristocracia produzia mais lixo que todo mundo. E algumas coisas que jogavam fora até que não estavam tão ruins. Afinal, o alimento de um é o veneno de outro.

Passos. Passos pesados, masculinos. Ela pressionou a testa contra os joelhos, desejando ser menor, mantendo-se absolutamente quieta, impedindo-se de se mexer ou até de respirar. Esperando que ele passasse. Quando os passos sumiram, ela se pôs de pé, sabendo que esse era o momento mais importante. Ela tinha que correr. Para longe e rápido. Na direção oposta. *Não iria dar certo. Eles estavam irremediavelmente interligados, agora.* Daria certo naquela noite. E quando estivesse distante ela poderia pensar. Organizar-se. Traçar uma estratégia. Travar guerra. Ela respirou fundo, estabilizando a respiração, e saiu correndo da viela, mas não percorreu nem dois metros antes de trombar com um homem imenso.

Temple. Só que não era ele. Mara sabia porque, dentre todas as emoções que Temple lhe despertava - fúria, frustração e irritação -, não constava o medo. Que era o sentimento que provocava aquele homem que exalava um odor fétido e que a segurava com mãos pesadas, que machucavam.

“Oba, oba, *o que qui* a gente tem aqui?”

Mara ficou petrificada, como um coelho preso em uma armadilha. O homem a jogou para o seu parceiro, que também a segurou com punhos de ferro, enquanto o outro a examinava dos pés à cabeça. Quando ele terminou, a admiração se transformou em um olhar lascivo, e seus lábios se abriram em um sorriso que revelou os dentes podres.

“Ah, mas olha só se a gente não é os caras mais sortudos de Londres? Uma belezinha dessa acabou de cair no colo da gente?”

O homem se aproximou, e falou na orelha dela, as palavras formulando uma ameaça horrível,

que chegou em uma onda de hálito azedo.

“E é no colo da gente que você vai sentar logo, logo.”

Aquilo a tirou do estado de torpor, e Mara começou a lutar, chutando e se contorcendo até que o bruto a agarrou bem perto de si e o fedor dele

- um misto de bebida, suor e roupa há dias sem lavar - a dominou. Ele se inclinou sobre ela e sussurrou em sua orelha.

“A gente gosta é de mulher quietinha.”

“Bem”, ela disse, “temos um probleminha, porque não estou disposta a ficar quieta.”

Ele a empurrou de volta para a viela, e a jogou contra a parede de pedra, com força o bastante para o choque expelir o ar de seus pulmões. Medo e pânico cresceram, e Mara se contorceu na mão dele, sem condições de gritar. Ela não tinha ar suficiente nos pulmões. *Ela não conseguia respirar.* Mara sabia que o choque não tinha sido forte o bastante para matá-la. Ele só queria deixá-la sem fôlego. Mas foi o bastante para aterrorizá-la. O terror virou raiva.

Lágrimas afloraram aos seus olhos, e ela lutou mais, disposta a fazer qualquer coisa para se livrar dele. Mara se debateu e empurrou, mas o homem ainda a segurava, e usou a mão livre para abrir o casaco dela com um puxão, fazendo os botões voarem, então agarrou suas saias e as levantou, e Mara sentiu o ar gélido da noite envolver seus tornozelos, suas pernas, seus joelhos.

“Segura ela”, o primeiro homem disse a seu parceiro, enquanto abria a calça; Mara recuperou milagrosamente o fôlego, e seu medo da morte virou medo de algo pior. Muito pior.

Ela enfiou as garras em seu agressor, deu socos e bateu nos braços dele, mas o homem era forte demais para ela. Mara, então, mudou de tática, e procurou a faca no forro do casaco, tentando permanecer calma. Tentando se concentrar. Mara encontrou a arma quando sentiu as mãos do homem agarrando com violência a sua coxa afastando suas pernas, e ela fechou os olhos, incapaz de tolerar a visão daquela mão imunda em sua pele. Ela tirou a faca de onde estava. Mas o agressor a viu antes que Mara pudesse usá-la. E a pegou. Ele era forte demais para ela. O homem arrancou a faca de sua mão e a colocou contra a garganta dela.

“Vagabunda burra! *Issaqui* é perigoso demais *prum* tipo *quinem* você.”

O medo deu lugar ao horror. E então o homem se foi, ao som da lâmina se estatelando nos paralelepípedos. Mara viu seu agressor ser atingido acompanhado por um rugido ensurdecedor que deveria ter aumentado seu medo, mas que lhe trouxe um alívio como nunca tinha sentido. *Temple...* Ela estava livre; o outro agressor a soltou no momento em que o duque chegou, e a princípio tentou ajudar o amigo, mas agora recuava, sem poder tirar os olhos da luta. Ela também recuou, e se encolheu e abraçou os joelhos junto ao peito, também assistindo. Temple espancava o agressor, que agora estava pressionado contra a mesma parede em que ela também esteve, sem dúvida sentindo um medo semelhante ao dela enquanto o melhor boxeador da Inglaterra usava toda sua habilidade e força para fazer justiça. Mas aquele não era um lutador profissional que seguia as regras e os regulamentos que de algum modo aliavam o esporte à luta. Temple, naquele momento, estava sedento por sangue. Os movimentos eram precisos e econômicos, sem dúvida resultado de anos de treinamento e prática, mas cada golpe carregava todo o peso de sua fúria; e ele desferia um murro atrás do outro, até chegar ao ponto em que era a força de seus punhos que mantinha o agressor de Mara em pé, e nada mais. Ele era mais forte que a gravidade. O segundo homem na viela pareceu perceber a mesma coisa, e decidiu que ajudar seu amigo era muito menos importante do que salvar a si mesmo. Ele empurrou Temple e saiu correndo, tentando escapar. Mas a sorte não estava do seu lado. Temple soltou seu oponente, que caiu formando um amontoado de carne inconsciente a seus pés, e se virou e esticou o braço para puxar o colarinho do segundo homem, que perdeu o equilíbrio e foi jogando ao chão. Mara viu o brilho metálico na mão do vilão. Sua faca. Ele a encontrou na escuridão.

“Faca!”, ela gritou. Mara se pôs de cócoras, pronta para entrar na luta. Para proteger Temple

assim como ele a protegera. Antes que ela pudesse se mexer, contudo, Temple se desviou para a lateral do homem e se apoiou sobre um dos joelhos, e então voltou ao combate. Como se armas não pudessem feri-lo. Como se fosse imune às ameaças.

O homem arremessou a faca e ela encontrou seu alvo quando Temple a desviou com o braço; a lâmina tilintou nos paralelepípedos, parando a poucos centímetros dos pés de Mara, que a pegou e segurou firme nas mãos, sem parar de observar Temple. Dessa vez ele falou, pontuando com seus golpes as palavras que passavam por entre os dentes cerrados.

"Você. Nunca. Mais. Vai. Machucar. Outra. Mulher."

O homem ganiu. Temple se debruçou sobre ele.

"O que foi que você falou?"

Ele ganiu outra vez. Temple o levantou do chão pelas lapelas, então o soltou, deixando que a cabeça batesse nos paralelepípedos.

"Não consigo ouvir!"

O homem balançou a cabeça, os olhos fechados.

"Não... não vou."

Temple deu mais um soco, então se aproximou ainda mais.

"Não vai o quê?"

"Machucar outra."

"Outra o quê?"

"Outra mulher."

Temple então recuou, apoiando-se nos calcanhares, as coxas imensas firmes e grossas, a respiração apressada e forçada.

"Levante-se!"

O homem fez o que lhe foi ordenado, e cambaleou para ficar de pé.

"Leve o desgraçado do seu amigo com você se quiser que ele viva."

O homem fez o que Temple mandou, ajudando o agressor de Mara a ficar de pé e os dois foram embora pela viela o mais rápido que conseguiram.

Ela ficou observando os dois se afastarem, e precisou de vários segundos antes de conseguir olhar para Temple, que olhava para ela de onde estava, a dois metros, imóvel como pedra. Quando seus olhos se encontraram, tudo mudou. Ele praguejou baixinho e se abaixou ao se aproximar dela, lentamente.

"Mara?"

O som do seu nome nos lábios dele, suave e arrastado, a despertou, e ela começou a tremer na escuridão daquela rua suja de Londres. Ele logo estava ao lado dela e estendeu a mão, que permaneceu, hesitante, no espaço entre eles, pairando a poucos centímetros dela. Menos. Mas sem tocá-la. Sem querer assustá-la, Mara percebeu. Sem querer forçar nada. O movimento foi tão gentil, tão delicado, que era difícil imaginar que ele fosse qualquer outra coisa que não um amigo. *Você veio*, era o que ela queria dizer. *Obrigada*. Mas não conseguia encontrar as palavras. No entanto não foi necessário, porque ele praguejava em voz baixa e a puxou para seus enormes braços. E ela se sentiu segura pela primeira vez em anos. Talvez em toda vida.

Mara se apoiou nele, deleitando-se com a força, o calor, o tamanho dele. Temple a abraçou, puxando-a apertado contra si, e inclinou a cabeça sobre a dela, envolvendo-a, protegendo-a com o corpo inteiro.

"Você está a salvo agora", ele sussurrou, apoiando a própria cabeça no alto da cabeça dela. "Você está em segurança." Ele balançava para frente e para trás. "Eles não vão voltar", ele a tranquilizou, roçando a testa dela com os lábios enquanto falava.

Ela acreditou nele. Acreditou na maneira como ele falou, com cuidado, no modo como suas

mãos, instrumentos da justiça aplicada aos agressores, agora passavam com delicadeza por suas costas e pernas, ajeitando as saias em volta dela, espalhando calor pelas partes dela que ficaram frias de medo.

"Você ganhou deles. Eles eram dois, e você só um."

"Eu falei para você que não perco." O tom era leve, mas ela sabia que não era assim que ele realmente se sentia.

De qualquer modo, ela sorriu ao ouvi-lo.

"Quanta arrogância", Mara brincou.

"Não é arrogância. E verdade."

Ela não soube o que responder, então disse apenas:

"Você está sem o seu sobretudo."

Ele hesitou, só um pouco.

"Não havia tempo", respondeu Temple, afinal. "Eu tinha que encontrar você."

E ele encontrou.

"Obrigada", ela agradeceu, e sentiu que as palavras soaram estranhas, sufocadas e desconhecidas.

Ele a puxou mais para perto.

"Não me agradeça", ele sussurrou. "Eu estava furioso."

Ela sorriu com o rosto enfiado no paletó dele.

"Imagino que sim."

"Pode ser que eu continue bravo, mas você vai ter que esperar até que eu supere o terror."

Ela levantou a cabeça e lamentou a escuridão na viela, pois queria ver os olhos dele.

"Terror?"

Ele desviou o rosto.

"Não importa. Você está bem agora."

E ela estava. Porque o tinha a seu lado. Incrível.

"Como foi que você..."

Ele deu um pequeno sorriso.

"Eu disse que te encontraria se você fugisse."

Ela balançou a cabeça, sentindo que lágrimas se aproximavam. Ele já tinha passado. Ela o ouviu. *Ainda assim, ele a encontrou.*

Ele afastou o cabelo do rosto dela.

"Eu voltei correndo."

"Se você não tivesse voltado..."

Ele balançou a cabeça e a apertou contra si outra vez.

"Mas eu voltei", Temple disse, com firmeza.

Ele tinha voltado, e ela estava em segurança.

"Obrigada", Mara disse, encostada no peito dele. Ela deslizou a mão para o braço dele, e Temple ficou rígido e sibilou de dor. Ela se endireitou imediatamente, deixando a mão cair na coxa dele.

"Seu braço."

Ele balançou a cabeça.

"Isso não é nada."

"Claro que é." Havia um corte fundo na manga do paletó; Mara puxou o tecido para descobrir um corte semelhante na camisa abaixo e também na pele.

"Ele te machucou." Os botões do paletó tinham arrebentado durante a luta, e jaziam sem dúvida espalhados pelos paralelepípedos. Ela afastou uma das lapelas. "Tire isso", ela pediu, e começou a afrouxar a gravata dele para chegar ao colarinho da camisa. "Você precisa de cuidados."

Ele pegou a mão dela.

“Está tudo bem.”

“Não está, não”, ela protestou, sentindo-se tomada pela culpa. “Eu não deveria ter fugido.”

Temple parou de se mexer, e eles se olharam nos olhos.

“O quê?”, perguntou Temple.

“Se eu não tivesse fugido...”

Ela o tinha machucado. *De novo.*

“Não”, Temple disse, mas ela o ignorou, soltando suas mãos e voltando a trabalhar na gravata dele.

Ele a interrompeu outra vez, e levou a mão quente e firme ao rosto dela, tocando-o com delicadeza.

“Não diga. Não pense isso. Não foi sua culpa.”

Ela fitou seus olhos pretos.

“Você está ferido.”

Ele sorriu com o canto da boca.

“Eu estava doido por uma luta.”

Mara meneou a cabeça.

“Isso não foi uma luta.”

“Eu não teria tanta certeza”, ele brincou, antes de ficar sério. “Aqueles homens eram uns animais. E você...” Ele se interrompeu, mas não antes que suas palavras lembrassem aos dois quem ele era. Quem eles eram, juntos. Mas era a vez de Mara cuidar dele.

“Precisamos levar você para dentro”, ela disse, levantando-se e estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar.

Ele ignorou a mão dela e se pôs de pé com um movimento suave. Quando estava ereto, ele parou por um instante, e Mara imaginou que estivesse se sentindo fraco por causa da dor do ferimento. Ela se colocou debaixo do braço bom dele.

“Apoie-se em mim.”

Ele riu alto na escuridão.

“Não.”

“Por quê?”

“Além da possibilidade de eu te esmagar?”

Ela sorriu.

“Sou mais forte do que parece.”

Ele baixou os olhos para ela.

“Acho que essa é a primeira verdade que você me conta.”

Aquelas palavras fizeram algo indefinível percorrer o corpo de Mara. Algo empolgante, perturbador e mais meia dúzia de outras coisas.

“Vou aceitar isso como um elogio.”

“Isso mesmo.”

Não. Ela não queria gostar dele. *Tarde demais.*

“Então por que não se apoia em mim?”

“Não preciso de ajuda.”

Mara olhou para ele e viu algo na firmeza de seu maxilar, na linha formada pelos lábios. Algo familiar. Quantas vezes ela tinha dito a mesma coisa para pessoas que lhe ofereceram ajuda? Ela tinha passado tanto tempo sozinha que resistia automaticamente à ideia de que alguém pudesse lhe oferecer ajuda sem esperar algum tipo de pagamento. Ou, pior, sem querer se tornar parte da sua vida.

“Entendo”, ela respondeu em voz baixa.

Passou-se um longo momento, enquanto aquela palavra se ajustava entre eles, até que Temple falou.

“As vezes eu tenho a impressão de que você realmente me entende.”

Ele pegou a mão dela, e Mara ficou petrificada com o toque.

“Tenho que pagar por isto também?”, Temple perguntou enquanto olhava para ela.

As palavras eram um lembrete do acordo, de qual era a situação deles. Mas o toque dele não lembrava em nada um acordo. A pele áspera e quente deslizando pela sua lembrava prazer. Prazer que ela não queria sentir, mas que não podia negar.

“Não”, ela respondeu, e o vento frio a fez estremecer. “Sem cobrança por isto.”

Ele não falou mais nada e os dois voltaram para a carruagem. Eles haviam descoberto uma camaradagem silenciosa na escuridão - que sem dúvida seria afugentada pela luz do dia, quando ambos se lembrassem do passado e do presente. E pensassem no futuro, claramente gravado em pedra. E assim ela também não falou mais. Nem quando os dois emergiram da viela, virando na direção da carruagem, nem quando o condutor pulou de seu assento e veio ao encontro deles, nem quando ficaram fechados no espaço silencioso e escuro, apertado demais para que não se tocassem - joelhos roçando joelhos -, embora os dois fossem orgulhosos demais para reconhecer o toque. Ela também não falou nada quando eles chegaram à casa dele e Temple se adiantou pela rua fria e escura de Londres e disse:

“Entre.”

E palavras não foram necessárias enquanto ela o seguia.

***

“A história do nosso relacionamento está manchada demais pela violência, Alteza”, Mara disse quando os dois estavam no escritório em que ela se revelou e contou o motivo de seu reaparecimento. Onde ela o drogou pela segunda vez.

Ele tirou o paletó, revelando a camisa manchada de sangue.

“E de quem é a culpa?”, ele perguntou, num tom mais delicado do que ela imaginava possível.

Delicado. Era estranho que essa palavra de repente definisse o homem que era conhecido na maior parte de Londres como uma força bruta, feito de músculos inflexíveis e ossos indestrutíveis. Mas com ela, Temple se transformava, de algum modo, em ângulos pronunciados e toques suaves. Ele gemeu de incômodo quando puxou a camisa do braço e a tirou pela cabeça, arremessando-a para o outro lado da sala, o que revelou o corte reto sobre uma parte escura da pele - com um desenho geométrico preto. Mara observou aquele desenho. E depois seu gêmeo no outro braço. Tinta. Ela já tinha visto antes, mas não em alguém como ele. Nunca em um aristocrata.

Ele pegou água quente e bandagens com uma prática que sugeria não ser aquela a primeira vez em que voltava para sua casa vazia para se remendar. Então sentou-se na cadeira junto ao fogo, que acendeu quando entrou no escritório, e jogou as bandagens dentro da água fervente. A movimentação dele chamou a atenção de Mara, que foi ficar perto dele junto ao fogo.

“Pode deixar”, ela disse suavemente, mergulhando uma extensão de bandagem na água enquanto ele se ajeitava na cadeira. Ela tirou o excesso de líquido escaldante do tecido antes de começar a tarefa de limpar o machucado. Ele permitiu que ela continuasse, o que deveria tê-la surpreendido. Deveria ter surpreendido os dois.

Temple ficou quieto por longos minutos, e ela se forçou a olhar apenas para o ferimento, para o corte reto de carne rasgada que serviu para lembrar Mara da violência medonha que ela poderia ter sofrido. Da qual ele a resgatou. Com os pensamentos acelerados, Mara estava obcecada com a ideia de não o tocar em nenhum lugar que não ali, na área logo acima da faixa de pele preta - como se a escuridão dentro dele tivesse transbordado para a superfície, formando lindos padrões, incompatíveis com seu passado. Com o duque que ele deveria ter sido. A escuridão que ela ajudou a formar.

Mara tentou não respirar muito fundo, mesmo com a pungência do aroma que emanava dele — cravo e tomilho misturados a algo indefinível, mas totalmente característico de Temple - e que provocava seus sentidos, desafiando-a a inspirá-lo. Em vez disso, ela se concentrou em cuidar dele com toques suaves, limpando o sangue seco do braço e detendo a hemorragia. Mara observava o tecido da bandagem indo da pele dele para a água da tigela, agora tingida de rosa, e voltando, recusando-se a olhar para qualquer outra coisa. Recusando-se a enumerar as outras cicatrizes que riscavam o tronco. Os perturbadores vales e montes daquele peito musculoso. As espirais de pelo preto que atiçavam seus dedos a tocá-lo de uma forma diferente, e muito mais perigosa.

“Você não precisa cuidar de mim”, ele disse em voz baixa na sala silenciosa e escura.

“É claro que preciso”, ela respondeu, sem olhar para ele. Mas sabendo que ele olhava para ela. “Se não fosse por mim...”

Temple pegou a mão dela e a pressionou contra seu peito, e ela sentiu a pulsação do coração dele em seu punho.

“Mara”, ele disse, e o nome pareceu estranho, como se fosse de outra pessoa.

Aquele homem, aquele lugar, não eram para ela. Ela torceu a mão e ele a soltou, permitindo que ela continuasse a cuidar dele como se nunca a tivesse segurado.

“Cuide de mim, então.”

“Você precisa de pontos”, ela disse.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

“Você conhece o tipo de ferimento que precisa de pontos?”

Ela tinha costurado dezenas de ferimentos em sua vida. Mais do que conseguia se lembrar. Muitos quando ainda era criança. Mas não falou nada disso.

“Conheço. E este aqui precisa.”

“Imagino que isso vai ter um preço?”

Tais palavras foram uma surpresa. Uma lembrança do acordo entre eles. Por um instante, ela tinha se permitido imaginar que eram pessoas diferentes. Em um lugar diferente. Que tolice a dela. Nada tinha mudado naquela noite. Ele continuava atrás de vingança e ela continuava atrás de dinheiro. E quanto mais eles se lembrassem disso, melhor!

Ela inspirou e tentou ganhar tempo.

“Vou lhe oferecer uma barganha.”

Ele olhou desconfiado.

“Diga seu preço.”

“Duas libras.” Ela detestou aquelas palavras em seus lábios.

Alguma coisa faiscou nos olhos dele. Tédio? Não. Mas sumiu antes que ela tivesse tempo de identificar, e ele já estava abrindo uma pequena gaveta na mesa sob seu cotovelo, de onde tirou agulha e linha.

“Costure, então.”

Ocorreu a Mara que somente um homem que se machucava com regularidade teria agulha e linha ao alcance da mão. Ela passeou o olhar pelo peito de Temple, reparando nas várias marcas em diferentes estágios de cicatrização. Quanto sofrimento esse homem tinha aguentado ao longo dos últimos doze anos? Ela deixou essa questão de lado e foi até o aparador, onde serviu dois dedos de uísque em um copo. Temple balançou a cabeça quando Mara voltou para perto dele.

“Não vou beber isso” ele anunciou.

Mara revirou os olhos.

“Eu não droguei a bebida.”

“Ainda assim, prefiro não me descuidar”, ele disse inclinando a cabeça. “Não era para você, de qualquer modo”, ela rebateu e mergulhou a agulha no líquido antes de cortar uma longa extensão de linha.

“É um desperdício de bom uísque.”

“Vai tornar os pontos menos doloridos.”

“Bobagem.”

Ela deu de ombros.

“A mulher que me ensinou a suturar um ferimento aprendeu com homens em combate. Parece razoável”, Mara explicou.

“Não há dúvida de que homens em combate queiram uma garrafa por perto.”

Ela ignorou a provocação e passou a linha pela agulha com cuidado antes de voltar sua atenção para o ferimento. Ajoelhou-se ao lado dele e avisou: “Vai doer.”

“Apesar da adição do meu excelente scotch?”

Ela inseriu a agulha.

“Diga-me você.”

“Droga!”, ele sibilou com a picada.

Ela ergueu uma sobrancelha para ele.

“Posso te servir uma bebida agora?”

“Não. Prefiro lidar com a arma visível.”

Mara retorceu os lábios. Não iria se divertir. Não iria gostar dele. Temple era inimigo, não amigo. Ela completou a sutura sem demora, com a precisão adquirida com anos de muita

experiência. Enquanto ela cortava o restante da linha, Temple enfiou a mão na gaveta outra vez e tirou um pote de linimento. Mara o abriu e sentiu o aroma de tomilho e cravo - tão familiar. “E por isso que você tem esse cheiro.”

Ele ergueu uma sobrancelha irônica.

“Você reparou no meu cheiro?”

As faces dela ficaram quentes com o comentário, para seu grande desalento.

“E impossível não reparar”, ela se defendeu.

Mesmo assim, ela levou o pote ao nariz, inalou, e o aroma despertou um fio de consciência nela. Mara mergulhou um dedo no pote e espalhou o linimento sobre a pele inflamada ao redor da ferida, tomando cuidado para não machucá-lo, e depois envolveu o sobre o ferimento com um pedaço de pano limpo, que segurou com uma bandagem comprida. Ao terminar, ela pigarreou e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

“Você vai ficar com uma cicatriz feia.”

“Não é a primeira, não vai ser a última”, ele comentou.

“Mas eu sou responsável por esta”, ela respondeu. Ele riu disso, e Mara não conseguiu evitar de levantar a cabeça e encarar os olhos pretos dele. “Você acha engraçado?”

Ele encolheu um ombro.

“Acho interessante que você reivindique a única cicatriz que não tem nada a ver com você.”

Ela arregalou os olhos.

“E as outras têm?”

Ele inclinou a cabeça e a observou com cuidado.

“Cada uma delas foi recebida em uma luta. Contendas que eu não teria lutado se eu não tivesse...”

Ele hesitou, e ela se perguntou como ele terminaria a frase. *Se eu não tivesse sido arruinado. Se eu não tivesse sido destruído. Se eu não tivesse sido renegado.*

"... virado Temple”, ele concluiu simplesmente.

Temple. O nome que ele assumiu depois que ela fugiu. Depois que ele foi exorcizado da família, da Sociedade e Deus sabe mais do quê. O nome que não tinha relação com sua vida anterior. A vida em que ele foi William Harrow, Marquês de Chapin. Herdeiro do ducado de Lamont. Todo-poderoso. Até que Mara o alijou desse poder. Ela o observou, então, catalogando as cicatrizes. O mapa que se estendia em linhas brancas, linhas rosadas, e que terminavam em hematomas de uma semana, os marcos de sua profissão. Só que não era uma profissão. Ele era rico e nobre, e com ou sem a morte dela pesando em sua cabeça, ele não precisava lutar. Mas era o que fazia. *Temple. O lutador.* Ela o transformou nisso. Talvez por isso parecesse certo cuidar dele agora. *Quem cuidou dele das outras vezes?*

Como Mara não se permitiu fazer essa pergunta, ela fez uma mais simples.

“Por que Temple?”

Ele respirou fundo ao ouvir o questionamento, e fechou a mão do braço bom em um punho, que depois abriu.

“O que você quer dizer?”

“Por que escolheu esse nome?”

Ele sorriu com o canto da boca.

“Por que minha constituição lembra a de um templo.”

Era uma resposta pronta, superficial. Após anos separando verdades de mentiras, ela sabia que ele não tinha sido sincero, mas não o pressionou a falar mais. Em vez disso, ela desceu o olhar pelo braço forte até o local em que a faixa larga e preta de tinta se destacava sobre a pele.

“E a tinta?”

“Tatuagens.”

A mão dela se moveu instintivamente, os dedos indo na direção dele antes de Mara se dar conta de que estava ultrapassando os limites. Ela parou a um fio de cabelo do braço dele.

“Pode tocar”, ele permitiu, a voz baixa.

Mara levantou o rosto para ele, mas Temple olhava para a tatuagem. Para os dedos dela.

“Eu não devo”, ela disse, e as palavras a despertaram da espécie de transe em que estava. Ela recolheu a mão.

“Você quer tocar.” Ele contraiu o braço e o músculo fez a tatuagem se mexer, como se respirasse. “Não vai doer.”

A sala não estava quente - o fogo na lareira ainda era novo, e além das paredes da casa era inverno -, mas ainda assim o braço dele ardia de calor. Mara passou a ponta dos dedos pelas marcas elaboradas, linhas curvas e espaço escuro, espantada com a suavidade da pele.

“Como é feito?”, ela perguntou.

“Com uma agulha pequena e um grande frasco de tinta”, ele explicou.

“Quem fez?”, ela o fitou nos olhos.

Temple desviou o olhar para onde os dedos dela deslizavam sobre sua pele - já à vontade agora.

“Uma das garotas do clube.”

Os dedos dela interromperam o movimento.

“Ela é muito habilidosa.”

Temple se remexeu com o toque dela.

“Ela é. E tem uma mão firme, ainda bem.”

Ela é sua amante?, Mara queria perguntar. Só que ela não queria a resposta. Não queria querer a resposta. Ela não queria pensar em uma mulher linda debruçada sobre ele, com sensibilidade artística aguçada e habilidade com uma agulha na mão. Não queria pensar no que aconteceu mais tarde, depois que a agulha penetrou na pele dele mil vezes. Ou mais.

“Doeu?”

“Não mais que uma de minhas lutas.”

A dor era sua moeda de troca, no fim das contas. Mara também não gostava disso.

“E minha vez”, ele disse, e Mara voltou sua atenção para ele, que explicou: “De fazer perguntas.”

As palavras quebraram o encanto entre eles, e Mara deixou que sua mão se afastasse do braço dele.

“Que tipo de pergunta?”

Como se ela não soubesse. Como se ela não soubesse, há anos, que chegaria o momento em que teria de responder a essas perguntas. Ah, como ela queria que ele vestisse uma camisa. *Não, ela não queria.* Se bem que, já que ele iria pressionar Mara a contar a verdade sobre aquela noite, séculos atrás, quando ela cometeu uma série de erros que mudaram a vida dos dois para sempre, talvez fosse melhor que ele estivesse completamente vestido. E que não estivesse tão perto. E que ele não se tornasse, repentinamente, tão cativante. Sá *que isso não era repentino.*

“Como é que você sabe cuidar de ferimentos tão bem?”

Não era a pergunta que Mara esperava, e ela se surpreendeu com as imagens que lhe vieram à mente como resposta. Sangue e gritos. Facas e pilhas de tecido manchado de vermelho. O último suspiro de sua mãe, as lágrimas de Kit e o rosto frio e selvagem do seu pai, imperturbável. Nada de emoção. Nada de culpa. E, com certeza, nada de remorso. Mara olhou para as próprias mãos, os dedos entrelaçados, um emaranhado de pele fria, e ela pensou no que diria, até finalmente escolher as palavras:

“Doze anos me apresentaram muitas oportunidades para cuidar de vários tipos de ferimentos.”

Temple não respondeu, e o silêncio se estendeu por uma eternidade antes que ele deslizasse um dedo por baixo do queixo dela e a obrigasse a enfrentar seu olhar escuro.

“Agora a verdade.”

Mara tentou ignorar o modo como aquele simples toque abalou sua concentração.

“Você acha que me conhece tão bem para saber quando estou mentindo?”

Temple demorou a falar, e continuou deslizando a ponta de seus dedos pelo rosto dela, passeando da bochecha à têmpora, até contornar a curva da orelha, fazendo Mara se lembrar de como ele tinha sussurrado bem ali naquele lugar e do beijo no ateliê da modista. Ela prendeu a respiração quando aqueles dedos perigosos deslizaram pela linha do seu pescoço e pararam bem no ponto em que ela sentia sua pulsação prestes a romper a pele. E durante toda essa tortura, ela manteve o olhar pregado no dele, recusando-se a ser a primeira a desviar os olhos. Recusando-se a deixar Temple ganhar, mesmo quando ele se aproximou ainda mais, ergueu seu rosto de leve e o inclinou para o lado, mesmo quando ela percebeu que entreabriu os lábios com a ameaça da carícia que ele prometia. Carícia que Mara percebeu querer mais do que qualquer coisa. Carícia que ele quase lhe deu quando seus lábios tocaram uma, duas vezes, de leve, nos dela, até cada centímetro de Mara ansiar para que o toque fosse mais firme. Que cumprisse a promessa tênue que fazia.

Ela suspirou de encontro aos lábios dele, e um som perigoso, sombrio, resvalou da garganta de Temple, e fez seu corpo inteiro se arrepiar. Ele tinha gemido? Que escandaloso. Que maravilhoso! Mas ele não a beijou de verdade. Em vez de beijá-la, o malvado falou:

“Eu passei minha vida observando os homens mentir, Mara. Cavalheiros e canalhas. Eu me tornei um excelente juiz da verdade.”

Ela engoliu em seco, sentindo o toque dos dedos dele em sua garganta. “E eu deveria supor que você nunca mente?”

Temple a observou demoradamente.

“Eu minto o tempo todo. Sou um canalha do pior tipo.”

Então, enquanto tentava se manter no limite da carícia com que ele a provocava, Mara acreditou. Temple era um canalha. Ou algo pior. Mas isso não a impediu de imaginar como seria contar a verdade para ele. Despejá-la, como um pedreiro, em uma formidável pilha aos seus pés. Toda a verdade. E se ela o fizesse? Se ela lhe contasse tudo - tudo que fez e seus motivos? E se ela se expusesse diante dele e o deixasse julgá-la por suas boas ações e por seus pecados?

“Diga-me a verdade.” As palavras eram uma carícia. Uma tentação. “De quem você cuidou, Mara?”, e o eco de paciência nelas - como se ele pudesse esperar uma eternidade pela resposta - foi suficiente para deixar Mara com muita vontade de lhe contar.

Nada que você disser vai me fazer perdoar. As palavras dele, ditas mais cedo, ecoaram dentro de Mara, soando ao mesmo tempo como ameaça e como promessa. Um alerta para que ela não se entregasse. Temple queria vingança, e Mara era o meio para esse fim. Era melhor que ela se lembrasse disso. A verdade era uma coisa estranha e etérea - tão poucas pessoas a usavam, e com frequência ela era notada apenas nas mentiras que alguém contava.

“Ninguém importante”, ela respondeu. “Eu também sou boa com uma agulha, só isso.”

“Eu lhe pagaria pela verdade”, ele provocou, e mesmo que as palavras soassem gentis como uma carícia, elas machucaram, duras e desagradáveis. Mas esse era o jogo que estavam jogando.

Ela meneou a cabeça.

“Não está à venda.”

Capítulo Sete

Se tivessem pedido a Temple que apostasse tudo que possuía no que iria acontecer em seu escritório naquela noite, ele teria apostado que beijaria Mara. Ele queria beijá-la desde o momento em que a abraçou naquela viela. *Desde antes disso.* Desde o momento em que ela o deixou abalado com a sugestão de que podia ter acontecido algo mais entre eles naquela noite, doze anos atrás. *Desde antes disso.*

Temple não tinha terminado. Ela podia ver no olhar dele. E então Mara fez a única coisa que podia para distraí-lo. Ela se ergueu sobre os joelhos e o beijou.

Durante uma luta, mesmo quando um dos oponentes parece levar vantagem, sempre fica uma tensão no ar até que um dos dois consiga encaixar um golpe firme, decisivo. Essa teoria também é verdadeira se o adversário for uma mulher e o golpe for uma tacada do mais puro prazer. Temple ignorou o desejo, certo de que não era mais que a necessidade de aliviar a tensão contínua da luta. Ele tinha experiência suficiente com aquela sensação para saber que diminuiria. Só que não estava diminuindo. Ele sentiu a tensão começar a fervilhar em seu corpo quando as mãos de Mara tocaram seu braço naquela viela escura, quando ela descobriu seu ferimento e ele sentiu a dor latejante do machucado. E quase o consumiu enquanto eles iam de carruagem até sua casa - tanto que ele não conseguiu se impedir de convidar Mara a entrar.

O pedido foi o mesmo que jogar sal na ferida, pois Temple sabia que, se ela entrasse, ele a desejaria ainda mais. Aquelas pernas longas, o rosto lindo e aquele cabelo que ela estava louco para soltar das presilhas para criar uma cascata de seda ruiva. E tudo isso não era nada se comparado à força que movia aquela mulher. O modo como suas respostas afiadas e suas palavras inteligentes o deixavam tenso. O modo como ela era uma adversária forte e valorosa. O desejo chegou ao ponto máximo enquanto ela costurava a ferida e não revelava seus segredos. E quando ele finalmente a tocou, o desejo tomou conta de seu corpo, inegável e perigoso. Então, sim. Ele teria apostado tudo que a beijaria. Mas não teria arriscado nem um centavo que ela o beijaria. E ele teria perdido, pois parecia que Mara Lowe era cheia de segredos e estava disposta a qualquer coisa para mantê-los secretos.

Até mesmo beijar o Duque Assassino. E por Cristo!, como ela o beijou - Mara ergueu a mão forte e macia e puxou a cabeça de Temple para baixo, por mais que tivesse se esticado para alcançá-lo, e colou seus lábios nos dele, deixando-o sem fôlego com a carícia hesitante, mas devastadora. Provocando-o com seus lábios que roçavam os dele, testando sua reação. Questionando-o. Temple queria ficar imóvel, recusando-se a tocá-la, recusando-se a assumir o controle. Com medo de que se pusesse suas mãos gigantescas e animalescas nela, poderia assustá-la. Incitá-la fugir outra vez. Mas então Mara abriu a boca, inexperiente e perfeita, e passou a ponta da língua pelo lábio inferior dele, uma carícia suave e molhada. Um homem tem seus limites. E ele perdeu o controle.

Temple a pegou nos braços enquanto soltava um gemido grave, o som baixo e provavelmente assustador para ela, mas ele não conseguiu evitar. Temple não conseguiu evitar mais nada quando a ergueu, inclinou sua cabeça e puxou Mara para bem perto de si, descobrindo o ângulo perfeito para beijá-la como ela deveria ser beijada. Como ele sonhava em beijá-la. Tomando-a para si. E ao diabo se ela não retribuiu! Ela abraçou o pescoço dele e afundou os dedos em seu cabelo, enquanto Temple atacava a boca de Mara, penetrando fundo com a língua até ela suspirar de prazer, soltando um gemido que invadiu e percorreu o corpo dele, até chegar ao centro do seu desejo, onde ele parecia estar latejante e duro há dias - sempre que estava perto dela.

Temple acariciou o lábio inferior de Mara com os dentes, adorando o modo como ela

estremeceu em seus braços, e então ele deixou que suas mãos encontrassem o cabelo dela e tirassem os grampos, liberando um mar de cachos. Ele percorreu as madeixas sedosas com seu toque uma, duas vezes, até não aguentar mais ficar sem admirá-la. Então se afastou, adorando a forma como Mara se agarrou a ele, como resistiu à separação.

"Temple", ela gemeu, com uma ponta de irritação na voz.

"Espere", ele sussurrou. "Quero olhar para você."

Ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Temple a devorou com o olhar, observando o cabelo avermelhado caído sobre os ombros, com mechas mais claras reluzindo à luz das velas, e aqueles olhos extraordinários e maravilhosos, cheios de frustração e desejo. Os lábios inchados pelo beijo dele... Ele tomou aqueles lábios outra vez, incapaz de resistir. E a beijou profunda e completamente, memorizando os sons de seus suspiros, seu sabor, a sensação de tê-la contra si, diferente de tudo que ele já havia sentido antes... *Exceto...*

Temple levantou a cabeça e Mara piscou antes de abrir os olhos.

"Você realmente devia parar de ficar *parando"*, ela repreendeu com um sorriso.

Ele meneou a cabeça.

"Na modista", ele começou, detestando o modo como o olhar dela perdia a sensualidade enquanto ele falava. "O que você disse..."

Não é a primeira vez que você me vê com roupa de baixo.

"Nós já fizemos isso", ele disse.

Mara desviou o olhar para o braço dele, para a tatuagem.

"Fizemos."

Não. Não podia ser verdade. Ele se lembraria disso... da sensação que a boca de Mara produzia na sua. O desejo que o corpo dela despertava no seu. Temple a beijou novamente, dessa vez um teste. Uma experiência. Ele se lembraria dela. Com certeza ele lembraria do gosto dela. Dos sons que ela fazia. Do modo como ela conseguia conduzir a carícia e se entregar a ela. Ele se lembraria dela.

Temple soltou os lábios de Mara e começou a beijar o pescoço, descendo para a depressão da clavícula, saboreando a pele dela com a língua. Saboreando o gemido rouco que ela deixou escapar quando ele deslizou as mãos para o laço na frente do corpete e liberou a tensão ali, enfiando a mão pelo tecido para acariciar o bico rígido do seio. Para desnudá-lo diante do fogo. Meu Deus! Ele se lembraria dela.

Ele a fitou nos olhos, vidrado de desejo.

"Nós já fizemos isso."

Mara hesitou e Temple se sentiu ligeiramente frustrado. Ele baixou as camadas de tecido, observando como o vestido escuro e a roupa de baixo clara davam lugar à pele ainda mais clara. A pele perfeita, ao bico rosado que à luz do fogo ficava cor de mel. Temple ficou com água na boca e baixou os lábios na direção daquele seio que clamava pela língua dele. E pelo qual ele também ansiava.

Ele precisou de toda sua força para conseguir parar ali, a um fio de distância da pele de Mara, e sussurrar:

"Nós já fizemos isso antes."

"William...", ela ofegou seu nome diante da lareira.

Seu nome verdadeiro. Temple congelou. Assim como Mara.

"Do que você me chamou?"

Ela ficou sem palavras.

"Eu..."

Ninguém o chamava assim há uma década. Há mais tempo que isso. Mesmo antes, poucos se dirigiam a ele assim - mas Temple sempre gostou que as mulheres o chamassem pelo primeiro

nome. Ele gostava da intimidade e da aproximação que o nome criava, tornando as garotas mais amáveis. Era um modo fácil de fazer com que elas amassem sua antiga personalidade ingênua e idiota.

“Diga!” Aquela ordem não podia ser desobedecida.

“William”, ela repetiu, com aqueles olhos lindos cheios de fogo, a curva das sílabas ditas por seus lábios sensuais, deixando-o ao mesmo tempo furioso e ardendo de desejo.

Por Deus! Isso tinha acontecido. *Ele se lembraria dela.* Só que ele não lembrava. Porque ela garantiu que ele não se lembraria. Mara tinha roubado aquela noite dele. Aquele momento dele. Temple a soltou como se ela o tivesse queimado, e talvez tivesse mesmo. Roubar-lhe a lembrança daquela noite talvez fosse a mais séria das infrações dela, agora que ele sabia do que não conseguia se lembrar.

Ele se endireitou e sentiu o sangue ferver, deixando sua cabeça a mil e a frustração ainda mais intensa. Aquela mulher era demais para ele. Temple se virou e se afastou de Mara, querendo deixá-la, embora ainda sentisse a atração que ela exercia sobre ele. Ele ficou andando de um lado a outro da sala, antes de se virar para ela.

“O que mais aconteceu naquela noite?”

Mara continuou em silêncio. Maldição. O que tinha acontecido? Ele a deixou nua? Ele a beijou em meia dúzia de lugares proibidos? Ela retribuiu? Eles proporcionaram prazer um ao outro naquela noite, a última antes de ele acordar como o Duque Assassino, sem jamais conseguir tocar outra mulher sem ser confrontado por um olhar de temor? *Ou será que apenas tinha sido usado por Mara?*

A raiva o dominou como uma febre.

“Nós nos beijamos. Eu te vi só com a roupa de baixo. Nós também...?”

Mara ficou tensa com a pergunta, e esperou que Temple a concluísse com a palavra grosseira e fria que tinha usado no ateliê da modista. Contudo, a espera foi tão forte quanto a palavra. Ela não respondeu. E ele detestou não conseguir suportar o silêncio quase tanto quanto detestou o maldito som de sua própria voz quando acrescentou:

“Nós também?”

Eu jamais conheci um aristocrata que merecesse confiança. Jesus. Será que ele a tinha machucado? Temple não conseguia se lembrar. Se ela fosse virgem, ele a teria machucado. Ele não teria sido cuidadoso o suficiente para não machucar. Ele passou a mão pelo cabelo. Nunca tinha dormido com uma virgem antes. *Ou será que tinha?* E se... ele congelou. O orfanato. Os meninos. E *se um deles fosse seu?* Temple sentiu o coração disparar. Não. Era impossível. Ela não teria fugido dessa forma. Ela não teria levado o filho dele. *Teria?*

Mara ajeitou o corpete e se manteve calma e composta, como se os dois estivessem discutindo o clima. Ou a política. Recusando-se a ser insultada.

Temple foi até ela e parou a poucos centímetros, resistindo ao impulso de sacudi-la.

“Você me deve a verdade.”

Por um instante, algo passou pelo olhar dela. Por um instante, ela considerou essa possibilidade. *Ele a viu pensar na possibilidade.* E então, ela parou. E ele viu a mente dela trabalhando. Tramando. Planejando. Quando falou, Mara não se intimidou. Ela não estava com medo.

“Nós negociamos os termos do nosso acordo, Meu Senhor. Você fica com sua vingança, e eu com meu dinheiro. Se deseja saber a verdade, ficarei feliz em discutir o custo disso.”

Ele nunca havia conhecido alguém como ela. E maldito fosse se negasse que a admirava tanto quanto queria amarrá-la e gritar suas perguntas até ela responder.

“No fim das contas, você parece bem familiarizada com uma canalhice.”

“Você ficaria surpreso com o que doze anos de solidão fazem com uma pessoa”, ela redarguiu, os olhos incomuns e deslumbrantes cheios de fogo.

Eles ficaram frente a frente, e Temple se sentiu mais igual àquela mulher do que a qualquer pessoa que já havia conhecido. Talvez porque ambos fossem grandes pecadores. Talvez porque confiança era algo em que nenhum dos dois tinha muita fé.

“Eu não ficaria nem um pouco surpreso”, ele respondeu.

Mara recuou um passo.

“Então você está disposto a discutir novos termos?”

Por um instante, Temple quase concordou. Quase devolveu a dívida inteira, as casas, os cavalos, tudo. Mara quase venceu. Porque ele queria as lembranças daquela noite mais do que já quis qualquer outra coisa na vida. Mais do que seu nome. Mais do que seu título. Mais do que todas as suas vitórias e seu dinheiro e tudo o mais. Mas ela não podia lhe devolver aquela lembrança, assim como não podia lhe devolver os anos perdidos. Tudo que ela podia lhe dar era a verdade. E isso ele conseguiria.

***

Havia um homem em frente ao orfanato. Mara já devia esperar por isso, claro, desde o momento em que se despediu, na noite anterior, e foi enviada de volta para o orfanato em uma carruagem fria, que parecia imensa e vazia na ausência dele. Ela deveria ter previsto que Temple mandaria alguém para vigiá-la no momento em que mandou a cautela às favas e lhe ofereceu a verdade sobre a noite em que fugiu - por um preço. E claro que ele a vigiaria. Mara agora era mais valiosa do que nunca. O passado era o bem mais valioso de todos.

A carruagem esperou Mara entrar em casa e ficou de vigia até que ela subisse as escadas e estivesse debaixo das cobertas. Ela adormeceu com as lanternas do transporte balançando ao vento, projetando sombras no teto de seu quartinho, perturbando seu santuário. A neve caiu durante a noite e sua cobertura branca marcou o primeiro dia de dezembro. Quando Mara olhou através da janela do quarto para a luz cinzenta da alvorada, qual não foi a sua surpresa ao constatar que a carruagem tinha ido embora, sim, inclusive seus rastros já tinham sido encobertos pelo branco gelado, mas fora substituída por um homem enorme envolto por um pesado sobretudo de lã que, com o chapéu enterrado na cabeça e um lenço enrolado na face, deixava à mostra apenas uma faixa de pele escura e os olhos atentos. Ele acabaria morrendo de frio ali fora.

Ela disse a si mesma que não deveria ficar surpresa, pois sem dúvida ele foi colocado de guarda ali por Temple, devido a uma total falta de confiança da parte dele de que ela continuaria em Londres para receber a punição que ele planejava lhe administrar. Ela disse a si mesma que não deveria se importar, enquanto se lavava, vestia e se preparava mentalmente para as aulas do dia que começava, jurando manter Temple longe de seus pensamentos. Longe, também, a lembrança do embate constante com ele. E a lembrança do beijo. *O beijo já estava muito longe de sua cabeça.*

Mara veio a descida toda, desde o andar superior da casa até o térreo, esquecendo-se do beijo. E encontrou Lydia no vestíbulo, com uma pilha de envelopes nas mãos e uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas.

“Nós temos um problema.”

“Eu vou mandá-lo embora”, Mara se adiantou, já se encaminhando para a porta.

Lydia revirou os olhos.

“Seja lá do que for que você acha que estou falando, não é esse tipo de problema.” Ela mostrou a pilha de envelopes e Mara ficou preocupada. Parecia que o sentinela de Temple seria a menor de suas preocupações naquele dia.

Mara gesticulou para Lydia entrar em seu escritório e sentou na cadeira da escrivaninha. Lydia também se sentou.

“Não é bem *um* problema. E um grande problema feito de problemas menores.” Mara aguardou, sabendo o que viria a seguir. “Nós perdemos nosso crédito.”

Isso era esperado. Elas não pagavam as contas há meses. Não havia dinheiro para isso.

“Com quem?”, Mara perguntou.

Lydia consultou os envelopes.

“O alfaiate. O livreiro. O sapateiro. O armarinho. O leiteiro. O açougueiro...”

“Meu Deus, todos eles participaram de alguma reunião municipal e decidiram cobrar suas dívidas ao mesmo tempo?”

“Parece que sim. Mas essa não é a pior parte...”

“Os meninos não vão ter o que comer e essa não é a pior parte?”

Mara estava tremendo de frio e se aproximou do fogo, abrindo a lata de carvão só para constatar que estava vazia. Então fechou a lata. Lydia mostrou apenas um envelope.

“Esta é a pior parte.”

Mara olhou para a lata. Carvão. De novo. Os invernos de Londres eram longos, frios e úmidos, e o orfanato precisava de carvão para conservar a saúde dos garotos. Diabos! Para conservar os garotos *vivos.*

“Duas libras e dezesseis”, Mara suspirou, e Lydia concordou. Mara, então, disse o que qualquer pessoa na mesma situação diria. “Maldição!”

“Exatamente o que eu pensei”, Lydia não se abalou.

Malditas contas! Malditos cobradores de contas! Maldito seu pai, por obrigá-la a fugir! Maldito seu irmão, por perder tudo! E maldito Temple e seu cassino, por tomar todo o dinheiro de Kit!

“Nós temos uma casa cheia de garotos que são filhos de alguns dos homens mais ricos da Inglaterra”, Lydia argumentou. “Será que ninguém pode nos ajudar?”

“Ninguém que não espere receber nossa lista em troca.” A lista dos descendentes, duas dúzias de nomes que escandalizariam Londres e ainda por cima arruinariam os meninos. Para não falar da reputação do orfanato, que era de extrema importância.

“E os pais dos garotos?”

Homens que apareciam na calada da noite para abandonar suas crias indesejadas. Homens que faziam ameaças indizíveis para manter sua identidade em segredo. Homens que Mara nunca mais queria ver. E que também nunca mais queriam vê-la.

“Eles lavaram as mãos com relação aos garotos.” Mara balançou a cabeça negativamente. “Eu não vou procurá-los.”

As duas fizeram uma longa pausa na conversa.

“E o duque?”

Mara não fingiu que não entendeu. O Duque de Lamont. Rico como Creso e ainda mais poderoso. E furioso com Mara.

“O que tem ele?”

Lydia ficou reticente e Mara percebeu que sua amiga estava escolhendo as palavras certas. Como se ainda não tivesse pensado nelas.

“Se você lhe contar a verdade, que os fundos de que seu irmão dispunha não eram totalmente dele para que pudesse apostá-los como bem quisesse...”

Nada que você disser vai me fazer perdoar. As palavras do duque ecoaram nos pensamentos de Mara, uma promessa sombria que lhe provocou um frio na espinha. Temple estava tão bravo com ela na noite anterior. E foi ela que provocou sua ira - contando-lhe histórias pela metade, meias verdades, e depois exigindo que ele pagasse por suas lembranças. Não. O duque não iria ajudar. Ela estava sozinha nisso. Os garotos eram responsabilidade dela. Era ela quem devia cuidar deles.

Então, Mara se levantou e foi até a estante de livros, de onde puxou um exemplar bem grosso. Ela segurou o livro em suas mãos, com a respiração rápida e difícil, sentindo cada centímetro do seu ser resistindo ao que ela estava prestes a fazer. O livro era o porto-seguro dela. Seu futuro. Sua

promessa para si mesma de que nunca mais ficaria pobre ou passaria fome. Que nunca mais necessitaria da ajuda dos outros. Aquela era sua proteção, resultado de doze anos de trabalho e economia. Tudo que a manteria longe das ruas. Tudo que ela planejava usar depois que Temple a arruinasse. Mas os meninos eram mais importantes.

Mara colocou o livro sobre a escrivaninha e o abriu, revelando um grande espaço vazio, preenchido por um saco de tecido que tilintou quando ela o ergueu. Lydia soltou uma exclamação.

"De onde veio isso?"

De anos de trabalho. E economia. De um xelim aqui e outro acolá. Doze libras, quatro xelins e dez penes. *Tudo que ela tinha.* Mara ignorou a pergunta e pegou algumas moedas.

"Pague o carvão, o leiteiro e o açougueiro. Pegue seu salário, o da Alice e o da cozinheira. E faça o que puder para adiar as outras contas... até o mais velho precisar de roupas e sapatos novos."

Lydia avaliou o dinheiro e meneou a cabeça.

"Mesmo com isso..."

Ela não precisou terminar a frase. O dinheiro não seria suficiente para que aguentassem todo o inverno. Mal daria para chegarem ao Ano Novo. *Só havia um modo.* Mais tempo com o Duque de Lamont.

Mara se levantou e se dirigiu ao vestíbulo, agora lotado de meninos. Eles estavam nas duas janelas frontais da casa, equilibrando-se nos braços das poltronas, pendurados nas vidraças, olhos fixos no homem do outro lado da rua. Lavanda estava a alguns metros deles, só observando, e Mara a pegou no colo, por segurança, para que a leitoa não fosse esmagada se algum dos meninos caísse de seu posto.

"Ele está ali há pelo menos uma hora!", Henry disse.

"Ele nem parece estar com frio!"

"Impossível! Está nevando!", respondeu Henry, como se os outros não tivessem olhos.

"Ele é quase tão grande quanto o homem que veio visitar a Sra. MacIntyre", Daniel observou, deixando claro o espanto em sua voz.

O homem era grande, mas Temple era maior.

"É mesmo! Aquele lá era do tamanho de uma casa!"

Maior e sem dúvida mais forte. E mais bonito. Mara se repreendeu mentalmente ao pensar nisso. Ela não tinha o menor interesse na beleza dele. Nenhum. Ela nem tinha notado. Assim como não tinha notado que os beijos dele a deixavam sem forças. Ele era irritante. E impossível. E o pior tipo de controlador. E mais atraente que o homem do outro lado da rua. Não que ela tivesse reparado.

"Vocês acham que ele veio por nossa causa?"

O temor na voz do pequeno George trouxe Mara de volta à realidade.

"Cavalheiros..."

Os garotos estremeceram, soltaram as cortinas e desequilibraram uns aos outros, até que a estrutura que tinham improvisardo desabou, deixando meia dúzia de garotos empilhados no chão. Mara resistiu ao impulso de rir das trapalhadas dos meninos enquanto eles se apressavam para levantar, ajeitando as roupas e afastando o cabelo dos olhos. Daniel foi o primeiro a falar.

"Sra. MacIntyre! A senhora voltou!"

"E claro que voltei", Mara forçou um sorriso.

"A senhora não participou do jantar, noite passada. Pensamos que tinha ido embora", Henry explicou.

"Para sempre", acrescentou George.

Mara sentiu o coração apertar ao ouvir aquilo. Embora gostassem de mostrar valentia, os garotos do Lar MacIntyre tinham pavor de ser abandonados. Isso era conseqüência de terem sido marcados como órfãos, é claro, e Mara passava boa parte do seu tempo convencendo os meninos de

que não os abandonaria. Que, na verdade, seriam eles que um dia a deixariam. Só que isso agora era mentira. Ela teria de abandoná-los. Mara ia escrever uma carta para os jornais e mostraria seu rosto para Londres. Depois, não teria escolha a não ser deixá-los. Era assim que ela os protegeria. Que manteria a vida deles nos trilhos. Que garantiria os fundos para o orfanato, e a certeza de que eles nunca seriam marcados por seu escândalo. Uma tristeza profunda tomou conta dela, e Mara se agachou, com Lavanda lutando para se libertar de seu colo, e deu um beijo na cabecinha loira de George para depois sorrir para Henry.

"Nunca."

Os garotos acreditavam em suas mentiras.

"Aonde você foi, então?", Daniel perguntou, sempre indo ao cerne da questão.

Ela hesitou, e ficou revirando por uma resposta em sua cabeça. Afinal, ela não podia contar para os garotos que ficou perambulando por Londres na calada da noite enquanto experimentava roupas dignas de uma prostituta e era perseguida por marginais. E *beijada por um deles.*

"Eu tive que... cuidar de um... negócio."

Henry voltou a se virar para a janela.

"Agora tem *dois* homens lá fora! Com uma carruagem preta enorme! Nossa! Cabemos todos nós lá dentro! E ainda sobra lugar!"

O anúncio chamou a atenção do resto dos garotos e - apesar da tentativa de resistir - a de Mara. Ela sabia antes mesmo de olhar pela janela, através de um emaranhado de braços jovens e magros, quem estaria na rua nevada. É claro que seria ele.

Sem pensar, Mara se dirigiu à porta do orfanato, que abriu com tudo, e foi diretamente para a carruagem. Temple estava de costas para ela enquanto conversava, concentrado, com seu capanga, mas Mara não chegou a dar meia dúzia de passos antes que ele olhasse para ela por cima do ombro. "Volte para dentro. Você vai morrer de frio aqui fora."

Ela iria *morrer* de frio? Mara ergueu a cabeça, sem vacilar.

"O que você está fazendo aqui?"

Temple olhou para seu acompanhante, disse algo que fez o outro homem sorrir, e então se virou para ela.

"Esta é uma rua comercial, Sra. Maclntyre", ele começou. "Eu posso ter um milhão de motivos para estar aqui." Deu um passo na direção dela. "Agora faça o que estou dizendo e entre. Agora."

"Eu estou bem aquecida", ela rebateu, estreitando o olhar. "E a menos que esteja procurando uma mulher para esquentar a sua cama, Meu Senhor, você não pode ter nenhum motivo para estar aqui. E, na sua condição, acredito que qualquer esforço seja desaconselhável."

"Acredita mesmo?"

"Eu costurei seu braço há menos de doze horas."

Ele deu de ombros.

"Pois estou muito bem hoje. Bem o bastante para carregar você para dentro e enfiá-la em um casaco."

Ela titubeou ao visualizar a imagem que aquela declaração evocava, ao pensar no modo como ele transbordava força por baixo do sobretudo - que o fazia parecer mais largo e maior do que já era normalmente. Sim, ele parecia estar muito bem. Sensual e poderosamente bem. Mara resistiu ao impulso de identificar a emoção que se apoderou dela ao encará-lo.

"Você não devia estar saltitando por Londres com uma ferida recente", ela preferiu dizer. "Vai acabar abrindo."

"E preocupação que estou percebendo?", ele inclinou a cabeça para o lado. "Não!", ela emendou rapidamente, a palavra saindo por instinto.

"Eu acho que é..."

“Talvez o machucado tenha danificado o seu cérebro.” Ela bufou de irritação. “Eu só não quero ter que repetir meu trabalho!”

“Por que não? Você poderia me arrancar mais duas libras. Eu pesquisei o preço, sabia? Um roubo! Um médico faz a mesma coisa por um xelim. Três, no máximo.”

“Então foi uma pena que você não tivesse um médico por perto. Eu cobrei o que o mercado podia pagar. E vai lhe custar o dobro se você abrir o ferimento e eu tiver que fazer a sutura de novo!”

Ele a ignorou.

“Se não quer voltar para dentro por seu próprio bem, faça isso pela porca. Ela vai pegar um resfriado.”

Mara olhou para Lavanda, adormecida em seus braços.

“De fato, ela parece estar pouco à vontade”, ela ironizou.

Temple olhou para além dela, por cima de seu ombro, fazendo Mara se sentir pequena, mesmo que ela fosse pelo menos uma cabeça mais alta do que a maioria dos homens que conhecia.

“Bom dia, cavalheiros!”, Temple cumprimentou.

Ao ouvir isso, Mara virou a cabeça para descobrir os residentes do Lar MacIntyre para Meninos reunidos, de olhos arregalados, na soleira da porta, quase saindo para os degraus nevados do orfanato.

“Garotos”, ela disse, usando sua melhor voz de governanta. “Entrem e vão tomar café.”

Os meninos não se mexeram.

“Será que todos os machos da espécie são irritantes assim?”, ela murmurou.

“Parece que sim”, Temple respondeu.

“A pergunta foi retórica”, ela retrucou.

“Estou vendo que vocês gostaram da carruagem, garotos”, Temple continuou. “Podem ver de perto, se quiserem.”

Aquelas palavras destravaram os garotos, que desceram correndo os degraus como se estivessem sendo arrastados por uma correnteza fortíssima na direção do grande veículo preto. Temple fez um sinal com a cabeça para o cocheiro, que saiu de seu posto para abrir a porta e descer a escadinha, permitindo que os garotos acessassem o interior da carruagem. Mara se distraiu com as exclamações de alegria e espanto emitidas pelo amontoado de garotos que faziam uma algazarra junto à carruagem. Ela se virou para Temple.

“Você não precisava fazer isso.”

Ela não queria que ele fosse bondoso com os meninos. Não queria que os garotos confiassem nele - não quando Temple detinha os meios para encher a barriga deles e aquecer seus quartos. Ele deu de ombros enquanto observava os meninos.

“Fico feliz em proporcionar isso para eles. Imagino que eles não tenham muitas oportunidades de andar de carruagem.”

“Eles não têm. E não conhecem muita coisa além de Holborn, eu receio.”

“Entendo...”

Só que ele não entendia. Não mesmo. Temple havia crescido em uma das famílias mais ricas da Inglaterra, herdeiro de um dos maiores ducados da Grã-Bretanha. Ele tinha o mundo aos seus pés - clubes, escolas, cultura e política - e meia dúzia de carruagens. Mais, até. Mas, ainda assim, ela percebeu a sinceridade das palavras dele, enquanto Temple observava os garotos explorando seu meio de transporte. Ele sabia o que era estar sozinho. Estar limitado por circunstâncias além de seu próprio controle.

Mara soltou um longo suspiro. Nisso, pelo menos, eles eram iguais.

“Alteza...”

“Temple”, ele a corrigiu. “Ninguém mais usa o título.”

“Mas vão usar”, ela insistiu, lembrando do acordo que tinham. De sua dívida. “Em breve.”

Algo brilhou no olhar negro dele.

“Sim. Vão usar.”

As palavras saíram pontuadas por prazer e algo mais. Algo mais frio. Mais assustador. Algo que a lembrava da promessa que ele fez na noite em que firmaram o acordo. Quando ele lhe garantiu que ela seria a última mulher à qual ele pagaria por companhia. E talvez fosse o frio ou a falta de sono, mas ela fez a pergunta sem que se desse conta.

“E o que vai acontecer?”

Ela queria poder retirar a pergunta quando Temple virou seus olhos surpresos para ela. Mara não queria ter demonstrado como estava interessada no mundo dele.

Temple esperou um bom tempo, e Mara pensou que ele não responderia. Mas ele respondeu, ao seu próprio modo. Com a verdade. Como sempre.

“Vai ser diferente.”

Temple voltou sua atenção para os meninos, e apontou para Daniel.

“Quantos anos ele tem?”

Ela seguiu o olhar dele para o garoto de cabelo escuro que liderava a turma que atacava a carruagem.

“Onze”, Mara respondeu.

O olhar sério de Temple encontrou o dela.

“Há quanto tempo ele está com você?”

“Desde o começo”, ela respondeu, observando o garoto.

Os olhos pretos dele ficaram ainda mais escuros.

“Diga-me”, ele falou, e Mara percebeu a amargura em sua voz. “Você sempre teve planos de usar aquela noite contra mim? Você reapareceu sabendo que a usaria para recuperar o dinheiro do seu irmão? Você me costurou sabendo que isso me amoleceria? Você me beijou com esse objetivo? Este é seu grande plano para recuperar tudo o que ele perdeu?”

Uma risada cacofônica a salvou de ter que responder - e lhe deu um momento para se recuperar da ideia de que ele acreditava que ela era capaz de tudo aquilo. Do desejo instantâneo de se defender. De lhe contar tudo. *Nada que você disser pode me fazer perdoar.*

Mara desviou o olhar enquanto lembrava dessas palavras, e o fixou na carruagem, onde quase vinte garotos tentavam entrar.

“Dezesseis!”, alguém gritou, enquanto Henry estendia as mãos e tentava entrar na bagunça, auxiliado por Daniel que o empurrava por trás.

Mara fez menção de ir até eles. Temple a deteve com sua mão. “Deixe os garotos. Eles merecem um pouco de diversão.”

“Eles vão acabar com seu estofamento”, Mara avisou, virando-se para ele.

“Isso pode ser consertado.”

E claro que sim. Ele era rico além da conta. Então, ela retomou a conversa.

“Eu não planejei nada disso.”

Temple olhou para o céu cinzento, e sua respiração saía em pequenas nuvens de vapor.

“Ainda assim, você oferece uma troca em vez da verdade.”

Ela não tinha escolha. Mas ele não sabia disso. Um vento gelado varreu a Rua Cursitor e Mara virou o corpo para se proteger. Seu vestido de lã não era páreo para o frio. Lavanda acordou, reclamando com uma fungada, e então Temple puxou Mara pelo braço, com gentileza mas com a firmeza característica de suas mãos fortes, e a protegeu do vento com seu corpo enorme. Ela resistiu ao impulso de se aninhar ao peito dele. Como ele conseguia ser tão quente?

Ele praguejou baixinho e disse:

“Sua porca vai pegar um resfriado”.

Assim que Mara estava protegida do vento, Temple a soltou, mas sua mão continuou entre eles. Mara observou aqueles dedos longos começarem a fazer carinho na bochecha macia de Lavanda, e viu a leitoa se aconchegar na carícia. Por um instante fugaz, ela imaginou a sensação que aqueles dedos provocariam em seu próprio rosto. E então percebeu que estava com ciúmes da porca. O que era inaceitável.

Mara se endireitou e o encarou com firmeza, obrigando-se a não reparar no modo como ele torcia os lábios, divertindo-se com a entrega da porca ao seu carinho.

“Por quanto tempo você vai me vigiar?”

Temple estava olhando para os garotos novamente.

“Pelo tempo que for necessário; até eu terminar com você.”

As palavras foram frias e desagradáveis. Mas facilitaram a resposta dela. “E o que eu propus?”

Temple parou de acariciar Lavanda e voltou sua atenção para Mara. “Creio que posso extrair a informação de outro modo.”

Um arrepio a estremeceu. Agitação. Medo. Outra coisa que ela não quis identificar.

“Sem dúvida que você pode. Mas eu sou mais forte do que você pensa.” “Você é exatamente tão forte quanto eu penso.”

Aquela declaração pareceu encontrar eco no vento frio que açoitava as saias de Mara contra suas pernas.

“E até você conseguir o que quer” Mara redarguiu, “eu vou ser o felizardo alvo de seu olhar vigilante.”

Ele sorriu com o cantinho dos lábios, mas era um sorriso desprovido de humor.

“É ótimo que você consiga ver o lado bom disso tudo.”

“Se esse é o lado bom...”, ela começou, e depois inspirou fundo. “Quanto essa vigilância vale para você?”

“Nada.”

“O acordo não foi esse.”

“Não, o acordo é que eu te pagaria pelo seu tempo. Este tempo é meu. E dos meus homens.”

“E vocês vão ficar nos vigiando, como vilões.”

“Você se sente melhor me colocando no papel de vilão? Isso te ajuda a se absolver de seus erros?”

As palavras foram suaves, perturbadoras e astutas demais. Mara desviou o olhar.

“Eu simplesmente prefiro que você e seus homens não assustem as crianças.

Temple olhou para a carruagem.

“E, parece que eles estão mesmo aterrorizados.”

Mara acompanhou o olhar dele e notou que os meninos tinham cansado da brincadeira anterior e agora tentavam conquistar o enorme transporte. Havia sete ou oito de pé no teto da carruagem, enquanto os outros escalavam as laterais com a ajuda do vigilante sombrio e do cocheiro. Então era assim? Ele aparecia ali com seus capangas , entrava na vida dela e conquistava seus protegidos com nada além de uma bela carruagem e algumas palavras gentis. Temple mudou sua vida em apenas alguns dias - ameaçando tudo que lhe é mais caro. Tomando-lhe o controle de tudo. Mara não aceitaria isso. Ela apertou Lavanda junto ao peito e tirou a caderneta preta do bolso.

“Você já teve bastante de meu tempo por hoje, Alteza”, ela disse, abrindo o caderninho. “Que tal uma coroa por esse tempo todo?”

Ele foi pego de surpresa.

“Não pedi que você viesse aqui fora.”

Ela sorriu com falsidade.

“Mas ainda assim eu vim. Olha só como você tem sorte!”

“Ah, sim”, ele respondeu, afastando-se dela. “Eu sempre tenho muita sorte na sua presença.”

Ela bufou.

“Uma coroa, então!” Mara anotou o valor na caderneta, depois se virou para a carruagem. “Garotos!”, ela chamou. “Está na hora de entrarmos.” Eles não a ouviram. Era como se ela não existisse.

“Rapazes”, Temple chamou, e os meninos pararam, interrompendo imediatamente sua brincadeira. “Chega por hoje.”

Os meninos desceram como se estivessem esperando exatamente aquelas palavras. É claro que sim. E claro que eles o ouviriam. Mara queria gritar. Mas preferiu voltar para casa, chegando à metade do caminho antes de perceber que Temple a seguia, como se a escolta dele fosse algo totalmente normal. Ela parou. Ele também.

“Você não foi convidado a entrar.”

Ele retorceu os lábios.

“A verdade vai aparecer, Mara.”

Ela fez uma careta de deboche.

“Mas não hoje.”

Ele ergueu as sobrancelhas.

“Amanhã, então.”

“Isso depende.”

“Do quê?”

“Do quanto você vai trazer na sua carteira.”

Ele riu disso, uma risada rápida, zombeteira, e ela se detestou por ter apreciado aquele som.

“Eu preciso de você amanhã à noite”, Temple avisou em voz baixa. “Imagino que sejam mais dez libras pelo privilégio?”

Aquilo a perturbou - que as conversas sobre dinheiro parecessem poderosas em sua boca e insultantes na dele. Mas Mara se recusou a reconhecer como aquilo a fazia se sentir.

“E um bom começo.”

Temple a observou demoradamente, com alguma inquietação em seu semblante.

Algo que ela ignorou.

Capítulo Oito

Quando Mara entrou em seu escritório, na manhã seguinte, foi para descobrir que Lydia era uma traidora. Lydia estava encarapitada na beirada de uma cadeira em frente à mesa de Mara, e travava uma conversa casual com o Duque de Lamont, como se fosse algo corriqueiro, para um homem do tamanho e da posição dele, passar seu tempo em um orfanato, e para uma governanta lhe fazer companhia. Lydia ria de tudo que ele falava, absolutamente encantada, quando Mara fechou a porta atrás de si com um baque.

Temple se levantou e Mara ignorou o calor que se espalhou por seu corpo. Era dezembro, estava horrivelmente frio e o carvão ainda não tinha sido entregue. Aquele homem não iria aquecê-la. Mara se dirigiu a Lydia. “Estamos aceitando qualquer um, hoje em dia?”

Lydia trabalhava com Mara há tempo suficiente para não se intimidar. “O duque observou que vocês tinham um compromisso.”

“Não temos." Ela rodeou sua mesa e sentou. “Pode ir embora, Alteza. Estou bastante ocupada.”

Ele não saiu. Ao contrário; Temple voltou a sentar-se em sua cadeira, transbordando na pequena peça de mobília.

“Talvez você não se lembre. Nós concordamos que eu voltaria hoje.” “Nós concordamos que você iria voltar *à noite.”*

“A Srta. Baker me convidou para entrar.”

“Ele estava lá fora quando eu acordei”, explicou Lydia. “Está frio demais, e eu pensei que ele talvez gostaria de um chá.”

Estava claro que Temple tinha afetado o cérebro de Lydia.

“Ele não quer chá.”

“Que adorável, Srta. Baker! Eu aceito”, Temple atalhou. Talvez nenhuma outra palavra soasse mais estranha na boca daquele homem do que *adorável*.

“Você não bebe chá”, lembrou Mara.

“Estou pensando em começar.”

“Vou mandar trazer”, Lydia anunciou já se levantando.

“Não precisa, Srta. Baker, eu não posso beber.”

“Por que não?”, Lydia pareceu desconsolada.

Mara respondeu por ele.

“Porque ele receia que eu possa envenená-lo.”

“Ah”, exclamou a garota. “Sim, eu imagino que isso seja um tanto quanto preocupante.” Então ela se inclinou na direção de Temple. “Mas eu não o envenenaria, Alteza.”

“Eu acredito em você”, Temple respondeu com um belo sorriso.

Mara bufou seu descontentamento, encarando Lydia.

“Isso é traição!”

Lydia parecia estar se divertindo demais.

“É justo, já que nós estamos fazendo Sua Graça trabalhar hoje.” “Como é que é?” Mara não conseguiu conter a exclamação. Nem o ímpeto com que se levantou.

Temple também se pôs de pé.

“Ele se ofereceu para ajudar com os garotos.”

Mara se sentou.

“Ele não pode.”

Temple se sentou.

Mara olhou para ele.

“O que você está fazendo?”

Ele deu de ombros e disse:

“Um cavalheiro não fica sentando quando uma dama se levanta.” “Então agora você é um cavalheiro? Ontem mesmo você era um canalha confesso.”

“Talvez eu esteja virando uma página.” Ele deu um sorrisinho irônico de canto de boca. “Como a questão do chá.”

Um sorriso que atraiu a atenção dela para aqueles lábios. Aqueles lábios odiosos, nos quais ela não tinha a menor intenção de pensar. *Meu Deus! Ela o beijou.* Não! Ela não iria pensar nisso. Então ela fez pouco caso dele. “Eu duvido muito disso.”

Como ele era irritante. Mara se levantou de novo. Ele também, com a paciência de sempre. Mara se sentou, sabendo que estava agindo por pura teimosia, mas não se importou.

Temple permaneceu em pé.

“Você não deveria se sentar, como cavalheiro?”, ela disparou.

“A regra sobre sentar e levantar não se aplica ao contrário. Eu acho que é melhor eu ficar em pé enquanto você está... frustrada.”

Mara o fulminou com o olhar.

“Posso lhe garantir, Alteza, que se você for esperar eu parar de me sentir *frustrada*, talvez nunca mais se sente.”

Os olhos azuis de Lydia cintilaram com a risada que ela não soltou. Mara a fuzilou com o olhar.

“Se você rir, vou soltar Lavanda no seu quarto no meio da noite. Você vai acordar com um focinho de porco na sua cara.”

A ameaça funcionou, pois Lydia se recompôs.

“Acontece que o cavalheiro ofereceu, e me ocorreu que os meninos poderiam se beneficiar da tutela de um homem.”

Mara arregalou os olhos.

“Você só pode estar brincando!”

“Nem um pouco”, Lydia argumentou. “Existem coisas que os garotos precisam aprender e nós não temos... conhecimento prático.”

“Bobagem! Somos excelentes professoras.”

Lydia pigarreou e entregou um pedaço de papel para Mara, por cima da mesa.

“Eu confisquei isto do material de leitura de Daniel, ontem à noite.” Mara desdobrou o papel para descobrir um desenho de...

“O que é...”, ela virou o papel e inclinou a cabeça. Temple se debruçou sobre a mesa, perigosamente próximo dela, e virou a folha mais uma vez. E nesse momento tudo se esclareceu.

Mara dobrou o papel com eficiência militar, e sentiu um calor se espalhando pelo rosto.

“Ele é uma criança!”

“Parece que garotos de onze anos são bastante curiosos...”, Lydia inclinou a cabeça.

“Bem, é completamente inadequado que *ele* satisfaça a curiosidade dos meninos.” Mara apontou para Temple, recusando-se a olhar para ele. *Incapaz* de olhar para ele. “Não que ele não seja bem qualificado para servir de especialista, eu imagino.”

“Vou aceitar isso como um cumprimento”, Temple agradeceu, perto demais dela.

Mara se remexeu na cadeira e olhou para ele.

“Não foi essa a intenção. Eu estava apenas chamando atenção para seu comportamento libidinoso.”

“Libidinoso?”, ele repetiu, erguendo as sobrancelhas.

“Malandro. Devasso. Libertinoso. Canalha.”

“Tenho certeza de que pelo menos uma dessas palavras não existe.” “Agora você quer o emprego de governanta?”

“Se os garotos estão aprendendo palavras como *libertinoso,* talvez seja uma boa ideia.”

Mara se voltou para Lydia.

“Ele está de saída.”

“Mara”, Lydia intercedeu. “Ele é ideal. E um duque e, creio, recebeu educação de cavalheiro.”

“Ele é um lutador, pelo amor de Deus! E dono de um antro de jogatina.

Ele não é nenhum modelo para jovens impressionáveis que precisam se tornar exemplos de cavalheirismo.”

“Eu já fui muito bom nas artes cavalheirescas.”

Mara olhou de atravessado para ele.

“Você, rapaz, pode até ter me enganado.”

As palavras saíram antes que Mara pudesse se segurar, sabendo, no mesmo instante, que elas iriam relembrar Temple da noite que provocou toda aquela dificuldade, a noite que os encaminhou para esse momento em que ele apareceu obstinado a dominar cada aspecto de sua vida. O olhar dele ficou sombrio.

“Devo lembrá-la de que eu fui o enganado naquela noite, *Sm. MacIntyre.”* A ênfase no nome falso fez com que Mara mordesse os lábios enquanto ele se dirigia a Lydia. “Estou livre hoje e fico feliz de poder orientar seus jovens protegidos em qualquer aspecto do cavalheirismo que seja necessário.”

A situação estava inteiramente fora de controle. Mara não o queria ali. Tão próximo. Em qualquer lugar perto dela. Aquele homem planejava sua destruição. Ela não o queria perto de seus meninos, de sua amiga ou de sua vida. Ela não o queria. Ponto final. Não importava que ela tivesse passado boa parte da noite se revirando na cama, pensando no beijo que haviam trocado. E no modo como ele soube lidar com os garotos, permitindo que eles brincassem em sua carruagem no dia anterior.

“Como é que vocês dois não se lembram de que eu sou a diretora deste orfanato? E que eu não tenho intenção de permitir que este homem passe o dia aqui?”

“Bobagem”, disse Lydia. “Você não limitaria o acesso dos garotos a um duque.”

“Não é exatamente o duque mais solicitado da sociedade.” As palavras saíram antes que ela se desse conta. Temple se retesou. Lydia abriu a boca, depois fechou. Então abriu de novo. E Mara se sentiu uma cretina. “Eu não quis dizer que...”

Ele a fitou no fundo dos olhos.

“E claro que não.”

“Eu sei melhor que ninguém que...”

Temple não disse palavra. Mara virou para Lydia, procurando ajuda, mas a governanta simplesmente balançou a cabeça, com os olhos arregalados. E o sentimento de culpa se espalhou por Mara, numa onda de calor desagradável. Ela tinha de consertar o estrago. Então, se dirigiu a Temple. “Quer dizer que você conhece as artes cavalheirescas?”

Temple a fitou por um bom tempo antes de executar uma reverência perfeita, parecendo mais ducal do que Mara jamais tinha visto.

“Eu conheço.”

Uma trégua.

“E conversação adequada com senhoras?”, Lydia sentia-se grata pelo fim das hostilidades, e seu olhar indicou o papel que Mara segurava. “Nós vamos precisar de um pouco disso.”

“Tive poucas reclamações.”

Ele era excelente em conversas, Mara não tinha dúvida. Mas Lydia continuou.

“E esporte? Acho que os esportes têm sido negligenciados na educação dos meninos há tempo demais.”

Mara bufou ao ouvir isso.

“Esse homem tem o corpo de um deus grego! Acho que esporte é a única coisa que ele pode realmente ensinar.”

As palavras ricochetearam pela sala, deixando todos chocados. Lydia arregalou os olhos. Temple ficou imóvel. O queixo de Mara caiu e ela ficou boquiaberta. Ela não tinha dito isso. *Um deus grego?* Era culpa dele! Temple tinha embaralhado seus pensamentos. E estava se intrometendo em todos os aspectos de sua vida - cada parte pela qual ela havia trabalhado tanto e lutado por tanto tempo. Com certeza foi isso que a fez dizer o que disse. *Um deus grego??*

Mara fechou os olhos e desejou que ele perdesse o dom da fala. Imediata e irreversivelmente.

“É óbvio que eu não quis dizer...”

“Ora... Muito obrigado!”

Em toda história da humanidade, simplesmente desejar alguma coisa já funcionou?

Ela se endireitou e continuou.

“Eu não tomaria isso como um elogio. Os deuses gregos eram uma turma bem estranha. Sempre se transformando em animais e raptando virgens.” Por Deus! Será que ela não conseguia manter a boca fechada?

“Esse não é um destino tão terrível”, ele ponderou.

Lydia soltou uma risadinha. Mara a fuzilou com o olhar.

“Você acabou de lhe pedir que ensine os meninos a ser cavalheiros.” Lydia virou seus olhos enormes para Temple.

“Alteza, o senhor sabe que não pode falar com os garotos de modo tão... insinuante.”

“É claro”, ele concordou. “Mas você sabe que foi sua patroa que começou.” Mara quis pisar no pé dele. Mas como Temple era um gigante enorme, ela duvidou que ele sentiria alguma coisa.

“Muito bem. Então está decidido!”, disse Lydia, como se estivesse mesmo. E parecia estar, apesar de Mara ser contra a coisa toda. “Você passará a manhã com os garotos, e eles vão aprender muito, não tenho dúvida.” Ela se voltou para Mara, com os olhos cheios de segundas intenções, e concluiu: “E talvez, depois de passar o dia com os meninos, o senhor possa discutir com a Sra. MacIntyre uma doação caridosa para o bom trabalho que desenvolvemos aqui.”

Lydia com certeza era esperta. Enquanto Mara via em Temple um inimigo perigoso, Lydia enxergava um aliado em potencial muito rico. Um homem que poderia pagar todas as contas do orfanato. Temple olhou para Lydia impressionado.

“Sua sagacidade nos negócios rivaliza com a da sua patroa.”

Lydia sorriu.

“Vou aceitar isso como um cumprimento.”

Ela não devia, é claro! Temple não faria uma simples doação para o orfanato. Ele também era sagaz. E a melhor chance de elas conseguirem pagar as contas era Mara continuar o que estava fazendo. Uma sensação desconfortável se apossou dela com aquele pensamento mercenário. Mas Mara ignorou esse sentimento. Aquilo era pelo bem do orfanato e pela segurança dos meninos. Aquele fim justificaria seus meios.

Lydia se levantou.

“Bem, que maravilha! Não é todo dia que um duque deixa seu título de lado para encarar o trabalho.”

“Ouvi dizer que acontece com frequência nos romances”, Temple comentou.

“Isto não é bem um romance”, Mara retrucou. Em um romance, ela seria uma donzela perfeita e linda, com um passado tão imaculado quanto sua pele alva. E ele seria um belo duque atormentado.

Bem, essa última parte até parecia com a vida real.

“Sério?”, ele provocou. “Confesso que os eventos da semana passada foram estranhos o bastante para me convencer do contrário.”

“E mesmo”, Lydia riu.

Mara apontou para ela.

“Não comece a gostar dele.”

A risada se transformou em sorriso.

“Isso vai ser difícil!”

Temple fez uma reverência. Os dois estavam flertando, e então ocorreu a Mara que se aquilo fosse um romance, ela não seria a heroína. Lydia seria. A governanta loira, bonita e gentil, com risadas vivas e belos olhos grandes -exatamente o que o duque atormentado precisava para se transformar. Mara fez uma careta. Aquilo não era um romance.

“Lydia, prepare os meninos para uma aula especial com Sua Graça”, ela mandou, fitando Temple nos olhos. “Você fica aqui.”

A curiosidade tomou conta da expressão de Lydia, mas ela sabia que não devia continuar ali, e saiu no mesmo instante para reunir os garotos. Depois que a porta foi fechada, Mara deu a volta na mesa para encará-lo. “Você não precisava fazer isso.”

“E muito gentil da sua parte pensar no meu bem-estar.”

“Não quis sugerir que estava fazendo isso.”

Ele deu um sorriso irônico.

“É o que vou inferir, mesmo assim.”

Temple era perturbador. Mara podia sentir o aroma de cravo e tomilho nele - a pomada que ela passou sobre a ferida enquanto ele esperava pacientemente, enquanto ela deslizava seus dedos pela pele quente e lisa. Dali foi um pulo para a lembrança dos lábios dele sobre os seus. Mara não podia acreditar que tinha beijado Temple. E podia acreditar menos ainda que ele tinha retribuído o beijo. E ela também não podia pensar no fato de que tinha gostado. Ou que *gostar* não parecia ser uma palavra forte o suficiente para descrever como aquela carícia a fez se sentir.

Naquele momento, Temple tinha uma expressão irônica, como se pudesse ler os pensamentos que corriam pela cabeça dela. Mara pigarreou e endireitou os ombros.

“Os meninos não passam muito tempo com cavalheiros. Eles vão ficar interessados em você.”

“Faz sentido”, ele concordou.

“Não...”, ela hesitou, à procura das palavras certas. “Não faça com que eles gostem de você.”

Temple fez uma cara de quem não entendeu.

“Isso vai tornar difícil, para eles, quando você for embora e não voltar mais. Não deixe que eles se apeguem muito a você.” De repente, a possibilidade de se apegar a Temple parecia bem realista.

Ele hesitou bastante antes de falar.

“E só uma manhã, Mara.”

Ela aquiesceu, ignorando o modo como as palavras pairaram entre eles. “Vou aceitar a sua palavra.”

Ele bufou baixinho. Graça? Frustração?

“Como cavalheiro?”, Temple perguntou finalmente. “Ou como canalha?” “Os dois.”

“Minha palavra, como cavalheiro e canalha”, ele declarou.

Mara abriu a porta e se virou para Temple, indicando a saída, tentando ignorar como ele era atraente. E tentador.

“Espero que pelo uma delas funcione.”

* * *

Ele saiu e Mara fechou a porta. Após vários segundos querendo ir atrás dele, ela finalmente girou a tranca e voltou para sua mesa.

Uma hora. Foi o tempo que Mara conseguiu dominar sua curiosidade antes de ser vencida e sair à procura dele. Ela encontrou Lydia de guarda no salão principal do orfanato.

“Onde eles estão?”

Lydia indicou a porta bem fechada da sala de jantar com um aceno de cabeça.

“Ele está ali com os meninos há quarenta e cinco minutos.”

“Fazendo o quê?”

“Não tenho ideia.”

Mara se aproximou da amiga e baixou a voz.

“Não acredito que você pediu isso a ele”, sussurrou.

“Ele parece ser um homem decente”, Lydia deu de ombros.

Ele era.

“Você não sabe.”

Os olhos azuis de Lydia brilharam com sabedoria.

“Eu conheço homens indecentes. E você mesma disse que ele não fez o que o mundo pensa que fez.” Ela hesitou, e então acrescentou: “E ele é rico o bastante para nos salvar.”

Se ele soubesse que o orfanato corria perigo. *Nada que você disser pode me fazer perdoar.* Nada que ela dissesse o faria perdoar a dívida.

“...mas eles parecem estar gostando da experiência”, Lydia continuava falando.

Risadas e conversa animada fluíram da sala de jantar, trazendo Mara de volta ao presente. Ela bateu na porta e a abriu, e os risos pararam no mesmo instante. Temple olhou para ela de onde estava, na cabeceira da mesa, e imediatamente se levantou quando Mara entrou. Os garotos o imitaram.

“Ah”, ele disse, “Sra. MacIntyre. Estávamos terminando nossa conversa.”

Ela observou cada um dos garotos, um mais sério que o outro, todos com a aparência de que tinham aprendido uma série de artes misteriosas.

“E então, está tudo bem?”, ela perguntou quando seu olhar recaiu novamente em Temple.

Ele anuiu, circunspecto.

“Acredito que está sendo um sucesso.”

Ela saiu da sala, prometendo deixá-los à vontade. *Essa* promessa durou duas horas inteiras, até que Mara não conseguiu mais se segurar e saiu do escritório com o pretexto de verificar a preparação do almoço, o que a conduziu através do saguão principal do orfanato, onde ela não pôde deixar de reparar na fila de meninos sérios e concentrados, junto às paredes, todos observando Temple atentamente, que estava de pé no meio do aposento, com Lavanda nos braços, e Daniel e George ao seu lado.

Mara hesitou ao chegar ao pé da escada, e no mesmo instante recuou para observar.

“Ele me deixou bravo!”, George acusava. Não era a primeira vez que ele e Daniel se enfrentavam. Não seria a última.

Temple assentiu, com a atenção focada no garoto.

“E então?”

“Então eu bati nele!”

Mara ficou chocada. Agressão física não era tolerada dentro do Lar MacIntyre. Era óbvio que permitir a entrada de um pugilista no orfanato tinha sido uma péssima ideia. Ela estava entrando no saguão quando Temple perguntou:

“Por quê?”

Mara parou ao ouvir aquela pergunta estranha, que ela mesma não teria pensado em fazer. Uma pergunta que George teve dificuldade para responder. Ele encolheu os ombros e olhou para seus pés inquietos.

“Um cavalheiro olha nos olhos das pessoas com quem conversa.”

George olhou para Temple.

“Porque eu queria que ele também ficasse bravo.”

Temple anuiu.

“Você queria vingança.”

Mesmo que o prédio desabasse naquele instante, Mara não deixaria de assistir àquela cena.

“Isso”, George concordou.

“E você Daniel, aceitou isso?”

O outro garoto não hesitou.

“Não”, ele respondeu, aprumando a postura.

Mara percebeu que Temple queria rir da valentia de Daniel. Mas em vez disso, ele se virou para observá-lo.

“Tem certeza? Você parece ter ficado bem nervoso depois que George te bateu.”

“É claro que eu fiquei!”, Daniel retrucou, como se Temple estivesse louco. “Ele me bateu! Eu estava me defendendo!”

“É o seu direito”, Temple concordou. “Mas você se sente melhor agora, depois que devolveu a agressão?”

“Não...”, Daniel fez uma careta.

Temple se virou para George.

“E você, se sente vingado pelo que Daniel fez antes?”

George pensou na pergunta, a cabeça inclinada enquanto observava Daniel por um bom tempo até perceber a verdade.

“Não.”

Temple concordou com a cabeça.

“Por que não?”

“Porque eu continuo bravo.”

“Isso mesmo. E o que mais?”

“E agora Daniel também está bravo.”

“Exatamente. E Lavanda?”

Os meninos olharam para Lavanda.

“Nós não a vimos!”, Daniel explicou.

“Ela apareceu do nada!”, George exclamou.

“E ela quase foi vítima da briga de vocês. O que poderia ter sido muito doloroso para ela. Ou coisa pior.” Os meninos estavam horrorizados. “Que essa seja a lição. Não estou dizendo para vocês não lutarem. Estou dizendo, simplesmente, que quando o fizerem, que seja por uma boa razão.” “Vingança não é uma boa razão?”

Temple ficou quieto por um bom tempo, e Mara prendeu a respiração à espera da resposta, sabendo que ele pensava em algo maior do que o motivo que tinha iniciado a luta entre os dois meninos.

“Pela experiência que eu tenho”, ele disse, afinal, “a vingança nem sempre se desenvolve como esperado.”

O *que isso quer dizer?*

Outra pausa.

“E às vezes ela termina com uma leitoa em perigo”, Temple acrescentou. Os garotos sorriram e George estendeu a mão para acariciar a cabeça rosa de Lavanda, enquanto Temple continuava falando. “Agora, o mais importante! Imagino que seus punhos estejam doendo bastante.”

George sacudiu a mão.

“Como você sabe disso?”

Temple mostrou a própria mão, quase do tamanho da cabeça dos garotos. Ele fechou o punho.

“Vocês deixaram o polegar por dentro.” Ele abriu a mão e a fechou de novo. “Se vocês o deixarem por fora, o soco dói menos.”

“Você pode nos ensinar a lutar?”

Então ele sorriu, e ela observou cada movimentos dos lábios que se abriam num riso sincero. Deus, como ele era bonito! E dali, escondida atrás da escada, ela podia olhar à vontade. Ninguém jamais saberia.

"Posso, sim. Ficaria feliz com isso”.

Mara deveria detê-lo antes que tivesse de lidar com um batalhão de pugilistas bem treinados. E talvez o tivesse detido, se Temple não tivesse se virado na direção dela, encontrando imediatamente o seu olhar, o que fez o coração de Mara querer sair pela boca.

“Sra. Maclntyre”, ele chamou. “Por que não se junta a nós?”

***

Ela ficou espiando durante uma eternidade, quieta e parada no canto. Se fosse outra mulher, talvez ele não tivesse reparado. Mas ela era Mara Lowe, e Temple tinha se conformado com a ideia de que sempre repararia nela. Que estava tomado por um sentido de percepção específico da presença dela, mesmo que desejasse o contrário. Mesmo que desconfiasse dela, que duvidasse e tivesse raiva daquela mulher. Mesmo que estivesse no local de trabalho dela, querendo que Mara lhe contasse a verdade. E assim, quando os protegidos dela lhe deram a oportunidade de trazê-la para perto, ele aproveitou, divertindo-se com o olhar de surpresa estampado no rosto de Mara quando ela percebeu que tinha sido flagrada. Ela se adiantou, esforçando-se para não mostrar que estava escutando a conversa.

“Boa tarde, cavalheiros!”

Eles olharam para ela como pequenos soldados de brinquedo e executaram uma reverência perfeita.

“Boa tarde, Sra. Maclntyre”, eles entoaram em uníssono.

Mara se aproximou.

“Minha nossa! Que belo cumprimento!”

Ela amava os meninos; isso era mais do que evidente. Uma visão invadiu os pensamentos de Temple: Mara, sorrindo para uma fileira de garotos nos amplos jardins de Whitefawn Abbey. Uma fila de garotos de olhos pretos e cabelos escuros, cada um mais feliz que o outro. Garotos dele. A *Mara dele.*

Temple balançou a cabeça e voltou a se concentrar na situação em mãos.

“Sra. Maclntyre, os meninos pediram uma aula de luta, e eu me perguntei se você não gostaria de ajudar.”

Ela arregalou os olhos.

“Eu não saberia por onde começar.”

A mulher carregava uma faca para se proteger. Temple era capaz de apostar tudo o que possuía que ela sabia muito bem por onde começar.

“Mais um motivo para você aprender”, ele insistiu.

Os garotos, que permaneceram quietos até esse momento, começaram a protestar.

“Ela não pode aprender; é uma garota!”, exclamou um deles.

“Isso!”, outro chiou, “Garotas aprendem coisas como dança. E costura.” A ideia de Mara Lowe costurando qualquer coisa que não um ferimento de faca era risível.

“Ela pode aprender”, George ponderou, “mas não precisa. Garotas não têm que lutar.”

Temple não gostou da lembrança que lhe assaltou, rápida e forte, de Mara encurralada em uma rua de Mayfair por dois animais muito mais fortes que ela. Ele a queria em segurança. Protegida. E poderia lhe fornecer as ferramentas que a manteriam assim.

“Em primeiro lugar, cavalheiros não se referem a damas como garotas”, observou Temple. “Em segundo, vocês todos vão aprender a dançar logo, logo, eu imagino.” Isso extraiu um coro de gemidos dos alunos. “E terceiro, todo mundo, homem ou mulher, deve estar preparado para se defender.” Ele se virou para Mara, estendendo a mão. “Sra. Maclntyre?”

Ela hesitou, estudando a mão dele demoradamente antes de tomar sua decisão e se aproximar, deslizando seus dedos pelos dele. De novo, ela não usava luvas, e nesse instante ela desejou que Temple também estivesse sem as suas. Talvez aquilo não fosse uma boa ideia. Temple queria perturbá-la, expô-la. Mas não esperava que seria ele a ficar perturbado. Mas assim eram as coisas com Mara Lowe.

Ele a virou de frente para os meninos e envolveu a mão dela com a sua, ajustando a a posição dos dedos, até formar um punho perfeito. Enquanto demonstrava, ele também falava, tentando ignorar a proximidade dela.

“Procurem manter os músculos relaxados ao fechar a mão. Não é o fato de estar muito apertado que vai machucar o oponente, mas a força. Quanto mais vocês apertarem, mais o soco vai machucar vocês.”

Os garotos concordavam com a cabeça, olhavam, fechavam as mãos em punhos e agitavam os braços. Mara, não. Ela mantinha os punhos erguidos como uma lutadora - perto do rosto, como se alguém pudesse atacá-la a qualquer instante. Ela o encarou, concentrada nele. Fazendo a temperatura subir. Temple se virou para os garotos.

“Lembrem-se disso, rapazes: quanto mais bravos estiverem, tanto mais provável que vocês serão derrotados.”

Daniel parou de lutar com sua sombra e franziu o cenho, confuso.

“Se eu não devo lutar quando estou bravo, por que lutar, então?”

Uma excelente pergunta.

“Defesa.”

“Se alguém te bater primeiro” um dos outros garotos arriscou.

“Mas por que alguém bateria em você primeiro?”, retrucou George. “A não ser que a pessoa esteja brava e desobedeça as regras.”

“Talvez a pessoa não tenha educação”, sugeriu Daniel, e todos riram.

“Ou pode ser que não tenha um bom treinamento”, Temple acrescentou, sorrindo.

“Ou pode estar machucando alguém de quem você goste”, Henry sugeriu. “Eu bateria em alguém que machucasse a Lavanda.”

Os garotos concordaram.

“Proteção.” Os nós dos dedos de Temple ainda doíam da noite em que Mara foi atacada. Ele olhou para ela, grato por Mara estar bem. “Essa é a melhor razão para se lutar.”

Ele percebeu que as faces dela ficaram coradas, e gostou do que viu.

“Ou, talvez, a pessoa tenha cometido um erro”, ela disse.

O *que isso queria dizer?* Havia algo ali, naqueles olhos lindos e estranhos. Arrependimento? Seria possível?

“Que mais, Alteza?” Os garotos recuperaram sua atenção.

Temple fechou as mãos e manteve os punhos na altura do rosto.

“Protejam sempre a cabeça. Mesmo quando estiverem desferindo um soco.” Ele adiantou a perna esquerda. “O braço esquerdo e a perna esquerda devem ficar à frente. Joelhos flexionados.”

Os garotos se puseram em posição e ele começou a inspecionar um por um, ajeitando um ombro aqui, um punho ali. Lembrando-os de manter os joelhos flexionados e os pés a postos. Depois que terminou com o último dos garotos, Temple se voltou para Mara, que permanecia com os punhos elevados, esperando por ele. Como se estivessem em constante combate. E estavam.

“E mais difícil com as mulheres”, ele disse ao se aproximar dela, com a voz suave, “porque não posso ver suas pernas.” E o que ele não daria para ver as pernas de Mara. Ele se a rodeou e pôs as mãos perto dos ombros dela.

“Posso?”

Ela concordou com a cabeça.

“Pode."

Havia duas dúzias de garotos atentos a eles, todos bancando os protetores de Mara. Tocá-la, naquela situação, não deveria parecer ilícito, e ainda assim o contato fez seu sangue ferver. Temple a balançou para frente e para trás, deslizou um joelho para frente, para testar a extensão do passo de Mara, e o vestido dela roçando na perna de sua calça foi suficiente para deixá-lo com a boca seca. Ele estava perto o bastante para ouvir a respiração apressada dela, para sentir seu perfume - um leve aroma cítrico, mesmo em dezembro, quando só os londrinos mais ricos tinham limões. Se ela fosse dele, Temple encheria a casa com limoeiros. *Se ela fosse dele?* Que bobagem! Ela era alta, esguia e linda, e ele desejaria qualquer mulher igual a ela que estivesse tão próxima. *Mentira.*

Ele se afastou.

“Mantenha os punhos altos e a cabeça baixa. Lembre que um homem luta a partir dos ombros.”

“E a mulher?”, ela perguntou. “Luta de algum outro lugar?”

Temple a encarou e viu aqueles olhos acesos com bom humor. Ela estava gracejando? A ideia era estranha e não combinava com o passado deles, mas aqueles olhos, um azul e o outro verde, cintilavam. Ela estava *mesmo* gracejando com ele.

“A minha experiência diz que as mulheres lutam sujo.”

Ela sorriu.

“Bobagem. Nós apenas lutamos com o coração.”

Ele acreditou nisso a respeito de Mara. Sem dúvida. Aquela era uma mulher que lutava pelo que queria, e por aqueles em quem ela acreditava. Ela lutaria por aqueles meninos e - ao que tudo indicava - por seu irmão, apesar do sujeito ser absolutamente desprezível. Mas ela lutava com firmeza, e havia honra nisso. Temple se perguntou como seria ter Mara lutando por ele. *Seria incomparável*.

Ele afastou o pensamento e voltou sua atenção para os garotos, mesmo sem conseguir parar de tocá-la. Ele ajustou a posição da cabeça de Mara, fazendo parecer algo estritamente profissional, mesmo que o toque o deixasse completamente arrepiado.

“Mantenha a cabeça inclinada para frente.” O cabelo dela foi sempre assim tão macio?

“Não levante o queixo, ou correrá o risco de ser acertada aqui...” Ele roçou os nós dos dedos sob o queixo dela, onde a pele macia o tentou como um delicioso doce. “E aqui.” Os dedos fechados desceram pelo pescoço de Mara, chegando onde o pulso dela batia forte e firme sob seu toque.

Ela inspirou fundo, e Temple percebeu que ela sentia o mesmo. O prazer. A vontade. Quem era aquela mulher? O que eles estavam fazendo um com o outro?

Com dificuldade, Temple se afastou dela. Ergueu a voz. Falou com os meninos.

“O golpe não vem do braço. Ele vem do corpo. Das suas pernas. Seus braços são meros mensageiros.” Ele deu um soco no ar e os meninos exclamaram:

“Nossa! Isso foi rápido!”

“Você deve ser o homem mais forte do mundo!”

“Agora experimentem vocês”, Temple propôs.

Os garotos ficaram empolgados de socar o ar, enquanto saltavam para frente e para trás em seus pés agora ágeis. Temple observou os meninos durante um bom tempo, demorando-se no mais velho - Daniel. O garoto sério, de cabelo escuro, estava concentrado em seus *jabs*, ansioso para obter a aprovação de Temple, e havia algo de familiar nele. Algo que Temple reconhecia como parecido com si próprio. Cabelo escuro. Olhos intensos. Onze anos de idade. O garoto tinha olhos azuis, mas fora isso ele era a cara de Temple. Os *olhos eram azuis como o de Mara.* Ela disse que o menino estava com ela desde sempre. Temple entendeu que isso significava desde o nascimento. Desde que Mara deu à luz? Será que aquele garoto era seu filho? Se fosse, por que ela o escondeu de Temple por tanto tempo? Ela não sabia que ele os teria acolhido? Protegido? Ele teria casado com ela. No mesmo instante. *Eles teriam formado uma família.* O pensamento tinha mais poder do que Temple podia imaginar, e veio com imagens de cafés da manhã e jantares e ocasiões felizes cheias de risos e alegria. E Daniel não estava sozinho. Ele tinha irmãos e irmãs, todos com cabelos escuros e olhos da cor do verão. Verdes e azuis. E eles eram felizes. *Felicidade era uma coisa estranha e fugaz.* Mas, naquele momento, sua família misteriosa e perdida estava feliz.

O som dos garotos praticando boxe fez sua atenção voltar ao presente. Ele conseguiria suas respostas de Mara Lowe. Mas aquele não era o momento. “Vocês estão se saindo muito bem, cavalheiros.”

Ele e Mara ficaram lado a lado por longos minutos, observando seus protegidos, antes de ela dizer, em voz baixa:

“Não é de admirar que você nunca tenha sido derrotado.”

Ele ergueu um ombro. Em seguida o encolheu.

“Isso é o que eu faço. É quem eu sou.” Foi a única coisa que ele fez bem durante doze anos.

“Eu não acredito nisso, você sabe.”

Temple se virou para ela, procurando seu olhar, gostando do modo como ela olhava para ele. Do modo como ela se concentrava nele. Desejou que estivessem a sós. Queria dizer uma dúzia de coisas. Fazer perguntas. Mas ele se conformou com:

“Experimente você.”

Ela ergueu os punhos e fez os movimentos no espaço entre eles. Temple balançou a cabeça.

“Não.” Ele bateu no peito. “Em mim.”

Ela arregalou os olhos.

“Você quer que eu te acerte?”

Ele aquiesceu.

“É o único modo de saber se você está fazendo corretamente.”

Foi a vez dela balançar a cabeça.

“Não.” Ela baixou os punhos. “Não.”

“Por que não?”

Mara baixou os olhos e ele admirou as delicadas sardas espalhadas por seu rosto. Como ele não tinha reparado nelas ainda? Ele tentou usar o bom humor.

“Tenho certeza você gosta da ideia de me machucar um pouco.”

Ela ficou quieta por um bom tempo, e a mão dele coçou, com vontade de segurar o rosto dela e o virar para si. Em vez disso, ele se conformou em sussurrar.

“Sra. Maclntyre?”

Ela balançou a cabeça, mas não olhou para ele quando falou.

“Eu não desejo te machucar.”

De todas as palavras que ela poderia ter dito, aquelas eram as mais chocantes. Eram mentira. Tinham de ser. Afinal, eles eram inimigos, reunidos por um interesse mútuo. Vingança em troca de dinheiro. E claro que ela queria machucá-lo. Se não, por que esconder tanto dele? A mentira deveria ter deixado Temple bravo. Mas, de algum modo, ela despertou algo parecido com esperança. Ele também não gostou disso.

"Olhe para mim."

Mara olhou, e ele enxergou sinceridade ali. Se ela não queria machucá-lo, o que eles estavam fazendo? Qual era o jogo que estavam jogando?

Temple deu um passo na direção dela, pegou seu punho e o puxou em sua própria direção, até parar, leve como pena, em seu peito, um pouco à esquerda do centro. Ela tentou puxar a mão, mas ele não deixou, e ela terminou o soco falso do único modo que podia: aproximando-se, abrindo a mão e a apoiando, espalmada, sobre o peito dele.

Mara balançou a cabeça e repetiu:

"Não..."

O toque foi escandaloso naquela sala, em plena vista de todos aqueles meninos, mas Temple não se importou. Ele não pensou em mais nada além do calor daquela mão. Da maciez daquele toque. Da honestidade que trazia. Quando foi a última vez que uma mulher tocou nele com tanta honestidade? Aquela mulher estava acabando com ele. Temple quase a puxou para seus braços e a beijou até que lhe contasse tudo. A verdade sobre aquela noite doze anos atrás, o que ela provocou e como tinham chegado àquela situação. Àquele momento. Àquele lugar. E para onde estavam indo. Ele baixou a cabeça. Mara estava a poucos centímetros de distância. Menos.

Ela pigarreou.

"Alteza, tenho certeza de que não se importará se eu mandar os garotos se arrumarem. Está quase na hora do almoço."

Ele a soltou como se Mara estivesse em chamas. Meu Deus! Ele quase a... na frente de duas dúzias de crianças.

"De modo algum, nós terminamos por hoje, eu acredito."

Ela se virou para os meninos.

"Espero que todos se lembrem da lição do duque. Cavalheiros não começam lutas."

"Nós apenas as terminamos!", George anunciou e os garotos se dispersaram no mesmo instante, cada um para seu lado - menos o pequeno Henry, que foi até Lavanda, aos pés de Temple. Grato pela distração, Temple se abaixou e pegou a porca.

"Receio que não. Lavanda continua comigo."

Henry apertou os lábios ao ouvir isso.

"Nenhum de nós pode ficar com a Lavanda", ele observou. "A Sra. MacIntyre não gosta."

Temple olhou para Mara por sobre a cabeça loira de Henry.

"Bem, a Sra. MacIntyre pode ralhar comigo, então."

Henry pareceu aprovar esse plano e correu na direção do almoço. Temple se endireitou e encarou Mara, que parecia tão agitada quanto ele se sentia.

"Ele está certo, sabe. A regra é: nada de usar Lavanda como prêmio ou recompensa."

"Quem fez a regra?"

"Eu", Mara respondeu, estendendo as mãos para pegar a leitoa. Temple recuou um passo, saindo de alcance.

"Bem, pelas minhas regras, eu a resgatei. Portanto, ela é minha."

"Ah! As regras dos canalhas."

"Você não vê problema em usá-las quando lhe é conveniente", ele observou. Ela sorriu.

"Sou absolutamente legalista no que diz respeito a Lavanda."

Ele se aproximou, então, e baixou a voz.

“Então você é do pior tipo de canalha.”

“Como?” Mara ergueu uma sobrancelha.

“Você veste a carapuça só quando lhe convém. Falta convicção a você.” Ele estava muito perto e pairava sobre ela.

“Você está querendo me intimidar, para que eu concorde com você?” “Está funcionando?”

Mara engoliu em seco e ele resistiu ao impulso de tocar-lhe o pescoço. “Não.”

“Os homens tremem à mera menção do meu nome, sabia?”

Ela riu.

“Se te vissem agora, embalando uma porquinha, talvez perdessem o medo.”

Ele olhou para Lavanda dormindo em seus braços e não conseguiu segurar uma risada suave. Aquele som fez Mara se retesar, e então ela pigarreou. Temple a fitou nos olhos. Ela estava totalmente alerta à presença dele. Assim como ele estava atento a ela.

“Você falou sério quando disse que vingança não valia a pena?”

Ele ergueu uma sobrancelha.

“Eu não disse isso.”

“Você disse que raramente ela se desenvolve conforme esperado.”

“O que é verdade”, ele concordou, “mas isso não significa que ela nunca se desenvolva como o esperado.” Ele tinha de acreditar nisso.

Mara olhou para frente, detendo-se na covinha do queixo dele.

“Onde esta vingança termina?”

Eu não sei. Ele não admitiria isso.

“Ela termina quando eu virar um duque novamente. Com direito a tudo o que me foi prometido quando eu era criança. Com a vida para a qual fui criado. Com uma esposa.” Ele ignorou que pensava em um par de olhos peculiares. “Um filho.” Com cabelo escuro. “Um legado.”

Mara olhou para ele, então.

“E o que acontece comigo?”

Temple refletiu por um bom tempo e imaginou os dois como pessoas diferentes. Ele um homem diferente, ela uma mulher diferente. Imaginou que os dois tivessem se conhecido em circunstâncias diferentes. Ela possuía tantas qualidades - era corajosa, forte e profundamente leal a seus meninos. Àquela vida que tinha construído. *Ela não era problema dele* - Temple desejou que isso não estivesse se tornando tão difícil de acreditar. Ele levou a mão ao rosto dela e o inclinou para si.

“Eu não sei”, ele disse a verdade. “Eu não deveria ter vindo aqui hoje.”

“E por que veio?”

“Porque eu queria ver você no seu espaço. Eu queria conhecer seus garotos.”

“Com que finalidade?”

Ele não tinha resposta para isso. Ele não deveria querer conhecê-la melhor. Compreendê-la. Mas Temple não conseguia evitar. Talvez porque estivessem ligados para sempre. Talvez porque ela tinha moldado a vida dele, de certo modo. Talvez porque ele desejasse compreendê-la. Mas ele não esperava começar a gostar dela. E, definitivamente, ele não esperava desejá-la tanto. Sabendo que não conseguiria dizer nada disso para ela, Temple escolheu outro caminho - distraí-la - e encurtou a distância entre eles e a beijou.

Mara se rendeu ao beijo, os lábios dela eram uma promessa tênue, tão leves e doces que Temple se perguntou se aquilo podia mesmo ser chamado de beijo. Era mais uma provocação. Uma tentação que o surpreendeu com seu poder. Com o modo como ele a queria. O mesmo modo que ela também o queria. Mara suspirou de encontro a seus lábios, e era exatamente isso que ele estava esperando. Ela lhe ofereceu passagem; ele aceitou. No momento em que os lábios dela se entreabriram, ele os

capturou, aprofundando o carinho, e sua mão deslizou da face dela para o pescoço, e depois desceu pelas costas para envolvê-la pela cintura e puxá-la para perto. O suspiro dela foi a satisfação dele, um gemido profundo e primitivo que o surpreendeu. Ela testou o controle dele mais de uma vez. E ele gostou. Então, Temple passou a língua pelo lábio inferior de Mara enquanto ela enfiava as mãos nos seus cabelo, colando seu corpo ao dele, como se não houvesse mais nada no mundo que ela quisesse, a não ser estar ali. Como se ela não tivesse medo dele. Temple a apertou ainda mais contra seu corpo, querendo imergir na coragem dela, querendo bloquear tudo que os dois tinham sido e ainda seriam, vivendo apenas aquele momento. Com aquela mulher que parecia querer o mesmo.

Foi quando Lavanda reclamou. A leitoa soltou um guincho desesperado e começou a se debater no espaço que ocupava entre eles, querendo ser solta ou devolvida ao seu estado anterior de soneca despreocupada. Mara e Temple se afastaram, e ela levou a mão à garganta, enquanto ele tentava evitar que Lavanda saltasse para sua morte. Ele colocou a porca no chão e ela saiu correndo, deixando os dois a sós no vestíbulo, sem fôlego, entreolhando-se sem saber se fugiam ou se jogavam-se nos braços um do outro. Ele não iria fugir.

Em vez disso, Temple se aproximou dela de novo com dois passos largos e a ergueu - adorando sentir o peso dela em seus braços, o modo como seus músculos se agrupavam e se contraíam para levantá-la. O modo como serviam a um novo propósito, infinitamente mais valioso. Ele tomou aquela boca outra vez, rápido e decidido, e sentiu ali uma frustração - que ele reconheceu porque refletia a sua própria. Jesus! Ele não podia ficar.

Ele a colocou no chão tão rápido quando a ergueu, deixando-a desequilibrada, e então pegou o rosto dela entre as mãos e a encarou no fundo dos olhos.

“Você é um problema”, ele disse antes de pontuar essa declaração com mais um beijo firme e se afastar dela.

Mara levou a mão aos lábios, e Temple assistiu ao movimento com desespero, adorando o modo como aqueles belos dedos pressionaram a carne inchada. Desejando que eles dois fossem outras pessoas, em qualquer outro lugar. Mas querer não é poder.

Temple se virou para sair. Sabendo que tinha de fazê-lo, pois não confiava em si mesmo para permanecer. Ela falou às suas costas.

“Você nos acompanha no almoço?”

“Não, obrigado”, ele respondeu. “Minha manhã está completa.” Completa demais. Ele não deveria ter tocado nela. Mara era sua ruína. Sua vingança.

Por *que ele não conseguia se lembrar disso?*

“Você parece faminto.”

Ele quase riu. Ele nunca esteve tão faminto em sua vida.

“Estou bem.”

“Ainda tem medo de que eu possa te envenenar?”

Ele inclinou a cabeça e aproveitou a desculpa.

“O seguro morreu de velho.”

Ela sorriu. E ele gostou do sorriso. Demais.

Ele precisava parar com aquilo. E então disse a única coisa que sabia ter esse poder.

“Mara.”

Ela o fitou, tentando não notar como ele era atraente. Tentador.

“Sim?”

“Naquela noite. Nós fizemos amor?”

Ela arregalou os olhos. Chocada. Mara estava esperando dezenas de perguntas, mas não isso. Não um lembrete do passado. Ou do acordo.

Ela se recuperou rapidamente - o bastante para que ele a admirasse.

“Você decidiu perdoar a dívida do meu irmão?”

E assim eles estavam em terreno sólido mais uma vez. Ainda bem.

“Não.”

“Então eu receio não conseguir me lembrar.”

“Bem”, ele se voltou para a porta e pegou o sobretudo no gancho ao lado. “Eu sei bem como é isso.”

Temple já estava com a mão na maçaneta quando ela falou.

“Mais duas libras, mesmo assim.”

Ele olhou para trás, sentindo como se tivessem lhe jogado um balde de água fria.

“Pelo quê?”

Ela se empertigou onde estava.

“Pelo beijo.”

Temple não estava pensando no acordo quando a beijou, e apostaria tudo o que possuía que ela também não. A discussão monetária tornou o momento vulgar e desagradável, e ele odiou que Mara os tivesse rebaixado novamente a esse nível.

“Duas libras parecem de bom tamanho.” Ela não precisava saber que ele pagaria duzentas por outro momento como aquele. Duas mil. “Vejo você à noite.” Ele abriu a porta e acrescentou: “Vista o que vier hoje de Madame Hebert.”

Capítulo Nove

“Você não devia lutar com ele.”

Temple estava amarrando as botas e nem ergueu os olhos.

“É um pouco tarde para isso, não acha? Metade do clube está em volta do ringue.”

O Marquês de Bourne, o amigo mais antigo de Temple e coproprietário do Anjo Caído, encostou-se na parede ao lado da porta que dava acesso ao ringue de boxe, enquanto observava Temple se preparar para a luta.

“Não foi o que eu quis dizer e você sabe disso. Você pode lutar o quanto quiser hoje à noite - e se eu gostasse de apostar, arriscaria vinte libras no nocaute de Drake no primeiro minuto.” Bourne apontou para a mesa de centro da sala. “Mas você não devia aceitar o desafio de Lowe.”

Temple olhou para a lista de nomes ali. *Christopher Lowe* estava no topo, onde permanecia há semanas. Chamando-o. Tentando-o. Desafiando-o a aceitar. Era evidente que Mara não havia contado ao irmão que tinha um acordo com o Duque Assassino, que ela estava providenciando a restituição do dinheiro deles. Era isso ou então Christopher queria salvar a irmã da ruína - mas Temple não conseguia imaginar que a reputação da irmã tivesse algo a ver com os planos do jovem. Que o diabo o carregasse se ele dissesse que não queria aquela luta mais do que qualquer outra. Christopher merecia uma boa surra.

“Seria a luta do ano”, Temple redarguiu. “O Anjo ganharia uma montanha indecorosa de dinheiro.”

“Não me importa se o Rei e sua guarda real viessem até aqui, e ele apostasse as joias da coroa na luta. Você não deve lutar com Christopher Lowe.” Temple se alongou com a tira de couro que pendia do teto de seu escritório, deixando o peso de seu corpo relaxar a musculatura de seus ombros, preparando-se para o que viria. Em meia hora ele entraria no ringue para lutar, e cada homem na platéia lutaria junto. Alguns lutariam ao seu lado, enxergando-se no duque caído que, apesar da vergonha, da ruína e do ódio, era o rei ali. Mas a maioria lutaria ao lado de seu oponente - Davi contra o Temple Golias. Eles, também, sabiam como era perder para o Anjo. E por mais que paguem suas apostas e se deleitem no brilho das mesas no andar de cima, uma pequena parte deles deseja a ruína do clube.

“É o jogo”, Temple disse, fingindo não se importar com o que dizia. “É para isso que eles vêm. E o que concordamos em oferecer a eles.”

“Bobagem”, Bourne rebateu. “Nós concordamos em tomar o dinheiro desses vagabundos em troca de uma luta para eles assistirem. Nós não concordamos em colocar nossa vida no espetáculo. E seria isso que você estaria fazendo.” Ele se desencostou da parede e se aproximou de Temple, pegando o arquivo de Lowe sobre a mesa. “Não seria uma luta. Seria um tiro no pé. Todos pensariam que Lowe está finalmente tendo uma chance de se vingar pela morte da irmã. Se você estiver mesmo pensando em lutar com ele, pelo menos espere até que a vagabunda seja revelada. Então todos vão ficar do seu lado.”

Temple apertou o maxilar ao ouvir a referência indesejável a Mara.

“Não me importa do lado de quem eles estejam.”

“Que mentira!” Bourne deu uma risada forçada e passou a mão pelo cabelo. “Eu sei melhor do que ninguém o que você quer que eles pensem de você.” Como Temple não respondeu, Bourne continuou.

“Hoje eu dei uma olhada no arquivo do Lowe. Ele perdeu tudo que não estava preso por nascimento, e uma boa quantia de dinheiro que ele ganhou não sei como. Estou surpreso que Chase

não tenha mandado Bruno ir tirar a roupa do corpo dele. Casas, cavalos, carruagens, empresas. Um maldito aparelho de chá de prata! Para que nós precisamos disso?”

Temple sorriu, irônico, enquanto enrolava outra faixa comprida em sua mão.

“Algumas pessoas gostam de chá.”

Bourne olhou com desdém e jogou o arquivo sobre a mesa. “Christopher Lowe é o homem mais azarado da Inglaterra, e ou ele não percebe isso ou não dá a mínima. Seja como for, seu falecido pai deve estar se revirando no túmulo e tentando fazer um pacto com o diabo para poder se levantar e matar ele mesmo esse garoto estúpido.”

“Você incomodado porque um homem perdeu tudo nas mesas? E irônico.”

Os olhos de Bourne faiscaram de irritação.

“Eu posso ter perdido tudo, mas recuperei. Dez vezes. Mais, até.”

“A vingança funcionou bem para você.”

Bourne respondeu com uma expressão nada amistosa.

“Eu passei uma década sonhando com vingança, me convencendo de que não havia nada no mundo que me traria mais satisfação do que destruir o homem que roubou minha herança.”

Temple olhou surpreso para o amigo.

“E foi exatamente o que você fez!”

Bourne respondeu com suavidade, mas bem sério.

“E eu quase perdi a única coisa que realmente importava.”

Temple resmungou e estendeu as mãos para a tira de couro pendurada no teto da sala, que usou para se alongar.

“Se os homens no salão ao lado soubessem como você e Cross ficam moles toda vez que falam das esposas, o Anjo perderia todo o poder.”

“Enquanto nós conversamos, minha mulher me espera, terna e afetuosa. Por mim, os homens no salão podem se enforcar.” Ele fez uma pausa, então acrescentou, “Vingança era meu objetivo, Temple. Nunca foi o seu.” Temple sustentou o olhar do amigo.

“Os objetivos mudam”, retrucou.

“Sem dúvida. Mas esteja preparado. A vingança é fria e calculista. Faz do homem um canalha. Eu sei o que digo.”

“Eu já sou um canalha”, Temple fez pouco caso.

Bourne sorriu, com um ar zombeteiro.

“Ah, você é um gatinho mimado!”

“Acha mesmo? Venha me dizer isso no ringue.”

Bourne ignorou a ameaça.

“Isso não vai terminar do jeito que você pensa.”

Iria terminar exatamente do jeito que Temple pensava. Mara podia ter sido a arquiteta da sua ruína, mas o irmão a ajudou - chorando e se lamentando e inventando acusações para fazer o mundo todo, incluindo ele próprio, acreditar em sua culpa, que o duque realmente era um assassino. Temple lembrou-se de um episódio: estava na rua, cinco anos atrás, em plena luz do dia, com toda Londres lhe dando passagem. Ninguém queria topar com o Duque Assassino. Ninguém desejava incitar sua fúria. Christopher Lowe saía de um pub com seus amigos debochados e na calçada trombou com Temple que, depois de tanto sem ter contato físico com algo que não fosse suscitado pela violência e pelo medo, estremeceu com o contato.

Lowe olhou para ele, bêbado e arrastando as palavras, falando alto para entreter os amigos.

“O assassino da minha irmã à luz do dia! Que surpresa”, Lowe falou então. O bando de idiotas bêbados riu, e Temple ficou paralisado, acreditando na ira de Lowe. Acreditando que a merecia. *Acreditando que era mesmo um assassino.*

Então olhou para Bourne.

"Ela me roubou doze anos, mas *ele* ajudou."

"E os dois devem sofrer. Deus sabe que ele merece uma surra e, sim, você vai sentir que teve sua vingança. E depois vai desfilar a mulher por toda Londres na segunda parte de seu plano maligno, e ela será arruinada e você será recebido de braços abertos e perseguido por mães à procura de casamento para suas filhas. Mas vai continuar com raiva."

Vingança nem sempre se desenvolve como esperado. A lição que ele ensinou aos garotos. E que ele sabia ser verdadeira. Ele sabia que a vingança não poderia ser desfeita. Que ela o marcaria para sempre. Que ela o mudaria para sempre.

Bourne se sentou em uma cadeira baixa de couro.

"Só estou dizendo que você tem tudo o que quer. Dinheiro, poder, um título - que está ficando empoeirado pela falta de uso, mas que é seu de qualquer modo. E não vamos nos esquecer de Whitefawn. Você pode não ir até lá, mas só essa propriedade já te rendeu uma fortuna. Você tem sido um administrador melhor do que seu pai jamais foi. Você pode ter tudo isso. Volte à Sociedade. Encontre uma moça tímida. As tímidas adoram os canalhas." Bourne tinha razão. Temple poderia reaver tudo. Fortuna e um título manchado eram mais do que a maioria dos homens tinha. Alguém o aceitaria. Mas a raiva era uma senhora ardilosa.

"Eu não quero uma moça tímida."

"O que você quer, então?"

Ele queria alguém que tivesse paixão. Orgulho.

Temple fitou o amigo nos olhos.

"Eu quero meu nome."

"Lowe não pode lhe dar isso. E perder para você no ringue só vai fazer dele um mártir." Temple ficou quieto por um longo momento antes de concordar. Ele queria encerrar a conversa. Bourne acrescentou: "E a garota?" Ele viu a imagem de Mara, cabelo ruivo solto, aqueles olhos exóticos e atraentes faiscando. Sem nunca usar luvas. Por que ele reparou nisso? *Por que ele se importava?* Não se importava.

"Nós temos uma dívida para acertar."

"Sem dúvida."

"Ela me drogou."

Bourne não entendeu.

"Mas isso foi muito tempo atrás."

Temple balançou a cabeça negativamente.

"E também na noite em que se revelou para mim."

Uma fração de segundo transcorreu enquanto Bourne assimilava as palavras. Temple rilhou os dentes, sabendo o que viria. Desejando não ter dito nada. Bourne soltou uma gargalhada.

"Não!"

Temple saltitou na ponta dos pés e saltou uma, duas vezes, se balançando no ar. Fingindo não estar furioso com a verdade.

"Sim."

A gargalhada virou uma trovoada.

"Ah, espere até os outros ouvirem isso! O grande e invencível Temple... drogado por uma governanta. Onde?"

"Na minha casa." Onde ela o beijou. Onde ele quase quis mais.

"Em sua própria casa?!", Bourne exultou.

Maldição. Temple armou uma carranca.

"Saia!"

Bourne cruzou os braços sobre o peito.

“Ah, não! Ainda não terminei de me divertir com isso.”

Uma batida forte na porta chamou a atenção deles, e os dois olharam para o relógio. Ainda era cedo para começar a luta.

“Entre”, Temple exclamou.

A porta foi aberta, revelando Asriel, funcionário de Temple e segundo em comando na segurança do Anjo. Ele não deu atenção a Bourne, e olhou diretamente para Temple.

“A mulher que você convidou.”

Mara. Temple se sentiu incomodado com a emoção que percorreu seu corpo quando pensou nela.

“Traga-a.” Ele esperou que Asriel saísse e então se dirigiu a Bourne. “Pensei que você estivesse de saída.”

Bourne se levantou, mas em seguida se sentou em uma cadeira mais próxima, estendendo as pernas e cruzando os tornozelos.

“Acho que vou ficar para assistir o próximo ato”, ele disse, divertindo-se. “Afinal, eu não quero que a mulher tente te matar de novo. Você pode precisar de proteção.”

“Se não tomar cuidado, é você quem logo, logo vai precisar de proteção.”

A porta se abriu antes que Bourne pudesse retrucar, e Mara entrou nos aposentos de Temple. Ela vestia uma enorme capa preta, com o capuz sobre a cabeça, cobrindo-lhe até a testa, mas ele a reconheceu assim mesmo. Ela era alta e muito bem feita - toda de curvas suaves e belas. Uma mulher pela qual Temple se sentiria naturalmente atraído se ela não fosse a encarnação do diabo. E aquela boca... carnuda, tentadora e feita para o pecado. Ele não deveria ter provado daquele encanto. Isso só serviu para fazer com que ele quisesse mais.

Mara empurrou o capuz para trás, mostrando-se, e seus olhos grandes imediatamente buscaram os dele. Temple registrou o nervosismo no olhar dela - a incerteza - e odiou tudo isso quando ela se aproximou de onde Bourne estava, a cerca de dois metros. De repente, fosse por causa da ansiedade pela luta que se aproximava, ou outra emoção muito mais perigosa, Temple sentiu vontade de bater em Bourne. Com força. Tinha de ser a proximidade da luta, porque não podia ser por causa de Mara. Ele não ligava para quem ela olhava. Quem olhava para ela. Na verdade, seu plano consistia justamente em fazer toda Londres olhar para ela.

Bourne não se levantou - uma mostra deliberada de desrespeito que enfureceu Temple.

“Eu sou...”

“Eu sei quem você é” Mara o interrompeu, sem usar o título de Bourne nem o honorífico que lhe era devido. Uma mostra equivalente de desrespeito. “Toda Londres sabe quem você é.” Então se virou para Temple. “O que é isso? Você me pediu para vir e assistir enquanto brutaliza algum pobre coitado?” As palavras não foram agradáveis. Ela estava de volta, forte como aço, mas ele não recuou, sabendo que ela falava assim para esconder seu mal-estar. Ele conhecia bem aquela tática, pois a tinha empregado muitas vezes.

“E aqui estava eu, esperando que você me daria um amuleto para usar na batalha.”

Ela estreitou os olhos.

“Eu deveria é sabotar o seu sabre.”

Temple ergueu a sobrancelha.

“Sabotar o sabre - é assim que vocês se referem a isso no Lar Maclntyre para Meninos?”

Bourne deu uma risadinha e Mara olhou de atravessado para ele. “Você é um marquês, correto?”

“Você é um Marques, correto?”

“Sou”

“Então diga-me, você costuma se comportar como tal? Eu só pergunto porque não parece que

seu amigo aqui goste de se comportar como um duque. Eu pensei que talvez a imaturidade fosse contagiosa. Como a gripe.” Admiração brilhou nos olhos de Bourne. Ele se virou para Temple. “Encantadora!”

“E ela está armada com láudano.”

Bourne aquiesceu.

“Não vou beber nada que ela me oferecer, então.”

“E uma faca”, ela acrescentou, seca.

Ele arregalou os olhos.

“E vou ficar de olho.”

“E uma boa ideia”, comentou Temple.

Mara bufou de desgosto, algo que ela devia fazer muito com seus pequenos protegidos.

“Você está para destroçar um homem e fica aqui fazendo *piadas*?” “Não é interessante que ela se arvore em defensora da moral?”, perguntou Bourne de sua cadeira.

Mara se virou para o marquês.

“Eu gostaria que você fosse embora, meu lorde.”

Bourne levantou o indicador.

“É melhor ter cuidado com seu tom, querida.”

Os olhos de Mara faiscaram de raiva.

“Imagino que você queira que eu me desculpe?”, perguntou ela.

Bourne se levantou, ajeitando o paletó perfeito. E inclinou a cabeça na direção de Temple.

“Peça desculpas para ele. Temple não é tão clemente quanto eu.” Bourne tirou o relógio do bolso e verificou a hora antes de se virar para o amigo. “Dez minutos. Você precisa de alguma coisa antes da luta?”

Temple não respondeu. Nem tirou seu olhar de Mara.

“Até depois, então.”

“Até depois.”

O marquês saiu, fechando a porta atrás de si. Mara olhou para Temple.

“Ele nem lhe desejou boa sorte.”

“Nós não dizemos *boa sorte.”* Ele foi até a mesa de centro e abriu a caixa de mogno, de onde tirou um bastão de cera maleável.

“Por que não?”

Temple pegou dois pedaços grandes e os colocou sobre a mesa, fingindo não estar ciente da presença dela no canto mais escuro da sala. Ele queria vê-la. *Não devia.*

“Boa sorte dá azar.”

“Isso é ridículo.”

“Isso é lutar no Anjo.”

Ela não retrucou, e apenas cruzou os braços em frente ao peito.

“Por que eu estou aqui?”

Ele pegou uma faixa comprida de tecido limpo da mesinha de madeira, prendeu uma ponta na palma e começou a enrolar a faixa ao redor da mão, tomando cuidado para não torcer nem dobrar. Esse ritual de todas as noites não servia apenas para proteger músculos e ossos, embora não houvesse dúvida que, no calor do combate, alguns dedos pudessem ser quebrados. O movimento tranqüilo também ajudava Temple a se lembrar do ritmo do esporte, do modo como os homens se comportavam há séculos nesse momento, minutos antes da batalha, acalmando coração, mente e nervos. Mas seus nervos não tinham nada de calmos com Mara Lowe na mesma sala que ele. Temple olhou para ela, apreciando o modo como o olhar dela estava fixo no movimento.

“Venha aqui.”

Ela o encarou.

“Por quê?”

“Quanto para enrolar para mim?”, ele indicou a mão com a cabeça.

Ella observou o movimento.

“Vinte libras”, ela disse.

Ele negou com a cabeça.

“Tente outra vez.”

“Cinco.”

Temple a queria perto, apesar de que não devia querer isso. E ele podia pagar.

“Feito.”

Mara se aproximou e tirou a capa, revelando o vestido cor de malva que Madame Hebert havia lhe prometido. Ela estava linda nele, com a pele como porcelana. O coração de Temple acelerou quando Mara se aproximou e parou à distância de um braço, pegando a caderneta preta que ela sempre carregava consigo.

“Cinco”, ela repetiu, marcando a quantia em seus registros. “E dez pela noite. Como sempre.”

E assim ela o lembrava de que tinha seus próprios motivos para estar ali. Ela devolveu o livreto ao seu lugar e pegou a mão dele. Sem luvas. De novo. Pele contra pele dessa vez. Calor contra calor. *Ele estava pagando por isso.* Talvez se Temple se lembrasse disso, conseguiria tirá-la da cabeça. O toque dela. O cheiro dela, limões na água. O gosto dela.

Mara continuou o ritual dele, com cuidado para enrolar a faixa de tecido ao redor do pulso e do polegar, mantendo as longas tiras firmes em contato com a pele dele.

“Você é muito boa nisso”, ele elogiou, e sua própria voz lhe soou estranha. Ela fazia isso com ele. Ela o fazia se sentir estranho.

“Eu já enfaixei ossos quebrados. Imagino que o princípio seja parecido.”

De novo, mais um fragmento sobre Mara, sobre o que ela fez. De quem ela foi. O bastante para Temple querer lhe fazer dezenas de perguntas que ela não responderia.

“E sim”, foi o que ele se conformou em responder.

Os dedos dela eram macios e firmes em suas mãos, despertando-lhe o desejo de senti-los apalpando outros lugares. Mara inclinou a cabeça sobre o trabalho que fazia e ele fitou o alto de sua cabeça, os cachos ruivos que ele ansiava tocar. Ele imaginou como ficaria o cabelo dela espalhado em ondas sobre seu travesseiro. No chão de seu quarto. Sobre seu peito nu. Sobre os seios dela. Ele desceu o olhar para os ombros dela, observando o modo como subiam e desciam a cada respiração, como se ela estivesse fazendo muito mais esforço do que realmente fazia. Ele reconheceu aquela respiração. Ele havia passado por isso. *Ela também o queria.* Mara prendeu delicadamente a extremidade da tira no próprio tecido. Ele testou a firmeza e ficou impressionado. Outra coisa que ela fazia bem.

Ele se virou para o lado e pegou outra faixa de tecido, que passou para ela, e estendeu a mão livre. Temple a observou repetir em silêncio o procedimento, enquanto seus músculos doíam sob o toque dela, desesperados por mais. Desesperados para retribuir o toque. Jesus, ele precisava de outro alongamento. *Não era só disso que ele precisava.* Mas era tudo que ele teria. Temple pegou uma máscara na gaveta ao lado.

“Coloque isso.”

Ela hesitou.

“Por quê?”

“Você aparecerá diante de Londres pela primeira vez esta noite.”

Mara ficou imóvel e Temple não gostou da sensação que essa atitude despertou nele.

“Mascarada?”, ela perguntou.

“Eu ainda não quero que você seja identificada.”

Eu ainda não quero que isto acabe.

“Esta noite”, ela repetiu.

“Depois da luta.”

“Se você não perder, quer dizer.”

“Mesmo se eu perder, Mara.”

“Se você não for brutalizado e ficar quase morto. Esse é o objetivo, não é?” Não era, mas ele não a corrigiu.

“Tudo bem; se eu não perder.” Temple inclinou a cabeça. “Mas eu não vou perder.”

“Qual é o seu plano?”, Mara perguntou.

“Você vai ver o Anjo Caído. Muitas mulheres matariam por essa oportunidade.”

Ela ergueu o queixo, orgulhosa.

“Eu não.”

“Você vai gostar.”

“Duvido.”

A obstinação dela o fez sorrir, e para esconder o sorriso ele tirou a camisa, puxando-a pela cabeça, desnudando o peito para Mara. Ela imediatamente olhou para o outro lado, bancando perfeitamente a senhorita pura e casta. Temple riu.

“Eu não estou nu”, ele disse, alisando o cós de sua calça e fingindo examinar uma ferida há muito cicatrizada em um dos braços enquanto olhava para ela. “Você já me viu antes, não viu?”

Mara olhou para ele, depois voltou a atenção à parede.

“Foi diferente. Você estava machucado!”

Os olhos dele ficaram sombrios.

“Antes disso”, ele provocou, sabendo que acertou em cheio quando o rosto dela ficou vermelho. Temple daria sua fortuna inteira para saber o que aconteceu naquela noite. Mas ele não iria simplesmente dar o que ela queria. Por uma questão de princípios.

E esse era o desafio que aquela mulher lhe apresentava. Que ficava entre os dois. Emocionante e ao mesmo tempo enlouquecedor.

“Você não administra um lar para garotos?”

Mara soltou uma exclamação de frustração e olhou para o teto.

“Não é a mesma coisa.”

“E exatamente a mesma coisa.”

“Eles têm de três a onze anos!” ela insistiu.

“E daí? Eles só são um pouco menores”, Temple fez pouco caso.

Ela ergueu as mãos, fazendo o sinal universal de frustração. Mara ficou em silêncio por um bom tempo.

“Eu não lhe agradeci por você ter dedicado seu tempo a eles, hoje”, ela disse, depois de refletir.

Um fio de prazer percorreu o corpo de Temple ao ouvir essas palavras - algo parecido com orgulho, mas ele ignorou.

“Você não precisa me agradecer.”

“De qualquer modo”, ela olhou para o chão, mas manteve os ombros eretos, “eles apreciaram imensamente os momentos que passaram com você.”

Aquele pequeno reconhecimento era uma concessão enorme na batalha que os dois travavam. Temple não resistiu à vontade de se aproximar dela, fazendo-a recuar pelo aposento. Ele sabia que isso a perturbaria, mas pareceu não se importar. Quando estava a cerca de trinta centímetros dela, Temple baixou a voz.

“E quanto a você? Também gostou?”

As bochechas dela pegaram fogo.

“Não.”

Ele sorriu ao ouvir a mentira.

“Nem mesmo quando eu beijei você?”

“Claro que não!”

Atraído pelo calor dela, Temple se aproximou ainda mais, fazendo-a recuar mais alguns passos. Ele finalmente a puxou pela cintura, adorando vê-la suspirar com seu toque, adorando o contato da seda do vestido dela, quente do seu corpo, contra seu peito nu. Ele deslizou a outra mão pelo braço de Mara, encontrou a mão dela e a ergueu até a tira de couro pendurada no teto. Mara sabia exatamente o que fazer e agarrou a tira enquanto Temple fazia o mesmo com sua outra mão. E então ela ficou, estendida e exuberante, com os braços acima da cabeça, como um sacrifício. Como um presente. Ela podia se soltar a qualquer momento. Negar-lhe aquele momento. Mas ela não fez isso. Ela simplesmente ergueu o rosto para ele, desafiando Temple, com seu lindo olhar, a chegar mais perto. A tocá-la. A tentá-la. Ele aceitou o desafio e pousou a mão no rosto dela, passeando com o polegar pelo arco da face. Deleitando-se com a maciez da pele por mais que dissesse a si mesmo que não estava reparando.

“Não?”

“Não”, ela exalou, e o som da respiração dela o deixou duro como pedra.

Temple admirou Mara dos pés à cabeça, detendo-se no decote escandalosamente baixo do vestido, onde os seios se apertavam contra o tecido por causa da posição, e ele ao mesmo tempo agradeceu e amaldiçoou Hebert por fazer o que ele havia pedido. Mara Lowe era a coisa mais tentadora que ele já tinha visto. No entanto, o mais estranho é que não foi o rosto, nem o corpo, nem aqueles seios perfeitos que subiam e desciam em um ritmo incerto que o convenceram disso. Foi o modo como ela o encarava, de cabeça erguida. Foi o modo como ela se recusou a se sentir intimidada diante dele. O modo como ela se recusou a ter medo dele. O modo como ela o enxergava de igual para igual. *O modo como ela olhava para ele.* Temple não era um assassino, e ela era a única pessoa no mundo que sempre acreditou nisso. A única pessoa que sempre soube da verdade. Ele ergueu o queixo dela, expondo o pescoço delicado, e colou um beijo prolongado na artéria que pulsava sob o maxilar, depois outro na curva suave entre o pescoço e o ombro.

“Tem certeza de que não gostou?”

As palavras provocavam a pele quente, e ela meneou a cabeça com um movimento inseguro, balançando-se na tira de couro, segurando com firmeza para enfrentar o impacto que a carícia tinha nela.

“Absoluta!”, ela teimou, com a respiração entrecortada, enquanto Temple continuava descendo pelo colo até chegar à elevação dos seios, beijando uma vez, duas, e uma terceira... até chegar ao limite do decote, por onde enfiou um dedo entre a seda e a pele, mal conseguindo deslizar pelo tecido justo, até encontrar o bico enrijecido que ansiava por ele. E pelo qual ele também ansiava.

Ele puxou a seda para baixo e falou:

“Nem mesmo agora?”

Mara soltou uma das mãos da tira de couro e a descansou nos ombros dele. A pele nua dela contra a dele. Temple sentia o desejo ardendo nos dois corpos.

“Nem mesmo agora.”

Era uma provocação. Um desafio. Um que ele não recusou. Temple deitou seus lábios no seio dela, e amou a exclamação que escapou dos lábios de Mara quando ele acariciou aquela pele sagrada com a língua, chupando-a lenta e delicadamente até a exclamação virar um gemido de prazer no quarto escuro. Ele não conseguiu se impedir de a puxar mais para perto, erguendo-a do chão e passando as pernas dela ao redor de sua cintura, venerando-a naquela sala que raramente

testemunhava prazer, e com frequência testemunhava dor.

Então Mara soltou a outra tira de uma vez, deixando-se sustentar apenas pelos braços fortes de Temple e enfiou os dedos no cabelo dele, segurando-o apertado contra ela, encorajando aquelas carícias, implorando por mais, desejando que ele lhe desse tudo que podia.

Temple estava duro e dolorido, cada vez mais excitado com o modo como ela o direcionava. Amando vê-la receber prazer com tanto abandono. Ele queria dar tudo que ela estava pedindo. Ele a pressionou contra a parede da sala, sustentando-a com seu tronco e enfiou as mãos por baixo da saia dela, deslizando as mãos pelas coxas, erguendo-a, mais e mais alto, sentindo o contato da meia fina na ponta dos dedos a até chegar à pele desnuda e deliciosa, acompanhando a curva da coxa até... até sentir o calor de Mara. Um calor fascinante, promissor, guardado por pelos perfeitos e macios. Uma promessa que ele não podia esperar para descobrir. Para explorar. Ele parou ali, erguendo os lábios para encontrar os olhos dela.

“Sim”, ela arfou.

Ele nunca tinha ouvido, em toda sua vida, palavra tão magnífica. Nunca tinha recebido permissão mais cobiçada.

“Diga de novo”, ele pediu. Para ter certeza.

“Sim”, a palavra o estremeceu; os dedos dela firmes em seu cabelo.

Ele daria qualquer coisa por uma noite com aquela mulher. *Mas eles já tinham feito aquilo?* Tal pensamento foi como um balde de água fria, e ele se afastou dela. Sentindo o ódio despontar novamente, embora o que sentia pulsar em seu corpo não era ódio nem de perto . Nada tão frio.

“Diga para mim”, ele passou os dedos no próprio cabelo, tentando apagar o rastro dos dedos dela. “Nós já fizemos isso? Nós fomos...”

Amantes. Por um instante, Temple pensou que Mara lhe responderia. Ele acreditou ter visto algo em seus olhos. Compaixão? Pior! Piedade. *Merda!* Ele não queria a piedade dela. Ela havia roubado aquela noite dele e se recusava a devolvê-la. Então a euforia foi se esvaindo do olhar dela, e ele soube o que Mara estava para dizer. Mas ele ergueu a voz antes que ela falasse.

“Conte-me!”

“Você sabe o preço dessa informação.”

Por uma fração de segundo, ele pensou que em outro lugar, em outra ocasião, ele teria achado que aquela mulher era perfeita em todos os sentidos. Ela tinha um caráter forte, firme e destemido. O mesmo caráter que o drogou em seu primeiro encontro. E no segundo. O mesmo caráter que a fez fugir para a escuridão na outra noite. O mesmo caráter que o definiu como um assassino há doze anos. O mesmo caráter que, sem dúvida, tentaria amolecê-lo outra vez. Mas aquele era o lugar dele. O momento dele. E ele nunca se sentiu tão furioso como naquele instante.

“Vou lhe dizer uma coisa, Sra. Maclntyre, se o orfanato não der certo, você vai fazer muito sucesso como prostituta!”

Mara ficou petrificada, por meio segundo, como um cervo diante do caçador, mas em seguida sua mão voou rápida e certeira até esbofetear com precisão admirável o rosto de Temple, que ardeu com a raiva dela e a vergonha dele.

Temple não se esquivou nem se abaixou. Ele aceitou o tapa como uma obrigação, sentindo-se o pior dos cafajestes. Ele não deveria ter dito aquilo. Ele nunca disse algo tão insultante para uma mulher. O pedido de desculpas estava na ponta de sua língua quando soou a campainha sobre a porta que dava acesso ao ringue. Mara baixou a mão, e o único sinal do golpe foi a ligeira aceleração de sua respiração e o modo como as palavras tremeram na garganta dela.

“O que é isso?”

O *que eles estavam fazendo?*

Temple se virou, recusando-se a tocar o lugar onde, sem dúvida, uma mancha vermelha estaria

despontando.

“Meu adversário está pronto. Vamos continuar isso depois da luta.”

Ela respirou fundo e ele odiou como aquele som delicado preencheu a sala - quase tanto quanto odiou quando ela falou:

“Espero que ele vença!”

Ele voltou à mesa, pegou a cera e a moldou em duas faixas compridas. “Eu tenho certeza que sim. Mas ele não vai ganhar.” Temple inseriu uma faixa e depois outra em sua boca, e não escondeu a forma como moldou a cera em volta dos dentes, desafiando-a a desviar o olhar. Mara observou os movimentos grosseiros por um momento antes de disparar seu golpe de despedida.

“*Boa sorte*, Alteza.”

Capítulo Dez

Um completo idiota. Um completo cafajeste. *Ele a chamou de prostituta.* Com a arrogância insidiosa que acompanhava o fato de ele ser rico e sem compromissos. *Um duque.* Temple sugeriu que se ela cobrasse um preço pela informação que ele queria, isso fazia dela uma vagabunda. Se ela fosse homem, Temple não pensaria assim. Se ela fosse homem, ele não diria isso. *Se você vai me tratar como prostituta, então vai me pagar como uma.* Bem, ela usou a palavra primeiro. Mas isso era diferente. Ele a virou do avesso com seu toque. Ele a seduziu. Ele a fez gostar dele. E então a chamou de prostituta. Ele merecia uma surra imensa. O grande e invencível Temple merecia apanhar. Dela.

Fervendo de raiva, uma Mara mascarada seguiu o guarda que havia lhe sido designado através de um corredor tortuoso, que a mantinha oculta dos membros do clube. Ela estava furiosa demais para se preocupar aonde estavam indo ou o que aconteceria a seguir - perdida demais na evisceração mental de Temple. Até que seu guia gesticulou, sinalizando que ela entrasse em um novo local, cuja porta fechou atrás de Mara, deixando-a sozinha em meio a uma multidão. *De mulheres.* A surpresa a fez estremecer. Mulheres não tinham lugar em um clube para cavalheiros. Em um cassino.

Ela passou os olhos pela sala, pela coleção de mulheres que tagarelavam. E reconheceu várias. Uma marquesa. Duas condessas. Uma duquesa italiana conhecida por seus escândalos. Surpresa e curiosidade se debatiam dentro de Mara enquanto ela observava o restante das mulheres - todas vestindo sedas e cetins deslumbrantes, algumas mascaradas, a maioria conversando como se estivessem reunidas para um chá de senhoras. Mas elas não eram mulheres quaisquer. Eram aristocratas. E foi somente quando se recuperou dessa descoberta que Mara reparou no que devia ter notado assim que foi conduzida àquela sala, como um carneiro levado ao matadouro. Uma parede inteira daquela sala comprida, estreita e extraordinariamente misteriosa era de vidro - um vidro enorme e escuro com vista para um salão cheio de homens, todos com trajes de noite, amontoados e formando um grande U, parados no mesmo lugar, mas gesticulando constantemente, rindo, gritando e se divertindo, vibrando como as folhas de um grande carvalho em pleno verão. Essa multidão rodeava um grande espaço vazio, delimitado por cordas e coberto de serragem, do qual as mulheres tinham uma visão perfeita, sem obstáculos. O ringue.

Mara se aproximou do vidro, incapaz de se conter, e estendeu a mão para tocá-lo, fascinada pelo brilho do salão. Ainda bem que ela pensou, bem a tempo, que os homens ali a veriam caso ela se aproximasse demais do vidro. Então ela se deteve e retirou a mão, mesmo sem conseguir compreender por que nenhum daqueles homens parecia interessado no vidro ou nas mulheres dentro daquela saleta. Estariam eles tão acostumados com mulheres assistindo às lutas que não ficavam escandalizados com a presença delas? Que não quisessem controlá-las? Mantê-las longe? Que tipo de lugar era aquele? Que tipo de lugar maravilhoso e perfeito?

“Eles não podem te ver”, explicou uma mulher que parou a seu lado, chamando a atenção de Mara para seus olhos, azuis e sérios, grandes e desconcertantes atrás de um par de lentes grossas. “Não é uma janela. É um espelho.”

“Um espelho.” Aquele vidro não parecia um espelho.

A confusão de Mara deve ter transparecido, porque a mulher continuou a explicação.

“Nós podemos vê-los... mas eles só veem o próprio reflexo.”

Como se combinado, um cavalheiro passou em frente ao ringue, ao alcance da mão, antes de parar por um instante e se virar para Mara. Ela se inclinou para frente, e ele fez o mesmo do outro lado, erguendo o queixo para ajeitar a gravata. Ela acenou a mão diante do rosto comprido e pálido. Ele mostrou os dentes. Ela baixou a mão. O cavalheiro levantou um dedo enluvado e o esfregou

sobre o sorriso torto, manchado de chá e tabaco, antes de se virar e se afastar. Várias mulheres na sala riram alto.

“Ora! Sem dúvida, o Lorde Houndswell ficaria terrivelmente constrangido se soubesse que todas nós observamos os restos de seu jantar.” A mulher sorriu para Mara. “Você acredita agora?”

Mara sorriu.

“Isso deve lhes proporcionar horas de diversão.”

“Quando não há uma luta para nos entreter”, respondeu outra mulher. “Olhem! Drake entrou no ringue.”

A conversa no interior da sala diminuiu quando as mulheres voltaram sua atenção para o jovem que passava por entre as cordas para chegar ao espaço coberto de serragem onde outros dois homens esperavam - o Marquês de Bourne e outro aristocrata, pálido e nervoso. A multidão na outra extremidade do ringue abriu caminho, revelando uma grande porta de aço, e a atmosfera da sala pareceu mudar, ficando densa de expectativa.

“A qualquer instante agora”, um suspiro feminino veio de vários metros adiante, e o ambiente todo - dos dois lados do vidro - pareceu parar, esperando. Eles esperavam por Temple.

E Mara percebeu que ela também o esperava. Ainda que o odiasse. E então ele surgiu, preenchendo o vão da porta como se esta fosse feita sob medida para o corpo dele - largo e alto, grande como uma casa. Temple estava nu da cintura para cima, com as escandalosas tatuagens à mostra, vestindo apenas um calção de camurça, que ficava justo em suas coxas imensas, e as longas faixas de tecido com que ela tinha envolvido os vales e montes dos nós de seus dedos, os músculos dos polegares e dos punhos, enquanto tentava não reparar nas mãos dele. Não lembrar da sensação que elas despertavam em sua pele. Não lembrar que ele era uma arma. E quando ele a beijou, Mara lembrou da verdade nisso. Ele realmente era uma arma, que bombardeava desejo pelo seu corpo. Ferindo-a com a lascívia.

“Ele é o maior e o mais lindo garanhão que eu já vi”, suspirou outra mulher, e Mara ficou imóvel, obrigando-se a não olhar. Obrigando-se a não se importar com a admiração e com o algo a mais que havia na voz dela -algo como experiência.

“E uma pena que ele nunca tenha se interessado por você, Harriet”, rebateu outra delas, provocando uma sinfonia de risos na sala.

Obrigando-se a não ligar para a mentira que era a experiência na voz da mulher. E então ele veio andando na direção delas, e talvez a mente de Mara estivesse lhe pregando peças, mas parecia que Temple olhava diretamente para ela, como se o vidro mágico fosse um espelho para todos no salão, menos para ele. Como se ele se conhecesse bem o bastante para nunca mais ter de observar o próprio reflexo.

Ele cruzou as cordas, e Bourne - que agora parecia pequeno, em comparação a Temple - aproximou-se do Sr. Drake e disse palavras que Mara não conseguiu ouvir. Drake levantou os braços e o marquês passou as mãos pelas laterais do corpo dele, tateando o tecido de seus calções com movimentos clínicos e ao mesmo tempo chocantes. Mara não conseguiu ficar quieta.

“O que eles estão fazendo?”

“Estão procurando armas. Os lutadores podem trazer um padrinho para garantir que a luta seja limpa”, explicou uma mulher que se aproximou dela.

“Temple nunca trapacearia”, Mara declarou, sem conseguir se conter, o que chamou a atenção das mulheres à sua volta. Mara sentiu o calor subir-lhe às faces enquanto ela olhava de uma para outra, até se deter na mulher que tinha falado, excepcionalmente alta e loira, com olhos castanhos que brilhavam como ouro, refletindo o brilho do ringue.

“Não”, concordou a mulher. “Ele não trapacearia.”

Ali. Ali estava a experiência que Mara havia interpretado mal antes. Aquela mulher, sim, o

conhecia. Ela era linda o bastante para tanto. Eles deviam ficar lindos juntos, combinando apenas na altura - com todo o resto em perfeito contraste. Ela imaginou os braços compridos daquela mulher em volta do pescoço dele, seus dedos longos enroscados no cabelo escuro de Temple. As mãos imensas dele na cintura dela. Possuindo-a. Amando-a. E ela o odiou outra vez, mas agora por outro motivo, mais confuso.

Um apito soou na outra extremidade da sala.

“O que eu não daria para ser o padrinho de Drake neste momento!”, suspirou uma mulher.

Mara voltou sua atenção para o ringue, onde o aristocrata bem vestido se aproximou de Temple, indicando, meio sem jeito, que ele também devia levantar os braços. Foi o que Temple fez, e os músculos de seu peito e abdome se destacaram com o movimento. Mara sentiu a boca secar com essa imagem dele, esperando que o outro o revistasse à procura de armas, com um sorriso irônico nos lábios, como se tivesse o próprio diabo a seu lado e, portanto, não precisasse de truques. Ela o imaginou com os braços acima da cabeça, alongando-se na tira de couro em seus aposentos, onde ela mesma havia se pendurado, o couro frio machucando suas mãos, um contraste com o calor dele. Com seu toque. Com seu beijo. Mas ela o odiava.

“Vai logo, homem! Mete a mão nele!”

“Pega nele com gosto!”

“Reviste bem todas as saliências grandes!”

As mulheres competiam pelo incentivo mais indecente, rindo e gritando enquanto o aristocrata no ringue revistava o Duque de Lamont com uma agilidade produzida por medo, constrangimento ou as duas coisas.

“Não tão rápido!”

“Nem tão mole!”

“Aposto minha fortuna que Temple gosta de uma mão firme!”

“Você quer dizer a fortuna do seu marido, né?”, veio a réplica, e a ruiva junto ao vidro se virou para a sala com um grande sorriso no rosto bonito.

“O que o conde não sabe, o coração dele não sente. Olhem só o tamanho do Temple!”

“Dez libras que ele é *todo* grande!”

“Ninguém vai aceitar essa aposta, Flora”, alguém retrucou, o tom de voz divertido. “Nenhuma de nós quer que você esteja errada!”

“Eu arriscaria uma noite com o Duque Assassino para descobrir.” Gargalhadas fizeram a sala estremecer, e quase todas as mulheres se divertiram muito com aquela ideia - o que ficou evidente com as contribuições obscenas que fizeram. Mara deu uma boa olhada pela sala, analisando a longa fileira de sedas, cetins, maquiagens e penteados perfeitos, e percebeu como as mulheres praticamente salivavam por Temple, lembrando de sua alcunha, mas não da verdade que carregava - ele era um duque e merecia o respeito delas. Também não lembravam que, mesmo que ele não fosse um duque… ele não era um animal. Que era como se referiam a ele. *Que era como as ações de Mara as faziam se referir a ele.* Essa percepção veio inundada de arrependimento, e da convicção de que se pudesse voltar no tempo… e mudar tudo, ela teria encontrado outra forma de fugir daquela vida. Uma forma que a teria livrado dos grilhões de um pai cruel e um marido frio, sem manchar aquele homem com tamanha vergonha, tão perversa e desagradável. Mas ela não podia voltar no tempo. Essa era a vida deles. Sua dança. Sua batalha.

Graças aos céus, os padrinhos completaram a revista, e Temple traçou uma linha na serragem com a ponta do pé, no centro do ringue. Mesmo naquele momento, que devia ser bruto e despreocupado, ele foi gracioso.

“A linha de início”, explicou a mulher a seu lado. “Os homens começam um de cada lado dessa linha. E se enfrentam por quantos assaltos forem necessários, até que um deles caia e não se levante

mais.”

“Apostas encerradas, senhoras”, o homem de pele escura que acompanhou Mara até aquela sala falou pela primeira vez, lembrando-a de que estavam em um antro de jogatina - que mesmo aquele momento valia dinheiro para O Anjo Caído.

Temple esperava, imóvel, que Drake se aproximasse. A narração continuou. “Temple sempre permite que o adversário dê o primeiro golpe.”

“Por quê?”, Mara perguntou, detestando a ansiedade que sua voz demonstrava. Afinal, ela foi arrastada até ali, contra sua vontade, para assistir àquela expressão de brutalidade pura. Então por que, de repente, ela se importava tanto com a resposta?

“Ele nunca perdeu”, a mulher explicou. “Ele gosta de dar uma chance a seus adversários.”

Uma chance. Algo que ele próprio nunca teve. Temple era um homem bom. Mesmo que ninguém enxergasse isso. Por mais que ela não desejasse acreditar nisso.

Mara olhou para os pés dele, para as tatuagens pretas nos braços imensos, para a miríade de cicatrizes em no peito e no rosto, além da mais recente, no braço, ainda ostentando os pontos que ela tinha dado. Mas não conseguiu contemplar o olhar escuro, não conseguiu se forçar a enxergá-lo como um todo e encarar as coisas que ela fez para ele, que o colocaram ali, naquele ringue, sendo observado por metade de Londres. Por pessoas que apostavam nele. Que se maravilhavam com sua força, como se Temple fosse uma criatura engarrafada em uma exposição de curiosidades. Então Mara desviou o olhar para Drake, que era mais fácil de observar. E percebeu que ele inspirava fundo, preparando-se para o combate.

A luta começou, brutal e implacável. Drake atacou Temple com força inegável, mas Temple desviou o golpe, inclinando-se para trás e usando o impulso do outro para lhe tirar o equilíbrio e acertar um golpe poderoso em seu flanco. O soco foi forte e preciso, e Drake cambaleou, segurando-se nas cordas do ringue antes de se voltar para encarar Temple. O imenso duque continuava na linha de início, com a respiração praticamente inalterada. Ele esperava.

“Ihhh, a luta não vai ser grande coisa esta noite, garotas”, comentou uma das mulheres. “Drake vai cair como uma pedra.”

“Todos eles caem”, disse outra.

“Seria tão bom se houvesse pelo menos algum adversário que conseguisse manter Temple por mais tempo no ringue”, suspirou uma terceira, e Mara desejou que todas aquelas mulheres calassem a boca.

Drake atacou novamente, com os braços abertos como uma criança pedindo um abraço. Ele não teve chance. Temple se movimentou rápido como um relâmpago, desviando os braços estendidos que vinham em sua direção e desferindo um soco violento no maxilar de Drake e outro logo depois no tronco. Drake caiu de joelhos e Temple imediatamente recuou.

Mara observou o rosto dele, e não havia nenhum sinal de triunfo ou orgulho que se poderia esperar. Não havia emoção ali - nada que revelasse seus sentimentos em relação à luta. Temple esperou, com uma paciência de Jó, enquanto Drake se apoiava com as mãos abertas no chão coberto de serragem e o salão inteiro permanecia em silêncio.

“Será que ele vai conseguir se levantar?”

Mara viu o homem caído tentar respirar profundamente, seu peito subindo uma, duas vezes, até que ele ergueu a mão e fez o sinal universal de *chega*.

“Aaah”, uma das mulheres suspirou se queixou, decepcionada. “Uma desistência.”

“Vamos lá, Drake! Lute como homem!”

As mulheres gemeram e choramingaram, como se tivessem perdido um brinquedo favorito. Mara se virou para a mulher que havia se tornado sua guia para os eventos no ringue.

“E agora?”

“Uma desistência é uma perda imediata.”

Enquanto a mulher falava, Mara viu Temple dar um passo à frente e estender a mão para seu adversário. Drake aceitou a ajuda de Temple, e se pôs de pé, pouco firme. O idoso coletor de apostas na lateral do ringue apontou o dedo para a bandeira vermelha em um dos *corners*, e a multidão dos dois lados do vidro irrompeu em gritos e vaias.

“E Temple venceu”, a mulher explicou para Mara, “mas não do modo que eles queriam.”

“Vitória é vitória, ou não?”

A moça ergueu uma sobrancelha, divertindo-se.

“Diga isso para os homens que perderam horas de entretenimento em trinta segundos.”

Ela voltou a observar o ringue, enquanto os homens no salão protestavam, abanando tiras de papel. Em seguida, prosseguiu:

“Esses homens apostam quantias absurdas nas lutas, nunca contra o Temple, mas apostam o número de assaltos que a luta vai durar, quantos socos Temple vai dar... até a maneira como Drake iria cair.” A mulher fez uma pausa. “Eles não gostam de lutas curtas.”

“Anna”, o homem no canto da saleta a chamou e a moça se virou para ele.

Ele fez um sinal de cabeça e a moça voltou sua atenção para Mara.

“Com licença, creio que o dever me chama.” Mara franziu o cenho e a mulher deu uma piscadinha. “Clientes infelizes precisam... se divertir.”

Mara entendeu. A mulher era uma prostituta. Uma muito bem paga, se Mara tivesse que adivinhar.

“É claro.”

A mulher acenou a cabeça, despedindo-se de Mara.

“Minha lady.”

“Oh, eu não sou...”, Mara tentou corrigir.

Anna sorriu.

“Nós que não somos temos que nos ajudar.”

E então ela se retirou, e Mara ficou observando o que acontecia após a luta, consciente de que não merecia nenhum tipo de honorífico, considerando as conseqüências de suas ações passadas. Temple parecia não se importar com os gritos e as discussões dos homens ao seu redor, desesperados por um meio de recuperar suas apostas. Então ele se virou para o espelho, divisando toda sua extensão com aqueles os olhos negros e profundos.

“Estou aqui!”, exclamou uma mulher perto de Mara.

Ele fez uma saudação com a cabeça, provocando risos e suspiros em toda a sala, e deixando Mara sem fôlego, pois ela sabia que, com o fim da luta, ele viria atrás dela. E, ao pensar nisso, Mara se lembrou da última conversa que tiveram. Das palavras que Temple usou. Do golpe que ela disparou. Da cama de gato que ela armou para os dois, em que eles eram inimigos. Na qual ela faria tudo que pudesse para recuperar seus fundos, e ele faria tudo ao seu alcance para conseguir sua vingança. Mara sentiu a raiva lhe inflamar novamente.

“Pobre Temple!”, alguém gritou. “Ele praticamente não lutou!”

“Ah, eu bem que gostaria de lutar com ele”, retrucou outra mulher, e a insinuação fez o resto da sala soltar risinhos.

Eu não luto com mulheres. Quantas vezes ele disse isso naquela primeira noite? Mas e se uma mulher o desafiasse assim mesmo? A vista de todos? E se uma mulher se dispusesse a enfrentá-lo pelo dinheiro que era dela por direito? E se ela o encurralasse naquele *comer* que ostentava sua bandeira vermelha com tanta arrogância? *Ele desistiria?* Ela poderia vencer? O coração bateu acelerado em seu peito. *Ela poderia.* Aquele momento e aquele lugar eram sua resposta. O Marquês de Bourne estava no ringue com ele, e os dois conversavam. A mente de Mara estava num turbilhão.

Se fosse assim tão fácil.

Um homem de óculos, magro como um graveto, materializou-se ao seu lado.

“Temple solicita sua presença nos aposentos dele. Eu irei conduzi-la até lá.”

Excelente.

“O que mais quero é me encontrar com o duque.”

Mara pretendia colocá-lo em seu devido lugar. Provar que ele estava errado. Provar que ela era mais forte, inteligente e eficaz do que ele pensava. Ela ia fazer Temple se arrepender de suas palavras. Ia fazer com que as retirasse. Ele soube distraí-la muito bem com aqueles beijos. Com aquelas gentilezas estranhas, inesperadas, que haviam solapado sua atenção na guerra que eles travavam. Mas aí ele a chamou de prostituta. E ela se lembrou qual era o objetivo dele. E o seu também. Temple queria vingança; Mara queria a segurança do orfanato. E ela iria conseguir o que queria. Hoje à noite.

Mara sentiu a determinação redobrar dentro de si, e emergiu do corredor silencioso para um amontoado de corpos, sentindo-se grata pela máscara, pelo modo como ela focava seu olhar - tornando irrelevante a origem ou o destino de todos aqueles homens que atravessavam seu campo de visão. A máscara transformava aquela noite toda em um tipo de espetáculo - como se todos aqueles homens fossem meros figurantes que preparavam o palco para uma cena maior, mais importante. Para o ator principal. *Temple.*

Ela se deixou guiar de volta aos aposentos de Temple, onde o homem a deixou no ambiente mal iluminado, fechando a porta atrás dela, trancando-a sem hesitação. Mas Mara atravessou a sala imediatamente, dirigindo-se para a entrada que levava à porta de aço que observou do outro lado do ringue. Sabendo aonde ela levava. Ela a abriu com um empurrão, com um plano claro na cabeça - tão claro quanto o plano de doze anos atrás que a colocou nesse caminho. Que a levou até ali. Àquele momento. Àquele homem.

Mara ignorou os homens dos dois lados do corredor que marcava o caminho até o ringue, feliz por estar mascarada nesses poucos quinze metros, ainda que seu olhar não registrasse ninguém que não o homem enorme que continuava no ringue, de costas para ela enquanto apertava a mão dos que vinham lhe dar os parabéns. O coitado não tinha ideia do que estava prestes a acontecer. Mara estava tão concentrada em Temple que não viu o Marquês de Bourne até ele aparecer na sua frente, agarrando-a pelos braços.

“Acho que não”, ele disse.

“Você não vai me segurar”, ela o encarou.

“Acho que você não gostaria de me testar.”

Mara riu ao ouvir aquilo.

“Diga-me, Lorde Bourne”, disse Mara, estudando suas opções. “Você realmente acredita que tem algum papel nisso tudo? Minha vida inteira me trouxe até aqui.”

“Não vou deixar você arruinar a vingança dele”, Bourne retrucou. “Se quer saber o que penso, você merece tudo que lhe acontecer, pela destruição que provocou.”

Pode ter sido a sugestão de que ele sabia do longo passado que havia entre Mara e Temple. Ou pode ter sido a pretensão ridícula nas palavras dele, como se o Marquês de Bourne pudesse fazer o planeta parar de girar em seu eixo, se assim quisesse. Ou pode ter sido o olhar convencido em seu rosto. Ela não saberia dizer. Mas Mara não hesitou, e empregou toda sua força e habilidade, e as lições que aprendeu vivendo doze anos sozinha, sem ninguém para cuidar dela, além da aula que teve com o homem no ringue. Bourne nem viu o soco chegar. O aristocrata convencido cambaleou, soltando uma exclamação de choque e surpresa junto com o filete de sangue que escorreu de seu nariz, mas Mara não teve tempo para se deleitar com seu feito.

Ela chegou ao ringue e atravessou as cordas em questão de segundos, e no momento em que pôs os pés ali, sobre a serragem, o salão inteiro se calou. Os homens que gritavam querendo ser pagos

por suas apostas e exigiam uma segunda luta se viraram para ela, como camadas de cebola se soltando no cozido.

Temple demorou um instante para perceber o silêncio. Para perceber que era direcionado a ele. Ao ringue. Mara sentiu uma pontada de insegurança, e um arrepio frio lhe percorreu a espinha. Mas ela não permitiu que continuasse. O que estava para acontecer era escolha dela. Era seu próximo passo. Ela encarou os olhos pretos de Temple quando ele começou a vir na direção dela, e percebeu a surpresa neles. Irritação. Frustração. E algo mais. Algo que ela não conseguiu identificar antes que fosse suplantado por um olhar implacável.

Mara respirou fundo de anunciar, em alto e bom som, naquele salão enorme:

“Eu também tenho uma dívida com O Anjo Caído, duque.”

Todos os olhos se arregalaram, impressionados, mas Temple não falou nada.

“Então me diga. Vai aceitar meu desafio?”

Capítulo Onze

Se tivessem lhe oferecido dez mil libras para adivinhar quem entraria no ringue a seguir, Temple nunca teria imaginado que seria ela. Mas quando o salão ficou em silêncio e ele deu as costas ao grupo de homens que estava atrás das cordas na sua frente, para ver o que os havia distraído, ele *soube* que seria Mara. Por mais que tivesse certeza de que não poderia ser. Mas lá estava ela, altaneira, orgulhosa e firme no centro do ringue, com o sangue de Drake espalhado a seus pés, como se estivesse em uma casa de chá. Ou em uma lojinha de miudezas. Como se fosse perfeitamente comum uma mulher mascarada entrar em um ringue de boxe, no meio de um clube para cavalheiros. Ela era louca de pedra!

E então Mara falou, lançando seu desafio com a voz calma, como se fosse seu direito fazê-lo. Como se o clube inteiro não fosse explodir com esse escândalo. E quando explodiu, foi em uma cacofonia de pigarros, gargalhadas e grunhidos ofendidos que rapidamente se transformou em uma algazarra indefinida. Sob o abrigo do ruído, Temple se recompôs e se aproximou dela, sua adversária em todos os aspectos, ao mesmo tempo em que não era sua adversária em sentido nenhum. Ele franziu o cenho.

Ela não se mexeu, e ele desejou arrancar aquela máscara para poder ler sua expressão. Bem, ele poderia arrancá-la, naquele instante, se quisesse. Temple poderia acusá-la de blefe, desmascará-la na frente dos homens mais poderosos de Londres, e retomar a vida que foi congelada no tempo por doze anos. E a que foi congelada no tempo há menos de uma semana. Mas assim ele não conseguiria ver até onde ela iria.

Temple se inclinou um pouco e falou de modo que só Mara pudesse ouvir. “Que jogada corajosa.”

Ela imitou o movimento, curvando os lábios delicadamente. Provocando-o. Tentando-o.

“Prostitutas devem ser corajosas, pelo que fiquei sabendo.”

E com isso ele entendeu. Ela estava furiosa. E deveria estar mesmo. Ele a tinha chamado de prostituta. A culpa o inundou, acompanhada de frustração e fascinação. Mas Mara não lhe deu tempo de encontrar a resposta correta. E foi melhor assim, pois ele não tinha certeza de que encontraria. “E a primeira jogada tem que ser corajosa, não acha?”

A culpa foi afastada pelas palavras dela. Pelo desafio que traziam. Pela emoção que pipocava nele todas as vezes que se enfrentavam. Uma sensação mais poderosa do que qualquer outra que ele já havia experimentado.

“E você acha que eu vou te deixar vencer?”

A curva nos lábios dela se transformou em um sorriso.

“Acho que você não tem escolha.”

“Você calculou mal sua jogada.”

“Como assim?”

Temple a encurralou.

“Meu ringue, minhas regras.” Ele ergueu a mão para o salão, e a multidão de homens - duzentos, talvez mais - ficou quieta. Mara arregalou os olhos, atrás da máscara, ao perceber a facilidade com que ele controlava o espaço e seus habitantes.

“Cavalheiros!”, Temple falou alto para todos. “Parece que a diversão ainda não terminou esta noite.” Ele se aproximou dela e o aroma suave de limões o envolveu - algo limpo naquele espaço imundo. Luz onde havia escuridão. O lugar dela não era ali. Mas, de algum modo, era.

Talvez ele apenas não quisesse que ela fosse embora, mesmo sabendo que deveria. Mara estava

ao alcance de sua mão, e ele a puxou para perto de si, encaixando sua perna entre as pernas dela, adorando sentir as saias de seda aderiram ao seu calção. Adorando senti-la, firme, em seu braço. Mas detestando, também, a maneira como ela consumia seus pensamentos quando estava perto dele. O modo como ela o distraía de seu objetivo. *Vingança.*

Temple a puxou mais para perto, e ela exclamou, apoiando as mãos em seu peito nu, seu toque frio e suave contra a pele suada dele. Temple baixou a voz, para que só ela escutasse.

"Você fez a fama, agora deite na cama."

Ela ficou paralisada ao ouvir aquilo, como se tais palavras tivessem um significado especial para ela, mas durou meio segundo. Talvez menos.

"Então, Alteza, eu vou deitar e rolar."

Mara o surpreendeu de novo, tecendo ousadia, provocação e algo mais em suas palavras. Temple se perguntou se as imagens que despontaram em sua cabeça também apareceram na dela - os dois na cama. Nus. Enrolados. Maravilhosos. *Iguais.*

Temple se voltou para a multidão, odiando aqueles olhares famintos fixados em Mara, mesmo sabendo que eram necessários.

"Será que eu devo revistar a moça?"

Um rugido de aprovação veio dos homens, e ele começou a revistá-la, sabendo que a faca que ela costumava carregar religiosamente não devia estar longe. Ela arfou quando ele desliou as mãos por sua cintura e por seu quadril, e Temple reconheceu o som de prazer. Ele a fitou nos olhos.

"Nunca pensei que você fosse uma exibicionista."

Ela apertou os lábios.

"Eu não iria começar agora."

"Humm", ele deixou o som reverberar. "Suas ações desta noite sugerem o contrário." No bolso da saia, ele tateou a caderneta que catalogava a história deles em libras e xelins. Mara percebeu e o alertou:

"Cuidado, Alteza, para que esta noite não lhe custe mais do que pensa."

Ele não conseguiu segurar o sorriso quando encontrou o cabo da faca.

"Hebert lhe fez um bolso?"

Ela apertou os olhos para ele por trás da máscara.

"Eu achei que tinha deixado claro que sou bem hábil com agulha e linha."

Temple não conseguiu conter a risada que veio. Aquela mulher era admirável. Ela ganhou um vestido que custava mais que seu salário de um ano inteiro, e imediatamente instalou um bolso para manter sua arma por perto. Ele puxou a faca e a ergueu para a multidão.

"A moça está equipada com aço."

Em mais de uma maneira. Os homens rugiram de tanto rir e Temple arremessou a faca para o outro lado do ringue, ignorando aonde ela foi parar depois de deslizar pela serragem. Ele estava concentrado demais em Mara.

"Uma mulher não pode se descuidar, Alteza." Foi a vez de Mara erguer a voz. Atuar para a platéia. Fazer os homens rir. Ela sorriu para ele, brilhante e luminosa, e Temple desejou que eles estivessem em qualquer lugar, menos ali. "Mas e quanto ao meu desafio? Não estamos em pé de igualdade agora que você tomou minha faca?"

A multidão entrou em erupção, com gargalhadas e um coro de provocações, e Temple percebeu o que ela estava fazendo.

"Não no ringue, meu amor. Mas talvez nós possamos encontrar outro lugar para... discutir o assunto."

Os homens choraram de rir, mas ela ficou rígida em seus braços e suas palavras atravessaram o salão.

“Acho que não. Você é dono de um débito meu. Estou aqui para recuperá-lo. As coisas são assim no Anjo, não?”

Oooh, entoou a multidão. Temple balançou a cabeça lentamente, atuando para a platéia, ainda que falasse para ela, com a voz baixa e séria.

“Não luto com mulheres”, ele respondeu, rememorando a primeira vez em que disse isso para ela. O homem que era então. Com dúvidas a respeito de si. Com dúvidas a respeito de suas ações. Agora, não mais.

Mara continuava com as mãos apoiadas no peito dele, e cerrou o punho de uma delas ao falar:

“Diga-me, Alteza, algum deles já desafiou você aqui? No ringue?”

“E um bom argumento, Temple!”, alguém na multidão gritou.

“Eu lhe dou cem libras para me deixar aceitar o desafio por você, Temple!” “Apenas cem? Eu dou quinhentos por uma garota assim! Aposto que ela é uma maravilha sobre os lençóis.”

Temple se desvencilhou de Mara e se virou para ver quem falava. Oliver Densmore, o maior cretino de Londres, pendurado nas cordas, a língua praticamente pendurada na boca. O duque resistiu ao impulso de fazer o homem engolir os dentes.

“Bem, Alteza?”, Mara chamou sua atenção. “Alguma vez já foi desafiado por alguém do meu sexo?”

A palavra *sexo* o agitou como um soco, e ele teve certeza de que ela era o oponente mais habilidoso que já tinha enfrentado naquele ringue.

“Não.”

Ela se virou, lentamente, para mostrar o rosto mascarado para todo o salão, parando, enfim, para se observar no espelho atrás do qual, sem dúvida, as mulheres tagarelavam, fofocavam e se perguntavam quem era ela. Mara encontrou o olhar de Temple no espelho e sorriu, a expressão aberta e bem-vinda, e pela primeira vez desde que se encontraram naquela ma escura de Londres, Temple se flagrou pensando em como seria se aquele sorriso fosse algo comum em sua vida. “Ah”, ela disse, as palavras percorrendo o salão. “Então você desiste.” Ele hesitou, sem gostar do desconforto produzido por tais palavras. “Não.”

Mara se virou para o coletor de apostas, cujos olhos arregalados corriam o risco de cair de seu rosto.

“Não é assim que funcionam as lutas, meu senhor? A luta acontece, ou um lutador desiste?”

O homem abriu e fechou a boca, olhando para Temple à espera de orientação. *Homem esperto.* Temple cruzou os braços à frente do peito e salvou o coitado.

“Existem outros modos de luta. Outros modos para eu vencer.”

Ela olhou para trás e viu aqueles lábios desenharem um sorriso calmo e desafiadore. E insuportavelmente tentador.

“Outros modos para *eu* vencer, você quer dizer.”

A multidão enlouqueceu. Eles a adoravam, a mulher misteriosa que parecia ter Temple e o resto do mundo na palma da sua mão. E de algum modo, naquele momento, ele também a adorou. Temple chegou ao lado dela em um instante e a pegou nos braços, puxando-a para si, e devorou seus lábios. Tomando-a para si na frente de Londres e de Deus. Deliciando-se com sua doçura. Seu tempero. O rugido da multidão começou a sumir enquanto ele a consumia em um beijo animalesco demais, escaldante demais, até perceber que ela acrescentou sua própria paixão. Seu próprio fervor. Ela sentia o mesmo. Ela o queria tanto quanto ele a desejava. *Que desastre!* Mas ele se preocuparia com isso mais tarde. Temple a beijou mais e mais, suas mãos subiram para envolver o rosto dela e a segurar enquanto ele a reivindicava com seus lábios, língua e dentes, até o mundo todo desaparecer e não restar mais nada além dela. E dele. E daquele momento. E da combinação perfeita de seus corpos. Do que ele sentia por ela. Do que ela sentia por ele.

Mas eles não estavam a sós, é claro. E ele estava perto de possuí-la bem ali, na frente de toda Londres. *Jesus.* Ele a estava beijando na frente de *toda Londres. Ele estava arruinando Mara.* Ele parou e tirou seus lábios dos lábios dela, adorando o modo como ela perseguiu sua boca, adorando o modo como ela ansiava por ele, assim como ele ansiava por ela. *Não.* Ela estava arruinada. Como se fosse a prostituta que ele a tinha acusado de ser. A prostituta que ele queria que todos pensassem que ela era. Só que naquele momento o plano pareceu imperfeito, *fesus! O que ele estava fazendo?* Esse era o objetivo, não? Vingança? Mas aquilo parecia errado. O plano não incluía desejo. Nem paixão. Nem emoção. O *que aquela mulher tinha feito com ele?*

Mara ergueu uma sobrancelha ruiva.

"Bem, Alteza? O que vai ser, luta? Ou desistência?"

"Nenhuma das duas."

Temple não esperou que Mara respondesse, e simplesmente a pegou no colo, grato que a máscara continuasse no rosto dela, e a carregou para fora do ringue, sob os aplausos de Londres. Teria sido um plano excelente, não fosse pelo homem que bloqueava seu caminho.

Christopher Lowe.

***

Com o coração ecoando, Mara foi pega no colo por Temple, e estava distraída demais pela força dele, e pela empolgação com a luta verbal que travaram, com a euforia de conseguir perturbá-lo, para perceber que ele tinha parado. Ela não notou até ele a colocar novamente no chão, seu corpo deslizando pelo dele até seus pés tocarem o chão coberto de serragem.

"Lowe", ele rosnou, com a voz baixa e sombria, e Mara se virou na direção da palavra. Ele iria revelar sua identidade? Ela achou que era uma boa jogada. O xeque-mate do jogo que disputavam. Mas veio a decepção.

Ao perceber que Temple não olhava para ela. Que ele olhava para além de Mara, por cima de seu ombro direito, bem nos olhos de seu irmão, que estava a vários metros de distância, no limite do ringue, com frustração e algo pior estampado em sua expressão. Algo perturbador. Algo incalculável.

"Você acha que ganhou? Você acha que pode tomar tudo que tenho..." Ele fez uma pausa. "Até a minha irmã?"

O salão ficou em silêncio, e cada homem presente se empertigou para ouvir a conversa. Mara deu um passo na direção do irmão, sabendo que ele estava furioso. Ansiosa por acalmá-lo. Para mantê-lo longe de Temple. Para que ele não arruinasse seus planos. Para que não estragasse o que ela estava construindo. As coisas boas e as ruins.

Temple a deteve segurando seu braço, e imediatamente se colocou entre ela e o irmão. Christopher balançava a cabeça e ia na direção de Temple, guiado pela estupidez e pela fúria, berrando bem alto.

"Toda Londres pensa que você é um vencedor. Um herói! Mas o Duque Assassino não passa de um covarde." Então olhou para Mara e ela reconheceu o ódio ali, ódio que deixava Kit tão parecido com seu pai. "Covarde e cafetão."

O salão foi rasgado por uma exclamação em uníssono, de Mara e de todos os outros. As palavras foram um golpe, desferido pelo único homem ali que devia estar realmente preocupado com a reputação de Mara. Temple teria de lutar com ele. Ele não tinha escolha e Kit sabia disso. Não se podia chamar um homem de covarde sem ter de enfrentá-lo em uma luta. Mara foi na direção do irmão, querendo detê-lo. Querendo ela mesma lhe dar uma boa surra.

Temple colocou o braço à frente de seu peito. Então se virou para ela e falou baixinho, para que somente Mara o ouvisse.

“Não! Esta luta é minha.”

Também havia raiva no olhar dele. Mas era diferente. *Era por ela.* Quem era esse homem?

Kit não percebeu a raiva, cego que estava por sua própria fanfarronice.

“Você se recusa a lutar com um homem que tem um motivo honesto para isso.” Ele ergueu os punhos. “Mas agora eu estou aqui, e você não pode me ignorar. Você vai lutar comigo!”

Essas palavras despertaram os homens reunidos no salão. Eles começaram a se mover como um só organismo, bombardeando os coletores em todo o salão, ansiosos para fazer suas apostas.

“Essa é a Luta do Século!”, alguém bradou.

“Duzentos no Temple em vitória imediata!” Outro gritou: “Um *round*... de novo!”

“Cinqüenta libras que Temple quebra três costelas do Lowe!” Outra voz grave gritou.

“Setenta e cinco que o Duque Assassino vai fazer jus ao apelido!”

Londres esperava há uma década por essa luta. Mais tempo. O Duque Assassino contra o irmão da sua vítima. O verdadeiro Davi contra Golias. As palavras de Kit, ditas em seu encontro poucos dias atrás, ecoaram em Mara. *Eu não me livrei disso. E agora, nem você.* Ele iria arruinar tudo. Perderia tudo, de novo. E, ao mesmo tempo, destruiria tudo pelo que ela estava lutando. Temple teria sua vingança; ela ficaria sem nada. A esse pensamento, Mara deveria ter se resignado. Ou ficado devastada. Deveria ter tido impulso de fugir. Mas, em vez disso, ficou triste, pois houve um momento em que pensou que conseguiria conquistar tudo. O dinheiro, o orfanato... e o homem. Ela afastou esse pensamento. Temple não podia ser conquistado. Não por ela, pelo menos. *Ela não o merecia.*

Agora, depois disso, ele se livraria dela. Temple se virou para Mara, e a afastou para as cordas.

“Temple”, ela disse em voz baixa, sem saber o que dizer em seguida.

Esse não era meu plano. Eu não sabia que ele estaria aqui. Vença. Ele não olhou para ela. Era como se Mara não existisse. E naquele momento, nada mais importava. Tudo que ela queria era que ele a visse. Tudo que ela queria fazer era voltar. Para a modista. Para a noite na rua em frente à casa dele. Para doze anos atrás. Tudo que; ela queria era mudar o passado.

“Temple”, ela chamou, de novo, desejando que apenas a menção do nome dele dissesse tudo que precisava ser dito. Mas ele a ignorou, passando-a por cima das cordas para o Marquês de Bourne, que estava do outro lado. Bourne a pegou e a segurou, mantendo-a a salvo da multidão ao redor. “Ele deveria te matar por armar esta emboscada.”

Meu Deus! Eles não podiam pensar que ela planejou isso. *Ele* não podia pensar. Só que isso seria exatamente o que ela pensaria se a situação fosse inversa. E ela e Temple eram dois lados da mesma moeda. Ela lhe diria tudo depois que ele vencesse Kit. Tudo. Desde o começo. Ela lhe contaria que o dinheiro pertencia ao orfanato. Que ela lutava pelos meninos e nada mais. Que ela não lhe queria mal. Que ela desejava que ele vencesse. Mas no momento ela não tinha escolha a não ser assistir à luta. Temple encarou Christopher - e a encarou - e ela percebeu que aquele combate não seria em nada igual à luta com Drake. Havia emoção nos olhos de Temple dessa vez. Raiva. Fúria. *Mais.*

Ele riscou a serragem com o pé, formalizando um início forte e inegável. Ou talvez fosse o fim. A luta começou, e mesmo naquela situação Temple seguiu suas regras, permitindo que Christopher desferisse o primeiro golpe. Seu irmão atacou Temple com uma intensidade feroz, disparando um soco no olho dele.

Mara não estava esperando o som do osso contra a carne, do impacto dos punhos quando atingem seus objetivos com baques surdos. Do impacto das juntas quando batem no osso. E aquilo revirou seu estômago enquanto ela observava Temple tomar o primeiro golpe, depois outro e então um terceiro. E, então, como se estivesse contando os socos, oferecendo-os de graça antes de obrigar seu irmão a pagar por eles, Temple atacou Christopher da maneira que ela sempre ouviu dizer que ele lutava. Os punhos o atingiam como trovões, socando o abdome e os [flancos de Christopher, até ele se virar e dar as costas ao ataque, tentando arranjar um momento para recuperar o fôlego. Para

reencontrar sua força. E atacar Temple outra vez.

Talvez Temple tivesse esse nome porque era constituído de pedra e fosse impenetrável. Invencível. Como se o mundo pudesse acabar e somente ele sobreviver. Seus punhos choveram sobre o irmão de Mara. Soltando *jabs*, cruzados e *uppers* até Christopher Cair, indo parar nas cordas a poucos centímetros dela, um olho quase fechado, já inchado pelos golpes. Mara podia detestar o irmão às vezes. Ele podia não ser mais o garoto que ela conheceu - o que ela deixou para trás -, mas ele ainda era seu irmão. E ela não o queria morto. Ela implorou a ele:

"Kit! Pare com isso! Ele vai te matar!"

Christopher a fitou nos olhos e, embora esperasse ver dor, arrependimento ou surpresa ali... Mara viu algo inesperado. Ódio.

"Você o escolheu."

Por instinto, ela negou com a cabeça.

"Não."

Não era verdade. Ou era? Ela tinha escolhido os meninos. Ela tinha escolhido a segurança de suas crianças. E então... de algum modo, ela tinha escolhido Temple. A constatação foi chocante. Meu Deus! Ela o tinha escolhido? Ele aceitaria isso? Mara olhou para Temple, que vinha na direção deles. Para pegar Christopher. Mas os olhos de Temple a encontraram. Frios. Duros. Sentindo-se traído. Ela odiou aquele olhar. Não conseguiu encará-lo. E se virou para o irmão, que sorria, da maneira que fazia quando os dois eram crianças e ele estava prestes a fazer algo que divertiria os dois, mas que sem dúvida o faria levar uma surra do pai. E então ele estendeu a mão para algo no chão do ringue. *Para a faca dela.*

Mara viu o brilho metálico antes de qualquer um. E gritou.

"Não!"

Mas era tarde demais. Christopher atacou Temple sem refinamento - pura força bruta. Mara olhou para Temple, que não estava observando Christopher. *Ele estava olhando para ela.* Meu Deus!

"Ele vai te matar!", as mesmas palavras, agora com significado diferente. "Não!" Ela enlouqueceu e se soltou de Bourne, pulando na direção do ringue, agarrando as cordas, tentando chegar até Temple. Tentando salvá-lo.

Suas palavras se perderam em meio ao rugido dos espectadores, que ferviam, latiam e uivavam como cães atrás de sangue. E Christopher forneceu o sangue. A faca entrou firme e fundo no peito de Temple, e o sangue esguichou como uma fonte maligna. Ela ficou paralisada ao ver aquilo, parando no meio do caminho, e alguém a segurou pela cintura e a puxou para trás com uma força incomum. Ela não notou o próprio grito até ele sair com uma potência de furar os tímpanos. E, pela primeira vez desde que entrou no ringue, doze anos atrás, o Duque Assassino caiu.

Ela não conseguia parar de olhar, incapaz de tirar os olhos do ângulo desajeitado das pernas dele e do rio de sangue que jorrava de seu peito, espalhando-se escuro e agourento pela serragem no chão. Um homem alto, de cabelo ruivo, entrou correndo no ringue, tirou o casaco e se ajoelhou ao lado de Temple , disparando ordens, debruçando-se para avaliar a ferida.

E então Mara não viu mais nada, pois sua visão foi bloqueada pela dúzia de homens que subiu no ringue, todos tentando chegar até ele. Cada um mais ansioso que o outro para ser o primeiro a anunciar.

"Ele morreu!"

"Não", ela sussurrou, recusando-se a acreditar.

O que ela tinha feito?

Temple era forte demais, grande demais, *vivo demais* para que isso fosse verdade. Ela lutou contra os braços que a seguravam com um aperto férreo, desesperada para se soltar. Desesperada para chegar até ele. Para provar que aquelas palavras estavam erradas.

“Não! Não pode ser verdade.”

Os braços em volta dela a apertaram até doer. A voz de Bourne, então, entoou uma promessa cruel em sua orelha.

“Você vai pagar caro se for verdade!”

Capítulo Doze

Os homens do Anjo Caído estavam de guarda sobre seu camarada abatido. Foram necessários três homens para carregar Temple - Bourne, Asriel e Cross, o diretor financeiro do clube. O trio já estava ofegante após passar pela grande porta de aço que dava acesso aos aposentos privados de Temple, o lugar que ele projetou para ser seu espaço de tranqüilidade e paz. Eles tiraram todos os objetos de cima de uma grande mesa de centro e o deitaram sobre ela, antes de acender todas as velas da sala. Sem que precisassem lhe pedir, Asriel saiu em busca de água quente, bandagens e um médico, embora fosse claro para todos que um médico não conseguiria ajudar. Ninguém, a não ser Deus, poderia ajudá-lo naquele momento. E Deus raramente dava atenção a um canalha.

Cross se moveu com precisão e rapidez para averiguar o ferimento.

“Fique acordado, seu brutamontes. Você é grande demais para cair.”

Temple se debatia.

“Eu não devia estar aqui”, ele disse, com os pensamentos anuviados e a língua pesada. “Eu tenho uma luta.” Cross abriu um dos braços de Temple para verificar a extensão do ferimento, e Temple arqueou as costas de dor, lutando contra o movimento.

“Você já lutou”, disse Justin, o zelador do clube, em voz baixa. “Duas vezes.”

Temple balançou a cabeça, o movimento foi desengonçado como um boneco quebrado. Ele estava delirando.

“Não. Ele exagerou com os dados desta vez. Foi longe demais. Eles são muitos.”

Bourne se aproximou para segurá-lo, praguejando baixinho.

“Isso foi há muito tempo, amigo. Faz anos. Não jogamos mais dados nas ruas.”

A porta da sala foi aberta em um rompente, mas nenhum dos dois olhou na direção do som. Aquela sala estava mais segura do que se o próprio Rei estivesse ali, lutando pela vida. Se alguém entrou, era porque tinha acesso aos segredos mais sombrios do clube.

“Justin, volte para o cassino.” Chase havia chegado. “Nós não vamos parar de esfolar a aristocracia só porque Temple sofreu um arranhão.” Bourne fulminou Chase com o olhar.

“Demorou para você aparecer aqui.”

“Será que só eu lembro de que nós temos um clube para administrar? O que vai acontecer com o Temple se falirmos enquanto ele se recupera?” Cross não tirou os olhos da faca.

“Isto aqui é muito mais que um arranhão.”

Temple se debateu contra as mãos que o seguravam.

“Eu tenho que lutar! Bourne não pode com eles!”

“Nós os vencemos juntos”, disse Bourne em voz baixa, o rosto pálido de frustração e preocupação. “Nós os enfrentamos juntos.”

Temple abriu os olhos e encontrou os de Bourne.

“Nós vamos perder.”

“Não com o diabo do nosso lado”, disse Bourne, balançando a cabeça. “Chase veio nos ajudar.”

“Eu salvei você na época”, disse Chase, debruçando-se sobre Temple, com um pouco de emoção na voz, algo que nunca sonharia em admitir. “Eu te salvei na época, e nós todos vamos salvá-lo agora.”

Temple balançou a cabeça.

“Eu tenho que lutar...”, as palavras foram sumindo, e ele ficou largado sobre a mesa.

Bourne se virou no mesmo instante para Cross.

“Ele...”, começou Bourne, a voz áspera.

“Não”, Cross negou com a cabeça. “Ele desmaiou”, concluiu, e, em seguida, inspecionou o local em que a faca jazia enterrada no tronco de Temple, entre o ombro e o peito. “Pode não ser fatal.”

Faltava convicção às suas palavras.

“Nenhum de nós é médico”, disse Bourne, “desculpe, mas o seu diagnóstico não me tranqüiliza.”

“Pode ser só músculo. Nervo.”

“Tire-a.”

Cross balançou a cabeça.

“Nós não sabemos o que isso vai provocar. Não sabemos se isso poderia...” Ele se interrompeu, mas as palavras não ditas ecoaram em todos os presentes. *Matá-lo com mais rapidez.*

Chase praguejou, a voz baixa e furiosa.

“Justin?”, Cross chamou, e o chefe de apostas do cassino ajeitou os óculos no nariz, aguardando a ordem. “Chame o médico. E minha mulher.” A Condessa de Harlow possuía um impressionante conhecimento de anatomia, e era o mais perto de um médico que eles teriam naquele momento.

“E me traga tudo que nós temos sobre Christopher Lowe”, Chase falou, a voz sombria.

Bourne olhou para Chase.

“Imagino que ele tenha fugido?”

“O perderam em meio à multidão.”

Bourne praguejou.

“Como?”

“Os seguranças estavam tão preocupados com Temple que esqueceram que seu trabalho é proteger as saídas. Vou acabar com eles. Com cada um deles.” “Bom, pelo menos eles se preocupam com Temple”, disse Cross.

Uma sobrancelha dourada foi erguida.

“Interessante, isso. Considerando que poderiam ter capturado o agressor dele se não estivessem choramingando pelos cantos. Eles vão me prestar contas por se comportarem como crianças que perderam seus doces”, disse Chase.

“Você é de uma frieza...”, disse Cross.

Chase o ignorou e se voltou para Bourne.

“O que aconteceu com você?”

Um hematoma começava a surgir no rosto de Bourne, colorindo de preto a pálpebra de seu olho direito. Bourne fez uma careta.

“Prefiro não tocar nesse assunto”, disse ele.

Chase pareceu não se importar.

“Onde está a garota?”

“Trancada em Prometeu, como deveria.”

Chase aquiesceu.

“Ótimo. Deixe-a pensar no que fez.”

“O que você pretende fazer com ela?”

Chase se debruçou sobre Temple, observando sua respiração entrecortada, o peito imenso subindo e descendo de modo quase imperceptível, a pele, normalmente morena, agora amarela diante da ameaça da morte.

“Eu vou matá-la com minhas próprias mãos se ele morrer. E terei prazer nisso.”

“Lowe pensou que ela o traiu”, disse Bourne.

“Ela enganou a todos nós” Chase não ergueu os olhos. “Eu não achei que ela fosse capaz disso tudo.”

“Ela simulou a própria morte e deixou que Temple levasse a culpa”, disse Cross.

A porta foi aberta novamente e Philippa, Lady Harlow, entrou ofegante, os óculos tortos no

rosto, seguida por Asriel, que trazia água quente e banda-gens. Pippa ignorou a todos na sala e foi diretamente para Cross, acariciando o ombro do marido em uma manifestação de consolo. Depois que Cross pegou sua mão e deu um beijo em seus dedos, ela voltou sua atenção para Temple, tocando seu ombro e deslizando os dedos até o local em que o cabo da faca de Lowe se sobressaía.

Ela apertou o músculo e Temple gemeu.

“Você o machucou”, disse Chase.

Pippa não tirou os olhos de Temple.

“Se ele está sentindo dor, e consegue manifestar isso, é um bom sinal. Indica consciência.” Ela se virou para o marido. “O médico foi embora assim que a primeira luta terminou. Mandaram vários homens atrás dele, mas temos que esperar. Você precisa tirar a faca. Com um movimento seguro. Precisamos tratar este ferimento antes que...”

Ela parou. Ninguém naquela sala precisava ouvir o resto.

“E se a faca, de algum modo, está impedindo uma hemorragia ainda pior?”, perguntou Chase.

“Se esse for o caso”, disse Pippa, suavizando a voz, “estamos apenas prolongando o inevitável.”

“Lady Harlow, ainda que eu tenha certeza de que você é extremamente competente em todas as áreas da ciência”, disse Chase, “perdoe-me se eu duvidar de sua capacidade enquanto médica.”

Pippa olhou para Cross, esperando.

“À luz das circunstâncias atuais, vou ignorar o tom de voz que usou com a minha mulher”, disse Cross. “Nós não podemos esperar pelo médico. Ele pode demorar horas.”

Chase praguejou, e a manifestação emocionada de alguém tão estoico e duro foi perturbadora para todos naquela sala.

“Ele não vai morrer”, disse Bourne, com palavras que eram ao mesmo tempo promessa e oração. “Ele é o Temple. Mais forte e robusto que todos nós. Jesus. Ele é grande como um touro. E imbatível.”

Só que ele tinha sido abatido...

“Tragam-me a garota”, disse Chase.

Cross foi simples e direto:

“Não.”

Bourne foi mais pitoresco:

“Nem sobre o meu cadáver apodrecido aquela vagabunda vai entrar nesta sala.”

“Ela tem que *ver* o que fez com ele, Bourne”, disse Chase sem se deixar levar pela raiva.

“Eu preferiria que ela *experimentasse* o mesmo que fez com ele.”

“Traga a garota”, vociferou Chase, olhando para Asriel.

Asriel não hesitou de novo. A vontade de Chase era uma ordem.

“Fique de olho nela”, disse Bourne. “Assim como o irmão, ela também pode puxar uma faca para qualquer um de nós.” Bourne levou a mão ao olho. “E ela tem um cruzado de direita surpreendente.”

Pippa olhou para ele e arregalou os olhos por trás dos óculos. Bourne resistiu ao impulso de se remexer.

“Ela acertou você”, disse Pippa.

“Eu não esperava pelo soco.”

Cross não conseguiu resistir.

“Não imagino que esperasse.”

Ele voltou sua atenção para o corpanzil de Temple, observando Pippa limpar a pele ao redor da faca em uma tarefa frustrante - mais sangue surgia a cada passada de pano.

Depois de longos segundos, ela disse, sem erguer os olhos.

“Você não pode estar planejando se revelar para ela”, ela disse, depois de longos segundos, sem

erguer os olhos do ferimento.

Chase encarou as costas de Pippa.

“Eu não tinha pensado nisso.”

“Ela não pode saber quem você é”, Cross concordou com a esposa. “Não podemos confiar nela.”

Pippa encostou um pano limpo na testa de Temple, tirando o suor e a serragem que grudou ali no ringue.

“Se ela souber...”, disse Bourne.

Ele não concluiu a frase, mas isso era desnecessário. Se Mara - se qualquer um além de umas poucas pessoas confiáveis - soubesse a verdadeira identidade de Chase, o Anjo correria perigo. E o perigo do Anjo ameaçava a todos eles.

***

Havia uma pintura pavorosa de Prometeu na parede da sala em que Mara estava aprisionada. Era uma cena de tortura. O herói jazia acorrentado de costas a uma pedra, seu rosto um retrato de agonia, enquanto Zeus, sob a forma de uma águia preta, cortava sua carne. Punindo-o por sua insolência.

Por roubar o fogo dos deuses. Por pensar que poderia vencê-los. Era uma pintura assustadora, enorme e ameaçadora, sem dúvida com o objetivo de amedrontar aqueles que desafiavam o Anjo, deixando-os cientes das conseqüências de suas ações e mais propensos à confissão. Uma visão passou diante dos olhos de Mara - Temple esparramado no chão do ringue, a vida jorrando de seu peito enquanto ela gritava. Christopher havia esfaqueado Temple. Com a faca *dela. Fogo dos deuses.*

A porta foi aberta e ela se virou, disparando a falar sem conseguir se conter.

“O duque está vivo?!”

O braço direito de Temple, o homem alto e forte, com a pele escura como a meia-noite, que ficou de vigia do lado de fora do orfanato, não respondeu. Ele apenas indicou silenciosamente que ela devia seguir à frente dele pelo corredor escuro, e o fez com uma seriedade que sugeria ser um erro insistir em uma resposta ou ignorar suas instruções. Era óbvio que ele havia sido muito bem treinado por Temple. Com o coração disparado, ela fez o que o homem mandou.

“Não tente nada”, ele falou quando Mara passou, a voz baixa e áspera.

Ela quis dizer que não tentaria nada. Que detestava o que tinha acontecido. Que, se soubesse que aquilo poderia acontecer, teria feito tudo ao seu alcance para impedir. Que mesmo quando estava furiosa com ele, nunca teve a intenção de machucar Temple. Mas ela sabia que palavras seriam inúteis e seu significado tomado como mentira ou coisa pior. E assim ela simplesmente manteve as costas eretas e a cabeça erguida quando passou por ele e entrou na passagem mal iluminada.

No corredor havia uma fila de homens e mulheres, com todos os tipos de uniformes - de criados a damas da noite -, todos pálidos de preocupação. Os olhares ferviam de ódio. Ela desejou que ainda estivesse com a máscara que tomaram dela após a luta. Todos a fitavam com olhos irados enquanto Mara percorria caminhos que, vazios, já eram assustadores. Projetados para oprimir com seu tamanho e curvatura; projetados para deixar muito claro, para quem passasse por ali, quem é que detinha o poder. Projetados para dissuadir Prometeu de pensar que podia se dar bem em sua jornada.

“Espero que você a leve para os chefes”, disse uma mulher loira, linda e carregada de rancor. “Espero que Chase acabe com ela.”

Um murmúrio de concordância percorreu os presentes.

“Ela merece o mesmo que fez a Temple”, acrescentou um homem ao lado.

“Ela merece mais!”, veio um grito sinistro de trás dela, e Mara cruzou os braços bem apertados, e andou mais depressa, desesperada para escapar daquelas pessoas. De seu ódio.

Então seu acompanhante abriu uma porta e ela saiu do corredor para aquela câmara, detendo-se

assim que percebeu onde estava. Desejando ter continuado na passagem escura. Mara estava nos aposentos de Temple, onde o assistiu tirar a camisa mais cedo, naquela mesma noite. Onde eles se enfrentaram. Onde ele a beijou nos lábios e em outras partes de seu corpo, dando-lhe uma prova da vasta quantidade de prazer que ele era capaz de provocar nela. Onde ela tentou permanecer firme e não reparar em seus músculos, tendões e ossos. Em seu calor. Sua vitalidade. Vitalidade era o que lhe faltava agora. Uma mulher e dois homens se debruçavam sobre ele, e a luz de velas o envolvia em seu brilho quente, destacando a palidez da pele, a quietude da morte. Ela fechou os olhos ao pensar nessa palavra, desejando não ter deixado que surgisse em sua cabeça. Desejando que a palavra *morte* fosse embora.

Ela deu um passo na direção dele, sentindo um nó na garganta.

"Meu Deus", ela sussurrou, sentindo o peito pesado de medo e aflição, incapaz de se segurar ao estender a mão para ele, antes que o guarda segurasse o seu braço e interrompesse seu movimento.

O Marquês de Bourne se virou ao ouvir sua voz, e ela notou o hematoma no canto inferior de seu olho, sentindo na mão direita a pontada relacionada àquele olho. Ele apontou para ela.

"Você não chegue perto dele."

Havia ódio nas palavras, e uma mulher diferente poderia não ter respondido. Mas ela não aguentaria nem mais um momento sem saber.

"Ele está morto?"

"Você gostaria disso, não é mesmo?"

"Não!", ela disparou, a verdade escapando em uma onda de alívio, sabendo que aquela palavra não significaria nada naquela sala, mas querendo dizê-la de qualquer modo. Querendo lembrar a si mesma que nunca teve a intenção de machucar Temple. Nunca. Desde o início. E com certeza não naquele momento. "Não."

Ele ergueu uma sobrancelha.

"Não acredito em você."

"Não espero que acredite", ela retrucou, encarando-o.

"Chega, Bourne." A mulher na mesa ergueu o rosto e Mara reconheceu a loira de óculos com quem conversou na sala misteriosa, onde assistiram à primeira luta. "Não podemos esperar mais. Temos que extrair a faca."

Fazia uma hora... mais do que isso. Mara não conseguiu ficar quieta.

"Um movimento rápido, do mesmo modo que entrou."

"Ela deve saber como entrou, pois foi como se ela mesmo a tivesse colocado", disse Bourne. "Admire seu trabalho, sua maldita harpia."

Como se Mara não estivesse vendo. Como se ela não tivesse visto seu irmão enterrar a faca no peito de Temple. Como se ela não desejasse que a arma não estivesse ali.

Ela encarou o olhar castanho de Bourne, cheio de ódio.

"Eu não fiz isso."

"E claro que fez." Isso veio do outro aristocrata na sala - alto e ruivo que, quando Mara olhou para ele, acrescentou, "Você preparou isto no momento em que armou para Temple um assassinato que ele não cometeu. Doze anos terminam aqui. Com isto."

"Foi um..." Mara ficou quieta e balançou a cabeça. Eles não entendiam. Pouca gente entendia.

Foi um erro. Ela não falou, porque eles não queriam ouvir sua história, e também não mereciam ouvi-la. Com Temple era diferente. Ele merecia a verdade. Se ele sobrevivesse, ela lhe contaria. Tudo. Ela se ajoelharia a seus pés e lhe daria a chance de se vingar. E também lhe daria a verdade. *Se ele sobrevivesse.*

Ela andou na direção do corpo inerte, e foi detida mais uma vez pelo segurança dele. Ela olhou para a pilha de bandagens perto da cabeça de Temple, em cima da mesa.

“Você precisa retirar a faca rapidamente, e em seguida aplicar pressão”, ela disse, evitando os olhares dos homens na sala, fitando apenas o rosto surpreso da condessa. “Você vai precisar de mais bandagens do que tem aí.” Ela olhou para a faca. “O ferimento é profundo.”

“Você é médica, agora?”, as palavras transbordavam um desprezo desdenhoso.

Ela se aprumou e encarou os olhos do marquês.

“Já extraí facas antes.”

“De quem?”

Ela olhou para Temple.

“De quem precisasse.”

A condessa cansou de esperar.

“Asriel, você vai ter que largar a Srta. Lowe. Nós vamos precisar da sua força para segurar Temple.”

“Ele está inconsciente”, disse Bourne.

“Se nós tivermos sorte, ele não estará quando fizermos isto. Vai doer. Muito, eu imagino.” Mara fechou os olhos ao ouvir aquelas palavras, desejando que se tornassem realidade. Desejando que ele despertasse. Desejando que ele não estivesse morto. Ela observou os homens se mexerem para segurar Temple - três deles para imobilizar aquele corpo imenso -, e tentou não reparar que a pele dele tinha ficado amarela enquanto a vida escorria em um rio de sangue.

Tanta vida. Ela sentiu a garganta fechar ao pensar isso. O que ela fez com aquele homem? O que ele fez para merecê-la em sua vida? Se ele sobrevivesse... Ela barganhava outra vez... Se Temple sobrevivesse, ela lhe daria tudo que ele queria e o deixaria em paz para ser feliz. Com alguma mulher linda e seus futuros filhos lindos em sua linda propriedade. Ela lhe daria tudo que lhe tirou. *Se apenas ele sobrevivesse.* Isso era o mais perto que ela chegava de um acordo com Deus em uma década. Mais tempo que isso. A condessa passou os olhos de um homem para outro, até parar em Mara.

“Você já fez isto antes?”

Mara assentiu, pensando em outra faca. Outra época. Outra pele pálida.

“Já fiz.”

“Então você deve fazer agora.”

Mara não hesitou e se aproximou dele. Querendo tocá-lo. Bourne a segurou.

“Se o machucar, eu vou matar você.”

“Parece razoável”, ela concordou.

Ela faria tudo que pudesse para salvá-lo. Ela o queria vivo. Ela queria lhe dar tudo que ele havia lhe pedido. Toda a verdade. Talvez ele a perdoasse. Talvez eles pudessem começar de novo. Caso contrário, pelo menos ela poderia lhe dar tudo que tinha. Tudo que ele merecia.

Bourne a soltou e ela se aproximou da pilha de bandagens, que dobrou, para depois trazer o balde de água fumegante para mais perto. Quando o conde e o marquês a olharam com ódio, ela os encarou, recusando-se a ser intimidada. *Danem-se, eles.*

Mara entregou as bandagens para a condessa antes de levantar as saias para ajoelhar na mesa ao lado da cabeça de Temple e colocar suas mãos firmes no cabo da faca ensangüentada.

“Espere a minha contagem.” Todos os presentes ficaram imóveis. Ela olhou para o rosto pálido de Temple. “Não ouse morrer”, ela sussurrou. “Tenho coisas para lhe contar.”

Ele não se mexeu e ela tentou ignorar a dor no peito que a ausência de resposta dele provocava.

“Um...”, ela contou. “Dois...”, e não chegou ao três, arrancando a faca do peito dele com um movimento firme e seguro.

Ele gritou de dor, arqueando o corpo sobre a mesa, e Mara quase chorou de alívio ao ouvir o som. Então a condessa se debruçou sobre ele, inundando a ferida com água escaldante para limpar o sangue e, Mara esperava, mostrar uma incisão menos mortal. Esperança é um recurso dos tolos.

O grito de Temple foi renovado quando o líquido fervente queimou sua pele e fez sair mais um rio de sangue. Tentando ignorar o som da dor, Mara pegou uma pilha de bandagens, cobriu o ferimento e colocou todo seu peso ali, desejando que o fluxo parasse, mesmo enquanto tingia o tecido. Mesmo enquanto Temple sangrava. Mesmo enquanto ele morria em suas mãos.

"Você não vai morrer", ela sussurrou. E repetiu sem parar. "Não vai morrer." *Ela tinha que parar o sangramento.* Ela só conseguia pensar nisso enquanto permanecia sobre ele, pressionando o mais forte que conseguia, tentando ignorar como ele pinoteava sob a força de todos, tentando se soltar. Mesmo naquele instante Mara ficou chocada com o tamanho dele. Com sua força e vontade enquanto ele rugia sua raiva e sua dor. E então Temple abriu os olhos, pretos como a meia-noite e cheios com seus demônios.

Ele olhou para ela e xingou, sem hesitar, contraindo os músculos do pescoço.

"Você o está machucando." O Marquês de Bourne deu voz ao olhar de Temple. "E está *gostando* disso."

"Eu não", ela sussurrou, apenas para ele, para seu grande duque. "Eu nunca quis machucar você." Ela apertou o ombro ainda mais forte, sentindo uma vaga gratidão pelo cavalheiro ruivo à sua frente ser forte o bastante para segurar o braço de Temple, pois ela não tinha dúvida que ele sentia uma vontade imensa de bater nela. "Eu quero o seu bem."

Temple resistiu ao toque dela, e Mara mudou sua abordagem.

"Pare de fazer força", ela disse em voz alta. E tão firme quanto a pressão que ela aplicava na ferida. "Quanto mais resistir, mais vai sangrar, e você não tem sangue para desperdiçar."

Ele não desviou o olhar, permaneceu com os dentes cerrados, mas parou de fazer força. Por vontade própria, desejou Mara. As bandagens ficaram encharcadas, como ela imaginava. Temple sangrava em profusão, e ela precisava de mais bandagens.

Ela se virou para a condessa.

"Minha lady... será que você..."

Pippa reagiu sem hesitação, sabendo o que Mara queria sem que ela precisasse concluir a frase. Ela segurou as bandagens enquanto Mara pegava a faca ensangüentada na mesa.

"Não..." Bourne soltou Temple no mesmo instante. "Largue isso."

Ela não escondeu sua irritação.

"Você acha que eu vou cortar a garganta dele com todos vocês aqui? Você acha que sinto tanto ódio que fiquei idiota?"

"Eu acho melhor não arriscar", disse Bourne, mas Mara já estava se virando para o outro lado, erguendo rapidamente suas saias - mesmo com o marquês se aproximando dela - e cortando uma camada da linda anágua cor de malva. Bourne se deteve, e Mara teria se divertido com a expressão chocada no rosto dele se não estivesse ocupada oferecendo o cabo da faca para ele.

"Faça alguma coisa de útil. Provavelmente vamos precisar também das camisas de todos." Mais tarde ela ficaria espantada com a rapidez com que os homens reagiram à sua ordem, tirando os paletós e puxando as camisas pela cabeça, mas naquele momento ela só conseguiu acrescentar: "A camisa dele também está nesta sala. Encontre-a."

Em seguida ela tirou a condessa do caminho e pressionou suas anáguas no peito de Temple, detestando que os rugidos dele tivessem se transformado em protestos quietos, desarticulados, sob o toque firme dela. Detestando que ela não pudesse evitar que a vida escapasse dele.

"Você me fez arruinar meu vestido novo", ela disse, encarando seus olhos, tentando mantê-lo acordado. Alerta. "Você me deve outro."

Ele não respondeu e suas pálpebras começaram a pesar. Ela percebeu que a luta minguava ali. *Não.* Ela disse as únicas palavras que conseguiu pensar.

"Não ouse morrer."

Os olhos pretos dele rolaram por trás das pálpebras, e cílios longos e escuros descansaram sobre a pele clara. E Mara ficou sozinha mais uma vez, tendo como companhia apenas a dor em seu peito. Ela fechou os olhos e segurou a ameaça de lágrimas.

“Se ele morrer, você irá segui-lo até o inferno.”

Mara demorou um instante para perceber que não foi o marquês, o homem que rapidamente se tornou seu inimigo, que falou. Foi o outro homem, o aristocrata ruivo, circunspecto, de rosto fino e queixo quadrado. Ela o fitou nos olhos, percebendo que seus olhos cinzentos brilhavam com emoção quase incontida. E ela soube, sem dúvida nenhuma, que a ameaça era real. Eles a matariam se Temple morresse. Não pensariam duas vezes. E talvez ela merecesse isso. Mas ele não merecia. Ela o manteria vivo mesmo que aquilo consumisse toda sua energia.

Mara inspirou fundo e trocou sua anágua pela camisa do homem.

“Então ele não vai morrer.”

***

Ele não morreu naquela noite. Temple caiu em um sono agitado, que continuava quando o médico chegou e logo começou a analisar a ferida.

“Vocês deveriam ter esperado eu voltar antes de extrair a faca”, ele disse, inspecionando a ferida, sem olhar, de propósito, para as mulheres na sala.

“Você não aparecia”, disse Bourne, com raiva na voz, e Mara ficou feliz por ver que era dirigida a alguém que merecia. “O que nós iríamos fazer?”

“Eu tenho outros compromissos”, o médico respondeu sem remorso, levantando a bandagem do ombro de Temple e inspecionando a ferida agora seca. “Teria sido melhor não fazer nada. Você poderiam ter causado um estrago maior. Com certeza, colocá-lo nas mãos de uma mulher foi uma decisão questionável.”

A Condessa de Harlow franziu o cenho ao ouvir isso, e olhou para o aristocrata ruivo que Mara descobriu ser seu marido, mas não disse nada, sem dúvida para não espantar o médico depois que finalmente tinha aparecido. Mara não sentiu o mesmo. Ela já tinha visto muitos médicos chegarem, com poções mágicas e ferramentas nas mãos, para irem embora sem fazer nada além de piorar a situação. Temple teve muita sorte de o médico demorar oito horas.

“É melhor ser atendido por uma mulher do que por médico nenhum.”

O médico, enfim, olhou para ela.

“*Você* não é médica.”

Ela já havia enfrentado adversários mais fortes e melhores do que aquele médico. Incluindo o homem inconsciente sobre a mesa.

"Posso dizer o mesmo de você, por tudo que vi da sua perícia médica esta noite.”

A Condessa de Harlow piscou por trás das lentes grossas dos óculos, e seus lábios se curvaram, esboçando um sorriso. Quando Mara olhou para ela, a condessa desviou o olhar, mas não sem antes perceber a admiração da outra. Uma aliada, talvez, em uma sala cheia de inimigos. O cirurgião se virou para o outro lado e logo falou com o Conde de Harlow.

“Ele precisa ser sangrado.”

Mara estremeceu com a visão rápida e perturbadora de sanguessugas presas à pele, gordas com o sangue de sua mãe.

“Não.”

Ninguém olhou para ela. Ninguém pareceu ouvi-la.

“Isso é necessário?” O conde não parecia convencido.

O médico olhou para a ferida.

“Sim.”

“Não!” Ela repetiu, mais alto dessa vez. Sangrias matam. E isso acabaria com a vida de Temple, assim como acabou com a vida de sua mãe.

O médico continuou. “E quem sabe o que mais a mulher fez com ele. O que precisa ser revertido. Sangria é a resposta.”

“Sangria não é resposta”, disse Mara, colocando-se ao lado de Temple, entre ele e o médico, que agora tirava uma grande caixa quadrada de sua bolsa. Ninguém a escutava.Ninguém a não ser a Condessa de Harlow.

“Também não tenho certeza de que esse é o melhor tratamento”, disse ela, muito séria, indo se colocar ao lado de Mara.

“A senhora também não é médica, minha lady.”

“Podemos não ser médicas, senhor, mas éramos o melhor que ele tinha, não éramos?”

O médico apertou os lábios.

“Não vou tolerar que falem assim comigo. E por...” Ele acenou a mão para elas.

Cross deu um passo adiante, pronto para lutar por sua mulher.

“Por quem, exatamente?’

O médico percebeu seu erro.

“E claro que não estou falando de Lady Harlow, meu lorde, estou falando...”, ele apontou para Mara, “...dessa *mulher.”*

Ele falou *mulher* como se fosse uma palavra suja. Mara poderia se ofender se a vida de Temple não estivesse em jogo. Ela ignorou o insulto.

“Você já o sangrou antes?”

Houve uma pausa na conversa, e ela pensou que o médico não iria responder, até que a condessa ficou do seu lado.

“É uma pergunta excelente”, Pippa acrescentou.

O médico hesitou, até Cross insistir.

“Doutor?”

“Não. Ele nunca precisou.”

Mara olhou para Temple, imóvel como um cadáver sobre a mesa. E claro que não. Aquele homem era invencível. Ele nunca precisou de qualquer tratamento. Até agora. Até quase morrer.

Ela olhou para a condessa.

“Minha lady?” Ela pediu, deixando que seus sentimentos a respeito daquilo ecoassem em suas palavras. Aparecessem em seu rosto. *Não permita isso.*

Por favor, deixe-o viver.

A condessa assentiu e se virou para o marido.

“Nós devemos esperar. Temple é saudável e forte. Eu prefiro lhe dar a oportunidade de se curar sozinho do que fazê-lo perder mais sangue.”

Mara suspirou de alívio, e a emoção queimou em seus olhos.

“Mulheres não conseguem compreender nem o básico deste tipo de medicina. Suas mentes...” Ele abanou a mão no ar. “Elas não estão equipadas para tal conhecimento.”

“Perdão?” A Condessa de Harlow estava obviamente contrariada.

Mara se manteve firme.

“Até as mulheres podem compreender que o sangue, normalmente, não deve sair do corpo”, disse ela. “Não vejo motivo para acreditar que não precisamos de todo o sangue que temos.”

Era uma teoria incomum. E impopular. Mas a maioria das pessoas não tinha assistido a morte da própria mãe, ver a mulher que te criou cada vez mais pálida e doente, coberta por sanguessugas e cortada por lâminas. Mara era testemunha de que sangria nunca era a solução.

O médico suspirou, percebendo que teria que lidar com as mulheres na sala. Ele falou como se

dirigisse a crianças, e Mara notou que o conde travou o maxilar de irritação.

“Nós precisamos restabelecer o equilíbrio. O que Temple perdeu no ombro deve ser tirado da perna.”

“Isso é uma total idiotice!” Mara se virou para a condessa, sua única aliada. “Se um teto está com goteira, ninguém abre um segundo buraco no telhado para resolver o problema.”

O médico não aguentava mais. Ele bufou e se virou para Bourne. “Não vou receber aulas de mulheres na área de minha especialidade. Ou elas saem, ou eu vou embora.”

“Então é melhor você ir, e nós procuramos outro médico”, disse a condessa. “Pippa”, disse Cross, suave mas firme, e Mara pôde notar a preocupação em sua voz. Ele não queria que seu amigo morresse.

Se ele pudesse perceber que Mara também não queria isso.

“Dê a noite para ele se recuperar”, ela pediu. “Doze horas para ver se há febre - algum tipo de infecção -, e então deixo seu barbeiro cuidar dele.” O médico arregalou os olhos com o insulto, e Mara teria rido se não estivesse tão desesperada para manter aquele homem e seu tratamento cruel longe de Temple.

“Eu não trataria dele agora nem se vocês triplicassem meus honorários.” Mara passou a odiar aquele homem, tão parecido com a miríade de médicos londrinos que cutucaram, furaram e declararam sua mãe incurável. Eles a deixaram morrer, mesmo quando Mara implorou ao pai que os afastasse. Que encontrasse alguém que usasse algo além de sanguessugas e láudano para tratar a mãe. Mas o pai a ignorou e não permitiu que interferisse.

Bourne falou, e Mara percebeu como era irônico que o marquês tentasse acalmar o médico.

“Doutor, por favor. Doze horas não é tanto tempo.”

“Ele pode morrer em doze horas. E se morrer, será por culpa destas mulheres.”

“Por minha culpa”, disse Mara, fitando o marquês nos olhos, reparando no círculo em volta do olho direito, agora completamente preto e brilhante, algo que não a ajudaria a conquistar a simpatia do marquês. Mara ficou espantada quando ele não desviou seu olhar. “O sangue dele está nas minhas mãos. Deixe-me limpá-lo.”

Isso era o mais próximo que ela chegaria de implorar. Próximo o bastante. Ela nunca entenderia o porquê, mas Bourne olhou para Cross, e depois se voltou para ela.

“Doze horas.”

Mara sentiu o alívio em todo o corpo, e ela quase pediu desculpas ao marquês arrogante. Quase.

“Eu não voltarei”, disse o médico, com a voz ácida.

Mara já estava tirando o excesso de água quente de um pano limpo.

“Não vamos precisar de você.”

A porta se fechou atrás dele e o marquês tirou um relógio do bolso.

“Doze horas começam agora.” Ele olhou para Cross. “Chase vai querer nos matar por deixar o médico ir embora.”

Aquilo não fez muito sentido para Mara, mas ela estava concentrada demais em Temple para querer entender. Ela preferiu se dirigir à condessa.

“Precisamos fazer o possível para evitar uma febre.”

Pippa concordou com um aceno de cabeça e se afastou, indo até a porta para pedir mais panos e água limpa.

Mara olhou para o rosto de Temple, observando os traços pretos das sobrancelhas, a ponta torta do nariz que um dia já foi aristocrático, as cicatrizes na sobrancelha e no lábio, o corte da primeira luta da noite, que agora riscava de preto uma face. O arrependimento cresceu, esmagando seu peito.

Ela havia feito isso com Temple, pensou Mara, colocando o tecido em sua testa, detestando a imobilidade dele.

Agora ela teria de salvá-lo.

Capítulo Treze

Elas mentiram. As pessoas que contam histórias sobre o momento da morte, recheadas de coros de anjos e uma sensação de paz absoluta e irresistível. Não havia anjos. Não havia paz. Pelo menos não para Temple. Não havia nada que o tentasse a ir na direção de uma luz brilhante e reconfortante. Nada que lhe oferecesse consolo diante da dor que o queimava, ameaçando seu pensamento e seu fôlego. E o calor. Era como se fogo queimasse seu peito e seu braço, chegando até a mão, como se estivesse em chamas. Ele não conseguia lutar contra isso - eles o seguravam e obrigavam a aguentar. Como se tivessem prazer nisso. Era o calor que o fazia perceber que estava à beira do inferno.

Seus anjos não vinham de cima; eles vinham de baixo, e o tentavam a se juntar a eles. Eram anjos caídos, e eles não falavam através de hinos melódicos. Pelo contrário, eles praguejavam, xingavam e o atraíam com tentações e ameaças. Prometiam-lhe tudo que ele amava em vida - mulheres, bom scotch, comida boa e lutas melhores. Eles lhe prometiam que ele reinaria novamente caso se juntasse a eles. Suas vozes eram muitas e misturadas -sotaques londrinos grosseiros e aristocráticos, e também mulheres. Estas sussurravam para ele, prometendo-lhe o mais absoluto prazer se as seguisse. Por Deus, ele se sentiu tentado.

E *então havia ela.* A que parecia sussurrar com mais severidade. A mulher que praticamente o insultava. A que falava as palavras que iam além das belas promessas.Palavras como *vingança.* E *poder.* E *força. E duque.* Mas fazia muito tempo que ele não era um duque. Não desde que ele matou a noiva do seu pai.

Então alguma coisa avivou sua consciência, algo que começou a fluir quando ele ouviu os outros suspirando ao redor dele, *falando* com ele. *E só uma questão de tempo. Ele não pode nos ouvir. Ele não pode lutar. Ele perdeu muito...* E ele perdeu mesmo. Ele perdeu o nome, a família, a história e agora a vida. Ele perdeu o mundo no qual tinha nascido… o mundo de que ele tanto gostava. Mas sempre que se sentia tentado pela escuridão, ele a ouvia. *Ele vai lutar. Ele vai viver.* A voz dela não era gentil nem angelical. Era forte como aço, e lhe fez promessas melhores do que os outros. Ele não a ignoraria. *Danem-se eles. Metade de você já é mais forte que qualquer um deles. Seu trabalho ainda não terminou. Sua vida não terminou.* Mas tinha terminado, não tinha? Não fazia anos que tinha acabado? Não tinha acabado naquele dia em que acordou na cama ensangüentada, com a noiva de seu pai morta por suas mãos? Ele a matou. Ele a matou com seus punhos gigantescos, sua força sobrenatural e Deus sabe mais o quê. Ele a assassinou, e ao mesmo tempo assassinou tudo que sua vida poderia ter sido. Ele a matou, e agora estava ali, morrendo… finalmente recebendo o que merecia.

Dizem que, no momento da morte, a vida da pessoa passa diante de seus olhos. Temple sempre gostou dessa ideia, não para lembrar de sua infância na grande propriedade de Devonshire, mas para lembrar daquela noite. A noite em que tudo mudou. Em algum lugar, nos cantos obscuro de sua mente, ele sempre soube que nesse momento, pairando às portas da morte, ele se lembraria daquela noite. A noite que selou seu destino. A noite que lhe prometeu sua entrada no inferno. Mas mesmo naquele instante, Temple não conseguia se lembrar. Ele queria rugir de frustração.

“Por quê?”

Temple não ouviu seu sussurro ecoar na sala. Tudo que ele ouviu foi seu anjo caído irado, provocando-o com mentiras perversas, mesmo enquanto ele delirava. *Porque você vai sobreviver, Temple. Você vai sobreviver, e eu vou lhe contar tudo.* Ela estava lá, a garota daquela noite - a garota bonita, risonha, que fugiu dele dançando pelos jardins, e ficou sobre ele nos lençóis de algodão branco, com seus cabelos sedosos, pele macia e olhos que o assombravam. Ela estava lá, com uma

fileira de garotos, todos de cabelos pretos e olhos cintilantes como joias. *Ela* estava lá, seu toque frio na escuridão, e suas promessas o fizeram evitar a luz. E voltar para ela. Voltar à vida. Ela o estava salvando.

***

Horas se passaram e Temple não acordou, mesmo ficando mais agitado em seu sono - lutando contra o tratamento cada vez que lavavam a ferida com água quente.

Mara foi retirada da sala e mas logo chamada novamente, os aristocratas só permitiam que ela se aproximasse de Temple quando era hora de limpar o ferimento ou trocar o curativo. Toda vez que ela entrava ali, havia pessoas diferentes de vigília. Bourne, Cross e Pippa permaneciam ali constantemente, e a eles se juntaram, depois que o último jogador foi embora do cassino, os homens que trabalhavam nas mesas do Anjo, crupiês e seguranças, e também as mulheres que atuavam no clube - um fluxo contínuo de empregadas e acompanhantes preocupadas e chorosas.

A mulher loira chamada Anna, que Mara conheceu na estranha sala envidraçada, chegou assim que terminou seu trabalho. Mara observou, de soslaio, como a prostituta manteve, durante longos minutos, uma vigília silenciosa na cabeceira de Temple, tocando a pele tatuada de seus braços, deslizando pelos feixes de seus músculos, segurando sua mão forte enquanto sussurrava em sua orelha. Ocorreu a Mara que aquela pudesse ser a amante de Temple, pelo modo como ela falou dele na sala escura e envidraçada. Todas as mulheres suspiravam e salivavam por ele. Sem dúvida ele tinha uma coleção de mulheres. E aquela ali era bonita o bastante para ser a general de seu exército de lingerie. Os dedos longos e delicados da mulher percorriam a pele macia de Temple, as unhas perfeitas penteavam os pelos dos braços dele em um gesto que não tinha como não ser malicioso. Aquela mulher conhecia Temple. Gostava dele. Sentia-se confortável tocando-o enquanto ele jazia imóvel e nu na sala escura.

Mara olhou para outro lado e a odiou. Mas acima de tudo odiou a si mesma pelo ciúme quente que sentiu. Por não contar tudo para Temple quando teve a chance. Por não confiar nele. Por atormentá-lo, quando ele não fez nada para merecer isso. Ela manteve a cabeça abaixada enquanto cuidava dele, lavando, limpando e fechando sua ferida. Enxugando sua testa e procurando sentir seus batimentos cardíacos, abençoados de tão fortes. Alguém havia coberto Temple e colocado um travesseiro debaixo de sua cabeça - uma concessão ao conforto, uma vez que temiam tirá-lo de cima da mesa, como se aquele carvalho maltratado tivesse algum tipo de propriedade curativa.

Mara foi ficando cada vez mais preocupada quando o dia deu lugar ao crepúsculo no mundo além do cassino, e Temple continuou imóvel. Bourne ameaçou chamar outro médico, mas, aparentemente, o tal Chase apoiou Pippa e concordou que deviam esperar toda a noite para que Temple recuperasse a consciência. Chase não estava mais lá quando Mara voltou à sala para mais uma rodada de limpeza do ferimento, mas suas palavras eram sagradas para os outros. Quando Mara estava junto a Temple, ela falava com ele, desesperada para acordá-lo, para trazê-lo de volta à consciência. Desesperada para que ele abrisse os olhos e a visse. As *vezes eu acho que você me vê.* Palavras sussurradas na escuridão de uma rua londrina. Ela não o viu então. Não de verdade. Mas agora ela via. E agora ela queria que ele a visse. Ela precisava disso. Ela precisava explicar tudo para ele. Ela precisava fazer com que ele visse a verdade. A *verdade dela.*

Mas ele não acordou, a não ser, talvez, para lutar e se debater quando sua ferida foi lavada com água quase fervente. O desconforto grande o bastante para trazê-lo para algum nível de consciência, no qual ele parecia incapaz de fazer outra coisa que não perguntar, repetidas vezes, “Por quê?” Ela respondia em voz baixa, pois não queria que os outros ouvissem o que dizia. Ela prometia respostas, verdade e até mesmo vingança, esperando que algo que dissesse pudesse trazê-lo de volta do lugar em que sua mente estava, antes que os outros decidissem que ela e a condessa estavam loucas e

mandassem buscar o homem cruel que se dizia médico. A condessa havia se tornado sua única aliada, pareceu entender, depois de várias horas de tratamento, que Mara tinha o mesmo objetivo que ela. Que todos eles. E *mais*.

A porta da sala se abriu e duas mulheres entraram, uma delas muito bem arrumada, evidentemente uma lady, e a outra era grande e usava um avental, trazendo uma chaleira. O olhar da lady encontrou Bourne do outro lado da sala, e ela correu até ele, caindo em seus braços fortes. Ele a apertou junto ao peito e enterrou o rosto na curva do pescoço dela, enquanto a moça envolvia a cabeça dele com os braços, acariciando os cachos escuros do cabelo de Bourne e sussurrando algo em seu ouvido.

Mara ficou dividida entre admirar aquela manifestação de afeto - tão incongruente com o homem com quem ela havia interagido — e desviar seu olhar daquele momento íntimo e comovente. Quando ele finalmente se afastou, sua personalidade desagradável voltou.

“Que diabos você está fazendo aqui?”

Ela pareceu não se incomodar com o tom de voz.

“Você mesmo deveria ter me chamado”, disse ela. “Pippa me avisou.” Ela fez uma pausa e seus dedos tocaram o rosto dele. “O que aconteceu com seu olho?”

“Nada.” Ele desviou o olhar, assim como Mara, o olhar dela encontrou o de Pippa, que estava do outro lado de Temple e a observava.

“Não pode ser nada, Michael”, disse a recém-chegada.

“Está tudo bem.” Ele pegou a mão dela e beijou seus dedos.

“Quem bateu em você?”

Os lábios da condessa estremeceram. Mara desejou que ela ficasse quieta, mas a sorte não estava do seu lado.

“A Srta. Lowe bateu nele.”

A mulher se empertigou e olhou para Pippa.

“Quem é a Srta. Lowe?"

Pippa apontou para Mara, que desejou poder desaparecer.

“Ela.”

A mulher de Bourne olhou para ela, observando o vestido ensangüentado, o cabelo desalinhado e o rosto, sem dúvida, fatigado, antes de se deter na mão direita de Mara, que havia desferido o golpe.

“Imagino que ele fez por merecer?”, ela perguntou, arqueando a sobrancelha.

O choque a fez arregalar os olhos e fitar a lady.

“Fez, sim.”

“Isso acontece”, ela aquiesceu e se virou para Bourne.

“É claro que eu não fiz por merecer.”

Ela o encarou com o olhar perspicaz “Você se desculpou?”

“Se eu me desculpei?!”, ele exclamou. “Ela me bateu enquanto ia tentar matar o Temple!”

Mara abriu a boca para protestar, mas a mulher não lhe deu tempo de falar.

“Srta. Lowe, você tinha planos de matar o Temple?”

Foi a primeira vez que alguém pensou em lhe fazer essa pergunta. Mara disse a verdade.

“Não.”

A mulher assentiu e voltou sua atenção para Bourne.

“Então, meu marido, sem dúvida, fez por merecer.”

Bourne semicerrou os olhos enquanto Mara registrava o significado daquelas palavras. Aquela mulher era a Marquesa de Bourne, e enfrentava aquele homem horrível sem hesitar. Ela merecia ser canonizada.

“Você não devia estar aqui”, Bourne resmungou.

“Por que não? Sou membro do clube e casada com um dos proprietários.” “Este não é lugar para uma mulher na sua condição.”

“Oh, pelo amor de Deus. Só estou engordando, Michael, não estou doente. Pippa está aqui.” A marquesa indicou a condessa que, com certeza, estava grávida.

“Não é culpa minha que Cross não ame sua mulher tanto quanto eu amo a minha.”

Cross arregalou os olhos ao ouvir a acusação e logo olhou nos olhos de Pippa, com a expressão séria.

“Eu amo muito você.”

“Eu sei”, disse Pippa. Mara ficou admirada com a simplicidade daquelas palavras. A compreensão absoluta, pela condessa, de que era amada.

Ela imaginou como seria ser amada com tanta certeza. Seu olhar buscou o homem deitado sobre a mesa. Observou o maxilar forte e os braços longos, e a mão que jazia sobre a mesa, com a palma curvada e vazia. Ela imaginou como seria deslizar sua mão sobre a dele, preenchendo aquele espaço. *Amar e ser amada.*

Mara voltou a observar a Marquesa de Bourne, cuja atenção permanecia fixa no marido.

“Michael”, ela disse, com a voz suave. “Eu estimo o Temple quanto qualquer um de vocês.”

A mulher se voltou para observar o corpo inerte de Temple, e a preocupação tomou seu rosto quando ela esticou a mão até ele, seus dedos roçando o ombro bom dele antes de afastar o cabelo preto de sua testa. Bourne se aproximou da mulher e a a abraçou apertado, com raiva e dor marcando sua expressão.

“Meu Deus”, ela sussurrou, entregando-se ao abraço do marido.

“Ele vai sobreviver.” As palavras saíram rasgadas, como se arrancadas da garganta de Bourne, e traziam preocupação e súplica.

Alguma coisa apertou no peito de Mara enquanto ela observava aquela cena. Esse homem - cuja vida ela tinha brincado - não teve a vida arruinada por ela. Ele tinha dezenas de amigos que se preocupavam com ele, amigos que fariam de tudo para salvá-lo. Quanto tempo fazia desde que alguém se preocupou dessa maneira com ela? Há quanto tempo ela sonhava com isso? *Há quanto tempo ela não merecia isso?* Ela não gostou de pensar na provável resposta. Então, Mara se virou para a mulher que trazia a chaleira.

“Esse é o chá?”

A mulher assentiu e seus olhos ficaram úmidos enquanto ela observava Temple.

“Oui. Eu mesma fiz.”

“Obrigada, Didier”, Pippa agradeceu enquanto Mara pegava a chaleira e despejava o líquido marrom em um copo de uísque que encontrou no aparador ao lado.

“Espero que esse chá tenha algo de mágico. Deus sabe que ele está precisando de algo assim”, disse a marquesa.

“Casca de salgueiro”, respondeu a condessa. “Dizem que combate a febre.”

“Que ele parece não ter, e seria bom se continuasse assim”, acrescentou Mara, olhando para Cross. “Por favor, ajude-me a levantar a cabeça dele. Precisamos fazer com que ele beba.”

Cross deu um passo à frente e, junto com Asriel, levantou o corpo inerte de Temple, deixando-o sentado. Mara endireitou a cabeça pendente e colocou o líquido em sua boca com uma colher de chá.

“Você precisa beber para ficar bom”, ela disse com firmeza depois de várias tentativas malsucedidas.

Ao tentar outra vez, ela perdeu mais uma colher do líquido, que escorreu pelo queixo e peito, levando junto sua paciência. Ele iria beber nem que se tivesse que forçar o chá garganta abaixo. Ela despejou o líquido.

“Engula, maldição.”

Temple abriu os olhos, alertas e vivos, e expeliu o chá, fazendo um borrifo tépido cobrir o rosto e o pescoço de Mara. Ela guinchou de surpresa e seus ajudantes praguejavam. Temple tossiu e seus olhos pretos encontraram os dela.

"Jesus", ele disse, empurrando o copo, as palavras ásperas. "Você já não tentou me matar o bastante?"

Aquilo evocou uma maldição reverente de Bourne e um amplo sorriso de Cross. O alívio percorreu o corpo de Mara... e ela fechou os olhos por um momento, para segurar lágrimas e a risada, recompondo-se antes de levar o copo mais uma vez aos lábios dele.

Ele balançou a cabeça, mantendo a mão dela à distância.

"Quem preparou isto?" Ele olhou para a mulher que levou a chaleira. "Didier?"

A francesa deu um passo à frente, com lágrimas de felicidade em seus olhos.

"Oui, Temple. J*e Vai fait."* Ela aquiesceu novamente. "Sim, fui eu que fiz."

Ele olhou para Mara com prudência no olhar.

"E você não mexeu antes?"

Ela balançou a cabeça.

"Somente para servir", ela disse, quando encontrou a voz.

"Beba", ele disse, empurrando o copo para Mara.

Mara franziu a testa.

"Eu não..."

"Beba você primeiro."

Ela entendeu o receio dele e então riu, o som ligeiro, estranho e muito bem-vindo. Tão bem-vindo quanto o olhar Temple livre de alucinações.

Alguma coisa acendeu naqueles belos olhos, e ele empurrou de novo o copo para ela.

"Beba, Mara."

O nome dela era tão bonito nos lábios dele.

"O que está..." A Marquesa de Bourne deu um passo à frente, mas foi segurada por Bourne. Ela se virou para o marido. "Isso é um absurdo."

"E a escolha dele."

Ele não confiava nela. *Ele estava consciente o bastante para desconfiar dela.* Mara levou o copo à boca e jogou o líquido para dentro antes de abrir a boca e mostrar a língua para ele.

"Não preciso envenenar você hoje."

"Ótimo", disse ele, observando-a atentamente.

Ela ignorou o prazer que sentiu ao ouvir a voz dele, virando-se para encher o copo.

"Isso não quer dizer que você não faz uma mulher ter vontade de fazê-lo." A mão Temple encontrou a de Mara, guiando o chá até seus lábios. "Fica para outro dia, então."

Ela queria sorrir. Queria dizer dezenas de coisas diferentes. Coisas que ele não ouviria. Coisas que ele não acreditaria. *Coisas que ela não poderia dizer.* Então ela se conformou com:

"Beba, seu brutamontes."

E ele bebeu, o copo inteiro. Quando ela começou a se afastar, Temple segurou sua mão com firmeza, a pele um pouco mais quente depois da assustadora perda de sangue. Ela o fitou, surpresa.

"Você me fez uma promessa", Temple cobrou.

Ela enrijeceu ao ouvir aquilo.

"Eu fiz. Eu disse que voltaria à Sociedade e que provaria que você não é um assassino."

"Não estou falando dessa promessa."

"O que, então?", ela perguntou, olhando para ele.

"Você me prometeu respostas. Você me prometeu a verdade."

Ela sentiu o sangue ferver em seu rosto. Mara não havia imaginado que ele pudesse ouvir

enquanto ela cuidava dele. Medo e esperança lutavam pelo controle de suas palavras.

"Você se lembra."

"Minha memória é sobrenatural quando se trata de você, eu sei." Ele bebeu mais um pouco. "Mas você vai me contar a verdade sobre aquela noite. Você vai cumprir suas promessas."

Promessas de vingança. De verdade. Desde que ele sobrevivesse. E ali estava ele, vivo.

Ela concordou.

"Eu vou cumprir o que prometi."

"Eu sei" ele disse.

E então Temple dormiu.

***

Três manhãs depois, Temple entrou na água escaldante da grande banheira de metal, construída sob medida para seus banhos pós-luta no Anjo Caído. Ele sibilou de dor quando ergueu o braço esquerdo, tomando cuidado para não molhar o curativo, não queria dar ao ferimento ainda em processo de cicatrização qualquer motivo para levá-lo de volta à enfermaria ou provocar uma febre. Ele mexeu o ombro, apreensivo, fazendo uma careta quando recostou o corpo para descansar a cabeça na borda da banheira. Temple soltou um longo suspiro e fechou os olhos, deixando que o vapor e calor do banho o envolvessem, aliviando-o de seus pensamentos.

Da *maioria* dos seus pensamentos. Pensamentos que não incluíam *ela*, com seu cabelo bonito e macio, e seus olhos estranhos, irresistíveis, e também sua força descomunal. Pensamentos que não o faziam questionar por que ela fez o que fez há tantos anos. O que ela fez naquela noite no ringue. Se ela ajudou o irmão na missão que ele levou a cabo. Se ela lhe passou a faca que terminou enterrada no peito de Temple. Pensamentos que não o faziam se lembrar da gentileza com que ela lavou seu ferimento na manhã em que ele recobrou a consciência. De como ela lhe serviu o chá. De como ela o curou... Pensamentos que não o faziam imaginar como seria dispor dessa gentileza outra vez. Com mais frequência. Ou pior, o que *significava* essa gentileza. Ele soltou um palavrão que ecoou no banheiro silencioso e cheio de vapor. Ele não queria a gentileza dela. Ele queria seu remorso. Seu arrependimento. Ou não?

Ele mexeu o braço com cuidado, detestando a pontada de dor que veio com o movimento. Detestando o modo como seu braço parecia estar atolado em areia quando tentava movimentá-lo. Detestando o medo que veio com a ideia de limitação. O sentimento iria voltar. A força também. Tinha que voltar. Veio uma lembrança recente, da noite da luta. Mara na borda do ringue, encarando-o com terror nos olhos arregalados. *Ele vai matar você!*, ela gritou para ele. Mara o alertou, mas ele estava tão perplexo com a preocupação no olhar dela - pelo pensamento de que ela podia se preocupar com ele -, que não entendeu o significado daquelas palavras até a faca estar em seu peito. Até depois. Até ele passear pelos limites da consciência e a voz dela sussurrar promessas em seu ouvido. *Você vai sobreviver. Você vai sobreviver e eu vou lhe contar tudo.* Ele sobreviveu. E ela iria lhe contar a verdade sobre aquela noite e sobre sua decisão de fugir. Ela iria lhe contar porque o havia escolhido. Por que o puniu. Por que ela roubou sua vida. E como ela faria para devolvê-la.

"Você sabe o que vai fazer?"

Ele não mostrou surpresa com a invasão, mesmo que seu coração tenha batido um pouco mais rápido quando percebeu que alguém tinha entrado nos seus aposentos sem que ele tivesse notado.

"Tenho certeza de que você irá me dizer", disse ele, abrindo os olhos para encontrar Chase na outra ponta da banheira. "Há quanto tempo está me olhando no banho?"

"Tempo bastante para deixar as mulheres de Londres com inveja." Chase se sentou em um banco ao lado e se inclinou para frente, as pernas abertas e os cotovelos sobre os joelhos. "Como está o braço?"

“Doendo”, disse Temple, fechando o punho do braço ruim e soltando um *uppercut* lento no ar. “Duro.”

Ele não pronunciou outros adjetivos. *Dormente. Fraco. Inútil.*

“Ainda não faz nem uma semana. Dê tempo ao tempo”, disse Chase. “Você devia estar na cama.”

Temple se remexeu na água e estremeceu quando o movimento provocou um choque de dor em seu corpo.

“Eu não preciso que me digam o que fazer.”

“De qualquer modo, cada noite que você fica fora do ringue, é uma noite em que perdemos dinheiro.”

“Eu devia saber que a sua preocupação não era com a minha saúde.” Os dois sabiam que aquilo não era verdade, Chase colocaria fogo em Londres se isso ajudasse na recuperação de Temple. Mas eles fingiam assim mesmo.

“Minha preocupação é com o seu bem-estar e como isso está relacionado aos meus lucros.”

Temple riu.

“Os negócios em primeiro lugar, sempre.”

Eles ficaram em silêncio por longos segundos antes de Chase falar outra vez. “Temos que decidir sobre a garota.”

“Que garota?”, Temple indagou, irônico.

“Ela pediu para voltar para casa”, acrescentou Chase, ignorando a pergunta idiota.

Ele não a via há dias - queria se recuperar antes de vê-la outra vez. Ele queria sua força de volta antes de enfrentá-la de novo. Antes de a encarar. Mas ele não a queria longe. Ele se recusava a refletir sobre seus motivos.

“E o irmão?”

Chase soltou um longo suspiro e olhou para o lado.

“Continua desaparecido.”

“Ele não ficará assim para sempre. Ele não tem dinheiro.”

“É possível que a garota tenha financiado o plano.” Chase passou a mão pelo cabelo loiro. “Afinal, ela é uma especialista em se esconder e continuar à vista.”

Não era possível. Ela estava muito preocupada com dinheiro.

“Ela não o ajudou.”

“Você não pode afirmar isso.”

Só que ele podia. Ele havia relembrado a luta continuamente em sua cabeça.

“Eu a vi na luta. Eu vi como ela tentou impedir o irmão.” Ele fez uma pausa, ouvindo as promessas que ela sussurrou. “Ela me salvou. Ela cuidou de mim.”

“Ela não tinha outra escolha.” Chase e seu ceticismo.

Temple balançou a cabeça. Ela não havia tentado matá-lo. Ele não acreditava nisso. Não podia acreditar.

Chase arqueou as sobrancelhas.

“Você vai defender a garota?”

“Não.” *Mentiroso.* “Eu só não quero que ela seja punida pelo irmão.”

“E como vai ser a punição dela?”

“Eu preciso do West.” Duncan West, um dos mais ricos membros do clube, proprietário de meia dúzia de jornais londrinos.

Chase aquiesceu e levantou, compreendendo o plano de Temple sem precisar ouvir mais nada.

“Isso é fácil.”

Estava começando. Ele queria que fosse dessa maneira? Ele tinha tanta certeza. Imaginou noite após noite esse momento em que a revelaria para Londres e teria sua justiça. Ele a imaginou

arruinada. Sem escolha, a não ser ir embora outra vez. Recomeçar. Saber o que tinha feito com ele. Mas agora...

"Eu vou ditar os termos, Chase."

Chase arregalou os olhos castanhos fingindo inocência.

"Quem mais?"

"Eu sei como você gosta de se intrometer."

"Bobagem." Chase ajeitou uma manga, arrancando um fiapo do punho. "Eu só quero lembrar você de como as mulheres são ótimas atrizes, Temple. A sua não é diferente." Temple resistiu ao surto de prazer que passou por ele ao ouvir o termo possessivo. "Ela estava escandalizando Londres e provocando a maior distração que o Anjo já viu minutos antes do irmão esfaquear você. A situação toda fede a conluio."

"Então por que ela também não fugiu? Por que decidiu ficar?" Essas perguntas o agitavam há dias, desde que ele acordou do sono induzido pela facada e a encontrou ao seu lado, parecendo grata. Feliz de vê-lo vivo. Linda. *Dele.* Não. Não dele. Nunca dele.

"Bourne nunca a deixaria fugir", respondeu Chase. "A questão é que você não pode confiar nela. Seu ferimento ainda não cicatrizou, e você não é metade do homem que era há uma semana. Deixe-a ir embora. Asriel vai ficar de olho." Temple ficou rígido ao ouvir aquilo, detestando a verdade que Chase falou. Detestando sua fraqueza. Detestando como a ideia de ter alguém observando Mara o perturbava. Ela era responsabilidade dele. Seu caminho para a verdade. "Não posso me arriscar a perdê-la."

Chase lhe deu um olhar de incredulidade.

"Asriel nunca perdeu nada na vida..." Como Temple não respondeu, Chase se aproximou. "Jesus. Não me diga que está interessado nela."

"Não." Temple levantou, e a água da banheira respingou por toda parte, formando grandes poças no chão.

Ela não o interessava. *Não podia interessar.*

Chase lhe entregou uma toalha de algodão e jogou um pano sobre as poças. "Ela roubou sua vida - metaforicamente, e depois quase literalmente. E agora você está interessado nela."

Temple se secou como podia, incapaz de usar o braço esquerdo.

"Ela lembra de tudo daquela noite. Eu não lembro de nada."

"O que há para lembrar? Ela drogou você, fugiu, e o deixou para pagar por um assassinato que você não cometeu."

Havia mais. Os porquês. O como. As repercussões. O garoto com seu cabelo e seus olhos.

Ele enrolou a toalha na cintura e passou por Chase, voltando ao seu quarto. "Ela vai me contar tudo sobre aquela noite, e vai provar minha inocência para o resto do mundo. E por isso que ela - como você diz - me interessa. É por isso que temo que Asriel a perca."

Mas não é só por isso. Ele ignorou a noção de que deveria ter falado como Chase, mas acabou falando como ele mesmo. Ele não a queria. Não queria a força dela, nem sua garra ou bravura. Nem seu pescoço longo ou seus lábios cheios. Havia milhares de mulheres mais bonitas e mais acessíveis em Londres. Ele não se interessava pela Srta. Mara Lowe. Interessado parecia uma descrição muito fraca para o modo como ele se sentia a respeito dela. *Atraído. Tentado. Ele estava consumido por ela.*

Chase ficou em silêncio por um bom tempo, observando Temple se vestir, colocando calças, depois uma camisa branca e uma tipoia que haviam providenciado para o braço machucado.

Ele fez tudo com apenas um braço. Talvez Chase nem tivesse notado. Mas Chase não deixava passar nada.

"Como você está se sentindo?"

Não estou.

“Ainda posso derrubar você.”

Chase arqueou as sobrancelhas.

“É fácil falar.” Chase foi na direção da porta, e parou com uma mão na maçaneta quando lhe ocorreu uma ideia. “Eu quase esqueci. Estamos de olho no orfanato desde que Lowe atacou você.”

Temple não ficou surpreso - Lowe não tinha dinheiro e estava sem aliados depois que atacou o Anjo. Ele não podia mostrar a cara em lugar nenhum de Londres sem correr riscos. Ele só tinha a irmã. Raiva consumiu

o corpo de Temple quando ele pensou nisso.

“E?”

“Christopher enviou uma mensagem para ela. Nós a interceptamos.” Rapaz idiota.

“O que dizia?”

Chase deu um sorriso irônico.

“O que você acha? Ele precisa de dinheiro.”

Lembranças afloraram: a governanta de Mara sugerindo que o orfanato precisava de uma doação; as saias puídas que ela vestia quando Temple apareceu inesperadamente; as mãos nuas, vermelhas de frio.

“Ela não tem o que ele precisa.”

“Ela não tem nada.”

“Nós ficamos com a mensagem?”

“Não. Lemos e deixamos passar.”

Eles armaram para que ela ajudasse o irmão. E traísse Temple. *De novo.* “Eu quero falar com ela.”

Eu quero vê-la. Eu a quero.

Chase ficou em silêncio por um longo momento.

“Mande-a de volta para o Lar Maclntyre, Temple”, disse Chase, então. “Asriel vai colocar meia dúzia de homens vigiando o lugar o dia todo.” Temple olhou para Chase.

“Maclntyre”, ele disse.

Chase hesitou. Chase *nunca* hesitava. Temple atacou.

“Maclntyre. Você não costuma ligar para o nome de qualquer orfanato cheio de bastardos de aristocratas.”

“Normalmente, não. Mas você está surpreso que eu sei a respeito desse? E claro que eu sei para onde nossos membros mandam seus bastardos.”

Era o tipo de informação que Chase tinha que saber. Informação que dava poder ao Anjo. Era uma informação que Temple não podia se impedir de querer. Jesus, como ele queria gritar uma pergunta. *Um dos garotos é meu? Um dos garotos é dela? Nosso?*

Mas ele se conformou com:

“Você sabia que era ela quem tocava o orfanato?”

“Não.”

Temple encarou Chase à procura da verdade. Mas não a encontrou em seus olhos.

“Você está mentindo.”

Chase suspirou e olhou para o lado.

“Sra. Margaret Maclntyre. Nascida e criada nas docas de Bristol, casada com um soldado que morreu tragicamente em Nsamankow.”

A raiva cresceu com a traição.

“Você sabia que ela estava lá e não me contou.”

“De que adiantava você encontrá-la? Ela o drogou e esfaqueou ”

E se transformou em fúria incontrolável.

“Saia.”

Chase suspirou.

“Temple...”

“Não ouse tentar me acalmar!” Temple avançou, o punho cerrado, tentado a tirar a expressão de superioridade do rosto de Chase com as próprias mãos. “Você tem feito seus joguinhos conosco há tempo demais.”

Os olhos de Chase faiscaram.

“Eu salvei sua pele de uma dúzia de homens que queriam te matar.” Temple estreitou os olhos.

“E você usou isso para me controlar por *anos*. Bourne e Cross também. Bancando guardião, confessor e *mãe* de todos nós. E agora acha que minha vingança é sua? Você sabia quem ela era. Você sabia que meu nome dependia da existência dela.”

Veio uma lembrança. Chase nos aposentos de Temple no Anjo muitas noites atrás. *Não há prova de que você a matou.* A raiva cresceu.

“Você sempre soube. Desde o momento em que me pegou na rua e trouxe para o Anjo.”

Chase não se mexeu.

“Maldição. *Você sabia. E nunca me contou.”*

Chase ergueu as duas mãos, tentando acalmá-lo.

Temple...”

Mas Temple não queria se acalmar. Ele queria lutar. Mas sentiu uma pontada de dor no peito, que correu por seu braço esquerdo, quando os músculos ao redor do ferimento foram tensionados. Que correu para o nada no meio do antebraço. A dor da dormência não era nem de perto tão ruim quanto a dor da traição.

“Saia”, ele disse. “Antes que eu faça algo de que você vai se arrepender.” As palavras foram tão suaves, tão ameaçadoras, que Chase percebeu que não deveria insistir, mas se virou.

“O que você teria feito se soubesse?”

A pergunta o atingiu como um golpe.

“Eu teria acabado com isso.”

Chase o encarou com seriedade. “Você ainda pode.”

Mas dessa vez Chase não tinha razão. Não havia como acabar com aquilo. Não naquele momento. Muita coisa tinha acontecido.

“Saia.”

Capítulo Quatorze

Naquela manhã, ela acordou preparada para uma batalha. Mara estava pronta para lutar contra seu aprisionamento, pronta para negociar sua libertação. Ela havia passado três dias trancada no Anjo Caído, com liberdade apenas para circular pelas incontáveis passagens e salas secretas, mas sempre com um acompanhante. Às vezes era Asriel, o guarda calado e solene, às vezes era a Condessa de Harlow, quando ela chegava para verificar o ferimento de Temple, e às vezes era a linda Anna, que ao mesmo tempo tinha muito para falar e nada para dizer. Foi Anna que lhe enviaram como acompanhante naquela tarde. Ela mal bateu antes de abrir a porta do quarto de Mara e entrar, ajeitando as saias.

"Temple pediu para ver você", ela disse, apenas.

Mara ficou chocada ao ouvir aquilo. Ela não o via desde a manhã em que acordou, cuspindo chá e desconfiança sobre ela. Pensou que ele tivesse se esquecido dela. Ela desejou conseguir esquecê-lo - esquecer o modo como Temple permaneceu imóvel e pálido durante as horas que antecederam aquele momento em que ele recobrou a consciência e o temperamento. O modo como ela temeu por ele. O modo como ela desejou que Temple ficasse bem. Queria esquecer o modo como ela percebeu que aquele momento… aquela situação toda… tinha escapado totalmente do seu controle. O modo como ela sentia falta dele. Ela havia mandado recados aos outros homens -Bourne, Cross e o misterioso Chase - dizendo que queria ir embora. Que ela tinha afazeres a retomar no Maclntyre. Que ela tinha que cuidar dos garotos. Que ela tinha uma vida para viver. Mara não teve nenhuma resposta, até aquele momento. Até Anna chegar e tirar seu fôlego e fazer seu coração disparar com poucas palavras. *Temple pediu para ver você.* Ela iria vê-lo de novo. Ela iria vê-lo naquele momento. O entusiasmo lutava com o receio, e ela assentiu, levantando e alisando as saias. Nervosa. Ela endireitou a coluna.

"Como Ana Bolena indo para o cepo."

"Rainha da Inglaterra, é?" Anna sorriu, irônica.

"Temos que sonhar com alguma coisa", disse Mara, dando de ombros.

Elas começaram a andar pelo corredor comprido e curvo, e ficaram em silêncio por vários segundos até Anna falar.

"Sabe, ele não é um homem mau."

"Nunca pensei que fosse", replicou Mara, sem hesitar.

Verdade...

"Ninguém confia nele", disse Anna. "Ninguém que não seja próximo dele. Ninguém que não o conheça bem o suficiente para saber que ele não poderia…"

Ela parou de falar, mas Mara terminou a frase por ela.

"Ter me matado."

"Isso." Anna olhou de esguelha para ela.

"Mas você o conheceu bem o bastante?"

A bela loira encarou as próprias mãos.

"Conheço."

Mara notou o tempo presente. E odiou. Aquela mulher era amante do Temple, Mara não tinha dúvida. E por que não? Ela era perfeita para ele. Ela loira e ele moreno. A pele impecável, contrastando com as cicatrizes dele. E linda. Eles teriam filhos lindos, insuportavelmente lindos. Mas Temple tinha planos que não incluíam seu casamento com a amante. *Termina quando eu recuperar a vida para a qual fui criado,* ele lhe disse uma vez. *Com uma esposa. Um filho. Um legado.* Tudo como

deve ser. Tudo perfeito. Tudo que um duque merece. Sem dúvida uma esposa linda, jovem e capaz de lhe dar filhos perfeitos. O ciúme flamejou dentro dela. Mara não gostava da ideia de uma mulher assim tendo os filhos dele. Ela não gostava da ideia de mulher alguma tendo os filhos dele. *Exceto...*

Ela interrompeu o pensamento antes de concluí-lo. Manteve a loucura à distância. Protegeu-se.

“Ele tem sorte de ter amigos tão bons”, disse Mara.

“E você?” Anna olhou para ela.

“Eu?”

“Quem são seus amigos?”

Mara riu, mas sua risada não carregava humor.

“Eu ando escondida há doze anos. Amigos são um luxo que não posso ter.”

“E seu irmão?”

Mara balançou a cabeça. Kit era sua família, não um amigo. Ele nunca mais seria, depois disso tudo. Ela soltou um suspiro longo.

“Ele quase matou Temple. Que tipo de amigo é esse?”

Anna se virou e colocou a mão na maçaneta de uma porta ao lado, destrancando-a.

“Tenha certeza de que Temple entenda isso.”

Mara não teve tempo de pedir esclarecimento. Ela apenas entrou nos aposentos de Temple e a porta foi fechada depois do pronunciamento enigmático de Anna. Mara olhou para a porta aberta que, agora ela sabia, levava ao ringue. Ela andou naquela direção.

Temple estava no centro do salão vazio, no centro do próprio ringue. Forte, silencioso e lindo como sempre, mesmo usando uma tipoia improvisada para manter seu braço junto ao peito. Talvez tão lindo *por causa* dessas coisas. As calças pretas estavam impecavelmente passadas, e o olhar de Mara desceu por elas até o chão coberto de serragem, onde os pés descalços dele apareciam por baixo da bainha de lã. Ela ficou hipnotizada por aqueles pés descalços. Pela força deles. As curvas e os vales de músculos e ossos. Os dedos retos, perfeitos. As unhas limpas. A *té os pés daquele homem eram lindos.* Com esse pensamento ridículo, ela olhou para o rosto dele, e notando um sorriso curioso ali, se perguntou se ele teria lido sua mente.

Sem espectadores, a sala estava fria, e Mara abraçou o próprio corpo ao se aproximar dele. Temple era trinta centímetros mais alto, mas, de algum modo, estava muito mais longe que isso. Ele a observava atentamente, fazendo-a dar cada passo com cuidado, atenta ao modo como ele a encarava. Mara teve vontade de alisar o cabelo e as saias, mas resistiu à tentação.

Ela chegou ao ringue e olhou para Temple, que a encarava, a expressão reservada, como se não soubesse o que ela iria fazer. O que viria a seguir. Ela também não sabia. Mas Mara soube que ele esperaria uma eternidade até ela falar, então começou.

“Sinto muito.”

Não era a primeira vez que ela pensava isso, mas era a primeira em que falava. Para ele.

Ele arqueou as sobrancelhas pretas com a surpresa.

“Por...?”

Ela estendeu o braço e pegou uma das cordas ásperas do ringue com a mão.

“Por tudo.” Ela olhou para Temple, cujos olhos pretos viam tudo, mas não revelavam nada. “Pelas ações do meu irmão.” Ela fez uma pausa. Tomou fôlego. E confessou seus pecados. “Pelas minhas.”

Ele se aproximou dela, estendeu a mão ajudando-a a passar pelas cordas com uma mão áspera e calejada, quente e forte. Depois que ela estava dentro do ringue, ele recuou um passo, e Mara sentiu falta da proximidade.

“Você se arrepende?” Ele tinha lhe feito essa mesma pergunta há uma eternidade, na noite em que ela se aproximou dele em frente à sua casa.

“Eu me arrependo de ter prejudicado você.” A resposta dela foi a mesma, mas diferente. De algum modo mais verdadeira. Ela não se arrependia de ter fugido. Mas se arrependia profundamente do papel que coube a ele naquela peça imbecil, temerária. “E eu me arrependo do que meu irmão fez, mais do que você jamais irá compreender.” Ela parou de falar. Ele esperou. “Sim”, ela dizia a verdade. “Eu me arrependo. De sua dor. Do modo como atrapalhei sua vida. Brinquei com ela. Eu voltaria atrás, se pudesse.”

Ele se apoiou nas cordas, na extremidade do ringue.

“Então você não sabia do plano dele?”

“Não!” Ela arregalou os olhos com o choque causado pela pergunta. Como ele podia pensar que ela...

Como ele podia pensar isso?

Ela balançou a cabeça.

“Eu nunca machucaria você.”

Os lábios dele se curvaram em um leve sorriso ao ouvir isso.

“Eu chamei você de prostituta. Você ficou bem brava.”

Aquilo machucava, mesmo agora. Ela não desviou o olhar.

“Eu fiquei, é verdade. Mas estava lidando com a situação.”

Isso o fez rir, e o som foi caloroso e acolhedor.

“Estava mesmo.”

Ele ficou quieto por um bom tempo, até ela não resistir e olhar de novo para ele. Temple a observava, os olhos escuros enxergando tudo. Talvez tenha sido por causa daqueles olhos que ela falou:

“Fico feliz que tenha se recuperado, Alteza.”

A verdade. Ou talvez uma terrível mentira. Porque *feliz* nem começava a descrever a torrente de emoções que passava por ela enquanto olhava para ele. Alívio. Gratidão. Arrebatamento. Ela soltou um longo suspiro, e ele saiu de perto das cordas, aproximando-se dela, fazendo um arrepio de expectativa percorrê-la. Ele estendeu a mão para ela, que não hesitou e procurou o toque, o polegar que acariciou seu rosto. Ela ergueu a mão, mantendo-o ali, pele contra pele.

“Você está vivo”, ela sussurrou.

Alguma coisa brilhou no olhar dele.

“Assim como você.”

Pela primeira vez em doze anos, ela se sentiu viva. Aquele homem a fazia se sentir assim. Aquele homem, que deveria ser seu maior inimigo. Que provavelmente continuava sendo seu inimigo. Que sem dúvida a queria ver destruída por tudo que havia feito. Por todos os pecados que havia cometido. E que, de algum modo, conseguia ver Mara como ela era.

“Eu pensei que você fosse morrer.”

Ele sorriu.

“Você não admitiria isso. Não ousei contrariar você.”

Ela tentou imitar o sorriso. Mas não conseguiu. Em vez disso, lembrou de outro paciente. Outra morte.

Ele viu no rosto dela. Tinha que ver.

“Conte para mim.”

De repente, ela queria que ele soubesse.

“Não consegui salvá-la”, sussurrou Mara.

Ele não se mexeu.

“Quem?”

“Minha mãe.”

Ele enrugou a testa.

“Sua mãe morreu quando você era criança.”

“Eu tinha doze anos.”

“Uma criança”, ele repetiu.

Ela olhou para baixo, para suas sapatilhas bobas de seda aparecendo por baixo de seu vestido emprestado, seus dedos quase tocando os dele. *Tão perto.* “Eu tinha idade o bastante para saber que ela ia morrer.”

“Ela teve uma febre”, ele disse, e Mara percebeu que Temple queria consolá-la. *Você não podia fazer nada. Estava fora do seu alcance.* Uma dúzia de pessoas tinham lhe dito isso. Uma centena.

Todas acreditavam na mesma história. Só que ela não teve uma febre. Ou melhor, ela teve... só que não foi do modo que seu pai contou. Não veio com uma doença. Veio com uma infecção. De uma ferida que não sarava. E ela aguentou dores terríveis.

Temple ergueu seu queixo, fazendo seu olhar encontrar o dele. Ele era calor e força, tamanho e potência. E um homem honesto.

Ela olhou para ele, para seus olhos pretos como a meia-noite.

“Ele a matou”, ela sussurrou.

“Quem a matou?”

“Meu pai.” Mesmo naquele momento, anos depois, era difícil se referir a ele dessa forma. Difícil pensar nele assim.

Temple balançou a cabeça e ela soube o que ele pensava. Era impossível. Um marido não mata a esposa.

“Ele não gostava quando Kit e eu contrariávamos suas vontades, e ela fazia tudo que podia para nos proteger. Naquele dia...”, Mara hesitou, sem querer dizer mais, mas incapaz de se conter. Perdida na lembrança. “Ele tinha comprado um novo busto. Algo grego, romano ou persa, já não me lembro.

“Kit e eu corríamos pela casa e eu tropecei na minha saia.” Ela riu sem humor. “Eu tinha acabado de receber permissão para usar saias longas. Estava tão orgulhosa de mim mesma. Tão adulta. Eu caí sobre a estátua nova, que ficava em cima de uma mesa em um patamar da escada”, ela disse, e Temple inspirou profundamente, como se pudesse ver o que estava para acontecer. O que ela foi incapaz de ver quando era uma criança.

Ela deu de ombros.

“A estátua caiu lá de cima. Caiu dois andares até o chão, na entrada de casa.” Ela conseguia visualizar como se tivesse acabado de acontecer, a estátua despedaçada e irreconhecível no que parecia ser um quilômetro abaixo. “Ele ficou furioso. Subiu a escada correndo e me encontrou no patamar.” “Você não fugiu?”

As palavras a despertaram de sua lembrança.

“Fugir só teria piorado tudo.”

“A surra.”

“Eu aguentava. Não seria a primeira vez que ele nos castigaria. Nem a última.” Ela hesitou. “Mas minha mãe decidiu que bastava.”

“O que ela fez?”

“Ela foi para cima dele. Com uma faca.”

Temple inspirou fundo.

“Jesus.”

Mara relembrava aquela cena sem parar, praticamente todos os dias desde que aconteceu. Sua mãe linda, uma rainha vingadora, colocando-se entre os filhos e o pai deles. Recusando-se a permitir que o pai os castigasse.

“Ele riu dela”, Mara continuou, odiando a suavidade de sua voz. Odiando a forma como fazia

com que soasse igual à criança que foi um dia. Ela engoliu em seco. E buscou de novo o olhar dele. “Meu pai era forte demais para ela.”

“Ele virou a faca para ela.”

Outra ferida jorrando sangue. Dessa vez Mara não teve sorte.

“Os médicos vieram, mas não havia nada a ser feito. Ela estava condenada no momento em que sofreu o golpe. Foi apenas uma questão de tempo.” “Jesus”, ele repetiu, dessa vez estendendo as mãos para ela, puxando-a apertado contra seu peito forte. “E você teve que viver com ele”, Temple falou com os lábios colados ao cabelo dela.

Até que ele me ofereceu a outro homem, e eu não tive escolha a não ser fugir.

Ela guardou essas palavras para si mesma, em parte porque não desejava lembrar Temple que ele não gostava dela. Que ela era o motivo pelo qual sua vida tinha dado aquela virada. Ela gostava demais da força dele e do conforto que proporcionava.

Uma mentira por omissão.

Ela encostou seu rosto no corpo quente dele, inalando seu aroma, tomilho e cravo, permitindo-se ter esse momento, conquanto fugaz, antes que precisasse encarar mais uma vez o mundo. E Mara disse as palavras que nunca havia pronunciado.

“Se eu não tivesse quebrado aquela estátua...”

A mão dele foi até o queixo dela, erguendo seu rosto para a luz. Para seu olhar.

“Mara”, ele disse, o nome ainda estranho ao seu entendimento após uma década sem ouvi-lo. “Não é culpa sua.”

Ela sabia, embora não acreditasse.

“Ainda assim eu paguei por isso.” Um canto da boca dele se torceu, a ameaça de um sorriso, e ela viu a ironia ali. “Pagar dívidas que não são suas. Você sabe muito bem o que é isso.”

“Não tanto quanto você talvez pense”, ele disse, deslizando o polegar como seda quente pela face dela, para frente e para trás, o toque ao mesmo tempo calmante e perturbador.

Ele observou o movimento de seu próprio dedo, e Mara aproveitou a oportunidade para estudá-lo; seu nariz quebrado, a cicatriz debaixo do olho, a que partia o lábio inferior. Por um longo momento ela esqueceu do que conversavam, seus pensamentos perdidos na continuidade do toque dele. Quando Temple falou, ela viu as palavras curvando seus lábios, a sombra de um sorriso novamente.

“Eu pensava que a dívida era minha.”

Ele não procurou o olhar dela, nem mesmo quando ela sussurrou seu nome — o nome que ele assumiu quando se tornou um novo homem, forjado no exílio e na dúvida.

“Eu pensava que tinha matado você”, ele disse, apenas. Como se estivessem discutindo algo absolutamente trivial. O jornal do dia. O tempo. Ele pigarreou e sua mão se afastou da face dela. “Mas não matei, é óbvio.”

A perda do toque dele foi imensa.

Sinto muito, ela quis dizer.

Em vez disso, ela levou sua própria mão ao rosto dele, e a barba por fazer fez cócegas em sua palma. E a tentou. Ele então encontrou o olhar dela, e Mara viu arrependimento nos olhos dele, misturado a confusão, frustração e, sim... raiva, tão bem escondida que teria passado despercebida, se ela não estivesse olhando tão atentamente.

“Eu nunca quis fazer mal a você.” Ela parou de falar e seu olhar passou por cima do ombro dele, chegando ao espelho atrás do qual as mulheres assistiram à luta. “Nunca me ocorreu que você fosse sofrer.”

Ele não falou nada. Não precisava. A noção de que as ações dela não teriam conseqüências para ele eram de uma idiotice pura. Ela continuou falando, como se suas palavras pudessem manter o

passado afastado.

“Mas quando eu as ouvi... enquanto elas assistiam à luta...”

“Quem?”, ele perguntou.

Ela indicou o espelho com a cabeça.

“As mulheres. Eu odiei o modo como elas falavam de você”, disse Mara, deixando os dedos escorregarem do queixo dele, chegando ao peito e desenhando as colinas e os vales dos músculos por baixo do tecido. “Eu detestei o modo como elas olhavam para você.”

“Ficou com ciúme?”

Ela ficou, mas não era isso.

“Eu detestei o modo como elas devoraram você com os olhos, como se fosse um animal. Um doce. Algo para ser consumido. Algo menos do que... você é.”

Ele pegou a mão dela e a afastou de si, e Mara detestou a perda.

“Eu não preciso da sua pena”, disse Temple.

Ela arregalou os olhos.

“Pena?” Como ele podia pensar que essa emoção - o sentimento poderoso, perturbador, que corria em suas veias e virava tudo que conhecia de cabeça para baixo - era *pena?*

Não era nada assim tão simples.

“Eu queria que fosse pena”, ela disse, soltando sua mão da dele. Colocando-a novamente em seu tronco, onde os músculos do abdome se mexiam e endureciam, atraindo o toque dela. “Se fosse pena, talvez eu conseguisse evitá-lo.”

“O que é, então?”, ele perguntou, tão baixo e sombrio que fez Mara sentir que aquele salão enorme era o menor em que já tinha estado. Um lugar quieto e reservado.

Ela balançou a cabeça, cada centímetro do seu ser ciente dele. Cada célula dela desesperada por seu toque. Por seu perdão. Por ele.

“Eu não sei. Você faz eu me sentir...”

Ela parou, incapaz de expressar a emoção em palavras.

Ele levou a mão ao pescoço de Mara, os dedos deslizando pela pulsação que vibrava ali, roçando de leve, como se ela pudesse fugir se ele não tivesse cuidado.

“Como?”

Ela entrelaçou os dedos no cabelo de Temple, regozijando-se em sua maciez. Ele interrompeu o carinho com a mão boa, empurrando-a para as cordas, fazendo seus dedos envolverem uma corda grossa - primeiro uma mão, depois a outra. Quando ele terminou, Temple ergueu o rosto dela para fazer com que o encarasse.

“Como eu faço você se sentir, Mara?”

Depois que os dois se enfrentaram no ringue, toda Londres começou a pensar que ela era sua amante misteriosa. A disseminação dessa ideia não a tornava verdadeira? Importava que fosse apenas uma ilusão? Que ela o quisesse mais do que numa farsa? Que ela o quisesse de verdade? Mãos, lábios, corpo e... Ela hesitou para completar a frase. Quanto ao seu significado. Quanto ao modo que aquilo a arruinaria mais completamente do que qualquer castigo que o próprio Temple pudesse lhe impor. Mas a luta tinha começado, e ela sabia que era inútil lutar. Principalmente porque ela queria que ele vencesse.

Ela se agarrou nas cordas, seu porto em meio à tempestade dele.

“Você faz eu me sentir...” Ela parou, e os lábios dele encontraram os dela nessa hesitação, o beijo dele mais gentil do que nunca, sua língua atacando com força delicada e devastadora.

Ele se afastou antes que ela estivesse satisfeita.

“Continue”, ele sussurrou, sem a tocar e assim a destruindo. Segurando-a sobre o abismo, com apenas as cordas do ringue para mantê-la sã.

“Você me deixa quente e, de algum modo, fria.”

Ele recompensou a descrição dela com um beijo longo, delicioso, devotado, na base do pescoço dela.

“Como você se sente agora?”

“Quente”, ela respondeu, ainda que um tremor a sacudisse. “Fria. Eu não sei.”

Ele sorriu de encontro à pele dela, e Mara adorou sentir os lábios dele se curvando em seu corpo.

“O que mais?”

“Quando você olha para mim, faz eu me sentir a única mulher do mundo.”

Os olhos dele estavam no decote do vestido emprestado que Mara usava, cujo corpete parecia terrivelmente apertado. Ele passou um dedo pela borda do tecido, mal tocando a pele dela, fazendo-a desejar que a roupa toda desaparecesse. E então ele puxou a pequena fita branca que prendia a frente, e depois, lentamente, o cordão que ziguezagueava pelo corpete, até conseguir o que queria, que o tecido ficasse frouxo. Instintivamente, Mara soltou as cordas, para segurar a roupa. Mas ele estava lá, tirando um braço do vestido de lã, depois o outro. E ela deixou. Quando terminou, ele disse apenas:

“Pegue as cordas.”

Ela se abriu para ele, agarrando as cordas mais uma vez. O vestido ficou parado nos seios, ameaçando cair. Ele observou o modo como a peça de roupa ficou ali, presa por pouco, e ela imaginou se ele conseguiria removê-la com o olhar.

Temple passou um dedo por baixo da lã, delicadamente, e a roupa caiu aos pés dela. Ela arfou.

“Frio?”, ele perguntou.

“Não.” Quente como o sol.

Ele baixou a cabeça, tomando o bico de um seio na boca, por cima da roupa de baixo, estimulando-o através do tecido, deixando-o molhado e querendo mais. Querendo Temple. Ele ergueu a cabeça e fitou os olhos dela.

“O que mais, Mara?”, ele perguntou. “O que mais eu faço você sentir?”

“Você me faz querer que tudo fosse diferente”, ela disse.

Ele recompensou a confissão fazendo sua roupa de baixo cair, deixando-a nua, a não ser pelas meias de lã e pelas sapatilhas ridículas de seda que combinavam com o vestido que ela usava na noite em que chegou, mas que não condiziam com aquele lugar. Aquele momento. Ele a observou durante um longo momento, absorvendo-a, mantendo-a quente, mesmo enquanto soprava ar frio no bico de seu seio.

Ela suspirou de prazer e ele ergueu a cabeça, encontrando-a. Vendo-a. Assim como ela o viu. Viu o modo como ele a desejava. Como ele a queria. E quando ele passou as costas da mão pelos lábios, como um homem faminto, ela ficou fraca, e se sentiu grata pelas cordas atrás dela.

“Você me faz querer ser diferente”, ela confessou. *Você me faz querer ser mais.*

Ele balançou a cabeça.

“Estranho. Eu não quero isso.”

Essas palavras trouxeram uma cacofonia de pensamentos, embaralhados demais para que ela compreendesse. Tudo que Mara queria era dizer a coisa certa - a coisa que a levasse para perto dele. Que lhe daria o que ela queria. O que ela ansiava. A coisa que a faria dele.

“Tudo”, ela sussurrou, afinal. “Você me faz sentir tudo.”

E ali, no ringue que era seu castelo e seu reino, ele se ajoelhou diante dela, passou o braço forte pela cintura de Mara, e encostou seus lábios na pele macia de sua barriga antes de responder.

“Não tudo. Ainda não.”

Ele criou uma trilha de beijos do umbigo até o centro dela, à borda sensual e feminina... e parou. Ficou ali.

“Mas vou fazer”, ele prometeu, e deslizou a língua na pele macia e insuportavelmente sensível.

Ela suspirou e levou uma mão à cabeça dele, deslizando os dedos pelos fios de seu cabelo. Temple congelou, sua atenção capturada pelo toque, ele se virou instantaneamente e mordeu com delicadeza a base do polegar dela.

“As cordas.”

Ela parou.

“Por quê?”

Ele encarou seus olhos e ela enxergou uma promessa sensual.

“As cordas”, ele repetiu.

Ela fez o que ele mandou, e agarrou as cordas ásperas atrás de si, e ele a recompensou, subindo com a mão pelo tornozelo, por sua longa perna, passando em volta da curva do joelho, chegando até a pele intocada do lado de dentro de sua coxa, acima da meia. Ele afastou a perna do amontoado de saias e a apoiou em seu ombro bom, como se não pesasse nada. As faces dela queimaram de vergonha, enquanto o resto dela ardia de desejo. Mara ficou horrorizada e desesperada ao mesmo tempo. Uma contradição, como tudo que dizia respeito a Temple.

“Olhe.”

Como se ela pudesse fazer outra coisa. Tudo que ela podia fazer era olhar para ele. Olhar para ele a admirando.

“O espelho”, ele disse, e ela subiu os olhos para o enorme espelho à sua frente. Mara estava tão absorvida por Temple que havia se esquecido disso - esquecido que o espelho poderia lhe dar uma visão que ela não imaginava. Não sonhava.

Ela estava nua, exposta para ele, o ringue e o espelho, com as mãos enroscadas nas cordas. Ela era um escândalo completo, aberta como um sacrifício naquele altar estranho. Mas era ele que estava de joelhos, os ombros largos entre suas coxas nuas, uma perna jogada por cima do ombro em total e completo abandono. *Qualquer um poderia vê-los.* O conhecimento do que havia além daquele espelho deveria ter acabado com ela. Deveria tê-la assustado. Deveria tê-la escandalizado. Mas, ao contrário, fez com que quisesse mais. O *que ele tinha feito com ela?*

“Temple”, ela disse com suavidade, fechando os olhos para aquela visão. Para seu poder. Aterrorizada pelo que ele faria a seguir.

Aterrorizada pelo que ele não faria a seguir. E então ele fez, e a abriu mais, olhando para ela, vendo-a de um modo que ninguém mais tinha visto. Um modo que ninguém mais deveria ver. E ela adorou. Aquela mão - mágica e magnífica - se mexeu de novo, e um dedo deslizou pela parte mais secreta dela, explorando dobras, vales e cumes, fazendo o prazer percorrer seu corpo. Ela fechou os olhos com aquela sensação, inclinando-se para trás, as cordas rangendo debaixo dela, a aspereza arranhando sua pele.

“Meu Deus”, ele sussurrou, suas palavras ao mesmo tempo sacrilégio e bênção, enquanto seu dedo girava e acariciava, roubando o fôlego e a consciência dela. “Não sei como pensei que poderia resistir a você.”

Um eco dos pensamentos dela. Isso era inevitável. Desde o instante em que ela se aproximou dele na rua. Desde antes. E então a boca de Temple estava nela, e Mara não pôde mais pensar, com a língua dele atacando em lambidas longas e lentas, provocadoras e tentadoras e torturadoras, extraindo um prazer que ela não conseguia acreditar.

“Temple”, ela gemeu, erguendo-se, oferecendo-se para ele. Entregando-se para ele.

Confiando nele. Confiando em alguém pela primeira vez no que parecia ser uma vida. Ele a recompensou com sua boca maravilhosa, passando o braço por sua cintura e puxando-a para si, fechando seus lábios bem apertados em volta de um lugar sensível, impensável, e chupando mais fundo, lambendo com mais firmeza, tocando com uma pressão mínima, que a fez clamar por ele.

“William.” Ela suspirou o nome em que pensou cem vezes na calada da noite. Mil vezes. Sem nunca acreditar que ele pudesse lhe proporcionar um prazer tão maravilhoso.

Ele parou ao ouvir seu nome nos lábios dela, e Mara olhou para ele, encontrando seus olhos negros em meio à vastidão de seu corpo nu, sabendo que isso era ao mesmo tempo terrivelmente errado e certo. Ele girou a língua no corpo dela da forma mais espetaculosa, e Mara fechou os olhos, incapaz de suportar a tortura do prazer. Ele ergueu a boca então, apenas o bastante para falar.

“Olhe.”

Ela balançou a cabeça, e seu rosto ficou corado.

“Não posso.”

“Você pode”, ele garantiu, virando o rosto para colocar um beijo na curva alta de sua coxa. “Olhe enquanto eu lhe dou tudo que há para dar.”

Temple recolocou a boca nela, e Mara assistiu, seu olhar deslizando do reflexo dos dois para o rosto lindo dele, sabendo que aquilo era obsceno e escandaloso, mas incapaz de parar de olhar. Incapaz de se impedir de soltar as cordas e deslizar sua mão naquele lindo cabelo preto e apertá-lo contra si. Incapaz de se impedir de mover o quadril na direção dele. Incapaz de ignorar a torrente poderosa de prazer que correu por ela quando esse movimento fez com que ele gemesse de encontro à sua pele. E fez com que ele redobrasse seus esforços, movendo língua, lábios e dentes em perfeita harmonia, mandando-a para o alto em uma onda de prazer insuportável; até que ela se desfez nele, gritando seu nome, agarrando seu cabelo com mais força, absorvendo cada grama da sensação gloriosa que ele lhe proporcionava.

Ela não desviou os olhos nenhuma vez, nem mesmo quando balançou os quadris contra ele, com as cordas atrás de si suspirando no movimento. Ele a segurou enquanto ela voltava para ele, enquanto seus pés encontravam o chão mais uma vez e, incapaz de se manter erguida, ela ficou de joelhos com ele. Ele a puxou para seu colo, e eles ficaram ali, os corações acelerados, a respiração ofegante, por uma eternidade, sem falar, mas ambos sabendo que tudo tinha mudado. Para sempre...

Ela nunca havia sentido algo assim. Nem mesmo naquela noite distante em que ela o dominou, quando os dois deitaram em sua cama, beijando e tocando. Quando ele suspirou provocações em sua orelha e brincou com seu cabelo e fez promessas que nunca pretendeu cumprir. *Quando ela tirou dele seu mundo.* Ela não podia mais esconder dele. Ela não podia mentir para ele. Ela encontraria outro modo de salvar o orfanato. De manter os meninos em segurança. Devia haver outro modo. Um modo que não dependesse mais de usar aquele homem. Ela podia, pelo menos, dar isso para ele. Tristeza estampava o olhar dela o encarou, encontrando seu olhar inescrutável. Desejando poder escutar seus pensamentos. Desejando poder lhe contar tudo. Desejando que pudesse se abrir com ele. Desejando que o futuro deles não estivesse tão bem gravado em pedra.

“Eu prometi que ia lhe contar...”, ela começou.

Ele balançou a cabeça, interrompendo-a.

“Agora não. Não por causa disto. Não estrague o momento. Foi a primeira vez que pareceu real desde...”

Ele parou de falar e as palavras ecoaram nela, levando-lhe esperança e confiança - duas coisas que ela não podia aceitar. Duas coisas que, Mara tinha aprendido, poderiam lhe destruir se ela lhes desse abrigo. Ela não lhes deu tempo para que se enraizassem.

“Nós nunca...” Ela se afastou do colo dele, deslizando para o chão. “Nós começamos, mas nunca chegamos até aqui...” Ele fechou os olhos ao ouvir isso e inspirou profundamente, e embora quisesse parar, ela continuou. “Eu nunca deveria ter feito você acreditar que tínhamos ido até o fim.”

Ele a fitou nos olhos.

“Então foi outra mentira.”

Ela assentiu, querendo lhe contar tudo. Querendo lhe contar que naquela noite, tanto tempo atrás,

quando ela fez aquilo de que mais se arrependia, foi a noite também que ela fez aquilo de que menos se arrependia. Ele a fez rir e sorrir. Ele a fez se sentir linda. Pela primeira vez em sua vida. Pela única vez em sua vida. Ela abriu a boca para lhe dizer isso, para tentar explicar, mas ele começou a falar.

"Daniel."

O nome a confundiu.

"Daniel?"

"Ele não é meu."

Ela ficou espantada ao ouvir essas palavras. Espantada com seu significado. Ela balançou a cabeça.

"Não entendo..."

"Você disse que ele está com você desde sempre."

Daniel, com o cabelo escuro, os olhos azuis e a idade exatamente perfeita - caso eles tivessem ido até o fim. Se tivessem feito mais. Por um instante, ela deixou uma visão a dominar. Temple, forte, seguro, lindo e dela. E um filho moreno, sério e doce. E deles. Era a vida que ele queria. Uma esposa. Um filho. Um legado. Mas não era verdade. Ela balançou a cabeça, encontrando o olhar dele, vendo as emoções que se agitavam ali. Arrependimento. Raiva. Tristeza. Ela o havia machucado outra vez. Sem nem mesmo tentar. Mara balançou a cabeça, lágrimas nos olhos.

"Desde sempre... desde que eu fundei o orfanato. Ele não é..." Ela parou de falar, desejando que a verdade fosse diferente.

Ele riu então, uma risada dura e sem graça.

"E claro que ele não é. E claro que nós não fizemos."

Aquilo a devastou.

Ele levantou, em um movimento único e fluido, indo até o lado oposto do ringue, completamente gracioso com um braço na tipoia. Mesmo com um ferimento que teria matado um homem menos forte. De costas para ela, Temple passou a mão pelo cabelo.

"Só uma vez, eu queria a verdade de você." Ele olhou para ela por sobre o ombro. "Só uma vez, eu queria que você me desse uma razão para acreditar que você é mais do que parece. Mais do que uma mulher atrás de sangue e dinheiro." Ele riu e virou de novo para o outro lado. "E então você me deu."

Ela devia lhe contar. A história toda. O dinheiro, a dívida, o motivo pelo qual fugiu. Ela devia se colocar aos pés dele e lhe dar uma chance de perdoá--la. De acreditar nela. Talvez então eles pudessem recomeçar. Talvez então pudesse haver mais nesse relacionamento estranho, perturbador, admirável, que havia entre eles. Bom Deus, ela queria isso mais do que queria respirar.

"Eu nunca estive atrás de sangue", ela disse, se levantando com o vestido na mão, escondendo sua nudez dele. "Nem de dinheiro." Ela deu um passo na direção dele. "Por favor, deixe-me explicar..."

"Não." Ele se virou para ela, a mão cortando o ar.

Ela parou.

"Não", ele repetiu. "Estou cansado disso. De suas mentiras. De seus jogos. Estou cansado de querer acreditar em você. Chega."

Ela puxou o vestido à sua volta, sabendo que merecia aquilo. Sabendo que, por doze anos, sua vida caminhou para isso, para o dia em que ficaria frente a frente com esse homem e lhe diria a verdade - e aguentaria as conseqüências.

Mas ela nunca soube que a dor viria de perdê-lo. De machucá-lo. Que ela poderia gostar dele. *Gostar dele*. Que frase tola, tépida, se comparada à emoção que ela sentia naquele momento enquanto assistia àquele homem notável lutar com seus demônios. Demônios que ela havia colocado atrás dele.

"Não quero saber das suas razões, nem de como você as inventou. Estou farto. Quanto custou?

Esta tarde?”

Aquilo foi um golpe. Ele não podia acreditar que ela pediria para ser paga por... E *claro que ele podia*. Assim era o acordo que tinham feito.

Ela balançou a cabeça.

“E agora você está acima do nosso acordo?”

Ela não queria mais o acordo. Ela não queria nada daquilo. Ela só o queria por inteiro. E, simples assim, como um soco bem dado, ela entendeu. *Ela amava Temple*. E se isso já não fosse ruim, ele jamais acreditaria. Ainda assim, ela tentou.

“William. Por favor. Se você apenas...”

“Não.” A palavra cortou o ar, fria e assustadora. E ela percebeu que ali, naquele instante, estava enfrentando Temple, o maior lutador que Londres já viu. “Nunca mais me chame assim. Você não tem esse direito.”

E claro que ela não tinha. Ela havia lhe roubado esse nome quando lhe roubou sua vida. Lágrimas ameaçaram rolar, e ela as segurou, pois não queria que ele pensasse que eram falsas. Não queria que ele pensasse que *ela* era falsa. Então, aquiesceu.

“É claro.”

Ele estava frio e insensível, e ela não conseguia mais olhar para ele. Mara se abraçou quando ele deu seu último golpe. Quando ele encerrou a luta.

“Amanhã isto acaba. Você mostra seu rosto, restaura meu nome. Eu lhe dou seu dinheiro. E você some do meu mundo.”

Ele a deixou ali, no centro do seu ringue, no coração do seu clube. Foi somente depois que a porta para os aposentos dele foi fechada, e a tranca passada, que ela se vestiu e permitiu que as lágrimas viessem.

Capítulo Quinze

Ele a tinha deixado nua no ringue. Em nenhum momento, em toda sua carreira de boxeador, Temple havia deixado um oponente tão despojado de honra. *Ele nunca havia permitido que um oponente o despojasse de seus sonhos.*

Quanta bobagem. Temple se debruçou sobre a mesa de bilhar em uma das salas no andar de cima do Anjo Caído e fez as bolas rolarem com força.

“Jesus, Temple”, disse Bourne, ao ver duas bolas caírem nas caçapas da outra extremidade da mesa. “Quer que nós vamos embora, para você jogar sozinho?” Ele virou o resto do scotch. “E com um braço.”

A menção ao braço, ainda dormente e fraco devido à facada, trouxe sua raiva de volta. O irmão dela tinha roubado sua força. Seu poder. Mas ela fez coisa pior. Ela roubou sua esperança. Ela o deixou acreditar que tudo daria certo. Que ela podia ser o que ele queria. Esposa. Família. E *mais. Amor. A* palavra ressoou em seu corpo, parte choque, parte frustração, parte desejo. Ele a ignorou e deu outra tacada com precisão furiosa. E mais uma.

Cross se endireitou, e apoiou um braço na ponta de seu taco.

“Tudo bem, está claro que você não tem interesse no jogo, só na vitória”, ele disse. “Então qual é o seu problema?”

“E a mulher”, disse Bourne enquanto atravessava a sala para se servir outra dose de scotch.

Claro que era a mulher. Temple ignorou esse pensamento e encaçapou mais uma bola.

Cross olhou para Bourne.

“Você acha?”

Bourne passou um copo para Cross.

“E sempre a mulher.”

“Tem razão”, Cross concordou.

“Ele não tem razão”, disse Temple.

“Eu tenho razão”, disse Bourne, erguendo uma sobrancelha.

E claro que ele tinha razão. Temple fez uma careta.

“Vocês dois podem ir para o inferno.”

“Você ficaria com saudade se nós fôssemos”, disse Cross, finalmente tendo a chance de dar uma tacada. “Além disso, eu gosto da mulher. Tudo bem, comigo, se ela for seu problema.”

Bourne olhou de esguelha para Cross.

“Você *gosta* dela?”

“Pippa gosta dela. Acha que ela gosta de Temple. Eu acredito nela.”

Veio uma lembrança. Os olhos de Mara nadando em lágrimas, ela sentada nua no ringue. Ele a tratou de modo abominável. Temple apertou os dentes. Ela roubou sua vida e depois mentiu para ele. Várias vezes. Ela não gostava dele. Era impossível.

Cross continuava falando com Bourne.

“Além disso, ela acertou um soco na sua cara.”

“Não precisa mostrar tanta alegria”, retrucou Bourne.

“Por que não? Você apanhou. De uma mulher.”

“Você é um vagabundo” resmungou Bourne. “Além do mais, como eu ia saber que ela soca como o Temple?”

Mais uma lembrança - Mara no vestíbulo do Lar MacIntyre para Meninos, a mão espalmada em seu peito, forte e quente. *Eu não desejo machucar você.* Outra mentira.

Cross interrompeu seus pensamentos.

“Então, Temple. O que você fez de errado?”

Uma visão: Mara no centro do ringue, implorando para que ele a ouvisse. O que ela diria? O que teria contado para ele? Ele reprimiu a lembrança. Alguma vez ela lhe contou a verdade? *Minutos antes.*

“Nada.”

“Ah, isso significa que você deve ter feito algo.” Bourne desabou sobre uma cadeira ao lado.

“Quando vocês dois se transformaram em velhas tagarelas?”

Cross se apoiou na mesa de bilhar.

“Quando você perdeu seu senso de humor?”

A pergunta não era exagerada. Se fosse Bourne ou Cross que estivesse de tão mal humor, Temple teria sido o primeiro a fazer perguntas. Na verdade, no ano anterior Temple se divertiu muito assistindo aos dois amigos flertarem com a insanidade enquanto primeiro resistiam, depois cortejavam suas futuras mulheres. Ele riu muito dos dois, e ficou feliz por poder debochar do sofrimento deles. Mas enquanto sua situação podia mesmo envolver uma mulher, aquilo não dizia respeito a uma esposa. A questão era absolvição. Um objetivo muito mais importante.

“Eu a deixei ir”, ele disse.

“Para onde?”, perguntou Bourne.

“Para casa.”

“Ah”, fez Cross, como se aquela exclamação dissesse tudo. Só que não dizia.

Temple fez uma carranca para o ruivo irritante.

“Que diabo isso significa?”

“Só que, quando elas vão embora, não é tão bom como se imaginava.”

“Humm” Bourne acrescentou. “Você acha que vai ficar em paz, mas em vez disso... não consegue parar de pensar nela.”

Ele olhou de um amigo para o outro.

“Vocês dois viraram mulheres. Eu poderia parar de pensar nela com facilidade, se ela não fosse...” Ele hesitou.

Se ela não fosse tão irritante. Se ela não fosse tão obsessora. Se ela não estivesse tão linda quando ficou alterada e orgulhosa em seu ringue e absorveu os golpes que ele lhe deu como uma verdadeira campeã. Como se ela os merecesse. E ela merecia. M*as e se ela não merecesse?*

“Se ela não fosse...?”, cutucou Cross.

Temple se serviu um copo de uísque e bebeu um grande gole. Esperando que o álcool queimasse e apagasse a lembrança dela.

“Se ela não fosse minha ligação.”

“Com?”

Com Lowe. Com o passado. Com a verdade. Com a vida que ele quis desesperadamente por tanto tempo. Mais do que isso. *Ela era sua ligação com tudo.* Ele afastou esse pensamento e se debruçou para outra tacada, ignorando a pontada de dor que fervilhou em seu braço e desapareceu como se nunca tivesse existido.

Ele errou. Bourne e Cross se entreolharam, surpresos. Ele os fuzilou com o olhar.

“Tentem fazer o mesmo só com um braço.”

Eles ouviram uma batida na porta e se viraram ao mesmo tempo, e Temple se sentiu grato pela distração.

“Entre”, falou Bourne.

Justin entrou, seguido por Duncan West, proprietário de nada menos que oito jornais e revistas de Londres, provavelmente o homem mais influente da Grã-Bretanha, aquele que iria recolocar

Temple em seu lugar de direito na nobreza.

West passou os olhos pela sala.

“Tem lugar para mais um?”

Temple estendeu seu taco para o recém-chegado.

“Pode ficar com o meu.” Ele foi até o aparador e encheu seu copo, além de servir mais um, enquanto West tirava o casaco e o arremessava em uma cadeira próxima.

“Quem está ganhando?”

“Temple”, respondeu Bourne, dando sua tacada e errando.

West olhou para Temple e aceitou a bebida que o outro lhe oferecia.

“E você não quer continuar?”

Temple se apoiou nas costas de uma cadeira e bebeu.

“Prefiro falar sem estar ocupado.”

O jornalista parou.

“Eu também devo estar desocupado?”

Temple acenou com o copo na direção da mesa de bilhar.

“Você pode jogar até eu dizer algo que valha a pena escutar.”

A sugestão pareceu boa para West, que se voltou para analisar o jogo.

“Está bem. E o braço?”

“Ligado ao corpo”, respondeu Temple.

West aquiesceu e pôs o copo na borda da mesa, inclinando-se e alinhando o taco. Quando ele puxou o taco para trás, preparando a tacada, Temple fez seu anúncio.

“Mara Lowe está viva.”

West errou o lance, mas não ligou para isso, pois já estava se virando para Temple, os olhos arregalados.

“Você disse uma coisa que vale a pena escutar.”

“Achei que você iria se interessar.”

West deitou o taco na mesa.

“Como você pode imaginar, tenho dúzias de perguntas. Mais do que isso.” “E eu vou responder cada uma delas. O que eu não puder, ela vai responder.” “Você pode falar por ela?” West assobiou baixinho. “Essa *é* uma boa história. Onde ela está?”

“Isso não é importante”, disse Temple, de repente perdendo o interesse em compartilhar dos detalhes particulares da vida de Mara. Ele bebeu mais um pouco. *Coragem líquida.* De onde veio aquele pensamento? “Você pretende ir ao Baile de Natal dos Leighton?”

West reconhecia uma boa história quando via, e ele soube que devia ir a esse baile.

“Imagino que a Srta. Lowe vai estar presente?”

“Ela vai estar.”

“E você pretende me apresentar a ela?” Temple aquiesceu. Mas West era inteligente, e conseguiu juntar as peças. “Não é só isso.”

“Será que existe alguma coisa simples?”, disse Cross de seu lugar na mesa de bilhar.

“Você quer arruinar a garota”, disse West.

Ele queria?

“Não culpo você”, disse o jornalista. “Mas não vou ser manipulado por você. Eu vim porque Chase me chamou, e eu devo a ele. Vou ouvir sua história. Seu lado. Mas vou ouvir o lado dela também, e se eu achar que ela não merece o constrangimento, não serei eu quem irá envergonhá-la.” “Desde quando você é tão nobre?”, interveio Bourne. “A história vai vender jornais, não vai?”

Uma sombra passou pelo rosto de West, mas sumiu com tanta rapidez que Temple não teria percebido se não estivesse olhando com atenção.

“Basta dizer que eu arruinei tanta gente com meus jornais que não estou mais disposto a atender aos desejos de todo aristocrata com uma vingança.” Ele encarou Temple. “Ela merece?”

Era a pergunta que Temple esperava que o jornalista não fizesse. A pergunta que ele esperava nunca ter que responder. Porque há uma semana ele teria dito sim, sem dúvida. Uma semana atrás ele teria argumentado que a garota merecia tudo de ruim que lhe acontecesse - cada grama de justiça que ele pudesse lhe dispensar através de seu poder, sua força e sua influência. Mas agora, o que um dia foi evidente se tornava complexo. E ele não conseguia pensar nela com clareza. De repente, ele pensou na forma como ela o provocou quando se esqueceu de que eram inimigos. Na forma como ela o encarou como seu igual. Na forma como ela lidou habilmente com seus alunos e com os homens do clube. Na forma como ela se entregou ao seu beijo. Ao seu toque. A forma como ela aninhou aquela porca idiota em seus braços, como se fosse a melhor companhia que uma mulher podia querer. Na forma como pequenas ideias insidiosas entraram em sua cabeça, fazendo-o imaginar se ele não poderia ser um pouco melhor que a maldita porca.

Ele bebeu o resto do scotch e se virou para pegar mais. Jesus. Agora ele se comparava a uma porca. Então, ela merecia sua vingança? Ele não sabia mais. Mas quando pensou em seu passado - na vida que poderia ter tido, no prazer que seu título lhe dava, em seu papel, em seu potencial - ele não conseguiu impedir que a raiva crescesse. Se não fosse por ela, Temple estaria muito menos furioso. E muito menos machucado. Aquela cama foi feita há muitos anos. Não seria ele que a impediria de se deitar. Ela havia mentido para ele. Várias vezes. E quando ela finalmente lhe disse a verdade, lhe roubou o resto de esperança que possuía. A última promessa da vida que ele desejava nos recantos mais escondidos da sua alma. A esposa linda. O filho forte e feliz. A família. O nome. O legado. Ela lhe roubou tudo isso, como se nunca tivesse sido dele. A raiva cresceu, quente e bem-vinda, e Temple fitou Duncan West nos olhos.

“Ela merece.”

West se virou para a mesa e deu sua tacada, encaçapando a bola. Ele se endireitou e levantou seu copo, brindando a Temple.

“Se isso for verdade, ficarei feliz em ajudar você”, ele disse. “Vejo você na festa dos Leighton.” Ele deu um gole grande antes de jogar o taco para Temple e se encaminhar à porta. Uma vez lá, ele se virou. “E o Chase?”

Temple não falava com Chase desde que se desentenderam, várias noites atrás.

“O que tem?”

“Onde ele está esta noite?”

“Ocupado”, disse Bourne, e seu tom de voz não admitia que o assunto continuasse.

West fingiu não perceber a irritação na voz de Bourne.

“Sem dúvida. Mas quando ele vai se dar conta de que sou amigo o bastante para guardar seus segredos?”

Cross ergueu a sobrancelha.

“Quando seu meio de vida não depender de você contar os segredos dos outros.”

West sorriu e terminou seu scotch antes de sair pela porta.

“Muito justo. Vou jogar vinte e um.” Ele acenou para Temple. “Amanhã?”

Temple inclinou sua cabeça para West.

“Amanhã.”

“E minhas perguntas vão ser respondidas?”

“Sim, e haverá mais”, prometeu Temple.

West assentiu e se foi em segundos, pois as mesas no piso do cassino exerciam uma atração irresistível. A concordância dele devia ter aumentado a empolgação de Temple. Devia tê-lo feito se sentir vingado. Mas o que ele sentiu foi um nó na garganta e uma acidez desagradável na boca do

estômago. Algo que ele não estava interessado em definir, mas também não seria capaz se tentasse.

Ele se virou para seus amigos, que o observavam com cuidado.

“Depois que West a expor, a reputação dela estará arruinada. Ele vai colocar o orfanato em risco”, alertou Bourne.

“Não é boa ideia que o orfanato seja afetado por um escândalo”, explicou Cross, como se Temple não entendesse.

Mas ele entendia. E ele não gostou da sensação desagradável que percorreu seu corpo quando Cross falou isso. Da sugestão que seu plano era um perigo para uma casa cheia de crianças inocentes. Do modo como Bourne facilmente classificou Mara como um escândalo. Ele não gostou de pensar em quais dessas coisas o desgostava mais.

“Se ele tiver acesso aos arquivos do orfanato, vai descobrir em minutos quem são os garotos”, disse Bourne. “Ele vai expor os pais.”

“A garota não vai sobreviver a isso. Ela nunca mais vai poder mostrar o rosto em Londres”, acrescentou Cross. “Se ela não for expulsa pelos pais que mandaram seus filhos para lá, vai ser destruída pelas mulheres da sociedade. E ela irá culpar você. Está preparado para isso? Para perdê-la por completo?”

Temple semicerrou os olhos para Bourne.

“O que me importa se vou perdê-la? Vai tarde!”

Essa mentira doeu, ainda que ele se recusasse a reconhecer que era mentira. Seus amigos sabiam que não deviam insistir.

“West é nosso amigo”, acrescentou Cross. “Mas ele também é um jornalista. E dos bons.”

“Eu sei disso”, falou Temple.

Ele não era um monstro. Depois que ela estivesse arruinada, ele protegeria os garotos. Ele construiria um palácio fora da cidade para eles. E encheria o lugar com doces e cachorros. E porcas. Ele a imaginou segurando a maldita porca, com um sorriso em seus lábios vermelhos, e sentiu uma pontada de algo parecido com culpa. *Maldição.*

Ele fechou a mão do braço machucado, detestando a rigidez.

“Vou manter West longe do orfanato”, Temple prometeu. “Ele é um homem decente. Não vai fazer nada que prejudique duas dúzias de crianças.”

Cross baixou os olhos para a mão de Temple, que ainda abria e fechava em um ritmo cuidadoso.

“Como está o braço?”

“Você está ansioso para me ver de volta ao ringue, não é?” Temple brincou, sem se sentir bem-humorado.

Cross não sorriu.

“Estou ansioso para ver você de volta. Ponto final.”

Temple olhou para o antebraço machucado, virando-o, refletindo. Imaginando se deveria lhes contar o que ele suspeitava durante a noite, quando o braço formigava e ardia. O que eles diriam se Temple lhes contasse que não sentia parte de seu braço? O que ele seria para os outros se não fosse mais o invencível Temple? O que ele seria para si mesmo? Não seria mais o amigo que fizeram, o homem com quem começaram um negócio. Não seria mais o legendário boxeador britânico. Não seria mais o homem que passava seus dias em Mayfair e as noite no oeste de Londres. Em vez disso, ele seria outra coisa. Uma identidade pervertida - nascido aristocrata, formado nas ruas. O Duque de Lamont, que não via sua propriedade nem sua família há doze longos anos. *Não seria mais o Duque Assassino.* Mas é claro que ele nunca foi. Ele teve uma visão - Mara de pé no ringue, orgulhosa e impassível. Mais forte do que qualquer um de seus adversários anteriores. Mais feroz. Muito mais envolvente. O *que ele seria para ela?* Ele passou a mão boa pelo rosto. O que ela tinha feito com ele? O que ele tinha feito consigo mesmo?

“Você não precisa fazer isso, sabia?” inquiriu Bourne em voz baixa.

Temple olhou para o amigo.

“Agora você a defende? Quer que eu pegue um espelho para que se lembre da mancha roxa em volta do seu olho?”

Bourne deu um sorriso irônico.

“Ela não é a primeira a me acertar um soco. E não vai ser a última.” Isso era verdade. “Tudo que estou dizendo é que você pode parar isso. Pode mudar tudo.”

“O que fez você ficar assim tão magnânimo?”

O marquês deu de ombros.

“Você gosta da garota, isso é óbvio, ou não estaria tão devastado pela situação. Eu sei como é isso. E eu sei o que significa desistir de uma vingança pela garota.”

Por um instante ele considerou a ideia. Ele imaginou como seria se pudesse mudar a história. Imaginou que vida criaria se tivesse a oportunidade. Imaginou uma fila de filhos morenos e filhas ruivas, cada um com olhos lindos e estranhos, além de uma determinação férrea. Imaginou a mãe deles liderando o ataque. Mas tudo foi só imaginação. A realidade era uma coisa totalmente diferente.

***

O Duque e a Duquesa de Leighton ofereciam seu baile de máscaras de Natal todo dezembro desde que se tornaram marido e mulher. A festa se tornou tão legendária que grande parte de Londres fazia questão de voltar à cidade para ir ao baile, apesar do clima gelado e sombrio nessa época.

De acordo com Lydia (que se revelava uma fofoqueira muito maior do que Mara tinha imaginado), a Duquesa de Leighton se orgulhava de encher a lista de convidados com dezenas de dignitários londrinos, aristocratas ou não. Lydia chegou até mesmo a usar a frase “todo mundo que for alguém” em meio à empolgação que seguiu ao recebimento, por Mara, do convite de Temple - se é que uma única linha de garranchos em tinta preta, informando o horário e o vestido que ele preferia que ela usasse, podia ser chamado de convite. Mara deduziu que não era coincidência que aquele era o evento em que ela seria desmascarada diante de Londres. Literal e figuradamente. Só que ontem, antes de a situação toda azedar, podia ter sido diferente. Ontem, antes de ela lembrar Temple do passado que compartilhavam - e das várias formas em que eram inimigos - eles podiam ter sido amigos. E ele poderia ter reconsiderado aquele momento. *Sonho.*

Ela soltou uma risada abafada quando pensou nisso. Era um sonho. Pois não havia nada que apagasse seu passado. Que apagasse o que ela tinha feito. Nenhum tipo de perdão iria mudar o desenrolar daquele enredo. Como aquela noite terminaria? Com sua ruína. Com toda honestidade, Mara estava feliz que a noite finalmente tinha chegado. Depois que sua ruína acontecesse, ela poderia, sem dúvida, voltar à sua vida comum, sendo esquecida pelo resto da Grã-Bretanha. *Esquecida por ele.* Era melhor assim. Uma bênção, talvez.

Ela dizia isso para si mesma enquanto passava o orfanato para Lydia naquele dia, desvendando os meandros do lugar - contando as histórias de todos os garotos, os arquivos onde guardavam os registros de seu trabalho e os resquícios do passado dos meninos: as certidões de nascimento. Ela dizia isso para si mesma enquanto prometia a Lydia os recursos que receberia de Temple, ainda que em Mara doesse a ideia de cobrar a parte dele no acordo. Ela não tinha escolha. Os garotos precisavam de carvão, e Lydia precisava de fundos para tocar o orfanato. Ela dizia isso a si mesma enquanto fazia sua mala de viagem e guardava dinheiro suficiente para levá-la a Yorkshire, o lugar de onde ela havia fugido doze anos atrás. Ao lugar em que ela havia se reinventado. Onde ela se tornou Margaret MacIntyre. Ela dizia isso a si mesma quando o vestido chegou em uma linda caixa branca, marcada por um H dourado em relevo, acompanhado de uma máscara dourada com uma filigrana delicada que ela teve que se controlar para não tocar.

Havia lingerie também - sedas, cetins e rendas -, meias bordadas e *chemises* perfeitas, ao mesmo tempo maravilhosas e absolutamente necessárias. Fazia mais de uma década que ela não punha algo tão macio em contato com sua pele, e ela se regalou com a sensação dos tecidos em sua pele, mesmo que o objetivo daquilo tudo ecoasse em seus pensamentos. Eram roupas de baixo feitas para serem vistas. Por homens. Por *Temple.* E a capa - um verde deslumbrante, entremeado por fios dourados para combinar com o resto da roupa, forrada de arminho, que devia custar mais do que um ano de todas as contas do orfanato. Mara ficou assustada ao encontrar tal capa na caixa, pois não falaram dela quando estiveram no ateliê de Madame Hebert para aquela noite de prova absolutamente constrangedora.

Suas faces ficaram quentes com a lembrança dos olhos dele em seu corpo naquela sala mal iluminada. E quando essa lembrança deu lugar a outra, daquela noite mesmo, quando os lábios dele desceram sobre os dela, suas faces queimaram. E ela dizia para si mesma que estava feliz por ir encontrar seu carrasco enquanto aguardava de pé no vestíbulo do Lar Maclntyre para Meninos, com uma mala aos seus pés e Lydia nos primeiros degraus da escada, com Lavanda no colo.

Naquele momento, enquanto esperava no vestíbulo daquele lugar que construiu com trabalho, lágrimas e amor, ela percebeu que não era mais Margaret Maclntyre nem Mara Lowe. Não era mais professora, nem irmã, nem cuidadora, nem amiga. Ela era de novo um vazio. Mara sentiu o coração apertar. E de algum modo, nada disso importava, a não ser uma verdade devastadora: ela também não era nada para Temple.

Ela se virou para Lydia.

“Se meu irmão aparecer, você diz para ele que eu fui embora? Entrega minha carta para ele?”

A mensagem de Christopher estava esperando por ela quando Mara retornou do Anjo, e pedia dinheiro para que ele pudesse deixar o país. E prometia que aquela seria a última vez que ele lhe pediria algo. Mara lhe escreveu uma carta dizendo a verdade - que ela não tinha recursos para dispor, e que os dois estavam em uma situação da qual teriam que fugir. Ela lhe agradeceu pelos anos em que ele escondeu sua verdade do mundo e se despediu.

Lydia apertou os lábios.

“Eu entrego sua carta, mas não gosto disso. E se ele for atrás de você?”

“Se ele for, que seja. Prefiro que venha atrás de mim do que de você. Ou deste lugar”, disse Mara, acrescentando em voz baixa, “do que de Temple.” Suas palavras a fizeram lembrar daquela noite, de sua faca no alto do peito de Temple. Christopher desaparecendo em meio a uma multidão enquanto Mara entrava em pânico. Ali estava a solução. Terminaria com tudo. Libertaria Temple. Christopher nunca mais o incomodaria. E depois dessa noite, ela também não. Ela suspirou, desesperada para resistir às emoções que afloravam cada vez mais fortes quando ela pensava nele.

“E tudo o mais...”

Lydia aquiesceu e pôs Lavanda no chão, aproximando-se de Mara e pegando suas mãos.

“E tudo o mais.” Elas ficaram assim por um longo tempo. Amigas. “Você não tem que fazer isso, sabe. Nós podemos lutar.”

Lágrimas ameaçaram aflorar e Mara piscou para segurá-las.

“Mas eu tenho que fazer. Por você. Pelos meninos.” Ela passou as mãos pela seda macia de sua saia, obrigando-se a lembrar que naquela noite ele cumpriria sua promessa. E Mara cumpriria a dela. Finalmente.

Naquela noite terminaria. Lydia sabia que não adiantava discutir.

“E um vestido lindo.”

“Faz parecer que eu estou à venda”, disse Mara.

“Não faz, não.”

Lydia tinha razão. Sim, o decote era baixo, mas Madame Hebert tinha, de algum modo, atendido

ao pedido de Temple sem fazer com que Mara parecesse indecente. Mas Mara não queria reconhecer que o vestido era deslumbrante. “Ele faz você parecer uma princesa.”

Mara puxou a capa ao seu redor.

“Não faz, não”, foi a vez dela dizer.

Lydia sorriu.

“Uma duquesa, então.” Mara olhou atravessado para ela, mas Lydia continuou falando, pegando Lavanda, que dançava aos pés delas. “Nossa. Imagine só. Você, casada com o pai dele.”

“Prefiro não imaginar”, disse Mara.

“Madrasta desse homem.”

Ela fechou os olhos.

“Não diga isso”, pediu Mara.

“Imagine uma vida assim - cheia de pensamentos impuros com seu próprio enteado.”

“Lydia!” Mara protestou, feliz pela distração.

“Oh, grande coisa”, disse Lydia. “Ele é mais velho que você.”

“Não significa...”

Lydia abanou a mão.

“E claro que significa. Olhe para ele. É enorme. E lindo como o pecado. Você quer honestamente me dizer que não teve um único pensamento impuro com ele?”

“Quero.”

“Mentirosa.”

E claro que ela mentia. Ela teve mais que pensamentos impuros com ele. Ela teve atos impuros. E piores que isso. Ela o amava, de algum modo. Que virada infeliz a história teve. E então o objeto de seus pensamentos apareceu, poupando-a de ter que pensar demais nisso. Ela ficou com o coração na boca quando o viu, em suas calças e seus colete e paletó, perfeitamente sob medida, apesar da tipoia - também preta, como as roupas. Bom Deus, como os ombros dele eram largos. O preto era quebrado apenas pelo branco brilhante da camisa e da gravata, engomadas e ajustadas por aquele que devia ser o melhor camareiro de Londres. Ela não conseguia imaginá-lo com um camareiro. Ele não parecia ser o tipo de homem que precisava de ajuda para nada, muito menos para alguma coisa tão frívola como uma gravata com laço perfeito. Mas era assim que ele estava, de qualquer modo.

“Alteza”, Lydia disse com um sorriso enorme. “Estávamos falando de você.”

Ele inclinou a cabeça.

“Estavam? E o que diziam?” Ele se curvou sobre a mão de Lydia, perdendo o brilho em seu olhar enquanto Mara olhava feio para ela por cima de suas costas imensas, querendo que a outra não falasse mais nada.

“Estávamos discutindo as manipulações do destino.”

Ele acariciou o focinho peludo de Lavanda e a leitoa se tornou uma traidora, entregando-se ao toque, fungando, antes que Temple voltasse sua atenção a Mara.

“Manipulações muito boas, de fato.” Ele passou os olhos por ela, deixando-a quente e depois fria. Nervosa, ela agarrou o acabamento em arminho junto ao pescoço, sentindo como se ele pudesse enxergar através do tecido. A atenção dele caiu em sua mão, e Temple hesitou por um longo momento antes de falar.

“Você está pronta?”

“O máximo que posso estar”, ela disse em voz baixa, mas ele já estava a caminho da porta, sem dúvida ansioso para começar a destruição dela. Sem dúvida cansado dela. Sem dúvida cansado de viver sua vida sem todos os privilégios com que tinha nascido.

Ela o seguiu, sabendo que cada passo que dava nessa noite mudava sua vida. Nessa noite ela perderia a capacidade de fugir do passado. Ela teria que assumi-lo. E com isso, ela provavelmente

perderia tudo pelo que tinha trabalhado. Por causa dele.

À porta, Lydia a deteve, jogando seus braços à sua volta e sussurrando em sua orelha.

“Coragem.”

Mara anuiu, evitando o nó em sua garganta, e pegou Lavanda nos braços para um abraço demorado e um beijo na cabeça antes de entregar a porca para a nova proprietária do Lar Maclntyre para Meninos. A carruagem estava silenciosa como um túmulo, e Mara procurou não reparar nele. Ela tentou não reparar no modo como o peito dele subia e descia por baixo do tecido de sua camisa e da lã macia de seu paletó. No modo como a respiração dele acontecia em inspirações e expirações longas e lentas. No modo como suas coxas fortes se contraíam conforme a carruagem balançava ao longo das ruas de paralelepípedos. O aroma dele - cravo, tomilho e Temple. Ela tentou não reparar nele até Temple se inclinar para frente na escuridão, atravessando a linha tácita de demarcação que separava o lado dele na carruagem do dela.

“Eu trouxe um presente para você”, ele disse com aspereza.

Afinal, seria indelicado não reparar em alguém com um presente. E, claro, ele confirmou suas palavras com uma caixa longa e fina que estendeu na direção dela. Mara reconheceu imediatamente o branco com o relevo dourado, a marca de Madame Hebert, e balançou a cabeça, confusa, enquanto pegava o pacote.

“Estou usando tudo que você mandou. E mais.”

As palavras saíram antes que ela pudesse se conter - antes que ela pudesse evitar de lembrar a ambos que vestia roupas compradas por ele. Roupas que ele escolheu enquanto ela ficava seminua na sua frente, em uma sala escura. Ele podia ter aproveitado o momento para humilhá-la, obrigando-a a admitir que cada peça de roupa era dele antes de ser dela. Mas não. Ele apenas se recostou no assento e falou.

“Nem tudo.”

Ela abriu a caixa e tirou o papel delicado para revelar um par lindo de luvas de cetim, que combinavam perfeitamente com seu vestido e eram maravilhosamente bordadas e possuíam dezenas de botõezinhos na parte interna. Ela as retirou com delicadeza da caixa, como se pudessem quebrar em suas mãos.

“Você nunca usa luvas”, disse Temple. “Pensei que precisasse de um par.”

Contudo, aquelas não eram luvas para o dia a dia; eram luvas para uma noite, para um conjunto. *Para um homem.* Ela arregaçou uma manga antes de se dar conta de que não conseguiria abotoar a luva com apenas uma mão. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele se inclinou para frente de novo, tirando do bolso do casaco um gancho de botão, como se fosse a coisa mais comum do mundo que um homem carregasse aquilo. Ele a confinou naquele espaço pequeno e escuro, pegando sua mão. Temple soltou seu braço e dobrou para trás a manga da capa dela, usando o braço ruim para mantê-la firme enquanto se dedicava à tarefa de abotoar a fila interminável de botõezinhos verdes. Ela quis odiá-lo por tentar controlar até isso, até suas luvas. Mas ela o amou ainda mais por isso, e seu coração pesou no peito, pois Mara sabia que era a última noite em que os dois estariam juntos.

“Obrigada”, ela disse suavemente, sem saber o que mais poderia fazer, sentada ali, remexendo no papel da caixa com a mão livre.

Ele estava quieto, concentrado na tarefa, e ela se conformou em observar o alto do cabelo preto dele, incapaz de inspirar fundo devido à proximidade de Temple, desejando que ele não estivesse tão perto de suas mãos imperfeitas, cheias de cicatrizes. Mas grata pelo fato de ter coberto os anos de história escritos em sua palma antes de entregar a mão para ele. E se sentiu profundamente perturbada pelo toque hábil e gentil dele. Ela podia sentir a delicadeza da respiração de Temple na pele de seu pulso que ele escondia sob a luva, e o toque suave de seus dedos no lado de dentro do seu antebraço foi a última coisa afugentada pelo toque da seda.Não. Não afugentada. Aprisionada por ela. Porque

era assim que ela se sentia, como se a luva impedisse que o toque dele escapasse.

Ele terminou a primeira luva depois de uma eternidade, e com um suspiro longo ela soltou a respiração que não percebeu estar segurando, e notou então que ele pegou sua outra mão sem avisar. Ela a puxou, mas a mão dele estava firme.

“Obrigada, eu posso...”

“Permita-me”, ele disse, pegando a segunda luva de sobre as pernas dela.

Não, ela queria dizer, *não olhe.* Calor tomou suas faces, e ela se sentiu grata pela escuridão da carruagem. Mas ele viu seu rubor assim mesmo.

“Você está com vergonha das suas mãos”, ele disse, e com o polegar massageou com suavidade - de enlouquecer - sua palma.

Ela puxou novamente a mão. Inutilmente.

“Não precisa, sabia?”, ele disse, continuando com aquele toque lento, circular - uma tortura sem fim. “Estas mãos ajudaram você a sobreviver por doze anos. Elas trabalharam para você. Ela conquistaram recursos, abrigo e segurança para você por mais de uma década.”

Os olhos dela procuraram os dele, pretos como carvão na luz fraca.

“As mãos de mulheres não deveriam mostrar seu trabalho.”

Ele continuou, sua voz pouco acima de um sussurro.

“Mas o que eu não consigo compreender, Mara, é por que você exigiu isso delas?”

Medo. Destino. *Insensatez.*

“Eu gostaria que elas fossem inexperientes. Macias. Do modo como devem ser as mãos de uma lady.”

Do *modo que você as prefere, sem dúvida.* Não. Ela não ligava para como ele gostava de suas mãos. Das mãos dela. Ele deslizou a seda por sua mão, passando os dedos pelos tubos de tecido, pressionando seus dedos nos vales entre os dela. Quem poderia ter imaginado que a pele nesses lugares é tão sensível?

“Estas são suas mãos”, ele disse, baixando a cabeça, sussurrando para a pele nua da palma dela. “São perfeitas.”

“Não diga isso”, ela sussurrou.

Não seja gentil comigo. Não me faça amar você mais do que eu já amo. Não me machuque mais do que você já planejou machucar.

Ele beijou o polegar da mão dela antes de fechar os botões e subir para o pulso, onde colocou outro beijo suave, e prendeu mais botões. E assim continuou, subindo, pelo lado de dentro do antebraço, com beijos leves, delicados, cada um disparando uma corrente de calor dentro dela, cada um fechado pela seda. Por ele. Cada um uma ruína completa, pois a fazia querer subir no colo dele para se entregar sem perguntas. Quando ele chegou ao último trecho de botões, o que iria fechar seu cotovelo, ele se deteve na pele nua desse local, pressionando seus lábios quentes àquele lugar sensível que Mara ainda não conhecia, demorando-se aí depois que ela arfou de prazer pela carícia. Temple abriu os lábios e traçou círculos longos com a língua, lânguidos com um calor úmido magnífico.

Ela não conseguiu evitar de enfiar sua mão livre no cabelo dele, segurando-o ali, naquele lugar sensual e maravilhoso. E odiando a maldita luva que a impedia de tocá-lo. Praguejando em voz alta. Ela sentiu os lábios dele se curvando em sua pele, e o sorriso foi afastado por uma passada de dentes -insuportável e indolor-, antes que ele concluísse sua tortura e, então, sua tarefa. Nesse momento ela teria lhe dado qualquer coisa que ele pedisse. Ela teria lhe dado com prazer profundo, irrevogável. Era isso que tornava aquele homem mais perigoso do que qualquer pessoa em Londres pensava. Ele conseguia controlá-la com um toque, e seu controle era mais sério, mais perigoso, do que o de qualquer um dos homens que a controlou antes. E era aterrorizador.

“Temple”, ela sussurrou no escuro. “Eu...”

Ela perdeu a voz, ainda que quisesse dizer um milhão de coisas. *Eu sinto muito. Eu gostaria que pudesse ser diferente. Eu gostaria de poder ser a mulher perfeita que você quer. A mulher que vai apagar o passado. Eu amo você.*

Ele não lhe deu chance de dizer nada disso.

“Está na hora de você colocar sua máscara.” Ele se recostou no assento da carruagem, parecendo absolutamente impassível depois de toda aquela experiência. “Nós chegamos.”

Capítulo Dezesseis

As luvas foram um erro. Ele percebeu no instante em que começou a abotoar nela aquelas coisas malditas. Não que ele não tivesse se imaginado as colocando em Mara no momento em que chegaram à sua casa. Não que ele não tivesse se imaginado desabotoando todo o resto e deixando Mara apenas com aquelas longas luvas de seda. Só que a imaginação empalidecia se comparada à realidade, pelo menos quando se tratava de Mara Lowe, e ele não conseguiu se impedir de tocar nela. De beijá-la. De provar sua pele. De ficar, ele mesmo, impossivelmente distraído e insuportavelmente excitado ao fim do processo. Em sua vida toda ele nunca ficou tão empolgado e ao mesmo tempo furioso por chegar em algum lugar. Só que, ao descer da carruagem e estender a mão para ajudá-la a descer, com a luva de seda deslizando em meio a seus dedos, ele percebeu que havia cometido um erro enorme. Afinal, ele teria que tocá-la durante toda a noite, e cada toque da seda em sua pele seria igual o toque de uma chama. Um lembrete do que ele havia tocado.

Ele a guiou pelos degraus decorados com extravagância da Casa Leighton até a entrada, onde um criado retirou dos ombros dela a capa forrada de pele, revelando uma quantidade extraordinária de pele clara e macia. Uma quantidade nua demais. Merda. Ele nunca deveria ter obrigado Hebert a deixar o decote do vestido tão baixo. O que ele estava pensando? Todos os homens presentes ficariam de olho nela. O que sempre fez parte de seu plano. Só que naquele momento, em que ela ajustava a magnífica máscara dourada, que só fazia destacar seus lindos olhos peculiares, e olhava para ele com um sorriso discreto, Temple não gostava nada daquele plano. Mas era tarde demais. Ele entregou seu convite e logo os dois estavam dentro do salão de festas, fazendo parte da massa fervilhante de foliões, todos voltando à cidade especialmente para participar daquela festa. E foi por isso que ele escolheu aquele evento para a revelação de Mara. Para sua própria volta.

A mão dele encostou na base das costas dela, e ele a guiou através da multidão que se aglomerava junto à porta, resistindo ao impulso de esganar os homens por perto cujos olhos vagantes se perdiam na elevação dos seios de Mara. Temple olhou de lado para o busto em questão, considerando a pele rosada perfeita, as três sardas que montavam guarda logo acima da seda verde-jade. Sua boca ficou seca. E então se encheu de água. Ele pigarreou e ela o encarou, os olhos arregalados e inquisidores por trás da máscara.

“Bem, Alteza? Você me tem aqui, como queria. O que pretende fazer comigo?”

O que ele queria fazer com ela era levá-la para casa e a estender nua em sua cama, para retificar os eventos perdidos daquela noite, doze anos atrás. Mas não era essa a resposta que ela esperava. Então, ele apenas capturou sua mão enluvada na dele e a levou para o meio da multidão.

“Eu pretendo dançar com você.”

Mara não precisou ficar meio segundo em seus braços para Temple perceber que essa ideia era quase tão ruim quanto dar luvas para ela, que estava quente e exalava um aroma suave e cítrico. Ela se encaixava com perfeição em seu braço bom, enquanto ele arriscava passos que não deveria mais lembrar. E então, ao pensar nos passos, ele hesitou. Temple se recompôs, mas ela notou o erro assim como tinha notado sua desenvoltura anterior. Ela o fitou e seus olhos brilharam dentro da filigrana dourada.

“Quando foi a última vez em que você esteve em algo deste tipo?”

“Você quer dizer um legítimo salão de festas aristocrático em um legítimo evento aristocrático?” Ela inclinou a cabeça, confirmando, enquanto ele executava uma volta elaborada para evitar outro casal. “Mais de uma década.”

Ela concordou.

“Doze anos.”

Ele não gostou da precisão da resposta, mas não soube dizer por quê. Quando Temple encontrava a elite da sociedade, geralmente era no cassino depois de uma luta, depois que ele tinha provado seu valor com músculos e força. Ele era o mais forte de todos. O mais poderoso. *Não mais.* Ele contraiu a mão ruim na tipoia, insensível e preocupante. E detestou a sensação, em parte por causa da mulher em seus braços. Porque ele talvez nunca sentisse a pele dela com aquela mão. Nem seu cabelo. E se Mara descobrisse seu novo defeito, ele poderia parecer menos homens aos seus olhos. Mas Temple não devia ligar para isso; afinal, ele nunca mais a veria depois daquela noite. Era o que ele queria. *Mentira.*

“Conte-me como foi”, ela pediu, e ele desejou que ela não tivesse pedido. Ele desejou que ela não estivesse interessada nele. Desejou que ela não atraísse sua atenção — seu interesse - com tanta facilidade.

Desejou que ela não o fizesse se sentir tão sem controle.

“Agora não é a melhor hora para uma conversa.”

O olhar lindo mostrou contrariedade e ela observou o salão e os casais que dançavam ao redor deles.

“Você tem que estar em algum outro lugar?”, ela perguntou.

Ela estava completamente à mercê dele. Temple poderia lhe dizer, a qualquer instante, que retirasse a máscara. Ele segurava todas as cartas, enquanto ela não tinha nenhuma. Ainda assim, ela encontrava espaço para provocá-lo. Mesmo naquele instante, a minutos de sua destruição, ela permanecia firme. Aquela mulher era admirável.

“Fui forçado a ir ao baile de debutante de uma vizinha”, disse Temple. Os lábios cor-de-rosa se curvaram sob a máscara, enfatizando o caráter provocativo de seu traje.

“Você deve ter apreciado. Ser forçado a dar os pequenos passos da quadrilha para equilibrar a proporção de garotas e rapazes no baile em questão.” “Meu pai deixou claro que eu não tinha escolha”, ele disse. “Era o que faziam os futuros duques.”

“E então você foi.”

“Fui.”

“E você odiou a experiência? Todas as moças jogando seus lenços aos seus pés, para que você tivesse que parar e pegá-los?”

Ele riu.

“E por isso que elas deixavam o lenço cair?”

“Um truque bem velho, Alteza.”

“Eu pensava apenas que elas fossem desajeitadas.”

Os dentes brancos dela brilharam.

“Você odiou.”

“Na verdade, não”, ele disse, observando o sorriso dela se transformar em sorriso de curiosidade. “Foi tolerável.”

Era mentira. Ele tinha adorado. Ele adorou cada segundo em que foi um aristocrata. Temple ficava empolgado com todas as mesuras e formalidades e a noção de prazer e honra que ele tinha enquanto todas as mais belas jovens de Londres disputavam a sua atenção. Ele era rico, inteligente e nobre - todo privilégio e poder.O que havia para não adorar?

“E eu estou certa de que as jovens do reino ficaram gratas por você cumprir seu dever.”

Dever. A palavra reverberou nele, tão apagada quanto a lembrança, que foi embora com seu título quando ele acordou naquela cama banhada de sangue. Ele a encarou.

“Por que o sangue?”

O olhar dela mostrou uma breve confusão, seguida pela compreensão. Ela hesitou. Não era o

melhor lugar para aquela conversa, na casa de um dos homens mais poderosos de Londres, rodeados por centenas de convivas. Mas a conversa surgiu mesmo assim. E ele não conseguiu evitar de a pressionar.

“Por que você não fugiu, apenas? Por que fingir sua morte?”

Ele não sabia se ela iria responder. Mas ela respondeu.

“Eu nunca planejei para que você fosse acusado da minha morte.”

Ele esperava uma variedade de respostas possíveis, mas não esperava que ela mentisse.

“Mesmo agora você não me diz a verdade.”

“Eu entendo que você não acredite em mim, mas é a verdade”, ela disse em voz baixa. “Não era para pensarem que eu estava morta, mas que tinha sido arruinada.”

Ele não conseguiu evitar a risada chocada que soltou ao ouvir aquilo. “Que tipo de atos perversos você esperava que pensassem que eu cometi?” “Ouvi dizer que o ato envolvia sangue”, ela disse, sem achar graça.

Ele ergueu as sobrancelhas por trás da máscara.

“Não tanto sangue.”

“Sim, eu entendi isso depois que você foi acusado de assassinato”, ela resmungou.

“Deve ter sido...” Ele se lembrou daquela manhã.

“Meio litro.”

Ele riu com vontade.

“Meio litro de sangue de porco.”

Ela sorriu, tímida e inesperadamente.

“Tenho procurado compensar tratando tão bem da Lavanda.”

“Então deveria parecer que eu arruinei você.” Ele fez uma pausa. “Só que não arruinei.”

Ela ignorou o comentário.

“Eu também não esperava que você dormisse tanto. Eu o droguei apenas para que ficasse no quarto tempo suficiente para as empregadas notarem. Tomei cuidado para que você fosse visto por duas delas.” Ela o encarou. “Mas eu juro que pensei que você teria acordado e fugido antes que o encontrassem.”

“Você pensou em tudo.”

“Eu exagerei.” Ele percebeu o arrependimento na voz dela quando a orquestra parou de tocar e ela soltou suas mãos no mesmo instante. E ele se perguntou se o arrependimento era devido a suas ações no passado, por suas repercussões, ou pelo momento presente - pela vingança que ele havia prometido.

Imaginou se era por ela mesma ou por ele. Temple não teve chance de perguntar, pois ela recuou um passo e trombou com outro mascarado, que aproveitou para dar uma boa olhada nela.

“Ora, se não é a lutadora do Anjo Caído.” Ele a comeu com os olhos. “Encontre outra pessoa para admirar”, disse Temple, sombrio.

“Ora, vamos, Temple”, disse o homem, erguendo a máscara e revelando ser Oliver Densmore, rei dos idiotas vaidosos, o homem que havia feito uma oferta por Mara quando ela estava no ringue do Anjo. “Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo. Você não pode ficar com ela para sempre.” Ele se virou para Mara. “Eu lhe pago o dobro. O triplo.”

Temple fechou a mão boa, mas ela falou antes que ele atacasse.

“O senhor não conseguiria pagar o meu preço.”

Densmore soltou uma gargalhada e recolocou a máscara no rosto. “Acho que você valeria o esforço.” Ele puxou um dos cachos ruivos de Mara e desapareceu na multidão, deixando Temple fervendo de raiva. Ela havia se defendido bem.

Porque não confiava nele para protegê-la. Porque ele tinha jurado fazer exatamente o contrário.

Como se a interrupção nem tivesse acontecido, Mara retomou a conversa.

“Eu sei que você não deseja ouvir isto, mas acho que vale a pena eu dizer assim mesmo. Eu realmente sinto muito.”

“Você está agindo como se ele não fosse inconveniente.”

Ela fez uma pausa.

“Aquele homem? E melhor ignorar, não acha?”

“Não.” Ele pensou que o melhor, para Densmore, seria deixá-lo de bruços em alguma vala. Naquele momento Temple queria perseguir o homem em meio à multidão e acabar com ele.

Ela o estudou, os lindos olhos claros e honestos através da máscara. “Ele me tratou como uma dama da noite.”

“Isso mesmo.”

Ela inclinou a cabeça.

“O objetivo não é esse?”

Jesus, ele se sentiu um canalha. Ele não podia fazer isso com ela.

“De qualquer modo”, ela continuou, sem notar os pensamentos conflituosos de Temple, “eu sinto muito.”

Ela estava se desculpando com ele, como se *ele* não tivesse lhe dado uma dúzia de razões para que o odiasse. Uma centena.

“Não é uma desculpa nem de perto aceitável”, ela continuou, “mas eu era uma criança e cometi erros, e se eu soubesse então…”

Ela perdeu a voz. *Não teria feito.* Não, talvez ele não quisesse ouvir o pedido de desculpas, mas com certeza gostaria de ouvir que ela voltaria atrás, se pudesse. Que ela lhe restituiria sua vida. Temple não conseguiu se segurar. “Se você soubesse então…?”

A voz dela ficou mais suave, e foi como se os dois estivessem sozinhos naquele salão, ainda que rodeados por metade de Londres.

“Eu não teria usado você, mas ainda assim teria me aproximado de você naquela noite. E ainda assim teria fugido.”

Ele deveria estar bravo. Deveria ter se sentido vingado. As palavras dela deveriam ter afastado todas as suas dúvidas quanto a seus planos para aquela noite. Mas não fizeram nada disso.

“Por quê?”

Ela olhou para as portas que davam para os jardins da Casa Leighton, com várias delas ligeiramente entreabertas para permitir que o ar abafado do salão saísse.

“Por quê?”

Ele a seguiu, como se estivesse amarrado a ela.

“Por que se aproximar de mim?”

Ela sorriu discretamente.

“Você era bonito. E nos jardins foi irreverente. E eu gostei de você. E de algum modo, mesmo com tudo isto, ainda gosto.”

Gostar era a palavra mais tépida, inócua. Não ajudava em nada a descrever como ela se sentia em relação a ele. E não fazia nada para explicar como ele se sentia em relação a ela.

Ele não conseguiu se segurar.

“E por que fugir?”

Diga a verdade, ele desejou. *Confie em mim.*

Não que ela devesse.

“Porque eu tinha medo de que seu pai fosse como o meu.”

As palavras vieram como um golpe, rápidas e em seu ponto cego. O tipo de golpe que faz um homem ver estrelas. Brilhantes e dolorosas, como a verdade. Ela tinha 16 anos e estava prometida

para um homem três vezes mais velho. Um homem cujas últimas três mulheres tiveram destinos infelizes. Um homem que tinha o pai cruel dela entre seus amigos mais íntimos. Um homem cujo filho era um mulherengo inveterado, já aos dezoito anos.

"Eu nunca o teria deixado machucar você", ele disse.

Ela se virou ao ouvir isso, os olhos cintilando com as lágrimas. Ele a teria protegido a partir do momento em que a conheceu. Ele teria odiado seu pai por tê-la para si.

"Eu não sabia disso", ela disse com suavidade, a voz cheia de arrependimento.

Ela estava aterrorizada, na época. Mas, ainda assim, ela foi forte. Ela escolheu uma vida desconhecida em lugar da vida com um homem que poderia ser igual a seu pai. Temple foi apenas um dano colateral. Ela estava congelada, graciosa e esguia, na extremidade do salão, olhando para as portas que levavam à escuridão, e ele percebeu a metáfora. Era outro momento. Outra ameaça. Outro momento que revelou demais Mara Lowe. E ela já não tinha medo da escuridão. Ela tinha vivido doze anos na escuridão. Assim como ele. Jesus. Não importava como eles tinham chegado até ali. Como seus caminhos tinham sido diferentes. *Eles eram iguais.*

Ele estendeu a mão para ela, seu nome na ponta da língua dele, sem saber o que aconteceria a seguir. Sem saber o que diria ou faria. Sabendo apenas que ele desejava tocá-la. Seus dedos deslizaram pelo pulso coberto de seda quando ela puxou a mão, colocando-se em movimento fluido e gracioso. Já se dirigindo para as portas. Ele a deixou sair.

***

Estava muito frio, e ela desejou ter pensado em pegar sua capa antes de fugir do salão abafado, mas Mara não podia voltar para dentro. Ela abraçou o próprio peito, lembrando-se de que já tinha passado mais frio e em piores condições. Era verdade. Ela ficava à vontade com o frio. Ela o entendia e podia combatê-lo. O que ela nunca poderia combater era o calor de Temple. *Eu nunca o teria deixado machucar você.*

Ela inspirou profundamente e desceu correndo os degraus que levavam da colunata de pedra até os jardins da Casa Leighton, desaparecendo na paisagem e agradecendo aos céus pelas sombras. Recostando-se em um grande carvalho, ela fitou as estrelas, imaginando como tinha ido parar ali, naquele lugar, com aquele vestido e aquele homem. Um homem contra o qual foi jogada pelo destino. Com quem estava entrelaçada. *Para sempre.*

Lágrimas ameaçaram aflorar enquanto Mara expirava grandes nuvens de vapor na luz fraca do salão de festas, enquanto ela imaginava o que viria a seguir. Ela queria que ele andasse logo com aquilo e a desmascarasse, para que pudesse odiá-lo, culpá-lo e seguir com sua vida. E assim ela pudesse seguir sem ele.

Como Temple tinha se tornado tão vital para ela em tão pouco tempo? Por que ele se transformou tão de repente? Como foi que ele começou a dizer essas coisas para Mara, a ser tão gentil e delicado, uma vez que, após a recente reaproximação, ele jurou destruí-la? Como é que ela começou a confiar nele? Como *é que ele continuava sendo a única pessoa que ela havia traído?* Como se invocado pelo pensamento sobre traição, seu irmão saiu das sombras.

"Ora, isto foi imprevisto", disse ele.

Mara recuou um passo, afastando-se dele.

"Como você sabia que eu estaria aqui?"

"Eu segui você desde o orfanato. Eu o vi pegar você", disse Kit, os olhos agitados, o rosto sem barbear. "Vocês formam um belo casal."

"Não formamos nada."

Ele ficou quieto por um instante.

"E se você tivesse ficado noiva dele, em vez do pai?", disse ele, então. "Talvez não estivéssemos

nesta confusão.”

A pergunta a incomodou. E *se:* se ela ganhasse um xelim por cada vez que essas palavras passaram por sua cabeça, Mara seria a mulher mais rica de Londres. Mas as palavras não ajudavam. Tudo que faziam era encher a cabeça de sonhos vazios. Ainda assim, as palavras reverberaram. E *se*... E se ela tivesse casado com ele, o jovem e atraente marquês com o sorriso malandro, que a beijou como se fosse a única mulher no mundo? E se eles tivessem casado e construído uma vida juntos, com filhos, animais de estimação e beijos que desciam por seu braço, e brincadeiras bobas que provavam que os dois pertenciam um ao outro? E *se eles se amassem?* Amor. Ela revirou a ideia em sua cabeça, considerando seus ângulos e suas curvas.

Mesmo naquele momento ela não entendia esse conceito da mesma forma que as outras pessoas. Da forma como ela sonhava quando era criança. Da forma como ela lamentava a falta de amor entre ela e seu noivo velho naquele mês perverso que antecedeu seu casamento, quando ela chorava em seu travesseiro. Mas agora… agora ela amava. E era difícil. E era doloroso. E ela desejou que o amor sumisse. Ela desejou que o amor parasse de tentá-la com ideias de uma vida diferente. Imaginar outra vida era perigoso - o caminho mais rápido para a dor, o sofrimento e a decepção. Ela vivia na realidade. Nunca nos sonhos. Ainda assim, pensar naquele garoto há doze anos… do homem que era agora… Na vida que poderiam ter tido… se tudo tivesse sido diferente. “Você recebeu minha carta?”

Ela assentiu, sentindo o calor da culpa se espalhar por seu corpo. Kit estava ali. Temple a poucos metros de distância. Até mesmo conversar com seu irmão parecia uma traição ao homem que havia adquirido uma importância tão grande para ela.

“Você entende por que eu preciso da sua ajuda”, disse Christopher, aproximando-se, a voz toda gentil, destituída da raiva que, sem dúvida, fervia sob a superfície. “Eu tenho que ir embora de Londres. Se aqueles malditos me acharem…”

Mas eles não eram malditos. Eram os homens mais leais que ela havia conhecido. E Temple — ele tinha o direito de estar furioso. Ela roubou sua vida muitos anos atrás, e Kit quase a tomou dele novamente.

“Mara”, disse o irmão, um eco de seu pai. “Eu fiz isso por você.”

Ela o odiou então, o irmão mais novo que ela havia amado tanto. Odiou-o por sua impulsividade, sua imprudência e sua estupidez. Odiou-o por sua ira. Sua frieza. As escolhas que ele fez e mudaram a vida dos dois. Que havia tornado a vida dela uma confusão complexa e insuportável.

“Você não percebe que ele fez isso com você?”, disse Kit, as palavras suaves como seda. “O Duque Assassino. Ele transformou você nessa prostituta, e a virou contra mim.”

No começo disso tudo ela poderia ter aceitado aquelas palavras, mas naquele momento ela sabia que não era nada disso. Em algum momento, enquanto ele ensinava os garotos do Lar MacIntyre que vingança nem sempre era a resposta, e protegia Lavanda da morte certa, e salvava Mara de agressores, Temple fez com que ela o amasse. E fazendo isso, ele a libertou.

“Você acha que eu não vejo? O que você acha dele?” Kit se aproximou dela, e suas palavras revelaram seu nojo. “Eu vejo como você olha para ele. O modo como ele domina você, manipula você como uma marionete. Você não liga que ele tomou tudo de mim.”

Ela não ligava. Ela queria apenas que Temple se vingasse. Que ele, finalmente, tivesse a vida para a qual estava destinado - a mulher perfeita, os filhos perfeitos, o mundo perfeito que ele merecia desde o nascimento, e que ela tinha roubado dele. A única coisa que ela precisava dar para Temple. Lágrimas arderam.

“Vá embora, Christopher.” Ela escolheu o nome de propósito, pois ele não era mais uma criança. E ela não aceitaria mais ser culpada por ele. “Se você for pego, eles irão castigá-lo.”

“E você não irá impedi-los?”

Nem se ela pudesse.

“Não.”

Ele a odiava; Mara pôde ver em seus olhos.

“Eu preciso de dinheiro.”

Sempre dinheiro. Era só o que importava. Ela balançou a cabeça.

“Eu não tenho nada para lhe dar.”

“É mentira”, ele disse, andando na direção dela. “Você está escondendo de mim.”

Ela balançou a cabeça e disse a verdade.

“Eu não tenho nada para você.” Tudo que ela tinha era para o orfanato. E o resto… era para Temple.

Ela não tinha lugar para esse homem.

“Você me deve. Pelo que eu sofri. Pelo que eu ainda sofro.”

Ela balançou a cabeça.

“Não devo nada. Passei doze anos tentando me convencer de que fiz o que era certo. Pensando que eu fiz mal a você. Que fiz você se tornar o que é.” Ela balançou a cabeça. “Mas não fiz nada disso. Garotos crescem. Homens fazem suas escolhas. E você deveria se considerar com sorte por eu não começar a gritar até que metade de Londres venha correndo e encontre você.”

Ele congelou.

“Você não faria isso.”

Ela pensou em Temple, imóvel e machucado sobre a mesa em seus aposentos no Anjo. Pensou no modo com o peito dela doeu e seu coração ribombou enquanto ela permanecia aterrorizada pela ideia de que ele talvez não acordasse. Um centímetro para a esquerda ou a direita e Kit teria matado o homem que ela amava.

“Eu não vou hesitar.”

A raiva dele transbordou.

“Então você é a prostituta dele, afinal.”

Se fosse assim tão fácil… Ela se manteve firme, recusando-se a recuar. Quando Kit percebeu a força dela, sua voz se tornou um lamento esganiçado.

“Você também errou, sabia?”

“Eu pago pelos meus erros todos os dias.”

“Estou vendo. Com seu belo vestido de seda e sua capa forrada de pele e sua máscara feita de ouro”, ele disse. “Que dureza.”

Ele parecia ter esquecido do que iria acontecer com ela. Como ela assumiria a punição pelos crimes dele.

“Eu tenho pago por meus erros desde o dia em que fui embora. E pago mais desde que voltei. Você tem sorte por eu ter assumido o castigo pelos nossos crimes. E pelos que você cometeu sozinho.”

“Não preciso da sua proteção.”

“Não”, ela retrucou. “Você só precisa do meu dinheiro.” Ele ficou rígido ao ouvir isso. Ela sabia que não tinha escolha a não ser ir até o fim. “Eu deveria entregar você para ele. Você quase o matou.”

“Queria ter matado.”

Ela balançou a cabeça.

“Por quê? Ele nunca nos fez mal. Ele era inocente nisso tudo.” Ele era o único inocente.

“Inocente?” Kit vociferou. “Ele arruinou você.”

“Nós o arruinamos!”, ela exclamou.

“Ele fez por merecer!” A voz de Kit cresceu até um tom febril. “E o resto deles tomou cada moeda que eu tinha!”

Vinte e seis anos e continuava uma criança.

“Cada moeda que eu tinha também, irmãozinho.” Ele congelou. “Eles não o forçaram a apostar.”

“Também não me impediram. Eles merecem o que tiveram.”

“Não. Eles não merecem. *Ele* não merece.”

“Ele virou você contra mim - eu, que guardei seu segredo por todos esses anos. E agora você o escolhe, em vez do seu irmão.”

Bom Deus, ela escolhia mesmo. Ela escolhia Temple no lugar de qualquer coisa. *Mas isso não significava que ela poderia tê-lo.* Ela sentiu pena de Kit naquele instante, pena que ele tivesse vivido a vida que viveu - que eles não haviam tido a capacidade de proteger um ao outro. De apoiar um ao outro. E Mara chorou por ele, por aquele garoto amoroso e risonho que Kit havia sido, que lhe arrumou meio litro de sangue de porco e mandou as empregadas atravessarem Whitefawn Abbey para garantir que ela e Temple fossem vistos antes que ela simulasse sua própria ruína. Antes que ela arruinasse um homem que nunca mereceu isso.

Ela estremeceu na noite gelada, e passou as luvas de seda pelos braços, incapaz de manter o frio longe, talvez porque viesse de dentro. E então, destruída pela tristeza, ela enfiou a mão em sua bolsa e pegou o único dinheiro que possuía. O fim das suas economias, que deveriam levá-la até Yorkshire. Para recomeçar.

Ela entregou as moedas para o irmão.

“Aqui. E o bastante para tirar você da Grã-Bretanha.” Ele olhou com escárnio para a quantia insignificante, e ela o odiou ainda mais. “Fique à vontade para recusar.”

Kit ficou quieto por um longo momento antes de falar.

“Então é isso?”

Ela engoliu suas lágrimas, cansada dessa vida que vivia, de ter fugido e se escondido por tanto tempo. De ter que viver à sombra de seu passado. Uma parte dela pensava que o dinheiro poderia comprar sua liberdade. Poderia mandar

Kit embora e lhe dar uma chance de tentar algo diferente. Algo mais. *Temple.*

“É isso.”

Ele desapareceu na escuridão, da mesma maneira que surgiu. A culpa cresceu dentro dela, mas não por Kit. Não pelo futuro do irmão. Ela lhe deu dinheiro e uma chance de recomeçar. E ao fazer isso, roubou Temple de sua justiça. De algum modo, isso foi pior que todo o resto. Ela o havia traído. A sensação foi mesmo de uma traição, ainda que ela estivesse junto ao lugar onde Temple planejava executar sua vingança. Ainda que ela soubesse que deveria odiá-lo e querer-lhe mal por fazer da vingança o mais importante, mesmo quando a tratava com a gentileza que ela nunca recebeu de mais ninguém. Se aquilo era amor, ela não queria.

Muito tempo depois que o irmão partiu, Mara sentou em um banco baixo de madeira, sentindo-se mais solitária do que jamais se sentiu em toda sua vida. Nessa noite ela iria perder o irmão, o orfanato e a vida que construiu para si. Margaret Maclntyre iria se juntar a Mara Lowe, exilada da Sociedade. Do mundo que conhecia. Mas nada disso parecia importar. Tudo que ela conseguia pensar era que naquela noite perderia Temple. Ela iria lhe dar a vida para a qual ele tinha nascido - a mulher bem-nascida, os filhos aristocratas, o legado perfeito. Ela lhe daria a vida que ele sempre quis. Com a qual sempre sonhou. Mas ela o perderia.

E isso teria que ser suficiente.

***

Ela estava linda.

Temple ficou parado na escuridão, observando-a sentada, ereta e autêntica, em um banco baixo de madeira esculpido a partir de um único tronco de árvore, com a aparência de alguém que tinha

perdido seu amigo mais querido. E talvez tivesse mesmo perdido. Afinal, no momento em que ela deu a Christopher Lowe os restos da sua bolsa e o mandou embora da Inglaterra, ela perdeu o irmão que sempre amou, e a única pessoa que conhecia sua história. Uma história pela qual Temple arrasaria Londres. Ele deveria odiá-la. Ele deveria estar furioso por ela ter ajudado Lowe a escapar. Que ela o tivesse feito fugir na noite em vez de o entregar para Temple. Afinal, aquele homem tentou matá-lo. Ainda assim, enquanto ele a observava, passando frio e sozinha nos jardins da Casa Leighton, Temple não conseguiu odiar Mara. Porque, de algum modo, em meio a toda aquela loucura, ele a entendia. Ele via isso no modo como ela se mantinha, imóvel e rígida, perdida em pensamentos e no passado. No modo como ela assumia cada uma de suas ações. No modo como ela nunca se acovardou diante dele, desde aquela noite escura que mudou a vida dos dois.

Ela pensou que merecia a tristeza. A solidão. Ela pensou que era a responsável por tudo isso. *Assim como ele.* Jesus. Não é que ele *apenas* a entendia. Ele a amava. Aquela compreensão veio como um golpe; surpreendente, forte e real. Ele a amava. Toda ela - a garota que o arruinou e, ao mesmo tempo, o libertou, e a mulher que tinha diante de si naquele momento, forte como aço, tudo que ele sempre quis. Durante todos esses anos ele imaginou a vida que poderia ter tido. A esposa. Os filhos. O legado. Todos esses anos, ele imaginou fazer parte da aristocracia - poderoso, com seu título e incontestado. E ele nunca imaginou que tudo isso empalideceria em comparação com essa mulher e a vida que ele poderia ter com ela. Ele a teria salvado de seu pai. Teria amado mais. Com mais intensidade. Mais paixão. Ele a teria protegido. E a teria esperado. Ele sabia que seria errado. Escandaloso. Mas Temple teria esperado até o dia em que seu pai morresse, e então a pegaria para si. E lhe daria o tipo de vida que ela merecia. A vida que eles dois mereciam.

Ela suspirou na escuridão, e Temple ouviu a tristeza no som. O arrependimento profundo e duradouro. Era arrependimento por não ter ido com o irmão? Por não ter aproveitado a chance de fugir sem ser arruinada? Ruína. De algum modo, esse objetivo se perdeu na escuridão. Ele esperou demais. E a conheceu. Compreendeu. Viu. E agora, tudo que ele queria fazer era levar Mara para casa e fazer amor com ela até os dois esquecerem o passado. Até que tudo em que pudessem pensar fosse o futuro. Até ela confiar nele e compartilhar seus pensamentos, seus sorrisos e seu mundo. Até que ela fosse dele. Estava na hora de começar de novo.

Ele saiu da escuridão. Para a luz dela.

“Você deve estar congelando.”

Ela arfou, erguendo o queixo, seus olhos encontrando os dele na pequena abertura. Ela se pôs de pé.

“Há quanto tempo você está aí?”

“Tempo suficiente.”

Para ver você me traindo. E, *de algum modo, para perceber que a amo.* Ela aquiesceu e protegeu o peito com os braços. Mara estava com frio. Ele tirou o casaco e o estendeu para ela, que balançou a cabeça.

“Não, obrigada.”

“Pegue. Estou cansado de ficar aqui vendo você tremer de frio.”

Ela sacudiu a cabeça. Ele jogou o casaco no banco.

“Então nenhum de nós irá usá-lo.”

Por um longo momento ele pensou que ela não o pegaria. Mas ela estava com frio e não era idiota. Mara pegou o casaco e ele aproveitou o movimento para se aproximar, envolvendo-a com o enorme casaco, adorando a forma como ela se aninhou no calor da peça. No calor dele. Ele queria envolver Mara com seu calor para sempre. Eles ficaram em silêncio por um bom tempo, e o aroma de limões o envolveu, pura tentação.

“Eu gostaria que você fizesse logo isso”, ela disse, quebrando o silêncio com raiva e frustração.

Ele inclinou a cabeça.

“Fizesse o quê?”

“Tirar minha máscara. E por isso que estou aqui, não é?”

Tinha sido por isso, claro. Mas agora...

“Ainda não é meia noite.”

Ela soltou um risinho.

“Com certeza você não precisa de tanta cerimônia. Se me desmascarar cedo, eu posso ir embora, e você pode reassumir logo sua posição de duque. Você já esperou o bastante.”

“Doze anos”, ele disse, observando-a com cuidado, vendo o desespero em seus olhos. “Mais uma hora não representa nada.”

“E se eu lhe dissesse que representa algo para mim?”

Os olhos dele percorreram seu rosto.

“Eu perguntaria por que, de repente, você está tão ansiosa para ser revelada.” “Estou cansada de esperar. Cansada de andar sobre ovos até você decidir meu destino. Estou cansada de ser controlada.”

Ele quis rir disso. A ideia de ele ter algum controle sobre ela era pura loucura. Na verdade, era ela que consumia os pensamentos dele. Que ameaçava sua vida sossegada e lógica. Que a colocava em desordem.

“Eu controlo você?”

“É claro que sim. Você me vigia. Compra minhas roupas. Inseriu-se na minha vida. Na vida dos meus garotos. E você me fez...” Ela parou de falar. “Fiz você...”, ele a estimulou a continuar.

Por um momento ele pensou que ela poderia dizer que o amava. E ele percebeu que queria, desesperadamente, essas palavras. Mara continuou em silêncio. É claro. Porque ela não o amava. Ele era um meio para seus fins. Como ela era para ele. Ou melhor, como ela foi no início. A raiva cresceu. Frustração. Como ele deixou aquilo acontecer? Como ele podia gostar de Mara mesmo quando ela o enfrentava? Como ele tinha esquecido da verdade sobre o tempo que passaram juntos? Do que ela fez? Como ele podia não se importar mais? O lutador dentro dele emergiu.

“Eu sei que ele estava aqui, Mara”, disse Temple, vendo o choque no rosto dela. Ele aguardou um instante para continuar. “Você não vai negar?” “Não.”

“Ótimo. Pelo menos isso.”

Diga-me a verdade, ele desejou. *Pelo menos uma vez, enquanto estamos juntos, diga-me algo em que eu possa acreditar.* Como se o tivesse ouvido, ela falou.

“Na noite em que nos reencontramos”, ela disse, “eu procurei você por causa de Kit.”

Ele olhou para o céu, frustrado.

“Eu sei disso”, disse Temple. “Para recuperar o dinheiro dele.”

Ela balançou a cabeça com firmeza.

“Não do modo que você está pensando. Quando eu abri o orfanato, fingir ser Margaret Maclntyre pareceu a solução mais fácil. A viúva de um soldado era respeitável, evitava perguntas.” Ela fez uma pausa. “Mas nenhum banco me permitiria administrar meus próprios recursos, não sem um marido.” “Existem mulheres com acesso a operações bancárias.”

Ela sorriu, irônica.

“Não mulheres com identidade falsa. Eu não podia arriscar perguntas.” Ele compreendeu.

“Então Kit foi seu administrador.”

“Ele ficou com todos os meus recursos. As doações iniciais, e o dinheiro que vinha de cada pai aristocrata que deixava seu filho indesejado conosco. Tudo.”

Temple exalou sua frustração.

“E ele apostou esse dinheiro.”

Ela aquiesceu.

“Cada moeda.”

“E você estava desesperada para recuperá-lo.”

Ela encolheu um ombro.

“Os meninos precisavam dele.”

Por que ela não havia lhe dito?

“Você acha que eu deixaria que passassem fome?”

“Eu não sabia.” Ela hesitou. “Você ficou muito bravo.”

Ele andava de um lado para outro sob as árvores, até finalmente parar e espalmar uma mão em um tronco, de costas para ela. Mara tinha razão, é claro, mas ainda assim aquelas palavras doeram.

“Eu não sou um maldito monstro!”

“Eu não sabia disso!”, ela tentou explicar, e ele se virou para encará-la. “Até você achava que eu era o Duque Assassino. Até você.” A decepção o arrasou. Ela deveria conhecê-lo. Entendê-lo. Melhor do que ninguém. Ela devia saber que ele não era nenhum assassino. Ela devia saber que isso era mentira.

Mas ela também duvidou dele. Temple quis gritar de frustração. Ela percebeu. E ergueu uma mão para impedi-lo.

“Não. Temple.”

Mais mentiras. Mas ele não pôde se impedir de perguntar.

“Então por quê?”

Ela abriu as mãos.

“Você me disse que nada que eu falasse poderia...”

Veio a lembrança - entrelaçados na plataforma do ateliê da Hebert. Ele estava furioso com ela.

“Jesus. Eu lhe disse que nada que você pudesse dizer me faria perdoá-la.” Ela assentiu.

“Eu acreditei em você.”

Ele soltou um longo suspiro, uma nuvem no ar frio.

“Eu também.”

“E uma parte de mim acreditava que eu merecia pagar pelos erros dele. Eu transformei ele nisso tanto quanto transformei você no que é hoje”, disse ela. “Eu abandonei vocês dois naquela noite, e meu pai sem dúvida o castigou da mesma forma brutal que Londres puniu você.” A voz dela ficou mais baixa. “Meus erros parecem nunca acabar.”

Ele ficou quieto por um longo tempo.

“Quanta bobagem.”

A surpresa a estremeceu.

“Desculpe?”

“Você não o transformou em nada. Você se salvou. O garoto fez as escolhas dele.”

Ela balançou a cabeça.

“Meu pai...”

“Seu pai é o maior canalha que já existiu, e se ele não estivesse morto, eu teria um prazer enorme em matá-lo”, disse Temple. “Mas o homem não era Deus. Ele não moldou seu irmão com barro e soprou a vida nele. Os erros do seu irmão são só dele.” Ele fez uma pausa, suas palavras reverberando na escuridão, e depois continuou, em voz baixa. “Assim como meus erros são só meus.”

Ela balançou a cabeça e se aproximou dele.

“Não mesmo. Se eu não tivesse drogado você. Abandonado. Se tivesse voltado...”

“Você também não é Deus. E só uma mulher. Como eu sou apenas um homem.” Ele exalou com força na escuridão. “Você não me fez. E nós criamos esta confusão juntos.”

Os olhos dela estavam marejados, e ele quis abraçá-la. Tocá-la. Levá-la para casa e torná-la sua.

Mas não...

“Eu só queria que isso acabasse”, foi só o que ele disse.

Ela aquiesceu.

“Pode acabar”, ela disse. “Está na hora.”

Mara falava de sua revelação para a sociedade. E talvez estivesse mesmo na hora. Deus sabia que ele havia esperado muito para reaver sua vida - a que tinham lhe prometido. A que ele amava e sentia falta com uma dor que ardia. Mas enquanto ele olhava para ela, tudo sumiu - desapareceu devido àquela mulher, que o possuía de uma forma notável, insuportável. Ele ergueu a mão para acariciar a face dela com um movimento demorado. Mara se encostou no toque, e o polegar dele traçou a curva de seus lábios, arrastando-se. Algo tinha acontecido. Ele sussurrou seu nome, que na escuridão soou como uma prece.

“Não posso.”

Lágrimas afloraram aos olhos dela, traindo sua confusão. Sua frustração.

“Por que não?”

Porque eu amo você. Ele balançou a cabeça.

“Porque eu não tenho mais vontade de vingança. Não se isso machucar você.”

Ela ficou imóvel frente a seu toque, e ele viu a miríade de emoções que a agitavam antes de ela tentar pegar sua mão. Ele a retirou antes que Mara a alcançasse e a enfiou no bolso do paletó. Dali, ele tirou um documento bancário - que ele planejava entregar para Mara depois da revelação, naquela noite. E que estava lhe entregando naquele momento. Que libertaria os dois daquele mundo estranho e doloroso. Temple o entregou a ela. Mara franziu a testa ao pegar o papel e olhar para ele.

“O que é isto?”

“A dívida do seu irmão. Zerada.”

Ela balançou a cabeça.

“Não foi o que nós negociamos.”

“Mas eu estou lhe dando assim mesmo.”

Ela olhou para ele, então, com tristeza e algo mais na expressão. Algo que ele não esperava. Orgulho. Ela balançou a cabeça.

“Não.”

“Pegue, Mara”, ele insistiu. “E seu.”

Ela balançou a cabeça mais uma vez.

“Não”, ela repetiu, e então dobrou cuidadosamente o documento e o rasgou ao meio, depois ao meio de novo e ainda outra vez.

Que diabos ela estava fazendo? Aquele dinheiro poderia salvar o orfanato uma dúzia de vezes. Uma centena. Ele ficou observando enquanto ela continuava a rasgá-lo, até ficar com pedacinhos de papel, que largou no chão coberto de neve. O coração dele ribombava dentro de seu peito enquanto Temple observava os quadradinhos de papel caindo sobre seus sapatos.

“Por que você fez isso?”

Ela sorriu, triste e acanhada na escuridão.

“Você não percebe? Cansei de receber coisas de você.”

O coração dele acelerou ao ouvir aquilo e Temple estendeu a mão para ela, querendo-a junto de si. Querendo amá-la como ela merecia. Como os dois mereciam. Ela deixou que ele a pegasse, e colou seus lábios nos dele em um beijo longo e apaixonado, que tirou o fôlego de Temple e o inundou de desejo. Ele queria pegá-la nos braços e carregá-la para longe, e amaldiçoou seu braço machucado por dificultar a realização desse desejo. Então ele apenas a segurou perto e se deleitou na sensação dos lábios dela nos seus, no aroma de limões que o consumia, na promessa delicada que os dedos dela faziam em seu cabelo. Ele se deliciou com seus lábios até Mara suspirar de prazer e se

derreter em seu abraço. Só nesse momento ele a soltou, adorando o modo como ela levou a ponta dos dedos à boca, como se nunca tivesse sido beijada dessa forma antes. Como se não soubesse que ele iria beijá-la assim para sempre. Ele estendeu o braço para ela mais uma vez, já com seu nome nos lábios, querendo lhe dizer o que ela poderia esperar de seus beijos no futuro, mas Mara recuou, saindo de seu alcance.

"Não", ela disse.

Ele havia esperado doze anos. Não queria esperar mais.

"Venha para casa comigo", ele disse, tentando segurá-la. Querendo-a. "Está na hora de conversarmos."

Estava na hora de fazerem mais do que conversar. Ele tinha se cansado de conversar. Ela se afastou do toque dele, balançando a cabeça.

"Não."

Ele percebeu algo firme na negativa. Algo inflexível. Algo de que ele não gostou.

"Mara", ele disse.

Mas ela já estava se virando.

"Não."

A palavra veio como um sussurro na escuridão, enquanto ela desaparecia pela segunda vez naquela noite. Deixando-o sozinho e machucado.

Capítulo Dezessete

“Parece que você perdeu o casaco.”

Temple esvaziou sua terceira taça de champanha e a trocou por uma quarta com o criado que passava carregando uma bandeja, e ignorou a companhia inoportuna. Ele se limitou a observar a multidão de convivas que rodopiava percorrendo o salão de festas, cuja empolgação havia se transformado em uma agitação febril enquanto o tempo passava e o vinho fluía. “Parece também que você perdeu sua acompanhante”, acrescentou Chase. Temple bebeu mais.

“Eu sei que você não está aqui.”

“Receio que eu não seja uma alucinação.”

“Eu lhe disse para não se intrometer nos meus problemas.”

Chase arregalou os olhos atrás de sua máscara preta, idêntica à de Temple. “Eu recebi um convite.”

“Isso nunca impediu você de evitar eventos deste tipo antes. O que diabos está fazendo aqui?”

“Eu não poderia perder seu grande momento.”

Temple se virou para o lado, voltando os olhos para o salão.

“Se virem você comigo, as pessoas vão começar a fazer perguntas.” Chase se retraiu.

“Estamos mascarados. E além disso, dentro de alguns minutos você não será mais um escândalo. Esta é a noite, não? O retorno do Duque de Lamont?”

Deveria ser. Mas de algum modo tudo tinha azedado, e ele se viu no jardim, olhando para a mulher sobre a qual depositou doze anos de raiva… sem ter estômago para continuar com sua vingança. Se fosse só isso… Se ele não tivesse olhado para aquela mulher e visto alguém totalmente diferente. Alguém de quem ele gostava demais. E gostava tanto que não se importou de ver que ela deixou o irmão desaparecer na escuridão, livre. Tudo que lhe importava era que ela também havia partido. Porque ele a queria de volta. Ele a queria. Ponto final. *Jesus.*

“Eu lhe disse para me deixar em paz.”

“Quanto drama”, disse Chase, as palavras transbordando sarcasmo. “Você não pode me evitar para sempre e sabe disso.”

“Eu posso tentar.”

“Ajudaria se eu pedisse desculpas?”

Que surpresa. Pedidos de desculpas por parte de Chase eram incomuns. “Você pretende se desculpar?”

“Não gosto muito da ideia, na verdade.”

“Não estou nem aí.”

Chase suspirou.

“Tudo bem. Eu peço desculpas.”

“Por que, mesmo?”

Chase apertou os lábios.

“Agora você está sendo um cretino.”

“Eu acho melhor combater fogo com fogo.”

“Eu deveria ter lhe dito que ela estava em Londres.”

“Tem toda razão que deveria. Se eu soubesse…” Ele parou. Se ele soubesse, teria ido atrás dela.

Ele a teria encontrado. Antes. Poderia ter sido diferente. *Como?*

“Se eu soubesse, poderia ter evitado esta confusão.”

“Se você soubesse, esta confusão poderia ter sido pior.”

Ele olhou atravessado para Chase.

“Eu pensei que você estivesse se desculpando.”

Chase sorriu.

“Ainda estou aprendendo como se faz isso.” O sorriso sumiu. “E a garota?” Ele imaginou que Mara estivesse no meio do caminho para o orfanato, desesperada para retomar sua liberdade. Pior, ele imaginou que não teria motivo para vê-la novamente. O que não deveria doer tanto quanto estava doendo. “Eu a deixei ir embora.”

Não houve surpresa no olhar de Chase.

“Entendo. West vai ficar contrariado, sem dúvida.”

Temple havia se esquecido do jornalista. Ele se esqueceu de tudo quando Mara o encarou com seus lindos olhos azul e verde e confessou o temor que havia colocado tudo aquilo em movimento.

“Ninguém merece a humilhação que eu tinha planejado.”

Muito menos Mara. Não nas mãos dele.

“Então. O Duque Assassino persiste.”

Ele viveu sob a sombra daquele nome por doze anos. Ele se tornou mais forte e mais poderoso que o resto de Londres. Ele construiu uma fortuna que rivalizava com o ducado que ele não tocava. E, talvez, agora que sabia que Mara estava viva, que ele não era um assassino, o nome não machucaria tanto. *Ela estava viva.* Ela deveria ter lhe dito a verdade naquela noite em que tudo começou. Ele a teria ajudado. Ele a teria mantido em segurança. Ele a teria tomado para si. Esse pensamento o devastou, junto com as imagens que evocou. Mara em seus braços, Mara em sua cama, Mara à sua mesa. Um fila de crianças com cabelo ruivo e olhos azul e verde. Dela. Deles. *Jesus.*

Ele passou a mão boa pelo cabelo, tentando apagar o pensamento tresloucado. O pensamento *impossível*. Ele fitou os olhos de Chase.

“O Duque Assassino persiste.”

Com um aceno quase imperceptível, Chase olhou por cima do ombro de Temple, sua atenção chamada por algo do outro lado do salão de festas.

“Será mesmo?”

A pergunta fez um fio de insegurança percorrer Temple, que se virou para acompanhar o olhar de Chase. Ela não foi embora. Mara estava na outra extremidade do salão, no alto da escada que descia até os convivas, com a capa pendurada em sua mão, linda e alta naquele vestido deslumbrante. Vários cachos haviam escapado de seu penteado, e se estendiam, longos e lindos, sobre a pele clara. Ele quis pegar aqueles cachos em sua mão e correr seus lábios por eles. Mas primeiro… Ele deu um passo na direção dela.

“Que diabos ela está fazendo aqui?”

Chase o deteve com a mão em seu braço.

“Espere. Ela está magnífica.”

Estava mesmo. Mais que isso. *Ela era dele.* Temple se voltou para Chase.

“O que você fez?”

“Juro, não tenho nada com isso. E coisa da garota.” Chase, exibindo um sorriso de surpresa, voltou sua atenção para Mara. “Mas gostaria de ter participado, sério. Ela vai mudar tudo.”

“Eu não quero que ela mude nada.”

“Eu não acredito que você possa impedi-la”, disse Chase.

A música da orquestra parou e Temple buscou com os olhos o relógio enorme em uma das paredes do salão. Era meia-noite. A Duquesa de Leighton começou a subir os degraus na direção de Mara, sem dúvida para liderar os convivas na hora de tirarem as máscaras. Mara a encontrou no meio da escada e sussurrou algo na orelha da duquesa. Algo que a fez parar. A Duquesa de Leighton recuou, surpresa, e fez uma pergunta. Mara respondeu e a duquesa fez mais uma, toda séria e

chocada. E toda Londres assistia a esse diálogo inaudível. Afinal, a anfitriã assentiu, satisfeita, e se virou para a multidão com um sorriso nos lábios. E Temple soube o que ia acontecer.

“Ela deve ser a mulher mais forte que eu já conheci”, disse Chase, admirando-a.

“Eu disse que não queria que ela fizesse isso. Eu disse para ela que eu não ia fazer”, disse Temple, bravo. Assombrado.

“Parece que ela não escuta muito bem.”

Temple não respondeu. Ele estava ocupado demais tirando sua própria máscara, já abrindo caminho em meio à multidão, sabendo que estava longe demais. Sabendo que não a conseguiria impedir.

“Meus lordes e minhas ladies!” A duquesa se dirigia ao mundo abaixo dela enquanto pegava a mão do marido e começava os procedimentos. “Como vocês sabem, sou uma grande fã de escândalos!”

O salão riu, empolgado com os acontecimentos misteriosos, e Temple continuou em movimento, desesperado para chegar até Mara. Para impedir que ela fizesse algo temerário.

“Assim”, continuou a duquesa, “eu acabo de saber que teremos um anúncio verdadeiramente escandaloso esta noite! Antes de tirarmos as máscaras...” Ela fez uma pausa, sem dúvida adorando o clima de mistério e agitação, e acenou uma mão para Mara. “Eu lhes apresento... uma convidada cuja identidade nem eu mesma conhecia!”

Temple tentou andar mais rápido, mas toda Londres parecia estar naquele salão, e ninguém estava disposto a ceder um lugar perto do escândalo prometido. Ele ergueu uma mulher com seu braço bom, para tirá-la do caminho, ignorando o guincho de surpresa. O acompanhante dela se voltou para ele, vociferando, mas Temple continuou seu caminho, seguido por sussurros de O *Duque Assassino.* Ótimo. Talvez assim as pessoas saíssem do caminho. Mara se adiantou e começou a falar, a voz clara e firme.

“Por tempo demais, eu me escondi de vocês. Por tempo demais, eu deixei que vocês pensassem que eu estava morta. Por tempo demais, eu deixei que vocês culpassem um inocente.”

O relógio começou a badalar meia-noite, e Temple se apressou. *Não faça isso,* ele lhe pediu em pensamento. *Não faça isso com você mesma.*

“Por tempo demais, eu deixei vocês acreditarem que William Harrow, o Duque de Lamont, era um assassino.”

Ele parou ao ouvir essas palavras, ao som de seu nome e título nos lábios dela, às exclamações de choque emanadas pela multidão como se fossem trovões. Ainda assim, o relógio badalava. Ela levou as mãos à máscara e desfez os laços. E concluiu seu anúncio.

“Mas como podem ver, ele não é um assassino. Pois eu estou viva.”

Ele não conseguiria alcançá-la. Ela retirou a máscara e fez uma reverência completa aos pés da Duquesa de Leighton.

“Minha lady, perdoe-me por não me apresentar. Eu sou Mara Lowe, filha de Marcus Lowe. Irmã de Christopher Lowe. Por doze anos, todos pensaram que eu estava morta.”

Por que ela fez aquilo? Os olhos dela encontraram os de Temple no meio da multidão. Ela o viu. Ela não o viu antes?

“Não estou morta. Nunca estive”, disse ela, com tristeza no olhar. “Na verdade, sou a vilã desse enredo.”

O último badalar da meia-noite ecoou no silêncio que se seguiu ao anúncio, e então, como se tivesse sido libertada, a multidão explodiu de empolgação, escândalo e loucura. Ela se virou e correu, e Temple não a conseguiu alcançar. Fofoca e especulação explodiram ao redor dele. Temple ouvia apenas pedaços. “Ela o arruinou...”

“...como teve a ousadia!”

“Usar um de nós!”

“Arruinar um de nós!”

Era isso... que ele pensou querer para ela. O que ele desejou na calada da noite, na rua em frente à sua casa algumas noites atrás. Antes de perceber que a ruína dela era a última coisa que ele queria. Antes de perceber que ele a queria. Que a amava.

“Aquele pobre homem...”

“Eu sempre disse que ele era aristocrático demais para fazer algo assim...” “E mesmo, e bonito demais, também...”

“E a garota!”

“O diabo em pessoa.”

“Ela nunca mais vai poder mostrar o rosto.”

Ela havia se arruinado. Por ele. Só que naquele momento, em que havia conseguido sua vingança, em que ouvia o ódio na voz das pessoas, ele detestou. E detestou as pessoas. E teve vontade de lutar contra todo o salão. Ele lutaria contra toda a Inglaterra por ela, se precisasse.

Uma mão pousou em seu ombro.

“Alteza...” Ele se virou para encontrar um homem que não conhecia, todo bem educado, com postura aristocrática. E Temple odiou ouvir seu título na boca do outro. “Eu sempre disse que você não tinha feito nada daquilo. Quer se juntar a nós para um jogo?” Ele indicou um grupo de homens ao seu redor e acenou com a cabeça para a sala de carteado ao lado do salão.

Era isso... o objetivo que ele tanto almejou. Aceitação. *Absolvição.* Como ela prometeu. Como se nada daquilo tivesse acontecido. Ele não era mais o Duque Assassino. Mas ela não estava ali, e isso era errado. Ele deu as costas ao título. Ao seu passado. A única coisa que sempre quis. E foi atrás da única coisa que precisava.

***

Ela deveria ter saído imediatamente. Temple estava preso no salão de festas com toda Londres querendo se reconciliar com ele, e Mara deveria ter aproveitado para escapar dele. Essa era a intenção dela. Mas não conseguiu suportar a ideia de nunca mais vê-lo. Então ela se esgueirou pelas sombras do lado de fora da casa dele, na zona oeste de Londres, escondida na escuridão, prometendo a si mesma que só iria olhar. Que não se aproximaria dele. Que o deixaria, redimido. Ela lhe dera tudo o que podia. Porque o amava. E isso, só mais um breve olhar para ele naquela noite, sobre os paralelepípedos reluzentes, seria o bastante. Só que não foi. A carruagem veio rangendo pela rua em velocidade vertiginosa, e Temple pulou de dentro antes que o veículo parasse, ainda passando instruções para o condutor.

“Vá até o Anjo! Diga-lhes o que aconteceu. E trate de encontrá-la.”

A carruagem partiu antes de Temple entrar em casa, e Mara prendeu a respiração ali no escuro, prometendo a si mesma que não falaria, e o admirou - a altura e o tamanho descomunal. O modo como o cabelo caía em fios desregrados sobre a testa dele. O modo como o corpo todo parecia estar em movimento contido enquanto ele pegava a chave e abria a porta. Mas ele não entrou; Temple ficou imóvel. E virou o rosto para ela, encarando as sombras. Ele não conseguia ver Mara. Ela sabia disso. Ainda assim, parecia saber que ela estava lá. Ele foi para o meio da rua.

“Apareça.”

Ela não podia negar um pedido dele. Recusou-se a isso. Ela veio para a luz.

“Mara...”, Temple suspirou o nome dela no ar frio.

“Eu não pretendia vir. Não devia ter vindo”, ela meneou a cabeça.

“Por que você fez isso?”, ele se aproximou dela.

Para lhe devolver sua vida. Tudo o que você queria. Ela odiou esse pensamento ainda que fosse

verdade. Mara odiou que ele representasse algo que ela não era. Perfeição.

“Já era hora”, foi o que ela se contentou em dizer.

Temple estava na frente dela, alto, grande e lindo. E Mara fechou os olhos enquanto ele levava a mão boa até seu rosto e passava os dedos por sua face. “Entre”, ele sussurrou.

O convite era tentador demais para ser recusado. Depois que a porta foi fechada atrás deles e ela se colocou no pé da escada, ele voltou a falar. “Na última vez em que esteve aqui, você me drogou.”

Parecia fazer uma vida. Quando ela pensou que poderia fazer um acordo idiota sem conseqüências. Quando ela pensou que poderia passar semanas com ele sem o conhecer. Sem gostar dele.

“Na última vez em que estive aqui, eu tinha medo de você.”

Ele começou a subir a escada que levava à biblioteca onde ela o deixou inconsciente.

“Está com medo agora?”

Estou.

“Como eu estou sem meu láudano, não acho que isso seja relevante.” Ele parou e se virou para olhar para ela.

“É relevante.”

“Você gostaria que eu estivesse com medo?”

“Não.”

A resposta foi tão firme, tão honesta, que ela teve de acreditar. Mara o seguiu escada acima como se estivesse presa por uma corda. Ele não parou na biblioteca, continuou subindo o próximo lance de escada, até a escuridão. Ela hesitou antes de continuar, tomada pela sensação de que, se o seguisse, qualquer coisa poderia acontecer. E então ela percebeu que não se importava. Ou melhor, que talvez ela quisesse que isso acontecesse. Como aquele homem a tinha consumido tão rapidamente? Como ela deixou de considerá-lo inimigo para considerá-lo algo muito mais aterrorizador em questão de semanas? *Como ela tinha passado a amá-lo?* Mara não conseguiu se segurar. Ela o seguiu até a escuridão. Até o desconhecido. No alto da escada, ele acendeu uma vela e foi até uma grande porta de mogno. Ela devia falar algo.

“Eu acho que seria melhor se eu conversasse com seu jornalista”, ela recomeçou. “Contar a história toda para ele - como era nosso acordo - e então deixar você em paz, absolvido de todas as culpas que lhe são atribuídas. De fato”, ela matraqueou, “eu deveria ir embora. Meu lugar não é aqui.” Ele segurou a maçaneta e se voltou para ela, a luz dourada da vela tremeluzindo no belo rosto dele.

“Você não vai a lugar algum até nós conversarmos.”

Ele abriu a porta e a deixou entrar na sua frente. Mara parou assim que entrou.

“Este é um quarto de dormir.”

“Sim, é mesmo”, ele confirmou e apoiou a vela.

E que quarto era aquele, totalmente masculino com piso de carvalho e revestimento escuro nas paredes; e livros em toda parte - empilhados sobre a mesa e uma das poltronas junto à lareira, além de montes em volta das vigas da cama... A cama imensa.

“Essa é a *sua* cama.” Ela disse o óbvio.

“Isso.”

É claro que ele tinha que ter uma cama imensa. Ele precisava caber nela. Mas aquela cama podia acomodar uns quatro casais. Mara não conseguia tirar os olhos dela, de suas grandes vigas de madeira e da cabeceira toda em carvalho trabalhado, tão varonil, além da colcha exuberante, que prometia o Paraíso embora fosse tecida, sem dúvida, no Inferno.

“Nós vamos conversar aqui?”, suas palavras saíram em um guincho.

“Vamos.”

Ela conseguiria fazer isso. Ela passou doze anos sozinha e já tinha enfrentado momentos muito

mais assustadores que aquele. Mas ela não sabia se já tinha enfrentado algum momento mais tentador. Mara se virou para ele.

“Por que aqui?”

Temple deixou a vela sobre uma mesa e se aproximou, o rosto oculto pelas sombras. O coração de Mara disparou, e talvez ela devesse estar com medo. Mas não estava. Pois não havia ameaça na movimentação dele. Apenas promessa.

“Porque depois que nós conversarmos, eu vou fazer amor com você.”

A declaração franca, honesta, deixou Mara sem chão, e o coração dela começou a ribombar tão alto que ela tinha certeza de que Temple podia ouvir.

“Você vai?”, ela perguntou.

Ele aquiesceu. Muito sério.

“Vou.”

Meu Deus! O que uma mulher deveria pensar, sabendo disso?

“E então eu vou me casar com você”, ele acrescentou.

Mara sentiu que sua audição estava falhando.

“Você não pode.”

Não era possível. Ela estava arruinada. E ele era um duque.

Duques não se casam com escândalos arruinados.

“Claro que eu posso.”

“Por quê?”, ela balançou a cabeça.

“Porque eu quero”, ele respondeu simplesmente, indo atiçar o fogo na lareira. “E porque eu acho que você também quer."

Ele estava louco!

Ela o observou agachado sob o brilho das chamas, a silhueta máscula contra a luz alaranjada. Prometeu, esgueirando-se no Olimpo para roubar o fogo dos deuses. Ele era magnífico. Temple se levantou e tirou o braço machucado da tipoia antes de se sentar na grande poltrona junto à lareira, e tirou do pescoço o tecido preto que mantinha o braço machucado imobilizado antes de estender o outro braço na direção dela.

“Venha cá.” As palavras deveriam ter soado como uma ordem, mas foram um pedido.

Ela poderia ter recusado. Mas não queria recusar. Mara se aproximou, dirigindo-se à outra cadeira, que estava ocupada com uma pilha alta de livros, preparada para retirá-los e abrir espaço para se sentar, mas Temple pegou sua mão.

“Não aí. Aqui.”

Ele queria que ela se sentasse na mesma poltrona que ele. Que sentasse em seu colo.

“Eu não posso...”, ela se opôs.

Temple sorriu e os dentes brancos brilharam à luz do fogo.

“Não conto para ninguém.”

Mara queria desesperadamente ficar perto dele, mas sabia que não devia. Ela sabia que, se aceitasse sentar-se em seu colo e ficasse em contato com ele, não conseguiria resistir. Ela hesitou, ansiosa para desanuviar as ideias.

“Pensei que você estivesse bravo comigo.”

“E estou! Bastante. Muito, até.”

“Por quê? Eu fiz o que você queria. Eu restituí seu nome.”

Ele a observou por um bom tempo com aqueles olhos negros que viam tudo.

“Mara”, ele disse com suavidade, virando a palma da mão dela para si, deslizando os dedos pela seda da luva que cobria a pele, desencadeando uma onda de calor que percorrer todo o corpo dela, como se não estivesse usando nada. Como se fosse pele sobre pele. “E se nós não vestíssemos o

manto do nosso passado? E se nós não fôssemos o Duque Assassino e Mara Lowe?”

“Não se chame assim”, ela pediu.

Ele a puxou para mais perto.

“Acho que não posso mais usar esse nome. Você acabou com a minha fama.”

Ela ficou imóvel.

“Pensei que você quisesse acabar com *essa* fama.”

Ele a puxou de novo, afastando as coxas, e acomodando Mara entre elas. Fitando-a com aqueles olhos negros sérios que parecia lhe prometer tudo o que ela sempre quis, se Mara se entregasse a ele.

“Eu também pensei”, ele concordou.

Ela ficou confusa.

“Mas não queria?”

Temple a puxou com o braço bom, trazendo-a para perto, e encostou o rosto no vestido de Mara, passando as mãos pelas pernas dela, deixando um rastro de calor e confusão. Ela não conseguiu se impedir de passar os dedos pelo cabelo dele, detestando as luvas que a impediam de sentir aquela maciez. De tocá-lo. Ele também deslizou o rosto pela maciez dela.

“Você desistiu de muita coisa”, ele sussurrou.

“Eu corrigi um erro”, ela meneou a cabeça. “Você era inocente.” Temple riu com a boca encostada na seda do vestido, o som saiu abafado e o hálito quente fez um arrepio de prazer percorrer o corpo de Mara. “Eu não sou inocente. As coisas que eu fiz...”

“Você só fez essas coisas por causa do que eu fiz com você”, ela interrompeu, adorando a sensação das mãos dele alisando o corpo dela, do rosto dele em seu ventre. Dele.

“Não”, ele rebateu. “Chega dessa mentira! Eu já a contei o bastante por nós dois. As coisas que eu fiz são minha responsabilidade. São quem eu sou. Quem eu era.” Ele olhou para ela. “E eu não era nenhum santo.”

Ele não podia estar falando sério.

“Bobagem. Você era...”

“Eu era um canalha privilegiado e arrogante. A noite em que nos encontramos. Da primeira vez?”

Mara se recordou dele na época, o rosto jovial, o sorriso fácil.

“O que tem?”

“Eu segui você até seu quarto. Posso lhe garantir que na ocasião eu não estava procurando um amor para toda a eternidade.”

Ela sorriu.

“Posso lhe garantir, Alteza, que eu também não estava pensando nisso.” “Fui indelicado com você?”

“Não”, ela balançou a cabeça.

Ele não procurou o olhar de Mara, apenas afundou o rosto no ventre dela. “Você me diria se eu tivesse sido?”

As mãos dela deslizaram pelo rosto de Temple e o levantaram.

“Eu sei que poucos homens se preocupariam com algo assim”, ela disse, sem conseguir evitar o tom de surpresa na voz. “Poucos homens se importariam com isso, considerando que na noite em questão eu deixei você inconsciente e pensando que era responsável por um assassinato que não cometeu. Um assassinato que não aconteceu.”

Ele continuou calado por um momento, pensando no que ela disse, e Mara resistiu ao impulso de instá-lo a falar.

“Fico muito feliz que não tenha acontecido”, ele disse, afinal.

Temple a puxou para si outra vez e Mara caiu em seu colo. Em seus braços, e ela deveria ter

protestado, mas os dois pareciam ter enlouquecido, e ela percebeu que não se importava. Ele passou os braços ao redor dela e Mara não conseguiu evitar de dizer:

“Não entendo por que você desistiu de sua vingança.”

Temple enfiou a mão no cabelo dela e começou a mexer nas presilhas que seguravam o penteado. Mara sentiu os cabelos se libertando dos grampos que ele habilidosamente removia.

“E eu não entendo por que mesmo assim você me deu a vingança.”

A mão dele trabalhava de modo magnífico no cabelo dela, massageando a cabeça, fazendo cada centímetro dela se arrepiar de prazer enquanto o cabelo se soltava e caía sobre os ombros de Mara. Talvez tenha sido a carícia deliciosa que a fez dizer a verdade.

“Você me libertou, mas isso não era liberdade.”

Temple interrompeu o toque enquanto refletia sobre essas palavras, e então recomeçou quando perguntou:

“O que você quer dizer?”

Mara fechou os olhos e se entregou ao carinho. Disse uma meia verdade. “Minhas ações me deixaram presa a você. Por causa de tudo o que eu te fiz.” Ela fez uma pausa, mas o carinho continuou, arrancando mais palavras dela. “Não só há doze anos. Mas também na noite em que o meu irmão te encontrou no ringue. Hoje à noite.” Ela soltou um longo suspiro, detestando a culpa que a consumia pelo que havia feito na festa. Ela pegou a mão do braço machucado dele e a segurou, bem apertado, entre as suas. “Hoje à noite eu traí você, e mesmo assim você me libertou.”

E *eu te amo. E eu poderia te dar aquilo que você queria.* Mas isso ela não falou. Não podia. Tinha medo do que aconteceria se falasse. Medo de que ele risse. Medo de que não risse. Mara abriu os olhos, encontrou os dele, ternos e focados nela.

“Você pensa muito em mim. Quando foi a última vez que alguém pensou em você, Mara?”, Temple perguntou, e seus dedos deslizaram, livres, pela cabeça dela, acompanhando a elevação das maçãs do rosto, a linha do pescoço, os ombros. “Quando foi a última vez que alguém cuidou de você? Quando foi que você deixou isso acontecer?”

Aquele homem era fascinante. O toque que flutuava sobre sua pele, o carinho macio de sua respiração enquanto falava. Ela balançou a cabeça. “Quando foi que você confiou em alguém?”

Eu nunca o teria deixado machucar você. As palavras que quase a destruíram no salão de festas, naquela mesma noite, ecoaram em Mara. A promessa de que mesmo naquela época, doze anos atrás, sem saber nada a seu respeito, ele a teria protegido. O pensamento a devastou com tamanha tentação. Ela balançou a cabeça.

“Eu não consigo me lembrar.”

Temple suspirou e a puxou para perto, colando seus lábios à testa e à face, à curva do maxilar, à linha do pescoço e ao canto da boca. Ela se virou para ele, querendo um beijo de verdade. Querendo se esconder dos pensamentos irresistíveis que ele plantou em sua cabeça. Querendo se esconder dele. *Dentro dele.* Mas ele não permitiria.

“Uma vez você me perguntou como eu escolhi o nome Temple.”

Ela ficou paralisada, sem saber se queria a verdade agora. Sem saber se conseguiria encarar a verdade.

“Perguntei.”

“Foi onde eu dormi na noite em que cheguei a Londres. Depois do meu exílio.”

Ela franziu o cenho.

“Não entendi. Você dormiu em um templo?”

Ele negou com a cabeça.

“Eu dormi embaixo do Temple Bar, o portal de entrada em Londres.” Ela conhecia o monumento, a poucos quarteirões dali, na zona leste da cidade, que marcava o lugar onde os infelizes

de Londres labutavam e viviam, e Mara pensou naquele jovem de rosto animado - o que havia lhe mostrado gentileza e prazer - sozinho naquele lugar. Infeliz. *Aterrorizado.*

“Você foi...” Ela tentou encontrar as palavras que concluíssem a pergunta sem ofendê-lo.

Ele retorceu os lábios em um sorriso melancólico.

“Seja lá o que você está pensando... a resposta provavelmente é sim.” Era um milagre que ele pudesse olhar para ela. Era um milagre que ele pudesse estar perto dela. *Ela não o merecia.*

“O que aconteceu depois da primeira noite?”, Mara perguntou. “Houve uma segunda e uma terceira”, ele respondeu, dedicando-se aos botões da luva com uma mão habilidosa, tirando a peça com a mesma eficiência com que a colocou. “E então eu aprendi a me virar.”

Temple puxou a seda dos dedos dela e imediatamente Mara colocou a mão no braço dele, sentindo os músculos que se contraídos e relaxavam sob seu toque. “Você aprendeu a lutar.”

Ele voltou a atenção para a outra luva.

“Eu era grande. E forte. Tudo que eu precisava fazer era esquecer das regras de boxe que aprendi na escola.”

Mara concordou. Ela também precisou esquecer de todas as regras que aprendeu quando criança para conseguir sobreviver depois que fugiu. “Elas já não faziam sentido.”

Temple a fitou nos olhos quando a segunda luva saiu.

“Funcionou para mim. Eu estava furioso, e as regras dos cavalheiros não ajudavam muito a aplacar minha fúria. Eu lutei nas ruas por dois anos, aceitando qualquer briga que pagasse algum dinheiro.” Ele fez uma pausa, então sorriu. “E também qualquer briga que não pagasse nada.”

“Como você foi parar no Anjo?”

Temple franziu o cenho.

“Bourne e eu éramos amigos de escola. Quando ele perdeu tudo que não estava vinculado por nascimento, ele se viu por conta própria, e nós decidimos formar uma aliança. Ele organizava jogos de dados e eu garantia que os perdedores pagassem.” Mara ficou surpresa pela virada nos acontecimentos e Temple percebeu. “Está vendo? Não sou tão honrado, afinal.” “E depois?”, ela encorajou, ansiosa para conhecer a história dele. “Uma noite nós fomos longe demais. Exageramos. E encurralamos um grupo de homens.”

“Quantos eram?”, ela tentava imaginar a cena.

Temple deu de ombros, deslizando a mão pela coxa dela, distraindo-a. “Uma dúzia. Talvez mais.”

Mara o encarou, perplexa.

“Contra você?”,

“E Bourne.”

“Impossível!”

“Você não bota muita fé em mim”, ele riu.

“Estou errada?”, ela perguntou surpresa.

“Não.”

“O que aconteceu?”

“Chase aconteceu.”

O misterioso Chase.

“Ele estava lá?”

“De certo modo. Nós já estávamos lutando pelo que parecia ser uma eternidade e eles continuavam vindo pra cima da gente - aquele dia eu realmente pensei que nós estávamos acabados.” Ele apontou para a cicatriz no canto do olho. “Eu não conseguia mais enxergar com este olho por causa do sangue.” Mara estremeceu e ele parou no mesmo instante. “Desculpe. Eu não devia...” “Tudo bem”, ela atalhou, levando a mão até a fina linha branca, traçando-a com os dedos, imaginando o que

ele faria se ela beijasse a cicatriz. “Eu só não gosto de pensar em você machucado.”

Ele sorriu, pegou a mão dela e a levou aos lábios, beijando a ponta dos seus dedos.

“Mas drogado tudo bem?”

Ela também abriu um sorriso.

“Nas minhas mãos é diferente.”

“Entendo”, Temple disse e ela adorou o bom humor na voz dele. “Bem... basta dizer que eu pensei que nós estávamos acabados. Foi quando uma carruagem parou e um grupo de homens saiu dela - e então eu pensei que aquele era mesmo o fim”, ele acrescentou. “Mas eles lutaram do nosso lado. E não me importava para quem eles trabalhavam, desde que Bourne e eu sobrevivêssemos.” “Eles trabalhavam para Chase.”

“Isso mesmo”, Temple acenou com a cabeça.

“E então você foi trabalhar para ele.”

Ele balançou a cabeça negativamente.

“Com ele. Nunca para ele. Desde o começo a proposta foi essa. Chase tinha uma ideia de fazer um cassino que iria mudar a cara do jogo para aristocratas. Mas essa ideia precisava de um lutador. E um jogador. Bourne e eu éramos exatamente essa combinação.”

Mara soltou um longo suspiro.

“Chase te salvou.”

“Sem dúvida.” Temple parou de falar, perdido em pensamentos. “E jamais acreditou que eu fosse um assassino.”

“Porque você não era”, ela disse com veemência, dessa vez não tendo escolha a não ser se aproximar e dar um beijo na têmpora dele. Mara se demorou no carinho e ele a apertou bem junto de si. Quando ela se afastou, Temple correu para beijar os lábios dela. Eles permaneceram assim, enrolados um no outro por um longo tempo, até Mara se afastar.

“Eu quero saber o resto da história. Como você se tornou invencível.” Temple contraiu a mão ferida no quadril dela.

“Eu sempre fui bom quando o assunto era violência.”

As mãos dela se moveram por vontade própria, deslizando pelo peito amplo e caloroso dele. Temple tinha uma constituição magnífica, ela sabia, produto de anos de luta. Não apenas por esporte, mas por segurança.

“Era meu destino”, disse ele.

Ela negou com a cabeça.

“Não”, disse Mara. “Não era!”

Ele era inteligente, engraçado e gentil. E tão lindo. Mas não era violento. Temple pegou o queixo dela com a mão firme.

“Escute, Mara. Você não me transformou nesse homem. Se eu não tivesse a semente da violência em mim... eu nunca teria obtido sucesso. O Anjo nunca seria um sucesso.”

Ela se recusou a acreditar.

“Quando alguém é forçado a assumir uma função, acaba assumindo. Você foi forçado. As circunstâncias te forçaram.” Ela fez uma pausa. “Eu te forcei.”

“E quem forçou você?” ele perguntou, entrelaçando seus dedos aos dela, segurando a mão dela junto a seu peito, onde ela pôde sentir as batidas fortes do coração dele. “Quem roubou você do mundo?”

A conversa inteira deles os levou até ali. Temple havia contado sua história com precisão e objetividade, trazendo-a lentamente até esse momento, quando chegou a vez dela. Quando Mara poderia lhe contar a verdade, ou então não lhe contar nada. De um modo ela estaria a salvo. De outro, ela correria um perigo terrível. O perigo de se tornar dele. Que tentação perversa e maravilhosa.

Mara olhou para o nó da gravata perfeita de Temple.

“Você tem um camareiro?”

“Não.”

Ela assentiu.

“Não parece ter, mesmo.”

Ele ergueu a mão e soltou a tira de pano, desvencilhando-se dela e revelando assim um triângulo perfeito de pele morena e quente, salpicada de pelos pretos. Ele era lindo! Essa era uma palavra estranha para descrever um homem como ele - grande e forte e constituído com perfeição. A maioria provavelmente o chamaria de *atraente* ou *impressionante,* algo que exsudasse masculinidade. Mas ele era lindo! Cheio de cicatrizes e músculos e, por baixo disso tudo, uma delicadeza à qual Mara não conseguia resistir. As palavras vieram com facilidade.

“Eu sempre tive medo. Desde garotinha. Medo do meu pai, depois do seu. Depois medo de ser encontrada. Então, quando eu soube do meu erro - do que eu fiz com você ao fugir -, tive medo de não ser encontrada.” Ela olhou para ele, deparando-se com aqueles lindos olhos pretos. “Eu devia ter voltado no instante em que descobri que você tinha sido acusado do meu assassinato. Mas os dados haviam sido lançados, e eu não sabia como pegá-los de volta.” Ele balançou a cabeça.

“Eu tenho um cassino. Sei melhor do que ninguém que a jogada é definitiva depois que os dados saem da mão do jogador.”

“Fiquei sem saber o que aconteceu com você durante meses. Eu fui para Yorkshire, e as notícias lá eram no mínimo escassas. Eu só fiquei sabendo que o Duque Assassino era você depois...”

Ele aquiesceu.

“Que era tarde demais.”

“Você não percebe? Não era tarde demais. Nunca era tarde demais. Mas eu estava aterrorizada quando voltei...” Ela fez uma pausa e se recompôs. “Meu pai teria ficado furioso. E eu continuava prometida ao seu. E tinha medo.” “Você era muito nova.”

Ela procurou o olhar compreensivo dele.

“Eu também não voltei quando eles morreram.” Mara pensou em voltar. Ela queria voltar. Ela sabia que era a coisa certa a fazer. Mas... “Eu continuava com medo.”

“Você é a pessoa menos medrosa que eu conheço” ele se opôs.

Ela resistiu ao elogio.

“Você está enganado. Durante toda minha vida eu tive pavor de que alguém me controlasse. De entregar minha vida para outra pessoa. Meu pai. O seu. Kit. Você...”

Ele a encarou.

“Eu não quero te controlar!”

“Não sei por quê” disse confessou.

“Porque eu sei como é ser controlado. E não quero isso para você.” “Pare”, ela pediu com delicadeza. “Pare de ser tão gentil.”

“Você prefere grosseria? Será que já não fui grosso o bastante?” Ele se mexeu debaixo dela e acariciou seu rosto. “Por que você fez isso, Mara? Por que hoje à noite?”

Ela não fingiu que não entendia. Ele perguntava por que ela se desmascarou diante de toda Londres. Por que ela voltou quando ele deixou claro que não era necessário.

“Porque tive medo de quem eu poderia me tornar se não fizesse o que era certo.”

Ele aquiesceu.

“E o que mais?”

“Porque tive medo de que, se continuasse escondida, seria só uma questão de tempo até que alguém me achasse.”

“Que mais?”, ele perguntou de novo.

“Porque estou cansada de viver nas sombras. Arruinada ou não, a partir desta noite eu vivo na luz.”

Então, ele a beijou, tomando seus lábios em um carinho longo, demorado, deslizando suas mãos pela lateral do corpo dela, puxando-a para bem perto, deixando uma trilha de calor em seu rastro. Quando interrompeu o beijo, Temple encostou sua testa na dela e sussurrou, quase baixo demais para ser ouvido. “Que mais?”

Mara fechou os olhos, adorando a sensação de tê-lo tão perto, desejando que ela pudesse viver ali, nos braços dele, para sempre.

“Porque você não merecia isso.”

Ele meneou a cabeça.

“Mas não foi por isso.”

Ela inspirou profundamente.

“Porque eu não queria te perder.”

Ele aquiesceu.

“E o que mais?”

Ele sabia. Ele enxergava a verdade, escancarando-se debaixo deles. Tudo que ele queria era que ela dissesse em voz alta. Que acreditasse. E com isso, na última noite dos dois juntos - a *única* noite juntos, ela acreditou, com seu olhar no dele, seu corpo entrelaçado ao dele.

“Porque, de algum modo, em tudo isso...” Mara resistiu à verdade, um pouco, sabendo que se fosse dita, mudaria tudo. Tornaria tudo mais difícil, "...você, sua felicidade, seus desejos... era só o que importava!”

Mas o que ela disse em sua cabeça foi: *Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo!* E talvez ele tenha ouvido, porque se levantou e, com um movimento fluido, levantou-a em seus braços e a levou para sua cama.

Capítulo Dezoito

Mara nunca tinha se sentido tão desejada como se sentiu naquele momento, vestindo seda, ainda quente do toque dele e da promessa do que viria a seguir. Os dedos dele deslizaram por seu rosto e seu maxilar, desceram pelo pescoço e sentiram sua pulsação.

Temple traçou a linha de sua clavícula e então a curva dos seios, demorando-se aí quando ela inspirou de modo pesado e entrecortado. Os olhos pretos dele encontraram os seus.

“Você quer que eu pare?”

“Não”, ela respondeu no mesmo instante, querendo que ele recomeçasse. Desejando que continuasse. Para sempre.

“Não vou te machucar”, ele garantiu.

Mara refletiu sobre aquelas palavras, notando como aquela promessa vinha do âmago dele. E se perguntou quantas vezes ele teve de fazer a mesma promessa para outras mulheres. Para acalmá-las quando ficavam ao alcance - e mais perto - do Duque Assassino.

“Eu sei”, Mara afirmou,, e pegou a mão ferida dele, sentindo a pressão dos dedos em sua pele, segurando o toque dele no seu. Ela levantou a outra mão, entrelaçando seus dedos ao cabelo dele, puxando a boca de Temple para a sua. “Você nunca me machucaria”, ela sussurrou de encontro àqueles lábios que ela queria tanto.

Ele gemeu de desejo, e passou seu braço livre em volta da cintura dela, apertando-a contra si. Ele sussurrou o nome dela e tomou sua boca em um beijo poderoso, mais devastador do que qualquer um até então. Enquanto os anteriores tinham sido rios de tentação, estremecendo suas defesas, este era um mar aberto, cheio de promessas sensuais. Era um maremoto. Era maravilhoso. A mão dele passeou por todo o corpo dela - uma carícia inebriante - e ela o imitou, deslizando pela lã macia do paletó até o cabelo dele, puxando-o para perto, correspondendo ao beijo dele com o seu, sem parar até que ele gemesse de prazer e a afastasse, deixando que ela arfasse, desesperada por mais Temple.

“Não”, ele sussurrou, virando-a de costas para ele, e Mara ficou de frente para a cama imensa, ao mesmo tempo ameaçadora e irresistível. As mãos dele alcançaram os fechos do vestido, soltando botões e desfazendo laços.

“Mais rápido”, ela gemeu enquanto ele remexia no tecido. “Depressa!”

Os botões estavam teimosos diante dele. Ou, talvez, fosse escolha de Temple agir com lentidão.

“Não vou permitir que você me tente com rapidez”, ele sussurrou na orelha dela enquanto se dedicava ao vestido, e a respiração que acompanhou as palavras provocaram deliciosos arrepios de expectativa nela. “Eu quero a noite toda.” Temple colou um beijo na curva do ombro de Mara, e ela sentiu a língua dele acariciando a pele que ficou exposta quando o tecido do corpete ficou mais folgado e ela o segurou junto ao peito.

Temple pegou a mão dela e beijou a palma, e depois mordiscou de leve as pontas dos dedos. O vestido caiu no chão, e o olhar dele recaiu sobre a *chemise* fina e o corpete lindamente estruturado que ainda a cobriam, fazendo seu desejo inflamar, quente e espantoso.

“Eu quero que dure.”

Mara suspirou ao ouvir aquelas palavras. Ela sabia, claro, que não podia durar. Mas eles tinham aquela noite, e Temple podia fazê-la esquecer de todo o resto. Amanhã eles poderiam retomar suas vidas - ele a vida com que há muito sonhava, e ela a vida que há muito merecia. Temple conduziu as mãos dela para a viga da cama, apoiando-as ali enquanto soltava os laços do espartilho, puxando as tiras de seda, afrouxando a peça até que ela caísse aos pés de Mara, para em seguida mandar a

chemise de seda se juntar a ele com seu toque forte. Ela estava nua, usando apenas as meias bordadas que ele lhe comprou, as meias que ela vestiu sonhando que fossem tiradas por ele - mesmo enquanto tentava desesperadamente ignorar esse pensamento. E as mãos dele - aquelas mãos fortes, maravilhosas, que ela amava tanto por sua delicadeza como por sua força, deslizaram por sua pele nua enquanto os lábios beijavam seu ombro. Mãos, não. Mão. Sempre uma única mão. Sempre a mão boa.

"Espere.", Mara se virou para ele.

Ele esperou. Porque ela havia lhe pedido. E ela o amou ainda mais por isso. Mara levou a mão machucada dele até seus lábios e beijou os nós dos dedos, deixando sua língua deslizar pelos vales entre eles. Temple observava, os olhos escuros de paixão, mas faltava alguma coisa. Algo que ela poderia não ter visto se não estivesse prestando atenção. Ele não podia senti-la. Mara virou a mão para cima e beijou a palma.

"O que nós fizemos com você?", ela sussurrou.

Temple recolheu a mão, mas ela não deixaria que ele fugisse. Então, ela puxou a outra mão e repetiu suas carícias até ele perder o fôlego e se remexer com luxúria, necessidade e uns doze tipos de desejo. O choque reverberou nela. A mão dele! Ela e o irmão a roubaram.

"Temple", ela disse em voz baixa, sentindo que o amava ainda mais.

"Não", ele a virou de costas mais uma vez, recolocando suas mãos na coluna da cama. E beijou atrás da orelha, beijou seu pescoço. Beijou a curva entre o ombro e o pescoço. Começou a beijar a linha de sua coluna. Distraindo-a com prazer e malícia.

"Você está trêmula", ele observou.

E ela estava mesmo, abalada demais pelo toque dele, por sua proximidade, para que conseguisse parar. Para retomar a conversa sobre a mão dele.

"Eu não consigo...", ela arfou. "E demais..."

Ele rugiu baixinho, sombrio, e prometeu junto à sua orelha:

"Não está nem perto de ser suficiente."

Ele foi descendo pelas costas dela com uma trilha de beijos, lambendo, rodopiando a ponta da língua enquanto marcava o caminho. Enquanto marcava Mara, com tanta precisão e clareza como se a estivesse marcando com agulha e tinta. E quando chegou à curva que assinala o encontro entre a coluna e as nádegas, ele acariciou a pele macia e intocada até ela arfar de prazer. Somente então, depois que ela havia se entregado ao seu toque, ao seu beijo, ele a virou para si. Mara não devia ficar surpresa por encontrar Temple ali, de joelhos olhando para cima, mas ela ficou, e sentiu um fio de pânico e desespero percorrer sua espinha. Um desejo desesperado de repetir o que fizeram na manhã anterior, no ringue. Um desejo desesperado de não repetir.

"Temple...", ela sussurrou, tocando-o, deixando que ele pegasse sua mão e a levasse até o rosto.

"William", ele a corrigiu.

O olhar dela procurou o dele.

"Mas você..."

"Você é a única que pensa em mim assim. A única que me viu como eu sou."

A verdade doeu. Fez ela se lembrar de tudo o que tinha feito. De tudo que aquela noite poderia ser. De tudo que não poderia ser.

"Eu sinto muito", ela murmurou, com lágrimas nos olhos. "Eu nunca..."

Ele se pôs de pé com graça espantosa e a abraçou.

"Não. Você não deve se arrepender. Você ter me visto mudou tudo. Mudou minha vida. Mudou o que eu sou." Ele a beijou, longa e intensamente, e acrescentou: "Jesus, Mara, é claro que é você. Sempre foi você. Sempre será!" Aquilo a abalou demais.

"Não consigo mais ficar de pé."

“Então não fique. Eu te seguro.”

Mara se abandonou à força dele, e Temple a deitou na cama, afastando suas pernas enquanto mergulhava entre elas, puxando-as por cima de seus ombros, deleitando-se com beijos demorados e lascivos na pele macia das coxas, aproximando-se cada vez mais de cumprir sua promessa enquanto ela se contorcia de prazer sobre a colcha de seda e se perguntava como tinha ido parar ali. O que tinha feito para merecê-lo. *Ela não fez.* Ela não fez, e esse seria seu maior erro - aceitar aquela noite. Roubá-la de alguém que talvez a merecesse. Que pudesse ser mais importante para ele. Que pudesse ser melhor para ele. Aceitando-a sem arrependimentos. Aceitando-a como uma lembrança. Para toda sua vida. Para a dele. E então os lábios dele chegaram aonde ela ardia de desejo, e ela enterrou os dedos no cabelo dele, que começou a lhe dar tudo o que ela desejava, e Mara não conseguiu se segurar e se moveu ao encontro dele, ergueu os quadris e lhe implorou que... Temple parou e levantou a cabeça.

“O que foi, meu amor?”

A palavra foi suficiente para fazer uma torrente de prazer correr por ela, mas também havia o movimento lento dos dedos, o modo como mergulhavam e provocavam, o modo como acariciavam, mas sem irem fundo o bastante para lhe dar tudo que queria. Mara levantou os quadris para ele.

“Ora, essa é uma bela vista!”, Temple elogiou, e Mara não se cansava de admirá-lo, de ver como ele a devorava com os olhos e passava a língua sobre o maravilhoso lábio inferior, como se ele mal pudesse esperar para prová-la outra vez. “Toda rosa e perfeita.” O olhar dele encontrou o dela. “Diga-me, quando eu fiz isso no ringue... você viu? Você ficou excitada? Rosa? Molhadinha?”

Mara fechou os olhos com aquelas palavras safadas. E concordou.

“E você gostou.”

Ela admitiu que sim

“Um dia, quando eu tiver mais paciência, vamos fazer de novo, mas com um espelho menor. Mais perto. Mais íntimo. Vou deixar você me dizer o que fazer. Vou deixar você se ver gozando.”

Tais palavras a deixaram completamente arrepiada, por mais que ela resistisse à ideia de se entregar a algo tão inesperado. Tão incerto. Tão estranho e perfeito. Temple percebeu - a hesitação - e a encarou com um ar desconfiado e divertido, um desafio sensual, antes de soprar uma longa corrente de ar frio no centro quente e desesperado de Mara.

“Você não acha que gostaria de ver?”

Ela exalou um suspiro trêmulo.

“Eu...”

“Você é tão perfeita...” Ele passou a língua sobre o calor dela, despertando um choque de sensações por todo seu corpo, que de algum modo já não pertencia mais a ela quando ele estava envolvido. “Tão molhada!” Mara arfou enquanto Temple lambia e chupava, proporcionando-lhe tanto prazer, que chegava ao limite do insuportável, lançando-a em um turbilhão de emoções cada vez mais forte, cada vez mais intenso, até que os dedos dele se juntaram à língua em uma sinfonia perfeita, explorando e se movendo em círculos fantásticos, provocando e tocando. “Eu quero você assim, bem aberta para mim, ansiando por mim, para sempre.”

Para pontuar a palavra *sempre*, e toda sua tentação, ele enfiou o dedo médio bem fundo, e ela não conseguiu segurar um gemido.

“Agora, *esse* som”, ele disse, a voz sombria como seu olhar, “deve ser o mais lindo que eu já ouvi na vida.” Aquele dedo safado saiu dela, e Mara mordeu o lábio, com o rosto ardendo em chamas de constrangimento, ainda que ela quisesse agarrá-lo e exigir que repetisse a experiência. Mas não foi preciso. “Vamos ver se conseguimos fazer de novo!”

Um segundo dedo se juntou ao primeiro em uma estocada longa e irresistível. *Meu Deus, ele estava acabando com ela!* Temple a tocava habilmente, como se ela fosse um instrumento que ele

praticava a vida toda. Mara gemeu de novo, mais alto, por mais tempo, e ele recompensou o som com sua boca, dedicando-se àquele lugar escuro e secreto que, de repente, era o órgão mais importante do corpo dela. Mara nunca mais pensaria em prazer da mesma forma. O prazer agora estava para sempre atrelado a Temple. Mara perdeu todas as suas forças, completamente rendida aos lábios, ao toque, ao aroma e aos sons daquele homem. Entregue à certeza de que ele era tudo o que ela sempre sonhou, desejou e imaginou. Perdida para o prazer. Perdida para ele. E, de algum modo, encontrada. Ela voltou à terra amparada pelos braços deles, fortes, musculosos, que a seguravam junto ao peito, apoiando a cabeça dela em seu ombro bom, e Mara se perdia facilmente naquele calor e aroma. Eles ficaram ali, deitados, e Temple acariciava os cabelos dela, espalhando-os pela cama imensa, e depois a beijou na testa, sussurrando contra sua pele, quase num ato de adoração.

"Você é a coisa mais linda que eu já vi!"

Ela estremeceu ao ouvir essas palavras e se aninhou no corpo quente dele, abraçando-o, sentindo a maciez do tecido da camisa branca dele. Ela falou com o rosto encostado no tecido.

"Você me assusta."

Ele interrompeu o carinho.

"Como?"

Mara alisava o peito dele por cima da camisa.

"Eu nunca pensei que ficaria tão atraída por você. Tão ligada. Nunca pensei que você fosse me conquistar tão intensamente. Que você teria tanto...", ela hesitou antes de falar, "...tanto controle sobre mim."

Ele pegou a mão dela e se ergueu para encará-la. Para olhar melhor para Mara. Ela se sentou e tentou explicar.

"Mesmo agora... com você a poucos centímetros de distância... não consigo deixar de lamentar a dor de perder você."

Temple esticou a mão para ela ao ouvir essa confissão, mas parou antes de tocá-la, como se não soubesse como continuar o movimento.

"Mara", ele disse com suavidade, como se receasse assustá-la. "Eu não quero que você pense nunca que eu me divirto com..."

Os dedos dela pousaram sobre os lábios dele, impedindo o fluxo de palavras.

"Não", ela interrompeu, lágrimas aflorando aos olhos. "Você não entende. Dói quando você não está comigo." Os olhos dele ficaram enegrecidos pelo desejo, e ela prendeu a respiração quando percebeu. Com sua promessa. "Estou sob seu domínio", ela confessou. "Sob o domínio do seu toque, do seu beijo e desses seus olhos lindos! Desesperadamente."

E *isso vai tornar tudo mais difícil*. Mas ela não disse isso.

"Você me controla", foi o que ela disse.

Temple a encarou demoradamente, e Mara desejou que ele a tocasse. Em vez disso, ele se levantou da cama, e ela pensou que tinha estragado tudo. Mas ele voltou poucos segundos depois, sem camisa e descalço, com nada além da calça preta, das tatuagens nos braços, e o curativo branco no ombro. Mara admirou cada centímetro dele banhado pela luz dourada da vela e ficou perdida em pensamentos. Como aquele homem divino, constituído como uma estátua grega ou uma escultura de Michelangelo, veio de uma das melhores linhagens aristocráticas da Inglaterra? Não havia nenhum traço de afetação nele. Temple era a coisa mais masculina que ela já tinha visto, todo força, elegância e potência. O olhar de Mara se deteve na mão boa dele, que recolhia a gravata que ele mesmo tinha jogado longe, e a tira comprida de tecido parecia ao mesmo tempo uma promessa e uma ameaça.

"Você se preocupa com controle...", ele começou.

O coração dela acelerou.

"Sim."

Temple estendeu a gravata para ela. Depois de um momento, Mara a pegou, e ele se deitou na cama, estendendo os braços até suas mãos alcançarem e se agarrarem ao gradil da cabeceira. Mara ficou com a boca seca olhando para ele, estendido diante dela, grande e lindo. E como ele era lindo! Temple era perfeito de todas as formas.

E então ele falou:

“Assuma! Fique no controle”, e ela estremeceu de tanto desejo - uma ânsia abrasadora, pesada e poderosa demais para que resistisse.

Ela enrolou a gravata nas mãos, com os olhos arregalados.

“Tem certeza?”, ela confirmou.

Ele anuiu e se segurou com mais força na cabeceira da cama.

“Confie em mim, Mara.”

Ela engatinhou pela cama, nua a não ser pelas meias de seda, observando o olhar dele sobre ela, adorando tudo.

“Você quer que eu te amarre com isso?”, ela perguntou, ajoelhando-se ao lado dele.

Ele sorriu.

“Eu quero que você faça o que quiser comigo.”

Temple estava se entregando para ela. Para o seu prazer. E tudo que ela podia pensar era que seu prazer estava, de algum modo, inexoravelmente ligado ao dele. Esse pensamento lhe deu coragem, força para fazer o impensável, e Mara montou sobre ele, ajeitando-se sobre seu tronco, pressionando o calor da área mais secreta de seu corpo contra a pele nua dele. Temple gemeu e fechou os olhos, erguendo os quadris da cama, pressionando-se contra ela, seu corpo fazendo promessas que, ela esperava, cumprisse. Os olhos dele faiscaram.

“Mas se você planeja me vendar, querida, faça isso logo. E pare de me torturar com essa visão!”

Vendá-lo. Meu Deus! As pessoas fazem mesmo esse tipo de coisa? *Ela queria. Desesperadamente.* Mara não conseguiu deixar de sorrir quando pensou nisso, e adorou a forma como ele riu do seu sorriso.

“Sua atrevida! Você gosta disso, né?!”

“Você me quer?”

“Querer nem começa a descrever o que eu sinto a seu respeito”, ele confessou com a voz grave. “Querer não é nada comparado ao meu nível de desejo. Ao meu desespero. Ao tanto que eu anseio por você.”

Ela se debruçou, incapaz de resistir aos lábios dele, tomando-lhe a boca com um beijo intenso e profundo, que ela havia aprendido com ele - com estocadas compridas e suculentas que deixaram os dois sem fôlego. Quando ela ergueu a cabeça, respirou fundo e tomou coragem. Ela passou a gravata pelos olhos dele e, quando Temple ergueu a cabeça do travesseiro, Mara passou a tira por trás de sua cabeça e a amarrou apertado, adorando sentir o corpo dele se tensionando debaixo dela, deliciando-se com o som de sua respiração - baixo, forte e perfeito. Mara se inclinou para frente, apertando os seios contra o peito dele, tomando cuidado com o ferimento enquanto sussurrava em sua orelha.

“Você é meu!”

Ele rosnou.

“Sempre.”

Nem sempre, porém. Ela não o poderia ter para sempre. Não seria a vida que ele merecia - casamento com um escândalo, com a mulher que ninguém jamais aceitaria, com a mulher que Londres nunca esqueceria. Enquanto ela estivesse com ele, Temple seria o Duque Assassino. E ele merecia ser muito mais que isso. Mas nessa noite ela podia fingir. Mara cobriu a pele quente dele com beijos demorados, passando por um ombro e subindo pelo braço bom, no qual os músculos tatuados estavam contraídos. Ela não resistiu à tentação de passar a língua pelo contorno do desenho,

traçando os vales e as curvas até ele gemer de prazer. Então ela continuou, descendo, passando pelo flanco e depois cruzando o peito, dando atenção especial às cicatrizes que marcavam o peito e o estômago. Beijando, chupando, delineando as superfícies elevadas com a língua. Temple sibilou com a sensação e Mara ergueu a cabeça.

"Elas doem?"

"Não. E só que..." Ela esperou que ele terminasse. "Ninguém nunca quis tocar nelas antes. Não assim."

Mara queria tocá-las. Ela queria tocar cada centímetro dele e, ao se dar conta disso, se encheu de coragem. Ela se ergueu e deslizou pelo corpo dele, para em seguida se dedicar ao fecho da calça, abrindo os botões - instinto e desejo superando a inexperiência. Temple ergueu os quadris da cama, permitindo que ela puxasse a calça para baixo, revelando-o, grande, duro e perfeito. E *dela!* Mara se sentou sobre os calcanhares, admirando-o, deitado na cama, segurando-se com a mão boa na cabeceira, os nós dos dedos já esbranquiçados pelo esforço de se manter ali. Ansioso para se entregar a ela. Dedicar-se a ela. Entregar o controle. Para ela. Mara estendeu a mão trêmula para o membro maravilhoso, insegura. Ela parou, a um centímetro dele. Mais perto. Temple sentiu.

"Mara", ele gemeu com os dentes cerrados, angústia e desejo tornando as palavras arrastadas e encantadoras.

Ela queria dar para Temple tudo o que ele desejava. Mas...

"Eu não sei o que fazer...", ela confessou com facilidade, talvez porque ele estivesse vendado. "Eu nunca... eu quero fazer do jeito certo."

A respiração dele veio em uma risada curta, ofegante.

"Você não tem como errar, querida, eu prometo. Eu te quero demais." Mara se inclinou para a frente, levando sua confissão até ele.

"Eu só sonhei com isso", ela lhe disse. "Na calada da noite. Eu imaginei como isso seria."

Ele balançou a cabeça.

"Não me conte. Não quero pensar em você sonhando com outro." Aquilo a chocou.

"Nunca houve outro", ela protestou. "Sempre foi você!"

E então ela não se conteve mais, pegando a extensão dele com vontade, sentindo-o pulsar e endurecer ainda mais - se isso fosse possível. Ele gemeu de prazer, em alto e bom som, e ela se deleitou com o som puro e masculino.

"Você está tão duro!"

"Estou! Por você."

"E macio, também", ela comentou. "Como veludo sobre aço."

Ele soltou a mão da cabeceira, levando-a na direção dela por uma fração de segundo antes de se lembrar de sua promessa. Antes de se forçar a voltar para sua posição.

"Não tão macio quanto você."

"Você parece estar com problemas", ela disse, subindo e descendo a mão por todo o comprimento quente dele, adorando como os quadris dele se movimentavam de acordo com o ritmo dela.

"Você está me provocando?", Temple ergueu a cabeça.

"Talvez...", ela sorriu.

Temple fez uma careta.

"Lembre-se, Srta. Lowe, aqui se faz, aqui se paga!"

Um arrepio percorreu o corpo de Mara.

"Que bela promessa!"

Novamente um gemido que parecia um rugido. Ele não conseguia se segurar, aquele homem maravilhoso!

“Mais forte!”, ele pediu.

“Achei que eu estava no controle.”

“Meu amor, se você acha que não está no controle, está louca!”

Ela sorriu de novo, aumentando a pressão do seu toque.

“Como eu posso saber que estou no comando?”

“Porque se eu estivesse no comando, não estaríamos fazendo esses joguinhos bobos.”

Mara riu disso.

“Adoro o som da sua risada”, ele admitiu e ela parou. “E tão raro. Eu quero ouvi-la todos os dias.”

Aquela foi a coisa mais linda que já tinham dito para ela. Mara o recompensou com movimentos intensos, fortes, rápidos, para baixo e para cima, até a respiração dele acelerar e ficar mais difícil.

“Conta para mim...”, ela pediu.

“Qualquer coisa...”, ele prometeu.

“Diga para mim como você gosta.”

Temple soltou um gemido longo e baixo ao ouvir aquilo.

“Eu gosto do jeito que você quiser fazer!”

Mara se inclinou para frente e beijou sua boca, surpreendendo-o antes que ele correspondesse, um beijo louco, desesperado e maravilhoso. Ela se afastou e sussurrou.

“Você gostaria que eu usasse minha boca?”

Temple praguejou, bruto e ameaçador, e ela entendeu o palavrão como um sim, deslizando para trás sobre o corpo dele e avaliando seu membro... imaginando o que provocaria a sensação mais gostosa. Ela hesitou por muito tempo, é claro, porque ele resmungou seu nome, que soou como uma súplica agonizante. Mara, então, deu um beijo na extremidade do pau duro, adorando os espasmos de prazer do corpo dele em suas mãos, contra seus lábios.

“Diga para mim”, ela sussurrou junto à parte mais íntima dele.

Ele fez o que lhe foi pedido.

“Chupe!”

A instrução era escandalosa, absolutamente indecorosa. E tudo que ela queria. Mara fez exatamente o que ele pediu, seguindo a orientação grosseira, experimentando e aprendendo o que fazer com a língua e pressionando os lábios até Temple suplicar, xingar e gemer o nome dela, balançando a cabeça para frente e para trás, segurando-se desesperadamente na cabeceira enquanto Mara lhe dava tudo que ele havia pedido. Enquanto ela o adorava. Enquanto ela o amava. Até Mara perceber que isso não bastava. Que ela queria tudo. Então parou.

“Não...” Temple ofegou seu protesto e Mara deu um beijo final na extremidade do membro vermelho e latejante. “Por quê?”

Mara se levantou sobre ele, abrindo bem as pernas sobre os quadris de Temple. Segurando seu membro, mantendo-o reto até senti-lo entre os pelos que protegiam a parte mais íntima dela. A parte que ela lhe daria. A parte que ela nunca daria para outro. Temple estremeceu debaixo dela. Literalmente tremeu.

“Você está... Oh, meu Deus, Mara.” Ela sorriu, abrindo-se toda, deixando que o membro dele começasse a penetrar sua fenda secreta. “Meu amor, você está tão molhada!” Ele gemeu as palavras cheias de ânsia e desejo. “Tão quente. Tão linda.”

Mara sorriu, acomodando-se sobre o órgão rígido e ereto dele.

“Você não pode me ver, como pode saber isso?”

“Eu posso te ver sempre”, ele disse. “Você está gravada em mim. Posso ficar cego pelo resto da minha vida, e ainda assim vou conseguir te ver.”

Aquelas palavras a preencheram do mesmo modo que o corpo dele a preencheu, enquanto Mara

deslizava pela extensão dura de Temple, que encaixou dentro dela com tanta perfeição que os dois suspiraram, metade oração, metade blasfêmia. Ele tentou se conter diante do gemido de prazer dela.

“Não está doendo?”

“Não!” Ela meneou a cabeça. Estava maravilhoso. “Está doendo em você?” “De jeito nenhum”, ele sorriu.

“Vou me mexer, então, se você não se importar.”

Temple riu.

“Você está no controle, querida.”

Ela estava no controle, levantando e baixando seu corpo sobre ele, testando a pressão e a velocidade, parando de vez em quando para se deliciar com algum ângulo especial. Com algum prazer específico. Temple deixou que ela conduzisse o momento, sussurrando palavras de encorajamento, erguendo os quadris para acompanhá-la quando Mara encontrava uma cadência ou ritmo que ele apreciava. Então Mara memorizava os movimentos preferidos dele, e os repetia e repetia, adorando ver Temple rendido pelo desejo e pelas sensações. Era maravilhoso! Mas estava faltando alguma coisa. *Ele.* Seu toque. Seu olhar. A parte dele que ela queria desesperadamente. Mara não queria controlá-lo. Ela não queria tomar aquele momento apenas para si. Ela queria dividir. E foi o que fez, inclinando-se para retirar a venda, puxando-a por cima da cabeça dele e jogando para o outro lado do quarto, sem se importar onde cairia. Os olhos dele pairaram quentes e intensos sobre ela, e Mara quase desmaiou de lúxuria quando ele, no mesmo instante, capturou o bico de um dos seus seios com a boca, chupando-o com vontade. Amando-o. Mesmo assim, Temple manteve as mãos presas na cabeceira. Até que ela o liberasse com palavras simples e honestas.

“Eu sou sua!”

Livres, as mãos dele desceram pela cintura dela até chegar aos quadris e apertar a bunda com um toque forte e gentil, orientando Mara em um ritmo perfeito, mudando o ângulo, mostrando para ela como encontrar o movimento que lhe proporcionava um prazer imenso, e então Mara começou a se mover com rapidez e intensidade colada nele, gritando, absurdamente excitada, quando Temple também começou a acariciar sua fenda com a ponta dos dedos, apertando e alisando aquele lugar secreto até ela não aguentar mais. Ele estava com o olhar fixo no dela, as pálpebras pesadas de desejo, e então Mara apoiou as mãos na cama, ao lado da cabeça dele, e implorou num sussurro.

“Não pare!”

Não pare de olhar para mim! Não pare de se mexer dentro de mim! Não pare de me amar!

Temple ouviu tudo.

“Nunca!”, ele prometeu.

Ela se entregou ao êxtase. Ela se entregou a Temple. E somente depois que Mara chegou ao auge de seu prazer, Temple procurou satisfazer o dele, com uma, duas, três estocadas fortes dentro da fenda apertada, e gritando o nome dela, libertando-se dentro dela, segurando-a junto a si - ainda unidos - até que seus corações se acalmassem, batendo como um só. E depois de um bom tempo Mara se mexeu. O frio do quarto a fez estremecer nos braços dele, e ele puxou a grande colcha sobre ela, recusando-se a deixar que ela saísse de seus braços. Ele enterrou o nariz no pescoço dela antes de falar.

“Eu não me canso de você. Desse aroma. Você me faz querer comprar todos os limões de Londres para que ninguém mais sinta o seu perfume. Mas não é só de limão. Tem mais alguma coisa. Tem você.”

Aquilo aqueceu o coração dela.

“Você reparou no meu cheiro?”

Ele sorriu com a pergunta que ele próprio tinha feito para ela há tanto tempo. E repetiu a resposta dela.

“E impossível não reparar.”

Eles ficaram deitados ah, em silêncio, Temple fazia carinho nela, deslizando a mão boa pela coluna dela, subindo e descendo despreocupadamente na pele macia como uma bênção. Mara se perguntou o que ele estaria pensando, e estava pensando em perguntar quando ele quebrou o silêncio.

“E se eu não puder mais lutar?”

O braço. Ela se moveu para beijar o peito extenso dele.

“Você vai conseguir.”

Ele ignorou o otimismo dela.

“E se eu não recuperar a sensibilidade? Quem eu vou ser, então? O que eu posso ser, se não for invencível? Se não for um lutador? Se não for o Duque Assassino? Qual vai ser o meu valor?”

Mara sentiu o coração doer com aquelas perguntas. Ele seria tudo que ela sempre quis. Ele seria tudo com que ela sempre sonhou. Mara ergueu a cabeça.

“Você não consegue perceber?”

“O quê?”

“Que você é muito mais que isso!”

Ele beijou aquelas palavras nos lábios dela, e Mara ficou desesperada para que ele acreditasse nela, então colocou todo seu amor, toda sua fé no beijo. E quando ele terminou, ela sussurrou.

“Temple, você é tudo.”

“William”, ele a corrigiu. “Quero que me chame de William.”

“William”, ela sussurrou o nome no peito dele. “William.”

William Harrow, Duque de Lamont. O homem que ela destruiu. O homem que ela podia reabilitar. Ela podia lhe devolver a vida que havia tomado. Ela podia lhe devolver sua antiga glória - e o mundo que amava, as mulheres e os bailes e a aristocracia. O mundo que ele não poderia ter se fizesse uma coisa nobre e estúpida que seria casar com ela. Não. Esse era o maior presente que ela poderia lhe dar, mesmo que para tanto fosse necessário o maior sacrifício que ela faria em sua vida. O sacrifício pelo qual ela desistiria de tudo o que mais queria. Da única coisa que queria. *Ele.* Ela não era o sonho dele. Ela não era seu objetivo. Ela não podia ser a esposa, a mãe, o legado.

“Nós não podemos nos casar”, ela disse, com suavidade.

Ele beijou o alto da cabeça dela.

“Durma comigo esta noite, e deixe que amanhã te convença por que esta é a melhor de todas as minhas ideias.”

Ela não devia. Mara devia abandoná-lo naquele instante, enquanto ainda tinha forças.

“Não posso...”

Temple a interrompeu com um beijo demorado e sensual, carregado de algo mais do que paixão. Com algo que ela não quis identificar, pois se o fizesse, poderia não conseguir fazer o que precisava ser feito.

“Fique.”

Esse pedido, sombrio e áspero nos lábios dele, partiu o coração dela. Por causa do desejo que continha. A promessa. A consciência de que, se ficasse, ele faria tudo ao seu alcance para mantê-la segura. Para protegê--la. Porque ela sabia que, se ficasse, ele nunca teria a vida que merecia. Uma vida livre de escândalo e ruína. Livre das lembranças do passado e de sua destruição. Ele era perfeito demais. Correto demais. E ela era toda errada. Ela só o arruinaria novamente. Destruiria tudo o que ele sempre quis. Ela tinha de ir embora. Ela tinha de sair dali antes que a tentação de ficar fosse grande demais. Então ela proferiu sua mentira final. A mais importante que falaria na vida.

“Eu fico.”

Então ele adormeceu, e depois que sua respiração já estava profunda e regular, ela falou a verdade.

“Eu amo você.”

Capítulo Dezenove

Pela primeira vez em doze anos, ele acordou se sentindo em paz, já estendendo a mão para Mara, ávido para puxá-la para seus braços e fazer amor com ela. Ávido para lhe mostrar porque era certo que eles se casassem. Ávido para lhe mostrar todas as formas pelas quais ele poderia lhe fazer feliz. Todas as formas de amor que ele poderia lhe dedicar. E ele a amaria, por mais que essa resolução pudesse parecer estranha e etérea. Ainda que William nunca tivesse pensado que o amor teria lugar em sua vida. Ele a amaria. Começando nesse dia. Só que ela não estava na cama. Ele se deparou com um punhado de lençóis frios na mão, frios demais para terem sido abandonados há pouco. Maldição! Ela tinha fugido.

Ele se levantou da cama de um salto, já vestindo as calças que ela havia tirado dele na noite anterior, fazendo seu melhor para bloquear a lembrança em sua cabeça. Sem querer que sua razão ou seu bom senso fossem afetados pelas coisas que ela o fez sentir. Paixão. Prazer. Pura e autêntica frustração. Temple se vestiu e desceu as escadas em segundos, saiu para o estábulo, selou seu cavalo e chegou ao número 9 da Rua Cursitor em menos de trinta minutos. Ele subiu a escada para o orfanato pulando três degraus por vez, chegando lá dentro em menos tempo do que a maioria das pessoas levaria para bater na porta. Foi bom que a porta estivesse destrancada, ou ele mesmo a teria posto abaixo.

Lydia passava pelo vestíbulo quando ele entrou, detendo-a no meio de um passo. Ele não hesitou. Não havia tempo para amenidades.

“Onde ela está?”

A mulher tinha aprendido com sua mestra.

“Perdão, Alteza, onde está quem?”

Ele tinha passado mais de trinta anos sem esganar uma mulher, e não iria começar naquele momento. Mas ele não deixaria de usar seu tamanho para intimidação.

“Srta. Baker, não estou com disposição para joguinhos.”

Lydia inspirou profundamente.

“Ela não está aqui.”

No fundo, ele sabia que era verdade, mas não queria acreditar. Então, em vez de continuar com aquela conversa inútil, ele foi até o escritório de Mara e abriu a porta, esperando encontrá-la ali, atrás de sua escrivaninha, com o cabelo ruivo puxado em um coque apertado. Mas ela não estava ali. A escrivaninha estava impecável, como se estivesse sobre o palco de um teatro, e não para ser usada de verdade. Ele se virou, triste e franco, e encarou os olhos de Lydia.

“O quarto dela. Leve-me até lá.”

Lydia pensou em se recusar. William percebeu isso. Mas alguma coisa mudou nela, e Lydia se virou para subir dois lances de escada, e percorrer um longo corredor, até parar diante de uma porta de carvalho fechada. Ele não esperou pela permissão. Abriu e entrou. O quarto cheirava a limões. Limões e Mara. O quartinho estava limpo e arrumado, como ele esperava. Havia um guarda-roupa, pequeno demais para guardar qualquer coisa além do básico, e uma mesinha sobre a qual descansava uma vela pela metade e uma pilha de livros. Ele se aproximou para examiná-los. Romances. Bem usados e amados.

Havia também uma cama minúscula, na qual Mara, sem dúvida, ficava com os pés para fora ao dormir. Esse era o único detalhe imperfeito no quarto, porque estava coberta por seda verde. O vestido que ela usou na noite anterior, quando se revelou para o mundo, e ao lado dele jazia a capa de arminho. Alinhadas ao lado, as luvas que ele havia lhe dado. Ela estava solta no mundo, e não tinha

luvas. Ele as pegou na cama e as levou até o nariz, odiando o toque da seda, desejando que fosse a pele dela. Seu calor. Ele se virou para Lydia.

“Onde ela está?”

“Ela foi embora”, ela respondeu com tristeza nos olhos.

Não. Ele estava perdendo a paciência.

“Para onde?”

“Eu não sei”, ela balançou a cabeça. “Ela não disse.”

“Quando ela vai voltar?”

Lydia olhou para o chão e Temple ouviu a resposta antes que ela falasse.

“Nunca.”

Temple queria gritar. Queria vociferar contra as mulheres idiotas e o destino cruel. Mas ele se conformou com uma pergunta.

“Por quê?”

“Por nossa causa”, Lydia sustentou o olhar do duque.

Que bobagem absurda. Ele estava quase falando isso quando Lydia continuou.

“Ela acha que vamos todos ficar melhor sem ela.”

“Os garotos precisam dela. Você precisa dela. Este lugar precisa dela.”

Lydia abriu um sorriso tímido e triste.

“Você não entende. Ela acha que você também vai ficar melhor sem ela.”

“Ela está errada!” Ele ficava melhor com ela. Infinitamente melhor.

“Eu concordo. Mas Mara acredita que nenhum aristocrata vai deixar seu filho aos cuidados de alguém com um passado tão sombrio quanto o dela. Nenhum doador fará caridade para um orfanato administrado por uma mentirosa. E nenhum duque conseguirá voltar à sociedade com um escândalo como ela ao seu lado.”

“Foda-se a sociedade!”

A palavra grosseira deveria ter chocado Lydia, mas ela apenas sorriu.

“Apoiado!”

“Como você a conheceu?”, perguntou Temple, sem saber de onde saiu aquela pergunta, mas desesperado para saber mais a respeito daquela mulher que ele amava tanto.

Jesus. Ele devia ter dito para ela que a amava. Talvez assim ela tivesse ficado.

“A história é um pouco longa”, Lydia sorriu.

“Pode me contar.”

“Tem uma casa no norte do país. Um lugar seguro para mulheres que querem mudar seu destino. Filhas e irmãs. Mulheres. Prostitutas. Nessa casa, as mulheres conseguem uma segunda chance.”

Temple aquiesceu. A existência de lugares assim não era mistério. Mulheres nem sempre eram valorizadas como mereciam. Ela pensou na mãe de Mara, esfaqueada pelo marido. E nela, espancada e forçada a se casar com um homem com o triplo da sua idade. *Ele a teria protegido.* Mas na verdade ele sabia que não teria conseguido. Não depois que ela estivesse casada. Não depois que ele voltasse à escola. E ele teria odiado seu pai para sempre, por casar com a mulher dos seus sonhos.

Lydia continuava falando.

“Mara ficou lá durante vários anos antes de receber a oportunidade de voltar a Londres para fundar o Lar MacIntyre. Eu estava lá há um ano. Talvez menos. Mas ela falava deste lugar como mais do que um simples lar para meninos. Acho que era mais do que isso para ela. Era tudo.” Ela fitou Temple nos olhos. “Acho que, ajudando dezenas de filhos de aristocratas, ela estava tentando compensar o castigo que havia imposto ao filho de um.”

E claro que sim. A verdade naquelas palavras o deixou arrasado. E aqueles meninos eram a coisa mais importante da vida dela. Quando ele a encontrasse, compraria uma propriedade no interior, com

cavalos, brinquedos e uma área enorme para eles brincarem e crescerem. Ele daria a cada um dos garotos uma chance na vida, como Mara sonhava. Mas primeiro ele daria essa chance a ela.

"Eu a pedi em casamento."

Lydia arregalou os olhos.

"Ora..."

"Eu propus que ela fosse minha duquesa, ofereci-lhe tudo o que ela queria. E ela fugiu!" Ele apertou a luva em sua mão. "Ela não levou nem mesmo as malditas luvas!"

"Ela não levou nada."

Ele se virou para ela.

"Como assim?"

"Ela disse que não podia pegar mais nada de você. Ela deixou tudo. Não quis levar as roupas nem a capa."

Ele ficou paralisado, lembrando-se do modo como ela tinha rasgado o documento bancário que ele lhe ofereceu. Os recursos que ela conquistou com aquele acordo idiota que fizeram.

"Ela não tem dinheiro."

Lydia balançou a cabeça.

"Tem alguns xelins, mas nada substancial."

"Eu lhe ofereci o suficiente para ela se manter durante anos. Uma fortuna!" Lydia meneou a cabeça.

"Ela não aceitaria seu dinheiro. Ela não queria tirar mais nada de você. Não agora."

"Por que não?"

"Você não entende como são mulheres apaixonadas, não é?" *Apaixonada.*

"Para começar, se ela estivesse apaixonada, não teria me abandonado." "Você não vê, Alteza", Lydia começou a explicar, "é justamente porque te ama que ela te abandonou. Algo a respeito de um legado."

Uma mulher. Filhos. Um legado. Ele havia lhe dito que era isso que queria. E ela acreditou nele.

"Tudo o que eu quero é ela...", ele choramingou.

"Bem, isso já é alguma coisa", Lydia sorriu.

Temple não conseguia conceber Mara o amando. Isso o deixaria louco. E ele tinha de manter a sanidade se quisesse encontrá-la. E então ele a trancaria em um quarto, sem nunca mais a deixar partir, dane-se a sanidade. "Ela foi embora no meio do inverno, sem luvas nem dinheiro."

"Não entendo muito bem por que as luvas têm tanta importância..." "Elas são importantes."

"E claro." Lydia sabia que não devia discutir. "Então você entende por que eu estava torcendo para você aparecer. Eu espero que você a encontre." "Eu vou encontrar Mara."

Lydia soltou um longo suspiro de alívio.

"Ótimo!"

"E então vou me casar com ela."

Lydia sorriu, feliz.

"Excelente!"

"Não fique tão animada. Talvez eu a esgane depois disso."

Lydia aquiesceu, muito séria.

"Totalmente compreensível."

Ele fez uma reverência, breve e superficial, girou nos calcanhares e saiu do quarto, descendo pela escada rumo à saída. Quando estava na metade do último lance, uma vozinha veio das sombras, detendo seu movimento. "Ela foi embora."

Temple se virou para encontrar uma coleção de meninos no patamar acima dele, cada um parecendo mais preocupado que o outro. Daniel segurava Lavanda debaixo de um braço. Temple

aquiesceu.

“E verdade.”

Daniel olhou para ele com uma expressão muito brava.

“Ela estava chorando quando foi embora.”

Temple sentiu o peito apertar ao ouvir isso.

“Você a viu?”

O garoto acenou com a cabeça.

“A Sra. Maclntyre não chora.”

Temple se lembrou das lágrimas nos olhos dela naquela tarde em que a deixou nua no ringue de boxe, e uma sensação de vergonha o fez estremecer. “Você fez a Sra. Maclntyre chorar!”

A acusação era dura e honesta. Temple não a negou.

“Estou indo buscá-la. Para acertar tudo.”

Henry decidiu falar, com frustração e raiva estampadas em seu rostinho, como se estivesse preparado para vingar sua senhora.

“O que você fez com ela?”

Ele tinha feito mil coisas. *Eu não acreditei nela. Eu não confiei nela. Eu não demonstrei o quanto eu a amava. Eu não a protegi*.

“Eu cometi um erro”, foi só o que ele disse.

George aquiesceu.

“Você deveria pedir desculpas.

Os outros garotos pareceram concordar com essa sugestão.

“Garotas gostam de pedidos de desculpas”, acrescentou Henry.

Temple concordou.

“Eu vou fazer isso mesmo. Mas primeiro eu preciso encontrar a Sra. Maclntyre.”

“Ela é muito boa em se esconder”, disse Henry.

Outro garoto aquiesceu.

“E a melhor de todas nisso.”

Temple não teve dúvida.

“Eu, também, sou bom em me esconder. E quem é bom em se esconder é excelente para procurar.”

George pareceu cético.

“Tão bom quanto ela?”

“Melhor”, respondeu Temple, esperando que fosse mesmo.

Mas Daniel não acreditou.

“Ela nos deixou. Eu acho que não vai voltar.”

O medo nos olhos do garoto espelhava o que Temple sentia no peito, e ele se lembrou que havia pensado que Daniel era seu filho.

O garoto olhou para a porca em seus braços.

“Ela deixou Lavanda.”

Ela havia deixado todo mundo. Deixou os garotos, pensando que seria melhor para eles. Deixou Lydia, pensando que seria mais fácil administrar um orfanato sem o peso de um escândalo pairando sobre eles. E deixou Lavanda, porque não podia levar um porco para onde estava indo, onde quer que fosse.

Mais um dos meninos falou, repetindo o sentimento.

“Ela se esqueceu de Lavanda.”

Temple subiu a escada, agachando-se para encarar de frente os meninos reunidos, finalmente estendendo os braços para pegar Lavanda. Ela se esqueceu de Lavanda. Temple sabia como a

porquinha rosa se sentia. E os garotos, também. Ela também havia se esquecido dele.

“Posso pegar Lavanda emprestada, só por hoje?”

Os garotos refletiram sobre a pergunta, reunindo-se para chegar a uma decisão unânime antes de Henry se virar para encarar Temple.

“Pode. Mas você tem que trazer Lavanda de volta.”

Daniel deu um passo à frente e estendeu a porca.

“Você tem que trazer as duas de volta.”

O coração de Temple acelerou dentro de seu peito e ele aquiesceu solenemente para os garotos.

“Eu vou fazer isso.”

Se ele pudesse.

“Ela não está aqui.”

Temple andava de um lado para outro no escritório de Duncan West na Rua Fleet, recusando-se a acreditar nisso.

“Ela tem que estar aqui.”

Temple acreditava que a entendia. Ela não iria embora de Londres antes de cumprir sua parte no acordo e limpar o nome dele. Ele acreditava nisso com todas as fibras do seu ser. Ele tinha que acreditar. Porque se não acreditasse, teria que considerar a possibilidade de ela já ter partido, e isso exigiria dele tempo para encontrá-la. Ele não tinha o menor interesse em gastar tempo para encontrar Mara. Ele a queria imediatamente. Em seus braços. Em sua cama. Em sua vida. Ele queria começar a vida que os dois deveriam ter iniciado doze anos antes. A vida que foi arrancada deles. Ele queria felicidade para os dois. E prazer. E amor. Jesus, ela podia estar grávida. De um filho dele. E maldito fosse ele se não quisesse aquela criança - uma linda garotinha com olhos estranhos e cabelo ruivo. Maldito fosse ele se não quisesse estar com as duas em todos os minutos possíveis. *Ela tinha que estar ali*. Ele se virou para West, que estava sentado ereto e empertigado atrás de uma escrivaninha coberta de papéis, com anotações, artigos e Deus sabe o que mais.

“Ela deveria ter vindo até aqui. Para falar com você. Para lhe dar a versão dela.”

West se recostou na poltrona e abriu as mãos.

“Temple, juro para você que eu não queria outra coisa senão que aquela porta se abrisse e Mara Lowe entrasse, com uma década de artigos para me contar.” Ele fez uma pausa, e seu olhar dourado correu para o braço bom de Temple. “Mas tudo que eu tenho é um duque com um porco.”

Temple olhou para Lavanda, que dormia.

“Por que você está carregando um porco?”

Temple fez uma expressão de escárnio diante do meio sorriso no rosto de West.

“Não é da sua conta.”

O jornalista inclinou a cabeça.

“Isso é estranho o bastante para gerar uma interessante historinha paralela.” “Eu vou transformar *você* em uma interessante historinha paralela se não me contar a verdade.”

West pareceu não se impressionar com a ameaça.

“Você está planejando alguma refeição?”

Temple agarrou Lavanda junto a si, não gostando nem um pouco da sugestão de que ela poderia virar o jantar.

“Não. Eu... só estou cuidando dela para alguém.”

West inclinou a cabeça.

“Cuidando dela.”

Temple balançou a cabeça.

“Esqueça da maldita porca. Você não viu Mara.”

“Não vi.”

“Se você vir...”

West ergueu as sobrancelhas.

“Posso lhe garantir, toda Londres vai saber quando eu tiver a oportunidade de conversar com essa mulher.”

Temple o encarou, sem paciência.

“Você não vai fazer chacota dela.”

“Para ser honesto, ela realmente destruiu sua vida. Ela bem que merece ser alvo de chacota. Os ilustradores já estão trabalhando para recontar a noite passada.”

Temple se debruçou sobre a mesa, fervendo de fúria.

“Você. Não. Vai. Debochar. Dela.”

West o observou por um longo tempo antes de falar.

“Entendo.”

Temple não gostou do que o outro quis dizer.

“O que você entende?”

“Você gosta da garota.”

Não era todo dia que Temple era exposto. Por um jornalista.

“É claro que eu gosto dela. Eu vou me casar com ela.”

West agitou uma mão no ar.

“Ninguém dá a mínima para casamento. Se você jogar uma pedra em qualquer lugar de Londres, vai atingir alguém infeliz no casamento. A questão é que você *gosta* da garota.”

Temple olhou para Lavanda, que dormia em seus braços. A única criatura da terra que não o estava aborrecendo naquele momento.

“Jesus. O imbatível e invencível Temple. Batido. Vencido. Por uma mulher.” Ele encarou o jornalista, colocando todo seu assombro no olhar.

“Se ela aparecer aqui, mande me chamar. Imediatamente.”

“E eu vou manter a mulher trancada até você chegar?”

“Se for necessário.”

Ela estava sozinha, sem recursos, nas ruas de Londres. E ele a queria em segurança. Ele a queria consigo. E ele não descansaria até a encontrar. Temple se virou para ir embora.

“Eu faço isso, com uma condição.”

Ele devia esperar por isso, é claro. Devia saber que West iria querer a parte dele. Temple se voltou para o jornalista. Esperou que ele concluísse.

“Diga-me por que ela é tão importante. Afinal, ela já restaurou seu nome. O mundo acredita que ela está viva. Encontrei meia dúzia de mulheres, naquele salão de festas, que a reconheceram. Ela está mais velha, mas continua linda. E todo mundo se lembra daqueles olhos.”

Uma fúria irracional o sacudiu quando West mencionou os olhos de Mara. Ele não queria que as pessoas reparassem nos olhos dela. Ele não queria que pensassem nisso. Eles não eram para ser admirados. Eles eram de Temple. Ele era o único que olhava para eles e via além das cores estranhas, diferentes. Ele olhou dentro deles e enxergou Mara.

West insistiu.

“Por que você se importa se ela vai ficar ou ir embora?”

Temple encarou West.

“Um dia, a mulher que você ama vai escorregar por entre seus dedos, e eu vou lhe fazer a mesma pergunta.”

Ele saiu da sala, deixando que West refletisse sobre as implicações daquela declaração. O jornalista esperou longos minutos, até ouvir o som da porta que dava para a rua sendo fechada, marcando a saída de Temple, antes de se virar para a janela e ver o Duque Assassino montar em seu

cavalo e partir para seu próximo destino - em busca de seu amor. Depois que o tropel de cascos se distanciou, ele falou para a sala vazia.

"Você pode sair agora."

A porta de um armário pequeno foi aberta e Mara saiu de dentro dele, as faces cobertas de lágrimas.

"Ele já foi?"

"Está procurando por você."

Mara concordou, contemplando seus próprios pés, e uma tristeza como nunca havia sentido tomou conta dela. Um desejo como nunca havia sentido. *Ele a amava.* Ele disse isso. Ele veio à procura dela e confessou seu amor. "Ele vai encontrar você."

Como isso, ela ergueu os olhos.

"Talvez não."

Enquanto dizia isso, ela ouviu o eco da promessa de Temple. *Se você fugir, vou encontrá-la.* West balançou a cabeça.

"Ele vai encontrar você, não vai parar até conseguir."

"Talvez ele pare", ela disse, esperando que fosse verdade. Esperando que ele pudesse decidir que ela não valia tanto trabalho. Esperando que ele pudesse encontrar outra vida. Outra mulher. Alguém que o merecesse. West sorriu ao ouvir isso.

"Você acha que um homem simplesmente desiste de procurar a mulher que ele ama?"

A *mulher que ele ama.* Lágrimas quentes e ardidas afloraram com essas palavras, e Mara não conseguiu conte-las. Ele a amava.

"Essa é a parte que não estou conseguindo entender", disse West, mais para si mesmo do que para ela. "Você também o ama."

Ela aquiesceu.

"Desesperadamente."

"Então, qual é o problema?"

Ela não conseguiu evitar. E riu.

"Qual é o problema? Tudo é o problema. Eu o arruinei. Eu destruí tudo que deveria ser dele. Eu roubei a vida dele. E ele merece uma mulher aristocrata e filhos perfeitos e um legado que não esteja manchado por mim." West apoiou o queixo na ponta dos dedos.

"Ele não parece se importar nem um pouco com isso tudo."

Mara sacudiu a cabeça.

"Mas eu me importo! E Londres também! Ele nunca irá recuperar o respeito como Duque de Lamont se estiver enroscado com a mulher responsável por todas as manchas em sua reputação."

"Reputação", repetiu West, em tom de pouco caso.

Ela arregalou os olhos.

"Você ganha a vida com isso."

Ele sorriu.

"E isso significa que eu sei exatamente como isso é arbitrário."

Ela sacudiu a cabeça.

"Você está errado."

"Eu acho que você esteve longe da sociedade por muito tempo", disse West. "Está se esquecendo que duques - com ou sem mulheres escandalosas - são perdoados o mais rápido possível. Eles são, afinal, os únicos que podem gerar outros duques. A aristocracia precisa deles, para que a civilização não desmorone à nossa volta."

Talvez ele tivesse razão. Talvez Temple pudesse aguentar o escândalo que sem dúvida viria com a exposição dela a toda Londres. Mas ele seria capaz de esquecer o que Mara havia feito com ele?

Ela sacudiu a cabeça.

“Você tem tudo que precisa de mim, Sr. West?”

Duncan West sabia reconhecer o fim de uma conversa.

“Tenho.”

“E você não vai dizer para ele que eu estive aqui?”

“Não até a história ser publicada.”

“Quando vai ser isso?”

Ele consultou o calendário.

“Em três dias.”

Mara sentiu o coração apertar. Três dias para sair de Londres. Para ir o mais longe, o mais rápida e secretamente que puder. Três dias para dar a liberdade a ele. E então, ela teria que começar a esquecer Temple. Pelo bem dos dois.

Ela saiu do escritório de Duncan West, tomando o cuidado de fechar bem a capa ao seu redor e baixar o capuz sobre o rosto antes de sair para a rua, onde uma neblina fria e úmida tomava conta de Londres — o que havia de pior no inverno inglês. Ela começou a congelar, desejando que tivesse botas mais quentes. Uma capa mais quente. Um clima mais quente. Desejando Temple, que estava sempre quente. Como uma lareira. Ela ansiou por ele. E o desejou dolorosamente. Mara caminhou por quase um quilômetro antes de perceber que uma carruagem a seguia, quase ao seu lado, deslocando-se no mesmo ritmo que ela - acelerando quando ela apertava o passo, diminuindo quando ela ia mais devagar. Ela parou e se virou para o grande veículo preto, que não ostentava brasões ou qualquer marca de identificação. A carruagem também parou. O criado que vinha na parte de trás desceu e abriu a porta, baixando os degraus de acesso antes de lhe oferecer uma mão para ajudá-la a subir. Mas ela negou com a cabeça.

“Não vou entrar aí.”

O jovem pareceu confuso, e então seda cor de violeta apareceu à porta. “Depressa, Srta. Lowe”, pediu, lá de dentro, uma voz feminina conhecida, e Mara se aproximou. “O calor está saindo da carruagem.”

Mara enfiou a cabeça na abertura da porta. Anna - a mulher que ela conheceu no Anjo - estava lá dentro. Mara arregalou os olhos.

“Você!”

“Eu mesma”, Anna sorriu. “Não vou machucar você, mas prefiro conversar em um ambiente quente e não no frio.”

Mara hesitou.

“Você não está aqui para me levar para o Temple.”

A outra sacudiu a cabeça.

“Não, a menos que você decida que quer ser levada para ele.”

“Não vou decidir isso.”

“Está certo, então.” Ela puxou a capa ao seu redor e tremeu. “Então, por favor, entre e feche a porta.”

Foi o que ela fez. Os tijolos quentes no chão da carruagem estavam convidativos demais para serem ignorados. Anna bateu no teto da cabine e o grande veículo preto começou a se movimentar pela rua.

“Como você sabia onde me encontrar?”, Mara começou com a pergunta mais óbvia.

A mulher curvou os lábios em um sorriso encantador.

“Eu não sabia, mas o Temple sim.”

“Você o seguiu.”

“Ele pode conhecer bem você, mas eu conheço as mulheres.” Ela fez uma pausa. “Além disso, eu

duvido que qualquer mulher deixasse escapar uma oportunidade de passar a manhã com Duncan West.”

Mara sacudiu a cabeça.

“Eu não entendo.”

Anna revirou os olhos e olhou para cima.

“Qualquer mulher que não esteja loucamente apaixonada por Temple.” “Eu não...”, ela começou, mas parou antes de completar sua negativa. Ela estava, afinal, loucamente apaixonada por Temple.

“Eu sei que você está”, disse Anna. “E por isso que estou aqui.” Mara franziu a testa e Anna fez um gesto no ar com a mão. “Alguém tem colocar você nos eixos. Nós pensamos que Temple conseguiria fazer isso, mas ele parece emotivo demais para pensar com inteligência.”

Mara esperou, desesperada para ouvir o que iria sair da boca de Anna. Ela não sabia o que esperar, mas sabia que não esperava que ela dissesse: “Você não arruinou a vida do Temple.”

Mara começava a se sentir cansada de ouvir uma série de estranhos dizendo que ela estava errada.

“Imagino que você seja especialista quando o assunto é ruína?”

Anna contorceu os lábios.

“Na verdade, sou sim.”

“Você não estava lá.”

“Não, não estava. Nem quando você jogou sangue na cama e o deixou com a responsabilidade pela sua morte. Nem quando o pai dele o expulsou de casa e o resto da aristocracia lhe deu as costas.

“Eu também não estava lá quando ele passou sua primeira noite debaixo do Temple Bar, nem quando ele teve suas primeiras lutas, nem quando ele e Bourne tramaram aquele plano idiota de fazer jogos de dados com o que há de pior em Londres.”

Mara se retraiu com aquelas palavras, odiando que aquela mulher soubesse tanto do passado de Temple. Mas Anna não pareceu se importar. Pelo contrário, ela continuou.

“Mas eu estava lá quando eles começaram com o Anjo. Quando ele começou a vida que tem agora, como o melhor lutador que a Inglaterra já viu. Eu estava lá quando ele ganhou a primeira luta no ringue do Anjo. E eu estava lá enquanto ele conquistava importância, respeito e dinheiro de toda Londres.”

“Não é respeito”, Mara a corrigiu, as palavras afiadas em sua língua. “E medo. E medo não merecido, porque pensam que ele é o Duque Assassino, que foi no que eu o transformei.”

Anna sorriu.

“Eu acho um charme você pensar que ele nunca fez nada na vida que fizesse por merecer esse apelido.”

Mara franziu a testa.

“Nada igual ao que todos pensaram que ele tinha feito.”

Anna encolheu o ombro.

“Tanto faz. E respeito. E medo. E um sem o outro não vale a tinta que escreve um dos dois sozinho.” Ela fez uma pausa enquanto a carruagem balançava com elas, e a garoa fria escorria pela janela. “De qualquer modo, Temple gosta disso.”

Talvez fosse verdade.

“Ele tem dinheiro, amigos e um clube no qual os homens se matam para entrar. E a metade de Londres que importa - a metade que julga um homem por seu trabalho, não sua linhagem -, está do lado dele. E ele gosta disso tudo.”

Será que ela estava certa, aquela mulher estranha e misteriosa? Será que Temple gostava da vida que tinha? Ou lamentava cada momento que perdeu por não ter a vida que Mara roubou dele?

“A única coisa que está faltando é você.” Mara congelou ao ouvir aquilo e Anna percebeu. E

continuou. “Volte para o Anjo. Pergunte você mesma a ele.” Ela se inclinou para frente. “Volte, e deixe que ele lhe mostre o quanto a ama.” Aquelas palavras doeram, de tão tentador que era o convite. Ela não queria fugir.

“Eu devo a ele ir embora”, disse Mara. “Eu tenho que devolver para ele tudo que tirei. Limpar a bagunça que eu fiz.”

“Mesmo que você tenha razão, mesmo que isso seja possível”, disse a outra, “você não acha que lhe deve a chance de ser feliz?”

Ele havia dito que Mara era a mulher que amava. E ele era o homem que ela amava. Isso era tudo que a felicidade exigia? Deus do céu, se ela achasse que poderia tornar Temple feliz, correria para seus braços. Ela procurou o olhar de Anna na luz fraca.

“Às vezes amor não basta.”

Anna aquiesceu.

“Deus sabe que isso é verdade. Mas neste caso, vocês não têm só o amor, certo?”

Era difícil de imaginar que eles tinham isso. Após uma década de ódio, mentiras e escândalo. Mais do que uma década. Mas os dois eram fortes. E um passado maior do que eles.

Anna colocou a mão enluvada sobre as mãos de Mara, entrelaçadas sobre as pernas.

“Uma vez você me disse que não tinha amigas.”

Mara sacudiu a cabeça.

“Não tenho. De verdade.”

“Mas você tem ele.”

As palavras invocaram lágrimas outra vez. Ela bateu no teto da cabine, como tinha visto Anna fazer. A carruagem diminuiu de velocidade até parar, e o criado veio abrir a porta e baixar o degrau. Mara desceu, prometendo a si mesma que não olharia para trás.

Nem mesmo quando Anna falou.

“Pense no que eu disse, Srta. Lowe. Você é bem-vinda no clube a qualquer momento.”

Capítulo Vinte

O cassino do Anjo Caído estava lotado de jogadores. Durante a recuperação de Temple, na ausência de lutas em que pudessem apostar, os membros do clube se satisfaziam em torrar seu dinheiro em dados e cartas. E quando a questão era apostas, O Anjo acomodava alegremente os desejos de seus freqüentadores, e toda a equipe - dos criados aos crupiês, das acompanhantes às cozinheiras - estava de prontidão para ajudar.

Temple abriu caminho pela entrada dos proprietários, com Lavanda deitada em seu braço, até chegar ao piso principal do cassino, e passou os olhos pela multidão de cavalheiros vestindo ternos perfeitamente sob medida, todos correndo o risco de perder suas fortunas para a casa, e todos adorando cada minuto que passavam ah. Em qualquer outra noite ele teria apreciado aquela cena. Teria procurado Cross e lhe perguntado a respeito do faturamento da noite. Teria jogado uma ou duas rodadas de vinte e um. Mas nessa noite ele perambulou pelas bordas do salão, silencioso, frustrado. Furioso porque o resto da aristocracia parecia aceitá-lo, com cumprimentos de cabeça e tapinhas no ombro. Temple era um deles novamente, como se os últimos doze anos não tivessem acontecido. Mas isso não importava. Nada importava se ele não conseguisse encontrar Mara. Ele estava dolorido por passar um dia inteiro cavalgando na chuva, em sua busca fútil por ela, uma linda agulha no palheiro cheio de lixo que era Londres em dezembro. Ele foi ao orfanato, foi falar com West, pagou uma fortuna ao agente postal para saber qual era a carga humana que a carruagem dos correios transportou naquele dia, preocupado que ela pudesse já ter saído da cidade.

Um casal em fuga e dois cavalheiros haviam pegado a Estrada do Norte, a caminho da Escócia. Mas, embora a mulher em fuga fosse bem atraente, o agente postal lhe garantiu que ela não era ruiva, e que seus olhos eram totalmente comuns. Não era Mara. Ele deveria estar feliz por saber que ela continuava na cidade. Mas em vez disso, ele estava furioso por ela ter desaparecido com aquela facilidade. Não havia sinal dela. Era como se ela tivesse desaparecido como fumaça. Ele poderia até pensar que ela não existia, se não soubesse o contrário. Ela havia deixado suas luvas. E sua porca... E um buraco no peito dele. Temple torceu os lábios com escárnio enquanto sua ferida latejava. Dois buracos, ele conjecturou - um sarando, outro ameaçando sua vida.

Ele mexeu o ombro ruim sob o paletó, e a dor do ferimento radiou pelo braço, parando no cotovelo. Ele mexeu os dedos na tipoia. Nada. A exaustão não ajudava muito a curar os danos à sensibilidade no antebraço, ele sabia, mas não conseguia descansar. Não enquanto não a encontrasse. Se ele ficasse aleijado ao fim da busca, não tinha importância. Pelo menos ele a teria. A frustração cresceu com esse pensamento. Onde diabos ela estaria?

Ele olhou para o teto e seu olhar pousou no grande vitral que dominava o centro do piso principal do Anjo Caído - Lúcifer caindo do céu. Em uma combinação impressionante de vidros coloridos, o Príncipe das Trevas estava retratado em queda livre, a meio caminho do paraíso para o inferno, com uma corrente no tornozelo, seu cetro em uma mão e as asas abertas e inúteis atrás dele enquanto desmoronava no chão do cassino. Temple nunca pensou muito no vitral, a não ser que gostava da mensagem que passava para os membros do clube - a aristocracia podia bani-los: ele, Bourne, Cross e Chase, os canalhas proprietários do antro de jogatina mais legendário de Londres, que reinavam com mais poder e temeridade exatamente por causa de seu banimento.

Chase gostava de tudo que era dramático. Mas naquele momento, enquanto observava o enorme vitral, vendo Lúcifer cair, Temple percebeu como aquilo era grande. E forte. De algum modo, o artesão que fez aquele vitral havia capturado de modo dramático a ascensão e a queda do anjo nos painéis de vidros coloridos. E a força de Lúcifer era inútil naquele momento. Ele não podia segurar a

si mesmo. Não podia evitar que caísse onde quer que Deus o havia jogado. Parado ali com o braço doente e a sensação absoluta de inutilidade que tomou conta dele, enquanto percebia que não era capaz de encontrar a mulher que amava, Temple ficou com pena do Príncipe das Trevas. Toda aquela beleza, todo aquele poder, toda aquela força. E ainda assim foi parar no Inferno. *Jesus. O* que ele tinha feito?

"Você trouxe um porco para o meu cassino."

Temple olhou para Chase.

"Alguém a viu?"

O olhar de Chase ficou sério.

"Não."

Temple quis gritar sua fúria para todo o salão. Ele quis virar a mesa de dados mais próxima e arrancar as cortinas das janelas. Mas ele se contentou em dar voz à sua frustração.

"Ela desapareceu."

Eles ficaram, lado a lado, observando o movimento no cassino.

"Ainda temos gente procurando. Talvez ela apareça por conta própria."

Temple olhou de soslaio para Chase, sabendo que algo assim era praticamente impossível.

"Talvez."

"Nós vamos encontrar Mara Lowe."

Temple aquiesceu.

"Nem que isso tome o resto da minha vida."

Chase assentiu e olhou para o outro lado, sentindo incômodo pela emoção na voz do amigo. Não que Temple ligasse.

"Mas você encontrou um porco."

Temple olhou para o rosto sonolento de Lavanda.

"Uma porca..."

Chase ergueu as sobrancelhas loiras.

"Ela possui uma porca?"

"É ridículo", disse Temple. Mas era mais ridículo ainda que ele tivesse começado a se importar com a criaturinha. Sua única ligação com ela. "Eu acho charmoso. Ela é uma mulher intrigante, sua Srta. Lowe."

Só que ela não era dele. Temple entregou Lavanda para Chase.

"Ela precisa comer. Leve-a para a cozinha e veja se Didier consegue arrumar alguma coisa para ela." Ele já estava voltando a atenção para a multidão, em busca de alguém que pudesse conhecer Mara. Talvez ela tivesse algum amigo de infância, alguém que pudesse ter lhe oferecido abrigo.

Mas e se ninguém tivesse oferecido abrigo a ela? E se ela estivesse nas ruas naquele instante, com frio e sem um lugar para ficar? Ele próprio havia dormido nas ruas frias de Londres. Pensar nela sozinha... congelando... Ela não tinha nem mesmo luvas. O coração dele ribombou com pânico e ele sacudiu a cabeça para clareá-la. Mara não era boba. Ela encontraria algum lugar para dormir. *Mas com quem?* O sentimento de pânico veio mais uma vez. Chase continuava falando, e Temple prestava atenção, mesmo que fosse apenas para ter algo mais em que pensar.

"Didier é francesa. A porca vai acabar em um ensopado."

Temple olhou para trás.

"Não ouse deixar Didier cozinhar minha porca."

"Pensei que a porca fosse da Srta. Lowe?" Temple se sentiu tentado a tirar o sorriso irônico do rosto de Chase.

"Já que vamos nos casar, prefiro pensar nela como *nossa* porca."

Chase sorriu.

“Excelente. Vou fazer meu melhor para ajudar.”

“Não ajude. Estou cansado da sua interferência. Alimente a porca. Só isso.” “Mas...”

“Alimente a porca.”

Por um instante Temple achou que Chase fosse ignorar as instruções e interferir assim mesmo, mas o zelador do clube apareceu atrás deles. “Vocês têm visita.”

Por um instante Temple pensou que pudesse ser Mara.

“Quem?”

“Christopher Lowe. Ele veio para lutar com Temple.”

Chase estreitou os olhos.

“Leve-o ao meu escritório. E encontre Asriel e Bruno. Ele vai ter uma luta. Mas não será com Temple. E não será justa.”

“Não”, disse Temple.

Chase olhou para ele.

“Seu braço não está bom.”

“Tragam Lowe para mim”, disse Temple, ignorando Chase. “Agora.” Em poucos minutos, Lowe estava dentro do cassino, com Bruno e Asriel ao seu lado.

“Você cometeu um erro aparecendo aqui.”

“Você transformou minha irmã em uma prostituta.”

Temple fechou a mão boa, querendo desesperadamente destruir aquele sujeito.

“Sua irmã vai ser a minha duquesa.”

“Não me importa o que ela vai ser. Ela não me serve para nada.” Sua voz estava arrastada e furiosa. Lowe tinha bebido, possivelmente desde que se separou da irmã, na noite anterior. “Você a arruinou há doze anos. Você possuiu tudo que ela tinha de valor antes de desmaiar.”

Temple ficou furioso.

“Você não deveria poder respirar o mesmo ar que ela.”

Lowe apertou os olhos.

“Ela me mandou embora, sabe. Com alguns xelins. Mal dava para eu sair da cidade.”

“E você perdeu isso também.”

Lowe não precisou admitir. Temple pode ver isso no rosto do rapaz antes de ele choramingar.

“E o que eu devia fazer? Ir embora para ganhar minha fortuna com três xelins? Ela queria que eu apostasse. Queria que eu perdesse.” Seus olhos faiscaram de ódio. “Por *sua* causa. Porque você a transformou em sua *prostituta.”* O desejo de Temple destruir Lowe crescia com cada palavra. “Chame-a de prostituta outra vez e vou garantir que a pobreza seja o menor dos seus problemas.”

A bebida e o desespero tornaram Lowe idiota o bastante para rir disso. “Então você irá lutar comigo? Vou ter uma chance de limpar minha dívida, uma chance de defender a honra da minha irmã?” Ele parou. “Onde está a vagabunda, afinal?”

A fúria veio, ardente e instantânea, e Temple agarrou a gravata torta de Lowe com a mão boa, levantando-o do chão antes de falar.

“Você devia ter aproveitado a chance que ela lhe deu. Você devia ter fugido, pois eu lhe prometo; qualquer coisa que você tivesse que enfrentar lá fora, não é nada se comparado ao que vou fazer com você no ringue.”

Temple derrubou o outro no chão, ignorando a tosse e as exclamações do outro, abaixando-se para acompanhá-lo, pegando o queixo de Lowe e forçando sua cabeça para que o rapaz o encarasse.

“Arrume um padrinho. Encontro você no ringue em meia hora.” Se não podia ter Mara, ele teria uma luta. Temple levantou, acrescentando, “Você tem sorte que eu não acabe com sua raça aqui mesmo. Isso o ensinaria a não falar mal da mulher que eu amo.”

“Nossa! Escutem isso! Você a ama”, debochou Lowe. “Que conversa mole.”

Temple não olhou para trás. Ele se afastou lentamente, a caminho de seus aposentos, já retirando a gravata. O cassino ficou silencioso como um cemitério, pois todos os jogadores interromperam suas apostas para assistir a fúria de Temple.

Por causa disso, ele ouviu quando Chase falou em voz baixa.

“Bem...”

Sem se virar, Temple falou por sobre o ombro.

“Alimente a droga da porca.”

***

Quando Mara chegou ao Anjo Caído, a rua estava praticamente livre de pessoas ou barulho, o oposto de como ela imaginava que seria o exterior de um dos cassinos mais exclusivos de Londres. Ela imaginou, por um instante, se estava muito atrasada. Se Temple teria fechado o clube e partido. Se ele teria decidido encerrar aquela vida sombria e voltar à luz. Voltar ao seu ducado. Voltar ao que era seu por direito. Foi quando ela entrou em pânico. Porque naquele dia escuro e úmido, enquanto não tinha nada para fazer a não ser andar e pensar, ela percebeu que amava aquele homem mais que tudo. E que ela faria tudo que pudesse, durante o tempo que pudesse, para tornar a vida dele melhor do que jamais foi sem ela. E claro que, no momento em que se deu conta disso, Mara percebeu que estava muito longe do Anjo. Mas ela estava lá, e ao chegar bateu na porta, ficando empolgada quando uma pequena fenda foi aberta na porta de aço. Ela deu um passo à frente e falou.

“Olá. Eu sou...”

A fenda foi fechada. Ela hesitou, pensando no que fazer em seguida. Ela bateu novamente. A fenda abriu.

“Eu estou aqui...”

A fenda fechou outra vez.

Sério? Será que toda pessoa daquele clube tinha que ser tão obstinada? Ela bateu de novo. A fenda abriu.

“Senha.”

Ela parou ao ouvir isso.

“Eu não tenho... uma. Mas...”

A fenda foi fechada com estrépito. E foi então que Mara ficou brava. Ela começou a esmurrar a porta. Bem alto. Depois de um longo momento, a pequena fenda foi aberta, e os olhos pretos que a espiaram demonstravam irritação.

“Agora escute aqui, você!”, ela anunciou com sua melhor voz de governanta, enfatizando suas palavras com pancadas na porta.

Os olhos na abertura ficaram arregalados de surpresa.

“Eu passei o dia inteiro nas ruas de Londres, nesse frio de amargar!” Ela pontuou a última frase com *bangue-barigue-bangue!* “E eu decidi, finalmente, que está na hora de eu encarar meus desejos, meu passado, meu futuro e o homem que eu amo! Então, você vai me!” *Bangue!* “Deixar!” *Bangue!* “Entrar!”

Ela completou a invectiva tamborilando com os dois punhos na porta de aço. E ainda acrescentou um chute, só para completar. Ela teve que admitira que a sensação foi boa. Os olhos desapareceram, e foram substituídos por um par mais leve, mais feminino. Bom Deus. Eles estavam *rindo* dela? “Srta. Lowe?”

Ela ergueu um dedo.

“Eu pensaria com cuidado na expressão que vai apresentar para mim quando abrir essa porta.”

As trancas da porta foram finalmente abertas e ela foi admitida no clube, onde encontrou uma sorridente Anna e um porteiro muito mais sisudo. Na verdade, ele se mostrou muito respeitoso

quando falou.

“Estivemos à sua procura”, disse o homem.

Mara sacudiu a capa molhada e aceitou a máscara que o homem lhe estendia, colocando-a em seu rosto antes de dizer, toda educada:

“Bem, vocês me acharam.” Ela se virou para Anna. “Por favor, me leve até o Temple.”

Anna fez o que lhe era pedido, com uma expressão de satisfação em seu lindo rosto enquanto se virava para conduzir Mara pelas passagens secretas do clube, e ficou em silêncio por longos minutos antes de falar novamente. “Estou feliz que você tenha decidido voltar”, disse Anna, afinal.

“Você não contou para ele que me viu?”

“Não contei”, disse Anna, balançando a cabeça. “Eu sei como é não poder decidir o próprio futuro. Eu não faria isso com a vida de ninguém.” Mara pensou nessas palavras por um longo momento.

“Não me importa o futuro, desde que eu esteja com ele.”

A outra mulher sorriu.

“Que seja longo e feliz. Deus sabe que vocês dois merecem.”

Mara se sentiu aquecida por aquelas palavras, até se lembrar que Temple precisava aceitá-la; era Temple que precisava perdoá-la. Por fugir. E por muita coisa mais. Se apenas alguém pudesse levá-la até ele, para que pudesse consertar tudo que havia quebrado. Mas Anna não levou Mara até Temple. Ela a levou até a comprida sala das mulheres, com o vidro espelhado, ao lado do ringue de boxe, onde pareciam estar reunidas todas as pessoas que Mara esperava encontrar no cassino.

Ela adentrou o espaço mal iluminado, lotado de mulheres, com o coração na garganta. “Vai acontecer uma luta?”, ela perguntou para Anna.

“Vai.” A mulher a guiou até a frente da sala, até um lugar em que duas cadeiras vazias estavam junto ao vidro.

Em outro momento Mara podia estar curiosa o bastante para assistir, curiosa o bastante para demonstrar interesse nos lutadores - quaisquer que fossem. Mas nenhum deles seria Temple, que estava machucado demais para lutar, e era só isso que lhe importava. Ela sacudiu a cabeça.

“Não. Não tenho tempo para isto. Eu quero ver o Temple”, ela sussurrou. “Já esperei demais. Eu quero que ele veja que mudei de ideia. Eu quero que ele saiba...”

Que eu o amo. Que quero estar com ele. Que quero recomeçar. Do zero. Para sempre.

Anna aquiesceu.

“E você irá ver o Temple. Mas primeiro precisa ver isto.”

A porta dos aposentos de Temple se abriu, na outra extremidade do salão, e Mara se pôs de pé para vê-lo se dirigindo ao centro do salão, no mesmo instante colocando as mãos no vidro.

“Não”, ela sussurrou.

Ele estava nu da cintura para cima, diabolicamente lindo e, por um momento, Mara só conseguiu pensar em como foi bom deslizar naquela pele, tocá-lo. Ser tocada por ele. Querer de novo, a proximidade. O prazer. O homem. E então sua atenção foi para o curativo no ombro, protegendo o ferimento que ele recebeu nesse mesmo ringue há uma semana. Ela se virou para Anna.

“Não”, Mara repetiu.

Anna não estava olhando para ela. Ela observava Temple se aquecer no ringue.

“Ele está favorecendo o lado direito”, ela comentou, em tom de repreensão.

“E claro que sim!”, exclamou Mara. “Ele está machucado! Não vai ser uma luta justa!”

Ela devia dizer para alguém que o braço de Temple estava ferido. Devia exigir falar com o Marquês de Bourne. Com o misterioso Chase. Ela devia forçar a interrupção da luta. As mulheres ao redor delas faziam uma verdadeira algazarra, gritando seus comentários lascivos.

“Nossa! Não se pode tirar o título do homem, mas com certeza dá para tirar o homem do título.”

“Ele não se parece com nenhum duque que eu já vi.”

“Eu ficaria feliz de me entregar a ele!”

“Não acredito que ela esteja realmente viva, sabe”, alguém falou. “Eu acho que ele apenas pagou alguma prostituta para aparecer e afirmar que é Mara Lowe.”

“E ela. Meu debute foi na mesma temporada em que ela devia se casar com o duque falecido. Todo mundo falava daqueles olhos.”

“Bem, seja como for, sinto-me agradecida a ela, que reabilitou o Duque de Lamont para o casamento.”

Mara queimava de raiva, e sentia vontade de lutar com cada uma daquelas mulheres. Alguém riu.

“Você acha que consegue agarrar o duque?”

“Ouvi dizer que ele a ama”, disse Anna com os olhos em Mara, sua voz enganadora de tão casual.

Do *mesmo modo que ela o ama. Desesperadamente.*

“Bobagem”, replicou uma das mulheres. “Quem poderia amar alguém que fez algo assim? Tenho certeza que ele odeia essa mulher.”

Ele devia odiar. Mas de algum modo - por algum milagre - ele não odeia. Mara começou a se remexer. Ela queria que tudo aquilo terminasse. Ela queria Temple. Naquele instante.

“Além disso”, disse a primeira, “eu sou uma marquesa terrivelmente jovem para continuar viúva.”

Como se tudo que Temple estivesse procurando para sua felicidade no futuro fosse um título. Mara odiou essa ideia.

“Eu imagino que exista uma fila e tanto para o cargo de Duquesa de Lamont”, disse outra, toda alegre. “E não composta apenas de viúvas. Minha irmã tem uma filha de quase dezoito anos, e ela mataria para ter um duque como genro.” As mulheres na sala riram, e ela continuou. “Não é piada. Algumas das mães que estão procurando marido para as filhas não hesitariam em recorrer a assassinato.”

Mara engoliu as palavras que chegaram à ponta de sua língua, desesperadas para serem ouvidas. Ele não precisava de título. Ele precisava de uma mulher que o compreendesse. Que o amasse. Que passasse o restante de seus dias fazendo Temple feliz. Uma mulher que o mantivesse a salvo dessas outras. Do ringue.

Ela se virou para Anna.

“Você precisa impedir isso.”

Anna balançou a cabeça.

“O desafio foi lançado. As apostas foram feitas.”

“Danem-se as apostas!”, exclamou Mara.

Os olhos de Anna mostraram respeito.

“Você falou como o Temple.”

“Você tem toda razão que eu falei como ele.” Preocupação, irritação e frustração lutavam por uma posição dominante entre as emoções de Mara. Ela insistiu: “Leve-me ao Chase. Ele vai me escutar.”

Os olhos de Anna traíram sua surpresa.

“Acredite em mim, Srta. Lowe, Chase não vai impedir nada nesta noite. Há muito dinheiro envolvido nesta luta.”

“Então ele não é um bom amigo. Temple não está pronto para lutar de novo. O ferimento ainda não está curado. Sua recuperação pode retroceder vários dias. Semanas. Pode acontecer coisa pior.” Ela se voltou para Anna. “Ele foi forçado a fazer isso?”

Anna riu.

“Temple nunca foi forçado a nada em sua vida.”

“Então por quê?” Mara procurou o ringue com o olhar, o lugar em que ele estava seminu, altivo e lindo. Ela foi até a porta, mas o segurança enorme que estava lá bloqueou seu caminho. Ela se voltou para Anna. “Por quê?” Ela sorriu, delicada e triste, com a pergunta.

“Por você.”

“Por mim!” Que insanidade.

“Ele quer vingar você.”

Mesmo naquele momento. Depois de tudo que ela tinha feito. Mara olhou para ele, admirando o contorno de seus músculos, a firmeza de seu maxilar. O modo como o olhar dele procurava o oponente. Mas havia algo de diferente nesse Temple. Algo que ela não tinha visto nas outras noites. Raiva. Desespero. Frustração. *Tristeza. Ele a amava.* Assim como ela o amava. Mara fechou os olhos. Talvez ela não o merecesse, mas Mara o queria mesmo assim.

Ela colocou as mãos no vidro.

“Ele acha que eu fui embora.”

“Acha”, confirmou Anna.

“Leve-me até ele.”

“Ainda não.”

Foi então que o segundo lutador entrou no ringue. Seu irmão.

“O que ele está fazendo aqui?”

“Mostrando como é idiota”, disse Anna. “Ele veio até o clube e desafiou Temple.”

Ela havia lhe dado dinheiro. Uma chance para escapar. Ainda assim, ele tinha aparecido ali — por ganância, insolência e infantilidade. Ela sacudiu a cabeça.

“Seu irmão insultou você”, disse Anna.

Mara não duvidava que Kit tivesse feito isso de forma espetacular.

“Seja como for, você precisa impedir isso.”

Anna olhou para ela, uma desconfiança repentina no olhar.

“Por quê?”

“Por quê?” Aquela mulher estava louca? “Porque ele vai se machucar!”

“Quem? Seu irmão? Ou Temple?”

Será que o mundo inteiro tinha enlouquecido? Mara encarou Anna.

“Você acha que eu não o amo.”

“Eu acho que ele é um homem que merece ser amado, mais do que a maioria. E eu acho que você é o motivo. Então, sim, eu receio que você não o ame o bastante. Eu receio que, neste momento, você quer impedir a luta por um motivo diferente.”

Ela queria impedir a luta para que pudesse ficar com ele. Para que pudesse amá-lo. Para que ela, finalmente, pudesse colocar o passado para trás. Mas a luta começou antes que ela pudesse falar, e esse Temple novo e furioso iniciou o ataque, rápido e decidido, atacando primeiro com vários golpes. Um gancho de direita. Um jabe de direita. Um cruzado de direita. *Sempre de direita.* Kit se recuperou e contra-atacou com um golpe, e mais um, fazendo Temple recuar pelo ringue. Mara olhou para o curativo, viu como afrouxavam os nós de tecido que o mantinham no lugar. Ela se virou para Anna.

“Por favor. Leve-me até o Chase. Nós temos que acabar com isso.”

A prostituta sacudiu a cabeça.

“Esta luta é dele. Para você.”

“Eu não a quero.”

“Mas vai tê-la mesmo assim.”

Outro gancho de direita. Um jabe de direita. Foi quando Kit enxergou o padrão. Mara olhou para

o outro lado. Uma criança enxergaria o padrão. *Ele iria perder.* Quantas vezes ele tinha lhe dito que nunca perdia? Quantas vezes ela ouviu falar dele, o grande Temple, o maior boxeador da Grã-Bretanha. De todo o mundo. Invencível. Invicto. Indestrutível. Kit podia estar bêbado, mas não era bobo. Ele percebeu que Temple estava fraco do lado esquerdo, então atacou por ali, disparando golpes que teriam marcado sua derrota dez dias antes. Mas nessa noite, os golpes eram fortes o bastante para infligir dor. Fortes o bastante para fazer Temple recuar. Ele não era invencível. Não nessa noite. Mas Kit havia insultado Mara, e ele preferiria perder a deixar o insulto passar.

"Jesus, por que ele não usa a esquerda? Por que ele não bloqueia os golpes?", alguém perguntou, e Mara percebeu a frustração na voz da mulher.

"Ele não pode", Mara sussurrou, com a mão no vidro espelhado, assistindo ao seu amor receber outro golpe e mais um. Por ela. De novo e de novo.

O braço dele não estava funcionando corretamente. Ele iria perder. Kit acertou outro golpe e Temple caiu de joelhos, com a multidão contando os segundos que ele passou no chão do ringue até olhar para o adversário e falar. Kit se afastou e Temple se colocou de pé novamente, com sangue escorrendo pela face. Ele lutaria até estar destruído. Ele não desistiria. Não quando o nome de Mara estava em jogo. Ele a amava. As palavras dele na noite anterior ecoaram. O *que eu posso ser, se não for invencível? Se não for um lutador? Se não for o Duque Assassino? Qual vai ser o meu valor?* Ele não iria parar. Não até que seu irmão o matasse. Anna viu, então, o final inevitável.

"Vai acabar antes que possamos interromper", disse Anna olhando para Mara.

Mara não aceitaria isso. O homem que ela amava estava a três metros de distância. Menos que isso. E ele precisava dela. Droga, se Mara era a única disposta a salvá-lo, era o que ela faria. Ela se movimentou sem pensar, erguendo a cadeira com as mãos antes que qualquer uma das mulheres na sala pudesse prever o que faria. Quando Anna tentou segurá-la, era tarde demais.

"Não!", gritou ela.

Mas Mara só tinha um objetivo: *Temple.*

***

Ele iria perder. Seu lado esquerdo gritava de dor; os músculos protestavam contra a luta - pouco tempo depois da facada. Isso para não falar dos nervos, sacolejando em surtos e tremores por todo o braço, causando tanta dor por dentro quanto Lowe causava por fora. Ele iria perder. Ele não conseguiria vingar Mara. Não que isso importasse; ela o tinha abandonado. Ela havia fugido dele. Outra vez.

Lowe acertou dois golpes poderosos no lado esquerdo de Temple, fazendo-o cair de joelhos. Ali, sobre a serragem, ele se perguntou que outra pessoa o deixou de joelhos no ringue. *Só Mara.* Na tarde em que ficaram a sós ali. Na tarde em que ele a afastou pela primeira vez. Na tarde em que ele deveria ter pegado Mara em seus braços e a levado para sua cama, para nunca mais a soltar. Temple ergueu os olhos para Lowe.

"Talvez você ganhe hoje", ele disse, "mas vou arruinar sua vida se falar mal dela outra vez."

Lowe recuou, dançando, e o provocou.

"Isso se eu deixar você vivo."

Temple se pôs de pé para o que, ele sabia, seria a última parte da luta, desde que Lowe tivesse estômago para tanto. Mas antes que quaisquer outros golpes fossem desfechados, a sala explodiu. O espelho que escondia a platéia de mulheres, na sala reservada, foi estilhaçado com um estrondo ensurdecedor, e cada centímetro dele desabou no chão do salão, igual a açúcar de confeiteiro. O barulho foi diferente de tudo que Temple já tinha ouvido, e ele e Lowe - e toda a platéia no salão - se viraram para olhar a chuva de vidro, enquanto as mulheres lá dentro corriam e gritavam para se esconder na escuridão, sem quererem ser vistas ou identificadas. Os homens amontoados em volta do

ringue ficaram petrificados, apertando os comprovantes das apostas em suas mãos, e com as bocas abertas, congeladas em seus gritos perversos, mas Temple não se importava com nada disso. Ele só se importava com a mulher que havia provocado aquela devastação. A mulher que estava de pé, sozinha, no centro do espelho quebrado, altiva, orgulhosa e forte como uma rainha, ainda segurando a cadeira que havia utilizado para despedaçar o vidro.

Mara. Seu amor. Ela estava ah. Finalmente. Ela pôs a cadeira no chão e a usou para passar por cima da mureta que apoiava o vidro e entrar no ringue, sem se importar nem um pouco com os homens à sua volta. Olhando apenas para ele. Temple andava na direção dela enquanto os últimos cacos de vidro tilintavam no chão, ligando apenas para ela. Querendo ficar perto dela. E abraçá-la. Para acreditar que ela estava ali. Mara ergueu a mão e retirou a máscara, deixando que toda Londres a visse pela segunda vez em dois dias. Um murmúrio de reconhecimento se moveu como uma onda pelo salão.

“Fiquei cansada de esperar que viesse me encontrar, Alteza”, ela disse, alto o bastante para que os espectadores perto dela a ouvissem. Mas as palavras eram dirigidas a ele. Apenas a ele.

Temple sorriu.

“Eu iria encontrar você.”

“Não sei, não”, ela respondeu. “Você parece um pouco ocupado.”

Temple olhou por sobre o ombro.

“O que, ele?”

Mara observou o rosto ensangüentado dele, e Temple percebeu a preocupação nos olhos dela. Viu como ela ergueu a mão para tocá-lo. Para confortá-lo.

“Eu pensei que poderia ajudar.”

Ele ergueu as sobrancelhas quando Mara entrou no ringue e encarou o irmão.

“Você, Christopher, é um imbecil, e continua a mesma criança que eu deixei quando parti, doze anos atrás.”

O olhar de Kit ficou sombrio e ominoso.

“Bem, esta criança teria destruído seu duque se você não tivesse nos interrompido.”

Ela ignorou a alegria nas palavras do irmão.

“Que infelicidade, então, que eu o interrompi.” Ela passou os olhos pelo salão, observando as centenas de homens que estavam ali para ver a luta. Que se divertiam assistindo à queda de Temple. “Vamos facilitar isto, que tal?”

Kit sorriu, irônico.

“Por favor.”

“Um golpe final. Quem acertar, vence.”

O olhar de seu irmão procurou Temple, espancado e ensangüentado.

“Eu acho que é justo. Se eu ganhar, fico livre. E recebo meu dinheiro.”

Com algo de caloroso e fantástico no olhar, Mara se virou para Temple, que queria mais do que tudo terminar com aquela luta. Porque ele a queria. Naquele instante. Para sempre.

“Temple?”, ela perguntou.

Ele já não ligava para o que aconteceria com Lowe, desde que Mara fosse dele. Ele aquiesceu.

“Eu digo sempre que você é uma excelente negociadora.”

Ela sorriu ao ouvir isso.

“Ótimo.”

E então a mulher que ele amava se virou para o irmão e o derrubou no chão. Com um soco. Ela era uma ótima aluna.

Kit ficou de joelhos, gemendo de dor.

“Você quebrou meu nariz!”

“Você mereceu.” Ela o encarou. “E perdeu.” Asriel e Bruno já entravam no ringue para garantir que Lowe não fugisse do clube. “Agora eu digo quais são meus termos. Você vai ser julgado. Pela tentativa de assassinato de um duque.” Ela olhou para Temple. “Meu duque.”

O *duque dela.* Era ele. Ele seria o que ela quisesse. Temple disfarçou sua surpresa fingindo pouco caso.

“Já estava quase terminando, mesmo.”

Ela assentiu e se aproximou dele, sem parecer se importar que ele estivesse machucado e sangrando.

“Eu não tenho dúvida que você teria vencido. Mas fiquei cansada de esperar por isso também.”

“Você está impaciente, hoje.”

“Doze anos é bastante tempo para se esperar.”

Ele aguardou um pouco para falar.

“Para esperar o quê?”

“O amor.”

Jesus. Ela o amava. Ele se aproximou dela e a pegou nos braços.

“Diga isso outra vez.”

E ela disse, no ringue. Na frente de todos os membros do Anjo Caído. “Eu amo você, William Harrow, Duque de Lamont.”

Sua rainha vingadora, audaciosa. Ele tomou os lábios de Mara em um beijo longo e exuberante, desejando que ela entendesse, ali e para sempre, o quanto ele a amava, e Mara aproveitou para derramar seu amor naquele beijo. Quando ele ergueu a cabeça, foi para encostar sua testa à dela.

“Diga outra vez.”

Ela entendeu.

“Eu amo você.” Mara franziu o cenho ao olhar para ele, erguendo a mão para tocar o local em que o olho dele fechou de tão inchado. “Ele o machucou tanto.”

“Vai sarar.” Temple pegou os dedos dela e os beijou. “Tudo isso vai sarar. Diga mais uma vez.”

Ela corou.

“Eu amo você.”

Ele recompensou a honestidade com outro beijo profundo, de arrebatar a alma.

“Ótimo”, ele disse quando se afastou.

Mara apoiou as mãos no peito dele, delicadamente, e suas palavras seguintes combinaram com o toque.

“Eu não consegui deixar você. Pensei que conseguiria. Pensei que seria melhor assim, que isso lhe permitiria ter a vida que você queria. Com uma esposa. Filhos. Seu...”

Ele a interrompeu com um beijo.

“Não. Você é meu legado.”

“Eu pensei que isso ajudaria você a começar de novo. Que você poderia ser mais uma vez o Duque de Lamont, e eu desapareceria - e nunca mais incomodaria você. Mas não consegui.” Ela sacudiu a cabeça. “Eu preciso de você.” O coração dele acelerou com a ideia de Mara desaparecendo, e ele ergueu o rosto dela para si.

“Escute, Mara Lowe. Só existe um lugar para você. Aqui. Nos meus braços. Na minha vida. Na minha casa. Na minha cama. Se você fosse embora, não estaria me dando a vida que eu quero. Você estaria deixando minha vida com um enorme vazio, bem no centro dela.”

Ele a beijou novamente.

“Eu amo você”, disse ele com delicadeza. “Eu acho que a amo desde o momento em que te salvei em uma rua escura de Londres. Eu amo sua força, sua beleza e seu jeito com crianças e leitoas.” Ela sorriu, e lágrimas afloraram aos seus olhos. “Você deixou suas luvas no lar.”

“Minhas luvas?”

Ele ergueu as mãos dela, dando beijos em cada um dos nós dos dedos. “O fato de você não as usar me deixa ao mesmo tempo louco de frustração e louco de desejo.”

Ela olhou para as mãos.

“Minhas mãos nuas deixam você louco de desejo?”

“Tudo em você me deixa louco de desejo”, ele disse. “A propósito, Lavanda está com Chase.”

Os lindos olhos dela mostraram sua confusão.

“Por que Lavanda está com Chase?”

“E uma história um pouco longa, mas a versão curta é que eu não aguentei ficar longe dela. Longe de alguma coisa sua.”

Ela riu e ele percebeu que poderia carregar aquela porca pelo resto da vida se isso a mantivesse rindo.

“Eu adoro sua risada. Quero escutar você rindo todos os dias. Quero deixar para trás toda essa tristeza e devastação. Agora quero felicidade. Quero o que é nosso. Quero o que nós merecemos desde o início.” Ele fez uma pausa e fitou no fundo dos olhos dela, desejando que Mara compreendesse o quanto ele a amava. “Eu quero você.”

Ela aquiesceu.

“*Sim.*”

Ele sorriu.

“Sim?”

“Sim! Para tudo isso. Para felicidade, vida e amor.” Ela hesitou e Temple percebeu o pensamento sombrio se espalhar por ela. Percebeu nos olhos dela quando Mara ergueu o rosto para ele. “Eu fiz tanta coisa para arruinar você. Para machucar você.”

“Chega.” Ele a silenciou com um beijo, afastando seus lábios dos dela apenas quando ela se abandonou em seus braços. “Não me machuque novamente.” As lágrimas transbordaram.

“Nunca.”

Ele as enxugou com o polegar.

“Nunca mais me abandone.”

“Nunca.” Ela suspirou. “Eu queria recomeçar do zero."

Ele negou com a cabeça.

“Eu não quero. Sem passado nós não teríamos o presente. Nem o futuro.

Não me arrependo de nenhum momento disso tudo. Foi esse passado que nos trouxe até aqui. A este lugar. A este momento. A este amor.”

Eles se beijaram outra vez, e desejaram estar em qualquer outro lugar que não ali, na frente de toda Londres. Ela interrompeu o beijo e sorriu para ele, destemida e linda.

“Eu ganhei.”

Ele também sorriu.

“Você ganhou. Foi a primeira vez que alguém, que não eu, ganhou neste ringue.” Ele apontou para o coletor de apostas. “Anote isso no livro. A vitória vai para Srta. Mara Lowe.”

A multidão rugiu de decepção, afirmando trapaça e apostas inválidas. Ele não ligou. Que Chase resolvesse isso. Ele tinha certeza que mesmo os mais descontentes estariam jogando de novo em menos de uma hora.

“E o que eu ganho”, ela sussurrou a pergunta na orelha dele.

Temple sorriu.

“O que você quer ganhar?”

“Você.” Tão simples. Tão perfeita.

“Eu sou seu”, ele disse, beijando-a. “Assim como você é minha.”

Mara riu.
“Para sempre.”
E era verdade.

Epílogo

Na véspera de seu casamento, a Srta. Mara Lowe, junto à janela da ala íntima de Whitefawn Abbey, no terceiro andar, olhava para os jardins escuros abaixo. Ela encostou a mão no vidro frio, e observou como a superfície embaçava com seu toque. Depois Mara retirou a mão, revelando o negrume além, pontilhado por reflexos das velas acesas no quarto atrás de si. Com um sorriso absorto, ela passou o dedo pelo vidro, conectando os pontos luminosos, que tremeluziam como estrelas, e ficou distraída com a tarefa o suficiente para não ouvir seu futuro marido se aproximar, só notando sua presença quando seu reflexo apareceu na janela, emoldurado pelas marcas que ela fez no vidro. E então os braços dele a envolveram, com as mãos abertas sobre seu corpo, puxando-a de encontro a ele, que colou os lábios no lugar em que o pescoço encontra o ombro, produzindo uma carícia demorada.

"Você cheira a limões."

Ela sorriu e suspirou, encostando-se nele, tocando-o onde ele a segurava, entrelaçando seus dedos aos dele.

"Em que você está pensando?", Temple perguntou quando finalmente ergueu a cabeça.

Ela se virou no abraço para lhe dizer a verdade, algo encantador e libertador.

"Em outro momento, aqui em Whitefawn. Outro momento aqui, neste quarto."

Ele não fingiu desconhecer onde estavam. Em vez disso, olhou para a cama onde ela o deixou há doze anos.

"Você acha que alguém dormiu aí desde aquela manhã?", Temple perguntou.

Ela riu da réplica inesperada.

"Acredito que não."

Ele concordou, todo sério.

"E uma pena."

"Era de se esperar, não acha? Afinal, acreditavam que eu tinha morrido ali."

Ele a puxou para perto mais uma vez, e colocou os braços dela ao redor de seu pescoço.

"Mas você não morreu", ele disse suavemente, e o prazer contido nas palavras fizeram um fio de empolgação percorrer o corpo dela.

Mara procurou o olhar dele.

"Não morri."

"Também não se casou na manhã seguinte."

Ela sacudiu a cabeça.

"Não casei."

Ele a apertou contra si, alinhando seus corpos sem deixar sequer um centímetro entre eles, e o calor se espalhou por ela como se estivessem falando de outra coisa que não aquela manhã, doze anos atrás.

"Que sorte a minha", ele disse antes de tomar seus lábios em um beijo demorado e maravilhoso, uma promessa do prazer que viria.

De novo e de novo. Daquele dia em diante. Mara estava tão enlevada com a carícia que só notou que Temple a conduziu através do quarto quando a parte de trás de suas pernas tocou na cama. Ela suspirou de surpresa quando ele a jogou sobre as cobertas quase sem nenhum esforço, acompanhando-a em seguida.

"Você vê que pena?", ele provocou, dando uma série de beijos quentes e arrepiantes em seu queixo. "Esta é uma cama muito confortável."

As mãos dela se mexeram sozinhas e foram parar no cabelo dele. E trouxeram a boca dele até ela.

“Temple”, ela disse, delicada.

Ele ergueu o rosto, os olhos pretos focados apenas nela. Havia uma dúzia de coisas para serem ditas. Uma centena. Ele sacudiu a cabeça.

“Não. Chega de demônios. Chega de lembranças.”

Lágrimas afloraram aos olhos dela.

“Como você pode dizer isso? Ainda mais aqui?”

Ele sorriu e subiu a mão para acariciar o rosto dela.

“Porque o passado é passado. Estou muito mais interessado no presente.” Ele era um homem magnífico.

“Eu amo você”, ela disse, querendo se certificar de que ele sabia disso. Querendo garantir que ele nunca duvidaria disso.

Ele a beijou apaixonadamente, e ali, naquela carícia, Mara encontrou contentamento. Quando Temple interrompeu o beijo, foi para passar o braço ruim por cima da cabeça dela e falar:

“Já que estamos falando do presente...”

Ela se espantou com a facilidade com que ele se movia, tão pouco tempo depois de ter sido ferido. Ele estava voltando a ter sensibilidade no braço, e ainda que ele talvez nunca mais pudesse lutar com a antiga precisão, era esperado que ele ficasse bom. *Graças a Deus.* Sem saber no que ela pensava, Temple apareceu com um pacote que ela não tinha visto sobre a cama. “Feliz Natal, meu amor.”

Ela sorriu.

“O Natal é amanhã.”

Ele sacudiu a cabeça.

“Não, amanhã é nosso casamento. O Natal tem que acontecer antes.” Ele sorriu para ela. “Abra.”

Ela riu.

“Parece que você é um dos meninos.”

Os meninos tinham todos ido para Whitefawn passar as festas de fim de ano - e provavelmente todos permaneceriam na enorme propriedade pelos próximos anos, já não como órfãos, mas protegidos do Duque de Lamont. Ele era o protetor deles. Assim como era o dela. Mara acariciou o rosto quente e áspero de Temple, devido à barba por fazer.

“Obrigada.”

Ele ergueu a sobrancelha.

“Você ainda não sabe o que é.”

Ela sorriu.

“Não pelo presente. Bem, por este presente também, mas principalmente por todos os outros. Por amar os garotos. Por me amar. Por casar comigo. Por...”

Ele baixou a cabeça e interrompeu o fluxo de palavras, distraindo-a com um beijo demorado e encantador.

“Mara”, ele pronunciou suavemente quando finalmente descolou seus lábios dos dela. “Sou eu que devo lhe agradecer, meu amor. Por sua força. E seu brilho. E seus meninos. E por casar comigo.” Ele lhe deu outro beijo rápido. “Agora abra seu presente.”

Ela obedeceu, e o empurrou para o lado, para conseguir se sentar na cama e desembrulhar o pacote, abrindo o papel pardo para revelar uma conhecida caixa branca, timbrada com um elaborado H dourado. Ela ergueu a tampa da caixa e afastou o papel vermelho para revelar... Luvas. Ele havia lhe trazido luvas. Uma dúzia de luvas. Em mais cores, tecidos, comprimentos e texturas do que ela imaginava ser possível. Pelica amarela, camurça lavanda, seda preta e couro verde. Mara as retirou

da caixa, rindo, e as espalhou sobre as pernas dos dois e a colcha da cama.

“Você é louco.”

Ele pegou uma luva branca comprida, para ópera, e a deslizou pelos dedos.

“Eu quero que você tenha tantos pares quantos são os dias do ano.”

Ela sorriu para ele.

“Por quê?”

Temple levou as mãos dela até seus lábios, beijando os nós calejados um de cada vez, pontuando suas palavras.

“Porque eu não quero mais que você sinta frio. Nunca mais”

Aquilo era estranho, frívolo e completamente incompreensível. Mas era a coisa mais linda que alguém já tinha dito para ela. E as luvas eram lindas. Mara pegou um par de luvas curtas de cetim prateado e começou a vesti-las. Ele a deteve.

“Não.”

“Não?” Mara sorriu para ele.

Temple sacudiu a cabeça.

“Quando estivermos a sós, quero você sem luvas.”

Ela franziu a testa.

“Temple, você não está fazendo sentido.”

Ele sorriu e deu um beijo no pescoço dela antes de erguer a cabeça e sussurrar, quente e sensual, em sua orelha.

“Quando estivermos a sós, vou manter você aquecida de outro jeito.”

E então ele começou a fazer exatamente isso. E ela teria que concordar completamente com ele.

***

Quase uma semana depois, seguindo a tradição sagrada entre os cavalheiros da Grã-Bretanha, o fundador do Anjo Caído sentou-se para tomar café da manhã e ler o jornal do dia. Nesse dia em especial, contudo, Chase quebrou a tradição e começou pela coluna social:

O *Duque de Lamont e a Srta. Mara Lowe se casaram no Natal, na capela de Whitefawn Ahbey, lugar em que se encontraram pela primeira vez, em uma noite fatídica, há doze anos.*

As núpcias atraíram uma grande variedade de convidados, incluindo vários dos canalhas mais conhecidos de Londres e suas esposas, duas dúzias de garotos com idades entre 3 e 11 anos, uma cozinheira francesa, uma governanta e uma porca. Sem dúvida, quando essa caravana excêntrica marchou pela longa entrada de Whitefawn Abhey, os criados da residência temeram por sua segurança. E por sua sanidade.

Deve ser dito, contudo, que esse grupo, embora às vezes lascivo, e com frequência barulhento, comportou-se tremendamente bem durante a cerimônia, testemunhando o rito com a solenidade feliz que se pede nessas ocasiões.

Todo o grupo menos a porca, pelo que apuramos. Aparentemente, ela dormiu durante a coisa toda.

Diário da Grã-Bretanha 30 de dezembro de 1831

Com um sorriso satisfeito, Chase fechou o jornal e terminou o café da manhã, para então se levantar e alisar a saia antes de sair de casa. Afinal, ela tinha um cassino para comandar.

Observações da Autora

A Medicina, na década de 1830, deixava muito a desejar. Sem praticamente nenhum conhecimento da teoria dos micro-organismos, um homem podia morrer por muito menos que um ferimento de faca, e uma facada apresentava um risco bastante real de morte, mesmo que a lâmina não acertasse nenhum órgão vital. E claro que, quando você está escrevendo um livro, nada disso lhe ocorre - principalmente quando está escrevendo sobre um herói que é um ímã de violência.

Portanto, escritores como eu têm muita sorte quando tem um médico talentoso como amigo. Meus enormes agradecimentos ao Dr. Daniel Medel, que aguentou minhas mensagens malucas e telefonemas no meio da noite sobre ferimentos produzidos por facas, sangria, nervos danificados e nunca me disse que a sobrevivência de Temple seria impossível, desde que, de algum modo, a faca estivesse meticulosamente limpa. E estava. Eu juro. Nem preciso dizer que quaisquer erros médicos no livro são da minha exclusiva responsabilidade.

Assim como todos os meus livros, este não poderia ter sido escrito sem os comentários sempre acertados da minha xerpa literária, Carrie Feron, e o trabalho árduo de Tessa Woodward, Nicole Fischer, Pam Spengler-Jaffee, Jessie Edwards, Caroline Perny, Shawn Nicholls, Tom Egner, Gail Dubov, Carla Parker, Brian Grogan, Eleanor Mikuck e o resto da equipe incomparável da Avon Books.

Como sempre, meus agradecimentos a Sabrina Darby, Carrie Ryan, Sophie Jordan, Melissa Walker, Lily Everett e Randi Silberman Klett pela ajuda na história de Temple e Mara, e para Aprilynne Pike e Sarah Rees Brennan por um almoço de emergência que terminou com ideias novas e a heterocromia de Mara.

Deixei você para o final! Obrigada por me acompanhar nessa jornada com meus canalhas, por amá-los tanto quanto eu, e pelo interminável incentivo online e pelos correios. Eu espero que você continue me acompanhando no quarto livro da série O Clube dos Canalhas - a história de Chase.

Table of Contents

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Epílogo
Observações da Autora

Classes gramaticais – Morfologia

Prof. Flaverlei A. Silva

Substantivos

- São palavras que designam seres – visíveis ou não, animados ou não –, ações, estados, sentimentos, desejos, ideias.

Ex.: Os esqueletos saem do túmulo.

- Dica: O substantivo funcionará sempre como núcleo dos termos:

- Não vejo mal em **Maria** reivindicar seus direitos. (núcleo do sujeito)
- João busca **água** no açude de Coribó. (núcleo do OD)

- Gosto de **Direito** Penal. (núcleo do OI)
- Os cursistas tem necessidade de uma boa **apostila**. (núcleo o CN)
- O curso foi anulado pela **justiça**. (núcleo do agente da passiva)

Classificação:

- Comum – Refere-se a muitos seres ou coisas de uma só espécie: caderno, lápis.
- Próprio – Designa um ser entre vários: Brasil, Juliana, Indaiatuba.
- Concreto – Designa seres cuja existência real conhecemos ou supomos que existam.
- **Concreto real** – Ser que existe por si: Deus, homem, casa, José.
- **Concreto fictício** – Apresenta-se em nossa imaginação como se existisse: saci, fantasma.

- Abstrato – Designa qualidade, ação ou estado abstraídos de seres que os possuam e os executem: virgindade, amizade, amor, corrida.
- Coletivo – Designa a pluralidade como se fosse uma unidade: boiada, alcateia, bando, esquadra.

Formação dos substantivos:

- Primitivo – Dá origem a outras palavras: Ferro.
- Derivado – É originado por meio de outras palavras: ferreiro, ferragem, ferrugem.

Ou seja:

- Primitivos/Derivados – (Pedra/Pedregulho)
- Simples/Composto – (Campo/Obra-prima)
- Comum/Próprio – (Cidade/Brasília)
- Concreto/Abstrato – (Deus/Bondade)
- Coletivo – (Manada)

Flexões do substantivo

- Gênero – Masc./Fem. – (livro/máquina)

- Número – Sing./Plural – (livro/livros)

- Grau Aumentativo – Analítico/Sintético (Nariz grande / Narigão)

- Grau Diminutivo – Analítico/Sintético (Nariz pequeno / Narizinho)

1. **Gênero**

a) Substantivo Biforme – Uma forma para o masculino e outra para o feminino. (garoto/garota – menino/menina – boi/vaca)

b) Substantivo Uniforme – Há substantivos que possuem uma só forma para indicar tanto o masculino quanto o feminino.

- Epicenos – Designam alguns animais. Utiliza-se macho ou fêmea. (cobra macho/fêmea – peixe macho/fêmea – jacaré macho/fêmea)
- Sobrecomuns – Designam pessoas. Utiliza-se para os dois gêneros. (a criança, o indivíduo, a vítima)
- Comuns de dois gêneros – A distinção se dá através do artigo/adjetivo/pronome. (o/a motorista – meu/minha colega – aquele/aquela estudante)

2. Número

a) Plural dos substantivos compostos – Flexionam-se os dois elementos, quando formados de:

Subst. + subst. – Couve-flor / Couves-**flor**es

Subst. + adj. – Amor-perfeito / Amores-perfeitos

Adj. + subst. – Gentil-homem / Gentis-homens

Numeral + subst. – Quinta-feira / Quintas-feiras

b) Flexiona-se somente o segundo elemento, quando formados de:

Verbo + subst. – guarda-roupa / guarda-roupas

Palavra inv. + palavra inv. – alto-falante / alto-falantes

Palavras repetidas ou imitativas – reco-reco / reco-recos

- Cuidado com os plurais metafônicos!!

(fechadas no singular / abertas no plural)

Abrolho	*Corno*	*Imposto*	*Reforço*
Caroço	*Corpo*	*Jogo*	*Renovo*
Escolho	*Despojo*	*Miolo*	*Socorro*
Esforço	*Destroço*	*Ovo*	*Tijolo*
Rogo	*Estorvo*	*Poço*	*Toco*
Sobrolho	*Fogo*	*Porco*	*Tordo*
Contorno	*Forno*	*Porto*	*Torno*
Corcovo	*Foro*	*Posto*	*Troco*
Coro	*Fosso*	*Povo*	*Troço*

3. Grau

Grau aumentativo:

a) Analítico: o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza. (Beijo grande)
b) Sintético: é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. (Beijão)

Grau diminutivo

a) Analítico: substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez. (Mala pequena)
b) Sintético: é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. (Malinha)

Artigo

- É a palavra que antecede o substantivo, definindo-o ou indefinindo-o.

Ex.:

A cidade amanheceu em festa.

Há um homem esperando por você.

Definido – Quando se trata de um ser já conhecido. Especifica qual ser. (o, a, os, as)

Indefinido – Quando se trata de um simples representante de uma nada espécie ou qual não se fez menção. Não especifica o ser. (um, uma, uns, umas)

Cuidado: Não confunda artigos com outras classes como a dos pronomes ou a dos numerais. Um(a) será numeral quando indicar quantidade; artigo quando se antepuser ao substantivo indicando-o de forma indefinida. Essa distinção será feita pelo contexto.

Atente para as possíveis contrações e combinações com outras categorias gramaticais:

Prep. / Art.	*o*	*a*	*os*	*as*
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

Formas combinadas dos artigos indefinidos com as preposições “em” e “de”:

Observações importantes!!

- Qualquer expressão ou palavra antecedida por artigo se torna um substantivo. (O **ler** e o **escrever** representam um olhar para o futuro.).

- Um artigo será sempre adjunto adnominal quando anteceder substantivo. (**A** Máscara do Zorro é um bom filme.).

- O artigo permite a visualização do masculino e do feminino. (Aquele livro é do/da Alcione.).

- Os artigos permitem a distinção entre substantivos homônimos. (O capital – dinheiro. A capital – cidade)

Adjetivo

- É a palavra que expressa características, qualidades, estado dos seres. Refere-se sempre a um substantivo explícito ou subentendido na frase (ou palavra substantivada), com o qual concorda em gênero e número.

Ex.: O garoto ficou **feliz** com o presente.

- Locução adjetiva – é toda expressão iniciada por preposição e que, como adjetivo, atribui característica a um ser.

Ex.: Parei na banca **de revistas**.

(de aluno – discente / de amor – erótico / de cabelo – capilar / de cabeça – cefálico)

Classificação dos adjetivos

Classificação	Exemplos
Explicativo	Lava incandescente
Restritivo	Carne vermelha
Primitivo	Feio
Derivado	Arrojado
Simples	Uruguaio
Composto	Franco-holandês
Pátrio	Cubano

Flexões do Adjetivo

- Gênero – Masc./Fem. (famoso/famosa)
- Número – Sing./Plural (possível/possíveis)
- Grau Comparativo – Sup./Inf./Igual.

(mais – tão/tanto – menos)

- Grau Superlativo:
- **Absoluto** – Analítico/Sintético (Muito bonita – Lindíssima)
- **Relativo** – Superioridade/inferioridade (o mais...de / o menos...de)

Número dos adjetivos

Os adjetivos simples flexionam-se no plural como os substantivos simples.

Bonito – Bonitos

Agradável – Agradáveis

Limpa – Limpas

Os adjetivos compostos flexionam-se no plural de acordo com as seguintes regras:

1. Adjetivo + adjetivo flexionam somente o último elemento. (Franco-cubano / franco-cubanos)

2. Adjetivo + substantivo – ficam invariáveis. (verde-canário)

3. Cor + de + substantivo – também ficam invariáveis. (Olhos cor-de-selva./ Roupas cor-de rosa)

Dicas!

Exceção: Surdo-mudo / surdos mudos (2 Adjetivos).

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste

Grau dos adjetivos

Comparativo

- De igualdade – tão (tanto, tal) bom como (quão, quanto)
- De superioridade – analítico (mais bom do que) e sintético (melhor que)
- De inferioridade – menos bom que (do que)

Superlativo

- Absoluto: **analítico** – (muito bom) e **sintético** (ótimo)
- Relativo: de superioridade (o mais de) e de inferioridade (o menos de)

Dica!

Somente 6 adjetivos têm o grau comparativo de superioridade sintético.

Analítico	Sintético
De bom	Melhor
De mau	Pior
De grande	Maior
De pequeno	Menor
De alto	Superior
De baixo	Inferior

Numeral

- É a palavra que expressa quantidade exata de pessoas ou coisas ou o lugar que elas ocupam numa determinada sequência.

Pode ser:

- Cardinal – Tinha **duas** notas de **cinco** reais.
- Ordinal – A **primeira** proposta foi aceita.
- Multiplicativo – Comprou o **dobro** de coisas.
- Fracionário – Ficou com **um terço** da grana.

Observações:

- Os numerais duais indicam sempre a existência de dois seres: ambos/ambas.
- Década / dúzia / par / novena – tem valor equivalente ao dos numerais, apesar de serem substantivos. (ver **coletivo**)

Leitura dos numerais

- Se o numeral posiciona-se antes do substantivo, lê-se como ordinal. (V República – Leitura: **Quinta** República.

- Se o numeral aparece depois do substantivo, a leitura é feita assim:

1. Até **dez**, deve ser lido como ordinal (século V – século **quinto**)
2. De onze em diante, como cardinal (século XIII – século **treze**)

Pronomes

- São palavras que substituem ou acompanham outras palavras, principalmente os substantivos. Podem também remeter as palavras, orações e frases expressas anteriormente.

- Pronomes que funcionam como substantivos chamam-se **pronomes substantivos**; e os que acompanham os substantivos, **pronomes adjetivos**.

Tipos de pronomes

- **Pessoais – retos/oblíquos**:

Número	Pessoa	Pron. Retos	Pron. Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª p. s.	Eu	me	Mim, comigo
	2ª p. s.	Tu	Te	Ti, contigo
	3ª p. s.	Ele/Ela	Se, o, a, lhe	Ele, ela, si, consigo
Plural	1ª p. p.	Nós	Nos	Nós, conosco
	2ª p. p.	Vós	Vos	vós, convosco
	3ª p. p.	Eles/Elas	Se, os, as, lhes	Eles, elas, si, consigo

- **Pessoais – de tratamento**:

São pronomes de 2ª pessoa, mas concordam com o verbo na 3ª pessoa.

Vossa Alteza **pode** responder às questões. (Tu **podes**)

Pronomes de tratamento	
Você	Familiares, amigos, conhecidos
Senhor, senhora	Tratamento de respeito
Vossa Senhoria	Tratamento cerimonioso
Vossa Excelência	Altas autoridades
Vossa Eminência	Cardeais
Vossa Santidade	Papa
Vossa Alteza	Príncipes e Duques
Vossa Magnificência	Reitores
Vossa Majestade	Reis
Vossa Reverendíssima	Sacerdotes

“Para eu” e “para mim”

Deveremos sempre empregar a palavra “eu” (formando a expressão para eu) quando após ela vier um verbo no infinitivo: –ar, –er, –ir (falar, sorrir, pensar)

(**Para eu amar alguém, é preciso que também seja amado.**)

(**Você está sempre insistindo para eu tentar o vestibular.**)

Por dedução, usaremos “para mim” quando depois dela não vier um verbo no infinitivo.

(**Você pode fazer um favor para mim**?)

(**Para mim, a maior felicidade é a harmonia do lar.**)

(Para mim, viajar à noite é arriscado. / Viajar à noite, para mim, é arriscado.)

- Usamos o pronome do caso reto (eu, tu, ele (a), nós, vós, eles (as)) quando nos referimos ao sujeito da oração.
- Já os pronomes oblíquos tônicos (mim, ti, ele (a), nós, vós, eles (as)) fazem papel de objeto e surgem após preposição: para mim, de mim, por mim, e assim por diante.

Ela trouxe o presente para eu desembrulhar. (Sujeito)

Ela trouxe o presente para mim. (OI)

Para mim, ele está fazendo de conta que não sabe de nada. (OI)

- "Os pronomes retos da primeira e da segunda pessoa – ***eu, tu*** – não podem ser regidos por **preposição**. Mas o pronome reto da **terceira** pessoa pode perfeitamente".

a) "*Nada mais há entre tu e eu*" (errado);

b) "*Nada mais há entre eu e tu*" (errado);

c) "*Nada mais há* ***entre mim e ti***" (correto);

d) "*Nada mais há entre eu e você*" (errado);

e) "*Nada mais há* ***entre mim e você***" (correto);

f) "*Creio que isto baste a quem* ***entre ele e mim*** *houver de pronunciar*" (Rui Barbosa) (correto).

Vossa e Sua Excelência

Empregue "Vossa", apenas quando estiver falando diretamente com a pessoa que merece ser tratada por este título. (Você é a 1ª p. – a "Excelência" é a 2ª p.)

Empregue "Sua", quando estiver falando para uma outra pessoa a respeito da pessoa que merece o título. (Você é a 1ª p. – quem te ouve é a 2ª p. e a "Excelência" agora é a 3ª p.)

(Não se abrevia para o Presidente da República)

Si e Consigo

Esses pronomes serão sempre **reflexivos**. Referem-se ao sujeito da oração.

Maria gosta de elogiar a si. (Refere-se ao suj.)
Maria gosta de falar consigo. (Refere-se ao suj.)

É incorreto o uso de "si" e "consigo" sem que seja de forma reflexiva:
Quero conversar consigo. (errado)
Quero falar com você. (correto)

Já os pronomes contigo / comigo/conosco/convosco não são reflexivos.

(Quero falar convosco. / Deixe comigo. / O Senhor é contigo.)

FORMAS PRONOMINAIS

- Os pronomes *o*, *a*, *os*, *as* quando associados a verbos terminados em R, S ou Z, assumem as seguintes formas: **LO, LA, LOS, LAS**.

Anota**r** + o – anotá-lo

Anotamo**s** + a – anotamo-las

Fe**z** + a – fê-la

- Quando associados a verbos terminados em som nasal, adquirem as seguintes formas: **NO, NA, NOS, NAS**.

Enviara**m** + o – enviaram-no

Levara**m** + a – levaram-na

D**ão** + os – dão-nos

- Os pronomes ***nos***, ***vos*** e ***se*** são os pronomes oblíquos reflexivos, pois se referem ao sujeito da oração.

As meninas feriram-se com a tesoura.

Pronomes possessivos

São palavras que, ao indicarem a pessoa gramatical (possuidor), acrescentam a ela a ideia de posse de algo (coisa possuída).

Por exemplo: Este caderno é **meu**. (meu = possuidor: 1ª pessoa do singular).

Pessoa/Número	Pessoais	Possessivos
1ª p. s.	Eu	Meu, minha, meus, minhas
2ª p. s.	Tu	Teu, tua, teus, tuas
3ª p. s.	Ele/ela	Seu, sua, seus, suas
1ª p. p.	Nós	Nosso, nossa, nossos, nossas
2ª p. p.	Vós	Vosso, vossa, vossos, vossas
3ª p. p.	Eles/elas	Seu, sua, seus, suas

- **Observações**:

1 – A forma **seu** não é um possessivo quando resultar da alteração fonética da palavra **senhor.** – Muito obrigado, **seu** José.

2 – Os pronomes possessivos nem sempre indicam posse. Podem ter outros empregos, como:

a) indicar afetividade. – Não faça isso, **minha** filha.

b) indicar cálculo aproximado. – Ele já deve ter **seus** 40 anos.

c) atribuir valor indefinido ao substantivo. – Marisa tem lá **seus** defeitos, mas eu gosto muito dela.

3– Em frases onde se usam pronomes de tratamento, o pronome possessivo fica na 3ª pessoa. – Você trouxe **sua** mensagem? (Tua)

4– Referindo-se a mais de um substantivo, o possessivo concorda com o mais próximo. – Trouxe-me **seus** livros e anotações.

5– Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivo. – Vou seguir-**lhe** os passos. (= Vou seguir **seus** passos.)

Ambiguidade

Existem casos em que os pronomes possessivos causam ambiguidade. Veja o exemplo abaixo:

Ingrid encontrou Roberto e *seu* irmão na praça.

Dessa forma, não fica claro se o irmão é o de Ingrid ou de Roberto.

Para evitar essa situação é recomendável usar *dele* (+ variações).

Ingrid encontrou Roberto e o irmão *dela* na praça.

Pronomes Demonstrativos

São aqueles que situam pessoas ou coisas em relação às três pessoas do discurso. Essa localização pode se dar no tempo, espaço ou no próprio texto.

Variáveis	Invariáveis
Este, esta, estes, estas	Isto
Esse, essa, esses, essas	Isso
Aquele, aquela, aqueles, aquelas	Aquilo

- Há outras palavras que podem aparecer como pronomes demonstrativos: **Mesmo**, **mesma**, **mesmos**, **mesmas**, **tal**, **tais**, **próprio**, **próprias**, **próprios**, **próprias**, **o**, **a**, **os**, **as**, **semelhante**, **semelhantes**.

Exemplos:

- Ninguém esperava ***tal*** nota no vestibular. (tal » esta)
- As ***mesmas*** pessoas resolveram aderir à passeata.
- Ele fez justamente ***o*** que não podia. (o » aquilo)

Emprego dos pronomes demonstrativos

- **Espaço**:

Este, esta, isto (s)– Perto de quem fala.
(Este relógio de bolso que eu estou usando pertence a meu avô.)

Esse, essa, isso (s) – Perto da pessoa com quem se fala.
(Mamãe, passe-me, por favor, essa revista que está perto de você.)

Aquele, aquela, aquilo (s) – Longe de quem fala e de quem ouve.
(Olhem aquela casa. É um exemplo da arquitetura colonial brasileira.)

- **Tempo**:

Este, esta, isto (s) – Tempo presente.

(Esta tarde irei ao supermercado fazer a compra do mês.)

Esse, essa, isso (s) – Passado próximo.

(Essa noite dormi mal; tive pesadelos horríveis.)

Aquele, aquela, aquilo (s) – Tempo remoto.

(Naquele tempo, os filhos da classes abastadas iam estudar em Portugal.)

- **Texto**:

Este, esta, isto (s) – O que ainda será falado.
(São estes os assuntos da reunião: informes gerais, uso da quadra e abertura da cantina.)

Esse, essa, isso (s) – Algo que já foi falado.
(Sua participação nas olimpíadas de Matemática, isso é o que mais desejamos.)

Este e Aquele – **Este**: para os referidos por último. **Aquele**: para se referir aos primeiros.
(Pedro e Paulo são alunos que se destacam: este pela rapidez, aquele pela criatividade.

Pronomes Indefinidos

São aqueles que se referem a substantivos de modo vago, impreciso, genérico.

Podem ser pronomes substantivos ou pronomes adjetivos.

(**Certas** pessoas agem como se nunca tivessem **nada** a perder.) P. I. Adjetivo /P. I. Substantivo

Locução pronominal indefinida – Cada um, cada qual, qualquer um, seja qual for, seja quem for, todo aquele que...

Cada um deve se esforçar para alcançar a meta.

Qualquer um pode ganhar essa luta.

Pronomes indefinidos	
Variáveis	Invariáveis
Algum, nenhum, todo, outro, muito, pouco, certo, vário, tanto, quanto, qualquer	Alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo

Observações:

- ***Algum, alguns, alguma, algumas***, colocados antes do substantivo têm sentido afirmativo, se colocados após o substantivo têm sentido negativo.

Algum dinheiro você ganhará hoje.
Prêmio *algum* você ganhará com tais números.

- O indefinido *todo* (+ variações) quando usado no singular, sem artigo, tem sentido ***qualquer, cada um***.

Aos domingos *toda* família vai à missa.

- Se usado no **singular** **seguido de artigo** indica ***totalidade***, ***inteiro***.

Aos domingos *toda* a igreja fica cheia de fiéis.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos são utilizados para formular **perguntas** diretas ou indiretas.

- *Quem* mexeu na minha mesa?
- *Quanto* custa este carro?
- Não sei *quem* sujou suas roupas.
- Que horas são? (pergunta direta) (Pron. Adjetivo)
- Gostaria de saber quem falou na reunião. (pergunta indireta) (Pron. Subst.)

Pronome Interrogativo
Quem, que, qual (e variações), quanto (e variações).

Pronomes relativos

Os pronomes relativos são aqueles que representam substantivos **citados anteriormente**, substituindo-os na oração.

- A televisão *que* comprou já quebrou.
- O campo *onde* jogávamos foi interditado.

Podem ser precedidos **ou não** por preposições.

- Eu enviei a meus amigos alguns cartões **que** eu mesma fiz.
- O rapaz **a quem** você pediu informações trabalha aqui?

Pronomes relativos	
Variáveis	**Invariáveis**
O qual, a qual, os quais, as quais	Que
Cujo, cuja, cujos, cujas	Quem
Quanto, quanta, quantos, quantas	Onde

Observações:

1. *Cujo* não se refere a um substantivo anterior, mas posterior. / 2. Só poderá ser utilizado para indicar posse. / 3. Se o termo exigir, deverá vir preposicionado. / 4. Evite a colocação de artigo após o pronome cujo.

- Esse é o computador *cujo* processador queimou.
- Comprei o carro de **cuja** cor **gostei**.
- Aquele ali na cadeira é o homem **cuja** a filha é professora de japonês. (evitar)

O pronome relativo *que* pode ser antecedido por um substantivo ou pronome. Pode ser usado para coisas ou pessoas com ou sem preposição.

- Há *problemas* **que** não consigo entender. (Substantivo)
- Perdi *aquilo* **que** você me deu. (Pronome)

O pronome relativo *quem* deve ser utilizado para pessoas, sem indicação de posse.

- Não fui eu **quem** pagou a conta.
- Aquela é a menina **de quem** gosto.

Verbos

- São palavras que exprimem ação, estado, mudança de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo.

Ex.: Pedro **é** um bom sujeito.

- **Locução verbal** – Quando dois ou mais verbos têm valor de um. A expressão é sempre composta de *verbo auxiliar* + *verbo principal*.

Ex.: Ele já **tinha saído** para o trabalho.

Verbos auxiliares – **ter**, **haver**, **ser** e **estar**, mas outros podem ser empregados: ir, dever, poder, andar, precisar, etc.

Flexões do verbo

- Conjugações – 1ª –ar, 2ª –er, 3ª –ir. (Poer)
- Modos:
- **Indicativo** (certeza – ele virá);
- **Subjuntivo** (hipótese – se ele vier);
- **Imperativo** (ordem, pedido – venha).

- Tempos – Presente; passado; futuro.
- Formas nominais:

Infinitivo(–r, anda**r**);

Particípio (–ado/–ido, and**ado**/part**ido**);

Gerúndio (–ndo, anda**ndo**/sai**ndo**)

Estrutura do verbo

- Radical – É a parte do verbo na qual está o seu significado. (**cant**ar – **cant** = radical)

Rizotônicas – Acento tônico no radical. (compro, pensas)

Arrizotônica s– Acento tônico fora do radical. (pensais, vendeis)

- Vogal temática – É a vogal que indica qual a conjugação do verbo (ar, er, ir) (cant**a**r – **a** = vogal temática)

- Tema – Representa a união do radical e da vogal temática. (**vend**er – **vende** = tema)

- Desinências – Juntam-se ao final da forma verbal e permitem distinguir a pessoa, o número, o tempo e o modo. (Partir**ei** – eu = des. de 1ª pessoa / des. de passado)

Classificação do verbo

- Regular – Não sofre alteração no radical. (cantar, vender, partir, lutar)

- Irregular – Sofre alteração, em geral, no radical. (fazer: faço, fazes, fiz, fizeste)

- Defectivo – não apresenta conjugação completa. (abolir, adequar, banir, demolir, explodir, falir, precaver, reaver...)

- Anômalo – Sofre alteração profunda no radical (ser: sou, é, era, fui, serei)

Classificação do verbo

- Abundante – tem duas formas equivalentes, geralmente ocorrem no particípio.

a) Particípio regular – terminado em –ado, –ido, usado na **voz ativa**, com os verbos auxiliares **ter** ou **haver**. (**tinha aceitado, havia aceitado**)

b) Particípio irregular – com outra terminação diferente, usado na **voz passiva**, com os verbos auxiliares **ser** ou **estar**. (**era aceito, estava aceito**)

Classificação do verbo

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
ACEITAR	Aceitado	Aceito
ACENDER	Acendido	Aceso
CONTUNDIR	Contundido	Contuso
ELEGER	Elegido	Eleito
ENTREGAR	Entregado	Entregue
ENXUGAR	Enxugado	Enxuto
EXPULSAR	Expulsado	Expulso
IMPRIMIR	Imprimido	Impresso
LIMPAR	Limpado	Limpo
MURCHAR	Murchado	Murcho
SUSPENDER	Suspendido	Suspenso
TINGIR	Tingido	Tinto

Vozes verbais

- **Ativa** – Sujeito agente (Nós discutimos o assunto)

- **Passiva** – Sujeito paciente

1. **Analítica** – com locução verbal (A cidade **foi invadida** por morcegos)
2. **Sintética/Pronominal** – com verbo + "se" (apassivador) (**Descobriram-se** novas provas contra ele)

- **Reflexiva** – Sujeito agente e paciente (Ela se julgava linda)

Verbos pronominais

Verbos que geralmente expressam sentimentos e se conjugam com os pronomes oblíquos átonos. (eu **me** sinto, ele **se** queixa, nós **nos** lamentamos, etc.)

Essencialmente pronominais – São usados somente na forma pronominal. (apiedou-se, arrependeu-se, queixou-se, etc.)

Acidentalmente pronominais – Podem ser usados na forma simples e na forma pronominal. (debater/debater-se, envolver/envolver-se, lembrar/lembrar-se, etc.)

Advérbio

- É uma palavra **invariável** que se relaciona ao verbo para indicar circunstâncias (de tempo, de lugar, de modo etc.) em que ocorre o fato verbal.

Velhos barcos **cruzam** vagarosamente o rio.

- Locução adverbial – Conjunto de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio.

As crianças juntam os restos de feira *entre rios e gritos*

Valores semânticos dos advérbios

- **Tempo** – ontem, hoje, agora, antes, neste momento ...
- **Modo** – bem, mal, assim, depressa, (–mente), cara a cara...
- **Dúvida** – possivelmente, porventura, quiçá ...
- **Intensidade** – muito, tão, demais, em excesso ...
- **Lugar** – aqui, ali, lá, abaixo, longe, fora, por dentro ...
- **Negação** – não, nem, nunca, tampouco, de modo algum ...
- **Afirmação** – sim, certamente, realmente, sem dúvida ...
- Assunto – O professor falou sobre *literatura brasileira*.
- Companhia – Foi ao teatro *com os amigos*.
- Concessão – Foi, *apesar da proibição*.
- Condição – Só sairá da escola *com autorização*.
- Conformidade – Fez o edifício *conforme o projeto*.
- Finalidade – Preparou-se com afinco *para o vestibular*.
- Instrumento – Redigiu o texto final *com a caneta tinteiro*.

Observações:

- Em regra, o advérbio se refere ao verbo (ad + verbo). Apesar disso, os advérbios de intensidade podem acompanhar, além dos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios:

Quase médico, já consulta com eficiência. (subst.)
O menino tem olhos **muito** claros, expressivos. (adj.)
A vida lhe corre **muito** bem. (adv.)

Alguns advérbios podem, ainda, se referir a uma oração inteira:

Felizmente, tudo se resolveu.

- Os advérbios interrogativos ***onde***, ***quando***, ***como*** e ***por que*** são empregados nas orações interrogativas diretas e indiretas em referência, respectivamente, ***a lugar***, ***tempo***, ***modo*** e ***causa***.

- Palavras denotativas: palavras e expressões semelhantes a advérbios, mas classificadas à parte pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Principais tipos:

- ✓ Inclusão – (também, até);
- ✓ Exclusão – (apenas, salvo);
- ✓ Retificação – (aliás, ou melhor);
- ✓ Explicação – (isto é, ou seja).

Preposição

- É a palavra que liga duas outras palavras, de forma que o sentido da primeira é completado pela segunda.
- Preposições essenciais – a, ante, após até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás.
- Preposições acidentais – como, mediante, conforme, segundo, durante, senão, fora, visto...
- Locuções prepositivas – abaixo de, atrás de, acima de, por causa de, ao lado de, até a ...

Valores das preposições

Preposição "a":

- Lugar – Roupas coloridas secavam **ao** sol.
- Modo – Ali as coisas eram ditas **a** meia voz.
- Distância – Moro **a** dez quilômetros da cidade.
- Tempo – **À** chegada do promotor, fez-se silêncio.

Preposição "com":

- Causa – **Com** a seca, o gado começou a morrer.
- Companhia – Ele foi à Europa **com** alguns amigos.
- Instrumento – O lenhador cortou a árvore **com** o machado.
- Modo – Todos o tratavam **com** respeito.
- Oposição – Amanhã o Brasil jogará **com** o Uruguai.

Preposição "de":

- Lugar – Meus amigos voltaram ontem **do** Pantanal.
- Causa – Todo o rebanho morreu **de** fome e sede.
- Tempo – **De** madrugada, começou um temporal.
- Assunto – Em nossas conversas, falamos **de** futebol.

Preposição "em":

- Lugar – Ele sempre quis morar **em** uma praia.
- Tempo – **Em** meia hora terei terminado o trabalho.
- Modo – Ela exigiu que ficássemos **em** silêncio.

Preposição "para":

- Finalidade – Toda a cidade foi enfeitada **para** a festa.
- Lugar (destino) – Você deseja voltar **para** sua terra natal?

Preposição "por":

- Lugar (por onde) – A caravana passava **por** trilhas perigosas.
- Tempo – Ele trabalhou **por** dois anos como garçom.
- Causa – **Por** ser jovem, julgavam-no irresponsável.

Preposição "sobre":

- Assunto – Raras vezes conversamos **sobre** política.
- Lugar – A velha árvore caiu **sobre** a pequena casa.

Observação:

As preposições ***a***, ***de***, ***em***, ***por***, ***para*** e ***com*** podem ligar-se a outras palavras (artigo, pronome ou advérbio) formando combinações e contrações.

- Combinação – Quando não há perda de fonema na ligação.

De manhã, ela enviou o bilhete ***ao*** namorado.

(prep. + art.) a + o = ao

Eu gostaria de saber ***aonde*** ela quer chegar.

(prep. + adv.) a + onde = aonde

- Contração – Quando há perda de fonema na ligação.

O carro novo ***do*** meu irmão veio com defeito de fábrica.
(prep. + art.) de + o = do

As cartas e as fotografias estão ***nesta*** caixa antiga.
(prep. + pron. dem.) em + esta = nesta

Ela não para de falar ***nele***.
(prep. + pron. pess.) em + ele = nele

Pode deixar que eu continuo a varrer ***daí*** para frente.
(prep. + adv.) de + aí = daí

Quando a preposição “a” se une ao artigo “a” ou aos pronomes “a”, “aquele”, “aquilo”, ocorre um tipo especial de contração, denominado ***crase***. Na escrita, a crase é indicada com o acento grave. Observe:

Fomos **à** feira de livros promovida pela biblioteca de nossa escola.

(prep. “a” + art. “a” = à)

O conferencista referiu-se **àquele** assunto que estudamos ontem.

(prep. “a” + pron. “aquele” = àquele)

Principais tipos de contração

De+artigos	De + pronomes demonst.	Em + artigos	Em + pronomes demonst.
de + o(s) = **do(s)** de + a(s) = **da(s)** de + um = **dum** de + uma = **duma** de + uns = **duns** de + umas = **dumas**	de + este(s) = **deste(s)** de + esta(s) = **desta(s)** de + esse(s) = **desse(s)** de + essa(s) = **dessa(s)** de + aquele(s) = **daquele(s)** de + aquela(s) = **daquela(s)** de + isto = **disto** de + isso = **disso** de + aquilo = **daquilo**	em + o(s) = **no(s)** em + a(s) = **na(s)** em + um = **num** em + uma = **numa** em + uns = **nuns** em + umas = **numas**	em + este(s) = **neste(s)** em + esta(s) = **nesta(s)** em + esse(s) = **nesse(s)** em + essa(s) = **nessa(s)** em + aquele(s) = **naquele(s)** em + aquela(s) = **naquela(s)** em + isto = **nisto** em + isso = **nisso** em + aquilo = **naquilo**
De + pron. pessoal	**De + advérbios**	**De + pronome indef.**	**A + pronomes demonst.**
de + ele(s) = **dele(s)** de + ela(s) = **dela(s)**	de + aqui = **daqui** de + aí = **daí** de + ali = **dali**	de + outro(s) =**doutro(s)** de + aoutra(s)=**doutra(s)**	a+ aquele(s) = **àquele(s)** a+ aquela(s) = **àquela(s)** a+ aquilo = **àquilo**
A+ artigo fem.	**Per + artigos**		
a+ a(s) = **à(s)**	per + o(s) = **pelo(s)** per + a(s) = **pela(s)**		

Algumas locuções prepositivas

abaixo de	apesar de	em baixo de	para baixo de
acerca de	a respeito de	em cima de	para cima de
acima de	atrás de	em frente a	para com
a despeito de	através de	em frente de	perto de
adiante de	de acordo	em lugar de	por baixo de
a fim de	com	em redor de	por causa de
além de	debaixo de	em torno de	por cima de
antes de	de cima de	em vez de	por detrás de
ao lado de	defronte de	graças a	por diante de
ao redor de	dentro de	junto a	por entre
a par de	depois de	perto de	por trás de
	diante de		

Conjunção

É a palavra ou expressão **invariável**, que relaciona duas orações ou dois termos de mesma função em uma oração.

Ele pretende alugar uma casa ***ou*** uma chácara.

Vá rápido, ***pois*** já está começando a chover.

Ele receberia o pagamento, ***assim que*** terminasse o trabalho. (locução conjuntiva)

Classificação das conjunções

- **Conjunção coordenativa**:

✓ Liga palavras se mesmo valor em uma oração.
(Ele sempre procurou aventura ***e*** emoção.)

✓ Liga orações independentes entre si.
(Você nos prejudicou, ***mas*** já lhe perdoamos.)

Subclasse	Conjunções	Locuções
Copulativas (indicam adição)	e também nem que (1)	não só ... mas também não só ... como também tanto ... como
Adversativas (indicam oposição)	mas porém todavia contudo que (2) entretanto	no entanto não obstante apesar disso ainda assim mesmo assim de outra sorte ao passo que
Disjuntivas (indicam alternativa)	ou	ou ... ou ora ... ora já ... já quer ... quer seja ... seja seja ... ou nem ... nem
Conclusivas (ligam uma oração que exprime conclusão ou consequência a uma anterior)	logo pois portanto	por consequência por conseguinte pelo que
Explicativas (ligam duas orações, a segunda das quais justifica o conteúdo da primeira)	pois que porquanto porque	

Conjunção subordinativa:

- Liga orações subordinadas (dependentes) a orações principais.

(Poucos sabiam ***que*** a reunião seria hoje. / Elas ficaram felizes, ***quando*** receberem a notícia.)

As conjunções que ligam as orações substantivas são chamadas de conjunções integrantes.

As orações adjetivas são ligadas por pronome relativo.

Classificação	Conjunções	Exemplos
Causais	porque, uma vez que, sendo que, visto que, como, etc.	Como estava frio, resolvemos adiar o passeio.
Consecutivas	que (precedido de tal, tão, tanto, tamanho), sem que, de modo que, de forma que, etc.	Tamanho foi o mau desempenho do rapaz, que a empresa optou por não contratá-lo.
Comparativas	como, tal qual, que ou do que, assim como, mais... que, menos...que, etc.	A menina era delicada como uma flor.
Conformativas	conforme, segundo, consoante, assim como, etc.	Conforme o combinado, entregamos a pesquisa para o professor.
Concessivas	mesmo que, por mais que, ainda que, se bem que, embora, etc.	Embora gostasse muito dele, resolvi terminar a relação.
Condicionais	se, caso, contanto que, a menos que, sem que, salvo se, etc.	Terá seu dia cortado, a menos que apresente justificativa.
Proporcionais	à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos, etc.	Quanto mais agir desta maneira, mais será excluído pelo grupo.
Finais	a fim de que, para que, etc.	Estudo bastante, a fim de que possa construir meu futuro.
Temporais	quando, enquanto, sempre que, logo que, depois que, etc.	Quando chegar de viagem, avise-me.

Interjeição

É a palavra que expressa emoções, apelos, sentimentos, sensações, estados de espírito. Dependem fundamentalmente do contexto e da **entonação**.

Locução Interjetiva – Conjunto de duas ou mais palavras que, juntas, desempenham papel de interjeição.

Classificação das Interjeições

- Advertência – Cuidado!, Olhe!, Atenção!, Fogo!
- Agradecimento – Obrigado!, Valeu!, Grato!
- Alegria – Ah!, Eh!, Oh!, Oba!, Viva!
- Alívio – Ufa!, Ah!
- Ânimo – Coragem!, Força!, Ânimo!
- Apelo ou chamamento – Socorro!, Ei!, Ô!, Oi!, Alô!, Psiu!, Ó de casa!
- Aplauso – Muito bem!, Bravo!, Bis!, É isso aí!
- Aversão ou contrariedade – Droga!, Porcaria!, Credo!

- Desejo – Oxalá!, Tomara!, Quisera!, Queira Deus!, Quem dera!
- Dor – Ai!, Ui!, Ah!
- Espanto, surpresa – Oh!, Puxa!, Quê!, Nossa!, Nossa mãe!, Virgem!, Caramba!
- Reprovação – Bah!, Ora!, Ora, bolas!, Só faltava essa!, Fora!, Para!
- Satisfação – Viva!, Oba!, Boa!, Bem!
- Silêncio – Silêncio!, Psiu!
- Medo – Oh!, Credo!, Cruzes!

Referências

- Gramática – Aprender e Praticar – Mauro Ferreira;
- Gramática Reflexiva – Cereja e Magalhães.
- Gramática em textos – Leila Lauar.

MÁTHESIS 10 2001 259-286

CLASSES GRAMATICAIS: SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO DA MORFOSSINTAXE

GRAÇA RIO-TORTO

0.

Nas duas últimas décadas o conhecimento sobre a língua portuguesa registou avanços muito significativos relativamente ao que antes se possuía sobre qualquer uma das componentes da sua gramática contemporânea. Aos poucos, a prática pedagógica reflecte, de forma menos incisiva do que porventura seria desejável, esses saberes novos que a comunidade científica tem gerado. Uma vez ultrapassadas a deficiente difusão por parte das instituições científicas dos resultados que produzem, e a deficiente procura das novidades que a ciência coloca ao dispor dos interessados, estarão encontradas as vias para uma frutuosa cooperação científico-pedagógica.

Penso há muito que, independentemente das circunstâncias que condicionam o ensino da língua portuguesa nas nossas comunidades escolares, é missão dos docentes formar alunos não apenas proficientes na sua língua materna, mas também possuidores de um saber especializado e qualificado acerca da estrutura e do funcionamento desta. Conhecer o mais profundamente possível a nossa língua é uma forma privilegiada de a cultivar e também de a confrontar, contrastivamente, com as demais línguas estrangeiras que os alunos devem saber utilizar. Ainda que os programas de português se pautem por objectivos que, a olhos mais exigentes, podem ser considerados exíguos, quando excluem ou secundarizam o conhecimento da gramática explícita da língua, o professor de português deve, ao invés, promover este conhecimento, útil a todos os títulos, à cabeça dos quais o intelectual e o cogn(osc)itivo. E os nossos alunos não são, neste como noutros capítulos, menos capazes ou menos dotados do que os seus congéneres de outras latitudes.

Defendo por isso que a escola, nos níveis de ensino mais básicos, deve assegurar a aprendizagem consciente da língua materna, e não apenas uma correcta e eficaz utilização desta. À escola cumpre garantir a aprendizagem de competências linguísticas acrescidas, que estão muito para além das espontaneamente apreendidas, e entre as

quais avulta o conhecimento técnico da gramática do uso da língua materna, um dos objectivos primordiais da disciplina de português que, por isso, não pode ser torneado. Tornar este conhecimento atraente sem descurar o rigor técnico e científico que lhe é devido são desideratos para os quais os professores certamente estão habilitados, recortando para tal as estratégias didácticas e pedagógicas adequadas. Não é admissível que, à saída do básico ou até do secundário, os nossos alunos não possuam da sua língua materna senão um saber mais ou menos intuitivo e impressionista, ou acriticamente classificatório e não reflexivo, não se encontrando habilitados para se pronunciar com um mínimo de proficiência metalinguística sobre a estrutura e o funcionamento da sua língua materna.

Fomentar o gosto pela reflexão sobre o fenómeno linguístico, alargar e aprofundar os conhecimentos sobre as categorias cognitivas, referenciais e linguísticas que manipulamos, desenvolver o conhecimento crítico e tecnicamente qualificado sobre a gramática da língua materna são, pois, tarefas de primeira ordem que cumpre ao professor pôr em prática, de forma programada, operatória e eficaz.

Duas são as razões maiores que presidem à abordagem que me proponho levar a cabo. Em primeiro lugar, o facto de ter consciência de que uma das áreas em relação às quais a investigação gramatical sobre a nossa língua mais tem avançado nos últimos anos é seguramente a morfossintaxe. É por isso fácil o desfasamento entre o que qualquer um de nós aprendeu durante a sua formação superior e os conhecimentos acrescidos e renovados de que actualmente podemos dispor sobre a morfologia e a sintaxe da nossa língua. Em segundo lugar a constatação de que persiste alguma zona de penumbra relativamente às fronteiras entre classes e estruturas morfológicas e classes (e até mesmo funções) sintácticas. São, pois, estes dois tipos de categorias gramaticais de que nos vamos ocupar [1].

1. Classes morfológicas

As classes morfológicas de cujas manifestações me vou ocupar são as de radical, tema (simples ou derivado), vogal temática (VT) ou índice temático, marcador de classe, morfema de tempo-aspecto-

[1]. Segundo Campos (1991, p. 32, nota 2), na tradição europeia, designam-se por categorias gramaticais «as categorias semânticas que, em cada língua se exprimem basicamente através de um sistema fechado de morfemas gramaticais (incluindo morfemas suprassegmentais e ordem de palavras)». Porque usamos gramatical em sentido amplo, nas classes gramaticais incluem-se as morfológicas e as sintácticas.

-modo, morfema pessoo-numeral, afixo, base genolexical [1].

Para identificar e caracterizar estes constituintes, tomo por exemplo uma forma verbal regular, flexionada, com a seguinte configuração interna:

Tema + **Morfemas flexionais**

O tema é constituído pelo Radical e pela Vogal Temática (VT). O radical é, portanto, o constituinte que permanece após a supressão da VT ao tema. Por seu turno, os morfemas flexionais, imperativamente colocados à direita do Tema, distribuem-se essencialmente por duas classes: a dos morfemas temporo-aspectuo-modais (ou também de tempo-aspecto-modo) e a dos morfemas pessoo-numerais (ou número--pessoais). Como as próprias denominações evidenciam, trata-se em cada um dos casos de categorias que frequentemente se encontram amalgamadas. Por isso, muitas vezes se abstrai o facto de, por exemplo, a categoria de aspecto estar associada à de tempo e de modo.

No âmbito dos verbos regulares do português dispomos de verbos de tema (e de VT) em -a (1ª conjugação), em -e (2ª conjugação) e em -i (3ª conjugação). O constituinte temático (VT) é, pois, o constituinte que realiza a categoria morfológica de tema verbal em que o radical se inscreve.

O esquema seguinte visualiza a estrutura interna típica dos verbos.

Tema (Radical + VT) +
+ **Morfemas flexionais** (Tempo-Aspecto-Modo e Número-Pessoa)

O quadro seguinte exemplifica algumas das ocorrências flexionadas de verbos regulares inscritos nas três classes conjugacionais de que a língua portuguesa dispõe. A fim de simplificar

[1]. A estas classes morfológicas poder-se-iam congregar as de raíz (denominador comum aos termos de um família de palavras), núcleo (simples ou primário e derivado ou secundário), desinência, normalmente gramatical, afixo, flexional ou derivacional. Para uma clarificação destes conceitos, alguns dos quais menos unívocos ou dispensáveis para o objecto da análise aqui levada a cabo, veja-se Herculano de Carvalho (1984 b: § 17.17.).

a visualização, a representação adoptada reproduz a configuração gráfica com que os signos se apresentam, e não a estrutura fonomorfológica destes.

Forma de citação	**Radical**	**Vogal Temática**	**Morfema de tempo-aspecto-modo**	**Morfema de pessoa-número**
andar	and	a	va	mos
considerar	consider	a	sse	m
conhecer	conhec	e	ra	s
entender	entend	[e]	ø	o
repetir	repet	i	sse	ø
decidir	decid	i	r	des

A observação deste quadro permite constatar que os constituintes enunciados como típicos da estrutura interna dos verbos de padrão regular não se encontram necessariamente explicitados. Como veremos, nos próprios paradigmas regulares de flexão verbal verificam-se quer supressões e/ou alterações de configuração de alguns constituintes — o que acontece frequentemente com a VT —, quer ausência de marca flexional de tempo-aspecto-modo (veja-se o Presente do Indicativo) e/ou de pessoa-número (veja-se a representação da 3ª pessoa do singular). Por último, não raro um morfema apresenta-se sob diversas configurações, a que habitualmente se dá o nome de alomorfes. Um exemplo prototípico é o de morfema de Presente do Conjuntivo, que se manifesta através dos alomorfes *-e-* e *-a-* (primeira e demais conjugações, respectivamente).

Uma análise mais circunstanciada da estrutura interna do verbo será levada a cabo em 1.1.

Nos nomes, sejam substantivos propriamente ditos, pronomes, numerais e nos adjectivos, ao radical pode associar-se, à sua direita, um marcador/índice de classe [1], e um morfema de número (plural). Os marcadores de classe são *-a* (*mesa, médica, fantasma, poeta*), *-o* (*livro, médico, tribo, rádio*) e *-e* (*pente, gente, livre*). Na tradição gramatical estes morfemas são indevidamente considerados sufixos de género. Não se trata efectivamente de operadores de género, pois este é, de facto, determinado pelo determinante que se encontra à esquerda do Nome. Comprova-o o carácter aleatoriamente feminino ou masculino dos nomes terminados em qualquer um dos operadores

[1]. A designação de "marcador de classe", que aqui adopto, foi primeiramente utilizada por James Harris, em *Spanish word markers* (1985). Em alternativa outros autores usam as designações de “constituinte ou índice temático”.

mencionados, e bem assim o carácter ambígeno de outros. O quadro seguinte, em que os nomes aparecem marcados como [+Fem], [-Fem], ou como [±Fem], quando ambígenos, ilustra o exposto.

Marcador de classe	[+Fem]	[-Fem]	[±Fem]
-a	a mesa a médica a vista	o fantasma o poeta o cometa	o/a atleta o/a artista o/a facínora
-o	a tribo a rádio a (de)mão	o livro o médico o rádio 'aparelho'	o/a soprano
-e	a gente a parede a rede	o pente o dente o sacerdote	o/a cônjuge o/a cliente o/a dissidente

Se estabelecermos um paralelismo com a estrutura interna dos verbos, os marcadores de classe presentes em nomes e em adjectivos funcionam de algum modo como constituintes temáticos, ou seja, como os constituintes que realizam a categoria morfológica de tema em que o radical se inscreve. A esta função de constituintes temáticos acresce, supletivamente, a de co-significantes de género.

À função primária de "actualizadores léxicos", como lhes chama Herculano de Carvalho no seu conhecido artigo com este título (1984 a), ou seja, à de constituintes que, adjuntos a um radical, permitem ao tema assim constituído funcionar como palavra, como signo lexical dotado de autonomia sintáctica, os marcadores de classe associam, cumulativamente, a função não tanto de verdadeiros morfemas de género, como sustenta este autor, mas de co-indicadores do mesmo, manifestando a classe gramatical do género a que pertence o substantivo.

Poder-se-á então considerar que, como defendi em *Padrões de formação de verbos em português* (Rio-Torto, 1998), o constituinte temático/a Vogal Temática se define essencialmente como um integrador paradigmático do radical numa dada classe morfológica, como um formatador morfológico do radical, que, no caso dos nomes e dos adjectivos, permite que dos seus radicais se constituam os temas nominais susceptíveis de funcionar como palavras lexical e sintacticamente autónomas.

Em relação ao constituinte temático (VT) que figura nos verbos, retomarei aqui a caracterização já feita no artigo mencionado: «constituinte que define a conjugação, porque marcador de classe

temática, a vogal temática define-se como um operador temático, ou seja, como um constituinte formatador da morfologia interna do verbo e como um formatador da base da flexão e da derivação, que só é activado em contexto flexional ou derivacional» (Rio-Torto: 1998, p. 322).

Diversas são as áreas em relação às quais o conhecimento da estrutura interna das unidades lexicais representa uma mais-valia inestimável. Uma prende-se com o conhecimento circunstanciado, e tecnicamente sustentado, da estrutura interna do verbo (cf. 1.1.), elemento central de toda a relação proposicional. Outra prende-se com a delimitação das fronteiras e da estrutura interna das bases e dos afixos derivacionais do português (cf. 1.3.). Outra com a motivação e/ou incidência morfológica ou lexical de alguns dos tipos de erros gráficos que os nossos alunos praticam (cf. 1.2.). Finalmente, outra diz respeito ao conhecimento diferenciado, relativamente àquele de que dispúnhamos até há pouco, sobre a estrutura acentual das palavras da nossa língua (cf. 1.4.).

1.1. Morfologia flexional do verbo

Começarei por traçar algumas das coordenadas fundamentais por que se rege o sistema flexional dos verbos regulares do português. Trata-se de algumas das traves-mestras da morfologia flexional do verbo que, em meu entender, os docentes de língua portuguesa, seja esta língua materna ou língua segunda, não poderão desconhecer e que, paulatinamente, deveriam dar a conhecer pelo menos aos universos discentes mais diferenciados. A sua utilidade em termos contrastivos, sobretudo quando se aprendem outras línguas românicas, é por demais evidente para dispensar quaisquer comentários.

O objectivo último consistirá em fazer conhecer os constituintes internos dos verbos regulares, sejam as configurações que os radicais e os temas assumem nos diferentes cotextos flexionais que o sistema proporciona, sejam as configurações que os morfemas temporo--modais e pessoo-numerais apresentam, nos diferentes paradigmas flexionais.

Começando pela flexão temporo-modal, importaria sublinhar a ausência de marca flexional de tempo-modo em todo o Presente do Indicativo (bem como no Pretérito Perfeito), em qualquer uma das conjugações regulares, por contraste com o Presente do Conjuntivo, manifestado através dos alomorfes *-e-* e *-a-*, na primeira e nas demais conjugações, respectivamente. Em paralelo deve analisar-se o

comportamento da VT, que é sistematicamente suprimida em presença de um morfema expresso através de segmento vocálico, como na 1ª Pessoa do Presente do Indicativo (*and(a)o*) e em todo o Presente do Conjuntivo (*and(a)e*), e que se mantém superficialmente expressa aquando da não manifestação de marca temporo-modal, como nas demais pessoas do Presente do Indicativo (*andas, anda, andamos, andais, andam*). Assim acontece também quando a categoria temporo-modal é vasada numa estrutura CV, como no Imperfeito do Indicativo (-*va*- nos verbos da 1ª conjugação), no Mais- -que-Perfeito do Indicativo (-*ra*-), no Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (-*sse*-), porquanto nestes casos a VT se mantém superficialmente instanciada. Em presença de vogal igual, como acontece no Imperfeito do Indicativo, na 3ª conjugação, a VT sofre crase. Os quadros que se seguem ilustram o exposto. Nele os constituintes apresentam-se com a configuração que possuem em estrutura profunda, havendo desfasamentos sensíveis com a sua representação em superfície (cf. 2ª, 3ª e 6ª Pessoas do Presente do Indicativo de *decidir* e 5ª Pessoa de todos os verbos no Imperfeito do Indicativo). Entre (…) representa-se a supressão da VT. O sinal ø sinaliza a ausência de constituinte.

Presente do Indicativo

Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN
relembr **relembr** **relembr** **relembr** **relembr** **relembr**	(a) a a a a a	ø ø ø ø ø ø	o s mos is /N/	**enten** **d** **enten** **d** **enten** **d** **enten** **d** **enten** **d**	(e) e e e e e	ø ø ø ø ø ø	o s mos is /N/	**decid** **decid** **decid** **decid** **decid** **decid**	(i) i i i i i	ø ø ø ø ø ø	o s mos is /N/

Presente do Conjuntivo

Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN

relembr	(a)	e		**enten**	(e)	a		**decid**	(i)	a	
relembr	(a)	e	s	**d**	(e)	a	s	**decid**	(i)	a	s
relembr	(a)	e		**enten**	(e)	a		**decid**	(i)	a	
relembr	(a)	e	mos	**d**	(e)	a	mos	**decid**	(i)	a	mos
relembr	(a)	e	is	**enten**	(e)	a	is	**decid**	(i)	a	is
relembr	(a)	e	/N/	**d**	(e)	a	/N/	**decid**	(i)	a	/N/
				enten							
				d							
				enten							
				d							
				enten							
				d							

Imperfeito do Indicativo

Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN
relembr	a	va		**entend**	(e)	ia		**decid**	i	ia	
relembr	a	va	s	**entend**	(e)	ia	s	**decid**	i	ia	s
relembr	a	va		**entend**	(e)	ia		**decid**	i	ia	
relembr	a	va	mos	**entend**	(e)	ia	mos	**decid**	i	ia	mos
relembr	a	va	is	**entend**	(e)	ia	is	**decid**	i	ia	is
relembr	a	va	/N/	**entend**	(e)	ia	/N/	**decid**	i	ia	/N/

Imperfeito do Conjuntivo

Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN
relembr	a	sse		**entend**	e	sse		**decid**	i	sse	
relembr	a	sse	s	**entend**	e	sse	s	**decid**	i	sse	s
relembr	a	sse		**entend**	e	sse		**decid**	i	sse	
relembr	a	sse	mos	**entend**	e	sse	mos	**decid**	i	sse	mo
relembr	a	sse	is	**entend**	e	sse	is	**decid**	i	sse	s
relembr	a	sse	/N/	**entend**	e	sse	/N/	**decid**	i	sse	is
											/N/

Pretérito Perfeito do Indicativo [1]

Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN	Radical	VT	TM	PN
relembr	a	ø	i	**entend**	e	ø	i	**decid**	i	ø	i
relembr	a	ø	ste	**entend**	e	ø	ste	**decid**	i	ø	ste
relembr	a	ø	u	**entend**	e	ø	u	**decid**	i	ø	u
relembr	a	ø	mos	**entend**	e	ø	mos	**decid**	i	ø	mos
relembr	a	ø	stes	**entend**	e	ø	stes	**decid**	i	ø	stes
relembr	a	ø	raN/wN	**entend**	e	ø	raN/wN	**decid**	i	ø	raN/wN
relembr											
relembr											
relembr											

No que às categorias pessoo-numerais diz respeito, os quadros traçados permitem constatar que estas se pautam por regularidades bastante assinaláveis, e que se traduzem (i) pela ausência de marca fexional de 3ª pessoa, com excepção de /w/ no Pretérito Perfeito do Indicativo, (ii) pela ausência de marca flexional de 1ª pessoa, excepção feita ao Presente do Indicativo, em que se manifesta sob a aloforma -*o*-, ao Pretérito Perfeito do Indicativo, em que se manifesta pela glide /j/, e (iii) pelas seguintes manifestações dos morfemas pessoo-numerais: -*ste* (2ª Pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo) e -*s* (2ª Pessoa do Presente do Indicativo e do Conjuntivo e do Imperfeito do Indicativo e do Conjuntivo); -*mos* (4ª Pessoa), -raN ou /wN/ (6ª Pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo) [2] e /N/ (6ª Pessoa do

[1] Sobre as divergências de opinião acerca da estrutura morfológica do Pretérito Perfeito Simples, nomeadamente no que diz respeito à expressão da categoria de tempo-aspecto-modo e de pessoa-número, na sexta pessoa, veja-se o que se diz nas duas notas seguintes.

[2]. Porque considera que na sexta pessoa o morfema de Pretérito Perfeito Simples tem a configuração -ra-, Joaquim Mattoso Câmara Jr. defende que o morfema de pessoa apresenta, neste caso, o alomorfe /wN/, graficamente representado por <m>

Presente do Indicativo e do Conjuntivo e do Imperfeito do Indicativo e do Conjuntivo); *-stes* (5ª Pessoa do Pretérito Perfeito do Indicativo) e -is- (5ª Pessoa do Presente e do Imperfeito, nos modos Indicativo e Conjuntivo).

Uma das tarefas a que os alunos se poderão consagrar pode, pois, consistir, em traçar dedutivamente os quadros gerais dos constituintes temporo-modais e pessoo-numerais dos verbos de flexão regular, e que os quadros seguintes sintetizam, sem explicitar as variantes alomórficas cotextualmente determinadas.

Tempos-modos verbais	1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
Presente do Indicativo	ø	ø	ø
Presente do Conjuntivo	-e-	-a-	-a-
Imperfeito do Indicativo	-va-	-ia-	-ia-
Imperfeito do Conjuntivo	-sse-	-sse-	-sse-
Pretérito Mais que Perfeito Indicativo	-ra-	-ra-	-ra-
Pretérito Perfeito do Indicativo [1]	ø	ø	ø
Futuro do Presente (do Indicativo)	-ra/e-	-ra/e-	-ra/e-
Futuro do Pretérito ou Condicional	-ria-	-ria-	-ria-
Futuro do Conjuntivo	-r(e)-	-r(e)-	-r(e)-
Imperativo	ø	ø	ø
Gerúndio	-ndo	-ndo	-ndo
Particípio	-do	-do	-do

Pessoas verbais	
P1	-o: Pres. do Indicativo /j/: Pretério Perfeito e Futuro do Indicativo ø: demais tempos-modos
P2	-ste: Pretérito Perfeito do Indicativo ø: Imperativo -s: demais tempos-modos

(1986: cap. XIII, §53). Ao invés, ao descrever o Pretérito Perfeito do Indicativo como desprovido, em todas as pessoas, de morfema de tempo-aspecto-modo, Maria Helena Mira Mateus atribui ao morfema de sexta pessoa a configuração -raN (1997, p. 698). Não disponho, de momento, argumentos em favor de uma ou de outra solução.

[1]. Não são unânimes as opiniões acerca da configuração da constituição morfológica do Pretérito Perfeito do Indicativo. Joaquim Mattoso Câmara Jr, em *Estrutura da língua portuguesa* (1986: cap. XIII, §53), considera que na sexta pessoa o morfema de Pretérito Perfeito Simples tem a configuração -ra-. Por seu turno, Maria Helena Mira Mateus (1997, p. 698), descreve o Pretérito Perfeito do Indicativo como desprovido, em todas as pessoas, de morfema de tempo-aspecto-modo.

P3	/w/: Pretérito Perfeito do Indicativo ø: demais tempos-modos
P4	-mos
P5	-stes: Pretérito Perfeito do Indicativo -des: Futuro do Conjuntivo -is: demais tempos-modos
P6	wN ou raN: Pretérito Perfeito do Indicativo [1] /N/: demais tempos-modos

1.2. Erros de identificação e de representação de constituintes

1.2.1. O conhecimento da morfologia interna dos paradigmas verbais, nas suas variações flexionais, evitaria muitos dos erros na representação gráfica dos tempos e dos modos verbais, e dos pronomes átonos a alguns associados.

Ainda que se trate de um domínio não negligenciável, porquanto a deficiente representação escrita traduz um deficiente conhecimento da morfologia interna das palavras, limitar-me-ei a sumariar algumas reflexões que os tipos de erros mais generalizados me suscitam, permitindo-me remeter o leitor para um estudo mais circunstanciado que a esta matéria consagrei em *Para uma pedagogia do erro* (1999), e cujas ideias centrais qui retomo.

Muitos dos erros de morfologia verbal mais comuns no Ensino Básico radicam num deficiente domínio da identidade e das funções dos constituintes que integram o verbo, e reflectem uma indevida indistinção entre unidades presas, entre as quais se contam os constituintes internos do verbo, sejam os seus morfemas de tempo- -aspecto-modo ou de número-pessoa, e unidades dependentes, como os clíticos (*-se*, em *distraiu-se*, *ambientou-se*). Assim se explica que operadores flexionais, como *-sse*, sejam representados como clíticos (cf. *ingeri-se em vez de *ingerisse*, *fize-se em vez de *fizesse*).

Um aluno de língua portuguesa, sobretudo no final do ensino básico, não pode desconhecer que os morfemas flexionais verbais são constituintes necessariamente presos, sejam eles *-mos*, morfema de 4ª Pessoa (*andamos*, *comemos*, erroneamente representados por *anda-mos, *come-mos), ou *-sse-*, morfema de Imperfeito do Conjuntivo, em *andasse*, *chegasse*, *desmaiasse*, indevidamente representado como *anda-se, *chega-se, *desmaia-se). O erro é tanto mais grave quanto a estes dois últimos tipos de representações gráficas (*andasse* e

[1]. Sobre a configuração deste constituinte vejam-se as três notas anteriores.

anda- -se) estão associadas estruturas acentuais diferentes que, por as desconhecerem, os alunos tendem a igualizar.

Observemos agora os erros que envolvem uma deficiente percepção e/ou representação dos morfemas temporo-modais. Ilustra esta realidade a confusão entre o Futuro do Indicativo, na 3ª pessoa do plural, com a forma homóloga do Pretérito Perfeito do Indicativo, que se traduz pela indistinção entre *comerão* e *comeram*, igualmente reveladora do desconhecimento da diferente estrutura acentual das palavras (*come'rão* vs *co'meram*).

Frequente é também a deficiente representação da 3ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo (*apanhou, voltou)* através de uma estrutura formalmente igual à de 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo (*a'panho, 'volto*), a que erroneamente se atribui um virtual acento agudo (**apa'nho, *vol'to)*. O desconhecimento da diferente estrutura acentual das duas formas verbais e o alheamento da possível confusão entre os dois tipos de estruturas morfológicas são intoleráveis no termo do Ensino Básico, num aluno que tem a língua portuguesa como língua materna. Para este erro pode porventura contribuir a crescente tendência para se pronunciar o ditongo <ou> de forma monotongada. Mas cabe ao professor, socorrendo-se da explicação adequada, contornar esta insustentável situação de erro.

1.2.2. Muitos dos erros gráficos e/ou fonéticos, que se traduzem por adições, omissões, simplificações, inversões e substituições têm motivação fonética e alcance morfo-lexical, reflectindo a errada configuração fónica que é atribuída à palavra, e repercutindo-se na sua estrutura morfofonológica. Na verdade, trata-se de erros de expressão ou de manifestação fónica e gráfica que radicam no não (re)conhecinemento da estrutura morfo-lexical da palavra em jogo. Estes erros podem ser facilmente corrigidos com recurso à decomposição da unidade lexical nos seus constituintes, ou seja, com recurso à identificação da sua estrutura de base e/ou dos afixos nela presentes.

Os erros que se seguem (cf. Quadro 1.2.2.A) representam uma aproximação a uma escrita quase fonética (**medecina*) ou reflectem uma deficiente representação da estrutura formal e até mesmo sígnica da palavra (**facelidade, *fetubolista*). Em numerosos casos o desconhecimento que estes erros patenteiam pode ser mitigado através da simples associação da palavra com a sua base ou com uma palavra

da mesma família/paradigma etimológico (entre […] nos quadros desta secção).

Quadro 1.2.2.A	Grafia correcta	Grafia incorrecta
Erros superáveis com recurso à estrutura morfo-lexical	futebolista [cf. futebol] medicina [cf. médico] molhado [cf. molha]	fetubolista medecina mulhado

Grafias do tipo **desfarçado* em vez de *disfarçado*, bem como a de **destinto* por *distinto* radicam no não reconhecimento do prefixo *dis-*, presente em numerosas outras palavras (*discordar*, *dissociar*). A exemplificação e decomposição abundantes de produtos portadores deste prefixo, na medida em que promovem uma consciencialização da estrutura formal e semântica de *dis-*, devem sanar esta dificuldade.

Observemos agora (cf. Quadro 1.2.2.B) erros que envolvem omissão de algumas unidades fónicas/gráficas. Os erros que afectam as vogais pré-tónicas têm origem no fenómeno de elevação e recuo destas vogais átonas (*mistério* vs *misterioso*, *oferta* vs *oferecer*), no português europeu.

Quadro 1.2.2.B	Grafia correcta	Grafia incorrecta
Erros por omissão superáveis através do conhecimento da estrutura morfológica	apetecer [cf. apetite] misterioso [cf. mistério] perigoso [cf. perigo]	aptecer mistrioso prigoso

Por último, os erros de inversão que o quadro 1.2.2.C ilustra têm uma natureza claramente morfo-lexical: na sua origem está, uma vez mais, a insensibilidade à composicionalidade da palavra, o desconhecimento de qual a unidade prefixal ou de qual a base lexical em jogo e/ou de qual a sua correcta representação.

Quadro 1.2.2.C	Grafia correcta	Grafia incorrecta
Prefixo per-	perfurar percorrer	prefurar precorrer
Prefixo pre-	preconceito prejuízo	perconceito perjuízo
Radicais lexicais	terceira [cf. dois terços, terça parte] impressionar [cf. pressão]	treceira impercionar

Mais ou menos camuflados sob a forma de representações fónicas e/ou silábicas alteradas ou adulteradas, os erros de identificação/individualização lexical são de gravidade acrescida, pois envolvem uma deficitária apreensão e compreensão da estrutura da palavra, do semantismo, e portanto do valor semiótico dos seus constituintes.

A decomposição da estrutura interna/morfológica da palavra, a explicação da sua composicionalidade, da evolução do semantismo no sentido das lexicalizações actuais, ajudam a dissipar algumas das fontes do erro.

1.3. Segmentação de constituintes afixais

O não conhecimento ou o descaso em relação à estrutura interna dos verbos é responsável por descrições erróneas por parte das nossas gramáticas pedagógicas de alguns produtos deverbais. Em adjectivos ou em nomes do tipo *ajudante, assistente, combatente, constituinte, contribuinte, ouvinte, poluente, repelente, resistente, seguinte, servente, tolerante* e *viajante*, o sufixo não é **ante*, **ente* ou **inte*, como indevidamente se preconiza em alguns manuais, mas *-nte* [1], sendo *-a-* (*ajudante, tolerante, viajante*), *-e-* (*assistente, combatente, doente, lente, poluente, repelente, resistente, servente*) e *-i-* (*constituinte, contribuinte, pedinte, ouvinte, seguinte*) instanciações das vogais temáticas da base. A vogal que precede o sufixo é a VT, pelo que, como constituinte da base que dá forma à variação alomórfica desta, deve ser dissociada do constituinte sufixal.

Os demais sufixos deverbais são, assim, *-ção*, *-ment-*, *-vel*, e não *a/ição, *-a/iment-, *á/ível.

Acresce que um cabal conhecimento da estrutura interna dos temas verbais presentes em derivados portadores destes sufixos permitiria descortinar que, tal como nos nomes deverbais em *-ção (arrumação, perdição, fruição*), também no caso dos portadores de *-mento* os temas verbais seleccionados pelo sufixo são os de Passado (ou não-Presente), verificando-se o mesmo tipo de neutralização das vogais temáticas que ocorre nos particípios passados das segunda (*adormecido, atrevido, perdido, respondido*) e terceira conjugações *(aferido, atraído, conduzido, demolido, mentido, transferido).*

Assim nos nomes em *-mento,* a VT (*-i-*) é comum aos nomes que têm por base verbos da segunda (*adormecimento, aquecimento, conhecimento, movimento, sofrimento, varrimento)* e da terceira conjugações (*despedimento, ferimento, impedimento).* Os nomes que têm por base temas verbais inscritos na 1ª conjugação apresentam, naturalmente, a vogal temática *-a-* (*alojamento, arruamento, internamento, juramento, loteamento, recrutamento, visionamento).*

O mesmo tipo de distribuição é a que ocorre aquando da adjunção do sufixo *-vel* a bases verbais, uma vez que quando se trata de verbos da primeira conjugação a VT é *-a-* (*educável, tratável*), sendo *-i-* em bases verbais da segunda (*combatível, temível*) e da terceira

---

[1]. Sobre as fronteiras dos constituintes afixais e os princípios que presidem à sua identificação ver Rio-Torto (1998 a, p. 13-49).

conjugações (*constituível*, *punível)*.

Sufixo	VT do produto: -a	VT do produto: -e	VT do produto: -i
-nte	[tolera]$_{TV}$ nte [viaja]$_{TV}$ nte	[assiste]$_{TV}$ nte [combate]$_{TV}$ nte [polue]$_{TV}$ nte [repele]$_{TV}$ nte	[constitui]$_{TV}$ nte [contribui]$_{TV}$ nte [segui]$_{TV}$ nte
-ção	[arruma]$_{TV}$ ção		[perdi]$_{TV}$ ção [frui]$_{TV}$ ção
-mento	[aloja]$_{TV}$ mento [arrua]$_{TV}$ mento [lotea]$_{TV}$ mento [visiona]$_{TV}$ mento		[adormeci]$_{TV}$ mento [aqueci]$_{TV}$ mento [conheci]$_{TV}$ mento [despedi]$_{TV}$ mento [feri]$_{TV}$ mento [impedi]$_{TV}$ mento
-vel	[educá]$_{TV}$ vel [tratá]$_{TV}$ vel		[combatí]$_{TV}$ vel [temí]T$_{TV}$ vel [constituí]$_{TV}$ vel [puní]$_{TV}$ vel

Um outro aspecto para o qual importa chamar a atenção prende-se com a necessidade de proceder a uma correcta identificação das unidades afixais, dissociando-as, por exemplo, dos marcadores de classe que lhes são adjacentes, à direita. Assim, o sufixo presente em *aventureiro* não é *-eiro*, mas *-eir-*. Como a própria variação em género evidencia (*aventureiro/a*), *-eiro* ou *-eira* representam uma sequência de constituintes, sendo *-eir-* um sufixo derivacional e *-o*/*-a* o marcador de classe. O mesmo se aplica a *-os-* (*famoso*), *-ic-* (*metódico*), *-esc-* (*gigantesco*), *-an-* (*pessoano*), *-ári-* (*lendário*), *-en-* (*chileno*), *-ent-* (*ciumento*), *-in-* (*manuelino*), *-onh-* (*medonho*).

De igual modo, a fronteira direita dos afixos verbais, sejam sufixos ou circunfixos, situa-se imediatamente à esquerda da VT. Como integrador paradigmático do tema verbal que é, a VT não faz parte do corpo do sufixo ou do circunfixo. Assim, são os seguintes os afixos (sufixos e circunfixos) verbalizadores do português:

Sufixos	Verbos denominais ou deadjectivais
-iz-	*amenizar, canalizar, comercializar, escandalizar, escravizar, eternizar*
-ific-	*clarificar, estupidificar, exemplificar*
-ec-	*alvorecer, amarelecer, escurecer, favorecer*
-esc-	*florescer, ruborescer*
-e-	*altear, branquear, cabecear, chapear, clarear, coxear, custear, falsear*

-ej-	*amarelejar, fraquejar, gotejar, verdejar, rumorejar, versejar, voejar*

Circunfixos	Verbos denominais ou deadjectivais
-a … iz-	*aterrorizar, atemorizar*
-en … iz-	*encolerizar*
-a … ec-	*amadurecer, amolecer, apodrecer, amanhecer, anoitecer*
-en … ec-	*embaratecer, empalidecer, engrandecer, enraivecer, enrouquecer*
-es … ec-	*esclarecer*
-a … e-	*assenhorear*
-en … e-	*enlamear*
-es … e-	*esfaquear, espernear, estontear, esverdear*
-a … ej-	*apedrejar*
-es … ej-	*esbravejar*

O domínio dos conceitos de classes morfológicas que servem de base aos produtos genolexicais revela-se fundamental para a correcta identificação da estrutura interna destes. Neste capítulo, ressalta a necessidade de proceder a um correcto reconhecimento de qual o tipo de classe morfológica que está na base do produto em jogo, obviando assim a que a VT que faz parte do tema da base seja indevidamente associada ao sufixo.

Dispomos hoje em dia de um conhecimento suficientemente alargado de quais os tipos de classes morfológicas que operam nos diferentes paradigmas derivacionais.

As bases sobre as quais operam os processos de sufixação podem ser temas verbais (sufixação deverbal), radicais verbais, nominais e adjectivais (sufixação deverbal, denominal e deadjectival) e, mais restritamente, palavras.

O quadro que se segue contém exemplos de produtos que têm por base temas verbais, radicais verbais, nominais e adjectivais. Neles os produtos encontram-se apenas categorizados com base na classe sintáctica (N, A, V).

Base: tema verbal	**Base: radical verbal**
$[[\text{dobra}]_{\text{TemaV}}\ \text{gem}]_{\text{N}}$	$[[\text{respond}]_{\text{RadV}}\ \text{ão}]_{\text{A}}$
$[[\text{aconteci}]_{\text{TemaV}}\ \text{ment}]_{\text{N}}$	$[[\text{facilit}]_{\text{RadV}}\ \text{ismo}]_{\text{N}}$
$[[\text{educa}]_{\text{TemaV}}\ \text{ção}]_{\text{N}}$	$[[\text{rabuj}]_{\text{RadV}}\ \text{ice}]_{\text{N}}$
$[[\text{rendi}]_{\text{TemaV}}\ \text{ção}]_{\text{N}}$	
$[[\text{florescê}]_{\text{TemaV}}\ \text{ncia}]_{\text{N}}$	
$[[\text{aspira}]_{\text{TemaV}}\ \text{dor}]_{\text{N}}$	
$[[\text{transita}]_{\text{TemaV}}\ \text{vel}]_{\text{A}}$	
Base: radical adjectival	**Base: radical nominal**
$[[\text{pacat}]_{\text{RadA}}\ \text{ez}]_{\text{N}}$	$[[\text{ambient}]_{\text{RadN}}\ \text{al}]_{\text{A}}$
$[[\text{velh}]_{\text{RadA}}\ \text{ice}]_{\text{N}}$	$[[\text{rug}]_{\text{RadN}}\ \text{os}]_{\text{A}}$
$[[\text{seguid}]_{\text{RadA}}\ \text{ismo}]_{\text{N}}$	$[[\text{metod}]_{\text{RadN}}\ \text{ic}]_{\text{A}}$
$[[\text{obscur}]_{\text{RadA}}\ \text{ec}]_{\text{V}}$	$[[\text{exempl}]_{\text{RadN}}\ \text{ific}]_{\text{V}}$
$[[\text{solid}]_{\text{RadA}}\ \text{ific}]_{\text{V}}$	$[[\text{flor}]_{\text{RadN}}\ \text{esc}]_{\text{V}}$

Uma análise mais circunstanciada das classes morfológicas de base envolvidas nos paradigmas derivacionais do português (cf. Rio--Torto, 2000 e 2001) permite constatar que, no âmbito das relações heterocategoriais, o tema verbal é dominantemente usado como base de produtos deverbais, e que nos demais casos é a seleccção de radicais, nominais e adjectivais, que impera na formação de produtos heterocategoriais.

1.4. Classes morfológicas e estrutura acentual

Um dos domínios relativamente ao qual o conhecimento da morfologia interna das palavras se revela de importância fulcral é o da estrutura acentual das mesmas.

Na tradição gramatical que, em grande parte, as gramáticas pedagógicas reflectem, a estrutura acentual das palavras parece pautar-se por regularidades não estruturalmente motivadas (a estrutura acentual dominante em português é a paroxítona), e por excepções (palavras oxítonas e proparoxítonas), marcadas como idiossincráticas, ou explicáveis historicamente.

A classificação acentual das palavras é feita com base na estrutura fonética e, mais precisamente, em função da posição da sílaba que recebe maior proeminência ou peso acentual/prosódico. Assim se distinguem as palavras agudas, graves e esdrúxulas, consoante o acento de intensidade se manifesta na última, na penúltima

e na antepenúltima sílaba. Esta abordagem não permite inferir quaisquer tipos de regularidades quanto à estrutura acentual da nossa língua, possibilitando quando muito identificar como contorno acentual mais comum o paroxítono. Este tipo de tratamento tem sobretudo o inconveniente de não estabelecer uma relação orgânica entre a estrutura acentual e a estrutura morfológica das palavras. Ora, estudos recentes demonstram a dependência da estrutura acentual relativamente à constituição morfológica das palavras, ou seja, aos tipos de classes morfológicas que as constituem.

Em trabalho de 1983, Maria Helena M. Mateus estabelecera as seguintes regras gerais da acentuação do português: (i) acentuar a sílaba que contém a última vogal do radical, nos N e A; (ii) acentuar a sílaba que contém a última vogal do tema, nos V. Nelas se evidencia a conexão entre estrutura acentual e constituição morfológica das palavras. Sem sofrer contestação, no essencial, as regras enunciadas viriam a ser revistas por Isabel Pereira (1999: 4.5. e 4.6.), na sua dissertação de Doutoramento (inédita), intitulada *O acento de palavra em português: uma análise métrica*, cujos pontos de vista aqui reproduzo.

1.4.1. Acento nos Nomes e Adjectivos

A análise da morfologia interna dos nomes/adjectivos e dos verbos das classes morfológicas e, mais precisamente, das características formais e funcionais dos morfemas que os constituem, permite distinguir, segundo Pereira (1999), dois grandes grupos de nomes/adjectivos quanto à sua estrutura acentual: (I) os que são portadores de acento **não marcado**, em que este recai na sílaba que contém a última vogal (nuclear) do radical, seja simples (I.1.1.) ou derivado (I.1.2.); e (II) o dos que são portadores de acento **marcado**, em que este recai na sílaba que contém a penúltima ou a antepenúltima vogal do radical.

O primeiro grupo (cf. Quadro I) comporta, assim, palavras graves e também palavras agudas, constituídas apenas pelo Radical, e que terminam em vogal ou ditongo tónicos, ou em /R/, /S/ e /L/. O contorno acentual não marcado é tipicamente o mais comum e, portanto, o mais representado na língua.

O segundo grupo (cf. Quadro II) comporta os casos menos comuns e, por isso, **marcado**s — aqueles em que o acento recai na sílaba que contém a penúltima (II.1.) ou a antepenúltima (II.2.) vogal do radical. No primeiro destes dois últimos casos, que integra palavras esdrúxulas e plavras graves, a sílaba portadora de acento de

intensidade é marcada o mais das vezes por diacrítico ortográfico, obrigatório no caso das esdrúxulas, e muito frequente no das graves. O derradeiro conjunto (II.2.), que configura o conjunto acentual mais diferenciado e periférico, integra apenas palavras exdrúxulas, intrinsecamente marcadas sob o ponto de vista ortográfico.

Os quadros que se seguem, traçados de acordo com a análise desenvolvida por Pereira (1999), ilustram o exposto.

Quadro I.

Acento **não marcado**: o acento recai na sílaba que contém a **última vogal** (nuclear) do radical, seja este simples ou derivado	
I.1. Palavras terminadas em vogal átona	I.1.1. Radical simples: [[pont]$_R$ e], [[pont]$_R$ a], [[pont]$_R$ o] [[pared]$_R$ e], [[janel]$_R$ a], [[quadr]$_R$ o] I.1.2. Radical derivado: [[florist]$_R$ a] [[floreir]$_R$ a] [[cordoari]$_R$ a] [[cordam]$_R$ e] [[cabeleir]$_R$ a] [[cabeleireir]$_R$ o] [[perigosidad]$_R$ e] [[clientelism]$_R$ o] [[aconteciment]$_R$ o]
I.2. Palavras terminadas em vogal ou ditongo tónico, oral ou nasal	I.2.1. Vogal/ditongo tónica/o oral [avô]$_R$ [avó]$_R$ [rubi]$_R$ [caju]$_R$ [boné]$_R$ [sofá]$_R$ [champô]$_R$ [jacaré]$_R$ [faraó]$_R$ [organdi]$_R$ [chapéu]$_R$ [herói]$_R$ [balandrau]$_R$ [carapau]$_R$ I.2.2. Vogal/ditongo tónica/o nasal [romã]$_R$ [atum]$_R$ [farolim]$_R$ [irmão]$_R$ [aldrabão]$_R$
I.3. Palavras agudas terminadas em /R/, /S/, /L/	. [tambor]$_R$ [familiar]$_R$ [pomar]$_R$. [feliz]$_R$ [juiz]$_R$ [arroz]$_R$ [inglês]$_R$ [sensatez]$_R$. [animal]$_R$ [juvenil]$_R$

Quadro II.

Acento **marcado**: o acento recai na sílaba que contém a **penúltima** ou a **antepenúltima** vogal do radical	
II.1. a sílaba acentuada é a que contém a **penúltima** vogal do radical, por via de regra marcada por diacrítico ortográfico (obrigatório no caso das esdrúxulas e frequente no das graves):	II.1.1. palavras esdrúxulas: [[rápid]$_R$ o] [[séquit]$_R$ o] [[estômag]$_R$ o] [[sóbri]$_R$ o] [[dúvid]$_R$ a] [[súplic]$_R$ a] [[cómod]$_R$ a] [[cóler]$_R$ a] [[águ]$_R$ a] [[cálic]$_R$ e] [[espéci]$_R$ e] [[célebr]$_R$ e] II.1.2. palavras graves: [fútil]$_R$ [nível]$_R$ [réptil]$_R$ [saudável]$_R$ [açúcar]$_R$ [âmbar]$_R$ [óscar]$_R$ [fémur]$_R$ [lápis]$_R$ [húmus]$_R$ [cútis]$_R$ [forum]$_R$ [órgão]$_R$ [orégão]$_R$ [trólei]$_R$ [pónei]$_R$ [táxi]$_R$, [júri]$_R$
II.2. a sílaba acentuada é a que contém a **antepenúltima** vogal do radical	[[álcool]$_R$ [[Júpiter]$_R$ [[sífilis]$_R$ [[júnior]$_R$ [[espécimen]$_R$, [[álibi]$_R$ [[ípsilon]$_R$

Muitas vezes historicamente motivadas, estas formas que integram os casos marcados não são paradigma para a entrada de novas palavras no português, que, por via de regra, se pautam pelo padrão mais geral.

Uma breve nota para explicitar que os advérbios ou configuram casos marcados, historicamente motivados, ou inscrevem-se no padrão mais geral da acentuação, e que as conjunções, as preposições e os pronomes, ou não são acentuada/os, ou seguem uma das regras formuladas.

A observação destes quadros impõe o seguinte comentário: continua válida a distribuição dos não verbos pelas três classes acentuais tradicionalmente consagradas: agudas, graves e esdrúxulas. Não obstante, uma análise que assente na relação entre a estrutura prosódica e a estrutura morfológica da palavra permite redistribuir de outra forma os nomes e os adjectivos, nomeadamente os oxítonos, representados em I.2. e em I.3., a partir de agora considerados como não marcados, isto é, como instanciando o padrão mais típico da acentuação (aquele em que o acento recai na sílaba que contém a última vogal do radical), ainda que configurem conjuntos relativamente menos numerosos e mais periféricos do que o que é constituído pelas unidades de tipo I.1. Por outro lado, muitas palavras graves, representadas em II.1., passam a integrar o conjunto das unidades

acentualmente marcadas, uma vez que naquelas o acento recai na sílaba que contém a penúltima vogal do radical. Com esta nova visão da realidade prosódica do português, derroga-se o axioma, tantas vezes repetido de geração em geração, de que o padrão acentual mais paradigmático na nossa língua era o das palavras graves.

1.4.2. Acento nos verbos regulares

Mais sistemático e não confinado à tradicional dicotomia rizotónico-arrizotónico, é também o conhecimento de que actualmente dispomos relativamente à estrutura acentual dos verbos (padrões regulares), e à sua íntima correlação com a estrutura morfológica destes. Por falta de espaço, sumariarei apenas as linhas gerais da reflexão mais recentemente produzida nesta área, por Maria Helena Mira Mateus (1983) e por Isabel Pereira, na dissertação de doutoramento acima mencionada (1999: 4.6.).

Conjugando os resultados apurados por estas duas investigadoras, podemos formular do seguinte modo as regularidades que presidem à posição do acento tónico nos verbos:

(i) Um dos casos mais periféricos, até pela sua génese, é o que diz respeito ao Futuro do Indicativo e ao Condicional, pois nestes casos acentua-se a sílaba que contém o morfema de TAM.

(ii) A situação mais paradigmática é aquela em que é acentuada a sílaba (aqui sinalizada por ser precedida de ') que contém a VT (*relem'brar, relem'brado, relem'brando, relem'brares, relem'bramos, relem'brarmos, relem'brarem, relem'brei, relem'braste, relem'brou, relem'brámos, relem'brastes, relem'braram*). Tal acontece também quando a VT é seguida de morfema de TAM, o que se verifica nos tempos do Passado (*relem'brava, enten'dia, deci'dia, relem'brasse, enten'desse, deci'disse*).

(iii) Nos casos em que a VT é omissa, acentua-se a sílaba que contém a vogal do Radical, configurando as chamadas formas rizotónicas. Assim acontece no Presente do Conjuntivo (*(eu) 'ande, 'andes, (ele)'ande, 'andem*), em que a VT é suprimida por força da presença do morfema de TAM.

(iv) Na ausência de sufixo de TAM, actuam princípios rítmicos, que habitualmente tendem a fazer recair o acento na penúltima sílaba (v.g. no Presente do Indicativo: *re'lembro, re'lembras, re'lembra, re'lembram*).

2. Classes sintácticas

A primeira parte desta reflexão foi consagrada às classes morfológicas. Nesta segunda parte proponho-me caracterizar as classes sintácticas, também por vezes denominadas classes gramaticais, não raro confundidadas com aquelas em algumas gramáticas escolares [1].

Por classes sintácticas designam-se aqui as classes lexicais — cada uma das quais naturalmente caracterizada por propriedades gramaticais específicas — que podem funcionar como núcleo de sintagmas (SN, SV, SP), tais como Nome, Adjectivo, Verbo, Advérbio, Preposição.

Um dos estudos mais relevantes de caracterização das classes sintácticas, também denominadas "categorias verbais", "classes de palavras", "partes da oração", é o de E. Coseriu, *Sobre las categorías verbales ("partes de la oración")* [1955] (1978). Nele se dá conta da diferença entre categorias e classes sintácticas (ou categoria *vs* esquema material que a realiza ou manifesta), nele se dilucidam os diferentes critérios que têm presidido à classificação das classes sintácticas, nele se esclarece a distinção entre categoria primária e secundária e entre significação lexical, significação categorial e significação instrumental (Ib., 1978: 69). A reflexão que se segue é, pois, largamente tributária do pensamento deste autor, neste seu texto ensaístico.

Uma das explicações possíveis para o facto de frequentemente se confundirem classes morfológicas com classes sintácticas prende-se com a circunstância de na nossa, como em outras línguas românicas, a identidade das classes sintácticas estar fortemente travejada em impressivas propriedades morfológicas. Por outras palavras, a estrutura e a própria configuração das classes sintácticas é caracterizada por marcas morfológicas que funcionam como traços

---

[1]. Tanto quanto se pode observar, na secção consagrada à Morfologia da proposta de "Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário" (2000- -2001), em elaboração pelo Ministério da Educação, e que se destina a vigorar nos próximos anos, as "categorias morfológicas" consignadas são as de Afixo, Radical, Tema e Palavra, podendo estas três últimas ser marcadas com os traços [adjectival], [adverbial], [nominal] ou [verbal]. Considerar a Palavra, seja ela Adjectivo, Advérbio, Nome ou Verbo, como uma "categoria morfológica", perpetua a indistinção entre o condicionamento sintáctico de cada uma destas classes (V, N, A, Adv.) e a constituência morfológica da categoria Palavra, que pode comportar outras classes morfológicas de constituintes, tais como radicais, temas, vogal temática, sufixos flexionais.

definitórios daquelas, sejam de tempo-aspecto-modo, de pessoa, de número ou de género.

Não vou caracterizar aqui cada uma das classes sintácticas relativamente às marcas gramaticais, nomeadamente flexionais, e à estrutura morfológica de cada uma, pois interessa centrar a reflexão na distinção entre classes sintácticas e funções sintácticas ou funções gramaticais (sujeito (SU), predicado (PRED), objecto directo (OD), objecto indirecto (OI), Complemento Circunstancial (CC) tantas vezes confundidas com aquelas.

Na sequência de Chomsky (1970), as chamadas "categorias maiores" podem ser caracterizadas através da combinação dos seguintes dois traços: [±N], [±V].

N: [+N, -V]
V: [-N, +V]
Adj.: [+N, +V]
Prep.: [-N, -V]

Estes dois traços categoriais ([±N] e [±V]) permitem reordenar as várias classes em função das propriedades comuns que possuem. O traço [+N] remete para a capacidade denominativa que os nomes têm e que se pode estender a alguns adjectivos, bem como para o comum comportamento flexional de uns e de outros (ainda que não extensivo a todos os membros de ambas as classes). O traço [+V] dá conta da capacidade que verbos e (alguns) adjectivos têm de funcionar como predicadores.

Cada uma destas categorias pode funcionar como núcleo de categorias mais extensas e hierarquicamente superiores, as categorias sintagmáticas (SN, SV, SP, SA) [1]. Um sintagma desenha-se, assim, como a projecção máxima de uma categoria sintáctica, seus especificadores, complementos e adjuntos.

A classe sintáctica com que uma palavra é usada, em cada ocorrência textual, só pode ser verdadeiramente apurada em cotexto. Não se pretende com isto dizer que a cada signo não esteja sistemicamente associada uma categoria sintáctica matricial, da qual se derivam, por recategorização, outros usos sintacticamente possíveis: *jantar, comer, andar, poder*, são primordialmente verbos que, por

[1]. Sobre os tipos e estrutura das classes sintácticas, veja-se Mateus (1989: cap. 9: "Categorias sintácticas: tipos e estrutura interna").

vezes, se nominalizam, denotando não eventos mas produtos, perdendo então a estrutura argumental que, na qualidade de verbos, convocam. Quando dizemos "o jantar estava óptimo" ou, no plural, "os jantares estavam óptimos" não nos estamos necessariamente a referir ao acto de jantar, mas ao(s) produto(s) que ingerimos ou de que participámos.

Também estamos habituados a que muitos adjectivos se substantivem ("saber admirar *o belo* é algo de muito gratificante"; "foi *o belo* e *o bonito*; "*o espantoso* foi que …"; "*os idiotas* …), e até a que alguns nomes sejam usados com valor predicativo (v.g. *águia, canário, burro, camelo, lesma, monstro, paquiderme, raposa, rouxinol, urso, víbora*), ou mesmo atributivo, a que se associam habitualmente propriedades positivas ou negativas. São portadores de marcas disfóricas *burro, asno, borracho* ("é *burro*, aquele", "seu *asno*!", "que *borracho!*", no sentido de 'ébrio'; quando significando 'atraente', *borracho* é marcado positivamente/favoravelmente).

Menos frequentemente, outras classes sintácticas (v.g. as preposições) podem ser objecto de lexicalização, substantivando-se ("pesar os *prós* e os *contras*"), o mesmo podendo acontecer a compostos sintagmáticos ("um *vaivem*", "um *quiproquo*") ou até a alguns constituintes presos, como os sufixos derivacionais, que podem adquirir autonomia sintáctica (cf. "estamos numa época de demasiados *ismos*").

Em suma, porque várias possibilidades de categorização sintáctica são permitidas a alguns signos, é o cotexto que determina qual a instanciada em cada circunstância específica.

Um dos aspectos que importa sublinhar é o de que não se podem confundir classes sintácticas com funções sintácticas. Antes de tecer algumas considerações teóricas sobre funções sintácticas, aqui entendidas como manifestações de relações gramaticais intraproposicionais, e de equacionar quais as mais relevantes na língua portuguesa, relembro que as classes sintácticas podem ser preenchidas por N, A, V, Prep., etc, e que as **funções sintácticas** mais representativas são as de SU, Pred. OD, OI [1].

Uma leitura menos informada do capítulo 7 ("Frase, oração, período") da *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra, poderá induzir em erro, porquanto nela parecem confundir-se constituintes [±essenciais] da frase com as

[1]. Sobre estas veja-se Campos, 1991, cap. 4 "Sobre funções gramaticais", p. 55- -79.

funções sintácticas por estes desempenhadas.

Distinguem os autores termos essenciais, termos integrantes e termos acessórios. O problema não reside na hierarquia proposta, entre termos [±essencias], [±acessórios], com a qual ninguém estará em desacordo. Mas se por "termos" entendermos os constituintes da frase, também uns mais essenciais/acessórios que outros, então dir-se-ia que os termos da frase são os SN, SV, SP, SA, que a constituem. Ora, Celso Cunha & Lindley Cintra consideram como termos essenciais o sujeito e o predicado, como termos integrantes os complementos nominais e verbais, sejam o complemento directo ou o indirecto, preposicionado(s) ou não, e como termos acessórios os adjuntos adnominais e adverbiais, que em parte recobrem os tradicionalmente designados complementos circunstanciais. A menos que se introduza uma distinção entre termos constituintes e termos funcionais, o que efectivamente acontece é que, por metonímia, se designa o constituinte pela função sintáctica que mais tipicamente ele desempenha; mas a leitura não devidamente comentada deste capítulo pode induzir o aluno a fazer equivaler constituinte ou termo frásico com função sintáctica, o que é de evitar. O que efectivamente acontece é que se fala em constituintes ou termos essenciais porque essenciais são as funções sintácticas por estes desempenhadas.

Também Mateus (1989: 8.1., p. 160-161) faz coincidir os constituintes ou termos essenciais duma frase, assim considerados à luz duma perspectiva lógico-proposicional, com o seu valor sintáctico, quando afirma: «Um domínio sintáctico de predicação — i.e., uma ORAÇÃO, contém dois termos fundamentais: o **predicado**, i.e., o constituinte ou sequência de constituintes formado pelo predicador e pelo(s) seu(s) argumento(s) interno(s), e o **sujeito**, i.e., o constituinte que satura o predicado ou, por outras palavras, o argumento externo do predicador».

Para uma maior clarificação dos problemas em análise, deve ter-se em conta o seguinte conjunto de dados.

Uma frase pode compreender um determinado número de constituintes sintagmáticos — o sintagma verbal, um ou vários sintagmas nominais, um ou vários sintagmas preposicionais, um ou vários sintagmas adverbiais.

Alguns destes constituintes sintagmáticos revelam-se mais imprescindíveis do que outros, sendo que o carácter mais essencial ou mais acessório é em grande parte determinado pela estrutura valencial/argumental do verbo da frase, e da relação proposicional que este estabelece com os seus argumentos.

Um constituinte pode desempenhar diversas funções sintácticas e até semânticas dentro da frase, dependendo aquelas do tipo de relação intrafrásica ou intraproposicional que entre si mantêm os diferentes constituintes em presença. Um SN pode funcionar como (isto é, desempenhar a função sintáctica de) SUJEITO, pode assegurar a função de OBJECTO DIRECTO, mas pode igualmente funcionar como constituinte interno de um SPreposicional, comungando então da função sintáctica que o sintagma, no seu todo, desempenha. Como a língua portuguesa é uma língua SVO, o SN à esquerda do SV desempenha tipicamente, em frases não marcadas, a função de SUJEITO.

Admitamos que as funções sintácticas relevantes na nossa língua são as seguintes, definidas por testes formais específicos (substituição pronominal anafórica, resposta não redundante a interrogativas de instanciação) propostos por Mateus (1989, cap. 8.1.): SUJEITO, PREDICADO, OBJECTO (ou complemento) DIRECTO, OBJECTO (ou complemento) INDIRECTO, (complemento) OBLÍQUO e (complementos) CIRCUNSTANCIAIS [1].

Uma diferença substancial aqui consignada e que importa reter é a que distingue **oblíquos** de **circunstanciais**. Como a própria designação explicita, estes são acessórios, dispensáveis, e frequentemente dotados de assinalável mobilidade dentro da frase. Os oblíquos, ao invés, são complementos essenciais, nucleares, indispensáveis à completude sistémica da semântica do verbo, exigidos pela estrutura valencial deste. Nem sempre são, contudo, obrigatoriamente verbalizados, podendo ser omissos superficialmente quando de alguma forma estão incorporados na compreensão semântica do verbo, ou quando os consideramos ilocutoriamente dispensáveis. Da mesma maneira que me posso abster de explicitar o argumento OBJECTO do verbo *beber*, quando digo "ontem beberam bastante", em vez de "ontem beberam [líquidos] em abundância, em demasia", ou "ontem só consegui estacionar longe da Faculdade", por "ontem só consegui estacionar o carro longe da Faculdade", também me posso dispensar de explicitar o DESTINO/LUGAR DE ou PARA ONDE quando afirmo "hoje desloquei-me de táxi".

Um exemplo paradigmático de verbos cuja estrutura valencial/argumental exige um constituinte com função de OBLÍQUO,

---

[1]. Para uma caracterização das diferentes funções sintácticas e dos esquemas de organização sintáctica das frases básicas do português veja-se Mateus (1989: 81. e 8.2.).

mais especificamente de LOCATIVO, é o dos verbos de movimento, de deslocação (*ir para, vir de, partir para, passar por, deslocar-se a*) ou de simples localização (*viver em, morar em, estacionar em*). Quando dizemos "ontem fui a Lisboa", o verbo *ir* é um verbo de dois lugares que pressupõe por isso algo/alguém que vai e o respectivo destino para o qual algo/alguém se dirige: por isso o sintagma "a Lisboa" não mantém com os demais constituintes uma relação acessória, circunstancial, mas uma relação essencial, nuclear, que se pode denominar de OBLÍQUO/LOCATIVO.

Acessória, à luz da estrutura bivalencial do verbo em causa, que não à luz de critérios semântico-pragmáticos, é a informação "de carro" ou "de avião", por isso considerada circunstancial. De igual modo, verbos de três lugares como *pôr, cortar, distribuir*, exigem um oblíquo obrigatório com função de LOCATIVO (*pôr algo em algum lugar*), de INSTRUMENTAL (*cortar com algo*).

Muitas vezes omitimos, porque consideramos ilocutoriamente não relevante, alguma da informação associada a um predicador verbal como *cortar* ("Cortou-se há dias e a ferida ainda não cicatrizou"). Mas uma tal omissão não impede que o enunciado seja compreendido como gramaticalemente correcto, e tal omissão não anula a estrutura argumental de três lugares por que se caracteriza sistemicamente este verbo: no sistema gramatical/das relações gramaticais da nossa língua este predicador verbal integra-se no conjunto dos verbos trivalenciais (x corta y com z)

Em alternativa a esta análise que, como todas, tem virtualidades e insuficiências, outros autores praticam uma análise de tipo dependencial-valencial, que promove a distinção entre ACTANTES — obrigatórios, incorporados no significado do verbo, como *dormir* [um sono], e facultativos, isto é, passíveis de elisão contextual, como *estacionar* — e CIRCUNSTANTES [1].

Não obstante a relevância dos testes habitualmente usados para demarcar o essencial do acessório, nem sempre é linear distinguir o que é complemento actancial de circunstancial, e bem assim actante

---

[1]. Recorrendo aos testes da substituição anafórica, da interrogação, da distribuição em relação ao verbo, e da passivização, Vilela (1999: 325-344) estabelece um quadro de dez funções actanciais ou argumentais, assim constituído: A1 (sujeito); A2 (complemento directo); A3 (complemento indirecto); A4 (complemento preposicional), A5 (complemento locativo-situativo); A6 (complemento locativo-direccional); A7 (complemento de tempo); A8 (complemento de medida, duração, preço); A9 (complemento de modo); A10 (predicativo de CD de verbos bivalentes).

obrigatório e facultativo.

Neste âmbito, impõe-se uma derradeira chamada de atenção para o facto de ser fundamental distinguir (i) SP que constituem verdadeiros actantes do Verbo, e que, por desempenharem a função de complemento (obrigatório) preposicional, ou a de oblíquo, não devem ser linearmente remetidos para o espaço do Complemento Indirecto (preposicionado), como por vezes sucede em algumas gramáticas pedagógicas, de (ii) SP que desempenham outras funções, à cabeça das quais a de Complemento Indirecto. Só o cabal conhecimento da estrutura valencial/argumental do predicado verbal pode dar resposta segura a esta tarefa.

Por último, resta evidenciar em que medida a estrutura argumental dum verbo determina o valor argumental e a relevância estrutural das unidades sintagmáticas com ele coocorrentes. Um exemplo amplamente dissecado (Vilela: 1999, p. 339-340), e que ilustra o diferente valor sintáctico que um mesmo constituinte pode ter é o seguinte: "O Luís colocou o livro na prateleira" e "O Luís descobriu o livro na prateleira". Embora em ambos os casos o SP "na prateleira" tenha a mesma função de locativo, a verdade é que ele não tem o mesmo estatuto relativamente a *colocar*, verbo de três lugares (alguém coloca algo em algum lugar), e relativamente a *descobrir*, verbo de dois lugares (alguém descobre algo). No primeiro caso trata-se de um complemento nuclear ou actancial (a sua supressão tornaria a frase agramatical), no segundo caso trata-se de um circunstante (a sua omissão não induz agramaticalidade).

Nada autoriza, pois, a confundir um constituinte com as funções sintáticas que ele pode desempenhar, e do mesmo modo nada autoriza a confundir funções sintácticas com os tipos de constituintes por que se realizam.

BIBLIOGRAFIA

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso (1986) — *Estrutura da língua portuguesa* [1970]. 16 ª edição. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1986.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa & Maria Francisca Xavier (1991) — *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa, Universidade Aberta.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano de (1984 a) — *Actualizadores léxicos*. In: *Estudos Linguísticos*, vol. 3. Coimbra, Coimbra Editora, pp. 5-26.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano de (1984 b) — *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*. Tomo II. Coimbra, Coimbra Editora.

COSERIU, Eugenio (1978) — *Sobre las categorías verbales ("partes de la oración")* [1955]. In: *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid, Editorial Gredos, 50-79.

CUNHA, Celso & Lindley Cintra (1984) — *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa, Sá da Costa Editores.

HARRIS, James (1985) — *Spanish word markers*. In: F. Nuessel (ed.), *Current Issues in hispanic phonology and morphology*. Bloomington, Indiana University Linguistics Club, p. 34-54.

MATEUS, Maria Helena Mira (1983) — *O acento de palavra em português: uma nova proposta*. In: *Boletim de Filologia*, XXVIII, p. 211-229.

MATEUS, Maria Helena Mira (1997) — *Aspectos da Fonologia Lexical do Português.* In: *Sentidos que a vida faz. Homenagem a Óscar Lopes*. Porto, Campo das Letras, p. 693-703.

MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Duarte e Isabel Hub Faria (1989) — *Gramática da língua portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa, Caminho.

PEREIRA, Maria Isabel Pires (1999) — *O acento de palavra em português: uma análise métrica*. Coimbra, Dissertação de Doutoramento (inédita).

RIO-TORTO, Graça (1998 a) — *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto, Porto Editora.

RIO-TORTO, Graça (1998 b) — *Padrões de formação de verbos em português*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXII, p. 293-327.

RIO-TORTO, Graça (1999) — *Para uma pedagogia do erro*. In: *Didáctica da língua e da literatura*. vol. I. Actas do V Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura (Coimbra, 6-9 Outubro de 1998). Coimbra, Livraria Almedina & ILLP-FLUC, p. 595-618.

RIO-TORTO, Graça (2000) — *Classes morfológicas e tipologia derivacional.* In: Actas do *Congreso Internacional de Lingüística "Léxico & Gramática"* (Lugo, 25-28 de Outubro de 2000), em publicação.

RIO-TORTO, Graça (2001) — *Estrutura categorial e formatação derivacional*. In: Biblos, vol. de homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho (no prelo).

VILELA, Mário (1999) — *Gramática da língua portuguesa*. 2ª edição. Coimbra, Livraria Almedina.

CLASSES GRAMATICAIS OU DE PALAVRAS REVISÃO

CLASSIFICAÇÃO

- A morfologia está agrupada em dez **classes**, denominadas **classes de palavras** ou **classes** gramaticais. São elas:
- Substantivo
- Artigo
- Adjetivo
- Numeral
- Pronome
- Verbo
- Advérbio
- Preposição
- Conjunção e Interjeição.

- **Substantivo**: é a palavra que nomeia os seres em geral, desde objetos, fenômenos, lugares, qualidades, ações, dentre outros.

Exemplos: Ana, Brasil, beleza.

- **Adjetivo**: é a palavra que caracteriza, atribui qualidades aos substantivos.

Exemplos: feliz, superinteressante, amável.

- **Artigo**: é a palavra que antecede o substantivo.

Exemplos: o, as, uns, uma.

- Numeral: é a palavra que indica a posição ou o número de elementos.
- **Exemplos:** um, primeiro, dezena.

- Conjunção: é a palavra que liga dois termos ou duas orações de mesmo valor gramatical.
- **Exemplos:** mas, portanto, conforme.

- Interjeição: é a palavra que exprime emoções e sentimentos.
- **Exemplos:** Olá!, Viva! Psiu!

VERBO

- **Verbos** são palavras que indicam ações, estados ou fenômenos, situando-os no tempo.
- Quanto à estrutura, os verbos são compostos pelo radical (a parte invariável e que normalmente se repete), terminação (a parte que é flexionada) e a vogal temática (que caracteriza a conjugação).

ESTUD- AR ESCREV- ER PART- IR

- São três as conjugações em língua portuguesa:
  1ª Conjugação: verbos terminados em AR
  2ª Conjugação: verbos terminados em ER
  3ª Conjugação: verbos terminados em IR

- Vogal temática – Tem a função de ligar o radical às desinências, além de formar algumas classes de palavras. Pode ser:

➢ Verbal – Indica a conjugação do verbo. -ar (1ª conjugação), -er (2ª conjugação), -ir (3ª conjugação).

QUANTO À MORFOLOGIA, CLASSIFICAM-SE EM:

- Regulares: quando flexionam-se de acordo com o paradigma da conjugação.
  ESTUDAR – eu estudo, tu estudas, ele estuda, nós estudamos...
- Irregulares: quando não seguem o paradigma da conjugação.
  CABER – eu caibo... MEDIR – eu meço...
- Anômalos: quando sofrem modificação também no radical.
  IR – eu vou... SER – eu sou...
- Defectivos: quando não são conjugados em todas formas.
  FALIR – não possui 1ª, 2ª e 3ª pessoa do pres. do indicativo e pres. do subjuntivo.
- Abundantes: quando possuem mais de uma forma de conjugação.
  ACENDIDO – ACESO, INCLUÍDO - INCLUSO

- Quanto à pessoa podem ser:
  1ª pessoa – a que fala
  2ª pessoa – com quem se fala
  3ª pessoa – de quem se fala

- Quanto ao número podem ser: Singular e Plural.

- O modo verbal indica de que forma o fato pode se realizar: Modo Indicativo para fato certo: Eu estudo, Nós escreveremos.
- Modo Subjuntivo para fato hipotético, desejo, dúvida: Se eles trabalhassem...
- Modo Imperativo para ordem, pedido: Trabalhem com afinco...Sejam estudiosos...
- Formas nominais: gerúndio, particípio e infinitivo.

MODO INDICATIVO						
	PRESENTE	PERFEITO	IMPERFEITO	MAIS-QUE-PERFEITO	FUTURO DO PRESENTE	FUTURO DO PRETÉRITO
EU	amo	amei	amava	amara	amarei	amaria
TU	amas	amaste	amavas	amaras	amarás	amarias
ELE	ama	amou	amava	amara	amará	amaria
NÓS	amamos	amamos	amávamos	amáramos	amaremos	amaríamos
VÓS	amais	amastes	amáveis	amáreis	amareis	amaríeis
ELES	amam	amaram	amavam	amaram	amarão	amariam

MODO SUBJUNTIVO			
	PRESENTE	IMPERFEITO	FUTURO
EU	ame	amasse	amar
TU	ames	amasses	amares
ELE	ame	amasse	amar
NÓS	amemos	amássemos	amarmos
VÓS	ameis	amásseis	amardes
ELES	amem	amassem	amarem

FORMAS NOMINAIS			
INFINITIVO		GERÚNDIO	PARTICÍPIO
para eu	amar	amando	amado
para tu	amares		
para ele	amar		
para nós	amarmos		
para vós	amardes		
para eles	amarem		

MODO SUBJUNTIVO

1ª Conjugação do verbo:

AMAR

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
que eu ame	que/se eu amasse	se/quando eu amar
que tu ames	que/se tu amasses	se/quando tu amares
que ele/ela ame	que/se ele/ela amasse	se/quando ele/ela amar
que nós amemos	que/se nós amássemos	se/quando nós amarmos
que vós ameis	que/se vós amásseis	se/quando vós amardes
que eles/elas amem	que/se eles/elas amassem	se/quando eles/elas amarem

PRONOME

- O ***pronome é a palavra que substitui ou acompanha um substantivo (nome), definindo-lhe os limites de significação***. Existem vários tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, interrogativos, relativos e indefinidos. Além dessa classificação principal, os pronomes também podem ser classificados em adjetivos e substantivos.

Pronomes Pessoais

	Pessoas do discurso	Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele/ela	se, o, a, lhe	si, ele, consigo
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles/elas	se, os, as, lhes	si, eles, consigo

Pronomes possessivos

Numero	Pessoa	Pronomes Possessivos
singular	1ª	meu, minha, meus, minhas
	2ª	teu, tua, teus, tuas
	3ª	seu, sua, seus, suas
plural	1ª	nosso, nossa, nossos, nossas
	2ª	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª	seu, sua, seus, suas

PRONOMES INTERROGATIVOS

- São pronomes interrogativos aqueles empregados para formular uma pergunta direta ou indireta.

  Da mesma maneira que ocorre com os indefinidos, os interrogativos também se referem, de modo vago, à 3ª pessoa gramatical.

VARIÁVEIS: qual, quais, quanto, quanta, quantos, quantas.

INVARIÁVEIS: que, quem.

PRONOMES RELATIVOS

VARIÁVEIS	O qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos, quantas.
INVARIÁVEIS	Que, quem, onde, quando, como.

PRONOMES INDEFINIDOS

Variáveis	Invariáveis
Algum, alguma, alguns, algumas Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas Todo , toda, todos, todas	(referem-se a coisas) algo tudo, nada
Outro, outra, outros, outras Muito, muita, muitos, muitas Pouco, pouca, poucos, poucas Certo, certa, certos, certas Vário, vária, vários várias	(referem-se a pessoas) quem alguém ninguém outrem
Quanto, quanta, Quantos quantas Tanto, tanta, tantos, tantas Qualquer, quaisquer Qual, quais Um, uma, uns umas	(referem-se a coisas ou pessoas) cada que

Pronomes Demonstrativos

- <u>Em relação ao espaço</u>
- - Este(s), esta(s) e isto indicam o que está perto da pessoa que fala:
- *Ex: Este relógio de bolso que eu estou usando pertenceu ao meu avô.*
- - Esse(s), essa(s) e isso indicam o que está perto da pessoa com quem se fala:
- *Ex: Mamãe, passe-me essa revista que está perto de você.*
- - Aquele(s), aquela(s) e aquilo indicam o que está distante tanto da pessoa que fala quanto da pessoa com quem se fala:
- *Ex: Olhem aquela casa!*

EM RELAÇÃO AO TEMPO

- Em relação ao tempo
- - Este(s), esta(s) e isto indicam o tempo presente em relação à pessoa que fala:
- *Ex: Esta tarde irei ao supermercado fazer as compras do mês.*
- - Esse(s), essa(s) e isso indicam o tempo passado próximo ao momento da fala:
- *Ex: Essa noite dormi mal, tive pesadelos horríveis.*
- - Aquele(s), aquela(s) e aquilo indicam um afastamento no tempo, tempo remoto:
- *Ex: Naquele tempo, os jovens de famílias ricas iam estudar na França.*

QUANDO SÃO USADOS COMO REFERENTE

- Quando são usados como referente
- - Este(s), esta(s) e isto fazem referência a algo sobre o qual ainda se vai falar:
- *Ex: São estes os assuntos que temos a tratar: o aumento dos salários, as férias dos funcionários e as horas extras.*
- - Esse(s), essa(s) e isso fazem referência a algo que já foi citado anteriormente:
- *Ex: Sua participação nas Olimpíadas de Matemática, isso é o que mais desejamos agora.*
- - Este e aquele são empregados quando se faz referência a termos já mencionados, como se exemplifica a seguir:
- *Ex: Pedro e Paulo são alunos que se destacam na classe: este pela rapidez com que resolve os exercícios de Matemática, aquele pela criatividade na produção de textos.*

Pessoas	Variáveis				Invariáveis
	Masculino		Feminino		
	Singular	Plural	Singular	Plural	
1ª	Este	Estes	Esta	Estas	Isto
2ª	Esse	Esses	Essa	Essas	Isso
3ª	Aquele	Aqueles	Aquela	Aquelas	Aquilo

ADVÉRBIOS

advérbio

Palavra invariável que modifica o sentido de um verbo, de um adjetivo, ou de outro advérbio, indicando circunstâncias, como de modo, lugar, tempo e (...)
Por exemplo, a frase Meu irmão arrastou-se pode ser melhor especificada graças ao emprego de advérbios ou expressões de valor adverbial: Após o (...)

[] Dicio.com.br

Circunstâncias representadas	Advérbios
Lugar	aqui, ali, cá, lá, longe, perto, abaixo, acima, à direita, à esquerda, ao lado, etc.
Tempo	hoje, ontem, amanhã, atualmente, depois, agora, já, de repente, de vez em quando, à tarde, à noite, etc.
Afirmação	sim, decerto, certamente, sem dúvida, realmente, efetivamente, etc.
Intensidade	muito, pouco, bastante, demais, mais, menos, bem, tanto, quanto, quase, apenas, etc.
Modo	calmamente, humildemente, bem, mal, frente a frente, às claras, às pressas, à vontade, de mansinho, etc.
Negação	não, nunca, jamais, de modo algum, de jeito nenhum, absolutamente, etc.
Dúvida	talvez, quiçá, provavelmente, possivelmente, porventura, acaso, etc.

PREPOSIÇÃO

Preposição - Conceito

- É a palavra que liga dois termos de uma oração.
- Ex.: Paula viajou **para** Maceió **com** alguns amigos.

As palavras em destaque são preposições. E são usadas para ligar dois termos.

Classificação das preposições

As preposições podem ser:

- Essenciais – **a, ante, até, após, com, contra, de desde, em, entre, para, perante, por,sem, sob, sobre.**
- Acidentais – **afora, consoante, durante, exceto, fora, mediante, salvo, senão, visto.**
- Locuções Prepositivas – ao lado de, antes de, além de, com respeito a (...) *Na LP, a última palavra sempre é uma preposição.

Exemplos: Lutou ***contra*** mim.

Confiava ***a*** mim seus segredos.

Todos comeram, ***salvo*** tu.

Acentuação

Proparoxítonas	**Todas são acentuadas**	**Vítima, Amazônico, Parabólica**
Paroxítonas (não acentuadas)	**Terminadas em A, E, O e M seguidas ou não de S(regra do MAOMÉ)**	Imagens, imagem, pare, teto, ultra, sobre etc.
Paroxítonas (acentuadas)	**Terminadas em R, N, X, L, I(S), US, UM(S), OM, PS, Ã(S) e DITONGOS**	Caráter, pólen, tórax, ágil, júri, táxis, ônus, fórum, álbuns, bíceps, ímã, pônei.
Oxítonas	**Terminadas em A, E, O e EM (S) (regra "O AMÉM")**	Cajá, Café, Cipó, Também, Parabéns
Hiatos	**I e U sozinhas ou seguidas de S (desde que não seja seguida de NH, antecedida de DITONGO quando paroxítona, ou haja o I ou o U duplicado).**	Caí, saída, saúva, faísca, balaústre.
Monossílabos Tônicos	**Terminados em A, E, O seguidos ou não de S (Regra do PALETÓ)**	Pá, pé, pó, lá, já, cá, fé, mó etc.
Formas verbais com hífen	**Analisar cada parte da palavra separadamente**	Contá-la (oxítona terminada em A – monossílabo átono)
Verbos "TER" e "VIR"	**3ª do singular = sem acento 3ª do plural = acento circunflexo**	Ele tem / vem Eles têm /vêm
Verbos derivados de "TER" e "VIR"	**3ª do singular = acento agudo 3ª do plural = acento circunflexo**	Ele contém / mantém Eles contêm / mantêm
Acentos diferenciais	**Obrigatórios**	Pôr (verbo) / Por (preposição) Pôde (pretérito) / Pode (pres)
Acento diferencial	**Facultativo**	Fôrma (modelo) / forma (aspecto/ verbo)
Ditongos abertos "ÉU, ÉI, ÓI"	**Quando oxítonos ou monossilábicos. Seguidos ou não de "S"**	Chapéus, Heróis, Tonéis, Réu, Pastéis.

www.pablojamilk.blogspot.com

FONTES:

- https://www.google.com.br/search?q=regras+de+acentuação
- https://www.todamateria.com.br/
- https://www.soportugues.com.br
- https://www.infoescola.com/

Classes gramaticais ou de palavras

Substantivo

Adjetivo

Artigo

Numeral

Pronome

Verbo

Advérbio

Preposição

Conjunção

Interjeição

Substantivo

É a classe variável que nomeia objetos, pessoas, sentimentos, lugares...

Classificação

Primitivos Criam outras palavras. Ex.: terra, casa

Derivados São criados a partir de outras palavras. Ex.: terreiro, aterrar; casebre,

Comuns Qualquer ser da espécie. Ex.: rua, praça, mulher

Próprios Um ser específico da espécie. Ex.: rua Rio de Janeiro, praça Duque de Caxias, Isabela

Atenção: Os substantivos próprios serão sempre escritos com inicial maiúscula.

Concretos Nomeiam objetos, lugares, pessoas, animais...Podem ser visualizados.Ex.: Carmem, mesa, urso

Abstratos Nomeiam ações, estados, sentimentos, qualidades...Dependem de outros seres para existir. Não é possível visualizá-los.Ex.:alegria, tristeza

Atenção: Quando quero visualizar alegria posso desenhar um sorriso, por exemplo, mas não a alegria.

Coletivos Os substantivos coletivos transmitem a noção de plural, embora sejam grafados no singular. Nomeiam um agrupamento de seres da mesma espécie.

Exemplos: alcatéia - de lobos, vocabulário – de palavras, súcia – de pessoas desonestas, panapaná- de borboletas, girândola - de fogos de artifício, etc.

Gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser:

Biformes: possuem duas formas, uma para o feminino e outra para o masculino.
Ex.: gato/gata, cabra/bode

Uniformes: possuem apenas uma forma para os dois gêneros.

Os substantivos uniformes se subdividem em:

Epicenos*:* uma só forma para os dois gêneros, a distinção é feita pelas palavras macho e fêmea.
Ex.: formiga macho/formiga fêmea, cobra macho/cobra fêmea

•**Comuns de dois gêneros:** uma só forma para os dois gêneros, a distinção é feita pelo determinante (artigo, pronome, adjetivo...).
Ex.: a pianista/ o pianista, belo colega/ bela colega

•**Sobrecomuns***:* uma só forma para os dois gêneros, não é possível fazer a distinção pelos determinantes. A distinção pode ser feita pela expressão: do sexo masculino/ do sexo feminino.
Ex.: a pessoa, a criatura, a criança, o cônjuge

Número **Formação do plural nos substantivos simples**

Regra geral: o plural é formado pelo acréscimo da desinência -s.
Ex.: mapa/mapas, degrau/degraus

Terminados em -ão: plural em -ões, -ães ou ãos.
Ex.: questão/questões, capitão/capitães, irmão/irmãos

Terminados em -r, -z: acréscimo de -es.
Ex.: bar/bares, raiz/raízes

Terminados em -s: acréscimo de -es quando forem oxítonos; invariáveis quando não forem oxítonos.
Ex.: país/países, lápis/lápis

Terminados em -l: substitui-se o -l por -is.
Ex.: anel/anéis, álcool/álcoois
Exceções: mal/males, cônsul/cônsules

Atenção: Os substantivos terminados em -il flexionam-se de forma diferente: quando oxítonos, trocam o -l por -s (fuzil/fuzis), quando paroxítonos, trocam -il por -eis (projétil/projéteis).

Terminados em -m: trocam -m por -ns.
Ex.: atum/atuns, álbum/álbuns

Terminados em -x: são invariáveis.
Ex.: látex/látex, xerox/xerox

Terminados em -zito, -zinho: pluraliza-se a palavra primitiva sem o -s e a terminação.
Ex.: balão + zinho = balõe(s) + zinhos/ balõezinhos

Formação do plural nos substantivos compostos

•Flexionam-se os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes sem preposição entre eles. Ex.: primeiro (numeral) - ministro (substantivo)/ primeiros-ministros

•Não se flexionam os verbos, advérbios e demais palavras invariáveis.Ex.: vira(verbo) - lata(substantivo)/ vira-latas

•Elementos ligados por preposição: só o primeiro elemento é flexionado.Ex.: mula-sem-cabeça/ mulas-sem-cabeça

•Palavras repetidas ou onomatopaicas: só o segundo elemento é flexionado.Ex.: pingue-pongue/ pingue-pongues, reco-reco/ reco-recos

•Quando o segundo elemento limita ou determina o primeiro: só o primeiro elemento é flexionado.
Ex.: caneta-tinteiro/canetas-tinteiro, peixe-boi/ peixes-boi

Grau

É a possibilidade de indicar o tamanho do ser que nomeia.

Os substantivos podem estar em três graus:

- **normal**
- **aumentativo**
- **diminutivo**

As variações de grau podem ser feitas de duas formas:
Analítica: Acréscimo de um adjetivo: casa pequena/grande, pé pequeno/grande

Sintética: Acréscimo de um sufixo: casinha-casebre/, pezinho/pezão

Alguns sufixos utilizados na formação do grau sintético:

Grau diminutivo: -inho, -zinho, -ebre, -im, -acho, -ejo, -eta, -ote...

Ex.: amorzinho, riacho, lugarejo

Grau aumentativo: -ona, -ázio, -aça, -az, -arra...

Ex.: bocarra, copázio, mulherona

Dicas:

A variação de grau dos substantivos pode trazer um efeito especial ao contexto. O diminutivo muitas vezes expressa carinho, afeto, menosprezo...
(Que gatinho lindo!; Que mulherzinha vulgar!). O aumentativo pode expressar brutalidade, desprezo...(Ele tem o maior narigão!)

Adjetivo é uma classe gramatical que serve para caracterizar o substantivo. **Locução adjetiva** é uma expressão que equivale a um adjetivo. Geralmente é constituída de preposição e substantivo ou preposição e advérbio.
Ex.: mesa de madeira, casa da frente

FLEXÃO - Como o adjetivo concorda sempre com o substantivo, sofrerá as mesmas flexões que ele: gênero, número e grau.

Flexão de Gênero- quanto ao gênero, os adjetivos podem ser:

•**Biformes**- possuem duas formas, uma para indicar cada gênero. Ex.: Que garoto bonito!/ Que garota bonita!

•**Uniformes**- possuem apenas uma forma para indicar os dois gêneros. Ex.: Marcos era um aluno inteligente./Carla era uma aluna inteligente. Nos adjetivos compostos, somente o gênero do último elemento varia. Ex.: sapato azul-claro/ sandália azul-clara

Atenção:

Flexão de Número

•Os adjetivos simples seguem as mesmas regras dos substantivos simples para flexionarem em número. Ex.: útil/úteis, feroz/ferozes

•Adjetivos compostos: só o segundo elemento varia. Ex.: sapato marrom-escuro/ sapatos marrom-escuros·

Atenção: Quando o segundo elemento do adjetivo composto for um substantivo, o adjetivo permanecerá invariável. Isso acontece principalmente para adjetivos que indicam cor. Ex.: sofá marrom-café/ sofás marrom-café.

•O adjetivo composto surdo-mudo varia os dois elementos: surdos-mudos

Flexão de Grau

A flexão de grau corresponde à variação em intensidade da qualidade expressa pelo adjetivo.

- **Grau comparativo:**

  Igualdade. Ex.: Este cão é tão feroz quanto aquele.
  Superioridade. Ex.: Este cão é mais feroz que aquele.
  Inferioridade. Ex.: Este cão é menos feroz que aquele.

- **Grau superlativo:**

Absoluto

sintético. Ex.: Este cão é ferocíssimo.
analítico. Ex.: Este cão é muito feroz.

Relativo

superioridade. Ex.: Este cão é o mais feroz do bairro.
inferioridade. Ex.: Este cão é o menos feroz do bairro

Alguns adjetivos possuem formas especiais para o comparativo e o superlativo sintéticos.

Observe:

Adjetivo: pequeno, grande, mau, bom.

Comparativo: menor, maior, pior, melhor.

Superlativo: mínimo, máximo, péssimo, ótimo.

Artigo - Classe variável que define ou indefine um substantivo.

Podem ser:

• **Definidos**: o/a, os/as

• **Indefinidos** : um/uma, uns/umas

Flexionam-se em: **Gênero** e **Número**

Servem para:

•Substantivar uma palavra que geralmente é usada como pertencente a outra classe. Ex.: calça verde (adjetivo)/ o verde (substantivo) da camisa, não (advérbio) quero/ "Deu um não (substantivo) como resposta".

•Evidenciar o gênero do substantivo. Ex.: o colega/ a colega, o dó, o cônjuge

Muitas vezes, os artigos se unem às preposições: no, do, numa, à...

Numeral

Classe que expressa quantidade exata, ordem de sucessão, organização...

Os numerais podem ser:

•**Cardinais**- indicam uma quantidade exata.
Ex.: quatro, mil, quinhentos

• **Ordinais**- indicam uma posição exata.
Ex.: segundo, décimo

• **Multiplicativos**- indicam um aumento exatamente proporcional. Ex.: dobro, quíntuplo

• **Fracionários**- indicam uma diminuição exatamente proporcional. Ex.: um quarto, um décimo

Dicas:

Numeral (cinco, segundo, um quarto) é diferente de número (5, 2º ,1/4). Evite usar números em seu texto. Eles deverão ser usados para dados, estatísticas, datas, telefones...

Leitura dos numerais 1-Numeral antes do substantivo
A leitura será ordinal: X volume- décimo volume; XX página- vigésima página

2-Numeral depois do substantivo

•A leitura será ordinal de 1 a 10: volume X- volume décimo; página XX- página vigésima

•A leitura será cardinal de 11 em diante: pauta XII- pauta doze; século XX- século vinte

casa do concurseiro
sinta-se em casa para estudar conosco

Português

Classes Gramaticais

Professor Arthur Scandelari

CLASSES GRAMATICAIS

1. (FIOCRUZ – FIOCRUZ – 2016)

Das frases abaixo, aquela em que a palavra "mal" está empregada como conjunção é:

a) Os leigos costumam falar mal dos cientistas.
b) O mal com o mal se paga.
c) O cientista respondeu mal à pergunta que lhe fizeram.
d) Mal apareceram os primeiros sinais da doença, o paciente foi internado.
e) O misticismo faz mal à ciência.

Classes gramaticais

- Adjetivo
- Advérbio
- Artigo
- Conjunção
- Numeral
- Interjeição
- Preposição
- Pronome
- Substantivo
- Verbo

Invariáveis

- Adjetivo
- Advérbio
- Artigo
- Conjunção
- Numeral
- Interjeição
- Preposição
- Pronome
- Substantivo
- Verbo

Sem função sintática

- Adjetivo
- Advérbio
- Artigo
- Conjunção
- Numeral
- Interjeição
- Preposição
- Pronome
- Substantivo
- Verbo

1. Adjetivo

- Qualifica os substantivos.
- Refere-se aos substantivos.
- Concorda com eles.

Exemplos: *casa bonita, céu azul, pessoas jovens.*

2. Advérbio

- Expressa circunstância.
- Refere-se a adjetivos, verbos ou advérbios.
- Invariável.
- Palavras terminadas em “mente”.

Exemplos: *muito feliz, entendeu bem, bastante perto, certamente.*

3. Artigo

- Determina os substantivos.
- Concorda com eles.
- Transforma as palavras em substantivos.

Exemplos: *os animais, a calçada, um não, uma ideia.*

4. Conjunção

- Liga orações ou termos semelhantes da mesma oração.
- Invariável.
- Não exerce função sintática.

Exemplos: *e, mas, ou, portanto, porque, como, embora, se, conforme, quando.*

Voltando à questão 1

Frase em que a palavra "mal" atua como **conjunção**:

a) Os leigos costumam falar mal dos cientistas.
b) O mal com o mal se paga.
c) O cientista respondeu mal à pergunta que lhe fizeram.
d) Mal apareceram os primeiros sinais da doença, o paciente foi internado.
e) O misticismo faz mal à ciência.

2. (Consulplan – Pref. de Cascavel – 2016)

De acordo com a classe de palavras, assinale a relação INCORRETA.

a) "O jovem quer explorar tudo a sua volta." — Pronome.
b) "Observa-se, também, que muitas jovens..." — Advérbio.
c) "Existem algumas características que..." — Conjunção.
d) "Outro fator importante a ser considerado..." — Adjetivo.
e) "Um período que se manifesta por transformações físicas..." — Preposição.

5. Numeral

- Indica quantidade.
- Os números (1, 2, 3...) são algarismos, não numerais.

Exemplos: *zero, um, dois; primeiro, segundo; metade, terço; dobro, triplo; dezena, dúzia, centena.*

6. Interjeição

- Expressa emoções.
- Invariável.
- Não exerce função sintática.

Exemplos: *ah! alô! bis! bravo! chi! oba! oh! oxalá! puxa! viva!*

7. Preposição

- Conecta os termos da frase.
- Invariável.
- Não exerce função sintática.

Exemplo: *Mudou-se de Cuiabá para Campo Grande.*

8. Pronome

- Substitui ou acompanha o substantivo.
- Variáveis e invariáveis.

Exemplos: *Aquela pedra, nosso carro, ela nasceu, muita gente, quem sabe...*

Voltando à questão 2

Assinale a relação INCORRETA.

a) "O jovem quer explorar tudo a sua volta." — Pronome.
b) "Observa-se, também, que muitas jovens..." — Advérbio.
c) "Existem algumas características que..." — Conjunção.
d) "Outro fator importante a ser considerado..." — Adjetivo.
e) "... que se manifesta por transformações..." — Preposição.

9. Substantivo

- É o nome dos seres.
- Os determinantes (artigo, pronome, numeral) transformam qualquer palavra em substantivo.

Exemplos: *mesa, cachorro, justiça, Brasil, Maria, felicidade, cardume, duende, fada.*

10. Verbo

- Expressa ação ou qualidade.
- É a classe que mais varia.

Exemplos: *ser, ter, estar, poder, fazer, ir, haver, dizer.*

Análise morfológica

O homem de setenta e seis anos que escalou a

montanha mais alta do mundo exclamou:

"Você também consegue. Coragem!"

3. (FGV – Compesa – 2016 – adaptada)

A frase em que a palavra ***mais*** tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) "A mais estranha coisa sobre o futuro é...".
b) "O futuro ainda lhes reserva mais aventuras".
c) "... a maioria se prepara para viver mais tarde".
d) "Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que...".
e) "Há ladrões que nos roubam o que é mais precioso: o tempo".

Contexto

O clube tem muitos troféus.

Ele fala muito.

O muito é pouco.

Voltando à questão 3

A frase em que a palavra *mais* tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) "A mais estranha coisa sobre o futuro é...".
b) "O futuro ainda lhes reserva mais aventuras".
c) "... a maioria se prepara para viver mais tarde".
d) "Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que...".
e) "Há ladrões que nos roubam o que é mais precioso: o tempo".

Gabarito: **1.** D **2.** C **3.** B

Classes Gramaticais

Classes Gramaticais e Tempos Verbais

- **Classes Gramaticais:**

A parte da gramática que estuda as classes de palavras é a morfologia. Assim, segundo um estudo morfológico da língua portuguesa, as palavras podem ser analisadas e catalogadas em dez classes de palavras (ou classes gramaticais) distintas, sendo elas: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

- ***Substantivo:***

Substantivos são palavras que nomeiam seres, lugares, qualidades, sentimentos, noções, entre outros. Podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (diminutivo, normal, aumentativo).

Os substantivos exercerão papel de núcleo das funções sintáticas em que estão inseridos (sujeito, objeto direto, objeto indireto e agente da passiva), sendo certo que, na língua portuguesa, tudo gira em função deles, vez que estão presentes para relacionarem-se com as funções que vêm antes ou depois.

Além disso, os substantivos podem ser divididos e classificados de acordo com as diversas especificidades e referências da língua portuguesa. O quadro a seguir contém os mais importantes e recorrentes:

1. ***Simples***: formados por um só *radical (*flor, tempo, chuva);
2. ***Compostos*****:** formados por mais de um *radical* (couve-flor, passatempo, guarda-chuva);
3. ***Concretos***: coisas palpáveis, reais -ou tidas como reais- (homem, menino, lobisomem, guarda-sol);
4. ***Abstratos***: estados e qualidades, sentimentos e ações, coisas que não são palpáveis (vida, beleza, felicidade, esforço, ansiedade);
5. ***Primitivos*****:** originários, não derivam de outra palavra (pedra, ferro, porta);
6. ***Derivados*****:** derivam de outra palavra (pedreiro, ferreiro, portaria, pobreza, imortal);
7. ***Comuns*****:** quando se referem a seres sem especificá-los (país, cidade, pessoa, coisa);
8. ***Próprios*****:** quando se referem a seres e entidades determinadas (Brasil, Santos, João, Deus);
9. ***Coletivos*****:** conjunto de seres da mesma espécies (álbum, cardume, colmeia, rebanho)

- ### *Artigos:*

Artigos são palavras que antecedem os substantivos, determinando se estes serão definidos ou indefinidos. Os artigos serão flexionados em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), indicando, por consequência, o gênero e o número dos substantivos que acompanham.

Os artigos, como já mencionado, serão classificados em definidos (o, a, os, as) ou indefinidos (um, uma, uns, umas). Ao utilizarmos um dos primeiros antes de um substantivo, verifica-se a presença de especificidade: é certo que “a menina”, por exemplo, quer designar uma menina especifica e que “o país” refere-se a um país em particular. Bom, em se empregando um dos segundos artigos, por outro lado, verifica-se a ausência de especificidade, vez que “uma menina” poderia se tratar de qualquer menina e “um país” não se refere a um país específico.

- ### *Adjetivos:*

Adjetivos são palavras que caracterizam um substantivo, conferindo-lhe uma qualidade, característica, aspecto ou estado. Podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (normal, comparativo, superlativo).

Os adjetivos também possuem classificações: adjetivos simples, compostos, primitivos e derivados, nos mesmos parâmetros em que se classificam os substantivos. Contudo, possuem três classificações não presentes na outra classe, quais sejam:

1. **Adjetivos Biformes:** podem apresentar duas formas de gênero – ex: bonito(a), alto(a), ligeiro(a), rápida(o), iluminada(o), estudiosa(o);
2. **Adjetivos Uniformes:** têm forma única independentemente de gênero – ex: competente, veloz, inteligente, capaz, altruísta;
3. **Adjetivos Pátrios:** qualidade da pessoa conforme local onde nasceu – ex: brasileiro, paulista.

- ***Pronomes:***

Pronomes são palavras que **substituem** o substantivo em determinado ponto de frase (estes são os pronomes substantivos) ou que **acompanham, determinam e modificam** o substantivo, atribuindo-lhe particularidades e características (os pronomes adjetivos). Podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso).

Os pronomes podem ser de seis espécies: pessoais -retos, oblíquos e de tratamento-; possessivos; demonstrativos; relativos; indefinidos, e interrogativos.

1. Pronomes pessoais retos: os pronomes pessoais retos comumente se referem ao sujeito, e são: eu, tu, ele, nós, vós, eles. Os três primeiros estão na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e os três últimos na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do plural, respectivamente.

2. Pronomes pessoais oblíquos: os pronomes pessoais oblíquos referem-se ao objeto direto ou ao indireto, sendo ainda classificados em átonos ou tônicos:

Oblíquos átonos: me, te, o, a, lhe, se, nos, vos, os, as, lhes

Oblíquos tônicos: mim, ti, ele, ela, si, nós, vós, eles, elas.

3. Pronomes pessoais de tratamento: os pronomes pessoais de tratamento são formas mais reverentes de dirigirmo-nos à pessoa com quem estamos falando ou de quem estamos falando. (*Ex.: senhor, senhora, senhorita, Vossa Senhoria, Vossa Santidade, Vossa Majestade, Vossa Excelência,* e, ainda que não mais empregado para imprimir reverência, *você,* entre outros*.).*

4. Pronomes possessivos: estes transmitem, principalmente, uma relação de posse, ou seja, indicam que alguma coisa pertence a uma das pessoas do discurso. (Ex.: meu, minha, sua, teu, tua, nosso, vosso, seus, etc.).

5. Pronomes demonstrativos: situam alguém ou alguma coisa no tempo, no espaço e no próprio discurso quando em relação às pessoas mencionadas nele: quem fala, com quem se fala, de quem se fala... (Ex.: este, essa, aquilo, isto, isso, tal, etc.).

6. Pronomes interrogativos: referem-se sempre à 3ª pessoa gramatical e são comumente utilizados para interrogações, ou seja, para formular perguntas de modo direto ou indireto. (Ex.: que, quem, qual, quais, quanto, quanta, quantos).

7. Pronomes relativos: relacionam-se sempre com o termo da oração que se antecede, servindo de elo de subordinação das orações que iniciam. (Ex.: que, quem, onde, o qual, os quais, cujo, cuja, cujos).

8. Pronomes indefinidos: referem-se sempre à 3ª pessoa gramatical, indicando que algo ou alguém é considerado, de forma indeterminada ou imprecisa. (Ex.: algum, alguma, nenhuma, todos, muitas, nada, algo etc.).

- ***Numerais:***

Numeral é a palavra que indica a posição, quantidade ou o número de elementos, sejam de pessoas ou de coisas quaisquer. Alguns numerais podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), outros são invariáveis. A parte destas, há as seguintes classificações:

Numerais Cardinais: um, sete, vinte e oito, mil etc.

Numerais Ordinais: primeiro, segundo, milésimo, vigésimo etc.

Numerais Multiplicativos: duplo, triplo, quádruplo, sêxtuplo etc.

Numerais Fracionários: um meio, um terço, três décimos etc.

Numerais Coletivos: dúzia, centro, dezena, quinzena etc.

- ***Verbos:***

Verbos são palavras que indicam, genericamente, ações. Os verbos podem ser flexionados em número (singular e plural), pessoa (1ª, 2ª ou 3ª pessoa do discurso), modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), tempo (passado, presente e futuro), aspecto (incoativo, cursivo e conclusivo) e voz (ativa, passiva e reflexiva).

Além de uma ação (como *correr*), verbos podem indicar também uma ocorrência (*nascer*), um estado (*ficar*), um desejo (*querer*) ou um fenômeno (*chover*). Assim, o que caracteriza o verbo são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Observe que palavras como corrida,

chuva e nascimento têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem. Ora, são elas substantivos derivados dos verbos correr, chover e nascer, respectivamente.

- ### *Advérbios:*

Advérbios são palavras que modificam verbos, adjetivos ou até outros advérbios por meio da atribuição de uma circunstância específica a eles (um tempo, um lugar, um modo, uma tensidade, etc.). São, em sua maioria, invariáveis, não sendo flexionadas em gênero e número.

Contudo, apesar de não possuírem flexões em gênero e número, alguns advérbios podem ser flexionados em grau, apresentando-se com sentido diminuído ou aumentado. Nesse passo, são dois os graus do advérbio: comparativo e superlativo.

O grau comparativo é utilizado para comparar as diferenças entre os dois objetos, podendo ser de igualdade (tanto quanto), superioridade (mais que) ou inferioridade (menos que). Por outro lado, o superlativo realiza uma determinação absoluta, podendo ser classificado em absoluto analítico ou absoluto sintético.

Comparativo

De igualdade: tão+advérbio+quanto; Ex: Renato fala tão alto quanto João

De inferioridade: menos+advérbio+que (do que); Ex: Renato fala menos alto do que João.

De superioridade: mais+advérbio+que (do que); Ex: Renato fala mais alto do que João.

Superlativo

Pode ser analítico, quando acompanhado de outro advérbio, ou sintético, quando formado com sufixos - **Ex1**: Renato fala muito alto. (muito+alto); **Ex2**: Renato fala altíssimo.

Uma dica a respeito dos advérbios: vários deles são palavras terminadas em “ente”, veja: grandemente, demoradamente, pacientemente, frequentemente, problematicamente, lindamente, velozmente, sabiamente, reiteradamente, altruistamente, graciosamente...

Todas atribuem qualidades, especificações a algo. Cuidado somente ao concluir, de maneira equivocada, que outras palavras também terminadas assim sejam advérbios! Há que se analisa-las antes de partir para conclusões.

- ### *Preposições:*

Preposições são simples e fáceis de se identificar na oração. São palavras que estabelecem conexões com vários sentidos entre dois termos da oração. Através de preposições, o segundo

termo (termo consequente) explica o sentido do primeiro termo (termo antecedente). Em outras palavras, a preposição serve para vincular dois termos numa oração. Todas as preposições são invariáveis, não passíveis de flexão em gênero e número.

Importante ressaltar: isoladas da frase, as preposições não possuem qualquer função sintática. Elas não fazem sentido sozinhas.

Ex: após, para, com, de, por, contra, desde, perante, durante, exceto, etc.

Há, ainda, conjunções que levam mais de uma palavra! São as conjunções prepositivas. Ex: ao lado de, antes de, além de, etc.

Vejamos alguns exemplos em sentenças:

O chefe **da** nação lutou **contra** mim **durante** meu tour **pelos** bares da vida. Sua irmã confiava **a** mim seus segredos, **além de** querer-me bem. Seu veleiro fora avaliado **em** um milhão. Nele, nós viajamos **com** o restante da família e comemos bife **a** cavalo. Falamos **sobre** estatística e **a respeito de** aves.

Salvo engano, **sob** meu ponto de vista, tratava-se **de** uma família um tanto peculiar.

- ***Conjunções:***

Conjunções são palavras utilizadas como elementos de ligação entre duas orações ou entre termos de uma mesma oração, estabelecendo relações de coordenação ou de subordinação. São invariáveis, não sendo flexionadas em gênero e número.

Ex: e, nem, mas, todavia, portanto, destarte, porque, que, portanto, como, contanto que, conforme, assim que, quanto mais, etc.

A conjunção estará construindo uma relação de coordenação (conjunção coordenativa) quando estiver sendo feita uma ligação entre orações independentes entre si. Nesses casos, ao se lerem as orações que ela vincula separadamente, encontrar-se-á sentido completo. Por outro lado, a relação será de subordinação (coordenação subordinativa) quando o sentido da segunda oração for diretamente relacionado ao conteúdo da primeira. Nesses casos, ao se lerem as orações vinculadas separadamente, elas perderão o sentido.

Ora, diferenciam-se as conjunções das preposições porque, além de vincularem termos, estabelecendo relação semântica entre eles, as conjunções dão alguma indicação argumentativa ao texto. Revelam alguma intenção, por assim dizer. Vejamos alguns exemplos em sentenças:

Eu a amo **mas** não posso com ela estar. Disse-lhe **que** era tarde... **também** já usei todas as rosas de que dispunha **e** nada mudou. **Como** um tonto, tentei de tudo. Fui teimoso **porque** pensei que meu jardim resplandeceria. **Quanto mais** acreditava, **mais** orquídeas apareciam em minha vida. **E** eu as regava diariamente, **então** foi mais difícil cortar as raízes.

Caso houvesse oportunidade **e** sentimento, faria tudo de novo.

- ***Interjeições:***

Interjeições são palavras que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, etc. São invariáveis e seu significado fica dependente da forma como elas são pronunciadas pelos interlocutores. Estão comumente atreladas a situações enfáticas.

As interjeições possuem diversas classificações de acordo com a forma como o interlocutor as utiliza, podendo ser de cumprimentos (Olá!, Ei!), de afastamento (Xô!, Rua!), de desaprovação (Basta!, Francamente!), de alívio (Ufa!, Uf!), de silêncio (Psiu!, Silêncio!), entre muitas outras.

Gramática Tradicional – Morfologia

Apoio Pedagógico ao Núcleo Comum

Tutora: Thais Torres Guimarães

thaistorresg@gmail.com

O que é MORFOLOGIA?

FORMA

ESTUDO

Segundo a NGB:

1) Estrutura e formação das palavras
2) Flexões das palavras
3) Classificação das palavras

Aspecto **lexical**: origem; formação e estrutura

Aspecto **gramatical**: classificação; categorias gramaticais; paradigmas flexionais

1.1) Estrutura das palavras

- MORFEMAS → menores unidades portadoras de significado; significantes mínimos e indivisíveis; recorrentes e altamente produtivos; apresentam ordem rígida

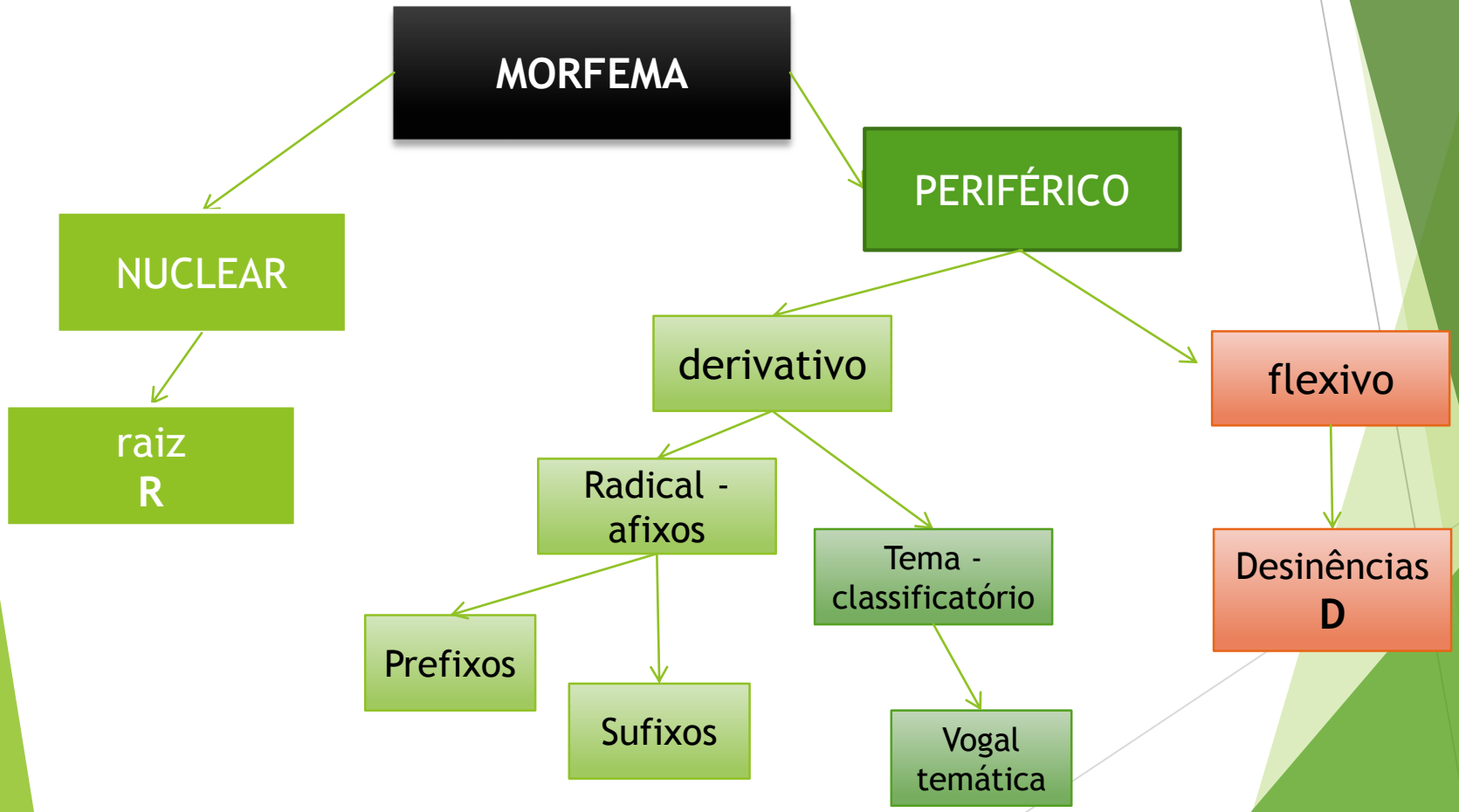

LUFT, 2002 – p. 120

Raiz

morfema nuclear

- Elemento **originário** e **irredutível**; **concentra** a **significação** das palavras desde o **aspecto histórico**
- **Parte da palavra que carrega o sentido lato e geral**

  Ex.: *reg*- (cf. o latim *regŭla*)

  → *reg*ular; *reg*ra; des*reg*rado; *reg*er
- Elemento **comum** a todas as **palavras da mesma família**

  Ex.: *plant*-: *plant*ar; *plant*ação; im*plant*e

- Se obtém eliminando afixos, vogal temática e desinências

Qual é a raiz?

- Trabalho
  - A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, termo formado pela junção dos elementos *tri*, que significa “três”, e *palum*, que quer dizer “madeira”.
- **Educar**
  - Do latim *educare*, *educere*, que significa literalmente “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”.
- **Marketing**
  - Do inglês *market*, que significa “mercado”.
- **Ética**
  - Do grego ethos, que significa “caráter”, “costume” ou “modo de ser”.

Fonte: http://www.dicionarioetimologico.com.br/

Radical

- Elemento que funciona como segmento lexical (significativo) da palavra; **perspectiva sincrônica** (língua atual)

Ex.: PEDREIRA

PEDR- (radical)

EIR + *A* (desinências)

- Radical primário = radical de afixo <u>zero</u>

Ex.: fé; mal; paz

- Radical X Raiz

Ex.: Água → agu- (radical); aqu- (raiz)

Qual é o radical?

- Amigavelmente
- Deslealdade
- Anoitecer
- Realizar
- Louvavas

- Amigo
- leal
- noite
- Real
- Louv

Afixo

morfema periférico - derivativo

- Função: formação de palavras derivadas
  - mudar o sentido da palavra;

Ex.: cristão → anticristo

  - introduzir alguma ideia secundária;

Ex.: coitado → coitadinho

  - incluir palavras em categorias gramaticais ou classe de palavras

Ex.: combate → combater

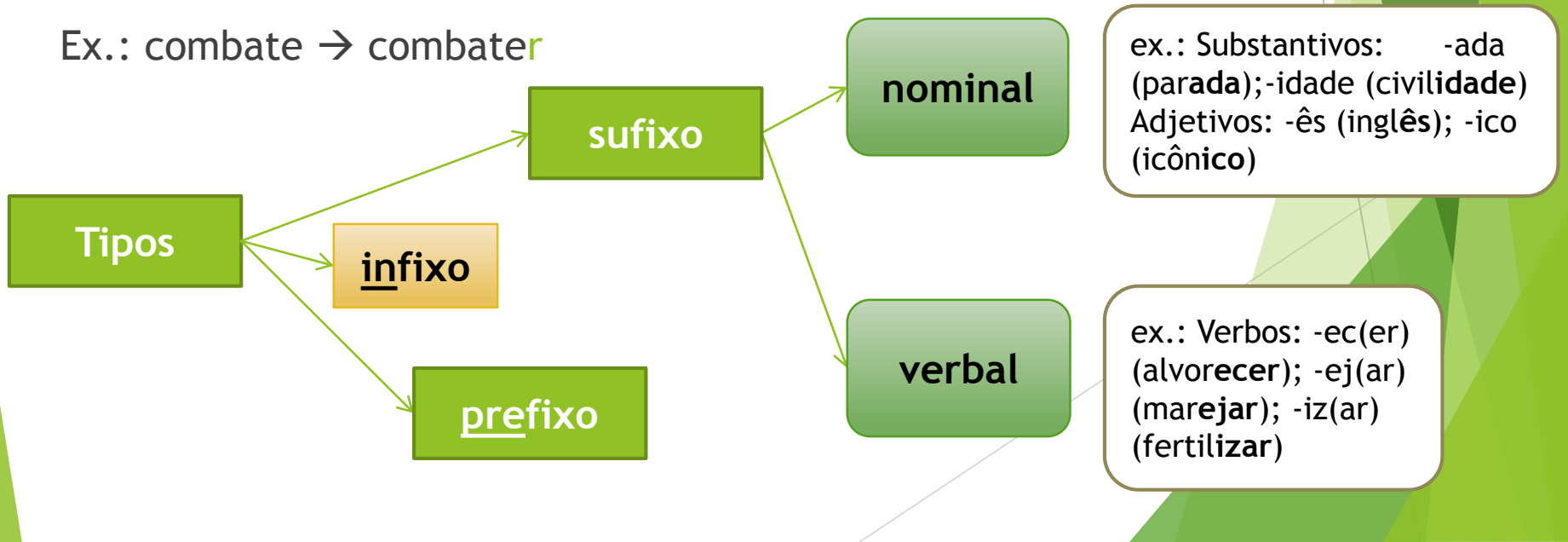

Quais são os afixos de...?

Nutricionista diz que Alexandre Borges pode comer o que ele quiser e ninguém tem nada com isso

http://www.sensacionalista.com.br/2016/09/16/nutricionista-diz-que-alexandre-borges-pode-comer-o-que-ele-quiser-e-ninguem-tem-nada-com-isso/

Deus, para a felicidade do homem, inventou a fé e o amor. O Diabo, invejoso, fez o homem confundir fé com religião e amor com casamento.

Machado de Assis

https://pensador.uol.com.br/frases_celebres/

Vogal temática

morfema periférico - derivativo

- Elemento que se acrescenta à raiz/radical para constituir um tema de flexão

radical	Vogal temática	desinência

Menin- + o + a (feminino) = menina

flor- + e + s (plural) = flores

- Função:
  - Marcar <u>classe</u> de palavras dos <u>nomes</u> (substantivos e adjetivos)

Ex.: A, E, O → aul**A**; clas**E**; alt**O**

  - Marcar <u>classe</u> de palavras dos <u>verbos</u>;

Ex.: A(-ar); E (- er); I (-ir) → compr**A**r; com**E**r; sa**I**r

Desinência

morfema periférico – flexivo

- Elementos terminais que indicam as **flexões** das palavras variáveis
- Função: indicar flexão de gênero (feminino/ masculino); número (singular/plural); pessoa (1ª, 2ª, 3ª); modo-tempo-aspecto (-ia: comia; -se: fosse)

verbais

Imperfeito do indicativo: anda**va**
Pretérito perfeito indicativo: sai**u**
Mais-que-perfeito do indicativo: fala**ra**

Verbo-nominais

Infinitivo –re: cantar
Particípio –do: ama**do**
Gerúndio –ndo: come**ndo**

nominais

Gênero
masculino: Ø - aluno; feminino: A – alun**a**
Número
singular: Ø - aluna; plural: S - alun**as**

Radical e Tema

- Constituintes das palavras
- Radical → raiz/radical primário
- Tema → raiz/radical primário + vogal temática

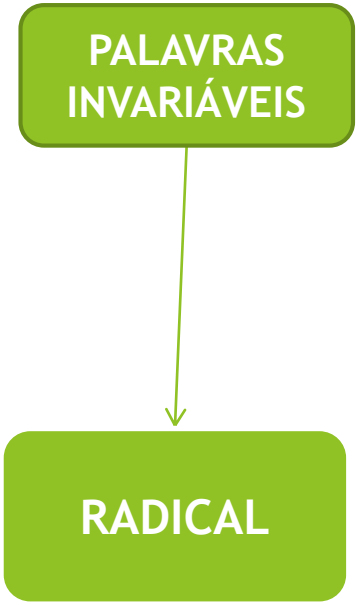

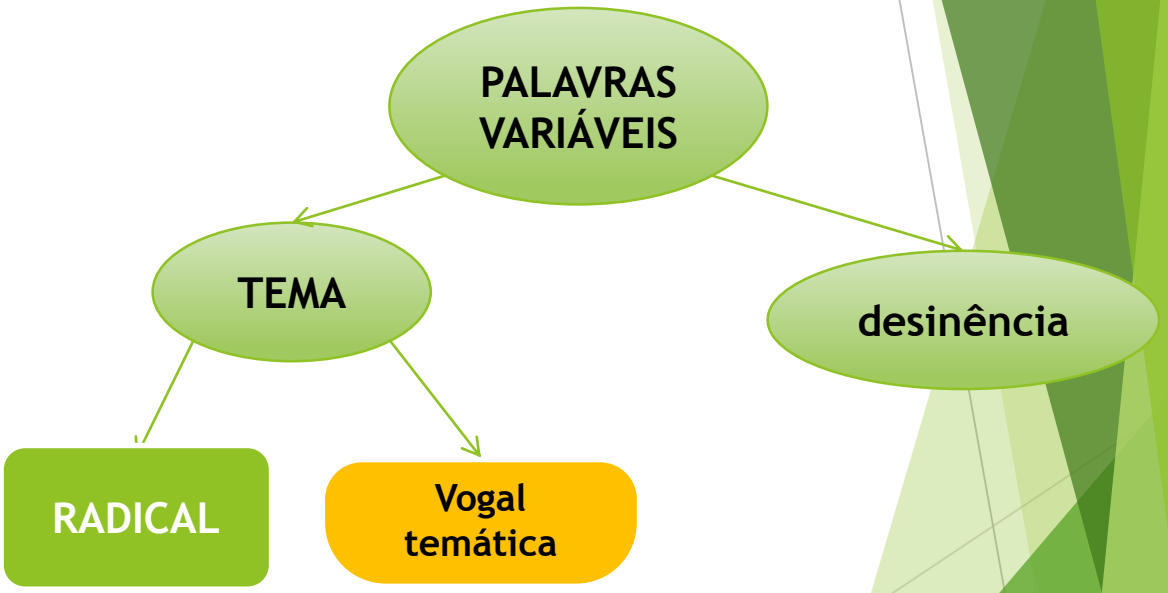

Ex.: sol; feliz

Ex.: am- + o + r + e + s = amores

Qual é a vogal temática? Qual é o tipo de desinência?

Sensacionalista teve acesso a PowerPoint do MPF com verdadeiras denúncias contra Lula

http://www.sensacionalista.com.br/2016/09/14/sensacionalista-teve-acesso-a-powerpoint-do-mpf-com-verdadeiras-denuncias-contra-lula/

- Sensacionalista
- Teve
- Acesso
- Verdadeiras
- Denúncias

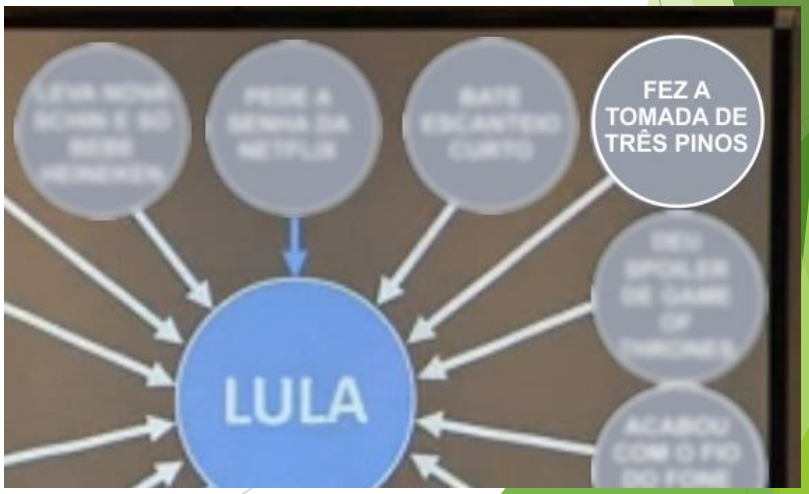

Vogal e consoante de ligação

- Função: facilitar a pronúncia das palavras (eufonia)
- Não afetam a significação das palavras

CONSOANTE DE LIGAÇÃO:

Ex.: capim + al = capin**Z**al

VOGAL DE LIGAÇÃO:

Ex.: desenvolver + mento = desenvolv**I**mento

Família de palavras-COGNATOS

- têm uma raiz comum; formam uma família lexical/etimológica

Ex.: *fac* → facção; façanha; fácil; fator; infecção

anima → alma; animal; animar; almejar; ânimo

1.2) Formação das palavras

DERIVAÇÃO

- Formada por uma só palavra
- Raiz + afixos

Derivação sufixal
Ex.: roup(a)**RIA**; civil**IZAR**

Derivação prefixal
Ex.: **ANTI**aéreo; **SUB**produto

Derivação parassindética (prexifo-sufixal)
Ex.: Amanh**ECER**; **DES**alm**ADO**

Derivação regressiva
Ex.: português → **portuga**; jantar → janta; cinema**tógrafo** → cinema

COMPOSIÇÃO

- Formada por uma combinação de palavras
- Radical + Ø → palavras simples
- Radical + radical

Ex.: guarda + chuva = guarda-chuva

(justaposição)

manda + chuva = mandachuva (figurão)

(aglutinação)

Resumo

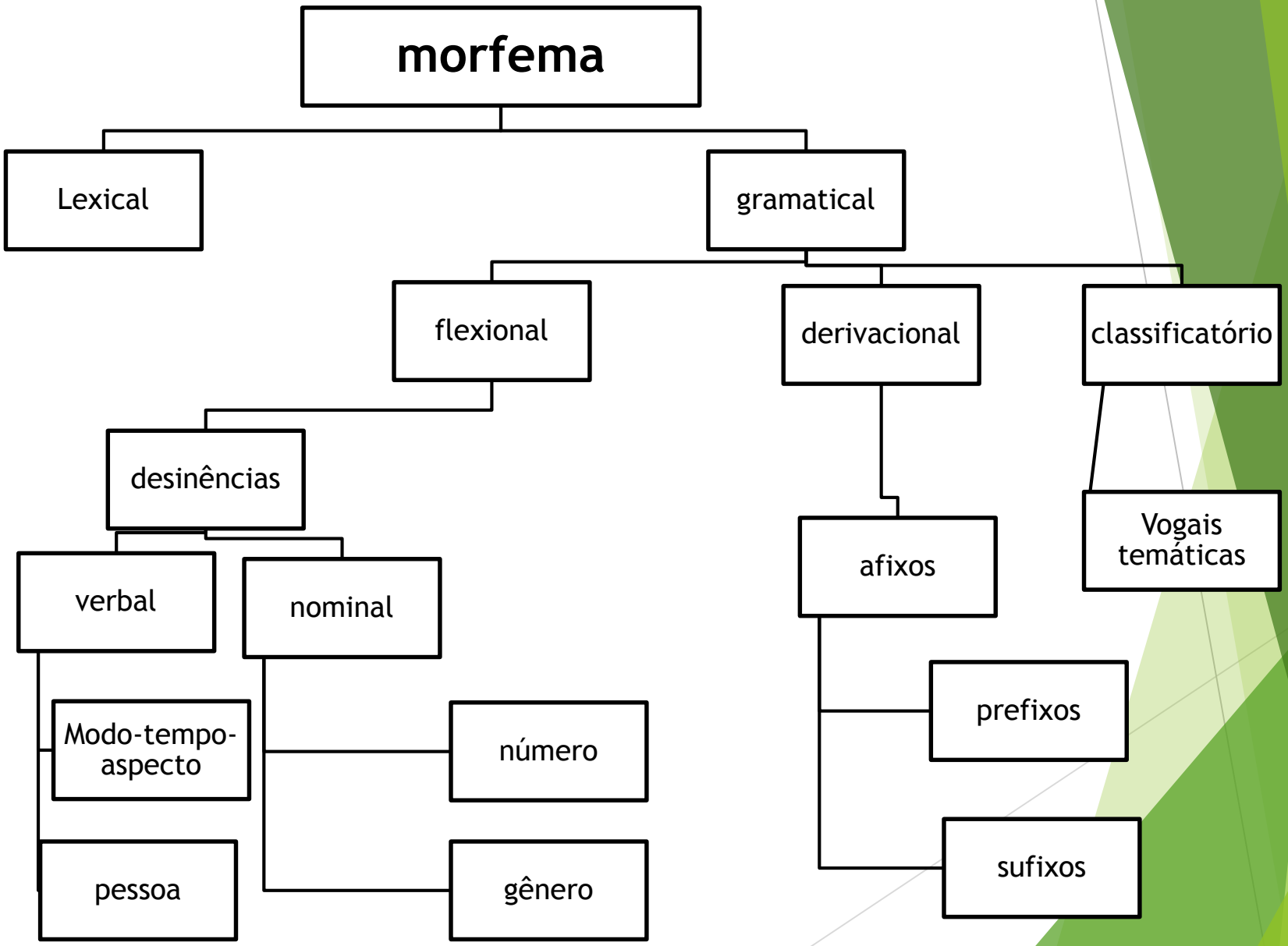
morfema
Lexical
gramatical
flexional
derivacional
classificatório
desinências
verbal
nominal
Modo-tempo-aspecto
pessoa
número
gênero
afixos
prefixos
sufixos
Vogais temáticas

2) Flexões das palavras

Palavras variáveis

- Recebem morfemas:
  - gênero e número (substantivo e adjetivo);
  - gênero, número e pessoa (pronome);
  - modo-tempo-aspecto, número-pessoa (verbo)

Palavras invariáveis

- Não apresentam flexões
  - Advérbio;
  - Preposição;
  - Conjunção;
  - Interjeição

3) Classificação das palavras

- Classificar consiste em **ordenar** itens de acordo com um determinado **critério**

Ex.:

O amor é a arte de criar algo com a **ajuda** da capacidade do outro.

Bertolt Brecht

- Pela NGB, há 10 classes de palavras ou classes gramaticais;
- Os critérios são categoriais, morfológicos, semânticos e sintáticos ao mesmo tempo;
- Há palavras que pertencem a um grupo aberto (lexicais) e outras a um grupo fechado (gramaticais)

3.1) Substantivos

- Palavras que **designam** seres (CEGALLA e LUFT)
- Classe de lexema que se caracteriza por significar (...) substâncias e (...) objetos mentalmente apreendidos(...) sejam qualidades, estados, processos. (BECHARA)

- FLEXÕES: gênero e número, grau (?–LUFT, CEGALLA)

duquesa/duque camisetas/pires coisíssima (nenhuma)

3.1) Substantivos - TIPOS

- **Comuns X Próprios**

Bolt quebra novo recorde de velocidade ao saber que saiu com ex de traficante

http://www.sensacionalista.com.br/2016/08/23/bolt-quebra-novo-recorde-de-velocidade-ao-saber-que-saiu-com-ex-de-traficante/

- **Concretos X Abstratos**

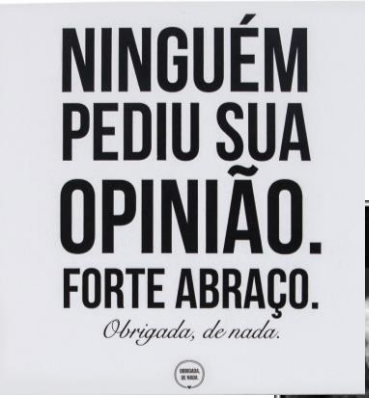

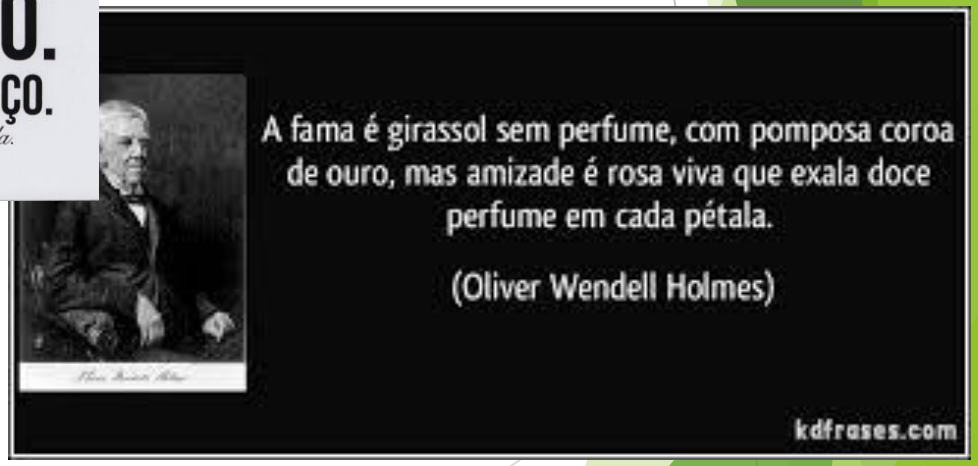

- **Simples X Compostos**

- **Primitivos X Derivados**

- **Coletivos** → álbum; arquipélago; século; penca; feixe

3.1) Substantivos funções sintáticas

- Pode funcionar na oração como:
  - Núcleo do sujeito

Ex.: **Branca de Neve**, outra que marcou presença na festa, comentou a situação e defendeu a amiga.

  - Núcleo do predicativo

Ex.: “onde estão os **príncipes** hoje em dia?”

  - Núcleo do objeto

Ex.: “Não comi **maçã** de bruxa nenhuma, mas conversar com esses **caras** me deu um sono…”

3.2) Artigos

- Palavra que se antepõe aos substantivos para **determinar** ou não os seres
- Indica, ao mesmo tempo, **gênero** e **número** dos substantivos

	DEFINIDOS		INDEFINIDOS	
	singular	plural	singular	plural
Masculino	**o**	**os**	**um**	**uns**
Feminino	**a**	**as**	**uma**	**umas**

- Exemplos:

A sorte ajuda **os** audazes. (Virgílio)

Quando **um** homem tem força de vontade, os deuses dão **uma** ajuda. (Ésquilo)

https://pensador.uol.com.br/ajuda/

3.3) Adjetivo

- Palavras que expressam **qualidades** ou **características** dos seres
- Se refere sempre a um substantivo, mesmo que subentendido
- Flexão: gênero, número e grau

<u>velh**a**</u> pergunta <u>belas</u> armaduras mais cedo

- Primitivos X derivados;

final **feliz** espadas **embainhadas**

- simples X compostos

calças **brancas** cabelo **castanho-claro**

3.3) Adjetivo - TIPOS

- **(a) Adjetivos pátrios**

Ex.: Saltador francês que comparou brasileiro à Alemanha nazista recebe sugestão de como levar vara para casa

- **(b) Adjetivos eruditos → significam '*relativo a*', '*próprio de*'**

Ex.:

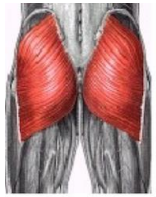

Glúteo Máximo

Glúteo Médio

Glúteo Mínimo

- **(c) Locução adjetiva**

Ex.:

3.3) Adjetivo - Graus

Comparativo

- De igualdade

Tão bom quanto

- De inferioridade

"nos **piores** dias mal se levantava da cama"

- De superioridade
  - Analítico

"Galvão Bueno e Neymar em crise? Relembre os 6 momentos **mais lindos** deste romance"

  - Sintético

"...é até **melhor** que a pessoa não esteja tão bonita assim"

Superlativo

- Absoluto
  - Analítico

"Dias **muito atribulados** para a ciência..."

  - Sintético

Dias **atribuladíssimos**

- Relativo
  - Superioridade

Os dias **mais atribulados de todos** dessa semana

  - Inferioridade

Os dias **menos atribulados de todos** dessa semana

3.4) Numeral

- Palavra que exprime quantidade, número (cardinal), ordem numérica (ordinal), múltiplo (multiplicativo) ou fração (fracionário)
- Refere-se a um substantivos ou o substitui
- Estão incluídas nesta categoria: **ZERO** e **AMBOS(AS)**

Ex.:

3.4) Numeral - flexão

- Os cardinais são invariáveis, exceto: um /uma; dezenas acima de cem: duzentos/duzentas
- Os ordinais variam em gênero e número

"... ela diz que vai ver todas as escolas mas seu recorde foi assistir até a **terceira**. Esse ano não foi diferente. Quando a **segunda** agremiação entrou na Avenida..."

"Geralmente o **décimo terceiro** desaparece num monte de despesas pequenas que a gente não conta. Na verdade o melhor seria termos um **décimo quarto** salário ou mesmo um **décimo quinto**"

"de agora em diante **cinco** pessoas da família de cada noivo assine a certidão junto com os cônjuges."

3.5) Pronomes

- Palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso
- Palavra que faz referência a um substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada no discurso
- **TIPOS:** Pessoais; Possessivos; Demonstrativos; Indefinidos; Relativos; Interrogativos

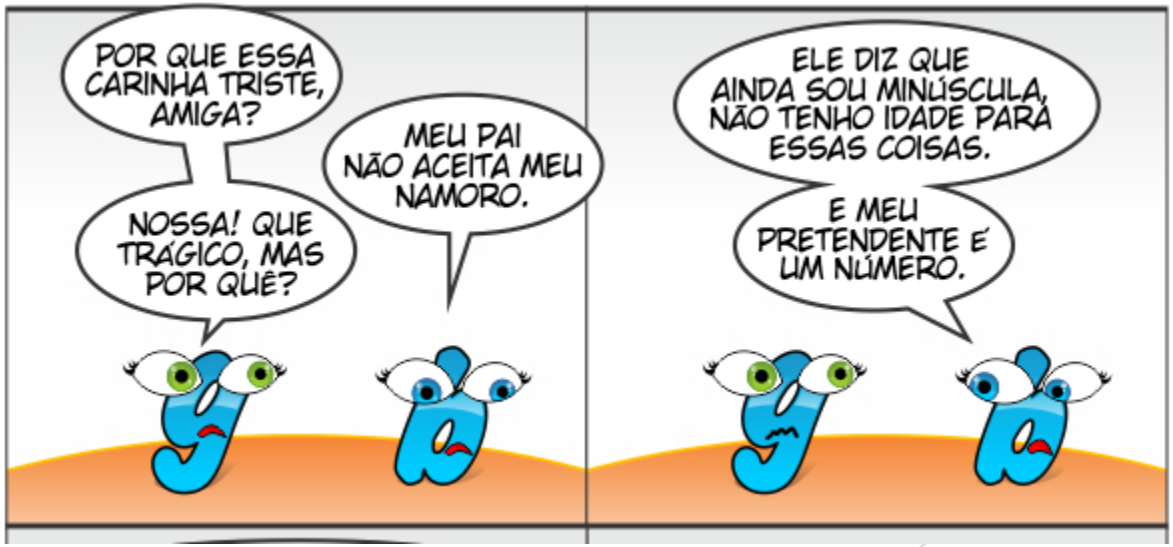

3.5.1) Pronomes pessoais

Pronomes Pessoais				
número	**pessoa**	**pronomes retos**	**pronomes oblíquos**	
			tônicos	*átonos*
singular	1ª	eu	mim, comigo	me
	2ª	tu	ti, contigo	te
	3ª	ele, ela	si, consigo	se, o, a, lhe
plural	1ª	nós	nós, conosco	nos
	2ª	vós	vós, convosco	vos
	3ª	eles, elas	eles, elas, si, consigo	se, os, as, lhes

3.5.2) Pronomes de tratamento

Pronomes de tratamento	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para:
Você	V.	V.V	Amigos mais íntimos, familiares
Senhor, senhora	Sr., Srª.	Srs. Srªs.	Pessoas com as quais se mantém um tratamento mais respeitoso
Vossa Senhoria	V. Sª.	V.Sªs.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, tais como: correspondências, requerimentos, ofícios, entre outros.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Exªs.	Altas autoridades, como: Senadores, Presidente da República, Deputados.
Vossa Eminência	V. Emª.	V. Emªs.	Cardeais
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques
Vossa Santidade	V. S.	-	O Papa
Vossa Reverendíssima	V. Revmª.	V. Revmªs.	Sacerdotes e religiosos em geral
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas
Vossa Magnificência	V. Magª.	V. Magªs.	Reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas

Pronomes de tratamento

3.5.3) Pronomes demonstrativos

- Indicam lugar, posição ou a identidade dos seres tendo como ponto de vista as pessoas do discurso

Pessoas	Variáveis				Invariáveis
	Masculino		Feminino		
	Singular	Plural	Singular	Plural	
1ª	Este	Estes	Esta	Estas	Isto
2ª	Esse	Esses	Essa	Essas	Isso
3ª	Aquele	Aqueles	Aquela	Aquelas	Aquilo

Pronomes demonstrativos

(Jim Davis. *Folha de S. Paulo*, 11/9/2002.)

3.5.4) Pronomes relativos

- Representam substantivos previamente referidos, com os quais estão relacionados

Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
o qual	a qual	os quais	as quais	que
quanto	quanta	quantos	quantas	quem
cujo	cuja	cujos	cujas	onde

Pronomes relativos

▲ LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 29 mar. 2003.

3.5.5) Pronomes indefinidos

- Se referem à 3ª pessoa do discurso, fazem uma designação vaga, imprecisa ou indeterminada.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguns, alguma, algumas	alguém
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	tudo
todo, todos, toda, todas	outrem
outro, outros, outra, outras	algo
muito, muitos, muita, muitas	cada
pouco, poucos, pouca, poucas	mais
certo, certos, certa, certas	ninguém
vário, vários, vária, várias	nada
tanto, tantos, tanta, tantas	menos
quanto, quantos, quanta, quantas	demais
um, uns, uma, umas	
bastante, bastantes	
qualquer, quaisquer	

Pronomes indefinidos

3.5.6) Pronomes interrogativos

- Semelhantes aos pronomes relativos, são usados em frases interrogativas; ocorrem em perguntas diretas quanto em indiretas e ser empregados como **pronomes substantivos** ou como **pronomes adjetivos**
- **Ex.:**

Pronome interrogativo adjetivo: Quantos meses faz que você não lava sua roupa?

Pronome interrogativo substantivo: Quem lavou minhas roupas?

Interrogativa direta: Que horas são?

Interrogativa indireta: Gostaria de saber quem falou na reunião.

que - quem - qual - quais - quanto
quantos - quanta - quantas
como - onde - quando

Pronomes interrogativos

3.5.6) Pronomes possessivos

- Se referem às pessoas do discurso e lhes atribui posse de alguma coisa

Pronomes possessivos			
masculino		feminino	
singular	plural	singular	plural
meu	meus	minha	minhas
teu	teus	tua	tuas
seu	seus	sua	suas
nosso	nossos	nossa	nossas
vosso	vossos	vossa	vossas
seu	seus	sua	suas

PROFESSORA LEONOR NEVES

Pronomes possessivos

3.6) Verbos

- Palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno; é indispensável na organização do período (CEGALLA)
- Exprime um **processo inserido no tempo**: uma ação, um fenômeno, um estado ou mudança de estado (LUFT)
- Classe de palavra mais rica em flexões: pessoa do discurso, número, tempo, modo, aspecto, voz

3.6) Verbos - classificações

- Flexão
  - Regular → **compr**ar; **compr**ou; **compr**arei; **compr**aria
  - Irregular → caber; coube; caberia; coubesse; caiba
  - Anômalo → ser; era; és; sou; será; fosse

- Conjugação
  - 1ª, 2ª e 3ª conjugação →**pensar / reler / abrir**
  - Defectivo →**doer** - eu ?; ele dói; **colorir** - eu?; nós colorimos
  - Abundante → **aceitar** - aceitado/aceito; **matar** – matado/morto

- Locução verbal
  - Auxiliar*
  - Principal

Ex.:"Esse ano não tem Dia do Beijo. Seria **comemorado** hoje"

3.6) Verbos - modos

- Indicativo
- Imperativo
- Subjuntivo

3.6) Verbos – formas nominais

- Infinitivo
- Gerúndio
- Particípio

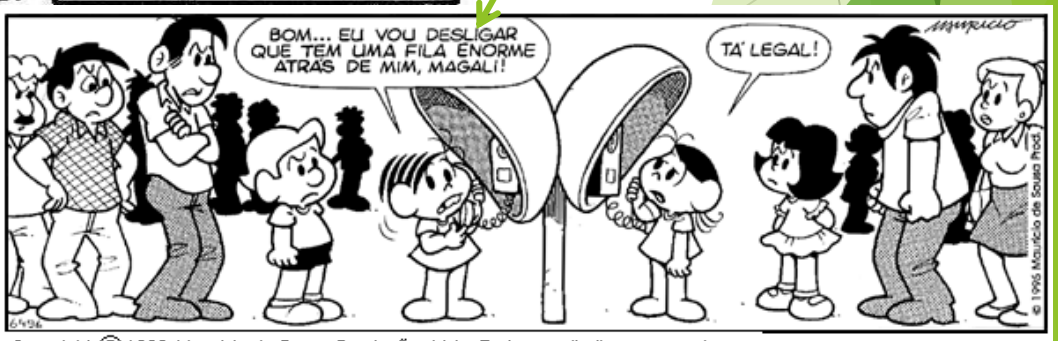

3.6) Verbos – voz

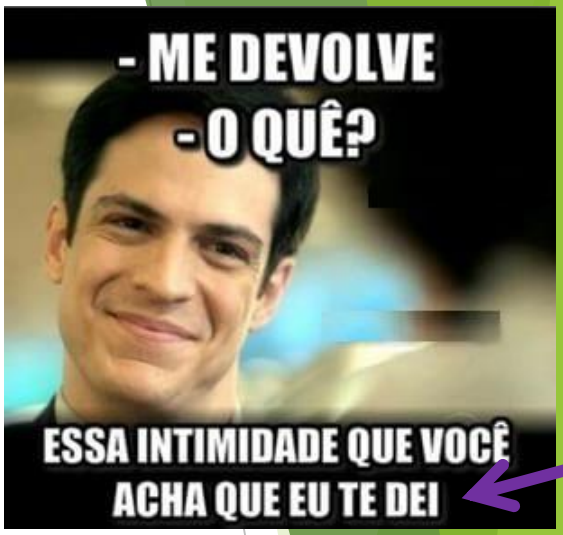

- Ativa
- Passiva
- Reflexiva

Ex.:

Chaveiro de Flavinha Saraiva em tamanho natural é <u>souvenir mais vendido da olimpíada</u>

3.6) Verbos tempos

TEMPO VERBAL COMPOSTO		ESTRUTURA	EXEMPLO
MODO INDICATIVO	PRETÉRITO PERFEITO	TER/HAVER no **presente do indicativo** + particípio	*Temos/havemos estudado*
	PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO	TER/HAVER no **pretérito imperfeito do indicativo** + particípio	*Tínhamos/havíamos estudado*
	FUTURO DO PRESENTE	TER/HAVER NO **futuro do presente do indicativo** + particípio	*Teremos/haveremos estudado*
	FUTURO DO PRETÉRITO	TER/HAVER no **futuro do pretérito do indicativo** + particípio	*Teríamos/haveríamos estudado*
MODO SUBJUNTIVO	PRETÉRITO PERFEITO	TER/HAVER no **presente do subjuntivo** + particípio	*Tenhamos/hajamos estudado*
	PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO	TER/HAVER no **pretérito imperfeito do subjuntivo** + particípio	*Tivéssemos/houvéssemos estudado*
	FUTURO	TER/HAVER no **futuro do subjuntivo** + particípio	*Tivermos/houvermos estudado*
FORMAS NOMINAIS	INFINITIVO IMPESSOAL	TER/HAVER + particípio	*Ter/haver estudado*
	INFINITIVO PESSOAL	TER/HAVER no **infinitivo pessoal** + particípio	*Termos/havermos estudado*
	GERÚNDIO	TER/HAVER no **gerúndio** + particípio	*Tendo/havendo estudado*

3.7) Advérbio

- Palavra de natureza nominal ou pronominal que acrescenta à significação de um **verbo**, de um **adjetivo**, de outro **advérbio** ou de toda **uma frase** (LUFT)

Ex.:

Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar. William Shakespeare

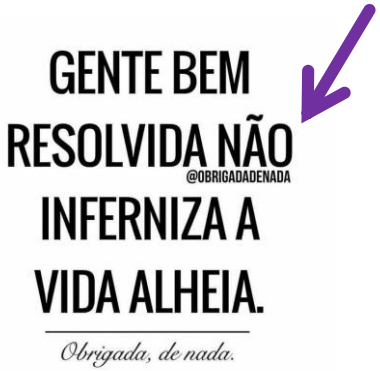

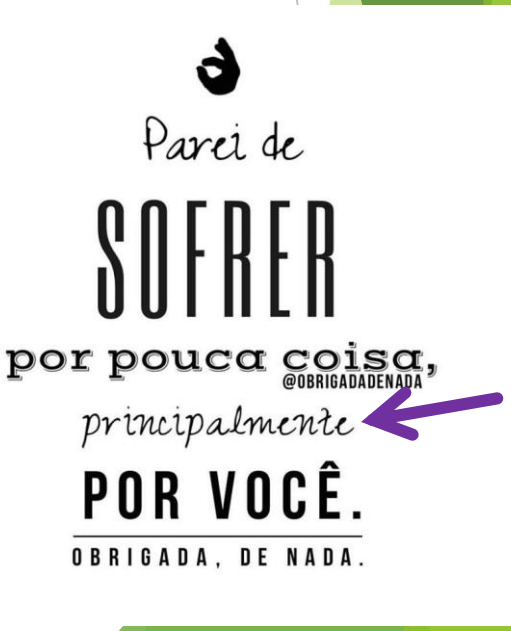

3.7) Advérbio - tipos

Circunstâncias representadas	Advérbios
Lugar	aqui, ali, cá, lá, longe, perto, abaixo, acima, à direita, à esquerda, ao lado, etc.
Tempo	hoje, ontem, amanhã, atualmente, depois, agora, já, de repente, de vez em quando, à tarde, à noite, etc.
Afirmação	sim, decerto, certamente, sem dúvida, realmente, efetivamente, etc.
Intensidade	muito, pouco, bastante, demais, mais, menos, bem, tanto, quanto, quase, apenas, etc.
Modo	calmamente, humildemente, bem, mal, frente a frente, às claras, às pressas, à vontade, de mansinho, etc.

3.7) Advérbio - tipos

Circunstâncias	Advérbios
Causa	por que – Por que não veio à aula?
Lugar	onde – Onde Pedro reside atualmente?
Modo	como – Como consegue conviver com este tormento?
Tempo	quando – Quando comemoraremos a tão sonhada vitória?
Negação	não, nunca, jamais, de modo algum, de jeito nenhum, absolutamente, etc.
Dúvida	talvez, quiçá, provavelmente, possivelmente, porventura, acaso, etc.

3.7) Advérbio – locução adverbial

- Preposição + substantivo – valor de advérbio

3.8) Preposição

- “Palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos” (CEGALLA, p.268)
- “Palavra gramatical com função subordinativa chamada regência. Conectivo subordinante” (LUFT, p. 185)

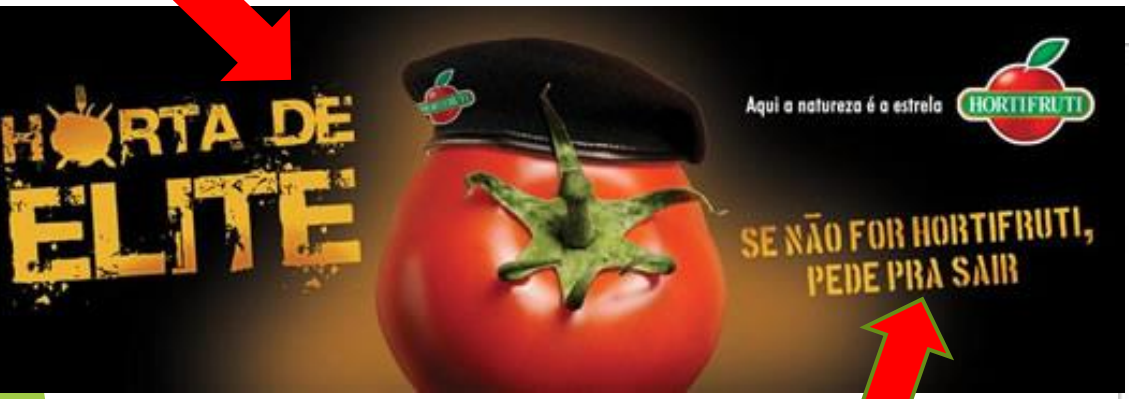

3.8) Preposição - Tipos

- Essenciais

a; ante; até; após; de; desde; em; entre; com; contra; para; por; perante; sem; sob; sobre

- Acidentais - palavras de outras classes que funcionam como preposições

Conforme; consoante; durante; exceto; fora; mediante; não obstante; segundo

3.8) Preposição - Tipos

- Locuções prepositivas

abaixo de; acerca de; acima de; apesar de; depois de; diante de; em vez de; em fase de; graças a; junto a; junto com; às custas de; defronte de; através de; em via de; sob pena de; ao encontro de; a respeito de

- *Crase – contração da preposição “a” com o artigo feminino “a” ou “as” e com o “a” inicial de “aquele/ aquela/aquilo”

3.9) Conjunção

- “Palavra gramatical invariável que estabelece coordenação ou subordinação entre dois membros da oração ou entre uma palavra e uma oração, entre duas orações, e, mais raramente entre dois períodos.” (LUFT, p.189)

3.9) Conjunção – tipos

- Coordenativas
  - Aditivas
  - Adversativas
  - Alternativas
  - Conclusivas
  - Explicativas

3.9) Conjunção – tipos

- Subordinativas
  - Causais
  - Comparativas
  - Concessivas
  - Condicionais
  - Conformativas
  - Consecutivas
  - Finais
  - Proporcionais
  - Temporais
  - Integrantes

3.9) Interjeição

- Vozes ou exclamações vivas, recurso da linguagem afetiva ou emocional (CEGALLA)
- É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos (BECHARA)

Análise morfológica

- Identificar a classe das palavras, sua classificação, seus acidentes gramaticais (gênero, número, pessoa, etc.) e identificar-lhes o processo de formação e elementos que as constituem.

<u>Exemplo:</u>

- Um:
- Maluco:
- Sincero:
- Vale:
- Muito:
- Mais:
- Do:
- Que:
- Príncipe:
- Mentiroso:

Análise morfológica

- Analise as frases:

  - Ex-piloto de corrida ganha medalha no ciclismo 15 anos após acidente em que teve pernas amputadas

  - A revelação do próprio filho de que ele era gay mudou para sempre a percepção do Reverendo Danny Cortez, da Igreja Batista New Heart Community Church, na Califórnia, Estados Unidos, sobre os gays.

http://razoesparaacreditar.com/

Referências

- CEGALLA, Domingos P. Novíssima gramática da língua portuguesa. 48ªed. Companhia Editora Nacional, 2008.
- LUFT, Celso P. Moderna gramática brasileira. 2ªed. São Paulo: Globo, 2002.
- http://portugues.uol.com.br/gramatica/pronomes-pessoais-obliquos.html
- http://www.sensacionalista.com.br/
- COELHO, Sueli. Hand out: Categorias morfológicas e estrutura das palavras. 2011

Extra

- Resumo + exercícios: http://professorricardoandrade.blogspot.com.br/2010/08/morfologia_19.html

- Exercícios morfologia

http://www.soportugues.com.br/secoes/exercicios.php?indice=1

http://exercicios.brasilescola.uol.com.br/exercicios-gramatica/exercicios-sobre-analise-sintatica-morfologica.htm#questao-1

http://www.coladaweb.com/exercicios-resolvidos/exercicios-resolvidos-de-portugues/classes-gramaticais

https://vamospraticar.blogspot.com.br/2014/01/1-simulado-de-morfologia-100-questoes.html

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria completa e mais de 1.300 questões comentadas

3ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

e-book gratuito do livro
As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui MATERIAL COMPLEMENTAR
Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

© 2017, Método Editora Ltda
.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 3. ed. – Rio de Janeiro :Método, 2017 . 1611 p . – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1
Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têngue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio*, *felds-pa-to*, *sols-tí-cio*, *pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo*, *me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**qu**ei(s)**; **ór**g**ão(s)**, **ór**f**ã**, **í**m**ãs**; **á**g**uam**, en**xá**g**uem**; **fá**c**il**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**t**ons**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**p**is**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so**fá**(s), ax**é**(s)*, bon**gô**(s), vin**tém**(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).
* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz.*

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

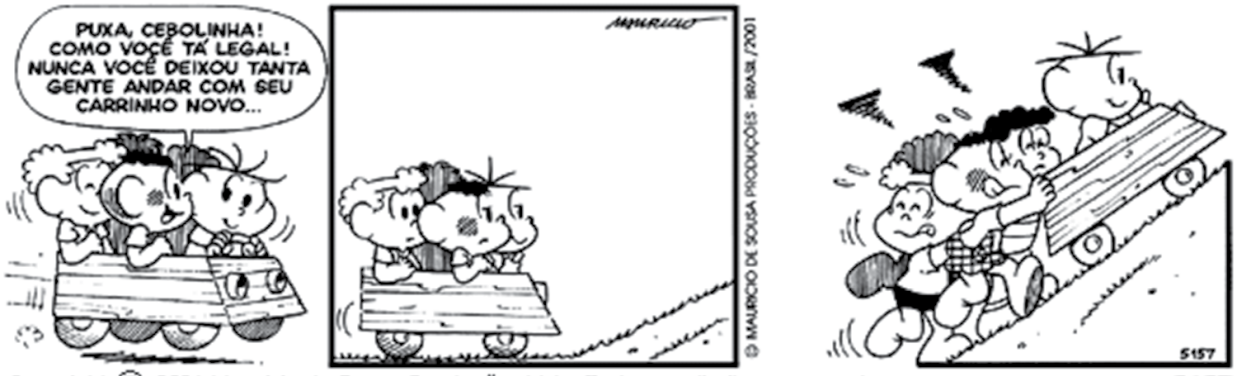

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

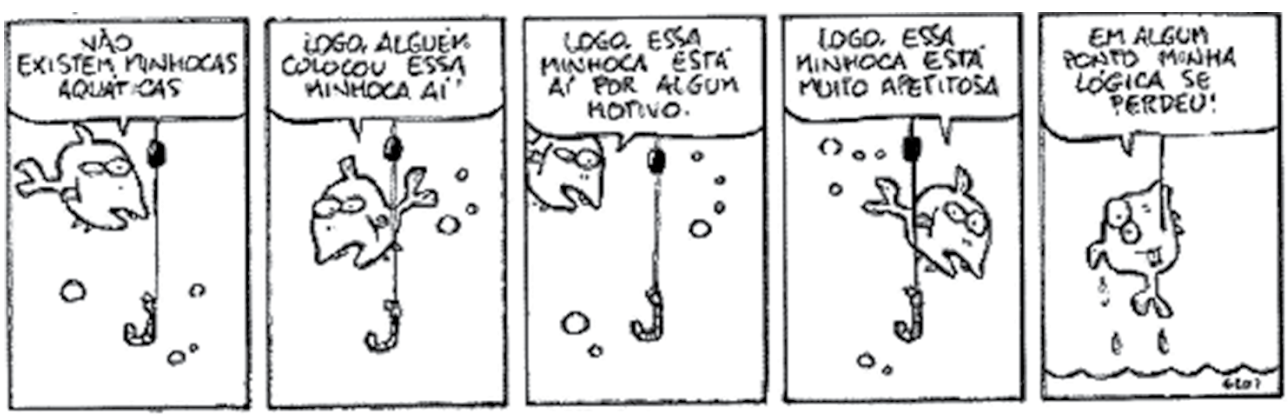

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 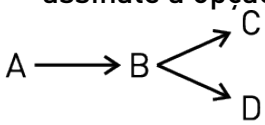

b) 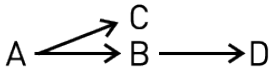

c)

d) 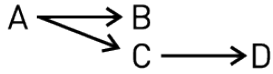

e) 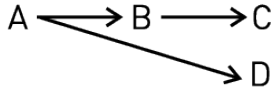

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

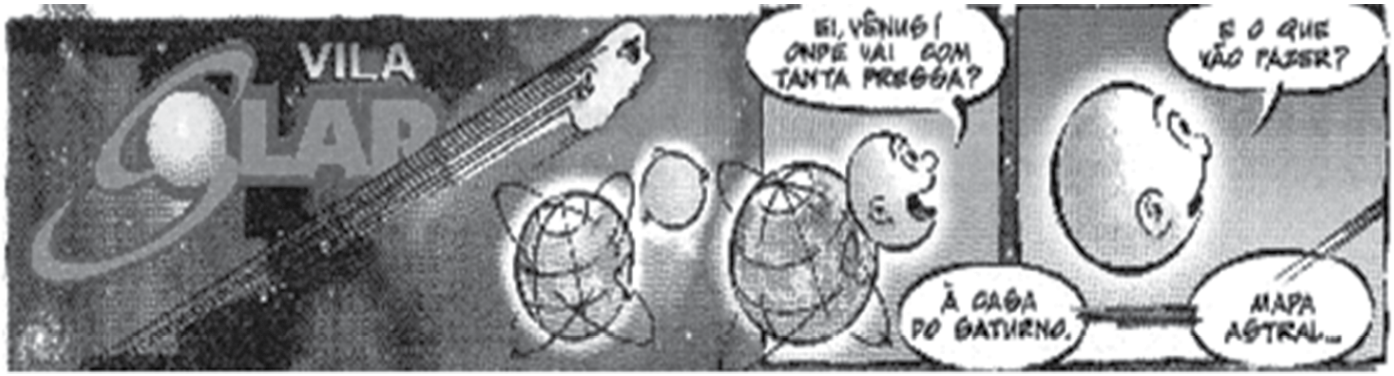

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria completa e mais de 1.300 questões comentadas

3ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

e-book gratuito do livro
As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui MATERIAL COMPLEMENTAR
Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

© 2017, Método Editora Ltda
.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 3. ed. – Rio de Janeiro :Método, 2017 . 1611 p . – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1
Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têngue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio*, *felds-pa-to*, *sols-tí-cio*, *pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo*, *me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**qu**ei(s)**; **ór**g**ão(s)**, **ór**f**ã**, **í**m**ãs**; **á**g**uam**, en**xá**g**uem**; **fá**c**il**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**t**ons**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**p**is**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so**fá**(s), ax**é**(s)*, bon**gô**(s), vin**tém**(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).
* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz.*

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

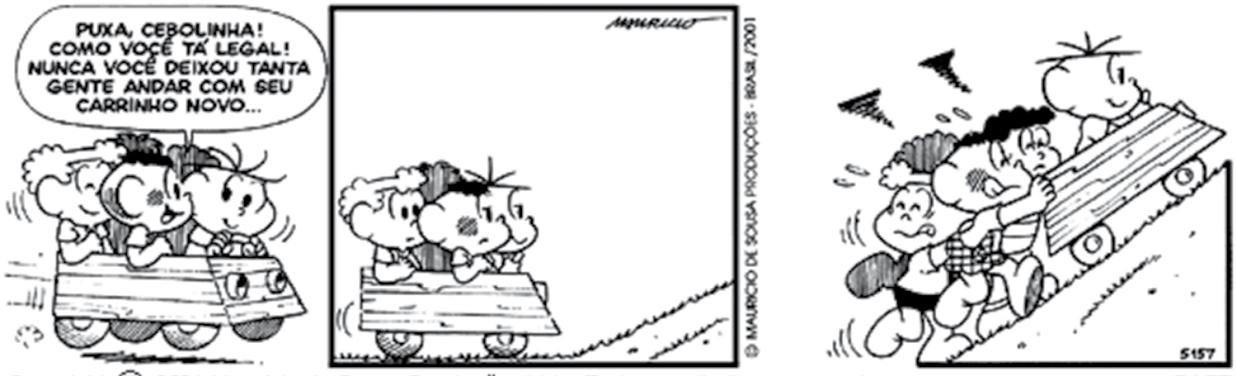

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

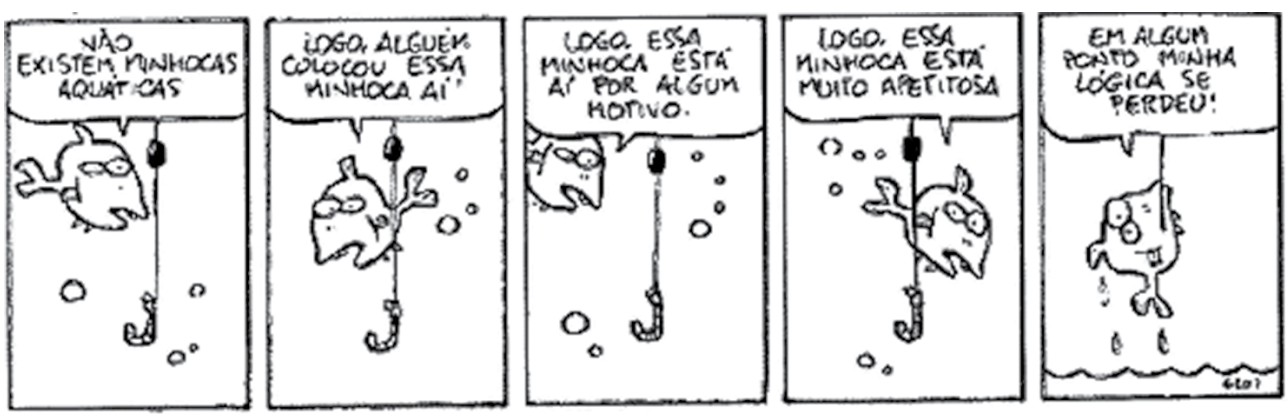

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 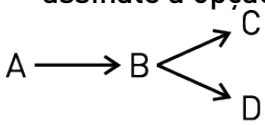

b) 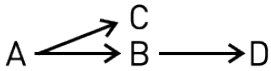

c)

d) 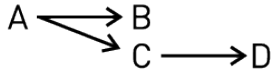

e) 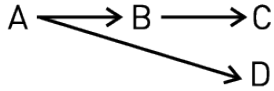

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

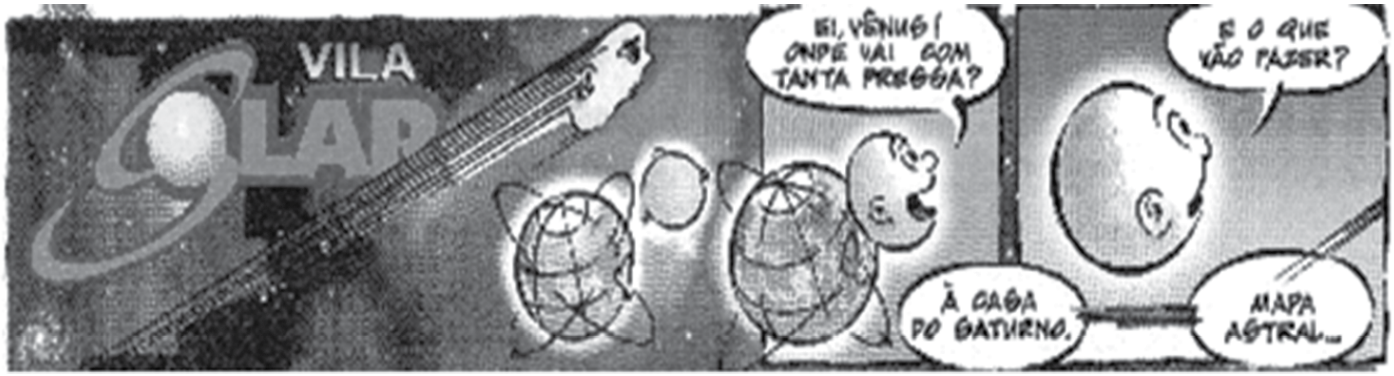

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria completa e mais de 1.300 questões comentadas

3ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

e-book gratuito do livro
As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui MATERIAL COMPLEMENTAR
Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

© 2017, Método Editora Ltda
.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 3. ed. – Rio de Janeiro :Método, 2017 . 1611 p . – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1
Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têngue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio*, *felds-pa-to*, *sols-tí-cio*, *pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo*, *me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**qu**ei(s)**; **ór**g**ão(s)**, **ór**f**ã**, **í**m**ãs**; **á**g**uam**, en**xá**g**uem**; **fá**c**il**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**t**ons**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**p**is**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so**fá**(s), ax**é**(s)*, bon**gô**(s), vin**tém**(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).
* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz.*

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

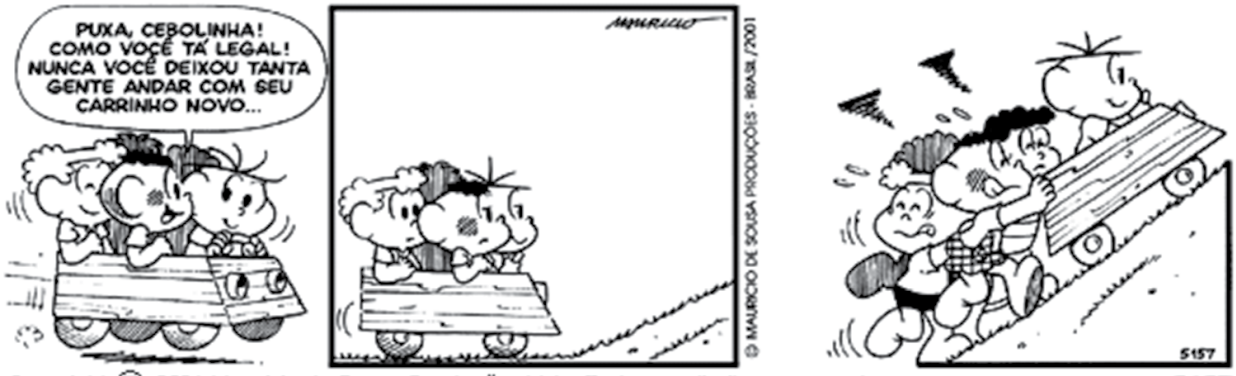

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

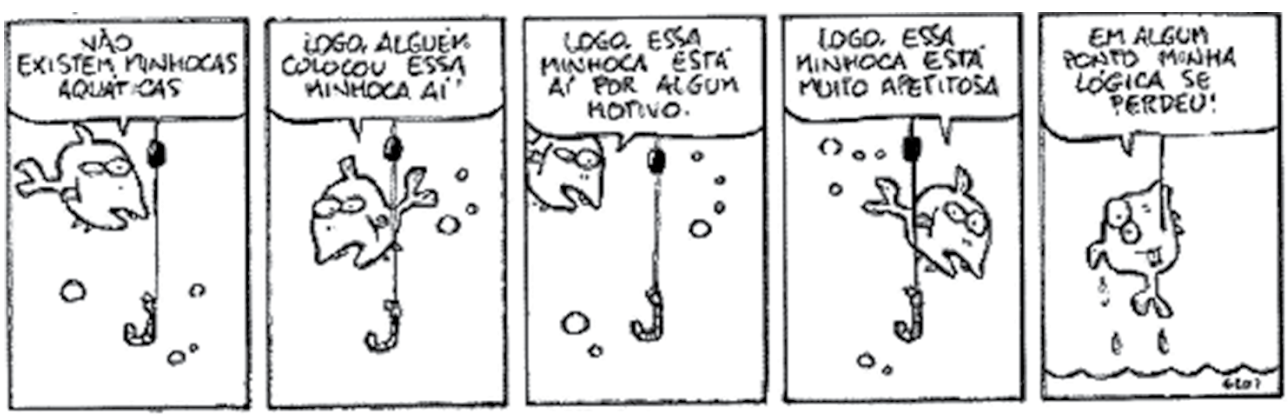

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 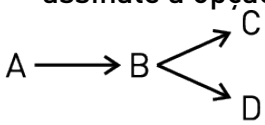

b) 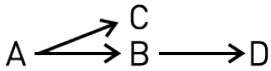

c)

d) 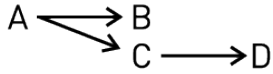

e) 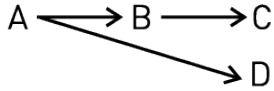

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

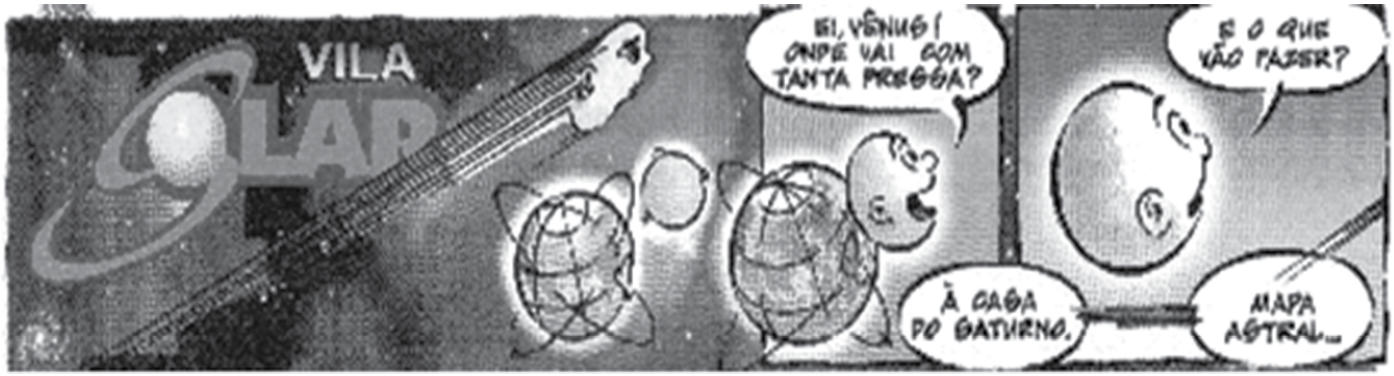

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria completa e mais de 1.300 questões comentadas

3ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

e-book gratuito do livro
As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui MATERIAL COMPLEMENTAR
Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

© 2017, Método Editora Ltda
.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 3. ed. – Rio de Janeiro :Método, 2017 . 1611 p . – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1
Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têngue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio*, *felds-pa-to*, *sols-tí-cio*, *pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo*, *me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**qu**ei(s)**; **ór**g**ão(s)**, **ór**f**ã**, **í**m**ãs**; **á**g**uam**, en**xá**g**uem**; **fá**c**il**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**t**ons**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**p**is**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so**fá**(s), ax**é**(s)*, bon**gô**(s), vin**tém**(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).
* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz.*

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

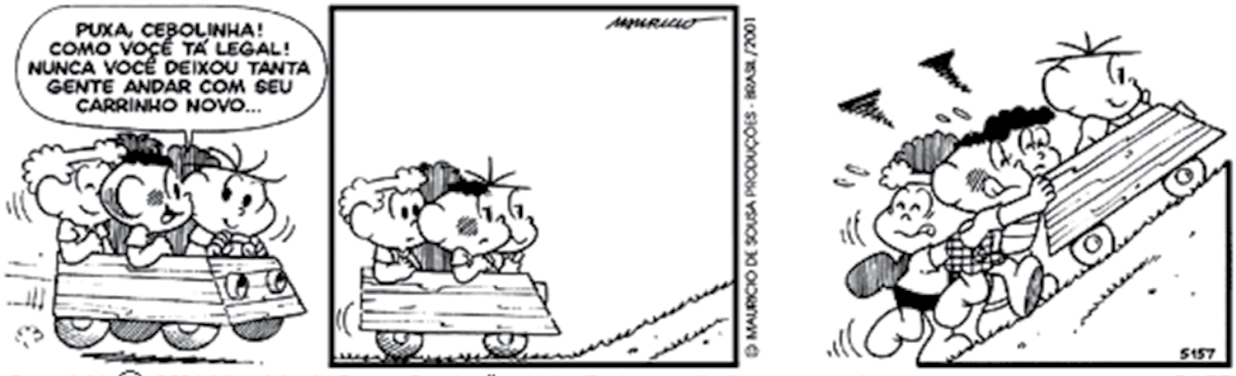

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

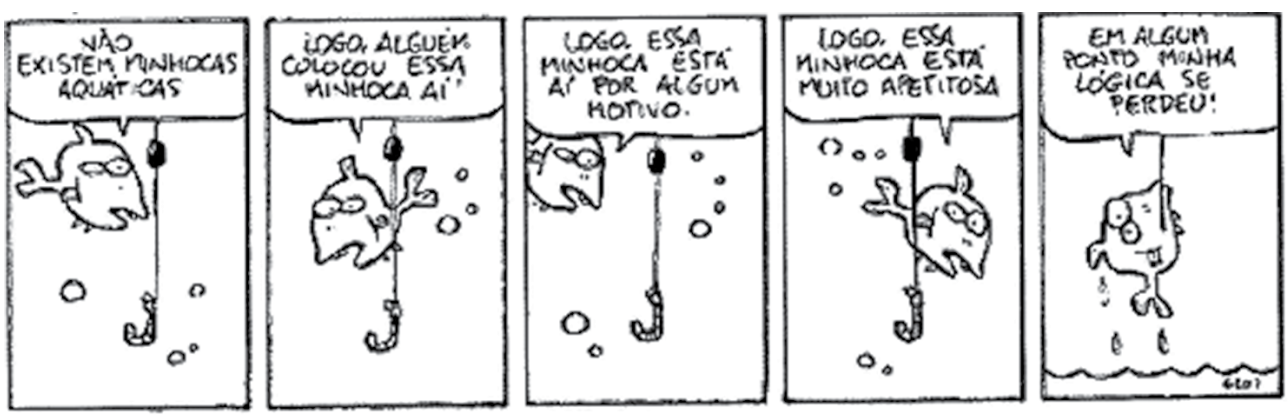

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 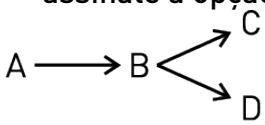

b) 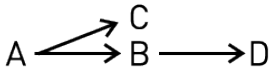

c)

d) 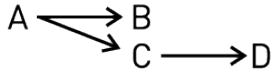

e) 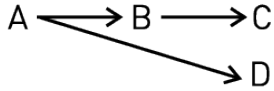

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

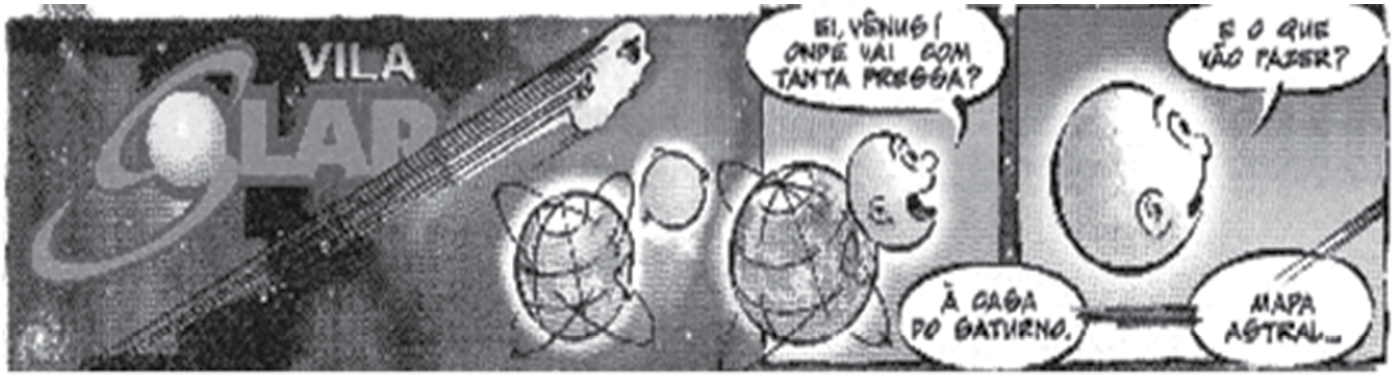

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

39.ª edição

Nova edição revista e ampliada pelo autor

Todos os pontos gramaticais cobrados em concursos e em sala de aula

Moderna Gramática Portuguesa

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Representante brasileiro do novo Acordo Ortográfico

Moderna Gramática Portuguesa

Nova edição revista e ampliada pelo autor

Todos os pontos gramaticais cobrados em concursos e em sala de aula

39.ª edição

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2019

© 2019 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Moderna Gramática Portuguesa

1.ª a 36.ª edição – Companhia Editora Nacional
37.ª edição – abril 1999 – Editora Lucerna
38.ª edição – maio 2015 – Editora Nova Fronteira / Editora Lucerna
39.ª edição – setembro 2019 – Editora Nova Fronteira / Editora Lucerna

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B354m
39. ed.
Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. - 39. ed., rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Inclui índice
ISBN 9788520943199

1. Língua portuguesa - Gramática. I. Título.

19-58501 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3’36

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644
19/07/2019 24/07/2019

À memória de

M. SAID ALI,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

EUGENIO COSERIU
JOSÉ G. HERCULANO DE CARVALHO
J. MATTOSO CÂMARA JR.
EMILIO ALARCOS LLORACH
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio da 39.ª edição

Prefácio da 38.ª edição

Prefácio da 37.ª edição

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Introdução

- Breve história externa da língua portuguesa
- Teoria gramatical
- A) Linguagem: suas dimensões universais
- B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural
- C) Língua histórica e língua funcional
- D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico
- E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical

F) Dialeto – língua comum – língua exemplar. correção e exemplaridade. gramáticas científicas e gramática normativa. divisões da gramática e disciplinas afins. linguística do texto

4.1 – Fonética e fonologia

4.2 – Sistema gráfico

4.3 – Alfabeto fonético

4.4 – Gramática e estilística

4.5 – Morfossintaxe

4.6 – Lexicologia

4.7 – Outra vez a estilística

4.8 – Outros tipos de gramática

I - Fonética e fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

Apêndice: Fonética expressiva ou fonoestilística

Fonética expressiva ou fonoestilística

Os fonemas com objetivos simbólicos

Aliteração

Onomatopeia

Vocábulo expressivo

Colisão

Eco

Hiato

Cacofonia ou cacófato

B) Ortoépia ou ortoepia

C) Prosódia

D) Ortografia

II – Gramática descritiva e normativa

A) Formas e funções

Classes de palavras e categorias gramaticais

Classe de palavra e classe verbal

Concretos e abstratos

Próprios e comuns

Passagem de nomes próprios a comuns

Contáveis e não contáveis

Estrutura interna do substantivo

Número

A flexão de número dos substantivos

Gênero

Inconsistência do gênero gramatical

A mudança de gênero

O gênero nas profissões femininas

Formação do feminino

Gênero estabelecido por palavra oculta

Mudança de sentido na mudança de gênero

Gênero de compostos

Gêneros que podem oferecer dúvida:

Aumentativos e diminutivos

Aumentativos e diminutivos afetivos[59]
Função sintática do substantivo
Grafia dos nomes próprios estrangeiros
Instrumentos gramaticais da determinação nominal
Substantivação do adjetivo
Flexões do adjetivo
Número do adjetivo
Formação do plural dos adjetivos
Gênero do adjetivo
Formação do feminino dos adjetivos
Gradação do adjetivo
Alterações gráficas no superlativo absoluto
Comparativos e superlativos irregulares
Repetição de adjetivo com valor superlativo
Comparações em lugar do superlativo
Adjetivos diminutivos
Posição na sequência dos adjetivos
Emprego do artigo definido
Emprego do artigo indefinido
O artigo partitivo
Pessoas do discurso
Classificação dos pronomes
Pronome substantivo e pronome adjetivo
Pronomes pessoais

Pronomes possessivos
Pronomes demonstrativos
Pronomes indefinidos
Locução pronominal indefinida
Pronomes interrogativos
Pronomes relativos
Emprego dos pronomes
Pronome pessoal
Pronome e termos oracionais
Emprego de pronome tônico pelo átono
Ele como objeto direto
Ordem dos pronomes pessoais
Jogos estilísticos de mudança de tratamento
O pronome se na construção reflexa[72]
Concorrência de si e ele na reflexividade
Combinação de pronomes átonos
Função do pronome átono em construções como dar-se ao trabalho, dar-se ao luxo
Pronome pessoal átono e adjunto adverbial
Pronome possessivo
Seu e dele para evitar confusão
Posição do pronome possessivo
Possessivo para indicar ideia de aproximação
Valores afetivos do possessivo
Emprego do pessoal pelo possessivo
Possessivo expresso por uma locução

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido
Repetição do possessivo
Substituição do possessivo pelo artigo definido
O possessivo e as expressões de tratamento do tipo Vossa Excelência
Pronome demonstrativo
Demonstrativos referidos à noção de espaço
Demonstrativos referidos à noção de tempo
Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras
Reforços de demonstrativos
Outros demonstrativos e seus empregos
Posição dos demonstrativos
Pronome indefinido
Empregos e particularidades dos principais indefinidos
Pronome relativo
Relativo universal
Anacoluto no relativo
Escrita dos numerais
A – A distinção de verbos nocionais e relacionais
B – Categorias verbais segundo Roman Jakobson
C – Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu
As pessoas do verbo
Os tempos do verbo
Os modos do verbo
As vozes do verbo

Voz passiva e passividade
Formas nominais do verbo
Conjugar um verbo
Verbos regulares, irregulares e anômalos
Verbos defectivos e abundantes
Locução verbal. Verbos auxiliares
Auxiliares causativos e sensitivos
Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais
Tempos primitivos e derivados
A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas
Alternância vocálica ou metafonia
Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão
Verbos terminados em -zer, -zir: como fazer e traduzir
Variações gráficas na conjugação
Verbos em -ear e -iar
Quando grafar -ear ou -iar
Erros frequentes na conjugação de alguns verbos
Paradigma dos verbos regulares
Conjugação de verbos auxiliares mais comuns
Conjugação do verbo pôr
Conjugação de um verbo composto na voz passiva: ser amado
Conjugação de um verbo pronominal: apiedar-se
Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo pô-lo

Conjugação dos verbos irregulares
1.ª Conjugação:
2.ª Conjugação:
3.ª Conjugação:
Emprego do verbo – Emprego de tempos e modos
1) Indicativo
2) Subjuntivo
3) Imperativo
Emprego das formas nominais
A – Infinitivo histórico
B – Emprego do infinitivo (flexionado e sem flexão):
Apêndice: passagem da voz ativa à passiva e vice-versa
Combinações com advérbios
Advérbio e preposição
Locução adverbial
Circunstâncias adverbiais
O plano “transfrástico” e os advérbios
Advérbios de base nominal e pronominal
Adverbialização de adjetivos
Intensificação gradual dos advérbios
Preposição e significado
Unidades convertidas em preposições
Locução prepositiva
Preposições essenciais e acidentais
Acúmulo de preposições

Combinação e contração com outras palavras
A preposição e sua posição
Principais preposições e locuções prepositivas
Emprego da preposição
1) A
Emprego do à acentuado
A e há
2) Até
3) Com
4) Contra
5) De
6) Em
7) Entre
8) Para
9) Por (e per)
10) Sobre e Sob
Conector e transpositor
Conectores ou conjunções coordenativas
Conjunções aditivas
Conjunções alternativas
Conjunções adversativas
Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas
Transpositores ou conjunções subordinativas

Que e locuções: as chamadas locuções conjuntivas
Que excessivo
Conjunções e expressões enfáticas
Locução interjetiva
B) Estrutura das unidades: análise mórfica
Palavra e vocábulo: conceito
Palavra e morfema
Tipos de morfema na estrutura das palavras
Morfemas aditivos
Morfemas subtrativos
Morfemas modificativos
Os elementos mórficos
Tema
Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos
Diferença entre flexão e derivação
Conceito de raiz ou radical primário
Base lexical real e base lexical teórica
Palavras cognatas
Constituintes imediatos
A parassíntese ou circunfixação
Hibridismo
Haplologia na formação de palavras
Variantes dos elementos mórficos
Neutralização e sincretismo

Graus de coesão de morfemas

Subtração nos elementos mórficos

Morfema zero

Acumulação nos elementos mórficos

Fusão nos elementos mórficos

Suplementação nos elementos mórficos

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos

Renovação do léxico: criação de palavras

Conceito de composição e de lexia[129]

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal

Palavras indivisíveis e divisíveis

Palavras divisíveis simples e compostas

Processos de formação de palavras

Derivação

Sufixos

Prefixos

Prefixos e elementos latinos

Prefixos e elementos gregos

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Outros processos de formação de palavras

Radicais gregos mais usados em português

Famílias etimológicas de radical latino

Outras disciplinas semânticas

A lexemática e as palavras lexemáticas
Estruturas paradigmáticas
Os dois tipos de estruturas primárias
Classe léxica
Estruturas secundárias
Estruturas sintagmáticas: as solidariedades
Os três tipos fundamentais de formação de palavras
Combinações dos procedimentos formativos
Subtipos dos procedimentos de formação de palavra
Generalização do significado no desenvolvimento
Homofonias em desenvolvimento
Espécies de alteração semântica
A – Extensão do significado
B – Enobrecimento do significado
C – Enfraquecimento do significado
Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos
C) ESTRUTURA DO ENUNCIADO OU PERÍODO. A ORAÇÃO E A FRASE
Enunciado ou período
Oração e frase
Sujeito e predicado
Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes[148]
1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes
2) Termos nucleares e marginais

3) Termos argumentais e não argumentais

4) Termos opcionais e não opcionais

5) Termos integráveis e não integráveis

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal?

3) A posição do predicativo

4) Outro tipo de predicativo: anexo predicativo

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo[150]

6) O complemento de agente (“agente da passiva”)

7) Construção passiva e o predicativo

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Os principais tipos de adjuntos adverbiais

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal

2) Complemento nominal

3) O aposto

4) Aposição com de x adjunto adnominal

5) As construções uma joia de pessoa e o pobre do rapaz

6) Graus de coesão nos grupos nominais

7) O aposto com expressões do tipo pôr nome

8) Aposto referido a uma oração

9) Vocativo: uma unidade à parte
Subordinação: oração complexa
Oração complexa e grupos oracionais
Que: marca de subordinação oracional
Orações complexas de transposição substantiva
Orações complexas de transposição adjetiva
Orações complexas de transposição adverbial
Grupos oracionais: a coordenação
3) Discurso direto, indireto e indireto livre
Particularidades outras das orações transpostas substantivas
Características da oração subjetiva e predicativa
Omissão da conjunção integrante
Pleonasmos da conjunção integrante
Particularidades sobre as orações transpostas adjetivas
Outras particularidades das orações adverbiais
Orações justapostas de valor contextual adverbial
Oração e frase
Frases unimembres: interjeição
Etiquetas e rótulos
Frases assertivas bimembres
Considerações gerais
Concordância nominal
A – Concordância de palavra para palavra
B – Concordância de palavra para sentido

C – Outros casos de concordância nominal
1) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro
2) Mesmo, próprio, só
3) Menos e somenos
4) Leso
5) Anexo, apenso e incluso
6) Dado e visto
7) Meio
8) Pseudo e todo
9) Tal e qual
10) Possível
11) A olhos vistos
12) É necessário, é bom, é preciso
13) Adjetivo composto
14) Alguma coisa boa ou alguma coisa de bom
15) Um pouco de/ Uma pouca de + substantivo
16) Concordância do pronome
17) Nós por eu, vós por tu
18) Alternância entre adjetivo e advérbio
19) Particípios que passaram a preposição e advérbio
20) A concordância com numerais
21) A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores
A – Concordância de palavra para palavra
B – Concordância de palavra para sentido
C – Outros casos de concordância verbal
1) Sujeito constituído por pronomes pessoais

2) Sujeito ligado por série aditiva enfática
3) Sujeito ligado por com
4) Sujeito ligado por nem... nem
5) Sujeito ligado por ou
6) Sujeito representado por expressão como a maioria de, a maior parte de + nome no plural
7) Sujeito representado por cada um de, nem um de, nenhum de + plural
8) Concordância do verbo ser
9) A concordância com mais de um
10) A concordância com que de
11) A concordância com quais de vós
12) A concordância com os pronomes relativos
13) A concordância com os verbos impessoais
14) A concordância com dar (e sinônimos) aplicado a horas
15) A concordância com o verbo na reflexiva de sentido passivo
16) A concordância na locução verbal
17) A concordância com a expressão não (nunca)... senão e sinônimas
18) A concordância com títulos no plural
19) A concordância no aposto
20) A concordância com haja vista
21) A concordância do verbo com sujeito oracional
22) Concordância nas expressões de porcentagem
23) Concordância em Vivam os campeões!
24) Concordância com ou seja, como seja
25) Concordância com a não ser

26) Concordância nas expressões perto de, cerca de e equivalentes
27) Concordância com a expressão que é de
28) Concordância com a expressão que dirá
29) Concordância com Bem haja
30) Concordância em Já vão, Já vai
1) A construção pedir para
2) A construção dizer para
3) A construção para eu fazer
4) A construção é da gente rir
5) Migrações de preposição
6) Repetição de prefixo e preposição
7) Complementos de termos de regências diferentes
8) Termos preposicionados e pronomes átonos
9) Pronomes relativos preposicionados ou não
10) Relação de regências de alguns verbos e nomes[200]:
Sintaxe de colocação ou de ordem
Colocação dos termos na oração e das orações no período
Colocação e clareza
Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo o é questão de fonética sintática
Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo o.
A – Em relação a um só verbo
B – Em relação a uma locução verbal

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil

Apêndice. 1 – Figuras de sintaxe (ou de construção)

1 – Figuras de sintaxe (ou de construção)

2 – Vícios e anomalias de linguagem

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação

A pontuação e o entendimento do texto

Ponto

Ponto parágrafo

Ponto de interrogação

Ponto de exclamação

Reticências

Vírgula

Dois-pontos

Ponto e vírgula

Travessão

Parênteses e colchetes

Aspas

Alínea

Chave

Apêndice

Asterisco[218]

IV – Noções elementares de Estilística

Apêndice. Dois exemplos de análise estilística

V – Noções elementares de versificação

O ritmo poético

Como se contam as sílabas de um verso

Só se conta até a última sílaba tônica: versos agudos, graves e esdrúxulos

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos

Sinérese

Diérese

Sinalefa

Elisão

Crase

Ectlipse

O ritmo e a pontuação do verso

Expedientes mais raros na contagem das sílabas

Cesura

Versos de uma a doze sílabas

Rimas consoantes e toantes

Disposição das rimas

Abreviatura de autores e obras citadas

Colofão

Prefácio da 39.ª edição

No espaço de mais de meio século em que esta MGP procurou ser útil aos utentes da Língua Portuguesa, quer na condição de estudante, pesquisador, professor ou outro profissional, sempre foi nosso propósito estar atento às lições oferecidas pela Linguística Teórica bem como pela investigação dos meios de expressão no exemplário dos chamados mestres do idioma, os escritores mais atentos à língua exemplar.

Neste momento tivemos oportunidade de atualizar o capítulo de Fonética e Fonologia, com a contribuição efetiva e competente do colega Professor Ricardo Cavaliere. Este capítulo reformulado procura atender às exigências teóricas e didáticas, com a indicação mais fiel dos símbolos gráficos do Alfabeto Fonético Internacional, para dar ao leitor uma visão mais apurada dos fenômenos de que tratam as duas disciplinas, além de uma atenção particular aos traços, neste setor, do português do Brasil.

Pudemos ainda rever todas as páginas, no sentido de aprofundar, quando necessário, as razões de certos usos — muitas vezes condenados por puristas — e registrar fatos atuais que refletem a evolução da língua, abonando-os com os melhores escritores do nosso tempo. Esforçamo-nos ainda por enriquecer esta edição com pontos que não haviam sido tratados anteriormente e que hoje ganham seu devido lugar. Nesta revisão tivemos sempre a colaboração de muitos competentes amigos e estudiosos, dentre os quais cabe, de justiça, ressaltar o diálogo frutuoso com a editora Shahira Mahmud.

Assim, acreditamos que esta edição chega renovada às mãos não só dos nossos antigos visitantes, mas também daqueles de uma nova geração que procura na MGP orientação para o melhor uso do idioma. Não poderíamos terminar sem uma palavra de agradecimento às várias editoras — de 1961 a 1998, Companhia Editora Nacional; de 1999 a 2008, Lucerna; e de 2009 aos dias atuais, Nova Fronteira — que se esmeraram na produção deste nosso livro.

Evanildo Bechara
14/3/2019

Prefácio da 38.ª edição

A *Moderna Gramática Portuguesa*, começada sua aventura em 1961, chega à 38.ª edição, além de inúmeras reimpressões, sempre fiel aos dois propósitos iniciais: reunir para o leitor o maior número de fatos da nossa língua e descrevê-los ou apresentá-los segundo as melhores doutrinas, hauridas em mestres consagrados, nacionais e estrangeiros. Até a 36.ª edição, na Editora Nacional, as fontes teóricas estavam preferencialmente radicadas nas obras de Manuel Said Ali, Epifânio Dias, Mário Barreto e J. Mattoso Câmara Jr.

A partir da 37.ª edição, em 1999, revista e consideravelmente ampliada, já na Editora Lucerna, alargamos e aprofundamos a doutrina extraída nas lições, principalmente, de Eugenio Coseriu, J.G. Herculano de Carvalho e Emilio Alarcos Llorach. Não menos proveitosa tem sido a colaboração de colegas e leitores na ajuda para explicitar melhor a exposição e a documentação da matéria tratada. A todos estes temos demonstrado nosso reconhecimento nos respectivos prefácios. Nesta nova edição continua cabendo menção especial à participação da colega Shahira Mahmud, a quem voltamos a repetir os mais sinceros agradecimentos.

Mais recentemente, em 2014, passamos a contar com a importante contribuição de numerosos linguistas portugueses que deram régua e compasso a um sonho da Fundação Calouste Gulbenkian, concretizado na elaboração da *Gramática do Português* (2 volumes de 2.407 páginas e um terceiro prometido para sair proximamente), destinada a um público não profissional interessado em encontrar melhores respostas do que as discutidas em conceituadas gramáticas, além de questões que nessas não se acham tratadas.

O nosso constante esforço em aumentar a referência a fatos da língua e em buscar o amparo da boa doutrina nos permite continuar atribuindo o título de *moderna* a esta obra, oferecendo um diálogo — ainda que preliminar — com a melhor bibliografia moderna. Que esta nova edição continue a ser de

prestimoso auxílio a professores, alunos e a todos aqueles que desejam penetrar nas riquezas e potencialidades da língua portuguesa.

A 38.ª edição era um sonho acariciado pelo filho Evanildo, editor da Lucerna, tão cedo roubado ao convívio da família. A ele *in memoriam* é carinhosamente dedicada esta edição.

Evanildo Bechara
Janeiro de 2015

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levados que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara, e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J.G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista, J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do

ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emilio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pagos se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar da *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a *NGB* não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-

lhes o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento, não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

INTRODUÇÃO

Breve história externa da língua portuguesa

> "As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."
>
> (João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1 – Condado da Galiza (galego-português); 2 – Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3 – Condado de Castela (castelhano); 4 – Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5 – Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147, e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação “língua portuguesa” para substituir os antigos títulos “romance” (“romanço”), “linguagem”, só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, “companheira do império”, se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, “se mais mundo houvera lá chegara” (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d’antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o

Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Alexander von Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do séc. XIV
b)

português arcaico médio: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do séc. XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela*, de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental*, de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã*, de Heitor Pinto, os *Diálogos*, de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus*, de Tomé de Jesus, e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante,

produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais*, de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia.

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio,

Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria gramatical

A) LINGUAGEM: SUAS DIMENSÕES UNIVERSAIS

"dizer as coisas como são"

(Platão)

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio

fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões universais da linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou *enérgeia*), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto, em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade

como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

> Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va!* repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].

> “Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado” [HC.1, 32].

3 – Atos linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes (“ele fala como eu”, “o português dele é diferente do nosso”) se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extenso, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa da modalidade americana* – "português do Brasil", bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extenso do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extenso espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) PLANOS E NÍVEIS DA LINGUAGEM COMO ATIVIDADE CULTURAL

1 – Planos e níveis da linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todo ser humano adulto e normal fala. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar de um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu produto – está determinado por

quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.
b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.
c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".
b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.
c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além

do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) O produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".
b) O produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.
c) O produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Entende-se por *norma* todo uso que é normal numa variedade de língua (língua funcional), isto é, todo uso que é preferencial e constante entre os falantes e os escritores.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de *conduta da tolerância*, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo/ Tudo certo como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinadas e correntes na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c)

Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência, ou saber, não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ela ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três tipos de conteúdo linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de

coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** *enérgeia*	**SABER** (competência) *dýnamis*	**PRODUTO** (texto) *érgon*	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) LÍNGUA HISTÓRICA E LÍNGUA FUNCIONAL

1 – Língua histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua latina*, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*. Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* ‘através de’, *tópos* ‘lugar’), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* ‘reunião’).
b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* ‘estrato’, ‘camada’), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.
c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* ‘expressão’), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.[1]

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural, entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua*

funcional, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do correspondente *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido" [ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da língua e conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evocam em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*", "-ção *é um sufixo formador de substantivo*", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira,

todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma “palavra”, um substantivo masculino por ser nome de algo: “*-mente* é um sufixo”, “*lá* marca distância do falante”, “Terrível palavra é um *não*”, “*Não roubar* é um mandamento divino”.

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo “Homem é um dissílabo”, enquanto na linguagem primária se diz com artigo “O homem trabalha”.

6 – Sincronia e diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, “sincronizada” sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e estrutural de um só sistema linguístico (“língua funcional”), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema (“gramática histórica”), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina “gramática” em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas

(“dialetos” → *dialetologia*, “níveis” → *sociolinguística* e “estilos” → *estilística da língua*).

7 – Estado da língua real e sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa “diacronia dos falantes” – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de “diacronia” subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários “estados de língua” sucessivos, pois a “gramática histórica” é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica livre do discurso e discurso repetido

Outra distinção necessária no estudo “sincrônico” de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições

linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) SISTEMA, NORMA, FALA E TIPO LINGUÍSTICO

1 – Os quatro planos de estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (ou *dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema *-o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo *-ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* ou *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema: *cessação* ou *cessamento*.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra unidade. Por outro

lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O tipo linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) PROPRIEDADES DOS ESTRATOS DE ESTRUTURAÇÃO GRAMATICAL [2]

1 – Os estratos gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

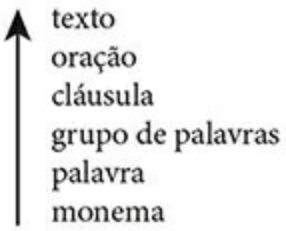

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é o "pluralizador" e *casa-* o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador" e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração *Certamente, eu sei*, há duas

cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a ‘certamente, eu o sei’, ‘é certo que eu o sei’, ‘eu o sei, e este fato é certo’. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função “predicativa”. Nela, o “sujeito” e o “predicado” são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo “referido”, e o sujeito, o termo “referente”, a função sintagmática é a de “referência”, e a unidade resultante é a “predicação referida”, que se opõe, neste nível, à “predicação não referida”. Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove* e *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático – e não como outras estruturas, por exemplo, o “soneto”, a “crônica”, a “novela” –, podemos ter casos como a oposição entre “pergunta não repetida” e “pergunta repetida”. Se se pergunta *Você vai bem?*, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai?* ou *E você vai bem?* ou *Que você vai bem?*, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos estratos de estruturação gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou *hipotaxe*), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

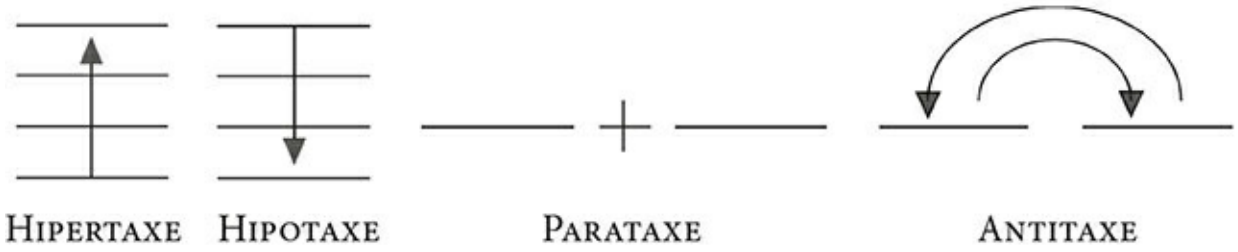

3 – Hipertaxe ou superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até o estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente! Claro!*, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta no nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair?*. Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel?* é certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais? – Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento? – Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é

uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

Em *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais ('locução ou frase que expressa um conceito'), como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito",

“complemento direto”), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc.

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um “grupo de palavras”, como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres* / [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo

de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram*, que pode corresponder a *João casou* e *Maria casou* ou *João casou com Maria*, e impossível, por absurda, em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido* + *Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, a adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de “dependência”, o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que “a parataxe inclui a hipotaxe” ou que “a parataxe também é hipotaxe”. Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática

tradicional e escolar chama orações “conclusivas” e “causais-explicativas”. Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações “principais” ou “independentes”. Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente (“prevista”) na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que “substituem” (= “representam”) lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes “neutros” (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou “anáfora”, “catáfora”), isto é, a representação “antes” e “depois”, sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de

representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso “proorações” ou “protextos” e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno “transfrásico”, um fenômeno do plano do “discurso” ou do “texto”, uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa “phrase-grammar”, porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) DIALETO – LÍNGUA COMUM – LÍNGUA EXEMPLAR. CORREÇÃO E EXEMPLARIDADE. GRAMÁTICAS CIENTÍFICAS E GRAMÁTICA NORMATIVA. DIVISÕES DA GRAMÁTICA E DISCIPLINAS AFINS. LINGUÍSTICA DO TEXTO

1 – Língua comum e dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino), *italiano*, o de Castela, *castelhano* ou

espanhol. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O exemplar e o correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada

língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática descritiva e gramática normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo (Ö 37), do saber idiomático (Ö 38) e do saber expressivo (Ö 38).

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *contrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de estudo da gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada

nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*. Este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O sistema fonológico do português tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b)

mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto, e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica desejada.

4.4 – Gramática e estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma" (na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as

relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão, também constitui uma disciplina autônoma é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar ø amante*, *falar ø falante* ao lado de *saltar ø saltador*.
b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos).
c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de ‘aquele que dá a hospedagem’ e ‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’ e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.
   Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.
d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem das palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico

dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoas – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.
b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou "família" procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de "parentesco".
c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.
d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.
2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.
3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].
4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

I - Fonética e fonologia

A) PRODUÇÃO DOS SONS E CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Fonema, fone e alofone

Chamam-se *fonemas* as unidades combinatórias que pertencem ao sistema de sons de uma língua, dotados de valor distintivo, nas palavras que o homem produz para expressar e comunicar ideias e sentimentos. Os fonemas estão em plano abstrato, no sentido de que só existem como uma *imagem acústica* armazenada no cérebro do falante [FS.1, 98]. A realização física do fonema, mediante emissão de ondas sonoras pelo aparelho fonador, denomina-se *fone*. Há casos em que um determinado fonema é realizado fisicamente por mais de um fone, de que decorre falar-se em *alofones* de um só fonema.

Os fonemas de uma língua caracterizam-se por estar em *oposição fonológica pertinente* ou *distintiva*. Este é o caso, por exemplo, da oposição entre /a/ e /i/ em português: o /a/ tônico de *fala* não pode ser trocado pela vogal /i/, pois da troca resultaria outra palavra, *fila*. Conclui-se, assim, que /a/ e /i/ são dois fonemas do português. Se, entretanto, em vez de pronunciarmos a palavra *carta* com um [R] vibrante, optarmos por um [ɽ] retroflexo, típico do interior paulista, ou um [h] fricativo, típico do falar carioca, concluiremos que há entre esses sons *oposição fonológica impertinente*, pois o efeito das mudanças físicas se restringe a pronúncias diferentes da mesma palavra. Conclui-se, assim, que [R], [ɽ] e [h] são alofones do fonema /R/[3].

Fonemas não são letras

Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* ou *fone* com *letra*. Fonema, conforme já observamos, é uma unidade fonológica que existe no plano abstrato, ao passo que o fone é sua realização articulatória,

percebida pelo nosso aparelho auditivo. *Letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal, entendida como a representação gráfica de um fonema por uma só e única letra. Temos, no português do Brasil, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas: /a/, /e/, /E/, /i/, /o/, /[illegible]/, /u/; no entanto, tais fonemas são representados graficamente por apenas *cinco* letras: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um /e/ (fechado) de um /E/ (aberto), geralmente utilizamos sinais gráficos subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou em *oh!*. Por outro lado, há fonemas que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, há um ditongo em -*am* cuja semivogal não vem assinalada: [a’mavãw)]. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética, como também não traça distinção entre os alofones de um fonema.

OBSERVAÇÃO: Quando falamos de fonema, fone e alofone, devemos representá-los na escrita de maneira diferente utilizando os símbolos fonéticos entre barras inclinadas (/ /) e entre colchetes ([ ]), precedendo-os ou não de acento ou apóstrofo. A exigência se deve a uma técnica de transcrição fonética ou fonológica usada nos manuais especializados de fonética. O critério, de modo geral, é o seguinte: transcreve-se o fonema usando-se o respectivo símbolo fonético entre barras, como, por exemplo, /a/, /b/, /p/. Já para a indicação do fone usa-se o colchete, como, por exemplo, [a], [b], [p]. Também ficam entre colchetes as cadeias fônicas; para a indicação da sílaba tônica, usamos um apóstrofo antes dela: [’kaRtɑ].

Fonética e fonologia

Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão somente com a articulação, a fonológica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a adequada comunicação linguística. A fonética

pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /t/ da série [ta] [te] [tE] [ti] [to] [t͡ʃ] [tu]; a fonologia não leva em conta as variações, ou seja, os alofones, porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema pode admitir uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade-limite do vocábulo: já quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /l/ admite várias realizações no Brasil – seus alofones – de norte a sul, e estas variantes não interessam à análise fonológica, análise que deve ter primazia em nosso estudo de língua. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se, assim, que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Portanto, fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas realizações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas as disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho fonador

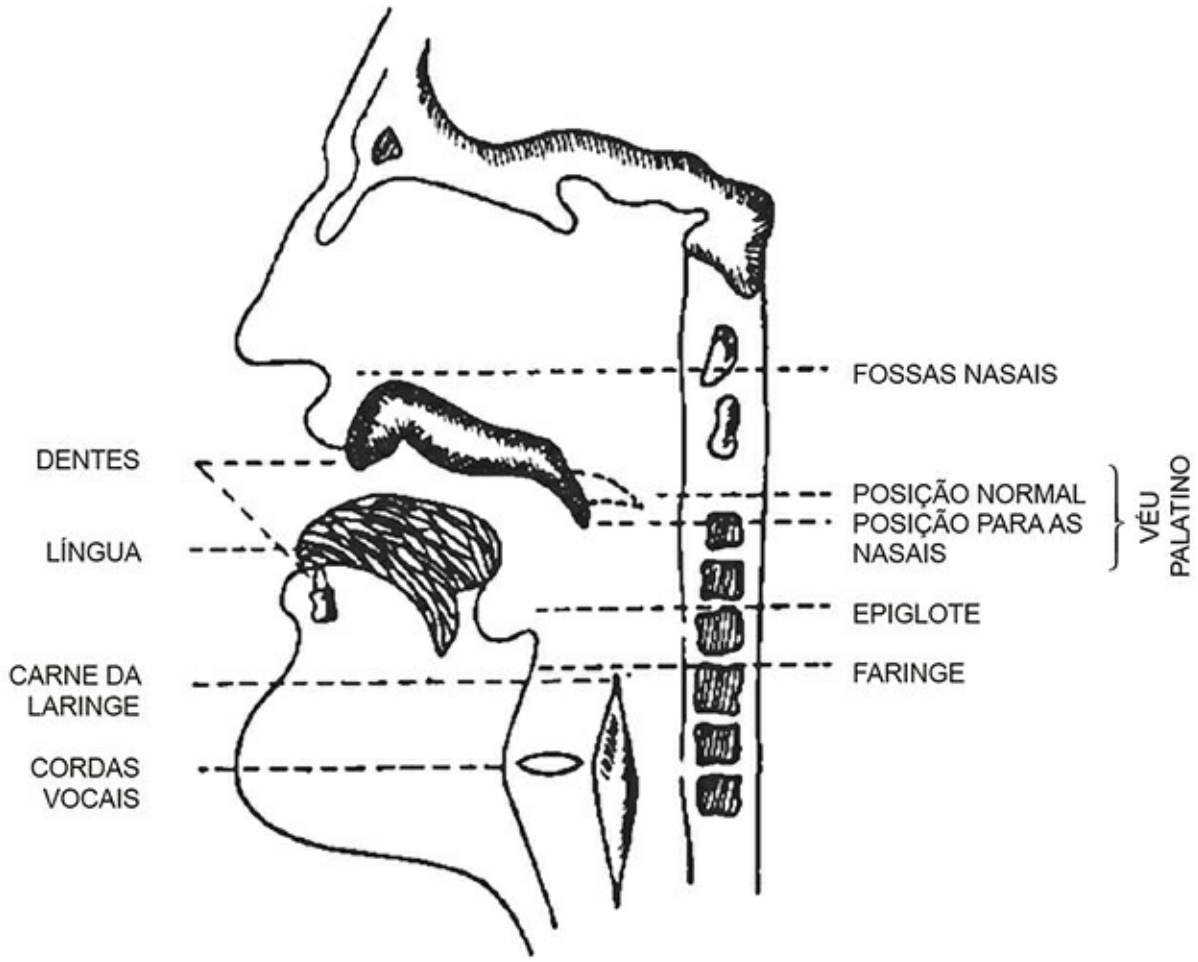

Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgãos do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios,* a *traqueia,* a *laringe* (com as cordas vocais), e a *faringe,* as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas,* o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula* ou *campainha,* os *dentes* (somente os superiores) com os *alvéolos,* e os *lábios.*

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões.* Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são

conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos, como o que serve para animar a caminhada dos cavalos; mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas

A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar *a faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca (fonemas orais)*, ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais *(fonemas nasais)*, chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Tipologia dos sons linguísticos

Considerando as modalidades de articulação, os sons que integram o sistema fonético-fonológico do português podem ser identificados segundo o *modo de articulação*, o *ponto de articulação*, o *fluxo do ar* e o *vozeamento*.

1) Quanto ao modo de articulação, assim se classificam os sons linguísticos do português:

- **a)** **sons livres** – são os que se articulam mediante passagem livre do fluxo de ar pela cavidade bucal, como ocorre no caso típico das vogais;
- **b)** **sons oclusivos** – articulam-se mediante obstrução total da passagem do ar, quase sempre provocada pelo toque da língua em um determinado ponto da cavidade bucal, como ocorre no /t/ em *tatu*;
- **c)** **sons fricativos** – são os que se produzem mediante aproximação da língua a um dado ponto da cavidade, de que resulta um chiamento semelhante à fricção, como o presente no início da palavra *seda*;

d) **sons africados** – caracterizam-se por uma breve oclusão seguida de fricção, caso do alofone do fonema /t/ perante a vogal /i/,[4] como em *tipo*;

e) **sons laterais** – produzem-se mediante toque do dorso da língua no palato duro, de que resulta a passagem do fluxo de ar pelas paredes da cavidade bucal, caso, por exemplo, do fonema /l/ em *lata*;

f) **sons vibrantes** – são assim denominados pelo fato de sua articulação implicar uma alta frequência de toques da língua em dado ponto da cavidade bucal, conforme se observa na pronúncia sulista da consoante inicial de *roda*, *rua*, etc.;

g) **sons retroflexos** – caracterizam-se pela flexão da ponta da língua para trás, mediante aproximação do palato duro. A rigor, temos apenas um som retroflexo, transcrito pelo símbolo /ɽ/, que se realiza como um alofone de /R/ em áreas linguísticas do interior de São Paulo e sul de Minas Gerais;

h) **o tepe (ou flape)** – identifica-se atualmente como tepe o som que a tradição gramatical do português vem denominando *vibrante simples* ou *vibrante alveolar*, como o *r* intervocálico em *aro*, *hora*, *ira*, etc. A denominação de tepe justifica-se pelo fato de que efetivamente não se trata de um fonema vibrante, mas de um som decorrente de um único e rápido toque da língua na região dos alvéolos, à semelhança de uma "chicotada".

2) Quanto ao ponto de articulação, os sons linguísticos do português seguem a seguinte classificação:

a) **sons bilabiais** – articulados mediante toque dos dois lábios, como o /p/ de *pai*;

b) **sons labiodentais** – produzidos pelo toque do lábio inferior na arcada dentária superior, como no /f/ de *fazer*;

c) **sons alveolares** – resultam da aproximação do ápice da língua à região dos alvéolos, conforme se observa no /s/ inicial de *seda*;

d) **sons linguodentais** – produzidos mediante toque do ápice da língua na arcada dentária superior, como no caso do /t/ em *teto* e do /d/ em *dado*;[5]

e)

sons palatais – são assim denominados por serem articulados mediante aproximação do dorso da língua ao palato duro (céu da boca), caso do /S/ em *chuva*, *xícara*, etc.;

f) **sons velares** – articulados mediante toque da raiz da língua no véu palatino, como na consoante inicial de *gato*, *queda*, etc.

3) Quanto à via do fluxo de ar, os sons do português basicamente se classificam em *orais*, caso em que o ar passa exclusivamente pela cavidade bucal, e *nasais*, caso em que o ar flui simultaneamente pelas fossas nasais e pela cavidade bucal.

4) Quanto ao vozeamento, os sons linguísticos são ditos *vozeados* (*sonoros*), se produzidos mediante vibração das cordas vocais, e *desvozeados* (*surdos*), se produzidos sem vibração das cordas vocais. Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /Z/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /S/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

A oposição entre um traço vozeado e um traço desvozeado é suficiente para distinguir dois fonemas em português, como ocorre no par opositivo *pato* e *bato*, em que /p/ e /b/ só se distinguem devido ao fato de /p/ ser um fonema desvozeado e /b/ ser vozeado.

Quando nos referimos a um dado som linguístico, devemos fazê-lo mediante identificação de suas características articulatórias vistas anteriormente. Assim, referimo-nos ao /p/ de *pote* como consoante oclusiva bilabial desvozeada oral; já o /z/ em *zebra* é identificado como uma consoante fricativa alveolar vozeada oral, e o /m/ de *mãe* como uma consoante oclusiva bilabial vozeada nasal.

Transcrição fonética

A tarefa de representar na escrita a exata pronúncia de um dado som linguístico impõe ao analista o emprego de um *alfabeto fonético*, que se

caracteriza por estabelecer uma relação biunívoca entre o som e o símbolo que o representa, isto é, um dado som é representado por apenas um símbolo, e um símbolo só representa um único som. Na transcrição fonética, procura-se a maior fidelidade possível da representação gráfica dos sons, razão por que os símbolos fonéticos dizem respeito aos fones, não aos fonemas.

Se, por exemplo, transcrevemos foneticamente a palavra *tipo*, o resultado será [ˈtipU], se pronunciada por um falante pernambucano, ou [ˈtSipU], se pronunciada por um carioca. Nas duas transcrições, os alofones [t] e [tS] são realizações do fonema /t/. Convém não confundir o alfabeto fonético com o *alfabeto ortográfico*, aquele que usamos ordinariamente no texto escrito. Optamos, entre vários modelos, por utilizar os símbolos fonéticos do *Alfabeto Fonético Internacional* com algumas adaptações e na medida em que interesse ao estudo descritivo dos sons do português.

Eis os símbolos adotados:

[a] – p**á,** m**á**

[A] – cas**a,** v**a**la

[e] – v**ê,** c**e**do

[E] – p**é,** n**e**to

[i] – v**i,** p**i**lha

[I] – f**i**car, av**e**

[o] – av**ô, o**vo

[ɔ] – p**ó,** n**ó**

[u] – **u**va**,** l**u**ta

[U] – p**u**lar, lad**o**

[y] – pa**i,** va**i**

[w] **–** ma**u,** pa**u**

[b] – **b**oi, **b**ola

[d] – **d**ado**, d**ia

[dZ] – consoante africada, perante a vogal /i/ em algumas regiões linguísticas do Brasil, como em **d**ia

[g] – **g**ato, **gu**ia

[p] – **p**ai, **p**ele

[t] – **t**u, **t**ipo

[tS] – consoante africada, perante a vogal /i/ em algumas regiões linguísticas do Brasil, como em **t**ipo

[k] – **c**asa**, qu**eda

[m] – **m**ãe, **m**ato

[n] – **n**ão, **n**ada

[] – ni**nh**o, u**nh**a

[l] – **l**uta, **l**ei

[;] – consoante lateral velar, em regiões do sul do Brasil, como em ma**l**, me**l**,

[] – ca**lh**a, o**lh**o

[R] – a**r**o, ho**r**a

[{] – **r**io, **r**ota

[] – consoante retroflexa, em dadas regiões do Brasil, como em ma**r**, pa**r**te

[h] – consoante fricativa velar, comum no Rio de Janeiro, como em pa**r**, ma**r**ca

[f] – **f**aca, **f**ila

[v] – **v**ela, **v**ida

[s] – **c**edo, **s**eda

[z] – a**s**a, **z**ebra

[S] – **x**ícara, **ch**uva

[Z] – **j**arro, a**g**ir

OBSERVAÇÃO: Os sons acima listados são, no plano fonético, fones que correspondem a fonemas no plano fonológico, sendo que alguns desses sons são alofones de um único fonema. Assim, [a] e [A] são alofones de /a/; [t] e [tS] são alofones de /t/; [{], [] e [h] são alofones de /{/; [l] e e [;] são alofones de /l/, etc. Tais fatos serão mais detidamente cuidados ao descrevermos as vogais e as consoantes do português.

Vogais e consoantes

A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes, e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais

A tarefa de classificar as vogais portuguesas impõe algumas considerações. Primeiro, convém observar que o traço de intensidade, tradicionalmente atribuído à articulação das vogais, é, a rigor, um traço silábico, razão por que não se deve falar em *vogal tônica* e *vogal átona*,[6] senão em *sílaba tônica* e *sílaba átona*. Em segundo lugar, o *timbre* e a *altura*, previstos na proposta de classificação da *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB), são, na realidade, desdobramentos do mesmo traço articulatório, pois ambos levam em conta a elevação da língua na cavidade bucal.

Tais considerações levam-nos a uma proposta de classificação que descreve as vogais em posições silábicas distintas, pois, conforme veremos adiante,

tanto no plano fonético quanto no plano fonológico, o quadro vocálico em sílaba tônica não corresponde totalmente ao quadro das sílabas pretônicas e postônicas. Por outro lado, também as vogais orais e nasais devem ser descritas em quadros distintos, visto que sua natureza fonológica, mesmo em sílaba tônica, vai além do que pressupõe uma mera atribuição de traço de oralidade ou nasalidade a um dado fonema vocálico.

Vogais orais em sílaba tônica

Em posição tônica, as vogais portuguesas classificam-se segundo dois traços articulatórios: a *zona de articulação* e a *altura*. Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *central.* Se daí passarmos à série /E/ /e/ /i/ /ɐ/ /o/ /u/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /E/ /e/ /i/ constitui as vogais *anteriores.* Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ɐ/ /o/ /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento[7] progressivo dos lábios. A série /ɐ/ /o/ /u/ forma as vogais *posteriores.*

A progressiva elevação da língua de /a/ a /i/, na zona anterior, e de /a/ a /u/, na zona posterior, revela as quatro alturas que caracterizam o quadro vocálico em sílaba tônica, de que resulta a seguinte classificação: /a/ vogal *baixa*, /E/ /ɐ/, vogais *médias* de 1.° grau, /e/ /o/ vogais *médias* de 2.° grau, /i/ /u/, vogais *altas*.

OBSERVAÇÃO: Não temos no Brasil a oitava vogal dos portugueses, o /ə/ fechado oral tônico, como em *cada*, *para*, *mas.* Desta diferença resultam alguns fatos fonéticos que vão repercutir na sintaxe e na fonética sintática, como veremos mais adiante neste livro.

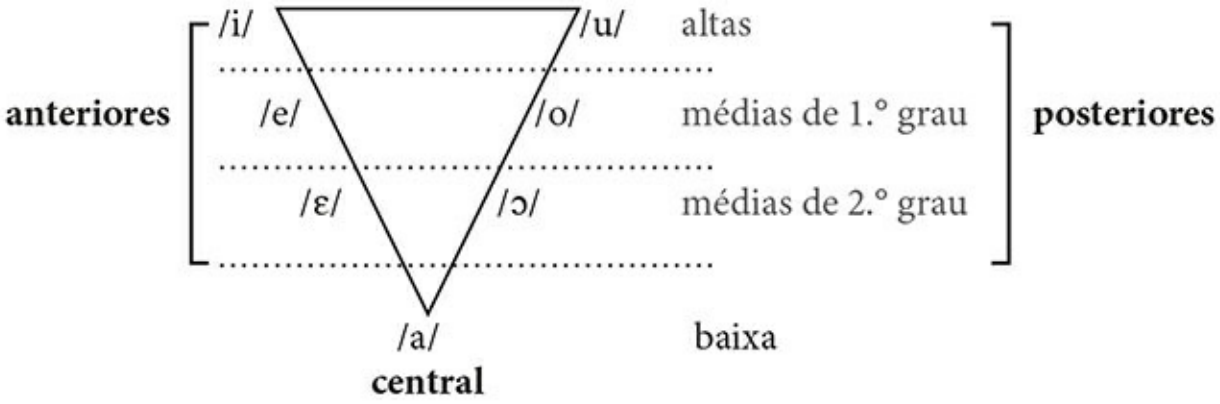

Quadro 1: Vogais orais em sílaba tônica

Vogais orais em sílaba pretônica

Em posição átona pretônica, o quadro de vogais orais do português reduz-se, do ponto de vista fonológico, visto que as vogais médias anteriores /e/ e /E/ e as médias posteriores /o/ e /ɔ/ perdem diferenciação entre si, ou seja, sofrem *neutralização de traços distintivos*. Assim, não há oposição distintiva entre [peˈgadA] e [pEˈgadA], [leˈvadU] e [lEˈvadU], [koˈbRah] e [kɔˈbRah], [moˈRah] e [mɔˈRah], etc., razão por que, nesses casos, só se pode falar em *oposição fonética*, típica da variação de pronúncias que caracteriza os usos linguísticos, mas não em *oposição fonológica*.

No plano teórico, verifica-se que, da neutralização entre /e/ e /E/, decorre um arquifonema[8] /E/. Semelhantemente, da neutralização entre /o/ e /ɔ/, decorre um arquifonema /O/ [MC.7, 58]. Chega-se, assim, ao seguinte quadro de vogais orais em posição pretônica:

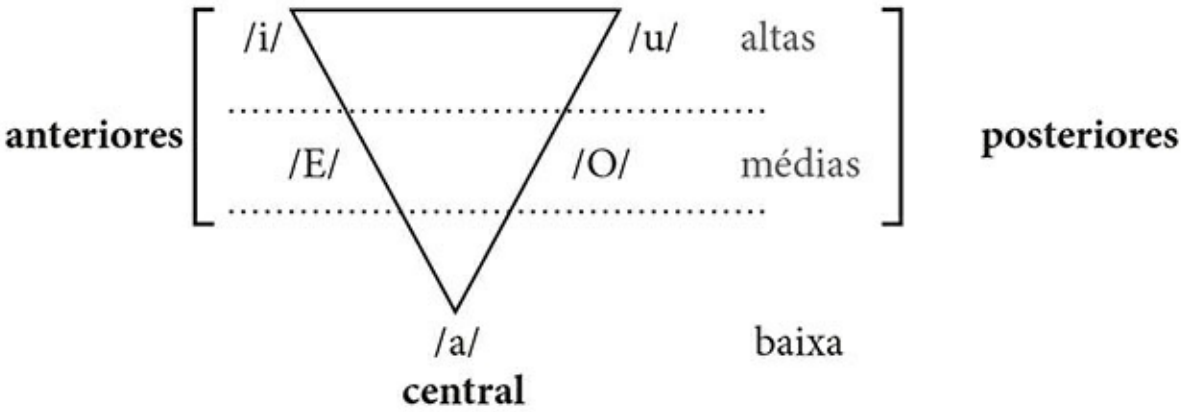

Quadro 2: Vogais orais em sílaba pretônica

OBSERVAÇÃO 1: Note-se que o comportamento das vogais médias orais pretônicas difere em palavras derivadas com sufixo *-inho*, *-issimo* e *-mente*. A palavra *terreno*, por exemplo, admite pronúncia de /e/ ou /E/ pretônicos, mas em *terrinha* a norma prosódica só admite /E/. Também em *somente* a pronúncia da vogal oral pretônica é obrigatoriamente /e/. A explicação está em que, nessas sufixações, há uma força prosódica que vincula o timbre da vogal pretônica do nome derivado à vogal tônica do nome primitivo, a que a teoria de Mattoso Câmara Jr. denomina *memória morfológica* [MC. 10, 35].

OBSERVAÇÃO 2: No português do Brasil, a intensa variação de pronúncia pode provocar perda de distinção entre vogais orais pretônicas médias e altas da mesma zona de articulação: *menino* pronuncia-se [meˈninU] ou [mIˈninU]; *poleiro* pronuncia-se [poˈleyRU] ou [pUˈleyRU]. Nesses casos, entretanto, não se pode falar em neutralização de traços distintivos, pois o fato não é sistêmico. Basta notar que, em outras duplas vocabulares, a distinção se mantém: *pecar* [peˈkah] e *picar* [pIˈkah], *polar* [poˈlah] e *pular* [puˈlar], etc. Melhor se identificam esses casos como de *alçamento vocálico* (= pronúncia de uma vogal alta em lugar da média correspondente quanto à zona articulatória, de que decorre admitir-se que a vogal média "alçou-se" para a posição superior), cuja repercussão na língua escrita provoca intensa dúvida ortográfica quanto ao emprego das letras *e* ou *i* e *o* ou *u*.

Vogais orais em sílaba postônica

O estudo das vogais em sílabas postônicas revela um quadro ainda menor do que o verificado em posição pretônica, pois aqui as vogais médias e altas da mesma zona articulatória sofrem neutralização de traços distintivos, conforme se especifica a seguir.

a) **Vogais orais postônicas internas –** Situam-se em sílaba postônica não final, típica das palavras proparoxítonas, como *âm**a**go*, *cál**i**ce*, *áp**i**ce*, *fôl**e**go*, etc. Nas variantes prosódicas brasileiras, observa-se que, nesta posição, as vogais anteriores /E/ /e/ e /i/ perdem distinção entre si: *número* pronuncia-se [ˈnumErU], [ˈnumerU] ou [ˈnumIrU]; o mesmo ocorre entre as vogais posteriores /e/ /o/ e /u/: *pérola* pronuncia-se [ˈpERelA], [ˈpERolA] ou [ˈpERUlA]. No plano teórico, diz-se que o quadro vocálico em posição postônica interna tem uma

vogal baixa /a/ e dois arquifonemas /I/ e /U/.

OBSERVAÇÃO 1: A vogal em posição postônica interna é suscetível de síncope na pronúncia distensa do português, fato que se testemunha historicamente em formas como calidu > caldo, polivu > polvo, etc. Na língua contemporânea surgem exemplos como abóbora > abobra (de que deriva *abobrinha*), xícara > xicra, córrego > corgo, etc.

OBSERVAÇÃO 2: Quando a pronúncia canônica da palavra pede a vogal alta /i/ e /u/, a pronúncia com as vogais médias costuma ser rejeitada pelo falante do português, e só se realiza, a rigor, em casos de hipercorreção ou ultracorreção (= equívoco de uma forma no intuito de falar melhor). Por exemplo, *vítima* não se pronuncia "vítema", *ápice* não se diz "ápece", e *cúpula* não se pronuncia "cúpola".

b) **Vogais postônicas finais** – Nesta posição silábica, repete-se o quadro das vogais postônicas internas, de tal sorte que as vogais médias e a alta de mesma zona de articulação sofrem perda de distinção, ou seja, ocorre neutralização de traços distintivos entre /E/, /e/ e /i/, que no plano teórico se expressa pelo arquifonema /I/, e entre /ɐ/, /o/ e /u/, que no plano teórico se expressa pelo arquifonema /U/. Os dois arquifonemas são representados, respectivamente, pelas letras *e* e *o*. Assim *carro* pronuncia-se [‘ka{o] ou [‘ka’{u] e *vale* pronuncia-se [‘vale] ou [‘valI], tendo em vista a variação prosódica em plano diatópico. A realização de /E/ e /ɐ/ em sílaba postônica final só se observa hodiernamente em palavras eruditas, de pouco emprego na língua corrente, tais como *prócer*, *éter*, *sóror*, etc.

Chega-se, assim, ao quadro vocálico em sílaba postônica que se resume a uma vogal central baixa e a dois arquifonemas altos, resultantes da neutralização entre as vogais médias e altas de cada uma das zonas articulatórias.

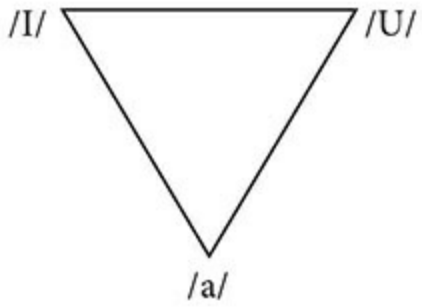

Quadro 3: Vogais orais em sílaba postônica

Vogais nasais

São *nasais* as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais.* Há cinco vogais nasais (/ã/, /˜e/, /ĩ/, /õ/ e /˜u/): *l**ã**, c**an**to, c**am**pina, v**en**to, v**en**tania, l**ím**pido, viz**i**nhança, c**on**de, c**on**dessa, t**un**da, pron**un**ciamos.* É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais. [9]

OBSERVAÇÃO 1: Na pronúncia normal brasileira, soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh: c**a**ma, c**a**na, b**a**nha, c**e**na, f**i**na, h**o**mem, Ant**ô**nio, **ú**mido, **u**nha*. Em outros casos, a pronúncia é hesitante, com ou sem o traço nasal, em face da variação diatópica, isto é, regional: *caniço*, *panela*, *janela*, etc. Por este motivo, não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos, ontem cantamos*; *agora lemos, ontem lemos.* Tais casos, que a teoria fonológica vem denominando *nasalação* [MC. 9, 32], distinguem-se dos casos de *nasalidade*, em que o traço nasal tem efetivo valor distintivo em relação ao traço oral: *canto* em oposição a *cato*, *conto* em oposição a *coto*, *minto* em oposição a *mito*, etc.

OBSERVAÇÃO 2: No plano fonético, percebe-se no Brasil uma tendência para ditongação das vogais nasais /e)/ e /o)/ que passam, assim, a pronunciar-se [e)y]) e [õw˜]: pente [‘pe˜y˜tSI], bom [‘bõw˜]. Por outro lado, em sílaba pretônica, há uma tendência de substituir-se a vogal /e)/ por sua correspondente alta /ĩ/, mormente quando está sozinha na sílaba, de que decorrem as pronúncias [e)’padA] ou [ĩ’padA] para *empada*, [e)lA¸tadU] ou [ĩlA’tadU] para *enlatado*, etc.

Chega-se, assim, ao seguinte quadro de vogais nasais:

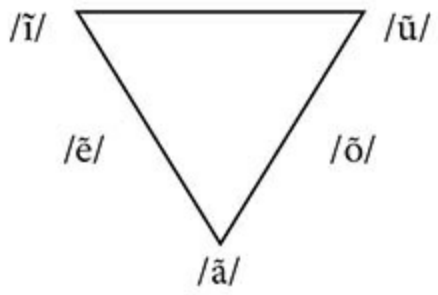

Quadro 4: Vogais nasais

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos

Chamam-se *semivogais* os fonemas vocálicos /y/ e /w/ (orais ou nasais) que acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros de vogais e semivogais dão origem aos *ditongos e tritongos*, ao passo que o encontro de vogais dá origem aos *hiatos*. Graficamente, a semivogal /y/ é representada pelas letras *i* (*cai*, *lei*, *fui*, *Uruguai*, etc.) nos ditongos e tritongos orais, e pela letra *e* (*mãe*, *pães*, etc.) nos ditongos nasais; a semivogal /w/ é representada pela letra *u* (*pau*, *céu*, *viu*, *guaucá*) nos ditongos e tritongos orais, e pela letra *o* (*pão*, *mão*, *saguão*, etc.) nos ditongos e tritongos nasais.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba: *pai*, *mãe*, *água*, *cárie*, *mágoa*, *rei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados, são vogais: p**a**i, m**ã**e, águ**a**, cári**e**, mágo**a**, r**e**i.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*), ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*): *Porto Alegre* [pohtwa'lEgRI], *parte amarga* [pahtya'mahgA].

Os ditongos podem ser:

a) crescentes ou decrescentes
b) orais ou nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: *ág**ua**, cár**ie**, mág**oa**.*

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: *p**ai**, m**ãe**, r**ei***.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (*p**ai**, ág**ua**, cár**ie**, mág**oa**, r**ei***) ou *nasais* (*m**ãe***).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (*p**ai**, c**éu**, r**ói**, id**ei**a*) ou *fechados* (*m**eu**, d**oi**do, v**ei**a*).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: *m**ãe***.

Principais ditongos crescentes:

Orais:

1) [ya]: *glória, pátria, diabo, área, nívea*
2) [ye]: (= yi): *cárie, calvície*
3) [yE]: *dieta*
4) [yo]: *vário, médio, áureo, níveo*
5) [y♪]: *mandioca*
6) [yo]: *piolho*
7) [yu]: *miudeza*
8) [wa]: *água, quase, dual, mágoa, nódoa*
9) [wi]: *linguiça, tênue*
10) [w♪]: *quiproquó*
11) [wo]: *aquoso, oblíquo*
12) [we]: *coelho*
13) [wE]: *equestre, goela*

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal [hoje semivogal], embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2, I 7]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série, glória,* que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie, gló-ria,* em ambos

os casos de pronúncia. No plano fonético, o ditongo [ye] pode pronunciar-se como [yi], devido à neutralização entre /e/ e /i/ em silaba átona final: *série* [‘sERyI]. O mesmo fenômeno ocorre com o ditongo [wo], que pode pronunciar-se como [wu] devido à neutralização entre /o/ e /u/ em sílaba átona final: oblíquo [o’blikwu].

Nasais:

1) [y)ã]: *criança*
2) [y)e)]: *paciência*
3) [y)o)]: *biombo*
4) [y)u)]: *médium*
5) [w))a)]: *quando*
6) [w)e)]: *frequente, quinquênio, depoente*
7) [w)ĩ]: *arguindo, quinquênio, moinho*

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais:

1) [ay]: *pai, baixo*
2) [aw]: *pau, cacaus, ao*
3) [Ey]: *réis, coronéis*
4) [ey]: *lei, jeito, fiquei*
5) [Ew]: *céu, chapéu*
6) [ew]: *leu, cometeu*
7) [iw]: *viu, partiu*
8) [Iy]: *herói, anzóis*
9) [oy]: *boi, foice*
10) [ow] *vou, roubo, estouro*
11) [uy] *fui, azuis*

OBSERVAÇÃO 1: O ditongo [ay], diante de sílaba iniciada por consoante nasal, pode assimilar o traço de nasalidade em algumas regiões linguísticas do Brasil, de cujo fato decorre uma pronúncia [ãy)], como em *faina*, *paina*, *andaime*, etc.

OBSERVAÇÃO 2: No plano fonético, devido ao processo da monotongação, o ditongo [ow] perde a semivogal na linguagem coloquial, vindo a pronunciar-

se /o/: *pouco* diz-se [‘powkU] ou [‘pokU]. Também os ditongos [ay] e [ey] podem sofrer monotongação para /a/ e /e/ na pronúncia coloquial, o primeiro perante /Z/ ou /S/, e o segundo perante /Z/, /S/ ou /R/: *caixa*, *baixo*, *queijo*, *freira*, etc.

OBSERVAÇÃO 3: Devido ao processo de vocalização do /l/ na maior parte das regiões linguísticas do Brasil, verifica-se, no plano fonético, a ocorrência dos ditongos [ãw], como em *sol*, *anzol*, *atol*, e [uw], como em *azul*, *sul*, *culpa*, etc.

Nasais:

1) [ãy)]: *alemães*, *cãibra*
2) [ãw)]: *pão*, *amaram*
3) [˜ey)]: *bem*, *ontem*
4) [õy)]: *põe*, *senões*
5) [u)y)]: *mui*, *muito*

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes [˜ey))], [ãy] e [ãw)] (cf SS.3, 320. 18, onde *vãs* rima com *mães*), a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo que, a rigor, a primeira grafia é mais recomendável.

TRITONGO é o encontro vocálico em que uma vogal se situa entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais:	Nasais:
1) [way]: *quais*, *paraguaio*	1) /w)ãw)/: *mínguam*, *saguão*, *quão*
2) [wey]: *enxaguei*, *averigueis*	2) [w)˜ey)]: *delinquem*, *enxáguem*
3) [wiw]: *delinquiu*	3) [w)õy)]*: saguões*
4) [wow]: *apaziguou*	

OBSERVAÇÃO 1: Nos tritongos nasais [w)ãw) e w)˜ey)] a última semivogal pode não vir representada graficamente: *mínguam*, *enxáguem*.

OBSERVAÇÃO 2: Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de

um ditongo pode constituir-se num tritongo: *fiéis, poeira, pião.*

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: *saída*, *caatinga*, *moinho.* Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz [MN. 1, 55].

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, pela presença da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÃO 1: Desenvolvem-se uma semivogal /y/ e uma semivogal /w/ nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia [‘prayyA], cheia [SeyyA] tuxaua [tu’SawwA], goiaba [goy’yabA].

OBSERVAÇÃO 2: Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento de /w/ variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais: nua = [‘nua] ou [‘nuwa]; recue = ou [‘nuwa]; recue = [{e’kue] ou [{e’kuwe]; amuo = [a’muo] ou [a’muwo].

OBSERVAÇÃO 3: Os encontros *ia, ie, io, ua, ue, uo* finais, átonos, seguidos ou não de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da língua portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo. Lembrando que, para efeito de divisão silábica, esses encontros finais não se separam.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção = tra-i-ção; vai-da-de = va-i-da-de; cai = ca-i.*

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente: *su-a-ve = sua-ve; pi-e-do-so = pie-do-so; lu-ar = luar.*

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. No conhecido verso de

Machado de Assis, do soneto “Círculo vicioso”, *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: “Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume...”.

Consoantes

Denominam-se consoantes os fonemas que se articulam mediante obstrução total ou parcial do fluxo de ar que sai dos pulmões e passa pela cavidade bucal. Em português, diz-se que as consoantes são fonemas *assilábicos*, visto que não há sílaba constituída apenas por sons consonantais.

Classificação das consoantes

Classificam-se as consoantes segundo os seguintes critérios:

a) modo de articulação – comportamento dos órgãos do aparelho fonador na articulação da consoante;
b) zona de articulação – lugar da cavidade bucal em que se articula a consoante;
c) vozeamento[10] – ocorrência ou não ocorrência de vibração das cordas vocais;
d) fluxo do ar[11] – modo pelo qual o ar flui para o exterior na articulação da consoante.

Quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas*, *fricativas*, *africadas*, *laterais*, *vibrantes*, além do *tepe* e da *retroflexa*.

O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*: [p] em *pato*, [k] em *casa*; no segundo, são *fricativas* quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: [f] em *faca*, [s] em *saia*, etc. As *africadas* caracterizam-se por uma articulação complexa, em que uma leve oclusão é acompanhada de fricção, caso do [tS] pronunciado pelos falantes do Rio de Janeiro junto à vogal /i/: *tia*, *tipo*, etc. São *laterais* quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela

aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: [l] em *lata*, [] em *lhe*. São *vibrantes* quando a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /{/ em *rua*.

Ainda quanto ao modo de articulação, o português brasileiro apresenta o *tepe*,[12] caracterizado por um "chicotear" da língua na região pré-palatal, cuja ocorrência se faz em ambiente intervocálico: *hora*, *ira*, *ara*, etc. Por fim, há também no português brasileiro uma consoante *retroflexa*, representada pelo símbolo [] e grafada com a letra *r*, cuja articulação implica a flexão da ponta da língua em direção à garganta.[13]

Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): [p], [b], [m];
2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): [f], [v];
3) *linguodentais* (língua contra a arcada dentária superior): [t], [d], [n];
4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): [s], [z], [l];
5) *alveolopalatais* (língua em direção à região pré-palatal): [tS], [dZ], [R];
6) *palatais* (dorso da língua contra o palato duro): [S], [Z], [], [];
7) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): [k], [g], , [g], , [g], , [g], [{], [h], [;].

Quanto ao VOZEAMENTO, as consoantes podem ser *vozeadas*, também denominadas *sonoras*, e *desvozeadas*, também denominadas *surdas*. As consoantes que se distinguem apenas pelo traço de vozeamento são denominadas *homorgânicas*.

1) desvozeadas: [p], [f], [t], [s], [tS], [S], [k], [h];
2) vozeadas: [b], [m], [v], [d], [n], [z], [l], [dZ], [R], [Z], [], [], [g], [{], [;].

Quanto ao fluxo de ar, as consoantes podem ser *orais*, se o ar passa apenas pela cavidade bucal, ou *nasais*, se o ar passa pela cavidade bucal com ressonância nas fossas nasais.

Tendo em vista estes critérios, chega-se ao seguinte quadro de consoantes:

Consoante	Classificação	Exemplos

[p]	oclusiva bilabial desvozeada oral	**p**ai
[b]	oclusiva bilabial vozeada oral	**b**ala
[t]	oclusiva linguodental desvozeada oral [14]	**t**apa, **t**ipo [15]
[d]	oclusiva linguodental vozeada oral	**d**ata, **d**ia [16]
[k]	oclusiva velar desvozeada oral	**c**ola, **qu**eda
[g]	oclusiva velar vozeada oral	**g**ato, **gu**ia
[tS]	africada alveolopalatal desvozeada oral	**t**ipo [17]
[dZ]	africada alveolopalatal vozeada oral	**d**ia [18]
[f]	fricativa labiodental desvozeada oral	**f**aca
[v]	fricativa labiodental vozeada oral	**v**aca
[s]	fricativa alveolar desvozeada oral	**s**eda, mi**ss**a
[z]	fricativa alveolar vozeada oral	**z**elo, a**s**a
[S]	fricativa palatal desvozeada oral	**x**ícara, **ch**uva
[Z]	fricativa palatal vozeada oral	**j**arra, **g**elo
[x]	fricativa velar desvozeada oral	**r**ua, ma**r** [19]
[m]	oclusiva bilabial vozeada nasal	**m**ão
[n]	oclusiva linguodental vozeada nasal	**n**ada [20]
[]	fricativa palatal vozeada nasal	ba**nh**o
[R]	tepe alveolopalatar vozeado oral	a**r**o
[{]	vibrante velar vozeada oral	rua, mar [21]
[ɽ]	retroflexa palatal vozeada oral	ma**r** [22]
[l]	lateral alveolar vozeada oral	**l**ata, cana**l**
[;]	lateral velar vozeada oral	cana**l**
[ʎ]	lateral palatal vozeada oral	**lh**e, a**lh**o

Quadro 5: Classificação das consoantes.

OBSERVAÇÃO 1: A classificação das consoantes se faz no plano fonético, em que se discriminam suas especificidades articulatórias. Em outras palavras, classificam-se *fones* consonantais, não *fonemas* consonantais, já que estes

últimos só existem no plano abstrato. Como observado no Quadro 5, há sons consonantais que, por não terem diferenciação entre si, figuram como *alofones* de um só fonema. Deste modo, diz-se que o fonema /t/ em *tipo* pode realizar-se foneticamente pelo alofone oclusivo [t], comum em estados da região Nordeste, ou pelo alofone africado [tS], mais presente na região Sudeste. Já o fonema /l/ manifesta-se pelo alofone [l] em início de sílaba, como em *lata*, *livro*, mas pode manifestar-se pelos alofones [l] ou [;] em travamento de sílaba,[23] como em *sinal*, *sul*, etc.

OBSERVAÇÃO 2: O estudo das consoantes deve conferir especial atenção ao fonema /{/, que se realiza foneticamente por, pelo menos, três alofones: [{] vibrante velar vozeado oral, [x] fricativo velar desvozeado oral e [ɻ] retroflexo palatal vozeado oral. A distribuição desses alofones indica maior incidência de [{] no interior sulista, predominância de [x] no Sudeste – com incidência da glotal desvozeada [h] sobretudo em travamento de sílaba – e presença expressiva de [ɻ] nas regiões interioranas do Sudeste, do Sul e do Centro-Oeste.

OBSERVAÇÃO 3: As consoantes vibrantes e laterais têm excepcional traço de vozeamento, razão por que se aproximam acusticamente das vogais. Por tal motivo, muitos linguistas as denominam *soantes* [CCh. 1, 43].

OBSERVAÇÃO 4: Em travamento silábico, as consoantes /s/, /z/, /S/ e /Z/ perdem diferenciação entre si, de que resulta a presença de um arquifonema sibilante [MC.9, 29], transcrito pelo símbolo /S/.

OBSERVAÇÃO 5: Em português, algumas consoantes são grafadas com a mesma letra, fato que provoca dúvidas ortográficas: /Z/ aparece em **j**arro e **g**elo; /z/ aparece em **z**elo e a**s**a, etc. Por outro lado, há letras que representam mais de um fonema: **x** representa /z/ em *exame*, /S/ em *enxada*, [ks] em *óxido*, etc.

OBSERVAÇÃO 6: Conforme já referido na Observação 3 do estudo sobre os ditongos decrescentes orais, em várias regiões linguísticas do Brasil ocorre perda de diferenciação entre a consoante /l/ e a semivogal /w/ em travamento silábico, de que resulta a homofonia entre *alto* e *auto*, *mal* e *mau*, etc.

Encontro consonantal

Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes: *li-**vr**o*; ***bl**u-sa; **pr**o-sa; **cl**a-mor*; *ri**t-m**o; pa**c-t**o; a**f-t**a, a**d-m**i-tir*. O encontro consonantal /ks/ é representado graficamente pela letra *x: anexo*, *fixo*. A esta representação se dá o nome de *dífono.* São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos existentes em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

[bd]: lamb-da	[ft]: af-ta
[bs]: ab-so-lu-to	[pn]: pneu, pneu-má-ti-co
[kk]: sec-ção	[ps]: psi-co-lo-gi-a
[dm]: ad-mi-tir	[pt]: ap-to
[gn]: dig-no	[stm]: ist-mo
[mn]: mne-mô-ni-co	[tn]: ét-ni-co
	[st]: pis-ta

No português brasileiro, há tendência para inclusão de uma vogal epentética[24] entre as consoantes desses encontros, de que decorrem as pronúncias “abisoluto”, adimitir”, “díguino”, “adivogado”, etc. Cumpre atentar para a pronúncia padrão quando mais adequada à situação discursiva.

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão indevida da vogal de certos vocábulos: *adivinhar* e não *advinhar*, *subentender* e não *subtender*.

Sílaba

Define-se a sílaba, do ponto de vista articulatório, como uma sequência sonora, produzida mediante expulsão do ar dos pulmões, conjugada com segmentos de maior ou menor tensão muscular, de que decorre um efeito acústico discreto, isto é, descontínuo [RCa.1, 115]. Nas palavras portuguesas, a sílaba apresenta um ápice de sonoridade, limitado por um declive anterior e outro posterior que constituem as chamadas *fronteiras silábicas*. O ápice da sílaba é a vogal, razão por que este fonema se denomina *elemento silábico*. Já

as consoantes e as semivogais, que não podem situar-se no ápice da sílaba, são denominadas *elementos assilábicos*.

Padrões silábicos

Se representarmos por V o *elemento sílábico*, isto é, a vogal, e por C os *elementos assilábicos*, isto é, as consoantes e as semivogais, chegaremos aos seguintes padrões estruturais básicos da sílaba na língua portuguesa: V (sílaba simples); CV (sílaba complexa crescente); VC (sílaba complexa decrescente); CVC (sílaba complexa equilibrada). Mais raramente, há palavras com padrões silábicos CCV, VCC, CCVC e CVCC.

Eis os exemplos:
Padrão V : ***a***|mo, cri|***a***|va, ca|***í***
Padrão CV: ***ca***|***la***|***da***, ***vi***|***la***
Padrão VC: ***ai***|po, A|***ir***|ton, te|***or***
Padrão CVC: ***mer***|gu|lho, en|***tor***|no, su|é|***ter***
Padrão CCV: ***gre***|go, a|***cri***|a|no, des|ca|la|***bro***
Padrão VCC: ***aus***|te|ro
Padrão CCVC: ***cris***|par, in|***crus***|tar, a|ves|***truz***
Padrão CVCC: ***pers***|pi|caz, e|***xaus***|to

Posição da consoante na sílaba

O estudo da sílaba revela que a presença das consoantes sofre significativas restrições. No tocante aos padrões silábicos básicos, temos a seguinte distribuição:

a) Sílaba CV – destaca-se por admitir quase todas as consoantes, excetuando-se o tepe /R/, que não ocorre em sílaba inicial.

OBSERVAÇÃO: Em sílaba CV inicial, o fonema //, aparece apenas em nomes de origem tupi, tais como *nhambi*, *nhanduguaçu*, *nhandiroba*; já o fonema /𝅘𝅥𝅮/, que figura no pronome *lhe*, também fica restrito a certos espanholismos, tais como *lhama*, *lhano* e *lhanura*. O tepe /R/ só ocorre em sílaba medial ou final, em ambiente intervocálico, como em *hora*, *ira*, *arado* e *Irene*.

b)

Sílaba CCV – o primeiro elemento é obrigatoriamente uma consoante oclusiva, excetuadas as nasais, ou uma consoante fricativa labiodental; o segundo elemento fica restrito às consoantes /l/ e /R/, não sendo poucos os pares mínimos decorrentes: *fluir*, *fruir*; *clave*, *crave*, etc.

c) Sílaba VC – nesta posição encontra-se o arquifonema silibilante /S/, que se realiza foneticamente pelas fricativas alveolares e palatais /s/, /z/, /S/ e /Z/: *pás*, *cartaz*, *misto*, etc.[25] Também ocorre a lateral /l/ (que se realiza foneticamente pelos alofones [l] e [;]: *mal*, *farol*[26] e a consoante /{/ (que se realiza foneticamente pelos alofones [{], [x], [h] e [ ]) – caso de *mar*, *falar*, *dizer*, *ferir*, etc. Pelo exposto, as consoantes pós-vocálicas no português do Brasil resumem-se a /S/, /l/ e /{/.[27]

Apêndice

FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos

Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração

É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra, quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

> "As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).
>
> "Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do que na comunicação intelectiva (Ö 510).

Onomatopeia

É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

> O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo

É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido

Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão

É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
> Meu Deus! não se*ja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21].
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão

mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco

É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal.

Hiato

O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> Hoje h*á a*ula.
> *Ou eu ou ou*tro *ou*viria a campainha.

Cacofonia ou cacófato

É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: o Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de

onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros.” [SA.1, 306-307]

B) ORTOÉPIA OU ORTOEPIA

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas. Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais

Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.
b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha.

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* [mãs]. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem [mũ˜y] ou [muy] e [mũ˜ytu] ou [muytu].
d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, [28] 481).
e) São oscilantes /e/ - /i/, /˜e/ - /ĩ /, /o/ - /u/, /õ/ - /ũ/, átonos pretônicos em numerosos vocábulos, fenômeno chamado *harmonização vocálica* [MC 9, p. 60], tendo em vista o nivelamento da vogal pretônica com a vogal tônica alta: menino, "minino"; pedir, "pidir", sentir, "sintir";

estudo, “istudu”, corrida, “currida”, etc. Quando o mesmo fato ocorre em palavras com vogal tônica média ou baixa, dá-se a denominação de *debordamento* [MC. 9, p. 62]: compadre, “cumpadre”, empada, “impada”, etc. Os dois casos são genericamente denominados *alçamento vocálico* [RCa. 1. p. 41].

f) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente / iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

g) O *u* depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Grafa-se *quatorze* [kwa’toRzi] ou *catorze* [ka’toRzi].

h) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelha*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* (‘arma’), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*,

primevo, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* (‘animal de carga’), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *relho* (também aberto), *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Apresentam timbre aberto ou fechado: sapé/sapê, bebé/bebê, Tieté/Tietê, ipé/ipê, suor (/ɤ/ ou /o/).

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *foro (‘praça pública’)*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* (‘feixe’), *noto* (‘vento sul’), *opa* (‘capa’), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *troço* (‘coisa’), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* (‘jurisdição, tribunal, juízo’), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* (‘jogo’ também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço* (‘parte’), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

i) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u* nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal [ãw)] a sílaba átona final *-am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal [˜ey)] as sílabas *-em*, *-ém*, *-en*, *-ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um /y/, as vogais tônicas finais seguidas de *-z* ou *-s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*,

paz e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem [tãy)]), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

"*O país estrangeiro mais belezas*
Do que a pátria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces duma mãe." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito, fluido* (diferente de *fluído*, particípio de *fluir*), *fortuito, arraigar*, entre outros.

j) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um /y/ ou /w/ semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* ou *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-486): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes

Soam levemente as consoantes *b, c, d, f, g, s, t* quando finais de vocábulos: *sob, Moab, Isaac, Cid, Uf, Gog, fórceps, Garrett, Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas *-ar, -er, -en, -ex, -on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar, certâmen* (também *certame*), *esfíncter, índex, cólon, númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a /w/: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do /l/ por /r/ nos grupos *bl, cl, fl, pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b* (Ö 90). Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorsouvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto* (ou *ab-rupto*), *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, na sílaba inicial ouve-se [mã]; em *mão-cheia* ouve-se, naturalmente, [mãw)]. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais */d/* e */t/*, seguidas de /i/, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O /*s*/ pode palatalizar-se a /Z/, mas sem exagero, antes de /*b*/, /*d*/, /*g*/, /Z/, /l/, /*m*/, /{/ e /*v*/: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o /*s*/, nestes casos, dá lugar ao /z/.

Antes de /k/, /f/, /p/, /t/, /S/ e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, a letra *s* representa o fonema /S/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, a letra *s* nestas circunstâncias representa o fonema /s/, como na palavra *selva*.

O *s* tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

O *x* tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em

auxílio; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

O *x* soa como /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe* (/s/ e não /ks/), *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

- o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;
- o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como
  /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;
- o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /w/,[29] o que explica a grafia com *u* nos derivados *daruinismo*, *daruinista*.

O *sc*, *xs* e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*, *exsudar*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de */e/* ou */i/*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*,

advogado, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li). *Ectlipse* pronuncia-se [ek'tlipse].

Dígrafo

Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema já que uma delas é letra diacrítica: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.[30] Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar ('transpirar')
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo
om ou *on*:	ombro, onda
um ou *un*:	tumba, tunda

Letra diacrítica

É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os

dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero; ca*m*po, o*n*da. Portanto, na palavra *hora* não há dígrafo.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:
1.ª) Não há ditongo em q*u*ero.
2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).
3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

Ortografia e ortoépia

Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma*, que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras grafias do sistema oficial favorecem novas pronúncias que alteram a divisão silábica tradicional, como em *sublinhar* e *abrupto*, que também já se ouvem como se neles tivéssemos os grupos consonantais -*bl*- e -*br*-: su-bli-nhar e a-brup-to. No caso desta última teremos duas grafias: *ab-rupto* e *abrupto*, e no caso de *sublinhar* duas divisões silábicas: sub-li-nhar e su-bli-nhar.

C) PROSÓDIA

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Constituição da sílaba

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples*

ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal ou semivogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade também vale por um travamento de sílaba: *ar*, *mas*, *um*, *vãs*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) *monossílabos* (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;
b) *dissílabos* (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;
c) *trissílabos* (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;
d) *polissílabos* (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *inconvenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade

É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘), que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'. Os sinais ˘ e ¯ são chamados, respectivamente, *bráquia* (ou *braquia*) e *mácron*.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação

É o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade

Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona	átona	tônica	átona			
pretônica	pretônica	postônica				

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico

Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al***, princi***pal***, ca***fé***;
b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***bar***ro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cís***simo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo*, o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, também chamada sobresdrúxula, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono (Ö 95).

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase* (Ö 94).

Acento de intensidade e significado da palavra

O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário

Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes

nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra*, o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional

O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos expressivos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra, insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
>
> "Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***Com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase

Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve. [31]

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos

Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua

individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o͡rei // ele͡disse // bom͡livro // deve͡estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-͡me // ei-͡lo // falar-͡lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos: *que livro // qual pergunta*.
6) verbos auxiliares: *quero crer // tenho dito*.
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*.
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*, [32] passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise

Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):
Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:
"E à noite, quando o céu é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:
"Outros suas terras em *boa* paz regeram
Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos" [AF.1].
"*Bas* noite nhozinho" [L. Cardoso].[33]

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; *para* > *pra*: Isto é *pra* mim.
c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro, *São* Jorge, *São* Sebastião (mas *Santo* Henrique, *Santo* Heriberto, *Santo* Hermenegildo, *Santo* Hilário de Poitiers);[34]
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *Grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo
d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica

Silabada é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves

Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia (doce), avaro, aziago, barbaria, berbere, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania,[35] exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), harpia, ibero, impio (cruel), inaudito, látex, levedo (subst. e verbo), maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente) (Ö 72).

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia (planta), anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmio (adj.), brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), *excipit* (lat.), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, *incipit* (lat.), ínclito, iníquo, ínterim, lêvedo (adj.), máxime ou *maxime* (lat.), Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; bênção ou benção; boêmia ou boemia; crisântemo ou crisantemo; geodésia ou geodesia; hieróglifo ou hieroglifo; homília ou homilia; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ômega ou omega; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; zângão ou zangão; zênite ou zenite.

D) ORTOGRAFIA

A ortografia (Ö 56) é o sistema de representação convencional de uma língua na sua vertente escrita. A este sistema de representar a grafia de cada palavra chegam os estudiosos técnicos levando em conta a lição dos critérios fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, etimológicos e de tradição cultural. Como esse sistema não deve ser entendido como a só representação da fala, não pode ter como guia exclusivo a fonética, nem tampouco a etimologia, isto é, a origem da palavra. Toda língua de cultura que adotar exclusivamente um desses critérios perderá, entre outras, a possibilidade de distinguir palavras homófonas (*passo* e *paço*; *cozer* e *coser*), o que promoveria o caos na língua. Por isso, propor sistemas ortográficos é tarefa exclusiva de técnicos. A língua portuguesa, como ocorre com qualquer outra, conheceu diversas propostas ortográficas até chegar à atual de 1990, comum a todos os países integrantes do grupo lusófono, explicitadas as pequenas diferenças fonéticas existentes entre eles. Como nos ensinou Bréal, quando uma língua se espraia por vasto território, é a língua escrita que lhe garante a unidade essencial [MBr. 2, 51].

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de 26 letras: *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, *f*, *g*, *h*, *i*, *j*, *k*, *l*, *m*, *n*, *o*, *p*, *q*, *r*, *s*, *t*, *u*, *v*, *w*, *x*, *y*, *z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras e no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento,

consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato*, *cloridria*, *clorídrico*, *quinidrona*, *sulfidrila*, *xilarmônica*, *xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar*, *reumanizar*, *reabituar*, *reabitar*, *reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*, *ontem*, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: *compacto*, *convicção*, *ficção*; *adepto*, *apto*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*,

sinóptico e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronunciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu*, *prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes de *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*,

uivo, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:
a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.
b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.
c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.
d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.
e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.
f) O ditongo nasal *e*)*i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *soe (soar)*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *ue*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, *sue (suar)*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafias diferentes

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia diferente que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z* e com os diversos valores do *x*:

1.º) com *i*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); ou com *e*: *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.º) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.º) com *c* ou com *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido de *cociente*), etc.

4.º) com *ch* ou com *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.º) com *g* ou com *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.º) com *s*, *ss* ou com *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.º) com *s* ou com *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa que tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.º) com *s* ou com *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:
a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su), etc.
b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.º) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.
2.º) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.
3.º) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.
4.º) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.
5.º) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia

original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente para os nomes comuns: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum: *baiano*, *baianês*.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação* na página 117.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.º) Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d'Os Lusíadas*, *d'Os Sertões*; *n'Os Lusíadas*, *n'Os Sertões*; *pel'Os Lusíadas*, *pel'Os Sertões*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas*, *em Os Lusíadas*, *por Os Lusíadas*, etc.

As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a*

com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: a *A Relíquia*, a *Os Lusíadas* (exemplos: Importância atribuída a *A Relíquia*; Recorro a *Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A = à*, *a Os = aos*, etc.

2.º) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso da maiúscula: *d'Ele*, *n'Ele*, *d'Aquele*, *n'Aquele*, *d'O*, *n'O*, *pel'O*, *m'O*, *t'O*, *lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela*, *n'Ela*, *d'Aquela*, *n'Aquela*, *d'A*, *n'A*, *pel'A*, *m'A*, *t'A*, *lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *Confiamos n'O que nos salvou*; *Esse milagre revelou-m'O*; *Está n'Ela a nossa esperança*; *Pugnemos pel'A que é nossa padroeira*. À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O*, *a Aquele*, *a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O = ao*, *a Aquela = àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *A O que tudo pode*, *A Aquela que nos protege*.

3.º) Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiológio, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana*, *Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana*, *Rua de Sant'Ana*; *culto de Sant'Iago*, *Ordem de Sant'Iago*. Mas se as ligações deste gênero, como é o caso destas mesmas palavras *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana*, *ilhéu de Santana*, *Santana de Parnaíba*; *Fulano de Santiago*, *ilha de Santiago*, *Santiago do Cacém*. Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um *o* final: *Nun'Álvares*, *Pedr'Eanes*.

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana*, *Nuno Álvares*, *Pedro Eanes*, etc.

4.º) Emprega-se o apóstrofo para assinalar, no interior de certas formações, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d'água*, *cobra-d'água*, *copo-d'água* (= certo tipo de planta; espécie de lanche), *estrela-d'alva*, *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= certa árvore; bêbado), *pau-d'alho*, *pau-d'arco*, *pau-d'óleo*.

5.º) O apóstrofo é usado para indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

6.º) Também para reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

A) Nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais [excetuando o que se estabeleceu nos itens 1.º e 2.º]. Tais combinações são representadas:

a) Por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fixo, uniões perfeitas:
i) *do*, *da*, *dos*, *das*; *dele*, *dela*, *deles*, *delas*; *deste*, *desta*, *destes*, *destas*, *disto*; *desse*, *dessa*, *desses*, *dessas*, *disso*; *daquele*, *daquela*, *daqueles*, *daquelas*, *daquilo*; *destoutro*, *destoutra*, *destoutros*, *destoutras*; *dessoutro*, *dessoutra*, *dessoutros*, *dessoutras*; *daqueloutro*, *daqueloutra*, *daqueloutros*, *daqueloutras*; *daqui*; *daí*; *dali*; *dacolá*; *donde*; *dantes* (= antigamente); ii) *no*, *na*, *nos*, *nas*; *nele*, *nela*, *neles*, *nelas*; *neste*, *nesta*, *nestes*, *nestas*, *nisto*; *nesse*, *nessa*, *nesses*, *nessas*, *nisso*; *naquele*, *naquela*, *naqueles*, *naquelas*, *naquilo*; *nestoutro*, *nestoutra*, *nestoutros*, *nestoutras*; *nessoutro*, *nessoutra*, *nessoutros*, *nessoutras*; *naqueloutro*, *naqueloutra*, *naqueloutros*, *naqueloutras*; *num*, *numa*, *nuns*, *numas*; *noutro*, *noutra*, *noutros*, *noutras*, *noutrem*; *nalgum*, *nalguma*, *nalguns*, *nalgumas*, *nalguém*.

b) Por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição em algumas pronúncias): *de um*, *de uma*, *de uns*, *de umas* ou *dum*, *duma*, *duns*, *dumas; de algum*, *de alguma*, *de alguns*, *de algumas*, *de alguém*, *de algo*, *de algures*, *de alhures* ou *dalgum*, *dalguma*,

dalguns, *dalgumas*, *dalguém*, *dalgo*, *dalgures*, *dalhures*; *de outro*, *de outra*, *de outros*, *de outras*, *de outrem*, *de outrora* ou *doutro*, *doutra*, *doutros*, *doutras*, *doutrem*, *doutrora*; *de aquém* ou *daquém*; *de além* ou *dalém*; *de entre* ou *dentre*.

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial *de ora avante* como do advérbio que representa a contração dos seus três elementos: *doravante*.

B) Nas combinações dos pronomes pessoais: *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

C) Nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

D) Nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Evite-se a repetição do artigo: *por O Globo* (em vez de *pelo O Globo*), *em A Ordem*, em vez de *na A Ordem*, etc.

b) Deve-se evitar a prática *dos Lusíadas*, *na Ordem*, porque altera o título da obra ou da publicação.

c) Os tratados de ortografia, bem como alguns gramáticos modernos, têm condenado o emprego da combinação de preposição, especialmente *de*, com artigo, pronome e vocábulo iniciado por vogal pertencente a sujeito, em construções do tipo sintático *Está na hora da onça beber água*. Trata-se de uma interferência indébita na ortografia na seara da sintaxe. A discussão disto se acha na página 595 e seguintes.

XIV – Hífen

37) Nos compostos:

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*,

és-sueste, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *guarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-*, *anglo-*, *euro-*, *franco-*, *indo-*, *luso-*, *sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente*, *anglofalante*, *anglomania*, *eurocêntrico*, *eurodeputado*, *lusofonia*, *sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro*, *anglo-saxão*, *euro-asiático*, etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol*, *madressilva*, *pontapé*, *sanguessuga*, etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas*, *paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa*(*s*), *para-choque*, *para-lama*(*s*), etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão hifenados: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico*, *zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque*, *trouxe-mouxe*, *xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás*, *zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenizados: *lengalengar*, *ronronar*, *zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras

com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá*, *titio*, *vovó*, *xixi*, etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *mestre-d'armas*, *olho-d'água*, etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além*, *aquém*, *recém*, *bem* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-mar*, *aquém-Pireneus*, *recém-casado*, *recém-nascido*, *bem-estar*, *bem-humorado*, *bem-dito*, *bem-dizer*, *bem-vestido*, *bem-vindo*, *sem-cerimônia*, *sem-vergonha*, *sem-terra*.

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte, quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (= abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (= benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem feito*! [interj.], *benfeitor*, *benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria*, *benquerer*, *benquisto*, *benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado*, *mal-entendido*, *mal-estar*, *mal-humorado*, *mal-informado*, *mal-limpo*. Porém: *malcriado*, *malgrado*, *malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul*, *Belo Horizonte*, *Cabo Verde*,

Castelo Branco, *Freixo de Espada à Cinta*, etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.
b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino*, *mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano*, *cruzeirense-do-sul*, *alto-rio-docense*.
c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha*.

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de ‘arbusto europeu’, e *bola de neve* (sem hífen) significando ‘aquilo que toma vulto rapidamente’; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta, e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de ‘nariz adunco’ ou ‘formação óssea anormal’; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de ‘melindres’.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe*, *cara de mamão-macho*, *bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda*, *fim de*

semana, *fim de século*, *sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *a quando de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda*, *salve-se quem puder*, um *faz de contas*, um *disse me disse*, um *maria vai com as outras*, *bumba meu boi*, *tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio*, *ab ovo*, *ad immortalitatem*, *ad hoc*, *data venia*, *de cujus*, *carpe diem*, *causa mortis*, *habeas corpus*, *in octavo*, *pari passu*, *ex libris*. Mas: o *ex-libris*, o *habeas-corpus*, o *in-oitavo*, etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*, e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-*

ortodoxo, semi-interno, sobre-elevar, sobre-estadia, supra-auricular.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-*, *alfa-*, *ante-*, *anti-*, *ântero-*, *arqui-*, *áudio-*, *auto-*, *bi-*, *beta-*, *bio-*, *contra-*, *eletro-*, *euro-*, *ínfero-*, *infra-*, *íntero-*, *iso-*, *macro-*, *mega-*, *multi-*, *poli-*, *póstero-*, *pseudo-*, *súpero-*, *neuro-*, *orto-*, *sócio-*, etc.

Então, se o 1.º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento, escrever-se-á junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico* (ou *hidrelétrico*), *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar*, *coautor*, *coedição*, *coerdeiro*, *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, *coemitente*, *coenzima*, *cofator*, *cogerente*, *cogestão*, *coirmão*, *comandante*; *proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul*, *propor*, *proembrião*, *proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência*, *preenchido*, *preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer*, *preexistir*; *reedição*, *reedificar*, *reeducação*, *reelaborar*, *reeleição*, *reenovelar*, *reentrar*, *reescrita*, *refazer*, *remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo*, *addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville*, *Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação*, *pós-tônico*; *pré-datado*, *pré-escolar*, *pré-história*, *pré-natal*, *pré-requisito*; *pró-africano*, *pró-ativo*, *pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico*, *postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n*: *circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude*.

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos seguintes prefixos que indicam anterioridade ou cessação: *ex-*, *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante*, *sota-capitão*, *soto-almirante*; *vice-presidente*, *vice-reitor*; *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Em *sotavento* e *sotopor*, os prefixos não têm o mesmo significado de *vice-*, *vizo-*, daí não se enquadrarem na regra anterior.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:
a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato*, *cloridria*, *clorídrico*, *quinidrona*, *sulfidrila*, *xilarmônica*, *xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar*, *reumanizar*, *reabituar*, *reabitar*, *reabilitar* e *reaver*.
b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano*; *inábil*, *inumano*, etc.
c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico*, *anepático*, *anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico*, *a-historicidade*).
d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão*, *não beligerante*, *não fumante*; *quase delito*, *quase equilíbrio*, *quase domicílio*, etc.
e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto*, *ad-renal*, *ad-referendar*; *ob-rogar*; *sob-roda*; *sub-reitor*, *sub-reptício*, *sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*, mas ambos são possíveis, e o último até mais corrente, facilitando a pronúncia com o grupo consonantal /a-brup-to/.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *eletrossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*,

neorromano, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

9.º) Emprega-se o hífen quando ao prefixo se segue nome próprio começado por maiúscula (p.ex.: anti-Stalin) ou vocábulo não aportuguesado (p.ex.: anti-show).

41) Nas formações com sufixo:

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu*; *anajá-mirim*; *andá-açu*, *capim-açu*; *Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo*, *dá-se*, *deixa-o*, *partir-lhe; amá-lo-ei*, *enviar-lhe-emos.*

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de*, *hás de*, *hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o*(*s*), *requere-o*(*s*).

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me*, *ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar*, *anguiforme*, *arguir*, *bilíngue*, *lingueta*, *linguista*, *linguístico*,

cinquenta, *equestre*, *frequentar*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:
a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*; *mülleriano*, de *Müller*, etc.
b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).
c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não haverá modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e naqueles indicados nas páginas 331 e 332.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a* + *a*), *às* (de *a* + *as*).
2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas* e *aquilo*, ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).
3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às quais*.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesmente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).
2.º) Nas palavras que têm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*),

pessegozito (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopeico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: s*ub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*; *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*; *pror-ro-gar*; *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *gló-ria, ó-dio, sá-bio, vá-rio; ai-ro-so, a-ni-mais, au-ro-ra, ca-iu, cru-éis, en-jei-tar, fo-ga-réu, fu-giu, ja-mais, joi-as, su-bor-nou, ta-fuis; a-ve-ri-gueis, guai-ar, i-guais, quais, sa-guão, sa-guões*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta.

Disse o Padre Antônio Vieira: “Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso.”

“Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da Esperança...” (CASTRO ALVES)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro."

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressurreição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Hégira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da Carioca*, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*,

Travessa do Comércio, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirante*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que

têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império, O Crepúsculo dos Deuses, História sem Data, A Mão e a Luva, Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo: *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil, Descobrimento da América, Reforma Ortográfica, Acordo Luso-Brasileiro, Exposição Nacional, Festas das Mães, Dia do Município, Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval, entrudo, saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Comércio, Colégio Pedro II, Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República, a Transbrasiliana, moro na Capital, o Natal de Jesus, o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península, a Bondade, o Amor, a Ira, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio, o Decreto-Lei n.º 292, o Decreto-Lei n.º 20.108, a Portaria de 15 de junho, o Regulamento n.º 737, o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, ou equivalentes, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar do Norte é diferente do falar do Sul*; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país*

de norte a sul e de leste a oeste.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.Em.ª* (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossas Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão de Mar e Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação* na página 638.

XXI – Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados nas vogais tônicas abertas ou fechadas grafadas:

a) -a, -as: *já*, *lá*, *vás*;

b) -e, -es: *fé*, *lê*, *pés*;

c) -o, -os: *pó*, *dó*, *pós*, *sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) -a, -as: *cajás*, *vatapá*, *ananás*, *carajás*;

b) -e, -es: *você*, *café*, *pontapés;*

c) -o, -os: *cipó*, *jiló*, *avô*, *carijós*;

d) -em, -ens: *também*, *ninguém*, *vinténs*, *armazéns*.

Daí sem acento: *aqui*, *caqui*, *poti*, *caju*, *urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) -i, -is: *júri*, *cáqui*, *beribéri*, *lápis*, *tênis*;

b) -us: *vênus*, *vírus*, *bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em -*u*: um deles existente até há pouco era *tribu*, que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) -r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) -l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) -x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) -n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) -um, -uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) -ão, -ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) -ã, -ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) -ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) -on(s): *rádon*, *rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em *-om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)
Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados *-éis*, *-éu*(*s*) ou *-ói*(*s*): *anéis*, *batéis*, *fiéis*, *papéis*; *céu*(*s*), *chapéu*(*s*), *ilhéu*(*s*), *véu*(*s*); *corrói*(*s*) (flexão de *corroer*), *herói*(*s*), *remói*(*s*) (flexão de *remoer*), *sói*(*s*) (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).
b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos *-ei* e *-oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer*,

contêiner, *destróier*, *Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.) / *heróon* (Port.), paroxítona terminada em *-n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela*(*s*) (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela*(*s*) [combinação de *per* e *la*(*s*)]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo*(*s*) (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo*(*s*)]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo*(*s*) (ó) [substantivo] e *polo*(*s*) [combinação antiga e popular de *por* e *lo*(*s*)]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas*, *para-brisa*(*s*), *para-choque*(*s*), *para-lama*(*s*), etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras *paroxítonas*, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca*, *bocaiuva*, *boiuno*, *cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura*, *feiudo*, *maoismo*, *maoista*, *saiinha* (de *saia*), *taoismo*, *tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na palavra *eoípo* (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o-í), razão por que tem acento gráfico.
2.ª) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente, e não decrescente como na regra g).

h) Serão acentuadas as vogais tônicas *i* e *u* das palavras *oxítonas*, quando, mesmo precedidas de ditongo decrescente, estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí*, *teiú*, *teiús*, *tuiuiú*, *tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim*, *cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em-*em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
-em	-êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em -*ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
-ém	-êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em-*ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
-ê	-eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais *oxítonas* terminadas em -*air* e -*uir*, quando seguidas de -*lo*(*s*), -*la*(*s*), caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo*(*s*) [de *atrair-lo*(*s*)]; *atraí-lo*(*s*)-*ia* [de *atrair-lo*(*s*)-*ia*]; *possuí-la*(*s*) [de *possuir-la*(*s*)]; *possuí-la*(*s*)-*ia* [de *possuir-la*(*s*)-*ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em -*r* e -*i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua*, *arguas*, etc.

2.ª) Os verbos do tipo de *AGUAR*, *APANIGUAR*, *APAZIGUAR*, *APROPINQUAR*, *AVERIGUAR*, *DESAGUAR*, *ENXAGUAR*, *OBLIQUAR*, *DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas

formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: *averiguo* (ou *averíguo*), *averiguas* (ou *averíguas*), *averigua* (ou *averígua*), etc.; *averigue* (ou *averígue*), *averigues* (ou *averígues*), etc.; *delinquo* (ou *delínquo*), *delinques* (ou *delínques*), etc.; *delinqua* (ou *delínqua*), *delinquas* (ou *delínquas*), etc.
3.ª) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.
4.ª) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. ind.
p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*); *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.
r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma* (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."

II – Gramática descritiva e normativa

As unidades no enunciado

A) FORMAS E FUNÇÕES

Introdução

Classes de palavras e categorias gramaticais

Os diversos significados

Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes, com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados: [36]

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.[37] É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística “substantivo”; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais

para expressar a categoria “substantivo”. Assim, a categoria “substantivo” expressa substantivos por meio de nomes como *homem*, *livro*, *saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte*, ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é “adjetivo” , essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir “o adjetivo em português”. À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais “categorias gramaticais” da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos “categorias verbais”, porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o “substantivo” (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.[38] Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado “atualizador” e o *-s* em *livro-s* tem o significado “pluralizador”. Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como “morfemas”, nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido

restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais “singular”, “plural”, “atual”, “virtual”, “ativo”, “passivo”, “presente”, “passado”, “futuro”, “indicativo”, etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental” pluralizador” (e não “plural”) ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático “plural”.

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: “afirmativo”, “negativo”, “interrogativo”, “imperativo”, etc.

Classe de palavra e classe verbal

Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou *classe verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[39] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras “formas” (F), por exemplo “amo” em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como “formas léxicas” ou “lexemas” (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como “formas categoriais” ou “categoremas” (FC), por exemplo, *quadro*, *papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos (“*quadro* de um pintor”, “*quadro* de futebol”, “folha de *papel*”, “*papel* de um ator”); e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* ‘senhor’, substantivo, e *amo* ‘quero bem’, verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: “folha *verde*” e substantivo: “o *verde* da folha”) e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, “verde” será uma só e mesma palavra, assim como “amo”; se as estabelecermos como FCL, “verde”, adjetivo, e “verde”, substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como “amo” ‘senhor’ e “amo” ‘quero bem’, o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são “formas sem substância”, isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico (“pessoa”, “coisa”, “lugar”, “tempo”, “modalidade”, etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[40]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[41]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial “adjetivo” e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-frase*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

É a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem*, *casa*, *livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade*, *maldade*, *rapidez*), estados (*saúde*, *doença*), processos (*chegada*, *entrega*, *aceitação*). Qualquer palavra tomada materialmente pode substantivar-se (o *se*, o *de*, o *não*, o *porquê*) e estará sujeita às regras de flexão e derivação dos substantivos (os *ses*, os *des*, os *nãos*, os *sins*, os *porquês*).

Concretos e abstratos

Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

SUBSTANTIVO CONCRETO é o que designa ser de existência independente: *casa*, *mar*, *sol*, *automóvel*, *filho*, *mãe*.

SUBSTANTIVO ABSTRATO é o que designa ser de existência dependente: *prazer*, *beijo*, *trabalho*, *saída*, *beleza*, *cansaço*.

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ação (*beijo*, *trabalho*, *saída*), estado (*cansaço*, *doente*, *felicidade*) e qualidade (*prazer*, *beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns

Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

SUBSTANTIVO PRÓPRIO é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João*, *Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]"). [42]

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

Há uma nomenclatura especializada para outras aplicações de substantivos, como, por exemplo, axiônimos (formas de cortesia, de tratamento), patronímicos (nomes que expressam filiações ou descendência, linhagem), prosônimos (cognatos ou apodos), etnônimos (nomes de povos, tribos, castas), hierônimos (nomes sagrados, referentes a crenças), mitônimos (nomes da mitologia clássica ou não), astrônimos (nomes astronômicos), cronônimos (nomes próprios do calendário de qualquer povo), heortônimos (nomes de festividades populares), bibliônimos (nomes de livros).

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem*, *mesa*, *livro*, *cachorro*, *lua*, *sol*, *fevereiro*, *segunda-feira*, *papa*.

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios*, as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos*, os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes*, os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns

Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos 12 apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivarius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*), *champanha* (da região francesa Champagne), *cambraia* (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis

Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem*, *mulher*, *casa*, *livro*, etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano*, *vinho*, *bondade*, *beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo*, *folhagem*, *casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um

substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores*, *folhas*, *casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo*, *passarada*, *casario*) e os *particulares* (*caniçal*, *vinhedo*, *laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando*, *rebanho*, *cardume*, etc.), embora assim o faça a gramática tradicional. Na realidade, os nomes de grupos são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume*, *alcateia*, *enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto*, *grupo*, *bando*: *bando de pessoas*, *de aves*, *de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente os que se referem a espécie indefinida, requerem determinação explícita do tipo de objeto que compõe o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas*, *de adolescentes*, etc.; *um* ***cardume*** *de baleias*, *de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhas*, por ser pleonástico e, assim, desnecessário.

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, *bando*, *caterva*, *corja*, *horda*, *farândola*, *malta*, *quadrilha*, *récova*, *súcia*, *turba*: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, *clube*, *comício*, *comissão*, *congresso*, *conselho*, *convenção*, *corporação*, *grêmio*, *sociedade*: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, *auditório*, *concorrência*, *aglomeração*, *roda*: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, *torcida*: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, *cortejo*, *séquito*, *acompanhamento*: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, *confraria*, *congregação*, *irmandade*: ordem de religiosos.

Concílio, *conclave*, *consistório*, *sínodo*, *assembleia*: de párocos ou de outros padres.

Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.

Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.

Equipagem, *marinhagem*, *companha*, *maruja*, *tripulação*: de marinheiros.

Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.

Junta: de credores, de médicos.

Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.

Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.

Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.

Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) GRUPO DE ANIMAIS:

Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.

Bando, *revoada*: de aves, pardais.

Cáfila: de camelos.

Cardume, *boana*, *corso* (ô), *manta*: de peixes.

Colmeia, *enxame*, *cortiço*: de abelhas.

Correição, *cordão*: de formigas.

Fato: rebanho de cabras.

Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.

Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.

Junta, *cingel*, *jugo*, *jugada*: de bois.

Lote: de burros, grupos de bestas de carga.

Malhada, *oviário*, *rebanho*: de ovelhas.

Manada: de cavalos, de porcos, éguas.

Matilha: de cães.

Ninhada: rodada de pintos.

Nuvem, *miríade*, *onda*, *praga*: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.

Piara, *vara*: de porcos.

Récova, *récua*: de cavalgaduras.

Rebanho, *armento*, *armentio*, *grei*, *maromba*: de bois, ovelhas.

c) GRUPO DE COISAS:

Acervo, *chorrilho*, *enfiada*: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.

Antologia, *analecto*, *crestomatia*, *coletânea*, *florilégio*, *seleta*: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, *baixela*, *serviço*: de chá, café, jantar.

Armada, *esquadra*, *frota*: de navios de guerra.

Bateria, *fileira*: de peças de artilharia.

Braçada, *braçado*, *buquê*, *ramo*, *ramalhete* (ê), *festão*: de flores.

Cacho: de uvas, de bananas.

Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.

Carrada: de razões.

Chuva, *chuveiro*, *granizo*, *saraiva*, *saraivada*: de balas, pedras, setas.

Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.

Constelação: de estrelas.

Cordilheira, *cadeia*, *série*: de montes, montanhas.

Cordoalha, *cordame*, *enxárcia*: de cabos de um navio.

Feixe, *lio*, *molho* (*ó*): de lenha, capim, chaves.

Fila, *fileira*, *linha*: de cadeiras.

Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.

Galeria: de quadros, estátuas.

Gavela ou *gabela*, *paveia*: feixe de espigas.

Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.

Hinário: de hinos.

Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.

Mobília, *mobiliário*: de móveis.

Monte, *montão*: de pedras, palha, lixo.

Penca: de bananas, laranjas, chaves.

Pilha, *ruma*: de livros, malas, tábuas.

Réstia: de cebolas, alhos.

Sequência: série de cartas do mesmo naipe.

Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo

A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino* / *menina*, *gato* / *gata*. [43]

Número

É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado*, *alunado*, *caravana*, *cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem*, *casa*, *cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro*, *ferro*, *céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor*, *saudade*, *riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem – homens*; *casa – casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica (Ö 135) [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69].

Muitas vezes empregamos no singular um substantivo referido ao plural, por exemplo: *Nesta polêmica, lavo a minha* mão; *O* olho *ardia pelo excesso de fumaça*. Não raro, um termo usado no singular é depois referido no plural: “[...] muita *casa* antiga, *algumas* do tempo do rei [...]” [MA.3, apud SS. 1, 230].

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da

desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.[44] O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros*; *lei → leis*; *cajá → cajás*.

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns*; *totem → totens* (para o plural *tótemes* Ö 87).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães*; *bênção → bênçãos*; *sótão → sótãos*.

OBSERVAÇÃO:Vários substantivos de origem estrangeira, em geral grega, admitem forma com *-s* final ou sem ele, mas tratados como singular: o/a *diabete* ou o/a *diabetes*; o *cosmo* ou o *cosmos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita, a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*
Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo ou cumulativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor → cores*; *elixir → elixires*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n* (Ö 86), pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen → *abdomene → abdômenes*). Melhor fora dar

a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens*, grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes
certâmen → certamens ou certâmenes
dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes
espécimen → espécimens ou especímenes
gérmen → germens ou gérmenes
hífen → hifens ou hífenes
pólen (polem) → polens ou pólenes
regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:
1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.
2.ª) *cânon*, melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.
3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n* e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã*, *pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (*leõ + e + s) → *leões*
coração (*coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões*, *melões*, *razões*, etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste

grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção*, *-são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*; *abusão* → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões.*

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão.*

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

“O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*),

ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados ‘clássicos’”[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos	irmão → irmãos
cidadão → cidadãos	mão → mãos
cristão → cristãos	pagão → pagãos
desvão → desvãos	e os paroxítonos apontados em a) 3. (Ö 131)
grão → grãos	

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães

sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes terminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al*, *-el*, *-ol*, *-ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*).

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais
papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)
lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis
nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono) [45]
paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:
1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males.*
2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais.*
3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova).

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:
fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:
funil → **funils* → *funis* [46]

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis.*

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -*x* (= *ce*)**

Os terminados em -*x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em -*ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices*; *apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices.*

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por -*s* em sílaba átona (como *lápis*, *pires*, ou monossílabos como *cais*, *xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheios à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização (Ö 370) [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis*, *os lápis*; *um pires*, *dois pires*; *este xis*, *estes xis.*

Estão neste caso os terminados em:

1) -*s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):
o pires, *os pires*; *o lápis*, *os lápis*; *a cútis*, *as cútis.*

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *símplices* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós*, *lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses*, *laises* e *ferrabrases*.

2) -*x* (com o valor de *cs*): *o tórax*, *os tórax*; *o ônix*, *os ônix*; *o fax*, *os fax*; *a fênix*, *as fênix*; *a xerox*, *as xerox.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice*, *ápex* ou *ápice*; *códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices*, *ápices*, *códices.*

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)** [47]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porto
antolho	forno	posto
aposto	foro	povo
caroço	fosso	reforço
choco	imposto	rogo
corcovo	jogo	sobrolho
coro	miolo	socorro
corpo	mirolho	tijolo
corvo	olho	torto
despojo	osso	troco
destroço	ovo	troço
escolho	poço	
esforço	porco	

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência -*a*: *avô* – *avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador -*s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro
boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco

cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão* (*-ões*, *-ães*, *-ãos*), a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:
os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico**
Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural**
Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)
féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)
"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças*, *crueldades*, *gentilezas*, o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

k) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*)
Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	óculos (mas também óculo, no singular, apesar de raro)
avós (antepassados)	trevas
belas-artes, belas-letras	víveres
confins	nomes de naipes: copas, ouros, espadas, paus
costas	

OBSERVAÇÃO: Todos estes substantivos levam ao plural seus adjuntos e predicados. Portanto, deve-se dizer: *Quebraram-se os óculos novos*.

l) **Plural de nomes próprios**
Os nomes próprios usados no plural (Ö 126) fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua-padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular (*Os Maias*, de Eça

de Queiroz; *Os Cigarras e os Formigas*, de Maria Clara Machado, etc.):

"O fidalgo *dos Vitos Alarcões* tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco *dos Parmas d'Eça*, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

"D. Garcia pagou caro por isso: os *Silvas* comandaram uma grande rebelião (...)." [CSi.1].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* SS.3, 105].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em se tratando de nomes compostos, ambos os termos vão ao plural — caso mais comum — ou só o primeiro: os *Vitos Alarcões*, os *Albuquerques Maranhão*.

2.ª) Quando entre os termos aparece a preposição *de*, só o primeiro vai ao plural: *os Correias de Sá*.

3.ª) Não se flexiona o nome próprio em aposição, geralmente designativo de marcas ou especificação: Comprou dois automóveis *Ford*; Escreveu uma crônica de guerra sobre os aviões *Mirage*. (Já sem aposição: Comprou dois *Fords*; "[...] ele está morando na Barra, tem quatro *Pajeros* e dois *Mercedes* na garagem, vai pro trabalho de helicóptero..." [JU.1].)

m) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados**

Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes*; *dólar → dólares*; *repórter → repórteres*; *abajur → abajures*; *ultimato → ultimatos*; *memorando → memorandos*; *confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua-padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes, hussards.

Este último aportuguesa-se em hussardo (pl. hussardos) ou hússar (pl. hússares).

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → *curricula*, *memorandum* → *memoranda*,
corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo*, *memorando*, *corpo* (raro).

campus → *campi* (*o campus*, *os campi*).

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata*.

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*; *sexy* → *sexies*;
dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen*.

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen*.

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)."

Os nomes italianos em -*i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*); mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do -*s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem *Buonarottis*" [*apud* SS]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*). [48]

Os nomes próprios estrangeiros fazem o plural com o acréscimo de -*s* final: *Mozarts*, *Kennedys*, *Darwins*.

n) **Plural dos nomes de letras**

Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres.*

Coloquemos os pingos nos *is.*

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff*, *rr*, *ii*.

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

o) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho***

Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha
florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

OBSERVAÇÃO: Se o sufixo não tem tem *z*- inicial, só se faz o plural do sufixo: *lapisinho – lapisinhos*; *luzinha – luzinhas*; *cuscuzinho – cuscuzinhos*; *rapazinho – rapazinhos*; *pazinha* (curta *paz*) – *pazinhas*. Se o radical permitir indiferentemente *-zinho* ou *-inho*, haverá duplicidade de procedimento de plural: *florzinha – florezinhas* / *florinha – florinhas*; *mulherzinha – mulherezinhas*; *mulherinha – mulherinhas*.

Com esta sistematização, evitaremos plurais de difícil explicação morfológica, do tipo de *pazezinhas* (curtas *pazes*), *rapazezinhos*, *luzezinhas* e assemelhados.

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos -*inho* (-*ito*, etc.), -*zinho* (-*zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto -*s* e -*z*), a escolha é materialmente indiferente, mas o uso faz as suas opções, além de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha* / *florzinha*; *mulher* → *mulherinha* / *mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório -*zinho* (-*zito*, etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; rei → reizinho. Com -*zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioíto*, etc.;

c) se termina em -*s* ou -*z*, o emprego normal é com -*inho* (-*ito*, etc.), repudiando-se -*zinho* (-*zito*, etc.), ficando intacta a palavra básica: *lapisinho* (lápis + inho), *cuscuzinho* (cuscuz + inho), *japonesinho* (japonês + inho), *rapazinho* (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira* (*lápis* + *eira*), *lapisar* (lápis + ar), *lapisada* (lápis + ada), etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um* masinho *que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz* + *inha*) e *pazinha* (*pá* + *zinha*), que o contexto dissolverá.

N.B.: A norma acolheu algumas divergências à regra, como, por exemplo: *barzinhos*, *colherzinhas*, *senhorzinhos*.

p) **Plural das palavras substantivadas**

Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomados materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim*, o *não*, o *quê*, o *pró*, o *contra*, o *h*, *peras* é feminino, *os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins*, os *nãos*, os *quês*, os *prós*, os *contras*, os *hh* (agás).

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*.

Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois*, *três*, *seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

Vale lembrar que, enquanto numerais propriamente ditos, não vão ao plural, como em: Os *quatro* cantos da sala (e não: os *quatros* cantos).

q) **Plural cumulativo**

Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás*, *o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás*, *os ananases*; *o eirós*, *os eiroses*; *o filhós*, *os filhoses*; *o ilhós*, *os ilhoses*; *o lilás*, *os lilases.*

r) **Plural nos etnônimos**

Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o

conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros*, *os portugueses*, *os espanhóis*, *os botocudos*, *os tupis*, *os tamoios*, etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula, ou nos quais não haja elementos vernáculos, não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi*, *os nambiquara*, *os caiuá*, *os tapirapé*, *os bântu*, *os somáli*, etc.

s) **Plural indevido (quando o singular tem valor generalizante)**

Modernamente se vem usando o plural onde melhor caberia o singular, por se referir a unidade, quando esta tiver efeito generalizante, como ocorre em exemplos do tipo: *As pessoas foram julgadas por* sua índole (e não: suas índoles); *Foram discriminados em razão da cor* de sua pele (e não: de suas peles); *O pássaro voava acima* da nossa cabeça (e não: das nossas cabeças); *O pesquisador estudou* o cérebro *dos fetos* (e não: os cérebros); *A babá limpava* o nariz *das crianças* (e não: os narizes); *Envergonhados, abaixaram* a cabeça (e não: as cabeças).

t) **Plural dos nomes compostos**

Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
madressilva	madressilvas
mandachuva	mandachuvas
pontapé	pontapés
vaivém	vaivéns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel*:

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

lenga-lenga	lenga-lengas
reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques
zum-zum	zum-zuns

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos em que haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
cana-de-açúcar	canas-de-açúcar
jararaca-de-cauda-branca	jararacas-de-cauda-branca

2) nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
bomba-relógio	bombas-relógio
caneta-tinteiro	canetas-tinteiro
carta-bomba	cartas-bomba
cidade-satélite	cidades-satélite
decreto-lei	decretos-lei
elemento-chave	elementos-chave
fruta-pão	frutas-pão
homem-rã	homens-rã
licença-prêmio	licenças-prêmio
manga-rosa	mangas-rosa (= de casca rosada)
navio-escola	navios-escola (= para escola)
peixe-boi	peixes-boi
público-alvo	públicos-alvo
salário-família	salários-família
pombo-correio	pombos-correio
tatu-bola	tatus-bola

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste último caso também admitem a flexão dos dois elementos: *aços-ligas*, *bombas-relógios*, *canetas-tinteiros*, *cidades-satélites*, *decretos-leis*, etc.

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um *adjetivo* e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes.*

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
pula-pula	pulas-pulas
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem o plural flexionando-se apenas o segundo elemento: *corre-corres*, *pula-pulas*, *ruge-ruges.*

D – OS ELEMENTOS FICAM INVARIÁVEIS:

1) nas frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi
a fora da lei	as fora da lei

2) nos compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco os ganha-pouco

o pisa-mansinho os pisa-mansinho

o cola-tudo os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz os leva e traz

o vai-volta os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

guarda-marinha guardas-marinha ou guardas-marinhas [49]

padre-nosso padres-nossos ou padre-nossos

salvo-conduto salvos-condutos ou salvo-condutos

Gênero

A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, “não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*,

boi / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos – "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ô*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9, s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de *-a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles.

Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos (artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical

A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o* / *a* ***estudante***, *este* / *esta* ***consorte***, *reconhecido* / *reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

OBSERVAÇÃO: Toda palavra substantivada é considerada como masculina (o *a*, o *sim*, o *não*, etc.): “Não tem santo que me faça mencionar *os issos*. *Os aquilos*, então, nem pensar.” (João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 21/8/2005).

A mudança de gênero

Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isso representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas

A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre a *cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *consulesa* (= esposa do cônsul), a *embaixadora* (= senhora que dirige uma embaixada) e *embaixatriz* (= esposa do embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos: [50]

a cabo Ester Silva, *a sargento* Andreia, *a primeiro-tenente* Denise, *a tenente-coronel* Ana, *a contra-almirante* médica Dalva, etc.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O substantivo *presidente* é de dois gêneros, portanto podemos dizer: *o presidente, a presidente*. O feminino *a presidenta* também é aceito, pois a língua permite as duas formas em referência a mulheres que assumem a presidência. O uso não só atende a princípios gramaticais. A estética e a eufonia são fatores permanentes nas escolhas dos usuários. O repertório lexical que regula ocorrências nos mostra, até o momento, a presença de *a presidente* com mais frequência do que *a presidenta*. Com *vice* a forma vitoriosa é *presidente*, sobre *presidenta.* A tentativa de dar forma feminina a nomes uniformes tem ocorrido em outras línguas. Os franceses criaram *chefesse*, que o filólogo Brunot considerava horrível.

2.ª) O feminino de *papa* é *papisa*, forma normalmente usada no sentido de ‘profissional que se destaca e ganha notoriedade por sua competência’, por exemplo: *Costanza Pascolato é conhecida como* a papisa *da moda*. No sentido de ‘líder supremo de religião ou igreja’, também é possível o uso do feminino, caso uma mulher ocupe esta posição.

3.ª) O feminino de *cacique* é *cacica*, para designar a ‘mulher que é chefe temporal de tribo indígena’. Se considerarmos *cacique* um substantivo de dois gêneros, poderemos aceitar também a forma *cacique* para os dois gêneros: *o cacique* Raoni, *a cacique* Jurema.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho – filha

pai – mãe

rapaz – rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

A) mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática

1 – os terminados em *-o* mudam o *-o* em *-a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho – filha menino – menina

aluno – aluna gato – gata

2 – os terminados em *-e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam *-a* depois de suprimir a vogal temática: *mestre* → mestr(e) + a → *mestra*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os terminados em *-or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:
doutor – doutora
professor – professora

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em *-eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os terminados em *vogal atemática (tônica)*, *-s*, *-l*, *-z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

guri	–	guria	peru	–	perua
freguês	–	freguesa	português	–	portuguesa
oficial	–	oficiala	zagal	–	zagala
juiz	–	juíza			

5 – os terminados em *–ão*, dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos (Ö 131), apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em *-o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de *-a* e posterior fusão por crase:
irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*.[51]
saxão → saxã(o) + a → *saxãa* → saxã
bretão → bretã(o) + a → *bretãa* → bretã

b) quando *-ão* corresponde à forma teórica *-õ*, tal qual ocorre com o plural (Ö 132), há desnasalação da vogal temática e acréscimo de *-a*, que favorece o aparecimento de hiato:
leitão (radical teórico *leitõ*, cf. o plural *leitões*) → leito(m) + a → *leitoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.[52]

c) quando *-ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:
valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.
folião → foliona

6 – os terminados em sufixo derivacional *-eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam *-a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior

passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – os que manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-ina*, *-triz*:

abade – abadessa
alcaide – alcaidessa (ou alcaidina)
ator – atriz
barão – baronesa
bispo – episcopisa
conde – condessa
condestável – condestabelesa
cônego – canonisa
cônsul – consulesa
czar / pron. tçar / – czarina [53]
diácono – diaconisa
doge – dogesa, dogaresa, dogaressa
druida – druidesa, druidisa (ocorre em O. Bilac)
duque – duquesa
embaixador – embaixatriz (embaixadora)
etíope – etiopisa
felá – felaína
herói – heroína
imperador – imperatriz
jogral – jogralesa
landgrave – landgravina
mandarim – mandarina
maestro – maestrina (também *maestra*)
papa – papisa
píton – pitonisa
poeta – poetisa [54]
príncipe – princesa
prior – priora, prioresa

profeta – profetisa
sacerdote – sacerdotisa
visconde – viscondessa

Não se enquadram nos casos precedentes:

avô – avó
capiau – capioa
dom – dona
galo – galinha
grou – grua
ilhéu – ilhoa
marajá – marani
pierrô – pierrete
raja ou rajá – râni ou rani
rapaz – rapariga
rei – rainha
réu – ré
silfo – sílfide
sultão – sultana
tabaréu – tabaroa

B) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona	marido – mulher
cavalheiro – dama	padrasto – madrasta
confrade – confreira	padre – madre
compadre – comadre	padrinho – madrinha
frade – freira	pai – mãe
frei – sóror, soror, sor	patriarca – matriarca
genro – nora	rico-homem – rica-dona
homem – mulher	

2 – Nomes de animais:

bode – cabra	carneiro – ovelha
boi – vaca	cavalo – égua
burro – besta	veado – cerva (é), veada
cão – cadela	zangão, zângão – abelha

C) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, *consorte*, *mártir*, *amanuense*, *constituinte*, *escrevente*, *herege*, *intérprete*, *etíope* (ao lado de *etiopisa*), *ouvinte*, *nigromante*, *servente*, *vidente*, *penitente*

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras substantivas *macho* e *fêmea*, usadas como adjetivos:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

D) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: [55]

> o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta

São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

> *O* (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais.*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidades, ilhas:

> *A bela* (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

> *O* (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero

Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos

Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênio da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. [56] A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:
Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:
Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, azáfama, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-

pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem*, que pode ser masc. ou fem.). [57]

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:
Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá [58]
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são considerados como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*; etc. (Ö 141).

Aumentativos e diminutivos
Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A *NGB*, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos [59]

Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco-caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, *mãezinha*, *queridinha*

Função sintática do substantivo

Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente como “objetos substantivos” vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João*** *é oxítono*, ***re-*** *é um prefixo*, *o* ***hoje*** *e o* ***amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo

objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em “substantivos” – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o* ***não*** ou *o* ***ai!*** não temos “substantivações” de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O* ***dlim-dlão*** *dos sinos acordou-me cedo*, não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros

As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola*, *Ernesto Renan*, *Renato Descartes*, *Antônio Meillet*, *Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252-253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington*, *Windsor*, *Civitavecchia*, *St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo*, *Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique* (*Zürich*).

2 – Adjetivo

É a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes

mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe “menino louro”, que é membro da classe “menino”). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma “multívoca” para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal

Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*.

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeito pensante***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

d) *determinação identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadra* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-****idioma***, *língua-****órgão***, *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*) ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias, Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará

apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou, como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes) e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.
NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei* (Ö 169). Chamar ao *o* (*a*, *os*, *as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva
É a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem *de coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]

Águas *da chuva* = águas *pluviais*
Escritores *de hoje* = escritores *hodiernos*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao da locução adjetiva:

Colega *de turma*

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas** estátuas* – *estátuas **de ouro
*nuvens **plúmbeas*** – *nuvens **de chumbo***
*colunas **marmóreas*** – *colunas **de mármore***

Substantivação do adjetivo

Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe): [60]

*O **bom*** da história é que não houve fim.
*O **engraçado*** da anedota passou despercebido.
*O **triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo

O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela *NGB*. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se

manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo

O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos

Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*,[61] *piegas*, *grátis*, *somenos*, etc. Assim:

critério *simples* / critérios *simples*
sentimento *piegas* / sentimentos *piegas*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular.

Nos adjetivos, compostos referentes a cores, quando o segundo elemento é um adjetivo, flexiona-se apenas esse segundo elemento:

olho *verde-claro* → olhos *verde-claros*
calça *azul-escura* → calças *azul-escuras*

Exceções: *Azul-marinho* e *azul-celeste*, como adjetivo, ficam invariáveis:

jaqueta *azul-marinho* → jaquetas *azul-marinho*
olho *azul-celeste* → olhos *azul-celeste*

OBSERVAÇÃO: Nos substantivos compostos que designam cores, ambos os elementos vão para o plural: os *verdes-claros*, os *amarelos-esverdeados*, os *azuis-escuros*.

Ambos os elementos ficam invariáveis nos adjetivos, compostos que designam cores quando o segundo elemento é um substantivo:

olho *verde-água* → olhos *verde-água*
olho *azul-turquesa* → olhos *azul-turquesa*
uniforme *verde-oliva* → uniformes *verde-oliva*
carro *vermelho-sangue* → carros *vermelho-sangue*

OBSERVAÇÃO: Nos substantivos compostos deste tipo, admitem-se dois plurais:

o *verde-água* → os *verdes-águas* ou os *verdes-água*
o *verde-abacate* → os *verdes-abacates* ou os *verdes-abacate*
o *azul-turquesa* → os *azuis-turquesas* ou os *azuis-turquesa*

Podemos também usar nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, ***cor de***: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*, *luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplica-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: “Prefiro o *rosa* ao *violeta*”, em vez de “Prefiro *a* rosa à violeta”, oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo

O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor

referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos

Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	– nação *lusíada*	
breve exame	– *breve* prova	
trabalho *útil*	– ação *útil*	
objeto *ruim*	– coisa *ruim*	
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	– mulher *audaz*	
conto *simples*	– história *simples*	

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *-ês*, *-or* e *-u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.
chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis.

Outros em -*dor* ou -*tor* apresentam-se em -*triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em -*eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo; 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em -*eu* passam, no feminino, a -*eia* (Ö 150):
europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos (Ö 135 e 136), apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Gradação do adjetivo

Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:
O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) os outros.

b) uma *superioridade*:
O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) os outros.

c) uma *inferioridade*:
O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) os outros.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:
O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) pretendentes ao emprego.
O rapaz é *o menos cuidadoso dos* pretendentes.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:
O rapaz é *muito cuidadoso*.
O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de *superioridade* ou *inferioridade* antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: Ela é *linda linda*. Ou do advérbio: Ela é *muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*. Pode-se ainda usar de prefixo: O fato é *revelho* (= velhíssimo).

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: Ele é *muito mais cuidadoso*,

ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio-termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso, menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
>
> "Tomou o estudante uma casa *menos de modesta*, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Machado de Assis comenta, com ponta de ironia, os exageros de expressão:

> "Tu queres saber o que era preciso, antes de tudo, além da pureza dos costumes? Era aquela *melhor boa vontade* de que falou anteontem um dos candidatos últimos. Leste, não? Também eu. Sim, não basta a *boa vontade*, nem a *melhor vontade*, é preciso a *melhor boa*, que é um superlativo, não digo novo, mas prodigiosamente singular; e adeus." [MA.11, 198].

Alterações gráficas no superlativo absoluto

Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:
   cuidadosa – cuidadosíssima
   elegante – elegantíssimo
   cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:
   terrível – terribilíssimo
   amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:
   comum – comuníssimo
   são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:
   feroz – ferocíssimo

sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em -*u*, -*l* (exceto -*vel*), -*r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há em que os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
áspero – aspérrimo
benéfico – beneficentíssimo
benévolo – benevolentíssimo
célebre – celebérrimo
célere – celérrimo
cristão – cristianíssimo
cruel – crudelíssimo
difícil – dificílimo
doce – dulcíssimo
fiel – fidelíssimo
frio – frigidíssimo
geral – generalíssimo
honorífico – honorificentíssimo
humilde – humílimo
incrível – incredibilíssimo
inimigo – inimicíssimo
íntegro – integérrimo
livre – libérrimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo
maléfico – maleficentíssimo
mísero – misérrimo
miúdo – minutíssimo
negro – nigérrimo
nobre – nobilíssimo
parco – parcíssimo
pessoal – personalíssimo
pobre – paupérrimo
pródigo – prodigalíssimo
público – publicíssimo
provável – probabilíssimo
sábio – sapientíssimo
sagrado – sacratíssimo
salubre – salubérrimo
soberbo – superbíssimo
simples – simplicíssimo
tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *-íssimo*:

agílimo – agilíssimo	humílimo – humildíssimo, humilíssimo
antiquíssimo – antiguíssimo	macérrimo – magríssimo
crudelíssimo – cruelíssimo	nigérrimo – negríssimo
dulcíssimo – docíssimo	parcíssimo – parquíssimo
facílimo – facilíssimo	paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois *ii*, embora num ou noutro adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua-padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois *ii*. [62]

Comparativos e superlativos irregulares

Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

Positivo	Comparativo de superioridade	Superlativo	
		absoluto	relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior

pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena*.
> *Escreveu mais bem do que mal*.
> *Ele é mais bom do que inteligente*.

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

Superior ***a*** *ti*, *inferior* ***ao*** *livro*, *anterior* ***a*** *nós*

OBSERVAÇÃO: Quanto à dúvida entre *mais bem* (ou *mais mal*) e *melhor* (ou *pior*) antes de particípio, vale lembrar que a forma vernácula seria *mais bem* (ou *mais mal*). Entretanto, a construção mais moderna com *melhor* (ou *pior*) é atualmente tão usual quanto a primeira. A novidade foi de início contestada por alguns puristas, mas hoje a opinião geral é aceitar ambas as construções. Como nos ensina Mário Barreto: "Só um caso se nos antolha em que não é possível usar dos advérbios comparativos *melhor* e *pior* junto a um particípio: e é quando *bem* e *mal* de tal modo se prendem pelo sentido com o particípio subsequente, que dele não se deixam desagregar: *benquisto, malquisto, bem-aventurado, mal-aventurado, bendito, maldito*, formas que se podem equiparar a *bendizente*, *maldizente*: *mais bendizente*, *mais maldizente*. Tirante este caso, diga-se indiferentemente junto a um particípio: *melhor*, ou *mais bem*, ou ainda *melhormente*: 'Como quer que fosse, os judeus portugueses eram os *melhormente* conceituados e respeitados em Holanda. ' (Camilo – *O judeu*, vol. I, parte segunda, cap. 1, p. 131)." [MBa.8]

Repetição de adjetivo com valor superlativo

Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo

Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém*.

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos

As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

> Blusa *amarelinha*, garoto *bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].
>
> No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da silva*, *da costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

Posição na sequência dos adjetivos

Em geral, os adjetivos referidos a um mesmo substantivo ou pronome são postos em sequência: Ela é *inteligente* e *trabalhadora*. No estilo literário, pode ocorrer a separação: A nuvem tão *temerosa* vinha e *carregada* (por: A nuvem vinha tão *temerosa* e *carregada*).

Às vezes, um termo sintático do primeiro adjetivo o afasta do segundo, como neste exemplo:

> "Mas o Porto não se sentia apenas isolado e excomungado; sentia-se também — o que era muito pior — *algemado* nos seus pulsos e *asfixiado*." [AMB]

3 – Artigo

Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo* ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização

do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais:[63] o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "*o* homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o*** *meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o*** *o* é artigo", "***o*** *este* é dissílabo", "não sabe ***o*** *como* me agradar", "***o*** *per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o*** *livro de Edu* e ***o*** *teu*", "***a*** *blusa* branca e ***a*** azul", "***a*** *blusa* branca e ***aquela*** *azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou

que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*) (Ö 444).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde") e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Por fim, cabe lembrar que, numa sequência de substantivos de gêneros diferentes, o português, como o espanhol, admite que o artigo usado para o primeiro substantivo possa ser omitido no segundo: "Não é a fortuna que falta aos homens, mas *a perícia e juízo* em aproveitá-la quando ela nos visita" [MM. 1, 530].

Emprego do artigo definido

De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):
O Cleto talvez falte hoje. *O* Antônio comunicou-se com *o* João.

OBSERVAÇÃO: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:
a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia
Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

NOTA: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.
Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; mas: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

OBSERVAÇÃO: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza* passeia. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca* nasceu em Pernambuco. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado* foi célebre escritora portuguesa.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-267]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III."

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*
Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*
Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):
Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:
"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):
Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:
Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde *do estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.
2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:
Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:
Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Sem o respaldo dos melhores escritores, tem-se abusivamente condenado o emprego do artigo junto a possessivo em expressões do tipo *ao meu ver*, *ao meu pedido*, *ao meu modo*, *ao meu lado*, *ao meu bel-prazer*, etc.
2.ª) É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:
Nunca tive *de meu*, outro bem maior.
"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:
Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:
Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:
O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar ou *Um* homem *o* mais virtuoso.

NOTA: É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

> Seu rosto de leite e rosas,
> De *um contorno o mais* perfeito.
> *Rosto de um contorno perfeito* é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

> "A inveja te assaltou, e a quem perdoa
> *Este monstro o maior* do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].
> "O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].
> "O *a*, *este som o mais claro* de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas *as mãos* trêmulas.
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir pai nem mãe. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a mãe* e *o pai* a acolha?" [AC.3, 17].

p) Pode vir a palavra *todo*, no singular, seguida ou não de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* ocorre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos

todo o ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de ‘qualquer’:
O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:
Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o *-o*, *-a* finais com *o*, *a* artigo.
Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:
Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:
todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):
Todas as famílias têm bons e maus componentes.
Todas as famílias estavam no recinto.
Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:
Todos os dois romances são dignos de leitura.
Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:
Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:
Ficou entre *a vida* e *a morte*.
"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemitério do repouso e da saudade" [AH.1, 5].
"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:
"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,
Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].
Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:
Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.
"Tenho ouvido os quinhentistas a *la* moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido

O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado anteriormente com artigo definido:
Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:
O instrumento é de *uma* precisão admirável.
Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!).
Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:
Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).
Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:
Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).
"Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também em certas locuções adverbiais (*com* [uma] *voz surda*), e antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo ser: *Você é* [um] *homem de bem*.

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês,[64] *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas

circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:
Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema. (E não: *O* irmão ia ao teatro e *o outro* ao cinema.)

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:
Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.
"Quisera pedir-lhe que as protegesse e guiasse; que fosse *um como* tutor moral das duas." [MA. 12].
"(...) mordeu-lhe o coração a suspeita de que o procedimento de Iaiá era uma desforra de Estela, *uma como* vingança póstuma." [MA. 12].

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia (Ö 84).

O artigo partitivo

A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

"Finge-se às vezes comprador (...); *come e bebe do bom*, namora as criadas (...)." [ML.4].

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido

do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – Pronome

É a classe de palavras categoremáticas (Ö 122) que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso

São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).[65] A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.[66]

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode

achar-se. [67]

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes

Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), *interrogativos* e *relativos*.

Pronome substantivo e pronome adjetivo

O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com quem se fala). Ambos os pronomes estão em referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

> 1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),
> 2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e
> 3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. [68]

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito,

se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/ prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele, ela*	*lhe, o, a, se*	*ele, ela, si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles, elas*	*lhes, os, as, se*	*eles, elas, si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

> "Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].
>
> "A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

> "Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].
>
> "As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com mi*, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

> "Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].
>
> *Com vós todos* ou *com todos vós*.
>
> *Com vós ambos* ou *com ambos vós*.

PRONOME OBLÍQUO REFLEXIVO – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.
Nós *nos* vestimos.
Eles *se* vestiram.

PRONOME OBLÍQUO RECÍPROCO – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).
Eles *se* abraçaram (um ao outro).

FORMAS DE TRATAMENTO – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: [69]

você, vocês (no tratamento familiar)
o senhor, a senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou cargos que ocupam:

Vossa Alteza (V. A.) – para príncipes, duques (vocativo: Alteza)

Vossa Eminência (V. Em.ª) ou *Vossa Eminência Reverendíssima* (V. Em.ª Rev.ma) – para cardeais (vocativo: Eminentíssimo [e Reverendíssimo] Senhor Cardeal)

Vossa Excelência (V. Ex.ª) – para o Presidente da República (não se usa a forma abreviada), Vice-Presidente da República, ministros de Estado, altos postos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e altas patentes militares (vocativo: Excelentíssimo Senhor [ou Senhor + cargo])

Vossa Excelência Reverendíssima (V. Ex.ª Rev.ma) – arcebispos e bispos (vocativo: Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo [ou Bispo])

Vossa Magnificência (não se usa abreviadamente) – para reitores de universidade (vocativo: Magnífico Reitor)

Vossa Majestade (V. M.) – para reis, imperadores (vocativo: Majestade)

Vossa Mercê (V. M.^{cê}) – para as pessoas de tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência (não se usa abreviadamente) – para Deus
Vossa Reverendíssima (V. Rev.^{ma}) – para monsenhores, cônegos e superiores religiosos (vocativo: Reverendíssimo Senhor Monsenhor, Reverendíssimo Senhor Cônego)
Vossa Reverência (V. Rev.ª) – para sacerdotes, clérigos e demais religiosos (vocativo: Reverendo Sacerdote [ou Clérigo, etc.])
Vossa Santidade (V. S.) – para o Papa (vocativo: Santo Padre ou Santíssimo Padre)
Vossa Senhoria (V. S.ª) – para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia (vocativo: Ilustríssimo Senhor).

Vale lembrar que as formas de tratamento acima se aplicam, da mesma forma, às mulheres que ocupam estas posições, assim como os vocativos com as devidas flexões.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação a de quem falamos. Apesar de usarmos, na forma de tratamento, o possessivo de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz com possessivo de 3.ª pessoa do singular (Ö203).
2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.
3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.
4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos

São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos

São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto [70]
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

> “(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo” [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

> Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido (Ö 158):

> “*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo” [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*, *aquilo*:

> “Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa” [MA.4, 87].
>
> “Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária...” [MA.4, 202].
>
> É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

> “Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros...” [MA *apud* MMc.1, 274].
>
> “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*” [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: “Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas.”

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

> Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.
"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos

São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*.

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais*, *menos* e *assaz*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (Nunca *menas*!)
Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.
Isto é o *menos* que se pode exigir.
Muito lhe devo.
Erraste por *pouco*.
Quantos não erraram neste caso!
"Se já dei flores um dia,
Quando rapaz,
As que ora dou têm *assaz*
Melancolia" [MA.10, 492].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um* (p.ex.: Cada *um* sabe o que mais lhe convém.). Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido* (p.ex.: Vá visitar-me *um* dia desses).

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção

original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

> "*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
> *Qual* em suaves júbilos discorre,
> Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes (Ö 568).

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

> *Certas* pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
> *Algum* livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

> "Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
> *Refresco algum = algum refresco*
> "Vós a quem não somente *algum* perigo
> Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
> *Algum perigo = nenhum perigo*

Locução pronominal indefinida

É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

> "As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos

São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Quantos anos tens?
Qual autor desconhece?
Quis saber *qual* seria o escolhido.
Perguntei-lhes *quantos* vieram.

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

> "Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Até na interrogação indireta:

Quero saber de onde vem a palavra currículo e *o que* quer dizer.

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).[71] *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados *indefinidos interrogativos*. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!)

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: a) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; b) é proferida com entoação normal

descendente; c) não termina por ponto de interrogação; d) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos

São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal (o *que* se refere à palavra *freguês*).

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degradada da função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante *que* porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática (Ö 510).

Os pronomes relativos são: *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*), *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quem*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*).

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. No português moderno, quando referido a pessoas, *quem* é preferível ao *que*, precedido de preposição. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* os colegas procuram.
Falou tudo *quanto* queria.
"Quanto à razão determinativa da captura e aposentação na Casa Verde de todos *quantos* usaram do anel, é um dos pontos mais obscuros da história de Itaguaí [...]" [MA.5].

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei
anteced. conseq.
(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.
Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.
Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos na página 488.

Emprego dos pronomes

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais

A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

***Eu** saio.* ***Eu** não sou **ele**.* *Eu **o** vi.* *Não **lhe** respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

*Eu **o** vi.* *Referiu-se **a ti**.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos
Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*: entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno (por entre *mim* e o aluno), entre José e *eu* (por entre José e *mim*).

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre *ele* e *tu*. Entre José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Antes de verbo infinitivo, o sujeito é um pronome reto: *Entre* eu *sofrer* e tu *ficares triste*, *prefiro sofrer*.

2.ª) Usamos *entre si* quando o pronome (*si*) se refere ao sujeito da oração: "Os índios, que certamente falavam a mesma língua do Oiapoque ao Chuí, só guerreavam *entre si* de brincadeirinha (...)" [JU.4]. Quando o pronome não se referir ao sujeito da oração, devemos usar *entre eles* (*entre elas*): "Os diálogos *entre eles* eram de uma desesperadora trivialidade (...)." [NR.1].

Emprego de pronome tônico pelo átono

Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quando anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].

"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

> “Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas...” [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização (Ö 370):

> “*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade” [AH.1, 35].

Ele *como objeto direto*

O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso; neste último caso, podem aparecer outros pronomes retos:

> “No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português” [PL.1, 398].
>
> “Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava...” [GD *apud* SS].
>
> “Olha *ele*!” [EQ *apud* SS].
>
> Na sala só havia *eu*, *tu* e *ele*.

Ordem dos pronomes pessoais

Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*; etc.:

> – Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.
>
> – Nós... Nós, quem?
>
> – Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

> Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

> "(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

Jogos estilísticos de mudança de tratamento

A mudança de tratamento é um dos artifícios estilísticos do escritor para variar a contemplação pela qual encara o seu interlocutor. Variar de um tratamento cerimonioso para um familiar, ou vice-versa, para traduzir a mudança cerimoniosa ou afetiva, é manobra antiga de que se têm servido os escritores de todos os tempos. No poema *Última folha*, Casimiro de Abreu refere-se a Deus como o Criador e como nosso pai. No primeiro, trata-o por *vós*, no segundo por *tu*, como reflexo diferenciado do respeito do crente e do filho.

A mudança de tratamento no mesmo período, sem nenhuma intenção estilística, é erro que se deve evitar.

O pronome se na construção reflexa [72]

Eis aqui um bom exemplo pelo qual se patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha.*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. A Reflexivo “próprio”

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*.

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de “reflexividade”; acreditamos que a oração quer expressar que “João ama Maria” e que “Maria ama João”. Então, não mais se trata de “reflexividade pura”, mas de “reflexividade recíproca”:

João e Maria se amam. A B Reflexivo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo “próprio”. Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como “passiva”: é o que a gramática chama voz “média” ou “passiva com *se*”:

O banco só se abre às dez horas. A “média” ou “passiva com *se*”

Repare-se que a interpretação da “passiva com *se*” depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível

de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

*Ele **se** chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal* ou *indeterminada*, e o *se* como índice de indeterminação do sujeito.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele *se* barbeou.
Eles *se* cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela *se* arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles *se* gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-*se* bem.
Lê-*se* pouco entre nós.
Precisa-*se* de empregados.
É-*se* feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = ‘alguém tem casa para vender’) e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser

entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

> *Vendem-se casas* (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de **si** *e* **ele** *na reflexividade*

A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBa.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBa.2]. [73]

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical

pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "O avarento é mau *para si*, o pródigo *para si* e para os outros" [MM].
> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)" [JR.2, 35].

> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*" [JR.2, 199].
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)" [JR.2, 299].

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos

Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;
to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;
lho = lhe + o;[74] *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;
no-lo = nos + (l)o;[75] *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;
vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;
lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

-se-me	-se-nos
-se-te	-se-vos
-se-lhe	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu" [AH.4, I, 267].

> “E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada” [EC.1, 218].
> “(...) cujas revelações foram-*se-me* tornando cada vez mais interessantes” [AAz].

OBSERVAÇÕES:
1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.
2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> “Porque assi *te me* mostras odiosa?” [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua-padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> “Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas...” [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].
> “A inutilidade desses ajuntamentos não *se a* precisa pôr em relevo” [HC].
> “Cada coisa é uma palavra. E quando não *se a* tem, inventa-se-a.” [CLi.1].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:
a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.
b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que *ela se granjeia* [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> “É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar” [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena" [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua-padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19].
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em construções como **dar-se ao trabalho, dar-se ao luxo**

Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho de fazer* (obj. indireto):

> "Dele constavam dos anais fantásticas proezas nos seus carros sempre novos e lustrosos, *se dando ao luxo e à extravagância de* às vezes vestir a sua brilhosa e engalanada farda da Guarda Nacional (...)." [AD.1].

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial

Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás

Deu um abraço *no pai* – Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele* – Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele* – Ralhar-*lhe*
Fugir *de mim* – Fugir-*me*
Tudo girou *em volta dele* – Tudo *lhe* girou em volta
"Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe* houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)
Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

Seu e ***dele*** *para evitar confusão*

Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas* pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o *seu* chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.
"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*" [MA.6, 24].

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

> José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.
>
> "Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia não duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109].

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

> "É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes* podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso. [76]

> Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe* ... *dele*:

> "D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

> "Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo

De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

> O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

> Deus *meu*, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

> Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo. [77]

> *Minhas saudades* são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.
>
> "Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

> Recebi *suas cartas* (i.é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).
>
> Recebi *cartas suas* (i.é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

> "Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

> "Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim*.

Possessivo para indicar ideia de aproximação

Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

> Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).
>
> Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

> "O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo

O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos

simpatia:

> O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

> *Meu* prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.
>
> *Meus* senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.
>
> *Meu* coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

> "Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],
>
> "Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo!" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo

Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem

nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

"Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução

Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido

Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

"É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

A gente compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo

Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

"A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

"O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

"Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa.

> "... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

> Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu orgulho e ufania*.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

> *Teu perdão* e *teu ódio* não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido

Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito, graus de parentesco e certas frases feitas:

> "D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].
>
> "... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].
>
> "E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].
>
> Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.
>
> A moça chegou com *o pai*. (E não: *com seu pai*.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

> "(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

> “E cada lavrador enxugava *os seus* olhos” [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo Vossa Excelência

Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

> *Vossa Excelência* conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).
>
> “Nessa mensagem diziam esses homens, a maior parte deles conhecidos do mundo inteiro: ‘*Vossa Majestade* é poderoso no *seu* Império; uma vontade de *Vossa Majestade* pode produzir a liberdade de dois milhões de homens.’” [JN.1].

Vale notar que o verbo referido ao interlocutor fica na 3ª. pessoa do singular:

> “Diz o ministro, nesse documento: ‘Dando resposta à *sua* carta de 9 do corrente, devo adiantar a *Vossa Excelência* que as *suas* razões me pareceram, todas elas, muito ponderáveis, e que cada uma, isoladamente, serviria para, em tempos normais, justificar o *seu* afastamento das importantes funções que *exerce* no Ministério da Educação. (...)” [JMt.1].

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falarem a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede

dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais)[78] ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço
Este (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem à ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

Este livro é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
Esta casa é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

Esse livro é o livro que nosso interlocutor traz.
Essa casa é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo

Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

> *Neste dia* (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.
> *Este mês* (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

> *Nessa época* atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

> *Esta* noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

E com a mesma linguagem (*esta noite*) poderíamos indicar a noite futura: Há previsão de chuva para *esta noite*.

Outro exemplo:

> "Meu caro Barbosa:
> Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

> "Para o jogo bastava *esse* movimento de peão" [ML].

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras

No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

> "Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (i.é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].
> "Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.
> – Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].
> – "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.
> – *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio

discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

> – "Então que te disse ele?...
> – Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.
> – Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante?" [CBr.1, 157].

Em referência a duas pessoas ou coisas diferentes aludidas no período, emprega-se o demonstrativo *este* para o que se nomeia em último lugar, e *aquele* para o mais afastado: Paulo Freire e Oscar Niemeyer dedicaram-se a áreas diferentes, *aquele* à Pedagogia e *este* à Arquitetura.

> "MAIS VERSOS / Aposto que os leitores da *Semana* já se não lembram de um fragmento de poesia anonimamente publicado nesta folha há cousa de dez anos. [...] O amigo, que me trouxe *aquele*, veio agora ao escritório e pediu que eu lhe publicasse *este* fragmento mais da mesma composição. Gosta de fazer versos neste tempo de manipanços." [MA.10]

Podem-se ainda, em vez dos demonstrativos, empregar outros torneios de frase: *o primeiro... o segundo*; *o primeiro... o último*, etc.:

> "Pelo jeito, o anjo da guarda estava a ponto de sair de campo e ser substituído pelo sargentão. (...) dentro da tia Ângela, os dois personagens convivem com uma intimidade espantosa. Tratei de segurar o *primeiro*, não deixar que cedesse seu espaço ao *outro* [AMM.3].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

> "O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

> “Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil” [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

> Que todos iam sair cedo, eu *o* disse ontem.
> Eu *o* disse ontem, que todos iam sair cedo.

Quando se faz referência a substantivos ou pronomes pessoais expressos anteriormente, pode-se usar tanto este *o*, demonstrativo e invariável, ou o pronome pessoal *o*, com as flexões necessárias. Assim, num texto como “Ela sabia [fala-se de uma alemã] toda a gramática portuguesa e seus mais recônditos mistérios, como talvez nenhum português *os* soubesse”, também poderia ser redigido “*o* [= isto] soubesse”.

Reforços de demonstrativos

A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

> Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

> Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

> “Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu” [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) *isto é* (e nunca *isso é*) com o valor de ‘quer dizer’ ou ‘significa’, para introduzir esclarecimentos;
b) *por isso*, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*,

nem por isto, além disto, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) *isto de* (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'.

Outros demonstrativos e seus empregos

Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

> "Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].
>
> "De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].
>
> "Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio, até*:

> "Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].
>
> "Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

> Os tapumes são horrorosos em si *mesmos*.
>
> "Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].
>
> "Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].
>
> Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

> "Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal*

hora, por *tais* e *tais* meios” [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, assim como *mesmo* no sentido de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Um* pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

“Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar” [LC *apud* JM].
(i.é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)
Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

“*Esse* João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia!” [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

“e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14” [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos

Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

“Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade...” [MA *apud* SS.1, 306].

“... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no

revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos” [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado): [79]

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.

Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.

“Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas” [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos

O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

Todos os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio.

Qualquer falta merece ser punida.

Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

Certas folhas ficaram em branco.
Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) *Algum*

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) *Algo*

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: [80]

Terás *algo* para contar-me?
Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

A situação está ***algo*** *perigosa*.
Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.
Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.
Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.
De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) *Cada*

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,
Chorava em *cada* canto uma saudade" [LG].
Cada século possui seus homens importantes.
Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias
Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*
entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por malsoante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem"
[EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].
Conta *cada* história!

d) *Certo*

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

> “A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão” [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

> “Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d’existência...” [AH.2, 162].

> “Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha...” [AH.2, 215].

> “O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu muito” [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de “acertado”, “ajustado”, “exato”, “verdadeiro”. Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

> Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

> Goza de *certa* reputação de talento.
> A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

> “Deveis de ter sabido claramente

Como é dos fados grandes *certo* intento” (i.é: intento certo)
[LC.1, I, 24].
“Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (i.é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos”
[LC.1, I, 54].
“Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (i.é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia”
[LC.1, VIII, 76].

e) *Nenhum*

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum* posposto:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento. (= dívida alguma)

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

“Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo” [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

“Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*...” [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro. (nenhum = pronome indefinido)
Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois. (um = numeral)

f) *Todo – Tudo* [81]

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve

de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por “cada”, “qualquer” ou “inteiro”, “total”, podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto plural (*Todo o homem* é mortal = “todos e cada um dos homens”) – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo*** *o homem* ou *O homem* ***todo*** *é pecado e miséria*; *Trabalhar* ***todo*** *o dia* ou *o dia* ***todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar “qualquer”, eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

> “Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto” [RB *apud* FC.1, 295].
>
> A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = “cada”).
>
> A *toda a* falta... (*toda* = “cada”).
>
> *Todo* ser merece consideração (*todo* = “qualquer”).
>
> *Todo o* ser merece... (*todo* = “qualquer”).
>
> O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = “inteira”, “total”).
>
> O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = “inteira”, “total”).

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre “*cada*”/ “*qualquer*” e “*inteiro*”/ “*total*”, usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre “cada”/ “qualquer” e “inteiro”/ “total” fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o* / *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

> "(...) *Todo o que* sofre,
> *Todo o que* espera e crê, *todo o* que almeja
> Perscrutar o futuro, se coloca
> Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia* (a par de *um dia todo*), *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o homem todo*, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

> *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo.
> *Todas as revisões* são passíveis de enganos.
> *Os alunos todos* disseram sim.
> *Todos estes casos* foram examinados.
> *Todas elas* responderam às cartas.

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

> “Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!” [CBr.6, 131].
> *Todas as quatro* razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.
2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de “cada”, como no exemplo:

> “Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*” [AGa.4, 33]
> (i.é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a).

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de “inteiramente”, “em todas as suas partes”:

> “Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!” [CBr.6, 93].
> “Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular” [CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

> *O professor é **todo** ouvidos. Ela é **toda** ouvidos.*
> *Ele está **todo** preocupado. Ela está **toda** preocupada.*
> *Acabamos de ver as crianças **todas** chorosas.* [82]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo, de todo, de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

> Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.
Onde você comprou *tudo aquilo*?
Desconhecemos *tudo o que eles disseram*.

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre *eremita* vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"... um pobre *eremita que* deixara as abominações do século vivia pela soledade do deserto."

Ou:

"... vivia um pobre *eremita que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto."

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parênteses o real antecedente:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)."

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

> "mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição de duas ou mais sílabas ou locução prepositiva. Empregamos *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *para o qual*, *ambas as quais*, *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.[83] O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*). Por eufonia, costuma-se empregar também *o* (*a*) *qual* depois das preposições *com*, *sem*, *sob*.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

> "A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porquê, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].
>
> "... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
>
> "... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta *do que* (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

> “Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante...” [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

> “É *no em* que essa justificação se resume” [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

> Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).
> Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal

Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um “elemento linguístico extremamente prático” [KN.1, V, 330]:

> Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.
> por Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo

Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

> “Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda”
> (= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].
> *Quem* ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).
> *Quem* cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

> "Bem vês as *lusitânicas* fadigas
> *Que* eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

> "Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28].

Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Voltando ao emprego do relativo, não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

> O caminho *que o* percorri era muito estreito.

Não ocorrerá este pleonasmo vicioso se o segundo pronome estiver relacionado com outro verbo do período, como neste exemplo de Fernão Mendes Pinto:

> Tivera um filho, o qual legitimara, e o fizera herdeiro do reino (Peregrinação, II, 902).

Neste caso, sem ênfase, se poderia também não expressar o pronome *o*: "e fizera herdeiro do reino".

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

> "O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].
> "Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].
> (i.é: tenho os pés *de tal maneira*, *que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

> O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

> O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).
> Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).
> Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).
> O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).
> A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas *da qual*).
> A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

> Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

A construção vale por:

> Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (dos métodos *dela*, dos métodos *da qual*).

Carlos de Laet empregou a construção variante: “Não aludo ao venerando Pena, *de quem* até já louvei a figura” [CL 1, 1, 70] = cuja figura já louvei.

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade: O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

A construção apropriada é:

> O livro *que* (o qual) comprei ontem é excelente.

c) também é erro empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

A construção apropriada é:

O pai *cujos filhos* estudam aqui.

Em:

Este é o autor *a cuja* obra te referiste,

não há acento indicativo da crase, por não vir *cujo* precedido de artigo; *a* é pura preposição. O verbo *referir* se acompanha da preposição *a*, daí a construção: *a cuja obra te referiste*.

Em lugar de *em que*, *de que*, *a que*, nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde*, *donde*, *aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento para algum lugar:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

Evite-se o emprego de *onde* em lugar de *que*/*qual*, precedido ou não da conveniente preposição, como na frase: “Está sendo aberto um inquérito contra os policiais, *onde* (= *pelo qual*) eles podem perder o emprego.” (notícia de jornal)

Evitem-se também empregos reduplicativos como *de donde*, *de aonde*, etc., em construções como: Indagou o informante sobre o lugar *de onde* (e não: *de donde*) viera.

5 – Numeral

É a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, *cinco*, *seis*, *sete*, *oito*, *nove* e *zero* (ou *cifra*), e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Na escrita podem ser representados por algarismos arábicos (1, 2, 3, 4, etc.) ou romanos (I, II, III, IV, etc.).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o quatro*, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende [AL.1, 120].

2.ª) Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral. Em *meia dúzia*, *meia* é adjetivo. Como redução de *meia dúzia*, temos o substantivo *meia*.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de flexão e de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e

fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Juntando ao cardinal a expressão *por cento* (um por cento, vinte por cento, etc., escritas também 1%, 20%), alguns autores incluem nos numerais a classe dos *porcentuais*, que correspondem semanticamente a frações de 100:

O comércio registrou *dez por cento* de desemprego.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular / plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais coerentes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, como procedeu a tradição, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*. *Ambos* é seguido de artigo quando há substantivo expresso:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*
Ambos os livros ou os livros *ambos*
Ambas as razões – *Uma e outra* razão
"Triunfavam ambos os rivais; *ambos* lhe fugiam, e lhe davam de comum acordo o último golpe." [MA.17]

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* (*ambos os dois*, *ambos de dois*) em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje,

só no estilo solene, ocorre a construção, especialmente na expressão de simultaneidade:

> "E *ambos os dois:* É uma mocetona!" [MA.4, cap. CII].
>
> "*Dambos de dois* a fronte coroada/ Ramos não conhecidos e erva tinha;" [LC.1]

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc. [84]

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, não se usa *e* nem vírgula (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*) [SL.1, 164].

Leitura dos numerais cardinais

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*. Hoje praticamente fora de uso.

2.ª) *Bilhão* no Brasil corresponde a *mil milhões* / *milhar de milhão* em Portugal.

3.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais no Brasil.
4.ª) A partir de *1.000* em diante usa-se ponto: *1.250*, *12.128*. Só será exceção na indicação dos anos: *2015*.
5.ª) Nunca use *0* (zero) antes de número inteiro, salvo em casos especiais. Portanto: *Rio*, *6/2/1928* e não *Rio*, *06/02/1928*.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

Concordância com numerais
No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um* / *vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos* / *duzentas*, *trezentos* / *trezentas*, *novecentos* / *novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeiras não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*, ***as milhões*** *de mulheres*, etc., em vez de ***alguns*** *milhares*, ***os*** *milhares*, ***os*** *milhões*, etc. Então temos este emprego correto na frase: Ela era mais ***uma dos*** *milhares* que estão vindo para o Brasil.

Depois dos numerais compostos com *um* deve-se deixar o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, construção mais comum (Ö574).

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número impreciso ou indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).
Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).
F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).
Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo* (Ö 214), às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem aparecer com o valor de “dois em dois dias” ou “a cada dois dias”, “de três em três semanas” ou “a cada três semanas”.

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc. “Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas” [MC.4, 178].

Ordinais

São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, *décimo quinto*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados adjetivos. [85]

2.ª) Não se emprega hífen nos ordinais: décimo quinto.

Ordinais e cardinais

Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

> 4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

OBSERVAÇÃO: Os numerais ordinais, quando abreviados, seguindo-se ao algarismo, recebem o ponto indicativo da redução, mais a terminação *o* ou *a* alceada (conforme o gênero) e, apenas opcionalmente, sublinhada.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, ocorrem com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo); a partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes. Assim temos:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

> Pedro I (primeiro), Pedro II (segundo), D. João VI (sexto), Pio X (décimo), Leão XIII (treze), João XXIII (vinte e três)

b) na cronologia dos séculos:

> século I (primeiro), século VI (sexto), século X (décimo), século XXI (vinte e um)

c) na indicação dos capítulos, cantos, estrofes, tomos, atos:

> capítulo III (terceiro), capítulo XXXII (trinta e dois), canto XII (doze), tomo II (segundo), ato V (quinto)

Empregam-se, contudo, os ordinais quando o numeral antecede o substantivo: *13.º salário, 21.º século, décimo segundo capítulo, décimo primeiro tomo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Na prática moderna dos jornais brasileiros escrevem-se com algarismos arábicos os casos b) e c): *século 1.º*; *século 21*; *capítulo 22*, etc.

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

> É *uma hora* (= é a primeira hora).
> É *uma hora e meia.*
> São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral, o numeral vem depois do substantivo quando designa século, data, página, folha, capítulo, artigo de lei e outros documentos oficiais, endereço, reis e papas:

> *século XXI*, *dia 10*, *página 12*, *folha 15*, *capítulo 3.º*, *artigo 5.º*, *parágrafo 4.º*, *casa 6*, *Pedro II*, *Pio X*, etc.

2.ª) Atenção especial merecem entendimento e leitura de certas expressões numéricas abreviadas de uso moderno na linguagem jornalística e técnica: *1,4 milhão* (com 1 o numeral coletivo fica no singular), *3,2 bilhões*, *8,5 bilhões*, etc. devem ser entendidos e lidos "um milhão e quatrocentos mil", "três bilhões e duzentos milhões", "oito bilhões e quinhentos milhões" ou "oito bilhões e meio".

Note-se que embora em *1,4 milhão* o substantivo esteja no singular, o verbo vai ao plural: 1,4 milhão de estudantes *conseguiram* vagas no ensino superior.

Multiplicativos

São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

> *duplo* ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *sé*(*p*)*tuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Em vez dos numerais multiplicativos canônicos (aos quais podemos chamar *sintéticos*), são mais frequentes os multiplicativos *analíticos*, constituídos de numeral cardinal correspondente seguido quase sempre do advérbio *mais*, caso em que, à semelhança dos multiplicativos sintéticos, o advérbio é seguido da expressão introduzida pela preposição *de*: *A impressão dos convites nos saiu* <u>*três vezes*</u> (= o triplo) <u>*mais*</u> *cara* <u>*do que*</u> *no ano passado*.

Quando falta o advérbio, não se usa a preposição: O apartamento é <u>*duas vezes*</u> (= o dobro) *o que pagaram pela casa do filho*.

Fracionários

São as palavras que indicam frações dos seres:

> *meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].
2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois
terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta

quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil
dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2.345.ª – duas milésimas trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

Escrita dos numerais

Não há princípios rígidos para, na escrita, se usarem os numerais por extenso ou em algarismos. A prática na imprensa e em livros pode-nos oferecer as seguintes recomendações extraídas do *Manual de Redação e Estilo* de *O Estado de S. Paulo*:

a) Instruções gerais

1 – De *um* a *dez*, escreva os números por extenso; a partir de *11*, inclusive, em algarismos: *dois amigos, seis operadores, 11 jogadores, 18 pessoas.* Exceção: *cem* e *mil*.

2 – Proceda da mesma forma com os ordinais: *primeira hora, terceiro aniversário, 15.ª vez, 23.º ano consecutivo.*

3 – Na mesma frase ou nas enumerações, quando houver números acima e abaixo de *11*, use somente algarismos: *Incêndio em Paris mata 7 e fere 17/ Havia na praça 3 adultos e 12 crianças/ DSV apreende 12 carros em 3 dias de vistoria/ Em 3 meses, concordatas batem recorde de 12 anos/ A decisão sairá em 10 ou 15 dias.*

4 – Não inicie frases com algarismos, mas escreva o número por extenso: *Dezoito pessoas feriram-se no acidente.* Sempre que possível, nestes casos, mude a redação para não ter de escrever o número por extenso, especialmente se ele for grande: *O acidente causou ferimentos em 123 pessoas* (em vez de: *Cento e vinte e três pessoas feriram-se no acidente*). Exceção: títulos, que podem começar com algarismos.

5 – Escreva os algarismos de 1.000 em diante com ponto: *1.237, 14.562, 124.985, 1.507.432, 12.345.678.543*, etc. Exceção: Na indicação de anos, não há ponto: *1957, 1989, ano 2000*.

6 – Com mil, milhão, bilhão e trilhão, prefira a forma mista se os números forem redondos: *60 mil, 2 milhões, 5 bilhões, 7 trilhões*. Use apenas *mil*, e nunca *1 mil*: *mil homens* (em vez de *1 mil homens*).

7 – Especifique sempre as ordens de grandeza dos números, mesmo que para tanto seja preciso repetir palavras: *Estavam ali de 40 mil a 50 mil pessoas/ A cidade tem entre 3 milhões e 4 milhões de habitantes.*

8 – Com números quebrados, use algarismos: *O senador obteve 3.127.809 votos/ A cidade tem 3.456 bancas de jornais.*

9 – Evite, mesmo nos títulos, legendas, etc., usar o *1* em algarismo, que dá margem a confusão: *Após um* (e não *1*) *dia no escuro, a luz voltou.*

10 – Prefira usar por extenso os números fracionários: *um terço, dois quintos, sete quartos*, etc.

b) Por extenso:

1 – Use o número por extenso nos nomes de cidades, em palavras compostas, nas expressões populares ou quando o número estiver substantivado: *Três Lagoas, Duas Barras, Santa Rita dos Passa Quatro, três-estrelinhas, quatro-olhos, segundo-tenente, dezoito-pequeno, dos oito aos oitenta, dos seiscentos diabos, cortar um doze, pintar um sete, fazer um quatro, o dois de ouros, desenhar um cinco*, etc. Também por extenso: *Primeiro Mundo, Terceiro Mundo, segunda intenção, primeiro plano*, etc.

2 – Na transcrição de documentos: *"Aos dezoito dias do mês de março do ano de mil novecentos e oitenta e nove..."*

3 – Para definir períodos históricos: *o Setecentos* (século 18), *o Oitocentos* (século 19).

c) Em algarismos:

Como critério genérico, deverão ser empregados algarismos sempre que um número expressar valor, grandeza, ou medida (e não apenas mera soma, como *dois amigos, três pessoas, cinco emendas*). De maneira mais específica, use algarismos em:

1 – Tabelas, relatórios econômicos, princípios matemáticos, quadros estatísticos, tabelas de horários, etc.

2 – Horas, minutos e segundos: *Ele partirá às 4 horas/ A reunião irá das 7 às 9 horas/ O foguete foi lançado às 8h5min15s.* Exceção: quando horas designa período de tempo. Exemplos: *A reunião demorou oito horas/ A comitiva esperou três horas pelo deputado/ Faltam dois minutos.*

3 – Dias, meses (em algarismos), décadas, séculos: *O presidente chega dia 3/ A Câmara votará a emenda dia 9/ 3/1988/ Tinha saudades da década de 10/ O século 1.º, o século 4.º, o século 10.º, o século 11*. Exceção: quando se quer exprimir um período de tempo. Exemplos: *O cantor se apresentará durante cinco dias em São Paulo/ Choveu durante quatro dias seguidos/ Sua pesquisa abrange quatro décadas/ Passaram-se três séculos.*

4 – Datas em geral, incluindo-se as que se tornaram nome de locais públicos: *São Paulo, 3/3/1988 / Rio de Janeiro, 2 de abril de 1990/ Avenida 9 de Julho* (e não *Nove de Julho*) */ Rua 7 de Abril / Rua 15 de Novembro/ Largo 2 de*

Julho. Exceção: quando se quer dar ênfase a uma data histórica. Exemplos: *O Sete de Setembro/ O Nove de Julho/ O Quinze de Novembro.*
5 – Idades: *Ele tem 3 anos/ Uma criança de 2 anos, 8 meses e 5 dias.* Exceção: quando anos designa período de tempo. Exemplos: *Ele esperou quatro anos/ Ela parece ter envelhecido dez anos.*
6 – Dinheiro: *8 reais, 5 centavos, 2 dólares, 3 libras, 8 marcos, R$ 3 milhões, US$ 5 milhões.*
7 – Porcentagem: *Os preços subiram 5%/ A taxa de desemprego caiu 2% em maio.*
8 – Pesos, dimensões, grandezas, medidas e proporções em geral: *5 quilos, 3 litros, 8 metros, 6 hectares, 2 arrobas, 9 acres, 6 alqueires, 2 polegadas, 2 partes,* etc. Exemplos: *A criança nasceu com 5 quilos/ A cidade consumia 6 toneladas de batatas por dia/ O garrafão comportava 3 litros de água/ O jogador mede 2 metros de altura/ Era um terreno de 6 hectares (9 acres, 6 alqueires)/ Comprou um garrote de 8 arrobas/ Pediu um tubo de 3 polegadas.* Exceção: distâncias e diferenças. Exemplos: *O carro deslizou oito metros/ Perdeu três quilos no regime/ A miss tinha duas polegadas a mais/ Faltavam dois alqueires na medição do terreno/ Coloque duas partes de café para cinco partes de água.*
9 – Graus de temperatura: *O termômetro marcava 3 graus/ A temperatura chegou a 9 graus negativos/ Temperatura cai para 1º* (só em títulos). (Diferenças de temperatura, porém, vão por extenso: *A temperatura caiu três graus.*)
10 – Números decimais: *A densidade de Mato Grosso é de 1,88 habitante por quilômetro quadrado/ A temperatura subiu 4,5 graus.*
11 – Endereços: *Rua Direita, 7, 3.º andar/ Alameda dos Caetés, 8/ Casa 3.*
12 – Indicação de zonas, distritos ou regiões: *Zona 6, 4.º Distrito Policial, 9.ª Região Militar.*
13 – Todo número que indique ordem ou sequência (especialmente em nomes de navios, aviões, naves espaciais, veículos, atos de peças teatrais, capítulos, canais, modelos, estradas, tamanhos, páginas, folhas, quartos, etc.): *Número 2, lápis n.º 1, nota 5, V8, F-1, DC-10, Apolo 7, Soyuz 9, ato 3, cena 2, 2.º ato, capítulo 7, parte 2, canal 5, modelo 4, BR-3, tamanho 7, página 7, quarto 5, enfermaria 2,* etc.
14 – Resultados esportivos: *O São Paulo venceu o Corinthians por 3 a 1/ O Brasil ganhou da Itália por 3 sets a 2/ Cássio Motta venceu por 7/6 e 6/4.*

(Mas: *O São Paulo marcou dois gols de falta.*)
15 – Resultados de votação: *A emenda foi aprovada por 5 votos a 4.* (Mas: *A emenda precisava de quatro votos favoráveis.*)
16 – Contexto financeiro: *A ação caiu 3 pontos.*
17 – Latitude e longitude: *O Estado do Amazonas está situado a 2 graus de latitude norte e a 9 graus de latitude sul.*
18 – Seriação de festas, simpósios, congressos, feiras, conferências, corridas, competições, etc.: *2.ª Festa da Uva, 3.º Simpósio de Transportes, 5.º Congresso de Cancerologia, 8.ª Feira Nacional do Móvel, 4.ª Conferência do Atlântico Sul, 5.º Rali de Alfenas, 3.º Enduro da Independência, 4.ª Mil Milhas, Fórmula 1, Fórmula 3.*
19 – Matemática: *Multiplique por 8/ Divida por 4/ Some 5/ Subtraia 9/ Eleve à 3.ª potência.*
20 – Conflitos e governos: *1.ª Guerra Mundial, 5.ª República, 3.º Reich.*

6 – Verbo

Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual o falar organiza seu significado lexical.

A – *A distinção de verbos nocionais e relacionais*
A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – *Categorias verbais segundo Roman Jakobson*

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – *cantas* – *canta*
vejo – *vês* – *vê*
parto – *partes* – *parte*

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – *cantamos*

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – *cante*

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, ocorre apenas uma única categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – *canteis*

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a “pessoa” do “número” nem o “tempo” do “modo”; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o “tempo” e o “aspecto”, como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)
b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)
c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)
d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)
b) o próprio acontecimento do falar (AF)
c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)
d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* (“*designadores*” na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* (“*conectores*”, para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou escutado* encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso.* Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma

relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o “eu”, porque “eu” é sempre a pessoa que fala, uma categoria “definida pelo discurso”.

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetamos participantes	
		caracterizadora	determinante de relação	caracterizadora	determinante de relação
determinadas linguisticamente	qualificadora quantificadora	GÊNERO NÚMERO	VOZ	ESTADO ASPECTO	TAXIS
determinadas pelo discurso		PESSOA	MODO	TEMPO	EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente (“[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l’ai écrite* [*la lettre*], *l’ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – “o fato de que eu o diga”). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta* / *não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

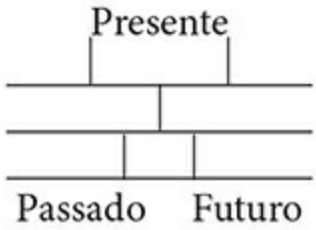

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

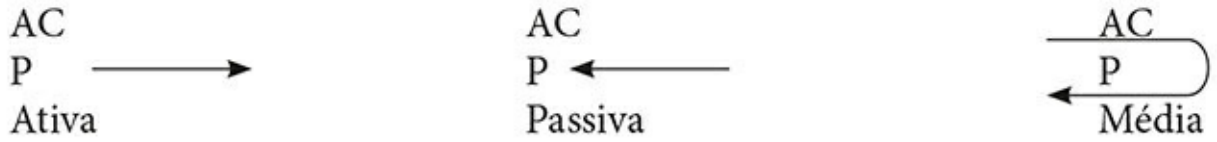

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil –

como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – *Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu*

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente nível atual
Imperfeito nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.

Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

_____	•	----------
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva .) ou ação repetida (frequentativa . . . .): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (. .) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*, na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|

escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)

completiva: ————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

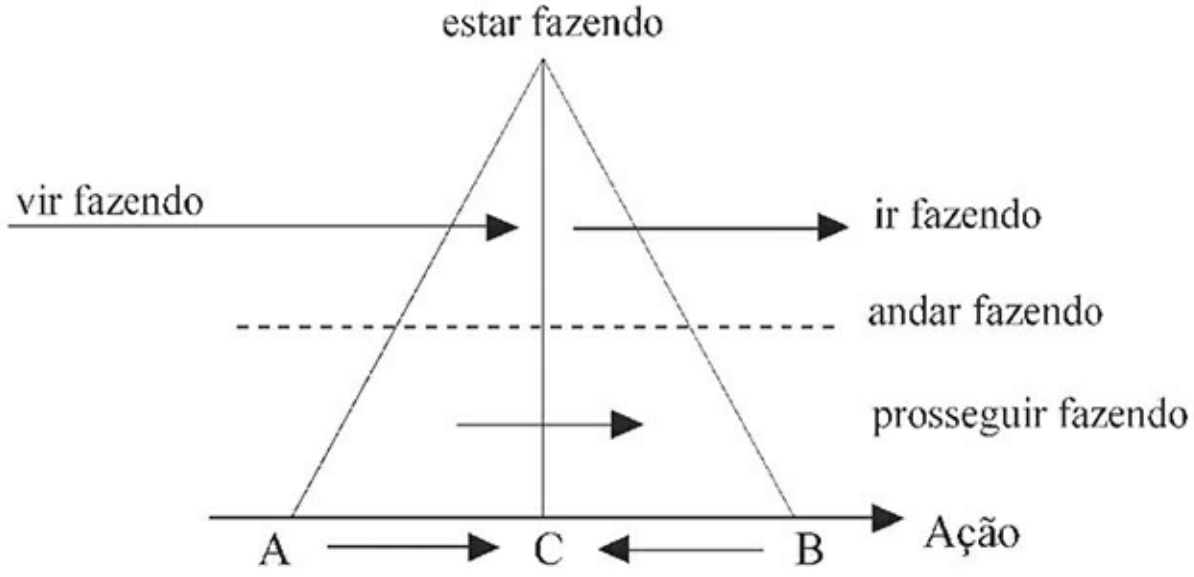

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A, B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo, andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral
	(não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações “enfáticas” do modo de falar, como “de fato”, “com efeito”, “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”, “terminantemente”, pois pode ocorrer a determinação expressa como “não cursiva” ou ainda como “não parcializante”, como “redundante”.

De forma esquemática, temos:

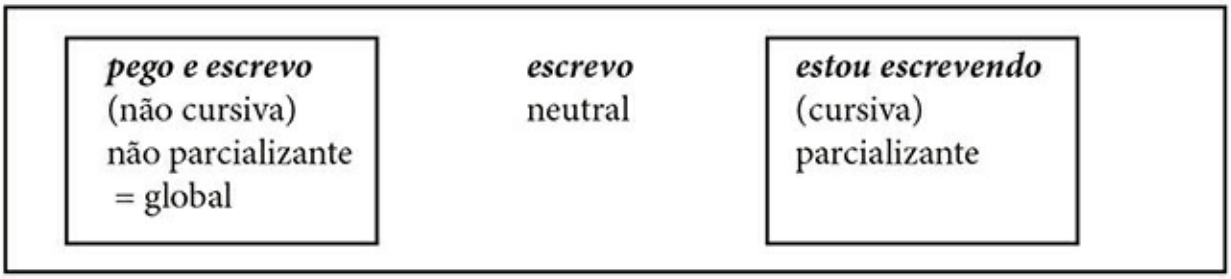

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

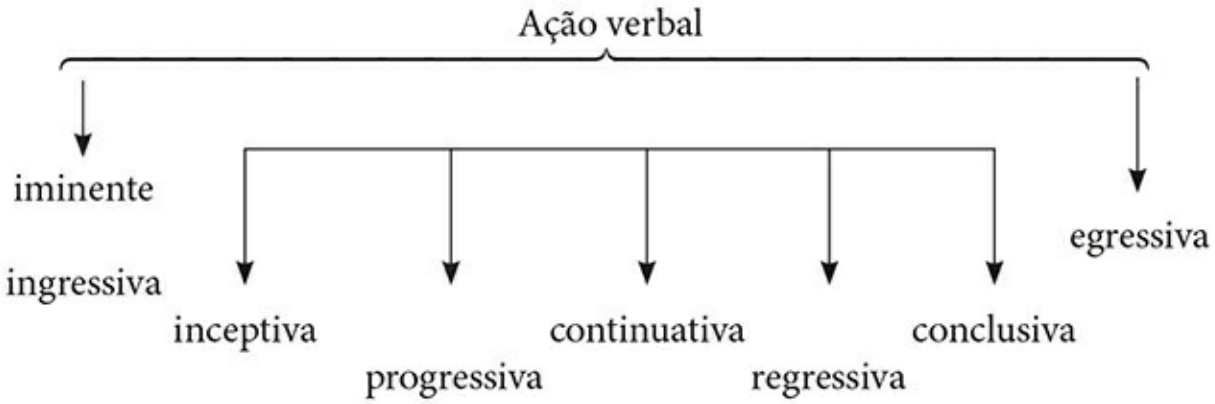

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

- o nível temporal
- a perspectiva primária e secundária
- a visão
- a fase
- o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

- a duração
- a repetição
- a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo, tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional

Para a descrição funcional de uma forma verbal que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual

2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:
1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo

Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular:	*eu canto*
2.ª pessoa do singular:	*tu cantas*
3.ª pessoa do singular:	*ele canta*
1.ª pessoa do plural:	*nós cantamos*
2.ª pessoa do plural:	*vós cantais*
3.ª pessoa do plural:	*eles cantam*

Os tempos do verbo

São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo

São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva *eu cá na terra sempre triste.*

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo

São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:
Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:
A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade

É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos *recebem* o m**e**recido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva. [86]

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), 1) podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito); 2) podendo atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco); 3) podendo indicar movimento do próprio corpo ou mudança psicológica (reflexivo dinâmico); 4) podendo expressar sentido de ‘passividade com *se*’ (reflexivo passivo); e 5) podendo expressar sentido de impessoalidade (reflexivo indeterminado), conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

1) Eu *me visto* sozinho, tu *te feriste*; ele *se enfeita*; 2) Eles *se amam*, nós *nos carteamos*; 3) Ela *sentou-se*; ela *zangou-se*; 4) *Alugam-se* casas; 5) *Assistiu-se* a festas.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

> Eu *fui visitado* pelos meus parentes.
> Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

> Eu *fui visitado* pelos parentes.
> *Aluga-se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário).

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

> Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu

próprio corpo” como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

> *agonizar-se*, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *enfiar-se*, *envelhecer-se*, *estalar-se*, *esvoaçar-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *sentar-se*, *tresnoitar-se*.

5.ª) Elimina-se, no estilo informal, o pronome de muitos verbos que o exigem na língua-padrão:

> *aquecer*, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em medicina*), *aposentar* (*Ele acaba de aposentar*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc.

6.ª) Inversamente, na variedade padrão, não aparecem como pronominais vários verbos que como tais por vezes são usados na variedade mais informal:

> *sobressair*, *aludir*, *desabafar*, *acordar* (‘despertar’), *consultar*, *mudar* (de local), *avultar*, entre outros.

7.ª) Por influência de sinônimos pronominais, alguns verbos não pronominais na norma-padrão aparecem na fala coloquial com pronomes, o que deve ser evitado na língua cuidada:

> *simpatizar-se* (por influência de *agradar-se*), *antipatizar-se*.

Formas nominais do verbo

Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*
b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to*, revol-*to*, ace-*so*, pre-*so*
c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo

É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.
2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.
3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por *viger*).

Verbos regulares, irregulares e anômalos

Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, *fal*-ar, *tir*-ar, *tem*-er, *vend*-er, *varr*-er, *part*-ir, *fer*-ir, *serv*-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:
ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es
fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há, portanto, os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ēsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vad*ĕ*re* e ĕ*sse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes

DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a primeira é o resultado histórico da conjugação mista em latim seguida da eufonia e da significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática

diz não ser usada. É na 3.ª conjugação que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:
abolir, aturdir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, delinquir, delir, demolir, esculpir, espargir, exaurir, explodir, extorquir, feder, fremer (ou *fremir*), *fulgir, haurir, impingir, jungir, puir, retorquir, ruir, soer.*

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:
adir, aguerrir, combalir, emolir, empedernir, esbaforir, espavorir, exinanir, falir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir, vagir. [87]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*, *apropinquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*, *discernir*, *embair*, *emergir*,

imergir, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q.-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).
Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:
Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:
Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*
Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.
requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:
Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) os verbos terminados em *-zer*, *-zir* no imperativo.
Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) e numerosos verbos no particípio.
Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)

matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)
salvar	salvado (a., p.)	salvo (a., p.)
suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser*, *estar*, *ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em *-e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal), livre.

Locução verbal. Verbos auxiliares

Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é

que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;
b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;
c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;
d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;
b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;
c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;
b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: “Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora” [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever*, *pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

3.ª) O gerundismo é o uso indevido e abusivo do gerúndio, que se instalou na oralidade da linguagem moderna, especialmente comercial. É inadequado o gerúndio no exemplo: *Vou estar transferindo sua ligação*, em lugar de: *Vou transferir sua ligação*. Já no exemplo *Às oito horas de amanhã ele estará entrando no avião*, o uso do gerúndio é perfeitamente cabível e não constitui erro.

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: “De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de*

descobrir o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "Eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai" [CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*, *precisar* (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.
c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.
d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.
e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.
f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.
g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.
h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto* vem a traduzir *a mesma ideia* (= isto por

fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele* veio a ser *famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos

Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, acusam relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais

Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R + VT) + D (DMT + DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modotemporal e DNP = desinência número-pessoal.

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r
2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r
3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r, *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As

vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja a seguir). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret. perf. ind. da 1.ª conjugação em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i**-**is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. pág. 369).

As desinências modotemporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente
b) -*va*- (-*ve*-), que caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; [88]
c) -*ia*- (-*ie*-), que caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*; [89]
d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*;
e) -*ra*- (-*re*-) átona, que caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;
f) -*ra*- (-*re*-) tônica, que caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;
g) -*ria*- (-*rie*-), que caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;
b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjugações: *vend-a*, *part-a*;
c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;
d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas nominais*:

a) *-ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;
b) *-do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;
c) *-r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em *-a* (imperf., m.-q.-perf. ind. e futuro do pretérito apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal *-is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, *-o* (só no presente do indicativo), *-i* (só no pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente) 2.ª pessoa: *-s*, *-ste*[55] (esta última só no pretérito perfeito do indicativo) e Ø no imperativo 3.ª pessoa: Ø, *-u* (só no pretérito perfeito do indicativo)
PLURAL	1.ª pessoa: *-mos* 2.ª pessoa: *-is* (com supressão do *-s* final no imperativo), *-des* (esta última só no futuro do subjuntivo, infinitivo flexionado e presente do indicativo de alguns verbos irregulares, monossilábicos), *-stes* (só no pretérito perfeito do indicativo). 3.ª pessoa: nasalidade representada na escrita por *-m*; quando precedida de *a* desenvolve o ditongo /ãw̃/ e precedida de *e*, o ditongo /ẽỹ/.

Observações sobre as desinências número-pessoais

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*, vend-*o*, part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*, vend-*i*, part-*i*
canta-re-*i*, vende-re-*i*, parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste*; Ø no imperativo:

canta-*s*, canta-re-*s*, canta-*ste*, canta tu.
vende-*s*, vende-re-*s*, vende-*ste*, vende tu.
parte-*s*, parti-re-*s*, parti-*ste*, parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*, vende-*u*, parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*, vende-*mos*, parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conjugação há crase com a vogal temática):

canta-*is*, vende-*is*, part-*is*
canta-r-*des*, vende-r-*des*, parti-r-*des*
canta-*stes*, vende-*stes*, parti-*stes*
canta-*i*, vende-*i*, part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*, vende-*m*, parte-*m*
canta-re-*m*, vende-re-*m*, parti-re-*m*
canta-ra-*m*, vende-ra-*m*, parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*, vende-*rão*, parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados

No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja
ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprimir o *s* final:

cantar	cantas	cantais	canta	cantai
vender	vendes	vendeis	vende	vendei
partir	partes	partis	parte	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. pág. 250, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjugação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

> Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]
>
> *Ouvide*-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você*(*s*), e não a *ele*(*s*). Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):
-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):
-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M.-q.-p. ind.*	*Imp. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*-re*) tônica:
-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*;

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*-rie*):
-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*; *diria*, *faria*, *traria*.

cant-a-*va*, cant-a-*va*-s, cant-a-*va*, cant-á-*va*-mos, cant-á-*ve*-is, cant-

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de -*va* (-*ve*), na 1.ª conjugação, e -*ia* (-*ie*), na 2.ª e 3.ª:

a-*va*-m
vend-*ia*, vend-*ia*-s, vend-*ia*, vend-*ía*-mos, vend-*íe*-is, vend-*ia*-m
part-*ia*, part-*ia*-s, part-*ia*, part-*ía*-mos, part-*íe*-is, part-*ia*-m.

À parte, temos:
a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc.)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas

RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

*que*ro, *can*to, *can*ta, *ven*dem, *fei*to

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

que*re*mos, can*tais*, di*rei*, ven*di*do

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: a) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; b) os particípios irregulares; c) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *cou*be, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. ind. e subj. têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas*, *sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* faz *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existe ainda a forma reduzida *resfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar*[91] e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: “Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas

para o largo, *mobiliada* (atenção revisor: não ponha “mobilada”, que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro” [MB.1, 459-460].

c) *Aguar*, *desaguar* e *enxaguar* modernamente constituem também exceção entre brasileiros: *águo*, *deságuo*, *enxáguo*, etc. Entre portugueses e regionalmente vivem as pronúncias regulares: *aguo*, *enxaguo*, etc., como ocorre com *averiguar*, *apaziguar: averiguo*, *apaziguo*.

Alternância vocálica ou metafonia

Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

> *ferver*: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

> *falar:* falo, falas, fala, falamos, falais, falam
> *chamar*: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

> *levar*: levo, levas, leva, levamos, levais, levam
> *remar*: remo, remas, rema, remamos, remais, remam
> *penar*: peno, penas, pena, penamos, penais, penam
> *desenhar*: desenho, desenhas, desenha, desenhamos, desenhais, desenham
> *alvejar*: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam
> *pretextar*: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam
> *fechar*: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham
> *aparelhar*: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham
> *Exceções*: *invejar* (tem *e* aberto na conjugação); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como

exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e* fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam
sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham
perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)
roer: rói, roei (ô)
volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)
temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem
comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.
Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. ind. e em todo o presente subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir
vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. ind. e em todo o pres. subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir e remir (este defectivo, cf. pág. 248).
Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem
Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.
Imp. afirm.: agrida, agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – Os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imp. afirm.: meça, mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é)

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imp. afirm.: durma, dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem

pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.

imp. afirm.: surta, surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. pág. 296). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)

pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.

imp. afirm.: acuda, acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* terão o *o* fechado por estarem seguidos de *m*: *consomes* (ô), *consome* (ô); *somes* (ô), *some* (ô).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) Os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*,

redarguir, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo*, *entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos*, *entupis*, *entupem* (ou *entopem*).

construo, *construis* (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos*, *construís*, *construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são, portanto, abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo*, *engoles*, *engole*, *engulimos*, *engulis*, *engolem*. Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
Imp. afirm.: frija, frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, *crês*; *lê*, *lês*

2) quando integra os ditongos *ou*, *ei*:
douro, *douras*; *cheiro*, *cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, *pernoitas*

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, *comes*

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:

receio, *receias*; *aparelho*, *aparelhas*; *desejo*, *desejas*; *coroo*, *coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, *chegas*; *ensebo*, *ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *Aguar*, *desaguar*, *enxaguar* e afins podem ser conjugados de duas formas:

1 - Ou têm as formas rizotônicas com o *u* do radical tônico, mas sem o acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.: aguo (ú), aguas (ú), agua (ú), aguamos, aguais, aguam (ú)
Pres. subj.: ague (ú), agues (ú), ague (ú), aguemos, agueis, aguem (ú)

2 - Ou têm as formas rizotônicas com *a* do radical com acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

b) *Arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)
Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Apaniguar*, *apaziguar*, *apropinquar*, *averiguar*, *delinquir*, *obliquar*, *santiguar* e afins conjugam-se pelo seguinte modelo:

1 - Ou têm as formas rizotônicas com o *u* do radical tônico, mas sem o acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.: apaziguo (ú), apaziguas (ú), apazigua (ú), apaziguamos, apaziguais, apaziguam (ú)
Pres. subj.: apazigue (ú), apazigues (ú), apazigue (ú), apaziguemos, apazigueis, apaziguem (ú)

2 - Ou têm as formas rizotônicas com o *i* do radical com acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.: apazíguo, apazíguas, apazígua, apaziguamos, apaziguais,

apazíguam
Pres. subj.: apazígue, apazígues, apazígue, apaziguemos, apazigueis, apazíguem

d) *Magoar* conjuga-se:
Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam
Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

e) *Mobiliar* conjuga-se:
Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

OBSERVAÇÃO: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

f) *Resfolegar* conjuga-se:
Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam
Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.
2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

g) *Dignar-se*, *indignar-se*, *obstar*, *optar*, *adaptar*, *pugnar*, *impugnar*, *ritmar*, *raptar* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)	rapto (rá)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)	raptas (rá)
indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)	rapta (rá)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos	raptamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais	raptais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)	raptam (rá)

OBSERVAÇÃO: Nestes verbos em que há grupo consonantal que na linguagem popular se desfaz com acréscimo de uma vogal, devem se evitar pronúncias viciosas como /indi*gui*no/ (por /in*dig*no/), /o*pi*to/ por /*op*to/, etc.

h) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

i) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (i.é:, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (i.é: *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar* e *muscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam;
Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

j) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei* (*roubar*, *inteirar*) conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

k*)* Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi* (como *endeusar* e *noivar*) conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso*, *endeusas*, *endeusa*, etc.; *noivo*, *noivas*, *noiva*, etc.

OBSERVAÇÕES: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto. O novo Acordo Ortográfico extinguiu o acento gráfico dos ditongos *ei* e *oi* da sílaba tônica das palavras paroxítonas, motivo pelo qual o verbo *apoiar* não recebe mais acento gráfico para marcar o *o* aberto na pronúncia. Tem-se portanto: *apoio* (ói), *apoias* (ói), *apoia* (ói), *apoiamos*, *apoiais*, *apoiam* (ói).

l) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu* (como *saudar*, *embainhar* e *amiudar*) conjugam se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo*, *saudas*, etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em *-zer*, *-zir*: como *fazer* e *traduzir*
Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu

traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação
Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:
pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:
conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:
começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:
eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:
erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*i*s, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar*
Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:
Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*e, nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.

pres. subj.: premie, premies, premie, etc.

imp. afirm.: premie, premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*; etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar*

Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*:

pé – apear ceia – cear

passeio – passear ideia – idear

Exceção:
fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas *-a*, *-e*, *-o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções:
amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em *-ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com *-iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) *-io*, *-ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) *-ânsia*, *-ência*, *-ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*; *homicidar* ou *homicidiar*; etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho*, *vens*, *vem*, *vimos* (e não *viemos*), *vindes*, *vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim*, *vieste*, *veio*, *viemos*, *viestes*, *vieram*.

> "E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre" [JR.2, 200].

"O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...)" [JR.2, 189].

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pretérito perfeito do indicativo:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).
A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (*vi-ndo*) e *vindo* (*vin-i-do*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*, por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína

Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* (e não *ver*!) oportunidade de comprá-lo, então o farei.

c) *Precaver-se*

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.
Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se pág. 248.

d) *Reaver*

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui "*v*". Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*.

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*, *reouvestes*, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. pág. 248.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de ter (assim como *abster-se*, *ater-se*, *manter*, *conter*, *entreter*, *obter*, *reter*, *suster*), conjuga-se como este. Logo está errada a conjugação:

> O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Veja-se a flexão correta no seguinte exemplo:

> "Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos" [JR].

OBSERVAÇÃO: Cuidado especial há de se ter entre o futuro do subjuntivo (p.ex.: *mantiver*) e o infinitivo (*manter*): Ficarei triste quando ela se *mantiver* calada. Tenho de a *manter* calada.

No seguinte exemplo o emprego do infinitivo se explica por se ter omitido o auxiliar (*conseguir*) expresso anteriormente: E se ele conseguir largar na frente e *manter* (isto é, *conseguir manter*) a primeira posição, será possível ganhar a regata.

f) *Pôr* e seus derivados

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

> "Se aos paternos errores de contraste,
> E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4]. (por: *sobrestou*)

h) *Haver-se* e *avir-se*

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*:

Felizmente o filho *se houve* com os pais.

Avir-se é sinônimo de *haver-se* no sentido de conciliar, isto é, significa 'entrar em acordo com':

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos se *desavieram* (e não se *desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r***	2.ª – ***Vend-e-r***	3.ª – ***Part-i-r***
	MODO INDICATIVO	
	Presente	
Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e

Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i

Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá
Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is

Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu [92]	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

2 – Conjugação composta [93]

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido

Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***

MODO INDICATIVO

Presente

Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [94]	Hão

Pretérito imperfeito

Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam

Pretérito perfeito

Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Pretérito mais-que-perfeito

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja

Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis
Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu [95]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você

Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	} sido, estado, tido, havido
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	} sido, estado, tido, havido
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	} sido, estado, tido, havido
Teremos	(ou haveremos)	

Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do pretérito composto

Teria	(ou haveria)	
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	

Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	} sido, estado, tido, havido
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	} sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	} sido, estado, tido, havido
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo	(ou havendo)	sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Pusésseis	Puserdes
Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	**Infinitivo flexionado**
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	**Particípio**
Pondo	Posto

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		**Pretérito mais-que-perfeito composto**	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto

Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		**Futuro do pretérito composto**	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto
Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		**Pretérito mais-que-perf.**		**Futuro**	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	**Infinitivo flexionado**	
Ter posto	Ter	posto
	Teres	posto
	Ter	posto
	Termos	posto

Terdes	posto
Terem	posto

Gerúndio composto

Tendo posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		**Pretérito imperfeito**		**Pretérito perf. simples**	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados
São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto		**Pretérito mais-que-perfeito simples**	
Tenho	sido amado	Fora	amado
Tens	sido amado	Foras	amado
Tem	sido amado	Fora	amado
Temos	sido amados	Fôramos	amados
Tendes	sido amados	Fôreis	amados
Têm	sido amados	Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto		**Futuro do presente simples**	
Tinha	sido amado	Serei	amado
Tinhas	sido amado	Serás	amado

Tinha	sido amado	Será	amado
Tínhamos	sido amados	Seremos	amados
Tínheis	sido amados	Sereis	amados
Tinham	sido amados	Serão	amados

Futuro do presente composto		**Futuro do pretérito simples**	
Terei	sido amado	Seria	amado
Terás	sido amado	Serias	amado
Terá	sido amado	Seria	amado
Teremos	sido amados	Seríamos	amados
Tereis	sido amados	Seríeis	amados
Terão	sido amados	Seriam	amados

Futuro do pretérito composto	
Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente		**Pretérito imperfeito**		**Pretérito perfeito**	
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado

Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro**		**Futuro composto**	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		**Infinitivo não flexionado composto**	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		**Infinitivo flexionado**	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	**Gerúndio composto**

Sendo amado Tendo sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:
1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado.* Ela é *amada.*

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado.* Elas têm *estudado.*

Voz passiva – Ela é *amada.* Elas são *amadas.*

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se*
Já vimos que o verbo se diz pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados (Ö 611):

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b*) mesóclise*: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
Apiedo-me	Apiedava-me	Apiedei-me
Apiedas-te	Apiedavas-te	Apiedaste-te
Apieda-se	Apiedava-se	Apiedou-se
Apiedamo-nos	*Apiedávamo-nos*	*Apiedamo-nos*
Apiedais-vos	Apiedáveis-vos	Apiedastes-vos
Apiedam-se	Apiedavam-se	Apiedaram-se

Pretérito perfeito composto	**Pretérito mais-que-perfeito**	
Tenho-me	apiedado [96]	Apiedara-me
Tens-te	apiedado	Apiedaras-te
Tem-se	apiedado	Apiedara-se
Temo-nos	*apiedado*	*Apiedáramo-nos*
Tendes-vos	apiedado	Apiedáreis-vos
Têm-se	apiedado	Apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto	**Futuro do presente**	
Tinha-me	apiedado	Apiedar-me-ei [97]

Tinhas-te	apiedado	Apiedar-te-ás
Tinha-se	apiedado	Apiedar-se-á
Tínhamo-nos	*apiedado*	Apiedar-nos-emos
Tínheis-vos	apiedado	Apiedar-vos-eis
Tinham-se	apiedado	Apiedar-se-ão

Futuro do presente composto	**Futuro do pretérito**	
Ter-me-ei	apiedado	Apiedar-me-ia
Ter-te-ás	apiedado	Apiedar-te-ias
Ter-se-á	apiedado	Apiedar-se-ia
Ter-nos-emos	apiedado	Apiedar-nos-íamos
Ter-vos-eis	apiedado	Apiedar-vos-íeis
Ter-se-ão	apiedado	Apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

Ter-me-ia	apiedado
Ter-te-ias	apiedado
Ter-se-ia	apiedado
Ter-nos-íamos	apiedado
Ter-vos-íeis	apiedado
Ter-se-iam	apiedado

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito composto**
Apiede-me	Apiedasse-me	Tenha-me apiedado
Apiedes-te	Apiedasses-te	Tenhas-te apiedado
Apiede-se	Apiedasse-se	Tenha-se apiedado
Apiedemo-nos	*Apiedássemo-nos*	Tenhamo-nos apiedado
Apiedeis-vos	Apiedásseis-vos	Tenhais-vos apiedado
Apiedem-se	Apiedassem-se	Tenham-se apiedado

Pretérito mais-que -perfeito composto	**Futuro simples**	**Futuro composto**	
Tivesse-me	apiedado	Eu me apiedar	Eu me tiver apiedado
Tivesses-te	apiedado	Tu te apiedares	Tu te tiveres apiedado
Tivesse-se	apiedado	Ele se apiedar	Ele se tiver apiedado
Tivéssemo-nos	*apiedado*	Nós nos apiedarmos	Nós nos tivermos apiedado
Tivésseis-vos	apiedado	Vós vos apiedardes	Vós vos tiverdes apiedado
Tivessem-se	apiedado	Eles se apiedarem	Eles se tiverem apiedado

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo (não se usa pron. posposto a verbo nesta forma)**

	Não me apiede
Apieda-te tu	Não te apiedes
Apiede-se você	Não se apiede
Apiedemo-nos nós	Não nos apiedemos
Apiedai-vos vós	Não vos apiedeis
Apiedem-se vocês	Não se apiedem

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
Apiedar-me	Ter-me	apiedado
Apiedar-te	Ter-te	apiedado
Apiedar-se	Ter-se	apiedado
Apiedar-nos	Ter-nos	apiedado
Apiedar-vos	Ter-vos	apiedado
Apiedar-se	Ter-se	apiedado

Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
Apiedar-me	Ter-me	apiedado
Apiedares-te	Teres-te	apiedado
Apiedar-se	Ter-se	apiedado
Apiedarmo-nos	*Termo-nos*	*apiedado*
Apiedardes-vos	Terdes-vos	apiedado
Apiedarem-se	Terem-se	apiedado

Gerúndio simples	Gerúndio composto	
Apiedando-me	Tendo-me	apiedado
Apiedando-te	Tendo-te	apiedado
Apiedando-se	Tendo-se	apiedado
Apiedando-nos	Tendo-nos	apiedado
Apiedando-vos	Tendo-vos	apiedado
Apiedando-se	Tendo-se	apiedado

Particípio
Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo***
O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Veja a acentuação dos oxítonos apresentada nas págs. 117 e 118.
2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens + lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos*, *nas*:

põe + o = põe-no; *viram + a = viram-na*; *tem + o = tem-no; têm + o = têm-no.*

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.
OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. [98]

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo
(só a conjugação simples)
MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
Ponho-o	Punha-o	Pu-lo
Põe-lo	Punha-lo	Puseste-o
Põe-no	Punha-o	Pô-lo
Pomo-lo	Púnhamo-lo	Pusemo-lo
Ponde-lo	Púnhei-lo	Puseste-lo
Põem-no	Punham-no	Puseram-no

Pret. mais-que-perf.	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	Pô-lo-ei[99]	Pô-lo-ia
Pusera-lo	Pô-lo-ás	Pô-lo-ias
Pusera-o	Pô-lo-á	Pô-lo-ia
Puséramo-lo	Pô-lo-emos	Pô-lo-íamos
Pusérei-lo	Pô-lo-eis	Pô-lo-íeis
Puseram-no	Pô-lo-ão	Pô-lo-iam

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro (só se usa a forma proclítica)**
Ponha-o	Pusesse-o	Eu o puser
Ponha-lo	Pusesse-lo	Tu o puseres
Ponha-o	Pusesse-o	Ele o puser
Ponhamo-lo	Puséssemo-lo	Nós o pusermos
Ponhai-lo	Puséssei-lo	Vós o puserdes
Ponham-no	Pusessem-no	Eles o puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo (não se usa pron. posposto a verbo nesta forma)**
	Não o ponha eu
Põe-no tu [99]	Não o ponhas tu
Ponha-o você	Não o ponha você
Ponhamo-lo nós	Não o ponhamos nós
Ponde-o vós [100]	Não o ponhais vós
Ponham-no vocês	Não o ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
Pô-lo	Pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

Conjugação dos verbos irregulares

Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª Conjugação:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-q-perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar*; *circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a conjugação dos verbos auxiliares (Ö277).

Por este conjuga-se: *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar*, *prestar*, *obstar*, *instar*, *distar*, *restar*, etc.

2.ª Conjugação:

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. imp. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imp.: crê, crede.
Part.: crido.

Como este conjuga-se *descrer*.

Dizer
Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imp.: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer
Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imp.: faz(e), fazei.
Part.: feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver
Ver a conjugação dos verbos auxiliares (Ö277).

Jazer
Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler
Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.
Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.
Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.
Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.
Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder
Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder
Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.
Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.
Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.
Desusado modernamente no imperativo.

Prazer
(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)
Pres. ind.: praz, prazem.
Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.
M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.
Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.
Fut. subj.: prouver, prouverem.
Por este se conjugam *aprazer*, *desprazer*, *desaprazer*, verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer*; no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

(...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2,

195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pret. perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto*).

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer*, só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imp.: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber
Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser
Veja a conjugação dos verbos auxiliares (Ö277).

Ter
Veja a conjugação dos verbos auxiliares (Ö277).

Trazer
Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imp.: traz(e), trazei.

Valer
Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.
Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver
Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.
Pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir
Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Pres. subj.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.
Imp.: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir*, *construir*, *cuspir*, *destruir*, *engolir*,[101] *entupir*,[102] *escapulir*, *fugir*,[103] *sacudir*, *subir*, *sumir*.[104]

Construir, *destruir* e *entupir*, como verbos abundantes (Ö 249), apresentam como formas menos usadas *construis*, *construi*, *destrui*, *entupes*, *entupe*.

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair
Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.
Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.
Pret. perf. ind.: caí, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.
M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.
Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.
Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.
Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.
Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair*, *contrair*, *distrair*, *esvair*, *retrair*, *sair*, *subtrair*, *trair*, *embair*.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imp.: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir*, *dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir*, *recobrir* e *tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.
Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imp.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.
Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g* por *j* antes de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.
Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
M.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imp.: vai, vá, vamos, ide, vão.
Ger.: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.

Assim se conjugam *desmedir* e *pedir*.

Mentir
Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir*, *desmentir*, *persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir*, *sentir*.

Ouvir
Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço*, ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça*, *oiças*, *oiça*, *oiçamos*, *oiçais*, *oiçam*.

Pedir
Pres. ind.: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
Pres. subj.: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir*, *despedir*, *expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir (Ö 248)

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)
Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imp.: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto*, *surtes*, *surte*, *surtimos*, *surtis*, *surtem*. [105]

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes *pule* e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização" [AH.2, 142].

Progredir
Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes,

progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.

Por este verbo se conjugam *agredir*, *cerzir*, *denegrir*, *prevenir*, *regredir*, *transgredir*. *Remir*, hoje mais usado como defectivo (cf. pág. 248), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis, rimem.

> "Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios *rime* todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir
Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. imperf. ind.: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.
Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Part.: rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir
Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.
Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.
Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam *aderir*, *advertir*, *aferir*, *compelir*, *competir*, *concernir*, *conferir*, *conseguir*, *convergir*, *deferir*, *despir*, *digerir*, *divertir*, *expelir*, *impelir*, *inserir*, *perseguir*, *preferir*, *preterir*, *repelir*, *seguir*, *sugerir*, *vestir*.

Submergir
Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).
Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).
Imp.: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir*, *emergir*, *imergir*.

Vir
Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pret. perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.
Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imp.: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Ger.: vindo.
Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam *advir*, *avir-se*, *convir*, *desavir*, *intervir*, *provir*, *sobrevir*.

Emprego do verbo – *Emprego de tempos e modos*

1) Indicativo

É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente / passado, isto é, uma oposição entre um “presente do passado” (*cantava – cantei*) e um “passado do passado” (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço “negativo” ou “neutral” em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos “positivos”, isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, “em lugar” do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos “agora mesmo”, e não “em seguida”, depois do momento em que falo” (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

> "*Ocorre*-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

> A Terra *gira* em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

> "O interesse *adota* e *defende* opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

> "Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. [106]

b) pelo *futuro do presente do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

> Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

> Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

> Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava	{	falando a falar	{	sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três

membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um “anterior”, enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um “depois”. Daí o imperfeito não significar nem “antes” nem “depois” e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um “presente” do passado. Como um segundo “presente” pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano “inatual”, pode ser empregado “em lugar” do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> “Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé” [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

> “*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida” [CBr.9, 22].

> Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

> "Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

> Ele *devia* (e não *deveu*) *ser* (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs.].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

> Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *Então* [neste jogo que vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "*Agora* eu *era* o herói e o meu cavalo só *falava* inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu,[107] que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito perfeito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

Tenho dito (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].

"Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, *v.g*. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "Dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].

> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].

> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro “não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito” [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

Defenderás os teus direitos.
Não *furtarás*.

“Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção, o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*” [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

“A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam” [MM].
“Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus” [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

“Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas” [RV].
Nós *pretenderíamos* saber a verdade.
Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), *se tivera* (= *tivesse*) sabido da prova.

É pura imitação do francês o chamado “condicional de rumor”, galicismo

que a nossa imprensa vai usando por ignorar as formas vernáculas que exprimem suposição (parece, consta, é provável, etc.):

> O jogador *teria sido* comprado (por: Consta que o jogador *foi comprado*).
>
> Os espiões *teriam* o vírus da varíola (por: Era provável que os espiões *tivessem* o vírus da varíola).

2) Subjuntivo

O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

> Bons ventos o *levem*.
>
> "Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].
>
> "Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].
>
> "*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].
>
> "Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58] (*peccávi* [lat.] = pequei).
>
> "Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

> "Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

“Proibi-te que o *revelasses*” [AH.5, I, 294].
Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.
Está acertado que *sejamos* cautelosos.
É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

“... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu...” [AH.5, II, 321].
“A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte...” [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

“*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada” [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

“Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel” [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

“Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo” [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:
Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)
O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse

predicado ou interrogação depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo:

> "Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
> Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-275]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais com *não porque* ou *não*, quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

> "Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

> "Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].
> "Por mais sagaz que *seja* o nosso amor-próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].
> "Veio o chá, veio depois a hora de recolher, e a baronesa deu por findo o serão, ainda que o livro *estava* quase findo." [MA.13]

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

> "Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].
> "E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

> "Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

> “Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte” [MM].
>
> “Não subais tão alto que a queda *seja* mortal” [MM].

e) nas finais:

> “Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados” [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

> “Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio” [AH.1, 215].

Casos particulares:

I) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

> Quem diria que ele *era* capaz disso.
>
> Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

II) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

> Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

> “Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário” [AH.1, 265 ed. 1864].

III) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

> “Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave” [ED.1, 128].

3) Imperativo

Cumpre apenas acrescentar ao que já se disse:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

> “Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes” [AH.2, 98].

Atenção: *Marchar*!

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ou, melhor dizendo, o subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem ou exprimir o desejo de que um fato aconteça:

> *Queira aceitar* meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais

A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – Infinitivo histórico

Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

> “E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa” [J. Dinis].
>
> “Ela a *voltar* as costas, e o reitor a *pôr* o chapéu na cabeça” [J. Dinis].
>
> “E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se” [EQ] [108]

B – Emprego do infinitivo (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

> “E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*” [AAz *apud* FB.1, 138].
>
> “Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais” [AH *apud* FB.1, 196].
>
> “Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha” [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

> "*Possas* tu, descendente maldito
> De uma tribo de nobres guerreiros,
> Implorando cruéis forasteiros,
> *Seres* presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].
>
> "... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

> "*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente (Ö 456):

> "Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].
>
> "*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].
>
> "*Deixai vir* a mim as criancinhas."

Mas flexionado em:

> "E *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. [109]
>
> "Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

> "Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].
>
> "... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

> "Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].
>
> "Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Com tais verbos causativos e sensitivos a flexão do infinitivo se dá com mais frequência quando o agente está representado por substantivo, sem que isto se constitua fato que se aponte como regra geral, conforme demonstram os exemplos acima.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (Ö 245, obs. 5.ª):

> "*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].
>
> "O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].
>
> "Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estropiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-266].
>
> "E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se ao pobre homem..." [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

> "*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas" [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo" [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

> “As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Se o sujeito léxico estiver expresso, é obrigatória a flexão do infinitivo: *Estudamos para nós vencermos na vida* (nunca: *para nós vencer na vida*).

Concluindo, ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

> Estudamos para nós *vencermos* na vida.
>
> “Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].
>
> “É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

Apêndice: passagem da voz ativa à passiva e vice-versa

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua-padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.
responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;
2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;
3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;
4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiv*a
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou); [o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui um comentário à oração (Ö 48)].

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo

pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta:

> “Gonçalves Dias é *verdadeiramente* poeta” [PL *apud* por EBm.1, 8].
>
> Pessoas *assim* não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

> A vida é *assim.*

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória “a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios”.

OBSERVAÇÃO: O advérbio latino *item* ocorre em português literário substantivado, com o valor de *igualmente*: “Meu tio cônego morreu nesse intervalo, *item* dois primos.” [MA]

Combinações com advérbios

Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, § 188]:

> *Por agora*, estão encerrados os trabalhos.
>
> *Até então* os telefones não funcionavam.
>
> *Desde cedo* já havia compradores de ingresso.
>
> *De longe* já se viam as chamas.
>
> *Por aqui* se pode entrar na cidade.
>
> As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.
>
> Eles se apresentam com as promessas *de sempre.*

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

> *Agora que* tudo serenou, podemos retornar.
>
> Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.
Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.
Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.
Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição

Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *embaixo*, *detrás*, *defronte de*, *etc*.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)
O carro estacionou *em frente da* casa.
A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].
O vizinho escreveu *contra*.
Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos

advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Calcadas em expressões do tipo “pelo rio acima” e “de portas a (para) dentro”, formaram-se as brasileiras “pela porta adentro”, “pela porta afora”, ao lado das tradicionais e antigas “pela porta dentro”, “pela porta fora”.

Locução adverbial

É o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

> *com efeito*, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição. Daí não haver razão para se condenarem expressões no plural como *às pressas* (por *à pressa*).

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

> *na verdade*, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

> *Esta semana* (por *nesta semana*) teremos prova.
> *Espingarda ao ombro* (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais

Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel

singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial, quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar *sobre música*.
2) *causa*: Morrer *de fome*.
3) *companhia*: Sair *com os amigos*.
4) *concessão*: Voltaram *apesar do escuro*.
5) *condição*: Só entrará *com autorização*. Não sairá *sem licença*.
6) *conformidade*: Fez a casa *conforme a planta*.
7) *dúvida*: *Talvez* melhore o tempo. *Acaso* encontrou o livro.
8) *fim*: Preparou-se *para o baile*.
9) *instrumento*: Escrever *com lápis*.
10) *intensidade*: Andou *mais depressa*.
11) *lugar*: Estuda *aqui*. Foi *lá*. Passou *pela cidade*. Veio *dali*.
12) *modo*: Falou *assim*. Anda *mal*. Saiu *às pressas*.
13) *referência*: "O que nos sobra *em glória de ousados e venturosos navegantes*, míngua-nos *em fama de enérgicos e previdentes colonizadores*" [LCo *apud* FB.1, 218].
14) *tempo*: Visitaram-nos *hoje*. *Então* não havia recursos. *Sempre* nos

cumprimentaram. *Jamais* mentiu. *Já* não fala. Não fala *mais*. *Nunca* vi algo assim.

15) *negação*: *Não* lerá sem óculos. Sei *lá*. (= não sei)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em *sei lá*, com sentido de 'não sei', além de entoação especial, o *lá* se explica pelo fato de referir-se a algo distante da área do falante e, por isso, no domínio do seu desconhecimento.

2.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade!

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio?!

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, que, ora:

E eu *lá* disse isso?
Vejam *só* que coisa!
Oh! Que saudade *que* tenho!
Ora decidamos logo o negócio!

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:
Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios

No estudo de certas unidades, torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical (Ö 48). No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou prevista no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (proorações ou protextos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim*.
Ela fez os exercícios? – *Não*.
Tu não foste escolhido? – *Também*.

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.
Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da

camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!
Naturalmente!

Ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.
Todos saíram ilesos, *felizmente*.
Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico" (Ö 124), isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.).[110] É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio
Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal

O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" -*mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em -*mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes

permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

> "Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: *aqui*, *aí*, *acolá*, *lá*, *cá*.

b) *relativos*: *onde* (em que), *quando* (em que), *como* (por que).

c) *indefinidos*: *algures*, *alhures*, *muito*, *pouco*, *que*.

d) *interrogativos*: *onde?*, *quando?*, *como?*, *por que…?*, *por quê?*.

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

> A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

> O sítio *aonde* vais é pequeno.
> É bom o colégio *donde* saímos.

OBSERVAÇÃO: É popular e evitado na norma exemplar o emprego de *da onde*: *Da onde você é?* (por *De onde você é?*).

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

> Moro *onde* mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

> *Onde* está estudando o primo? Ignoro *onde* estuda.
> *Quando* irão os rapazes? Não sei *quando* irão os rapazes.
> *Como* fizeram o trabalho?[111] Perguntei-lhes *como* fizeram o trabalho.
> *Por que* chegaram tarde? Dir-me-ás *por que* chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria,

seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos

Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.
Compraram *caro* a fazenda.
Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo: [112]

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)
Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios

Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – Comparativo de
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – Superlativo absoluto
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* mal, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).
Acordava *cedinho* e só voltava à *noitinha*.
Saiu *agorinha*.

O diminutivo e o aumentativo das fórmulas de recomendação não indicam mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas servem para expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.
É bom que estudes *devagarinho*.
Ele chegou *cedão*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior* quando pospostos:

> “Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria” [MM].

Usa-se tanto de *mais bem* e *mais mal* quanto de *melhor* e *pior* junto a adjetivos e particípios:

> “Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos” [AH.1, 224].
>
> “Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas...” [AH.1, 108].
>
> “(...) incentivo para adorações *melhor* recompensadas.” [CBr]

8 – Preposição

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe (Ö 49) – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

> *Aldenora gosta* de *Belo Horizonte*

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo* (Ö 444).

Já em:

> *homem* de *coragem*,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-

se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99].

É o que ocorre, por exemplo, com “a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)” [MC.4, 217].

Preposição e significado

Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de “companhia” (*dancei* com *Marlit*), “modo” (*estudei* com *prazer*), “instrumento” (*cortei o pão* com *a faca*), “causa” (*fugiu* com *medo do ladrão*), “oposição” (*lutou* com *o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou

o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo. [113]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por* (*per*), *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *perante*, *após*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: a) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*); b) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); b) “mera direção” ou “direção com intenção de demora” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: a) “origem” (*de*); b) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *perante*, *após*, *trás*, *sob*, *sobre*); b) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: a) “situação horizontal” (*ante*, *perante*, *após*, *trás*); b) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: a) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*); b) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*. Comparem-se *ter em mãos* e *ter entre mãos*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições

No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.
Após a chuva, vieram os prejuízos.
Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.
Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

Traços Semânticos

- **Preposição**
  - dinâmico
    - aproximacão ao seu término (***a***, ***até***, ***contra***, ***para***)
      - chegada ao limite
        - limite
          - ***a***
          - ***até***
        - limite como obstáculo
          - ***contra***
      - mera direção
        - ***para***
    - ↑ por ↓
    - afastamento (***de***, ***desde***)
      - origem: ***de***
      - afastamento: ***desde***
  - estático ou dinâmico
    - situação definida e concreta (***ante*** [***perante***], ***após***, ***trás***, ***sob***, ***sobre***)
      - horizontal: ***ante*** (***perante***), ***trás***
      - vertical
        - superior: ***sobre***
        - inferior: ***sob***
    - situação imprecisa (***com***, ***em***, ***entre***, ***sem***)
      - concomitância
        - positiva: ***com***
        - negativa: ***sem***
      - imprecisão
        - imprecisão: ***em***
        - posição intermediária, limite: ***entre***

Locução prepositiva

É o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.
Não saímos *por causa da* chuva.
O colégio ficava *em frente a* casa.
O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *até a*, *para com* e *conforme a*:

Foi *até ao* colégio.
Mostrava-se bom *para com* todos.
O juiz procedeu *conforme ao* testamento.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: Viver *à custa do pai* (ou *às custas do* pai), Estudava *a expensas do padrinho* (ou *às expensas do padrinho*), O negócio está *em via de solução* (ou *em vias de solução*).

2.ª) O estilo moderno, ou por imitação do inglês ou por tornar mais concreto o significado de uma preposição, usa e abusa da sua substituição por uma locução prepositiva: *à vista de* (por *ante*), *a bordo de* (por *em*), *de acordo com* (por *segundo*), *em torno de* (por *sobre*), *através de* (por *mediante*), etc.: *À vista de* (por *ante*) tantas dificuldades; Fugiram *através da* janela (por *pela*), etc. A rigor soa sem sentido dizer: *Através do* advogado requereu sua absolvição.

Preposições essenciais e acidentais

Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por* [*per*], *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc. [114]

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.
Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Às vezes, entre a preposição e seu termo subordinado aparece um pronome pessoal reto:

Para eu ler o livro preciso de silêncio.

A preposição *para* prende-se ao infinitivo (*para ler*) e não ao pronome. Por isso, evite-se o erro comuníssimo de se dizer:

Para mim ler o livro preciso de silêncio.

Acúmulo de preposições

Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.
As ordens estão *por detrás* dos regulamentos.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].
"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, *exceto ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.
Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes do bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios dalguns" [ED.2].

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.
Desde pela manhã, esperava novas notícias.
"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

4.ª) Registre-se o emprego de *um como*, *uma como* para denotar mera semelhança com os nomes a que se referem: *cair* um como *orvalho*, uma como *chuva*. Quando aparece verbo na comparação, use-se *como que*: "(...) esse não se compadece com a tristeza, que gelam *como que* endurecem o espírito" (Camilo *apud* MBa.7, 107).

Combinação e contração com outras palavras

Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a + o = ao*; *a + os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: [115]

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a 'ciência' dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

de Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*) nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

Como observa Adriano da Gama Kury, a prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):
de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:
de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:
de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:
de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:
de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali; etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:
em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:
em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:
em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes

em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:
em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:
per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:
para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):
co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição
Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá	*todos*	*passaram.*
(subordinado)		(subordinante)
Os primos	*estudaram*	*com José.*
(subordinante)		(subordinado)
Com José	os primos	*estudaram.*
(subordinado)		(subordinante)
“Quem	*há de*	*resistir?*
(subordinante)		(subordinado)
Resistir	quem	*há de?”* [LG]
(subordinado)		(subordinante)

Principais preposições e locuções prepositivas
a
abaixo de
acerca de, cerca de
acima de
a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
conforme a
consoante
contra
de
de acordo com
debaixo de
de cima de
de conformidade com
defronte a
defronte de

de modo a
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em busca de (à busca de)
em cima de
em favor de
em frente a
em frente de
em lugar de
em ordem a
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
exceto
fora de
junto a
junto de
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
perante
perante a
por

por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) A

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou pronomes:

> "Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].
>
> "O nosso amor-próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*."
>
> "A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].
>
> doa *a quem* doer
>
> *a quem* interessar possa

b) Introduz objetos diretos:

> "O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].
>
> "O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

> "Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza,

parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra” [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes a gerúndios de sentido progressivo:

> “Anda visitando os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua” [MA *apud* SS.1, 309].

OBSERVAÇÃO: Este último exemplo nos faz lembrar o cuidado de não se confundir o conjunto *a ver* com o verbo *haver*: *O presidente disse que aquele assunto não tinha nada* ***a ver*** (e não ***haver***) *com o outro*.

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

> *A ser* verdade o que dizes, prefiro não colaborar.
> “A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula” [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

> “Custou-lhe muito *a aceitar* a casa” [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

> “Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*” [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

> “Vem *cá*, Eugênia, disse ela...” [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede ou vai suceder:

“Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente ‘esse sujeito’ ia por ali às vezes. – *A* que horas?” [MA.1, 172].
Daqui *a* pouco haverá festa.
Daqui *a* dez minutos (e não *daqui dez minutos*, *daqui três dias*, etc., como se vai generalizando na linguagem popular, sem a presença da preposição *a*).

3) fim ou destino:
“... apresentaram-se *a* falar ao imperador” [RP *apud* FB.1, 145].
Tocar *à* missa (= para assistir à missa).
Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:
matar *à* fome, fechar *à* chave, vender *a* dinheiro, falar *aos* gritos, escrever *a* lápis, viver *a* frutas, andar *a* cavalo, venda *a* granel.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em* e os portugueses com *a*: “limpar as lágrimas *no lenço*”, “limpar as lágrimas *ao lenço*”.

5) lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:
“Vejo-a a assomar *à porta* da alcova...” [MA.1, 14].
Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*
Você estava *a dez metros* de mim, mas não me viu.

6) semelhança, conformidade:
“Não sai *a nós*, que gostamos da paz...” [MA *apud* SS.1, 310].
“Desta vez falou *ao modo bíblico*” [MA *apud* SS.1].
Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:
um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.
“*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares” [AH.3, 21].

8) preço:
A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

h) Indica movimentos afetivos, como amor, afeição, simpatia, ódio, aversão e assemelhados, depois de nomes que exprimem esta ideia: *amor* ao *próximo*, *simpatia* aos *inocentes*, *aversão* ao *roubo*.

Modernamente, tem aqui a concorrência da preposição *por*, que, em muitos contextos, pode levar ambiguidade à expressão (Ö343).

i) Forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do à *acentuado*

Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a contração ou fusão da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade. Entregou o livro *à* professora. Não se dirigiu *àquele* homem.

No primeiro exemplo, o verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: *Fui a a* cidade → Fui *à* cidade.

OBSERVAÇÃO: Se o substantivo estiver usado em sentido indeterminado, não estará precedido de artigo definido e, portanto, não ocorrerá ***à***, mas sim simples ***a***, que será mera preposição, como no exemplo: *Ipanema perderá mais uma casa à beira-mar. O imóvel foi vendido* ***a*** *construtora* (= a uma construtora) *e será demolido para dar lugar* ***a*** *prédio* (= a um prédio).

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial ou adjetiva que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento grave diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, barco à vela, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.
2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

> "Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

3.ª) A locução *à distância* deverá, a rigor, entrar na norma do 2.º caso anterior, ao lado de *à força*, *à míngua*, etc. (*Ficou à distância*, *Ensino à distância.*) Todavia, uma tradição tem-se orientado no sentido de só a usar com acento grave quando a noção de distância estiver expressa: "[...] nos seres que a habitam e que formigam lá embaixo, por entre casas, quelhas e penedos, *à distância de um primeiro andar*" [Cpi.1]. A prática de bons escritores nem sempre obedece a esta última tradição:

> "Demorou a perceber que Gato Preto acenava e gritava para ele *à distância*, como se vindo de casa outra vez." [JU.5]
>
> "Tanto, a que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo *à distância*: no algodão bruto do pelo [...]." [GR.1].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.
Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente, *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea	{	Venho *da* Gávea Moro *na* Gávea Passo *pela* Gávea
Fui *a* Copacabana	{	Venho *de* Copacabana Moro *em* Copacabana Passo *por* Copacabana

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho / Moro / Passo } { *da* / *de* / *na* / *em* / *pela* / *por* } França / França / França

b) diante do artigo *a* (*as*) e do *a*- inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) nas locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) Diante de palavra masculina:

Graças *a* Deus. Foi *a* Ribeirão. Pediu um bife *a* cavalo.

b) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } { pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

c) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

d) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

e) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V.M., etc. que dispensam artigo:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

Mas:

Requeiro à senhora.
Falei à d. Margarida.

f) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

g) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto, e da palavra *terra* quando oposta a *bordo*:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

Foram os primeiros a chegar *a* terra firme.

h) nas expressões de duração, distância e em sequência do tipo de *de*... *a*...:

As aulas serão *de* segunda *a* quinta.

Estes fatos ocorreram *de* 1925 *a* 1930.

O programa abrange *de* quinta *a* sétima série.

A aula terá *de* três *a* cinco horas de duração.

OBSERVAÇÃO: Se as expressões começam com preposição combinada com artigo, emprega-se *à* ou *às* no segundo termo: A aula será *das* 8 *às* 10 horas. O treino será *das* 10 *à* 1 da tarde. *Da* uma *às* duas haverá intervalo. O programa abrange *da* quinta à sétima série.

i) Depois de preposição, exceto *até* (= limite):

Só haverá consulta *após as* dez horas. *Desde as* nove espero o médico.

O presidente discursou *perante a* Câmara.

A e *há*

Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo que ainda vem: Daqui *a* três dias serão os exames. Daqui *a* pouco sairei. A resposta estava *a* anos de ser encontrada. Usa-se *há* para o tempo passado: *Há* três dias começaram os exames; Ainda *há* pouco estava em casa.

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro e no singular:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas *à* / *a* { Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei *à* / *a* { casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, para distingui-la do artigo *a*, ainda diante de masculino. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá--lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) Até

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à escola

> "Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].
> "... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].
> "Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.
Até eu recebi o castigo.

3) Com

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) Contra

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.
Remar *contra* a maré.
Votar *contra* alguém.

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

> “E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito...” [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de “em troca de”, bem como no sentido de “junto a”, “ao lado de”:

> Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).
> Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) De

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

> “Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos” [MM].
> “O temor *da morte* é a sentinela da vida” [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

> “A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal” [MM].
> “A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra” [MM].
> “Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*” [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

> “A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos” [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

> “... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas” [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

k) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

l) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

m) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas rua *do* Ouvidor, praça *da* República).
2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

n) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

> A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

o) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

> "Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

p) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

> brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

q) Pode equivaler a *desde*:

> Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].
2.ª) Construções do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa* "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente = acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) “com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição” [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

d) depois do verbo *repetir*:

Repetir o ano (e não: *Repetir de ano*).

e) na locução adjetiva *de menor*:

O adolescente era menor de idade (em vez de *O adolescente era de menor*).

f) nos casos de dequeísmo (uso indevido do *de* junto a oração objetiva direta):

Suponho *que* (e não: *de que*) a emenda está errada.

Pensamos *que* (e não: *de que*) a situação há de melhorar.

6) Em

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

“Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares” [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

“Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro” [MA].
Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:
“Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam” [MM].

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:
“Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída” [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:
Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:
Foi *em* pessoa receber os convidados.
Pagava *em* cheque tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:
“O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria” [MM].
Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:
A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:
Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:
General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão

em questão, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

> "Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

> Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua-padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

> "Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) Entre

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

> "*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

> "Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar tem evitado exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a modernidade do idioma já vem agasalhando:

> "Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /,
> que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Antes de verbo no infinitivo, o sujeito é um pronome reto:

> *Entre* eu *sofrer* e tu *ficares triste*, *prefiro sofrer*.

2.ª) Vale lembrar que com a preposição *entre* devemos usar a conjunção *e* (*entre... e...*): *entre uma coisa e outra*:

> "*Entre* meia-noite *e* uma hora, Pestana pouco mais fez que estar à janela [...]" [MA.2].

8) Para

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

> "Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].
>
> "A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

> "O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

> "A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) finalidade:

> "O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].
>
> Contas *para* receber (melhor do que *contas a receber*).

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

> Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

> "Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].
>
> Vou aí *para* as seis horas.

9) Por (e per)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1, 190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Levar gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

> "As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) ânimo para com alguma coisa, depois dos nomes que exprimem essa ideia:

> "A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

> "Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

> Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas:[116] Ter alguém *como sábio*. Enviar alguém *como* embaixador. Tenho *como* certo que ele virá.

10) Sobre e *Sob*

Não confundir sobre ('em cima de'; 'acima de'; 'a respeito de'):

> O jantar estava *sobre* a mesa.
> Os interesses da criança estão *sobre* os nossos.
> Falavam *sobre* literatura;

com *sob* (‘embaixo de’; ‘em estado de’; ‘sujeito à influência ou ao comando de’):

O gato se escondia *sob* a mesa.
Após ser assaltada, ficou *sob* choque.
Nasceu *sob* o signo de escorpião.
Loja *sob* nova direção.

9 – Conjunção

Conector e transpositor

A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Poderíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação* (Ö 49).

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante (Ö 486).

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas

Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas

A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.
A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.
Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas sindéticas ou assindéticas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc.: *Vão-se os gatos, estendem-se os ratos* (provérbio). Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico* e não *honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

Não tem livro *e nem* caderno.

Mas já com ênfase:

"Nunca vira uma boneca e *nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].
"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai"
[CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas

Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são entendidas como conectores por alguns autores e, por isso, as orações enlaçadas são consideradas justapostas (Ö 357).

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo, **sejam** as discordâncias ligeiras, **sejam** de peso. Sempre discordavam de tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas

Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas

Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas*

(*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas,[117] apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

> Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.
>
> Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.
>
> "Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

> Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

> Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

> "Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a

coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas

Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

> Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada?* se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

> "Não acabaria *se houvesse de contar pelo mundo o que padeci nas primeiras horas*" [MA].

Que e locuções: as chamadas locuções conjuntivas

A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

> Parece [*que vai chover*].
> Esperamos [*que cheguem cedo*].
> A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

> Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
> Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].

Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (i.é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio

logo. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*) *dias* (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

> Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

> *Já que* todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

> Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas (Ö 486 e 497):

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*), *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto*

como, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

> "A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].
>
> "*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].
>
> "*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

> "O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].
>
> "A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].
>
> "O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

> "Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].
>
> "Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:
"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].
"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) CONCESSIVAS: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que* (= ainda que, embora), *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].
"Venceu Escobar; *posto que* vexada, Capitu entregou-lhe a primeira carta, que foi mãe e avó das outras. Nem depois de casado suspendeu ele o obséquio..." [MA]

4) CONDICIONAIS (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;
b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].
"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) CONFORMATIVAS: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

> "Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].
>
> Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) CONSECUTIVAS: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

> "Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].
>
> "Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimular a sua fealdade" [MM].
>
> "Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].
>
> Isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

> "Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

> Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)...

quanto mais, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

> "*Quanto mais* atentava na revelação da carta, *mais* o coração lhe bradava contra ela." [MA.16].
>
> Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:
"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:
Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:
Logo que saíram, *o ambiente melhorou*.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:
Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.
Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*, *ao mesmo tempo em que*. As formas corretas são: *todas as vezes que*, *ao mesmo tempo que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):
Dormia *enquanto* o professor dissertava.
"(...) e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto que* regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano*, 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

> "O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].
>
> Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classe à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais* (*menos*)... *mais* (*menos*) em lugar de *quanto mais* (*menos*)... *tanto mais* (*menos*) em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória. (E não: *Mais* estudamos e *mais* aumentam nossas possibilidades de vitória.)

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mais* estudamos, *mais* aumentam...

f) para o tempo terminal: *até que*:

> Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*, etc.

> *Agora*, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

> *Agora que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Que excessivo

Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*,

mal que, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

> "... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Sob o modelo de tais locuções conjuntivas, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam desde que tempo uma coisa acontece, reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o transpositor *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que*, *faz dias que*) o transpositor que adquiriu, por contacto, a ideia de tempo, com valor aproximado de '*desde que*':

Há quatro dias *que* não o vejo.

1.ª oração – principal: *Há quatro dias.*

2.ª oração – subordinada adverbial temporal: *que não o vejo*.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção: *Há muito tempo que não o vejo*/ *Há muito tempo não o vejo*/ *Não o vejo há muito*/ *De há muito não o vejo*/ *Desde há muito não o vejo*/ *Até há pouco eu o vi por aqui*.

Conjunções e expressões enfáticas

As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].

"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].

Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.

"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *ui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;
b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);
c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*;
d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*
2) de admiração: *ah!*, *oh!*
3) de alívio: *ah!*, *eh!*
4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*
5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*
6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*
7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*
8) de dor física: *ai!*, *ui!*
9) de dor moral: *oh!*
10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)
11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)
12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)
13) de repetição: *bis!*
14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*
15) de zombaria: *fiau!*
16) de saudação ou despedida: *olá!*, *oi!*, *viva!*, *salve!*, *adeus!*, *tchau!*

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

“*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa” [CAlv].

Locução interjetiva

É um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora bolas*, *com todos os diabos*.

B) ESTRUTURA DAS UNIDADES: ANÁLISE MÓRFICA

1 – Estrutura das Palavras – Palavra e Morfema

Palavra e vocábulo: conceito

O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material*, *fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, formal, como "simples" palavra, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou

enclíticas | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou *aluga-se*.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei*, *chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei*, *chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o "feminino da palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural" [HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro*, *vela*, *pente*, *ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e

aspas normais (duplas) para a expressão: “*chegar*” = o significante de *chegar* / xegar /; só aspas duplas para o conteúdo: “chegar” = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: ‘chegar’ = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar*, *chegada*, *chegança*, *aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema

Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade -*mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a

depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão (Ö 668) e a crase (Ö 668): *porta* + *eiro* → *port* (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *falava / falávEis* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia (Ö 369 e 628): *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras

Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos

Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos*, *interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *descontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos

Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos

Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim -*s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra -*s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens). [118]

Os elementos mórficos

Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar*, *sol*, *ar*, *é*, *hoje*, *lápis*;

b) *aluno*, *alunas*, *trabalhávamos*;

c) *casarão*, *livrinho*, *cantor*, *casamento*, *folhagem*, *alemão*, *fertilizar*, *chuviscar*;

d) *reter*, *conter*, *deter*;
e) *guarda-chuva*, *lanígero*, *agrícola*, *planalto*, *fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico, e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *-as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural). Teríamos ainda a vogal temática *-a-*, a ser tratada mais adiante.

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número*, *pessoa*, *tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema

É, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-*, *trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a*, *o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pão*, *pães*. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso*, o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar*, *paz*, *mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares*, *pazes*, *males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal*, *cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão (Ö 358).

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos

Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor*, *lavrador*, *sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição*, *casamento*, *aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem*, *lodaçal*, *cardume*, *boiada* (nomes coletivos), *alemão*, *sergipano*, *cearense*, *português*, *minhoto*, *brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.[119]

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento

mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in-feliz*, *des- leal*, *sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate*. Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus*, *fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)[120] e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossas palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.[121] A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A

vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro. [122]

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos formais átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto*, *fidalgo*, *lanígero*, *agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

“A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um

solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-*, mas *vinh-* em *vinha* ‘árvore da uva’); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: *agricultura* (a *agr-* corresponde, em palavra isolada, *campo*)” [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: “1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)” [MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo*, *capilar*, *auricular*, *ocular*, *digital*, etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação

A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó*; *novo → nova*; *novo → novos*; *fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte*: *avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, à 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive*, *teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude*, *pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova*.

Conceito de raiz ou radical primário

Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar*,[123] facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regŭla*) > *reg* (que aparece em *reger*, *régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida*, *com-ilão*, *com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra*, *regrar*, *desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica

Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar* → **mare* → pl.: *mares*.

Palavras cognatas

Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo*, *corporal*, *incorporar*, *corporação*, *corpúsculo*, *corpanzil*; *fugir* (em *foges*, temos a raiz alterada), *fugaz*, *refúgio*, *subterfúgio*, *trânsfuga*. Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal*, *parietal* e *parede*, *capilar* e

cabelo, *auricular* e *orelha*, *acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo*, *sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos

Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que, diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri*- e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino -*a*- (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua*- o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit*, este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant*-*or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es)*, e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal:) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal:).

A parassíntese ou circunfixação

Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a*- e o final -

ar, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard*(*e*) + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh*(*ã*) + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar*, *entardecer*, *amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar*, **tardecer*, **manhecer* ou **aclaro*, **entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es-*, *a-*, *en-*, e os sufixos *-ear*, *-ejar*, *-ecer*, *-izar*: *esverdear*, *esclarecer*, *apodrecer*, *anoitecer*, *enraivecer*, *entardecer*, *encolerizar*, *aterrorizar*.

Hibridismo

Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania*, *filo*, *tele*, *macro*, *micro*, *neo*, *pseudo*, *auto* e sufixos como *ismo*, *ista*, *ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo*, *russófilo*, *germanofobia*, *russofobia*, *retratomania*, *teleguiado*, *micro-ônibus*, *neovencedor*, *pseudovencedor*, *autocrítica*, *autorretrato*, *caiporismo*, *governista*. [124]

Haplologia na formação de palavras

A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*), *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso*, *bondadoso*. São haplologias correntes nos escritores: *esplendíssimo*, *candíssimo* [MBa.7, 807] (Ö 628).

Variantes dos elementos mórficos

É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modotemporal do pretérito imperfeito -*va*- (na 1.ª conjugação) ou -*ia*- (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a -*ve*- ou -*ie*-, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* de *is* da desinência pessoal (*amavas*, *amáveis*, *vendias*, *vendíeis*, *partias*, *partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre -*s*-, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em (Ö 131), de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador -*s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis*; *gás → *gase → gases*, etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria*, *chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa -*ceber* (em *receber*, *perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo -*ão*) e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo

A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta oposição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado, apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, uma vez que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência

em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou*...). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado “em lugar” de qualquer outro tempo, e até em sentido “atemporal”, ou em contextos de valor genérico ou em referência ao “presente eterno”: *A Terra gira em torno do Sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta*; *cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma “1.ª pessoa” + “3.ª pessoa”. Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo “subjetivo” ou “objetivo” em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal, entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa

do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: *vend + i + ia* (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes*, *partes; vende*, *parte; vendem*, *partem; vende tu*, *parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas

A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com-* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos

Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos *anã*, *irmã*, *órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: [125]

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares*, *apart-hotel*, *cineclube*, *credifone*, *tragicômico.*
b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar*; *prioridade* → *priorizar*; *maldade* → *maldoso*.
c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero

Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo*, *amas*, *ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo paradigma, apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires*, *lápis*, *alferes*, adjetivos do tipo *simples*, *triste*, *feliz*, *capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos

Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo*, *vendo*, *parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i*, *-ste*, *-u*, *-stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modotemporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-europeias mais antigas ou conservadoras.[126] Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo,

lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modotemporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modotemporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal. [127]

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i*, *-ste*, *-u*, *-stes*), (Ö cf. 154), acumulam as funções de desinência modotemporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei*, *vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos

Os elementos mórficos podem combinar-se por *justaposição* ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis > funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que “diz a hora”) [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente*, *clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser

usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei*, *dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação (Ö 49).

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modotemporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i*, *trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos

O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo (Ö 246) porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*; também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse*.

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos

Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos (Ö 92) como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia*, *sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idioooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *-re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa*, *fez/fiz*, etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; | ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves*, *deve*, *devem; torço/torces*, *torce*, *torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este*, *esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes*, *sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.* [128]

2 – Formação de palavras do ponto de vista constitucional

> "No dicionário os vocábulos estão mudos, nos livros de prosadores e poetas, falam e até cantam, na consonância da frase." [SR]

Renovação do léxico: criação de palavras

As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por

palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora possam permanecer em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar. Empréstimos há que se adaptam facilmente à história e à estrutura do português (tênis, futebol, muçarela); há os que combinam a meio caminho (mozarela, mezanino) e há os que resistem ao aportuguesamento (*show*, *gay*) (Ö 138).

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame*, *gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak*, *pipilar*, etc., são as onomatopeias e palavras expressivas (Ö 82 e 83).

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia [129]

Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda*, *boquiaberto*, *planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem

grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto*, *boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia complexa* (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês, Emílio Benveniste – em grego 'junção', 'conexão', 'coleção de coisas juntas'), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* ('transação comercial vantajosa'), *pé de chinelo* ('diz-se da pessoa de poucos recursos'), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;
b) o emprego de transpositores (preposições);
c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;
d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;
e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família*; *casa de pensão / casa da pensão*;
f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família*, pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;
g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já

que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor, *barco à vela*, *motor à explosão*, *fogão a gás*, ou uma característica distintiva, *televisão a cores / televisão em cores*.

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia; é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por *disjunção* nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Nos compostos com adjetivos étnicos, em geral a forma plena só se dá no último elemento, qualquer que seja o número de componentes: acordo *luso-brasileiro* (e não lusitano-brasileiro, é um acordo que envolve portugueses e brasileiros), aliança *nipo-russa* (e não nipônico-russa, nem japonês-russa), guerra *sino-japonesa* (e não chinês-japonesa), tratado *anglo-germânico* ou *anglo-alemão* (entre ingleses e alemães), *anglo-francês* (entre ingleses e

franceses), *franco-italiano* (e não francês-italiano), acordo *franco-ítalo-brasileiro* (e não francês-italiano-brasileiro), etc.

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal

Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é moeda", o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> "Os compostos representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na 'formação dos nomes'. Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar '*metamorfismo*'; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> "Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a

uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).

"Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis

INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar*, *sol*, *ar*, *é*, *hoje*, *lápis*, *luz*.

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos: *mares* (mar-e-s), *alunas* (alun-a-s), *trabalhávamos* (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas

Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco.*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: *guarda-chuva, lanígero, planalto*.

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma marca gramatical (flexão) que, nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número*, *pessoa*, *tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos (Ö 368). Analisando, por exemplo, *fidalgotes*, estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras

Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*
b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1 – o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda*; 2 – o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel*, *a cobra-capelo*, *o pau-maçã*, *a fruta-pão*, *a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris*, *estrada de ferro*, *pão de ló*.

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento do substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris*, *Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:
surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:
Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:
onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem*, *mal*, *sempre*, *não*) + substantivo, adjetivo ou verbo:
benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva, não aprovação.

7) Verbo + substantivo:
lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:
vaivém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:
pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe (Ö 50), ao nível de palavra:
um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos na pág. 357, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vaivém.
b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românicas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me – pêsame*, esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

“Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois, procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis” [MC.2, 94].

Derivação

Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria*, *livrinho*, *livresco*.

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter*, *deter*, *conter*.

OBSERVAÇÃO: Como vimos na página 363, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

Sufixos

Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.[130] A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro*, *mulhe-raça*. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha*, *paizinho*, *maninho*. Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta*, *camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como *-ífic-*, *-ífer-*, *-duct-* e quejandos, em unidades como *sudorífico*, *frutífero*, *aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-*, *extra-*, *inter-*, *mono-*, *multi-*, *poli-*, em *anfiteatro*, *extrafino*, *monovalente*, *multicolor*, *polianteia*, etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: [131]

-tor, *-dor*, *-sor*, *-or*: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte: estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, *-eiro*: lavadeira, padeiro, vendeiro

-ária, *-ário*: bibliotecária, secretário

2) Para a formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, *-são*: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, *-dura*, *-tura*: feitura, mordedura, formatura

-ança (*-ância*), *-ença* (*-ência*): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-estre: silvestre, campestre

-ato: orfanato

-*aço*, -*aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* ‘cantar’: galicínio ‘o canto do galo’)

c) Derivados de adjetivo:
-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão*: amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza*, -*ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*, -*idade*:[132] dignidade, idoneidade, severidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:
-*douro*, -*doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria*, -*eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:
-*aria*, -*ario*, -*eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al*: laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama*, -*ame*, -*ume*, -*um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço

-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana*, -*aina* (por alongamento): andana, andaina
-*edo*: penedo, lajedo, vinhedo, passaredo
-*ório*: palavrório

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:
-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro*, -*eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia, borracharia, sorveteria

6) Para formar nomes de naturalidade:
-*aco*: austríaco
-*ano*, -*ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense*, -*ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno
-*eu*, -*éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)
-*engo*: flamengo
-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.
-*ista*: paulista
-*ol*: espanhol
-*oto*: minhoto (ô)
-*ato*: maiato (natural de Maia)
-*ino*: platino, bragantino
-*eiro*: brasileiro
-*eta*: lisboeta
-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:
-*ismo*: cristianismo, classicismo
-*ista*: socialista, espiritista
-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato*, -*eto*, -*ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ílio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina*, da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da folha do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia, a Geologia, a Medicina têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite
-*oma* (designa tumor): epitelioma, mioma

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax*, -*ex*, -*ix*, -*ox*, -*ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão*, -*zão*: cadeirão, homenzão
-*ança*: falhanço, copianço
-*arro*, -*arrão*, -*zarrão*, -*arraz* (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz
-*eirão*: vozeirão
-*aço*, -*aça*: ricaço, barcaça, copaço
-*astro*: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)
-*alho*, -*alha*, -*alhão*: politicalho, muralha, grandalhão
-*ama*: ourama, poeirama
-*anzil*: corpanzil
-*ázio*: copázio
-*uça*: dentuça
-*eima*: guleima, guloseima, boleima
-*anca*: bicanca
-*asco*: penhasco
-*az*: fatacaz, famanaz, famaraz
-*ola*: beiçola
-*orra*: cabeçorra
-*eirão*: chapeirão, toleirão
-*ento*: farturento

2) Diminutivos:

-*inho*, -*zinho*, -*im*, -*zim*: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim [133]

OBSERVAÇÃO: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho*, *cãozito*, *irmãzinha*, *albunzinho*, *raiozinho*, *bonezinho*, *urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho*, *cadaverzinho*, *caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho*, *lapisinho*, *rapazinho*.

-ito, *-zito*: copito, amorzito, passeandito
-ico: namorico, veranico
-isco: chuvisco, petisco
-eta, *-ete*, *-eto*: saleta, diabrete, livreto, saberete
-eco: livreco, padreco
-ota, *-ote*, *-oto*: ilhota, caixote, perdigoto
-ejo: lugarejo, animalejo
-acho: riacho, fogacho
-el, *-ela*, *-elo* (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel
-iola: arteríola
-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)
-ucho: gorducho, papelucho
-ebre: casebre
-ula, *-ulo*, *-cula*, *-culo*: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo
-alho, *-elho*, *-ilho*, *-olho*, *-ulho*: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho
-aça, *-aço*, *-iça*, *-iço*: fumaça, caniço, nabiça
-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, *-(d)iço*: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)
-vel, *-bil*: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil
-ento, *-(l)ento*: cruento, corpulento
-oso, *-uoso*: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-*onho*: medonho, risonho
-*az*: mordaz, voraz
-*udo*: barrigudo, cabeçudo
-*ício*, -*iço*: acomodatício, enfermiço
-*ário*, -*eiro*: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-*ano*: humano
-*asco*: pardavasco
-*esco*, -*isco*: dantesco, principesco, mourisco
-*ático*: problemático, aromático
-*eno*: terreno
-*áceo*: rosáceo, galináceo
-*acho*: verdacho
-*aco*: demoníaco
-*ado*: barbado
-*ardo*: felizardo
-*al*: vital, boçal

-*âneo*, -*anho*: sucedâneo, estranho
-*átil*: portátil, volátil
-*ino*, -*im*: bailarino, paladino, paladim (a apócope de -*ino* a -*im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-*bundo*: furibundo
-*undo*, -*ondo*: fecundo, redondo
-*eo*: róseo
-*timo*: marítimo

-*urno*: diurno
-*iano*: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em -*iano* e não -*eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim [cf. JMa.1, § 189, 2].

-*ico*: público
-*engo*, -*lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-*al*, -*ar*: anual, escolar
-*aico*: prosaico
-*estre*: campestre
-*este*: celeste
-*douro*: vindouro, imorredouro

-*tório*: expiatório, satisfatório
-*ivo*: afirmativo, lucrativo
-*ácea*, -*áceo* (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos

-*ndo* (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-*ant*(*ar*): quebrantar
-*it*(*ar*): periclitar, debilitar
-*iz*(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-*aç*(*ar*): espicaçar, adelgaçar
-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar; namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer
-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia *-escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com *-sc-*, ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*
-mente (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):
claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em *-ês* e alguns terminados em *-or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em *-mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independentes um do outro; entre as ideias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos

Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose*, *circunferência* e *periferia*, *composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com*,

incorrer em, *apor-se a*, etc.[134] Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra-base; repare-se na repetição da ideia de *função*, *aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada, trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*..." [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab-, *abs-* (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad-, *a-* (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar*, *assentar*, *atambor*.

ante- (anterioridade, precedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi- (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene-, *bem-*, *ben-* (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis-, *bi-*, *bin-* (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum-, *cento-*: centuplicar, centopeia

circum-, *circu-* (em roda de): circunferência, circulação

cis- (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans-*: transatlântico – cisatlântico.

cum-, *com-*, *con-*, *co-*, *cor-* (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra- (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem-, *deci-*, *decu-*, *dec-* (dez): decênviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-*: decair – descair.

de(*s*)-, *di*(*s*)- (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(*s*)- (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar ('cortar em dois'), disjungir ('separar duas coisas que estavam juntas'), dispor

ex-, *es-*, *e-* (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-*, *dis-*: escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e expropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, *en-*, *e-*, *in-* (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com outra sem prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar*, *trajar* e *entrajar*, *viuvar* e *enviuvar*, *bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, *im-*, *i-* (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento*, *incrueldade.*

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* ('reduzir a cinzas'), *inflamável* ('que se transforma em chama', 'que se transforma em fogo'), etc.

3.ª) "Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se

tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer*, *descoser*, *desandar*, *desamor*, *desigual*, etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (-antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões" [JR.5, n. 124].

-infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, *entre-* (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

justa- (posição ao lado, perto de): justapor, justalinear ('que se faz junto de cada linha')

ob-, *o-* (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir ('sentir profundamente')

pluri- (muito): pluricelular

pos-, *post-* (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito, posfácio

praeter- (preter): preterir

primo- (primeiro): primogênito

pre-, *prae-* (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para a frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar ('saudar mutuamente'), ressaltar, rescaldar ('escaldar muito')

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis- (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, *sob-*, *sub-*, *sus-* (embaixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar,

submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-*, *supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, *sota-* (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-mestre, sota-voga

trans-, *tras-*, *tres-*, *tra-*, *tre-* (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar [135]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris-, *tri-*, *tres-*, *tre-* (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un-, *uni-* (unidade): uniforme

vice-, *vis-* (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde [136]

Prefixos e elementos gregos

a-, *an-*, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná- (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí- (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí- (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó- (afastamento): apologia, apocalipse

árqui-, *arce-* (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá- (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico
di- (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo
diá-, *di-* (através de): diálogo, diagrama

OBSERVAÇÃO: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis- (dificuldade): dispepsia, disenteria
ec-, *ex-*, *exo-*, *ecto-* (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma
en-, *em-*, *e-* (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse
endo- (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa
ento- (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí- (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu- (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi- (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér- (excesso): hipérbole, hipérbato
hipó- (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá- (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará- (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí- (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró- (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós- (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, protomártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sin-, *sim-*, *si-* (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

LATINOS	GREGOS

des-, *in-*:[137] desleal, infeliz

contra-: contrapor

ambi-: ambiguidade

ab-: abuso

bi(s)-: bilabial

trans-: transparente, transformação

in-: ingressar

intra-: intramuscular

ex-: exportar

super-, *supra-*: superfície, supralingual, superlotar

pre-, *ante-*: preceder, anteceder

bene-: benefício

semi-: semicírculo

sub-: subterrâneo

ad-: adjetivo

circum-: circunferência

de-: depenar

cum-: composição

a-, *an-*: amoral, anemia

antí-: antipatia

anfí-: anfibologia

apó-: apogeu

di-: dissílabo

diá-, *metá-*: diáfano, metamorfose

en-: encéfalo

endo-: endovenoso

ec-, *ex-*: êxodo

epí-, *hipér-*: epiderme, hipertrofia

pro-: programa, prognóstico

eu-: eufonia

hemi-: hemisfério

hipó-: hipótese

pará-: paralelo

perí-: periferia

catá-: catarata

sin-: síntese

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou dublês bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

LATINOS	GREGOS
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênia*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras

Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva* (deverbal), *abreviação*, *reduplicação*, *conversão*, *combinação* e *intensificação*.

A FORMAÇÃO REGRESSIVA OU DEVERBAL está intimamente relacionada com a derivação. Ela consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar*, *embarque*; de *pescar*, *pesca*; de *gritar*, *grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em -*o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em -*a* ou -*e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em -*o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso*, *o agito*, *o chego*, *o sufoco*, *o apago* [VK.3, 23-24].

O prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

> “1.º) Masculino em -*o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.
> 2.º) Masculino em -*e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.
> 3.º) Feminino em -*a*: amarra, pesca, sobra, súplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.
> 4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça” [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar*, *timbre* → *timbrar*, *apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)
PUC (Pontifícia Universidade Católica)
UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
USP (Universidade de São Paulo)
PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, geralmente para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque*, *reco-reco*, *bangue-bangue*, *bombom*, *pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir).

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ö 82).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um não. Não consegui descobrir o porquê da questão.*
> *Ele é o benjamim da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** (*fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia*, *xenofobia*, *hidrofobia*, etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

Inclui-se também entre os casos frequentes de conversão o emprego do adjetivo como advérbio, tanto no registro informal quanto no formal:

> Eles falam *alto*. O aluno leu *rápido*.

O emprego da forma plena do advérbio com o sufixo *-mente* (O aluno leu *rapidamente*) é mais comum no registro formal, como acentua M. Hummel, *Confluência*, 24.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formação de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português* + *espanhol* → *portunhol*; *Bahia* + *Vitória* → *Bavi*. São comuns na linguagem jocosa: *sofrer* + *professor* → *sofressor*; *aborrecer* + *adolescente* → *aborrecente*.

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de reforço ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre

-*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *inicializar* por *iniciar*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar*.

Radicais gregos mais usados em português

Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k*, *ai*, *ei*, *oi*, *ou*, *u*, *r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c*, *ae*, *i*, *oe*, *u*, *y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* ‘que não é nem contrário nem conforme a moral’ e *imoral* ‘contrário a moral’.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido. O citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar ‘vida curta’, pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta*. Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de

cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem-falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue*, *decapitar a cabeça*, *exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, *aér-os* (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, *anggel-os* (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ag-o, *agog-os* (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, *on-os* (combate, luta): agonia, antagonista
agr-os (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âtlon (certame): atleta
aiti-a, *eti-a* (causa): etiologia
ácr-on, *ákr-on* (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
alg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ant-os, *anth-os* (flor): antologia
ántrop-os, *ánthrop-os* (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aios, *arch-aios* (antigo): arcaico, arqueologia
arc, *arkh-ê* (governo): anarquia, monarquia
arc, *arch-os* (chefe que comanda): monarca

aritm-ós, *arithm-ós* (número): aritmética, logaritmo

árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Ursa e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar" [SA].)

astér, *ast(e)r-os* (estrela): asteroide, astronomia

atmós (vapor): atmosfera

aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia

bál-o, *báll-o* (projetar, lançar): balística, problema, símbolo

bár-is, *bár-ys*, *bar-os* (pesado, grave): barítono, barômetro

bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bi-os (vida): biografia, anfíbio

cianos, *kyanos* (azul): cianídrico

cir, *quir-os*, *cheir*, *cheir-os* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia

cion, *kyon* (cão): cinegética

col-é, *khol-é* (bílis): melancolia

cor-os, *corea*, *chor-os* (coro): coreia (dança em coro), coreografia

clorós, *klorós* (verde): clorofila

cron-os, *chron-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo

crom-a, *khrom-a* (cor): cromolitografia

chiliai, *chilia* (mil): quilômetro, quilograma

cris-ós, *chrys-ós* (ouro): crisóstomo, crisálida, crisântemo

cratos, *kratos* (força): democracia

cripto, *kripto* (escondido): criptônimo, criptografia

dáctil-os, *dáktyl-os* (dedo): datilografia ou dactilografia

deca, *deka* (dez): decassílabo, decálogo

dem-os (povo) democracia, epidemia

derm-a (pele): epiderme, paquiderme

dis, *di* (dois): dissílabo, ditongo

dis, *dys* (dificuldade): digestão, dispepsia, dissimetria

do-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora

dox-a (opinião): ortodoxo, paradoxo

dra-ma – atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama

drom-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo

dínam-is, *dýnam-is* (força): dinâmica, dinamômetro

edr-a (base, lado): pentaedro, poliedro

electra, *elektr-on* (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stoma* (boca): estômago, estomatite
erg-on (obra, trabalho), daí os sufixos *-urgo*, *-urgia*: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, *scaphe* (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstase
etn-os, *ethn-os* (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gam-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(e)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (Terra): geografia, geologia
genes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo [*-genio* para substantivos; *-geneo* para adjetivos: heterogêneo]
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
gloss-a ou glott-a (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, *gráph-o* (escrever), e daí *graph-ia* (descrição), *graph-o* (que escreve): geografia, telégrafo
gramm-a (o que está escrito): telegrama
hágios (sagrado): hagiologia, hagiólogo
hem-a, *haim-a – atos* (sangue): anemia, hemorragia
here-o, *haire-o* (tomar, escolher): heresia, herético
helios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemi (metade): hemiciclo
héter-os (outro; diferente): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
hex (seis): hexágono
hier-os (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os, *hípp-os* (cavalo): hipódromo, hipófago
hol-os (entregue de todo, inteiramente): hológrafo, holocausto

hom-os, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hor-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or, *hyd-or* (água), daí *hidro*, *hydro*, como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ic-ón – eik-ón – on-os (imagem): ícone, iconoclasta
ict-io, *icht-yo*, *yos* (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
id-os, *êid-os* (forma), donde procede *oide* (que se assemelha a): elipsoide
isos (igual): isócrono, isotérmico
kak-ós, *cac-os* (mau): cacofonia, cacografia
kall-os, *cal-os* (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
kard-ia, *card-ia* (coração): cardíaco, pericárdio
karp-os, *carp-os* (fruto): pericarpo, endocarpo
kephal-e, *cefal-e* (cabeça): cefalalgia, encéfalo
klino, *clino* (inclino): ênclise, próclise
kosm-os, *cosm-os* (ordem; mundo, adorno): cosmografia, cosmopolita, cosmético
koinós, *coinós* (em comum): cenobita
krat-os, *crat-os* (poder): democrático, aristocrático
kykl-os, *cicl-os* (círculo): hemiciclo, bicicleta
leg-o (digo, escolho): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lamban-o (tomar), daí *leps-is* (ação de tomar), *lemma* (coisa tomada): epilepsia, lema, dilema
lithos, *litos* (pedra): monólito, litografia
log-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
maqu-e, *mach-e* (combate): logomaquia
macr-ós, *makr-ós* (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manteí-a, *manci-a* (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia

martis, *mártyros* (testemunha): mártir, martirólogo
mazós, *mastós* (mama, seio): mastodonte, mastologia
mégas, *megále*, *mega* (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan*, *mélanos* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia, mesoderme
meter, *metros* (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
mikrós, *micrós* (pequeno): micróbio, microscópio
mimos (que imita): mimetismo, mímica
mis, *mys*, *myós* (músculo): miocárdio
misos (ódio): misantropo
mnéme, *mnémon* (memória, que se lembra): amnésia, mnemotécnica
mónos (um só): monólogo, monólito
morphé, *morfé* (forma): morfologia
mythos, *mitos* (fábula, mito): mitologia
myria, *míria* plural de *myríos* (dez mil): miriâmetro, miriápode
naûs (nau): navio, náutica
nekrós, *necrós* (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nes-os (ilha): Micronésia, melanésia
nêuron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
od-e (canto): paródia
od-ús, *hodós* (caminho, via): êxodo, método, período
odus, *odóntos* (dente): odontologia
októ, *octó* (oito): octossílabo
ónima, *ónom-a*, *ónyma* (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, *ofid*, *óphis* (serpente): ofídio
oftalmos, *ophthalmós* (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
ôicos, *ôikos* (casa): economia, paróquia
optikos (que se refere a visão): miopia, autópsia
oram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, *órnitos*, *órmithos* (ave): ornitologia

óros (montanha): orografia
ortós, *orthós* (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis, *óxys* (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo

paideia, *pedia* (educação): enciclopédia, Ciropedia (pequeno tratado escrito por Xenofonte sobre a educação e reino de Ciro, o Velho)
pais, *pes*, *pedos*, *paidós* (criança, menino): pedagogia, pedagogo, ortopedia
paleos, *palaiós* (antigo): paleontologia, paleografia
pas, *pan*, *pantós* (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
pátos, *páthos* (afecção, doença, modo de sentir): patologia, simpatia
pente (cinco): pentágono, pentassílabo
phago, *phagêin*, *fag-o* (comer): antropófago, hipófago
pháino, *fan-o*, *fen-o* (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
phemi, *femi* (eu digo, falo): eufemismo, profeta
phéro, *fero*, *forós* (eu levo, trago; que leva), *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
phylon, *filon* (folha): clorofila
philos, *filos* (amigo): filarmonia, filantropo
phísis, *físis* (natureza): fisionomia

phobe-os, *fobeo*, *fobos*, (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
phos, *photós*, *fos*, *fotós*, (luz): fósforo, fotografia
phrásis, *frasis* (ato de dizer): perífrase
plut-os, *plout-os* (riqueza): plutocracia
phon-é, *fon-é* (voz articulada): cacofonia
poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polys, *polis* (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pus, *podós*, *pous* (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
protos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário,

protoplasma
plésso (eu bato, firo): apoplexia
pseudos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué, *psyché* (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
pir, *pir-os*, *pyr*, *pyr-os* (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pule* (porta): piloro
ptissis, *ptyssis* (escarro): hemoptise
re-o, *rhe-o* (eu corro, fluo): catarro, diarreia
sarx, *sarkós*(carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semêion* (sinal): semiologia, semântica
sepo (apodreço): antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
sperma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (eu envio): epístola
sticos, *stikos* (verso): hemistíquio, dístico
sism-os, *seism-os* (estremecimento), daí *sism*: sismologia, sísmico
scopé-o, *skopéo* (eu examino), daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós, *sophós* (sábio): filósofo
statós, *estatós* (que se mantém): aeróstato, hidrostática
sphaira, *esfera* (esfera): atmosfera
stilos, *estilo* (coluna): peristilo
stere-ós, *estere-ós* (sólido): estereótipo, estereomia
stratos, *estratos* (exército): estratégia
streph-o, *estref-o* (eu viro, volto): apóstrofe, catástrofe
táfos, *táphos* (túmulo): epitáfio, cenotáfio
temno (divido): anatomia
tauto por to auto (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *tháumatos* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne, *téchne* (conhecimento intuitivo): politécnico

teras, *teratos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os, *the-os* (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós, *thermós* (calor): termômetro
tésis, *thésis* (ação de pôr, ter): antítese, síntese
tréfo, *trepho* (alimento): atrofia
tome (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (eu volto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *triados*, *tres*, *tria* (três): trinômio, tríade
traum-a, *atos* (ferimento): traumático
tip-os, *typ-os* (tipo, caráter): tipografia, arquétipo
zô-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino

Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do prof. Said Ali: “parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro*, *pedraria*, *pedregulho* ou *fechamento*, *laranjal*, *bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra*, *fechar*, *laranja*, *banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica” [SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. pág. 355). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas: [138]

re

per } -ceber

con

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir*, cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

re

per i

con } -sistir a } -ludir

de pre

sub

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Os principais radicais latinos usados em português são:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo
ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino
ago, agis, egi, actum, ágere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo
alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro
ango, angis, anxi, ángere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto
audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência
bellum, i (pugna, combate): belonave, beligerante
bos, bovis (boi): bovino
cado, cadis, cécidi, casum, cádere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, *caedis*, *cecidi*, *caesum*, *caédere* (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar. Há numerosos derivados deste radical sob a forma *cida*, *cidio*, cuja significação é ‘matar’: fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, *candes*, *cándui*, *candere* (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, *canis*, *cécini*, *cantantum*, *cantum*, *cánere* (cantar, celebrar, predizer [este na língua religiosa]): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio (canto do vate, no significado de profeta), galicínio (canto do galo), tirocínio

cápio, *capis*, *cepi*, *captum*, *cápere* (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, *cápitis* (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, *caves*, *cavi*, *cautum*, *cavere* (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, *cedis*, *cessi*, *cessum*, *cédere* (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, *cernis*, *crevi*, *cretum*, *cérnere* (passar pelo crivo): discernir, cerne, concernir

clamo, *clamas*, *clamavi*, *clamatum*, *clamare* (chamar): proclamar, clamador

clarus, *clara*, *clarum* (claro): claridade, clareza

colo, *colis*, *colui*, *cultum*, *cólere* (cultivar, habitar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-*, *avi-*, *hort-*, *pisci-*, *triti-*, *vini-*, etc.)

cor, *cordis* (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, *dicis*, *dixi*, *dictum*, *dícere* (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, *das*, *dedi*, *datum*, *dare* (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, *doces*, *docui*, *doctum*, *docere* (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, *duae*, *duo* (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, *ducis*, *duxi*, *ductum*, *dúcere* (guiar, levar, dirigir, atribuir):

conduto, duque, educação, dúctil, produzir, tradução, viaduto. Deste radical há numerosos derivados em -duzir (*a-*, *con-*, *de-*, *intro-*, *pro-*, *re-*, *se-*, *tra-*, etc.).

edo, *edis[es]*, *edi*, *esum*, *esse*, *édere* (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, *is*, *ivi*, *itum*, *ire* (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, *facis*, *feci*, *factum*, *fácere* (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente. Há numerosos derivados em -ficar (*clari-*, *falsi-*, *grati-*, *puri-*, etc.)

fero, *fers*, *tuli*, *latum*, *ferre* (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação

frango, *frangis*, *fregi*, *fractum*, *frángere* (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, *fundis*, *fudi*, *fusum*, *fúndere* (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-*, *di-*, *in-*, *re-*), confuso, difuso, profuso

gero, *geris*, *gessi*, *gestum*, *gérere* (levar, gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, *gignis*, *génui*, *génitum*, *gígnere* (produzir): genitor, genital

iáceo, *iaces*, *iacui [part. fut. iaciturus]*, *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

grádior, *gráderis*, *gressus sum*, *gradi* (avançar andando): egresso, ingressar

iácio, *iacis*, *ieci*, *iactum*, *iácere* (lançar): abjeto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, *lactis* (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

láteo, *lates*, *latui*, *latum*, *latere* (estar escondido): latente

lego, *legis*, *legi*, *lectum*, *légere* (ler): florilégio, legível, leitura, lente

lóquor, *lóqueris*, *locutus sum*, *loqui* (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio

ludo, *ludis*, *lusi*, *lusum*, *lúdere* (jogar): ludopédio, lúdico

mísceo, *misces*, *miscui*, *mistum (*e *mixtum) miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível

mitto, *mittis*, *misi*, *missum*, *míttere* (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa

móneo, *mones*, *mónui*, *mónitum*, *monere* (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor

méntior, *mentiris*, *mentitus sum*, *mentiri* (mentir): mentir, mentira
móveo, *moves*, *movi*, *motum*, *movere* (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, *násceris*, *natus sum*, *nasci* (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, *noscis*, *novi*, *notum*, *nóscere* (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, *óperis* (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, *oris* (boca): oral, oralidade
pátior, *páteris*, *passus sum*, *pati* (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
péndeo, *pendis*, *pependi*, *pensum*, *pendere* (pender): suspenso
pes, *pedis* (pé): pedal, pé
plico, *plicas*, *plicavi ou plicui*, *plicatum* ou *plícitum*, *plicare* (fazer pregas, pregar, dobrar): aplicar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, *ponis*, *pósui*, *pósitum*, *pónere* (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, *quaeris*, *quaesivi ou quaesii*, *quaesitum*, *quaérere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rápio, *rapis*, *rápui*, *raptum*, *rápere* (roubar): rapto, raptar, rapinagem
rego, *regis*, *rexi*, *rectum*, *régere* (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, *rumpis*, *rupi*, *ruptum*, *rúmpere* (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, *scribis*, *scripsi*, *scriptum*, *scríbere* (escrever): escritor, escritura
seco, *secas*, *secui*, *sectum*, *secare* (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sédeo, *sedes*, *sedi*, *sessum*, *sedere* (estar sentado): sedestre
solvo, *solvis*, *solvi*, *solutum*, *sólvere* (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
spécio, *specis*, *spexi*, *spectum*, *spécere* (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, *stas*, *steti*, *statum*, *stare* (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, *sternis*, *stravi*, *stratum*, *stérnere* (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar

sumo, *sumis*, *sumpsi*, *sumptum*, *súmere* (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, *tangis*, *tétigi*, *tactum*, *tángere* (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, *tendis*, *tetendi*, *tensum* ou *tentum*, *téndere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
téneo, *tenes*, *ténui*, *tentum*, *tenere* (ter, segurar): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, *tradis*, *trádidi*, *tráditum*, *trádere* (trazer): tradição, extraditar
tríbuo, *tríbuis*, *tríbui*, *tributum*, *tribúere* (repartir): atribuir, retribuir
tórqueo, *torques*, *torsi*, *tortum*, *torquere* (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, *vertis*, *verti*, *versum*, *vértere* (tornar, voltar): verter, versão
vídeo, *vides*, *vidi*, *visum*, *videre* (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
vénio, *venis*, *veni*, *ventum*, *venire* (vir): vir, vinda
vivo, *vivis*, *vixi*, *victum*, *vívere* (viver): vida, viver
volvo, *volvis*, *volvi*, *volutum*, *vólvere* (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo estrutural do léxico: A lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico (Ö 122).

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas*

É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional* (Ö 42).

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas [139] – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" – o português, por exemplo – ou em "línguas históricas" diferentes – o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar, como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" – *ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.), [140] dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas", como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas

Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração

semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem “equivalências de orações” (interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas

As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom – mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” – “casinha”, “morrer” – “mortal”, “trabalhar” – “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias

Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma relativo ao campo léxico: *segundos*, *minutos*, *horas*, *dias*, *semanas*, *meses*, *anos*, ficando excluídos termos como: *árvores*, *casas*, *rios*, *cadeiras*.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundos*, *minutos*, *horas*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de "assento", estudado pelo citado Pottier, em que "assento" é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1; MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: 'objeto construído para a gente se sentar'
s2: 'com encosto'
s3: 'para uma pessoa'
s4: 'com braços'
s5: 'com pés'
s6: 'feito de material rijo'

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e sua ausência por – , teremos:

		s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+	
cadeira	+	+	+	–	+	+	
poltrona	+	+	+	+	+	–	
sofá		+	+	–	+	+	–
divã		+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+	

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que "*banco* é um objeto construído para a gente se sentar", pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos

semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico (Ö 370).

Classe léxica

Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos, mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema “ser humano”, já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gaga* [MV.1, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: “seres vivos”, “coisas” e, dentro da classe “seres vivos”, por exemplo, “seres humanos”, “seres não humanos”, etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como “positivo”, “negativo” que justificam coordenações aditivas do tipo “*bom* e *inteligente*”, ou coordenações adversativas do tipo “*bom* mas *brigão*”.

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas “transitivo e intransitivo” (com possibilidades de subtipos, como “transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema “direção” (em relação ao agente da ação), os verbos “adlativos”, isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os “ablativos”, isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* (“aquele que dá ou recebe hospedagem”), com verbos como *alugar* (“aquele que dá ou recebe de aluguel”), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* (“que sente ou causa saudade”), *temeroso* (“que sente ou causa temor”), *arrendar* (“que dá ou toma de renda”), *esmolar* (“que dá ou pede esmola”) [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe “negativo”: *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em “aquele que recebe a hospedagem”, e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias

As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades

As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois

lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso', incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, *baio* (cor) tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados, e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de palavras do ponto de vista do conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu,[141] um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos “paragramaticais” e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções “paragramaticais” dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos “paragramaticais” porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma “gramática do léxico”, mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de “coletivos” (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples “plural” (*árvores*), e sim de uma “pluralização” que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma “função preposicional”, mas não uma determinada preposição (p.ex. “*para*”*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico “alguém ou algo” que, de outro modo, não tem realização em português. [142]

Os três tipos fundamentais de formação de palavras

Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função “inatual” (i.é, “não semelhante a uma função oracional”) ou a uma função “atual” (i.é, “semelhante a uma função oracional”).

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos produzem adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos

por uma relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção (Ö 438). Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[143] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "*comerciante*" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "composição", com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos

Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*
nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto, mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemática o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com “algo que gira na direção do sol”. Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como “alguma coisa que tira teima”, “alguém ou alguma coisa que guarda roupa”, isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática (“tirador, tiradora”) + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado “elemento verbal” deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então,

semanticamente, um particípio substantivado. Este “particípio” pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: “qualquer coisa que faz passar o tempo”).

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra

Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções “paragramaticais” implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero “natural” (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante “apreciação aproximativa” (*velho* → *velhusco*); 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* (“pertencente ao inverno”) → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento

O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa “pertencente ao inverno” (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto “pertencente ao inverno” quanto “semelhante ao que pertence ao inverno” (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se “amplia” quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento

Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a

primeira desenvolvida a partir do conteúdo “morrer” (“o homem é mortal” – “a mortalidade do homem”), e a segunda a partir do conteúdo “matar” (“o golpe, o remédio foi mortal” – “a mortalidade do golpe, do remédio”). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de “morrer” (= “grande número de mortes por pestes, em batalha”).

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

> *terra* → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.
> *esperar* → *espera* (de *esperar* ‘aguardar’) e *esperança* (de *esperar* ‘confiar’).

5 – Alterações semânticas

A *semântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro: “Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa” [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva “esfera semântica” e assume valores novos.

“A língua”, disse Moritz Regula, “expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam, ou porque a ‘constelação psíquica’, sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas” [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; “entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta, por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore;

pôde-se assim dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho, de ouro, de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

1) Figuras de palavras

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado *etimológico*, isto é, *originário*. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) *Metáfora* – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades (Ö 423), em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

> *cabelos de* ***neve***, ***pesar*** *as razões*, ***negros*** *pressentimentos*, ***doces*** *sonhos*, *passos* ***religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca*** *do estômago*, ***dentes*** *do garfo*, ***costas*** *da cadeira*, ***braços*** *do sofá*, ***pés*** *da mesa*, ***gastar rios*** *de dinheiro*, ***vale*** *de lágrimas*, *o* ***sol*** *da liberdad*e, *os dias* ***correm***, *a noite* ***caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na

literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: “A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro.”

b) *Metonímia* – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:
um ***Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as* ***pálidas*** *doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar*** *a vida* (por *meios que permitam viver*), *ler* ***Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por Machado de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:
a ***posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a* ***nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:
passe-me a ***farinha*** (i.é, a farinheira), *comi* ***dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:
diz a ***Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um* ***teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:
um ***níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma* ***prata*** (i.é, *moeda de prata*).

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:
jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:
A ***virtude*** *vence o* ***crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a* ***caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:
o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*).

9 – a característica pela coisa:

> "Pelas faces vermelhas caíam-lhe *os crespos louros* (...)." [AA.2] (i.é., *cabelos crespos louros*).

c) *Catacrese* – translação do significado por esquecimento do significado original:

> *panaceia universal* (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira*, *abismo sem fundo*, *anedota inédita*, *correta ortografia*, *bela caligrafia*, *caldo quente*, *homicida do vizinho*, *hecatombe de almas*, *hemorragia de sangue*, *embarcar no trem*, *calçar as luvas* [MBa.3, 311-317].

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) *Braquilogia ou abreviação* – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

> *dou-lhe a minha* ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidade*), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) *Eufemismo* – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

> *finar-se*, *falecer*, *entregar a alma a Deus*, *dar o último suspiro* (literários), *passar desta a melhor*, *ir para a cidade dos pés juntos*, *dizer adeus ao mundo*, *esticar as canelas*, *desocupar o beco*, *bater as botas*, etc. (estes populares).

2 – para a bebida:

> *abrideira*, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã* [MG.1, 76 e ss.]. O contrário de eufemismo é o *disfemismo*, e não a *hipérbole*.

f) *Antonomásia* – substituição de um nome próprio por um comum ou vice-versa, com intuito explicativo, elogioso, irônico, etc.: *a cidade luz* (em referência a Paris); o *Salvador* (em referência a Jesus Cristo), etc.

g) *Sinestesia* – translação semântica que implica uma transposição sensorial em diferentes campos de sensação corporal: *uma mentira fria* (tato) *e amarga* (paladar); *uma gargalhada* (audição) *luminosa* (visão).

h) *Hipálage* – inversão das relações naturais entre palavras em um enunciado:

> "Jorge *enfiou a rédea no braço* e colocou-se ao lado dela; Iaiá tomou-lhe afoutamente o outro braço." [MA.12]. (por: *enfiou o braço na rédea*).
>
> "Ao som do mar e à luz do céu profundo (...)" [Joaquim Osório Duque Estrada, *Hino Nacional*]. (a profundidade, que é a distância da superfície ao fundo, se refere ao mar, e não ao céu).

i) *Alterações semânticas por influência de um fato de civilização*:

> ***tonto*** (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos. [144]
>
> ***pagão*** (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].
>
> ***cor*** (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.
>
> ***judiar*** (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.
>
> ***calabrear*** (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

> *vilão* (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo, não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

j) *Etimologia popular ou associativa*

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.[145]

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",[146] influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= sem testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador; delirar* nada tem que ver com *lira*, instrumento musical, nem *abstêmio* com *abster-se.*

2) Figuras de pensamento

a) *Antítese* – oposição de palavras ou ideias: *um riso de tormenta*; *uma alegria dolorosa*; *tinha um olhar angelical e uma mente diabólica.*

b) *Apóstrofe* – invocação a seres reais ou imaginários: *Oh, tu que tens de humano o gesto e o peito*; *Meu Deus, mostre-me um caminho.*

c) *Hipérbole* – expressão que envolve um exagero: *Ela é um poço de vaidade*.

d) *Ironia* – dizer algo por expressão às avessas (por exemplo: "Bonito!" como expressão de reprovação).

e) *Oximoro* – figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão: *obscura claridade, silêncio ensurdecedor*.

f) *Paradoxo* – consiste na expressão de pensamentos antitéticos aparentemente absurdos: *Vivo sem viver em mim*.

g) *Prosopopeia* (também chamada personificação) – figura que consiste em dar vida a coisa inanimada, ou atribuir características humanas a objetos, animais ou mortos: *Minha experiência diz o contrário do que me dizem*; *O relógio cansou de trabalhar*; "As *estrelas*, grandes olhos curiosos, *espreitavam* através da folhagem." [Eça de Queirós].

Além dessas figuras ocorrem expressões e termos usados em algumas ciências da linguagem, como os seguintes:

a) *Eu lírico* – primeira pessoa gramatical fictícia não identificável com o autor.

b) *Função fática* (ou *de contato*) – função da linguagem que interrompe, enlaça ou dá novos aspectos à mensagem. A função fática está centrada na eficiência do canal de comunicação e faz uso de palavras ou expressões (p.ex.: *Alô!*, *Entenderam?*, *Veja bem...*, *Está me ouvindo?*) que buscam checar e prolongar o contato entre emissor e destinatário.

> "JOÃO GRILO: Quem não tem cão caça com gato.
> MULHER: *Como é?*
> JOÃO GRILO: Quem não tem cão caça com gato e eu arranjei um gato que é uma beleza para a senhora." [ASu.1].

c) *Função referencial* – função da linguagem que consiste em o emissor se restringir a assinalar os fatos de um modo objetivo. A mensagem está centrada naquilo de que se fala, normalmente com o uso da 3ª. pessoa.

d) *Hiperônimo* – vocábulo de sentido mais genérico em relação a outro, com o qual tem traços semânticos comuns. Por exemplo: *assento* é hiperônimo de *cadeira*, de *poltrona*, etc.; *animal* é hiperônimo de *leão*; *flor* é hiperônimo de *malmequer*, de *rosa*, etc.

e) *Hipônimo* – vocábulo de sentido mais específico em relação a outro, com o qual tem traços semânticos comuns. Por exemplo: *cadeira* é hipônimo

de *assento*; *leão* é hipônimo de *animal*, etc.

f) ***Metalinguagem*** **–** utilização da linguagem para falar da própria linguagem (por exemplo, um texto que fale de como devemos escrever).

Espécies de alteração semântica
A - *Extensão do significado;*
B - *Enobrecimento do significado;*
C - *Enfraquecimento do significado.*

A – *Extensão do significado*
prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.
espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".
embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".
aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**
a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.
sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.
carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.
britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".
b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**
Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem*.

3 – **Degradação do significado (pejorativos)**
vilão (cf. Ö 422).
libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.
libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só a má parte.

B – *Enobrecimento do significado*

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido, ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

C – *Enfraquecimento do significado*

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencente a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*[147] com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto
um ferimento

ponto { em geometria: um ponto no espaço
em gramática: sinal de pontuação
em teatro: auxiliar de atores
em táxi: parada de táxi
em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo (“matéria”)
o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, “antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou ‘significado unitário’. E só quando se mostre absolutamente impossível ‘reduzir’ todas as acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)” [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a “propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto” [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a pé*, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente*.

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: “propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)”

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos

dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* ‘costurar’; *cozer* ‘cozinhar’; *expiar* ‘sofrer’; *espiar* ‘olhar sorrateiramente’; *sessão* ‘ato de assistir’; *cessão* ‘ato de ceder’; *cela* ‘quarto para enclausuramento’; *sela* ‘peça de arreio’ [MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, “formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais” [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;
b) a consciência linguística do falante;
c) critério das relações associativas;
d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HGe.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, lar, morada, residência, mansão

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos “ocasionais” que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios: o

sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar* / *auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir*: *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *sotopor*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel
{b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo
b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem
b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas
b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na sua estrutura fonológica e diferentes no significado.

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexical:

descrição: ato de descrever

discrição: qualidade de quem é discreto

emergir: ir de dentro para fora ou para a superfície

imergir: ir de fora para dentro ou para o fundo

iminente: pendente, próximo para acontecer

eminente: ilustre

infringir: transgredir, violar

infligir: aplicar pena, castigo

intimorato: destemido, intrépido

intemerato: puro, imaculado

matilha: grupo de cães

mantilha: pequena manta

proscrever: proibir

prescrever: aconselhar

ratificar: confirmar

retificar: corrigir

tráfego: trânsito

tráfico: comércio

Em geral diferem na base de prefixos ao mesmo radical (*proscrever* / *prescrever*), ou de radicais diferentes (*matilha* / *mantilha*).

C) ESTRUTURA DO ENUNCIADO OU PERÍODO. A ORAÇÃO E A FRASE

1 – A oração e as funções oracionais

Enunciado ou período

Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

> O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

> O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O Sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.
8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!

12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico Ö 124) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda? Pedro não estuda? Quem chegou?*);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer! Como está frio!*).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase

Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.

Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Os principais verbos ou expressões impessoais da língua são:

a) os que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos, como *chover*, *trovejar*, *relampejar*, *nevar*, *anoitecer*, *fazer* (frio, calor, sol, etc.), *estar* (frio, quente, etc.), entre outros:
Trovejou muito ontem.
Faz trinta graus esta tarde.

b) *haver* e *ser* em orações equivalentes às constituídas com *existir*, do tipo de:
Há bons livros.
Eram vinte pessoas no máximo.

c) *haver*, *fazer* e *ser* nas indicações de tempo:
Há cem anos nasceu meu avô.
Faz cinco anos não aparece aqui.

Era a hora da ceia.
É uma hora.
São duas horas.

d) *bastar*, *chegar* + *de* (nas ideias de suficiência):
"*Basta de* comissões! *Basta de* relatórios! *Basta de* vaniloquios!" [AGu.1].
"Pra isso trabalhava sem férias, *basta de* reflexões" [MAn.1].
"– *Chega de* caraminholas, ó barata tonta!" [ML.2]

e) *ir* acompanhado das preposições *em* ou *para* exprimindo o tempo em que algo acontece ou aconteceu:
Vai em dois anos ou pouco mais.

f) *vir*, *andar* acompanhados das preposições *por* ou *a* exprimindo o tempo em que algo acontece:
"Nesse mesmo dia quando *veio pela tarde*..." [AC]
Andava por uma semana que não comparecia às aulas.

g) *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo:
Já passava de duas horas.

h) *tratar-se* acompanhado da preposição *de* em construções do tipo:
Trata-se de assuntos sérios.

A principal característica dos verbos e expressões impessoais é que (salvo em alguns casos o verbo *ser*) aparecem, na língua exemplar, sempre na 3.ª pessoa do singular.

Por isso, são evitadas, na língua exemplar, as seguintes construções com verbo no plural:

Haviam muitas pessoas no baile.
Fazem cinco dias que não chove.
Bastam de histórias.
Já *passavam* de duas horas.

Faz exceção o verbo *ser* em construções do tipo:

É uma hora.
São duas horas.
Eram vinte pessoas no máximo.

Não se confundem as construções especiais vistas até agora com aquelas em que o sujeito explícito está representado por um pronome indefinido:

Alguém veio à minha procura.
Todos são meus desconhecidos.
Nem sempre *a gente* é compreendido.

Aproximando-se dessas orações de sujeito explícito constituído por pronomes ou outras expressões indefinidas, mas delas sintaticamente diferentes, estão as orações ditas de *sujeito indeterminado*. Estas não apresentam nenhuma unidade linguística para ocupar a casa ou função de sujeito; há uma referência a sujeito, no conteúdo predicativo, só de maneira indeterminada, imprecisa:

Estão batendo à porta.
Precisa-se de empregados.
Só raramente se assiste a bons filmes.

A língua portuguesa procede de três maneiras na construção de orações com sujeito indeterminado:

a) verbo na 3.ª pessoa do plural sem referência a qualquer termo que, anterior ou seguinte, lhe sirva de sujeito:
Nunca me *disseram* isso.
Onde *puseram* o livro?

b) verbo no infinitivo ou na 3.ª pessoa do singular com valor de 3.ª pessoa do plural, nas mesmas circunstâncias do emprego anterior. Este último uso do singular é menos frequente que o do plural:
É bom *resolver* o problema.
Diz que o fato não aconteceu assim. (diz = dizem)

c) verbo na 3.ª pessoa do singular acompanhado do pronome *se*, originariamente reflexivo, não seguido ou não referido a substantivo que sirva de sujeito do conteúdo predicativo; trata-se de um sujeito indiferenciado, referido à massa humana em geral; dizemos, neste

caso, que o *se* é *índice de indeterminação do sujeito* ou *pronome indeterminador do sujeito*:
Vive-se bem aqui.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Divergem os autores na classificação deste tipo de indeterminação com o pronome *se*; para uns, trata-se de oração de sujeito indeterminado, para outros, de oração sem sujeito.
2.ª) A indeterminação do sujeito nem sempre significa nosso desconhecimento dele; serve também de manobra inteligente de linguagem, quando não nos interessa torná-lo conhecido, como em situações do tipo:

Pedro, disseram-me que você falou mal de mim.

Outras vezes, o nosso saber do mundo percebe que se trata de uma só pessoa a praticar a ação verbal, mas se usa o plural por ser a norma frequente da indeterminação do sujeito:

Estão batendo à porta.

Sujeito e predicado

O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros.
O bom filho	compreende o esforço dos pais.
O Sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes [148]

Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e *Eu e dois irmãos brincamos no clube*,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *-o* (*estud-o*) e *-mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *-o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

Eu estud*o*.

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *-mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse (Ö 623) do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida), mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem.

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde com*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. *Elas não eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem?* (aplicado a seres animados), *quê? o quê?* (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José.*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro.*

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (Sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*).

Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.
O livro está esgotado.
Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* [*de*], *vários* [*de*], etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.
Todos os alunos saíram.
Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.
Aqueles *dois* erros eram graves.
Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.
Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*,

do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

> Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

> Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
> Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
> Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante sua vida.
> Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante sua vida.
> Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais

Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

> Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o

termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

*Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.
“(...) caem amareladas, poucas, as folhas” [MRe.1, 59].

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil*.

(2) Ele trabalha *no Brasil*.

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

*Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais

É preciso não confundir termo argumental e não argumental com termo não opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado “emprego absoluto” de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração “fazer sentido” com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis

Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis*, 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.
Viu *as crianças* – Viu-*as*.
Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.
Escreveram cartas *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.
Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante (Ö 448):

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes

Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante (Ö 562).

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais.*

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel*.
Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.
José *acordou* cedo.
As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).
Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) (Ö 410) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).
O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu
Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê*. / ‘não enxerga’, ‘é cego’
Já não *bebe*. / ‘abandonou o alcoolismo’

Ainda não *lê*. / ‘é analfabeto’

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.
Não encontramos *os responsáveis*.
O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:
   Os vizinhos não viram *o incêndio*. / ... não *o* viram.
   Não encontramos *os responsáveis*. / ... não *os* encontramos.
   O pai comprou *nova casa*. / ... *a* comprou.

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:
Os vizinhos não viram *o incêndio.* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos.*
Não encontramos *os responsáveis.* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós.*
O pai comprou *nova casa.* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem* [é que]*?* (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:
O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:
O caçador viu <u>*o lobo*</u>. / *O lobo*, o caçador <u>*o*</u> viu.

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:
*Eu quis o livro. → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso. → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro. → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo. → *Tudo foi perdido pelos refugiados*.

*O atleta pesava sessenta quilos. → *Sessenta quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:
Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem?, que?* nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:
O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:
O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):
"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele*" [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou favorece:
Amar *a Deus* sobre todas as coisas.
Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1 - *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):
A Abel matou Caim.

2 - *comparação*:
"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:
Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:
Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) seguidos de substantivo, do tipo:
"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:
"*Ao ingrato*, eu não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

Poderia ser:
O ingrato, eu não o sirvo.

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos. É o que na gramática inglesa se chama *two-word verbs*: *to look* ('olhar'), *to look for* ('procurar'):

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.
O marido não *concordou com a mulher*.
Poucos *assistiram ao concerto*.
O comerciante não *confiou no empregado.*

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical (Ö 320).

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo.*

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante.*

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo, e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa *Ajudar à missa*

Atender o telefone *Atender ao telefone*

Assistir os carentes *Assistir aos carentes*

Chamar românicas essas línguas *Chamar românicas a essas línguas*

Presidir a sessão *Presidir à sessão*

Satisfazer o pedido *Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas – diatópicas, diastráticas e diafásicas (Ö 41) – é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. / Todos gostam *dele*.
Os turistas assistiram *à ópera*. / Os turistas assistiram *a ela*.
O comerciante não confiou *nos empregados*. / O comerciante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.
O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.
Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).
Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto de argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais [“agente”, “paciente”, “locativo”, “direção”, etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto*.

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas* *AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* *do* *barulho* *À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramente *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se

concomitantemente de critérios léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno) não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente.	*Vi.
Preciso do auxílio.	*Preciso.

mas:

Escrevi cartas aos pais.	Escrevi cartas.
Queixou-se da turma ao diretor.	Queixou-se da turma.

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho.*

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-*lhe* uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções (algumas das quais da sintaxe latina) aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do

predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.
"Ele ligou-*me* amavelmente a luz" [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele para o qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!
Não *me* mexam nos papéis!
Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.
Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprime o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).
Doem-*me* as costas.
"O vaso partiu-se-*me*" [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.
Para nós ela é a culpada.

A alguns destes pronomes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andrés Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.
Janete *é* minha irmã.
As alegrias *eram* passageiras.
O céu *está* azulado.
Os argumentos *permaneceram* incompletos.
A situação *parecia* resolvida.
Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e

alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos anteriores.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*: [149]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.
As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.
Janete é *minha irmã*. → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente*. → *A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*.

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal?

Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo, e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbonominal* [EBv.1, cap. 13 e

16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem-razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão.*
O sol está *quente.*
Os argumentos continuam os *mesmos.*
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras.*
Os vizinhos estão *bem.*
Os jovens são *assim.*
O primo é *dos nossos.*
A mesa parece *de madeira.*
Nós somos *do Norte.*
As provas parecem *de boas fontes.*
Está *tarde.*
O compromisso está *de pé.*
Ela estava *que estava.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.
Casa de ferreiro, espeto de pau.
Povo educado, povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse (Ö 623).

2.ª) Como já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo

A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo*, continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho. → O meu amigo o é.

O padrinho é o meu amigo. → **O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho. → Eu o sou.

O padrinho sou eu. → **O padrinho o sou.*

João é o padrinho. → João o é.

O padrinho é João. → **O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b)

em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro sujeito (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*
*Já são seis horas? – Já **o** são.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ****Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas.*

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo*

Este determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* ‘dar nome’):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

“Definiu-se o caso como *impossível*” (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel* (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento

indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg.1, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo.*

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo.*

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:
Viu-o *vivo e forte*.
Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado.*

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe.*

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;
b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:
Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:
Ele estudou atento / Ele estudou *assim* / Ela estudou *assim.*
A polícia encontrou a porta arrombada / A polícia encontrou a porta *assim*;

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*) permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:
Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão sugerida pelo mestre Said Ali pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.
Os rios sonorosos corriam.
Sonorosos corriam os rios.
Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do

sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45, b]:

> "'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.
> Brinca o luar – *dourada borboleta*" [CAlv.1, 92].
> (isto é, "como dourada borboleta")
> "*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].
> (isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

> *Em* rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.
> *Audaz* D. *Quixote* ele entrou na discussão.
> *Quando Presidente* esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase

todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia*, *A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª) Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo [150]

Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar.
Vejo-as crescer.

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento. / Ouço o vento soprar.
Vejo crescer as árvores. / Vejo as árvores crescer.

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito: são, sim, objeto direto de *ouço* e *vejo*. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar. → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer. → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada. → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos. / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores. / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o *sujeito* da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua-padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo *se*, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade percebida, pode ser substituída pela de relativo:

Ouço o vento que sopra.
Vejo as árvores que crescem.
"Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se*

abismava debaixo das arcarias de pedra” [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> “... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas, semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas...” [AH.7, I, 172].

6) O complemento de agente (“agente da passiva”)

Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pelas preposições *por* e, mais raramente, *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

Os exercícios foram feitos *por José*.
O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

Os exercícios foram feitos.
O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela

preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

Ela é estimada *de todos.*

O professor não foi esquecido *dos alunos.*

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio de*, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui:

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo

Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração [o verbo] e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite

Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã

O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite*, da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *quê?*, *quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).

Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual

instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.

É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical, motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias,

funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)
Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.
O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)
O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*;

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*;

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*;

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação;

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.
Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que

marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.
*Preciso *ao* livro.
*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.
Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.
A janela estava aberta *desde pela* manhã.
A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.
O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.
O jovem trabalhava.

Os principais tipos de adjuntos adverbiais

O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras

com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde?*, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde*, *até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma verbal ou conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico" [MA].

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal, modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa.* (onde? ou quando?)
O primo não viaja *em avião.* (onde? ou por que transporte?)

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima.*
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais — Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao

verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referido ao verbo)

O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)

De noite todos os gatos são pardos. (referido a toda a oração)

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje.*

Estuda-se melhor *pela manhã.*

Ele saiu *quando o professor chegou.*

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje.*

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas.*

Pedro trabalha *todos os dias.*

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo.*

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje.*

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro.*

O aniversário será *daqui a cinco dias.*

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* / Saiu *há três horas.*

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa (Ö 486).

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre

a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes", e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.
Chegou de imediato.
Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.

Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido, rápido* pode ser tanto considerado advérbio (= adjunto adverbial, igual a *rapidamente*) quanto adjetivo (= anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido, rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como advérbio [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro.*

O fato ocorreu *dias atrás.*

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem às perguntas *como?, de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem.*

O fogo propagou-se *imperceptivelmente.*

Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza.*

Entraram no estádio *aos empurrões.*

Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos.*

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada.*

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada.*

Ele foi deitar-se *sem pijama.*

d) Adjuntos adverbiais de fim, **de causa**, **de instrumento e de companhia** – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais

é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).
Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.
O garçom encheu o copo *de vinho.*

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse (Ö 448); este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família.*
Comprou as flores [ao florista] *para a noiva.*
"Disse-me também que me daria, *para Você*, um retrato..." [MA, Corresp. II, 294].

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.
A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros.*
O jogador é expulso *pela falta desleal.*

Não é natural a transformação em ativa.

*Os quadros admiraram o pintor.

*A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva.*

Houve faltas *devido à greve de ônibus.*

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*):

"Um casamento que tivera de ser apressado *devido à* gravidez extemporânea de Laurinda" [RF.2].

"*Devido ao* temporal do dia, todas estavam juntas, ligadas umas às outras, como uma fiada de peixes (...)" [CCo.3].

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos.*

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro.*

Escrever *à máquina.*

O jogador fez gol *com a proteção do juiz.*

Prenderam o ladrão *com a arma.*

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois.*

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico.*

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distingui-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos, e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.
O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.
A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça.*

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.
Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.
O pai gostava dos filhos *com os avós.*

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.
O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por

outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.
Maria trabalha *muito* aos domingos.
Andaram *bastante* em busca de emprego.
A assistência ria *às bandeiras despregadas.*
O clube ganhou a partida *por dois a zero.*
O cavalo perdeu a corrida *por pescoço.*
Ela deixou de comprar o carro *por bom preço.*

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora.*
O atleta percorreu *dez quilômetros.*
A criança já pesa *vinte quilos.*
O viaduto mede *duzentos metros.*

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *quê?*, etc.), preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).
Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).
Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.
Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.
Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* e outras expressões quantitativas em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

> "Às orações interrogativas indiretas de *como*, *por que* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362].

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjunto adverbial de distribuição – É aquele que especifica os termos designativos da distribuição.

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida.*

g) Adjuntos adverbiais de inclinação e oposição[151] – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos.*

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos.*

h) Adjunto adverbial de substituição, **troca ou equivalência** – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente.*
A colega fez a redação *pelo namorado.*
Na época de exames, trocava o dia *pela noite.*
Iremos amanhã *em vez de hoje.*
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se.*
Comeu gato *por lebre.*
João trabalha *por dois.*
Ana trocou a merenda *por uma revista.*

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte.*

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina.*
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma.*

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação.*
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético.*

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de, em* ou *sobre,* ou das locuções prepositivas *acerca de, a respeito de, em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco { *de história.*
em moral.
sobre tais fatos.
acerca do caso.
a respeito de crase.

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicas do tipo de *tratar, versar, falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, **exclusão e concessão** – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana.*
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado.*
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela.*

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.
Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega.*

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal

Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais*, que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em (Ö 434).

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl. indireto*	*Adj. adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1 – Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *substantivo* + *adjetivo*:

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis.*

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.
O livro está esgotado.
Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* [de], *vários* [de], etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.
Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.
Aqueles *dois* erros eram graves.
Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.
Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos
Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana.*

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):
Os *seus livros* não estavam na estante.
Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)
Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:
belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).
homem *de coragem* (corajoso)
pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)
casa *de Pedro*
cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:
O homem *que tem coragem* (corajoso)
A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal

Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito *Predicado*

A casa de Pedro é espaçosa.
A resolução do diretor surpreendeu a todos.
A prisão do criminoso pela polícia mereceu elogio da imprensa.

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho*
A casa *dos vizinhos* { é espaçosa.

A resolução *do diretor*
A resolução *dos diretores* { surpreendeu a todos.

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor
A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos.
**A prisão pela polícia* mereceu elogio.

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu*

a imprensa), não cabe classificar, no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

A doutrina firmada pelo prof. Rocha Lima, atualmente adotada por muitas bancas examinadoras de concursos públicos, recomenda esta distinção. Todavia, existe razão para propor outra solução, uma vez que ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal – além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução
a descoberta da imprensa → *a descoberta

Daí a melhor doutrina nos parece considerar, em ambos os exemplos, complemento nominal.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo (Ö 36).

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*
A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*
Jesus ama as criancinhas → O amor *de Jesus às criancinhas*
O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase

sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*
Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*
Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo*** *de vitória ø desejar a vitória*), adjetivos (***desejoso*** *de vitória ø desejar a vitória*), ou advérbios (***referentemente*** *ao assunto ø referente* [adjetivo] *ao assunto ø referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*
a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*
a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*
a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é *pátria* sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a *mascote* pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*
o *rosto* da *criança*
a *face* do *problema*
o *galho* da *árvore*
o *cérebro* da *equipe*
o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*
(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se *Vidas Secas*.

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal (Ö 491):

O desejo *de tua vitória* é constante.
O desejo *de que venças* é constante.

OBSERVAÇÃO: Em *perto da cidade*, *longe da cidade*, e semelhantes, autores há que consideram *da cidade* complemento nominal dos advérbios *perto*, *longe*, etc. Preferimos ver aqui as locuções prepositivas *perto de*, *longe de* integrando com o substantivo *cidade* uma locução adverbial e, portanto, funcionando como adjunto adverbial.

3) O aposto

Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.

Meu *primo* José morou na Itália.

"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo" [MC.2, 206].

Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.

Sousa, *nosso cabeleireiro*, não trabalha hoje.

Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.

Eu *Anibal* peço a paz [MMa].

Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro II*, *imperador do Brasil*; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) *Enumerativo*, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias*, *tristezas*, *preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si*.

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, a história, a língua portuguesa, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso.*

b) *Distributivo*, quando marca uma distribuição de alusões no período:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia.*

Um no automobilismo, *outro no futebol*, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem" [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;
Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAlv.1, II: 142].

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *na qualidade de general*, compete o comandar.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

"D. João de Castro, *quando vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba" [ED].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x adjunto adnominal

Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de logradouros, de

acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado.[152] Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba-relógio*, *mandato-tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*

Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Nos seguintes exemplos, o adjetivo se flexiona por conta da forma do

substantivo: “Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar...” [MA.4]. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III: 131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências “o cliente é uma droga” e “o cliente tem uma droga”.

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei* / *rei menino*, *filósofo rei* / *rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais

Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em (Ö 50), em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

**a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome*

Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

"Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome" [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração

O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso.*

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável.*

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado.*

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte

Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de

entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus, ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAlv.1, 141].

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! – parte! volve para os lares teus" [CAlv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!
"*Senhor Deus*, que após a noite
Mandas a luz do arrebol,
Que vestes a esfarrapada
Com o manto rico do sol" [CAlv.1, 88].

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois-pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

"Rio de Janeiro, 29 de maio.
Meu caro Nabuco,
Há cerca de um mês que esta carta deveria ter seguido" [MA].

2 – Orações complexas e grupos oracionais: a subordinação e a coordenação

A justaposição

Subordinação: oração complexa
Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação* (Ö 50), passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade:

O caçador percebeu que *a noite chegou.*

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a

relação predicativa que tem por núcleo o verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos (Ö 368), há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*
Predicado: *percebeu que a noite chegou*
Objeto direto: *que a noite chegou*

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*
Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais

A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;
b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação* (Ö 51).

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher* (dois substantivos), *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), um advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe (Ö 49), uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

Que: marca de subordinação oracional

No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como “conjunção” integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua “juntar” duas orações – como fazem as conjunções coordenativas –, mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto*. Temos, sim, orações *complexas*, isto é, orações que têm termos

determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva

A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes. / Convém o teu estudo.*
b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra. / O pai viu a saída da filha.*
c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados. / Todos gostam de prêmio.*
d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados. / A verdade é a aprovação de todos.*
e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem. / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*
f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. / Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva Ö 476 e 458.

Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas

Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*).

Os comerciantes desconhecem *que mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo.*

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada.*

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário.*

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá.*

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que*, que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) **Orações adjetivas ou de relativo**

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno que estuda vence na vida.
O aluno estudioso vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno*, tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo *que*, na oração subordinada, reintroduz o antecedente a que se refere e acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta. Trata-se de um caso de antitaxe.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda*, o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) **O relativo marcado por índice preposicional**

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo *cidade*, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos* (Ö 444):

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas

Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição, o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre*, *vida boêmia*, etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo*.

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja.

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte da igreja*. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva*.

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva

A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo ou um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.
A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.
A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo.*
O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande.*

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso de glória*, *ansioso de liberdade* modificadoras dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais* Ö 476) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam

incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição. Veja-se a argumentação de José Luís de Oliveira em *Nomenclatura gramatical brasileira*, p. 143.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de oração originariamente adjetiva

Em *O homem sábio é guia seguro*, o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro*, onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a conservação do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

> "O homem que cala e ouve não dissipa *o que sabe*, e aprende *o que ignora*" [MM].
>
> "*Os que mais blasonam de honra e probidade* são como os poltrões que se inculcam de valentes" [MM].
>
> "Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam*" [MM].
>
> "*Para quem não tem juízo* os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males" [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele*(*s*) *que*, *aquela*(*s*) *que* e considerar a unidade *o*, *a*, *os*, *as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que*, de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de

antecedente:

	quanto	
	por que	
	como	
Não sabemos	quando	comprou
	onde	
	que	
	qual	

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço *QUE* admiráveis presentes ganhaste.
Ignorava *QUAIS* os alunos que haviam perturbado as aulas.
QUEM tudo quer tudo perde (oração *subjetiva*). [153]
Falava a *QUEM lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).
Fizeram *QUANTO lhes pedi* (oração *objetiva direta*).
Reconheço *QUÃO enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).
Peço que anote *QUAIS foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).
A polícia descobriu *QUANDO foi o roubo* (oração *objetiva direta*).
Os jornais explicaram *COMO os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).
Os garotos não descobriram *ONDE os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).
Os vizinhos não entenderam *POR QUE o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).
Ele é *QUEM os avisa* (oração *predicativa*).
Não sabia *por QUEM tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que*, *aquele que*; *quanto* por *o tanto que*; *quando* por *o momento em que*; *como* por *o modo pelo qual*; *onde* por *o lugar em que*; *por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde*.

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer*.

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale. [154]

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais (Ö 492). Assim, no primeiro exemplo desta citação do Marquês de Maricá, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende*. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *para quem não tem juízo* funciona como objeto indireto (dativo livre de interesse).

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta

A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificadora de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio*, em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

"*O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos*" [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam* (= os governantes), mediante a preposição *de* em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho*.

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

> "Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha*" [MM] (comparativa).
>
> "O tempo voa *para quem goza*, e se arrasta *para quem padece*" [MM] (inclinação).
>
> O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial

Refletindo a classe heterogênea dos advérbios (Ö 460), também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo*, *lugar*, *modo* (substituíveis por advérbio), *causa*, *concessão*, *condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);
b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas*.

As subordinadas adverbiais propriamente ditas

As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

> Saiu *de noite*.

Estudamos *com prazer*.
Trabalhas *na fábrica.*
Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que*, *para que*, *desde que*, *porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*
Os convidados saíram *sem que fossem notados.*
O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais
Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde*, *quando*, *como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:
Onde me espetam fico.
Saíste *quando a festa melhorava.*
O prédio foi construído *como estava planejado.*
Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhasse para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme*, *apenas*, *caso*, *enquanto*:
Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:
Ela só saía *com quem lhe merecia confiança.*
O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que*, *já que*, *sempre que*, *logo que*, *assim que*, etc.), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:
Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.
Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.
Já que todos saíram, desisto do negócio. (*já* "temporal" – *já que* "causal")

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe (Ö 50), palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:
em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:
Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que*, *posto que*, *visto que*, *suposto que*, *salvo que*, *exceto que*, *não obstante que*:
Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas
As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha*, que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o*

trabalho, valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é*.

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas

Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos (Ö 436) que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais*, *pouco mais*, *muito menos*, *pouco menos*, etc.

Outras unidades comparativas

Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior*, *menor*, *melhor*, *pior*:
As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro*, *mesmo*, *igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):
A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*
Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*
Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*
O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas

Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

> Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

> *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada*,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

> Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a*, *os*, *as*), construção que a norma-padrão desaconselha: “o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos” [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada*, constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas

Os quantificadores a que se prendem as orações consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada*:
Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma*, *uns*, *umas*):
De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo*, *de maneira*, *assim*:
O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*
O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*
O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que*, *de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a*, *de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer*, etc.) Ö 522.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:
É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação

Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos*:

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.
Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos (Ö 486):

Sujeito: *Mário*
Predicado: *lê muitos livros*
Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler

muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e*, que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente (Ö 36):

Trabalhava de dia e estudava de noite.

Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.

Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:
Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedidas da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:
"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores

As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas (Ö 346), que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designados em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.
As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).
Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:
João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas*, *porém*, *senão* (depois de conteúdo negativo).
Não saía *senão* com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:
Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações

Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *por isso*, *por isto*, *também*, *daí*, *então*, *pelo contrário*, etc.:

> "Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei" [JA.3, 257].
> "O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...)" [JA.3, 379].
> "O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.
> *Contudo*, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...)" [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas,

mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais-explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores (Ö 346).

Justaposição ou assindetismo

Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois-pontos:

> "O moço que dizia 'Similes' costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava*: *mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado*" [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Do ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> "Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, *dirigia-me à sala, gelado. E*

emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos" [GrR.1, 102].

"Não me ajeitava a esse trabalho: *a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões" [GrR.1, 114].

A chamada "coordenação distributiva"

Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora*, *já...já*, *quer...quer*, *um...outro*, *este...aquele*, *parte...parte*, *seja...seja*, e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

Ora eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.

Já não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.

Uns estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas

Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:
   Dê-me água, *me pediu o rapaz.* [155]
   Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:
   Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um

dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:
D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
"Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*:[156] em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:
José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
"É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!" [AAz].
O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:
"Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:
"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:
"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].
Ele, *que eu saiba*, nunca veio aqui.[157]
"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem*, Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].
Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas

Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no

conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água*; *Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele*.

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3) Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto*, *discurso indireto* e *discurso indireto livre*.

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse*, *respondeu*, *perguntou*, *retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar*, *balbuciar* (do exemplo, a seguir, de Machado de Assis), *berrar*, etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.[158] No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

> "— Não contava hoje com sua visita, disse Vasconcelos.
> — Admira, respondeu o Sr. José Brito com uma placidez de apunhalar, porque hoje são 21.
> — Cuidei que eram 19, *balbuciou* Vasconcelos.
> — Anteontem, sim; mas hoje são 21. [...]"

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo

transpositor *que*, pela dubitativa *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando*, etc., já vistos antes:

> Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

> José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

> "José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*" [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima de *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

> José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> "Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. *Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha...*" (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...): o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas

O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante*: *que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

> Sei *que* virá hoje.
> Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária* (*preposição necessária*), porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava *que em conselho se decidira que o fossem cercar*..." [AH.2, 94]

Isto é: *em que o avisava que* está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> "Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse ouvida os pais*" [MA *apud* MBa.3, 80].

Isto é: tive medo *de que fosse ouvida*.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "... fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93].

Isto é: *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim*, *dizer de não*, em lugar de *dizer que sim*, *dizer que não*: "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não*" [RB.5, 225].

Características da oração subjetiva e predicativa

A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características: estar depois da principal, estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:
Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser*, *estar*, *ficar*) seguido de particípio:
Ficou provado que estava inocente.

c) verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:
É verdade que sairemos cedo.
Foi bom que fugissem.
Está claro que consentirei.
Ficou certo que me telefonariam.

d) verbo do tipo *parece*, *consta*, *ocorre*, *corre*, *urge*, *importa*, *convém*, *dói*, *punge*, *acontece*:
Parece que vai chover.
Urge que estudem.
Cumpre que façamos com cuidado todos os exercícios.

Acontece que todos já foram punidos.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro*", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui*.

OBSERVAÇÃO: Nos casos em que aparece o verbo *ser* em construções enfáticas do tipo *O professor é quem dará a palavra final* (ênfase da oração de base *O professor dará a palavra final*), a análise poderá considerar a oração de *quem* como predicativa, ou considerar uma só oração e *é quem* como expletivo.

Omissão da conjunção integrante

Se o enunciado encerra mais de um *que*, podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

> "Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências que se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem*.

Ainda que não haja acúmulo de *ques*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

> “Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo” [CBr.10, 51].
> Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância*.

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: “... me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo”.

> “Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve...” [AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse*.

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

> É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

> ... do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

> “e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida” [CBr, 45].
> “O meu amor me disse ontem
> *Que* eu *que* andava coradinha” [AO.1]. [159]
> “A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude” [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence*. Em:

> “Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem” [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam.

O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito*, *objeto direto* ou *predicativo*:
O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).
O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).
Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto*, *complemento relativo*, *complemento nominal*, *adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:
A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).
Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).
A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).
O livro *de que* tenho necessidade é caro (*complemento nominal*).
A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio / instrumento*).
Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: "O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens" [MM]. "Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de*

que se perdeu a chave" [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha*; *gaveta cuja chave se perdeu*.

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:
Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).
Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).
Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).
As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).
O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo*(*s*), *cuja*(*s*) – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual*, *da qual*, *dos quais*, *das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:
O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).
Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: Constitui erro empregar *cujo*:
a) como sinônimo de *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*:
Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);
b) precedido ou seguido de artigo:
Este é o autor *à cuja* obra te referiste (não há acento indicativo da crase).
Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:
"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o*

qual, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

"Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que* ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual*, mas só ocorrem *apesar do qual*, *conforme o qual*, *segundo o qual*, *entre o qual*, *fora dos quais*, *perante os quais*, etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como *o qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

"Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

"Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.

Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...

Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.1, § 637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "... àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-179].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar (vir a pelo = vir a propósito; ser pertinente) [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática. [160]

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem *que* eu pensei *ter desaparecido*.

“No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições*: “O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força” [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições” [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> “De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem” [MM],

as orações adjetivas substantivadas (Ö 492) *os que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
Predicado: *são os que menos a merecem*
Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

Sujeito: *os que*
Predicado: *reclamam mais liberdade*
Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

Sujeito: *os que*
Predicado: *menos a merecem*
Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste,

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que = e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].
2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou" [AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que*, *a que*, *os que*, *as que*, pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste*.
b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).
"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].
"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE **que mais gosto é** DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"*do que* [= o de que] duvido é *de que* comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].
"*No que* [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À **em** À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que*, *as que*, sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que*, *às que*:

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*
(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais (Ö 348):

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento expresso na oração principal – *que* (= porque), *porque*, *como* (= porque), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua-padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando “consiste

em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

> "Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade*, introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que*:
"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].
Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:
"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:
"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id*.).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

> Os importunos são como as moscas *são*...
> Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...
> Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...
> O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

> "Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].
>
> "O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1, 70].

Em lugar de *mais bom*, *mais grande*, *mais mau*, *mais pequeno*, *mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor*, *maior*, *pior*, *menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

> "Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].
>
> "Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].
>
> "Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].
>
> "Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].
>
> "Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom*, *mais grande*, etc.), em vez dos sintéticos (*melhor*, *maior*, etc.):

> *Ele é mais grande do que pequeno* e não *Ele é maior do que menor*.

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como*, *que*, *do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a*, *que a*, *do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

> Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).
>
> Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

> "Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se

usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

> "A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...
>
> "Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

> Refrescou-o *um como* orvalho do céu.
>
> Aproximou-se dele *uma como* visão fantástica.
>
> "Raimundo foi dali em diante *um como* espírito externo de seu senhor (...)" [MA. 12].
>
> "A chácara naquele dia era a mesma que nos outros, mas Guiomar achou-lhe um aspecto novo e melhor, *uma como* expansão divina (...)" [MA. 13].

NOTA – Também aqui não se tem oração comparativa.

Por meio de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

> "O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

> O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

> "(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.
Elas eram *tais qual* o irmão.
Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais*... (*do*) *que* a *mais*... *a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como*, empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.
Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:
Antes prefiro... ou *Prefiro mais*...

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:
Prefiro a praia *do que o campo.*
Preferia estudar *do que não fazer nada.*
Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade.*

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja*:

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes*

preferir do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

> "Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco"

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *conquanto*, etc.:

> *Embora* chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

> "*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

> *Por inteligente que seja*, encontrará dificuldades em entender o problema.
>
> *Por mais que estude*, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que*, *por menos... que*, *por muito... que*, onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais*, *menos*, *muito*.

Em vez de *ainda que*, *ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

> Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.
>
> E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

> Os rapazes, *pobres que sejam*, merecem a nossa consideração.
>
> Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo*, *todavia*, *ainda assim*, *não obstante*, ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, *quer não*, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, *ou sejamos advogados*, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, *com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:
Se eu sou aplicado, obterei o prêmio.

b) falando-se do passado:
Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso do item b), usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*) e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo, na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio*, a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente do indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias de *hipótese*, *eventualidade*, *concessão*, *tempo*, sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou*, etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram*.

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal*, das unidades complexas *de tal maneira*, *de tal sorte*, *de tal forma*, *de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos. [161]

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas de *tal*) *de maneira que*, *de sorte que*, *de forma que*, *de modo que*, como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte*, *consequentemente*, *daí*:

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que*, *de modo que*, etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que*, *de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a*, *de modo a*,

etc., seguidas de infinitivo:

> Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).
>
> "(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

> Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.
>
> Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar*.

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a*, *de maneira a + infinitivo*. Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo* (*a*) *que passasse*.

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais*, *demasiado*, *muito* (= *assaz*, *bastante*, *demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo*, para indicar a noção de proporção ou desproporção:

> "*É demasiado esperto para que caia em tal*, equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].
>
> "(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].
>
> "Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que*, *a fim de que*, *porque* (= para que),[162] *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*
Reclamou *a fim de que o nomeassem.*
Trabalhou *porque fosse promovido.*
Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não*, quando se quer expressar cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham*" [MM].
"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].
"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor*.

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais*, etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.
Aprendia *à proporção que* lia o livro.
Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres

da língua.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A nudez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260]: Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.
2ª.) Evite-se o emprego *mais* (*menos*)... *mais* (*menos*) em lugar de *quanto mais* (*menos*)... *tanto mais* (*menos*) em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos). Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas temporais são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que* (raro):
Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.
"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que*, *quando*:
Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (raro), *assim que*, *desde que*, *apenas*, *mal*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:
Saiu *logo que* ele chegou.
"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.
Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que* (Ö 521).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro): Dormia *enquanto* o professor dissertava.
"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto que* regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano*, 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:
1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim*, *neste intervalo de tempo*, *neste meio-tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.
2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.
3ª.) Nunca use a forma *mi* para substituir *milhão* ou *milhões*, porque enquanto *bi* (de *bilhão*) e *tri* (de *trilhão*) aludem a números, o mesmo não acontece com a sílaba inicial de *milhão*.
4.ª) A conjunção *enquanto*, além de exprimir tempo concomitante, pode indicar: a) duração até um limite não ultrapassável, equivalendo a 'durante todo o tempo em que': *Enquanto* a criança estivesse acordada, a mãe estaria a seu lado. b) prioridade no tempo, até se atingir um objetivo: "Não haverá paz para ti nem para mim *enquanto* não levares adiante essa vingança." [JU.2]. c) contraposição: "Nos intervalos não me levantava da cadeira [...]. As senhoras ficavam quase todas nos camarotes, *enquanto* os homens iam fumar." [MA.4]. Antes de substantivo, equivale a 'na qualidade de, na condição de; como': *Enquanto* professor, tinha o dever de corrigi-la; "(...) não é nossa

vontade que deve agora guiar nossa conduta. É o caráter imperioso de nossas convicções e processos, *enquanto* militantes radicais.” [JU.2].

f) para o tempo limite terminal: *até que*:
Brincou *até que* fosse repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam “desde que época um fato acontece”: *agora que*, *hoje que*, *então que*, *a primeira vez que*, *a última vez que*, etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.
Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que*, *então que*, etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que*, etc., e se pode passar a considerar o todo como “locução conjuntiva”:

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam “desde que tempo uma coisa acontece”, reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que*, *faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)[163] adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.
Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo. [164]

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa*, relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: Há quatro dias

2.ª oração — *principal*: (que) não o vejo. [165]

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem*, *hoje*, *há muito*, *há pouco*, *há tantos anos*, etc.), precedidos da preposição *de*, são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.
As lembranças *de ontem*.
Um testamento *de há cem anos*.
Modas *de há trinta anos*.
Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo*, *desde há muito*, *até há pouco*, assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera, sem razão, viciosa a linguagem *de há muito* que explica desta maneira: “Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas

antes como preposição (*a*); daí o antepor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem*, *de muito*" [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele*, de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Júlio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em*. Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que*, *ao tempo que*, mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que*. Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há*, verbo, refere-se a tempo decorrido e *a*, preposição, a tempo futuro:

> *Há* três dias não o vejo.
> Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.
> Daqui *a* três dias o verei.
> Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Também se há de levar em conta o caso de a preposição pertencer à regência do verbo, como no caso de *remontar* em construções do tipo:

Era uma guerra feroz que remonta *a* cinco séculos (e não *há cinco séculos*).

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de*, onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre*, *a respeito de*, *em relação a*:

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, pode-se ou não suprimir as palavras *atrás* ou *passado*(*s*) que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6ª.) Normalmente usamos *há* nas construções indicativas de tempo em que a oração principal tem seu verbo no presente do indicativo ou no pretérito perfeito. E empregamos *havia* quando a oração principal tem o verbo no pretérito imperfeito do indicativo ou pretérito mais-que-perfeito:

"Faço essa distinção para tornar a dar ênfase ao que *repito há* anos, como um estribilho — todo cidadão tem direito à literatura (...)" [AMM.5].

"Ele continuou a me insultar, andando desordenadamente pela sala, enquanto eu perguntava a mim mesmo o que já me *perguntava havia* meses (...)" [JU.2].

Apesar do uso de *havia* neste último exemplo corresponder à norma-padrão, ele provoca estranheza no falante moderno. Na linguagem corrente falada e escrita, o mais comum é a fossilização dos dois tempos em favor de *há*, nos casos em que se deveria usar *havia*, como podemos comprovar em diversos exemplos literários. Ou seja, é compreensível e comum que se opte por usar desta forma:

"— Olhe que lá fora é isto mesmo que você vê aqui, continuou,

voltando-se para D. Severina, senhora que *vivia* com ele maritalmente, *há* anos" [MA.2].

"Rita pedira-me notícias do leiloeiro, por lhe dizerem que ele morava no Catete, e *adoecera* gravemente *há* dias" [MA.7].

"Aquele marido possessivo, que *há* anos *tomava* conta da vida dela toda, não deixava nunca (...)" [AMM.6].

"Pelo contrário se acentuou a insônia com a inesperada recordação daquele sonho que ela *tivera há* muito tempo, talvez há anos" [JAl.1].

7.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas*, *mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se, também, suprimir o *quando*:

"*Apenas* Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, *Eurico levantou-se*" [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba*, por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma

das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem* + infinitivo:

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-49].

QUE **depois de advérbio**

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que*, *apenas que*, *felizmente que*, *oxalá que*, *quase que*, *enquanto que*, *embora que*:

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas*: tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem*, *custe o que custar*, *dê onde der*, *seja o que for*, *aconteça o que acontecer*, *venha donde vier*, *seja como for*, etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer*.

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

Eu quisesse, amanhã mesmo ele estaria aqui.

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais*:

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais*:

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (AH).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria*:
Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal
2.ª oração – *subordinada adverbial temporal*:
quando el-rei se erguera,
3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria*:
e esperavam ansiosos + subordinada substantiva
4.ª oração – *subordinada substantivada* (*de primitiva adjetiva*) *objetiva direta*:
o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria*, *de 2.ª categoria*, etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional*, devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para a estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação*:
"Lembrai-vos, cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (AH).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:
Lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada
2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa*:
de que falais com D. João I.
1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:
"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (RS).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):
El-rei manda nos vivos
2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:
e eu vou morrer!
1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:
atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:
"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (MBe).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):
Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:
e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:
que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:
quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:
disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas
A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra

oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria*, *de 2.ª categoria*, *de 3.ª categoria*, etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria*:

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta*:

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*
b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo*:
Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores*:
“Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima...” [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*)

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função*, elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira*.

A equipolente pode ser:

a) *substantiva*:
Espero que estudes *e que sejas feliz*.

b) *adjetiva*:
O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial*:
Quando chegou *e quando me disse o ocorrido*, não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

> Espero que estudes *e sejas feliz.*
> O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.
> Quando chegou *e me disse o ocorrido*, não acreditei.
> "Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério*" [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

> "Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo* [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que*: [166]

> *Quando* chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse.

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

> *Logo que* chegou e me disse o ocorrido...

ou

> *Logo que* chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):
Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa*:
mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal*:
e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta*:
que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª*:
que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª*:
que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada
Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas orações reduzidas

Que é oração reduzida
Em

Estuda agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias,

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)[167] e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

quando o verão chegar = ao chegar o verão
quando o verão chegar = chegando o verão
quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão*, *chegando o verão* e *chegado o verão* são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo*, *gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida

Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura “reduzida”) apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do

enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: “estando amanhecendo”, “tendo de partir”, “tendo partido”; são exemplos de reduzidas de infinitivo: “ter de partir”, “depois de ter partido”; é exemplo de reduzida de particípio: “acabado de fazer”. Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*
2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo* (*principal ou auxiliar*): *infinitivo, gerúndio e particípio.*
3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas
As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.[168] O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.[169]
Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*
b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.
c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.
d) *Acabada a festa*, retirou-se = *quando acabou a festa*, retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*
que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*
Logo:
estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.
se chover: *subordinada adverbial condicional.*
Logo:
chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa*, retirou-se = *quando acabou a festa*, retirou-se.
quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*
Logo:
acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas
Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva*:
"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta*:
"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta*" [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta*:
"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa*:
"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):
"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços*, mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].
"... o averbara *de não possuir atributos de administrador*."
"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva*:
"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].
"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].
"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].
"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].
"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2.ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo*:

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana.*

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único*, *último*, *derradeiro*, além dos ordinais (*primeiro*, etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer*. Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome*:

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

> “Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino...” [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a + infinitivo*: *água a ferver*:

> “Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha” [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

> “O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação” [LCo.1, I, 288].
> “Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].
> “Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Também visto como imitação da sintaxe francesa é o emprego do gerúndio não progressivo em oração adjetiva, como no exemplo de José de Alencar, no romance *As minas de prata*: “Figure-se um gabinete pouco espaçoso [...] tendo uma só porta [...].” [*As minas de prata*, I, citado por José Oiticica].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio[170] não progressivo ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, José Oiticica, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], "não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever".

c) *particípio*:
"Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas" [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo*: caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a "conjunções" subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:
"Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor..." [RD.1, c. VI].
com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:
"Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade" [LCo *apud* JR.5, 38].
em estar a plantar = porque está a plantar.

c) *por*:
"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:
Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos. [171]

e) locuções prepositivas: *à força de*, *em virtude de*, *em vista de*, *por causa de*, *por motivo de*, *devido a*, etc.:
"*À força de se tornar trivial*, esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas*:

a) *com*:
Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.
com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:
"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:
Estudou *malgrado ter perdido o caderno.*

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:
"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais* (*e hipotéticas*):

a) *a*:
"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83]. [172]

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

> "... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209]. [173]

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo.

b) *sem*:
Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva* temos *de*:
É feio *de meter medo.*

OBSERVAÇÃO: Sobre a construção *de modo a* (Ö 522).

5) para as *finais*:

a) *a*:
"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: “Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso...” [AH.2, 92].
Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico*, temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico.*
Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

> “*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega*, aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos” [RS.2, IV, 171];
> “Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*” [AH.2, 70];
> “... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação” [AH.2, 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã.*

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã.* Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: “A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de*: *donner à boire et à manger*, *dar de comer e beber*; *donner à diner à quelqu’un*, *dar de jantar*; *elle lui donna à souper*, *deu-lhe de cear*. Nessas construções *dar de comer*, *dar de almoçar*, *dar de mamar*, *pedir de beber*, *pedir de almoçar*, *ganhar de comer*, o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo*, *alguma coisa*, *qualquer coisa de comer*, é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.*

Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber*. [174]

c) *para*:
"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir*, entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:
"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:
"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-103].
"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de*, *com o fim de*, etc.:
"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37]. [175]

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:
"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:
"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:
"E, se ambos morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):
"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].
"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

Note-se a diferença entre a ideia condicional e a temporal nas construções:
A persistirem os sintomas, procure o médico.
Ao persistirem os sintomas, procure o médico.

c) tempo posterior: *depois de*, *após*:
"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99]. [176]

d) tempo futuro próximo: *perto de*, *prestes a*:
"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:
"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem

traçar limites rigorosos neste assunto, por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática), em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de*, *por motivo de*, *em virtude de*, *em vista de*, etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. Exemplo: 'Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito.' Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".[177] E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de*, *no propósito de*, *com intenção de*, etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal." Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

> "Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96].

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

> "*Vendo este os seus maltratados*, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].
> vendo = porque visse.

2) uma oração *consecutiva*:

> "Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].
> rompendo-o = e como consequência o romperam.

3) uma oração *concessiva*:

> *Tendo mais do que imaginavam* não socorreu os irmãos.
> tendo = embora tivesse.

4) uma oração *condicional*:

> *Tendo livres as mãos*, poderia fugir do cativeiro.
> tendo livres as mãos = tivesse livres as mãos.

5) uma oração que denota *modo*, *meio*, *instrumento*:

> "Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].
>
> "E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal*:

> "El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se*: Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].
>
> voltando-se = enquanto se voltava.

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

> "*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].
>
> desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

> "Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro*, é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

2.ª) Ocorrem mais modernamente empregos da expressão gerundial *sendo que* sem nenhum valor circunstancial:

As novidades foram inúmeras, *sendo que* as melhores vieram por último.

Tais críticas aparecem nos jornais, *sendo que* as mais frequentes se estampam em artigos não assinados.

Há várias maneiras de alterar a construção do período:

a) usando-se a conjunção *e* em lugar de *sendo que*. Ou sinal adequado de pontuação, como, por exemplo, ponto e vírgula:

As novidades foram inúmeras *e as melhores vieram por último*.

As novidades foram inúmeras*; as melhores vieram por último*.

b) usando-se a construção com relativo ou outra adequada:

Aparecem nos jornais tais críticas, *das quais as mais frequentes se estampam em artigos não assinados*.

Este uso moderno é uma articulação oracional tão cômoda para a expressão do pensamento que se vem generalizando até entre bons escritores:

"Viana tinha cousas más e boas, *sendo que* as cousas boas eram justamente as que se opunham ao gênio especulativo da viúva" [MA.16].

"O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, *sendo que* a maioria não sabia que acreditasse (...)" [MA.16].

"Naturalmente que isso se estende a qualquer tipo de documento, *sendo que* alguns saem com letra fibriladíssima (...)" [JU.1].

"Logo tivemos dois caseiros, Eurico Novais e Manuel Firme, *sendo que* este era apenas um pouco mais velho do que eu (...)" [CCo.2].

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

> “E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia” [JR.2, 42].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

> “Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema” [RS.2, IV, 67].
>
> “A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor...” [MA.1, 327].

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao “amor excessivo da exatidão” é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo *ser*:

> *Acabado que foi* o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva*, 368), é conjunção, segundo este trecho: “Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: ‘A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal’” (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 91, c): “Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou

particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa*, § 282, 2, obs. 1.ª). [178]

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber*, *valer*, *impedir*, em construções do tipo de:
Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).
Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).
Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*). [179]

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer*, *perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:
"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].
"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):
"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida*, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):
"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].
Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):
"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público.*

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o.*" [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos.* [180]

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:
Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:
Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:
sala *de jantar*, ferro *de engomar*, tábua *de passar*, criado *de servir*.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:
É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).
Pareciam menos *de louvar* (louvável).
Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil*, *fácil*, *duro*, *bom*, etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):
Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).
Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:
"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:
"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].
"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):
Que fazer? [181]
Não sei *que fazer*.
Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento. [182]
"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis].
"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id*.].
"E ele *a rir-se*, ele *a regalar-se*" [EQ].
"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, § 309, 3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros, para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim, e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para

Lombard (*Op. cit.*, 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romanista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme*, com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe Histórica Portuguesa*, § 309, 3, obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: 'Craindre?! Je ne crains pas'. En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid*.). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:
   Estão saindo todos os alunos.
   As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos

adjetivos:
Livro *encadernado.*
Água *fervendo*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo é precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar*, *mandar*, *fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):
Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:
Vejo *abrir* a porta.
Ouço *soprar* o vento.
Eu a vi *sair* de casa.
Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e, por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:
Vejo *abrir* a porta.
Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.
Vês abrir a porta? Vejo-*o*.
Ouves soprar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.
Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a sineta*) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar*, *mandar*, *fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial *fez* calar o assaltante. / O policial *fê*-lo calar.
O professor *mandou* o aluno saltar. / O professor *mandou*-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer *o exercício*,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-*o* fazê-*lo*.

Ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o*... *o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

> “(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente” [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por substantivo:
O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:
O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.
O professor mandou-*lhe* fazê-lo.
O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.
A colega *lhe* deixou ver suas bonecas. [183]

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

> “... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder...” [AH.2, 76],

isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.
2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: “A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios” [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.
O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.
O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

> “o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais...” [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar*, *mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de*:

> "D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho*, nem *dos medos do tempo*, resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em *eu os vi afastar daqui* em vez de *afastar-se daqui*

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

> "*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].
> "O faquir *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

> "*Sentiu-o* parar aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].
> "E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227]. [184]

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
> "*Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas" [GrR.1, 94].
> "*Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha" [GrR.1, 180].
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto da mulher* inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].

A pontuação correta seria: "O cristianismo, elevando o culto da mulher, inspirou..."

> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116]. [185]

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316, b, 2, obs.].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes*:

> “O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros” [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes*:
> “Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal” [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> “*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida” [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> “Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*” [RS.2, 227].

4 – As frases: enunciados sem núcleo verbal

Oração e frase

Já tínhamos antecipado (Ö 430) que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
>
> Saúde!
>
> Depressa!

Que calor!
Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição

O tipo mais simples de frase é o constituído por *interjeição*. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira (Ö 357):

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos (Ö 357) que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa,

endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério...
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada*, *Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:
— *Ora*, *o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim..." [MA.1, 94-95]
"— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *proorações* (Ö 315) estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica (Ö 49) ao papel de frases:

"— Já deste a notícia?
— *Ainda não*" [LB.3, 165].

Algumas vezes, nestes casos, um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica (Ö 50), por uma interjeição:

> “Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*!” [MA.1, 107].

Etiquetas e rótulos

Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.).

Frases assertivas bimembres

Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser “reconstituídas” e “emendadas” com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

> *Casa de ferreiro, espeto de pau.*
> *Tal pai, tal filho.*

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios (Ö 451).

5 – Concordância

Considerações gerais

Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal*

Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras

determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

> "O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

> "Os outros, não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móbil, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183].
> "Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1].
> "*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

> "Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

> "Porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

> "... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

> "Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao

verbo. A língua moderna em geral dá preferência à concordância atrativa quando o verbo vem anteposto ao sujeito, mas não tira ao escritor a faculdade de optar pela outra forma, principalmente quando há razões estilísticas.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância ideológica*, "*ad sensum*" ou *silepse*:

> "A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e, se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

> "Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – *Concordância de palavra para palavra*

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*" [RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72]. [186]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.
4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

> "... *sobressaltados* com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo" [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

> "Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio" [AH.1, 107].
> "... como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].
> "*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].
> "Por que não hei de eu, afinal, vencer também com *esta* ânsia e força de alma, com este *amor* e saudade, com esta voz profética prometedora de honrosos triunfos?" [CBr].
> Com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo.
> *Toda sua* luta e sacrifícios.
> *Todos seus* sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:
1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que, numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar:

> *Com coragem e zelo patrióticos* (em vez de: *Com zelo e coragem patrióticos*).

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

> "Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural:

> “Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade” [LBa *apud* SS.1, § 257, obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

> “... e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio” [AH.6, III, 86].
>
> “Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio” [CBr.1, 128].
>
> “O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África...” [CL.1, I, 211]
>
> *As séries quarta e quinta.*
>
> *A quarta e quinta série* (ou *séries*).

B – *Concordância de palavra para sentido*

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V.Ex.ª, V.S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

> Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

> "Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]. [187]

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

> "*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

> "Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].
> "Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]. [188]

C – *Outros casos de concordância nominal*

1) **Um e outro, nem um nem outro, um ou outro**

Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando esta expressão aparece como sujeito:

> "Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro gênero se afirmam* pelo estilo."
> "Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].
> "Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Modificada a expressão por adjetivo, este vai ao plural, conforme exemplos lembrados por Firmino Costa:

> "... e [Rubião] desceu outra vez, e o cão atrás, sem entender nem

fugir, um e outro *alagados, confusos*" [MA].

"Nem uma nem outra coisa; ou antes, uma e outra coisa *juntas*" [RB.1, 280].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Havendo adjetivo, este vai ao plural nos três casos:

Um e/ou outro aluno aplicados.

Nem um nem outro aluno aplicados.

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) **Mesmo, próprio, só**

Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Viajei por *lugares* distantes e *sós* (= desertos, desabitados).

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

"E por isso insistem tanto em negar que estão *sós* e assim se transformam (...)" [JU.2].

Hoje se dá preferência a *só* como advérbio (= somente, apenas), portanto invariável, enquanto outrora, entre bons escritores, usava-se *só* como adjetivo variável:

> "Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade" [AC.10].
>
> "E aconselhando-se ao couto que conhecem/ *Sós* as cabeças na água lhe aparecem" [LC.1].
>
> "(...) uma contemplação feita de recolhimento, em que *só* os olhos enredavam" [AMM.4].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

> "... ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

> "... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219]. [189]
>
> Falava da máfia *mesmo*, a própria.
>
> "(...) eu às vezes, quase com volúpia — ou com volúpia *mesmo*, não há o que esconder (...)" [JU.2].

3) **Menos** *e* **somenos**

É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

> Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

> "Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) **Leso**

É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções do tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo, crime de lesa-humanidade, crime de lesa-majestade. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

> "Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-*

seriedade, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) **Anexo, apenso** *e* **incluso**

Como adjetivos, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos*, *apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa*, *apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) **Dado** *e* **visto**

Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) **Meio**

Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

"O método de investigação do delegado, como até hoje, na maior parte do Brasil, era tomar uma *meia* garrafa de cachaça [...]" [JU.2].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) **Pseudo** *e* **todo**

Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-harmonia* do universo o intrigava.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) **Tal** *e* **qual**

Tal, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis com valor adverbial (= como):

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

10) **Possível**

Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, *quanto possível*, etc. o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas.

Paisagens o mais belas *possível*.

Paisagens quanto *possível* belas.

"(...) onde se andava na ponta dos pés para pisar no menor número de livros *possível* (...)" [JU.4].

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas possível.

Fora destes casos, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].

"(...) houve olhares que davam às duas irmãs, em pacote, o futuro promissor de *possíveis* rainhas" [CCo.1].

Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) **A olhos vistos**

É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud*

Tradições Clássicas, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) **É necessário, é bom, é preciso**

Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário ter', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral:

É *necessário* paciência.

Caso o sujeito seja usado acompanhado de uma determinação (artigo, pronome), faz-se a concordância regular com ele:

É *necessária muita* paciência.
"O fato de ter sido *precisa a* explicação (...)" [AP.1, 424, n.º 25].
"Eram *precisos outros* três homens (...)" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa*.

13) Adjetivo composto

Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) **Alguma coisa boa** *ou* **alguma coisa de bom**

Em *alguma coisa boa* o adjetivo concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, e semelhantes, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de*

extraordinário, nada de trágico, etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

> "Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].
>
> "Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].
>
> "Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo" [MM].
>
> A vida nada tem de *trágica*.

15) **Um pouco de/ Uma pouca de** + **substantivo**

Ao lado de construções do tipo *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz*: [190]

> "e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) Concordância do pronome

O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

> "A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) **Nós** *por* **eu, vós** *por* **tu**

Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

> "Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

> Antes sejamos *breve* que *prolixo*.
>
> "Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos *perplexos*" [AH *apud* ED.2, § 14, b].

18) Alternância entre adjetivo e advérbio

Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável), ora o adjetivo ou pronome (variáveis):

> "Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].
> Vamos a falar *sério*.
> "Os momentos custam *caros*" [RS *apud* MBa.1, 265].
> Os momentos custam *caro*.
> "A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços" [MM].
> "Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].
> "A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula" [EQ.3, 647].

Observe-se que a possibilidade de flexões é antiga na língua e, assim, não há razão para ser considerada errônea, como fazem alguns autores.

A distinção entre adjetivos (e pronomes) e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo. Na língua-padrão atual, a tendência é para, nestes casos, proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

> Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.
> Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.
> "*Poucas* mais *palavras* trocamos" [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

> Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua-padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

> "A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.
Estamos *quites*.

19) Particípios que passaram a preposição e advérbio

Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

> "Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].
>
> "A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, § 220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) A concordância com numerais

Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um, uma,* a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias, as mil e uma noites,* etc.

3.ª) *Milhar* e *milhão* são masculinos e, portanto, não admitem seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino:

Os milhares de pessoas (e não: *As milhares* de pessoas).
Os milhões de crianças (e não: *As milhões* de crianças).

> "Mas ninguém pode decodificar *os milhares* de informações cifradas que recebe a cada segundo" [RF.1].

Se o sujeito da oração for *milhões,* o particípio ou adjetivo pode concordar no masculino, com *milhões,* ou no feminino, com o núcleo substantivo feminino: "*Milhões de milhões de criaturas* estavam ali *ajoelhadas*" [MA.

14]; “E mal chegado a casa já haveria recados de *milhões de amigas preocupadíssimas* com suas azáleas, seus rododendros, seus antúrios” [VM.3].

OBSERVAÇÃO: Atenção especial merecem entendimento e leitura de certas expressões numéricas abreviadas de uso moderno na linguagem jornalística e técnica: *1,4 milhão* (com 1 o numeral coletivo fica no singular), *3,2 bilhões*, *8,5 bilhões*, etc. devem ser entendidos e lidos “um milhão e quatrocentos mil”, “três bilhões e duzentos milhões”, “oito bilhões e quinhentos milhões” ou “oito bilhões e meio”. Note-se que embora em *1,4 milhão* o substantivo esteja no singular, o verbo vai ao plural: *Apenas* 1,4 milhão de estudantes conseguiram *vagas no ensino superior*.

O mesmo vale para outros substantivos que acompanham a quantidade inferior a 2: A veterinária calculou que *1,5 quilo de frutas seriam suficientes* para o animal.

21) A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores

Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática tem sido deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do segundo com o substantivo determinado:

> *bolsa amarelo-clara*; *calças verde-escuras*; *olhos verde-claros*; *onda azul-esverdeada*

Exceções: *Azul-marinho* e *azul-celeste*, como adjetivos, ficam invariáveis:

> *jaquetas azul-marinho*; *olhos azul-celeste*

Ambos os elementos ficam invariáveis nos adjetivos compostos que designam cores quando o segundo elemento é um substantivo:

> *olhos verde-água*; *lençol azul-turquesa*; *uniformes verde-oliva*; *paredes verde-abacate*; *bolsa amarelo-limão*

Concordância verbal

A – *Concordância de palavra para palavra*

1) Há sujeito simples

Às vezes um só sujeito simples referido a uma só pessoa ou coisa desdobra-se em dois, dando a aparência formal de um sujeito composto: *Meu pai e*

melhor amigo soube preparar-me para a vida.

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:
"Já no trem, o plano estava praticamente traçado." [JU.2].
"Diz o povo em Itaparica (...)." [JU.1].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:
"As mãos de alguém *taparam* os olhos de Bia." [AMM.2].

2) Há sujeito composto

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

> "... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].
> "Na estação de Vassouras, *entraram* no trem Sofia e o marido, Cristiano de Almeida e Palha" [MA.3].
> "E abre-se a porta da Arca/ De par em par: surgem francas/ A alegria e as barbas brancas/ Do prudente patriarca" [VM.2].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *se o sujeito vem depois do verbo*:

> "Foi neste ponto que *rompeu* o alarido, os choros e os chamados que ouvimos (…)." [SLn.1, 110].
> "O romeiro é livre como a ave do céu: respeitam-no o besteiro e o homem d'armas; *dá-lhe* abrigo o vilão sob o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

> "... ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegadas*..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua-padrão moderna.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas

em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) – no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

> "A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava*" [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

> "O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos" [MM].
>
> "A infeliz, a desgraçada, a empesteada da moléstia *se recusara* a lhe dizer uma palavra de consolo (...). [JU.3].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

> "A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...)" [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

> O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.
>
> "*Era* um entrar e sair de bandejas" [MRe., *Cenas*, 33].

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – *Concordância de palavra para sentido*

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome no singular que se aplica a uma coleção ou grupo, o verbo irá ao singular:

> O povo *trabalha* ou A gente *vai*.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles,

sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – *Outros casos de concordância verbal*

1) Sujeito constituído por pronomes pessoais

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

"*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

"E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

"... quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Tu e os teus são dignos da nossa maior consideração.

Para a concordância com expressões de tratamento (Ö 181).

2) Sujeito ligado por série aditiva enfática

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

"Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) Sujeito ligado por **com**

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro termo no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

"El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].

"Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].

"Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves*, *levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) Sujeito ligado por **nem... nem**

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"Mas *nem* a tia *nem* a irmã *haviam almoçado*, à espera dele (...)" [MA.15]

"O silêncio era pior que a resposta; e *nem* o caso *nem* as pessoas *permitiam* tão grande pausa." [MA.15].

Constituído o sujeito pela série *nem um nem outro*, fica o verbo no singular:

"Alguns instantes decorreram em que *nem um nem outro* falou; ambos pareciam medir-se (...). [MA.13].

"*Nem um nem outro* imaginava que o caso era um simples início de cousas futuras." [MA.9].

5) Sujeito ligado por **ou**

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"... a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

"Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...)" [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical ou dúvida*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

"Sei que algures *existe* a alma *ou* as almas, às quais eu me dirijo" [ACt.1, 23].

Um *ou* dois livros *foram retirados* da estante.

c) *identidade* ou *equivalência*:
O professor *ou* o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

> "A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"
> [AH.2, 20].
> "A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].
> "Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse, *se lembrasse* de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios (…)" [MA.1, 146].

6) Sujeito representado por expressão como **a maioria de, a maior parte de + nome no plural**

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte* (*número*) *de*, *parte de* e um nome no plural ou nome de grupo no plural, o verbo irá para o singular, ou plural, como se a determinação no plural fosse o sujeito:

> "... a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].
> "... e a maior parte dos esquadrões *seguiram*-nos" [AH.1, 111].
> "Que quantidade de casas não *ruiu* [ou *ruíram*] com o temporal!" [JG].
> "Com razão ou sem ela, a opinião crê que *a maior parte dos doudos* ali metidos *estão* em seu perfeito juízo (...)." [MA.5].
> "Como a maior parte dos homens não *sabe* finanças, disse-me ele, ainda que os sabedores me atacassem, o público ficava em dúvida [...]" [MA.14]
> "A maioria das pessoas que viajam nem *sabem* ver, nem *sabem* contar." [MA.6].

Entram neste caso expressões como *número*, *preço*, *custo* e outros seguidos

de *de* + plural:

> *Número* cada vez maior *de impostos prejudicam* a economia do homem comum.

Diferente destes é o caso em que o núcleo do sujeito não se refere à ideia de número. Nestas circunstâncias deve prevalecer a concordância do verbo no singular:

> A circunstância desses problemas *ocasiona* (e não: *ocasionam*) o desleixo das autoridades.
> O nível das inadimplências *eleva* (e não: *elevam*) os cuidados dos comerciantes.

OBSERVAÇÃO: Se se tratar de coletivo geral (e não partitivo como nos exemplos até aqui), o verbo ficará no singular:

> Uma equipe de médicos *entrou* em greve.
> O cardume de peixes *estava* na rede.
> A totalidade dos feriados *caiu* na quinta-feira.
> A parte dos jovens que o diretor surpreendeu na briga *será* punida.

7) Sujeito representado por **cada um de, nem um de, nenhum de + plural**
Neste caso, o verbo fica no singular:

> Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).
> "Cada um de nós *é* isso e, se nos diferençamos na prática, devemos creditar ao acaso (...)." [JU.2].
> "Silêncio profundo, enquanto cada um dos parentes *ia assimilando* o fato." [NR.1].

8) Concordância do verbo **ser**
Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

> *José era* um aluno aplicado.
> *Os dias de inverno são* menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo, ninguém, nenhum*

ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:
"*Tudo eram* alegrias e cânticos" [RS.1, 5].
"*Tudo é* missa, *tudo são* finanças." [MA.14].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:
Tudo é alegrias.
"Esta é a razão e a realidade; *o mais* é ilusão e fantasia." [MA.15].

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:
"*O que são comédias*?" [CBr.1, 40].
Quem eram os convidados?
Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":
A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias, imediatamente após o verbo:
São dez horas? Ainda não *o são*.
Hoje *são 15* de agosto. (Mas: *Hoje é dia 15 de agosto.*)
"Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo" [SA].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural de expressão avaliativa do tipo *perto de*, *cerca de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:
"*Era perto de duas horas* quando saiu da janela" [MA.3 *apud* SS].
"*Eram perto de oito horas*" [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é bom*, *é demais*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:
"Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena" [RS.1, 1873, 172].
Dez reais *é pouco*.

Um *é* pouco, dois *é* bom, três *é* demais.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

"A pátria não *é* ninguém: *são* todos" [RB.3, 11].

Mas:

"Justiça é tudo, justiça *é* as virtudes todas" [AGa.2, 45].

Às vezes, em lugar de *ser*, aparece o verbo *parecer*:

"Essa imensa papelada
- - - - - - - - - - - - - - -
Parecem indiscrições" [GD.3, II, 445]. [191]

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela era as preocupações do pai.

"Nas minhas terras o rei *sou eu*" [AH].

"O Nordeste não *são* '*eles*', *somos nós* todos, os brasileiros" [JU em *O Globo*, 11/2/2003].

Se o sujeito está representado por nome próprio de pessoa ou lugar, o verbo *ser*, na maioria dos exemplos, concorda com o predicativo:

"Ouro Preto *são* dois temperamentos dentro de duas freguesias" [CL].

"Santinha *eram* dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca" [MB].

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

"*Eram quatro irmãs tatibitates* e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito" [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G.

Kury, “a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*” leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

> Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].
>
> *Era uma vez três moças* muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

> *Nós é que* somos brasileiros / Nós somos brasileiros.
>
> *Esses livros é que* não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural, concordância que a língua-padrão rejeita:

> *São* de homens assim *que* depende o futuro da pátria. / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.
>
> *Foram* nesses livros *que* estavam as respostas. / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

A norma nestes casos é proceder como fez Manuel Bandeira:

> “No entanto, na hora atual em que um sociólogo da clarividência de Gilberto Freyre denuncia o perigo que ameaça a velha cultura luso-brasileira, *é de homens ardentes e combativos* como Júlio Ribeiro que necessitamos...” [MB. 1, II, 964].

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

> “— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.
>
> — Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então?” [GR.2, 3.ª ed., 75].

Nas expressões do tipo *é de ver*, *é de reparar*, por influência de *é coisa de ver*, *é coisa para ver*, põe-se o verbo *ser* no singular, ainda que anteposto a

substantivo no plural:

Era de ver os gestos incontrolados daquelas criaturas.

Se a expressão vier posposta ao nome no plural, impõe-se o plural ao verbo:

Os gestos *eram de ver*.

9) A concordância com **mais de um**

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"E *mais de um tinha* pena do pobre diabo; comparando as duas fortunas, *mais de um agradecia* ao céu a parte que lhe coube (...)." [MA.3].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

Se se tratar de ação recíproca, ou se a expressão vier repetida ou, ainda, se o sujeito for coletivo acompanhado de complemento no plural, o verbo irá para o plural:

Mais de um *se xingaram*.

"Mais de uma gravata, mais de uma bengala, mais de uma luneta *levaram*-lhe as cores, os gestos e os vidros" [MA.8].

Mais de um milhão de reais *saíram* dos cofres públicos.

10) A concordância com **que de**

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) A concordância com **quais de vós**

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais*, *quantos*, *algumas*, *nenhuns*, *muitos*, *poucos*, etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa do plural:

"... *quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?"

[JA *apud* SS.1, § 456].

Se a expressão partitiva estiver no singular, impõe-se o verbo no singular:

Qual de *nós* saiu *ileso*?

12) A concordância com os pronomes relativos

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

"*Os que prometem* fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles" [MM].

2.ª) Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

"Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...)" [JR.2, 191].

"Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo?" [AH.1, 223].

"(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos!" [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quiser insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.
"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital" [MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):
"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].
"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente: [192]
"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5].
"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,
És tu quem me dás frescor à mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5].
És tu quem me dá alegria de viver.

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*) [193] ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:
"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor" [AH.2, 37].
"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].
"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará

hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso [CR.2, 763].

13) A concordância com os verbos impessoais

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui. *Trata-se* de casos absurdos.

Deve haver cinco premiados. Irei já, *haja* os empecilhos que *houver*.

Não o vejo *há três* meses. Já *passa* das dez horas.

Não o vejo *faz* três meses. *Basta de* mentiras, *chega de* promessas.

OBSERVAÇÃO: Outros casos dignos de nota ocorrem com: a) *dar-se*: "como quem não *se* lhe *dá* da vizinha fronteira" (Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*); b) *constar*: "nem me *consta* de serviços que nunca entre nós se trocassem" (Rui Barbosa, *Cartas políticas e literárias*); c) *ir* acompanhado de advérbio ou locução adverbial para exprimir como correm as coisas a alguém: "Pouco te *vai* em meus negócios" (Mário Barreto, *Fatos*); d) *ir* acompanhado das preposições *em* ou *para* exprimindo o espaço de tempo em que uma coisa acontece ou aconteceu: Vai *em* dois anos ou pouco mais; e) *vir* acompanhado das preposições *por* ou *a* exprimindo o tempo em que algo acontece: "Nesse mesmo dia quando *veio pela* tarde" (Antônio Feliciano de Castilho, *Quadros históricos de Portugal*, II); f) *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo: Já *passava de* dois meses; g) *feito é de*, locução do estilo literário que significa que uma coisa está perdida: "*Feito era* talvez para sempre, *dos* alterosos fados nascentes desta Monarquia, se dos céus lhe não assistira uma providência, e na terra um D. Egas" (*Idem*, *Quadros históricos de Portugal*, I).

Portanto, evitem-se concordâncias do tipo:

Tratam-se de casos absurdos.

Já *passam* das dez horas.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural, especialmente *haver* e *fazer*, não ganharam foros de cidade:

"*Houveram* alguns que aluminados da graça do Espírito

Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo” [FE.1, I, 20].
“*Houveram* coisas terríveis” [CBr *apud* JC, I, 98].

14) A concordância com **dar** *(e sinônimos) aplicado a horas*
Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:
O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:
No *relógio deram* duas horas.

15) A concordância com o verbo na reflexiva de sentido passivo
A língua-padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito (Ö 434):
Alugam-se casas.
Vendem-se apartamentos.
Fazem-se chaves.
“Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que...” [MA.1, 151].
“No ensino público *vazou-se um olho*, ou antes *vazaram-se os dois* que olhavam para o passado: a Filosofia e a História” [CL].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de Machado de Assis:
“... e para *se perderem* assim...”
Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:
“Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* (= para se avaliarem) as excelências de quem assim o educou” [CBr.6, 53].

16) A concordância na locução verbal
Havendo locução verbal, cabe ao verbo auxiliar a flexão, concordando com a indicação do sujeito:
Exercitem-se as habilidades que se *deseja desenvolver*.

> “Bem sei que me *podem vir* (sujeito indeterminado) com duas objeções que (sujeito explícito) geralmente se *costumam fazer*” [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais, caso em que não há locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

> “Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas” [RS *apud* MBa.1, 215].

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

> *Podem*-se dizer essas coisas.
> *Devem*-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

> “Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...)” [MM.1, 3326].

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: “*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*” [JR.1, 322].

17) A concordância com a expressão **não (nunca)... senão** *e sinônimas*

O verbo que se interpõe na expressão exceptiva *não... senão* (ou *não... mais que*) concorda com o sujeito:

> “Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, *não se viam senão* cadáveres” [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*mais do que*):

> *Não se viam mais do que* cadáveres.
> *Não me couberam mais* que alegrias na vida.

Quando a excepcionalidade recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

> “Ninguém votou contra o projeto *senão nós três*” [SA.2, 215].
> Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não... mais que* pode-se usar *mais não... que*: “O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima” [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: “Isto não é *que* uma insolência” por “Isto não é *senão* uma insolência” [FF *apud* MBa.4].
Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: “Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde” [MA.2 *apud* MBa.4]. “(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês e acaso uma palavra sem valor” [MA.8 *apud* MBa.4].

18) A concordância com títulos no plural

Geralmente se usa o verbo no plural, principalmente com artigo no plural:

> “Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis” [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

> “as *Cartas Persas é* um livro genial...” [MBa.6, XII].
> “Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II” [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

OBSERVAÇÃO: Em referência a topônimos como os Estados Unidos, os Andes, as Antilhas, as Bahamas, etc., em que a presença do artigo é comum, é frequente verbo e determinantes no plural:

> “— Mas se *os Estados Unidos achassem* que não convinha ceder?” [AMM.1].

Com o verbo *ser* há possibilidade normal da concordância com o predicativo:

Os Estados Unidos é (ou: *são*) *um país de história muito nova*.

Os Andes são uma cordilheira.

19) A concordância no aposto

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

"Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho" [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural:

"(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo" [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

Se o sujeito aparece ampliado por um aposto, permanece a obrigatoriedade da concordância do verbo com o sujeito:

Muitos aspectos, a maioria talvez, *são* bem diversos.

20) A concordância com **haja vista**

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

"*Haja vista* os exemplos disso em Castilho" [RB.1, 572].

Pode, entretanto, ocorrer o plural, considerando-se o substantivo no plural como sujeito:

"*Hajam vista* os seguintes exemplos." [CF]

Ocorre, ainda, a construção com o verbo no singular e substantivo precedido das preposições *a* ou *de*:

"*Haja vista* às tangas" [CBr.16, 61].

"*Haja vista* dos elos que eles representam (...)" [CBr *apud* CR.1, 624].

Não é correta a expressão *haja visto* (p.ex.: *Haja visto o ocorrido*), que surge por influência de *visto que*, *visto como*.

21) A concordância do verbo com sujeito oracional

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

"Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina" [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Ainda *falta* entregar a prova os alunos retardatários (e não *faltam*!).

Basta ver os últimos resultados da pesquisa.

Falta apurar os votos de duas urnas.

Eis os fatos que me *compete* explicar a vocês.

Não são poucos os casos que me *falta* elucidar.

Esses crimes *cabe* à polícia averiguá-los.

"Porque não *basta* haver aparelhos" [MRe., *Cenas*, 106].

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

"Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido*" [JR.1, 318].

Fumar e utilizar celulares não *será permitido* até a parada total da aeronave.

Por isso evitar-se-á o plural como nesse exemplo de jornal:

"Tirar a roupa e pichar o traseiro não *parecem* atos libertários" (e sim: não *parece* atos libertários).

22) Concordância nas expressões de porcentagem

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

Se for *um* o numeral que entra na expressão de porcentagem, o verbo irá para o singular:

Um por cento dos erros foi devido a distrações.

Se o termo preposicionado não estiver explícito na frase, a concordância se faz com o número existente:

> Cinquenta por cento *aprovaram* a mudança. (Diferentemente de: Cinquenta por cento do público *aprovou* a mudança).

Se a porcentagem for particularizada por artigo ou pronome, o verbo concordará com ela:

> *Os tais 10%* do empréstimo *estarão* (e não: *estará*) embutidos no valor total.
> *Esses 20%* da turma deverão (e não: *deverá*) submeter-se à nova prova.

Se o verbo vier antes da expressão de porcentagem, ou se o termo preposicionado estiver deslocado, a concordância se fará com o número existente:

> *Ficou excluído 1%* dos candidatos.
> *Foram admitidos* este mês *10%* da lista.
> Da turma, *10% faltaram* às aulas.
> "Dos livros enviados, apenas *1% se perdeu*" [EMa].

23) Concordância em **Vivam os campeões!**

Unidades como *viva!*, *morra!* e similares podem guardar seu significado lexical e aparecer como verbos, ou, esvaziado esse valor, serem tratadas como formas interjetivas.

No primeiro caso, far-se-á normalmente a concordância com seu sujeito:

> "*Vivam* os meus dois jovens, disse o conselheiro, *vivam* os meus dois jovens, que não esqueceram o amigo velho" [MA].

Todavia, a língua moderna revela acentuada tendência para usar, nestes casos, tais unidades no singular, dada a força interjetiva da expressão: *Viva os campeões!* A língua-padrão prefere que seja observada a regra geral de concordância com o sujeito.

> *Salve!*, como pura interjeição de aplauso, não se flexiona; portanto:
> *Salve os campeões!*

24) Concordância com **ou seja, como seja**

A norma exemplar recomenda atender à concordância do verbo com o seu sujeito:

> “Para que uma mina fosse boa, era preciso que desse pelo menos duas oitavas de ouro de ‘cada bateada’ — *ou sejam* 35.000 em moeda de hoje” [CG].
> “Estávamos a cerca de 1.500 milhas itinerárias da foz, ou sejam, aproximadamente, três quartos de todo o Purus já percorrido.” [EC.2].
> “E foram pondo mais parelhas de cavalos até o numero de oito, ou sejam dezesseis cavalos.” [ML.3].

Facilmente as expressões *ou seja*, *como seja* podem ser gramaticalizadas como unidade de significação explicativa e, assim, tornarem-se invariáveis:

> Todos os três irmãos já chegaram, *como seja*, Everaldo, João e Janete.
> “Você sabe muito bem a que se refere: porrada, tortura, humilhações, etc... *Ou seja*, penas extrajudiciais, muito frequentes no universo prisional.” [LSo.1].

25) Concordância com **a não ser**

Faz-se a concordância normal com o sujeito do verbo:

> “Nesta Lisboa onde viveu e morreu, *a não serem* os raros apreciadores do seu talento, poucos o conheciam...” [JJN].

26) Concordância nas expressões **perto de, cerca de** *e equivalentes*

Nos casos em que o sujeito está acompanhado de expressões avaliativas como *perto de*, *cerca de* e equivalentes, o verbo concorda com seu sujeito:

> Já *votaram* cerca de mil eleitores.
> Em torno de dez dias se *passaram* sem que houvesse distúrbios.
> Perto de dois terços de sua vida *foram perdidos* no jogo.

Se o sujeito está no singular, o verbo vai para o singular:

> *Apodreceu* cerca de uma tonelada de carne.

27) Concordância com a expressão **que é de**

Ocorrendo a expressão *que é de*, com o valor de *que é feito de*, o verbo aparecerá sempre no singular:

> *Que é dos* papéis que estavam aqui?

28) Concordância com a expressão **que dirá**

Empregando esta expressão com o valor de *quanto mais*/ *muito menos*, o

comum é fazê-la invariável:

> Se você errou, *que dirá* nós./ Se você não é feliz, *que dirá* eles.
> "Mas eu sou inútil também neste mundo dele. Inútil para qualquer coisa. Se até ele é inútil, dispensável, *que dirá* eu?" [DR.1].

É preciso não confundir a locução invariável acima com a forma flexionada em sentido comum, podendo vir acompanhada de seu(s) complemento(s):

> *Se nos prenderem, <u>que direi eu</u> às autoridades, ou melhor, <u>que diremos nós</u> às autoridades.*
> "Ora, se, nessas corridas do futuro, os homens, por meio de sinais, sussurro ou até meias-palavras, combinarem entre si uma troca de palpites, de modo que os últimos cheguem primeiro, e os considerados primeiros cheguem por último, *que dirá* o senhor?" [MA.14].

29) Concordância com **Bem haja**

A locução *bem haja* (em oposição a *mal haja*), usada em frases optativas e imprecativas, expressa aplauso, felicitação, louvor ou agradecimento. O verbo *haver* aqui tem o sentido de 'obter, conseguir', não é impessoal, devendo concordar com o sujeito, que vem sempre posposto:

> "*Bem hajam*, porém, todos eles sempre que não lhes falecer a coragem de comentar alto aquilo que a maioria cochicha em surdina e à socapa (...)" [ACou.1]
> "*Bem hajam* os promotores desta solenidade (...)" [ACor.1]
> "*Bem haja* Vênus! a vitória é tua!" [MA.10]
> "*Bem haja* a crítica que faz justiça pela própria contradição." [MAm.1]

30) Concordância em **Já vão, Já vai**

Na indicação de tempo com o verbo *ir* em orações cujo sujeito é a expressão temporal, o verbo concorda com esta indicação:

> *Já vão* cinco anos desta nossa amizade.
> "*Já* lá *vão* quarenta anos, não é verdade?" [JR.3, 219, apud J.F. S1, 39]

Se a oração tem a expressão temporal precedida de preposição (*em, para, por*), o verbo ficará sempre no singular:

> *Já lá vai em* vinte anos esta nossa amizade.

Já vai para vinte anos esta nossa amizade.

6 – Regência

Diz-se *regência*, em sentido restrito, o processo sintático em que uma palavra determinante subordina uma palavra determinada. A marca de subordinação é expressa, nas construções analíticas, pela preposição.

Ao que dissemos nos capítulos sobre complementos verbais e nominais e sobre emprego de preposição, cumpre acrescentar os casos relacionados a seguir.

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos demais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> "(...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim" [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) A construção *pedir para*

Em

> "Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse*, *que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar*, *pedi-lhe esquecer*.

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

Pediu para que Pedro *saísse*

ou

Pediu para Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal.* [194] Assim, em:

O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

Ele pedia-lhe para sair

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

2) A construção *dizer para*

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

Disse para que ele fosse embora

ou

Disse para ele ir embora.

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

3) A construção *para eu fazer*

Em

O exercício é *para eu fazer*

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

4) A construção *é da gente rir*

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos e ortógrafos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos

permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.[195] Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

> "... só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2, 44].
>
> "Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].
>
> "*Apesar da sua ação ser*... superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].
>
> "... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].
>
> "... sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].[196]
>
> "... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2, IV, 16].
>
> "*Apesar*, porém, *da caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].
>
> "Notou, igualmente, a vantagem *dos confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].
>
> "... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].
>
> "Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527].
>
> "*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões*..." [AC, "Anotações à 6.ª edição do *Dicionário de Morais*", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração*, nº 5, p. 20].
>
> "... se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].
>
> "*Pelo fato do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].
>
> "... *no caso do infinitivo trazer* compl. direto" [ED.2, 226].[197]

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

> "Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

> "Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele*" (*d'elle* no original). [198]

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

> "A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

> "*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e

ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, em função de objeto direto:

> Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

> *Esforcei-me por convencê-lo* (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

> "A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o*, *a*, *os*, *as*, pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto". [199]

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

> "... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

5) Migrações de preposição

Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

> *Não sei no que pensar* por
> *Não sei o em que pensar*

Ou:

> *Lisboa e Porto, das quais cidades venho agora* por
> *Lisboa e Porto, cidades das quais venho agora*
> [LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
> "e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

> "A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
> "... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
> "Eis *para o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

> "O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos" [RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

> "O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

6) Repetição de prefixo e preposição

Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido de Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas*

consentâneas em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

7) Complementos de termos de regências diferentes

O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer, consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

> "Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];
>
> "... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei
Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

> "Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete

com alguns prefixos:

> "(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração" [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].
>
> "(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente*" [*Id*., *ibid*.]
>
> "Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...)" [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

> "A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas" [CBr.6, 55].

8) Termos preposicionados e pronomes átonos

Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

> "O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu" [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

> Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.
>
> Pretendem cair-*nos em cima*.
>
> Tudo *lhe* girou *em volta*.
>
> Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

> Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo
>
> Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

> Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*
>
> Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

9) Pronomes relativos preposicionados ou não
O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.
b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.
c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.
d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.
e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.
f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.
g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição, enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal (Ö 218).

10) Relação de regências de alguns verbos e nomes [200]:

A

abalançar-se a

aborrecer-se com

abrigado de

absolver– de

abster-se de

abundar em

abusar de

acabar– com

acautelar-se com

aceder a

aceito a

acercar-se de

acessível a

acomodar-se a

aconselhar– a

acontecer a, com

acordar com

acreditar– em

acudir a

acusar– de

adaptar– a

adequado a

aderir– a

admirar-se de, com, por

afastar– de

afável com, para com

afixar– a

agradar a

agradável a

agradecer a

agregar-se a

ajudar– a

ajuntar– a, -se com

alertar– de, sobre, contra

alhear-se de

alheio a

alimentar– com, de

almejar– por

aludir a

amante de

ameaçar– com, de

amercear-se de

amigo de

amofinar-se com

amoroso com, para com

análogo a

anelar por

ansiar– por, (trans. direto)

ansioso de, por

antecipar-se a

antepor– a

anterior a

apaixonar-se por, de

aparentado com

apartar– de

apear-se de

apegar-se a

apelar para, de

aperceber-se de

apetrechar-se com

apiedar-se de

aplicar-se a

apoderar-se de

apoiar-se em

aportar– a

aprender–

apressar-se a, em, por, para

aproveitar-se de

aproximar-se a, de

apto para, a

arguir– de

arrancar– de

arrepender-se de

arribar a

arrimar-se a

arriscar-se a

arrostar-se com

aspirar a (= desejar); trans. direto (= inspirar)

assemelhar-se a, com

assenhorear-se de

assentir a

assinalar– com

assistir a (= presenciar)

assistir– (= ajudar)

assustar-se com

atapetar-se de, em

atemorizar-se com

atender– a

atento a, em

ater-se a

atestar contra, por

atinar com

atingir (sem *a*!)

atrair– a

atrever-se a, em

atribuir– a

aumentar

ausentar-se de

autorizar– a

avaliar– em

avaro de

averiguar– de

avesso a

avezar (-se) a

aviar-se de

ávido de

avir-se com

avisar– de

avizinhar-se de, a

avocar– a

B

bacharel em

bandear-se para

baixar– a

bastante a, para

bastar a

batalhar com

benéfico a

bater a, em

bem (fazer) em, de

blasfemar contra

blasonar de

bom para, para com

brigar com

brindar– com

C

cair em, sobre

calcar– a

capaz de, para

capitular– com

carecer de

caritativo com, para com

caro a

casar-se com

ceder– a

cego a

chamar [201]

chegar (-se) a (não *em* junto à expressão de lugar)

cheio de

cheirar a

cheiro a, de

chorar por

cingir– de, (-se) a

circunscrever-se a

circunvizinho de

clamar por

cobiçoso de

cobrar– de

cobrir– de

coetâneo de

coevo de, a

coexistir– com

coincidir– com

coligar-se com

combater– contra, por

combinar– com

começar a, por

comedir-se com, em

cometer– a

compadecer-se de

comparar– a, com

comparecer a

compatível com

compelir– a

competir com, a

compor-se de

comprazer– a, (-se) em, com

compreensível a

comprometer-se a

comprovar– com

comum a, de

comungar com

comunicar– a

comutar– em

concentrar– em

concordar com, em

concorrer a, com

condenar– a

condescender com

condoer-se de

confabular com

confederar-se com

conferenciar com

confessar– a

confiar em, a

confinar com

conformar-se com, a

conforme a, com

conforme com, a

confrontar– com

confundir-se com

congraçar-se com

congratular-se com

consagrar a

consentir em, tr. direto

considerar como

consistir em (e não *de*!)

consolar-se com

conspirar a, contra, para

constante em

constar de

constituir-se em

contagiar-se com

contaminar-se de, com

contemporâneo de

contemporizar com

contender com, de, sobre

contentar-se com, de, em

conter-se em

contíguo a

continuar em, com

contrapor a

contrário a

contribuir para, com

convalescer de

convencer-se de

conversar– com [202]

converter– em, a

convidar– a, para

convir a, com, em

convocar– a, para

cooperar com, para

coroar– de, com

corresponder a, (-se) com

corrigir-se de

cotejar– com

crer– em, a

cristalizar– em

cruel com, para com

cuidadoso com

cuidar de, em (tr. direto)

culpar de

cúmplice em

cumprir com, a [203]

curar-se de

curioso de

curtir-se em

D

dar a, em, com, por

dar-se (pressa) a, em

decair de

decidir sobre

declarar-se contra

declinar– de

dedicar– a

dedignar-se de

deduzir– de

deitar-se a, em, sobre

deleitar-se com, em, de

denotar– a, em

deparar– com

depender de

dependurar– de

depressivo de

derivar– de

desafiar– para

desagradar a

desagradável a

desalojar– de

desapegar-se de

desapossar– de

desapropriar– de

desatar– de, em

desatento a

desavir-se com

descansar– de

descansar com

descartar-se de

descender de

descer de, a

desconfiar de

descontar– de

descontente com

descuidar-se de

desculpar-se de, com

descurar-se de (não *por*)

desdizer-se de

desejoso de

desembaraçar-se de

desempenhar-se de

desenganar-se de

desertar– de

desesperar– de

desfavorável a

desfazer-se de

desgostar-se de, com

designar-se de

desistir de

desleal a

desobedecer a

despedir-se de

despenhar de

despojar– de

desprender– de

desquitar-se de

destituir– de

deter-se em, com

determinar-se a

dever– de [204]

devoto de

diferenciar– de

diferente de

difícil de

dignar-se de, a

digno de

diligente em, para

discordar de

discrepar em

disfarçar– em

dispensar– de, a

dispor– de, (-se) a, para

disposto a

disputar com

dissemelhante de

dissentir de

dissuadir– de

distar de

distinguir– de

distrair-se com

distribuir– a, por com,

entre

ditoso com

diverso de

divertir-se com

divorciar-se de

dizer– de

doce a

dócil a, para com

doente de

doer-se de

dotado de

dotar– com, em

doutor em

duro de

duvidar de

E

eleger– por, em, como

embaraçar-se com

embeber– de, em

embelezar-se com

embevecer-se em, com

emboscar-se em

embriagar-se de, com

embutir– em

emendar-se de

empapar– de, em, com

empenhar-se por, em, com

emular com

empregar-se com

êmulo de

encarar– com

encarregar– de

encarniçar-se com, contra

encharcar-se em

encher– de

encomendar– a

encostar– a

encontrar-se com

enfadar-se com

enfastiar-se de, com

enfatuar-se com

enfeitar-se com

enfermar– de

enfurecer-se com, contra

engalanar-se com

enganar-se com, em

engenhar-se a

engolfar-se em

enlaçar-se em

enlear-se em

enraivecer-se contra

enredar-se em

ensaiar-se em, para

ensinar– a

entender de

entendido em

entregar-se a

entreter-se com, em

entristecer-se com, de

envaidar-se com, por

envelhecer– (sem *de*!)

equiparar a, com

equivalente a

equivaler– a

eriçado de

erigir (-se) em

erudito em

escapar a, de

escapulir de

escarmentado de, com

escarnecer de

escasso de

escolher– entre

escrupulizar em

escusar-se de

esforçar-se em, por, para

esmaltar– de

esmerar-se em

espantar-se com, de

especular– com, em

esperar– de, em

espraiar-se em

esquecer-se de

esquivar– de

esquivar-se a

essencial para

estabelecer-se com

estender-se em, a, por

estéril de

estimular– a, com

estranho a

estreito de, para

estribar-se em

estropiado de

exato em

exceder– a, em, de

excetuar de

excitar– a

excluir– de

exercitar-se em

exortar– a

expor– a

extrair– de

exigir– de, a

eximir– de

exonerar– de

extorquir– a, de

F

fácil de

falar de, em, com, a, sobre

faltar com, a

falto de

fartar– com, de

farto em

fatigar-se de, com

favorável a

favorecer– com, de

fechar (-se) a

fecundo em

feder a

felicitar– por, de

fértil de, em

fiar-se em, de

fiel a

fincar-se em

firme em

florescer em

folgar de, em

formar-se em

forrar– de, com

forte de, em

fraco de, em

franco para com, de, em

franquear– de, a

frouxo de

fugir– de, a

fundar-se em

furioso com, de

furtar– a, de

G

gabar-se de

galardoar– com

ganhar– de, a

generoso com

glorificar-se de

gordo de

gostar de

gostoso a

gozar de

graduar-se em

grande de

grato a

gravar– com

gravoso a

grosso de

guardar-se de

guarnecer com

guerra a

guindar-se a

H

hábil em

habilitar– com, para

habituar-se a

habituado a

haver-se com

herdar– de

hesitar em, sobre

horror a

hostil a

humilhar-se a

I

ida a

idêntico a

idôneo para, a

imbuir-se de, em

imediato a

impaciente com

impedir– de, a

impelir– a

impenetrável a

impetrar– de, a

implicar com [205]

impor– a

importar a (impessoal), de (país), em (quantia) [206]

inconsequente com

impossibilitar– para, a

impossibilidade de

impossível de

impotente contra, para

impróprio para

imputar– a

inábil para

inabilitar– para

inacessível a

incansável em

incapaz de, para

incerto de, em

incessante em

incidir em

incitar– a

inclinar– a, para

incluir– em

incompatível com

incompreensível a

inconsequente com

inconstante em

incorporar– a, em

incorrer em

incrível a, para

inculcar– em

incumbir– de

indébito a

indeciso em

indenizar– de

independente de, em

indiferente a

indignar-se com

indigno de

indispor– contra, (-se) com

indócil a

indulgente para, para com

indultar– de

induzir– a, em

inerente a

inexorável a

infatigável em

infeccionar– em

inferior a, de

infestar– de

infiel a

inflamar-se de

inflexível a

influir em, para, sobre

informar– sobre, de, (-se) de

ingerir– em

ingrato com, para com

inibir– de

iniciar– em, a

inimigo de

inimizar-se com

injuriar com

inocente de

inquietar-se de, com

insaciável de

insensível a

inseparável de

inserir– em

insinuar– em

insípido a

insistir sobre, em

instar– por, a

instruir– de, em, sobre

inteirar-se de

intercalar entre

interceder por

interessar-se por

interesse em, por

intermédio a

internar-se em

interpolar– entre, com

interpor– entre

interrogar a

intervir em

intolerante com, para com

inundar– de, em

intrometer-se em

inútil para, a

investir contra, com

irmanar– com

isentar– de

J

jactar-se de

jubilar– em

juncar– de

jungir– a

juntar– a, com

justificar– de, a, (-se)

L

lamentar-se de

lançar– em, (-se) sobre

lastimar-se de

leal a, com, para com

lembrar-se de

lento em

levar– em, a, por

liberal com

libertar– de

lidar com

ligar– a, com

ligeiro de

limitar-se a, com

limitado de

limpar– em, a, (-se) de, em

limpo de

lisonjear-se de

litigiar com, contra

livrar– de

livre de

lograr (-se) de

longe de

longínquo de

louco de, com

lutar com, contra

M

maior de, entre

maldizer– de

maliciar– de

malquistar-se com

manco de

mancomunar-se com

manso de

manter-se com

maquinar– contra

maravilhar-se com, de

matizar– de

mau com, para, para com

mediano de, em

mediar entre

medir (-se) com, por

meditar em, sobre

medrar– em

melhorar de

menor de

merecer de

mergulhar– em

mesclar– em

meter-se– a, em juiz

mimosear– com

ministrar– a

misericordioso com, para com

moderar-se em

mofar– de, com

molestar– com

molesto a

morador em [207]

moroso de, em

morrer de, por

mortificar-se com

motejar– de

mudar– de, (-se) para

murmurar– de

N

namorar [208]

namorar-se de, namorar

negar-se a

natural de

necessário a

necessitar de

negligente em

nutrir-se de, com

negociar– em, com

nivelar-se a, com

nobre de, em, por

nocivo a (tr. direto) com

O

obedecer a

obediente a

oblíquo a

obrigar– a

obrigação de

obsequioso com

obstar– a

obstinar-se em

obviar– a

ocupar-se com, em, de

ódio a, de, contra,

para com

odioso a, para

ofender– com, por

ombrear-se a, com

oneroso a

opinar sobre, de

opor (-se) a

oposto a

oprimir– com

optar por, entre

orar por

orgulhoso com, para

com, de

P

pactuar com

padecer de

pagar– a, de, em [209]

pálido de

parco em, de

parecer com, a, de

parecido a, com

paralelo a

participar– de, em, a

pasmar de

passar de, com, em

passível de

peculiar a

pegar de, em

pender– de, a

pendurar– de, a

penetrado de

pensar em

perdoar– a

perfumar– com

perguntar a, por

perito em

permutar– com, por

pernicioso a

perpendicular a

persistir em

perseverar em

persuadir– de

pertencer a, pertencer para (= ser próprio de)

pertinaz em

pesado a

pesar de (impessoal), a

piedade de

pleitear– com, contra

pobre de

poderoso para, em

porfiar em, por

pospor– a

possível de

possuído de

posterior a

povoar– de

prático em

precaver-se contra, de

preceder– em

precisar de

proeminência sobre, de

preferir– a [210]

prejudicial a

preocupar-se com

preparar-se para

preponderar sobre

prescindir de

presentear– com

preservar– de

presidir– a, em

prestes a, para

presto a, para

presumir de

prevalecer– sobre

prevenir– de, para, contra

prezar-se de

primeiro de, dentre, a, em [211]

privar– de, com

proceder a, com

processar– por

pródigo de, em

professar– em

proibir– a

promover– a

pronto para, em

propender para

propício a

propínquo de

próprio para, de

proporcionado a, com

prorromper em

prosseguir– em

prestar por

protestar contra

provar– de, a

proveitoso a

prever– a, de

provocar– a, contra

próximo a, de

pugnar por, contra

purgar-se de

purificar-se de

puxar– de, por

Q

quadrar– com

qualificar– de

quebrantar-se com

queixar-se a, de

querelar contra

querer– a [212]

quebrado

querido de, por

R

radicar-se em

ralhar com

rebaixar– de, (-se) a

rebelde a

rebentar de

recair em, sobre

reclamar– contra

reclinar-se sobre

recolher-se a

recomendar– a

recompensar com

reconciliar-se com

reconvir sobre

recorrer a

recostar-se sobre, em

recrear-se com

recusar– a

redundar em

reduzir– a (não *em*)

referir-se a

refletir em, sobre

refugiar-se em

regalar-se com

regar– de

regozijar-se de, com

regular-se por

reincidir em

reintegrar– em

rejubilar com

relaxar-se em

remontar– a

remover– de

renascer a

render-se a

renegar de

rente com, a, de

renunciar a

repartir entre, com, por

representar– contra

reptar para

requerer– a

resguardar-se de, contra

residir em

resignar-se a, com

resistir a

resolver-se a

respeito a, de, por

responsável por

ressentir-se de

restabelecer-se de

resultar de

retirar-se de, a

retrair-se a

retratar-se de

retroceder– a, para

revestir– de, com

rico de, em

rígido de

rijo de

rir-se de

rivalizar– com

roçar-se com

rodear-se de, com

rogar– por

romper– com

S

saber a (ter gosto), de

sábio em

sacar– de

saciar– de, a

sacrificar– a, (-se) por

sacudir– de

safar-se de

sair de, (-se) com

salpicar– de

salvar– de

sanar de

são de

sarar– de

satisfazer– a, (-se) com

seco de

sedento de, por

seguro de, em

segregar– de, a

semelhante a

semelhar– a

sensível a

sentir-se de

separar– de

serviço em

servir– a, (-se) de, para

severo com, para com, em

sindicar de

singularizar-se por

sito em [213]

soberbo com, de

sobrar a

sobreviver a

sobrevir a

sobrepujar– em

sobressair em, por

sobressaltar-se com

sóbrio de, em

socorrer– (-se) de, com, a

sofrido em

solicitar– de

solícito com

solto de

sonhar com

sortir de

submeter– a

subordinar– a

sub-rogar em

subsistir com

substabelecer em

substituir– por, a

subtrair– de, (-se) a

suceder a

sujar-se com

sujeitar-se a

sujo de

sumir-se em

superior a

suplicar– a

surdo a, de

surpreender-se com

suspeitar de

suspeito a, de

suspender– de

sustentar-se de, com

suster– com

suster-se de

T

tachar– de

tapar– com

tapizar de

tardar em

tardo a, em

tauxiado de

teimar em

temer de, por

temeroso de

temível a

terçar– com

terminar em, por

terno de

timbrar em, de

tingir– de

tirar– de

tiritar de

topar com

tornar a

trabalhar de, por, para, em

traduzir– em, para, de

traficar– com, em

traidor a, de

transbordar– de

transferir– a

transfigurar-se em

transformar– em

transido de

transitar por

transplantar– de, para

transportar-se de

trasladar– a, em, de

tratar– de

travar-se de

tremer de

tresandar a

trespassado de

tributar– a

triste de, com

triunfar de

trocar– por, de

U

ufanar-se de, com

último em, de, a

ultrajar– com

ungir– com

único em

uniformizar– com

unir– a, com

untar– de, com

usar– de

útil a, para

utilizar-se de

V

vacilar em

valer-se de, valer– a

vangloriar-se de, por

variar– de, em

vazar– em

vazio de

vedar– a

velar– por, em

versado em

verter– de, para, em

vestir-se com, de

viciar-se com, em

vincular– a

vingar-se de, em

visar– (= pretender) a

visar– (= dar o visto)

visível a

vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com

zombar de

zelar por

7 – Colocação

> "A colocação é um dos aspectos onde a criação individual, que pressupõe uma frase no discurso, é limitada por certos padrões sintáticos, impostos pela língua no indivíduo. É também onde a liberdade que ela deixa ao indivíduo é aproveitada amplamente para fins de estilística. Assim, há uma colocação sintático-gramatical e a seu lado uma colocação estilística, que se coordenam e complementam" [MC].

Sintaxe de colocação ou *de ordem*
É aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)

"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa da colocação do termo subordinado

preposicionado antes do termo subordinante:

De teus olhos a cor vejo eu agora. (por: *A cor de teus olhos*)

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por
a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

> “A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo

da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:
o livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:
de noite, *a* ele

c) o advérbio *não* precede o verbo:
não quero

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:
hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:
bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:
rua *larga*, blusa *verde*

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:
grande homem (em vez de: homem *grande*)
"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem

em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

"E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita" [JR.2, 97].

i) na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

"Estamos no Minho, *o leitor e eu*" [CBr.12, 1].

"E assim galgamos *ele e eu* o rochedo" [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período

A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-se a porta* (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

"*Aquilo* nunca se vira por ali" [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo na língua contemporânea (exceto com o pronome isto: *Isto* posto ou Posto *isto*):

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe.
Existiam várias razões.
Houve discussão.
Faz três anos que não o vejo.
São várias horas de distância.
Faltam dois dias para a festa.

4.º) O verbo vem no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.
Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6.º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)
De quem falava você quando chegamos?
Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?
Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde *o meu vale!*
Viva *o rei*! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta *que o trem atrasou*.
Ficou patente *que o progresso começara*.
É aconselhável *que não se retirem agora*.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-*lo* darei.
Nunca *lho* dissemos.

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.
Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros).

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

"Eram grandes raids, entradas, como *se* então *dizia*" [AAr.2, 128].
Se *me* isto o céu *concede*.

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

> "Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

> Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza

Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

> "Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" [AC].
>
> "A do rei potente mimosa filha
> Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática

Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali em estudos do final do século XIX, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes, estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano levantadas por José Feliciano de Castilho, nas suas críticas a José de Alencar. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia e do ritmo frasal. É urgente afastar a

ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

ÊNCLISE é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

Deu-*me* a notícia.

PRÓCLISE é a anteposição ao vocábulo tônico:

Não *me* deu a notícia.

MESÓCLISE é a interposição ao vocábulo tônico:

Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ainda que não vitorioso na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Aparece em texto literário quando não se quer quebrar a corrente contínua do pensamento, como se fora verdadeira linguagem eco, patente neste exemplo de Manuel Bandeira: "Li-o [o discurso de posse de Valéry] e me senti, ai de mim, na maior depressão moral. Me senti como que

desamparado” [MB.1, II, 93]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi*. Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira em carta ao escritor paulista.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: “Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*”. Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: “*T’esconjuro*!... *sai, diabo!*...” [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

> “Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro” [MA.1, 79].
> “Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai” [MA.1, 87].
> “Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?” [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: “Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos...” [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula), ou precedido de palavra de sentido negativo, bem como de pronome ou quantitativo indefinidos, enunciados sem pausa (*alguém*, *outrem*, *qualquer*, *muito*, *pouco*, *todo*, *tudo*, *quanto*, etc.):

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].
Sempre *me* recebiam bem. Ninguém *lhe* disse a verdade.
Alguém *me* ama. Todos *o* querem como amigo.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

"O poeta muitas vezes se delicia em criar poesia, não tirando-*a* de si (...)" [MM].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

"(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte" [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"A leitora, que ainda *se lembrará* das palavras, dado que me tenha lido com atenção (...)" [MA.4]. (proclítico)

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60]. (mesoclítico)

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146]. (mesoclítico)

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

6.º) Não se antepõe pronome átono a verbo no gerúndio inicial de oração reduzida:

Encontrei-o na condução, *cumprimentando-o* cordialmente.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o gerúndio não estiver iniciando a oração reduzida, pode ocorrer também a próclise, a qual será obrigatória se estiver precedido da preposição *em*.

Ela veio a mim, *em me dizendo* novidades que eu desconhecia.
Saí contente, *ela me dizendo* que não esquecera a infância feliz.

2.ª) Com o infinitivo preposicionado, o pronome átono pode vir anteposto ou posposto ao verbo: A maneira *de achá-los* (ou: *de os achar*).

B – Em relação a uma locução verbal

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando***

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:
Eu *lhe* quero falar.
Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).
Eu quero-*lhe* falar.
Eu estou-*lhe* falando.
"(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença" [EQ.4, 56].

OBSERVAÇÃO: Não se usa a ênclise ao auxiliar da construção *haver de* + infinitivo. Neste caso se dirá *Havemos de ajudá-lo* ou *Havemos de o ajudar*.

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):
Eu quero falar-*lhe*.
Eu estou falando-*lhe*. (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:
Eu quero *lhe* falar.
Eu estou *lhe* falando.

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo estiver precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*.

Espero que não queira falar-*lhe*.

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de* + *infinitivo* ou *há de se* + *infinitivo*, esta última é mais corrente, e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face
De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

4.ª) Evite-se, por antieufônica, a colocação de *o*(*s*), *a*(*s*), sem hífen, depois do auxiliar: *Quero o ver*; *Estamos o chamando*. Empregar-se-á: *Eu o quero ver* (ou: *Quero vê-lo*); *Nós o estamos chamando* (ou: *Estamos chamando-o*).

5ª.) Pelos exemplos dados vê-se que o pronome átono pode, corretamente, acostar-se tanto ao verbo auxiliar quanto ao verbo principal, ao qual serve de complemento.

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...
Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:
Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):
Eu tenho-*lhe* falado.

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Depois do particípio usamos a forma tônica do pronome oblíquo, precedida de preposição:

Eu tenho falado *a ele*.

Ela tem visitado *a nós*.

Posições fixas

A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

> "Ninguém, desde que entrou, em *lhe* chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

> Bons ventos *o* levem!
> Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil

Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o prof. Martinz de Aguiar:

> "A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:
>
> 1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:
>
> Aqueles *haviam se corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).
>
> 2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se reduzir, *poderia se reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à
forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

Apêndice

1 – FIGURAS DE SINTAXE (OU DE CONSTRUÇÃO)

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) Elipse

Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

"*É belo*!" [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:
As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.
O tecido custava dez reais *o metro*.
Domingo irás à festa.
Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

"... eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*..." [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

"Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus*" [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

"(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus*" [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.
Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:
Preciso (*de*) que venhas aqui.
Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrante:

"Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais" [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjunção integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:
É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

> "Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumassem o processo" [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e assemelhados) nos diálogos:
E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:
Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)
"Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem*" [CBr. *apud* MBa.5, 172].
Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse por anáfora.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor-de-rosa* por vestido *de cor-de-rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:
A um animal atacado de raiva é melhor que o matem *do que esteja a penar* (por *do que que esteja a penar*).

h) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:
Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinativa da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

> *Quando* ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

> "*Quando* as senhoras-donas, todas caladas, viram aquele condenado, *e* uma, mais animosa, *gritou*-lhe (...)" [SLn.1, 110].

2) Pleonasmo

É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

> Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).
> *Ao pobre* não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).
> "(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais" [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).
> *Subir para cima*.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerados erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:
"Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles* é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão = com razão*; *nada anormal = muito normal*; *sem desconhecer = conhecendo*; *indesculpável = culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo (Ö 509):
"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:
Quero saber *como que* você fez isso.
Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

OBSERVAÇÃO: Ao termo repetido pleonasticamente pode faltar a preposição requerida [MBa.7, 63]:

Quem mal fizer, mal lhe venha.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*), *desde ab initio*, *tornar a repetir*, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) Anacoluto

É a quebra da estruturação lógica da oração:

Os três reis magos, conta a lenda que um *deles* era negro.

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

A pessoa que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) Antecipação ou prolepse

É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

O tempo parece que vai piorar

por

Parece que o tempo vai piorar.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

"Dizem que o irapuru quando desata
A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
O passaredo, rápido a segui-lo
Em derredor agrupa-se na mata",

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) Braquilogia

É o emprego de uma expressão curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

Estudou como se fosse passar

por

Estudou como estudaria se fosse passar.

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*, derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) Haplologia sintática

É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua. (Ö 659)

7) Contaminação sintática

"É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

> *Fiz com que Pedro viesse*
> (fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*).
> *Caminhar por entre mares*
> (fusão de *Caminhar por mares* e *Caminhar entre mares*).
> *As estrelas pareciam brilharem* (sintaxe que não é recomendada na língua-padrão)
> (fusão de *As estrelas pareciam brilhar* com *Parecia que as estrelas brilhavam*).
> *Fazer de conta*
> (fusão de *Fazer conta = imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido da preposição *de: fez de tolo*, *de sonso*, etc).
> *Ter como obrigação de fazer*
> (fusão de *Ter por obrigação fazer* e *Ter a obrigação de fazer*).
> *Chegou de a pé*
> (fusão de *Chegou de pé* e *Chegou a pé*).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
Fizemos com que Pedro chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) Expressão expletiva ou de realce

É a que não exerce função gramatical:

Nós *é que* sabemos viver
Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
Oh! Que saudades *que* tenho!
Quanto *que* é a conta?

Há um *é* reforçativo em: "Não o vejo assim: vejo-o *é* nadando no mistério como um peixe n'água" [MB.II, 290].

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

Eu não sei *quando que* ele vem.
Enquanto que isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
Desde cedo que esperavam por elas.
Verdadeiramente que ficamos amedrontados.
Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar e de tempo, o *que* é substituído, respectivamente, por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.
Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

Tratando de pessoa, *é quem* pode aparecer por *é que*:

É Everaldo *quem* melhor conhecia o serviço.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):
A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):
"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que = quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):
Por que veio? *É que* teve medo (*é que = veio porque*)

d) *é que = é o que*
Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade, é certo que*):
"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].
Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:
Ou *será que* eu estou errado!

9) Anáfora

Repetição da mesma palavra em começo de frases diferentes:

> *Quem* pagará o enterro e as flores/ Se eu me morrer de amores?/
> *Quem*, dentre amigos, tão amigo/ Para estar no caixão comigo?/
> *Quem*, em meio ao funeral/ Dirá de mim: — Nunca fez mal.../
> *Quem*, bêbedo, chorará em voz alta/ De não me ter trazido nada?/
> *Quem* virá despetalar pétalas/ No meu túmulo de poeta? [VM.1].

Também chamamos de anáfora o processo sintático em que um termo retoma outro anteriormente citado: A *cadela* Laika foi o primeiro *animal* da Terra a ser colocado em órbita. *Ela* morreu horas depois do lançamento.

10) Anástrofe

Inversão de palavras na frase:

> De repente *chegou a hora*. (Por: De repente *a hora chegou*.)

11) Assíndeto

Tipo de elipse que se aplica à ausência de conectivos:

> *Vim, vi, venci*. [Júlio César]
> “Sonha como a noite, canta como os anjos, dorme entre as flores!” [AA.2]
> *Espero sejas* feliz! (Por: *Espero que sejas* feliz!)

12) Hipérbato

Inversão violenta entre termos da oração:

> Sobre o banco de pedra que ali tens/ Nasceu uma canção. (...) [VM.1].

13) Polissíndeto

Repetição enfática de conectivos:

> *E* corre, *e* chora, *e* cai sem que possamos ajudar o amigo.

14) Silepse

Discordância de gênero, de pessoa ou de número por se levar mais em conta o sentido do que a forma material da palavra:

> *Saímos todos* desiludidos da reunião. (Por: *Saíram todos* desiludidos da reunião).

15) Sínquise

Inversão violenta de palavras na frase que dificulta a compreensão. É prática a ser evitada.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e saber de ordem cultural:

> *Abel matou Caim*. (Por: *Caim matou Abel*)

16) Zeugma

Costuma-se assim chamar a elipse do verbo:

Não *queria*, porém, ser um estorvo para ninguém. *Nem atrapalhar* a vida da casa (omissão do verbo *querer*) [AMM.3].

2 – VÍCIOS E ANOMALIAS DE LINGUAGEM

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) Solecismo

É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)
A gente *vamos* (por *vai*)
Tu *fostes* (por *foste*)
Aluga-se casas (por *alugam-se*)
Vendas *à* prazo (por *a*)
Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística (Ö 652), em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) Barbarismo

É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por *contrito*
gratuíto	por *gratuito*
rúbrica	por *rubrica*
proesa	por *proeza*
cidadões	por *cidadãos*
fosteis	por *fostes*
a telefonema	por *o telefonema*

areonáutica por *aeronáutica*
intemerato (= sem temor) por *intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) Estrangeirismo

É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de culturas são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história

(*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, “empréstimos”); mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, “estrangeirismos”). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: [214]

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certos empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*
pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.
assumir por *supor*, *acreditar*
básico (p. ex.: *inglês básico*, *francês básico*, etc.)
contactar por *entrar em contacto com*
diferente por *melhor* (p. ex.: *um produto diferente*)
doméstico (voo, ala) por *nacional*
leasing (= tipo de financiamento)
marketing (= mercadologia)
politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (p. ex.: *O tanque está praticamente cheio*)
relax (= relaxamento, descanso)

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.
b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):

aficionado (= afeiçoado; dedicado)
bolero (= jaqueta)
charla (= conversa de passatempo)
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar, negar direitos*.
ensimesmar-se (= concentrar-se em si mesmo)
entretenimento (= divertimento)
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (= tornar-se, ficar). É vernáculo no significado de *provir, proceder*.
suelto (= breve comentário de jornal, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música):

adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela (= pintura feita com tinta diluída em água)
bambino (= criança pequena; filho)
belvedere (= mirante; terraço)
belcanto (= canto clássico da tradição italiana)
cicerone (= guia)
condottiére (= capitão de soldados mercenários; aventureiro)
confete (= rodela de papel para ser atirada, usada em festas; de *confetti*, italiano, plural de *confètto*)
corso (= cortejo, desfile)
diletante (= pessoa que se dedica por gosto a uma ocupação, sem ter

preparação adequada para tal)
dueto (= composição para duas vozes ou instrumentos)
furbesco (= velhaco)
imbróglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (= entreato)
libreto (= texto ou argumento de uma peça musical ou teatro)
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata (= tipo de composição musical)
soprano (= cantora lírica de voz aguda)
espaguete (= tipo de pasta alimentar)
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela (= tipo de dança popular napolitana)
terracota (= argila cozida ou objeto modelado com essa argila)
trombone (= tipo de instrumento de sopro)
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico, escritor ou pessoa de muito talento)

Anomalias de linguagem

Idiotismo ou *expressão idiomática* é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: “Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar” [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo, não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação

Com Nina Catach, entendemos por pontuação um “sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas” [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que “vestem” os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações” e “sinais de palavras”, podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema; uma vírgula, uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto-final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou “mensagem” (dois-pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses
[( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave

fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois o ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e de *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois-pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i.é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).
b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).
c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) e modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas e expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto

O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

Não podem atirar!
Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bom emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Ou ainda

Maria toma banho porque sua mãe disse ela pegue a toalha.

Para integridade da mensagem, no primeiro basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*. No segundo, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*. Já no último exemplo, coloque-se um ponto e vírgula depois de *sua* (do verbo *suar*), vírgula depois de *mãe* (vocativo) e vírgula depois de *ela*, para separar a oração intercalada.

Ponto

O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a

interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.*; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro).

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo

Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo, iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação

Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

> "Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra!" [MA.1, 72].
>
> "— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.
>
> — Meu padrinho? é o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos" [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— “Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar” [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação (p.ex.: *Gostaria de saber se você esqueceu alguma coisa.*). No nosso sistema gráfico, o ponto de interrogação da pergunta cuja resposta seria “sim” ou “não” é o mesmo usado na pergunta de resposta completa.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o estado de dúvida do personagem diante do fato:

“— Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !...” [ML.1, 226]. [215]

Ponto de exclamação

Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

“Que gentil que estava a espanhola!” [MA.1, 50].
“Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!” [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

“Olé! exclamei.” [MA.1, 74].
“Ah! brejeiro!” [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

“E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !” [ML.1, 204].

Reticências

Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

> "Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela; e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
>
> "Não imagina o que ela é lá em casa; fala na senhora a todos os instantes, e aqui parece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
>
> "— Moro na rua...
>
> — Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio ou no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula

Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

> "Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
>
> — "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula:

"Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado" [CL.1, I, 102].

2.ª) Não se usa vírgula na enunciação de numerais por extenso:

Trezentos e cinquenta e três mil quatrocentos e oitenta e cinco (353.485).

b) para separar orações coordenadas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção *e*, proferidas com pausa:

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

"Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo" [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos:

Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo, principalmente quando o aposto está representado por uma expressão de certa extensão:

"(…) ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, *casa de feitio moderno*, porque a dele era das antigas, (...)." [MA.1, 238].

Pedro II, *imperador do Brasil*, teria gostado de ser professor.

Mas

Pedro *o Cru* passou para a história como um grande apaixonado.

e) para separar, em geral, os pleonasmos e as repetições (quando não têm efeito superlativante):

"*Nunca*, *nunca*, meu amor!" [MA.1, 55].

Mas

A casa é *linda linda*. (= lindíssima).

OBSERVAÇÃO: É facultativo o emprego da vírgula para marcar o complemento verbal transposto (topicalizado) quando aparece repetido por pronome oblíquo:

O lobo, viu-o o caçador. Ao rico não lhe devo.

ou ou

O lobo viu-o o caçador Ao rico, não lhe devo.

f) para separar ou intercalar vocativos; em cartas, e-mails e documentos não oficiais a pontuação é vária (em geral, vírgula)[216] e na redação oficial usam-se dois-pontos.
João, onde comprou esse livro?
Prezado contribuinte:
A Receita Federal informa...

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:
"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves, — eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, — ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:
"No meio da confusão *que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam*, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

"*Os que falam em matérias que não entendem*, parecem fazer gala da sua própria ignorância" [MM].

"*O mais que entender*, é que estou apaixonado dele..." [LMen].

i)

para separar o pronome relativo de oração adjetiva restritiva do termo mais próximo, já que seu antecedente é o termo mais distante:
"O juiz tem de ser pontual no exame dos dados da informação, que [isto é, *os dados*] não lhe permitam erro ao aplicar a sentença" [MAl].

j) para separar as orações intercaladas:
"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

k) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:
"Eu mesmo, *até então*, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].
"mas, *como as pestanas eram rótulas*, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

l) para separar, nas datas, o nome do lugar:
Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

m) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:
"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].
Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

OBSERVAÇÃO: Concluindo uma sequência de possibilidades, a finalização com a abreviatura *etc.* permite o uso da vírgula antes deste termo, ainda que sua ausência não constitua erro.

n) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:
"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..." [MA.1, 87].

o) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:
Ele sai agora; eu, logo mais.

p) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercalar um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

“Estava tão agastado, *e eu não menos*, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata” [MA.1].

q) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:
“De todas as revoluções, *para o homem*, a morte é a maior e a derradeira” [MM].

Dois-pontos
Usam-se dois-pontos:

a) na enumeração, explicação, notícia subsidiária: [217]
Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.
“que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado” [MM].
“Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate” [M. de Maricá].

b) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:
“Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:
— Creio que o Damião desconfia alguma coisa” [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

“Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às súplicas de meu pai:
— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!” [MA.1, 75].

c) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:
“Explico-me: o diploma era uma carta de alforria” [MA.1, 71].

d) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:
"Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou para a alcova.
— Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].
"Senti que empalidecia; minhas mãos estavam geladas. Quis falar: não pude." [MA.6].

OBSERVAÇÃO: Não configura erro o uso sequencial de dois-pontos, desde que justificado o emprego: "O pirata fugia: a corveta deu-lhe caça: as descargas trocaram-se então mais fortes de ambos os lados" [AA.2].

Ponto e vírgula
Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:
"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) para separar as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:
"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial, para separar os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão
Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, dois-pontos, para assinalar uma expressão intercalada:

> "... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes — do último baile do Catete, da discussão das câmaras, de berlindas e cavalos —, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se

o travessão duplo:

> “Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças — uma largas calças de enfiar —, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta” [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

> “... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar — solidariedade do aborrecimento humano” [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo:

> “— Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
> — Cansado? perguntei eu.
> — Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...)” [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes

Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o fim da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

> “Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida” [RB].
> “A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento” (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CL].

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para

introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem ser usados os parênteses.

Aspas

De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat. ‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

> “— Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.
> — *Deus*...
> — Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].
> “Você já reparou Miloca, na ‘ganja’ da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de ‘beleza’ na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

> “Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém” [RB].
> “Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
> Claridade imortal, que toda a luz resume!”
> “Por que não nasci eu um simples vaga-lume?” [MA].

Alínea

Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave

A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco [218]

O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.**, *B.***, *L.****

OBSERVAÇÃO: No estilo moderno, em geral, em que os parágrafos são curtos, as possibilidades de sinais de pontuação ficam muito reduzidas. Parece que um tipo de redação moderna, como troca de mensagens eletrônicas, faz ressurgir a necessidade de emprego desse aparato de sinais de pontuação. Eis aí um campo fértil de pesquisa dos futuros trabalhos universitários.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística

A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação

Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a 'deformar' os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar". [219]

Estilística e Gramática

A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo*, mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica

Tem-se apresentado a Estilística também como a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:[220] "... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística

Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, têm preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar*, como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária*, que é da alçada do professor de

Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos

O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.[221] – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba*, que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego

estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a*, exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional."

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical

Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística

O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: “Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão”. [222]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A ESTILÍSTICA FÔNICA procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A ESTILÍSTICA MORFOLÓGICA sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

> Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

> Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

> paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais*, como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:
Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:
Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:
Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha*, Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu*, ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*:

"Feliz *serás* se como eu *sofreres*,
Dar-*te*-ei o céu em recompensa ao pranto"
Vós o dissestes. — E eu padeço tanto!...
Que novos trances preparar me *queres?* [CA]

6) *a criação de neologismos expressivos* com aproveitamento de todos os recursos do sistema morfológico da língua, como comprovam as formações lexicais do laboratório, por exemplo, de Guimarães Rosa e Mia Couto.

A ESTILÍSTICA SINTÁTICA procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;

2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;

3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.

4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A ESTILÍSTICA SEMÂNTICA pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:

Você é um *abacaxi.*
Aquele detetive é uma *águia*.
Essa aluna é *fera*.
Ele tem uns *bons* sessenta anos.

2) o emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

Dois exemplos de análise estilística

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no *eu* do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, como exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou--nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

> Tombou da haste a flor da minha infância alada,
> Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:

Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Da leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo

parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

"Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações". Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, "porque tinha medo do frio do jazigo", depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr'a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: "A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento". Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra "lua" tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma

incidência de estímulos psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso “lua”, nos versos de Nobre (“...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora”), sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

> Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
> Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
> Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma (“elas, porém, Senhor!”); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação (“elas não voltam mais”).

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

> De modo que me faça bom encosto,
> O travesseiro comporá com jeito,
> E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último “coquetismo” de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida”.

Jacinto do Prado Coelho (*A Educaçãodo Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*

... O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica,[223] a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontaneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus[224] onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)[225] onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgens que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.

Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que tomba, aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.

Cantai! cantai as límpidas cantigas
Das ruínas do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,

Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! [226]

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação

da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revistado Livro*,
no. 5, p. 71-73)

V – Noções elementares de versificação

> “La métrique est une science, mais c’est aussi un art. Le métricien doit connaître la technique du vers, maisil doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesseet du goût” (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa

Em sentido formal, chama-se ***poesia*** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em períodos uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor – que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento

Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação

É a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes

poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas” [BH.1, 431].

O **ritmo poético** que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;
2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);
3) cesura;
4) rima;
5) aliteração;
6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

1 – Número fixo de sílabas

Como se contam as sílabas de um verso

Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

> “É toda um hino: – esperança!” [CA.1, 97]

há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a

um, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: versos agudos, graves e esdrúxulos

Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) [227] por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪@.[228]

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos

Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) sinalefa; 4) elisão; 5) crase; 6) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

SINÉRESE ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-*

te-la, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

SINALEFA é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo ou tritongo com a vogal seguinte:

"E triste, e triste, e fatigado eu ∪ vinha" [OB] (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o) ∪ eu vinha (lido: /dew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

"Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria" [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como ∪ o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se ∪ em mágoas" [CA.1, 125].

“Durante a noite quando o ∪ orvalho desce” [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.[229]

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* (Homem, essa → Homessa) e na preposição *com*.

Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão, considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

“Co’as tranças presas na fita,
Co’as flores no samburá” [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso

Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.[230] Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

“Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte” [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

“E eu, fitando-a, abençoava a vida” [CA.1, 279], lido:

E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
“Ama-se a vida – a mocidade é crença” [CA.1, 144].
A / ma / se ⋃ a / vi / da ⋃ a / mo / ci / da / de é / cren / ça

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Expedientes mais raros na contagem das sílabas

Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:
“Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos” [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta / na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:
“Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco” [GD.3, I, 68].
“O céu era azul, / tão meigo e tão brando” [GD.3, I, 45].

São versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:
“Ninguém mais *observa* o tratado” [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.

"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número fixo de sílabas e pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado "Minha Vida e Meus Amores", ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

"Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo."

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

"Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou." [MB.1, II, 127].

Na poesia "A tempestade", Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente, conforme análise de Manuel Bandeira, uma aproximação gradual da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se aos poucos.

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento *-sílabo*: *mono-* (um só), *dis-* (dois), *tri-* (três), *tetra-* (quatro), *penta-* (cinco), *hexa-* (seis),

hepta- (sete), *octo-* (oito), *enea-* (nove), *deca-* (dez), *hendeca-* (onze), *dodeca-* (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*), *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*), *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*), *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heroico*), *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*, nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor).

Cesura

Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas

Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte (não esquecer que só se conta até a última sílaba tônica):

a) Monossílabos (raríssimos), como no seguinte exemplo:
"Vagas
Plagas,
Fragas,
Soltam
Cantos;
Cobrem
Montes,
Fontes,
Tíbios
Mantos" [FV].

b) Dissílabos:

“Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz” [GD.4, 229].

c) Trissílabos:
“Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,
Que se cora
De carmim” [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ◡ ∪ ◡
“O sol desponta” [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ◡
“Que entre verdores” [GD.4, 230].

3 – ∪ ∪ ∪ ◡
“Lá no horizonte” [GD.4, 230].

4 – ∪ ∪◡ ◡
“Salomé vinha” [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ∪ ∪ ∪ ◡
“Gados que pasceis” [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ◡ ∪ ∪◡
“Um ponto aparece” [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ◡ ∪ ◡
“Não sou eu tão tola” [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ◡ ∪◡ ∪◡
“Não solta a voz canora” [GD, *ibid*.].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪∪
“Que um canto d’inspirado” [*Id*., *ibid*.].
3 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪∪
“Como é fundo o sentir” [CA *apud* SA.3, 33].
4 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪
“Pois permite e consente” [LC *apud* SA.3, 32].
5 – ∪ ∪ ∪ ∪∪ ∪ ∪
“Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim” [JD *apud* SA.3].
6 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪∪
“E à luz do luar incerto” [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪∪ ∪
“Cresce a chuva, os rios crescem” [GD, *ibid*.].
2 – ∪∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪
“Fogem do vento que ruge” [*Id*., *ibid*.].
3 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪∪ ∪
“Ardendo na usada sanha” [*Id*., *ibid*.].
4 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪∪
“Como ovelhas assustadas” [*Id*., *ibid*.].
5 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪
“Que da praia arreda o mar” [*Id*., *ibid*.].
6 – ∪ ∪∪ ∪∪ ∪ ∪∪
“É já torrente bravia” [*Id*., *ibid*.].
7 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪∪
“Grossos troncos a boiar”
8 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪
“Aqui nestas redondezas” [VC *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪
“Demônios mil, que, ouvindo-as, digam” [RC *apud* SA.3, 39].
2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪∪∪

“Sabes tu de um poeta enorme” [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡ ∪ ◡ ∪ ∪◡∪ ◡

“Roxas, brancas, rajadas, pretas” [*Id*., *ibid*.].

4 – ∪◡ ∪ ∪ ◡∪ ∪◡

“Deixando a palhoça singela” [*Id*., *ibid*.].

5 – ∪ ∪ ∪◡∪ ∪ ∪◡

“São Bom Jesus de Matozinhos” [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ∪ ∪ ◡∪ ∪ ∪ ∪◡

“Querem vê-lo no seu altar” [*Id*., *ibid*.].

7 – ∪ ∪ ∪ ∪ ◡∪ ∪ ◡

“Para ficar perto dos ninhos” [*Id*., *ibid*.].

8 – ◡∪ ∪◡ ∪ ◡∪◡

“Alto, porém, tão alto soa” [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ◡∪ ∪ ◡∪ ∪ ◡

“E no túrgido ocaso se avista” [GD, *op*. *laud*.]

2 – ∪ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ∪ ◡

“Além, nos mares tremulamente” [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ◡ ∪ ∪ ∪◡∪ ∪ ◡

“Da cor de uma menina sem vida” [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ◡ ∪ ∪◡ ∪ ◡∪ ∪ ◡

“Pobres de pobres são pobrezinhos” [GJ *apud* SA.3, 42].

5 – ◡ ∪ ∪◡∪ ∪ ◡ ∪ ◡

“Dei-me ao relento, num mar de lua” [RC *apud* SA.3].

6 – ∪ ◡ ∪ ◡∪ ∪ ◡ ∪ ◡

“Também outrora num mar de lua” [*Id*., *ibid*.].

7 – ◡ ∪ ∪ ∪◡∪ ∪ ∪ ◡

“Pobre lua nova, tão pequena” [AG *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪◡ ∪ ∪ ∪◡ ∪ ◡

“Um som longínquo cavernoso e oco” [GD, *ibid*.].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡

“Eis outro inda mais perto, inda mais rouco” [*Id*., *ibid*.].

3 – ∪◡ ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡

“Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco” [*Id*., *ibid*.].

4 – ◡ ∪ ∪ ∪ ∪ ◡∪ ∪ ∪◡

“Rasga-se o negro bojo carregado” [*Id*., *ibid*.].

5 – ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪◡

“E enquanto a luz do raio o sol roxeia” [*Id*., *ibid*.].

6 – ∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡

“Das ruínas completas o grande estrago” [*Id*., *ibid*.].

7 – ∪ ∪ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ◡

“O sonho passou. Traz magoado o rim” [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪◡ ∪ ◡ ∪ ∪◡

“Magoada a cabeça exposta à umidade” [*Id*., *ibid*.].

9 – ∪ ∪ ∪ ◡∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡

“Doce repouso de minha lembrança” [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ◡∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡

“Nos últimos cimos dos montes erguidos” [GJ.1, 117].

2 – ◡ ∪ ∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡ ∪ ∪ ◡

“Ai! há quantos anos que eu parti chorando” [*Id*., *ibid*].

3 – ∪ ∪ ∪ ∪◡∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ◡

“Deste meu saudoso, carinhoso lar!...” [*Id*., *ibid*.].

4 – ∪ ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ∪ ∪ ◡ ∪ ◡

“Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!...” [*Id*., *ibid*.].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ◡∪ ∪◡ / ∪ ∪◡ ∪ ∪◡

“Já não fala Tupã no ulular da procela” [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ◡ ∪ ◡ ∪ ◡/ ∪ ◡∪◡∪◡

“E espalham tanto brilho as asas infinitas” [*Id*., *ibid*.].

3 – ∪ ∪ ◡ ∪ ∪◡ / ∪ ◡ ∪ ◡ ∪◡

“Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava” [*Id*., *ibid*.].

4 – ∪ ◡∪ ◡ ∪ ◡ / ∪ ∪◡ ∪ ∪ ◡

“Teu pé também deixou um sinal neste solo” [*Id*., *ibid*.].

5 – ◡ U U ◡ U U / ◡ U U ◡ U ◡

“Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia” [*Id*., *ibid*.].

6 – ◡ U U ◡ U ◡ / U ◡ U ◡ U ◡

“Súbito a nota extrema anseia, treme, rola” [CAlv.1, I, 115].

7 – ◡ U U ◡ U ◡ / U U ◡ U U ◡

“Noiva que espera o noivo e suspira em segredo” [OB *apud* SA.3].

8 – U ◡ U ◡ U ◡ / ◡ U U ◡ U ◡

“Em torno a cada ninho anda bailando uma asa” [*Id*., *ibid*.].

9 – U U ◡ U U ◡ / ◡ U U ◡ U ◡

“Vês com olhos do céu cousas que são do mundo” [MA, *ibid*.].

10 – ◡ U ◡ U U ◡ / ◡ U ◡ U U ◡

“Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora” [*Id*., *ibid*.].

11 – ◡ U ◡ U U ◡ / ◡ U U ◡ U ◡

“Casa, rico jardim, servas de toda a parte” [*Id*., *ibid*.].

12 – ◡ U ◡ U U ◡ / U ◡ U ◡ U ◡

“Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio” [OB, *ibid*.].

13 – ◡ U ◡ U U ◡ / U U ◡ U U ◡

“Passa um velho judeu, avarento e mesquinho” [GJ, *ibid*.].

“A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da cesura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos”. [231]

3 – Rima: perfeita e imperfeita [232]

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

> "Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
> Pedia um respirar;
> No meio do meu peito
> Me deito a descansar.
>
> Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
> Repouso ali mantém;
> Luz como a de espessura
> Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

> "És engraçada e formosa
> Como a rosa,
> Como a rosa em mês d'abril;
> És como a nuvem doirada
> Deslizada,
> Deslizada em céus d'anil" [GD.3, 59].

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre

semifechado:
“Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– “Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!”
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme” [MA].

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:
“Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*” [CA.1, 194].

“As vagas *murmuram*...
As folhas *sussurram*” [AA]

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:
“De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi*” [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).
“Além, além nas árvores tranquilas
Uma voz acordou como um suspiro” [AA].

Rimas consoantes e toantes

A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vagalume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas

Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

a distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares). Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados. Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas

Raia, sanguínea e fresca, a madrugada” [RC].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o 3.º rima com o 6.º, enquanto o 1.º rima com o 2.º, e o 4.º com o 5.º. Correspondem ao esquema *aabccb*:

“Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá!” [CA].

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

“É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
“Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
“Oh! Minh’amante, onde estás?...” [CA].

4 – Aliteração

É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de um desejo de uma harmonia imitativa.

“A juruti suspira sobre as folhas secas” [CA].
“É a perda dura dum futuro inteiro” [*Id*.].
“Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas” [CS].

5 – Encadeamento

Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

> "No entanto este *motivo escondido existe*.
> Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
> Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)

> "*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
> *Pensei* nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)

> "No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
> Depois foi descendo uma sombra indistinta,
> Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
> .....
> No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

> "O mostrengo que está no fim do mar
> Na noite de breu ergueu-se a voar;
> À roda da nau voou três vezes,
> Voou três vezes a chiar,
> E disse: '*Quem é que ousou entrar*
> *Nas minhas cavernas que não desvendo,*
> *Meus tetos negros do fim do mundo?*'
> E o homem do leme disse, tremendo:
> 'El-Rei Dom João Segundo!'

> '*De quem são as velas onde me roço?*
> *De quem as quilhas que vejo e ouço?*'
> Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
> Três vezes rodou imundo e grosso:

‘*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?’
E o homem do leme tremeu, e disse:
‘El-Rei Dom João Segundo!’” [FP].

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*), *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de sete e nove versos não têm nome especial.

8 – Verso de ritmo livre

“O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares” [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular.

9 – Recitação ou declamação

“A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos

versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar” [AN.1, V, 108].

ABREVIATURA DE AUTORES E OBRAS CITADAS

[AA]	Álvares de Azevedo
[AA.1]	*Obras de Álvares de Azevedo.* Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1862.
[AA.2]	"Bertram". In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos.* Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
[AAr]	Afonso Arinos
[AAr.1]	*Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.
[AAr.2]	*História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.
[AAz]	Aluísio Azevedo
[AB]	Andreas Blinkenberg
[AB.1]	*L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.
[ABo]	Amini Boainain Hauy
[ABo.1]	*Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.
[AC]	Antônio Feliciano de Castilho
[AC.1]	*Tradução dos Fastos de Ovídio*, 3 vols. Lisboa, 1862.
[AC.2]	*Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.
[AC.3]	*As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.
[AC.4]	*Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.
[AC.5]	*Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio*, 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACor] Dom Aquino Correia

[ACor.1] *Discursos*.

[ACou] Afrânio Coutinho

[ACou.1] *Correntes cruzadas*.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AD] Autran Dourado

[AD.1] "Os mínimos carapinas do nada". In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos.* Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício.* In *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AGu] Alcindo Guanabara

[AGu.1] *Discursos fora da Câmara*. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1911.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878.

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramática de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AMB] Artur de Magalhães Basto

[AMM] Ana Maria Machado

[AMM.1] *Tropical sol da liberdade*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 1*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[AMM.2] *A audácia dessa mulher*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 2*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[AMM.3] *Palavra de honra*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 2*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[AMM.4] *Alice e Ulisses*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 1*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[AMM.5] *Balaio: livros e leituras*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 2*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[AMM.6] *Aos quatro ventos*. In *Ana Maria Machado: Obra reunida, volume 1*. Org. Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio de Janeiro, 1919. 3.ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim das Tormentas*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[ASu] Ariano Suassuna

[ASu.1] *Auto da Compadecida.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. I. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAlv] Castro Alves

[CAlv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino. In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CCo] Carlos Heitor Cony

[CCo.1] *A volta por cima.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014. 6ª. ed.

[CCo.2] *Quase memória.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014. 29ª. ed.

[CCo.3] *Vera verão.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014. 3ª. ed.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLi] Clarice Lispector

[CLi.1] *A hora da estrela.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CPi] José Cardoso Pires

[CPi.1] *O Delfim.* Lisboa: Moraes Editores, 1968.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ª ed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905.

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[CSi] Alberto da Costa e Silva

[CSi.1] *A manilha e o libambo*: *A África e a escravidão de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[DR] Darcy Ribeiro.

[DR.1] *Maíra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984. 7ª. edição.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBc.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[EC.2] *Um paraíso perdido*: reunião de ensaios amazônicos. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção Brasil 500 anos)

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.

[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EMa] Eduardo Martins

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friedrich Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FM] Fernão Mendes Pinto

[FM.1] *Peregrinação*, Livraria Ferreira Editora, 4v., Lisboa, 1908-1910.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FS] Ferdinand de Saussure

[FS.1] *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bailly et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1995 [1916].

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GA] Graça Aranha

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JAl] João Alphonsus

[JAl.l] "Eis a noite!". In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos*. Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético, Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLu] José Luís de Oliveira.

[JLu.1] *Nomenclatura gramatical brasileira.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1965.

[JLy] John Lyons

[JLy.1] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JMt] Josué Montello

[JMt.1] *O Juscelino Kubitschek de minhas recordações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

[JN] Joaquim Nabuco

[JN.1] *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Rev. Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JRi] Júlio Ribeiro

[JS] José Saramago

[JU] João Ubaldo Ribeiro

[JU.1] *O conselheiro come.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2007.

[JU.2] *Diário do Farol.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

[JU.3] *Miséria e grandeza do amor de Benedita*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

[JU.4] *A gente se acostuma a tudo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

[JU.5] *O albatroz azul*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos)

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LMen] Lúcio de Mendonça

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSo] Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista, Rodrigo Pimentel

[LSo.1] *Elite da tropa 2*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] “Le Langage-éco”. In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Editora Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Editora Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *Dom Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MA.10] *Poesias Completas.* Editora Civilização Brasileira.

[MA. 11] *Balas de Estalo*, Org. Heloisa Helena Paiva De Luca. S. Paulo, Anna Bluma, 1998.

[MA. 12] *Iaiá Garcia*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A./Brasília: INL, 1975. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 3).

[MA. 13] *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A./Brasília: INL, 1975. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 6).

[MA. 14] *A Semana: crônicas (1892-1893)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

[MA.15] *Helena*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1975. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 2).

[MA.16] *Ressurreição*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A./Brasília: INL, 1977. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 8).

[MA.17] *Histórias da meia noite*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A./Brasília: INL, 1975. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis, v. 4).

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAl] Mário de Alencar

[MAm] Marcos Almir Madeira

[MAm.1] *Obra e exemplo de Oliveira Vianna*

[MAn] Mário de Andrade

[MAn.1] *Amar, verbo intransitivo*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.

[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.8] *Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1903.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBr.2] *Causeries sur l'Orthographie française*, nouv. ed., Paris, Hachette, 1893.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, Rio de Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MC.9] *Problemas de linguística descritiva*. 6.ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

[MC.10] *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[ML.2] "O colocador de pronomes". In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos.* Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

[ML.3] *Serões de Dona Benta.* São Paulo: Montecristo Editora, 2019.

[ML.4] "O comprador de fazendas". In *Os melhores contos brasileiros de todos os tempos.* Org. Flávio Moreira da Costa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer-Lübke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MN] Max Niedermann

[MN.1] Précis de *Phonétique historique du latin*, avec um avant-propos par Antoine Meillet. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1906.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MRe] Marques Rebelo

[MRe.1] *Contos Reunidos*.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NR] Nelson Rodrigues

[NR.1] *A vida como ela é*... Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente*. Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL.1] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos.

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCa] Ricardo Cavaliere

[RCa.1] *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1995.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RF] Rubem Fonseca

[RF.1] *Bufo & Spallanzani*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011. 10.ª ed.

[RF.2] *A grande arte*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010. 13.ª ed.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873.

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RT.3] *Gramática derivacional do português*. RT et alii. Coimbra, Imprensa da Univ. de Coimbra, 2013.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SLn.] Simão Lopes Neto

[SLn.1] *Contos gauchescos e lendas do sul*, ed. Fischer.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* n.º 22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Filosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VM] Vinicius de Moraes

[VM.1] *Novos poemas* (*II*). In *Vinicius de Moraes: obra reunida*, volume 1. Org. Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015

[VM.2] *A arca de Noé*. In *Vinicius de Moraes: obra reunida*, volume 1. Org. Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[VM.3] *Para viver um grande amor*. In *Vinicius de Moraes: obra reunida*, volume 1. Org. Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

[VV] Veikko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malkiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canarias, 1958.

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editoras responsáveis
Janaina Senna
Shahira Mahmud

Produção editorial
Adriana Torres
Luisa Suassuna

Revisão
Ana Grillo
Beatriz D'Oliveira
Eduardo Carneiro
José Grillo
Luiz Felipe Fonseca
Fatima Amendoeira Maciel
Thais Entriel

Diagramação
Filigrana

Produção de ebook
S2 Books

[1] No excelente *Dicionário de Filologia e Gramática* do saudoso e competente linguista Mattoso Câmara, é possível entender a complexidade da questão em face dos diversos conceitos aplicados a dialeto: “Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são línguas regionais que apresentam entre si coincidências de traços linguísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos.” Também, segundo Mattoso, a este conceito linguístico se acrescenta um conceito extralinguístico de ordem psíquica, social ou política, isto é, “a existência de um sentimento linguístico comum”.

[2] E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

[3] Por convenção, transcrevem-se os fonemas entre barras inclinadas e os alofones entre colchetes.

[4] Os alofones africados dos fonemas /t/ e /d/, transcritos, respectivamente, como [tS] e [dS], são comumente identificados como típicos da pronúncia do Rio de Janeiro, embora já se tenham disseminado por várias regiões linguísticas brasileiras.

[5] Muitos falantes articulam tais sons na região dos alvéolos, de que resulta considerá-los alveolares.

[6] Entretanto, do ponto de vista didático, as denominações *vogal tônica* e *vogal átona* cumprem relevante papel simplificador no ensino do português em nível básico.

[7] Torna-se dispensável a classificação das vogais em arredondadas e não arredondadas, visto que, em português, somente as vogais posteriores são arredondadas. Em outros termos, não há em português pares mínimos (= duas sequências fônicas que se distinguem por apenas um fonema) decorrentes do traço de arredondamento dos lábios.

[8] Chamamos de *arquifonema* a abstração decorrente da neutralização entre dois ou mais fonemas, com permanência apenas dos traços distintivos comuns.

[9] Segundo Mattoso Câmara Jr., o português não tem propriamente vogal nasal, senão uma vogal oral “fechada por consoante nasal” /m/, /n/ ou // que se neutralizam fonologicamente. A neutralização é representada pelo arquifonema nasal /N/ [MC.9, 30].

[10] A tradição gramatical denomina “papel das cordas vocais”.

[11] A tradição gramatical denomina “papel das cavidades bucal e nasal”.

[12] A tradição gramatical refere-se a este som como *vibrante simples* ou *vibrante alveolar*. A rigor, não há vibração no tepe, pois sua articulação implica um único e rápido toque do ápice da língua na região alveolopalatal.

[13] A consoante retroflexa é conhecida popularmente como “r caipira”. Sua ocorrência é típica das regiões interioranas do Sudeste, do Sul e do Centro-Oeste.

[14] Muitos falantes articulam este fone com traço alveolar.

[15] Perante qualquer vogal, inclusive /i/, nos estados do Nordeste brasileiro.

[16] Idem.

[17] Apenas perante /i/ na maior parte das regiões linguísticas brasileiras.

[18] Idem.

[19] Típica da pronúncia do Rio de Janeiro. Em travamento silábico, ocorre mais comumente no Rio de Janeiro uma consoante fricativa glotal desvozeada – também denominada “rótico aspirado” – que se transcreve foneticamente com o símbolo [h].

[20] Muitos falantes articulam este fone com traço alveolar.

[21] Predominante no interior dos estados do Sul.

[22] Típico das regiões interioranas do Sudeste, do Sul e do Centro-Oeste.

[23] O português, como tantas outras línguas, apresenta, quanto à estrutura, **sílabas abertas**, cujo último elemento é vocálico, e **sílabas travadas**, cujo último elemento é consonantal. Assim, em *calor*, a primeira sílaba é aberta, porque termina no [ɑ] pretônico, e a segunda é travada, pois é cerrada pela consoante /{/.

[24] Chamamos de *epêntese* o desenvolvimento de um fonema no interior de um vocábulo. Por exemplo: p**e**neu – pneu (trata-se aqui de uma vogal epentética).

[25] A realização fonética dessas consoantes condiciona-se à variação de uso linguístico em plano diatópico.

[26] Conforme visto no estudo dos ditongos, a lateral /l/, em posição pós-vocálica, sofre vocalização para /w/ na maior parte das regiões linguísticas do Brasil.

[27] Se, acompanhando a proposta de Mattoso Câmara Jr., acatarmos a tese do arquifonema nasal, haveremos de incluir no grupo o arquifonema /N/.

[28] Normas aprovadas pelo Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, realizado em Salvador de 5 a 12 de setembro de 1956. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958, p. 479-495.

[29] Esta pronúncia é preferível à com /v/, embora muito pouco divulgada no Brasil.

[30] Destas últimas não exemplifica a *NGB*.

[31] Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

[32] Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

[33] Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

[34] Conhecem-se poucas exceções, entre outras: *Santo Tirso*, *Santo Tomás de Cori*, *Santo Cristo*, *Santo Deus*, *Santo Serapião*. Se entre santo e o nome próprio se interpõe uma palavra, não ocorrerá a redução: *S. Frei Gil* ler-se-á *Santo Frei Gil*.

OBSERVAÇÃO: Em se tratando de plural alusivo a santos diferentes, usa-se apenas a forma *santos*: *Santos* Cosme e Damião (ou *São* Cosme e *São* Damião).

[35] Epifania: festa dos reis magos.

[36] E. Coseriu [ECs.7, 136-138; ECs.15, 20-21].

[37] E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

[38] E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

[39] E. Coseriu [ECs.7, 59].

[40] E. Coseriu [ECs.15, 20].

[41] E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

[42] Mattoso [MC.4, s.v.].

[43] "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos / femininos, tais como *irmão* / *irmã*, *noivo* / *noiva*, *gato* / *gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa* / *casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto* / *alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo* / *loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco* / *barca*, *saco* / *saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

[44] "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos* / livrus pretus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

[45] *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis*, *feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

[46] Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |:
| funiu | - | funis |.

[47] Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

[48] [ECS. 1,11n. 172.]

[49] Rejeita-se, sem razão, o plural *guarda-marinhas.*

[50] Uma lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou

feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome.”

[51] Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo (Ö 372) em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

[52] *Ladra* não efetiva a flexão feminina morfológica de *ladrão.* Suas flexões são *ladroa* e *ladrona*.

[53] Também grafado: tzar – tzarina.

[54] Mais modernamente, usa-se a forma *poeta* aplicada a *poetisa*.

[55] Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc.

[56] “O argumento que mais influía no ânimo de todos, o que devera ter afastado a ideia de semelhante viagem, era o perigo de afrontar *o cólera-morbus* [...].” [MA. 13].

[57] O substantivo *personagem* é de dois gêneros. Podemos dizer *a personagem* ou *o personagem* tanto para o sexo masculino quanto para o feminino: *a personagem* Bentinho ou *o personagem* Bentinho; *a personagem* Capitu ou *o personagem* Capitu.

[58] Elefoa e aliá, apesar de forte tradição gramatical e lexicográfica, não gozam hoje de aceitação geral, devendo, assim, ser evitados, pela pouca documentação.

[59] Rio-Torto, *Sistêmica*, 203-227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

[60] [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

[61] A melhor forma seria *isóscele*, pois o *-s* final é desnecessário.

[62] “ O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela” [DG.1, 362].

“A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era *precaríssima*” [MB.1, 778].

[63] É válido o comentário de Coseriu: “(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p.ex. ‘Leram *o* livro? Estou vendo *o* mapa’), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais” [ECs.1, 300 n.36].

[64] Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

[65] “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= ‘eu’, ‘a gente’, impessoalizador) não sabe o que fazer.” “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais ‘aquela moça’, e sim ‘aquela senhora’ (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

[66] Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração ‘ad oculos’, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

[67] [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

[68] “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para ‘eu’ e ‘nós’ (e também para ‘tu’ e ‘vós’) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a ‘eu’ contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários ‘eus’ concebidos pelo próprio ‘eu’ que fala, é porque ‘nós’ não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o ‘eu’ e o ‘não eu’, seja qual for o conteúdo desse ‘não eu’. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em ‘nós’ é sempre ‘eu’ que predomina, uma vez que só há ‘nós’ a partir de ‘eu’ e esse ‘eu’ sujeita o elemento ‘não eu’ pela sua qualidade transcendente. A presença do ‘eu’ é constitutiva de ‘nós’” [EBv.I, 256].

O plural de ‘eu’ como ‘mera palavra’ ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural ‘eus’:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...)” [RCo.1, 164].

[69] Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

[70] Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático, Fernão de Oliveira (1536), tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*) e o erudito artigo de

Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

[71] *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: "E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou "*Que é lá*?" [EQ.3, 663].

[72] Coseriu [ECs.4, 211-212].

[73] No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512]; e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

[74] A forma *lhe* servia tanto para o singular como para o plural até o séc. XVIII.

[75] Esse *l* estava nas antigas formas do pronome pessoal *lo*, *la*, *los*, *las*, que provocara assimilação do *s* do pronome anterior: nos + la ß no(s) + la ß no-la.

[76] Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: "*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***", emendada para: "A fortuna do pai passa-lhe ao filho." Para Carneiro Ribeiro a emenda torna "o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida" [CR.2, 586].

[77] Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

[78] Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

[79] A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "*Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif*" [FBl.1, § 186].

[80] "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de 'algo' concreto e até material" [HCv.3, 656, n. 93].

[81] [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. pág. 333, a]

[82] É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

[83] A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco (Ö 83).

[84] As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

[85] "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores, e assim por diante" [MC.4, 178].

[86] Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja-se páginas 309 e 310.

[87] Moderna e normalmente o verbo *parir* está incluído neste grupo: Pres.: *parimos*, *paris*. Pret. imperf.: *paria*(*s*). Pret. imperf. subj.: *parisse*, etc. Fut. pres. ind.: *parirei*, etc. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. ind. e em todo o pres. subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem*. Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*.

[88] Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. pág. 367).

[89] Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema*, *parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148, n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modotemporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

[90] Cuidado especial hão de merecer estas desinências (*-ste*, singular, e *-stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a *-stes* (singular) e *-steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

[91] No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

[92] A 1.ª pessoa do singular no imperativo existe na língua, embora seja pouco usada.

[93] Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se a pág. 282.

[94] O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem* são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

[95] Com *m* final, e não com *n*.

[96] Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

[97] Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois (Ö 611).

[98] Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

[99] Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

[100] Recorde-se que o *s* final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

[101] Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo*, *engoles*, *engole*, *engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

[102] O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo*, *entupes*, *entupe*, *entupimos*, *entupis*, *entupem.*

[103] Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo*, *foges*, *foge*, etc.

[104] Conjugam-se, porém, regularmente *assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir*.

[105] Significa *originar*, *produzir efeito.* Como *surtir* são também regulares *curtir* e *urdir*.

[106] Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

[107] Coseriu [ECs.9, 143], que cita Togeby: "*Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées.*"

[108] [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

[109] A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

[110] [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

[111] Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

[112] [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

[113] [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

[114] Embora *segundo* e *conforme* se acompanhem de pronome reto de 1.ª e 2.ª pessoa, em geral se prefere usar: *segundo meu parecer*, por exemplo, ao lado de *segundo eu*.

[115] Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A *NGB* não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

[116] Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinque, 1951.

[117] "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

[118] O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

[119] Parecem, à primeira vista, constituir exceção formas como *portuguesmente*, *-superiormente*, mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

[120] Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryes, GC, §§ 237-238.

[121] M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental*, *labionasal*, *linguodental*, etc., em vez de *labidental*, *labinasal*, *linguidental*, etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino*, *dento-labial*, *anglo-russo*, *hispano-americano*, etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p. 207), *alvinitente*, *altíssono*, *lanígero*, *flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio*, *burricida*, etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

[122] A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá*, *pau*, *café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro* [VK.2, 37-38].

[123] Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253, E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução) e, mais recentemente, a substancial contribuição de Rio-Torto *et alii*, *Gramática derivacional do português*.

[124] O ar vernáculo é tal que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

[125] Kehdi, *Morfologia*, 42; Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

[126] Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology*, 1972, 72.

[127] Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

[128] Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

[129] [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

[130] Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 e ss.

[131] É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau de prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

[132] Atenção especial merece a grafia de palavras em que só cabe *-(i)dade*: *interdisciplinaridade*, e não *inter-disciplinariedade*; *hilaridade* e não *hilariedade*.

[133] Se a palavra primitiva é masculina e termina em *-a*, este *a* se mantém quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*: *o Maia → o Mainha*. Se o nome singular termina em *-s*, a regra é a mesma: o *Jarbas* → o *Jarbinhas*. Da mesma forma, o *-o* se mantém se é feminino em *-o*: a *Carmo* (Maria do) → a *Carminho*; a *Socorro* → a *Socorrinho*; a *Rosário* → a *Rosarinho*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha). Para os substantivos comuns, procedemos da mesma forma: o *cometa* → o *cometinha*; o *poema* → o *poeminha*; a *foto* → a *fotinho*; a *moto* → a *motinho*.

[134] Cf. [VB.1].

[135] *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

[136] "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semideuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

[137] O prefixo *in-* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui, em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato*, *indelicado*, *indouto*, *impolido*, *inverídico*, *imerecido*, *inativo*.

[138] Alguns autores só consideram verdadeiros derivados prefixais se, com a eliminação do prefixo, resta uma forma livre: *re(meter)*, *re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor*, *aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer = pre + dizer*, *desconsolo + des +*

consolo); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão*, *elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

[139] Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

[140] Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

[141] Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

[142] Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

[143] Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro, que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

[144] Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em *Revista Brasileira de Filologia*, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

[145] "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

[146] A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

[147] Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo" [Ö 370]), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

[148] Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante (Ö 474).

[149] Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

[150] [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

[151] [PD.1, 51].

[152] Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

[153] Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

[154] Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça*, *quem espera sempre alcança*, servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de 'homem (ou mulher) que', 'alguém que', sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que*, expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* 'por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente'. Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-115].

[155] Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração como principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água.*

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

[156] A este José Oiticica denominava de *exclamação*.

[157] Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

[158] Cf. O. Moacir Garcia, onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

[159] Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-183].

[160] O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*" (LESSING).

[161] Pode ainda aqui faltar o *tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido. (Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.)

[162] Hoje raro.

[163] Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchungen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, n.º 4.

Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120; Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91, consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

[164] Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

[165] Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

[166] Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

[167] Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

[168] Com razão insiste Adolfo Coelho: "Não deve nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos" [ACo.1, 121, nota].

[169] Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

[170] Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss.; LSp.2]

[171] Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

[172] Melhor fora pontuar: que, a ser verdadeiro, devia...

[173] Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

[174] Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs.]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

[175] Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

[176] Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*." Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*..."

[177] Curso dado no Inep, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições (Ö 50).

[178] F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

[179] Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

[180] "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

[181] Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?*. Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2.ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. – *Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência*. – Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso, o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não aceitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3.ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (*Id.*, *Maria Moisés*, 1.ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se

quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. – Indaga-me tu *que* poderá ela ter. – Pergunta-lhe *que* tem. – Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir" (*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

[182] Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

[183] Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

[184] Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3.ª ed.]: "É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial."

Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

[185] Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático, E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) – ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: 'Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc.' Havia de dizer: 'Vindo Frei Domingos, etc.' (Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-305). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: **"**Vindo o servo de Deus de Tortosa para Valença..." (III, 492).

[186] Comenta com razão Sousa da Silveira [SS.3, 251]: "O possessivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de 'o nosso Basílio e Durão' e o pesado de 'o nosso Basílio e nosso Durão'." Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" [MA.5, 88].

[187] Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

[188] Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las*" [JR].

[189] O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: “Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo” [CBr.3, II, 167].

[190] Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. p. 615.

[191] Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

[192] Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: “À força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.ª e 2.ª pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*” (*op. laud.*).

[193] Pode dar-se a omissão de *um*: “Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda” [MA.4].

[194] Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se, entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: “Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)”. E acrescenta: “Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final”. Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: “Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!” (*Sintaxe de Regência*, 124).

[195] Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da

língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

[196] Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

[197] Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259.

[198] Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744.

[199] Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-31, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933, 457, obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963, 354.

[200] A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação. Por exemplo, considera-se errônea a construção “aumentar *de* cinco quilos” (por “aumentar cinco quilos”), mas está correto o uso em “aumentar *de* peso”.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

[201] “No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*” [AN.1, 38].

[202] Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de “namorar”, “tratar intimamente”.

[203] Ou cumprir simplesmente.

[204] Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

[205] No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

[206] No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

[207] *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

[208] É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

[209] Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Paguei *a conta* ao garção.

[210] É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo, prefiro o teatro ao cinema*.

[211] O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

[212] No sentido de *estimar, querer bem*.

[213] *Sito na rua tal, no largo tal* e não *à rua*.

[214] Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

[215] Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

[216] Não se põe vírgula nas expressões enfáticas *sim senhor, não senhor*: "A infelicidade deu um pulo medonho: notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, *sim senhor*"[GR].

[217] A imprensa moderna usa e abusa dos dois-pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

[218] Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

[219] J. Mattoso Câmara Jr., "Noções de Estilística" in *Littera*, n.º 2, 91.

[220] *Matéria y Forma en Poesia*, 103-104.

[221] No artigo citado.

[222] *Le Langage et la Vie*, 100.

[223] Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.

[224] *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa, 1902, vol. I, 234.

[225] Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, Londres, 1954; p. 186 ss.

[226] Antônio Nobre, *Só*, 3.ª ed. (Aillaud e Bertrand), 1913, p. 120.

[227] É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

[228] O emprego antigo e ainda corrente do *macro* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

[229] "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

[230] “(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica” [HCv.2, II, 464 n. 33].

[231] O. Bilac - G. Passos, *Tratado de Versificação*, 68-69.

[232] Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*. *Branco* aqui é “uma tradução falsa, tradicionalmente aceita, do inglês *blank* ‘pálido’, ‘sem brilho’” [MC].

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

Moderna Gramática Portuguesa

Bechara, Evanildo

9788520930496

672 páginas

Compre agora e leia

Com a evolução dos estudos linguisticos e das pesquisas em lingua portuguesa, há muito não saia uma gramática completa que pudesse dar conta deste progresso. Esta lacuna é agora preenchida pela edição da Moderna Granatica portuguesa, do prof Evanildo Bechara, revista e atualizada tambem na gráfica, pelo autor, eminente estudioso e pesquisador de nosso idioma, e representante da Academia Brasileira de Letras no novo Acordo Ortografico.

Compre agora e leia

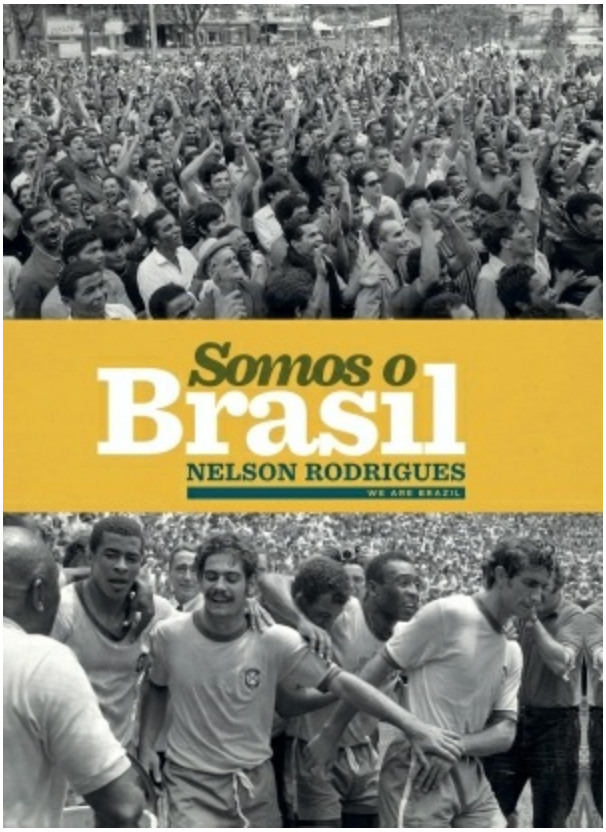
Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

Compre agora e leia

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL

EDITION

Compre agora e leia

RUBEM
FONSECA
Calibre 22

Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

Compre agora e leia

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certeiros de um autor do mais alto calibre.

Compre agora e leia

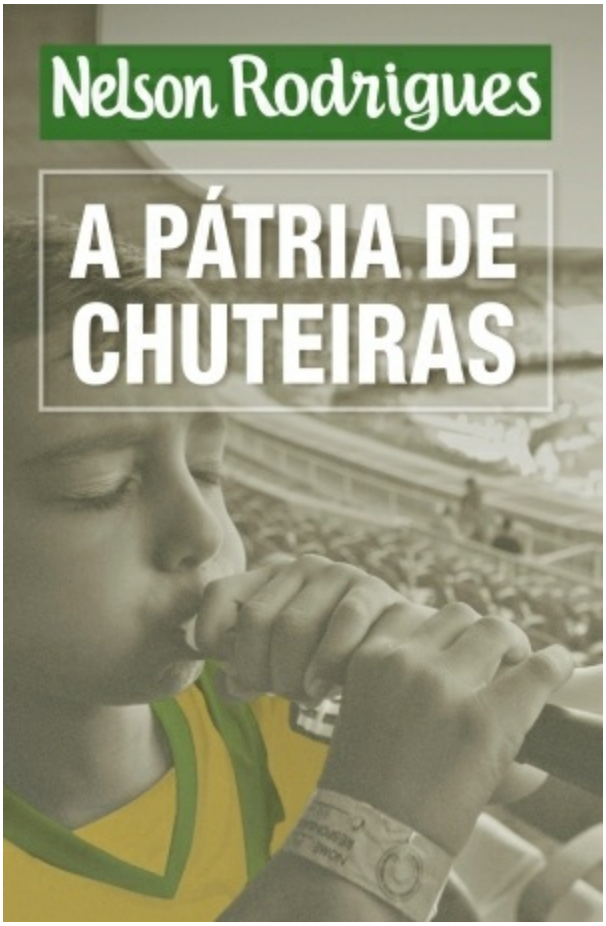
Nelson Rodrigues
A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

Compre agora e leia

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."Nelson RodriguesNelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

Compre agora e leia

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Auto da compadecida

Suassuna, Ariano

9788520942833

208 páginas

Compre agora e leia

O "Auto da Compadecida" consegue o equilíbrio perfeito entre a tradição popular e a elaboração literária ao recriar para o teatro episódios registrados na tradição popular do cordel. É uma peça teatral em forma de Auto em 3 atos, escrita em 1955 pelo autor paraibano Ariano Suassuna. Sendo um drama do Nordeste brasileiro, mescla elementos como a tradição da literatura de cordel, a comédia, traços do barroco católico brasileiro e, ainda, cultura popular e tradições religiosas. Apresenta na escrita traços de linguagem oral [demonstrando, na fala do personagem, sua classe social] e apresenta também regionalismos relativos ao Nordeste. Esta peça projetou Suassuna em todo o país e foi considerada, em 1962, por Sábato Magaldi "o texto mais popular do moderno teatro brasileiro".

Compre agora e leia

José Carlos de Azeredo

Fundamentos de Gramática do Português

5ª reimpressão

ZAHAR

Copyright © 2000, José Carlos de Azeredo

Copyright desta edição © 2010:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

1ª edição: 2000
2ª edição revista: 2010
5ª reimpressão: 2014

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Carol Sá e Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Azeredo, José Carlos de
A985f Fundamentos de gramática do português/José Carlos
2.ed. de Azeredo. — 2.ed. rev. — Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Apêndice
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7110-557-7

1. Língua portuguesa — Gramática. I. Título.

CDD: 469.5
10-1343 CDU: 811.134.3'36

PARTE I
Natureza, Estrutura e Funcionamento da Linguagem

O Homem, a Linguagem e o Conhecimento

Linguagem • traço definidor da natureza humana

1. Em uma conhecida passagem do romance *Vidas secas*, Graciliano Ramos retrata as dificuldades de seu personagem principal, Fabiano, para lidar com a linguagem dos homens:

> *Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir alguma, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.* (G. Ramos, 1947)

Ao traçar o perfil de seu personagem, Graciliano Ramos assume um ponto de vista sobre o papel da linguagem na existência humana: o de que na posse da linguagem está a principal linha divisória entre o mundo dos homens e o mundo dos animais. A quase falta da linguagem nivela Fabiano com a natureza bruta: ele se confunde com o cavalo, tem pés duros que não sentem os espinhos e às vezes dirige-se às pessoas como se comunica com os animais. Tem com a linguagem dos homens da cidade uma relação de admiração e, sobretudo, de desconfiança e medo. Fabiano é um "bicho do mato", quase não precisa da linguagem, e quando tem de servir-se dela para o trato com as pessoas, invariavelmente sai no prejuízo: não consegue dizer o que sente, não entende o que lhe dizem e acaba ludibriado.

2. Se pudéssemos imaginar como seria a vida de um ser humano isolado na natureza, tratando-a como parte inseparável dele, poderíamos admitir que a palavra não lhe faria falta. Esse indivíduo travaria com o meio em que vive relações imediatas, como colher frutas e caçar pequenos animais para seu sustento e procurar ou construir um abrigo para defender-se das agressões da natureza e dos ataques de feras mais poderosas que ele. Muitos animais não fazem mais que isso. O caso desse homem solitário não passa, porém, de uma hipótese concebida pela imaginação romântica dos criadores de personagens como Tarzan ou Robinson Crusoé. O caso de Fabiano, embora também um exemplo da ficção literária, nada tem, porém, do mito romântico dessas figuras que vivem em harmonia com a natureza. Fabiano é explorado pelo proprietário da terra em que procura sobreviver, é humilhado pelos representantes do poder policial, e é vítima das trapaças dos que conhecem as regras da vida em sociedade. Vítima também da natureza, que o ameaça ciclicamente com seca e fome, confunde-se com seus elementos, como as cabras e os mandacarus; mas guiado tão só pelo instinto de sobrevivência, sabe a seu modo como conviver com ela. Diante, porém, do universo social dos homens, impregnado de símbolos — como a linguagem —, que ele não entende e muito menos é capaz de usar, sente-se impotente e indefeso.

A linguagem como simbolização

3. A linguagem não é apenas mediadora das relações do homem com o mundo que o cerca e com seus semelhantes. Mais do que isso, a linguagem constitui e torna possíveis essas relações. Pode-se mesmo dizer que as relações que por meio dela se elaboram e se estabelecem são tão variadas e distintas quantas são as possibilidades de expressão verbal do homem. A linguagem coloca-se entre o homem e o mundo que o cerca como uma espécie de mapa que o orienta para a percepção das coisas e das relações entre as coisas. Assim como o mapa estrutura o território para quem o percorre, a língua organiza o mundo como uma estrutura dotada de significado. Ela não é uma fotografia da realidade, mas, antes, uma forma socialmente adquirida de interpretá-la e torná-la assunto de nossos atos de comunicação. Pela posse da linguagem, o homem *liberta-se* das circunstâncias imediatas: pode, com o auxílio da memória ou da imaginação, nomear seres não presentes na situação de fala; pode reportar-se a experiências passadas, revivê-las e levar seu ouvinte ou leitor a experimentar sensações análogas às que experimentou; pode projetar experiências futuras, pode criar seres que compõem cenários imaginários e participam de acontecimentos imaginários. Isso é possível graças à capacidade humana de criar símbolos e servir-se deles na comunicação.

4. Por exemplo, o desenho da mão com o dedo indicador posto verticalmente sobre os lábios unidos significa um pedido de silêncio. Essa figura tem um valor simbólico, transmite uma informação constante, de validade geral. É essa "constância do significado" que caracteriza o símbolo e garante a autonomia da linguagem em relação às coisas reais ou imaginárias a que o símbolo se refere. As palavras são, de um modo geral, símbolos. A linguagem verbal representa, ou simboliza, como um todo, o universo real em que o homem vive e o universo imaginário que ele cria. A linguagem não é, portanto, uma simples nomenclatura ou coleção de nomes para os seres e coisas que povoam o mundo. Os conteúdos que o homem concebe e expressa por meio da linguagem não estão no mundo, mas na consciência humana formada na vida em sociedade, como resultado do poder simbólico da palavra. Só isso pode explicar a capacidade humana de construir, com a linguagem, blocos de sentido textualizados, como descrições, narrativas, julgamentos, instruções, preces, impressões, argumentos etc.

A linguagem como conhecimento e como comunicação

5. Qualquer pessoa minimamente informada sabe que a linguagem é um instrumento de comunicação e que ela está presente no dia a dia de cada um de nós, em cada instante de nossas vidas, servindo para a interação de dois ou mais indivíduos ou, muitas vezes, para o indivíduo "falar consigo mesmo". "Falamos mentalmente", falamos sozinhos, "falamos" nos sonhos etc. A **função social da comunicação** entre pessoas é, seguramente, a mais evidente tarefa desempenhada pela linguagem. No entanto, esta mesma função está relacionada a outra, da qual depende: a **função simbólica**.

A função simbólica da linguagem é a responsável pela relação entre o indivíduo e o conjunto de suas experiências da realidade. É a função graças à qual podemos transformar todos os elementos do mundo em dados da nossa consciência e em assunto de nossos discursos. Se a linguagem fosse uma mera lista de nomes para as coisas do mundo — por exemplo: *árvore*, *homem*, *criança*, *gato*, *mosquito*, *dia*, *noite*, *sol*, *nuvem* —, não passaria de uma nomenclatura. Acontece que a linguagem é muito mais do que isso. Mesmo o conjunto das palavras que nos permitem dar nomes aos seres não é uma simples lista das "coisas que existem". As palavras *árvore* e *coqueiro* podem servir para dar nome à mesma coisa, mas constituem dois modos de representá-la; *árvore* generaliza, *coqueiro* especifica. O mesmo acontece com a diferença entre *peixe* e *anchova*, *móvel* e *mesa*, *médico* e *pediatra*. Por que dizemos *O pássaro está na gaiola* e não *A gaiola está em volta do pássaro*? Ou *A toalha está na mesa* e não *A mesa está sob a toalha*? Por que nos parecem "esquisitas" expressões como *o sono da abóbora* ou *o espanto do céu*?

6. A língua, é claro, não é apenas um meio de comunicação; ela é, antes de tudo, um sistema de categorias que permite ao homem organizar o mundo em uma estrutura dotada de sentido. As línguas ditas "naturais" (o português, o inglês, o russo, o japonês, o tupi-guarani) são formas de conhecimento coletivamente constituídas no seio das sociedades ao longo de sua experiência histórica. Noutras palavras, o mundo experimentado pelo homem não entra em sua consciência de forma bruta e caótica, mas estruturado por meio das categorias da linguagem, isto é, sob a forma de conhecimento. Assim estruturadas, as experiências do mundo se tornam conteúdos da consciência comunicáveis no discurso.

A linguagem cumpre, portanto, duas funções básicas:

- estrutura a experiência humana da realidade em conteúdos significativos de consciência (função simbólica ou representativa);
- torna esses conteúdos comunicáveis através do discurso (função comunicativa ou interpessoal).

O Processo da Comunicação Humana

Fatores básicos da comunicação humana

7. Os sentidos do homem — audição, olfato, visão, tato e paladar — põem-no a par de tudo que se passa em torno dele: a trovoada é um aviso de que pode chover; o cheiro que vem da cozinha pode indicar que a carne, esquecida no fogo, está queimando; o sol, entrevisto por uma brecha da janela, pode estar anunciando o começo da manhã. Nessas situações, o homem interpreta aspectos da natureza, mas não recebe mensagens; aí não há **linguagem**, nem informação.

Se compararmos agora estes exemplos ao *Pare!*, que lemos nos cruzamentos de trânsito ou ao aperto de mão de quem nos cumprimenta, verificamos que tanto no apelo verbal — *Pare!* — como no gesto alguém **entra em contato** com alguém. Nestes casos, há informação e há mensagem, já que os sinais utilizados constituem meios de contato intencional entre duas partes: a que manda a mensagem e a que a recebe.

8. Basicamente, o processo da comunicação humana envolve seis fatores:

- a **informação**, que é a ideia que se comunica;
- o **código**, o sistema de sinais utilizado na comunicação;
- a **mensagem**, que é a manifestação da informação através de um código determinado;
- o **emissor** da mensagem, quem a produz ou emite;
- o **destinatário**, aquele a quem a mensagem se destina;
- a **situação**, as circunstâncias em que a comunicação se realiza.

O *Pare!*, dito por uma pessoa ou escrito em uma tabuleta, é uma ordem expressa em **código verbal**; o aperto de mão é um cumprimento expresso em **código gestual**. Se essa pessoa fosse um guarda de trânsito, com certeza não usaria o código verbal, mas o código gestual, erguendo o braço com a palma da mão voltada para o destinatário (pedestre ou motorista). Seja no gesto de erguer o braço, seja no ato de dizer *Pare!*, a informação é a mesma, mas as mensagens — ou seja, os processos pelos quais as informações são transmitidas — são diferentes.

As várias espécies de códigos

9. Já vimos que a comunicação humana pode se realizar por meio de palavras — **comunicação verbal** — ou por meio de gestos — **comunicação gestual**. Sabemos, porém, que existem outras formas de comunicação: os sinais luminosos do trânsito, as sirenes, os mapas etc. As diferenças entre essas formas de comunicação são evidentes. Haverá, entretanto, características comuns a elas? Parece que sim: todas foram criadas pelo homem, conscientemente ou não, para servir à comunicação social. Trata-se, em todos os casos, de **convenções**, variáveis segundo as necessidades e os interesses da comunidade a que servem. Conhecer e saber utilizar, seja como emissor, seja como receptor, as convenções adotadas pelo grupo para a comunicação social é condição indispensável à perfeita integração do homem na sociedade em que vive.

Todas essas convenções se acham agrupadas em conjuntos conhecidos como **códigos**. O conjunto das luzes verde, amarela e vermelha; o conjunto dos gestos para afirmar, negar, dar adeus, cumprimentar; as letras do alfabeto e a língua que falamos são *códigos*, isto é, *conjuntos de convenções adotadas pelo grupo social para o exercício da comunicação entre seus membros*. Os códigos variam segundo os meios materiais que os reproduzem (**gestos, escrita, cores, ícones**), o meio de recepção de suas mensagens (**visual** — luzes, cores, ícones —, **auditivo** — sons da fala, apitos do trânsito, carrilhão —, **táctil** — escrita Braille), e o grau de sua complexidade. A linguagem verbal é o mais complexo dos códigos até hoje conhecidos, e não podia ser de outro modo: só ela produz todas as mensagens possíveis, inclusive as produzidas por outros códigos. Isto é fácil de verificar: ao receber uma mensagem, num código qualquer, sempre é possível, se houve comunicação, interpretá-la através da linguagem verbal. Não estamos, com isso, declarando a superioridade de qualquer código em relação a outro. Se os vários códigos existem, é porque eles são úteis, necessários e satisfatórios nas situações para as quais foram criados e nas quais a utilização de outro código qualquer poderia ser inadequada, ineficiente ou até mesmo impossível.

O contrato de comunicação

10. Em situações usuais de comunicação — na família, entre amigos, no local de trabalho, na feira, na banca de jornais, numa sala de espera etc. — emissor e receptor acham-se face a face, em um lugar e momento determinados, tratando de um ou mais assuntos. Em várias outras situações, contudo, o indivíduo atua, na maior parte do tempo, apenas como emissor (o conferencista, durante a palestra; o apresentador nos programas de auditório na TV; o padre, durante a missa) ou como receptor (os alunos, as pessoas no auditório, os fiéis).

11. A vida em comunidade, portanto, envolve os indivíduos em um contínuo processo de troca variada de mensagens, cuja eficiência depende de uma complexa rede de fatores. Toda situação de interação sociocomunicativa caracteriza-se por um conjunto de comportamentos, atitudes e atos de seus protagonistas: as trocas verbais são regidas por *contratos de comunicação*, isto é, por *convenções interativas que regulam o comportamento verbal apropriado a cada situação de comunicação*. É o contrato de comunicação que indica que, em certas situações, cabe a uma pessoa falar enquanto as demais escutam. Uma cerimônia religiosa ou uma conferência se desenrolam segundo normas de comportamento que fazem parte dos respectivos contratos de comunicação. Não é normal, por exemplo, que um convidado interrompa a cerimônia de um casamento para pedir ao padre que fale mais alto. Assim também, é improvável que, atendendo ao chamado de um cliente que necessita da troca de um disjuntor, o eletricista lhe diga: "Vou pedir ao senhor que desencape os fios, porque tenho pavor de levar choque."

Saber comunicar-se numa língua requer, portanto, muito mais do que o domínio das palavras e da gramática que as organiza em construções maiores. Ninguém escolhe com absoluta liberdade suas formas de expressão linguística, nem tampouco os conteúdos da conversação; antes, escolhe-os em função de uma necessidade de sintonia com os componentes do contexto de comunicação. Enfim, a concretização e o sucesso da interação verbal requerem que os indivíduos nela envolvidos regulem seus atos pelo contrato de comunicação, cujos princípios fundamentais são a **pertinência** e a **cooperação** (v. §57).

Funções da Linguagem

As funções da linguagem • Roman Jakobson e M.A.K. Halliday

12. A expressão "funções da linguagem" tornou-se muito difundida nos meios escolares brasileiros em virtude da adoção do modelo de análise proposto pelo linguista russo Roman Jakobson, e que se baseava nos conceitos da Teoria da Comunicação discriminados no §8. As "funções" de Jakobson refe-

rem-se ao realce particular que cada um dos componentes do processo da comunicação recebe no enunciado: o assunto, o emissor, o receptor, o código, a mensagem e o contato. Daí a distinção de seis funções:

- **função informativa**, que coloca em evidência o assunto;
- **função emotiva**, que coloca em evidência o emissor;
- **função conativa**, que coloca em evidência o destinatário;
- **função fática**, que coloca em evidência o meio de contato entre emissor e destinatário;
- **função metalinguística**, que coloca em evidência o código de comunicação;
- **função poética**, que coloca em evidência a própria mensagem enunciada.

13. Usamos ordinariamente a língua para a comunicação de conteúdos de consciência. É nisso que consiste a função informativa. São exemplos típicos desse uso o ato de dar ou receber uma informação, o ato de descrever uma paisagem, o ato de contar uma história. A **função informativa** está em toda parte e em todos os atos de linguagem, pois não existe ato verbal desprovido de informação. Costuma-se, entretanto, considerar que certos usos da língua, como o dos noticiários, o da redação das leis, o dos ensaios, são particularmente representativos da função informativa, por se presumir que, sendo impessoais, neles prevalece o conteúdo a ser comunicado. A função informativa tem na frase declarativa seu meio mais típico de expressão.

14. A **função emotiva** é a que predomina nas frases com que um "eu enunciador" exprime o próprio estado emocional, como nas reações de surpresa, encantamento, ódio, impaciência, decepção etc. A função emotiva da linguagem tem nas frases exclamativas seu meio mais típico de expressão.

15. A **função conativa** é própria dos enunciados com que o emissor elege o destinatário como principal fator do processo de comunicação, agindo discursivamente sobre ele, como nas perguntas, nos conselhos, nas ordens. A função conativa perpassa o nosso quotidiano, já que boa parte de nossos atos de linguagem se destina a produzir comportamentos em nossos interlocutores. Um dos domínios técnicos mais propícios ao exercício da função conativa da linguagem é a publicidade, cujo alvo é o cliente ou o consumidor.

16. A **função fática** está presente nos atos comunicativos cuja finalidade pode ser:

- testar a existência ou não de contato durante o processo de comunicação (como o *alô* dito ao telefone e as minifrases típicas da conversação, como *sabe*?, *né/não é*?);
- manter um ambiente de relacionamento afetiva ou socialmente favorável (como as saudações em geral e a comunicação verbal da mãe com o bebê).

17. Na **função metalinguística**, muito comum no discurso quotidiano, o usuário toma o próprio código de comunicação para assunto: é a função presente no ato de falar sobre a linguagem, como perguntar sobre o significado de uma palavra ou comentar as preferências linguísticas de uma pessoa. Graças à função metalinguística podemos elaborar dicionários, conceituar classes de palavras, formular regras de acentuação e de concordância verbal. E escrever todo este texto por meio do qual seu enunciador e seu leitor procuram se comunicar.

18. Finalmente, entende-se por **função poética** a utilização da língua para produzir mensagens que se impõem à atenção do leitor/ouvinte pela forma como estão construídas: é o que acontece com vários slogans publicitários e, de modo particular, com o chamado discurso poético: *As folhas enchem de ff as vogais do vento*. (M. Quintana, 1966)

19. Estas seis funções discriminadas por Jakobson correspondem, portanto, a opções do enunciador. Por isso mesmo, de acordo com Jakobson, um enunciado caracteriza-se pelo **predomínio** de uma função sobre as demais. Não se pode pensar assim, contudo, em relação às funções de Halliday. Estas são necessariamente interligadas e simultâneas em qualquer ato de discurso.

20. Para o linguista britânico M.A.K. Halliday, o que no §6 denominamos função comunicativa desdobra-se, na verdade, em duas funções: função interpessoal e função textual. Estas funções depreendidas por Halliday só muito superficialmente apresentam alguma relação com as funções de Roman Jakobson. Segundo Halliday, uma língua desempenha, por conseguinte, três funções gerais: ideacional, interpessoal e textual.

21. Graças ao elenco de categorias e significados que constituem seu léxico, morfologia e sintaxe, cada língua "filtra" e organiza os fenômenos infinitamente variados do mundo que nos cerca e do mundo que trazemos dentro de nós, assim como toda a atividade de nossa consciência, como comparar, contrapor, situar, supor, concluir etc. Esta é a **função ideacional**, e praticamente corresponde à função representativa, ou simbólica, de nossa distinção básica.

22. Por outro lado, como a mais óbvia utilidade da língua é a comunicação entre as pessoas, ela oferece aos usuários os meios para que eles a utilizem com o objetivo de influenciar ou mesmo "dirigir" as reações comunicativas do interlocutor nas múltiplas situações de discurso. É nessa função que se definem os papéis sociocomunicativos que o enunciador atribui a si e espera de seu interlocutor, como os atos de perguntar e responder, pedir e atender, ordenar e obedecer, persuadir e aceitar, convencer e concordar. A esta função Halliday dá o nome de **função interpessoal**.

23. Por fim, ainda segundo Halliday, "a língua tem de realizar todas estas tarefas ao mesmo tempo, de uma forma que mostre a relação entre o que se está dizendo, o que já foi dito e a situação da enunciação; noutras palavras, a língua tem de ser capaz de se apresentar sob a forma de um 'discurso pertinente', e não como meros conjuntos de palavras do dicionário e de orações da gramática." (1978, p.21-2) A esta função Halliday dá o nome de **função textual**.

Os Planos Estruturadores da Linguagem

Plano da expressão e plano do conteúdo

24. Falar uma língua é, basicamente, produzir sequências de sons dotadas de significado. Na escrita de uma língua como o português, esses sons são representados por sinais chamados **letras**. No presente texto introdutório, não vamos entrar em detalhes sobre sons e significados. Uns e outros são os assuntos centrais da segunda parte deste livro. Aliás, vamos considerar que para qualquer pessoa escolarizada sons e significados constituem duas faces — uma sensível e outra psíquica ou mental — de uma língua, interligadas mas inconfundíveis. Os sons (percebidos pelo ouvido) e as letras (percebidas pelo olho) formam a face sensível da linguagem — chamada **plano da expressão** —, enquanto os significados constituem a face psíquica ou mental — chamada **plano do conteúdo**.

Unidades significativas e unidades não significativas

25. Cada um desses planos se organiza estruturalmente como uma forma ou sistema, constituído de unidades e de regras que as combinam. Como exemplo do que acabamos de dizer, apresentamos abaixo duas maneiras de dividir o vocábulo *desonestidade*:

- de-so-nes-ti-da-de
- des-onest-idade

A divisão constante no primeiro caso baseou-se na possibilidade de pronunciar aquele vocábulo fazendo "pausas naturais" nos pontos assinalados por um traço; a divisão adotada no segundo não considera as pausas potenciais, mas o significado de cada parte: *des-* (a mesma que se encontra em *desleal*), *-onest-* (a mesma que se encontra em *honestíssimo*), e *-idade* (a mesma que se encontra em *utilidade*).

Ou seja, as unidades do primeiro caso, conhecidas como **sílabas**, são desprovidas de significado no contexto daquele vocábulo; já as unidades do segundo caso, conhecidas como **morfemas**, são unidades portadoras de significado. Na língua, portanto, não há umas sem as outras, por mais que cada

plano seja estruturalmente organizado segundo regras específicas de cada um. Na realidade, esses dois planos se associam graças a uma relação necessária entre o **significante** — a face sensível — e o **significado** — a face mental. Esta relação tende a ser encarada como "fato natural" pelos membros da comunidade, que assim a aceitam numa espécie de "acordo implícito" e permanente. A verdade, porém, é que essa relação é convencional, já que só por convenção social se pode admitir que um segmento sonoro ou gráfico, como *cadeira*, possa "representar", na língua, um conteúdo como "assento provido de costas para uso de uma pessoa". *Esta relação, convencional mas necessária, entre um significante e um significado constitui o que na ciência da linguagem é conhecido como signo linguístico*.

Fonologia, morfologia, léxico e sintaxe

26. As unidades do plano da expressão — sílabas, fonemas, acentos, pausas — organizam-se em um subsistema chamado **fonologia**. Por sua vez, as unidades do plano do conteúdo se organizam em três subsistemas que têm na palavra (v. §§131-133) seu ponto de referência: a **morfologia**, que diz respeito aos processos de combinação de morfemas para formar e flexionar as palavras (v. §§157-164); o **léxico**, que é propriamente o conjunto das palavras da língua (v. §51); e a **sintaxe**, que se refere aos processos formais utilizados na combinação de palavras para a criação e compreensão de frases (v. §§307-308).

Convenção e motivação

27. Concluímos um dos itens precedentes afirmando que o signo linguístico, ou seja, a relação entre significante e significado, é convencional, o que quer dizer que seu uso na comunicação depende apenas de um acordo tácito entre os indivíduos que falam a mesma língua.

Às vezes, porém, temos a impressão de que certas palavras "imitam", através de seus sons, as ideias ou fenômenos que representam. Noutras palavras, há entre som e sentido uma "relação motivada". Compare-se *borbulhar* e *ferver*, *tagarelar* e *falar*. *Borbulhar* parece reproduzir "imitativamente" a sequência das bolhas e o ruído que elas fazem, ao passo que *ferver* nada sugere. *Tagarelar* sugere, no tamanho e na sonoridade da palavra, uma fala excessiva, noção ausente da forma neutra *falar*.

O costume de "pôr apelido" nas pessoas ou de dar nome a animais, plantas e doces também se inspira numa busca de "adequação do nome à coisa": *espanador-da-lua*, para pessoa muito alta e magra; *quatro-olhos*, para o portador de óculos; *bem-te-vi,* um pássaro; *costela-de-adão,* uma planta; *olho de sogra,* um doce. Por sua vez, a duplicação de partes do significante é frequen-

temente associada a um componente afetivo do significado: *papai*, *mamãe*, *vovó*, *dindinha*, *Vavá*, *Lili*.

Esses signos não deixam de ser convencionais, mas revelam, na relação entre conteúdo e expressão, um resíduo de motivação que não se observa no caso de *cadeira*.

Admitamos, portanto, que, no seu conjunto, a linguagem reúne, ao lado dos dados puramente convencionais e arbitrários — como *cadeira* —, fatos em que a estrutura da expressão de certo modo espelha — ou é motivada por — a estrutura do conteúdo. Trata-se dos fenômenos de "iconicidade" (semelhança entre forma e sentido), tão comuns nos códigos gestuais (cf. os gestos das mãos com que se significa tamanho) e nos códigos visuais (cf. os sinais de tráfego para significar uma curva ou um estreitamento da pista).

Chamaremos atenção para os fenômenos de iconicidade na linguagem à medida que tratarmos de seus aspectos expressivos e das estruturações do conteúdo.

Relações Paradigmáticas e Relações Sintagmáticas

A língua como sistema articulado

28. Vimos enfatizando desde o início destes fundamentos que a compreensão e produção de frases numa língua requer, entre outras competências, que o falante seja capaz de associar corretamente sequências sonoras e significados. Nos §§24 e 25 referimo-nos ao plano sonoro — e correspondente forma gráfica — como **plano da expressão**, e ao plano significativo como **plano do conteúdo**.

Uma pessoa que tenha facilidade para memorizar frases de uma língua estrangeira com a respectiva pronúncia e o respectivo sentido não pode, só por isso, porém, ser considerada capaz de falar essa língua. Ela "conhece" dados isolados, produtos "já prontos", que ela apenas repete. Quem conhece a língua conhece as unidades constitutivas de cada plano e é capaz de combiná-las e recombiná-las, segundo suas necessidades comunicativas. Ou seja, a pessoa domina a língua não como uma "lista de frases pré-fabricadas", mas como um **sistema articulado de unidades**.

29. Dizer que existem em cada plano unidades combináveis e recombináveis significa afirmar que cada plano é articulado, isto é, dotado de unidades reconhecíveis pelo seu valor ou função dentro desse plano. A articulação constitui a principal característica de um sistema, e é graças a essa característica que podemos dizer que a língua que falamos **é um sistema**.

Retomamos nos parágrafos acima algumas observações feitas desde o início para afinal introduzir uma distinção teórica decisiva no entendimento de um aspecto fundamental da estruturação da língua. Referimo-nos aos conceitos de **relação sintagmática** e **relação paradigmática**.

Relações sintagmáticas

30. Todos sabemos que uma língua é, antes de qualquer coisa, uma forma oral de comunicação. Quando falamos, produzimos sons que se combinam em sequência linear, um após o outro; morfemas que se sucedem na construção das palavras, e palavras que se sucedem na construção de frases. Essa linearidade da fala — e ordinariamente da escrita — é o fundamento do que se chama o eixo sintagmático da linguagem. Por isso, dizemos que as unidades assim dispostas se acham em relação sintagmática, como as duas sílabas de *mato* (ma + to) ou os fonemas que entram em cada sílaba (/m/a/t/u/), os morfemas que entram na formação do verbo *desmatar* (des + mat + a + r) ou as palavras que formam a frase *O lenhador desmatou o terreno* (o + lenhador + desmatou + o + terreno). Há, portanto, relações sintagmáticas entre fonemas, entre sílabas, entre morfemas, entre palavras. Estes exemplos nos revelam também que há em cada plano diferentes níveis estruturais, o das unidades constituintes — de nível mais baixo — e o das unidades constituídas — de nível mais alto: fonemas são constituintes de sílabas; morfemas são constituintes de palavras; palavras são constituintes de frases.

Relações paradigmáticas

31. A identificação das unidades em qualquer desses planos e nos diferentes níveis depende de dois fatores:

- **que elas possam ocorrer em outras construções em que sejam reconhecíveis como "a mesma unidade"** (o fonema /t/ é o mesmo em /matu/, /tudu/, /bater/; o sufixo *-eiro* é o mesmo em *leiteiro*, *açougueiro*, *sapateiro*);
- **que elas sejam permutáveis por outras unidades com consequente mudança de significado**. Por exemplo: o /m/ por /p/ em *mato/pato*, o /a/ por /i/ em *mato/mito*, o /t/ por /s/ em *mato/maço*, o /u/ por /a/ em mato/mata; o *-eiro* por *-eria* em *leiteiro/leiteria*, o *leit-* por *sapat-* em *leiteiro/sapateiro*; ou ainda as especificações <u>singular</u> (ausência de -s)/<u>plural</u> (presença de -s) em *casa/casas* e a oposição entre adjetivos (*homem <u>alto</u> / homem <u>baixo</u>*), entre verbos (*O avião <u>caiu</u> / O avião <u>pousou</u>*), entre preposições (*Ele trabalhou <u>por</u> mim / Ele trabalhou <u>para</u> mim*), entre substantivos (*O <u>avião</u> caiu / O <u>foguete</u> caiu*), entre advérbios (*Voltarei <u>cedo</u> / Voltarei <u>amanhã</u>*).

Os fatores acima explicitados constituem as relações paradigmáticas entre as unidades da língua.

32. As unidades assim identificadas agrupam-se em classes chamadas **paradigmas**. O que as caracteriza é o fato de ocuparem ordinariamente a mesma posição — isto é, terem a **mesma distribuição —** e estarem em **oposição no sistema da língua**; *-eiro* e *-eria* têm a mesma **distribuição**, pertencem a um mesmo paradigma e opõem-se no sistema morfológico do português; /t/ e /s/ têm a mesma distribuição, pertencem a um mesmo paradigma e opõem-se no sistema fonológico do português.

Interdependência dos eixos paradigmático e sintagmático

33. O que acabamos de dizer permite concluir que as unidades só existem porque são capazes de distinguir conteúdos comunicados pela língua. Toda unidade implica a existência de pelo menos uma outra à qual aquela se opõe dentro de um paradigma e pela qual pode ser substituída para que se expresse outro sentido. A construção formal dos enunciados baseia-se, portanto, nesses dois procedimentos: a **escolha** das unidades em diferentes paradigmas e a **combinação** delas na cadeia do discurso.

Seria, porém, um erro supor que esses dois eixos são independentes entre si. Ao contrário: nenhuma escolha ocorre por acaso. Quando afirmamos que os indivíduos "escolhem" as unidades dentro de um paradigma, não queremos dizer que o fazem totalmente livres de condicionamentos. Condicionamentos sempre existem; o que varia é a força com que atuam sobre os indivíduos e tornam as "escolhas" mais ou menos previsíveis. Ao atender um telefone, uma pessoa se encontra numa situação comunicativa que torna altamente previsível o que ela pode dizer. Seja "Alô!", "Tinturaria Paris, às suas ordens", ou "Consultório médico, boa tarde", seu ato verbal tem sempre o mesmo significado: um sinal para a pessoa do outro lado anunciar o que deseja. Este é um condicionamento que a situação comunicativa exerce sobre o indivíduo (**condicionamento pragmático**).

34. Se, agora, o leitor observar como se dá o condicionamento de uma palavra sobre outra, perceberá que ele tanto pode se referir ao significado — por isso dizemos *Meu gato bebeu o leite calmamente*, mas não *Meu relógio bebeu a abóbora calmamente* (**condicionamento semântico**) — quanto à classe e forma das palavras — por isso dizemos *meu gato*, mas não *minha gato*, *bebeu o leite*, mas não *bebeu o calmamente* (**condicionamento gramatical**).

35. Vamos raciocinar agora com os fonemas. Se quisermos formar palavras possíveis em português partindo da sequência /ta/, teremos um leque imenso de

opções (*talher, tarol, tábua, tabaréu, tapar, tatu, tarraxa, tapera, talismã, tainha, taipa, talco, taverna, tascar, taurino* e muitas outras formas reais ou inventadas). Se, entretanto, dissermos que /ta/ deve ocorrer na última sílaba de palavras oxítonas, o leque de possíveis combinações reduz-se significativamente a um conjunto de apenas seis sequências: /ta/, como em *tafetá*, /taR/, como em *militar*, /taS/, como em *cartaz*, /taL/ (v. §109), como em *capital*, /tau/, como em *urutau* / *urutaus*, e /tai/ (v. §119), como em *meditai / meditais*. Não há possibilidade de ocorrerem sequências como /tap/, /tat/, /tab/, /tak/, /taf/, /tav/, /tad/, /tag/. O contexto "final de sílaba" ou "final de palavra" reduziu drasticamente as escolhas. Tal **condicionamento** é do tipo **fonológico**.

Alomorfes e alofones

36. Pode acontecer que uma mesma unidade do plano do conteúdo não se apresente cem por cento idêntica em todas as suas ocorrências dos atos concretos de comunicação. É o que ocorre com o sufixo de *bondade* e *realidade*; nestes casos, as formas *-dade* e *-idade* se dizem **variantes** — ou **alomorfes** — do mesmo morfema. Outros exemplos de alomorfia: as realizações *faç-, faz-* e *fa-* do radical do verbo fazer em *faço, fazes* e *farei*; as realizações fonológicas do prefixo de negação em *ilegal, irreal, inútil, infeliz, imparcial* e *incapaz*: /in/, com o /n/ pronunciado, diante de vogal; /i/ diante de /l/ ou /R/, e /ĩ/, com a nasalidade no corpo da vogal, diante de outras consoantes. Também um fonema pode ser foneticamente realizado por meio de variantes, chamadas **alofones**. Isto acontece com o /R/ de uma palavra como *terra* nas diversas pronúncias que lhe dão os falantes de acordo com as regiões, as classes sociais e, até mesmo, as situações de fala: pode ser uma aspiração no fundo da boca, uma vibração da parte mole do céu da boca (véu palatino) com o dorso posterior da língua, ou uma vibração da ponta da língua na faixa — chamada alvéolo — que divide os dentes dianteiros superiores e o céu da boca, só para lembrar três realizações habitualmente citadas nas obras especializadas.

Sincronia e Diacronia

37. Toda língua em uso numa comunidade sofre alterações através do tempo. Uma língua não muda "de vez em quando"; qualquer língua "viva" se transforma continuamente. Algumas mudanças podem ser notadas em curtos períodos, como o surgimento de certas palavras e o desuso de outras; mas mudanças coletivas de pronúncia e de construções gramaticais são bem mais lentas e praticamente imperceptíveis ao longo da vida de uma pessoa. As mudanças linguísticas só nos parecem evidentes quando comparamos formas de épocas distintas: no século XIII, escrevia-se — e seguramente também se fala-

va — *migo* (port. atual *comigo*), *fremosa* (port. atual *formosa*), *perderán* (port. atual *perderão*), *giolho* (port. atual *joelho*), *a mar* (port. atual *o mar*). Verbos como *ter*, *ver* e *pôr*, que atualmente não possuem vogal temática no infinitivo, tinham-na explícita na Idade Média: te**e**r, ve**e**r, po**e**r.

38. Mudanças significativas, capazes de transformar sensivelmente a fisionomia de uma língua, atingem a fala de toda a comunidade, que, por isso, experimenta em cada etapa da história a sensação de que todos os seus membros partilham os mesmos hábitos linguísticos. Noutras palavras, os membros da comunidade linguística entendem-se e comunicam-se porque participam de um mesmo "estado de língua" estruturado numa dada **sincronia**.

39. A história de uma língua — ou melhor, sua **diacronia** — pode, assim, ser explicada como uma sucessão de "estados da língua", uma passagem ininterrupta de uma sincronia a outra. A mudança, embora imperceptível, é incessante, o que é o mesmo que dizer que, na realidade, o "estado de língua" — isto é, a captação de sua estrutura numa sincronia — é tão somente um ponto de vista em que nos colocamos para analisar ou descrever a língua.

Unidade e Variedade da Língua

O que é um uso padrão

40. Para melhor caracterizar o conceito que vamos apresentar nesta seção, faremos uma comparação entre a língua e a música. Imaginemos uma canção qualquer que já tenha sido interpretada por três diferentes cantores ou conjuntos musicais. Por maiores que sejam as diferenças entre as três interpretações, sempre seremos capazes de reconhecer nelas a **mesma** canção. Vamos chamar de A ao conjunto de características estruturais que permitem reconhecer nas três interpretações a mesma canção, e de A_n (isto é, A_1, A_2, A_3) cada uma das interpretações. Agora vamos imaginar que a interpretação A_2 se torne uma espécie de modelo de interpretação copiado por vários outros cantores ou conjuntos musicais, de maneira que ao ouvi-los possamos facilmente dizer que esses novos intérpretes estão repetindo uma interpretação anterior, que por alguma razão, não necessariamente musical, tornou-se a preferida deles. A_2 é agora algo mais do que A_1 e A_3; A_2 tornou-se uma interpretação **padrão**. De tal sorte que muitas pessoas passam a considerar A_2 a forma ideal de A. Vamos batizar esta nova concepção de A_2 como A_p (p = padrão). Isto não impede, é claro, que outros intérpretes inovem na maneira de executar ou cantar a canção, realizando com as novas interpretações novas variantes de A_n (A_4, A_5, A_6...), dentre as quais algumas poderão ser obras de boa qualidade estética.

Os professores não podem mais simplesmente dar as costas aos avanços da investigação científica sobre a linguagem. No entanto, ainda não sabem como traduzir essas inovações em práticas pedagógicas condizentes com uma educação formadora: "Se não é para ensinar gramática, então é para fazer o quê?" E cobram respostas dos lingüistas.

Este livro de Irandé Antunes traz um conjunto bem articulado de respostas, que se desdobram em várias outras perguntas, que só podem ser respondidas por pessoas movidas pelo amor à investigação, provocadas pelo desejo de descobrir seus próprios caminhos, e sempre conscientes de que a ciência não é a busca de uma "verdade", e sim a construção de pontes, sempre provisórias, capazes de ajudar a gente a se mover sobre as areias movediças do mistério.

Irandé concentra sua atenção, aqui, em três grandes áreas críticas da educação lingüística: a leitura, a escrita e a reflexão sobre a língua. Seu trabalho deixa evidente que essas três áreas se sobrepõem e que é tarefa destinada ao fracasso (ou à neurose) tentar isolar cada uma delas em atividades estanques e delimitadas, como ocorre em muitas escolas que têm, em horários separados e até com professores específicos, "aulas de leitura", "aulas de redação" e "aulas de gramática".

A opção teórica deste livro é explicitada desde as primeiras linhas: trata-se de reconhecer que a língua só se manifesta empiricamente na forma de *textos* e que estes textos é que devem ser o objeto da atividade diária das aulas de língua portuguesa. Esta opção demonstra com clareza a irrelevância e a inuti-

AULA DE PORTUGUÊS
encontro & interação

6ª edição

Série Aula

1. *Aula de português – encontro & interação*
   Irandé Antunes

Irandé Antunes

AULA DE português

encontro & interação

parábola

Editor: *Marcos Marcionilo*
Capa e Projeto Grafico: *Andréia Custódio*
Conselho Editorial: *Ana Stahl Zilles [Unisinos]*
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]
José Carlos Sebe Bom Meihy [NEHO/USP]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Araújo Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUCSP]
Salma Tannus Muchail [PUCSP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A642a
Antunes, Irandé, 1937
Aula de português - encontro & interação | Maria Irandé Antunes,
- São Paulo : Parábola Editorial, 2003 - (Séria Aula;1)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-15-0

1. Língua portuguesa - estudo e ensino. I. Título. III. Série.

03-1972 CDD: 469.7007
CDU : 811.134.3

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
Fone: [11] 5061-9262 | Fax: [11] 5061-1522
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-28-0 (antigo: 85-88456-28-1)

6ª edição, abril de 2008

© do texto: Irandé Antunes, 2003

© desta edição: Parábola Editorial, São Paulo, novembro de 2003

Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana.
BRECHT

Entre coisas e palavras — principalmente entre palavras — circulamos.
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

As coisas vêm a uma criança vestidas pela linguagem.
JOHN DEWEY

Toda língua são rastros de velhos mistérios.
GUIMARÃES ROSA

A todos os professores e professoras que, por esse Brasil afora, tentam, por vezes, sob duras condições, fazer da aula de português um encontro, no qual se possa descobrir o fascínio e os mistérios da grande e histórica interação possibilitada pela linguagem humana.

Agradeço a todos os colegas e amigos que me incentivaram na realização desse meu projeto de escrever um livro para professores de português, do ensino fundamental e médio; esses colegas e amigos, como eu, alimentam o desejo de que aconteça, cada vez mais, um jeito diferente de se fazer o estudo da linguagem. Um estudo que seja uma abertura de horizontes, para se poder compreender melhor a imensa maravilha da interação humana.

Sumário

Apresentação 9

Introdução 13

Capítulo 1: Refletindo sobre a prática da aula de português 19

1.1. Sinais de mudança 19

1.2. Um querer já legitimado 21

1.3. Num olhar de relance 24

1.3.1. *O trabalho com a oralidade* 24

1.3.2. *O trabalho com a escrita* 25

1.3.3. *O trabalho com a leitura* 27

1.3.4. *O trabalho com a gramática* 31

1.4. Virando a página 33

Capítulo 2: Assumindo a dimensão interacional da linguagem 39

2.1. Explorando a escrita 44

2.1.1. *Implicações pedagógicas* 61

2.2. Explorando a leitura 66

2.2.1. *Implicações pedagógicas* 79

2.3. Explorando a gramática 85
2.3.1. *Implicações pedagógicas* 96
2.4. Explorando a oralidade 99
2.4.1. *Implicações pedagógicas* 100

Capítulo 3: Repensando o objeto de ensino de uma aula de português 107
3.1. À guisa de programa 108
3.2. Objetivos e atividades 122

Capítulo 4: Redimensionando a avaliação 155
4.1. Em revista, a lógica de nossas concepções .. 156
4.2. O tempo para a avaliação 160
4.3. O objeto da avaliação 164

Capítulo 5: Conquistando autonomia 167

Capítulo 6: Fechando, por enquanto... 173

Bibliografia 177

Apresentação

Carlos Alberto Faraco

Irandé Antunes é uma lingüista reconhecida pelas suas pesquisas sobre coesão textual e sobre gêneros textuais. Mas, muito além de sua especialidade acadêmica, Irandé Antunes é uma grande educadora e uma intelectual comprometida com as questões da educação nacional. De há muito ela desenvolve atividades de interlocução direta com os professores do Ensino Fundamental e Médio: conhece-lhes a realidade, escuta suas dúvidas e angústias e busca construir com eles alternativas para sua atuação no cotidiano da sala de aula.

Esses professores e mais outros colegas e amigos vinham cobrando de Irandé Antunes um livro em que ela sistematizasse suas reflexões e suas propostas para o ensino de Português. Finalmente, em meio a sua incansável labuta, ela está agora atendendo a todos. E nos apresenta um trabalho que certamente marcará época na história do ensino de Português no Brasil.

Inconformada com os descaminhos desse ensino, com o "quadro nada animador (e quase desesperador) do insucesso escolar", Irandé Antunes aponta caminhos concretos para a mudança. Não perde de vista que o problema da escola transcende em muito a escola, mas acredita que seu enfrentamento também exige a escola, seja pela discussão crítica de suas próprias práticas, seja pelo envolvimento direto dos professores na construção de alternativas.

Se não sabemos o que fazer sabemos o que não fazer

Por isso, Irandé Antunes começa seu livro por uma discussão crítica de certas práticas escolares tradicionais no ensino de português. Expõe, em seguida, um conjunto de princípios capazes de fundar uma nova prática pedagógica que ofereça a nossas crianças e jovens a possibilidade efetiva do "exercício fluente, adequado e relevante da linguagem verbal, oral e escrita". O livro termina com a apresentação de alternativas concretas para o trabalho dos professores.

Os leitores encontrarão aqui um fundo teórico sólido (uma concepção interacionista, funcional e discursiva da língua), sem o que a prática fica sem norte. Encontrarão farta exemplificação, sem o que a teoria se perde numa infrutífera abstração. Encontrarão o casamento consistente dos pressupostos teóricos com as propostas práticas.

Essas propostas, concretas e viáveis, cobrem as atividades de leitura e escrita; incluem o estudo gramatical, dando-lhe um sentido funcional; e se estendem para abordar a oralidade, face ainda tão pouco explorada no ensino de português.

Irandé Antunes não deseja, como interlocutor, o professor passivo, mero aplicador de receitas ou repetidor de conteúdos. Ela se dirige àqueles que, inquietos e inconformados, buscam novas trilhas. Por isso ela nada impõe, mas, como fruto de sua produtiva atividade de professora com professores, busca oferecer-lhes elementos para que possam eles mesmos descobrir novos jeitos de ver a língua e de se verem como professores de português.

Irandé Antunes nos entrega um livro fundamental para os atuais e os futuros professores de português. É resultado de suas reflexões teóricas, de sua experiência de professora, de seu comprometimento político de educadora, mas, acima de tudo, de sua paixão pela linguagem e por seu ensino.

Introdução

O livro que você, caro(a) professor(a), tem em mãos é resultado de uma longa caminhada que venho empreendendo junto com muitos outros docentes e pesquisadores interessados nas questões ligadas à atividade escolar do ensino da língua portuguesa. Por um lado, sinto-me pressionada a escrever pela constatação de que ainda persistem práticas inadequadas e irrelevantes, não condizentes com as mais recentes concepções de língua e, conseqüentemente, com os objetivos mais amplos que legitimamente se pode pretender para o seu ensino. Por outro, sinto-me motivada pela oportunidade de poder lembrar princípios teóricos e sugerir pistas que possam ajudar na reorientação da atividade pedagógica em questão. Pretendo, portanto, que aqueles objetivos mais amplos e relevantes sejam alcançados e que se favoreça um contacto mais positivo do aluno com a língua que ele estuda, a fim de que saiba falar, ouvir, escrever e ler mais adequada e competentemente.

Sinto-me, pois, na elaboração do presente trabalho — um sonho de há muito acalentado —, realizando

um ato de cidadania, enquanto decido assumir a palavra para tentar aproximar os professores de seu perfil ideal: *o de contribuir significativamente para que os alunos ampliem sua competência no uso oral e escrito da língua portuguesa.*

Na verdade, para mim, isso representa mais que um sonho. É como se fosse o pagamento de uma dívida que, naturalmente, fui assumindo, ao longo de muitos anos de encontro pessoal com os professores, de escuta de suas inquietações, de suas dificuldades. Nessa escuta, sem dúvida, vinha embutido, explícito ou não, um pedido de ajuda. Minha pretensão é atender a esse pedido. Terei a preocupação de abordar os princípios da teoria lingüística apenas na medida em que a situação o requerer, embora tenha o cuidado de não descer a simplismos reducionistas. Sou consciente de quanto o fenômeno da linguagem é complexo e de quanto o tratamento de suas questões requer sérios cuidados. Estarei atenta.

Como é normal acontecer, este livro tem um caráter de "incompletude", na medida em que espera a participação reflexiva, crítica e criadora de cada professor que atua no exercício do ensino da língua. É, assim, uma proposta de reflexão e traz a expectativa de uma continuidade, que vai acontecer em cada leitura, em cada análise e recriação empreendida pelos professores. Dessa forma, cada professor que ler este livro será também um de seus co-autores.

Tenho plena consciência de que não estou partindo do zero. Este trabalho é apenas uma pequena parte de um grande esforço comum, de muitos pesquisadores e estudiosos da linguagem, preocupados também com a melhor forma de os professores realizarem na escola a exploração relevante e consistente do fenômeno lingüístico.

Essa preocupação já ultrapassou os muros das universidades e vem se tornando uma das preocupações gerais. Ou seja, que o ensino da língua não vai bem já é, cada vez mais, uma constatação do domínio comum. Embora não se possa generalizá-la, já está na boca de muitos a crítica de que a escola não estimula a formação de leitores, não deixa os alunos capazes de ler e entender manuais, relatórios, códigos, instruções, poemas, crônicas, resumos, gráficos, tabelas, artigos, editoriais e muitos outros materiais escritos. Também não deixa os alunos capazes de produzir por escrito esses materiais. Ou seja, tem "uma pedra no meio do caminho" da aula de português. E a trajetória não se faz...

O momento nacional é de luta, de renovação e incita à mudança, a favor de uma participação cada vez maior de toda a população e de um exercício cada vez mais pleno da cidadania. O professor não pode ausentar-se desse momento nem, tampouco, estar nele de modo superficial. O ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente.

Não podemos, não devemos, pois, adiar a compreensão de que a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especialmente, pela "voz", pela "comunicação", pela "atuação e interação verbal", pela linguagem, enfim. Tivemos, durante muito tempo, uma escola que favoreceu o mutismo[1], que obscureceu a

[1] "Há muito que aprender com a história em matéria de calar a boca", diz Millôr, em uma de suas sábias tiradas (cf. Fernandes, 2000: 30).

função interativa da língua, que disseminou a idéia de uma quase irreversível incompetência lingüística, o que nos deixou, a todos, calados e, quase sempre, apáticos.

Apesar de muitas "análises sintáticas", apesar de muitas vezes nos darmos ao insano (e inglório!) trabalho de tentar diferenciar um "adjunto adnominal" de um "complemento nominal", e outros pormenores classificatórios, apesar de tanto quebrar a cabeça com essas irrelevâncias metalingüísticas, faltou tempo — e talvez capacidade — para se descobrir as regularidades do funcionamento interativo da língua, *que somente acontece por meio de textos orais e escritos*, em práticas discursivas as mais diversas, conforme as situações sociais em que se inserem.

Saber tais regularidades faz muita diferença, quando nos encontramos nas situações reais de uso da língua, dentro e fora da escola. Não saber tais regularidades concorre, significativamente, para deixar-nos limitados no acesso ao conhecimento e nas atividades de sua produção e de sua distribuição. Não saber tais regularidades concorre também para deixar os mais pobres ainda mais excluídos, os quais, "coincidentemente", são os menos escolarizados e os menos preparados para enfrentar as exigências de um mercado de trabalho cada vez mais especializado.

Se o que predomina nas aulas de português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos. Ou mesmo para quem

precisa ter uma certa fluência e desenvoltura no exercício mais formal da comunicação oral. Certamente, há alguém ou alguns que tiram proveito da manutenção desses padrões de ensino da língua — padrões que, na verdade, só "despistam" a atenção e embotam a criticidade das pessoas para perceberem o que, de fato, se pode fazer e se pode sofrer pelo domínio da palavra. Enquanto o professor de português fica apenas analisando se o sujeito é "determinado" ou "indeterminado", por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas ou acabam todos, na verdade, "sujeitos inexistentes" (como, em outras palavras, sugere Almeida, 1997: 16).

Neste instante, caro(a) professor(a), quero que se sinta inteira e legitimamente convocado para o desafio de estimular o desenvolvimento pessoal, social e político de seu aluno, pela ampliação gradativa de suas potencialidades comunicativas.

Vale a pena deixar bem claro que, em nenhum momento, deixo de reconhecer a falta de uma política pública de valorização do trabalho do professor, reduzido, quase sempre à "tarefa de dar aulas", sem tempo para ler, para pesquisar, para estudar. "Passando" e "repassando" pontos do programa, para depois "cobrar" no dia da prova, no cenário nada convidativo (e muito menos poético!) de prédios descorados e tristes: o que significa dizer que o professor não é o único responsável por todos os problemas da escola.

Mesmo consciente dessas limitações, minha conversa agora é com os professores. Para inquietá-los. Para estimulá-los à mudança, para lhes abrir horizontes. Para dizer-lhes que até mesmo essas coisas que não

dependem diretamente de nós, às vezes, começam a mudar já porque nós as denunciamos, ou porque lutamos para que sejam diferentes.

O plano em que desenvolvo esta discussão está distribuído assim:

- num primeiro momento (Capítulo 1), revejo, numa breve análise, algumas das maiores dificuldades e alguns dos maiores equívocos ainda constatados em relação às atividades pedagógicas, no tratamento com a oralidade, a escrita, a leitura e a gramática;
- num segundo momento (Capítulo 2), apresento alguns *princípios teóricos capazes de fundamentar um ensino da língua mais relevante e eficiente*. Para isso, tomo como pontos de referência *a prática da escrita, a prática da leitura, a prática da reflexão sobre a gramática e a prática da oralidade*. Neste segundo momento, são explicitadas, ainda, as principais *implicações pedagógicas* contidas em tais princípios;
- num terceiro momento (Capítulo 3), como ilustração e pistas de trabalho, apresento algumas *orientações* e sugestões de *atividades* que podem ser desenvolvidas no âmbito da escrita, da leitura, da reflexão gramatical e da oralidade;
- por fim, um segmento (Capítulo 4) em que teço algumas considerações acerca dos procedimentos gerais de *avaliação* decorrentes desses princípios.

CAPITULO UM

Refletindo sobre a prática da aula de português

Entre o porque e o por quê há mais bobagem gramatical do que sabedoria semântica.

MILLÔR FERNANDES

1.1. Sinais de mudança

Um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas. Nesses limites, ficam reduzidos, naturalmente, os objetivos que uma compreensão mais relevante da linguagem poderia suscitar — linguagem que só funciona para que as pessoas possam interagir socialmente. Embora muitas ações institucionais já se tenham desenvolvido, no sentido de motivar e fundamentar uma reorientação dessa prática, as experiências de

renovação, infelizmente, ainda não ultrapassam o domínio de iniciativas assistemáticas, eventuais e isoladas.

Conseqüentemente, persiste o quadro nada animador (e quase desesperador) do insucesso escolar, que se manifesta de diversas maneiras. Logo de saída, manifesta-se na súbita descoberta, por parte do aluno, de que ele "não sabe português", de que "o português é uma língua muito difícil". Posteriormente, manifesta-se na confessada (ou velada) aversão às aulas de português e, para alguns alunos, na dolorosa experiência da repetência e da evasão escolar.

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, "deixa" a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é lingüisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade.

É evidente que causas externas à escola interferem, de forma decisiva, na determinação desse resultado. A escola, como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida. No entanto, é evidente também que fatores internos à própria escola condicionam a qualidade e a relevância dos resultados alcançados.

É principalmente em atenção a esses fatores ligados à escola que desenvolvo, no momento, as presentes reflexões e propostas de estudo do português.

Tenho consciência, sem dúvida, do momento histórico nacional, com seus múltiplos e graves problemas, que, na área da Educação e para além dela, constituem um enorme desafio para a responsabilidade e para o espírito cívico de todos. Os momentos de crise são, comumente, também momentos de crescimento. É por isso que já se pode testemunhar um conjunto de atuações sociais positivas, na direção de uma crescente consciência da cidadania cada vez mais integral e efetiva.

O presente trabalho pretende ser, também, uma resposta aos apelos e às exigências de construção dessa mesma cidadania.

1.2. Um querer já legitimado

É possível documentar, atualmente, uma série de ações que as instituições governamentais* em todos os níveis, têm empreendido a favor de uma escola mais formadora e eficiente. Tais ações, apesar de todos os seus limites, acontecem tanto na área da formação e capacitação dos professores como na outra, não menos significativa, das avaliações. Basta referir o trabalho que resultou na elaboração e divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com todos os seus posteriores desdobramentos; ou o trabalho empreendido pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que objetiva avaliar o desempenho escolar de alunos de todas as regiões do país e, a partir daí, oferecer, ao próprio Governo Federal e aos Estados, subsídios para a redefinição de políticas educacionais mais consistentes e relevantes.

Em relação aos PCN, não se pode deixar de reconhecer que as concepções teóricas subjacentes ao docu-

mento já privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social (cf. p. 19). Além disso, estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do *uso* da língua oral e escrita e o da *reflexão* acerca desses usos. Nenhuma atenção é concedida aos conteúdos gramaticais, na forma e na seqüência tradicional das classes de palavras, tal como aparecia nos programas de ensino de antes.

Em relação ao SAEB, a orientação não é diferente: os pontos — chamados de *descritores* — que constituem as matrizes de referência para a elaboração das questões das provas — contemplam explicitamente apenas um conjunto de habilidades e competências em compreensão e nada de definições ou classificações gramaticais. Todas essas competências são avaliadas em textos, de diferentes tipos, gêneros e funções. Não há um descritor sequer que se pareça com os itens tradicionais dos programas de ensino do português. Nem a famigerada concordância verbal, suposto indicativo do saber da "inequívoca norma culta", aparece. Tampouco a regência ou outra questão semelhante. Muito menos as famosas classificações de orações.

Os Estados têm entrado em harmonia com estas orientações do SAEB e já organizam seus exames de avaliação[1]

[1] Vale a pena consultar os descritores selecionados para as matrizes do Estado de Pernambuco. Embora se apregoe que tais matrizes existem para orientar a avaliação do ensino, é inegável que os descritores nelas contidos podem inspirar muito positivamente as atividades escolares com a leitura e a escrita. Atualmente,

com base num rol de competências semelhantes, também avaliadas em textos.

Vale referir também o trabalho que é realizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que, pelo menos em relação à língua portuguesa, tem oferecido ótimas pistas para a produção dos manuais de ensino. Os exames vestibulares de algumas universidades também têm botado lenha nessa fogueira. Ou seja, as questões em torno de competências textuais têm trazido a dimensão da textualidade para o dia-a-dia da atividade pedagógica ou, pelo menos, conseguiram tirar do centro de interesse a análise puramente metalingüística que prevalecia nos programas de ensino.

Parece, portanto, não faltar ao professor o respaldo das instâncias superiores, que assumiram o discurso[2] de novas concepções teóricas, de onde podem emergir novos programas e novas práticas. Pelo menos, para os professores, já não tem sentido transferir para as Secretarias de Educação, para o vestibular ou para todos os livros didáticos, a responsabilidade de ter de "rezar" o velho rosário das classes de palavras, conta a conta,

---

o Estado de Pernambuco já dispõe de uma Matriz Curricular para o ensino (e não apenas exclusivamente para a avaliação), com a especificação das competências esperadas no final de cada ciclo (do Fundamental e Médio). Nessa Matriz, são apresentados descritores relativos à oralidade, leitura e produção de textos escritos. Esses descritores têm como suporte teórico os princípios da interação verbal e da textualidade.

[2] Certamente outras ações administrativas deviam acompanhar o plano do discurso oficial, para que as concepções teóricas propostas pelos governos possam tornar-se cada vez mais uma realidade.

uma a uma. A "salvação" parece vir por outros meios. Ou seja, os "santos" começam a ter outra cara.

1.3. Num olhar de relance

Sem perder de vista que muito empenho vem sendo demonstrado (e com alguns resultados evidentes e louváveis) no sentido de deixar a escola em condições de mais qualidade e maiores êxitos, me parece útil, ainda, começar por referir algumas constatações menos positivas, acerca de como acontece a atividade pedagógica de ensino do português (às vezes, preferia não ter visto...!). Vou fixar-me, como disse, em quatro campos: o da oralidade, o da escrita, o da leitura e o da gramática.

1.3.1. *O trabalho com a oralidade*

No que se refere às *atividades em torno da oralidade*, ainda se pode constatar:

vida x escola

- uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da língua estão tão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matéria de sala de aula (cf. Marcuschi, 2001: 19);
- uma equivocada visão da fala, como o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática. De acordo com essa visão, tudo o que é "erro" na língua acontece na fala e tudo é permitido, pois ela está acima das prescrições gramaticais; não se distinguem, portanto, as si-

tuações sociais mais formais de interação que vão, inevitavelmente, condicionar outros padrões de oralidade que não o coloquial;

- uma concentração das atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, peculiar às situações da comunicação privada; nesse contexto, predominam os registros coloquiais, como a "conversa", "a troca de idéias", "a explicação para o colega vizinho" etc. Na verdade, o trabalho se restringe à reprodução desses registros informais, sem que se promova uma análise mais consistente de como a conversação acontece;
- ou seja, uma generalizada falta de oportunidades de se explicitar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros mais formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do "falar em público".

1.3.2. *O trabalho com a escrita*

No que se refere às *atividades em torno da escrita*, ainda se pode constatar:

- um processo de aquisição da escrita que ignora a interferência decisiva do sujeito aprendiz, na construção e na testagem de suas hipóteses de representação gráfica da língua;
- a prática de uma escrita mecânica e periférica, centrada, inicialmente, nas habilidades motoras

de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas: para muita gente, não saber escrever ainda equivale a escrever com erros de ortografia;

escrever sobre o jornal da escola (funcional)

- a prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em "exercícios" de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases. Tais palavras e frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem as coisas que têm a dizer. Além do mais, esses exercícios de formar frases soltas afastam os alunos daquilo que eles fazem, naturalmente, quando interagem com os outros, que é "construir peças inteiras", ou seja, *textos*, com unidade, com começo, meio e fim, para expressar sentidos e intenções. Parece incrível, mas é na escola que as pessoas "exercitam" *a linguagem ao contrário*, ou seja, a linguagem *que não diz nada*. Nessa linguagem vazia, os princípios básicos da textualidade são violados, porque o que se diz é reduzido a uma seqüência de frases desligadas umas das outras, sem qualquer perspectiva de ordem ou de progressão e sem responder a qualquer tipo particular de contexto social;
- a prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para "exercitar")[3], uma

[3] Isabel Pinheiro, em sua dissertação de mestrado (cf. Bibliografia), analisou as propostas de produção de texto de alguns livros didáticos e constatou que somente muito poucas cuidam de levar em conta os fatores interativos do ato de escrever um texto.

vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do texto:

- a prática de uma escrita que se limita a oportunidades de exercitar aspectos não relevantes da língua, nessa altura do processo de apreensão da escrita, como, por exemplo, a fixação nos exercícios de separação de sílabas, de reconhecimento de dígrafos, encontros vocálicos e consonantais e outros inteiramente adiáveis;
- a prática, enfim, de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la, não importa "o que se diga" e o "como se faz". (É a "língua da escola", como observou um menino sabido!).

1.3.3. *O trabalho com a leitura*

No que se refere às *atividades de ensino da leitura*, também se encontra ainda:

- uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal — quase sempre, nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há "encontro" com ninguém do outro lado do texto;
- uma atividade de leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente;

- uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras "cobranças"; leitura que é, assim, reduzida a momentos de exercício, sejam aqueles da "leitura em voz alta" realizados, quase sempre, com interesses avaliativos, sejam aqueles que têm de culminar com a elaboração das conhecidas "fichas de leitura";

interação
x
avaliação

- uma atividade de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto. Quase sempre esses elementos privilegiam aspectos apenas pontuais do texto (alguma informação localizada num ponto qualquer), deixando de lado os elementos de fato relevantes para sua compreensão global (como seriam todos aqueles relativos à idéia central, ao argumento principal defendido, à finalidade global do texto, ao reconhecimento do conflito que provocou o enredo da narrativa, entre outros);
- uma atividade incapaz de suscitar no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura (muitas vezes, o que se lê na escola não coincide com o que se precisa ler fora dela);
- enfim, uma escola "sem tempo para a leitura", porque, como declararam os alunos, *"tinha que aprender as narrativas, a língua portuguesa e as palavras que a gente fala errado"* ou, ainda, porque *"atrapalha o professor em suas explicações"* (cf. Silva, 1986: 27).

A propósito da questão "o tempo para a leitura na escola", vale a pena referir a pesquisa realizada por Lílian Martin da Silva (1986) junto a alunos de escolas públicas de Campinas (tenho sérias dúvidas se os resultados seriam muito diferentes, caso a pesquisa fosse feita em escolas particulares!). As respostas dos alunos são autênticas denúncias da estreiteza com que algumas escolas têm considerado os objetivos de uma aula de português.

Vejamos o que os alunos responderam, quando solicitados a dizer se *liam* durante as aulas de português:

. . . . . .

"Nunca porque não sobrava tempo."

"Nunca porque não dá tempo."

"Nunca porque a professora achava que perderia muito tempo de aula."

"Pouco, porque nos primeiros anos escolares eu fiz é muito exercício."

"A professora dava a matéria, explicava e nunca deu uma aula de leitura"

"A gente lia apenas o livro da matéria."

"Os professores se preocupam com a gramática e a redação."

. . . . . .

Como diz a autora,

Da falta de tempo genericamente justificada, os depoimentos permitem avançar um pouco mais na elucidação dessa questão ou porque através deles os alunos repetem as explicações que lhes são dadas ou porque conseguem, depois de anos a fio, vendo repetida a prática de exclusão de leitura, entender os seus porquês (p. 27).

Assim é que à pergunta *"Por que não há tempo para a leitura em sala de aula"*? os alunos responderam:

. . . . . .

"Porque tinha que ir com a matéria pra frente".

"Porque foram poucos os professores que mandaram ler."

"Porque se lêssemos não ia dar tempo para aprender toda a matéria."

"Porque atrapalha o professor em suas explicações".

"Porque não é possível ***perder*** *uma aula de português* ***apenas*** *para ler um livro" (grifos meus).*

"Porque as aulas eram mais importantes."

"Porque a professora acha que não estamos preparados para ler livros."

. . . . . .

Nem precisa muito esforço para perceber *em que* "a leitura atrapalha", ou qual "a matéria" que precisava "ir pra frente". Na verdade, a compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como um imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a fala, a escuta, a leitura e a escrita de textos adequados e relevantes. Há um equívoco tremendo em relação à dimensão da gramática de uma língua, em relação às suas funções e às suas limitações também — equívoco que tem funcionado como apoio para que as aulas de língua se pareçam muito pouco com "encontros de pessoas em atividades de linguagem" e, muito menos ainda, com "encontros de interação", nos quais as pessoas procurariam descobrir como ampliar suas possibilidades verbais de participar da vida de sua comunidade.

aula de português

Conscientes dessa compreensão falseada do que seja a gramática de uma língua, passamos ao item seguinte.

1.3.4. *O trabalho com a gramática*

No que se refere a *atividades em torno da gramática*, pode-se constatar o ensino de:

- uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais "sobre a língua", desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia-a-dia;
- uma gramática fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função; frases feitas para servir de lição, para virar exercício;
- uma gramática da irrelevância, com primazia em questões sem importância para a competência comunicativa dos falantes. A este propósito, valia a pena perguntar-se qual a competência comunicativa que há em distinguir um adjunto adnominal de um complemento nominal, ou, ainda, em reconhecer as diferentes funções do QUE ou do SE, coisas com as quais muito tempo de aula ainda é desperdiçado;
- uma gramática das excentricidades, de pontos de vista refinados, mas, muitas vezes, inconsistentes, pois se apóiam apenas em regras e casos particulares que, apesar de estarem nos compêndios de gramática, estão fora dos contextos mais previsíveis de uso da língua;

- uma gramática voltada para a nomenclatura e a classificação das unidades; portanto, uma gramática dos "nomes" das unidades, das classes e subclasses dessas unidades (e não das regras de seus usos). Pelos limites estreitos dessa gramática, o que se pode desenvolver nos alunos é apenas a capacidade de "reconhecer" as unidades e de nomeá-las corretamente. Vale a pena lembrar que, de tudo o que diz respeito à língua, a nomenclatura é a parte menos móvel, menos flexível, mais estanque e mais distante das intervenções dos falantes. Talvez, por isso mesmo, seja a parte "mais fácil" de virar objeto das aulas de língua. Vale a pena lembrar também que a gramática de uma língua é muito mais, muito mais mesmo, do que o conjunto de sua nomenclatura, por mais bem elaborada e consistente que seja. A esse propósito, seria muito útil a consulta ao trabalho de Neves (1994: 12), trabalho pelo qual ela pôde constatar que os exercícios em torno do reconhecimento da classe gramatical das palavras e de suas funções sintáticas obtiveram o maior índice de freqüência;

- uma gramática inflexível, petrificada, de uma língua supostamente uniforme e inalterável, irremediavelmente "fixada" num conjunto de regras que, conforme constam nos manuais, devem manter-se a todo custo imutáveis (apesar dos muitos usos em contrário), como se o processo de mudança das línguas fosse apenas um fato do passado, algo que já aconteceu e não acontece mais. Por esta via de percepção, a "consulta" que se faz é sempre, e apenas, a um compêndio de gramática (nem

sempre consistentemente atualizado), sem, de alguma maneira, considerar o que, na verdade, é fato, ou seja, sem considerar o que faz parte dos usos reais que os grupos mais escolarizados de falantes e escritores da atualidade adotam;

- uma gramática predominantemente *prescritiva*, preocupada apenas com marcar o "certo" e o "errado", dicotomicamente extremados, como se falar e escrever bem fosse apenas uma questão de falar e escrever corretamente, não importando o que se diz, como se diz, quando se diz, e se se tem algo a dizer. Por essa gramática, professores e alunos só vêem a língua pelo prisma da correção e, o que é pior, deixam de ver outros muitíssimos fatos e aspectos lingüísticos (os fatos textuais e discursivos, por exemplo), realmente relevantes;
- uma gramática que não tem como apoio o uso da língua em textos reais, isto é, em manifestações textuais da comunicação funcional e que não chega, por isso, a ser o estudo dos usos comunicativamente relevantes da língua[4].

1.4. Virando a página

A reorientação do quadro até aqui apresentado requer, antes de tudo, determinação, vontade, empenho de querer mudar. Isso supõe *uma ação ampla, fundamentada, planejada, sistemática e participada* (das políticas públicas — federais, estaduais e municipais — dos professores como classe e de cada professor em

[4] Acerca das críticas ao ensino de língua portuguesa, vale a pena consultar, entre muitos outros, Britto, 1997.

particular), para que se possa chegar a uma escola que cumpra, de fato, seu papel social de capacitação das pessoas para o exercício cada vez mais pleno e consciente de sua cidadania.

A complexidade do processo pedagógico impõe, na verdade, o cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, *concepções* (O que é a linguagem? O que é uma língua?), *objetivos* (Para que ensinamos? Com que finalidade?), *procedimentos* (Como ensinamos?) e *resultados* (O que temos conseguido?), de forma que todas as ações se orientem para um ponto comum e relevante: *conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos*.

O fato de assumir a discussão de como aproximar o estudo da língua desse ideal de "competência" e de "cidadania", ou melhor dizendo, de "competências para a cidadania", já representa um passo imensamente significativo — já é o começo da mudança, pois já concretiza a intenção dos professores de querer adotar uma atividade pedagógica realmente capaz de oferecer resultados mais positivos e gratificantes. Como em muitos outros casos, discutir, refletir, para identificar os problemas e encontrar saídas, já é uma "ação", já é parte do processo de mudança.

É evidente que qualquer discussão sobre os objetivos da atividade pedagógica, por mais completa que possa parecer, deve complementar-se com o estudo, a crítica, a reflexão, a pesquisa (nós, professores, precisamos de tempo para isso!) e a acuidade de todos aqueles que participam dessa atividade. O empenho por fazer esta reflexão produtiva, na prática diária das atividades

pedagógicas, conta, assim, com a descoberta permanente, com o espírito de "vigília" de todos os que estão envolvidos com a vida da escola. (Educar requer uma espécie de "estado de espírito" permanente). Os meios e os procedimentos concretos de levar tais discussões à prática da sala de aula e, não só, até a escola como um todo, serão dia a dia pensados, descobertos, inventados, reinventados, conforme as circunstâncias particulares de cada situação, de cada meio geográfico e social. Dessa forma, o professor encontra condições para deixar de ser o mero repetidor de uma lista de conteúdos, iguaizinhos de ano a ano, em qualquer lugar ou situação — conteúdos, muitas vezes, alheios à língua que a gente fala, ouve, escreve e lê. Vale lembrar aqui Rubem Alves, em *Conversas com quem gosta de ensinar* (p. 31): "Bem dizia o mestre Wittgenstein que a linguagem tem um poder enfeitiçante. E eu me pergunto: de que palavras nos alimentamos?". Pois é, perguntemo-nos: de que palavras se alimenta a vida da escola? O que significa dizer que circulam palavras pelos corredores das escolas?

Minha disposição neste momento é, pois, oferecer aos que assumem a orientação ou a atividade de ensino do português, do Fundamental ao Ensino Médio, alguns elementos que possam ajudar na descoberta de "novos jeitos" de ver a língua e, conseqüentemente, de ver-se como professor em aulas de português.

A discussão que trago será válida e encontrará aplicabilidade, como foi dito acima, apenas se completada com a reflexão crítica e criativa de cada profissional envolvido no processo de capacitar o cidadão brasileiro para o exercício *fluente, adequado e relevante da linguagem verbal, oral e escrita.*

Como discussão, este livro se destina a apresentar não um receituário simplista de novas técnicas a serem empregadas e, muito menos, de novas tarefas a serem realizadas: destina-se a apresentar uma série de princípios, capazes de fundamentar a ampla e complexa atividade do ensino da língua. Esses princípios teóricos, objetivos e científicos, contêm, naturalmente, implicações pedagógicas. Basta analisá-los com cuidado para descobri-las. Dessas implicações, por sua vez, derivam as práticas ou os procedimentos concretos que cada professor, na vida diária com seus alunos, vai inventando. Já não há mais lugar para o professor simplistamente repetidor, como disse acima, que fica, passivo, à espera de que lhe digam exatamente como fazer, como "passar" ou "aplicar" as noções que lhe ensinaram. Os princípios são o fundamento em que o professor vai apoiar-se para criar suas opções de trabalho. O novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que, com seus alunos (e não, "para" eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre.

Muitas e urgentes são as razões sociais que justificam o empenho da escola por um ensino da língua cada vez mais útil e contextualmente significativo. Sabemos quanto a incompetência atribuída à escola está ligada a conflitos com a linguagem (cf. Soares, 1987), a percepções distorcidas e míticas acerca do que seja o fenômeno lingüístico (cf. Bagno, 1999, 2000). Sabemos quanto nos aflige a seletividade, a manutenção da estrutura de classes e a reprodução da força de trabalho (cf. Carraher, 1986) que, incondicionalmente, decorrem também dessa incompetência e dessas distorções. Sabemos que a educação escolar é um processo social,

com nítida e incontestável função política, com desdobramentos sérios e decisivos para o desenvolvimento global das pessoas e da sociedade. Sentimos na pele que não dá mais para "tolerar" uma escola que, por vezes, nem sequer alfabetiza (principalmente os mais pobres) ou que, alfabetizando, não forma leitores nem pessoas capazes de expressar-se por escrito, coerente e relevantemente, para, *assumindo a palavra*, serem *autores* de uma nova ordem das coisas. É, pois, um ato de cidadania, de civilidade da maior pertinência, que aceitemos, ativamente e com determinação, o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino da língua.

CAPÍTULO DOIS

Assumindo a dimensão interacional da linguagem

Só esqueceram uma coisa na construção do nosso edifício social: a pedra fundamental.

MILLÔR FERNANDES

Toda atividade pedagógica de ensino do português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, *uma determinada concepção de língua*. Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos lingüísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem.

Tenho presenciado, por vezes, uma certa desconfiança ou uma certa restrição dos professores quando

se trata de lhes oferecer mais referenciais teóricos. Parece que são meio descrentes da teoria. "Queremos prática", costumam dizer. Esta afirmação pode significar um certo ceticismo ou um descontentamento com explicações teóricas que lhes chegam nos eventuais encontros ou "treinamentos". Nesse caso, os professores podem ter razão, principalmente, se a teoria que estudaram não ajudou a tornar sua atividade pedagógica mais produtiva, mais relevante e significativa.

Mas o desinteresse pela teoria pode significar também uma incompreensão do que seja "teoria" e "prática", de como uma e outra se interdependem ou se alimentam mutuamente. Como pode significar ainda uma certa acomodação dos professores, que, passivamente, esperam que alguém venha dizer a eles o que fazer e como fazer, dispensando-os, assim, do trabalho constante de estudar, de "estar atentos", de pesquisar, de avaliar, de criar, de inventar e reinventar sua prática, o que naturalmente supõe fundamentação teórica, ampla, consistente e relevante.

Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos. Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana. O conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais apenas, como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática. Teorias lingüísticas do uso da prosódia, da morfossintaxe, da semântica, da pragmática, teorias do texto,

concepções de leitura, de escrita, concepções, enfim, acerca do uso interativo e funcional das línguas, é o que pode embasar um trabalho verdadeiramente eficaz do professor de português.

Mas voltemos à questão dos princípios teóricos.

De uma forma muito geral, pode-se dizer que, ao longo dos estudos lingüísticos, duas grandes tendências têm marcado a percepção dos fatos da linguagem:

a) uma tendência centrada na língua enquanto sistema em potencial, enquanto conjunto abstrato de signos e de regras, desvinculado de suas condições de realização;

b) uma tendência centrada na língua enquanto atuação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores e, assim, enquanto *sistema-em-função*, vinculado, portanto, às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização.

Evidentemente, essa segunda tendência teórica possibilita uma consideração mais ampla da linguagem e, conseqüentemente, um trabalho pedagógico mais produtivo e relevante. Ou seja, a evidência de que as línguas só existem para promover a interação entre as pessoas nos leva a admitir que somente *uma concepção interacionista da linguagem,* eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante.

Se a língua-em-função apenas ocorre sob a forma da textualidade — e esta é uma segunda evidência que

quero lembrar aqui — é natural admitir também que só o estudo das regularidades textuais e discursivas, na sua produção e interpretação, pode constituir *o objeto* de um ensino da língua que pretenda ser, como se disse acima, produtivo e relevante.

Assumo, portanto, que o núcleo central da presente discussão é *a concepção interacionista, funcional e discursiva da língua*, da qual deriva o princípio geral de que *a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos*. É, pois, esse núcleo que deve constituir o ponto de referência, quando se quer definir todas as opções pedagógicas, sejam os objetivos, os programas de estudo e pesquisa, seja a escolha das atividades e da forma particular de realizá-las e avaliá-las.

Vale a pena trazer à discussão mais um ponto: as aulas em questão são "aulas de português". Mas, de que português? Do português de Portugal? Do português do Brasil? É claro que é do *português do Brasil, aberto, porém, à análise de outras variedades*. Essa é uma questão fundamental, que tem desdobramentos de toda ordem. Só para dar um exemplo: querer aplicar ao português brasileiro as regras da colocação pronominal do português europeu é gerar uma série de incompatibilidades que apenas reafirmam aquela idéia de que o brasileiro fala mal. Como a colocação pronominal, existem muitas outras questões (veja-se a regência de certos verbos e de certos nomes, para citar mais um exemplo). Ou seja, a chamada "norma-padrão" objeto de análise na escola deve ter como parâmetro os usos próprios do Brasil, nos diferentes contextos de

funcionamento da língua. De outra forma, se cria um fosso sem saída, um problema sem solução, ("uma pedra no meio do caminho" que não pode ser afastada.)

A essas considerações acrescento, como ponto de sustentação mais ampla, o princípio de que é o aluno o *sujeito da aprendizagem* que acontece, ou seja, é ele quem realiza, na interação com o objeto da aprendizagem, a atividade estruturadora da qual resulta o conhecimento (cf. Kato, 1986). Vale a pena ter em conta, ainda, que tal conhecimento implica, não o armazenamento, em estoque, de um conjunto de informações, de conteúdos e regras, mas a existência de uma capacidade gerativa, isto é, uma capacidade de encontrar novas respostas para problemas inteiramente novos, em novas situações.

A seguir, apresento um conjunto de *princípios* que, como disse, podem respaldar uma prática pedagógica de estudo e exploração da oralidade, da escrita, da leitura e da gramática. Em nenhum momento atribuo a esses princípios a praticidade mecanicista de um receituário. São fundamentos. São "a pedra fundamental" da construção que professores e alunos vão empreender:

Bons professores, como a aranha, sabem que lições, essas teias de palavras, não podem ser tecidas no vazio. Elas precisam de fundamentos. Os fios, por finos e leves que sejam, têm de estar amarrados a coisas sólidas: árvores, paredes, caibros. Se as amarras são cortadas, a teia é soprada pelo vento, e a aranha perde a casa. Professores sabem que isso vale também para as palavras: separadas das coisas, elas perdem seu sentido. Por si mesmas, elas não se sustentam. Como acontece com a teia de aranha, se suas amarras às coisas sólidas são cortadas, elas se tornam sons vazios: nonsense... (Rubem Alves, 2001: 19).

Prevejo, para além da explicitação desses princípios, antes de tudo, uma base teórica bem mais abrangente — que, naturalmente, não cabe nos limites deste trabalho — cujas aplicações práticas exigem, além de estudo, pesquisa e reflexão, a criatividade e o discernimento constantes dos professores.

Parece-me razoável supor que este não é o lugar adequado para descermos aos mínimos detalhes do *que-fazer* pedagógico. É evidente que pretendo atingir a realidade cotidiana da prática, da aplicação, mas quero fazê-lo através da indicação de implicações, de pistas, pelas quais os professores podem descobrir os jeitos daquele *que-fazer* pedagógico. Tenho em mente um professor de português que é, além de educador, lingüista e pesquisador (como propõe Marcos Bagno em toda a sua obra), alguém que, com base em princípios teóricos, científicos e consistentes, observa os fatos da língua, pensa, reflete, levanta problemas e hipóteses sobre eles e reinventa sua forma de abordá-los, de explicitá-los ou explicá-los. Esses fatos da língua somente vêm à tona nas práticas discursivas, das quais o texto é parte constitutiva. Por isso é que *só os textos podem constituir o objeto relevante de estudo da língua.*

Vamos aos princípios.

2.1. Explorando a escrita

Para fazer uma frase de dez palavras são necessárias umas cem.

MILLÔR FERNANDES

A escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas.

Uma atividade é interativa quando é realizada, conjuntamente, por duas ou mais pessoas cujas ações se interdependam na busca dos mesmos fins. Assim, numa *inter-ação* ("ação entre"), o que cada um faz depende daquilo que o outro faz também: a iniciativa de um é regulada pelas condições do outro, e toda decisão leva em conta essas condições. Nesse sentido, a escrita é tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala.

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das idéias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita *a um outro alguém,* com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo.

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (*ex-*, "para fora"), de manifestação verbal das idéias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. *Ter o que dizer* é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento lingüístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do "não ter o que dizer". As palavras são apenas a mediação, ou o material com que se faz a ponte entre quem fala e quem escuta, entre quem escreve e quem lê. Como mediação, elas se limitam a possibilitar a expressão do que é sabido, do que é pensado, do que é sentido. Se faltam as idéias, se falta a informação, vão faltar as palavras. Daí que nossa providência maior deve ser encher a cabeça de idéias, ampliar nosso repertório

de informações e sensações, alargar nossos horizontes de percepção das coisas. Aí as palavras virão, e a crescente competência para a escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com as regras próprias de cada tipo e de cada gênero de texto. O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais. Numa outra oportunidade, explorei a dimensão desse equívoco (ver Antunes, 2002).

A visão interacionista da escrita supõe ainda que existe o outro, o *tu*, com quem dividimos o momento da escrita. Embora o sujeito com quem interagimos pela escrita não esteja presente à circunstância da produção do texto, é inegável que tal sujeito existe e é imprescindível que ele seja levado em conta, em cada momento. Ou seja, a escrita, pelo fato de não requerer a presença simultânea dos interlocutores em interação, não deixa de ser um exercício da faculdade da linguagem. Como tal, existe para *servir à comunicação entre sujeitos*, os quais, cooperativa e mutuamente, se ajustam e se condicionam. Quem escreve, na verdade, *escreve para alguém*, ou seja, está *em interação com outra pessoa*. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo.

Escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto deve adequar-se. Como saber se dissemos de mais

ou de menos? Como avaliar se fomos precisos, se fomos relevantes, se dissemos "com a palavra certa" aquilo que tínhamos a dizer? Sem o outro, do outro lado da linha, não há linguagem. Pode haver o treinamento mecânico e aleatório de emitir sinais, o que, na verdade, fora de certas situações escolares, ninguém faz. O outro, que caracteriza o ato inerentemente social da linguagem, paradoxalmente, só desaparece nas aulas de português, que até já se chamaram de aulas de "Comunicação e Expressão".

Como lembra Bakhtin (1995: 113):

> Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

O professor não pode, sob nenhum pretexto, insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário; sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai ser escrito.

A escrita, na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes.

Como uma das modalidades de uso da língua, a escrita existe para *cumprir diferentes funções comunicativas*, de maior ou menor relevância para a vida da comunidade. Se prestarmos atenção à vida das pessoas nas sociedades letradas, constatamos que a escrita está

presente, como forma constante de atuação, nas múltiplas atividades dessas pessoas — no trabalho, na família, na escola, na vida social em geral — e, mais amplamente, como registro do seu patrimônio científico, histórico e cultural. Dessa forma, toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam. Pela escrita alguém informa, avisa, adverte, anuncia, descreve, explica, comenta, opina, argumenta, instrui, resume, documenta, faz literatura, organiza, registra e divulga o conhecimento produzido pelo grupo. Se "falar é uma forma de comportamento", como afirma Searle (1981: 27), escrever também o é. Ou seja, nunca dizemos nada, oralmente ou por escrito, que não tenha conseqüências (só a escola parece não ver isso.)

Em suma, *socialmente, não existe a escrita "para nada", "para não dizer", "para não ser ato de linguagem".* Daí por que não existe, em nenhum grupo social, a escrita de palavras ou de frases soltas, de frases inventadas, de textos sem propósito, sem a clara e inequívoca definição de sua razão de ser.

> A escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza.

Vinculada àquela dimensão da funcionalidade da escrita está a outra dimensão da sua forma de realização e apresentação. Assim como se admite que não

existe fala uniforme, realizada de forma igual em diferentes situações e usos, também a produção de textos escritos toma formas diferentes, conforme as diferentes funções que pretende cumprir.

Essas diferenças vão implicar diferenças de gêneros de texto[1], isto é, diferenças na forma de as diferentes partes do texto se distribuírem, se organizarem e se apresentarem sobre o papel. A chamada superestrutura do texto corresponde a essas formas diferentes de o texto organizar-se e apresentar-se em duas, três ou mais partes, numa seqüência mais ou menos definida. Assim é que uma carta, um relatório, um aviso, um requerimento têm um jeito próprio, um jeito típico de acontecer, ou seja, são feitos de acordo com um certo modelo, com partes ou blocos mais ou menos estáveis, que vão suceder-se numa ordem também mais ou menos fixa.

Como os textos são de autoria das pessoas, delas unicamente provêm e a elas unicamente se destinam, tais modelos em que os gêneros de texto se manifestam são resultado de convenções históricas e sociais instituídas por essas mesmas pessoas. São convenções, como todas as outras, criadas, modificadas ou deixadas de

[1] A questão "gêneros de texto" tem cada vez mais atraído a atenção dos pesquisadores, sobretudo, daqueles que se interessam por estabelecer uma ponte entre a lingüística e a pedagogia do ensino de línguas. Já se encontra uma bibliografia razoável sobre o assunto — que deve ser cuidadosamente estudada pelos professores — e mais novidades estão por vir. Veja-se, como exemplo apenas, em português: Antunes (2002); Biasi-Rodrigues (2002); Brandão (2000); Dionísio, Machado & Bezerra (orgs.) (2002); Meurer & Motta-Roth (2002). Estes dois últimos trazem muitos trabalhos sobre a questão dos gêneros.

lado, sempre que for necessário fazê-lo. Neste âmbito, também se pode constatar a natureza complexa da linguagem, que é, por um lado, prototípica, regida por modelos e padrões e, por outro, flexível, passível de alterações e mudanças.

Assim, como já se ressaltou em outro trabalho (Antunes, 1998), o paradoxo da variação e da organização estável dos textos é apenas o reflexo da natureza mesma da linguagem, definida como sujeita à tradição e, ao mesmo tempo, subordinada à ação livre dos falantes. Se, por um lado, como admite Saussure (1973), uma língua é "radicalmente incapaz de se defender" dos fatores que, constantemente, a deslocam (p. 90), por outro, a solidariedade com o passado restringe e controla esse inevitável deslocamento (p. 88).

Os gêneros de textos evidenciam essa natureza altamente complexa das realizações lingüísticas: elas são diferentes, multiformes, mutáveis, em atendimento à variação dos fatores contextuais e dos valores pragmáticos que incluem e, por outro lado, são prototípicas, são padronizadas, são estáveis, atendendo à natureza social das instituições sociais a que servem.

Em síntese, uma escrita uniforme, sem variações de superestrutura, de organização, de seqüência de suas partes, corresponde a uma escrita sem função, artificial, mecânica, inexpressiva, descontextualizada, convertida em puro treino e exercício escolar, que não estimula nem fascina ninguém, pois se esgota nos reduzidos limites das próprias paredes escolares.

A escrita supõe condições de produção e recepção diferentes daquelas atribuídas à fala.

Todo evento de fala corresponde a uma interação verbal que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores, em *situação de co-presença, alternam seus papéis de falante e ouvinte.* O discurso vai sendo, assim, coletivamente produzido, negociado, ao mesmo tempo em que vai sendo planejado, e sua seqüência é determinada, quase sempre, na própria continuidade do diálogo.

A escrita corresponde a uma outra modalidade de interação verbal: a modalidade em que a *recepção é adiada*, uma vez que os sujeitos atuantes não ocupam, ao mesmo tempo, o mesmo espaço. Além disso, há um lapso de tempo, maior ou menor, entre o ato de elaboração do texto pelo autor e o ato de sua leitura pelo leitor. Como lembram Faraco & Tezza (2003: 10): "O homem inventou a escrita, há milhares de anos, quando só a conversa não conseguia dar conta de todas as suas necessidades".

Essas diferentes condições de produção da escrita dão a quem escreve a possibilidade de conceder uma parcela de tempo maior à *elaboração verbal* de seu texto, bem como a possibilidade de rever e recompor o seu discurso, sem que as marcas dessa revisão e dessa recomposição apareçam. Daí a ilusão de que a versão escrita que aparece divulgada — arranjada e bem escrita — corresponde à versão inicial do autor. Daí a outra ilusão — maior ainda — de que a escrita é mais bem elaborada, é mais "certa" que a fala.

Além desse maior tempo na elaboração do texto escrito, vale a pena lembrar que é bem mais comum à escrita a referência a pessoas, propriedades e objetos

ausentes da situação, o que requer uma maior explicitação lingüística dessas referências, ampliando-se e diversificando-se, assim, na escrita, o emprego das unidades lexicais e de formulações sintáticas mais completas. Os sinais de pontuação e o uso explícito de conectivos, entre muitos outros recursos, tendem a suprir instruções que, na fala, são dadas por recursos como a entonação, as pausas, os acentos de voz etc. (cf. Kato, 1986).

Evidentemente, convém chamar a atenção para o fato de que *não existe um padrão único de fala, como não existe também um padrão único de escrita.* Não falamos nem escrevemos todos do mesmo jeito, em qualquer situação ou para quaisquer interlocutores. Falamos e escrevemos, com maior ou menor formalidade, mais ou menos à vontade, com maior ou menor espontaneidade e fluência. Há momentos, de fala ou de escrita, em que tudo o que vai ser dito pode ser dito sem muita ou sem nenhuma formalidade, como há momentos em que tudo precisa ser cuidadosamente planejado e controlado.

Naturalmente, a diferença que pretendo ressaltar aqui é aquela entre a fala mais informal e a escrita mais formal. Quanto maior for a distância entre as duas, mais salientes serão as diferenças. A fala informal está normalmente presente nos contextos mais corriqueiros da conversação coloquial e caracteriza-se, em geral, por um vocabulário comum, restrito a esses contextos corriqueiros, por uma sintaxe permeada de expressões fáticas ("não é?", "sabe como é?", "tá ligado?", "certo"), de hesitações, de superposições ou de frases inacabadas (não que isso signifique "erro" ou desleixo). Sua coesão, além de outros aspectos discursivos, é estabelecida

por meio de recursos paralingüísticos (como os gestos, as expressões faciais) e supra-segmentais (como a entonação, o aumento da intensidade, o alongamento das vogais, as pausas). Além disso, a presença de referentes concretos deixa, quase sempre, o texto falado informalmente cheio de incompletudes e "vaguezas", o que não afeta a coerência do que é dito, pois são facilmente supridas pelo contexto.

Daí que apenas a fala informal não pode servir de suporte para o desenvolvimento da compreensão de como acontece a escrita de textos formais. Ou seja, só pelo contacto com textos escritos formais é que se pode apreender a formulação própria da escrita formal. Conseqüentemente, só com textos orais os alunos não chegam à competência para o texto escrito (e não esperemos por milagres!)

No interior de um elevador, constava uma placa com os seguintes dizeres:

Atenção
Capacidade licenciada: 6 passageiros ou 420 kg
A utilização acima destes limites é perigosa e ilegal sujeitando os infratores às penalidades da legislação.

Pode-se prever que, em contextos da fala informal, as informações que são dadas neste texto teriam uma formulação bem diferente. Certamente, as palavras seriam outras, a composição das frases seria outra.

Sem pretender estabelecer um marco nitidamente divisório entre a fala e a escrita — até porque, na

verdade, há muito mais de semelhante entre as duas do que de diferente —, sem pretender os muitos simplismos com que a fala e a escrita têm sido distinguidas[2], vale a pena, contudo, chamar a atenção para as diferentes condições de produção de uma e de outra e ter em conta como essas diferenças interferem na sua realização concreta.

A escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões.

Elaborar um texto escrito é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das idéias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. Cada etapa cumpre, assim, uma função específica, e a condição final do texto vai depender de como se respeitou cada uma destas funções.

À primeira etapa, a *etapa do planejamento*, corresponde todo o cuidado de quem vai escrever para:

---

[2] Para aprofundar esta questão da relação entre fala e escrita, vale a pena, entre outras leituras, a consulta a Marcuschi (2001), principalmente o primeiro capítulo, onde o autor apresenta uma síntese das várias perspectivas em que a fala e a escrita são observadas.

a. delimitar o tema de seu texto e aquilo que lhe dará unidade;

b. eleger os objetivos;

c. escolher o gênero;

d. delimitar os critérios de ordenação das idéias;

e. prever as condições de seus leitores e a forma lingüística (mais formal ou menos formal) que seu texto deve assumir.

Na escolha dos critérios de ordenação das idéias, é relevante prever como a informação vai ser distribuída ao longo do texto, isto é, por onde se vai começar, que seqüência se vai adotar, como se vão dividir os tópicos em subtópicos e em que ordem eles vão aparecer. É o momento de delinear a planta do edifício que se vai construir.

À segunda etapa, *a etapa da escrita*, corresponde a tarefa de *pôr no papel*, de registrar o que foi planejado. É a etapa da escrita propriamente dita, do registro, quando concretamente quem escreve vai seguir a planta esboçada e dar forma ao objeto projetado (imagine o que é fazer uma construção sem planejamento!). É quando aquele que escreve toma as decisões de ordem lexical (a escolha das palavras) e de ordem sintático-semântica (a escolha das estruturas das frases), em conformidade com o que foi anteriormente planejado e, evidentemente, em conformidade, ainda, com as condições concretas da situação de comunicação. Sempre atento, sempre em estado de *reflexão*, para garantir sentido, coerência, relevância.

À terceira etapa, a *etapa da revisão e da reescrita*, corresponde o momento de análise do que foi escrito,

para aquele que escreve confirmar se os objetivos foram cumpridos, se conseguiu a concentração temática desejada, se há coerência e clareza no desenvolvimento das idéias, se há encadeamento entre os vários segmentos do texto, se há fidelidade às normas da sintaxe e da semântica — conforme prevêem as regras de estrutura da língua — se respeitou, enfim, aspectos da superfície do texto, como a ortografia, a pontuação e a divisão do texto em parágrafos. É, como disse, a hora da revisão (da primeira, talvez), para decidir sobre o que fica, o que sai, o que se reformula. Como afirmou Hemingway: "A cesta de papéis é o primeiro móvel na casa de um escritor"[3].

A natureza interativa da escrita impõe esses diferentes momentos, esse vaivém de procedimentos, cada um implicando análises e diferentes decisões de alguém que é sujeito, que é autor de um dizer e de um fazer, para outro ou outros sujeitos, também ativos e cooperantes.

Carlos Drummond de Andrade parecia bastante consciente das exigências de uma escrita cuidadosa (que supõe tempo e disposição para planejar, fazer e refazer), quando anotou em seu diário:

> Março 12. Tanto trabalho para redigir a carta de resposta a uma diretora de serviço público que me mandou observações sobre uma crônica que publiquei no *Jornal do Brasil*. Problema: achar o tom adequado, a palavra justa, a expressão medida e insubstituível, nem

---

[3] O mesmo Hemingway registrou: "Reescrevi trinta vezes o último parágrafo de *Adeus às Armas* antes de me sentir satisfeito". A Voltaire é atribuída a seguinte citação: "Perdoe-me, senhora, se escrevi carta tão comprida. Não tive tempo de fazê-la curta".

mais nem menos. Chego à conclusão de que *escritor é aquele que não sabe escrever, pois quem não sabe escreve sem esforço*. Já Manuel Bandeira era de outra opinião: "Se você faz uma coisa com dificuldade, é que não tem jeito para ela." Duvido. (grifo meu)

Carlos Drummond de Andrade,
O observador no escritório

A realidade de nossas salas de aula mostra exatamente o contrário, pois a falta de esforço, a improvisação e a pressa com que nossos alunos escrevem parecem indicar que lhes sobra competência e arte. Esquecemos, como disse alguém, que *"o que é escrito sem esforço é geralmente lido sem prazer"*.

Para facilitar a compreensão das distintas etapas da produção escrita de um texto, mostradas anteriormente, talvez valha a pena conferir o esquema a seguir.

Etapas distintas e intercomplementares implicadas na atividade da escrita

1. PLANEJAR	2. ESCREVER	3. REESCREVER
É a etapa para o sujeito:	**É a etapa para o sujeito:**	**É a etapa para o sujeito:**
ampliar seu repertório;	pôr no papel o que foi planejado;	**rever o** que foi escrito;
delimitar o tema e escolher o ponto de vista a ser tratado;	realizar a tarefa motora de escrever;	**confirmar** se os objetivos foram cumpridos;
eleger o **objetivo**, a finalidade com que vai escrever; ▼	cuidar para que os itens planejados sejam todos cumpridos. ▼	Avaliar a **continuidade temática**; ▼

escolher os critérios de **ordenação das idéias, das informações;**		observar a **concatenação** entre os períodos, entre os parágrafos; ou entre os blocos superparagráficos;
prever as condições dos possíveis **leitores;**		avaliar a **clareza** do que foi comunicado; avaliar a **adequação** do texto às condições da situação;
considerar a **situação** em que o texto vai circular;	Enfim, essa é uma etapa **intermediária**, que prevê a atividade anterior de planejar e a outra posterior de rever o que foi escrito.	rever a fidelidade de sua formulação lingüística às normas da **sintaxe** e da **semântica**, conforme prevê a gramática da estrutura da língua;
decidir quanto às estratégias textuais que podem deixar o texto adequado à situação;		rever aspectos da superfície do texto, tais como a **pontuação**, a **ortografia** e a **divisão** do texto **em parágrafos.**
estar seguro quanto ao que pretende dizer a seu parceiro; enfim, estar seguro quanto ao núcleo de suas idéias e de suas intenções.	Normalmente, a escola tem concentrado sua atenção na etapa de escrever e tem enfocado apenas a escrita gramaticalmente correta.	

Como se vê, não basta o cumprimento da etapa de escrever. É preciso que se providencie uma etapa anterior e uma outra posterior à escrita propriamente. Cada uma tem uma função de grande importância para que nossas produções lingüísticas resultem adequadas e relevantes.

Possivelmente, a qualidade, por vezes pouco desejável, dos textos escritos por nossos alunos se deva também à falta de oportunidade para que eles planejem e revejam esses textos. A prática das "redações" escolares — normalmente realizada num limite escasso de tempo, freqüentemente improvisada e sem objetivos mais amplos que aquele de simplesmente escrever — leva os alunos a produzir textos de qualquer maneira, sem um planejamento prévio e, ainda, sem uma diligente revisão em busca da *melhor forma de dizer aquilo que se pretendia comunicar.* Essa busca da "melhor forma" fica sinalizada no texto pelas rasuras, que indicam exatamente a outra opção que pareceu mais adequada que a anterior. O professor, normalmente, tem inibido o uso da rasura, deixando passar a falsa idéia de que palavra certa já se encontra na primeira tentativa. Como lembra Calil (1998: 59): "Para a Escola, a rasura é apenas uma marca que deve ser eliminada", pois suja o texto que, por isso mesmo, deve ser passado a limpo[4]. Apagam-se, assim, os

[4] Vale a pena a leitura do livro de Eduardo Calil, intitulado *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas.* Nesse trabalho, o autor faz uma análise bastante interessante acerca do que podem significar as rasuras que as crianças fazem na produção de seus textos. De fato, seria proveitoso que o professor de português procurasse não desperdiçar o sentido que as rasuras podem ter. São indícios, são sinais. Muitas idéias poderiam nascer daí.

sinais de que entre a primeira versão e o texto passado a limpo houve uma leitura avaliativa e se decidiu por uma outra forma considerada mais adequada.

A maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes se faz assim, e é uma conquista inteiramente possível a todos — mas é "uma conquista", "uma aquisição", isto é, não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência. Supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas (com rasuras, inclusive!), aprendizagem. Exige tempo, afinal.

A escrita, enquanto sistema de codificação, é regida por convenções gráficas, oficialmente impostas.

Existe, para os padrões da escrita, um conjunto de convenções que estipulam a forma como as palavras devem ser grafadas. Em alguns contextos, é possível estabelecer uma série de regras que determinam o emprego de certos grafemas, os quais, como se sabe, não correspondem univocamente aos sons dos fonemas. No caso do português, as convenções ortográficas obedecem, em geral, a motivos etimológicos (relativos à origem das palavras) e só muito raramente sofrem alterações.

Como convenções, as regras ortográficas devem ser estudadas, exploradas e progressivamente dominadas. No entanto, deve-se ter todo o cuidado para prestar atenção a outros aspectos do texto, para além da correção ortográfica. A tradição escolar tem conferido, por vezes, uma importância exagerada ao domínio da ortografia, criando a impressão de que basta a corre-

ção ortográfica para garantir a competência de escrever bons textos. Não raramente, a referência das pessoas ao fato de que "os alunos não sabem escrever" tem como pressuposto a constatação de que eles escrevem com erros de ortografia. Na verdade — e a escola deve cuidar para que isso aconteça — é de se esperar que, ao final do ensino médio, os alunos não demonstrem dificuldades ortográficas. O mais elementar é que eles dominem as regras, às vezes meio aleatórias, da ortografia; mas apenas isso não pode constituir o ideal da escrita adequada e relevante, embora não possa deixar de merecer cuidado.

2.1.1. *Implicações pedagógicas*

O conjunto de princípios acima apresentados contém, inevitavelmente, uma série de implicações pedagógicas. Isto é, aceitar aqueles princípios *implica* aceitar determinadas perspectivas, escolher determinadas atividades e atitudes práticas. Noutras palavras, não podemos concordar com aqueles princípios sem adotarmos determinadas práticas. Uma coisa leva naturalmente à outra.

Por essas implicações, o professor de português deve intervir para que o trabalho com a escrita tenha as características que passamos a enumerar.

- *Uma escrita de autoria também dos alunos* — A produção de textos escritos na escola deve incluir também os alunos como seus autores. Que eles possam "sentir-se sujeitos" de um certo dizer que circula na escola e superar, assim, a única condição de leitores desse dizer. Como observa-

ram Ferreiro & Palácio (1987), a escrita escolar, como produção de textos, se distribui desigualmente entre professores e alunos. São muitas as oportunidades da vida da escola em que os alunos poderiam atuar como autores de textos. Essa prática, além do mais, colocaria os alunos na circunstância de exercitar a participação social pelo recurso da escrita.

- *Uma escrita de textos* — A escrita escolar deve realizar-se também com o fim de, por ela, se estabelecerem *vínculos comunicativos*. Nessa dimensão, não pode deixar de ser, sempre, *escrita de textos;* de textos relacionados com o que se passa no ambiente social em que vivem os alunos. A escrita de palavras ou de frases soltas só faz inibir a competência que é necessária para a produção de textos coesos e coerentes, que é a competência para juntar, para articular palavras, orações, períodos, parágrafos. É com essa articulação que nos expressamos naturalmente. Ninguém sai por aí "formando frases". Socialmente, o que conta é nossa capacidade para totalizar, para integrar, num plano global, os dados de nosso dizer. Contraditoriamente, só nas aulas de português é que se exercita a artificialidade de formar frases, o que nega, como vimos, a própria forma da linguagem acontecer.
- *Uma escrita de textos socialmente relevantes* — As propostas para que os alunos escrevam textos devem corresponder aos diferentes usos sociais da escrita — ou seja, devem corresponder àquilo que, na verdade, se escreve fora da esco-

issertação
gênero único

la — e, assim, sejam textos de gêneros que têm uma função social determinada, conforme as práticas vigentes na sociedade. A famosa "redação" — que aparece sempre como um texto de caráter dissertativo — parece ter assumido a condição de gênero escolar único, pois pouca coisa diferente se escreve na escola, sobretudo nas séries do Ensino Médio. Não admira, pois, que, mais tarde, escrever qualquer outro gênero de texto se torne uma tarefa praticamente inviável. Voltaremos a esse ponto mais adiante para sugerir a escrita de diferentes gêneros de texto.

- *Uma escrita funcionalmente diversificada* — As diferenças formais que os textos exigem (diferenças na escolha das palavras, na estruturação sintática das orações e dos períodos, na organização do texto) decorrem das diferentes funções que esses textos têm a cumprir. Assim, cada jeito diferente de escrever um texto ganha sentido e se justifica porque responde a uma diferente função interativa. Não é o mesmo escrever um texto com função apelativa ou com função informativa, por exemplo. Impossível é escrever bem um texto sem saber que função ele vai cumprir ou, pior, sabendo que ele apenas vai cumprir a função de ser exercício escolar e, dessa maneira, pode ser de qualquer jeito.
- *Uma escrita de textos que têm leitores* — Os textos dos alunos, exatamente porque são atos de linguagem, devem ter leitores, devem dirigir-se a um alguém concreto. Quando possível, a leitores reais, a leitores diversificados, que podem

ser previstos e devem ser tidos em conta no momento da escrita, para que, como já dissemos, quem escreve possa tomar as devidas decisões na seleção *do que dizer* e *de como fazê-lo*.

- *Uma escrita contextualmente adequada* — As particularidades lexicais e sintáticas da escrita formal, própria dos contextos da comunicação pública, ou aquelas da interação coloquial privada, somente podem ser entendidas se a escola providenciar contextos diferentes, nos quais esses padrões sejam reconhecidos como adequados. Nessa perspectiva, o bom texto será não obrigatoriamente o texto correto, mas, inevitavelmente, o texto adequado à situação em que se insere o evento comunicativo. Dessa forma, não é "a gramática" apenas que vai dizer se o texto está bom ou não: são as *regras sociais* presentes no espaço de circulação do texto que definem sua qualidade. Tem faltado ao professor esse olhar para as situações de uso da língua. Tem sobrado o olhar para o que a gramática prescreve, independentemente de qualquer contexto.

- *Uma escrita metodologicamente ajustada* — Todas as providências devem ser tomadas para que os alunos tenham as necessárias condições de tempo e de planejamento para construir seus textos. Como vimos no quadro exposto atrás, qualquer texto deve ser devidamente *planejado*, *escrito* e *revisado*. O ideal é que se crie, com os alunos, a prática do planejamento, a prática do rascunho, a prática das revisões, de maneira que a primeira versão de seus textos tenha sempre um caráter de produção provisória, e os

alunos possam viver, como coisa natural, a experiência de fazer e refazer seus textos, tantas vezes sejam necessárias, assim como fazem aqueles que se preocupam com a qualidade do que escrevem. Talvez seja preferível que os alunos escrevam menos, mas que possam revisar seus textos, até mais de uma vez, tornando-se essa revisão, assim, um hábito já previsto nas atividades escolares com a escrita.

- *Uma escrita orientada para a coerência global* — Entre tantos aspectos, o ideal será que o professor conceda a maior atenção aos aspectos centrais da organização e da compreensão do texto, tais como a clareza e a precisão da linguagem (a escolha da palavra certa), a adequação das expressões à função do texto e aos elementos de sua situação, o encadeamento dos vários segmentos do texto, bem como o sentido, a relevância e o interesse daquilo que é dito. A fixação nos padrões da correção ortográfica, por exemplo, desviou a atenção do professor que, dessa forma, deixou de perceber a coesão, a coerência, a informatividade, a clareza, a concisão e outras propriedades do texto.
- *Uma escrita adequada também em sua forma de se apresentar* — Aspectos da superfície do texto devem merecer o devido cuidado. A ortografia, os sinais de pontuação (que devem ser percebidos na sua estreita relação com a coerência, com o valor informativo e expressivo das unidades do texto), a organização das várias subpartes do texto (que transparece na subdivisão do texto em diferentes parágrafos) consti-

tuem sinais da competência de quem escreve para se adequar às exigências da situação comunicativa. Um texto funciona como um *mapa*: com instruções, com pistas, com indicações que precisam ser seguidas. O cuidado com a apresentação desse mapa faz parte da cooperação do escritor com o leitor, para que ele chegue aos sentidos e às intenções pretendidos.

Como se pode ver, há muito o que fazer de extremamente relevante numa sala de aula de português. Com certeza, explorando cada uma das implicações apresentadas acima, não vai sobrar tempo para que aconteçam as intermináveis classificações morfológicas e os inócuos exercícios de análise sintática. Vai ficar gente sem saber distinguir o complemento do adjunto adnominal. Mas vai ter muita gente escrevendo bem melhor, com mais clareza e precisão, dizendo as coisas com sentido e do jeito que a situação social pede que se diga. E aí teremos, de fato, autores. Gente que tem uma palavra a dizer e sabe como dizer. Dessa forma, acima de tudo, a escola terá cumprido seu papel social de intervir mais positivamente na formação das pessoas para o pleno exercício de sua condição de cidadãs. Já não é sem tempo!

2. Explorando a leitura

Ler é outro modo de ouvir.
MARCOS BAGNO

A leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidos pelo autor.

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma *atividade de interação entre sujeitos* e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor.

Nessa busca interpretativa, os elementos gráficos (as palavras, os sinais, as notações) funcionam como verdadeiras "instruções" do autor, que não podem ser desprezadas, para que o leitor descubra significações, elabore suas hipóteses, tire suas conclusões. Palavrinhas que poderiam parecer menos importantes, como *até, ainda, já, apenas*, e tantas outras, são pistas significativas em que devemos nos apoiar para fazer nossos cálculos interpretativos. Todo esforço para entender essas instruções — isto é, o que está sobre a folha de papel — só se justifica pelo que elas, as instruções, representam para a compreensão global do ato comunicativo do qual o texto é suporte.

Evidentemente, tais instruções "sobre a folha do papel" não representam tudo o que a gente precisa saber para entender o texto. Muito, mas muito mesmo, do que se consegue apreender do texto faz parte de nosso "conhecimento prévio", ou seja, é anterior ao que lá está. Um texto seria inviável se tudo tivesse que estar explicitamente presente, explicitamente posto. O que é pressuposto como já sabido, o que é presumível a partir do conhecimento que temos acerca de como as coisas estão organizadas, naturalmente, já não precisa ser dito. Com base neste princípio é que van Dijk (1984) diz que os textos são inevitavelmente incompletos e que um texto hipercompleto seria incoerente, além de comunicativamente inadequado.

Lembro-me de um texto, que circulou há poucos anos atrás, no qual se fazia propaganda do Carnaval de Pernambuco e em que se dizia:

> *Carnaval de Pernambuco: o melhor do Brasil. Do Galo ao Bacalhau.*

dicionário e gramática não resolvem tudo

Certamente, quem não soubesse que existem dois blocos carnavalescos, "O Galo da Madrugada" e "O Bacalhau do Batata", que, respectivamente, iniciam e fecham os dias do Carnaval no Recife e em Olinda, não tinha condições de entender o anúncio. Mesmo que consultasse um dicionário ou uma gramática do português. Só o conhecimento daquelas informações é que poderia sustentar uma interpretação coerente do texto em questão.

Um outro exemplo digno de nota está numa matéria publicada pela revista *Veja*, por ocasião das comemorações dos 500 anos do Descobrimento. O texto começava dizendo: "*As comemorações dos 500 anos naufragaram em ritmo de samba-enredo*". E mais adiante concluía: "*A festa dos 500 anos acabou na Marquês de Sapucaí*". Ora, nem mesmo os falantes de português entenderão esse trecho se não souberem: primeiro, que a Marquês de Sapucaí de que se fala aqui é uma avenida da cidade do Rio de Janeiro; segundo, o que lá acontece cada ano e, terceiro, o valor cultural e simbólico desse acontecimento. Mantendo a analogia, o texto finalizava com esse outro trecho: "*Muito discurso, muito lufa-lufa, muito mau teatro de todos os lados, e, no fim, todo mundo de volta à rotina na Quarta-Feira de Cinzas*". Outra vez se pode perceber o quanto a interpreta-

ção de um texto depende de outros conhecimentos além do conhecimento da língua. O professor de português não pode deixar de reconhecer a importância desse princípio e, por isso, não pode ficar tão preso aos conhecimentos especificamente lingüísticos. Para finalizar esse ponto, não posso deixar de referir que uma alusão ao insucesso das comemorações foi feita com a seguinte observação: "*De nau a pior*", o que supõe também muitos saberes para além dos gramaticais. Não é muito interessante tudo isso?

Continuemos essa linha de análise. Quando lemos uma placa com os dizeres: *Curva perigosa*, interpretamos que não se trata apenas de uma informação. Com essa placa, não estão apenas querendo nos dizer que naquele lugar existe uma "curva perigosa". Na verdade, nosso conhecimento de outras situações nos faz interpretar esses dizeres como sendo uma "advertência", o que passa a ter sobre nós um efeito bem diferente. Da mesma forma, se chegamos atrasados a uma reunião e dizemos: *O trânsito está horrível*, não estamos simplesmente trazendo uma informação, mas estamos desculpando-nos de um atraso indesejável. Todo texto tem um percentual maior ou menor dessa dependência de conhecimentos que são anteriores ao texto.

Em síntese, os sinais (palavras e outros) que estão na superfície do texto são elementos imprescindíveis para sua compreensão, mas não são os únicos. O que está no texto e o que constitui o saber prévio do leitor se completam neste jogo de reconstrução do sentido e das intenções pretendidos pelo texto. É preciso que o professor entre pelo conhecimento da pragmática, para "abrir" os horizontes com que vai perceber esse jogo da linguagem.

A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita.

Este princípio, como se pode ver, se desdobra em três pontos. Vejamos.

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a *ampliação dos repertórios de informação* do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas idéias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral.

Nesse sentido, a leitura escolar dos *textos de outras disciplinas* representa uma oportunidade bastante significativa de aquisição de novas informações. Como se sabe, informações de um texto de geografia ou de história podem ser bastante relevantes para apoiar os argumentos apresentados num comentário, por exemplo. A quase extrema obviedade de certos textos dos alunos (quando dizem o que todo mundo já sabe) ou, pelo menos, a sua irrefutável irrelevância (quando dizem o que não precisa ser dito), comprometem a qualidade desses textos.

E pobreza de repertório, falta de informação, não ter o que dizer não são problemas que se solucionam com regras de gramática nem com exercícios de análise sintática. Para escrever bem, é preciso, antes de tudo, *ter o que dizer*, conhecer o objeto sobre o qual se vai discorrer. O grande tempo destinado à procura dos dígrafos, dos encontros consonantais, à classificação das funções do QUE e outras questões semelhantes (po-

bres questões!) poderia ser muito mais bem aproveitado com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em idéias ou imagens, sejam eles literários ou não. Esse comentário me lembra uma passagem de Rubem Alves, que, falando de sua experiência escolar, diz:

> Estudei muito a análise sintática. Sofri tanto que, naquele tempo, escrevi num relatório para o colégio em que estudei, o Andrews, no Rio, que eu queria ser engenheiro; eu era bom em matemática, mas não gostava das coisas da língua. A análise sintática me ensinou a ter raiva da literatura. Só muito mais tarde, depois de esquecer tudo o que aprendera na análise sintática, aprendi as delícias da língua. (...) Lia e me entregava ao puro prazer de ler.

Num segundo plano, a leitura possibilita *a experiência gratuita do prazer estético*, do ler pelo simples gosto de ler. Para admirar. Para deleitar-se com as idéias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior. Apenas sentindo e, muitas vezes, dizendo: "Que coisa bonita!" Outra vez Rubem Alves (2001: 27-28), para nos lembrar que:

Prazer de ler

> as palavras também podem ser objetos de fruição, se nos ligamos a elas pela mesma razão que nos ligamos a um pôr-do-sol, a uma sonata, a um fruto: pelo puro prazer que nelas mora... Brinquedos, fins em si mesmas, palavras que não são para ser entendidas, são comida para ser comida: o caminho da poesia.

É para este plano de leitura que se destinam os textos literários: romances, contos, crônicas, poemas

(esses, sobretudo). Reduzi-los a objetos de análise sintática, a pretexto para exercício de ortografia, por exemplo, é uma espécie de profanação, pois é esvaziá-los de sua função poética e ignorar a arte que se pretendeu com o arranjo diferente de seus elementos lingüísticos[5]. O gosto e o encantamento por esta função poética dos textos literários, como todos os outros gostos e encantamentos, precisam ser cultivados, estimulados, exercitados. Há uma imensa maioria de livros didáticos que parecem desconhecer esse princípio. Ou, como observa Rubem Alves, "são raríssimos os casos de amor à leitura desenvolvido nas aulas de estudo formal da língua." Em *Conversas com quem gosta de ensinar* (p. 84), o mesmo autor comenta: "E agora eu me perguntaria sobre o discurso que tem fluído de nossas práticas educativas, do jardim da infância às pós-graduações... Que amores têm sido inflamados? Que ausências têm sido choradas e celebradas? Que horizontes utópicos têm sido propostos?"

A título de ilustração, valia a pena transcrever aqui uma proposta de atividade apresentada em um livro didático a partir de um texto poético. Vejamos o texto.

---

[5] Os livros didáticos, apesar de tantas orientações em contrário, ainda trazem poemas ou outro gênero de texto literário simplesmente para explorar questões de análise sintática ou de ortografia. Por exemplo, o "Soneto da Separação", de Vinicius de Moraes, era explorado num livro com a finalidade de mostrar que a expressão "de repente" se escreve assim e, não, "derrepente". Pode-se dizer: "Mal empregado soneto!".

Ave alegria
Sylvia Orthof

Ave alegria,
Cheia de graça,
o amor é contigo,
bendita é a risada
e a gargalhada!
Salve a justiça
e a liberdade!
Salve a verdade,
a delicadeza
e o pão sobre a mesa!
Abaixo a tristeza!
Ave alegria!

Na proposta de exploração desse texto, primeiro, a única observação feita era: "*Ave = salve (é uma interjeição")*. Não se encontrou outra coisa mais interessante senão indicar a classe gramatical a que pertence a palavra. Segundo: o que se pede ao aluno é o seguinte: "*Escreva três substantivos e forme frases com eles*". Como se pode ver, no texto todos os substantivos vêm dentro de um retângulo, tirando do aluno até mesmo a tarefa de descobrir que palavras seriam essas. (Ó céus! Ó vida! — como geme a hiena do desenho animado!)

Essa atividade, além de "matar" toda a poesia do texto, porque nem a reconhece, favorece, no final, a que o aluno exercite a "competência" de formar frases soltas, o que, como se sabe, vai na direção oposta da textualidade. Merece comentar ainda que o único critério para selecionar as palavras que hão de constituir as

frases é outra vez o da classe de palavras. Será que não haveria outras motivações para se explorar esse texto?

Bastava começar pela graça da sua intertextualidade (depois, é claro, de se falar sobre "intertextualidade" e de sua função nos textos) e recuperar a clara alusão que se faz no poema à oração da "Ave Maria". Para isso, o professor poderia identificar no texto os segmentos que retomam explicitamente a conhecida prece, como: "Ave", "cheia de graça", "é contigo" (poderia até, dependendo da série, apresentar a versão original da "Ave Maria", para que esse confronto fosse ainda mais revelador). Nessa mesma linha de análise, poderia ainda recuperar outros pequenos textos ou expressões que remetem para outras preces bem conhecidas, como, apenas para dar um exemplo, "o pão nosso de cada dia", expressão tão comumente reutilizada em muitas alusões textuais. Útil também poderia ser a exploração da associação semântica entre as palavras do texto, todas remetendo para um campo semântico positivo: "alegria", "graça", "amor", "risada", "gargalhada", "justiça", "liberdade", "verdade", "delicadeza" e, por metonímia, "pão sobre a mesa". Se poderia observar ainda que a única palavra que se opõe a esse quadro positivo é a palavra "tristeza", justificada pelo uso do "abaixo", em razão do que a série de palavras mencionada recupera sua orientação positiva. Nesse ponto, valeria a pena considerar ainda que palavras como "alegria" e "tristeza" podem aparecer no texto em uma mesma direção de sentido, ou seja, como não-antônimas, bastando para isso o acréscimo de uma palavra de valor negativo como "abaixo", "não" ou outra equivalente. Também se poderia mostrar a equivalência semântica entre as palavras

"ave" e "salve" (e explorar os contextos de ocorrência dessas palavras), além de se chamar atenção para a densidade e concisão do texto que se expressa pelo uso apenas de substantivos, sem nenhuma "restrição" adjetival. Poderia ainda merecer um comentário o uso de tantos pontos de exclamação, justificado, é claro, pelo teor altamente expressivo do texto. Além disso, se o professor considerar oportuno, poderia derivar do tema ou da forma desse texto propostas de outras produções. Evidentemente, todo esse trabalho deve ser posterior a uma *emocionada* leitura e releitura do texto, para que, antes de tudo, possamos desenvolver no aluno o *gosto* e o *afeto* pela apreciação da literatura.

Num terceiro e último plano, e de forma mais específica, a atividade da leitura permite, ainda, que se compreenda o que é típico da escrita, principalmente o que é típico da escrita formal dos textos da comunicação pública[6].

Quer dizer, é pela leitura que se apreende o *vocabulário* específico de certos gêneros de textos ou de certas áreas do conhecimento e da experiência. É pela leitura, ainda, que apreendemos os *padrões gramaticais* (morfológicos e sintáticos) *peculiares à escrita*, que apreendemos as *formas de organização seqüencial* (como começam, continuam e acabam certos textos) *e de apresentação* (que formas assumem) *dos diversos gêneros de*

---

[6] Sabe-se que a escrita de textos da comunicação privada, familiar, coloquial — em que, normalmente, aspectos do contexto extralingüístico são partilhados com mais intensidade — dispensa uma elaboração mais formal, mais distante dos padrões da fala coloquial.

textos escritos. A exposição, pela leitura, é claro, a bons textos escritos é fundamental para a ampliação de nossa competência discursiva em língua escrita. (É bom lembrar que "bons textos" não são apenas os textos corretos gramaticalmente.)

Assim é que a dificuldade dos alunos para escrever tem sua razão de ser, também, no pouco contacto que eles mantêm com textos escritos. Como se sabe, as aulas realizam-se, fundamentalmente, sob a forma de exposições orais e, não raro, os textos dados para leitura são "traduzidos" para o oral, pela explicação do professor, a fim de que "eles entendam melhor". Por vezes, até os enunciados das questões de provas ou de exercícios são "explicados" oralmente, num trabalho que até parece mesmo uma tradução. Resultado: o trabalho de interpretação requerido dentro dos padrões da escrita formal fica sempre adiado. Não se consegue ultrapassar a dependência do oral. Ter acesso à palavra escrita representa a possibilidade de dominar um instrumento de poder chamado linguagem formal. É nessa linguagem formal que, em qualquer país, estão escritos os códigos, as leis, os regimentos, os ensaios científicos — tudo, enfim, que faz parte da organização e do funcionamento dos grupos. Daí o caráter de exclusão do analfabetismo: ele priva as pessoas de um tipo particular de informação.

Em síntese, a aprendizagem das regularidades próprias da escrita acontece é no contacto com textos escritos, assim como a aprendizagem da fala aconteceu com a exposição do aprendiz a experiências de oralidade.

É esta tríplice função, implicada na realização da leitura (*ler para informar-se; ler para deleitar-se; ler para*

entender as particularidades da escrita), que justifica a sua tão propalada conveniência.

A leitura envolve diferentes processos e estratégias de realização na dependência de diferentes condições do texto lido e das funções pretendidas com a leitura.

Pode-se prever a existência de *uma leitura não-uniforme*, diferente, portanto, em cada circunstância, dependendo do tema, do nível de formalidade e do gênero do texto lido ou, ainda, dos objetivos e dos motivos implicados no ato de ler. Assim, conforme variem os gêneros de texto (editoriais, artigos, ensaios, notícias, anúncios, avisos, relatórios, instruções de uso, editais, contos, poemas), conforme variem os objetivos pretendidos para a leitura (leitura informativa, leitura recreativa, leitura instrumental etc.), variam também as estratégias a serem utilizadas. O grau de familiaridade do leitor com o conteúdo veiculado pelo texto interfere, também, no modo de realizar a leitura (cf. Allende & Condemarin, 1987). Ou seja, ninguém lê da mesma maneira, sempre, não importa que material. Até mesmo um jornal traz seções diferentes que suscitam diferentes comportamentos de leitura.

A leitura depende não apenas do contexto lingüístico do texto, mas também do contexto extralingüístico de sua produção e circulação.

Já adiantei que a compreensão da leitura resulta não apenas da interpretação dos elementos lingüísticos

(lexicais e gramaticais) presentes no texto. Evidentemente, as palavras são necessárias à constituição do texto. No entanto, nem tudo o que é "dito" aparece literalmente na superfície do texto, ou melhor, está dito sob a forma literal das palavras. Há, naturalmente, em qualquer texto, "coisas não explicitadas", isto é, vazios a serem preenchidos, o que não impede que o texto permaneça interpretável.

Daí que as *informações prévias* com que *o leitor chega ao texto*, derivadas de seu próprio *conhecimento de mundo* e das *relações simbólicas* que, aí, estabelece, também cumprem um papel fundamental na atividade de compreensão do texto. O sentido de um texto não está apenas no texto, não está apenas no leitor. Está no texto e no leitor, pois está em todo o material lingüístico que o constitui e em todo o conhecimento anterior que o leitor já tem do objeto de que trata o texto. É por isso que não se pode ver no texto o que lá não está nem se pode ver apenas o que lá está sobre a página. A leitura tem, assim, a dinâmica de qualquer outro encontro: seu sentido é de agora e é de antes.

Evidentemente, os princípios que apresentei nesta seção se referem sobretudo à leitura em circunstâncias normais. Não àquela leitura escolar, feita preferencialmente em voz alta, acompanhada pelo professor, quase sempre com propósitos apenas avaliativos. As circunstâncias presentes a essa prática já inibem, por motivos óbvios, o bom desempenho, principalmente nas séries iniciais. A leitura em voz alta pode e deve ter sua vez também, só que precisa acontecer de maneira funcional, isto é, em oportunidades sociais específicas e com finalidade evidentemente comunicativa, como acon-

tece em certos eventos comunitários. E sempre presa ao sentido, à compreensão. Qualquer pessoa que não compreenda o que está lendo em voz alta não é capaz de ler bem, com desenvoltura, com entonação e pausas adequadas, com expressividade, enfim.

2.2.1. *Implicações pedagógicas*

Também em relação à leitura pode-se apontar uma série de implicações pedagógicas decorrentes dos princípios que acabamos de explicitar. Ou seja, o professor de português, desde que admita esses princípios, deverá promover:

- *Uma leitura de textos autênticos* — Nada poderá justificar uma leitura que não seja a leitura de textos autênticos, de textos em que há claramente uma função comunicativa, um objetivo interativo qualquer. Textos que têm autor(es), que têm data de publicação, que apareceram em algum suporte da comunicação social (jornal, revista, livro, panfleto, outdoor, cartaz etc.). Textos reais, enfim. Mesmo na etapa da alfabetização, quando pode haver dificuldades na leitura de textos maiores, é possível recorrer a textos curtos (mas textos *reais* e de boa qualidade). Tais textos também estão em livros, jornais e revistas, estão fixados em nossas portas e paredes e podem, perfeitamente, ser objeto de leitura nesta fase inicial de aquisição da escrita. As frases descontextualizadas, inventadas para exemplificar, ou os textos do tipo "O boi baba, Mimi mia", "Ivo vê a uva e vovó vê o ovo novo" (!), de tão mau

gosto e baixo nível de textualidade, devem ser coisa de um passado remoto que não deve voltar (cf. Votre, 1987; Macedo, 1985).

- *Uma leitura interativa* — Qualquer texto precisa ser lido como sendo o lugar de um encontro: entre quem escreveu e quem lê (cf. Lajolo, 1986). Nessa perspectiva, a *compreensão*, o *sentido* é que serão os pontos privilegiados, para que aconteça, de fato, o pretendido encontro. Como venho salientando, todos os sinais deixados sobre a página são apenas isto: sinais, para que se identifique o caminho que leva ao sentido e às intenções propostos pelo outro com quem estamos em interação. Além dos sinais das palavras, vale recordar, existem os sinais pragmáticos, próprios da situação, os quais também constituem pistas que nos levam ao sentido (ou aos sentidos).
- *Uma leitura em duas vias* — Nenhuma leitura está desvinculada das condições em que o texto foi escrito. Isto quer dizer que entre a escrita e a leitura existe uma relação de interdependência e de intercomplementaridade. Uma supõe a outra: nos dois sentidos. Qualquer atividade de escrita deveria, pois, ser convertida em atividade de leitura, para que os alunos pudessem vivenciar essa dimensão de interdependência existente, de fato, entre a atividade de escrever e a atividade de ler e compreender.
- *Uma leitura motivada* — Tudo o que fazemos está preso a um interesse qualquer. Não pode ser diferente quando se trata de leitura, sobre-

tudo quando se trata da leitura feita na escola. O aluno, antes de qualquer coisa, deveria estar convencido das vantagens de saber ler e de poder ler. O professor faria bem, então, em ajudar o aluno a construir uma *representação positiva da leitura* e dos poderes que ela confere ao cidadão. E, em cada situação particular da sala de aula, deveria explicitar para os alunos os objetivos de toda atividade de leitura, ou seja, por que ele é convocado a ler aquele texto, de forma a despertar-lhe o interesse por fazê-lo bem.

- *Uma leitura do todo* — Na leitura, a primazia interpretativa deve ser dada à dimensão *global* do texto, do texto como um todo. Isto é, o professor deve desenvolver competências que levem o aluno a identificar *noções-núcleo*, em função das quais a interpretação pontual de cada uma de suas partes ganha sentido. Todo texto tem um eixo que lhe dá sustentação. A esse propósito, vale a pena lembrar a relevância de levar o aluno a identificar o tema ou a idéia central do texto, sua finalidade, sua orientação ideológica; a discernir entre seu argumento ou informação principal e seus argumentos ou informações secundárias.
- *Uma leitura crítica* — A leitura se torna plena quando o leitor chega à interpretação dos aspectos ideológicos do texto, das concepções que, às vezes sutilmente, estão embutidas nas entrelinhas. O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais tri-

viais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça idéias já sedimentadas ou propõe visões novas. Mas nenhum, como disse, é neutro, no sentido de que não toma partido em relação a uma determinada concepção das coisas. Sobretudo os mais "inocentes", ou aparentemente despretensiosos, do ponto de vista ideológico (como são as propagandas). Não esqueçamos que "a linguagem é uma das formas de actuar, de influenciar, de intervir no comportamento alheio, que outros actuam sobre nós usando-a e que igualmente cada um de nós a pode usar para actuar sobre os outros" (Fonseca & Fonseca, 1977: 149).

- *Uma leitura da reconstrução do texto* — O leitor deve fazer o caminho inverso que fez o autor: depois do entendimento global do texto, deve chegar à sua "desmontagem", descobrindo qual o plano de organização das idéias selecionado, quais as partes em que se subdivide esse plano e os elementos responsáveis pela articulação dessas várias partes.
- *Uma leitura diversificada* — Tal como acontece na vida fora da escola, as oportunidades de leitura devem variar, no sentido de que os textos propostos sejam de gêneros diferentes (contos, fábulas, poemas, editoriais, notícias, comentários, cartas, avisos, propagandas etc.) e no sentido de que os objetivos propostos para a leitura sejam também diferentes, alterando-se, para tanto, as estratégias de leitura e de interpreta-

ção. Deve-se fortalecer também a atenção dos alunos para as diferenças lexicais (de vocabulário) e morfossintáticas entre o texto falado de forma coloquial e o texto escrito formal; também se deve exercitar o uso apropriado dessas diferenças. Nessa mesma perspectiva da diversificação, devem-se providenciar oportunidades para os alunos manusearem diferentes tipos de material escrito (por exemplo: rótulos, listas, cartazes, folhetos, revistas, jornais, livros), de maneira que possam perceber diferenças de linguagem e de apresentação, por conta das diferenças do suporte em que o texto circula.

- *Uma leitura também por "pura curtição"* — Que seja estimulado (com muitíssima freqüência) o exercício da leitura gratuita, da leitura do texto literário, do texto poético, sem qualquer tipo de cobrança posterior, suscitando assim a leitura pelo simples prazer que provoca (para isto, selecionar textos que, de fato, possam provocar prazer estético).
- *Uma leitura apoiada no texto* — Já ressaltamos como as palavras que estão no texto funcionam como sinais, como pistas do sentido contextualizado em cada texto. Daí a importância de conceder atenção às palavras e a seus efeitos de sentido (repare-se, por exemplo, no uso das conjunções, das preposições, das locuções adverbiais, dos pronomes) e a certos recursos de textualização, como repetições e substituições, recursos que, como se sabe, estabelecem nexos coesivos entre os diversos segmentos do texto

(orações, períodos, parágrafos) e fundamentam as decisões interpretativas acerca de sua coerência. É fundamental que qualquer conclusão a que se chegue pela leitura do texto esteja apoiada em alguma daquelas pistas (que pode ser uma palavrinha — um *até*, um *mas*, um *já*, por exemplo), mesmo que estas pistas estejam apenas sugeridas.

- *Uma leitura não só das palavras expressas no texto* — Qualquer texto comporta interpretações que requerem mais do que as palavras que lá estão expressas. Ou seja, a totalidade do sentido do texto tem que ser encontrada também em níveis que transcendem a materialidade do texto. Todo leitor traz para o texto seu repertório de saber prévio e vai, com isso, realizando inferências ou interpretando os elementos não-explicitados no texto; e vai, assim, compreendendo-o. Vejamos como se poderia interpretar o título de uma reportagem como "Os tucanos de alta plumagem", caso não conhecêssemos certos dados da política nacional da atualidade. O mesmo se diga de uma referência feita aos políticos de Minas Gerais, expressa nestes termos: "A turma do pão de queijo". Já analisei outros enunciados cuja interpretação só se realiza com sucesso se recorremos ao nosso conhecimento de mundo. (A pesquisa e a análise de exemplares desse tipo de enunciados renderiam muitas e boas aulas de português!)
- *Uma leitura nunca desvinculada do sentido* — Que, na realização da leitura em voz alta (quando for o caso) orientações como "ler pausa-

damente", "ler com boa pronúncia", "ler observando os sinais de pontuação", e outras similares, sejam dadas não como valores em si mesmos, mas como recursos para que se facilite a compreensão do texto.

2.3. Explorando a gramática

Fale fala brasileira
Que você enxerga bonito.
MÁRIO DE ANDRADE

A gramática compreende o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua.

As pessoas, quando falam, não têm a liberdade total de inventar, cada uma a seu modo, as palavras que dizem, nem têm a liberdade irrestrita de colocá-las em qualquer lugar nem de compor, de qualquer jeito, seus enunciados. Falam, isso sim, todas elas, conforme as regras particulares da gramática de sua própria língua. Isso porque toda língua tem sua gramática, tem seu conjunto de regras, independentemente do prestígio social ou do nível de desenvolvimento econômico e cultural da comunidade em que é falada. Quer dizer, *não existe língua sem gramática*.

Quando alguém é capaz de falar uma língua é então capaz de usar, apropriadamente, as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) dessa língua (além, é claro, de outras de natureza pragmática) na produção de textos interpretáveis e relevantes. Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre

outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, *não existe falante sem conhecimento de gramática.*

Isso não significa dizer que todo falante sabe o que é um adjunto adnominal, ou um dígrafo, ou um verbo intransitivo. O que ele sabe, intuitiva e implicitamente, é usar essas coisas — ou seja, ele sabe as regras de uso, de combinação das palavras em textos, para que resulte inteligível e interpretável o que dizem. Sabem as regras de uso das unidades, embora desconheçam os nomes que as unidades têm e a que classes pertencem.

No âmbito dessa discussão, vale a pena distinguir *o que são regras de gramática* e *o que não são regras de gramática*, para que se desfaça grande parte dos equívocos que pairam por nossas salas de aulas.

Regras de gramática, como o nome já diz, são normas, são orientações acerca de *como usar* as unidades da língua, de *como combiná-las*, para que se produzam determinados efeitos, em enunciados funcionalmente inteligíveis, contextualmente interpretáveis e adequados aos fins pretendidos na interação.

Dessa forma, são regras, por exemplo: a descrição de como empregar os pronomes; de como usar as flexões verbais para indicar diferenças de tempo e de modo; de como estabelecer relações semânticas entre partes do texto (relações de causa, de tempo, de comparação, de oposição etc); de quando e como usar o artigo indefinido e o definido; de quando e de como garantir a complementação do verbo ou de outras palavras; de como expressar exatamente o que se quer pelo uso da palavra adequada, no lugar certo, na posição certa.

Em contrapartida, *não são regras de uso*, mas são apenas questões metalingüísticas de definição e classificação das unidades da língua, por exemplo, saber: a subdivisão das conjunções e os respectivos nomes de cada uma; a subclassificação de cada subclasse dos pronomes e a função sintática prevista para cada um; a classificação de cada tipo de oração, com toda a refinada subclassificação das subordinadas e coordenadas; as diferentes funções sintáticas do QUE ou do SE; a distinção entre os vários tipos de encontro vocálico ou consonantal, de sujeito ou de predicado (aqui também com detalhadas distinções nem sempre consistentes e quase sempre irrelevantes). Como se vê, o que está em jogo nesse ensino é prioritariamente pretender que o aluno saiba *o nome que as coisas da língua* têm; ou seja, o que centraliza esse ensino é saber rotular, saber reconhecer e dar nome às coisas da língua[7].

Nessas questões todas, observemos, a competência que se procura desenvolver é sempre a de *identificar*, a de *reconhecer* qualquer coisa. Daí os exercícios em que se pede para *grifar*, para *circular* palavras ou orações, sem nenhuma preocupação com saber para que servem estas coisas, para que foram usadas ou que efeitos provocam em textos orais e escritos. Adianta pouco saber que o "sujeito" de determinada frase é indeterminado, por exemplo. O que adianta mesmo é saber que efeitos práticos se consegue com o uso de um determinado tipo de "sujeito". Por exemplo, o que está por trás da afirmação: *"O Banco mentiu"*? O "su-

[7] Vale a pena, a esse respeito, ler o livro *Sofrendo a gramática*, de Mário Perini (ver bibliografia).

jeito" da oração é evidentemente "o Banco". Adianta muito saber apenas isso? Adiantaria saber também por que se escolheu ocultar o nome de quem mentiu e mascarar a verdade com o subterfúgio da metonímia ou de um sujeito indeterminado. (O mesmo se pode dizer para declarações como *"O dólar recuou"*, *"O mercado resistiu"* e outras equivalentes)[8]. A escola *perde* muito tempo com questões de mera nomenclatura e de classificação, enquanto o estudo das regras dos usos da língua em textos fica sem vez, fica sem tempo.

Portanto, a questão maior não é *ensinar ou não ensinar gramática*. Por sinal, essa nem é uma questão, uma vez que não se pode falar nem escrever sem gramática. A questão maior é discernir sobre *o objeto do ensino*: as regras (mais precisamente: *as regularidades)* de como se usa a língua nos mais variados gêneros de textos orais e escritos. Por exemplo, quais as regras para a produção e leitura de um resumo, de uma resenha, de uma notícia, de um requerimento, de um aviso, entre muitos outros. Uma subquestão daí derivada é a de *como ensinar tais regularidades*, com que concepções, com que objetivos e posturas, desenvolvendo que competências e habilidades. Cabe lembrar que toda língua possui, para além da gramática, um léxico variado, que também precisa ser amplamente conhecido, o que significa dizer que a gramática sozinha nunca foi suficiente para alguém conseguir ampliar e aperfeiçoar seu desempenho comunicativo.

---

[8] Escrevi um texto em que exploro os efeitos ideológicos provocados pelo uso de termos metonímicos na posição de "sujeitos" da oração (cf. Antunes, in Meurer & Motta-Roth, 2002).

A gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, lêem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua.

O conjunto de regras que, como se viu, constitui a gramática da língua, existe, apenas, com a única finalidade de *estabelecer os padrões de uso, de funcionamento* dessa língua. Ou seja, se as línguas existem para serem faladas e escritas, as gramáticas existem para regular os usos adequados e funcionais da fala e da escrita das línguas. Assim, *nenhuma regra gramatical tem importância por si mesma. Nenhuma regra gramatical tem garantida a sua validade incondicional.* O valor de qualquer regra gramatical deriva da sua aplicabilidade, da sua funcionalidade na construção dos atos sociais da comunicação verbal, aqui e agora. Por isso, tais regras são flexíveis, são mutáveis, dependem de como as pessoas as consideram. Assim, essas regras vêm e vão. Alteram-se, cada vez que os falantes descobrem alguma razão, mesmo inconsciente, para isso.

Em suma, se os falantes se subordinam à gramática da língua, para se fazerem entender socialmente, não deixam, contudo, de comandá-la, já que são eles que decidem o que fica e o que entra de novo e de diferente. Como muito bem lembra Millôr Fernandes, "Nenhuma língua morreu por falta de gramáticos. Algumas estagnaram por ausência de escritores. Nenhuma sobreviveu sem povo" (1994: 344).

A gramática reflete as diversidades geográficas, sociais e de registro da língua.

Mais acima, já adiantei um pouquinho o princípio de que *não existe língua uniforme*, com um único e inalterável padrão de funcionamento. *Todas as línguas variam naturalmente*, de acordo com as diferentes condições da comunidade e do momento em que é falada. Variam as línguas de comunidades desenvolvidas, e variam as línguas de comunidades subdesenvolvidas. Sempre foi assim e sempre será. Admitir este princípio é o mesmo que admitir uma gramática também variável, flexível, adaptada e adequada às circunstâncias concretas em que a atuação lingüística acontece. É o mesmo que admitir uma gramática cujas regras podem deixar de ser "as únicas regras certas", para incorporar outras opções de se dizer o mesmo. Um dos grandes mitos que se criou foi o de admitir uma única forma "certa" de dizer uma coisa, de exprimir uma idéia. Vale a pena trazer aqui as palavras de Barthes (1978: 24-25):

> Censura-se freqüentemente o escritor, o intelectual, por não escrever a língua de "toda a gente". Mas é bom que os homens, no interior de um mesmo idioma (...) tenham várias línguas. Se eu fosse legislador, (...) longe de impor uma unificação do francês, quer burguesa, quer popular, eu encorajaria, pelo contrário, a aprendizagem simultânea de várias línguas francesas, com funções diversas, promovidas à igualdade. (...) Essa liberdade é um luxo que toda sociedade deveria proporcionar a seus cidadãos: tantas linguagens quantos desejos houver. (...) Que uma língua, qualquer que seja, não reprima outra: que o sujeito futuro conheça, sem remorso, sem recalque, o gozo de ter a sua disposição duas instâncias de linguagem, que ele fale isto ou aquilo segundo as perversões, não segundo a Lei.

Mais ou menos o mesmo diz Mattoso Camara (1977: 123), quando afirma:

> Pode-se dizer, em essência, que o purismo consiste em imaginar a língua como uma espécie de água cristalina e pura, que não deve ser contaminada. Perde-se a noção de que ela é o meio de comunicação social por excelência, ou, para mantermos o símile, a água de uma turbina em incessante atividade e mais ou menos turva pela própria necessidade da sua função.

Ou seja, uma gramática de regras incondicionalmente rígidas foge à realidade com que a comunicação verbal ocorre e só é possível na descontextualização das frases isoladas e artificiais com que são fabricados os exercícios escolares. Só é possível se nós nos prendermos apenas ao que dizem certos manuais de gramática (por vezes, muito mais fiéis a conveniências de mercado) e não levarmos em conta o que, de fato, se diz e se escreve (os letrados, inclusive!) no dia-a-dia de nossa realidade.

Ao mito da invariabilidade das línguas, se junta o outro, da superioridade de certos falares: o das cidades, melhor que o das zonas rurais; o do Sudeste, melhor que o do Nordeste; o dos doutores, melhor que o das pessoas sem diplomas. Nisso acreditam muitos. E, muito freqüentemente, até professores de português, sem questionamentos, como se isso fosse uma verdade incontestável, acima de todas as lógicas. A pesquisa realizada por Maria Auxiliadora Lustosa Coelho, na região pernambucana do submédio São Francisco, confirma muito bem essa percepção negativa do jeito de falar dos nordestinos: "Nordestino não sabe falar direito", fala feio, não aprende a língua (1998: 113). O pior é que, na maioria das vezes, a escola ainda reforça, de muitas maneiras, essa visão negativa já tão entranhada

no imaginário coletivo. Exatamente porque se desconhece o que, de fato, é uma língua e qual o lugar da gramática na constituição dessa língua.

A gramática existe em função da compreensão e da produção de textos orais e escritos.

Toda atuação verbal se dá através de textos, independentemente de sua função e de sua extensão. Ou seja, o óbvio (mas nem sempre levado em conta) é que *ninguém fala ou escreve a não ser sob a forma de textos*, tenham eles esta ou aquela função, sejam eles curtos ou longos. Fazer e entender textos não é, assim, uma atividade eventual, alguma coisa que as pessoas fazem uma vez ou outra, em circunstâncias muito especiais (em dias de prova, por exemplo). É coisa que se faz todo dia, *sempre* que se fala ou *sempre* que se escreve.

Como se viu, saber falar e escrever uma língua supõe, também, saber a gramática dessa língua. Em desdobramento, supõe saber produzir e interpretar diferentes gêneros de textos. Conseqüentemente, é apenas no domínio do texto que as regularidades da gramática encontram inteira relevância e aplicabilidade.

Insisto em que convém saber distinguir entre "regra de gramática" e "nomenclatura gramatical". As regras implicam o uso, destinam-se a ele, orientam a forma de como dizer, para que este dizer seja interpretável e inteligível. A nomenclatura, diferentemente, corresponde aos "nomes" que as unidades, as categorias, os fenômenos da língua e suas classificações têm. Podem-se reconhecer os nomes que os elementos da língua têm (chamam-se substantivos, pronomes, verbos, dígrafos,

ditongos, monossílabos etc.) e desconhecer as regras propriamente ditas de sua aplicação em textos. Nessa perspectiva, pode-se dizer que não é estudo da gramática propriamente dita o reconhecimento das diferenças, por exemplo, entre o "adjunto adnominal" e o "complemento nominal", o reconhecimento do objeto direto preposicionado, do tipo de oração subordinada substantiva e outras particularidades semelhantes. Pelo que se pode ver em alguns manuais didáticos, é em torno dessas questões que se concentram as aulas de português. Mais: a maioria das pessoas, quando se referem ao ensino da gramática na escola, estão falando desse ensino da nomenclatura, da análise sintática e similares. E vão cobrá-lo das escolas, como se reconhecer as unidades e seus nomes fosse a condição fundamental para saber usá-las adequadamente. Nem mesmo as provas do vestibular, do ENEM e de alguns outros concursos, feitas fundamentalmente em cima da compreensão de textos, têm conseguido fazer as pessoas entenderem qual a função da gramática de uma língua e deixar a obsessão pelo estudo da nomenclatura gramatical.

A questão que se coloca para o professor de português não é, portanto, como disse atrás, "ensinar ou não ensinar regras de gramática". A questão maior é: *que regras ensinar e em que perspectiva ensinar.*

Não se justifica, portanto, a impressão (que é comum, mesmo entre alunos e pais de alunos) de que analisar textos, falados e escritos, é algo que as pessoas podem fazer sem ter em conta a gramática da língua. Ou que analisar textos falados e escritos é "atrasar o programa" e "não ir com a matéria pra frente". Na verdade, tal impressão *se explica* pela prática escolar tra-

dicional de analisar frases soltas e de, nessas análises, enxergar apenas as funções morfossintáticas de seus elementos e suas respectivas nomenclaturas. Qualquer ato de linguagem não é possível sem um certo dizer, o qual, sendo dizer, é necessariamente lexical, gramatical e contextual. Afinal, a produção do sentido é regida também pela gramática (cf. Neves, 2000a: 73).

A gramática da língua deve ser objeto de uma descrição rigorosa e consistente.

O conhecimento que o falante tem das regras que especificam o uso de sua língua é um conhecimento intuitivo, implícito, ou seja, não requer, em princípio, que se saiba explicitá-lo ou explicá-lo. No entanto, esse saber implícito acerca do uso da língua pode ser *enriquecido e ampliado* com *o conhecimento explícito dessas mesmas regras*. Esse é o objetivo das descrições gramaticais, ou seja, das descrições de como as regras da gramática se aplicam aos diversos contextos de uso da língua. Essas descrições, cada vez mais, se encontram não apenas nos compêndios específicos de gramática, mas também em trabalhos de lingüistas que se aplicam aos mais diferentes objetos de pesquisa[9].

É evidente que o saber explícito das regras implicadas nos usos da língua constitui uma competência a mais que favorece o uso relevante e adequado

[9] A *Gramática de Usos*, de Maria Helena Moura Neves, oferece um excelente painel — eminentemente descritivo e sem o ranço das prescrições tradicionais — dos padrões de uso da gramática do português atual. Vale a pena tê-la na biblioteca da escola.

da língua em textos orais e escritos. Só por isto vale a pena o esforço de explicitar tais regras.

Existem regras e descrições gramaticais que particularizam o uso da norma-padrão da língua ou o uso lingüístico do grupo de prestígio da sociedade.

As variações gramaticais que, naturalmente, provêm das diferentes condições de uso da língua incluem aquelas que especificam a *norma-padrão*, ou seja, o uso lingüístico de prestígio que predomina entre as pessoas com um grau mais alto de escolarização.

Em geral, o uso dessa norma é exigido em circunstâncias formais da atuação verbal, principalmente da atuação verbal pública, e representa, em algumas circunstâncias, uma condição de ascensão e uma marca de prestígio social. É, como tantas outras, uma forma de coerção social do grupo, uma norma que dita o comportamento adequado. A conveniência de uso dessa norma de prestígio deriva, portanto, de exigências eminentemente sociais e não de razões propriamente lingüísticas. Uma forma lingüística não é, em si mesma, melhor que outra. É, na verdade, mais (ou menos) adequada, dependendo das situações em que é usada.

A legitimidade desse princípio não justifica, no entanto, que se deixe de ver a natural mobilidade dessas regras e sua não menos natural indefinição. Não pretendamos que tais regras "permaneçam para sempre". O uso, nunca aleatório, que as pessoas fazem delas é que determina sua validade ou não. Nem podemos decidir simplistamente sobre o que é de prestígio ou deixa de ser, mesmo tomando como referência a fala

das pessoas consideradas escolarizadas e letradas; o que significa dizer que a questão da norma-padrão — ou da norma prestigiada — deve ser tratada com a maior cautela, sem os simplismos das percepções ingênuas, pouco consistentes e preconceituosas[10].

2.3.1. Implicações pedagógicas

O conjunto de princípios que fundamentam uma compreensão funcional e discursiva da gramática tem, também, as suas implicações pedagógicas. Tentando especificá-las, direi que o professor de português deverá ter o cuidado de trazer para a sala de aula:

- *Uma gramática que seja relevante* — Para isso, deve selecionar noções e regras gramaticais que sejam, na verdade, relevantes, úteis e aplicáveis à compreensão e aos usos sociais da língua. Noções e regras que possam, sem dúvida, ampliar a competência comunicativa dos alunos para o *exercício fluente* e *relevante* da fala e da escrita.
- *Uma gramática que seja funcional* — Com isso se pretende privilegiar o estudo das regras desses usos sociais da língua, quer dizer, de suas condições de aplicação em textos de diferentes gêneros. Deve-se propor, portanto, uma gramática que tenha como referência o funcionamento efetivo da língua, o qual, como se sabe, acon-

[10] Acerca da problemática da norma, sugerimos a leitura dos dois livros organizados por Marcos Bagno: *Norma lingüística* (2001) e *Lingüística da norma* (2002). E, mais recentemente, do mesmo autor, *A norma oculta* (2003).

tece não através de palavras e frases soltas, mas apenas mediante a condição do texto. Assim, o professor deve apresentar uma gramática que privilegie, de fato, a aplicabilidade real de suas regras, tendo em conta, inclusive, as especificidades de tais regras, conforme esteja em causa a língua falada ou a língua escrita, o uso formal ou o uso informal da língua. Não adianta muito saber os nomes que as conjunções têm. Adianta muito saber o sentido que elas expressam, as relações semânticas que elas sinalizam.

- *Uma gramática contextualizada* — A gramática está naturalmente incluída na interação verbal, uma vez que ela é uma condição indispensável para a produção e interpretação de textos coerentes, relevantes e adequados socialmente. Tanto é assim que a questão, posta por alguns professores, *"texto ou gramática"* não passa de uma falsa questão. Na verdade, o professor deve encorajar e promover a produção e análise de textos, o mais freqüentemente possível (diariamente!), levando o aluno a confrontar-se com circunstâncias de aplicação das regularidades estudadas.
- *Uma gramática que traga algum tipo de interesse* — O estudo da gramática deve ser estimulante, desafiador, instigante, de maneira que se desfaça essa idéia errônea de que estudar a língua é, inevitavelmente, uma tarefa desinteressante, penosa e, quase sempre, adversa. Uma tarefa que se quer esquecer para sempre, logo que possível.
- *Uma gramática que liberte, que "solte" a palavra* — A sala de aula de português deveria ser o

espaço privilegiado para se incentivar a fluência lingüística e neutralizar, assim, a postura prescritiva e corretiva com que a escola, tradicionalmente, tem encarado a produção dos alunos. Nesse sentido, vale a pena lembrar a conveniência de incentivar, oportunamente, as "transgressões funcionais", ou a possibilidade de "subverter" as regras da língua para obter certos efeitos de sentido ou certas estratégias retóricas. (Há muitos textos em circulação, sobretudo textos publicitários, que possibilitam a análise de tais transgressões. Poderia lembrar o nome de um bloco de carnaval organizado por escritores pernambucanos, que tem como nome os dizeres: "Nóis sofre mais nóis goza." Evidentemente, por ser de escritores e por ser para o carnaval, a agremiação não poderia escolher uma referência mais adequada e mais expressiva que esta. Ou seja, há contextos em que o "certo" pode estar na transgressão. A escola precisa explorar esse ponto.)

- *Uma gramática que prevê mais de uma norma* — É de grande importância que se procure caracterizar, de forma adequada, a norma-padrão como sendo a variedade socialmente prestigiada, mas não como sendo a única norma "certa". "Certo" é aquilo que se diz na situação "certa" à pessoa "certa". Não se pode deixar de perceber que, do ponto de vista da expressividade e da comunicabilidade, as normas estigmatizadas também têm seu valor, são contextualmente funcionais, não são aleatórias nem significam falta de inteligência de quem as usa.

- *Uma gramática, enfim, que é da língua, que é das pessoas* — Nesse quadro, passa a ter sentido discernir o que é significativo para a experiência humana da interação verbal, interação que, se é lingüística, é também gramatical. Isso, por si só, faz a gramática recobrar importância.

2.4. Explorando a oralidade

Retomo neste momento, para efeito de considerar a oralidade, os princípios gerais que foram apresentados na definição de linguagem. Ou seja, mantêm-se aqui aquelas concepções de língua como prática discursiva, inserida numa determinada prática social, envolvendo dois ou mais interlocutores, em torno de um sentido e de uma intenção particular. Nessa dimensão, a oralidade apresenta a mesma dimensão interacional que foi pretendida para a escrita e para a leitura. Daí por que não vamos repetir na presente seção esses princípios.

No entanto, parece-me fundamental chamar a atenção para a forma como, neste livro, se concebem *a oralidade e suas relações com a escrita*. Ou seja, interessa-me frisar que, embora cada uma tenha as suas especificidades, não existem diferenças essenciais entre a oralidade e a escrita nem, muito menos, grandes oposições. Uma e outra servem à interação verbal, sob a forma de diferentes gêneros textuais, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica. Assim, não tem sentido a idéia de uma fala apenas como lugar da espontaneidade, do relaxamento, da falta de planejamento e até do descuido em relação às normas da língua-padrão nem, por outro lado, a

idéia de uma escrita uniforme, invariável, formal e correta, em qualquer circunstância. Tanto a fala quanto a escrita podem variar, podem estar mais planejadas ou menos planejadas, podem estar mais, ou menos, "cuidadas" em relação à norma-padrão, podem ser mais ou menos formais, pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos de uso.

Dentro desses limites conceituais, pretendo concentrar-me no desenvolvimento das implicações pedagógicas que essa concepção de oralidade envolve.

2.4.1. *Implicações pedagógicas*

Aceitar o caráter interacional da oralidade e sua realização em diferentes gêneros e registros textuais leva o professor de português a intervir para que o trabalho com a oralidade tenha as características que passamos a enumerar.

- *Uma oralidade orientada para a coerência global* — Os textos, como se sabe, se desenvolvem a partir de um determinado assunto ou dentro de um tema específico, o que lhes confere a unidade temática requerida pela sua própria coerência. Assim, uma conferência, uma palestra, um debate, uma aula e outros gêneros similares são sempre em torno de um determinado tema; e reconhecer essa unidade temática do texto constitui uma competência que a escola deve privilegiar. O mesmo se diga em relação à finalidade pretendida para a interação. Ou seja, o professor deve levar o aluno a ser capaz de identificar esses e outros aspectos globais do texto. Deve,

inclusive, levar os alunos a perceber como a unidade temática do texto assume características bem diferentes nas situações da conversação.

- *Uma oralidade orientada para a articulação entre os diversos tópicos ou subtópicos da interação* — Os textos orais não dispensam os recursos de encadeamento dos tópicos pelo fato de serem orais. O uso de elementos reiterativos ou de elementos conectores (como repetições, substituições pronominais, substituições por sinônimos, por hiperônimos, associações semânticas entre palavras, conjunções) está igualmente presente nos textos orais, embora com algumas especificidades. A análise de textos em sala de aula será relevante se contemplar também tais elementos, fortalecendo a idéia de que a oralidade também está sujeita aos princípios da textualidade.

- *Uma oralidade orientada para as suas especificidades* — Com o devido cuidado para que não se crie a idéia falseada de que a fala se opõe à escrita, será interessante que o professor saiba ressaltar os pontos formais e funcionais em que os textos orais e os textos escritos são diferentes. Como se sabe, as modalidades oral e escrita da língua guardam similaridades e apresentam diferenças. O confronto entre uma e outra — desde que se considerem os mesmos níveis de registro (fala formal e escrita formal, por exemplo) — pode ser bastante produtivo para a compreensão daquelas similaridades e diferenças e para o entendimento das mútuas influências de uma sobre a outra. Atividades de passar do oral

para o escrito (exercícios de "retextualização", como sugere Marcuschi, 2001), podem ser bastante produtivos.

- *Uma oralidade orientada para a variedade de tipos e de gêneros de discursos orais* — Como já referi sumariamente atrás, muito comumente a fala é vista como um bloco uniforme, que se realiza sempre da mesma maneira, mesmo que em situações bem diferentes. Nada mais equivocado do que supor essa homogeneidade para a fala. Tradicionalmente, se deu mais atenção à possibilidade de variação da escrita, ficando, portanto, essa falsa idéia de que falamos sempre do mesmo jeito. Como se pode facilmente constatar, os textos orais igualmente ocorrem sob a forma de variados tipos e gêneros, dependendo dos contextos mais ou menos formais em que acontecem. São bem diferentes a conversa coloquial, o debate, a exposição de motivos ou de idéias, a explicação, o elogio, a crítica, a advertência, o aviso, o convite, o recado, a defesa de argumentos, para citar apenas estes poucos exemplos de gêneros do discurso oral. Planejar — mais ou menos — e realizar essas formas de atuação verbal requer competências que o professor precisa ajudar os alunos a desenvolver, para que eles saibam adequar-se às condições de produção e de recepção dos diferentes eventos comunicativos. Tais condições é que nos levam a tomar decisões no decorrer da interação. Nessa perspectiva, saber adequar-se às condições da interação significa ser capaz,

por exemplo, de participar cooperativamente, respeitando a vez de falar e de ouvir; de fazer exposições orais sobre temas de interesse do grupo; de argumentar a favor de uma idéia; de dar instruções; de narrar experiências vividas; de descrever com clareza ambientes, pessoas, objetos, fatos; enfim, de ajustar-se à imensa variedade de situações da interação verbal e de saber usar as distintas estratégias argumentativas típicas dos discursos orais. É útil ressaltar que o discurso formal das situações públicas da interação oral (aquilo que comumente se chama "falar em público") precisa ser exercitado — em suas regularidades mais gerais —, pois tal discurso apresenta traços especiais, diferentes daqueles outros do discurso informal, próprio das situações coloquiais e privadas. Dentro dessa variedade, caberia também lembrar o imenso cuidado do professor para rejeitar, com firmeza, qualquer atitude discriminatória, seja de quem for, em relação às falas desprestigiadas.

- *Uma oralidade orientada para facilitar o convívio social* — Nesse sentido, vale a pena relembrar a função de certas expressões verbais que, num determinado contexto cultural, indicam atitudes ou posturas de polidez e de boa convivência (quando, naturalmente, isso for conveniente). Esse ponto, como outros expostos na presente seção, diz respeito também à questão dos interlocutores e de seus papéis na interação. O falante e o ouvinte são os atores do drama da comunicação e, nesse drama, cada um tem seu

papel específico, que delimita suas possibilidades de atuação. Quem fala primeiro, quem pode falar, quem pode interromper e tantas outras restrições estão ligadas, intimamente, aos papéis sociais vividos por todo interlocutor em cada situação comunicativa. O ouvinte de uma conferência não se comporta da mesma maneira que o participante de uma conversa entre parceiros. A escola não pode deixar de dar essas orientações nem de explorar as expressões próprias de um comportamento lingüístico polido se pretende desenvolver a competência comunicativa dos alunos. Nesse âmbito, muita atividade de análise poderia ser feita e daria conta, por exemplo, de que a pergunta *"Você está de carro?"*, mais que uma pergunta, pode ser um pedido ou um oferecimento de carona.

- *Uma oralidade orientada para se reconhecer o papel da entonação, das pausas e de outros recursos supra-segmentais na construção do sentido do texto* — Sabemos como, ao lado de elementos morfossintáticos e semânticos do texto, encontram-se outros, de natureza supra-segmental (como a entonação, as pausas, por exemplo), que em muito contribuem para a construção do sentido e das intenções pretendidos. Numa dimensão muito próxima, ganha sentido também explorar a função de certas expressões fisionômicas, de certos gestos e outros recursos da representação cênica (como levantar-se, movimentar-se), os quais funcionam, de forma muito significativa, como elementos complementares no processo da interação verbal.

- *Uma oralidade que inclua momentos de apreciação das realizações estéticas próprias da literatura improvisada, dos cantadores e repentistas* — Lamentavelmente, algumas vezes, essas produções aparecem na sala de aula apenas como pretexto para que sejam convertidas na norma padrão da língua. Perde-se assim o seu valor como forma de expressão oral dos valores culturais de uma comunidade, além de se passar sutilmente a idéia de que seu padrão lingüístico deve ser evitado.
- *Uma oralidade orientada para desenvolver a habilidade de escutar com atenção e respeito os mais diferentes tipos de interlocutores* — A atividade receptiva de quem escuta o discurso do outro é uma atividade de participação, de cooperação em vista da própria natureza interativa da linguagem. Não há interação se não há ouvinte. Nas atividades em sala de aula, o professor bem que poderia desenvolver nos alunos a competência para saber ouvir o outro, escutar, com atenção, o que ele tem a dizer (competência socialmente tão relevante e pouco estimulada!)

Como se vê, há muito o que fazer nas aulas de português! Todas as implicações pedagógicas acima descritas supõem saberes, supõem conteúdos, o que significa dizer que esses saberes podem e devem ser discutidos em sala de aula, com o apoio de textos e de reflexões consistentes. Com base nesse ponto, pode-se prever que vai faltar tempo para chegar às "funções do QUE" ou para descer às intermináveis classificações dos "termos essenciais, integrantes e acessórios da oração". Há outras competências mais prementes esperando pela vez...

CAPÍTULO TRÊS

Repensando o objeto de ensino de uma aula de português

Nada essencial pode ser ensinado.
Mas tudo tem que ser aprendido
MILLÔR FERNANDES

Quem planta muitas árvores acaba criando raízes.
MILLÔR FERNANDES

Com base na análise do ensino do português, sumariamente desenvolvida no início do presente trabalho e, ainda, na série de princípios atrás apresentados, trago, no presente capítulo, algumas orientações gerais e sugestões de atividades que, a título de exemplo, podem ilustrar o tipo de procedimento pedagógico que tais princípios implicam. Como digo, são apenas sugestões, pois, se os professores observarem, *a explicitação de cada princípio e de suas respectivas implicações contém inúmeras pistas acerca do "que fazer" e do "como fazer", para trabalhar a oralidade, a leitura, a escrita e a gramática nas aulas de português.*

A propósito deste "que fazer", gostaria de lembrar que o professor parece estar acostumado a esperar que lhe digam o que ele tem que fazer. Como a tradição era seguir à risca, lição por lição, os livros didáticos, o professor "aprendeu" a não "criar", a não "inventar" seus programas de aula. O conhecimento que ele "passava" e "repassava" era sempre produzido por outra pessoa, não por ele próprio. Nesse contexto, de fato, o que sobressai é um professor "transmissor de conhecimento", mais precisamente, de "conteúdos". Daí a concepção estreita de alguns de que a principal tarefa do professor é *dar aula*, isto é, *dar o curso* é que é o cerne da profissão. O professor precisa ser visto (inclusive pelas instituições competentes) como alguém que, *com* os alunos (e não *para* os alunos), pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende.

Evidentemente, o objeto da aprendizagem que estou propondo aqui está previsto na definição daquelas competências para o uso da língua, em circunstâncias de oralidade, de leitura e de escrita. Esse é o programa. Ou seja, a mudança no ensino do português não está nas metodologias ou nas "técnicas" usadas. Está na escolha do objeto de ensino, daquilo que fundamentalmente constitui o ponto sobre o qual lançamos os nossos olhares. É o que pretendemos levantar no tópico seguinte.

3.1. À guisa de programa

Na verdade, o fundamental do que proponho no momento está na *reorientação* ou na *mudança de foco* daquilo que constitui o núcleo do estudo da língua. O que significa dizer que a escola não deve ter outra

pretensão senão chegar aos *usos sociais da língua*, na forma em que ela acontece no dia-a-dia da vida das pessoas. Essa língua é *a "língua-em-função"* (cf. Schmidt, 1978), a língua que somente *acontece entre duas ou mais pessoas, com alguma finalidade, num contexto específico e sob a forma de* um texto — *mais ou menos longo, mais ou menos formal, desse ou daquele gênero.* Assumindo os termos dessa concepção e de suas implicações pedagógicas, *a escola poderá afastar-se da perspectiva nomeadora e classificatória* (centrada no reconhecimento das unidades e de suas nomenclaturas), com seus intermináveis e intrincados exercícios de análise morfológica e sintática com que prioritariamente se tem ocupado (e com os quais ninguém pode interessar-se pela leitura, pela escrita ou por qualquer questão que diga respeito ao uso da linguagem).

Pela observação de como atuam os professores, é possível constatar que as coisas funcionam (salvo honrosas exceções) mais ou menos assim: se o professor pretende ensinar sobre o "pronome", por exemplo, começa por selecionar as definições e classificações desta classe de palavras e, depois, escolhe um texto em que apareçam pronomes, *para nele* identificar suas várias ocorrências e classificá-las conforme a nomenclatura gramatical. O texto serve, portanto, apenas para ilustrar uma noção gramatical e não chega assim a *ser o objeto de estudo.* E com esse procedimento fica a ilusão de que se estão explorando questões textuais; mas, na verdade, apenas mudamos o modo de situar a questão. Ou seja, em vez de "inventar frases" onde apareçam pronomes, nós os "retiramos" de textos e fazemos o mesmo que fazíamos antes. Como eu disse em outra ocasião, apenas "saímos de Guatemala para Guatapior".

Se o texto é *o* objeto de estudo, o movimento vai ser ao contrário: primeiro se estuda, se analisa, se tenta compreender o texto (no todo e em cada uma de suas partes — sempre em função do todo) e, para que se chegue a essa compreensão, vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários. Ou seja, o texto é que vai conduzindo nossa análise e em função dele é que vamos recorrendo às determinações gramaticais, aos sentidos das palavras, ao conhecimento que temos da experiência, enfim. Nessa perspectiva é que se pode perceber como não tem tanta importância assim saber os nomes das funções sintáticas das palavras, ou saber discernir, por exemplo, se um termo é objeto indireto ou complemento circunstancial de lugar. No texto, a relevância dos saberes é de outra ordem. Ela se afirma pela função que esses saberes têm na determinação dos possíveis sentidos previstos para o texto. Ou seja, quanto ao pronome, o relevante vai ser identificar as referências feitas, no decorrer do texto, pelas diferentes formas pronominais e avaliar as conveniências de sua distribuição ao longo do texto.

Este objeto — o texto — é que vai condicionar a escolha dos itens, os objetivos com que os abordamos e a escolha das atividades pedagógicas.

Ou seja, com que programa?

Em geral, o que se deve pretender com uma programação de estudo do português, não importa o período em que acontece, é ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala e da escrita, incluindo, evidentemente, a escuta e a leitura. Em função desse objetivo

é que se vai definir o conteúdo programático em torno do qual professor e aluno realizam sua atividade de ensino e aprendizagem.

Assim, qual poderia ser o *"programa" de português*, nomeadamente para as séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio?

Em termos muito gerais, as aulas de português seriam aulas de:

- *falar,*
- *ouvir,*
- *ler e*
- *escrever textos em língua portuguesa,*

dentro de uma *distribuição e complexidade gradativas*, atentando o professor para o desenvolvimento já conseguido pelos alunos no domínio de cada habilidade. Mais uma vez, explicito o princípio de que *toda atividade lingüística é necessariamente textual.* Ou seja, a fala, a escuta, a escrita e a leitura de que falo aqui são necessariamente de textos; se não, não é linguagem. Assim, é nas questões de produção e compreensão de textos, e de suas funções sociais, que se deve centrar o estudo relevante e produtivo da língua. Ou melhor, *é o uso da língua — que apenas se dá em textos* — que deve ser *o objeto* — digo bem, *o objeto* — de estudo da língua.

3.1.1 *Para o desenvolvimento das habilidades de falar e ouvir, os alunos, com a intervenção do professor, poderiam:*

- contar histórias, inventando-as ou reproduzindo-as;

- relatar acontecimentos;
- debater, discutir, acerca dos temas mais variados;
- argumentar (concordando e refutando);
- emitir opiniões;
- justificar ou defender opções tomadas;
- criticar pontos de vista de outros;
- colher e dar informações;
- fazer e dar entrevistas;
- dar depoimentos;
- apresentar resumos;
- expor programações;
- dar avisos;
- fazer convites;
- apresentar pessoas etc.

Vale relembrar que a atividade de *ouvir* constitui parte da competência comunicativa dos falantes, uma vez que ela implica um exercício de ativa interpretação, tal como acontece com o leitor em relação à escrita. Além disso, existem muitas regras sociais que definem o comportamento adequado do ouvinte, frente ao outro ou aos outros que falam. Tais regras são convenções que precisam ser, criticamente, avaliadas e exercitadas na escola. Nem sempre a escola tem chamado a atenção para essa competência (altamente relevante, do ponto de vista da interação) de escutar, de ouvir atentamente o outro. Quase sempre o cuidado com a escuta tem apenas uma motivação disciplinar, sem que se mostre a função interativa de saber ouvir quem fala. Somente escutando com atenção é que se pode aceitar ou deixar de aceitar o que o outro diz.

As atividades em torno da oralidade acima sugeridas devem privilegiar os usos mais formais do discur-

so oral, normalmente aqueles usos próprios da comunicação pública, por oposição à comunicação privada que fazemos em nosso ambiente particular de atuação. As circunstâncias de falar em público exigem o cumprimento de certas convenções sociais que interferem na organização do que dizer e na forma de como dizer. O professor deve estar atento para desenvolver nos alunos as competências necessárias a uma participação eficiente em eventos da comunicação pública, como uma conferência, uma reunião, um debate, uma apresentação, um aviso etc.

Nesse sentido, ganha interesse fazer os alunos perceberem as diferenças (lexicais, sintáticas, discursivas) que caracterizam *a fala formal* e *a fala informal*, destacando-se assim a variabilidade de atualização que a língua pode receber, de acordo com as diferenças concretas da situação comunicativa.

3.1.2 *Para o desenvolvimento da competência de escrever, o professor poderia providenciar oportunidades para os alunos produzirem:*

- listas (de materiais, de livros, de assuntos estudados, de eventos realizados etc.);
- pequenas informações aos pais e a outras pessoas da comunidade escolar;
- programações de atividades curriculares e extracurriculares;
- convites;
- avisos;

- cartas: uns aos outros, aos professores, às pessoas da escola, do bairro, da cidade, a um jornal, a alguém que veio à escola prestar algum serviço, a autoridades locais e nacionais etc. (cartas que, eventualmente, até deveriam chegar, de fato, às mãos de seus destinatários);
- anotações de idéias básicas de textos informativos (a este propósito, vale lembrar a vinculação que o professor deve estabelecer entre o português e outras disciplinas);
- pequenas narrativas (criadas ou recriadas a partir de outras, lidas ou ouvidas);
- conclusões de debates;
- informações sobre a cidade, o bairro, a escola, lugares visitados, eventos;
- cartazes (com motivos diversos, inclusive motivos publicitários);
- instruções diversas (por exemplo, aquelas que indicam como se deve usar um determinado instrumento ou aparelho);
- projetos de pesquisa;
- resultados de consultas bibliográficas, de pesquisas de campo;
- esquemas, resumos, sínteses, resenhas (de tanta utilidade na vida acadêmica!);
- relatórios de experiências ou de atividades realizadas;
- solicitações, requerimentos;
- saudações;

- atas;
- poemas;
- mensagens eletrônicas;
- e outros textos em uso no momento.

É evidente que *a escolha desses diferentes gêneros de texto deverá acontecer, gradativamente,* na dependência do grau de desenvolvimento que os alunos vão demonstrando na habilidade de escrever textos. Nas fases iniciais, a confecção de rótulos, indicando, por exemplo, o nome de produtos disponíveis na sala, ou, ainda, a confecção de *listas* com o nome dos colegas, dos alimentos contidos na merenda escolar, e outros que a perspicácia do grupo pode descobrir, constituem um expediente interessante para exercitar a escrita naqueles moldes propostos anteriormente, ou seja, *a escrita contextualizada, a escrita que faz sentido porque fala de nós e de nosso mundo.*

O importante é *abandonar a escrita vazia, de palavras soltas, de frases soltas, de frases inventadas* que não dizem nada porque não remetem ao mundo da experiência ou da fantasia dos alunos. A linguagem até para os pequenos também "significa *agir, fazer, interferir* no mundo, *relacionar-se* com as pessoas" (Macedo, 1985: 53). Por sinal, a única linguagem que faz sentido, para qualquer pessoa, é aquela que expressa o que queremos dizer, por algum motivo, de nós, dos outros, das coisas, do mundo. Não estando aí, não estamos na órbita da linguagem.

Lembro que, em toda atividade de escrita, o aluno deve ser levado a vivenciar a experiência de:

a) primeiro, planejar;

b) depois, escrever — o que seria a primeira versão de seu texto;

c) e, em seguida, revisar e reformular seu texto, conforme cada caso, para deixá-lo na versão definitiva.

Ou seja, o professor faria bem se conseguisse criar, já nos primeiros anos da vida escolar, o hábito de o aluno planejar seu texto, fazer seu esboço, fazer a primeira versão e, depois, revisar o que escreveu, naturalmente, sem culpa, sem achar que ficou tudo errado, aceitando a reformulação como algo perfeitamente normal e previsível. Aprendendo, inclusive, a lidar com o provisório, com o incompleto, com a tentativa de encontrar uma forma melhor. O professor, eventualmente, poderia pedir aos alunos que apresentassem, por escrito, o plano de seus textos.

Entre escrever muito, sem revisão, e escrever pouco com esses cuidados todos, seria preferível que os alunos escrevessem menos textos, mas que escrevessem sempre com esses cuidados de planificação e revisão, acabando-se, assim, com a prática escolar de uma única versão, quase sempre improvisada e nunca revista.

Para orientar essa revisão, o aluno iria sendo levado a compreender que *um bom texto não é apenas um texto correto*, mas um texto bem encadeado, bem ordenado, claro, interessante e adequado aos seus objetivos e aos seus leitores. O princípio regulador dessa classe de texto não pode ser outro senão o princípio de que a escrita é uma forma de atuação social entre dois ou mais sujeitos que realizam o exercício do dizer, do dizer-se, para fins do intercâmbio necessário à sobrevivência e à convivência humana.

Tudo isso significa dizer que a escrita da escola deve ser a escrita de textos. Na medida em que for sendo possível: do rótulo, passando pelas listas, pelos textos curtos (como os avisos), até aqueles mais longos e mais complexos.

3.1.3 *A leitura poderia abranger todos esses textos produzidos pelos alunos, além de:*

- histórias, com ou sem gravuras e em quadrinhos;
- fábulas;
- contos;
- crônicas;
- editoriais;
- comentários ou artigos de opinião;
- notícias de jornal;
- poemas;
- avisos;
- folhetos;
- cartazes;
- adivinhas;
- anedotas;
- provérbios populares;
- charadas;
- mapas, tabelas e gráficos;
- anúncios e mensagens publicitárias (ricos no uso de metáforas, metonímias, homonímias, polissemias etc., pelo que se prestam a análises muito interessantes);
- instruções;
- esquemas;

- resumos;
- lições de outras disciplinas etc.

Por essa amostragem, fica evidente a pretensão quanto à *diversidade de gêneros de textos* que o professor deve providenciar. É importante que o aluno, sistematicamente, seja levado a perceber a multiplicidade de usos e de funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece. Compete ao professor ajudar o aluno a identificar os elementos típicos de cada gênero, desde suas diferenças de organização, de seqüenciação (por exemplo, quantos blocos o gênero apresenta e em que seqüência eles costumam aparecer) até suas particularidades propriamente lingüísticas (lexicais e gramaticais). Desse modo, se alarga a visão de uso da língua, ou seja, se deixa de ver a língua apenas como uma coisa uniforme e apenas podendo ser ou "certa" ou "errada". De repente, quem sabe, o aluno vai poder perceber que a língua que ele estuda é a mesma língua que circula em seu meio social.

Nessa visão do uso, o aluno vai percebendo que uma carta, por exemplo, requer um começo, um desenvolvimento, um final, uma escolha de palavras e de regras sintáticas diferentes daquelas de uma história, um aviso, uma instrução ou um requerimento. Essas diferenças não seriam, apenas, objeto de observações fortuitas, assistemáticas e apressadas, mas seriam matéria de uma, de várias aulas, matéria cuidadosamente explicitada, cuidadosamente analisada. Constituiriam, assim, itens do *programa de ensino e aprendizagem*, a partir dos textos propostos para leitura, análise e produção.

Também aqui valeria muito a iniciativa, a atenção e a criatividade do professor para encontrar, princi-

palmente na comunidade local, motivos e oportunidades de leitura. Nesse aspecto, poderia se começar pela descoberta de quanta coisa se pode ler na rua ou no próprio colégio.

Assim, a leitura deixaria de ser uma tarefa escolar, um simples treino de decodificação, uma oportunidade de avaliação, para ser, junto com outras atividades, uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social. Sabemos quanto a integração da pessoa em seu grupo social passa pela participação lingüística, passa pelo exercício da "voz", que não deve ser calada, nem reprimida, mas, sim, promovida, estimulada e encorajada.

3.1.4 A *gramática*, na perspectiva da linguagem como forma de atuação social, viria incluída naturalmente. Do jeito que está incluída nas situações comuns da interação verbal. A gramática, como vimos, não entra em nossa atividade verbal dependendo de nosso querer: ela está lá, em cada coisa que falamos, em qualquer língua, e é uma das condições para que uma língua seja uma língua. Não existe a possibilidade de alguém falar ou escrever sem usar as regras da gramática de sua língua. Daí que explorando os sentidos do texto, estamos explorando também os recursos da gramática da língua. Não há, pois, razão para que se conceda primazia ao estudo das classes gramaticais isoladas, de suas nomenclaturas e classificações.

Por outras palavras, a inclusão natural da gramática significa a sua inevitável e funcional aplicação, sempre que nos dispomos a dizer qualquer coisa. Os nossos textos se fazem, inevitavelmente, com *substan-*

tivos, adjetivos, verbos, pronomes, conjunções e outras categorias gramaticais. O que precisa também ser ressaltado é que, se o texto se faz com palavras, seu sentido, sua função não resultam simplesmente dessas palavras. Existem outros elementos e fatores que medeiam e regulam a interação.

Nesse quadro, o que passa a ter prioridade não é, repito, ensinar as definições e os nomes das unidades, nem treinar o reconhecimento dessas unidades (mesmo em textos). O que passa a ter prioridade é criar oportunidades (oportunidades diárias) para o aluno construir, analisar, discutir, levantar hipóteses, a partir da leitura de diferentes gêneros de textos — única instância em que o aluno pode chegar a compreender como, de fato, a língua que ele fala funciona.

Com base em tais orientações, não há por que iniciar os alunos, principalmente na altura do Ensino Fundamental, na distinção e classificação dos ditongos, dos dígrafos e semelhantes, nem insistir nas listas de aumentativos, superlativos, coletivos (alguns já inteiramente fora de uso, sem relevância, portanto) na conjugação descontextualizada de verbos (com o pronome *vós*, inclusive!) e outras práticas de muito pouca aplicabilidade, neste momento da experiência comunicativa dos alunos.

A decisão de incluir a abordagem da gramática de forma natural não significa que as noções gramaticais não sejam, quando necessário, apresentadas ao aluno (cf. Neves, 2000; Nóbrega, 2000). O que se pretende, como venho salientando, é que a aula não pare nas terminologias, nas classificações e que os exercícios de gra-

mática não sejam, apenas, exercícios de reconhecimento das diferentes unidades e estruturas gramaticais.

Assim, o estudo do texto, da sua seqüência e da sua organização sintático-semântica conduzirá forçosamente o professor a explorar categorias gramaticais, conforme cada texto em análise, sem perder de vista, no entanto, que não é a categoria em si que vale, mas a função que ela desempenha para os sentidos do texto. Ou seja, mesmo quando se está fazendo a análise lingüística de categorias gramaticais *o objeto de estudo é o texto.*

Essa análise lingüística poderia ser a análise do substantivo, do adjetivo, do verbo, do artigo, do numeral, (e de suas flexões), da preposição, da conjunção, do advérbio, (e não podia ser diferente, pois não se fala, não se lê, não se escreve, não se entende texto sem tais coisas). Mas não basta saber que MAS, por exemplo, é uma conjunção e, mais ainda, que é uma conjunção adversativa ou que ELE é um pronome pessoal do caso reto. É preciso que se saiba que efeitos se consegue com o uso de um MAS, ou o que pode acontecer com a compreensão do texto quando se usa um pronome.

Ou seja, pela análise dos usos da língua entende-se mais e melhor o funcionamento das unidades da gramática. Por conseguinte, é preciso que se analise o emprego dessas unidades em textos, para que se garanta seu uso com coerência e adequação comunicativa. Em suma, *é preciso analisar, pesquisar o uso da linguagem*, e a mediação do professor deve ser encaminhada, então, para explicitar o funcionamento de todas as categorias na construção dos sentidos do texto, como será sugerido no próximo segmento.

A gradação com que tais categorias vão sendo explicitadas dependerá do desenvolvimento que o professor vai constatando em seus alunos. É natural que, ao final da 4ª série, terá havido oportunidade de abordar os pontos nucleares relativos às classes gramaticais, às suas flexões e funções textuais. Sem perder de vista, em nenhum momento, é claro, a aplicabilidade desses pontos para a fluente e adequada comunicação em língua portuguesa.

Rever os conteúdos programáticos, com base nessa nova concepção de língua, será rever também *os objetivos*, bem como *os procedimentos* do ensino da língua, em todas as fases da escolaridade. Com efeito, um ensino que priorize ampliar *as habilidades do aluno como sujeito interlocutor, que fala, ouve, escreve e lê textos*, prevê objetivos amplos, flexíveis, relevantes e consistentes: de fala, escuta, escrita e leitura de textos. Objetivos que contemplem o exercício da linguagem como um todo, internamente e em harmonia com os contextos sociais em que acontecem. Atividades que envolvem operações globais correspondem ao que as pesquisas em psicolingüística comprovaram como sendo as mais relevantes, uma vez que a percepção, em qualquer nível, não se realiza por pedaço, mas aos blocos, em unidades integradas.

3.2. Objetivos e atividades

Em vários momentos da presente reflexão, tenho expressado o que constitui a meta, a finalidade, o *objetivo* último do ensino do português: *a ampliação da competência comunicativa* do aluno para *falar, ouvir, ler e escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes*. Tenho

observado ainda como, em vista de tal prioridade, deixa de ter primazia o estudo de frases soltas, descontextualizadas e artificiais, criadas com o fim, apenas, de fazer o aluno reconhecer as unidades gramaticais, suas nomenclaturas e classificações. Passa a ter primazia, levando em conta o objetivo acima apresentado, o princípio de que, em qualquer altura do estudo do português, qualquer noção proposta só se justifica pelo papel que ela desempenha na construção e na compreensão de textos[1].

Valia a pena que o professor tivesse o cuidado de explicitar para o aluno os termos de tal objetivo, mostrando-lhe, em cada atividade, *para que* a aquisição daquela noção ou daquela habilidade *lhe convém*. O aprendizado sistemático da língua terá mais proveito se o professor partir *daquilo que o aluno não sabe ainda*. Essas necessidades são detectadas quando se confronta o que ele já sabe com *aquilo que ele ainda precisa aprender*, a fim de se comunicar adequadamente. Em geral, as instruções que introduzem os exercícios são omissas quanto à explicitude de seus objetivos. O aluno é levado a cumprir tarefas sem que se faça maior referência ao que tais tarefas podem acrescentar ao que ele precisa saber para atender às exigências sociais da fala e da escrita adequadas.

Quanto à *metodologia*, o estudo da língua, segundo a concepção admitida aqui, seria centrado em *ativi-*

---

[1] Como disse na Introdução, tenho consciência de que fui insistente em relação a certos pontos, a certas propostas. Essa recorrência foi proposital, foi didática mesmo, para não deixar na sombra idéias ou posições que considero de grande importância; para tocar, de fato, os professores e incitá-los às mudanças.

dades, em *produções* (não no sentido mecânico de fazer para "encher o tempo", ou para cumprir a praxe do "dever", simplesmente). Tais atividades de produção teriam a função de *promover* (não de "treinar") no aluno a prática da comunicação verbal fluente, adequada e relevante, e o conteúdo dessas atividades, repito, giraria em torno das habilidades de falar, ouvir, ler e escrever textos, na discriminação que fiz atrás. As implicações pedagógicas apontadas no capítulo anterior contêm, implicitamente, muitas sugestões para a realização destas atividades e produções. Basta o professor explorar sua própria capacidade de pensar, de criar, de inventar para ver como as oportunidades surgem.

O livro didático e a sobrecarga de trabalho em sala de aula deixaram o professor sem oportunidade de *criar* seu curso. Nada tinha que ser inventado. Tudo estava lá. O que se pretende agora é diferente. Mesmo com o livro didático (que está bem melhor, diga-se de passagem), se pretende um professor que lê (tudo!), que pesquisa, que observa *a língua acontecendo, no passado e agora,* em seu país, em sua região, em sua cidade, em sua escola, e que sabe criar suas oportunidades de analisar e de estudar *os fatos lingüísticos* que pesquisou. (Observe-se que eu escrevi "fatos lingüísticos" e não, simplesmente, "gramática".)

Em relação à questão da gramática, especificamente, venho salientando a legitimidade de sua inserção natural no texto, objeto de estudo. De fato, *não existe texto sem gramática.* Praticar o uso de textos, como estudar o texto, é, inevitavelmente, praticar e estudar a gramática. Ou, melhor dizendo, "as gramáticas", como define Bagno (2000: 159), uma vez que, na verdade,

muitas são as variedades de língua que usamos, todas com suas normas. Só que esse estudo deve ser feito numa perspectiva eminentemente interacional, o que significa dizer na dimensão de se perceber como as categorias e regras gramaticais, na verdade, funcionam na construção dos textos, orais ou escritos, curtos ou longos. A partir desse núcleo, é que as atividades deveriam ser criadas, propostas e avaliadas.

Em muitos encontros com professores de português, percebo uma confusão em termos do que seria realmente essa "gramática". Confunde-se o estudo da nomenclatura, das classificações, da análise morfológica ou sintática com gramática. Tais coisas são apenas uma parte da gramática, aquela que corresponde ao que ela tem de mais estável, pois apenas constitui a designação de suas unidades. A gramática supõe um conjunto de regras, de normas que especificam o uso, o funcionamento da língua. Saber, por exemplo, que o pronome pode ser átono ou tônico, reto ou oblíquo, não é "regra" de gramática; agora, saber como o pronome deve ser usado para retomar uma referência feita anteriormente em um texto, por exemplo, é uma regra. Saber que um MAS é uma conjunção coordenativa adversativa não é saber uma "regra" de gramática; regra de gramática é saber como usar o MAS no texto, para sinalizar uma oposição entre dois segmentos e obter assim um efeito específico. Saber que FINALMENTE é um advérbio de modo (?), num enunciado como: *Pedro finalmente foi contratado*, ainda não é saber o uso da língua. É preciso que se saiba o que ficou "dito", embora não-explícito, pelo uso desse FINALMENTE, ou seja, que já se esperava há um tempo por essa contratação de Pedro. Como nesse caso, a compreensão dos enunciados em

que aparecem advérbios exige que se saiba para onde remetê-los: se para o verbo (como em *Pedro finalmente foi contratado*) se para o enunciado como um todo (o que acontece em *Finalmente, Pedro foi contratado)*. Pode-se ver, mais uma vez, que é muito pouco ficar na identificação da classe gramatical da palavra. Muito será chegar às regras que especificam seu uso.

Tenho quase a certeza de que é essa gramática dos nomes, das classificações, da análise morfológica, da análise sintática que professores, alunos e pais vivem pedindo. É essa gramática que eles julgam ser *a* gramática da língua. Nem eles mesmos sabem distinguir o que é, e o que parece ser, mas não é *gramática*.

Dentro dos limites deste trabalho, poderíamos indicar, como *objeto de atividades* e, assim, como *objeto de estudo*, algumas questões gramaticais de relevância para a compreensão do funcionamento da língua em textos. Vejamos, por exemplo, e muito sumariamente, algumas dessas questões gramaticais, na perspectiva da produção e da compreensão textuais. Evidentemente, não podemos esgotar nenhuma dessas questões aqui. Cada uma delas daria um livro. Vamos apenas selecionar alguns de seus aspectos mais relevantes e que podem ser objeto de análise em textos.

- O uso dos *substantivos* — Nesse âmbito, deve-se levar em conta, sobretudo, a função referencial dos substantivos, ou seja, a função que os substantivos desempenham, na atividade do enunciador de referir-se a pessoas e coisas do seu universo de referência, ao longo do percurso do texto. Nesse sentido, o uso adequado dos substantivos é de extrema relevância para

indicar a que entidades estamos nos referindo, numa situação particular de interação e é, por isso, enormemente importante para garantir a clareza referencial do texto. Vale a pena lembrar que, muitas vezes, a falta de clareza do texto resulta da inabilidade das pessoas para selecionar adequadamente as expressões referenciais, ou seja, as expressões com as quais elas se referem a uma determinada coisa ou pessoa. As coisas têm um nome e são referidas nos textos por esses nomes. Indicar adequadamente, para o nosso interlocutor, as coisas ou pessoas a que estamos nos referindo é uma das condições da clareza e da coerência dos textos. Nesse contexto, é que o uso dos nomes próprios recobra sua inteira relevância. Na maioria das vezes, esses nomes aparecem apenas para dizer que eles são escritos com letras maiúsculas.

- O uso dos *adjetivos ou das locuções adjetivas* — Nesse âmbito, deve-se levar em conta a função dos adjetivos não apenas para "dar qualidade aos nomes", mas sobretudo para especificar ou para restringir o alcance da referência feita pelas expressões nominais. Os adjetivos cumprem no texto essa função de delimitar a referência, de especificá-la, de situá-la, de enquadrá-la numa determinada perspectiva. Desse modo, refletem a forma ou a dimensão de como as coisas estão sendo referidas e muito contribuem para sinalizar em favor da identificação pretendida para essas referências. Quando digo "a mulher *moderna*", restrinjo o alcance da referência feita a

"mulher" com o uso do adjetivo "moderna". Não falo agora de qualquer mulher, mas apenas da "mulher moderna". Se digo: "A mulher moderna brasileira", restringi ainda mais e assim por diante. O importante é que se chegue a identificar os efeitos alcançados com o acréscimo de um adjetivo ou de uma locução adjetiva e se alcance assim a clareza requerida para o texto. Também vale aqui o cuidado para descobrir usos menos comuns dos adjetivos, ou descobrir jogos que se pode fazer com eles, como apareceu em um anúncio publicitário, a propósito de um carro popular nacional: "*Chegou o pequeno grande carro brasileiro*". Os efeitos de sentido criados aí pelo jogo na colocação dos adjetivos podem proporcionar ótimos comentários e suscitar o interesse dos alunos por perceber, em outros textos, essas curiosidades a que a linguagem se presta.

- O uso dos *verbos* — Nesse âmbito, devem-se levar em conta, sobretudo, as funções sintático-semânticas do verbo, como selecionador dos elementos que constituem o enunciado. Um verbo como OFERECER, por exemplo, requer três elementos: aquele que oferece; a coisa que é oferecida; e o outro a quem se oferece — o que não quer dizer que, em certos contextos, alguns desses elementos não possam estar implícitos. Um verbo como MORAR requer dois elementos: quem mora e onde mora. Um verbo como COMUNICAR requer três elementos: quem comunica, o que comunica e a quem o faz. (E assim por

diante. O professor poderia continuar com os alunos a análise da predicação nesses termos, observando os usos dos verbos na linguagem cotidiana, sem aquela preocupação classificatória tradicional do verbo como transitivo, intransitivo etc. — coisas que, às vezes, se faz sem atender propriamente à natureza semântica do verbo. Não esqueçamos que, antes de tudo, temos que privilegiar o sentido, a compreensão do que se faz com a linguagem).

O verbo é o núcleo do enunciado, e dele depende a escolha das outras unidades que vão aparecer à sua direita ou à sua esquerda e até o fato de que não vai aparecer unidade nenhuma (como em "choveu"). Não apenas falamos das coisas (ou seja, não apenas *referimos*); mas, falamos delas *para dizer sobre elas algo* (ou seja, para *predicar*) e, assim, podermos ser inteligíveis. Daí por que teria muito sentido um estudo dos verbos que privilegiasse seu valor semântico. Por exemplo: *verbos da comunicação verbal*, como FALAR, DIZER, COMUNICAR, PERGUNTAR, PEDIR, RESPONDER, JUSTIFICAR etc.; *verbos da atividade psicológica*, como PENSAR, REFLETIR, DESCOBRIR, INFERIR, CONCLUIR, DEDUZIR, LEMBRAR, RECORDAR, ESQUECER etc.; *verbos da percepção*, como VER, OLHAR, ESCUTAR, OUVIR, PERCEBER, SENTIR etc.; *verbos que exprimem movimento*, como ANDAR, PARTIR, IR, VIR, SAIR, CHEGAR, CORRER, DANÇAR, DESCER, SUBIR, PULAR, SALTAR etc.; *verbos que exprimem localização*, como MORAR, RESIDIR, FICAR, VIVER etc.; *verbos que exprimem mudança de estado*, como TORNAR-SE, VIRAR etc. e muitos outros grupos que poderiam ser estudados em textos de diferentes gêneros. É claro que não seria possível esgotar aqui as várias clas-

ses semânticas de verbos e todos os seus desdobramentos na seleção das palavras para compor as orações de um texto. O que quero deixar claro é que devemos alargar nossas opções de estudo do verbo e de suas funções sintático-semânticas[2]. Normalmente, pouco mais fazemos além de percorrer seus paradigmas de conjugação ou suas possibilidades de complementação, atendendo puramente a critérios sintáticos. Se pelos substantivos se expressam "as coisas de que se fala", pela predicação se expressa *"o que delas se diz"*, completando-se, assim, o esquema básico dos enunciados coerentes. A função dos verbos vai, pois, muito além das regras de concordância com o sujeito e expressa muito mais do que indicam suas flexões de número e pessoa.

- O uso dos *pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos* — Nesse âmbito, vale ter em conta a função referenciadora dos pronomes, tal como acontece com os substantivos. Vale a pena também percebê-los como recurso das retomadas coesivas (das voltas que se faz a segmentos anteriores do texto, por exemplo, as chamadas *anáforas*), considerando-se, ainda, as condições textuais e contextuais que tais retomadas requerem, a fim de que as referências feitas no texto não fiquem ambíguas ou imprecisas. Muitas são as atividades que podem ser feitas na exploração das condições de uso dos pronomes no percurso do texto. Saber que um ELE, por exemplo, é um pronome pessoal do caso

[2] Sugiro para esse a leitura de Borba (1996), que propõe exatamente uma gramática de valências para o português.

reto é muito pouco, é pouquíssimo. O que é comunicativamente relevante é conhecer as regularidades de uso dos pronomes no texto, para que se possa assegurar a clareza, a precisão referencial, a interpretação coerente. Exercícios para identificar os termos substituídos pelos pronomes, bem como outros de identificação dessas retomadas, para se estabelecer as cadeias referenciais de um texto seriam uma forma de explicitar, para o aluno, os mecanismos intuitivos da construção de textos coesos e, por essa via, coerentes. Eventualmente, poderiam ser analisados também os efeitos negativos do uso inadequado dos pronomes para a compreensão do texto. Os casos de ambigüidade referencial dariam muitas oportunidades de análise; por exemplo, os casos em que há mais de um referente para um ELE no texto, de propósito (como nos chistes) ou não.

E por falar em pronomes, poderíamos trazer à tona a velha discussão de suas regras de colocação, entre elas "não começar um período com pronome oblíquo". É preciso conhecer bem o português de Portugal para saber que essa regra se aplica exatamente, e apenas, ao português europeu. No Brasil, o caso geral não é a ênclise, como diz a gramática, mas a próclise, como diz qualquer brasileiro; e aí pode acontecer de o pronome vir no começo do período. A propósito dessa questão, vale lembrar um *outdoor* que, em 2001, circulou em algumas cidades do país. Trazia uma mensagem de prevenção do câncer de mama, em que aparecia uma mulher apalpando-se e, logo abaixo, os dizeres:

Se toque. A cura do câncer pode estar em suas mãos.

Numa discussão com professores, houve quem achasse que "desse jeito não adianta dar aulas sobre colocação pronominal, pois vêm os textos publicitários e põem tudo abaixo." Não é assim que se deve ver esse fato. E preciso analisar com os alunos, em primeiro lugar, o que levantei acima, ou seja, as normas próprias do falar do português do Brasil. Em seguida, identificar e analisar a finalidade desse texto, a pretensão que ele tem de atingir o maior número possível de pessoas e, portanto, a força persuasiva que deve revelar para causar a adesão desejada. Por isso, recorre a uma linguagem mais próxima dos padrões dessa maioria e um registro também mais próximo do informal. O professor poderia, ainda, analisar o efeito pouco interessante que seria dizer: "Toque-se..." Evidentemente, dessa maneira, o texto não teria a mesma força, pois perderia esse caráter de identidade com a nossa maneira mais própria de falar, em situações informais do dia-a-dia. Pronomes à parte, o professor poderia também explorar a duplicidade de sentido do enunciado, que tanto pode ser interpretado literalmente (*se tocar* = apalpar o próprio corpo) como metaforicamente (*se tocar* = ficar atento). Como venho dizendo, basta abrir os olhos para descobrir muitos exemplares de textos — curtos ou longos —, textos em que os fatos de linguagem acontecem; de linguagem, que não é outra coisa, senão "encontro e interação."

- O uso das *conjunções*, de *expressões relacionais* ou de *partículas de transição*, como "embora",

"mas", "como", "conforme", "acima de tudo", "a princípio", "em seguida", "ao mesmo tempo", "além disso", "ainda mais", "igualmente", "se bem que", "por outro lado", "pelo contrário", "dessa forma", "daí", "pela mesma razão", "sob o mesmo ponto de vista", "por certo", "sem dúvida", "como resultado", "quer dizer", "de propósito", "em síntese", entre muitas, muitas outras [para a ampliação desta série, consulte-se Garcia (1977: 262-268)] — Nesse âmbito, vale a pena focalizar essas e tantas outras expressões que marcam o encadeamento entre partes do texto, sejam orações, períodos, parágrafos, que expressam algum tipo de relação semântica entre essas partes de texto. Tais relações podem ser de causa, de tempo, de condição, de oposição, de adição, entre outras, e vão sinalizando a direção que se pretende dar para o que se diz. O reconhecimento dessas relações e de sua função (lógica, argumentativa, discursiva) no texto constitui um saber da mais alta relevância para administrar as possibilidades de organização do texto. São elementos sinalizadores — pistas — para irmos encontrando a direção argumentativa, inclusive, do texto. Esse saber seria bem mais útil que, simplesmente, saber dizer se a conjunção é coordenativa ou subordinativa ou se a expressão é adjunto adverbial ou não. (Infelizmente, já se perdeu tempo demais com essas inutilidades! E "quem" se perdeu nesse tempo perdido?).

- Com *o uso das preposições*, a preocupação não seria muito diferente. Basta analisar o efeito de

sua inserção ou de sua omissão num enunciado para perceber o quanto elas pesam para a coerência do que dizemos. "Queixar-se *de*" e "queixar-se *a*" não são a mesma coisa. "Fazer *de* conta", "fazer *em* conta", "fazer *sem* conta" e "fazer *por* conta" também não significam o mesmo. (Essa lista poderia ser aumentada enormemente. Os textos estão aí para nos mostrar os muitos casos. É só procurá-los, professores e alunos.) Ou seja, as preposições sinalizam relações semânticas muito diferentes e têm assim um enorme peso no sentido do que dizemos. Significa muito pouco apenas saber quais são elas e que se dividem em "essenciais" e "acidentais". E, como digo, ficar no rótulo da garrafa, no lado de fora do recipiente e não se deixar embriagar pelo seu conteúdo. Aliás, a escola tem sido mestra nisso: tapeia-nos com os rótulos que têm as coisas da linguagem e nos priva de saborear seu gosto e provar de seu fascínio.

- A ampliação do *vocabulário, em suas relações de sinonímia, de hiperonímia, de antonímia, de homonímia, de partonímia* — Nesse âmbito, deve-se ter em conta, sobretudo, além do "sentido" que as palavras expressam, o papel que a substituição de uma palavra por outra desempenha na construção da continuidade do texto. A cadeia referencial do texto, por exemplo, vai se construindo nas retomadas lexicais, de uma palavra:

a) por seu sinônimo ("o gato" ➔ "o bichano");

b) por seu hiperônimo ("o gato" ➔ "o animal");

c) por um termo que expressa uma caracterização eventual ("o gato" → "o meu companheiro"; "o coitadinho");

d) por um termo que expressa partonímia ("o gato" → "seu focinho"),

sempre, é claro, na dependência dos contextos em que essas seqüências são construídas. Por exemplo, em um exercício coletivo de produção de um gênero qualquer de texto, o professor, depois de escrever a versão original dos alunos, poderia orientar essa operação de substituição, pelo uso de palavras ou descrições sinônimas, hiperônimas, metonímicas, ou metafóricas que lhes sejam equivalentes. Os textos são excelente material para análise desses usos. Gosto de lembrar que, nos manuais didáticos, o mais comum são os exercícios com sinônimos. No entanto, a observação de textos me tem feito ver que prevalece a substituição de palavras por seus hiperônimos. Qualquer texto um pouco mais extenso, muito provavelmente, traz um ou mais hiperônimos. E, no entanto, são muito escassas as referências ao uso desse recurso na continuidade do texto. Só para dar um exemplo, vejamos um trechinho de uma reportagem em que se comentava a praticidade do air-bag:

> Graças a Deus eu não experimentei a força do *air-bag*, pois nunca fui vítima de um acidente. Mas sou totalmente a favor do *equipamento*. Jamais soube de casos em que pessoas que dirigiam um carro com esse *dispositivo* tiveram um ferimento mais grave. Na compra de um automóvel, o brasileiro deve levar em conta os diversos parâmetros de segurança, e não somente a disponibilidade do air-bag. Este último *item*, sozinho, não pode ser considerado o "salvador da pátria".

Vemos que só nesse trechinho aconteceram três substituições do nome *air-bag* por um hiperônimo. De tanto o professor se restringir à troca da palavra por um seu sinônimo (um campo bastante problemático), o aluno nem percebe que existem outros recursos de substituição das palavras em um texto. São palavras e expressões diferentes, mas que remetem para o mesmo referente, ou seja, apesar de diferentes, referem-se ao mesmo objeto ou à mesma pessoa. Da mesma forma, uma historinha pode começar falando de "uma onça" que, mais adiante, é retomada em "o animal", "a fera" (e, dependendo do contexto, em "a coitada", "a pobrezinha" etc.) Como disse, em todo texto um pouquinho mais extenso, acontecem essas retomadas. O que se pretende é que o aluno descubra a função que essas substituições lexicais desempenham na construção da continuidade do texto. Não é demais insistir na improdutividade de estudar, de forma inteiramente descontextualizada, listas de sinônimos e de antônimos. Nesse âmbito do vocabulário, seria produtivo ainda exercitar a identificação *de palavras semanticamente associadas* (como festa, carnaval, bloco, samba, ritmo, bateria, ala, fantasia, componentes, desfile, figurante, enredo etc.), um princípio constitutivo da textualidade e que muito contribui para a coesão e a coerência do texto[3].

Seria de muita relevância também identificar *as palavras-chave de um texto*, ou seja, aquelas que correspondem semanticamente ao tópico central em torno do

---

[3] Acerca de todas essas questões, vale muito a pena consultar (e usar em aula!) os livros de Rodolfo Ilari: *Introdução ao léxico* e *Introdução à semântica* (ver bibliografia).

qual o texto se desenvolve. Também seria útil que o professor explorasse com os alunos os processos de criação de novas palavras e identificasse, nos diferentes contextos sociais, o aparecimento dessas palavras, oportunidade em que seria útil também a reflexão sobre a natureza "viva" das línguas, as quais constantemente se renovam também pela inclusão de novas palavras. Nesse mesmo contexto, vale lembrar ainda a conveniência de promover debates sobre a questão tão atual dos empréstimos lingüísticos (a famigerada polêmica dos estrangeirismos), sem deixar de discutir o que eles significam do ponto de vista das relações interculturais[4].

Ótimas atividades também poderiam acontecer em torno da questão da *polissemia* das palavras, com exploração, é claro, das *metáforas* e da *metonímia*. Os textos publicitários sobretudo (sem falar nos textos poéticos, é claro) trazem exemplos valiosos desses "deslizamentos" de sentido, coisa que todos nós fazemos e que a escola, nem sempre, tem o cuidado de incentivar. A preocupação com a língua certinha, "bem-comportada", da escola inibe a criatividade necessária para "dizer" diferente, para fugir daquela forma que todo mundo usa. Nesse mesmo contexto, poderia lembrar o uso das palavras homônimas, que muito se prestam a propositados efeitos de sentido, principalmente àqueles ligados à ambigüidade, aos chistes, aos trocadilhos, tão apreciados até mesmo em situações formais. Recentemente, alguém falando das divergências internas do Partido dos Trabalhadores dizia que "O Partido nunca

[4] Ver, a propósito, o livro organizado por C. A. Faraco, *Estrangeirismos: guerras em torno da língua* (citado na bibliografia).

esteve tão partido!". E Millôr, em suas muitas observações criativas, diz que "Bem-aventurados os filhos dos ricos, porque eles herdarão o reino dos seus". Ditos como este não poderiam deixar de ser objeto de análise, e o professor não poderia deixar de estimular os alunos para documentá-los e para produzi-los.

Só para efeito de ilustração, trago uma pequena amostra desses textos, que se impõem exatamente pela criatividade na exploração daqueles deslizamentos de sentido, seja pela polissemia, seja pela homonímia ou pela metonímia. Não importa. O que importa é que, com esses recursos, o autor produz um efeito agradável de novidade, de interesse, de convencimento. Observemos os exemplares que seguem, copiados, geralmente, de revistas, de outdoors ou até de adesivos presos aos vidros dos carros, aos quais faço pequenos comentários, que podem inspirar outras análises dos professores e alunos. Vamos lá!

"A Fiori é coisa de cinema"

(adesivo de propaganda).

Esse texto só pode ser interpretado se soubermos o significado metafórico que comumente se empresta à expressão "coisa de cinema", entendida, então, como "coisa muito boa", "para além da realidade", digna, portanto, de registro ou da apreciação estética. Desse ponto, o professor poderia passar para o sentido de uma outra expressão bem comum, "coisa de novela", para significar "enredo ou situação de vida com muitas e imprevisíveis complicações"...

"Medicina: uma paixão sem remédio"

(adesivo indicativo de que o dono do carro é estudante de medicina).

Nesse caso, é de se observar, em primeiro lugar, a associação semântica entre "medicina" e "remédio". Em seguida, o mais relevante, que é o jogo que se faz com as expressões "medicina" e "sem remédio", uma combinação que, fora do jogo metafórico, pareceria uma contradição inaceitável. Essa contradição é desfeita no texto, exatamente, porque a expressão "sem remédio", nesse contexto, significa "sem cura". Ou seja, não há outra opção para aqueles que querem a medicina. São jogos de sentido, uma espécie de "brincadeira" com as possibilidades de "deslizamento do significado" das palavras, o que é muito mais relevante, sem dúvida, que a exploração apenas morfossintática de seus elementos.

"Tem pai que é mãe"

*(*outdoor *de propaganda, que circulou no Recife em 2002, por ocasião do dia dos pais).*

Interpretada literalmente, a afirmação seria absurda. No entanto, a equivalência explorada aí é de outra ordem: tem pai que revela a mesma solicitude e o mesmo carinho que a mãe — o que não deixa de ser também uma alusão elogiosa à mãe ou, quem sabe, uma remota alusão à crença preconceituosa de que "amor, carinho, dedicação é coisa mais típica de mulher". De qualquer forma, o texto merece ser analisado, deste e de muitos outros pontos de vista. Lembro apenas o uso do verbo "ter" neste contexto, no lugar de "ha-

ver", o que caracteriza muito bem uma variante do português brasileiro. Reiterando outros comentários, chamo a atenção para a multiplicidade de elementos que o professor pode explorar junto com o aluno. Como disse, se fizermos isso, não haverá tempo para as irrelevâncias gramaticais, que consomem tanto tempo de aula.

"Dê folga a seu anjo da guarda"

(anúncio de uma empresa de segurança de valores.)

Nesse caso, merece uma primeira exploração a alusão ao personagem "anjo da guarda", personagem que remonta à crença cristã de que todos nós dispomos de um "anjo" que nos acompanha, que nos vigia, dia e noite, e nos protege de todos os perigos. "Dar folga" — que é uma expressão bem comum à nossa experiência de trabalhadores — implica dispensar essa tão garantida proteção, uma vez que contamos com a vigilância da empresa de segurança, que fará as mesmas vezes do anjo da guarda. Como se pode ver, existe no anúncio o propósito de enaltecer a empresa, atribuindo-lhe poderes que estão mesmo acima das possibilidades humanas. No fundo, o comercial pretende que se perceba a empresa com poderes sagrados, capaz de merecer incondicional confiança. Não se pode deixar de reconhecer ainda o teor de intertextualidade desse texto, pois sem o conhecimento prévio da figura do anjo da guarda não é possível interpretá-lo adequadamente.

"Não temos nenhum coelho a tirar da cartola"

(trecho de uma declaração do presidente do Banco Central, em 2002, falando da crise econômica do país.).

Outra vez, está envolvido aqui o conhecimento prévio da experiência e não apenas o conhecimento dos significados das palavras que compõem o trecho. Ou seja, pela expressão, o presidente quis dizer que não há soluções mágicas, como aquelas de que se servem os ilusionistas, para causar impacto nos espectadores, quando vão tirando coisas da cartola até a surpresa maior: o coelho, o totalmente inesperado, o quase absurdo. Esses jogos de sentido, tão comuns em nossas interações diárias, possibilitam uma visão dos usos da língua, que se presta a essas analogias, conferindo ao texto uma imprevisibilidade interpretativa maior e, conseqüentemente, elevando seu grau de informatividade. Coisas relevantes, afinal!

"Inscreva-se na UPE e dê um curso à sua vida"

(texto de propaganda do vestibular da Universidade de Pernambuco, em 2001).

Aqui, a palavra-chave que instaura o jogo é "curso". Primeiramente, vale notar a oportuna contextualização dessa palavra, caindo em cheio no âmbito semântico do universo da instituição escolar, sinalizado pelo verbo "inscreva-se" e pela sigla UPE. Em segundo, vem a duplicidade de interpretação possível para: "dar um curso a", no sentido de poder freqüentar um curso na UPE, e "dar um curso a", no sentido de "encontrar um rumo, uma direção para a vida". Nessa segunda interpretação, vale notar que o sentido está em toda a expressão "dar um curso a" e, não, simplesmente na palavra "curso". Desse texto, o professor poderia ir, com os alunos,

levantando outras alterações de sentido provocadas pela polissemia das palavras. Ou seja, por essa linha de análise, não falta o que fazer em sala de aula.

"No Brasil apenas 1% tem. Os restantes 99% têm que"

(Millôr Fernandes).

O jogo a ser ressaltado aqui decorre dos diferentes sentidos de "ter" e de "ter que", uma exploração interessante a ser feita com o levantamento de muitas outras ocorrências em outros contextos. Mas não se pode deixar de notar a propositada omissão do complemento do verbo "ter", recurso com o qual o autor, além de elevar o grau de imprevisibilidade do texto, lhe confere também um tom meio satírico e contestador. Essa omissão é legitimada pela suposição do autor de que os leitores saberão preencher essas lacunas dos complementos verbais. Muito bem: o autor jogou com os sentidos diferentes do verbo "ter" e com as legítimas pressuposições dos leitores. Saiu daquele "bom comportamento lingüístico": tudo certinho, tudo correto, mas sem graça e sem sabor. (Há contextos em que "o bom comportamento lingüístico" é adequado e pode ter sabor. Vale a pena também mostrar que os contextos de uso da língua impõem essas variações.)

"Internete-me"

(disse um poeta — cujo nome desconheço —, num recital apresentado num Congresso, em 2001).

Observe-se, nesse caso, a originalidade do jogo que foi feito com a palavra "internet", um neologismo da classe dos nomes, e um possível verbo "internetar", graças à aproximação formal entre as duas palavras. Veja-se, por exemplo, as formas "promete-me", "remete-me", com base em que se pode admitir a criação do "internete-me".

Não é fantástico descobrir esses jogos que se fazem com a linguagem? Deles estão cheios os jornais, as revistas, os ditos populares, os chistes. Basta procurá-los. Os que nesta seção analisei foram todos textos curtinhos, o que não quer dizer que os textos maiores também não se prestem a análises. É evidente que sim. Outra vez eu digo: basta procurá-los. Não é necessário que o professor invente frases para provocar o aparecimento dos fenômenos lingüísticos. Eles estão aí, naturalmente, nos textos em circulação.

Bem diferentes das análises sugeridas acima são outras que o ensino do português tem condicionado com sua prática de análises morfológicas e sintáticas, totalmente desvinculadas do sentido e inteiramente irrelevantes do ponto da vista da comunicação. Se não, vejamos um exemplo, depois de observemos a charge a seguir:

No último vestibular das universidades federais de Pernambuco, numa das questões discursivas da prova de português, era solicitado ao aluno que, "tomando como base os sentidos da palavra teto" fizesse uma análise da charge acima. A pretensão dos examinadores era que os candidatos percebessem o caráter polemizador do texto, implicado no contraste das duas situações retratadas e expresso no jogo motivado pelos usos diferentes da palavra TETO. O teor crítico e denun-

ciador do texto estava veladamente subjacente, de forma muito sutil e aparentemente neutra, como se não pretendesse mais que retratar duas situações aparentemente desconexas. A recorrência da palavra TETO, nesse contexto de pretensa neutralidade, parecia, apenas, um pormenor eventual.

Evidentemente, muitos alunos, uns mais, outros menos, apreenderam o jogo de sentido estabelecido e reconheceram essa força denunciadora do texto. Não faltaram, no entanto, análises que, como se disse atrás, constituem verdadeiros indícios da perspectiva com que os fatos lingüísticos são vistos nas aulas de português. Trago aqui um desses exemplos, pela força que ele pode ter para nos demonstrar quanto é possível, pelo que fazemos em sala de aula, nos distanciarmos do caráter

de encontro e de interação que constitui a essência da linguagem. Escreveu o aluno:

. . . . . .

> *"No primeiro balão a palavra* teto *é núcleo do sujeito. Ainda no primeiro balão, há uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo balão a palavra* teto *é substantivo. Ainda no segundo balão, há uma oração subordinada completiva nominal".*

. . . . . .

E acrescentou:

. . . . . .

> *"o teto salarial: objeto direto*
> *para: preposição*
> *Presidente Ministros e Parlamentares: sujeito*
> *Pai: sujeito*
> *o que: artigo e preposição*
> *É teto: objeto direto."*

. . . . . .

Pelo que se pode ver, esse aluno "saiu" totalmente do âmbito do sentido, da comunicação, da interação; ou melhor, nem foi capaz de lá entrar para fazer qualquer cálculo interpretativo. Enganchou-se, como se diz, pelos fios da nomenclatura, das classificações e perdeu a chance de realizar o encontro com as pretensões do autor. E tem muita gente que pensa que fazer esse tipo de análise é estudar gramática e é desenvolver no aluno as competências comunicativas necessárias à interação social. Infelizmente, na maioria dos casos, é essa gramática que se defende, que se apregoa como conteúdo imprescindível às aulas de português.

É curioso observar que os professores (e também os pais dos alunos!) não se interessam pelo estudo da "gramática" e pelo estudo do vocabulário na mesma medida. Quase nunca se vê uma reclamação em torno do pouco esforço que se faz nas aulas de português para que os alunos ampliem seu vocabulário, ampliem suas opções de dizer as coisas, saibam dizer o mesmo de outro jeito. A obsessão pela gramática tem funcionado como uma espécie de "viseira", que deixa pais e professores enxergarem apenas numa única direção. O que está bem ali do lado ninguém vê. A gramática (mais especificamente, a nomenclatura gramatical) é esse ponto central, ou seja, a única coisa que tem visibilidade na escola.

- O uso dos *artigos definidos e indefinidos* — A esse propósito, merecem atenção as implicações que, no âmbito das referências feitas, o emprego dos artigos tem no desenvolvimento do texto. Nenhum aluno duvida quanto ao uso de "o" ou "a" antes da palavra "menino", por exemplo (e, como diz Possenti, 1997: 37: "O que já é sabido não precisa ser ensinado"). O que nem sempre os alunos sabem é como distribuir, ao longo do texto, ora o definido, ora o indefinido — ou, até mesmo, quando omitir qualquer um dos dois — e os efeitos que isso causa para a correta identificação das referências feitas no texto. Quando digo: "Era uma vez *um* rei que morava num castelo muito distante. Um dia, *o* rei saiu ...", o uso do artigo definido na segunda ocorrência é absolutamente requerido para se indicar que se trata do mesmo rei. O uso do indefinido implica-

ria que um outro rei entrava em cena. Não tenho certeza de que esse tipo de regularidade seja explicitado em aulas de português.

- A *concordância verbal e a nominal* — Nesse particular, deve-se ter em conta, antes de tudo, que as marcas da concordância podem funcionar como pistas para que se possa, com êxito, relacionar unidades do texto e estabelecer, assim, sua continuidade. Um trecho de um texto cujos verbos têm o mesmo sujeito — e isso vem sinalizado pelas desinências verbais — traz, então, marcas morfossintáticas de que se centra em um mesmo tópico. As desinências dos nomes (substantivos e adjetivos) são também sinais que nos ajudam a relacioná-los e encontrar o sentido pretendido pelo interlocutor (embora nem sempre isso funcione inequivocamente — veja-se a ambigüidade dessa manchete de um jornal "*Presos acusados de roubar carro*". Ou ainda essa outra: "*É fácil comprar arma roubada no Brasil*"). Ou seja, a concordância não vale apenas como indício da correção gramatical ou, como se vê em geral, como indício de que "se fala a norma culta". O mito do "falar certo", nos meios sociais letrados, está comumente associado à concordância. Qualquer correção de texto vai, imediatamente, em cima desse ponto. Esquece-se de que a concordância é, antes de tudo, uma das muitas pistas que indicam ao interlocutor que relações estabelecer no texto, um procedimento indispensável para a atribuição de seu sentido parcial e global. Em suma, o que se pretende é

que toda questão gramatical estudada tenha aplicabilidade textual, tanto mais nas primeiras séries da vida escolar, nas quais é crucial que o aluno aprenda a gostar, a valorizar o estudo da sua língua e em que é crucial, ainda, que ele se sinta capaz de fazê-lo com sucesso.

Ainda no âmbito da concordância verbal, poderíamos selecionar aqueles contextos em que mais facilmente as pessoas tendem a não fazer as devidas flexões. Por exemplo, o sujeito posposto ao verbo, como em "chegou o professor", deixa o sujeito em posição de complemento e, aí, a tendência natural é não se fazer a concordância, como em: "Chegou os professores"; "saiu as notas"; "como foi as férias?" e outros similares.

Outro contexto que também leva à não-concordância acontece quando o sujeito é formado por um nome mais uma expressão plural, como em: "A análise dos textos". Nesse caso, é muito freqüente também ouvir — mesmo em contextos acadêmicos (o que indica que os "erros" não são tão aleatórios assim) — : "A análise dos textos demonstraram que...".

Merecem atenção, também, os casos em que o sujeito se distancia muito do predicado e pelo meio ocorrem palavras de número diferente daquele em que se encontra o núcleo do sujeito, como em: "O problema dos principais investidores nacionais..." Nesse caso, também a tendência é que se diga "O problema dos principais investidores nacionais foram...".

Ou seja, além de apresentar apenas aquelas normas da concordância — algumas bem pouco freqüentes em nossas interações — seria bom ressaltar esses

contextos onde são bem comuns as variações de concordância e mostrar, como disse, que eles não são tão aleatórios assim. Existe em cada contexto alguma coisa que provoca o tal deslizamento. Ainda mais: toda e qualquer regra gramatical deve ser explorada com muita flexibilidade, tendo em vista que as normas lingüísticas podem mudar de acordo com a força do uso. Não nos esqueçamos de que nós é que mandamos na língua, como disse Luís Fernando Veríssimo.

- *Os sinais de pontuação* — Nesse âmbito, é necessário que o professor ajude o aluno a entender que os sinais de pontuação são isto mesmo — *sinais* — e, como tais, são instruções que auxiliam o leitor na busca do significado, das intenções e dos objetivos do texto e de cada uma de suas partes. O interessante seria que a pontuação fosse vista, sempre, como uma coisa relacionada ao sentido, à coerência do texto, isto é, como um recurso que facilita a compreensão. Por isso é que esses sinais são importantes. E, como sinais, uns são imprescindíveis — senão o sentido fica comprometido — outros são facultativos, pois são apenas enfáticos ou expressam um ponto de vista pessoal. O certo é que há inúmeras atividades que o professor pode fazer com os alunos em torno da pontuação. Pode, apenas para dar um exemplo, ir fazendo alterações na pontuação de um texto (ou de um segmento) e analisar com os alunos os efeitos de sentido que tais alterações provocariam. Vejamos como se diz coisas diferentes em: "Poupem, meus amigos" e "Poupem meus amigos."

Enunciados como esses estão à solta por aí. Basta prestar atenção.

- Evidentemente, a *análise lingüística* de todos esses pontos não pode perder de vista *os contextos em que a interação acontece.* Para entender satisfatoriamente um enunciado, não basta que se entenda o sentido das palavras que lá aparecem ou o valor semântico das estruturas gramaticais usadas. O recurso ao contexto de uso desse enunciado é fundamental para que se chegue, além do sentido, à interpretação da intenção pretendida. Aliás, a escola descuida dessa interpretação das "intenções". Fica apenas no sentido, como se as coisas que dizemos não carregassem, além de um sentido, uma intenção, uma finalidade. Por exemplo, quando alguém diz:

Tá chovendo.

dependendo do contexto (e da entonação, é evidente), pode-se entender que esse alguém está querendo dizer que:

- *Não teremos seca este ano.*
- *Não podemos sair agora.*
- *Devemos sair já; as ruas costumam alagar.*
- *O clima tá muito bom pra dormir.*
- *Tem que fechar as janelas.*
- *O trânsito vai piorar.*
- *É preciso pegar a roupa que tá secando na corda.*
- *É preciso ir buscar o guarda-chuva.*
- *Vou tomar banho de bica.*

E muitas outras coisas. O professor bem que poderia listar com os alunos outros contextos para esse enunciado (e seus diferentes significados) bem como para outros enunciados. A análise de frases soltas, descontextualizadas, não favorece o reconhecimento dessa dependência entre *a linguagem* e seus *contextos de uso*. Muito menos se essa análise ficar restrita ao reconhecimento da classe gramatical ou da função sintática da palavra.

A ampliação da perspectiva de análise dos fatos lingüísticos precisa acontecer. É necessário que o recurso à pragmática seja uma constante, para se poder *apreender a língua que, de fato, acontece*, na imensa heterogeneidade de seus usos e de suas formas[5]. Não é preciso inventar exemplos: a realidade está aí, com a língua tal qual se usa. Desconcertante, às vezes; "bem comportada", em outras; mais formal, mais informal, aqui e ali; enfim, de todos os jeitos e com muitas caras, sujeita à imprevisibilidade, pois é a voz de todos, em toda parte.

Ainda a título de ilustração, sugiro que *"o fazer" da produção de texto seja objeto de ensino*, o que significa dizer que seja matéria de aula. Ou seja, discussões sobre como *"escrever um texto"* não podem ocorrer na sala de aula apenas eventualmente, por acaso. Elas devem ser "o normal" da sala de aula, o esperado, cada dia, cada vez que se torna relevante.

---

[5] Sugiro ainda a leitura de Suassuna (1995), oportunidade em que a autora defende uma abordagem pragmática da língua, para que, entre outras coisas, "aluno e professor pudessem 'flagrar' a língua em funcionamento, vendo-se ambos como sujeitos de sua prática histórica e lingüística." (p. 147).

À guisa de ilustração, poderia sugerir o seguinte: o grupo começaria por decidir-se quanto ao gênero em que vai escrever (vale a pena diversificar ao máximo os gêneros a serem escritos, tal como acontece no dia-a-dia). Um exemplo: a escrita poderia ser uma carta ao prefeito da cidade, pedindo que providencie iluminação adequada para a rua da escola. Seguia-se uma discussão, com anotações no quadro, sobre as partes que tem uma carta, sobre como vai ser dividido e organizado o que vai ser dito e que características formais (as de tratamento, por exemplo) deve ter uma carta dirigida a uma autoridade administrativa. Se o texto fosse produzido coletivamente, passava-se, depois, à sua revisão. Em conjunto, professor e alunos, e advertidos para a função do que iam realizar, reviam cada parte, discutindo e decidindo a alternativa mais adequada, a escolha mais acertada das palavras, levando em conta o conjunto de fatores situacionais envolvidos, inclusive o fato de os emissores poderem ser crianças ou adolescentes. A própria realização dessa atividade já era "uma lição".

Nessas revisões do texto, para a escolha da versão final, os alunos teriam a oportunidade de experimentar o processo global da redação cuidada, pensada, da redação funcional, a qual supõe idas e vindas, cortes e recortes, supressões, permutas, acréscimos e outros tantos ajustes. Teriam a oportunidade, inclusive, de compreender por que os ajustes se fizeram necessários. Então, todas as reformulações, inclusive as gramaticais, seriam justificadas com base na estrutura da língua e nas convenções sociais estabelecidas para o gênero particular do ato verbal em questão. No final, e dependendo do nível da turma, poderiam vir os deta-

lhes do preenchimento do envelope, da função do correio, do carteiro, elementos que, sendo parte da vida dos alunos, podem motivá-los. Muito mais, me parece, do que receber, sem mais nem menos (como vi em um livro didático) a proposta: "Narre um baile entre as flores de um jardim". Não pretendo, é óbvio, com essa observação, anular da prática da escrita dos alunos o recurso à fantasia. O que está em jogo no momento é propor que se viva com o aluno uma escrita suficientemente motivada, que seja resultado de um estado de "querer dizer" o que se tem a dizer. Esse estado levará o aluno a pensar, criar, planejar, escrever, rever e refazer o texto, tal como a escrita madura prevê.

CAPÍTULO QUATRO

Redimensionando a avaliação

Gerar informações ... para identificar os pontos críticos no processo de aprendizagem.

ELIZABETH MARCUSCHI

No processo de ensino-aprendizagem escolar, o ensino e a avaliação se interdependem. Não teria sentido avaliar o que não foi objeto de ensino, como não teria sentido também avaliar sem que os resultados dessa avaliação se refletissem nas próximas atuações de ensino. Assim, um alimenta o outro — tudo, é claro, em função de se conseguir realizar o objetivo maior que é desenvolver competências nos campos que elegemos.

Na rotina de nossas atividades escolares, o fio dessa interdependência parece ter-se rompido e, desse modo, avaliação e ensino nem sempre guardam essa reciprocidade. Com grandes prejuízos para o ensino, pois, em muitas casos, a avaliação passou a ser uma espécie de finalidade: a aula é dada para preparar a

prova; o livro é lido porque "é pra nota"; a literatura é consultada porque "cai no vestibular", e assim por diante. Estuda-se *para*... "uma prestação de contas", que pode ser mensal, trimestral, anual, no final do ciclo etc. Daí ser o termo "cobrar" uma expressão bem corrente no discurso da escola, o que bem claramente denuncia esse lado mercadológico do ensino. É mais do que oportuno, pois, perguntar-se sobre os "descaminhos" da avaliação e decidir por uma mudança de rumo, mudança que tem suas origens na revisão de nossas concepções. Sim, porque mudar, seja o que for, tem que começar pela revisão de nossos fundamentos conceituais. Se não, muda apenas o palavreado, muda apenas a fachada...

4.1. Em revista, a lógica de nossas concepções

Se o ensino da língua merece uma reorientação, não é diferente quando se trata da avaliação dos resultados desse mesmo ensino. Por muitas razões, razões disciplinares inclusive, o processo de avaliação escolar converteu-se num instrumento de seleção dos alunos, apenas, conforme os graus (traduzidos numericamente) de seus desempenhos. Com matéria e data marcadas, os "testes", as "provas" acontecem, exatamente para isso: para que se teste, para que se prove; normalmente, com honrosas exceções, para que se prove o que ficou na memória. Tudo de acordo com a política assumida na hora da aula "dada": "passa-se" uma informação que é "devolvida" no dia da prova, por vezes, literalmente devolvida.

Recentemente, um comercial transmitido pelas emissoras nacionais de televisão me chamou a atenção,

pelo modelo de aprendizagem escolar que estava lá sutilmente embutido, inclusive o modelo de professor também. O comercial constava da seguinte cena: um menino está sentado, estudando; a campainha da casa toca e uma voz lá de dentro diz que "deve ser a professora" do filho. De fato, o pai abre a porta, e entra a professora que logo se dirige ao menino, perguntando se ele "aprendeu direitinho a lição", *conforme ela ensinou*. O menino diz que sim, e aí a professora começa a interrogá-lo. O menino vai respondendo às perguntas, uma a uma, sem hesitação, com uma certeza dogmática de quem afasta qualquer possibilidade de hesitação, de dúvida ou de questionamento. Tudo transparente, tudo posto, tudo certo, acabado, resolvido, estabilizado.

Eu me perguntava sobre que concepções de escola, de aprendizagem, da intervenção do professor passam (naturalmente) pelas peças desse jogo, que de inocente não tem nada. Que concepções de avaliação estão aí implicadas nesse pingue-pongue de perguntas e respostas? Onde é que está o professor que faz pensar, que leva o aluno a perguntar, a contestar, a relacionar, a levantar hipóteses, a comentar, a acrescentar? Que tipo de cidadãos estamos querendo formar com esse procedimento simplista da aceitação pacífica e mnemônica do que a autoridade nos diz? Mesmo que digamos o contrário, essas encenações, as reais e as fictícias, falam de nossa visão distorcida do que seja ensinar e do que seja verificar ou avaliar se o aluno conseguiu assimilar o que lhe propomos.

Ou seja, falta rever nossas concepções de avaliação, a fim de desgrudá-las de uma finalidade puramente seletiva — quem passa, quem não passa de ano — e

instituir uma avaliação em função da aprendizagem. Uma avaliação, portanto, que seja uma busca dos indícios, dos sinais da trajetória que o aluno percorreu, o que, por outro lado, serve também de sinal para o professor de como ele tem que fazer e por onde tem que continuar. Na verdade, pela avaliação deveria ficar evidente para o professor *que coisas ele ainda precisa trazer para a sala de aula como matéria de análise, reflexão e estudo*. O professor avalia o aluno para também, de certa forma, avaliar seu trabalho e projetar os jeitos de continuar. Daí que a avaliação não é apenas um evento isolado, previsto no calendário da escola, depois do qual tudo é retomado tal como estava pensado, sem que os resultados alcançados sirvam de algum suporte para futuras decisões. Felizmente, algumas escolas já têm descoberto novos parâmetros de avaliação — ou seja, uma avaliação a serviço da regulação das aprendizagens, como propõe Perrenoud (1999: 10) e a "tortura" dos dias de prova tem dado lugar a muitas oportunidades para que o aluno se observe e reveja o que pôde alcançar em seu desenvolvimento e o que o impediu de fazê-lo com maior êxito.

Restringindo-se às atividades de produção de textos, a avaliação atual das produções dos alunos não tem se afastado muito das práticas tradicionais de destacar (quase sempre em vermelho) os erros (que erros se destacam?) cometidos, com o acréscimo da alternativa correta ao lado. O aluno, sem ser levado a pensar a inadequação de sua escolha ou o porquê da substituição apontada, recebe passivamente esta interferência do professor e parte para a próxima experiência, sem ter ampliado sua própria capacidade de avaliar o que lê, o que diz ou o que escreve.

Em decorrência do conjunto de princípios apresentados e das implicações que eles guardam, parece razoável admitir que, de saída, a avaliação deve deixar os limites estreitos da mera indicação dos erros, ou da mera atribuição de notas, para fins de marcar a transição dos alunos para as séries seguintes. Deve, na verdade, proporcionar ao aluno a consciência de seu percurso, de seu desenvolvimento, na apreensão gradativa das competências propostas. Deve indicar ao professor as hipóteses que os alunos têm acerca do uso falado e escrito da língua, para que, quando necessário, eles reformulem essas hipóteses, sem a experiência amarga e desencorajadora de se sentirem incompetentes, "em erro" e lingüisticamente diminuídos.

Nessa perspectiva, é bom que o professor se apóie nos resultados apresentados pelos alunos, seja em leitura, seja em escrita, para decidir o que vai selecionar como próximo objeto de estudo, para que não fique ensinando aquilo que os alunos já sabem ou deixe de ensinar aquilo que eles precisam saber. Por exemplo, nenhum aluno tem dúvida quanto ao gênero gramatical de palavras como "livro", "lápis", "casa" etc. Daí o motivo por que parece perda de tempo estar exercitando os alunos no simples reconhecimento, pela anteposição do artigo, do gênero gramatical de palavras como estas.

Convém ainda que o professor converta cada momento de avaliação num tempo de reflexão, de pesquisa, ou seja, de ensino e aprendizagem, de reorientação do saber anteriormente adquirido. Sem o ranço das atitudes puramente "corretivas", de "caça aos erros", como se o professor só tivesse olhos para enxergar "o que não está certo".

Sempre que lhe parecer oportuno (e tomara que pareça muitas vezes!), o professor deve mostrar a flexibilidade dos usos da língua, deve mostrar que existem diferentes maneiras de dizer (e de dizer bem!) a mesma coisa; ainda que dentro do mesmo contexto ou, mais ainda, em contextos diferentes. Essa flexibilidade desfaria a idéia equivocada de que "só existe uma maneira certa de dizer as coisas". Na verdade, a maneira certa de dizer as coisas depende da situação: depende de quem diz, a quem diz, onde e para quê.

Convém lembrar ainda que, neste trabalho de avaliação, o professor deve valorizar, deve estimular cada tentativa, cada conquista do aluno, favorecendo, em todo momento, a formação de uma auto-estima elevada, responsável, agora e sempre, pela disposição de tentar falar e escrever, mesmo sob o risco da incompletude e da imperfeição.

4.2. O tempo para a avaliação

A avaliação, em função mesmo de sua finalidade, *deve acontecer em cada dia do período letivo*, pois *a aprendizagem, também, está acontecendo todo dia.*

Evidentemente, não pretendo propor a ingenuidade permissiva e simplista de aceitar qualquer resultado. Ou seja, não se quer simplesmente aceitar qualquer coisa que o aluno escreve, ou qualquer interpretação para um determinado texto. Não é isso. O que pretendo ressaltar, isto sim, é uma atitude positiva, respeitosa, esclarecida e estimuladora do professor que sabe estar promovendo um desenvolvimento que só pode

acontecer gradualmente e que, para acontecer, precisa de sua intervenção, que é imensamente significativa.

É bom que o professor esteja atento também para o fato de que há escolhas inadequadas ("erros", na literatura escolar) que são "normais" dentro da perspectiva deste desenvolvimento em processo e, por isso, podem funcionar como indícios das etapas vivenciadas e podem ser pistas para a decisão do que fazer nas próximas aulas.

Insisto em dizer que a avaliação centrada na "caça aos erros", como prova do que não se conseguiu fazer, inibe a expressão do aluno e condiciona, de certa forma, o bloqueio com que, mais tarde, as pessoas encaram a prática social da escrita. Esta prática da "caça aos erros", repito, fez com que o professor de português, ao longo do tempo, se especializasse apenas em procurar o "errado" e, sem muita reflexão, discernir sobre os erros. Parece que ele não é capaz de perceber outra coisa e, de fato, acaba não sendo, pois, como adverte Millôr Fernandes, "tudo é erro na vida do revisor" (p. 165). O fato de o professor, diante dos trabalhos dos alunos, ter apenas que procurar os erros tornou-se uma coisa tão natural que o termo consagrado para essa leitura do professor é "corrigir". A pergunta que os alunos nos fazem é sempre: Professor(a), o(a) senhor(a) já *corrigiu* as provas? Por que não perguntam se já vimos, se já lemos seus trabalhos, seus textos? Uma análise semântica revela: "corrigir" é uma palavra que implica naturalmente uma outra: "erro". Na verdade, o professor não lê, não avalia o que os alunos escreveram: o professor "corrige", porque, como revisor, só tem olhos para os erros. Nem vê as coisas interessantes

que os alunos escreveram ou os progressos que eles revelaram alcançar.

Valia a pena não esquecer que há uma "correção" preventiva que a escola pode adotar com sucesso: a exposição do aluno a bons textos orais e escritos, ainda assim, com o devido cuidado para que esses textos funcionem para todos nós como "horizontes" (ver Geraldi, 1997: 165) e não como provas de uma excelência que até inibe a expectativa de quem está começando. Assim, a leitura constante — diária, mesmo — de textos interessantes e variados, a opção pela escrita funcional (escrita de textos reais, com leitores reais), ou seja, a exposição ativa do aluno à compreensão e produção de textos constitui um exercício naturalmente ativador da *fluência e da adequação comunicativa* que o professor deve estimular e promover.

Como referi acima, a avaliação deve realizar-se como exercício de aprendizagem. Neste sentido, *o procedimento básico deve ser discutir com o aluno em que e por que seu texto não está adequado* e, na mesma dimensão, descobrir com ele as alternativas de reconstrução de seu dizer. Tal prática tem, inclusive, a vantagem de iniciar o aluno na tarefa de ser ele mesmo o primeiro revisor de seu texto. Dessa forma, ele vai aprendendo a refazer sua primeira redação até chegar àquela definitiva que chegará às mãos do leitor. E vai vivendo a experiência de perceber a imensa versatilidade da língua.

A revisão do texto — conforme vimos, uma das etapas previstas na produção adequada de textos — deve constituir-se numa rotina escolar — escreveu, vai

revisar! — para se desfazer a idéia equívoca de que a avaliação só existe em função da nota e dos resultados finais. A revisão do texto pode realizar-se também em exercícios coletivos de análise, nos quais o grupo discute o que poderia ser alterado em função dos objetivos e dos leitores pretendidos para aquele ato específico de comunicação. As discussões e os acertos seriam valiosos, pois percorreriam os vários estratos lingüísticos: o sintático, o semântico, o lexical (a escolha adequada das palavras), o pragmático, o ortográfico, o da pontuação, o da paragrafação, o da apresentação formal do texto, sempre, é claro, tendo em conta os aspectos da situação em que o texto vai circular. Evidentemente, nesses aspectos, se inclui a adequação do texto às especificidades de seu gênero textual. Nessa perspectiva bem mais ampla, portanto, professor e aluno teriam muito mais coisas a ver e coisas muito mais relevantes a aprender.

O trabalho do professor com a produção individual do aluno também deve aproximar-se de tais padrões. (E, em função disso, todos devíamos lutar — "por pensamentos, palavras e obras" — para que o professor tenha menos alunos em sala de aula e mais tempo disponível para orientar os alunos em suas produções textuais!).

O que parece inaceitável é deixar que se instale no aluno a postura alienante de transferir para o professor o poder absoluto de revisar, julgar, avaliar e reformular seu texto. Assim, não se desenvolve no aluno a autonomia, que requer procura crítica, auto-avaliação, levantamento de hipóteses, busca da melhor alternativa, atitudes essenciais para quem empreende qualquer aprendizagem não-mecanicista.

4.3. O objeto da avaliação

No âmbito dessas concepções, cabe ainda perguntar: *rever, no texto, o quê?* Os princípios atrás afirmados implicam que se estabeleça uma hierarquia na identificação dos elementos a revisar. Nem todo desvio à norma-padrão tem a mesma relevância para a qualidade global do texto. A falta de clareza, a imprecisão (quando não dá para saber o que a pessoa está querendo dizer), a escolha indevida das unidades lexicais e das unidades gramaticais, a desordenação na seqüência das idéias (quando o texto não tem um fio de idéias condutor), a desconexão entre os vários segmentos do texto, a obviedade e irrelevância do que se diz, tudo isso é mais significativo para a qualidade comunicativa do texto do que os acertos ortográficos, por exemplo (o que não quer dizer que a ortografia não precise ser ensinada!). O que se quer ressaltar é a conveniência de o professor levar o aluno a perceber *que o sentido do que ele diz, a clareza com que o diz são elementos prioritariamente relevantes*, e é preciso pensar neles em primeiro lugar. A correção ortográfica virá como exigência da própria coerência do texto, que, em certas situações, para estar adequado, precisa estar ortograficamente correto.

Como disse, é evidente que *as normas ortográficas também devem ser objeto de ensino*, de exercício (vale a pena consultar Morais, 1998; 2000); mas não de um jeito que desvie a atenção dos alunos daquelas habilidades realmente importantes para o êxito de qualquer interação verbal. Certa vez, vi um exercício de redação de uma criança da 4ª série, sob o tema "Meu

amigo". A criança começou seu texto dizendo: "Meu amigo é muito amigavel" e o único ajuste que a professora apontou, marcando em vermelho, foi a falta de acento sobre a sílaba tônica da palavra "amigável". Pode-se perguntar que tipo de competência esta professora está privilegiando? Além de indicar o erro ortográfico, ela não deveria, antes de tudo, levar o aluno a perceber que, neste contexto, a palavra "amigável" não costuma ocorrer? Não deveria, ainda, fazer um levantamento com os alunos dos contextos em que se usa esta palavra? (Por exemplo: "amigo amigável", não; mas, "contrato amigável", "separação amigável", sim).

A avaliação, como tudo o mais, é antes de tudo uma questão de concepção e não uma questão de técnica. Daí a conveniência de o professor pensar, observar, descobrir, em cada momento, a maneira mais adequada de contribuir para que seu aluno cresça na aquisição de sua competência comunicativa; de, sobretudo, estimular, encorajar, deixar os alunos com uma vontade grande de aprender, sentindo-se para isso perfeitamente capacitado e, por isso, inteiramente gratificado.

Aprender não pode interessar a ninguém se é visto como um castigo, como uma coisa penosa, da qual a gente deseja ardentemente se livrar o mais cedo possível. Rubem Alves lembra que "saber" e "sabor" têm a mesma raiz etimológica e o mesmo núcleo semântico. Aprender tem que ser uma coisa de gosto bom, uma coisa gostosa, saborosa, como se diz. Nesse sentido é que se poderia enquadrar qualquer atividade de ensino e, sobretudo, de avaliação das coisas que os alunos falam e escrevem. O mais é expressão do autoritarismo e do desrespeito da escola frente à produção do aluno.

Parece-me de grande relevância que o professor de português reafirme a consciência de que *o perfil ideal para cada etapa-série é parcial*, na medida das aptidões e limitações dos alunos, em cada período da escolaridade. É normal que, numa certa altura de sua escolaridade, o aluno ainda demonstre inabilidades para compor um texto escrito, por exemplo, em que muitos apagamentos poderiam ter sido efetuados. Como é também normal que ele vacile quanto à escolha da palavra adequada ou da grafia padronizada. Normalíssimo seria ainda que ele tivesse uma pessoa que, nesses momentos de hesitação ou de equívoco, se propusesse a intervir, a propor outras opções de dizer. Este é o papel do professor: estimular, em cada momento, a tentativa de produção do aluno e orientá-lo na aquisição dos padrões adequados.

Em suma, o fundamental é que o professor garanta ao aluno a oportunidade de *enfrentar o desafio da leitura, da escrita, da escuta, da fala* (do conversacional cotidiano à fala formal), com todos os gostos e riscos que isso pode trazer. Só assim ele há de chegar à experiência comunicativa inteiramente assumida, com a autoconfiança de que somos capazes de exercer, também pelo lingüístico, a cidadania que nos cabe por pleno direito.

CAPÍTULO CINCO

Conquistando autonomia

Pode-se dizer que custa caro formar um bom professor. Errado. Um mau professor é que sai caro, por ser ineficiente e ineficaz. Um mau professor ajuda a provocar a repetência (...), não segura o aluno na escola; não prepara alunos para a vida profissional.

JAIME PINSKY

Nos encontros com os professores, as queixas e os desabafos são mais ou menos os mesmos. Já se espera o que se vai ouvir: o vestibular, os concursos, os pais, a diretoria da escola, outros professores...

Ou seja, os professores até gostariam de mudar, estão convencidos de que é preciso, mas... toda essa série de fatores interfere exatamente na direção oposta. Como, perguntam os professores, não dar gramática (leia-se aqui: "Como não ensinar a classificação das orações e similares"), se isso cai no vestibular, nas provas de concurso; se os pais vêm reclamar e os próprios alunos acham que não estão tendo aulas de português?

Como eu disse, essas questões já são esperadas em todo encontro. Já sei que vão aparecer. Diante delas, costumo fazer algumas reflexões. Mais ou menos assim:

Em primeiro lugar, tenho uma ligeira impressão (na verdade, não tão ligeira assim!) de que, no fundo, no fundo, a vontade de mudar por parte de muitos professores não é assim tão grande. Talvez inconscientemente até dêem graças a Deus por existirem essas dificuldades. Dificuldades que os impedem de mudar, que os salvam da responsabilidade de tomar as iniciativas, que os livram da culpa de não fazer diferente. Pois é, a gente bem que queria, mas... há coisas... coisas exteriores a nós. Não somos nós que não queremos avançar. São essas coisas que não nos deixam ir...

Em segundo lugar, se o problema é o vestibular, me ocorre perguntar: de que vestibular se está falando? De alguns anos para cá, as provas dos vestibulares, apesar de algumas limitações, começaram a privilegiar as análises de texto, a partir de competências diversas, das produções textuais, de gêneros diferentes, e têm evitado expor os alunos às inutilidades da mera classificação gramatical. Por outro lado, se o problema são os concursos, que ainda não se alinham em sua totalidade por esses novos horizontes, não devemos nos prender a isso para justificar a irrelevância de um ensino desvinculado dos usos da língua. Devíamos, de todas as maneiras, trabalhar para que os programas desses concursos começassem a ser também diferentes para contemplarem, com primazia, a dimensão textual e comunicativa da língua.

Em terceiro lugar, se o problema é a interferência dos pais, seria muito bom que a escola buscasse a

oportunidade de debater com eles as novas concepções lingüísticas que apoiam e propõem um ensino da língua diferente. Seria muito bom que se promovessem discussões sobre a questão do preconceito lingüístico, da exclusão social que a falta de letramento provoca, das competências necessárias e, de fato, relevantes para as pessoas atuarem profissionalmente com eficiência. Se a família está preocupada com o sucesso de seus filhos, do ponto de vista da linguagem, esse sucesso não pode ser conseguido sem que se desenvolva a capacidade de colocar essa linguagem a serviço da prática profissional e da plena cidadania. Não é apenas dominando a nomenclatura da língua que se consegue interagir comunicativamente com sucesso. Umas pinceladas de atualização lingüística para os pais dos alunos, na linha das novas concepções de linguagem e de língua, seriam uma grande iniciativa.

Em quarto lugar — e aqui está o ponto principal —, se o problema é a insegurança do professor, vale a pena lembrar que está na hora de ele partir para alcançar sua autonomia, como "cabeça" do curso de português. Não numa postura autoritária de quem sabe tudo. Mas como primeiro orientador, como aquele que traça as linhas do caminho, as metas desejadas, como aquele que seleciona o objeto, os procedimentos e os recursos de trabalho. Evidentemente, com o respaldo das concepções teóricas, dos resultados das pesquisas lingüísticas, da reflexão pedagógica cuidadosa, da atenção e do estudo diário. Ou seja, o que não tem sentido é a postura indefinida de um professor amorfo, que fica no vaivém do que parece certo a este ou àquele, fazendo e desfazendo pelo que dizem os outros, pelo

que parece aos outros, quase sempre pessoas desavisadas e ancoradas ainda nas propostas "do seu tempo", nas tradições de quando "estavam na escola".

O professor de português precisa conquistar sua autonomia didática, assumir-se como especialista da área, comprometer-se com a causa da educação lingüística de seus alunos. Não pode ficar, repito, à deriva, ao sabor das opiniões de todo mundo, como se não tivesse condições de estabelecer seus rumos. Quando, no início deste trabalho, falei em "um querer já legitimado", pretendia lembrar ao professor que ele já pode contar com sólidos respaldos acerca de novas orientações para seu trabalho. Existem atualmente programas e orientações em diversos níveis (federal, estadual e municipal) que apóiam a reorientação do trabalho do professor de português. E, melhor que tudo isso, existe o estímulo, o incentivo para que o professor busque esse apoio. Para que o professor *tenha* efetivamente esse apoio. O trabalho pedagógico e a formação do professor de português são, no momento, uma preocupação dos meios acadêmicos e constituem tema de inúmeras pesquisas (ver, entre muitos outros, Batista, 1997; 1999, Geraldi, 1997; Neves, 1994), embora se saiba que ainda são escassos os livros que têm como destinatários, especificamente, os professores de português do ensino fundamental e do ensino médio.

A autonomia que se pretende aqui e que resulta de muito estudo, pesquisa e reflexão deixaria o professor em condições de, mesmo utilizando o material didático tradicional, fazer um trabalho crítico, diferenciado e comunicativamente relevante. Isto é, deixaria o professor em condições de superar os limites desse

material de apoio ou das ingênuas, infundadas e preconceituosas observações dos "entendidos improvisados" da pedagogia lingüística. Dessa forma, portanto, o professor deixaria de ser a figura subserviente que cumpre programas e adota procedimentos só porque estão nos livros ou estão conforme a opinião dos outros.

O professor de português precisa ter a competência suficiente que lhe confira a autonomia necessária à condução de seu trabalho, o que, em nenhum momento, dispensa sua inserção nas preocupações do grupo com o qual atua. Autonomia não significa individualismo, isolamento ou auto-suficiência. Significa que o professor esteja seguro de como deve ser seu trabalho, para que não fique ao sabor dos ventos, que vêm de lá e de cá.

Sou consciente das conquistas que o professor ainda tem que fazer para atingir essa autonomia: é preciso dispor de tempo para estudo e reflexão; é preciso inserir-se em projetos de pesquisa; é preciso ter acesso a uma biblioteca especializada; é preciso ter oportunidade de participar de cursos de atualização e estar em sintonia com as mais novas orientações e propostas da área da linguagem.

Talvez isso tudo, para muitos, possa parecer um caminho utópico. Mas vale a pena. Ai de nós sem alguma utopia!

CAPÍTULO SEIS

Fechando, por enquanto...

Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar
("Caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar".)
ANTONIO MACHADO

Numa reflexão como esta, a palavra final não acontece. Não há fechamento. Há apenas a palavra inicial, que funciona como uma espécie de semente, como uma espécie de *ovo*, cheio de vida, pronto para deixá-la sair.

É o que pretendo como encerramento para este livro: a disposição e a esperança de que cada palavra terá a força de uma semente, pois cada palavra é apenas um começo, está "prenha": basta só que a quebrem, que a abram e a deixem vingar.

Confesso que escrevi pensando, especificamente, nos professores de português do fundamental e médio. Não fui rasteira nem simplista, mas também não entrei por grandes elucubrações teóricas. Tenho consciência

também de que fui redundante, fui reincidente. É que eu queria mesmo ser insistente, ser enfática, rebater naqueles pontos que considero cruciais para uma boa atuação do professor em aulas de português, pontos que eu sei que ainda estão impedindo um trabalho de mais qualidade. Em algumas passagens, deixei que escoasse um pouquinho de emoção. Para que, por entre as palavras, ficasse o apelo (amoroso) à inquietação, à pesquisa, à reflexão, à criação, à descoberta, ao estudo, sobretudo, das *novas temáticas* que hoje redefinem a linguagem e, dentro dela, a língua.

As novas concepções da lingüística — que na verdade, já não são tão novas assim — podem nos fazer ver o fenômeno da língua muito além das teias gramaticais, com horizontes bem mais amplos, bem mais fascinantes, bem mais humanos, no sentido de que refletem os usos das pessoas em sociedade, isto é, a língua que a gente usa no dia-a-dia. Essas concepções podem nos fazer perceber muito mais coisas que "o certo" e "o errado", muito mais a fazer que dar nomes às coisas e aos fatos da língua. Indo além dos rótulos que a linguagem contém, para deixar-nos embriagar pela sua cor, pelo seu perfume e pelo seu sabor.

Na verdade, a imagem do professor já não carrega aquela aura misteriosa de quem está "pronto" para "ensinar", de quem já estocou os saberes necessários para a transmissão pedagógica em sala de aula. Felizmente, a consciência de uma outra imagem de professor é cada vez mais clara: o professor que se refaz, que redescobre, que reinventa, que revê suas concepções e atitudes, que não está "formado" e, portanto, redimensiona seus saberes. Um professor que não pode deixar

de "ser aluno", isto é, que não sabe tudo, que não pode deixar de ser aprendiz. Eternamente aprendiz. Um professor que, como os alunos, está *"em curso"*, quer dizer, está, ainda agora e sempre, realizando a grande aventura de *correr* pelos caminhos que levam ao conhecimento, ao entendimento, mesmo sabendo que nunca vão poder dizer que chegaram ao fim desse caminho...

Aprender é uma das coisas mais bonitas, mais gostosas da vida. Acontece em qualquer tempo, em qualquer idade, em qualquer lugar. Ajudar as pessoas a descobrir esse prazer, a "degustar" o sabor dessa iguaria é ascender às mais altas esferas da atuação humana. A escola existe para estimular a "gula" pelas delícias de poder saber... , pois "a capacidade de sentir prazer não é um dom natural. Precisa ser aprendida", como lembra Rubem Alves (2000: 133).

A ininterrupta corrente da história se constrói nesse jogo coletivo do interdiscurso, nesses elos que se criam pela passagem da linguagem...

. . . . . .

Pedro que diz a Maria, que diz a Marcos,
que diz a Inês, que diz a André,
que diz a Paula, que diz a Eduardo,
que diz a muitos, que dizem a outro ...

. . . . . .

E a história se faz, e as crenças se instauram e se renovam, como um rio que corre: contínuo, fecundo, renovado, brilhante, espumante, grávido. E quem ensina a aprender vai nas ondas dessa corrente, provando da força da água, da força do vento. Experimentando,

em primeiro, a graça e a luz da "aurora", que, como diz o poeta João Cabral de Melo Neto, nunca se faz pelo canto de um galo só...

Que fique no professor um gosto muito grande de poder juntar-se a outros que tecem o brilho das manhãs e que entoam, com poesia também, o canto das madrugadas. O dia, como num grande coro, terá a voz de muitos, de cada vez mais outros; que sabem que *podem* falar, que podem ouvir, que podem até ler e escrever as páginas que vão compor a história. Porque a ninguém está negado o direito à voz, o direito à palavra, que, dizendo de todos nós, é semente e será fruto. *Tecendo a manhã.*

Aulas de português, perguntemo-nos todos os dias: a favor de quem? A favor de quê? Se as pessoas não ficam mais capazes para — falando, lendo, escrevendo e ouvindo — atuarem socialmente na melhoria do mundo, pela construção de um novo discurso, de um novo sujeito, de uma nova sociedade, *para que aulas de português?*

Bibliografia

ALLENDE, Felipe & CONDEMARIN, Mabel. *Leitura* — teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ANTUNES, Irandé Costa. Gêneros de texto: uma via de abordagem das variações em língua escrita. *Leitura*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAL, Alagoas, n. 21, jan./jun. de 1998:15-23.

_____. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina*. V. 20, n. 1, jan./jun.2002, pp. 65-75.

_____. No meio do caminho tinha um equívoco. *In*. BAGNO, Marcos (org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 127-134.

_____. Particularidades sintático-semânticas da categoria de sujeito em gêneros textuais da comunicação pública formal. *In:* MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desirée. (orgs.) *Gêneros textuais*. Bauru: EDUSC, 2002, pp. 215-224.

ALMEIDA, Milton José. Ensinar português. *In:* GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. *Lições de feitiçaria.* São Paulo: Edições Loyola, 2001.
AZEREDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate*: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000.
BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico:* o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
_____. *Dramática da língua portuguesa.* São Paulo: Loyola, 2000.
_____. *A língua de Eulália. Novela sociolingüística.* São Paulo: Contexto, 1997.
_____. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa.* São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
_____. (org.) *Norma lingüística.* São Paulo: Loyola, 2001.
_____. (org.) *Lingüística da norma.* São Paulo: Edições Loyola, 2002.
_____. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira.* São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
BARTHES, Roland. *Aula.* São Paulo: Cultrix, 1978.
BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem.* 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
BATISTA, Antônio Augusto G. *Aula de português*: discurso e saberes escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
_____. Os parâmetros, os professores e as formas brandas de exclusão. In. MARCUSCHI, Elizabeth (org.). *Formação do educador, avaliação & currículo.* Recife: UFPE, 1999.
BIASI-RODRIGUES, Bernadete. *A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo? Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina.* V. 20, n. 1, jan./jun.2002, pp. 49-64.
BORBA, Francisco S. *Uma gramática de valências para o português.* São Paulo: Ática, 1996.
BRITTO, Luis Percival Leme. *A sombra do caos:* ensino de língua x tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
CALIL, Eduardo. *Autoria* — a criança e a escrita de histórias inventadas. Maceió: EDUFAL, 1998.
CARRAHER, Terezinha. Alfabetização e pobreza: três faces da realidade. *In* KRAMER, Sonia (org.), *Alfabetização* — dilemas da prática, Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, pp. 47- 95.
CLEMENTE, Elvo; KIRST, Marta Helena Barão. *Lingüística Aplicada ao ensino do português.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
COELHO, Maria Auxiliadora Lustosa. *Atitudes lingüísticas do nordestino do submédio São Francisco.* Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da UFPE, Recife, 1998.

Van DIJK, Teun A. *Texto y contexto.* Semantica y pragmática del discurso. 2 ed. Madrid: Cátedra, 1984.
DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliador. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua.* São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. *Oficina de texto.* Petrópolis: Vozes, 2003.
FERNANDES, Millôr. *Millôr definitivo:* a bíblia do caos. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1994.
_____. *O livro vermelho dos pensamentos de Millôr.* São Paulo: SENAC, 2000.
FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. *Os processos de leitura e escrita* — novas perspectivas, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
FONSECA, Fernanda Irene e FONSECA, Joaquim. *Pragmática Lingüística e ensino do português.* Coimbra: Almedina, 1977.
GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.
GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula.* São Paulo: Ática, 1997.
_____. *Portos de passagem.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.
ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática.* São Paulo: Contexto, 2001.
_____. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras.* São Paulo: Contexto, 2002.
KATO, Mary A. *No mundo da escrita*: uma perspectiva psicolingüística. São Paulo: Ática, 1986.
KRAMER, Sonia (org.) *Alfabetização:* dilemas da prática. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. *In:* ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola*: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, pp. 51-62, 1986.
MACEDO, Joana d'Arc de Paula. A cartilha e a produção de textos. *Educação em Mato Grosso*, 30, 1985, pp. 42-58.
MARCUSCHI, Elisabeth. (org.) *Formação do educador,* avaliação & currículo. Recife: Ed. Universitária, 1999.
MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita* — atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.
MARCUSCHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antonio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Manual de expressão oral e escrita.* 4ª ed. Petrópolis : Vozes, 1977.

MEURER, José Luiz. MOTTA-ROTH, Desirée. (orgs.). *Gêneros textuais*. Bauru: EDUSC, 2002.

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia:* ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 1998.

_____ (org.) *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINISTÉRIO DE DUCAÇÃO E CULTURA. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental — língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. A Gramática: conhecimento e ensino. *In:* AZEREDO, J. C. de. *Língua Portuguesa em debate*: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000a.

NÓBREGA, Maria José. Perspectiva para o trabalho com a análise lingüística na escola. *In:* AZEREDO, J. C. de. *Língua Portuguesa em debate*: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática:* ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 1997.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação:* da excelência à regulação das aprendizagens — entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. *In:* GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

PINHEIRO, Izabel. *O que propõem os livros didáticos de língua portuguesa?* Exercitar a escrita ou interagir escrevendo? Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da UFPE, Recife, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1973.

SCHMIDT, Siegfried J. *Lingüística e Teoria de Texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SEARLE, Jonh. *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina, 1981.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor:* a didática da destruição da leitura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola*: uma perspectiva social. 4ª ed., São Paulo: Ática, 1987.

SUASSUNA, Lívia. *Ensino de Língua Portuguesa* — uma abordagem pragmática. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico)

VOTRE, Sebastião. Discurso e Sintaxe nos textos de iniciação à leitura. *In:* CLEMENTE, Elvo e KIRST, Marta Helena Barão (orgs.) *Lingüística Aplicada ao ensino do português.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, pp. 111-126.

ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola*: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM NEW ASTER 11/15
E IMPRESSA PELA BARTIRA GRÁFICA E EDITORA
LTDA. EM CHAMOIS FINE DUNAS 80G DA RIPASA
PARA A PARÁBOLA EDITORIAL EM ABRIL DE 2008.

lidade das velhas práticas de ensino centradas nas palavras soltas ou nas frases artificiais, descontextualizadas, que muitas vezes beiram o ridículo. Se não é texto, não é linguagem, e só é linguagem se houver interlocução, diálogo, relação social. Daí o subtítulo da obra: *encontro & interação* — porque permitir o contato entre as pessoas e possibilitar a convivência em sociedade é a função precípua da faculdade da linguagem, privilégio da espécie humana. E se a escola se esquivar dessa missão, é melhor que feche logo suas portas.

MARCOS BAGNO
Universidade de Brasília

IRANDÉ ANTUNES, Doutora em Lingüística pela Universidade de Lisboa, com tese intitulada *Aspectos da Coesão do texto - uma análise em editoriais jornalísticos*. Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente, professora de Lingüística na Universidade Estadual do Ceará, depois de aposentar-se como professora da Universidade Federal de Pernambuco. Autora do livro *Aspectos da Coesão do texto*, publicou também dezenas de artigos em revistas especializadas e colaborou, em alguns livros, com capítulos que tratam de questões textuais e discursivas, na perspectiva da Lingüística Aplicada. Como professora e pesquisadora, exerce ampla atividade de divulgação científica, sobretudo junto a professores de língua portuguesa, em cursos, palestras e debates em torno da língua e de seu ensino.

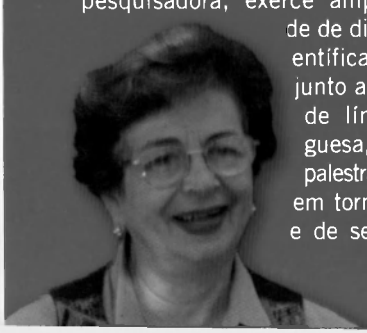

Tem uma pedra no meio do caminho das aulas de Língua Portuguesa. A afirmação é da escritora Irandé Antunes, doutora em lingüística pela Universidade de Lisboa e professora da Universidade Estadual do Ceará. Nesta obra ela expõe, sem piedade, os principais equívocos no estudo da disciplina. Sobre a escrita, Irandé aponta que ainda prevalece em sala de aula a prática mecânica e a memorização pura e simples de regras ortográficas. A leitura é reduzida a momentos de exercícios e não desperta o prazer nos alunos. E a gramática é apresentada fragmentada, com frases inventadas, sem contexto ou função. Mas ela não pára por aí. A professora dá orientações e sugere atividades para explorar corretamente a oralidade, a escrita, a prática de leitura e também para refletir sobre as regras gramaticais. E redimensiona a avaliação, para que ela não seja a finalidade, e sim a análise da prática.

Revista Nova Escola, setembro de 2004

ISBN 85-88456-15-x

9 788588 456150 cód. 14

Irandé Antunes

português

π

Irandé Antunes

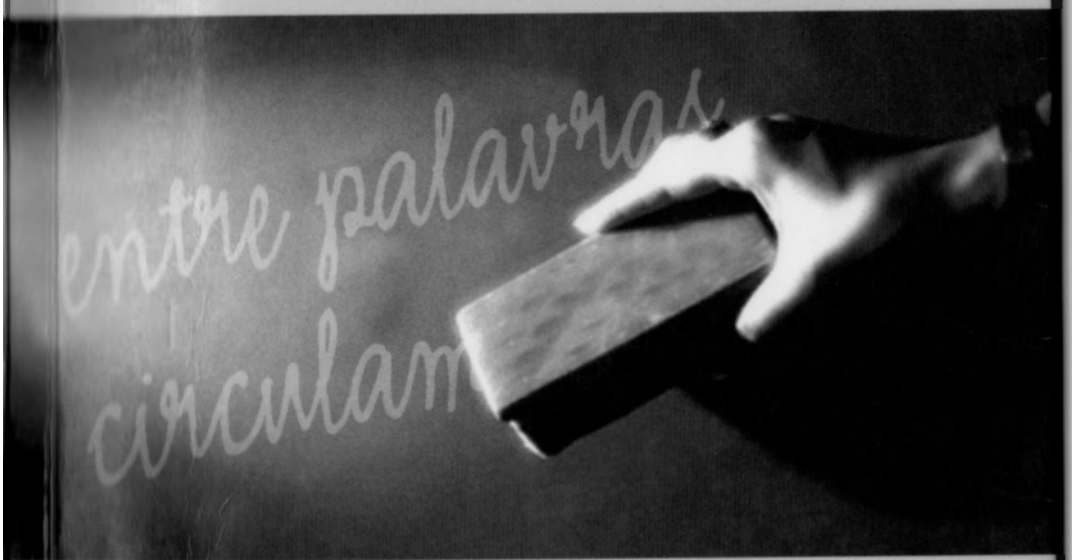

AULA DE português

encontro & interação

parábola

QUESTÕES ENEM

1) (Enem 2010)

Carnavália
Repique tocou
O surdo escutou
E o meu corasamborim
Cuíca gemeu, será que era meu, quando ela passou
por
mim?
[...]

ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M. Tribalistas, 2002 (fragmento).

No terceiro verso, o vocábulo "corasamborim", que é a junção coração + samba + tamborim, refere-se, ao mesmo tempo, a elementos que compõem uma escola de samba e a situação emocional em que se encontra o autor da mensagem, com o coração no ritmo da percussão.
Essa palavra corresponde a um (a):

a) estrangeirismo, uso de elementos linguísticos originados em outras línguas e representativos de outras culturas.
b) neologismo, criação de novos itens linguísticos, pelos mecanismos que o sistema da língua disponibiliza.
c) gíria, que compõe uma linguagem originada em determinado grupo social e que pode vir a se disseminar em uma comunidade mais ampla.
d) regionalismo, por ser palavra característica de determinada área geográfica.
e) termo técnico, dado que designa elemento de área específica de atividade.

Opção correta: letra B

2) Páris, filho do rei de Troia, raptou Helena, mulher de um rei grego. Isso provocou um sangrento conflito de dez anos, entre os séculos XIII e XII a.C. Foi o primeiro choque entre o ocidente e o oriente. Mas os gregos conseguiram enganar os troianos. Deixaram à porta de seus muros fortificados um imenso cavalo de madeira. Os troianos, felizes com o presente, puseram-no para dentro. À noite, os soldados gregos, que estavam escondidos no cavalo, saíram e abriram as portas da fortaleza para a invasão. Daí surgiu a expressão "presente de grego".

DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Em "puseram-no", a forma pronominal "no" refere-se.
(a) ao termo "rei grego".
(b) ao antecedente "gregos".
(c) ao antecedente distante "choque".
(d) à expressão "muros fortificados".

(e) aos termos "presente" e "cavalo de madeira".

Opção correta: letra E

3) A escrita é uma das formas de expressão que as pessoas utilizam para comunicar algo e tem várias finalidades: informar, entreter, convencer, divulgar, descrever. Assim o conhecimento acerca das variedades linguísticas sociais, regionais e de registro torna-se necessário para que se use a língua nas mais diversas situações comunicativas. Considerando as informações acima, imagine que você está à procura de um emprego e encontrou duas empresas que precisam de novos funcionários. Uma delas exige uma carta de solicitação de emprego.

Ao redigi-la, você:

(a) fará uso da linguagem metafórica.
(b) apresentará elementos não verbais.
(c) utilizará o registro informal.
(d) evidenciará a norma padrão.
(e) fará uso de gírias.

Opção correta: letra D

4) (Enem 1999) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando SAPATARIA PAPALIA, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra PAPALIA? Levado o problema à sua sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras.

Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra PAPALIA:

I. Se a sílaba tônica for o segundo PA, a escrita deveria ser PAPÁLIA, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.
II. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALÍA, pois "i" e "a" estariam formando hiato.
III. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALIA, pois não haveria razão para o uso de acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em:
a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

Opção correta: letra E

5) O texto mostra uma situação em que a linguagem usada é inadequada ao contexto. Considerando as diferenças entre língua oral e língua escrita, assinale a opção que representa também uma inadequação da linguagem usada ao contexto:

(a) "o carro bateu e capotô, mas num deu pra vê direito" - um pedestre que assistiu ao acidente comenta com o outro que vai passando.
(b) "E aí, ô meu! Como vai essa força?" - um jovem que fala para um amigo.
(c) "Só um instante, por favor. Eu gostaria de fazer uma observação" - alguém comenta em uma reunião de trabalho.
(d) "Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa" - alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego.
(e) "Porque se a gente não resolve as coisas como têm que ser, a gente corre o risco de termos, num futuro próximo, muito pouca comida nos lares brasileiros" - um professor universitário em um congresso internacional.

Opção correta: letra E

6) A frase abaixo foi dita por uma atriz como um lamento à insistência dos jornalistas em vasculharem sua vida pessoal:

"É muito triste você não poder sair para jantar com um amigo sem ser perseguida por ninguém."

De forma como a frase foi registrada, o sentido produzido é o contrário ao supostamente pretendido pela atriz. Assinale a opção em que há a identificação do(s) elemento(s) que causa(m) tal mal-entendido.

(a) adjetivo (triste)
(b) preposições (para; com; por)
(c) advérbio de intensidade (muito)
(d) locuções verbais (poder sair, ser perseguida)
(e) negação (não; sem; ninguém)

Opção correta: letra E

7) Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome **se** e o sentido que adquire no contexto. No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome **se**,

(QUINO. "Mafalda inédita". São Paulo: Martins Fontes, 1993)

a) em I, indica reflexividade e equivale a "a si mesmas".
b) em II, indica reciprocidade e equivale a "a si mesma".
c) em III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".
d) em I e III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".
e) em II e III, indica reflexividade e equivale a "a si mesma" e "a si mesmas", respectivamente.

Opção correta: letra D

8) (Enem 2009) Para o Mano Caetano

O que fazer do ouro de tolo
Quando um doce bardo brada a toda brida,
Em velas pandas, suas esquisitas rimas?
Geografia de verdades, Guanabaras postiças
Saudades banguelas, tropicais preguiças?

A boca cheia de dentes
De um implacável sorriso
Morre a cada instante
Que devora a voz do morto, e com isso,
Ressuscita vampira, sem o menor aviso

[...]

E eu soy lobo-bolo? lobo-bolo
Tipo pra rimar com ouro de tolo?
Oh, Narciso Peixe Ornamental!
Tease me, tease me outra vez[1]
Ou em banto baiano
Ou em português de Portugal
De Natal
[...]

[1]Tease me (caçoe de mim, importune-me).

LOBÃO. Disponível em: http://vagalume.uol.com.br. Acesso em: 14 ago. 2009 (adaptado).

Na letra da canção apresentada, o compositor Lobão explora vários recursos da língua portuguesa, a fim de conseguir efeitos estéticos ou de sentido. Nessa letra, o autor explora o extrato sonoro do idioma e o uso de termos coloquiais na seguinte passagem:

a) "Quando um doce bardo brada a toda brida" (v. 2)
b) "Em velas pandas, suas esquisitas rimas?" (v. 3)
c) "Que devora a voz do morto" (v. 9)
d) "lobo-bolo//Tipo pra rimar com ouro de tolo? (v. 11-12)
e) "Tease me, tease me outra vez" (v. 14)

Opção correta: letra D

9) (Enem 2002) "Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos

cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina - achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."

(LOBATO, Monteiro. Reinações de Narizinho. São Paulo: Brasiliense, 1947.)

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito.

Expressões como "camaronando", "caranguejando" e "pequeninando e não mordendo" criam, principalmente, efeitos de

a) esvaziamento de sentido.
b) monotonia do ambiente.
c) estaticidade dos animais.
d) interrupção dos movimentos.
e) dinamicidade do cenário.

Opção correta: letra E

MODALIDADES DRAMÁTICAS

Dentre as características que perfazem o gênero dramático estão: atores, que em consonância com outros elementos, como, figurino, maquiagem, cenário, gestos, reproduzem a história em forma de diálogos, divididos em atos e cenas; e a ação propriamente dita, retratada numa sequência linear, constituída pela exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho final.

Dentre as várias modalidades que representam o gênero em questão, destacam-se:

TRAGÉDIA: é a representação de um fato trágico, compadecido, apto a suscitar compaixão e terror. Normalmente, personagens nobres, movidos por sentimentos intensos, enfrentam a ordem social, familiar ou divina e sofrem suas consequências.

Exemplos:
Trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono e Antígona, de Sófocles
Medéia, de Eurípedes
Prometeu Acorrentado, de Ésquilo
Pagador de Promessas, de Dias Gomes

COMÉDIA: é a representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil, em geral criticando os costumes. Sua origem grega está ligada às festas populares, celebrando a fecundidade da natureza.

Exemplos:
Lisístrata, de Aristôfanes
A Comédia dos Erros, de Shakespeare
Escola de Mulheres, de Molière

TRAGICOMÉDIA: modalidade em que se misturam elementos trágicos e cômicos. Originalmente, significava a mistura do real com o imaginário.
Exemplos:
Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand

Auto: espécie dramática medieval que se caracteriza pela presença de elementos religiosos.

Exemplos:
Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente
Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna

FARSA: pequena peça teatral de caráter ridículo e caricatural, que critica a sociedade e seus costumes.

Exemplos:
Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente
Farsa do Velho da Horta, de Gil Vicente

- **Conformativas** – expressam conformidade. São elas **como**, **conforme**, **consoante**, **segundo**.
  Ex: Tudo ocorreu **como** o esperado.
  Ele dança **conforme** a música.

- **Consecutivas** – quando exprimem na oração subordinada uma consequência ou resultado do que foi declarado na oração principal. Iniciam-se por **que** depois de **tão**, **tal**, **tanto**, **tamanho**.
  Ex: "**Tão** temerosa vinha e carregada que pôs nos corações de um grande medo." *(Camões)*

De **tal** forma perturbou o ambiente que foi convidado a sair.

- **Proporcionais** – quando indicam aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido, ou em sentido contrário a outro aumento ou diminuição. São representadas pelas locuções conjuntivas e expressões **quanto mais... tanto mais**, **quanto menos**, **tanto menos**, **quanto mais**, **à medida que**, **à proporção que**, **quanto mais... mais**, **quanto mais... menos**, **quanto menos... mais**.
  Ex: **Quanto mais** estudo latim, **tanto mais** entendo a língua portuguesa.
  À medida que a poeira assentava, íamos enxergando a estrada novamente.

Locuções conjuntivas são duas ou mais palavras que têm valor de conjunção e que terminam sempre por uma **conjunção**. Veja as locuções mais comumente empregadas:

Ainda que	Já que
A menos que	Desde que
À medida que	De modo que
Visto que	Uma vez que
No entanto	Por consequência

INTERJEIÇÃO

É a palavra que exprime emoção, sentimento súbito. Devem vir seguidas de exclamação. Usam-se letras minúsculas para as palavras que aparecem depois de interjeições.

Ex: ***Oh***! que lindas flores.
Ei, você aí!

Classificação das interjeições

Conforme o sentimento que exprimem, as interjeições podem se assim classificadas:

de admiração	Ah! Oh! Viche! (= virgem)
de advertência	Alerta! Alto lá! Cuidado!
de animação	Eia! Avante! Upa! Coragem!
de apelo	Alô! Ei! Ó! Socorro!
de aplauso	Bravo! Apoiado! Viva! Muito bem!
de atenção	Silêncio! Calada! Psiu!
de aversão	Chi! Irra! Essa não!
de desejo	Oxalá! Pudera! Tomara!
de dor	Ai! Ui!
de dúvida	Hum! Qual o quê! Qual!
de interrogação	Hein!
de repetição	Bis!
de saudação	Salve! Ei! Olá! Alô! Adeus!

Locução interjetiva

É o conjunto de palavras que correspondem a uma interjeição.

Ex: Muito bem! | Ai Jesus!
Ai de mim! | Que pena!

- Há interjeições que podem exprimir emoções diferentes, conforme a inflexão da voz. Assim, oh! tanto pode denotar um sentimento de alegria como de admiração. Do mesmo modo, arre! pode exprimir dor física ou repulsa.
- Ao lado das palavras e locuções interjetivas, há também frases com valor emocional.
  Ex: Valha-nos Deus! / Benza-o Deus! (que popularmente se diz benzadeus)

Sintaxe

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

- **Frase** – é todo enunciado linguístico que possui sentido completo.
  Ex: Silêncio!
  Fogo!
  Choveu muito em São Paulo.

Note que, para que haja frase, a presença de um verbo não é obrigatória; desde que o enunciado possua sentido completo, ele constituirá uma frase.

- **Oração** – é o enunciado formado em torno de um verbo. Há sempre na oração dois termos que têm entre si uma relação essencial: sujeito e predicado, ou, no mínimo, predicado, uma vez que pode haver orações sem sujeito.

  Ex: → Sujeito
  O grupo resolveu o problema rapidamente. → Predicado

  Neva muito na Europa. → Predicado

- **Período** – é a frase organizada em orações. O período pode ser:
  a. **Simples** – quando formado por uma única oração, que recebe o nome de oração absoluta.
     Ex: O tráfego aéreo **está** cada vez mais confuso.
     O príncipe William **casou-se** em maio de 2011.

  b. **Composto** – quando formado por mais de uma oração.
     Ex: **Espero** que me **faça** uma visita.
     É necessário que ele **volte** e **recolha** as fichas que **deixou** sobre a mesa.

Termos essenciais da oração

Termo da oração é uma palavra ou grupo de palavras que exerce uma função. Normalmente, uma oração é constituída de dois elementos essenciais: o primeiro é aquele de quem se fala; o segundo é aquilo que se fala

sobre o primeiro. Esses termos são chamados sujeito e predicado e são os termos essenciais da oração encontrados por meio de análise sintática.

- **Análise Sintática** – Sintaxe (do grego syntaxis, ordem, disposição) é o estudo das palavras dispostas na frase e das frases no discurso. Determina a relação lógica entre as ideias, que pretende identificar e ordenar, assim como decompor para avaliar cada uma de suas unidades. A ordem é sua preocupação, pois, quando esta é alterada, a mensagem também se altera.
  Ex: A vida venceu a morte.

A mensagem acima será outra, se a ordem da oração for alterada.

Ex: A morte venceu a vida.

O código linguístico possui um sistema binário que permite disciplinar as ideias, formando pares: singular se opõe a plural; feminino se opõe a masculino, etc.

Assim, **sujeito** se opõe a **predicado**.

SUJEITO

É o termo da oração sobre o qual se declara algo; aceita a responsabilidade daquilo que se afirma, nega ou indaga a seu respeito; caracteriza-se como o termo que rege ou comanda o verbo.

Ex: "**As bananeiras do vale e os bambuais da colina** se manifestaram." *(Aníbal Machado)*
O último paciente chegou muito tarde.

- **Núcleo do sujeito** – em uma oração existe sempre uma palavra de maior importância semântica, em torno da qual giram as demais que, com ela, se relacionam. A esse termo mais importante dá-se o nome de **núcleo do sujeito**.
  Ex: **Ele** é um bom menino.
  As **flores** do nosso jardim enfeitaram as mesas.

O sujeito pode aparecer no início, no meio ou no final da oração. Quando aparece no início, seguido do predicado, os termos da oração estão em ordem direta. Se o sujeito é colocado no meio ou no final, diz-se que os termos estão em **ordem inversa**.
Ex: A lua nasceu para nos encantar.
Nasceu a lua para nos encantar.
Nasceu para nos encantar a lua.

Classificação do sujeito

As orações podem apresentar os seguintes tipos de sujeito:

a. **Sujeito simples** – é aquele que está expresso na oração e tem um só núcleo.
   Ex: A **lua** nasceu para nos encantar.
   As **crianças** brincam no jardim.
   Cantar é derramar alegria a todos.
   Aquele é o maior medalhista do momento.

b. **Sujeito composto** – é aquele que está expresso na oração e apresenta mais de um núcleo.
   Ex: A **televisão** e a **internet** são os mais rápidos meios de comunicação do momento.
   Brigadeiro, **beijinho** e **camafeu** são meus doces preferidos nas festas.
   "Vêm os **índios** e **gente do Posto** também." *(Antonio Callado)*

c. **Sujeito desinencial** – é o que não está expresso, mas está **implícito** na desinência do verbo.

   Ex:
   (nós) Conhec**íamos** a verdade.
   → sujeito
   (eu) Conheç**o** a verdade.
   → sujeito

d. **Sujeito indeterminado** – quando a informação contida no predicado refere-se a um elemento que não se pode (ou não se quer determinar).

   Ex: ? Falaram muito mal de você na reunião.
   → Sujeito
   ↓ Predicado

   ? Acredita-se na existência de discos voadores
   → Sujeito
   ↓ Predicado

O sujeito será indeterminado se ocorrerem os casos abaixo:

- O verbo está na terceira pessoa do plural e não há sujeito expresso na oração.
  Ex: Entraram na minha casa.
  Telefonaram para você.

- O verbo está na terceira pessoa do singular, seguido do índice de indeterminação do sujeito se.
  Ex: Precisa-se de vendedores.
  Acredita-se em marcianos.

Observe estas frases:
Quebrou-se a vidraça. (A vidraça foi quebrada.) Venderam-se os carros. (Os carros foram vendidos.) Embora deem a impressão de que o sujeito é indeterminado, essas frases têm o sujeito expresso (vidraça, carros). Utilizou-se a voz passiva pronominal, com o verbo transitivo direto.

e. **Oração sem sujeito** – é aquela orientada por um verbo que não aceita sujeito, os chamados **verbos impessoais**. Ocorre nas seguintes circunstâncias:

- Verbos que exprimem fenômenos naturais (chover, ventar, anoitecer, amanhecer, relampejar, trovejar, nevar, etc.)

Ex: Choveu muito no último verão.
→ Predicado

Anoiteceu rapidamente.
→ Predicado

- Os verbos haver e fazer indicam tempo transcorrido.
  Ex: Há dois anos não o vejo.
  Faz cinco horas que viajou.

- Quando o verbo **haver** significa existir.
  Ex: Há muitos animais aqui.

> Porém se for usado o verbo existir, a oração passa a ter sujeito.
> **Ex:** Existem muitos animais aqui.
> Sujeito

- Quando o verbo **ser** aparece em construções indicativas de hora.
  Ex: É uma hora.
  São oito horas.
- Quando os verbos **ser** e **estar** indicam tempo ou clima.
  Ex: Já é tão tarde.
  Está quente demais hoje.

> Se o verbo que indica fenômeno natural for empregado em sentido figurado, então haverá sujeito.
>
> Chovem bênçãos sobre a multidão.
> Sujeito
>
> Trovejavam palavrões da arquibancada
> Sujeito

PREDICADO E PREDICAÇÃO VERBAL

O PREDICADO é tudo aquilo que se informa a respeito do sujeito e a PREDICAÇÃO VERBAL trata do modo pelo qual os verbos formam o predicado, isto é, se exigem ou não complementos.

Quanto à predicação, os verbos podem ser:

a. **Intransitivos** – são verbos de conteúdo significativo que, por terem sentido completo, não reclamam um complemento, podendo, portanto, constituir o predicado sozinho. Indica uma ação que fica retida no próprio verbo.

Sujeito
Os ciclistas **descansaram**, depois do circuito.
verbo intransitivo — Predicado

Sujeito
Minha borracha **sumiu**.
verbo intransitivo — Predicado

b. **Transitivos** – são verbos de conteúdo significativo que, por não terem sentido completo, reclamam um complemento, e por isso não são capazes de, sozinhos, constituir o predicado; indica uma ação que passa do verbo para o complemento. Os verbos transitivos subdividem-se em:

- **diretos** – quando exigem um complemento sem preposição obrigatória *(objeto direto)*.

Sujeito — objeto direto
Os ciclistas **compraram** novas bicicletas.
v. transitivo direto — Predicado

Sujeito — objeto direto
Lígia **ama** Carlos
v. transitivo direto — Predicado

- **indireto** – quando exigem complementos com preposição obrigatória *(objeto indireto)*.

Sujeito — objeto indireto
O barco necessita **de** reforma.
v. transitivo indireto — Predicado

Sujeito — objeto indireto
O documento pertence **a** Antonio.
v. transitivo indireto — Predicado

- **direto e indireto** – quando exigem dois complementos: um sem preposição obrigatória *(objeto direto)* e outro com preposição obrigatória *(objeto indireto)*.

objeto direto
Sujeito
Pedro doou terreno aos necessitados
objeto indireto
v. transitivo direto e indireto

objeto direto
Sujeito
Eu emprestei o livro **a** Carlos.
objeto indireto
v. transitivo direto e indireto

- **De ligação** – são verbos que, não possuindo conteúdo significativo, servem como elemento de ligação entre o sujeito e seu atributo (predicativo do sujeito).

predicativo do sujeito
sujeito
Os alunos parecem tranquilos
predicado
verbo de ligação

predicativo do sujeito
sujeito
As praias continuam contaminadas.
predicado
verbo de ligação

- **Os principais verbos de ligação são:** ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer, andar (ele anda feliz).

> Os verbos de ligação não indicam nenhuma ação praticada pelo sujeito; expressam apenas um estado do sujeito e têm a função de ligá-lo à palavra que o qualifica.Os verbos de ligação podem ser tirados da oração que não interferem na sua significação.
>
> **Ex:**
> Os alunos ~~parecem~~ tranquilos
>
> As praias ~~continuam~~ contaminadas

Predicativo

É o termo da oração que funciona como núcleo nominal do predicado. A função do predicativo é atribuir uma característica ao sujeito ou ao objeto; no primeiro caso teremos predicativo do sujeito; no segundo, predicativo do objeto.

a. **Predicativo do sujeito** – é o elemento do predicado que se refere ao sujeito, mediante um verbo (de ligação ou não), com a função de informar algo a respeito do sujeito.

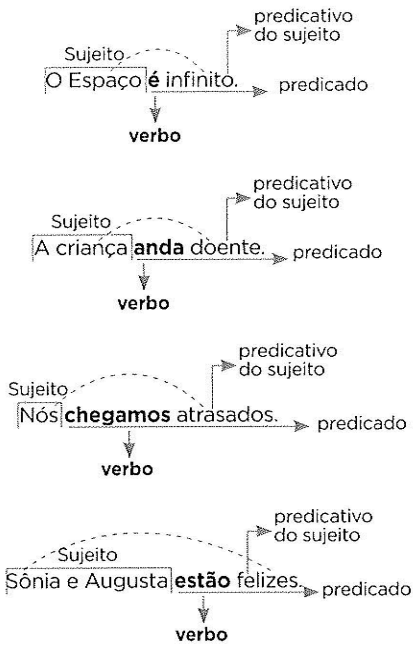

b. **Predicativo do objeto** – é o termo do predicado que informa algo a respeito do objeto.

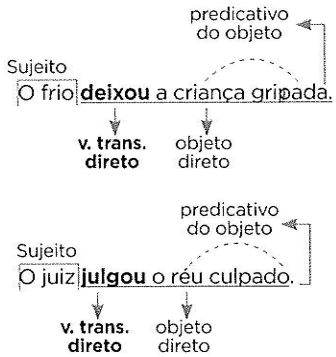

TIPOS DE PREDICADO

a. **Predicado verbal** – é o predicado que tem como núcleo uma forma verbal, ou seja, um verbo ou locução verbal que indica ação.

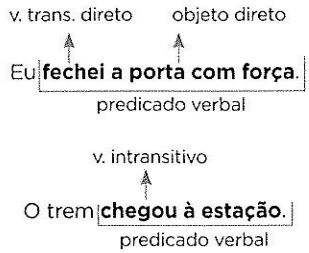

O predicado verbal é formado por verbos intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, e transitivos diretos e indiretos e seus objetos.

b. **Predicado nominal** – é o predicado que tem como núcleo uma forma nominal (substantivo, adjetivo, locuções adjetivas), ou pronominal (pronomes), indicando qualidade ou estado do sujeito.

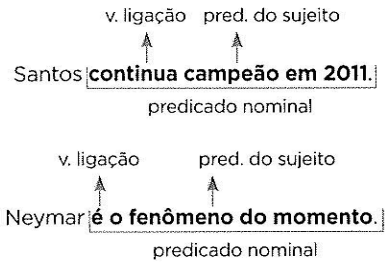

O predicado nominal é formado por verbos de ligação. Lembra-se dos verbos de ligação? São eles: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer, andar.

c. **Predicado verbo-nominal** – é o predicado que tem dois núcleos: um constituído de uma forma verbal indicando ação (verbo transitivo ou intransitivo), e um constituído de uma forma nominal (substantivos, adjetivos, locuções adjetivas) ou pronominal, indicando um predicativo.

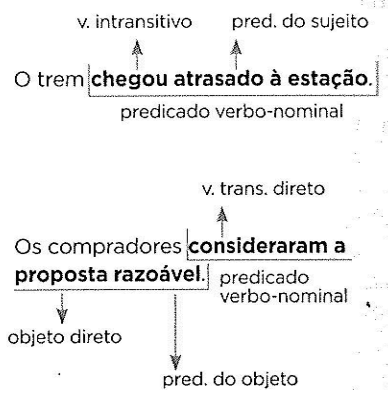

O predicado verbo-nominal é formado por:
- Verbo intransitivo + predicativo do sujeito.
- Verbo transitivo + objeto + predicativo do sujeito.
- Verbo transitivo + objeto + predicativo do objeto.

Termos integrantes da oração

Os termos integrantes da oração são aqueles que integram ou complementam o sentido de determinados nomes e verbos. São eles os **complementos verbais** (objeto direto, objeto indireto), o **complemento nominal** e o **agente da passiva**.

a. **Objeto direto** – é o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo direto sem auxílio de preposição obrigatória.

Ex:

sujeito — objeto direto
Os alunos terminaram **o trabalho**.
v. trans. direto

sujeito — objeto direto
Rita ofereceu **um biscoito** para sua vizinha.
v. trans. direto e indireto — objeto indireto

- **Objeto direto constituído por pronome oblíquo** – os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as**, enquanto complementos do verbo, funcionam como **objeto direto**, assim como **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos**.

Ex:

objeto direto
O pai deixou-**as** em casa.
v. trans. direto

v. trans. direto
Isso **me** convém.
objeto direto

- **Objeto direto preposicionado** – há casos em que o objeto direto pode vir introduzido por preposição, não exigida pelo verbo. O objeto direto preposicionado completa sempre o sentido de um verbo transitivo direto.

Ex:

objeto direto preposicionado
Bebeu **do** vinho português.
v. trans. direto

o. direto preposicionado
Eles amam **a** Deus.
v. trans. direto

b. **Objeto indireto** – é o termo da oração que completa a significação de um verbo transitivo indireto, sempre com auxílio de uma **preposição obrigatória.**

Ex:

verbo transitivo indireto
A Terra precisa **de ajuda**.
sujeito — objeto indireto

verbo transitivo indireto
Os filhos obedecem **a**os pais.
sujeito — objeto indireto

v. trans. direto e indireto
(Eu) Entreguei os livros **à** professora.
Sujeito — o. direto — o. indireto

- **Objeto indireto constituído por pronome oblíquo** – os pronomes oblíquos lhe, lhes, enquanto complementos do verbo, funcionam como objeto indireto, assim como me, se, te, nos, vos.

Ex:

objeto indireto
A resposta não **lhe** interessava.
sujeito — v. transitivo indireto

v. transitivo direto e indireto
(Eu) Dou-**te** presentes em teu aniversário.
sujeito — o. indireto — o. direto

c. **Agente da passiva** – é aquele que exprime, nas estruturas da voz passiva analítica (construída com o verbo auxiliar ser), o agente da ação do verbo, sofrida pelo ser que ocupa a posição de sujeito da oração.

Oração na voz ativa
v. t. direto
O Governo vendeu as terras
sujeito — o. direto

As terras foram vendidas pelo Governo.
sujeito (paciente) — verbo na voz passiva — agente da passiva

Transposição para a voz passiva

Oração na voz ativa
v. t. direto — o. direto
Sucuri engoliu o boi.
sujeito

O boi foi engolido pela sucuri.
sujeito (paciente) — verbo na voz passiva — agente da passiva

Transposição para a voz passiva

d. **Complemento nominal** – é o termo da oração que se liga a um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio), sempre através de preposição, com a função de completar o sentido.

Ex:

preposição
Tenho saudades **da** infância.
v. t. direto — o. direto
complemento nominal (completa o sentido do substantivo saudade)

preposição
Estou desgostoso **com** você.
v. Ligação — pred. do sujeito
complemento nominal (completa o sentido do adjetivo desgostoso)

preposição
Falou favoravelmente **ao** réu.
v. indireto — adjun. adverbial
complemento nominal (completa o sentido do advérbio favoravelmente)

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Todo termo que pode deixar de fazer parte da oração, sem prejuízo do seu entendimento, é acessório. São três os termos acessórios da oração: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto.

ADJUNTO ADNOMINAL

Todo artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo e numeral exercem a função de adjunto adnominal.

núcleo do sujeito

adj.adnominal — adj.adnominal

Aqueles dois **meninos** estudiosos saíram.

pronome — numeral — adjetivo — v. indireto

Quando o adjunto adnominal é constituído de uma locução adjetiva, às vezes pode ser confundido com o complemento nominal. Para evitar essa confusão, lembre-se:

a. O complemento nominal pode referir-se a substantivos, adjetivos ou advérbios, mas o adjunto adnominal só se refere a substantivos.
b. Sempre que o termo preposicionado referir-se a um substantivo, indicando posse ou especificação, será adjunto adnominal.
Ex: Essa é a namorada de João (posse); Dê-me a bolsa de couro (especificação).

ADJUNTO ADVERBIAL

É o termo que se liga a qualquer verbo, acrescentando-lhe uma circunstância. Todo termo que, na oração, vem representado por **advérbios** e **locuções adverbiais** é **adjunto adverbial**.

Ele fez o exame ***com tranquilidade***.

locução adverbial

adj. adverbial de modo

Ele fez o exame ***tranquilamente***.

advérbio de modo

adj. adverbial de modo

APOSTO

É o termo que explica ou esclarece outro termo da oração, qualquer que seja a função sintática deste.

Ex: Santos, **campeão da Copa Libertadores da América**, em 2011, é euforia pura.

aposto

Existem vários tipos de aposto; o principal é esse, que vem obrigatoriamente entre vírgulas. O termo explicado, ou seja, que dá margem a um aposto é chamado **termo fundamental**. No exemplo acima, Santos é o termo fundamental.

TIPOS DE APOSTO

De acordo com o valor que tem em relação ao termo ao qual se relaciona na oração, o aposto pode ser:

- **Explicativo** – Esta é Sofia, filha do guitarrista da Banda Corcel II.
- **Enumerativo** - Para vencer na vida são necessárias três qualidades: coragem, determinação e paciência.
- **Recapitulativo** (resumidor) - Internet, televisão, cinema, todos esses meios de comunicação influenciam o comportamento das pessoas.
- **Comparativo** – As obras de Picasso estão nesse museu, o mais importante da América Latina.

VOCATIVO

O vocativo é um termo que tem um estatuto especial nas orações. Não tem relação sintática com nenhum outro termo da oração, por isso não faz parte dos termos essenciais, nem dos termos integrantes ou acessórios. Sua função é a de invocar ou chamar o ser a quem nos dirigimos.

Ex: *Alunos*, dirijam-se à secretaria.
Cheguei, *querida!*
Tenho certeza, *amigos*, que tudo isso vai acabar bem.

TIPOS DE PERÍODO DAS ORAÇÕES

Período é a frase organizada em torno de um ou vários verbos. Dependendo do número e do tipo de orações que o compõem o período pode ser:

Período Simples - formado por uma única oração, ou seja, um só verbo. A oração que forma o período simples recebe o nome de **oração absoluta**.

Ex: **Adoro** o inverno!
De acordo com a previsão do tempo, amanhã **poderá** chover.
A rua **foi lavada** pela Prefeitura, depois do protesto dos moradores.

Período Composto – formado por duas ou mais orações, ou seja, dois ou mais verbos.

Ex: **Entrei** em casa, **guardei** minha bolsa e **corri** para o banheiro.
As fãs **enlouqueceram** quando **viram** o ídolo.
Chamei-te, pois o assunto **exige** urgência.

De acordo com a sua formação, o período composto pode ser:

Período composto por coordenação – quando formado por orações que são independentes, têm sentido próprio, não mantendo nenhuma dependência sintática. Há entre elas apenas uma relação de sentido. Se lidas separadamente, não perdem seu significado.

Ex: **Entrei** em casa, **guardei** minha bolsa e **corri** para o banheiro.

1ª oração: *Entrei* em casa.
2ª oração: *guardei* minha bolsa.
3ª oração: (e) *corri* para o banheiro.

Uma oração não precisou da outra para ter seu próprio sentido e cada uma delas é chamada de ORAÇÃO COORDENADA.

As orações coordenadas podem ser classificadas em assindéticas (sem síndeto ou conjunção) e sindéticas (introduzidas por síndeto ou conjunção).

Oração coordenada assindética – são aquelas que não vêm introduzidas por conjunção.

Ex: Os torcedores gritaram, sofreram, vibraram.

1ª oração: Os torcedores gritaram,
2ª oração: sofreram,
3ª oração: vibraram.

orações coordenadas assindéticas

Oração coordenada sindética – são aquelas que vêm introduzidas por conjunção coordenativa.
Ex: Peguei a receita, separei os ingredientes e segui as instruções.

1ª oração: Peguei a receita,
oração coordenada assindética
2ª oração: separei os ingredientes
oração coordenada assindética
3ª oração: e segui as instruções
oração coordenada sindética

As orações coordenadas são classificadas de acordo com o sentido expresso pelas conjunções coordenativas que as introduzem. Podem ser:

a. **Orações coordenadas sindéticas aditivas** – exprimem ideia de soma, adição, acréscimo de pensamento. São iniciadas principalmente por ***e*** (nas afirmações) e ***nem*** (nas negações); são também conjunções aditivas: *mas também, mas ainda.*

Aquela senhora **limpou** a casa,
oração coordenada assindética
fez o almoço
oração coordenada assindética

e **levou** as crianças para a escola.
oração sindética aditiva

Aquela senhora não **limpou** a casa,
oração coordenada assindética
não **fez** o almoço
oração coordenada assindética

nem **levou** as crianças para a escola.
oração sindética aditiva

b. **Orações coordenadas sindéticas adversativas** – exprimem ideia de adversidade, oposição, contraste. São iniciadas principalmente *por mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto.*

Aquela senhora **limpou** a casa,
oração coordenada assindética
fez o almoço,
oração coordenada assindética

mas não **levou** as crianças para a escola.
oração coordenada sindética adversativa

Aquela senhora não **limpou** a casa,
oração coordenada assindética
não **fez** o almoço,
oração coordenada assindética

porém, **levou** as crianças para a escola.
oração coordenada sindética adversativa

c. **Orações coordenadas sindéticas alternativas** – exprimem ideia de alternância, escolha, exclusão. São iniciadas normalmente por *ou... ou, ora... ora, quer... quer, já... já, seja... seja.*

Aquela senhora ***ora*** **limpa** a casa,
oração coordenada sindética alternativa
ora **faz** o almoço,
oração coordenada sindética alternativa

ora **leva** as crianças para a escola.
oração coordenada sindética alternativa

Aquela senhora ***ou*** **limpou** a casa,
oração coordenada sindética alternativa
ou **fez** o almoço,
oração coordenada sindética alternativa

ou **levou** as crianças para a escola
oração coordenada sindética alternativa

d. **Orações coordenadas sindéticas conclusivas** – exprimem ideia de conclusão. São iniciadas principalmente por *logo, portanto, pois (posposto ao verbo).*

Aquela senhora **limpou** a casa,
oração coordenada assindética
portanto ficou esgotada.
oração coordenada sindética conclusiva

Aquela senhora **limpou** a casa,
oração coordenada assindética
ficou, ***pois***, esgotada.
oração coordenada sindética conclusiva

e. **Explicativas** – exprimem ideia de justificativa, confirmação, explicação, motivo, razão. São iniciadas principalmente por *que, porque, pois* (anteposto ao verbo).

Aquela senhora **ficou** esgotada,
oração coordenada assindética
porque limpou a casa.
oração coordenada sindética explicativa

Aquela senhora não **limpou** a casa,
oração coordenada assindética
pois estava assoberbada.
oração coordenada sindética explicativa

Período composto por subordinação – é aquele formado por orações subordinadas, ou seja, dependentes umas das outras, que podem exercer funções sintáticas. Todo período composto por subordinação traz uma **oração principal** (sem conectivo, também chamada subordinante) e uma **subordinada**, iniciada por um conectivo (conjunção ou pronome relativo).

oração principal
Queremos ***que*** **saiba** da verdade.
oração subordinada
(completa o sentido da OP "queremos")

oração principal
Tenho certeza de uma coisa:
que alienígenas não **existem**.
oração subordinada

ORAÇÕES SUBORDINADAS

Conforme a função sintática que exercem, as orações subordinadas classificam-se em:

SUBSTANTIVAS

Quando exercem a funções próprias de um substantivo: sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto. As subordinadas substantivas normalmente são introduzidas pelas conjunções **que** e **se**, que não têm função sintática. Conforme a função sintática que desempenham, classificam-se em:

a. **Subjetivas** – quando exercem a função de sujeito do verbo da oração principal.

Ex:

Oração Principal

Parece **que** ninguém **percebeu** a presença do policial.

oração subordinada substantiva subjetiva (é sujeito de "parece")

Oração Principal

Convém **que** os convidados **cheguem** cedo

oração subordinada substantiva subjetiva (é sujeito de "convém")

b. **Objetivas diretas** – quando exercem a função de objeto direto do verbo da oração principal.

(eu) **Desejo** **que** você seja muito feliz.

sujeito

Oração Principal

oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o verbo transitivo direto "desejo")

Oração Principal

A vendedora não **sabe** **se tem** outra cor de camiseta.

oração subordinada substantiva objetiva direta (completa o verbo transitivo direto "sabe")

c. **Objetivas indiretas** – quando exercem a função de objeto indireto do verbo da oração principal

Oração Principal

Todos me **avisaram** **de que** a prova será amanhã.

oração subordinada substantiva objetiva indireta (completa o verbo trans.direto e indireto "avisaram")

Oração Principal

Lembre-se **de que** a prova **é** muito importante.

oração subordinada substantiva objetiva indireta (completa o verbo transitivo indireto "lembre")

d. **Completivas nominais** – quando exercem a função sintática de complemento nominal de um nome da oração principal.

Oração Principal

Sou favorável **a que** o condenem.

oração subordinada substantiva completiva nominal (complementa o adjetivo e pred. do sujeito "favorável")

Oração Principal

Tenho muito medo **de que** o vulcão entre em erupção.

oração subordinada substantiva completiva nominal (complementa o adjetivo e pred. do sujeito "favorável")

e. **Predicativas** – quando exercem a função sintática de predicativo do sujeito da oração principal.

Oração Principal

Meu desejo **é** **que** você **seja** muito feliz.

v. ligação

oração subordinada substantiva predicativa

Oração Principal

Nossa sorte **foi** **que** o vulcão não **entrou** em erupção.

v. ligação

oração subordinada substantiva predicativa

f. **Apositivas** – quando exercem a função sintática de aposto de um nome da oração principal.

Oração Principal

Meu desejo **é** este: **que** você **seja** muito feliz.

oração subordinada substantiva apositiva

Oração Principal

Espero sinceramente isto: **que** o vulcão não **entre** em erupção

oração subordinada substantiva apositiva

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

São aquelas que exercem a função sintática de adjunto adnominal, função própria do adjetivo. As subordinadas adjetivas estão relacionadas a um nome da oração principal e vêm introduzidas por pronomes relativos, tais como *que, quem, quanto, como, onde, cujo (e flexões), o qual (e flexões).*

Classificam-se em:

a. **Explicativas** – modificam um termo de sentido genérico, chamando a atenção para uma de suas características. As orações subordinadas adjetivas explicativas vêm, obrigatoriamente entre vírgulas.

Oração Principal

Capitu, **que é** uma personagem criada por Machado de Assis, **tinha** olhos de ressaca.

Oração Principal

oração subordinada adjetiva explicativa

Oração Principal

O rio Tietê, **em que** não se **veem** mais peixes, **corta** todo o Estado de São Paulo.

Oração Principal

oração subordinada adjetiva explicativa

b. **Restritivas** – modificam um termo do qual restringem o sentido. Como se trata de uma oração que não acentua uma característica essencial do termo fundamental, não aparece entre vírgulas.

Oração Principal
O rio Tietê **é** um rio **em que** não se **veem** mais peixes.
oração subordinada adjetiva restritiva

Oração Principal
O homem **que** fuma **vive** pouco.
oração subordinada adjetiva restritiva

OBSERVAÇÃO: Verifique que a qualidade expressa pela oração adjetiva "que fuma" não se aplica a todos os homens, apenas ao que fuma; assim como "em que não se veem mais peixes" não se aplica a todos os rios, apenas ao rio Tietê. A ideia de restrição é clara.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

São aquelas que exercem a função sintática de adjunto adverbial da oração principal, função característica do advérbio. As subordinadas adverbiais são introduzidas por conjunções subordinativas, exceto as integrantes, e exprimem circunstâncias de tempo, consequência, causa, comparação, concessão, proporção, condição, conformidade e fim. As principais conjunções que as introduzem são: *porque, visto que, já que, uma vez que, como (quando equivale a porque).* Tais conjunções não têm função sintática. As orações subordinadas adverbais são assim classificadas:

a. **Causais** – exprimem uma circunstância de causa, motivo; ou seja, aquilo que determina ou provoca um acontecimento.

Ex:

oração principal
Não **viajamos** **porque está** chovendo.
oração subordinada adverbial causal

oração principal
Como estava chovendo não **viajamos**.
oração subordinada adverbial causal

b. **Comparativas** – representam o segundo termo de uma comparação e exprimem circunstância comparativa, confrontando dois elementos a fim de se conhecer as semelhanças ou diferenças existentes entre eles. Iniciam-se principalmente por *que, do que e como.*

Ex:

oração principal
Choveu como **chove** em Manaus.
oração subordinada adverbial comparativa

oração principal
A mulher traída **investiu** sobre o marido **como faria** um rojão.
oração subordinada adverbial comparativa

Muitas vezes as orações comparativas vêm com o verbo elíptico.

Choveu **como** em Manaus.
A mulher traída investiu sobre o marido **que nem** um rojão.

c. **Concessivas** – exprimem circunstância de concessão. Concessão é o ato de conceder, permitir, não negar, de admitir uma ideia contrária. As principais conjunções concessivas são: *embora, se bem que, ainda que, mesmo que, por mais que, por menos que, conquanto, nem que.*

Ex:

oração principal
As irmãs **saíram** à noite, **embora estivessem** de castigo.
oração subordinada adverbial concessiva

oração principal
O bebê não parava de chorar ainda que estivesse bem alimentado.
oração subordinada adverbial concessiva

d. **Condicionais** – exprimem circunstância de condição, entendida como uma obrigação que se impõe ou se aceita para que um determinado fato da oração principal se realize ou não. Iniciam-se pelas conjunções *se, caso, contanto que, desde que.* Ex:

oração principal
Não **receberei** boa nota, **se** não **entregar** o trabalho amanhã.
oração subordinada adverbial condicional

oração principal
Se não chover, iremos ao parque.
Or. subord. adv. condicional

e. **Conformativas** – exprimem circunstância de conformidade de um fato com outro, adequação, acordo, concordância. Iniciam-se pelas conjunções *conforme, como, segundo, consoante.*

Ex:

oração principal
Tudo **aconteceu**, **conforme esperávamos**.
oração subordinada adverbial conformativa

Or.subord.adv.conformativa
Segundo me **contaram** o concurso **será** no próximo domingo.
oração principal

f. **Consecutivas** – exprimem circunstância de consequência (resultado de uma ação qualquer) ou efeito do que se declara na oração principal. Iniciam-se por *que, depois de tanto, tão, tamanho, tal.*

Ex:

oração principal
O susto **foi tamanho**, **que** ela **gritou**.
oração subordinada adverbial consecutiva

oração principal

O susto **foi tamanho**, **que** ela **gritou**.

oração subordinada adverbial consecutiva

oração principal

A violência da torcida **foi tanta**, **que** o jogo **foi cancelado**.

oração subordinada adverbial consecutiva

g. **Temporais** – exprimem circunstância de tempo. Iniciam-se por *quando, enquanto, logo que, assim que, desde que*. **Ex:**

oração subordinada adverbial temporal

Quando vocês **chegarem**, **iniciaremos** o discurso.

oração principal

oração principal

A criança **parou** de chorar, **assim que viu** sua mãe.

oração subordinada adverbial temporal

h. **Finais** – exprimem circunstância de finalidade. Entende-se por finalidade o objetivo, a destinação de um fato. Iniciam-se por *a fim de que, para que, que*. **Ex:**

oração principal

Todos estudam, **para que possam vencer** na vida.

oração subordinada adverbial final

oração principal

Os lavradores **esperavam** a chuva, **a fim de que** não **perdessem** a colheita.

oração subordinada adverbial final

i. **Proporcionais** – exprimem circunstância de proporção, simultaneidade, concomitância. Iniciam-se por *à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos*.

Ex:

oração principal

Amadurecemos *à medida que* **avançamos** na vida.

oração subordinada adverbial proporcional

oração subordinada adverbial proporcional

Quanto mais reclamava menos atenção **recebia**.

oração principal

ORAÇÕES SUBORDINADAS REDUZIDAS

Muitas vezes, as orações subordinadas (substantivas, adjetivas, adverbiais) podem aparecer sob a forma de orações reduzidas. As orações subordinadas reduzidas têm duas características:

- Apresentam o verbo em uma das formas nominais: gerúndio, particípio, infinitivo;
- Não vêm introduzidas por conectivos (conjunções subordinativas ou pronomes relativos).

As orações subordinadas reduzidas classificam-se em:

a. **Orações reduzidas de gerúndio** – geralmente são adverbiais.
Ex

oração principal

Trabalhando conosco, vocês **progredirão**.

Oração subordinada adverbial condicional, reduzida de gerúndio

Adverbial condicional (se trabalharem conosco) **ou** Adverbial temporal (quando trabalharem conosco)

oração principal

Temendo a chuva iminente, **ficou** em casa.

Oração subordinada adverbial causal, reduzida de gerúndio

Adverbial causal (porque temia a chuva)

b. **Orações reduzidas de particípio**.

Ex:

oração principal

Acabado o treino, os jogadores **foram** para o vestiário.

Oração subordinada adverbial temporal, reduzida de particípio

Adverbial temporal (assim que acabou o treino)

oração principal

O Brasil, ***tornado independente em 1822***, **possui** petróleo.

Oração subordinada adjetiva explicativa, reduzida de particípio

Adjetiva explicativa (que se tornou independente em 1822)

c. **Orações reduzidas de infinitivo** – são geralmente adverbiais e substantivas.
Ex:

oração principal

Ao acordar, todos **tinham partido**.

Oração subordinada adverbial temporal, reduzida de infinitivo

Adverbial temporal (quando acordou)

oração principal

É importante **tomarmos** a vacina contra a H_1N_1.

Oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo

Substantiva subjetiva (que tomemos a vacina contra H_1N_1)

Concordância nominal

É concordância de nomes entre si. O artigo, o numeral, o adjetivo e o pronome concordam em gênero, número e grau com o nome (substantivo) a que se referem. Os principais casos de concordância são:

a. **Um adjetivo referindo-se a mais de um substantivo de mesmo número** – concorda com o substantivo mais próximo, ou vai para o plu-

ral, concordando com os dois substantivos.

Ex:
Cão e coelho ***esperto*** (ou ***espertos***) corriam pela fazenda.

b. Um adjetivo referindo-se a mais de um substantivo de gêneros e números diferentes – concorda com o substantivo mais próximo, ou vai para o plural, concordando com os dois substantivos:

Ex:
Cães e raposa ***esperta*** (ou ***espertos***) corriam pela fazenda.
Cão e raposas ***espertas*** (ou ***espertos***) corriam pela fazenda.
Raposas e galinha ***esperta*** (ou ***espertas***) corriam pela fazenda

c. Um adjetivo referindo-se a mais de um substantivo de mesmo número, mas de gêneros diferentes – o adjetivo vai para o masculino plural ou concorda com o mais próximo.

Ex:
Cão e raposa ***espertos*** corriam pela fazenda.
Raposa e cão ***esperto*** corriam pela fazenda.
Cão e raposa ***esperta*** corriam pela fazenda

d. Um adjetivo anteposto ao substantivo – sempre concorda com o mais próximo.

Ex:
Esperto cão e coelho corriam pela fazenda.
Esperta raposa e cão corriam pela fazenda.

e. Um adjetivo referindo-se a dois substantivos sinônimos, ou tomados por sinônimos - concorda com o mais próximo.

Ex:
Ele tem ideia e pensamento ***fixo***.
Ele tem pensamento e ideia ***fixa***.

f. Um adjetivo referindo-se apenas ao último substantivo – concorda somente com ele.

Ex:
Comprei livro e maçã ***madura***. (livro não pode ser maduro)

g. Substantivos antônimos – o adjetivo vai obrigatoriamente para o plural, concordando com o gênero que tem preferência.

Ex:
Naquele verão, nós testemunhamos **Sol** e **Lua *maravilhosos***.

h. O adjetivo funciona como predicativo (do sujeito ou do objeto) – a concordância é normal, qualquer que seja a ordem dos termos da oração, ou seja, o masculino prevalece sempre quando há mistura de gêneros.

Ex:
O cão e a raposa eram ***espertos***.
Eram ***espertos*** o cão e a raposa.
Eram ***espertos*** a raposa e o cão.

CASOS ESPECIAIS

a. É proibido, é necessário, é preciso, é bom – duas construções são possíveis com essas expressões:

- Ficam invariáveis com sujeito sem determinante. **Ex:**
  É proibido entrada de crianças.
  É necessário autoridade para comandar.
  É preciso muita (pronome indefinido) paciência para prosseguir.
  É bom hortelã para tosse.

- Concordam com o sujeito em gênero e número quando este vier com determinante. **Ex:**
  É proibida a entrada de crianças.
  É necessária a identificação dos convidados.
  É precisa sua paciência nesta festa.
  É boa a hortelã para tosse.

b. Anexo, próprio, quite, mesmo, incluso, obrigado – concordam com o nome com que se relacionam. **Ex:**
Segue **anexa** *a* informação que me pediu./Seguem **anexas** *as* informações que me pediu.
Encontrará **anexo** *o* documento para a inscrição./Encontrará **anexos** *os* documentos para a inscrição.
Encontrará **inclusa** *a* procuração./Encontrará **inclusas** as procurações.
Encontrará **incluso** *o* processo./Encontrará **inclusos** *os* processos.
Ele **próprio** (mesmo) deu seu depoimento./Eles **próprios** (mesmos) deram seus depoimentos.
Ela **própria** (mesma) deu seu depoimento./Elas **próprias** (mesmas) deram seus depoimentos.
João está **quite** com o serviço militar./João e Antonio estão **quites** com o serviço militar.
Ele saiu dizendo muito **obrigado**./**Eles** saíram dizendo muito **obrigados**.
Ela saiu dizendo muito **obrigada**./**Elas** saíram dizendo muito **obrigadas**.

c. Meio, bastante:
permanecem invariáveis quando usadas como advérbio.
Ex:
Depois da viagem Maria ficou **meio** cansada.
Todos estavam **bastante** concentrados.

- Flexionam-se se tiverem valor de adjetivo ou numeral fracionário.
  A prova terminou ao meio-dia e **meia** (*hora*).
  Use dois copos e **meio** (*copo*) de farinha.
  Bastantes problemas surgiram.

Aplicam-se as mesmas regras de bastante para as palavras caro, muito, longe e pouco. **Ex:** Lojas caras vendem tudo muito caro; Carros custam muito dinheiro, muitos reais; Estamos longe de casa; A ciclista pedalou poucos metros, pois sua bicicleta quebrou; "Andei longes terras/lidei cruas guerras." (Gonçalves Dias)

d. A sós, só, sozinho:
- A expressão a sós é invariável. **Ex:**
  Deixei-os **a sós**./O rapaz ficou **a sós**.

- **Só** – quando equivale a somente é invariável. **Ex:**

Só (somente) as mulheres reclamaram.
Todos pensavam que **só** (somente) os promotores tinham razão.

- Quando equivale a sozinho flexiona-se como adjetivo. **Ex:**

As crianças ficaram **sós** (sozinhas) em casa.

e. **A olhos vistos, alerta, menos, pseudo** – todas essas palavras são sempre invariáveis. **Ex:**

A beleza do luar desaparece **a olhos vistos**.
Os vigias ficam **alerta**.
Precisamos de mais amor e **menos** guerra.
Cansei-me dos **pseudo** cantores.

f. **Possível** – pode ser empregada da seguinte forma:

- **Flexionada**, se for usado artigo flexionado diante dela. **Ex:**

Aqueles candidatos são **os** melhores **possíveis**.
As pesquisas estavam **as** mais completas **possíveis**.

- **Invariável** – se usada em expressões superlativas com o artigo no singular. **Ex:** Tentei conseguir **o maior** cômodo **possível**.
Consegui **o menor** número de pontos **possível**.

g. **Substantivos ligados por ou** – substantivos de gêneros diferentes ligados por **ou** podem concordar com o substantivo mais próximo ou no masculino plural. **Ex:**

Deveríamos entrar de camiseta **ou** calção listrado.
Deveríamos entrar de calção **ou** camiseta listrada.
Deveríamos entrar de calção **ou** camiseta listrados.

- Os adjetivos usados com valor de advérbio de modo ficam invariáveis. **Ex:**
Falavam *manso*. (mansamente) Batam *forte*, corações! (com força)

- Substantivos empregados como adjetivos ficam invariáveis. **Ex:**
sacola laranja – sacolas laranja
pulseira prata – pulseiras prata
gol relâmpago – gols relâmpago
conta fantasma – contas fantasma

Concordância verbal

É a relação morfossintática que se estabelece, nas orações, entre sujeito e predicado verbal. O verbo altera suas desinências para ajustar-se em pessoa e número com seu sujeito. Os principais casos de concordância verbal são:

a. **Concordância verbal com sujeito simples** – como o sujeito manda no verbo, este concorda em número e pessoa com o seu sujeito, ou seja, se o sujeito estiver no plural, o verbo o acompanhará, não importando a colocação do verbo na oração.
Ex:

Vieram, naquela semana, os alunos.
↓ verbo ↓ sujeito

Os alunos vieram naquela semana.
↓ sujeito ↓ verbo

O aluno veio naquela semana.
↓ sujeito ↓ verbo

Veio o aluno naquela semana.
↓ verbo ↓ sujeito

- Se, depois do sujeito no singular, aparecer um adjunto no plural, o verbo continuará no singular, porque concorda com o núcleo do sujeito, e não com seu adjunto. **Ex:**

O **medo** das investigações **provocou** a fuga do suspeito.
↓ núcleo do suj.sing ↓ sujeito ↓ verbo singular

b. **Concordância verbal com sujeito coletivo** – o verbo fica no singular, mesmo que venha acompanhado de adjunto no plural.
Ex:

núcleo do suj.sing ↑ sujeito ↑
Uma **multidão de fãs enlouquecidas gritava** na pista.
↓ verbo singular

c. **Concordância verbal com o uso de artigo** – qualquer nome acompanhado de artigo no plural exige o verbo no plural.
Ex:

Os Estados Unidos **são** a única superpotência no mundo.
→ sujeito → v. no plural

As minhas costas **estão** doendo.
→ sujeito → v. no plural

- Se o artigo estiver no singular, ou se não houver artigo o verbo fica no singular. **Ex:**

O Amazonas **fica** longe.

Minas Gerais produz muito leite.

d. As expressões **a maioria de, a maior parte de, grande número de, grande parte de e metade,** seguidas de nomes no plural, podem deixar o verbo no singular ou levá-lo ao plural.
Ex:

A maioria dos torcedores **aplaudiu** (ou **aplaudiram**) a jogada.

Metade das laranjas **estava** (ou **estavam**) **podre** (ou **podres**)

e. **Mais de um /Mais de dois** – quando o sujeito é formado pelas expressões mais de um/ mais de dois, o verbo concorda com o numeral de tais expressões.
Ex:

Mais de *um* aluno **faltou**.

Mais de *dois* alunos **faltaram**.

f. Quando um pronome no singular estiver seguido das expressões de **nós**, de **vós**, de **vocês**, **deles** ou **delas**, ou de qualquer outra no plural, o verbo ficará no singular.
Ex:

Nenhum de vocês **merece** o troféu.
↓ pronome no sing. ↓ verbo no sing.

Qual de vós **resolveu** o problema?
↓ pronome no sing. ↓ verbo no sing.

- Se, porém, **o pronome estiver no plural**, o verbo concordará com a expressão que vier depois do nome.
Ex:

Alguns de nós **resolvemos** o problema.
↓ pron. no plural ↓ verbo no plural

Quais de vós **resolvestes** o problema?
↓ pron. no plural ↓ verbo no plural

g. **Sujeito constituído pelo pronome relativo *quem*** – o pronome quem exige o verbo na terceira pessoa do singular.
Ex:
Hoje somos nós ***quem* paga** a conta.
Hoje sou eu ***quem* paga** a conta.
Hoje são eles ***quem* paga** a conta.

- Se, porém, no lugar do pronome quem, aparecer que, a concordância se fará com o pronome reto anterior.
Ex:

Hoje somos **nós** que **pagamos** a conta.

Hoje sou **eu** que **pago** a conta.

Hoje são **eles** que **pagam** a conta.

h. Quando o sujeito é um pronome de tratamento – o verbo fica sempre na terceira pessoa.
Ex:
Vossa Alteza **será** feliz.
Vossas Altezas **serão** felizes.

i. **Verbo transitivo direto + pronome se (apassivador)** – o verbo concorda com o sujeito, normalmente posposto. Só os verbos transitivos diretos têm voz passiva.
Ex:

s. no singular
Vende-se **casa**. (casa é vendida)
↓ v. no singular

s. no singular
Vendem-se **casas**. (casas são vendidas)
↓ v. no plural

- **Verbos intransitivos, transitivos diretos e indiretos**, junto do pronome se, ficam sempre no singular (porque neste caso não existe sujeito).
Ex:

Precisa-*se* de vendedores.
↓ verbo transitivo indireto

Acredita-*se* em alienígenas.
↓ verbo transitivo indireto

j. **Um dos que** – exige o verbo no plural.
Ex:

Sou **um dos que gritaram** por justiça.
Fui **um dos que não votaram** nele.

k. **Um + substantivo + que** – o verbo fica na terceira pessoa do singular. **Ex:**

Sempre foi **uma *pessoa* que** se **preocupava** com os demais.
Hoje sou **um *aluno* que estuda** muito.

l. **Verbos haver e fazer** – o verbo haver (no sentido de existir, ou indicando tempo) e o verbo fazer (indicando tempo), incluindo seus verbos auxiliares, são impessoais. Devem, portanto, ficar na terceira pessoa do singular.
Ex:
Houve batalhas sangrentas.
Deve haver sérias reclamações.
Já faz dias que cheguei.
Vai fazer trinta dias que não chove.

m. **Verbo chover** – Não varia quando usado no sentido próprio.
Ex:
Chove demais.
No ano passado, não **choveu** tanto.

- Usado em sentido figurado varia normalmente.
Ex:
Chovem bênçãos sobre os fiéis.
Choveram confetes no seu aniversário.

n. **Verbos faltar, bastar e sobrar** – variam normalmente.

Ex: **Falta um minuto** para a virada.
Faltam vinte dias para o show.
Basta um vacilo para eu desistir de você.
Bastam dois homens para erguer isso.
Sobrou um real de troco.
Sobraram muitos doces na festa.

o. **Verbos dar, soar e bater** – na indicação de horas, concordam com o número de horas, quando esse número for o sujeito da oração.
Ex:

Deram duas horas no relógio da Matriz.
Soou uma hora.
Já **bateram** seis horas?

> Se, no entanto, aparecer um termo no singular com a função de sujeito da oração, o verbo concordará com ele. **Ex:**
>
> **O relógio** da Matriz já **deu** duas horas?
> **Bateu** seis horas **o relógio** da fábrica.

p. **Concordância verbal com sujeito composto:**

- Sujeito composto anteposto – o verbo vai para o plural.
Ex:
O campo e o mar *exerciam* fascínio sobre ele.

- Sujeito composto posposto – a concordância se faz com o elemento mais próximo ou com todos os elementos.
Ex:
Passeiam **pai e filho**.
Passeia **pai e filho**.

- Sujeito composto de pessoas diferentes. Observe o esquema:

sujeito	verbo
1ª e 2ª	– 1ª do plural
2ª e 3ª	– 2ª ou 3ª do plural
1ª e 3ª	– 1ª do plural

Ex:

Eu e **tu** *partiremos* amanhã.
1ª 2ª → 1ª do plural

Tu e **ele** *partireis* amanhã.
2ª 3ª → 2ª do plural

Tu e **ele** *partirão* amanhã.
1ª 2ª → 3ª do plural

Eu e **ele** *partiremos* amanhã.
1ª 3ª → 1ª do plural

> Se o sujeito composto resumir-se num pronome indefinido (tudo, nada, ninguém), o verbo concordará com este pronome. **Ex:**
>
> Alunos, mestres, diretores, **ninguém faltou**.
> Os vasos, os móveis, as roupas, **tudo estava** fora de lugar.

Sujeito composto formado por **não só... mas também, não só... como também, tanto... como** – exigem o verbo no plural. **Ex:**

Não só **meus amigos** como também **eu** *apanhamos.*

- **Sujeito composto formado por infinitivo** – exige o verbo no singular.
Ex:
Dançar e cantar *faz* bem para o corpo e a alma.

> Se, no entanto, os infinitivos forem antônimos, ou se vierem com o artigo o, o verbo irá ao plural. **Ex:**
> **Rir e chorar** *são* próprios do ser humano.
> **O dançar e o cantar** *fazem bem* para o corpo e a alma.

- **Bem como e assim como** – essas expressões (ou equivalente) fazem o verbo concordar com o primeiro sujeito.
Ex:

Meus amigos, assim como eu, *gostam* de viajar.

Eu, bem como meus amigos, gosto de viajar.

q. **Concordância com os verbos ser e parecer:**

- geralmente concordam com o elemento no plural mais próximo.
Ex:
Agora ***são* dez** horas.
Hoje ***são* dezoito** de dezembro; ontem ***foram* dezessete**; amanhã ***serão* dezenove**.
Aquilo **parecem estrelas**, mas são extraterrestres!

> **Se, porém o sujeito for pessoa, o verbo com ele concordará.**
>
> **Isabel era** a esperança do time.
> **Ele é** forte, mas **não é dois**.
> Com aquelas roupas **ela parece** muitas coisas.

- O verbo ser que aparece nas expressões **é muito, é pouco, é suficiente, é bastante**, que denotam quantidade, distância, peso, etc., fica sempre no singular.
Ex:
Cem metros *é muito.*
É bastante **mil reais**.
Um *é pouco,* **dois** *é bom,* **três** *é demais.*
Dois copos *é suficiente.*

- Havendo pronome pessoal, o verbo ser concordará obrigatoriamente com ele,

seja o pronome sujeito ou predicativo.
Ex:
Nós somos os responsáveis por tudo.
Vocês são as pessoas mais importantes da cidade.

- Havendo dois substantivos comuns de números diferentes, o verbo ser concordará, de preferência, com aquele que estiver no plural.
Ex:

O mundo *são* **estas ilusões**.
O sofrimento *são* **nuvens passageiras**.

Faz-se a concordância com o sujeito quando se quer dar destaque a esse elemento.

Justiça é as atitudes deste juiz.

- Quando o sujeito do verbo ser for o pronome indefinido **tudo**, ou os demonstrativos **isto, isso, aquilo, o**, a concordância se fará de preferência, com o predicativo.
Ex:

Nem *tudo* **são flores**.
Amigos é **o** que não lhe falta.
Aquilo **eram lembranças** do passado.

- Ainda no singular ficará o verbo ser quando o sujeito, no plural, for usado sem determinantes (**artigos**, **pronomes adjetivos**, **numerais**, etc.) e o predicativo se encontrar no singular.
Ex:

Lágrimas é **coisa que não o comove**.

Questões ecológicas *será* **o tema do encontro.**

- O verbo parecer, seguido de infinitivo, flexiona-se ou este verbo ou o infinitivo:

Os alunos ***pareciam* chegar**.
Os alunos **parecia *chegarem***.

r. **Concordância irregular ou figurada (silepse)** – é aquela que se faz com a ideia subentendida, e não com aquilo que está escrito. Conhecida também pelo nome de silepse, pode ser de três tipos:

- Silepse de gênero.
Vossa Excelência está **enganado**. – usamos o adjetivo no masculino porque fizemos a concordância com o que temos em mente (pessoa do sexo masculino).

(a cidade de) **Ribeirão Preto** é **movimentada**.
(a cidade de) **Gramado** é muito **fria** no inverno.

Usamos o adjetivo no feminino porque fizemos a concordância com a ideia existente (de cidade), e não com os termos escritos ali (Ribeirão Preto e Gramado).

- Silepse de número.
(o livro) ***Memória de um sargento de milícias*** satiriza o Rio do tempo do rei. - a concordância do verbo no singular fez-se ideologicamente com livro.

Assim **é** o **povo** desse lugar, **brigam** por qualquer motivo. – povo é um nome singular, mas como dá ideia de muitos seres, o verbo pode ir ao plural, por silepse de número.

- Silepse de pessoa.
Os alunos desta escola **reivindicamos** maior atenção por parte dos professores.
Todos somos filhos de Deus.

Na silepse de pessoa, a pessoa que fala também participa do processo verbal, daí o verbo na primeira pessoa do plural.

r. **Haja vista** – com a expressão haja vista há três construções possíveis:

Haja vista os problemas.
Haja vista aos problemas.
Hajam vista os problemas.

Observe que o substantivo vista fica sempre no feminino, como nas expressões *ponto de vista, tenham em vista.*

Regência verbal

Ocorre quando o verbo é termo regente, indicando a maneira de o verbo relacionar-se com seus complementos.
Ex:

Lúcio ***aspirava*** o perfume dos cabelos de Ingrid.
o.d.
v.t.d.
(no sentido de respirar, absorver)

REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

Alguns verbos costumam apresentar problemas de regência, uma vez que o uso popular se apresenta em desacordo com a norma culta. Outros, no entanto, costumam apresentar certa dificuldade porque possuem mais de um sentido e, consequentemente, mais de uma regência.

a. Verbos que apresentam o uso popular em desacordo com a norma culta.

- **chegar** – o verbo chegar exige a preposição **a**:

Chegamos, finalmente, a Santo André.
(e **não** Chegamos, finalmente, ***em*** Santo André.)

- **ir**, **vir**, **voltar** e **retornar** - seguem a mesma regência de chegar.

Iremos a Santo André.
Vou ao banheiro.
Ela ***veio à*** festa sem dinheiro.
Voltei à farmácia.
Retornaremos ao lugar de origem.
Vou ao estádio.

- **custar** – no sentido de ser custoso, ser difícil, o verbo custar pede objeto indireto com a preposição a seguido de oração infinitiva.

Custou ao aluno aceitar o fato.
Custa-me crer que ele não volte.

- **implicar** – no sentido de acarretar, exige complemento sem preposição:

Sua atitude ***implicará*** demissão. (***e não*** Sua atitude ***implicará*** em demissão.)

- **morar/residir** – exigem a preposição em.

Ele ***mora em*** Araraquara.
Ela ***reside na*** Rua Manoel da Nóbrega.

Os nomes morador e residente também exigem a preposição em:

João Bertoldo, **morador** na Rua das Flores, é muito conhecido por lá.
Esta é Judite, **residente** na Avenida Getúlio Vargas.

- **namorar** – o verbo namorar exige complemento sem preposição:

O jogador **namora** a dançarina.
(**e não** O jogador **namora** com a dançarina.)

- **obedecer** – o verbo obedecer exige complemento com a preposição **a**:

Ele **obedecia a** regras ultrapassadas.
Os filhos **obedecem a**os pais.

- **preferir** – exige dois complementos: **um sem** preposição, **outro com** a preposição a; não admite termos modificadores, tais como: **muito mais, mil vezes, antes, milhões de vezes**.

Nós ***preferimos*** cinema ***a*** teatro.
Ela ***prefere*** estudar ***a*** trabalhar.

- **Simpatizar/antipatizar** – exigem a preposição com; não são pronominais, portanto não são usados com pronomes.

Eu ***simpatizei com*** seus amigos.
(e não Eu **me simpatizei com** seus amigos.)

Antipatizei com meu chefe assim que o conheci.
(e ***não Antipatizei-me*** com meu chefe assim que o conheci.)

VERBOS QUE APRESENTAM MAIS DE UMA REGÊNCIA.

- **aspirar** – é transitivo direto no sentido de respirar, absorver, mas transitivo indireto no sentido de desejar.
Ex:
Ela **aspirou** o aroma das flores.
↓
respirou

Ela **aspira a**o cargo de secretária.
↓
deseja

- **assistir** – é transitivo direto no sentido de auxiliar, ajudar, mas transitivo indireto no sentido de ver, estar presente e no sentido de caber.
Ex:
A enfermeira **assistiu** o doente.
↓
auxiliou

Aos domingos **assistimos a**o Domingão do Faustão.
vemos

É um direito que **assiste a**o trabalhador.
↓
cabe

É um direito que **lhe assiste**.
a ele ↓ cabe

- **esquecer/lembrar:** quando não pronominais, exigem complemento sem preposição.
Ex:
Ele **esqueceu** o caminho.
Lembramos o que houve.

quando pronominais, exigem complemento com a preposição de.
Ex:
Ele **se esqueceu d**o caminho.
Nós **nos lembramos d**o que houve.

- **pagar/perdoar** - quando têm por complemento uma palavra que denote coisa, não exigem de preposição; quando têm por complemento uma palavra que denote pessoa, exigem a preposição.

Paguei o livro. (coisa)
Paguei ao livreiro. (pessoa)
Paguei o livro ao livreiro.
Perdoei o pecado. (coisa)
Perdoei ao pecador. (pessoa)
Perdoei o pecado ao pecador.

- **visar** – é transitivo direto no sentido de mirar, apontar para, carimbar, mas é transitivo indireto no sentido de desejar, ter em vista. **Ex:**

Você **visará** todas as páginas.
↳ carimbará

Visamos a uma posição de destaque.
↳ desejamos

Vise o alvo com atenção.
↳ mire

O caçador **visou** a presa, atirou e errou.
↳ apontou para

- **responder** – é transitivo direto no sentido de ser respondão com, mas transitivo indireto no sentido de dar a resposta ou no de defender-se em juízo em. **Ex:**

O filho respondeu ò pai e ficou de castigo.
↳ foi respondão com

Respondi a todas as suas cartas.
↳ dei resposta

O bandido **respondeu** ao processo.
↳ defendeu-se em juízo em

Ele **vai responder a um** processo.
↳ defender-se em juízo em

- **sobressair** – é verbo intransitivo, não pronominal, portanto não admite pronomes. **Ex:**

Eu sempre **sobressaí** nas apresentações. (**e não** Eu sempre **me** sobressaí nas apresentações)
Aquele candidato **sobressaiu** nas últimas eleições. (**e não** Aquele candidato se sobressaiu.)

Regência nominal

Muitos nomes (substantivos e adjetivos) admitem mais de uma regência e, assim como ocorre com certos verbos, o sentido de uma frase pode se modificar com a simples mudança da preposição que acompanha o termo regente.

Veja na página 58 uma breve relação com as regências mais usuais

Estilística

É a parte da Gramática que estuda os diferentes recursos que podemos usar para tornar a linguagem mais expressiva, dando-lhe brilho e ênfase. Esses recursos constituem figuras de linguagem.

Aprendemos, desde cedo, a escolher a melhor interpretação a partir da análise do contexto em que uma determinada palavra (ou expressão) é utilizada. Assim, podemos perceber a diferença entre sentido literal e sentido figurado.

- **Sentido literal** – é aquele que pode ser tomado como sentido "básico" de uma palavra ou expressão, e que pode ser apreendido sem a ajuda do contexto.
- **Sentido figurado** – é aquele adquirido pelas palavras ou expressões em situações particulares de uso.

As palavras e enunciados de uma língua operam em dois eixos de significação: o eixo denotativo ou referencial, e o eixo conotativo ou afetivo.

- **DENOTAÇÃO** – quando a palavra se apresenta em seu sentido literal, ou seja, aquele que corresponde à primeira significação atribuída às palavras nos dicionários da língua.

Ex:
O exército exibiu novos **canhões**.
O **trem** chegou atrasado.

- **CONOTAÇÃO** – quando o sentido da palavra não é tomado literalmente, mas é ampliado e modificado, com o objetivo de provocar um efeito particular.

Ex:
Naquele concurso de beleza feminina só havia **canhões**.
Sou um **trem** sem dono.

As **figuras de linguagem** podem ser classificadas em figuras de sintaxe, figuras de palavras e figuras de pensamentos.

FIGURAS DE SINTAXE OU DE CONSTRUÇÃO FRASAL

a. **ELIPSE** - consiste na omissão de um termo da frase, o qual, no entanto, pode ser facilmente identificado.

Ex:
Sobre as mesas, copos e garrafas vazias. (omissão de **havia**, *antes de copos*)
Não fosse a vacina estaria perdido. (omissão de **se**, *antes de não*)

b. **ZEUGMA** – Consiste na omissão de um ou mais termos anteriormente enunciados.

Ex:
A pipoca estava uma delícia; o queijo, quentinho. (omissão de **estar** *na segunda oração*)
Os computadores vão para o conserto; as impressoras, para o lixo. (omissão de **ir** *na segunda oração*)

c. **SILEPSE** – Conforme vimos anteriormente, em concordância nominal, a silepse ocorre quando gênero, número ou pessoa concordam com ideias ou termos subentendidos na frase e não claramente expresso.

Ex:
Vossa Majestade parece cansad**o**.
O pessoal ficou apavorado e **saíram** correndo.
Os brasileiros gostamos de futebol.

d. **PLEONASMO** – consiste no emprego de palavras redundantes para reforçar uma ideia.

Ex:
Ele **vive** uma **vida** feliz.
A **mim** ninguém **me** engana.

Deve-se evitar o PLEONASMO VICIOSO, que não tem valor de reforço, sendo antes fruto do desconhecimento do sentido das palavras, como, por exemplo, as construções **subir para cima, descer para baixo , protagonista principal, entrar para dentro, sair para fora, hemorragia de sangue, matinal da manhã, etc.**

e. **POLISSÍNDETO** – consiste na repetição enfática do conectivo, geralmente o **e**.

Ex:
As crianças felicíssimas corriam, **e** pulavam, **e** brincavam, **e** dançavam.

f. **ASSÍNDETO** – ocorre o assíndeto quando certas orações ou palavras, que poderiam se ligar por um conectivo, vêm apenas justapostas.

Ex:
Vim, vi, venci

g. **ANACOLUTO** - consiste na quebra da estrutura sintática da oração, deixando um termo solto na frase. Inicia-se uma construção sintática e depois se opta por outra.

"O homem, chamar-lhe mito não passa de anacoluto." (*Carlos Drummond de Andrade*)
Morrer, todo o mundo vai morrer.

Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Gerência de Ensino e Pesquisa
Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão

Literatura Brasileira

2010

Índice

O QUE É LITERATURA 5
GÊNEROS LITERÁRIOS 7
ESTILO DE ÉPOCA 35
QUINHENTISMO 37
BARROCO 41
ARCADISMO 51
ROMANTISMO 65
REALISMO - NATURALISMO 109
PARNASIANISMO 127
SIMBOLISMO 139
O PRÉ-MODERNISMO NO BRASIL 157
MODERNISMO 179
LITERATURA PÓS 1964 251

O que é literatura

O objetivo deste estudo é fazer o aluno compreender melhor o que lê e, em compreendendo, desfrutar os prazeres estéticos da literatura.

Primeiramente, é importante que se questione e se pense sobre o que vem a ser uma obra literária. Muito se tem discutido sobre esse assunto, mas não há um consenso em torno de uma definição única sobre o que é literatura. Na bibliografia especializada em teoria da literatura, encontramos inúmeros conceitos sobre a arte literária. Essa pluralidade de definições e visões sobre o objeto estético-literário demonstra que o homem pensa e interpreta a literatura de modos diferentes, dependendo da corrente filosófica (Marxismo, Estruturalismo, Formalismo, Psicologismo, etc.) a que esteja ligado, bem como do contexto sócio-histórico em que esteja inserido (Renascimento, Romantismo, Contemporaneidade, etc.). A seguir, arrolamos algumas colocações sobre o fazer literário a partir da opinião de alguns teóricos e escritores.

> "Um homem tem o ímpeto de se tornar artista porque ele necessita encontrar a si mesmo. Todo escritor tenta encontrar a si mesmo através de suas personagens em todos os seus escritos. Sei que existem homens que possuem mais ou menos os mesmos problemas que eu, com maior ou menor intensidade, e que ficarão felizes em ler o livro e encontrar a resposta se é que ela pode ser encontrada."
>
> *(George Simenom, escritor francês)*

> "Um escritor precisa de três coisas: experiência, observação e imaginação. Comigo uma história, geralmente começa com uma ideia ou memória ou imagem mental. Escrever uma história é apenas uma questão de ir construindo esse momento, de explicar o que aconteceu ou o que provocou a seguir. Um escritor está sempre tentando criar pessoas verossímeis em situações comoventes e críveis da maneira mais comovente possível."
>
> *(William Faulkner, escritor norte-americano)*

> "Literatura e sociedade não podem se ignorar, já que a própria literatura é um fenômeno social. Em primeiro lugar, porque o artista - por mais originária que seja sua experiência vital - é um ser social; em segundo, porque sua obra - por mais profunda que seja a marca nela deixada pela experiência originária de seu criador, por singular e irrepetível que seja sua plasmação, sua objetivação nela - é sempre um traço de união, uma ponte entre o criador e outros membros da sociedade; terceiro, dado que a obra afeta aos demais, contribui para elevar ou desvalorizar neles certas finalidades, ideias ou valores, ou seja, é uma força social que, com sua carga emocional ou ideológica, sacode ou comove aos demais. Ninguém continua a ser exatamente como era, depois de ter sido abalado por uma verdadeira obra literária."
>
> *(Adolfo Sanchez Vásques, teórico espanhol)*

> "A literatura é um fenômeno estético. É uma arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário e o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformando esse material em estético".
>
> *(Afrânio Coutinho, crítico literário brasileiro)*

Notamos que há pontos comuns sobre o que é o literário nas opiniões citadas acima. Percebemos que a ligação entre literatura e realidade social se apresenta de modo orgânico e vital, visto que o escritor, produtor literário, enquanto ser histórico, não se desvincula de seu tempo e de seus semelhantes, escrevendo sobre a

realidade da qual faz parte. O escritor recorta do real determinados acontecimentos e situações, plasmando-os a partir da forma literária (romance, conto, novela, poema, drama, tragédia, comédia). Ocorre, portanto, uma ficcionalização da realidade, visto que esta adentra o universo das palavras, da literatura. Essa transferência da realidade para a ficção ocorre segundo a visão de mundo do escritor, ou seja, ele poderá representar a realidade sócio-histórica de diferentes maneiras. Operará uma transfiguração do real segundo sua visão da existência, que poderá se efetivar como trágica, cômica, cética, otimista, mística, realista, romântica, entre outras possibilidades.

A questão da literatura enquanto conhecimento sobre o humano também é colocada, demonstrando que a obra literária é uma meditação sobre a existência, à medida que representa no plano da ficção, da literatura, o homem estabelecendo relações de ordem objetiva, social, política com o outro.

A obra literária, portanto, pode ser entendida como um produto socioestético à proporção que é articulada por um ser social, o escritor, que escreve sobre determinada realidade a partir de uma ótica e uma escrita pessoais. Autor, obra e público formam um conjunto imprescindível para que a obra se configure enquanto produto social capaz de interferir na realidade. A obra literária tem o poder de modificar a realidade porque leva a pensar e a questionar sobre a condição social do ser humano e este, em pensando, pode ativar determinadas mudanças no comportamento e nas práticas sociais.

Após essa breve dissertação sobre o fazer literário, passaremos a apresentar os gêneros literários.

Gêneros literários

1. CONCEITUAÇÃO

Gêneros literários são as diversas modalidades de expressão literária, agrupadas em função das diferentes maneiras de o escritor ver e sentir o mundo. A escolha de dado gênero literário permite ao escritor passar uma certa visão de mundo (trágica, cômica, exaltativa, sentimental, satírica) a partir de uma forma específica (tragédia, comédia, epopeia, poema, paródia, etc.). Há escritores que somente se comunicam pela forma contística, outros pela tragédia e ainda outros pelo poema, visto que os gêneros literários se constituem, essencialmente, em formas fundamentais de o escritor se colocar diante da vida. Dalton Trevisan se expressa através do conto; Nelson Rodrigues prefere o drama; João Cabral de Melo Neto, o poema e Guimarães Rosa, a narrativa longa. Além da preferência pessoal dos escritores, não podemos esquecer que cada época histórica, de acordo com uma dada infraestrutura mental predominante (religiosa, científica, imperialista, pacífica, etc.), representa e interpreta o mundo de modo diferente. Assim sendo, para cada época há um modo de representação artística específica, ocorrendo, às vezes, a hegemonia de certo gênero literário. Por exemplo, no período clássico houve predomínio do poema épico e da tragédia, visto que nesses gêneros os heróis, oriundos de classe social elevada, representavam no plano artístico a aristocracia detentora do poder naquele momento. No século XIX, com a ascensão socioeconômica da burguesia, ocorre a hegemonia do romance, à medida que este representa o universo burguês. Além disso, ocorre a criação do drama burguês, fundindo a tragédia e a comédia. No período em que vigora o Simbolismo, embasado por uma visão mística e transcendental da existência, observa-se a prevalência da poesia, meio mais próprio para expressar tal concepção da existência. Observamos, então, que há uma explicação histórico-social para o surgimento, predomínio e ausência de certas formas artísticas no universo cultural.

2. OS GÊNEROS LITERÁRIOS NA HISTÓRIA

A linguagem, a ciência, a política e as artes, ou seja, o universo das representações, são meios que permitem ao homem interpretar e explicar o mundo em que está inserido e nele interferir. As manifestações culturais e, entre estas, as artísticas remontam há séculos na história do homem. Dentro do vasto campo de produção artística elaborado pelo homem, a Literatura e sua formalização através dos gêneros literários será nosso objeto de estudo. Para tal estudo, teremos que retroceder no tempo, reportando-nos à Antiguidade Greco-latina, período em que ocorre significativa teorização sobre os gêneros literários, pertinente, sob muitos aspectos, até o presente momento.

Platão (428-347 a.C), no livro III da *República* deixou-nos a primeira referência, no pensamento ocidental, aos gêneros literários. Para Platão, toda manifestação artística é mimética, ou seja, imita a realidade. Porém, essa imitação é de terceiro grau, visto que o filósofo, embasado em uma orientação espiritualista, crê que a verdadeira essência das coisas, seres e fatos existe num primeiro plano mais elevado moralmente, que seria o mundo ideal. Num segundo plano, ocorreria o mundo dos homens (sócio-histórico), que apenas imitaria o primeiro plano. E, por último, o plano artístico, mais afastado, imitaria o segundo plano, constituindo-se, assim, na imitação da imitação, reproduzindo somente o que há de superficial no mundo dos homens. A classificação dos gêneros em Platão é triádica e se realiza sobre o modo enunciativo, ou seja, pauta-se sobre quem apresenta o universo narrado. Assim sendo, na poesia ditirâmbica impera a voz do poeta; na tragédia e comédia predomina a voz das

personagens, ocultando-se a voz do autor e na epopeia ocorre um misto, englobando as vozes do poeta e das suas criações.

Para Aristóteles (384-322 a.C), a base de todos os gêneros, também, fundamenta-se na imitação. As manifestações artísticas imitam as ações, os caracteres e as paixões dos homens. Porém, diferentemente de Platão, Aristóteles não desvaloriza a arte como imitação de terceira ordem, mas a vê como algo que apreende o geral e o universal presente nos seres e nos eventos particulares, contribuindo para a edificação moral do homem. O filósofo grego classifica os gêneros de acordo com os fatores formais e conteudísticos específicos de cada um. A tragédia e a epopeia imitam os homens melhores do que realmente são (de mais elevada psique) a partir de uma linguagem nobre, formal, erudita. Já a comédia, utilizando-se de uma linguagem licenciosa, imita o homem inferior e o risível da condição humana. Notamos que em Aristóteles não ocorre uma divisão triádica dos gêneros literários.

Horácio (65 a.C - 8 d.C), teorizador latino, recupera, sobretudo com sua *Ars Poética*, o pensamento de Aristóteles, influenciando a concepção de gênero imperante na Idade Média, no Renascimento e no período Neoclássico. A sua teoria sobre os gêneros é normativa, entendendo-os como entidades autônomas e imutáveis. As obras clássicas da cultura grego-latina (tragédias, comédias, epopeias) passam a se constituir em paradigmas a serem imitados pelos autores. Para Horácio, segundo a tradição aristotélica, há uma hierarquia entre os gêneros. Os gêneros maiores (epopeia, tragédia) representam um universo em que transitam personagens de mais elevado estrato social e os gêneros menores (comédia, farsa) veiculam personagens e situações oriundas de estratos sociais mais baixos. Para Horácio, a arte devia unir o útil ao agradável, objetivando ensinar, deleitando.

Em 1690 houve a famosa querela entre os antigos e os novos, pois muitos teóricos e escritores não aceitavam mais as artes poéticas baseadas em Horácio, visto que havia toda uma produção artística (o romance, a tragicomédia, a pastoral dramática) que não se encaixava na teorização tradicional, respaldada em Aristóteles. Sentiu-se naquele momento que o homem havia mudado e, com essa mudança, nasceram outras formas do artístico que precisavam de uma nova interpretação.

Somente a partir do século XVI é que o gênero lírico (poesia) passa a receber uma teorização específica e aí se retoma a classificação platônica do ato enunciativo. Na representação dramática não ocorre a intervenção do autor; na lírica, as reflexões do poeta se apresentam diretamente por ele mesmo e, na épica, ocorre um misto, ora falando o autor, ora as personagens introduzidas por ele.

Em meados do século XVIII, com o início do Romantismo alemão, a teorização prescritiva e normativa passa a ser questionada em prol da liberdade de criação e da hibridação dos gêneros. O movimento romântico, triunfante no século XIX, valoriza a criatividade individual, a genialidade do artista e o transbordar da expressão interior, incompatíveis com a rigidez clássica (horaciana) que vê na imitação dos clássicos o único caminho possível para a arte. Friedrich Schlegel, romântico alemão, distingue a lírica como uma produção em que predomina o caráter subjetivo (a vida interior do poeta), a épica como voltada para o mundo objetivo, o exterior, e o drama seria um misto entre objetividade e subjetividade.

No Romantismo, condena-se a imutabilidade dos gêneros literários, que passam a ser vistos como produções socioculturais modificáveis em decorrência das mudanças históricas que ocorrem na realidade social. Além dessas mudanças, há também a vontade do artista, que determina de modo substantivo a mudança nos gêneros literários. Dentro dessa visão histórica da arte, alguns teóricos românticos classificam a lírica como uma forma que representa o tempo presente; a épica, o passado e no drama ocorreria uma orientação para o futuro.

Victor Hugo, escritor francês romântico, faz a apologia da simbiose dos gêneros em seu famoso prefácio à peça teatral *Cromwell* (1827). Nesse prefácio, o poeta observa que a beleza decorre da síntese dos contrários, ou seja, do cômico e do trágico juntos na mesma manifestação artística, surgindo, então, o drama romântico. Essa orientação do Romantismo pela mistura e hibridismo dos gêneros é concebida por uma visão de mundo libertária que vê o poeta, o ficcionista, o dramaturgo como criadores e não como imitadores. Essa concepção da simbiose dos gêneros será largamente retomada no século XX, sendo ampliada.

O século XIX, além do apogeu do Romantismo, também viu nascer e firmarem-se as teorias materialistas (Marxismo, Positivismo, Evolucionismo, Determinismo). Dentro de uma orientação cientificista, alguns teóricos do fenômeno literário passam a explicar os fatos artísticos como se eles fossem fatos naturais. Brunetire (1849-1906) explica os gêneros literários a partir de uma ótica biologizante e evolucionista. Dentro de uma concepção de seleção natural dos mais fortes, haverá gêneros fortes e gêneros fracos. Estes últimos seriam suplantados por aqueles, como, por exemplo, a tragédia clássica substituída pelo drama e a epopeia, pelo romance. Brunetire explica a decadência e o surgimento de certos gêneros a partir da Biologia, interpretando-os como organismos vivos cujas mutações independem da vontade dos artistas ou das condições sociais em que estes últimos estão inseridos. Despreza, assim, os fatores históricos (ascensão de uma nova classe ao poder, novas necessidades do espectador e do leitor, mudanças ideológicas) que são causas exógenas ao sistema literário, mas que determinam sobremaneira as mudanças dentro do universo das produções literárias.

3. ALGUMAS TEORIAS SOBRE OS GÊNEROS NO SÉCULO XX

No século XX surgem várias teorias sobre os gêneros literários. Algumas retomam conceitos anteriores, adaptando-os ao novo momento histórico.

As correntes mais formalistas entendem que todo texto literário (conto, crônica, poema, romance) articula determinados elementos formais que o inserem em um determinado gênero. Assim, os gêneros são macroestruturas e os textos realizam alguns elementos dessas estruturas. O autor, na realidade, não cria algo inteiramente novo, mas combina determinadas funções, elementos, organizando-os formalmente num texto que, dependendo de suas características, pertence a um gênero específico. Nessa linha, os gêneros são vistos mais como uma realidade formal que uma forma de um conteúdo, visto que nesta o criador de um texto produz algo original e singular. Na concepção formalista, o escritor é um operador à proporção em que capta e seleciona alguns aspectos formais do sistema literário que existe antes dele para confeccionar o seu texto. Esse é o resultado de combinações de formas já existentes.

Para Roman Jakobson, teórico russo, os gêneros estão associados às funções da linguagem. Para ele, o ato comunicativo (oral ou escrito) se constitui a partir de uma inter-relação entre emissor e destinatário. Dependendo do objetivo da comunicação, predominará uma dada função. As funções da linguagem, segundo Jakobson, são seis. **Função Referencial** é aquela em que prevalece o referencial, ou seja, o extra-artístico (o mundo e seus momentos). O emissor do texto enfoca de modo mais objetivo aspectos do mundo real. A **Função Apelativa** ocorre quando o falante, o emissor, centra o texto no receptor da mensagem. A **Função Expressiva** demonstra as impressões bastante subjetivas do emissor. Ocorre a **Função Metalinguística** quando o emissor fala sobre a própria linguagem. A **Função Fática** visa a testar se a comunicação entre emissor e receptor está se efetuando. E a **Função Poética** é aquela em que o emissor se utiliza dos aspectos sonoros, visuais e formais das palavras para maximizar a comunicação. Essa função predomina nos textos literários em que os aspectos estruturais da linguagem são muito relevantes. Obviamente, diz o teórico, que num ato comunicativo podem estar presentes simultaneamente todas as funções, mas, geralmente, dependendo das intenções do emissor, há o predomínio de uma delas. Exemplos de excertos e suas respectivas funções de linguagem predominantes:

Função Referencial:

"Eis São Paulo às sete da noite. O trânsito caminha lento e nervoso. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam."

Função Apelativa:

"Chora de manso e no íntimo... Procura
Curtir sem queixa o mal que te crucia:
O mundo é sem piedade e até riria
Da tua inconsolável amargura."

(Manuel Bandeira)

Função Expressiva/Emotiva:

"É noite. Sinto que é noite
não porque a sombra descesse
(bem me importa a face negra)
mas porque dentro de mim,
no fundo de mim, o grito
se calou, fez-se desânimo"

(Carlos Drummond de Andrade)

Função Metalinguística:

"Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente
Cai, gota a gota, do coração."

(Manuel Bandeira)

Função Fática:

"O *senhor* não *acha? Me declare franco, peço. Ah, lhe agradeço.* Se *vê que* o *Senhor sabe muito,* em *ideia firme, além de ter carta de doutor."*

(Guimarães Rosa)

Função Poética:

"Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e *fatigado eu vinha.*
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E *a alma de sonhos povoada eu tinha."*

(Olavo Bilac)

Para Jakobson, em todas as manifestações artístico-literárias, independentemente do gênero ao qual pertença, ocorre o predomínio da função poética, visto que a literatura não se importa somente em formalizar um conteúdo, mas sim em "como" esse conteúdo é veiculado, ou seja, a forma do conteúdo é imprescindível à medida que a literatura é a arte de organizar bem as palavras.

Outro teórico de renome que se posiciona sobre os gêneros é Northrop Frye. Em seu livro *Anatomy of Criticism* (1957), explica os gêneros a partir das relações que o autor estabelece com o público. No épico, haveria uma relação direta, pois a audiência é viva, concreta. Aqui a narrativa seria oral, com presença do público. No lírico, o público exterior não interfere, mas, sim, o poeta fala consigo mesmo, com uma musa, com Deus, com a natureza, etc. No dramático, ocorre a ocultação do poeta e na ficção (romance) a audiência é inespecífica. Dentro dessa linha interpretativa, temos também Mikhail Bakhtin, teórico russo deste século que distingue o lírico do romanesco, colocando aquele como um discurso direto em que o poeta é quem fala, ou seja, a poesia é uma fala unilinguística e o romance é classificado como um discurso indireto em que as falas das personagens são apresentadas indiretamente pelo narrador. No discurso romanesco, há uma pluralidade de vozes (várias personagens posicionam-se sobre um dado assunto). Já, na poesia, apenas a voz do poeta coloca-se em relação à determinada problemática. Outro é o caso do drama, visto que aí se estabelece o discurso direto de várias personagens sem a interferência do narrador.

Para Bakhtin, o romance se distinguiria da epopeia à proporção que esta serve para exaltar o passado lendário e místico de um povo, uma comunidade. Aqui, o narrador, separado temporalmente dos fatos, valoriza-os e enaltece-os. No romance, o narrador, tendo ou não ligação direta com os fatos narrados, apresenta-os a seu modo, podendo denegri-los, exaltá-los ou simplesmente expô-los de modo mais ou menos isento de juízo de valor.

Modernamente, alguns teóricos têm explicado a questão dos gêneros de maneira a distinguir o modo literário do gênero literário. O modo literário seria uma categoria atemporal e imutável. Haveria o modo satírico, o modo trágico, o modo elegíaco, que podem estar presentes nas diversas manifestações literárias (poesia, tragédia, romance, crônica, conto, etc.), independentemente da forma que toma cada texto escrito. Já os gêneros literários seriam categorias históricas e mutáveis que, dependentes da visão de mundo do autor, da época em que ele vive e das expectativas da audiência social, sofreriam mutações e transformações. Nesse posicionamento, ocorre dicotomia entre o conteúdo e a forma, visto que aquele se constitui como algo universal, ou seja, o trágico, o elegíaco, o satírico estabelecem-se independentemente do espaço e do tempo. Já a forma que veicula o conteúdo é histórica. Assim, temos que o espírito trágico que está presente na tragédia grega seria o mesmo que ocorreria nas obras modernas cuja visão de mundo é trágica. Para exemplificar e confirmar de certa

forma essa interpretação, podemos pensar na tragédia grega *Medeia* e na peça *Gota d'Água* de Chico Buarque. Ambas apresentam uma visão trágica do mundo e dos homens, mas a partir de formas do texto bastante diferenciadas.

Após essa visão histórica e teórica, percebemos que é difícil chegar a uma conclusão fechada e única sobre os gêneros literários. Com esse cabedal de informação que documentamos, devemos pensar tal problemática de forma aberta, tentando não classificar um texto rigidamente num determinado gênero, mas antes apreender o texto como um conteúdo (o mundo, o homem representados) que passa uma dada visão de mundo do autor. Este, sem dúvida, deve ser contextualizado dentro de sua época histórica que vê as coisas, os homens, a natureza de um modo específico. Este último mais a concepção de vida do autor vão determinar a forma do texto que pode se conformar rigidamente a determinados cânones (época grega, classicismo, neoclassicismo) ou fazer a opção pela liberdade de expressão, hibridismo, fusão de gêneros (barroco, romantismo, modernidade).

4. DESCRIÇÃO DOS GÊNEROS

4.1 Gênero Épico ou Narrativo

A produção literária, durante muitos séculos, foi predominantemente realizada em versos. O ato de contar uma história era levado a efeito pelo poema épico ou epopeia. Mas, com o advento do Romantismo e a consequente criação do romance, no sentido moderno do termo, a tarefa de contar uma história passou a ser desempenhada por essa nova espécie, bem como por outras espécies, como o conto e a novela. Diante disso, alguns teóricos entenderam que a nomenclatura gênero épico era insuficiente para dar conta de toda uma produção romanesca que pouco tinha em comum com o poema épico. Eis por que a denominação do gênero que estamos estudando apresenta alternativas: **épico** (para respeitar a origem histórica) ou **narrativo** (para acompanhar a evolução da criação literária).

O Gênero Épico ou Narrativo (geralmente em prosa) oferece grande dificuldade quando se tenta diferenciar as diversas formas de prosa que se apresentam, até porque isso constitui um problema ainda em discussão, uma vez que é bastante atual e a distinção e a análise das formas em prosa constituem questões relevantes da teoria e da filosofia literária. Na verdade, antes do século XVIII, quase tão somente a poesia interessava aos teóricos e pensadores da Literatura (era a poesia dividida em lírica, épica e dramática).

Entre as técnicas, estilos, maneiras narrativas ou formas narrativas - aquelas em que os literatos (escritores) utilizam o método indireto de interpretar a realidade (utilizam-se de uma história que encorpe a realidade) -, a ficção é, contemporaneamente, a que tem as preferências do grande público, quando se trata da arte de contar histórias.

Entendamos por Literatura de Ficção aquela que contenha uma história inventada ou fingida, imaginada, resultado de uma invenção imaginativa, com ou sem intenção de iludir.

Portanto, na ficção e na epopeia (texto em verso, que narrava atos heroicos, o nacionalismo, o heroísmo, o maravilhoso dos feitos dos heróis nacionais), o autor, através da palavra, interpreta a vida e a expressa por uma história.

Assim, a essência da ficção é também a narrativa, porque reacende o velho instinto humano de contar e ouvir histórias. Mas só terão valor literário as histórias que mostrarem uma técnica de arranjo e apresentação que comunicará à narrativa estrutura, beleza de forma e unidade de efeito. Para isso, os episódios da narrativa tornam o enredo complexo o suficiente para quase terem vida própria.

Assim é que a ficção é um produto da imaginação criadora, pois, embora tenha as suas raízes mergulhadas na experiência humana, ela não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas recriar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, pois ela é o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista-autor; então, é a interpretação artística da realidade.

A ficção pode ficar próxima ou distante do reino da experiência humana real. Quando ela se deixa dominar pelo real, temos a ficção realista; quando ela foge ao real, surge a ficção romântica ou fantasista.

É preciso traçar uma linha de distinção entre ficção, história e biografia, porque estas são narrativas comprometidas com os fatos absolutamente reais e a ficção não; mesmo quando

se recebe influência dos fatos reais, ela (a ficção é livre para não copiá-los ou reproduzi-los fielmente). Então, vale dizer que ela seleciona, omite, arruma os dados da experiência de tal forma que faz surgir um plano novo, de acordo com a interpretação que o autor faz da realidade.

Cabe agora teorizar acerca dos elementos estruturais que compõem um texto narrativo-ficcional (romance, conto, novela, crônica): personagem, ponto de vista, linguagem, tempo, ação e espaço, ou seja, acerca dos elementos da obra de ficção.

4.1.1 ELEMENTOS DA OBRA DE FICÇÃO

A) A PERSONAGEM DE FICÇÃO:

A personagem é um ser fictício, criada pelo autor para povoar a sua história, veicular determinadas ideias e vivenciar certas situações. Este ser fictício é fruto da imaginação e da observação da realidade, realizando-se ora como ser inventado, construído de palavras, ora enquanto cópia dos seres humanos à proporção que passam por conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. Através do contato entre personagens e leitor, este pode viver e contemplar outras vivências, passando a ter um entendimento e uma visão mais profunda de si mesmo e de seus semelhantes.

A diversidade das personagens que habitam as narrativas ficcionais levou alguns teóricos da literatura a estabelecer uma certa tipologia que intenta classificá-las. Dentro de uma certa linha classificatória, teremos personagens ditas **planas, redondas ou esféricas, tipos e caricaturas**, que leva em consideração a postura, o comportamento de tais personagens. Quanto à posição ocupada por elas na narrativa, podem ser definidas como **protagonistas, antagonistas, principais, secun-dárias.**

PERSONAGENS PLANAS

Em geral, a personagem plana não altera o seu comportamento no decurso da narrativa e, por isso, nenhum ato ou nenhuma reação de sua parte podem surpreender o leitor. É, portanto, desprovida de profundidade psicológica e dramática, exibindo um comportamento convencionalizado e estereotipado. Identifica-se pela recorrência do mesmo elemento e não através da acumulação de elementos diversificados. Por exemplo: uma personagem que usa sempre o mesmo tipo de roupa, anda invariavelmente nos mesmos lugares e com as mesmas companhias, procurando os mesmos divertimentos, e cuja vida interior não é preocupação da narrativa é, sem dúvida, uma personagem plana.

Carolina, personagem principal do romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; Leonardo Pataca, em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, e Sinhá Vitória, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, são alguns exemplos.

PERSONAGENS REDONDAS OU ESFÉRICAS

As personagens redondas ou esféricas, ao contrário, oferecem uma complexidade muito acentuada, apresentando multiplicidade de características, pois são densas, enigmáticas, contraditórias e, por vezes, rebeldes. São personalidades complexas cujo procedimento é uma interrogação; ninguém sabe ao certo como pensam e agem. A densidade e a riqueza dessas personagens, porém, não as transformam em casos de absoluta atipicidade. O leitor, através das paixões vivenciadas por elas e de suas qualidades e defeitos, percebe-as enquanto seres humanos possíveis de se encontrar na realidade social. Geralmente, as personagens centrais de uma narrativa são redondas. Na Literatura Brasileira, podemos citar inúmeras personagens que geram surpresa, espanto, comoção porque complexas, misteriosas e, principalmente, “humanas”. Por exemplo, Capitu do romance *D. Casmurro*, de Machado de Assis e Paulo Honório, do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

PERSONAGEM TIPO

A personagem tipo é, geralmente, a representante de um grupo nacional, regional, social, ideológico, etc. O tipo não se transforma, não evolui, desconhecendo as mudanças íntimas (afetivas, psicológicas, ideológicas) que fariam dele uma

personagem redonda e individualizada. Como exemplo, temos Rodrigo Cambará, em *Um Certo Capitão Rodrigo*, de Érico Veríssimo, porque essa personagem se caracteriza pelas vestes, gestos, fala e atos como um típico gaúcho. Nos romances de Jorge Amado, os coronéis, as prostitutas e as beatas são tipos, uma vez que encarnam comportamentos padronizados e estandardizados socialmente.

PERSONAGEM CARICATURA

A personagem considerada caricatura é aquela cujas qualificações ou traços são apresentados de modo exagerado. Exemplo: Odorico Paraguassu, da novela *O Bem Amad*o de Dias Gomes e o personagem Pedro, de *A Polaquinha*, de Dalton Trevisan. Este personagem (Pedro) é um motorista de ônibus cujas taras sexuais, grosseria e ignorância são exageradamente ampliadas.

Além da classificação vista, há outra, que decorre da importância que a personagem desfruta dentro da história, qual seja: **protagonista** ou principal para as mais importantes, visto que a narrativa se desenvolve sobre e a partir delas mais concretamente; e as **secundárias**, menos relevantes, às vezes episódicas e acessórias. Há, também, a **antagonista**, que se contrapõe à personagem principal.

De modo geral, a personagem central é uma pessoa de quem o ficcionista narra as aventuras e desventuras. Porém, há romances em que animais, cidades, cortiços, guetos, famílias, grupos sociais funcionam como personagens. Por exemplo, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, a cachorra Baleia é humanizada, ascendendo a "status" de personagem; em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, o próprio cortiço miserável, promíscuo e turbulento se transforma em personagem; em *Germinal*, de Zola, as minas de carvão funcionam como personagem; em *As vinhas da Ira*, de John Steinbeck, a personagem fundamental é a legião de homens das regiões secas e pobres do sul dos Estados Unidos que emigram em busca de terra fértil e, em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, o grupo de menores marginais se configura como personagens do romance.

B) PONTO DE VISTA OU FOCO NARRATIVO:

Histórias são contadas desde sempre e, quem as conta, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou mas também o que imaginou, o que sonhou e o que desejou. Entre as histórias e o público, sempre se interpõe a figura do narrador. Este é uma das criações do ficcionista, ou seja, uma personagem. O narrador não representa o verdadeiro autor porque este é uma pessoa de carne e osso e aquele, um ser fictício, construído de palavras. Autor e narrador, embora seres distintos, podem comungar de determinadas ideias. A seguir transcrevemos um trecho retirado do romance *Bufo & Spallanzani* de Rubem Fonseca, em que se coloca a questão do narrador / autor:

> "Vou-lhe dizer uma coisa: o ponto de vista, a opinião, as crenças, as presunções, os valores, as inclinações etcetera dos personagens, mesmo os principais, não são necessariamente os mesmos do autor. Muitas vezes o autor pensa exatamente o oposto do seu personagem".

Há dois modos básicos de narrar uma história: em **primeira pessoa** (eu) no qual o narrador participa da história e em **terceira pessoa** (ele) em que não ocorre parcitipação direta do narrador da história.

NARRAÇÃO EM TERCEIRA PESSOA

a) O narrador conhece tudo sobre as demais personagens (sentimentos, pensamentos e segredos) e os fatos. Comenta, analisa e se introduz em tudo. Configura-se como um "deus" que possui plena consciência sobre o que se passa no universo ficcional. É chamado de **narrador onisciente**. Exemplo:

> "A meia rua, acudiu à memória de Rubião a farmácia: voltou para trás, subindo contra o vento, que lhe dava de cara, mas ao fim de vinte passos, varreu-lhe a ideia da cabeça, adeus farmácia adeus, pouso!"
>
> *(Quincas Borba,* Machado de Assis*)*

b) O narrador, embora domine todos os fatos, não invade o interior das personagens. Esta posição cria um efeito de objetividade maior porque o narrador prefere se manter do lado de fora das personagens, comentando-lhes as ações e

comportamentos visíveis em vez de entrar-lhes na mente. Evitando comentar sobre o que pensam as personagens, estas tornam-se mais enigmáticas para o leitor. É chamado de **narrador observador**. Exemplo:

> "O rosto de Spade estava calmo. Quando seu olhar encontrou o dela, seus olhos, amarelo-pardos, brilharam por um instante com malícia, e depois tornaram-se novamente inexpressivos. Ela saiu e quando voltou, olhou de novo para Spade que não respondeu aos apelos dos olhos da moça. Encostado no batente, olhava a rua com ar desprendido."
>
> (Falcão *Maltês*, Dashiel Hammet)

NARRAÇÃO EM PRIMEIRA PESSOA

a) O narrador pode ser uma personagem secundária que participa da história, vivenciando os fatos juntamente com os outros personagens, mas não possui onisciência, ou seja, não pode penetrar no pensamento do outro. Pode ser chamado de **narrador testemunha.**

O narrador de *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, por exemplo, participa da narrativa, envolvendo-se com os fatos e personagens, sem, contudo, imiscuir-se na intimidade destes. Apenas observa de modo não parcial.

b) O narrador em primeira pessoa pode ser o narrador protagonista, ou seja, faz parte da história como elemento fulcral. Esta personagem também não possui onisciência sobre os demais. Exemplo:

> "Muita religião, seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Uma só, para mim, é pouca, talvez não me chegue! Rezo cristão, católico, embrenho a certo".
>
> (*Grande Sertão: Veredas,* Guimarães Rosa)

A narração em primeira pessoa cria um efeito de subjetividade visto que o narrador como protagonista ou testemunha participa dos fatos e, por isso, possui uma visão mais relativa e parcial da história. Já o modo de narrar em terceira pessoa produz um efeito de objetividade à medida que o narrador, não se achando envolvido com os fatos ocorridos e vendo-os a distância, pode analisá-los e apresentá-los de maneira mais imparcial e neutra.

C) LINGUAGEM

Pensando-se em literatura, temos necessariamente que falar sobre a linguagem porque é somente por seu intermédio que o escritor pode realizar a sua obra. O mundo ficcional é apresentado ao leitor através de determinados recursos de linguagem dos quais estudaremos alguns:

a) Discurso Direto: Nesse discurso, o narrador deixa as personagens falarem diretamente, introduzindo-lhes a fala por verbos denominados "verbo de dizer" (dizer, responder, retrucar, afirmar, falar, etc.). Tudo se passa como se o leitor estivesse ouvindo literalmente a fala das personagens. Este recurso diferencia, com bastante nitidez, a fala do narrador da fala das personagens. Exemplo:

> "Eugênio escutava a conversa dos pais que era entrecortada de silêncios longos, de suspiros e gemidos abafados. Houve um momento em que o pai disse:
> - Queira Deus que essa guerra não venha até cá.
> - Deus sabe o que faz - retrucou a mulher."
>
> (*Olhai* os *Lírios do Campo,* Érico Veríssimo)

b) Discurso Indireto: Nesse discurso, o narrador introduz a fala das personagens por meio dos "verbos de dizer" e geralmente pela conjunção "que". O leitor tem acesso à fala das personagens por via indireta, visto que o narrador enquadra o discurso do outro dentro do seu discurso narrativo. Há um discurso citante (o do narrador) e um discurso citado (o da personagem). A fala da personagem perde autonomia e subjetividade à medida em que é transmitida pelo contexto do narrador. Exemplo:

> "O homem chega bêbado em casa e, tirando a camisa azul, manda que a dona lave para o dia seguinte - sem ela perde o lugar de vigia".
>
> (*Pão e Sangue,* Dalton Trevisan)

c) Discurso Indireto Livre: Nesse discurso caem os "verbos de dizer" e a conjunção "que". As falas do narrador e da personagem se intercalam, formando um híbrido em que a diferenciação se torna difícil. Do ponto de vista gramatical, o enunciado é do narrador (continua em terceira pessoa) e do ponto de vista do significado, é da personagem. Ocorre objetividade visto que há o discurso mais analítico do narrador que transmite a

fala da personagem e há subjetividade à medida que afloram os estados íntimos da personagem através de mecanismos de linguagem tais como: interjeições, exclamações, interrogações, etc. Exemplo:

> "Baixou as mãos até o regaço. Ali estavam os objetos de toalete: a escova, o pente, o pote de creme de barbear, o talco, a loção - tudo limpo e meticulosamente arrumado. Nem naquela manhã ele deixara de ir ao treino diário... Seria mesmo uma pena envolvê-lo. Mas por que envolvê-lo? Os outros então não sabiam perfeitamente que ele não podia ser o motivo? Mas ele próprio talvez se sentisse responsável e era uma verdadeira pena toldar com algum remorso aquela transparência".
>
> *(Ciranda de Pedra,* Lygia F. Telles*)*

d) Monólogo interior e fluxo de consciência: O monólogo interior como forma de apresentação dos pensamentos íntimos da personagem é um recurso linguístico bastante antigo, remontando às epopeias greco-latinas. Já o fluxo de consciência é uma variante moderna do monólogo interior. Neste, a pontuação e a sequência lógica das ideias são preservadas e naquela, ocorre uma linguagem desarticulada, presentificando o desenrolar caótico e ininterrupto do pensamento. Nessas duas modalidades de citação do discurso da personagem, o leitor tem acesso direto ao interior, à psique da personagem que, por intermédio da linguagem, opera uma autoanálise, visando ao auto-conhecimento ou esclarecimento dos fatos. Portanto, com relação ao aspecto gramatical, ambos formalizam-se como discurso direto. Exemplo:

• Monólogo Interior

> "Se algum desses papéis tivesse caído na estrada? Perdido, trinta anos de cadeia, a imundície, o trabalho dos encarcerados: fabricação de pentes, esteiras, objetos miúdos de tartaruga. Faria um livro na prisão. Amarelo, papudo faria um livro, que seria traduzido e circularia em muitos países. Escrevê-lo-ia a lápis, em papel de embrulho, nas margens de jornais velhos. O carcereiro me pediria umas explicações. Eu responderia: - Isto é assim e assado. Teria consideração, deixar-me-iam escrever o livro. Dormiria na rede e viveria afastado dos outros presos. A garganta doía-me, os beiços colavam-me".
>
> *(Angústia,* Graciliano Ramos*)*

Nesse romance, o narrador-protagonista se utiliza do monólogo interior por aproximadamente dez páginas que finalizam a narrativa.

• Fluxo de Consciência

> "Eu estava ali deitado olhando através da vidraça as roseiras no jardim fustigadas pelo vento que zunia lá fora e nas venezianas do meu quarto e de repente recomeçava e as roseiras frágeis e assustadas irrompiam a vidraça e eu estava ali o tempo todo olhando estava em minha cama com minha blusa de lã as mãos enfiadas nos bolsos os braços colados no corpo as pernas juntas estava de sapato mamãe não gostava que eu deitasse de sapatos deixe de preguiça menino!"
>
> *(Eu estava ali deitado,* Luís Vilela*)*

O conto acima citado é inteiramente escrito a partir do uso do fluxo de consciência.

e) Modo dramático: Nesse tipo de discurso ocorre quase a eliminação da figura do narrador, aparentando-se a uma cena teatral em que predomina o discurso direto entre as personagens. Dalton Trevisan, escritor paranaense, utiliza-se largamente desse recurso. Exemplo:

> "- Monstro. Igual ao pai. Coragem de me bater.
> - Por que provocou?
> - Motivo tão fútil.
> Nenhum motivo é fútil. Todo grande crime é por motivo fútil."
>
> (A *Trombeta do Anjo Vingador,* Dalton Trevisan*)*

f) Narração: O texto narrativo relata as mudanças progressivas de estado (físicas, ideológicas, afetivas) que vão ocorrendo com as personagens no decorrer da ação. A visão de mundo do autor é veiculada por meio das ações que são atribuídas às personagens. Na narração, há relação de anterioridade e posterioridade entre os enunciados porque estes devem ser dispostos de maneira a presentificar para o leitor a sequência lógica dos fatos que ocorreram com as personagens. Exemplo:

> "A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou

aterrada para eles, sem pestanejar.
Os policiais, vendo que ela não se despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e antes que alguém conseguisse alcançá-la. Já de um golpe certeiro e fundo rasgava o ventre de um lado a lado".

(*O Cortiço*, Aluísio Azevedo)

Nesse fragmento, notamos que o texto relata as mudanças de estado da personagem (vida-morte) e há relação de anterioridade e posterioridade entre os episódios relatados (personagem despreocupada, trabalhando - chegada dos policiais para prendê-la, suicídio como libertação).

g) Descrição: No texto descritivo, todos os enunciados relatam ocorrências simultâneas e, por isso, não existe um enunciado que possa ser considerado cronologicamente anterior ou posterior ao outro. O autor, pelos aspectos que seleciona *e* pelos adjetivos escolhidos, vai construindo uma visão negativa ou positiva daquilo que descreve. Pelo caráter estático da descrição em que se enfocam detalhes e características de personagens, coisas e cenários podemos compará-la a uma fotografia. Exemplo:

"Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito, nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar".

(*Missa do Galo*, Machado de Assis)

Notamos que nesse fragmento, diferentemente da narração, não ocorre o relato de mudanças de estados acontecidos com a personagem e os enunciados descritivos podem ser alterados em sua sequência no parágrafo, sem prejuízo em relação à plasmação do retrato.

h) Dissertação: No texto dissertativo, ocorre a interpretação e análise dos fatos, acontecimentos e ações das personagens. O autor pode interromper a ação e expor suas ideias a respeito de determinados temas (o amor, o ódio, a educação, a arte, etc.). Exemplo:

"Estou mesmo a crer que o domingo foi o primeiro dia da eternidade e que a primeira coisa a ser gerada foi o amor, o amor é atração e harmonia - e, sem atração e harmonia, o cosmos jamais poderia manter-se em seu perpétuo equilíbrio através dos tempos que nunca se esgotassem e dos imensos espaços que nunca têm limite".

Sintetizando os três últimos recursos literário-linguísticos, podemos dizer que a dissertação trabalha com conceitos, organizando-se a partir de raciocínios; a narração se formaliza mediante ordenação das ações e transformações de estados das personagens e a descrição se realiza a partir da concatenação de imagens.

Observar, na oportunidade das leituras de obras ficcionais, que os vários expedientes linguísticos arrolados, apesar de distintos uns dos outros, andam juntos para atender às necessidades da expressão.

D) O TEMPO NA FICÇÃO

O TEMPO NA ESCRITURA E O TEMPO NA NARRATIVA

O tempo da escritura se refere a quando o narrador escreve sobre a história e o tempo da narrativa a quando os fatos narrados ocorreram. Pode haver tanto distância quanto aproximação entre essas duas modalidades temporais. Há ruptura entre os tempos quando, por exemplo, um narrador contemporâneo conta uma lenda ocorrida há mais de mil anos. Os tempos podem se aproximar se o narrador escreve à noite sobre o que se passou durante o dia. A distância pode se reduzir a zero se o relato é um monólogo "estenografado" do herói e se este morre, a narrativa é interrompida. Este último procedimento cria uma ilusão de presente para o leitor à medida que este tem a sensação de estar vendo os acontecimentos que envolvem personagens no seu suceder imediato.

O envolvimento e a identificação do leitor com os fatos narrados se intensificam, visto que o relato aparenta-se a uma cena teatral em desenvolvimento. Exemplos:

a) TEMPO DA ESCRITURA DIFERENTE DO TEMPO DA NARRATIVA

"Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias (...) Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Desse modo, viverei o que vivi e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo".

(D. *Casmurro,* Machado de Assis)

b) TEMPO DE NARRAÇÃO COINCIDINDO COM O TEMPO DA ESCRITURA

"O aviso não me interessa mais. Tenho que transformar de novo o resto não me interessa mais. Se essa é a minha paix... *

*Nota de Lygia Bojunga Nunes:

"A escritora morreu sem acabar a frase. Deram com ela debruçada na mesa, a ponta do lápis fincada na paixão".

(*Tchau,* Lygia Bojunga Nunes)

Aqui notamos uma aproximação total entre o tempo da escritura e tempo da narração. A narradora-protagonista escreve sobre o que vive no momento da escrita e, morrendo, a escritura é interrompida. A verdadeira autora, Lygia B. Nunes, apresenta uma nota explicativa sobre a morte de sua personagem, a narradora-protagonista.

TEMPO CRONOLÓGICO E TEMPO PSICOLÓGICO

O primeiro é também chamado de físico e é medido pelo relógio, sendo o mesmo para todos; o segundo é medido por um relógio particular, configurando-se pelas nossas vivências subjetivas tais como sensações, intuições, emoções e valores. O tempo físico está ligado à vida social do homem, enquanto o psicológico, a sua individualidade.

Nas narrativas de ação e de enredo, prevalece o tempo cronológico. Já nas narrativas ditas intimistas, em que se reduz a importância do enredo e há pouca ação, o tempo se torna complexo e psicológico. Nestas, dá-se mais importância àquilo que pensam as personagens e a como pensam e cada vez menos àquilo que fazem. O tempo psicológico pode acelerar ou retardar a ação dependendo de como ele é sentido: o tempo decorrido numa situação positiva (festa, viagem, passeio) dá a sensação de passar mais rápido do que o decorrido numa situação negativa (velório, espera em filas). Exemplos:

a) TEMPO PSICOLÓGICO

"Silêncio. Por que será que esta gente não fala e o relógio se aquietou? Uma ideia acabrunha-me. Se o relógio parou, com certeza o homem dos esparadrapos morreu. Isto é insuportável. Por que fui abrir os olhos diante da amaldiçoada porta? (...) Dois passos aquém, dois passos além - e eu estaria livre da obsessão.

O relógio bate de novo. Tento contar as horas, mas isto é impossível. Parece que ele tenciona encher a noite com sua gemedeira irritante.

Procuro dormir, esquecer tudo, mas o relógio continua a martelar-me a cabeça dolorida. Espero em vão o fonfonar de um automóvel, a cantiga de um bêbado, as vozes de comando, o rumor dos ferros no autoclave. Tenho a impressão de que o pêndulo caduco oscila dentro de mim, ronceiro e desaprumado".

(*Angústia,* Graciliano Ramos)

b) TEMPO CRONOLÓGICO

"Amanhã faz um mês que a senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina".

(*Apelo,* Dalton Trevisan)

E) AÇÃO OU ENREDO

A sequência de atos praticados pelos personagens da narrativa constitui a ação; é a soma de gestos e atos que compõem o enredo.

De acordo com o assunto básico (o núcleo temático, em torno do qual se movem as personagens em diferentes situações) pode-se dizer que o enredo de qualquer narrativa ficcional constitui-se a partir de variados temas: o amor, viagens, aventuras, ficção científica, angústias existenciais, entre outros.

Conforme ainda a ordenação dos fatos e situações narradas, o enredo pode apresentar uma organização linear, mais próxima da ordem da narrativa oral, da narrativa tradicional (mitos, lendas, casos, contos populares) em que se respeita a cronologia, obedece-se à ordem (começo, meio, fim), ao princípio da causalidade, isto é, os fatos são ligados pela relação de causa e efeito e respeita-se a logicidade dos fatos.

Embora tal modelo tradicional (característico do século XIX) persista, já é possível perceber, paralelamente, um outro modelo em que tais aspectos podem sofrer alterações mais ou menos profundas, o que caracteriza a narrativa contemporânea moderna, que subverte a forma de narrar tradicional, podendo levar até mesmo à pulverização dos elementos da narrativa. Conforme diz o escritor francês Jean Ricardou: "O romance tradicional é a escritura de uma aventura; o romance moderno é a aventura de uma escritura".

A narrativa linear apresenta um ritmo mais rápido porque a cronologia é respeitada. Ao contrário, nas narrativas não-lineares em que há idas e vindas no tempo/espaço, retrospectivas, antecipações, mistura de planos temporais, o ritmo se retarda. Em função da narrativa se voltar mais para os acontecimentos exteriores, privilegiando o tempo cronológico, ou para os estados interiores das personagens ou do narrador, com o predomínio do tempo psicológico, o ritmo será afetado, ou seja, nesta será arrastado, lento e subjetivo e naquela, agilizado, objetivo, acompanhando o circunstancial.

A ação se desenvolverá à medida que as situações vão se modificando. Pode fluir, sem interrupções ou pode ser retardada por descrições de objetos, quadros ou paisagens, detalhes, gestos, traços físicos ou morais da personagem, etc. A digressão, ou desvio da sequência narrativa pelo discurso, que pode apresentar reflexões, diálogos com o leitor, opiniões, considerações filosóficas, pode também retardar o desenrolar da história.

A ação pode ser externa, por exemplo, uma viagem, o deslocamento de uma sala para outra, o apanhar de um objeto para a defesa contra um agressor, e assim por diante. Este tipo de desenrolar narrativo é próprio da ficção linear (José de Alencar, Aluísio Azevedo, Lins do Rego, Jorge Amado, entre outros); já a ação interna passa-se na consciência ou/e na subconsciência da personagem, como na ficção introspectiva de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector. É importante assinalar que, em uma obra de ficção, coexistem as duas formas de ação, ambas estabelecem relação de vasos comunicantes, em que uma pode prevalecer sobre a outra, sem, entretanto, anularem-se.

Para entender a organização do enredo, não basta perceber começo, meio e fim da matéria narrada; é preciso perceber o elemento estruturador: o conflito, que é responsável pela expectativa que os fatos podem gerar. O conflito é qualquer componente da história (personagem, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. Além dos conflitos entre personagens e entre estes e o ambiente, existem os conflitos religiosos, morais, econômicos e psicológicos (conflito interior de um personagem que vive um drama existencial).

Nas **narrativas tradicionais**, o conflito determina as partes do enredo:

- **exposição ou apresentação:** parte inicial que situa o leitor diante da história que irá ler;
- **complicação:** é a parte em que se desenvolve o conflito (ou conflitos);
- **clímax:** o momento culminante, de maior tensão; é o ponto de referência para as outras partes do enredo que existem em função dele;
- **desfecho ou desenlace:** é a solução dos conflitos.

Modernamente, um romance pode ser uma narrativa sem começo, meio e fim. Pode ser uma narrativa circular, como o *Finnegans Wake* de James Joyce que termina sem ponto e começa com uma letra minúscula, demonstrando que as coisas estão sempre num eterno retorno.

Julio Cortázar, em O *Jogo da Amarelinha*, indica na introdução que o livro pode ser lido de várias maneiras. Por outro lado, Clarice Lispector, em *Água Viva*, escreve um romance em que se

percebe a ausência de personagens; a linguagem é o grande tema e a grande personagem. Oswald de Andrade, em *Serafim Ponte Grande*, expulsa um personagem do livro por achá-lo inconveniente.

Nas narrativas psicológicas, os fatos nem sempre são evidentes porque não equivalem a ações concretas das personagens, mas a movimentos interiores, fatos emocionais.

Duas questões são fundamentais a serem observadas na ação:

a) sua natureza ficcional - verossimilhança;

b) sua estrutura - partes que a compõem.

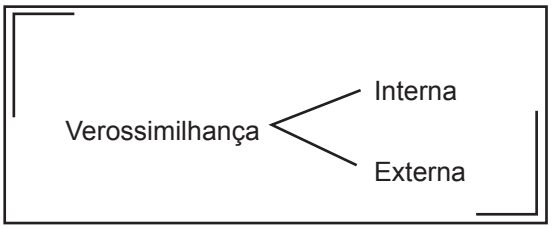

É a lógica interna do enredo, a essência do texto de ficção.

Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos no enredo. Cada fato da história tem uma motivação (causa), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia novos fatos (consequência).

Qualquer narrativa de ficção formula as próprias leis sob as quais se desenvolve, leis essas que cumpre ao leitor conhecer e aceitar. Isto quer dizer que, ao iniciar o contato com qualquer obra de ficção, o leitor deve aceitar as normas estabelecidas pelo ficcionista. Este inventa um mundo com base na observação, na memória e na imaginação que o leitor deve entender como tal. Caso recuse o universo fictício ou procure nele o relato de fatos verídicos, ao leitor resta fechar o romance e abrir um jornal.

Uma das condições básicas para que o leitor se mantenha atento ao que lê, é que a ação contenha verossimilhança, não no sentido de reproduzir literalmente ocorrências da vida real, pois aí não seria ficção, mas que a ação se organize da maneira como se daria na vida real, segundo a coerência que preside a vida real. Portanto, verossimilhança interna à própria obra, não enquanto relação com o mundo real.

Se, na narrativa, aparece a figura de um animal que "fala" ou "pensa" (como em *Quincas Borba*) será verossímil que ele proceda dessa forma até o fim da narrativa.

> "Machucado, separado do amigo, Quincas Borba vai então deitar-se a um canto, e fica ali muito tempo, calado; agita-se um pouco até que acha posição definitiva, e cerra os olhos. Não dorme, recolhe as ideias, combina, relembra; a figura vaga do finado amigo passa-lhe acaso ao longo, muito ao longe, aos pedaços, depois mistura-se à do amigo atual, e parecem ambas uma só pessoa; depois outras ideias".
>
> *(Quincas Borba,* M. de Assis*)*

Entretanto, se tratar de uma situação em que o animal está reduzido a sua própria condição, será inconcebível que tenha atitudes diferentes das esperadas de um animal. Entretanto, se tudo na narrativa seguir as trilhas do absurdo ou da inverossimilhança, a obra será perfeitamente verossímil.

É o caso de *Macunaíma*, por exemplo, em que o "herói sem caráter" protagoniza "inverossímeis" e mágicas façanhas, como soltar um berreiro "tão imenso que encurtou o tamanhão da noite e muitos pássaros caíram de susto no chão e se transformaram em pedra" ou metamorfosear-se em saúva, pingo d' água ou peixe; viajar pelo Brasil de ponta a ponta, sem obediência a qualquer noção de espaço ou tempo. Tais recursos caracterizam a prosa surrealista, kafkiana em que se busca a fusão do mundo real e do irreal, do mundo onírico e do factual.

F) ESPAÇO

Espaço é o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos ou se o enredo for psicológico, o espaço terá menos variedade do que em narrativas cheias de aventuras e acontecimentos, em que se verificará maior afluência de espaços.

A função principal do espaço é situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma

interação, influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções ou se modificando, segundo determinam os personagens.

Pode ser caracterizado mais detalhadamente em trechos descritivos, ou ter as referências diluídas na narração. A frequência e a intensidade com que o lugar geográfico se impõe no conjunto de uma obra ficcional está em função de suas outras características. Se se trata de uma história urbana, o cenário será predominantemente o construído pelo homem: o interior de uma casa, ou as ruas; se regional ou sertaneja, o cenário será a própria natureza. A relevância do lugar, na ficção citadina, variará de acordo com a espécie literária (conto, novela, romance) e a tendência estética ou ficcional (a ficção romântica, realista, o romance introspectivo ou existencialista, etc.).

O termo **espaço** só se refere ao lugar físico onde ocorrem os fatos da história. O espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens é denominado de **ambiente**. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um clima (conjunto de determinantes sociais, econômicos, morais, religiosos, etc. que cercam os personagens).

FUNÇÕES DO AMBIENTE

1. Situar os personagens no tempo, no espaço, no grupo social, enfim, nas condições em que vivem.
2. Ser a projeção dos conflitos vividos pelas personagens. Por exemplo, nas narrativas de *Noite na Taverna* (Álvares de Azevedo), o ambiente macabro reflete a mente mórbida e alucinada dos personagens.

"(...) Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam pelos raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta!... e aqueles traços todos me lembravam uma ideia perdida... Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da igreja, que ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo (...)"

3. Estar em conflito com os personagens, em narrativas em que se opõe aos personagens, como em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, no qual o ambiente burguês e preconceituoso se choca com os heróis da história.

"Os guardas vêm em seus calcanhares. Sem-Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão a mão em seu corpo. Sem-Pernas os odeia como odeia a todo mundo, porque nunca pode ter um carinho. E no dia que o teve foi obrigado a abandoná-lo porque a vida já o tinha marcado demais. Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. Nunca conseguira amar a ninguém, a não ser a esse cachorro que o segue. Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o de Sem-Pernas já estava cheio de ódio (...) Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é esse homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo (...) Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço, como se fosse um trapezista de circo".

4. Fornecer índices para o andamento do enredo. É muito comum, nos romances policiais ou nas narrativas de suspense ou terror, certos aspectos do ambiente constituírem pistas para o desfecho que o leitor pode identificar numa leitura mais atenta. No conto "Venha ver o pôr do sol", de Lygia F. Telles, nas descrições do ambiente percebemos índices de um desfecho macabro, por exemplo, no trecho em que se insinua um jogo entre a vida e a morte, que é o que de fato ocorre com os

personagens Raquel e Ricardo.

> "O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármores, invadira as alamedas de pedregulhos enegrecidos, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte".

CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE

Para se caracterizar o ambiente, levam-se em consideração os seguintes aspectos:

- época em que se passa a história;
- características físicas (do espaço);
- aspectos socioeconômicos;
- aspectos psicológicos, morais, religiosos.

4.1.2 ESPÉCIES DO GÊNERO NARRATIVO

Em literatura, ficção é um tipo de Gênero Narrativo e é um termo empregado para designar o romance, a novela, o conto, embora outras formas possuam qualidades de ficção: fábula, lenda e até mesmo o drama. Porém, inicialmente cabe retomar as origens do gênero, isto é, o épico, fazendo-se referência à epopeia ou poema épico.

Epopeia ou poema épico:

A epopeia é uma longa narrativa de caráter heroico, grandioso e de interesse nacional e social. Ela apresenta uma atmosfera maravilhosa que, em torno de acontecimentos históricos passados, reúne mitos, heróis e deuses. É escrita em versos. A estrutura clássica da epopeia é a seguinte:

1. proposição;
2. invocação;
3. dedicatória;
4. narração;
5. epílogo.

As epopeias mais conhecidas são: *Ilíada* e *Odisséia,* ambas de autoria do grego Homero; *Eneida*, do romano Virgílio. Em língua portuguesa, há *Os Lusíadas*, de Camões.

Na Literatura Brasileira, não existe uma epopeia nos moldes rigorosamente clássicos, uma vez que após o Renascimento não mais apareceram epopeias.

Poema Narrativo:

Caso complexo é o do poema narrativo. Embora tenha traços semelhantes à epopeia, dela distancia-se em função da maior liberdade de forma e/ou do tema. Diante disso, aproxima-se do gênero lírico, tornando difícil sua classificação e conceituação. Alguns exemplos de poema narrativo, dados pelos teóricos, são: *O Uraguai*, de Basílio da Gama; *Caramuru*, de Santa Rita Durão; *I Juca Pirama*, de Gonçalves Dias; *O Caçador de Esmeraldas*, de Olavo Bilac; *O Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles; *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia.

Abordando espécies do gênero narrativo em prosa, temos:

Novela:

Das espécies mais usuais do gênero narrativo- romance, conto e novela -, esta última é a que menos tem representatividade no contexto da Literatura Brasileira. Estabelecendo uma tradição de conto e romance, tanto a crítica como o escritor deixaram a novela de lado. E esclarecemos, desde logo, que a novela de que estamos tratando não é a telenovela.

Embora haja controvérsias quanto à conceituação, a teoria literária caracteriza a novela como uma narrativa em que há sucessividade de conflitos, isto é, cada episódio praticamente se constitui numa narrativa autônoma em relação aos que lhe seguem. É o caso, por exemplo, de O *Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino, em que cada uma das aventuras de Geraldo Viramundo é um episódio que poderia ser destacado do livro, sem prejuízo para o entendimento da narrativa.

Conto:

A primeira lembrança que nos vem à memória quando falamos em conto é o contar histórias. Os contos dos mágicos (ou contos egípcios) são os mais antigos e devem ter aparecido por volta de 4.OOO a.C. e passam por toda a história, até porque detectam os momentos da escrita que representam a nossa cultura. A mais clara definição de envolvimento, entretenimento, se poderia exemplificar com os contos das *Mil e Uma Noites* que

circulam da Pérsia (séc. XI) para o Egito (séc. XII) e para toda a Europa (séc. XVIII). Durante a Alta Idade Média (séc. XII a XIV), o conto conhece uma época áurea, graças à prosificação dos gestos cavalheirescos e, no final dessa quadra histórica, ao aparecimento de alguns contistas, como Bocaccio (*Il Decamerone*) e Chaucer (*Canterbury Tales*).

Quando Bocaccio publicou seus contos eróticos (*Il Decamerone*), ao conto acrescentou-se um novo prisma, além do didático, porque o contador procura a elaboração artística sem perder, contudo, o tom da narrativa oral, pois não perde o recurso das estórias de moldura (aquelas que são criadas para serem contadas por alguém a alguém).

Na Espanha, graças a Cervantes (*Novelas Ejemplares*) e Quevedo (*La Hora de Todos*), o conto alcança a preferência dos autores e dos leitores. Na França, também surgem muitos contistas, como La Fontaine (*Contes*). Porém, também nesse período, a poesia e a prosa doutrinária (reflexo do ambiente revolucionador e reformador) receberam grande aplauso e culto, por isso, a ficção em prosa manteve-se arredia. Todavia, na França, Voltaire faz escola com algumas de suas narrativas de cunho filosófico e satírico.

O primeiro contista em Língua Portuguesa é Gonçalo Fernandes Trancoso, autor de *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo,* publicados em 1575.

É no século XIX que o conto conhece sua época de maior esplendor porque, além de se tornar forma "nobre", passa a ser larga e seriamente cultivado. É aí que abandona seu estágio empírico, indeciso, para ingressar numa fase em que se torna produto tipicamente literário e ganha estrutura e andamento característicos.

O conto se desenvolve estimulado pelo apego à cultura medieval, pela pesquisa do popular e do folclórico, pela acentuada expansão da imprensa (que permite a publicação dos contos nas inúmeras revistas e jornais). Esse é o momento da criação do conto moderno, quando, ao lado de um Grimm, que registra contos e inicia o estudo comparativo deles, um Edgar Allan Poe se afirma enquanto contista e teórico do assunto. Outros contistas expressivos são: Balzac (*Contes Dr. Latiques*), Flaubert (*Trois Contes*), Maupassant (que consegue dar a seus escritos qualidades individuais e inovadoras), Nicolai Gogol e Anton Tchekov (que conferiu ao conto notas de mistério e misticismo, próprios da alma eslava). É também nessa época que surgem contistas de superior gabarito em Língua Portuguesa: Machado de Assis ("O Alienista", "A Cartomante", "Missa do Galo"), Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Aluísio Azevedo, Júlia Lopes de Almeida e outros.

Na verdade, é muito difícil definir, caracterizar o conto. Segundo Júlio Casares, a partir do estudo desenvolvido por Cortázar das obras de Edgar Allan Poe, há três acepções para a palavra conto:

1) relato de um acontecimento;
2) narração oral ou escrita de um acontecimento falso;
3) fábula que se conta às crianças para diverti-las.

Segundo esse estudo, há uma característica comum em todas elas: são modos de se contar alguma coisa a alguém e isso nos remete a uma narrativa e ela apresenta uma sucessão de acontecimentos, porque:

- há sempre algo a narrar;
- esse algo desperta, revela, identifica o interesse humano;
- em relação a isso, surge um projeto em que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada;
- porém, tudo acontece observando a unidade de ação.

A voz do contador, seja oral ou escrita, sempre pode interferir no discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta - entonação de voz, gestos ou mesmo algumas palavras ou sugestões - que podem ser criados pelo contador, porque o intuito de conquistar e manter o interesse do ouvinte é de fundamental importância.

Assim é que todo contador de histórias é um contista e o verdadeiro contista é aquele que se confunde com a voz do narrador (narrador é a criação de uma pessoa).

O conto tradicional é uma narrativa que gravita em torno de um só conflito, um só drama, uma só ação. Tomemos como exemplo "Missa do Galo", de Machado de Assis, conto formado por um único episódio: o diálogo cheio de implicações sensuais entre o narrador (um jovem de dezessete anos) e a sua hospedeira, D. Conceição, casada e com trinta anos. O drama apresenta começo, meio e fim, pois

apresenta o fim em si próprio. No conto, o tempo existencial que precede o momento do conflito funciona como germe ou preparativo do instante decisivo e o tempo que se seguirá ao conflito adquire coloração equivalente, pois o futuro se torna previsível ou conhecido.

O histórico do conto inclui as narrativas orais ("contar um conto") e o início do registro escrito dessas narrativas, traçando uma evolução que culminou na forma literária (estética) que nos interessa estudar. Os primeiros registros de contos em língua escrita mantinham estrutura semelhante às dos contos orais, identificando-se, no texto, um ou mais contadores e um ou mais ouvintes (para quem se estaria narrando).

Exemplificando: Todos os contos reunidos sob o título *As Mil e Uma Noites* (Pérsia e Arábia, séc. X) teriam sido contados por Scheherazade (narradora) para distrair o rei (ouvinte) que ameaçava matá-la.

Outro resquício da tradição oral nos contos é a presença de intenção moralizante, cada vez menos presente na atual forma.

Afastando-se pouco a pouco da tradição oral, o conto foi obtendo autonomia em relação a outras formas literárias, inclusive à novela e, principalmente, o romance que, tendo surgido depois, assumira enorme importância no século XIX. Nesse século, o conto adquiriu a estrutura que hoje o caracteriza: a de uma narrativa curta que condensa e potencia todas as possibilidades da ficção.

É possível definir o **conto** como a **narrativa que objetiva a solução de um conflito** tomado perto de seu desfecho. Em geral, as personagens são apresentadas brevemente, vivendo situações decisivas. Segundo Edgar Allan Poe, haveria uma relação direta entre a extensão do conto (breve) e o efeito que ele causa no leitor. Em virtude da economia dos meios narrativos, o contista obtém, com o mínimo de recursos, o máximo de efeitos: "Se sua primeira frase não tende à concretização deste efeito, então ele falhou em seu primeiro passo. Em toda a composição não deve haver nenhuma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não esteja a serviço deste desígnio preestabelecido".

São características do conto:

- **Unidade de ação:** uma só situação importante centraliza a narrativa e envolve as personagens.
- **Unidade de tempo**: a história se passa em curto período de tempo.
- **Unidade de espaço**: o lugar por onde circulam as personagens é de âmbito restrito.
- **Presença de poucas personagens.**
- Quanto à linguagem, há o **predomínio da narração**. O discurso das personagens (discurso direto, indireto e indireto livre) muitas vezes assume relevância. A descrição e a dissertação tendem a anular-se.

Romance:

São espécies antecessoras do romance as novelas de cavalaria, da Idade Média, o romance histórico e o romance picaresco, ambos do Renascimento. *D. Quixote* (início do século XVII), de Cervantes, por seus recursos formais e pela visão de mundo apresentada, ultrapassa os limites da novela de cavalaria, que tomou como molde e inaugura a narrativa moderna. Porém, o romance, como o entendemos atualmente, só viria a surgir em meados do século XVIII.

Para diversos estudiosos da literatura, o romance seria resultado da evolução da epopeia, que desapareceu com o advento da era industrial. O principal ponto em comum entre epopeia e romance é a visão globalizante, capaz de abranger largas faixas da realidade. Diferencia-os, além de tantas características formais, o fato de que, ao contrário das epopeias (voltadas para o destino de uma coletividade), o romance volta-se para o homem como indivíduo.

A burguesia, classe social mais beneficiada pela Revolução Industrial, tornou-se o público destinatário, por excelência, dos primeiros romances. Tendo sido a Inglaterra o primeiro país em que a Revolução Industrial ocorreu e gerou seus efeitos, ali escreveram os primeiros romancistas, impulsionados pelo notável alargamento do público leitor e pela consequente popularização da indústria gráfica e da imprensa. Sobretudo no século XIX, o jornal serviu de veículo para uma forma de romance que é hoje considerada a origem da "literatura de massas": o romance-folhetim, produto próprio do jogo de mercado, que se volta principalmente para o entretenimento.

Na verdade, boa parte da produção de romances da época romântica (e não apenas o

romance-folhetim) caracteriza-se pelo anseio de deleitar o público, ávido por ver suas ambições e desejos transformados em literatura. São autores do período: Samuel Richardson, Henry Fielding, Victor Hugo, José de Alencar.

Ainda no século XIX, o romance torna-se mais complexo, a partir das obras de autores que, embora influenciados em algum grau pela estética romântica, encaminharam seus romances para um intuito que sempre fora característico do romance: recriar o mundo de modo crítico criando personagens próximas o mais possível das pessoas. A estética realista, o aprofundamento psicológico e o domínio de elaboradas técnicas narrativas (sobretudo no tocante ao tempo) colaboraram para tornar o romance a mais complexa forma narrativa, que tende a absorver quase todos os outros gêneros e formas literárias. São autores do período: Balzac, Stendhal, Flaubert, Zola, Charles Dickens, Dostoievski, Machado de Assis. Os autores no início do século XX, tais como Proust, Kafka e James Joyce intensificaram o experimentalismo no manejo das técnicas narrativas, confirmando a prevalência do romance sobre as demais formas literárias.

Romance é a **narrativa que pretende dar uma visão de mundo mediante o conflito de personagens**. O conflito, comumente, é tomado no ponto mais distante (diferentemente do conto). O romance exige um enredo complexo, um tratamento cuidadoso do tempo e uma elaborada construção das personagens.

São características do romance:

- **pluralidade de núcleos de ação:** várias situações importantes se desenrolam, estando elas unidas por algum núcleo de ação central, que envolve os protagonistas.
- **pluralidade de tempo:** a história se passa em um largo período temporal.
- **pluralidade de espaço**: não há limites para a movimentação das personagens. Cada núcleo de ação pode se desenvolver em diferentes lugares.
- **presença de algumas personagens**, sendo algumas delas caracterizadas detalhadamente.
- quanto à linguagem, há o **predomínio da narração**, mas todas as formas de discurso podem ocorrer. A descrição tem muita importância. A dissertação é utilizada com o intuito de defender ideias e expressar (demoradamente) determinada visão de mundo.

Os teóricos atribuíram nomes a determinadas espécies de romances. Alguns desses nomes devem ser conhecidos.

No início da produção de romances, o escritor estava voltado a retratar particularmente a burguesia urbana e seus costumes, dando origem ao chamado **romance urbano** ou **romance de costumes**. Ex.: em *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, são mostrados os hábitos e comportamentos da burguesia fluminense do século XIX. Os escritores românticos buscavam em épocas passadas fontes de inspiração para seus enredos. Isso originou o **romance histórico**. Ex.: Walter Scott, em *Ivanhoé*, retrata a época medieval. A preocupação cientificista do Realismo deu ensejo ao surgimento do **romance de tese**, utilizado pelo escritor para defender um ponto de vista sobre determinado assunto. Ex.: Eça de Queiroz tem a opinião de que, reunidas certas condições, a prática do adultério feminino é inevitável. No romance *O Primo Basílio*, por meio do enredo, ele demonstra esse ponto de vista. A partir do século XIX, os escritores passaram a se debruçar mais intensamente na caracterização do interior das personagens, expondo densas reflexões, visando a uma análise dos aspectos psicológicos do ser humano. Surgiu, então, o **romance psicológico**. Ex.: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *A Aprendizagem* ou *O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector.

Mais especificamente no Brasil, desde o Romantismo, existe um tipo de romance bastante sintonizado com uma característica peculiar do nosso país: a diversidade regional. Ao romance que retrata as paisagens e costumes de alguma das regiões brasileiras, deu-se o nome de **romance regionalista**. Ex.: José Lins do Rego, em quase todos os romances (*Menino de Engenho*, por exemplo), trata da região Nordeste; Jorge Amado se fixa particularmente no retrato da Bahia (Ex.: *Gabriela, Cravo e Canela*).

Há tipos de romances cuja origem não está propriamente ligada a um estilo de época ou a uma peculiaridade de determinado país. Trata-se do **romance de aventuras**, que narra fatos extraordinários, peripécias e façanhas num cenário fabuloso (Ex.: os chamados “romances de capa e espada”,

dos quais se destaca *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas), e do **romance policial**, cujo enredo apresenta um crime ou um caso intricado e sua respectiva elucidação (Ex.: os romances de Agatha Christie).

Crônica:

As características peculiares da crônica derivam do fato de que é escrita para ser publicada em jornais e revistas. Nesse contexto, diz Jorge de Sá, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados. Sua colaboração também se prende a essa urgência, pois o cronista também dispõe de pouco tempo para escrever o seu texto.

Consequentemente, do ponto de vista formal, a sintaxe da crônica é mais solta, havendo, inclusive, certa moralidade, sem, contudo, perder a elaboração necessária a um texto literário. Em outras palavras, a linguagem da crônica é dinâmica, em tom de reportagem.

Ainda quanto à forma, as características da crônica são semelhantes às do conto, com a diferença de que o contista desenvolve a construção da personagem, do tempo e do espaço com maior preocupação formal. Outra distinção importante entre a crônica e o conto diz respeito ao narrador. O narrador-repórter se identifica mais com o próprio autor que, via de regra, emite comentários pessoais sobre o assunto tratado. Portanto, há, na crônica, a presença da dissertação.

Quanto ao conteúdo, a crônica se distingue do conto porque, em geral, o cronista extrai do cotidiano a matéria para seus textos, em função do caráter circunstancial da crônica. Entretanto, o cronista transforma o pequeno acontecimento do dia a dia em motivo de reflexão.

Tais elementos dão alto poder de comunicação à crônica, dotando-lhe de grande capacidade de adaptação ao ritmo da vida contemporânea.

Alguns cronistas brasileiros: Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino.

4.2 Gênero Lírico

A palavra lírica deriva de lira, instrumento musical com o qual os poetas gregos acompanhavam seus poemas, ao recitá-los ou cantá-los. Posteriormente, a poesia lírica passou a ser lida. Houve momentos estéticos - tais como o Trovadorismo, na Idade Média, e o Simbolismo, no século XIX - em que a poesia voltou a se aproximar bastante da música. Mesmo quando essa aproximação não é tão evidente, a poesia lírica costuma guardar relações com essa outra arte, pois privilegia a sonoridade e o ritmo.

O poeta lírico se ocupa do próprio "eu". Interessa-lhe a expressão de sua subjetividade, do que lhe vai no íntimo: sentimentos, força interior, angústias, paixões, reflexões. O **lirismo é, essencialmente, a expressão de vivências intensas de um Eu no encontro com o mundo**, não incluindo o desenvolvimento de ações no tempo. Por isso, o texto é subjetivo.

Mesmo a poesia moderna, que reflete a ausência de crença na possibilidade de uma relação plena de sentido entre o eu do poeta e a realidade, mantém a essência do lirismo, pois nela prevalece um questionamento do sujeito sobre os modos possíveis de se relacionar com o mundo.

A poesia lírica se caracteriza pela manifestação imediata de uma emoção, de um sentimento ou de uma reflexão. Disso decorre a brevidade do poema lírico. Sendo expressão de um estado de espírito e não a narração de um acontecimento, o poema lírico não apresenta personagens e enredo, pois, para caracterizar uma personagem e identificar suas ações, é necessário recorrer à descrição e à narração, que não correspondem à essência do lirismo.

O poema lírico não admite narrador, pois o sujeito lírico pretende, antes de tudo, expressar a si mesmo. Todavia, do mesmo modo que o narrador não deve ser confundido com a pessoa concreta do ficcionista, a voz que fala no poema lírico não deve ser confundida com a pessoa física do poeta (embora se reconheça que, dado o caráter subjetivo da poesia lírica, essa proximidade se faça sentir). Para operar essa distinção, os teóricos criaram o termo **eu lírico** que se refere ao sujeito que fala no poema.

Outra distinção terminológica importante é a que define poesia e poema. **Poema** é o conjunto de versos dispostos no papel, isto é, o aspecto concreto do texto. **Poesia** é o "efeito" resultante da utilização de recursos que conferem ao texto determinado teor estilístico. Por isso, muitos poemas podem não conter poesia enquanto textos narrativos podem ser

altamente poéticos.

Embora os textos narrativos possam ter poesia, o gênero lírico toma, na maioria das vezes, como forma o verso. Cabe apresentar, então, os elementos do poema.

4.2.1. ELEMENTOS DO POEMA

- **Verso:** cada uma das linhas do poema.
- **Estrofe:** cada um dos conjuntos de versos em que se divide o poema. É precedida e seguida por linhas em branco. Alguns tipos de estrofe cuja denominação interessa conhecer: de três versos (terceto), de quatro versos (quarteto ou quadra) e de oito versos (oitava).
- **Ritmo:** sucessão alternada de sons tônicos e átonos; distribuição dos acentos (sílabas fortes e fracas) nos versos.
- **Metro:** o metro de um verso é definido pelo número de sílabas poéticas que o compõe. A métrica, ao contrário do ritmo, é exterior ao poema. O poeta opta por obedecer ou não às leis métricas. Seguindo as leis, escreverá **versos regulares;** não as seguindo, comporá **versos livres**. Para saber se os versos são regulares ou livres, é necessário fazer a escansão de cada verso, ou seja, dividi-lo em sílabas métricas e contá-las. Ao se escandir um verso, deve-se parar a contagem na última sílaba tônica.

Ex.: Bri/lha a/lu/a/no/**céu**,/bri/lham/es/**tre**/las
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

As sílabas em negrito são as sílabas fortes ou acentuadas.

Observe que, na segunda sílaba, ocorreu a elisão de um som. Nem sempre as sílabas poéticas correspondem às sílabas gramaticais. Isso ocorre porque a escansão obedece à melodia do verso, sendo necessário juntar ou separar sílabas quando houver encontro de vogais.

Alguns tipos de versos possuem denominação especial: redondilha menor (verso de cinco sílabas), redondilha maior (de sete sílabas) e alexandrino (de doze sílabas).

- **Rima:** repetição de sons semelhantes no final de versos diferentes, no interior do mesmo verso ou em qualquer outra posição.

Denominam-se **versos brancos** aqueles que obedecem às regras da métrica, mas não apresentam rimas.

Conhecidos os elementos básicos do poema, cabe verificar os estratos nele contidos. Essa divisão é de caráter didático e visa a fornecer dados para análise e interpretação do poema.

- **Estrato visual:** corresponde ao modo como o poema é apresentado na folha de papel. Em outras palavras, é a "mancha" que o poema ocupa no espaço em branco. De alcance restrito nos poemas tradicionais, o estrato visual é fundamental para a análise dos poemas concretos.
- **Estrato fônico:** corresponde aos recursos de ordem sonora utilizados no poema. Trata-se de estrato importante, pois uma das características básicas do poema é a sonoridade, a musicalidade, obtidas por meio do ritmo e das repetições dos sons. Assim, deve se investigar se há um ritmo cadenciado ou irregular e qual a distribuição das rimas (quando existirem). Também deve ser feito um levantamento das **aliterações** (repetições de consoantes), **assonâncias** (repetições de vogais), repetições de palavras e presença de onomatopeias (figura em que os sons lembram o som do objeto nomeado).
- **Estrato morfolexical:** antes de se verificar o sentido específico das palavras no poema, é preciso observar as palavras em si, unidades mínimas de sentido do poema. O vocabulário do texto revela se o poeta emprega linguagem culta ou coloquial. Em seguida, devem ser verificadas as categorias gramaticais. A preferência do poeta pela adjetivação, por exemplo, pode indicar um estilo grandiloquente. O tempo verbal pode apontar proximidade (presente) ou distanciamento (passado). O mesmo procedimento se aplica às outras classes gramaticais.
- **Estrato sintático:** embora não esteja restrito às regras gramaticais, o poema pode conservar, aproximadamente, a estrutura sintática usada em prosa. Em primeiro lugar, pois, cabe verificar a maior ou menor ruptura do poema com a sintaxe tradicional. Também cabe levantar a existência, ou não, de inversões sintáticas. A pontuação também carrega significados, assim como a presença de períodos mais curtos ou mais extensos. Quando ocorrer o paralelismo (constru-ções sintáticas

semelhantes, em mais de um verso), deve-se verificar quais as palavras repetidas e quais palavras foram substituídas.

• **Estrato semântico:** nesse passo, o intérprete deve verificar em que sentido as palavras foram empregadas, compreendendo as metáforas e demais figuras de sentido, no contexto do poema. A linguagem conotativa, característica da ficção e da poesia, aparece mais intensamente nesta última.

A palavra, em poesia, assume uma importância suprema. Se já na prosa o artista manipula a palavra com intuito estético, na poesia, em que o texto não é construído de forma tão objetiva, a palavra é, praticamente, o único instrumento de que o artista dispõe para expressar sua arte. Por isso, além da importância sonora da palavra (estrato fônico) - que norteia as escolhas do poeta - o aspecto semântico é relevante, porque o poeta procurará obter a maior plenitude de significado possível de cada palavra. Para Ezra Pound, "literatura é linguagem carregada de significado" e "a poesia é a mais condensada forma de expressão verbal".

Efetuado o levantamento dos dados, parte-se para a conjugação desses elementos, a fim de se promover uma interpretação homogênea; afinal, os estratos não existem isoladamente.

Há outros conceitos importantes para a compreensão de poemas: assunto, tema, motivo, tom e metalinguagem.

Para se saber qual o assunto de determinado poema, responde-se à pergunta: "de que fala o poema?". Para se identificar o tema, responde-se à pergunta: "o poema trata de um assunto para refletir acerca de quê?". O assunto é mais objetivo, enquanto o tema tende a maior grau de abstração e generalidade. Exemplos de assunto: a partida da mulher amada, a saudade da infância na fazenda. Exemplos de tema: o amor, a solidão.

Motivo: a frequência de um determinado vocábulo ou grupo de vocábulos, quando adquire especial relevância para o significado geral do poema ou da obra de um autor, merece estudo detalhado. Por exemplo, a morte tem presença frequente na obra de João Cabral de Melo Neto e, além disso, é apresentada sob enfoques diferentes, de poema para poema e de livro para livro. Assim, a morte é um motivo na obra poética de João Cabral.

Tom: um mesmo assunto e um mesmo tema podem adquirir conotações bem diferentes conforme o tom empregado pelo poeta. Exemplos de tom: irônico, trágico, triste, alegre, humorístico, sarcástico, sublime.

Metalinguagem: o poeta reflete sobre o próprio poema, sobre o fazer poético ou sobre a poesia em geral. Trata-se de tendência bastante acentuada na lírica contemporânea.

Examinados os aspectos de conteúdo e de forma acima relacionados, resta ainda efetuar a contextualização do poema no momento histórico em que foi escrito e, principalmente, no estilo de época de que mais se aproxima (Classicismo, Romantismo, Modernismo, etc.).

Finalmente, o poema deve ser contextualizado também na obra global do poeta.

4.2.2 ESPÉCIES E FORMAS DO GÊNERO LÍRICO

Há uma série de denominações atribuídas a composições líricas em função do conteúdo que apresentam. Atualmente, quase não se fazem essas composições, pois a poesia, desde o Modernismo, é extremamente variada, tendo caído em desuso o emprego de tais denominações para os poemas modernos.

Por essa razão, apenas fazemos referência ao nome de algumas dessas espécies do gênero lírico: **ode, hino, canção, elegia, epitáfio e acalanto.**

São muitas também as formas do gênero lírico, valendo citar três delas: **soneto e trova** (formas fixas mais frequentes) e o **haicai** (forma secular japonesa que vem sendo retomada na atualidade).

Soneto: composição de forma fixa, clássica por excelência, utilizada largamente por poetas de todos os tempos (no Brasil, do Barroco ao Modernismo). Compõe-se de duas quadras e de dois tercetos. Em geral, predominam versos de dez ou doze sílabas. Exemplo:

"De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente."

(Vinícius de Moraes)

Trova: Composição de uma única estrofe de quatro versos (quadra). Forma muito popular, pode ser escrita em versos de qualquer número de sílabas. A redondilha, sobretudo a redondilha maior, é o verso mais frequente. Exemplo:

"Atirei um limão verde
Na janela do meu bem
Quando as mulheres não amam
Que sono as mulheres têm!"

(Manuel Bandeira)

Haicai: composição poética de origem japonesa, com estrofe de três versos, sendo o primeiro e o terceiro versos com cinco sílabas e o segundo com sete. Exemplo:

"Arco íris no céu
Está sorrindo o menino
Que há pouco chorou."

(Helena Kolody)

4.3 Gênero Dramático

A característica essencial do gênero dramático é a tendência à representação. Ocorre a presentificação dos acontecimentos aos olhos do receptor. Assim, segundo alguns teóricos, o texto dramático reúne características dos demais gêneros, conciliando a objetividade do narrativo e a subjetividade do lírico, unidas sob a forma de representação de ações, tudo tendendo ao desfecho, à resolução de um conflito. Por envolver dois momentos, o do texto em si e o da representação, o gênero dramático se distingue dos demais.

Assim, cabe definir esses dois momentos. Ao âmbito da literatura, que estuda textos elaborados com preocupação estética, pertence, obviamente, o texto em si, independente da representação. Um texto dramático pode nunca vir a ser encenado e isso não lhe retira a qualidade de dramático, pois foi concebido visando à representação. A área da literatura que estuda o texto dramático é chamada dramaturgia.

A representação ou espetáculo, além do texto, possui outros elementos, como a atuação (trabalho dos atores), a coreografia, o cenário, a sonoplastia, a iluminação, o figurino, etc. A esse conjunto dá-se o nome de teatro, denominação idêntica ao local (ex: Teatro Guaíra) onde ocorre a representação.

Essa transposição do texto dramático para o teatro, muitas vezes, não é feita pelo próprio autor do texto (o dramaturgo), mas pelo diretor da peça (hoje denominado encenador). Esse encenador apresentará a sua interpretação do texto dramático. Isso se constitui em mais um elemento de diferenciação entre o texto e o espetáculo.

Características do texto dramático

O texto dramático tradicional apresenta enredo, o que o aproxima do texto narrativo. Entretanto, o texto dramático, repita-se, é escrito com o objetivo de servir a uma representação em palco. Consequentemente, a figura do narrador, fundamental em textos do gênero narrativo, é praticamente eliminada do texto dramático. Quando existe narrador no texto dramático, sua caracterização é bastante diferente da do narrador de contos e romances e sua participação, muito reduzida.

Limitado ou excluído o narrador, as personagens se apresentam por si mesmas e desencadeiam a ação. Assim, o texto dramático terá, como elementos essenciais, personagem e ação.

Além disso, o dramaturgo tem a preocupação de escrever um texto que prenda, com muita eficácia, a atenção do espectador. Afinal, diferentemente do leitor, o espectador está "preso" a uma cadeira enquanto durar a peça. Isso gera a necessidade de o dramaturgo preservar a tensão dramática, ao construir a ação. Para tanto, ele utilizará, com maior intensidade do que o autor de textos narrativos, recursos como o suspense, a surpresa, etc.

Quanto aos demais elementos, a linguagem aparece, obviamente, sempre sob a forma de discurso direto.

Os recursos referentes ao tempo têm sido cada vez mais explorados pelos dramaturgos. Por exemplo, em *A moratória*, Jorge Andrade propôs a divisão do palco em dois planos, para apresentar épocas diferentes. Nelson Rodrigues utilizou com frequência o *flashback* em seus textos.

Embora alguns encenadores realizem proezas, o espaço se vê limitado pelas dimensões do palco. Pode, todavia, haver referência, na fala das personagens, a outros espaços e ambientes não presentificados. Todavia, isso deve ser feito com moderação, para não reduzir a tensão dramática.

Na confecção de um texto dramático, o dramaturgo assinala a fala de cada uma das personagens e, via de regra, apresenta rápidas descrições de espaço e ambiente, bem como introduz, também sucintamente, outras informações (sobre o tempo, por exemplo). Esses dados vêm, em geral, no início dos atos.

As maiores unidades de ação são denominadas atos, que se subdividem em cenas e estas, em quadros.

Ao longo do texto, o dramaturgo pode colocar observações sobre o estado de ânimo das personagens, sobre a marcação (posicionamento dos atores no palco), etc. Todas essas informações que não fazem parte da fala das personagens têm a denominação de rubricas.

Para concluir a caracterização do gênero, apresentamos algumas observações, em forma de perguntas e respostas:

- Uma representação sem texto pode ser considerada teatro?

Essa questão é bastante atual, dada a tendência de redução do texto na representação. Para os teóricos, representação sem texto não é teatro. Pode ser *happening*, performance, mímica, pantomima. Para ser denominada como teatro, ainda, para a maioria dos teóricos (não todos), a obra deve ter texto.

- Qual é a diferença entre um texto para cinema ou novela e um texto para ser representado em palco para um público presente?

Os textos destinados a filmes ou telenovelas, denominados roteiros, são semelhantes aos destinados à representação em palco. Tanto que, nos primeiros anos de existência da televisão no Brasil, as telenovelas eram denominadas teleteatro. Todavia, dada a multiplicidade de recursos existentes no cinema e na televisão, as diferenças, em relação ao teatro, tornaram-se muito grandes.

Evolução do Gênero Dramático

O gênero dramático, no mundo ocidental, ganhou relevo na Grécia Antiga. Pautando-se por regras objetivas, os dramaturgos gregos escreviam **tragédias** e **comédias**. A tragédia tem por finalidade comover ou purgar os espectadores, inspirando-lhes terror e compaixão e promovendo a catarse. A comédia tem por objetivo valer-se do riso para corrigir os costumes.

Na Idade Média, surgiram o **auto**, peça de cunho religioso, e a **farsa**, espécie de comédia.

Com o advento do Romantismo, houve uma flexibilização das regras ditadas pelo teatro clássico. Um dos principais responsáveis por essas mudanças foi Victor Hugo. Nessa mesma época, criou-se o drama romântico, que mescla elementos da tragédia e da comédia.

Há muitas espécies do gênero dramático, valendo citar: *commedia del arte*, melodrama, *vaudeville*.

No século XX, as mudanças foram mais radicais, tendo surgido dramaturgos, teóricos e encenadores que multiplicaram as experiências criadoras. Destacam-se: Brecht, Artaud, Stanislowski, Beckett, Ionesco (teatro do absurdo), Bob Wilson. No Brasil, a dramaturgia ganhou grande impulso com Nelson Rodrigues. Outros dramaturgos brasileiros: Guarnieri, Augusto Boal, Dias Gomes, Oduvaldo Vianna Filho, Maria Adelaide Amaral. Como, atualmente, é cada vez maior a importância atribuída ao diretor (ou encenador), cabe fazer referência a alguns dos principais nomes dessa área na atualidade: Antunes Filho, Cacá Rosset, Gabriel Vilela, Bia Lessa, Gerald Thomas, Ulisses Cruz.

EXERCÍCIOS

Leia os fragmentos e, *a seguir, responda* ao *que se pede:*

"Em agonia, suspirando e gemendo, afasta a mão pesada da velha:
- Deixe para me agradar depois de morto.
- Com essa megera não é que eu casei.
- ...
- Me distraí um instante, a mulher foi trocada.
- ...
- Em vez da noivinha dos meus sonhos, essa quem é, roncando ao meu lado, o bigodinho de meu sogro no nariz torto de minha sogra."

(*Pão e Sangue,* Dalton Trevisan)

a) Que tipo de discurso predomina no texto?

b) Que tipo de narrador ocorre no texto? Por que o autor se utiliza dele?

c) Explique o uso das reticências.

d) Por que o autor lança mão do modo dramático?

e) Que visão das relações humanas é veiculada pelo autor?

"(...) Fuentes fez um balanço de sua vida. Vivia num país que odiava, no meio de pessoas que desprezava e que eram inimigas. Por quê? Devia haver alguma razão. Não era apenas porque tinha um emprego de que gostava, principalmente quando eram brasileiros os que tinha que matar. (Talvez eu esteja sendo injusto com ele, na verdade as motivações de Fuentes eram mais complexas do que eu supus no princípio, quando comecei a tentar compreendê-lo). Sabia que matar era uma coisa torpe. Mas não haviam matado o seu pai? A vida não passava de uma luta de vida ou morte entre as pessoas. Entre os animais. Entre os povos. Entre as forças da natureza".

(*A Grande Arte,* Rubem Fonseca)

a) Que tipos de discurso aparecem nos fragmentos?

b) Transcreva passagens que comprovem a resposta anterior.

c) A aproximação da fala do narrador e da fala da personagem faz com que as visões de mundo de ambos se aproximem. Que comunhão de visão de existênda há em ambos?

Leia o conto de *Dalton Trevisan*, transcrito abaixo e, a seguir, faça o que se pede:

À MARGEM DO RIO

"Numa tarde de sábado, Abílio estacou a carroça à margem do rio. A balsa estava do outro lado; ele saltou do banco, onde ficaram os dois filhos menores, e encostou-se a uma das rodas, enrolando a palha do cigarro. De longe reconheceu na barca o seu amigo Nicolau:

- Como vai, compadre?

O Nicolau respondeu que ia bem e ao descer em terra, de cara fechada, pediu o acerto de uma conta.

Abílio ofereceu uma cédula de cem cruzeiros. O outro recusou, lembrando que lhe eram devidos três dias de serviço.

- Eu nunca faltei com a obrigação e sempre andei direito.
- Mas desta vez falhou.

Recolhendo as moedas dos bolsos e estendendo a mão, Abílio retrucou que lhe entregava todo o dinheiro. O compadre não aceitou, protestando que era pouco:

- Você é polaco! bradou o primeiro, pálido de fúria.

Nicolau, o mais forte, agarrou-o pela camisa, levou-o de encontro à carroça e estava-o esganando. Com a gritaria dos filhos, Abílio puxou a faca da cinta e encostou-a ao peito do agressor:

- Conhece que está morto!

Nicolau queria fugir, mas não pôde escapar, ensanguentado e fraco. Corria aos tropeções e sem destino, perseguido pelo compadre que o alcançou e desferiu novo golpe, desta vez no braço, mas continuou cambaleante, recebendo a facada seguinte defronte à casa do balseiro. A mulher surgiu à janela e gritou:

- José, estão esfaqueando um homem!

Com as mãos agarradas à cerca, Nicolau pediu com voz queixosa:

- Ai, Abílio, só não me mate.

A quarta punhalada atingiu-o nas costas. Mantendo-se em pé contra a cerca, ele arrastou-se até o portão. Sem forças para subir os degraus da porta, caiu numa poça de sangue.

Abílio esfregou a faca na ripa antes de guardá-la, andou até a margem e saltou no bote. Atravessando o rio, parou um instante de remar e, as mãos em concha, gritou ao balseiro que conduzisse para casa os filhos e a carroça".

1. Qual o ponto de vista utilizado no texto? Comprove.

2. Quanto ao tempo, é cronológico ou psicológico? Comprove.

3. Em que espaço ocorre a narrativa?

4. Analisando a linguagem, que tipo de discurso se encontra?

5. Escreva V (verdadeiro) ou F (falso), de acordo com o texto lido:

( ) É objetivo, devido ao uso do diálogo.
( ) É simples, devido ao tempo que é cronológico.
( ) Não apresenta conclusão.
( ) É linear e sintético.
( ) É acelerado pelo tempo psicológico.
( ) Está estruturado sem começo, meio e fim.

6. Numere a 2ª coluna de acordo com a primeira:

(1) Abílio	( ) protagonista
(2) Nicolau	( ) caricatura
(3) Mulher do balseiro	( ) antagonista
(4) Filhos menores	( ) personagem plano
	( ) tipo
	( ) personagem redondo
	( ) personagem secundário

7. Transcreva do texto um fragmento:

a) dissertativo

b) que apresente discurso direto.

8. Transforme o exemplo de discurso direto da questão anterior em discurso indireto:

9. Escreva C (certo) ou E (errado):

( ) A narrativa apresenta passagens dissertativas.
( ) O narrador também participa da história na qualidade de personagem.
( ) O espaço é único.
( ) O cenário é importante na estruturação do enredo.
( ) O autor utiliza monólogo interior.
( ) O espaço em que ocorre a história dificulta a ação das personagens.

10. Reescreva o 4º parágrafo em discurso indireto.

11. Observe no 9º parágrafo, a rápida descrição de Nicolau. Com base no texto, aprofunde a caracterização do personagem.

12. Nicolau poderia se chamar Sebastião?

13. Quanto ao cenário, assinale o que for certo:

( ) A descrição é pobre e irrelevante.
( ) A história poderia se passar em outro lugar, sem prejudicar o enredo.
( ) Se não fosse à margem do rio, haveria a possibilidade da fuga de Abílio.
( ) O cenário provocou o encontro dos personagens.
( ) Balsa e rio formam um cenário condizente com a vida na roça.

Os exercícios a seguir têm por base a obra *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo.

1. A narrativa inicia com o final da história e, em sua estruturação, sofre "cortes", quando o autor intercala as cartas de Olívia e as reflexões de Eugênio, personagens centrais, através das quais ficamos conhecendo novos dados sobre a vida passada dos personagens. Sabedores disso, podemos afirmar que a ação de tal obra se desenvolve linearmente? Explique.

_____

_____

_____

_____

2. Baseando-nos nas afirmações acima, podemos caracterizar o tempo como:

( ) acelerado;
( ) retardado;
( ) recuado.

3. Coloque, nos parênteses, C (para tempo cronológico) ou P (para tempo psicológico):

( ) "E ali na sua cama, deitado de costas, (...) procurava vencer a escuridão, a névoa, a angústia. Quanto tempo dormira? Horas ou minutos? Lembrava-se vagamente de uma conversa que tivera ... antes de deitar".
( ) "Era setembro. Naquela manhã de domingo, sentado na soleira do portão do internato, Eugênio sentia como nunca as mudanças (...) no seu corpo e na sua vida (...)".
( ) "Era noite de 31 de dezembro. Hans Falk olhava com ansiedade para o relógio de cuco. Faltavam dez minutos para a meia-noite.
( ) "Os sinos começaram a tocar. (Eugênio) Lembrava-se de outros sinos, de outras igrejas, em outros tempos. Viu e ouviu mentalmente a sineta do seu primeiro colégio. (...) Os sinos lhe traziam tantas recordações...".

4. Identifique o foco narrativo dos textos abaixo:

a) "Eugênio aperta mais a filha contra o peito e no seu corpo sente o calor do corpo dela. Aconteça o que acontecer - promete a si mesmo - nada conseguirá separá-lo da criança. Por amor dela há de achar coragem para vencer todos os obstáculos (...)" _____
b) "Ouço agora um ruído. Deve ser a ambulância que vem me buscar. Senti um calafrio e parece que minha coragem teve um pequeno desfalecimento (...) É que sou humana, Genoca, profundamente humana (...)" _____

5. Classifique os fragmentos dados a seguir em: **narrativos**, **descritivos** ou **dissertativos**.

a) "Estive pensando muito na fúria cega com que os homens se atiram à caça do dinheiro. É essa a causa principal dos dramas, das injustiças, da incompreensão da nossa época. Eles esquecem o que têm de mais humano e sacrificam o que a vida lhes oferece de melhor: as relações de criatura para criatura. De que serve construir arranha-céus se não há mais almas humanas para morar neles?"
_____ .

b) "A manhã estava fresca e tocada pela luz dum doce sol cor de ouro velho. Pairava no ar uma fina neblina que amaciava todas as formas, dando à paisagem um suave tom violeta. Envolta nessa névoa trespassada de sol, a cidade parecia um brinquedo colorido embrulhado em papel celofane".
_____ .

c) (Eugênio) "Caminhou para Simão com ar agressivo. O outro ficou imóvel (...) Eugênio estacou. Sentiu que alguma coisa (...) o retinha. Soltou um fundo suspiro (...). Passou a mão pelos cabelos e foi de novo sentar-se à mesa".
_____

d) Baseando-se na questão anterior, relacione adequadamente as colunas:

(1) Descrição ( ) imagens
(2) Dissertação ( ) ações
(3) Narração ( ) raciocínios

6. Identifique o tipo de discurso que ocorre nos fragmentos abaixo:

a) "Os últimos dias haviam passado num atordoamento. Ele não conseguia ver claro. Tinha de libertar-se. Mas como? Quando? Por onde? Não podia fugir como um criminoso, precisava dar uma explicação, uma justificativa."
_____

b) "Uma noite me disseste que Deus não existia porque em mais de vinte anos de vida não o pudeste encontrar."
_____

c) "- Escutai aqui, Olívia, por que é que estais hoje tão irônica? - Não será uma forma da gente se mostrar comovida?"
_____

7. Caracterize os personagens tomando por base as informações dadas a seguir:

a) Eunice é esposa de Eugênio. Culta, fútil, leva a vida igual às mulheres de sua classe, sem muitas surpresas. Assim, poderemos considerá-la como personagem:
_____

b) Acélio representa o estudante muito lido, teórico e meio estranho. Por isso, poderemos chamá-lo de:
_____

c) Eugênio é o personagem central da obra *Olhai os lírios do campo* de Érico Veríssimo, portanto ele é:
_____

e) Eugênio muda de comportamento, deixando de ser uma pessoa atingida e guiada por um terrível complexo de inferioridade, passando a ser um médico humano, seguro e mais realizado. Por isso, poderemos dizer que ele é personagem:
_____

As questões a seguir tomam por base a obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector.

1. Classifique os textos em narrativos, descritivos ou dissertativos:

a) "Macabéa sentou-se um pouco assustada porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho. E bebeu, com cuidado, pela própria frágil vida, o café frio e quase sem açúcar. Enquanto isso, olhava com admiração e respeito a sala onde estava".
_____

b) "Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável".
_____

c) "Madama Carlota enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodelas de ruge brilhoso. Parecia um bonecão de louça meio quebrado".
_____

2. Identifique o tipo de discurso nos trechos abaixo:

a) "(...) mas era-lhe mais cômodo insistir em dizer que não fizesse dieta de emagrecimento (...). Foi o que disse enquanto receitava um tônico (...)"

_____

b) "Por isso não sei se minha história vai ser - ser o quê? Não sei de nada, ainda não me animei a escrevê-la. Terá acontecimentos? Terá. Mas quais? Também não sei (...) É que realmente não sei o que me espera".

_____

c) "Ele: - Pois é.
Ela: - Pois é o quê?
Ele: - Eu só disse pois é!
Ela: - Mas "pois é" o quê?
Ele: - Melhor mudar de conversa porque você não me entende".

_____

3. Identifique o foco narrativo:

"E eis que fiquei agora receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo? Verifico que escrevo de ouvido, como aprendi inglês e francês de ouvido (...). E só minto na hora exata da mentira (...). Não tenho classe social, marginalizado que sou".

_____

4. Altere para outro foco possível o texto da questão anterior.

_____
_____
_____
_____
_____

5. Assinale as respostas que julgar corretas:

a) A autora Clarice Lispector inicia seu livro *A hora da estrela* divagando sobre o ato de escrever, sobre a veracidade da história, a construção da obra, retratando a vida de uma moça, nordestina (Macabéa). Continua falando sobre a arte de usar a palavra e vai entremeando isso tudo com seus monólogos e detalhes da figura e da vida da protagonista, ora moça, ora criança. Baseando-nos nessas informações, podemos afirmar que a ação, quanto à sua estrutura é:
( ) linear;
( ) acelerada;
( ) do tipo vai-e-vem;
( ) complexa.

b) Macabéa (personagem central) é uma moça nordestina, despreparada para a vida, que passa a viver sozinha e desajustada no Rio de Janeiro, como a maioria dos migrantes, que trocam sua terra pelo sonho da cidade grande. Sendo assim, podemos considerá-la como:
( ) personagem plana;
( ) personagem tipo;
( ) personagem esférica.

Justifique:

_____
_____
_____
_____
_____
_____

6. Se a ação do romance é complexa e o autor entrecruza as poucas aventuras da protagonista (Macabéa) com a vida do narrador (que se dá a conhecer por meio de comentários que faz) e ainda os questionamentos sobre os valores da sociedade moderna e a própria existência humana, podemos dizer que o tempo que prevalece é:

_____

7. Conhecendo o enredo (ainda que superficialmente) e acrescentando-se que Macabéa acabou vencida, pois não se ajustava no emprego nem no amor nem na vida e finalizou morta (atropelada), você poderia opinar se o espaço onde os fatos acontecem (Rio de Janeiro) tornou a história mais verossímil? Explique:

_____
_____
_____
_____
_____

Estilos de época

O mundo real, que serve de ponto de partida para a literatura, é dinâmico, não para. A concepção de mundo é, também, dinâmica, variando de acordo com a época. Por isso, há mudanças na maneira de expressar a realidade.

Cada época tem seu estilo. **O estilo é um conjunto de características específicas e semelhantes que se refletem na arte, na ciência, na religião, nos costumes em geral**.

Essa semelhança na maneira de conceber e expressar a realidade chama-se **estilo de época.**

Os estilos de época, que marcam a história literária de Portugal e do Brasil, aparecem sintetizados no quadro seguinte:

ESTILOS DE ÉPOCA

Portugal

1189/1198	1418	1527	1580	1756	1825	1865	1890	1915
Trovadorismo	Humanismo	Classicismo	Barroco	Arcadismo	Romantismo	Realismo, Naturalismo	Simbolismo	Modernismo

Brasil

.....	1500	1601	1768	1836	1881	1893	1902	1922
	Quinhentismo	Barroco	Arcadismo	Romantismo	Realismo, Naturalismo Parnasianismo	Simbolismo	Pré-Modernismo	Modernismo

Essas datas são convencionais, uma vez que é difícil dizer com exatidão quando começa e quando termina uma época literária. A escolha das datas obedece a dois critérios: o histórico e o literário. O histórico tem por base os acontecimentos políticos e sociais mais marcantes. O literário tem por base o surgimento de uma obra literária que reflete uma mudança significativa em relação ao estilo de época anterior. Dois ou mais estilos podem coexistir numa mesma época. O que determina a denominação da cada período é o **predomínio** e não a **exclusividade** de determinadas formas de expressão literária.

Quinhentismo

LITERATURA JESUÍTICA E INFORMATIVA

Logo que o Brasil foi descoberto, no século XVI, o tipo de colonização a que Portugal submeteu a Colônia tornou difícil nosso desenvolvimento literário imediato pelas seguintes razões:

1. Devido à inexistência de cidades e como a população, constituída de senhores e escravos, estava voltada apenas para a exploração agrícola da Colônia, não havia público interessado em manifestações artísticas, muito menos em literatura.

2. Quando o Brasil foi dividido em capitanias, a longa distância entre elas acentuava ainda mais o isolamento cultural a que o regime de monopólio da Coroa Portuguesa submetia o Brasil.

3. Os nativos que viviam no Brasil, quando os portugueses aqui chegaram não tinham tradição literária; assim, nesse sentido, o único meio foi o transplante para o Brasil, da literatura que se fazia em Portugal, na época do nosso descobrimento.

Por isso, quando falamos nas primeiras manifestações literárias brasileiras, o material a que nos referimos tem muito pouco a ver com o que hoje chamamos literatura. O século XVI, no Brasil, não assistiu ao surgimento de poemas e romances: assistiu, na realidade, ao aparecimento de obras produzidas pelos jesuítas, cujo interesse pela catequese dos índios se manifestava em sua religiosidade e didatismo.

Mas, ao lado desta literatura jesuítica, um outro tipo de produção literária começou a surgir: como o Brasil era uma terra-nova, recém-descoberta, inúmeros viajantes para cá se dirigiam, onde, a propósito das coisas vistas em viagem, escreviam livros sobre paisagens, plantas, animais ou índios. A estas obras chamamos **literatura informativa**, pois sua finalidade era apenas informar Portugal sobre a nova Terra.

Assim, podemos resumir o que dissemos, afirmando que, no século XVI, a literatura brasileira limitou-se:

a) à literatura jesuítico-religiosa;

b) à literatura informativa.

Características da literatura brasileira do século XVI

1. A literatura jesuítica, representada principalmente pelas obras de José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, é religiosa: era um dos instrumentos de que os jesuítas dispunham para a conversão dos índios.
2. Já a literatura informativa apresenta valor documental, uma vez que fornecia à metrópole dados sobre a nossa terra.
3. No levantamento de tais dados, os autores, muitas vezes, entusiasmavam-se com os aspectos pitorescos de nossa natureza, exaltando, por exemplo, o abacaxi, fruta desconhecida na Europa, naquela época. Esse entusiasmo de nossos primeiros escritores, ao falarem engrandecendo nossa terra, denomina-se de **ufanismo.**

AS PRINCIPAIS OBRAS INFORMATIVAS, ESCRITAS NO SÉCULO XVI SÃO:

- *A Carta* de Pero Vaz de Caminha;
- *História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil* - Pero de Magalhães Gândavo;
- *Tratado da Terra do Brasil* - Pero de Magalhães Gândavo;
- *Tratados da Terra e da Gente do Brasil* - Fernão Cardim;
- *Tratado Descritivo do Brasil* - Gabriel Soares de Souza.

Como podemos ver, as atividades literárias do Brasil, no século XVI, estão bem longe daquilo que consideramos literatura. Com exceção de alguns poemas religiosos de José de Anchieta, até hoje apreciados, todas as outras obras são ou

documentos informativos sobre o Brasil, ou instrumentos jesuíticos para a conversão do gentio.

Foi só no século seguinte que nossa literatura se enriqueceu, produzindo prosadores do porte de **Antônio Vieira** e poetas do gabarito de **Gregório de Matos.**

Vamos agora fixar bem as características da literatura brasileira do século XVI, através do estudo de um texto extraído do livro *Presença da Literatura Brasileira*, de A. Cândido e A. Castello.

"A crônica histórica e informativa que se intensifica em Portugal no momento das grandes navegações, conquistas e descobertas ultramarinas testemunhando a aventura geográfica dos portugueses, os seus ideais de expansão da cristandade, assume um sentido épico e humanístico que se estende ao Brasil e logo adquire entre nós algumas características peculiares; à curiosidade geográfica e humana e ao desejo de conquista e domínio correspondem, inicialmente, o deslumbramento perante a paisagem exótica e exuberante, testemunhado pelos cronistas portugueses que escreveram sobre o Brasil - Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Souza -, assim, como os ideais de catequese atestados pela literatura informativa e pedagógica dos jesuítas, como o padre Manuel da Nóbrega e sobretudo o padre José de Anchieta, caso à parte, singular no nosso século XVI".

Depois de ler atentamente o *texto proposto* e *refletir sobre ele, relacionando* as *informações que encerra com* o *que já vimos inicialmente, procure responder* às *questões que* se *seguem:*

1. A *literatura informativa que apareceu no Brasil do século XVI já havia aparecido* em _____ _____ _____ *temunhando* as *grandes* _____ *e os* _____ .

2. A *expansão geográfica de Portugal no século XVI estava desvinculada da expansão do cristianismo?*
   a) *sim.*
   b) não.

3. Pero Vaz de Caminha e Pero de Magalhães Gândavo são representantes da literatura:
   a) informativa.
   b) jesuítica.

4. Gabriel Soares de Souza escreveu uma obra que se encaixa na literatura jesuítica no Brasil do século XVI?
   a) sim.
   b) não.

5. As obras produzidas no Brasil do século XVI apresentam características literárias semelhantes às encontradas na literatura contemporânea?
   a) sim.
   b) não.

6. O "deslumbramento diante da paisagem exótica e exuberante" de que fala o texto proposto tem relação:
   a) com a literatura jesuítica.
   b) com o ufanismo.
   c) com as poesias do padre José de Anchieta.

7. A "literatura pedagógica" de que fala o texto tem relação com:
   a) a literatura jesuítica.
   b) a crônica portuguesa das grandes navegações.
   c) o ufanismo.

RESUMA O ASSUNTO

I - Literatura Brasileira do século XVI:

a) Literatura Jesuítica

função:

_____

_____

_____

_____

_____

representantes:

_____
_____
_____
_____
_____

b) Literatura Informativa

função:

_____
_____
_____
_____
_____

obras/autores:

_____
_____
_____
_____
_____
_____

Barroco

1. CONTEXTO HISTÓRICO - PENSAMENTO FILOSÓFICO

O Renascimento (século XVI) valoriza o homem.

Impregnado de ideias novas, adquiridas pelo conhecimento dos textos gregos e latinos, o homem renascentista encara a vida de forma diferente da até então pensada.

Um cem-número de acontecimentos, tanto políticos como sociais: a descoberta da pólvora, a invenção da imprensa, que coloca o livro na mão de muitos (o que não ocorria antes), veio dar ao homem uma nova perspectiva da vida, que se torna confiante, passando a perguntar, a pensar, a responder.

Essa nova mentalidade, valorizadora do homem, do intelecto, contrapõe-se à visão do mundo predominante na Idade Média em que imperava uma concepção teocêntrica e espiritualista. Na Idade Média, o homem subordina-se a Deus; já no Renascimento, torna-se quase pagão.

Reagindo contra esse paganismo e contra o classicismo renascentista que se funda na crença de que não há conflito entre a ordem divina e a ordem humana, entre a alma e o corpo, entre a razão e a natureza, entre a fé e a razão; surgem o Calvinismo, o Luteranismo, a Contrarreforma que corroem os fundamentos dessa crença, apresentando o homem como ser miserável, corrupto, redimível através de um ato da graça de Deus; defendendo a existência de uma dupla moral; opondo o corpo ao espírito, acentuando a efemeridade da vida, descobrindo no homem e no universo, a incoerência, o conflito, a contradição.

Essa reação antirrenascentista fará com que o homem se veja colocado entre dois polos: de um lado os valores do humanismo, que a custo conseguirá alcançar; de outro, o espiritualismo medieval.

O retorno à visão medieval de mundo implicaria a perda da humanidade soberana conquistada pelo homem renascentista. Confrontam-se, por isso, duas formas opostas: antropocentrismo e teocentrismo.

Tentando atingir a síntese, o homem da época procura conciliar esses dois elementos.

Teocentrismo
x **Tensão**
Antropocentrismo

Dessa tentativa, resulta a tensão que marca a maneira de pensar, as concepções sociais, políticas e artísticas da época.

Ao novo estilo de época que reflete essa tensão dá-se o nome de **Barroco** ou **Seiscentismo**.

Interiormente, o homem barroco percebe os desejos e atitudes contraditórias que se debatem dentro dele. Alertado pela Contrarreforma, sente, mais do que nunca, o drama de possuir um corpo mortal. Tal estado de espírito, por sua vez, gera manifestações de tensões, angústias e incertezas, manifestações que vão caracterizar um comportamento melancólico, instável.

Literariamente toda essa gama de situações provindas das dúvidas, angústias e incertezas, caracteriza o Barroco.

2. LITERATURA

CARACTERÍSTICAS:

a) Contraste: contraposição de temas, de assuntos, de motivos e de elementos expressivos, tais como a oposição entre a vida terrena e a vida eterna, espiritualidade e materialidade, etc.

b) O culto da solidão: o poeta é um ser especial, que se isola num mundo particular.

"(...)

o lugar de glória, adonde estou penando;
casa da Morte, adonde estou vivendo!"

(Gregório de Matos)

O Barroco literário apresenta dois estilos: o Cultismo (ou Gongorismo) e o Conceptismo (ou Conceitismo).

c) Cultismo: É o jogo de palavras, o uso abusivo de metáforas e hipérboles. Corresponde ao excesso de detalhes das artes plásticas. Manifesta-se sobretudo na poesia.

SONETO

"O todo sem a parte não é todo;
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo o todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica todo.

O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,
Um braço que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo."

(Gregório de Matos)

d) Conceptismo: É o jogo de ideias. Manifesta-se sobretudo na prosa.

"Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos".

(Padre Vieira)

e) Verbalismo: Uso exagerado de imagens, de figuras de sintaxe, de metáforas e floreios literários.

- **Metáfora:** é empregada como recurso que procura concretizar, através dos sentimentos, a emoção, a sensação, a percepção da realidade.

"Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trata a toda ligeireza
E imprime em toda a flor sua pisada."

(Gregório de Matos)

- **Antítese:** reflete a contradição do homem barroco, seu dualismo. A unidade aparente do mundo esconde outra face: as coisas que têm aparência da essência.

"Ardor em firme coração nascido!
Pranto por belos olhos derramado!
Incêndio em mares de água disfarçado!
Rio de neve em fogo convertido."

(Gregório de Matos)

- **Gradação:**

"Oh não aguardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinzas, em pó, em sombra, em nada."

(Gregório de Matos)

- **Hipérbole:** que traduz ideia de grandiosidade, de pompa.

"Mil anos há que busco a minha estrela
E os Fados dizem que ma têm guardada."

(Francisco Rodrigues Lobo)

- **Prosopopeia:** personificação de seres inanimados, para dinamizar a realidade.

"Agora que se cala o surdo vento
E o rio enternecido com meu pranto
Detém seu vagaroso movimento."

(Francisco Rodrigues Lobo)

- **Inversão:**

"Se apartada do corpo a doce vida,
Domina em seu lugar a dura morte,
De que nasce tardar-me a morte
Se ausente d'alma estou, que me dá a vida?"

(Violante do Céu)

f) Religiosidade: repetida frequência de assuntos envolvendo toda uma problemática religiosa da época;

"Pequei, Senhor: mas não porque hei pecado,
Da vossa alta Piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado."

(Gregório de Matos)

g) Sensualismo: contraposição à característica anterior; ênfase dada aos aspectos táteis, visuais, sensitivos, tanto em relação à natureza como ao corpo humano;

"Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos, e boca, o Sol, e o dia:

Enquanto, com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota, e a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes que a madura idade
Te converta em flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada."

(Gregório de Matos)

h) Pessimismo: nascido da oposição frontal feita entre o corpo e a alma, entre o eu e o mundo, entre o Catolicismo e a Reforma;

SONETO

"Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,
É verdade, meu Deus, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha à vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido,
Vencido quero ver-me e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade,

Arrependido estou de coração,
de coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,
A salvação pretendo em tais abraços,
Misericórdia, amor, Jesus, Jesus!"

(Gregório de Matos)

i) A estética do feio: o artista barroco em vez de, como o renascentista, formalizar o belo, o equilibrado, o ideal, retrata através da sátira e da caricatura o lado feio, macabro, grotesco dos fatos e dos seres. Os defeitos físicos, as situações indecorosas e sórdidas, os vícios repulsivos constituem temas frequentes da poesia barroca de caráter realista e satírico. Como exemplo do barroco de veio satírico, no Brasil, temos Gregório de Matos. Exemplo de fragmento poético:

"E nos frades há manqueiras?... Freiras
Em que ocupam os Serões?... Sermões
Não se ocupam de disputas?.. Putas.

Com palavras dissolutas
me concluo na verdade,
Que as lidas todas de um frade
São freiras, sermões e putas."

Os principais temas da literatura barroca giram em torno da ideia de:

a) sobrenatural;
b) morte;
c) fugacidade da vida e ilusão;
d) castigo;
e) heroísmo;
f) misticismo;
g) erotismo;
h) cenas trágicas;
i) apelo à religião, ao céu;
j) arrependimento;
l) sedução do mundo.

O BARROCO NO BRASIL

Barroco ou Seiscentismo são as duas denominações do período literário que caracterizou as obras produzidas no Brasil entre 1601 (quando Bento Teixeira publicou *Prosopopeia*) e 1768 (quando Cláudio Manuel da Costa publicou seus poemas sob o título de *Obras Poéticas*).

PRINCIPAIS AUTORES

GREGÓRIO DE MATOS (1636 - 1695)

Nasceu na Bahia, em 1636 e pertenceu a uma família abonada. Cursou Direito em Coimbra e viveu em Portugal de 1653 a 1681, quando regressou ao Brasil, levando vida boêmia e desregrada. Começou a compor versos e sátiras, caçoando de todos, merecendo o apelido de **"boca do inferno"**. Foi exilado para Angola, de onde voltou em 1695, fixando-se em Recife, onde morreu no ano seguinte.

Sua produção poética se constitui de poemas sacros, líricos e satíricos. É mais conhecido como poeta satírico, mas é na coletânea lírica que estão as melhores poesias. Revela acentuada influência dos poetas espanhóis **Quevedo e Gôngora.**

Os poemas sacros apresentam o pecado como vício inerente ao homem. Os pecadores estão sempre à procura da salvação da alma, através do perdão de Deus.

As sátiras constituem uma crítica à sociedade da época. Revestem-se de tom agressivo e contundente. A injúria fere as autoridades da colônia e a indiferença atinge a classe inferior. Sua linguagem é livre, espontânea, chegando, às vezes, ao baixo calão. Da crítica ferina, não escapa ninguém: corte, clero, povo, brasileiro ou português, o intelectual "branco" ou as mulatas da terra.

A obra lírica apresenta duas vertentes: a amorosa e a filosófica.

A vertente lírico-amorosa é fortemente marcada pelo dualismo amoroso carne/espírito, que leva normalmente a um sentimento de culpa no plano espiritual. A mulher, muitas vezes, é a personificação do próprio pecado, da perdição espiritual.

Na vertente lírico-filosófica, destacam-se textos que se referem ao desconcerto do mundo e às funções humanas.

Poema Sacro

A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR

"Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa alta Piedade me despido;
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido;
Que a mesma culpa que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma Ovelha perdida já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História,

Eu sou, Senhor, a Ovelha desgarrada;
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa Ovelha, a vossa glória."

Esse texto representa muito bem a poesia sacra de Gregório de Matos: a menção de Cristo, desde o título do poema, indica a religiosidade, reforçada pela forma respeitosa de tratamento (2ª pessoa do plural) e pelo vocativo "Senhor" no primeiro verso. A espiritualidade do poema é ainda testada pela menção à parábola bíblica do pastor que mais se alegra com a recuperação de uma ovelha perdida do que com as 99 que estão seguras no redil. Entretanto, se tais elementos emprestam religiosidade ao poema, é preciso lembrar que o Barroco é um período dual: ao lado do espiritualismo religioso surge sempre o humanismo terreno. Esta última linha, no poema em questão, é responsável pela presença quase acintosa do ser humano (o poeta) que, por assim dizer, "Exige" que Cristo o salve. Esta inversão de posições - ora Deus, ora o homem, ocupa o centro de preocupações do poeta - se revela na antítese entre a atitude de arrependimento contrito, evidenciado no "pequei" do primeiro verso, e o emprego do imperativo "Cobrai-a" do penúltimo verso.

Poema Lírico-amoroso

OS AFETOS E LÁGRIMAS DERRAMADAS NA AUSÊNCIA DA DAMA A QUEM QUERIA BEM

"Ardor em firme coração nascido!
Pranto por belos olhos derramado!
Incêndio em mares d'água disfarçado!
Rio de Neve em fogo convertido!

Tu, que um peito abrasas escondido;
Tu, que em um rosto corres desatado;
Quando fogo em cristais aprisionado;
Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo, como passas brandamente?
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti prudente.

Pois para temperar a tirania,
Como quis, que aqui fosse a neve ardente,
Permitiu parecesse a chama fria."

Fala do sentimento do poeta que confessa os aspectos contraditórios do amor que o domina. Mais uma vez encontramos a mesma fusão entre elementos de caráter contraditório: buscando definir o amor que sente, o poeta compara-o a elementos opostos, pois, ao mesmo tempo em que o amor é "incêndio", é, também, "rio de neve". O gosto pela aproximação dos contrários é levado ao extremo no momento em que imagens, fisicamente ina-proximáveis, fundem os dois conceitos: enquanto "incêndio", o amor é disfarçado em "mares" d'água, enquanto "rio de neve" o amor se converte em "fogo". E estas duas metáforas - a do fogo e da água - continuam a alicerçar todo o soneto: na segunda estrofe, a ideia de "fogo" reaparece em "abrasas", "fogo" e "chama", as de "água" em "correr" e "cristal". Já aqui percebemos que, além da oposição térmica - quente-frio - as metáforas de Gregório de Matos apresentam também oposição no sentido: enquanto o cristal é duro e estático, o fogo é dinâmico, movimentado. E assim o poema prossegue até seu final, quando, no último terceto, a oposição entre os elementos é total, na medida em que se manifesta numa estrutura de substantivo-adjetivo: neve ardente e chama fria. O estilo é cultista. O virtuosismo de seu talento desdobra infinitas variações para a antítese básica fogo/água.

Poema Lírico-filosófico

À INSTABILIDADE DAS COUSAS DO MUNDO

"Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas, a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na luz, falta a firmeza,
Na formosura, não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
Pois tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância."

Observe que nesse texto predomina a consciência da transitoriedade da vida e do tempo.

Poema Satírico

"A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana, e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho, e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para a levar à Praça e ao Terreiro.
Muitos Mulatos desavergonhados,
Trazidos pelos pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a cidade da Bahia."

Esse texto faz uma crítica aos governantes, às pessoas que se preocupam com a vida alheia e aos mulatos da cidade da Bahia naquele tempo.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA (1608 -1697)

Vieira nasceu em Lisboa, em 1608 e morreu na Bahia em 1697. Veio para o Brasil em 1615, entrou na Companhia de Jesus e cedo começou a destacar-se como orador. Em 1641, um ano depois de Portugal libertar-se do jugo espanhol, foi para Lisboa, encarregado de saudar o rei Dom João IV. Saiu-se tão bem da missão, que foi nomeado pelo rei orador da Corte. Impressionado com os dotes de oratória do Jesuíta e sua habilidade política, Dom João IV encarregou-o de várias missões diplomáticas no exterior. Regressando a Lisboa, Vieira entregou-se à defesa dos cristãos novos (judeus convertidos ao Cristianismo). Em virtude disso, passou a ser perseguido pela Inquisição até que, em 1652, voltou para o Brasil, fixou-se no Maranhão e dedicou-se à catequese; mas, em 1661, foi expulso daqui, por lutar contra a escravização dos índios. Regressou a Portugal, mas foi novamente perse-

guido: às acusações anteriores soma-se agora a de sebastianista (pregador da crença na volta de D. Sebastião, rei português desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578). Vieira viaja então para Roma, alcançando o perdão do Papa. Regressa depois ao Brasil, onde morre em 1697.

Sua produção em prosa constitui-se de: Sermões, Cartas e Obras proféticas, em que Vieira defende o sebastianismo.

Embora a atividade epistolar (escrita de cartas) tenha sido considerável, a parte mais importante da sua obra é sem dúvida *Os Sermões*. Grande número de sermões escritos por ele tratam de temas importantes para a sociedade brasileira e portuguesa. Vieira foi aquilo que, modernamente, chamamos um homem "engajado", ou seja, seus escritos sempre tomaram partido a propósito das várias questões que, durante sua vida, agitaram Portugal ou o Brasil. Como exemplo destas campanhas, podemos citar a defesa dos índios contra a escravização, a defesa dos judeus convertidos, perseguidos pela Inquisição, o incentivo à luta contra os holandeses. São bastante característicos, nos sermões do Padre Vieira, os recursos de comunicação com o auditório que o estava ouvindo. Vieira adequava-se aos mais diferentes tipos de público - desde colonos semi-analfabetos até eruditos pregadores - usando sempre a técnica de diálogo com seus ouvintes: descrevia as cenas de modo bem real, concretizava, frequentemente, a alusão a temas abstratos e metafísicos, recorria a citações bíblicas. Um dos recursos de que se valia Vieira para assegurar a comunicabilidade com seu auditório era a subdivisão dos assuntos em itens. Cada um desses era objeto de meticulosa comprovação por parte do orador. Isto, sem dúvida, dava a seus sermões uma aparência de irrefutável lógica, uma vez que, na discussão dos pormenores e subdivisões do tema, o ouvinte perdia a noção do conjunto.

Seguidor dos clássicos, o Padre Vieira se utilizou, em seu sermões, de uma linguagem escorreita, empregando um número pequeno de trocadilhos, evitando assim os excessos cultistas.

SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO (EXTRATO)

"Vós, diz Cristo Senhor Nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra, o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando se vê a terra tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina, que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa, e fazem outra, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que eles dizem; ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isso verdade? Ainda mal".

O texto acima foi extraído do "Sermão de Santo Antônio", pronunciado pelo Padre Vieira em São Luís do Maranhão, em 1564, em pleno florescimento do período barroco.

1. A própria natureza do texto - é um sermão - já nos anuncia a religiosidade que, como já vimos, caracteriza o barroco ibérico e brasileiro.

2. A religiosidade, portanto, emana deste texto de Vieira como a de G. de Matos que já vimos. Entretanto, embora unidos pela religiosidade, esta se manifesta diferente em cada um deles. No soneto há um caráter sensorial e emotivo da religiosidade ali evidenciada. No sermão, a religiosidade não é emotiva, não é despertada com o concurso de elementos sensoriais: o sentimento religioso se manifesta através de um raciocínio constante, através do qual Vieira pretende convencer os ouvintes (e os leitores) de sua verdade religiosa.

3. Este caráter racional do texto de Vieira fica bem claro se observarmos que ele começa com uma citação de Cristo, gastando todo o resto do parágrafo na explicação desta citação. E, no intuito de explicar, surgem inúmeros "porquês" (orações subordinadas adverbiais causais) que bem demonstram o esforço do autor em fundamentar logicamente suas afirmações através de raciocínios constantes.

4. O esforço da fundamentação lógica se manifesta, de certa maneira, nos constantes empregos de "ou". Podemos dizer que, neste parágrafo, o Padre Vieira não deixa a seu ouvinte margem para que ele escape ao seu raciocínio:

"OU" o sal não salga, OU a terra não se deixa salgar; "OU" os pregadores não pregam a verdadeira doutrina OU os ouvintes não a querem receber; "OU" os pregadores dizem uma coisa e fazem outra, OU os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem; "OU" os pregadores se pregam a si, OU os ouvintes servem a seus apetites.

5. Observando a simetria das construções empregadas por Vieira, podemos verificar que ela se aproxima bastante da simetria que apontamos em G. de Matos, ou seja, o caráter lúdico da literatura barroca se manifesta tanto nas obras cultistas como nas conceitistas.

6. Como última característica da literatura barroca presente neste texto, encontramos o esforço por tornar-se acessível aos ouvintes. A citação bíblica, segundo a qual os pregadores são "o sal da terra" é, evidentemente, metafórica, isto é, da mesma maneira que o sal preserva os alimentos da deterioração, cabe aos pregadores salvar a terra da degradação. Assim, através de um exemplo concreto (o sal, responsável pela conservação dos alimentos), Vieira fala de um conceito abstrato (os pregadores, a quem cabe salvar a terra do pecado).

SERMÃO PELO BOM SUCESSO DAS ARMAS DE PORTUGAL CONTRA AS DE HOLANDA (EXTRATO)

"Finjamos, pois (o que até fingido e imaginado faz horror) finjamos que vêm a Bahia e o resto do Brasil às mãos dos Holandeses. O que é que há de suceder em tal caso? Entrarão por esta cidade com fúria de vencedores e de hereges; não perdoarão o estado, o sexo nem a idade; com o fio dos mesmos alfanges medirão ao todo: chorarão as mulheres, vendo que não se guarda decoro a sua modéstia; chorarão os velhos, vendo que não se guarda cortesia as suas cãs; chorarão os nobres, vendo que não se guarda cortesia a sua qualidade; chorarão os religiosos e veneráveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos e entre todos, mais lastimosamente, os inocentes..."

Podemos perceber claramente o diálogo com os ouvintes, quando Vieira se utiliza da primeira pessoa do plural (finjamos: nós finjamos), incluindo-se portanto, na exortação que faz. Além disso, percebemos também o realismo descritivo do jesuíta, quando descreve as consequências da temida invasão: as cenas são rudemente apresentadas aos olhos dos ouvintes, tornando-se mais acentuadas em sua dimensão de horror pela repetição constante de "chorarão", ao início de cada frase. (A esta repetição de uma palavra, no início de várias frases, chamamos **anáfora**).

SERMÃO DA SEXAGÉSIMA

Vieira analisa a ineficiência dos pregadores e teoriza a respeito da arte de pregar.

"Há de formar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias que se hão de seguir, com os inconvenientes que se hão de evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda força de eloquência a argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar".

Vemos a importância que ocupa, em sua teoria da oratória, a subdivisão do tema em itens e a planificação cuidadosa das várias etapas do sermão.

RESUMA O ASSUNTO

I - Barroco ou _____

1. O que determina o aparecimento do Barroco é:

_____
_____
_____

2. Características:
a) *contraste*

_____
_____
_____

b) verbalismo

_____
_____
_____

c) *religiosidade*

_____
_____
_____

d) pessimismo

_____
_____
_____

e) *culto da solidão*

_____
_____
_____

3. Estilos

a) *cultismo*

_____
_____
_____

b) conceptismo

_____
_____
_____

4. Temática

_____
_____
_____

5. Início:

data _____
obra _____
autor_____

Quadro Sinóptico

Autores	Obras	Características
Gregório de Matos		
Padre Antônio Vieira		

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1.

"Bote a sua casaca de veludo
E seja capitão sequer dois dias,
Conversa à porta de Domingos Dias
Que pega fidalguia mais que tudo.

Seja um magano, um pícaro, um cornudo
Vá a palácio, e após das cortesias
Perca quanto ganhar nas mercancias
Em que perca o alheio, esteja mudo."

Estes dois quartetos são de Gregório de Matos. Classifique-os em relação à obra do autor.

_____

_____

_____

2.

"Entre (ó Floralva) assombros repetidos
E é pena com que vivo ausente,
Que palavras a voz não me consente;
E só para sentir, me dá sentidos.

Nos prantos e nos ais enternecidos,
Dizer não pode o peito o mal que sente;
Pois vai confusa a queixa na corrente;
E mal articulada nos gemidos."

Estes dois quartetos pertencem a *um soneto:*

a) lírico-amoroso;
b) lírico-religioso;
c) satírico;
d) épico.

3. ***Assinale* a *alternativa correta:***

a) A obra de Vieira é desligada do momento histórico em que viveu o jesuíta.
b) Na obra de Vieira destacam-se os temas místicos e contemplativos.
c) Homem de seu tempo, Vieira tratou, em seus Sermões, de quase todos os temas de sua época.
d) Vieira é o maior poeta barroco brasileiro.

4. A *linguagem de Vieira pode ser definida como:*

a) Tipicamente barroca: prolixa e cheia de trocadilhos;
b) Poética e mística;
c) Clássica e escorreita;
d) Incorreta e pobre.

5.

"Nasce o sol, e não dura mais que um dia.
Depois da luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria".

(Gregório de Matos)

a) Aponte características barrocas no excerto:

_____

_____

_____

b) Que visão do mundo é aí veiculada?

_____

_____

_____

6. ***No Brasil,* o *Barroco está ligado:***

a) Ao Jesuitismo;
b) Aos dominicanos;
c) Exclusivamente aos leigos;
d) Ao Padre Anchieta;
e) Nenhuma delas.

7. Assinale a alternativa que contiver o fato histórico que teve repercussões na literatura barroca portuguesa e brasileira:

a) Tratado de Madri;
b) Grandes descobrimentos ;
c) Contrarreforma;
d) Expulsão dos Jesuítas;
e) Nenhuma delas.

8. As *origens do movimento barroco encontram-se:*

a) Em Portugal;
b) Na França;
c) Na Espanha;
d) Na Alemanha;
e) Nenhuma das alternativas.

9. ***Podemos dizer que:***

a) O Barroco rompeu com a tradição teocêntrica da Idade Média Portuguesa.
b) Na base do Barroco português e brasileiro encontramos uma tentativa de fusão do teocentrismo com o antropocentrismo.
c) A literatura barroca é desequilibrada, de mau gosto e confusa.
d) Cultismo e conceitismo são diferentes estilos encontráveis tanto na obra de Vieira como em Gregório de Matos.

10. Vieira foi expulso do Brasil:

a) Por lutar contra a escravidão dos índios;
b) Por ser aliado dos holandeses invasores;
c) Por ter defendido os cristãos novos;
d) Por ser sebastianista;
e) Nenhuma é correta.

11. O *apelido de Gregório de Matos era:*

a) a Águia de Haia;
b) Poeta dos Escravos;
c) Poeta da Dor;
d) Boca do Inferno.

Explique o motivo: _____

_____

12.

Sermão da Sexagésima

"Será por ventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda arte e a toda natureza?

(...)
O pregador há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, *como* os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, de outra há de estar negro; se de uma parte está dia, de outra há de estar noite? Se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz. Todos hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário?

(...)
Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? - Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, não pregam a Palavra de Deus."

a) Que estilo de linguagem está criticando Vieira? De que imagem se utiliza para criticá-la?

_____

_____

_____

b) Que figura de linguagem, bastante utilizada por poetas barrocos, é desvalorizada?

_____

_____

_____

c) Vieira consegue desvincular-se do estilo que critica? Explique.

_____

_____

_____

d) Podemos afirmar em relação à concepção de Vieira que "métodos díspares atingem o mesmo objetivo"? Por quê?

_____

_____

_____

Arcadismo

1 - CONTEXTO HISTÓRICO

O século XVIII caracteriza-se pela consolidação da revolução iniciada no Renascimento: difusão da conquista do racionalismo, experimentalismo, espírito de observação, concepção científica do mundo e na larga renovação mental baseada no progresso das ciências e na atividade científica.

Profundas mudanças foram registradas:

a) Intenso progresso científico:
- lei da gravidade descoberta por Newton (1642-1727);
- abordagem das leis das sensações pela Psicologia;
- classificação dos seres vivos pela Biologia.

b) Desse surto de progresso resulta a tecnologia e o consequente aumento da produção. Generaliza-se a concepção de que negócios e ciências constituem campos independentes da esfera religiosa e do estado.

c) A grande quantidade de produtos gera novas formas de comércio, fortalecendo a burguesia.

d) A industrialização provoca a urbanização cada vez mais crescente, o que ocasiona o fenômeno da corrida às cidades e o abandono do campo.

e) A Declaração dos Direitos do Homem vem à luz em 1789, na França.

f) Experiência é o meio de conhecimento da realidade, e a consequência indireta disso é o culto da razão prática.

g) Os progressos na investigação biológica fortalecem a concepção de que o mundo é fundamentalmente homogêneo: a heterogeneidade no campo psicológico, biológico e físico é apenas aparente e resulta da mesma evolução material.

Consequências:

1ª - Uma *visão* de mundo científica: o homem da época acredita na ciência como meio de explicar o mundo e como meio de modificar a sociedade.

2ª - A Razão passa a ser a base de todo o saber humano: a religiosidade do Barroco é menosprezada.

Todas essas mudanças caracterizam um movimento cultural que marca a fisionomia da Europa do século XVIII: o **Iluminismo**.

Iluminismo (de iluminação = esclarecimento) designa um "esforço de renovação cultural de natureza sobretudo política, que tinha em vista a atualização de conceitos, de normas e técnicas, uma maior eficiência na ordem social e se subordinava à concepção nova de progresso humano".

A ideia de progresso como meio de trazer a felicidade ao maior número de pessoas é predominante na época.

Por isso, o século XVIII é conhecido como século das luzes, época em que se acredita que tudo pode ser explicado pela **ciência** e pela **razão**. Essa visão de mundo se concretiza na Enciclopédia, publicada na França em 1751, tendo à frente os filósofos D' Alembert, Voltaire e Diderot.

Não é difícil deduzir que a propagação do saber científico se opõe às ideias predominantemente religiosas do período anterior, o Barroco. O despojamento religioso, o sentimento de equilíbrio de uma sociedade que acredita ter atingido a síntese da razão com a fé, vai-se refletir na produção artística do período.

É nesse contexto que aparece o **Arcadismo** que vai se opor às ideias Barrocas, ao gosto do esplêndido e grandioso, da ostentação, na busca de qualidades clássicas de medida, conveniência, disciplina, pureza, simplicidade.

SÉCULO XVIII - BRASIL

Na primeira metade do século XVIII, Vila Rica (atual Ouro Preto-MG) centraliza o surto de desenvolvimento que Minas Gerais conhece, com a corrida do ouro, e transforma-se rapidamente na capital econômica e cultural da Colônia. Com a riqueza, desenvolveu-se também a cultura intelectual. Os humildes arraiais de catadores se transformam em belas cidades. Vila Rica, São João del-Rei, Mariana, Diamantina constituíram-se em focos de instrução, onde se estudavam não só as letras clássicas, mas também as literaturas italiana, espanhola e portuguesa. Essa civilização do ouro produziu algumas das figuras mais notáveis das nossas artes: na escultura e na arquitetura - Antônio Francisco Lisboa (o Aleijadinho); na pintura - Manuel da Costa Ataíde; na literatura - o grupo de poetas que se costuma chamar a **escola mineira**.

Os governadores e funcionários da colônia cometiam abusos sem conta. Não lhes interessava a administração feliz e útil e sim o enriquecimento próprio e o do Reino (= Portugal). As *Cartas Chilenas,* de Tomás Antônio Gonzaga, são um **relato da miséria do povo e da cobiça e arbitrariedade dos mandantes.**

Na pacata colônia, tem imensa repercussão as novas ideias da Revolução Francesa que conseguira destruir instituições; a independência nacional é a **Inconfidência**.

Cláudio Manuel da Costa, Gonzaga e Alvarenga Peixoto, os poetas de destaque do período, foram grandes amigos, e os três se viram envolvidos no movimento literário da Inconfidência (1789). A tentativa malogrou ainda no período das conversações: presos os conspiradores, Cláudio Manuel da Costa suicidou-se e os outros dois foram desterrados para a África.

2. LITERATURA

O estilo que predomina na literatura da época é denominado **Arcadismo** ou **Neoclas-sicismo**.

Convém examinar esses dois nomes, pois eles sintetizam a visão do mundo expressa pela Literatura da época.

Arcadismo: deriva de Arcádia, região mitológica da Grécia, que simbolizava o ideal de vida, onde pastores, chefiados pelo deus Pan, dedicavam-se ao pastoreio e à poesia.

Neoclassicismo (neo = novo), pois o movimento propunha, basicamente, a imitação dos clássicos, quer voltando à Antiguidade grego-romana quer imitando escritores quinhentistas da Renascença, considerados fonte de equilíbrio e sobriedade.

A palavra imitação, nesse caso, não deve ser entendida como cópia pura e simples dos clássicos. Trata-se, antes de tudo, de seguir determinadas convenções.

CARACTERÍSTICAS:

Poesia objetiva e impessoal: o poeta busca interpretar sentimentos comuns, não individuais.
Predomínio da razão sobre os sentimentos: orienta-se pela verdade e sinceridade; preocupa-se com a satisfação intelectual e lógica do leitor, antes da emoção.
Imitação de autores clássicos (ver neoclassicis-mo):
("Carpe diem" = aproveitar o presente, o dia);
("Fugere urbem" = fugir da cidade);
("Locus amoenus"= lugar agradável).
Bucolismo: fuga para o campo, considerado uma espécie de paraíso perdido para o homem (principalmente europeu). Defende a teoria de que o homem é puro e feliz quando em contato com a natureza (Rousseau).
Pastoralismo: o poeta adota nomes de pastores e há uma constante referência a eles, bem como a descrição de sua vida, do campo e das atividades pastoris. Observa-se que esta paixão pelo campo é, quase sempre, idealizada e deslocada (especialmente no Brasil), pois os poetas não eram pastores e nem criavam ovelhinhas brancas como afirma Gonzaga em um dos seus poemas.
Simplicidade (no conteúdo e na forma): o ideal de vida é comum e simples, desprezando o luxo. Na forma, repudia as formas barrocas confusas e rebuscadas, cultivando períodos curtos e vocabulário mais acessível.
Panteísmo: doutrina segundo a qual só o mundo é real e Deus é a somatória de todas as coisas.
Paganismo: em oposição à religiosidade barroca, valorização dos deuses greco-romanos.

CARACTERÍSTICAS DO ARCADISMO BRASILEIRO:

Além das anteriormente citadas, encontramos, na poesia árcade do Brasil, as seguintes características:

Nativismo - com a exploração de paisagens e atividades brasileiras. Exemplos em Gonzaga, Basílio e Santa Rita.

Independência formal - exemplos em Basílio.

Subjetivismo - que foge aos padrões arcádicos. Exemplos na 2ª parte de *Marília de Dirceu*.

O início do Arcadismo no Brasil se dá com a publicação de ***Obras Poéticas*** de Cláudio Manuel da Costa, em 1768. Chamou-se ao nosso **Arcadismo** de **Grupo Arcádico Mineiro** por ter se difundido em Minas Gerais, basicamente pelos Inconfidentes.

OS ÁRCADES BRASILEIROS

CLAUDIO MANUEL DA COSTA (1729-1789)

Pseudônimo árcade: Glauceste Satúrnio.

Musa-pastora: Nise

Biografia: Nasceu nos arredores de Mariana (MG). Fez o Curso de Letras no Colégio dos Jesuítas (RJ) e formou-se em Cânones em Coimbra. Foi advogado em Vila Rica, secretário do governo, minerador e inconfidente. Morreu em Vila Rica, enforcado na prisão. Suicídio, dizem.

Características:

- Foi um poeta de alta consciência artística.
- De formação cultista, desejava engajar-se na reforma arcádica.
- Formou-se na Europa, mas desejava exprimir a realidade do Brasil.
- Dos poetas do grupo mineiro, foi o mais preso aos modelos arcádicos.
- Era o mais culto e o mais correto na metrificação e na linguagem.
- Seus sonetos (a melhor parte de sua produção) mostram uma técnica esmerada, têm linguagem e métrica perfeitas; são sempre formais, distantes, frios.
- Suas obras denunciam certa pobreza temática, seus assuntos prediletos são o desencanto da vida e a ausência de Nise, a amada.

Principais obras:

Obras Poéticas (1768 - marcam o início do Arcadismo).

Vila Rica, poema épico em que o autor pretendeu narrar a fundação da cidade e sua história.

Exemplos:

"Pastores, que levais ao monte o gado,
Vede lá como andais por essa serra,
Que para dar contágio a toda a terra,
Basta ver-se o meu rosto magoado.

Eu ando, vós me vedes, tão pesado
E a Pastora infiel, que me faz guerra,
É a mesma, que em meu semblante encerra
A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo,
Vereis a formosura, que eu adoro;
Mas não; tanto não sou Vosso inimigo:

Deixai, não a vejais; eu vô-lo imploro;
Que se seguir quiserdes o que eu sigo,
Chorareis, ó Pastores, o que eu choro."

Do *poema Vila Rica:*

"Leia a posteridade, ó pátrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio.

Não se vê nas tuas margens o sóbrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo, banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecundo, brota em ouro."

"Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males com que tudo degenera!"

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA(1744-1810)

Pseudônimo árcade: Dirceu

Musa-pastora: Marília

Biografia: Nasceu no Porto (Portugal), filho de pai brasileiro e de mãe portuguesa. Veio para o Brasil aos oito anos, com o pai. Aos dezesseis anos volta a Portugal para estudar em Coimbra. Em 1782, aos 32 anos, portanto, vem para o Brasil e se fixa em Vila Rica, como ouvidor e juiz.

Os críticos o têm como **autêntico brasileiro**, pela família, pela formação e, principalmente, pelos temas que desenvolveu em sua poética, sempre preocupado com as coisas e a paisagem brasileira.

Em Vila Rica, já maduro, apaixonou-se por Maria Doroteia Joaquina de Seixas, de 16 anos, e dela ficou noivo. Foi denunciado como conspirador, preso e transportado para a fortaleza da Ilha das Cobras (RJ), de onde saiu anos após, em 1792, para cumprir a sentença de desterro em Moçambique (África), por dez anos.

Gonzaga cantara à sua amada: - "Minha bela Marília, tudo passa" - ainda nos tempos felizes do noivado. Marília deve ter conservado o amor em seu coração, pois morreu solteira, em avançada idade. Gonzaga, advogado e procurador da Coroa e da Fazenda de Moçambique, figura de destaque na sociedade local, casou-se um ano depois com uma senhora "de mais fortuna e poucas letras" (Juliana Mascarenhas).

Esgotado o prazo do desterro, Gonzaga continuou em Moçambique, onde foi nomeado juiz de Alfândega. Sua vida correu tranquila. Morreu cheio de honrarias e cargos.

Não passa de lenda a velha informação biográfica que dava Gonzaga como tendo terminado os seus dias em situação de miséria e loucura, torturado pelas saudades do Brasil e de Marília.

Características:

Gonzaga foi árcade, mas sua poesia indica transição do Classicismo ao Romantismo.

Em sua poesia, há muitas citações, até em excesso, há devaneios ridículos, ao lado da simplicidade emotiva, explorando o amor golpeado pelo destino - vem daí a lenda sobre os noivos da Inconfidência (como foram chamados Marília e Dirceu) e a popularidade das liras do poeta.

A variedade métrica, imagens felizes, a presença da paisagem brasileira, tornam as liras amorosas de T. A. Gonzaga, um livro de valor da literatura (colonial) brasileira.

Obras principais:

Marília de Dirceu (liras), obra lírica
Cartas Chilenas, obra satírica

MARÍLIA DE DIRCEU

Nesta obra, o autor nos mostra a paixão de um pastor (Dirceu) pela pastora (Marília). Divide-se em duas partes. Na primeira, fala da felicidade do namoro e do noivado. Há descrições da amada, confissões de amor e sonhos de felicidade. Na segunda, fala dos sofrimentos morais e físicos da prisão e da sua consolação no amor de Marília. Nesta segunda parte atinge, de certo modo, a temática pré-romântica ao se tornar o centro de suas preocupações, expressando uma forte confiança em sua conduta e revelando o seu modo de ser.

Os temas são: os encantos de Marília, os amores de Dirceu, a visão da vida futura, tranquila e burguesa. Tudo muito sentimental. O poeta se apresenta pacato, mas tem consciência de seu valor e posição.

Exemplo:

"Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que vive de guardar alheio gado,
de tosco trato, de expressões grosseiro,

dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal* e nele assisto;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
das brancas ovelhinhas tiro o leite,
e mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina
te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálsamo vapora.
Ah! não, não fez o céu, gentil pastora,
para a glória de amor igual tesouro!
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!"

** Casal: Pequena propriedade rústica; granja*

Gonzaga destinava a Marília uma existência calma, altamente intelectualizada, num ambiente poético.

Na lira 3 da parte III, o poeta nos dá uma mostra disto, vendo-se sentado à mesa de estudo:

"Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-ás folhear os grandes livros
E decidir os pleitos.

Enquanto resolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fatos da sábia mestra História
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bela;
Eu, vendo que lhe darás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo."

CARTAS CHILENAS

Poema satírico escrito (na 2ª metade do século XVIII), sob o pseudônimo de Critilo. Constitui uma diatribe violentíssima contra a pessoa e a administração do governador Luís da Cunha Meneses e seus auxiliares em Vila Rica entre 1783 a 1788. Tantos excessos, arbitrariedades cometeu que contra ele se voltou a camada esclarecida da cidade. Gonzaga, ouvidor, desde o início entrou em conflito com o governador, por esse motivo.

Personagens das Cartas:

Critilo (Gonzaga) - remetente
Doroteu (Cláudio M. da Costa) - destinatário
Fanfarrão Minésio - o governador Meneses
Chile - Brasil
Santiago - Vila Rica

As cartas são treze, estando incompletas a sétima e a décima terceira.

A maioria dos críticos reconhece o valor literário dessas cartas, que são um documento de crítica de costumes, têm valor social pela exatidão dos fatos narrados e pela verdadeira revolução que provocaram.

Circulavam manuscritas e anônimas entre os habitantes de Vila Rica e conclamavam o povo indefeso a lutar contra governadores injustos.

"Pretende, Doroteu, o nosso chefe
Erguer uma cadeia majestosa
Que possa escurecer a velha fama
Da torre de Babel, e, mais, dos grandes,
Custosos edifícios que fizeram,
Para sepulcros seus, os reis do Egito.

...Desiste, louco chefe, dessa empresa:
Um soberbo edifício levantado
Sobre ossos de inocentes, construído
Com lágrimas dos pobres, nunca serve
De glória ao seu autor, mas sim de opróbrio."

Há denúncia social, como a situação nas prisões:

"Passam, prezado amigo, de *quinhentos*
Os presos que se ajuntam na *cadeia.*
Uns dormem encolhidos sobre a *terra,*
Mal cobertos dos trapos, que molharam
De *dia,* no *trabalho.* Os *outros ficam*
Ainda mal *sentados,* e *descansam*
As *pesadas cabeças sobre* os *braços*
Em *cima* dos *joelhos encruzados."*

As cartas satirizam os maus governantes, como neste exemplo:

"Amarelo colete e sobretudo
Vestida uma vermelha justa farda.
De cada bolso da fardeta, pendem
Listradas pontas de dois brancos lenços;
Na cabeça vazia se atravessa

Um chapéu desmarcado, nem sei como
Sustenta o pobre nó do laço o peso.
Ah! tu, Catão severo, tu que estranhas
Rir-se um cônsul moço, que fizeras
Se em Chile agora entrasses e se visses
Ser o rei dos peraltas quem governa?"

MANUEL INÁCIO DA SILVA ALVARENGA (1749 - 1814)

Pseudônimo árcade: Alcindo Palmireno

Musa: Glaura

Biografia: Nasceu em Vila Rica, mestiço, filho de um músico pobre. Graças aos amigos do pai, estudou no Rio de Janeiro. Do pai herdou a facilidade para a música, tocando rabeca e flauta. Era simpático e espirituoso e por isso se tornou muito popular, tanto aqui quanto em Portugal para onde foi em 1771, a fim de estudar em Coimbra. Era um estudioso das literaturas europeias, da matemática e das ciências. Fundou uma sociedade científica, que durou pouco, e que ele restaurou mais tarde sob o nome de Sociedade Literária. Esta foi dissolvida pelo novo vice-rei e o poeta foi preso, acusado de manter um clube em cujas reuniões se discutia religião e política.

Características:

- Variedade de sentimento e de ritmos.
- Simplicidade constante, talvez maior que a de Gonzaga.
- Naturalidade ao descrever cenas brasileiras.
- Está entre os prenunciadores do Romantismo.

Obras:

Desertor das Letras, poema heroico - cômico, escrito quando estudava em Coimbra. É uma sátira aos métodos de ensino antes da reforma pombalina. Foi publicado às custas do Marquês de Pombal e enaltecia a reforma universitária que este executou.

Glaura, sua obra principal. É dedicada à sua musa, Glaura, que realmente existiu.

Exemplo:

"Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou às penhas meu lamento;
Ó tormento sem igual!

Ao amor cruel e esquivo
Entreguei minha esperança,
Que me pinta na lembrança
Mais ativo o fero mal.

Não verás em peito amante
Coração de mais ternura,
Nem que guarde fé mais pura,
Mais constanre e mais leal.

Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou às penhas meu lamento;
Ó tormento sem igual!"

Silva Alvarenga fala de mangueira, cajueiros, laranjeiras:

"Carinhosa e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisonjeira;
E a Mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Cajueiro desgraçado,
a que Fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura,
Sem cultura e sem senhor!"

Silva Alvarenga fala do Pico da Gávea, com ternura, do Pão-de-Açúcar:

"Nem tu, ó Pão-de-Açúcar, namorado
Da formosa cidade, velho e forte,
Que dás repouso às nuvens e te avanças
Por defendê-la do furor das ondas"

INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (1744 - 1792)

Pseudônimo árcade: Eureste Fenício

Musa: Bárbara Heliodora, sua esposa, poetisa.

Biografia: Nasceu no Rio. Formou-se em Direito, em Coimbra e voltou ao Brasil, onde foi bem acolhido pelo vice-rei da época. Abandona a advocacia e se torna minerador, enriquecendo. Proprietário de lavras, fica descontente com a cobrança exagerada de impostos, com a derrama. Envolveu-se na Conjuração Mineira e foi condenado ao desterro na África (em Ambaça), onde faleceu. Dizem ter sido ele quem propôs o lema da bandeira

dos inconfidentes *Libertas quae sera tamen*, além de contribuir financeiramente para a causa revolucionária. Deixou fama de homem eloquente e imaginoso.

Características:

- Começou a escrever como neoclássico, depois escreveu liras laudatórias (= de louvor), o que constitui a maior parte de suas obras (normalmente em louvor aos poderosos).
- Prega o universo do trabalho e da ordem, ao fundo a paisagem mística da Arcádia.
- O déspota ilustrado e o seu ideal: combina o progressismo e o governo forte.
- Preso na Ilha das Cobras, negou ter participado do movimento e se torna servil à D. Maria I.
- Os sonetos apresentam traços pré-românticos, misturados à intenção neoclássica.

Obras:

Tradução: ***Mérope*** (de Maffei)

Drama: ***Eneias no Lácio*** (em versos)

Ode ao Marquês de Pombal: tema do herói pacífico.

Obras Poéticas*:* temática lírico-amorosa.

Exemplos:

ODE

"Grande Marquês, os sátiros saltando
por entre verdes parras,
defendidas por ti de estranhas garras;
os trigos ondeando
nas fecundas searas;
os incensos fumando sobre as aras,
à nascente cidade
mostram a verdadeira heroicidade.
Ao mundo esconde o sol seus resplendores
e a mão da Noite embrulha os horizontes;
não cantam aves, não murmuram fontes,
não fala Pã na boca dos pastores."

BÁRBARA BELA

"Bárbara Bela,
Do Norte estrela
Que o meu destino
sabes guiar
De ti ausente Triste somente
As horas passo
a suspirar.

Isto é castigo
Que amor me dá.
Tu, entre os braços,
Ternos abraços
Da filha amada
Podes gozar

Priva-me a estrela
De ti e dela,
Busca dois modos
De me matar.
Isto é castigo
Que amor me dá."

Conta-se que a filha do poeta morreu de desgosto, com a sua condenação e que a esposa enlouquecida, vagava pelas ruas da cidade.

Cecília Meireles, uma das maiores poetisas do Modernismo, revive, no século XX, a tragédia que marcou a família de Alvarenga Peixoto, em sua obra *Romanceiro da Inconfidência*.

FREI JOSÉ DA SANTA RITA DURÃO
(1722 - 1784)

Pseudônimo árcade: não tem

Biografia: Nasceu em Cata Preta (MG) e faleceu em Lisboa. Filho de um militar português. Doutorou-se em Filosofia e Teologia em Coimbra. Fugiu para a Itália (por problemas eclesiásticos) e aí passou mais de vinte anos, numa vida de estudos. Voltou a Portugal com a queda de Pombal. Foi professor e reitor da Universidade de Coimbra. Sua principal atividade passa a ser a redação do *Caramuru*.

Características:

- Segue os preceitos clássicos, o modelo camoniano.
- Substitui o maravilhoso pagão (deuses do Olimpo) pelo maravilhoso cristão (milagres).
- Reflete o clima patriótico do século XVIII, que antecede a independência.

- *Caramuru* é mais nosso que *Uraguai* nas alusões à flora nativa e aos costumes indígenas, mas ainda está muito distante do homem americano.
- Pela correção da linguagem, figura Durão entre os nossos clássicos do idioma.

Obra:

Caramuru, poema épico, em que narra o naufrágio, salvamento e aventuras do português Diogo Álvares Correia, cognominado Caramuru ("deus do trovão", "homem de fogo") pelos indígenas. Durão refere-se a fatos históricos desde o descobrimento até sua época. Descreve a paisagem brasileira, suas riquezas, flora e fauna. Dá informações sobre o índio, seus valores e tradições, seu espírito guerreiro, sua ação épica.

O poema contém dez cantos.
Personagens:
Caramuru;
Paraguaçu → filha do cacique (sua esposa);
Gupeva → chefe indígena;
Moema → amante de Caramuru.

O poema narra o naufrágio de Caramuru e seu namoro com as índias. Paraguaçu fora destinada pelo pai, o cacique Taparica, para esposa de Gupeva. A índia não o aceita. Gupeva cede-a a Caramuru e ambos se apaixonam. Caramuru e a índia deixam o Brasil numa nau francesa e se casam, em Paris, tendo por padrinhos os reis da França.

MORTE DE MOEMA (CANTO VI)

XXXVI

"É fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam,
Entre as ondas com ânsia furiosa,
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta água, que flutua vaga,
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo, assombrada;
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,
Pasma da turba feminil, que nada,
Uma que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela, do que irada;
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.

XXXVIII

- Bárbaro (a bela diz:), tigre e não homem...
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha forças amor, que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquele infame?
Mas pagar tanto amor com tédio e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco?

XXXIX

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me ofenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano;
Porém, deixando o coração cativo,
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

XL

Tão dura ingratidão menos sentira
E esse fado cruel doce me fora,
Se a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora.
Por serva, por escrava, te seguira.
Se não temera de chamar senhora
A vil Paraguaçu, que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é néscia e feia.

XLI

Enfim, tens coração de ver-me aflita,
Flutuar, moribunda, entre estas ondas;
A um ai somente, com que aos meus respondas.
Nem o passado amor teu peito incita
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir), ah! não te escondas!
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo;
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar, que, irado, freme,
Tornando a aparecer desde o profundo,
- Ah! Diogo cruel! - disse com mágoa,
E, sem mais vista ser, sorveu-se na água.

XLIII

Choraram da Bahia as ninfas belas,
Que, nadando, a Moema acompanhavam;
E, vendo que sem dor navegam delas,
A branca praia com furor tornavam.
Nem pode o claro herói sem pena vê-las,
Com tantas provas que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que eu amante a chore, ou grato gema."

Vocabulário:

undoso: em que há ondas.
turba: multidão em desordem.
sorte: forma.
lado: destino.
sobre: além de.
néscio: ignorante, estúpido
incitar: instigar, estimular.
salso: salgado.
fremir: rugir, bramir
ninfa: divindade fabulosa dos rios, dos bosques dos montes.

JOSÉ BASÍLIO DA GAMA (1741 - 1795)

Pseudônimo árcade: Termindo Sipílio

Biografia: Nasceu num sítio nos arredores de São João del-Rei, de pai português e mãe brasileira. Órfão, foi recolhido pelos jesuítas e com eles estudou no Colégio do Rio. Basílio foi para Portugal e Itália (1766). Em Portugal, acusado de Jesuitismo, foi preso e deveria ser deportado para Angola. Livrou-se do exílio ao escrever um epitalâmio para a filha de Pombal. Este lhe perdoou e deu-lhe carta de fidalguia e o cargo de secretário particular. Com a morte do rei D. José e a consequente queda de Pombal, Basílio não perdeu as honrarias. A nova rainha, D. Maria I, elevou-o ao cargo de escudeiro fidalgo da casa real. Em 1769 publicou o poema épico ***Uraguai***, no qual fazia comentários ferinos aos jesuítas, aos quais devia sua educação, só para agradar ainda mais a Pombal. Faleceu em Lisboa, como membro da Academia Real das Ciências.

Características:

- Fugiu aos recursos gongóricos e arcádicos.
- Em o ***Uraguai*** não há musas, nem estrofes regulares, nem rima.
- Em lugar do maravilhoso pagão dos clássicos, o que aparece é a bruxaria indígena.
- Capacidade poética. Brilho do estilo.
- Precursor do indianismo, fala do homem e da terra. O índio, para ele, é exemplo de nobreza e valor.

Obra:

Uraguai

Assunto: a guerra que Portugal (ajudado pela Espanha) moveu contra os índios das Missões Jesuíticas denominadas Sete Povos, para fazer cumprir o Tratado de Madri, de 1750. Os portugueses deveriam se apossar dos Sete Povos das Missões do Uraguai e os espanhóis, da Colônia do Santíssimo Sacramento.

Tempo: princípios de 1756.

Espaço: Sete Povos, no Rio Grande do Sul.

Tema central: a luta pela posse da terra, com os jesuítas organizando a resistência.

Dedicatória: ao irmão do Marquês de Pombal.

Herói: General Gomes Freire de Andrada.

Personagens:

- O chefe dos portugueses - general G. F. Andrada;
- O chefe dos espanhóis - general Catâneo;
- O cacique Cacambo;
- A esposa do cacique - Lindoia;
- O guerreiro Tatuguaçu - irmão de Lindoia;
- O guerreiro índio Cepé e seu irmão - Pindó;
- O padre administrador das Missões - Balda;
- O filho natural de Balda - Baldeta;
- A feiticeira Tanajura.

Trama: Após a luta, os europeus incendeiam o acampamento, ocasião em que morrem Cepé e Cacambo. O padre Balda planeja casar a viúva, Lindoia, com seu filho Baldeta. Mas a índia se mata, deixando-se picar por uma cobra venenosa. Os jesuítas ateiam fogo ao aldeamento e o abandonam. Termina a guerra.

URAGUAI - CANTO IV

"Salvas as Tropas do noturno incêndio,
Aos povos se avizinha o grande Andrade,
Depois de afugentar os índios fortes,
Que a subida dos montes defendiam,
E rotos muitas vezes, e espalhados
Os tapes cavaleiros, que arremessam
Duas causas de morte em uma lança,
E em largo giro todo o campo escrevem.
Que negue agora a perfídia calúnia,
Que se ensinava aos bárbaros gentios
A disciplina militar, e negue
Que mãos traidoras e distantes povos
Por ásperos desertos conduziam
O pó sulfúreo, e as sibilantes balas;
E o bronze, que rugia nos seus muros.
Tu que viste, e pisaste, ó Blasco insigne,
Todo aquele país, tu só pudeste,
Co'a mão, que dirigia o ataque horrendo,
E aplanava os caminhos à vitória,
Descrever ao teu Rei o sítio, e as armas
E os ódios, e o furor, e a incrível guerra.
Pisaram finalmente os altos riscos
De escalvada montanha, que os infernos
Co'o peso oprime, e a testa altiva esconde
Na região, que não perturbe o vento."

A seguir, a cena da morte de Lindoia (canto III) que termina por um verso famoso cuja beleza de forma ultrapassa à do poeta romano Petrarca de onde foi traduzido:

"Este lugar delicioso, e triste
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindoia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva, e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim, sobressaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada, e irrite o monstro
E fuja, e apresse no fugir a morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo
Inda conserva o pálido semblante
Um não sei quê de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece,
Tanto era bela no seu rosto a Morte!"

No final do ***Uraguai***, Basílio fala ao seu poema, antevendo-lhe a perenidade:

"Serás lido, Uraguai, cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna,
Tu vive, e goza a luz serena e pura."

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. *Relacione* os *trechos dos textos* a *seus autores:*

   a) Silva Alvarenga
   b) T. A. Gonzaga
   c) Alvarenga Peixoto
   d) Cláudio M. Costa

   ( ) "Eu, Marília, não sou algum vaqueiro
   Que viva de guardar alheio gado."
   ( ) "Glaura! Glaura! não respondes?
   E te escondes nestas brenhas?"
   ( ) "Pretende, Doroteu, o nosso chefe
   Erguer uma cadeia majestosa."
   ( ) "Bárbara Bela
   Do Norte estrela."

2. Complete:

   a) O Arcadismo é o estilo de época do século _____

   b) Também podemos chamar o Arcadismo de_____

   _____

   c) Arcadismo inicia-se em _____

   com a obra _____

   escrita por _____

   d) Dê três características do Arcadismo brasileiro:

   _____

   _____

   _____

3. Faça um breve resumo das *Cartas Chilenas*.

   _____

   _____

4. Movimento estético que gravita em torno de três geratrizes: Natureza, Verdade, Razão, buscando fazer da literatura a "expressão racional da natureza, para, assim, manifestar a verdade".

   Trata-se do

   ( ) Barroco;

( ) Romantismo;
( ) Simbolismo;
( ) Modernismo;
( ) Neoclassicismo.

5. O texto a seguir é modernista, mas recupera o Arcadismo:

"Doces invenções da Arcádia!
Delicada primavera:
pastoras, sonetos, liras,
- entre as ameaças austeras
de mais impostos e taxas
que uns protelam e outros negam.
Casamentos impossíveis.
Calúnias. Sátiras. Essa paixão da mediocridade
que na sombra se exaspera.
E os versos de asas douradas,
que amor trazem e amor levam ...
Anarda. Nise. Marília ...
As verdades e as quimeras.
Outras leis, outras pessoas.
Novo mundo que começa.
Nova raça. Outro destino.
Plano de melhoras eras.
E os inimigos atentos,
que, de olhos sinistros, velam.
E os aleives. E as denúncias.
E as ideias".

(Romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles)

a) De que fato histórico trata o poema?

_____

_____

_____

b) No poema são revelados dois momentos: um literário e outro político. Quais são eles? Explique-os.

_____

_____

_____

c) Quem são Nise, Marília, Anarda?

_____

_____

_____

6. "Entra no povo e ao templo se encaminha
O invicto Andrade, e generoso, entanto,
Reprime a militar licença, e a todos
Co'a grande sombra ampara - alegre e brando
No meio da vitória. Em roda o cercam
(Nem se enganaram) procurando abrigo
Chorosas mães, e filhos inocentes,
e curvos pais e tímidas donzelas
(...)
Cai a infame República por terra.
Aos pés do General as toscas armas
Já tem deposto o rude Americano,
Que reconhece as ordens e se humilha,
E a imagem do seu rei prostrado adora."

a) Quem é o autor?

_____

_____

_____

b) Que figura é valorizada? Esta valorização implica adesão a que linha política da época?

_____

_____

c) A expressão "infame República" alude a quê?

_____

_____

_____

d) Como é visto o elemento selvagem?

_____

_____

_____

7. "Escrevestes cartas anônimas,
apontastes vossos amigos,
irmãos, compadres, pais e filhos...
(...)
Vistes caídos os que matastes,
em vis masmorras, forcas, degredos,
indicados por vosso punho,
por vossa língua peçonhenta,
(...)
- só por serdes os pusilânimes"

(Romanceiro da Inconfidência,
Cecília Meireles)

a) Há referência aos árcades no poema? Quais? Comprove.

_____

_____

_____

FAÇA UMA SINOPSE DO ASSUNTO

ARCADISMO

1. Contexto Histórico:

- Conquistas do período:

_____

_____

_____

_____

_____

- Consequências:

_____
_____
_____
_____
_____

- Contexto brasileiro:

_____
_____
_____
_____
_____

2. Definição:

Arcádia:

_____
_____
_____
_____
_____

Neoclassicismo:

_____
_____
_____
_____
_____

3. Quadro Comparativo:

Características do Arcadismo	Características do Barroco

4. Quadro sinóptico:

Autores	Características	Obras
1. Cláudio M. da Costa		
2. Tomás Antônio Gonzaga		
3. Silva Alvarenga		
4. Santa Rita Durão		
5. Basílio da Gama		
6. Alvarenga Peixoto		

Romantismo

"Casar assim pensamento com o sentimento, a ideia com a paixão, colorir tudo isso com a imaginação, fundir tudo isto com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia - A Poesia grande e santa - A Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem poder traduzir".

(Gonçalves Dias)

1. CONTEXTO HISTÓRICO CULTURAL - A REVOLUÇÃO FRANCESA

O Romantismo é um movimento que configura um estilo de vida e de arte predominante na Civilização Ocidental, no período compreendido, aproximadamente, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX. Reflete, no campo artístico, as profundas transformações históricas do período, marcado pelo apogeu do processo de transferência da liderança histórica da aristocracia para a burguesia.

Esse processo se deflagrou com maior intensidade a partir do advento do Iluminismo, da divulgação de suas propostas pelos enciclopedistas, culminando com a REVOLUÇÃO FRANCESA. A partir daí, os ideais de **"Liberdade, Igualdade e Fraternidade"** ecoam pelo mundo todo, anunciando transformações. Os donos do poder não são mais o Clero e a Nobreza, e o sangue azul deixou de ser a condição indispensável para o reconhecimento da sociedade. No processo revolucionário de tomada do poder, a burguesia contou com o apoio do **povo**, das classes mais humildes, o que dá à Revolução um cunho **popular-burguês**.

A ascensão das classes médias provoca um deslocamento do público consumidor da Literatura, que passa a ser o burguês e não mais o nobre. Por isso, a arte clássica, aristocrática, seria substituída pela arte romântica, de **cunho nacional e popular.** É notório que as camadas populares não tinham grande preparo intelectual, não eram cultas, o que as fazia incapazes de assimilar a erudição clássica, as sutilezas do torneio verbal, a disciplina rigorosa de composição, as alegorias fundadas na cultura greco-romana, especialmente na mitologia. Este novo público leitor buscava uma expressão artística que fosse, ou uma forma de **entretenimento**, ou **projeção de seus gostos e anseios.** O apare-cimento do **romance folhetinesco** publicado com periodicidade regular pela imprensa, explorando a complicação sentimental, a intriga, o mistério, a aventura, ancestral das novelas de radiodifusão e televisivas atuais, expressa essa tendência.

A palavra-chave do período Romântico foi "LIBERDADE", no campo político, pela superação do absolutismo; no campo econômico, pelo Liberalismo do "Laissez faire, laissez passer"; no campo artístico, pela derrocada das regras e preceitos clássicos - "ni règles, ni modèles" - proclamava Victor Hugo, um dos arautos da nova estética.

Metamos o martelo nas teorias, nas poéticas e nos sistemas. Abaixo esse velho reboco que mascara a fachada da arte, nada de regras nem de modelos.

Victor Hugo

2. LITERATURA

AS ORIGENS DO ROMANTISMO E AS INFLUÊNCIAS EUROPEIAS

As primeiras manifestações do Romantismo podem ser localizadas:

a) Na ALEMANHA, onde o vigor e o gênio de **Göethe** marcam, a partir de ***Werther***, o início da

ruptura com a preceptiva clássica, ao lado de outros, que comungam no espírito da "STURN UND DRANG" (tempestade e violência), nome que se dá ao movimento que antecede o Romantismo Alemão, insurgindo-se contra os rigores do Classicismo.

b) Na INGLATERRA, com a poesia melancólica subjetiva de Young e com a reabilitação da poética medieval. Tem grande influência, na nossa literatura, o romance histórico medieval, criado por WALTER SCOTT, cujo "Ivanhoé" serve de modelo aos heróis de José de Alencar, e a poesia do "spleen" (nostalgia) de BYRON, modelo constante do negativismo, do tédio e do satanismo de Álvares de Azevedo e seus seguidores.

c) Na FRANÇA, onde, já nos iluministas (Rousseau e Diderot) o convencionalismo é alvo da rebeldia dos "novos", CHATEAUBRIAND redescobre as belezas do cristianismo, sobrepondo-se à mitologia dos poetas árcades. Com ***Atala***, valoriza as sugestões de paisagem americana, que **José de Alencar** assimilou no seu ***Iracema***. Os cantos de Vigny, a lira amorosa, naturista e religiosa de **Lamartine** e as confissões de ***Alfred Musset*** ecoam na poesia brasileira da primeira à última fase do movimento romântico. A poesia social rebelde e declamatória de **Victor Hugo**, e seu romance de denúncia da opressão do proletariado - ***OS MISERÁVEIS*** - plasmaram a retórica de Castro Alves. Também as narrativas passionais de **Georges Sand** e o romance de aventura de **Alexandre Dumas** deixaram marcas no gosto literário brasileiro. Cabe notar que a França de Napoleão Bonaparte foi o centro irradiador das ideias do liberalismo e do gosto artístico romântico. À medida que os exércitos napoleônicos avançavam, iam inoculando, na Espanha, em Portugal, na Itália, na Bélgica, na Rússia, os germens das novas ideias. No Brasil, a emancipação política fez com que declinasse a influência portuguesa, pela absorção de modelos franceses e ingleses.

d) No BRASIL, foi particularmente importante o Romantismo, pois constitui um elemento decisivo na evolução não só da literatura como também da própria cultura brasileira.

Didaticamente falando, o ano de 1836 marca o início do Romantismo brasileiro, quando Gonçalves de Magalhães publica seu livro de poesias ***Suspiros Poéticos e Saudades***, e lança, em Paris, juntamente com Araújo Porto-Alegre, Torres Homem e Pereira da Silva a **Niterói - Revista Brasiliense,** em que as novas ideias românticas são divulgadas. No entanto, devemos reconhecer que já se percebiam certas características românticas em obras de autores anteriores, além de alguns fatos que iam contribuindo para a formação de um ambiente propício ao desenvolvimento e aceitação das ideias românticas.

Podemos dizer que os autores do Arcadismo brasileiro, além de se utilizarem dos artifícios típicos da estética neoclássica (imitação de autores gregos e latinos, uso da mitologia pagã, etc.) já expressavam em suas poesias, alguns elementos que seriam depois explorados pelos românticos, como, por exemplo: o elogio da vida em natureza, livre das agitações sociais e mundanas; exaltação de aspectos da natureza brasileira (flora e fauna); expressão sentimental de estados de alma, etc.

Além desses aspectos, é preciso lembrar que já existia, desde o século XVI, muita coisa escrita sobre o Brasil pelos viajantes e missionários, principalmente, em que eram frequentes os elogios às nossas riquezas naturais, à bondade natural do indígena, o que muitas vezes dava a impressão de que a terra brasileira era um verdadeiro paraíso.

É necessário ainda destacar a importância, para o desenvolvimento do Romantismo, da vinda da Família Real para o Brasil, em *1808,* pois os atos de D. João VI, têm importância fundamental para a evolução da nossa cultura: a abertura dos portos; a criação de bibliotecas, de escolas superiores; a permissão para o funcionamento de tipografias (de onde surgiria o jornalismo, importante agente cultural no século XIX). Além disso, as sucessivas levas de imigrantes portugueses contribuíram para a formação de um público cada vez maior que procurava, na literatura, a representação de seus próprios dramas sentimentais, mais ou menos como *faz* o público de hoje, com relação ao cinema e à televisão.

Contemporânea ao movimento de Independência de 1822, a literatura romântica sempre expressou sua ligação com a política e, ao lado da euforia da liberdade e do desejo de construção de uma pátria brasileira, surgiu também o desejo de criação de uma literatura brasileira; o esforço para essa realização, como afirma o crítico Antônio Cândido, era visto como um "ato de brasilidade".

A influência do Romantismo foi também muito

importante na linguagem literária. Reivindicando a liberdade de expressar as peculiaridades e as diferenças da fala brasileira, alguns autores procuraram criar o que se poderia chamar de "estilo literário brasileiro", isto é, um modo de sujeitar a língua portuguesa à sensibilidade brasileira.

Temos, em resumo, que o Romantismo, no Brasil, se revestiu de características próprias, pois, coincidindo com a época de nossa autonomia, acabou se tornando uma espécie de estilo da vida cultural do país, considerando-se o escritor um porta-voz da sensibilidade popular e dos anseios políticos e sociais da coletividade.

CARACTERÍSTICAS DO ROMANTISMO

1. SUBJETIVISMO

Representa um dos traços fundamentais dessa estética o "culto do eu". O artista traz à tona o seu mundo interior com plena liberdade. Não há mais a preocupação com modelos clássicos e universalizantes; é a vitória do indivíduo, da sua visão de mundo, do seu impulso criador. É a exposição triunfal do homem interior em suas fantasias, aspirações e intuições.

VAGABUNDO

Eat, drink, and love; what can the rest avail us?

(Byron, Don Juan)

"Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrelas;
Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro;
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto à lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De painéis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo à lua".

(Álvares de Azevedo)

2. SENTIMENTALISMO

O sentimento passa a *ser* considerado o grande valor da vida, pois somente através dele consegue-se expressar o interior do indivíduo. Esta ênfase ao lado sentimental do *ser* humano culminará numa visão intimista e egocêntrica da vida cuja medida mais exata chamar-se-á "impulsos do coração".

Esse predomínio do sentimento sobre a razão, a princípio, parecia equilibrado; porém, com o passar do tempo, houve um exagero tal que chegou a tomar "proporções de epidemia, degenerando numa tristeza vaga, numa insaciedade tediosa e docemente mórbida: o **mal do século".**

> "O *romantismo* reduz *toda poesia ao* lirismo, *como forma natural* e primitiva, *oriunda da sensibilidade* e *da imaginação individuais da paixão* e *do amor. Poesia tornou-se* sinônimo de *autoexpressão."*
>
> *(Afrânio Coutinho)*

ESTE INFERNO DE AMAR

"Este inferno de amar - como eu amo!
Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama me alenta e consome,
que é a vida - e que a vida destrói
Como é que se veio a atear.
Quando - ai quando se há de ela apagar?

Eu não sei, não me lembra o passado,
a outra vida que dantes vivi
Era um sonho talvez... - foi um sonho -
Em que paz tão serena a dormir!
Oh! que doce era aquele sonhar
Quem me veio, ai de mim! despertar?
Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o Sol tanta luz!
E os meus olhos ardentes os pus.
Que fez ela? eu que fiz? - Não o sei.
Mas nessa hora a viver comecei... "

(Almeida Garret)

"Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! Nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre o meu peito!"

(Álvares de Azevedo)

3. EVASÃO OU ESCAPISMO

O choque das aspirações do escritor com a realidade que o cerca, faz com que ele "fuja" para um mundo à base do sonho e de emoções pessoais. A sua imaginação dá-lhe a possibilidade de criar, diante dessa insatisfação, o seu universo, decorrente de uma visão pessoal da realidade. Foge para um lugar de sonhos onde a imaginação corre à solta, sem rédeas, sem leis, sem proibições.

E, do inevitável confronto desse mundo utópico com o real a única solução é a evasão, que se processa em três níveis: no **tempo**, no **espaço** e na **morte**.

Evasão no tempo

Se a época contemporânea o leva ao conflito, procura no passado (individual ou histórico) as situações consideradas ideais.

No plano histórico, ele vai descobrir a **Idade Média** com seus elementos pitorescos, misteriosos e lendários.

A Idade Média identifica as origens da nacionalidade, a matriz cultural de cada povo. O romântico vai em busca da personalidade, dos traços individuais que distinguem as nações.

Vai existir a valorização das **tradições populares,** da **história de cada país** que passam a servir de temática para dramas e romances.

Essa atitude trouxe ao Romantismo do Brasil o **Indianismo** - a exaltação do índio - que, muitas vezes, aparece como um legítimo cavaleiro medieval, o super-herói romântico e/ou elementos do Brasil-colônia.

"Valente na guerra
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
- Guerreiros, ouvi-me;
- Quem há, como eu sou?

Na caça ou na lide,
Quem há que me afronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O inimigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.
- Quem há mais valente,
- Mais destro do que eu?"

(Gonçalves Dias)

A religiosidade

Recupera-se a religiosidade medieval e dá-se mais ênfase ao **sentimento da religião**, ao senso de mistério e envolvimento que nela se encerram. A ditadura religiosa, imposta através de um conjunto rígido de dogmas, racionalmente propostos pelo classicismo, foi substituída então por uma **concepção pessoal da religião**.

"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes!
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?"

(Castro Alves)

"Quando ao sopé da cruz me chego aflito,
Sinto que o meu sofrer se vai minguando,
Sinto minha alma que de novo existe,
Sinto meu coração arder em chamas,
Arder meus lábios ao dizer teu nome."

(Gonçalves Dias)

Evasão no Plano Individual

Valorização da **infância** como um tempo feliz e estável. A sociedade atuaria como um elemento corruptor do elemento humano (Rousseau), daí a supervalorização da **criança** e do **selvagem** como **modelo de pureza e inocência.**

"Oh! que saudades que tenho
Da Aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!"

(Casimiro de Abreu)

Evasão no Espaço

a) NATUREZA: o romântico vai encontrar na natureza o lugar de **refúgio**, de **tranquilidade**, onde o seu espírito pode encontrar a paz. Ele verá a natureza como um prolongamento de seus sentimentos e de sua alma; será sua **musa** e sua **confidente**, **participante** e **companheira**. Ela não mais será "apenas cenário" como era no contexto árcade.

"É bela a noite, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrelas recamado;
Mas nessa escuridão, nesse silêncio
que ela consigo traz, há um quê de horrível
que espanta e desespera e geme n'alma;
Um quê de triste que nos lembra a morte!"

(Gonçalves Dias)

"Oceano terrível, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num polo e noutro polo,
Enfim... enfim te vejo; enfim meus olhos
Na indômita cerviz trêmulos cravo,
E esse rugido teu sanhudo e forte
Enfim medroso escuto!"

(Gonçalves Dias)

b) GOSTO PELO EXÓTICO E PITORESCO: procurando novas situações, o romântico vai a **terras distantes,** onde a sua **imaginação** e **fantasia** chegam às raias do **sobrenatural**. As florestas virgens, as paisagens orientais, os locais ermos e soturnos passam a favorecer a solitária vida do romântico.

"Amo o silêncio, os areais extensos,
Os vastos brejos e os sertões sem dia,
Porque meu seio como a sombra é triste,
Porque minh'alma é de ilusões vazia."

(Fagundes Varela)

c) GOSTO PELAS RUÍNAS: porque elas representam a **vitória** da natureza sobre a ação do homem.

d) GOSTO PELO NOTURNO: que vai de encontro à **atmosfera de mistério**, tão a gosto romântico. A esse fato acrescentam-se as imagens de cemitérios solitários, paisagens enluaradas - ambiente propício à fantasia e à imaginação, favorecidas pelo valor que os objetos adquirem.

"Que horrenda noite!... que pavor me cerca!
Por toda parte mil fantasmas se erguem
De espesso fumo, sem cessar vibrando
Olhos de brasas.

Naquele vale de ciprestes negros
Zunem os ventos com furor não visto...
Daquela rocha, murmurando, o rio
Se precipita."

(Gonçalves Dias)

Evasão na Morte

A morte é vista como a evasão das evasões, como a solução definitiva para o mal de viver. O poeta convive com ela, idolatra-a e vê nela a **libertação da sua angústia de viver.**

"Era-lhe a vida uma comédia insípida
Estúpida e sem graça ele a passava
Com a fria indiferença do marujo
Que fuma o seu cachimbo reclinado
Na proa do navio olhando as vagas
- Vivia por viver... porque vivia."

(Fagundes Varela)

"Pensamento gentil de paz eterna
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dois fantasmas que a existência formam,
- Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Por isso, ó morte, eu amo-te, e não temo
Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo."

(Junqueira Freire)

4. IDEALISMO - MULHER - HERÓI - MUNDO

MULHER - é a **criatura ideal**, um misto de anjo, santa e mulher em torno da qual gravitam todas as qualidades femininas: carinhosa, fiel, formosa, prendada, centro de todas as atenções e delicadezas. Figura poderosa e inatingível, capaz de mudar a vida do homem, de levá-lo à morte e à loucura.

SONETO

"Pálida, à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens de amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na escuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!"

(Álvares de Azevedo)

HERÓI

a) O herói romântico não se contenta com o mundo em que vive, é rebelde e desafiador. Julga-se diferente de outros homens, é solitário e, dificilmente, encontra lenitivo para essa revolta e solidão.

"Meu herói é um moço preguiçoso
Que viveu e bebia porventura
Como nós, meu leitor, se era formoso
Ao certo não o sei. Em mesa impura
Esgotara seu lábio fervoroso
Como vós e como eu a taça escura...
Era pálida sim... mas não d'estudo;
No mais... era um devasso e disse tudo."

(Álvares de Azevedo)

b) Os países do Novo Mundo não conheceram o medieval. Mas urgia criar um passado heroico, uma tradição, que sustentasse o *elan* nacionalista. Descobriu-se o índio, que passou a significar, para as literaturas americanas, o mesmo que o cavaleiro medieval; o herói lendário, nobre, altruísta, guerreiro fiel aos deveres de seu clã. Por isso, o Peri de José de Alencar se parece mais com Ivanhoé do que com os nossos sofridos tupis, guaranis, etc. Salientamos também o antagonismo existente em Peri, selvagem das matas brasileiras, possuidor de uma força que supera os limites humanos, mas, ao mesmo tempo, uma criatura terna, amável, capaz de amar platonicamente a bela Ceci.

"Então passou-se sobre esse vasto deserto de água e céu uma cena estupenda, heroica, sobre-humana um espetáculo grandioso, uma sublime loucura.

Peri alucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das árvores já cobertas de água, e com um esforço desesperado cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até as raízes.

Três vezes os seus músculos de aço, estorcendo-se inclinaram a haste robusta, e três vezes o seu corpo vergou, cedendo a retração violenta da árvore, que voltava ao lugar que a natureza lhe havia marcado."

(José de Alencar , *O Guarani)*

MUNDO: "com que os poetas sonhavam e construíram perfeito. Para onde pudessem fugir buscando lenitivo ao seu sofrimento."

"Oh! céu de minha terra - azul sem mancha -
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens doiradas que correis no acaso,
Névoas da tarde que cobria o monte

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagoa que o luar prateia,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquilas que morreis na areia."

(Casimiro de Abreu)

5. ILOGISMO

A exacerbação do subjetivismo faz com que os românticos acreditem em si mesmos e nos mundos que criam, guiados pela intuição, mesmo quando essa atitude fere a lógica e a razão. Daí decorre o ilogismo, a instabilidade emocional, traduzida em atitudes antitéticas e paradoxais: alegria/tristeza, entusiasmo/depressão, desejo/ auto-punição.

"Ó páginas da vida que eu amava,
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...
Ardei, lembranças doces do passado!
Quero rir-me de tudo que eu amava!"

(Álvares de Azevedo)

"Quando junto de ti eu sinto às vezes
Em doce enleio desvairar-me o siso,
Nos meus olhos incertos sinto lágrimas...

E por te amar, por teu desdém - perdi-me...
Tresnoitei-me em orgias macilento,
Brindei blasfemo ao vício e da minh'alma
Tentei me suicidar no esquecimento!"

(Álvares de Azevedo)

6. LIBERDADE DE CRIAÇÃO E DESPREOCUPAÇÃO COM A FORMA

Libertando-se dos modelos clássicos, os românticos **abandonam as formas fixas** (são raros os sonetos, odes, oitavas, etc.); a obrigatoriedade da rima, valorizando o verso branco; negam e **fundem os gêneros literários**, abandonando a sistematização, impondo o desaparecimento de alguns gêneros, como a epopeia clássica, a tragédia, a comédia e propiciando o surgimento de outros, como o drama, o romance de costumes.

Uma conquista importante dos autores românticos foi **a renovação e o enriquecimento da língua,** com a incorporação de neologismos, *e* a tentativa de aproximação entre a língua literária e a linguagem oral e coloquial. A superação do rigor linguístico dos clássicos possibilitou uma dicção mais compatível com o gosto e o entendimento do leitor da época.

"Frouxo o verso talvez, pálida a rima.
Por estes meus delírios cambaleia,
Porém odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a veia!
Quanto a mim é o fogo quem anima
De uma estância o calor quando formei-a,
Se a estátua não saiu como pretendo,
Quebro-a - mas nunca seu metal emendo."

(Álvares de Azevedo)

ROMANTISMO NO BRASIL

Além do conjunto de características comuns ao Romantismo europeu, é possível apontar no Romantismo brasileiro alguns traços específicos.

a) **Cor local**
Corresponde à utilização poética de nossa Natureza tropical, com sua variedade de aspectos, oposta a dos países europeus. A descrição da **paisagem local** indica a tomada de consciência e a afirmação daquilo que é característico em cada país. Casimiro de Abreu afirma: "O filho dos trópicos deve escrever numa linguagem propriamente sua - lânguida, como ele, quente como o sol que o abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares..."

b) **Indianismo**
Foi a forma mais representativa de nacionalismo literário. Corresponde, no Brasil, à busca de um legítimo antepassado nacional, já que não possuíramos Idade Média com heróis típicos. Por outro lado, a **figura do índio** foi **idealizada** pelos escritores românticos com a finalidade de nivelar esse nosso antepassado ao português colonizador. O índio romântico é sempre bom, nobre, bonito e cavaleiro generoso.

Segundo Dante Moreira Leite, o indianismo tinha conteúdo ideológico. "O índio foi, no

Romantismo, uma imagem do passado e, portanto, não apresentava qualquer ameaça à ordem vigente, sobretudo à escravatura.

Os escritores, políticos e leitores identificavam-se com esse índio do passado, ao qual atribuíam virtudes e grandezas; o índio contemporâneo que, no século XIX, como agora, arrastava-se na miséria e na semiescravidão, não constituía um tema literário".

Não podemos esquecer, ainda, que o indianismo se articulava com uma proposta europeia mais ampla; a ideia do bom selvagem. No caso do Brasil, o índio representava a concretização desse homem em estado natural, ainda não "corrompido" pela civilização.

EXERCÍCIOS

1. Complete o quadro com as características românticas que se opõem às apresentadas:

Classicismo - Neoclassicismo	Romantismo
Culto à antiguidade greco-latina	
Imitação dos modelos clássicos	
Mitologia pagã	
Arte é imitação	
Mundo real	
Predomínio da razão	
Natureza como cenário	
Equilíbrio - Moderação	
Linguagem comedida	
Imparcialidade	
Homem universal	
O lógico e objetivo	
Manutenção das formas fixas	
Visão objetiva de mundo	

2. Identifique nos fragmentos abaixo, características românticas que neles predominam:

a)

"Ó anjo do meu Deus, se nos meus sonhos
A promessa do amor me não mentia,
Concede um pouco ao infeliz poeta
Uma hora da ilusão que o embebia!"

(Junqueira Freire)

b)

"E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro."

(Álvares de Azevedo)

c)

"Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz - e escrevam nela:
Foi poeta - sonhou - e amou na vida."

(Álvares de Azevedo)

d)

"Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cisne de douradas plumas;
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tona das espumas."

(Castro Alves)

e)

"Aqui sobre esta mesa junto ao leito
Em caixa negra dois retratos guardo.
Não os profanem indiscretas vistas.
Eu beijo-os cada noite: neste exílio
Venero-os juntos e os prefiro unidos
- Meu pai e minha mãe - Se acaso um dia
Na minha solidão me acharem morto,
Não os abra ninguém. Sobre meu peito
Lancem-os em meu túmulo mais doce
Será certo o dormir da noite negra
Tendo no peito essas imagens puras."

(Álvares de Azevedo)

f)

"Meu amor...Meu amor é um delírio...
É a volúpia, que abrasa e consome
Meu amor é uma mescla sem nome.
És um anjo, e minh'alma - um altar
Oh! meu Deus! manda ao tempo, que fuja,
Que deslizem em fio os instantes,
E o ponteiro, que passa os quadrantes,
Marque a hora em que a possa beijar!"

(Castro Alves)

g)

"Fugiremos à pátria. Iremos longe
Habitar num deserto. No meu peito
Eu tenho amores para encher de encantos
Uma alma de mulher... Por que sorriste?
Sou um louco. Maldita a folha negra
Em que Deus escreveu a minha sina..."

(Álvares de Azevedo)

h)

"Meu peito de gemer já está cansado,
Meus olhos de chorar;
E eu sofro ainda, e já não posso alívio
Sequer no pranto achar!"

(Gonçalves Dias)

i)

"Basta!... Eu sei que a mocidade
É o Moisés no Sinai;
Das mãos do eterno recebe
As tábuas da lei! - Marchai!
Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da História
No coração do Brasil!
Moços, do topo dos Andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplam séculos mil!"

(Castro Alves)

j)

"Não achei na terra amores
Que merecessem os meus,
Não tenho um ente no mundo
A quem diga o meu - adeus."

(Junqueira Freire)

l)

"Sombras do vale, noites da montanha,
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!"

(Álvares de Azevedo)

m)

"Eu amo a noite quando deixa os montes
Bela, mas bela de um horror sublime,
E sobre a face dos desertos quedos
Seu régio selo de mistério imprime".

(Fagundes Varela)

3. O *texto dado* a *seguir* é *um fragmento do prefácio de* ***Suspiros Poéticos e Saudades*** *- obra que introduz* o *Romantismo brasileiro.*

SUSPIROS POÉTICOS E SAUDADES

"Pede o uso que se dê um prólogo ao livro, como um pórtico ao edifício e como este deve indicar por sua construção a que divindade se consagra o templo, assim deve aquele designar o caráter da obra. Santo uso de que nos aproveitamos, para desvanecer alguns preconceitos, que talvez contra este livro se elevem em alguns espíritos apoucados.

É um livro de poesias escritas, segundo as impressões dos lugares, ora assentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito como um átomo no espaço; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus, e os prodígios do Cristianismo; ora entre os ciprestes que espalham sua sombra sobre túmulos; ora enfim refletindo sobre a sorte da Pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida.

São poesias de um peregrino, variadas como as cenas da Natureza, diversas como as fases da vida, mas que se harmonizam pela unidade do pensamento, e se ligam como os anéis de uma cadeia; poesias d' alma e do coração e que só pela alma e no coração devem ser julgadas.

Quem ao menos uma vez separou-se de seus pais, chorou sobre a campa de um amigo, e armado com o bastão de peregrino, errou de cidade, uma cidade de ruínas, como repudiado pelos seus; quem no silêncio da noite, cansado de injustiça e misérias dos homens; quem meditou sobre a instabilidade das cousas da vida, e sobre a ordem providencial que reina na história da Humanidade, como nossa alma em todas as nossas ações; esse achará um eco de sua alma nestas folhas que lançamos hoje a seus pés, e um suspiro que se harmonize com o seu suspiro.

Para bem se avaliar esta obra, três causas revela notar: o fim, o gênero e a forma.

O fim deste livro, ao menos aquele a que nos propusemos, que ignoramos se o atingimos, é o de elevar a Poesia à sublime fonte donde ela emana, como o eflúvio d' água, que da rocha se precipita, e ao seu cume remonta, ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso; vingar ao mesmo tempo a Poesia das profanações do vulgo, indicando apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A poesia, este aroma d' alma, deve de contínuo subir ao Senhor; som acorde da inteligência deve santificar as virtudes, e amaldiçoar os vícios.

O poeta, empunhando a lira da Razão, cumpre vibrar as cordas eternas do Santo, do Justo e do Belo, do reformador da nossa Poesia, nos seus primores d'arte, nem sempre se apoderou desta ideia. Compõe-se uma grande parte de suas obras de traduções; e quando ele é original causa mesmo dó que cantasse o homem selvagem de preferência ao homem civilizado, como se aquele a este superasse, como se a civilização não fosse obra de Deus, a que era o homem chamado pela força da inteligência, com que a Providência dos mais seres o distinguira.

Outros apenas curaram de falar aos sentidos, outros em quebrar as leis da decência.

Seja qual for o lugar em que se ache o poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bela, embalado pelos prazeres; no cárcere, como no palácio, na paz, como sobre o campo da batalha, se ele é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão, e se acha sempre o segredo de encantar os sentidos, vibrar as cordas do coração, e elevar o pensamento nas asas da harmonia até às ideias arquétipas.

O poeta sem religião, e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos aí procuram aplacar a sede.

Ora, nossa religião, nossa moral é aquela que nos ensinou o Filho de Deus, aquela que civilizou o mundo moderno, aquela que ilumina a Europa, e a América, e só este bálsamo sagrado deve verter os cânticos dos poetas brasileiros.

Uma vez determinado e conhecido o fim, o gênero se apresenta naturalmente. Até aqui, como só se procurava fazer uma obra segundo a Arte, imitar era o meio indicado: fingida era a inspiração, e artificial o entusiasmo. Desprezavam os poetas a consideração se a Mitologia podia, ou não, influir sobre nós. Contanto que dissessem que as Musas do Helicon os inspiravam, que Fabo guiava seu carro puxado pela quadriga, que a Aurora abria as portas do Oriente com seus dedos de rosas, e outras tais e quejandas imagens tão usadas, cuidavam que tudo tinha feito, e que com Homero emparelhavam; como se pudesse parecer belo que achasse algum velho manto grego, e com ele se cobrisse. Antigos e safados ornamentos, de que todos se servem a ninguém honravam.

Quanto à forma, isto é, à construção, por assim dizer, material das estrofes, e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos; exprimindo as ideias como elas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração; além de que, a igualdade dos versos, a regularidade das rimas, e a simetria das estâncias produz uma tal monotonia, e dá afeição de concerto artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com sons limitativos, e períodos explicativos.

Quando em outro tempo publicamos um volume das Poesias da nossa infância, não tínhamos ainda assaz refletido sobre estes pontos, e em quase todas estas faltas incorremos; hoje porém cuidamos ter seguido melhor caminho. Valha-nos ao menos o bom desejo, se não correspondem as obras ao nosso intento; outros mais mimosos da Natureza farão o que não nos é dado.

Algumas palavras acharão neste livro que nos dicionários portugueses se não encontram; mas as línguas vivas se enriquecem com progresso da civilização, e das ciências, e uma nova ideia pede um novo termo.

Eis as necessárias explicações para aqueles que leem de boa fé, e se aprazem de colher uma pérola no meio das ondas; para aqueles, porém, que com olhos de prisma tudo decompõem, e como as serpentes sabem converter em veneno até o néctar das flores, tudo é perdido; o que poderemos nós dizer-lhes? ...Eis mais uma pedra onde afiem suas presas; mais uma taça onde saciem sua febre de escárnio.

Este livro é uma tentativa, é um ensaio; se ele merecer o público acolhimento, cobraremos ânimo, e continuaremos a

publicar outros que já temos feito, e aqueles que fazer poderemos com o tempo.

É um tributo que pagamos à Pátria, enquanto lhe não oferecemos cousa de maior valia; é o resultado de algumas horas de repouso, em que a imaginação se dilata, e a atenção descansa, fatigada pela seriedade da ciência.

Tu vais, ó livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Pátria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições, onde tudo está gelado, exceto o egoísmo; tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.

Vai, nós te enviamos, cheio de amor pela Pátria, de entusiasmos por tudo o que é grande, e de esperança em Deus, e no futuro."

Adeus!
Paris, julho de 1836.
Gonçalves de Magalhães

Lido o *texto, identifique* as *características do Romantismo que ele aponta:*

_____
_____
_____
_____

POESIA ROMÂNTICA

Com finalidade didática, costuma-se dividir os poetas românticos em três gerações:

PRIMEIRA GERAÇÃO

Foi a geração que definiu, implantou e consolidou o Romantismo no Brasil.

1. GONÇALVES DE MAGALHÃES (1811 - 1882)

Introduziu, em 1836, o Romantismo no Brasil com ***Suspiros Poéticos e Saudades***, de inspiração francesa, "cujo prefácio, pelas ideias literárias que discutia e defendia, valeu mais que os poemas, de um poeta que ficou sempre nas boas intenções, na boa técnica versificatória e estilística, mas nunca chegou propriamente a sentir poesia romântica".

Dedicou-se à poesia nacionalista e religiosa, inspirando-se também na tristeza e na saudade.

OBRAS:

Suspiros Poéticos e Saudades (1836), ***Poesias*** (1832), ***Antônio José*** ou ***O Poeta e a Inquisição*** (1837, tragédia em verso), ***Olgiato*** (tragédia), ***Amância*** (novela), ***A Confederação dos Tamoios*** (1856, poema épico), além de obras de críticas e filosofia.

2. GONÇALVES DIAS (1823 -1864)

Nasceu em Caxias, MA, em 1823. Faleceu no naufrágio do *Ville de Boulogne* (no qual o poeta regressava da Europa, desenganado), nos baixios de Atins, perto *do* Maranhão, em 1864.

É o primeiro poeta "de sensibilidade artística realmente brasileira". Trazia, por sinal, o sangue das três raças: o pai era português e a mãe, cafuza.

Estudou Direito em Coimbra, onde entrou em contato com os românticos portugueses e estudou as principais literaturas europeias.

Voltou ao Brasil em 1845. No ano seguinte, publicou *Primeiros Cantos*, a primeira obra verdadeiramente romântica no tema e na forma, que o tornou, imediatamente, poeta de primeira grandeza.

De 1846 a 1852, publicou suas obras mais importantes, enquanto ocupou cargos de relevo junto ao Imperador.

Apaixonou-se por Ana Amélia Ferreira do Vale que lhe inspirou belas poesias. Dona Lourença (mãe de Ana Amélia) não permitiu o casamento (1852). Esta recusa foi fatal para o poeta. Embora ele desposasse, posteriormente, D. Olímpia, Ana Amélia continuaria sempre a "mulher carinhosamente amada e nunca esquecida".

Destacou-se pela correção da linguagem e perfeição da forma.

OBRAS:

Poesias: ***Primeiros Cantos*** (1845), **Segundos Cantos** (1848), ***Sextilhas de Frei Antão*** (1848), ***Últimos Cantos*** (1851), ***Os Timbiras*** (1857). Prosa: ***Paktul*** (drama), ***Beatriz Cenci*** (1847, drama), ***Leonor de Mendonça*** (1847, um dos mais belos dramas de nossa literatura), ***Boabdill*** (drama), ***Meditação, Memória de Agapito Goiaba, Brasil e Oceania*** (1852, memória), ***Dicionário da Língua Tupi*** (1858), além de diários de viagem e de expedições científicas.

CARACTERÍSTICAS

a) Poesia amorosa: "Amor é vida" - o poeta

escreveu e aprovou: Amor e vida foram inseparáveis em sua existência.

Embora tivesse diversos casos de amor, que lhe inspiraram não poucas poesias, sua melhor parte de poemas amorosos gira em torno de Ana Amélia. Até a recusa de casamento temos um poeta otimista, sonhador, cantando o amor, a felicidade, retratando uma alma cheia de afeto e entusiasmo, versejando fácil. São exemplos: **Seus Olhos, Leviana, Inocência, Suspiros.**

Depois da recusa (1852), volta-se o poeta para seu íntimo e começa a lastimar seu ingrato destino. Sofre. A mórbida imaginação que possuía, aproxima-o sempre mais da desgraça e da morte. Citem-se: **Se Se Morre de Amor, Se muito Sofri já não me Perguntes, Ainda Uma Vez - Adeus!.**

Observemos os textos:

SEUS OLHOS

"Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, - mais doce que o nauta
De noite cantando, - mais doce que a frauta
Quebrando a solidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir.
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; - causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,
Às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não pensa - a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Às vezes do céu
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da Pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão".

AINDA UMA VEZ - ADEUS

I

"Enfim te vejo! - enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

II

Dum mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos

Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

III

Louco, aflito, a saciar-me
D'agravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

IV

Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que ma darias - bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei!... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dor!

IX

Que me enganei, ora o vejo:
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
'Ela é feliz (me dizia)
Seu descanso é obra minha.'
Negou-me a sorte mesquinha...
Perdoa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava.
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

XII

Enganei-me!... - Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
C'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

XIV

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fora.
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus *ab eterno* a fizera,
No meu caminho a pusera...
E eu! eu fui que a não quis!

XV

És doutro agora, e pr'a sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

XVI

Dói-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVII

Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XVIII

Lerás porém algum dia
Meus versos d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; - e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, - de compaixão."

b) Poesia indianista: É Gonçalves Dias acusado de ter apresentado o índio transfigurado num plano ideal. Observe-se que o indianismo gonçalvino é autêntico, pois o poeta, além de possuir sangue de índio (e fazer indianismo em "legítima defesa"), conheceu, diretamente e através de estudos, o índio americano. Seus índios são nobres, corajosos, cavalheiros.

Lembram muito os cavaleiros da Idade Média.

Principais poemas: **I - Juca-Pirama, Os Timbiras** (épico: o autor completou somente quatro dos dez cantos planejados); **O Canto do Guerreiro, Os Cantos do Piaga, Canção do Tamoio.**

CANÇÃO DO TAMOIO

"Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

Um dia vivemos!
O homem que é forte

Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e ferroz;
E os tímidos velhos
Nos graves conselhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoios
Na guerra e na paz.

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'inimigos transidos
Por vil comoção;
E tremam d'ouvi-lo
Pior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Pior que o trovão.

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos criados
Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

Porém se a fortuna,
Traindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do inimigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranquilo nos gestos,
Impávido, audaz.

E cai como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar."

DEPRECAÇÃO

"Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velamem de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisam e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus:
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibram, são teus?

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velamem de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De frechas cobrindo o espaço do ar.

Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo coati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão!

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã!"

Notas: *deprecação* = invocação, pedido insistente; *denso velame* (v.2) = véu espesso, máscara; *cruentos* (v.l0) = sangrentos; *vagas* sem *tino* (v.11) = andam sem rumo; *trás* (v.12) = atrás; *voraces* (v.22) = ávidos, ambiciosos; *pujança* (v.15) = força, poder; *olhar da manhã* (v.22) = alvorada; *gume* da *maça* (v.24) = lado afiado da clava, arma dos índios; *igaras* (v.31) = canoas; *Piaga* (v.37) = espécie de feiticeiro, sacerdote e curandeiro; *ínvio* (v.40) = impenetrável; *tardança* (v.44) = demora; *feroz* (v.47) = ferozes, cruéis; *Anhangá* (v.9) = força do mal, *o* gênio mal da floresta.

c) Poesia da natureza: Os críticos insistem em afirmar que G. Dias é panteísta. E com razão, se entendermos por panteísmo a identificação dos sentimentos do poeta com a natureza. Ou mais: a comunhão poeta-natureza. Isto se explica porque *o* poeta viveu parte de sua infância no sítio Boa Vista, perto de Caxias, onde teve íntima ligação com a natureza, sempre presente em suas obras.

Celebrou *o* amanhecer, o entardecer, o sol, as estrelas, a lua, o céu, as flores, a tempestade, as florestas.

"Salve, ó Lua cândida,
Que trás dos altos montes
Erguendo a fronte pálida,
Dos negros horizontes
As sombras melancólicas
Vens ora afugentar!"
(A Lua)

" Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!"
(A Noite)

d) Poesia saudosista: As constantes separações e a distância da pátria e dos amigos fazem com que a saudade repasse a obra de G. Dias. "Canção do Exílio", que abre *Primeiros Cantos*, é a poesia que melhor identifica esse aspecto.

CANÇÃO DO EXÍLIO

"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá."

e) Poesia autobiográfica: Muitas poesias gonçalvinas têm por assunto sua vida. De um modo geral, apresentam as horas felizes do passado - poucas e fugidias - contrastando com um presente de sofrimento, de tristeza, de quem se vê vítima do destino.

Exemplificam este aspecto as poesias: **"Adeus aos Meus Amigos do Maranhão"** e **"Quadras da Minha Vida".**

f) Poesia medieval: Escreveu ***Sextilhas de Frei Antão***, em português arcaico, onde "o Frei celebra, de modo às vezes jocoso, os velhos tempos de fé e valentia do povo português".

" Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão;
Quando nas guerras de mouros
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação."

SEGUNDA GERAÇÃO

Conhecida como geração **byroniana** ou **geração ultrarromântica**, por ter Byron como mito-herói.

O **mal do século** tomou conta desta geração.

Compreenda-se por mal do século: subjetismo exagerado, melancolia perene, constante tédio, pessimismo, vontade de sofrer, verdadeira obsessão pela morte, vontade de fugir desta realidade para um mundo indefinido com que esses poetas sonhavam.

Observa com propriedade D. Fontana que "para ser poeta era necessário sofrer com desespero os embates da paixão desordenada e sentir na vida boêmia os negros pesares do infortúnio; era preciso descrer da felicidade e morrer jovem".

1. ÁLVARES DE AZEVEDO (1831 - 1852)

Nasceu em 1831, em São Paulo, e faleceu em 1852, no Rio de Janeiro, de enterite.

Conhecido como o **Poeta da Dúvida** ou **Lacrimoso Perene.**

OBRAS:

Lira dos Vinte Anos (1853, poesia), ***Noite na Taverna*** (contos), ***O Conde Lopo*** (poema), ***Macário*** (drama), todas póstumas.

Álvares de Azevedo é o poeta que melhor representa o byronismo no Brasil, pois sua obra apresenta as características fundamentais do mal do século. Sem tempo para amadurecer e sentindo a morte próxima, produziu intensa e desordenadamente.

Devemos destacar dois temas que, além da dúvida, envolvem suas obras: **o amor e a morte.**

O amor com que o poeta sempre sonhou, buscou incessantemente e não alcançou. O poeta reconhece:

"Oh! se pudesse amar! ... É impossível
Mão fatal escreveu na minha vida!..."

Álvares de Azevedo não teve amores. Não há notícias de uma só inclinação amorosa.

A morte, com que o poeta se encontrou desde criança quando faleceu uma irmã, acompanhou-o sempre e tanto que o poeta a tinha, tragicamente, como noiva e amante.

LEMBRANÇA DE MORRER -

No more! o never more!

Shelly

"Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade - é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade - é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe! pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos - bem poucos! - e que não zombavam
Quando, em noites de febre endoidecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
- Foi poeta - sonhou - e amou na vida.

Sombras do vale, noites da montanha,
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protejei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe um canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando, à meia-noite, o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua prantear-me a lousa!"

SE EU MORRESSE AMANHÃ

"Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce na'lva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!"

SONETO

"Perdoa-me, visão dos meus amores,
Se a ti ergui meus olhos suspirando!...
Se eu pensava num beijo desmaiando
Gozar contigo uma estação de flores!

De minhas faces os mortais palores,
Minha febre noturna delirando,
Meus ais, meus tristes ais vão revelando
Que peno e morro de amorosas dores...

Morro, morro por ti na minha aurora
A dor do coração, a dor mais forte,
A dor de um desengano me devora...

Sem que última esperança me conforte,
Eu - que outrora vivia! - eu sinto agora
Morte no coração, nos olhos morte!"

SONETO

"Pálida, a luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar! na escuma fria
Pela maré das água embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!"

2. CASIMIRO DE ABREU (1839 - 1860)

Nasceu em 1839, na fazenda da Prata, Capivari, RJ. Faleceu em 1860, em Indaiá-açu, RJ, de tuberculose.

O pai sufocou-lhe todas as pretensões poéticas, obrigando-o a estudar e praticar comércio. Para tanto, Casimiro é enviado a Portugal onde, longe da pátria, roído da saudade, escreve suas primeiras e mais belas poesias.

OBRAS:

Camões e o Jaú (1856, cena dramática em verso); ***As Primaveras*** (1859, poesia).

Conhecido como o **Poeta da saudade.**

Os críticos são unânimes em considerar Casimiro de Abreu "o mais popular e o mais brasileiro dos nossos poetas".

Isto se explica por duas razões:

a) Seus temas: "flores e estrelas, murmúrios da terra e mistérios do céu, sonhos de virgem, risos e cantigas de criança, trovas de mancebo; e o coração que se inspira sobre o eterno tema do amor", a saudade, a terra natal, a mãe, a irmã, o lar, a infância, a inocência - temas que tocarão sempre a alma brasileira e, principalmente, a alma jovem e sonhadora.

b) A linguagem do poeta é de uma simplicidade que chega, às vezes, a ser ingênua. É límpida, espontânea, clara e viva como os sentimentos que traduz. Essencialmente comunicativa.

MEUS OITO ANOS

"Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é lago sereno
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
- Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas.
Brincava à beira do mar,
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!"

A VALSA

"Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na valsa,
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquila,
Serena,
Sem pena
De mim!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas...
- Não negues,
Não mintas...
- Eu vi!...
Valsavas:
- Teus belos
Cabelos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No colo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias,
P'ra outro
Não eu!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
- Não negues,
Não mintas...
- Eu vi!...
Meu Deus!
Eras bela
Donzela,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual silfo

Risonho
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos lábios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem?!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
- Não negues,
Não mintas...
- Eu vi!...
Calado,
Sozinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na valsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem falas,
Nem cantos,
Nem prantos,
Nem voz!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
- Não negues,
Não mintas!...
- Eu vi!...
Na valsa
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Cismavas,
E estavas
Tão pálida
Então;
Qual pálida
Rosa
Mimosa
No vale
Do vento
Cruento
Batida,
Caída
Sem vida
No chão!
Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
- Não negues,
Não mintas...
- Eu vi!..."

AMOR E MEDO

I

"Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
- 'Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!'

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,

E se te fujo é que te adoro louco...
És bela - eu moço; tens amor - eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das folhas secas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me intumesce os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea - ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incêndio
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: - que seria da plantinha humilde
Que à sombra dele tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrara a planta qual queimara o galho,
E a pobre nunca reviver pudera,
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Madalena pura,
Sobre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos - palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trêmula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo!...

Diz: - que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
- Tu te queimaras, a pisar descalça,
- Criança louca, - sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos pauis da terra.

Depois... desperta no febril delírio,
- Olhos pisados - como um vão lamento,
Tu perguntaras: - qu'é da minha c'roa?...
Eu te diria: - desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: traí-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bela - eu moço; tens amor, eu - medo!..."

3. FAGUNDES VARELA (1841 - 1875)

Nasceu em Santa Rita do Rio Claro, RJ, em 1841 e faleceu em Niterói, em 1875, de congestão cerebral.

Teve o poeta uma infância nômade. O pai era juiz. Já rapaz (em 1859), procura ingressar na Faculdade de Direito. Entrega-se de corpo e alma à boemia. Em 1862 casa-se; mas no ano seguinte, morre-lhe o primeiro filho, Emiliano.

Entrega-se ainda mais ao álcool. Em 1865 muda-se para Recife. Morre-lhe a esposa. Abandona os estudos e passa a viver de fazenda em fazenda e pelas cidades próximas à cidade natal. Nem o segundo casamento o corrige.

OBRAS:

Noturnas (1861), ***O Estandarte Auriverde*** (1863), ***Vozes da América*** (1864), **Cantos e Fantasias** (1865), ***Cantos Meridionais*** (1869), ***Cantos do Ermo e da Cidade*** (1869), ***Anchieta*** ou ***O Evangelho das Selvas*** (1875), ***Cantos Religiosos*** (de parceria com o irmão) e ***Diário de Lázaro*** - sendo as últimas duas, póstumas.

Aspectos mais importantes de sua obra:

a) ***Poeta religioso:*** A obra máxima é ***Anchieta*** ou ***O Evangelho das Selvas*** (dez cantos, versos brancos), em que Anchieta narra aos índios a vida,

paixão e morte de Cristo.

Deus é uma presença constante na obra do poeta; a Bíblia, o seu grande livro. Esta religiosidade (mais do que religião) era refúgio para os sofrimentos, para a infelicidade, sua constante companheira.

b) Poeta da natureza: Até hoje ninguém o superou como paisagista. Seus motivos paisagísticos vão dos "convencionais" (embora grandiosos) como o mar, as serras, o Amazonas, aos mais "rústicos" como o mato virgem, o brejo, a choça, a viola dos tropeiros, passando pelos mais "delicados": o sabiá, a rola, a borboleta, o vaga-lume.

c) Poeta do sofrimento: Foi o sofrimento moral que levou a inspiração de Varela ao ponto máximo. Seu filho Emiliano, morto com três meses de idade, inspirou-lhe "Cântico do Calvário", a mais bela e perfeita elegia escrita em língua portuguesa. Teve pouquíssimos momentos de alegria e felicidade. A vida foi-lhe ingrata. E o poeta confessa:

"Por toda a parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!..."

Varela cantou ainda o amor, com acentos mais realistas do que o fizeram seus coetâneos, em face de maior experiência; foi precursor da poesia social e da poesia abolicionista. Por isto, Varela é considerado poeta de transição entre a segunda e terceira geração.

CÂNTICO DO CALVÁRIO

À memória de meu filho.
Morto a 11 de dezembro de 1863.

"Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança!... - Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro!...
Eras a messe de um dourado estio!...
Eras o idílio de um amor sublime!...
Eras a glória, a inspiração, a pátria,
O porvir de teu pai! - Ah! no entanto,
Pomba - varou-te a flecha do destino!
Astro - engoliu-te o temporal do Norte!
Teto - caíste! Crença - já não vives!
Correi, correi, oh! lágrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extinta,
Dúbios archotes que a tremer clareiam
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei mais belas
Que os diamantes de Ofir e de Golconda
Fulgurar na coroa de martírios
Que me circunda a fronte cismadora!
São mortos para mim da noite os fachos,
Mas Deus vos faz brilhar, lágrimas santas,
E à vossa luz caminharei nos ermos!
Estrelas do sofrer, gotas de mágoa,
Brando orvalho do céu! Sede benditas!
Oh! filho de minh'alma! Última rosa
Que neste solo ingrato vicejava!
Minha esperança amargamente doce!
Quando as garças vierem do ocidente
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem de teus olhos no cerúleo brilho
Acharei um consolo a meus tormentos!
Não mais te invocarei a musa errante
Nesses retiros onde cada folha
Era um polido espelho de esmeralda
Que refletia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram!
Não mais perdido em vaporosas cismas
Escutarei ao pôr do sol nas serras,
Vibrar a trompa sonorosa e leda
Do caçador que aos lares se recolhe!"
(...)

AVE! MARIA!

"A noite desce - lentas e tristes
Cobrem as sombras a serrania,
Calam-se as aves, choram os ventos,
Dizem os gênios: - Ave! Maria!

Na torre estreita de pobre templo
Ressoa o sino da freguesia,
Abrem-se as flores, Vésper desponta,
Cantam os anjos: - Ave! Maria!

No tosco albergue de seus maiores,
Onde só reinam paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vozes: - Ave! Maria!

E, longe, longe, na velha estrada,
Para e saudades à pátria envia
Romeiro exausto que o céu contempla,
E fala aos ermos: - Ave! Maria!

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende névoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a fronte,
Reza baixinho: - Ave! Maria!

Nas soledades, sem pão nem água,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama: - Ave! Maria!

Só nas alcovas, nas salas dúbias,
Nas longas mesas de longa orgia
Não diz o ímpio, não diz o avaro,
Não diz o ingrato: - Ave! Maria!

Ave! Maria! - No céu, na terra!
Luz da aliança! Doce harmonia!
Hora divina! Sublime estância!
Bendita sejas! - Ave! Maria!"

4. JUNQUEIRA FREIRE (1832 - 1855)

Nasceu em Salvador, BA, em 1832, onde faleceu em 1855, vítima de moléstia cardíaca.

OBRAS:

Inspirações do Claustro (1855, poesia) e *Contradições Poéticas* (poesia).

Aos dezoito anos entra para o Mosteiro de São Bento da Bahia, tentando achar solução para seu mórbido desequilíbrio. Sem vocação para a vida monástica, sua crise agrava e abandona o claustro.

Sua obra mostra a interessante luta do monge-poeta em busca de equilíbrio espiritual e existencial. Mais blasfemo que religioso, mais filosófico que crente, mais racional que romântico, seu isolamento aumenta-lhe a dor. "Daí temas lhe são peculiares: o monge, que ele lastima e a morte a que ele aspira".

O ARRANCO DA MORTE

"Pesa-me a vida já. Força de bronze
Os desmaiados braços me pendura.
Ah! já não pode o espírito cansado
Sustentar a matéria.

Eu morro, eu morro. A matutina brisa
Já não me arranca um riso. A rósea tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gélidas se encovam.

O noturno crepúsculo caindo
Só não me lembra o escurecido bosque,
Onde me espera, a meditar prazeres,
A bela que eu amava.

A meia-noite já não traz-me em sonhos
As formas dela - desejosa e lânguida -
Ao pé do leito, recostada em cheio
Sobre meus braços ávidos.

A cada instante o coração vencido
Diminui um palpite; o sangue, o sangue,
Que nas artérias férvido corria,
Arroxa-se e congela.

Ah! é chegada a minha hora extrema!
Vai meu corpo dissolver-se em cinza;
Já não podia sustentar mais tempo
O espírito tão puro.

É uma cena inteiramente nova.
Como será? - Como um prazer tão belo,
Estranho e peregrino, e raro e doce,
Vem assaltar-me todo!

E pelos imos ossos me refoge
Não sei que fio elétrico. Eis! sou livre!
O corpo que foi meu! que todo impuro!
Caiu, uniu-se à terra."

MORTE

(Hora de delírio)

"Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dois fantasmas que a existência formam,
- Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam,
Que nos extingues as visões terrenas.

Nunca temi tua destra,
Não sou o vulgo profano:
Nunca pensei que teu braço
Brande um punhal sobr'humano.

Nunca julguei-te em meus sonhos
Um esqueleto mirrado;
Nunca dei-te, pra voares,
Terrível ginete alado.

Nunca te dei uma foice
Dura, fina e recurvada;
Nunca chamei-te inimiga,
Ímpia, cruel, ou culpada.

Amei-te sempre: - e pertencer-te quero
Para sempre também, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra, - esse elemento
Que não se sente dos vaivéns da sorte.

Para tua hecatombe de um segundo
Não falta alguém? - Preenche-a comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo.

Miríadas de vermes lá me esperam
Para nascer de meu fermento ainda.
Para nutrir-se de meu suco impuro,
Talvez me espera uma plantinha linda.

Também desta vida à campa
Não transporto uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade

E como autômato infante
Que inda não sabe sentir,
Ao pé da morte querida
Hei de insensato sorrir.

Por minha face sinistra
Meu pranto não correrá.
Meus olhos moribundos
Terrores ninguém lerá.

Não achei na terra amores
Que merecessem os meus.
Não tenho um ente no mundo
A quem diga o meu - adeus.

Não posso da vida à campa
Transportar uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade

Por isso, ó morte, eu amo-te, e não temo;
Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo."

TERCEIRA GERAÇÃO

A partir de 1860, começam a aparecer alguns autores que, embora revelem acentuada influência dos poetas das gerações anteriores (notadamente Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu), já trazem algumas novidades para a poesia do Romantismo.

Acompanhando a crescente difusão das ideias liberais e democráticas, a poesia dessa fase expressará de modo bem evidente sua ligação com questões políticas e sociais.

O desejo de igualdade e de reformas sociais encontrará eco, principalmente, na poesia abolicionista, de que Castro Alves é o melhor representante.

O lirismo vai abandonando as idealizações amorosas e as fantasias do ultrarromantismo para abordar o tema do amor e do relacionamento amoroso de forma mais realista e sensual.

No estilo, é grande a influência do poeta francês **Victor Hugo,** assimilado e imitado pelos românticos brasileiros, surgindo então o **condoreirismo,** um estilo que se caracteriza pelo tom de oratória, grandiloquente, vibrante, próprio para ser declamado ou recitado.

Resumindo, é a geração conhecida como **condoreira** (por usar uma linguagem tão elevada

como o voo do condor), ou **hugoana** (por inspirar-se na poesia do Victor Hugo) que se livra do ultrarromantismo. Entrega-se, principalmente, **a temas sociais e políticos** (a abolição da escravatura, a liberdade, o progresso, a República).

CASTRO ALVES
(1847 - 1871)

Nasceu na fazenda Cabeceiras, município de Muritiba, BA, em 1847 e faleceu em Salvador em 1871, de tuberculose.

Depois dos estudos preparatórios em Salvador, vai, em 1862, para Recife em cuja Faculdade de Direito ingressa em 1864, sendo colega do líder estudantil Tobias Barreto. Reforça a incipiente campanha liberal-abolicionista. Faz-se orador e poeta.

Em 1868, chega a São Paulo, acompanhado da atriz Eugênia Câmara, com quem viera desde Recife. Em São Paulo, torna-se aclamado orador e poeta.

Numa caçada nos arredores de São Paulo, fere o calcanhar esquerdo e acaba perdendo o pé. Ferido em sua vaidade e já tuberculoso, volta à Bahia, em 1869, certo já de sua morte próxima.

OBRAS:

Espumas Flutuantes (1870), ***A Cachoeira de Paulo Afonso*** (1876), ***Os Escravos*** (1883), ***Gonzaga*** ou ***A Revolução de Minas*** (drama encenado na Bahia em 1867).

Os aspectos mais importantes de sua poesia são o social e o amoroso:

a) poeta social: "Corajoso defensor dos princípios de liberdade, de justiça social, apologista do progresso".

Defendeu, com versos inflamados e ousadas figuras, **os escravos,** revelando corajosamente a miséria física e moral em que eram obrigados a viver. Citem-se as poesias: Vozes d' África, Navio Negreiro, A Mãe do Cativo, A Cruz da Estrada. Conhecido, por isso como **O Poeta da Abolição** ou **O Poeta dos Escravos.**

Defendeu ainda o **povo** esquecido, inculto e injustificado (O Povo ao Poder) e o "papel civilizado da imprensa" (O Livro e a América).

Glorificou "os homens que foram mártires de injustiças e modelos de grandezas de alma e espírito" (Jesuítas, Pedro Ivo).

O NAVIO NEGREIRO
(Tragédia no mar)

I

"'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar - dourada borboleta -
E as vagas após ele correm... cansam
Como turbas de infantes inquietas.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
- Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali s'estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? Qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?...
Neste Saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço...

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo - o mar... em cima - o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade...

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!...
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra - o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?...
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar - doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço!
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?...
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina...
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
- Terra de amor e traição -
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês - marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês - predestinado -
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir...

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens, que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de todas as plagas!
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu! ...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador...
Porém que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
Que canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães.
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja... se no chão resvala...
Ouvem-se gritos... o chicote estala
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança ali...
Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri...

No entanto o capitão manda a manobra...
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz, do fumo entre os densos nevoeiros:
'Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...'

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais!...
Qual num sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?...
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também,
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm
Trazendo com tíbios passos
Filhos e algemas nos braços,
N'alma lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Têm que dar para Ismael...

Lá nas areias infindas
Das palmeiras no país,
Nasceram - crianças lindas,
Viveram - moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus! ó choça do monte!...,
... Adeus! palmeiras da fonte!...
... Adeus! amores... adeus!...

Depois o areal extenso...
Depois o oceano de pó...
Depois... no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob a tenda d'amplidão!
Hoje o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade...
A vontade por poder...
Hoje cúm'lo de maldade!
Nem são livres p'ra morrer!...
Prende-os a mesma corrente
- Férrea, lúgubre serpente -
Nas roscas da escravidão...
E assim roubados à morte,

Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto,
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da Liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!...
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!...
...Mas é infâmia demais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca esse pendão dos ares!...
Colombo! fecha a porta dos teus mares!..."

TRAGÉDIA NO LAR

"Na Senzala, úmida, estreita,
Brilha a chama da candeia,
No sapé se esgueira o vento.
E a luz da fogueira ateia.

Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
Vai lentamente cantando
Uma tirana indolente,
Repassada de aflição.
E o menino ri contente...
Mas treme e grita gelado,
Se nas palhas do telhado
Ruge o vento do sertão.

Se o canto para um momento,
Chora a criança imprudente ...
Mas continua a cantiga ...
E ri sem ver o tormento
Daquele amargo cantar.
Ai! triste, que enxugas rindo
Os prantos que vão caindo
Do fundo, materno olhar,
E nas mãozinhas brilhantes
Agitas como diamantes
Os prantos do seu pensar ...

E voz como um soluço lacerante
Continua a cantar:

"Eu sou como a garça triste
"Que mora à beira do rio,
"As orvalhadas da noite
"Me fazem tremer de frio.

"Me fazem tremer de frio
"Como os juncos da lagoa;
"Feliz da araponga errante
"Que é livre, que livre voa.

"Que é livre, que livre voa
"Para as bandas do seu ninho,
"E nas braúnas à tarde
"Canta longe do caminho.

"Canta longe do caminho.
"Por onde o vaqueiro trilha,

“Se quer descansar as asas
“Tem a palmeira, a baunilha.

“Tem a palmeira, a baunilha,
“Tem o brejo, a lavadeira,
“Tem as campinas, as flores,
“Tem a relva, a trepadeira,

“Tem a relva, a trepadeira,
“Todas têm os seus amores,
“Eu não tenho mãe nem filhos,
“Nem irmão, nem lar, nem flores”.

A cantiga cessou. . . Vinha da estrada
A trote largo, linda cavalhada
De estranho viajor,
Na porta da fazenda eles paravam,
Das mulas boleadas apeavam
E batiam na porta do senhor.

Figuras pelo sol tisnadas, lúbricas,
Sorrisos sensuais, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O rebenque prateado
Do pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas,
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.

A porta da fazenda foi aberta;
Entraram no salão.

Por que tremes mulher? A noite é calma,
Um bulício remoto agita a palma
Do vasto coqueiral.
Tem pérolas o rio, a noite lumes,
A mata sombras, o sertão perfumes,
Murmúrio o bananal.

Por que tremes, mulher? Que estranho crime,
Que remorso cruel assim te oprime
E te curva a cerviz?
O que nas dobras do vestido ocultas?
É um roubo talvez que aí sepultas?
É seu filho ... Infeliz! ...

Ser mãe é um crime, ter um filho - roubo!
Amá-lo uma loucura! Alma de lodo,
Para ti - não há luz.
Tens a noite no corpo, a noite na alma,
Pedra que a humanidade pisa calma,
- Cristo que verga à cruz!

Na hipérbole do ousado cataclisma
Um dia Deus morreu... fuzila um prisma
Do Calvário ao Tabor!
Viu-se então de Palmira os pétreos ossos,
De Babel o cadáver de destroços
Mais lívidos de horror.

Era o relampejar da liberdade
Nas nuvens do chorar da humanidade,
Ou sarça do Sinai,
- Relâmpagos que ferem de desmaios...
Revoluções, vós deles sois os raios,
Escravos, esperai! ...

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel,
Vem comigo, mas ... cuidado ...
Que o teu vestido bordado
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
Às vezes a própria festa.
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orquestra
Por que despertar tu’alma,
Em sedas adormecida,
Esta excrescência da vida
Que ocultas com tanto esmero?
E o coração - tredo lodo,
Fezes d’ânfora doirada
Negra serpe, que enraivada,
Morde a cauda, morde o dorso
E sangra às vezes piedade,
E sangra às vezes remorso?...

Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh! senhores, não mancheis...
Os pés lá pisam em lama,

Porém as frontes são puras
Mas vós nas faces impuras
Tendes lodo, e pus nos pés.

Porém vós, que no lixo do oceano
A pérola de luz ides buscar,
Mergulhadores deste pego insano
Da sociedade, deste tredo mar.

Vinde ver como rasgam-se as entranhas
De uma raça de novos Prometeus,
Ai! vamos ver guilhotinadas almas
Da senzala nos vivos mausoléus.

- Escrava, dá-me teu filho!
Senhores, ide-lo ver:
É forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer.

Assim dizia o fazendeiro, rindo,
E agitava o chicote...
A mãe que ouvia
Imóvel, pasma, doida, sem razão!
À Virgem Santa pedia
Com prantos por oração;
E os olhos no ar erguia
Que a voz não podia, não.

- Dá-me teu filho! repetiu fremente
O senhor, de sobr'olho carregado.
- Impossível!...
- Que dizes, miserável?!
- Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda há pouco o embalei, pobre inocente,
Que nem sequer pressente
Que ides...
- Sim, que o vou vender!
- Vender?!. . . Vender meu filho?!

Senhor, por piedade, não...
Vós sois bom... antes do peito
Me arranqueis o coração!
Por piedade, matai-me! Oh! É impossível
Que me roubem da vida o único bem!
Apenas sabe rir... é tão pequeno!
Inda não sabe me chamar?... Também
Senhor, vós tendes filhos... quem não tem?

Se alguém quisesse os vender
Havíeis muito chorar
Havíeis muito gemer,
Diríeis a rir - Perdão?!
Deixai meu filho... arrancai-me
Antes a alma e o coração!

- Cala-te miserável! Meus senhores,
O escravo podeis ver ...

E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.
- Senhores! basta a desgraça
De não ter pátria nem lar,
De ter honra e ser vendida
De ter alma e nunca amar!

Deixai à noite que chora
Que espere ao menos a aurora,
Ao ramo seco uma flor;
Deixai o pássaro ao ninho,
Deixai à mãe o filhinho,
Deixai à desgraça o amor.

Meu filho é-me a sombra amiga
Neste deserto cruel!...
Flor de inocência e candura.
Favo de amor e de mel!

Seu riso é minha alvorada,
Sua lágrima doirada
Minha estrela, minha luz!
É da vida o único brilho...
Meu filho! é mais... é meu filho...
Deixai-mo em nome da Cruz!...

Porém nada comove homens de pedra,
Sepulcros onde é morto o coração.
A criança do berço ei-los arrancam
Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a cena. Já vistes
Bramir na mata o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido.
O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam...
De vítima feita algoz,
Em sangue e horror envolvido
Terrível, bravo, feroz?

Assim a escrava da criança ao grito
Destemida saltou,
E a turba dos senhores aterrada
Ante ela recuou.

- Nem mais um passo, cobardes!
Nem mais um passo! ladrões!
Se os outros roubam as bolsas,
Vós roubais os corações! ...

Entram três negros possantes,
Brilham punhais traiçoeiros...
Rolam por terra os primeiros
Da morte nas contorções.

Um momento depois a cavalgada
Levava a trote largo pela estrada
A criança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes - uma doida respondia
Com frio gargalhar! ..."

b) Poeta amoroso: Libertado já do clima do mal do século, Castro Alves é **realista no amor.** Não sonha com amadas impossíveis vaporosas. Inspira-se nas mulheres que o cercam como Eugênia Câmara, Teresa e outras, enfocando-as sob um clima de **erotismo e sensualidade,** valorizando, também, **o amor físico.**

O "ADEUS" DE TERESA

"A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
'Adeus' eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: 'adeus'.

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
'Adeus' lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: 'adeus'.

Passaram tempos... séc'ulos de delírio...
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse - 'Voltarei!...descansa!...'
Ela, chorando mais que uma criança,

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca...surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: 'adeus'!"

ADORMECIDA

"Uma noite, eu me lembro....Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço no tapete rente.

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos - beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago,
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava...a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava, ora afastava-se...
Mas quando a via despertada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
'Ó flor! - tu és a virgem das campinas!'
'Virgem! - Tu és a flor de minha vida!...'"

BOA NOITE

"Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes - Boa-noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito
- Mar de amor onde vagam meus desejos!

Julieta do céu! Ouve... a calhandra
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrela-d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do Capuleto,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
'É noite ainda em teu cabelo preto...'

É noite ainda! Brilha na cambraia
- Desmanchado o roupão, a espádua nua
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julieta!
Recende a alcova ao trescalar das flores.
Fechemos sobre nós estas cortinas...
- São as asas do arcanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio,
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
- Boa-noite! - formosa Consuelo!..."

Exercícios referentes ao poema "Adormecida".

1 Faça um levantamento das expressões que descrevem a "adormecida":

_____

_____

2. A figura da mulher apresentada no poema é:

( ) idealizada;
( ) sensual;
( ) sonhadora;
( ) depreciada.

3. A sinestesia (apelo ao sensorial) atua de modo decisivo na descrição do cenário natural e humano. Transcreva, do poema, expressões que signifiquem:

a) O apelo olfativo:

_____

_____

b) O tátil:

_____

_____

c) O visual:

_____

_____

4. Observando a estrutura do poema, divida-o em prólogo, trama e epílogo:

_____

_____

_____

5. Indique as estrofes que apresentam:

a) Cenário:

_____

_____

b) Jogo amoroso:

_____

_____

c) Emoção do poeta diante da cena:

_____

_____

6. Transcreva os versos que apresentam, apesar dos tons extremamente sensuais, o lirismo típico do amor platônico:

_____

_____

FAÇA UMA SINOPSE DO ASSUNTO

1. Contexto histórico

a) Em que medida a Revolução Francesa influenciou no aparecimento do Romantismo?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

b) Origens:

Alemanha:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Inglaterra:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

França:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Brasil:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

2. Características gerais do Romantismo.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

3. Início do Romantismo no Brasil: (ano) _____

(obra) _____

_____

(autor) _____

_____

QUADRO SINÓPTICO

Gerações	Características	Autores	Características dos autores	Obras
1ª		Gonçalves de Magalhães		
		Gonçalves Dias		
2ª		Álvares de Azevedo		
		Casimiro de Abreu		
		Fagundes Varela		
		Junqueira Freire		
3ª		Castro Alves		

EXERCÍCIOS

I. Dê o que se pede!

1.
"Eu vivo sozinha; ninguém me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupã?
Se algum dentre os homens de mim não se esconde,
- Tu és, me responde,
- Tu és Marabá!"

Analisando o vocabulário, principalmente, podemos deduzir que o texto acima pertence a que geração?

_____

2. Que figura, tipo ou herói substitui o cavaleiro medieval no Brasil? Explique!

_____

_____

_____

3. Que nome se deu a este movimento?

_____

4.
"Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar..."
(Navio Negreiro)

Pela linguagem grandiloquente, pela temática social (abolicionista), concluímos serem os versos acima do poeta:

_____

5.
"É noite ainda! Brilha na cambraia
- Desmanchado o roupão, a espádua nua
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...
(...)
A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.
(Boa-Noite)

O conteúdo do excerto do poema acima mostra-nos uma visão mais realista do amor e há traços de erotismo. Tais características são próprias do poeta:_____

_____

6.
"Eu também antevi dourados dias
Nesse dia fatal.
Eu também, como tu, sonhei contente
Uma ventura igual.

Eu também ideei a linda imagem
Da placidez da vida:
Eu também desejei o claustro estéril,
Como feliz guarida. "

O autor do texto acima, de forma autobiográfica, mostra-nos sua visão ingênua e romântica da vida monacal. Do poema e das informações recebidas, deduzimos tratar-se de:

_____

II - Identifique a geração a que pertencem os versos a seguir e cite as características encontradas nos mesmos:

a) "Por isso, ó morte, eu amo-te e não temo;
Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo."

Geração:_____

Características:

_____

_____

_____

_____

b) "Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi."

Geração:_____

Características:

_____

_____

_____

_____

_____

c) "Oh! Bendito o que semeia
Livros...livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe - que faz a palma.
É chuva - que faz o mar.

Vós, que o templo das ideias
Largo - abris às multidões,
P'ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro

E espanta os caboclos nus,
Fazei desse 'rei dos ventos'
- Ginete dos pensamentos,
- Arauto da grande luz!...

Bravo! a quem salva o futuro,
Fecundando a multidão!...
Num poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Göethe moribundo
Brada 'luz!' o Novo Mundo
Num brado de Briaréu...

Luz! pois, no vale e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
Deus colhe gênios no céu!..."

Geração:_____

Características:

_____

_____

_____

_____

III - Responda às questões abaixo:

1. Qual a obra, autor e ano de publicação que inicia o Romantismo no Brasil?

_____

_____

2. Que revista, publicada em Paris, por Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto-Alegre, apresentava as produções do Romantismo brasileiro?

_____

_____

3. Dos poetas todos do Romantismo, qual é considerado o melhor paisagista? (É conhecido como "poeta do sofrimento" ou "poeta da natureza").

_____

_____

4. Quais os dois principais aspectos da poesia de Castro Alves?

_____

_____

5. Havia, no Brasil, assunto bastante para a temática dos condoreiros? Por quê?

_____

_____

6. Que poeta é considerado o maior representante do "mal do século" no Brasil?

_____

_____

IV - Marque com um "X" a resposta certa:

1. O tema predominante na obra de Casimiro de Abreu é:

( ) a infância;
( ) a dúvida;
( ) o mal do século;
( ) a saudade;
( ) a dor.

2. Houve um movimento político que influenciou o Romantismo. Trata-se da:

( ) Inconfidência Mineira;
( ) Guerra do Paraguai;
( ) Guerra dos Emboabas;
( ) Revolução Francesa;
( ) Guerra dos Cem Anos.

3. O Romantismo surgiu no momento em que o sentimento de nacionalismo era muito forte e se alastrava pelo país um sentimento de:

( ) americanismo;
( ) lusofobia;
( ) europeização;
( ) classicismo;
( ) revolução.

4.
"Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala."

É possível reconhecer na estrofe acima, um exemplo da corrente:

( ) barroca, pela imagem que evoca a natureza como um símbolo da transitoriedade da vida;
( ) arcádica, pois o poeta revela o seu amor a uma natureza idealizada que, para ele, representa o mundo ordenado;
( ) romântica, pela identificação de sentimentos humanos com aspectos da natureza;
( ) parnasiana, pela visão da natureza como imagem escultural da perfeição;
( ) simbolista, pois a natureza é aí apenas um recurso que o poeta transcende, atingindo um nível de espiritualidade plena.

5. Embora característica de movimento romântico de grande importância, não teve expressividade maior na 2ª geração:

( ) Valorização do "ego" do artista;
( ) Visão pessimista da vida;
( ) Sentimento de solidão e de tédio de viver;
( ) Valorização do passado nacional;
( ) Fuga da realidade e busca de mundos próprios.

6. Sua obra *Anchieta* ou *O Evangelho das Selvas* denota o lado místico do poeta:

( ) Castro Alves;
( ) Gonçalves Dias;
( ) Gonçalves de Magalhães;
( ) Tobias Barreto;
( ) Fagundes Varela.

A FICÇÃO ROMÂNTICA

No Brasil, o primeiro romance, no sentido cronológico, foi o ***FILHO DO PESCADOR***, de Teixeira e Souza, publicado em 1843. Tal obra fica registrada como um simples documento, pois,

destituída de valor artístico, marca o aparecimento do gênero no Brasil.

A concretização do novo gênero "**romance**", no Brasil, ocorre no ano de 1844, quando JOAQUIM MANUEL DE MACEDO publicou ***A MORENINHA***, que traria relativa influência para os escritores da época.

Ao lado da poesia e do teatro, a ficção, entendida como **Romance, Novela e Conto**, completa o quadro dos gêneros preferidos, entre nós. As características principais são:

a) detalhes de costumes e de cor local;
b) comunhão entre a Natureza e os sentimentos das personagens;
c) elevação de sentimentos e nobreza de caracteres, em oposição à vilania, com o triunfo do bem e a punição do mal, com intenção moralizante;
d) linearidade das personagens, esterotipadas, previsíveis;
e) complicação sentimental: o herói e a heroína têm o encontro final, o *happy end*, retardado pela ação do vilão, ou pelo conflito entre a honra e o dever, ou ainda pela intriga ou orgulho ferido, criando, no leitor, a expectativa pelo desenlace. Quando tal não é possível, a solução encontrada pelo autor é a fuga pela morte, loucura ou celibato.

Entre as modalidades de romance cultivadas no Brasil, destacam-se:

1. ROMANCE DE FOLHETIM

É publicado com periodicidade regular pela imprensa, explorando a complicação sentimental, a intriga, o mistério, a aventura, à maneira das novelas da televisão. Esta modalidade gozou de grande popularidade até o advento da radiodifusão, quando passou a ser divulgada por esse veículo.

2. ROMANCE URBANO

Retrata os ambientes, cenas, costumes e tipos humanos extraídos da burguesia. Volta-se para a caracterização exterior dos personagens: atos, gestos, palavras, diálogos, roupas, etc.

Exemplos: *Senhora*, *A Moreninha, A Pata da Gazela*, etc.

3. ROMANCE HISTÓRICO

A matéria narrativa é fornecida pelo passado histórico, de preferência remoto ou lendário, de modo a permitir a idealização. O compromisso do romancista com a história restringe-se essencialmente à reconstituição do clima da época, à fidelidade aos hábitos, costumes e instituições. O **romance de capa e espada** e o **romance de mistérios** são desdobramentos do romance histórico: o primeiro, voltado para a vingança punitiva e suspense; o segundo, voltado para a exploração das peripécias, surpresas, desembocando, às vezes, na fantasmagoria.

No Brasil, a narrativa baseia-se em fatos do nosso passado, principalmente da nossa **história colonial.**

Exemplo: *As Minas de Prata*.

4. ROMANCE REGIONALISTA

Explora, no Romantismo, as paisagens e costumes das **ilhas naturais** brasileiras, o Nordeste, o Pampa Gaúcho, O Pantanal Mato-grossense, o Sertão de Minas Gerais e Goiás, ora tendendo ao nativismo e ufanismo (Alencar, Bernardo Guimarães), ora valorizando o aspecto documental (Taunay e Frânklin Távora).

Exemplos: *Inocência, O Garimpeiro.*

5. ROMANCE INDIANISTA

A narrativa se desenvolve baseada em personagens indígenas, focalizando o ambiente, procedimento, cultura e tradições do índio brasileiro.

Visa, em sua grande maioria, à criação de "heróis nacionais", místicos, lendários, tomados como símbolos e elementos formadores da nacionalidade.

Exemplos: *Ubirajara, Iracema, O Guarani.*

ROMANCISTAS

1. JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

(São João do Itaboraí-RJ, 1820 - Rio, 1882)

Escreveu muito, nos mais diversos gêneros. Sempre por diletantismo. Foi aceito de imediato pelo público porque explorou com muita felicidade a "psicologia feminina e a sociedade carioca da época", bem *como* por usar a linguagem do leitor. Hoje, Macedo caminha para o esquecimento.

Foi o criador da ficção brasileira "pela forma e pelo estilo", com *A Moreninha*, em 1844.

OBRAS:

A Moreninha (1844), ***O Moço Loiro*** (1845), ***Os Dois Amores*** (1848), ***Vicentina*** (1853), ***As Mulheres de Mantilha*** (1869), etc.

A Moreninha - Apresenta Augusto deixando-se dominar lentamente pelos encantos de Carolina (o tipo da mocinha brasileira) irmã de Felipe, colega de Augusto.

2. JOSÉ DE ALENCAR

(Mecejana-CE, 1829 - Rio, 1877)

Formou-se em Direito em São Paulo (1850), fixando-se, em seguida, no Rio de Janeiro. Dedica-se ao romance, à crítica, ao jornalismo, ao teatro e à política.

É, todavia, como romancista que se coloca entre os primeiros da nossa Literatura.

O estilo de Alencar é inconfundível. Levado por uma imaginação insuperável, surpreende o leitor com brilhantes comparações e figuras, aproveitando-se, para isto, com frequência, de elementos indígenas e de nossa natureza.

Preocupou-se, ainda, Alencar com "criar um estilo brasileiro, um modo de escrever que refletisse o espírito do nosso povo, as particularidades sintáticas e vocabulares do falar brasileiro", tendo acrescentado inúmeros tupinismos e brasileirismos à língua nacional.

Destaca-se ainda, a musicalidade da prosa alencariana. Obras suas, como *Iracema*, são verdadeiros poemas em prosa.

OBRAS:

Indianista: ***Iracema, Ubirajara*** (1874).

Urbanas: ***Cinco Minutos*** (1856), ***A Viuvinha*** (1857), ***Lucíola*** (1862), ***Diva*** (1864), ***A Pata da Gazela*** (1870), ***Sonhos d'Ouro*** (1872), ***Senhora*** (1875), ***Encarnação*** (1877, póstuma).

Históricas: ***O Guarani*** (1857), ***As Minas de Prata*** (1862-6), ***Alfarrábios***, ***O Ermitão da Glória***, ***O Garatuja*** (1873), ***A Guerra dos Mascates*** (1873).

Regionalista: ***O Gaúcho*** (1870), ***O Tronco do Ipê*** (1871), ***Til*** (1872), ***O Sertanejo*** (1876).

Do que escreveu para teatro destacam-se: ***O Demônio Familiar*** (comédia) e ***As Asas de um Anjo*** (drama).

IRACEMA

"Poema em prosa": assim se referia Machado de Assis ao romance *Iracema*, de Alencar, obra que, desde as primeiras linhas, já chama nossa atenção para o trabalho com a linguagem.

Em capítulos curtos, superpõem-se imagens sobre imagens, comparações sobre comparações, cada uma mais bela, original, adequada, para sugerir o nascimento de um mundo. O romance desenvolve a lenda da fundação do Ceará, a história dos amores de Iracema e Martim, e do ódio entre as tribos tabajara e potiguara.

O enredo do romance é bastante simples: Iracema encontra Martim andando pela floresta e o acolhe na cabana de seu pai, Araquém. Aos poucos desperta o amor da índia por Martim, que retribui o sentimento.

Iracema, guardadora dos segredos da Jurema, fizera um voto de castidade, que quebra ao tornar-se esposa de Martim. Abandona a tribo e segue com ele, dando à luz, algum tempo depois, a um filho, Moacir, que, simbolicamente, representaria o homem brasileiro, nascido das raças índia e branca.

Martim parte por longo tempo e, quando retorna, encontra Iracema à morte. Enterra-a ao pé de um coqueiro, toma o filho e parte para Portugal.

O texto selecionado para exemplificação é o primeiro capítulo, que é um texto antológico, que inicia com a famosa e belíssima invocação:

"Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba."

Nele, podemos perceber todo o fascínio da linguagem desse romance, que se desenvolve no mesmo nível poético da invocação inicial.

Capítulo I

"Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba.

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro

manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcíone buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

- Iracema!

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o jirau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca d' alma um agro sorriso. Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que *me* contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares, e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga! Soprem para ti as brandas auras, e para ti jaspeie a bonança mares de leite!

Enquanto vogas à discrição do vento, airoso barco, volva às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa."

Já se notou, frequentes vezes, o ritmo extremamente cadenciado desses três primeiros parágrafos. Mais de um autor distribuiu essas palavras no papel, como versos de um poema tradicional, para mostrar visualmente esse ritmo cadenciado. Veja como fica.

"Verdes mares bravios (seis sílabas)
de minha terra natal, (7)
onde canta a jandaia (6)
nas frondes da carnaúba; (7)

Verdes mares, que brilhais (7)
como líquida esmeralda (7)
aos raios do sol nascente, (7)
perlongando as alvas praias (7)
ensombradas de coqueiros; (7)

Serenai, verdes mares, (6)
e alisai docemente (6)
a vaga impetuosa, (6)
para que o barco aventureiro manso (IO)
resvale à flor das águas." (6)

Todas as imagens de que Alencar se utiliza para se referir a Iracema são retiradas da natureza local, identificando Iracema claramente com essa natureza, fazendo-a símbolo do Brasil e, por extensão, da América. Um crítico já observou que Iracema é anagrama de América, isto é, Iracema tem exatamente as mesmas letras de América, só que outra ordem.

Segue, como ilustração, o segundo capítulo que apresenta Iracema, "virgem dos lábios de mel".

Capítulo II

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha rescendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda

a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do guará as flechas do seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe os ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras, remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

- Quebras comigo a flecha da paz?

- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema."

SENHORA

Fernando Seixas rompera o namoro com Aurélia Camargo porque era ela pobre, voltando suas atenções para a rica Adelaide Amaral. Mais tarde, Aurélia torna-se, inesperadamente, herdeira de grande fortuna. Sabendo que Fernando estava em má situação financeira, Aurélia salda-lhe as dívidas para se casarem. Casados, Aurélia, além de desprezá-lo, exige que a trate de Senhora. Humilhado, Fernando consegue o dinheiro para libertar-se e, com a liberdade, nasce o amor entre eles.

O GUARANI

Em 1604, vivia Dom Antônio de Mariz com sua família (a mulher Lauriana, os filhos Diogo e Cecília e a sobrinha Isabel) numa fazenda à margem direita do rio Paquequer, afluente do Paraíba. Cecília é disputada por Álvaro (fidalgo português) e Loredano (ex-carmelita e aventureiro) e defendida pelo goitacá Peri, que via na moça a Senhora com quem sonhara e a quem jurara servir. Os aimorés, para vingar a morte de uma índia, atacam e destroem a fazenda de D. Antônio. Enquanto a fazenda era destruída, Peri consegue salvar Cecília.

3. MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

(Rio de Janeiro, 1831 - RJ, 1861)

De origem modesta, conseguiu concluir Medicina (1855), mas não clinicou. Foi administrador da Tipografia Nacional, onde iniciou na profissão de tipógrafo Machado de Assis. Como redator do *Correio Mercantil,* ainda estudante, escreveu a obra que o imortalizou: ***Memórias de um Sargento de Milícias*** (1854-5).

Almeida deixou uma obra inteiramente deslocada, pois fugiu totalmente ao esquema do momento que exigia romances tipo *A Moreninha.* Fez uma obra humorística, focalizou a classe pobre, pôs como central um personagem picaresco, foi fiel aos costumes e linguajar da época, construiu personagens coerentes e reais. O estilo é fácil e comunicativo.

Por fidelidade às coisas apresentadas, Almeida é considerado o **precursor** do nosso Realismo.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Conta as aventuras do endiabrado Leonardo, do nascimento ao casamento com Luisinha. Filho de Leonardo Pataca e Maria das Hortaliças, o herói é criado à solta. Sua vida, farta de travessuras, muda quando se casa e consegue ser sargento de milícias. Citem-se ainda os personagens: o temido delegado major Vidigal; Vidinha, bonita e namoradeira; a Comadre e outros que se movimentam no Rio do tempo do Rei.

4. VISCONDE DE TAUNAY

(Rio de Janeiro, 1843 - 1899)

Engenheiro militar, participou da expedição que foi defender o Sul de Mato Grosso, durante a Guerra do Paraguai. Registrou no livro *La Retraite de La Laguna* a heroica retirada da coluna brasileira, desde Laguna (no Paraguai) até o rio Aquidauana, num total de trinta e nove léguas.

De invejável cultura, foi professor e político. Como escritor, consagrou-se pelo realismo mitigado, ao apresentar as paisagens, os tipos e os costumes do sertão mato-grossense. Taunay está entre os melhores **paisagistas** nacionais.

OBRAS:

Das diversas que escreveu, duas permaneceram: ***A Retirada de Laguna*** (1871), escrita em francês e traduzida em 1874 por Salvador de Mendonça e ***Inocência*** (1872).

INOCÊNCIA

A história se passa no sudeste mato-grossense. Pereira tem uma filha, "donzela de fascinadora beleza", prometida em casamento a Manecão. Aparece na fazenda um curandeiro de nome Cirino e promete curar a maleita da Inocência. De remédio em remédio, nasce entre eles o amor. Descobertos, Cirino é morto pelo rival Manecão. Inocência, dois anos depois, também morre "de saudade". Destaque-se a presença do cientista alemão Meyer na fazenda do Pereira, à procura da borboleta que denomina *Papilio Innocentiae*, graciosa homenagem à moça tão bela e infeliz.

5. BERNARDO GUIMARÃES

(Ouro Preto, 1825 -1884)

Cursou Direito em São Paulo, onde foi colega de Álvares de Azevedo de cuja obra cuidou. Mais tarde foi juiz, jornalista e professor.

Bernardo Guimarães é, como observa Heron de Alencar, "mais contador de histórias do que romancista". E foi contando histórias que fixou o pitoresco de Minas Gerais e Goiás, sua paisagem, tipos e costumes. Foi o primeiro **regionalista romântico**.

OBRAS:

O Ermitão de Muquém (1869), ***O Garimpeiro*** (1872), ***O Seminarista*** (1872), ***O índio Afonso*** (1873), ***A Escrava Isaura*** (1875), ***Maurício*** (1877).

A ESCRAVA ISAURA

Isaura fora criada e educada com esmero, pela patroa, mãe do cobiçoso Leôncio. Este se casa com Malvina que fica com Isaura. A infeliz escrava, para ver-se livre da perseguição do senhor, foge com o pai Miguel para Recife, onde passa a chamar-se Elvira. Lá, conhece Álvaro, rapaz de ótima formação. Reconhecida pelo vil Martinho, é conduzida à fazenda de Leôncio, no Estado do Rio. Álvaro, sabendo da grave situação de Leôncio, compra-lhe a fazenda. Liberta Isaura e casa-se com ela.

O SEMINARISTA

Eugênio e Margarida amavam-se desde crianças. Ele, extremamente sensível, abraça (por imposição da família) a carreira sacerdotal, dominado sempre mais pelo amor de Margarida. Quando volta, já neossacerdote, à terra natal, tem que atender Margarida moribunda e encomendar-lhe o cadáver. Ao dirigir-se depois para o altar, a fim de celebrar a Missa, Eugênio, totalmente transtornado, arranca as vestes sagradas, joga-se contra o altar e sai correndo. Enlouquecera.

6. FRÂNKLIN TÁVORA

(Baturité-CE, 1842 - Rio, 1888)

O mais modesto dos romancistas. Lutou tenazmente pela **criação da Literatura do Norte,** o que o torna um dos fundadores do nosso regionalismo.

OBRAS:

Cartas de Semprônio (crítica, contra José de Alencar, 1871), ***Um Casamento no Arrabalde*** (romance, 1869), ***O Cabeleira*** (romance, 1876).

O CABELEIRA

Narra a vida aventurosa de José Gomes (o Cabeleira). A mãe Joana quer educá-lo no bom caminho. O pai Joaquim, no entanto, encaminha-o no crime. Somente Luisinha, que Cabeleira há muito amava, consegue regenerá-lo, mas ele é preso pela polícia.

O TEATRO ROMÂNTICO

O teatro romântico começa no Brasil em 1838, com a encenação da tragédia ***Antônio José*** de Gonçalves de Magalhães e da comédia ***O Juiz de Paz na Roça*** de Martins Pena.

Na altura de 1860, aparecem os dramas de casaca - "teatro de atualidade, de tese social e de análise psicológica".

Embora G. de Magalhães, Gonçalves Dias e outros tenham escrito para o teatro, foi Martins Pena quem melhor realizou o gênero teatral entre os românticos.

MARTINS PENA

(Rio de Janeiro -1815 - Lisboa - 1848)

Seguiu a carreira diplomática, mas realizou-se como comediógrafo. É o criador da comédia nacional com ***O Juiz de Paz na Roça.***

Escreveu peças para o povo rir. Nelas, retrata com muita facilidade a vida social e doméstica da cidade e do campo da primeira metade do século XIX.

OBRAS:

O Juiz de Paz na Roça (1838), ***Judas no Sábado de Aleluia*** (1844), ***O Noviço, Quem Casa Quer Casa*** (1845), etc.

REPERCUSSÕES DO ROMANTISMO

O Romantismo é de tal forma importante para a nossa literatura que não poderíamos deixar de assinalar o que o caracteriza essencialmente em nossa terra e o que ficou de sua presença. Assim, cumpre apresentar que, ressalvada a permanência de suas características universais:

- ganhou aspectos peculiares, por força do ambiente ao qual se aclimatou;

- "ajustou-se à alma do povo, cujos anseios e qualidades sentiu e exprimiu". Não nos esqueçamos que nascemos como nação com aquele movimento e o novo estilo identificou-se com o nosso modo de ser;

- com ele, nasceu "o culto brasileiro da inspiração, da improvisação e da espontaneidade" como fontes de criação;

- marcou-se de um caráter social;

- traduziu-se numa forma peculiar de indianismo, ao casar a doutrina do "bom selvagem" de Rousseau com as tendências antiportuguesas. O sentimento nativista brasileiro fez do índio e sua civilização um símbolo de independência espiritual, política, social e literária;

- teve também significação na nossa literatura romântica o conhecido "mal do século", em poetas como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e romancistas como Macedo e Alencar, por exemplo;

- a busca de inspiração em elementos nacionais encontrou eco num Brasil recém-independente, em plena fase de afirmação de sua personalidade como nação;

- a procura de cor local característica "conduziu à compreensão da literatura popular, em que, para os românticos, residiria o caráter original da criatividade literária e de onde partiria o veio formador da literatura". Daí o interesse por "mitos e cosmogonias ameríndias"; daí a proliferação de estudos sobre o nosso folclore;

- o culto da natureza encontrou campo propício na exuberante paisagem nacional;

- os românticos realizaram "a criação dos gêneros literários com feitio brasileiro quer quanto ao tema quer quanto às marcas de estilo";

- com o Romantismo, criou-se a ficção brasileira, consolidou-se a poesia em nossa terra;

- os escritores românticos libertaram a língua falada no Brasil das normas clássicas dos escritores portugueses: preocupavam-se com uma língua nacional;

- com o movimento romântico constitui-se, entre nós, a carreira literária "e a compreensão da figura do homem de letras na comunidade";

- também nos trouxe o movimento romântico "a melhoria e a ampliação do público" para o romance, a poesia e o teatro;

- foi, enfim, com o Romantismo que o Brasil ganhou literatura própria.

(Estilos de Época na Literatura - Domício Proença Filho*)*

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. Esquematize o “modelo” de romance romântico.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

2. Modalidade de Romance - Exemplos

a) Folhetim:

_____

_____

b) Urbano:

_____

_____

c) Histórico:

_____

_____

d) Regionalista:

_____

_____

e) Indianista:

_____

_____

3. 1º Romance Romântico:

_____

_____

autor:

_____

4. Quadro Sinóptico

Autores	Características	Obras
1. José de Alencar		
2. Manuel Antônio de Almeida		
3. Visconde de Taunay		
4. Bernardo Guimarães		
5. Frânklin Távora		
6. Martins Pena		

5. A que se deve a criação do gênero “Romance” no século XIX?

_____

6. O romance classifica-se em:

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

7. Como José de Alencar apresenta o índio?

_____

_____

8. Como são vistos os heróis dos romances regionalistas alencarianos?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

9. O que retratam os romances urbanos de José de Alencar?

_____

_____

_____

_____

_____

10. Cite um exemplo de cada tipo de romance de José de Alencar:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

11. Que classe social é sempre o tema dos romances urbanos ou de costumes?

_____

_____

12. O autor - fundador do sertanejismo -, Bernardo Guimarães, caracteriza em seus romances:

a) as tradições e crendices do povo nortista;
b) temas tradicionais do sertanejo paulista;
c) a vida simples e pacata dos sertanejos cariocas;
d) temas tradicionais e populares das regiões rurais de Minas Gerais e Goiás;
e) com propriedade, os temas do gaúcho.

13. A personagem central é Leonardo Pataca, “filho de uma pisadela e de um beliscão”, circunstâncias em que seus pais se conheceram. Leonardo Pataca surge, assim, como primeiro herói malandro do nosso romance, ou melhor, o primeiro herói pícaro (termo espanhol). Sendo pobre e abandonado pelos pais, vive às custas do padrinho (Compadre) e se comporta endiabradamente, por exemplo, desaparecendo na procissão da Via-Sacra, sem dar satisfação. O herói (o menino) está sempre pronto à aventura, por isso, acompanha os ciganos. Depois, resolve o problema do padrinho com uma dose certa de esperteza.
A referência é feita:

a) a uma obra realista de Machado de Assis, chamada *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
b) a uma obra pré-romântica de Tomás Antônio Gonzaga, chamada *Marília de Dirceu.*
c) a uma obra romântica de Joaquim Manuel de Macedo, chamada *A Moreninha*.
d) a uma obra pré-realista de Manuel Antônio de Almeida, chamada *Memórias de um Sargento de Milícias*.
e) a uma obra modernista de Mário de Andrade, chamada *Macunaíma*.

14. Sobre o romance romântico, assinale a alternativa incorreta:
a) O sentimento amoroso deve ser sempre desinteressado e puro.
b) A sociedade é apresentada como hipócrita.
c) O personagem principal é sempre um herói, de ideais elevados; nunca idealizado.
d) O bem sempre acaba triunfando.
e) Em oposição aos clássicos, que preferiam retratar em suas obras natureza perfeita, os românticos procuravam mostrar paisagens naturais em toda a sua exuberância e magia.

15. O movimento romântico brasileiro é nacionalista por excelência; daí, a razão de incluir palavras indígenas em suas obras. O escritor brasileiro que mais se destacou nesse propósito foi:
a) Gonçalves Dias;
b) Machado de Assis;
c) Bernardo Guimarães;
d) José de Alencar;
e) Joaquim Manuel de Macedo.

16. Assinale o item correto:
a) Macedo, que explorou com muita felicidade a psicologia feminina, continua sendo um dos autores mais lidos hoje.
b) São características do estilo de Alencar: a imaginação insuperável e a musicalidade, embora tenha fracassado ao introduzir tupinismos e brasileirismos na língua nacional.
c) Manuel Antônio de Almeida, autor de um só livro, foi muito feliz ao retratar a burguesia carioca e apresentar as diabruras de Leonardo.
d) Bernardo Guimarães registrou, em livro, a heroica retirada de uma coluna do Exército Brasileiro de Laguna ao rio Aquidauana.
e) Em *Inocência*, o autor “descreve o amor proibido de uma jovem sertaneja, submetida às imposições paternas”.

Realismo-Naturalismo

" Pouco importa que os fatos sejam físicos ou morais; eles sempre têm as suas causas. Tanto existem causas para a ambição, a coragem, a veracidade, como para a digestão, o movimento muscular, e o calor animal. O vício e a virtude são produtos químicos como o açúcar e o vitríolo." (Taine)

1. CONTEXTO HISTÓRICO

A partir da segunda metade do século XIX, a concepção espiritualista de mundo que caracterizava o período romântico vai sendo substituída por uma visão mais científica e materialista, decorrente da importância dada à ciência, vista como único instrumento seguro para explicar a realidade. Para compreender a nova estética cultural, analisemos rapidamente o contexto histórico-cultural.

a) Sociedade:

Na Europa, a aristocracia feudal e a Igreja deixaram de desempenhar um papel orientador na vida política. A classe média, cuja maneira de viver nada tem em comum com a aristocracia tradicional, passa a ocupar o primeiro plano no cenário histórico. Mais tarde, classe média e operariado, cujos objetivos se confundiam, começam a separar-se. Dessa separação decorre a consciência do proletariado e seu esforço no sentido de se organizar. São essas condições que propiciam o Manifesto Comunista de 1848, em que Marx e Engels analisam a situação do proletariado e apontam soluções para os problemas detectados.

b) Economia:

O racionalismo econômico do período leva a uma industrialização cada vez mais intensa, com a consequente vitória do capitalismo. "O dinheiro é a grande força que domina toda a vida pública e privada, toda a força e todos os direitos passam a se exprimir através dele. Tudo, para ser compreendido, tem que se reduzir a um denominador comum: o dinheiro". (Arnold Hauser)

c) Ciência:

O enorme progresso científico da época gerou a teoria de que todos os fenômenos aparentemente isolados, na verdade, pertenciam a uma única realidade material. É notável o desenvolvimento das ciências biológicas. A título de exemplo, citamos algumas descobertas do período: a utilização do éter na anestesia, a assepsia, a teoria microbiana das doenças, a descoberta dos micro-organismos responsáveis pelas sífilis, malária e tuberculose, a descrição dos hormônios e vitaminas.

Às anteriores, associam-se as buscas no campo da calorimetria, ótica, termodinâmica, telefonia, astronomia, eletricidade, eletromagnetismo, etc.

Identificam-se a pesquisa e o uso de novas fontes de energia, como o carvão, o petróleo e a eletricidade, o que propicia o desenvolvimento industrial, em especial, na metalurgia e nos ramos têxteis.

Paralelamente, acentua-se o interesse pela biologia e pela genética, que até os anos anteriores haviam permanecido limitadas pelas concepções dos antigos.

Assim, João Batista Lamark (1744-1829) formula as leis da evolução natural, assegurando que a formação ou desaparecimento de órgãos, nos seres vivos, são condicionados pelo uso, e que as alterações ocorridas se integram ao patrimônio da espécie.

Fundamental é a referência ao **Darwinismo**, princípio estabelecido por Darwin, de que há uma comunhão de origem entre todos os seres vivos. É a teoria da evolução natural das espécies, que expõe uma **concepção biológica da vida**. Darwin publica, em 1859, *A Origem das Espécies* provocando uma verdadeira revolução no campo das ciências.

d) Filosofia:

• *Positivismo*

No campo da filosofia, o evento que se destaca é a publicação do *Curso de Filosofia Positiva*, ocorrido entre 1830 e 1842, e a do *Sistema de Política Positiva,* entre 1851 e 1854, ambos da autoria de **Augusto Comte** (1798 - 1857). Com essas obras, instaura-se um novo pensamento filosófico, que não destoa da mentalidade geral da época no que diz respeito à importância da natureza, da objetividade e do culto ao real. Segundo Comte, a humanidade está entrando, com o Positivismo, em um terceiro estágio de sua evolução - os dois primeiros haviam sido o teológico e o metafísico. Agora, **os fatos é que determinam o conheci-mento**, o abstrato perdeu seu valor para o concreto; a observação e a experiência tornam-se regras básicas para o pensamento e para a atividade científica.

• *Determinismo*

Doutrina de **Taine**, que explica a obra de arte como produto de leis inflexíveis: **raça, meio e momento.** Fundamentado nos princípios positivistas, Taine leva, em 1864, as novas concepções para o domínio artístico, criando o determinismo literário, no prefácio de sua *História da Literatura Inglesa.*

Procura provar que a "personalidade" do homem é condicionada por três aspectos: a) **Hereditariedade** - a criança recebe caracteres do pai *e* da mãe; b) **Meio ambiente** - a criança vai aprendendo a se comportar em contato com outras pessoas; c) **Momento Histórico** - em cada época da história da humanidade a criança desenvolve-se e forma sua personalidade segundo as influências de então.

Quando o escritor realista se orientava por esse cientificismo, elaborava obras classificadas como naturalistas (um realismo mais científico).

Resta-nos, ainda, citar a forte atuação que as ideias filosóficas de Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) exercem sobre o pensamento europeu do século XIX. Através de três obras: *Mundo como vontade e representação* (1819), *A autonomia da vontade* (1839) e *O Fundamento Moral (1840),* o filósofo alemão apresenta o homem condicionado a determinismos morais. Segundo suas ideias, "o mundo é a exteriorização de uma força cega, onde viver significa sofrer. O homem é determinado pela dor e pelo sofrimento, e a conquista da alegria também advém de um esforço doloroso que logo destrói as ânsias e desejos humanos".

Todas essas doutrinas contribuem para dar ao homem deste momento uma concepção materialista da vida. O subjetivismo cede lugar ao objetivismo; o interesse pelo passado, característico do Romantismo, é substituído pelo presente e pela noção de desenvolvimento e progresso.

e) Sociologia:

No domínio da sociologia, aparecem as teorias de Spencer, explicando a luta pela existência como uma crescente divergência entre as classes sociais. Em 1862, inicia seus trabalhos, formulando **O Evolucionismo**, levando os historiadores a interpretarem a história como resultante de movimentos sociais.

A ARTE

A arte vai revelar todas essas modificações, suplantando o idealismo do período romântico, expressando a concepção predominantemente materialista da vida, isenta de idealização e sentimentalismo. O povo torna-se tema da pintura, fato que representa uma tomada de posição política por parte dos pintores que seguem a nova estética. Para eles, verdade social e verdade artística se identificam, tornando-se a arte um meio de denúncia da ordem social vigente, um protesto contra a classe dominante.

O CONTEXTO BRASILEIRO

Com a morte de Castro Alves, o romantismo nacional se esgota e entra em franca decadência. Já em 1870, Sílvio Romero, crítico literário influenciado pelas novas ideias que varriam a Europa, passa o atestado de óbito à poesia romântica, acusando-a de "lirismo retumbante e indianismo decrépito". O centro irradiador do novo espírito é Recife, onde pontifica a figura intelectual de Tobias Barreto, agitando desordenadamente as doutrinas científicas e sociológicas europeias. Além disso, a **Questão Coimbrã** (1865) que introduziu o Realismo em

Portugal, fora acompanhada com interesse no Brasil. Também a situação política brasileira instável e agitada (a partir de 1870 podemos constatar: a fundação do Clube Republicano, a Questão Religiosa, A Abolição, a Questão Militar, a República, etc.) contribuiu para que os escritores procurassem uma nova maneira de captar, refletir e interpretar a realidade.

Superando o eufórico nacionalismo, o Realismo significa, dentro da evolução da literatura brasileira, um movimento crítico que alarga as dimensões dessa literatura.

Segundo Afrânio Coutinho, o Realismo olhou para o mundo brasileiro, ensinou o escritor brasileiro a tratar esteticamente do material autóctone, não mais com o sentimentalismo romântico. É com ele que a literatura finca pé definitivamente no solo pátrio.

2. LITERATURA

O Realismo é de origem francesa. A obra *Madame Bovary,* de Gustave Flaubert (1857), que analisa impiedosamente a hipocrisia romântica e burguesa, foi o romance que o introduziu. Mais tarde, Emile Zola, com a obra *Thérèze Raquin* inaugura o Naturalismo, metamorfose avançada do Realismo.

No Brasil, há uma coincidência cronológica entre as duas correntes: Realismo e Naturalismo, pois sendo a França o centro irradiador, houve tempo, entre nós, para uma assimilação simultânea de ambos. Assim, o ano de **1881** marca a **introdução do Realismo e do Naturalismo brasileiros** com as obras: ***Memórias Póstumas de Brás Cubas,*** de Machado de Assis e ***O Mulato***, de Aluísio Azevedo, respectivamente.

Veja o gráfico explicativo da evolução das duas escolas. Observe as diferenças cronológicas entre Realismo e Naturalismo na Europa e a coincidência cronológica no Brasil.

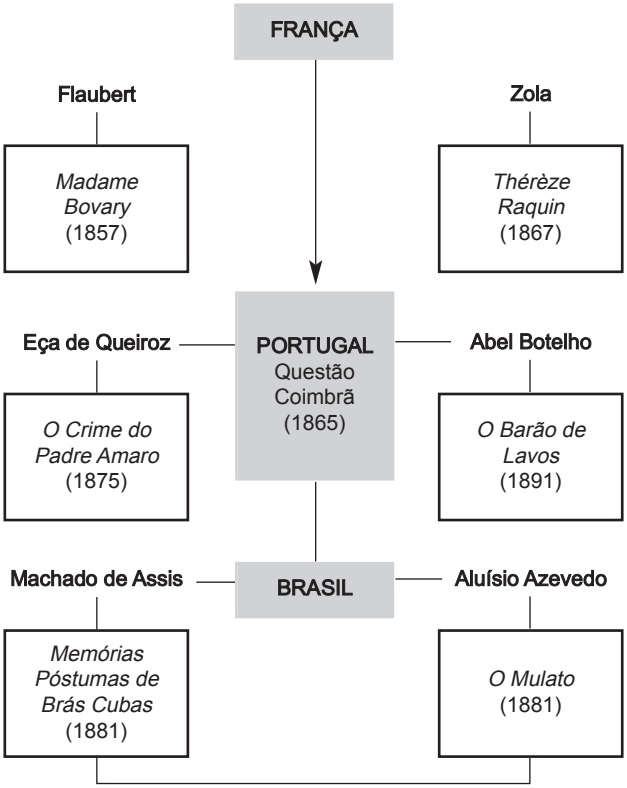

CARACTERÍSTICAS DO REALISMO

1. OBJETIVIDADE

Para aproximar sua atitude à do cientista, o autor realista busca encarar os fatos com objetividade e impessoalidade (embora nem sempre consiga), não idealizando a realidade, mas buscando registrá-la, sem emitir julgamentos sobre os fatos ou personagens.

2. PERSONAGENS NÃO IDEALIZADAS

Para o artista realista, o homem é apenas uma peça na engrenagem do mundo. Em função disso, principalmente os escritores de tendência naturalista enfatizam comportamentos instintivos de personagens, comparando-os a animais.

O realista procura enfocar o homem comum, com todos os seus contrastes, sem idealizações.

3. PERSONAGEM CONDICIONADA AO MEIO FÍSICO E SOCIAL

É uma consequência de visão de mundo em que o homem não tem qualquer privilégio sobre os demais elementos. Assim, a personagem aparece condicionada a fatores naturais (temperamento, raça, clima) e fatores culturais (ambiente e

educação). Suas ações fundamentam-se em causas determinantes, ora de natureza biológica, ora de natureza social. Baseando as ações das personagens em razões científicas, plausíveis e lógicas, o escritor pretende eliminar os acasos e milagres, frequentes no Romantismo.

4. AMOR FISIOLÓGICO

Diferentemente dos românticos que viam no amor a solução de todas as coisas, o escritor realista apresenta o amor como ato predominantemente fisiológico. Há uma acentuada preferência pelo enfoque do adultério, encarado como causa da destruição familiar e da sociedade.

5. ESPAÇO URBANO/TEMPO CONTEMPORÂNEO

É nítida a preferência pelo espaço urbano, pois a burguesia fixou-se principalmente nas cidades e é aí que residem os elementos a serem combatidos, já que a obra literária é vista como instrumento de denúncia dos desequilíbrios sociais.

Há preocupação em retratar pessoas da época, encarando o presente histórico, os conflitos do homem da época, os problemas concretos, os dramas cotidianos.

6. NARRATIVA/LINGUAGEM

O processo narrativo obedece à lógica, eliminando acasos e milagres. Via de regra, o desenlace é previsível.

A linguagem é mais simples que a linguagem dos românticos. O detalhismo é característica, explicada pela intenção de retratar fielmente a realidade focalizada, o que torna a narrativa mais lenta.

DIFERENÇAS ENTRE REALISMO E NATURALISMO

O Naturalismo surge como um segmento do Realismo. Ambos se fundamentam nos mesmos princípios científicos, filosóficos e artísticos.

"O Realismo se tingirá de Naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer enredos e personagens submeterem-se ao destino cego das leis naturais que a ciência da época julgava ter codificado." (A. Bosi)

Em função disso, a visão do mundo do naturalista é mais mecanicista, mais determinista, pois aceita o princípio segundo o qual só as leis da ciência são válidas. Como decorrência, o homem é condicionado por forças que determinam seu comportamento. Nos romances naturalistas, o comportamento das personagens resulta da liberação dos instintos, sob determinadas condições do meio. Por usar métodos científicos de observação e análise, a vida interior fica relegada a quase nada e todas as personagens naturalistas são muito semelhantes, uma vez que estão submetidas às mesmas leis.

Diferente disso, os dramas das personagens realistas têm origem moral ou são decorrentes de desequilíbrio social.

Observa-se no artista naturalista uma tendência a retratar temas ligados à patologia sexual ou social, aos aspectos mais repulsivos da vida e às camadas mais baixas da sociedade.

Em resumo:

Diferenças apresentadas:

REALISMO

1 - Pratica método de observação.

2 - Acumula documentos para dar impressão de vida real.

3 - Reproduz tanto a realidade interior como a exterior.

4 - Cria o romance documental.

5 - Às vezes, toma temas do passado.

6 - Tem preocupações sociais.

NATURALISMO

1 - Pratica método de experimentação.

2 - Imagina experiências que remetem a conclusões às quais só a observação não houvera podido chegar.

3 - Tem preocupações sociais.

4 - Pretende apoiar-se na ciência.

5 - Cria o romance experimental.

6 - Prefere o presente ou espreita o futuro, aplicando lei da herança.

7 - Alegra-se nos aspectos mais deploráveis e crus da realidade.

ASPECTOS EM COMUM:

• Ambos procuram retratar o real.

• Fundamentação filosófica idêntica: Positivismo e Determinismo.

• São ambos anticlericais, antirromânticos e antiburgueses.

• Querem retratar e educar a sociedade.

EXERCÍCIOS

1. Indique as principais diferenças entre o realista e o romântico, quanto às suas relações com o mundo.

_____
_____
_____
_____
_____

2. Relacione as colunas:
(1) românticos
(2) realistas

( ) fantasia;
( ) observação;
( ) nacionalismo ufanista;
( ) cientificismo.

3. Qual das afirmações abaixo pode ser considerada correta quanto ao Realismo:
( ) Apesar das intenções críticas, acabou por fazer a apologia dos valores burgueses e de suas instituições, como o casamento e a Igreja.
( ) Desenvolveu, principalmente, uma literatura voltada para os problemas rurais, mostrando como o progresso das cidades estava corrompendo a vida campestre.
( ) Procurou analisar, com mais objetividade e senso crítico, os problemas sociais, denunciando vícios e corrupção da burguesia.
( ) Libertando-se do excesso de sentimentalismo dos românticos, desenvolveu o romance nacionalista, exaltando o modo de vida da nova sociedade brasileira que estava surgindo.

4. Com relação ao Naturalismo:
( ) Importa o presente.
( ) Prefere a experimentação à observação.
( ) Deseja fazer arte desinteressada.
( ) Reproduz a realidade interior.
( ) Idealiza os personagens.

5. Localize o Realismo e o Naturalismo no tempo e no espaço

_____
_____
_____
_____
_____

6. Defina Realismo e Naturalismo.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

7. Qual a razão dessas duas correntes aparecerem juntas no Brasil?

_____
_____
_____
_____
_____

8. No contexto cultural que preparou a estética realista, qual a classe de pessoas que estava começando a se organizar?

_____
_____

9. Assinale a afirmativa correta com relação ao pensamento do final do século XIX.
( ) O que mais importava na sociedade era o desenvolvimento da cultura, não o dinheiro.
( ) A ciência teve, também, grande desenvolvimento.
( ) Acreditavam na origem divina do homem.
( ) Não acreditavam no fatalismo.

10. Explique a teoria de Taine.

_____
_____
_____
_____
_____

11. Em que consiste a teoria Evolucionista?

_____
_____
_____
_____
_____

12. As manifestações artísticas do Realismo:
( ) Usam muitos símbolos.
( ) Representam o real, sem idealização e sentimentalismo.
( ) Fazem da arte uma denúncia.
( ) Praticam arte pela arte.

13. Estabeleça a diferença entre Realismo e Naturalismo:
Personagem

Realista: _____
_____

Naturalista: _____

_____

_____

Tema

Realista: _____

_____

_____

Naturalista: _____

_____

_____

Romance

Realista: _____

_____

_____

Naturalista: _____

_____

_____

14. O que os dois movimentos têm em comum?

_____

_____

_____

_____

_____

15. Qual era a situação social do Brasil na época do aparecimento do Realismo e Naturalismo?

_____

_____

_____

_____

_____

AUTORES E OBRAS DO PERÍODO

1. MACHADO DE ASSIS (1839 - 1908)

"O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis". (Alfredo Bosi)

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu e morreu no Rio de Janeiro, que deixou apenas uma vez para umas férias em Friburgo.

Nascido em família humilde, começou vendendo os doces que a madrasta fazia. Tornou-se, depois, sacristão da Igreja de Lampadosa. Obteve, em seguida, o lugar de aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, dirigida, na época, por Manuel Antônio de Almeida, o autor de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1845), um romance picaresco, quase realista, em pleno apogeu do Romantismo.

Casou-se em 1869 com Dona Carolina Augusta Xavier de Novaes, portuguesa recém-chegada ao Brasil, que o ajudou no aprimoramento da sua cultura, até então quase toda autodidata. Entrou, nessa época, para o serviço público e chegou ao cargo de Diretor Geral de Contabilidade do Ministério da Viação.

Fundou a **Academia Brasileira de Letras** (1897), da qual foi, por aclamação, o primeiro presidente.

Teve intensa atividade na imprensa, criando a crônica, de que se tornou um grande mestre.

É considerado um dos mais completos escritores brasileiros: poeta, contista, romancista, dramaturgo e crítico literário, além de jornalista.

Machado de Assis tem obras **românticas,** escritas até os seus quarenta anos (1879), e **realistas,** depois dessa data.

Os seus melhores romances, de mais profunda análise da alma humana, são os de fim de século: ***Memórias Póstumas de Brás Cubas*** (1881), ***Quincas Borba*** (1891) e ***Dom Casmurro*** (1899).

OBRAS:

1ª Fase

TEATRO: ***Desencantos*** (1861); ***Teatro*** (1863); ***Quase Ministro*** (1864).

POESIA: ***Crisálidas*** (1864); ***Falenas*** (1870); ***Americanas*** (1875).

CONTO: ***Contos Fluminenses*** (1870); ***Histórias da Meia-Noite*** (1873).

ROMANCE: ***Ressurreição*** (1872); ***A Mão e a Luva*** (1876); ***Iaiá Garcia*** (1878).

A primeira fase apresenta, entre outras, como principais características: soluções estéticas mais próximas do Romantismo; tênues traços de humor, mas desprovidos de pessimismo, de ceticismo e de ironia; o sentimentalismo supera as sugestões sensualistas e erotizantes.

2ª Fase

POESIA: *Poesias Completas* (1901).

CONTO: *Papéis Avulsos* (1882); *Histórias sem Data* (1884); *Várias Histórias* (1895).

ROMANCE: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esaú e Jacó* (1904); *Memorial de Aires* (1908).

ENSAIOS, CRÔNICAS: *Páginas Recolhidas* (1899); *Relíquias da Casa Velha* (1906).

Na segunda fase, o autor:

- extirpa o "sentimentalismo" e o "moralismo superficial";
- extingue a "fictícia unidade da pessoa humana";
- despreza as "frases piegas" e "o receio de chocar preconceitos" ;
- elimina "a concepção do predomínio do amor sobre todas as paixões";
- afirma "a possibilidade de escrever um livro sem recorrer à natureza";
- desdenha a "cor local";
- introduz, "finalmente, entre nós, o humorismo".

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA OBRA MACHADIANA

1. PERSONAGENS

Preocupado em fixar a problemática do homem universal, Machado busca inspiração no homem comum e nas ações cotidianas. Por isso, seus romances não se prendem a seres extraordinários ou a ações espetaculares.

Penetrando na consciência da personagem, sondando-lhe o funcionamento, Machado focaliza impiedosa e penetrantemente a vaidade, as frivolidades, a hipocrisia, a ambição, a inveja, o adultério.

"... mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens. Esta orça pela servilidade; a outra confunde-se com a afeição. As formas graciosamente curvas, a palavra doce, a mesma fraqueza física dão à ação lisonjeira da mulher, uma cor local, um aspecto legítimo. Não importa idade do adulado; a mulher há de ter sempre para ele uns ares de mãe ou de irmã, ou ainda de enfermeira..."

2. VISÃO DE MUNDO

Todo autor deixa transparecer, através de sua obra, sua visão do mundo, sua maneira particular de enxergar a realidade (entendendo realidade não só como os dados exteriores e materiais, mas também como os dados interiores e imateriais).

A frequência de determinados traços na obra de Machado permite ressaltar algumas das características que evidenciam sua maneira particular de ver o mundo.

a) Pessimismo

Alguns fatores são responsáveis pela visão pessimista que transparece na obra de Machado:

- A certeza de que o homem se deforma devido a um sistema social que o leva à hipocrisia, com a finalidade de ser aceito por uma opinião pública baseada em valores não essenciais à vida.

- A constatação de que o "tédio e a dor são os dois inimigos da felicidade humana".

- A constatação de que a cada ser humano compete viver uma vida que ele não escolheu e cujo destino lhe escapa.

A estes três elementos acrescenta-se a certeza machadiana de que as causas, por mais nobres que sejam, ocultam sempre interesses impuros.

Seu pessimismo, no entanto, não apresenta um caráter angustiado nem desesperador. Antes se inclina à ironia, à aceitação da compensação relativa que a vida nos pode oferecer.

A passagem seguinte, retirada de ***Memórias Póstumas de Brás Cubas,*** apresenta uma visão de desencanto em relação ao homem:

"Cada edição da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes".

Segue-se um fragmento narrativo, retirado do capítulo **Das Negativas**, em que podemos comprovar o negativismo da visão de mundo do autor:

"Este último capítulo é todo de negativas. Não

alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. (...) Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria".

b) Humor

Em Machado, o humor tem uma função crítica ou demonstra pena da condição humana. No primeiro caso, torna-se ironia e, no segundo, esse humor nos leva, às vezes, a um misto de riso e piedade, mas sobretudo conduz o leitor a uma reflexão sobre a condição humana.

No exemplo a seguir, Machado desvaloriza, a partir da ironia, a prática da dedicatória, invertendo o seu caráter positivo de agradecimento:

"Ao verme
que
primeiro roeu as frias carnes
do meu cadáver
dedico
como saudosa lembrança
estas
memórias póstumas".

Leia alguns trechos de obras de Machado de Assis que comprovam essas características:

"...Tu tens pressa de envelhecer e o livro anda devagar: tu amas a narração direta e nutrida, estilo regular e fluente e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita, à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem..."

"...Perdão, mas este capítulo devia ser precedido de outro em que contasse um incidente, ocorrido poucas semanas antes, dois meses antes da partida de Sancha. Vou escrevê-lo; podia antepô-lo a este, antes de mandar o livro ao prelo, mas custa muito alterar o número das páginas: vai assim mesmo, depois a narração seguirá direita até o fim".

3. PERSONAGEM X PAISAGEM

O foco de análise está profundamente centrado no homem, na penetração da intimidade dos personagens. Abafa todo interesse por elementos exteriores, ao contrário dos românticos, que estavam mais preocupados com a imagem exterior da "nacionalidade", com a "cor local" - no caso, a pujança da paisagem, o vigor da natureza - e a tipicidade do elemento humano, do indígena, em especial.

4. TEMAS

Com o que se estudou, já está claro que o tema obsessivamente repetido na ficção machadiana é o homem, e que todos os demais elementos se conjugam para conduzir a ele. Mas sob que aspectos é encarado este homem?

A visão machadiana é amarga, pessimista, profundamente cética, uma vez que ele visualiza o ser humano como que preso em estreitos círculos - biológicos, morais, psicológicos que, numa pressão concêntrica, acabam esmagando qualquer valor positivo.

O tema da degenerescência ou da decomposição do homem é uma das tônicas do criador de Brás Cubas, o defunto-autor, que serve para exemplificar os três aspectos mais significativos que assume o tema:

• **a degenerescência biológica** - que se configura pela degradação por que passa o corpo do homem durante a vida, com suas doenças, velhice e morte;

• **a degenerescência moral -** que se manifesta na permanente acomodação entre as ações e as intenções que levam o personagem a agir, despistando seus interesses mais baixos ou justificando os próprios impulsos mediante raciocínios sutis e motivos nobres, mascarando permanentemente a ambição e as pequenas traições cotidianas;

• **a degenerescência psicológica** - que se explica sobretudo no desarranjo dos sentidos, nas situações de delírio, e que culmina com a loucura, um dos aspectos mais encontradiços ao longo da segunda fase.

CONCLUINDO

Independentemente do pessimismo e do

ceticismo que contaminam a visão do homem na obra machadiana, é ela extremamente significativa do ponto de vista de realização literária, na medida em que não só procura fornecer elementos para conhecimento da problemática humana, em seus pontos mais importantes, como ainda o faz mediante técnicas de narração que se mostram altamente elaboradas, numa linguagem que pode ser chamada de clássica, pelo rigor do emprego do vocabulário, pela fluência da sintaxe, pela riqueza de sugestões das figuras de que se utiliza o autor para criar climas extremamente significativos, linguística e esteticamente.

Do ponto de vista de sua classificação, conclui-se que Machado de Assis aproveita elementos do Romantismo, do Realismo e do Naturalismo, embora não se subordine a nenhuma destas estéticas. Cronologicamente, escreve durante a vigência do Realismo e do Naturalismo e por, razões didáticas, é geralmente enquadrado neste período.

EXERCÍCIO

Identifique as características de Machado de Assis, no texto:

"Cansado e aborrecido, entendi que não podia achar a felicidade em parte nenhuma; fui além: acreditei que ela não existia na terra, e preparei-me desde ontem para o grande mergulho na eternidade. Hoje, almocei, fumei um charuto e debrucei-me à janela. No fim de dez minutos, vi passar um homem bem trajado, fitando a miúdo os pés. Conheci-o de vista: era uma vítima dos grandes revezes, mas ia risonho, e contemplava os pés, digo mal, os sapatos. Estes eram novos, de verniz, muito bem talhados, e possivelmente cosidos a primor. Ele levantava os olhos para as janelas, para as pessoas, mas tornava-os aos sapatos, como por uma lei de atração, anterior e superior à vontade. Ia alegre, via-se-lhe no rosto a expressão de bem-aventurança. Evidentemente era feliz; e talvez, não tivesse almoçado; talvez mesmo não levasse um vintém no bolso. Mas ia feliz, e contemplava as botas.

A felicidade será um par de botas? Esse homem, tão esbofeteado pela vida, achou finalmente o riso de fortuna. Nada vale nada. Nenhuma preocupação deste século, nenhum problema social ou moral, nem as tristezas de que termina, miséria ou guerra de classes, crises da arte e da política, nada vale, para ele, um par de botas. Ele fita-se, ele respira-as, ele reluz com elas, ele calca com elas o chão de um globo que lhe pertence. Daí o orgulho das atitudes, a rigidez dos passos, e um certo ar de tranquilidade olímpica... Sim, a felicidade é um par de botas."

(Machado de Assis - *Histórias sem Data)*

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

A CARTOMANTE

HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

- Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

- Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

- Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

- Onde é a casa?

- Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

- Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não

acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranjou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

- É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhetinho. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando

estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

- Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

- Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, - repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, - o que era ainda pior, - eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora". Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tílburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tílburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo,

em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tílburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tílburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

- Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: “Vem já, já...” E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: “Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia...” Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

- Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

- E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

- A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

- As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

- A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

- Vá, disse ela; vá, *ragazzo innamorato*...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular.

Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

- Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

- Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

- Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tílburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

- Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, *ragazzo innamorato*; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

- Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: - ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

3. ALUÍSIO AZEVEDO (1857 - 1913)

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís, Maranhão, em 1857. Depois de seus primeiros estudos, dedicou-se ao comércio, como caixeiro. Com quatorze anos, estudou pintura no Liceu Maranhense, mas não concretizou seus objetivos neste campo artístico. Iniciou na imprensa como caricaturista de "*O Figaro*" e, em 1878, foi obrigado a voltar a São Luís devido à morte do pai. Nessa época, publicou o romance *Uma lágrima de Mulher,* ainda de inspiração romântica. As leituras de Zola e Eça mostraram-lhe um novo caminho. Em 1881, publicou, então, ***O Mulato***, com o qual inaugurou o Naturalismo na literatura brasileira. O romance provocou violenta reação na sociedade

maranhense, coagindo-o a retornar ao Rio de Janeiro. Dessa fase em diante, dedicou-se à literatura e à imprensa, publicando romances, escrevendo folhetins e contos na imprensa. Aprovado em concurso, foi nomeado para o cargo de vice-cônsul em Vigo (Espanha). Fora do Brasil, abandonou a carreira de escritor, deixando apenas um livro como registro de suas viagens pelo Oriente. Faleceu em Buenos Aires, em 1913.

Na carreira literária de Aluísio Azevedo, distinguimos duas fases: a composição de obras para imprensa, com o intuito de se sustentar na vida modesta e sem recursos, e a produção de verdadeiras obras-primas em que se encontram os romances de intenção artística, quando adere ao espírito naturalista e passa a analisar o comportamento da sociedade burguesa.

À linha folhetinesca pertencem: *Memórias de um Condenado*, publicado posteriormente com o título de *A Condessa Vésper, Mistérios da Tijuca,* (reeditado com o nome de *Girândola dos Amores*), *Filomena Borges, O Esqueleto* e *A Mortalha de Alzira*. São livros de feição romântica, escritos para satisfazer às solicitações do jornal.

À linha artística filiam-se *O Mulato, Casa de Pensão, O Coruja, O Homem, O Cortiço* e *O Livro de Uma Sogra.*

Aluísio Azevedo - disse Valentim Magalhães - "é no Brasil talvez o único escritor que ganha o pão exclusivamente à custa de sua pena, mas note-se que apenas ganha o pão: as letras no Brasil ainda não dão para a manteiga".

"Aluísio Azevedo foi um dos raros romancistas de massas na literatura brasileira". (Lúcia Miguel Pereira)

Os romances do autor são teses que objetivam provar determinadas concepções consideradas científicas no século XIX. A seguir temos exemplos em que o autor se utiliza de situações vividas pelos personagens para afirmar certas teses sobre a determinação sociobiológica do comportamento do homem:

"E não se lembrava, o imprudente, de que o amor de pai é bem contrário ao amor de filho; não se lembrava de que aquele nasce e subsiste por si e que este precisa ser criado; que aquele é um princípio e que este é uma consequência; que um vem de dentro para fora e que o outro vem de fora para dentro. Não se lembrava, o infeliz, de que o primeiro existirá fatalmente, por uma lei indefectível da natureza; ao passo que o segundo só aparecerá se lhe derem elementos de vida".

(Casa de Pensão)

(...) "mas desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior. O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívias de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes."

(O Cortiço)

Neste último fragmento, temos uma descrição bastante objetiva do suicídio de Bertoleza. Atente-se para a ausência de sentimentalismo e para a animalização da personagem:

"Os policiais, vendo que ela não se despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certeiro e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue."

(O Cortiço)

CARACTERÍSTICAS DE SUA OBRA:

Os diálogos são vivos e naturais. As descrições minuciosas e precisas. O romancista não se preocupa em criar tipos que permaneçam, pela sua originalidade e pela personalidade identificadora e singular. Sua ocupação artística reside em verificar o comportamento social dos seres que cria. Melhor ainda: quer sondar até que ponto o social é capaz de determinar a vida individual do ser humano, como

ocorre com os inúmeros portugueses que pululam no livro, todos aos poucos se condicionando ao clima, ao meio tropical brasileiro, perdendo suas qualidades sóbrias e modestas para caírem vítimas do sensualismo tropical e da malandragem coletiva que domina a todos. O que seus personagens possuem de interior é revelado no retrato superficial e ligeiro, na reiteração dos gestos e na repetição dos mesmos tiques e cacoetes: uso de determinadas palavras, modo de andar, jeito de se vestir, movimento do corpo, das mãos, dos olhos. Sua preferência é pelo cotidiano, pelo comum a todos, pela visão inteiriça e total da sociedade, ou melhor, dos aspectos sórdidos e negativos da sociedade. Por isso, sua linguagem tem que ser clara, simples, direta e correta, além de viva, palpitante e incisiva.

O Cortiço é sua obra-prima. Aluísio se preocupa, acima de tudo, em mostrar o procedimento da coletividade. O protagonista do romance é o ambiente do cortiço, com toda a movimentação de seus personagens.

Enredo:

João Romão, empregado dum vendeiro, consegue comprar a venda do patrão, depois de muito economizar. Constrói, então, um conjunto de casinhas, que formam o "O Cortiço São Romão". Amiga-se com Bertoleza, a escrava que se submete a todas as privações para servir a ele, que considera seu senhor. O cortiço progride, desenvolve-se e expande-se através dos dramas, vícios e paixões de seus habitantes. Quando fica rico, João Romão, para ascender socialmente, vai casar-se com Zulmira, filha de um aristocrata, vizinho de suas propriedades. Bertoleza suicida-se.

A grande preocupação do autor é apresentar e analisar os mais variados tipos humanos que constituem o pequeno mundo do cortiço: Leandra (a machona), Jerônimo (o cavouqueiro português), Firmo (o capoeira), Libório *(o* velho interesseiro), Pombinha (a moça transformada em meretriz).

Aluísio Azevedo é, pois, o romancista social. Em *O Mulato*, retrata a vida da província, apresentando contundente crítica ao preconceito de cor; em *Casa de Pensão*, espelha a cidade do Rio de Janeiro, espaço característico de sua ficção.

4. RAUL POMPEIA (1863 - 1895)

O Ateneu é a obra-prima.

CARACTERÍSTICAS:

A obra *O Ateneu* compõe-se de uma série de episódios e reflexões sobre a vida de internato (o relacionamento entre os adolescentes, o ensino, os professores, as efemérides), apresentados pelo narrador memorialista (Sérgio).

No fragmento que segue, percebe-se a crítica social à instituição escolar, prática recorrente na estética realista que põe em xeque todos os valores sociais. Aqui a escola, em vez de templo do saber, apenas reflete o social em que predomina a lei do mais forte.

"Isto é uma multidão, é preciso força dos cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores".

A obra apresenta traços impressionistas, ou seja, o autor não retrata a realidade diretamente, mas a impressão que ela produz.

Poderemos verificar a presença do Impressionismo no exemplo abaixo, no qual se revela a impressão que o autor guardou do diretor da escola (Aristarco):

"... mas o retrato que me ficou para sempre do meu diretor, foi aquele - o belo bigode branco, o queixo barbeado, o olhar perdido nas trevas, fotografia estática, na aventura de um raio elétrico".

4. JÚLIO CÉSAR RIBEIRO (1845 - 1890)

Filho de pai norte-americano, dedicou-se ao jornalismo e ao ensino. Era franco abolicionista e, em seu jornal, em Sorocaba, eram proibidos anúncios sobre escravos fugidos. Bateu-se pelos ideais republicanos. Foi também filósofo.

OBRAS:

ROMANCES: ***O Padre Belchior de Pontes*** (1876 - 77)

A Carne (1888)

DIVERSOS: ***Cartas Sertanejas*** (1885)

Gramática Portuguesa (1881)

Procelárias (trabalhos em periódicos)

CARACTERÍSTICAS:

Era intransigente nas suas opiniões: polêmico por natureza, revidou as críticas feitas a seu livro *A Carne* pelo Padre Sena Freitas, com uma verdadeira enxurrada de insultos.

Esses artigos fazem parte de *Procelárias.* O romance *A Carne* foi recebido com pedradas e, nas épocas posteriores, continuou a sofrer críticas. É um dos livros mais reeditados no Brasil e sempre esgotado, merecendo inclusive uma edição cinematográfica.

5. ADOLFO FERREIRA CAMINHA (1867 - 1897)

Adepto da República, amigo da liberdade, escreveu artigo protestando contra os castigos corporais a bordo dos navios de guerra.

OBRAS:

A Normalista (1893)

Bom Crioulo (1895)

Tentação (1896)

CARACTERÍSTICAS:

Em *o Bom Crioulo*, versa com minúcias, por vezes repugnantes, sobre o homossexualismo, ao mesmo tempo em que condena os castigos aplicados aos negros, alusão clara aos castigos corporais em voga na marinha.

Em *A Normalista*, ridiculariza o provincianismo tacanho, e, em *Tentação*, numa espécie de arrependimento, exalta a boa moral da província contra a corrupção reinante nos grandes centros.

É possuidor de um estilo muito preciso e inflamado quando caricatura seus inimigos ou descreve cenas abomináveis.

No fragmento que segue, veem-se passagens bem naturalistas, enfatizando a tese do determinismo biológico. A personagem, desprovida de razão, é dominada pelo instinto sexual, animalizando-se:

"Seu instinto de mulher nova acordara agora obscurecendo-lhe todas as outras faculdades, ao cheiro almiscarado que transudava dos sovacos de João da Mata. Coisa extraordinária! aquele fartum de suor e sarro de cachimbo produzia-lhe um efeito singular nos sentidos, como uma mistura de essências sutis e deliciosas, desconsertando-lhe as ideias. Uma coisa impelia-a para o padrinho, sem que ela compreendesse exatamente essa força oculta e misteriosa".

(A Normalista)

EXERCÍCIOS

1. Cite três fatores que influíram no aparecimento do Realismo.

_____

_____

_____

_____

_____

2. O Realismo foi inaugurado na França, em 1857, por Flaubert e a obra:

_____

_____

3. No Brasil, o Realismo iniciou-se em 1881, com a obra:

_____

_____

4. Cite cinco características realistas:

_____

_____

_____

5. Como podemos caracterizar o romance realista?

_____

_____

_____

6. Quais os três elementos a que Taine condicionava a obra literária?

_____

_____

7. A obra que inaugurou o Naturalismo no Brasil foi _____de Aluísio Azevedo, em_____, mas sua obra-prima foi:

_____

8. Por que o romance naturalista recebe o nome de experimental?

_____

_____

_____

9. Cite cinco características naturalistas.

_____

_____

_____

10. Destaque as características que diferenciam Realismo do Naturalismo:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Nas questões a seguir, assinale a resposta certa:

11. De origem humílima (filho de um mulato e de uma lavadeira portuguesa dos Açores), tornou-se um dos maiores escritores brasileiros. Sua obra é polimórfica: abrange a poesia, o conto, o romance, a crônica, o teatro e o ensaio.
Estes breves dados bibliográficos correspondem a:
a) José de Alencar;
b) Machado de Assis;
c) Mário de Andrade;
d) Monteiro Lobato;
e) Érico Veríssimo.

12. São constantes no romance machadiano:
a) o humor fino, a preferência pela psicologia feminina, o pessimismo, o tom filosófico.
b) a ironia, a preferência pela psicologia masculina, a revolta, os capítulos curtos.
c) o senso de proporção, o vocábulo preciso, a crença na bondade humana, a sátira.
d) o humor fino, a preferência pela psicologia masculina, o pessimismo, o tom filosófico.
e) a ironia, o senso de proporção, preferência pela psicologia feminina, os capítulos curtos, a sátira.

13. Machado de Assis, na sua obra de ficção narrativa:
a) começou romântico e como tal se manteve na idealização com que descreve as personagens de suas obras.
b) condenou o Romantismo e introduziu no Brasil o Realismo, que só trocou pelo Naturalismo.
c) centrou suas críticas na sociedade de sua época; por isso está ultrapassado: o homem moderno não pode ver-se em suas personagens.
d) investigou em profundidade o homem universal, nas personagens cotidianas, indo além da crítica à sociedade.
e) norteou-se pelos princípios do Naturalismo, ressaltando sempre os fatores biológicos do comportamento humano.

14. Pode-se dizer a respeito de Aluísio Azevedo:
a) Em seus romances encontramos análises profundas da psicologia das personagens, o que o associa ao realismo machadiano.
b) Sua primeira obra naturalista atacava o preconceito racial arraigado na província.
c) Apesar de colocar suas personagens no cenário de cortiços ou casas de pensão, faz com que vivam o amor de acordo com a concepção romântica.
d) Não escreveu para teatro, mas desenvolveu, paralelamente à ficção, uma vasta obra crítica teatral.
e) Foi naturalista tão ferrenho, que atacou os romancistas de sua geração que ainda cultivavam os folhetins românticos.

15. Qual das afirmações abaixo, sobre *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, é correta?
a) É uma das obras românticas do autor, pela exuberância das descrições da paisagem urbana.
b) É um romance social, com uma personagem dominante: a habitação coletiva, dentro da qual se movem criaturas oprimidas e marginalizadas.
c) É o primeiro romance naturalista brasileiro e centra-se na denúncia do preconceito racial no Maranhão.
d) É um romance de análise introspectiva, centrada no amor puro de uma adolescente que vem a ser corrompida pelo meio social em que vive.
e) É um romance panfleto, que denuncia os problemas sociais existentes no Maranhão, sobretudo os cortiços.

16. (FCC-RJ) Os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Mulato*, do último quartel do século XIX, inauguram concepções estéticas e filosóficas que se opõem ao:
a) Romantismo;
b) Arcadismo;
c) Realismo;
d) Simbolismo;
e) Naturalismo.

17. (Santa Casa - SP) “De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gritar os armadores enferrujados de uma rede e uma voz tísica e aflautada, de mulher, cantar em falsete a ‘gentil Carolina era bela’ (...) Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos irascíveis, mordiam o ar, querendo morder os mosquitos”.

A denúncia de profundos desajustes, originários de um ambiente degradado pela miséria - que muitas vezes reduz o homem a um caso de patologia social e humana - é preocupação frequente de certa corrente literária. O excerto acima, que exemplifica essa tendência, é representativo:
a) do primeiro momento do Romantismo;
b) do Simbolismo;
c) do Ultrarromantismo;
d) do Naturalismo;
e) da primeira geração modernista.

Parnasianismo

PROFISSÃO DE FÉ

> "Le *poète est ciseleur*,
> Le *ciseleur est poète.*"
> *Victor* Hugo

"Não quero o Zeus Capitolino,
Hercúleo e belo,
Talhar no mármore divino
Com camartelo.

Que outro - não eu - a pedra corte
Para, brutal
Erguer de Atene o altivo porte
Descomunal.

Mais que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicário
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A ideia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão sutil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.

E horas sem conta passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever - tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena forma!

Deusa! a onda vil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer; e o lodo e a espuma
Deixa-a rolar!

Blasfemo, em grita surda e horrendo
ímpeto, o bando
Venha dos bárbaros crescendo,
Vociferando...

Deixa-o: que venha e uivando passe .

- Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!

Olha-os somente, armada e pronta,
Radiante e bela;
E, ao braço o escudo, a raiva afronta
Dessa procela!

Este que à frente vem, e o todo
Possui minaz
De um vândalo ou de um visigodo,
Cruel e audaz!

Este, que, de entre os mais, o vulto
Ferrenho alteia,
E, em jato, expele o amargo insulto
Que te enlameia:

É em vão que as forças cansa, e à luta
Se atira; é em vão
Que brande no ar a maça bruta
À bruta mão.

Não morrerás, Deusa sublime!
Do trono egrégio
Assistirás intacta ao crime
Do sacrilégio.

E, se morreres por ventura,
Possa eu morrer
Contigo, e a mesma noite escura
Nos envolver!

Ah! ver por terra, profanada,
A ara partida;
E a arte imortal aos pés calcada,
Prostituída!...

Ver derrubar de eterno sólido
O Belo, e o som
Ouvir da queda do Acropólio,
Do Partenon!...

Sem sacerdotes, a crença morta
Sentir, e o susto
Ver, e o extermínio, entrando a porta
Do templo augusto!...

Ver esta língua, que cultivo,
Sem ouropéis,
Mirrada ao hálito nocivo
Dos infiéis!...

Não! morra tudo que me é caro,
Fique eu sozinho!
Que não encontre um só amparo
Em meu caminho!

Que a minha dor nem a um amigo
Inspire dó...
Mas, ah! que eu fique só contigo,
Contigo só!

Vive! que eu viverei, servindo
Teu culto, e, obscuro,
Tuas custódias esculpindo
No ouro mais puro,

Celebrarei o teu ofício
No altar: porém,
Se ainda é pequeno o sacrifício,
Morra eu também!

Caia eu também, sem esperança,
Porém tranquilo,
Inda, ao cair, vibrando a lança,
Em prol do Estilo!"

(Olavo Bilac)

É-nos difícil, em outra época, com outros valores, entender tamanho "amor" do poeta pela Língua e pela **FORMA,** mas o poema serve muito bem para mostrar a preocupação fundamental dos poetas parnasianos, ou seja, a **BUSCA DA PERFEIÇÃO FORMAL.**

EXERCÍCIOS

Agora, após tomar fôlego, resolva os exercícios propostos que o ajudarão a entender o **PARNASIANISMO:**

RESPONDA O QUE SE PEDE:

1. A que se compara o poeta ao elaborar uma poesia? Por quê?

_____

_____

2. Que tipo de cultura é evocada no decorrer de todo o poema ?

_____

_____

3. Que tipo de sintaxe predomina: a ordem direta ou ordem inversa? Por quê? Transcreva versos que exemplifiquem:

_____

_____

4. Segundo o texto, quais as condições necessárias para a efetivação do trabalho poético?

_____

_____

5. Na 12ª estrofe, o poeta fala sobre o ofício de escrever. É, segundo ele, fácil ou difícil escrever bem? Por quê?

_____

_____

6. O texto reflete a impassibilidade pregada pelos poetas parnasianos? Explique.

_____

_____

7. Os parnasianos buscavam encontrar palavras raras e incomuns... Localize algumas dessas palavras no texto e procure seu sentido no dicionário.

_____

_____

_____

_____

8. Qual a ideia central da 13ª estrofe?

_____

_____

_____

_____

9. Lendo essa proposta de poesia, você conclui que é mais importante o conteúdo, a mensagem ou a forma, a técnica?

_____

_____

10. Considerando que a Língua é uma realidade histórica sujeita a mudanças, o ideal do poeta (cristalização da linguagem) é viável? Por quê?

_____

_____

SÍNTESE GRÁFICA DO MOVIMENTO PARNASIANO

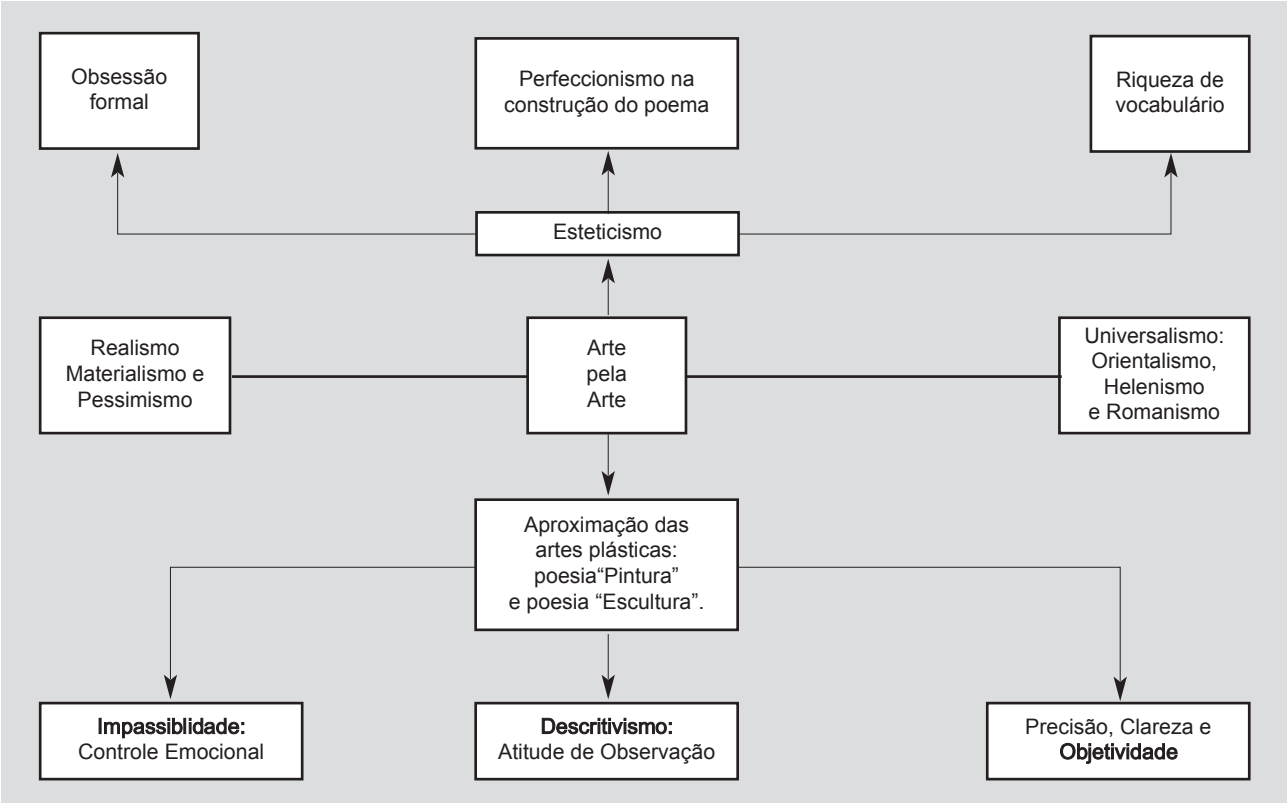

PARNASIANISMO foi uma fase de reação contra o **ROMANTISMO** e correspondeu, na poesia, àquilo que o Realismo representou na prosa. O nome provém da revista francesa ***Parnaso Contemporâneo*** (*Le Parnase Contemporain*), revista literária que preconizava os ideais da Escola. Foi ali que nossos poetas buscaram seus modelos. É interessante notar-se também que tal movimento só existiu, ao menos com expressão, na França e no Brasil.

Determina-se o **início do Parnasianismo no Brasil no ano de 1882,** com a publicação de ***FANFARRAS***, de TEÓFILO DIAS.

CARACTERÍSTICAS:

Além das características gerais da **ESCOLA REALISTA, o Parnasianismo** exigia técnica de composição muito severa.

Eis as principais características:

• A perfeição está na forma.
• Correção absoluta de linguagem, com predomínio da ordem indireta.
• Comedimento no emprego de figuras de ornamento.
• Musicalidade nos versos, adquirida, principalmente, na variedade de vogais.
• Emprego de rimas ricas e raras; de palavras raras, incomuns.
• Arte pela arte; ela existe somente para si mesma e não em função da moral, religião, etc.
• Poesia descritiva, com predomínio da descrição do real, mas não da análise.
• Preferência por formas poéticas fixas, especialmente o SONETO.
• Gosto pelo exotismo.
• Contenção emotiva.
• Desprezo aos temas individuais.
• Objetividade e impassibilidade na composição.

Os poetas brasileiros não conseguiram atingir a tal impassibilidade e objetividade, criando um "***lirismo objetivo***", em que entram o amor, a saudade, a despedida, a solidão, os sonhos e a evasão.

AUTORES DO PERÍODO

1. ALBERTO DE OLIVEIRA (Poeta das Palmeiras) (1859 - 1937)

CARACTERÍSTICAS:
- Técnica de composição apurada.
- Ritmo elegante, vocabulário preciso e rimas trabalhadas.
- Predomínio da descrição de paisagens e objetos.
- Impassível de início, vai aderindo ao lirismo objetivo.

OBRAS:
Canções Românticas; Meridionais; Versos e Rimas; Sonetos e Poemas; Poesias (4 séries); ***Livro de Ema.***

COMPOSIÇÕES CONSAGRADAS:

Vaso Grego, Vaso Chinês, Aspiração, O Muro, Alma em Flor.

ALMA EM FLOR

"Sei que um perfume intenso em tudo havia.
Era enfeitada e nova a laranjeira,
E o pomar verde pela vez primeira
Florido era na agreste serrania.

Com botões de ouro e a espada luzidia
Rachando ao sol a tropical palmeira;
Era sertão, era a floresta inteira
Que em corimbos, festões e luz se abria.

Sei que um frêmito de asas multicores
Se ouvia. Eram insetos aos cardumes
A rebolir, fosforescendo no ar

Era a criação toda, aves e flores,
Flores e sol, e astros e vagalumes
A amar... a amar... E que ânsia em mim de amar".

Observe:
a) O texto é essencialmente descritivo.
b) Há presença da palmeira e das flores.
c) A rima é formada por classes de palavras diferentes, rica, portanto.
d) O autor tem preferência pela ordem inversa.

e) O texto pertence à fase de maturidade do poeta (*Poesias* 2ª Edição) e o mostra mais emotivo.

VASO CHINÊS

"Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármor luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura:

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa."

2. RAIMUNDO CORREIA (Poeta das Pombas) (1860-1911)

CARACTERÍSTICAS:

- Sentimento de transitoriedade.
- Preocupação existencial.
- Grande sensibilidade e poder pictórico.
- A poesia atinge profundidade psicológica.
- Poesia filosófica e pessimista.

OBRAS:

Primeiros Sonhos; Sinfonias; Versos e Versões; Aleluias; Poesias.

COMPOSIÇÕES CONSAGRADAS:

Mal Secreto, As Pombas, A Cavalgada, Banzo.

MAL SECRETO

"Se a cólera que espuma, a dor que mora
N' alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;
Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!"

Observe:

a) Opção pelo *soneto*, forma cara aos parnasianos.
b) Poesia existencialista/psicológica, tematizando a dicotomia existente entre essência e aparência.
c) Percepção negativa do homem, enfatizando a dor, a angústia e a miséria humana.

AS POMBAS

"Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais... "

3. OLAVO BRAZ MARTINS DOS GUIMARÃES BILAC (Poeta das Estrelas) (1865 - 1918)

CARACTERÍSTICAS:

- Busca o perfeccionismo formal.
- Presença do sentimentalismo e subjetivismo.
- Cultivou *o* lirismo amoroso-erótico.
- Empreendendor de campanhas nacionalistas.

OBRAS:

Poesias (1888) que compreende:

a) **Panóplias** (rigorosamente parnasiano);
b) **Via-Láctea** (lirismo singelo, amorosidade);
c) **Sarças de Fogo** (erótico);
d) **O Caçador de Esmeraldas** (épico);
e) **Alma Inquieta**.

Poesias Infantis:

Tarde (1919), (serenidade, meditativo).

COMPOSIÇÕES CONSAGRADAS:

Ouvir Estrelas, *Nel Mezzo del Camin*, Língua Portuguesa, O Julgamento de Frineia, Satânia, Inania Verba, Hino à Bandeira.

TERCETOS

I

"Noite ainda, quando ela me pedia
Entre dois beijos que me fosse embora,
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

'Espera ao menos que desponte a aurora!
Tua alcova é cheirosa como um ninho...
E olha que escuridão há lá por fora!

Como queres que eu vá, triste e sozinho,
Casando a treva e o frio de meu peito
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!

Ouves? é o vento! é um temporal desfeito!
Não me arrojes à chuva e à tempestade!
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...
Espera! até que o dia resplandeça,
Aquece-me com tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça
Repousar, como há pouco repousava...
Espera um pouco! deixa que amanheça!'

- E ela abria-me os braços. E eu ficava.

II

E, já manhã, quando ela me pedia
Que de seu claro corpo me afastasse,
Eu, com olhos em lágrimas, dizia:

"Não pode ser! Não vês que o dia nasce?'"

OUVIR ESTRELAS

"'Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!' E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: 'Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?'

E eu vos direi: 'Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.'"

NEL MEZZO DEL CAMIN...

"Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo."

Apesar dos poetas parnasianos se colocarem como antirromânticos, nesses poemas encontramos um Olavo Bilac sentimental, romântico e subjetivo. Comprove estas afirmações a partir de elementos dos textos. Estabeleça um paralelo destes poemas com *o* poema "Ainda Uma Vez Adeus" de Gonçalves Dias, presente na parte do Romantismo desta apostila.

LÍNGUA PORTUGUESA

"Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que, na ganga impura,
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço e o teu aroma
De virgens selvas e de oceanos largos!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: 'meu filho!'
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!"

A UM POETA

"Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade."

O fragmento a seguir revela a opção do poeta pelo veio cívico:

"Ama com fé e orgulho a Terra em que nasceste
Criança, não verás nenhum país como este
Olha que céu, que mar, que rio, que florestas
A natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos".

4. VICENTE AUGUSTO DE CARVALHO (Poeta do Mar) (1866 -1924)

CARACTERÍSTICAS:

- Poesia acentuadamente lírica.
- Temas preferidos: natureza e mar.

OBRAS:
Ardentias; Relicário; Rosa, Rosa de Amor; Poemas e Canções.

VELHO TEMA

"Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sono que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos."

PALAVRAS AO MAR

"Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitárias! Tigre
A que as brisas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo eriça o pelo!
Ouço-te às vezes revoltado e brusco,
Escondido, fantástico, atirando
Pela sombra das noites sem estrelas
A blasfêmia colérica das ondas...

Também eu ergo às vezes
Imprecações, clamores e blasfêmias
Contra essa mão desconhecida e vaga
Que traçou meu destino... Crime absurdo
O crime de nascer! Foi o meu crime.
E eu expio-o vivendo, devorado
Por esta angústia do meu sonho inútil.
Maldita a vida que promete e falta,
Que mostra o céu prendendo-nos à terra,
E, dando as asas, não permite o voo!"

Fragmento naturista, poetizando o mar, motivo recorrente em Vicente de Carvalho. Da fusão do sensorial e do emotivo nasce uma linguagem rica em imagens da natureza e em ressonâncias psicológicas e existenciais. O tom é pessimista e melancólico, característica da poesia parnasiana em geral.

5. EMÍLIO DE MENEZES (O Último Boêmio) (1866 - 1918)

Curitibano de nascimento, viveu no Rio, sendo muito apreciado pelo seu humor e poesia satírica. Sua poesia é difícil pela preocupação constante com a rima rara, tornando o vocabulário inatingível e bizarro. Apesar do homem brincalhão, suas poesias refletem preocupação acentuada com a morte.

OBRAS:
Marcha Fúnebre; Últimas Rimas; Mortalha.

No poema a seguir, o poeta trata, entre outros temas, da morte, motivo recorrente em sua poética:

"Vida, não tens os ódios nem a estima
De quem o gozo teu não desconhece.
Conhecendo, entretanto, a farta messe
De dissabores que o teu seio anima.

Do mal abaixo e da bondade acima
Esta se alteia quando aquele desce,
E, muda a voz, sem pragas e sem prece,
Não há quem, alto, tal estado exprima.

Logo velado por neblinas densas
À luz do sol e ao luar sempre escondido,
Noss'alma, em nada crê, nem tem descrenças.

E ó morte, eu te desejo convencido
E orgulhoso do bem que me dispensas,
Na glória de morrer sem ter vivido! ..."

EXERCÍCIOS

1. Assinale a alternativa correta:

I. A poesia realista chamou-se:

a) Simbolismo;
b) Modernismo;
c) Marinismo;
d) Parnasianismo;
e) Eufuísmo.

II. A poesia parnasiana:

a) preocupava-se com o subjetivismo exagerado do autor.
b) tinha em mira apenas os problemas contemporâneos do poeta.
c) fazia arte pela arte e se voltava ao passado das civilizações clássicas.
d) era de uma nostalgia sem limites.
e) não se preocupava com a linguagem.

2 - Coloque 'x' nas afirmações certas:

( ) O surgimento da poesia parnasiana fez desaparecer, na época, o interesse pela poesia romântica, cujo último grande nome fora Castro Alves, falecido em 1871.
( ) O Parnasianismo constitui-se numa corrente poética de vanguarda e teve, por isso, enorme repercussão e aceitação no movimento modernista.
( ) Em geral, o poeta parnasiano preza mais a forma do que o conteúdo.
( ) Uma das tarefas centrais do Parnasianismo foi dar roupagem nova à tradição clássica, fato que se exprime principalmente na utilização de fontes latinas ou gregas, mais ou menos adaptadas ao gosto moderno.
( ) O Parnasianismo, com a máxima da "arte pela arte",

pregando o desvinculamento da realidade político-social, existiu predominantemente no Brasil e na França, ao passo que, em outros países, o que realmente existiu foi uma poesia realista, que não dispensava tal temática.

( ) Em sua maioria, nossos poetas parnasianos deixaram uma obra que atende bem ao princípio da objetividade e impassibilidade e o melhor exemplo disso é Olavo Bilac.

3. Associe:
   a) Olavo Bilac
   b) Alberto de Oliveira
   c) Raimundo Correia

( ) Uma de suas principais obras é *Tarde*, expressão das angústias de maturidade.
( ) Foi por excelência o poeta "SCHOPENHAURIANO" dessa fase esteticista chamada Parnasianismo: sensibilidade voltada para a auscultação das dores do mundo.
( ) Entre os parnasianos, foi considerado o mais técnico e formal, o mais apegado aos cânones da escola.
( ) Alguns o chamam, de forma simplista, de parnasiano na forma e romântico no conteúdo.
( ) Foi o mais popular, o mais apreciado poeta parnasiano, certamente pelo entusiasmo ou pela sensualidade que brotam em sua poesia.
( ) Sua poesia é, principalmente, marcada pela angústia do tempo e pelo pessimismo.
( ) Em Poesias, que contém *Panóplias*, *Via-Láctea*, *Sarças de Fogo* e outras, a inquietação do poeta é ampla e variada, ao contrário de seu livro final.
( ) Dentre seus temas, podemos destacar a descrição da beleza plástica da mulher e o patriotismo.
( ) Foi exímio paisagista, com predominância de palmeiras e flores.
( ) É o mais filosófico dos parnasianos e há em seus versos profunda preocupação com a efemeridade da vida e angústia existencial.

4. Identifique o autor dos versos, valendo-se da seguinte classificação:
   a) Olavo Bilac
   b) Raimundo Correia
   c) Alberto de Oliveira
   d) Vicente de Carvalho

( ) "Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada..."

( ) "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! 'E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...'"

( ) "Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos,
Toda arreada de dourados pomos,

Existe sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos."

( ) "Da serra azul, onde a palmeira medra,
Onde paira a neblina, se deriva,
A gotear de lisins de esconsa pedra,
Um fio de água viva."

5. Marque apenas uma alternativa correta:

a) O Parnasianismo caracterizou-se por:

( ) culto de forma, esteticismo, sobriedade.
( ) reação contra a poesia individualista, reposição dos ideais clássicos da Arte, tendência ao mistério e retratação de estado de alma.
( ) impassibilidade, correção de versos, explosões de sentimento.
( ) objetividade, universalidade, exaltação de tradições.

b) Assinale a alternativa verdadeira sobre Raimundo Correia:

( ) Destacou-se pela produção de hinos patrióticos.
( ) Seu amor às palmeiras deu-lhe o cognome de "Poeta das Palmeiras."
( ) A tônica principal de sua poesia é a preocupação existencial.
( ) Poeta do amor, é muito claro na exposição dos sentimentos.

6. Sobre Emílio de Menezes é lícito afirmar:

( ) Foi lírico e satírico, demonstrando grande preocupação com a morte.
( ) Sua leitura é fácil e o vocabulário acessível.
( ) Destacou-se após a morte, quando foi deveras valorizado.
( ) Enquanto vivo, não era apreciado por seus coetâneos.

7. É correto dizer-se a respeito de Olavo Bilac que:
   a) sua poesia, rica em símbolos, é marcada por um extremo misticismo; por isso, abstém-se de exprimir a sensualidade das paixões carnais.
   b) durante a revolução modernista, sua poesia foi citada como um exemplo digno de ser imitado, pela despreocupação quanto à forma.
   c) ao contrário de outros parnasianos, não apresenta em sua poesia traço algum da temática greco-latina.
   d) em sua obra encontra-se, a par da poesia lírica-amorosa, poesia patriótica e de cunho épico.
   e) apesar de exaltar as virtudes da Língua Portuguesa, sua poesia apresenta erros gramaticais advindos do arrebatamento da inspiração criadora.

8. Não caracteriza a estética parnasiana:
   a) o culto da forma;
   b) a impassibilidade;
   c) o descritivismo;
   d) o culto do vago e do impreciso;
   e) n.d.a.

9. Dedicou-se à vida literária e ao jornalismo, tendo abandonado os estudos, depois de tentar os cursos de Medicina e Direito. Poeta emocional, sua poesia apresenta lirismo amoroso. Patriota vibrante, nacionalista fulgurante e autor da letra do "Hino à Bandeira":
   a) Álvares de Azevedo;
   b) Olavo Bilac;
   c) Gonçalves Dias;
   d) Castro Alves;
   e) Raimundo Correia.

10. Análise de texto:

MUSA IMPASSÍVEL

"Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de um Job, conserva o mesmo orgulho; e diante
De um morto, o mesmo olhar e sobrecenho austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;
A rima cujo som, de uma harmonia creba,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármores partidos".

(Francisca Júlia)

Job - personagem bíblico que significa aquele que sofre, aquele para quem a vida é provação;
Sobrecenho - semblante severo;
Idílico - amoroso;
Descante - canto;
Anguiforme - que tem a forma de serpente;
Dante - grande poeta italiano renascentista, autor da *Divina Comédia;*
Marcial - relativo à guerra;
Homero - poeta grego, a quem são atribuídas as principais epopeias da Grécia Antiga: a *Ilíada* e a *Odisseia;*
Hemistíquio - a metade de um verso alexandrino (de doze sílabas métricas), e por extensão, de qualquer verso;
Creba - repetida;
Calhau - fragmento de rocha dura, pedra solta, seixo.

1. Ao longo do soneto, o eu lírico tem como interlocutora a sua musa, isto é, a sua fonte de inspiração artística.
   a) Quais as características da musa, presentes no primeiro quarteto?

   _____

   _____

   _____

   b) Ainda de acordo com essa estrofe e com os dois versos iniciais do segundo quarteto, que comportamento a musa deve rejeitar para manter suas características?

   _____

   _____

   _____

   c) Tais comportamentos lembram que estilo literário? Por quê?

   _____

   _____

2. A "musa impassível" parnasiana é fundamentalmente antirromântica. Como o título e os seis versos iniciais do poema justificam a 1ª parte dessa afirmação?

   _____

   _____

   _____

3. Identifique e comprove três características parnasianas do texto.

   _____

   _____

   _____

   _____

   _____

   _____

4. Agora, compare os estilos das Escolas da segunda metade do século XIX: de um lado o Realismo e o Naturalismo e, de outro, o Parnasianismo. Encontre uma semelhança e uma diferença entre eles.

   _____

   _____

11. Análise de texto:

CRESCENTE DE AGOSTO

"Altea-se no azul aos poucos o crescente,
O ar embalsama, os cirros[1] leva, o escuro afasta;
Vasto, de extremo a extremo, enche a alameda vasta,
E emborca a urna de Luz nas águas da corrente!

Na escumilha[2] da teia, onde a aranha indolente
Dorme, feita de orvalho, uma pérola engasta.
Faz aos Lírios mais branca a flor cetínea e casta,
Mais brancos os jasmins e a murta[3] redolente.[4]

Faz chorar um violão lá não sei onde... (A ouvi-lo,
Na calada da noite um não-sei-quê me invade)
Faz que haja em tudo um como estranho espasmo e enlevo,

Faz cousas rezar, ao seu clarão tranquilo,
Faz nascer dentro de mim uma grande saudade,
Faz nascer de saudade estes versos que escrevo."

(Alberto de Oliveira)

Vocabulário:
1. nuvem
2. tecido fino
3. pequeno arbusto
4. aromático

1. Desenvolva uma análise formal do poema:
   a) Esquema métrico:

   _____

   _____

   _____

   _____

   b) Esquema rímico:

   _____

   _____

   _____

   c) Figuras de linguagem:

   _____

   _____

   _____

   d) Linguagem:

   _____

   _____

   _____

2. Aponte características parnasianas no poema, comprovando com passagens do texto:

   _____

   _____

   _____

3. Nos dois últimos tercetos ocorrem certas características que vão de encontro aos ideais estéticos do Parnasianismo. Detecte-os e comente.

_____

_____

_____

4. Um dos ideais parnasianos é atingir a perfeição formal, mesmo que em detrimento do conteúdo. Analisando essa questão, explique o último terceto.

_____

_____

_____

Simbolismo

1 - QUADRO HISTÓRICO

Em fins do ano de 1880, o mundo ocidental passa por transformações culturais, sociais e políticas. A França, como centro irradiador de cultura, é derrotada na guerra contra a Alemanha. A derrota compromete um mundo de ideias e concepções. As proposições científicas e o predomínio da razão sobre os sentimentos, tão caros ao Realismo, sofrem uma revisão. Como consequência, a arte tende ao abandono da objetividade e retoma as posições de ordem subjetiva do Romantismo. Os anseios, as aspirações individuais e coletivas, difundidas através de várias gerações, afloram.

2 - A REAÇÃO ESTÉTICA

Um grupo de intelectuais franceses- Baudelaire, Verlaine, Rimbaud e Mallarmé - rebelou-se contra o racionalismo materialista e cientificista até então reinante nas artes em geral, durante o império realista.

Os realistas brasileiros começaram a sentir que o seu ideário se esgotava, impondo-se a escolha de novos caminhos para a arte. No fim dessa década, realizaram-se as grandes esperanças dos realistas brasileiros: a abolição da escravatura e a conquista republicana. Sem outras finalidades a que pretender, a escola esvaziou-se rapidamente e caiu num artificialismo estéril. Também a desilusão com o cientificismo e materialismo motivou o aparecimento de uma nova tendência, de caracteres opostos aos do Realismo, que amava o abstrato e o imaterial, voltada para o mundo interior: o **Simbolismo**.

A interpenetração das técnicas realistas e simbolistas chegou a produzir uma nova estética, que é responsável mais direta pela transição para o Modernismo posterior. Essa estética se chama impressionista, porque os escritores procuram manifestar as impressões que a realidade lhes causa. Aparece-nos assim o aspecto conflitante, ambíguo do **Impressionismo**: a realidade a que eles se referem é objetiva (característica realista), mas a impressão, que o escritor tem dela, é subjetiva (característica simbolista).

Para o impressionista, a realidade ainda é o ponto de partida da arte, mas é preciso retratá-la sob o prisma pessoal do artista, que a isola num único momento dado: se a realidade é a origem da obra de arte, o que importa transmitir são as sensações causadas ao artista por essa mesma realidade, que se transforma em pano de fundo da obra de arte.

Não obstante esse fato, o Simbolismo foi uma reação contra o Parnasianismo, que privara a poesia de sua essência de liberdade e singeleza criadora e a tornara demasiadamente formal, artesanal e exterior.

Historicamente, o movimento simbolista tem suas raízes profundas nos traços que haviam permanecido subjacentes durante a escola realista, naturalista e parnasiana. Por isso, os poetas que, a princípio, adotaram as ideias de Baudelaire, Verlaine e Mallarmé, como reação à poesia parnasiana, passaram a ser chamados de **decadentes** ou, ainda, **nefelibatas** (habitantes das nuvens). Em 1886, Jean Moréas sugeriu a troca do termo decadente por **simbolista**. A partir de então, **Simbolismo** foi o termo consagrado para designar a nova escola.

A filosofia de vida dos simbolistas se prendeu aos novos tratados, aparecidos na época, e francamente contrários aos princípios realistas. Receberam muitas influências dos filósofos: Hartmann (1842 - 1906), cuja obra indicava o inconsciente como o grande princípio vital do mundo: *Filosofia do Inconsciente* (1869); Schopenhauer (1778 - 1860), que afirmava o predomínio da vontade universal sobre a vontade individual, resultando o mundo numa representação: *O mundo como vontade e representação;* Bergson: *Ensaio sobre dados imediatos da consciência*.

As ideias realistas cederam diante das novas

atitudes idealistas e metafísicas, vencidas por um misticismo crescente.

Assim, tínhamos os dois pontos necessários para o surgimento da nova escola artística: um princípio filosófico, tendendo para o espiritualismo e para a mística, e um estilo de época, determinado pela regra de Verlaine: a música, em primeiro lugar.

3 - CARACTERÍSTICAS

As características do Simbolismo dependem diretamente do misticismo filosófico, impondo ao artista a solidão e a personalidade absoluta da arte, o desarranjo dos contornos e a dubiedade do conjunto. O Simbolismo é, sobretudo, um estado de espírito perturbador e confuso, agoniado e solitário. Na arte literária, essas características se realizam pelo predomínio de musicalidade do verso sobre a estrutura do assunto, da sugestão sobre a alusão, do indireto sobre o direto, conduzindo o poeta, da metáfora para a alegoria, entendida como continuação metafórica.

Vamos detalhar algumas características principais:

1. Subjetivismo:

Esta é uma característica própria de escolas anteriores que valorizam o mundo interior do indivíduo. O Simbolismo vai além do subjetivismo dos românticos (início do século XIX) pretendendo atingir as áreas do subconsciente e do inconsciente. Os textos que surgiam, portanto, revelavam-se poesia "difícil", embrenhando-se nas zonas mais ensombrecidas do **eu** e das **emoções.** O eu profundo torna-se o tema preferido dos simbolistas que, divisando novas instâncias da existência, **encontra abismos:** "vastidões supremas", "prisões colossais", "portas do mistério"; **manifesta os desejos íntimos:** "boca para deleites e delírios da volúpia carnal"; **visão pessoal e sombria do mundo:** "os miseráveis, os rotos são as flores dos esgotos", "toda alma num cárcere anda presa", "esta profunda e intérmina esperança".

2. Conteúdo Irracional:

Os simbolistas, ao voltarem para dentro do seu "ego", iniciam uma viagem interior de imprevisíveis resultados. Invadindo o universo íntimo de cada um, em que reina o **caos** e a **anarquia** e, na tentativa de trazer este universo ao homem comum, compuseram poemas extremamente vagos e complexos; imprecisos e, não raro, ilógicos e indecifráveis. Devido a isto, os poetas desta época foram chamados de **"Nefelibatas",** isto é, **sonhadores** quanto aos ideais, **nebulosos** quanto ao conteúdo e **inatingíveis** quanto à linguagem.

"Nos Santos óleos do luar, floria
teu corpo ideal, com o resplendor da Helade...
E em toda a etérea, branda claridade
como que erravam fluidos de harmonia."

(Em sonhos...)

"Desta torre desfraldam-se altaneiras,
por sóis de céus imensos broqueladas,
bandeiras reais, do azul das madrugadas
e do íris flamejante das poncheiras."

(Torre de Ouro)

Por isso, diante de um texto simbolista, é necessário que o leitor se disponha mais a sentir a musicalidade, a sugestão, do que se preocupar em apreender a ideia, a mensagem, o que nem sempre é possível.

3. Musicalidade:

O Simbolismo, libertando a palavra de sua carga lógica, descobriu uma grande afinidade entre POESIA e MÚSICA. A música conduz vivamente as emoções (tão íntimas e complexas) de quem compõe a quem a ouve. As palavras, por isso, são escolhidas pela sonoridade, valendo-se das aliterações, assonâncias, ecos, rimas de toda sorte:

"Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

Vozes veladas, veludosas vozes
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

(Violões que Choram)

Cabe explicar ainda que **aliteração** é o uso repetido de um mesmo fonema para sugerir um som que aproxime a linguagem do conteúdo.

Observe na 1ª estrofe (Violões que Choram), o uso excessivo das nasais (m e n) provocando um som "fechado", "arrastado", "pesado" indo de encontro ao sofrimento das almas; e na 2ª estrofe a repetição do (v e z) sugerindo serenidade e provocando musicalidade.

Assonância é o uso repetido das mesmas vogais tônicas em palavras diferentes:

"Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras..."

(Antífona)

Para entender melhor estas características, observe o que diz o poeta Verlaine neste fragmento de *Arte Poética*.

"Antes de qualquer coisa, a música
e, para isso, prefere o ímpar
mais vago e mais solúvel no ar
sem nada que pese ou que pouse

É preciso também que não vás nunca
escolher tuas palavras sem ambiguidade
nada mais claro que a canção cinzenta
onde o Indeciso se junta ao Precioso"

4. "Sugerir e não nomear":

Segundo Mallarmé, "Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema que é feito da felicidade de adivinhar pouco a pouco". Em outras palavras, os poetas simbolistas faziam poesia para ser **sentida** e não compreendida ou explicada; o leitor deve abandonar-se às emoções e às intuições. E, para permitir uma leitura múltipla de seus poemas, usaram a polivalência da metáfora (substituição do significado natural de uma palavra, por exemplo, Felisberto é um touro), e os símbolos (Amor, Sonho, Dor, Sombra) usados, assim, em maiúsculo, como a indicar a infinitude da ideia, a plurivalência, o que de universal se pode extrair deles:

"Mas hoje o Diabo já senil, já fóssil,
de sua criação desiludido,
perdida a antiga ingenuidade dócil
chora um pranto noturno de Vencido"

(A Flor do Diabo)

"Pelas regiões tenuíssimas da bruma
vagam as Virgens e as Estrelas raras..."

(Carnal e Místico)

Todos esses recursos atendem ao desejo de encontrar uma nova linguagem, já que a tradicional não se coadunava com os propósitos de expressar o mundo enigmático que emana do interior do poeta.

Surge na poesia um arsenal metafórico, uma sintaxe especial, combinações vocabulares, uso de cores e conotações impressionantes, capazes de traduzir as novas concepções.

5. Concepção mística da vida:

A poesia permite inventar "sonhos e visões", que libertam; o universo é etéreo, fluido, inefável. Os corpos não têm lugar para se manifestarem. A sensualidade não se corporifica, é desejo suspenso:

"O ventre em pinchos, empinava todo
como réptil objeto o lodo,
espolinhando e retorcido em fúria.

Era a dança macabra e multiforma de um
verme estranho, colossal enorme
do demônio sangrento da luxúria."

(Dança do Ventre)

"Se tens sede de Paz e d'Esperança,
se estás cego de Dor e de Pecado,
valha-te o Amor, o grande abandono,
sacia a sede com amor, descansa.

O coração que é puro e que é contrito,
se sabe ter doçura e ter dolência,
revive nas estrelas do Infinito.

Revive, assim, fica imortal, na essência
dos anjos paira, não desprende em grito
e fica, como os Anjos, na Existência."

(A Grande Sede)

6. Sinestesia (fusão de sensações):

Na poesia simbolista, é comum a ocorrência

de sinestesia, que permite ao poeta a expressão de estados do inconsciente, em que as imagens se associam em planos nem sempre lógicos, como no sonho. Uma ideia pode despertar várias sensações.

> "Tarde de olhos azuis e de seios morenos.
> Ó tarde linda, ó tarde doce que se admira,
> Como uma torre de pérolas e safira.
> Ó tarde como quem tocasse um violino.
> Tarde como Endimion, quando ele era menino
> Tarde em que a terra está mole de tanto beijo,
> Porém querendo mais, nervosa de desejo..."
>
> *(Emiliano Perneta)*

O SIMBOLISMO NO BRASIL

Nada havia, no panorama cultural do Brasil, que pudesse sustentar semelhante renovação literária; raros grupos sociais se dispuseram a consumir essa poesia que conviveu, paralelamente, com o Parnasianismo e foi por este contaminado, constituindo-se o Simbolismo como movimento subtérreo de nossas letras. Valorizando a mais fina sensibilidade, o Simbolismo não fez sentido ao burguês que não o entendeu e nem o atualizou, fazendo com que o movimento cedo perdesse a vitalidade e seus representantes mais expressivos vivessem à margem da sociedade e da vida literária.

O Simbolismo brasileiro acompanhou as manifestações literárias de Baudelaire, Verlaine, Mallarmé e Rimbaud e teve como centros principais o Rio de Janeiro e Curitiba, embora tenha também aparecido em outros lugares, como Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Há uma diferença muito grande entre o nosso movimento brasileiro e o português ou francês: nessas terras, o prestígio simbolista sobrepujou o movimento realista, venceu-o, acabou com ele; o Modernismo, mais tarde, virá chocar-se com as últimas tendências do Simbolismo, tanto na França, quanto em Portugal. No Brasil, ao contrário, o Modernismo ainda lutava com as tendências realistas, principalmente com os últimos parnasianos, porque a vitória do Simbolismo brasileiro foi efêmera, não passou de um ligeiro hiato, de uma libertação circunscrita a dois únicos grandes escritores: Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. Simbolismo e Parnasianismo concorreram na mesma época no Brasil; aquele abafou as manifestações deste por pouquíssimo tempo, mas cedeu, logo depois, diante de uma maioria insensível ao misticismo simbolista; e o Parnasianismo continuou. É claro que, embora desaparecido, o Simbolismo afetou a produção dos últimos realistas, cuja obra ultrapassa os princípios fundamentais da escola, mas ainda não chega a confundir-se com os ideais simbolistas; ficam a meio caminho entre as duas tendências artísticas, sem realizarem integralmente nenhuma das duas. Para estes, serve o meio termo a que nos referimos ao expor as atitudes simbolistas: foram escritores impressionistas, como Raul Pompeia e Graça Aranha.

O manifesto simbolista data de 1891, lançado na "Folha Popular", jornal carioca, sob a responsabilidade de Emiliano Perneta, seguido dois anos depois, 1893, pelos dois livros de Cruz e Sousa, que impuseram vitoriosamente o novo movimento: ***Missal*** (poesia em prosa) e ***Broquéis*** (em verso).

O movimento vai até 1902 quando Euclides da Cunha lança *Os Sertões*, que vai inaugurar o novo credo: Pré-Modernismo.

PRINCIPAIS AUTORES DO SIMBOLISMO

1. JOÃO DA CRUZ E SOUSA - (Florianópolis, 1861 - 1898) (Cisne *Negro)*

Nasceu em Florianópolis, sendo filho de pai escravo e mãe alforriada. A educação e o nome (Sousa) recebeu-os do Marechal de Campo Guilherme Xavier de Sousa, a quem seus pais serviam.

Inicialmente sua poesia foi influenciada pelo Romantismo de veio contestador (Castro Alves) e pelo ideário realista de crítica social. Porém, tais influências foram cedendo lugar à cosmovisão simbolista mais voltada à poetização de verdades existenciais-subjetivas.

Casou-se com a negra Gavita e seus desgostos agravam-se com o casamento. Sua vida transforma-se numa luta contra a miséria e a infelicidade: poucos reconhecem seu valor como

poeta; a esposa enlouquece, a pobreza e a humilhante condição de negro o sufocam; a tuberculose ataca seus filhos, matando dois. A mesma moléstia lhe é fatal em 1898.

CARACTERÍSTICAS:

Sua poesia carrega-se de impulsos pessoais e dos sofrimentos ocasionados pela miséria, pelo desprezo e por sua condição racial.

Sua poesia era a sua vida porque, através dela, podia levantar-se na escala social, beneficiando-se do seu engenho e ombrear-se com os brancos que lhe admiravam o gênio. Dois assuntos predominaram em sua obra:

a) a penetração no seu íntimo, desvendando um mundo de amargura, tanto mais comovente quanto era real o sentido de solidão que sentia, negro numa terra de escravocratas. Seu mundo interior é selvagem e sombrio;

b) a visão das coisas, procurando uma significação para o mundo, onde via a miséria e a desgraça, a injustiça e a dor. Um mundo exterior que equivalia ao seu mundo interior, uma projeção apenas do seu íntimo.

Seu verso delira em sons e cores, **altamente dramático,** poucas vezes obscuro, mas sempre **místico, extraterreno**, quase surrealista, cheio de visões que o torturavam e magoavam intensamente. **O poeta canta o estigma de sua raça e se deixa seduzir pelas formas brancas**. O poema "Antífona" expressa a obsessão e o fascínio pelas cores alvas. A poesia reflete a consciência obcecada do poeta mediante a fusão de todas as sensações: cor, som, cheiro, tato e paladar. Sua comunicação com o leitor culto é extraordinária, porque tem máxima capacidade de expressão para os mistérios da vida, antes através da música e símbolos que da ordenação lógica do pensamento.

Dentro do Simbolismo, sua obra significa tanto quanto a de qualquer poeta nacional ou estrangeiro por sua pungente irmanação com o sofrimento. Produziu uma poesia que procura expressar o **elemento transcendente, vago, nebuloso da vida.**

Há três momentos na poesia de Cruz e Sousa:

• **O primeiro** correspondente aos livros *Missal* e *Broquéis*, nos quais o poeta, deixando antever a crise existencial latente que iria explodir mais tarde, embala-se num sensualismo espiritual ou platônico (época do seu noivado com Gavita), mas já de mistura com temas trágicos, próprios da condição humana.

CARNAL E MÍSTICO

"Pelas regiões tenuíssimas da bruma
vagam as Virgens e as Estrelas raras...
Como que o leve aroma das searas
todo o horizonte em derredor perfuma.

Numa evaporação de branca espuma
vão diluindo as perspectivas claras...
Com brilhos crus e fúlgidos de tiaras
as Estrelas apagam-se uma a uma.

Então, na treva, em místicas dormências,
desfila, com sidéreas latescências,
das Virgens o sonâmbulo cortejo...

Ó Formas vagas, nebulosidades!
Essência das eternas virgindades!
Ó intensas quimeras do Desejo..."

ANTÍFONA

"Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
de luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, constelarmente puras,
de Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
e dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
inefáveis, edênicos, aéreos,
fecundai o Mistério destes versos
com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades
que fuljam, que na Estrofe se levantem
e as emoções, todas as castidades
da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros
fecunde e inflame a rima clara e ardente...
Que brilhe a correção dos alabastros
sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça
de carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse eflúvio que por ondas passa
do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões alacres,
desejos, vibrações, ânsias, alentos,
fulvas vitórias, triunfamentos acres,
os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas
de amores vãos, tantálicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
em sangue, abertas, escorrendo em rios.....

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
nos turbilhões quiméricos do Sonho,
passe, cantando, ante o perfil medonho
e o tropel cabalístico da Morte..."

Vocabulário:

antífona: versículo recitado ou cantado, antes ou depois de um salmo. No caso, é a poesia que abre o livro *Broquéis*, transformando-se numa espécie de síntese da obra do poeta.
turíbulo: vaso onde se queima incenso.
ara: altar.
mádida: úmida, molhada pelo orvalho.
dolência: mágoa, lástima, lamento, dor.
ocaso: pôr do sol.
réquiem: 'descanso', 'repouso', a encomendação de um morto; parte do ofício fúnebre.
surdina: pequena peça que se adapta a um instrumento para abafar a sonoridade ou alterar o timbre.
flébil: choroso, lacrimoso.
volúpico: o mesmo que voluptuoso; que causa prazer sensual.
inefável: encantador; que não se pode exprimir por palavras.
edênico: relativo a Éden, paradisíaco.
diafaneidade: qualidade do que é diáfano, isto é, translúcido, transparente.
fulgir: resplandecer, sobressair, ter fulgor, brilhar.
alabastro: rocha branca e translúcida.
eflúvio: emanação invisível, exalação.
éter: o espaço celeste.
alacre: alegre, jovial.
fulva: amarelada, dourada.
tantálico: de Tântalo, ser mitológico que, por roubar os manjares dos deuses para dá-los a conhecer aos homens, foi condenado pelos deuses a jamais alcançar a água e alimentos, que se afastavam à medida que ele se aproximava; por extensão, desejado e inacessível.
turbilhão: remoinho de vento; aquilo que impele violentamente.
quimérico: irreal.
tropel: desordem, balbúrdia.
cabalístico: misterioso; místico; secreto.

• **O segundo momento** (1896), corresponde aos livros *Evocações* (poesia em prosa) e *Faróis* (em verso), quando predominam a revolta e o desespero, agravados pela morte do pai e a loucura da esposa. A tragédia existencial ou metafísica, que se iniciara anteriormente, toma corpo e se instala definitiva. Os temas agora giram em torno da morte, dos soluços e lamentos, da solidão, do tédio, da humilhação.

Nesta fase acentua-se, também, a sedução do poeta pelos seres marginais à sociedade. Os loucos, os rotos, os vadios, os miseráveis, os suicidas exercem um certo fascínio sobre o poeta. Esta tematização do elemento marginal pode ser explicada pelo viés do Simbolismo, movimento de fundo romântico, ligado à face obscura e maldita da sociedade, quanto pelo viés pessoal do poeta em virtude de sua condição de "emparedado" pela cor e pela condição social humilde. A seguir comprovamos essa interpretação:

LITANIA DOS POBRES

"Os miseráveis, os rotos
são as flores dos esgotos.

São espectros implacáveis
os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas
caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários
dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,
cegos, a tatear nas portas.

Procurando o céu, aflitos
e varando o céu de gritos.

Faróis à noite apagados
por ventos desesperados.

Inúteis, cansados braços
pedindo amor aos Espaços.

Mãos inquietas, estendidas
ao vão deserto das vidas.

Figuras que o Santo Ofício
condena a feroz suplício.

Arcas soltas ao nevoento
dilúvio do Esquecimento.

Perdidas na correnteza
das culpas da Natureza.

Ó pobres! Soluços feitos
dos pecados imperfeitos!

Arrancadas amarguras
do fundo das sepulturas.

Imagens dos deletérios,
imponderáveis mistérios.

Bandeiras rotas, sem nome,
das barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas
das sangrentas barricadas.

Fantasmas vãos, sibilinos
da caverna dos Destinos!

Ó pobres! o vosso bando
é tremendo, é formidando!

Ele já marcha crescendo,
o vosso bando tremendo…

Ele marcha por colinas,
por montes e por campinas.

Nos areiais e nas serras
em hostes como as de guerras.

Cerradas legiões estranhas
a subir, descer montanhas.

Como avalanches terríveis
enchendo plagas incríveis.

Atravessa já os mares,
com aspectos singulares.

Perde-se além nas distâncias
a caravana das ânsias.

Perde-se além na poeira,
das Esferas na cegueira.

Vai enchendo o estranho mundo
com o seu soluçar profundo.

Como torres formidandas
de torturas miserandas.

E de tal forma no imenso
mundo ele se torna denso.

E de tal forma se arrasta
por toda a região mais vasta.

E de tal forma um encanto
secreto vos veste tanto.

E de tal forma já cresce
o bando, que em vós parece.

Ó Pobres de ocultas chagas
lá das mais longínquas plagas!

Parece que em vós há sonho
e o vosso bando é risonho.

Que através das rotas vestes
trazeis delícias celestes.

Que as vossas bocas, de um vinho
prelibam todo o carinho…

Que os vossos olhos sombrios
trazem raros amavios.

Que as vossas almas trevosas
vêm cheias de odor das rosas.

De torpores, d'indolências
e graças e quint'essências.

Que já livres de martírios
vêm festonadas de lírios.

Vêm nimbadas de magia,
de morna melancolia!

Que essas flageladas almas
reverdecem como palmas.

Balanceadas no letargo
dos sopros que vêm do largo…

Radiantes d'ilusionismos,
segredos, orientalismos.

Que como em águas de lagos
boiam nelas cisnes vagos…

Que essas cabeças errantes
trazem louros verdejantes.

E a languidez fugitiva
de alguma esperança viva.

Que trazeis magos aspeitos
e o vosso bando é de eleitos.

Que vestes a pompa ardente
do velho Sonho dolente.

Que por entre os estertores
sois uns belos sonhadores."

VIOLÕES QUE CHORAM

"Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento…
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
noites de solidão, noites remotas
que nos azuis da Fantasia bordo,
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão soluçando,
quando os sons dos violões nas cordas gemem,
e vão dilacerando e deliciando,
rasgando as almas que nas sombras tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,
dedos Nervosos e ágeis que percorrem
cordas e um mundo de dolências geram,
gemidos, prantos, que no espaço morrem…

E sons soturnos, suspiradas mágoas,
mágoas amargas e melancolias,
no sussurro monótono das águas,
noturnamente, entre ramagens frias.

Vozes veladas, veludosas vozes,
volúpias dos violões, vozes veladas,
vagam nos velhos vórtices velozes
dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Tudo nas cordas dos violões ecoa
e vibra e se contorce no ar, convulso…
Tudo na noite, tudo clama e voa
sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos
são ilhas de degredo atroz, funéreo,
para onde vão, fatigadas do sonho
almas que se abismaram no mistério.

Sons perdidos, nostálgicos, secretos,
finas, diluídas, vaporosas brumas,
longo desolamento dos inquietos
navios a vagar à flor de espumas.

Oh! languidez, languidez infinita,
nebulosas de sons e de queixumes,
vibrado coração de ânsia esquisita
e de gritos felinos de ciúmes!

Que encantos acres nos vadios rotos
quando em toscos violões, por lentas horas,
vibram, com a graça virgem dos garotos,
um concerto de lágrimas sonoras!

Quando uma voz, em trêmulos, incerta,
palpitando no espaço, ondula, ondeia,

e o canto sobe para a flor deserta
soturna e singular da lua cheia.

Quando as estrelas mágicas florescem,
e no silêncio astral da Imensidade
por lagos encantados adormecem
as pálidas ninfeias da Saudade!

Como me embala toda essa pungência,
essas lacerações como me embalam,
como abrem asas brancas de clemência
as harmonias dos violões que falam!

Que graça ideal, amargamente triste,
nos lânguidos bordões plangendo passa…
Quanta melancolia de anjo existe
nas visões melodiosas dessa graça.

Que céu, que inferno, que profundo inferno,
que ouros, que azuis, que lágrimas, que risos,
quanto magoado sentimento eterno
nesses ritmos trêmulos e indecisos…

Que anelos sexuais de monjas belas
nas ciliciadas carnes tentadoras,
vagando no recôndito das celas,
por entre as ânsias dilaceradoras…

Quanta plebeia castidade obscura
vegetando e morrendo sobre a lama,
proliferando sobre a lama impura,
como em perpétuos turbilhões de chama.

Que procissão sinistra de caveiras,
de espectros, pelas sombras mortas, mudas...
Que montanhas de dor, que cordilheiras
de agonias aspérrimas e agudas.

Véus neblinosos, longos véus de viúvas
enclausuradas nos ferais desterros
errando aos sóis, aos vendavais e às chuvas,
sob abóbadas lúgubres de enterros;

Velhinhas quedas e velhinhos quedos,
cegas, cegos, velhinhas e velhinhos,
sepulcros vivos de senis segredos,
eternamente a caminhar sozinhos;

E na expressão de quem se vai sorrindo,
com as mãos bem juntas e com os pés bem juntos
e um lenço preto o queixo comprimindo,
passam todos os lívidos defuntos…

E como que há histéricos espasmos
na mão que esses violões agita, largos…
E o som sombrio é feito de sarcasmos
e de sonambulismos e letargos.

Fantasmas de galés de anos profundos
na prisão celular atormentados,
sentindo nos violões os velhos mundos
da lembrança fiel de áureos passados;

Meigos perfis de tísicos, dolentes
que eu vi dentre os violões errar gemendo,
prostituídos de outrora, nas serpentes
dos vícios infernais desfalecendo;

Tipos intonsos, esgrouviados, tortos,
das luas tardas sob o beijo níveo,
para os enterros dos seus sonhos mortos
nas queixas dos violões buscando alívio;

corpos frágeis, quebrados, doloridos,
frouxos, dormentes, adormidos, langues
na degenerescência dos vencidos
de toda a geração, todos os sangues;

marinheiros que o mar tornou mais fortes,
como que feitos de um poder extremo
para vencer a convulsão das mortes,
dos temporais o temporal supremo;

veteranos de todas as campanhas,
enrugados por fundas cicatrizes,
procuram nos violões horas estranhas,
vagos aromas, cândidos, felizes.

Ébrios antigos, vagabundos velhos,
torvos despojos da miséria humana,
têm nos violões secretos Evangelhos,
toda a Bíblia fatal da dor insana.

Enxovalhados, tábidos palhaços
de carapuças, máscaras e gestos
lentos e lassos, lúbricos, devassos,
lembrando a florescência dos incestos;

Todas as ironias suspirantes
que ondulam no ridículo das vidas,
caricaturas tétricas e errantes
dos malditos, dos réus, dos suicidas;

Toda essa labiríntica nevrose
das virgens nos românticos enleios;

os ocasos do Amor, toda a clorose
que ocultamente lhes lacera os seios;

Toda a mórbida música plebeia
de requebros de faunos e ondas lascivas;
a langue, mole e morna melopeia
das valsas alanceadas, convulsivas;

Tudo isso, num grotesco desconforme,
em ais de dor, em contorsões de açoites,
revive nos violões, acorda e dorme
através do luar das meias-noites!"

• **O terceiro momento** reflete resignação e fé, representado pela obra *Últimos Sonetos*, publicados em 1905. A revolta e o desespero cedem lugar a um período de resignação e fé, da sublimação das misérias humanas e apresenta o espírito de renúncia conquistado pelo poeta.

O tom de confiança absoluta na salvação pelo exercício da "vida obscura" e pelo percurso da "via dolorosa" está presente nos sonetos a seguir, pertencentes à última fase da poesia de Cruz e Sousa.

SORRISO INTERIOR

"O ser que é ser e que jamais vacila
nas guerras imortais entra sem susto,
leva consigo este brasão augusto
do grande amor, da nobre fé tranquila.

Os abismos carnais da triste argila
ele os vence sem ânsias e sem custo...
fica sereno, num sorriso justo,
enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza
dão-lhe essa glória em frente à Natureza,
esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...
e para ironzar as próprias dores.
Canta por entre as águas do dilúvio!"

CAMINHO DA GLÓRIA

"Este caminho é cor-de-rosa e é de ouro.
Estranhos roseirais nele florescem,
folhas augustas, nobres reverdecem
de acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro
pelo qual tantas almas estremecem;
é por aqui que tantas almas descem
ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,
que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,
neste celeste, límpido caminho

Os seres virginais que vêm da Terra
ensanguentados da tremenda guerra,
embebedados do sinistro vinho."

2. ALPHONSUS DE GUIMARAENS (Ouro Preto, 1870 - 1921)

Alphonsus Henrique da Costa Guimaraens é outro nome de expressão do Simbolismo brasileiro.

Exceto pelo abalo sentimental que teve aos 16 anos com a morte da prima Constança que amava, teve uma vida tranquila e que se reflete na sua obra.

A poesia de Alphonsus de Guimaraens é **mansa, dolente, amarga, mas suave**, sem os toques trágicos do poeta negro (Cruz e Sousa), a quem tanto admirou. Simbolista por excelência, seus poemas caracterizavam-se pela **musicalidade, vocabulário expressivo e anunciam uma busca da perene espiritualização.**

OBRAS:

Em *Setenário das Dores de Nossa Senhora,* o lirismo religioso nos revela o fascínio perante as verdades do Cristianismo, mas impregnado na contemplação mística da mulher, bem longe da sensualidade parnasiana de Bilac; *Dona Mística* (1899); *Kiriale* (1902); uma obra póstuma: *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte* (1923).

Além do lirismo religioso e do amoroso, Alphonsus tem **a preocupação com os mistérios da existência,** procurando fugir à desgraça e à dor, solitário na sua fantasia.

Sua poesia é marcada também pelo medievalismo (fuga para o mundo da fantasia onde o poeta consegue realizar-se como o cavalheiro medieval ou como o trovador das cantigas de amor,

ou ainda, como o espírito que vagueia no Éden). Dois polos sobressaem-se em sua temática: **o amor e a morte.**

A CATEDRAL

"Entre brumas, ao longe, surge a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu risonho,
Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres responsos:
'Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!'

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.
A catedral ebúrnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a bênção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres responsos:
'Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!'

Por entre lírios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Põe-se a lua a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu tristonho,
Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres responsos:
'Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!'

O céu é todo trevas: o vento uiva.
Do relâmpago a cabeleira ruiva
Vem açoitar o rosto meu.
E a catedral ebúrnea do meu sonho
Afunda-se no caos do céu medonho
Como um astro que já morreu.

E o sino geme em lúgubres responsos:
'Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!'"

Vocabulário:
Bruma: nevoeiro, neblina.
Hialino: que tem a aparência do vidro ou a transparência do vidro.
Arrebol: coloração avermelhada do nascer ou do pôr do sol.
Ebúrnea: de marfim; que tem a aparência do marfim.
Lúgubre: triste, fúnebre.
Responso: versículo rezado ou cantado alternadamente pelos dois coros, ou pelo coro e por um solista depois da leitura de determinados textos litúrgicos.
Esquivo: arisco, intratável.

HÃO DE CHORAR POR ELA OS CINAMOMOS...

"Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão – 'Ai! nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria...'
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - 'Por que não vieram juntos?'"

SONETO XIV

"Piedosa: o olhar nunca baixou à terra.
Fitava o céu, porque era pura e santa...
Tinha o orgulho fidalgo de um infante
Que entre escudeiros e lacaios erra.

Deusa nenhuma, por mais alta, encerra
Em si, talvez, misericórdia tanta:
Ainda hoje na minha Alma se alevanta
Como uma Cruz no cimo de uma serra.

Foi-lhe a vida um eterno mês de maio
Cheio de rezas brancas a Maria,
Que ela vivera como um desmaio.

Tão branca assim! Fizera-se de cera...
Sorriu-lhes Deus e ela que lhe sorria,
Virgem voltou como do céu descera."

ISMÁLIA

"Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda de luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar."

EXERCÍCIOS

1. *Qual* o *tema do* poema?

_____
_____
_____

2. *Localize algumas antíteses no texto.*

_____
_____
_____

3. *Qual* o *desejo contraditório de Ismália?*

_____
_____
_____

4. *Aponte características simbolistas no* poema.

_____
_____
_____

3. EMILIANO PERNETA (1866 -1921)

É considerado **introdutor do Simbolismo no Brasil** por suas atividades na "Folha Popular", jornal em que publicou os primeiros manifestos simbolistas. Amigo fraterno de Cruz e Sousa, sua poesia pode ser considerada **expressionista,** às vezes contendo um clima satânico por influência do poeta francês Baudelaire e do próprio Romantismo que subjaz ao Simbolismo. Sua produção poética também mostra um homem arrastado pelo desejo intenso de conhecer o próprio fim.

Poeta paranaense, impôs-se aos conterrâneos como exemplo e modelo. Formado em Direito, desempenhou, em Curitiba, a advocacia, o jornalismo e o magistério como homem de letras. Escreveu: ***Músicas*** (1888), ***Inimigo, Ilusão e Setembro.*** Sua prosa ainda está inédita e a poesia de Emiliano Perneta, lida e valorizada por poucos, espera um estudo analítico à sua altura.

DAMAS

"Ânsia de te querer que já não tem mais fim,
Meu espírito vai, meu coração caminha,
Como uma estrela, como um sol, como um clarim,
Mas tudo em vão, sei eu! Tu és uma rainha! ...

És a constelação maravilhosa, a minha
Aspiração, de luz magnífica, ai de mim!
A nudez, o clarão, a formosura, a linha,
O espelho ideal! Ó Torre de Marfim!

Nunca me hás de querer, batendo-me por ti,
Pomo duma discórdia infrutífera, beijo
Todo em fogo, e a arder, assim como um rubi...

Mas é por isso que eu, ó desesperação,
Amo-te com furor, com ódio te desejo,
E mordo-te, Ideal, e adoro-te, Ilusão!"

CORRE MAIS QUE UMA VELA

"Corre mais que uma vela, mais depressa,
Ainda mais depressa do que o vento,
Corre como se fosse a treva espessa
Do tenebroso véu do esquecimento.

- Eu não sei de corrida igual a essa;
São anos e parece que é um momento;
Corre, não cessa de correr, não cessa,
Corre mais que a luz e o pensamento.

É uma corrida doida, essa corrida.
Mais furiosa do que a própria vida,
Mais veloz que as notícias infernais...

Corre mais fatalmente do que a sorte.
Corre para a desgraça e para a morte.
Mas eu queria que corresse mais!"

Nesse poema, encontramos uma visão trágica da existência, que perpassa boa parte da obra do poeta. Podemos vê-lo como a síntese das suas ânsias de autodestruição.

Você agora vai preencher um quadro esquemático, um resumo que lhe dará uma visão global do assunto.

SIMBOLISMO

Época/razão do surgimento:

_____

_____

_____

Precursores:

_____

_____

_____

Características:

conteúdo:

_____

_____

_____

linguagem:

_____

_____

_____

forma:

_____

_____

_____

No Brasil
obra inaugural: autor/ano

_____

_____

_____

COMPARE AS CARACTERÍSTICAS:

Romantismo	Realismo/Parnasianismo	Simbolismo

QUADRO DE AUTORES E OBRAS

Autores	Características da obra	Obras
1. João da Cruz e Sousa	1ª Fase 2ª Fase 3ª Fase	
2. Alphonsus de Guimaraens		
3. Emiliano Perneta		

EXERCÍCIOS

1. Use (S) para as características simbolistas; (N) para as de outras escolas:
   ( ) Subjetivismo, sentimentalismo;
   ( ) Preocupação com o aspecto formal;
   ( ) Linguagem figurada, musical, colorida e rica;
   ( ) Volta-se para a "interpretação da realidade nacional";
   ( ) Fuga da realidade exterior;
   ( ) Temática intimista;
   ( ) Emprego do símbolo em toda a sua polivalência;
   ( ) Subjetivismo anímico (da alma).

2. Qual a informação correta?
   a) Cruz e Sousa voltou toda a sua produção poética para a causa da libertação de sua raça.
   b) Cruz e Sousa foi, enquanto viveu, o ídolo da poesia da época.
   c) Podemos dividir a produção literária de Cruz e Sousa em duas partes: a primeira, em prosa e publicada em vida; a segunda, em verso, publicada depois da morte.
   d) *Últimos Sonetos* mostra Cruz e Sousa já conformado com a sua situação, tirando da dor e da condição em que se encontrava, inspiração para as suas obras.
   e) n.d.a

3. Não é tema de Alphonsus Guimaraens:
   a) Constança;
   b) Nossa Senhora;
   c) O Amor;
   d) A Morte;
   e) A Matéria.

4. Considerando a Escola Simbolista, assinale (C) para as afirmações certas e (E) para as afirmações erradas.
   ( ) Fuga da matéria e a busca da região do espírito.
   ( ) A perfeição da forma, seguindo determinados cânones clássicos.
   ( ) Realidade criada num mundo de abstração do mundo objetivo, só compreendida pela natureza do espírito.
   ( ) Predomínio do inconsciente, do que é misterioso, vago, indefinível.
   ( ) Amor à exatidão que leva ao excesso de minúcias, valorizando o elemento descrito.
   ( ) Uma poesia primitiva, natural, autêntica e completamente livre das peias tradicionais.

5. Com relação à escola simbolista, pode-se dizer que:
   a) os simbolistas reavivaram o culto da forma, na época esquecido, para recuperarem o seu lugar junto ao materialismo;
   b) as palavras começaram a adquirir valor de representação do sentimento e os versos revestiram-se de musicalidade, de maior sonoridade e de um caráter místico, perdendo a rigidez métrica;
   c) ausência de lirismo amoroso, que cede lugar a uma concepção mais realista da vida, condicionada pelas transformações sociais;
   d) rígida disciplina de sobriedade e contiguidade nas imagens, clareza sintático-semântica e repugnância à expressão de sentido vagamente encantatório.

6. Use V ou F (verdadeira ou falsa):
   ( ) Cruz e Sousa nada produziu em prosa, embora a prosa, no Simbolismo, fosse importante.
   ( ) O Simbolismo manifestou-se, na mesma época, em diversas cidades brasileiras.
   ( ) O Simbolismo não aceitava a preocupação formal parnasiana, tanto que aboliu o soneto e outras formas tradicionais.
   ( ) Por fuga da realidade exterior entendemos que o poeta se alheia do mundo que o cerca, voltando-se somente para seu mundo interior.

7. O Simbolismo teve no_____ um estilo de época coetâneo e que, na verdade, superou-o em popularidade e prestígio.
   a) Realismo;
   b) Naturalismo;
   c) Parnasianismo;

d) Romantismo;
e) Barroco.

8. Complete as frases com os conceitos adequados:

a) O país que deu origem ao Simbolismo no mundo foi _____ .

b) No ano de _____, o Simbolismo brasileiro teve seu início com as obras: _____ _____ (coletânea de poesias em prosa) e_____ (poesias em verso) da autoria de _____ .

c) Os poetas simbolistas foram chamados de "decadentes ou _____" (habitantes das nuvens).

9. Numere a 2ª coluna pela 1ª de acordo com as fases de Cruz e Sousa:

(a) **1ª fase** (b) **2ª fase** (c) **3ª fase**

( ) O poeta resigna-se na fé.
( ) O poeta embala-se num sensualismo espiritual ou platônico.
( ) A tragédia existencial ou metafísica se instala com temas em torno da morte, dos lamentos, da solidão, do tédio e da humilhação.

10. Utilizando a convenção da pergunta anterior, diga a qual fase pertence cada estrofe de poemas de Cruz e Sousa:

( ) "Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos.
São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis."

( ) " Formas do Amor, constelarmente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas..."

( ) "Neste caminho encontra-se o tesouro
pelo qual tantas almas estremecem;
é por aqui que tantas almas descem
ao divino e fremente sorvedouro."

11. Cite cinco características simbolistas.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

12. Escreva o nome do poeta para completar as seguintes asserções:

a) _____ nasceu em Curitiba e escreveu *Ilusão, Setembro.*

b)_____ produziu uma poesia que procura expressar o elemento transcendente, vago e nebuloso da vida.

c)_____ apresenta em sua obra o amor espiritualizado, a evasão da vida, a religiosidade e a morte.

13. "Dar nome a um objeto é aniquilar três quartos da fruição do poema, que deriva da satisfação de adivinhar pouco a pouco: sugeri-lo, evocá-lo, isto é que encanta a imaginação."
A afirmação acima, do poeta francês Mallarmé, refere-se ao:

a) Barroco;
b) Arcadismo;
c) Parnasianismo;
d) Romantismo;
e) Simbolismo.

14. Assinale, nas opções a seguir, a afirmação que se refere ao Simbolismo:
a) Não se destina ao pensamento, dirige-se ao instinto, ao subconsciente.
b) Dirige-se à razão; enfoca a realidade.
c) Voltaram à baila os deuses esquecidos, as ninfas e os pastores enamorados.
d) Estética de observação, de análise, de crítica social.
e) A literatura voltou-se para os temas nacionais.

15. "Que importa o número do verso, se o ritmo é belo?" Considerando a afirmação acima, assinale a relação que se aplica à mesma:

a) Parnasianismo_____ arte;
b) Romantismo_____ nacionalismo;
c) Simbolismo _____ música;
d) Arcadismo _____bucolismo;
e) Barroco _____ ideia.

16. Somente uma das afirmações não se refere ao Simbolismo:
a) Desprezo pela natureza em favor do místico e do sobrenatural;
b) Concepção objetiva da vida;
c) Concepção mística da vida;
d) Linguagem exótica, colorida;
e) Conhecimento intuitivo.

17. Assinale a frase certa:
a) No Simbolismo, os versos devem primar pela perfeição formal.
b) O Simbolismo pouco traduz da realidade objetiva e o subjetivismo está presente.
c) O Simbolismo retrata a sociedade brasileira da época.
d) O Simbolismo preocupou-se em fazer poesia social.
e) O simbolista é totalmente diferente do romântico.

18. Assinale a alternativa que contenha apenas características simbolistas:
a) Rigidez formal, altamente descritiva, "arte pela arte", largo uso do soneto;
b) Idealização do herói, objetivismo, sentimentalismo, escapismo;
c) Temática intimista, desvinculamento da realidade exterior, linguagem figurada;
d) Volta à Antiguidade clássica, bucolismo e pastoralismo, linguagem simples;
e) Fraqueza de conteúdo, supervalorização da forma, temática religiosa.

19. Marque a opção correta:
a) Para o simbolista, a interiorização vale mais do que a exteriorização.
b) O Simbolismo busca inspiração no mundo que o cerca.
c) A linguagem simbolista deve ser precisa e denotativa.
d) Os simbolistas libertam-se totalmente das técnicas parnasianas.
e) Os poetas simbolistas foram, na grande maioria, famosos em vida.

20. Qual das características abaixo se aplica a Cruz e Sousa?
a) Preferência por assuntos mórbidos: doenças e morte.
b) Busca do transcendente, sentimento trágico da existência.

c) Nele o amor e a morte são inseparáveis, um complementa o outro.
d) Exalta o destino do homem e concita-o à luta.
e) Transforma sua noiva, falecida precocemente, no símbolo da mulher ideal.

21. Palavras ligadas ao tema da morte, adjetivos vagos e imprecisos, vocabulário litúrgico, atmosfera de mistério, inovações métricas, musicalidade dos versos são traços básicos do período literário designado por:
a) Romantismo;
b) Parnasianismo;
c) Simbolismo;
d) Pré-Modernismo;
e) Modernismo.

22. A temática de Cruz e Sousa, além da busca do transcendente, envolve de maneira bem nítida:
a) a religiosidade angustiada;
b) o sentimento trágico da existência;
c) os sonhos líricos e sentimentais;
d) a lembrança mística da mulher amada.

23. A poesia de Alphonsus de Guimaraens caracteriza-se:
a) pela extrema perfeição formal, que a leva a ser considerada modelo da estética parnasiana.
b) por exprimir uma visão específica da vida, a de que o homem precisa viver intensamente antes que a morte o aniquile.
c) pelo misticismo e pela atmosfera de sonho e de mistério.
d) pela obsessão da morte do filho único, exaltado num de seus poemas famosos.
e) por ser repleta de símbolos filosóficos que retomam temas da Antiguidade medieval.

24. Análise de texto:

"Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - 'Ai, nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria...'
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - 'Por que não vieram juntos?'"

a). Qual a situação da amada no momento da escritura do poema? Baseado neste fato, descubra quem é o autor do poema.

_____
_____
_____

b) A referência a estrelas poderia caracterizar o poema como de autoria de Olavo Bilac? A visão do elemento feminino condiz com formalização da mulher na poética deste poeta?

_____
_____
_____

c) Que visão da natureza é veiculada no poema?

_____
_____
_____

d) Há um sentimento de autocompaixão no texto. Explique-o.

_____
_____
_____

25. Análise de texto:

CREIO!

"Eu creio! Pude crer. Ah! Finalmente pude,
Rompendo das paixões e o espesso torvelinho,
Vibrando de prazer as cordas do alaúde,
Ver a estrela da fé brilhar em meu caminho!

Eu sinto-me tão bem dentro deste alvo linho,
Que até me refloriu a graça e a saúde;
Ando quase a voar, sou quase um passarinho,
E penso que voltou a flor da juventude...

Que doirada ilusão! que divina loucura!
Só me arrebata o olhar a luminosa altura,
Onde fulgem de amor todos os astros nus...

Beijo embriagador! Oh! fogo que me abrasas!
Quanto me faz febril a ideia de ter asas,
E de poder fugir para a infinita luz!"

(Emiliano Perneta)

a) Há nítida preocupação formal nesse poema simbolista. Comprove, analisando esquema métrico, rímico, linguagem e figuras de linguagem.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

b) Há subjetividade e espiritualidade no poema? Comente, utilizando-se de passagens do texto.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

c) Ocorre no poema um descompasso entre conteúdo e forma à medida que o autor, para falar sobre o universo espiritual, utiliza-se de uma linguagem que apela para o sexual. Comente.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

O Pré-modernismo no Brasil

1. CONTEXTO HISTÓRICO

a) NO BRASIL

O fim do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX vão encontrar uma sociedade brasileira que admite a seguinte esquematização didática:

Classes conservadoras, reacionárias a mudanças.

- Classe dominante representada pelos cafeicultores e pecuaristas. Dessa dominação político-econômica, resulta a política do café com leite (São Paulo e Minas Gerais como centros de decisão).
- Burguesia industrial nascente em São Paulo e no Rio de Janeiro.
- Predomínio da cultura cafeeira.

Novos estratos sociais que exigiam soluções inéditas.

- Imigrante europeu vindo para substituir a mão de obra escrava.
- Marginalização do negro, que tinha sido recém-libertado.
- Aparecimento do proletariado.
- Declínio da cultura açucareira.

b) NA EUROPA

As duas primeiras décadas do século XX vão assistir, na Europa, à crise do capitalismo e ao nascimento da democracia de massas. A burguesia tem consciência do perigo que representa a revolução socialista, mas acredita ainda na possibilidade de resolver as crises ocasionais da economia capitalista.

As grandes conquistas científicas do período servem de sustentação para o enaltecimento do progresso, o que conduz à euforia. Só para ter uma ideia do extraordinário avanço técnico da época, observe os inventos que surgem no início do século:

a) o telégrafo;
b) o carro movido a motor;
c) a lâmpada elétrica;
d) o telefone;
e) o cinema;
f) o avião.

Toda essa evolução científica, rompendo barreiras de tempo e espaço, leva o homem a um estado de euforia que conduz à valorização do "viver confortavelmente", do "aproveitar o presente". Paris é o centro do prazer e também o centro do mundo. É a chamada "belle époque" que atinge seu ponto culminante.

Em 1914, estoura a Primeira Guerra Mundial, que levou o homem à descrença total em relação aos sistemas políticos, sociais e filosóficos até então vigentes. Termina o período em que todos se sentiam seguros e eufóricos. Em 1918, o conflito chega ao fim. É claro que esse conflito, que envolveu o mundo, gerou um enorme descontentamento, agravado depois pela Revolução Russa, em 1917, que propunha uma forma de governo socialista.

O homem que viveu a guerra questiona os valores de seu tempo.

Doze anos depois, o mundo enfrentou a tremenda crise econômica de 1929, da qual resultou o segundo conflito mundial em 1939.

Nesse ligeiro período de entreguerras, assiste-se aos "anos loucos", fase marcada, pri-cipalmente, por uma ânsia de viver freneticamente, viver o hoje e o agora.

A guerra tinha lançado no espírito humano a incerteza sobre a permanência e a duração da paz.

2. MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

a) NO BRASIL

Foi nesse contexto que a música popular brasileira: maxixe, toada, modinha e serenata - começou a ganhar os salões sisudos onde, até então, só entravam a polca e a valsa. Essa aceitação da música popular brasileira por parte da elite deu-se a partir do momento em que compositores "sérios" começaram a se interessar pelos ritmos considerados populares.

O carnaval começa a se firmar como a principal festa popular do Rio de Janeiro. Em 1901, Chiquinha Gonzaga divulga a célebre marcha "Abre Alas" e, em 1907, surge a primeira sociedade carnavalesca do Rio de Janeiro.

Data desse período, ainda, o nascimento do samba. A música de carnaval vai incorporar a sátira política como tema, utilizando-a com um caráter bastante irreverente.

Na música erudita, destaca-se, principalmente, Alberto Nepomuceno, que compõe música com "intenção nacionalista".

A pintura, por outro lado, seguia no mais puro estilo acadêmico, ignorando as manifestações que já se processavam na Europa: contentava-se em refletir os temas e ambientes da elite.

Apenas em 1913 e em 1917, apareceram sintomas de renovação. Em 1913, o pintor russo Lasar Segall fez uma exposição de sua obra, apresentando novos temas e processos. Sua exposição passou despercebida. Em 1917, a pintora Anita Malfati promoveu uma exposição que causou escândalo.

b) NA EUROPA

A chamada arte moderna reflete a inquietação, a multiplicidade de aspectos, enfim, o dinamismo do período.

As primeiras manifestações artísticas do século XX caracterizavam-se, principalmente, pelo intuito de chocar a opinião pública, com ideias absolutamente novas, pela ruptura com o passado e pela abertura em relação às possibilidades de constantes mudanças. Surgem, na Europa, os Movimentos de Vanguarda.

Entende-se por vanguarda, o conjunto de manifestações artísticas que surgiram em torno da Primeira Guerra Mundial, compreendendo-se o período que a antecedeu, o período da guerra e o período que a sucedeu, enquanto o mundo se preparava para a Segunda Grande Guerra.

Cronologicamente, a vanguarda europeia apresenta os seguintes principais movimentos estéticos: **Futurismo, Cubismo, Dadaísmo** e **Surrealismo.**

Para entender o espírito desses movimentos, é necessário observar que:

a) todos eles propõem a desorganização consciente da cultura e, em especial, da arte produzida até então;

b) ocorre uma grande integração entre diversas manifestações artísticas do período: a pintura, a escultura, a arquitetura, a literatura e a música apresentam muitos traços comuns;

c) apesar da proposta de criar algo inteiramente novo, os vanguardistas da época não deixaram, por vezes, de se inspirar em elementos considerados como imperecíveis, buscados nos séculos XVI, XVII e XVIII.

O estudo de cada uma dessas vanguardas é importante para observar até que ponto elas interferiram no surgimento do Modernismo brasileiro.

FUTURISMO

Futurismo foi um movimento que produziu mais manifestos do que obras propriamente ditas.

Cerca de trinta manifestos, lançados de 1905 a 1919, permitem traçar três fases para o movimento futurista:

a) de 1905 a 1909: em que o **verso livre** é a principal reivindicação;

b) de 1909 a 1914: em que os futuristas batem-se, sobretudo, pela chamada "**imaginação sem freios**" e pela "**palavra em liberdade**";

c) de 1919 em diante: em que o Futurismo adquire uma **coloração política**, tornando-se porta-voz do Fascismo.

Alguns exemplos de poesia brasileira que incorporaram o verso livre e as palavras em liberdade:

"E a manhã
noiva
invernal
humidecida,
Névoas
Ventos
Gotas de água,
Se desenrola que nem novelo de fofa lã"

(Mário de Andrade)

"Bananeiras
O sol
O cansaço da ilusão
Igrejas
O ouro na serra de pedra
A decadência"

(Oswald de Andrade)

Tendo em **F. T. Marinetti** seu mais importante propagador, os futuristas lutavam, especialmente, pela **destruição do passado** e pela **negação total dos valores estéticos vigentes**.

Trechos do **manifesto futurista:**

1 - " Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito à energia e à temeridade.
2 - Os elementos essenciais de nossa poesia serão a coragem, a audácia e a revolta.
3 - Tendo a literatura até aqui enaltecido a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono, nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo ginástico, o salto mortal, a bofetada e o soco.
4 - Nós declaramos que o esplendor do mundo se enriqueceu com uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre adornado de grossos tubos como serpentes de fôlego explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia.
5 - Não há mais beleza senão na luta. Nada de obra-prima sem um caráter agressivo. A poesia deve ser um assalto violento contra as forças desconhecidas, para intimá-las a deitar-se diante do homem.
6 - Nós estamos sobre o promontório extremo dos séculos!... Para que olhar para trás, no momento em que é preciso arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós vivemos já no absoluto, já que nós criamos a eterna velocidade onipresente.
7 - Nós queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo - o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas ideias que matam, e o menosprezo à mulher.
8 - Nós queremos demolir os museus, as bibliotecas, combater o moralismo, o feminismo e todas as covardias oportunistas e utilitárias."

CUBISMO

O termo cubismo, surgido na pintura, designa um modo de expressão em que o artista **fraciona o elemento da realidade** que está interessado em representar e depois o expressa através de **planos superpostos e simultâneos.**

Os nomes mais importantes do Cubismo são: **Picasso, Fernand Leger, Mondrian, Delaunay**.

Na Literatura, o principal representante dessa corrente é o poeta francês Guillaume Apollinaire.

Não há um manifesto da poesia cubista. Um trecho do artigo "Meditações estéticas sobre a pintura", de Apollinaire (1913) mostra alguns aspectos das reivindicações cubistas.

"Os grandes poetas e os grandes artistas têm por função social remover continuamente a aparência que reveste a Natureza, aos olhos dos homens. Sem os poetas, sem os artistas, os homens se aborreceriam depressa com a monotonia cultural. A ideia sublime que eles têm do Universo cairia com vertiginosa rapidez. A ordem, que aparece na Natureza e que não é senão um efeito da arte, logo se evaporaria. Tudo se desmancharia no caos. Não mais estações, não mais civilização, não mais pensamentos, não mais humanidade, não mais vida, e a imponente escuridão reinaria para sempre. Os poetas e os artistas determinam e consertam a imagem de sua época e docilmente o futuro se amolda ao seu gosto."

DADAÍSMO

Foi o mais radical dos movimentos de vanguarda europeia do início do nosso século.

Tristan Tzara, o líder do movimento, afirma que **dadá**, palavra que ele encontrou casualmente ao colocar uma espátula num dicionário fechado, pode significar: rabo de vaca santa, mãe, nome de um cavalo de pau, certamente, a ama de leite. Mas o próprio Tzara acaba por afirmar que dadá não significa **nada**.

Por aí, já podemos entender que o Dadaísmo é a negação total, **a apologia do absurdo e do incoerente.** Fenômeno típico da guerra, o Dadaísmo é um processo contra a civilização que conduzira a sociedade ao conflito mundial.

Os dadaístas não propõem nada, apenas a **destruição,** pois se lançam contra todos os valores culturais que lhes parecem sem lógica, procurando um mundo mágico, muito semelhante ao mundo infantil. Por isso, a proposta dos dadaístas é a **construção de uma antiarte**.

Decorre daí que as características de uma obra dadaísta são a improvisação, a desordem e a absoluta ausência de equilíbrio.

Trechos do **manifesto dadaísta:**

1 - "Eu redijo um manifesto e não quero nada, eu digo portanto certas coisas e sou por princípio contra os manifestos, como sou também contra os princípios.

2 - Sabe-se pelos jornais que os negros Krou denominam a cauda de uma vaca santa: DADÁ. O cubo é a mãe em certa região da Itália: DADÁ. Um cavalo de madeira, a ama de leite, dupla afirmação em russo e em romeno: DADÁ.

3 - DADÁ NÃO SIGNIFICA NADA.

4 - A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque a beleza está morta.

5 - Como querer ordenar o caos que constitui esta infinita informe variação: o homem? O princípio: 'ama teu próximo' é uma hipocrisia. 'Conhece-te' é uma utopia, porém mais aceitável porque contém a maldade. Nada de piedade. Após a carnificina, resta-nos a esperança de uma humanidade purificada.

6 - ... nasceu DADÁ de um desejo de independência, de desconfiança na comunidade. Aqueles que nos pertencem conservam sua liberdade. Nós não reconhecemos nenhuma teoria."

"RECEITA" DE POEMA DADAÍSTA:

"Pegue um jornal.
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar ao seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público."

(Tristan Tzara)

SURREALISMO

Em 1924, **André Breton**, um poeta francês, lança o Manifesto do Surrealismo, dando início àquele que seria, cronologicamente, o último movimento da vanguarda europeia dos anos 20.

O Surrealismo apresenta ligações com o Dadaísmo e o Futurismo. Lutando pela elaboração de uma nova cultura, os surrealistas propunham a **destruição da sociedade** e sua **recriação a partir de novas técnicas.**

Nesse aspecto, divergem dos dadaístas, que tinham apenas caráter destruidor.

Em termos de expressão artística, **a grande novidade apresentada pelo Surrealismo foi a escrita automática,** ou seja, um método em que o escritor deve deixar-se levar pelos seus impulsos, registrando tudo que lhe for ditado pela inspiração, sem se preocupar com a ordem, a lógica, ou quaisquer outros fatores que possam representar coerção de seu espírito criador.

Os surrealistas procuram atingir uma outra realidade, situada no plano do subconsciente ou do inconsciente, realidade que é diferente da realidade empírica, da realidade objetiva.

Por isso, o **sonho** passa a ser a grande arma de conhecimento proposto pelos surrealistas. No

sonho, a realidade e a irrealidade, a lógica e a fantasia coexistem com perfeição.

A fantasia, os estados tristes e melancólicos atraem muito os surrealistas e, nesse aspecto, suas técnicas de penetração do espírito humano se aproximam daquelas utilizadas pelos românticos.

São nomes importantes do Surrealismo:

a) Na pintura: **Salvador Dali, De Chirico e Hans Arp;**

b) No teatro: **Antonin Artaud;**

c) No cinema: **Luis Buñel;**

d) Na literatura: **Paul Éluard e André Breton.**

Manifesto surrealista:

1 - "As confidências dos loucos, eu passaria a vida a provocá-las. São pessoas de uma honestidade escrupulosa e cuja inocência só é comparável à minha. Foi preciso que Colombo partisse com loucos para descobrir a América. E vejam como essa loucura se corporificou e durou.

2 - ... a atitude intelectual e moral. Tenho horror a ela, pois é feita de mediocridade, de ódio e suficiência sem atrativo.

3 - Vivemos ainda no reinado da lógica, eis, bem entendido, aonde eu queria chegar. Mas os processos lógicos, de nossos dias, só se aplicam à resolução de problemas de interesse secundário.

4 - Se as profundezas de nosso espírito abrigam forças estranhas capazes de aumentar as da superfície, ou de lutar vitoriosamente contra elas, há todo interesse em captá-las, em captá-las desde o início, para submetê-las em seguida, se isso ocorrer, ao controle de nossa razão.

5 - O sonho não pode ser ele também aplicado à solução das questões fundamentais da vida?

6 - Conta-se que, diariamente, na hora de adormecer, Saint-Pol-Roux mandava colocar sobre a porta de sua mansão de Camaret um aviso onde se lia: 'O Poeta trabalha'.

7 - ... o maravilhoso é sempre belo, não importa qual maravilhoso seja belo, nada há mesmo senão o maravilhoso que seja belo.

8 - 'Surrealismo', s.m. Automatismo psíquico pelo qual alguém se propõe a exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação moral ou estética."

Leia, agora, um texto surrealista:

AS REALIDADES

"Era uma vez uma realidade
com as suas ovelhas de lã real
a filha do rei passou por ali
E as ovelhas baliam que linda que está
a re a rea a realidade.

Na noite era uma vez
uma realidade que sofria de insônia
Então chegava a madrinha fada
e realmente levava-a pela mão
a re a re a realidade.

No trono havia uma vez
um velho rei que se aborrecia
e pela noite perdia o seu manto
e por rainha puseram-lhe ao lado
a re a re a realidade.
CAUDA: dade dade a reali
dade dade a realidade
A real a real
idade idade dá a reali
ali
a re a realidade
era uma vez a REALIDADE."

(Luis Aragon)

Seguem alguns excertos poéticos de dimensão surrealista da poesia brasileira, como também algumas passagens do **Prefácio Interessantíssimo** de Mário de Andrade em que o poeta opta pela escrita automática:

"Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi."

"Quem leciona História no Brasil obedecerá a uma ordem que, certo, não consiste, em estudar a Guerra do Paraguai antes do ilustre acaso de Pedro Álvares. Quem canta seu subconsciente seguirá a ordem imprevista das comoções, das associações de imagens, dos contatos exteriores.
Acontece que o tema às vezes descaminha."

"A mulher do fim do mundo
Dá de comer às roseiras,
Dá de beber às estátuas,
Dá de sonhar aos poetas.

A mulher do fim do mundo
Chama a luz com um assobio,
Faz a virgem virar pedra,
Cura a tempestade,
Desvia o curso dos sonhos
Escreve cartas aos rios,
Me puxa do sono eterno
Para os seus braços que cantam."

(Murilo Mendes)

3. LITERATURA

Nesse contexto histórico-cultural, surgiu uma literatura de transição que cobre as duas primeiras décadas do século XX no Brasil. Essa literatura antecipa algumas características do Modernismo. Esse período literário, denominado de **Pré-modernismo,** apresenta duas facetas:

a) traço conservador: representado pela permanência de elementos naturalistas e parnasianos.

b) traço renovador: representado pelo interesse em relação à realidade brasileira, revelando as tensões de nossa sociedade da época.

Submetendo a vida brasileira da época a um questionamento, os escritores vão fixar situações sociais de seu tempo, como a Guerra de Canudos, o problema da adaptação do imigrante, a situação do caboclo abandonado, entre outros.

Pôs-se a literatura brasileira, mais do que nunca, à procura do **nacional,** para a sua incorporação.

O nacionalismo cultural brasileiro encontra expressão em diversas teses, defendidas intermitentemente através de nossa história: pensar no Brasil, interpretá-lo, procurar integrar a cultura na realidade brasileira, enfatizar os valores de nossa civilização e as qualidades regionais de nossa cultura, pôr em destaque as nossas características raciais, sociais, culturais.

AUTORES E OBRAS DO PRÉ-MODERNISMO

1. MONTEIRO LOBATO (1882 -1948)

Desencadeou uma luta em favor dos interesses nacionais, combatendo a exploração e tornando-se muito conhecido por sua campanha pela extração do petróleo brasileiro. Tal embate lhe custou seis meses de prisão no governo de Getúlio Vargas.

Urupês *e* ***Cidades Mortas*** são os dois livros de contos que se destacam entre as obras de Lobato, através dos quais o autor se propôs a renovar esteticamente a nossa ficção e denunciar as facetas negativas da sociedade que o rodeava. Em ***Urupês,*** cria o personagem ***Jeca-Tatu***: o caipira que vegetava de cócoras, incapaz de ação, apático e desalentado - símbolo da ignorância e do caboclo brasileiro. Em ***Cidades Mortas,*** o autor retrata a decadência das cidades paulistas no Vale do Paraíba, no declínio da economia cafeeira.

Lobato usava, predominantemente, o estilo direto, linguagem fluente, simples, fácil, mais próxima do coloquial. Incorporou expressões típicas da fala regional. Não chegou, entretanto, a promover a revolução da estrutura da frase, da linguagem, da temática.

Não aderiu ao Modernismo, apesar de suas ideias inovadoras e preocupação com a renovação literária, com os problemas brasileiros. Entretanto, se não chegou a ser grande criador de novas formas na área da literatura para adultos, na infantil foi o grande inovador que todos conhecemos.

Urupês (fragmentos**)**
(...)

"Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrovinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.

Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, 'magina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de Novembro, troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano; estouram as granadas de Custódio; Gumercindo bate às portas de Roma; Incitátus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o esperta. Nenhuma ferrotoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se.

Jeca Tatu é um peraquára do Paraíba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as características da espécie.

Ei-lo que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento após prender entre os lábios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada d' esguicho, é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava a língua e a inteligência.

- 'Não vê que...'

De pé ou sentado as ideias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para 'aquentá-lo', imitado da mulher e da prole.

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras.

Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cócoras, como um faquir do Bramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de três palmitos.

Pobre Jeca Tatu! Como é bonito no romance e feio na realidade!

Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...

Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher - cocos de tucum ou jiçará, guabirobas, bacuparis, maracujás, jataís, pinhões, orquídeas; ou artefatos de taquarapoca-peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; ou utensílios de madeira mole - gamelas, pilõezinhos, colheres de pau.

Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço - e nisto vai longe.

Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao joão-de-barro. Pura biboca de bosquímano. Mobília, nenhuma. A cama é uma espipada esteira de peri posta sobre o chão batido.

Às vezes se dá ao luxo de um banquinho de três pernas - para os hóspedes. Três pernas permitem equilíbrio; inútil, portanto, meter a quarta, o que ainda o obrigaria a nivelar o chão. Para que assentos, se a natureza os dotou de sólidos, rachados calcanhares sobre os quais se sentam?

Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo - colher, garfo e faca a um tempo?

No mais, umas cuias, gamelinhas, um pote esbeiçado, a pichorra e a panela de feijão.

Nada de armários ou baús. A roupa, guarda-a no corpo. Só tem dois parelhos; um que traz no uso e outro na lavagem.

Os mantimentos apaiola nos cantos da casa.

Inventou um cipó preso à cumeeira, de gancho na ponta e um disco de lata no alto: ali pendura o toucinho, a salvo dos gatos e ratos.

Da parede pende a espingarda pica-pau, o polvarinho de chifre, o São Benedito defumado, o rabo de tatu e as palmas bentas de queimar durante as fortes trovoadas. Servem de gaveta os buracos da parede.

Seus remotos avós não gozaram maiores comodidades. Seus netos não meterão quarta perna ao banco. Para quê? Vive-se bem sem isso.

Se pelotas de barro caem, abrindo seteiras na parede, Jeca não se move a repô-las. Ficam pelo resto da vida os buracos abertos, a entremostrarem nesgas de céu.

Quando a palha do teto, apodrecida, greta em fendas por onde pinga a chuva, Jeca, em vez de remendar a tortura, limita-se, cada vez que chove, a aparar numa gamelinha a água gotejante...

Remendo... Para quê? se uma casa dura dez anos e faltam 'apenas' nove para que ele abandone aquela? Esta filosofia economiza reparos.

Na mansão de Jeca a parede dos fundos bojou para fora um ventre empanzinado, ameaçando ruir; os barrotes, cortados pela umidade, oscilam na podrigueira do baldrame. A fim de neutralizar o desaprumo e prevenir suas consequências, ele grudou na parede uma Nossa Senhora enquadrada em moldurinha amarela - santo de mascate.

- 'Por que não remenda essa parede, homem de Deus?'

- 'Ela não tem coragem de cair. Não vê a escora?'

Não obstante, 'por via das dúvidas', quando ronca a trovoada, Jeca abandona a toca e vai agachar-se no oco dum velho embiruçu do quintal - para se saborear de longe com a eficácia da escora santa.

Um pedaço de pau dispensaria o milagre; mas entre pendurar o santo e tomar da foice, subir ao morro, cortar a madeira, atorá-la, baldeá-la e especar a parede, o sacerdote da Grande Lei do Menor Esforço não vacila. É coerente.

Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O mato o beira. Nem árvores frutíferas, nem horta, nem flores - nada revelador de permanência.

Há mil razões para isso; porque não é sua a terra; porque se o 'tocarem' não ficará nada que a outrem aproveite; porque para frutas há o mato; porque a 'criação' come; porque..."

(...)

"VELHA PRAGA"

Conto publicado em seu livro *Urupês*, de 1918 (publicado avulso inicialmente no jornal "O Estado de S.Paulo", em 1914)

...

"Mal se ia aquele, vinha outro:

– Patrão, o Trajibu está queimando!

– Então, já seis?

– É verdade. Há o fogo do Teixeirinha, o fogo de Maneta, o fogo do Jeca...

– Fogo 'signés'!... Que patifes! Mas hão de pagar. Denuncio-os todos à polícia.

O capataz sorriu.

– Não vale a pena. São eleitores do governo; o patrão não arranja nada.

– Mas não haverá ao menos um incendiário oposicionista que possa pagar o pato?

– Não vê! Caboclo é ali firme no governo justamente p'r'amor do fogo.

Tinha razão o homem. Eram todos do governo. E o eleitor da roça, em paga da fidelidade partidária, goza-se do direito de queimar o mato alheio.

Impossibilitado de agir contra eles por meio da justiça, o pobre fazendeiro limitou-se a 'tocar' alguns que eram seus agregados e... a 'vir pela imprensa'. Escreveu e mandou para as 'Queixas e Reclamações' d' 'O Estado de São Paulo' a tal catilinária mãe dos *Urupês*. Esse jornal, publicando-a fora da seção de queixas, estimulou o fazendeiro a reincidir. Reincidiu. E quando deu acordo de si, virara o que os noticiaristas gravemente chamam 'um homem de letras'.

Ora aí está como as coisas se arrumam, e como, por obra e graça de meia dúzia de Neros de pé no chão, entra a correr mundo mais um livro.

Setembro, 1918."

O artigo "Velha Praga" com que o tal fazendeirinho "veio pela imprensa" era o seguinte:

VELHA PRAGA

"Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacíssimos 'vons' alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros.

Venha, pois, uma voz do sertão dizer às gentes da cidade que se lá fora o fogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico.

Em agosto, por força do excessivo prolongamento do inverno, 'von Fogo' lambeu montes e vales, sem um momento de tréguas, durante o mês inteiro.

Vieram em começos de setembro chuvinhas de apagar poeira e, breve, novo 'verão de sol' se estirou por outubro adentro, dando azo a que se torrasse tudo quanto escapara à sanha de agosto.

A serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa, e é hoje um cinzeiro imenso, entremeado aqui e acolá de manchas de verdura – as restingas úmidas, as grotas frias, as nesgas salvas a tempo pela cautela dos aceiros. Tudo mais é crepe negro.

À hora em que escrevemos, fins de outubro, chove. Mas que chuva cainha! Que miséria d'água! Enquanto caem do céu pingos homeopáticos, medidos a conta-gotas, o fogo, amortecido mas não dominado, amoita-se insidioso nas piúcas[1], a fumegar imperceptivelmente, pronto para rebentar em chamas mal se limpe o céu e o sol lhe dê a mão.

Preocupa à nossa gente civilizada o conhecer em quanto fica na Europa por dia, em francos e cêntimos, um soldado em guerra; mas ninguém cuida de calcular os prejuízos de toda sorte advindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de húmus destruídas; os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fora, rio abaixo,

via oceano; o rejuvenescimento florestal do solo paralisado e retrogradado; a destruição das aves silvestres e o possível advento de pragas insetiformes; a alteração para piora do clima com a agravação crescente das secas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as cento e uma particularidades que dizem respeito a esta ou aquela zona e, dentro delas, a esta ou aquela 'situação' agrícola.

Isto, bem somado, daria algarismos de apavorar; infelizmente no Brasil subtrai-se; somar ninguém soma...

É peculiar de agosto, e típica, esta desastrosa queima de matas; nunca, porém, assumiu tamanha violência, nem alcançou tal extensão, como neste tortíssimo 1914 que, benza-o Deus, parece aparentado de perto com o célebre ano 1000 de macabra memória. Tudo nele culmina, vai logo às do cabo, sem conta nem medida. As queimas não fugiram à regra.

Razão sobeja para, desta feita, encarnarmos a sério o problema. Do contrário, a Mantiqueira será em pouco tempo toda um sapezeiro sem fim, erisipelado de samambaias – esses dois términos à uberdade das terras montanhosas.

Qual a causa da renitente calamidade?

É mister um rodeio para chegar lá.

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho de terra, peculiar ao solo brasileiro como o *Argas* o é aos galinheiros ou o *Sarcoptes mutans* à perna das aves domésticas. Poderíamos, analogicamente, classificá-lo entre as variedades do *Porrigo decalvans*, o parasita do couro cabeludo produtor da 'pelada', pois que onde ele assiste[2] se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalvada. Em quatro anos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magníficos e das perobeiras milenárias – seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cair em capoeira, passar desta à humildade da vassourinha e, descendo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapezeiro - sua tortura e vergonha.

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau[3] e o isqueiro de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se.

É de vê-lo surgir a um sítio novo para nele armar a sua arapuca de agregado; nômade por força de vagos atavismos, não se liga à terra, como o campônio europeu 'agrega-se', tal qual o 'sarcopte', pelo tempo necessário à completa sucção da seiva convizinha; feito o que, salta para diante com a mesma bagagem com que ali chegou.

Vem de um sapezeiro para criar outro. Coexistem em íntima simbiose: sapé e caboclo são vidas associadas. Este inventou aquele e lhe dilata os domínios; em troca, o sapé lhe cobre a choça e lhe fornece fachos para queimar a colmeia das pobres abelhas.

Chegam silenciosamente, ele a 'sarcopta' fêmea, esta com um filhote no útero, outro ao peito, outro de sete anos à ourela da saia – este já de pitinho na boca e faca à cinta. Completam o rancho um cachorro sarnento – Brinquinho, - a foice, a enxada, o pica-pau, o pilãozinho de sal, a panela de barro, um santo encardido, três galinhas pevas e um galo índio. Com estes simples ingredientes, o fazedor de sapezeiros perpetua a espécie e a obra da esterilização iniciada com os remotíssimos avós.

Acampam.

Em três dias uma choça, que por eufemismo chamam casa, brota da terra como um urupê. Tiram tudo do lugar, os esteios, os caibros, as ripas, os barrotes, o cipó que os liga, o barro das paredes e a palha do teto. Tão íntima é a comunhão dessas palhoças com a terra local, que dariam ideia de coisa nascida do chão por obra espontânea da natureza – se a natureza fosse capaz de criar coisas tão feias.

Barreada a casa, pendurado o santo, está lavrada a sentença de morte daquela paragem.

Começam as requisições. Com a pica-pau o caboclo limpa a floresta das aves incautas. Pólvora e chumbo adquire-os vendendo palmitos no povoado vizinho. É este um traço curioso da vida do caboclo e explica o seu largo dispêndio de pólvora; quando o palmito escasseia, rareiam os tiros, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as pacas: está encerrada a estação venatória.

Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais belo pau. Árvores diante de cuja

majestosa beleza Ruskin choraria de comoção, ele as derriba, impassível, para extrair um mel-de-pau escondido num oco.

Pronto o roçado, e chegado o tempo da queima, entra em funções o isqueiro. Mas aqui o 'sarcopte' se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aos roçados um aceiro de dimensões suficientes à circunscrição do fogo, urde traças para iludir a lei, cocando dest'arte a insigne preguiça e a velha malignidade.

Cisma o caboclo à porta da cabana.(4)

Cisma, de fato, não devaneios líricos, mas jeitos de transgredir as posturas com a responsabilidade a salvo. E consegue-o. Arranja sempre um álibi demonstrativo de que não esteve lá no dia do fogo.

Onze horas.

O sol quase a pino queima como chama. Um 'sarcopte' anda por ali, ressabiado. Minutos após, crepita a labareda inicial, medrosa, numa touça mais seca; oscila incerta; ondeia ao vento; mas logo encorpa, cresce, avulta, tumultua infrene e, senhora do campo, estruge fragorosa com infernal violência, devorando as tranqueiras, estorricando as mais altas frondes, despejando para o céu golfões de fumo estrelejado de faíscas.

É o fogo de mato!

E como não o detém nenhum aceiro, esse fogo invade a floresta e caminha por ela adentro, ora frouxo, nas capetingas(5) ralas, ora maciço, aos estouros, nas moitas de taquaruçu; caminha sem tréguas, moroso e tíbio quando a noite fecha, insolente se o sol ajuda.

E vai galgando montes em arrancadas furiosas, ou descendo encostas a passo lento e traiçoeiro até que o detenha a barragem natural dum rio, estrada ou grota noruega.(6)

Barrado, inflete para os flancos, ladeia o obstáculo, deixa-o para trás, esgueira-se para os lados – e lá continua o abrasamento implacável. Amordaçado por uma chuva repentina, alapa-se nas piúcas, quieto e invisível, para no dia seguinte, ao esquentar do sol, prosseguir na faina carbonizante.

Quem foi o incendiário? Donde partiu o fogo?

Indaga-se, descobre-se o Nero: é um urumbeva qualquer, de barba rala, amoitado num litro(7) de terra litigiosa.

E agora? Que fazer? Processá-lo?

Não há recurso legal contra ele. A única pena possível, barata, fácil e já estabelecida como praxe, é 'tocá-lo'.

Curioso esse preceito: 'ao caboclo, toca-se'.

Toca-se, como se toca um cachorro importuno, ou uma galinha que vareja pela sala. E tão afeito anda ele a isso, que é comum ouví-lo dizer: 'Se eu fizer tal coisa, o senhor não me toca?'

Justiça sumária – que não pune, entretanto, dado o nomadismo do paciente.

Enquanto a mata arde, o caboclo regala-se.

– Êta fogo bonito!

No vazio de sua vida semisselvagem, em que os incidentes são um jacu abatido, uma paca fisgada n'água ou o filho novimensal, a queimada é o grande espetáculo do ano, supremo regalo dos olhos e dos ouvidos.

Entrado setembro, começo das 'águas', o caboclo planta na terra em cinzas um bocado de milho, feijão e arroz; mas o valor da sua produção é nenhum diante dos males que para preparar uma quarta de chão ele semeou.

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cinquenta alqueires de terra para extrair deles o com que passar fome e frio durante o ano. Calcula as sementeiras pelo máximo da sua resistência às privações. Nem mais, nem menos. 'Dando para passar fome', sem virem a morrer disso, ele, a mulher e o cachorro – está tudo muito bem; assim fez o pai, o avô; assim fará a prole empanzinada que naquele momento brinca nua no terreiro.

Quando se exaure a terra, o agregado muda de sítio. No lugar, ficam a tapera e o sapezeiro. Um ano que passe e só este atestará a sua estada ali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frágeis materiais da choça e, como nem sequer uma laranjeira ele plantou, nada mais lembra a passagem por ali do Manoel Peroba, do Chico Marimbondo, do Jeca Tatu ou outros sons ignaros, de dolorosa memória para a natureza circunvizinha."

(1) Tocos semicarbonizados.
(2) Reside: está estabelecida.
(3) Espingarda de carregar pela boca.
(4) Verso de Ricardo Gonçalves.
(5) Capins de mato dentro, sempre ralos, magrelas.
(6) Grota fria onde não bate o sol.
(7) A terra se mede pela quantidade de milho que nela pode ser plantada: daí um alqueire, uma quarta, um litro de terra.

2. LIMA BARRETO (1881 - 1922)

A respeito de Lima Barreto, especialmente de seus romances mais importantes, podemos indicar alguns aspectos característicos:

1. QUANTO ÀS PERSONAGENS

O universo de personagens criado por Lima Barreto está repleto de políticos ineficazes e poderosos, de ignorantes que passam por sábios, de militares incapazes e tirânicos. A esse mundo de privilegiados ele opõe as figuras do subúrbio, uma multidão de oprimidos, mostrando sua inspiração e sua revolta contra uma ordem social injusta.

"Casas que mal dariam para uma pequena família são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino."

(*Triste fim de Policarpo Quaresma*)

2. QUANTO AO ESPAÇO FOCALIZADO

A ação de seus romances passa-se no Rio de Janeiro. Os bairros pobres da cidade merecem especial destaque por parte do escritor.

"O subúrbio é um refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão-se aninhar ali..."

(Clara dos Anjos)

3. QUANTO À ÉPOCA FOCALIZADA

Lima Barreto prende-se à realidade histórica, documentando, através de ficção, os acontecimentos importantes da vida republicana.

"Falavam ao ouvido de Floriano, cochichavam, batiam-lhe nas espáduas. O marechal quase não falava: movia com a cabeça ou pronunciava um monossílabo ..."

(Triste fim de Policarpo Quaresma)

[O marechal Floriano Peixoto foi presidente da República durante 1891 -1894].

4. QUANTO À TEMÁTICA

Lima Barreto pertence àquela classe de escritores que acreditam na literatura como um meio de estimular o leitor para que ele reflita e lute pelo reconhecimento de seus direitos. Por isso, criou situações ficcionais que retratam os desequilíbrios sociais de sua época. São temas comuns em sua obra:

a) <u>questão racial:</u>

"... repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira ..."

(Clara dos Anjos)

" - Que nome! Félix da Costa! Parece até enjeitado! É algum mulatinho?"

(Recordações do Escrivão Isaías Caminha)

b) <u>denúncia da hipocrisia e das falsas aparências:</u>

"Interessante é que os companheiros o respeitavam, tinham em grande conta o seu saber e ele vivia na seção cercado do respeito de um gênio, um gênio do papelório e das informações. Acresce que Genelício juntava a sua segura posição administrativa, um curso de direito a acabar; e tantos títulos juntos não poderiam deixar de impressionar favoravelmente às preocupações casamenteiras do casal Albernaz."

(Triste fim de Policarpo Quaresma)

c) <u>denúncia da associação de dinheiro a prestígio:</u>

"Médico e rico, pela fortuna da mulher, ele não andava satisfeito. A ambição de dinheiro e o desejo de nomeada esporeavam-no... " (idem)

<u>d) crítica à burocracia medíocre e inútil:</u>

"Certa vez, foi atacado de uma pequena crise de nervos, porque, por mais papéis que consultasse no arquivo, não havia meio de encontrar uma disposição* que fixasse o número de setas que atravessam a imagem de São Sebastião. (...) Beldoregas não podia compreender que o número de dias em que chove no ano não pudesse ser fixado; e se ainda não estava, em aviso ou portaria,

era porque o Congresso e os Ministros não prestavam."

(Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá)

e) crítica ao nacionalismo ufanista e quixotesco:

Esse é o tema central do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma.*

5. QUANTO À LINGUAGEM

O autor procura uma forma de expressão simples e clara, utilizando uma linguagem que, muitas vezes, aproxima-se da língua falada na época. Por isso, foi acusado de desleixo e incorreção.

A linguagem acadêmica é criticada, por exemplo, através do excessivo rigor da personagem Lobo, redator do jornal onde trabalha Isaías Caminha:

"... era um código tirânico, uma espécie de colete de força em que vestira as suas pobres ideias e queria vestir as dos outros. Há três ou cinco gramáticas portuguesas, porque há três ou cinco opiniões sobre uma mesma matéria. Lobo organizara uma série delas sobre as inúmeras dúvidas nas regras do nosso escrever e do nosso falar e ai de quem discrepasse no jornal! Era emendado da primeira vez, da segunda repreendido, da terceira odeia até ser despedido..."

(Recordações do Escrivão Isaías Caminha)

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Policarpo Quaresma, personagem central do romance do qual foi extraído o trecho seguinte, é um major que, tendo estudado a realidade brasileira, torna-se um ardente patriota. Seu nacionalismo exagerado leva-o a propor mudanças absurdas na vida do país, a ponto de ele ser internado num hospício. Tornando-se partidário de Floriano Peixoto, presencia arbitrariedades que o fazem voltar-se contra o governo que antes apoiara. Preso por ter protestado contra a prisão injusta de alguns soldados, é enviado para a Ilha das Cobras.

"Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo; Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves - era tudo isso junto, fundido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.

Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a 'terra que o viu nascer'. Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.

Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até o crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do 'seu' rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo

e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo."

PROBLEMA VITAL

[R*evista Contemporânea*]
[22-2-1919]

Poucas vezes se há visto nos meios literários do Brasil uma estreia como a do Senhor Monteiro Lobato. As águias provincianas se queixam de que o Rio de Janeiro não lhes dá importância e que os homens do Rio só se preocupam com coisas do Rio e da gente dele. É um engano. O Rio de Janeiro é muito fino para não dar importância a uns sabichões de aldeia que, por terem lido alguns autores, julgam que ele não os lê também; mas, quando um estudioso, um artista, um escritor, surja onde ele surgir no Brasil, aparece no Rio, sem esses espinhos de ouriço, todo o carioca independente e autônomo de espírito está disposto a aplaudi-lo e dar-lhe o apoio da sua admiração. Não se trata aqui da barulheira da imprensa, pois essa não o faz, senão para aqueles que lhe convêm, tanto assim que sistematicamente esquece autores e nomes que, com os homens dela, todo o dia e hora lidam.

O Senhor Monteiro Lobato com seu livro *Urupês* veio demonstrar isso. Não há quem não o tenha lido aqui e não há quem não o admire. Não foi preciso barulho de jornais para seu livro ser lido. Há um contágio para as boas obras que se impõem por simpatia.

O que é de admirar em tal autor e em tal obra, é que ambos tenham surgido em São Paulo, tão formalista, tão regrado que parecia não admitir nem um nem a outra.

Não digo que, aqui, não haja uma escola delambida de literatura, com uma retórica trapalhona de descrições de luares com palavras em "ll" e de tardes de trovoadas com vocábulos com "rr" dobrados: mas São Paulo, com as suas elegâncias ultraeuropeias, parecia-me ter pela literatura, senão o critério da delambida que acabo de citar, mas um outro mais exagerado.

O sucesso de Monteiro Lobato, lá, retumbante e justo, fez-me mudar de opinião.

A sua roça, as suas paisagens não são cousas de moça prendada, de menina de boa família, de pintura de discípulo ou discípula da Academia Julien; é da grande arte dos nervosos, dos criadores, daqueles cujas emoções e pensamentos saltam logo do cérebro para o papel ou para a tela. Ele começa com o pincel, pensando em todas as regras do desenho e da pintura, mas bem depressa deixa uma e outra cousa, pega a espátula, os dedos e tudo o que ele viu e sentiu sai de um só jato, repentinamente, rapidamente.

O seu livro é uma maravilha nesse sentido, mas o é também em outro, quando nos mostra o pensador dos nossos problemas sociais, quando nos revela, ao pintar a desgraça das nossas gentes roceiras, a sua grande simpatia por elas. Ele não as embeleza, ele não as falsifica; fá-las tal e qual.

Eu quereria muito me alongar sobre este seu livro de contos, *Urupês*, mas não posso agora. Dar-me-ia ele motivo para discorrer sobre o que penso dos problemas sociais que ele agita; mas são tantos que me emaranho no meu próprio pensamento e tenho medo de fazer uma cousa confusa, a menos que não faça com pausa e tempo. Vale a pena esperar.

Entretanto, eu não poderia deixar de referir-me ao seu estranho livro, quando me vejo obrigado a dar notícia de um opúsculo seu que me enviou. Trata-se do *Problema vital*, uma coleção de artigos, publicados por ele, no *Estado de S. Paulo*, referentes à questão do saneamento do interior do Brasil.

Trabalhos de jovens médicos como os doutores Artur Neiva, Carlos Chagas, Belisário Pena e outros, vieram demonstrar que a população roceira do nosso país era vítima desde muito de várias moléstias que a alquebravam fisicamente. Todas elas têm uns nomes rebarbativos que me custam muito a escrever; mas Monteiro Lobato os sabe de cor e salteado e, como ele, hoje muita gente. Conheci-as, as moléstias, pelos seus nomes vulgares: papeira, opilação, febres e o mais difícil que tinha na memória era – bócio. Isto, porém, não vem ao caso e não é o importante da questão.

Os identificadores de tais endemias julgam ser necessário um trabalho sistemático para o saneamento dessas regiões afastadas e não são só estas. Aqui, mesmo, nos arredores do Rio de Janeiro, o doutor Belisário Pena achou 250 mil habitantes atacados de maleitas, etc. Residi, durante a minha meninice e adolescência, na ilha do Governador, onde meu pai era administrador das Colônias de Alienados. Pelo meu testemunho, julgo

que o doutor Pena tem razão. Lá todos sofriam de febres e logo que fomos para lá, creio que em 1890 ou 1891, não havia dia em que não houvesse, na nossa casa, um de cama, tremendo com a sezão e delirando de febre. A mim, foram precisas até injeções de quinino.

Por esse lado, julgo que ele e os seus auxiliares não falsificam o estado de saúde de nossas populações campestres. Têm toda razão. O que não concordo com eles, é com o remédio que oferecem. Pelo que leio em seus trabalhos, pelo que a minha experiência pessoal pode me ensinar, me parece que há mais nisso uma questão de higiene domiciliar e de regímen alimentar.

A nossa tradicional cabana de sapê e paredes de taipa é condenada e a alimentação dos roceiros é insuficiente, além do mau vestuário e do abandono do calçado.

A cabana de sapê tem origem muito profundamente no nosso tipo de propriedade agrícola – a fazenda. Nascida sob o influxo do regímen do trabalho escravo, ela se vai eternizando, sem se modificar, nas suas linhas gerais. Mesmo, em terras ultimamente desbravadas e servidas por estradas de ferro, como nessa zona da Noroeste, que Monteiro Lobato deve conhecer melhor do que eu, a fazenda é a forma com que surge a propriedade territorial no Brasil. Ela passa de pais a filhos; é vendida integralmente e quase nunca, ou nunca, se divide. O interesse do seu proprietário é tê-la intacta, para não desvalorizar as suas terras. Deve ter uma parte de matas virgens, outra parte de capoeira, outra de pastagens, tantos alqueires de pés de café, casa de moradia, de colonos, currais, etc.

Para isso, todos aqueles agregados ou cousa que valha, que são admitidos a habitar no latifúndio, têm uma posse precária das terras que usufruem; e, não sei se está isto nas leis, mas nos costumes está, não podem construir casa de telha, para não adquirirem nenhum direito de locação mais estável.

Onde está o remédio, Monteiro Lobato? Creio que procurar meios e modos de fazer desaparecer a "fazenda".

Não acha? Pelo que li no *Problema vital*, há câmaras municipais paulistas que obrigam os fazendeiros a construir casas de telhas, para os seus colonos e agregados. Será bom? Examinemos. Os proprietários de latifúndios, tendo mais despesas com seus miseráveis trabalhadores, esfolarão mais os seus clientes, tirando-lhes ainda mais dos seus míseros salários do que tiravam antigamente. Onde tal cousa irá repercutir? Na alimentação, no vestuário. Estamos, portanto, na mesma.

Em suma, para não me alongar. O problema, conquanto não se possa desprezar a parte médica propriamente dita, é de natureza econômica e social. Precisamos combater o regímen capitalista na agricultura, dividir a propriedade agrícola, dar a propriedade da terra ao que efetivamente cava a terra e planta e não ao doutor vagabundo e parasita, que vive na "Casa Grande" ou no Rio ou em São Paulo. Já é tempo de fazermos isto e é isto que eu chamaria o "Problema Vital".

Lima Barreto

A data que consta em *Bagatelas* – 22-2-1918- é certamente um erro tipográfico, já que em 26-12-1918 Lima Barreto, em carta, acusa o recebimento de *Urupês*

3. EUCLIDES DA CUNHA (1866 - 1909)

Nasceu no Rio de Janeiro, estudou na Escola Militar e fez curso de Engenharia. De formação positivista e republicano convicto, Euclides sempre mostrou grande interesse por ciências naturais e por filosofia. Viveu durante algum tempo em São Paulo e, em 1897, foi enviado pelo jornal *O Estado de São Paulo* ao sertão da Bahia, para cobrir, como correspondente, a guerra de Canudos. Na condição de ex-militar, Euclides pôde informar com precisão os movimentos de guerra das três últimas semanas de conflito. Suas mensagens, transmitidas pelo telégrafo, permitiram que o Sul do país acompanhasse passo a passo a campanha, mobilizando e dividindo a opinião pública. Cinco anos depois, o autor lançou *Os sertões*, obra que narra e analisa os acontecimentos de Canudos à luz das teorias científicas da época.

Euclides deixou também vários outros escritos - tratados, cartas, artigos -, todos relacionados ao país, às suas características regionais, geográficas e culturais.

Os sertões (1902)

Escrito com inteligência e sensibilidade, o livro

tem um caráter científico que o eleva à condição de verdadeiro tratado geofísico e social de nosso país, privilegiando o Nordeste, palco da chacina de Canudos.

Sua própria estrutura revela a formação científica positivista e determinista de Euclides. Divide-se em três partes, que correspondem aos três fatores considerados fundamentais para o estudo de qualquer acontecimento social, de acordo com Taine, um dos mestres do determinismo francês. São eles: o **meio**, a **raça** e o **momento histórico**.

Meio (cenário) - "A terra" (1ª parte) - Descrição geofísica do Brasil, com destaque à região nordestina; estudo do fenômeno cíclico das secas.

Raça (personagem) - "O homem" (2ª parte) - Apresentação comparativa dos vários tipos regionais brasileiros; análise do sertanejo e de sua capacidade de resistência, relacionando meio ambiente e elemento humano: o homem como produto dos componentes geofísicos e sociais do meio em que vive; estudo minucioso de Antônio Conselheiro, o líder messiânico em torno de quem se formou, cresceu e se desenvolveu Canudos, tornando-se uma comunidade autônoma em relação ao resto do país, com leis e valores próprios.

Momento histórico - "A luta" (3ª parte) - Relato da Campanha de Canudos, desde o incidente que a deflagrou (uma troca de tiros entre policiais e habitantes de Canudos, no momento da entrega de rifles comprados por estes numa pequena cidade da Bahia), até o extermínio do arraial, com cinco mil soldados "rugindo raivosamente" diante de quatro sobreviventes.

O trecho seguinte é um dos mais conhecidos de toda a obra.

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto.

Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo - cai é o termo - de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

(...)

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte: e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias."

4. GRAÇA ARANHA
(1868 -1931)

Canaã, romance publicado em 1902, é fruto das impressões colhidas em Porto Cachoeiro, comunidade do Espírito Santo, em que se observa o contraste entre a população nativa e os imigrantes alemães. Romance de tese, reproduz os acontecimentos com um certo naturalismo "científico". Ao discutir, no entanto, a problemática do povo primitivo que quer integrar-se na natureza, e ao colocar os aspectos folclóricos que caracterizam a alma brasileira, projeta nitidamente a preocupação do século XX, antecipando a ficção modernista.

Os personagens centrais - Milkau e Lentz - são porta-vozes de posições antagônicas a respeito

da vida. Milkau representa a solidariedade, o amor, enquanto Lentz simboliza a lei do mais forte. Os diálogos entre os dois personagens ocupam grande parte do livro, o que permite classificar a obra como romance de tese, pois o autor pretende defender um ponto de vista.

Paralelamente a este antagonismo, ocorre o drama de Maria, que fora seduzida pelo filho de seus patrões, expulsa de casa e repudiada pelos demais membros da colônia. O filho de Maria nasceu na mata e é devorado pelos porcos, o que lhe custa um julgamento como assassina do próprio filho. Milkau ajuda Maria a fugir e os dois partem em busca de Canaã, a terra prometida.

O trecho transcrito a seguir mostra um diálogo entre os personagens centrais da obra. Milkau relata a Lentz suas impressões de uma viagem a São João del-Rei, em Minas.

" - Dou-me por muito feliz em ter ido a tempo de ver tudo isto, porque não muito longe esse conjunto de poesia, de tradição nacional vai acabar. Na verdade, é com mágoa que sinto estar prestes o desmoronamento daquela cidade circundada de colônias estrangeiras, que a estreitam lentamente até um dia a vencer e transformar sem piedade.

- Mas isto é a lei da vida e do destino fatal deste País. Nós renovaremos a Nação, nos espalharemos sobre ela, a cobriremos com nossos corpos brancos e a engrandeceremos para a eternidade. A velha cidade mineira da sua narração não me interessa, os meus olhos se projetam para o futuro. Porto do Cachoeiro tem mais significação moral hoje pela força de vida, de energia que em si contém do que os lugares mortos de um país que se vai extinguir... Falando-lhe com a maior franqueza, a civilização dessa terra está na imigração de europeus; mas é preciso que cada um de nós traga a vontade de governar e dirigir.

- Nas suas palavras mesmas - disse Milkau - está escrita a nossa grande responsabilidade. É provável que o nosso destino seja transformar de baixo a cima este País, de substituir por outra civilização toda a cultura, a religião e as tradições de um povo. É uma nova conquista, lenta, tenaz, pacífica em seus meios, mas terrível em seus projetos de ambição. É preciso que a substituição seja tão pura e tão luminosa que sobre ela não caia a amargura e a maldição das destruições. E por ora nós somos apenas um dissolvente da raça desta terra. Nós penetramos na argamassa da Nação e a vamos amolecendo; nós nos misturamos a este povo, matamos as suas tradições e espalhamos a confusão... Ninguém mais se entende; as línguas estão baralhadas; indivíduos, vindos de toda parte, trazem na alma a sombra de deuses diferentes; todos são estranhos, os pensamentos não se comunicam, os homens e as mulheres não se amam com as mesmas palavras... Tudo se desagrega, uma civilização cai e se transforma no desconhecido... O remodelamento vai sendo demorado... Há uma tragédia na alma do brasileiro, quando ele sente que não se desdobrará mais até ao infinito. Toda a lei da criação é criar à própria semelhança. E a tradição rompeu-se, o pai não transmitirá mais ao filho a sua imagem, a língua vai morrer, os velhos sonhos da raça, os longínquos e fundos desejos da personalidade emudeceram, o futuro não entenderá o passado..."

5. SIMÕES LOPES NETO (1865 – 1916)

Sua obra regionalista, composta de contos, é uma das principais do período pré-modernista. Além da exuberância de sua linguagem, que é um registro minucioso do falar gaúcho, seus contos trazem a preocupação em mostrar os valores, as alegrias e os dramas da gente dos pampas, dos vaqueiros. Interessado em captar o que há de essencialmente humano por baixo das aparências regionais, Simões Lopes Neto revela um agudo senso de observação psicológica das personagens. No livro *Lendas do Sul,* deu forma literária a histórias do folclore gaúcho, tornando-se muito famoso o conto "O negrinho do pastoreio".

Obras principais: *Contos gauchescos* (1912); *Lendas do Sul (*1913).

TREZENTAS ONÇAS

"Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca[1] empanzinada de onças[2] de ouro, vim parar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.

Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu

vinha abombado de troteada.

Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira[3] de mato, que está nos vendo, na beira do passo[4], desencilhei; e estendido nos pelegos a cabeça no lombilho[5], com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda.

Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira... e fui-me à água que nem capincho[6]!

Debaixo da barranca havia um fundão onde mergulhei umas quantas vezes; e sempre puxei umas braçadas, poucas, porque não tinha cancha para um bom nado.

E solito e no silêncio, tornei a vestir-me, encilhei o zaino e montei.

Daquela vereda andei como três léguas, chegando à estância cedo ainda, obra assim de braça e meia de sol.

Ah!... Esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brasino[7], um cusco, mui esperto e boa vigia. Era das crianças, mas às vezes dava-lhe para acompanhar-me e, depois de sair a porteira, nem por nada fazia cara-volta[8], a não ser comigo. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios.

Por sinal que uma noite...

Mas isso é outra coisa; vamos ao caso.

Durante a troteada bem reparei que volta e meia o cusco parava-se na estrada e latia e corria para trás, e olhava-me, olhava-me e latia de novo e troteava um pouco sobre o rastro. Parecia que o bichinho estava me chamando!... Mas, como eu ia, ele tornava a alcançar-me, para daí a pouco recomeçar.

Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao mesmo tempo que dava as - boas tardes! - ao dono da casa, aguentei um tirão seco no coração... Não senti na cintura o peso da guaiaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo... Depois tudo me ficou cinzento, para escuro...

Eu era mui pobre - e, ainda hoje, é como vancê sabe... Estava começando a vida, e o dinheiro era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedra...

Assim, de meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam:

- Então patrício? Está doente?

- Obrigado! Não, senhor - respondi - Não é doença; é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

- A *la fresca*!...[9]

- É verdade... Antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!...

- É uma dos diabos, é... Mas não se acoquine, homem!

Nisso o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir...

Ah!... E num repente lembrei-me de tudo. Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de sarandi e, em cima de uma pedra, a guaiaca e por cima dela o cinto das armas, e até uma ponta de cigarro de que tirei uma última tragada, antes de entrar na água, e que deixei espetada num espinho, ainda fumegando, soltando uma fitinha de fumaça azul, que subia, fininha e direita, no ar sem vento... Tudo, vi tudo.

Estava lá, na beirada do passo, a guaiaca. E o remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem.

Num vu estava a cavalo; e mal isto, o cachorrito pegou a retouçar, numa alegria, ganindo - Deus me perdoe! - que até parecia fala!

E dei de rédea, dobrando o cotovelo do cercado.

Ali logo frenteei com uma comitiva de tropeiros, com grande cavalhada por diante, e que por certo vinha tomar pouso na estância. Na cruzada nos tocamos todos na aba do sombreiro; uns quantos vinham de balandrau[10] enfiado. Sempre me deu uma coraçonada[11] para fazer umas perguntas... mas engoli a língua.

Amaguei[12] o corpo e penicando de esporas, toquei a galope largo. O cachorrinho ia ganiçando, ao lado, na sombra do cavalo, já mui comprida.

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam-se arrolhando[13] nos paradouros da noite; à direita, o sol,

muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.

Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um joão-grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...

Foi caindo uma aragem fresca; e um silêncio grande em tudo.

O zaino[14] era um pingaço[15] de lei; e o cachorrinho, agora sossegado, meio de banda, de língua de fora e de rabo em pé, troteava miúdo e ligeiro dentro da polvadeira rasteira que as patas do flete levantavam.

E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incêndio num pajonal; depois o lusco-fusco; depois, cerrou a noite escura; depois, no céu, só estrelas... só estrelas...

O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope, comendo caminho. Bem por cima da minha cabeça as Três-Marias tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar... Lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo, talvez; lembrei-me da minha mãe, de meu pai, que também as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias, as Três-Marias. - Amigo! Vancê é moço, passa a sua vida rindo... Deus o conserve!... sem saber nunca como é pesada a tristeza dos campos quando o coração pena!...

Há que tempos eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas... Devagarinho, como gateando, subiram... Tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e, ainda quentes, no arranco do galope lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca, nem formiga daria com ele!...

Por entre as minhas lágrimas, como um sol cortando um chuvisqueiro, passou-me na lembrança a toada dum verso lá dos meus pagos:

Quem canta refresca a alma,
Cantar adoça o sofrer;
Quem canta zomba da morte:
Cantar ajuda a viver!...

Mas que cantar, podia eu!...

O zaino respirou forte e sentou[16], trocando a orelha, farejando no escuro: o bagual tinha reconhecido o lugar, estava no passo.

Senti o cachorrinho respirando, como assoleado. Apeei-me.

Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredo, metia respeito... Que medo, não, que não entra em peito de gaúcho.

Embaixo, o rumor da água pipocando sobre o pedregulho; vagalumes retouçando no escuro. Desci, dei com o lugar onde havia estado; tenteei os galhos do sarandi; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca e as armas; corri as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá... Nada! Nada!...

Então, senti frio dentro da alma... O meu patrão ia dizer que eu o havia roubado!... Roubado!... Pois então eu ia lá perder as onças!... Qual! Ladrão, ladrão, é que era!...

E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos: eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição.

É; era o que eu devia fazer: matar-me... e já, aqui mesmo!

Tirei a pistola do cinto; amartilhei[17] o gatilho... benzi-me e encostei no ouvido o cano, grosso e frio, carregado de bala...

Ah! Patrício! Deus existe!...

No refilão daquele momento, olhei para diante e vi... As Três-Marias luzindo na água... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!... Patrício! Não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era Ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção...

O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança...

Eh-pucha! Patrício, eu sou mui rude... A gente vê caras, não vê corações... Pois o meu, dentro do peito, naquela hora, estava como um espinilho ao sol, num descampado, no pino do meio-dia: era luz de Deus por todos os lados!...

E já todo no meu sossego de homem, meti a

pistola no cinto. Fechei um baio[18], bati o isqueiro e comecei a pitar.

E fui pensando. Tinha, por minha culpa, exclusivamente por minha culpa, tinha perdido as trezentas onças, uma fortuna para mim. Não sabia como explicar o sucedido, comigo, acostumado a bem cuidar das coisas. Agora... era vender o campito, a ponta de gado manso - tirando umas leiteiras para as crianças e a junta dos jaguanés[19] lavradores - vender a tropilha dos colorados... e pronto! Isso havia chegar, folgado; e caso mermasse[20] a conta... enfim, havia se ver o jeito a dar... Porém matar-se um homem, assim no mais... e chefe de família... isso, não!

E d'espacito vim subindo a barranca; assim que me sentiu, o zaino escarceou, mastigando o freio.

Desmaneei-o, apresilhei o cabresto; o pingo agarrou a volta e eu montei, aliviado.

O cusco escaramuçou, contente; a trote e galope voltei para a estância.

Ao dobrar a esquina do cercado enxerguei luz na casa, a cachorrada saiu logo, acuando. O zaino relinchou alegremente, sentindo os companheiros; do potreiro outros relinchos vieram. Apeei-me no galpão, arrumei as garras e soltei o pingo, que se rebolcou, com ganas.

Então fui para dentro: na porta dei o - Louvado seja Jesu-Cristo, boa noite! e entrei, e comigo, rente, o cusco. Na sala do estancieiro havia uns quantos paisanos; era a comitiva que chegava quando eu saía; corria o amargo[21]!

Em cima da mesa a chaleira, e ao lado dela, enroscada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças dentro.

- Louvado seja Jesu-Cristo, patrício! Boa noite! *Entonces,* que tal le foi de susto?...

E houve uma risada grande de gente boa.

Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaipeva[22], arrolhadito aos meus pés...

Vocabulário:

1. Cinto largo de couro, com pequenos bolsos.
2. Antiga moeda de ouro brasileira.
3. Touceira de ervas ou de arbustos.
4. Passagem, lugar de um curso de água por onde se passa a pé ou a cavalo.
5. Espécie de sela usada no Rio Grande do Sul.
6. Capivara.
7. Vermelho com listras escuras.
8. Meia-volta.
9. Expressão de espanto, descrença.
10. Poncho ou pala com abertura no meio, pela qual se passa a cabeça.
11. Palpite, pressentimento.
12. Jogar o corpo à frente, quando a cavalo, para dar impulso ao animal.
13. Reunir-se, agrupar-se.
14. Cavalo castanho-escuro.
15. Aumentativo de pingo (cavalo bom).
16. Passar de repente.
17. Engatilhar.
18. Cigarro de palha.
19. Bois.
20. Diminuir.
21. Mate chimarrão.
22. Cusco, cãozinho.

6. AUGUSTO DOS ANJOS (1884 - 1914)

No Pré-modernismo, o gênero predominante foi a prosa. No que diz respeito à poesia, observa-se a permanência dos estilos anteriores, exceção feita a um poeta: Augusto dos Anjos. Seu único livro - ***Eu*** - mostra uma poesia pessimista, por vezes macabra. Os temas preferidos desse poeta prendem-se a doenças, micróbios, sangue, putrefação de cadáveres, tudo sob o absoluto reinado do verme - símbolo da destruição implacável a que está sujeita toda a matéria.

É nítida, em sua obra, a influência do materialismo evolucionista de fins do século XIX. A utilização de um vocabulário repleto de termos científicos e técnicos é responsável por uma poesia estranha, inédita em nossa literatura, que certamente chocou o público acostumado à elegância parnasiana.

Segundo o crítico Alfredo Bosi, "para o poeta do ***Eu***, as forças da matéria, que pulsam em todos os seres em particular no homem, conduzem ao Mal e ao Nada, através de uma destruição implacável..."

A IDEIA

"De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constringe,
Chega em seguida às cordas do laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No molambo da língua paralítica!"

VERSOS ÍNTIMOS

"Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!"

ETERNA MÁGOA

"O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que traga
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágoa infinda assim não cabe
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;
E quando esse homem se transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha ainda!"

O POETA DO HEDIONDO

"Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a consciência
A ultrainquisitorial clarividência
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!
Ah! Certamente eu sou a mais hedionda
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto!"

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

"Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme - este operário das ruínas -
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!"

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

Siga o roteiro de forma a elaborar um resumo que lhe possibilite uma visão geral do Pré-Modemismo.

PRÉ-MODERNISMO:

1. Modificações artístico-culturais ocorridas no início do século - conquistas científicas:

_____
_____
_____
_____

2. Características da Literatura do período (transição)

- traço conservador:

_____
_____
_____
_____

- traço renovador:

_____
_____
_____

AUTORES E OBRAS DO PERÍODO

Autores	Obras	Características
Euclides da Cunha		
Lima Barreto		
Monteiro Lobato		
Graça Aranha		
Augusto dos Anjos		

INFLUÊNCIA EUROPEIA - VANGUARDAS

Movimentos	Características	Propagadores	Traços comuns
Futurismo			
Cubismo			
Dadaísmo			
Surrealismo			

EXERCÍCIOS

1. Analisa os ambientes, tradições e costumes da vida carioca:
   a) Euclides da Cunha;
   b) Lima Barreto;
   c) Graça Aranha;
   d) Coelho Neto;
   e) Monteiro Lobato.

2. (PUC-RS) Na figura de _____ Monteiro Lobato criou o símbolo do brasileiro abandonado ao seu atraso e miséria pelos poderes públicos:
   a) O Cabeleira;
   b) Jeca Tatu;
   c) João Miramar;
   d) Blau Nunes;
   e) Augusto Matraga.

3. (FUVEST - SP) Além de escrever para crianças, Monteiro Lobato dedicou-se à literatura em geral.
   a) Em que gênero ele se evidenciou como autor regionalista?

   _____

   _____

   b) Indique uma de suas obras regionalistas e comente linguagem e temas:

   _____

   _____

   _____

   _____

   _____

   _____

4. (UFRS) Uma atitude comum caracteriza a postura literária de autores pré-modernistas, a exemplo de Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Labato e Euclides da Cunha:
   a) a necessidade de superar, em termos de um programa definido, as estéticas românticas e realistas.
   b) a pretensão de dar um caráter definitivamente brasileiro à nossa literatura, que julgavam por demais europeizada.
   c) uma preocupação com o estudo e com a observação da realidade brasileira.
   d) a necessidade de fazer crítica social, já que o Realismo havia sido ineficaz nessa matéria.
   e) o aproveitamento estético do que havia de melhor na herança literária brasileira, desde suas primeiras manifestações.

5. (CESCEM - SP) *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, é:
   a) um livro de memórias em que a personagem-título, através de um artifício narrativo, conta as atribulações de sua vida até a hora da morte.
   b) a história de um visionário e nacionalista fanático que busca, ingenuamente, resolver sozinho os males sociais de seu tempo.
   c) uma autobiografia que expõe sua insatisfação em relação à burocracia carioca.
   d) o relato das aventuras de um nacionalista ingênuo e fanático que lidera um grupo de oposição no início dos tempos republicanos.
   e) o retrato da vida e morte de um humilde burocrata, conformado, a contragosto, com a realidade social de seu tempo.

6. Análise de texto:

O MORCEGO

"Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

'Vou mandar levantar outra parede...'
- Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!"

(Augusto dos Anjos)

a) Que paralelo se estabelece no poema? Por quê?

_____

_____

_____

_____

b) Podemos dizer que o poeta apresenta uma visão naturalista da existência? Por quê?

_____

_____

_____

_____

c) Há uma relação entre o particular e o universal no poema. Explique-a. A sua resposta justificaria o uso de maiúsculas em "Consciência Humana"? Por quê?

_____

_____

_____

_____

Modernismo

Todos os acontecimentos estudados, prepararam terreno para o surgimento do Modernismo.

No Brasil, esse movimento se divide em 3 fases:

1ª fase: vai de 1922 a 1930;

2ª fase: de 1930 a 1945;

3ª fase: de 1945 a mais ou menos 1960.

A seguir, você verá as características e principais representantes de cada uma das fases.

MODERNISMO

1ª Fase (1922 - 1930)

1. CONTEXTO HISTÓRICO

O Modernismo, em sua primeira fase, iniciou em 1922, com a realização, em São Paulo, da Semana de Arte Moderna e se caracterizou por uma radical renovação nos rumos da literatura nacional. A profunda reviravolta que, nesses anos, marcou não apenas a literatura, mas toda cultura e a vida nacional, tem suas raízes mais remotas no espírito revolucionário que se formou no Brasil, na altura do último decênio do século XIX e suas causas mais recentes nas transformações políticas, sociais e culturais que seguiram à Primeira Guerra Mundial.

No plano nacional, é notável a formação, em fins do século XIX e início do XX, de um clima de inconformismo em relação à ordem política e social instaurada pela República, de 1889, e pela Constituição de 1891.

Esse clima de inconformismo veio surtir efeitos concretos, na altura da década de 20, com os movimentos armados de 1922 ("Os 18 de Copacabana") e de 1924 (revolta de Isidoro Dias Lopes, em São Paulo), que acabariam por triunfar com a Revolução de Outubro de 1930. A época, das mais agitadas da história do país, foi ainda marcada por outros acontecimentos de relevo, como a peripécia da Coluna Prestes (1925 - 1927), crise econômica do café, devido ao "crack" da Bolsa de New York (1929), fundação do Partido Comunista Brasileiro (março de 1922).

2. A SEMANA DE ARTE MODERNA

Paralelamente à ruptura no campo político, preparava-se outra de caráter artístico, que culminaria na **Semana de Arte Moderna**, realizada de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Apresentaram-se vários artistas representantes das novas tendências, em meio a escândalos, vaias e tumultos. Os modernistas se afirmavam, violenta e escandalosamente, propugnados pela libertação artística em todos os níveis: vocabulário, sintaxe, escolha dos temas, maneiras de encarar o mundo. Pretendiam colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguarda do pensamento europeu, ao mesmo tempo que pregava a tomada de consciência da realidade brasileira.

Alguns nomes se destacaram:

a) na música: **Heitor Villa-Lobos**;
b) na arquitetura: **Antonio Moya**;
c) na pintura: **Anita Malfatti**, **Di Cavalcanti** e **Rego Monteiro**;
d) na literatura: **Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Graça Aranha e Ronald de Carvalho**, entre outros.

Realizaram-se três espetáculos, nos dias 13, 15 e 17, cabendo a Graça Aranha, também o responsável pelo nome da apresentação, a abertura

da Semana, com sua conferência "A emoção estética na arte moderna" que, apesar de confusa e declamatória, foi ouvida respeitosamente pelo público, que provavelmente não a entendeu. Mas a música de Ernani Braga, que fazia uma sátira a Chopin, causou espanto. O espetáculo de Villa-Lobos, no dia 17, também foi perturbado, principalmente porque se supôs fosse "futurismo" o artista se apresentar de casaca e chinelo, quando o compositor assim se calçava por estar com um calo arruinado... Mas não era só contra a música que os passadistas se revoltaram. A irritação dirigia-se, especialmente, à nova literatura e às novas manifestações da arte plástica.

Na segunda noite - 15 de fevereiro - houve muita algazarra, (Menotti del Picchia, em seu discurso, prevê que os conservadores desejam enforcá-lo "um a um, nos finos assobios de suas vaias"), especialmente, à hora em que, apresentados por Menotti del Picchia, os autores liam ou declamavam a prosa e poesia modernas.

O poema "Os sapos", de Manuel Bandeira, que ridiculariza o Parnasianismo, mormente o Pós-Parnasianismo, foi declamado por Ronald de Carvalho "sob os apupos, os assobios, a gritaria de 'foi não foi' da maioria do público". Ronald, aliás, disse também versos de Ribeiro Couto e Plínio Salgado. Oswald de Andrade leu trechos de seu romance *Os condenados*. Agenor Barbosa obteve aplausos com o poema "Os pássaros de aço", sobre o avião, e Sérgio Miliet falou sob o acompanhamento de relinchos e miados.

Enfim, durante o espetáculo, houve quem cantasse como galo e latisse como cachorro, no dizer de Menotti del Picchia, ou "a revelação de algumas vocações de terra-nova e galinha d'angola, muito aproveitáveis", na frase de Oswald de Andrade.

Eis o poema "Os sapos" de Manuel Bandeira, declamado por Ronald de Carvalho:

OS SAPOS

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
– "Meu pai foi à guerra!"
– "Não foi!" – "Foi!" – "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: – "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
– "Meu pai foi rei" – "Foi!"
– "Não foi" – "Foi!" – "Não foi!"

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
– "A grande arte é como
Lavor de joalheiro

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo."

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
– "Sei!" – "Não sabe!" – "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

VOCABULÁRIO

enfunar: retesar, inchar, encher-se de vaidade;

sapo-boi: sapo-gigante, espécie da mesma família a que pertence o sapo-cururu, distinguindo-se deste pelo maior comprimento;

sapo-tanoeiro: (perereca, sapo-ferreiro) o seu coaxar lembra o som do bater de ferro contra ferro, fato que lhe motivou o nome popular;

aguado: desagradável, monótono;

martelado: trabalhado, ritmado;

primar: ser primoroso, hábil;

comer os hiatos: rimar termos cognatos (termos que têm raiz comum, como belo, beleza, embelezar) e fazer rimas com consoantes de apoio (consoante que forma sílaba com a última vogal tônica de um verso, como em exemplos do próprio texto: joio, apoio) são expressões que se referem a procedimentos poéticos de estilos literários preocupados sobretudo com a perfeição formal, entre os quais se destaca o Parnasianismo;

frumento sem joio: frumento = o melhor trigo; joio = erva daninha. O sentido, no poema, é de "retoricamente perfeito";

a fôrmas a forma: no primeiro caso, a palavra forma(vogal **o** fechada) significa molde, norma, receita; no segundo caso, a mesma palavra é pronunciada com a vogal aberta;

cético: que duvida de tudo, descrente;

assomo: irritação, enfurecimento;

"A grande arte é como/Lavor de joalheiro [...]": referência ao poema "Profissão de fé", de Olavo Bilac, em que o autor compara o trabalho do poeta com o do ourives-joalheiro;

lavor: trabalho;

estatuário: escultor;

perau: declive rápido do fundo do mar ou de um rio, junto à costa ou à margem; barranco;

transido: esmorecido, abatido;

sapo-cururu: espécie de sapo mais comum no Brasil.

Para compreender melhor essa manifestação artística que marca a ruptura com a arte tradicional, é necessário considerar que o Modernismo brasileiro esteve em consonância com grandes movimentos internacionais de renovação de ideias e da arte. Por isso, foram estudadas, nas páginas anteriores, as vanguardas artísticas da Europa.

A França, mais uma vez, serviu de fonte para as técnicas e ideias utilizadas pelos modernistas. Primeiro, porque essas ideias chegaram até nós quase que simultaneamente com sua ocorrência em Paris, a capital cultural da época. Segundo, porque os modernistas não se limitaram a copiar o que se fazia na França. De acordo com um dos participantes do movimento, "eles fizeram em São Paulo o que os franceses faziam em Paris: revolucionaram tudo para pôr seu país dentro das correntes de ideias do momento, criaram uma arte e uma literatura que exprimiam a época em que viviam. Por isso eram modernos" (Apud Aracy Amaral).

Para alcançar esse objetivo, os modernistas romperam com as formas de expressão já gastas e solidificadas na arte brasileira.

Foi assim que a pintora Anita Malfatti apresentou obras em que se nota o total descompromisso quanto à cor e à simplificação das formas.

Di Cavalcanti, por sua vez, apresentou uma pintura predominantemente geométrica.

Na música de Villa-Lobos, aparecia o aproveitamento de temas do folclore brasileiro e a utilização de um ou outro instrumento inédito: uma folha de zinco que vibrava, por exemplo.

A escultura de Brecheret mostrava obras em que a estilização e a preocupação com a cor eram as notas dominantes.

Os projetos arquitetônicos expostos mostravam uma preocupação em restabelecer o colonial brasileiro.

Como se pode perceber, **a conquista de uma nova forma de expressão** foi a tônica da Semana. Embora não houvesse homogeneidade de tendências, houve um ponto em comum: **todas eram contra a tradição acadêmica.** Todas propunham uma nova linguagem para expressar a realidade brasileira. Uma linguagem que era nossa e, ao mesmo tempo, universal.

3. LITERATURA

Essa mesma preocupação com uma nova linguagem expressiva marca as manifestações literárias da primeira fase do Modernismo.

Muito importante é frisar que o português que se escrevia, aqui, antes da Semana de 22, era uma

réplica do português lusitano, sempre sob a vigilância severa dos gramáticos tradicionais.

Era uma língua que "sufocava a expressão genuína dos intelectuais brasileiros".

Contra esse instrumento, considerado inadequado para expressar uma realidade nossa, voltaram-se os modernistas, buscando, sem a fiscalização da gramática, enfocar os problemas de nossa realidade. Os conteúdos, por isso, modificaram-se. Procedeu-se a uma busca de temas brasileiros, à valorização do cotidiano e da pesquisa do material folclórico como fonte de expressão de nossa realidade.

Divulgação das ideias da Semana

Após a Semana, continuou o trabalho de divulgação das ideias modernistas e também o esforço no sentido de não permitir o desaparecimento da nova moda artística.

O grande número de manifestos e revistas surgidos entre 22 e 30 permite-nos avaliar os desdobramentos da Semana da Arte Moderna:

01. **Revista Klaxo**n - revista inovadora quer no projeto gráfico quer na proposta de um projeto gráfico diferente. A revista durou nove números. Publicava crônicas, artigos, gravuras e anúncios, buzinando, pedindo passagens para o atual, o novo. (Klaxon é a palavra que designa a buzina localizada no exterior do carro).
02. **Movimento Pau-Brasil** - dirigido por Oswald de Andrade, contando com a participação de Tarsila do Amaral, Alcântara Machado, Raul Bopp e Mário de Andrade. O programa pregava **o primitivismo**, **a simplicidade**, **a crítica ao nacionalismo postiço**. Apresen-tava como proposta uma literatura extrema-mente vinculada à realidade brasileira, a partir de uma redescoberta do Brasil. Politicamente, o grupo tendia para a esquerda. Desse grupo, é o "Manifesto Pau-Brasil", redigido por Oswald de Andrade, publicado em 18/03/1924. Alguns dos princípios deste manifesto foram seguidos por Oswald de Andrade no seu livro de poemas *Pau-Brasil*, publicado numa editora francesa e ilustrado por Tarsila do Amaral.
    Eis algumas passagens do Manifesto da poesia Pau-Brasil:
    "A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre, nos verdes na Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.
    O carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil, Wagner submerge os cordões no Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.
    Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das ideias.
    A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos."
    A poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal.
    No jornal anda todo o presente. ("Correio da Manhã",18/ 03/1924.)
03. **Revista Estética**, do Rio de Janeiro, lançada em 1924. (M. Andrade, M. Bandeira, Graça Aranha)
04. **Grupo Verde-Amarelo** (1925) em oposição ao Movimento Pau-Brasil, propondo, em vez de primitivismo, um **nacionalismo ufanista.** Líderes: Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida.
    Por volta de 1929, o Grupo Verde-Amarelo vai se transformar no **Grupo da Anta** (a anta foi escolhida símbolo da nacionalidade por ter sido totem do povo tupi), com uma linha política clara: adesão ao Integralismo, versão nacional do Nazifascismo. Em 1929, o Grupo da Anta publica seu "Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo".

    Eis um fragmento:

    "0 grupo 'verdamarelo', cuja regra é a liberdade plena de cada um ser brasileiro como quiser e puder; cuja condição é cada um interpretar o seu país e o seu povo através de si mesmo, da própria determinação instintiva;
    - o grupo 'verdamarelo', à tirania das sistematizações ideológicas, responde com a

sua alforria e a amplitude sem obstáculo de sua ação brasileira. (. . .)

Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma da nossa gente, através de todas as expressões históricas.
Nosso nacionalismo é 'verdamarelo' e tupi."

05. A **Revista** (1925), tendo a colaboração de Carlos Drummond de Andrade, apareceu em Minas Gerais.
06. **Revista Terra Roxa e Outras Terras** (1926 - SP) que contou com a participação de Mário de Andrade e Oswald de Andrade.
07. A Revista **Festa,** publicada no Rio de Janeiro, sob a direção de Tasso da Silveira, tenta imprimir um caráter espiritualista ao Modernismo.
08. **Manifesto Antropófago** (1928), o mais radical manifesto do Modernismo: propunha a "devoração" da cultura e das técnicas importadas e sua reelaboração com autonomia, transformando um produto importado em exportável. Mário, Oswald de Andrade e Raul Bopp lutavam por uma poesia primitiva, dentro dos objetivos do manifesto Pau-Brasil.

Eis um fragmento:

"Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os coletivismos. De todas as religiões. A todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do Antropófago."

Por esse breve panorama, percebe-se que o processo de propagação das ideias modernistas se fez, basicamente, em São Paulo, Minas, Rio e no Nordeste do país.

CONCLUSÕES:

A geração de 1922 a 1930 definiu e implantou o Modernismo no Brasil. Foi destrutiva, anárquica, nacionalista extremada, apelou para o sarcasmo e a ironia, para a ousadia e liberdade absoluta.

Houve predomínio da poesia sobre a prosa.

CARACTERÍSTICAS:

a) Utilização de uma nova prosódia, mais próxima do coloquial, com a adoção do verso livre.

"Como *tenho pensado* em ti na *solidão das noites*
[úmidas. (16 *sílabas)*
De névoa *úmida* (4 *sílabas)*
Na areia *úmida!"* (4 *sílabas)*
(Manuel Bandeira)

b) Aproximação entre a poesia e a prosa, com a subversão dos gêneros literários tradicionais: a poesia trata de temas "prosaicos", com vocabulário e ritmo próximo da prosa, enquanto que a nova prosa faz decididamente uso de uma série de processos de elaboração poética.

CENA

" O canivete voou
E o negro comprado na cadeia
Estatelou de costas
E bateu co a cabeça na pedra"
(Oswald de Andrade)

" O Pão de Açúcar era um teorema geométrico. Passageiros tombadilhavam o êxtase oficial da cidade encravada de crateras."
(Oswald de Andrade)

c) Rejeição dos padrões gramaticais portugueses com adoção de novos padrões estilísticos, que aproximaram a linguagem literária do modo de falar brasileiro (iniciar períodos pelo pronome oblíquo, usar o pronome **se** com a função de sujeito, além de procurar incorporar a seu estilo, ritmos, expressões e vocábulos da linguagem mais usual e "vulgar") .

" De tarde, quando volta do serviço, a Carmela chama ele na cerca."

(Mario de Andrade)

"Como estava grande! Pois fazem seis anos já!

(Idem)

" Agora é abril, ôh minha doce amiga,
Te reclinaste sobre mim, como a verdade,
Fui virar, fundeei o rosto no teu corpo."

(Idem)

d) Uma nova visão do mundo, que implicava uma total renovação dos temas tradicionalmente aceitos pela literatura, vem de par com a adoção de novos padrões linguísticos: o de serem atuais, exprimirem a vida diária.

"Há poesia
Na dor
Na flor
No beija-flor
No elevador"

(Oswald de Andrade)

e) Adoção da temática do cunho nacional, agora, porém, tratada pelos novos escritores de forma sensivelmente diversa daquela que se nota na literatura do século XIX.

" Brasil...
Mastigado na gostosura quente do amendoim. . .
Falado numa língua curumim
De palavras incertas num remeleixo melado
[melancólico..."

(Mário de Andrade)

f) Especial atenção a tudo que "indicasse a presença da civilização industrial: a máquina, a metrópole mecanizada, o cinema, a vida excitante de uma sociedade que liquidava seus resquícios patriarcais e adotava rapidamente os novos ritmos da vida contemporânea. A análise psicológica e o lirismo aprofundaram-se com um senso do que há no homem de infantil, mas também de complicado, retorcido, utilizando as sugestões da psicanálise, do surrealismo e da antropologia". (Antônio Cândido e V. A. Castello, *Presença na Literatura Brasileira).*

" passa galhardo um filho de imigrante,
loiramente domando um automóvel"

(Mário de Andrade)

g) Os autores modernistas se utilizaram da paródia, carnavalizando determinados valores do Romantismo de veio nacionalista, sobretudo satirizando a visão idealizada da natureza, do índio, da infância e da pátria.

Texto romântico:

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o talhe da palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha rescendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara."

(*Iracema*, José de Alencar)

Texto modernista (paródia):

"No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

- Ai! que preguiça!"

(*Macunaíma*, Mário de Andrade)

Evidencia-se a intertextualidade entre os dois textos, visto que Mário parodia Alencar, mostrando o elemento indígena Macunaíma como o avesso de Iracema. Através do humor, caracteriza o herói indígena como feio, malandro, preguiçoso, ou seja, o

contrário do índio romântico.

Texto romântico:

"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá:
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas
Nossas várzeas têm mais flores
Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida mais amores."

(Gonçalves Dias)

Textos modernistas (paródias):

"Minha terra tem palmeiras
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá."

(Oswald de Andrade)

"Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas de minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista.
(...)
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos
Os sururus em família têm por testemunha a
[Gioconda."

(Murilo Mendes)

Enquanto Gonçalves Dias enaltece a pátria, valorizando a natureza, M. Mendes, recuperando o texto gonçalvino, mostra a realidade local de modo crítico, apontando vários aspectos negativos da pátria como: cultura de importação, incultura e alienação.

Como pudemos observar, os modernistas fazem uma leitura pelo avesso dos românticos.

h) O humor, repelido até então pela poesia que era considerada nobre, é uma novidade. O poema-piada caracteriza-se pela condensação, irreverência e polêmica que pretende provocar.

senhor feudal

" Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia"

(Oswald de Andrade)

PRINCIPAIS REPRESENTANTES:

POESIA

Foi a forma de expressão predominante da primeira fase. Destacam-se: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Raul Bopp, Cassiano Ricardo.

PROSA

A expressão em prosa não tem o mesmo destaque, mas adquiriu traços novos. Destacam-se: Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Alcântara Machado.

AUTORES E OBRAS DA 1ª FASE

1. MÁRIO DE ANDRADE (1893 - 1945)

Cognominado de "0 Papa do Modernismo", foi, sem dúvida, o espírito mais vasto do Modernismo; o mais versátil e culto, o que maior influência exerceu.

Foi poeta, romancista, crítico, folclorista, musicista. Nascido em São Paulo, encontrou, na própria cidade, o motivo de sua poesia. A poesia **urbana** de Mário nasce dos horizontes de cimento armado, das brisas misturadas com a fumaça das chaminés, das colinas de asfalto, dos exuberantes linguajares cotidianos e das caricaturas humanas da "selva da cidade" .

Mário de Andrade não se preocupou em seguir esse ou aquele estilo, mas procurou, antes de tudo, libertar-se de qualquer "galicismo" literário em proveito de uma temática essencialmente brasileira. Sem teorias sobre a "arte de escrever", sem respeitar a "gramaticidade" compulsória do bem-escrever, "inventou" sua própria poesia, espontânea,

apaixonada, lúcida e bem-humorada, às vezes, amarga.

"Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi".

(Mário de Andrade)

Algumas características da obra de Mário de Andrade:

- A teoria da colagem ou montagem. Partindo do princípio de que o homem moderno é diuturnamente bombardeado por propaganda, cinema, televisão, carro, velocidade... em sua mente formam-se quadros com recortes desordenados das mais diversas realidades, já que não há tempo para separar, analisar... assim o verso, o poema devem permitir um baralhamento que dê o "clima" em que vive o homem moderno.

- O manuseio da linguagem e assunto coloquial, o tom irônico. Tudo em nome de uma espontaneidade diretamente ofensiva à Literatura acadêmica da época.

- O abuso de neologismos de toda ordem, simbolizando talvez o caráter cosmopolita dos nossos maiores centros urbanos, principalmente São Paulo.

- A transição para o mundo atual dos mitos indígenas, africanos, sertanejos. É uma busca de raízes para dentro da história e para dentro da alma humana.

- O caráter missionário de sua obra, em função da arte e do pensamento de sua própria geração... Mário tomou como sua a causa da renovação do país, participando em todas as áreas, em todas as circunstâncias, dinamizando a pesquisa pela sua irradiação pessoal.

OBRAS:

Poesia: *Há uma gota de sangue em cada poema; Pauliceia desvairada* (1922 - marco do Modernismo); L*osango Cáqui; Clã do jabuti; Lira paulistana.*

Romance: *Amar verbo intransitivo; Macunaíma.*

Ensaio: *A escrava que não é Isaura*; *O empalhador de passarinhos.*

O texto a seguir é de *Pauliceia desvairada*. Nele, o autor procura dar uma visão poética à cidade de São Paulo, dentro do caráter demolidor que caracterizou a 1ª fase do Modernismo.

ODE AO BURGUÊS

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampiões! Os condes Joões! Os duques zurros!
que vivem dentro de muros sem pulos;
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os "Printemps" com as unhas!

Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhãs!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará Sol? Choverá? Arlequinal!
Mas à chuva dos rosais
o êxtase fará sempre Sol!

Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!
Padaria Suissa! Morte viva ao Adriano!
"- Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
- Um colar... - Conto e quinhentos!!!
Mas nós morremos de fome!"

Come! Come-te a ti mesmo, oh! gelatina pasma!
Oh! *purée* de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte à infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante!

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de giolhos,

cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!
Fora! Fú! Fora o bom burguês!

- **burguês-níquel:** Mário de Andrade, para caracterizar o burguês, cria uma série de substantivos compostos, formados por dois substantivos, exercendo o segundo a função de adjetivo.
- **barões, condes, duques:** uma caracterização da aristocracia brasileira.
- **algarismam:** neologismo de Mário de Andrade; **algarismar** seria transformar tudo em algarismos, cifras, valores.
- **arlequinal:** relativo a Arlequim, personagem de antigas comédias italianas, caracterizado por roupa multicolorida, geralmente feita de losangos.
- **tílburi:** antigo veículo de duas rodas, puxado por um cavalo; charrete.
- **purée:** o mesmo que purê, alimento pastoso, feito de batatas amassadas.
- **ventas:** nariz.
- **secos e molhados:** expressão que designa alimentos respectivamente sólidos e líquidos; por extensão, local onde se vendem esses alimentos.
- **sempiternamente:** eternamente.
- **giolhos:** joelhos.

O TRABALHO ENTRELAÇADO À VIDA
(Juarez Poletto)

"Qualquer motivo lírico desde o amor até as carroças cheias de café, desde o guarda-chuva paradoxal até a cidade que virou mulher cabe na poética de Mário de Andrade, pois esse mundo é o seu mundo, sua cidade e nela o poeta não se perde, nem no mundo exterior que o motiva nem no interior que organiza. Mas é sempre um índio tangendo um alaúde: a alma é nacional, o instrumento estrangeiro. Um ser dividido que procura uma unidade.[1] Os dois primeiros poemas de *Pauliceia desvairada* apontam já em seus títulos para o conteúdo poético da obra e a atitude do poeta, respectivamente: 'Inspiração' e 'O trovador' (1922).

INSPIRAÇÃO

"São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...
Arlequinal!... Trajes de losango... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodoal!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América."

O TROVADOR

"Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras dos sarcasmos
intermitentemente no meu coração arlequinal!...
Intermitentemente...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som
redondo...
Cantabona! Cantabona!
Dloron...

Sou um tupi tangendo um alaúde!"

No primeiro poema, o verso inicial repetido ao fim 'São Paulo! comoção de minha vida...' esclarece o que inspira o poeta, enquanto o último verso, que segue à repetição do primeiro: 'Galicismo a berrar nos desertos da América' aponta a ambiguidade da construção nacional, ao mesmo tempo europeia e americana, o que casa perfeitamente com o verso final do segundo poema: 'Sou um tupi tangendo um alaúde', reflexão que confirma a situação também ambígua do poeta. Mário de Andrade declara seus amores à cidade dupla que quer cantar e já a identifica como arlequinal: 'Cinza e ouro... / Luz e bruma... Forno e inverno morno...'. Há também na cidade 'Perfumes de Paris...' e 'Bofetadas líricas no Trianon'. Este último verso fica sugestivo especialmente por ser o Trianon o espaço onde funciona a Academia Francesa de Letras. Mário está se negando a aplaudir o Trianon, como quem se nega a seguir a orientação europeia de arte, o que é uma das propostas do Modernismo brasileiro. Mais tarde,

os franceses doam (constroem) uma réplica do Trianon - O Petit Trianon - onde hoje funciona a Academia Brasileira de Letras, cujos membros na época dos anos vinte se opuseram ao movimento modernista de São Paulo.

Um trovador, assim se identifica o poeta de coração arlequinal, ou seja, de coração dividido entre os 'homens das primeiras eras' e a 'alma doente' de hoje. Há nos 'homens das primeiras eras' uma busca das origens, ou um reconhecimento delas, ou ainda uma descoberta do tupi que há em sua voz de poeta. O homem rude 'do asperamente' está associado às 'primaveras de sarcasmo', sugerindo que o início da história desse homem não se fez de glória, mas de zombaria. O homem áspero e primitivo não predomina, já que oscila 'intermitentemente' com 'um doente', mas de 'alma doente'. Esse doente é o homem de hoje, o poeta, que se identifica com 'um longo som redondo', ou seja, um criador de associações sonoras, um cantor, um trovador ou, como desvendou Victor Knoll, um arauto que anuncia a brasilidade. As onomatopeias que vêm em seguida 'Cantabona! Cantabona! Dlorom...' podem induzir aos sons que representam o mundo do progresso racional, a parte europeia das gentes brasileiras - até porque 'cantabona' aponta para a influência italiana e parece conter a significação de bom cantar - e, por outro lado, 'dlorom' pode representar um estrondo rude e natural do mundo mais primitivo da realidade de origem da nação. 'Dlorom', porém, também sugere onomatopaicamente o dedilhar de um acorde num instrumento de cordas. Então o último verso casa perfeitamente com o conjunto: 'Sou um tupi tangendo um alaúde!'.

Essa é a primeira imagem que o livro apresenta: o labor do poeta, do qual emana um projeto de canto literário voltado para uma dupla face, a do tupi - face nacional comprometida com os valores de origem do povo brasileiro - e do alaúde - influência da formação europeia na cultura e nos valores do povo citadino que vive nesta terra. Esse canto se revela ambíguo, pois abarca em si opostos que não compactuam e não se compreendem nas suas distâncias culturais, mas ao mesmo tempo vivem sob o mesmo céu, daí se poder dizer que arlequinal não é só São Paulo, mas o Brasil e a própria poesia de Mário de Andrade, na medida que canta sua cidade e a nação em sua multiplicidade de etnias, valores e realizações."

[1] Sobre a busca dessa unidade, ver KNOLL, Victor. *Paciente arlequinada: uma leitura da obra poética de Mário de Andrade*. São Paulo: Hucitec, 1983.

MACUNAÍMA

Esta "rapsódia"* (como era qualificada na primeira edição) conta as aventuras de Macunaíma, herói de uma tribo amazônica. O livro é construído no encontro de lendas indígenas e da vida brasileira cotidiana, de mistura com lendas e tradições populares. Macunaíma é o "**herói sem nenhum caráter**". O fantástico assume um ar de coisa corriqueira e o lirismo da mitologia se funde a cada passo com a piada, a brincadeira.

É a obra mais conhecida de Mário. Utilizando uma trama narrativa muito simples, o autor recria poeticamente um vasto material do folclore e da cultura popular brasileira. Aglutinando todo esse material, aparece a personagem central, Macunaíma, que ganhara de sua mulher - Ci - um amuleto: a pedra muiraquitã. Esse talismã foi furtado pelo gigante Pietro Pietra (também chamado Piaimã), que foge para São Paulo. Acompanhado de seus irmãos Jiguê e Maanape, o herói Macunaíma parte para São Paulo com a finalidade de reaver o amuleto. Após muitas aventuras, Macunaíma consegue recuperar o amuleto, mas perde-o logo em seguida.

Perseguido pela minhoca gigante Oibê, Macunaíma percorre todo o Brasil, até que um dia resolve subir ao Céu, transformando-se na constelação da Ursa Maior.

* rapsódia = "É a compilação, numa mesma obra, de temas ou assuntos heterogêneos de várias origens" (Massaud Moisés).

MACUNAÍMA

"No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o

incitavam a falar ele exclamava:

– Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho de outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacororô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo.

Quando era pra dormir trepava no macuru pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar.

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que "espinho que pinica, de pequeno já traz ponta", e numa pajelança Rei Nagô fez um discuro e avisou que o herói era inteligente."

VOCABULÁRIO:

jirau de paxiúba: estrado feito com varas e fibras de um tipo de palmeira encontrado na Amazônia;

dandava pra ganhar vintém: expressão extraída de cantiga de ninar – referência à esperteza da personagem;

guaimum: caranguejo;

cunhatã: mulher adolescente;

pajelança: práticas e rituais mágicos promovidos pelos pajés.

EXERCÍCIOS

1. Leia este fragmento da página de abertura de *Iracema*, de José de Alencar, e compare a caracterização romântica do índio com sua caracterização modernista, por Mário de Andrade.

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas".

a) Que diferenças existem entre as duas caracterizações do índio como "símbolo da nacionalidade"?

_____

_____

_____

_____

_____

b) Explique tais diferenças, à luz de uma análise de Antônio Cândido sobre nossa primeira geração modernista.
[...] "o nosso modernismo importa essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Este sentimento de triunfo, que assinala o fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal e já nem o leva mais em conta, define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular [...] As nossas *deficiências*, supostas ou reais, são reinterpretadas como *superioridades*. [...] O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura".
(Antônio Cândido. *Literatura e sociedade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967).

_____

_____

_____

_____

_____

2. O anti-herói não é o vilão, mas o herói que contradiz a concepção tradicional de heroísmo, ao reunir em si virtudes e defeitos. Pensando nessa afirmação, encontre no texto duas características de Macunaíma que seriam vistas como qualidades pelo senso comum.

_____

_____

_____

_____

_____

3. Quanto à linguagem da obra, aponte os aspectos mais expressivos do projeto nacionalista de Mário de Andrade de criar uma língua nacional.

_____

_____

_____

_____

_____

2. OSWALD DE ANDRADE (1890 - 1954)

Espírito irreverente e combativo. Iniciou sua vida literária através de "O pirralho", jornal de crítica e humor fundado por ele próprio. Fez viagens à Europa, onde entrou em contato com as vanguardas artísticas europeias, tornando-se, em 1922, uma das figuras centrais do Modernismo. Iniciador do movimento nativista Pau-Brasil e Antropofágico, sua obra apresenta, de maneira geral, as características já comentadas desta 1ª fase, ou seja, **um nacionalismo que busca as origens sem perder a visão crítica da realidade brasileira.** Busca valorizar o falar cotidiano, analisa criticamente a sociedade burguesa capitalista, como em *Serafim Ponte Grande* e *O rei da vela*. Na poesia, cria pequenos poemas com forte apelo visual.

OBRAS:

Poesia e Prosa: *Pau-Brasil, Os condenados, Estrela do absinto, Memórias sentimentais de João Miramar, Serafim Ponte Grande.*

Teatro: O *rei da vela, O homem e o cavalo*.

No seu livro de poemas *Pau-Brasil*, publicado em Paris, em 1925, Oswald de Andrade põe em prática algumas propostas do Manifesto. Vejamos:

A primeira parte do livro, "História do Brasil", é uma tentativa de recuperar poeticamente os documentos escritos pelos primeiros colonizadores e visitantes, numa postura crítica diante de nossa História.

FESTA DA RAÇA

"Hu* certo animal se acha também nestas partes
A que chamam Preguiça
Tem hua* guedelha grande no toutiço
E se move com passos tão vagarosos
Que ainda que ande quinze dias aturado
Não vencerá distância de hu* tiro de pedra."

* mantida a grafia arcaica transposta por Oswald de Andrade com função estética.

Na segunda parte do livro, "Poemas da colonização", Oswald de Andrade registra alguns momentos desse período de nossa História.

LEVANTE

"Contam que houve uma porção de enforcados
E as caveiras espetadas nos postes
Da fazenda desabitada
Miavam de noite
No vento do mato"

ERRO DE PORTUGUÊS

"Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português"

O enfoque da paisagem brasileira aparece na terceira parte do livro *Pau-Brasil*:

NOTURNO

"Lá fora o luar continua
E o trem divide o Brasil
Como um meridiano"

Outros exemplos:

VÍCIO NA FALA

"Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados"

O CAPOEIRA

"- Qué apanhá sordado?
- O quê?
- Qué apanhá?
Pernas e cabeças na calçada"

A TRANSAÇÃO

"O fazendeiro criara filhos
Escravos escravas
Nos terreiros de pitangas e jabuticabas
Mas um dia trocou
O ouro da carne preta e musculosa
As gabirobas e os coqueiros
Os monjolos e os bois
Por terras imaginárias
Onde nasceria a lavoura verde do café"

PRONOMINAIS

"Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro"

RELICÁRIO

"No baile da Corte
Foi o Conde d'Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí"

Nos fragmentos romanescos a seguir, retirados de *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, veicula-se certa crítica aos costumes, à cultura brasileira e ao processo de aculturação pelo qual já passava o Brasil. Note-se que o prosador rompe com a lógica, utilizando-se de uma linguagem metonímica e neológica.

15. CONSELHOS

"No quarto de dormir ralhos queridos não queriam que eu andasse com meu primo. Pontico não tivera educação desde criança e por isso amava vagabundear. Que diriam as famílias de nossas relações que me vissem em molecagens gritantes ou com servos? Só elas é que devíamos frequentar.

Eu achava abomináveis as famílias das nossas relações."

(MSJM)

46. ANGLOMANIA

"Tomamos board-house francesa em Albany Street não longe do Hyde Park.

Durante o dia almoçávamos a cidade visitando entre jardins múmias do British Museum.

Chegava a noite pontual e policemen corriam pesados estores do céu para alexandrinais poetas compatriotas percorrerem de tube o famoso astro da metrópole cor-de-cinza."

(MSJM)

60. NAMORO

"Vinham motivos como gafanhotos para eu e Célia comermos amoras em moitas de bocas.

Requeijões fortavam mesas de sequilhos.

Destinos calmos como vacas quietavam nos campos de sol parado. A vida ia lenta como poentes e queimadas.

Um matinal arranjo desenvolto de ligas morenava coxas e cachos."

(MSJM)

"A situação 'revolucionária' desta bosta mental sulamericana, apresentava-se assim: o contrário do burguês não era o proletário - era o boêmio! As massas, ignoradas no território e como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda. De vez em quando davam tiros entre rimas. (...) Com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário do mundo, ignorando o manifesto comunista e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio."

(SPG)

3. ALCÂNTARA MACHADO (1901-1935)

Embora não tenha participado da Semana de Arte Moderna de 1922, Alcântara Machado foi um dos escritores mais ativos na divulgação e defesa das ideias modernistas, tendo colaborado nas revistas *Terra Roxa e Outras Terras, Revista de Antropofagia* e *Revista Nova.*

Sua obra mais importante é o livro de contos *Brás, Bexiga e Barra Funda*, que ele mesmo classificou de "acontecimentos de crônica urbana" e "episódios de rua". Esses contos se passam geralmente nos bairros pobres da cidade de São Paulo e focalizam, sobretudo, os imigrantes italianos com seus problemas de integração na sociedade paulistana e seu dia a dia sacrificado e obscuro. Interessando-se por esses aspectos da vida cotidiana, Alcântara Machado realizava, com seu estilo conciso, pleno de expressões populares, uma das principais aspirações do Modernismo: representar a nova realidade social e urbana do começo do século XX.

O conto transcrito a seguir, "Gaetaninho", é um dos seus "episódios de rua" que nos toca profundamente com seu epílogo surpreendente.

GAETANINHO

"- Xi, Gaetaninho, como é bom!

Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford.

O carroceiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

- Eh! Gaetaninho! Vem prá dentro.

Grito materno sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mãe e viu o chinelo.

- *Subito!*[1]

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantânea e varou pela esquerda porta adentro.

Êta *salame*[2] de mestre!

Ali na Rua Oriente[3] a ralé[4] quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro. De enterro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho.

O Beppino por exemplo. O Beppino naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas como? Atrás da tia Peronetta que se mudava para o Araçá[5]. Assim também não era vantagem.

Mas se era o único meio? Paciência.

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.

Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o Savério, noivo dela, de lenço nos olhos. Depois ele. Na boleia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: ENCOURAÇADO SÃO PAULO. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas segurando as meias. Que beleza, rapaz! Dentro do carro o pai, os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha, outro de gravata verde), e o padrinho Seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Gaetaninho.

Mas Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir carregando o chicote. O desgraçado do cocheiro não queria deixar. Nem por um instantinho só.

Gaetaninho ia berrar, mas a tia Filomena com a mania de cantar o *Ahi, Mari!* todas as manhãs o acordou.

Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de ódio.

Tia Filomena teve um ataque de nervos quando soube do sonho de Gaetaninho. Tão forte que ele sentiu remorsos. E, para sossego da família alarmada com o agouro, tratou logo de substituir a tia por outra pessoa numa nova versão de seu sonho. Matutou, matutou e escolheu o acendedor da Companhia de Gás, Seu Rubino, que uma vez lhe deu um cocre danado de doído.

Os irmãos (esses) quando souberam da história resolveram arriscar de sociedade quinhentão no *elefante*[6]. Deu a vaca. E eles ficaram loucos de raiva por não haverem logo adivinhado que não podia deixar de dar a vaca mesmo.

O jogo na calçada parecia de vida ou morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando.

- Você conhecia o pai do Afonso, Beppino?

- Meu pai deu uma vez na cara dele.

- Então você não vai amanhã no enterro. Eu vou!

O Vicente protestou indignado:

- Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!

Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas, Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

- Passa pro Beppino!

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o *muque*[7]. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.

- Vá dar tiro no inferno!

- Cala a boca, *palestrino!*[8]

- Traga a bola!

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou.

No bonde vinha o pai do Gaetaninho.

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

- Sabe o Gaetaninho?

- Que é que tem?

- Amassou o bonde!

A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.

Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boleia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boleia de um dos carros do cortejo mirim exibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino."

Vocabulário:

(1) Em italiano: imediatamente, já.
(2) Gíria de futebol da época; significa "drible".
(3) Rua do Brás, um dos bairros paulistanos onde vivia grande número de italianos.
(4) Classe pobre.
(5) Um dos cemitérios da cidade de São Paulo.
(6) Referência ao jogo do bicho.
(7) Com muita força
(8) Torcedor do Palestra Itália, hoje Palmeiras.

4. MANUEL BANDEIRA (1886 -1968)

A poesia de Manuel Bandeira caracteriza-se pela amplitude de âmbito, testemunhando uma variedade criadora que vai do parnasianismo crepuscular até as experiências concretistas; do soneto às formas mais audazes de expressão. Em toda sua poesia, corre a nota de ternura ardente e da paixão pela vida. Nota-se uma simplicidade que em muitos modernistas parece afetada, e que nele é a própria marca da inspiração, aliada a uma visão profunda da realidade.

Os temas são retirados do cotidiano: notícia de jornal, anúncios, recordações.

Sem dúvida, os mais conhecidos poemas de Manuel Bandeira são aqueles em que se mostra insatisfeito com a realidade, evadindo-se para sua suprarrealidade, não a suprarrealidade brumosa dos simbolistas, mas um universo em que os desejos e os sonhos dos homens não têm limites nem são reprimidos.

Exemplo disso é o poema **Vou-me Embora Pra Pasárgada:**

Vou-me Embora Pra Pasárgada

"Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau de sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água

Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaloide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada."

Partindo de uma poesia em que se misturavam elementos simbolistas e parnasianos e já demonstrando uma sensibilidade toda especial, Manuel Bandeira assume, a partir de 1930, a condição de maior poeta do Modernismo brasileiro. **"Poética"** funciona como antítese da "Profissão de fé" de Olavo Bilac, poema em que demonstra o rompimento com a técnica parnasiana.

POÉTICA

"Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto [expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. [diretor.
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no [dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora [de si mesmo.

De resto não é lirismo.
Será contabilidade tabela de cossenos secretário do [amante exemplar com cem modelos de cartas e as [diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos *clowns* de Shakespeare
- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação."

Destaca-se em sua poesia:

- O tom coloquial de toda sua obra. Ele mesmo classificou-se como "poeta menor" um dia, pretendendo reconhecer que sua arte quer dissolver toda a eloquência, toda a retórica forjada da literatura para praticar uma arte intimista, que incorpora assuntos prosaicos, o que é tipicamente modernista.

- O "desvairismo", a sua moda, conforme confessa no itinerário de Pasárgada: "Na minha experiência pessoal fui verificando que o meu esforço consciente só resultava em insatisfação, ao passo que o que me saía do subconsciente, numa espécie de transe ou alumbramento, tinha ao menos a virtude de me deixar aliviado de minhas angústias". Esta característica permite deixar o poeta correr sua biografia para dentro da obra. Adolescente mal curado de tuberculose, vivendo vida cheia de cuidados de saúde, melancólico, solitário, distanciado da correria direta da vida, mantém assim uma distância conformada, de quem olha, observa, presencia... mas não participa diretamente.

- A interiorização dos vultos mais familiares e das imagens femininas, com uma existência intacta, solícita, singelamente religiosa.

- O uso e a própria formulação do verso funcional, sendo uma superação definitiva da metrificação tradicional (que não associa a forma da linguagem com o assunto e o tema). Mestre do verso livre, cada poema pretende ser uma pesquisa que o transforme num organismo coerente, autônomo, com metrificação tão inédita quanto o tema e/ou assunto.

- A poesia como divertimento, encontrável em toda a sua obra, porém mais comum na última (*Mafuá do malungo*). Seu conhecimento da tradição

literária permitia-lhe confeccionar haicais, cantigas à moda medieval, sextilhas, rondós, versos à moda de diversos poetas da história, e, até experiências de poesia concreta: malabarista perfeito na arte poética.

Nos poemas a seguir, temos a tematização de vultos familiares, o jogo lúdico com a linguagem e o lirismo amoroso em que o elemento feminino aparece ora platonizado ora de carne e osso:

IRENE NO CÉU

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
- Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença."

A ONDA

"A onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda"

ESTRELA DA MANHÃ

"Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte

Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa? Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário

Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos

Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras
Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto

Depois comigo

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas
[comerei terra e direi coisas de uma ternura tão
[simples
Que tu desfalecerás

Procurem por toda parte
Pura ou degradada até a última baixeza
eu quero a estrela da manhã"

PNEUMOTÓRAX

"Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
.....
- O senhor tem uma escavação no pulmão
[esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o
[pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango
[argentino".

Nesse poema, vemos o trabalho do poeta com o tom coloquial: ocorre poetização do prosaico (situação corriqueira) e da vida pessoal (acometido de tuberculose), utilização do código visual como complemento de verbal e do humor que ameniza a tragicidade do momento (a morte iminente). O tema da morte, em virtude da doença do poeta, é bastante recorrente em sua obra. Exemplo:

CONSOADA

"Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar."

Outros exemplos:

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

"João Gostoso era carregador de feira-livre e
[morava no morro da Babilônia
[num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e
[morreu afogado."

POEMA DO BECO

"Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha
[do horizonte?
- O que eu vejo é o beco."

TESTAMENTO

"O que não tenho e desejo
É que melhor me enriquece.
Tive uns dinheiros — perdi-os...
Tive amores — esqueci-os.
Mas no maior desespero
Rezei: ganhei essa prece.

Vi terras da minha terra.
Por outras terras andei.
Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado,
Foram terras que inventei.

Gosto muito de crianças:
Não tive um filho de meu.
Um filho!... Não foi de jeito...
Mas trago dentro do peito
Meu filho que não nasceu.

Criou-me, desde eu menino
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!

Não faço versos de guerra.
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo-suicida
Darei de bom grado a vida
Na luta em que não lutei!"

NAMORADOS

"O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:
- Antônia, ainda não me acostumei com o seu
[corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

- Você não sabe quando a gente é criança e de
[repente vê uma lagarta listrada?

A moça se lembrava:

- A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

- Antônia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônia, você é engraçada! Você parece
[louca."

NU

"Quando estás vestida,
Ninguém imagina
Os mundos que escondes
Sob as tuas roupas.

Assim, quando é dia,
Não temos noção
Dos astros que luzem
No profundo céu.

Mas a noite é nua
E, nua na noite,
Palpitam teus mundos
E os mundos da noite.

Brilham teus joelhos,
Brilha o teu umbigo,
Brilha toda a tua
Lira abdominal.

Teus seios exíguos
– Como na rijeza
Do tronco robusto
Dois frutos pequenos –

Brilham. Ah, teus seios?
Teus duros mamilos!
Teu dorso! Teus flancos!
Ah! tuas espáduas!

Se nua, teus olhos
Ficam nus também:
Teu olhar, mais longo,
Mais lento, mais líquido.

Então, dentro deles,
Boio, nado, salto,
Baixo num mergulho
Perpendicular.

Baixo até o mais fundo
Do teu ser, lá onde
Me sorri tu'alma,
Nua, nua, nua..."

5. CASSIANO RICARDO (1895 - 1973)

Não participou da "Semana de Arte Moderna", tanto que até 1924/25 escrevia ainda sob moldes simbolistas ou parnasianos. No entanto, na fase mais aguda de polêmica entre várias facções modernas, vai se filiar ao movimento "Verde-Amarelo", unindo-se a Plínio Salgado.

Sua obra mais importante é *Martim Cererê*, em que o poeta recria a conquista do Brasil, a penetração bandeirante, até a modernização de São Paulo, sob a influência do café e do imigrante.

LADAINHA

"Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome
de ilha da Vera Cruz.
Ilha cheia de graça
Ilha cheia de pássaros
Ilha cheia de luz.

Ilha verde onde havia
mulheres morenas e nuas
anhangás a sonhar com histórias de luas
e cantos bárbaros de pajés em poracés
[batendo os pés.

Depois mudaram-lhe o nome
pra terra da Santa Cruz.
Terra cheia de graça
Terra cheia de pássaros
Terra cheia de luz
A grande Terra onde havia guerreiros de tanga e
[onças ruivas deitadas à
sombra das árvores mosqueadas de sol.

Mas como houvesse, em abundância,
certa madeira cor de sangue cor de brasa
e como o fogo da manhã selvagem
fosse um brasido no carvão noturno da paisagem,
e como a Terra fosse de árvores vermelhas
e se houvesse mostrado assaz gentil,
deram-lhe o nome de Brasil.

Brasil cheio de graça
Brasil cheio de pássaros
Brasil cheio de luz."

6. MENOTTI DEL PICCHIA (1892 - 1988)

Foi um dos maiores batalhadores para a implantação do Modernismo. ***Juca Mulato*** é o livro mais conhecido do autor. Nele enfoca acontecimentos pitorescos da vida amorosa e sensual do brasileiro. Versos de comunicação fácil contam o drama de um cabloco do mato que, apaixonado pela filha da patroa, busca curar-se com o feiticeiro Roque. Este lhe aconselha o esquecimento e a busca do amor numa alma irmã à sua:

"Consolou-se depois: 'O Senhor jamais erra...
Via! Esquece a emoção que na alma tumultua.
Juca Mulato! volta outra vez para a terra,
procura o teu amor, numa alma irmã da tua.

Esquece calmo e forte. O destino que impera,
um recíproco amor às almas todas deu.
Em vez de desejar o olhar que te exaspera,
procura esse outro olhar, que te espreita e te espera,
que há por certo um olhar que espera pelo teu...'
Poema que fixa o gênio triste do brasileiro.

E, na noite estival, arrepiadas, as plantas tinham
na coma negra umas roucas gargantas bradando,
sob o luar opalino, de chofre:
Sofre, Juca Mulato, é tua sina, sofre...
Fechar ao mal de amor nossa alma adormecida
É dormir sem sonhar, é viver sem ter vida...
Ter a um sonho de amor, o coração sujeito
É o mesmo que cravar uma faca no peito.
Esta vida é um punhal com dois gumes fatais
não amar, é sofrer; amar, é sofrer demais."

7. RAUL BOPP (1898 - 1984)

Inicialmente, aderiu ao Verde-amarelismo de Menotti, Cassiano e Plínio Salgado, seguindo, depois, ao grupo Antropofágico de Oswald de Andrade. ***Cobra Norato*** é sua obra de destaque. É uma rapsódia amazônica que narra as aventuras de um jovem na selva amazônica que, após ter estrangulado a cobra norato, entrou no corpo do monstruoso animal. Cruzam a história descrições mitológicas de um mundo bárbaro sob violentas transformações. Poema com estrutura épico-dramática que envolve ritmos africanos.

NEGRO

"Pesa em teu sangue a voz de ignoradas origens.
As florestas guardaram na sombra o segredo da
[tua história.
Trazes em baixo-relevo inscrições de
[chicote no lombo.
Um dia atiraram-te no bojo de um navio negreiro.
Durante noites longas e longas
vieste ouvindo o rugido do mar,
como um soluço no porão soturno.

O mar era um irmão da tua raça.

Um dia de madrugada
uma nesga de terra e um porto.
Armazéns com depósitos de escravos
e o gemido dos teus irmãos amarrados com
[coleiras de ferro.

Principiou aí a tua história.

O resto, o que ficou pra trás...
... o Congo, as florestas, o mar,
deixam queixa na corda no urucungo."

COBRA NORATO

"Acordo.

A lua nasceu com olheiras.
O silêncio dói dentro do mato.

Abriram-se as estrelas.
As águas grandes encolheram-se com sono.

A noite cansada parou.

Ai, compadre!
Tenho vontade de ouvir uma música mole.
que se estire por dentro do sangue;
música com gosto de lua
e do corpo da filha da rainha Luzia;
que me faça ouvir de novo
o ruído dos rios carregando as queixas do
[caminho
e aquelas vozes escondidas,
surradas de ai ai ai.

Atravessei o Treme-Treme.
Passei na casa do Minhocão.
Deixei minha sombra para o bicho do fundo,
só por causa da filha da rainha Luzia.

Levei puçanga de cheiro
e casca de tinhorão,
fanfã com folhas de trevo
e raiz de mucuracaá.

Mas nada deu certo...

Ando com uma jurumenha,
que faz um doizinho escondido na gente
e morde o sangue devagarinho.
Ai compadre.
Não faça barulho
que a filha da
rainha Luzia
talvez ainda esteja dormindo.
Ai, onde andará,
que eu quero somente
ver os seus olhos molhados de verde,
seu corpo alongado de canarana.

Talvez ande longe....
E eu virei vira-mundo,
para ter um querzinho
(Ai! um querzinho de experimentar corpo)
da filha da
rainha Luzia

Ai não faça barulho..."

Observe que o mito da viagem, no tempo e no espaço é a viga mestra de *Macunaíma*, *Martim Cererê*, *Cobra Norato*: o Modernismo foi uma escola ambulante e perambulante, fascinado pela descoberta geográfica e cronológica. Nesses artistas com tanto sentido do moderno, a contradição é apenas aparente quando verificamos o sentido do passado místico representado pelo folclore.

EXERCÍCIOS

1. Semana de Arte Moderna:

Quando/onde?

_____
_____

Como?

_____
_____
_____
_____

Por quê? (proposta)

_____
_____
_____
_____

Participantes:

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Divulgação de ideias:

Movimentos	Propostas	Divulgadores
Movimento Pau-Brasil		
Movimento Verde-Amarelo		
Movimento Antropófago		
Grupo da Anta		

2. Características da 1ª fase:

forma: _____

_____

_____

linguagem: _____

_____

_____

conteúdo: _____

_____

_____

Autores	Características	Obras
Mário de Andrade		
Oswald de Andrade		
Manuel Bandeira		
Cassiano Ricardo		
Menotti del Picchia		
Raul Bopp		

EXERCÍCIOS

1. Assinale a única alternativa cujas afirmações não se aplicam à obra *Macunaíma* de Mário de Andrade:
   a) Como romance regionalista, a obra merece ser encaixada no chamado "ciclo da cana-de-açúcar, de que é considerada como exemplo mais representativo em nossa literatura.
   b) Apresenta o emprego mesclado da fala de diversas regiões brasileiras, numa espécie de língua "plural, desregionalizada, polifônica" .
   c) A personagem principal surge como a síntese de um suposto modo de ser brasileiro: luxurioso, ávido, preguiçoso e sonhador.
   d) A personagem principal não tem um caráter definido, metamorfoseando-se por diversas vezes ao longo do relato.
   e) Não se encaixa necessariamente em um só gênero literário, embora seja, às vezes, considerada como romance e o próprio autor a tenha rotulado de "rapsódia".

2. Apenas uma das características abaixo não pertence à primeira fase do Modernismo. Assinale-a:
   a) Poesia anárquica, destrutiva.
   b) Predomínio da prosa sobre a poesia.
   c) Temática nacionalista extremada.
   d) Valorização da criatividade pessoal.
   e) Cultivo do poema-piada, ridicularizando escolas anteriores.

3. Um ponto importantíssimo para a Literatura Brasileira foi a "Semana de Arte Moderna", ocorrida em:
   a) fevereiro de 1932;
   b) agosto de 1922;
   c) março de 1917;
   d) fevereiro de 1922;
   e) agosto de 1932.

4. Inicialmente parnasiano e simbolista (em *Cinza das Horas*), foi um dos mestres do verso livre em português e, a partir de *Ritmo Dissoluto*, talvez o mais feliz incorporador de termos e motivos prosaicos à literatura brasileira (em *Libertinagem, Mafuá de Malungo*, *Estrela da Vida Inteira* e outros).
   a) Mário de Andrade;
   b) Oswald de Andrade;
   c) Manuel Bandeira;
   d) Carlos D. de Andrade;
   e) João Cabral de Melo Neto.

5. "Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. 'Tupi or not tupi, that is the question'" - o trecho caracteriza um manifesto e um dos mais importantes autores do Modernismo. Indique-os:
   a) Pau-Brasil – Oswald de Andrade;
   b) Verde-Amarelo – Mário de Andrade;
   c) Antropofagismo – Mário de Andrade;
   d) Antropofagismo – Oswald de Andrade;
   e) Espiritualismo – Tasso da Silveira.

6. Poeta do Modernismo, não participou da Semana de Arte Moderna. Até 1924/1925, escrevia ainda sob os moldes simbolistas e parnasianos. Filiou-se ao movimento Verde-Amarelo. Escreveu, entre muitas obras, *Martim Cererê*. Faleceu em 1974. Trata-se de:
   a) Manuel Bandeira;
   b) Guilherme de Almeida;
   c) Menotti del Picchia;
   d) Cassiano Ricardo;
   e) Oswald de Andrade.

7. A palavra "Pasárgada", com a significação de lugar mágico em que cada um pode encontrar a felicidade, é criação de:
   a) Jorge de Lima;
   b) Vinícius de Moraes;
   c) Ronald de Carvalho;
   d) João Cabral de Melo Neto;
   e) Manuel Bandeira.

8. Escreva "V" para verdadeiro e "F" para falso:
   ( ) Os movimentos políticos mundiais e nacionais tiveram influência no surgimento do Modernismo.
   ( ) A primeira fase do Modernismo pregava uma literatura de exportação, valorizando sobremaneira as lendas e costumes primitivos do Brasil.
   ( ) Preocupados com a poesia anárquica, os modernistas esqueceram-se da prosa, que não sofreu nenhuma alteração nesse período.
   ( ) O Modernismo está, de certa forma, ligado ao Romantismo, pois foram os dois movimentos uma tentativa de libertação da influência estrangeira em nossas letras.
   ( ) O Modernismo brasileiro não teve grande repercussão devido ao fato de o movimento restringir-se apenas à literatura.

9. O que pregavam os modernistas quanto à literatura?

   a)_____

   _____

   b)_____

   _____

   c)_____

   _____

10. Qual artista plástico(a) que exerceu papel relevante no período de efervescência que antecede a Semana de Arte Moderna de 1922?
    a) Victor Meirelles;
    b) Anita Malfatti;
    c) Pablo Picasso;
    d) Cecília Meireles;
    e) Di Cavalcanti.

11.
    "Café com pão
    Café com pão
    Café com pão
    Virgem Maria, que foi isto maquinista?"

    Os versos acima são de:
    a) Carlos Drummond de Andrade;
    b) Manuel Bandeira;
    c) Mário de Andrade;
    d) Oswald de Andrade.

12. (FCC-SP) Considerados os acontecimentos da Semana de Arte Moderna e a atitude de seus principais integrantes, é correto dizer que o primeiro momento do Modernismo brasileiro visava a:
    a) atualizar nossa produção literária, fazendo que reproduzisse a estética e a temática euro-americanas, em vigência desde o início do século.
    b) instaurar uma literatura politicamente empenhada e combativa, inspirada no Neorrealismo e no Neonaturalismo.
    c) propor um conjunto de normas e de regras literárias, pautadas nos ensinamentos clássicos, que orientassem nossa produção literária.
    d) reavivar nossa produção literária que, desde fins do século XIX, com a decadência do Simbolismo, escasseava.
    e) combater remanescentes literários retrógrados, representados sobretudo pelo Parnasianismo, a fim de renovar o curso da literatura que se fazia entre nós.

13. (PUC - SP) O título da obra *Macunaíma* é especificado como "herói sem nenhum caráter". A alternativa que não é verdadeira em relação à especificação é:

a) Caráter do herói é ele não ter caráter definido.
b) Protagonista assume várias esferas de ação; daí, ser simultaneamente herói e anti-herói.
c) A fragilidade de caráter do protagonista faz com que este perca, no decorrer da obra, sua característica de herói.
d) O herói se configura por suas qualidades paradoxais, ele é ao mesmo tempo: preguiçoso e esperto, irreverente e simpático, valente e covarde.
e) O caráter do herói é contraditório, pois ele se caracteriza com um "sonso-sabido".

14. Das afirmativas abaixo, assinale a única correta:

a) A Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em 1922, possilitou repensar sobre os aspectos diversos da poesia brasileira, mas não da prosa.
b) Os jogos entre contrários, evidenciados pelo uso de antíteses, assim como os paralelismos sintáticos, são recursos comuns à poesia modernista.
c) O bucolismo e a referência à mitologia grega estão presentes na literatura brasileira durante o período modernista.
d) O indianismo e a escravatura são temas de destaque da literatura brasileira na primeira metade do século XX.
e) Exame crítico da realidade nacional e busca constante de renovação formal são traços característicos da moderna literatura brasileira.

15. (FMABC - SP) De Manuel Bandeira é válido dizer que:

a) foi um poeta típico do período crepuscular anterior ao Modernismo.
b) voltou-se sobretudo para o mundo interior, procurando captar, com sua sensibilidade delicada, as nuanças da sombra, do indefinido, da morte.
c) foi um dos grandes agitadores da literatura brasileira e, em sua obra, salientam-se experiências semânticas que fazem dele um precursor da poesia concreta.
d) soube conciliar a notação intimista com o registro do mundo exterior e sua obra poética abrange desde poemas de tom parnasiano até experiências concretistas.
e) exaltou a cidade natal, fez a apologia do ócio criativo, valorizou os mitos amazônicos.

16. (Santa Casa - SP)

3 de maio
"Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi."
(Oswald de Andrade)

As cinco alternativas apresentam afirmações extraídas do Manifesto da Poesia Pau-Brasil; assinale a que está relacionada com o poema "3 de maio".

a) "Só não se inventou uma máquina de fazer versos - já havia o poeta parnasiano."
b) "... contra a morbidez romântica - pelo equilíbrio geômetro e pelo acabamento técnico."
c) "Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com os olhos livres."
d) "A poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas..."
e) "Temos a base dupla e presente - a floresta e a escola."

17. Análise de texto:

TERESA

"A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna
Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas."
(Manuel Bandeira)

Reporte-se ao Romantismo e estabeleça relações intertextuais entre este poema e o de Castro Alves: "O Adeus de Teresa", atentando para:

a) A situação amorosa (diferenças e semelhanças):

_____
_____
_____
_____
_____
_____

b) O elemento feminino (idealizado, platonizado, concreto):

_____
_____
_____
_____
_____
_____

c) Forma da linguagem (rimas, verso livre, vocabulário, figuras de linguagem, título):

_____
_____
_____
_____
_____
_____

d) Contextualizar os poemas dentro do Romantismo e do Modernismo.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

MODERNISMO
2ª FASE (1930 - 1945)

1. CONTEXTO HISTÓRICO

Toda a década de 30 e os primeiros anos de 40 caracterizam-se por profundas modificações no cenário nacional.

Alguns fatos importantes da época convêm lembrar:

- Getúlio Vargas lidera manifestações contrárias ao governo de Washington Luís que acaba por ser deposto.

- Promulgação da Nova Constituinte e eleição de Getúlio Vargas para Presidente. O governo é conturbado por greves, aprovação da lei de Segurança Nacional, prisões de intelectuais e militantes políticos (como Graciliano Ramos e Luís Carlos Prestes do Partido Comunista). Houve diversas tentativas de deposição de Getúlio Vargas até que, em 1945, as Forças Armadas o fazem, pondo fim ao Estado Novo.

- O início da Segunda Guerra Mundial em 1939, com a participação do Brasil em 1942.

2. MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Na pintura, os membros da Semana agregavam-se em torno de uma sociedade que tinha por objetivo manter e divulgar as conquistas modernistas. Em 1933, esse grupo levou a efeito sua Primeira Exposição de Arte Moderna.

O grupo Santa Helena, de São Paulo, começa a retratar a paisagem urbana da cidade, mostrando o operariado do subúrbio.

Na escultura, destaca-se a obra de Bruno Giorgi.

A nomeação de Lúcio Costa para diretor da Escola Nacional de Belas-Artes marca a renovação do ensino da arquitetura. Oscar Niemeyer forma-se em 1934.

A música registra a procura de uma linguagem nacional, principalmente na obra de Camargo Guarnieri, Guerra Peixe e Radamés Gnatalli.

Em 1930, Heitor Villa-Lobos começa a compor as Bachianas Brasileiras.

A primeira encenação do teatro moderno no Brasil ocorre em 1933, em São Paulo. A peça de Flávio de Carvalho, denominada *O Bailado do Deus Morto*, sem enredo tradicional, apresenta as novidades surrealistas e expressionistas no palco.

Mas a verdadeira revolução cênica viria em 1941, com a encenação de *Vestido de Noiv*a, de Nélson Rodrigues.

Ainda, em 1930, o cinema apresenta o lendário filme *Limite*, de Mário Peixoto, e em 1933 o não menos famoso *Ganga Bruta*, de Humberto Mauro. O primeiro, de teor surrealista; o outro, uma abordagem do meio social em que ocorre a ação.

3. LITERATURA

A primeira fase do Modernismo, iconoclasta e experimental, preparou o caminho para este segundo momento. A nova maneira de expressão, o novo código literário, ganhava equilíbrio, de maneira que, ao começar a nova década, já era aceito pelo público, ficando definitivamente incorporado à arte brasileira.

Mário de Andrade, ao fazer o balanço da Semana, já afirmara que a herança do movimento de 22 tinha sido “a conquista do direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional”.

PROSA

Passada a fase de tentativas feitas no sentido de encontrar um romance tecnicamente brasileiro, a geração de 30 encontrou, no regionalismo, a melhor fórmula para esse romance. É de 30 - 45, etapa áurea da ficção modernista, que lhe emprestou uma feição bem definida, colocando-a entre as mais altas expressões da literatura das Américas. Foi especialmente a prosa regionalista que conquistou o público, não somente nacional como também estrangeiro.

A novidade maior desta fase esteve a cargo da ficção. O aparecimento de grande número de romances é o traço mais característico desse período. Podemos distinguir três traços fundamentais na prosa da segunda fase modernista:

a) Prosa Regionalista

Assim como tinha acontecido nas demais

artes, também a literatura busca recuperar as origens da realidade brasileira. Tem início o desvendamento da nossa sociedade, mas agora com um novo enfoque: o regionalismo. Muitas das conquistas modernistas da primeira fase ajudaram na tarefa dos ficcionistas deste segundo período: a aproximação da linguagem literária à fala brasileira e a incorporação dos neologismos e regionalismos são duas delas.

A primeira novidade neste sentido é o romance *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida. Seguem-se *O quinz*e, de Rachel de Queiroz (1930); *O país do carnaval*, de Jorge Amado (1931); *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego (1932); *Caetés*, de Graciliano Ramos (1933), entre outros.

Mergulhando nas raízes do passado, enfocando a seca, o sertão, o cangaço, o ciclo da cana-de-açúcar, do cacau, do café, a prosa regionalista forneceu a safra mais importante do romance modernista. Por resgatar valores já consagrados no Realismo, é tida como **Neorrealista**. Alguns autores chegam ao **Neonaturalismo**, ao usar a ficção como veículo de propagação de ideias políticas, transformando o romance em instrumento de ação revolucionária (cite-se parte da obra de Jorge Amado).

b) Prosa Urbana

Documentário de cunho realista, preocupado sobretudo com a realidade simples, a observação de problemas e costumes da vida urbana da classe média; enfoca a vida nas cidades, seus costumes e tipos.

Nessa linha, escreveram: Érico Veríssimo, Amando Fontes, Dyonélio Machado, Alcântara Machado, Orígenes Lessa, entre outros.

c) Prosa Intimista

A primeira fase do Modernismo tinha introduzido na moderna cultura brasileira elementos da teoria psicanalítica de Freud. Utilizando sugestões dessa maneira de abordar a criatura humana, com seus conflitos e angústias, aparecem os escritores que produziram a chamada prosa de sondagem psicológica.

Nessa linha, destacam-se: Lúcio Cardoso, Dyonélio Machado, Otávio de Faria.

Observação:

Ao fim dessa apresentação, é importantíssimo que você tenha em mente que se trata de uma esquematização com objetivos didáticos, não podendo ser compreendida de maneira rígida. As tendências apresentadas tão nitidamente separadas, na verdade, mesclam-se umas às outras.

PRINCIPAIS PROSADORES DA 2ª FASE

1. GRACILIANO RAMOS (1892 - 1953)

A obra de Graciliano Ramos inclui-se entre as de cunho regionalista, conciliada com o romance psicológico, tendo como pano de fundo o Nordeste.

Sua linguagem é clara, exata, correta gramaticalmente, reduzida ao essencial pelo uso apropriado de nomes e poupança de adjetivos. Nisto, não se enquadra na atitude de alguns modernistas.

Tanto os combatentes de primeira fase do Modernismo (Mário de Andrade), quanto os regionalistas da segunda fase (José Lins do Rego, Jorge Amado) mantêm uma atitude agressiva à velha Gramática, ou pelo menos, um à-vontade gramatical. Justamente o contrário preocupa Graciliano: a exatidão, a concisão.

Seus romances são de tensão ou ação crítica. Graciliano é o mestre perfeito do romance em que o protagonista é um herói sempre em conflito com o meio físico e social.

OBRAS:

a) Em ***São Bernardo***, o tema é o problema agrário do Nordeste. Tudo acontece na fazenda São Bernardo, sendo Paulo Honório e Madalena as personagens centrais. Paulo, como poderoso senhor de um império econômico da região, está em permanente conflito com tudo e todos, para manter uma posição superior, com direitos sobre a vida de todos. Madalena, sua esposa, é a consciência dos problemas sociais, da exploração dos trabalhadores procurando amenizar a ação agressiva e possessiva a que Paulo se habituara para conquistar um lugar ao sol. Daí, além do conflito sócioeconômico, já citado, o conflito psicológico entre o mundo do ter (Paulo) e o mundo do ser (Madalena), resulta no suicídio desta. Propondo um protagonista extre-

mamente agressivo perante o ambiente social (exploração do trabalho), e perante o ser humano (tentativa de subordinar também Madalena), Graciliano consegue levar os leitores à consciência e à crítica do mundo.

b) Em ***Angústia***, o tema está relacionado à vida da cidade, na qual Luís da Silva vive de pensão em pensão. O painel humano destas pensõezinhas de província é mesquinho, de recalque e safadeza, de uma sufocante degradação. O protagonista Luís da Silva, não podendo livrar-se desta situação, reage pela solidão, pelo isolamento e pela análise da decadência moral de seu ambiente. O arrastar de uma existência assim o leva à náusea total, cuja única solução, pela qual optou o autor, é o crime e, depois, o suicídio. Embora mais deslocado para a margem de análise psicológica, porém sem prejuízo do social, esta obra é genuinamente existencialista.

c) Na sua prosa autobiográfica (***Infância e Memórias do Cárcere***) subsiste o mesmo clima de tensão crítica permanente, sendo o escritor o próprio protagonista em eterno conflito com a realidade social e psicológica do mundo em que vive.

d) ***Vidas Secas*** é o relato de várias situações vividas por uma família nômade de sertanejos: Fabiano, Sinhá Vitória, dois meninos, um cachorro, um papagaio. Entre duas secas, fixa um quadro duro e comovente das condições adversas com que se defronta o camponês nordestino, e sua capacidade de resistir a elas, mesmo que passivamente.

Fabiano - personagem central - sofre agressividade em todos os níveis: massacrado pela seca, explorado pelos patrões e subjugado pela polícia. Fabiano e sua família são reduzidos à miséria física, econômica e mental.

VIDAS SECAS (fragmento)

"Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse ... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.

Bateu na cabeça, apertou-a. Que faziam aqueles sujeitos acocorados em torno do fogo? Que dizia aquele bêbedo que se esgoelava como um doido, gastando fôlego à toa? Sentiu vontade de gritar, de anunciar muito alto que eles não prestavam para nada. Ouviu uma voz fina. Alguém no xadrez das mulheres chorava e arrenegava as pulgas. Rapariga da vida, certamente, de porta aberta. Essa também não prestava para nada. Fabiano queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor Juiz de Direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores da prefeitura que ali dentro ninguém prestava para nada. Ele, os homens acocorados, o bêbedo, a mulher das pulgas, tudo era uma lástima, só servia para aguentar facão. Era o que ele queria dizer.

E havia também aquele fogo-corredor que ia e vinha no espírito dele. Sim, havia aquilo. Como era? Precisava descansar. Estava com a testa doendo, provavelmente em consequência de uma pancada de cabo de facão. E doía-lhe a cabeça toda, parecia-lhe que tinha fogo por dentro, parecia-lhe que tinha nos miolos uma panela fervendo."

2. JORGE AMADO (1912 - 2001)

A obra de Jorge Amado pode ser estudada sob três aspectos:

a) Primeira fase:

País do carnaval;
Cacau;
Suor;
Jubiabá;
Mar morto;
Capitães da areia;
Seara Vermelha;
Subterrâneos da liberdade.

Romances de cunho ideológico (denúncia dos dramas do proletariado).

b) Segunda fase:

Terras do sem fim;
São Jorge dos Ilhéus;
Gabriela cravo e canela.

Conflitos em torno da posse das terras cacaueiras.

c) **Terceira fase:**

Os velhos marinheiros;
Pastores da noite;
Dona Flor e seus dois maridos;
Tenda dos milagres;
Teresa Batista cansada de guerra;
Tieta do Agreste.

Enfoca os costumes provincianos. É a fase satírica: o autor debocha da sociedade.

O cenário é quase sempre a Bahia. Sua obra fixa temática político-social e preocupação com a opressão contra os fracos e oprimidos, com o procedimento, crenças e lendas dos humildes, negros e trabalhadores.

Embora várias obras sustentem teses políticas de crítica da realidade, geralmente os protagonistas criticados ou exaltados são mais caricaturas do que pessoas, que vivem o drama do isolamento, da incomunicabilidade, da condição humana sem perspectivas. No fim, fica mais o colorido do voluptuoso, do folclórico, do pitoresco, que uma sondagem profunda da condição humana e social.

É modernista em seu regionalismo, em sua militância política, em sua linguagem, em sua escolha e carinho por personagens bem populares: homens do cais do porto, menores abandonados, pais de santo, prostitutas, mascates, malandros, roceiros, coronéis, cangaceiros, etc.

GABRIELA, CRAVO E CANELA
(fragmento)

"Dos sentimentos de Gabriela, ele não duvidava. Não resistia ela, como se em nada lhe importassem, a todas as propostas, a todas as ofertas? Ria para eles, não se zangava quando um mais ousado lhe tocava a mão, pegava-lhe no queixo. Não devolvia os bilhetes, não era grosseira, agradecia as palavras de gabo. Mas a ninguém dava trela, jamais se queixava, nunca lhe pedira nada, recebia os presentes batendo as mãos, numa alegria. E não morria ela, cada noite em seus braços, ardente, insaciável, renovada, a chamá-lo 'seu moço bonito, minha perdição'?

'Se eu fosse você era o que eu faria'... Fácil de dizer quando se trata dos outros. Mas como casar com Gabriela, cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada no 'mercado dos escravos'? Casamento era com senhorita prendada, de família conhecida, de enxoval preparado, de boa educação, de recatada virgindade. Que diria seu tio, sua tia tão metida a sebo, sua irmã, seu cunhado engenheiro-agrônomo de boa família? Que diriam os Aschar, seus parentes ricos, senhores de terra, mandando em Itabuna? Seus amigos do bar. Mundinho Falcão, Amâncio Leal, Melk Tavares, o Doutor, o Capitão, doutor Maurício, doutor Ezequiel? Que diria a cidade? Impossível sequer pensar nisso, um absurdo. No entanto, pensava.

Apareceu no bar um roceiro vendendo pássaros. Numa gaiola, um sofrê partia num canto triste e mavioso. Belo e inquieto, em negro e amarelo, não parava um instante. Seu trinado crescia, era doce de ouvir. Chico Moleza e Bico-Fino extasiavam-se.

Uma coisa era certa, ia fazer. Acabar com as vindas da Gabriela, ao meio-dia! Prejuízo pro bar? Paciência... perdia dinheiro, pior seria perdê-la. Era uma tentação diária para os homens, presença embriagadora. Como não querê-la, não desejá-la, não suspirar por ela depois de vê-la? Nacib a sentia na ponta dos dedos, nos bigodes caídos, na pele das coxas, na planta dos pés. O sofrê parecia cantar para ele, tão triste era o canto. Por que não o levaria para Gabriela? Agora proibida de vir ao bar, necessitava de distrações.

Comprou o sofrê. Já não podia de tanto pensar, já não podia de tanto penar."

3. JOSÉ LINS DO REGO (1901 - 1957)

A ficção de José Lins do Rego é de fundo memorialista. Reconstrói o mundo em que nasceu e se criou, as histórias que ouviu na infância e a tradição de que foi testemunha.

O próprio autor divide sua obra assim:

a) **Ciclo da cana-de-açúcar:** *Menino de engenho, Doidinho, Banguê, Fogo morto* e *Usina.*

É o ciclo de maior interesse e importância, pois aí estão as obras mais significativas: fixa o esplendor e a decadência do engenho de açúcar.

b) **Ciclo do Cangaço, misticismo e seca:** *Pedra Bonita* e *Cangaceiros.*

c) **Obras pertencentes aos dois ciclos:** *O moleque Ricardo, Pureza e Riacho doce.*

d) **Obras de tendências intimistas:** *Água-Mãe* e *Eurídice.*

As frustações da infância e da adolescência e os componentes nostálgicos são constantes na obra de José Lins do Rego, bem como os problemas do Nordeste, a paisagem da zona açucareira, a forma desumana como são tratados os menos favorecidos, a posse de terras. O autor mescla a realidade e a ficção, evidenciando a deformação de uma sociedade em ruína, seja pela deformação dos padrões morais, seja pela decomposição da estrutura social e econômica baseada na força do trabalho escravocrata como parte de um sistema patriarcal.

Nos exemplos a seguir, retirados do romance *Fogo Morto*, apresenta-se a questão da decadência dos engenhos de cana-de-açúcar. Há toda uma visão saudosista do passado em contraste com o presente degradado:

"Chegou a abolição e os negros do Santa Fé se foram para os outros engenhos. Ficara somente com Seu Lula o boleeiro Macário, que tinha paixão pelo ofício. Até as negras da cozinha ganharam o mundo. E o Santa Fé ficou com os partidos no mato, com o negro Deodato sem gosto para o eito, para a moagem que se aproximava. Só a muito custo apareceram trabalhadores para os serviços do campo. Onde encontrar mestre de açúcar, caldeireiros, purgador? O Santa Rosa acudiu o Santa Fé nas dificuldades, e Seu Lula pôde tirar a sua safra pequena. O povo cercava os negros libertos para ouvir histórias de torturas.

E foi-se. O mestre Amaro parou um pouco junto ao paredão do engenho, e reparou nos estragos que a chuva fizera nos tijolos descobertos. Pareciam feridas vermelhas. O bueiro baixo, e a boca da fornalha escancarada, um barco sujo. Lembrou-se dos tempos do Capitão Tomás de quem o seu pai lhe contava tanta coisa, das safras do capitão, da botada com festas, das pejadas, com a casa de purgar cheia de açúcar. Pela estrada iam passando os *dez* carros do Coronel José Paulino carregados de lã para a estação. Enchiam a tarde de uma cantoria de doer nos ouvidos. Vinte juntas de bois, dez carreiros, cinquenta sacas de lã. Era o Santa Rosa na riqueza que fazia mal ao seleiro. Lá na casa-grande do Santa Fé estava escrito uma data: 1852. Ainda do tempo do Capitão Tomás.

Seu Lula já estava velho. D. Amélia era aquela criatura sumida, mas sempre com seu ar de dona, Neném uma moça que não se casava, D. Olívia falando, falando as mesmas coisas. Esta era a casa-grande do Santa Fé.

A carruagem rompia as estradas com o povo mais triste da várzea indo para a missa do Pilar, para as novenas, arrastada por cavalos que não eram mais nem a sombra dos dois ruços do Capitão Tomás. A barba de Seu Lula era toda branca, e as safras de açúcar e de algodão minguavam de ano para ano. As várzeas cobriam-se de grama, de mata-pasto, os altos cresciam em capoeira. Seu Lula, porém, não devia, não tomava dinheiro emprestado. Todas as aparências de senhor de engenho eram mantidas com dignidade. Diziam que todos os anos ia ele ao Recife trocar as moedas de ouro que o velho Tomás deixara enterradas. A cozinha da casa-grande só tinha uma negra para cozinhar. E enquanto na várzea não havia mais engenho de bestas, o Santa Fé continuava com as suas almanjarras. Não botava máquina a vapor. Nos dias de moagem, nos poucos dias do ano em que as moendas de Seu Lula esmagavam cana, a vida dos tempos antigos voltava com ar animado, a encher tudo de cheiro de mel, de ruído alegre. Tudo era como se fosse uma imitação da realidade. Tudo passava. Na casa de purgar ficavam os cinquenta pães de açúcar, ali onde, mais de uma vez, o Capitão Tomás guardara os seus dois mil pães, em caixões.

Agora viam o bueiro do Santa Fé. Um galho de jitirana subia por ele. Flores azuis cobriam-lhe a boca suja.

- E o Santa Fé quando bota, Passarinho?

- Capitão, não bota mais, está de fogo morto."

4. ÉRICO VERÍSSIMO (1905 - 1975)

É um dos autores mais lidos e mais populares do Modernismo.

Sua obra ficcionista apresenta três direções:

a) **Romance Urbano:** o autor faz um levantamento da sociedade rio-grandense mostrando a dissolução do patriarcado e a ascensão da burguesia em Porto Alegre. Destacam-se os romances: *Clarissa, Olhai os lírios do campo, O resto é silêncio, Caminhos cruzados.*

b) **Romance Histórico:** o autor recria artisticamente aspectos da história do Rio Grande do Sul, traçando um painel da sociedade gaúcha. É dessa fase a obra *O tempo e o vento*, composta de três volumes: *O continente, O retrato, O arquipélago*.

c) **Romance Político:** os problemas da política nacional e internacional se cruzam com análises do relacionamento humano. O repúdio à guerra e à violência aparecem em *Senhor embaixador* e *O prisioneiro*; também pertence a esta fase *Incidente em Antares*, seu último livro de ficção.

UM CERTO CAPITÃO RODRIGO

(fragmento)

Extraído de *O continente*, o trecho escolhido mostra o momento que precede a morte do capitão Rodrigo, em luta com a família Amaral.

"Antes de começar o ataque ao casarão, Rodrigo foi à casa do vigário.

- Padre! gritou, sem apear. Esperou um instante.

Depois:

- Padre! A porta da meia água abriu-se e o vigário apareceu.

- Capitão! - exclamou ele, aproximando-se do amigo e erguendo a mão, que Rodrigo apertou com força.

- Foi só pra saber se vosmecê estava aqui ou lá dentro do casarão. Eu não queria lastimar o amigo...

- Muito obrigado, Rodrigo, muito obrigado. - O Padre Lara sacudiu a cabeça, desalentado. - Vosmecê vai perder muita gente, capitão. Os Amarais são cabeçudos e têm muita munição.

- Eu também sou cabeçudo e tenho muita munição.

- Por que não espera o amanhecer?

Rodrigo deu os ombros.

- Pra não deixar a coisa esfriar.

- Olhe aqui. Vou lhe dar uma ideia. Antes de começar o assalto, por que vosmecê não me deixa ir ao casarão ver se o Cel. Amaral consente em se render, pra evitar uma carnificina?

- Não, padre. Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti. Não é assim que diz nas escrituras? Se alguém me convidasse pra eu me render, eu ficava ofendido. Um homem não se entrega.

- Mas não há nenhum desdouro. Isto é uma guerra entre irmãos.

- São as mais brabas, padre, são as mais brabas.

De cima do cavalo, Rodrigo ouvia a respiração chiante e dificultosa do sacerdote.

Lembrou-se das muitas conversas que tiveram noutros tempos.

- Vosmecê é um homem impossível... - disse o padre, desolado.

- Acho que esta noite vou dormir na cama do velho Ricardo. - Sorriu. - Mas sem a mulher dele, naturalmente... E amanhã de manhã quero mandar um próprio levar ao chefe a notícia de que Santa Fé é nossa. A província toda está nas nossas mãos. Desta vez os legalistas se borraram! Até logo, padre.

Apertaram-se as mãos.

- Tome cuidado, capitão. Vosmecê se arrisca demais.

- Ainda não fabricaram a bala que há de me matar! - gritou Rodrigo, dando de rédea.

- A gente nunca sabe - retrucou o padre.

- E é melhor que não saiba, não é?

- Deus guie vosmecê!

- Amém! - replicou Rodrigo, por puro hábito, pois aprendera a responder assim desde menino.

O padre viu o capitão dirigir-se para o ponto onde um grupo de seus soldados o esperava. A noite estava calma. Galos de quando em quando cantavam nos terreiros. Os galos não sabem de nada - refletiu o padre. Sempre achara triste e agourento o canto dos galos. Era qualquer coisa que o lembrava da morte.

Voltou para casa, fechou a porta, deitou-se na cama com o breviário na mão, mas não pôde orar. Ficou de ouvido atento, tomado duma curiosa espécie de medo. Não era medo de ser atingido por uma bala perdida. Não era medo de morrer. Não era

nem medo de sofrer na carne algum ferimento. Era medo do que estava para vir, medo de ver os outros sofrerem. No fim de contas - se esmiuçasse bem - o que ele tinha mesmo era medo de viver, não de morrer."

Os autores que indicamos como representativos de cada uma das tendências da prosa de 30 - 45 não se limitaram a escrever obras numa ou noutra linha. Podem apresentar, e geralmente apresentam, trabalhos com traços que incorporam características de outras tendências. Daí, a necessidade de estudá-los individualmente.

POESIA

A poesia da 2ª fase do Modernismo mostra dois aspectos:

a) Amadurecimento da trajetória poética de autores que vieram da primeira fase modernista. Em 1930 - 31, surgem obras de importância capital: *Remate de males* (Mário de Andrade), *Libertinagem* (Manuel Bandeira), *Cobra Norato* (Raul Bopp).

b) Surge o primeiro livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade *(Alguma poesia)* em que aparecem versos compostos à moda de Oswald de Andrade ao lado de poemas surrealistas. O lirismo ganha a dimensão religiosa na obra de Jorge de Lima, Murilo Mendes e do estreante Vinícius de Moraes.

Todos esses autores publicam obras com temas que se diversificam, alguns voltando-se para a poesia de comprometimento social e político (Vinícius e Drummond); outros, incorporando uma visão metafísica do homem (Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meireles).

POETAS E OBRAS DA 2ª FASE DO MODERNISMO

1. CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (1902 - 1987)

Um dos maiores poetas brasileiros e da literatura ocidental do século XX. Sua obra é vasta e compreende, poesias, crônicas, contos e ensaios. Sua **linguagem poética** é inconfundível: **seca, precisa, direta. Os temas** são: **o amor, a solidão, a presença do passado pessoal,** entre outros, tirados do cotidiano e, embora vistos com afetividade e ternura, são **envoltos em antilirismo irônico** e descobre-se neles o **desencanto em relação à vida.** De modo geral, o **poeta é pessimista:** a vida não presta, nem a humanidade; denuncia a falta de sentido da existência, ou de solução para o destino do poeta. Preocupa-o a banalidade com que o dia a dia recobre as coisas.

CIDADEZINHA QUALQUER

"Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar
Um cachorro vai devagar
Um burro vai devagar

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus."

SONETO DA PERDIDA ESPERANÇA

"Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre meu corpo.

Vou subir a ladeira lenta
em que os caminhos se fundem.
Todos eles conduzem ao
princípio do drama e da flora.

Não sei se estou sofrendo
ou se é alguém que se diverte
por que não? na noite escassa

com um insolúvel flautim.
Entretanto há muito tempo
nós gritamos: sim! ao eterno."

CERÂMICA

"Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
ela nos espia do aparador."

Sentimento do mundo (1940), *Poesias* (1942) e *Rosa do povo* (1945) são livros publicados durante a guerra. Expressam um certo desejo de solidariedade humana diante da dor e uma missão de reconstruir um futuro, através do trabalho no presente, o qual, como está, deve ser condenado pelo que tem de mecânico, desumano. A temática é social. É a fase da poesia participante, engajada.

MÃOS DADAS

"Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista
[da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por
[serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
[homens presentes,
a vida presente."

Toda sua produção é fruto de constante busca pelo modo exato de comunicar-se. O poeta através da metalinguagem, confessa sua luta com as palavras:

O LUTADOR

"Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafias,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.
Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,
outra sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas ai! é o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

O ciclo do dia
ora se consuma
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono."

Procura transmitir o essencial em linguagem concisa, sem enfáticas expressões, isento de sentimentalismos. Sua sensibilidade está acordada para captar os mais tênues apelos da poesia:

" Na noite lenta e morna, morna noite sem ruído,
[um menino chora"

"E no entanto se ouve até o rumor da gota de
[remédio caindo na colher."

INFÂNCIA

A Abgar Renault

"Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que
[aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se
[esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoé."

O poema "Quadrilha" aborda um tema caro à tradição poética: o amor e o relacionamento amoroso. A originalidade do poema está na forma como o tema é tratado.

QUADRILHA

"João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim
[que amava Lili

que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos,
[Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre,
[Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e
[Lili casou-se com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história."

Sua composição mais famosa, "José", apresenta a solidão, a desunião, a impossibilidade de retorno: o homem encurralado, sem perspectivas.

JOSÉ

"E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia*
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio - e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho do mato,
sem teogonia*,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?"

*utopia = projeto irrealizável, quimera, fantasia.

*teogonia = doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses e que, frequentemente, se relaciona à formação do mundo.

Como todo grande poeta, Drummond considera "a verdadeira poesia como aquela que expressa as angústias da alma humana diante do seu destino". Reconhecida pelo público e pela crítica, a obra de Drummond ocupa, sem dúvida alguma, lugar de destaque nacional e internacional.

Outros exemplos:

NO MEIO DO CAMINHO

"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra."

CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

"Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e
[comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas,
[sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te
[ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de
[visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!"

COTA ZERO

"Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?"

POLÍTICA LITERÁRIA

A Manuel Bandeira

"O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz."

2. CECÍLIA MEIRELES (1901 - 1964)

A poesia de Cecília Meireles é de um lirismo profundo: expressão do mundo interior da artista, o que torna predominantemente subjetiva sua obra. São comuns, em seus poemas, temas que se referem a **espaço, oceano e solidão.** Sua visão de mundo revela, principalmente:

- preocupação com a fugacidade do tempo e com a precariedade das coisas e dos seres, de cuja constatação decorre a melancolia;
- ênfase à condição solitária do ser humano;
- fuga para o sonho;
- preocupação com a falta de sentido da existência;
- plasticidade imaginística.

Utiliza formas tradicionais do verso ou o verso livre, em que predomina o descritivismo, a musicalidade, o ritmo ligeiro.

A dimensão social também foi objeto de suas preocupações poéticas em *Romanceiro da Inconfidência* (recriação poética da luta de Tiradentes).

Eis um fragmento do Romance XXXI ou
De mais tropeiros

" Por aqui passava um homem
- e como o povo se ria! -
que reformava este mundo
de cima da montaria.

Tinha um machinho rosilho.
Tinha um machinho castanho.
Dizia: 'Não se conhece
país tamanho!'

'Do Caeté a Vila Rica,
tudo ouro e cobre!
O que é nosso vão levando. . .
E o povo aqui sempre pobre!'

Por aqui passava um homem
- e como o povo se ria! -
que não passava de Alferes
de cavalaria!

'Quando eu voltar, - afirmava -
outro haverá que comande.
Tudo isto vai levar volta,
e eu serei grande!'

'Faremos a mesma coisa
que fez a América Inglesa!'
E bradava: 'Há de ser nossa
tanta riqueza!'

Por aqui passava um homem
- e como o povo se ria! -
'Liberdade ainda que tarde'
nos prometia.

E cavalgava o machinho.
E a marcha era tão segura
que uns diziam: 'Que coragem!'
E outros: 'Que loucura!'

Lá se foi por esses montes,
o homem de olhos espantados,
a derramar esperanças
por todos os lados.

Por aqui passava um homem. . .
- e como o povo se ria! -
Ele, na frente, falava,
e, atrás, a sorte corria..."

OBRAS:
Espectros;
Nunca mais ... e poema dos poemas;
Baladas para El-rei;
Viagem;
Vaga música;
Mar absoluto;
Retrato natural;
Romanceiro da Inconfidência.

Nos textos, abaixo, destacamos algumas características da obra de Cecília Meireles:

MOTIVO

"Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada."

- Musicalidade
- Efemeridade das coisas

EPIGRAMA Nº 8

"Encostei-me a ti, sabendo bem que eras somente
[onda.
Sabendo bem que eras nuvem, depus a minha
[vida em ti.
Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu
[destino frágil,
fiquei sem poder chorar, quando caí."

- Preocupação com a fragilidade das coisas
- Ênfase na condição solitária do homem

"O tempo seca a beleza,

seca o amor, seca as palavras.
Deixa tudo solto, leve,
desunido para sempre
como as areias nas águas"

• Fugacidade das coisas

INSCRIÇÃO NA AREIA

"O Meu Amor não tem
importância nenhuma.
Não tem o peso nem
de uma rosa de espuma!

Desfolha-se por quem?
Para quem se perfuma?
O meu amor não tem
importância nenhuma."

• Falta de sentido do amor

"(Mas, neste espelho, no fundo
desta fria luz marinha,
como dois baços peixes,
nadam meus olhos à minha procura...)"

"Balada
das dez bailarinas do cassino
Dez bailarinas deslizam
por um chão de espelho.
Têm corpos egípcios com placas douradas,
Pálpebras azuis e dedos vermelhos.
Levantam véus brancos, de ingênuos aromas,
e dobram amarelos joelhos."

• Plasticidade imaginística

Em *Vaga música*, a autora revela-nos suas influências simbolistas. Um clima etéreo, a musicalidade de seus versos, a referência ao mar e à água são constantes, como atesta o poema que segue.

CANÇÃO

"Pus meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos,
para meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre de meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito:
praia lisa, águas ordenadas.
meus olhos secos como pedras
e minhas duas mãos quebradas."

RETRATO

"Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face?"

REINVENÇÃO

"A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...
Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...
Só - no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.
Só - na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada."

3. VINÍCIUS DE MORAES (1913 - 1980)

É um dos poetas mais lidos e sua popularidade deve-se, em parte, às suas composições musicais (foi um dos responsáveis pela Bossa Nova). Sua obra está dividida em duas fases:

1ª fase: caracterizada pela **angústia religiosa**. O poeta debate-se entre os apelos do espírito e da carne, escrevendo uma poesia dramática e, muitas vezes, impregnada de misticismo. A linguagem desses primeiros versos é marcada pela elaboração formal intensa. É o tipo de visão de mundo, predominante em *O caminho para a distância e Forma e exegese.*

Purificação

"Senhor, logo que eu vi a natureza
As lágrimas secaram.
Os meus olhos pousados na contemplação
Viveram o milagre de luz que explodia no céu.

Eu caminhei, Senhor.
Com as mãos espalmadas eu caminhei para a
[massa de seiva
Eu, Senhor, pobre massa sem seiva
Eu caminhei.
Nem senti a derrota tremenda
Do que era mau em mim.
A luz cresceu, cresceu interiormente
E toda me envolveu.

A ti, Senhor, gritei que estava puro
E na natureza ouvi a tua voz.
Pássaros cantaram no céu
Eu olhei para o céu e cantei e cantei.
Senti a alegria da vida
Que vivia nas flores pequenas
Senti a beleza da vida
Que morava na luz e morava no céu
E cantei e cantei.

A minha voz subiu até ti, Senhor
E tu me deste a paz.
Eu te peço, Senhor
Guarda meu coração no teu coração
Que ele é puro e simples.
Guarda a minha alma na tua alma
Que ela é bela, Senhor.
Guarda o meu espírito no teu espírito
Porque ele é a minha luz
E porque só a ti ele exalta e ama."

2ª fase: *Cinco elegias* marca uma transição para a fase em que o poeta **incorpora o cotidiano** e processa-se a superação da angústia metafísica. **A mulher passa a constituir a base de sua temática.**

Nesta fase, Vinícius recupera uma das formas clássicas de expressão poética: o soneto, do qual foi um dos grandes cultivadores. Sua linguagem, em consequência da mudança temática, passa a ser mais coloquial com versos concisos, incorporando por vezes o humor e a ironia.

Essa linha continuará pelos livros posteriores, acentuando cada vez mais seu lirismo confessional, a plenitude dos sentidos, a visão familiar do mundo.

SONETO DE FIDELIDADE

"De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure."

SONETO DA SEPARAÇÃO

"De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente,
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante,
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente."

A seguir, temos um poema cujo tema principal é o elemento feminino seduzindo o eu lírico.

A MULHER QUE PASSA

"Meu Deus, eu quero a mulher que passa.
Seu dorso frio é um campo de lírios
Tem sete cores nos seus cabelos
Sete esperanças na boca fresca!
Oh! como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicias
Dentro das noites, dentro dos dias!

Teus sentimentos são poesia
Teus sofrimentos, melancolia.
Teus pelos leves são relva boa
Fresca e macia.
Teus belos braços são cisnes mansos
Longe das vozes da ventania.

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!"

Os poemas que seguem revelam a preocupação do eu lírico com seu momento histórico, contendo uma reflexão política.

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

"E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo: – Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: – Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás." (Lucas, cap. V, versículos 5-8)

"Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– Garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção,
Cresceu também o operário
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
– Exercer a profissão –
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia *sim*
Começou a dizer *não*.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.
Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
– 'Convençam-no' do contrário –
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado,

Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspido
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!
Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
– Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.
Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.

E o operário disse: Não!

– Loucura! – gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
– Mentira! – disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Como o medo em solidão.
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção."

A ROSA DE HIROXIMA

"Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida

A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada."

No soneto a seguir temos a dimensão lúdica, em que a forma soneto serve para enformar um conteúdo jocoso:

"Não comerei da alface a verde pétala
Nem da cenoura as hóstias desbotadas
Deixarei as pastagens às manadas
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas
Talvez pouco elegantes para um poeta
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta
Que acredita no cromo das saladas

Não nasci ruminante como os bois
Nem como os coelhos, roedor, nasci
Omnívoro, deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati
E eu morrerei, feliz, do coração
por ter vivido sem comer em vão."

4. MURILO MENDES (1901 – 1975)

Rejeitando as modas literárias, foi sempre fiel ao seu espírito inquieto, preocupando-se com o destino do homem, tanto do ponto de vista material como espiritual. Procurando incorporar uma visão global do ser humano na sua poesia, caminhou por rumos diversos, explorando as potencialidades linguísticas e exigindo do leitor uma participação ativa na decifração de seus textos.

Obras principais: *Poemas* (1930); *Histórias do Brasil* (1932); T*empo e eternidade* (1935), em parceria com Jorge de Lima; *A poesia em pânico* (1938); *O visionário* (1941); *As metamorfoses* (1941); *Mundo enigma* (1945); *Poesia liberdade* (1947); *Contemplação de Ouro Preto* (1954); *Tempo espanhol* (1959); *Convergência* (1970).

CRUCIFIXO DE OURO PRETO

"Crucifixo, fixo fixo
Crucifixo, Deus parado
Para eu poder te fixar,
Deus ocluso na tua cruz,
Entre mim e ti, ó Deus,
Quantas vezes dou a volta,
Quantos olhares, angústias,
Súplicas mudas, silêncios,
Falta de jeito e aridez,
Crucifixo fixo, fixo,
Cristo roxo da paixão,
Transpassado, transfixado,
Chagado, esbofeteado,
Escarrado; abandonado
Pelo Pai de compaixão,
Crucifixo fixo, fixo,
Deus fixado por amor,
Deus humano, Deus divino,
Deus ocluso na tua cruz,
Crucifixo fixo, fixo,
Nosso irmão Cristo Jesus."

SOLIDARIEDADE

"Sou ligado pela herança do espírito e do sangue
Ao mártir, ao assassino, ao anarquista,
Sou ligado
Aos casais na terra e no ar,
Ao vendeiro da esquina,
Ao padre, ao mendigo, à mulher da vida,
Ao mecânico, ao poeta, ao soldado,
Ao santo e ao demônio,
Construídos à minha imagem e semelhança."

POEMA ESPIRITUAL

"Eu me sinto um fragmento de Deus
Como sou um resto de raiz
Um pouco de água dos mares
O braço desgarrado de uma constelação.

A matéria pensa por ordem de Deus.
Transforma-se e evolui por ordem de Deus.
A matéria variada e bela
É uma das formas visíveis do invisível.
Cristo, dos filhos do homem és o perfeito.

Na igreja há pernas, seios, ventres e cabelos
Em toda parte, até nos altares.
Há grandes forças de matéria na terra no mar e no ar
Que se entrelaçam e se casam reproduzindo
Mil versões dos pensamentos divinos
A matéria é forte e absoluta
Sem ela não há poesia."

CANÇÃO DO EXÍLIO

"Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a
[Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!"

5. JORGE DE LIMA (1895 – 1953)

Seu livro de estreia, *XIV alexandrinos* (1914), ainda reflete características parnasianas, que ele depois abandonou em favor de uma poesia coloquial, plena de reminiscências da infância. Em 1935, enveredou pela temática religiosa, publicando, em parceria com Murilo Mendes, o livro *Tempo e eternidade*, prosseguindo depois, sozinho, com A túnica inconsútil (1938) e *Anunciação e encontro de Mira-Celi* (1950). Sua última obra, *Invenção de Orfeu* (1952), é um longo poema de reflexão sobre a vida humana, a arte e o universo.

O ACENDEDOR DE LAMPIÕES

"Lá vem o acendedor de lampiões da rua!
Este mesmo que vem infatigavelmente,
Parodiar o sol e associar-se à lua
Quando a sombra da noite enegrece o poente!

Um, dois, três lampiões, acende e continua
Outros mais a acender imperturbavelmente,
À medida que a noite aos poucos se acentua
E a palidez da lua apenas se pressente.

Triste ironia atroz que o senso humano irrita: –
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Tanta gente também nos outros insinua
Crenças, religiões, amor, felicidade,
Como este acendedor de lampiões da rua!"

MULHER PROLETÁRIA

"Mulher proletária - única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.

Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas
salvar o teu proprietário."

ESSA NEGRA FULÔ

"Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama,
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô
ficou logo pra mucama
para vigiar a Sinhá,

pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede,
vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

'Era um dia uma princesa
que vivia num castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos do mar.
Entrou na perna dum pato
saiu na perna dum pinto
o Rei-Sinhô me mandou
que vos contasse mais cinco.'

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Vai botar para dormir
esses meninos, Fulô!
'minha mãe me penteou
minha madrasta me enterrou
pelos figos da figueira
que o Sabiá beliscou.'

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Fulô? Ó Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô).
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?
- Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi ver a negra
levar couro do feitor.
A negra tirou a roupa.
O Sinhô disse: Fulô!
(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô.)

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê meu lenço de rendas,
Cadê meu cinto, meu broche,
Cadê meu terço de ouro
que teu Sinhô me mandou?
Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! foi você que roubou,
foi você, negra fulô?

Essa negra Fulô!"

6. MÁRIO QUINTANA (1906 – 1994)

Nasceu em Alegrete, no Rio Grande do Sul, foi jornalista e tradutor e, em 1940, lançou seu primeiro livro, *A rua dos cata-ventos.*

Com raízes no neossimbolismo, o lirismo de Quintana concilia o humor com temas do cotidiano: a infância, a vida, a morte, o amor.

É autor de várias obras, entre elas algumas de literatura infantil. Destacam-se: *Aprendiz de feiticeiro* (1950), *Pé de pilão* (1975), *Quintanares* (1976), *Lili inventa o mundo* (1983), *Nariz de vidro* (1984).

CANÇÃO PARA UMA VALSA LENTA

"Minha vida não foi um romance...
Nunca tive até hoje um segredo.
Se me amas, não digas, que morro
De surpresa... de encanto... de medo...

Minha vida não foi um romance,
Minha vida passou por passar.
Se não amas, não finjas, que vivo
Esperando um amor para amar.

Minha vida não foi um romance...
Pobre vida... passou sem enredo...
Glória a ti que me enches a vida
De surpresa, de encanto, de medo!

Minha vida não foi um romance...
Ai de mim... Já se ia acabar!
Pobre vida que toda depende
De um sorriso... de um gesto... um olhar..."

A ideia da morte perpassa todo o discurso poético:

"Da primeira vez em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha..."

O universo pessoal parece condenado à tristeza eterna:

"Hoje encontrei dentro de um livro uma velha
[carta amarelecida.
Rasguei-a sem procurar ao menos saber de
[quem seria...
Eu tenho um medo horrível
A essas marés montantes do passado,
Com suas quilhas afundadas, com
Meus sucessivos cadáveres amarrados aos
[mastros e gáveas...

Ai de mim
Ai de ti, ó velho mar profundo,
Eu venho sempre à tona de todos os naufrágios!"

A manunteção de uma lírica tradicional é contrabalançada por uma **linguagem de absoluta simplicidade**, como se em Mário Quintana houvesse a fusão do subjetivismo crepuscular – de inspiração simbolista - com o estilo coloquial da poesia moderna.

OS POEMAS EM PROSA

Contudo, *Sapato florido* abre uma experiência que culmina com *Do caderno H*, que reúne poemas curtos em prosa. Lembram epigramas, pois são apresentados em prosa, mas com dimensão e densidade poéticas e por isso necessariamente curtos e geralmente irônicos. Uma ironia estabelecida sobre o cotidiano. O poeta agora parece mergulhar na vida prosaica, surpreendendo-lhe os aspectos risíveis, insólitos ou até mesmo trágicos. No entanto, o humor predomina sempre. Humor que não esconde a ternura de Quintana para com o "bicho-homem".

Eis alguns exemplos, retirados de *Sapato florido:*

Horror

"Com seus OO de espanto, seus RR guturais, seu hirto H, HORROR é uma palavra de cabelos em pé, assustada da própria significação."

O espião

"Bem o conheço, num espelho de bar, numa vitrina, ao acaso do footing, em qualquer vidraça por aí, trocamos às vezes um súbito e inquietante olhar. Não, isto não pode continuar assim. Que tens tu de espionar-me? Que me censuras, fantasma? Que tens a ver com os meus bares, com meus cigarros, com os meus delírios ambulatórios, com tudo o que não faço na vida?"

Em *Do caderno H* o poeta acentua a sua veia irônica:

Cartaz para uma Feira do Livro

"Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem."

O Assunto

"E nunca me perguntes o assunto de um poema: um poema sempre fala de outra coisa."

O Poema

"O poema essa estranha máscara mais verdadeira do que a própria face."

Refinamentos

"Escrever o palavrão pelo palavrão é a modalidade atual da antiga arte pela arte."

Sinônimos

"Esses que pensam que existem sinônimos, desconfio que não sabem distinguir as diferentes nuanças de uma cor."

Cuidado

"A poesia não se entrega a quem a define."

Das Escolas

"Pertencer a uma escola poética é o mesmo que ser condenado à prisão perpétua."

Destino Atroz

"Um poeta sofre três vezes: primeiro quando ele os sente, depois quando ele os escreve e, por último, quando declamam os seus versos."

Dos Livros

"Há duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores."

Dupla Delícia

"O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado."

EXERCÍCIOS

Elabore agora um quadro esquemático das principais ideias da 2ª fase Modernista.

1. Manifestações artísticas:

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

2. Comparando características:

1ª fase Modernista

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

2ª fase Modernista

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Conclusões:

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

3. POESIA (características):

a) amadurecimento de autores da 1ª fase:

_____
_____
_____
_____

b) surgimento de novos poetas:

_____
_____
_____
_____

4. PROSA

a) regionalista

_____
_____
_____

b) urbana

c) intimista

Poetas	Características	Obras
1. Drummond		
2. Cecília Meireles		
3. Vinícius de Moraes		
4. Murilo Mendes		
5. Jorge de Lima		
6. Mário Quintana		

Prosadores	Características	Obras
1. Graciliano Ramos		
2. Jorge Amado		
3. José Lins do Rego		
4. Érico Veríssimo		

EXERCÍCIOS

1. A obra de Jorge Amado, na sua fase inicial, aborda o problema da:
   a) seca periódica que devasta a região da pecuária no Piauí.
   b) decadência da aristocracia da cana-de-açúcar diante do aparecimento das usinas.
   c) luta pela posse de terras na região cacaueira de Ilhéus.
   d) exploração da classe trabalhadora, os dramas do proletariado.
   e) aristocracia cafeeira, que se vê à beira da falência com a crise de 1929.

2. O chamado "romance de 30" engloba um grupo de romancistas surgidos na década de 1930, tendo como características comuns a regionalização e a preocupação de documentar e criticar a realidade social brasileira das diferentes regiões. Pertencem a este grupo:
   a) José Américo de Almeida que, com o romance *A bagaceira,* de certa forma, abre os rumos para todo o romance de 1930.
   b) José Lins do Rego que, com seus romances do "ciclo da cana-de-açúcar" e do "ciclo do cangaço", mostra o problema social das secas do Nordeste Brasileiro.
   c) Graciliano Ramos que, em *Vidas secas*, mostra o problema social das secas do Nordeste.
   d) Todos os romancistas anteriormente citados.

3. Após ler as afirmações abaixo, assinale a alternativa correta.
   I - Moderno e versátil, Vinícius de Moraes compõe, com maestria, tanto letras para canções populares como poemas dentro dos mais estritos padrões clássicos.
   II - Cecília Meireles caracterizou sua poesia pela constante sugestão de sombra, identificação e ausência; mas soube também incorporar a matéria histórica, em uma de suas mais importantes obras, *Romanceiro da Inconfidência*.
   III - Jorge Amado destaca-se na literatura brasileira por apresentar uma prosa intimista, preocupada com a existência do homem.
   a) Só a proposição I é correta.
   b) Só a proposição II é correta.
   c) Só a proposição III é correta.
   d) São corretas as proposições I e II.
   e) São corretas as proposições II e III.

4. (FCC - SP) O romance regionalista nordestino que surge e se desenvolve a partir de 1930, aproximadamente, pode ser chamado "neorrealista". Isso se deve a que esse romance:
   a) retoma o filão da temática regionalista, descoberto e explorado inicialmente pelos realistas do século XIX.
   b) apresenta, através do discurso narrativo, uma visão realista e crítica das relações entre as classes que estruturam a sociedade do Nordeste.
   c) tenta explicar o comportamento do homem nordestino, com base numa postura estritamente científica, pelos fatores raça, meio e momento.
   d) abandona de todo os pressupostos teóricos do Realismo do século passado, buscando as causas do comportamento humano mais no individual que no social.
   e) procura fazer do romance a anotação fiel e minuciosa da nova realidade urbana do Nordeste.

5. (PUC - PR) Numere a segunda coluna pela primeira:
   1. 1ª fase Modernista
   2. 2ª fase Modernista

   ( ) época da destruição
   ( ) primitivismo
   ( ) época de estabilização
   ( ) irreverência
   ( ) Oswald de Andrade
   ( ) Jorge Amado

   a) 2, 2, 1, 2, 2, 1;
   b) 1, 2, 1, 2, 2, 1;
   c) 1, 1, 1, 2, 1, 2;
   d) 1, 1, 2, 1, 1, 2;
   e) 2, 1, 1, 2, 2, 1.

6. (FCC - SP) Relacionando o período literário que se inicia em 1930 ao período imediatamente anterior, podemos dizer que:
   a) a década de 30 é a continuação natural do movimento de 22, acrescentando-lhe o tom anárquico e a atitude aventureira.
   b) o segundo momento do Modernismo abandonou a atitude destruidora, buscando uma recomposição de valores e a configuração de nova ordem estética.
   c) a década de 20 representa uma desagregação das ideias e dos temas tradicionais; a de 30 destrói as formas ortodoxas de expressão.
   d) as propostas literárias da década de 20 só se veriam postas em prática no decênio seguinte.
   e) o segundo momento do Modernismo assumiu como armas de combate o deboche, a piada, o escândalo e a agitação.

7. (PUC - RS)

"Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas."

A estrofe acima revela um dos tópicos dominantes da poesia de Cecília Meireles, que é a percepção do mundo:
   a) sentimental;
   b) racional;
   c) emotiva;
   d) sensorial;
   e) onírica.

8. Assinale a afirmação correta sobre Graciliano Ramos:
   a) Possuía um estilo rebuscado, penetrado pelos ideais românticos.
   b) Escreveu romances indianistas, de cunho regionalista.
   c) É autor de *São Bernardo, Vidas secas* e *Martim Cererê*.
   d) Fez romance regionalista, especialmente nordestino; sua preocupação constante foi a de fixar a panorâmica interior de cada um dos personagens.
   e) Personificou a cachorra Baleia na sua obra-prima *Fogo Morto*.

9. Em 1928, a publicação de uma obra de José Américo de Almeida abre caminho para o romance regionalista, que o Modernismo iria desenvolver largamente. Trata-se de:
   a) *A bagaceira;*
   b) *Luzia-Homem;*
   c) *Vidas secas;*
   d) *Cangaceiros;*
   e) *Caetés.*

10. A versatilidade da Carlos D. de Andrade manifesta-se:
   a) em sua poesia, ligada aos valores eternos do homem, porém isenta do sentimento cotidiano.
   b) na crônica, com que estreou na vida literária, mas abandonada em favor da poesia de temática urbana.
   c) em seus contos, descrição minuciosa da zona rural mineira, filiados à corrente regionalista moderna.
   d) em sua obra teatral, que retoma temas ligados ao Barroco Mineiro.
   e) em sua poesia, marcada pela valorização do humano e por um traço constante de humor.

11. Romancista regionalista, procurou nas suas obras, falar da decadência dos engenhos de cana-de-açúcar e da posição dos senhores feudais nordestinos:
   a) Graciliano Ramos;
   b) Jorge Amado;
   c) José Lins do Rego;
   d) Guimarães Rosa;
   e) José de Alencar.

12. História de uma família de retirantes que vive em pleno agreste os sofrimentos da estiagem. Essa é a síntese de um romance de Graciliano Ramos:
   a) *São Bernardo*;
   b) *Angústia;*
   c) *Vidas secas;*
   d) *Caetés;*
   e) *Infância.*

13. A 2ª fase do Modernismo vai de 1930 a 1945. Não é característica dessa fase:
   a) Equilíbrio na forma e na linguagem;
   b) Preocupação pelo homem;
   c) Valorização de algumas formas fixas;
   d) Predomínio da poesia sobre a prosa;
   e) Regionalismo.

14. (CESCEM) Poeta que fala com humor e ironia da mediocridade, da "vida besta" que preside o cotidiano, e cuja obra (*A rosa do povo, Claro enigma*) é marcada por vigoroso espírito de síntese e pelo sentido trágico da existência. Trata-se de:
   a) Vinícius de Moraes;
   b) Carlos D. de Andrade;
   c) Olavo Bilac;
   d) Mário de Andrade;
   e) Cecília Meireles.

15. (FDC) Para responder à pergunta, siga o código:
   a) só a proposição I é correta.
   b) só a proposição II é correta.
   c) só a proposição III é correta.
   d) são corretas as proposições I e II.
   e) são corretas as proposições II e III.

   I - Jorge Amado prefere retratar as classes humildes às altas.
   II - Jorge Amado é lírico e realista ao mesmo tempo. Sua obra é pontilhada de toques humorísticos, elemento condizente ao tipo de literatura que o autor se propôs a fazer.
   III - Na vasta bagagem literária de Jorge Amado, constam, entre outros, os livros *Jubiabá, Terras do sem fim* e *Fogo morto* .

16. Nessa obra, que relata a luta de uma família nordestina pela sobrevivência, há uma acentuada animalização dos seres humanos, embrutecidos pelo meio. Por outro lado, o animal, principalmente através da cachorra Baleia, "humaniza-se". Trata-se do romance:
   a) *Caetés*, de Graciliano Ramos;
   b) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos;
   c) *Seara vermelha*, de Jorge Amado;
   d) *Terras do sem fim*, de Jorge Amado;
   e) *O quinze*, de Raquel de Queiroz.

17. O veio é memorialista, formalizando o ciclo da cana-de-açúcar, mas no romance predomina um misto de regionalismo e análise psicológica das personagens. Fala-se do escritor:
   a) Jorge Amado;
   b) Érico Veríssimo;
   c) José Lins do Rego;
   d) Graciliano Ramos;
   e) Mário de Andrade.

18. Análise de texto:

POEMA DE SETE FACES

"Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo ... vasto mundo,
mais ... vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo."

1. Explique o título.

2. O texto é autorreferencial? Comprove.

3. Há intertextualidade no texto? Comente.

4. Há metalinguagem? Explique-a.

5. Analise a forma do poema (linguagem, vocabulário, figuras de linguagem, repetições, etc)

6. O poema passa uma visão masculina da realidade? Quando, mais explicitamente?

MODERNISMO
3ª FASE (1945 a 1964)

1. CONTEXTO HISTÓRICO

Em 1945, termina a Segunda Guerra Mundial.

No Brasil, com a deposição de Getúlio Vargas e eleição de Dutra, inicia-se o processo de redemocratização do país. De 1945 a 1947, surgem muitas companhias siderúrgicas e grandes fábricas e o operariado cresce. Getúlio Vargas volta ao Governo, eleito pelo povo (1951 -1954).

De 1955 a 1960, mudanças de profundo significado ocorreram na economia brasileira (indústria automobilística, siderúrgica e mecânica), durante o governo de Juscelino Kubitschek. O programa, baseado no investimento estrangeiro, acabou gerando um processo inflacionário que se agravaria bastante.

O ano seguinte ficou marcado pela inauguração de Brasília e eleição de Jânio Quadros para a Presidência da República (que renunciaria 4 meses depois, gerando grave crise política e militar).

2. MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

a) Pintura

A partir de 1945, a fundação de museus foi um fator de grande importância para a divulgação das artes plásticas. Da mesma forma, a Bienal de São Paulo, a partir de 1950, faria convergir para cá a arte contemporânea de todas as partes do mundo.

Aparece o grupo concretista em cujas obras predomina o geometrismo (década de 50).

b) Arquitetura

Brasília é o exemplo mais veemente das renovações que caracterizam o período em questão.

c) Teatro

O teatro foi a forma de expressão artística que maior renovação apresentou nesse período. Surgem nomes como Ariano Suassuna, Jorge de Andrade, Guarnieri, Augusto Boal, para citar alguns.

Em 1943, já se pressentia essa renovação no plano cênico, quando Ziembinski dirigiu a montagem de *Vestido de noiva* de Nélson Rodrigues.

É importante assinalar ainda, a partir de 1950, o trabalho desenvolvido pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e pelo Teatro de Arena, responsáveis por uma mudança radical no teatro brasileiro.

Nesse período de luta ideológica aguda, a palavra passou a ter grande destaque. Cresce o valor do *copy-desk*. O título da revista mais importante surgida no período é “Manchete”.

Na imprensa, a forma visual é um dos aspectos da luta. Os recursos gráficos e o uso da cor são mais um motivo para ataques ao jornal “Última Hora” pelos antivargas, que sentiram necessidade de apresentar resposta por um signo visual: a lanterna (símbolo da “Tribuna da Imprensa”, de Carlos Lacerda).

Na música, começa em 1955 - 1956, o movimento da música popular.

3. LITERATURA

PROSA

A terceira fase do Modernismo buscou o aperfeiçoamento do romance de 30. O modo como passam a ser tratados os assuntos mostra que o empenho literário deixou de ser a denúncia de uma realidade brasileira, que instigava a uma revolução, para ser uma “obra de arte”, para ser compreendida como produto do domínio da língua em todos os seus aspectos, épocas e níveis; domínio das técnicas construtivas da ficção. A proposta prende-se a uma criação “original”, uma “invenção” do autor. A preocupação é de libertar a literatura das limitações locais, regionais, nacionais e circunstanciais e dar-lhe, em oposição, uma significação universal.

Grande sertão: veredas - Guimarães Rosa; *A maçã no escuro* - Clarice Lispector; *Novelas nada exemplares* - Dalton Trevisan; *Chapadão do bugre* - Mário Palmério; *Nove novenas* - Osman Lins são exemplos significativos.

A obra do período não se popularizou como o romance de 30 por ser considerada difícil e muito “intelectual”.

As linhas que orientam a produção do período são:

1. Permanência da prosa de introspecção psicológica em que a sondagem do mundo interior

do homem torna-se mais profunda, mais penetrante. O representante maior dessa tendência é **Clarice Lispector.** Podemos citar ainda: **Lygia Fagundes Telles, Carlos Heitor Cony,** entre muitos outros.

O objetivo principal é atingir as regiões mais profundas da mente do personagem, para aí sondar complexos processos psicológicos.

Esse objetivo, presidindo a elaboração da narrativa, determina características específicas:

a) O enredo tem importância secundária. Por isso, as ações, quando aparecem, servem para ilustrar características psicológicas do personagem.
b) Seguindo o fluxo de pensamento do personagem, o narrador não obedece a critérios cronológicos. Predomina o tempo psicológico, cujo referencial são os "movimentos" da corrente de pensamento.
c) O espaço exterior é relegado a segundo plano, pois a narrativa centra-se no espaço mental do personagem.
d) Para expressar esses conteúdos, torna-se necessário alterar a linguagem romanesca tradicional:
   - a narrativa é fragmentada;
   - os processos linguísticos se alteram, produzindo combinações inusitadas que tentam expressar a atmosfera interna do personagem;
   - ocorrem trechos dissertativos.

2. Prosa regionalista: Embora permaneçam autores cuja orientação é o neorrealismo da fase anterior, a marca do período é a renovação da temática e das formas expressivas. Destacam-se: **Mário Palmério** (*Chapadão do bugre* e *Vila dos confins*), **Bernardo Elis, Adonias Filho** e, principalmente, **João Guimarães Rosa,** que vai utilizar a matéria regional para construir uma obra de **caráter universalizante.** A linguagem sofre verdadeira subversão, graças ao experimentalismo temático-formal.

3. Realismo mágico ou fantástico: leva-se ainda em conta o aparecimento do realismo fantástico, em que a recriação da realidade se processa através de uma **linguagem profun-damente simbólica,** numa narrativa que, à primeira vista, parece destituída de coerência e ordem. A intenção verdadeira do escritor esconde-se atrás de profundas metáforas. Destacam-se: **Murilo Rubião** e **José J. Veiga,** entre outros.

PROSADORES E OBRAS DA 3ª FASE

1. CLARICE LISPECTOR (1926 - 1977)

Escritora de ficção intimista, introspectiva, com aberturas para um horizonte social (romance psicológico).

Textos complexos e abstratos, emprego de metáforas incomuns, obediência ao fluxo da consciência são algumas de suas características. Alguns de seus contos encerram traços feministas parecidos, embora com crescentes implicações universais e filosóficas ("Amor", "Laços de família", "A partida do trem", "Uma aprendizagem").

OBRAS:
Perto do coração selvagem;
A paixão segundo G. H.;
A cidade sitiada;
Laços de família;
A legião estrangeira;
A maçã no escuro;
O lustre;
Água viva;
A aprendizagem ou Livro dos prazeres.

Comentários sobre alguns de seus textos:

O LUSTRE

Numa simbiose, a perpétua fusão entre a dor e o prazer tem curso em *O lustre*, em relato fragmentado e desconexo em que a jovem heroína Virgínia tenta romper com as confortadoras memórias infantis (ou seja, o irmão) em favor de uma ligação efêmera com um amante descomprometido. A especialidade oscila fatalmente com o elemento temporal entre a fazenda e a metrópole - e Virgínia põe termo à sua dolorosa e infrutífera busca de um ponto de apoio atirando-se melodramaticamente à frente de um carro em disparada. Como disse um crítico de *O lustre*: "Penetra como um pesadelo. Sua atmosfera é densa e sombria... negadora e pessimista" .

A CIDADE SITIADA

Prossegue numa veia análoga, com a autobiografia errática de uma jovem com preocupações de status, Lucréia Neves. Seu monólogo interior (indireto) leva-a a uma espécie de cruzeiro de prazer, partindo de sua cidade natal, com que ela tanto se identifica (a cidade sitiada), e a ela voltando, com vários notáveis interlúdios no percurso, como casamento, quase adultério e viuvez.

A APRENDIZAGEM OU LIVRO DOS PRAZERES

O último romance de Lispector a tratar, pelo menos na superfície, com o mundo puramente feminino e, no qual, significativamente, a protagonista avançou em anos, em relação direta com a autora - tem um título quase documentário: *A aprendizagem* ou *Livro dos prazeres.* Publicado vinte anos depois de *A cidade sitiada*, esmiuça as dúvidas e anseios de Lóri, uma professora que ama pela primeira vez (isto é, experimenta o prazer), mas tem medo de perder a própria identidade (e respeito?) no processo. O processo, naturalmente, é a sua lenta e não raro solitária aprendizagem, através da qual ela logra com sucesso sintetizar os extremos antes irreconciliáveis de independência (sua vida pessoal) e dependência (o amor ou o vínculo matrimonial).

A MAÇÃ NO ESCURO

Nessa obra, o protagonista Martim busca refúgio espiritual nos confins de uma fazenda isolada. Seu estado de confusão mental é exacerbado pela presença de duas mulheres rabugentas, tão sedentas de atenção masculina quanto Martim de ser deixado em paz para pôr em ordem o seu programa de vida. O seu dilema é delineado no início pelo narrador onisciente: "Qualquer direção era a mesma rota vazia e iluminada, e ele não sabia que caminho significaria avançar ou retroceder." Por infelicidade de Martim, sua crescente estabilidade mental é obliterada quando a polícia vem para prendê-lo por tentativa de assassinato contra a esposa - o crime cujo impulso originou a sua conturbada peregrinação ao interior selvático.

Há nos contos e romances de Clarice Lispector uma exacerbação do momento interior na procura e no entendimento do eu. Sua produção ficcional é de cunho existencialista em que o personagem sente a necessidade de subjetivar as coisas, os objetos, os animais, as pessoas e os fatos que lhe cercam e atingem. O desejo de se integrar ao mundo e ao outro se efetiva através da experimentação do prazer, da dor, das emoções, utilizando-se, também, da racionalidade num constante processo de autoanálise.

A seguir alguns fragmentos do livro *A hora da estrela* em que a autora conta a trágica vida de uma nordestina pobre, vivendo no Rio de Janeiro:

"Nunca pensara em 'eu sou eu'. Acho que julgava não ter direito, ela era acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que não apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato. Para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longíqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro."

"Desculpai-me, mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco, pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?"

"Eu sou sozinha no mundo e não acredito em ninguém, todos mentem, às vezes até na hora do amor, eu não acho que um ser fale com o outro, a verdade só me vem quando estou sozinha."

2. LYGIA FAGUNDES TELLES (1923)

Representante da prosa intimista, mostra em suas obras a gradual desagregação do mundo burguês, representada na ação de personagens femininas.

Fixa o clima saturado de certas famílias paulistanas, cujos filhos já não têm ideias nem orientação. Cenas e estados da alma, da infância e da adolescência são os momentos em que a autora consegue os mais belos efeitos.

"Os contos da autora conseguem ser pequenas sínteses do momento decisivo da personagem. A escritora sabe manejar a gota d'água, o efeito único, o instante tensivo em que a vida tem que se decidir. Desde suas primeiras narrativas, ela aos poucos vai assumindo uma feição insólita, fantástica, vai descobrindo o valor e a extensão do imaginário, transpondo as fronteiras do real, a fim de melhor encontrar-se com o drama humano.

Os romances já têm outra perspectiva, pois ali pode repousar sobre o drama, pode analisar com mais serenidade e tempo. Pode parecer estranho, mas é possível dizer que o melhor da escritora são seus contos, apesar de Otávio de Faria e Nogueira Moutinho qualificarem-na excelente romancista."

(Vicente Ataíde)

OBRAS:

Praia viva;
O cacto vermelho;
Ciranda de pedra;
Verão no aquário;
O jardim selvagem;
Antes do baile verde;
As meninas;
Seminário dos ratos;
A disciplina do amor;
Invenção e memória;
Meus contos preferidos;
Meus contos esquecidos.

"Minha vizinha dona Simone veio me consolar quando escutou minha aflição. Homem é assim mesmo ela disse naquela fala enrolada que eu não entendia muito bem porque era gringa. No meio da conversa soltava tudo quanto é palavrão lá na língua dela que mulher pra dizer asneira estava ali. Fazia o gesto ao mesmo tempo que falava. E virava a garrafa de vermute que pra onde ia levava debaixo do braço. Falou demais num tal de Juju. E acabou confundindo esse Juju com o Rogério. Tudo farrine do mesmo saque berrou tão alto que seu Maluf voltou pra ver se a gente não estava brigando. Depois ficou com sono e se jogou na minha cama com aquele bafo tão forte que não aguentei fui dormir no chão.

Voltou mais vezes. Usava um perfume que me enjoava porque ficava misturado com o bafo. A bendita garrafa debaixo do braço. Se sentava com as pernas sempre pra cima porque o pé inchava demais e aí ficava bebendo e xingando até cair no sono. Numa tarde veio quase pelada e me mandou ficar pelada também. Começou a me agarrar. Expliquei que se nem com homem eu gostava quanto mais com mulher. Ela riu e ficou dançando feito louca agarrada no travesseiro. Depois cantou a música lá dos gringos e no meio do choro me xingou o Juju. Até que caiu de porre atravessada no chão do quarto. Tive que arrastar ela para fora feito um saco de batata. Nessa noite me deu vontade de me matar. Respeitei seu Maluf que não queria confusão no hotel e fui pra rua comprar soda. Bebo com guaraná no jardim pensei. Mas quando fui passando pelo bar da esquina me deu uma fome desgraçada. Foi então que encontrei Arnaldo me perguntando se por acaso eu não era a pequena do Rogério. Nem pude responder. Então ele se sentou comigo no balcão. Disse que o navio do Rogério já devia estar longe e que era melhor mesmo eu tirar ele da cabeça porque não era homem de voltar nem pro mesmo porto nem pra mesma mulher. Aconselhou ainda que eu bebesse cerveja porque soda queima que nem fogo e cerveja sempre lava o coração." (Antes do *baile verde*)

3. ADONIAS FILHO (1915 - 1990)

A obra de Adonias Filho tem como cenário a região cacaueira da Bahia. Analisa a alma primitiva, o barbarismo, o telúrico (influência do meio nos costumes, usos e psicologias das pessoas). Na realidade criada por ele, o homem é visto como um ser fatalmente cercado pela violência e pela desgraça. O vale, os jagunços, os dementes e os criminosos da sua obra nada têm a dizer além dos

símbolos que encarnam da vida trágica e enclausurada. *Os servos da morte, Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo* são romances que se desenrolam na área interiorana de Ilhéus e apresentam a mesma realidade brutal em que os seres são perseguidos pela desgraça, fatalidade, loucura; o mundo se apresenta como um cerco em que a loucura, a crueldade e a vingança não se restringem a alguns.

CORPO VIVO

Narra a preparação do menino Cajango para que, quando adulto, se vingue dos que exterminaram sua família. Adulto e chefe de bando, o jagunço Cajango toma gosto pela violência e faz dela sua conduta. É da própria vida que ele parece estar se vingando na sucessão dos crimes que comete. O amor que o liberta, exige-lhe também que cometa um último crime: matar Inuri, o índio que o educara. Cajango parte para uma serra de passagem impossível, sugerindo, assim, que a fuga da violência só é possível no retiro absoluto, num local em que nem mesmo o sol tenha tocado a terra.

Nos fragmentos a seguir, retirados de *Corpo vivo*, temos em linguagem poética, a formalização de uma situação edênica em que os amantes (Cajango e Malva), afastados do ambiente social degradado, dão início a uma comunidade primordial no interior da selva. Essa reinvenção do paraíso perdido, a partir do amor, é uma constante na obra do escritor:

"Poderão viver entre os bichos da selva, nus poderão andar, e paz existirá porque outro homem e outra mulher não descobrirão o ninho (...) Fogo não faltará para abrandar o frio. E bastará outra voz para encher os dias. Bela será a face da mulher e fortes os braços do homem. Permanecerão deitados, a serra protegendo o mundo embaixo com toda sua cólera. O vento do outro lado não terá poderes para rachar a montanha."

(...)

"Cajango e a mulher estão ali, em alguma parte, unidos os corpos que vão gerar outros homens."

(...)

"A serra ressurge, aleijão medonho, um homem e uma mulher agora em suas entranhas. Não há febre, o calor diminui, mas é a serra que se levanta dentro do seu calor. Cajango e a mulher, as mãos nas mãos, pisam o chão úmido. As rochas como que se movem, dobrando-se a serra, para recebê-los. Descobrirão as cavernas, examinarão os fossos, encontrarão o ninho."

OBRAS:
Os servos da morte;
Memórias de Lázaro;
Corpo vivo;
O forte;
Léguas da promissão.

4. JOÃO GUIMARÃES ROSA (1908 - 1967)

Estreando em 1946, com *Sagarana*, João Guimarães Rosa se afirmou desde ali como o maior criador na literatura brasileira, graças a sua originalidade e temática expressiva. Destruindo a noção de gênero como categoria distinta, ele opera a junção da narrativa com a lírica, e o resultado disso é um universo ficcional místico, em que os nossos critérios de julgamento, próprios para o romance e o conto realistas e racionalistas, mostram-se ineficazes.

Sua obra-prima, talvez a maior obra da literatura ocidental do século XX, ***Grande sertão: veredas*** é caracterizada pela travessia do personagem-narrador pelo sertão, num sertão de jagunços e guerras. Riobaldo, o personagem central se maravilha diante da descoberta do mundo do sertão. Paralelamente, a travessia exterior pelo sertão corresponde a uma travessia interior, o processo de conhecimento do mundo (o sertão é o mundo) e de autoconhecimento, quando ele se apaixona por Diadorim, descobrindo que o amor é o fundamento mais importante da existência.

Algumas características de sua obra (segundo Alfredo Bosi):

Primeiro: A **metamorfose do código.** Se José Lins do Rego e Jorge Amado já tentaram fugir da linguagem escrita tradicional, acadêmica, em direção da linguagem oral típica do Nordeste, Guimarães Rosa não só radicalizou esta direção, como também pesquisou profundamente cada passo dado, a ponto de transportar o código de nossa língua para uma

dimensão nunca atingida. Após ter feito um inventário dos processos da língua, e da linguagem do sertão, da musicalidade da fala sertaneja, percebeu o quanto de medieval havia na melodia e na formação de muitos vocábulos; depois de entendidas e aplicadas estas características arcaicas, cobriu os claros deixados num novo código com outros recursos coordenados àqueles: neologismo, associações linguísticas raras, aliterações, onomatopeias, cortes, desligamentos sintáticos, vocabulário inédito e insólito... de tal maneira que sua linguagem fica encharcada de musicalidade e de inumeráveis faixas de ondas semânticas.

Segundo: **Seu regionalismo.** Se outros regionalistas nordestinos exploram o ciclo das secas, o ciclo da cana-de-açúcar, o ciclo do cacau, ele, Guimarães Rosa, explorou o ciclo da pecuária: **a pecuária no sertão.** Se os outros regionalistas delimitavam geograficamente sua área, o sertão de Guimarães, além de não ter limites geográficos específicos, ainda adquire **dimensões de mundo, universaliza-se** à proporção que o autor tematiza questões universais como o amor, a violência, a traição, o medo.

Terceiro: **A tensão crítica.** A tensão crítica entre a obra de Graciliano Ramos e sua realidade geográfica, social, econômica, era máxima. A tensão crítica entre José Lins do Rego e sua realidade, em verdade, existia consciente, observada, detectada, porém há uma identificação autor/realidade, numa tentativa de preservar, através da obra, a realidade criticada, analisada. Jorge Amado, fora o nível ideológico de algumas obras, procurou desviar-se das contradições, das injustiças sociais, econômicas de uma sociedade, para ver nela outro veio: o veio sentimental, poético, lírico, até libertino ... do povo da Bahia: o que reduz a tensão crítica do autor.

Guimarães Rosa transporta a tensão para outra dimensão. A dimensão de um mundo **mítico, originário, poético, pré-lógico,** com seres huma-nos em estágio pré-consciente. Neste mundo, há duas coordenadas: o Bem e o Mal, quer dizer, Deus e o diabo, isto é, o Positivo e o Negativo, o Tudo e o Nada...

A seguir, temos alguns trechos de ***GSV*** em que se tematiza a inexorabilidade do destino humano, a problemática de Deus e do diabo, a vastidão do saber, a existência e a própria narração:

"Ao que tropecei, e o chão não quis a minha queda"

"A morte de cada um já está em edital"

"A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação - porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada."

"O diabo vive dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum."

"Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente se perder no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas não se podendo facilitar - é todos contra os acasos."

"Vivendo se aprende, mas o que se aprende, mais é só a fazer outras maiores perguntas."

"Viver é muito perigoso. Por que ainda não se sabe. Porque aprender a viver é que é o viver, mesmo."

"Eu estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder".

Finalmente, apresentamos uma passagem considerada antológica em que Riobaldo, tendo feito um pacto com o demônio, tenta entender seu ato:

"E as ideias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe, pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Ozarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o sem-Gracejos... Pois, não existe! E se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele?"

<u>OBRAS</u>:
Sagarana (contos;)
Corpo de baile (novelas);
Grande sertão: veredas (romance);

Primeiras estórias (contos);
Tutaméia: terceiras estórias (contos).

POESIA

A atitude crítica perante a literatura brasileira despertou, nos escritores da 3ª fase do Modernismo, a certeza da necessidade de renovação, principalmente no que diz respeito à recuperação dos valores estéticos rejeitados pelos modernistas. Surgiram, a partir de 45, grupos inconciliáveis nas convicções estéticas e nas linhas renovadoras:

a) "Geração 45"

A proposta dessa geração prende-se, principalmente, à restauração das formas poéticas, entendendo que a poesia deveria merecer maior rigor formal, marcado sobretudo pela reabilitação do soneto e pelo emprego de um vocabulário mais erudito, com mais adjetivação. São defensores do rigor formal (semânticos, estilísticos), da emoção lírica e beleza poética. Foram chamados pejorativamente de "neoparnasianos". O maior representante dessa linha foi J**oão Cabral de Melo Neto.**

b) Poesia de Caráter Social

Em 1957, resultante de uma cisão com os concretistas, surge o Neoconcretismo. Nesse grupo estava **Ferreira Gullar** que, mais tarde, encaminha-se para uma poesia de dimensão social. Reagindo contra o que consideravam os excessos formalistas do Concretismo, alguns poetas propunham uma poesia mais comunicativa e voltada para a problemática social e política do país, as angústias e inquietações do povo. Nesta tendência, além de Ferreira Gullar, destacam-se: Afonso Ávila, Thiago de Melo, José Paulo Paes, entre muitos outros.

c) Experimentalismo

Pesquisas poéticas levadas a todas as consequências, não importando os resultados. Nessa linha surgem o **Concretismo** e a **Poesia Práxis** (detalhadas a seguir).

POETAS E OBRAS

1. JOÃO CABRAL DE MELO NETO (1920 – 1999)

Segundo Eduardo Portella, João Cabral de Melo Neto constitui um verdadeiro caso à parte na literatura brasileira, inclusive, sendo em relação à lírica anterior, um antipoeta porque não há uma só emoção que não venha pensada, uma só palavra que não chegue a um conceito, uma só música, sem a exatidão e a nudez do único som necessário. Portanto, um poeta que **rompeu o sentimen-talismo, a melodia fácil, a poesia de inspiração**. Seus versos são **despojados, ásperos, rudes, trabalhados rigorosamente.**

OBRAS
Pedra de sono;
O engenheiro;
Psicologia da composição;
O cão sem plumas;
O rio;
Morte e vida severina;
Quaderna;
Educação pela pedra;
Museu de tudo;
A escola das facas;
Auto do frade;
Crime na Calle Relator.

Em *Pedra de sono*, há a predominância de uma visão surrealista do mundo, como se pode notar no poema que segue:

COMPOSIÇÃO

"Frutas decapitadas, mapas
aves que prendi sob o chapéu,
não sei que vitrolas errantes,
a cidade que nasce e morre,
no teu olho a flor, trilhos
que me abandonam, jornais

que me chegam pela janela
repetem os gestos obscenos
que vejo fazerem as flores
me vigiando em noites apagadas
onde nuvens invariavelmente
chovem prantos que não digo."

O engenheiro

Nessa obra, o poeta rompe com a visão surrealista do primeiro momento para se encaminhar ao racionalismo, característica que, a partir daí, irá predominar em toda a sua obra, como se pode observar num trecho do poema "O engenheiro":

"A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
ao edifício. A cidade diária,
como um jornal que todos liam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro.)

A água, o vento, a claridade,
de um lado do rio, no alto as nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples."

Psicologia da composição

Nesse livro, a tendência racionalista já se apresenta mais amadurecida. O poeta rejeita a inspiração e assume uma posição de objetividade diante da escrita. Observe o fragmento transcrito da parte VII do poema "Psicologia da composição":

"É mineral o papel
onde escrever
o verso; o verso
que é possível não fazer.

São minerais
as flores e as plantas,
as frutas, os bichos
quando em estado de palavra.

É mineral
a linha do horizonte,
nossos nomes, essas coisas
feitas de palavras.

É mineral, por fim,
qualquer livro:
que é mineral a palavra
escrita, a fria natureza

da palavra escrita."

O cão sem plumas

Nessa obra, a perfeição de sua linguagem encontra uma temática: o rio Capibaribe, com sua sujeira, seus detritos e com a população miserável que lhe habita as margens, trágico espelho do subdesenvolvimento, conforme comprovam os fragmentos abaixo:

"A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos polvos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.

Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.

Abre-se em flores
pobres e negras
como negros.
Abre-se numa flora
suja e mais mendiga
como são os mendigos negros.
Abre-se em mangues
de folhas duras e crespos
como um negro. [...]

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem."

Morte e vida severina

Essa obra revela a preocupação social, pois retrata os problemas do homem nordestino ante o seu meio. A mesma temática apareceu em *O cão sem plumas* (1950) e *O rio* (1954).

Leia um trecho de *Morte e vida severina*, sua obra mais conhecida, em que o retirante Severino dirige-se a uma mulher, solicitando informação sobre trabalho.

"- Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?

- Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?

- Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.

- Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavrar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia por lá?

- Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há;
mas até a calva da pedra
sinto-me capaz de arar.

- Também de pouco adianta,
nem pedra há aqui que amassar;
diga-me ainda, compadre,
que mais fazia por lá?

- Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar:
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o caroá.

- Esses roçados o banco
já não quer financiar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia lá?

- Melhor do que eu ninguém
sabe combater, quiçá,
tanta planta de rapina
que tenho visto por cá.

- Essas plantas de rapina
são tudo o que a terra dá;
diga-me ainda, compadre,
que mais fazia por lá?

- Tirei mandioca de chãs
que o vento vive a esfolar
e de outras escalavradas
pela seca faca solar.

- Isto aqui não é Vitória
nem é Glória do Goitá;
e além da terra, me diga,
que mais sabe trabalhar?

- Sei também tratar de gado,
entre urtigas pastorear:
gado de comer do chão
ou de comer ramas no ar.

- Aqui não é Surubim
nem Limoeiro, oxalá!
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?

- Em qualquer das cinco tachas
de um banguê sei cozinhar;
sei cuidar de uma moenda,
de uma casa de purgar.

- Com a vinda das usinas
há poucos engenhos já;
nada mais o retirante
aprendeu a fazer lá?

- Ali ninguém aprendeu
outro ofício, ou aprenderá:
mas o sol, de sol a sol,
bem se aprende a suportar.

- Mas isso então será tudo
em que sabe trabalhar?
vamos, diga, retirante,
outras coisas saberá.

- Deseja mesmo saber
o que eu fazia por lá?
comer quando havia o quê
e, havendo ou não, trabalhar.

- Essa vida por aqui
é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?

- Já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar;
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.

- Pois se o compadre soubesse
rezar ou mesmo cantar,
trabalhávamos a meias,
que a freguesia bem dá.

- Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como senhora, comadre,
pode manter o seu lar?

- Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.

- E ainda se me permite
que lhe volte a perguntar:
é aqui uma profissão
trabalho tão singular?

- É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.

- E ainda se me permite
mais outra vez indagar:
é boa essa profissão
em que a comadre ora está?

- De um raio de muitas léguas
vem gente aqui me chamar;
a verdade é que não pude
queixar-me ainda de azar.

- E se pela última vez
me permite perguntar:
não existe outro trabalho
para mim nesse lugar?

- Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirantes às avessas,
sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar;
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear."

chã = terreno plano.
pita = erva cujas folhas grossas fornecem boas fibras.
caroá = planta cujos frutos fornecem fibra utilizada na manufatura de barbantes.

Outro exemplo:

TECENDO A MANHÃ

"Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão."

2. FERREIRA GULLAR (1930)

Poeta profundamente comprometido com seu tempo. Após a publicação de *Luta corporal* (1954), em que o poeta tentava encontrar uma linguagem menos abstrata, a mais próxima possível da experiência sensorial do mundo, seguiu-se a publicação de *Poemas* - obra concretista - e depois do rompimento com as vanguardas, iniciou sua fase "participante" .

Busca o autor, em sua poesia, expressar sua visão a respeito das questões estéticas, sociais, da derrota das esquerdas na América Latina. Apreende-se ainda de sua obra o **questionamento sobre a poesia, a preocupação com o homem, a dor, a tristeza, a solidão e a solidariedade para com os menos favorecidos.**

OBRAS:
Dentro da noite veloz;
Poema sujo;
Na vertigem do dia;
Melhores poemas de Ferreira Gullar;
Muitas vozes.

MEU POVO, MEU POEMA

"Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta"

NÃO HÁ VAGAS

"O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,
  está fechado:
  'não há vagas'
  Só cabe no poema
  o homem sem estômago
  a mulher de nuvens
  a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira"

DOIS E DOIS: QUATRO

"Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

– sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena."

NOVA CANÇÃO DO EXÍLIO

"Minha amada tem palmeiras
Onde cantam passarinhos
e as aves que ali gorjeiam
em seus seios fazem ninhos
Ao brincarmos sós à noite
nem me dou conta de mim:
seu corpo branco na noite
luze mais do que o jasmim
Minha amada tem palmeiras
tem regatos tem cascata
e as aves que ali gorjeiam
são como flautas de prata
Não permita Deus que eu viva
perdido noutros caminhos
sem gozar das alegrias
que se escondem em seus carinhos
sem me perder nas palmeiras
onde cantam os passarinhos"

NÃO-COISA

"O que o poeta quer dizer
no discurso não cabe
e se o diz é pra saber
o que ainda não sabe.

Uma fruta uma flor
um odor que relume...

Como dizer o sabor,
seu clarão seu perfume?

Como enfim traduzir
na lógica do ouvido
o que na coisa é coisa
e que não tem sentido?

A linguagem dispõe
de conceitos, de nomes
mas o gosto da fruta
só o sabes se a comes

só o sabes no corpo
o sabor que assimilas
e que na boca é festa
de saliva e papilas

invadindo-te inteiro
tal dum mar o marulho
e que a fala submerge
e reduz a um barulho,

um tumulto de vozes
de gozos, de espasmos,
vertiginoso e pleno
como são os orgasmos

No entanto, o poeta
desafia o impossível
e tenta no poema
dizer o indizível:

subverte a sintaxe
implode a fala, ousa
incutir na linguagem
densidade de coisa

sem permitir, porém,
que perca a transparência
já que a coisa é fechada
à humana consciência.

O que o poeta faz
mais do que mencioná-la
é torná-la aparência
pura – e iluminá-la.

Toda coisa tem peso:
uma noite em seu centro.
O poema é uma coisa
que não tem nada dentro,

a não ser o ressoar
de uma imprecisa voz
que não quer se apagar
- essa voz somos nós."

CONCRETISMO

O movimento concretista ganha expressão na década de 50, em São Paulo, com **Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos,** reunidos em torno da revista **Noigandres** (1952). A I Exposição Nacional de Arte Concreta realiza-se, em 1956, nos salões do Museu de Arte Moderna de São Paulo, ao lado de pintores, escultores e desenhistas. O movimento ganha corpo com a transferência da exposição para o Rio de Janeiro, com a conferência de Décio Pignatari na UNE (União Nacional dos Estudantes), com o artigo de Mário Faustino comprovando a autoridade intelectual dos concretistas e com o apoio de Manuel Bandeira ao movimento.

Costumam os concretistas conferir a Mallarmé, poeta francês, a posição de precursor do movimento, com seu poema "Un coup de dés" ("Um lance de dados"). O próprio Mallarmé confessa ao amigo Valéry: "Não lhe parece um ato de loucura?" Ainda como precursores do Concretismo são citados os futuristas e autores como Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Oswald de Andrade.

Essa tentativa de formular uma nova linguagem poética se liga também ao contexto político-econômico, principalmente à época de Juscelino Kubitschek, considerada historicamente como "período" da indústria automobilística, naval e da construção de Brasília, de estradas e rodovias. Essa ligação se efetiva à medida que se acreditava na necessidade de se elaborar uma nova linguagem poética que acompanhasse e refletisse o crescente e dinâmico capitalismo que se fortalecia na sociedade brasileira. O poema concreto, então, passa a ser visto como objeto a ser consumido, fruído de modo imediato e descartado. Esse paralelismo entre poesia concreta e infraestrutura econômica passa a ser questionado, ressaltando-se o seu lado alienante e pouco crítico. Assimilando a crítica, os concretistas dão o "salto da onça", novo direcionamento em que a denúncia política se faz presente, criticando o imperialismo americano e a exploração do operariado. Alguns poemas, como o que segue, se enquadram nessa nova direção, mais engajada.

CICLO
1940 ela
1941 ele ela
1942 ele + ela
1943 ELES!
1944 ELES + ele
1945 ELES + ele + ela
1950 ELES + ele + ela + ela + ele + ele
1964 ELES + ele + ela + ele + ele
1970 ELES + ele
1975 ELES
1982 ele -
1983 ✞

Os concretistas argumentam que a poesia tradicional não mais se ajusta às exigências modernas; que a comunicação visual momentânea se coaduna mais com a época do cinema e televisão, com a propaganda e a técnica dos anúncios luminosos.

A comunicação do ideograma, da repetição sonora, das aliterações e assonâncias se faz por si mesma, já que "o poema concreto é uma realidade em si, não um poema sobre". É o tipo de poema que apela para o **som, letra, página, cor, linha e forma.**

Observe o poema concreto a seguir:

beba	coca	cola
babe		cola
beba	coca	
babe	cola	caco
caco		
cola		
	cloaca	

(Décio Pignatari)

A comunicação do poema concreto apela para o ideograma (símbolo gráfico que exprime diretamente as ideias), rompendo com a sintaxe tradicional. Qual o sujeito das orações? Qual o predicado? O poema todo é elaborado com substantivos concretos e verbos, com abolição do verso e sinais de pontuação. É feito com palavras e não com ideias.

Podem ser enunciadas como caracterís-ticas gerais do Concretismo:

a) ideograma: apelo à comunicação não verbal;
b) poema feito de palavras: na elaboração de um poema leva-se em consideração o som e a carga semântica das palavras e sua configuração visual no poema;
c) coincidência e simultaneidade da comunicação verbal e não verbal;
d) tendência à substantivação e à verbificação, objetividade;
e) polissemia, trocadilho, justaposição de termos, aliterações, assonâncias;
f) valorização do espaço, letra, cor e disposição de palavras. O verso é abolido. Decorre daí que há várias leituras possíveis: horizontal. vertical e até diagonal;
g) ocorre a ruptura com a sintaxe tradicional e a disjunção de palavras, principalmente da palavra-chave do texto. Assim, consegue-se que ela fique espalhada em toda a composição.

O que diziam os concretistas sobre a sua arte:

"Um poema escrito é antes de tudo visual, e não sonoro, ele não é instrumento musical... a poesia silenciosa, a poesia espacional é contra o herói..."

"O silêncio é o não som. A mudez da nova linguagem que não tem uma correspondência sonora. O poema tem a sua imagem e não é o código escrito de um som: é mudo porque o visual não tem correspondência fônica."

"O poema-concreto sendo de alcance visual e total a todos os instantes, ele não quer depender da memória, isto é, das páginas anteriores... a visão completa do poema faz com que ele perca a lógica linear..."

"O poema-concreto - higiênico em todos os sentidos tem uma disciplina: é franco."

A poesia concreta foi um momento revolucionário e como tal durou apenas aquele momento, mas deixou influências profundas. Ela não deve ser tomada como um dogma, uma doutrina, mas como um movimento coerente, acontecido na poesia brasileira.

AUTORES CONCRETISTAS

1. DÉCIO PIGNATARI (1927)

Poeta, advogado, professor, conferencista e publicitário. Como participante do "Grupo Noigandres" foi um dos fundadores do Movimento da Poesia Concreta, lançado na Exposição Nacional de Arte Concreta.

<u>OBRAS:</u>
Poesia:
O Carrossel;
Rumo a Nausica;
Semi de Zucca;
Poesia concreta;
Organismo;
Exercício findo.

Ensaios:
Teoria da poesia concreta - (com Augusto e Haroldo de Campos);
- *Informação, linguagem, comunicação;*
- *Contracomunicação;*
- *Semiótica e Literatura.*

2. AUGUSTO DE CAMPOS (1931)

Poeta, advogado, procurador, crítico, publicitário, em 1952 fundou o "Grupo Noigandres", com seu irmão Haroldo e Décio Pignatari.

Poesia:
Rei menos o reino;
Ovo novelo;
Linguaviagem;
Equivocábulos;
Caixa preta.

Ensaios:
T*eoria da poesia concreta* (com Décio Pignatari e Haroldo de Campos);
O balanço da bossa.

3. HAROLDO DE CAMPOS (1929 - 2003)

Poeta, advogado, procurador, professor e conferencista.

OBRAS:
O auto do processo;
O âmago do ômega;
Alea I - variações semânticas;
Xadrez de estrelas.

Ensaios:
Teoria da poesia concreta (com Décio Pignatari e Augusto de Campos);
Metalinguagem;
A arte do horizonte do provável;
Morfologia do Macunaíma;
A operação do texto.

Seguem alguns poemas concretistas:

1.

I N C O M U N I C A B I L I D A D E
COMUNICABILIDADE
HBLDD
AIIAE
EEEEE
DDDD
AAA
DD
I

(*Espaço concreto,* Ribamar Gurgel)

O poema trabalha com o recurso à visualização redutora da palavra "incomunicabilidade". Primeiro, é a incomunicabilidade, representada através da separação entre si das letras que formam a palavra. Em seguida, as letras se juntam para formarem a palavra "comunicabilidade". Da comunicabilidade, surge o movimento acrobático da "habilidade", em que as consoantes ficam todas num plano superior, e as vogais (letras de apoio) ficam no plano inferior, letras de sustentação. E, por fim, multiplicação fonemática a mostrar desde a verticalidade do "I" que inicia a palavra "incomunicabilidade", uma "idade", a semântica de quem passou por momentos de incomunicabilidade, de comunicabilidade, de habilidade e da idade de ver até a própria história evolutiva da palavra poética.

2.

ente	entre	ente
gente	entre	gente
mente	entre	mente
	entre	
mente	entre	gente
rente	entre	mente
ente	entre	ente

(João Adolfo Moura)

A aparente pobreza semântica oculta o real significado da participação interpessoal: ente entre ente/gente entre ente/mente entre mente e outras combinações.

3.

V	V	V	V	V	V	V	V	V	V
V	V	V	V	V	V	V	V	V	E
V	V	V	V	V	V	V	V	E	L
V	V	V	V	V	V	V	E	L	O
V	V	V	V	V	V	E	L	O	C
V	V	V	V	V	E	L	O	C	I
V	V	V	V	E	L	O	C	I	D
V	V	V	E	L	O	C	I	D	A
V	V	E	L	O	C	I	D	A	D
V	E	L	O	C	I	D	A	D	E

(Ronaldo Azeredo)

O impacto (e a velocidade de uma leitura em estado prático) do cartaz: o consumo rápido, imediato, constante.

Cartaz - projeto de anúncio: a velocidade de um mundo sob a égide da contemporaneidade.

Outros exemplos:

4.

eixosolo
polofixo
eixoflor
pésofixo
eixosolo
olhofixo

(Augusto de Campos)

5.

de sol a sol
soldado
de sal a sal
salgado
de sova a sova
sovado
de suco a suco
sugado
de sono a sono
sonado

sangrado
de sangue a sangue

(Haroldo de Campos)

6.

poesia em tempo de fome
fome em tempo de poesia

poesia em lugar do homem
pronome em lugar do nome

homem em lugar de poesia
nome em lugar do pronome

poesia de dar o nome

nomear é dar o nome

nomeio o nome
nomeio o homem
no meio a fome

nomeio a fome

(Haroldo de Campos)

7.

P
P
P Ê
P Ê N
P Ê N D
P Ê N D U
P Ê N D U L
P Ê N D U L O
P Ê N D U
P Ê N D

(E. M. de Melo e Castro, Concretismo Português)

8.

durassolado solumano
petrifincado corpumano
amargamado fardumano
agrusurado servumano
capitalienado gadumano
massaformado desumano

(José Lino Grunewald)

9.

Ver de dia
ver de noite
verde noite
negro dia
verde negro
Verdes vós
verem eles
viram eles

virdes vós
verem todos
tudo negro
tudo negro
verde negro verde negro

(Manuel Bandeira)

10.

ELE ELA
ELO
ANEL ANELO

(Manuel Bandeira)

11.

GAGARIN

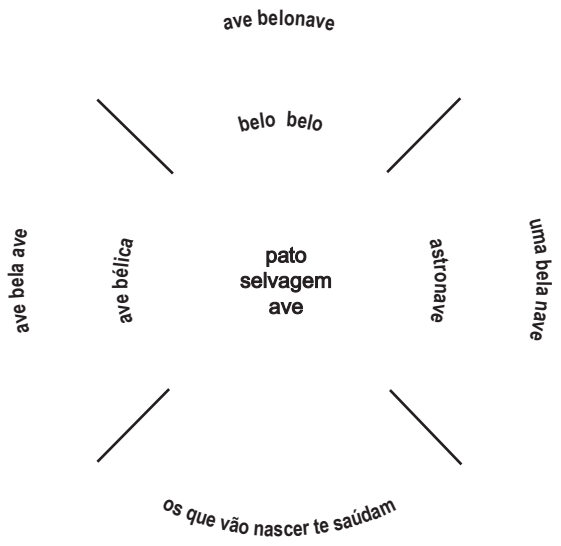

(Cassiano Ricardo)

Observe, nos poemas a seguir, como certas intenções concretistas já se evidenciavam em autores brasileiros bem antes do aparecimento do movimento em estudo:

12.

LV O VELHO DIÁLOGO DE ADÃO E EVA

Brás Cubas

. . . ?

Virgília

. . . . . .

Brás Cubas

. . . . . .

Virgília

. . . . . !

Brás Cubas

. . . . . .

Virgília

. . . . . ?

Brás Cubas

. . . . . .

Brás Cubas

. . . . . !

. . . . . !

. . . . . !

Virgília

. . . . . ?

Brás Cubas

. . . . . !

Virgília

. . . . . !

13.

CXXXIX

DE COMO NÃO
FUI MINISTRO
D'ESTADO

.....
.....
.....
.....
.....
.....

(Capítulos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas,* de Machado de Assis)

14.

I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C	E	S	A	R
N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C	E	S	A
U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C	E	S
T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C	E
R	T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C
O	R	T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E
Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U
U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q
E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T	R	O
C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T	R
E	C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T
S	E	C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U
A	S	E	C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N
R	A	S	E	C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I

(*Labirinto Cúbico* de Anastácio Ayres de Penhafiel, Academia dos Esquecidos, século XVIII)

15.

"Estrelas
Singelas
Luzeiros
Fagueiros,
Esplêndidos orbes, que o mundo aclarais!
Desertos e mares, - florestas vivazes!
Montanhas audazes que o céu topetais!
Abismos
Profundos!
Cavernas
Eternas!
Extensos,
Imensos
Espaços
Azuis!
Altares e tronos,
Humildes e sábios, soberbos e grandes!
Dobrai-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ela nos mostra da glória o caminho,
Só ela nos fala das leis de - Jesus!"

(Poema de Fagundes Varela, Romantismo)

POESIA PRÁXIS

No início de 60, período de grande mobilização política e ideológica, grande parte da poesia brasileira rumou para o discurso político-ideológico.

O lançamento da revista *Práxis* e do livro de poemas *Lavra-lavra* (1962), de Mário Chamie, inaugura uma dessas vertentes: a poesia práxis. Em *torno* dela, reúnem-se, além *do* criador, Yvone Gianetti Fonseca, Antônio Carlos Cabral, Carlos E. Brandão e outros.

Foi a práxis que melhor explicitou direções exigidas pelo momento social: as necessidades didáticas, semânticas e formais. Adotou, como princípio de trabalho, uma teoria que se desdobrava segundo três condições de ação:

a) o ato de compor;
b) a área de levantamento das composições;
c) o ato de consumir.

São aspectos importantes na composição:

a) **o espaço em preto;**
b) **a mobilidade intercomunicante das palavras;**
c) **o suporte interno de significados.**

O espaço em preto é o ocupado pelas palavras. Isso difere do Concretismo que considerava também os espaços em branco. Na Práxis, os espaços em preto formam blocos, como se fossem estrofes na poesia tradicional. Esses blocos permitem justaposição, gerando uma superposição de significados provenientes de cada posição. Em outras palavras, é possível trocar a posição das palavras de tal sorte que, na nova posição, adquiram novo significado, conforme o novo contexto do bloco em que estão inseridas. "Toda palavra tem tantos significados quantos sejam seus contextos". Com isso, tem-se a mobilidade intercomunicante das palavras e também o contexto como suporte interno de significados.

Notamos que nos fragmentos poéticos a seguir, os poetas ligados à poesia práxis procuram vincular a palavra a determinado contexto extralinguístico. O poeta práxis não escreve sobre termos preconcebidos ou oriundos de seu eu interior. Ele parte de áreas de levantamento (a fábrica, o campo, o mercado financeiro, a mídia, etc.), procurando trabalhar com o vocabulário e as situações pertinentes àquela área. Objetiva empreender crítica social às relações de coisificação do homem na sociedade moderna, uma vez que a vanguarda práxis opta pelo engajamento político, tônica da década de sessenta, na sociedade brasileira. Assim sendo, a poesia práxis une, no espaço poético, as conquistas experimentais do Concretismo e a palavra a serviço da denúncia social.

VEÍCULOS DE MASSA

TV

"O vidro transparência / o olho cego consciência
a consciência no vídeo / a transparência no vidro
o povo cego da praça / o olho negro da massa
a praça de olho cego / a massa de olho negro

o vidro transparência
o cego consciência
a massa diante do vídeo
a massa = globo de vidro

a praça de olho negro
o povo = olho morcego

sem ver o povo com a venda
a câmara negra = sua tenda

sem ver / a venda no olho do povo
te vê / a câmara negra do sono"

(Mário Chamie)

MIRALUA

"Lua supra
Entreato
Lua infra
No regato

Retrato

Estremecido
Olho

elipse

Rangido aquático
eclipse
Lua sobre lua
Lua sob lua
Anular
Lunar
Lu ar
lualua."

AGIOTAGEM

"um
dois
três
o juro: o prazo
o pôr / o cento / o mês / o ágio

porcentágio

dez
cem
mil
o lucro: o dízimo
o ágio / a mora / a monta em péssimo

empréstimo

muito
nada
tudo
a quebra: a sobra
a monta / o pé / o cento / a quota

haja nota
agiota"

(Mário Chamie)

LAVRA-DOR

"LAVRA: onde tendes pá, o pé e o pó
sermão da cria: tal terreiro.

DOR: onde tenho o pó, o pé e a pá,
quinhão da via: tal meu meio
de plantar sem água e sombra.

LAVRA: onde está o pó, tendes cãibra;
agacho dói ao rés e relva.

DOR: onde, jaz o ó, tenho a planta
do pé e milho junto à graça
do ar de maio, um ar de cheiro.

LAVRA: a planta e o pé, o pó e a terra;
o mapa vosso; várzea e erva.

DOR: onde o ganho alastra eu perco.
Perde o mapa a cor, fina réstea
de amanho em nós, nossa rédea
de luz lastro em casa, o raso
nosso e a fome clara verga
o corpo onde o ganho alastra.

LAVRA: a planta e o mapa, pó e safra.

DOR: onde a morte perde, em ganho.
Ganha a casa amor, o pouco
de amanho em nós, já redobro
de paz aura em casa, o raso
nosso e a fome cava cede
ao corpo, onde a morte perde."

(Mário Chamie)

EXERCÍCIOS

01. (UFRS) o romance de Clarice Lispector:

a) filia-se à ficção romântica do séc. XIX, ao criar heroínas idealizadas e mitificar a figura da mulher.
b) define-se como literatura feminista por excelência, ao propor uma visão da mulher oprimida num universo masculino.
c) prende-se à crítica de costumes, ao analisar com grande senso de humor uma sociedade urbana em transformação.
d) explora até às últimas consequências, utilizando, embora a temática urbana, a linha do romance neonaturalista da geração de 30.
e) renova, define e intensifica a tendência introspectiva de determinada corrente de ficção da segunda geração moderna.

02. (UFPR) A obra **Grande sertão: veredas,** de Guimarães Rosa:

a) continua o regionalismo dos fins do século passado, sem grandes inovações.
b) exprime problemas humanos, em estilo próprio, baseado na contribuição linguística regional.
c) descreve tipos de várias regiões do Brasil, na tentativa de documentar a realidade brasileira.
d) fixa os tipos regionais, com precisão científica.
e) idealiza o tipo sertanejo, continuando a tradição de Alencar.

03. (PUC - SP) João Cabral de Melo Neto é o poeta do Modernismo que se salienta por um constante combate ao sentimentalismo. "É o engenheiro da poesia". Busca concisão e precisão nos seus poemas. No entanto, num terreno oposto faz poesia de participação. Um seu poema, divulgado como peça teatral, realiza uma análise social do homem nordestino, porém sem arroubos sentimentais. O poema em causa é:

a) Invenção de Orfeu;
b) Morte e vida severina;
c) Jeremias sem chorar;
d) Brejo das almas;
e) n. d. a.

04. (FCC - SP) O Concretismo brasileiro caracteriza-se por:
a) renovação dos temas, privilegiando a revelação expressionista dos estados psíquicos do poeta.
b) exploração estética do som, da letra impressa, da linha, dos espaços brancos da página.

c) preocupação com a correção sintática, desinteresse pela exploração de campos semânticos novos.
d) descaso pelos aspectos formais do poema.
e) preferência pela linguagem formalmente correta.

05. (CESESP - PE) A partir de 1945, segundo um critério histórico, as tendências da literatura estruturam-se, configurando um quadro diferente daquele advindo de 1922 (Semana de Arte Moderna). Dentre as opções apresentadas, quais as que definem a nova tendência?

1. Anarquismo estético, justificado pela Segunda Guerra Mundial.
2. Preocupação existencial e metafísica que se aliava ao protesto, às circunstâncias históricas.
3. Volta ao metro e à rima tradicionais, ao lado de novas invenções no verso.
4. Busca de originalidade a qualquer preço.

a) 1, 2;
b) 2, 3;
c) 3, 4;
d) 4, 1;
e) 4, 2.

06. Movimento controvertido dentro da moderna poesia brasileira, propôs, como programa, em princípio, alcançar a objetividade do poema em suas relações com o espaço gráfico, atribuindo à página em que o poema é impresso a função de elemento visual na apreensão do mistério poético, e tratando a palavra como objeto em si.
Esse é o programa da poesia:

a) Pau-Brasil;
b) Verde-amarelista;
c) Da Geração de 45;
d) Práxis;
e) Concretista.

07. *"Explora todo o espaço da página, numa preocupação com o aspecto visual do texto; em lugar da frase, fica a palavra, decomposta nos seus mais diversos elementos".*
O texto acima diz respeito:

a) à crônica moderna;
b) ao conto contemporâneo;
c) à poesia modernista da fase esteticista;
d) ao concretismo;
e) ao romance regionalista de João Guimarães Rosa.

Poesia - características gerais:

Tendências	Características	Representantes	Características	Obras
Geração 45		João Cabral de Melo Neto		
Poesia Social		Ferreira Gullar		
Concretismo				
Poesia Práxis				

Literatura Pós - 1964

1. CONTEXTO HISTÓRICO

A história das últimas décadas é difícil de ser escrita porque o historiador não tem o recuo necessário para compreender os fatos na sua totalidade, uma vez que os acontecimentos ainda não tiveram todos os seus desdobramentos nem esgotaram todos os seus reflexos. Além disso, a análise não é possível em todos os aspectos, pois há vários acontecimentos ocorridos há mais tempo e que têm uma importância enorme para a compreensão do mundo atual.

No entanto, procuraremos apresentar alguns dados da vida social e política brasileira, a partir de 64, que, sem dúvida, decidiram os rumos da literatura da atualidade. O fator mais importante a ser examinado é a tomada do poder pelos militares, as linhas dos governos que se seguiram, bem como seus desdobramentos e consequências.

O MOVIMENTO DE MARÇO DE 1964

O comício de 13 de março de 1964, junto à Central do Brasil, no Rio de Janeiro, quando o presidente Goulart, falando para milhares de trabalhadores, anunciou a revisão da Constituição com o objetivo de conferir maiores poderes ao Executivo, precipitou a reação das forças oposicionistas, que alegavam estar o próprio governo criando um "estado de ilegalidade", suprimindo, na prática, as determinações constitucionais.

A 31 de março daquele ano, iniciou-se um movimento político-militar antiesquerdista e antijanguista, em Minas Gerais, que recebeu apoio imediato das forças militares de São Paulo, Rio Grande do Sul e da Guanabara, bem como dos governadores, políticos e setores da população contrários ao governo que consideravam "populista" e "esquerdista" do presidente João Goulart. O objetivo era "assegurar a legalidade" que, segundo seus adeptos, estava "ameaçada" pelo próprio Presidente da República. Vitorioso o movimento, o ex-presidente asilou-se no Uruguai, assumindo seu cargo, provisoriamente, o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli.

Uma semana depois, era decretado, pelo Alto Comando da Revolução - General Artur da Costa e Silva, Almirante Augusto Rademacher e Brigadeiro Correia de Melo, o **Ato Institucional nº 1**, pelo qual caberia ao Congresso eleger o novo Presidente. Com efeito, a 15 de abril de 1964, o Congresso aprovava o nome de Castelo Branco para a Presidência da República. Esse mesmo Ato dava ao presidente o direito de declarar o "estado de sítio" por trinta dias, sem aprovação do Congresso, e o poder de suspender os direitos políticos dos cidadãos por até dez anos. Ficavam, desde o início, evidenciadas as principais diretrizes e objetivos políticos do novo governo e dos dois outros que se seguiriam. Em nome da "reconstrução nacional" e da "restauração da ordem", impunha-se uma estrutura de poder autoritária, fortemente centralizada em torno do Poder Executivo, sendo mantidas todas as atribuições constitucionais, e criando-se outras necessárias através dos Atos Institucionais. Foi assim que o governo Castelo Branco deu início a um processo de marginalização política dos homens ligados ao antigo governo. Vários atos institucionais se seguiram, dando ao presidente o direito de cassar, suspender direitos políticos e dissolver o Congresso. Assim, o governo passava a ter em suas mãos, um instrumento poderoso: o direito de baixar atos institucionais.

O **Ato Institucional nº 2** reorganizou os partidos políticos, extinguindo os que existiam desde 1945, criando dois novos: Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB); o de **nº 3** estabeleceu eleições indiretas para os governos dos Estados; o de **nº 5**, deu poderes totais ao Executivo, sendo incorporado à Emenda

Constitucional de 1969, no capítulo das "Disposições Transitórias".

Governos militares:

1964 - 1966: governo de Castelo Branco;
1966 - 1969: governo de Costa e Silva;
1969 - 1974: governo de Emílio Garrastazu Médici;
1974 - 1979: governo de Ernesto Geisel;
1979 - 1985: governo de João Baptista Figueiredo.

Pode-se mesmo dizer que, de Castelo Branco a João Baptista Figueiredo, o regime implantado em 1964 teve uma diretriz comum: organizou uma estrutura de poder altamente centralizada nas mãos do Presidente da República. Mas é importante ressaltar que nenhum outro presidente, depois de 1964, conseguiu deter em suas mãos tantos poderes quanto Ernesto Geisel. E foi nesse mesmo governo que se conseguiu perceber que uma sociedade não consegue viver por muito tempo fechada e oprimida em seus mais legítimos anseios. Às manifestações dessa sociedade, traduzidas na forma de vitória da oposição nas eleições de 1974 e 1978, o governo respondeu com um projeto de abertura, que se consolidou durante o governo de João Baptista Figueiredo.

Para novembro de 1984, estavam marcadas as eleições indiretas para a escolha do sucessor de Figueiredo. Contra essa possibilidade, em novembro de 1983 foi lançada a campanha das diretas para presidente. Surgiram comícios impressionantes, demonstrando que o povo estava farto do regime militar. Na esperança de fazer passar a emenda Dante de Oliveira (Deputado Federal pelo PMDB do Mato Grosso), que restabelecia a eleição para Presidente da República, o povo compareceu em massa às concentrações organizadas pelos comitês suprapartidários. Mas a emenda Dante de Oliveira foi rejeitada no Congresso Nacional; não adiantou a união dos partidos de oposição. O PDS, presidido por José Sarney, manteve-se coeso e fiel à ditadura e derrotou a emenda.

A partir de então, a liderança do PMDB, tendo Tancredo Neves como candidato à presidência, começou a se preparar para enfrentar, na eleição indireta, o candidato do PDS, Paulo Salim Maluf.

A obstinação com que Maluf lançou-se como candidato à presidência pelo seu partido, impondo humilhante derrota a Mario Andreazza - que concorreu com ele pela indicação -, minou a unidade do PDS. Figueiredo, para quem, nos últimos tempos, a política resumia-se a cansativas crises de irritação diante das mais amenas observações críticas, acabou tendo que apoiar a candidatura Maluf, embora a contragosto. Mas o seu vice-presidente, Aureliano Chaves, que não estava disposto a suportar a situação criada pela obstinação de Maluf, passou a comandar uma poderosa dissidência do PDS, à qual veio se juntar José Sarney, depois de ter sido publicamente agredido, com ofensas verbais, pelos malufistas. Em julho de 1984, formalizou-se a Frente Liberal, congregando os mais expressivos chefes políticos do PDS, então dispostos a apoiar a candidatura Tancredo Neves.

O acordo entre o PMDB e a Frente Liberal deu origem à Aliança Democrática, que se expressava na candidatura de Tancredo Neves à presidência, e de José Sarney à vice-presidência. Tancredo conseguiu reunir maioria no Colégio Eleitoral, batendo facilmente Maluf, na eleição indireta de novembro de 1984.

No dia 14 de março de 1985, um dia antes de sua posse, o presidente eleito foi internado no Hospital de Base de Brasília de onde não sairia com vida. Tancredo faleceu em 21 de abril de 1985, no Instituto do Coração em São Paulo, para onde havia sido transferido.

Por ironia da história, a "Nova República", como Tancredo batizara o período que iria começar com o seu mandato, acabou tendo como seu primeiro presidente José Sarney. Exatamente o mesmo político que, em abril de 1984, comandara a rejeição da emenda das diretas, contra a vontade popular. Era no mínimo estranho que o slogan "Muda Brasil!" tivesse que ser concretizado pelo ex-presidente do PDS.

2. MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

A arte e a cultura brasileiras, a partir de 1964, foram marcadas por uma série de movimentos e contramovimentos, de marchas e contramarchas, de vanguardas que eram logo sucedidas por outras vanguardas. Isto foi uma consequência natural das mudanças que se operavam na sociedade.

Nos festivais de música, a canção de protesto extravasava a insatisfação da juventude; o cinema novo trazia à tela a miséria, coisa que inexistia nas "chanchadas" carnavalescas do período anterior; e, no teatro, destacavam-se grupos como o Oficina e o Arena, preocupados em encenar os novos autores nacionais que enfocavam a problemática nacional. O ano de 1968 foi, sob todos os aspectos, marcante. Culturalmente, foi nesse ano que explodiu um movimento partindo da música popular, mas que tinha suas origens no cinema, no teatro e nas artes plásticas: o **Tropicalismo**. As figuras de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, José Carlos Capinam e outros, inspirados em todo esse clima neoantropofágico (retomando as lições do modernista Oswald de Andrade), assumiram logo a liderança da corrente tropicalista, promovendo uma **fusão dos elementos renovadores da Bossa Nova e da canção de protesto com os conteúdos tidos como de "mau gosto" da cultura brasileira tradicional e incorporando os elementos univer-sais da cultura de massa.**

A música passa a misturar elementos díspares, como a guitarra elétrica, berimbau; o urbano e o rural; o local e o universal, numa tentativa de "engolir" a tecnologia e a contracultura dos países desenvolvidos, transmitindo uma visão crítica e irônica do país. A técnica da composição era a da montagem cinematográfica, a superposição de imagens, a pulverização da linguagem. Veja o exemplo clássico.

TROPICÁLIA

"Sobre a cabeça os aviões
sob os meus pés os caminhões
aponta contra os chapadões
meu nariz

eu organizo o movimento
eu oriento o carnaval
eu inauguro o monumento
no planalto central
do país

viva a bossa sa sa
viva a palhoça ça ça ça ça

o monumento é de papel crepom e prata
os olhos verdes da mulata
a cabeleira esconde atrás da verde mata
o luar
do sertão

o monumento não tem porta
a entrada é uma rua antiga estreita e torta
e no joelho uma criança sorridente feia e morta
estende a mão

Viva a mata ta ta
Viva a mulata ta ta ta ta

no pátio interno há uma piscina
com água azul de Amaralina
coqueiro fala e brisa nordestina
e faróis

na mão direita tem uma roseira
autenticando eterna primavera
e no jardins os urubus passeiam a tarde inteira
entre os girassóis

viva maria iá iá
viva a bahia iá iá iá iá

no pulso esquerdo o bang-bang
em suas veias corre muito pouco sangue
mas seu coração balança ao som
de um tamborim

emite acordes dissonantes
pelos cinco mil alto-falantes
senhoras e senhores ele põe os olhos grandes
sobre mim

viva Iracema ma ma
viva Ipanema ma ma ma ma

domingo é o fino da bossa
segunda-feira está na fossa
terça-feira vai à roça
porém

o monumento é bem moderno
não disse nada do modelo do meu terno
que tudo mais vá pro inferno
meu bem
que tudo mais vá pro inferno
meu bem

Viva a banda da da
carmem miranda da da da da"

(Em Caetano Veloso. São Paulo, Abril Educação, 1981. p 46-7. *Literatura Comentada*)

Mas, enquanto os intelectuais se pretendiam "populares", os meios de difusão de massa, especialmente a televisão, manipulavam o gosto do público e promoviam um tipo de cultura baseado em filmes seriados importados dos Estados Unidos e em programas musicais que decalcavam um tipo de comportamento próprio de uma juventude de países desenvolvidos - o iê-iê-iê, a chamada pop music, sustentada pela **Jovem Guarda,** movimento que assume a modernidade do rock internacional, imita os Beatles e só pensa em cantar o amor, o namoro ingênuo:

> "Só quero que você, me aqueça neste inverno
> E que tudo mais vá pro inferno" (Roberto Carlos)

Foi em meio a esse clima que sobreveio o fato político do **Ato Institucional nº 5**. As suas consequências marcaram profundamente a fisionomia cultural do Brasil. Primeiramente, houve uma "diáspora" dos nossos artistas e intelectuais (não só muitos deles exilados mas também dispersos em suas próprias propostas criadoras), que passaram por um período de hibernação que só há poucos anos começou a ser rompida. Nossa produção artística entrou numa fase (novamente) escapista: peças de teatro faziam alegorias tão rebuscadas que nem seus próprios autores as entendiam; letras de músicas enveredavam pela pura metáfora ("a calma dos lagos zangou-se e a rosa dos ventos danou-se", cantou Chico Buarque de Hollanda); o cinema novo, estrangulado pela censura vigente, morria à míngua, enquanto passava a imperar a pornochanchada.

Os anos do governo do General Médici corresponderam, no campo da criação artística, a uma fase de pouca ou nenhuma renovação. As restrições às manifestações de arte e até mesmo à informação jornalística dificultaram enormemente a expressão. Por outro lado, predominavam músicas ufanísticas (que procuravam divulgar uma imagem de felicidade e euforia) e filmes históricos patrocinados pelo governo.

A gradativa liberação da censura, nos últimos anos, permitiu ao menos o levantamento de uma parte do véu que cobria nossas manifestações culturais autênticas. A imprensa alternativa (ou "nanica") começa a ganhar força, com publicações que, através do humor e/ou da denúncia, mostram a cara do Brasil de hoje, além de abrirem campo aos escritores e artistas novos. O cinema, já esgotada a fase da pornochanchada, reencontra seus caminhos com filmes que conseguem ao mesmo tempo mostrar a nossa realidade e atingir o grande público como: "O rei da noite"; "Barra pesada"; "Pixote, a lei do mais fraco"; "Bye, bye Brasil"; "O homem que virou suco"; "Eles não usam black-tie", entre outros. A música popular abre-se a todas as tendências e as incorpora, revalorizando os compositores tradicionais como Nélson Cavaquinho, Adoniran Barbosa e Cartola.

Nos últimos anos, a juventude passou a buscar novas maneiras de veicular sua produção. Surgiu a chamada "geração mimeógrafo", jovens poetas e contistas produzindo e vendendo suas próprias obras, furando o bloqueio das grandes editoras. Na música, revaloriza-se um gênero tradicional como o chorinho e multiplicam-se os grupos jovens, superando-se a fase em que imperava o iê-iê-iê. Cria-se uma nova forma de fazer cinema, com as máquinas super-8.

Tudo isso - essa forma "marginal" que as camadas médias intelectuais estão utilizando para fazer arte - tem sua contrapartida em fenômenos também recentes, no que se refere à cultura popular: o do futebol e o das escolas de samba. Essas duas formas de manifestação cultural têm, cada vez mais, perdido suas raízes autenticamente populares e sido incorporadas a esquemas "industriais" de produção, através do controle financeiro dos grandes clubes e federações esportivas, no caso do futebol, e do patrocínio de entidades turísticas oficiais, no caso das escolas de samba. Apesar disso, tanto umas como as outras não deixam de ser elementos importantes de manifestação cultural das camadas populares brasileiras.

A cultura nacional, enfim, vai se afirmando, no meio de todas essas influências e contrainfluências. Pode, às vezes, cair um pouco, diante de golpes mais fortes. Mas, como diz aquele samba: "levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima..."

3. LITERATURA

A produção literária está fortemente ligada aos fatores sociopolíticos de que tratamos anteriormente. O comportamento da literatura nos anos 70

surgiu em resposta às atitudes dos governos militares. É preciso compreender que no 1º governo militar (de 64 a 68), houve liberdade para a criação artística, até mesmo para a produção "engajada". O Governo Castelo Branco foi, até certo ponto, "liberal" com relação à arte de protesto. A estratégia foi cortar os laços com as camadas populares, limitando seu campo de ação. Para as massas, reservou-se outro interlocutor: a televisão, cujos canais, concedidos pelo Estado, asseguravam o controle social efetivo. Difundiu-se assim a estética do espetáculo que atraiu rapidamente o gosto popular. O resultado foi o isolamento do intelectual e a população, convertida em plateia, consumia o "espetáculo" em que se transformava o país via televisão, que construiu com sucesso a utopia do "Brasil Grande". Os intelectuais podiam falar, mas perderam público.

Entretanto, a partir do final da década de 60, assiste-se ao fortalecimento do Movimento Estudantil e a política governamental com relação à cultura muda: desencadeia-se um momento bem mais repressivo, caracterizado por expurgo de professores e funcionários públicos; apreensão de livros, discos e revistas; proibição de filmes e peças teatrais; censura rígida; prisões; tortura. É a censura e o arbítrio que se verifica a partir de 68: violação de correspondência, sequestros, detenções por motivos ideológicos, perseguições. Passou-se a viver sob o império do medo. Os censores passam a ser uma presença forte, estabelecidos nos jornais, nas emissoras de rádio, de TV, nos teatros. No que se refere a livros, foi sobretudo a partir de 75 que as restrições se tornaram mais rigorosas. O maior interesse da censura eram os filmes, espetáculos teatrais e televisão, devido ao seu alcance. Dessa forma, foi possível à literatura usar maior margem de liberdade. A característica fundamental da literatura desse período foi a preocupação em preencher as lacunas de informações dos jornais, o que acabou por desencadear uma resposta mais violenta da censura.

Como nos jornais a informação era controlada, cabia à literatura exercer uma **função parajornalística**, cujo objetivo passou a ser, **informar o leitor das arbitrariedades dos governos militares.** Foi assim que a literatura da década de 70 caracterizou-se por um **desvio estilístico,** quer através da retomada do Realismo Mágico, quer pela preferência por narrativas centradas no individualismo, nas biografias ou, ainda, nos documentários. Tais preferências apare-ceram como respostas indiretas à impossibilidade de uma expressão artística livre. É a fase da **Literatura Verdade**, com o surgimento do romance-reportagem, o conto-notícia, os depoimentos e denúncias.

Essa Literatura Verdade alcançou sucesso e parece apontar no sentido de uma grande "mea culpa" da classe média que apoiara o golpe de 64. Congrega uma geração de escritores que busca ordenar e reinterpretar a História que não foi escrita. Em decorrência, a preocupação maior das produções do período não é literária; é antes de mais nada, a **supressão do vácuo do conhecimento histórico.** Exerce uma **função compensatória, negando-se enquanto ficção e afirmando-se enquanto verdade.** Esconde o caráter ficcional da literatura, preocupa-se em ser documento do real. Transforma pouco os dados do real.

Vejamos de maneira mais clara.

PRODUÇÃO LITERÁRIA DE 1970 LITERATURA VERDADE

Objetivo: escrever a história "não oficial", ser documento.

Características:

- desvio estilístico: a preocupação não é literária;
- nega-se enquanto ficção; esconde o caráter ficcional;
- relata a verdade; transforma pouco os dados do real.

TIPOS DE PRODUÇÃO

a) **Biografias** (autocentramento: literatura do "eu") - narrador é o olho da câmera. São os depoimentos, memórias, relatos de presos e exilados. Alguns autores e obras:

Fernando Gabeira: ***O que é isso, companheiro?***

Eliane Maciel: ***Com licença, eu vou à luta;***

Marcelo Rubens Paiva: ***Feliz ano velho;***

Alex Polari, Gregório Bezerra, Renato Tapajós, Alfredo Sirkis, entre outros.

Leia um fragmento de
O que é isso, companheiro?

"Entre os que nada falaram, alguns morreram, outros não. Meu caso foi muito especial. A bala atingira o rim, o estômago e o fígado. Sondas e tubos de soro eram indispensáveis. Não poderiam me pendurar no pau-de-arara sem risco de morte, nem poderiam me fazer sentar na Cadeira do Dragão, que era uma cadeira eletrificada. O que se fazia de tortura, se fazia ali na cama ou não se fazia. Você poderia jogar com as sondas, arrancando bruscamente a sonda do pênis; poderia ameaçar cortar o soro. O básico dos interrogatórios era vencer pelo cansaço".

(Gabeira)

b) **Realismo Mágico:** narrativas alegóricas procurando "driblar" a censura. O mágico, o fantástico, aí, oferecem pouca margem à pluralidade. As metáforas são curtas, com "pistas" claras para sua decodificação. O significado do texto é determinado pelo autor. Alguns exemplos:

José J. Veiga: ***Sombra de reis barbudos, A hora dos ruminantes;***

Ignácio de Loyola Brandão: ***Cadeiras proibidas, Cabeças de segunda-feira;***

Murilo Rubião: ***O pirotécnico Zacarias;***

Moacyr Scliar: ***O exército de um homem só.***

c) **Romance - reportagem / conto-notícia:** o modelo da ficção é o Jornalismo. Os escritores imitam as técnicas de jornal. Como no jornal, o que interessa é informar. Há maior preocupação em narrar do que com as formas de narrar. O estilo é direto e objetivo. Exemplos:

Antônio Callado: ***Reflexos do baile, Bar D. Juan;***

Ivan Angelo: ***A festa;***

José Louzeiro: ***Infância dos mortos;***

Aguinaldo Silva, Paulo Francis, Renato Pompeu e João Antônio são outros nomes de destaque.

Toda essa produção retoma o Naturalismo - velho caminho já percorrido no século XIX - evidente no romance-reportagem, disfarçado nas parábolas e narrativas fantásticas em que relatos minuciosos, nauseantes, dramáticos da tortura são a tônica.

Leia um fragmento:

"Os choques aumentaram de intensidade, a pele já se queimava onde os terminais estavam presos. Sua cabeça caiu para trás e ela perdeu a consciência. Nem os sacolejões provocados pelas descargas no corpo inanimado fizeram-na abrir os olhos. Furiosos, os policiais tiraram-na do pau-de-arara, jogaram-na no chão. Um deles enfiou na cabeça dela a coroa-de-cristo: um anel de metal com parafusos que o faziam diminuir de diâmetro. Eles esperaram que ela voltasse a si e disseram-lhe que se não começasse a falar, iria morrer lentamente. Ela nada disse e seus olhos já estavam baços. O policial começou a apertar os parafusos e a dor a atravessou, uma dor que dominou tudo, apagou tudo e latejou sozinha em todo o universo como uma imensa bola de fogo. Ele continuou a apertar os parafusos e um dos olhos dela saltou para fora da órbita devido à pressão no crânio. Quando os ossos do crânio estalaram e afundaram, ela já havia perdido a consciência, deslizando para a morte com o cérebro esmagado lentamente".

(Renato Tapajós)

Antônio Callado é autor de significativa produção teatral, jornalística e romanesca. Sua obra apresenta uma visão realista e crítica da realidade nacional, abrangendo temas variados, complexos e vastos como: religiosidade popular; a igreja católica (tradicionalismo e linhas marxistas); política nacional (ditaduras civis e militares e movimentos esquerdistas nas décadas de 60 e 70). Boa parte de sua produção romanesca se filia à literatura verdade, retratando de modo fiel, sobretudo a luta das esquerdas nacionais contra os desmandos e mandos dos governos militares pós-64. São representativos os seguintes livros: *Quarup, Sempre-Viva e Bar D. Juan.* O engajamento político dos textos não o leva a descuidar da expressão literária.

TEATRO

Bastante significativa é a produção de teatrólogos cujas obras se voltavam à reflexão dos problemas sociais brasileiros, tendo sido bastante visada pela polícia política. **Oduvaldo Vianna Filho, Gianfrancesco Guarnieri, Dias Gomes, Chico Buarque** são nomes de destaque.

Gianfrancesco Guarnieri trata de temas diversos, mas sempre refletindo a realidade do povo brasileiro e sua condição sociopolítica; seus

personagens buscam a liberdade de ser e viver condignamente.

OBRAS PRINCIPAIS:

Eles não usam black-tie, A semente - ambas sobre a classe operária;

Arena conta Zumbi e Arena conta Tiradentes - obras em que se evidenciam as tentativas de "driblar" a censura através da alegoria;

Botequim, Um grito parado no ar e Sinal de partida - continuam a batalha de levar ao público, através da linguagem metafórica, a realidade política do país.

Alfredo de Freitas Dias Gomes (1922-1999) - os personagens (geralmente "tipos") procuram mostrar, através de exagero, uma tendência particular de transformar em símbolos, a ingenuidade, a ignorância do Brasil rural, a malandragem, etc.

Seu trabalho passou a ser conhecido após o sucesso de **O pagador de promessas**, peça premiadíssima, que conta a história de um homem simples, Zé-do-Burro que, tentando cumprir uma promessa igualmente simples, vê-se envolvido pelos "tipos" de um centro urbano; **A invasão** retrata a vida dos favelados que, perdendo seus barracos, invadem um prédio abandonado, personagens típicos do proletariado carente. Para fugir à censura, Dias Gomes também recorreu à metáfora e à alegoria. **O santo inquérito**, ambientada no ano de 1750, exemplifica qualquer situação de repressão, autoritarismo e intransigência em nome de uma ideologia cega; já longe da tesoura dos censores, é encenada, pela primeira vez, em 1980, a peça **Campeões do mundo** que enfoca os acontecimentos políticos entre 1963 e 1970.

Surgiu ainda rica variedade de peças, entre as quais podemos citar: **Navalha na carne**, de Plínio Marcos (autor que focaliza o submundo metrpolitano: prostitutas, homossexuais, malandros; constrói um teatro profundamente realista); as tensões da classe média urbana registradas na peça **Em família**, de Oduvaldo Vianna Filho (compõe um manifesto contra a alienação social e passividade, responsáveis pela aceitação de situações indignas do ponto de vista humano); a busca de um sentido de dignidade social na vida diária apresentada em **Gota d'água**, de Paulo Pontes e Chico Buarque.

AUTORES E OBRAS QUE SE DISTANCIAM DA LITERATURA VERDADE

Houve, na década de 70, quem procurasse maior elaboração literária, mesmo para as cenas de tortura, tão comuns na literatura do período.

Nos anos 80, começa a aumentar o número de obras com um comportamento bastante diferenciado das produções da década anterior. A tendência é expor o caráter ficcional, afastando-se da literatura verdade; o artista tende a transfigurar o real, "brincando" com o leitor e oferecendo a ele participação ativa na criação. São aproveitados recursos como o romance policial ou a metaliteratura (em que o autor vai mostrando aos poucos como constrói seus personagens e suas histórias), mas o texto não se esgota nisso. São obras que se aproximam do que vem sendo chamado de **Pós-Modernismo.**

Note-se, ainda, o grande sucesso da crônica da época que também se norteia pelo registro do cotidiano, entremeada de comentários críticos entre o humor e a ironia, o lirismo ou o desencanto; a linguagem popular é a tônica desses relatos.

A crônica, oriunda de jornais e revistas, reúne-se em obras de respostas passageiras, imediatas. Entre outros nomes, podemos citar:

- Rubem Braga;
- Paulo Mendes Campos;
- Fernando Sabino;
- Carlos Eduardo Novaes.

1. CAIO FERNANDO ABREU (1948 - 1996)

Caio Fernando Abreu, por exemplo, no conto *Garopaba mon amour* não se limita a registrar ocorrência ou fazer documentário: faz literatura, preocupa-se em transformar os dados da realidade:

"Pouca vergonha, o dente de ouro e o cabo do revólver cintilando à luz do sol, tenho pena de você. Pouca vergonha é fome, é doença, é miséria, é a sujeira deste lugar, pouca vergonha é a falta de liberdade e a estupidez de vocês. Pena tenho eu de você, que precisa se sujeitar a este emprego imundo: eu sou um ser humano decente e você é um verme. Revoltadinha a bicha. Veja como se defende bem. Isso, esconde o saco com cuidado. Se você se descuidar, boneca, faço uma omelete das suas

bolas. Se me entregar direitinho o serviço, você está livre agora mesmo. Entregar o quê? Entregar quem? Os nomes, quero nomes. Confessa. O anel pesado marca a testa, como um sinete. Cabelos compridos emaranhados entre as mãos dos homens. A cadeira quase quebra com a bofetada. Quem sabe uns choquezinhos pra avivar a memória?"

Descrições dolorosas, entremeadas de lembranças agradáveis acontecem nesse diálogo em que se misturam as falas do torturador e torturado, não se limitando o autor a descrever o horror ou refletir sobre a lógica que regia a tortura.

2. RUBEM FONSECA (1925)

Rubem Fonseca acrescenta também novos procedimentos: frieza e humor. Seu conto **O exterminador** é cheio de datas e siglas, horários e números que, pela repetição exagerada, tornam-se ridículos. As explicações das siglas entrecortando a narrativa, além de ironizar a situação, é também um meio de "desemocionalizar" o leitor.

O escritor, em sua obra romanesca, contextualizada no Rio de Janeiro, trabalha com a intertextualidade e a metalinguagem, recursos da moderna literatura, expondo o caráter ficcional do texto. Porém, não descuida da fábula, prendendo a atenção do leitor à medida que recupera elementos da narrativa policial, bem como formalizando a violência, o erotismo, o amor, presentes nas relações sociais travadas entre os homens. A seguir arrolamos alguns fragmentos narrativos dos romances ***Bufo & Spallanzani e Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos.***

"O escritor deve ser essencialmente um subversivo e a sua linguagem não pode ser nem a mistificatória do político (e do educador), nem a repressiva, do governante. A nossa linguagem deve ser a do não conformismo, da não falsidade, da não opressão. Não queremos dar ordem ao caos, como supõem alguns teóricos. E nem mesmo tornar o caos compreensível. Duvidamos de tudo sempre, inclusive da lógica. Escritor tem que ser cético. Tem que ser contra a moral e os bons costumes."

(Bufo & Spallanzani)

"Eu, que trabalhava ao ar livre, numa praça, ampla cercada de arranha-céus, queria colocar o espectador não apenas na posição de *voyeur* que ele sempre é, mas na de magnetizado-recalcitrante, assumida pelas pessoas perante uma visão chocante que, contraditoriamente, repugna e atrai; a postura, por exemplo, que manifestam ao ver um morto nu estendido na calçada. Na verdade o ser humano tem esta atitude ambígua diante do sexo, do poder, da loucura, da miséria, da dor, da morte."

(VEPI)

3. SÉRGIO SANT' ANNA (1941)

Sérgio Sant'Anna, em ***Confissões de Ralfo***, frustra a expectativa do leitor de mais uma cena de tortura. O interrogatório a que é submetido o personagem Ralfo, não indaga sobre "planos", "nomes", "aparelhos". O diálogo é insólito. Lembra uma dolorosa prova oral, na sua maior parte, inútil.

"- E agora nos diga como morreu Jean Paul Marat?
- Também assassinado.
- Por quem?
- Charlotte Corday.
- Onde?
- No hospício.
- Em que situação?
- No banho.
- E Abraham Lincoln morreu também...
- Assassinado.
- E quem foi o assassino?
- John Wilkes Booth.
- E quem era esse Booth?
- Um ator de teatro.
- E o que é um ator de teatro?
- Aquele que representa no palco textos cômicos ou dramáticos.
- Assim como fazeis vós?
- Assim como eu, senhores.
Duas chibatadas por ter pretensões dramáticas".

Interrompido às vezes por chibatadas, às vezes por choques, às vezes por petelecos ou simples afagos nos cabelos e beijos na testa, o inquérito continuava com perguntas que iam desde "Quem foi Édipo?" a "O que aconteceu em 1584?", desde a exigência de uma definição para "batráquios" ou "zeoscópio" à "receita de uma rosca doce", desde a explicação das regras do gamão à definição, em inglês, de "farsa" ou, em português

mesmo, de "romance". Às vezes crescia ainda mais o *nonsense* do diálogo entre os torturadores e Ralfo. Como quando o fazem arrolar, sem motivo aparente, uma série de datas e ocorrências escolhidas ao léu:

" - Cite outras datas e respectivos acontecimentos.

- 1587: Sir Francis Drake destrói a frota espanhola no porto de Cadiz; abril de 1665, a Grande Praga em Londres; 7 de outubro de 1870, Leon Gambetta, num balão dirigível, escapa de Paris sitiada para prosseguir na guerra contra a Prússia; 18 de dezembro de 1865, a escravatura é abolida nos Estados Unidos; 2 de maio de 1885, o Estado Livre do Congo é fundado por Leopoldo II, rei da Bélgica; 1º de outubro de 1936, o Generalíssimo Franco é nomeado chefe do governo espanhol; 6 de agosto de 1945, a primeira bomba atômica é lançada em Hiroshima; 30 de outubro de 1941...

Duas chibatadas por aborrecer-nos com tantas datas".

As datas e fatos se sucedem sem a menor conexão, como se tirados de páginas diversas de um livro escolar qualquer. E, mais do que conhecidos, funcionam como caricaturas meio bufas do tipo de informação que efetivamente se costuma exigir de um preso político. Ninguém costuma torturar ninguém para saber a receita de uma rosca doce ou ouvir mais uma vez que foi Pedro Álvares Cabral quem descobriu o Brasil. Sérgio Sant'Anna utiliza-se, pois, do "sem sentido" desses diálogos tanto para afirmar a irracionalidade mesma da situação carcerária, quanto para desdramatizar sua representação da tortura; tanto para obrigar o leitor a perceber a gratuidade da violência, quanto para impedi-lo, via humor, de derrarmar lágrimas amargas pelo que o texto sugere, pois não é à toa que Ralfo se define como um "ator" diante de seus torturadores. Dessa maneira, o romance parece **avisar** seu leitor que o pacto emocional ou o biográfico não são possíveis ali. O trato é **ficcional**.

4. JOÃO GILBERTO NOLL (1946)

Outras obras podem ser citadas, entre as quais o texto limpo, seco, apenas com vestígios de violência como o conto **Alguma coisa urgente-mente** de João Gilberto Noll. Nele, ao invés do excesso e da minúcia, trabalha-se sobretudo com o esboço, o silêncio, o lacunar. E permite-se, assim, ao leitor uma tensa mobilidade por entre esses vazios do texto, esses silêncios de uma representação seca e cuidadosamente pouco emocional do relacionamento entre um ativista político e o filho que mal conhece no curto período que antecede a sua morte.

E, assim como o filho pouco sabe da trajetória paterna, também o leitor tem que se contentar, no conto de Noll, com um ou outro dado pinçado de repente. Sabe-se, por exemplo, da "rotatividade" do pai, sabe-se de sua prisão em 1969, do seu reaparecimento anos depois, já sem um braço, para buscar o filho num colégio interno e mudar-se com ele para um apartamento no Rio de Janeiro, no qual nunca se detém, a não ser para morrer. Relacionamento cheio de silêncios e mistérios se estabelece, então, entre pai e filho, leitor e narrativa em **Alguma coisa urgentemente**, tão cerimonioso que o rapaz chega a se assustar quando o pai, moribundo, grita o seu nome.

"(...) nem sei bem o que passou pela cabeça dele quando o meu pai lá no quarto me chamou, era a primeira vez que o meu pai me chamava pelo nome, eu mesmo levei um susto de ouvir o meu pai me chamar pelo nome, e me levantei meio apavorado porque não queria que ninguém soubesse do meu pai, do meu segredo, da minha vida, eu queria que o Alfredinho fosse embora e não voltasse nunca mais (...)"

Inesperado contato o que se estabelece com este chamado, logo rompido, pela morte do pai e pelo último corte da narrativa no exato momento em que se detecta essa morte, restando ao filho e ao leitor apenas a possibilidade de rastrearem, em suspenso, os vestígios desse personagem tão secreto, cujo perfil não é exatamente heroico, e cuja morte, sem sangue e sem maiores explicações, destoa bastante da estética do suplício desenvolvida na ficção política pós-64. Nos contos de João Gilberto Noll incluídos em ***O cego e a dançarina*** (1980), não há minúcias, há sugestão.

5. SILVIANO SANTIAGO (1936)

Em liberdade, Silviano Santiago recusa-se a narrar esperadas cenas de violência física. Os

detalhes do livro dizem respeito unicamente ao dia a dia de um intelectual, recém-posto em liberdade, durante mais de dois meses, num país mantido sob regime autoritário. Nada de muito heroico ou dramático. Pelo contrário, a certa altura, o texto chega a rejeitar explicitamente essa "síndrome da prisão" que domina as expectativas de um leitor a quem "interessam muito mais as experiências de um homem na cadeia do que as do mesmo homem em liberdade". Interesse contrariado propositadamente pelo narrador de *Em liberdade*.

"Todos exigem - e nisso há unanimidade - que eu escreva as minhas memórias do cárcere.

Ninguém me pede as anotações que estou fazendo dos meus tateios em liberdade.

Será que todo leitor é intrinsicamente mau?

Será que só se interessa pelo lado sombrio de uma vida?

Vejo-me na escuridão, procuro desesperadamente o comutador, quero enxergar o que me rodeia, ser dono dos meus atos e não uma força cega que se desloca ou é deslocada, encontro o botão, consigo empurrá-lo para baixo. Glória: a luz! Chega o leitor por detrás de mim e desliga o comutador.

Continue nas trevas, é aí o seu lugar.

Grandíssimo filho da puta. Não cairei na sua armadilha. Não vou dar-lhe o livro que exige de mim. Dou-lhe em troca o que você não quer.

Estou trabalhando com sua decepção. É ela a preciosa matéria-prima deste diário."

6. DALTON TREVISAN (1925)

Outro nome que merece destaque é Dalton Trevisan, um dos mais elogiados contistas da atualidade. Sua obra realiza um papel reformulador; persegue a perfeição formal que explica sua filosofia: "O homem, na sua essência, não tem saída; resta apenas a arte". Realista, cru, cético, niilista, sua obra corrói os mitos culturais projetando, em especial, as misérias morais e obsessões do homem comum de Curitiba. Transparecem, em suas produções, **visões grotescas, sádicas, macabras** dos acontecimentos da cidade.

A frequência dos personagens João e Maria estabelece uma relação intertextual com a narrativa infantil. Porém, diferente desta, não há final feliz, revelando que o caminho é sem volta.

A seguir, transcrevemos alguns microcontos em que o autor veicula uma visão de mundo que podemos considerar realista-grotesca:

"- Uma sanguessuga das gordas é o meu amor, grudada na tua nuca."

"Ela me dá um tapa no rosto:
- Você não é homem.
Agarro o punhal, um corte fundo no pescoço.
Quando empurro na barriga, ela geme:
- Agora eu descanso.
De baixo para cima enterro mais uma vez. Só para certeza."

"A velhinha meio cega, trêmula e desdentada:
- Assim que ele morra eu começo a viver."

"Se Capitu não traiu Bentinho, Machado de Assis chamou-se José de Alencar."

"Reinando com o ventilador, a menina tem a ponta do mindinho amputada. Dias depois, você descobre as três bonecas de castigo, o mesmo dedinho cortado a tesoura".

(Pão e Sangue)

Nos trechos, percebemos a organização de uma visão negativista e desencantada do ser humano. O amor é um processo de vampirização do outro; a afetividade entre os amantes se transforma em guerra conjugal; na infância se enfoca o sadismo e os mitos românticos, sobretudo, o do amor como elemento salvador do indivíduo, são ridicularizados. Esta concepção niilista do homem vem informada a partir de uma linguagem concisa e elíptica, característica de toda produção ficcional do escritor.

7. PAULO LEMINSKI (1944 - 1989)

Poeta e crítico de arte paranaense, nascido em Curitiba. Foi professor de História e Redação em cursos pré-vestibulares, diretor de criação, redator de publicidade, colaborador no Folhetim da *Folha de São Paulo*, crítico literário da revista *Veja*, entre outras atividades afins.

Paulo Leminski, em sua produção literária, recupera a linha oswaldiana modernista, formalizando poemas concisos e bem humorados. Liga-se, também, à poética concretista, produzindo uma obra

em que os vários códigos (cultural, visual, verbal) se entrecruzam no espaço da página, aprofundando e problematizando a relação forma/conteúdo.

A seguir, seguem alguns poemas em que se evidenciam algumas características que percorrem a produção literária do poeta, como o humor, a coloquialidade, a concisão e a poetização do prosaico, a emergência da subjetividade, o gosto pelo haicai, a crítica social.

"retrato de lado
retrato de frente
de mim me faça
ficar diferente

o mar o azul o sábado
liguei pro céu
mas dava sempre ocupado

lua à vista
brilhavas assim
sobre Auschwitz?"

RIMAS DA MODA

1930	1960	*1980*
amor	homem	*ama*
dor	come	*cama*
	fome	

PLENA PAUSA

"Lugar onde se faz
o que já foi feito,
branco da página,
soma de todos os textos,
foi-se o tempo
quando, escrevendo,
era preciso
uma folha isenta.

Nenhuma página
jamais foi limpa.
Mesmo a mais Saara,
ártica, significa.
Nunca houve isso,
uma página em branco.
No fundo, todos gritam,
pálidos de tanto."

(Distraídos Venceremos)

Sua obra, ***Catatau*** (1975) causou vasta polêmica por se tratar de prosa experimental em que um conteúdo inusitado é veiculado a partir de uma linguagem bastante inovadora à proporção que rompe com os códigos da sintaxe tradicional. A fábula revela a perplexidade do filósofo racionalista francês Descartes, em visita ao Brasil setecentista (Olinda na época de Maurício de Nassau) ante a vida americana.

Antes de analisarmos o panorama das obras, é necessário entendermos o significado do termo **Pós-Modernismo** e o clima no qual ele foi gerado.

Pós-Modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde aproximadamente 1950. Ele nasce com a arquitetura e a computação dos anos 50. Toma corpo com a arte POP dos anos 60. Cresce, ao entrar pela filosofia nos anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência (ciência + tecnologia invadindo o cotidiano com desde alimentos processados até microcomputadores) sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural.

O ambiente pós-moderno revela a preferência da imagem ao objeto; a cópia ao original; o simulacro (reprodução técnica) ao real. (Certamente você já ouviu alguém que ao apreciar uma paisagem da natureza afirme que "é tão bonita que parece cartão-postal". . .)

DIFERENÇAS COM O MODERNISMO

A arte e demais vanguardas europeias do início do século é um **não** ao passado, uma revolta quanto ao convencionalismo na arte. Era preciso destruir a estética tradicional que impunha a representação realista da realidade. Novas linguagens, não imitativas, deveriam surgir para que um artista pudesse interpretar a realidade. Os modernos estavam contra o público burguês, conformista. Eram boêmios, bizarros, críticos.

Queriam o escândalo.

Em meados dos anos 50, quando a revolta modernista tinha esgotado seu impulso criador, a arte passa a antiarte abandonando os museus, galerias, teatros. É lançada nas ruas com outra linguagem, assimilável pelo público: os signos e objetos de massa. Dando valor artístico à banalidade cotidiana - anúncios, heróis de gibi, rótulos, sabonetes, fotos, starts de cinema, hambúrgueres - a pintura / escultura POP buscou a fusão da arte com a vida. A antiarte pós-moderna não quer representar (realismo), nem interpretar (modernismo), mas apresentar a vida diretamente em seus objetos. Pedaço do real (veja as garrafas reais penduradas num quadro), não um discurso à parte, **a antiarte é a desestetização e a desdefinição da arte.** Ela põe fim à "beleza", à "forma", ao valor "supremo e eterno" da arte (desestetização) e ataca a própria definição da arte ao abandonar o óleo, o bronze, o pedestal, a moldura, apelando para materiais não artísticos do cotidiano, como plástico, latão, areia, cinza, papelão, fluorescente, banha, mel, cães e lebres, vivos ou mortos (desdefinição).

Em literatura, particularmente na ficção, o pós-modernismo prolonga a liberdade de experimentação e invenção modernista, mas com diferenças importantes. Enquanto o modernismo lutava pelo máximo de forma e originalidade, os pós-modernistas querem a mudança da forma romance, como no *noveau roman* francês ou então querem o **pastiche**, a **paródia**, o uso de **formas gastas** (romance histórico) e **de massa** (romance policial, ficção científica), como na "metaficção" americana. Num e noutro caso, entretanto, está fora de cogitação a representação realista da realidade, o ilusionismo. Na literatura pós-moderna, não é para se acreditar no que está sendo dito, pois não é um retrato da realidade, mas **um jogo com a própria literatura**, suas formas a serem destruídas, sua história a ser retomada de maneira irônica e alegre.

Há, portanto, uma desdefinição do romance. Existem meios para isso. O *noveau roman* que se opera nos anos 50, uma mutação na forma romance banindo o enredo, o assunto e o personagem. Nathalie Sarraute escreve romance sobre nada - apenas um buraco na porta, por exemplo. Certo conto de **Nove Novena**, do brasileiro Osman Lins, reduz os personagens a sinais gráficos.

A fragmentação da narrativa é total, podendo-se misturar os narradores: em geral não sabemos quem está falando.

Raramente o personagem tem psicologia ou posição social, pode mudar de nome, cor ou idade, sem razões aparentes para isso.

Os finais costumam ser múltiplos e são comuns as construções em abismo: uma história dentro da outra que está dentro de outra ... sem fim.

Surgem gêneros indefinidos que misturam reportagem e ficção, com a atuação das pessoas reais, enquanto outros embolam autobiografia com fantasia, comum nessa literatura brasileira. Temas como drogas, perversão, loucura, sexo, violência, pesadelo tecnológico, inclinam as narrativas para o grotesco, o escabroso, isto é, aproximam o homem de sua natureza animal, mas em clima cômico. Quase sempre os textos vêm recheados com citações, colagens (fotos, gráficos, anúncios) e referências à própria literatura.

Isto é literatura pós-moderna, intertextual; para lê-la, é preciso conhecer outros textos.

Uma comparação final com o modernismo facilitará a caminhada pelo carnaval pós-moderno.

Na ficção, como nas demais artes, a antiarte prolonga traços modernistas, mas, às vezes, acentuando-os até a extravagância. Anti-ilusionismo, experimentalismo permanecem. São lei. A fragmentação pode descambar para o acaso total, a leitura ficando sem rumo e sem fio condutor. A paródia e o pastiche, antes ocasionais, hoje são quase regras.

Estados Unidos e França desde os anos 60 e, mais recentemente, a Itália são os centros irradiadores da literatura pós-moderna. O italiano Umberto Eco, por exemplo, obteve o maior sucesso com a obra *O nome da rosa* - um romance histórico, escrito como narrativa policial, contando os crimes, a violência sexual e a destruição de um mosteiro na Idade Média. É um livro sobre outro livro - a parte perdida de *Poética* (inacabada) de Aristóteles. O livro apresenta como características pós-modernas:

- a volta do passado;
- recurso a uma forma antiga: o romance histórico;
- o uso da narrativa policial - gênero de massas;
- a intertextualidade: um livro sobre outro livro;

- paródia (canto paralelo, destruição de obra anterior);
- pastiche: repetição que cria outro "eu" do romance, voltando-se para a Idade Média.

No Brasil, onde o modernismo foi um movimento cultural muito forte e influencia a literatura até hoje, o pós-modernismo apresenta na ficção, aqui e ali, apenas traços superficiais. O romance *Corpo de marfim* de Juarez Poletto é intertextual, apresentando uma fabulação em que autores reais como Rubem Fonseca, Zulmira Tavares, Luís Veríssimo e Assis Brasil se transformam em personagens que passam a vivenciar situações de seus próprios romances. Osman Lins em *Avalovara* está muito próximo do *noveau roman*. Em *A Festa*, Ivan Ângelo montou um quebra-cabeças político-social, dos mais intrigantes. Rubem Fonseca, em sua prosa, recupera o romance policial, trabalhando com citações eruditas e intertextualidade. Os dois últimos, no entanto, acham-se demasiado presos ao realismo, ao compromisso social, enquanto o pós-modernismo exige **fantasia, exagero, humor carnaval, paródia, destruição**.

POESIA

A poesia, nos tristes e representativos anos 70, rompeu compromisso com a realidade, com o intelectualismo e hermetismo modernistas e partiu para ser **marginal, diluidora, anticultural, pós-moderna**. Brotaram a poesia do mimeógrafo, a lixeratura, o poema pornô, com Chacal, Samaral, Cacaso, Fred, Chico Alvin, Leila Micólis, Ana Cristina César. São poemas espontâneos, mal acabados, irônicos, em linguagem coloquial, que falam do mundo imediato do próprio poeta, zombam da cultura, escarnecem a própria literatura. Seu campo é a banalidade cotidiana, o corpo, o consumo, mas com um estilo solto, frio, frívolo, sem paixão nem grandes imagens.

Vamos ler alguns exemplos dessa geração:

NA CORDA BAMBA

Poesia
eu não te escrevo
eu te
vivo

e viva nós!

(Cacaso)

POLÍTICA LITERÁRIA

O poeta concreto
discute com o poeta processo
qual deles é capaz de bater o poeta abstrato.

Enquanto isso o poeta abstrato
tira meleca do nariz.

(Cacaso)

VISITA

Não bateram na porta
Arrombaram

(Chico Alvim)

REVOLUÇÃO

Antes da revolução eu era professor
Com ela veio a demissão da Universidade
Passei a cobrar posições, de mim e dos outros
(meus pais eram marxistas)
Melhorei nisso –
hoje já não me maltrato
nem a ninguém

(Chico Alvim)

COLAPSO CONCRETO

vivo agora uma agonia:
quando ando nas calçadas de copacabana
penso sempre que vai cair um troço na minha
[cabeça

(Charles)

PEGA LADRÃO!

Alguém tirou
um pedaço
do meu
P~ O.

(Kátia Bento)

RECUPERAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

é sempre mais difícil
ancorar um navio no espaço

(Ana Cristina César)

EXTENSÃO II

Pus a vida
em minhas mãos
e as mãos no fogo...
– A vida ferveu.

(Alcides Bussi)

PAPO DE ÍNDIO

Veio os ômi di saia preta
cheiu di caixinha e pó branco
qui eles disseram qui chamava açucri
Aí eles falarum e nós fechamu a cara
depois eles arrepitirum e nós fechamu o corpo
Aí eles insistiram e nós comemu eles.

(Chacal)

quem teve a mão decepada
levante o dedo

(Nicolas Behr)

Ainda na poesia, mais duas concorrentes cruzaram a fronteira pós-moderna: **o poema-processo e a arte postal.** Mobilizando o espaço visual da página, régua e compasso na mão, o poeta-processo monta painéis com palavras e todo o tipo de imagem: fotos, diagramas, rótulos, anúncios. Para ele, o poema precisa assimilar a imagem, a publicidade, os signos do cotidiano, abolindo o verso. Um cheque ouro do Banco do Brasil, carimbado com a suástica nazista, consistia em um poema-processo na época da ditadura. Wlademir Dias Pino, Joaquim Branco e Álvaro Sá foram a linha de frente dessa corrente.

A seguir, duas poesias em que o humor, a ausência de regras, a negação da valorização oficial e o aproveitamento de uma cultura de massa se fazem presentes num clima pós-moderno:

"Fim da Febre
de
Prêmios e Pensões
Dum
Poeta sem
LLAAUURREEAASS"

(Wally Saibormoon)

"Apresentação:
essência de energia pura,
o BIOTÔNICO DA VITALIDADE é
composto de raízes, folhas
e frutos plenos. Sucesso
comprovado através dos sé-
culos. Profilaxia, da ce-
gueira noturna. É muito e-
ficaz nos casos de desâni-
mo geral.

Indicações:
contra a inércia
contra a lei da gravidade
contra a contrariedade
contra marcar bobeira
contra cultura oficial
contra a cópia
a favor da liberdade
contra o imediável.

Contraindicação:
não deve ser ministrado à-
queles que propõem a morte
como única forma de vida.

Posologia:
A critério do paciente. A
medicina não faz milagres."

o poema-processo radicaliza as sugestões visuais e não discursivas do Concretismo. A vanguarda-processo também valoriza a civilização técnica e como o Concretismo pretende estar *pari passo* com o momento desenvolvimentista da sociedade brasileira, criando poemas-objetos, atendendo aos esquemas de consumo do sistema capitalista que se ampliava naquele momento.

A arte postal é basicamente o poema-processo enviado pelo correio. À margem do livro e das editoras, utiliza o postal, o cartaz, o carimbo, a xerox. O poema consiste em criações em cima de mensagens já veiculadas. O resultado é quase sempre humor, ironia mas em tom frio, pós-moderno.

WLADEMIR DIAS PINO
(Rio de Janeiro - 1927)

Poeta, gráfico, programador visual, professor. Participou da instauração da Arte Concreta em 1956

e foi ativo militante nessa vanguarda. Transformando-se, aprimorando-se e evoluindo sempre, em 1967, - participou do Movimento do Poema-processo, desenvolvendo nele uma enorme atividade criadora.

ANTROPOFAGIA VISUAL

POEMA-CÓDIGO

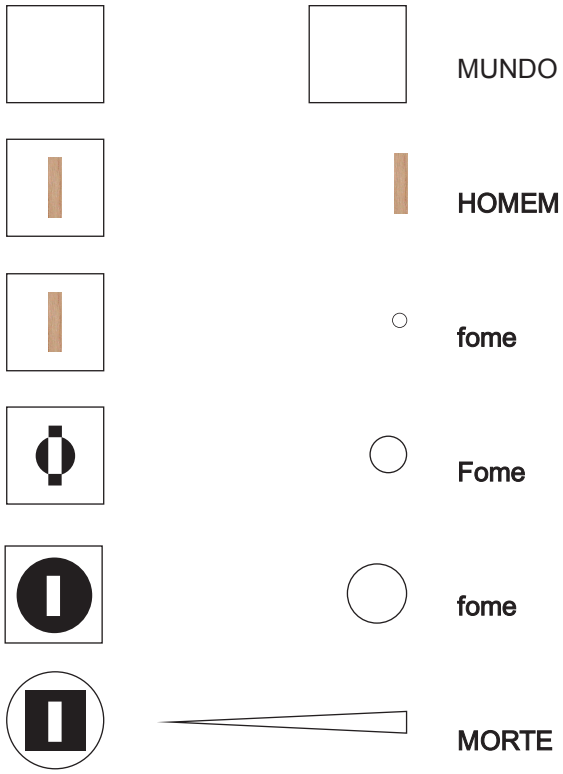

(In: CARVALHO, José De Arimathea Soares, Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, 64 (1): 42. jan./fev. 1970.)

CONCLUSÃO

Duas avaliações cercam o pós-modernismo.

Há os que acham que agora a arte é pastiche e ecletismo porque perdeu a originalidade, não sabe mais criar. Niilista, a desestetização levou à morte da arte. É uma das avaliações.

No entanto, outros sentem no pós-modernismo uma praga boa e saudável. Abala preconceitos, põe abaixo o muro entre arte culta e de massa, rompe as barreiras entre os gêneros, traz de volta o passado (os modernos só queriam o novo). Democratizando a produção, ele diz: que venham a diferença, a dispersão. A desordem é fértil. Pluralista, ele propõe a convivência de todos os estilos, de todas as épocas, sem hierarquias, num vale-tudo que acredita no seguinte: sendo o mercado um cardápio variado, e não havendo mais regras absolutas, cada um escolhe o prato que mais lhe agrada. Morte ou renovação, também na arte o pós-modernismo flutua no indecidível.

A seguir, temos um fragmento do livro *A derrota do pensamento,* do sociólogo Alain Finkielkraut em que este apresenta uma síntese da concepção de vida no pós-modernismo:

"O ator social pós-moderno aplica na sua vida os princípios que os arquitetos e os pintores usam em seu trabalho, substitui como eles os antigos exclusivismos pelo ecletismo, recusando a brutalidade da alternativa entre academismo e inovação, mistura soberanamente os estilos, no lugar de ser isto ou aquilo clássico ou vanguarda, burguês ou boêmio, une à sua maneira as predileções mais disparadas, as inspirações mais contraditórias, leve, móvel e não preso a um credo e paralisado em um domínio, gosta de passar sem obstáculos de um restaurante chinês a um clube antilhano, do cuscuz ao *cassoulet*, do *jogging* à religião ou da literatura à asa-delta.

(...)

Todas as culturas são igualmente legítimas e tudo é cultural.

(...)

Esse niilismo classificador dá lugar, no pensamento pós-moderno, a uma mesma admiração pelo autor do *Rei Lear* e por Charles Jourdan. Com a condição de que traga a assinatura de um grande estilista, um par de botas equivale a Shakespeare. E tudo em conformidade: histórias em quadrinhos que combinem uma intriga palpitante com belas imagens equivalem a um romance de Nabokov - aquele que as lolitas leem equivalem a Lolita; um slogan de publicidade eficaz equivale a um poema de Apollinaire ou de Francis Ponge; um ritmo de rock equivale a uma melodia de Duke Elligton; um belo jogo de futebol equivale a uma coreografia. O jogador de futebol e o coreógrafo, o pintor e o costureiro, o escritor e o idealizador, o músico e o roqueiro são, da mesma maneira, criadores."

OUTROS CAMINHOS

Finalmente, cabe tratar de autores que não se filiam rigorosamente a nenhuma dessas tendências, mas cuja obra aponta para caminhos novos ou para a retomada bastante criativa da linha de autores já consagrados, como Drummond, Murilo Mendes e João Cabral de Melo Neto.

ADÉLIA PRADO (1935)

Impressionista

"Uma ocasião
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo."

Ensinamento

"Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
'Coitado, até essa hora no serviço pesado'.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo
[com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo."

MANUEL DE BARROS (1916)

"Agora só espero a despalavra: a palavra
[nascida
para o canto – desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, ágrafa.
Quero o som que ainda não deu liga.
Quero o som gotejante das violas de cocho.
A palavra que tenha um aroma ainda cego.
Até antes do murmúrio.
Que fosse nem um risco de voz.
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma
[imagem."

JOSÉ PAULO PAES (1926 – 1998)

negocio
ego
ocio
cio
0

Ficção científica

o homem mais feliz de vênus
não usava camisa

Madrigal

Meu amor é simples, Dora
Como a água e o pão.

Como o céu refletido
Nas pupilas de um cão.

EXERCÍCIOS

Com base no exposto, elabore um resumo do assunto, segundo as *orientações:*

1. Contexto histórico - Movimento de 64

a) *Motivo:* _____
_____
_____
_____

b) Diretrizes dos governos militares: _____
_____
_____
_____

2. Manifestações artísticas:

a) *Música* _____
_____
_____
_____

b) Cinema _____
_____
_____
_____

c) *Teatro* _____

d) *Tropicalismo* _____

e) *Música Pop* _____

f) *Consequências do AI-5* _____

g) *Manifestações após* a *censura* _____

Autores* e *obras que se afastam da literatura verdade

1) _____

2) _____

3) _____

4) _____

5) _____

6) _____

PÓS-MODERNISMO

Definição: _____

Ambiente: _____

Características: _____

POESIA

Tipos de manifestação: _____

_____

_____

_____

_____

_____

Poema-processo: _____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

QUADRO COMPARATIVO

Modernismo	Pós-Modernismo
Autores	
Características	
Obras	

LITERATURA VERDADE

Objetivos:

Caracterísitcas:

Tipos de obras:

REPRESENTANTES / OBRAS

a)

b)

c)

TEATRO - PRINCIPAIS AUTORES

Autor	Características	Obras
Guarnieri		
Dias Gomes		
Plínio Marcos		
Oduvaldo Vianna		
Chico Buarque		

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2009.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto. **Literatura brasileira**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GUIMARÃES, Marcella (org.). **Literatura dos anos 90**. Curitiba: Juruá, 2003.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Impressões de viagem: cpc, vanguarda e desbunde: 1960/70**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

MOISES, Massaud. **Literatura brasileira através dos textos**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. 17. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2004.

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

DO MESMO AUTOR DE GRAMÁTICA PARA CONCURSOS

CAMPUS CONCURSOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Interpretação de Textos e Semântica para concursos

TEORIA, ESQUEMAS, EXERCÍCIOS E QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Marcelo Rosenthal
Lilian Furtado
Tiago Omena
Pedro Henrique

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Front Matter

Copyright

Dedicatória

Agradecimentos

Os Autores

Apresentação

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1. Interpretação Textual

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

1.2. Tópico frasal

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.4. Exercícios

Capítulo 2. Semântica de Nomes

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

2.3. EXERCÍCIOS

2.4. POLISSEMIA

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

2.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 3. Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

3.1. EXERCÍCIOS
Capítulo 4. Coesão Textual
4.1. COESÃO REFERENCIAL
4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL
4.3. EXERCÍCIOS
4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL
4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE
4.6. EXERCÍCIOS
4.7. COESÃO SEQUENCIAL
4.8. COESÃO SEQUENCIAL
Capítulo 5. Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções
5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS
5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS
5.3. Exercícios
Capítulo 6. Valor Semântico das Conjunções
6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
6.4. EXERCÍCIOS
Capítulo 7. Coerência Textual
7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS
7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS
7.3. EXERCÍCIOS
Capítulo 8. Semântica Verbal
8.1. MODO INDICATIVO
8.2. MODO SUBJUNTIVO

8.3. MODO IMPERATIVO

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

8.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 9. Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

9.5. EXERCÍCIOS

Capítulo 10. Funções da Linguagem

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

Capítulo 11. Vozes do Discurso

11.1. DISCURSO DIRETO

11.2. DISCURSO INDIRETO

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 12. Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

12.3. EXERCÍCIOS

Capítulo 13. Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

13.2. HOMÔNIMOS

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

13.4. EXERCÍCIOS

Capítulo 14. Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

14.2. PREFIXOS GREGOS

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

14.5. LATINISMOS

14.6. EXERCÍCIOS

Capítulo 15. Questões Comentadas

Bibliografia

Cadastro

Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Consulte também nosso catálogo completo, últimos lançamentos e serviços exclusivos no site **www.elsevier.com.br**

Dedicatória

Ao brilhante professor de Língua Portuguesa Marcelo Barbosa.

Agradecimentos

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Os Autores

A nossos familiares e amigos que compreenderam a nossa ausência em muitos eventos, visto nosso envolvimento na conclusão desta obra.

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa do CELP – Centro de Estudos da Língua Portuguesa.
- Professor de Língua Portuguesa do CEPAD.
- Professor de Língua Portuguesa Concurso Virtual.
- Professor de Língua Portuguesa do Canal dos Concursos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.

Lilian Furtado

- Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bacharel em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Licenciada em Letras: Português-Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso Damásio de Jesus.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do curso LFG/NTC.
- Professora de Língua Portuguesa e Redação do Curso Multiplus.
- Autora de livros para concursos da Editora Método.

Pedro Henrique

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIVERCIDADE)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – Colégio Naval, EPCAR, CRMV-RJ, Prefeitura do Rio de Janeiro, CEFET-RJ, entre outros.
- Ex-aluno do Colégio Naval
- Funcionário Público Federal do CEFET-RJ.

Tiago Omena

- Letras – (Português – Literatura) pela UNESA.
- Direito – (UNIABEU)
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Concursando Enfermagem.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da FEMPERJ.
- Ex-Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Coordenador de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CELP (Centro de Estudos da Língua Portuguesa).
- Professor de Língua Portuguesa do Cláudio Borba Concursos.
- Professor de Língua Portuguesa do curso Multiplus.

- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-RJ.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEAV-BA.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do CEJURIS.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Curso Tamandaré.
- Professor de Língua Portuguesa e Redação do Concurso Virtual.
- Autor da Série Gabaritando de Questões Comentadas da Banca CESGRANRIO.
- Aprovado em diversos concursos – TRF-SP, TRF-AL, entre outros.

Apresentação

Essa obra foi imaginada com a intenção de oferecer ao candidato a um cargo no serviço público o máximo de ferramentas efetivas para a resolução de questões de interpretação de textos. Não pretendemos aqui discutir intelecções, mas sim tratar, de forma extremamente objetiva, o assunto. Muitas das questões de interpretação são elaboradas para deixar o aluno em dúvida entre duas alternativas, o que o leva normalmente para a marcação da errada. Qual o critério técnico para excluir essa alternativa? Qual o critério para ser a outra alternativa a resposta? Portanto, o nosso trabalho vai se pautar por esse caminho. Em vez de questionar as bancas, tentaremos mergulhar na cabeça – desculpem a conotação que demarca uma linguagem mais coloquial – dos autores dessas questões e tentar avaliar quais os argumentos que eles poderiam ter para chegar a uma resposta. Faremos um passeio pelo estudo das figuras e funções de linguagem, pela semântica dos afixos e radicais, dos nomes e verbos e sobretudo dos conectores. Nós nos aprofundaremos na tipologia textual, observaremos minuciosamente os recursos argumentativos e destacaremos a análise dos enunciados das questões (se o comando exige resposta explícita ou implícita), fator que se torna tão decisivo para se atingir a alternativa certa. O fechamento de todos os assuntos abordados se dará com um rol de questões sempre apresentado com gabarito comentado. Por fim, a cereja do nosso bolo – olhe a conotação aí novamente – é a análise de mais 100 questões, evidentemente com gabarito comentado, compreendendo todos os assuntos mencionados no livro. Pela nossa experiência, temos a convicção de que essa obra será de extrema valia a todos que pretendem ingressar no serviço público.

Epígrafe

AUTOPSICOGRAFIA

O POETA é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Prefácio

Realizar provas de concursos públicos é uma tarefa que exige muita interpretação não só nas questões de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas. A interpretação é essencial para se compreender o que de fato o examinador quer. Esse ponto é muito delicado.

Como professores, percebemos que muitos alunos são reprovados por não terem sabido interpretar corretamente os enunciados da prova, embora soubessem o assunto. Erram questões que teriam plena condição de acertar, se entendessem o que se pede.

A língua portuguesa é extremamente complexa, com palavras de múltiplos sentidos e verbos com grande número de conjugações, em que um detalhe faz toda a diferença.

Esta obra apresenta, de modo objetivo e claro, o resultado de mais de 40 anos somados em experiências de sala de aula. Os autores transmitem, de forma extremamente didática e inovadora, as técnicas e os métodos de interpretação textual, demonstrando que o ato de interpretar não é algo tão "subjetivo", como muitos pensam, mas sim uma atividade que exige uma análise aprofundada e técnica do texto lido.

Ao analisarmos este trabalho, notamos que esta obra irá ajudar todo aquele que, ao primeiro contato com o texto, saberá extrair os elementos necessários para a informação, reconhecimento e interpretação do mesmo, e por isso afirmamos, sem sofisma, que se trata de um instrumento essencial para sanar as dúvidas em relação às questões de prova, bem como facilitar a comunicação no cotidiano.

É uma grande honra para nós do Concurso Virtual sermos escolhidos para escrever o prefácio da obra deste fantástico quarteto: Marcelo Rosenthal, com sua expertise; Lilian Furtado, com a sua sutileza ao passar a matéria; Pedro Henrique, com seu carisma; e Tiago Omena, com a sua objetividade.

Temos a certeza de que todos são professores de altíssima qualidade, apaixonados pelo que fazem e sempre atentos às necessidades dos candidatos a concursos públicos, pois é isso que ouvimos dos nossos alunos no dia a dia, nos enchendo de orgulho por tê-los em nosso corpo docente.

Alexandre Prado, Marcelo Marques, Raphael Vianna e Rodrigo Menezes,

diretores do Concurso Virtual

Capítulo 1

Interpretação Textual

Interpretar é entender o que está escrito no texto, em outras palavras, é explicar, é esclarecer, é reproduzir de uma outra forma algo que já foi dito. Assim, para falar em interpretação textual é fundamental saber o que é texto.

A palavra texto é originada do latim textum e significa entrelaçamento, ou seja, um texto é um entrelaçamento de ideias, por isso, um texto escrito não é apenas uma enumeração de frases e de orações e sim um conjunto de informações conectadas entre si que estabelecem a coesão e a coerência textual.

Segundo FÁVERO (1997), "O texto consiste em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão". Dessa forma, podemos considerar que o texto é qualquer forma de comunicação oral ou escrita, verbal ou não verbal sempre direcionado ao leitor, assim, músicas, bulas de remédio, faixas, pinturas, charges, gestos recitais, shows etc. são formas diferentes de texto.

1 – O texto

Vejamos alguns exemplos:

Texto 1

Texto 2

Texto 3

Os textos acima não apresentam frases ou orações, são constituídos apenas de imagens e, ainda assim, conseguimos entender a mensagem de cada um deles. Analisando as figuras, verificamos que o texto 1 apresenta placas de sinalização utilizadas pelas normas de trânsito. Podemos observar ainda que a primeira placa mostra que é proibida circulação de bicicletas e mais ao fundo observamos uma outra placa que indica a presença de quebra-mola na pista. Já o texto 2 tem uma imagem que indica a necessidade de silêncio no estabelecimento em que ela foi fixada. O terceiro texto é uma charge da Mafalda que, ao caminhar por uma calçada, se surpreende ao pisar em um trecho alagado. Após constatar que a água não provinha de chuva, a personagem continua sua caminhada tentando saber a causa de tanta água até que num determinado momento se depara com inúmeras pessoas chorando.

Texto 4

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu

mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

(Clarice Lispector)

Texto 5

Circuito Fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

(Ricardo Ramos)

Ao comparamos os textos 4 e 5, observamos que ambos são textos escritos, entretanto com diferenças entre si. O texto 4 é direcionado ao leitor e foi elaborado a partir da utilização de orações, conectores coesivos e pontuação. Já quando lemos o texto 5, verificamos de imediato que se trata de um tipo de texto mais atípico ao que estamos acostumados a ver e a conceber como texto. Isso pode

acontecer porque temos a sensação de que se trata apenas de um emaranhado de palavras soltas, composto principalmente de substantivos. Contudo, ao fazermos uma leitura mais atenta, constatamos que a sequência com que os substantivos foram organizados nos permite verificar a história de um homem comum vivendo sua rotina. Assim, o texto 5, apesar de ser apresentado com uma estrutura diferente do que estamos acostumados, é um texto, pois apresenta significado.

Até agora, vimos textos exclusivamente compostos de imagens e textos compostos exclusivamente de escrita. Observe abaixo o quadrinho do Calvim.

Texto 6

<u>Calvim em: Pisei no cocô</u>

http://phellippe.arteblog.com.br/77956/Cavim-em-Pisei-no-coco/

O texto acima é conhecido teoricamente como texto misto por ser composto simultaneamente por imagens e escrita. Ambos os recursos são fundamentais para o entendimento do significado. Observe que no primeiro quadrinho o fato de Calvim gritar pela mãe é composto por um detalhe primordial que não podemos deixar de observar: ele está com os pés do lado de fora da casa. No segundo e terceiro quadrinhos, verificamos que Calvim reflete e obedece à ordem da mãe. Por fim, notamos que só é possível depreender o significado de todo o texto somando a parte escrita da fala de Calvim com a imagem de desespero da mãe.

1.1. TIPOLOGIA TEXTUAL

Quando falamos em **tipo textual**, atualmente conhecido como **modo de organização do discurso** ou **modo textual**, nos referimos à forma como o texto se organiza em relação à informação que será apresentada, aos aspectos sintáticos, aos tempos dos verbos, às relações lógicas etc. Tradicionalmente os tipos textuais são classificados de três formas: **narrativo, descritivo** e **dissertativo (informativo ou argumentativo)**. Entretanto, atualmente, estudiosos defendem a existência de mais dois tipos textuais: **o injuntivo e o dialogal**.

É imprescindível lembrar que esses **modos de organização do discurso** nem sempre aparecem "puros" no texto, ou seja, dificilmente encontraremos textos com características unicamente narrativas ou descritivas. Em um romance, por exemplo, vemos a imbricação entre a narração do enredo e a descrição do espaço.

É importante ressaltar que muitas pessoas fazem confusão entre tipo textual e gênero textual. O gênero textual é um formato que se propõe a uma finalidade. Assim, uma lenda, uma ata de reunião, uma carta, uma fábula, uma receita, uma bula de remédio são diferentes gêneros textuais que possuem formatos distintos. Esses formatos permitem ao leitor identificar, por exemplo, a distinção entre a bula de remédio e a receita de um bolo, pois a forma como o texto é predisposto facilita a verificação do que o texto quer de fato comunicar. Podemos constatar, dessa forma, que temos inúmeros gêneros e que nesses gêneros podemos encontrar cinco tipos textuais. Para que fique mais fácil compreender, vamos analisar abaixo cada tipo textual.

1.1.1. Narração

A construção de um texto narrativo pressupõe a existência de um narrador, que pode ou não ser apresentado de forma explícita no texto. Este narrador tem como objetivo relatar fatos, que ocorreram em determinado tempo e lugar e que envolvem personagens. Assim, podemos entender que no texto narrativo há uma sequência de ações que ocorrem ao longo do tempo, mantendo a progressão temporal e consequentemente a sequência lógica do texto. Além disso, é possível observar a predominância de verbos de ação. Vejamos os exemplos abaixo:

Exemplo 1:

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste…"

Exemplo 2:

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa prostituída com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura… Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar urna surra, um tiro, urna facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria,

Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos…

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Exemplo 3:

Eduardo e Mônica

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram.
Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer…
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse:
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não tô legal", não aguento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar…"
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete,
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus,
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema: "escola, cinema
clube, televisão".
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser…
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar…
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (nããão)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular
E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
Ah! Ahan!
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão!

Renato Russo

O texto do exemplo 1 é uma fábula. Esse gênero textual é organizado em uma estrutura específica, pois quase sempre seus personagens são bichos, que ganham características humanas e, além disso, tem sempre um ensinamento moral, revelado ao final da história. O texto 2 e o texto 3 também são predominantemente narrativos, embora pertençam a gêneros diferentes: o texto 2 é um romance e o texto 3 é uma música.

É importante também destacar que o texto 1 tem caráter fantástico, pois a fábula não se compromete com a veracidade dos fatos, pelo contrário, as fábulas são fantasiosas e figuradas. Já o texto 2 tem objetivo comunicativo diferente, pois é um texto com personagens bem definidos e que, principalmente, se compromete com a veracidade dos fatos relatados da mesma maneira que acontece com o texto 3.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Fábula Objetivo: moral	Gênero: Romance Objetivo: verossímil	Gênero: Música Objetivo: verossímil
Tipo textual	Tipo textual	Tipo textual predominante:

predominante: narração Objetivo: relatar fatos	predominante: narração Objetivo: relatar fatos	narração Objetivo: relatar fatos
Personagens: águia e coruja	Personagens: Misael e Maria Elvira	Personagens: Eduardo e Mônica
Tempo: duração até a próxima caçada da águia	Tempo: duração do relacionamento	Tempo: início do relacionamento até a reprovação do filho

Observe que utilizamos a palavra predominante para classificar a tipologia, pois, em ambos os textos, verificamos também a existência de trechos descritivos, que não são suficientes para classificarmos os textos como descritivos.

1.1.2. Descrição

O texto descritivo apresenta uma sequência de características de um indivíduo, de um objeto, de um lugar etc. Textos descritivos geralmente são ricos em adjetivos ou expressões qualificativas e têm como objetivo a construção da imagem, pois o leitor é capaz de visualizar o que é descrito apenas com os dados apresentados no texto. Tradicionalmente, é comum considerar que o texto descritivo é mais estático já que se fundamenta no espaço enquanto o texto narrativo apresenta movimento uma vez que se fundamenta no tempo.

Exemplo 1:

Trecho retirado do livro Madame Bovary

A fachada de tijolos era perfeitamente alinhada à beirada da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio, um boné de oleado e, a um canto, no chão, um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita era a sala, isto é, o lugar onde comiam e onde sempre ficavam. Um papel cor de canário, com cercadura de flores descoradas, tremia sobre o pano em que estava colado; cortinas de chita branca, orladas de galão vermelho, entrecruzavam-se nas janelas e na estreita pedra do fogão resplandecia um relógio com a cabeça de Hipócrates entre dois castiçais de prata lavrada, debaixo de redomas ovais. Do outro lado do corredor estava o gabinete de Carlos, pequena peça de dois metros de largura, mais ou menos, com uma mesa, três cadeiras e

uma poltrona.

Gustave Flaubert

Exemplo 2:

Anúncio de jornal

Vendo sitio 18 hectares, belíssimas cachoeiras com várias quedas, vários poços para tomar banho, o sitio é cortado por duas enormes cachoeiras, 2 lagos de peixe, pés de laranja, tangerina, caqui entre outros. Aproximadamente 1500 pés de banana, 2 casas c 2 quartos sala, cozinha e banheiro e varanda, um barracão de madeira, galinheiro. Lugar para quem gosta de tranquilidade. Também posso vender a metade do sitio com uma casa. O sítio tem cadastro no INCRA e no IBAMA, os impostos estão em dia. Tel convencional só horário comercial documentação em meu nome.

Exemplo 3:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero

Na Rua dos Bobos
Número Zero.

Vinícius de Moraes

A respeito dos textos acima, observamos que, apesar de serem de gêneros diferentes, ambos são predominantemente textos descritivos.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Romance Objetivo: despertar o leitor para o relato de uma história	Gênero: Anúncio de Jornal Objetivo: vender	Gênero: Música Objetivo: despertar o leitor para as características de uma casa.
Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de objetos ou lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de lugar	Tipo textual predominante: descrição Objetivo: caracterização de pessoa

1.1.3. Injunção

No texto injuntivo, o autor tenta fazer com que leitor tome atitudes a partir de uma sequência de comandos por meio do convencimento. O texto injuntivo geralmente apresenta ordem, pedido, conselho etc. e por isso há predominância de verbos no imperativo e a ordenação seriada das informações, especialmente sob a forma de orações coordenadas.

Exemplo 1:

Receita de pizza

1. Peneire a farinha e o sal em uma tigela grande. Adicione o fermento e misture.
2. Faça um buraco no centro dos ingredientes secos. Despeje a água e o azeite e mexa até formar uma massa mole.
3. Amasse a massa sobre uma superfície levemente enfarinhada por mais ou menos 10 minutos, até que ela fique lisa e elástica.
4. Coloque a massa em uma tigela untada e cubra com plástico transparente. Deixe-a em um local morno para crescer por mais ou menos 1 hora, até que ela tenha dobrado de tamanho.

5. Amasse novamente a massa. Coloque-a sobre uma base levemente enfarinhada e amasse por 2 a 3 minutos. Abra a massa como desejado e coloque-a em uma fôrma untada. A massa está pronta para a cobertura.

(http://www.muitomaisreceitas.com.br/receitas/tortas_paes_e_pizzas/massa_basica

Exemplo 2:

Os anjos

Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
Dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno temperar
Com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
e um tablete e meio de preguiça (...)

(Trecho da música os anjos de Renato Russo)

Exemplo 3:

Propagandas

Como observamos acima, os textos, apesar de serem de gêneros diferentes, apresentam a mesma tipologia: a injunção. Nos exemplos 1 e 2, percebemos a

preocupação do autor em orientar o leitor na execução de algo. No exemplo 1, temos uma sequência de ações que devem ser empregadas na ordem dada para que seja possível fazer a pizza. No exemplo 2, verificamos que o compositor Renato Russo adiciona ao gênero música um trecho do gênero receita. No exemplo 3, é possível notar que, embora os textos não apresentem uma sequência de ações a serem tomadas pelo leitor, as propagandas têm como objetivo convencer o leitor a tomar a decisão de adquirir o produto. Note que em ambos os textos verificamos a predominância de verbos no imperativo, por ser este, dentro do que considera a tradição gramatical, o modo verbal responsável pelos sentidos de ordem, pedido, conselho, sugestão ou súplica.

Observe o quadro abaixo:

TEXTO 1	**TEXTO 2**	**TEXTO 3**
Gênero: Receita Objetivo: ensinar os passos de um procedimento	Gênero: música Objetivo: criticar o comportamento da sociedade de forma geral	Gênero: propaganda Objetivo: convencer o leitor a adquirir algo
Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: dizer como fazer uma ação	Tipo textual predominante: injunção Objetivo: levar à realização de uma ação

1.1.4. Diálogo

No texto dialogal, é possível observar que o texto é constituído por no mínimo dois locutores, que estabelecem um intercâmbio verbal. Este tipo de texto é organizado de forma a reproduzir uma conversa da oralidade, pois conferem realismo ao diálogo realizado pelos personagens que participam do mesmo espaço e discutem sobre o mesmo tema. Este texto se difere da narração, pois o narrador, quando aparece, tem apenas a função de apresentar o diálogo que ocorre na primeira pessoa do singular.

Exemplo 1:

Folha – Como foi voltar a filmar com Pedro Almodóvar?

Antonio Banderas – Foi como um nascimento, meu segundo nascimento. É

difícil trabalhar com ele, porque exige muito. Para mim, é caminhar num terreno desconhecido, cujo resultado me deixou muito contente.

O que mudou no período em que não trabalharam juntos?

Muita coisa mudou, mas na vida pessoal continuamos muito amigos. No terreno artístico ele se converteu em um diretor mais profundo, mais sério, mais completo quanto ao conteúdo e na forma mais minimalista, quase japonês. Em minha carreira, nesse tempo, eu interpretei muita coisa, [fiz] filmes de terror, musicais, aventura, ação, filme para crianças. Reconheço que me apetecia me envolver com um cinema mais comprometido, com Woody Allen, Pedro Almodóvar.

Que tal as brasileiras?

Não tive tempo para conhecer muitas mulheres brasileiras porque fiquei em lugares fechados concedendo entrevistas (risos). Há uma alegria inata neste país. Recordo um filme chamado "Orfeu Negro" (1959) [filme dirigido por Marcel Camus, baseado na peça "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes], que falava sobre a morte e ao mesmo tempo havia uma exaltação da alegria exatamente porque a morte é a única certeza.

Qual é a brasileira mais bonita?

A mais bela? É muito difícil porque há muitas mulheres muito belas aqui. A união de raças produz gente muito bonita aqui. A beleza das mulheres daqui não é tradicional. Há mulheres que não têm a beleza dentro das coordenadas, do padrão. Eu prefiro não intelectualizar, porque senão vou perder esse sabor, prefiro apenas observar e desfrutar.

O que acha do nosso cinema?

O Brasil está crescendo e o cinema vai junto. O trabalho de Walter Salles e Bruno Barreto são legados. Mas creio que o Rio não é uma cidade suficientemente retratada pelo cinema. Há algo muito espetacular aqui que não foi completamente retratado.

Como se envolveu com perfumes e fotografia?

Comecei minha atividade empresarial há 14 anos, mas não sou um vendedor de perfumes, sou um artista. Também me encanta a fotografia e a música.

(trecho da entrevista da Folha Online – http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/920728-banderas-diz-que-mulher-brasileira-e-para-observar-e-desfrutar.shtml)

Exemplo 2:

Ema prosseguia:

– E que música prefere o senhor?

– A música alemã, que é a que mais nos predispõe ao devaneio.

– Conhece os italianos?

– Ainda não; mas tenciono frequentá-los no ano que vem, quando for residir em Paris, para completar o meu curso de Direito.

(Trecho da obra Madame Bovary de Gustave Flaubert)

Exemplo 3:

Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe…
Quanto tempo… pois é…
Quanto tempo…
Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?
Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo… pois é… (pois é… quanto tempo…)
Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança
Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente

Pra semana
O sinal…
Eu espero você
Vai abrir…
Por favor, não esqueça,
Adeus…

Paulinho da Viola

1.1.5. Dissertação

O texto dissertativo é elaborado a partir da apresentação de fatos, opiniões, pensamentos ou informações sobre determinado assunto. Geralmente, as ideias apresentadas são encadeadas utilizando-se a terceira pessoa do singular, uma das formas de marcar gramaticalmente a impessoalidade, entretanto, nas provas de interpretação, é comum observar textos dissertativos em que o autor se utiliza da primeira pessoa para expor sua opinião. A depender do objetivo do autor, a dissertação pode ser expositiva (texto informativo) ou argumentativa e geralmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. A diferença básica entre os dois tipos de texto é que, no primeiro, o autor não se propõe a convencer o leitor, fazendo apenas uma explicação sobre o assunto apresentado, relatando dados e ideias. Já na argumentação, o autor, além de tentar convencer o leitor a respeito da ideia apresentada, emprega um raciocínio lógico e coerente, utilizando como base de argumentação provas que evidenciem suas ideias.

Vejamos os textos abaixo:

1.1.5.1. Dissertação informativa (expositiva)

Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo

A Lua poderia ter muito mais água do que o imaginado, talvez tanta quanto a Terra, uma descoberta que lança dúvidas sobre a formação do satélite, revela um estudo divulgado esta quinta-feira nos Estados Unidos.

Durante muito tempo acreditou-se que a Lua fosse um local seco e poeirento até que, há poucos anos, descobriu-se água pela primeira vez.

Agora, cientistas das universidades Case Western Reserve e Brown acreditam que no interior da Lua haja cem vezes mais água do que se pensava inicialmente.

As descobertas foram feitas com o uso de um instrumento de precisão, chamado NanoSIMS 50L –um microanalisador de íons-– para examinar o magma lunar ou pequenas quantidades de rocha derretida, coletada pela Apolo 17, a última missão americana à Lua, em 1972.

"Estas amostras são a melhor janela que temos para [calcular] a quantidade de água no interior da Lua", disse James Van Orman, coautor do estudo e professor de ciências geológicas do Case Western.

"O interior parece ser bastante similar no interior da Terra, razão pela qual sabemos sobre a abundância de água", acrescentou.

As descobertas foram publicadas na edição de 26 de maio da "Science Express".

A mesma equipe publicou um trabalho na "Nature" em 2008, descrevendo a primeira evidência da presença de água nos cristais vulcânicos trazidos pelas missões Apolo.

"O essencial é que em 2008 dissemos que o conteúdo primitivo de água no magma lunar deveria ser similar à água contida na lava proveniente da drenagem do manto superior da Terra", disse outro coautor do estudo, Alberto Saal. "Agora, provamos que este é o caso", acrescentou.

Enquanto as descobertas corroboram a teoria longamente sustentada de que a Lua e a Terra têm origens comuns, também lançam dúvidas sobre a crença de que a Lua pode ter se formado após um desprendimento da Terra, perdendo boa parte de sua umidade neste processo de alta temperatura.

Segundo esta teoria, de "enorme impacto" nos anos 1970, a Lua se formou depois que o nosso planeta colidiu com uma rocha espacial ou planeta 4,5 bilhões de anos atrás.

"Esta nova pesquisa revela que aspectos desta teoria devem ser reavaliados", destacou o estudo.

As descobertas também levantam interrogações sobre as teorias que afirmam que o gelo encontrado nas crateras dos polos lunares pode ser resultante do impacto de meteoros, sugerindo que parte do mesmo pode ter provindo da erupção de magmas lunares.

A Nasa (agência espacial americana) anunciou, em 2009, que duas naves enviadas à Lua para colidir com a superfície do satélite descobriram pela primeira vez água congelada, uma revelação considerada um enorme passo adiante na

exploração espacial.

(25/05/2011 – http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/921297-lua-pode-conter-tanta-agua-quanto-a-terra-revela-estudo.shtml)

1.1.5.2. Dissertação argumentativa

Nos últimos anos, a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. É louvável que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou ao patamar da irracionalidade. Entre cientistas e ambientalistas, estabeleceu-se uma espécie de fervor fanático e doutrinário pelas conclusões pessimistas do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU. Segundo elas, ou se tomam providências radicais para cortar as emissões de gases do efeito estufa decorrentes da atividade humana, ou o mundo chegará ao fim do século XXI à beira de uma catástrofe. Nos últimos três meses, numa reviravolta espetacular, a doutrina do aquecimento global vem se desmanchando na esteira de uma série de escândalos.

Descobriu-se que muitas das pesquisas que dão sustentação aos relatórios emitidos pelo IPCC não passam de especulação sem base científica. Pior que isso: os cientistas que conduzem esses estudos manipularam dados para amparar suas conclusões.

A reputação do IPCC sofreu um abalo tectônico no início do ano quando se descobriu um erro grosseiro numa das pesquisas que compõem seu último relatório, divulgado em 2007. O texto afirma que as geleiras do Himalaia podem desaparecer até 2035, por causa do aquecimento global. O derretimento traria consequências devastadoras para bilhões de pessoas na Ásia, que dependem da água produzida pelo degelo nas montanhas. Os próprios cientistas que compõem o IPCC reconheceram que a previsão não tem o menor fundamento científico e foi elaborada com base em uma especulação. O mais espantoso é que tal previsão tenha sido tratada como verdade incontestável por três anos, desde a publicação do documento.

Os relatórios do IPCC são elaborados por 3000 cientistas de todo o mundo e, por enquanto, formam o melhor conjunto de informações disponível para estudar os fenômenos climáticos. O erro está em considerá-lo infalível e, o que é pior, transformar suas conclusões em dogmas.

(SOUZA, Okky de.. Veja, pp. 94-95, 24 fev.2010. com adaptações)

Observe que, no texto **Lua pode conter tanta água quanto a Terra, revela estudo**, o autor do texto não tem o objetivo de convencer o leitor a respeito do assunto; é, na realidade, possível notar que sua intenção é apenas informar o leitor sobre a possibilidade de a Lua ter mais água do que a ciência imaginava até o momento. Note que a abordagem do tema é imparcial, e o autor não revela claramente seu posicionamento, seu ponto de vista, em relação ao assunto apresentado no texto. Por outro lado, no segundo texto (a dissertação argumentativa), podemos observar o posicionamento do autor do texto em várias passagens como, por exemplo, em: "**É louvável** que todos queiram salvar o planeta, mas o debate sobre como fazê-lo chegou **ao patamar da irracionalidade** (...)"; numa **reviravolta espetacular** (...); **Pior que isso** (...). Tais expressões marcam nitidamente a opinião do autor do texto, ainda que ele não tenha feito isso utilizando a primeira pessoa gramatical (eu acho, eu penso, nós sabemos...) para expor sua opinião.

1.2. Tópico frasal

Quando lemos um texto, podemos identificar que cada um dos parágrafos do desenvolvimento apresenta uma ideia principal, também chamada de pequena tese, articulada diretamente com o assunto central do texto (tese geral ou grande tese). No caso do artigo dissertativo-argumentativo que você acabou de ler, o tema é o aquecimento global e suas consequências.

Caso você leia atentamente o primeiro parágrafo do texto, irá perceber que a primeira frase sintetiza toda a ideia presente. É essa frase com informação central do parágrafo que se chama de tópico frasal.

Vale lembrar que, nas questões de interpretação, os examinadores podem pedir para identificar a ideia principal do texto e você deverá saber também que não existe obrigatoriedade de a primeira frase do parágrafo ser mesmo o tópico frasal. Isso acontece porque em alguns casos o tópico pode ser um período no meio do parágrafo, ou mesmo no final. É mais raro, mas é de bom alvitre lembrar que também não é obrigatório o tópico frasal ocorrer no primeiro parágrafo.

Vamos analisar detidamente a estrutura de cada um dos parágrafos da dissertação argumentativa:

1º parágrafo – O tópico frasal que o inicia apresenta a ideia central (grande tese) do texto: a discussão sobre o aquecimento global e suas consequências se tornou onipresente entre governos, empresas e cidadãos. Uma boa estratégia para identificar o tópico frasal é o tamanho do período; geralmente, o período do tópico frasal é menor do que os outros que o explicam. Nos períodos seguintes desse parágrafo, notaremos que o autor direciona a sua discussão e o seu posicionamento.

2º parágrafo e 3º parágrafo – As ideias principais que os abrem apresentam a informação central do próprio parágrafo que introduzem; a essa informação chamamos de pequena tese: o escândalo relacionado às pesquisas desenvolvidas pelo IPCC. As outras frases do parágrafo aprofundam essa visão geral, trazendo conhecimento objetivo acerca do assunto e o posicionamento do autor do texto em relação ao tema.

4º parágrafo – A ideia principal que o inicia traz a aceitação de que os relatórios emitidos pelo IPCC são fundamentais e que o problema é a forma como se lida com as informações contidas neles.

Outro assunto não menos importante e sempre cobrado nas questões de interpretação é o tipo de argumentação que pode ser utilizado como estratégia textual, seja para convencimento do leitor seja como mera informação. Torna-se imperioso observar que a tipologia textual será determinada pelo objetivo do autor, ou seja, predominância não significa necessariamente que o maior fragmento caracteriza a tipologia. Se um fragmento narrativo de trinta linhas foi utilizado como recurso argumentativo para a defesa de uma tese exposta em apenas uma linha, ainda assim o texto é dissertativo. Isso se esclarece pelo fato de que não é o número de linhas que caracteriza o texto como um todo, mas sim sua finalidade. Assim, podemos encontrar textos narrativos com argumentos de autoridade e textos argumentativos com trechos narrativos. Isso pode acontecer por meio de parágrafos expositivos que têm função meramente informativa; parágrafos argumentativos que explicam o porquê da tese ou tentam comprovar sua validade; e até mesmo trechos elaborados por meio de alusão histórica em que o autor cria uma ambientação situada historicamente, apresentando, por exemplo, antecedentes históricos. Lembre-se de que todas essas estratégias de argumentação são também consideradas estratégias de evidência, uma vez que a tese é defendida de forma a dar credibilidade ao texto, não apresentando dúvida

quanto à sua verdade.

1.3. TIPOS DE ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS

1.3.1. Argumentação por autoridade ou informações de terceiros

A argumentação por autoridade é realizada por meio da demonstração de opiniões de pessoas "consideradas autoridades" para a ideia proposta no tema do texto. Inclusive, podemos observar isso em um texto já utilizado em prova. Vejamos agora o texto e a utilização do argumento de autoridade. No capítulo de questões comentadas, esse texto será revisitado, com o devido aprofundamento de sua análise.

Prova: Cespe / UnB / PF / Delegado (Questão 40 do capítulo de questões comentadas)

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. **Em uma pesquisa recente na França,** o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". **O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de blue jeans: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin**. Mais cético, **seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta.** Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. **Em um pesquisa da revista Look Now,** moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas,

querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos". Elle, p. 35, ago/1998 (com adaptações).

Observe que os trechos em negrito são todos considerados argumentos de autoridade, pois o autor tem como objetivo tornar o seu texto mais convincente e para isso não se utiliza apenas das falas de cada indivíduo citado no texto, mas também das funções que lhe conferem esta autoridade, uma vez que a pessoa citada no texto pode não ser conhecida do leitor. Assim é possível constatar que não é apenas o nome do indivíduo que caracteriza a autoridade, e sim a importância que esse individuo traz ao tema apresentado. Da mesma maneira isso acontece com o uso de pesquisas que conferem veracidade às informações apresentadas.

1.3.2. Argumentação por analogia ou por comparação

Este tipo de argumentação acontece por meio de uma comparação. Veja o exemplo:

"A vida agitada das grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. Imagine o leitor, por exemplo, um automóvel dirigido suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de "cantar pneus (...)".

Observamos nitidamente que o autor do texto se utiliza de uma estratégia de comparação para conduzir o pensamento do leitor e, para isso, compara a forma como se "dirige" a vida com a forma como se dirige um automóvel.

1.3.3. Argumentação por apresentação de dados estatísticos

Este tipo de estratégia argumentativa é feito por meio da apresentação de dados estatísticos e, assim como as outras estratégias, serve para provar aquilo que é dito no texto. Geralmente, os dados utilizados são oriundos de pesquisas de órgãos públicos habilitados para a divulgação de tais dados. Vejamos o texto abaixo:

"O ministro da Educação, Cristovam Buarque, lança hoje o Mapa da Exclusão Educacional. O estudo do Inep, feito a partir de dados do IBGE e do Censo

Educacional do Ministério da Educação, mostra o número de crianças de sete a catorze anos que estão fora das escolas em cada estado. **Segundo o mapa, no Brasil, 1,4 milhão de crianças, ou 5,5 % da população nessa faixa etária (sete a catorze anos), para a qual o ensino é obrigatório, não frequentam as salas de aula. O pior índice é do Amazonas: 16,8% das crianças do estado, ou 92,8 mil, estão fora da escola. O melhor, o Distrito Federal, com apenas 2,3% (7 200) de crianças excluídas, seguido por Rio Grande do Sul, com 2,7% (39 mil) e São Paulo, com 3,2% (168,7 mil).**"

(BERGAMO, Mônica. Folha de S. Paulo, 03 dez. 2003.)

1.3.4. Argumentação por exemplos (exemplificação)

Este tipo de argumentação é realizado por meio de exemplos que elucidam ou justificam a ideia apresentada na tese. Um bom exemplo fundamenta a argumentação, pois pode relatar casos que sustentam a tese como verdadeira. Vejamos o texto abaixo:

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. **Alguns exemplos.**

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas

de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

Os trechos em negrito são argumentos exemplificativos que têm como objetivo mostrar a veracidade da tese apresentada no primeiro parágrafo (O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.), comprovando o posicionamento do autor do texto.

1.4. Exercícios

01. **(FGV / MEC / Documentador)**

Atentado à Democracia

Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição. A derrubada, pelo Supremo Tribunal Federal, da Lei de Imprensa, instrumento de intimidação criado no regime militar, é só um exemplo recente dessa convicção. Assim, um juiz que, de forma monocrática, decide impor a censura a um veículo passa a constituir uma aberração dentro do poder que ele representa. A frequência com que esse tipo de atitude tem se repetido é uma ameaça aos valores democráticos do país e tem como consequência prática e deletéria o prejuízo do interesse público, já que se priva a sociedade do direito à informação.

(Veja, 26 ago.2009.)

Os dois adjetivos que são adequados ao texto lido são:

a) informativo e narrativo;
b) narrativo e normativo;
c) normativo e descritivo;
d) descritivo e argumentativo;
e) argumentativo e informativo.

Gabarito: E

O texto lido deve ser caracterizado como 'argumentativo/informativo'. Podemos observar no texto trechos de caráter informativo como, por exemplo, "Um relatório da Associação Nacional de Jornais (ANJ) revelou que, nos últimos doze meses, foram registrados no Brasil 31 casos de violação à liberdade de imprensa. Destes, dezesseis são decorrentes de sentença judicial – em geral, proferida por juízes de primeira instância. Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade" e trechos de caráter argumentativo: "Trata-se de uma anomalia e de uma temeridade. Anomalia porque há muito o Judiciário tem mostrado seu compromisso com a defesa da liberdade de imprensa e do livre pensamento, que é princípio fundamental dos regimes democráticos e cláusula pétrea da Constituição."

02. **(FGV / COMPANHIA DOCAS – SP / Advogado)**

Perda de oportunidades no trabalho

As empresas vinculadas ao setor de petróleo no Brasil treinaram e formaram mais de 80 mil profissionais desde 2007, em um programa de qualificação que abrange do nível básico a cursos de pós-graduação. Mesmo assim, não conseguiram atender a toda a demanda de pessoal qualificado identificada pelo setor. A exemplo do petróleo, vários outros ramos de atividade industrial, da construção ou de serviços têm se envolvido diretamente na formação e treinamento de profissionais que não estão disponíveis no mercado.

Nem por isso os índices de desemprego se tornaram irrelevantes no país. Há muitas pessoas que permanecem sem ocupação por serem inabilitadas às vagas e aos cargos que o mercado oferece. São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. Afinal, a dificuldade de se formar e qualificar profissionais na velocidade que o mercado hoje demanda se deve, em grande parte, a deficiências do sistema de ensino brasileiro.

Um enorme contingente de jovens deixa as escolas ainda com falta de capacidade de aprender. O ensino técnico profissionalizante, com honrosas exceções, passou anos sem sintonia com o mundo real. A escassez de profissionais qualificados vem forçando uma transformação nesse sistema de ensino, e algumas iniciativas inovadoras começam a apresentar resultados, o que pode motivar a reprodução dessa experiência pelo país inteiro. No caso do Estado do Rio, merecem atenção os chamados Centros de Vocação Tecnológica, mais voltados para jovens da região metropolitana.

Esses centros se diferem do ensino técnico convencional porque ministram cursos de curta duração (de dois meses a um ano, essencialmente) e buscam atender a demandas específicas de grupos de empresas localizadas em suas proximidades. Os planos das autoridades responsáveis por esses centros são de ampliar o número de vagas para 54 mil alunos ainda este ano.

O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

Mas, simultaneamente a essa premência de curto prazo, espera-se que a cadeia de ensino no país, da pré-escola à universidade, acelere ou implante programas que possibilitem um substancial salto de qualidade. Educadores já contam com ferramentas pedagógicas e tecnológicas que facilitam essa aceleração. O ensino a distância, mais acessível graças às telecomunicações e aos recursos da informática, pode romper barreiras que antes impediam a universalização de um sistema educacional de boa qualidade.

O aproveitamento das oportunidades que estão surgindo é valioso porque, além da realização pessoal na vida profissional, é um atalho para melhora dos níveis de renda e de bem-estar de fatias cada vez maiores da população brasileira.

Ao lado dos indicadores macroeconômicos, precisamos acompanhar os referentes ao sistema de ensino em geral, e, especificamente, os relativos ao ensino profissionalizante. Sem melhorar a educação pública, milhões continuarão prisioneiros do assistencialismo, e as empresas, desassistidas.

(O Globo, 28 abr.2010.)

O texto classifica-se como:

a) descritivo;
b) narrativo;
c) dissertativo expositivo;
d) dissertativo argumentativo;
e) descritivo-narrativo.

Gabarito: D

O texto Perda de oportunidades no trabalho é predominantemente dissertativo argumentativo. Trata-se de um texto bem definido tipologicamente, pois apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. Nos dois

primeiros parágrafos, podemos observar a presença de tese que tem como objetivo mostrar que o texto será pautado na discussão de que, mesmo com as medidas tomadas para se ter pessoal capacitado para o trabalho na área de petróleo, as oportunidades perdidas serão muitas se a qualidade de educação continuar baixa e se a economia continuar a crescer. Nos parágrafos seguintes, verificamos os argumentos utilizados para defender a tese proposta, principalmente, no que tange às críticas ao ensino técnico profissionalizante do país e, por fim, no último parágrafo, podemos destacar a sugestão do autor para os problemas levantados no decorrer do texto.

03. **(FGV / COMPANHIA ÁGUAS E ESGOTOS – RN / Agente administrativo)**

O futuro das cidades é verde

Cada vez mais humanos vivem em cidades. Somos 3,3 bilhões de pessoas em áreas urbanas – o que corresponde a 51% da população mundial, contra 49% de habitantes de áreas rurais, segundo dados da ONU. Apesar da escalada das megalópoles ao longo do século XX, essa inversão ocorreu em escala global apenas em 2008. No Brasil, o fenômeno consolidou-se já na década de 70. Hoje, apenas 16% dos 192 milhões de brasileiros vivem na zona rural, de acordo com o IBGE. Com tanta gente ocupando o mesmo espaço, agravam-se os problemas de saneamento, transporte e uso de recursos naturais, entre muitos outros. Como solucionar esses problemas é a pergunta do momento.

Durante o mês de março, o Brasil transforma-se em sede de três eventos que pretendem respondê-la. A Conferência Internacional das Cidades Inovadoras (CICI2010) recebeu especialistas e prefeitos de diversas partes do mundo entre os dias 10 e 13, em Curitiba (PR). Na sequência, acontecem a Conferência Latino-Americana de Saneamento (Latinosan 2010), de 14 a 18 em Foz do Iguaçu (PR), e a Primeira Jornada Internacional sobre Energias Renováveis, Eficiência Energética e Poder Local, em Betim (MG), entre os dias 17 e 19.

Um dos especialistas escalados para a CICI2010 é o americano Marc Weiss, presidente da organização Global Urban Development (Desenvolvimento Global Urbano). O gestor acredita que o principal desafio à nossa frente é gerar crescimento econômico sustentável e qualidade de vida para todos em todos os lugares. "Com uma combinação de inovação tecnológica e uma elevada eficiência, as cidades poderão gerar uma expansão substancial de negócios e empregos o que vai culminar em comunidades mais saudáveis e em harmonia com os ciclos da

natureza", diz. O fato de eventos como esses acontecerem por aqui não é mera coincidência. O País vem se tornando protagonista no combate às mudanças climáticas, principalmente depois da Conferência do Clima da ONU (COP-15), realizada em dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Na ocasião, o governo brasileiro apresentou metas ambiciosas de redução de emissões de gases do efeito estufa, um dos grandes problemas gerados pela concentração de automóveis em centros urbanos. "O Brasil está se tornando um líder mundial no trabalho de estabelecer um novo e alto padrão de desenvolvimento urbano e industrial sustentável", acredita Weiss. "O desenvolvimento sustentável é política de governo em algumas cidades, e não apenas um conjunto de medidas dirigidas a questões pontuais", diz Laura Valente de Macedo, diretora regional para América Latina e Caribe do ICLEI Governos Locais pela Sustentabilidade. Ela cita Freiburg, Bonn (ambas na Alemanha), Malmö e Växjo (as duas na Suécia) como exemplos. "Entre suas muitas iniciativas, todas têm em comum a ênfase no uso de energias renováveis, como a solar, o biogás e a eólica", afirma. Há quem esteja ousando ainda mais nesse desafio. O escritório Gale International está construindo – em parceria com a gigante de tecnologia Cisco – a cidade mais sustentável do mundo. Nova Songdo, na Coreia do Sul, deve ficar pronta em 2015 e contará com tecnologias que reduzem o consumo de energia e utilizam materiais naturais e reciclados.

Existem planos para construir mais 20 centros urbanos parecidos na China e na Índia nos próximos anos. Uma excelente oportunidade para o Brasil ter cidades que se aproximem desse sonho são os eventos esportivos que o País vai sediar nos próximos anos. Para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, os organizadores tiveram de se submeter a uma série de medidas ambientais. Coleta seletiva do lixo, uso racional de água, economia de energia e transportes que usem combustível de forma racional são algumas delas. Mesmo que não houvesse essa obrigatoriedade, até lá já viveremos um outro tempo. O Protocolo de Kyoto vence em 2012. Ou seja: o mundo terá uma nova política de emissões de gases estufa. No mesmo ano, acontece a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro – reedição da Rio-92. A bola está conosco.

(JULIÀO, André.. Isto É, ed. 2105, março 2010. Com adaptações)

Quanto à sua tipologia, o texto deve ser classificado como:

a) narrativo;
b) descritivo;
c) injuntivo;
d) oratório;
e) dissertativo.

Gabarito: E

O texto O futuro das cidades é verde é dissertativo e predominantemente informativo. O texto mostra que problemas com saneamento, transportes e uso de recursos humanos aumentam à medida que também aumenta o número de humanos que vivem nas cidades. Nos parágrafos de desenvolvimento observamos a existência de argumentos de autoridade que dão credibilidade aos dados apresentados pelo autor, uma vez que todos são fornecidos por órgãos ou por pessoas responsáveis pela veracidade dessas informações. Todo o desenvolvimento desemboca na conclusão proposta pelo autor de que será uma grande oportunidade de desenvolvimento sustentável para o Brasil quando o prazo do protocolo de Kyoto vencer pois será no mesmo ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio ambiente e Desenvolvimento.

04. **(FGV / TRE– PA / Analista judiciário)**

Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos

Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos.

Tradicionalmente, os controladores das empresas são os responsáveis pela decisão de como os recursos devem ser distribuídos entre candidatos e partidos. Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

A consulta aos sócios e colaboradores sobre candidatos e partidos que a empresa deve apoiar não implica, necessariamente, transformar a decisão desse apoio em algo coletivo. O simples fato de consultá-los ajuda a criar um ambiente socialmente responsável nas empresas. É certo que a separação dos valores e princípios pessoais dos controladores dos valores e princípios das empresas e, mais ainda, a transformação dessa dissociação em um novo critério para a tomada de decisões

sobre aspectos tão sensíveis como o apoio a determinado partido ou candidato ainda é uma atitude difícil para grande parte dos empresários. Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

Outra iniciativa que pode ter grande impacto junto aos colaboradores, parceiros e sócios das empresas é a promoção de debates sobre o processo eleitoral e o funcionamento e atribuições das instâncias de poder em jogo nas eleições (Presidência da República, Senado, Câmara Federal e Assembleias Legislativas). As empresas podem convidar candidatos, cientistas políticos, jornalistas e administradores públicos para a discussão de ideias, propostas e conceitos. Também podem incentivar debates políticos dentro da empresa, bem como trazer matérias sobre o tema em publicações internas. É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade. Essa é uma forma de contribuir para aumentar a consciência política e a qualidade do voto dentro de toda a cadeia produtiva, entre os parceiros e colaboradores. Esse procedimento ajuda a criar na sociedade ambiente ético e transparente, acentuando a democracia nas relações sociais e políticas.

Além de consultar sócios, parceiros e colaboradores e de realizar debates, as empresas podem também promover campanhas de esclarecimento junto a seus colaboradores. Um conceito útil para ser adotado é o do voto consciente.

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. O conceito de voto consciente é justamente o contraponto dessas práticas, visando estabelecer critérios racionais que façam do voto um instrumento de cidadania. Voto consciente é aquele em que o cidadão pesquisa o passado dos candidatos, avalia suas histórias de vida e analisa se as promessas e programas eleitorais são

coerentes com as práticas dos candidatos e de seus partidos.

(Instituto Ethos. A Responsabilidade Social das Empresas no Processo Eleitoral. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Com adaptações.)

O texto se classifica como:

a) narrativo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) dissertativo;
e) epistolar.

Gabarito: D

O texto Financiamento de campanhas eleitorais: aspectos éticos é dissertativo. O texto apresenta de forma bem estruturada introdução, desenvolvimento e conclusão. No primeiro parágrafo, podemos observar a presença de tese: "Além dos aspectos legais, as empresas que decidirem participar do processo eleitoral devem buscar procedimentos éticos na tomada de decisões relacionadas ao financiamento de candidatos e partidos políticos." Nos parágrafos seguintes, verificamos que os argumentos utilizados para defender a tese proposta são todos direcionados aos procedimentos éticos que devem ser adotados pelas empresas, colaboradores e partidos políticos. No último parágrafo, verificamos que a conclusão do autor apresenta a importância do ato de votar e a necessidade de se ter um voto consciente.

05. **(Cesgranrio / SECAD – TO / Médico)**

A sua vez

Boa parte das brincadeiras infantis são um ensaio para a vida adulta. Criança brinca de ser mãe, pai, cozinheiro, motorista, polícia, ladrão (e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime). E, ah, quando não há ninguém por perto, brinca de médico também. É uma forma de viver todas as vidas possíveis antes de fazer uma escolha ou descoberta. Talvez seja por isso que a gente pare de brincar aos poucos – como se tudo isso perdesse o sentido quando viramos adultos de verdade. E tudo agora é para valer. Mas será que parar de brincar é, de fato, uma decisão madura?

Atividades de recreação e lazer estimulam o imaginário e a criatividade, facilitam a socialização e nos ajudam a combater o estresse. Mas, se tudo isso for o

objetivo, perde a graça, deixa de ser brincadeira. Vira mais uma atividade produtiva a cumprir na agenda. Você só brinca de verdade (ainda que de mentirinha) pelo prazer de brincar. E só. Como escreveu Rubem Alves, quem brinca não quer chegar a lugar nenhum – já chegou.

Leandro Quintanilha

Quanto à tipologia, o Texto I classifica-se como:

a) injuntivo;
b) narrativo;
c) descritivo;
d) expositivo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

No texto, observamos a preocupação do autor em defender a tese de que é necessário brincar até mesmo quando já se é adulto e, principalmente, o texto é composto de opiniões e pensamentos do autor do texto que expressam sua opinião, características que são fundamentais a um texto dissertativo argumentativo.

06. **(Cesgranrio / PETROBRAS / Analista de sistemas júnior)**

TEMPO DE ESCOLHER

"Um homem não é grande pelo que faz, mas pelo que renuncia." (Albert Schweitzer)

Muitos amigos leitores têm solicitado minha opinião acerca de qual rumo dar às suas carreiras. Alguns apreciam seu trabalho, mas não a empresa onde estão. Outros admiram a estabilidade conquistada, mas não têm qualquer prazer no exercício de suas funções. Uns recebem propostas para mudar de emprego, financeiramente desfavoráveis, porém, desafiadoras. Outros têm diante de si um vasto leque de opções, muitas coisas para fazer, mas não conseguem abraçar tudo.

Todas estas pessoas têm algo em comum: a necessidade premente de fazer escolhas. Lembro-me de Clarice Lispector: "Entre o 'sim' e o 'não', só existe um caminho: escolher."

Acredito que quase todas as pessoas passam ao longo de sua trajetória pelo "dilema da virada". Um momento especial em que uma decisão clara, específica e irrevogável tem que ser tomada simplesmente porque a passam por isso aos 15

anos, outras, aos 50. Algumas talvez nunca tomem esta decisão, e outras o façam várias vezes no decorrer de sua existência.

Fazer escolhas implica renunciar a alguns desejos para viabilizar outros. Você troca segurança por desafio, dinheiro por satisfação, o pouco certo pelo muito duvidoso. Assim, uma companhia que oferece estabilidade com apatia pode dar lugar a outra dotada de instabilidade com ousadia. Analogamente, a aventura de uma vida de solteiro pode ceder espaço ao conforto de um casamento.

PRAZER E VOCAÇÃO

Os anos ensinaram-me algumas lições. A primeira delas vem de Leonardo da Vinci, que dizia que "A sabedoria da vida não está em fazer aquilo que se gosta, mas em gostar daquilo que se faz". Sempre imaginei que fosse o contrário, porém, refletindo, passei a compreender que quando estimamos aquilo que fazemos, po demos nos sentir completos, satisfeitos e plenos, ao passo que se apenas procurarmos fazer o que gostamos, estaremos sempre numa busca insaciável, porque o que gostamos hoje não será o mesmo que prezaremos amanhã.

Todavia, é indiscutivelmente importante aliar prazer às nossas aptidões; encontrar o talento que reside dentro de cada um de nós, ao que chamamos de vocação. Oriunda do latim vocatione e traduzida literalmente por "chamado", simboliza uma espécie de predestinação imanente a cada pessoa, algo revestido de certa magia e divindade.(…)

Escolhas são feitas com base em nossas preferências. E aí recorro novamente à etimologia das palavras para descobrir que o verbo preferir vem do latim praeferere e significa "levar à frente". Parece-me uma indicação clara de que nossas escolhas devem ser feitas com os olhos no futuro, no uso de nosso livre arbítrio.

O mundo corporativo nos guarda muitas armadilhas. Trocar de empresa ou de atribuição, por exemplo, são convites permanentes. O problema de recusá-los é passar o resto da vida se perguntando "O que teria acontecido se eu tivesse aceitado?". Prefiro não carregar comigo o benefício desta dúvida, por isso opto por assumir riscos evidentemente calculados e seguir adiante. Dizem que somos livres para escolher, porém, prisioneiros das consequências…

Para aqueles insatisfeitos com seu ambiente de trabalho, uma alternativa à mudança de empresa é postular a melhoria do ambiente interno atual. Dialogar e apresentar propostas são um bom caminho. De nada adianta assumir uma postura

meramente defensiva e crítica. Lembre-se de que as pessoas não estão contra você, mas a favor delas.

Por fim, combata a mediocridade em todas as suas vertentes. A mediocridade de trabalhos desconectados com sua vocação, de empresas que não valorizam funcionários, de relacionamentos falidos. Sob este aspecto, como diria Tolstoi, "Não se pode ser bom pela metade". Meias-palavras, meias-verdades, meias-mentiras, meio caminho para o fim.

Os gregos não escreviam obituários. Quando um homem morria, faziam uma pergunta: "Ele viveu com paixão?".

QUAL SERIA A RESPOSTA PARA VOCÊ?

COELHO, Tom. Disponível em: <http://www.catho.com.br/jcsinputer_view.phtml?id=6415>. Acesso em: 07 mai. 2008. (adaptado)

Quanto ao tipo, o texto classifica-se predominantemente, como:

a) expositivo;
b) injuntivo;
c) descritivo;
d) narrativo;
e) argumentativo.

Gabarito: E

O texto é dividido em dois momentos. O primeiro "Tempo de escolher" em que o autor justifica o motivo de elaborar o texto em questão. No segundo momento "Prazer e vocação", o autor do texto sugere aos seus leitores, principalmente para aqueles que enviaram as cartas como mostra o primeiro momento do texto, que há necessidade de escolha sem culpa. Em todo o texto observamos claramente as opiniões, pensamentos e convicções do autor, tais características nos permitem classificar o texto como dissertativo argumentativo.

07. **(Cesgranrio / BNDES / Técnico de arquivo)**

A era do tô me achando

5 "Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia.

Excesso de leitura. Fazer o quê…", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

10 Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

15

20 Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

25

(BRESSANE, Ronaldo. Vida simples. out. 2009.)

Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima," (l 1-3)

b) " 'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…' " (l. 5-7)

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista." (l. 11-12)

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau." (l. 12-14)

e) "É, era ele mesmo – o editor." (l. 14)

Gabarito: A

Apenas na letra A observamos uma enumeração de adjetivos que nos fazem criar uma imagem descritiva, por isso, esse trecho deve ser classificado como descritivo.

08. **(Cespe / UERN / Técnico de nível superior)**

Como você pode ver, uma garotinha está deitada displicentemente no colo de um senhor bem velhinho e bem simpático. Ela parece um anjo. Loirinha, cabelo castanho claro, encaracolado, nariz e boca perfeitos, ar inteligente e sadio, uma dessas crianças que a gente vê em anúncios. Pelo jeito, deve ter uns três ou quatro anos, não mais que isso. Ela está vestida em um desses macaquinhos de flanela, com florezinhas azuis e vermelhas e uma malha creme por baixo. Calçando um tênis transadíssimo nas discretas cores amarelo, vermelho e azul, o que nos mostra que a mocinha não é apenas novinha, mas moderninha também. O velhinho tem um tipo bem italiano. O boné cinza é típico desses senhores que a gente vê passeando pelo Bixiga nos domingos à tarde. Estatura mediana, cabelos e bigodes branquinhos, rosto e mãos enrugadas que traem uma idade bem avançada. Paletó marrom e calça cinza, ambos de lã, malha creme, abotoada até o último botão, como faz todo senhor que se preze. Embaixo da malha, uma camisa azul, mas bem azul mesmo, que destoa de todo o conjunto. O que prova que o cavalheiro e a mocinha apreciam cores fortes. Pela roupa que os dois estão vestindo e pela carinha rosada dela, deve estar fazendo muito frio. Fato que o ar enevoado e cinzento do jardim, que está atrás deles, vem a comprovar. Os dois estão sentados em um balanço de madeira de cor verde, desses em que cabem apenas duas pessoas e que são bastante comuns em quintais, varandas e jardins de casas de classe média, classe média alta. Ela está comodamente estirada. Com a cabeça entre o ombro e a barriga do velhinho e os pés apoiados numa almofada de crochê de cor creme. Nas mãos, ela traz um livro de histórias cheio de desenhos coloridos. Livro esse que, olhando atentamente, você verá que se trata da história da Bela Adormecida. O que, aliás, é muito engraçado, porque enquanto a bela conta a história da Bela Adormecida, o velho é que adormeceu. Ele dorme a sono solto. Com uma mão envolta na dela e a outra apoiada sobre sua própria perna direita, na altura do joelho, ambos, à sua maneira, estão sonhando. Ele sonha dormindo, ela sonha acordada. A menina está divagando no colo do avô. Isso mesmo: do avô.

Porque o velho que você está vendo só pode ser o avô dela. Pela intimidade com que ela está comodamente instalada no colo dele, percebe-se que não pode ser visita, pessoa de cerimônia. E, sim, alguém bem chegado, alguém da família. Para

um estranho, ouvir essa história contada por uma criaturinha tão linda seria uma novidade excitante, que dificilmente o faria cair no sono. E, se não fosse por isso, um estranho também não cairia no sono, pelo menos por dever de educação. Resistiria bravamente até a Bela Adormecida acordar. Além disso, é só olhar para a roupa caseira que ele está usando para perceber que não é alguém que foi fazer uma visita. É pessoa da casa mesmo, pai não é. Ele é muito velhinho para ser o pai dela. E pouco provavelmente seria um tio. Tanto pela idade quanto pela disponibilidade e paciência. Tio dá doces, presentes, mas ouvir histórias intermináveis, contadas por uma narradora que de vez em quando divaga, tio não faz. Só pode ser mesmo um avô ouvindo pela milésima vez a mesma história, que para ele deve ser sempre igual e para ela deve ser sempre diferente. Ela, por sua vez, não se deve importar com que seu ouvinte durma. Afinal, ela só quer colo e aquela mão terna, enrugada e querida em volta da sua cintura pequenina. Mesmo desatento, ele está dando a ela seu tempo e seu carinho sonolento. O balanço de jardim pode ser gostoso de sentar. Mas como você pode ver não é o local mais confortável para se dormir. Principalmente em um dia frio como esse, em um descampado de uma varanda. Mas o fato é que ele não sente a dureza do balanço porque dorme, e ela, igualmente, não sente a dureza da madeira e a frieza do tempo por vários motivos: primeiro, porque sonha, e no sonho não há desconforto ou frio. E, segundo, porque ela tem a barriga do avô como travesseiro, o braço dele como edredom e uma almofada como encosto para seus pés e seu tênis multicolorido. Juntos os dois, ali na varanda, vivem um momento de que ela vai se lembrar sempre e ele não vai se lembrar de nada. Até mesmo nada da história. Por isso, é que ela vai ter de contar e recontar essa história para o avô centenas de vezes. Principalmente para reviver os trechos que ele perdeu com seus cochilos. Assim como você vai ter de ler e reler muitas vezes esse texto até conseguir enxergar toda a beleza e ternura contidas nessa cena. Ou pelo menos uma pequena parte dela.

UMA FOTO SERIA MELHOR 19 de agosto – dia do fotógrafo

("Este texto tem mil palavras". Folha de S. Paulo, 19 ago. 1988. Apud: Platão e Fiorin. Para entender o texto. São Paulo: Ática, 1999, p.378-80, com adaptações.)

Assinale a opção correta a respeito das características tipológicas predominantes no texto.

a) Predomina no texto a descrição, já que o relato feito envolve uma cena

estática, isto é, em que nenhum acontecimento pode ser considerado cronologicamente anterior a outro.

b) O texto é eminentemente narrativo, pois expõe a história da menina e do senhor.

c) O texto é essencialmente poético, tendo em vista a linguagem e os recursos de métrica utilizados.

d) Há uma ação em curso, cujo contexto é descrito em detalhes no texto; portanto, ele pode ser caracterizado tanto como descritivo quanto como narrativo.

e) A disposição em um único parágrafo denota a ausência de características narrativas e dissertativas do texto, uma vez que tais tipos textuais são estruturados a partir de parágrafos.

Gabarito: A

O texto é predominantemente descritivo uma vez que tem como objetivo principal descrever lugares e personagens, por isso, notamos a presença substancial de adjetivos.

09. **(Cespe / TRE–MT / Técnico judiciário / programador de sistemas)**

Diariamente, milhões de pessoas em todo o mundo conectam-se à Internet e mais de doze milhões de e-mails são enviados. Isso sem se mencionar o número de negócios fechados e o dinheiro movimentado. Com o advento do computador e, mais tarde, da Internet, as informações e os grandes negócios acontecem com uma velocidade impressionante. Resultado de um mundo globalizado, em que a informação se transformou na moeda corrente. E, quando o assunto é informação, ou seja, transmitir informações, nada melhor do que utilizar a tecnologia. A cada dia, mais e mais serviços são disponibilizados por empresas para que as pessoas interessadas tenham acesso à informação de maneira rápida e eficaz.

Internet: <www.caieiraspress.com.br> (com adaptações).

O texto em questão é, predominantemente:

a) narrativo;

b) descritivo;

c) dissertativo;

d) dialógico;

e) instrucional.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o avanço da Internet e seus benefícios, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

10. **(Cespe / UERN / Agente técnico administrativo)**

Único bioma de ocorrência exclusiva no Brasil, que já ocupou 10% do território nacional, a caatinga experimenta um processo acelerado de desmatamento – que pode significar a desertificação do semiárido nordestino. Com 510 espécies de aves e 148 de mamíferos, a caatinga padece da ausência de uma política clara de conservação que estanque o processo de desflorestamento e ajude a impedir a formação de um deserto em pleno Nordeste, ameaça concreta diante do aquecimento global do clima no planeta. Quase dois terços da área sob risco de desertificação no Brasil estão na caatinga, que já teve, a exemplo do cerrado, aproximadamente metade de sua extensão, que é de 826.000 km^2, destruída.

Jornal do Commercio, Pernambuco,16 mar. 2010. (com adaptações).

Assinale a opção correspondente ao tipo textual predominante no texto.

a) Narrativo.
b) Descritivo.
c) Dissertativo.
d) Dialógico.
e) Persuasivo.

Gabarito: C

O texto é dissertativo pois apresenta informações sobre o que acontece com a caatinga do Brasil, além disso é um texto elaborado na terceira pessoa sem características descritivas ou narrativas.

Capítulo 2

Semântica de Nomes

A classificação **substantivo/adjetivo** é estabelecida a partir de critério semântico estruturado na subdivisão em substantivos e adjetivos, sendo aqueles os termos determinados, e estes, os determinantes daqueles. **Substantivos – determinados; adjetivos – determinantes (dos substantivos)**.

Ex.: bandeira (determinado) brasileira (determinante)

Ex.: simpáticas (determinante) pessoas (determinado)

A principal característica dos **substantivos** é a designação de seres, é nomear elementos cuja existência é pacífica.

Televisão – substantivo que nomeia objeto que tem por fim a transmissão de imagens longínquas.

Amor – substantivo que nomeia sentimento de homens e animais.

A função precípua do **adjetivo** é a caracterização de seres, por meio de elemento qualificador – onde se expressa um juízo de valor –, ou classificador – em que se expõe apenas um traço distintivo em relação a outros seres da mesma espécie.

Obs.: Existem situações em que uma mudança de posição entre substantivo e adjetivo pode gerar alteração semântica. Tal fato pode ser fantasticamente exemplificado pela seguinte passagem de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis: "Eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor.". Quando ele informa que não é autor defunto, isso significa dizer que não se trata de autor falecido. Depois, ao aduzir que é defunto autor, assevera que é um morto – é importante destacar, depois de morto – que se torna autor.

Dependendo do contexto, pode-se observar essa diferença semântica também nas seguintes construções: O período "Ela é uma boa funcionária." sugere que se trata de uma funcionária competente; já na frase vulgar "Ela é uma funcionária boa.", o sentido é que seria uma funcionária com atraentes atributos físicos.

2.1. ADJETIVO SUBJETIVO OU COM VALOR DE QUALIDADE

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

2.2. ADJETIVO OBJETIVO OU COM VALOR DE CARACTERÍSTICA

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: Problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

2.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

Gabarito: A

Em "própria usina", o sentido é "mesma usina". Já em "usina própria", o sentido é a usina ser de propriedade de alguém.

02. **(NCE / Perito da Polícia Civil)**

Qualquer assaltante apresenta sentido diferente de um assaltante qualquer; o par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:

a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente / competente funcionário;

c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

Gabarito: D

Em "pobre homem", o significado é triste homem, homem cujo destino não foi bom. Já em "homem pobre", o sentido é de homem desprovido de riquezas. O sentido de "funcionário competente" é funcionário a quem compete uma atividade. Já em "competente funcionário", o sentido é funcionário eficiente, eficaz. Em "grande mulher", o sentido é de mulher com grandes realizações, empreendimentos. Em "mulher grande", trata-se de mulher de exagerada estatura. Em "bom menino", o sentido é de menino educado, obediente. Já em "menino bom", o significado é menino com bons sentimentos.

03. **(Ministério Público – RJ)**

O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:

a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

Gabarito: E

O adjetivo de valor subjetivo é aquele que expressa a opinião de quem o utiliza. Os adjetivos BRASILEIRA, RACISTA e NEGRO têm caráter objetivo, pois sugerem tão somente uma característica do substantivo determinado por eles. Sendo assim, o candidato ficou em dúvida quanto às alternativas B e E. Fazendo uma análise mais minuciosa, percebe-se que o adjetivo MILIONÁRIA não é subjetivo, pois não indica opinião. Vê-se: uma proposta de dois milhões de dólares para Michael Schumacher correr na sua escuderia é milionária, mas não é boa. Proposta milionária é aquela que envolve milhões. Já o adjetivo BRILHANTE é totalmente subjetivo, visto que denuncia uma visão do autor.

04. **(NCE / IBGE)**

"...me parece <u>infundada</u> a acusação."; adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:

a) sem fundos;

b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

Gabarito: C

O prefixo IN sugere negação, e o radical FUND provém do verbo FUNDAR, no sentido de BASEAR-SE, FUNDAMENTAR-SE, ESTRIBAR-SE. Logo, INFUNDADA significa SEM BASE, SEM FUNDAMENTO, SEM ESTRIBO, SEM APOIO.

05. **(NCE / TJ / Auxiliar de Cartório)**

"... entorpecimento completo ou parcial..."; a relação semântica existente entre os adjetivos completo e parcial, repete-se em:

a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

Gabarito: B

O candidato é induzido a marcar a opção E, no entanto é importante observar a verdadeira relação entre os adjetivos completo e parcial. Parcial significa não completo, incompleto, ou seja, a relação que existe entre os adjetivos é de oposição e não de parte e todo, como parece num primeiro instante. Os adjetivos que apresentam a mesma relação de contrariedade são tranquilo e agitado. Agitado significa não tranquilo, intranquilo. Perceba que os adjetivos parcial e agitado possuem o mesmo sentido que completo e parcial, acrescendo-se a estes o prefixo negativo. PARCIAL e IMPARCIAL, TRANQUILO e INTRANQUILO.

06. **(NCE)**

Nos segmentos torres gêmeas, manchete ruim, jornal brasileiro e filme açucarado, os adjetivos de caráter claramente objetivo são:

a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

Gabarito: B

Os adjetivos RUIM e AÇUCARADO possuem nítido valor subjetivo (opinativo). O que é ruim para uns, pode ser bom para outros. A mesma interpretação ocorre com açucarado. Já os adjetivos gêmeas e brasileiro são qualificações que independem de opiniões.

07. **(NCE / AGU)**

Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";

b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";

c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**…";

d) "Sejam elas **ilegais, perigosas** ou socialmente condenáveis;

e) Para todo problema **complicado** há uma solução…".

Gabarito: D

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **a)**, "responsáveis" **b),** "conscientes" **b),** "justa" **c),** "perigosas" **d)** e "complicado" **e)** possuem valor subjetivo, ou seja, ocorre adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

08. **(NCE / ELETROBRAS)**

O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, NÃO apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:

a) fato <u>novo</u>;

b) mal <u>velho</u>;

c) poupanças <u>populares</u>;

d) <u>antigas</u> realizações;

e) espantosas propostas.

Gabarito: E

O significado de fato novo pode ser de fato recente, que aconteceu há pouco. Já novo fato significa fato inédito. Em mal velho, o sentido é mal recorrente, que acontece reiteradamente. Velho mal já pode significar "mal" que já acontece há bastante tempo. Em antigas realizações, cabe a leitura de realizações que remetem à antiguidade. Já "realizações antigas" passa a ideia de ultrapassadas, antiquadas. Em "espantosa proposta", a leitura só pode ser de algo que gera espanto, já "proposta espantosa" permite a leitura de algo inesperado, diferente daquilo que se esperava.

2.4. POLISSEMIA

São os vários significados que um vocábulo pode ter.

Ex.: Quem casa (verbo CASAR) quer casa (lar).

Ex.: Ele manga (debocha) quando como manga (fruta) e sujo a camisa até a manga (parte da camisa).

Ex.: Sentei-me no banco (cadeira) da praça bem em frente ao único banco (posto bancário) da cidade.

2.5. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA

Ocorre quando a frase permite dupla interpretação.

Ex.: O candidato que estuda frequentemente passa.

Há aí a dúvida quanto ao atrelamento sintático de "frequentemente". Não se sabe exatamente se o candidato frequentemente passa ou se ele frequentemente estuda.

Ex.: A convocação de Zagallo agradou a todos.

Paira a dúvida quanto de Zagallo praticar ou sofrer a ação. Zagallo pode ter convocado ou pode ter sido convocado.

Ex.: Joana pediu ao amigo do marido para que lhe entregasse o documento.

Fica a dúvida quanto ao fato de o pronome oblíquo LHE estar fazendo referência ao marido ou a ela própria.

Ex.: O tio do meu amigo que viajou para a Europa foi nomeado assessor da

presidência.

Fica a dúvida quanto a quem viajou para a Europa. O pronome relativo QUE tanto pode fazer referência a "tio"quanto a "amigo".

Ex.: Pedro saiu com a sua irmã.

Há a dúvida quanto ao emprego do pronome possessivo. Não fica claro se "sua" refere-se a Pedro (irmã do Pedro) ou ao leitor (irmã do leitor).

2.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / POLÍCIA CIVIL-RJ)**

"...e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário."; o item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:

a) O publicitário fez comentários sobre SEU outdoor;

b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel;

c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho;

d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório;

e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Gabarito: D

Pela formulação da frase, o emprego do pronome possessivo pode ter como referente SECRETÁRIO ou PROFESSOR. Portanto, não se sabe se o escritório é do secretário ou do professor.

02. **(FCC / TRT-MA / Analista Judiciário)**

A ocorrência de ambiguidade e falta de clareza faz necessária uma revisão da seguinte frase:

a) Causa-nos revolta, a todos, o pouco interesse que ele vem demonstrando na condução desse processo – razão pela qual há quem peça a demissão dele.

b) Conquanto ele nos haja dado uma resposta inconclusiva e protelado a decisão, há quem creia que nos satisfará o desfecho deste caso.

c) Inconformados com a resposta insatisfatória que nos deu, reiteramos o pedido para que ele não deixe de tomar as providências que o caso requer.

d) Ele deu uma resposta insatisfatória à providência que lhe solicitamos, em razão da qual será preciso insistir em que não venha a repeti-la.

e) Caso não sejam tomadas as providências cabíveis, seremos obrigados a

comunicar à Direção o menoscabo com que está sendo tratado este caso.

Gabarito: D

A forma pronominal LA em “repeti-la” tanto pode se referir a “uma resposta insatisfatória” quanto a “a providência”. Cabem, portanto, as interpretações de “não venha a repetir a resposta insatisfatória” e de “não venha a repetir a providência”.

Capítulo 3

Alteração de Funções Sintáticas em Questões de Interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

3.1. EXERCÍCIOS

3.1. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?"; nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Gabarito: A

Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade. A alternativa **A** apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

02. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..."; o segmento sublinhado corresponde semanticamente a:

a) as despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico;
b) os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja;
c) as limitações de crédito impedem que se compre o necessário;
d) a inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo;
e) a satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Gabarito: B

O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

03. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça)**

"Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado".; com esse segmento do texto o autor quer dizer que:

a) todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas;
b) a ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores;
c) os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista;
d) o ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo;
e) as tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Gabarito: B

É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados). Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

04. **(NCE / MP)**

"...pois moedas não resgatam a dignidade."; reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma INADEQUADA é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas;
b) porque moedas não são o resgate da dignidade;
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas;
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade;
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Gabarito: C

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pelo conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da

passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

05. **(TJ / NCE / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."; reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:

a) a natureza humana necessita da vida em sociedade;

b) a vida em sociedade necessita da natureza humana;

c) a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade;

d) uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade;

e) a natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Gabarito: A

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "...a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita

também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 4

Coesão Textual

De uma visão mais ampla (genérica) para uma mais específica (particular), podemos analisar um texto como uma sequência de parágrafos; cada parágrafo, uma sequência de períodos; cada período, uma sequência de palavras. Toda essa estrutura compõe o famoso tecido textual que, bem desenvolvido, permite o entendimento da situação comunicativa. Tudo isso envolve, indiscutivelmente, união entre as partes (palavras). E neste exato momento começamos a pensar em coesão.

Um texto bem construído não permite que o leitor perca a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos. Em tal situação, fica configurada a coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os fragmentos do texto possui função coesiva. Em outras palavras, para que seja possível o entendimento de um texto não é apenas suficiente uma sequência de frases bem escritas é, antes de tudo, necessário que elas se relacionem de forma harmônica, permitindo a compreensão do texto integralmente. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão. Ela pode acontecer por meio de conectores sintáticos ou por fatores semânticos. O primeiro é o que se entende por coesão sequencial e o segundo por coesão referencial.

4.1. COESÃO REFERENCIAL

Dos vários métodos de coesão textual, um destaque deve ser dado à s expressões do nosso vernáculo que têm a finalidade específica de fazer apontamentos, isto é, referenciação, remetendo a algum outro termo. Tal método coesivo recebe o nome de coesão referencial.

Na **coesão referencial**, lidaremos com as chamadas palavras fóricas (do grego "levar", "trazer"), isto é, palavras que remetem a algum outro elemento.

4.1.1. Remissão endófora

ENDO (DENTRO) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO DENTRO.

DENTRO DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO INTRATEXTUAL.

Essa relação semântica textual se faz com palavras referenciais. São elas: pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, pronomes pessoais de terceira pessoa, pronomes relativos ou expressões nominais equivalentes.

A endófora se divide em duas: anáfora e catáfora.

- anáfora – quando a referência é feita a algum elemento que está na porção anterior do texto. A anáfora tem por objetivo **recuperar (atualizar)** semanticamente um elemento que já estava no texto, com todas as informações de que ele já se revestia.
- catáfora – quando a referência aponta para frente, no texto. A catáfora têm a função de sinalizar um termo que ainda vai aparecer no texto.

4.1.2. Remissão exófora

EXO (FORA) E FORA (REFERENCIAÇÃO) = REFERENCIAÇÃO FORA. FORA DE QUÊ? DO TEXTO. LOGO, REMISSÃO EXTRATEXTUAL.

Na interlocução, um falante (primeira pessoa: emissor, locutor, enunciador) se dirige a um ouvinte (segunda pessoa: receptor, interlocutor, enunciatário). Esses "agentes" da situação comunicativa são marcados por palavras ou expressões referenciais (fóricas)

Verificaremos agora que a coesão pode ser feita de três formas: coesão referencial pronominal, coesão referencial lexical e coesão referencial por elipse.

4.2. COESÃO REFERENCIAL PRONOMINAL

Ex.: Passa o candidato que estuda.

Nessa frase, há duas orações. Em ambas, o termo "candidato está presente. O recurso para evitar sua repetição foi o emprego do pronome relativo QUE em seu lugar. Repare, inclusive, que podemos substituir QUE por O QUAL. O pronome relativo O QUAL recebe a forma masculina e singular, porquanto se refere ao termo O CANDIDATO. Se o termo a que estivesse se referindo fosse A PESSOA, já receberia a forma A QUAL.

Ex:. Eu conheço os que estavam presentes.

Nesse período, o pronome relativo QUE possui como antecedente o

demonstrativo OS – que pode ser substituído pelo demonstrativo AQUELES. É fundamental não se olvidar que pronome relativo e pronome demonstrativo nunca podem estar na mesma oração, sendo que o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo, mesmo que este esteja combinado a uma preposição.

Ex:. Os alunos devem confiar no que nós ensinamos.

Nesse período, NO é a contração da preposição EM com o pronome demonstrativo O (aquilo), podendo ser substituído por NAQUILO. Em tal situação, o antecedente do relativo QUE é somente o demonstrativo O que deve ser separado da preposição EM.

Ex.: Eu me referi ao que ele disse.

AO é a combinação da preposição A com o demonstrativo O, que pode ser substituído pelo demonstrativo ÀQUILO. Inclusive, caso se substitua AO por ÀQUILO, o demonstrativo ÀQUILO deve ocorrer com acento grave, justamente por se estar fazendo a combinação A + AQUILO. No entanto, o antecedente do relativo é apenas o demonstrativo já desmembrado da preposição. Sendo assim, o antecedente do QUE é somente o demonstrativo O.

Ex.: João e Maria eram excelentes alunos. Esta passou no concurso para a receita e aquele para o Instituto Rio Branco.

O pronome demonstrativo ESTA refere-se ao termo mais próximo (Maria); já o demonstrativo AQUELE tem como antecedente o termo mais remoto (João).

Ex.: Perguntaram se eu entreguei o material, mas não o fiz.

O pronome demonstrativo O – que pode ser substituído por ISSO – refere-se ao fato – Ã oração – de "eu entregar o material". Eu não o (entregar o material) fiz. Eu não fiz isso (entregar o material).

Ex.: Procurei o livro de Contabilidade sugerido, mas não o encontrei.

O pronome pessoal oblíquo O refere-se ao termo "o livro de Contabilidade". Não encontrei o livro de Contabilidade.

Ex.: Zico foi o meu maior ídolo. Ele iniciou a carreira quando eu comecei a acompanhar futebol.

O pronome pessoal reto ELE refere-se a Zico.

Obs.: Em todas as situações apresentadas, o elemento coesivo possuía valor anafórico, ou seja, é justamente a capacidade de fazer referência ou representar termos antecedentes expostos no contexto. Todavia, há também o emprego de

termos com valor catafórico, que anunciam termos apresentados posteriormente no contexto.

Ex.: Só direi estas palavras: não se atrase.

Repare que o termo ESTAS PALAVRAS refere-se Ã oração que vem a seguir – NÃO SE ATRASE.

Ex.: Ele nunca nos falta, quando precisamos. Deus é único.

O pronome ELE refere-se ao termo DEUS inserido posteriormente no contexto.

Obs.: Há também os elementos de caráter dêitico (dêixis), que expressam situações externas ao texto. São referências de tempo e lugar relacionadas geralmente com a época ou com o local em que o texto foi redigido. Termos como AMANHÃ, ONTEM, AQUI, LÁ… expressam relações de dêixis.

Ex.: Ocorreu ontem (dia anterior Ã confecção do texto) uma grande manifestação.

Ex.: Aqui (local onde o autor está escrevendo o texto) chove muito.

Ex.: Este livro (o livro está próximo do emissor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Esse livro (o livro está próximo do receptor da mensagem) é muito interessante.

Ex.: Aquele livro (o livro está próximo do terceiros – de quem se fala) é muito interessante.

BIZU

Os termos endofóricos representam a soma dos anafóricos e catafóricos. Fazem referência a elementos presentes no texto, anteriores (anafóricos) ou posteriores (catafóricos). Já os termos exofóricos sugerem relação com termos externos ao texto, equivalendo-se aos dêiticos.

4.3. EXERCÍCIOS

BIZU PARA QUESTAO

A ESAF já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: Se você se deparar

com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema.", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída." Não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la." Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoa já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega Ã resposta.

Considere o texto abaixo para responder ã questão 1.

De teor histórico-filosófico, os livros de M. Foucault investigam, em determinadas sociedades e em determinados períodos, quais os modos efetivos e historicamente variáveis de produção de verdade. Uma consideração que se estende para a sociedade moderna, a partir das suas instituições, diz respeito ao que podemos identificar como o traço fundamental, comum a todas elas e que, certamente, é aplicável a toda sociedade. Trata-se do princípio da visibilidade. A um tempo global e individualizante, a visibilidade constitui uma espécie de princípio de conjunto. À primeira vista sinal de transparência e de revelação da verdade, pode-se contudo questionar se o gesto de mostrar-se, de deixar-se ver, significaria uma postura despojada de desvelamento da verdade de cada um ou se o desnudamento de si mesmo não seria uma injunção, se a exposição de si não encobriria uma certa imposição decorrente das regras que regem nosso modo de produção da verdade. Acrescentemos que a investigação que quer melhor compreender nossa época não pretende apenas situá-la pela sua diferença com o que a precede, mas também, eobretudo, instigar mudanças que, a partir e do interior do nosso presente, possam inaugurar perspectivas outras na direção do que está por vir.

(Salma T. Muchail, A produção da verdade. Filosofi a especial, n. 08, p. 7, com adaptações)

01. **AGENTE DA FAZENDA – No desenvolvimento do texto, a função do pronome relativo QUE é:**

a) na linha 4, retomar "instituições"(l.4);

b) na linha 14, retomar "o"(l.13 – primeira ocorrência);

c) na linha 11, retomar “imposição”(l.12);

d) na linha 5, retomar “todas elas”(l.5);

e) na linha 15, retomar “perspectivas” (l.16).

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O, que está contraído Ã preposição A.

Na alternativa B, conforme exposto na parte teórica desse capítulo, ocorre a mesma situação da alternativa A, com uma pequena diferença. Na A, o pronome demonstrativo estava contraído a uma preposição. Na B, o pronome demonstrativo ocorre sem preposição. É de bom alvitre não olvidar que, quando há demonstrativo e relativo juntos, o antecedente do relativo é o demonstrativo, mesmo que este esteja contraído a uma preposição.

Na alternativa C, o pronome relativo QUE refere-se a “as regras”.

Na alternativa D, o pronome relativo QUE tem como antecedente o demonstrativo O (linha 4), o mesmo da alternativa A. Tal fato ocorre, visto que a conjunção E estabelece um paralelismo entre as duas orações.

Na alternativa E, o pronome relativo QUE refere-se ao demonstrativo O, que se encontra contraído Ã preposição DE.

Leia o texto abaixo para responder Ã questão 2.

A segunda metade dos anos 1990 foi caracterizada por crises nos países emergentes: México, Rússia, Brasil e Argentina. Em todos os casos, os países recorreram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver seus problemas de endividamento externo e tiveram que se submeter a rigorosos programas de ajuste fiscal (redução de gastos públicos e aumento de impostos) e das contas externas exigidos pela organização. Após o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego, durante o qual a relação dívida/PIB e os déficits fiscais se acomodaram em níveis compatíveis com a capacidade de financiamento, todos os países, Ã exceção da Argentina, entraram em trajetória de crescs mento, com estabilidade de preços. Como os fundamentos fiscais e monetários destes países estavam fortes, com equilíbrio fiscal, relação dívida/PIB e inflação sob controle, seus governos e bancos centrais puderam adotar políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas, que reverteram a trajetória de queda já no segundo trimestre de 2009.

(José Márcio Camargo, Tragédia grega. Istoé, 10/02/2010, com adaptações)

02. **Analista Técnico Susep – Esaf – Assinale a opção em que os três termos remetem, por coesão textual, ao mesmo referente.**

a) "países emergentes"(l.1 e 2) – "os países"(l.2) – "se"(l.4)

b) "todos os casos"(l.2) – "problemas de endividamento externo"(l.2 e 3) – "seus"(l.12)

c) "Fundo Monetário internacional"(l.2 e 3) – "seus"(l.4) – "organização"(l.7)

d) "desemprego"(l.7) – "o qual"(l.7) – "se"(l.8)

e) "equilíbrio fiscal"(l.11) – "políticas…de crédito"(l.12 e 13) – "que"(l.13)

Gabarito: A.

Na opção A, os três termos se referem a México, Rússia, Brasil e Argentina.

Na opção B, o termo "todos os casos" remete Ã crise. O segundo termo não possui referente; se o termo englobasse o possessivo, remeteria a "os países". O pronome SEUS refere-se a México, Rússia e Brasil.

Na opção C, Fundo Monetário Internacional não remete a nenhum termo, pelo contrário, termos seguintes remeterão a ele; SEUS refere-se a "os países"; ORGANIZAÇÃO refere-se a Fundo Monetário Internacional.

Na D, DESEMPREGO não remete a outros termos; O QUAL refere-se a "o período de retração do nível de atividade e aumento do desemprego"; o pronome SE tem caráter reflexivo, remetendo a "a relação dívida/PIB e os déficits fiscais".

Na E, EQUILÍBRIO FISCAL não tem referente; o segundo termo também não possui referente; QUE remete a "políticas fiscais, monetárias, de crédito mais frouxas".

03. **(FGV / BESC / Advogado)**

"Mas, enquanto isso, no mercado financeiro, os bancos pensam em como superar um dilema."

O pronome grifado na frase acima exerce uma função anafórica. Assinale a alternativa em que isso NÃO ocorra.

a) Chegamos no dia 23 às 22 horas. **Nessa** noite, as estrelas pareciam brilhar mais do que o costume.

b) Nossas dúvidas residem **nisto**: não saber equacionar problemas.

c) Os sistemas de busca estão atualizados. Em **tais** sistemas, é possível selecionar o idioma de preferência.

d) Nada há para julgar. **Isso** resolve mais facilmente o nosso problema.
e) Os amantes e os amados vivem em desencontros. **Estes** vivem, sem dúvida, mais perdidos que aqueles.

Gabarito: B

Na alternativa A, o pronome NESSA, em nessa noite, refere-se Ã noite do dia 23, elemento citado anteriormente. Na alternativa C, O pronome TAIS, em tais sistemas, refere-se a "Os sistemas de busca". Na alternativa D, ISSO remete Ã oração anterior: ao fato de não haver nada para julgar. Na alternativa E, o pronome ESTES refere-se a "os amantes e os amados". Portanto, em todas essas alternativas, o pronome tem caráter anafórico. Na alternativa B, o pronome NISTO refere-se a um termo posterior: não saber equacionar problemas. Sendo assim, o pronome NISTO possui caráter catafórico.

04. **(FGV-MS / Fiscal de Rendas)**

Nas atuais condições em que exerce a sua hegemonia, a direita "moderada" conseguiu infiltrar seus critérios no discurso da esquerda "moderada".

A palavra seus no trecho acima tem valor:

a) anafórico;
b) anastrófico;
c) catafórico;
d) hiperbólico;
e) paragramático.

Gabarito: A

O pronome SEUS refere-se a "direita moderada". Observe: são critérios da direita moderada. Sendo assim, como o pronome refere-se a um termo antecedente, possui caráter anafórico.

05. **(NCE / ANAC)**

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante. Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados.

Entre as alternativas abaixo, aquela que apresenta um termo sublinhado de valor dêitico:

a) "seria de se esperar que o auxílio viesse rápido";

b) "a população está mais sensibilizada para o problema";

c) "De lá até o ano passado…";

d) "De lá até o ano passado";

e) "mas precisa fazer mais".

Gabarito: D

Questão muito interessante, elaborada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e D. "Lá" refere-se ao ano "1997", citado anteriormente no texto, portanto tem caráter anafórico. Já o termo "o ano passado" corresponde ao ano anterior, àquele em que o texto foi redigido (elemento externo ao texto). Sendo assim, a expressão "o ano passado" (só pelo texto não há como saber exatamente o ano, pois não há qualquer tipo de menção a ele) possui caráter dêitico.

06. **(FGV-RJ / Fiscal de Rendas)**

Esse raciocínio baseia-se, contudo, numa falsa comparação. Primeiramente, porque a alocação de novos recursos nada tem a ver, em princípio, com o impacto tecnológico. O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.

No trecho "O avanço deste não acarreta necessariamente impacto positivo daquela.", os demonstrativos exercem, respectivamente, função:

a) anafórica e catafórica;

b) catafórica e catafórica;

c) anafórica e anafórica;

d) catafórica e anafórica;

e) dêitica e dêitica.

Gabarito: C

O pronome DESTE refere-se a "o impacto tecnológico", termo já mencionado, portanto é anafórico. DAQUELA remete a "a alocação de novos recursos", termo também já mencionado anteriormente no texto, possuindo, portanto, valor anafórico.

07. **(FGV / MEC)**

"O movimento altermundialista se vê diante da crise da globalização

capitalista em sua fase neoliberal. Essa crise não é uma surpresa para o movimento; ela estava prevista e era anunciada há muito tempo."

Assinale a alternativa em que o termo, no trecho acima, não resgate um termo anterior.

a) sua.
b) Essa.
c) movimento.
d) ela.
e) há.

Gabarito: E

O pronome SUA, constante na alternativa A, refere-se a "a globalização capitalista". O pronome ESSA, na opção B, refere-se a "a crise da globalização capitalista em sua fase neoliberal". O termo O MOVIMENTO, na alternativa C, é remissivo a "O movimento altermundialista". O pronome ELA, na opção D, remete a "a crise". A forma verbal HÁ não se refere a qualquer elemento anterior, exprimindo valor de tempo decorrido.

08. **(FGV / Senado Federal / Técnico Administrativo)**

"Portanto, trata-se de ver aquilo que é melhor ao cidadão."

A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. **O pronome aquilo tem valor catafórico.**
II. **A palavra Portanto tem valor conclusivo.**
III. **A palavra melhor classifica-se como adjetivo.**

Assinale:

a) se somente os itens I e III estiverem corretos;
b) se somente os itens II e III estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se todos os itens estiverem corretos;
e) se somente os itens I e II estiverem corretos.

Gabarito: B

No item I, o pronome AQUILO não se refere a elementos posteriores, não possuindo, por conseguinte, valor catafórico. ERRADO

No item II, PORTANTO é conjunção coordenativa conclusiva. ERRADO

No item III, MELHOR é adjetivo, podendo até ser flexionado, caso o sujeito ocorresse no plural: "ver aquelas situações que são melhores para o cidadão". CERTO

09. **(FGV / Perito da Polícia Civil)**

"Ademais, e este talvez seja o ponto principal, se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

"A América do Sul é nosso destino – disso já sabiam governantes brasileiros antes da atual administração. A ênfase que lhe é dada hoje tem trazido benefícios importantes."

Os pronomes grifados nos trechos acima têm papel, respectivamente:

a) catafórico e catafórico;
b) anafórico e catafórico;
c) anafórico e anafórico;
d) dêitico e anafórico;
e) dêitico e catafórico.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada porque o pronome demonstrativo ESTE possui valor catafórico – refere-se a todo o fragmento posterior "se o que está em tela é o modelo que possibilitou a realização da hidrelétrica de San Francisco no Equador, por meio da geração de empregos no Brasil e da exportação de bens e serviços brasileiros de alto valor agregado, longe estamos de uma situação em que o interesse nacional brasileiro não esteja sendo atendido."

Já o pronome disso possui valor anafórico, pois se refere a "A América do Sul é o nosso destino.".

Destarte, a resposta certa seria CATAFÓRICO E ANAFÓRICO.

10. **(NCE)**

"A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade."

"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o

cristianismo…”

“… movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental.”

“Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos…”

A seguir, cada um deles é classificado, quanto Ã função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta.

a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico.

b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico.

c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico.

d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico.

e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

Gabarito: E

O pronome TAL remete ao termo “A descoberta da América pelos europeus” – anafórico; o advérbio AQUI refere-se ao país de nacionalidade do autor – dêitico; O pronome demonstrativo NESTAS, em NESTAS PLAGAS, refere-se às plagas onde o autor se encontra – dêitico; O pronome demonstrativo DESSES, em desses dois objetivos, remete ao antecedente “exploração e fortuna” – anafórico; o pronome demonstrativo ESSA, em “essa duplicidade”, refere-se ao antecedente “propósitos reais e propósitos proclamados” – anafórico.

4.4. COESÃO REFERENCIAL LEXICAL

É a coesão que se estabelece pela conexão dos sentidos dos termos envolvidos no texto, assim, esse tipo de coesão se dá pelas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia.

4.4.1. Sinonímia, antonímia, hiperonímia e hiponímia

Precisamos ter em mente que, apesar de alguns termos possuírem seus sinônimos e antônimos facilmente identificáveis como acontece em ‘bonito x belo’ e ‘feio e belo’, muitas das vezes, as provas de concursos trabalham com sinônimos e antônimos que se adéquam ao contexto em que os termos estão inseridos. Por

isso, precisamos saber identificar determinado vocábulo no texto e não apenas substituí-lo como um sinônimo ou antônimo. Por exemplo, é natural que consideremos que o vocábulo 'velho' seja um antônimo perfeito para 'novo', por isso, podemos entender que o antônimo de 'encontrei um homem **velho**' é 'encontrei um homem **novo**'. Por outro lado, se temos a situação 'não coma o pão que está **velho**', utilizaríamos como antônimo o vocábulo 'fresco' em 'hoje comprei um pão **fresco**'. Percebemos assim que os vocábulos devem ser utilizados de forma adequada ao contexto em que se inserem, pois, se na primeira situação, nós utilizássemos o termo 'fresco' em vez de 'novo', não estaríamos apresentando um antônimo apropriado Ã situação.

A sinonímia nos textos acontece nas relações de hiperonímia e de hiponímia. Vejamos os vocábulos a seguir:

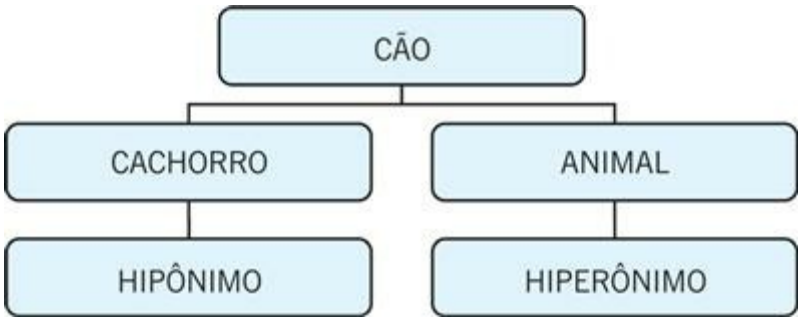

Observe que tanto 'cachorro' quanto 'animal' são termos que funcionam como sinônimos do termo 'cão', entretanto, 'cachorro' substitui 'cão' de forma mais específica do que o termo 'animal', que poderia substituir outros bichos como gato, pássaro e peixe. Assim, podemos concluir que hiperônimos são termos que substituem de forma mais genérica vocábulos que estão no mesmo campo semântico, enquanto que os hipônimos substituem de forma mais específica.

Dessa forma, podemos concluir que o hiperônimo contém as características genéricas de uma determinada classe (por exemplo, matéria); o hipônimo é um elemento específico que comunga dessas características genéricas, sem deixar de possuir os seus próprios traços diferenciadores (por exemplo, Português, Matemática, Geografia são hipônimos de matéria). Veja outros exemplos:

HIPERÔNIMOS	HIPÔNIMOS
Animal	Gato, cachorro, papagaio
Louça	Garfo, faca, colher

Profissional	Engenheiro, médico, professor
Esporte	Futebol, vôlei, basquete

Além das possibilidades de substituição acima, devemos considerar a coesão estabelecida por meio das perífrases. As expressões também servem para substituir termos antecedentes, mas não são de fato sinônimos perfeitos, como, por exemplo, no trecho:

Ex.: **Silvano Eustáquio** é o melhor presidente que um time poderia ter. O **presidente do Palmeiras**, Silvano Eustáquio, afirmou que o time tem todas as condições para ganhar o campeonato.

O nome próprio 'Silvano Eustáquio' foi substituído por 'presidente do Palmeiras' possibilitando a não repetição do termo e, principalmente, mantendo a coesão textual harmônica. O mesmo processo pode ser observado no exemplo abaixo:

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

A expressão 'Poeta dos escravos' serve para substituir o nome 'Castro Alves', isso evita que o nome seja repetido e garante a manutenção da coesão textual.

4.5. COESÃO REFERENCIAL POR ELIPSE

A coesão também pode ser realizada por elipse. Elipse é um tipo de figura de linguagem que permite a supressão de um termo facilmente subentendido no texto. Vejamos:

Ex.: As crianças nunca se cansam. **Brincam** o dia inteiro e **saem** a toda hora.

Ex.: Os bandidos sempre quando são presos fazem cara de santo. Depois que a situação piora **ficam** implorando por perdão.

Ex.: Nós íamos conseguir o que desejávamos, mas **perdemos** por não **termos** paciência.

Note que antes dos verbos destacados o sujeito foi omitido, mas pode ser facilmente identificado uma vez que já foi expresso anteriormente.

4.6. EXERCÍCIOS

01. **(VUNESP / TJ – SP)**

A palavra empresa é um sinônimo genérico de Proter & Gamble, no texto. A alternativa que apresenta, também, esse tipo de sinonímia, é:

a) automóvel – veículo;
b) automóvel – carro;
c) geladeira – refrigerador;
d) fotografia – foto;
e) motocicleta – moto.

Gabarito: A

A expressão Proter & Gamble é hipônimo de empresa. Empresa é hiperônimo de Proter & Gamble. Nas alternativas B e C, os termos são sinônimos absolutos. Nas alternativas D e E, os vocábulos foto e moto são abreviaturas de fotografia e motocicleta. Na alternativa A, automóvel é hipônimo de veículo – existem vários veículos (caminhão, motocicleta, ônibus, lambreta…) –, e automóvel (hipônimo), que é apenas um deles, especifica qual veículo é.

02. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"… Evite ingerir o medicamento juntamente com alimentos (…) Evite também ingerir álcool durante o tratamento, pois o uso de XXXXXX com álcool é tóxico para o fígado.."

O emprego da palavra "medicamento" em substituição a "XXXXXX" constitui caso de:

a) sinonímia;
b) hiponímia;
c) antonímia;
d) aiperonímia.

Gabarito: B

XXXXXX é hipônimo de medicamento, pois é o nome do medicamento. Medicamentos (hiperônimo) existem vários, XXXXXX é apenas um deles. XXXXXX representa uma especificação de qual medicamento se trata.

4.7. COESÃO SEQUENCIAL

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos,

estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Torna-se imperioso esclarecer que esse tipo de coesão não tem como escopo retomar ou representar termos antecedentes, mas, sim, ligar a construção anterior Ã seguinte, estabelecendo entre elas uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção ENTRETANTO, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector JÁ QUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector PORTANTO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Ele estava doente, entretanto não faltou ao trabalho.

Todos prestavam atenção, enquanto João falava.

Já que estão todos presentes, podemos começar a aula.

Pedro faltou ao trabalho, portanto deve estar doente.

4.8. COESÃO SEQUENCIAL

01. **(Esaf / CVM / Analista)**

Tradicional defensor de instrumentos ortodoxos de política econômica, o Fundo Monetário Internacional (FMI) admitiu o uso de controles de capital para combater a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar. Entre as opções, está a tributação do ingresso de recursos, caminho escolhido pelo Brasil, que elevou de 4% para 6% a alíquota do imposto de operações financeiras (IOF) nas aplicações de renda fixa. Outra possibilidade é a proibição de retirada do dinheiro por um tempo determinado, como fez o Chile. Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

(Adaptado de Correio Braziliense, 19 out. 2010.)

Na organização das relações de coesão e coerência no texto, a

expressão

a) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos" (l.5).

b) "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" (l.3) retoma a ideia de "bolhas financeiras" (l.3).

c) "ações de caráter mais estrutural"(l.10) retoma a ideia de "bolhas financeiras"(l.3).

d) "controles cambiais" (l.12) retoma a ideia de "ações de caráter mais estrutural" (l.10).

e) "esse crescimento de capital" (l.13) retoma a ideia de "aplicações de renda fixa" (l.7).

Gabarito: A

Na opção A, pela construção frasal, fica que a expressão) "caminho escolhido pelo Brasil"(l.5) retoma a ideia de "tributação do ingresso de recursos".

Na opção B, o termo "fluxo exagerado de investimentos estrangeiros" não remete a qualquer outra expressão.

Na opção C, "ações de caráter mais estrutural" também não possui referente.

Na opção D, "controles cambiais" retoma a ideia de "a tributação do ingresso de recursos" e de "retirada do dinheiro por um tempo determinado".

Na opção E, a expressão "esse crescimento de capital" refere-se a "a formação de bolhas financeiras e o fluxo exagerado de investimentos estrangeiros que valorizam excessivamente as moedas nacionais em relação ao dólar.".

02. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

O texto abaixo serve de base para a questão 4

Com o advento do Estado Social e Democrático de Direito, ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social. Isso não significa, porém, que a busca da solidariedade social prevalecerá sempre sobre todas as demais normas constitucionais, pois sempre existirão situações em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.

A solidariedade de que trata a Constituição, no entanto, é a solidariedade genérica, referente Ã sociedade como um todo, em oposição Ã solidariedade de

grupos sociais homogêneos, a qual se refere a direitos e deveres de um grupo social específico. Por força da solidariedade genérica, é lógico concluir que cabe a cada cidadão brasileiro dar a sua contribuição para o financiamento do "Estado Social e Tributário de Direito".

Infelizmente, é um fato cultural e histórico o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum. Diante disso, o tema da solidariedade é fundamental, porque leva a uma reflexão sobre as razões pelas quais se pagam tributos, ou porque deva existir uma lealdade tributária.

(Daniel Prochalski, Solidariedade social e tributação. http://jus2.uol.com.br/Doutrina/texto, acesso em 9/6/2010, com adaptações)

Assinale a opção correta a respeito das relações de coesão no texto.

a) Por meio do pronome "Isso"(l.3) retoma-se a ideia de "advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1).

b) O substantivo "situações"(l.5) resume e retoma as relações entre "o advento do Estado Social e Democrático de Direito"(l.1) e "o valor constitucional da solidariedade social"(l.3).

c) Por meio do pronome "a qual"(l.10), retoma-se "sociedade" (l.9)

d) A expressão "outros valores"(l.6) refere-se a valores que constam do texto constitucional.

e) É classificado como "cultural e histórico"(l.14) o fato de cada cidadão brasileiro dar sua contribuição para o financiamento do Estado.

Gabarito: D

Na alternativa A, o pronome ISSO refere-se a "ganhou força a tese que defende a necessidade de interpretar a relação jurídica tributária de forma contextualizada com o valor constitucional da solidariedade social.".

Na alternativa B, o termo situações não retoma termos antecedentes, mas aponta para "em que restará configurada a supremacia de outros valores, também positivados no texto constitucional.", redigido a seguir.

Na alternativa C, o pronome relativo A QUAL retoma a "solidariedade de grupos sociais homogêneos".

Na opção D, a expressão "outros valores" retoma "demais normas (valores) constitucionais".

Na opção E, a expressão "cultural e histórico" qualifica o fato de "o contribuinte ver na arrecadação dos tributos uma "subtração", em vez de uma contribuição a um Erário comum.".

03. **(Cespe / UnB / MPU / Analista Administrativo)**

Inovar é recriar de modo a agregar valor e incrementar a eficiência, a produtividade e a competitividade nos processos gerenciais e nos produtos e serviços das organizações. Ou seja, é o fermento do crescimento econômico e social de um país. Para isso, é preciso criatividade, capacidade de inventar e coragem para sair dos esquemas tradicionais. Inovador é o indivíduo que procura respostas originais e pertinentes em situações com as quais ele se defronta. É preciso uma atitude de abertura para as coisas novas, pois a novidade é catastrófica para os mais céticos. Pode-se dizer que o caminho da inovação é um percurso de difícil travessia para a maioria das instituições. Inovar significa transformar os pontos frágeis de um empreendimento em uma realidade duradoura e lucrativa. A inovação estimula a comercialização de produtos ou serviços e também permite avanços importantes para toda a sociedade. Porém, a inovação é verdadeira somente quando está fundamentada no conhecimento. A capacidade de inovação depende da pesquisa, da geração de conhecimento. É necessário investir em pesquisa para devolver resultados satisfatórios Ã sociedade. No entanto, os resultados desse tipo de investimento não são necessariamente recursos financeiros ou valores econômicos, podem ser também a qualidade de vida com justiça social.

Luís Afonso Bermúdez. O fermento tecnológico. In: Darcy. Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, novembro e dezembro de 2009, p. 37 (com adaptações).

Considerando a organização das ideias e estruturas linguísticas do texto, julgue os seguintes itens.

1. Na linha 6, o segmento "as quais" remete a "situações" e, por isso, admite a substituição pelo pronome que; no entanto, nesse contexto, tal substituição provocaria ambiguidade.
2. O período sintático iniciado por "Inovar significa" (L.9) estabelece, com o período anterior, relação semântica que admite ser explicitada pela expressão Por conseguinte, escrevendo-se: Por conseguinte, inovar significa (…).
3. Subentende-se da argumentação do texto que o pronome demonstrativo, no

trecho “desse tipo de investimento” (L. 15), refere-se Ã ideia de “fermento do crescimento econômico e social de um país” (L.3 e 4).

4. A forma verbal “é” (L.3) está flexionada no singular porque, na oração em que ocorre, subentende-se “Inovar” (L.1) como sujeito.

Gabarito:

1 – Errado – Realmente o pronome relativo “as quais” refere-se a “situações”, todavia a substituição desse pronome relativo por QUE não gera problema relativo Ã ambiguidade.

2 – Errado – O conector POR CONSEGUINTE possui caráter conclusivo, portanto deve ser empregado para fechar uma ideia, o que não ocorre. Observe, inclusive, que outras características de INOVAR são apresentadas no período seguinte. Depois, com o emprego do conector adversativo PORÉM, ainda se estabelece uma ressalva para o que pode ser “inovação.

3 – Errado – O termo “desse tipo de investimento” remete a “investir em pesquisas”.

4 – Certo – A forma verbal É encontra-se flexionada na terceira pessoa do singular para concordar com a expressão oracional subentendida INOVAR: Inovar é o fermento do crescimento econômico e social de um país.

Capítulo 5

Semântica dos Conectores – Preposições e Conjunções

PREPOSIÇÕES

Esses elementos são responsáveis por estabelecer o nexo entre os vocábulos de uma oração e entre as orações, períodos e parágrafos em um texto. Podemos dizer que se dividem em dois grupos:

a) **Essenciais** – São as que funcionam apenas como preposição

Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) **Acidentais** – Segundo a professora Maria Helena de Moura Neves, em sua gramática "a Nomenclatura Gramatical Brasileira", são preposições acidentais certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Todos esses elementos têm origem em outra classe gramatical."

Ex.: salvo, consoante, exceto, durante, conforme, senão, segundo, entre outras.

5.1. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ESSENCIAIS

5.1.1. Preposição "A"

Condição	**A** persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado!
Direção	Quero conhecer o Brasil de norte **a** sul.
Fim	João estudou **a** passar no concurso.
Meio	Obteve êxito **a** estudo.
Lugar	Estávamos **a**o portão do curso.

Conformidade	O professor fez a questão **a**o método prático.
Preço	Vendeu **a** um real o quilo.
Concessão	Ele nada fazia **a** não ser jogar futebol.
Tempo	**A**o encontrar a solução, fiquei aliviado.
Instrumento	Mataram a galinha **a** machado.
Modo	Falar **a**os berros.
Semelhança	João não saiu **a** vocês.
Distribuição proporcional, gradação	dia **a** dia, mês **a** mês, ano **a** ano.
Posse	Tomou o pulso **a**o doente.(= do doente)

BIZU

Uma forma de identificar a ideia "fim" que a preposição pode assumir, é substituindo-a pela preposição "para".

João estudou **a**passar no concurso.

João estudou**para**passar no concurso.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "a":**

1	**Causa**
2	**Direção**
3	**Fim**
4	**Meio**
5	**Lugar**
6	**Conformidade**
7	**Preço**
8	**Concessão**
9	**Posse**
10	**Instrumento**
11	**Modo**

12	**Semelhança**
13	**Proporção** **Gradação**
14	**Condição**

a. ( ) Escrevemos a carta **a** lápis.
b. ( ) Será bom que o mundo morra **à** fome?
c. ( ) Fui **a** Niterói.
d. ( ) Falaremos **a**o modo tradicional.
e. ( ) Do Forte de Copacabana **a**o Arpoador, a caminhada é tranquila.
f. ( ) Mantiveram-se no local **a** pedir perdão.
g. ( ) A camisa foi vendida **a** R$100,00.
h. ( ) Aprenderemos pouco **a** pouco o assunto.
i. ( ) Passear **a** camelo.
j. ( ) Matar **à** fome.
k. ( ) Esqueci-me de tudo **a** não ser do seu nome.
l. ( ) Maria puxou **a**o pai.
m. ( ) Arrancou o prazer da leitura **a**o homem.
n. ( ) **A** cumprirem suas responsabilidades, serão bem recebidos.

Gabarito:

a. (10)
b. (1)
c. (2)
d. (11)
e. (5)
f. (3)
g. (7)
h. (13)
i. (11)
j. (4)
k. (8)
l. (12)
m. (9)

n. (14)

5.1.2. Preposição "ATÉ"

Limite de lugar	Segui você **até** o final da rua.
Limite de tempo	Esperei **até** ontem.
Limite numérico	O produto custará **até** três vezes mais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "até":**

1	**Limite de lugar**
2	**Limite de tempo**
3	**Limite numérico**

a. ( ) Capacidade **até** 10 quilos de roupa.
b. ( ) As longas e cansativas caminhadas **até** o cemitério eram desesperadoras.
c. ( ) Tenho **até** hoje para enviar os documentos.
d. ( ) Apostarei **até** R$100,00 no jogo de hoje.
e. ( ) Debruçada **até** quase os meus joelhos, ela gritou.
f. ( ) Amar-te-ei **até** o último dia de nossas vidas.

Gabarito:

a. (3)
b. (1)
c. (2)
d. (3)
e. (1)
f. (2)

5.1.3. Preposição "COM"

Companhia	Gostaria de sair mais vezes **com** você.
Soma	Uniremos as tuas **com** as nossas palavras.

Modo	Ele gritou **com** força.
Instrumento	Lavei a roupa **com** sabão de coco.
Condição	**Com** sorte, atingiremos nossos objetivos.
Causa	Os japoneses ficaram aflitos **com** o Tsunami.
Tempo	**Com** seis meses de uso, as peças começam a ficar ruins.
Conformidade	Reconhecemos, **com** o ilustre professor, que a questão deveria ser anulada.
Lugar	Talvez encontremos, **com** o fim da estrada, água.
Concessão	**Com** vinte anos de carreira, seu patrimônio se resume a dois carros modestos.
Meio	Fui **com** minha moto para os lugares mais remotos do Brasil.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "com":**

1	**Companhia**
2	**Soma**
3	**Modo**
4	**Instrumento**
5	**Condição**
6	**Causa**
7	**Tempo**
8	**Meio**
9	**Conformidade**
10	**Lugar**
11	**Concessão**

a. ( ) Somaremos as minhas partes **com** as suas para formarmos o inteiro.

b. ( ) Sairemos **com** a mamãe para fazer compras.

c. ( ) O aluno sorriu **com** timidez.

d. ( ) Resolvemos, **com** a orientação do Doutor, todas as questões.
e. ( ) Fiz questão de realizar a prova **com** uma caneta especial.
f. ( ) Andaremos e encontraremos, **com** o fim da rua, a casa colorida.
g. ( ) **Com** esse desempenho, não passará no concurso.
h. ( ) **Com** o tempo, seu cabelo cairá.
i. ( ) Muitos ficaram aflitos **com** a notícia dos terremotos no Japão.
j. ( ) **Com** toda sua riqueza, não consegue ser feliz.
k. ( ) Só gosto de viajar **com** o meu carro.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (3)
d. (9)
e. (4)
f. (10)
g. (5)
h. (6)
i. (6)
j. (11)
k . (8)

5.1.4. Preposição "CONTRA"

Lugar	Ele pressionou a mão **contra** o peito.
Adversidade	Tudo isso é **contra** meus princípios.
Comparação	No ano passado, o curso teve duzentas aprovações, **contra** trezentas e cinquenta que obtivemos este ano.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "contra":**

1	Lugar

2	**Adversidade**
3	**Comparação**

a. ( ) O cavalo se coça **contra** uma cerca.
b. ( ) As pesquisas mostraram que o índice de analfabetismo aumentou 10% neste mês **contra** 5% no mês passado.
c. ( ) Os políticos falam **contra** o governo.

Gabarito:

a. (1)
b. (3)
c. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO CONTRA ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS

Ser contra / ficar contra / ir contra → opor-se a

Sou contra os charlatões. / Ninguém pode ir contra a vontade de Deus.

5.1.5. Preposição "DE"

Modo	Os espertos vão saindo **de** fininho.
Lugar	**De** longe nada se via.
Tempo	A reunião acontec **de** manhã.
Instrumento	Devia ter feito a barba **de** gilete.
Causa	As frutas caíram do pé **de** podre.
Matéria	A casa foi feita **de** madeira.
Intensidade	Ele estudou **de** não aguentar mais o ritmo.
Negação	Não quisera regressar **de** jeito algum.
Posse	Ela bebeu com o dinheiro **de** Maria.
Finalidade	"E o coração... é instrumento **de** sopro ou de percussão?"
Assunto	Falava **de** política.
Origem	"Afirmava-se que o fogo começara **de** uma sala" (Raul Pompéia).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "de":**

1	**Modo**
2	**Lugar**
3	**Tempo**
4	**Instrumento**
5	**Causa**
6	**Matéria**
7	**Intensidade**
8	**Negação**
9	**Posse**
10	**Finalidade**
11	**Assunto**
12	**Origem**

a. ( ) Ele vive **de** pequenos furtos.
b. ( ) Roubaram a bolsa **de** uma aluna da turma.
c. ( ) Cheguei **de** imediato.
d. ( ) Comprei uma casa **de** campo.
e. ( ) Meu coração pulou **de** saudades.
f. ( ) O fio foi feito **de** cobre.
g. ( ) Ele riu **de** todos estarem com sono.
h. ( ) A aluna falou **de** música com o professor.
i. ( ) Vamos capinar **de** enxada.
j. ( ) Sentou-se **de** frente para você.
k. ( ) Ela não acreditava **de** maneira alguma em alienígenas.
l. ( ) A manifestação começou **de** todos os escritório e foi até a praça.
m. ( ) Ele chegou **de** Paris agora

Gabarito:

a. (1)

b. (9)
c. (3)
d. (10)
e. (5)
f. (6)
g. (5)
h. (11)
i. (4)
j. (2)
k. (8)
l. (2)
m. (12)

5.1.6. Preposição "EM"

Lugar	Ele estava **em** São Paulo.
Modo	**Em** lágrimas, confessou o crime.
Tempo	A reunião acontecerá **em** trinta minutos.
Causa	Ela estava triste **em** não poder ajudar a pobre moça.
Finalidade	João acariciou **em** despedida a face de seu pai.
Matéria	O talher é feito **em** cobre.
Instrumento	Desenharam **na** máquina os projetos futuros.
Meio	O professor, **em** explicações exatas, conseguiu o gabarito.
Preço	Eu estimei **em** vinte milhões o terreno.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "em":**

1	**Lugar**
2	**Modo**
3	**Tempo**
4	**Causa**

5	**Finalidade**
6	**Matéria**
7	**Instrumento**
8	**Meio**
9	**preço**

a. ( ) O rapaz estava contente **em** conseguir estudar oito horas por dia.
b. ( ) O casaco foi feito **em** lã.
c. ( ) **Na** rua do mercado, eu a vi.
d. ( ) O corte foi feito **na** tesoura.
e. ( ) **Em** março, fui nomeado.
f. ( ) Vai taxar **em** 10% todos os saques bancários.
g. ( ) **Em** desespero, corri atrás do ônibus.
h. ( ) Machado de Assis, **em** frases curtas, demonstrava sua depressão.
i. ( ) Deixou **em** herança todos os bens.

Gabarito:

a. (4)
b. (6)
c. (1)
d. (7)
e. (3)
f. (9)
g. (2)
h. (8)
i. (5)

5.1.7. Preposição "ENTRE"

Lugar	A moto estava **entre** os dois carros no trânsito.
Tempo	**Entre** 1979 e 1985, foram vendidas três mil peças.
Quantidade	O preço vai girar **entre** oito e dez dólares.
Companhia	Vivia **entre** os mais pobres.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "entre":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Quantidade**
4	**Companhia**

a. ( ) **Entre** junho e setembro, viajaremos ao nordeste.
b. ( ) **Entre** duas e três meninas, a mais bela foi a escolhida.
c. ( ) **Entre** as árvores estava uma linda mulher.
d. ( ) Eu adoro me deitar **entre** os meu cães.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c.y (1)
d. (4)

5.1.8. Preposição "PARA"

Direção	Eu caminhei **para** a rua animada.
Tempo	Marcamos o encontro **para** amanhã.
Conformidade	**Para** mim, isso não é doença.
Finalidade	O aluno estuda **para** passar.
Condição	**Para** desejar cantar comigo, terá de tratar da voz.
Lugar	Havia um pouco de comida mais **para** o canto da sala.
Restrição	Proibido **para** menores.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição**

"entre":

1	**Direção**
2	**Tempo**
3	**Conformidade**
4	**Finalidade**
5	**Condição**
6	**Lugar**
7	**Restrição**

a. ( ) **Para** o segundo semestre, deixaremos o problema.
b. ( ) Compraremos roupas **para** doar.
c. ( ) Conteúdo específico **para** maiores de dezoito anos.
d. ( ) **Para** ele, o mundo da imaginação é real.
e. ( ) Havia muito mais confete **para** a plateia do que para o palco.
f. ( ) Peguei um atalho **para** sua casa.
g. ( ) **Para** querer ficar comigo, terá de mudar seu jeito de pensar.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (7)
d. (3)
e. (1)
f. (6)
g. (5)

5.1.9. Preposição "POR"

Meio	As casas são ligadas **por** uma escada.
Causa	Aparentava mais idade **por** seus cabelos brancos.
Modo	Resolveremos as questões **por** partes.
Lugar	Ele passou **por** baixo da ponte.

Agente	Ele foi baleado **por** uma criança.
Tempo	Na piscina, **por** muitas horas, tomou muito sol.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "por":**

1	**Meio**
2	**Causa**
3	**Modo**
4	**Lugar**
5	**Agente**
6	**Tempo**

a. ( ) O meu amor deixou de comer **por** mim.
b. ( ) Eles se comunicavam **por** cartas.
c. ( ) O resultado foi dado **por** todos da banca.
d. ( ) **Pela** manhã, você surgiu radiante.
e. ( ) **Por** onde anda, meu filho?
f. ( ) Ele estudou a matéria **por** assunto.

Gabarito:

a. (2)
b. (1)
c. (5)
d. (6)
e. (4)
f. (3)

5.1.10. Preposição "SOB"

Lugar (posição inferior)	Namoramos **sob** aquelas pedras.
Causa	Não se deve ficar aqui, **sob** o risco de ser assaltado.

Proteção	A criança estava **sob** minha custódia.
Sujeição	Bentinho foi exilado **sob** a regência severa da ditadura.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sob":**

1	**Lugar**
2	**Causa**
3	**Proteção**
4	**Sujeição**

a. ( ) Só confessará **sob** ameaça de perder a vida.
b. ( ) Os soldados, **sob** o meu comando, ganharam a Guerra.
c. ( ) As nuvens se ondulavam **sob** o céu.
d. ( ) Estávamos **sob** o amparo da lei.

Gabarito:

a. (2)
b. (4)
c. (1)
d. (3)

5.1.11. Preposição "SOBRE"

Lugar (posição superior)	O livro estava **sobre** a mesa.
Assunto	Falávamos **sobre** o tango brasileiro.
Especificação	Houve um acréscimo de 33% **sobre** os dados do governo anterior.
Preferência (acima de)	Amar a Deus **sobre** todas as coisas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sobre":**

1	**Lugar**
2	**Assunto**
3	**Especificação**
4	**Preferência**

a. ( ) Depois de ouvir a história **sobre** políticos, ficou deprimido.
b. ( ) Os funcionários foram multados em 30% **sobre** os seus salários.
c. ( ) Observou as baratas **sobre** o esgoto.
d. ( ) Os cuidados com os filhos estão **sobre** todas as outras coisas.

Gabarito:

a. (2)
b. (3)
c. (1)
d. (4)

5.1.12. Preposição "ANTE"

Lugar	João encontrou o livro **ante** o único lugar vago.
Causa	**ante** a belíssima atuação dos flamenguistas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "ante":**

1	**Lugar**
2	**Causa**

a. ( ) Os baderneiros parariam **ante** o guarda.
b. ( ) O marido chorou arrependido **ante** a revelação da mulher.
c. ( ) Apareciam **ante** mim as pessoas sedentas.
d. ( ) **Ante** os sinais de explosão, decidiu correr.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

BIZU

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE LUGAR PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { na frente de / diante de / perante / na presença de

A PREPOSIÇÃO ANTE COM IDEIA DE CAUSA PODE SER SUBSTITUÍDA POR:

= { por causa de / por motivo de / em decorrência de / em consequência de

5.1.13. Preposição "APÓS"

Lugar posterior	**Após** o canteiro da obra, você encontrará um buraco.
Tempo posterior	**Após** a apresentação, fomos ao restaurante.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "após":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**

a. ( ) **Após** o curso, situa-se o Teatro Municipal.
b. ( ) **Após** a apresentação, o professor se emocionou.
c. ( ) Chegando a minha rua, estacione **após** o orelhão.

d. ( ) Dia **<u>após</u>** dia, sonho com você.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (1)
d. (2)

5.1.14. Preposição "DESDE"

Afastamento de um lugar	Ele caminhou **<u>desde</u>** o Leblon.
Início de um tempo	**<u>Desde</u>** seu nascimento, era esperto.
Condição	**<u>Desde</u>** que estudes, passarás.
Causa	**<u>Desde</u>** que tenho muito trabalho, não fui à festa alguma.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "desde":**

1	**Lugar**
2	**Tempo**
3	**Condição**
4	**Causa**

a. ( ) **<u>Desde</u>** que nos preocupamos com a educação, trabalhamos com zelo e atenção.
b. ( ) **<u>Desde</u>** cedo, papai me ensinava a tocar violão.
c. ( ) Acho que todo aluno deve estudar muito, **<u>desde</u>** que não atrapalhe o cuidado com a saúde.
d. ( ) Ele já acenava **<u>desde</u>** a escada rolante.

Gabarito:

a. (4)
b. (2)
c. (3)
d. (1)

5.1.15. Preposição "PERANTE"

Diante de / Na frente de / Ante	O professor, **perante** dois mil alunos, explicou.

5.1.16. Preposição "SEM"

Modo	Ele fez os exercícios **sem** pensar.
Condição	**Sem** sorte, nem podemos sair de casa.
Ausência (falta)	"**Sem** ela o que é a vida?" (Castro Alves).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da preposição "sem":**

1	**Modo**
2	**Condição**
3	**Ausência (falta)**

a. ( ) Chorava **sem** dar um pio.
b. ( ) **Sem** estudo, ele não era ninguém.
c. ( ) Fui para São Paulo **sem** Maria.

Gabarito:

a. (1)
b. (2)
c. (3)

BIZU

A PREPOSIÇÃO SEM ENTRA EM EXPRESSÕES FIXAS:

SEM QUÊ NEM PARA QUÊ
SEM QUÊ NEM PRA QUÊ = sem razão nenhuma
SEM QUÊ NEM PORQUÊ

Exemplo: Saía gritando pelas ruas da cidade, sem quê nem para quê.

SEM MAIS = sem que haja mais nada a acrescentar

Exemplo: Sem mais, para hoje, envio-lhe saudações.

SEM ESSA (DE) = não vem com essa

Exemplo: Sem essa, meu amor, só tenho olhos para você.

5.2. VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES ACIDENTAIS

PREPOSIÇÕES	FORMAÇÃO
Durante, mediante, consoante, não obstante, tirante.	São formados de verbos em particípio presente (-nte).
Visto, salvo, exceto, feito	São formados de verbos em particípio passado.
Inclusive, exclusive, fora, afora, menos.	São formas de advérbios.
Incluso, excluso	São formas de adjetivos (ligadas a particípios passados).
Conforme	É forma de adjetivo.
Como	É forma de conjunção.
Senão	É conjunção condicional SE com o advérbio de negação NÃO.
Segundo	É forma de numeral ordinal.

PREPOSIÇÃO	VALOR	EXEMPLO
Durante	Tempo	**Durante** a prova, os professores observam os alunos.
Conforme	Conformidade	Telefonou-me, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a renda familiar aumentou.
Consoante		Nos Andes, **consoante** o mapa do local, havia muitas saliências.
Mediante	Meio	Comprei, **mediante** a orientação do professor, um bom livro.
Não obstante (= apesar de)	Concessão	A prova do concurso, **não obstante** não ter sido realizada pelos alunos, estava fácil.
Inclusive	Inclusão de	Conseguiremos tudo, **inclusive** passar pela vida.
Exclusive	Exclusão de	A matéria da prova será da página 12 até a página 48 **exclusive**.
Exceto		Todos jogavam, **exceto** o mais famoso.
Fora		**Fora** eles, há três anos, ninguém mais explodiu bombas.
Afora		**Afora** o tenente, os demais foram almoçar.
Salvo		Todos compareceram à reunião, **salvo** o diretor financeiro.
Menos		Estudei muita coisa, **menos** matemática.
Senão		Nada lhe restava fazer, **senão** prosseguir.
Tirante		**Tirante** o ciúme, tudo ia bem.

BIZU

A EXPRESSÃO NÃO OBSTANTE

A expressão não obstante pode ser uma conjunção concessiva (= embora), construindo-se, então, com forma verbal no subjuntivo.

Exemplo: Não obstante fosse o melhor atleta, ganhou todos os prêmios.

Conforme	Conformidade	Entregou o documento, **conforme** o combinado.
Segundo		**Segundo** os dados do IBGE, a população aumentou.
Consoante		**Consoante** as ideias do professor, as disciplinas variam.
Visto	Causa	Ele não trabalhou muito naquela semana, **visto** ter sido gerente temporário.
Como (= na qualidade de)	Modo	Não aceito você **como** chefe da seção.
Feito	Comparação	Falando sozinho **feito** um maluco.

BIZU

CONFORME / SEGUNDO / CONSOANTE

Os elementos acima podem ser conjunções confirmativas, construindo-se, então, com forma verbal no indicativo ou no subjuntivo.

Exemplo: **Conforme** estudava, as informações chegavam.

5.3. Exercícios

01. **(FGV – RJ / POLÍCIA CIVIL / MÉDIO)**

"...de onde mais saem órgãos humanos".

Assinale a alternativa que indique a frase de estrutura semelhante que não apresenta correção gramatical em função de uma preposição mal empregada.

a) aonde vão órgãos humanos.
b) de onde vêm órgãos humanos.
c) por onde se dirigem órgãos humanos.
d) até onde são levados órgãos humanos.
e) desde onde são exportados órgãos humanos

Gabarito: C

A forma verbal dirigir-se rege a preposição **para** e não a preposição **por.** Já as demais preposições são determinadas pelas expressões presentes em cada contexto. Na letra A, a preposição **a**, com valor semântico de movimento em direção a um lugar, foi determinada pelo verbo ir (vão). Na opção B, a preposição

de, com semântica de origem, foi regida pelo verbo vir (vêm). Na assertiva D, a preposição **até**, com ideia de limite, foi exigida por "levados" (são levados). Na última opção, letra E, a preposição **desde**, com semântica de tempo ou de lugar ligado a um ponto de origem, foi estabelecida por "exportados" (são exportados).

02. **(NCE / UFRJ / ELETROBRAS / Administração geral)**

"Recuso, COM o mesmo sorriso...": a frase em que a preposição destacada tem o mesmo sentido que possui nesse segmento do texto é:

a) O cronista visita a casa com amigos;
b) Com a chegada das férias, o cronista visita a casa antiga;
c) O cronista encontra com as mesmas pessoas de sempre;
d) O cronista fala com educação sobre as novidades;
e) A crônica é produzida com a ajuda do computador.

Gabarito: D

A relação semântica verificada no enunciado é de modo. A letra D é a única opção em que o mesmo sentido modal ocorre. Nas assertivas A e C, observa-se a semântica de companhia. Na opção B, encontra-se a ideia de causa. Na alternativa E, a semântica de instrumento prevalece.

03. **(NCE / Mesquita / Assistente Social)**

"Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura."

Nos segmentos "bosque de Konigsberg" e "desvantagens do mundo virtual", o emprego da preposição DE indica, respectivamente:

a) localização e característica;
b) propriedade e localização;
c) característica e propriedade;
d) situação e localização;
e) propriedade e característica.

Gabarito: A

Na passagem "bosque **de** Konigsberg", percebe-se que a preposição destacada apresenta valor semântico de localização no espaço, pois 'Konigsberg' representa, no texto, o local onde o bosque está situado. Já a preposição **de**, na passagem "desvantagens **do** mundo virtual", apresenta a semântica de característica, ou seja, tipificação da desvantagem. Não é uma desvantagem qualquer, e sim uma desvantagem do mundo virtual. Vale a pena lembrar também que o termo **do mundo virtual** exerce a função sintática de adjunto adnominal; logo, a ideia de tipificação (característica), introduzida pela preposição **de**, surge naturalmente. Não podemos nos esquecer também de que o valor dos adjuntos adnominais é nocional, isto é, semântico, apresentando uma circunstância (noção) de tipificação (característica). Por fim, ainda que haja uma relação de posse, afinal tal relação também se associa ao adjunto adnominal, o principal é a característica, pois houve uma tipificação da desvantagem, deixando claro que não é uma desvantagem qualquer, e sim do mundo virtual.

04. **(VUNESP / CODESP – SP / Especialista Portuário I)**

Observe os trechos do texto.

... e descritos com o cuidado que imprimiram a todo o livro.

... se não for por amor.

As preposições destacadas formam, correta e respectivamente, expressões indicativas de:

a) causa e meio;

b) intensidade e consequência;

c) modo e causa;

d) consequência e modo;

e) meio e intensidade.

Gabarito: C

A passagem "**com** o cuidado que imprimiram a todo o livro." representa a maneira, isto é, o modo como o livro vai ser descrito, e essa ideia está sendo iniciada pela preposição **com.** Já a preposição POR acresce ao período valor de causa, visto que a atitude que se fará é motivada pelo amor (fiz algo por amor – fiz algo por causa do amor).

05. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

... não se trata de miseráveis que não encontram outra forma de sobreviver.

A preposição destacada estabelece relação de:

a) lugar;

b) origem;

c) matéria;

d) posse;

e) finalidade.

Gabarito: E

A preposição **de** da passagem apresenta ideia final. Percebemos que, no contexto, os miseráveis ainda não encontraram outra forma com o intuito de sobreviver, ou seja, com o desejo, vontade, finalidade de sobreviver. Sendo assim, tal preposição estabelece uma relação de finalidade no fragmento.

06. **(VUNESP / CODESP – SP / Guarda Portuário)**

"Ele então encaixa a cabeça em um visor 3D <u>para ver imagens aumentadas do interior do corpo</u> [...]"

A oração sublinhada nessa frase tem o sentido de:

a) causalidade;

b) condicionalidade;

c) finalidade;

d) temporalidade.

Gabarito: C

A cabeça dele é encaixada no visor 3D com que intuito? Com a finalidade de ver as imagens aumentadas do interior do corpo. Sendo assim, a ideia introduzida pela preposição PARA é final.

07. **(Cesgranrio)**

Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".

a) O menino machucou-se com a faca.

b) Ela se afastou com um súbito choro.

c) Tinha empobrecido com as secas.

d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

e) Ele se confundiu com a minha resposta.

Gabarito: D

A preposição COM do enunciado transmite a ideia de companhia, ou seja, chorar na companhia dos poetas. Entre as assertivas, aquela que apresenta a mesma ideia é a opção D, rindo na companhia de alguém. Nas demais alternativas, a preposição COM apresenta sentidos diversos: a letra A passa o sentido de instrumento; a opção B, o sentido modal; a assertiva C, o sentido de causa. Já na opção E, a preposição COM surge por exigência do verbo que é transitivo indireto. Retornando à resposta, o sentido do provérbio está na oposição das preposições, ou seja, a ideia é que devemos rir em companhia das pessoas, e não transformá-las em causa (a preposição DE estabelece valor de causa) de riso.

08. **(NCE / Engepron)**

O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:

a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;

b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;

c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;

e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

Gabarito: D

O valor semântico verificado na opção D é final. Tomava um valor suficiente a fim de erguê-lo, isto é, com o intuito de, com a finalidade de…

09. **(NCE – PI / Administrador)**

"...presente na seringa usada pelo adolescente da periferia para viajar ao paraísopor alguns instantes"; a alternativa abaixo em que a utilização de um desses vocábulos apresenta o mesmo valor semântico presente nesse segmento destacado do texto é:

a) "se espalha **para** a multidão de gente pobre";

b) "o bacilo da tuberculose, que, **por** via aérea…";

c) "irá parar nos pulmões dos que passarem **por** perto";

d) “é provável que se organize **para** acabar com as causas”;

e) “dirigidos **por** fundações privadas”.

Gabarito: D

Para resolvermos a questão, analisaremos o valor semântico das preposições destacadas no trecho e em seguida analisaremos as preposições destacadas nas alternativas. No trecho, a valor da preposição “para” é de finalidade e o valor da preposição “por” é de tempo. Na alternativa A, o valor da preposição “para” no trecho é de direção ou destino; na alternativa B, o valor da preposição “por” no trecho é de meio; na alternativa C, o valor da preposição “por” no trecho é de lugar; na alternativa D, o valor da preposição “para” no trecho é de finalidade; e na alternativa E, o valor da preposição “por” no trecho é de agente.

10 **(NCE – PI / INPI)**

“... sob novo signo.”; nesse segmento o autor empregou corretamente a preposição sob; o item abaixo em que houve troca entre sob/sobre é:

a) Sob esse aspecto, a economia vai mudar;

b) A economia foi analisada sob vários pontos de vista;

c) A industrialização virá sob um novo governo;

d) O congresso vai discutir sob política econômica;

e) A industrialização foi feita sob pressão de grupos.

Gabarito: D

Existe uma significativa diferença entre as preposições “sob” e “sobre”.

“Sob” significa “debaixo de”. Tal preposição é muito usada em expressões do tipo: sob esse aspecto, sob uma condição, sob o domínio de, entre outras. Trazendo uma ideia de subordinação. Sobre pode significar “a respeito de” ou “acima de”.

O gabarito é a alternativa “D”, pois o congresso vai discutir a respeito de, ou seja, sobre política econômica.

11. **(NCE / ARQUIVO NACIONAL / Agente Administrativo**)

“Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos”; a forma abaixo que ALTERA o sentido original desse segmento do texto é:

a) quanto à veracidade dos fatos, havia controvérsias;

b) em relação à veracidade dos fatos, existiam controvérsias;
c) no que diz respeito à veracidade dos fatos, havia controvérsias;
d) afora a veracidade dos fatos, havia controvérsias;
e) quanto à veracidade dos fatos, controvérsias havia.

Gabarito: D

A expressão "afora" normalmente pode ser classificada como advérbio (Iremos viajar pelo mundo afora.) ou preposição que pode apresentar valor de "além de" (Afora os animais que encontramos na floresta, existia também uma tribo indígena.) ou valor de "salvo/exceto" (Nesse ano que passou encontrei pessoas de má índole, afora a minha esposa que está comigo nessa caminhada). Sendo assim, o uso da expressão "afora" na alternativa "d" alterou o sentido original do segmento do texto.

12. **(FGV / Fiscal de Rendas)**

Podemos ser operados com anestesia, suavizar dores com analgésicos.

As duas ocorrências da preposição com no trecho acima expressam, respectivamente, o sentido de:

a) meio e modo;
b) meio e meio;
c) modo e meio;
d) modo e modo;
e) companhia e instrumento.

Gabarito: D

A preposição "com" pode apresentar diversos valores semânticos. Na primeira ocorrência em "Podemos ser operados com anestesia" não pode ter valor de meio, pois não há a possibilidade de substituição por "por meio de". Quando se lê "podemos ser operados por meio de anestesia", percebemos que não faz sentido. Com ou sem anestesia é o modo. Na segunda, a substituição de "com" por "por meio de" fica bem coerente. Sendo assim, o valor, na segunda ocorrência é de meio.

13. **(NCE – PI / Administrador)**

A alternativa em que a preposição destacada tem valor semântico de

meio é:

a) "para acabar **com** as causas dessas epidemias";

b) "aplicados em parceria **com** instituições internacionais";

c) "passíveis de controle **com** inseticidas";

d) "mantidos **com** o esforço e a vigilância das comunidades locais";

e) Haverá milhões de pessoas **com** Aids".

Gabarito: C

Para identificar o valor de "meio" devemos substituir a preposição pela expressão "por meio de". Muitos candidatos pensaram em marcar a alternativa "d", mas a expressão introduzida pela preposição não apresenta os "meios", como seria em "mantidas com recursos do governo federal = por meio dos recursos".

O valor é de "apoio" com que os hospitais poderiam contar.

A única alternativa em que a troca é possível é a "c"– "...passíveis de controle (por meio de) inseticidas".

14. **Quem vai vencer as eleições (Ricardo Young)**

O que mais me chama a atenção neste processo eleitoral é que a maior vitória não será de nenhum candidato ou partido, mas da mobilização da sociedade civil em favor da ética e contra a corrupção.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de torná-la vigente já nestas eleições e o empate na votação do STF sobre a aplicação da lei ainda este ano mostram a força deste movimento.

Sem a cidadania consciente e organizada, é bem possível que esta lei que impõe critérios mínimos de integridade para candidatos a cargos eletivos nem fosse protocolada no Congresso.

A preposição "Sem" (l. 7) acrescenta ao período valor semântico de:

a) condição;

b) causa;

c) modo;

d) concessão.

Gabarito: A

Pode-se substituir a preposição SEM por conjunções de caráter condicional,

obviamente realizando adaptações: Caso não haja a cidadania consciente organizada / Se não houver a cidadania consciente e organizada, a consequência seria que lei talvez nem fosse homologada.

15. **A lição do Brasil para a China: não ignore a desigualdade**

Geoff Dyer – Tradução: George El Khouri Andolfato

Correspondente em Xangai

Vizinho ao meu escritório em Xangai se encontra um dos shopping centers mais luxuosos que já vi. O nome em inglês, Plaza 66, não significa nada, mas em chinês ele é chamado de "Próspero Para Sempre". Apenas as marcas mais exclusivas são autorizadas e nos fins de semana é preciso entrar na fila para entrar na Louis Vuitton.

5 Eu me lembrei do Plaza 66 em uma recente viagem ao Brasil, quando fui levado à Daslu, a loja mais esnobe do país. É preciso ir de carro até lá -não é possível entrar a pé vindo da rua – e um valet nos conduziu para dentro, onde as mesmas grifes estavam expostas.

10 Há apenas uma grande diferença. A Daslu frequentemente é atacada por ser um símbolo do males percebidos do Brasil, o playground de uma elite mimada. Colunistas zombam de sua clientela. Mas o Plaza 66 aparece em muitos relatos da Xangai moderna como um símbolo de sucesso, um ímã para a geração jovem endinheirada, em ascensão.

15 Talvez tenhamos entendido o Plaza 66 errado. Voltar de São Paulo para Xangai significa sentir os riscos reais que a China está correndo com seu modelo de crescimento a todo custo. Há distintamente uma sensação latino-americana em relação a alguns segmentos da sociedade chinesa que vai além da audácia dos novos ricos.

Assinale a alternativa em que a preposição destacada possui seu valor semântico erradamente apontado.

a) "**de** carro" (l. 6) – meio.

b) "vindo **da** rua" (l. 7) – origem.

c) "e um valet nos conduziu **para** dentro" (l. 7) – direção.

d) "é atacada **por** ser um símbolo" (l. 9 e 10) – causa.

e) "que a China está correndo **com** seu modelo de crescimento" (l. 15) – modo.

Gabarito: E

Em todas as alternativas, as preposições estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa E, visto que "com" exprime valor de causa. Por causa do seu modelo de crescimento, a China está correndo riscos.

16. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:

a) "...não há polícia suficiente **para** fazê-la ser cumprida" = finalidade;

b) "...uma originalidade brasileira **como** a jabuticaba." = comparação;

c) "...muita lei que não pega **por** falta dessa sintonia" = causa;

d) "...existe uma lei óbvia **segundo** a qual..." = ordenação;

e) "...**mas** raramente usam capacete" = adversidade.

Gabarito: D

Todos os conectores estão com seus valores semânticos corretamente indicados, exceto na alternativa D, em que o conector possui valor de conformidade, e não de ordenação.

Capítulo 6

Valor Semântico das Conjunções

As conjunções são vocábulos gramaticais utilizados para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções podem ser de dois tipos: **conjunções coordenativas ou conjunções subordinativas**. O valor significativo das conjunções é definido quando se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. As orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença do conector sintático, o valor semântico do período por elas composto.

Sendo assim, as orações se relacionam umas com as outras por meio de uma palavra ou de uma locução que as liga. Essa palavra é chamada de **conjunção**. As relações que as conjunções estabelecem são um dos fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, elas contribuem para que um texto seja coerente e coeso, e não uma sequência de palavras ou frases soltas, sem conexão entre elas.

6.1. CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas possuem um caráter e um papel nas estruturas onde se inserem. Portanto, as relações de independência entre os elementos do enunciado são marcadas por essa dualidade característica. Embora sejam independentes, existe uma relação significativa entre esses elementos. Em outras palavras, no plano sintático, exatamente pelo fato de não exercerem função sintática, não há dependência entre as orações; por outro lado se relacionam semanticamente, transmitindo algum valor que é obtido no momento em que se consegue compreender o caráter e o papel desempenhados por elas na estrutura oracional. Essas orações conectadas traduzirão por si mesmas, com a presença da conjunção, o valor semântico do período por elas composto. Tais conjunções coordenativas podem ser dos seguintes tipos: **aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.**

6.1.1. Conjunções coordenativas aditivas

As conjunções coordenativas aditivas possuem a função de **adicionar** um termo a outro de mesma função gramatical, ou ainda adicionar uma oração ã outra de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas gramaticais são: **e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também, senão também, tampouco...**

Exemplos

- As pessoas fizeram elogios **e** deram aplausos grandiosos.
- O professor não elogiou, **nem** criticou o aluno.
- O candidato **não apenas** falou, **mas também** cantou.
- **Não só** me telefonou, **como também** me convidou para a festa.

A conjunção é de valor aditivo bem como as orações que se unem transmitem adição de enunciados. Não só a conjunção aditiva está presente como também a relação semântica é de adição. O autor soma informações utilizando a conjunção **E**, por exemplo, pois une as ideias: fizeram e deram, duas ações verbais. Há soma de dois verbos, portanto tem-se o mesmo valor funcional em cada uma das palavras conectadas.

Assim como o **E**, o elemento **NEM** marca uma situação de adição entre os termos coordenados, com a diferença de que o **NEM** adiciona elementos negativos.

BIZU

Ele não só estuda, mas também trabalha. Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já a considerar adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA... Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, nega... Mas não nega a ação de estudar, e sim a restrição exposta pelo vocábulo "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são: "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

6.1.2. Conjunções coordenativas adversativas

As conjunções coordenativas adversativas possuem a função de estabelecer uma relação de contraste (oposição) entre os sentidos de dois termos ou duas orações de mesma função gramatical. As conjunções coordenativas adversativas são: **mas, contudo, no entanto, entretanto, porém, todavia, e (=mas).**

Exemplos

Não pediu coisa alguma, **mas** não deu absolutamente nada.

Estava muito frio, **entretanto** foi tomar banho nas águas geladas do Ártico.

"Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82)

A conjunção "**MAS"** estabelece uma relação de desigualdade (contraste) entre os termos coordenados. Segundo Madre Olívia, o jogo adversativo, expresso por tal conjunção, consiste em apresentar alguma coisa "adversa a outra", que apresenta uma certa oposição. Seu valor semântico apresenta as seguintes especificações:

- **Valor de inclusão**:

Ex: Não basta ler o Evangelho, **mas** temos de passá-lo ã vida.

- Valor de exclusão:

Ex: Encontrei todos os meus amigos, **mas** não os do jardim de infância.

- **Valor compensador**:

Ex: O jogador perdeu a final da Copa do Mundo, **mas** foi eleito o melhor em campo.

- **Valor descompensador**:

Ex: Foi á Disney, **mas** ficou reprovado na escola.

- **Valor justificativo/explicativo**:

Ex: Não conseguiram resolver todas as questões, **mas** o grau de dificuldade era enorme.

- **Valor superativo**:

Ex: A crise econômica mundial foi séria, **mas** o Brasil ficou firme.

- **Valor comparativo**:

Ex: Millena tem cabelos castanhos, **mas** Fernanda tem cabelos pretos.

No exemplo "Tudo é mistério **e** tudo está cheio de significado." (PESSOA, 1986: 82), a conjunção **E**, embora seja primariamente aditiva, desempenha um papel de

oposição, apresentando uma semântica de oposição ou contraste. Portanto, verifica-se que as orações se unem por oposição dos enunciados. Este fato acontece porque o autor primeiramente afirma tudo ser mistério, e em seguida diz que tudo está cheio de significado. Como tudo pode ser mistério e ao mesmo tempo estar cheio de significado? Por mais curioso que pareça, esta foi a forma que o autor empregou para criar uma expressão adversativa não muito comum, mas que o falante pode construir, uma vez que a coordenação o permite, sem que acarrete problemas na compreensão de ideias. Novamente se apresentam dois verbos: é e está, elementos de mesmo valor funcional na oração. Observa-se que as duas orações foram conectadas por uma conjunção cujo valor primário é de adição, entretanto no referido contexto expressa uma relação semântica de adversidade (oposição).

BIZU

Os conectores adversativos introduzem a informação mais importante, isto é, aquela informação que fica registrada na "cabeça" do ouvinte ou do leitor. Podemos dizer que tais conectores despertam a curiosidade do ouvinte ou do leitor, pois, ao pronunciar ou escrever uma conjunção adversativa, cria-se um frustração de determinada expectativa gerada. Sendo assim, o mais importante é o que está por vir, e não aquilo que já foi falado ou escrito. Observemos a seguinte situação comunicativa:

Uma mulher acaba de voltar do salão de beleza e encontra o seu marido que diz o seguinte: – Meu bem, como você ficou diferente, mais bonita. Notei que você pintou as unhas, arrumou o cabelo, passou pó no rosto e também passou brilho nos lábios. Realmente você está muito bem produzida, MAS…

Neste momento, a mulher já não está mais encantada com os elogios feitos pelo marido, pois ele usou o conector adversativo MAS, e mesmo sem ser plena conhecedora da Língua Portuguesa, a mulher tem ciência de que, depois do MAS, algo negativo irá surgir. Isso ocorre exatamente pelo fato de os conectores adversativos marcarem oposição, ou seja, frustração de expectativa. Como o marido começou com elogios, naturalmente depois viria algo negativo. Logo, a mulher fica curiosa para saber o que o marido vai dizer, mas no fundo ela já sabe que será algo negativo. Sendo assim, as conjunções adversativas introduzirão a informação mais importante da passagem, a informação que desperta a atenção e a curiosidade, a informação que vai ficar marcada para o ouvinte ou para o leitor.

Percebemos, dessa forma, que os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Vimos também que tal ideia, em algumas ocasiões, pode ser positiva ou negativa de acordo com a intenção do autor da frase. Reparemos o exemplo abaixo:

O Brasil cresce, <u>mas</u> a reforma política não acontece.

Neste exemplo, o fato mais importante, como já sabemos, é aquele encabeçado pelo conector adversativo MAS.

6.1.3. Conjunções coordenativas alternativas

Conjunções coordenativas alternativas são as que unem orações independentes, indicando que, com a ocorrência de um dos fatos, haverá a exclusão do outro. Também podem indicar que os fatos podem ocorrer – não havendo escolha e consequentemente exclusão –, mas não simultaneamente. As conjunções coordenativas alternativas são: **ou (repetido ou não), ora...ora, quer...quer, seja...seja etc.**

Exemplos

- Tudo para aquele homem era viver **ou** morrer.
- **Seja** por ideologia, **seja** por ambição, devemos querer ser mais
- **Ora** filosofava, **ora** contava piadas.

BIZU

A conjunção OU pode ter valor de inclusão, sendo classificada como aditiva.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme. – Repare que, na frase, a conjunção OU estabelece relação de adição, soma, visto que a intenção linguística é esclarecer ao leitor que o narrador gosta das três atividades.

A conjunção OU pode ter valor aditivo e alternativo simultaneamente, correspondendo a e/ou.

Ex.: Trabalhar sem atenção ou sem vontade pode implicar falhas que gerem prejuízo para a empresa. – Observe que se a pessoa trabalhar **sem atenção** pode implicar que vá falhar; se a pessoa trabalhar **sem vontade** pode implicar falhas. É óbvio que se a pessoa trabalhar **sem atenção** e **sem vontade** mais ainda pode implicar falhas. Então, o conector OU sugere que basta uma das situações para gerar falhas, mas, evidentemente, se os dois fatos acontecerem, pode mais ainda gerar falhas. OU, então, inclui e exclui concomitantemente.

BIZU

O emprego de OU melhor, OU antes (ou equivalente), precisando o que acaba de ser dito, pode caracterizar uma retificação ou ratificação. Observe a situação comunicativa abaixo:

SITUAÇÃO 1

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você ou melhor, sou.

SITUAÇÃO 2

– Você gosta de mim?

– Eu sou apaixonada por você, ou melhor, pelo que você representa.

Na situação 1, podemos perceber que a expressão OU melhor confirma o que acaba de ser dito; entretanto, na situação 2, percebemos que a expressão OU melhor corrige o que foi mencionado anteriormente.

USOS PARTICULARES DA CONJUNÇÃO OU

São expressões bem usadas:

MAIS OU MENOS = aproximadamente

Quando eu comprei o carro, meu filho deveria ter MAIS OU MENOS uns dez anos.

UMA VEZ OU OUTRA = poucas vezes

Nós nos vimos UMA VEZ OU OUTRA neste ano.

ISTO/ISSO OU AQUILO = coisas diversas

Não queria fazer ISTO OU AQUILO para ajudar.

6.1.4. Conjunções coordenativas conclusivas

As conjunções coordenativas conclusivas são utilizadas para unir a uma oração anterior outra oração que exprime conclusão ou consequência. As conjunções coordenativas são: **assim, logo, pois portanto, por isso, então, por conseguinte etc.**

Exemplos

- Dedicou-se muito, **portanto** irá bem na prova
- Estudou toda a matéria; gabaritou, **pois**, a prova.

A conjunção **POIS** será considerada conclusiva somente quando estiver no "rosto" ou no meio da segunda oração, ou seja, quando vier posposta ao verbo, conforme podemos observar no exemplo dado anteriormente.

Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem

parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo ã beça. Destarte, não irei ã praia.

6.1.5. Conjunções coordenativas explicativas

Conjunções coordenativas explicativas são aquelas que unem duas orações, explicando a segunda o conteúdo da primeira. As conjunções coordenativas explicativas são: **porque, que, pois (quando anteposta ao verbo), porquanto, já que, visto que, uma vez que, dado que.**

Exemplos

- A menina está grávida, **porque** entrou na loja de gestante.
- Entre, **que** está muito frio.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com o valor semântico da conjunção coordenativa destacada:**

1	**Adição**
2	**Adversidade**
3	**Alternância**
4	**Conclusão**
5	**Explicação**

a. ( ) Não só trabalha, **mas também** estuda.
b. ( ) A garota chorou, **porque** seus olhos estavam vermelhos.
c. ( ) Estudou a madrugada inteira, **logo** deve estar com sono.
d. ( ) **Ora** estuda, **ora** trabalha.
e. ( ) Diga isto **ou** aquilo.
f. ( ) Foi ao cinema, **e** não viu o filme.
g. ( ) Ele fala **que** fala.
h. ( ) Entre, **que** é noite!
i. ( ) Meu filho estudou bastante, **portanto** não está preocupado com a prova.
j. ( ) Fui ao circo **e** ao teatro.
k. ( ) Estude **ou** será reprovado.

l. ( ) **Quer** esteja feliz, **quer** esteja triste, sempre mantém o bom humor.
m. ( ) Trabalha muito, **mas** ganha pouco.
n. ( ) A professora é bonita, **mas** muito má.
o. ( ) Ele já deu o recado; devemos, **então**, aguardá-lo.
p. ( ) Você não dormiu, **porquanto** está cheio de olheiras.
q. ( ) **Ora** você está sorridente, **ora** você está angustiado.
r. ( ) O filho se machucou, **e** o pai não fez nada por ele.
s. ( ) **Ou** viaja, **ou** fica em casa.
t. ( ) Ganham pouco, **todavia** vivem muito bem.
u. ( ) Vá ao mercado, **que** a carne acabou.
v. ( ) O profissional se dedicou muito, **portanto** terá sucesso.
w. ( ) Estava muito triste, **e** sorria.
x. ( ) Não escreveu, **nem** ligou.
y. ( ) Fique calmo, **pois** voltarei logo.
z. ( ) O aluno não só é inteligente, **mas também** é muito estudioso.

Gabarito:

a. (1)
b. (5)
c. (4)
d. (3)
e. (3)
f. (2)
g. (1)
h. (5)
i. (4)
j. (1)
k. (3)
l. (3)
m. (2)
n. (2)
o. (4)
p. (5)
q. (3)
r. (2)

s. (3)
t. (2)
u. (5)
v. (4)
w. (2)
x. (1)
y. (5)
z. (1)

6.2. CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

As conjunções subordinativas possuem a função de estabelecer uma relação entre duas orações, caracterizadas pela dependência de sentido. A oração subordinada complementa ou determina o sentido da outra, assumindo uma função sintática da principal. As conjunções subordinativas são classificadas em: **causais, concessivas, condicionais, temporais, comparativas, conformativas, consecutivas, proporcionais, finais e integrantes**.

6.2.1. Conjunções subordinativas causais

Conjunções subordinativas causais são aquelas que subordinam uma oração ã outra, iniciando uma que exprime causa da outra, ã qual se subordina. As conjunções subordinativas causais são: **porque, pois, como, porquanto, que, uma vez que, já que, desde que, visto que, por isso que etc.**

Exemplos:

Porque	Ficamos com calor, **porque** o ar-condicionado quebrou.
Pois	Estou aqui, **pois** é tarde.
Como	**Como** não me telefonou, não me arrumei.
porquanto	Um aluno se dedica ao estudo, **porquanto** pretende passar no concurso.
Que	Passou João de ano, que estudou muito.

As conjunções causais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, normalmente, o

elemento QUE ao fim.

São locuções causais → Já que, uma vez que, desde que, visto que, tanto mais que, por causa que.

Já que	Não passou, **já que** não estudou.
Uma vez que	Estamos com uma dívida, **uma vez que** gastamos muito.
Desde que	**Desde que** tenho muito trabalho hoje, não poderei sair.
Visto que	Estou de castigo, **visto que** fiz bagunça.
Por causa que	Não fomos ao show, **por causa que** estava chovendo.

BIZU

CAUSA X EXPLICAÇÃO

Estudiosos de Língua Portuguesa reconhecem a dificuldade existente no que diz respeito às diferenças entre uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa.

As bancas, em geral, reconhecem tal dificuldade e abordam o que é consensual.

Organizemos:

1. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente verbo no imperativo ou tal ideia.

   Ex.: Entre, **pois** estou mandando.

2. É coordenada sindética explicativa a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente uma tese, ou seja, uma certa conclusão a que se chega a partir de um dado da realidade, devendo ser uma afirmativa de caráter pessoal, subjetiva e, por esta razão, discutível. Também é importante observar que a segunda oração, sob hipótese alguma, pode representar uma causa para o fato exposto na primeira.

   Ex.: João bebeu água, pois o copo está na pia.

3. É subordinada adverbial causal a oração principiada por **que, pois, porque** (e similares) posposta a uma outra que apresente um acontecimento, isto é, uma afirmativa que não se discute, ou seja, um fato. É de bom alvitre perceber que o conector causal introduz efetivamente uma causa para o evento exposto na outra oração.

   Ex.: Ele tirou boas notas, **pois** estudou incansavelmente.

   O vovô deitou-se, **que** estava muito cansado.

OBSERVAÇÃO 2:

Em termos lógicos, a causa (ou o conhecimento dela) ocorre primeiro na linha do tempo.

A calçada está molhada, **porque choveu**. **(CHOVEU – CAUSA; A CALÇADA ESTAR MOLHADA – EFEITO)**

Choveu, **porque a calçada está molhada. (A CALÇADA ESTAR MOLHADA NÃO PODE SER A CAUSA DE CHOVER, POR ISSO A SEGUNDA ORAÇÃO NÃO PODE SER CAUSAL. MAS SE PODE COMPREENDER QUE A CALÇADA ESTAR MOLHADA PODE EXPLICAR – ESCLARECER – O FATO DE HAVER CHOVIDO.)**

SEMANTICAMENTE

Em termos semânticos, pode-se afirmar que explicação é hiperônimo de causa, afinal toda causa é uma explicação, mas nem toda explicação é uma causa. Em face disso, é comum algumas conjunções subordinativas causais serem classificadas como coordenativas explicativas. Já o contrário nunca ocorre. Observe:

Ex.: Comprei **porque sou gastador compulsivo.**

A segunda oração representa uma causa para o fato exposto na primeira, portanto a conjunção é subordinativa causal. Mas como toda causa é uma explicação, é possível encontrarmos a classificação para a conjunção de coordenativa explicativa.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. **Correlacione as duas colunas:**

1 – CAUSA

2 – EXPLICAÇÃO

a. ( ) Entre, pois estou mandando.
b. ( ) Você chorou, porque seus olhos estão vermelhos.
c. ( ) As ruas estão molhadas, pois choveu forte.
d. ( ) O carro parou, pois faltou combustível.
e. ( ) Fiquei irritado porque o cachorro me mordeu.
f. ( ) Dormimos, pois estávamos com muito sono.
g. ( ) Comeu toda a comida, porque estava faminto.
h. ( ) Meu amigo gravou todas as mensagens, pois eu pedi a ele.
i. ( ) Faltei á reunião porque estava doente.
j. ( ) Extraiu todos os dentes porque estavam cariados.
k. ( ) Entre, que a casa é sua.
l. ( ) Você mente, pois as suas mãos estão trêmulas.

m. ( ) Bati com o carro, porque não vi a árvore.
n. ( ) Desabafe, que faz bem para a mente, porém não minta, pois é pecado.
o. ( ) O Maracanã estava cheio, porque era final de campeonato.
p. ( ) Chora não, filhinho, pois a mamãe está aqui com você". (F Sabino).
q. ( ) Pensa bem, pois mais tarde te arrependerás.
r. ( ) A criança levou uma surra porque fez muitas travessuras.
s. ( ) Teve a luz cortada, porque não pagou a conta.
t. ( ) Foi para o quarto, pois estava com sono.
u. ( ) Não comprou porque quer guardar dinheiro.
v. ( ) Não me abandones, pois eu te amo muito.
w. ( ) Estudemos, pois o concurso esta aí.
x. ( ) Fi-lo, porque o quis.
y. ( ) Fique calmo, pois voltarei logo.
z. ( ) Comprei um carro, porque eu necessitei.

Gabarito:

a. (2)
b. (2)
c. (1)
d. (1)
e. (1)
f. (1)
g. (1)
h. (1)
i. (1)
j. (1)
k. (2)
l. (2)
m. (1)
n. (2)
o. (1)
p. (2)
q. (2)
r. (1)
s. (1)

t. (2)
u. (1)
v. (2)
w. (2)
x. (1)
y. (2)
z. (1)

6.2.2. Conjunções subordinativas concessivas

Conjunções subordinativas concessivas são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, se referem a uma ocorrência oposta ã ação da oração principal, não implicando essa oposição em impedimento de uma das ocorrências, ou seja, o obstáculo apresentado na oração subordinada não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tais conjunções introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções subordinativas concessivas são: **embora, mesmo que, ainda que, posto que, por mais que, por menos que, mesmo quando, se bem que, conquanto, nem que etc.**

Obs.: Embora já haja registros de empregos do conector POSTO QUE como causal, as bancas tendem a não admiti-lo, aceitando apenas como conjunção concessiva, sinônima exata de AINDA QUE e MESMO QUE.

Exemplos

- Acompanhou a decisão da maioria, **embora** o tenha feito contra sua vontade.
- A mulher confiaria no rapaz, **ainda que** ele tivesse mentido.

Dentro das concessivas, podemos encontrar matizes semânticos distintos que giram em torno da ideia **factual** e **hipotética**. Observemos as situações comunicativas abaixo:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Embora** eu tenha traído, eu a amo.

Diante dessa situação, reparamos que, ao usar o conector concessivo **EMBORA,** a ideia **factual** está em evidência, ou seja, o marido está denunciando que

cometeu a traição, passando certeza para a interlocutora.

Observemos agora a situação **b**:

Uma mulher perguntou ao marido o seguinte: – Você me traiu?

O marido respondeu: – Isso não importa. **Ainda que** eu tenha traído, eu a amo.

Nesse caso, a ideia **hipotética** prevalece. Ao falar de tal maneira, usando a conector concessivo **AINDA QUE,** o locutor (marido) trabalha no campo da hipótese, sem afirmar que cometeu a traição.

BIZU

ADVERSIDADE X CONCESSÃO

Tanto as **adversativas** como as **concessivas** marcam oposição (contraste). Podemos até afirmar que, em termos semânticos, a oposição é hiperônimo do qual são hipônimos a adversidade e a concessão. Porém, qual é a diferença que há entre elas? Além de uma representar o grupo oracional das coordenadas (adversativas) e outra representar o grupo oracional das subordinadas (concessivas), precisamos saber que **as adversativas apresentam a ideia mais importante da oposição, e as concessivas se prendem a ideia menos importante** no interior da oposição.

Sendo assim, observemos os exemplos abaixo:

O trabalho dignifica a pessoa, **mas** a consome por completo.

Nesse exemplo, a conjunção **MAS** une duas ideias contrárias, marcando uma perspectiva negativa em relação ao trabalho. Tal oração adversativa representa a ideia (o fato) mais importante, chamando a atenção do leitor para a crítica que diz respeito ao trabalho.

O trabalho consome a pessoa, **mas** a dignifica.

Agora, nós observamos uma visão (perspectiva) positiva em relação ao trabalho. Nesse caso, a intenção do autor do texto é exatamente marcar a visão positiva na cabeça do leitor. A ideia (o fato) mais importante agora passou a ser a dignifica.

Os conectores adversativos introduzem a ideia mais importante. Fica a critério do autor do texto, em algumas ocasiões, decidir que perspectiva (positiva ou negativa) se pretende frisar na mente do leitor. No exemplo 1, como vimos, a intenção foi evidenciar a visão negativa do trabalho, já no exemplo 2, a intenção foi frisar a sua visão positiva.

Se for usada a conjunção concessiva, o período fica assim:

Embora o trabalho dignifique a pessoa, ele a consome por completo.

A concessiva se prende a ideia menos importante. Pode-se também inverter:

Embora o trabalho consuma a pessoa por completo, ele a dignifica.

Percebe-se também que as **concessivas** apresentam característica migratória, ou seja, a possibilidade de elas aparecerem na posição posposta, anteposta ou intercalada; já as **adversativas** apresentam posição fixa na estrutura oracional. Repare também que as concessivas, quando não reduzidas, ocorrem com verbos no modo subjuntivo. Já as adversativas vêm com verbos no modo indicativo.

6.2.3. Conjunções subordinativas condicionais

Conjunções subordinativas condicionais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, exprimem uma hipótese para a realização do fato da oração principal. As conjunções subordinativas condicionais são: **se** e **caso.**

Exemplos:

Se	**Se** você me ligar, sairei com você.
Caso	Ficarei feliz, **caso** você venha.

Podemos perceber que as conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato expresso na principal. E elas apresentam uma ideia que é exatamente o oposto da concessão, visto que nestas há independência entre os fatos, e naquelas há dependência.

Ex.: Mesmo que chova, irei á praia. – Observe que o locutor da oraçáo irá à praia de qualquer forma, com chuva ou sem chuva. Sendo assim, o desfecho (ir ã praia) independe do evento anterior (chover), o que caracteriza a concessão.

Ex.: Caso chova, não irei ã praia. – Observe que o fato de ir ã praia depende do fato de não chover, caracterizando a ideia de condição.

As conjunções condicionais compostas, isto é, as formadoras do que denominamos locuções conjuntivas, apresentam, geralmente, o elemento QUE como final.

São locuções condicionais → desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se.

Desde que	Aceitava qualquer nota, **desde que** fosse azul.
Contanto que	**Contanto que** estudes, passarás.
Uma vez que	**Uma vez que** essa condenação seja resolvida, a contratação **poderá** acontecer.

A menos que	**A menos que** você mantenha uma carga de estudo excessiva, será reprovada na escola.
Sem que	A democracia não será exercida, **sem que** esta não esteja assegurada a todos.
A não ser que	Nunca se preocupa com os outros, **a não ser que** seja do seu interesse.
Salvo se	**Salvo se** seu cônjuge for brasileiro, o governo não implicará.
Exceto se	**Exceto se** for encontrado no próprio local, a polícia não perturbará.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam as situações anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, hipótese, obviamente, prévia.

Ex.: Contanto que João esteja doente, não poderá faltar á aula. – Repare a relação condição-consequência. Se João estiver doente (condição), a consequência é que ele poderá faltar ã aula.

6.2.4. Conjunções subordinativas comparativas

Conjunções subordinativas comparativas são as que, ao iniciar uma oração, subordinam-na a outra por meio da comparação ou confronto de ideias. As conjunções subordinativas comparativas são: **que, do que (quando iniciadas ou antecedidas por noções comparativas como menos, mais, maior, menor, melhor, pior), qual (quando iniciada ou antecedida por tal), como (também apresentada nas formas assim como, bem como), quanto (depois de tanto), conforme, feito.**

Exemplos

- Aquilo é pior que o resultado esperado.
- A ansiedade passou como as nuvens do céu.
- Há deveres mais específicos que outros.
- Você é mais alto do que o pai.

Obs.: Nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo "do" é totalmente desprezível, tanto no aspecto semântico quanto no aspecto gramatical.

Ex.: Estudo mais **do** que Paulo. / Estudo mais que Paulo.

Ex.: Os brasileiros leem menos **do** que os argentinos. / Os brasileiros leem menos que os argentinos.

6.2.5. Conjunções subordinativas consecutivas

As consecutivas introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê ideia de intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Exemplos

- "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).
- "… e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…" (Eça de Queirós).

Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo…).

6.2.6. Conjunções subordinativas finais

Conjunções subordinativas finais são as conjunções que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam a finalidade dos atos contidos na oração principal. As conjunções subordinativas finais são: **a fim de que, para que, porque (com mesmo sentido da conjunção para que), que.**

Obs.: Todos os conectores finais podem ser substituídos pela palavra OBJETIVO.

Exemplos

- Tudo foi planejado para que (COM OBJETIVO DE QUE) não houvesse falhas.
- Fez sinal que (COM OBJETIVO DE QUE) todos se aproximassem em silêncio.
- Rezo porque (COM OBJETIVO DE QUE) tudo acabe bem.

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade á de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui" e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

Ex.: João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva ã ocorrência do anterior; o anterior é que leva ã ocorrência do posterior.

6.2.7. Conjunções subordinativas conformativas

Conjunções subordinativas conformativas são as que, ao iniciar uma oração subordinada, expressam sua conformidade (estar de acordo com algo já estabelecido) em relação ao fato da oração principal. As conjunções subordinativas conformativas são: **conforme, segundo, consoante, como (utilizada no mesmo sentido da conjunção conforme).**

Exemplos

- O debate se desenvolveu conforme foi planejado
- Segundo o que disseram, não haverá reunião.

6.2.8. Conjunções subordinativas proporcionais

Conjunções subordinativas proporcionais são as conjunções que expressam a simultaneidade e a proporcionalidade da evolução dos fatos contidos na oração subordinada com relação aos fatos da oração principal. As conjunções subordinativas proporcionais são: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... (tanto) mais, quanto mais... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) menos, quanto menos... (tanto) mais etc.**

Exemplos

- Seu espírito se elevava á medida que se dedicava ao estudo.
- Quanto mais correres, mais ofegante ficarás
- Quanto menos as pessoas nos incomodam, tanto mais realizamos nossas obrigações.

Obs.: É de bom alvitre não confundir À MEDIDA QUE – que tem valor proporcional – com NA MEDIDA EM QUE – que tem valor causal ou explicativo, sendo sinônimo de PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE… Os termos À MEDIDA EM QUE e NA MEDIDA QUE simplesmente não existem.

6.2.9. Conjunções subordinativas temporais

Conjunções subordinativas temporais são as que, ao iniciar uma oração subordinada, tornam essa oração um índice da circunstância do tempo em que o fato da oração principal ocorre.

Sendo assim, a construção temporal expressa por um **período composto** é formada pela **oração principal** e uma **subordinada adverbial temporal**. Normalmente, em Português, a análise das construções temporais pode ser desenvolvida em relação às orações iniciadas pela conjunção **quando**. Tal conjunção é bem famosa no universo linguístico exatamente pelo seu valor temporal.

Exemplo

- Os professores serão surpreendidos **quando** os alunos chegarem.

Existem outras conjunções que expressam valor temporal:

ENQUANTO (tempo simultâneo) – O aluno conversava, **enquanto** o professor explicava a matéria.

APENAS – Apenas nós nos sentamos no muro, a polícia nos repreendeu.

MAL – Mal chegou ã casa, teve de sair.

Existem algumas conjunções temporais compostas, isto é, formam o que denominamos locuções conjuntivas, apresentando, geralmente, o elemento QUE como final, e que podem ser empregadas com:

a) **Advérbios → antes, depois, logo, assim.**

Antes que	Acorde antes que ele chegue.

Depois que	Vou á festa depois que ele sair.
Logo que	**Logo que** chegamos, o filme começou.
Assim que	Correu **assim que** nos viu.
Sempre que	**Sempre que** estuda, aparecem dúvidas.

b) **Preposição →até, desde.**

Até que	Ficarei aqui **até que** você me chame.
Desde que	**Desde que** o conheci, fiquei encantando com seu discernimento.

6.2.10. Conjunções subordinativas modais

Não é muito comum a relação adverbial modal por meio de uma **oração.** Ela se faz especialmente com **SEM QUE** e **verbo no subjuntivo**.

Exemplo

- Limpa-se, lavando toada a estrutura, **sem que** sujeira alguma apareça.

6.2.11. Conjunções subordinativas integrantes

Conjunções subordinativas integrantes são as conjunções que, iniciando orações subordinadas, introduzem essas orações como termos da oração principal (sujeitos, objetos diretos ou indiretos, complementos nominais, predicativos ou apostos). As conjunções integrantes são **que** e **se.**

Exemplos

- João disse que não havia problemas (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal);
- A criança perguntou ao pai se Deus existia de verdade (a oração subordinada funciona, neste caso, como objeto direto da oração principal).

BIZU

Caro estudante, em tese a conjunção integrante não possui valor semântico. Todavia perceba que há diferença de sentido entre as conjunções integrantes **QUE** e **SE.** A distinção que há é a seguinte: a conjunção **QUE** transmite **ideia factual** e a conjunção **SE** transmite **ideia hipotética**. Observemos os exemplos:

– Eu sei que você está triste.

Na situação acima, a oração que você mentiu funciona sintaticamente como objeto direto do verbo saber. Ao fazer uso da conjunção **QUE** o autor da frase indica **certeza** em relação ã mentira. Essa ideia factual é direcionada para a segunda pessoa do discurso.

– Eu sei se você está triste.

Nesse caso, a ideia hipotética, transmitida pela oração "se você está triste", está relacionada ã percepção do autor da frase, ou seja, havendo tristeza, eu perceberei. No primeiro momento, encontra-se a certeza (eu sei…), no segundo momento, encontra-se a dúvida (se você está triste) e o período inteiro caracteriza a relação perceptiva mencionada. Artifício criado por causa da conjunção integrante **SE** que apresenta essa carga semântica.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1 . **Numere as frases de acordo com a classificação da conjunção subordinativa:**

1	**Causal**
2	**Comparativa**
3	**Temporal**
4	**Concessiva**
5	**Final**
6	**Consecutiva**
7	**Proporcional**
8	**Condicional**
9	**Conformativa**
10	**Integrante**
11	**Modal**

a. ( ) Ele se esforçou tanto **como** o irmão.
b. ( ) **Se** você vier, será bom para todos.
c. ( ) Entrou **antes que** anoitecesse.
d. ( ) Acenou-lhe **que** viesse.
e. ( ) **À medida que** estuda, mais conhecimento adquire.
f. ( ) Estava tão cansado **que** dormiu.

g. ( ) **Segundo** me disseste, os alunos gabaritaram.
h. ( ) **Desde que** não aceitam minha opinião, calo-me.
i. ( ) **Embora** chovesse, foram á praia.
j. ( ) Admirava-o muito, **conquanto** o conhecesse pouco.
k. ( ) Tamanha foi a explosão, **que** todos correram.
l. ( ) Orou **porque** a paz voltasse.
m. ( ) **Ainda que** estivéssemos cansados, prosseguiríamos a viajem.
n. ( ) Este livro é mais interessante **que** o meu.
o. ( ) O barulho aumentava **à medida que** no aproximávamos.
p. ( ) Irei viajar, **contanto que** tenha dinheiro.
q. ( ) **Mal** cheguei, sorriu.
r. ( ) Estudou muito **para que** fizesse uma boa prova.
s. ( ) **Como** estava doente, fui ao médico.
t. ( ) **Conquanto** chovesse, íamos ao parque aquático.
u. ( ) É feio **que** dói.
v. ( ) Falem o que quiserem, **contato que** não me ofenda.
w. ( ) Ele comeu, **porque** estava com muita fome.
x. ( ) A mulher gritou tanto **que** perdeu a voz.
y. ( ) Faltei ao trabalho **porque** estava doente.
z. ( ) **Já que** insiste, aceito o emprego.
AA ( ) Agi **conforme** você agiu
AB ( ) O pai viu **que** o filho estudara.
AC ( ) Ela é tal quais as amigas.
AD ( ) O pai prepara uma surpresa, **sem que** o filho desconfie.

Gabarito:

a. (2)
b. (8)
c. (3)
d. (5)
e. (7)
f. (6)
g. (9)
h. (1)
i. (4)

j. (4)
k. (6)
l. (5)
m. (4)
n. (10)
o. (7)
p. (8)
q. (3)
r. (5)
s. (1)
t. (4)
u. (6)
v. (8)
w. (1)
x. (6)
y. (1)
z. (1)
AA (9)
AB (10)
AC (2)
AD (11)

6.3. ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

Ex.: O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos. / Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já, na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se á ideia de explicação, á ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: Os operários foram demitidos porque fizeram greve.

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam calvo mais cedo. Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aqueles que têm seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Ex.: Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo. A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

Ex.: "O Capitão, que a tudo estava atento,

Tanto com estas se alegrou…" Camões

O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou…"

6.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRF)**

Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes:

I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.

Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.

II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.

A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.

III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.

É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) I e II;

d) I e III;

e) II e III.

Gabarito: D

Há alteração semântica no item I, visto que no primeiro período os documentos irão pelo correio; no segundo, são as outras informações que seguirão pelo correio. No item II, o fato de o adjunto adverbial, de corpo pequeno, estar isolado ou não por vírgulas, não gera alteração semântica. No item III, há alteração de sentido, visto que, quando o pronome relativo não é precedido de pontuação, introduz oração de caráter restritivo; já quando vem precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. Portanto, na primeira frase, o sentido é "não arquivar todos os processos, e sim somente aqueles que estão com o prazo vencido". Já na segunda, o sentido é "arquivar todos os processos, porque estão com o prazo vencido.".

02. **"O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário."; a forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:**

a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário;
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário;
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário);
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou;
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

Gabarito: C

Repare que as orações adjetivas "que ele fez"e "que escolheu para ilustrar seu comentário", no texto original, não estão isoladas por pontuação, possuindo, por conseguinte, valor restritivo. Quando, na alternativa C, tais orações passam a vir isoladas por parênteses, assumem caráter explicativo. Por tal motivo – gerar alteração de sentido –, a alternativa C é a forma menos adequada para se reescrever o período.

03. **(ESAF / AFC)**

Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte:

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1). Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas"(l.1) e inserir uma vírgula após a palavra "Comercial"(l.3-4).
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente"(l.1), presença da vírgula depois de "2002"(l.2) e presença da

vírgula depois da palavra "revogando"(l.3).

e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado"(l.4) para o trecho ficar corretamente pontuado.

Gabarito: C

Questão extremamente maliciosa, visto que há um erro gramatical grosseiro logo na linha 1, ao ser empregada uma vírgula após "limitadas", separando sujeito de verbo. Tal situação induz o candidato a marcar a alternativa B. No entanto, há mais um erro no texto: como "Código Comercial" só há um, não se pode restringir algo de apenas uma unidade. Então, essa oração só pode ter caráter explicativo, o que obriga o uso de uma pontuação antes do pronome relativo "que". O sentido da frase é:... revogar o vetusto (antiquado) Código Comercial, porque ele data do século passado. Sendo assim, a alternativa que denuncia as duas falhas é a C.

04. **(FCC / TRT-SP 2º Região / Analista Judiciário)**

Atente para as seguintes frases:

I. Caberia aos homens de hoje, que despacharam as utopias, buscar revigorá-las.

II. Os sonhos coletivos, que alimentaram tempos passados, deram lugar aos afazeres imediatos.

III. Preocupa-nos, hoje, muito mais a agenda do dia do que um projeto de longo prazo.

A supressão das vírgulas altera o sentido da frase SOMENTE em:

a) I e II;

b) I e III;

c) I;

d) II;

e) III.

Gabarito: A

Nos dois primeiros períodos, temos o emprego de vírgulas antecedendo pronomes relativos. Sendo assim, tais orações possuem caráter explicativo (porque). Sendo tais pontuações extraídas, o sentido passa a ser de restrição (somente). Já no último item, o fato de o adjunto adverbial estar isolado ou não por pontuação não implica alteração de sentido.

05. **(IBAMA / Gestão / 2010)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento á luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado ã perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica. 31 No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou

detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes. Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Considerando aspectos linguísticos do texto Reparação duas décadas depois, julgue os itens a seguir.

1 – Os termos "portanto" (L.41) e "enquanto" (L. 43), estabelecem idênticas relações de sentido.

2– O texto caracteriza-se como essencialmente informativo.

3– O emprego da vírgula após "latifundiários" (L. 5) justifica-se por isolar o termo explicativo.

4– O termo "onde" (L. 28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 – Errado. A conjunção "portanto" tem valor conclusivo; já a conjunção "enquanto" estabelece valor de concomitância, de tempo.

2 – Certo. O texto se estrutura pela exposição de fatos, o que demarca a caracterização da predominância do aspecto informativo.

3 – Certo. Como a vírgula precede "responsáveis", cuja classe gramatical é um adjetivo, pode-se perceber que tal adjetivo (pode-se fazer analogia com as orações adjetivas) passa a ter caráter explicativo.

4 – Certo. O vocábulo ONDE é pronome relativo, podendo, inclusive, ser substituído por NO QUAL; e como é precedido de vírgula, a oração subordinada adjetiva tem caráter explicativo.

06. **(APOFP)**

Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.

A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças ã integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quantoà sua eficácia.

(Folha de S. Paulo, Editorial, 05 jan. 2009.)

a) O sinal indicativo de crase em "á integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.

b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.

c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.

d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.

e) O pronome relativo "que"(l.2, primeira ocorrência) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito: B

A alternativa A apresenta comentário inadequado, visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de "ameaças". A alternativa B é a que apresenta comentário adequado, porquanto ONDE – junto com a preposição de – é pronome relativo, podendo ser substituído por DO QUAL, referindo-se a "o norte da faixa litorânea". E como esse pronome relativo é precedido de vírgula, introduz oração de caráter explicativo. O corpo da alternativa C apresenta uma contradição: a presença de pontuação 'não caracteriza uma oração restritiva. A ausência de pontuação pode caracterizar a restrição; e a presença pode caracterizar a

explicação. A alternativa D também apresenta comentário falso, pois o emprego de AO QUE CONSTA passa a sensação de a informação estar no campo da possibilidade, da hipótese. A alternativa E também apresenta comentário inadequado, visto que o antecedente do relativo QUE (junto com a preposição EM) é "o ambiente de privações e ameaças ã integridade física", sendo o núcleo "ambiente".

07. **(FCC / TRT-1ª Região / Analista Judiciário)**

... a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver.

Identifica-se entre as frases acima, respectivamente, relação de:

a) consequência e ressalva;
b) causa e consequência;
c) finalidade e temporalidade;
d) oposição e ressalva;
e) condição e oposição.

Gabarito: B

Podemos observar algumas relações na passagem acima. A densidade da ocupação é causa de concentração de necessidades, assim como tal concentração de necessidades também se torna causa para o fato de surgirem problemas que, em outras condições, as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Sendo assim, há uma nítida relação de causa e efeito na passagem do enunciado.

08. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

No período "Ela estava tão aflita que, embora fizesse frio, se abanava com uma revista", além da oração principal, há duas outras orações as quais exprimem respectivamente:

a) concessão e consequência;
b) condição e consequência;
c) concessão e causa;
d) condição e causa;
e) causa e consequência.

Gabarito: A

O conector EMBORA é concessivo, e a conjunção QUE na passagem é um

conector consecutivo, introduzindo no fragmento a consequência de determinado fato: estar tão aflita.

09. **(FUNCAB / Pref. Serra-ES / Cirurgião Dentista)**

A conjunção em destaque no período "COMO a senhora não me desse mais trabalho, e o tempo fosse passando, recomecei a pensar em mim mesmo, triste e fraco assunto" pode ser substituída, sem alteração de sentido, porto das as abaixo relacionadas, EXCETO por:

a) porque;
b) conquanto;
c) dado que;
d) visto que;
e) porquanto.

Gabarito: B

O valor da conjunção em destaque é causal, e o único que não pode apresentar a mesma ideia entre as assertivas é o CONQUANTO, pois apresenta valor de concessão.

10. **(OBJETIVA / Pref. Chapecó-SC / Médico)**

Analisar os itens abaixo:

I.– "Note bem: casais. Não é o caso, <u>portanto</u>, da conhecida depressão pós-parto que acomete as..."
mulheres recém-saídas do episódio..."

II.– "Mas não leva em consideração, o que não nos impede de especular a respeito, <u>se</u> este homem aqui já tinha algum tipo de propensão ã depressão..."

Os termos sublinhados, chamados conjunções, podem ser substituídos, sem alteração semântica, por:

a) Pois – caso;
b) Logo – embora;
c) Outrossim – ainda que;
d) Porquanto – conquanto.

Gabarito: A

Primeiro, temos de identificar os valores das conjunções no enunciado. Ao verificar, percebemos que as ideias são respectivamente de CONCLUSÃO e

CONDIÇÃO. A única assertiva que apresenta a mesma relação semântica é a opção A, pelo fato de o POIS manter a noção conclusiva no contexto, além de CASO conservar a ideia de condição.

11. **"O estudo relaciona, como justificativa para o advento do transtorno, a mudança da rotina do casal..."**

A palavra "como", no fragmento, traduz ideia de:

a) Concessão;
b) Adversidade;
c) Alternância;
d) Conformidade.

Gabarito: D

O conector introduz uma informação que se encontra de acordo com a exposta na outra oração.

12. **(AOCP / CÅ, MARA DE SALVADOR-BA / Analista Legislativo)**

"Como ocorreu em 2009, para aplacar críticas, a cúpula do MEC substituiu o presidente do Inep."

A expressão destacada estabelece, no contexto, uma relação lógico-semântica de:

a) Causa;
b) Conformidade;
c) Consecução;
d) Comparação;
e) Concessão.

Gabarito: D

Na passagem acima, percebe-se uma comparação em relação ao que ocorrera em 2009, ou seja, da mesma forma que aconteceu em 2009. Logo, o valor semântico predominante é o de comparação.

13. **(VUNESP –CODESP / SP – GUARDA PORTUÁRIO)**

No trecho – As pessoas precisam ser alertadas porque o número de mendigos que agem de má fé é grande. – a conjunção porque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) mas;
b) porém;

c) todavia;
d) entretanto;
e) pois.

Gabarito: E

Os quatro primeiros conectores MAS, PORÉM, TODAVIA e ENTRETANTO são adversativos, e a conjunção PORQUE é explicativa no contexto; logo, o único conectivo que substitui o grifado sem alteração de sentido é o POIS.

14. **(Cespe / Correios / Carteiro)**

Na frase "Identificava-se, <u>portanto</u>, o responsável pelo fracasso na legitimidade das feições" (L.16-17), a palavra sublinhada expressa o sentido de:

a) condição;
b) oposição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) finalidade.

Gabarito: D

A conjunção sublinhada introduz valor de dedução, suposição, algo que efetivamente se conclui.

15. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Perito Criminal Especial)**

Bandos de homens armados perpetram anualmente 450 roubos a bancos e carros-fortes no Brasil. Tais episódios põem em risco a vida de clientes, agentes de segurança e policiais, mas o prejuízo financeiro é relativamente pequeno para as instituições. Para os bancos, a maior ameaça está embutida nos serviços prestados pela Internet ou por outros meios eletrônicos. As perdas resultantes de assaltos são de 50 milhões de reais anuais. Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais, dezoito vezes mais que nos assaltos convencionais.

QuestoesdeConcursos.com.br

A conjunção "mas" (L.3) poderia ser substituída, no texto, sem afetar o sentido ou a correção gramatical deste, por todavia ou por entretanto.

Gabarito: certo

A conjunção MAS do texto é adversativa, tendo como sinônimos TODAVIA e ENTRETANTO. Sendo assim, ficam preservadas a relação semântica e a correção gramatical, não havendo, inclusive, necessidade de qualquer alteração na estrutura frasal.

16. **(Cespe / Polícia Civil-ES / Escrivão de Polícia)**

Eu não gosto de ninguém, ele quase respondeu, refreando-se a tempo; faz sentido, ele mesmo concluía – é o pior momento da minha vida, sem a mulher, sem o filho, sem dinheiro, e desgraçadamente sem literatura. Uma letra de tango. Ou "um maneirista da própria sombra", como escreveu Eusébio de Mattos no Suplemento de Arte, demolindo-o até a última linha com o sadismo certeiro dos grandes críticos. Para um país sem crítica, aquele texto chegava a ser uma boa surpresa, ainda que deixasse entrever mais o prazer do ataque que o lamento sincero de um estudioso honesto, o tsc tsc tsc diante de um escritor que nunca "chegou lá" na corrida de cavalos letrados do panorama nacional – e Donetti sentiu a respiração opressa pelo rancor. O célebre homem brasileiro cordial é cordial não porque seja polido, o que ele nunca foi, mas porque nada nunca passa pelo cérebro antes de chegar ã vida – é só um coração batendo forte no meio da rua, que é o seu lugar.

Cristóvão Tezza. Um erro emocional. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 91 (com adaptações)

No trecho "ainda que deixasse entrever" (L.6-7), a locução conjuntiva "ainda que" poderia ser substituída por embora, sem que fosse alterado o sentido da oração.

Gabarito: certo

A locução conjuntiva "**ainda que**" apresenta relação semântica de concessão; a sua substituição por EMBORA conserva tal relação.

17. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, <u>mas</u> o príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana. – a conjunção destacada pode ser substituída por:

a) portanto;

b) como;

c) no entanto;
d) porque;
e) ou.

Gabarito: C

A conjunção NO ENTANTO é a única que apresenta a mesma ideia de adversidade, mantendo a mesma relação do MAS apresentado no texto.

18. **(VUNESP / TJ-SP / Escrevente Técnico Judiciário)**

Em – Tudo indica que 250 mil documentos secretos foram copiados por um jovem soldado num CD enquanto fingia ouvir Lady Gaga. – a palavra destacada exprime ideia de:

a) hipótese;
b) condição;
c) concessão;
d) causa;
e) tempo.

Gabarito: E

O ENQUANTO é um dos maiores representantes de tempo simultâneo que há na Língua Portuguesa, e a relação de concomitância, no contexto, é bem clara. Sendo assim, a ideia que caracteriza a resposta é temporal.

19. **(FCC / TRE-RN / Analista Judiciário)**

<u>Ainda assim,</u> provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, <u>pois</u> sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por:

a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

Gabarito: D

AINDA ASSIM é concessivo, e o POIS é explicativo no texto; logo, os únicos

conectores que estabelecem a mesma relação semântica são: APESAR DISSO e VISTO QUE. Na letra A, os dois conectores marcam oposição; na opção B, o CONQUANTO, apesar de estabelecer uma ideia concessiva, não preservaria a gramaticalidade, pois geraria mudança no tempo verbal. Além disso, a grafia de POR QUE (separado) não representa explicação, o que gera falha gramatical; na letra C, os dois marcam oposição; e na opção E, POR ISSO estabelece valor de conclusão.

20. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Ficam hibernando ã espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção <u>quando</u>, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

Gabarito: E

Esta questão induziu muitos alunos ao erro, pois, ao observarem o QUANDO, pensaram imediatamente na ideia de tempo. Cuidado, afinal cada conector muda de acordo com o contexto. Apesar de primariamente o QUANDO transmitir semântica temporal, nesse caso a ideia prioritária é a de concessão, equivalendo a MESMO DEVENDO ESTAR, EMBORA DEVESSEM ESTAR, AINDA QUE DEVESSEM ESTAR.

21. **(COPEVE / UFAL / Bibliotecário)**

Qual palavra ou expressão preenche adequadamente a lacuna nos textos abaixo?

I. **"Pacientes crônicos terão mais qualidade de vida fora do hospital. _____, é cada vez maior o número de pacientes que continuam internados mesmo depois de superado o problema que os levou ã instituição."**

II. **"O Rio de Janeiro foi tomado por um clima de ufanismo. _____, não basta cantar vitória durante a batalha."**

III. **"_____ se discute punição a crimes do regime militar, a tortura**

continua uma prática comum no Brasil."

IV. **"Vendas disparam _____ os adeptos da boa bebida descobrem os sabores doces e complexos das variedades envelhecidas."**

a) De modo que – Portanto – Conquanto – porque;
b) Apesar disso – Porém – Enquanto – á medida que;
c) Mesmo assim – Por isso – Visto que – a fim de que;
d) Dessa forma – Todavia – Porque – quando;
e) Entretanto – Então – À proporção que – conforme;

Gabarito: B

É clara a relação de oposição no item I. Como tal relação pode ser expressa por conectores adversativos ou concessivos, podem-se excluir as alternativas A e D. No item II, há também um caráter de ressalva, cabendo, no caso, apenas conectores também de caráter adversativo, o que nos leva a eliminar a C e a E. Com isso, já se chega á resposta.

22. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"É possível até que você use essas definições quando bate aquela dúvida sobre concordância ou regência, não é? <u>No entanto</u>, apesar de concorrentes, elas não têm fundamento científico, afinal são muito anteriores ao nascimento da ciência da linguagem (mais precisamente, 2 mil anos anteriores!)"

A expressão <u>No entanto</u> pode ser substituída, alterando o significado da frase, por:

a) entretanto;
b) porquanto;
c) todavia;
d) porém;
e) contudo.

Gabarito: B

Em todas as assertivas, exceto aquela que representa a resposta, as conjunções estabelecem relação de adversidade; logo, a única que altera o sentido original é o PORQUANTO que marca ideia CAUSAL ou EXPLICATIVA.

23. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Assim como em qualquer outra manifestação artística, portanto, o livro

que esteve sob ameaça de censura…"

O conetivo portanto pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) porquanto;

b) entretanto;

c) no entanto;

d) então;

e) conquanto.

Gabarito: D

"Portanto" é conector de caráter conclusivo. Entre as alternativas, a única que apresenta conjunção sinônima é a D.

24. **(CISVIR / Técnico em Enfermagem)**

Observe a frase e indique a circunstância correta da mesma:

"<u>Mesmo que ela me procurasse no dia seguinte</u>, eu não a indicaria para o cargo."

a) Condição;

b) Concessão;

c) Consequência;

d) Conformidade.

Gabarito: B

O MESMO QUE do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e EMBORA que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

25. **(FCC / DPE-RS / Defensor Público)**

"Isso porque, <u>embora</u> sejam caros, eles cortam outros gastos [...]"

A conjunção sublinhada nessa frase pode ser adequadamente classificada como:

a) alternativa;

b) concessiva;

c) conclusiva;

d) consecutiva.

Gabarito: B

Questão semelhante á anterior, modificando apenas a conjunção. O EMBORA do texto pode ser facilmente substituído por AINDA QUE e MESMO QUE que são outros conectores concessivos. Para este tipo de questão, basta ter memorizado que o conector MESMO QUE é concessivo e saber enxergar tal relação no contexto.

26. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"E, como não temos o controle sobre a natureza, precisamos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo em convivência." (2º parágrafo)

A conjunção como introduz uma oração que estabelece com a oração seguinte a relação lógica de:

a) explicação;
b) condição;
c) finalidade;
d) causa.

Gabarito: D

Repare que a conjunção COMO pode ser substituída por PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO e estabelece no contexto uma ideia causal, isto é, não ter o controle sobre a natureza representa a causa de precisarmos trabalhar com o imponderável e revesti-lo de cuidados compatíveis com as possibilidades do universo.

27. **(EXAMES / Pref. Queimadas-PB / Psicólogo)**

"No entanto, as cidades vitoriosas foram aquelas que souberam ajustar suas razões á s da natureza."

Haveria significativa alteração no sentido dessa frase no contexto, caso o conectivo inicial (no entanto) fosse substituído por:

a) portanto;
b) contudo;
c) todavia;
d) entretanto.

Gabarito: A

Para este tipo de questão, basta saber que o conector NO ENTANTO representa adversidade, e o único que não mantém a mesma relação é PORTANTO, pois estabelece semântica de CONCLUSÃO.

28. **(Cespe / DFTRANS / Analista)**

linguagem. S.f. 1. o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa, p. 1.035 (com adaptações).

Acho que se compreenderia melhor o funcionamento da linguagem supondo que o sentido é um efeito do que dizemos, e não algo que existe em si, independentemente da enunciação, e que envelopamos em um código também pronto. Poderiam mudar muitas perspectivas: se o sentido nunca é prévio, empregar ou não um estrangeirismo teria menos a ver com a existência ou não de uma palavra equivalente na língua do falante. O que importa é o efeito que palavras estrangeiras produzem.

Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio.

POSSENTI, Sírio. A cor da língua. Mercado de Letras: 2002, p.37-8 (com adaptações).

A partir da leitura dos dois textos acima, julgue o item a seguir:

No texto do verbete de dicionário, o valor de comparação da palavra "como" deixa subentender uma expressão mais complexa: assim como.

Gabarito: Errado

Podemos observar que o valor semântico da palavra "como" no trecho é de modo e não comparativo. A expressão "assim como" é comparativa. Sendo assim, não é possível a substituição.

29. **(Cespe / TSE / Técnico)**

A função da oposição em uma sociedade democrática consiste em denunciar a corrupção, acompanhar as investigações e avaliar os projetos e iniciativas governamentais, propondo alternativas. A crítica, e não a adesão, é sua tarefa primordial. Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária. A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

ROSENFIELD, Denis Lerrer. O Globo, 27 nov. 2006. p. 7 (com adaptações).

Julgue o item a seguir:

Entre os dois últimos períodos do texto, subentende-se uma relação sintática que pode ser expressa por Entretanto.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar os dois últimos períodos do texto que são:

I– Se uma sociedade cessa de ter uma verdadeira oposição, ela caminha para uma solução autoritária.

II– A governabilidade só existe verdadeiramente com uma oposição atuante, que sinalize os problemas existentes e discuta os seus encaminhamentos.

No primeiro período, afirma-se que, se não houver oposição, a sociedade caminhará para o autoritarismo. No segundo período, afirma-se que a oposição reforça a verdadeira governabilidade de um país.

Podemos perceber que as ideias são afins. A conjunção **ENTRETANTO** traz uma ideia de oposição. Sendo assim, a proposta do examinador não é boa.

30. **(Cespe / TSE / Analista)**

O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade. Essa construção é feita todos os dias. Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos.

Eles não estão aí por obra divina. Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público. É isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial. Se as pessoas deixam de acreditar em uma ética subjacente ao dia-a-dia em um código de conduta que rege a ação dos políticos, pode-se prever que todo o edifício da sociedade estará ameaçado.

O Globo, 30 nov. 2006. p. 6 (com adaptações).

Acerca das relações lógico-sintáticas textuais, as opções seguintes apresentam propostas de associação, mediante o emprego de conjunção, entre períodos sintáticos do texto acima. Assinale a opção que apresenta proposta de associação incorreta.

PERÍODO	CONJUNÇÃO	PERÍODO
a) primeiro	e	segundo

b) terceiro c)quarto	entretanto conquanto	Quarto Quinto
d)Quinto	já que	sexto

Gabarito: C

Para resolvermos a questão, analisaremos todas as propostas até encontrar uma incorreta.

a) Efetivando a proposta, temos: O terreno da ética é o próprio chão onde estão fincadas as bases de uma sociedade é essa construção é feita todos os dias.

Podemos notar que o segundo período acrescenta uma informação ao primeiro e a conjunção coordenativa aditiva E é adequada para estabelecer a união desses períodos.

b) Efetivando a proposta, temos: Há algo de imaterial em todos os edifícios políticos, **entretanto** eles não estão aí por obra divina.

Podemos notar que no terceiro período o autor afirma ter algo imaterial e no quarto período diz que não está ali por obra divina, caracterizando uma oposição de ideias. O emprego da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO é adequado para estabelecer a união desses períodos.

c) Efetivando a proposta, temos: Eles não estão aí por obra divina, **conquanto** precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público.

Observa-se que com o uso do "Conquanto" o verbo deveria ir para o subjuntivo e também podemos notar que o quinto período apresenta uma justificativa em relação ao que foi dito no período anterior. Com isso, podemos unir esses dois períodos usando uma conjunção explicativa (pois, porque, porquanto, entre outras).

A conjunção conquanto é concessiva, ou seja, possui uma relação de oposição. Sendo assim, não é adequada para estabelecer a união desses períodos.

d) Efetivando a proposta, temos: Precisam ser reforçados permanentemente, por meio de atos significativos em que as pessoas reconheçam o interesse público, já que é isso que mantém a ordem pública, e não somente, nem, sobretudo, a força policial.

Podemos notar que a relação existente entre os períodos é de causa e efeito.

O emprego da locução conjuntiva "já que" que tem valor de causa, assim como "visto que", é adequado.

31. **(Cespe / IPEA / Analista)**

Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Vai ficando para trás em uma corrida decisiva para sua inserção em um mundo cada vez mais competitivo, sobretudo nos segmentos mais dinâmicos da indústria, como o da microeletrônica.

Estudo do consultor do Banco Mundial Alberto Rodríguez, publicado pela Confederação Nacional da Indústria, confirma que, apesar do conhecido diagnóstico sobre o atraso do país na área tecnológica, pouco se faz de prático para superar o problema.

Os pesquisadores brasileiros publicam seus trabalhos em um volume aceitável – eles respondem por cerca de 2% dos artigos científicos das principais publicações internacionais –, mas os resultados práticos das pesquisas são modestos.

O Brasil responde por apenas 0,18% do total de patentes registradas no mundo.

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

O Estado de S. Paulo, Editorial, 1º/10/2008 (com adaptações).

Em relação ao texto acima, julgue o item a seguir:

Estariam preservadas a correção gramatical e o sentido original do texto se o termo "Enquanto" (l.1) fosse substituído por qualquer uma das seguintes expressões: Ao passo que, Porquanto, Dado que.

Gabarito: Errado

Para resolver a questão, é preciso identificar o valor da conjunção na construção e depois realizar as substituições uma a uma para que possamos verificar se serão preservados o sentido e a correção gramatical da frase.

A conjunção "enquanto", na frase, apresenta valor primário de concomitância e

secundário de oposição.

I– A locução conjuntiva "ao passo que" poderia ficar no lugar de "enquanto", pois estabelece uma relação de proporção, mas pode lhe ser conferida uma relação secundária de simultaneidade.

II– As conjunções "porquanto" e "dado que" podem ser causais ou explicativas. Sendo assim, não poderiam substituir a palavra "enquanto" preservando o sentido original do texto.

Diante da análise feita, podemos perceber que o item está errado.

32. **(Cespe / ES / Perito)**

Em alguns países do primeiro mundo, há uma ideia de direitos humanos apenas para consumo interno. Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável: no âmbito interno, vigoram os direitos humanos, nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares. Esses interesses justificam a tolerância com as violações dos direitos, no campo diplomático, ou o próprio patrocínio das violações. Os mesmos interesses econômicos e militares justificam também o patrocínio da guerra, sob a bandeira de paz. Para que tais desvios não continuem a acontecer, alguns juristas italianos (Salvatore Senese, Antonio Papisca, Marco Mascia, Luigi Ferrajoli e outros) têm defendido que uma nova ordem mundial se constitua, não sob o império dos interesses dominantes, mas tendo, ao contrário, como sujeito da História a família humana presente e futura.

Outra contradição é, á s vezes, observada no interior de certas nações poderosas: a plena vigência dos direitos humanos, quando se trata de nacionais "puros" e o desrespeito aos direitos humanos, quando as pessoas envolvidas são imigrantes ou clandestinos, minorias raciais e minorias nacionais.

Idem, ibidem (com adaptações).

A respeito do texto, julgue o item que se segue.

A inserção de entretanto, seguido de vírgula, antes de "nas relações" (l.4) explicita as relações semântico-sintáticas entre os dois períodos e mantém a correção gramatical do texto.

Gabarito: Certo

Para resolver a questão, é preciso identificar a relação semântica existente entre

os períodos que serão ligados pela conjunção “entretanto”.

Nas linhas 2 e 3, temos uma dica de que teremos uma relação de oposição quando aparece a palavra contradição em: “Observa-se nesses casos uma contradição inexplicável”. Ratificando tal afirmação, temos uma oposição existente em relação aos direitos humanos no âmbito interno e externo. Podemos observar melhor nos trechos: “ no âmbito interno, vigoram os direitos humanos”, “nas relações com os países dependentes, vigoram os interesses econômicos e militares.”

Como a conjunção “entretanto” traz uma ideia de oposição, a sua inserção é perfeitamente cabível, como sugeriu o examinador.

33. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas á s outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da

solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

Dalmo de Abreu Dallari

Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) as pessoas se ajudam mutuamente a fim de formarem uma sociedade;
b) a garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas;
c) a satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva ã vida em sociedade;
d) não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade;
e) sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Gabarito: D

Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada ã de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva ã vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva ã satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de

recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente ã medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando-lhe as palavras, e, somente a partir da conjunção "pois", inicia-se a argumentação.

34. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida,..."; este segmento do texto teria redação mais clara se:

a) substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E;
b) repetíssemos o sujeito na segunda oração;
c) deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas";
d) mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira;
e) omitíssemos o substantivo "seres".

Gabarito: C

Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar á quele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver.". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

35. **(NCE / TJ – RJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...ficaria louca se continuasse sozinha."; a relação entre essas duas

orações mostra que:

a) a segunda só se realiza se a primeira não realizar-se;

b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;

c) a segunda é consequência da primeira;

d) a primeira é motivada pela segunda;

e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Gabarito: D

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada ã ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

36. **(Esaf / Técnico da Receita Federal)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas. A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial. A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(KAPAZ, Emerson "Para reverter o pessimismo" Folha de S. Paulo, 31 jul. 2002.)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.

b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.

c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para

promover a elevação dos salários.

d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.

e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Gabarito: E

Primeiramente vamos realizar a leitura do texto para colocar os fatos em ordem cronológica. O primeiro fato mencionado é "a retomada da confiança". Em seguida, atrelada pela preposição "para", com valor de finalidade, vem a oração "para possibilitar o crescimento". É sempre bom observar que a finalidade e a consequência são ideias intimamente relacionadas, visto que ambas representam situações posteriores. Sendo assim, "a possibilidade de crescimento" seria uma finalidade/consequência de "a retomada da confiança". Anterior aos dois fatos mencionados, ocorre o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. ". Perceba que este último elemento vem atrelado pela expressão temporal com valor de anterioridade "a partir do momento em que". Ou seja, partindo desse momento que é o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia", haverá posteriormente a retomada da confiança que poderá gerar o crescimento. No período seguinte, o autor novamente usa a preposição "PARA" agora com o pronome demonstrativo "ISSO" que remete a todas as ideias já citadas. Portanto, para que tudo isso que foi mencionado no texto se concretize, o fato anterior a todos (ou, como dito no texto, pré-condições) é a reforma tributária e a previdenciária. A sequência cronológica ai se estabelece. Primeiro fato: Reformas tributária e previdenciária; segundo fato: o "quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia"; terceiro fato: a retomada da confiança; quarto fato: possibilidade de crescimento. Depois o autor desdobra: a tributária é fundamental para (finalidade/consequência) desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários. Sendo assim, a desoneração da indústria é corolário da reforma tributária. A previdenciária é imperiosa para (finalidade/consequência) construir um sistema autossustentável de seguridade social. Sendo assim, a construção de um sistema autossustentável de seguridade social seria um efeito da reforma previdenciária. Partamos agora para a análise das

alternativas. A alternativa A inverte a relação de causa e efeito, visto que "as reformas tributária e previdenciária" é que impulsionariam os juros básicos da economia. A opção B indica uma informação errônea, uma vez que "um sistema autossustentável de seguridade social" não é causa de nenhum fato e sim resultado da reforma previdenciária. A opção C começa bem, mas acaba mal, pois o que promove a elevação dos salários é a reforma tributária. Na opção D, há a inversão da relação causa e efeito. A preposição "com", por estabelecer relação de condição – é sempre bom lembrarmos que a condição está intimamente relacionada ã causa –, indica que os fatos anteriores seriam a desoneração da indústria e a elevação dos salários, e a consequência seria a reforma tributária. Na realidade é o oposto. Com a reforma tributária é que haveria as condições estratégicas para a desoneração da indústria e para a elevação dos salários. A opção E fica perfeita como já se expôs na sequência cronológica:

REFORMAS TRIBUTÁRIA E PREVIDENCIÁRIA

↓

QUADRO FAVORÁVEL À REDUÇÃO DOS JUROS BÁSICOS DA ECONOMIA

↓

RETOMADA DA CONFIANÇA

↓

POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

37. **(Cesgranrio / BNDES)**

Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;

b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente;

c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;

d) Na hora da premiação, chorava ou ria;

e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

Gabarito: C

A ideia alternativa, na frase exposta no enunciado, é a principal da conjunção, mas como valor secundário observa-se a relação de causa e efeito. Se a pessoa for, não vai rachar; se rachou, é porque não foi. A alternativa A apresenta valor de

soma, afinal o turista compreendia as duas línguas. Na alternativa, a conjunção OU tem caráter também aditivo, pois tanto as vaias como os aplausos não perturbam o presidente. Na alternativa C, vem a relação de causa e efeito: se o empregado fizer o que deve, não perderá o emprego; se perdeu o emprego, foi porque não fez o que devia. Na alternativa D, como nas alternativas A e B, a conjunção tem valor aditivo, visto que a pessoa chorava e ria. Na alternativa E, a conjunção OU expressa uma dúvida, como se dissesse "não lembro direito se morávamos no segundo ou no terceiro andar".

38. **(Esaf / ENAP)**

Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil – APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um showroom e um escritório comercial e administrativo.

As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de Em Questão n. 288 – Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que.
b) porquanto.
c) pois.
d) conquanto.
e) já que.

Gabarito: D

Repare que todas as alternativas vêm com conectores causais, exceto a D que apresenta a conjunção CONQUANTO de caráter concessivo. Conjunções concessivas nunca admitem verbos no modo subjuntivo, portanto a presença seguinte da forma verbal "é" inibe o emprego de tais conjunções.

39. **(NCE / Eletrobrás)**

"Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades

estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção **SE** indicam condições para que se realize a consequência citada;

b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;

d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;

e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

Gabarito: A

Essa questão é extremamente interessante, visto que, conforme já exposto neste capítulo, é possível relacionar-se a ideia de causa ã de condição. "Se (conjunção condicional) você disser..., o cidadão o olhará com olhos perplexos.". Onde há causa, há efeito. Da mesma forma, onde há condição, há efeito. O fato de "dizer" é a hipótese (causa) e a consequência é o cidadão o olhar com olhos perplexos.

40. **(Esaf / AFT)**

Em relação á s estruturas do texto, assinale a opção incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos ã lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar ã saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto á s suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. Entre suas atribuições está a de elaborar a lista dos procedimentos de cobertura obrigatória nos planos de saúde. Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais

completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. Mas, muitas vezes, os novos procedimentos têm um custo tão alto que limita seu uso. Se a ANS impuser á s operadoras a obrigatoriedade do oferecimento desses procedimentos poderá levá-las ã ruína financeira, o que, no limite, destruiria o sistema de assistência suplementar ã saúde.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 17 jan. 2010.)

a) O termo "Para que" (l.1) confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

b) O emprego do modo subjuntivo em "inclua" (l.2) justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

c) A expressão "numa corda bamba" (l. 8 e 9) tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

d) A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" (l. 10 e 11) tem, no período, a função de objeto direto.

e) As expressões "novas tecnologias na área da medicina"(l.12), "os novos procedimentos"(l. 12 e 13), "desses procedimentos" (l. 14) formam uma cadeia coesiva que retoma a ideia inicial de "as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente"(l.2 e 3).

Gabarito: D

Na alternativa A, o emprego da locução PARA QUE, pode ser substituída, com objetivo de que possui caráter final. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo em "inclua" é consequência da própria locução conjuntiva "para que". Por ser um conector que expressa finalidade, a situação ainda se encontra no campo hipotético (apenas um objetivo, intenção), mas não uma certeza. Na alternativa C, a expressão destacada está no sentido figurado. Quando se empregam termos com valor conotativo, confere-se ao texto mesmo rigor gramatical, menos formalidade. Na alternativa D, a expressão mencionada funciona como objeto indireto, completando a ideia do verbo "assegurar" com preposição "a". Já o comentário exposto na alternativa E procede, visto que todos os termos representam um único ser: as novas tecnologias.

41. **(Esaf / AFC / CGU)**

Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem

um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior – o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 13 jan. 2008.)

a) A forma verbal "preveem"(l. 2) está no plural para concordar com "Estados Unidos".
b) A forma verbal "apontam"(l. 4) está no plural para concordar com "próximos meses".
c) O termo "pois"(l. 7) pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por **porque, porquanto** ou **conquanto**.
d) Em "do que seus rivais"(l. 7) a eliminação de "do" prejudica a correção gramatical do período.
e) Em "contê-los"(l. 11), "-los" retoma o antecedente "fatores".

Gabarito: E

As alternativas A e B apresentam informação inadequada, visto que as formas verbais apontadas referem-se a "exportadores e especialistas". Na alternativa C, a conjunção "pois", de caráter causal, poderia ser substituída por porque ou porquanto, mas não por conquanto, que tem caráter concessivo. Na alternativa D, como já relatada nesse capítulo, nas comparações de superioridade ou de inferioridade, o vocábulo DO, na expressão DO QUE, é totalmente dispensável. A forma pronominal LOS, conforme proposto na alternativa E, realmente se refere a uma expressão nominal, cujo núcleo é "fatores" – conter esses fatores.

42. **(Esaf / Receita Federal / Analista Tributário)**

Em relação aos elementos do texto, assinale a opção correta.

Um ano após o agravamento da crise financeira, o Brasil tem mais de US$ 230 bilhões em reservas. Tanto o Tesouro como grandes empresas voltaram a

lançar títulos no exterior, com sucesso. A valorização do real se tornou, então, um fenômeno inevitável, que reflete o enfraquecimento do dólar no mercado internacional e o fluxo positivo de capitais no país.

No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. Enquanto isso, além de uma paulatina liberalização do câmbio, o que pode ser feito no curto prazo é a continuidade da acumulação de reservas cambiais, com o Banco Central comprando no mercado excedentes de divisas. Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

(O Globo, Editorial, 14 out. 2009. Adaptado.)

a) A expressão "No entanto"(l. 6) estabelece, no texto, uma relação de comparação.

b) O emprego do subjuntivo em "aumente"(l. 7) e em "diminua"(l. 8) justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

c) A expressão "Enquanto isso"(l. 8) estabelece no texto uma relação de condição.

d) A palavra "invencionice"(l. 11) está sendo empregada no sentido de iniciativa rotineira, previsível.

e) O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" (l. 11) indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

Gabarito: A

A locução conjuntiva "No entanto" estabelece relação de adversidade, e não de comparação. Na alternativa B, o emprego do modo subjuntivo provoca uma ideia hipotética – não certa – corroborada, inclusive, pela presença da expressão "o mais provável". Na alternativa C, a conjunção ENQUANTO acresce ao período valor de simultaneidade, de tempo, e não de condição. Na D, o vocábulo "invencionice" sugere uma invenção, algo que foge ã rotina, não previsto. A alternativa E apresenta comentário perfeito, pois é função do futuro do pretérito indicar uma consequência "futura" (estimularia) relacionada a uma ação pretérita hipotética (qualquer invencionice).

43. **(NCE / TJ-RJ)**

TEXTO – A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos ã aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido ã sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a ideia de oposição no início do terceiro parágrafo em relação ao segundo. No segundo parágrafo, são expostas as mazelas por que passa o Poder Judiciário. E no início do terceiro, são informados aspectos positivos acerca do que o Judiciário já vem realizando. Portanto, os únicos conectores que

estabelecem essa relação de oposição são os concessivos APESAR DE, na alternativa A, e AINDA QUE, na alternativa C. São dois conectores extremamente parecidos, porém APESAR DE apresenta um hipótese factual, e AINDA QUE, hipotética. Como no caso, o que se expõe já é um fato (Temos oferecido, ou seja, nós já oferecemos – não estamos ainda por oferecer), o conector APESAR DE é o que melhor se enquadra.

44. **Assinale a alternativa em que um conector possua o mesmo valor semântico que o do sublinhado em "Essas pessoas não vêem alternativa a pedir asilo em outra parte, <u>por mais que</u> a tentativa (de chegar lá) seja perigosa". A questão foi extraída de fragmentos do texto de Gerald Trafetter.**

a) <u>Como</u> a oposição começou a recolher assinaturas para a instalação da CPI do Apagão Aéreo no Senado, os governistas podem rever a estratégia e já admitem permitir a instalação da mesma CPI na Câmara.

b) O pedido de instalação de CPI no Senado é mais amplo e fala não só nas causas do acidente da Gol em setembro passado, <u>mas também</u> nas condições dos equipamentos de controle de vôo

c) Se aparecer denúncia de irregularidades ou desvio de verbas no curso das investigações, ele a enviará imediatamente ao Ministério Público, <u>mas</u> não aceitará desviar o rumo da CPI que é investigar as causas do apagão aéreo.

d) <u>Conquanto</u> haja o temor de que a oposição se organize com os governadores e aprove o compartilhamento dos recursos com Estados e Municípios, o governo tem a pretensão de votar o aumento dos recursos para os municípios numa mesma sessão em que seja votada a prorrogação da CPMF.

e) <u>Ao</u> receber o senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA) em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Lula deixou claro que aquele encontro seria apenas o primeiro com representantes da oposição.

Gabarito: D

No enunciado, a locução POR MAIS QUE possui valor de concessão, o mesmo ocorrendo com a conjunção CONQUANTO, presente na alternativa D. Na alternativa A, a conjunção COMO possui valor causal. Na alternativa B, MAS TAMBÉM encerra valor de adição. Na opção C, MAS possui valor adversativo. Na alternativa E, a preposição A em AO possui valor de tempo.

45. **(TRT-RJ / Fundação José Pelúcio)**

"... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba"; a alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam;
b) apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam;
c) no Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira;
d) como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira;
e) o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

Gabarito: B

É fundamental o candidato ler com muita atenção o período exposto no enunciado. O fragmento "como se isso fosse uma originalidade brasileira" denuncia que o fato não é uma originalidade brasileira, o que nos faz eliminar as alternativas A e E. Sobraram as alternativas C, D e E. Direcione seu olhar agora para a conjunção comparativa COMO. Tal conjunção revela exatamente o elemento comum da comparação: o fato de ser uma originalidade brasileira. A jabuticaba não é tal qual haver leis que pegam e que não pegam, como se expõe nas alternativas C e D. Mas sim Haver leis que pegam e não pegam é uma originalidade brasileira como a jabuticaba é? Portanto, a única alternativa que apresenta a comparação em conformidade com o texto original é a B.

46. (Cespe / UnB-Maceió / Fiscal de Tributos)

Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar ã lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos".

FREITAS, Silvana de. In: Internet: <http://www.folha.com.br>. Acesso em

28/12/2002 (com adaptações).

I – **A expressão "visto que" (l.3) pode ser corretamente substituída por porquanto, mantendo-se a correção sintática e semântica do período.**

Gabarito: Certo

São conectores sinônimos de caráter causal.

II – **As preposições "Para" (l.1) e "por" (l.5, segunda ocorrência) podem ser substituídas por Segundo e como, respectivamente, sem prejuízo ã correção gramatical das orações em que ocorrem.**

Gabarito: Certo

Para" e "segundo" são conectores de caráter conformativo, sendo totalmente cabível a substituição de um pelo outro. Já a preposição POR, no contexto, possui valor de comparação, podendo ser substituída pela conjunção COMO, sem gerar prejuízo gramatical ou semântico.

Capítulo 7

Coerência Textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele foi Presidente do Brasil e esta é muito bonita. Observe que o texto é coeso, pois tal qual no exemplo anterior utiliza-se de pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

Além disso, podemos também considerar a relação existente entre as ideias implícitas, explícitas, pressupostas e subentendidas.

7.1. IMPLÍCITOS E EXPLÍCITOS

Toda unidade informativa contém obrigatoriamente uma base linguística qualquer, a qual, por sua vez, possui em sua estrutura uma unidade de conteúdo que envolve aspectos lexicais, sintáticos e semãnticos. Essa unidade informativa é composta não apenas por conteúdos explícitos, mas também por conteúdos implícitos (pressupostos e subentendidos).

7.1.1. Informações explícitas

São aquelas gritantemente expostas no texto. Não há necessidade de se aguçar a mente para tentar compreender o excedente de informações. No caso, a interpretação deve se restringir ao que foi redigido no texto.

7.1.2. Informações implícitas

Inicialmente, é importante destacar, o termo não deveria ser "informações implícitas", pois nem há tais informações. Há elementos que o leitor pode deduzir a partir de informações explícitas. É o que se denomina "inferência". A percepção do implícito passa pela capacidade do leitor de deduzir o que o autor quis dizer no texto, mas não disse. Ou seja, provém da possibilidade de se enxergar o que não está escrito, porém está nas entrelinhas.

Exemplos

1) Na frase "A discussão sobre a reforma eleitoral avança com a criação de comissões no Congresso." (Cesar Maia), existem algumas informações explícitas.
1 – Há uma discussão sobre a reforma eleitoral.
2 – Foram criadas comissões no Congresso.

Por outro lado, há algo que não está escrito, mas que se pode depreender: antes da criação das comissões no Congresso, a discussão sobre a reforma eleitoral encontrava-se estagnada.

2) Façamos a leitura da seguinte Frase: "Todos concordam que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim, pois, na prática, o eleito se acha independente do eleitor e de seu partido." (Cesar Maia)

Informações explícitas:

1 – Há unanimidade (todos concordam) quanto ao fato de que o atual sistema eleitoral brasileiro é muito ruim.
2 – O eleito se considera independente do leitor e do seu partido.
3 – O motivo de o atual sistema eleitoral brasileiro ser muito ruim é o fato de o eleito se considerar independente do eleitor e de seu partido.

O implícito

Como o eleito se considera independente do eleitor e de seu partido, pode agir em contrariedade aos interesses destes.

3) "Crescemos 7,5% em 2010 e a conquista de sediar a Copa do Mundo e a Olimpíada ajudou no reconhecimento do Brasil como um país de grande potencial." (Charles Tang).

Informações explícitas:

1 – O crescimento do Brasil em 2010 foi de 7,5%.
2 – O Brasil é um país com grande potencial.
3 – O fato de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 colaborou para que o Brasil fosse reconhecido como um país de grande potencial.

O implícito

Nem sempre o Brasil foi reconhecido como um país de grande potencial.

4) "Um ambicioso banqueiro de investimento que lucrou 590 mil libras em um negócio envolvendo uma informação secreta de fusão, que ele obteve no trabalho, foi sentenciado a mais de três anos de prisão, naquele que o juiz descreveu como sendo o "maior processo de 'insider trading' (negócio envolvendo informação privilegiada) já impetrado" no Reino Unido." (Jane Croft)

Informações explícitas:

1 – O lucro, por meio de uma informação secreta, de um ambicioso banqueiro de investimento foi de 590 mil libras.
2 – Um banqueiro de investimento obteve informação sigilosa no ambiente de trabalho.
3 – A sentença de um banqueiro de investimento foi superior a três anos.

O implícito

Houve processos menores envolvendo informação privilegiada no Reino Unido.

5) "Pelo menos duas pessoas morreram nesta sexta-feira (8) e cerca de 20 ficaram feridas após as forças de segurança iemenitas terem dispersado as pessoas que se manifestavam na localidade de Taez, sul de Sanaa, capital do Iêmen, segundo fontes do hospital Al Safwa dessa cidade."

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2011/04/08/pelo-menos-2-pessoas-morrem-em-protestos-no-iemen.jhtm)

Informações explícitas:

1 – Houve uma manifestação em Taez.

2 – Taez localiza-se ao sul de Sanaa, capital do Iêmen.
3 – Nessa manifestação, houve pelo menos duas mortes.
4 – As informações sobre mortes e feridos provieram de fontes do hospital Al Safwa.
5 – As forças de segurança iemenitas dispersaram as pessoas que se manifestavam em Taez.

O implícito

É possível que haja mais óbitos na manifestação ocorrida em Taez.

6) "Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato "impolítico e abominável" da escravidão." (Roberto Schwarz)

Informações explícitas:

1 – O sistema de todas as ciências provém de seus princípios.
2 – O trabalho livre é um dos princípios da Economia Política.
3 – Ainda há o trabalho escravo no Brasil.

Os implícitos

1 – Não é possível haver ciência sem princípios.
2 – Além do trabalho livre, a Economia Política possui outros princípios.
3 – O trabalho livre não é "impolítico e abominável".

7) Parecia não ser possível, mas a qualidade da água do rio Tietê piorou ainda mais em 2006. Segundo a Cetesb (agência ambiental paulista), o rio apresentava situação praticamente estável nos últimos anos. (Afra Balazina e José Ernesto Credencio)

Informações explícitas:

1 – Em 2006, a qualidade da água piorou em relação aos anos imediatamente anteriores.
2 – A análise da qualidade da água é realizada pela Cetesb.
3 – Nos anos anteriores a 2006, a qualidade da água do rio Tietê praticamente se

manteve inalterada.

O implícito

Antes mesmo de 2006, a qualidade da água já não era boa.

8) "Um estudo do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos divulgado nesta quinta-feira revela que a dependência de cafeína está mais vinculada ao fígado e à capacidade do órgão para processar a substância que ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro." (Fabiana Beltramin)

Informações explícitas:

1 – A dependência de cafeína está relacionada ao fígado e ao cérebro.
2 – A cafeína é processada pelo fígado.
3 – O consumo da cafeína provoca algum efeito no cérebro.

Os implícitos

1 – Há pessoas que creem que a dependência à cafeína está mais relacionada ao efeito que o consumo da substância provoca no cérebro que propriamente ao fígado.
2 – Dificilmente o efeito que o consumo da cafeína provocaria no cérebro seria suficiente para gerar dependência.

9) "Os problemas no trânsito de São Paulo causados pelo excesso de veículos são antigos. Diversas soluções vêm sendo apresentadas pela administração municipal durante os últimos anos.' (Fernando Mendonça)

Informações explícitas:

1 – Há excesso de veículos em São Paulo.
2 – O problema do trânsito em São Paulo já existe há bastante tempo.
3 – A administração municipal vem oferecendo soluções para o problema do trânsito.

Os implícitos

1 – As soluções apresentadas pela administração municipal não lograram êxito.

2 – A administração municipal não tem sido eficaz na solução dos problemas relativos ao trãnsito em São Paulo.

10) Brasília – Agência Estado – Vetada pela administração Lula, a destinação de 50% dos recursos do Fundo Social do pré-sal para a área de ensino pode ressuscitar na Cãmara dos Deputados, sob a forma de emenda ao novo Plano Nacional de Educação (PNE). Entidades aguardam o retorno do PNE à pauta legislativa para pressionar as autoridades a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei, como a elevação do investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020 – o Executivo prevê 7%.

(http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia/2011/04/10/camara-reestuda-usar-fundo-do-pre-sal-para-educacao.jhtm)

Informações explícitas:

1 – A administração de Lula vetou a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.

2 – Há a possibilidade de destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação. (destacamos o emprego da expressão POSSIBILIDADE em face de o autor ter redigido PODE em PODE RESSUSCITAR – sendo assim, evidencia-se o campo semãntico da possibilidade e não da certeza. Se o comentário realizado fosse "Haverá a destinação de 50% dos recursos do Fundo do pré-sal para a educação.", apresentaria uma informação falsa em relação ao texto.)

3 – Poderá (campo semãntico da possibilidade) ocorrer uma emenda ao novo Plano Nacional de Educação, inserindo a destinação de recursos do Fundo do Pré-Sal para a área de ensino.

4 – As autoridades serão pressionadas a aceitar as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

5 – Haverá pressão sobre as autoridades para que aceitem a sugestão de elevação do Investimento público em educação dos atuais 5% para 10% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020.

Os implícitos

1 – A administração Lula pretendia destinar recursos do Pré-sal para outros fins, que não a educação.

2 – Para o Brasil se desenvolver, o investimento em educação é elemento crucial.
3 – Se não houver pressão de entidades, dificilmente as autoridades aceitarão as mais de 130 sugestões ao projeto de lei.

11) "Cerca de 7.000 crianças e adolescentes que estavam em abrigos de todo o país foram devolvidos a suas famílias depois que uma força-tarefa de juízes da infância e juventude reviu os processos, em seis meses de trabalho. São casos de menores que sofreram negligência ou maus-tratos, por exemplo, mas que podiam ser criados por parentes próximos. Também há crianças cujos pais se restabeleceram e puderam receber os filhos de volta." (Elida Oliveira)

Informações explícitas:

1 – A devolução das crianças às famílias decorreu em da revisão de processos.
2 – O trabalho realizado pela força-tarefa permitiu que aproximadamente 7000 crianças e adolescentes fossem devolvidos a suas famílias.
3 – Algumas crianças e alguns adolescentes estavam nos abrigos porque sofreram negligência ou maus-tratos.
4 – Há a possibilidade (campo semãntico da possibilidade – no texto PODIAM) de Parentes próximos aos menores serem incumbidos da criação de jovens e adolescentes.

Os implícitos

1 – Há um acúmulo de processos nas Varas da Infãncia e da Juventude.
2 – O fato de os pais terem cometido algum erro no passado não exclui a possibilidade de poderem criar seus filhos.

7.2. PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Como já visto, pressupostos e subentendidos encontram-se no campo dos implícitos. É o que nós inferimos. A distinção entre eles é a base – a partir de quê – para se proceder a tal inferência.

7.2.1. Pressupostos

O autor emprega palavras ou expressões com a intenção de que o leitor realize a

inferência. É como se o autor não passasse uma informação completa, mas o uso de tal palavra ou expressão já desse a entender qual a ideia ali presente.

Os pressupostos podem ser marcados por:

verbos – Os alunos deixaram o curso de língua inglesa, porque essa matéria não foi incluída no edital do concurso. – Com o emprego de DEIXARAM, o autor dá a entender que os alunos vinham cursando o Inglês, até a publicação do edital;

advérbios – "João também não fez o que foi solicitado." – Com o emprego do advérbio TAMBÉM, o autor da frase objetiva que os leitores inferissem que, além de João, outras pessoas não fizeram o solicitado;

adjetivos – Os candidatos estudiosos têm grandes possibilidades de aprovação. – Com o emprego do adjetivo ESTUDIOSOS, o autor almeja que o leitor perceba a existência de candidatos estudiosos e de candidatos não estudiosos. E mais: ele quis que o leitor inferisse que o candidato não estudioso tem menos possibilidades de aprovação;

orações adjetivas – Os funcionários que fizeram greve foram demitidos. – Com o emprego da oração adjetiva QUE FIZERAM GREVE com caráter restritivo, o autor pretendia que leitor percebesse também que aqueles que não fizeram greve continuaram empregados;

palavras denotativas – Mesmo João fez todos os exercícios. – Com o emprego da palavra denotativa de inclusão MESMO, o autor da frase pretende que a leitura se realize da seguinte forma: Todos fizeram os exercícios, inclusive João. Também se depreende que João era a pessoa com a menor expectativa de que fizesse os exercícios.

7.2.2. Subentendidos

Subentendidos são intelecções realizadas pelo leitor sem que o autor do texto intencionasse levá-lo a tal. A partir de uma informação, pelo menos aparentemente independente – já que o autor não usa palavra ou expressão evidenciando a intenção–, o leitor realiza uma leitura das entrelinhas, de elementos que não estão expostos, explícitos, mas que são lógicos em relação ao contexto. Às vezes, para se observar o subentendido, é necessário que se tenha ciência do contexto (momento político, social e até mesmo pessoal do autor).

Na frase "João e Maria são casados há dez anos e não possuem filhos.", não há

marcadores de pressupostos, mas uma inferência possível é que um dos dois tenha algum problema que impossibilite a gravidez. Mas, como informado, essa inferência é de responsabilidade do leitor, pois o fato de João e Maria não terem filhos poderia ser também uma opção deles.

Na frase "O salário mínimo em 2011 no Brasil passou a R$545,00.", o emprego do verbo PASSOU funciona como pressuposto. Pelo uso dessa palavra, vê-se que, antes de 2011, o salário mínimo tinha outro valor. Portanto, há esse pressuposto. Mas também pode haver um subentendido, mormente quando se conhece o contexto político-econômico do Brasil: havia a expectativa de que o valor do salário mínimo fosse maior.

Um cidadão, ao entrar num bar, pergunta: – O senhor tem água mineral? Fica subentendido que não é simplesmente para o funcionário do bar responder (Tenho ou Não tenho). Está implícito que, caso o bar tenha a água mineral, o funcionário deverá pegá-la e vendê-la para o senhor.

7.3. EXERCÍCIOS

01. **(Cespe / UnB / IBAMA / Analista Ambiental)**

Reparação duas décadas depois

Francisco Alves Mendes Filho ainda não era um mito da luta contra a devastação da Amazônia quando foi preso, em 1981, acusado de subversão e incitamento à luta de classes no Acre, em plena ditadura militar. Chico Mendes se tornaria mundialmente conhecido, dali para a frente, por comandar uma campanha contra a ação de grileiros e latifundiários, responsáveis pela destruição da floresta e pela escravização do caboclo amazônico. Por isso mesmo foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, na porta de casa, em Xapuri. O crime, cometido por uma dupla de fazendeiros, foi punido com uma sentença de 19 anos de cadeia para cada um. Faltava reparar a injustiça cometida pelos militares.

E ela veio na quarta-feira 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado. A viúva do líder seringueiro, Izalmar Gadelha Mendes, vai receber uma pensão vitalícia de 3 mil

reais mensais, além de indenização de 337,8 mil reais.

Após assinar a portaria de anistia, Tarso Genro declarou que o assassinato de Chico Mendes está diretamente associado à perseguição sofrida pelo seringueiro durante a ditadura. "O Estado brasileiro não soube compreender o que ele (Mendes) representava naquele momento", disse o ministro. "O Brasil pede perdão a Chico Mendes", afirmou, ao assinar o documento. Acompanhada de dois filhos, Izalmar Mendes mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. "Era a hora de limpar o nome do meu marido. Mais importante do que a indenização foi o pedido de desculpas feito pelo Estado", disse a viúva.

O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica.

No relatório, aprovado por unanimidade, a conselheira contou detalhes da vida de Chico Mendes, da infância pobre nos seringais ao dia em que foi assassinado. Segundo Sueli Bellato, a atuação de Mendes contra grileiros e latifundiários rendeu, durante a ditadura, um arquivo de 71 páginas redigidas por agentes do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI). Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros.

Na época, Chico Mendes foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, acusado de "atentado contra a paz, a prosperidade e a harmonia entre as classes sociais". Preso em diversas ocasiões, só foi definitivamente absolvido em 1º de março de 1984, quatro anos depois, portanto, de iniciadas as perseguições. De acordo com a conselheira Sueli Bellato, embora o relatório não tenha se aprofundado na questão, foi possível constatar que Chico Mendes também foi torturado enquanto estava sob custódia de policiais federais.

Leandro Fortes.

Internet: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

Ainda com base no texto de Leandro Fortes e considerando aspectos textuais e gramaticais, julgue os próximos itens.

1 – O termo “o documento” (l. 21) refere-se a “portaria de anistia” (l.17).

2 – A expressão “Na época”, no início do último parágrafo do texto, refere-se ao período em que Chico Mendes foi perseguido pela ditadura militar.

3 – Pelas opiniões apresentadas no texto, verifica-se que o ministro da Justiça e a conselheira possuem posições opostas no que se refere à atuação política de Chico Mendes.

4 – Estaria de acordo com o que estabelece a prescrição gramatical para textos escritos no nível formal da linguagem, tais como documentos oficiais, a substituição da expressão “dali para a frente” (l.4) por dali pra frente.

5 – A conjunção “E” (l.10), por ter, no período, valor adversativo, pode ser substituída pela conjunção Mas, sem prejuízo para as informações do texto.

6 – Na linha 12, o vocábulo “cujo” estabelece relação sintático-semãntica entre os termos “resultado” e “Comissão de Anistia”.

7 – Os termos “portanto” (l. 42) e “enquanto” (l.44), estabelecem idênticas relações de sentido.

8 – O termo “onde” (l.28) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

Gabarito:

1 –Certo. Observe que o documento que estava sendo assinado naquele momento era justamente a “portaria de anistia”.

2 –Certo. A expressão “Na época”, refere-se ao período da década de oitenta, quando Chico Mendes sofria a perseguição da ditadura militar.

3 — Errado. Justamente o oposto. Tanto o ministro da Justiça Tarso quanto a conselheira Sueli Bellato consideraram que o assassinato de Chico Mendes está associado à perseguição que ele sofrera no período da ditadura militar. Além disso, é de bom alvitre enfatizar que se realizou uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

4 — Errado. Em documentos oficiais ou em textos em que seja exigida a formalidade, não se pode empregar PRA.

5 — Errado. Não há oposição entre os parágrafos. O emprego de “faltava” (l. 9) no pretérito imperfeito do indicativo já dava indício de que algo não falta mais, o que foi corroborado pelo início do parágrafo seguinte: “E ela veio na quarta-feira 10…”.

6 — Errado – O pronome relativo CUJO estabelece relação de posse entre os termos "resultado" e "uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia". A reescritura do período, substituindo-se o pronome relativo pelo antecedente, tem o seguinte resultado: O resultado da sessão de julgamento da Comissão de Anistia foi o reconhecimento, por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado.

7 — Errado – A conjunção PORTANTO introduz uma conclusão para o que se expôs anteriormente. O autor deduziu que Chico Mendes somente foi absolvido quatro anos após se iniciarem as perseguições contra ele. Já a conjunção ENQUANTO estabelece relação temporal, mais especificamente de concomitância, simultaneidade – no mesmo momento em que Chico Mendes estava sob a custódia da Polícia Federal, era torturado.

8 –Certo – ONDE é pronome relativo, podendo ser substituído por NO QUAL, refere-se a Xapuri, introduz oração subordinada adjetiva, que, por estar isolada por vírgulas, possui caráter explicativo.

02. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do Sesi e do Senac, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia,

petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da Petrobras.

Gabarito: B

O texto indica que a oferta de empregos é maior do que a demanda. Por isso, a Vale necessita buscar no mercado internacional profissionais para atenderem a essa necessidade. A alternativa B é a única que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente. Observe: a expressão "Essa é a iniciativa" refere-se a "uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá." Há também a leitura de a procura por mão de obra em outros países acaba por representar uma das consequências da globalização.

03. **(Cespe / UnB / TJ-RJ)**

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20 mar. 2008. (Com adaptações.)

Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norteamericana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Gabarito: C.

O início do texto informa que a invasão dos Estados Unidos ao Iraque representou uma catástrofe humanitária, além de significativo fracasso político. No entanto, o fragmento final destaca a derrocada financeira. Portanto, a continuação, para ocorrer de forma coesa, deve esclarecer por que houve esse desastre financeiro. As duas únicas alternativas que poderiam dar sequência a essa ideia seriam A e C. No entanto, a opção A possui uma falha. A informação lá constante confirma a ideia presente no texto, então o emprego da conjunção ENTRETANTO, de caráter adversativo, não se justifica.

04. **(Esaf / MPU)**

Leia o trecho abaixo e aponte a opção que lhe dá continuidade, respeitando a coesão, a coerência e a orientação argumentativa do texto.

É verdade que já nos anos 50 numerosos estudos haviam demonstrado que fumar provoca câncer, enfisema, ataque cardíaco e muitas outras doenças, mas a estratégia de defesa adotada pela indústria do tabaco foi a do contracheque: de um lado contratava técnicos para criticar a metodologia empregada nessas pesquisas; de outro, pressionava os meios de comunicação para garantir que não fossem divulgadas.

a) Hoje, não só se divulgam as pesquisas que atenuam o impacto do tabaco no organismo, buscando o controle da venda de cigarro a menores de idade e oferecendo tratamento gratuito aos que querem abandonar o vício de fumar.

b) Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a

menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.

c) Naquela época, a indústria do tabaco acatava incondicionalmente ações judiciais de ressarcimentos milionários às famílias dos que morriam vitimados pelos efeitos nocivos da nicotina.

d) Nos anos 50, a disseminação da epidemia de tabagismo corria velozmente de encontro à forma aliciadora e atraente com que fumavam os astros e estrelas no cinema e na tevê.

e) Resultado de pesquisa conduzida pelo Ministério da Saúde em sete capitais brasileiras comprova que o número de dependentes de nicotina no país é de aproximadamente 20%.

Gabarito: B

Observe que o texto informa que já nos anos cinquenta havia muitos estudos provando que o fumo provoca doenças. Depois esclarece também que a estratégia de defesa da indústria do tabaco foi a força financeira. Alerta, por fim, que houve muita pressão para os meios de comunicação não divulgarem as tais pesquisas. A alternativa B justamente representa um exemplo dessa pressão financeira efetuada pela indústria do tabaco: "Qualquer jornal, emissora de rádio ou de televisão que ousasse levantar a menor suspeita de que o cigarro pudesse trazer algum malefício à saúde sofria retaliação financeira imediata.".

05. **(Esaf / SEFA – PA)**

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e da relevãncia do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e hoje, Antônio Cãndido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto. Cultura e política. p.110)

Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

Gabarito: D

O início do texto anuncia que não se precisa ser adepto da tradição intelectual para reconhecer a inconveniência de se preterir o movimento cultural do Brasil. Depois é relatado que pesquisas notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo desdobramento, sequência. O texto é finalizado com o elogio nominal a três autores – Machado de Assis, Mário de Andrade e Antônio Cãndido – por fazerem justamente o oposto. Relembrando que o texto, antes de ser coerente, há de ser coeso. Repita-se. A conclusão se faz na citação nominal dos autores. Então a sequência se efetiva por aí. A alternativa D a realiza com perfeição. Observe que o pronome ELES retoma os autores e explica por que a qualidade dos três se prende a esse ponto: "souberam retomar criticamente o trabalho de seus predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinãmico, subjacente às contradições contemporãneas.".

06. **Uma carga tributária irracional**

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

PAULO RABELLO de Castro, em estudo de natureza econométrica para a revista "Financeiro" de outubro (páginas 14 a 17), demonstra que o aumento da carga

tributária tem representado no Brasil constante perda do crescimento do PIB em percentual a cada dia maior. Assim, no denominado efeito "crowding out" (expulsão), a cada aumento de 1% na carga, o aumento do valor da perda é de 6,7%, considerando o PIB atual, o que vale dizer que, em aumentos de 1%, 2%, 3%, 4% e 5%, a perda seria de 6,7%, 13,4%, 20%, 26,7%, e 33,4% ao ano, respectivamente.

O estudo impressiona, sobretudo no anexo estatístico e na decomposição logarítmica do crescimento do produto bruto do Brasil, por demonstrar que, tendo o país uma carga tributária superior à dos países componentes dos Brics, cresce, à evidência, menos do que esses países. Prova, portanto, que a imposição fiscal atende ao interesse dos detentores do poder, mas, à evidência, não é do interesse público nem da sociedade.

Não sem razão, o Brasil caiu, no rol de competitividade entre as nações, para a 72ª posição, sendo que, dos nossos concorrentes diretos, a China ostenta a 34ª posição, a Índia, a 48ª, e a Rússia, a 58ª. Pior do que isso: o Chile ostenta a 26ª, Porto Rico, a 36ª, o México, a 52ª, e até mesmo a Colômbia aparece em posição melhor que a do Brasil (69ª), apesar dos seus indiscutíveis problemas com o narcotráfico e o governo paralelo das Farcs.

É de lembrar, ainda, que o aumento da carga tributária do ano passado para este também correspondeu à queda da 66ª posição para a 72ª, em clara demonstração de que, apesar de a imposição fiscal não ter sido o único fator para a perda de competitividade nacional, ela foi, sem dúvida alguma, elemento relevante ao lado da burocracia esclerosada, do nível de corrupção detectado por organismos internacionais nas estruturas administrativas e da regulação excessiva por meio de uma inflação legislativa.

Assinale a opção que dá continuidade ao texto de forma coesa e coerente.

a) Diante dessa realidade, à evidência, a carga tributária não tende a cair, e a economia, apesar do céu de brigadeiro da "performance" mundial, está condenada a crescer menos do que a do mundo inteiro, correndo sérios riscos quando as nuvens que surgem no horizonte econômico se transformarem em tempestades.

b) À luz desses dados negativos, insiste o governo na prorrogação da CPMF, apesar de arrecadar neste ano, segundo as próprias projeções

governamentais, 60 bilhões de reais a mais do que o projetado no Orçamento para 2007, vale dizer, um terço a mais do que o que pretende receber da CPMF em 2008!

c) Nesse quadro, em que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) não deslancha, a carga aumenta e o presidente permite a contratação de mais servidores, objetivando inchar suas estruturas arcaicas e inoperantes, é assustadora a revelação feita pela Folha alguns meses atrás: dos 100% dos "amigos do rei" -os contratados sem concurso para cargos e funções na administração–, 47% são sindicalistas, vale dizer, de pouca especialização na administração pública, a não ser aquela de defesa dos interesses da categoria, e 19% são filiados ao PT.

d) Essa verdadeira desidratação legislativa envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos. Infelizmente, vive-se, neste cipoal incoerente, cansativo e conveniente, a falta de uma administração pública, que não privilegia as carreiras do Estado nem cria uma evolução hierárquica estimuladora no setor público.

e) Temos tudo – e, graças a isso o país ainda cresce, por força do trabalho da sociedade; só não temos governantes com visão de estadistas, razão pela qual em todos os índices internacionais o Brasil resta em posição inferior. Em tempo: estamos à frente de Burundi e do Haiti.

Gabarito: D

Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos".

07. **(Esaf / SEP-SP)**

O texto abaixo foi adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 21/1/2009. Assinale a opção que representa continuação coesa e coerente para o texto.

O desemprego em dezembro dá uma ideia mais clara, e nada animadora, do tamanho da crise instalada no País desde o trimestre final de 2008. No mês passado, foram fechados 654.946 postos de trabalho formais, segundo informou o

governo. Foi mais que o dobro do número registrado um ano antes, quando foram demitidos, em termos líquidos, 319.414 trabalhadores com carteira assinada. O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria, depois de encerrada a produção para o Natal.

a) Porquanto nas três primeiras semanas de janeiro o intercâmbio de mercadorias continuou piorando e, até dia 18, o Brasil acumulou um déficit de US$ 390 milhões.

b) Desta vez, no entanto, as dispensas foram surpreendentes, mesmo levando-se em conta a piora das condições econômicas.

c) Essas informações sobre o comércio exterior, já conhecidas, confirmaram a perda de impulso das exportações e a contínua redução do superávit comercial.

d) Mesmo que, se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.

e) Esse dado sobre as exportações é mais um indicativo da tendência de redução de emprego.

Gabarito: B

A alternativa A não pode ser a resposta, visto que o conector PORQUANTO tem caráter causal. É de bom alvitre lembrar que a causa representa fato anterior e a consequência, posterior. O fato ocorrido em janeiro de 2009 não pode ser a causa do que ocorreu no fim de 2008.

A alternativa B é a resposta, observando-se dois detalhes: o emprego da expressão "as dispensas" como sinônima de "demissões" e da conjunção adversativa "no entanto", estabelecendo uma ressalva em relação à informação anterior: já havia realmente a expectativa de demissões naquele período do ano, contudo (ressalva) não em tal quantitativo.

A alternativa C é absurda, uma vez que não há qualquer informação sobre o comércio exterior.

A alternativa D apresenta um problema: o conector concessivo MESMO QUE estabelece uma oposição. A informação seguinte poderia ser uma consequência ou uma conclusão para o que se expõe no fim do texto, nunca uma oposição. "O aumento das demissões é normal no fim do ano, principalmente na indústria,

depois de encerrada a produção para o Natal." – "Portanto" (e não "Mesmo que"), se o presidente da República e seus ministros têm novos planos para reanimar a economia, não devem esperar muito mais tempo para iniciar sua execução.". O conector apropriado seria de caráter conclusivo: portanto, logo, então, por conseguinte.

A alternativa E também é absurda, visto que não há qualquer dado sobre exportações.

08. **TCU – Perceba que o texto é concluído mencionando a inflação legislativa. A alternativa D retoma "a inflação legislativa" com a expressão ESSA VERDADEIRA DESIDRATAÇÃO LEGISLATIVA, dá sequência a essa ideia e ainda apresenta seus efeitos: "envergonha a maioria esmagadora dos professores de direito, obrigados a com ela conviver e a explicá-la perante seus alunos". Numere os trechos de modo a compor um texto coeso e coerente e assinale a sequência correta.**

( ) Esse é, sem dúvida, o grande mérito da Lei de Responsabilidade Fiscal.

( ) Alguns instrumentos jurídicos, porém, põem-se à frente de seu tempo e têm finalidade educativa.

( ) Leis e códigos não são feitos para mudar a toda hora.

( ) Servem para sinalizar o rumo que as instituições devem tomar.

( ) Não se baseiam em tendências ou modismos, mas refletem práticas e costumes cristalizaâdos na sociedade.

(Jornal do Brasil, 15/10/2000)

a) 1, 2, 4, 3, 5;
b) 5, 3, 1, 4, 2;
c) 2, 1, 3, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 5, 2, 1, 3.

Gabarito: B

O primeiro fragmento não pode dar início ao texto, uma vez que o pronome ESSE faz referência a algo já mencionado.

O segundo fragmento não inicia o texto, uma vez que a conjunção PORÉM sugere que a ideia aí constante está em oposição a algo já citado.

O terceiro fragmento é o único que pode dar início ao texto.

No quarto parágrafo, o emprego de SERVEM sugere que a sua concordãncia se realiza com algum termo que já deveria se fazá deveria se faz presente no texto.

No quinto parágrafo, o mesmo ocorre. A forma verbal BASEIAM concorda com elemento já inserido anteriormente no texto.

Como o único fragmento que pode iniciar o texto é o terceiro, busco alternativa em que o número 1 aparece na terceira posição.

(X)

(X)

(1)

(X)

(X)

Passemos para a horizontal: (X), (X), (1), (X), (X). A alternativa C é a única que apresenta o número 1 na terceira posição.

09. **(Cespe / UnB / Polícia Federal)**

Quando o entrevistado foi questionado a respeito das dificuldades do trabalhador nessa adaptação aos novos tempos, a resposta, registrada em um parágrafo, contemplou os seguintes aspectos, aqui apresentados em tópicos.

I – **Um exemplo? Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles.**

II – **O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador.**

III – **É preciso reeducá-los. Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô.**

IV – **Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer.**

V – **Não se trata de transformá-lo numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo.**

Aplicando os conhecimentos de tipologia textual à habilidade de

compreensão detalhada de uma resposta, em função da pergunta formulada, julgue os seguintes itens.

1) A ordem acima é apropriada para que os tópicos formem um parágrafo coerente.
2) Os tópicos I, III e IV, nesta sequência, são inter-relacionados e fazem parte do desenvolvimento da resposta.
3) Pela estrutura interna do tópico II, é correta a sua colocação no início da resposta à pergunta formulada.
4) Os tópicos III e V apresentam grande coesão interna, o que favorece a colocação deles, nesta sequência, dentro do desenvolvimento da resposta.
5) A organização interna do tópico IV, com o emprego do vocábulo "sobretudo', torna correto o seu uso como fechamento da resposta, por dar reforço às ideias apresentadas.

Gabarito:

1) **Errado;**
2) **Errado;**
3) **Certo;**
4) **Certo;**
5) **Certo.**

Inicialmente montemos o texto. Como o tópico I é introduzido por "Um exemplo", obviamente não pode dar início ao texto. O tópico II pode iniciar o texto, até porque o único elemento remissivo "ELE", está se referindo a um termo já presente no próprio tópico (o trabalhador). O tópico III não pode iniciar o texto, uma vez que a forma pronominal LOS refere-se a algo – masculino e plural – já mencionado. O quarto tópico possui toda a aparência de conclusão, em face da presença de dois elementos enfáticos: ESPECIALMENTE e SOBRETUDO. O último tópico também não pode dar início ao texto, porquanto a forma pronominal LO refere-se a algo já citado – masculino e singular. Por sinal, é certo que há a sequência III-V, já que a forma pronominal LO (tópico V) refere-se a HOMEM (tópico III). Além disso, justifica-se a repetição da construção NÃO SE TRATA, presente nos tópicos III e V, quando se deseja realçar uma ideia. Para que esse recurso tenha efeito, os elementos repetidos devem ocorrer próximos. Também fica bem evidente que o tópico III vem depois do I, dado que a forma pronominal LOS (III) refere-se aos

termos OPERÁRIOS (I) E DELES (I). Sendo assim, tudo indica que a sequência correta é II – I – III – V– IV:

"O pensamento do trabalhador comum é analógico. Ele tem dificuldade para exercitar a realidade digital do computador. Um exemplo? (Um exemplo dessa dificuldade) Muitos operários não compreendem como uma série de comandos num teclado, exibida somente na tela de um micro, pode resultar em mudanças numa máquina industrial que não está diante deles. É preciso reeducá-los (os operários). Não se trata de treinar o homem apenas para mexer nos equipamentos automaticamente, como se fosse um robô. Não se trata de transformá-lo (o homem) numa peça da engrenagem da linha de montagem. Não basta saber operar uma máquina sem compreender o que está se fazendo. (Enfim) Ensinar computação, especialmente para os operários, é ensinar a mexer na máquina, mas sobretudo a entender o que ela pode fazer."

Perfeita a montagem.

1 – Errado, porque a sequência correta II – I – III – V– IV.

2 – Errado, porque o item IV representa a conclusão do texto. Os tópicos inter-Ârelacionados são I-III-V.

3 – Certo. Não há elementos que remetem a elementos presentes em outros tópicos.

4 – Certo. São dois elementos coesivos: a repetição da construção NÃO SE TRATA e a presença da forma pronominal LO (tópico V) referindo ao termo HOMEM (tópico III).

5 – Certo. A ideia de ênfase não se faz presente apenas pelo emprego de SOBRETUDO, mas também pelo uso de ESPECIALMENTE.

10. **(Esaf / ANA)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de http://www.ana.gov.br/prodes/prodes.asp, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção correta.

( ) Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.

( ) Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água.

( ) Tanto é assim que menos de 20% do esgoto urbano recebe algum tipo de tratamento, o restante é lançado nos corpos dâágua "in natura", colocando em risco a saúde do ecossistema e da população local.

( ) Nesse cenário, os efluentes domésticos representam uma das principais fontes de degradação dos ecossistemas aquáticos do território nacional.

( ) Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.

a) 2, 1, 4, 5, 3;
b) 3, 2, 4, 5, 1;
c) 3, 5, 4, 2, 1;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Gabarito: D

O primeiro fragmento não pode iniciar o texto, visto que o emprego de TAL sugere que o incremento já foi citado anteriormente.

O segundo tópico pode dar início ao texto, uma vez que não possui elementos remissivos.

O início do terceiro fragmento deixa claro não poder dar início a um texto (Tanto é assim que).

O emprego de NESSE CENÁRIO, no quarto fragmento, indica que a situação já foi mencionada.

No quinto tópico, o uso de PRINCIPALMENTE e de ESSA DEGRADAÇÃO sugere que algo já foi mencionado em outro tópico.

Como somente o segundo tópico pode dar início ao texto – ponhamos 1 no segundo fragmento.

(X)
(1)
(X)
(X)
(X)

Passando para a horizontal – (X) (1) (X) (X) (X) –, a resposta somente pode ser

A ou D. A alternativa A é eliminada porque a sequência (2) (1) (X) (X) (X) é incoerente. Vejamos: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Tal incremento da carga orgãnica poluidora nos corpos dâágua leva à escassez de água com boa qualidade, fato já verificado em algumas regiões do país.". O emprego de TAL INCREMENTO sugere que um aumento, um acréscimo deveria ocorrer anteriormente, mas nunca uma redução.

Já a sequência (X) (1) (X) (X) (2) é perfeita: "Entre os maiores desafios da gestão de recursos hídricos no Brasil está a redução das cargas poluidoras que degradam os corpos d'água. Principalmente em regiões metropolitanas, essa degradação da qualidade da água vem criando situações insustentáveis do ponto de vista de desenvolvimento.".

11. **(AFC / CGU)**

Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12/01/2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germãnico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3,2,1,5,4;
b) 5,4,2,1,3;
c) 4,3,2,1,5;
d) 1,5,3,2,4;
e) 4,3,1,2,5.

Gabarito: A

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, uma vez que o emprego do pronome possessivo SUA, indica que a decisão foi de alguém já mencionado.

O segundo tópico, pelo mesmo motivo do primeiro, também não pode dar início ao texto.

O terceiro tópico pode dar início ao texto, por não possuir elementos remissivos.

O emprego da expressão DE FATO sugere que o comentário aí proferido está em aquiescência a uma opinião exposta anteriormente.

O último tópico, por não possuir elementos remissivos, poderia iniciar o texto.

Observando as alternativas, como já dito, o último fragmento poderia dar início ao texto, porém, como não há nenhuma alternativa com o número 1 na quinta posição (X) (X) (X) (X) (1), podemos excluir essa possibilidade. Ficamos então somente com a possibilidade de 1 vir na terceira posição (X) (X) (1) (X) (X), havendo como possíveis respostas A e E. A alternativa A não pode ser a resposta, visto que a sequência (X) (X) (1) (2) (X) é incoerente, como veremos: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo." Não há relação entre o fato de Carpeaux ser católico com o fato relatado anteriormente. Já a sequência da letra A (X) (2) (1) (X) (X) fica perfeita: "Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena. Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.".

12. **Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Ruy Castro, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.**

( ) A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso às contas públicas pela oposição.

( ) Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" - chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF.

( ) Ela veda o repasse desses recursos para Estados e municípios que não estejam em dia com o pagamento de tributos federais e dívidas com a União, que tenham descumprido o gasto mínimo em educação e saúde ou que

tenham excedido o limite para dívidas e gastos com pessoal.

( ) O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência.

( ) Pelo texto, de autoria do Executivo, repasses para obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) definidas pelo governo tornam-se "obrigatórias", ou seja, ficam livres de regras que, em determinadas situações, impedem a transferência dos recursos inscritos na categoria "não obrigatórias".

1) 4 – 2 – 3 – 5 – 1;
2) 2 – 4 – 5 – 1 – 3;
3) 2 – 1 – 4 – 3 – 2;
4) 3 – 2 – 5 – 1 – 4;
5) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

Gabarito: B

O primeiro tópico não pode começar o texto, visto que o termo "esse objetivo" faz remissão a termos anteriores. O segundo tópico também não pode iniciar o texto, uma vez que a sigla LRF ainda não foi apresentada ao leitor. O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, porquanto o pronome "Ela" faz menção a algo já mencionado. O quinto tópico também não pode dar início ao texto, pois não se esclarece que texto é esse (texto de quê?). Como somente o quarto tópico não possui elementos remissivos, chega-se Ã conclusão de que a resposta somente pode ser B ou D (X-X-X-1-X).

( )
( )
( )
(1)
( )

A sequência da D é

(3)
(2)
(5)
(1)
(4)

A sequência 1-2 da alternativa D é incoerente, senão vejamos: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / Entre as principais regras que podem represar recursos "não obrigatórios" – chamados de "transferências voluntárias"– está a LRF. (2) – Perceba a incoerência: O primeiro tópico fala em ignorar restrições existentes na LRF e o segundo tópico indica que a LRF está entre as principais regras que represar recursos "não obrigatórios".

A sequência exposta na alternativa B é perfeita.

(2)

(4)

(5)

(1)

(3)

Perceba que a sequência dos dois primeiros tópicos é bastante coerente: O governo federal poderá repassar verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral, além de ignorar restrições existentes na LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal) para esse tipo de transferência. (1) / A Cãmara aprovou medida provisória com esse objetivo, que foi considerado eleitoreiro e danoso Ãs contas públicas pela oposição. (2). Repare que o termo "esse objetivo" refere-se Ã transferência de verbas do PAC a estados e municípios no período eleitoral.

Chegando-se a essa sequência, não há mais necessidade de se continuar a leitura do texto.

É importante o candidato ficar atento ao fato de que, por exemplo, quando se chega à conclusão de que o terceiro fragmento é o terceiro da sequência, não se deve procurar uma resposta começando pelo algarismo 3 (3-X-X-X-X – ERRADO), mas sim buscar uma resposta em que o algarismo 3 aparece na terceira posição (X-X-1-X-X).

13. **(Esaf / AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se

evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo.

( ) E no qual, enfim, depois de séculos de hostilidade e de enclausuramento, o homem se veria dissolvido em uma grande colcha democrática, capaz de abrigar a todos, sem lugares fixos e sem destinos rígidos, um mundo, por fim, em que poderíamos compartilhar uma mesma experiência.

( ) Profeta da morte da imprensa e do fim de um mundo linear e geométrico, ele antecipou, já nos anos 50 e 60, a chegada de um novo mundo unificado, na forma de grande teia, e gerido por uma espécie de alma suprapessoal.

( ) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial.

( ) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que ele mesmo via nascer.

(Adaptado de José Castello http://nominimo.ibest.com.br/notitia)

a) 5º, 3º, 2º, 1º, 4º;
b) 2º, 5º, 3º, 1º, 4º;
c) 3º, 2º, 4º, 5º, 1º;
d) 4º, 1º, 5º, 3º, 2º;
e) 1º, 4º, 2º, 5º, 3º.

Gabarito: B

Questão de ordenamento de fragmentos para a formação de um texto. De todos os fragmentos, somente o quarto pode iniciar o texto, pois todos os outros contêm termos fazendo remissão a elementos antecedentes. Sendo assim, buscam-se as opções em que o numeral cardinal 1º encontra-se na quarta posição. Portanto, somente as alternativas A e B podem ser a resposta. A alternativa A é excluída apenas na última sequência: o primeiro fragmento do texto seria o último da sequência textual: (4º) Previa McLuhan que, nesse novo mundo unificado da mídia que estava a se afirmar, os homens se veriam imersos em uma grande malha global, um mundo devassado, sobreposto e instantâneo, no qual as ideias se dissolveriam e as diferenças se anulariam – exatamente como na cultura pop que

ele mesmo via nascer. (5º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Observe que essa sequência não faz sentido: o fato de McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ter antevisto o mundo em que vivemos não é motivo (principalmente porque) para a previsão de que os homens se veriam imersos em uma grande malha global.

Já a sequência proposta na alternativa B é deveras coerente: (1º) Nascido em 1911, em Edmonton, Canadá, Herbert Marshall McLuhan foi, afora erros e acertos de suas hipóteses, um pensador genial. (2º) Principalmente porque, com recursos parcos e uma formação basicamente literária, ele anteviu o mundo em que vivemos, no qual as palavras se evaporam e se dispersam em redes virtuais, as ideias circulam em direções caóticas e a noção de sentido, quer dizer, de uma direção e de um futuro, se perde num presente em abismo. – Repare que Herbert Marshall McLuhan, mesmo com recursos parcos e uma formação basicamente literária, conseguiu antever o mundo em que vivemos, e, por isso, pode ser considerado um pensador genial.

14. **(Esaf / TRF)**

Abaixo estão os segmentos inicial e final de uma correspondência oficial. É preciso completá-la nos espaços pontilhados, ordenando os parágrafos na ordem em que devem constar no documento. Numere os parênteses, obedecendo aos princípios de coesão, coerência e encadeamento de ideias. Assinale, a seguir, a opção que reproduz a ordem correta.

E.M. n. 122 /Interministerial MF – CGU-PR

Brasília, 26 de setembro de 2005.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República

Respeitosamente,

MURILO PORTUGAL FILHO

Ministro de Estado da Fazenda Interino

WALDIR PIRES

Ministro de Estado do Controle e da Transparência

(....) Com o objetivo de dar fiel cumprimento àquela determinação legal, cuja finalidade precípua consiste na preservação do princípio constitucional da publicidade, submetemos a Vossa Excelência o incluso Relatório de Gestão Fiscal do Poder Executivo Federal, referente ao período de janeiro a agosto do exercício de 2005.

(....) O referido Relatório deverá ser objeto de encaminhamento ao Congresso Nacional e ao Tribunal de Contas da União, conforme dispõe o art. 116 da Lei n. 10.934, de 11 de agosto de 2004.

(....) O Relatório de Gestão Fiscal, consoante determina a supracitada Lei, deve conter informações relativas à despesa total com pessoal, dívida consolidada, concessão de garantias e operações de crédito, devendo, no último quadrimestre, ser acrescido de demonstrativos referentes ao montante das disponibilidades de caixa em 31 de dezembro, de cada exercício e das inscrições em restos a pagar.

(....) Determina a mesma Lei que o Relatório deverá ser publicado e disponibilizado ao acesso público até trinta dias após o encerramento do período a que corresponder, prazo esse que, para o segundo quadrimestre de 2005, se encerra em 30 de setembro do corrente.

(....) A Lei Complementar n. 101, de 04 de maio de 2000, que estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, exige, em seu art. 54, a emissão, ao final de cada quadrimestre, pelos titulares dos Poderes e órgãos referidos no art. 20, do Relatório de Gestão Fiscal assinado pelo respectivo Chefe e pelas autoridades responsáveis pela administração financeira e pelo controle interno, bem como por outras autoridades que vierem a ser definidas por ato próprio de cada Poder ou órgão.

(http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2005/relatorioLRF2005.pdf, com adaptações)

A sequência correta é:

a) 5 4 1 3 2;

b) 4 5 2 3 1;

c) 5 2 4 3 1;

d) 1 3 2 4 5;

e) 1 2 4 3 5.

Gabarito: B

Somente o último fragmento, por não possuir elementos que façam remissão a termos antecedentes, pode dar início ao texto, então deve o candidato buscar as alternativas em que o algarismo "1" encontre-se na última posição. Com isso, são excluídas as alternativas A, D e E. As opções B e C poderiam ser as respostas. Comparemos as continuidades das duas alternativas. A sequência proposta na opção C (5-2-4-3-1) possui um problema: sendo o terceiro fragmento o quarto (destacado) da sequência, haverá uma dúvida quanto à lei referida pelo termo "a supracitada Lei". O último fragmento (primeiro da sequência) menciona a Lei Complementar nº 101, o segundo fragmento (segundo da sequência proposta) alude ao art. 116 da Lei nº 10.934. Ou seja, não se saberia se a supracitada lei seria a Complementar 101 ou a 10.934. Já a alternativa B não apresenta essa ambiguidade, porquanto sendo o terceiro fragmento o segundo da sequência proposta, a supracitada lei só poderia referir-se à Lei Complementar nº 101 que aparece no último fragmento, o primeiro da sequência proposta.

15. **(AFRF)**

Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do

totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III No mundo contemporãneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X;
b) Y,X,X,X,Y;
c) Y,Y,X,X,Y;
d) X,Y,Y,X,Y;
e) X,Y,Y,X,X.

Gabarito: B

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão-somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1 o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citados anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram

apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta.

16. **(Esaf / ISS-RE)**

Em cada parágrafo, da questão 78, encimado por um subtítulo, ordene os itens de modo a formar um texto coeso e coerente. Descarte o item que não for coerente e coloque nesse item um "d". Marque, depois, a sequência correta.

( ) Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de insegurança pública.

( ) É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.

( ) A prisão perpétua significa pouco ou nada para eles

( ) Para combatê-la é preciso distribuir renda.

( ) A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado.

( ) Mas não é só: estamos propondo a criação da Cãmara de Combate à Violência, nos moldes da Cãmara de Energia.

a) 3,1,d,5,4,2;

b) 5,2,d,3,1,4;

c) 4,1,d,3,2,5;

d) d,1,5,4,2,3;

e) 2,5,3,4,1,d.

Gabarito: B

Essa questão pode ter uma solução diferente. Na realidade, o "d" é apenas um elemento para assustar o candidato, mas que não interfere na resposta. Se você for atento, perceberá, pelas alternativas, que a primeira parte do texto ou será o segundo fragmento (A, C ou D) ou o penúltimo (B ou E). Como o segundo fragmento (É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.) não pode dar início ao texto, até porque o pronome demonstrativo "o" é referente a algo que já deveria estar mencionado no texto, podem-se excluir as alternativas A, C e D. Ficamos, então, com as alternativas B e E. A sequência da E não é coerente: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. Igualmente importante é saber como o país chegou ao atual estágio de

insegurança pública.". Destarte, a resposta só pode ser a B. Observemos a sequência dos dois primeiros fragmentos: "A violência atingiu um grau insuportável, que não pode mais ser tolerado. É o que constata desde o Presidente da República até o brasileiro mais humilde.". Perfeito. No frigir dos ovos, não houve a menor necessidade de fazer uso do "d" para se chegar à resposta.

17. **(AFRF)**

Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo, de 24/8/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a opção que corresponde à sequência correta.

( ) Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.

( ) A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho.

( ) Diante de tal experiência, a insistência em se discutir uma redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais (sem alteração de salários) parece esdrúxula. Mudar uma das bases das regras contratuais em meio a uma conjuntura ainda nebulosa representa enorme risco para os trabalhadores.

( ) Dessa forma, o impacto da crise sobre o mercado de trabalho, especialmente no Brasil, não chegou a ter a dimensão trágica que a crise certamente causaria em outra situação, de mais rigidez nas regras contratuais. E isso sem dúvida contribuiu para abreviar o período recessivo.

( ) No Brasil ocorreu algo semelhante àqueles países. A indústria demitiu, mas, em alguns setores (mineração, siderurgia, bens de consumo duráveis), o quadro teria sido pior não fosse a possibilidade de se recorrer a férias coletivas, licenças parcialmente remuneradas, banco de horas etc.

a) 1,2,4,3,5;
b) 2,1,5,4,3;
c) 4,1,3,5,2;
d) 3,4,1,2,5;

e) 5,3,2,1,4.

Gabarito: B

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "desse momento", "Diante de tal experiência", "Dessa forma" e "àqueles países" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. As possíveis respostas são B e C. Exclui-se a alternativa C, visto que a sequência proposta indica o último fragmento como o segundo, o que gera incoerência. Quando se faz menção a "àqueles países", no fragmento inicial os países teriam que ser citados. A alternativa B fica perfeita: "A recente crise econômica mundial – que por pouco não empurrou o planeta para uma depressão tão terrível como a de 1929-1934 – mostrou, na prática, a importãncia de se ter flexibilidade nos contratos de trabalho." / "Até mesmo em países com regras rígidas (França e Alemanha, por exemplo), sindicatos perceberam a gravidade desse momento e aceitaram negociar reduções temporárias de jornada de trabalho com respectiva diminuição de salários e benefícios, em contrapartida à manutenção de empregos.".

18. **(Analista Tributário)**

Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de O Globo, Editorial, 14/10/2009, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.

( ) Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o cãmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria.

( ) Além desse equilíbrio, os programas de ajuste macroeconômico têm garantido uma estabilidade monetária que ampliou o horizonte de investimentos e as possibilidades de um desenvolvimento sustentável de longo prazo.

( ) Tal promoção foi reforçada pela capacidade de reação da economia brasileira à recente crise financeira, a mais grave que o mundo atravessou desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

( ) Assim, as principais agências classificadoras de risco promoveram a economia brasileira para a categoria daquelas que não oferecem risco cambial aos investidores estrangeiros.

a) 2, 1, 3, 5, 4;
b) 5, 3, 4, 1, 2;
c) 4, 5, 2, 3, 1;
d) 3, 2, 1, 4, 5;
e) 4, 1, 2, 3, 5.

Gabarito: A

O primeiro, o terceiro, o quarto e o quinto fragmento não podem dar início ao texto, porquanto os termos "Esse quadro", "Além desse equilíbrio", "Tal promoção" e "Assim" indicam que algo já foi mencionado anteriormente. Destarte, somente o segundo fragmento pode dar início ao texto, o que nos leva a duas possíveis respostas: A ou E (X-1-X-X-X). A sequência proposta na E é incoerente, dado que o terceiro fragmento, ao se iniciar por "Além desse equilíbrio", indica que "o equilíbrio" já deveria ter sido citado no segundo fragmento. Já a sequência (2-1-X-X-X) é perfeita: "Apesar de a economia brasileira ter ainda um grau de abertura relativamente pequeno para o exterior – se comparado à média internacional –, o câmbio sempre foi apontado com um dos fatores mais vulneráveis do país. No passado, o Brasil era muito dependente de petróleo importado e de insumos essenciais para a indústria." / "Esse quadro se alterou significativamente: em volume, a produção nacional de petróleo vem se mantendo próxima aos patamares de consumo doméstico. A redução dessa dependência no campo da energia foi acompanhada por um salto expressivo nas exportações brasileiras (que cresceram uma vez e meia na última década), com razoável equilíbrio entre produtos básicos e manufaturados na pauta de vendas.".

19. **(MPOG)**

Numere em que ordem os trechos abaixo, adaptados do ensaio Lula e o mistério do desenvolvimento, de Maílson da Nóbrega (publicado em VEJA, de 26 de agosto, 2009), dão continuidade à oração inicial, numerada

como (1), de modo a formar um parágrafo coeso e coerente.

(1) Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos.

( ) De fato, as lutas mortais dos gladiadores, entre si e com as feras, divertiam os romanos; execuções públicas eram populares na Inglaterra até o século XVIII.

( ) Por isso, a alfabetização disseminada e habilidades aritméticas, antes irrelevantes, adquiriram importãncia para a Revolução Industrial.

( ) Esses instintos foram substituídos por hábitos fundamentais para o desenvolvimento: trabalho, racionalidade e valorização da educação.

( ) Elas os fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.

( ) Como consequência dessas mudanças, a classe média cresceu; valores como poupança, negociação e disposição para o trabalho se firmaram nas sociedades bem-sucedidas.

A sequência obtida é

a) (1) (2) (4) (5) (6) (2);
b) (1) (3) (2) (6) (4) (6);
c) (1) (4) (2) (6) (5) (3);
d) (1) (3) (5) (4) (2) (6);
e) (1) (2) (6) (4) (3) (5).

Gabarito: D

Questão interessante, em que o primeiro tópico já se encontra definido. A busca se faz pelo segundo tópico. É de bom alvitre perceber que algumas opções estão prejudicadas como a A e a B, visto que há repetição de número (2 na A e 6 na B). De qualquer forma, tal problema não chega a invalidar a questão, até porque estas alternativas não seriam a resposta. Somente o penúltimo fragmento pode ser o segundo da sequência, visto que nele há dois elementos coesivos: o pronome ELAS que faz referência ao termo MUDANÇAS CULTURAIS; e o pronome oblíquo OS que remete à expressão ATUAIS PAÍSES RICOS. Vejamos a sequência: "Mudanças culturais estão na origem do sucesso dos atuais países ricos. Elas (Mudanças culturais) os (atuais países ricos) fizeram abandonar instintos primitivos de violência, impaciência e preguiça.".

Capítulo 8

Semântica Verbal

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento no qual o autor produz o texto.

8.1. MODO INDICATIVO

Indica, em regra, um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Podemos encontrar matizes semânticos distintos dentro deste tempo verbal, que irão desconstruir o raciocínio de que o presente representa o momento em que a ação acontece. Vejamos:

Presente Pontual – representa o momento em que a ação se desenvolve.

Ex.: Eu **estou** lendo esta frase. (A leitura acontece agora).

Presente Habitual ou Frequentativo – a essência do hábito é o intervalo entre fazer ou não determinada coisa.

Ex.: Eu **durmo** bem todos os dias. (Não estou dormindo agora, mas há um intervalo entre dormir e não dormir).

Presente Permanente – ocorre sem parar.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol. (Reparemos que a Terra não para de girar, permanece a todo instante girando)

Pretérito perfeito – Indica um evento passado encerrado, finalizado. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação. O pretérito perfeito também pode ser chamado de passado pontual.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente". Esse tempo pode ser chamado também de passado habitual, frequentativo ou impontual.

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado. Algumas bancas já usaram a denominação passado do passado para representar o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã". Este tempo é considerado, apesar de futuro, factual, e não hipotético.

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é

certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação: você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

8.2. MODO SUBJUNTIVO

Indica, em geral, evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também

futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

BIZU

Quando negamos o presente do subjuntivo, passamos a ter uma ideia factual e não hipotética. É importante observarmos isso, pois, em regra, o modo subjuntivo é considerado hipotético.

Ex.: Não há um ser humano que **não saiba** que o uso excessivo de medicamentos sem respaldo médico pode fazer mal à saúde. (Ou seja, todos os seres humanos sabem. A ideia é factual (certeza) e não hipotética.

8.3. MODO IMPERATIVO

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a Língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito.

Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

8.4. OUTRAS SEMÂNTICAS VERBAIS

Semanticamente, existem vários ramos distintos que analisam o envolvimento dos verbos com os demais termos do período. O próprio termo semântica já é uma generalização. Mostraremos, neste tópico, a divisão verbal sintático-semântica apresentada por Borba (1996). Tal estudioso propõe a seguinte abordagem verbal:

Verbos de ação: mostram uma atividade desempenhada por um termo agente (sujeito). Para Borba (1996, p. 58), "os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente. Indicam, portanto, um fazer por parte do sujeito: o pássaro voa; o garoto brinca; o sábio pensa". Essa visão é ratificada por Chafe (1979). Conforme Chafe (1979, p. 97), o verbo de ação "exige que um nome o acompanhe, que o nome se relacione com ele como um agente e que o nome se especifique como animado, talvez também como humano".

(1) Tiago andou..

Verbos de processo: representam um acontecer. De acordo com BORBA (1996, p. 58), "os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador". Para Neves (2000, p. 26), "os **verbos** [de processo] envolvem uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)".

(2) A água ferveu.

Percebemos, na oração (2), que o sujeito a água é paciente, pois ele é diretamente afetado pelo verbo. Na oração (1) o sujeito Tiago não é afetado pelo verbo, mas sim, ele é o indivíduo que determina a ação expressa pelo verbo.

Verbos de ação-processo: desenvolvem tanto um processo quanto uma ação. Segundo Chafe (1979, p. 100), "como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz".

(3) Pedro destruiu o computador.

Na oração (3), há um agente que pratica a ação expressa pelo verbo destruir, há um acontecimento, o computador destruiu, e, por último, há um paciente que sofre uma transformação, o computador estava inteiro, mas não está mais.

Verbos de estado: a divisão sintático-semântica dos verbos de estado não

obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente a uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de gostar, a gramática tradicional o classifica como verbo de ação, mas não existe um agente que pratique uma ação, e sim um experienciador que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem agente envolvido na predicação.

Dessa forma, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação, mas também, muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação.

Segundo Borba (1996, p. 60), "os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário". Para Vilela (2001, p. 67), "os **verbos de estado** são os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)". Portanto, verbos como viver, ser, estar, continuar, ter, gostar farão parte da classe dos verbos de estado.

8.5. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / INPI)**

"As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:

a) é uma possibilidade e não uma certeza;

b) ocorreu após largo espaço de tempo;

c) vai ocorrer num futuro próximo;

d) vai ocorrer num futuro distante;

e) ocorreu várias vezes no passado.

Gabarito: A

Reparemos que o verbo empregado está no FUTURO DO PRETÉRITO (teriam). Tal tempo e modo transmitem uma ideia de dúvida, hipótese. E o próprio contexto deixa isso bem claro, afinal "teriam tentado prendê-lo" significa que ainda não houve a prisão. A opção A representa toda a situação da forma verbal no contexto.

02. **(NCE / INPI)**

"... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:

a) que já terminou;

b) anterior a outra ação passada;

c) habitual no passado;

d) iniciada no passado que continua no presente;

e) iniciada no presente que continua no futuro.

Gabarito: D

A forma verbal **têm levado** indica que a ação teve início no passado e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais.

03. **(NCE / Engepron)**

"Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:

a) uma ação provável;

b) uma ação futura em relação ao tempo passado;

c) uma ação completamente passada;

d) um fato hipotético;

e) um fato que é fruto da imaginação humana.

Gabarito: B

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção B.

04. **(Fundec / Proderj)**

Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, <u>seria</u> a vertigem, se <u>chegássemos</u> muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:

a) certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer;
b) subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer;
c) dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer;
d) certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer;
e) descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

Gabarito: D

Pelo contexto, percebemos que só haveria vertigem, se houvesse aproximação da janela. Então, há certeza quanto à vertigem, porém, para que ela se concretizasse, dependíamos da realização de outro evento: aproximar-se da janela. Dessa forma, a melhor opção é exatamente a letra D.

05. **(NCE / PC)**

A CIÊNCIA

A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curiosidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:

a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

Gabarito: A

O futuro do presente é considerado factual e, além disso, o próprio texto dá a entender, com o emprego do advérbio sempre, que a ação já acontece e que irá continuar certamente.

06. **(NCE / CNEN)**

Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:

a) enuncia um fato atual;

b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

Gabarito: B

O programa de educação infantil nunca deixará de encontrar sua essência na proposta de vida regida pela castidade, ou seja, é algo permanente. A forma verbal ENCONTRA, apesar de estar no presente, representa uma ação que não se acaba, independentemente do momento em que tal tempo verbal esteja sendo empregado. Esse tipo de presente recebe o nome de presente permanente.

07. **(NCE)**

Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?

a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

Gabarito: D

O tempo verbal está no futuro do pretérito que indica uma consequência futura de um fato passado; logo, aquela assertiva que reforça tal semântica é exatamente a opção D.

08. **(MP)**

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

Gabarito: A

Representa o passado do passado, ou seja, uma ação passada anterior a outra também passada; logo, estamos tratando do pretérito mais-que-perfeito

09. **(MP)**

RACISMO

O Globo, 13/7/2001

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

"A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:

a) acaba de terminar;

b) acaba de começar;

c) se iniciou antes de outra ação passada;

d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;

e) se repete no passado e no presente.

Gabarito: D

A forma verbal **vem noticiando** indica que a ação se iniciou no passado recente (pode-se inferir que foi há pouco tempo visto que se trata de notícia de jornal) e se estende até o presente. Tal forma verbal não pode ser interpretada, no contexto, como algo que simplesmente começou e acabou, não existindo mais. Não podemos pensar também em passado do passado, pois isso está para o pretérito mais-que-perfeito. Talvez, alguns tenham ficado na dúvida em relação à opção E, mas tal opção não pode ser a resposta pelo fato de não passar a ideia de habitualidade que a forma verbal **vem noticiando** transmite, ou seja, a letra E dá a entender que ação aconteceu no passado e parou de acontecer, depois a mesma ação volta a acontecer no futuro, eliminado a frequência, a habitualidade, como se fossem dois pontos isolados na linha do tempo. Um no passado e outro no futuro, não existindo nada mais nesse ínterim.

Capítulo 9

Figuras de Linguagem

9.1. FIGURAS DE SOM OU HARMONIA

Aliteração – Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma."

Onomatopeia – Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim…

Paronomásia – Figura que representa palavras com sons parecidos, mas com significados diferentes.

Ex.: "berro pelo aterro pelo desterro" (Caetano Veloso)

9.2. FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU SINTAXE

Anacoluto – Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Exemplos:

"Eles, o seu único desejo é exterminar-nos." (Garret)

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos."

Anáfora – Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Exemplos:

"Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto." (F. Sabino)

Não sei, não vi, não quero saber.

Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

Anástrofe ou inversão – Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Exemplos:

Ao Flu o Fla vencerá. (a ordem natural seria O Fla vencerá o Flu.)

Sabe mortos enterrar? (João Cabral de Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

Assíndeto – Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Exemplos:

"Vim, vi, venci." (Julio César)

As mulheres hoje estudam, trabalham, disputam funções com os homens, cuidam da casa, não descansam.

Elipse – Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Exemplos:

"Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para arroz." (Guimarães Rosa) – (Há) bons pastos…

"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences." (Fernando Sabino) -… era a (função) de zelar…

Hipálage – Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Exemplos:

"O vôo negro dos urubus fazia… (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").

O movimento pesado dos elefantes… (o movimento não é pesado, e sim os elefantes.)

Hipérbato – Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que na anástrofe.

Exemplos:

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

de um povo heróico o brado retumbante…"

– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico.

"É esta de teu querido pai a mesma barba, a mesma boca e testa." (Tomás Antônio Gonzaga)

– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

Pleonasmo ou Redundancia – Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Exemplos:

Vi com meus próprios olhos a terrível cena.

Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

Polissíndeto – Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Exemplos:

João corre e nada e joga futebol e pedala e nunca descansa.

Ele não veio nem virá nem telefonará nem se explicará.

Prolepse ou Antecipação – Consiste na antecipação de um termo com escopo de destacá-lo.

Exemplos:

Os alunos parece que não se preocupam com as provas. – A ordem natural seria: Parece que os alunos não se preocupam com as provas.

"O próprio ministro dizem que não gostou do ato." (Machado de Assis) – A ordem natural seria: Dizem que o próprio ministro não gostou do ato.

Repetição ou reduplicação – Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Exemplos:

"É pau…É pedra…É o fim do caminho…É um pedaço de toco…" (Tom Jobim)

"Cantei, Cantei, Cantei,

Como é cruel cantar assim…" (Chico Buarque)

Silepse – Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

de gênero

Exemplos:

Vossa Majestade é muito bondoso.

Sua Santidade estava abatido.

de número

Exemplos:

Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.

A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

de pessoa

Exemplo:

Os brasileiros somos muito desconfiados.

Sínquise – Consiste numa tão significativa inversão de termos, que dificulta a compreensão do efetivo sentido.

"Do tamarindo a flor jaz entreaberta,

Já solta o bogari mais doce aroma,

Também meu coração, como estas flores,

Melhor perfume ao pé da noite exala!"

Camões

Zeugma – É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Exemplos:

"A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes." (Carlos Drummond de Andrade) – Os altares (eram) humildes.

Eu fiz os salgados, Maria, os doces. -…Maria (fez) os doces.

9.3. FIGURAS DE PENSAMENTO

Antítese – Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Exemplos:

"Cabelos longos, ideias curtas."

Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

Eufemismo – Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Exemplos:

Ele entregou a alma a Deus. (Em vez de: Ele morreu.)

Ela sofre de doença ruim. (Em vez de: câncer)

Hipérbole – Consiste no exagero proposital das coisas.

Exemplos:

Ele morreu de medo quando me viu.

Nós chegamos aqui há um século.

Ironia – Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Exemplos:

Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.

Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

Paradoxo ou oxímoro – Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas dando conceitos contraditórios e normalmente inconciliáveis. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Exemplos:

Amor é fogo que arde e não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

Camões

Prosopopeia, Personificação ou Animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortes ou abstratos.

Exemplos:

"As rosas não falam…" (Cartola)

Uma talhada de melancia com seus alegres caroços. (C. Lispector)

Quiasmo – Trata-se de uma espécie de antítese. Consiste no cruzamento de grupos sintáticos paralelos (dois ou quatro vocábulos), de forma que o grupo de vocábulos do primeiro se repete no segundo em ordem inversa (AB x BA).

Exemplo:

- Melhor é merecê-los [a] sem os ter
- Que possuí-los sem os merecer. [a] (Os Lusíadas, c IX, 93)

9.4. FIGURAS DE PALAVRAS

Alegoria – Consiste no acúmulo de metáforas, referindo-se ao mesmo objeto, evocando e intensificando o seu sentido.

Exemplo:

"A vida é uma ópera, é uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestra é excelente…" (Machado de Assis)

Antonomásia – Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Exemplos:

Rei do Futebol (em lugar de Pelé)

Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro)

Catacrese – É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Exemplos:

O pé do vaso está quebrado. (Pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).

Embarcou naquele avião gigantesco. (Embarcar significa entrar num navio).

Comparação ou símile – Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Exemplos:

"Beijou sua mulher como se fosse a única." (Chico Buarque)

Ele agiu feito os santos.

Metáfora – Atribuição a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Exemplos:

Maria é uma flor.

Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

Metonímia – É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis. (Os livros de Machado de Assis)

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos. (Não se comem os pratos. Come-se o conteúdo dos pratos.)

inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor. (Na realidade, "o invento de Graham Bell, o telefone)

símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz. (cruz – símbolo da religião)

instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete. (Ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

Sinestesia – Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

9.5. EXERCÍCIOS

01. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação

eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

A respeito do trecho acima, analise as afirmativas a seguir:

I. **No segundo período, o pronome Isso tem valor anafórico.**

II. **No terceiro período, há um caso de zeugma.**

III. **No último período, os dois-pontos introduzem uma enumeração.**

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Gabarito: D

I. O pronome ISSO realmente possui valor anafórico, referindo-se a toda a ideia exposta no período anterior.

II. O comentário é correto, visto que a forma verbal "são" está implícita antes do vocábulo "referentes".

III. Errado. O emprego de dois-pontos aí se justifica para explicitar qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos.

Somente os comentários I e II estão corretos.

02. **(FGV / TRE-PA / Técnico Judiciário)**

Leia o texto a seguir para responder à questão 2

Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores.

No último parágrafo, as aspas em doar confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

Gabarito: E

O autor está empregando um escárnio, um deboche em relação ao sentido do verbo DOAR. Na realidade, não se trata de doação, mas sim de um câmbio: a troca de votos por cestas básicas. Sendo assim, fica clara a intenção do autor de ironizar o sentido do vocábulo.

03. **(PUC-SP)**

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

enquanto procedimento estilístico, temos respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;

e) anáfora e metáfora.

Gabarito: A

O pavão está sendo comparado com o arco-íris de plumas. Mas é de bom alvitre destacar que tal comparação não está sendo realizada com conector comparativo. Pois, se houvesse, não seria metáfora e, sim, comparação. Já, na segunda construção, observa-se a presença repetida do conector E, daí o polissíndeto.

04. **(UM-SP)**

Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre.".

a) antítese;

b) eufemismo;

c) anacoluto;

d) prosopopeia;

e) pleonasmo.

Gabarito: B

O emprego da expressão "muitos adormeceram para sempre" tem por objetivo substituir MORRERAM. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

05. **(FMU-SP)**

Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

Gabarito: D

O sujeito é o termo "os cariocas" – terceira pessoa do plural – e a forma verbal "somos" encontra-se flexionada na primeira pessoa do plural. Tal concordância ideológica se justifica pelo fato de o autor inserir-se entre os cariocas.

06. **Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica."?**

a) antítese;
b) metáfora;
c) paradoxo;
d) metonímia;
e) hipérbole.

Gabarito: C

As atitudes dessa pessoa de cabeça desarrumada revelam o antagonismo, a contradição. Por exemplo: a pessoa se dizer católica e ser favorável ao aborto. Lembrando que o catolicismo não admite o aborto. Esse antagonismo é denominado de paradoxo ou oxímoro.

07. **(NCE / TRE)**

"Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..."; neste segmento ocorre um exemplo de uma figura denominada:

a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

Gabarito: C

Uma das características da ironia é a intenção de se passar uma informação dizendo-se justamente o oposto. É o que ocorre aí. O autor não considera tais senhores "adoráveis", muito pelo contrário, o que se evidencia pela ação atribuída a eles: "decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões".

08. **(NCE / INPI)**

Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião; o item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:

a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo;
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida;
c) Os passageiros <u>"humanos"</u> estranharam o fato;
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco;
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

Gabarito: B

Caracteriza-se a Catacrese na alternativa B, porquanto ENTERRAR é uma ação que deveria relacionar-se com TERRA. Mas, em face de não haver vocábulo apropriado para a situação, emprega-se a mais conveniente, ou a mais próxima sob o aspecto semântico.

09. **(NCE / IBGE)**

Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever" há uma figura conhecida por:

a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

Gabarito: B

Os pronomes de tratamento Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc. possuem forma gramatical feminina. Como a pessoa em voga é do sexo masculino, faz-se a concordância não por aspecto gramatical, mas, sim, ideológico. Trata-se, por conseguinte, de silepse de gênero.

10. **(NCE / CFC)**

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

"nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplo de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

Gabarito: B

Novamente ocorre aí uma ironia. O autor do texto obviamente não considera o rei de Portugal um "avozinho bonzinho", visto que a cobrança de impostos era elevadíssima.

11. **(NCE / TJ)**

"Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa.". Nesta frase aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras:

a) hipérbato e metáfora;
b) silepse e metonímia;
c) elipse e metonímia;
d) elipse e metáfora;
e) anacoluto e catacrese.

Gabarito: D

Na primeira oração, observa-se a ocorrência de um sujeito elíptico, por exemplo, VOCÊ. Como (você) pode ver na entrevista. Já na segunda estrutura, o emprego do

verbo SER sugere a seguinte comparação: Ganhar no Brasil é fácil como ganhar sopa. Como não há conector comparativo, caracteriza-se a metáfora.

12. **(Cesgranrio / SEPLAG)**

Entre os recursos conotativos utilizados no Texto I, destaca-se a metáfora, cuja definição apresenta-se a seguir.

"A metáfora consiste no emprego de palavras ou expressões convencionalmente identificadas com dado domínio de conhecimento para verbalizar experiências conceptuais de outro domínio."

AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

Um exemplo de metáfora, no Texto I, é:

a) "Tem pai que está sempre em casa, e outros, nunca."

b) "Tem pai (...) que não sabe o que fazer com suas horas de folga."

c) "Tem pai que é uma geleia, e uns que a gente nunca viu chorar na vida."

d) "Pai que nos sustenta e pai que é sustentado por nós."

e) "Que mora longe, que mora em outra casa, pai que tem outra família,".

Gabarito: C

É sempre bom lembrar que a metáfora consiste em uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação. Tal situação se expõe na opção C, uma vez que o sentido da primeira estrutura é: Tem pai que é mole como geleia. Todavia, como na oração não veio redigida a conjunção comparativa, fica caracterizada a metáfora.

13. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

A realidade é constituída por contrastes e também por semelhanças. A metáfora é uma das formas de estabelecimento de semelhanças por comparações. Qual das sentenças do Texto I, indicadas a seguir, apresenta uma metáfora?

a) "sabe-se lá por que arcaico crime por eles cometido."

b) "O insone é um imortal de olheiras."

c) "O momento mais temido pelo insone, (...) é a hora de ficar a sós..."

d) "Escolhia um filme desinteressante..."

e) "um murmúrio indiscernível,"

Gabarito: B

O emprego do verbo SER (é) e a ideia de comparação – estando ausente o conector – caracterizam a metáfora.

14. **(Cesgranrio / Eletrobrás)**

Elipse é a omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. Observem-se os trechos abaixo do Texto II.

I – "Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou o excesso dele."

II – "Durmo na hora que quero, durante o tempo que preciso e à s vezes até no lugar indevido."

III – "É que um estudo acaba de revelar que dormir ou cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental."

Acerca desses trechos, é correto afirmar que há elipse em:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) III, apenas;

d) I e II, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: E

Na primeira frase, fica subentendida a expressão "anda preocupada com" – Parece que a medicina anda preocupada com a falta ou anda preocupada com o excesso dele.

Na segunda frase, a forma verbal DURMO está implícita antes da segunda e da terceira oração – Durmo na hora que quero, DURMO durante o tempo que preciso e à s vezes DURMO até no lugar indevido.

Na terceira frase, a conjunção integrante QUE está elíptica antes de "cochilar". É que um estudo acaba de revelar que dormir ou QUE cochilar depois do almoço faz bem à saúde, principalmente a mental.

15. **(Funrio / JUCERJA)**

A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade / Era a sua escravidão", há:

a) antítese;

b) comparação;

c) eufemismo;

d) metáfora;
e) metonímia.

Gabarito: A

Em face de os versos representarem uma contradição de pensamentos, a melhor resposta seria PARADOXO ou OXÍMORO. Não havendo tais alternativas, a melhor resposta é ANTÍTESE, tendo em vista o emprego de vocábulos com sentidos opostos.

16. **(Funrio / CB-RJ / Médico)**

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama -de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

"Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.", no fragmento ocorre uma:

a) personificação;
b) eufemismo;
c) onomatopeia;
d) comparação;
e) metonímia.

Gabarito: B

A expressão "antes de tocar de novo o acorde final" significa MORRER. É uma forma mais branda de exprimir a informação.

17. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"O corpo <u>era um monte de rugas sorridentes</u>". A estrutura predicativa, do ponto de vista das figuras de linguagem, funciona como:

a) hipálage;
b) quiasmo;
c) catacrese;
d) eufemismo.

Gabarito: C

O emprego de SORRIDENTES é exclusivo para sorriso, boca, dentes. Como o autor não encontrou palavra mais adequada que pudesse expressar o pensamento que lhe vinha à mente, empregou-a.

18. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

"Eliminara certas despesas inúteis, lavanderia, pensão.". O recurso de coesão empregado para garantir a concisão textual no fragmento acima é a:

a) elipse;
b) paráfrase;
c) reiteração;
d) substituição.

Gabarito: A

Percebe-se claramente a presença subentendida da palavra COMO. "Eliminara certas despesas inúteis, COMO lavanderia, pensão.".

19. **(CETAP / PR /Assembleia Legislativa / Analista de Sistemas)**

A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) metáfora;
b) silepse;
c) antítese;
d) metonímia;
e) ironia.

Gabarito: D

A metonímia se configura, visto que a Inglaterra não tinha domínio dos mares, mas sim das vias marítimas. Substituiu-se a parte pelo todo.

20. **(VUNESP / MPE-SP / Analista de Promotoria)**

Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(Super interessante, julho de 2010)

I. **Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já**

que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.

II. **Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.**

III. **Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma Por quê.**

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) III, apenas;

c) I e II, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

Gabarito: A

O item I apresenta comentário adequado, porquanto não é o Brasil que toma Rivotril, mas, sim, os brasileiros.

O item II não apresenta comentário adequado, uma vez que o vocábulo ENGANAR não expressa qualquer valor de amplificação, exagero.

O item III não apresenta comentário correto, pois o emprego de POR QUÊ somente é cabível no fim de orações.

Capítulo 10

Funções da Linguagem

No ato de comunicação percebemos a existência de alguns elementos, são eles:

a) **emissor:** é aquele que envia a mensagem (pode ser uma única pessoa ou um grupo de pessoas).
b) **receptor:** é aquele a quem a mensagem é endereçada (um indivíduo ou um grupo), também conhecido como destinatário.
c) **canal de comunicação:** é o meio pelo qual a mensagem é transmitida.
d) **código:** é o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizado para elaborar a mensagem – o emissor codifica aquilo que o receptor irá descodificar.
e) **contexto:** é o objeto ou a situação a que a mensagem se refere.

Partindo desses seis elementos Roman Jakobson, linguista russo, elaborou estudos acerca das funções da linguagem, os quais são muito úteis para a análise e produção de textos. As seis funções são:

10.1. FUNÇÃO REFERENCIAL OU DENOTATIVA

Também chamada de denotativa ou informativa, ocorre quando a mensagem é centrada no referente, no assunto, sendo o principal objetivo passar uma informação objetiva e impessoal no texto. Valoriza-se o objeto ou a situação de que se trata a mensagem sem manifestações pessoais ou persuasivas. Como geralmente se fazem presentes em textos científicos ou jornalísticos, a pessoa mais comum é a terceira do singular.

Ex.: Cálculos do economista Renato Fragelli, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), estimam que o setor público brasileiro ficou com dois terços (66,8%) de todo o aumento de produção de 1991 para cá e o setor privado com apenas 33,2%.”.

10.2. FUNÇÃO EXPRESSIVA

Também chamada de emotiva, passa para o texto marcas de atitudes pessoais como emoções, opiniões, avaliações. Na função expressiva, o emissor ou destinador é o produtor da mensagem. O produtor mostra que está presente no texto mostrando aos olhos de todos seus pensamentos.

Ex.: "Eu odeio beber cerveja quente!".

10.3. FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

É quando a mensagem do texto busca seduzir, envolver o leitor levando-o a adotar um determinado comportamento. Na função conativa a presença do receptor está marcada sempre por pronomes de tratamento ou da segunda pessoa e pelo uso do imperativo e do vocativo.

Ex.: "Maria, vamos à praia!".

10.4. FUNÇÃO FÁTICA

É o canal por onde a mensagem caminha de quem a escreve para quem a recebe. Também designa algumas formas que se usa para chamar atenção.

Ex.: Psiu, aonde você vai?

10.5. FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

Ocorre quando a linguagem fala de si própria. Predominam em análises literárias, explicações morfossintáticas, interpretações e críticas diversas.

Ex.: O que significa abáculo?

10.6. FUNÇÃO POÉTICA

É usada para despertar a surpresa e prazer estético. É elaborada de forma imprevista e inovadora.

Ex.:

"Não se perde um segundo

Segundo eu, a vida vem em primeiro

O tempo em segundo

E como só tem um mundo

É bom ir fundo
Senão você não chega nem em terceiro.”

Marthal

Capítulo 11

Vozes do Discurso

Nos textos narrativos, existe, obviamente, um narrador, responsável por contar a estória. É possível esse locutor ou narrador inserir outras vozes.

Com objetivo de inserir essas outras vozes no texto, a voz principal ou privilegiada, o narrador utiliza o discurso, que vem a ser a forma como as falas são introduzidas na narrativa.

O discurso pode ser classificado em: direto, indireto e indireto livre**.**

11.1. DISCURSO DIRETO

Reprodução fiel e literal de uma fala.

Ex.: Pedro me perguntou: – João, você irá à praia?

Ex.: Carlos foi enfático: Luiz, não adianta insistir, porque não sairei hoje.

Ex.: Renato concedeu um depoimento sobre violência que nos chocou: "Hoje em dia, eu evito sair depois de uma determinada hora.".

11.2. DISCURSO INDIRETO

O narrador, apesar de ser fiel à s ideias do que foi dito por outra pessoa, adapta as palavras desse outro. Em outras palavras, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem.

Ex.: João perguntou se eu sairia hoje.

Ex.: Na época, Pedro esclareceu que a situação estava ainda distante de um desfecho.

Ex.: Roberto questionou o preço das mesas.

Se essas frases estivessem em discurso direto, ficariam assim:

João perguntou: – Você sairá hoje?

Na época, Pedro esclareceu: – A situação ainda está distante de um desfecho.

Roberto questionou: – quanto custam essas mesas?

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

11.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Consiste na mescla dos discursos. Simultaneamente à fala do narrador, também se faz presente a fala do personagem. O discurso indireto livre mantém a expressividade do discurso direto, contudo, simultaneamente, conserva as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É de bom alvitre realçar que se caracteriza pelo fato de não poder ocorrer qualquer verbo de elocução (também chamado verbo dicendi): disse, informou, avisou, perguntou, questionou, falou… Também destaco que, no discurso indireto livre, há uma liberdade sintática significativa, o que pode levar o leitor a confundir as falas do narrador e do personagem.

Ex.: A criança estava andando na rua e, de repente, deparou-se com um esqueleto. Que medo!

A primeira parte do texto referia-se à fala do narrador e ao fim veio a reprodução da fala do personagem.

Ex.: Nós estávamos num país estranho, que falava uma língua totalmente desconhecida. O medo e a ansiedade tomou-lhes o coração de tal forma, que procuraram logo a embaixada brasileira.

A primeira parte reproduz a fala do personagem. A segunda parte, sem qualquer ligação sintática, é uma intervenção do narrador. Repare a mudança dos pronomes. NÓS na primeira parte e LHES na segunda.

Ex.: Manoel recebeu a notícia de que passou no concurso. Maravilha, consegui!

Repare: a primeira parte é a fala do narrador, que expressa algo sobre Manoel, inclusive empregando a terceira pessoa. Na sequência, é inserida a fala de Manoel, sem qualquer ligação sintática tampouco verbo de elocução. Observe também a mudança da pessoa do verbo (recebeu – 3ª pessoa do singular; consegui – 1ª pessoa do singular). Também chamamos a atenção para a expressividade ocorrente no emprego da interjeição "Maravilha!".

11.4. EXERCÍCIOS

01 **Correlacione as funções de linguagem em consonância com as frases a seguir.**

1) **Função referencial**

2) **Função expressiva**
3) **Função conativa**
4) **Função fática**
5) **Função metalinguística**
6) **Função poética**

( ) Vem pra Caixa você também!
( ) Todo objeto não passa de um complemento verbal.
( ) João virá, né?
( ) Petroleiro zarpa de porto líbio com primeira exportação de petróleo rebelde
( ) "Berro pelo aterro, pelo desterro Berro por seu berro, pelo seu erro" (Caetano Veloso)
( ) A dor tomou conta de todos quando Paulo Rossi fez o terceiro gol da Itália.

a) 3 – 5 – 1 – 4 – 6 – 2
b) 5 – 3 – 4 – 2 – 1 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 6 – 5 – 3
d) 2 – 5 – 4 – 3 – 6 – 1
e) 3 – 5 – 4 – 1 – 6 – 2

Gabarito: E

Na primeira frase, configura-se a função conativa ou apelativa, caracterizada sobretudo pelo emprego do imperativo em VEM e do pronome de tratamento VOCÊ. É de bom alvitre observar o erro de concordância presente na frase: VEM encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e VOCÊ, por ser pronome de tratamento, é de terceira pessoa. As formas corretas seriam: Venha para Caixa você também! / Vem para a Caixa tu também! – A falha de concordância, na realidade, valoriza a oralidade, procurando envolver o receptor da mensagem, fato que corrobora ainda mais a função conativa.

Na segunda frase, ocorre a função metalinguística, o que se estabelece pelo fato de a frase ter o objetivo de ensinar fatos relativos à própria língua.

Na terceira frase, faz-se presente a função fática, dado que o emprego de "né?" evidencia o teste ao canal de comunicação.

Na quarta frase, observa-se a ocorrência da função referencial ou denotativa. Tal se esclarece em face da intenção de se passar uma informação de forma objetiva, não aparecendo elementos opinativos tampouco linguagem figurada.

Na quinta frase, claramente se configura a função poética, tendo em vista a presença de rimas, ritmo e grande preocupação com aspectos estéticos na confecção do texto.

Na sexta frase, há a função expressiva ou emotiva. Isso é evidenciado pela presença do sentimento do autor e até mesmo do exagero, quando se diz que a dor tomou conta de todos.

02. **(Cespe / TJ-RJ)**

O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. A figura do decreto-lei, sempre à disposição do Poder Executivo, ficou marcada no regime militar, quando a caneta dos generais foi acionada a torto e a direito, ao largo do Congresso, cujos poderes eram sufocados pela ditadura. Com a redemocratização, sacramentada pela Constituição de 1988, sepultou-se o decreto-lei, mas não o seu espírito, reencarnado na medida provisória. Não se discute a importância de o Poder Executivo contar com dispositivos legais que permitam ao governo baixar normas, sem o crivo imediato do Congresso, que preencham os requisitos da "relevância e urgência". O problema está na dosagem, que, se exagerada, como ocorre atualmente, sufoca o Poder Legislativo.

O Globo, 19/3/2008 (com adaptações)

A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

Gabarito: E

Trata-se de texto informativo, com linguagem objetiva. É importante ressaltar que, mesmo havendo a presença de expressões no sentido conotativo – caneta, sepultou-se, dosagem –, fica clara a predominância da denotação.

03. Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,

Corre um rio sem fim.

(Fernando Pessoa)

No trecho acima, predominam algumas funções da linguagem. Entre elas, estão as funções:

a) emotiva e metalinguística;

b) poética e apelativa;

c) referencial e poética;

d) fática e conativa;

e) emotiva e poética.

Gabarito: E

A função poética é óbvia, até porque a preocupação de Fernando Pessoa com a estética é clara. Observam-se as rimas, o ritmo diferente dos textos em prosa, o jogo de palavras. Mas, além da função poética, evidencia-se também a presença da função expressiva ou emotiva, porquanto a primeira pessoa se faz presente, e a opinião que o poeta tem sobre si próprio. O emissor da mensagem objetiva mostrar sua opinião: que existe grande distância em o que se supõe ser e o que efetivamente é.

04. **(PUC)**

Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a REFERENCIAL:

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.

b) – Vem, Dudu!

c) – Pobre Dona Casemira…

d) – O que… O que foi que você disse?

e) Um cachorro falando?

Gabarito: A

O período ocorrente na alternativa A apresenta uma informação objetiva, sem traços opinativos.

Na alternativa B, o emprego do imperativo (Vem) e do vocativo (Dudu) caracteriza a função fática.

Nas alternativas C e E, está presente a função emotiva ou expressiva, sendo a subjetividade o principal traço das construções frasais. Tal se evidencia na alternativa C pelo uso do adjetivo POBRE e na alternativa E pelo ar de

incredulidade do emissor.

Na alternativa D, ocorre o teste ao canal, formalizando a função fática.

05. **(UFVI)**

Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a metalinguagem.

Esta forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente de um amor sem mistério e sem virtude com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

e) Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

Gabarito: A

A presença da rima em "simplesmente" e "permanente", do ritmo e da preocupação com a estética formaliza a função poética na alternativa A.

Nas alternativas B, C e D, o uso de verbos na primeira pessoa do singular, a subjetividade e a intenção de revelar os sentimentos caracterizam a função emotiva ou expressiva.

Na alternativa E, há a preocupação do autor em definir a poesia, ou seja, é a língua a definir aspectos da própria língua, o que caracteriza a função metalinguística.

06. **(NCE)**

"Ó Mestre, fazei com que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado..."; este trecho d a Canção de São Francisco tem como função de linguagem predominante a:

a) emotiva;
b) metalinguística;
c) fática;
d) conativa;
e) referencial.

Gabarito: D

A presença do vocativo junto com a interjeição em "Ó Mestre", bem como do imperativo afirmativo, caracteriza a função conativa ou apelativa.

07. **(CEPUERJ / UERJ / Assistente Administrativo)**

Por meio da forma "não é", a personagem Mafalda "testa" o seu canal de comunicação no diálogo com o mundo, explorando a função:

a) fática;
b) poética;
c) conativa;
d) metalinguística.

Gabarito: A

O emprego de "não é?", com a nítida intenção de se saber se o outro está ouvindo, atesta a presença da função fática.

08. **(IRBR)**

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial à s universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes.

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto.

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas.

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações.

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

Gabarito: B

O aspecto mais curioso nessa questão é o fato de as definições não corresponderem à s respectivas funções de linguagem. Por exemplo, a função fática evidencia o teste ao canal de comunicação. A função emotiva expressa as opiniões e sentimentos do emissor da mensagem, e não de terceiros. A função conativa sinaliza para o envolvimento dos leitores, havendo a presença de vocativos, pronomes de tratamento, verbos no imperativo. O foco da função metalinguística é fazer a língua analisar aspectos da própria língua. A única definição que corresponde efetivamente à função expressa na alternativa é a referencial,

justamente a que se faz presente no texto. Tal se evidencia pela presença de linguagem precisa, de caráter objetivo, com predominância da denotação.

09. **(Cespe / UnB / Itamaraty)**

Texto 6

Impostos inconstitucionais...

Ontem, ao voltar uma esquina, dei com os impostos inconstitucionais de Pernambuco. Conheceram-me logo, eu é que, ou por falta de vista, ou porque realmente eles estejam mais gordos, não os conheci imediatamente. Conheci-os pela voz, **Vox clamantis in deserto.** Disseram-me que tinham chegado no último paquete.

O mais velho acrescentou até que agora hão de repetir com regularidade estas viagens à corte.

– A gente, por mais inconstitucional que seja, concluiu ele, não há de morrer de aborrecimento na cela das probabilidades. Uma chegadinha à corte, de quando em quando, não faz mal a ninguém, exceto…

– Exceto…?

– Isso agora é querer perscrutar os nossos pensamentos íntimos. Exceto o diabo que o carregue, está satisfeito? Não há coisa nenhuma que não possa fazer mal a alguém, seja quem for. Falei de um modo geral e abstrato. (…)

– São todos inconstitucionais?

– Todos.

– Vamos aqui para calçada. E agora, que tencionam fazer?

– Agora temos de ir ao imperador, mas confesso, meu amigo, receamos perder tempo. Você conhece a velha máxima que diz que a história não se repete?

– Creio que sim.

– Ora bem, é o nosso caso. Receamos que o imperador, ao dar conosco, fique aborrecido de ver as mesmas caras e, por outro lado, como a história não se repete… Você, se fosse imperador, que é que faria?

– Eu, se fosse imperador? Isso agora é mais complicado.

Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos.

– Os adjetivos?

– Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e,

quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo.

– Mas que temos nós outros com isso?

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam.

ASSIS, Machado de. In: Gazeta de notícias (1881–1900). Balas de Estalo. Rio de Janeiro, 16/5/1885.

Acerca das ideias e dos sentidos do texto 6, assim como de suas estruturas linguísticas e organização textual, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

1 () O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.

2 () O autor valeu-se do discurso indireto livre, que consiste em dar voz e atribuir características e sentimentos humanos a seres inanimados.

3 () O trecho "Eu, se fosse imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro cético do meu tempo." (l.24-25) produz efeito humorístico, por sua incongruência interna e por desviar-se do "caso de que se trata" (l.25).

4 () A frase "vox clamantis in deserto" (l.4) está em itálico, porque remete o interlocutor ao respectivo texto-fonte e faz parte da memória coletiva nacional.

Gabarito:

1 – Certo. A parte final do texto acaba por falar sobre a própria língua, sobretudo quando menciona adjetivos e substantivos, caracterizando a função metalinguística.

2 – Errado. Não há discurso indireto livre. O texto é todo estruturado em discurso direto, reproduzindo na íntegra a fala dos personagens, o que se caracteriza sobretudo pelo emprego dos travessões.

3 – Certo. O efeito humorístico se revela claramente em face de não haver qualquer relação entre ser imperador e o fato de ele próprio ser o primeiro cético de seu tempo. Por mais que um imperador tenha poder, sobre esse fato

certamente ele não teria qualquer ingerência. "O caso de que se trata" refere-se ao desejo do "imposto" de ver o fim dos adjetivos, mormente INCONSTITUCIONAIS, que o qualifica.

4 – Errado. O termo está em itálico, visto que se trata de um latinismo.

10. **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (football), sanduíche (sandwich) e deletar (verbo criado a partir de to delete, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o resetknopf (reset button ou botão de reset) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo bon weekend.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é aisukurimu, de ice cream. Ar condicionado é eacon, de air conditioner. E banheiro deixou de ser obenjyo para se tornar toiré, de toillet.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev. 2002, p. 37 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir, que se referem à s ideias e à s estruturas do texto acima.

1 – A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente à s funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

2 – O autor organiza sintaticamente o período "Sem contar (...) bretão" (L.2-5) a partir da oposição regra/exceção, em que a regra é o "mais puro inglês", e a exceção, o inglês impuro ou degenerado.

3 – De acordo com a norma padrão do português, é correta a substituição de "cujos verbetes" (L.2) por do qual os verbetes.

4 – Constata-se que a expressão inglesa "reset button" (L.8) está presente tanto no vocábulo alemão como na expressão portuguesa, com a substituição de um de seus componentes.

5 – O autor empregou "bon weekend" (L.10) como um exemplo elucidativo da ideia de que os franceses têm "ojeriza a estrangeirismos" (L.9).

Gabarito:

1 – Certo – Indubitavelmente estão presentes as funções referencial e metalinguística. A referencial em face de haver explicações e dados técnicos, alguns numéricos (Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês), sobre o tema em voga. A metalinguística também aparece quando o texto inteiro fala sobre a relação entre as línguas, a influência da língua inglesa sobre outras etc. A função expressiva ou emotiva também se faz presente, pois é exposta a opinião do autor – traço de subjetividade – no fragmento "A situação do japonês é particularmente curiosa.".

2 – Errado – O fragmento em voga não objetiva realizar uma oposição, uma argumentação baseada na relação "exceção que confirma a regra". Muito pelo contrário, o fragmento "Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como megabyte, browser, hard disk, software – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia a dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão." é mais um dado a confirmar a tese exposta no período anterior: "Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber.".

3 – Certo – Embutida no pronome relativo CUJO encontra-se a preposição DE, até em função da relação de posse que aquele expressa. Observe que o texto continua coerente: "Sem contar o "informatiquês", do qual os verbetes… são expressões do mais puro inglês.". Observe, inclusive, a construção da frase com a substituição do pronome relativo pelo antecedente: Os verbetes do "informatiquês" são expressões do mais puro inglês.

4 – Certo – O componente "reset" aparece tanto na expressão alemã como na expressão portuguesa, mas o componente "button" é substituído por "knopf" no alemão e por "botão" no português.

5 – Errado – A expressão "bon weekend", dita pelos franceses, confirma a teoria de que muita gente fala um pouco de Inglês sem perceber. E esse fato é

corroborado por esse exemplo. Pois, "até mesmo" os franceses, que têm ojeriza a estrangeirismos, acabam por empregar tal expressão. Destarte, obviamente, o emprego da expressão não serve para comprovar a ojeriza a estrangeirismo.

11. **(Esan)**

"Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado.

Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou.

Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha."

O narrador desse texto mistura-se de tal forma à personagem que dá a impressão de que há diferença entre eles. A personagem fala misturada à narração. Esse discurso é chamado:

a) discurso indireto livre;
b) discurso direto;
c) discurso indireto;
d) discurso implícito;
e) discurso explícito.

Gabarito: A

O autor narra uma sequência de fatos e, de forma totalmente independente e sem qualquer ligação sintática com o restante da construção textual, reproduz uma fala do personagem, contudo sem a presença de verbos de elocução (Coitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.)

12. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Os números do relatório da CPI dedicada originalmente aos Correios são expressivos, dos milhares de páginas de textos e documentos aos mais de cem acusados. É o tempo do espanto. Um oceano nos separa, contudo, do resultado concreto, o das absolvições e o das punições. Os dois momentos do mar imenso entre relatório e resultado estão no julgamento final, cuja tendência é pessimista, a contar de exemplos recentes.

Não deveria ser pela natureza mesma das comissões parlamentares de inquérito, cujo nome é raramente objeto de meditação até pelos operários do direito.

"Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum. Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (…)

"As comissões são úteis ou necessárias?, perguntará o leitor. Sem a menor dúvida e vigorosamente, respondo sim. Há abusos. São lamentáveis, mas inerentes à vida parlamentar, no Brasil e em qualquer país onde haja comissões parlamentares. Se os legisladores devem ser a expressão média de seu povo, fica manifesto que os parlamentares sejam compostos por homens e mulheres de bem, dedicados e honestos, mas também por pilantras, patifes, cachaceiros, delinquentes e assim por diante. (…) Seria ideal que o povo escolhesse melhor seus réus representantes, dizem as elites, sem razão. O povo vota sob influência do poder econômico, após seleção dos favoritos de chefes partidários, para exclusão dos que assumam linha independente da adotada pelas lideranças e assim por diante.

Voltando à CPI dos Correios, cabe esclarecer por que há um oceano entre o relatório e o resultado. "Inquérito" é trabalho de apuração. Se bem feito, propicia bom material aos julgadores. Se malfeito, facilita a "pizza", essa maravilhosa invenção atribuída aos italianos em geral, mas que vem do sul da Itália. "Pizza" transformada em cambalacho e tapeação? Não necessariamente. Muitas vezes o defeito da distância entre a apuração e o julgamento está naquela, e não neste, principalmente se for judicial. O mal do julgamento político está em que considera seu estilo paralelo do desprestígio para o Parlamento como um todo. No caso atual, porém, não se pode negar que já houve resultados apreciáveis. Para o relatório lido nesta semana cabe esperar pela travessia do oceano e torcer para que chegue a bom porto. (W. Cenevina)

Observando-se, no texto, a intenção do autor, verifica-se o uso da função da linguagem:

a) emotiva, para criar ironia e construir a adesão do leitor;

b) metalinguística, para criar um efeito de ambiguidade e ironia;

c) referencial, para informar e criar ambiguidades;

d) fática, para criar ironia e transmitir informações;

e) poética, para transmitir informações ao leitor, por meio de ambiguidades.

Gabarito: B

Repare como a língua está sendo empregada para explicar a própria língua, sobretudo no segundo parágrafo que vêm explicações para o significado de Comissão: "Comissão", além do significado mercantil (depreciativo, no caso do Parlamento), do dinheiro pago em remuneração de serviço, é também o do agrupamento encarregado de realizar tarefa de interesse comum.". O efeito da ambiguidade e ironia ocorre na sequência do período mencionado: Interesse comum? Não. De interesses conflituosos pela própria natureza política de seu trabalho, pois o vocábulo "parlamentares" as afirma integradas por componentes de uma das casas do Congresso ou mistas, funcionando segundo seus regimentos internos (...)

13. **(FCC / PB / Auditor Fiscal)**

Leia as frases abaixo:

I – **o leitor perguntaria se as comissões são úteis e necessárias.**

II – **Com essa CPI, acabaria tudo em pizza, novamente?**

III – **Os abusos, embora lamentáveis, são frequentes na vida pública, asseverou o colunista.**

Elas se concentram

	I	II	III
a)	Direto	Direto	Indireto livre
b)	Direto	Indireto livre	indireto
c)	Indireto livre	Direto	Indireto
d)	Indireto	Indireto livre	direto
e)	Indireto	Direto	Indireto livre

Gabarito: D

Item I – O período foi redigido com a fala imaginada e adaptada do leitor, o que se evidencia principalmente pelo emprego da conjunção subordinativa integrante SE. Repare que a conjunção SE não é falada pelo personagem.

Item II – Repare que, na menção à fala de outrem, há a intervenção do autor – novamente. A fala do personagem se confunde com a fala do próprio narrador.

Item III – Aqui ocorre uma reprodução integral da fala do colunista na primeira

oração. Também é importante destacar que os itens I e III não poderiam caracterizar o discurso indireto livre em face da presença dos verbos de elocução (perguntaria no item I e asseverou no item III).

Capítulo 12

Leituras de Enunciados das Questões de Interpretação

É importante não se olvidar que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, à s vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

12.1. RECORRÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que"… impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, à s vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "estranho" e "extraordinário" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Conheci uma pessoa extraordinária.", o adjetivo "extraordinária" não é sinônimo de "estranho". No entanto, na frase "Percebi um movimento extraordinário na rua e logo voltei para caso.", o adjetivo "extraordinário" já se torna sinônimo de "estranho".

12.2. INFERÊNCIA TEXTUAL

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto.

Enunciados que se apresentam como "Deduz-se…", "Depreende-se…", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com…" impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim algo implícito – subentendido ou pressuposto. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou…? e "O que o autor pretendeu dizer com…?". No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder o que está sendo perguntado. Portanto, se, no enunciado da questão, houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX…), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (geralmente no início do texto), onde muito provavelmente se localizará a tese abrangente.

12.3. EXERCÍCIOS

01. **(ICMS / Fiscal)**

No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada. Na maioria dos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva (ahrmfull tax competition).

Com base na análise do trecho acima, não é correto afirmar que:

a) fica subentendido que o debate sobre ética tributária no Brasil anteriormente era de pouca expressividade.
b) A noção de "países desenvolvidos" é um pressuposto para a leitura do texto.
c) Se pode inferir que, nos países ainda não desenvolvidos, a cultura tributária ainda não amadureceu.

d) Está implícito que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.
e) Se pode inferir, também por paralelismo no parágrafo, que o Brasil não está entre os países desenvolvidos.

Gabarito: Anulada

A questão foi anulada, uma vez que há duas alternativas apresentando comentários incorretos, conforme solicitado no enunciado, havendo, portanto, duas respostas.

A alternativa A apresenta comentário correto, dado que, se só recentemente o debate sobre ética tributária ganhou vulto, está implícito que ele era de pouca expressividade.

A alternativa B apresenta comentário adequado, uma vez que o leitor só realiza a perfeita intelecção do texto se conhecer o contexto político e identificar quem são os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A alternativa E apresenta comentário correto, porquanto No Brasil o debate recentemente sobre ética tributária ganhou vulto, e, nos países desenvolvidos, com cultura tributária mais amadurecida, esse debate é mais limitado, porque praticamente restrito a discussões sobre a pressão fiscal e a competição fiscal nociva.

A alternativa C apresenta comentário incorreto, pois o texto informa que, nos países mais desenvolvidos, a cultura tributária está mais amadurecida. Então, o que se pode inferir é que os países menos desenvolvidos possuem cultura tributária menos amadurecida, e não que não haja nenhum amadurecimento.

A alternativa D também apresenta comentário incorreto, pois a informação ali prestada aparece explicitamente no texto, e não implicitamente. Chamamos a atenção para o fragmento "da crescente inserção do país (Brasil) na economia globalizada.". Obviamente, está EXPLÍCITO que o Brasil cada vez mais se insere na economia globalizada.

02. **(FGV / ICMS / Fiscal)**

Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I – **Em "Portanto, a necessidade das gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras <u>também</u> se dá no que tange aos recursos públicos"., o termo grifado colabora com a identificação de**

um pressuposto.

II – **Em "não mais se concebe uma atuação efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.**

III – **Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras de longo prazo.", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.**

Assinale:

a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se somente os itens I e II estiverem corretos;
c) se todos os itens estiverem corretos;
d) se nenhum item estiver correto;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

Gabarito: B

Item I – Certo. Caracteriza-se o pressuposto, visto que o emprego de TAMBÉM sugere que existem outras necessidades das gerações atuais além daquele que se refere aos recursos públicos.

Item II – Certo. Observa-se o pressuposto no fragmento "Não mais se concebe", que dá a entender que em outras épocas já se permitiu atuação sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação.

Item III – Errado. Não há subentendidos. Para a leitura se efetivar, na realidade se torna necessário identificar quem são os referentes (termos constantes no texto) de primeiro e segundo.

03. Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem? (Thomas L. Friedman)

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe;
b) há um oxímoro entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo

de ver similares serem derrubados;

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos;

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos;

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão imaginada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B, até mesmo porque as outras opções são absurdas. É fundamental se ter bastante atenção ao enunciado, visto que é um comando, e se deve respeitar ao comando. Como já se disse, é imperioso responder à quilo que efetivamente está sendo solicitado ou perguntado. A alternativa A, apesar de apresentar comentário extremamente coerente, não serve como resposta, pois a informação lá constante está explícita no texto, quando o enunciado exigia uma inferência, uma informação implícita. Já a alternativa B atende ao enunciado, porquanto o texto não informa explicitamente que existe um paradoxo (oximoro) entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados, mas é o que se pode deduzir do questionamento acerca dos gastos realizados para apoiar regimes corruptos e impopulares idênticos à queles que hoje estamos aplaudindo os povos derrubarem.

Capítulo 13

Semântica dos Vocábulos Parônimos e Homônimos

13.1. PARÔNIMOS

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjuntura	oportunidades
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir, isolar
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região

flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer

13.2. HOMÔNIMOS

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
decente	digno, correto
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
ruço	grisalho
russo	natural da rússia

cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
descente	que desce, vazante
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	cansado, fatigado
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

BIZU

O vocábulo "sessão" possui dois homônimos: seção e cessão. Possui também um parônimo: secção. Aqui estão os significados das quatro palavras:

SESSÃO – ESPAÇO DE TEMPO EM QUE SE REALIZA UMA REUNIÃO OU UM TRABALHO.

SEÇÃO – DEPARTAMENTO

CESSÃO – ATO DE CEDER

SECÇÃO – SEÇÃO, DEPARTAMENTO

13.3. SEMÂNTICA DE FORMAS PARECIDAS

ABAIXO / A BAIXO

Abaixo:

Interjeição. Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois) Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo:

contrário a "de alto" Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

ACERCA DE/ CERCA DE/ A CERCA DE/ HÁ CERCA DE

Acerca de: a respeito de. Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente. Ex.: Falamos cerca de dez minutos

A cerca de: ideia de distância. Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado. Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

ACIMA / A CIMA

Acima:

anterior, em grau de categoria superior. Ex.: Questão acima

em grau ou categoria superior. Ex.: De dezoito anos acima.

em graduação superior. Ex.: Muito acima do general.

de preferência, em lugar superior, em cima. Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

de cima (interjeição). Ex.: Acima coração!

A cima:

contrário a "de baixo". Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

AFIM / A FIM DE

Afim: semelhança, parentesco, afinidade. Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de. Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

AFORA / A FORA

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto. Ex.: Todos farão o concurso,

afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora". Ex.: Pela rua a fora.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar. Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: ir de encontro a. Ex.: Meu carro foi de encontro a um poste.

APARTE / À PARTE

Aparte:

verbo: separar. Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção. Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado. Ex.: O resultado será mostrado à parte.

CONQUANTO / COM QUANTO.

Conquanto: embora; mesmo que. Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo. Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa.

CONTUDO / COM TUDO

Contudo: entretanto, porém. Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total. Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

DANTES / DE ANTES

Dantes: advérbio = antigamente. Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior. Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

DEBAIXO/DE BAIXO

Debaixo:

em situação inferior. Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

na dependência, em decadência. Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

sob: Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

no tempo de; por ocasião de. Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

em situação inferior a. Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo:

a parte inferior. Ex.: Comprei roupa de baixo.

contrário a "a cima". Ex.: Examinamos de baixo a cima.

DEMAIS / DE MAIS

Demais:

pronome indefinido = outros. Ex.: Chame os demais candidatos.

advérbio de intensidade = excessivamente. Ex.: A mulher fala demais.

palavra continuativa = além disso. Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito. Ex.: Comi doce de mais.

DESAPERCEBIDO / DESPERCEBIDO

Desapercebido: desavisado. Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença. Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

DETRÁS / DE TRÁS

Detrás: pela retaguarda. Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás. Ex.: Esse som vem lá de trás.

DEVAGAR / DE VAGAR

Devagar: lentamente; sem pressa. Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso. Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

EM VEZ DE / AO INVÉS DE

Em vez de: em lugar de. Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de. Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

ENFIM / EM FIM

Enfim: afinal, finalmente. Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim. Ex.: Eles estão em fim de carreira.

ENQUANTO / EM QUANTO

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que; em concomitância com. Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto. Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

MALGRADO / MAU GRADO

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição). Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado:

contra a vontade. Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

apesar de (se estiver seguido de preposição). Ex.: Mau grado ao tempo sairei.

NENHUM / NEM UM

Nenhum: ninguém, nada. Ex.: Nenhum tem razão naquela discurso.

Nem um: um só que fosse. Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

PORVENTURA / POR VENTURA

Porventura: por acaso. Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte. Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

PORQUANTO / POR QUANTO

Porquanto: conjunção = visto que. Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço. Ex.: Por quanto venderam o carro?

PORTANTO / POR TANTO

Portanto: então, logo. Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão..

Por tanto: por muita quantidade. Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim" (Milton Nascimento)

SE NÃO / SENÃO

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado. Ex.: Se não chover, iremos à praia. – Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente. Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto. Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado. – Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido: é bom você estudar, se será reprovado.

SOBRETUDO / SOBRE TUDO

Sobretudo:

especialmente, principalmente. Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa: Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo; acerca de tudo. Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

TAMPOUCO / TÃO POUCO

Tampouco: também não, nem. Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco. Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

13.4. EXERCÍCIOS

01. **(TRE-MG)**

A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:

a) O crime foi bárbaro. Somente após a..... do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)

b) Só seria possível..... o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)

c) A negociações só vão..... os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)

d) O corpo estava....., apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)

e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi..... o cofre ali mesmo, na escada (arriar)

Gabarito: C

A lacuna deveria ser preenchida com SURTIR, que significa GERAR EFEITO e não com SORTIR, cujo sentido é VARIAR.

02. **(TRE-RJ)**

"Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:

a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)Â

b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)

c) A expressão "dar um jeito" traz sempre subentendida a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)

d) O descumprimento da lei dificilmente passa despercebido na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)

e) Antes de mais nada, faz-se necessário discriminar que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

Gabarito: B

A estrutura "antes que" exige que a forma verbal se encontre no presente do subjuntivo. Sendo assim, pelo contexto, cabe apenas o verbo 'consumar" (consumar a generalização do pecado). Como foi utilizado "consuma" (verbo CONSUMIR no presente do subjuntivo), a coerência fica totalmente prejudicada.

03. **(NCE)**

A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil)

Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado:

a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.

b) Dirija-se, por favor, à Seção de documentação do Ministério.

c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.

d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.

e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

Gabarito: A

O vocábulo "seção" significa DEPARTAMENTO. No contexto, é pertinente o emprego de SESSÃO, cujo significado é "espaço de tempo em que se realiza uma reunião ou um trabalho.

04. **(Esaf)**

Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando..... o número do cartão do PIS,..... a data de meu nascimento."

a) ratificar, proscrevi;

b) prescrever, discriminei;

c) descriminar, retifiquei;

d) proscrever, prescrevi;

e) retificar, ratifiquei.

Gabarito: E

Na alternativa A, o primeiro vocábulo se enquadra no contexto, mas o segundo, não. Vê-se: Necessitando ratificar (confirmar) o número do cartão do PIS, proscrevi (aboli) a data de meu nascimento."

Na alternativa B, o primeiro verbo PRESCREVER (determinar) já gera incoerência textual.

Na alternativa C, também a primeira forma verbal causa inconsistência – Necessitando descriminar (inocentar) o número do cartão do PIS.

Na alternativa D, mais uma vez a primeira forma verbal gera incoerência – Necessitando proscrever (abolir) o número do cartão do PIS.

A alternativa E é a única que apresenta duas formas verbais que complementam com coerência o texto. Vejamos: Necessitando retificar (corrigir) o número do cartão do PIS, ratifiquei (confirmei) a data de meu nascimento

05. **(UNISINOS)**

A frase onde os homônimos e / ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era <u>iminente</u> a queda do <u>eminente</u> deputado.

b) A justiça <u>infringe</u> uma pena a quem <u>inflige</u> a lei.

c) <u>Vultosa</u> quantia foi gasta para curar sua <u>vultuosa</u> face.

d) O <u>mandado</u> de segurança impediu a cassação do <u>mandato</u>.

e) O nosso <u>censo</u> depende exclusivamente do <u>senso</u> de responsabilidade do IBGE.

Gabarito: B

O verbo INFLIGIR significa COMINAR, APLICAR PENA e INFRINGIR significa VIOLAR; portanto, os verbos, no período exposto na alternativa B, estão invertidos.

06. **(MACK)**

Na oração: Em sua vida, nunca teve muito……, apresentava-se sempre……. no……. de tarefas……. As palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:

a) censo – lasso – cumprimento – eminentes;

b) senso – lasso – cumprimento – iminentes;

c) senso – laço – comprimento – iminentes;

d) senso – laço – cumprimento – eminente;

e) censo – lasso – comprimento – iminentes.

Gabarito: B

O sentido do período é: Em sua vida, nunca teve muito juízo (SENSO), apresentava-se sempre fatigado (LASSO) na realização (CUMPRIMENTO) de tarefas urgentes, imediatas (IMINENTES).

07. **(TFC)**

Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo:

1) **Quem possui deficiência auditiva não consegue……. os sons com nitidez.**
2) **Hoje são muitos os governos que passaram a combater……. de entorpecentes com rigor.**
3) **O Diretor do presídio……. pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.**

a) discriminar – tráfico – infligiu;

b) discriminar – tráfico – infringiu;

c) descriminar – tráfego – infringiu;

d) descriminar – tráfego – infligiu;

e) descriminar – tráfico – infringiu.

Gabarito: A

Quem possui deficiência auditiva não consegue DISTINGUIR (DISCRIMINAR) os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) de entorpecentes com rigor.

O Diretor do presídio O NEGÓCIO, A NEGOCIATA (TRÁFICO) pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

08. **(FUVEST)**

No último……. da orquestra sinfônica, houve……. entre os convidados, apesar de ser uma festa…….

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente;

b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente;

c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente;
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente;
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente.

Gabarito: E

No último SESSÃO MUSICAL, SINFONIA (CONCERTO) da orquestra sinfônica, houve EVIDENTES DISTINÇÕES (FLAGRANTES DISCRIMINAÇÕES) entre os convidados, apesar de ser uma festa BENEFICENTE. É importante esclarecer que não existe a palavra BENEFICIENTE.

09. **(TRE-MG)**

A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:

a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

Gabarito: A

O contexto indica a intenção de esclarecer que o homem agia com decência, portanto o termo deveria ser DECENTE. Já o significado de DESCENTE é ALGO QUE DESCE, VAZANTE.

10. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário)**

"A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...": o vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:

a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação;
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão;
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos;
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica;
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

Gabarito: C

A intenção na alternativa C era informar que o ministro pretendia DETERMINAR (PRESCREVER), para o presidente, uma certa cautela nos discursos. Observe que o sentido de PROSCREVER (ABOLIR, BANIR), nesta frase, gera incoerência textual.

11. **(NCE)**

" E , <u>em vez das</u> simples anotações que seriam preciosas como documento..."; a frase abaixo em que em lugar de <u>em vez de</u> seria mais adequado dizer <u>ao invés de</u> é:

a) Em vez de ler, preferiu dormir;

b) Em vez de churrasco, quis feijoada;

c) Em vez de sair, entrou;

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.

e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

Gabarito: C

É fundamental observar a diferença entre EM VEZ DE e AO INVÉS DE. Aquele significa NO LUGAR DE, e este, AO CONTRÁRIO DE. AO INVÉS DE só pode ser utilizado se houver necessariamente uma ideia de contrariedade, adversidade. É justamente o que ocorre na alternativa C, visto que os vocábulos ENTRAR e SAIR possuem opostas cargas semânticas.

Capítulo 14

Semântica de Afixos

14.1. PREFIXOS LATINOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster– se
Ad, a	aproximação	adjunto,abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir,discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração,expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediaria	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento mais para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	movimento de baixo para cima	submeter
	Inferioridade	subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de,além de,	transposição
Três, tras	mudança	tresnoitar

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ultra	posição além do limite	ultra romântico
Vice, vis	substituição	vice presidente
Soto, sota	posição inferior	soto mestre

14.2. PREFIXOS GREGOS

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A,na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia

Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

14.3. RELAÇÃO DE SUFIXOS

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-dade, -ada, -dão	ação	paulada, maldade, escuridão
-ança, -ação, -ença	qualidade	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude		calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência,relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão,-eiro	naturalidade,origem	curitibano, alemão
-ense, -eu,-ino		paraense, europeu, florentino
-ês,-esa		chinês, chinesa
-oso, -udo	abundância	gorduroso, narigudo
-ia, -ismo	ciência,escola	astronomia, romantismo
	Sistema político	comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
Ura	qualidade	Brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear,-entar -ficar,-izar	ação	cantar, guerrear, afugentar dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar -iscar, -inhar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

14.4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi

Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia
Mudança	meta	

RADICAIS GREGOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Acro	alto, elevado	acrobata, acrópole, acrofobia
aer, aero	ar	aeronave, aéreo
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrônomo
alg, algia	dor, sofrimento	analgésico, nevralgia
andro	homem, macho	andrógino, andropausa
anemo	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo	ser humano	antropocentrismo, antropologia
arcai, arqueo	antigo, velho	arcaico, arqueologia
Aristo	ótimo, o melhor	aristocracia, aristocrata
aritmo	número	aritmética, aritmologia

arquia	governo	Monarquia, anarquia
asteno, astenia	fraqueza, debilidade	astenopia, neurastenia
astro	corpo celeste	astronomia, astrologia
atmo	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
baro	pressão, peso	barômetro, barítono
bata	o que anda	acrobata, nefelibata
biblio	livro	biblioteca, bibliotecário
bio	vida	biologia, biografia
caco	feio, mau	cacofonia, cacoépia
cali	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio	coração	cardíaco, cardiopatia
cefalo	cabeça	acefalia, cefaléia
ciclo	círculo	ciclovia, motocicleta
cine, cinesi	movimento	cinemática, cinema
cito	célula	citologia, citoplasma
cosmo	mundo, universo	cosmovisão, macrocosmo
cracia	poder, autoridade	democracia, tecnocracia
cromo	cor	cromogravura, cromógeno
crono	tempo	cronológico, cronômetro
Datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
dgeca	dez	decâmetro, decalitro
Demo	povo	democracia, demográfico
derma	pele	dermatologista, dermatite
di	dois	dissílabo, ditongo
dinamo	força, potência	dinamite, dinamismo
doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
dromo	corrida	autódromo, hipódromo

Eco	casa, domicílio, habitat	ecologia, ecônomo, ecossistema
Edro	base, face	poliedro, pentaedro
ergo	trabalho	ergofobia, ergonomia
esperma, espermato	semente	espermatologia, espermatozóide
etio, etimo	origem	etiologia, etimologia
etno	raça, nação	etnia, etnocentrismo
Fago	aquele que come	antropófago, necrófago
filo	amigo, amante	Filólogo,fílósofo,
fisio	natureza física ou moral	fisiologia, fisioterapia
Fobo	Aversão, medo	agorafobia, pantofobia
fono	som, voz	Fonoaudiólogo, fonema
fos, foto	luz	fosfeno, fotografia
gamo	casamento	gamomania, poligamia
gastro	estômago	gastronomia, gástrico
Gene	origem	gênese, genética
geo	terra	geografia, geologia
gine, gineco	mulher	Ginecologia, andrógino
gono, gonio	ângulo	polígono, goniômetro
grafia	escrita	ortografia, caligrafia
Helio	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo	sangue	hemorragia, hemograma
hepato	fígado	hepatite, hepático
hetero	outro, diferente	heterossexual, heterogêneo
hidro	água	hidrografia, hidrófilo
Higro	umidade	higrômetro, higrófilo
Hipno	sono	hipnose, hipnotismo
Hipo	cavalo	hipódromo, hipopótamo
homeo, homo	semelhante	homeopatia, homônimo

icon, icono	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio	peixe	ictiofagia, ictiologia
iso	igual	isóbaro, isonomia
Latria	culto	idolatria, alcoólatra
Lito	pedra	litografia, aerólito
log, logia	estudo	Psicologia, sociologia
macro	grande	macrocosmo, macrobiótica
mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
mani, mania	loucura	manicômio, cleptomania
mega, megalo	grande	megalomania, megalocefalia
meso	meio	Mesopotâmia, mesóclise
metro	que mede, medição	velocímetro, termômetro
micro	pequeno	microcosmo, microfone
miso	ódio, aversão	misantropia, misossofia
mito	fábula	mitologia, mitomania
mnemo	memória	amnésia, mnemônico
mono	único, sozinho	monarquia, monobloco
morfo	forma	zoomórfico, amorfo, morfologia
Necro	morte, cadáver	necrotério, necrofilia
Neo	novo, moderno	neologismo, neoplasia
neuro	nervo	neurite, neuralgia
nomo	regra, lei	nomologia, agrônomo
odonto	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo	olho	oftalmologista, oftalmia
Oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
onimo	nome	ortônimo, sinônimo
onir, oniro	sonho	onírico, oniromancia)

ornito	ave	ornitologia, ornitofilia
orto	reto, correto	ortônimo, ortografia
Oxi	agudo, ácido	oxítona, oxidação
paleo	antigo	paleografia, paleontologia
pato	doença, sofrimento	patologia, patogenia
pedia	educação	ortopedia, pediatria
pole, polis	cidade	metrópole, Petrópolis
poli	muito	poligamia, politeísmo
potamo		Mesopotâmia, hipopótamo
pneumato	ar, gás, espírito	pneumatologia, pneumático
pneum(o)	pulmão	pneumonia, pneumotórax
Proto	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo	Falso	pseudorrepresentações
psico	alma, espírito	psicografia, psiquiatria
quiro	mão	quiromancia
rino	nariz	Rinite, rinoceronte
rizo (=);	raiz	rizotônico, rizófago
scopio	o que faz ver	telescópio, microscopia
sema, semio	sinal	semáforo, semiótica
sidero	ferro, aço	siderurgia, siderografia
Sismo	terremoto	sísmico, sismógrafo
sofo	sábio	filosofia, sofomaníaco
soma, somo, somato	corpo, matéria	cromossomo, somatologia
tanato	morte	eutanásia, tanatofobia
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	fonoteca, filmoteca, discoteca
tecno	arte, ofício	tecnologia, tecnocracia
tele	ao longe, distância	telefone, telescópio, telégrafo

Téo	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo	calor, temperatura	termômetro, térmico
topo	lugar, localidade	topografia, topologia
xeno	estranho	xenofobia, xenofilia
xer, xero	seco, secura	xerófilo, xerografia
xilo	madeira	xilogravura, xilófago
zoo	animal	zoologia, zoomorfo

RADICAIS LATINOS	SIGNIFICADO	EXEMPLO
Agri	campo	agricultura, agrícola
Ambi	ambos	ambidestro, ambíguo
ambulo	caminhar, andar	sonâmbulo, noctâmbulo
arbori	árvore	arboriforme, arboricultura
beli (=);	guerra	bélico, belicista, beligerante
bi, bis	repetição, duas vezes	bisavô, bilíngue
calori	calor	caloria, calorífero
cida	que mata	Homicida, inseticida
cola (=);	que habita, que cultiva	vinícola, citrícola
cole, colo	pescoço	colar, colarinho
color	cor, coloração	Bicolor, colorido
cordi	coração	cordial
corn(i)	chifre, antena	cornear, cornudo
crimino	crime	criminoso, criminologia
cruci	cruz	crucificado
cultura	ato de cultivar	suinocultura, piscicultura
cupr(i)	cobre	cúprico, cuprífero
curvi (=);	curvo	curvilíneo
deci (=);	décimo	decímetro, decigrama

digit(i)	dedo	digitador, digitação
dui	dois	duidade, duelo
ego	eu	egocentrismo, egoísmo
equi	igual	equivalência, equidistante
estil(i)	estilo	estilista, estilismo
evo	idade	longevidade, longevo, medievo
fero	que contém	mamífero, carbonífero
ferr(i), ferro	ferro	ferrovia, ferragem
fico	que faz, que produz	benéfico, maléfico
Fide	fé	fidelidade, fidedigno
fili	filho	filiação, filial
forme	forma	uniforme, disforme
frater	irmão	fraterno, fratricida
frig(i)	frio	frigidez, frigorífico
fugo	que foge	centrífugo, vermífugo
genito	relativo à geração	genitor
gradu	grau, passo	centígrado, graduação
herbi	erva	herbívoro, herbicida
homin(i)	homem	hominal, homicídio
igni	fogo	ignição, ígneo
lati	largo, amplo	latifúndio, latofólio
loquo (=);	que fala	ventríloquo, altíloquo
luc(i)	luz	lucidez, lúcido
mini	muito pequeno	minissaia, mínimo
multi	numeroso	multissecular, multiangular
ocul(i)	olho	oculista, óculos
Odori	odor, cheiro	odorífero, desodorante
oni	tudo, todo	onipotente, onipresente

pisci	peixe	piscicultura, pisciano
Pani	pão	panificadora
pari	igual	paridade, paritário
ped(i), pede	pé	pedestre, pedicuro, bípede
personal(i)	pessoal	personalidade, personificar
petr(i)	pedra	petrificar, petróleo
Plani	plano	planisfério, planície
Pluri	muitos	pluralizar, pluricelular
pluvio	chuva	pluviômetro, pluviosidade
popul(o)	povo	populoso, populismo
primi	primeiro	primogênito, primícias
quadr(i), quadru	quatro	quadrado, quadrangular
radic(i)	raiz	radicar, radiciação
reti	reto, direito	retificar, retilíneo
reti	rede	reticulado, retiforme
retro	movimento para trás	retroceder, retrovisor
sabat(i)	sábado	sabatina, sabatismo
sacar(i)	açúcar	sacarífero, sacarose, sacarina
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
sexi, sexo	sexo	sexologia, assexuado
sideri	astro	sideral, sidério
silvi	selva	silvícola, silvicultura
sino	da China	sinologia, sino-brasileiro
sócio	sociedade	sociologia, sociolinguística
sono	som, ruído	sônico, sonoplastia
sudor(i)	suor	sudoríparo, sudoral
telur(i)	terra, solo	telúrico, telurismo
toni	tom, vigor	tônico, tonificar

toxico	veneno	toxicomania, toxina
Triti	trigo	triticultura, triticultor
veloci	veloz	velocidade, velocímetro
vermi	verme	vermífugo, vermicida
vin(i)	vinho	vinicultura, vinícola
Vitri	vidro	vitrina, vitrificar, vitral
Voto	que quer, que deseja	malévolo, benévolo
Voro	que devora	carnívoro, herbívoro

14.5. LATINISMOS

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Álibi	meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data vênia	com a devida permissão

De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac símile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início

In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Strictu sensu	em sentido restrito
Ur et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo

Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

14.6. EXERCÍCIOS

01. **(NCE / Polícia Civil / Inspetor de Polícia)**

"Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada."; "Continuemos no campo das substâncias ilícitas"; "acho que o professor cometeu duas impropriedades.". Inúmeros, ilícita, impropriedade têm em comum:

a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

Gabarito: A

A alternativa B deve ser excluída, visto que INÚMEROS e ILÍCITA são adjetivos e apenas IMPROPRIEDADE é substantivo. Portanto, não se pode afirmar que os três termos possuem a mesma classe gramatical.

A alternativa C também deve ser excluída, porquanto INÚMEROS é masculino, contudo ILÍCITA e IMPROPRIEDADE são femininos.

A alternativa D também deve ser eliminada, dado que INÚMEROS está no plural e ILÍCITA e IMPROPRIEDADE estão no singular.

A alternativa E apresenta um comentário absurdo, uma vez que todos os vocábulos possuem ortografia diferente.

O candidato percebe o valor de negação nos prefixos presentes em ILÍCITA e IMPROPRIEDADE, mas tem dificuldade de compreender que também há este prefixo em INÚMEROS. Normalmente, o candidato visualiza o sentido do adjetivo, que é MUITOS, GRANDE QUANTIDADE. No entanto, o adjetivo INÚMEROS só possui este valor justamente em virtude do prefixo negativo, pois o que se nega aqui é

haver números (daí INÚMEROS – SÃO TANTOS QUE NÃO É POSSÍVEL ESTIPULAR NÚMEROS) para mensurar algo.

02. **(UFF)**

A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo PERCUSSIONISTA é:

a) barbeiro, bancário, cantor;
b) estudante, formigueiro, vestiário;
c) jogador, noticiário, pedinte;
d) cinzeiro, poetastro, colaborador;
e) operário, fazendeiro, budismo.

Gabarito: A

Observe que a palavra PERCUSSIONISTA possui um sufixo com valor AGENTE, ou seja, de alguém que pratica algo. PERCUSSIONISTA é o indivíduo que toca percussão. A única alternativa em que o valor agente é conservado é a alternativa A. Vejamos: BARBEIRO é o profissional que faz a barba, BANCÁRIO é o profissional que trabalha em banco, e CANTOR é o cidadão que canta.

03. **(UNI-RIO)**

Numere a coluna da direita, relacionando com a da esquerda, pelo significado do prefixo, assinale a resposta correta:

1 – desesperança	**() repetição**
2 – contramarcha	**() oposição**
3 – redobra	**() privação, negação**
4 – influir	**() passar além de**
5 – translúcido	**() movimento para dentro**

a) 3-5-2-1-4;
b) 2-3-4-5-1;
c) 3-2-1-5-4;
d) 4-3-2-1-5;
e) 5-4-3-1-2.

Gabarito: C.

O prefixo RE de REDOBRA indica ideia de repetição, de reprodução; o prefixo

CONTRA de CONTRAMARCHA sugere sentido de oposição, de contrariedade; o prefixo DES de DESESPERANÇA tem valor semântico de negação; o prefixo IN de INFLUIR encerra o valor de movimento para dentro, movimento em direção a ambiente interno; por fim, o prefixo TRANS de TRANSLÚCIDO significa através de, passar além de.

04. **(UNI-RIO)**

Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado.

a) contradizer – antídoto;
b) desfolhar – epiderme;
c) decapitar – homicídio;
d) supercílio – acéfalo;
e) semimorto – perianto.

Gabarito: A

Os prefixos CONTRA e ANTI, ocorrentes na alternativa A, possuem valor de oposição, de contrariedade. Na alternativa B, o prefixo DES de DESFOLHAR tem valor de movimento para fora; já o prefixo EPI de EPIDERME, de sobre, acima. Na alternativa C, o prefixo DE de DECAPITAR significa movimento para fora; já o radical HOMI de HOMICÍDIO é o próprio homem. Na alternativa D, SUPER de SUPERCÍLIO encerra valor de posição superior, acima, sobre; já o prefixo A de ACÉFALO encerra valor de negação. Por fim, na alternativa E, o prefixo SEMI passa a ideia de meio, metade, mais ou menos; já o PERI de PERIANTO passa de em volta de, em torno de.

05. **(NCE / INPI)**

Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:

a) agricultor;
b) agridoce;
c) agrimensor;
d) agreste;
e) agrícola.

Gabarito: B

Todas as alternativas relacionam o vocábulo à ideia de campo, lavoura – em virtude da ocorrência do radical grego AGRO –, exceto a alternativa B, que

apresenta AGRI, oriundo do radical latino vulgar ACRUM, que significa azedo, ácido.

06. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo erradicar é:

a) discriminação;
b) admissão;
c) incapacidade;
d) redistribuição;
e) exportar.

Gabarito: E

O prefixo E de ERRADICAR possui valor de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo. O prefixo DIS de DISCRIMINAÇÃO significa movimento para vários sentidos; o prefixo AD de admissão tem valor de aproximação; o prefixo IN de INCAPACIDADE encerra valor de negação; o prefixo RE de REDISTRIBUIÇÃO significa repetição; o prefixo EX de EXPORTAR passa o sentido de movimento para fora, movimento em direção a ambiente externo.

07. **(NCE / Auxilar de Cartório)**

O radical grego fobia significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:

a) agorafobia – medo dos tempos atuais;
b) acrofobia – medo de lugares altos;
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos;
d) hidrofobia – medo de chuva;
e) fotofobia – medo de aparecer em público.

Gabarito: B

Agorafobia significa medo de lugares públicos e grandes espaços descobertos.

Claustrofobia, medo de lugares fechados. Hidrofobia, medo de água. Fotofobia, aversão à claridade excessiva.

08. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo -ismo tem valor de:

a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;

c) doutrina ou sistema;

d) quantidade ou intensidade;

e) aspecto pejorativo ou negativo.

Gabarito: C

O sufixo ISMO significa ciência, de sistema político.

09. **(NCE / RJ / Ministério Público)**

Subtributação só pode significar:

a) sonegação de impostos;

b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;

c) taxação injusta, por exagerada;

d) impostos reduzidos;

e) dispensa de pagamento de impostos.

Gabarito: D

O prefixo SUB de SUBTRAÇÃO tem sentido de abaixo de, de inferior. Ou seja, o significado do vocábulo é tributação inferior, menor. Sendo assim, torna-se evidente a ideia de que a tributação é reduzida.

10. **(NCE / CPBS)**

Nos vocábulos IMPERCEPTÍVEL e SUBTERRÂNEO, os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:

a) dentro de – sobre;

b) negação – abaixo de;

c) proximidade – sob;

d) movimento para dentro – acima de;

e) oposição – dentro de.

Gabarito: B

O prefixo IM de IMPERCEPTÍVEL passa a ideia de negação, ou seja, algo que não pode ser percebido. Já o prefixo SUB de SUBTERRÂNEO encerra sentido de abaixo de (abaixo da terra).

11. **(NCE)**

Assinale o item que o sufixo <u>– mente</u> não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra lentamente.

a) rapidamente;

b) finalmente;
c) sutilmente;
d) infelizmente;
e) corajosamente.

Gabarito: B

Nas alternativas A, C, D e E, o sufixo MENTE sugere ideia de modo. Já em FINALMENTE, o sufixo possui valor de fato independente em relação a outro. Por exemplo: Todos o esperavam e finalmente ele chegou.

12. **(NCE)**

Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo ose indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?

a) trombose;
b) tuberculose;
c) dermatose;
d) diagnose;
e) psicose.

Gabarito: D

O sufixo OSE em DIAGNOSE significa processo de funcionamento. Ou seja, DIAGNOSE é processo pelo qual é feito um diagnóstico.

13. **(PUC)**

Na palavra ESPANTOSA, o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado.

a) apetitoso;
b) medroso;
c) venenoso;
d) vaidoso;
e) gostoso.

Gabarito: A

O sufixo OSO normalmente possui valor de abundância, cheio de. No entanto, o sufixo OSO em ESPANTOSA significa aquilo que provoca ou produz em outrem. Uma coisa espantosa provoca espanto em outrem. A mesma relação semântica ocorre

em APETITOSO, pois uma comida apetitosa provoca ou produz o apetite em alguém.

14. **(NCE)**

Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:

a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de);
b) estritamente, explicitamente (modo);
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação);
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado);
e) pesquisador, professor (agente).

Gabarito: C

O sufixo ISMO possui significa ciência ou sistema político.

15. **(COPPE)**

A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ‘’imobilismo” e “desagregador” é:

a) hemisfério / semimorto;
b) antítese / antebraço;
c) emergente / importação;
d) afonia / eufonia;
e) cisandino / translado.

Gabarito: A

Em IMOBILISMO e DESAGREGADOR, os prefixos I e DES possuem valor semântico de negação, ou seja, eles são sinônimos. Portanto, a relação ocorrente entre os prefixos é de sinonímia. A única alternativa que apresenta prefixos com o mesmo significado é a A. Os prefixos HEMI e SEMI encerram sentido de metade, também sendo sinônimos. É bom esclarecer que não são as palavras que são sinônimas, mas sim os prefixos. Na alternativa B, ANTI de ANTÍTESE passa ideia de oposição; ANTE de ANTEBRAÇO, de anterioridade. Na alternativa C, o prefixo E de EMERGENTE e IM de IMPORTAÇÃO guardam uma relação de antonímia, visto que E indica movimento para fora e IM de IMPORTAÇÃO, movimento para dentro. Na alternativa D, A de AFONIA tem valor de negação; já EU de EUFONIA, de bom, agradável. Na alternativa E, o prefixo CIS de CISANDINO encerra valor de posição

aquém; já TRANS de TRANSLADO, de através de.

16. **(FGV / Senado Federal / Analista Legislativo)**

"O relator trouxe à luz o direito inalienável e imprescritível dos índios de viver nas terras que tradicionalmente ocupam e de acordo com suas próprias culturas."

Na frase acima, o vocábulo inalienável significa "que não se pode alienar", e o vocábulo imprescritível significa "que não prescreve".

Com base em processo semelhante de formação de adjetivos, assinale a alternativa em que se tenha cometido equívoco entre o adjetivo formado e o sentido a ele atribuído.

a) imensurável – que não se pode medir;
b) imiscível – que não se pode misturar;
c) imponível – que não se pode pôr;
d) impartível – que não se pode dividir;
e) impassível – que não sofre.

Gabarito: C

Imponível significa tributável, ou seja, produto ou serviço passível de tributação.

17. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

"... analgésico e antipirético..."

As palavras cujos prefixos possuem significados que correspondem à queles presentes nos termos acima destacados são, respectivamente:

a) Infeliz / anfíbio;
b) Anemia / inimigo;
c) Desleal / contrapor;
d) Expulsar / ambíguo.

Gabarito: C

Analgésico – negação; antipirético – oposição

a) Infeliz – negação; anfíbio – duplicidade;
b) Anemia – negação; inimigo – negação;
c) Desleal – negação; contrapor – oposição;
d) Expulsar – movimento para fora; ambíguo – duplicidade.

18. **(CEPUERJ / Técnico de Enfermagem)**

A alternativa cujo elemento sublinhado é um prefixo grego que

significa "oposição a, contra" é:

a) Analgésico;

b) Antipirético;

c) Hemofílicos;

d) Hipersensíveis.

Gabarito: B

Analgésico – negação;

Hemofílicos – afinidade;

Hipersensíveis – excesso.

19. **(NCE)**

Curriculo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo curriculum; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:

a) a priori – antecipadamente;

b) alibi – declaração;

c) sine die – sem data certa;

d) quantum – quantidade;

e) et alii – e outros.

Gabarito: B

O significado de álibi é: meio de defesa que o réu apresenta provando estar em outro local no momento do crime.

20. **(NCE / TJ / Técnico Judiciário Juramentado)**

"...que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia,..."; vide é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:

a) sic – nunca;

b) et allii – e assim;

c) ad hoc – isto é;

d) latu sensu – em sentido restrito;

e) verbi gratia – por exemplo.

Gabarito: E

SIC – assim mesmo, escrito desta maneira; ET ALLII – e outros; AD HOC – para isso; VERBI GRATIA – por exemplo.

21. **(NCE / TJ)**

Etc. É uma expressão latina. O livro "Não perca o seu latim", de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos; o item cujo latinismo tem seu significado INCORRETAMENTE indicado é:

a) alibi – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar;
b) habeas corpus – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência;
c) quorum – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione;
d) ad hoc – designado para executar determinada tarefa;
e) a priori – anteriormente à experiência.

Gabarito: C

QUORUM é o número "mínimo" de pessoas presentes para que um órgão funcione.

Capítulo 15

Questões Comentadas

01. **(AFC)**

Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

"A 'Guerra Fiscal' pertence a uma classe geral de fenômenos que emergem quando iniciativas políticas dos Governos subnacionais adquirem conotações negativas e geram efeitos econômicos perversos em decorrência do caráter insuficiente ou conjunturalmente inoperante do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos, o qual se revela incapaz de garantir um equilíbrio mínimo entre interesses locais de forma a evitar efeitos macroeconômicos e sociais perversos."

(C. Cavalcanti & G. Prado, com adaptações)

a) A forma verbal "emergem"(l.1), flexionada no plural, constitui incorreção, pois sua concordância deve se dar com o substantivo "classe"(l.1), núcleo do grupo nominal "classe geral de fenômenos".

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

c) Em "subnacionais"(l.2) e "macroeconômicos"(l.6), o sentido dos prefixos está em relação antonímica.

d) O prefixo indicador de negação está presente nas formas: "insuficiente(l.3), inoperante(l.4), incapaz(l.5), interesses"(l.6).

e) O plural do adjetivo composto "político-institucional"(l.4) se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Gabarito: B

Questão polêmica. A alternativa A apresenta comentário inadequado, porquanto não há incorreção, consoante aduzido. O antecedente do pronome relativo tanto pode ser "classe", o que levaria o verbo para o singular, como pode ser "fenômenos", levando o verbo para o plural, conforme vem redigido, diga-se de passagem, corretamente no texto original. A alternativa C apresenta incorreção,

uma vez que os prefixos SUB e MACRO, nesse contexto, não são antônimos. SUB significa abaixo; macro significa grande. Obviamente, abaixo não é antônimo de grande. A alternativa D apresenta falha, pois, embora os vocábulos INSUFICIENTE, INOPERANTE e INCAPAZ tenham prefixo indicador de negação, o mesmo não ocorre com INTERESSES. A alternativa E também não está correta, dado que o plural dos adjetivos compostos se realiza com a flexão apenas do último termo: político-institucionais. A resposta somente pode ser a alternativa B. Porém, não há como se negar que há aí uma polêmica. Segundo Evanildo Bechara, os verbos EMERGIR e IMERGIR não são defectivos, podendo ser flexionados em todos os tempos e pessoas. Celso Cunha, todavia, assevera que tais verbos são defectivos, não podendo ser conjugados na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (EMERJO-IMERJO) e em todo o presente do subjuntivo (EMERJA-EMERJAS-EMERJA-EMERJAMOS-EMERJAIS-EMERJAM; IMERJA, IMERJAS, IMERJA, IMERJAMOS, IMERJAIS, IMERJAM). Vê-se que, na situação em voga, a Esaf seguiu o entendimento do Celso Cunha.

02. **(Cespe / UnB / PRF)**

NO TOCANTE À EMBRIGUEZ, O CTB ESTABELECE O SEGUINTE:

Capítulo XV

DAS INFRAÇÕES

Art. 161. Constitui infração de trânsito a inobservância de qualquer preceito deste Código, da legislação complementar ou das resoluções do CONTRAN, sendo o infrator sujeito às penalidades e medidas administrativas indicadas em cada artigo, além das punições previstas no Capítulo XIX.

(...)

Art. 165. Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou de qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica:

Infração – gravíssima;

Penalidade – multa (cinco vezes) a suspensão do direito de dirigir;

Medida administrativa – retenção do veículo até a apresentação de condutor habilitado e recolhimento do documento de habilitação.

A partir do texto e considerando o CTB, julgue os itens que se seguem.

1 – As palavras "inobservância" (l.1), "indicadas" (l.4) e "influência" (l.7) apresentam o mesmo prefixo, apesar de pertencerem a classes gramaticais diferentes.

2 – A coerência do texto e as regras gramaticais seriam respeitadas, caso se inserisse às imediatamente antes de "medidas" (l.3)

3 – Para efeito de aplicação das penalidades previstas, a conjunção "ou" (l.8) deve ser entendida como também inclusiva.

Gabarito:

1 – Errado. Somente o primeiro vocábulo apresenta prefixo indicador de negação. Além disso, os vocábulos INOBSERVÂNCIA e INFLUÊNCIA possuem a mesma classe gramatical – substantivo.

2 – Certo. Observe que os termos "à s penalidades" e "medidas administrativas" estão em paralelismo sintático, complementando a ideia de "sujeito". O autor fez a opção por não repetir a contração do artigo com a preposição, e a banca propõe justamente a inserção, obtendo o seguinte resultado "… sujeito às penalidades e às medidas administrativas…".

3 – Certo. Item muito interessante. Quando o Cespe sugere que a conjunção "ou" deve ser entendida como também inclusiva, significa que o conector tanto pode incluir – tendo caráter aditivo e) –, como pode excluir – tendo caráter alternativo (ou). Ou seja, OU, neste contexto, significa E/OU. E é importante que se faça tal leitura, visto que, se houver apenas a interpretação de alternância (ou), o cidadão somente se inseriria no artigo se estivesse sob efeito de álcool OU de entorpecentes. Um ou outro. E se a pessoa estivesse sob efeito dos dois, não constituiria infração gravíssima? Óbvio que não é isso. Por isso, OU tem valor aditivo e alternativo (inclui e exclui). OU indica que bastaria uma das situações, mas evidentemente se a pessoa se inserisse em todos os casos, também constituiria infração gravíssima.

03. **(Cespe / UnB / IRBr / Diplomata)**

1 – Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.

2 – O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.

3 – Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".

4 – O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.

Gabarito:

1 – Errado – Somente os dois primeiros vocábulos apresentam prefixo indicador de negação.

2 – Errado – Os radicais são distintos. O primeiro vocábulo deriva-se de ATURAR, sendo o radical ATUR. O segundo deriva-se de natural, natal, natureza, sendo o radical NATURA.

3 – Errado – Os dois primeiros vocábulos sofreram a derivação sufixal e o último, parassintética.

4 – Certo – Todos os vocábulos derivam-se de grave, sendo o radical GRAV. Chamamos a atenção, sobretudo, para o vocábulo gravidez, que também é cognata. Este vocábulo origina-se da própria situação feminina que, ao engravidar, aumenta o seu peso, tornando-se mais grave (pesada). Repare a ligação de gravidade (Lei da Gravidade) com o sentido em voga.

04. **Classe média em alta (Editorial – Folha de São Paulo – 4/4/2011)**

Na última década, o perfil socioeconômico do país mudou -e muito. A principal novidade foi o fortalecimento da classe C, composta por famílias que têm uma renda mensal domiciliar total (somando todas as fontes) entre R$ 1.126,00 e R$ 4.854,00.

Os números indicam que ocorreu uma considerável mobilidade social nos últimos anos: entre 2004 e 2010, 32 milhões de pessoas ascenderam à categoria de classes médias (A, B e C) e 19,3 milhões saíram da pobreza. A classe C é hoje detentora de 46,5% da renda nacional.

Não se pode dizer que o país tenha mudado da noite para o dia. A modificação resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho.

Embora essa tendência tenha se aprofundado com a política de distribuição de renda do governo do PT, seria incorreto dizer que surgiu com ele. No início da década passada, a classe C representava 40% da população. Em 2010, essa parcela era de 52%.

Nem a elite nem a base da pirâmide social (classes D e E) decidirão eleições. A nova classe média será o fiel da balança eleitoral.

Pesquisas recentes sugerem que o novo eleitor é conservador: está mais preocupado com o bolso do que com participação política, deseja consumir, ter emprego formal e renda e conquistar espaço para provar-se empreendedor.

Considerando que as famílias da classe C não possuem renda elevada, é provável que venham a privilegiar, na agenda política, os temas da qualidade em educação, saúde e transporte. Sentirão o peso da desproporcional carga tributária e exigirão reformas voltadas a reduzi-la -não por ideologia ou convicção, mas por pragmatismo.

Não apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado, adaptando produtos aos gostos e demandas desse novo contingente, mas também os partidos políticos e seus estrategistas.

O PT, durante o governo Lula, arregimentou sua maior base eleitoral nas camadas pobres, entre os beneficiários da Bolsa Família. Talvez seja, hoje, a agremiação que mais tenha com que se preocupar diante da ascensão da classe média, se não conseguir dar respostas a seus anseios.

Em relação ao texto anterior, julgue os seguintes itens.

1 – Conclui-se do texto que a mudança do perfil socioeconômico gerou estabilização de preços, mudanças demográficas, mais acesso à educação e ao mercado de trabalho.

2 – Compreende-se do quarto parágrafo que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil.

3 – Em consonância com o que se expõe no antepenúltimo parágrafo, temas como educação, saúde e transporte decidirão as próximas eleições.

4 – O emprego de "mas também" (l. 26) é resultado da construção iniciada por "Não apenas" (l. 25).

Gabarito:

1 – Errado – Inverte-se a relação causa-efeito. Observe que, no terceiro parágrafo, há a informação de que a mudança do país, que não ocorreu de uma hora para a outra, resulta de múltiplos fatores, da estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho. Portanto, a mudança do país representa a causa, e a estabilização de preços às mudanças demográficas, da educação ao mercado de trabalho representa a

consequência.

2 – Certo – Observe que o item não diz que a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil tenha se iniciado com a política de distribuição de renda efetuada pelo PT. E não começou mesmo, segundo o texto. Mas essa tendência – que já existia antes do governo PT – se aprofundou com a política implementada pelo PT. Portanto, está correta a interpretação de que a política de distribuição de renda efetuada pelo PT contribuiu para a mudança do perfil socioeconômico atual no Brasil, mesmo não dando início a ela.

3 – Errado. No texto, o autor emprega a expressão "é provável", ou seja, há o campo da possibilidade e não da certeza. É provável, e não certo, que tais temas decidam as eleições.

4 – Certo – A função do NÃO é negar o termo APENAS, ou seja, o NÃO nega a restrição. Tanto é verdade que se não houve o NÃO, o sentido da frase seria: apenas as empresas precisarão redefinir suas estratégias de mercado. Mais ninguém precisaria redefinir suas estratégias de mercado. Como o NÃO nega o apenas, a leitura passa a ser NÃO APENAS AS EMPRESAS… Sendo assim, além das empresas, outros setores também precisarão redefinir suas estratégias de mercado.

05. **(NCE / TJ – RJ / TÉCNICO JUDICIÁRIO JURAMENTADO)**

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

"Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia,…"; o uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;

b) certeza;

c) dúvida;

d) conclusão;
e) condição.

Gabarito: A

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não é uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma certeza o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

06. **(Cesgranrio / Petrobras / Transpetro)**

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento.

Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali

a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." pode-se inferir que:

a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A

Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

07. **(NCE / TALCRIM)**

TEXTO 1: A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização

das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século… Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do Jornal A Tarde, Salvador)

TEXTO 2: A BOMBA SUJA

Introduzo na poesia
a palavra diarreia.
Não pela palavra fria
mas pelo que ela semeia.
Quem fala em flor não diz tudo.
Quem me fala em dor diz demais.
O poeta se torna mudo
sem as palavras reais.
No dicionário a palavra
é uma mera ideia abstrata.
Mais que palavra, diarreia
é arma que fere e mata.
Que mata mais do que faca,
mais que bala de fuzil,
homem, mulher e criança
no interior do Brasil.
Por exemplo, a diarreia,
no Rio Grande do Norte,
de cem crianças que nascem,
setenta e dois leva à morte.

(Ferreira Gullar)

Qual a oposição incorreta entre, respectivamente, o texto 2?

a) Informativo X literário.

b) Univocidade X plurivocidade.

c) Denotativo X conotativo.

d) Verdade X beleza.

e) Descritivo X narrativo.

Gabarito: E

O primeiro texto é narrativo. Não podemos considerá-lo dissertativo, visto que o autor em momento algum expõe sua opinião. Repare que, desde o primeiro até o último período, somente há informações do diretor-geral da ONU. Sendo assim, o primeiro texto é narrativo-argumentativo. A argumentação pode ocorrer mesmo sem a presença explícita da tese. Já o segundo texto é dissertativo, havendo o poeta inserido explicitamente sua tese sobre o tema.

08. **Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição." Assinale o comentário incorreto sobre esse período do texto 1.**

a) a expressão **cerca de** indica quantidade aproximada;

b) **fome** e **subnutrição** indicam o modo de morrer de crianças e adultos;

c) **anualmente** corresponde **a todo ano**;

d) a conjunção **e** tem, nas duas ocorrências, o mesmo valor semântico.

e) a primeira informação do texto procura surpreender o leitor.

Gabarito: B

Os termos "de fome" e "de subnutrição" são adjuntos adverbiais de causa, sendo que as preposições que antecedem os substantivos constantes na alternativa contêm valor de causa. Vale a pena chamar atenção para o fato de que, em "Morrer de fome", a preposição DE introduz uma causa, ou seja, a fome é a causa da morte. Por outro lado, em "Morrer de pé", a preposição DE introduziria valor de modo. Seria o modo como a pessoa morreu – de pé, lutando.

09. **Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?**

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.

b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.

c) Porque quer dar autoridade ao que informa.

d) Porque todo texto jornalístico faz isso.

e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Gabarito: C

Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU.) Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

10. **A que se refere o título do segundo texto, no contexto do poema?**

a) à bomba atômica;
b) à fome;
c) à miséria;
d) à diarreia;
e) à ignorância.

Gabarito: C

O candidato, como sempre, deve ficar atento ao enunciado. A pergunta feita é "A que se refere…?", portanto "o que é o título do segundo texto (A Bomba Suja)" no contexto do poema? Outro detalhe importante é que a resposta esteja explícita no contexto do poema. Enfim, existem dois caminhos para se chegar à reposta: o primeiro caminho é o instintivo, intuitivo. O que faz a bomba? Fere e mata. O que faz a diarreia segundo o texto? É arma que fere e mata. Portanto, no contexto do poema, a bomba suja é a diarreia. O outro caminho – o técnico – exige uma resposta explícita no contexto do poema. A bomba atômica, a fome, a miséria e a ignorância não foram mencionadas explicitamente na poesia.

11. **"Introduzo na poesia / a palavra diarreia", nesses dois primeiros versos do texto 2, o poeta nos diz que:**

a) vai apresentar aos leitores a palavra diarreia;
b) vai usar no poema uma palavra incomum nos poemas;
c) vai falar de um tema já conhecido;
d) vai explorar um tema que não é belo;
e) vai abordar um problema nacional.

Gabarito: B

Questão criada para colocar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e D. Antes de mais nada, o candidato deve ater-se a esse fragmento do texto. Por esse motivo, já se pode excluir a opção E. Que o autor está falando na poesia sobre um problema nacional, é verdade. Mas também é verdade que nesses dois versos isso não está mencionado. Aproveitando o ensejo, podemos também excluir a alternativa A, visto que a palavra não está sendo apresentada aos leitores – até porque imagino que todos saibam o significado de "diarreia" –, e sim introduzida no campo poético. Também podemos excluir a alternativa C, pois o tema "diarreia" certamente não é comum em poesias. As opções B e D são coerentes com os dois versos. Como no enunciado consta "o poeta nos diz que", o que está exigido é algo explícito, e não uma inferência. A alternativa D é uma inferência, dedução. Se vai ser introduzida a palavra diarreia na poesia, fica implícito que um tema que não é belo – repare que, em momento algum desses versos, está dito se o tema é belo ou não – será explorado. Já a alternativa B é extremamente fiel aos versos, não há necessidade de inferência. Introduzir significa inserir algo (que não é desse ambiente) no ambiente.

12. **O poeta, no texto 2, diz que vai introduzir a palavra diarreia no poema. "Não pela palavra fria mas pelo que ela semeia", segundo o texto o que semeia a diarreia?**

a) Morte
b) Miséria.
c) Ferimentos.
d) Doença.
e) Crimes.

Gabarito: A

Questão muito bem bolada. Inicialmente chamamos a atenção dos candidatos para o fato de que na pergunta há uma ambiguidade. Não se sabe se "a diarreia" funciona como sujeito ou objeto direto, ou seja, cabem duas interpretações: a diarreia semeia algo ou algo semeia a diarreia. Inicialmente, vamos pela segunda interpretação – a diarreia sendo semeada por alguma coisa. Que coisa seria essa? Obviamente seria a miséria. Se "miséria" não pode ser a resposta, visto que, como no enunciado está redigido "Segundo o texto", é exigido algo exposto no texto. E

não está exposto no texto que miséria semeia a diarreia. Isso é algo que se depreende – implícito – até em face da exemplificação do Rio Grande do Norte, que é um dos estados mais pobres do Brasil. Enfim, então somente cabe a interpretação de que a diarreia semeia algo. Aí o texto explicita: diarreia é arma que fere e mata. Portanto ainda caberiam duas respostas: ferimento e morte. No entanto, MORTE acaba tendo mais peso, inclusive sendo a última palavra do texto.

13. **A palavra FRIA citada no texto 2 corresponde a:**

a) palavras que expressam sensações;
b) palavras usadas pelos políticos;
c) palavras usadas isoladamente;
d) palavras ditas sem pensar;
e) palavras do dicionário.

Gabarito: E

Questão imaginada para o candidato ficar em dúvida entre as alternativas C e E. São duas alternativas extremamente parecidas. Palavras usadas isoladamente são palavras no sentido oficial, ou seja, são palavras no sentido denotativo, que acabamos por encontrá-las nos dicionários. Quando se chega a tal ponto de dúvida, isto é, quando não temos mais a que recorrer, devemos marcar escolher aquela alternativa que contém o vocábulo original – palavra-chave. Nada é mais recorrente ao texto que o próprio vocábulo original.

14. **(NCE / TJ / Oficial de Justiça Avaliador)**

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.

"O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda

que capenga) e tem o direito de mover-se livremente?"; segundo o texto, a resposta abaixo que é INADEQUADA é:

a) a liberdade de consumo;
b) a liberdade de movimento;
c) a liberdade de comunicação;
d) a liberdade política;
e) a liberdade religiosa.

Gabarito: E

Questão maliciosa que induz o candidato a assinalar a alternativa A. No enunciado, é mencionado um fragmento do texto, mas a pergunta não é sobre o fragmento, mas sim sobre o texto como todo – tal qual a questão 12. Se você se basear apenas no fragmento, as alternativas A (a liberdade de consumo) e E (liberdade religiosa) realmente não estão expostas. Mas, a liberdade de consumo, que não vem citada no fragmento, na continuação do texto acaba mencionada. E repito, muita atenção à pergunta.

Segundo o texto (E NÃO O FRAGMENTO), a resposta abaixo que é INADEQUADA.

15. **(Esaf / ENAP)**

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(BARBOSA, Roberto Benchimol; e FILHO, José Barbosa. O Globo, 11/03/2006.)

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de

determinados órgãos.

c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.

d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.

e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Gabarito: C

A alternativa C apresenta comentário coerente em relação ao texto, visto que lá se expõe que "o tratamento com células-tronco **está deixando** de ser uma utopia, **podendo tornar-se** um importante recurso para o tratamento de diversas doenças…". Repare que o texto inteiro está sendo trabalhado no campo da possibilidade e justamente a alternativa C é a única a respeitar essa linha do texto, como se evidencia também no fragmento "**Especula-se** que os tratamentos com células-tronco **possam vir a beneficiar** doenças do coração, neurovegetativas…". Destarte, como as alternativas A, B, D e E estão no campo da certeza, da afirmação, pode-se dizer que as afirmações "o tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.", "as células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.", "os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas." e "as células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias." não são verdadeiras.

16. **(Esaf / AFRF)**

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com

nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(ROSSI, José Luiz. 'Integração cultural na América Latina", CLASSE ESPECIAL, nº 89. 2001. Com adaptações)

Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média.

b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação.

c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade

d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões

e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Gabarito: C

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão-somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos

esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

17. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Apesar de todos os problemas relacionados à Justiça brasileira, um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais. A criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais – tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso. Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas. Mas pôr o sistema nos eixos, atacar suas discrepâncias, requer ação.

(Jornal do Brasil, Editorial, 24/8/2009)

a) A criação do Conselho Nacional de Justiça não representou uma mudança significativa nos problemas relacionados à Justiça brasileira.

b) O desconhecimento de indicadores referentes aos gastos e à produtividade do sistema é o primeiro passo para as mudanças de rota.

c) Os esforços do Conselho Nacional de Justiça ainda não conseguiram quebrar os focos de resistências corporativas no sistema judiciário.

d) Um diagnóstico preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, decorre da criação de um sistema de estatística.

e) O Poder Judiciário tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas.

Gabarito: D

Pelo enunciado, observa-se que a resposta necessariamente ocorrerá com uma informação explícita no texto. A alternativa A contradiz o fragmento "um dos grandes avanços no país nos últimos anos foi a criação do Conselho Nacional de

Justiça (CNJ)". A alternativa apresenta comentário inadequado, visto que o pronome demonstrativo "Este" em "Este é o primeiro e necessário passo para que as mudanças de rota sejam feitas.", refere-se a "criação de um sistema de estatística, com indicadores que medem uma série de atributos – relacionados, por exemplo, aos gastos e à produtividade dos estados e das instâncias judiciais" e não ao desconhecimento de indicadores. A alternativa C se opõe ao período "Tem sido um alento seus esforços no sentido de racionalizar e modernizar a estrutura burocrática do Poder Judiciário – quebrando focos de resistência corporativistas – e de forçar a devida celeridade aos processos que tramitam nos tribunais.". A alternativa E apresenta comentário inadequado, porquanto quem tem procurado racionalizar e modernizar a estrutura das resistências corporativas é o Conselho Nacional de Justiça e não o Poder Judiciário. A alternativa D é a única que apresenta comentário coerente e que se faz presente no texto. Repare que nela está sendo analisada a relação causa e efeito.

Um diagnóstico (efeito) preciso referente a vários indicadores, como os que revelam gastos e produtividade do judiciário, **DECORRE** da criação (causa) de um sistema de estatística. Observe que essa informação está exposta: "A criação de um sistema de estatística… tem derrubado um dos maiores obstáculos à reforma das práticas do Judiciário: a falta de um diagnóstico preciso.".

18. **(Esaf / AFRF)**

Assinale a opção em que a reescrita de segmento do texto não mantém as informações originais.

A demanda doméstica depende de vários fatores, e da perspectiva do seu aumento depende a produção industrial. É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal. Enquanto a ligeira retomada da economia norte-americana é acompanhada por aumento do desemprego, no Brasil o quadro é diferente. Os dados de julho, nas seis principais regiões do País, mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho. Essa taxa de desemprego, em julho, é a menor da série desde 2002. Paralelamente, houve melhora na qualidade do emprego, e 142 mil postos foram criados com carteira de trabalho assinada.

(O Estado de S. Paulo, Editorial, 21/8/2009)

a) A demanda doméstica depende de vários fatores, e a produção industrial

depende da perspectiva do aumento dessa demanda.

b) Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002. Paralelamente, em 142 mil postos, a carteira de trabalho assinada melhorou a qualidade do emprego já existente.

c) O aumento do desemprego acompanha a ligeira retomada da economia norte-Âamericana, enquanto no Brasil o quadro é diferente.

d) Nas seis principais regiões do País, os dados de julho mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%.

e) É normal, então, dar atenção especial tanto ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real quanto às receitas e despesas do governo federal.

Gabarito: B

A alternativa A é coerente com o primeiro período. Observe que o pronome possessivo "seu" refere-se a "a demanda doméstica"; sendo assim, a leitura correta da segunda oração do primeiro parágrafo é "a produção industrial depende da perspectiva do aumento da demanda doméstica". Na alternativa C, a única mudança foi o deslocamento da conjunção ENQUANTO que estabelece relação de simultaneidade. Como os fatos são concomitantes, esse deslocamento acaba por não refletir em alteração semântica. Na alternativa D, o que há novamente é apenas a inversão de fragmentos, fato que não gera alteração de sentido, como se pode observar: "dados mostram redução do desemprego de 8,1% para 8%, o que significa a geração de 185 mil postos de trabalho" = "dados mostram a geração de 185 mil postos de trabalho, o que significa redução do desemprego de 8,1% para 8%". A alternativa E também apresenta comentário coerente, uma vez que expressa exatamente o que se informa no segundo período: "É normal, então, dar atenção especial ao nível do emprego e à evolução da massa salarial real, sem deixar de acompanhar as receitas e despesas do governo federal.". A alternativa B não é só incoerente em relação ao texto, como a informação nela presente não faz sentido. O período "Essa taxa de desemprego é a menor em julho de 2002." é ininteligível. Além disso, o que o texto diz é que, desde 2002, a taxa de desemprego de julho foi a menor da série.

19. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Em relação às informações do texto, assinale a opção correta.

A produção brasileira de petróleo e gás certamente dará um salto quando

estiverem em operação os campos já descobertos na chamada camada do pré-sal. Embora essa expansão só possa ser efetivamente assegurada quando forem delimitadas as reservas, e os testes de longa duração confirmarem a produtividade provável dos campos, simulações indicam que o Brasil terá um saldo positivo na balança comercial do petróleo (exportações menos importações), da ordem de 1 milhão de barris diários.

Com isso, o petróleo deverá liderar a lista dos produtos que o Brasil estará exportando mais ao fim da próxima década. O petróleo é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias). Então, é um volume de recursos que pode ter, de fato, forte impacto nas finanças externas do país.

Como é uma riqueza finita, a prudência e a experiência econômica recomendam que o Brasil tente poupar ao máximo essa renda adicional proveniente das exportações de petróleo. O mecanismo mais usual é conhecido como fundo soberano, por meio do qual as divisas são mantidas em aplicações seguras que proporcionem, preferencialmente, bom retorno e ainda contribuam positivamente para o desenvolvimento da economia brasileira. Os resultados dessas aplicações devem ser direcionados para investimentos internos que possibilitem avanços sociais importantes (educação, infraestrutura, meio ambiente, ciência e tecnologia).

(O Globo, Editorial, 13/10/2009)

a) É indiscutível que, quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o Brasil terá um saldo na balança comercial do petróleo da ordem de 1 milhão de barris diários.
b) É recomendável que os recursos arrecadados com a exploração do petróleo da camada do pré-sal sejam mantidos num fundo seguro, que proporcione retorno garantido e contribua favoravelmente para o desenvolvimento da economia brasileira.
c) Somente quando estiverem em operação os campos da camada do pré-sal, o petróleo será negociado para pagamento a vista.
d) Estima-se que, no final da próxima década, com os campos do pré-sal já em operação, o Brasil lidere a lista dos países importadores de petróleo, com forte impacto na balança comercial.
e) A renda adicional proveniente da exportação do petróleo da camada do pré-sal deverá ser aplicada diretamente em investimentos com repercussão na

área social.

Gabarito: B

A alternativa A trabalha no campo da certeza (É indiscutível), o que contradiz a ideia de possibilidade presente no segundo período do primeiro parágrafo (simulações indicam). A alternativa C contradiz o segundo parágrafo, visto que lá consta a informação de que "O petróleo (JÁ) é negociado para pagamento a vista (menos de 90 dias).". A alternativa D é absurda. O Brasil não será importador de petróleo e sim aumentará a exportação. O erro na alternativa E está no emprego da palavra "diretamente", pois o texto diz que as divisas provenientes do aumento da exportação do petróleo deverão ser investidas em aplicações seguras, que proporcionem, preferencialmente, bom retorno. Aí, sim, o resultado dessa aplicação é que deve ser aplicado na área social. Portanto, o dinheiro não deve ir diretamente para a área social, mas, sim, deverá ser inicialmente investido em fundos seguros, para depois, seu resultado financiar o avanço social. A alternativa B confirma exatamente o que se informou no esclarecimento para o fato de que a alternativa E não poderia ser a resposta. A alternativa B corresponde exatamente ao que se expõe no último parágrafo.

20. **(Esaf / Analista da Receita Tributária)**

Assinale a opção correta a respeito do texto.

Aferrado à valorização do aqui e agora, o sábio indiano Svâmi garante que "só o presente é real", o que equivale a considerar o passado e o futuro como puras ilusões. Viver no presente implica aceitar o primado da ação (o ato) sobre a esperança, o que equivale a trocar a passividade do estado de espera pela manifestação ativa da vontade de fazer. Em outras palavras, importa a flecha mais do que o alvo, o ato mais do que a expectativa.

Como bem acentua Comte-Sponville, a ausência pura e simples de esperança não corresponde à mágoa, traduzida na acepção comum da palavra desespero. O desespero/desesperança é, antes, o grau zero da expectativa, portanto um regime de acolhimento do real sem temor, sem desengano, sem tristeza. Esse regime, ou essa regência, pode ser chamado de beatitude ou de alegria: uma aceitação e uma experiência da plenitude do presente.

(SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p.206)

a) O autor do texto defende a ideia de que o ser humano, ao criar expectativas em relação ao futuro, não deve desesperar-se, mas, sim, manter-se passivo no estado de espera.
b) A ideia central desenvolvida no texto baseia-se no pressuposto de que se vive, atualmente, uma era em que predomina o desespero.
c) Uma das ideias secundárias desenvolvidas no texto é a de que os fins justificam os meios, como se depreende do trecho "importa a flecha mais do que o alvo".
d) Uma das ideias desenvolvidas no texto é a de que o real só é, de fato, apreendido quando o indivíduo compreende o passado e o futuro como ilusões.
e) Para sustentar a ideia apresentada no primeiro parágrafo, o autor do texto argumenta que é o medo do futuro que motiva os indivíduos a viverem intensamente o aqui e agora.

Gabarito: D

A alternativa A contradiz o texto, uma vez que o que se valoriza é a manifestação ativa da vontade de fazer em detrimento da passividade do estado de espera. A alternativa B apresenta um comentário absurdo. Em momento algum, é sugerido (pressuposto) que nossa era está caracterizada pelo desespero. Na alternativa C, o sentido implícito do fragmento "importa a flecha mais do que o alvo." é que importa mais o hoje (a flecha, que é o que se tem) do que o amanhã (o alvo – aquilo que porventura poderíamos atingir). A alternativa E também apresenta comentário incoerente em relação ao texto, visto que não se encontra exposto (explícito) que há medo do futuro, tampouco que esse medo levaria os indivíduos a viverem intensamente o presente. A alternativa D se explicita no primeiro período, quando há o alerta de que há equivalência na compreensão de duas ideias: "só o presente é real" e "considerar o passado e o futuro como puras ilusões".

21. **(Esaf / RJ / Fiscal de Rendas)**

A Eurostat, o organismo da União Europeia encarregado da elaboração de estatísticas econômicas, mostrou que, em abril, nada menos que 101 entre cada 1.000 cidadãos em atividade na área do euro (16 países) não conseguiram encontrar ocupação remunerada. É a pior situação em 12 anos.

Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas. O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população, custo elevado da mão de obra, falta de reformas políticas e econômicas.

Paradoxalmente, a crise do desemprego tende a se acentuar pelos fatores que pretendiam atenuar seu impacto. Assim como a antecipação da aposentadoria pretendia abrir vagas aos mais jovens, mas tudo o que produziu foi a deterioração das finanças dos sistemas previdenciários, os mecanismos de seguro social vêm ajudando a criar enormes rombos, que, por sua vez, atiram as finanças públicas ao endividamento e à insolvência (e não apenas à falta de liquidez), como parece ser o caso da Grécia e talvez o de Portugal e Espanha. E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.

(MING, Celso Ming. O Estado de S. Paulo, 2/6/2010)

Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

a) Há 12 anos, a situação na União Europeia apresentava desemprego muito maior que as taxas atuais.

b) A crise econômica atual começou a provocar o desemprego na área do euro.

c) O rápido envelhecimento da população contribui para diminuir as taxas de desemprego na União Europeia.

d) A antecipação da aposentadoria e a abertura de vagas para os mais jovens fortaleceram os sistemas previdenciários.

e) Medidas que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego resultaram em mais desemprego.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, visto que a informação constante no fim do primeiro parágrafo é que a situação apresentada é a pior dos últimos doze anos.

A alternativa B contradiz o texto, porquanto no segundo parágrafo é asseverado que "o crescente desemprego foi acentuado pela crise", logo a crise já existia.

O comentário presente na alternativa C também contraria o texto, sobretudo o fragmento: "O crescente desemprego no mundo rico foi acentuado pela crise, mas é bem mais do que isso. É o resultado de algumas degradações acumuladas nas

últimas décadas: perda de competitividade da indústria, rápido envelhecimento da população".

A alternativa contém informação falsa, uma vez que o último parágrafo indica que as soluções não surtiram o efeito esperado, e, em vez de abrir vagas para os mais jovens, acabou por deteriorar as finanças dos sistemas previdenciários.

A alternativa E se coaduna com o último parágrafo, quando esclarece que os fatores que pretendiam atenuar o impacto da crise do desemprego tendem a acentuá-la, inclusive esta ideia é repetida no último período: "E aí chegamos a uma situação em que os instrumentos de defesa do emprego criam mais desemprego.".

22. **(UFRJ / Assistente em Administração)**

LÍNGUA PORTUGUESA

O QUE PASSA NA CABEÇA DELES?

Quem tem um bicho de estimação sabe muito bem: seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais esperto do mundo. Até meados do século passado, porém, a inteligência animal era considerada inexistente. Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas instintivas ou estratégias de sobrevivência, sem nenhuma relação com a cognição, que se acreditava ser exclusiva do ser humano. Foi só a partir dos anos 1960 que estudos de longo prazo começaram a produzir pistas de que, sim, os animais pensam, são capazes de resolver problemas, aprender com seus erros e se adaptar a novas situações, assim como os seres humanos. Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.

– O que existe hoje são várias linhas de entendimento do que vem a ser a inteligência animal. Há estudos feitos em ambiente natural, mas também tem muita coisa sendo feita em laboratórios – o que nos é contado pelo biólogo Salvatore Siciliano, pesquisador da Escola Nacional de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As pesquisas podem levar anos para chegar a conclusões bem simples, mas, à medida que aumenta o esforço de observação e amostragem, estamos passando a perceber que os animais são, sim, algo inteligentes.

Quando elaborou sua Teoria da Evolução, no século XIX, Charles Darwin a estendeu para o desenvolvimento do cérebro humano. Como outros aspectos da nossa fisiologia, a inteligência teria evoluído a partir de organismos mais simples

em resposta a desafios comuns a quase todos os animais, como as necessidades de se alimentar, reproduzir e interagir com o ambiente. Atualmente, faz parte do senso comum considerar que grandes primatas como os chimpanzés, cujo DNA é 99% igual ao dos seres humanos, apresentam um certo grau de inteligência, assim como outros mamíferos mais desenvolvidos, como cetáceos (baleias e golfinhos) e elefantes. Surpreendente, no entanto, foi verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.

(BAIMA, César. O Globo, Planeta Terra, out. 2010. Adaptado)

Sobre o título dado ao texto, pode-se fazer, de forma adequada, a seguinte afirmação:

a) trata-se de uma questão sobre a qual a ciência ainda não apresenta todas as respostas;
b) a pergunta não é respondida no texto;
c) representa uma interrogação feita pelos proprietários de animais domésticos;
d) o pronome eles se refere exclusivamente aos animais domésticos;
e) a pergunta fala sobre as preocupações dos donos de animais.

Gabarito: B

O texto, em momento algum, informa o que se passa pela cabeça dos animais. Além disso, há um fragmento no texto que reforça essa resposta: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Pode-se excluir a alternativa A, pois, quando se diz que a ciência não apresentou todas as respostas, infere-se que algumas já foram concedidas o que é contradito no seguinte fragmento "estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.". Elimina-se a alternativa C, pois esse questionamento pode ser de qualquer um, e não necessariamente de donos de animais domésticos. Na alternativa D, o pronome "deles" refere-se a qualquer animal, e não necessariamente a animais domésticos. A alternativa E representa comentário absurdo, dado que o fator inteligência animal não constitui preocupação, mormente aos donos de animais.

23. **"...seu gato, cachorro, papagaio, hamster ou o que seja é o mais**

esperto do mundo"; o termo sublinhado equivale a:

a) um outro animal doméstico qualquer;
b) qualquer outro tipo de roedor;
c) um outro animal de tipo diferente;
d) qualquer animal desconhecido;
e) qualquer outro nome que se dê.

Gabarito: A

O emprego do pronome SEU é decisivo para a resposta. Esse pronome indica que o autor está falando diretamente aos leitores, portanto se trata de gato "do leitor", cachorro "do leitor"... O leitor, cidadão comum, pode ter apenas animal doméstico.

24. **"...é o mais esperto do mundo." Esse pensamento representa:**

a) uma antiga forma de pensar sobre a inteligência animal;
b) um carinhoso modo de pensar sobre animais de estimação;
c) um conceito errado sobre os animais domésticos;
d) um pensamento corrente sobre os animais selvagens;
e) um falso pensamento fundamentado apenas nas aparências.

Gabarito: B

Esse fragmento é referente aos animais domésticos. A alternativa B indica o pensamento que os donos têm acerca de seus animais, sem entrar no mérito se tal pensamento é certo ou errado – fato que exclui a possibilidade de resposta da alternativa C –, até porque o próprio texto informa que a ciência ainda não conseguiu concluir quão inteligentes são os animais.

25. **A afirmativa abaixo que é adequada ao texto é:**

a) Os estudiosos definem, hoje, vários graus de inteligência animal;
b) Os animais, com exceção dos mais distantes da escala evolutiva, possuem inteligência;
c) Estudos avançam, mas a inteligência animal ainda é alvo de controvérsia;
d) Todos os animais possuem inteligência bastante avançada;
e) Os animais dispõem de uma estrutura de DNA semelhante à dos humanos.

Gabarito: C

O comentário realizado na alternativa C se coaduna com o seguinte fragmento do texto: "Mas o que se passa na cabeça deles? Algumas espécies têm autoconsciência? Quão inteligentes são os animais? Apesar dos avanços nas

pesquisas, estas e outras perguntas permanecem sem resposta, gerando controvérsias entre os especialistas.”.

26. **Assinale a alternativa em que o conectivo destacado possui seu valor semântico corretamente indicado:**

a) “Apesar dos avanços nas pesquisas…” = concessão;

b) “Surpreendente, no entanto, foi verificar…” = conclusão;

c) “Suas atitudes e ações eram descritas como simples respostas…” = modo;

d) “Até meados do século passado, porém,…” = explicação;

e) “…para chegar a conclusões bem simples…” = direção.

Gabarito: A

Alternativa B – NO ENTANTO estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa C – COMO estabelece relação de comparação, podendo ser substituído por TAIS QUAIS.

Alternativa D – PORÉM estabelece relação de adversidade, oposição.

Alternativa E – PARA estabelece relação de finalidade.

27. **“…comuns a quase todos os animais…”; o trecho abaixo em que o emprego do artigo é EQUIVOCADO é:**

a) toda a manhã eles chegavam sempre na hora;

b) todos os quatro animais de estimação sobreviveram;

c) os biólogos trabalharam todo o dia;

d) entre os animais há diversos graus de inteligência;

e) ambos os animais são dotados de alguma inteligência.

Gabarito: A

O emprego do artigo após os pronomes indefinidos TODA e TODA se justifica quando a intenção linguística é conferir à expressão a ideia de inteiro. Por exemplo, TODO O DIA significa o dia inteiro; já TODO DIA significa todos os dias. O objetivo aqui era dizer que eles chegavam na hora todos as manhãs, e não a manhã inteira, sendo descabido, pois, o uso do artigo.

28. **A alternativa em que a posição do adjetivo em relação ao substantivo ALTERA o seu significado é:**

a) “…estudos de longo prazo começaram a produzir pistas…”;

b) “como outros mamíferos mais desenvolvidos”;

c) “…considerar que grandes primatas como os chimpanzés…”;

d) "Até meados do <u>século passado</u>…";

e) "Suas atitudes e ações eram descritas como <u>simples respostas</u> instintivas…".

Gabarito: E

O significado de "simples respostas" é de singelas, meras respostas. Já em "respostas simples", a leitura passa a ser de respostas simplórias, sem complexidade ou sofisticação.

29. **A presença do biólogo no texto tem a seguinte utilidade textual:**

a) mostrar que a publicação é internacional;

b) convencer o leitor de que o tema é importante;

c) demonstrar atualização brasileira no tema estudado;

d) indicar pessoas que demonstram interesse pelo tema estudado;

e) dar mais autoridade e credibilidade ao texto.

Gabarito: E

Questão formulada para deixar o candidato em dúvida entre duas alternativas: B e E, visto que as outras são absurdas. Quando o autor utiliza como recurso de argumentação informações de terceiros sua intenção não é dar mais importância ao tema, ao assunto, mas sim conferir credibilidade à argumentação. É como se o autor informasse ao leitor que pode confiar naquela informação – utilizada como argumento –, pois ela provém de um especialista no assunto. Portanto, conforme já esclarecido na parte teórica, sempre que no texto houver informações de terceiros, pode-se dizer que o texto, a informação ou argumentação ganham peso, autoridade, credibilidade, mas nunca o tema ou o assunto.

30. **"…estamos passando a perceber…"; a forma verbal desse segmento indica:**

a) uma continuidade de pensamento;

b) uma explicação de algo dito;

c) uma correção de atitude anterior;

d) uma mudança de posição;

e) uma reafirmação de algo já feito.

Gabarito: D

Questão confeccionada para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas C e D. São alternativas parecidas, mas há uma diferença: Na C, é dito que há uma correção, portanto haveria erro na visão anterior, fato que o texto não informa. A

forma verbal ESTAMOS PASSANDO A PERCEBER sugere que uma alteração realmente está em curso, mas não necessariamente algo que representa uma retificação do pensamento anterior, podendo ser uma visão mais complexa, mais aprofundada, mais desenvolvida do tema. Além disso, não há que se falar em correção, até porque, como o texto informa, as perguntas a respeito do tema ainda estão sem resposta.

31. **"...a inteligência <u>teria evoluído</u> a partir de organismos mais simples..."; a forma verbal sublinhada indica uma:**

a) certeza absoluta;
b) hipótese possível;
c) opinião abalizada;
d) dedução comprovada;
e) dúvida permanente.

Gabarito: B

É natural o futuro do pretérito do indicativo não se localizar no campo da certeza. Justamente tal ocorre nessa questão, inclusive quando se observa que o fragmento de onde advém a forma verbal reproduz a Teoria de Darwin. Portanto, trata-se de uma teoria, um pensamento, uma hipótese, algo que possivelmente ocorreu, e não um fato.

32. **O texto desta prova deve ser caracterizado como:**

a) descritivo de um conjunto de ideias científicas sobre os animais;
b) narrativo de uma sequência de fatos ocorridos nos últimos anos;
c) informativo sobre conhecimentos atuais no tema analisado;
d) argumentativo a respeito de prós e contras das recentes descobertas;
e) publicitário sobre os trabalhos da Fiocruz.

Gabarito: C

Trata-se de texto dissertativo, no entanto a alternativa D não pode ser a resposta, pois o recurso de argumentação utilizado não foi a comparação entre aspectos positivos e negativos. Também por tal motivo, excluem-se as alternativas A e B (o texto, repita-se, é dissertativo). A alternativa E é absurda, pois não se trata de propaganda, muito menos sobre os trabalhos desenvolvidos na Fiocruz. Portanto, sobra a alternativa C. Pode-se asseverar que o texto é informativo, com a apresentação de informações concedidas por autoridades no assunto, como recurso

de argumentação, confirmando a tese do autor.

33. **A utilização dos parênteses no último parágrafo pretende:**

a) explicar o que são cetáceos;

b) destacar os cetáceos menos conhecidos;

c) chamar a atenção para aspectos importantes do texto;

d) definir a espécie dos cetáceos;

e) enumerar animais que são denominados "cetáceos".

Gabarito: E

A intenção do autor, ao utilizar os parênteses, foi esclarecer não o que são (significa) cetáceos – por isso, fica excluída a alternativa A –, mas sim a que cetáceos ele estava se referindo.

34. **O autor do texto se apresenta textualmente como:**

a) entrevistador de cientistas experts do assunto;

b) jornalista que reproduz conhecimentos alheios;

c) cientista especializado no tema analisado;

d) jornalista conhecedor do tema explorado;

e) especialista de uma organização científica.

Gabarito: D

Inicialmente, é de bom alvitre perceber que o jornalista escreve para uma seção específica de jornal (O Globo, Planeta Terra), o que já nos faz crer que algum conhecimento sobre o tema ele tem. Além disso, o autor expõe um histórico sobre o assunto e em determinados momentos até expressa sua opinião, como no último período quando considera SURPREENDENTE o fato de "verificar que mesmo espécies mais longe da escala e árvore evolutivas, como pássaros e polvos, também demonstram sinais de inteligência.".

35. **"Quem tem um bicho de estimação..."; a forma de reescrever-se esse segmento do texto que ALTERA o seu sentido original é:**

a) Quem possui um bicho de estimação;

b) Quem tem a posse de um bicho de estimação;

c) Aqueles que possuem um bicho de estimação;

d) Aquele que tem um bicho de estimação;

e) Os que têm um bicho de estimação.

Gabarito: B

O texto original e as alternativas A, C, D e E indicam que alguém é dono, proprietário de um bicho de estimação. Quando se tem a posse de algo, significa dizer que a possibilidade de desfrute é algo passageiro, transitório. Na frase "Eu tenho (estou com) a posse de um carro.", o sentido é que, por algum tempo, posso usufruir o carro.

36. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

Confissão de Allan Poe

Cometi apenas um erro. Não 1 soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre medo da vida. De uma sensibilidade exacerbada e doentia desde a mais tenra infância, atormentada e mortificada até a exaustão pelo infortúnio e pela miséria, a vida banal, as realidades quotidianas constituíam para mim uma fonte constante de terror. Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavamna. A vida era para mim aborrecimento, alucinação, condenação. Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido. Fazia-me o efeito de um anjo que pretendesse participar num banquete de monstros. O próprio amor não logrou salvar-me porque a mulher é uma das mais perfeitas encarnações da vida, e eu tinha da vida um indizível terror. Todas as mulheres que julguei amar ou fugiram de mim, ou estão mortas. Uma vez mortas, e só então, elas pareciam realmente minhas amantes na eternidade, as únicas que poderiam amar um homem segregado da vida. Para escapar às minhas visões terrificantes, aos meus pesadelos, às tentações de minha razão delirante, um gênio forçava-me a escrever, senhor mais titânico e exigente que um demônio. Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios. Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada. Então, como última esperança do meu desespero, buscava socorro no álcool, que, aliás, abominava.

(Revista Literatura. São Paulo: Escala Editorial, 2009, nº 23, p. 45. Com adaptações).

Considerando as estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 1 a 7.

1. Confissão de Allan Poe, o título do texto, e construção de Brasília são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição de seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.
2. Em "Cometi apenas um erro" (l.1) e "Tive sempre medo da vida" (l.3-4), a mudança na ordem dos termos adverbiais para Apenas cometi um erro e Sempre tive medo da vida mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.
3. Para a palavra "quotidianas" (l.6), está também prevista, nos dicionários da língua portuguesa, a grafia cotidianas.
4. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (l.10-11), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por À medida que, sem alteração de sentido.
5. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (l.18-19), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.
6. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (l.19-20), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

Gabarito:

1 – Certo. Allan Poe confessou, praticou a ação de confessar, portanto tem valor agente e funciona como adjunto adnominal. Já em "Construção de Brasília", Brasília foi construída, sofreu a ação de ser construída, por isso possui valor paciente, funcionando como complemento nominal. Muito interessante a visão do Cespe-UnB, pois indica que muito mais importante do que identificar a função sintática de um termo é observar o seu valor semântico – se naquela construção tem valor agente ou paciente, se está praticando ou sofrendo a ação verbal. Em face de tal visão, não entrou no mérito acerca da função sintática (se complemento ou adjunto).

2 – Errado. Na segunda frase, não gera alteração semântica a inversão dos termos. O sentido é o mesmo em "Tive sempre medo da vida." e "Sempre tive

medo da vida.”. No entanto, na primeira frase, a alteração gera mudança de sentido: Em “cometi apenas um erro.”, o significado é que não cometi nem dois nem três erros, somente um. Em “Apenas cometi um erro.”, o sentido é que não fiz mais nada além de cometer esse erro.

3 – Certo. Os vocábulos “Cotidianas” e “Quotidianas” existem e possuem o mesmo significado.

4 – Errado. O conector “Cada vez” tem o mesmo valor que SEMPRE QUE, QUANDO, portanto tem caráter temporal. Já, À MEDIDA QUE confere ao período valor de proporção.

5 – Errado. A conjunção POIS, quando está deslocada, possui valor conclusivo, tendo como sinônimos ENTÃO, PORTANTO. Ocorrendo no início do período, passa a ter valor causal, passando a ter como sinônimos PORQUE, VISTO QUE, PORQUANTO.

6 – Certo. A conjunção MAL tem valor temporal, sendo sinônimo de QUANDO, ASSIM QUE, LOGO QUE. Observe a relação de tempo existente entre as orações: “mal (Logo que, Quando, assim que) experimentava a ilusão… pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos… assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada.

37. **(Cespe-UnB / FUB / Auditor – 2009)**

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização. Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma solução parcial da contradição apontada acima, com relativa difusão do saber. Em nossos países, a contradição permaneceu com toda força. Essa contradição se manifesta de vários modos e em vários níveis. No nível estrutural, é óbvio que ela corresponde a uma tendência das sociedades de classe para concentrar o saber nas camadas superiores, dosando as suas formas mais modestas ao longo da escala social dominada. No nível escolar, ela aparece tanto na política universitária quanto

na política de instrução primária. No caso do Brasil, é curiosa, depois da Independência, a relativa indiferença pela fundação de escolas superiores, além do mínimo para formar quadros dirigentes restritos. Custa crer que o Brasil só tenha tido universidades no século XX; e que, durante o período colonial, não houvesse nele escolas de nível superior.

(CANDIDO, Antonio. A perversão da Aufklärung. In: Textos de intervenção. 34. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 321-3. Com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens a seguir.

1. Infere-se do texto que os ideais ilustrados propunham, originalmente, o saber e a educação como formas de emancipação, liberdade e igualdade entre os homens.
2. Ao restringir às elites locais o acesso ao saber, a América Latina perverteu os ideais ilustrados plenamente realizados na Europa pela difusão igualitária do saber.
3. As relações sintático-semânticas do período entre as linhas 6 e 7 indicam que a realização da ideologia ilustrada como bem comum condicionava-se às lutas populares pela democratização do saber.
4. A forma verbal "dosando" (l.13) corresponde a uma ação de política educacional que, voltada para as classes dominadas, previa a democratização do saber em curto prazo.
5. Infere-se do texto que o fato de as universidades só terem surgido no Brasil, no século XX, relaciona-se à manifestação do caráter contraditoriamente restritivo da ideologia ilustrada.

Gabarito:

1 – Certo. Depreende-se dos dois primeiros períodos, mormente quando se percebe que os ideais eram a incorporação, a liberdade, o saber como salvação.

2 – Errado. Não houve difusão igualitária do poder nos países do Ocidente da Europa, como se verifica no fragmento "Nos países do Ocidente da Europa, as lutas democráticas do fim do século XVIII e século XIX, aliadas à prosperidade econômica, permitiram uma **solução parcial da contradição** apontada acima, com relativa difusão do saber.".

3 – Certo. Observe a presença da conjunção subordinativa condicional "se" (l.6-

7). “Se os povos não lutassem pela sua realização” (condição) – O propalado bem comum ficava no limbo da utopia (consequência).

4 – Errado. Justamente o contrário. O emprego de “dosando” sugere que o fato ocorria aos poucos, e não em curto prazo.

5 – Certo. Se os ideais ilustrados previam a emancipação, o saber como libertação, a existência de universidades no Brasil deveria ter ocorrido muito antes. Portanto, o fato de as universidades só terem surgido no século XX serve como exemplo (recurso argumentativo) para a tese de que esses ideais acabaram tendo um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, funcionando como fatores de sujeição, de exclusão.

38. **(Agente da Polícia Federal)**

Texto LP-II – questões 43 e 44

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O

sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(BUARQUE, Cristovam. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto LP-II.

1. O conceito de "liberdade" é tomado como sinônimo de **consumo** e de **eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços**.
2. O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
3. Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
4. No segundo parágrafo, a expressão "Essa ruptura" retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
5. O emprego da expressão "as vésperas da liberdade" (l.22) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Gabarito:

1 – Certo. É de bom alvitre o candidato perceber que o comentário está perfeito, contudo se apresenta em ordem inversa, o que não o invalida. Inicialmente o texto informa que "a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços.". Depois assevera que "O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo.".

2 – Errado. O comentário contradiz o texto, visto que no terceiro parágrafo é aduzido que "o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.". Depois, esclarece a consequência: "O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico.".

3 – Errado. Inferência inadequada, visto que o texto esclarecer que a preocupação ética foi relegada, ou seja, foi posta "de lado", mas não abolida, exterminada.

4 – Certo. A expressão "Essa ruptura" refere-se ao ponto central do primeiro parágrafo: "a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.". Depois o autor passa a defender a tese da existência dessa dissociação, ruptura.

5 – Certo. Quando se está na véspera de feriado, é porque estamos no período que o antecede, ou seja, ainda não chegou o feriado. Portanto, a expressão "as vésperas da liberdade" indica que se está no período que antecede a liberdade, contudo a liberdade ainda não chegou.

39. **Quanto à organização do texto LP-II, julgue os itens a seguir.**

1 . A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

2 . A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

3. Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

4 . A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

5 . O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: **Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem**.

Gabarito:

1 – Errado. O principal eixo do texto é a dissociação entre os dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista.

2 – Certo. O comentário é uma síntese do texto. O fato de a máquina substituir o homem em muitas tarefas fez que ele atingisse as vésperas da liberdade, mas não a própria liberdade.

3 – Errado. Em momento algum do texto, há a ocorrência de ilustrações temáticas – elementos que esclareçam sobre o que o texto verso –, muito menos elementos descritivos acerca das condições das sociedades.

4 – Errado. O que ocorreu foi justamente o contrário: "em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo.".

5 – Certo. O comentário serviria como um fechamento do texto, funcionando como uma síntese para tudo que foi exposto, fato explicitado no último parágrafo.

40. **(Cespe / UnB / Delegado PF)**

Individualistas e comportados. E daí?

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um toque de Juventude, celebra com muito otimismo os "moralistas de **blue jeans**: "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apoiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande **videoclip**…", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margareth Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em um pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

(Greenghalg, Laura. "Sociedade dos Poetas Vivos"**,** In: Elle, ago. 1998. p. 35; com adaptações).

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas do Texto.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas"(L.5).
2. O primeiro período (L.1 e 2) contempla a ideia geral do texto, resgatando na

palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 9, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (L.15) e que conta a rotina da juventude francesa da época.
4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.
5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.
6. Segundo o texto, os intelectuais europeus são unânimes na opinião de que os jovens, sedentos pelo fugaz aproveitamento da vida material, apenas se preocupam com a distração e o entretenimento, demonstrando interesse tão somente pela superfície da vida em comunidade.

Gabarito:

1 – Certo. Até “cartilhas ideológicas” está presente a tese do autor. No início do período seguinte, começa a argumentação fundada em informações de terceiros, o que justificaria o começo de um novo parágrafo.

2 – Errado. Não há ambiguidade entre apatia e superficialidade.

3 – Errado. O comentário começa correto, pois realmente se trata de uma narração. Quando o autor do texto reproduz informações de terceiros, tal fragmento é narrativo. No entanto, em momento algum deste fragmento é feito qualquer tipo de comentário acerca da rotina da juventude francesa da época.

4 – Errado. O erro ocorre no emprego do vocábulo “alienados”. O texto não contém essa informação e certamente a liderança conservadora da Inglaterra não gostaria que a juventude fosse alienada.

5 – Certo. É importante o candidato atentar-se que até a quinta linha o autor expõe sua tese. A partir daí, ele começa a usar as informações constantes em pesquisas, revistas, livros como recurso argumentativo. Observe que o último período do texto ainda está no campo argumentativo, sendo uma reprodução de informações constantes na revista Look Now. Sendo assim, o autor do texto não chegou a retomar a palavra para conferir o seu devido fechamento.

6 – Errado. Não há unanimidade. Por exemplo, a expressão “Mais cético” indica

que a visão de Alain Finkelkraut já não é exatamente a mesma de Laurent Joffrin.

41. **(TCU / Auditor)**

O termo groupthinking foi cunhado, na década de cinquenta, pelo sociólogo William H. Whyte, para explicar como grupos se tornavam reféns de sua própria coesão, tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos. Os manuais de gestão definem groupthinking como um processo mental coletivo que ocorre quando os grupos são uniformes, seus indivíduos pensam da mesma forma e o desejo de coesão supera a motivação para avaliar alternativas diferentes das usuais. Os sintomas são conhecidos: uma ilusão de invulnerabilidade, que gera otimismo e pode levar a riscos; um esforço coletivo para neutralizar visões contrárias às teses dominantes; uma crença absoluta na moralidade das ações dos membros do grupo; e uma visão distorcida dos inimigos, comumente vistos como iludidos, fracos ou simplesmente estúpidos.

Tão antigas como o conceito são as receitas para contrapor a patologia: primeiro, é preciso estimular o pensamento crítico e as visões alternativas à visão dominante; segundo, é necessário adotar sistemas transparentes de governança e procedimentos de auditoria; terceiro, é desejável renovar constantemente o grupo, de forma a oxigenar as discussões e o processo de tomada de decisão.

JR, Thomaz Wood. "O perigo do groupthinking." In: Carta Capital, 13/5/2009, p. 51 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens com base na organização do texto acima.

1 – A sequência narrativa inicial, relatando a origem do termo "groupthinking" (l.1), não caracteriza o texto como narrativo, pois integra a organização do texto predominantemente argumentativo.

2 – Por estar empregada como uma forma de voz passiva, a locução verbal "foi cunhado" (l.1) corresponde a cunhou-se e por esta forma pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência ou para a correção gramatical do texto.

3 – No desenvolvimento da argumentação, o valor semântico das orações iniciadas por "tomando" e "causando", ambas na linha 3, permite interpretá-las como causa para a conceituação de Whyte; por isso correspondem a porque tomavam decisões temerárias e causavam grandes fracassos.

4 – Apesar de a definição de "groupthinking" (l.4) sugerir neutralidade do autor a respeito desse processo, o uso metafórico de palavras da área de saúde, como

"sintomas" (l.7), "receitas" (l.12) e "patologia" (l.12), orienta a argumentação para o valor negativo e indesejável de groupthinking.

5 – Na linha 4, preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se inserir uma vírgula imediatamente após o vocábulo "coletivo", mesmo que, com isso, as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização – da expressão "processo mental coletivo".

Gabarito:

1 – Certo. O texto é iniciado com uma narração, visto que o autor reproduz a definição cunhada pelo sociólogo William H. Whyte. No entanto, em vários momentos ele expressa a própria opinião, caracterizando o texto como dissertativo.

2 – Errado. Não é cabível a substituição da voz passiva analítica pela sintética porque passaria uma sensação de reflexividade (A expressão "o termo Groupthinking se cunhou" passa a sensação de que ele cunhou a si mesmo). Além disso, não fica coerente o emprego da voz passiva sintética, estando presente o agente da passiva: "O termo groupthinking cunhou-se… pelo sociólogo William H. Whyte".

3 – Errado. Justamente o contrário. O uso do gerúndio nos dois verbos encerra nexo de consequência para o fato exposto na oração anterior: Porque os grupos ficavam reféns de sua própria coesão (causa), acabavam tomando decisões temerárias e causando grandes fracassos (efeito).

4 – Certo. Ao iniciar o texto pela definição do termo conferido por um sociólogo, fica a impressão de que o texto não apresentaria a opinião do autor. Entretanto, ela se faz presente em alguns momentos do textos e isso se explicita também por esses vocábulos relacionados à medicina, revelando sutilmente o entendimento do autor em relação a Groupthinking: uma doença, uma patologia.

5 – Certo. O pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. No texto original, o pronome relativo não é precedido de vírgula, introduzindo valor de restrição, caracterização. Ao se inserir a vírgula antes do pronome relativo, altera-se a ideia para explicação. É fundamental ler corretamente o item. O Cespe não disse que não haveria mudança semântica (muito pelo contrário: "as informações possam ser tomadas como uma explicação – e não como uma caracterização"), mas que essa mudança não gera incoerência (apesar de o

sentido ficar diferente, o texto continua coerente) tampouco falha gramatical.

42. **(Cespe / UnB / Polícia Federal / Agente)**

FRAGMENTO A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos – alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos –, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andrea Buoro)

FRAGMENTO B

Isto é – Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão – Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

Isto é, nº 1.668 – 19/9/2001

Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto II.

1 – Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

2 – O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Gabarito:

1 – Certo. Fundamental nessa questão o candidato atentar-se à leitura do seguinte termo "Da leitura dos fragmentos". Essa expressão significa "Você lendo os dois fragmentos", "Do somatório de informações dos dois fragmentos". Portanto, a informação que "guerras e conflitos não respeitam

fronteiras estatais" não precisam estar presente nos dois fragmentos, bastando estar em um. É justo o que ocorre. Só é cabível inferir que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais pelo segundo fragmento, onde se esclarece que é um confronto entre grupos terroristas e o estado.

1 – Errado. Há a inversão da relação de causa e efeito, o que se evidencia no seguinte período "Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Portanto, se o processo de ampliação dos direitos é frutos de conflitos, negociações, compreende-se que é consequência de conflitos, negociações

43. **Julgue os itens a seguir, a respeito da organização das ideias e estruturas do fragmento A do texto II.**

1 – Em suas duas ocorrências na linha 1, o verbo SER está flexionado no singular para concordar com a palavra "processo".

2 – A palavra "neutro" (l. 1) sintetiza a ideia de **livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes**.

3 – A conjunção "nem" (l.1) corresponde a **também não**.

4 – Os pronomes "suas" (l. 6) e "seus" (l. 6) referem-se a "sociedade" (l. 5)

5 – Mantém o sentido e a correção gramatical do fragmento, mas especifica-se mais a relação de ideias, ao se acrescentar o artigo à **preposição na expressão "a respeito de l. 6), transformando-a em ao respeito de**.

Gabarito:

1 – Certo. O núcleo do sujeito é "processo". Na primeira ocorrência do verbo SER, o sujeito está explícito. Na segunda, o sujeito está elíptico.

2 – Certo. O texto informa que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social NÃO é neutro" e SIM que "O processo de ampliação dos direitos e de pacificação é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações.". Então, nesse contexto, NEUTRO está em oposição a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações". Como "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes" também se opõe a "fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações", conclui-se que NEUTRO e "livre de pressões, de tendências divergentes e conflitantes", no caso, têm o mesmo valor.

3 – Certo. NEM é conjunção cuja função semântica é adicionar elementos negativos, sendo sinônimo de TAMBÉM NÃO. Outro conector que poderia

substituir NEM seria TAMPOUCO.

4 – Errado. Os pronomes "suas" e "seus" têm como referente "grupos diversos" (l. 4). São ideias e interesses desses grupos diversos.

5 – Errado. Simplesmente a expressão "ao respeito de" não existe, o que comprometeria a correção e o sentido.

44. **Julgue os itens seguintes, quanto à organização das ideias no fragmento B do texto II.**

1 – A expressão "nova guerra" (l.2) remete ao mesmo referente de "confronto de ataques tópicos" (l. 4), "Isso" (l. 7), "Esse modelo de conflito" (l. 8) e "novo fator de desequilíbrio" (l. 8 e 9)

2 – O conectivo "mas" (l. 4) introduz uma ideia adversativa que, em um padrão mais culto da linguagem, corresponde a destarte.

3 – Porque o conectivo "enquanto" (l. 5) está empregado com valor alternativo em "Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis" (l. 5), mantêm-se as relações semânticas na ligação dessas duas orações se elas forem substituídas por Ora os poderosos americanos são visíveis, ora os inimigos são invisíveis.

4 – Nas linhas 5 e 6, as formas verbais "utilizam" e "põem" estão empregadas no plural para respeitar a concordância com "inimigos" (l. 5)

5 – Pelo sentido textual, o último período do fragmento admite a subordinação sintática ao penúltimo, expressa por oração reduzida de gerúndio, com os devidos ajustes de pontuação e letras maiúsculas.

Gabarito:

1 – Certo. Todos os termos remetem a "nova guerra". Além desses termos, também "confronto entre grupos terroristas e o Estado" e "espécie de acupuntura" são remissivos a "nova guerra".

2 – Errado. O item começa com comentário correto, visto que "mas" é conjunção adversativa. No entanto, a substituição proposta é absurda, porquanto DESTARTE possui valor conclusivo.

3 – Errado. O comentário é absurdo, visto que o conector de caráter temporal "Enquanto" confere ao período valor de simultaneidade, concomitância. Já o par ORA…ORA introduz ideia alternativa. Ou seja, são fatos que se alternam e obviamente não podem ocorrer ao mesmo tempo.

4 – Errado. Realmente a forma verbal "utilizam" encontra-se na terceira pessoa

do plural para concordar com seu sujeito (Os inimigos). A forma verbal PÕEM também se encontra na terceira pessoa do plural, todavia para concordar com o antecedente do pronome relativo QUE (ataques de surpresa).

5 – Certo. Perceba que a construção fica coerente e gramaticalmente correta: Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial, podendo inclusive restabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

45. **A pergunta de US$ 110 bilhões: por que os EUA continuam gastando dinheiro com regimes corruptos e impopulares?**

Quando vemos hoje os impressionantes levantes no mundo árabe, com atos espontâneos pela democracia, é impossível não se perguntar: o que estamos fazendo gastando US$ 110 bilhões (em torno de R$ 180 bilhões) neste ano para apoiar regimes corruptos e impopulares no Afeganistão e no Paquistão que são quase idênticos aos governos que estamos aplaudindo os povos derrubarem?

Pode-se inferir do primeiro parágrafo que:

a) Está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe.

b) Há um paradoxo entre o investimento em alguns regimes políticos e o desejo de ver similares serem derrubados.

c) Os governos apoiados e derrubados são os mesmos.

d) Os governos apoiados, que receberam investimentos, e os derrubados são idênticos.

e) Os governos do Afeganistão e do Paquistão também serão derrubados por forças populares.

Gabarito: B

Questão feita para deixar o candidato em dúvida entre as alternativas A e B. As alternativas C, D e E apresentam comentários absurdos. Como no enunciado da questão está sendo exigida uma inferência, uma dedução. Assim, podemos excluir a alternativa A, visto que a informação lá constante não precisamos inferir, encontrando-se exposta, explícita. Está exposto no texto que está havendo atos espontâneos pela democracia no mundo árabe. Portanto, não inferimos essa informação. Já a alternativa B apresenta informação coerente, todavia não exposta no texto. Há um paradoxo? Certamente há, mas o texto não explicita isso, e sim é

algo que deduzimos, concluímos, inferimos.

46. Há duas semanas, tomei um avião da TAM, em Congonhas, de volta para o Rio. O embarque foi normal, sem estresses, mas o avião ficou 40 minutos na pista depois da hora marcada para a decolagem. Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros. Estou sabendo que isso vive acontecendo. Às vezes, os passageiros são deixados mofando no avião depois que ele pousa.

(Ruy Castro)

O que se pode depreender do primeiro parágrafo?

a) Que o autor fez a aludida viagem há duas semanas.
b) Que se tornou comum os passageiros não obterem qualquer tipo de satisfação quanto a problemas nas viagens.
c) Que a TAM não dá satisfação aos passageiros acerca de atrasos nos voos.
d) Que, quando acontece qualquer tipo de problema nos voos, os comissários tornam-se ausentes.
e) A anormalidade refere-se aos quarenta minutos que as pessoas levaram dentro do avião após o pouso.

Gabarito: B

Exclui-se a alternativa, visto que o autor não fez a viagem há duas semanas, mas duas semanas antes de redigir esse texto. Elimina-se a alternativa C, uma vez que a informação presente no texto é que a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros sobre o atraso, o que não quer dizer que isso aconteça sempre. Também se exclui a alternativa D, porquanto a informação prestada foi que, naquele voo, os comissários desapareceram, o que não significa que isso aconteça em todos os voos. A anormalidade ficou por conta do tempo que o avião levou para voar e não após o pouso. A alternativa B foi a resposta, visto que o pronome ISSO refere-se aos fatos presentes no período anterior, o que nos permite fazer a seguinte leitura: Estou sabendo que isso (Nesse espaço de tempo, os comissários se evaporaram e a TAM não deu qualquer satisfação aos passageiros.) vive acontecendo. Sendo assim, compreende-se que os comissários de se "evaporarem" e a TAM não dar qualquer satisfação são fatos comuns, ou seja, vive acontecendo – expressão que o autor usou.

47. **(FCC / SP / Oficial de Defensoria Pública)**

CONHECIMENTOS GERAIS

Português

Atenção: As questões de números 47 a 52 baseiam-se no texto abaixo.

O heroísmo é um dos últimos enigmas do comportamento humano. Quando se trata de entendê-lo por meio de explicações racionais, é tão incompreensível quanto sua gêmea maligna, a brutalidade.

Os psicopatas são mais transparentes do que os heróis. Pelo menos já descobrimos o que os torna perigosos: sua incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros. Já o heroísmo extremo é de difícil explicação científica. Trata-se de um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. Charles Darwin tinha dificuldades em explicar a ideia de se expor para salvar a vida de um estranho. "Aquele disposto a sacrificar a sua vida, como muitos selvagens o fazem, em vez de trair seus companheiros, frequentemente não deixa descendentes para herdar sua nobre natureza", observou ele, que consequentemente não conseguia encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte.

Morrer pelos próprios filhos? Perfeitamente lógico. De acordo com Darwin, nossa única razão de existir é passar nossos genes para a próxima geração. Mas, e morrer pelos outros? Contraproducente. Afinal, não importa quantos heróis fossem gerados, bastaria uma besta egoísta atleticamente sexual para minar toda a linhagem heroica. Os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.

Então, se todas as forças evolutivas e consequências desvantajosas conspiram contra o heroísmo, por que tal comportamento existe? Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, provavelmente data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar. Ao praticar um ato heroico, elas estariam salvando uma parte de seu material genético.

Estamos cercados de situações que banalizam o mal. Segundo Hannah Arendt, teórica política alemã, a brutalidade é disseminada. Gostamos de pensar que a linha entre o bem e o mal é impermeável, que as pessoas que cometem atrocidades estão no lado mau, nós no lado bom, e que jamais cruzaremos a

fronteira. Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. Quem sabe assim não precisaremos de super-heróis para garantir direitos básicos de cidadania.

(ZEH, Andrea Kauffmann. O Estado de S. Paulo, Aliás, J7, 21 de junho de 2009, com adaptações)

Justifica-se a primeira afirmativa do texto porque

a) as hipóteses que tentam explicar a agressividade de algumas pessoas ficam comprometidas pela ocorrência de atos de heroísmo.

b) o sacrifício de uma vida é sempre um exemplo notável, do ponto de vista da sobrevivência da espécie.

c) as razões que levam as pessoas a praticarem atos de heroísmo que colocam a vida em risco são de difícil explicação.

d) a percepção da banalização do mal nas sociedades modernas leva a atos de heroísmo mais constantes.

e) a oposição entre atos de heroísmo e as ações marcadas por brutalidade é insignificante para justificar certas atitudes humanas.

Gabarito: C

O cerne dessa questão está no emprego da palavra "enigma", presente no primeiro período (primeira afirmativa do texto). "Enigma", em consonância com o Dicionário do Aurélio, significa "questões propostas em termos obscuros. Algo em termos obscuros é algo de difícil explicação.

48. **O texto permite afirmar, corretamente, que:**

a) somente a ciência é capaz de oferecer explicações para os atos de heroísmo;

b) a linha que separa os conceitos de bem e de mal é tênue e quase imperceptível;

c) heróis são capazes, por vezes, de agir com lógica e discernimento em seu grupo social;

d) poucas vezes os descendentes de heróis tentam reproduzir o exemplo dado por estes;

e) a herança deixada por psicopatas a seus descendentes é muito semelhante à dos heróis.

Gabarito: B

A alternativa A contraria o texto, visto que nem os cientistas foram capazes de explicar os atos de heroísmo. A alternativa C também contraria as ideias do texto, até porque os atos de heroísmo são classificados como contraproducentes. Morrer pelos filhos seria lógico, mas não pelos outros. A alternativa D não apresenta informação coerente com o texto, pois o que se expõe é: "…. os filhos dos super-heróis que seguissem o exemplo do superpai se sacrificariam até à extinção. Não é difícil de entender por que o comportamento heroico é raro.", sendo assim, o que se depreende é que, se os filhos imitarem as atitudes dos superpais, acabarão extintos. A alternativa E também é absurda, pois a característica comum a eles não é a herança deixada para os filhos, e sim a dificuldade de se fazer uma teoria racional para as suas atitudes. A alternativa B apresenta comentário correto, porquanto relaciona o heroísmo à brutalidade classificando-os como almas gêmeas e incompreensíveis, sendo a linha tênue que os distingue o fato de que os psicopatas são mais transparentes do que os heróis.

49. **Conclui-se corretamente do texto que:**

a) o altruísmo nas sociedades modernas decorre da tentativa de manutenção dos laços familiares originados em núcleos tribais;
b) as explicações científicas são insuficientes para identificar indivíduos potencialmente perigosos para a sociedade;
c) aqueles que se dispõem a comportamentos extremos, seja para o bem, seja para o mal, se identificam com os mais fortes no grupo social;
d) a existência de atos de heroísmo numa sociedade moderna não condiz com a própria história da evolução da humanidade;
e) a prática de ações benéficas nas sociedades contemporâneas deve impor-se à força que impele os indivíduos ao mal.

Gabarito: E

A alternativa A contraria o texto, uma vez que o campo semântico do período original, o da possibilidade: "Segundo o biólogo Lee Dugatkin, o heroísmo, uma forma de altruísmo, **provavelmente** data da época em que vivíamos em tribos nômades, onde as pessoas tinham entre si alguma conexão familiar.". A informação constante na alternativa é exposta no campo factual, da certeza que o fato ocorreu. A alternativa B também contradiz o texto, pois lá está exposto que " a incapacidade de sentir qualquer empatia pelos outros já é um dado fundamental

para se identificarem pessoas perigosas na convivência social. A alternativa C é absurda, pois no texto se expõe que não há como encaixar o heroísmo na teoria da sobrevivência do mais forte. Muito pelo contrário, pessoas com essa característica tendem à extinção. A alternativa D também não é coerente, pois se depreende que a existência de super pais pode colaborar com a sobrevivência da humanidade, mesmo que sacrifique sua própria linhagem genética, ou seja, a sua descendência. A alternativa E se expõe no seguinte fragmento: "Para banalizar o bem, entretanto, precisamos construir circunstâncias contrárias à quelas que insidiosamente nos corrompem: uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade.".

50. **Em relação ao 3º parágrafo, está INCORRETO o que se afirma em:**

a) Identifica-se opinião pessoal em Perfeitamente e Contraproducente.

b) Percebe-se intenção irônica no uso das palavras super-heróis e superpai.

c) O emprego de multiplicariam e sacrificariam denota possibilidade remota num tempo futuro, condicionada a determinada situação anterior.

d) Não há respostas possíveis e lógicas para o fato de alguém se sacrificar por pessoas desconhecidas, ou seja, pelos outros.

e) O desenvolvimento leva à conclusão coerente de que o comportamento heroico é raro.

Gabarito: D

O comentário proferido na alternativa A é perfeito, uma vez que "Perfeitamente lógico." é uma opinião do autor ao fato de "Morrer por um filho". E "Contraproducente" foi a qualificação conferida ao fato de "Morrer pelos outros". A alternativa B apresenta comentário correto, visto que o Futuro do Pretérito, como o próprio nome sugere, indica um evento futuro improvável atrelado a uma condição pretérita: Se os filhos seguissem o exemplo dos pais (condição pretérita), as consequências seriam "os filhos dos egoístas se multiplicariam, enquanto os filhos dos super-heróis se sacrificariam até à extinção.". A alternativa D apresenta comentário falso, visto que, uma resposta lógica aparentemente não há, mas possível, mesmo que ilógica, pode ser que haja. A alternativa E apresenta comentário correto, representando o último período uma conclusão para a tese de que os exemplos de heroísmo, caso seguidos pelos filhos, levariam à extinção.

51. **O assunto do texto está sintetizado em:**

a) Heroísmo é atitude sem explicação lógica quando analisado sob a ótica dos

impulsos do comportamento humano.

b) O heroísmo extremo é geralmente confundido com a brutalidade manifestada por psicopatas.

c) Heróis e psicopatas apresentam habitualmente o mesmo tipo de comportamento num mundo incompreensível.

d) Charles Darwin falhou em suas explicações para o comportamento heroico apresentado por certas pessoas.

e) A sobrevivência da espécie humana só é explicada pelo comportamento heroico de certos indivíduos.

Gabarito: A

Na questão, é exigido do candidato um resumo do texto, ou seja, sua ideia principal também chamada de tópico frasal. A tese exposta no início do texto, mais propriamente nos dois primeiros parágrafos é que o heroísmo é um enigma, uma atitude incompreensível, um impulso ilógico que desafia a biologia, a psicologia e o bom senso. A sequência do texto se estrutura na argumentação para a defesa dessa tese.

52. **... uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade. (último parágrafo)**

O emprego da forma verbal grifada acima denota, no contexto,

a) possibilidade de realização de um fato.

b) certeza imediata a respeito de uma ação real.

c) dúvida plausível acerca da realização de um fato.

d) ação prevista em um futuro imediato.

e) fato realizado em um tempo indefinido.

Gabarito: A

O emprego do modo subjuntivo distancia a situação do campo da certeza. Isso mais se evidencia quando se observa a construção de todo o período: inicialmente há a ocorrência da preposição "para" estabelecendo relação de finalidade; depois a ocorrência da locução verbal "Precisamos construir" já indicando que as circunstâncias ainda não foram construídas. O fragmento "uma sociedade detentora de sistemas que permitam a contestação, a crítica e a verdade" representa as circunstâncias que precisam ser construídas com a finalidade de banalizar o bem.

53. **Atenção: As questões de números 56 a 62 baseiam-se no texto abaixo.**

A memória ajuda a definir quem somos. Na verdade, nada é mais essencial para a identidade de uma pessoa do que o conjunto de experiências armazenadas em sua mente. E a facilidade com que ela acessa esse arquivo é vital para que possa interpretar o que está à sua volta e tomar decisões. Cada vez que a memória decai, e conforme a idade isso ocorre em maior ou menor grau, perde-se um pouco da interação com o mundo. Mas a ciência vem avançando no conhecimento dos mecanismos da memória e de como fazer para preservá-la. Pesquisas recentes permitem vislumbrar o dia em que será uma realidade a manipulação da mente humana. Isso já está sendo feito em animais.

Cientistas brasileiros e americanos demonstraram ser possível apagar, em laboratório, certas lembranças adquiridas por cobaias. Tudo indica que as mesmas técnicas podem ser usadas também para conseguir o efeito inverso: ampliar a capacidade de reter fatos e experiências na mente. Há pouco tempo pesquisadores da Universidade da Califórnia detalharam como as proteínas estão relacionadas ao surgimento de novas lembranças nos neurônios e à modificação das já existentes.

Como ocorreu com o DNA no século passado, os códigos fisiológicos que regulam a memória estão sendo decifrados. A neurociência é um campo tão promissor que, nos Estados Unidos, nada menos que um quinto do financiamento em pesquisas médicas do governo federal vai para as tentativas de compreender os mecanismos do cérebro. Os estudos sobre a memória têm um lugar destacado nesse esforço científico.

Afinal de contas, mantê-la em perfeito funcionamento tornou-se uma preocupação central nas sociedades modernas, em que dois fenômenos a desafiam: o primeiro é a exposição a uma carga excessiva de informações, que o cérebro precisa processar, selecionar e, se relevantes, reter para uso futuro; o segundo é o aumento da expectativa de vida, que se traduz numa população mais vulnerável a distúrbios associados à perda de memória.

Um dos caminhos investigados pelos cientistas para deter as degenerações que resultam em perda mnemônica é induzir a produção de novos neurônios – a neurogênese. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que as células do cérebro não se regeneravam. Esse mito foi derrubado e hoje se sabe que em algumas estruturas cerebrais o nascimento de células nervosas é um fenômeno comum. O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a

morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável. Esse será, certamente, um dia inesquecível.

(Schelp, Diogo. Veja. 13 jan. 2010, pp. 79-87, com adaptações)

Esse será, certamente, um dia inesquecível. (final do texto)

Pressupõe-se corretamente da afirmativa acima:

a) uma contradição intencional com o assunto que foi desenvolvido em todo o texto;
b) o uso intencional do adjetivo, por sua correlação de sentido com o assunto abordado no texto;
c) uma crítica velada a procedimentos científicos, de certa forma invasivos, de manipulação da memória de pessoas;
d) a conclusão pessimista das dificuldades apontadas em relação às pesquisas sobre a memória humana;
e) a aceitação total de que é cada vez mais difícil descobrir as razões que levam à perda de memória.

Gabarito: B

A alternativa B é a única que apresenta razoabilidade. A expressão ESSE… DIA INESQUECÍVEL refere-se à época em que poderá ocorrer o exposto no período anterior: "O experimento indica que, se os cientistas conseguirem estimular de maneira controlada a neurogênese, poderão aplicar essa técnica tanto para compensar a morte de células causada por uma doença degenerativa como, em tese, para melhorar a capacidade de memorização de uma pessoa saudável.".

54. **A neurociência é um campo tão promissor A neurociência é um campo tão promissor (3º parágrafo)**

A relação entre as orações do segmento acima é, respectivamente, de:

a) explicação de um fato e a razão para sua realização;
b) constatação de um fato real e sua condição necessária;
c) consequência de uma situação e a explicação decorrente;
d) condição de realização de um fato e a finalidade de uma ação;
e) causa que justifica uma ação e sua consequência.

Gabarito: E

Caro candidato, é fundamental não esquecer que onde há causa, há efeito; e

onde há efeito, há causa. A conjunção QUE, introduzindo a segunda oração, é subordinativa consecutiva, portanto obviamente introduz um efeito para o expresso na oração anterior. Essa é uma estrutura clássica: "A neurociência é um campo tão promissor" (causa) – "A neurociência é um campo tão promissor (efeito).". Portanto, a primeira estrutura se estabelece com uma causa a justificar uma ação; a segunda, introduzida pelo conector consecutivo, representa uma necessária atitude que é a própria consequência.

55. **... em que dois fenômenos a desafiam... (3º parágrafo)**

O pronome grifado acima substitui corretamente, considerando-se o contexto:

a) memória;
b) neurociência;
c) preocupação central;
d) carga excessiva de informações;
e) população mais vulnerável.

Gabarito: A

O pronome oblíquo refere-se à expressão "memória", presente no segundo parágrafo, tal qual a forma pronome LA em mantê-la. Tal fato se evidencia pelo sentido textual: dois fenômenos desafiam a memória.

56. **(FCC / 23ª REGIÃO / Analista Judiciário)**

Atenção: As questões de números 1 a 20 referem-se ao texto que segue.

Da ação dos justos

Em recente entrevista na TV, uma conhecida e combativa juíza brasileira citou esta frase de Disraeli*: "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". Para a juíza, o sentido da frase é atualíssimo: diz respeito à frequente omissão das pessoas justas e honestas diante das manifestações de violência e de corrupção que se multiplicam em nossos dias e que, felizmente, têm chegado ao conhecimento público e vêm sendo investigadas e punidas. A frase propõe uma ética atuante, cujos valores se materializem em reação efetiva, em gestos de repúdio e medidas de combate à barbárie moral. Em outras palavras: que a desesperança e o silêncio não tomem conta daqueles que pautam sua vida por princípios de dignidade.

Como não concordar com a oportunidade da frase? Normalmente, a indignação se reduz a conversas privadas, a comentários pessoais, não indo além de um mero discurso ético. Se não transpõe o limite da queixa, a indignação é impotente, e seu efeito é nenhum; mas se ela se converte em gesto público, objetivamente dirigido contra a arrogância acanalhada, alcança a dimensão da prática social e política, e gera consequências.

A frase lembra-nos que não costuma haver qualquer hesitação entre aqueles que se decidem pela desonestidade e pelo egoísmo. Seus atos revelam iniciativa e astúcia, facilitadas pela total ausência de compromisso com o interesse público. Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro. Pois que estes a deixem clara, e não abram mão de reagir contra quem a ignore.

A inação dos justos é tudo o que os contraventores e criminosos precisam para continuar operando. A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.

* Benjamin Disraeli, escritor e político britânico do século XIX. (Aristides Villamar)

A frase de Disraeli, tal como é entendida e desenvolvida no texto, reporta-se à necessidade de que:

a) os homens de bem e os canalhas se congracem na mesma audácia;

b) a intempestividade dos homens honestos supere a dos desonestos;

c) a ousadia dos bons cidadãos não fique atrás da dos patifes;

d) o atrevimento dos desclassificados coíba o dos justos;

e) os cidadãos honestos e os meliantes distingam entre o bem e o mal.

Gabarito: C

A frase é "É preciso que os homens de bem tenham a audácia dos canalhas". A forma verbal "tenham" significa POSSUAM, obviamente tendo o valor de posse. Na alternativa C, o termo "dos bons cidadãos" funciona como adjunto adnominal, também com valor de posse. Antes de "audácia" subentende-se a presença do vocábulo "mesma" ("… tenham a mesma audácia"); já a alternativa sugere que a audácia dos homens de bem não fique atrás da audácia dos canalhas, ou seja, que

eles tenham no mínimo a mesma audácia.

57. **Atente para as seguintes afirmações:**

I. **Às escandalosas práticas dos canalhas deve corresponder uma reação objetiva, que tenha envergadura social e peso político.**

II. **Os homens de virtude não confrontam o que é justo e o que é injusto porque sabem relativizar o valor do bem e o do mal.**

III. **Do quarto parágrafo depreende-se que certas frases do senso comum induzem à complacência com as ações mais nefastas.**

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I e II, somente;
b) I e III, somente;
c) II e III, somente;
d) III, somente;
e) I, II e III.

Gabarito: B

O comentário proferido no item I é correto, constituindo-se numa síntese do texto, mormente nos dois primeiros parágrafos. Compreende-se que, se as pessoas éticas não agiram com a mesma determinação dos canalhas, suas reclamações, queixas não logram êxito. Portanto, torna-se necessária uma atuação mais significativa daqueles que possuem princípio ético, para que a indignação não se restrinja a conversas privadas, as quais acabam por não conterem efeito prático.

O comentário realizado no item II é inadequado, dado que o que se informa é que há necessidade de uma posição mais atuante daqueles que possuem valores éticos, isso não quer dizer que eles não confrontem o justo com o injusto. Além disso, a explicação dada para o fato também é absurda: não confrontam porque sabem relativizar o valor do bem e do mal???

O item III se coaduna sobretudo com o seguinte fragmento "A cada vez que se propagam frases como "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito", promove-se a resignação diante dos descalabros. Quem vê a barbárie como uma fatalidade torna-se, ainda que não o queira, seu cúmplice silencioso.".

58. **Considerando-se o contexto, as expressões:**

a) frequente omissão e ética atuante referem-se a distintas condutas, atinentes

aos homens de bem;

b) barbárie moral e princípios de dignidade são análogas, e referem-se aos homens indignos;

c) inação dos justos e frequente omissão estabelecem entre si a oposição que se verifica entre os justos e os canalhas;

d) dimensão da prática social e política e a arrogância acanalhada representam, respectivamente, uma causa e seu efeito;

e) iniciativa e astúcia e cúmplice silencioso referem-se aos contraventores e aos criminosos.

Gabarito: A

A alternativa apresenta comentário correto, dado que duas condutas são relacionadas aos homens de bem: a frequente omissão, fato que se confirma na fala da juíza – por isso, a juíza cita que os homens de bem deveriam ter mais audácia; e a ética atuante, como deveriam ser os cidadãos de bem.

Exclui-se a alternativa B, dado que princípios de dignidade relacionam-se aos homens de bem, dignos.

Exclui-se a alternativa C, visto que os dois elementos não apresentam oposição, pelo contrário, encontram-se no mesmo campo semântico.

Exclui-se a alternativa D, visto que uma atitude objetivamente dirigida contra a arrogância acanalhada é que geraria o efeito de se alcançar uma dimensão da prática social e política.

Elimina-se a alternativa E, pois iniciativa e astúcia são características que os criminosos têm e que os homens de bem também deveriam ter na defesa desse bem. Já cúmplice silencioso refere-se aos próprios cidadãos de bem.

59. **Quem propaga frases como as citadas entre aspas no último parágrafo parece admitir que:**

a) a resignação é vencida por uma ética atuante;

b) a cumplicidade silenciosa é o mal maior;

c) o discurso ético é o primeiro passo para a moralização;

d) não se deve abrir mão de uma reação ética;

e) os descalabros fazem parte da nossa natureza.

Gabarito: E

É importantíssimo nessa questão compreender o que está sendo solicitado. A

banca não está pedindo a visão do autor quanto ao assunto. Já se sabe que o entendimento do autor é a de que os cidadãos de bem precisam ser mais atuantes, ousados. No entanto, aqui está sendo solicitada a visão das pessoas que proferem as seguintes frases: "Os políticos são todos iguais", "Brasileiro é assim mesmo" ou "Este país não tem jeito". Essas pessoas estão resignadas com esse tipo de situação – fato que o próprio autor critica. Portanto, se fosse a visão do autor, poderíamos ter as opções A, C ou E. Mas como se pede a visão dessas pessoas que já se entregaram diante dos fatos, a única alternativa cabível só pode ser a alternativa E.

60. **Considerando-se o contexto do terceiro parágrafo, na frase Pois que estes a deixem clara, os pronomes estes e a estão se referindo, respectivamente, a:**

a) um e outro / a diferença;
b) os homens / a diferença;
c) desonestidade e egoísmo / iniciativa;
d) os homens / iniciativa;
e) o justo e o injusto / iniciativa.

Gabarito: B

O período anterior ao retirado da frase é o seguinte: "Realmente, a falta de escrúpulo aplaina o caminho de quem não confronta o justo e o injusto; por outro lado, muitas vezes faltam coragem e iniciativa aos homens que conhecem e mantêm viva a diferença entre um e outro.". O pronome "Estes" refere-se ao elemento masculino e plural mais próximo: os homens. Já o pronome "a" refere-se ao termo feminino e singular mais próximo: a diferença. A leitura da frase é: Pois que os homens deixem a diferença clara.

61. **Os segmentos destacados constituem, respectivamente, uma causa e sua consequência em:**

a) Para a juíza, / o sentido da frase é atualíssimo;
b) Pois que estes a deixem clara / e não abram mão de reagir contra quem a ignore;Â
c) Normalmente, a indignação se reduz / a conversas privadas (...);
d) A frase lembra-nos / que não costuma haver qualquer hesitação (...);
e) Quem vê a barbárie como uma fatalidade / torna-se (...) seu cúmplice silencioso.Â

Gabarito: E

Alternativa A – O primeiro fragmento representa uma conformidade para o fato expresso no segundo.

Alternativa B – O segundo fragmento representa uma adição para o fato exposto no primeiro.

Alternativa C – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva indireta), sem valor semântico.

Alternativa D – O segundo fragmento é apenas um complemento verbal para "reduz-se" (oração subordinada substantiva objetiva direta), sem valor semântico.

Alternativa E – Quem age dessa maneira (Quem vê a barbárie como uma fatalidade) – causa; consequentemente torna-se seu cúmplice silencioso -efeito.

62. **Considerando-se o contexto, a palavra sublinhada em Como não concordar com a oportunidade da frase? Tem sentido equivalente ao da expressão sublinhada em:**

a) Sua colaboração chegou no momento azado.

b) Impressionou-o o indômito oportunismo com que agia seu adversário.

c) Na eventualidade de um ato ilegal, impõe-se uma sindicância.

d) Ela estranhou o extemporâneo interesse do amigo.

e) Eles sempre agiram em conformidade com a lei.

Gabarito: A

Alternativa A – Azado significa oportuno, momento propício para uma atitude.

Alternativa B – indômito significa indomável, indomesticável, bravio.

Alternativa C – eventualidade tem valor de fato que acontece casualmente, sem frequência

Alternativa D – extemporâneo é algo que acontece fora de seu tempo, depois do prazo

Alternativa E – "em conformidade de" expressa um ação de acordo, em consonância, em conformidade com algo já estabelecido.

63. **(Cespe/ UnB / STF)**

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um

ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chauí. Uma ideologia perversa. In: Folhaonline, 14/3/1999 (com adaptações).

Julgue os seguintes itens, a respeito da organização das estruturas linguísticas e das ideias do texto acima.

1– Depreende-se do texto que "agente" e "sujeito", ambos na linha 1, não são sinônimos, embora possam remeter ao mesmo indivíduo.

2– De acordo com as relações argumentativas do texto, se uma ação não for "virtuosa" (l.6), ela não resulta de decisão interior; se não for "ética" (l.4), ela não será consciente, livre e responsável.

3– A expressão "Esse conflito" (l.11) tem a função textual de recuperar a ideia de "heteronomia" (l.9-10).

4– A organização das ideias no texto mostra que, em suas duas ocorrências, o pronome "ele", na linha 12, refere-se textualmente a "agente" (l.11).

Gabarito:

1 – Certo. Repare que o autor do texto compara o agente ético com o sujeito ético, o que nos leva a depreender que não são o mesmo ser. No entanto, se o conflito entre a autonomia da vontade do agente ético e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade for resolvido, os dois termos podem remeter ao mesmo indivíduo.

2 – Errado. O item inverte a relação de condição/efeito. O que o texto informa é que "uma ação só será ética se consciente". Portanto, se for consciente, livre e

responsável (condição), será ética (efeito). Se não for consciente, livre e responsável (condição), não será ética (efeito). E não "se não for "ética" (condição), ela não será consciente, livre e responsável (efeito).

3 – Errado. A expressão "Esse conflito "remete ao par "autonomia da vontade do agente ético" – "heteronomia".

4 – Certo – Não só as duas ocorrências da linha 12 como também a da linha 13. A ideia e á de que o agente ético "será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.".

64. **(Cespe / UnB / MMA)**

Santuário ameaçado

Iniciativa que pretende legitimar a ocupação irregular do Parque do Itatiaia põe em risco o pouco que restou da mata atlântica

O Parque Nacional do Itatiaia, paraíso ecológico no estado do Rio de Janeiro criado por Getúlio Vargas em 1937, está correndo sérios riscos. E a culpa, desta vez, não é dos 4 incêndios, tão comuns na região, que abriga maravilhas naturais como o rio Campo Belo, a Cascata do Maromba e o famoso Pico das Agulhas Negras. Hoje, para muitos especialistas, o maior problema é a ocupação irregular de áreas de preservação permanente por casas de veraneio particulares. Concentradas em uma região de 1,3 mil hectares, as cerca de 80 residências são uma pedra no sapato dos administradores da área. Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha. No dia 22 de outubro de 2008, a Associação dos Amigos de Itatiaia, que desde 1951 reúne proprietários dessas terras irregulares, deu início a uma campanha para regularizar o que não é regularizável: a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional. Se aprovado, o projeto reclassificaria parte da área do parque, que passaria a ser um "monumento natural", e não só legitimaria os imóveis que já existem como abriria caminho para a construção de outros dentro da área de preservação.

João Lopes. Istoé, 25/2/2009, p. 52 (com adaptações).

Julgue os itens a seguir com base no texto acima.

1 – O período "Essa pedra, porém, ganhou potencial para virar uma avalancha" (l.8) inicia a argumentação do autor do texto em favor da legalização das edificações irregularmente construídas.

2 – Na linha 13, a forma verbal "legitimaria" pode ser substituída pela forma legalizaria, sem prejuízo para o sentido do período.

3 – A área do Parque Nacional do Itatiaia está ameaçada, porque os administradores do parque apresentaram proposta de decreto que regularizou as casas de veraneio cujos terrenos ainda se encontram em situação irregular.

4 – Atualmente, segundo o texto, o maior problema ecológico no Parque Nacional do Itatiaia, atingido frequentemente por incêndios, é o da ocupação irregular por proprietários de casas particulares em áreas protegidas pelo poder público desde 1937.

5 – De acordo com o texto, o governo Getúlio Vargas criou áreas de preservação ambiental em toda a mata atlântica, em especial o Parque do Itatiaia, que abrange território de 1,3 mil hectares e encontra-se ameaçado por algumas ocupações desde 1951.

Gabarito:

1 – Errado – Em momento algum, o autor se posicionou favoravelmente à legalização dessas construções na área. Muito pelo contrário. Depreende-se da frase em voga que o temor do autor é que tal situação ilegal se regularize e, a partir daí, muitas outras construções ocorram.

2 – Certo. Melhora a frase. Uma situação absurda como o autor relata, por motivos também absurdos, pode se transformar em legal, mas legítima ela nunca será. Sendo assim, a substituição de "legitimaria" por "legalizaria" corrige o período, obviamente não gerando prejuízo para o sentido.

3 – Errado. Os administradores do parque são contrários à legalização. Quem deu início para regularizar o que não é regularizável – a presença de propriedades particulares dentro de um parque nacional – foi a Associação de Amigos de Itatiaia.

4 – Certo. Quando se cria um parque, determina-se que aquelas terras passem a ser de proteção do poder público. Foi o que ocorreu em 1937, no governo de Getúlio Vargas. Então, a partir de 1937, aquelas terras transformadas em parque ficaram sob a égide do governo.

5 – Errado. Inicialmente não se disse no texto que toda a área da mata atlântica tornou-se parque. E o território de 1,3 mil hectares refere-se às cerca de 80 residências instaladas no Parque Nacional de Itatiaia.

65. **(Cespe / UnB / MMA)**

Tal é o rio [Amazonas]; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colônia, as mais imponentes expedições e solenes visitas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, à queles rincões solitários e armavam rapidamente no altiplano das "barreiras" as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra. Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Cunha, Euclides da. À margem da história. Obra Completa, v. 1, p. 256 (com adaptações).

Com relação ao texto acima, julgue os seguintes itens.

1 – Como a oração "E do amanho (...) portentosa" (l.5-8) expressa uma explicação do termo "terra" (l.7), o autor do texto poderia ter optado pelo emprego da vírgula após esse termo.

2 – De acordo com o texto, impressionados com a região amazônica, representantes da Igreja, do Estado e da Ciência tentaram dominar a terra e a cultura indígena, mas não foram bem-sucedidos.

3 – Segundo o texto, a história do rio Amazonas é incompleta, porque a natureza é indomável, apesar dos esforços da "civilização em viagem" (l.13-14) representada por missões apostólicas, por expedições governamentais e por cientistas.

4 – No primeiro parágrafo, "suas" (l.3) refere-se a "Colônia" (l.2) e "lá" (l.4), ao "rio [Amazonas]" (l.1).

5 – No trecho "os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos" (l.11), o vocábulo "apercebidos" tem o sentido de providos.

Gabarito:

1 – Errado. A oração em voga representa uma adição ao período anterior, e não uma explicação para um termo presente na própria frase. Além disso, a inserção de vírgula após a palavra "terra" (l. 8) faria com que a oração seguinte (que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias…) passasse a ter caráter explicativa, mas não o período inteiro.

2 – Certo. A frase "Esforços vãos." (l. 9) é uma síntese para expressar o fracasso na tentativa de domínio da natureza e da cultura indígena.

3 – Certo. O primeiro período já confere a ideia de incompletude para o rio Amazonas. Foram missões apostólicas, viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas (expedições governamentais) e astrônomas comissários (cientistas) para o Amazonas. Esforços vãos (não lograram êxito) e a natureza (desordena, revolta – l. 1) volvia á bruteza original.

4 – Errada. O referente de "suas" está corretos: colônia: A Amazônia constituía as terras desconhecidas da colônia. No entanto, "Lá" refere-se às plagas desconhecidas" quais sejam, a Amazônia e não o rio Amazonas.

5 – Certo. No contexto, as palavras possuem o mesmo valor semântico, também cabendo a substituição por abastecidos, munidos.

66. **(Cespe / UnB / IRBr / 2009)**

Canção do Ver (fragmento)

Por viver muitos anos
dentro do mato
Moda ave
O menino pegou
um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava
as coisas
Por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
Podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a
[palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.

BARROS, Manoel de. Poemas rupestres. Rio de Janeiro: Record, 2004.

A respeito do vocabulário do texto acima, assinale a opção incorreta.

a) "Moda" (v.3) significa conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano em um dado momento histórico.

b) O sentido do vocábulo "Contraiu" (v.6) restringe as possibilidades semânticas de "pegou" (v.4).

c) Na expressão "visão fontana" (v.6), o vocábulo sublinhado, adjetivo derivado de **fonte**, foi metaforicamente empregado com sentido de originário, gerador, causal, seminal.

d) Em "As palavras eram livres de gramáticas" (v.14), o vocábulo sublinhado alude a regras gramaticais.

e) O vocábulo "posição" (v.15) refere-se à sintaxe, entendida como disposição harmoniosa de partes ou elementos da frase.

Gabarito: A

O vocábulo "Moda" foi empregado no texto com valor comparativo, podendo ser substituído por COMO, FEITO.

67. **Com base no texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 () Em "Por viver muitos anos/dentro do mato" (v.1-2) e "ele enxergava/as coisas/Por igual" (v.7-9), a preposição "Por", nas duas ocorrências, introduz uma circunstância de modo nos períodos em que se insere.

2 () No trecho "era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela" (v.19-20), verifica-se redundância de efeito estilístico.

3 () As ideias expressas nos versos de 17 a 19 ilustram o sentido de "inaugurar" (v.16).

4 () O verso final – "Como se fosse infância da língua" – equivale semanticamente a: Como se fosse reinvenção da língua.

Gabarito:

1 – Errado. Realmente a segunda ocorrência da preposição POR encerra valor de modo, admitindo inclusive a substituição de "por igual" por IGUALMENTE. No entanto, na primeira ocorrência, a preposição expressa a ideia de causa: "Porque vivia muitos anos dentro do mato…".

2 – Certo. Observa-se a redundância, o pleonasmo na expressão entrar dentro. Torna-se admissível por se tratar de uma poesia por ter o autor a intenção de conferir ao verso valor enfático.

3 – Certo. Quando algo é inaugurado, depreende-se que antes não existia. Compreende-se do texto que as coisas existiam, porém inominadas para o menino, que vivia dentro do mato. Portanto, como as coisas ainda não tinham nome, o menino podia inaugurar. Os versos seguintes são exemplificações para esse fato.

4 – Errado. O emprego conotativo de "infância" sugere não uma reinvenção, mas sim o nascimento, o surgimento, a criação, algo que teve início e não reinício.

68. **A diferença na linguagem**

"Para os gramáticos, a arte da palavra quase se esgota na arte da escrita, o que se vê ainda pelo uso que fazem dos acentos, muitos dos quais fazem alguma distinção ou evitam algum equívoco para os olhos mas não para os ouvidos." Neste texto Rousseau nos sugere que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita. Na leitura, o olho treinado do Gramático ou do Lógico deve subordinar-se a um ouvido atento à melodia que dá vida aos signos: estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido. Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre **presença** e **ausência**: não é a ausência do sujeito falante que desqualifica a escrita, mas a atonia ou a homogeneidade dos signos visuais. Se a essência da linguagem escapa à Gramática, é porque esta desdobra a linguagem num elemento essencialmente

homogêneo.

JR, Bento Prado. A retórica de Rousseau. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 129-130.

Com relação às ideias do texto 3, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 () O autor do texto afirma que Rousseau valoriza o caráter melódico da palavra falada, mas considera que a palavra escrita é mais apta a desvendar as sutilezas do sentido.

2 () A palavra "acentos" (l.2) refere-se a sinais gráficos, ao passo que "acento" (l.5) designa qualidades como inflexão ou modulação.

3 () Segundo o texto, na fala, a altura e a intensidade da voz contribuem, no entender de Rousseau, para as possibilidades de sentido.

4 () Ao caracterizar como "treinado" (l. 6) o olho do "Gramático" ou do "Lógico", o autor dá a entender que estes consideram a leitura como decodificação mecânica.

Gabarito:

1 – Errado. O texto informa que, para ler bem, é preciso prestar ouvidos à voz original, adivinhar as diferenças de acento que a articulam e que se tornaram imperceptíveis no espaço homogêneo da escrita.

2 – Certo. A palavra "acento" está empregada em sentidos distintos no texto. No primeiro caso, relaciona-se aos ocorrentes na escrita, signos gramaticais de leitura. Na segunda ocorrência, a palavra se refere ao fato de prestar ouvidos à voz original, perceber a entonação que se torna imperceptível no espaço homogêneo da escrita.

3 – Certo. Como exposto no texto: "estar surdo à modulação da voz significa estar cego às modalidades do sentido.".

4 – Certo. Pois "treinado" tem sentido de "leitura técnica, mecânica do gramática". Justamente essa leitura deve subordinar-se aos acentos da melodia, às possibilidades de alteração de significado advindas da percepção de uma voz original.

69. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

As primeiras cartas

O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.

Avô Mariano

Escapo-me dali, me apressando entre os atalhos. Quando reentro em casa não encontro vivalma. Todos foram para o caminho da areia assistir à desgraça, consolando Ultímio. De soslaio, parece-me ouvir um ruído. Entro na sala fúnebre e nada vejo, senão o aquietado corpo do velho Mariano. Lá está o desfinado, entre flores e velas. Subo para o quarto. De novo, sobre a cabeceira, uma outra carta. A tremência em minhas mãos não me ajuda a ler:

Estas cartas, Mariano, não são escritos. São falas. Sente-se, se deixe em bastante sossego e escute. Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por desmérito do viver.

É por isso que visitará estas cartas e encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher, com suas caligrafias. Como se diz aqui: feridas da boca se curam com a própria saliva. Esse é o serviço que vamos cumprir aqui, você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura. Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos.

Comece em seu pai, Fulano Malta. Você nunca lhe ensinou modos de ele ser pai. Entre no seu coração, entenda aquela rezinguice dele, amoleça os medos dele. Ponha um novo entendimento em seu velho pai. Às vezes, seu pai lhe tem raiva? Pois lhe digo: aquilo não é raiva, é medo. Lhe explico: você despontou-se, saiu da Ilha, atravessou a fronteira do mundo. Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa.

A Ilha de Luar-do-Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão. E você saltou essa fronteira. Se afastou não em distância, mas se alonjou da nossa existência.

Antes, seu pai estava bem consigo mesmo, aceitava o tamanho que você lhe dava. Desde a sua partida ele se tornou num estranho, alheio e distante. Seu velhote passou a destratá-lo? Pois ele se defende de si mesmo. Você, Mariano, lhe lembra que ele ficou, deste lado do rio, amansado, sem brilho de viver nem lustro de sonhar.

Companhia das Letras, 2003, p. 64-5

Julgue (C ou E) os itens a seguir, de acordo com o texto.

1 – Assim que voltou a Luar-do-Chão para o funeral do pai, ao reentrar na casa, Mariano deparou com os mortos.

2 – Mariano encontrou cartas, que mais pareciam relatos e comentários orais do que mensagens escritas, e cuja leitura lhe causou assombro.

3 – Quando voltou para a Ilha, Mariano percebeu que a saudade do pai havia-se transformado em tristeza e desapontamento.

4 – Na Ilha de Luar-do-Chão, a prisão psicológica vivenciada pelos habitantes os tornava impotentes para dali saírem, por medo do desconhecido.

Gabarito:

1 – Errado. Mariano, protagonista, ao regressar Luar do Chão entra no quarto onde está seu avô, também Mariano. Ele não dá com os mortos, apenas foi ao velório do avô.

2 – Anulado. O comentário sobre as cartas e comentários encontra-se correto, contudo não há no texto referência ao fato de que tais relatos lhe causaram assombro – sentimento que possivelmente ele teve –, não se podendo aduzir que tal informação é correta ou incorreta. Por isso, o item acabou anulado.

3 – Errado. Em momento algum do texto, é exposto que Mariano tinha saudades do pai, tampouco que tal sentimento foi alterado.

4 – Certo. Tal informação se ratifica na carta do avô, quando informa que o pai não tinha raiva de Mariano, tinha medo explicitado mormente no penúltimo parágrafo: a ilha de Luar do Chão é uma prisão. A pior prisão, sem muros, sem grades. Só o medo do que há lá fora nos prende ao chão.”.

70. **A propósito dos componentes semântico e estilístico do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.**

1 – A epígrafe do texto estrutura-se em um jogo de palavras.

2 – No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: “Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.” (l. 10 e 11) e “encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher” (l. 13 e 14).

3 – O sentido do trecho “feridas da boca se curam com a própria saliva” (l. 14 e 15) equivale ao do clássico provérbio Amor com amor se paga.

4 – É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura" (l. 16).

Gabarito:

1 – Certo. A epígrafe "O importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora." faz um jogo de palavras, procedendo à inversão do sujeito em adjunto adverbial de lugar e vice-versa. Na primeira frase, o pronome relativo onde, que se refere à casa, funciona como adjunto adverbial de lugar e NÓS, como sujeito. Na segunda frase, A CASA funciona como sujeito e NÓS (em nós) é o núcleo do adjunto adverbial de lugar.

2 – Certo. No segundo caso, fica explícito o valor de oposição, adversidade, sobretudo pela presença do conector MAS. No primeiro caso, a mesma conjunção está subentendida, podendo ser inserida sem gerar qualquer prejuízo semântico "Não veio salvar o morto, mas veio salvar a vida, a nossa vida.".

3 – Errado. O provérbio original passa valor meramente reflexivo. Algo de si para si. Da sua saliva para sua boca. No segundo caso, há valor de reciprocidade. Algo de um para outro, de outro para um. João dá amor para Maria que dá da o amor para João.

4 – Certo. Repare que em situações de paralelismo é comum o vocábulo repetido ser retirado do período. Repare que, no primeiro período, o autor optou por não repetir o termo. "Você e eu, de um **lado** e **de** outro lado das palavras.". Já, no segundo período, o autor fez a opção por repetir o verbo DAR, nas formas "dou" e "dá".

71. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Receita de casa

Ciro dos Anjos escreveu, faz pouco tempo, uma de suas páginas mais belas sobre as antigas fazendas mineiras. Ele dá os requisitos essenciais a uma fazenda bastante lírica, incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco. Nada sei dessas coisas, mas juro que entendo alguma coisa de arquitetura urbana, embora Caloca, Aldari, Jorge Moreira e Ernâni, pobres arquitetos profissionais, achem que não.

Assim vos direi que a primeira coisa a respeito de uma casa é que ela deve ter

um porão, um bom porão com entrada pela frente e saída pelos fundos. Esse porão deve ser habitável porém inabitado; e ter alguns quartos sem iluminação alguma, onde se devem amontoar móveis antigos, quebrados, objetos desprezados e baús esquecidos. Deve ser o cemitério das coisas. Ali, sob os pés da família, como se fosse no subconsciente dos vivos, jazerão os leques, as cadeiras, as fantasias do carnaval do ano de 1920, as gravatas manchadas, os sapatos que outrora andaram em caminhos longe.

Quando acaso descerem ao porão, as crianças hão de ficar um pouco intrigadas; e como crianças são animais levianos, é preciso que se intriguem um pouco, tenham uma certa perspectiva histórica, meditem que, por mais incrível e extraordinário que pareça, as pessoas grandes também já foram crianças, a sua avó já foi a bailes, e outras coisas instrutivas que são um pouco tristes mas hão de restaurar, a seus olhos, a dignidade corrompida das pessoas adultas.

Convém que as crianças sintam um certo medo do porão; e embora pensem que é medo do escuro, ou de aranhas caranguejeiras, será o grande medo do Tempo, esse bicho que tudo come, esse monstro que irá tragando em suas fauces negras os sapatos da criança, sua roupinha, sua atiradeira, seu canivete, as bolas de vidro, e afinal a própria criança.

O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido, o que se pode evitar desmoralizando periodicamente o porão com uma limpeza parcial para nele armazenar gêneros ou utensílios ou mais facilmente tijolo, por exemplo; ou percorrendo-o com uma lanterna elétrica bem possante que transformará hienas em ratos e cadafalsos em guarda-louças.

Ao construir o porão deve o arquiteto obter um certo grau de umidade, mas providenciar para que a porta de uma das entradas seja bem fácil de arrombar, porque um porão não tem a menor utilidade se não supomos que dentro dele possa estar escondido um ladrão assassino, ou um cachorro raivoso, ou ainda anarquistas búlgaros de passagem por esta cidade.

Um porão supõe um alçapão aberto na sala de jantar. Sobre a tampa desse alçapão deve estar um móvel pesado, que fique exposto ao sol ao menos duas horas por dia, de tal modo que à noite estale com tanto gosto que do quarto das crianças dê a impressão exata de que o alçapão está sendo aberto, ou o terrível meliante já esteja no interior da casa.

Rubem Braga. Um pé de milho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 129-31 (com

adaptações).

Julgue (C ou E) os itens a seguir, que se referem à compreensão, à interpretação e aos aspectos sintático-semânticos do texto.

1 – No segundo parágrafo, tanto o emprego da palavra "cemitério" (l. 11) quanto a comparação entre o porão e o "subconsciente dos vivos" (l. 12) evidenciam que o sentido produzido, nesse trecho do texto, é o de fim completo das coisas.

2 – Na linha 15, a substituição do vocábulo "acaso" por caso prejudicaria o sentido do período, mas a substituição do mesmo vocábulo por porventura manteria a coerência textual do trecho.

3 – Conclui-se da leitura do texto que nenhuma criança que more em casa sem porão se transformará em um romancista introvertido.

4 – Depreende-se do texto que moralizar o porão significa mantê-lo razoavelmente limpo e iluminado.

Gabarito:

1 – Errado. O sentido das duas expressões nesse contexto não é exatamente de morte, de fim completo, mas de algo que não mais se usa ou, pelo menos, que no momento não está sendo usado. O que está no subconsciente não está morto, mas é como se fosse um depósito de informações que se encontram disponíveis no cérebro que quando delas se precisa.

2 – Certo. O período não ficaria coerente, pois com a substituição por "caso", haveria duas conjunções seguidas: quando (temporal) e caso (condicional). Além disso, o significado de "acaso" é "porventura", como mencionado nesse próprio item.

3 – Errado. Comentário absurdo. O que se assevera no texto é "O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido". Mas, obviamente, crianças que moram em casas sem porão também podem se tornar escritoras.

4 – Errado. O comentário expõe uma situação oposta. Segundo o autor, no antepenúltimo parágrafo, a limpeza e a iluminação com lanternas possantes são elementos que desmoralizam o porão.

72. **Acerca da organização, da linguagem e dos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Em "incluindo, mesmo, uma certa menina de vestido branco" (l.3), o

vocábulo sublinhado pode ser corretamente substituído por inclusive.

2 – Em "Nada sei dessas coisas" (l. 3-4), "entendo alguma coisa de arquitetura urbana" (l. 4), "a primeira coisa a respeito de uma casa" (l. 7), "cemitério das coisas" (l. 11) e "coisas instrutivas" (l. 19), a palavra "coisas" (ou seu singular "coisa") está empregada com o mesmo sentido.

3 – O sentido de posição inferior, em "sob os pés da família" (l. 11) e "subconsciente" (l. 12), é expresso, respectivamente, por meio do uso de uma preposição e de um prefixo.

4 – No terceiro parágrafo, nas expressões "a sua avó" (l. 18) e "a seus olhos" (l. 20), os pronomes possessivos remetem ao referente "pessoas grandes" (l. 18).

Gabarito:

1 – Errado. A substituição de "mesmo" por INCLUSIVE gera redundância, pleonasmo, visto que o fragmento ficaria assim redigido: "incluindo, inclusive, uma certa menina de vestido branco".

2 – Errado. Os significados são distintos: Em "Nada sei dessas coisas", "coisas" significa CIÊNCIAS; em "entendo alguma coisa de arquitetura urbana", "alguma coisa" tem valor de intensificação, significando UM POUCO; em "cemitério das coisas", "coisas" significa OBJETOS; e em "coisas instrutivas", "coisas" tem valor de "fatos".

3 – Certo. SOB é preposição e tem valor de abaixo, posição inferior, o mesmo significado que possui o prefixo SUB de "subconsciente".

4 – Errado. Os pronomes possessivos referem-se às crianças e não às pessoas grandes. São as avós das crianças e aos olhos das crianças.

73. **A crônica de Rubem Braga:**

a) parafraseia as páginas de Ciro dos Anjos;

b) contém recomendações arquitetônicas dignas de profissionais;

c) exige que toda casa tenha um porão que vá da frente aos fundos do terreno;

d) confere ao porão grande relevância para as crianças;

e) define o porão como um espaço de horror e repulsa infantil.

Gabarito: D

A alternativa A é eliminada, pois parafrasear significa passar a mesma informação com outras palavras, o que não ocorreu.

A alternativa B apresenta informação absurda, até porque o próprio autor se diz amador e que os profissionais dizem que ele nada entende sobre arquitetura.

A alternativa C também não condiz com o texto, visto que lá é informado que um bom porão deve ter entrada pela frente e saída pelos fundos, não se entrando no mérito de seu espaço no terreno.

A alternativa D, apesar de não se encontrar exposta no texto, apresenta uma inferência cabível. O texto informa inicialmente que toda casa deveria ter um porão e que o porão pode fazer da criança, no futuro, um romancista introvertido. Desses dois fragmentos, é coerente deduzir que o autor pretende dar importância ao porão na vida das crianças.

A alternativa E é absurda, visto que o autor apenas aduz que convém as crianças sentirem um certo medo do porão, e não horror ou repulsa.

74. **(Cespe / UnB / IRBr / 2008)**

Origem das culturas

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos e cinquenta pessoas assistiram. A dificuldade total foi reconstituir o delito, porque tanto no inquérito policial quanto na formação de culpa perante o juiz as espontâneas e numerosas testemunhas prestaram depoimentos inteiramente contraditórios. Como começara e como findara a luta foi impossível apurar. E todos tinham assistido…

Esse processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores do episódio, antecipando ou postergando a sucessão temática, interfere como autodefesa inconsciente e instintiva, perturbando a sequência lógica da narrativa. Imagine-se há milênios…

A visão do homem pré-histórico padece dessas dificuldades. Reerguer as cidades em ruínas sem a orientação do plano anterior. Paisagens de intermitências que antes eram continuidades lógicas.

Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense. A velha divisão de Thomsen (Chistian Jungensen Thomsen, 1788-1865) data de 1835; estudando o Homem pelas indústrias iniciais – Idade da Pedra Lascada, Idade da Pedra Polida, Idade dos Metais –, fixa a origem insofismável das culturas.

Creio que do ponto de vista didático o nascimento da cultura humana iniciou-se com os vestígios materiais da indústria lítica, enfrentando pela inteligência o complexo atordoador da natureza hostil e virgem. Articulá-la com o esforço animal, na plenitude do instinto defensivo, é apenas um exercício intelectual em favor da ditadura biológica. Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. Não sendo conhecida de doutrina alguma contemporânea a explicação, mesmo primária, do processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens, porque justamente o tipo menos biologicamente resistente foi o escolhido para a vitória fisiológica de todas as forças brutas, bestiais e telúricas, ensinar-nos da aprendizagem pela observação zoológica jamais provará por que o Rei da Criação, senhor das técnicas, não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores. E continua tendo problemas de organização e de acomodação no meio dos semelhantes, inquietos e desconfiados.

Creio que a cultura nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato. Diante da premência da fome, frio e desabrigo, o primeiro material foi o mais próximo e a primeira técnica improvisada pela urgência vital.

Luís da Câmara Cascudo. Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983, p. 65-6 (com adaptações).

De acordo com as ideias apresentadas no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – Por não estarem sujeitas a testemunhos divergentes, as narrativas de episódios longínquos do passado são mais fiáveis que as de eventos mais recentes.

2 – Os estudos de Thomsen, que datam da primeira metade do século XIX, dedicam-se às culturas do início da Revolução Industrial.

3 – A explicação meramente biológica dos primórdios da cultura humana não faz jus ao engenho humano.

4 – O termo "o Rei da Criação" (l. 31) refere-se a um ente divino.

Gabarito:

1 – Errado. O texto expõe justamente o oposto. Quanto mais remoto for o fato menos fidedigno será o seu relato. Tal inferência ocorre de um pequeno

comentário do autor: "Imagine-se há milênios.". Se um fato recente já é contado de formas diferentes pelas pessoas, imagine um fato remoto.

2 – Errado. Os estudos de Thomsen abrangem as indústrias iniciais, que são o período da Pedra Lascada, da Pedra Polida, dos Metais.

3 – Certo. O comentário se encontra em conformidade com o fragmento "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano".

4 – Errado. Os termos "Rei da Criação", "senhor das Técnicas" referem-se ao próprio homem, o homo sapiens, que não conseguiu a perfeição maquinal das formigas, das abelhas e dos castores.".

75. **Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O substantivo "duelo" (l. 3) resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

2 – O termo "Esse processo transfigurador da memória" (l. 8) está empregado em referência a um vocábulo específico dos dois últimos períodos do primeiro parágrafo do texto.

3 – O termo "dessas dificuldades" (l. 12) sumaria os efeitos da transfiguração da memória descritos no parágrafo anterior.

4 – O termo "Essa exaltação do orgânico em detrimento do social" (l. 24) retoma e amplia a ideia de "um exercício intelectual em favor da ditadura biológica" (l. 23 e 24).

Gabarito:

1 – Certo. O termo "duelo" refere-se às bofetadas teóricas relatadas no primeiro período.

2 – Errado. A expressão não se refere a um vocábulo específico, mas a toda a situação expressa no primeiro parágrafo.

3 – Certo. A expressão sintetiza a ideia de que há um processo transfigurador da memória, desajustando e confundindo os elementos formadores dos fatos.

4 – Certo. A expressão "ditadura biológica" indica que o elemento orgânico se sobrepõe ao aspecto social, intelectual.

76. **Com relação à organização, à linguagem e aos aspectos gramaticais do texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – O autor vale-se da narrativa, na introdução do texto, para captar a atenção

do leitor, conduzir-lhe o raciocínio e ilustrar a ideia a ser desenvolvida.

2 – O autor emprega linguagem precisa em "Possuímos documentos da atividade humana desde o Pleistoceno, ou seja, do Paleolítico inferior, período chelense" (l. 16) e "processo diferenciador dos primatas superiores ao Homo sapiens" (l. 27 e 28).

3 – No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz" (l. 24), um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" (l. 24 e 25) e "em centenas e centenas de séculos" (l. 25).

4 – Para evitar a estrutura oracional e tornar o texto mais conciso, o autor recorreu ao processo de derivação de palavras em "nasce do útil-necessário, no ambiente do real-imediato" (l. 35).

Gabarito:

Item 1 – Certo. O texto é predominantemente dissertativo, contudo o primeiro parágrafo se constitui de uma estória narrada pelo autor, que integra o processo de argumentação.

Item 2 – Certo. Não há nos fragmentos mencionados nenhum termo usado no sentido conotativo.

Item 3 – Errado. Os objetos são os complementos verbais e o termo "em centenas e centenas de séculos" funciona como adjunto adverbial de tempo.

Item 4 – Errado. O processo não é de derivação, e sim composição.

77. **Considerando os sentidos do texto, assinale a opção em que o vocábulo em negrito é sinônimo contextual do termo transcrito.**

a) "padece" (l. 12) – prescinde

b) "lítica" (l. 21) – pétrea

c) "tenacidade" (l. 25) – desvario

d) "telúricas" (l. 30) – ferozes

e) "maquinal" (l. 32) – mecânica

Gabarito: E

Na alternativa A, "padece" significa SOFRE; já "prescinde" significa dispensa, abre mão.

Na alternativa B, "lítico" significa genuíno, legítimo, puro; "pétreo" significa duro, resistente.

Na alternativa C, "tenacidade" significa afinco, constância; "desvario" significa

delírio, loucura.

Na alternativa D, "telúricas" significa relativo à Terra ou ao telúrio; "ferozes" significa selvagens, bravios.

78. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

As três almas do poeta

Ênio, poeta latino do século II a. C., falava três línguas: o grego, que ele tinha aprendido por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália; o latim, em que escreveu suas obras; e o osco (uma língua aparentada com o latim), que era, com toda a probabilidade, sua língua nativa. O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais. E Ênio, que sabia as três, costumava dizer que tinha "três almas".

É curioso observar que ele exprimiu com isso uma coisa muito importante relativa ao conhecimento de uma língua: não se trata simplesmente de "uma outra maneira de dizer as coisas" (table em vez de mesa, te quiero em vez de eu te amo), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo.

A ideia de que a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural pode ser chamada a "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade. E, como a maior parte das teorias ingênuas, é, ao mesmo tempo, simples, evidente e incorreta (não é óbvio que o Sol nasce no leste? Mas não é o Sol que nasce, é a terra que gira).

Examinemos um exemplo, quanto ao significado das palavras nas línguas. Temos, em português, a palavra dedo, que nos parece muito concreta; diríamos que é simplesmente o nome que damos, em nossa língua, a um objeto que nos é dado pelo mundo real: um dedo é uma coisa, ou seja, uma parte definida do corpo, e o que pode variar é a maneira de designar essa coisa. No entanto, em inglês há duas palavras para "dedo": finger e toe, que não são a mesma coisa. Um finger é um dedo da mão, e um toe é um dedo do pé; para nós são todos dedos, mas para um inglês são coisas diferentes. Esse é um pequeno exemplo de como duas línguas recortam diferentemente a realidade. Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto é assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras. O exemplo das distintas

maneiras que as línguas têm de designar as cores também é bastante ilustrativo disso.

Falar uma língua é, portanto, ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes. Talvez fosse isso que o velho Ênio estivesse tentando dizer, quando afirmou que tinha três almas.

Perini, Mário A.. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 41-52 (com adaptações)

Acerca de fatos linguísticos do primeiro parágrafo do texto, julgue (C ou E) os itens seguintes.

1 – Há, no primeiro parágrafo, quatro orações subordinadas de natureza explicativa.

2 – No primeiro parágrafo, há mais de um aposto.

3 – Na oração "por ser, na época, a língua de cultura dominante no sul da Itália" (l.2), pode-se substituir "de" por da sem prejuízo para o sentido original do texto.

4 – No trecho "O mais provável é que o latim fosse usado nas relações com as autoridades romanas; o grego, nas grandes cidades; e o osco, nas regiões rurais" (l.6-8), utiliza-se uma forma de elipse, por meio da qual se evitam repetições.

Gabarito:

1 – Certo. No primeiro parágrafo, há quatro ocorrências do pronome relativo QUE (numa delas com preposição EM) precedido de vírgula, caracterizando uma explicação, e não uma restrição.

2 – Certo. Logo no primeiro período há dois casos de aposto. O primeiro com valor explicativo "poeta latino do século II a. C." e o segundo, com valor enumerativo, introduzido pelos dois-pontos.

3 – Errado. Há diferença semântica. O significado de "a língua de cultura dominante" é a língua que predominava na região. Já em "a língua da cultura da dominante", o sentido de língua que a cultura dominante usava.

4 – Certo. Fica implícita a seguinte estrutura "O mais provável é que… fosse usado".

79. **Julgue (C ou E) os próximos itens com relação aos sentidos do texto.**

1 – Depreende-se do texto que há dúvidas quanto aos lugares e às circunstâncias em que cada uma das três línguas mencionadas era usada por seus falantes.

2 – O autor do texto alude ao fato de o poeta latino afirmar que tinha três almas – por falar três línguas – para comprovar que o domínio de língua estrangeira compromete a autenticidade do indivíduo.

3 – A "teoria ingênua" da relação entre a língua e a realidade pressupõe que as línguas recortem a realidade, ou seja, categorizem-na, da mesma maneira.

4 – Segundo o autor do texto, a definição das coisas precede a designação delas por meio de signos linguísticos.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego da expressão "O mais provável" já nos permite inferir que a informação não se estabelece no campo da certeza, mas sim da possibilidade.

2 – Errado. Quando o autor expressa que tem três almas por falar três línguas, ele quer referir-se ao fato de que a compreensão das línguas não se restringe ao conhecimento de seus vocábulos, mas abrange características, nuances, concepção e entendimento de mundo.

3 – Certo. Segundo o texto, duas línguas recortam de forma diferente a realidade – fato inclusive ilustrado pelo exemplo da palavra "dedo" oferecido pelo autor. Portanto, seria ingenuidade crer que "a diferença entre as línguas se resume em maneiras distintas de se referir aos objetos do mundo natural".

4 – Certo. Essa informação encontra-se exposta no seguinte fragmento: "Agora podemos ver que a palavra portuguesa dedo não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira.". Sendo assim, primeiro a língua define a coisa para depois designá-la.

80. **Julgue (C ou E) os itens subsequentes, considerando a articulação de elementos textuais, bem como aspectos semânticos e morfossintáticos do texto.**

1 – O vocábulo "simplesmente" é empregado com o mesmo sentido nas linhas 8, 19 e 26 do texto.

2 – No trecho "mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo" (l.11), observa-se a ocorrência de um único termo como complemento de três verbos.

3 – A substituição de "Tanto é assim que" (l.27) por Tanto que prejudicaria o sentido do período em que tal expressão se insere.

4 – A posposição de "certa" na expressão "certa maneira" (l.30) prejudicaria a coerência do texto.

Gabarito:

1 – Certo. Nas três ocorrências, o vocábulo tem o sentido de "apenas", "somente.

2 – Certo. O termo "o mundo" funciona como objeto direto dos verbos "entender", "conceber" e "sentir".

3 – Errado. A substituição não gera qualquer tipo de prejuízo semântico para o texto.

4 – Certo. O sentido de "certa maneira" é de ALGUMA MANEIRA. Já em "maneira certa" o significado é DE MANEIRA CORRETA.

81. **(Cespe / UnB / IRBr / 2007)**

A imaginação foi sempre o húmus do jardim de Clio. No caso da África, antes do século XVII, é particularmente válido o definir-se a história como o adivinhar do passado. Dele, abstraídas a Etiópia, a franja sudanesa infiltrada pelo Islão e as cidades-estado do Índico, áreas que conheceram a escrita e nos deixaram alguns poucos documentos – poucos, muitas vezes tardios e também contaminados por lendas –, sabemos apenas o que nos devolve uma arqueologia que mal arranhou as imensas extensões africanas, o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus, bem como o que nos chegou das tradições e das crônicas orais dos povos negros. Se, nos textos em que se profetiza às avessas, ainda que fundados sobre o registro, o depoimento e a memória escrita, o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua, é porque é também importante contar, ao lado do que se julga ter realmente acontecido, as imaginações que se fizeram fatos e os fatos que se vestiram de imaginário, porque se incorporaram ao que um povo tem por origem e rastro, e, por isso, o marcam, definem e distinguem. Oraniã, Xangô, Tsoede, Cibinda Ilunga aparecem como personagens neste livro de história porque pertencem iniludivelmente à realidade dos iorubas, dos nupês, e dos lundas e quiocos. Eles estão aqui como Enéias e sua viagem de Tróia ao Lácio, e como Réia Sílvia, a loba, Rômulo e Remo, nos compêndios sobre História romana, cujos autores os sabem mitos, mas não ignoram que fecundaram um destino.

Silva, Alberto da Costa e.. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 3-4.

Considerando os sentidos do texto acima, julgue (C ou E) os seguintes itens.

1 – O vocábulo "abstraídas" (l. 3) pode ser substituído por consideradas conjuntamente, sem que se altere o sentido do período.

2 – A palavra "húmus" está empregada, na primeira oração do texto, com o sentido de praga. Do desdobramento dessa metáfora advém a ideia de que os documentos históricos africanos são "contaminados por lendas" (l.5-6).

3 – Na linha 12, "se imiscua", forma verbal no modo subjuntivo, tem o sentido de se intrometa.

4 – A palavra "iniludivelmente" (l.17) significa, no texto, indubitavelmente.

Gabarito:

1 – Errado. Justamente o oposto. Pois "abstraídas" significa CONSIDERADAS ISOLADAMENTE.

2 – Errado. Pois "húmus" está empregada no sentido de fundamento, princípio.

3 – Certo. São sinônimos perfeitos.

4 – Certo. No contexto, são vocábulos sinônimos, como também o seria INDISCUTIVELMENTE.

82. **Com base, exclusivamente, no texto, julgue (C ou E) os seguintes itens.**

1 – A historiografia referente à África de antes do século XVII vale-se de fontes como crônicas orais autóctones e relatos de viajantes provenientes de outros continentes.

2 – O autor do texto procura transmitir a seguinte mensagem: o historiador deve ignorar as narrativas mitológicas em benefício da objetividade e da precisão de suas pesquisas.

3 – A alusão a "textos em que se profetiza às avessas" (l.9), o autor refere-se à transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.

4 – Conclui-se do texto que "Tsoede" e "Cibinda Ilunga", citados na linha 16, são importantes figuras históricas pertencentes, respectivamente, aos povos lunda e quioco.

Gabarito:

1 – Certo. As principais fones sobre a África foram informações oriundas das tradições e das crônicas orais dos povos negros bem como o que anotaram, a partir do século IX, viajantes e eruditos árabes e, mais tarde, os portugueses e outros europeus.

2 – Errado. Essa informação contradiz o texto, conforme se atesta no seguinte fragmento: "o rigor de quem os compõe não afasta de todo o mito e deixa que ele frequente a narrativa e nela se imiscua".

3 – Errado. Neste fragmento do verbete, o autor se referia a textos, mesmo que fundados sobre registros. E esses textos apenas não afastavam de todo o mito. Porém isso não quer dizer que se tratava de "transcrição de mitos transmitidos oralmente pelos povos negros.".

4 – Errado. O texto não relaciona os personagens a cada povo.

83. **(Cespe / UnB / IRBr / 2011)**

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
– e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras:
olhos colados aos vidros,
mulheres e homens à espreita,
caras disformes de insônia,
vigiando as ações alheias.
Pelas gretas das janelas,
pelas frestas das esteiras,
agudas setas atiram
a inveja e a maledicência.
Palavras conjeturadas
oscilam no ar de surpresa,
como peludas aranhas
na gosma das teias densas,
rápidas e envenenadas,
engenhosas, sorrateiras.
Atrás de portas fechadas,

à luz de velas acesas,
brilham fardas e casacas,
junto com batinas pretas.
Uns são reinóis, uns, mazombos;
e pensam de mil maneiras;
mas citam Vergílio e Horácio,
e refletem, e argumentam,
falam de minas e impostos,
de lavras e de fazendas,
de ministros e rainhas
e das colônias inglesas.
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio…"
E dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam…"
LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).
E a vizinhança não dorme:

murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Meireles, Cecília. Romanceiro da Inconfidência. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 450-2 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue (C ou E) os itens a seguir.

1 – Da leitura da quarta estrofe (v.35-50) depreende-se que a palavra liberdade é o fulcro vital da bandeira dos inconfidentes e representa a finalidade do engajamento político daquele grupo.

2 – Entende-se da leitura do poema que os inconfidentes foram sentenciados por atuarem contra os interesses da Coroa portuguesa, mas não por haverem registrado, na bandeira criada, o anseio por liberdade.

3 – Nos dois primeiros versos, o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

4 – No trecho "Uns são reinóis, uns, mazombos; / e pensam de mil maneiras; / mas citam Vergílio e Horácio, / e refletem, e argumentam," (v.23-26), fica evidenciado que, independentemente da origem social, os inconfidentes compartilhavam o mesmo grau de erudição.

Gabarito:

1 – Certo. Fato confirmado inclusive pelo emprego de todas as letras maiúsculas no verso 43 e da inicial da própria palavra Liberdade no verso 49.

2 – Errado. O conector causal POIS, presente no verso 48, introduz o motivo de os inventores já serem réus: atreveram-se a falar em Liberdade.

3 – Certo. A sinestesia, de uma forma geral, leva ao paradoxo, pois a mistura de sentidos, em tese, é algo incoerente. Nós não sentimos (percepção tátil) as luzes acesas, nós as enxergamos, vemos.

4 – Errado. O texto não informa que os inconfidentes tinham o mesmo grau de erudição. Quando se diz que citavam Vergílio e Horácio, compreende-se que havia a citação realizada pelo grupo, mas não necessariamente o conhecimento e a erudição eram compartilhados por todos os membros.

84. Ainda que se soubessem todas as palavras de cada figura da Inconfidência, nem assim se poderia fazer com o seu simples registro uma composição da arte.

A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais. A busca desse essencial expressivo é que constitui o trabalho do artista. Ele poderá dizer a mesma verdade do historiador, porém de outra maneira. Seus caminhos são outros, para atingir a comunicação. Há um problema de palavras. Um problema de ritmos. Um problema de composição. Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista. É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação. No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

Digo "que ele se foi compondo" e não "que foi sendo composto", pois, na verdade, uma das coisas que pude observar melhor que nunca, ao realizá-lo, foi a maneira por que um tema encontra sozinho ou sozinho impõe seu ritmo, sua sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

O Romanceiro foi construído tão sem normas preestabelecidas, tão à mercê de sua expressão natural que cada poema procurou a forma condizente com sua mensagem. A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público. Porque há obras que existem apenas para o artista, desinteressadas de transmissão; outras que exigem essa transmissão e esperam que o artista se ponha a seu serviço, para alcançá-la. O Romanceiro é desta segunda espécie.

Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 –ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível, porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história.

E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições…

Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído – era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso.

Cecília Meireles. Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência. In: Romanceiro da Inconfidência. 3ª ed., Rio de Janeiro: ova Fronteira, 2005, p. XVI-XVII (com adaptações).

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto, extraído da obra de Cecília Meireles, na qual a autora explica a criação do Romanceiro da Inconfidência, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

1 – No trecho "o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l. 34-36), verifica-se gradativa intensificação das ações nele relatadas, expressa pelo emprego da locução com verbo no gerúndio e de preposição que denota limite, e, tal como ocorre no trecho "que falavam, que se confessavam, que exigiam quase, o registro da sua história" (l.29), pela ordem em que se apresentam os núcleos verbais que constituem as orações adjetivas.

2 – Depreende-se da leitura do texto que a autora colocou-se a serviço da obra, cabendo-lhe adequar a mensagem à forma, uma vez que o tema impunha seu próprio desenvolvimento.

3 – Da leitura do primeiro parágrafo do texto depreende-se que, para a autora, não foi tão difícil explicar a criação do Romanceiro da Inconfidência quanto geralmente é difícil para os artistas explicar a criação de suas obras menos objetivas. Isso se explica porque o Romanceiro da Inconfidência, dado o tema, apresenta não só o "essencial expressivo", mas também aspectos objetivos.

4 – São pertinentes as seguintes inferências a partir da pontuação e dos mecanismos de coesão empregados no período entre as linhas 18 e 20: entre todos os fantasmas, alguns são conhecidos por todos os artistas, e o poeta harmoniza, a todo momento, o timbre de sua voz à audiência.

Gabarito:

1 – Certo. O primeiro fragmento se constrói na relação MÍNIMO-MÁXIMO. A expressão "como um fio de colar" representa o atrelamento mínimo; "pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso", atrelamento máximo. Já no segundo fragmento, a sequência de verbos FALAVAM, CONFESSAVAM e EXIGIAM sugere o aumento gradativo da influência que as vozes exerciam sobre a autora.

2 – Errado. Segundo o texto, o próprio texto impunha sozinho seu ritmo, sua

sonoridade, seu desenvolvimento, sua medida.

3 – Certo. Segundo o texto, normalmente é difícil ao criador explicar sua criação, pois se trata da decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade. No entanto, o aspecto objetividade faz com que, na criação do Romanceiro da Inconfidência, muitas coisas possam ser explicadas, porque foram aprendidas, à proporção que ele se foi compondo.

4 – Errado. O comentário é absurdo, visto que fantasma foi empregado em sentido conotativo, representando a voz, a melodia que o texto e a temática impõem.

85. **Assinale a opção em que os dois trechos extraídos do texto apresentam, respectivamente, linguagem predominantemente denotativa e linguagem predominantemente conotativa.**

a) "No caso, porém, de um poema de mais objetividade, como o Romanceiro, muitas coisas podem ser explicadas" (l.10-11) / "era preciso iluminar esses caminhos anteriores, seguir o rastro do ouro que vai, a princípio como o fio de um colar, ligando cenas e personagens, até transformar-se em pesada cadeia que prende e imobiliza num destino doloroso" (l.33-36)

b) "Quatro anos de quase completa solidão – numa renúncia total às mais sedutoras solicitações, entre livros de toda espécie relativos ao especializadamente século 18 – ainda pareceram curtos demais para uma obra que se desejava o menos imperfeita possível" (l. 25-28) / "Mas porque esses grandiosos acontecimentos já vinham preparados de tempos mais antigos e foram o desfecho de um passado minuciosamente construído" (l.32 e 33)

c) "A obra de arte não é feita de tudo – mas apenas de algumas coisas essenciais" (l. 3 e 4) / "Grande parte de tudo isso se realiza, decerto, sem inteira consciência do artista" (l. 7-8)

d) "porque se impunha, acima de tudo, o respeito por essas vozes que falavam, que se confessavam, que exigiam, quase, o registro da sua história" (l. 28 e 29) / "É a decorrência natural da sua constituição, da sua personalidade – por isso, tão difícil se torna quase sempre a um criador explicar a própria criação" (l. 9-10)

e) "A voz irreprimível dos fantasmas, que todos os artistas conhecem, vibra, porém, com certa docilidade, e submete-se à aprovação do poeta, como se

realmente, a cada instante, lhe pedisse para ajustar seu timbre à audição do público" (l. 19-22) / "E era uma história feita de coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições" (l. 30-31)

Gabarito: A

De acordo com a exigência feita no enunciado da questão, o primeiro fragmento deve ser estruturado com termos em sentido denotativo, oficial, havendo a mínima, ou nenhuma, participação de linguagem figurada. Já o segundo fragmento deve ser composto com elementos no sentido conotativo, ou seja, em sentido diferente do previsto pelos dicionários em face de uma imposição do contexto. A alternativa A é a única que contém essa característica, uma vez que, no primeiro fragmento, não há nenhum termo empregado em sentido figurado; já, no segundo fragmento, a presença de conotação se faz presente em várias ocorrências: "caminhos" empregado no sentido de fatos, acontecimentos; em "rastro dou ouro", o ouro não pode deixar rastro; também a personificação de "rastro do ouro", capaz de prender e imobilizar – verbos também no sentido conotativo, pois a prisão e a imobilização estariam no sentido figurado. Na alternativa B, os dois fragmentos são predominantemente denotativos, embora no segundo fragmento haja a ocorrência de um exemplo de conotação: "construir (termo usado para obras) um passado. Contudo, é de bom alvitre ressaltar que se trata de apenas um exemplo, o que descaracteriza a predominância de um estilo. Na alternativa C, os dois fragmentos são predominantemente denotativos. Na alternativa D, o primeiro fragmento possui predominância conotativa – a prosopopeia. O tema, a própria poesia terem voz já impõe a conotação, e a voz poder falar, confessar, agir corrobora ainda mais para tal caracterização; o segundo fragmento possui predominância denotativa. Na alternativa E, novamente há a prosopopeia no primeiro fragmento; já no segundo não há intervenção de linguagem figurada.

86. Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não

tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto, assinale a opção correta.

a) Vinicius de Moraes ressalta a conduta de Niemeyer, que, fundamentada em concepção materialista e visão social de seu trabalho, está pautada na busca de condições sociais benéficas para os cidadãos.

b) Vinicius de Moraes, na condição de causídico de Oscar Niemeyer, alerta para a injusta ausência de reconhecimento da capacidade de luta do arquiteto para a implementação de projetos que visem ao bem comum, dos quais a construção de Brasília é exemplo.

c) Infere-se do texto que Oscar Niemeyer, em razão das severas críticas a seu trabalho arquitetônico realizado em Brasília, contrariou sua "mansidão costumeira" e escreveu um artigo em que faz a apologia da obra criada nessa cidade.

d) Vinicius de Moraes atribui a emoção nele despertada pela leitura do mencionado artigo-reportagem não só à forma dramática de relato dos fatos, mas, principalmente, à afinidade entre ele e Niemeyer no que concerne a crenças sobre a vida e a morte, parte delas referidas no depoimento do amigo Oscar.

e) Por ser um indivíduo consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser

mortal, Oscar Niemeyer, segundo afirma Vinicius de Moraes, manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

Gabarito: A

A visão de Niemeyer é materialista, conforme se expressa no fragmento "Oscar não acredita em Papai do Céu"; possui visão social de seu trabalho, segundo o fragmento "no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim.

A alternativa B apresenta comentário inadequado, visto que a intenção de Vinicius de Moraes não é defender – ser causídico de – Niemeyer, mas sim expor que se emocionou com o seu depoimento. A alternativa C apresenta comentário falso quando informa que o texto de Niemeyer objetivava realizar apologia da obra. A alternativa D é absurda, sobretudo pelo fato de o texto não informar sequer o posicionamento de Vinicius acerca de aspectos religiosos ou espirituais. A alternativa E apresenta falsa relação causa-efeito: a consequência de Oscar Niemeyer ser consciente de sua fragilidade e da precariedade de ser mortal é que não há tempo a perder, que é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, e não que manifesta modéstia incomum, desprovida de hipocrisia.

87. **Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às estruturas linguísticas do texto.**

1 – No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

2 – Ao empregar as expressões "Papai do Céu" (l.14) e "verdes pastagens do Paraíso" (l.15), o autor do texto demonstra neutralidade em relação ao universo de crenças que elas representam.

3 – O emprego de adjetivos no grau superlativo absoluto, como "mais emocionantes" (l.1), "mais antiautopromocionais" (l.7), "tão frágil e precário" (l.13), produz o efeito de exaltação da superioridade dos atributos técnico e criativo de Oscar Niemeyer em relação a outros brasileiros notáveis.

4 – O uso da expressão "mais antiautopromocionais" (l.7) indica a opção do autor do texto por forma prolixa, dada a presença de dois prefixos no vocábulo adjetivo, em detrimento da concisão que seria proporcionada pela escolha da forma equivalente menos autopromocional, a qual manteria o efeito retórico

desejado.

Gabarito:

1 – Certo. A função emotiva é clara. A ocorrência de elementos subjetivos e da primeira pessoa do singular denotam a emotividade, a expressividade, o que claramente se denuncia na última passagem do texto: "como não me emocionar?". Apesar de o texto não ser poético, a função poética também se faz presente, dado que se observam expressões conotativas, como Papai do Céu, Brasílias, angélicas, verdes pastagens do paraíso. Além disso, as repetições de estruturas estabelecem ritmos em alguns fragmentos "É a modéstia **dos** criadores verdadeiramente integrados com a vida, **dos** que sabem que não há tempo a perder"; "Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante **no** aproveitamento das pastagens verdes da Terra; **no** exemplo do trabalho para o bem comum e **na** criação de condições urbanas e rurais".

2 – Errado. Justamente por não empregar tais conotações, o autor do texto já dá indícios de sua relação com a espiritualidade.

3 – Errado. Não se trata de superlativo absoluto, mas sim de superlativo relativo, que indica a comparação de um ser com a totalidade. Por exemplo, quando Vinicius de Moraes informa que Oscar Niemeyer foi um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida, ele o está comparando com a totalidade, mas – repita-se – não se trata de superlativo absoluto, e sim de relativo.

4 – Errado. Evidentemente o efeito retórico é diferente. Quando se diz que o ser é antiautopromocional significa que se opõe (anti) a fazer um promoção de si próprio (auto). Quando se informa que menos autopromocional, o sentido é que ele apenas não se (auto) promove, mas não chega a estabelecer relação de oposição a tal.

88. **Acerca dos mecanismos de coesão empregados no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.**

1 – Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim" (l.18), não é facultada a seguinte reescrita: que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.

2 – A elipse em "nem que estará" (l.14) e o emprego do pronome anafórico "ele"

(l.15) são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar" (l.21).

3 – Na linha 3, o vocábulo "arquiteto" retoma por substituição o nome próprio "Oscar Niemeyer", empregado na linha 2, mecanismo que corresponde a uma variedade de metonímia e por meio do qual se evita a repetição de vocábulo.

4 – O período que finaliza o primeiro parágrafo está na ordem inversa, como indica o emprego inicial da conjunção "Pois", que introduz uma oração subordinada anteposta à oração principal.

Gabarito:

1 – Certo. Em face de o pronome demonstrativo "este" ter valor catafórico, ou seja, referindo-se à oração seguinte "fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.", não se pode distanciá-lo do sinal de dois-pontos.

2 – Certo. Como o sujeito "Oscar" já apareceu na oração anterior, não havia necessidade de repeti-lo, caracterizando a elipse. Depois o pronome ele refere-se novamente a Oscar, visto que era o Oscar Niemeyer que "punha felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra…".

3 – Errado. Primeiramente não há metonímia. Segundo a intenção do autor do texto não era, com o termo "arquiteto", retomar "Oscar Niemeyer" e sim mostrar as duas facetas dele: a do arquiteto, profissional genial, e a do ser humano.

4 – Errado. Não há inversão. A conjunção "pois" introduz um período que funciona como uma explicação para o fato exposto no período anterior. Inclusive os fragmentos poderiam ocorrer unidos "Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas, pois (porque) Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.".

89. **CARTA PARA ANTONIO CARLOS JOBIM**

Porto do Havre [França], 7 de setembro de 1964

Tomzinho querido,

Estou aqui num quarto de hotel que dá para uma praça que dá para toda a solidão do mundo. São dez horas da noite e não se vê viv'alma. Meu navio só sai

amanhã à tarde, e é impossível alguém estar mais triste do que eu. E, como sempre nestas horas, escrevo para você cartas que nunca mando.

Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil, que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden Powell mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone.

Você já passou um 7 de setembro, Tomzinho, sozinho, num porto estrangeiro, numa noite sem qualquer perspectiva? É fogo, maestro!

MORAES, Vinicius de. Querido poeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, organização de Ruy Castro, p. 303-4 (com adaptações).

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos às ideias do texto acima.

1 – O emprego, no texto, das expressões coloquiais "cairia muito bem" (l.8) e "mandando brasa" (l.8) indica a informalidade com que Vinicius de Moraes escreve a seu destinatário.

2 – Pelo emprego da expressão "todo mundo" (l.9-10), pressupõe-se que, além do embaixador, outros amigos e colegas de trabalho de Vinicius de Moraes, sem que se possa saber quantos, telefonaram-lhe do Brasil.

3 – Infere-se da carta de Vinicius de Moraes a Antonio Carlos Jobim que o poeta brasileiro, também diplomata, estava em missão profissional na cidade do Havre por ocasião de uma data nacional brasileira, embora manifestasse preferência por estar em outro lugar.

4 – Na carta a Antonio Carlos Jobim, a menção a correspondências que nunca eram enviadas sugere que havia temas confidenciais que só poderiam ser tratados pelo remetente e pelo destinatário da carta de 7 de setembro de 1964 em encontro pessoal.

Gabarito:

1 – Certo. O emprego de gírias, as conotações, a informalidade e a emotividade sugerem intimidade entre o autor da carta e o destinatário.

2 – Errado. Na realidade ele não recebeu o telefonema. Foi o próprio Vinicius que telefonou para a embaixada e lá todo mundo veio ao telefone.

3 – Errado. Não há elementos suficientes no texto que permitam a inferência de

que Vinicius estava em Havre a trabalho.

4 – Errado. Não necessariamente essas cartas tinham cunho político. Por exemplo, essa tinha cunho emocional, pessoal. As cartas não eram remetidas talvez por preguiça, mas não porque obrigatoriamente compreendiam temas confidenciais.

90. Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida, abri um pouco a janela a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela, ouvi lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco, senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

A chuva parou. O mais difícil era saber parar as lágrimas.

O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas. Não gosto de despedidas porque elas têm esse cheiro de amizades que se transformam em recordações molhadas com bué de lágrimas. Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros* que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da avó Agnette.

Ficamos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

– Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

– Vão pra casa, filho.

– Tantas vezes de um lado para o outro?

– Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. – É uma coisa que se encontra.

*Mujimbeiro: fofoqueiro.

Ondjaki. Os da minha rua. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 145-6 (com adaptações).

Assinale a opção em que a interpretação apresentada, com relação ao

estado de espírito do narrador do texto, está de acordo com o que se pode depreender do parágrafo indicado.

a) Quarto parágrafo: insegurança por ser obrigado a se afastar da família.
b) Quinto parágrafo: entusiasmo na contemplação gratuita da natureza.
c) Primeiro parágrafo: regozijo diante do início de uma nova fase da vida.
d) Segundo parágrafo: tristeza por não conseguir conter o choro.
e) Terceiro parágrafo: desconforto ao ter de lidar com um momento de ruptura.

Gabarito: E

A alternativa é inadequada, pois ele não foi obrigado a afastar-se da família. A alternativa B também está incorreta, pois em momento algum do texto ele demonstra entusiasmo. Também a alternativa C é inviável, já que ele não demonstra regozijo – prazer – diante da situação. Na alternativa D, a tristeza é por afastar-se da família, da rua, dos amigos, e não porque chorou. A alternativa E é a única que apresenta comentário adequado, porquanto o desconforto fica explicitado sobretudo quando ele esclarece que não gosta de despedidas.

91. **A respeito do texto, julgue (C ou E) os itens que se seguem.**

1 – O fato de o texto ter sido escrito na primeira pessoa do singular justifica o emprego da linguagem sinestésica em trechos como "O mundo tinha aquele cheiro da terra depois de chover e também o terrível cheiro das despedidas" (l.10-11), recurso inviável em textos escritos na terceira pessoa.

2 – No trecho "Não gosto de despedidas porque elas chegam dentro de mim como se fossem fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança" (l.11-15), o narrador apresenta, por meio de uma comparação, uma das razões de não gostar de despedidas, caracterizando, de forma restritiva, o elemento com que compara as despedidas.

3 – Os sentidos e a correção gramatical do primeiro parágrafo do texto seriam mantidos e as relações sintáticas estariam bem identificadas caso o autor tivesse adotado, nesse trecho, a seguinte pontuação: Deixei os braços pousarem na madeira inchada e úmida; abri um pouco a janela, a pensar que isso de olhar a chuva de frente podia abrandar o ritmo dela; ouvi, lá embaixo, na varanda, os passos da avó Agnette, que se ia sentar na cadeira da varanda a apanhar ar fresco; senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os

outros: os da minha rua; senti que rua não era um conjunto de casas, mas uma multidão de abraços; a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia, ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância.

4 – Do trecho "a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância" (l.7 e 8) depreende-se que a rua em que o narrador morava passou a ter, para ele, sentido mais significativo.

Gabarito:

1 – Errado. Inicialmente não houve sinestesia nesse fragmento. Há uma metáfora, com o vocábulo "cheiro" sendo utilizado com valor de "sentimento". Além disso, pode ha ver obviamente a sinestesia sendo empregada a terceira pessoa, como se pode observar no seguinte exemplo: Observou-se o som que vinha do outro povoado.

2 – Certo. O emprego da conjunção "como" estabelece a comparação entre "as despedidas no coração do autor" e os "fantasmas mujimbeiros que dizem segredos do futuro que eu nunca pedi a ninguém para vir soprar no meu ouvido de criança". O pronome relativo "que" introduz oração subordinada adjetiva que restringe o sentido de "fantasmas mujimbeiros", termo comparado às despedidas.

3 – Certo. Várias orações coordenadas assindéticas encontravam-se separadas por vírgulas. A ausência do conector permite que tal separação seja demarcada por vírgula ou por ponto-e-vírgula.

4 – Certo. Para o autor, a rua, até então, era apenas um nome. Quando se aproxima o momento em que ele vai afastar-se dela, compreende o seu significado, o seu valor, a sua importância, o que ela, enfim, representou: a sua infância.

92. **Acerca do vocabulário, das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue (C ou E) os próximos itens.**

1 – Da leitura do texto depreende-se que, para o narrador, o sentido de casa, no momento da despedida, incluía a sua infância, os pais, as irmãs e a avó.

2 – Como a frase "O recomeçar das coisas" (l.18) resume o que o narrador depreendeu da situação relatada na frase anterior a ela, seriam preservados a

correção gramatical e os sentidos do trecho se o ponto final após "caminhadas" fosse substituído por dois-pontos ou por travessão, com o devido ajuste na inicial maiúscula.

3 – O vocábulo "bué" (l.12), formado a partir da reprodução aproximada do som natural do choro, evidencia uso de linguagem informal no texto.

4 – Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas" (l.17-18).

Gabarito:

1 – Certo. Fato que se expõe no seguinte fragmento "senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó".

2 – Certo. O emprego de dois-pontos seria adequado, visto que a expressão "O recomeçar das coisas" funciona como uma síntese para os fatos redigidos no período anterior.

3 – Anulada. Justificativa do Cespe-UnB: A palavra "bué" tanto pode ser empregada, no texto, como vocábulo do português brasileiro de origem onomatopeica quanto pode ter sido empregado pelo autor angolano, com o sentido de "muito", "grande quantidade" (vocábulo de origem portuguesa ou, talvez, originária do quimbundo, língua falada em Angola.

4 – Como a preposição afasta o verbo do termo com que faz a concordância, tanto se pode usar o infinitivo pessoal (flexionado na terceira pessoa do plural) como o infinitivo impessoal, sem flexão.

93. Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d'Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d'hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.

Deus meu! Por uma questão banal de química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedoria infinita, esmagadora, irrevogável! (...)

Ah! Esta minúscula humanidade, torcida, enroscada, assaltando as almas com a ferocidade de animais bravios, de garras aguçadas e dentes rijos de carnívoro, é que não pode compreender-me.

Sim! Tu é que não podes entender-me, não podes irradiar, convulsionar-te nestes efeitos com os arcaísmos duros da tua compreensão, com a carcaça paleontológica do Bom Senso.

Sousa, Cruz e. Emparedado. In: Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961, p. 659-60 (com adaptações).

Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima, assinale a opção correta.

a) Na linha 15, o pronome pessoal "Tu" refere-se ao leitor, tratado de modo respeitoso pelo escritor com o objetivo de convencê-lo quanto à veracidade dos argumentos mencionados sobre a questão racial e aspectos do entendimento artístico.

b) Ao mencionar "a carcaça paleontológica do Bom Senso" (l.16-17), Cruz e Sousa indica que o estudo dos fósseis poderia derrubar os mitos científicos sobre a raça que vigoravam na sua época.

c) Nesse texto, Cruz e Sousa questiona o rigor das explicações científicas e menciona uma "ciência d'hipóteses" (l.5) para mostrar o relativismo do conhecimento e as distorções a que muitos analistas podem chegar ao defenderem as suas teses.

d) Cruz e Sousa demonstra que a ciência ainda não se desenvolveu plenamente nos países novos, o que impede a explicação de alguns fatos que ocorrem somente ali.

e) Ao empregar a expressão "Esta minúscula humanidade" (l.12), o poeta faz referência a um grupo específico de pessoas que, como menciona no parágrafo anterior do texto, não pode ser confundido com o grupo constituído de "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados" (l.9).

Gabarito: C

A alternativa A é inadequada, dado que não há respeito ao interlocutor, até porque este é incapaz de compreender a visão do autor.

A alternativa B é incorreta, uma vez que a expressão "a carcaça paleontológica do Bom Senso" é usada com ironia para indicar a pouca flexibilidade de uma teoria,

a dureza de uma compreensão. Carcaça é algo duro, impenetrável. Paleontologia é uma ciência que estuda animais e vegetais fósseis. Portanto, o Bom Senso teria a dureza dos conhecimentos fossilizados.

A alternativa C é correta porquanto questiona a visão que se tem dos novos países e seus povos. Povos que já sofrem com a condição inviável do meio e que sofrem também com a imagem que possuem de serem incapazes – segundo a tal ciência d'hipóteses – para as funções de Entendimento.

A alternativa D é absurda, pois a crítica feita é o preconceito que se tem quanto aos povos presentes nesses novos países que seriam incapazes para as funções de Entendimento.

A alternativa E é errada, pois o termo "Esta minúscula humanidade" refere-se à queles que agem com preconceito, baseados em conceitos fossilizados e inflexíveis, e são os mesmos seres que os denominados em "alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados".

94. **Por que o novo presidente do FMI não pode ser europeu**

Der Spiegel

Thorsten Benner

Dominique Strauss-Kahn está na cadeia, e o debate a respeito do seu sucessor na direção do FMI já teve início. A chanceler alemã Angela Merkel quer que outro europeu ocupe o cargo. Mas isso seria um sinal fatal para potências emergentes como China e Índia.

A impressão foi que eles tinham as melhores das intenções. Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres. "Nós concordamos que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático", dizia a declaração dos líderes na conclusão do encontro. Em outras palavras, os europeus abriram mão do privilégio de escolher o presidente do FMI.

Mas agora, com as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo, a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa.

Infere-se do primeiro parágrafo que:

a) o diretor do FMI está na cadeia;
b) já estão acontecendo debates sobre quem vai assumir a direção do FMI;
c) outro europeu assumir a direção do FMI seria um sinal fatal para a China e a Índia;
d) Dominique Strauss-Kahn é europeu;
e) outros países emergentes como o Brasil e o México desejam que outro europeu assuma o FMI.

Gabarito: D.

É fundamental o candidato atentar-se ao enunciado. Lá se exige algo implícito, algo que se deduz a partir do texto. A única alternativa que apresenta informação incoerente – e por isso deve ser a primeira eliminada – é a alternativa E. Em momento algum foi dito ou insinuado que o Brasil e o México desejavam que outro europeu assumisse o FMI. As alternativas A, B e C não servem como resposta, embora apresentem assertivas coerentes com o texto, uma vez que tais informações se apresentam de forma explícita e não subentendida. A alternativa D é a única coerente que o leitor efetivamente deduz. O texto não diz Dominique Strauss-Kahn é europeu. É algo que se deduz a partir da informação de que a chanceler alemã Angela Merkel quer que <u>outro europeu</u> ocupe o cargo. Portanto, se a chanceler alemã pretende que outro europeu assuma o cargo, pode-se inferir que Dominique Strauss-Kahn é europeu.

95. **O que informa o autor no segundo parágrafo?**

a) Europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções quando decidiram deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
b) Europeus e norte-americanos deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.
c) Que os presidentes e líderes graduados das instituições financeiras internacionais deverão ser nomeados por meio de um processo de seleção aberto, transparente e meritocrático.
d) O acordo de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI foi feito em 2009 na reunião do G20 em Londres.
e) O processo de seleção aberto e meritocrático é o mais justo em todos os

sistemas de nomeações.

Gabarito: D.

Fundamental o candidato atentar-se ao fato de está sendo exigida uma informação explícita no texto e que tal informação provenha do autor. A alternativa A não serve como resposta, uma vez que o autor não informa que europeus e norte-americanos possuíam as melhores intenções, mas sim que **"a impressão" (a sensação, não a certeza)** era a de que eles tinham as melhores das intenções. A opção B apresenta comentário incoerente, pois europeus e norte-americanos, até o momento, ainda não deixaram de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. A opção C apresenta declaração não do autor, mas sim dos líderes ao fim da reunião do G20. A alternativa D é uma reprodução fiel de informação explícita em dois períodos do parágrafo: "Em 2 de abril de 2009, europeus e norte-americanos indicaram a sua intenção de deixar de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI). O acordo foi feito naquele ano na reunião do G20, em Londres.". É importante ressaltar que, apesar o primeiro período falar apenas em "indicação de intenção", o segundo já expõe ter havido um acordo para europeus e norte-americanos deixarem de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI. Já a alternativa E apresenta um comentário coerente, porém se trata de uma inferência, porquanto em momento algum é informado que esse sistema aberto e meritocrático é o mais justo.

96. **Sobre o terceiro parágrafo, julgue os seguintes itens.**

I – **O emprego de "agora" explicita a época em que o texto é redigido e sugere que, na identificação dos implícitos, há um pressuposição.**

II – **O emprego da preposição estabelece nexo causal.**

III – **Pode-se depreender do parágrafo que a chanceler alemã olvidou-se da promessa de que europeus e norte-americanos deixariam de dividir entre si os cargos de liderança do Banco Mundial e do FMI.**

Que comentários foram feitos com correção?

a) Nenhum.

b) Somente I e II.

c) Todos.

d) Somente II e III.

e) Somente I e III.

Gabarito: B.

O comentário I apresenta informação adequada, porquanto a referência de presente é sempre o momento em que o texto é confeccionado. Portanto, o "agora" não representa o momento em que lemos o texto, mas sim aquele em que escrito. Além disso, o emprego desse vocábulo permite a identificação de uma pressuposição, no campo dos implícitos: a de que antes a chanceler alemã procedia de uma forma e "agora" de outra.

O comentário II também adequado, porque existe uma relação de causa e efeito entre "com (por causa de, em virtude de) as acusações de ataque sexual contra o atual presidente da instituição, Dominique Strauss-Kahn, e a provável necessidade de substituí-lo" (causa) – a chanceler alemã Angela Merkel parece ter esquecido a promessa (consequência).

O comentário III é inadequado, uma vez que o texto trabalha no campo da possibilidade (PARECE TER ESQUECIDO) e não no campo da certeza (olvidou-se).

Da questão 97 a 100 – CARGO – TÉCNICO EM CONTABILIDADE da UFRJ – NCE

CIDADE MARAVILHOSA?

Os camelôs são pais de famílias bem pobres, e, então, merecem nossa simpatia e nosso carinho; logo eles se multiplicam por 1000. Aqui em frente à minha casa, na Praça General Osório, existe há muito tempo a feira hippie. Artistas e artesãos expõem ali aos domingos e vendem suas coisas. Uma feira um tanto organizada demais: sempre os mesmos artistas mostrando coisas quase sempre sem interesse. Sempre achei que deveria haver um canto em que qualquer artista pudesse vender um quadro; qualquer artista ou mesmo qualquer pessoa, sem alvarás nem licenças. Enfim, o fato é que a feira funcionava, muita gente comprava coisas – tudo bem. Pois de repente, de um lado e outro, na Rua Visconde de Pirajá, apareceram barracas atravancando as calçadas, vendendo de tudo – roupas, louças, frutas, miudezas, brinquedos, objetos usados, ampolas de óleo de bronzear, passarinhos, pipocas, aspirinas, sorvetes, canivetes. E as praias foram invadidas por 1000 vendedores. Na rua e na areia, uma orgia de cães. Nunca vi tantos cães no Rio, e presumo que muita gente anda com eles para se defender de assaltantes. O resultado é uma sujeira múltipla, que exige cuidado do pedestre para não pisar

naquelas coisas. E aquelas coisas secam, viram poeira, unem-se a cascas de frutas podres e dejetos de toda ordem, e restos de peixes da feira das terças, e folhas, e cusparadas, e jornais velhos; uma poeira dos três reinos da natureza e de todas as servidões humanas.

Ah, se venta um pouco o noroeste, logo ela vai-se elevar, essa poeira, girando no ar, entrar em nosso pulmão numa lufada de ar quente. Antigamente a gente fugia para a praia, para o mar. Agora há gente demais, a praia está excessivamente cheia. Está bem, está bem, o mar, o mar é do povo, como a praça é do condor – mas podia haver menos cães e bolas e pranchas e barcos e camelôs e ratos de praia e assaltantes que trabalham até dentro d'água, com um canivete na barriga alheia, e sujeitos que carregam caixas de isopor e anunciam sorvetes e quando o inocente cidadão pede picolé de manga, eis que ele abre a caixa e de lá puxa a arma. Cada dia inventam um golpe novo: a juventude é muito criativa, e os assaltantes são quase sempre muito jovens.

Rubem Braga

97. **O título do texto – cidade maravilhosa? – tem ao final um ponto de interrogação; com isso, o autor do texto expressa:**

a) uma pergunta ao leitor a fim de verificar a sua opinião;
b) um questionamento sobre o futuro da cidade do Rio de Janeiro;
c) uma dúvida sobre a qualidade de vida na cidade;
d) uma reflexão sobre as belezas da capital carioca;
e) uma opinião dos mais pobres sobre as condições de vida na cidade.

Gabarito: C.

As alternativas D e E são excluídas automaticamente, em face de haver uma interrogação, um questionamento. Elimina-se também a alternativa A, pelo fato de não ter cabimento a possibilidade de verificar-se a opinião do autor. A alternativa B também não pode ser a resposta, visto que a crítica é sobre um problema atual e não uma preocupação quanto ao futuro da cidade. A alternativa C acaba por ser a única coerente, pois os problemas listados no texto – o excesso de camelôs atravancando as ruas; o excesso de vendedores, ladrões e cães nas praias; a sujeira nas ruas e praças – implicam um prejuízo à qualidade de vida dos cariocas.

98. **"logo eles se multiplicam por 1000"; "E as praias foram invadidas por 1000 vendedores". O número 1000, nesses dois segmentos do texto:**

a) referem-se aos mesmos vendedores, em momentos diferentes;
b) indicam uma quantidade indeterminada de vendedores;
c) mostram somente uma ideia de grande quantidade;
d) representam o enorme progresso da cidade;
e) demonstram o crescimento desordenado da cidade.

Gabarito: C.

Quando o autor emprega o número 1000, objetiva demonstrar que a quantidade de camelôs e vendedores aumentou muito. Esse exagero, essa hipérbole enfatizam esse aumento.

99. **O autor critica basicamente dois tipos de poluição, que são:**
a) ambiental e visual;
b) visual e sonora;
c) sonora e marinha;
d) marinha e social;
e) social e ambiental.

Gabarito: A.

A poluição ocorre inicialmente no aspecto ambiental, visto que a crítica é feita à forma como estão as ruas, as praças, as praias. Tais problemas mencionados acabam também por comprometer o aspecto visual, pois há excesso de barracas nas ruas, as praias encontram-se extremamente cheias. É de bom alvitre observar que, em momento algum do texto, é mencionada uma crítica em relação à poluição sonora ou social. Não se fala de ruídos, música em som alto etc., como também nada se informa a respeito de que a poluição é gerada por classes sociais menos favorecidas.

100. **"os assaltantes são quase sempre muito jovens"; a maneira de reescrever-se essa mesma frase que mantém o seu sentido original é:**
a) são quase sempre bem jovens os assaltantes;
b) muitos assaltantes são quase sempre jovens;
c) os assaltantes são sempre quase jovens;
d) quase muitos jovens são sempre assaltantes;
e) são quase sempre jovens muitos assaltantes.

Gabarito: A.

É necessário atenção para fazer essa questão. Na frase original, "jovens" é

adjetivo que está intensificado pelo advérbio muito. Então os assaltantes não são apenas jovens, mas, sim, muito – excessivamente – jovens. Na alternativa B, o advérbio "muito" foi transformado em pronome indefinido atrelado a "assaltantes", e o adjetivo não está intensificado. Na C, "jovens" não está intensificado. Na D, "jovens" está substantivado, e "muitos" se torna pronome indefinido, o que gera alteração semântica; além disso, o posicionamento de "quase" faz com que a frase sequer tenha sentido. Na alternativa E, "jovens" não vem intensificado. A alternativa A é uma paráfrase, dado que a substituição de "muito" por "bem" – com valor de intensidade – conserva a ideia original.

Bibliografia

1. ALENCAR José de. O Guarani 7. ed. Minerva: São Paulo; 1965.
2. ALVES Castro. Espumas Flutuantes Record: Rio de Janeiro; 1997.
3. AQUINO Renato Monteiro de. Interpretação de Textos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
4. Português para Concursos (Série Provas e Concursos). Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2005.
5. ASSIS Joaquim Maria Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
6. Dom Casmurro. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1998.
7. AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Publifolha.
8. BECHARA Evanildo. Gramática Escolar da Língua Portuguesa Lucerna: Rio de Janeiro; 2003.
9. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro; 2001.
10. BARRETO Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma 3. ed. Ática: São Paulo; 1987.
11. CÂMARA Jr Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa 35. ed. Vozes: Petrópolis; 2002.
12. CAMÕES Luís Vaz de. Os Lusíadas Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1997.
13. CARNEIRO Agostinho Dias. Redação em Construção 2. ed. Moderna: São Paulo; 2003.
14. CUNHA Euclides da Cunha. Os Sertões Edição única. Editora Abril 1969.
15. CUNHA Celso Ferreira da. Gramática da Língua Portuguesa 10. ed. FAE 1984.
16. CUNHA Celso Ferreira da, CINTRA Luís Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo 3. ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1997.
17. DUBOIS Jean. Dicionário de Linguística Cultrix: São Paulo; 1993.
18. FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio. Nova Fronteira: Rio de Janeiro; 1975;.
19. FIGUEIREDO Fernando. Português no Concurso Público. 2. ed. Edição do autor 1999.
20. FURTADO Lilian, PEREIRA Vinícius Carvalho. Técnicas de Redação para Concursos. 1.ed. 2010; Editora Método.
21. GARCIA Othon Moacyr. Comunicação em Prosa Moderna. 20. ed. FGV: Rio de Janeiro; 2001.
22. GUIMARÃES Bernardo. A Escrava Isaura. Edição especial. 1998; Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América.
23. HOUAISS Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Objetiva: São Paulo; 2001.

24. IDA Manuel Said Ali. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. 6. ed. Edições Melhoramentos: São Paulo; 1966.

25. KOCH Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

26. LIMA Carlos Henrique de Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 25. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1985.

27. LUFT Celso Pedro. Moderna Gramática Brasileira. 2. ed. Globo: Rio de Janeiro; 2002.

28. MARCUSCHI Luis Antônio. Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão. 3. ed. Parábola editorial: São Paulo; 2008.

29. NEVES Maria Helena de Moura. Texto e Gramática. Editora Contexto: São Paulo; 2006.

30. Gramática de usos do português.. Ed. UNESP.

31. OLÍVIA, Madre. Semântica e a natureza da língua. Ed. Vozes.

32. Semântica num confronto entre duas análises de português.. Ed. Maceió.

33. PAULIUKONIS Maria Aparecida Lino, SANTOS Leonor Werneck dos. Estratégias de leitura: texto e ensino Editora Lucerna: Rio de janeiro; 1998.

34. PESSOA Fernando. Poemas Escolhidos O Globo. 1997; Klick Editora.

35. POMPÉIA Raul. O Ateneu O Globo. 1997; Klick Editora.

36. QUEIRÓS Eça de. A relíquia O Globo. 1997; Klick Editora.

37. O Primo Basílio. Edição única Abril Cultural: São Paulo; 1969.

38. Ramos Graciliano. São Bernardo. 3. ed. José Olympio: Rio de Janeiro; 1947.

39. REIS Otelo. Breviário da Conjugação de Verbos. 54. ed. 2001; Editora Villa Rica.

40. RIBEIRO Manoel Pinto. Gramática Aplicada da Língua Portuguesa. 15. ed. Metáfora Editora: Rio de Janeiro; 2005.

41. ROSENTHAL Marcelo. Gramática para concursos. Editora Campus/Elsevier: Rio de Janeiro; 2006.

42. SABINO Fernando. A Mulher do Vizinho. Edição Integral Círculo do Livro: São Paulo; 1962.

43. VERISSIMO Luis Fernando. As Mentiras que os Homens Contam. Objetiva: Rio de Janeiro; 2001.

Apostila de Interpretação de Texto e Redação

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

01. Ler todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto;
02. Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura,vá até o fim, ininterruptamente;
03. Ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos umas três vezes ou mais;
04. Ler com perspicácia, sutileza, malícia nas entrelinhas; (Durante a interpretação grife palavras-chave, passagens importantes)
05. Voltar ao texto tantas quantas vezes precisar;
06. Não permitir que prevaleçam suas idéias sobre as do autor;
07. Partir o texto em pedaços (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
08. Centralizar cada questão ao pedaço (parágrafo, parte) do texto correspondente;
09. Verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
10. Cuidado com os vocábulos: destoa (= diferente de), não, correta, incorreta, certa, errada, falsa, verdadeira, exceto, respectivamente e outras; palavras que aparecem nas perguntas e que, às vezes, dificultam a entender o que se perguntou e o que se pediu;
11. Quando duas alternativas lhe parecem corretas, procurar a mais exata ou a mais completa;
12. Quando o autor apenas sugerir idéia, procurar um fundamento de lógica objetiva;
13. Cuidado com as questões voltadas para dados superficiais;
14. Não se deve procurar a verdade exata dentro daquela resposta, mas a opção que melhor se enquadre no sentido do texto;
15. Às vezes a etimologia ou a semelhança das palavras denuncia a resposta;
16. Procure estabelecer quais foram as opiniões expostas pelo autor, definindo o tema e a mensagem;
17. O autor defende idéias e você deve percebê-las;
18. Os adjuntos adverbiais e os predicativos do sujeito são importantíssimos na interpretação do texto. Ex.: Ele morreu de fome.
de fome: adjunto adverbial de causa, determina a causa na realização do fato (= morte de "ele"). Ex.: Ele morreu faminto.
faminto: predicativo do sujeito, é o estado em que "ele" se encontrava quando morreu.;
19. As orações coordenadas não têm oração principal, apenas as idéias estão coordenadas entre si;
20. Os adjetivos ligados a um substantivo vão dar a ele maior clareza de expressão, aumentando-lhe ou determinando-lhe o significado.

REDAÇÃO

A Redação no vestibular é uma forma de avaliar sua capacidade de reflexão, de crítica e de argumentação sobre determinado assunto.

O texto, sendo ele uma narração, dissertação, descrição, carta ou outro estilo qualquer, precisa manter a coerência e a coesão em seu desenvolvimento, e ao mesmo tempo, convencer e persuadir o leitor.

TIPOS DE REDAÇÃO

- ***Dissertação***

É o tipo de composição na qual expomos idéias gerais, seguidas da apresentação de argumentos que as comprovem.

- ***Narração***

É a modalidade de redação na qual contamos um ou mais fatos que ocorreram em determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens

- ***Descrição***

É o tipo de redação na qual se apontam as características que compõem um determinado objeto, pessoa, ambiente ou paisagem.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

- **INTRODUÇÃO**

É o primeiro parágrafo, deve ser breve e apresentar apenas informações sucintas sobre o tema abordado. Deve ter no máximo quatro linhas.
Pode-se iniciar a introdução com:
- uma afirmação;
- uma ou mais perguntas;
- uma retrospectiva histórica (falando sobre dados passados) ;
- dados estatísticos (desde que verídicos e atuais);
- uma narração.

TIPOS DE INTRODUÇÃO
ROTEIRO
O tema deverá estar presente na introdução.
suponhamos o tema:
A questão do menor no Brasil
Uma possível introdução seria:

Para se analisar a questão da violência contra o menor no Brasil é essencial que se discutam suas causas e suas conseqüências.
0 principal defeito em uma redação que utiliza este tipo de introdução é seguir outro roteiro que não seja o nela citado.

HIPÓTESE
A introdução traz o ponto de vista a ser defendido, a tese que se pretende provar durante o desenvolvimento

A questão da violência contra o menor tem origem na miséria - a principal responsável pela desagregação familiar.

0 principal risco desse tipo de introdução é não ser capaz de realmente comprovar a tese apresentada.

PERGUNTAS

Esta introdução constitui-se de uma série de perguntas sobre o tema.

Exemplo:

É possível imaginar o Brasil como um país desenvolvido e com justiça social enquanto existir tanta violência contra o menor?

O principal problema é não responder, ou responder de forma ineficaz, às vezes não se consegue atrair suficientemente a atenção do leitor.

HISTÓRICA

Esta introdução traça um rápido panorama histórico da questão, servindo muitas vezes de contraponto ao presente.

Às crianças nunca foi dada a importância devida. Em Canudos e em Palmares não foram poupadas. Na Candelária ou na praça da Sé continuam não sendo.

Deve-se escolher fatos históricos conhecidos e significativos para o desenvolvimento que se pretende dar ao texto.

COMPARARÃO - POR SEMELHANÇA OU OPOSIÇÃO

Procura-se neste tipo de introdução mostrar como o tema, ou aspectos dele, se assemelham - ou se opõem – a outros.

É comum encontrar crianças de dez anos de idade vendendo balas nas esquinas brasileiras. Na França, nos EUA ou na Inglaterra - países desenvolvidos – nessa idade as crianças estão na escola e não submetidas à violência das ruas.

É bastante importante que a comparação seja adequada e sirva a algum propósito bem claro - no caso, mostrar o subdesenvolvimento brasileiro na questão do menor.

DAFINIÇÃO

Parte da definição do significado do tema, ou de uma parte dele.

Menor: o mais pequeno, de segundo plano, inferior, aquele que não atingiu a maioridade. O uso da palavra "menor" para se referir às crianças no Brasil já demonstra como são tratadas: em segundo plano.

A escolha da definição mais adequada dependerá do ponto de vista a ser defendido.

CONTESTAÇÃO

Contesta uma idéia ou uma citação conhecida.

O Brasil é o país do futuro. A criança é o futuro do país. Ora, se a criança no Brasil passa fome, é submetida às mais diversas formas de violência física, não tem escola, nem saúde, como pode ser esse o país do futuro? Ou será que a criança não é o futuro do país?

Esse tipo de introdução pode ser bastante atraente, uma vez que desfazer clichês atrai mais a atenção do que usá-los.

NARRAÇÃO
Trata-se de contar um pequeno fato de relevância como ponto de partida para a análise do tema.

Sentar numa frigideira com óleo quente foi o castigo imposto ao pequeno D., de um ano e meio, pelo pai, alcoólatra. Temendo ser preso, ele levou a criança a um hospital uma semana depois. A mulher, também vítima de espancamentos, o denunciou à polícia. O agressor fugiu.

Deve-se tomar o cuidado para não cometer o erro de contar um fato sem relevância, ou transformar toda sua dissertação em uma narrativa.

ESTATÍSTICA
Consiste em se apresentar dados estatísticos relativos à questão a ser tratada.

Quarenta mil crianças morrem hoje no mundo, vítimas de doenças comuns combinadas com a desnutrição. Para cada criança que morre hoje, muitas outras vivem com a saúde debilitada. Entre os sobreviventes, metade nunca colocará os pés em uma sala de aula. Isso não é uma catástrofe futura. Isso aconteceu ontem, está acontecendo hoje. E irá acontecer amanhã, exceto se o mundo decidir proteger suas crianças.

Veja que o dado estatístico, muitas vezes, não diz nada por si só. É necessário que ele apareça acompanhado de uma análise criteriosa.

- # DESENVOLVIMENTO

Deve ser constituído de, no mínimo, dois parágrafos. É a parte da redação em que os argumentos são abordados. Cada argumento deve ser desenvolvido em um parágrafo distinto.

- **Exemplos de expressões utilizadas em parágrafos de desenvolvimento:**

EXEMPLOS DE EXPRESSÕES UTILIZADAS EM PARÁGRAFOS DE DESENVOLVIMENTO:

- **Confronto**
  "É possível que... no entanto..."
  "É certo que... entretanto..."
  "É provável que ... porém..."
- **Divisão de idéias**
  "Em primeiro lugar ...; em segundo ...; por último ..."
  "Por um lado ...; por outro ..."
  "Primeiramente, ...; em seguida, ...; finalmente, ..."
- **Enumeração**

“É preciso considerar que ..."
"Também não devemos esquecer que ..."
"Não podemos deixar de lembrar que..."

- **Uso de citações**
  "Segundo ..."
  "Conforme ..."
  "De acordo com o que afirma ..."

- **Reafirmação**
  "Compreende-se então que ..."
  "É bom acrescentar ainda que ..".
  "É interessante reiterar ..."
- **Exemplificação**
  "A fim de comprovar o que foi dito, ..."
  "Para exemplificar, ..."
  "Exemplo disso é ..."

- **Oposição de idéias**

"Por outro lado, ..."
"Em contrapartida, ..."
"Ao contrário do que se pensa, ..."
"Em compensação, ..."

- **Atenção a algumas expressões que podem ser utilizadas em seu texto:**

"Para tanto, ..."
"Para isso, ..."
"Além disso, ..."
"Se é assim, ..."
"Na verdade, ..."
"É fundamental que ..."
"Tudo isso é ..."
"Nesse momento, ..."
"De toda forma, ..."
"De tal forma que ..."
"Em ambos os casos, ..."
“Tudo isso é ..."
"Nesse momento, ..."
"De toda forma, ..."
"De tal forma que ..."
"Em ambos os casos, ..."

CONCLUSÃO

- **Este parágrafo deve concluir toda a redação, e não apenas o argumento do último parágrafo do desenvolvimento.**
- **Na conclusão, procure fazer sugestões, citações e uma síntese geral, objetiva do assunto.**
- **Nunca apresente informações novas; se ainda há argumentos a serem discutidos, não inicie a conclusão.**
- **Pode-se utilizar expressões iniciais do tipo:**
  - "Assim,..."
  - "Portanto,..."
  - "Mediante os fatos expostos,..."
  - "Dessa forma, ..."
  - "Diante do que foi dito ..."
  - "Em suma, ..."
  - "Em vista disso, pode-se concluir que ..."
  - "Finalmente, ..."
  - "Nesse sentido, ..."
  Pode-se fazer na conclusão uma:
  - sugestão

- advertência
- afirmação

COMO ELABORAR UMA BOA DISSERTAÇÃO

1. Ler atentamente o tema.
2. Reler o tema.
3. Interpretar o tema denotativamente:
4. Interpretar, se necessário, conotativamente o tema
5. Delimitar a idéia apresentada pelo tema
6. Decidir qual será o objetivo final de seu texto, ou seja, qual será a conclusão a que se quer chegar.
7. Refletir sobre os argumentos para chegar à conclusão escolhida.
8. Elaborar a dissertação.

A primeira providência é perguntar ao tema por quê?

Escolha duas ou três respostas, que serão utilizadas como argumentos no desenvolvimento.

Por exemplo:"As cidades modernas estão tornando-se desumanas." Por quê?

1. Tem ocorrido o inchaço populacional.
2. O trânsito torna-se a cada dia mais violento.
3. A poluição prejudica a saúde do homem.

INTRODUÇÃO:

TEMA: "As cidades modernas estão tornando-se desumanas."
Para elaborar a introdução, pode-se reescrever o tema, reestruturando-o sintaticamente. Para isso, utilize suas próprias palavras e apresente os três argumentos das respostas.

Por exemplo:

"Viver bem nas cidades modernas, a cada dia que passa, torna-se mais difícil, pois o número de habitantes tem aumentado exageradamente, a violência no trânsito tem se tornado incontrolável e os índices de poluição crescem cotidianamente, o que leva as metrópoles a serem consideradas desumanas."

DESENVOLVIMENTO:

O desenvolvimento da redação é a apresentação dos argumentos, cada um em um parágrafo diferente, utilizando elementos concretos, exemplos sólidos, que sejam importantes para a sociedade de um modo geral.

No primeiro parágrafo do desenvolvimento da redação citada, argumenta-se sobre as causas

e as conseqüências do inchaço populacional, exemplificando.

No segundo parágrafo,
discute-se acerca do trânsito, que está cada dia mais caótico e violento.

No terceiro parágrafo,
apresenta-se a poluição como elemento importante na discussão sobre a desumanização das cidades modernas.

CONCLUSÃO

Este parágrafo deve concluir toda a redação, e não apenas o argumento do último parágrafo do desenvolvimento. Tente buscar uma solução. A ela deve seguir-se uma reafirmação do tema e um comentário sobre os fatos mencionados ao longo da dissertação. Por exemplo:

"É imprescindível que todos os cidadãos se conscientizem de que cada um deve tentar minimizar os problemas urbanos, diminuindo os índices de poluição, racionalizando o trânsito e lutando por moradia decente para todos. Só assim se conseguirá viver humanamente nas cidades modernas."

Quando fizer o planejamento, antes de começar a redação, pergunte-se A que conclusão quero chegar com os argumentos que apresentarei?

Relação entre causa e conseqüência

Tema

Constatamos que no Brasil existe um grande número de correntes migratórias que se deslocam do campo para as médias ou grandes cidades.

Para encontrarmos uma causa, perguntamos:
Por quê? ao tema acima. Dentre as respostas possíveis, poderíamos citar o seguinte fato:

CAUSA:
A zona rural apresenta inúmeros problemas que dificultam a permanência do homem no campo.
No sentido de encontrar uma conseqüência para o problema enfocado no tema acima, cabe a seguinte pergunta:

O que acontece em razão disso? Uma das possíveis respostas seria:

CONSEQÜÊNCIA
As cidades encontram-se despreparadas para absorver esses migrantes e oferecer-lhes condições de subsistência e de trabalho.

Tema: A maior parte da classe política não goza de muito prestígio e confiabilidade por parte da população.

Causa: A maioria dos parlamentares preocupa-se muito mais com a discussão dos mecanismos que os fazem chegar ao poder do que com os problemas reais da população.

Conseqüência: Os grandes problemas que afligem o povo brasileiro deixam de ser convenientemente discutidos.

EXERCÍCIOS:

Apresentaremos alguns temas e você se incumbirá de encontrar uma causa e uma conseqüência para cada um deles. Escreva-as, seguindo o modelo apresentado acima:

1 Tema: As linhas de ônibus que percorrem os bairros das grandes metrópoles não têm demonstrado muita eficiência no atendimento a seus usuários.
Causa:
Conseqüência:

TEMA: A convivência familiar está muito difícil.
Causa:
Conseqüência:

As doenças infecto-contagiosas atingem particularmente as camadas mais carentes da população.
Causa:
Conseqüências:

Proposta de redação

A TV brasileira completa 50 anos. No início, houve quem considerasse o televisor mais um eletrodoméstico na casa. Hoje, sabe-se que ele não é só isso, a televisão é um modo de vida.

Redija um texto dissertativo, em prosa, com 30 linhas, analisando se a TV brasileira FORMA, INFORMA ou DEFORMA.

Tema proposto: Nenhum homem é uma ilha.

Primeiro, entender o tema.
Ilha = solidão, isolamento.
1. Transforme o tema em uma pergunta:
Nenhum homem é uma ilha?

2. Procure responder essa pergunta, de um modo simples e claro, concordando ou discordando (ou, ainda, concordando em parte e discordando em parte):

Essa resposta é o seu ponto de vista.

3. Pergunte a você mesmo, o porquê de sua resposta, uma causa, um motivo, uma razão para justificar sua posição:
Aí estará o seu argumento principal.

4. Agora, procure descobrir outros motivos que ajudem a defender o seu ponto de vista, a fundamentar sua posição.

Estes serão argumentos auxiliares.

5. Em seguida, procure algum fato que sirva de exemplo para reforçar a sua posição. Este fato-exemplo pode ser um fato da vida política, econômica, social ou um fato histórico. O fato-exemplo, geralmente, dá força e clareza à nossa argumentação.

6. A partir desses elementos, procure juntá-los num texto,
que é o rascunho de sua redação.

Por enquanto, você pode agrupá-los na seqüência que foi sugerida.
Os passos:

1) interrogar o tema;
2) responder, com a opinião;
3) apresentar argumento básico;
4) apresentar argumentos auxiliares;
5) apresentar fato- exemplo;
6) concluir.

Como ficaria o esquema:

Os passos:	O Esquema
1) interrogar o tema; responder, com a opinião	1º parágrafo: a tese
2) apresentar argumento básico	2º parágrafo: argumento
3) apresentar argumentos auxiliares	3º parágrafo: argumento
4) apresentar fato- exemplo	4º parágrafo: fato-exemplo
5) concluir	5º parágrafo: conclusão

EXEMPLO DE REDAÇÃO COM ESSE ESQUEMA:

Tema: Como encarar a questão do erro
Título: Buscar o sucesso
Tese: 1º§ O homem nunca pôde conhecer acertos sem lidar com seus erros.

Argumentação

2º§ O erro pressupõe a falta de conhecimento ou experiência, a deficiência de sintonia entre o que se propõe a fazer e os meios para a realização do ato. Deriva-se de inúmeras causas, que incluem tanto a falta de informação, como a inabilidade em lidar com elas.

3º§ Já acertar, obter sucesso, constitui-se na exata coordenação entre informação e execução de qualquer atividade. É o alinhamento preciso entre o que fazer e como fazer, sendo esses dois pontos indispensáveis e inseparáveis.

4º§ Fato-exemplo - Como atingir o acerto? A experiência é fundamental e, na maior das vezes, é alicerçada em erros anteriores, que ensinarão os caminhos para que cada experiência ruim não mais ocorra. Assim, um jovem que presta seu primeiro vestibular e fracassa pode, a partir do erro, descobrir seus pontos falhos e, aos poucos, aliar seus conhecimentos à capacidade de enfrentar uma situação de nova prova e pressão. Esse mesmo jovem, no mercado de trabalho, poderá estar envolvido em situações semelhantes: seus momentos de fracasso estimularão sua criatividade e maior empenho, o que fatalmente levará a posteriores acertos fundamentais em seu trabalho.

Conclusão

5º§ Assim, o aparecimento dos erros nos atos humanos é inevitável. Porém, é preciso, acima de tudo, saber lidar com eles, conscientizar-se de cada ato falho e tomá-lo como desafio, nunca se conformando, sempre buscando a superação e o sucesso. Antes do alcance da luz, será sempre preciso percorrer o túnel.

(Redação de aluno.)

PARÁGRAFOS

- **São blocos de texto, cuja primeira linha inicia-se em margem especial, maior do que a margem normal do texto. Concentram sempre uma idéia-núcleo relacionada diretamente ao tema da redação.**
- **Não há moldes rígidos para a construção de um parágrafo. O ideal é que em cada parágrafo haja dois ou três períodos, usando pontos continuativos (na mesma linha) intermediários.**
- **A divisão em parágrafos é indicativa de que o leitor encontrará, em cada um deles, um tópico do que o autor pretende transmitir. Essa delimitação deve estar esquematizada desde antes do rascunho, no momento do planejamento estrutural, assim a redação apresentará mais coerência.**

OBERVAÇÃO DE MAIS UM ESQUEMA DE DISSERTAÇÃO

A introdução, o desenvolvimento e a conclusão podem vir representados pelas letras a, b e c, respectivamente:
na letra a, você deverá colocar a tese que vai defender;
na letra b, palavras que resumam os argumentos que você apresentará para sustentar a tese;
na letra c, uma palavra que represente a conclusão a ser dada.

Tema: A pena de morte: contra ou a favor?

a) contra, não resolve.
b) 1. direito à vida - religião
2. outros países - EUA
3. erro judiciário
4. classes baixas
5. tradição.
c) ineficaz: solução: erradicação da pobreza.

Feito o esquema, é segui-lo passo a passo, transformando as palavras em frases, dando forma à redação.

- **Na introdução você se declararia contrário à pena de morte porque ela não resolve o problema do crescente aumento da criminalidade no país.**
- **No desenvolvimento, você utilizaria os argumentos de que todas as pessoas têm direito à vida, consagrado pelas religiões; de que nos países em que ela existe, citando os Estados Unidos como exemplo, não fez baixar a criminalidade; de que sempre é possível haver um erro judicial que leve a matar um inocente; de que, no caso brasileiro, ela seria aplicada somente às classes mais baixas, que não podem pagar bons advogados; e, finalmente, de que a tradição jurídica brasileira consagra o direito à vida e repudia a pena de morte.**

- **Como conclusão, retomaria a tese insistindo na ineficácia desse tipo de pena e indicando outras soluções para resolver o problema da criminalidade, como a erradicação da miséria.**

Delimitação do tema

- **televisão - a violência na televisão / a televisão e a opinião pública**
- **a vida nas grandes cidades - a vida social dos jovens nas grandes cidades / os problemas das grandes cidades**
- **preconceitos - preconceitos raciais / causas do preconceito racial**
- **progresso - vantagens e desvantagens sociais do progresso / progresso e evolução humana**

EXERCÍCIOS

1. Agora delimite 3 aspectos que poderiam ser abordados acerca dos seguintes temas:
modernidade
tecnologia
comunicação de massa

2. Aponte três conseqüências para os temas abaixo e construa um parágrafo fundamentando cada uma.

- **Baixo índice de mão-de-obra especializada**
- **Falta de investimento em tecnologia**
- **Uso de agrotóxicos**

3. Leia com atenção os três fragmentos que seguem:

I. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Camões)

II. Ponho-me a escrever teu nome
Com letra de macarrão.
No prato a sopa esfria, cheia de escamas
E debruçados na mesa todos contemplam
Esse romântico trabalho.
Desgraçadamente falta uma letra
Uma letra somente
Para acabar teu nome!

- Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!

Eu estava sonhando...

(Drummond)

III. **Morre a tarde. Erra no ar a divina fragrância.**
Fora, a mortiça luz dos crepúsculos arde.
Nas árvores, no oceano e no azul da distância
Morre à tarde... (Bandeira)

Os três textos são respectivamente de predominância:

a) narrativa – descritiva – dissertativa
b) descritiva – dissertativa – narrativa
c) dissertativa – narrativa – descritiva
d) dissertativa – descritiva – narrativa

Dicas de redação

- Após o título de uma redação não coloque ponto.
- Ao terminar o texto, não coloque qualquer coisa escrita ou riscos de qualquer natureza. Detalhe: não precisa autografar no final também, e ainda assim será uma obra-prima.
- Prefira usar palavras de língua portuguesa a estrangeirismos.
- Não use chavões, provérbios, ditos populares ou frases feitas.
- Só cite exemplos de domínio público, sem narrar seu desenrolar. Faça somente uma breve menção. Jamais usar a primeira pessoa do singular, a menos que haja solicitação do tema (Ex.: O que você acha sobre o aborto - ainda assim, pode-se usar a 3ª pessoa) - compreende-se ..., percebe-se ...
- Evite usar palavras como “coisa” e “algo”, por terem sentido vago. Prefira: elemento, fator, tópico, índice, item etc.

- A emoção não pode perpassar nem mesmo num adjetivo empregado no texto. Atenção à imparcialidade.
- Evite o uso de etc. ,de reticências e jamais abrevie palavras.
- Não analisar assuntos polêmicos sob apenas um dos lados da questão.
- Não repita palavras ou expressões. Use sinônimos.
- Só use exemplos que sejam de domínio público, portanto apenas aqueles que tenham saído na mídia: jornais, revistas, ...
- Evite estrangeirismos. Por outro lado, se for necessário, use aspas para palavras latinas, americanas ...
  (condição "sine qua non" = essencial).

- Ao separar as sílabas, não deixe apenas uma vogal, iniciando ou terminando, uma linha. Também não termine a sílaba, mesmo que correta, deixando, em cima ou embaixo, um cacófato.

- Em cada parágrafo, procure elaborar de dois a três períodos. Não faça períodos longos nem curtos.
- Para atribuir coesão a seu texto, utilize de vários elementos de referenciação como: pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, assim como apostos, hiperônimos (palavras de idéias gerais – "instrumentos", "ferramentas", (...), hipônimos (palavras de idéias restritas – "violão", "martelo", ...), perífrases ("a Cidade Maravilhosa" para substituir, por exemplo, "Rio de Janeiro"), antonomásias ("Poeta dos Escravos" = Castro Alves) entre outros artifícios lingüísticos.

CUIDADO COM A AMBIGÜIDADE

Ocorre geralmente, nos seguintes casos:
Má colocação do Adjunto Adverbial

Exemplos: Crianças que recebem leite materno freqüentemente são mais sadias.

As crianças são mais sadias porque recebem leite freqüentemente ou são freqüentemente mais sadias porque recebem leite?

Eliminando a ambigüidade: Crianças que recebem freqüentemente leite materno são mais sadias.
Crianças que recebem leite materno são freqüentemente mais sadias.

- **Uso Incorreto do Pronome Relativo**

Gabriela pegou o estojo vazio da aliança de diamantes que estava sobre a cama.

O que estava sobre a cama: o estojo vazio ou a aliança de diamantes?

Eliminando a ambigüidade: Gabriela pegou o estojo vazio da aliança de diamantes a qual estava sobre a cama.
Gabriela pegou o estojo vazio da aliança de diamantes o qual estava sobre a cama.

Observação: Neste exemplo, pelo fato de os substantivos estojo e aliança pertencerem a gêneros diferentes .

Má Colocação de Pronomes, Termos, Orações ou Frases
Aquela velha senhora encontrou o garotinho em seu quarto.
O garotinho estava no quarto dele ou da senhora?

Eliminando a ambigüidade: Aquela velha senhora encontrou o garotinho no quarto dela.
Aquela velha senhora encontrou o garotinho no quarto dele.

Ex.: Sentado na varanda, o menino avistou um mendigo.
Quem estava sentado na varanda: o menino ou o mendigo?

Eliminando a ambigüidade: O menino avistou um mendigo que estava sentado na varanda.
O menino que estava sentado na varanda avistou o mendigo.

Resolveu-se o problema substituindo os substantivos por o qual/a qual. Se pertencessem ao mesmo gênero, haveria necessidade de uma reestruturação diferente.

COMO TECER UM TEXTO

Existe uma razão etimológica para não esquecermos que produzir um texto é o mesmo que tecer, entrelaçar unidades e partes com a finalidade de formar um todo.
A razão é que a palavra texto é originada do latim textum, que significa “tecido, entrelaçamento”.
A partir dessa idéia falamos em textura de um texto: que é a rede de relações que garantem sua coesão.
Quando vamos escrever um texto nos baseamos em quatro elementos centrais: a repetição, a progressão, a não-contradição e a relação.

REPETIÇÃO

Ao longo de um texto coerente ocorrem repetições, retomadas de elementos. Essa retomada é normalmente feita por pronomes ou por palavras e expressões equivalentes ou sinônimas. Também podemos repetir a mesma palavra ou expressão, o que deve ser feito com cuidado, a fim de que não seja prejudicado.

PROGRESSÃO

Num texto coerente, devemos sempre acrescentar novas informações ao que já foi dito. A progressão complementa a repetição: esta garante a retomada de elementos passados; aquela garante que o texto não se limite a repetir indefinidamente o que já foi colocado. Dessa forma, equilibramos o que já foi dito com o que se vai dizer, garantindo a continuidade do tema e a progressão do sentido.

RELAÇÃO

Num texto coerente, os fatos e conceitos devem estar relacionados. Essa relação deve ser suficiente para justificar sua inclusão num mesmo texto. Para que se avalie o grau de relação dos elementos que vão construir o texto, é importante organizá-lo esquematicamente antes de escrever. Feito o esquema, é importante observar se a aproximação das idéias que serão feitas é realmente eficaz..

Esses quatro itens (repetição, progressão, não-contradição e relação) podem ajudar a avaliar o grau de coesão dos textos – os que serão lidos e os que serão escritos.

É preciso acabar com os menores de rua.

Ele me tratava como uma criança,
mas eu era apenas uma criança."

NÃO-CONTRADIÇÃO

Num texto coerente, não devem surgir elementos que contradigam aquilo que já foi considerado falso, ou vice-versa. Esse tipo de contradição só é tolerado se for intencional.
Não se deve confundir a não-contradição com o contraste, pois a aproximação de idéias e fatos contrastantes é um recurso muito freqüente no desenvolvimento da argumentação

CARTA

Texto Argumentativo /Persuasivo

Carta argumentativa pressupõe um interlocutor específico para quem a argumentação deverá estar orientada. A intenção é freqüentemente a de persuadir o interlocutor (convencê-lo do ponto de vista defendido por quem escreve a carta ou demovê-lo do ponto de vista por ele defendido e que o autor da carta considera equivocado).
É importante que se saiba que o foco da carta é a persuasão do destinatário. Conhecendo-o podemos fundamentar melhor os argumentos a serem utilizados e adequá-los à realidade daquele público.

CARACTERÍSTICAS

- Envolve um *remetente* e um *destinatário*.
- É normalmente escrita em primeira pessoa.
- Visa a um tipo de leitor.
- Linguagem adequada com o tipo de destinatário.
- Tratamentos específicos, no caso de autoridades como o papa (Vossa Santidade), o juiz, o presidente, entre outros.
- Local e Data
- Destinatário
- Saudação
- Interlocução com o destinatário
- Despedida

OBS: Esses itens estão na ordem em que devem aparecer.

ADEQUAÇÃO À NORMA DA LÍNGUA PORTUGUESA:

Deve obedecer, assim como os demais textos, às regras de sintaxe, paragrafação, grafia, concordância, regência (nominal e verbal), colocação pronominal, pontuação e regras de coerência e coesão.

ADEQUAÇÃO AO TIPO DE TEXTO

A carta deve ser:

- **coesa**
- **coerente**
- **objetiva e analítica (as informações não devem ser repetidas)**
- **ter observações inteligentes e fundamentadas, sempre criando relações entre os argumentos.**

ADEQUAÇÃO AO TEMA

Como são argumentativas devem sustentar uma tese e defendê-la, de modo a persuadir seu interlocutor a concordar com os argumentos utilizados. Além disso, é bom que traga também dados, fatos, exemplos, etc., que possam auxiliar o processo de convencimento do leitor e atestar a veracidade e coerência das opiniões expostas.

Campinas, 19 de novembro de 2006.

À Associação Brasileira de Cultivadores de Cana-de-Açúcar,

Sou produtor e cultivador de cana-de-açúcar há mais de trinta anos, tenho em minhas propriedades o hábito de requerer a melhor qualidade no plantio e na colheita desse produto que move diversos segmentos do mercado agrícola. Essa característica fez-me um dos maiores empresários do setor agrícola no país e, nessa condição, acompanhei o desenvolvimento de novas tendências de mercado em nossa área, atentamente, e por isso não poderia privar-me de propor à nossa associação uma cobrança efetiva em torno do Governo Federal, para que se ponham fim às barreiras criadas para exportação por parte dos norte-americanos.

Nossa classe viu na exportação um meio de aumentar nossos faturamentos anuais, fugindo das dificuldades financeiras locais e de determinados privilégios garantidos a certos produtores. Ganhando mais, pudemos investir em melhores tecnologias de plantio e colheita recorrendo quase sempre aos empréstimos junto ao governo ou à iniciativa privada, já que não tínhamos ainda o devido capital e nos preparávamos para colher as benécies da venda em moeda estrangeira e do pagamento antecipado.

(...)

Outras propostas devem ser encaminhadas ao governo, caso essa medida anti-protecionismo não funcione. Não sugeriria jamais propostas no mesmo nível norte-americano, pois sei que existiriam outros milhares de produtores indo à falência. Sugiro apenas que se reduzam as taxas de juros e que o governo se comprometa no processo de renegociação de nossas dívidas. Se houver essa garantia, não deixaremos inúmeros brasileiros desempregados, continuaremos a contribuir com o meio ambiente, fornecendo a matéria prima de combustíveis menos poluentes, atitude que os norte-americanos preferem não tomar em decorrência de seus interesses financeiros e também não contribuiremos para uma possível crise econômica brasileira em virtude de nossas dificuldades.

Sem mais, coloco minha experiência a disposição da nossa classe nessa batalha! É pelo Brasil e pela igualdade de condições comerciais que lutamos!

C.A.T.P.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

De tempos em tempos, há um assunto que infelizmente retorna aos noticiários: é a miséria brasileira. Tema sobre o qual sempre há o que falar, faltando, contudo, atitudes concretas que resolvam ou amenizem o problema.

Pensando nisso, escreva uma carta argumentativa endereçada ao nosso presidente da República, senhor Luís Inácio Lula da Silva, procurando mostrar-lhe a necessidade de se combater seriamente a nossa miséria.

Para fundamentar a sua argumentação, considere os dois textos abaixo:

MORANDO NO ESGOTO

Ser miserável significa viver de forma absolutamente precária. No Recife, favelas enormes são erguidas em cima de mangues ou rios sem nenhuma condição de segurança e higiene. Quando a maré sobe, o lixo invade os barracos, espalhando dejetos de toda a vizinhança pelos cômodos. A falta de saneamento é responsável pela proliferação de doenças.

FUTURO COMPROMETIDO

As pessoas que têm até 15 anos representam 30% da população brasileira, mas são 45% do universo de miseráveis.
No paupérrimo Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais , e em várias outras regiões pobres, elas moram em condições extremamente precárias. Muitas vezes, um entrelaçado de palha serve de cama para as crianças.

CARTA ARGUMENTATIVA

PREZADOS SENHORES:

Uns amigos me falaram que os senhores estão para destruir 45 mil pares de tênis falsificados com a marca Nike e que, para esse fim, uma máquina especial já teria até sido adquirida. A razão desta cartinha é um pedido. Um pedido muito urgente.

Antes de mais nada, devo dizer aos senhores que nada tenho contra a destruição de tênis, ou de bonecas Barbie, ou de qualquer coisa que tenha sido pirateada. Afinal, a marca é dos senhores, e quem usa essa marca indevidamente sabe que está correndo um risco. Destruam, portanto. Com a máquina, sem a máquina, destruam. Destruir é um direito dos senhores.

Mas, por favor, reservem um par, um único par desses tênis que serão destruídos para este que vos escreve. Este pedido é motivado por duas razões: em primeiro lugar, sou um grande admirador da marca Nike, mesmo falsificada. Aliás, estive olhando os tênis pirateados e devo confessar que não vi grande diferença deles para os verdadeiros.

Em segundo lugar, e isto é o mais importante, sou pobre, pobre e ignorante. Quem está escrevendo esta carta para mim é um vizinho, homem bondoso. Ele vai inclusive colocá-la no correio, porque eu não tenho dinheiro para o selo. Nem dinheiro para selo, nem para qualquer outra coisa: sou pobre como um rato. Mas a pobreza não impede de sonhar, e eu sempre sonhei com um tênis Nike. Os senhores não têm idéia de como isso será importante para mim. Meus amigos, por exemplo, vão me olhar de outra maneira se eu aparecer de Nike. Eu direi, naturalmente, que foi presente (não quero que pensem que andei roubando), mas sei que a admiração deles não diminuirá: afinal, quem pode receber um Nike de presente pode receber muitas outras coisas. Verão que não sou o coitado que pareço.

Uma última ponderação: a mim não importa que o tênis seja falsificado, que ele leve a marca Nike sem ser Nike. Porque, vejam, tudo em minha vida é assim. Moro num barraco que não pode ser chamado de casa, mas, para todos os efeitos, chamo-o de casa.

Uso a camiseta de uma universidade americana, com dizeres em inglês, que não entendo, mas nunca estive nem sequer perto da universidade – é uma camiseta que encontrei no lixo. E assim por diante.

Mandem-me, por favor, um tênis. Pode ser tamanho grande, embora eu tenha pé pequeno. Não me desagradaria nada fingir que tenho pé grande. Dá à pessoa uma certa importância. E depois, quanto maior o tênis, mais visível ele é. E, como diz o meu vizinho aqui, visibilidade é tudo na vida.

(Moacyr Scliar, cronista da *Folha de S. Paulo,* 14/8/20000)

PONTUAÇÃO

O PODER DA VÍRGULA

Se o **homem** soubesse o valor que tem, a mulher andaria de quatro a sua procura.
Se o homem soubesse o valor que tem a **mulher**, andaria de quatro a sua procura.

Enquanto o padre pasta o burro reza.

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era o pai do bezerro.

Irás voltarás não morrerás .

- **Enquanto o padre pasta o burro, reza.**

- **Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe, do fazendeiro era o pai do bezerro.**

-Irás. Voltarás. Não morrerás.
-Irás. Voltarás? Não. Morrerás.

QUANDO USAR A VÍRGULA?

1. Para isolar adjuntos adverbiais deslocados
Hoje, o Botafogo poderá ser campeão.
O Botafogo, hoje, poderá ser campeão.

*** Hoje o Botafogo poderá ser campeão.**
A maioria dos alunos, durante as férias, viajam.
Desde o ano passado, enfrento problemas com meu computador.

2.Para isolar os objetos pleonásticos: Haverá objeto pleonástico quando um verbo possuir dois complementos que se referem a um elemento só.
Ex.: Os meus amigos, sempre os respeito.
Aos devedores, perdoe-lhes as dívidas.

3. Para isolar o aposto explicativo:
Ex. Palmas, a capital ecológica do Brasil, está em pleno desenvolvimento.
A Bíblia, a Palavra de Deus, é o livro dos livros.

4. Para isolar o vocativo:
Ex. Adalberto, Traga meus documentos até aqui!

5. Para isolar predicativo do sujeito deslocado, quando o verbo não for de ligação:
Ex. Os jovens, revoltados, retiraram-se do recinto.

6. para separar elementos coordenados
Ex. As crianças, os pais, os professores e os diretores irão ao seminário.

7. Para indicar a elipse do verbo:
Ex. Ela prefere filmes românticos; o namorado, de aventura. (o namorado prefere filmes de aventura)

8. Para isolar o nome do lugar nas datas:
Ex. Palmas, 10 de janeiro de 2007.

9. Para isolar as expressões explicativas *isto é, a saber, melhor dizendo, quer dizer...:*
Ex. Irei para Águas de Santa Brárbara, melhor dizendo, Bárbara.

10. Para separar frases iniciadas pelas expressões *e sim, e não, mas sim*:
Ex. Não haja com imprudência, e sim com moderação.

11. Para isolar conjunção coordenativa intercalada: porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia, logo, portanto, por conseguinte, então.
Ex. Os candidatos, porém, não respeitaram a lei.
O candidato está bem preparado; tem, portanto, condições de ser contratado.
Estou doente; não contem, portanto, comigo.

*** Estou doente, portanto não contem comigo.**

- EMPREGO DA VÍRGULA NO PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO:

As orações coordenadas devem sempre ser separadas por vírgula.
Orações coordenadas são as que indicam:
adição (e, nem, mas também),
alternância (ou, ou ... ou, ora ... ora),
adversidade (mas, porém, contudo...),
conclusão (logo, portanto...)
explicação (porque, pois).

Ex. Todos gostamos de seus projetos, no entanto não há verbas para viabilizá-los.

- Nota: as orações coordenadas aditivas iniciadas pela conjunção e só terão vírgula quando os sujeitos forem diferentes ou quando o e aparecer repetido.
Ex.: Ela irá no primeiro avião, e seus filhos no próximo.
Ex.: Ele gritava, e pulava, e gesticulava como um louco.

- **ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS: SÓ A EXPLICATIVA É SEPARADA POR VÍRGULA; A RESTRITIVA NÃO.**

Ex. Londrina, que é a terceira cidade do Sul do Brasil, é aprazibilíssima.
Teus filhos, que são bonitos, serão fotografados.

*** Teus filhos que são bonitos serão fotografados**

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS: São separadas por vírgula quando estiverem no início ou no meio do período.
Ex. Assim que chegarem as encomendas, começaremos a trabalhar.
Ao vê-la triste, compreendeu que havia errado.
Sua casa, embora seja pequena, é bem ventilada.

PONTO E VÍRGULA

1. Para separar orações coordenadas quando pelo menos uma delas já tem vírgula no seu interior:

Ex.: Não estava magra, estava transparente; era impossível que não morresse de uma hora para outra.

2. Separar orações coordenadas que se opõem quanto ao sentido:

Ex.: Uns gritavam; outros silenciavam.

3. Para separar os diversos itens de uma lei, de uma exposição-de-motivos, etc.

Ex.: "Art. 187 – O processo será iniciado:
I – por ato de infração;
II – por petição do contribuinte interessado;
III – por notificação...;

- **Para dar mais clareza a uma enumeração cujos itens contêm sub-itens separados por vírgulas, podemos recorrer ao ponto e vírgula. Este expediente é comum na escrita jurídica.**

- ***Vamos formar três equipes: João, Paulo e Carlos; Maria, Jorge e Rute; Otávio, Andréa e Lucas.***

"Tudo vale a pena quando a alma não é pequena"

NOÇÕES DE SUJEITO

Noções de sujeito
Como encontrar o sujeito:
Identificar o verbo;
Fazer a pergunta "que(m) é que" antes do verbo;
Observar quem pratica ou recebe a ação verbal.
"Eu te amo, ó Senhor, minha força."
- Identificação do verbo – amo
- Pergunta - Quem é que ama? Eu
Quem pratica a ação? Eu
Sujeito da oração= eu
Tipo de sujeito= simples
Andavam pelo sertão nordestino, já cansados e desanimados o pai, a mãe e os dois filhos.
Sujeito = pai, mãe, filhos

Apesar das adversidades, continuamos acreditando na vitória.
Sujeito - sujeito desinencial ou oculto) = nós
Cláudia, fizeste sozinha o trabalho?
Sujeito desinencial – tu (Cláudia = vocativo)
Este módulo será estudado por mim.
- locução verbal = será estudado
- O que será estudado? = este módulo

Observação: oração na voz passiva
O sujeito recebe a ação.
Quem recebe a ação? Este módulo
Sujeito= este módulo
Tipo de sujeito= sujeito simples

Desafio:
Grande é este problema, mas a circunstância o torna ainda maior.

Coloque o núcleo do sujeito no plural e reescreva a oração.
faça as adaptações necessárias.

- Grandes são estes problemas, mas a circunstância os torna ainda maiores.

CONCORDÂNCIA VERBAL

1) Sujeito simples
Regra geral:
Ex.: Nós vamos ao cinema.

Casos especiais:
a) O sujeito é um coletivo - o verbo fica no singular.
Ex.:A multidão gritou pelo rádio.
Se o coletivo vier especificado, o verbo pode ficar no singular ou ir para o plural.
Ex.: A multidão de fãs gritou./ A multidão de fãs gritaram.
b) Coletivos partitivos (metade, a maior parte, maioria, etc.) – o verbo fica no singular ou vai para o plural.
Ex.: A maioria dos alunos foi à excursão./ A maioria dos alunos foram à excursão.
c) O sujeito é um pronome de tratamento-
Ex.: Vossa Alteza pediu silêncio.
Vossas Altezas pediram silêncio.
d) O sujeito é o pronome relativo que –
Fui eu que derramei o café.
Fomos nós que derramamos o café.
e) O sujeito é o pronome relativo quem –
Fui eu quem derramou o café.
Fui eu quem derramei o café.

f) O sujeito é formado por: alguns de nós, poucos de vós, quais de ..., quantos de ..., etc.
Quais de vós me punirão? Quais de vós me punireis?
Mas, Qual de nós **fará o** trabalho? (qual = singular, logo somente um fará)
g) O sujeito é formado de nomes que só aparecem no plural-
Ex.: Estados Unidos é uma nação poderosa.
Os Estados Unidos são a maior potência mundial.
h) O sujeito é formado pelas expressões mais de um, menos de dois, cerca de..., etc. – o verbo concorda com o numeral.
Ex.: Mais de um aluno não compareceu à aula.
Mais de cinco alunos não compareceram à aula.
***Obs.: no caso de reciprocidade – verbo no plural**
i) O sujeito é constituído pelas expressões a maioria, a maior parte, grande parte, etc.-
A maioria dos candidatos desistiu.

A maioria dos candidatos desistiram.
j) O sujeito tiver por núcleo a palavra gente (sentido coletivo) - o verbo poderá ser usado no singular ou plural se este vier afastado do substantivo.
Ex.: A gente da cidade, temendo a violência da rua, permanece em casa.
A gente da cidade, temendo a violência da rua, permanecem em casa.

2) Sujeito composto
Regra geral: o verbo vai para o plural.
Ex.: João e Maria foram passear no bosque.

Casos especiais:
a) Os núcleos do sujeito são constituídos de pessoas gramaticais diferentes- o verbo ficará no plural seguindo-se a ordem de prioridade: 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

Ex.: Eu e ele nos tornaremos amigos.
eu + ele = nós (1ª pessoa do plural)
Ex: Tu e ele vos tornareis amigos.(2ª pessoa do plural)
tu + ele = vós (2ª pessoa do plural)
***Ex.: Tu e ele se tornarão amigos.(3ª pessoa do plural)**
b) Os núcleos do sujeito estão coordenados assindeticamente ou ligados por e - o verbo concordará com os dois núcleos.
Ex.: A jovem e a sua amiga seguiram a pé.
Se o sujeito estiver posposto, permite-se a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.
Ex.: Seguiria a pé a jovem e a sua amiga.
c) Os núcleos do sujeito são sinônimos (ou quase) e estão no singular –
Ex.: A angústia e ansiedade não o ajudavam a se concentrar./ A angústia e ansiedade não o ajudava a se concentrar.
d) Quando há gradação entre os núcleos- o verbo pode concordar com todos os núcleos (lógica) ou apenas com o núcleo mais próximo.
Ex.: Uma palavra, um gesto, um olhar bastavam./ Uma palavra, um gesto, um olhar bastava.

e) Quando os sujeitos forem resumidos por nada, tudo, ninguém... - o verbo concorda com o aposto resumidor.
Ex.: Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada o comoveu.
f) Quando o sujeito for constituído pelas expressões um e outro, nem um nem outro...- o verbo poderá ficar no singular ou no plural.
Ex.: Um e outro já veio./ Um e outro já vieram.
g) Quando os núcleos do sujeito estiverem ligados por ou - o verbo irá para o singular quando a idéia for de exclusão e plural quando for de inclusão.
Exou Antônio ganhará .: Pedro o prêmio. (exclusão)
A poluição sonora ou a poluição do ar são nocivas ao homem. (adição, inclusão)
h) Quando os sujeitos estiverem ligados pelas séries correlativas (tanto...como/ assim...como/ não só...mas também, etc.) - o mais comum é o verbo ir para o plural, embora o singular seja aceitável se os núcleos estiverem no singular.
Ex.: Tanto Erundina quanto Collor perderam as eleições municipais em São Paulo.
Tanto Erundina quanto Collor perdeu as eleições municipais em São Paulo.

Outros casos:
1) Partícula SE:
a- Partícula apassivadora: o verbo (transitivo direto) concordará com o sujeito passivo.
Ex.: Vende-se carro./ Vendem-se carros.
***Observe que a oração pode ser passada para a voz passiva:**
Ex.:Carros são vendidos.

b- Índice de indeterminação do sujeito: o verbo (transitivo indireto ou verbo intransitivo) ficará obrigatoriamente no singular.
Ex.: Precisa-se de secretárias.
Confia-se em pessoas honestas.
Vive-se bem em Palmas.
2) Verbos impessoais
São aqueles que não possuem sujeito, ficarão sempre na 3ª pessoa do singular.
Ex.: Havia sérios problemas na cidade.
Fazia quinze anos que ele havia parado de estudar.
Deve haver sérios problemas na cidade.
Vai fazer quinze anos que ele parou de estudar.

Os verbos auxiliares (deve, vai) acompanham os verbos principais.
O verbo existir não é impessoal. Veja:
Existem sérios problemas na cidade.
Devem existir sérios problemas na cidade
3) Verbos dar, bater e soar
Quando usados na indicação de horas, têm sujeito (relógio, hora, horas, badaladas...) e com ele devem concordar.
Ex.: O relógio deu duas horas.
Deram duas horas no relógio da estação.
Deu uma hora no relógio da estação.
O sino da igreja bateu cinco badaladas.
Bateram cinco badaladas no sino da igreja.
Soaram dez badaladas no relógio da escola.

6) Concordância com o verbo ser:

a- Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes TUDO, NADA, ISTO, ISSO, AQUILO: o verbo ser ou parecer concordarão com o predicativo.
Ex.: Tudo são flores./Aquilo parecem ilusões.
Poderá ser feita a concordância com o sujeito quando se quer enfatizá-lo.
Ex.: Aquilo é sonhos vãos.
b- O verbo ser concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos QUE ou QUEM.
Ex.: Que são gametas?/ Quem foram os escolhidos?
c- Em indicações de horas, datas, tempo, distância: a concordância será com a expressão numérica
Ex.: São nove horas./ É uma hora.
Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias pois subentende-se a palavra dia.
Ex.: Hoje são 24 de outubro./ Hoje é (dia) 24 de outubro.

d- Quando o sujeito ou predicativo da oração for pronome pessoal, a concordância se dará com o pronome.
Ex.: Aqui o presidente <u>sou</u> eu.
Se os dois termos (sujeito e predicativo) forem pronomes, a concordância será com o que aparece primeiro, considerando o sujeito da oração.
Ex.: Eu não <u>sou</u> tu.
e- Se o sujeito for pessoa, a concordância nunca se fará com o predicativo.
Ex.: O menino <u>era</u> as esperanças da família.
f- Nas locuções é pouco, é muito, é mais de, é menos de junto a especificações de preço, peso, quantidade, distância e etc, o verbo fica sempre no singular.
Ex.: Cento e cinqüenta é pouco./ Cem metros é muito.
g- Nas expressões do tipo ser preciso, ser necessário, ser bom o verbo e o adjetivo podem ficar invariáveis, (verbo na 3ª pessoa do singular e adjetivo no masculino singular) ou concordar com o sujeito posposto.
Ex.: É necessário aqueles materiais.
São necessários aqueles materiais.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. Substantivo + Substantivo... + Adjetivo
Quando o adjetivo posposto se refere a dois ou mais substantivos, ele pode :
- concorda com o último adjetivo
- ir para o plural, no masculino, se pelo menos um deles for masculino;
- ir para o plural, no feminino, se todos eles estiverem no feminino.
Exemplos:
Ternura e amor humano. /Amor e ternura humana.
Ternura e amor humanos.
Carne ou peixe cru. /Peixe ou carne crua. /
Carne ou peixe crus.

2. Adjetivo + Substantivo + Substantivo + ...

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o mais próximo.
Exemplos:
Mau lugar e hora.
Má hora e lugar.

3. Substantivo + Adjetivo + Adjetivo + ...
Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, este vai para o singular ou plural.

Exemplos:
Estudo as línguas inglesa e portuguesa.
Estudo a língua inglesa e (a) portuguesa.
Os poderes temporal e espiritual.
O poder temporal e (o) espiritual.
4. Ordinal + Ordinal + ... + Substantivo
Quando dois ou mais ordinais vêm antes de um substantivo, determinando-o, este concorda com o mais próximo ou vai para o plural.

Exemplos:
A primeira e segunda lição.
A primeira e segunda lições.
5. Substantivo + Ordinal + Ordinal + ...

Quando dois ou mais ordinais vêm depois de um substantivo, determinando-o, este vai para o plural.

Exemplo:
As cláusulas terceira, quarta e quinta.

6. Um e outro / Nem um nem outro + Substantivo

Quando as expressões "um e outro", "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo, este permanece no singular.

Exemplos:
Um e outro aspecto.
Nem um nem outro argumento.
De um e outro lado.

7. Um e outro + Substantivo + Adjetivo

Quando um substantivo e um adjetivo vêm depois da expressão "um e outro", o substantivo vai para o singular e o adjetivo para o plural.

Exemplos:
Um e outro aspecto obscuros.
Uma e outra causa juntas.

8. "O (a) mais ... possível"
"Os (as) mais ... possíveis"
"O (a) pior ... possível" / - "Os (as) piores ..."
"O (a) melhor ... possível“ / - "Os (as) melhores ... possíveis“

O adjetivo "possível", nas expressões "o mais ...", "o pior ...", "o melhor ..." permanece no singular.

Com as expressões "os mais ...", "os piores ...", "os melhores ...", vai para o plural.

Exemplos:
Os dois autores defendem a melhor doutrina possível.
Estas frutas são as mais saborosas possíveis.
Eles foram os mais insolentes possíveis.
Comprei poucos livros, mas são os melhores possíveis.

9. Particípio + Substantivo

O particípio concorda com o substantivo a que se refere.

Exemplos:
Feitas as contas ...
Vistas as condições ...
Restabelecidas as amizades ...
Postas as cartas na mesa ...
Salvas as crianças ...

Observação:
"Salvo", "posto" e "visto" assumem também papel de conectivos, sendo, por isso, invariáveis:

Salvo honrosas exceções.
Posto ser tarde, irei.
Visto ser longe, não irei.

10. Anexo / bastante / quite/ incluso
/ leso / mesmo / próprio + Substantivo

Essas palavras concordam com o substantivo a que se referem.
Exemplos:
Vão anexas as cópias.
Recebi bastantes flores.
Vão inclusos os documentos.
Cometeu um crime de lesa-pátria.
Ele mesmo falou aquilo.
Ela mesma falou aquilo.
Elas próprias falaram aquilo.
A menina disse, em nome de todas as garotas: Muito obrigadas.
Estamos quites com o Banco.

14. Substantivo + é bom
/ é preciso / é proibido
Em construções desse tipo, quando o substantivo não está determinado, as expressões "é bom", "é preciso", "é proibido" permanecem no singular.
Exemplos:
Maçã é bom para a saúde.
É preciso cautela.
É proibido entrada.

Observação:
Quando há determinação do sujeito, a concordância efetua-se normalmente:
É proibida a entrada de meninas.

17. Só / Sós
"Só" será pluralizável, quando significar sozinhos, sozinhas (adjetivo); será invariável, quando significar apenas, somente (advérbio)
. Exemplo:
As garotas só queriam ficar sós. (Somente queriam ficar sozinhas)
Nota: A locução a sós é invariável. Exemplo:
Ela gostava de ficar a sós.

19. Tal qual
Tal concorda com o substantivo anterior, e qual, com o posterior. Exemplos:

O filho é tal qual o pai.
O filho é tal quais os pais.
Os filhos são tais qual o pai.
Os filhos são tais quais os pais.

Nota: Se o elemento anterior é um verbo, tal fica invariável; se o elemento posterior é um verbo, qual fica invariável. Exemplos:

Eles agem tal quais as ordens do pai.
Eles agem tal qual forem as ordens do pai.

20. Grama
Quando representar unidade de massa, será masculino. Exemplos:

Comprei duzentos gramas de presunto.
Ele foi preso com um grama de cocaína.

EXERCÍCIOS

1. A flexão masculina do ADJETIVO só é admissível em:
a) Vi o mercado e as ruas apinhadas de gente.
b) Enviam-lhe anexas as folhas de pagamento.
c) É necessária a paciência.
d) Entrego-lhe inclusas as cópias solicitadas
e) É proibida a entrada.

3. Assinale a concordância incorreta.
a) Tomei apenas meia garrafa de coca-cola
b) As alunas ficaram meio confusas com a história.
c) Você não deve ser um homem de meias palavras
d) Vocês mesmos, rapazes, devem estudar mais.
e) Preciso de um aluno e uma aluna habilidosas.

4. Nas frases abaixo, a palavra grifada é sempre adjunto adnominal.
Assinale a única em que há erro de concordância nominal:
Eu não tolero meias palavra
Faças o favor de bater com menos força.
Eles adquiriram bastante posses.
d) Comprou dois vestidos creme

5. (MACK) Indique a alternativa em que há erro de concordância
a) Os fatos falam por si sós.
b) A casa estava meio desleixada.
c) Os livros estão custando cada vez mais caro.
d) Era a mim mesma que ele se referia, disse a moça.
e) Seus apartes eram sempre o mais pertinentes possíveis.

6. (CESGRANRIO) Há erro de concordância em:
a) atos e coisas más
b) dificuldades e obstáculo intransponível
c) cercas e trilhos abandonados
d) fazendas e engenho prósperas
e) serraria e estábulo conservados

7. (FMU) Vão ..... à carta várias fotografias. Paisagens as mais belas ..... . Ela estava ..... narcotizada.
a) anexas - possíveis - meio
b) anexas - possível - meio
c) anexo - possíveis - meia
d) anexo - possível - meio
e) anexo - possível - meia

8. (FMU) Vai ..... à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de .....-patriotismo.
Elas ..... não quiseram colaborar.

a) incluso - leso - mesmo
b) inclusa - leso - mesmas
d) incluso - leso - mesmas
e) inclusas - lesa - mesmo
inclusa - lesa - mesmas

EXERCÍCIOS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

1. (IBGE) Indique a opção correta, no que se refere à concordância verbal, de acordo com a norma culta:
   a) Haviam muitos candidatos esperando a hora da prova.
   b) Choveu pedaços de granizo na serra gaúcha.
   c) Faz muitos anos que a equipe do IBGE não vem aqui.
   d) Bateu três horas quando o entrevistador chegou.
   e) Fui eu que abriu a porta para o agente do censo.

2. (IBGE) Assinale a frase em que há erro de concordância verbal:
   a) Um ou outro escravo conseguiu a liberdade.
   b) Não poderia haver dúvidas sobre a necessidade da imigração.
   c) Faz mais de cem anos que a Lei Áurea foi assinada.
   d) Deve existir problemas nos seus documentos.
   e) Choveram papéis picados nos comícios.

3. (IBGE) Assinale a opção em que há concordância inadequada:
   a) A maioria dos estudiosos acha difícil uma solução para o problema.
   b) A maioria dos conflitos foram resolvidos.
   c) Deve haver bons motivos para a sua recusa.
   d) De casa à escola é três quilômetros.
   e) Nem uma nem outra questão é difícil.

4. (BB) Verbo deve ir para o plural:
   a) Organizou-se em grupos de quatro.
   b) Atendeu-se a todos os clientes.
   c) Faltava um banco e uma cadeira.
   d) Pintou-se as paredes de verde.
   e) Já faz mais de dez anos que o vi.

5. (BB) Verbo certo no singular:
   a) Procurou-se as mesmas pessoas
   b) Registrou-se os processos
   c) Respondeu-se aos questionários
   d) Ouviu-se os últimos comentários
   e) Somou-se as parcelas

6. (TTN) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:
a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.
b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.
c) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.
d) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.
e) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.

7. (FFCL SANTO ANDRÉ) A concordância verbal está correta na alternativa:
a) Ela o esperava já faziam duas semanas.
b) Na sua bolsa haviam muitas moedas de ouro.
c) Eles parece estarem doentes.
d) Devem haver aqui pessoas cultas.
e) Todos parecem terem ficado tristes.

9. (MACK) Assinale a incorreta:
a) Dois cruzeiros é pouco para esse fim.
b) Nem tudo são sempre tristezas.
c) Quem fez isso foram vocês.
d) Era muito árdua a tarefa que os mantinham juntos.
e) Quais de vós ainda tendes paciência?

10. (PUC-RS) É provável que ..... vagas na academia, mas não ..... pessoas interessadas: são muitas as formalidades a ..... cumpridas.

a) hajam - existem - ser
b) hajam - existe - ser
c) haja - existem - serem
d) haja - existe - ser
e) hajam - existem - serem

11. (CARLOS CHAGAS) ..... de exigências! Ou será que não ..... os sacrifícios que ..... por sua causa?

a) Chega - bastam - foram feitos
b) Chega - bastam - foi feito
c) Chegam - basta - foi feito
d) Chegam - basta - foram feitos
e) Chegam - bastam - foi feito

15. (SANTA CASA) Suponho que ..... meios para que se ..... os cálculos de mais simples.
a) devem haver - realize
b) devem haver - realizem
c) deve haverem - realize
d) deve haver - realizem
e) deve haver - realize

16. (FUVEST) Indique a alternativa correta:
a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram aos severos regulamentos.

17. (PUC-RJ) Indique a série que corresponde às formas apropriadas para os enunciados abaixo:
a)As diferenças existentes entre homens e mulheres .....

ser um fato indiscutível.

1. parece 2. parecem

b)Alguns cientistas, desenvolvendo uma nova pesquisa sobre a estrutura do cérebro, os efeitos dos hormônios e a psicologia infantil, ... que as diferenças entre homens e mulheres não se devem apenas à educação.

3. propõe 4. propõem

c) ..... diferenças cerebrais condicionadoras das aptidões tidas como tipicamente masculinas ou femininas.

5. Haveria 6. Haveriam

d) ..... ainda pesquisadores que consideram os machos mais agressivos, em virtude de sua constituição hormonal. .

7. Existe 8. Existem

a) 1, 4, 5, 8
b) 2, 4, 5, 8
c) 2, 3, 5, 7
d) 1, 4, 6, 7
e) 2, 3, 6, 8

18. (ETF-SP) Creio que ..... existir meios capazes de solucionar estes problemas que nos ..... já ..... muitos anos.

a) deve - afligem - fazem
b) deve - afligem - faz
c) devem - aflige - fazem
d) devem - afligem - faz
e) devem - afligem - fazem

19. (BB) Única opção que completa corretamente a frase: ..... as providências a..... no caso, ... sua urgência.

a) Decidiu-se, ser tomadas, dada
b) Decidiram-se, serem tomadas, dada
c) Decidiram-se, serem tomadas, dado à
d) Decidiu-se, serem tomadas, dada
e) Decidiram-se, serem tomadas, dado

20 (b). (TRT) Já ..... anos, ... neste local árvores e flores. Hoje, só ..... ervas daninhas.

a) fazem, haviam, existe
b) fazem, havia, existe
c) fazem, haviam, existem
d) faz, havia, existem
e) faz, havia, existe

EXERCÍCIOS DE REGÊNCIA VERBAL

1. (IBGE) Assinale a opção em que as duas frases se completam corretamente com o pronome lhe:

a) Não ..... amo mais. / O filho não ..... obedecia.
b) Espero-..... há anos. / Eu já ..... conheço bem.
c) Nós ..... queremos muito bem. / Nunca ..... perdoarei, João.
d) Ainda não ..... encontrei trabalhando, rapaz. / Desejou-..... felicidades.
e) Sempre ..... vejo no mesmo lugar. / Chamou-..... de tolo.

2. (IBGE) Assinale a opção em que todos os adjetivos devem ser seguidos pela mesma preposição:

a) ávido / bom / inconseqüente
b) indigno / odioso / perito
c) leal / limpo / oneroso
d) orgulhoso / rico / sedento
e) oposto / pálido / sábio

3. (IBGE) Assinale a opção em que as duas frases se completam corretamente com o pronome lhe:

a) Não ..... amo mais. / O filho não ..... obedecia.
b) Espero-..... há anos. / Eu já ..... conheço bem.
c) Nós ..... queremos muito bem. / Nunca ..... perdoarei, João.
d) Ainda não ..... encontrei trabalhando, rapaz. / Desejou-..... felicidades.
e) Sempre ..... vejo no mesmo lugar. / Chamou-..... de tolo.

4. (UF-FLUMINENSE) Assinale a frase em que está usado indevidamente um dos pronomes seguintes: o, lhe.

a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.
e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

5. (EPCAR) O que devidamente empregado só não seria regido de preposição na opção:

a) O cargo ..... aspiro depende de concurso.
b) Eis a razão ..... não compareci.
c) Rui é o orador ..... mais admiro.
d) O jovem ..... te referiste foi reprovado.
e) Ali está o abrigo ..... necessitamos.

6. (UNIFIC) Os encargos ..... nos obrigaram são aqueles ..... o diretor se referia.

a) de que - que
b) a cujos - cujos
c) por que - que
d) cujos - cujo
e) a que - a que

7. (FTM-ARACAJU) As mulheres da noite ..... o poeta faz alusão ajudam a colorir Aracaju, ... coração bate de noite, no silêncio.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) as quais / de cujo
b) a que / no qual
c) de que / o qual
d) às quais / cujo
e) que / em cujo

8. (BB) "Ele não ..... viu". Não cabe na frase:

a) nos
b) lhe
c) me
d) te
e) o

9. (BB) Emprego indevido de o:

a) O irmão o abraçou.
b) O irmão o encontrou.
c) O irmão o atendeu.
d) O irmão o obedeceu.
e) O irmão o ouviu.

10. (UF-RS) Isso ..... autorizava ..... tomar a iniciativa.

a) o - à
b) lhe - de
c) o - de
d) o - a
e) lhe - a

11. (PUC) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas abaixo:

1. Veja bem estes olhos ..... se tem ouvido falar.
2. Veja bem estes olhos ..... se dedicaram muitos versos.
3. Veja bem estes olhos ..... brilho fala o poeta.
4. Veja bem estes olhos ..... se extraem confissões e promessas.

a) de que - a que - sobre o qual - dos quais
b) que - que - sobre o qual - que
c) sobre os quais - que - de que - de onde
d) dos quais - aos quais - sobre cujo - dos quais
e) em quais - aos quais - a cujo - que

12. (FUVEST) Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

13. (CESGRANRIO) Assinale a opção cuja lacuna **não** pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (de)

14 (UF-PR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras sublinhadas:

1. Assistimos **à inauguração da piscina**.
2. O governo assiste **os flagelados**.
3. Ele aspirava **a uma posição de maior destaque**.
4. Ele aspirava **o aroma das flores**.
5. O aluno obedece **aos mestres**.

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes
b) a ela, os, a ela, o, lhes e) lhe, a eles, a ela, o, lhes
c) a ela, os, a, a ele, os

15. (BB) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Análise de Conteúdo

Maria Laura Puglisi
Barbosa Franco

2ª Edição

Brasília – 2005

Copyright © 2005 Liber Livro Editora Ltda.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Assessoria Editorial:
Walter Garcia

Capa e Editoração eletrônica:
Marcus Polo R. Duarte

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP/Brasil

F825 Franco, Maria Laura Puglisi Barbosa.
Análise de conteúdo / Maria Laura Puglisi Barbosa Franco. – Brasília, 2ª edição : Liber Livro Editora, 2005.
79p.

ISBN: 85-9884-332-6

1. Análise de conteúdo. 2. Análise contextual. I. Título.

CDU 37.012.85

Impresso no Brasil

Liber Livro Editora Ltda.
SCIA Quadra 15, Conj. 5, Lote 18/Parte A
Guará/DF – 71250-025 – Brasília-DF
Fone/Fax: (61) 3363-8225
editora@liberlivro.com.br
www.liberlivro.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

CAPÍTULO 1 13

Algumas idéias sobre as Bases teóricas da Análise de Conteúdo 13

CAPÍTULO 2 19

Características definidoras 19

A polêmica conteúdo manifesto versus conteúdo latente 23

O conceito de inferência 25

CAPÍTULO 3 29

Os campos da Análise de Conteúdo 29

O delineamento de um plano de pesquisa 33

CAPÍTULO 4 37

As Unidades de Análise 37

As unidades de registro 37

As unidades de contexto 43

CAPÍTULO 5 47

A organização da análise 47

A Pré-Análise 47

As atividades da Pré-Análise 48

CAPÍTULO 6 57
As Categorias de Análise 57
Categorias criadas *a priori* 58
Categorias não definidas *a priori* 59
Implicações de ambas opções 60
Principais requisitos para a criação de categorias 65

CAPÍTULO 7 67
Um Exemplo da utilização da Análise de Conteúdo na realização de uma Pesquisa em Educação 67
A pesquisa e seus objetivos 67
Os procedimentos, a pré-análise e a criação de categorias 68

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 77

INTRODUÇÃO

A preocupação com a Análise do Conteúdo das mensagens, dos enunciados do discurso e das informações é muito mais antiga do que a reflexão científica que se ocupa da formalização de seus pressupostos epistemológicos, teóricos e de seus procedimentos operacionais.

A definição dos símbolos, sinais e "mensagens de Deus", marca a primeira tentativa de responder à questão "o que essa mensagem significa?", que teve como foco a exegese dos textos bíblicos para que fosse possível compreender e interpretar as metáforas e as parábolas.

Para além desta maneira de interpretar as mensagens contidas nos textos, cuja tradição é longínqua, a tradição registra alguns casos, geralmente isolados, em que a análise do conteúdo das mensagens ou dos enunciados verbais pode ser considerada inadequada. Por exemplo: a pesquisa realizada na Suécia, por volta de 1640, sobre os hinos religiosos, com o objetivo de saber se esses hinos, em número de noventa, poderiam ter efeitos nefastos nos Luteranos, foi efetuada uma análise dos diferentes temas religiosos, dos valores neles embutidos, sobre suas modalidades de aparição, bem como sobre usa complexidade lingüística (Bardin,1977, p.14). É certo que tais componentes não deixam de ser importantes

quando se fala do conteúdo das mensagens ou dos enunciados expressos por um grupo particular. No entanto, saber se esses hinos "poderiam ter efeitos nos Luteranos" estamos adentrando em uma nova dimensão da análise dos conteúdos das mensagens, que se localiza no impacto social que está diretamente vinculado a uma orientação para a ação. Daí os procedimentos deveriam ser mais seletivos e melhor planejados e mais adequadamente direcionados.[1]

Mais recentemente, mas ainda no século dezenove, o Francês Bourbom (1888-1892) tentou captar a expressão das emoções e das tendências da linguagem. Para isso, trabalhou sobre uma parte da Bíblia, o Êxodo, de uma maneira rigorosa, valendo-se, inclusive, de uma classificação temática e de sua respectiva quantificação.

Estava, então, aberto o campo da sistematização da análise do conteúdo das mensagens, de seus enunciados, de seus locutores e de seus interlocutores. Dentre as manifestações do comportamento humano, a expressão verbal, seus enunciados e suas mensagens, passam a ser vistos como indicadores indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas educativas e a seus componentes psicossociais.

Surge, inicialmente, a Análise de Conteúdo em uma perspectiva de sondagem de opiniões colhidas, de acordo com os teóricos da época, a partir de experimentos muito bem planejados na tentativa de serem os mais objetivos possíveis e de sofisticados procedimentos de coleta. Todavia, como era de se esperar, essas sondagens de opiniões, que foram

[1] Aspectos que discutiremos, com mais detalhes, nos itens subseqüentes.

divulgadas pela imprensa e, principalmente, direcionadas aos fatos relativos à 1ª Guerra Mundial, redundaram em análises predominantemente descritivas sem que os fundamentais recursos analíticos e interpretativos fossem incorporados.

Por volta de 1930, uma nova pressão se exerce sobre os estudiosos em metodologia de análise de conteúdo; por um lado, devido ao progresso das formas de documentação e, por outro lado, devido ao desenvolvimento da lingüística aplicada.

Apesar de uma considerável quantidade de trabalhos sobre o tema, a Análise de Conteúdo mostrou-se, e mostra-se ainda hoje, envolta em muita controvérsia.

Em 1981, Serge Moscovici tentou explicar os fundamentos desta controvérsia. Dizia ele, "*um dos maiores problemas reside, justamente, no fato de que os métodos de análise de conteúdo se situam na encruzilhada entre os lingüistas e a Psicologia Social. Essas duas disciplinas, em verdade, se dão as costas... os lingüistas a reivindicam, com toda razão; os psicólogos assimilam a linguagem como um conjunto de indicadores de fenômenos não-lingüísticos. A Psicologia Social se introduz comodamente no campo da significação; a lingüística não dispõe de uma teoria da comunicação. No entanto, na medida em que a análise de conteúdo se interessa pela linguagem, os lingüistas reivindicam a exclusividade do território*" (Moscovici, 1981, p. 172).

Não pretendemos entrar no âmbito dessa problemática, o que nos levaria a discutir o conflito entre lingüistas e psicólogos. No entanto, a este respeito, cabe sinalizar um breve comentário. Aparentemente, a lingüística e a análise de conteúdo têm o mesmo objeto: a linguagem. Em verdade, porém, a distinção

fundamental proposta por F. de Saussure, que fundou a lingüística, entre *língua* e *palavra*, marca a diferença: *"O objeto da lingüística é a língua, quer dizer, o aspecto coletivo e virtual da linguagem, enquanto que o da análise de conteúdo é a palavra, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem. A lingüística trabalha com uma língua teórica, encarada como um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições regulamentadas por elementos definidos... O seu papel resume-se, independentemente do sentido deixado, à semântica, à descrição de funcionamento da língua, para além das variações individuais ou sociais tratadas pela psicolingüística ou sociolingüística. Pelo contrário, a análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. A lingüística estuda a língua para descrever seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça"* (Pêcheux, p. 43).

Como já dissemos, não vamos aprofundar este debate, uma vez que o objetivo deste livro é oferecer um material didático e prático para que pesquisadores em educação possam se orientar no estudo da comunicação oral, escrita e figurativa, bem como nas tarefas de descrição, análise e interpretação das mensagens/enunciados emitidos por diferentes indivíduos ou grupos.

Além disso, pretendemos ampliar a discussão acerca da Análise de Conteúdo levando em conta suas bases teóricas e metodológicas, a complexidade de sua manifestação que envolve a interação entre interlocutor e locutor, o contexto social de sua produção, a influência manipu-ladora, ideológica e idealizada presentes em muitas mensagens, os impactos que provocam, os efeitos que orientam diferentes comportamentos e ações e as

condições históricas, sociais, mutáveis que influenciam crenças, conceitos e representações sociais elaboradas e transmitidas via mensagens, discursos e enunciados.

Finalmente, é preciso levar em conta que os usos iniciais da análise de conteúdo estiveram limitados, principalmente, a análises de dados "naturais" ou "disponíveis" – isto é, dados que existem sem qualquer participação ativa do investigador, como, por exemplo, jornais, livros, documentos oficiais e documentos pessoais. Dados esses que se colocam no tipo de análise documental.

Cada vez mais, porém, a análise de conteúdo passou a ser utilizada para produzir inferências acerca de dados verbais e/ou simbólicos, mas, obtidos a partir de perguntas e observações de interesse de um determinado pesquisador. Observa-se, então:

- uso crescente da utilização de análise de conteúdo;
- crescente interesse por questões teóricas e metodológicas;
- aplicação da análise de conteúdo a um espectro mais amplo de problemas, especialmente àqueles relativos aos antecedentes e efeitos da comunicação, das mensagens e dos discursos;
- uso crescente para testar hipóteses em oposição a pesquisas meramente descritivas;
- maior diversidade no que se refere aos materiais a serem estudados;
- uso em conexão com outras técnicas de pesquisa;
- utilização de computadores para análise de conteúdo, principalmente mediante o recurso a programas computacionais.

CAPÍTULO 1

ALGUMAS IDÉIAS SOBRE AS BASES TEÓRICAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a **mensagem,** seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Necessariamente, ela expressa um significado e um sentido. Sentido que não pode ser considerado um ato isolado, pois, *"os diferentes modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos discursivos textuais com que está lidando quando fala ou escreve"* (Varlotta, 2002).

Além disso, torna-se indispensável considerar que a relação que vincula a emissão das mensagens (que podem ser uma palavra, um texto, um enunciado ou até mesmo um discurso)[1] estão, necessariamente, vinculadas às condições contextuais de seus produtores.

Condições contextuais que envolvem a evolução histórica da humanidade; as situações econômicas e socioculturais nas quais os emissores estão inseridos, o acesso aos códigos lingüísticos, o grau de competência para saber decodificá-los, o que resulta em expressões verbais

[1] Somente para citar algumas de suas modalidades.

(ou mensagens) carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis. Sem contar com os componentes ideológicos impregnados nas mensagens socialmente construídas, via *objetivação* do discurso, mas com a possibilidade de serem ultrapassadas ou "desconstruídas", mediante um processo trabalhoso (mas, não impossível) e dialético, tendo em vista a explicitação do processo de *ancoragem* e estabelecendo como meta final o Desenvolvimento da Consciência.

Neste sentido, a Análise de Conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação.

Pressupostos, estes, que se afastam de uma concepção formalista da linguagem no bojo da qual se atribui um valor exagerado *às palavras* (bem como à associação entre elas) negligenciando muitos aspectos semânticos que somente os pesquisadores criativos, informados, competentes e devidamente esclarecidos podem ser capazes de analisar e interpretar as mensagens (explicitas ou latentes), evidentemente levando em conta toda a complexidade que acompanha esse processo.

Assim, concordamos com Mucchielli quando nos alerta. "*Na lingüística tradicional, a condenação de todo recurso ao sentido das mensagens elevou a palavra como um dos componentes indispensáveis para o tão almejado rigor científico em relação à descrição das estruturas da língua*". (Muccielli, 1977, p. 26). Todavia, a semântica, assim excluída, é justamente o pão

coti-diano da análise de conteúdo. Semântica, aqui entendida não apenas como o estudo da língua, em geral, mas, como a busca descritiva, analítica e interpretativa do **sentido** que um indivíduo (ou diferentes grupos) atribuem às mensagens verbais ou simbólicas.

O significado de um objeto pode ser absorvido, compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu *corpus* de significação. Já, o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado, que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas.

Por exemplo, a palavra "livro" assume um determinado sentido por parte de leitores alfabetizados e implica, igualmente, graduações de sentido diferenciadas entre os leitores, digamos, "eruditos" e os leitores "comuns". Já quando transportada para indivíduos ou grupos não-alfabetizados, a mesma palavra, "livro", pode até ser compreendida mediante o mesmo significado que lhe é atribuído universalmente, porém seu sentido assume uma conotação diferenciada entre os alfabetizados e os não-alfabetizados[2].

2 Eu gosto de usar o termo "não-alfabetizados" em vez de "analfabetos" para mostrar a diferença que existe entre oposição e contradição. Como um parêntesis, e por isso coloco em nota de rodapé, quero relatar uma provocação que, em geral, faço aos meus alunos quando estamos discutindo os conceitos de Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência. Pergunto: "Qual é o contrário de alfabetizados?" Quase que, invariavelmente, surge a resposta "analfabetos". Ora, com isso estaremos lidando apenas com uma oposição como se ela fosse natural. Em verdade o que existe é uma contradição interna que se explicita no paradigma da totalidade. Ou seja, em princípio todos teriam (por hipótese) o direito de ser alfabetizados, de saber ler, escrever e de expressar convenientemente suas idéias. Porém, desde que persista o pólo oposto e a contradição interna da totalidade, não devemos designar determinados grupos como "analfabetos", mas sim como "não-alfabetizados". Uma vez que a eles, por condições históricas, econômicas e sociais, foi negada a possibilidade de, contraditoriamente (e por negação da totalidade), pertencer ao grupo daqueles que sabem ler e que, sem dúvida, atribuem um significado diferente ao objeto "livro".

Reiterando, diríamos que essa característica elimina, claramente, análises nas quais apenas os materiais que apóiem as hipóteses do investigador sejam admitidos como evidências. Todos os enunciados que suportem a tese da desigualdade devem ser analisados, mesmo que corroborativos de teses contrárias.

Além disso, a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica. Uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado. O liame entre este tipo de relação deve ser representado por alguma forma de teoria. Assim, toda a análise de conteúdo., implica comparações contextuais. Os tipos de comparações podem ser multivariados. Mas, devem, obrigatoriamente, ser direcionados a partir da sensibilidade, da intencionalidade e da competência teórica do pesquisador.

As operações de comparação e de classificação implicam o entendimento de semelhanças e diferenças. Quando mais simples, como, por exemplo, classificar objetos geométricos e de diferentes cores, por parte de crianças das primeiras séries do ensino, podem ser consideradas como aprendizagens condicionadas e transformadas em hábitos cotidianos (Orelon, 1974). Já quando se trata da atividade de classificar objetos mais complexos (por exemplo, os enunciados verbais), esta atividade extrapola um simples condicionamento e não pode mais ser considerada como a expressão de um comportamento habitual. Isto porque ela exige um *julgamento comparativo "e mesmo anteriormente a esse julgamento,*

é necessário haver a compreensão dos enunciados a serem classificados, a abstração do significado e do sentido das mensagens e a inferência (ou intuição) das categorias classificatórias" (Mucchielli, 1974).

A operação classificatória, para Piaget (1967) pressupõe, necessariamente, uma atividade intelectual de abstração e agrupamento que pode ser considerada como um corolário da atividade intelectual dos homens. Vejamos, diz ele, quantas questões se colocam no momento que estamos tentando classificar, objetivar e organizar um discurso."Sem dúvida esta empreitada é tipicamente intelectual". E a partir dessas colocações exemplifica sua posição colocando-nos algumas provocações indagativas:

> *"Vejamos o conjunto de problemas concretos que se colocam, sem cessar no âmbito do espírito deste movimento: o que é? E, é mais ou menos? Onde? Quando? Por que motivo? Com que objetivo? Como? etc. Nós constatamos que nenhuma dessas questões possam ser respondidas de um agrupamento predeterminado e/ou previsível. Portanto, esses agrupamentos devem ser elaborados a partir das imagens dadas separadamente, de modo que possa urgir suas sucessões...apesar de suas limitações... esta é a maneira de reconhecer efetivamente a atitude do analista no sentido de saber compreender uma situação. É necessário que o pesquisador compreenda e assuma a idéia da história, antes de investir na realização da tarefa!"* (p. 147)

CAPITULO 2

CARACTERÍSTICAS DEFINIDORAS

Além das considerações já arroladas e que podem contribuir para uma melhor compreensão do que é Análise de Conteúdo, outras devem ser acrescentadas e explicitadas para um entendimento mais efetivo de suas características definidoras.

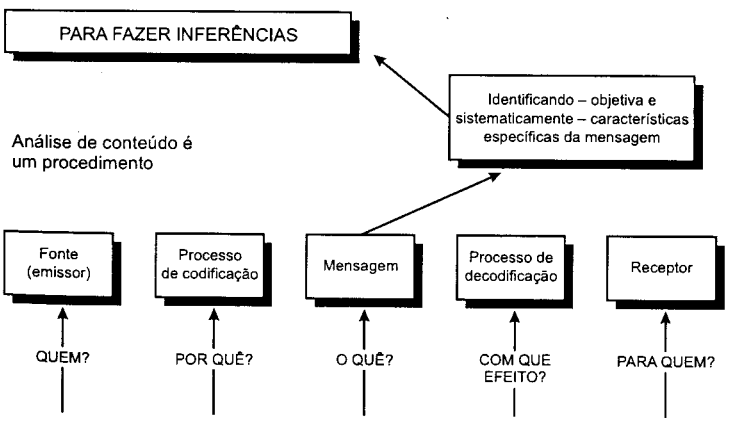

Figura 1: Caracerísticas definidoras da Análise de Conteúdo

Como se observa na Figura 1, a análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem.

Com base na mensagem que responde às perguntas: o que se fala? o que se escreve? com que intensidade? com que frequência? que tipo de símbolos figurativos são utilizados para expressar idéias? e os silêncios? e as entrelinhas?... e assim por diante, a análise de conteúdo permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação.

Neste sentido, concordamos com Bardin quando diz "*A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens... A intenção da análise de conteúdo é a* inferência[1] *de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não)*" (Bardin, 1977, p. 38).

Toda comunicação é composta por cinco elementos básicos: uma *fonte* ou emissão; um *processo codificador* que resulta em uma *mensagem* e se utiliza de um canal de trasmissão; um *receptor*, ou detector da mensagem, e seu respectivo *processo decodificador* (ver Figura1).

À clássica formulação dessas questões "quem diz o que, a quem, como e com que efeito?" acrecentaríamos uma a mais: "Por que?" Cada uma dessas questões pode ser considerada, em termos de uma pesquisa planejada, para três diferentes propósitos. O investigador pode (e, muitas vezes, deve) analisar mensagens a fim de produzir inferências sobre:

[1] Grifo nosso.

- as características do texto;
- as causas e/ou antecedentes das mensagens; e
- os efeitos da comunicação.

Apesar de muito difundida, em análilse de conteúdo, a mera descrição das características das mensagens contribui muito pouco para a compreenção das características de seus produtores.

Por outro lado, quando direcionada à indagação sobre as causas ou os efeitos da mensagem, a análise de conteúdo cresce em significado e exige maior bagagem teórica do analista.

Já quando, partindo de uma mensagem, procuramos indagações acerca de "quem" e acerca do "por quê" de determinado conteúdo estamos trabalhando com o ponto de vista do produtor. E, neste caso, três pressupostos básicos garantem relevância a esse enfoque:

1. *Toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente, uma grande quantidade de informações sobre seu autor: suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos, representações sociais, motivações, expectativas, etc.*
2. *O produtor/autor é, antes de tudo, um selecionador e essa seleção não é arbitrária. Da multiplicidade de manifestações da vida humana, seleciona o que considera mais importante para « dar o seu recado » e as interpreta de acordo com seu quadro de referência. Obviamente, essa seleção é preconcebida. Sendo o produtor, ele próprio, um produto social, está condicionado pelos interesses de sua época, ou da classe a que pertence. E, principalmente, ele é formado no espírito de uma teoria da qual passa a ser o*

expositor. Teoria que não significa « saber erudito » e nem se contrapõe ao « saber popular », mas que transforma seus divilgadores muito mais em executores de determinadas concepções do que de seus próprios senhores.

3. *A "teoria" da qual o autor é o expositor orienta sua concepção da realidade. Tal concepção (consciente ou ideologizada) é filtrada mediante seu discurso e resulta implicações extremamente importantes para quem se propõe fazer análise de conteúdo.*

Por outro lado, se estivermos preocupados em inferir os efeitos que determinada mensagem causa ou pode causar, estamos direcionando nossa análise do ponto de vista do receptor

A questão "com que efeito?" é considerada, por muitos estudiosos, como um dos aspectos mais importantes do paradigma da comunicação: qual seja, estudar, identificar o efeito e/ou impacto que determinada mensagem causa no receptor, no leitor, no ouvinte e em diferentes segmentos da população. Sem dúvida, essa indagação é extremamente valiosa para o avanço dos conhecimentos no ãmbito das áreas sociais. Por exemplo, quando se objetiva descobrir os efeitos das propagandas políticas, os possíveis efeitos de livros didáticos como elementos de veiculação ideológica, os programas alienantes da televisão, as manchetes dos jornais... e assim por diante.

Mas se, por um lado, admitimos que essas questões são extremamente importantes quando a tarefa é efetuar uma consistente análise de conteúdos manifestos, por outro lado, devemos levar em conta o fato de que podemos esbarrar com o processo de decodificação do receptor.

Ou seja, o investigador tem seu próprio processo de decodificação e por meio dele analisa, infere e elabora interpretações acerca do processo de codificação do produtor. No entanto, quando se trata de uma pesquisa relativa aos efeitos da comunicação junto aos receptores, existe o perigo de ser vitimado pela falácia do *post hoc, ergo propter hoc,* isto é, a falácia que assume que o antecedente causa o conseqüente. (Holsti, 1979)

Porém, esta constatação não pode-se constituir em um argumento para descartar pesquisas que objetivem verificar os efeitos de uma comunicação. Vale, apenas, para lembrar que estes tipos de pesquisa apresentam dificuldades especiais. O ideal seria conjugar pesquisas inter-relacionadas. Uma que se dedique à captação de inferências elaboradas por parte do investigador e outra que possa checá-las junto aos possíveis receptores.

Em ambos os casos, alguns elementos devem ser considerados. Para melhor vislumbrá-los, vamos explicitá-los nos subitens subseqüentes:

- *a polêmica* "conteúdo manifesto" versus "conteúdo latente"
- *o conceito de* "inferência"

A POLÊMICA CONTEÚDO MANIFESTO *VERSUS* CONTEÚDO LATENTE

Quanto ao conteúdo de uma comunicação, a fala humana é tão rica que permite infinitas extrapolações e valiosas interpretações. Mas é dela que se deve partir (tal como manifestada) e não falar "por meio dela", para evitar a possível condição de efetuar uma análise baseada, apenas,

em um exercício equivocado e que pode redundar na situação de uma mera projeção subjetiva. Os resultados da análise de conteúdo devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas.

Neste caso, consideramos oportuno recuperar a analogia divulgada por Mucchielli: "*O conteúdo para o usurário da análise de conteúdo é como o líquido para o químico analista. Tudo está lá e não há nada fora. Os componentes químicos estão dentro e presentes por definição. Nada mais há o que se fazer do que analisar o que se dispõe...*" (Mucchielli, 1977, p. 78). É, portanto, com base no conteúdo manifesto e explícito que se inicia o processo de análise.

Isso não significa, porém, descartar a possibilidade de se realizar uma sólida análise acerca do conteúdo "oculto" das mensagens e de suas entrelinhas, o que nos encaminha para além do que pode ser identificado, quantificado e classificado para o que pode ser decifrado mediante códigos especiais e simbólicos.

Aliás, esse procedimento tende a valorizar o material a ser analisado, especialmente se a interpretação do conteúdo "latente" estipular, como parâmetros, os contextos sociais e históricos nos quais foram produzidos.

Resumindo: o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explicito e/ou latente). A análise e a interpretação dos conteúdos obtidos enquadram-se na condição dos passos (ou processos) a serem seguidos. Reiterando, diríamos que, para o efetivo "caminhar neste processo", a

contextualização deve ser considerada como um dos principais requisitos, e, mesmo, "o pano de fundo" no sentido de garantir a relevância dos resultados a serem divulgados e, de preferência, socializados.

O conceito de inferência

Diferente da estocagem e da indexação de informações, da leitura interpretativa ou da crítica literária, uma importante finalidade da análise de conteúdo é produzir inferências sobre qualquer um dos elementos básicos do processo de comunicação: a fonte emissora; o processo codificador que resulta em uma mensagem; o detectador ou recipiente da mensagem; e o processo decodificador. (Ver Figura1)

Utilizando-se de analogias, Bardin nos leva a concordar que... o analista é como um arqueólogo. Trabalha com *vestígios*... mas, os vestígios são as manifestações de estados, de dados e de fenômenos. Há mais alguma coisa a descobrir por e graças a eles... Tal como a etnografia necessita da etnologia, para interpretar suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para *inferir* (de maneira lógica) conhecimentos que extrapolem o conteúdo manifesto nas mensagens e que podem estar associados a outros elementos (como o emissor, suas condições de produção, seu meio abrangente etc.) Tal como um detetive, o analista trabalha com *índices* cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos.

Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após um tratamento inicial) é a primeira etapa

necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a essas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vai permitir a passagem, explícita e controlada, da descrição à interpretação.

Produzir inferências é, pois, *la raison d'etre* da análise de conteúdo. É ela que confere a esse procedimento relevância teórica, uma vez que implica, pelo menos, uma comparação, já que a informação puramente descritiva, sobre conteúdo, é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem (escrita, falada e/ou figurativa) é sem sentido até que seja relacionado a outros dados. O vínculo entre eles é representado por alguma forma de teoria. Assim, toda análise de conteúdo implica comparações; o tipo de comparação é ditado pela competência do investigador no que diz respeito a seu maior ou menor conhecimento acerca de diferentes abordagens teóricas.

Exemplificando: o investigador, ao ler ou ouvir um discurso sobre *o papel do educador*, deve ser capaz de poder compatibilizar o conteúdo do discurso (lido ou ouvido) com alguma, ou algumas teorias explicativas. Assim, poderá descobrir se está lidando com abordagens do tipo "construtivistas", "neoliberalistas", "behavioristas"; "positivistas", "estruturalistas", "dialéticas", "criticas" ...e vai por aí a fora!

O investigador pode, também, comparar mensagens de uma única fonte emitidas em diferentes situações, em diferentes momentos, e para diferentes audiências.

Comparações de conteúdo das comunicações através do tempo, situação ou audiência podem ser concebidas como análises, interpretações e inferências produzidas intermensagens.

Hipóteses, também, podem ser testadas comparando as mensagens produzidas por mais de uma fonte referente. Neste caso, o objetivo será sempre relacionar os atributos teoricamente significativos dos emissores às distorções embutidas nas mensagens que produzem.

Além disso, os dados obtidos, mediante a análise de conteúdo, podem ser comparados a algum padrão de adequação ou desempenho. Muitas análises dos meios de comunicação de massa empregam padrões definidos *a priori*. Uma alternativa para produzir inferências acerca dessas abordagens apriorísticas seria derivar padrões indutivamente consubstanciados a partir da análise das mensagens emitidas. É certo que apenas essa providência não permitirá ao analista determinar se o desempenho preenche algum absoluto padrão de adequação, mas pode indicar como o material analisado se expressa em comparação a outras fontes similares.

Um terceiro tipo de padrão, frente ao qual os dados de conteúdo podem ser comparados, diz respeito ao que se denomina como índices de não-conteúdo. Índices de não-conteúdo aqui entendidos (entre outros) como a opinião de especialistas. Principalmente quando o assunto é controvertido, o recurso a um grupo de especialistas pode-se constituir em um excelente indicador, no sentido de garantir a fidedignidade e validade do conteúdo analisado, via comparação entre pares.

Reiterando, diríamos que produzir inferências em análise de conteúdo tem um significado bastante explícito e pressupõe a comparação dos dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com os pressupostos teóricos de

diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade. Situação concreta que se expressa a partir das condições da práxis de seus produtores e receptores acrescida do momento histórico/social da produção e/ou recepção.

CAPÍTULO 3

OS CAMPOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

De acordo com Mucchielli (1977), são três os campos dos métodos de análise de conteúdo que, embora expressem entre si limites bastante fluidos, podem ser representados na figura 2, a seguir:

Figura 2: Os campos de Análise de Conteúdo

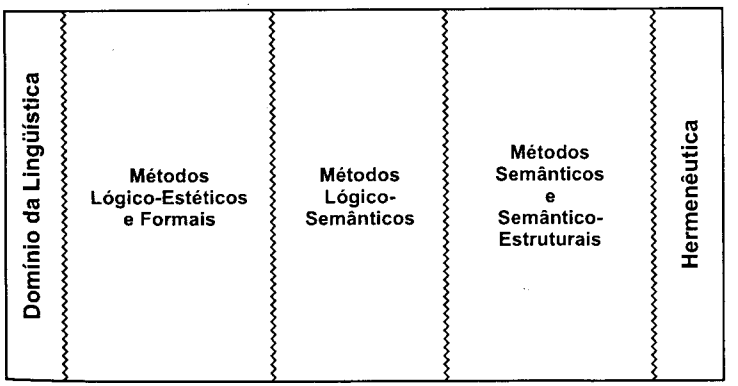

Na fronteira com a lingüística tradicional, o território dos métodos de análise de conteúdo incorpora os métodos lógicos estéticos que buscam os aspectos formais típicos do autor ou do texto.

Nesse território, o estudo dos efeitos do sentido, da retórica da língua e da palavra evolui, na lingüística moderna, para a análise do discurso.

Do outro lado, na fronteira com a hermenêutica, os métodos são puramente semânticos, dividindo-se em métodos psicológico-semânticos, que investigam as conotações que formam o campo semântico de uma imagem ou de um enunciado, em métodos lógico-semânticos-estruturais, que se aplicam a universos psicossocios-semânticos ou sociossemânticos mais amplos.

Fundamentada na tradição hermenêutica, essa metodologia de análise deve ser considerada como uma das dimensões do exercício de compreensão e interpretação a ser enfrentado pelo analista social, uma vez que não exclui radicalmente uma análise lógica, formal e objetiva. Embora esses últimos requisitos devam ser necessariamente respeitados, é preciso levar em conta, quando se trata de uma investigação social, uma outra dimensão igualmente importante e fundamental, qual seja:

> *"O campo-objeto que está ali para ser observado, ele é também um campo-sujeito que é construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas cotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que se dão ao seu redor".* (Thompson, 2000, p. 358)

Reiterando e acrescentando, diríamos que a vida cotidiana não se resume no aqui e agora. Ao contrário, é, sobretudo, fruto de um longo, conflitivo e complexo processo histórico e social. Portanto, para compreender as situações que ocorrem cotidianamente, é indispensável

considerar que essas situações ocorrem em determinado ambiente (situações, espaços temporais específicos) e no bojo de certos campos de interação pessoal e institucional que, por sua vez, são mediados por modalidades técnicas de construção e transmissão de mensagens, cada vez mais complexas nos dias atuais.

No centro do território, localiza-se o grupo dos métodos lógico-semânticos. Por que *lógico*-semânticos? Porque o alcance da análise de conteúdo está, também, vinculada à função de um classificador. E sua classificação é uma classificação lógica dos conteúdos manifestos, após a análise e interpretação dos valores semânticos desses mesmos conteúdos. De uma ou de outra maneira, o analista se vale de definições, e definições são problemas da lógica.

Esta dimensão central da análise de conteúdo inclui importantes componentes que devem ser considerados, principalmente se levarmos em conta a lógica embutida nos recentes programas computadorizados que podem ser utilizados como auxílio para uma eficiente análise de conteúdo.

Vejamos, pois, os aspectos que se referem ao campo central da análise de conteúdo e definidos como lógico-semânticos:

- *Eles não se vinculam às pesquisas que se dedicam à análise da estrutura formal de um texto, como, por exemplo, o procedimento de sua construção ou de seu estilo. Embora não se preocupem, a princípio, com o desvelar do "segundo sentido" de um texto e/ou com suas implicações, iniciam sua leitura, basicamente, a partir do conteúdo manifesto e considerando como evidência (e como ponto de partida) o conteúdo imediatamente acessível.*

- *Aplicam-se às mais variadas modalidades de textos, após o* "index" *dos diversos conceitos utilizados (sua enumeração simples e seus desdobramentos) e a classificação dos elementos de informação (reagrupamento por categorias) ...desde a pesquisa, acerca das formas utilizadas para a apresentação dos dados, até a análise e interpretação das tendências, comparações e evolução das tendências explicitadas. Neste sentido, a redação de uma ficha ou de um resumo analítico, as análises veiculadas pela mídia, as pesquisas que se utilizam de categorias ou de temas, as opiniões emitidas sobre diferenciados assuntos, as representações sociais elaboradas por diferentes grupos, as respostas fornecidas a partir de questões abertas... utilizam esses métodos... ditos e vistos como lógico-semânticos.*
- *Em suma, esses métodos (os lógico-semânticos), concentram semelhanças comuns em relação àqueles que os precedem: inventários, desdobramentos, caracterização, codificação, pesquisa de eventuais correlações, ...mas sempre, e ao mesmo tempo, a partir da* compreensão do *sentido. Sentido das palavras, sentido expresso nas palavras, imagem e símbolos, sentido das percepções e analogias das mensagens (base de todos os reagrupamentos e classificações) e sentido das hierarquias dos sentidos, o que implica diagnosticar diferentes valores das mensagens e das idéias em uma hierarquia que vai do particular até o mais geral.*

A partir das informações já contidas neste livro, e antes de discutirmos problemas, digamos, "mais práticos", consideramos oportuno reiterá-las, complementá-las e correlacioná-las aos principais elementos que definem a função de delineamentos de pesquisas em análise de conteúdo.

O delineamento de um plano de pesquisa

O delineamento de pesquisa é um plano para coletar e analisar dados a fim de responder à pergunta do investigador. Um bom plano de pesquisa explicita e integra procedimentos para selecionar uma amostra de dados para análise, categorias de conteúdo e unidades de registro a serem enquadradas nas categorias, comparações entre categorias e as classes de inferência que podem ser extraídas dos dados. Isto quer dizer que o investigador deve ter uma idéia muito clara da *rationalia* de sua pesquisa, deve ser capaz de especificar o tipo de evidência necessário ao teste de suas idéias, bem como deve saber as análises que terá de fazer, uma vez que os dados tenham sido colhidos e codificados, para além das inferências que eles lhe permitirão estabelecer. Em suma, um bom plano garante que teoria, coleta, análise e interpretação de dados estejam integrados.

E aqui, pode ser colocada, em termos mais concretos, nossa advertência contra "expedições de pesca". A ausência de um plano e de estratégias pressupõe que os documentos a serem analisados são escolhidos, mas as razões para sua seleção não são claras para o analista... Documentos são codificados, porém não existe teoria para guiar a seleção de categorias e de unidades de análise. Tais condições fundamentais são tomadas na base do "que é mais fácil". Comparações entre categorias podem ser empreendidas e podem mesmo envolver análises estatísticas sofisticadas, mas não estando ligadas sequer a uma teoria primitiva, provavelmente servirão mais para confundir do que para esclarecer.

Esse ponto pode ser visto de forma algo diversa, mediante a analogia entre um plano de pesquisa e o projeto de uma construção de uma casa. Sem um projeto, materiais de construção poderão ser reunidos, mas não haverá orientação alguma quanto ao tipo ou quantidade necessários. Carpinteiros, pedreiros e encanadores poderão reunir tais materiais, mas cada um deles terá uma concepção diversa da estrutura que deverão erigir.

A casa resultante de gastos talvez inúteis, de esforços desnecessários e de materiais inadequados é muito provável que venha a ser disfuncional. Tanto na casa, quanto em análise de conteúdo sem um bom plano, antecipado e consistente, pode ser difícil descobrir qualquer uso para o produto final.

Tendo em vista a importância da elaboração de um plano de investigação, que anteceda a análise do conteúdo dos dados a serem obtidos, apresentaremos, no Quadro 1, a seguir, os principais elementos para seu delineamento.

Quadro 1: Principais elementos para o delineamento de um plano de pesquisa

FINALIDADE	RAMO DE SEMÂNTICA	TIPOS DE COMPARAÇÃO	QUESTÕES	PROBLEMA DE PESQUISA
Descrever características de comunicação	Semântica (sinal/referência) Sintática (sinal/sinal)	Mensagens da fonte A: Variável x tempo Variável x situações Variável x audiências Variáveis x e dentro do mesmo universo de documentos Mensagens fonte tipo A Mensagens fonte tipo B Mensagens padrão "A priori" Conteúdo Não-conteúdo	O QUE?	Descrever tendências na comunicação do conteúdo Relacionar características conhecidas de emissores amensagens que eles produzem Confrontar conteúdo de comunicação com padrões
			COMO? PARA QUEM?	Analisar técnicas de persuação Analisar estilo Relacionar características conhecidas de audiência a mensagens produzidas para ela Descrever padrões de comunicação
Fazer inferências quanto aos antecedentes da comunicação	Pragmática (emissor/sinal)	Mensagens/dados comportamentais e simbólicos: Direto Indireto	POR QUE?	Possibilitar compreensão (*intelligence?*) Política,social, educacional e psicossocial Analisar traços psicológicos de indivíduos Inferir aspectos de Cultura e mudança cultural Fornecer evidências legais.
			QUEM?	Responder as questões sobre autoria controversa
Fazer inferências sobre efeitos da comunicação	Pragmática (sinal/receptor)	Emissor de mensagens/ receptor d mensagens Emissor de mensagens/ receptor de dados comportamentais, lingüísticos e simbólicos	COM QUE EFEITO?	Medis a comunicabilidade (*readability*) Analisar o fluxo de informação Controlar respostas à comunicação

CAPÍTULO 4

AS UNIDADES DE ANÁLISE

Definidos os objetivos da pesquisa, delineado o referencial teórico e conhecido o tipo de material a ser analisado, o pesquisador começa a se defrontar com problemas técnicos. Surge, então, o primeiro desafio ao pesquisador que utiliza a análise de conteúdo, qual seja: definir Unidades de Análise. Desafio que não pode ser enfrentado sem que alguns problemas técnicos sejam esclarecidos.

Em primeiro lugar, é necessário considerar a seguinte discriminação:

As Unidades de Análise dividem-se em:

a) Unidades de Registro

b) Unidades de Contexto

As Unidades de Registro

A Unidade de Registro é a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas.

As Unidades de Registro:

- *podem ser de diferentes tipos;*
- *cada uma delas, embora inter-relacionadas e complementares, devem estar adaptadas a esta ou àquela investigação;*
- *incluem características definidoras específicas; e*
- *são, em geral, acompanhadas de algumas limitações.*

Seus Tipos, Caracterização, Campos de atuação e algumas de suas Limitações são apresentadas a seguir.

TIPOS:

1. A Palavra: é a menor unidade de registro usada em Análise de Conteúdo. Pode ser uma simples palavra (oral e/ou escrita), um símbolo ou um termo.

Tem sido utilizada em quatro conjunto de pesquisas:

- *em estudos de fidedignidade para determinar facilidade ou dificuldade de compreensão de material escrito, na base de: referências personalizadas, uso de preposições, uso de prefixos, sufixos, adjetivos...;*
- *em pesquisas que objetivam detectar a freqüência relativa, na imprensa mundial, de certos símbolos políticos: liberalismo, neoliberalismo, fascismo, socialismo, comunismo etc.;*
- *em pesquisas do campo da psicoterapia, mais especialmente, no campo da psicanálise; e*
- *em pesquisas de estudos literários.*

– *Algumas limitações:*

- O emprego desta unidade acarreta um grande volume de dados. Atualmente, com o advento dos programas de computador, essa dificuldade fica, de certa forma, atenuada.

2. O Tema: O Tema é uma asserção sobre determinado assunto. Pode ser uma simples sentença (sujeito e predicado), um conjunto delas ou um parágrafo. Uma questão temática incorpora, com maior ou menor intensidade, o aspecto pessoal atribuído pelo respondente acerca do significado de uma palavra e/ou sobre as conotações atribuídas a um conceito.

E isso, com certeza, envolve não apenas componentes racionais, mas, também, ideológicos, afetivos e emocionais. Elementos que podem ser percebidos, por exemplo, em respostas às questões do tipo: "O que representa para você a palavra FÉRIAS"? ou "O que significa para você SER UM BOM ALUNO?" ou "O que você entende por VIOLÊNCIA?"

Pelo fato de que, mediante a utilização do tema como unidade de análise, para a interpretação das respostas de determinados grupos de pessoas, acabamos obtendo um grande número de respostas permeadas por diferentes significados. Por isso, antes da tarefa de recodificá-las e analisá-las, será necessário analisar e interpretar o conteúdo de **cada resposta em seu sentido individual e único**" (Mucchielli, 1974, p. 51).

O Tema é considerado como a mais útil unidade de registro em análise de conteúdo. Indispensável em estudos sobre propaganda, representações sociais, opiniões, expectativas, valores, conceitos, atitudes e crenças.

– *Algumas limitações:*

- *uma das maiores limitações de seu emprego, diz respeito ao tempo que exige para a coleta de dados;*

- *Outra é que seus limites não são facilmente identificáveis, como a palavra, o parágrafo ou o item.*

Por exemplo, suponhemos estar diante da seguinte informação temática e com o compromisso de analisá-la a partir de seus indicadores manifestos: *"Os alunos do Ensino Médio, demonstrando agressividade, inconformismo e descontentamento contra a resolução de colocar grades nas escolas, foram, com muita dificuldade, convencidos de sua necessidade, pela habilidade de diálogo demonstrada por parte dos professores e pelos integrantes da equipe de gestão".*

Ou, como quer Holsti: *"Os rebeldes, em sua fúria sanguinária, foram facilmente contidos pela habilidade e tirocínio militar das forças armadas".*

Estas informações (entre outras) contêm asserções a respeito de duas forças em conflito. O analista precisa ser capaz de reduzir essa sentença em seus temas componentes para poder classificá-las em suas respectivas categorias. *"Esse processo de redução de unidades de sentido em unidades temáticas, desde que não seja bem feito, pode prejudicar seriamente a fidedignidade da análise. Para evitar equívocos, prejuízos e limitações é importante que as propriedades estruturais das unidades temáticas estejam precisamente definidas"* (Holsti, 1969).

3. O Personagem: Refere-se a pessoas particulares passíveis de serem classificadas de acordo com diferentes indicadores: nível socioeconômico, sexo, etnia, educação, escolaridade, nacionalidade, religião etc.

Esta caracterização, embora não apresente limitações e/ou dificuldades adicionais é indispensável para a contextualização dos dados. Mais ainda, é particularmente útil em análises de autores de histórias, de dramas, de biografias, de programas de televisão, de

filmes e das múltiplas modalidades que podem ser enquadradas nos veículos de comunicação de massa.

4. O Item: É a unidade de registro a ser utilizada quando um texto, um artigo literário, um livro ou um programa de rádio são caracterizados a partir de alguns atributos definidores. Por exemplo: "que assunto é privilegiado no livro?" "do que se trata?" economia doméstica? turismo? educação? trabalho? drogas?..." e assim por diante.

Quando usada conjuntamente com categorias complementares e bem articuladas, permite julgamentos extremamente úteis e valiosos para validação dos atributos implícitos em diferentes mensagens, e pode-se constituir em um importante guia de referência para a análise e interpretação do conteúdo e dos dados privilegiados em livros, cursos, filmes etc.

– *Algumas limitações:*

- *esta é uma unidade muito ampla que pode apresentar problemas de classificação dos atributos em duas ou mais categorias. Por exemplo: um filme cômico de Carlitos e intitulado "Tempos Modernos", como poderia ser classificado e categorizado? Cômico? Comédia? Crítica? Resistência? Desconforto? Explicitação da desvalorização da mão-de-obra a partir da introdução de práticas Tayloristas? Dominação? Tristeza? Conformismo em relação a uma nova ordem internacional? Enfim, busquemos as respostas respeitando as inevitáveis variações contidas em toda e qualquer mensagem... Isto porque, se desavisados sobre as implicações políticas e sociais de mensagens*

produzidas, corremos o risco de acreditar que um filme considerado como cômico e alienado, ou como uma comédia inócua, pode esconder uma intenção, propositalmente, interessada em camuflar os componentes reais de uma realidade concreta, a ser desvelada a partir de compreensão, análise e interpretação crítica desta mesma realidade, que somente pode ser desenvolvida e adquirida mediante o Desenvolvimento da Consciência;

- *é apropriada quando as variações a serem encontradas no âmbito das categorias, mesmo que sutis, possam se tornar relevantes a partir da análise crítica do pesquisador. No entanto, se um grande número de subcategorias for necessário para identificar variações, é preferível combinar as unidades de registro ancoradas no tema com aquelas definidoras do item.*

Quase no encerramento deste capítulo, resta tecer algumas considerações importantes. Embora, para fins didáticos, os tipos de Unidades de Registro tenham sido apresentados como unidades estanques e, provavelmente, interpretadas como independentes, vale levar em conta que não existe nenhuma razão plausível para endossar que um estudo particular se utilize, apenas, de um tipo de unidade de registro.

Ao contrário, elas podem e devem ser combinadas, compartilhadas e inter-relacionadas para garantir a possibilidade de realização de análises e interpretações mais amplas e que levem em conta as variadas instâncias de sentido e de significados implícitos nas comunicações orais, escritas ou simbólicas.

As Unidades de Contexto

A Unidades de Contexto podem ser consideradas como o "pano de fundo" que imprime significado às Unidades de Análise. Podem ser obtidas mediante o recurso a dados que explicitem a caracterização dos informantes; suas condições de subsistência; a especificidade de suas inserções em grupos sociais diversificados: na família de origem, no mercado de trabalho, em Instituições consagradas e reconhecidas, sejam elas: religiosas, beneméritas, concebidas para divulgação de programas voltados ao apoio pessoal, ligadas a organismos do Sistema Nacional ou direcionadas para o intercâmbio a ser efetuado junto a organismos Internacionais e assim por diante.

A Unidade de Contexto é a parte mais ampla do conteúdo a ser analisado, porém é indispensável para a necessária análise e interpretação dos textos a serem decodificados (tanto do ponto de vista do emissor, quanto do receptor) e, principalmente, para que se possa estabelecer a necessária diferenciação resultante dos conceitos de **"significado"** e de "**sentido"** os quais devem ser consistentemente respeitados, quando da análise e interpretação das mensagens disponíveis. Diferenciação esta que ainda não tem sido suficientemente incorporada pelos modernos autores que discutem Análise de Conteúdo e muito menos junto àquelas registradas nos antigos manuais, que abordam este tema, com a pretensão de fornecer procedimentos (muitas vezes importantes e úteis, mas, ao mesmo tempo, iniciantes e restritos) a serem utilizados quando a tarefa que se coloca é Analisar o Conteúdo das Mensagens.

A unidade de contexto deve ser considerada e tratada como a unidade básica para a compreensão da codificação da unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são excelentes para a compreensão do significado exato da unidade de registro. "*Isto pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema*" (Bardin, 1977, p. 107).

Reiterando o que já foi colocado, diríamos que se torna, indiscutivelmente, necessário fazer referências ao contexto próximo ou longínquo da unidade a registrar. Se vários codificadores trabalham em um mesmo *corpus*, ou se diferentes *corpus* são objetos de análise é imprescindível ou um acordo prévio entre os diferentes codificadores ou uma análise contextual que recupere os diferentes contextos das mensagens, levando em conta as características prévias das mensagens a serem emitidas por diferentes grupos a serem analisados. "*Por exemplo, no caso da análise de mensagens políticas, palavras, tais como liberdade, ordem, progresso, democracia, sociedade..., têm necessidade de contexto para serem compreendidas em seu verdadeiro significado*" (Bardin, 1977, p. 107). Da mesma forma, o significado de "processos educativos", "avaliação educacional", "capacitação profissional", "projetos", "autonomia da Escola", "aquisição de competências", "participação da comunidade" - entre tantos outros *slogans* embutidos no vocabulário educacional - devem levar em conta e esclarecer, mediante a utilização das unidades do contexto, as contingências contextuais em que foram produzidos, uma vez que as análises das mensagens emitidas (sejam elas opiniões, representações sociais e/ou expectativas) podem variar, sensivelmente, segundo as diferentes e diversificadas dimensões de uma unidade de contexto.

A determinação das unidades de contexto é presidida por dois critérios: "*o custo e a pertinência. É evidente que uma unidade de contexto alargada, exige uma releitura do meio, mais vasta. Por outro lado, existe uma dimensão ótima, no nível do sentido: se a unidade de contexto for demasiado pequena ou demasiado grande, já não se encontra adaptada; também, aqui, são determinantes, quer o tipo de material, quer o quadro teórico. De qualquer modo, é possível testar as unidades de contexto em pequenas amostras, a fim de que nos asseguremos que operamos com instrumentos mais adequados*" (Bardin, 1977, p.108).

Incorporando as Unidades de Registro, as Unidades de Contexto podem ser explicitadas via confecções de tabelas de Caracterização (sempre acompanhadas de suas devidas análises); podem ser relatadas sob forma de histórias de vida, de depoimentos pessoais, de um conjunto de palavras, de um parágrafo ou mesmo de algumas sentenças. O importante é ressaltar que qualquer que seja a forma de explicitação, fique claro o contexto a partir do qual as informações foram elaboradas, concretamente vivenciadas e transformadas em mensagens personalizadas, socialmente construídas e expressas via linguagem (oral, verbal ou simbólica) que permitam identificar o contexto específico de vivência, no bojo do qual foram construídas, inicialmente, e, com certeza, passives de transformações e reconstruções.

CAPÍTULO 5

A ORGANIZAÇÃO DA ANÁLISE

Definidas as unidades analíticas, chega o momento da organização da análise e da definição de categorias. Vejamos, em uma primeira instância, os componentes previstos para sua *Pré-Análise*

A Pré-Análise

A pré-análise é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um de buscas iniciais, de intuições, de primeiros contatos com os materiais, mas tem por objetivo sistematizar os "preâmbulos" a serem incorporados quando da constituição de um esquema preciso para o desenvolvimento das operações sucessivas e com vistas à elaboração de um plano de análise.

Geralmente, esta primeira fase possui três incumbências: *a escolha dos documentos* a serem submetidos à análise; a formulação das *hipóteses* e/ou dos *objetivos*; e a elaboração de *indicadores* que fundamentem a interpretação final. (Bardin, 1977). Continuando recorrendo a Bardin, acrescentamos: estes três fatores não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica,

embora se mantenham estreitamente ligados uns aos outros; a escolha dos documentos depende dos objetivos da investigação, o alcance dos objetivos só será possível a partir da disponibilidade dos documentos; os indicadores serão construídos em função das hipóteses, ou pode até ser que as hipóteses venham a ser construídas em função da identificação de certos indicadores.[1]

Em suma, a pré-análise tem por objetivo a organização, embora ela própria possa se constituir em um momento não estruturado, por oposição à exploração sistemática dos documentos e das mensagens.

As atividades da Pré-Análise

Inclui-se aqui:

a) *A leitura "Flutuante"* – A primeira atividade da Pré-Análise consiste em estabelecer contatos com os documentos a serem analisados e conhecer os textos e as mensagens neles contidas, deixando-se invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativ. No dizer de Bardin, *"esta fase é chamada de leitura flutuante, por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função das hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas com materiais análogos"* (Bardin, 1977. p. 96).

b) *A escolha dos documentos.* A escolha dos documentos pode ser definida *a priori*, ou o objetivo é determinado pelo pesquisador e, por conseguinte, convém colher o

[1] Este item será aprofundado, posteriormente, quando da discussão do levantamento de hipóteses e da construção de categorias.

universo de narrativas adequadas para fornecer informações sobre o problema levantado.

- *Exemplo: uma secretaria de estado solicita a um grupo de especialistas que explorem e analise os recortes divulgados pela imprensa acerca dos dados referentes às condições infra-estruturais das instituições de ensino público, ou sobre os dados e as mensagens comentadas sobre os índices de evasão e repetência de um determinado nível de ensino.*
- *Exemplo: o objetivo é detectar as representações sociais que professores e alunos desenvolvem sobre as Práticas Educativas (em geral) e sobre a Avaliação Educacional. Opta-se, então, pela análise dos discursos e das mensagens que incidam sobre o tema escolhido.*

Estando o universo demarcado (o gênero de documentos sobre os quais se vai efetuar a análise), Bardin nos alerta *"que é, muitas vezes, necessário proceder-se à constituição de um* corpus. *O* corpus *é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica escolhas, seleções e regras"* (Bardin, 1977, p. 96).

Eis as principais regras:

- Regra de Exaustividade

Uma vez definido o campo do *corpus* (entrevistas, respostas a um questionário, editoriais, notícias da imprensa, emissões de televisão e etc.) sobre determinado assunto, é preciso considerar todos os elementos desse *corpus*. Mesmo que se apresentem dificuldades de acesso a importantes informações complementares, sempre será necessário direcionar todos os esforços para buscá-las, com o objetivo de

configurar e esclarecer o contexto e as condições sociais e políticas presentes e, historicamente, contidas nas mensagens emitidas.

• Regra de Representatividade

A análise pode efetuar-se em uma amostra, desde que o material a ser analisado seja demasiadamente volumoso. *"A amostragem pode ser considerada rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos poderão ser generalizados ao todo"* (Bardin,1977, p. 97).

Para se recorrer à amostragem, é preciso identificar a distribuição das características dos elementos da amostra. Um universo heterogêneo requer uma amostra maior do que quando se trata de um universo homogêneo. Se estivermos trabalhando com alunos de diferentes segmentos econômicos, teremos necessidade de uma amostra maior do que aquela que prevê um trabalho direcionado, apenas, a alunos de um mesmo segmento econômico e social. Tal como para a sondagem, a amostragem pode fazer-se ao acaso ou por quotas (sendo conhecidas as freqüências das características da população em estudo), retomando-as na amostra, em proporções reduzidas.

No entanto, é preciso lembrar que nem todo o material a ser analisado é susceptível à obtenção de uma amostragem. E, nesse caso, é preferível reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) para garantir maior relevância, maior significado e maior consistência daquilo que é realmente importante destacar e aprofundar no estudo em questão.

• Regra da Homogeneidade

Os documentos a serem analisados devem ser homogêneos. Isto é, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade que extrapole os critérios e os objetivos definidos. Ou seja, por exemplo, as entrevistas realizadas para captar mensagens sobre um determinado tema devem (todas elas) conter questões que se refiram ao tema escolhido; as respostas dadas às questões formuladas devem ser obtidas mediante a utilização de técnicas semelhantes em situações, igualmente, semelhantes; e devem, também, ser realizadas por indivíduos similares. *"Esta regra é, sobretudo, utilizada quando se deseja obter resultados globais e/ou comparar entre si resultados individuais"* (Bardin, 1977, p. 101).

Todavia, é importante levar em conta o fato de que se, por um lado, a definição de um *corpus* passa a ser uma fase habitual em análise de conteúdo, por outro lado, a fase ou regra de homogeneidade não se impõe quando se trata da análise do conteúdo de um documento único e singular, como, por exemplo, a análise de certas análises monográficas (uma entrevista aprofundada, a estrutura de um sonho, a simbologia de uma imagem ou a temática de um livro).

c) *A formulação das Hipóteses*: uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar, ou não) recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados fidedignos. Sua origem é fornecida por uma instância

exterior: o quadro teórico/pragmático no qual nos apoiamos e no âmbito do qual os resultados serão utilizados. Trata-se, pois, de hipóteses levantadas *a priori.*

Simplificando, diz Bardin: "*levantar uma hipótese é interrogarmo-nos: será verdade que, tal como é sugerido pela análise* a priori *do problema e pelo conhecimento que dele possuo, ou como as minhas primeiras leituras me levam a pensar, que...?*" (Bardin, 1977, p. 98).

Mas, as hipóteses nem sempre são estabelecidas quando da pré-análise. Da mesma forma, não é obrigatório ter-se como guia um *corpus* de hipóteses, para se proceder à análise dos dados. Algumas análises podem ser efetuadas sem hipóteses preconcebidas. Porém, isso não significa deixar de utilizar técnicas adequadas e sistemáticas para fazer "falar" o material selecionado para análise.[2]

A propósito do problema da primazia do quadro de análise sobre as técnicas, e vice-versa, parece-nos oportuno recuperar o que P. Henry e S. Moscovici deixaram registrado no texto "Problèmes de l´analyse de contenu" em *Langage,* Bulletin du CERP, nº II, Setembro, 1968.

Muitos autores parecem privilegiar os *procedimentos exploratórios* (nos quais "o quadro de análise não está determinado" embora levem em conta a evidência das propriedades dos textos") em relação ao que estes autores chamam de procedimentos fechados.

Ao comentar os desdobramentos dos procedimentos fechados P. Henry e S. Moscovici dizem: "*por em evidência um procedimento fechado, significa iniciar uma investigação a partir*

[2] Isto é o que sucede, muitas vezes, quando recorremos à informática.

de um quadro empírico ou teórico de análise de certos estados psicológicos, psicossociológicos ou histórico-sociais, que se tentam particularizar, ou, então, a propósito dos quais se formularam hipóteses ou se levantaram questões. Reúnem-se textos... Depois, observam-se esses textos mediante o referencial de um determinado quadro teórico preestabelecido que não pode ser modificado..." (*op.cit.*).

Enquanto que os *procedimentos de exploração* não apenas podem como devem incluir técnicas sistemáticas de análise, permitem, a partir dos próprios textos, apreender as ligações entre as diferentes variáveis, funcionam segundo o processo dedutivo e facilitam a construção de novas hipóteses.

Uma minuciosa leitura do texto dos autores mencionados nos permite concluir que insistem na e justificam, muito bem, a necessidade de investir quer nas *condições de produção* – ou campo de determinações – dos textos no sentido lato (situação de comunicação, meio sociocultural, psicologia individual, valores cognitivos e/ou afetivos etc.), quer nas relações entre os próprios documentos e as suas condições de produção. Acrescentam, ainda, que os métodos exploratórios **sistemáticos** concentram a vantagem de poder servir de introdução "*aos únicos procedimentos experimentais capazes de apreender as ligações funcionais entre o que estes autores chamam de plano vertical (nível de condições de produção, como variáveis independentes) e o plano horizontal (nível dos textos analisados como variáveis dependentes*") (*op. cit.*).

No entanto, em muitos casos, o trabalho do analista é orientado por hipóteses implícitas. Daí, é preciso destacar a importância que as interpretações **latentes** passam a ter no âmbito do processo da análise de conteúdo. São interpretações que não estão, estritamente,

ancoradas nas mensagens emitidas. Mas, mesmo não estando presentes nas mensagens a serem analisadas, devem ser consideradas como informações extremamente relevantes, uma vez que, além do recurso à dedução e, muitas vezes, à hermenêutica dos sentidos dos textos, concentram a possibilidade de fornecer interpretações complementares valiosas e na junção que se estabelece entre a dedução e os mecanismos de indução, passam a se constituir em elementos úteis para a experimentação de novas hipóteses.

d) *A referência aos índices e a elaboração de indicadores.* O índice pode ser a menção explícita, ou subjacente, de um tema em uma mensagem.

Em grande parte das investigações, qualquer que seja o tema explicitado, o mesmo passa a ter mais importância para a análise dos dados, quanto mais freqüentemente for mencionado. Neste caso, o *indicador* correspondente será a *freqüência* observada acerca do tema em questão. Para tal, deve-se recorrer a uma análise quantitativa sistemática para que seja possível identificar a freqüência relativa ou absoluta do tema escolhido e a proporcionalidade de sua menção em relação a outros temas igualmente presentes.

Da mesma forma do que ocorre com o conteúdo latente, podem existir temas não explicitamente mencionados, mas subjacentes às mensagens, passíveis de observação por parte do investigador e cuja freqüência de ocorrência passa a ser, também, um elemento indispensável para que se possa efetuar uma análise mais consistente e uma interpretação mais significativa.

"Por exemplo: supõe-se que a emoção e a ansiedade se manifestam por perturbações da palavra, durante uma entrevista.

Os índices retidos, tais como: frases interrompidas, repetições, gagueiras, frases incoerentes... e associados às suas respectivas freqüências de ocorrência, transformam-se em indicadores do estado emocional subjacente do emissor" (Mahl, 1969, p. 100).

Uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores seguros e precisos. Geralmente, certificamo-nos da eficácia e pertinência dos indicadores testando-os em alguns recortes de textos ou em alguns elementos dos documentos, via pré-teste da análise.

CAPÍTULO 6

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Definidas as unidades de análise, chega o momento da definição das *categorias*.

A *categorização* é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos.

"*O critério de categorização pode ser semântico (categorias temática: por exemplo, todos os temas que signifiquem ansiedade ficam agrupados na categoria* "ansiedade", *enquanto que os que signifiquem a descontração ficam agrupados sob o título conceitual* "descontração" (Bardin, 1977). Além disso, o critério de categorização também pode ser *sintático* (os verbos, os adjetivos) ou *léxico* (classificação das palavras segundo seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos) ou, ainda, *expressivo* (por exemplo, categorias que podem ser classificadas como diversas perturbações da linguagem) (*op. cit.*).

Em verdade, a criação de categorias é o ponto crucial da análise de conteúdo. No dizer de Holsti, "*A análise de conteúdo se sustenta ou não por suas categorias*" (Holsti, 1969).

Formular categorias, em análise de conteúdo, é, por via de regra, um processo longo, difícil e desafiante.

Mesmo quando o problema está claramente definido e as hipóteses (explícitas ou implícitas) satisfatoriamente delineadas, a criação das categorias de análise exige grande dose de esforço por parte do pesquisador. Não existem "fórmulas mágicas" que possam orientá-lo, nem é aconselhável o estabelecimento de passos apressados ou muito rígidos. Em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho baseado em seus conhecimentos e guiado por sua competência, sensibilidade e intuição.

Esse longo processo – o da definição das categorias – , na maioria dos casos, implica constantes idas e vindas da teoria ao material de análise, do material de análise à teoria, e pressupõe a elaboração de várias versões do sistema categórico. As primeiras, quase sempre aproximativas, acabam sendo lapidadas e enriquecidas para dar origem à versão final, mais completa e mais satisfatória.

Para a elaboração de categorias existem dois caminhos que podem ser seguidos:

1. Categorias criadas *a priori*. Neste caso, as categorias e seus respectivos indicadores são predeterminados em função da busca a uma resposta específica do investigador. Por exemplo, vamos supor que um diretor de escola esteja interessado, apenas, em saber até que ponto seus professores apóiam-se na proposta difundida por Tyler e seus seguidores sobre Avaliação Educacional. Para tal, solicita aos professores que respondam, por escrito, a seguinte questão *"Qual é a função da avaliação?"*. ou *"Para que serve a avaliação?"* Concomitantemente, recorrendo aos pressupostos que indiquem uma *avaliação*

centrada em objetivos, define categorias que atribuem à avaliação o papel de:

- *verificar se os objetivos educacionais estão sendo atingidos pelo programa de ensino;*
- *fornecer informações quanto ao desempenho do aluno em face dos objetivos esperados;*
- *verificar o quanto as experiências de aprendizagem, tal como previstas e executadas, favorecem o alcance dos resultados desejados;*
- *efetuar um julgamento de desempenho tendo como parâmetros objetivos educacionais já fixados e em razão dos quais serão apreciados os resultados a serem obtidos... e assim por diante.*

As respostas que expressarem esta postura (já desmembrada em categorias) serão classificadas em uma ou mais delas e serão indicativas (indicadoras) da presença de uma concepção próxima à de Tyler entre os professores pesquisados. Se o diretor quiser saber o *quanto* dessa aproximação, pode quantificar em termos de freqüências absolutas ou relativas, conforme o número dos enunciados que couberem nas categorias. Afirmações e respostas de outros tipos serão desprezadas, por não se encaixarem em nenhuma das categorias criadas para responder a um interesse bastante específico do investigador.

2. As categorias não são definidas *a priori*. Emergem da "fala", do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria.

Serão tanto mais ricas quanto maior for a clareza conceitual do pesquisador e seu respectivo domínio acerca de diferentes abordagens teóricas.

Nesse processo, inicia-se pela descrição do significado e do sentido atribuído por parte dos respondentes, salientando-se todas as nuanças observadas.

Prossegue-se com a classificação das convergências e respectivas divergências.

Feito isto com algumas respostas (uma amostra), começa-se a criar um código para a leitura (sempre aberto a novas categorias) dos demais respondentes.

As categorias vão sendo criadas, à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas. Em outras palavras, o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes "falas", diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo etc.

Implicações de ambas opções

No primeiro caso (categorias criadas *a priori*), a tendência é levar a uma simplificação e a uma fragmentação muito grande do conteúdo manifesto. Além disso, o pesquisador, muitas vezes, se vê induzido a imprimir uma "camisa-de-força" na fala dos respondentes, procurando indícios daqui e dali para classificar as respostas em seu sistema categórico.

Por outro lado, trabalhar com um sistema aberto (categorias criadas *a posteriori*), como já dissemos, exige maior bagagem teórica do investigador.

Do ponto de vista operacional, gera uma tendência de se iniciar o trabalho, criando-se uma grande quantidade de categorias.

Às vezes, principalmente os iniciantes abrem uma categoria para cada resposta. Isso, também, fragmenta o discurso e prejudica a análise das convergências.

Redunda uma grande quantidade de dados e prejudica a análise do todo.

Quando isto ocorrer, é importante encontrar alguns princípios organizatórios, que seriam as categorias mais amplas ou *molares,* para depois classificar os indicadores (categorias *moleculares*) em módulos interpretativos menos fragmentados.

Por exemplo, em pesquisa por nós desenvolvida junto a egressos de três escolas agrotécnicas e dentre uma boa quantidade de perguntas, indagamos *"quais teriam sido os principais problemas vivenciados como ex-alunos dessas escolas"* (Franco, 1998).

Inicialmente, classificamos as respostas em categorias de menor amplitude e, em seguida, sem nos afastar dos significados e dos sentidos atribuídos pelos respondentes, criamos marcos interpretativos mais amplos para reagrupá-las.

Mediante este procedimento, as categorias iniciais, fragmentadas e extremamente analíticas, passaram a ser *indicadoras* de categorias mais amplas que, ao serem formuladas, passaram, igualmente, a incorporar pressupostos teóricos.

A Tabela 1, a seguir, ilustra o resultado do procedimento que acabamos de relatar.

Tabela 1: Exemplo para a classificação de problemas vivenciados por ex-alunos de três escolas pesquisadas

ESCOLAS / PROBLEMAS EXPLICITADOS	A %	B %	C %	TOTAL %
RELACIONADOS AO DESEMPENHO DO CORPO DOCENTE - Professores mal preparados, com especialização deficitária, pouco qualificados, desinteressados, pouco motivados para ensinar e discutir com os alunos. Alienados da realidade brasileira. Sem graduação a nível superior.	31,5	19,0	20,0	24,5
RELACIONADOS AOS CONTEÚDOS, ATIVIDADES E AVALIAÇÃO - Carências de aulas práticas. Atividades práticas não sistematizadas ou desorganizadas. Conhecimentos insuficientes, conteúdos incompletos, superficiais e mal preparados. Sistemática de avaliação mal organizada.	19,0	24,5	17,0	20,0
RELACIONADOS À ESTRUTURA DO PODER - Disciplina muito rígida. Repressão. Falta de diálogo com os alunos. Arbitrariedades. Atividades impostas de cima para baixo. Falta de democracia.	17,0	17,0	5,0	14,0
RELACIONADOS À ORGANIZAÇÃO E AO FUNCIONAMENTO - Má administração. Incompetência. Corrupção. Má distribuição do tempo. Exaustivas tarefas braçais. Alunos tratados como mão-de-obra barata. Pouco tempo para estudo e lazer.	9,0	18,0	30,5	17,4
RELACIONADOS AOS RECURSOS FÍSICOS - Deficiência de equipamento, laboratórios, materiais, biblioteca, livros deficitários. Área insuficiente para realização das atividades práticas.	19,5	8,0	17,0	15,5

Obs.: As porcentagens foram calculadas a partir do total de problemas explicitados (e não a partir do número de alunos) e, posteriormente, registradas nas categorias criadas (com seus respectivos significados) observando-se, também, a distribuição por escolas.

Uma outra vantagem implícita na elaboração de um sistema categórico *não-apriorístico* diz respeito à grande quantidade de dados novos e diversificados que podem surgir.

À guisa de exemplificação, damos um exemplo de pesquisa por nós realizada (Franco,1998) para ilustrar o que acabamos de explicitar.

A pesquisadora, ao elaborar seu projeto de pesquisa, definiu como um dos objetivos: *"avaliar como e em que quantidade o discurso do aluno é revelador da estrutura de poder existente na escola"*.

Decidiu eleger, como sistemática para a coleta de dados, o uso de entrevistas semi-estruturadas. Dentre outras questões, solicitou a cada um dos alunos a serem entrevistados o seguinte: *"Pense em algum problema que aconteceu em sua escola e diga como foi resolvido"*.

Para descobrir se, na escola, os problemas eram resolvidos de uma forma, digamos, *"mais democrática"*, criou uma categoria que recebeu a seguinte denominação: *"presença da participação do aluno e/ou de professores e pais, na solução dos problemas da escola"*.

Como estava trabalhando com *tema* como unidade de análise, um dos *indicadores* dessa presença poderia ser: toda e qualquer afirmação que indicasse uma participação compartilhada e/ou comunitária.

Em contrapartida, a ausência de soluções compartilhadas tornar-se-ia evidente quando os *indicadores* pudessem ser identificados como: toda e qualquer afirmação que indicasse soluções unilaterais. Por exemplo, apenas da diretoria; ou toda afirmação que indicasse soluções impostas de "cima para baixo" sob forma de comunicados, circulares etc.

A partir dessas preocupações começou a entrevistar os alunos, retomando a questão nodal de sua pesquisa no sentido de induzi-los a pensar em um problema ocorrido na escola e o encaminhamento dado em busca de sua solução.

Já de início, um dos primeiros entrevistados respondeu:

- 'Somos alunos da 1ª série do curso noturno do Ensino Médio. Outro dia, resolveram abrir classes noturnas para as 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Daí, como não havia espaço suficiente, nos tiraram de nossas salas de aula e nos colocaram em barracões sem janelas, mal iluminados, sem lousa e sem nada. Fomos chegando na escola e fomos comunicados que deveríamos ir para os barracões. Não gostamos da história e decidimos protestar. Escrevemos um manifesto, mandamos para a diretora, mas não deu em nada! Então, resolvemos fazer greve. Combinamos que todo mundo deveria comparecer na escola, no horário certo, mas ninguém podia entrar nos barracões para assistir às aulas. A gente tinha que ficar de fora, sentados no pátio, quietos e sem fazer bagunça... Isto também foi combinado. Recebemos, então, a visita da diretora que falou que se a gente continuasse a ficar de fora, não ir para as aulas e não aceitar a decisão da coordenação e da Secretaria, iria haver suspensão em massa e nós tínhamos que ir embora da escola, ficaríamos reprovados, por falta, e nossos pais seriam avisados..."

A partir desse relato a pesquisadora já consegue saber que a participação dos alunos na solução do problema foi *nula,* na medida em que o entrevistado diz *"fomos comunicados de que deveríamos ir para os barracões"*. No

entanto, descobre, também, novos dados: houve *reação*: *"escrevemos um manifesto, fizemos greve"*. E, finalmente, percebe a existência autoritária da *repressão* quando os alunos foram ameaçados de suspensão em massa, de expulsão, de reprovação e de envolvimento com os pais. São novas categorias que emergem da "fala" dos entrevistados e que devem ser incorporadas à análise que se torna, em conseqüência, mais rica e relevante.

Principais requisitos para a criação de categorias

Existem boas e más categorias. Assim como para a constituição do *corpus* de análise, torna-se necessário respeitar algumas regras, um conjunto de categorias satisfatórias deve possuir as seguintes qualidades:

A exclusão mútua: o princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias. Um único princípio de classificação deve orientar sua organização. *"Em um mesmo conjunto categorial, só se pode funcionar com um registro e com uma dimensão de análise. Diferentes níveis de análise devem ser separados em outras tantas análises sucessivas"* (Bardin, 1977).

A pertinência: Uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido e ao quadro teórico definido. O sistema de categorias deve, também, refletir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens.

A objetividade e a fidedignidade: Estes princípios, tidos como muito importantes no início da história da análise de conteúdo, continuam sendo válidos. A esse respeito, os comentários de vários autores são esclarecedores. As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica

uma determinada matriz de categorias, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises. "*As possíveis distorções devidas à extrapolação da subjetividade dos codificadores e à variação individual de juizes não serão produzidas se a escolha e a definição das categorias forem bem estabelecidas*" (White, 1971 p. 121).

Finalmente, gostaríamos de acrescentar às condições geralmente prescritas para a construção de "boas" categorias, uma qualidade mais pragmática, qual seja: *a produtividade.* Um conjunto de categorias é produtivo desde que concentre a possibilidade de fornecer resultados férteis. Férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados relevantes para o aprofundamento de teorias e para a orientação de uma prática crítica, construtiva e transformadora.

CAPÍTULO 7

UM EXEMPLO DA UTILIZAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO NA REALIZAÇÃO DE UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A pesquisa e seus objetivos

O exemplo que escolhemos para ilustrar a utilização do procedimento de Análise de Conteúdo foi um trabalho de pesquisa de Carelli (2002) realizado durante o primeiro semestre de 2001, com 20 alunos da 3ª série do Ensino Fundamental com idade variando de 9 e 11 anos, sendo 12 do sexo masculino e oito do sexo feminino. Na sua maioria, filhos de migrantes nordestinos em busca de trabalho e/ou trabalhando no litoral norte do Estado de São Paulo.

Podendo ser enquadrada na modalidade de "pesquisa/intervenção", teve por objetivo propor estratégias diversificadas (no caso, "contar histórias") e sempre respeitando e incluindo a participação da professora da classe, pretendeu promover, no âmbito escolar, o incremento do prazer de Ler e, conseqüentemente, a aquisição mais qualificada da

Habilidade de saber Ler e Escrever, por parte dos alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental.

Os procedimentos, a pré-análise e a criação de categorias

Entre outras atividade e de acordo com o previsto para a coleta de dados, a pesquisadora, inicialmente, utilizou-se do recurso de uma entrevista semi-estruturada para obter respostas às seguintes questões:

• Você gosta de ouvir histórias? Por quê?

Pergunta feita com o objetivo de inferir até que ponto o contar e ouvir histórias poderia significar um procedimento adequado para despertar o interesse pela leitura e escrita.

• Quem conta histórias para você e onde?

Pergunta feita para identificar outros possíveis espaços e/ou outras pessoas que preencham esta lacuna, para além da professora e do ambiente escolar

• *Por que precisamos saber ler?*

Questão importante para identificar os motivos, as finalidades e a importância da leitura, na condição de atributos, explicitados pelas crianças, que dizem respeito à aquisição da habilidade de saber ler e escrever.

A partir das respostas obtidas, a pesquisadora passou a construir quadros ilustrativos para facilitar os

procedimentos de agrupamentos, de classificações, de pré-análise, procedimentos, estes, vistos como indispensáveis e fundamentais para auxiliar a posterior criação de categorias e, conseqüentemente, a efetiva possibilidade de inferir, analisar e interpretar os dados a serem submetidos à uma Análise de Conteúdo.

Vejamos os quadros elaborados:

Quadro 2: Respostas das crianças à questão: Você gosta de ouvir histórias e por quê? *(Alunos registrados pelos números de 1 a 20[1], segundo a ordem cronológica das entrevistas.)*

Alunos	Respostas
1	Gosto, porque quando a gente pega uma história e começa a ler, aí a gente vai aprender mais coisas
2	Gosto, porque eu acho interessandte
3	Gosto, porque eu acho bom
4	Gosto, porque depois que uma pessoa conta uma história para mim eu conto para mim eu conto para outra. Quando eu escuto uma história depois conto para minha irmã, para minhas colegas. Só que eu não falo com as mesmas letras porque eu esqueço
5	Gosto, porque é muito importante. História é muito boa para a gente aprender alguma coisa
6	Gosto, porque as histórias são muito legais para mim
7	Gosto, porque a gente aprende mais
8	Gosto, porque é legal
9	Gosto, porque é legal
10	Gosto, porque é legal
11	Gosto, porque eu acho muito bonito
12	Gosto, porque é legal
13	Gosto, porque é legal. Porque a professora conta é gostoso
14	Gosto, porque é legal
15	Gosto, para aprender a ler
16	Gosto, porque eu acho interessante
17	Gosto, porque eu acho legal
18	Gosto, porque eu acho legal
19	Gosto, porque é legal
20	Gosto, porque a gente fica escutando enquanto o outro lê

[1] O cuidado com a identificação de registro é um importante facilitador para associação e interpretação dos dados em contexto.

Prosseguindo, a pesquisadora elaborou o:

Quadro 3: Transcrevendo as respostas dos alunos e relativas à questão "Quem conta histórias para você e onde?"

Alunos	Respostas
1	Tem algumas vezes que a minha mãe me conta e aí eu pego o caderninho e conto de volta para ela. Do livrinho, em casa. Ela conta todos os dias e depois eu conto para ela de volta,
2	O meu tio, o meu primo, a minha irmã. No quarto deles. De vez em quando.
3	A professora. Em casa ninguém conta.
4	A minha avó e a minha mãe. Contam de vez em quando. Na minha casa ou quando eu vou na casa da minha avó. E quando tem dia de chuva, a gente fica lá em casa. Daí a minha mãe conta história.
5	Mais a minha professora, mas em casa o meu pai é mais chegado em história. De vez em quando, ele conta como era a vida dele, assim diferente, como era a vida dele antes.
6	Tem vezes que é a minha prima que conta para mim. Agora ela não nestá mais contando porque ela foi embora. Agora é a professora que me conta histórias.
7	Minha avó, meu pai e a minha mãe. Quando a gente vai dormir, eles contam histórias. De vez em quando, porque, às vezes, eles chegam cansados e dormem também.
8	A professora. Em casa os meus irmãos me contam histórias. Às vezes.
9	Meus irmãos, meu pai, meus primos. Quando meu primo vai dormir lá em casa, ele conta no quarto.
10	A professora. Em casa meu pai, minha mãe e a minha irmã. De vez em quando.
11	Meu pai mora em São Paulo. Então, de vez em quando, é a minha mãe.
12	Minha mãe, minha avó, meu pai. Eles contam sempre. Na minha casa ou quando vou na casa da minha avó.
13	Na minha casa ninguém. Eu leio para o meu irmão. Na escola, a professora.
14	Eu mesmo. Só a professora.
15	A professora. Minha irmã.
16	A professora. Na minha casa, ninguém conta histórias.
17	Eu mesmo.
18	A professora. Na minha casa ninguém me conta histórias.
19	A professora. Maíra e, às vezes, a Diretora. Na minha casa, minha irmã me conta histórias.
20	Minha mãe. Não na hota de dormir ela reza. Ela conta todos os dias.

E, daí:

Quadro 4: "Por que precisamos saber ler?"
(Seguindo o mesmo procedimento e a elaboração de mais um Quadro)

Alunos	Respostas
1	Porque senão a gente vem para a escola e a professora põe a gente na frente para ler e a gente não sabe e passa o maior carão. Eu já passei por isso. Eu não sabia ler na primeira (série).
2	Porque a gente pode estar perdido em uma cidade, passa o ônibus a gente perde porque não sabe ler. Também quando os outros mandam a gente ler e a gente não sabe.
3	Para aprender as coisas.
4	Porque a gente pode ir que, por exemplo, se você não souber ler você não pode fazer uma assinatura que precisar. Se você não souber ler você também não vai saber.
5	Por exemplo, se eu chego em um lugar a pessoa manda eu ler e eu não sei, aí eu passo vergonha. Porque muitas pessoas perguntam, você está andando na rua e te perguntam "olha lê aquela placa para mim", aí a gente fica com a maior cara de pau se disser que não sabe. Até minha mãe que não sabe ler nada, diz que é muito difícil viver sem saber ler. Coitada. Mas, eu vou saber ler e escrever.
6	Para poder ir ao banco e fazer coisas. Ler um cheque, o que está escrito. Quando você for professor, você save muitas coisas.
7	Para a gente aprender e poder ser alguém na vida.
8	Para não ser burro.
9	Para poder trabalhar em algum lugar que precisa saber ler e tem que estudar.
10	Para aprender.
11	Para aprender, porque quando a professora pedir para a gente ler a gente sabe ler.
12	Para contar histórias.
13	Para quando precisarmos assinar alguma coisa. Saber o que estamos assinando.
14	Para trabalhar de advogado, no Exército, na Marinha, na Polícia.
15	Para quando a professora der a lição eu poder fazer.
16	Senão quando a gente for trabalhar e a pessoa perguntar: você sabe ler? Aí quem não souber não vai poder trabalhar.
17	Não sei para que serve. Acho que é porque a professora quer.
18	Para a gente saber mais.
19	Para poder tirar carta de motorista e para quando tiver alguma coisa para ler a gente conseguir ler.
20	Para aprender a passar de série.

Conhecidas as respostas dos alunos, elas passam a se constituir em *indicadores* para a próxima tarefa: qual seja, a criação de categorias.

Para isso, a pesquisadora que estava trabalhando com o *tema* como unidade de registro, foi em busca do significado e do sentido das asserções explicitadas e, valendo-se de seu referencial teórico, buscou classificá-las em *categorias molares*.

Na medida em que, também, estava interessada em saber a intensidade do aparecimento dos diferentes significados lógico-semâmticos, decidiu quantificá-los, utilizando-se de freqüências absolutas e relativas.

Foram, pois, elaborados as Tabelas que se seguem e que explicitam as categorias criadas e alguns de seus indicadores ilustrativos.

Obs.: Além disso, após a apresentação de cada uma das Tabelas, é recomendável redigir uma análise preliminar de seus respectivos conteúdos, para auxiliar em uma posterior análise contextualizada e para uma efetiva interpretação dos dados, bem como para a redação de uma síntese conclusiva, com vistas à compatibilização intra e entre dados e sua necessária adequação em relação aos objetivos propostos pela pesquisa e pelo pesquisador.

Vejamos, pois, as Tabelas.

Tabela 2: Distribuição dos motivos explicitados pelos alunos para justificar porque gostam de ouvir histórias

ALUNOS / MOTIVOS EXPLICITADOS	Nº	%
RELACIONADOS À SITUAÇÃO DE ENSINO/APRENDIZAGEM ➢ é muito importante para aprender alguma coisa. ➢ porque a gente aprende mais coisas. ➢ para aprender a ler.	04	20
RELACIONADOS À SITUAÇÕES DE ENTRETENIMENTO E PRAZER ➢ porque eu acho interessante ➢ porque eu acho bom ➢ porque as histórias são muito legais para mim ➢ porque eu acho muito bonito ➢ porque a professora conta e é gostoso	14	70
MOTIVOS LIGADOS À INTERAÇÃO ENTRE PARES ➢ gosto, porque depois que uma pessoa conta uma história para mim eu conto para outra ➢ quando eu escuto uma história depois eu conto para minha irmã,para minhas colegas, só que eu não falo com as mesmas letras, porque eu esqueço ➢ porque a gente fica escutando enquanto o outro lê ➢ porque eu escuto e depois conto como eu sei	02	10

Obs.: as porcentagens foram calculadas a partir do total de motivos explicitados e não a partir do número de alunos.

Como pode ser observado, em sua maioria (70%), o ouvir história está ligado ao prazer, ao lúdico, e em 10% das respostas acrescentam-se a este prazer a relação entre pares: a escuta e a fala, o ouvir e o contar. Esta constatação pode, a princípio e erroneamente, levar o leitor a inferir que *"o contar histórias"* apresenta-se como uma atividade desvinculada das reais necessidades de aprendizado *strictu sensu*, uma vez que, neste caso, ela aparece em apenas 20% dos casos. No entanto, em nosso entender, o prazer, o lúdico, a interação e o diálogo concentram uma grande possibilidade no que diz respeito ao desenvolvimento efetivo do aluno em sua caminhada em busca da aquisição das habilidades e competências de ler e escrever.

Tabela 3: Distribuição das respostas (nº e %) explicitadas nas entrevistas em relação a quem conta histórias, onde e com que freqüência.

ALUNOS / SITUAÇÕES EXPLICITADAS	Nº	%
SITUAÇÕES RELACIONADAS AO CONTEXTO FAMILIAR (FREQÜENTE) ➢ Minha mãe, ela conta todos os dias e depois em conto para ela a história ➢ Minha mãe, minha avó, meu pai, eles contam sempre, na minha casa ou quando eu vou na casa da minha avó. ➢ Minha mãe, ela conta quase todos os dias.	03	15
SITUAÇÕES RELACIONADAS AO CONTEXTO FAMILIAR (ESPORÁDICO) ➢ Minha avó e minha mãe, quando tem dia de chuva a gente fica lá em casa ouvindo histórias. ➢ O meu pai é mais chegado em histórias, de vez em quando ele me conta histórias de sua vida. ➢ Eles me contam histórias quando não chegam cansados em casa. ➢ Algumas vezes, o meu tio, o meu primo e minha irmã me contam no quarto deles. ➢ Em casa, de vez em quando, os meus irmãos me contam histórias. ➢ Minha prima me contava quando estava aqui, agora ela foi embora e não tem mais histórias em casa.	08	40
SITUAÇÕES RELACIONADAS AO CONTEXTO ESCOLAR ➢ A professora, em casa ninguém conta. ➢ A minha professora. ➢ Agora é a professora que me conta histórias. ➢ Só a professora. ➢ A Professora e, às vezes, a Diretora.	11	55
NINGUÉM ➢ Eu mesmo	01	05

Obs.: as porcentagens foram calculadas a partir do total de motivos explicitados e não a partir do número de alunos.

Considerando as precárias condições familiares em que estão inseridos os alunos investigados, é possível compreender os dados categorizados na Tabela 3. Ou seja, 55% (um pouco mais do que a metade) declaram que as situações de ouvir histórias estão unicamente concentradas no contexto escolar. Além disso, mesmo quando constatamos, em 40% dos casos, que essas situações estão, também, relacionadas ao contexto familiar, observamos que as mesmas ocorrem de maneira esporádica. É diminuto o número de respostas (3,15%) indicativas da oportunidade de "ouvir histórias" freqüentemente no contexto familiar e/ou em seus desdobramentos. Neste sentido, reiteramos o importante papel da escola, a necessidade de infra-estrutura adequada como bibliotecas, livros diversificados e a valorização do professor quando a meta é a democratização do ensino, bem como o desenvolvimento integral das crianças que tanto confiam e precisam da escola.

Tabela 4: Distribuição dos motivos explicitados pelos alunos para justificar porque precisamos saber ler

ALUNOS / MOTIVOS EXPLICITADOS	Nº	%
MOTIVOS LIGADOS ÀS NECESSIDADES BÁSICAS DE SOBREVIVÊNCIA. ➢ Para assinar papéis. ➢ Ler uma placa na rua. ➢ Ir ao banco e conseguir ler um cheque. ➢ Para poder trabalhar em algum lugar precisa saber ler. ➢ Para quando precisarmos assinar alguma coisa saber o que estamos assinando. ➢ Para poder tirar carta de motorista. ➢ Quem não souber ler vai perder a vaga de um trabalho para quem sabe ler. ➢ Porque a gente pode estar perdido em uma cidade, passa o ônibus a gente perde porque não sabe ler.	09	45
MOTIVOS RELACIONADOS ESTRITAMENTE À SITUAÇÃO DE ENSINO/APRENDIZAGEM. ➢ Para quando a professora pedir para fazer a lição ➢ Para conseguir ler na lousa. ➢ Para conseguir ler para os outros colegas. ➢ Para passar de série. ➢ Para aprender. ➢ Para estudar. ➢ Para saber mais. ➢ Se você não souber ler você também não vai saber escrever.	11	55
AUTO-ESTIMA. ➢ Para não ser burro. ➢ Porque senão a gente vem para a escola a professora põe a gente na frente para ler e a gente não sabe e passa o maior carão. ➢ Quando os outros mandam a gente ler e a gente não sabe passa vergonha.	04	20
MOTIVOS RELACIONADOS ÀS EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E PESSOAIS. ➢ Para ser professor. ➢ Para trabalhar de advogado, no Exército, na Marinha, na Polícia. ➢ Para a gente ser alguém na vida.	03	15

Obs.: as porcentagens foram calculadas a partir do total de motivos explicitados e não a partir do número de alunos.

Mesmo que a Representação acerca do poder da escola possa ser considerada como um componente real, histórico, oportuno e construído socialmente como elemento indispensável para o desenvolvimento individual daqueles que a freqüentam, outros elementos devem, também, ser considerados, tendo em vista as respostas dadas à pergunta *"por que precisamos saber ler?"*

Como se observa na Tabela 4, 55% das respostas incidem na categoria que explicita motivos ligados estritamente à situação de ensino/aprendizagem. Por outro lado, é igualmente expressiva (45%) a ocorrência de motivos vinculados às necessidades básicas de

sobrevivência. Além disso, há que se considerar as respostas vinculadas à preservação da auto-estima (20%) e aquelas relacionadas às expectativas de realização profissional e pessoal (15%). Sem dúvida, essas outras categorias extrapolam o âmbito restrito do saber e do aprender e vinculam-se a componentes práticos, operacionais e fundamentais para a sobrevivência em numa "sociedade letrada", e mais, apontam para e reiteram a importância dos aspectos psicos-sociais e emocionais a serem respeitados e resguardados no âmbito das expectativas daqueles que querem e precisam "saber ler e escrever!"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, J. *L'Ére logique,* Paris: Robert Laffont, 1977.

CARELLI, F. M. E. "Privilegiando o contar histórias no Projeto de Aproximar Crianças da Leitura e da Escrita". Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, PUC/SP, 2002.

CARTWRIGHT, D. L'Analyse du material quantitatif. *In*: FESTINGER, Leon; KATZ. *Les Méthodes de rechergesdans les sciences sociales.* Paris: PUF, 1963.

FRANCO, M L P. B. *O Ensino médio:* desafios e reflexões. 3.ed. São Paulo: Papirus, 1998.

_____. Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional. *In*: PRADO, C. (org). *Avaliação do rendimento escolar.* 11.ed. São Paulo: Papirus, 2003.

HENRY, P.; MOSCOVICI, S. Problemes de l'analyse de contenu. *Langage* nº II, set. 1968.

HOLSTI, R. *Content analyses for the social sciences and humanities.* California: Addison-Wesley, 1969.

MAHL, G. F. Exploring emotional states analyses. *In*: POOL, I. de S. *Trends in content analyses.* Illinois: University of Illinois Press, 1969.

MOSCOVICI, S. On social representations. *In*: FORGAS, J. *Social cognition*. Nova York: Academic Press, 1981.

MUCCHIELLI, S. *L'Analyse de contenu des documents et des communications*. Paris: Les Libraries Techiques, 1974.

PÊCHEUX, M. Analyse du discours, langue et iéologie. *Langages*, n. 37 (esp.), mar. 1973.

PIAGET, J. *La Psychologie de l'intelligence*. Paris: Collin, 1967.

THOMPSON, J. B. *Ideologia na cultura moderna*: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VARLOTTA, Y. M. C. "Representação social de ciência constituída por alunos do ensino médio: porto de passagem da ação pedagógica". São Paulo, 2002. Tese (Dout.) PUC-SP.

WHITE, R. K. *Value – analysis:* the nature and use of the metho. New Jersey: Liberation Press, 1971.

Maria Laura Puglisi Barbosa Franco

Doutora em Psicologia da Educação pela PUC/SP e Livre Docente pela UNICAMP.

É professora titular do Programa de Pós Graduação em Educação: Psicologia da Educação da PUC/SP e Pesquisadora Senior da Fundação Carlos Chagas.

Como investigadora, tem sua produção concentrada nas áreas de Representações Sociais, Ensino Médio e Metodologia da Pesquisa.

Irandé Antunes

ANÁLISE DE TEXTOS

fundamentos e práticas

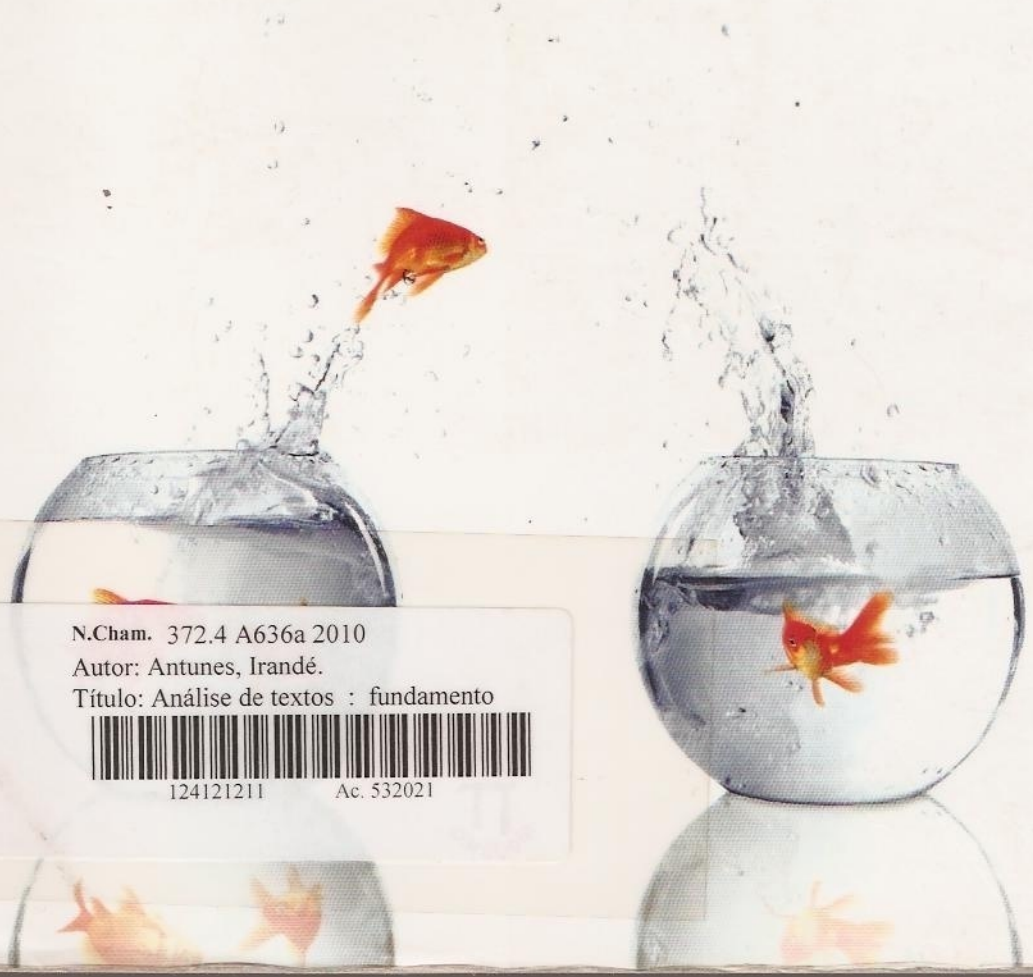

N.Cham. 372.4 A636a 2010
Autor: Antunes, Irandé.
Título: Análise de textos : fundamento
124121211 Ac. 532021

O que se ensina na escola acerca do texto? Muito pouco! Só muito recentemente se vê uma ou outra menção a questões da coesão, da coerência, da intertextualidade, da relevância sociocomunicativa, da implicitude e de outras propriedades do texto.

No momento, um dos desafios para os professores é descobrir o que incluir em seus programas de estudo da língua, para além da simples repetição das categorias da morfologia e da sintaxe.

São bem oportunos todos os esforços por orientar e apoiar o trabalho dos professores em torno das questões textuais, sejam questões de sua produção, sejam de sua compreensão. A exploração dessas questões pode contribuir muito para que o professor vá descobrindo como ampliar seus programas de estudo da língua e, melhor dizendo, como preencher suas previsões de estudo com questões que são, de fato, relevantes para a ampla e atuante educação linguística de seus alunos.

É o que Irandé Antunes faz neste livro: explorar questões do texto coeso, coerente, relevante e adequado contextualmente.

ISBN: 978-85-7934-022-2
9 788579 340222

Estratégias de Ensino

1. *O ensino do espanhol no Brasil*, João Sedycias [org.]
2. *Português no ensino médio e formação do professor*, Clecio Bunzen & Márcia Mendonça [orgs.]
3. *Gêneros catalisadores — letramento e formação do professor*, Inês Signorini [org.]
4. *A formação do professor de português — que língua vamos ensinar?*, Paulo Coimbra Guedes
5. *Muito além da gramática — por um ensino de línguas sem pedras no caminho*, Irandé Antunes
6. *Ensinar o brasileiro — respostas a 50 perguntas de professores de língua materna*, Celso Ferrarezi
7. *Semântica para a educação básica*, Celso Ferrarezi
8. *O professor pesquisador — introdução à pesquisa qualitativa*, Stella Maris Bortoni-Ricardo
9. *Letramento em EJA*, Maria Cecilia Mollica & Marisa Leal
10. *Língua, texto e ensino — outra escola possível*, Irandé Antunes
11. *Ensino e aprendizagem de língua inglesa — conversas com especialistas*, Diógenes Cândido de Lima (org.)
12. *Da redação escolar ao texto — um manual de redação*, Paulo Coimbra Guedes
13. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*, Roxane Rojo
14. *Libras? Que língua é essa?*, Audrei Gesser
15. *Didática de línguas estrangeiras*, Pierre Martinez
16. *A palavra e a sentença — estudo introdutório*, Ronaldo de Oliveira Batista
17. *Coisas que todo professor de português precisa saber*, Luciano Amaral Oliveira
18. *Gêneros textuais & ensino*, A. Paiva Dionisio, A. R. Machado, M. A. Bezerra (orgs.)
19. *As cadeias do texto — construindo sentidos*, Cláudia Roncarati
20. *Produção textual na universidade*, Désirée Motta-Roth, Graciela Rabuske Hendges
21. *Análise de textos — fundamentos e práticas*, Irandé Antunes
22. *Dicionários escolares — políticas, formas & usos*, Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho, Marcos Bagno (orgs.)
23. *Inglês em escolas públicas não funciona?*, Diógenes Cândido de Lima (org.)
24. *Dicionários na teoria e na prática — como e para quem são feitos*, Claudia Xatara, Cleci Regina Bevilacqua, Philippe René Marie Humblé
25. *Gêneros textuais — reflexões e ensino*, Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeneicher Brito (orgs.)
26. *Letramentos de reexistência — poesia, grafite, música, dança:* hip-hop, Ana Lúcia Silva Souza
27. *Pesquisar no labirinto — a tese, um desafio possível*, Francisco Perujo Serrano

Irandé Antunes

ANÁLISE DE TEXTOS

fundamentos e práticas

124121211

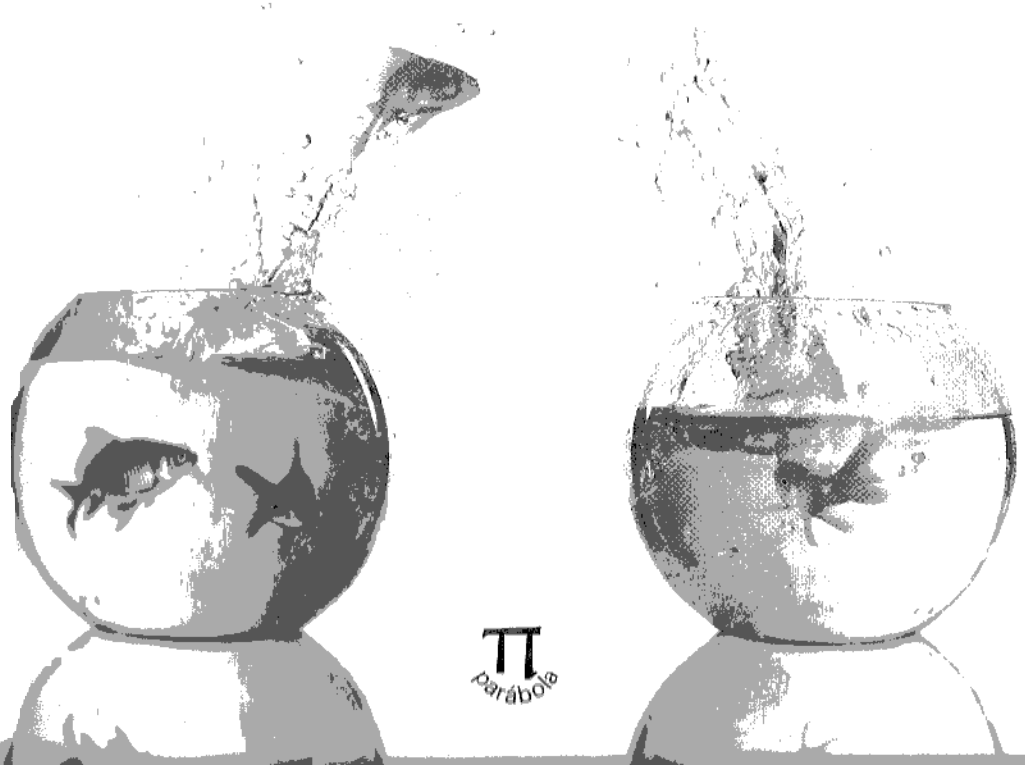

parábola

Capa e editoração: Andréia Custódio
Revisão: Marcos Bagno
Editor: Marcos Marcionilo
Conselho Editorial: Ana Stahl Zilles [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [UNICAMP]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFES]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Roxane Rojo [UNICAMP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A672

Antunes, Irandé, 1937-
Análise de textos : fundamentos e práticas / Irandé Antunes. - São Paulo : Parábola Editorial, 2010.
(Estratégias de ensino ; 21)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7934-022-2

1. Língua portuguesa - Composição e exercícios - Estudo e ensino. 2. Análise do discurso. 3. Linguagens e línguas - Estudo e ensino. 4. Linguística - Estudo e ensino. I. Título. II. Série.

10-3916.

CDD: 469.8
CDU 811.134.3'42

Direitos reservados à
Parábola Editorial
Rua Dr. Mário Vicente, 394 | Ipiranga
04270-000 São Paulo, SP
pabx: [11] 5061-9262 | 5061-8075 | fax: [11] 2589-9263
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-7934-022-2
1ª edição, 1ª reimpressão: setembro de 2011 - conforme novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa
© do texto: Irandé Antunes
© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, setembro de 2010

A cada dia que vivo, mais me convenço de que
o desperdício da vida
está no amor que não damos,
nas forças que não usamos,
na prudência egoísta que nada arrisca, e que,
esquivando-nos do sofrimento,
perdemos também a felicidade.

(Drummond, *Definitivo*)

A João Antunes Victor,
um pedacinho de voz que veio fazer parte
da grande sinfonia do interdiscurso humano.

Sumário

Sobre peixes e linguagem
Marcos Bagno 11

Introdução 13

CAPÍTULO 1
Uma visão sumária das práticas pedagógicas de análise de textos 21

CAPÍTULO 2
Noções preliminares sobre o texto e suas propriedades 29
2.1 O conceito de textualidade 29
2.2 O conceito de texto 30

CAPÍTULO 3
Questões envolvidas na análise de textos 45
3.1 Por que analisar textos? 46
3.2 O que é que se faz quando se analisa um texto? 49
3.3 Com que finalidades se deve fazer a análise de textos? 50
3.4 Que textos analisar? 52
3.5 Que elementos analisar? 55
3.6 À luz de que princípios analisar? 58
3.7 O que evitar nessas atividades de análise de texto? 59
3.8 Como analisar textos ou que procedimentos de análise adotar? 61

CAPÍTULO 4
Fundamentos para a análise de textos: o foco em aspectos globais 65
4.1 O universo de referência 66
4.2 A unidade semântica 67
4.3 A progressão do tema 68
4.4 O propósito comunicativo 69
4.5 Os esquemas de composição: tipos e gêneros 70
4.6 A relevância informativa 74
4.7 As relações com outros textos 75

CAPÍTULO 5
Práticas de análise de textos quanto a sua dimensão global 79
5.1 Análise do comentário "A mercadoria alucinógena" 80
5.2. Análise da crônica "Talvez o último desejo" 87

5.3. Análise da fábula "Os urubus e os sabiás" 96
5.4 Análise do texto expositivo "A geografia linguística no Brasil" 103
5.5. Análise do poema "A missa dos inocentes" 109

CAPÍTULO 6
Fundamentos para a análise de textos: o foco em aspectos de sua construção 115
6.1 A coesão e a coerência 117
6.2 Os tipos de nexos textuais 118
6.3 Recursos de constituição dos nexos textuais 121

CAPÍTULO 7
Práticas de análises de textos quanto a aspectos de sua construção 143
7.1 Análise da fábula "Os urubus e os sabiás" 144
7.2 Análise do texto expositivo "Quinhentos anos de história linguística" 158
7.3. Análise da crônica "Nós, os brasileiros" 164
7.4. Análise do comentário "O maiúsculo e o minúsculo" 170
7.5 E a gramática na construção desses textos? 174

CAPÍTULO 8
Fundamentos para a análise de textos: o foco em aspectos da adequação vocabular 177
8.1 A relevância da adequação vocabular de um texto 178
8.2 Uma questão fundamental: o critério da associação semântica entre as palavras do texto 179
8.3 As palavras e suas combinações preferenciais 180
8.4 O uso de sinônimos 181
8.5 O uso de hiperônimos 183
8.6 A questão dos vocabulários técnicos 184
8.7 Os efeitos de sentido pretendidos por meio de recursos morfossintáticos 185

CAPÍTULO 9
Práticas de análises de textos quanto a aspectos de sua adequação vocabular 187
9.1. Análise do comentário "A liberdade e o consumo 1" 187
9.2 Análise da anedota "Boateiro" 195
9.3. Análise do comentário "A geração digital entra em cena" 200
9.4. A título de sugestão: a análise do vocabulário de um poema 206
9. 5. Análise de algumas "escolhas ao contrário" 208

CAPÍTULO 10
Uma espécie de síntese: como no final de uma longa conversa 213
Quanto às práticas de análise 214
Quanto aos critérios de análise 215
Quanto aos textos 215
Quanto a aspectos do léxico em uso nos textos 216
Quanto à exploração dos fatos gramaticais 216

Referências bibliográficas 220
Referências bibliográficas dos textos analisados 223

Sobre peixes e linguagem

Marcos Bagno

Me ocorre frequentemente a ideia de que nós nos relacionamos com a linguagem assim como os peixes se relacionam com a água. Fora da água, o peixe não existe, toda a sua natureza, seu desenho, seu organismo, seu modo de ser estão indissociavelmente vinculados à água. Outros animais até conseguem sobreviver na água ou se adaptar a ela, como focas, pinguins, sapos e salamandras, que levam uma existência anfíbia. Mas os peixes não: ser peixe é ser na água. Com os seres humanos é a mesma coisa: não existimos fora da linguagem, não conseguimos sequer imaginar o que é não ter linguagem — nosso acesso à realidade é mediado por ela de forma tão absoluta que podemos dizer que para nós a realidade não existe, o que existe é a tradução que dela nos faz a linguagem, implantada em nós de forma tão intrínseca e essencial quanto nossas células e nosso código genético. Ser humano é ser linguagem.

Mas a comparação com o peixe também pode se aplicar a uma outra dimensão da linguagem, que é a única forma como a linguagem realmente adquire existência: a dimensão *textual*. Abrir a boca para falar, empunhar um instrumento para grafar o que quer que seja, ativar a memória, raciocinar, sonhar, esquecer... todas essas atividades humanas só se realizam como *textos*. Só tem linguagem onde tem texto. No entanto, por alguma misteriosa razão, os estudos linguísticos durante quase dois milênios desprezaram esse caráter essencialmente textual da linguagem humana. Talvez justamente por ele ser tão íntimo e inevitável quanto respirar, algo que fazemos tão intuitivamente que nunca nos detemos para refletir sobre isso, é que o caráter textual de toda

manifestação da linguagem tenha sofrido esse soberano desprezo. E as consequências desse desprezo, para a educação, configuram a tragédia pedagógica que tão bem conhecemos: a redução do estudo da língua, na escola, à palavra solta e à frase isolada.

Uma palavra solta, uma frase isolada são um peixe fora d'água. O texto é o ambiente natural para qualquer palavra, qualquer frase. Fora do texto, a palavra sufoca, a frase estrebucha e morre. E como pode o peixe vivo viver fora da água fria?

A ideia de que uma frase se sustenta sozinha é uma das inúmeras heranças que recebemos da Antiguidade clássica. Mas sabemos que os primeiros estudos sobre a linguagem tinham um caráter eminentemente filosófico, metafísico mesmo, pois os filósofos gregos não tinham preocupações linguísticas propriamente ditas, muito menos preocupações didáticas: o que interessava a eles era descobrir de que maneira (e se é que) a linguagem refletia o funcionamento da alma, que por sua vez (e se é que) refletia o funcionamento do mundo natural, que por sua vez (e se é que) refletia a organização do universo. Para isso, bastava a frase, a sentença isolada, o *autotelos logos*, ou seja, o enunciado completo em si mesmo, porque sua estrutura mínima servia aos propósitos da investigação metafísica. O desastre se opera quando essa autossuficiência (suposta) da frase isolada é transferida para os estudos da língua em si mesma e, pior ainda, para o *ensino* da língua. O peixe morto, que pode ser aberto e estripado para se saber o que tem lá dentro, se tornou o objeto do ensino de línguas, quando esse objeto deveria ser o peixe vivo e bulindo, em cardume, dentro de seu ambiente natural, líquido, aquoso: lago, lagoa, riacho, rio, praia, alto-mar — a água-texto.

Irandé Antunes, incansável defensora dos peixes vivos, prossegue aqui em sua luta contra o uso do peixe morto, estripado e malcheiroso, que ainda infecta o nosso ensino de línguas, em pleno século XXI. É com ela que aprendemos o que deveria ser óbvio: que ensinar línguas não é pescar, mas mergulhar na água do texto e nadar entre os peixes. Deveria ser óbvio, mas não é. Por isso, só podemos comemorar, aplaudir e agradecer mais esse manifesto em defesa da linguagem, da língua e do texto que, na água vivificada pelo espírito humano, são uma coisa só!

Introdução

Penso em quem quando escrevo um livro como este? Penso nos professores de português do ensino fundamental e médio; penso nos alunos de letras ou de pedagogia, que se preparam para assumir a função de professor ou de orientador na lidas do ensino de línguas. Penso, na verdade, em trazer *uma espécie de reforço à prática da análise de textos, privilegiando, é claro, aspectos da sua textualidade.*

Pretendo, portanto, apoiar aqueles que desejam "fazer morada" no domínio amplo e complexo das questões textuais; pretendo trazer-lhes algumas pistas para a caminhada no meio do labirinto que é a análise de texto enquanto atividade pedagógica. Não cabe, pois, descer a especulações mais aprofundadas, a definições e metalinguagens mais apuradas. Com o cuidado de fazer recortes, sem abrir mão da consistência teórica e da seriedade metodológica, pretendo apenas mostrar um pouco de *como se pode fazer análises de textos centradas* em *elementos* que, de fato, são *determinantes para a construção de sua textualidade e de sua função interacional.*

Vamos lá.

Facilmente se pode comprovar a dificuldade de alguns professores para fazer esse tipo de análise. Submetidos durante anos, desde alunos e depois como professores, a uma prática de análise que se esgotava na identificação de categorias gramaticais ou sintáticas, eles deixam de perceber os aspectos mais relevantes de construção da textualidade. Além dos limites dessas experiências reducionistas, muitos professores não tiveram oportunidade, em seus cursos de formação, de entrar em contato com teorias sobre

o texto e suas propriedades ou não souberam encontrar nessas teorias implicações para futuras análises.

De fato, a competência para a exploração da linguagem, em eventos da comunicação oral e escrita, supõe, por um lado, uma fundamentação teórica ampla, consistente e suficientemente clara, que contemple aspectos fundamentais de sua construção e de seu funcionamento. As conexões que podem ser criadas em um texto e que apoiam sua interpretação ultrapassam aquelas previstas pelas determinações morfossintáticas. Ultrapassam porque o destinatário vai sendo instruído para estabelecer diferentes nexos entre diferentes pontos do texto — por vezes, pontos até distantes —, nexos que não se devem apenas a elementos de ordem morfológica ou sintática. Em outras palavras, a construção dos sentidos se deve a outros elementos para além daqueles de ordem gramatical.

Em geral, os estudos linguísticos que integram os currículos dos cursos de letras ainda incidem muito sobre aspectos da morfossintaxe das línguas, em detrimento de questões sobre a construção e a circulação das ações de linguagem. Consequentemente, o olhar de professores e alunos sobre a construção do texto ainda é um olhar quase exclusivamente gramatical. Ainda falta, em muitos cursos, uma abordagem consistente de teorias sobre a textualidade, o que poderia ser possível pela exploração dos princípios da linguística de texto.

Por outro lado, falta ao professor uma prática contínua de análise, que possibilite o desenvolvimento da capacidade de enxergar os elementos que, para além do gramatical, são centrais para o entendimento do texto. Não por acaso, se formou nos professores e nos alunos uma visão de análise presa exclusivamente ao que aparecia na superfície do texto. Mesmo depois de tantos apelos a favor de análises de caráter textual, ainda vigora, na maioria das escolas — concretamente entre professores, coordenadores de ensino e gestores — e entre os alunos, uma prática de análise que equivale à mera identificação de categorias gramaticais. Para alunos e professores, até mesmo o sentido do termo 'análise' remete somente para essa identificação.

A superação desse problema, consequentemente, também requer, por um lado, o estudo das questões eminentemente textuais, como aquelas relativas aos critérios da coesão, da coerência, da relevância informativa, da intertextualidade e de tantas outras, presas às condições contextuais em que acontecem as ações de linguagem. Por outro lado, exige que se instaure na escola, com regularidade, a prática da análise dessas questões textuais em exemplares reais, orais e escritos, que circulam ou circularam em nossas atividades sociais. Esse prisma de análise das regularidades textuais faria com que se obscurecesse aquele outro viés com que se costuma analisar o que os alunos escrevem na escola: o viés da correção gramatical, segundo o qual "basta o texto não ter erros gramaticais para estar bom'"

A teoria apenas, sem a prática da análise, pode representar uma abstração, um conjunto de hipóteses, de suposições, simplesmente. Em termos de linguagem, pode parecer uma referência a algo que não pertence à nossa experiência concreta de falantes e ouvintes. Por sua vez, a análise, apenas, não se desenvolve sem os fundamentos de princípios teóricos consistentes. Teoria e análise se alimentam mutuamente.

Pareceu-me oportuno, então, oferecer aos professores e alunos, a partir de um conjunto de 'lembretes' teóricos, algumas indicações e alguns exemplos de como se pode perceber em textos elementos de sua construção, de sua relevância comunicativa e de como se pode ultrapassar, nas atividades de análise, a simples identificação de elementos de sua superfície.

Sabemos quanto os sentidos e intenções expressos no que dizemos são resultado de determinações contextuais, textuais, lexicais e gramaticais, que atuam para além do que aparece na superfície. Cada um desses conjuntos de determinações promove a instauração daqueles sentidos e intenções, de maneira que *um não pode prescindir dos outros*. As determinações gramaticais, por exemplo, isoladamente, são insuficientes. Ou seja, uma ação linguística não se faz apenas com gramática, ou apenas com léxico, embora gramática e léxico tenham uma função

determinante na construção da coerência e da relevância dos sentidos ativados.

Os professores têm procurado entender esse ponto quando propõem a conveniência de se estudar a 'gramática contextualizada' ou 'a gramática no texto', conforme dizem. Mas ainda falta, me parece, vivenciar satisfatoriamente essa proposta. As atividades realizadas sob o rótulo de gramática contextualizada têm consistido, quase sempre, na prática de retirar do texto um fragmento para indicar as classes ou categorias morfossintáticas desses fragmentos ou de partes deles.

Por sinal, vale a pena voltar a referir a grande dificuldade dos professores para emprestar ao ensino da gramática esse viés textual. Confusos, ficam entre as alternativas: *ensinar gramática* ou *não ensinar gramática*, como se uma das alternativas pudesse valer sozinha[1].

Pretendo trazer, nas páginas deste livro, uma contribuição no sentido de *poder viabilizar análises que incidam sobre questões da construção coesa, coerente e relevante de textos*, o que, naturalmente, inclui *contexto, texto, léxico e gramática*.

As questões envolvidas nesse conjunto são numerosíssimas e, além disso, se interdependem e carecem de limites bem definidos, o que exige do analista, do ponto de vista metodológico, algum critério de segmentação e de análise. Por isso, decidi selecionar algumas questões e visualizá-las em três grandes blocos, que envolvem:

- *aspectos globais do texto;*
- *aspectos de sua construção;*
- *aspectos de sua adequação vocabular.*

É preciso ter em mente, no entanto, que em um texto, um item de sua construção ou outro de seu vocabulário, por exemplo,

[1] Espero poder ajudar um pouco os professores a desfazer essas confusões. Mesmo assim, quero sugerir – aos professores de todos os níveis – um estudo mais amplo e aprofundado da questão da "gramática". Nesse sentido, existe no Brasil uma farta bibliografia que se ocupa do objeto 'gramática' e, consequentemente, de seu ensino. Vale a pena consultar, entre outros, Bagno (2000, 2001, 2007, 2009), Antunes (2007), Faraco (2008), Neves (2000, 2002, 2003, 2006, 2010), Martos e Silva (1994, 2004), Perini (1985, 1997, 2006, 2008, 2010), Travaglia (1996, 2003).

podem ter sua significação exatamente em função do todo. Quer dizer, *não* é possível *isolar o que é pontual, ou o que é simplesmente gramatical, ou o que nada tem a ver com o sentido ou a função global do que é dito*. Em um texto, tudo se interdepende e tudo concorre para a expressão coerente e relevante de seu sentido e de seus propósitos comunicativos.

Chamo a atenção, portanto, para esse cuidado de, nas análises que fazemos, não separar, não isolar o que é global do que é pontual e vice-versa, o que é lexical do que é gramatical; afinal, o texto é *um tecido único*, cujo resultado global decorre exatamente dos efeitos conseguidos por meio de cada um dos nós, feitos textualmente, e pressupostos contextualmente.

Convencida, como já mostrei anteriormente, de que as análises supõem uma boa fundamentação teórica, optei por organizar este trabalho da seguinte forma:

- em um primeiro momento, apresento uma breve fundamentação teórica acerca de questões pertinentes ao bloco em estudo;
- logo em seguida, apresento análises de textos relativas a pontos pertinentes a esse bloco.

Ou seja, na exploração de cada bloco, consta uma breve fundamentação teórica e, depois, uma amostra de análises. O volume de conceitos e de noções teóricos relativos às questões textuais é imenso; não poderia, no curto espaço deste livro, senão levantar alguns pontos — os que me parecem mais pertinentes — para entender melhor um pouco do que acontece nos textos que fazemos e recebemos.

Uma decisão me pareceu importante e tem a ver com a exploração dos itens da gramática ou dos fatos gramaticais, melhor dizendo. Valendo-me de que procedimentos pretendo dar conta dessa exploração? Desenvolver a análise, numa seção à parte, como fiz em relação aos aspectos globais do texto, aos aspectos de sua construção e de sua adequação vocabular? Não faria sentido, a não ser numa perspectiva de linguagem fora dos usos e inteiramente virtual ou hipotética, o que não se aplica aos propósitos de qualquer abordagem pedagógica.

Apoiada nessa concepção, decidi pelo seguinte: *fazer, ao final da análise de cada texto, considerações acerca de como determinados elementos gramaticais concorreram para a efetivação do aspecto textual em estudo*. Por sinal, vale destacar o seguinte: à medida que fui analisando cada bloco, já fui tecendo considerações sobre um ou outro item gramatical que foram decisivos para a construção do sentido. Quer dizer, fui experimentando na pele a impossibilidade de dar conta dos sentidos do texto, dos recursos de sua construção ou de sua adequação vocabular, sem recorrer à consideração de itens da gramática.

De fato, especificar, isoladamente, no âmbito da construção dos sentidos, os fenômenos gramaticais é como esvaziar o texto de um de seus componentes fundamentais. Tudo o que um texto significa:

- resulta dos *elementos contextuais* em que esse texto funciona como parte de um evento comunicativo;
- resulta do *conhecimento de mundo* ativado pelo conjunto de elementos contextuais e textuais;
- resulta *das unidades lexicais* postas ou pressupostas na superfície do texto;
- resulta *das unidades gramaticais em suas múltiplas categorias, relações e funções*.

Quer dizer, em um texto, os sentidos são expressos pela conjunção de todos esses fatores. Mesmo no âmbito do mais especificamente linguístico, léxico e gramática misturam-se, fundem-se. As unidades do vocabulário significam porque fazem parte de uma construção gramatical; esta, por sua vez, significa porque inclui os valores semânticos das unidades lexicais.

Ou seja, uma análise de textos, na perspectiva mais ampla, será tanto mais pertinente quanto mais aliar o linguístico às situações onde as interações acontecem. Na perspectiva do linguístico, será tanto mais pertinente quanto mais conseguir aliar o léxico à gramática e vice-versa.

Neste trabalho, a análise das categorias gramaticais vem, portanto, depois da análise de cada texto, exatamente para facilitar a integração pretendida entre a gramática e os outros componentes.

Uma outra decisão que tomei deveu-se à necessidade de fazer um recorte na natureza dos textos que seriam objeto de análise. Convinha delimitar entre os textos: orais, escritos, puramente verbais, multimodais, não verbais etc. Impossível tratar de todos. Escolhi, então, os textos escritos, apenas verbais ou não multimodais, por serem os mais frequentes nas atividades de sala de aula e por demandarem ainda uma prática de análise mais consistente e relevante. Pretendo, assim, trazer uma contribuição mais imediata ao trabalho dos professores e ajudá-los na compreensão de como *a construção e a compreensão dos sentidos e das intenções expressos nos textos são funções do contexto, do léxico e da gramática*.

Talvez eu possa neutralizar um pouco a ideia equivocada de que a gramática basta; ou a outra de que a gramática se esgota na simples classificação de suas categorias.

Talvez, afinal, eu possa ajudar na descoberta, clara e pertinente, do que devemos fazer com os textos que trazemos às nossas aulas de línguas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto
(Manoel de Barros, *Memórias inventadas: a infância*)

Antes de iniciar esta *conversa* (assim mesmo: me sinto conversando com os professores — atuais e futuros), gostaria de externar meus agradecimentos a todos os professores com quem mantenho contato nos momentos de formação. Com eles, eu percebo *onde* persiste a indefinição, o conceito confuso, a hipótese infundada, a 'certeza' errada. Por isso, escrevo como se estivesse *respondendo a eles*. Por isso, sou insistente, enfática, até redundante, às vezes. Meu desejo é que nada se perca pelo caminho. Mostro por onde *não* se deve ir; mas também tenho o cuidado de indicar o melhor jeito de caminhar. Mais: meu grande desejo é que todos nos puséssemos a caminho, sem trégua, na busca de um encontro mais significativo com as questões linguísticas, aquelas mais brandas, de quando "a luz da língua migalha" e aquelas mais "ensopadas de precisão", usadas "debaixo da luz forte do sentido".

Agradeço, em especial, a Marcos Marcionilo, meu editor, que tem apoiado esse *meu gosto de estar com os professores através da palavra escrita* e que tem acreditado nas possibilidades de se inaugurar ou de se fortalecer *um novo momento* para o processo da educação linguística em terras brasileiras.

Sou grata ainda à professora Ana Lima, minha amiga e "companheira de jornada" nas lides à volta de textos e de seu ensino.

Capítulo 1

Uma visão sumária das práticas pedagógicas de análise de textos

Os manuais didáticos costumam trazer uma série de questões relativas ao texto que encabeça as lições de cada unidade. A seção do livro em que aparecem essas questões é apresentada, normalmente, sob o título de *interpretação do texto, compreensão do texto* ou outros similares.

Em princípio, tais questões, na sua maioria em forma de perguntas, propõem-se a avaliar a compreensão do aluno a respeito do material proposto para leitura. Poderiam representar atividades de análise de textos e, em certa medida, o são. Entretanto, fogem a esse propósito, pois, frequentemente, trazem propostas de atividades que extrapolam o texto, que incidem sobre opiniões pessoais acerca de aspectos temáticos abordados ou que, para serem resolvidas, dispensam a consulta ao que foi lido. Por esses prismas, a rigor, não são, propriamente, atividades de análise de texto.

Contudo, levando em consideração esses exercícios de interpretação, até podemos reconhecer que começa a haver nos manuais didáticos um empenho maior em explorar as diferentes estratégias e habilidades de construção dos sentidos do texto. A avaliação desses manuais, a cargo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), desde a década de 1990, tem constituído um parâmetro de qualidade já para sua elaboração.

Consequentemente, grande parte dos manuais didáticos atesta, no momento, uma razoável melhoria em relação aos exercícios de leitura e compreensão, se comparados a publicações dos anos 1970 e —1980, por exemplo. A propósito, vale referir um estudo feito, em 1996, em manuais de ensino de língua portuguesa, pelo professor Marcuschi, no qual foi possível atestar que tais exercícios reduzem "todo o trabalho de compreensão à identificação de informações objetivas e superficiais" (p. 64).

A razoável melhoria de que se falou logo atrás não significa que esses males do trabalho com o texto tenham desaparecido totalmente. Ainda persistem, em manuais, e persistem, sobretudo, nas atividades que são de inteira autoria dos professores, ou seja, em atividades criadas especificamente para a sala de aula.

Na prática, o que essas atividades têm privilegiado?

Reféns da concepção de que a gramática é que constitui o objeto ou o foco principal do estudo da língua, as atividades a partir dos textos têm servido, principalmente, como oportunidades de exemplificar o uso de determinada categoria morfológica ou de identificar a ocorrência dessas categorias, como tem sido sobejamente mostrado em tantos trabalhos sobre o ensino da língua[1].

[1] Em minha dissertação de mestrado, sob orientação do Prof. Marcuschi, analisei quatro coleções de língua portuguesa, para o ensino fundamental, e a conclusão, apoiada em muitos dados, confirmou a hipótese de que a gramática "atropela" e tira do caminho outros campos de estudo da língua (ver Antunes, 1986).

Com tais atividades de reconhecimento da classe ou da subclasse gramatical das unidades, fica a impressão — nos professores, alunos e pais de alunos — de que se está cumprindo a função primordial de ensino da língua, que é — na concepção deles — "ensinar gramática" (nem se percebe que isso é apenas uma partezinha — a mais externa — da gramática!)

Ao lado dessa fixação nas classes de palavras, têm tido amplo lugar os exercícios de simples transcrição de trechos do texto, nos quais se pode identificar, por exemplo, falas ou descrições de um determinado personagem. São exercícios de cópias, simplesmente, presos à sequência em que os itens apareceram no texto, e que não exigem a mobilização de cálculos interpretativos ou de estratégias de raciocínio mais complexas.

Na mesma perspectiva de uma análise pouco relevante, podemos lembrar a reincidência de propostas para que o aluno identifique informações objetivas e explícitas na cadeia do texto. A orientação dessas questões se esgota, naturalmente, na simples recuperação do que aparece na superfície — com todas as letras — provocando, na maioria dos casos, situações de extrema obviedade. São, assim, atividades que não desenvolvem no aluno competências para a compreensão interativa, isto é, para a participativa construção dos sentidos e das intenções expressos no texto e contidos em seus contextos de uso.

Todas essas marcas da orientação do trabalho levam a que se perca de vista os aspectos globais do texto, quer dizer, aquilo que lhe confere *centralidade e unidade semântico-pragmática*, como sua concentração temática ou a finalidade comunicativa predominante. Consequentemente, são mais abundantes as propostas que incidem sobre questões pontuais, que, isoladas do resto, perdem seu efeito em relação à sua dimensão global. Por vezes, como dissemos, para serem resolvidas, dispensam até o recurso ao texto.

Vale a pena trazer o exemplo de uma atividade, uma apenas que seja, para se ter uma ideia mais clara de como os textos não servem para análises de categorias eminentemente textuais; servem, conforme tenho mostrado, como campo de amostra da ocorrência de uma ou outra classe de palavra, de um ou outro fenômeno morfossintático[2].

[2] É evidente que nem todos os exercícios a partir de textos têm essa configuração. Mas é evidente também que ainda acontecem muitos deles na prática do dia a dia escolar por esse Brasil afora. O exercício que aqui se mostra como exemplo data de 2008, o que comprova a falta de atualização das novas propostas de trabalho com o texto. Em geral, como disse, os exercícios criados pelos professores – sobretudo aqueles destinados às avaliações – têm esse perfil. Muda apenas o conteúdo, na dependência da classe gramatical que está sendo estudada. Gostaria de esclarecer que a omissão da fonte onde colhi esta amostra deve-se ao fato de tê-la recebido de uma professora em exercício de sala de aula.

Vamos ao exemplo.

LEIA.

O patinho feio

Era o mais feio de todos
Só fazia trapalhadas
Nem cantar ele sabia
Nadava que nem louco
Se brincava ninguém entendia.

Tentou fazer amizades
Tentou uma duas três vezes
Tiraram sarro dele
Diziam que era avesso.

Um dia o patinho cansou
Comprou um bilhete para a lua
Já era tempo futuro
Mudar de planeta foi como atravessar a rua.

INDIQUE OS TEMPOS VERBAIS DOS VERBOS DESTACADOS NA 2ª ESTROFE.

Depois de mais umas "questõezinhas" em torno dos tempos verbais, aparecia o seguinte desafio:

NAS FRASES A SEGUIR, CIRCULE OS VERBOS QUE ESTÃO NO FUTURO DO PRESENTE E NO FUTURO DO PRETÉRITO E ESCREVA-OS ABAIXO

a) "Será assim, amiga: um certo dia
estando nós a contemplar o poente
sentiremos no rosto, de repente,
o beijo leve de uma aranha fria."
(Vinícius de Morais)

Futuro do presente _____

b) "Se eu fosse um padre eu citaria os poetas
Rezaria seus versos, os mais belos,
Desses que desde a infância me embalaram."
(Mário Quintana)

Futuro do pretérito _____

"Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros."
(Carlos Drummond de Andrade)

Futuro do presente _____

Como fica evidente, a finalidade prevista para aquilo que seriam análises de texto se esgota na gramática e, mais especificamente, na mera identificação de suas categorias. Até mesmo os versos são convertidos em frases. E *a poesia deixa de existir; sucumbe.*

O problema de atividades desse tipo nasce em momentos anteriores à sua elaboração; ou seja, nasce na seleção, pelos professores, dos itens dos programas ou dos planejamentos de ensino. Sem atenderem às orientações mais consistentes, dadas em uma farta literatura acadêmica e em documentos oficiais, os professores não se distanciam muito dos tradicionais programas e incluem, na ordem de sempre, a passagem, uma a uma, de cada classe gramatical. Dessa forma, os planejamentos de ensino da língua feitos nas escolas não têm sabido *ver para além da gramática*, de modo que, como se tem reiterado, estudar uma língua tem equivalido, apenas, a estudar questões de sua gramática. Bem dizendo, de uma gramática fora de qualquer contexto[3].

Guiados por esses planejamentos, os professores privilegiam levantar questões a partir de fragmentos dos textos, ou deles retirados,

[3] No contato com os professores, costumo escutar a queixa de que gestores, orientadores e os próprios pais resistem a um ensino que tenha no centro outras questões que não aquelas puramente gramaticais. Ou seja, os que resistem também se aliam e se reforçam mutuamente. Uma das soluções é, do lado das mudanças, promover também alianças!

fragmentos que são, na prática, convertidos em frases descontextualizadas (mesmo que sejam versos de um poema), sem referência ao todo do qual são partes significativas. Tais fragmentos, assim soltos, ganham inteira autonomia, perdem seus vínculos com as sequências anteriores ou posteriores do texto, não têm autoria nem se enquadram numa determinada cena enunciativa. Não parecem ser uso representativo da língua escrita ou da língua oral, da prosa ou da poesia, desse ou daquele registro. Para o que se destinam, o essencial é que esses fragmentos contenham unidades da classe gramatical ou fatos da questão morfossintática em estudo[4].

[4] Pode parecer insistência desnecessária nas mesmas observações. Pode. Aceito. Entretanto, quando, em minhas andanças por diferentes rincões do Brasil, entro em contato direto com os problemas que os professores levantam, constato *que ainda não é demais* mostrar os equívocos em que a escola tem caído, limitando-se ao simplismo das classificações e fugindo à exploração das *questões eminentemente textuais*. Portanto, fica aqui, mais uma vez, minha insistente palavra em favor de um ensino de língua que tenha como objeto a atividade – sempre funcional – da interação verbal.

É natural, portanto, que, diante das orientações e propostas de ver os textos com perspectivas mais amplas, de entender a gramática como um dos constituintes dos sentidos explícitos e implícitos, os professores fiquem meio perdidos e tenham dificuldade de discernir sobre o que fazer.

Nesse particular, se percebe que o professor, ao optar por essa gramática contextualizada, sente-se como se estivesse traindo sua função pedagógica primeira, que, segundo a visão de tantos séculos, é ensinar a gramática das palavras e das orações. Esse professor sente-se fracassado se seu aluno, mesmo no ensino fundamental, não sabe, por exemplo, o que é um substantivo, um adjetivo, uma oração subordinada etc. Pode até não saber ler nem escrever; não importa; isso fica para depois.

Aos pais dos alunos, aos alunos, aos próprios professores, parece embromação um programa que se desvie daquela ordem das classes gramaticais, com todas as suas subdivisões: artigo, numeral, substantivo, adjetivo, pronome, verbo etc. Alegam que o conhecimento dessas classes é condição de sucesso nos exames de concursos e vestibulares. Furtam-se, no entanto, ao trabalho de analisar como são feitas as provas desses exames, ou qual o lugar

e o peso concedidos aí à compreensão e à elaboração de textos. Contentam-se em, melancolicamente, lamentar as mudanças operadas e, zelosamente, vigiar pela manutenção de um programa que já não responde às necessidades sociais de agora.

Por vezes, me parece que professores, pais e alunos "não querem ver" a inoperância, a irrelevância e a deficiência desse ensino que não desenvolve as competências necessárias à significativa atuação das pessoas na vida profissional e nas situações sociais mais diversas. Esse não querer ver pode parecer bem mais cômodo que procurar as saídas para novas opções e novos desafios.

A esse propósito, valia a pena averiguar *o que se ensina na escola acerca do texto*. Muito pouco, não? Só mais recentemente, se vê nos livros didáticos — sobretudo naqueles manuais destinados ao ensino médio — uma ou outra menção a questões da coesão, da coerência, da intertextualidade, da relevância sociocomunicativa, da implicitude e de outras propriedades do texto. O tópico 'gêneros textuais' tem sido objeto de mais referências; mas, ainda assim, muito superficialmente, fora de práticas que levem o aluno a entender a centralidade de suas questões. Em geral, passa-se muito brevemente e, claro, superficialmente, de um gênero a outro, sem explorar suas questões mais pertinentes.

Parece que as regularidades textuais são dadas por sabidas e seu aprofundamento vai sendo adiado, na suposição ingênua de que o estudo daquela gramática autônoma, independente de qualquer contexto, tudo explica e provê toda a competência necessária às interações. As análises revelam, sobejamente, que não se escreve ou não se compreende um texto apenas com gramática. Muito menos com a ciência de sua nomenclatura morfossintática. Quando o escritor Luís Fernando Veríssimo, em uma de suas crônicas[5], diz que sempre foi péssimo em português e que *a intimidade com a gramática é dispensável*, tanto que ele, assim péssimo, *ganha a vida escrevendo*, está exatamente referindo-se a essa gramática que se esgota na mera classificação de suas unidades.

[5] A crônica de que falo intitula-se "O gigolô das palavras" e está publicada em: *Crônicas selecionadas e comentadas* por Maria da Glória Bordini, 4, Porto Alegre: L&PM, 1982, p- 10-12.

No momento, um dos desafios para os professores é descobrir o que incluir em seus programas de estudo da língua, para além da simples circulada pelas categorias da morfologia e da sintaxe.

Não resta dúvida, pois, que são bem oportunos todos os esforços por orientar e apoiar o trabalho dos professores em torno das questões textuais, sejam questões da sua produção, sejam da sua compreensão. A exploração dessas questões, com certeza, pode contribuir muito para que o professor vá descobrindo como ampliar seus programas de estudo da língua e, melhor dizendo, como preencher suas previsões de estudo com questões que são, de fato, relevantes para a ampla e atuante educação linguística de seus alunos.

É o que vamos tentar fazer nas próximas páginas: *explorar questões do texto coeso, coerente, relevante e adequado con-textualmente.*

Escrever é outro modo de falar.
Ler é outro modo de ouvir.

(Marcos Bagno, *O espelho dos nomes*)

Capítulo 2

Noções preliminares sobre o texto e suas propriedades

2.1 O conceito de textualidade

Como fundamento para a compreensão do que é o texto, tem-se desenvolvido o conceito de textualidade, a qual pode ser entendida como *a característica estrutural das atividades sociocomunicativas* (e, portanto, também linguísticas) executadas entre os parceiros da comunicação. Logo, todo enunciado — que porta sempre uma função comunicativa — apresenta *necessariamente* a característica da textualidade ou uma "*conformidade textual*".

Quer dizer, em qualquer língua, e em qualquer situação de interação verbal, o modo de *manifestação* da atividade comunicativa é a *textualidade* ou, concretamente, um gênero de texto qualquer. Daí que nenhuma ação de linguagem acontece fora da textualidade. "Desde que ela exista, a comunicação se dá de forma textual" (Schmidt, 1978: 164). Na mesma direção, afirmou Marcuschi em uma de suas aulas: "No momento em que alguém abre a boca para falar, começa um texto".

Perde sentido, então, aquela perspectiva ascendente da linguagem, segundo a qual, primeiro, se aprendem as palavras, depois as frases, para enfim, se chegar ao texto. Todos os segmentos de nossa atividade de linguagem, desde os primeiros balbucios,

são entendidos e classificados como partes funcionais de um todo integrado: o texto.

Fazer da textualidade o objeto de ensino não é, pois, ceder às teorias da moda, ou um jeito de — como dizem alguns — deixar as aulas mais motivadas, mais prazerosas, menos monótonas. É muito mais que isso: é uma questão de assumir a textualidade como o princípio que manifesta e que regula as atividades de linguagem.

Ocorre que essa textualidade não acontece de forma abstrata. Acontece sob a forma concreta de textos, linguística e socialmente tipificados, conforme veremos a seguir.

2.2 O conceito de texto

O mais consensual tem sido admitir que *um conjunto aleatório de palavras ou de frases não constitui um texto*. Mesmo intuitivamente, uma pessoa tem esse discernimento, até porque não é muito difícil tê-lo, uma vez que não andamos por aí esbarrando em *não textos*. Por mais que esteja fora dos padrões considerados cultos, eruditos ou edificantes, o que falamos ou escrevemos, em situações de comunicação, são *sempre* textos.

Também não é difícil explicitar essas intuições, se nos fixarmos na análise de como acontece a interação verbal entre as pessoas nas diferentes situações de sua vida social. Vamos tentar apresentar fundamentos teóricos dos pontos que pretendemos analisar, embora o façamos, neste ponto do livro, de uma forma muito sumária, uma vez que, nos sucessivos capítulos de análise, vamos desenvolvê-los um pouco mais.

2.2.1. Primeiramente, poderíamos começar por lembrar que recorremos a um texto quando temos alguma pretensão comunicativa e a queremos expressar. Oomen, conforme citação de Schmidt (1978: 167), afirma que "não se instaura um texto sem uma função comunicativa"; propõe ainda que o texto tem seu fluxo controlado pela respectiva função comunicativa que exerce.

Dessa forma, todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo. Caracteriza-se, portanto, como uma atividade

eminentemente funcional, no sentido de que a ele recorremos com uma finalidade, com um objetivo específico, nem que seja, simplesmente, para não ficarmos calados.

Assim, nada do que dizemos é destituído de uma intenção. O sentido do que dizemos aos outros é parte da expressão de um ou mais objetivos. Falamos com a intenção de "fazer algo". O sucesso de nossa atuação comunicativa está, sobretudo, na identificação dessa intenção por parte do interlocutor com quem interagimos. Por isso mesmo é que, no percurso da interação, vamos dando as instruções necessárias para que o outro vá fazendo, com eficácia, essa identificação. Como diz Schmidt (1978: 80), o texto é um "conjunto ordenado de instruções".

O princípio de que falamos *sempre* para cumprir determinado objetivo é sobejamente referido por todos os autores que se ocupam do texto. Por exemplo, Adam (2008: 107) declara que "o texto não é uma sequência de palavras, mas uma sequência de atos". Halliday e Hasan (1989: 52) definem texto como a "linguagem que é funcional. Por linguagem funcional, queremos referir aquela linguagem que cumpre alguma função em algum contexto". Na mesma linha, Schmidt (1978: 170) define o conceito de texto como "um conjunto-de-enunciados-em-função".

Consequentemente, todo texto é expressão de uma atividade social. Além de seus sentidos linguísticos, reveste-se de uma relevância sociocomunicativa, pois está sempre inserido, como parte constitutiva, em outras atividades do ser humano. Nas palavras de Marcuschi (2008: 23), "não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas".

Assim, compreender um texto é uma operação que vai além de seu aparato linguístico, pois se trata de um evento comunicativo em que operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas.

2.2.2. Um segundo aspecto que deriva desse primeiro ponto é o fato de que o texto, como expressão verbal de uma atividade social de comunicação, envolve, sempre, um parceiro, um interlocutor. Não, simplesmente, pelo fato de que temos uma companhia quando falamos e, assim, não o fazemos sozinhos. Mas,

sobretudo, pelo fato de que construímos nossa expressão verbal *com o outro*, em parceria, a dois; de maneira que o texto vai tendo um fluxo conforme acontece a interação entre os atores da ação de linguagem.

Dizemos o que julgamos ser de interesse do outro escutar. Pressupomos esse interesse e arriscamo-nos a responder a ele. Daí o *dialogismo* reconhecido por Bakhtin (1995) como característica fundamental da linguagem. Não dizemos as coisas gratuitamente ou aleatoriamente. Esforçamo-nos, quase sem notar, para sermos, em cada contexto, relevantes, *dizendo o que supomos ser da necessidade, do interesse ou do gosto do outro*. Em última instância, é isto mesmo: não falamos sozinhos, no sentido de que o texto que construímos é *uma resposta* ao que supomos ser *a pergunta do outro*.

2.2.3. Um terceiro aspecto a se considerar sumariamente diz respeito ao fato de que o texto é caracterizado por uma *orientação temática;* quer dizer, *o texto se constrói a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central*, ou de um *núcleo semântico*, que lhe dá continuidade e unidade.

Para explicitar esse princípio (tão presente às nossas intuições), vejamos, por exemplo, as seguintes passagens, que têm, naturalmente caras de texto[1].

[1] Criei essas passagens, simplesmente, juntando palavras e frases que fui recolhendo numa revista. Em contatos com professores e alunos, fui testando a estranheza que causava o 'sem sentido' de ambas as peças. As justificativas para a hipótese de que não constituíam textos centravam-se na "falta de uma unidade de sentido possível". É curioso que, durante muito tempo, os alunos fizeram atividades de formar frases soltas, sem que ninguém questionasse a distância entre isso e o exercício real da linguagem. É que, de fato, o texto não "estava previsto no programa".

Religiosidade

Monstro planos sexo cantor pela denúncia de polêmico paguei fazer sobre pretendem enfermeira menino milhões presente viva-voz telelone estar risco com mercado o.
Computador completo ficar frontal você veloz se para esperar doméstico brincando mamífero moda.
Relógios cartas sobre expectativa inteiro promoção empregadas sabatina campanha novo queijo compra Brasil meninos.

Mamífero voraz

É preciso 100 pontos para ganhar um relógio de plástico. Teremos imenso prazer em lhe mostrar o nosso país. Já está nas lojas Tok & Stok a Linha Garden Verão 97. Dizia-se lá em casa que éramos de origem francesa. Tenho um pequeno museu em casa.
Seu próximo passo é ter um cartão com 6 meses de anuidade grátis.
— Jamais abandonarei a senhora.
Bom mesmo é viver numa cabana no meio do mato. O próprio banco ajuda a descobrir quais são os melhores produtos para montar sua carteira de investimentos.

Daria para perceber em alguma dessas passagens uma unidade semântica, ou reconhecer qualquer núcleo de sentido? Daria para dizer *sobre quê* é cada uma? Daria para fazer, a partir delas, um resumo, uma síntese? Alguém poderia reconhecer aí uma função comunicativa pertinente a determinado contexto?

Como se vê, são passagens construídas a partir de palavras ou de frases soltas, o que nos faz voltar aos termos com que iniciamos esta seção: *um conjunto aleatório de palavras ou de frases não constitui um texto*.

Com base nos pontos até aqui levantados, podemos recapitular em seguida o que tem sido proposto na linguística de texto como *as propriedades do texto*, ou seja, como *critérios* que nos permitem reconhecer *um conjunto de palavras como sendo um texto*.

Em síntese, a questão seria: *o que um conjunto de palavras precisa ter para funcionar e ser identificado como um texto*?

A resposta a essa questão já se encontra definida na literatura sobre a linguística de texto. Por exemplo, Beaugrande e Dressler (1981) propõem como propriedades ou critérios da textualidade: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade. São, na visão deles, sete propriedades, portanto.

Nos estudos que tenho feito, na sequência dessa e de outras propostas, optei por fazer uma pequena reordenação no quadro dessas sete propriedades, concedendo certa saliência àquelas

propriedades que, mais diretamente, pertencem à construção mesma do texto. Assim, proponho, como *propriedades do texto*, a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade. Proponho, como *condições de efetivação do texto*, a intencionalidade[2], a aceitabilidade e a situacionalidade.

Para justificar essa reordenação, alego que a intencionalidade e a aceitabilidade remetem aos interlocutores e não ao texto propriamente. Quer dizer, pela intencionalidade, propõe-se que o interlocutor que fala se dispõe a dizer somente aquilo que tem sentido e é, portanto, coerente. Pela aceitabilidade, admite-se que o ouvinte, simultaneamente, empreende todo o esforço necessário para processar os sentidos e as intenções expressas. Como se vê, essas duas propriedades não são propriamente *do* texto. Embora lá se reflitam, remetem para a disponibilidade cooperativa das pessoas envolvidas na interação.

O mesmo cabe afirmar da *situacionalidade*: uma condição para que o texto — que é parte de uma atividade social — aconteça. Nenhum texto, como sabemos, ocorre no vazio, em abstrato, fora de um contexto sociocultural determinado. Todo ele está ancorado numa situação concreta ou, melhor dizendo, está inserido num contexto social qualquer. Uma conferência, por exemplo, é parte da programação de um evento e é por ela regulada em todos os detalhes. Uma simples conversa é parte de um relacionamento interpessoal que prevê variadas finalidades.

Essa inserção da linguagem em nossa atividade social é tão óbvia que até mesmo temos dificuldade de percebê-la. O absolutamente evidente é que falamos sempre em um lugar, onde acontece determinado evento social, e com a finalidade de, intervindo na condução desse evento, executar qualquer ato de linguagem: expor, defender ou refutar um ponto de vista, fazer um comentário,

[2] É muito comum o entendimento dessa *intencionalidade* como um conceito equivalente à questão das *intenções com que usamos a linguagem*. Não é bem assim. A intencionalidade de que se trata aqui *corresponde à disposição do falante de somente dizer coisas que têm sentido, que são coerentes*. A outra questão – a da 'intenção com que falamos' – tem a ver com a dimensão pragmático-funcional da linguagem, no sentido de que *todo ato de linguagem é um fazer, pois é carregado de uma intenção ou de uma finalidade*. São diferentes, pois, os dois conceitos. Para uma revisão desses e de outros conceitos da textualidade, sugiro a leitura de Costa Val (2000), bem como a de Antunes (2009).

dar uma justificativa, uma ordem, fazer o relato de um fato, convencer, expressar um sentimento, apresentar um plano, uma pessoa, um lugar, fazer uma proposta, ressaltar as qualidades de um produto, pedir ou oferecer ajuda, fazer um desabafo, defender-se, protestar, reivindicar, dar um parecer, sintetizar uma ideia, expor uma teoria; enfim, *fazemos, o dia todo e todos os dias, inúmeras ações de linguagem, cada uma, parte constitutiva de uma situação social qualquer*.

Em resumo, proponho para o texto, especificamente, as propriedades da coesão, da coerência, da informatividade e da intertextualidade[3]. As outras são condições fundamentais para que os textos se efetivem.

Retomando o absolutamente básico para a compreensão dessas quatro propriedades, lembramos os seguintes pontos[4]:

- a *coesão* concerne aos modos e recursos — gramaticais e lexicais — de inter-relação, de ligação, de encadeamento entre os vários segmentos (palavras, orações, períodos, parágrafos, blocos superparagráficos) do texto. Embora seus recursos transpareçam na superfície, a coesão se fundamenta nas relações de natureza semântica que ela cria e, ao mesmo tempo, sinaliza. Ou seja, pela coesão se promove a *continuidade* do texto que, por sua vez, é uma das condições de sua *unidade*;
- a *coerência* concerne a um outro tipo de encadeamento, o encadeamento de sentido, a convergência conceitual, aquela que confere ao texto *interpretabilidade* — local e global — e lhe dá a *unidade de sentido* que está subjacente à combinação linear e superficial dos elementos presentes ou pressupostos. A coerência vai além do componente propriamente linguístico da comunicação verbal,

[3] Sobre a coesão e a coerência, apresentei em *Lutar com palavras: coesão e coerência* (São Paulo: Parábola Editorial, 2005), além de explicações bem acessíveis, um farto conjunto de exemplos. Sobre as propriedades da intencionalidade e da aceitabilidade, sugiro a leitura do capítulo 4 de meu livro: *Língua, texto e ensino* (São Paulo: Parábola Editorial, 2009). Sobre a propriedade da informatividade, pode-se ver o capítulo 7 desse mesmo livro.

[4] Volto a justificar por que, neste ponto do livro, faço apenas uma sumária apresentação das propriedades do texto: nos capítulos destinados à análise, pretendo desenvolver com mais detalhe esses e outros pontos. Aqui, trago apenas o que considero essencial para a compreensão das questões.

ou seja, inclui outros fatores além daqueles puramente linguísticos, fatores que estão implicados na situação em que acontece a atuação verbal; daí que a coerência decorre não só dos traços linguísticos do texto, mas também de outros elementos constituintes da situação comunicativa;

- a *informatividade* concerne ao grau de *novidade*, de *imprevisibilidade* que, em um certo contexto comunicativo, o texto assume; concerne ainda ao efeito interpretativo que o caráter inesperado de tais novidades produz. Essa novidade decorre, portanto, da quebra do que era previsível, do que era esperado para aquela situação de comunicação, seja em relação a aspectos ligados à *forma* (decorrentes de maneiras diferentes de se dizer o já dito), seja em relação a aspectos ligados ao *conteúdo* (decorrentes de ideias e conceitos novos). De qualquer forma, todo texto, em alguma medida, comporta algum grau de informatividade. O contexto de uso é que determina um teor mais alto ou mais baixo de informatividade. Logo, nem sempre o texto melhor e mais adequado é aquele com um grau de informatividade mais alto. Os avisos, como: "Trânsito interrompido", "Devagar. Escola", "Reduza a velocidade" e outros semelhantes são de baixa informatividade, mas, por isso mesmo, é que são adequados ao seu contexto de funcionamento;
- a *intertextualidade* concerne ao recurso de *inserção*, *de entrada*, em um texto particular, de *outro(s) texto(s)* já em circulação. Na verdade, todo texto é um intertexto — dizem os especialistas — no sentido de que sempre se parte de modelos, de conceitos, de crenças, de informações já veiculados em outras interações anteriores. Ou seja, dada a própria natureza do processo comunicativo, todo texto contém *outros textos prévios*, ainda que não se tenha inteira consciência disso. Mas há uma intertextualidade explícita, que tem lugar quando citamos ou fazemos referência direta ao que está dito em outro texto, por outra pessoa.

Nesse caso, a intertextualidade assume um aspecto dinâmico, na medida em que significa mais do que o simples trânsito do outro texto ou da outra voz. Quem recorre à palavra do outro, o faz ou para apoiar-se nessa palavra, ou para confirmá-la ou para refutá-la. Ou seja, o recurso à palavra do outro responde sempre a alguma estratégia argumentativa[5].

De qualquer forma, propriedades e condições devem centralizar os estudos e as análises que fazemos em torno do texto. É fundamental ampliar nosso repertório acerca do que procurar ver nesses materiais. Quando falta uma visão clara dos elementos que são necessários para se constituir um texto (e é muito provável que tais elementos faltem para muitos professores!), vamos a ele, simplesmente, para reconhecer classes e categorias da gramática, sem que procuremos averiguar em que tais classes e categorias intervêm para fazer, daquele conjunto de palavras, uma unidade de sentido comunicativamente funcional[6].

[5] É de grande relevância a consulta à obra de Koch *et al.*, intitulada *Intertextualidade – diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez Editora, 2007. Além de considerações teóricas, as autoras apresentam fartos exemplos de gêneros textuais, onde são explorados diferentes aspectos da intertextualidade.

[6] Minha pretensão com este livro é, exatamente, oferecer elementos para que os professores possam ampliar essa compreensão *do que é um texto* e possam, assim, intervir no desenvolvimento da competência dos alunos para a produção, recepção e análise de textos de forma relevante e significativa.

Mesmo numa abordagem sumária como esta, dá para perceber que um texto não se constitui apenas de elementos gramaticais e lexicais. O texto é um traçado que envolve material linguístico, faculdades e operações cognitivas, além de diferentes fatores de ordem pragmática ou contextual.

Possivelmente, uma das maiores limitações que tem acontecido em nossas aulas de línguas tem sido a pressuposição ingênua de que um texto resulta apenas de um conjunto de elementos linguísticos. Ou seja, nessa suposição reduzida, as palavras bastam; a gramática basta. Por isso, ficamos tateando por sobre elas, como se todo o sentido expresso estivesse na cadeia dessas palavras e na sua gramática de composição.

O conjunto de propriedades que mencionamos possibilita-nos olhar para o texto — seja do aluno, seja de um outro autor — e perceber aí, por exemplo:

- recursos de sua coesão,
- fatores (explícitos e implícitos) de sua coerência (linguística e pragmática),
- pistas de sua concentração temática,
- aspectos de sua relevância sociocomunicativa,
- traços de intertextualidade,
- critérios de escolha das palavras;
- sinais das intenções pretendidas,
- marcas da posição do autor em relação ao que é dito,
- estratégias de argumentação ou de convencimento,
- efeitos de sentido decorrentes de um jogo qualquer de palavras,
- adequação do estilo e do nível de linguagem, entre muitos outros elementos.

O fato de apenas nos fixarmos em questões de gramática, sobretudo naquelas ligadas à norma-padrão, nos fez deixar de ver muitos outros componentes também fundamentais para a comunicação relevante[7] e adequada socialmente. É hora, portanto, de abrir nossa capacidade de percepção e de procurar encontrar nos materiais que lemos e ouvimos traços de sua coerência global e de sua funcionalidade comunicativa.

[7] Frequentemente, falo em 'textos relevantes e adequados'. É que, ao lado da coerência, dois outros critérios são fundamentais para emprestar qualidade aos textos, a saber: *sua relevância* – o texto deve fugir a obviedades e ao já sabido – e *sua adequação contextual* – o texto deve conformar-se às condições da situação social de que faz parte. Dessa forma, *são bons textos aqueles que apresentam coerência, relevância comunicativa e adequação contextual*. Nesse tripé, cabem todas as outras propriedades, inclusivamente a coesão e a correção gramatical.

2.2.4. Merecem um comentário também dois aspectos do texto:

(a) a modalidade — falada ou escrita;

(b) e a extensão em que ele se realiza.

É comum, até mesmo entre alguns professores, a impressão de que *a fala não é textual;* ou seja, *texto é apenas o escrito*. Daí, uma outra suposição: a de que a língua falada não é regulada pela gramática. A fala seria qualquer coisa fora das normas morfossintáticas. Algo meio caótico. As regras — e muitas! — seriam privativas da escrita; por isso, elas é que serviriam de parâmetro para a avaliação da fala. Há quem acredite que *fala bem*, em qualquer situação, *quem fala conforme a escrita correta*.

Outra compreensão *infundada* diz respeito à crença de que *o texto, para ser reconhecido como tal, tem que ser grande*. Ora,

texto é qualquer passagem, *de qualquer extensão*, desde que constitua um todo unificado e cumpra uma determinada função comunicativa.

Na verdade, essa compreensão não é tão *infundada* assim, pois pode ter como suporte a tradicional diferenciação, feita em quase todas as gramáticas e manuais didáticos, entre *oração* e *frase*. Segundo essa discriminação, por exemplo, o pedido de auxílio feito por alguém, mediante o grito *Socorro!*, mesmo numa situação comunicativa concreta, é classificado como frase. Assim, também, os avisos: *Atenção, desvio à esquerda!; Curva perigosa; Propriedade privada* e tantos outros exemplares do que Halliday e Hasan (1989) chamaram de "textos mínimos"[8].

[8] Halliday e Hasan (1989) chamam a atenção para esse tipo de textos ("os textos mínimos"), absolutamente funcionais, e curtos, porque adequados a seus contextos de circulação. Pela funcionalidade que apresentam, tornaram-se comuns às transações sociais, sobretudo na complexidade dos contextos urbanos. Por sua dimensão assim reduzida, bem que poderiam prestar-se a atividades de linguagem nas primeiras séries do ensino fundamental. Assim, seriam deixados de lado os exercícios com frases inventadas e fora de qualquer contexto comunicativo.

Como se vê, as funções implicadas nesses enunciados não contavam e, assim, aquilo que, de fato, constituía um texto era visto como uma frase. O texto — inclusivamente aquele de geografia, biologia, história, que os alunos liam — se localizava fora da sala e, portanto, não era considerado objeto de estudo.

A centralização na frase levou a escola a outra redução: a de conceber o texto como uma espécie de super-sentença, algo como uma unidade gramatical mais ampla, uma espécie de período grande, que se forma juntando-se unidades menores, em vistas à formação de uma unidade maior.

Compor um texto, conferir-lhe unidade, supõe uma integração estrutural bem diferente daquela pensada para unir as várias partes de um período. Desde a configuração convencionada para cada gênero, até os detalhes de como responder às determinações pragmáticas de cada situação, a habilidade de promover a sequenciação das partes de um texto ultrapassa as injunções estabelecidas pelas estruturas gramaticais. Depende do que se tem a dizer, a quem dizer, com que finalidade, com que precauções, em função de quais resultados etc.

Ninguém aprende, pois, a ler ou a escrever cartas, por exemplo, com o exercício de analisar e compor frases, nem mesmo aquelas mais complexas, assim como, para aprender a falar, não treinamos, como iniciação, a junção de palavras ou de frases. As leis do texto são outras e, embora sejam previsíveis, estão sujeitas às condições concretas de cada situação. Noutras palavras, o mais previsível para o texto é que sua coerência e relevância sociocomunicativa são dependências contextuais, e muito do que deve ser dito e feito vai sendo decidido na hora mesma de sua realização.

Essas observações não significam que não estejam definidos os termos ou as condições de *uma competência textual*. Já mostramos, nas referências às propriedades e condições da textualidade, o que é requisitado para que se constitua o objeto *texto*. Queremos chamar a atenção, no entanto, é para a natureza dessa competência, que é bem diferente daquelas estabelecidas para o nível da oração ou do período. Em termos bem simples, queremos ressaltar que, para compor um texto, as regras da boa formação de orações e períodos são insuficientes, embora um texto — que não aqueles textos mínimos compostos de uma ou duas palavras — seja formado com orações e períodos. Assim, o texto, suas leis, suas regularidades de funcionamento, seus critérios de sequenciação e boa composição precisam ser *o centro dos programas de ensino de línguas, se pretendemos, de fato, promover a competência das pessoas para a multiplicidade de eventos da interação social.*

Insisto em lembrar que, tradicionalmente, temos olhado o texto como uma criação puramente linguística, formada com palavras, apenas — de diferentes classes gramaticais —, reunidas, conforme certas regras sintáticas, em orações e períodos. Tem toda relevância, portanto, ressaltar que a construção e a compreensão dos sentidos expressos resultam de *vários sistemas de conhecimento* e *de várias estratégias de processamento*. O conhecimento do sistema linguístico, se é necessário, não é, contudo, suficiente para dar conta de todas as operações que precisam ser feitas. Pretendemos com essa observação advertir os professores contra *uma visão demasiado linguística da comunicação verbal*. O êxito de uma transação verbal resulta de uma série de fatores, que se inter-relacionam e se integram em sistemas amplos e complexos.

Ou seja — como temos mostrado em outras oportunidades — para o processamento textual, em hora de fala ou de escrita, de escuta ou de leitura, ativamos quatro grandes conjuntos de conhecimento, a saber:

(a) *o conhecimento linguístico* (compreendendo aqui o *lexical* e o *gramatical*);
(b) *o conhecimento de mundo*, o *conhecimento geral*, ou o que se conhece com o nome de 'conhecimento enciclopédico' (que inclui *os protótipos, os esquemas, os cenários*, ou *os modelos de eventos e episódios em vigor nos grupos a que pertencemos*);
(c) o conhecimento referente a *modelos globais de texto* (que inclui as regularidades de construção dos *tipos* e *gêneros*);
(d) o conhecimento sociointeracional, ou *o conhecimento sobre as ações verbais* (que inclui o saber acerca da realização social das ações verbais ou de como as pessoas devem se comportar para interagir em diferentes situações sociais).

Numa visão bem ampla, esses sistemas de conhecimento envolvem o conhecimento das operações cognitivas, das estratégias e dos procedimentos que fazem *a rotina das pessoas em seus eventos de interação verbal.*

Desse pequeno esquema, pode-se concluir que um programa de ensino de línguas restrito às classes de palavras e às suas funções sintáticas é, incontestavelmente, pobre e irrelevante.

Talvez por isso os resultados de nossas aulas de línguas não tenham convencido a sociedade de que *o professor de línguas — sobretudo o professor de língua materna — é uma figura muito significativa* para a elevação dos padrões de desenvolvimento da sociedade. As imensas desigualdades sociais que marcam a realidade brasileira têm um grande reforço na escola que não alfabetiza, na escola que não forma leitores críticos, na escola que não desenvolve o poder de argumentar — oralmente e por escrito — de criar, de colher, de analisar e relacionar dados, de expressar, em prosa e em verso, os sentidos culturais em circulação.

Mesmo sabendo da não onipotência da escola, acreditamos que sua atuação constitui um fator de grande peso na resolução dos problemas sociais de uma comunidade e na sua ascensão a níveis mais altos de realização humana.

Representa muito pouco, na economia dos valores sociais e éticos, centrar-se na discriminação de classes e categorias gramaticais.

Infelizmente, ainda é preciso fazer esse alerta.

2.2.5. Na alínea (c) do esquema apresentado, fizemos menção ao 'conhecimento referente a *modelos globais de texto* (que inclui as regularidades de construção dos *tipos* e *gêneros*)'[9].

Noções relativas a essa questão dos *tipos* e *gêneros textuais* têm ganhado espaço nos estudos e nas pesquisas sobre a linguagem, sobretudo no âmbito dos programas de pós-graduação. Muitas dissertações e teses têm se debruçado sobre tais questões e têm proposto alternativas de incluí-las nas programações de ensino. Também alguns manuais didáticos — principalmente aqueles destinados ao ensino médio — já exploram tais aspectos do mundo textual[10].

De fato, entendendo que a ampliação da competência textual dos alunos representa um dos objetivos centrais do ensino, é necessário ultrapassar o nível das considerações teóricas para chegarmos ao campo concreto das ações de linguagem. Nesse campo, o que existe é *o gênero de texto*; quer dizer, no âmbito das atividades concretas de linguagem, o que temos são os gêneros: crônicas, contos, poemas, cartas, avisos, entrevistas, anúncios, declarações, atestados, atas, editoriais, notícias, artigos, notas de esclarecimento etc.

[9] Conforme já adverti, limito-me, neste ponto do trabalho, a trazer noções bem gerais acerca do ponto em questão, uma vez que, nos capítulos seguintes, destinados às análises, retomo tais pontos, embora o faça de forma não muito aprofundada. A questão dos gêneros textuais é demasiado complexa e exigiria um espaço que a natureza deste trabalho não permite. Sugerimos, no entanto, aos professores que procurem ampliar o estudo da questão (leiam, por exemplo, a segunda parte do livro de Marcuschi, 2008).

[10] Propostas de exploração dos gêneros textuais em atividades de ensino podem ser vistas em Oliveira (2010), Antunes (2009), Moço (2009), Marcuschi (2008), Guedes (2008), Schneuwly e Dolz (2004), Costa (2000, 2008), Dionísio *et al.* (orgs.) (2010), Faraco e Tezza (2002). Alguns livros didáticos também já exploram a questão dos gêneros [ver, por exemplo, Faraco (2003), Faraco & Tezza (2002, 2003); Abaurre *et al.* (2008)].

Na verdade, o que temos mesmo são *textos em classes de gêneros*, uma vez que, por exemplo, dentro do gênero carta, temos diferentes perfis, conforme também diferentes propósitos: carta de apresentação, de convite, de cobrança, de solicitação, de agradecimento, de congratulação etc.

De qualquer forma, é relevante lembrar que todos os gêneros correspondem a modelos convencionais de comunicação, socialmente estabelecidos (nunca, porém, modelos rígidos!), os quais regulam nossa atividade social de uso da linguagem. Compor um texto, assim, corresponde a uma operação de cumprir um certo modelo textual, e, por outro lado, compreender um texto supõe o enquadramento desse texto em determinado gênero. Daí por que, em geral, frente à tarefa de produzir um determinado gênero, seguimos, praticamente, o mesmo modelo. Uma carta que escrevemos, por exemplo, tem a mesma cara que a de outros de nosso grupo, de nosso tempo. Por outro lado, o entendimento do gênero textual é, à partida, condição de sua interpretabilidade. Uma historinha que tem o seguinte começo: *Tudo aconteceu no tempo em que os bichos falavam...* já regula a sua compreensão, no sentido de que traz as marcas convencionais do quadro em que deve ser percebido: uma narrativa de ficção.

Em geral, os diferentes contextos sociais — os chamados *domínios discursivos* — são marcados por determinadas rotinas comunicativas, pois, costumeiramente, utilizam um mesmo conjunto de gêneros. Assim, o domínio jurídico, o domínio jornalístico, o domínio religioso, entre outros, costumam servir-se dos mesmos gêneros, dentro, é claro, da natural flexibilidade que a prática da linguagem implica.

A questão dos *tipos de texto* é mais simples, pois está menos sujeita a fatores de ordem pragmática do que os gêneros. De fato, os tipos são marcados por características linguísticas e estruturais, como, por exemplo, o modo de seleção lexical, a escolha dos tempos verbais. Distribuem-se em cinco categorias, ou seja: os tipos narrativo, descritivo, expositivo, dissertativo e injuntivo. Cada um desses tipos pode acontecer na composição de

diferentes gêneros. Por exemplo, no tipo narrativo, se inserem os gêneros notícias, fábulas, contos, romances, crônicas etc.

Vale advertir, no entanto, que um mesmo texto pode conter sequências narrativas e descritivas, ou um outro, sequências expositivas e descritivas etc. De qualquer forma, todo texto é regulado por determinações do tipo e do gênero que realizam. É a convicção desse princípio que nos faz perguntar, por exemplo, diante de uma situação concreta de comunicação: *como é que se faz uma notícia? Como se faz um requerimento?*

Convém advertir ainda que os tipos e gêneros não são categorias dicotômicas, antagônicas; mantêm uma relação complementar, no sentido de que "os textos realizam gêneros e todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas", segundo observação de Marcuschi (2008: 160).

Mais uma vez parece oportuno lembrar a pertinência de uma programação de estudo centrada nas questões textuais. O exercício de formar frases serve para isso mesmo: *aprender a formar frases soltas*, o que equivale a atrofiar o conhecimento explícito do que se deve fazer para interagir verbalmente. Eleger o funcionamento da linguagem — que somente acontece em textos — como uma das prioridades do estudo significa promover a possibilidade da efetiva participação da pessoa, como indivíduo, cidadão e trabalhador.

Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
Ela nos espia do aparador.
(Drummond, *Poemas*)

Capítulo 3

Questões envolvidas na análise de textos

Tenho referido as naturais dificuldades presentes na análise de textos, exatamente porque a tarefa de 'analisar' implica 'separar os elementos' de um conjunto, e, em um texto, nada é separável totalmente. Tudo está intimamente entrelaçado e se interdepende. Uma questãozinha que parece ser só de gramática pode estar inteiramente relacionada com o entendimento global do que é dito. De maneira que vale a pena não perder de vista, em qualquer momento, *a relação de cada recurso com a visão de conjunto do texto*. Embora se possa focalizar um ou outro aspecto particular, o foco do entendimento deve ser essa dimensão global. É que, no fundo, nada no texto é absolutamente particular, no sentido de que cada unidade constitui um elo do sentido maior expresso pelo todo.

Consciente, pois, desses limites (*os elementos de construção de um texto são inseparáveis*) e dessa possibilidade (*o particular pode ser visto em função do global*), consentimos em desenvolver algumas questões pertinentes à análise de textos e, em capítulos seguintes, apresentar alguns exemplos dessas análises.

3.1 Por que analisar textos?

Tenho insistido na irrelevância de um ensino centrado na análise de frases e de pares de frases soltas. Não sem razão: é consensual, no âmbito da linguística de texto, o princípio de que *muitos fatos da língua, sobretudo aqueles relativos a seu funcionamento, não cabem nos limites da frase*. Basta citar os recursos da coesão, os quais ultrapassam, quase sempre, a fronteira sintática da frase e, até mesmo, de pares de frases.

De fato, somente no texto é possível encontrar justificativa relevante para, por exemplo, a escolha dos artigos (definido ou indefinido), das expressões dêiticas (de pessoa, tempo e lugar), para a compreensão de relações semânticas entre frases encadeadas sem a presença de conectivos explícitos; para as propriedades referenciais de substantivos e pronomes, sem falar nas muitas funções textuais e discursivas da repetição de uma palavra ou da substituição de uma por outra equivalente.

Enfim, a frase — como unidade isolada — é bastante limitada. É um recorte, uma espécie de fragmento de um hipotético contexto. Como tal, não deixa ver a imensa complexidade do funcionamento sociocomunicativo da linguagem. Mesmo aquela frase retirada de um texto representa muito pouco, se não é vista enquanto parte constitutiva desse mesmo texto. No momento em que se isola a frase, ela perde suas amarras com o quadro conceitual, referencial e discursivo de que faz parte. Perde, portanto, seu sentido maior. Como muito bem diz Marcos Bagno (2009: 119):

> Arrancar a frase do texto para tentar analisá-la isoladamente seria o mesmo que arrancar um tijolo de um edifício completo e analisar esse tijolo em seus aspectos materiais (peso, largura, comprimento, composição química...) sem levar em consideração o papel que ele desempenha nesse edifício, em que posição ele se encontra com relação aos demais tijolos, quanto peso ele suporta e por aí vai...

Já é tempo, portanto, de deixar de lado a prática tão comum da análise de frases soltas, inventadas; frases artificiais, sem contextos reais, exatamente ao contrário do que acontece quando falamos ou ouvimos, escrevemos ou lemos[1].

No capítulo anterior, abordei a questão das diferenças entre *texto e frase*, enfatizando que o texto não é uma frase grande, uma frase de maior dimensão, uma frase estendida. As regras que especificam a formação de frases são limitadas e são apenas de ordem sintático-semântica, uma vez que não envolvem as determinações decorrentes dos muitos fatores pragmáticos presentes num contexto social de comunicação. É possível prever, por exemplo, o conjunto de estruturas de frases aceito pela gramática de uma língua. Mas o conjunto de textos possíveis numa língua é praticamente imprevisível, dada a sempre imensa heterogeneidade de contextos e de funções que, em cada instância, podem provocar o surgimento do 'novo' e do 'inusitado', apesar dos esquemas de coerção a que a interação verbal não pode fugir de todo. É por isso que, em se tratando de texto, é mais acertado falar em 'regularidades' do que em 'regras'.

Um texto, também, difere de *um conjunto de frases* porque, neste espaço, qualquer frase pode seguir-se a qualquer outra. A ordem em que elas aprecem não afeta em nada o sentido do conjunto, uma vez que não há exigências de continuidade ou restrições contextuais. No âmbito do texto, ao contrário, temos que assegurar uma sequência da qual resulte a unidade, a coerência, linguística e pragmática, pretendida. Por vezes, uma palavra que aparece no primeiro parágrafo já aponta para a direção argumentativa assumida e, assim, condiciona o sentido de uma outra que consta bem mais adiante.

Um aluno (mesmo já adulto) treinado em formar frases — competência que ele adquiriu na escola, e que não serve em

[1] Parece que estou insistindo numa questão já sabida de todos, ou trazendo uma espécie de "chuva no molhado". Parece, apenas, pois, quando vejo certas atividades que, ainda agora, frequentemente, são propostas nas escolas, fico com a certeza de que ainda é preciso voltar a insistir, a argumentar em favor do texto. Não é analisando frases que desenvolvemos nossas competências para receber e produzir, de forma compreensiva e relevante, textos de diferentes gêneros, tamanhos e complexidades.

nenhum outro lugar social —, quando solicitado a fazer um texto, acaba por escrever uma série de frases soltas, encadeadas apenas por centrarem-se no mesmo tema, como se pode ver em seguida[2].

[2] Esse texto foi-me dado por uma professora que o recolheu, em 1987, em um curso de educação de jovens e adultos, que acontecia numa escola situada na área metropolitana do Recife.

A escola

A Escola e grande
a escola e branca
a escola e muito boa
a escola e boa
e na esca que nos apremdemos
E na escola que no ficamos inteligente
E na escola que nos mudamos e
a escola e muito enportante
E na escola que nos aprendemos o educação
sinão locê a escola nos não sabia dinada
na escola eu lendo aminha patria
na escola eu aprendi muita coisa
a escola tem tudo.

Se examinarmos bem, podemos constatar que a ordem em que cada frase aparece não importa para o entendimento do todo. Poderíamos alterar sua sequência; poderíamos começar do fim. Não haveria problema. Estamos, apenas, diante de um conjunto de frases soltas, com as quais alguém pensou estar fazendo um texto. Na verdade, esse 'alguém' está apenas demonstrando que aprendeu a fazer o que lhe foi reiteradamente ensinado, mesmo em poucos anos de escola, embora não tenha podido perceber que essa aprendizagem carece, inteiramente, de relevância comunicativa e social.

O texto é diferente da frase; é diferente de um conjunto de frases. Exige um estudo específico.

3.2 O que é que se faz quando se analisa um texto?

Uma consulta ao dicionário *Aurélio* nos dá conta de que a palavra 'análise', entre outros sentidos, significa:

> Decomposição de um todo em suas partes constituintes: *análise de uma amostra de minério; análise de um organograma.* **Exame de cada parte de um todo, tendo em vista conhecer sua natureza, suas proporções, sua funções, suas relações** etc. (destaque nosso) (p. 91).

Pois bem: analisar textos é procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as relações que guardam entre si e com elementos da situação, os efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. É procurar descobrir o conjunto de suas regularidades, daquilo que costuma ocorrer na sua produção e circulação, apesar da imensa diversidade de gêneros, propósitos, formatos, suportes em que eles podem acontecer.

O exame de tais regularidades é que nos permite levantar expectativas e construir modelos de como os textos são construídos e funcionam. O conhecimento desses modelos é fundamental para a ampliação de nossas competências comunicativas, uma vez que — insisto — somente nos comunicamos através de textos, nem que eles tenham apenas uma palavra.

Vale advertir que buscar descobrir essas regularidades textuais é mais do que perguntar sobre "o que diz o autor". É, além disso, perguntar como é dito o que é dito, com que recursos lexicais e gramaticais, com que estratégias discursivas, quando e por que é dito, para quem e para provocar que efeitos, implícita e explicitamente. É muitíssimo mais, ainda, que identificar as classes gramaticais de palavras, ou a função sintática de determinados termos, sobretudo quando isso é feito sem referência aos sentidos expressos no texto.

Assim, *o que as pessoas fazem, o que podem fazer com a linguagem* — inevitavelmente, em textos — é que é a grande questão. Em função disso é que existem as palavras, não importam os nomes e as classificações que tenham.

3.3 Com que finalidades se deve fazer a análise de textos?

Na terminologia escolar do ensino de português, tornou-se comum a expressão *interpretação de texto*, fruto de uma prática de análise que consta logo a seguir aos textos que compõem cada unidade do livro didático, como já referimos. Em geral, essa análise é feita segundo uma espécie de roteiro, materializado em perguntas de diferentes espécies e finalidades.

Nesses exercícios, é possível encontrar de tudo: desde perguntas de mera localização de informações explícitas — cujas respostas são de inteira obviedade —, até aquelas que, para serem respondidas, independem da leitura do texto. Além disso, é possível encontrar também — sobretudo em manuais mais recentes — solicitações de atividades que exploram habilidades mais complexas de leitura, como, por exemplo, aquelas ligadas às estratégias de interpretação por inferência ou por outro tipo de implícito.

O fato de esses exercícios de interpretação constarem, praticamente, depois de todos os textos e a forma meio mecânica com que eles têm sido vivenciados provocaram uma espécie de desgaste da atividade, de maneira que os exercícios de interpretação passaram a significar uma atividade meio simplista de encontrar respostas para um conjunto de perguntas. As estratégias bem complexas de *compreender* um texto, de lograr alcançar o "miolo" de seus sentidos e intenções deixam, quase sempre, de ser desenvolvidas. Todos conhecemos a prática tão comum nas escolas de "gramaticalizar" o texto, no sentido de tomá-lo, simplesmente, como um conjunto de unidades gramaticais, cujas classes e funções precisam ser identificadas. Por isso, parece-nos pertinente pensar um pouco sobre as finalidades de analisar textos. É o que faremos a seguir.

Em termos bem gerais, objetivamos promover o desenvolvimento de diferentes competências comunicativas. Em termos mais específicos, objetivamos ampliar nossas capacidades de compreensão, nosso entendimento do que fazemos quando nos dispomos a processar as informações que ouvimos ou lemos.

Em síntese, com a análise de textos, pretendemos desenvolver nossa capacidade de perceber as propriedades, as estratégias, os meios, os recursos, os efeitos, enfim, as regularidades implicadas no funcionamento da língua em processos comunicativos de sociedades concretas, o que envolve a produção e a circulação de todos os tipos de "textos-em-função".

A própria atividade de análise — reiterada e consistente — é fundamental para desenvolver nossa capacidade de perceber, de enxergar, de identificar os fenômenos ou os fatos que ocorrem nos textos. Evidentemente, nossas atividades de fala ou de escrita também ganham com a prática da análise, pois, por ela, passamos a entender melhor certos aspectos dos processos cognitivos, linguísticos, textuais e pragmáticos envolvidos em nossas interações verbais.

Assim é que podemos propor, como finalidades da análise em questão, o desenvolvimento de:

- competências para a compreensão;
- competências para a análise e, meio indiretamente,
- competências para os usos da fala e da escrita.

Como se pode ver, os objetivos implicados na prática da análise de textos são bem amplos e funcionais. Insisto: ultrapassam a descoberta de categorias gramaticais e sintáticas, simplesmente[3]. Orientam-se, como apontei acima, para o desenvolvimento de diferentes competências.

[3] Em meus livros, dou exemplos de algumas atividades de análise de texto que se situam, exatamente, nesse patamar reduzido e simplista de "apontar a classe gramatical, a função sintática, o número de sílabas de uma palavra, ou sua classificação quanto à localização da sílaba tônica". Todo o empenho necessário para o êxito do processo de compreensão do texto é esquecido. Nessas análises, a gramática parece ser suficiente. Marcos Bagno (2009: 166-168) conclui sobre o que seria o ensino dessa gramática suficiente — que não deve acontecer na escola — por oposição à educação linguística, que deve preencher os objetivos de qualquer ensino de língua. Sobre o que é educação linguística e seus desdobramentos, ver, no mesmo livro, p. 155-165; ver ainda Bortoni-Ricardo (2004).

De fato não parece haver outro caminho senão o da competência. As exigências atuais, muito mais que noutras épocas, recaem sobre pessoas capazes de atuarem socialmente, com versatilidade, com criatividade, com fluência, com desenvoltura, com clareza e consistência, na discussão, na análise e na condução das mais diferentes situações sociais — do espaço familiar ao espaço do trabalho. Isso desloca, necessariamente, os objetivos do ensino da língua na direção da reflexão investigadora, da análise dos usos sociais da língua — escrita e falada, verbal e multimodal — e da aplicabilidade relevante do que se ensina, do que se aprende.

Nessa perspectiva, cresce o significado do interesse pela análise, pelas perguntas, pelas hipóteses, muito mais do que pelas respostas. Tivemos (ou, temos?) uma prática pedagógica baseada em *certezas* irrefutáveis; sem sombra de dúvidas. Nem sequer admitíamos um *depende*: a resposta era sempre em termos de um sim ou de um não categórico; um certo ou um errado definitivo.

A finalidade da análise, portanto, é promover esse estado de pergunta, de busca; esse querer ver, mais por dentro, a engrenagem de funcionamento da linguagem. Nessa direção, não há outro jeito: vamos chegar ao texto.

3.4 Que textos analisar?

Como resposta a essa pergunta, só nos cabe dizer:

> *todos os textos, de qualquer tipo ou gênero, de qualquer tamanho ou função, textos verbais (orais ou escritos) e não verbais e textos multimodais (imagens, charges, histórias em quadrinhos, gráficos, tabelas, mapas) podem ser objeto de análise.*

Evidentemente, a escolha desse material se prende a determinadas circunstâncias, como, por exemplo, o tipo ou o gênero em estudo ou alguma particularidade relacionada a um deles. De qualquer forma, a motivação da escolha deve ser, sobretudo, a análise de aspectos pertinentes à natureza, à função, à construção do texto.

Vale, no entanto, apontar alguns cuidados que devem ser tomados quanto a essa escolha do material a ser objeto de análise.

No que se refere à oralidade, deve ser de interesse da escola promover diferentes situações de interação, com distintas finalidades e destinadas a grupos variados de interlocutores (ora muitos, ora poucos), do mesmo ou de outros grupos. Na verdade, a escola deve assegurar ao aluno a convivência com a diversidade de intervenções e de contextos da *comunicação oral pública*, para que ele possa ultrapassar a simples oralidade da conversa informal entre pares do mesmo grupo social.

Nessa perspectiva, cabem as iniciativas para promover atividades que ponham o aluno em contato real com gêneros orais mais complexos e formais como: debate, seminário, apresentação de trabalhos em grupo, defesa ou justificativa de pontos de vista, de propostas, exposição de pontos teóricos ou de ideias, entrevista, apresentação de pessoas, de programas, de eventos etc. São situações que exploram não apenas as competências do aluno para o planejamento e a condução de um evento comunicativo como também as competências para a escuta e a participação colaborativa e relevante em grupos.

A análise de textos orais deve ter, portanto, um largo espaço nas atividades de sala de aula. Em geral, a escola tem providenciado poucas oportunidades de reflexão e de estudo a partir de atividades orais. A escola parece afinar com a impressão ingênua de muitos que imaginam ser a oralidade livre de qualquer coerção e, portanto, não requerer qualquer empenho de estudo ou aprimoramento.

Em se tratando da análise de materiais escritos, vale recomendar que os textos:

- sejam adequados, quanto à temática, à estruturação linguística e ao tamanho, à faixa etária dos alunos;
- remetam para diferentes contextos geográficos e culturais, não se limitando, portanto, a informações ou dados

específicos de uma determinada região ou de um determinado grupo; nessa mesma linha, é recomendável a escolha de textos que explorem também a realidade do mundo rural[4];

- procedam de campos sociais diferentes, tais como: ciência, arte, política, religião, economia, trabalho, entretenimento, informação, publicidade, literatura — em prosa e em verso — e, assim, tenham como suportes o jornal, a revista, o fôlder, o livro, a enciclopédia, o formulário, o livro de literatura, o folheto de cordel, o cartaz, entre outros;
- revelem a diversidade de gêneros em circulação nos diferentes grupos sociais, como: editoriais, artigos de opinião, exposições de divulgação científica, notícias, notas de esclarecimento, trechos de reportagens, trechos de entrevistas, anúncios, avisos, cartas, convites, declarações, contos, fábulas, crônicas, poemas, histórias em quadrinhos, tiras, charges, cartuns, gráficos, para citar apenas esses;
- sejam representativos de diferentes dialetos regionais e sociais (prestigiados e estigmatizados) e de diferentes registros (na escala do mais formal até o mais informal);
- sejam diversificados quanto à sua forma de apresentação e, dessa maneira, explorem diferentes recursos visuais (imagens, fotos, figuras, desenhos de variados tipos, tamanhos, cores e formatos de letras);
- sejam diversificados, ainda, quanto a seu tamanho e a seu grau de complexidade (os alunos não podem ficar limitados à leitura de textos curtos ou mais simples);
- preservem a unidade de sentido e a relevância do conteúdo, no caso de sofrerem adaptações ou supressões;
- indiquem os elementos de seu contexto de produção, tais como autoria, suporte, lugar e época de publicação;
- quando for pertinente, preservem a forma gráfica do suporte original.

[4] A análise dos livros didáticos tem evidenciado que pouco se fala ou muito pouco se mostra da vida nas pequenas cidades ou no meio rural. Pior: em geral, quando aparecem cenas ou personagens da realidade do campo, se recorre a figuras ou imagens folclóricas, simplistas, caricaturais e, muitas vezes, cheias de visões preconceituosas lá embutidas. Chico Bento que o diga!

3.5 Que elementos analisar?

Grosso modo, podemos dizer que *tudo* pode ser analisado em textos. De fato, neles toda a língua, em suas múltiplas dimensões, pode estar presente. Evidentemente, um determinado texto não abarca *todos* os fatos linguísticos e todos os aspectos responsáveis por sua funcionalidade sociointerativa. Contudo — repito — *os textos são o campo natural para a análise de todos os fenômenos da comunicação humana. Neles é que os aspectos da produção e da recepção de nossas atuações verbais se tornam acessíveis à observação.*

Essa abertura de possibilidades não implica que, metodologicamente, não escolhamos um recorte entre as questões analisáveis. O "tudo" que é possível ver em textos será desapontador e improdutivo se não for submetido a um determinado recorte em torno daqueles fenômenos a serem observados e descritos.

No entanto, vale a pena chamar a atenção para o ponto a partir do qual é feito esse recorte: que o texto — como tem acontecido tradicionalmente — não seja reduzido a um campo de exemplificação de uma certa questão gramatical; por exemplo, o número de palavras oxítonas, o número de substantivos, de adjetivos ou outra categoria gramatical qualquer. Quer dizer, o fenômeno observado não constitui uma questão propriamente textual, como seria, por exemplo, o amplo conjunto dos recursos léxico-gramaticais que promovem a coesão e a coerência ou os efeitos de sentido que o uso de determinados substantivos ou adjetivos poderia provocar.

Em suma, o texto é que deve ser o centro, o objeto dos estudos, das análises, das descrições. A gramática, evidentemente, está presente como componente funcionalmente essencial e insubstituível. O que se tem que descobrir é, exatamente, essa funcionalidade de cada recurso gramatical.

Dentro dessa conveniência de se proceder a um recorte das questões a serem exploradas, e de se escolher ora um, ora outro *foco* de análise, um critério poderia ser:

(a) *o exame do texto como um todo* ou
(b) *o exame de uma ou outra de suas partes.*

Assim é que propomos, como primeiro (e mais relevante) foco de análise, a *dimensão global do texto,* a dimensão que, na verdade, representa o eixo de sua *coerência;* ou seja:

- o universo de referência — real ou fictício — para o qual o texto remete;
- seu campo discursivo de origem ou de circulação (isto é, campos científico, didático, jurídico, religioso, político, de informação, de entretenimento, literário etc.);
- seu tema ou sua ideia central;
- sua função comunicativa predominante;
- seu propósito ou sua intenção mais específica;
- a vinculação do título ao núcleo central;
- o critério da subdivisão em parágrafos;
- a direção argumentativa assumida;
- as representações, as visões de mundo, as crenças, as concepções que o texto deixa passar, explícita ou implicitamente;
- os padrões de organização decorrentes do tipo que o texto materializa; por exemplo, no caso de textos narrativos, a fidelidade ao esquema da narrativa; a ordenação na sequência dos fatos; a harmonia entre personagens, tempo, espaço e enredo;
- as particularidades da superestrutura de cada gênero (blocos, partes, subdivisões; formas de organização, de apresentação e de sequência dessas partes);
- seus esquemas de progressão temática;
- seus recursos de encadeamento, de articulação entre parágrafos ou períodos, a fim de lhe conferir a necessária continuidade;
- a síntese global de suas ideias ou informações;
- o discernimento entre as ideias principais e aquelas outras secundárias;
- sua adequação às especificidades dos destinatários envolvidos;
- sua relevância comunicativa na exposição de dados, de informações, de argumentos, isto é, o grau de novidade das informações, o que determina o seu nível (alto, mediano ou baixo) de informatividade;
- o grau de adequação desse nível à situação comunicativa;
- suas relações com outros textos, o que inclui, mais especificamente, as remissões, as alusões, as paráfrases, as paródias ou as citações literais.

Com um outro foco de análise do texto, agora centrado em aspectos *mais pontuais* de sua *construção,* propomos que sejam objetos de observação:

- as expressões referenciais que introduzem os objetos de referência;
- as retomadas dessas expressões referenciais, que asseguram a continuidade referencial pretendida, seja pela substituição pronominal (anáforas, catáforas pronominais e dêiticos textuais), seja pela substituição lexical (por sinônimos, hiperônimos ou expressões equivalentes);
- as diversas funções da repetição de palavras ou de segmentos maiores;
- as elipses;
- aspectos do significado de uma unidade, de uma expressão ou até de um morfema;
- o caráter polissêmico das palavras em decorrência de seu trânsito para um outro campo de referência;
- os segmentos em relação de sinonímia, antonímia, hiperonímia e paronímia;
- a associação semântica entre palavras (ou as cadeias ou redes de elementos afins que se distribuem ao longo do texto);
- a concordância verbal e nominal e suas relações com a continuidade temática do todo ou de uma passagem;
- os valores sintático-semânticos da conexão interfrásica, possibilitados pelo uso de preposições, conjunções, advérbios e de respectivas locuções;
- o uso dos dêiticos pessoais, espaciais e temporais e a relação dessas expressões com elementos do contexto;
- a ocorrência de paráfrases e suas marcas indicativas;
- a presença de estruturas sintáticas paralelas;
- os efeitos de sentido pretendidos pela alteração na ordem canônica das palavras (inversão ou deslocamento de um termo, por exemplo);
- os efeitos de sentido (ênfase, reiteração, relutação, ambiguidade, humor, gradação, contraste) pretendidos pela escolha de determinada palavra ou por certos recursos morfossintáticos e gráficos (aspas, itálico, sublinhado, diferentes cores, tamanhos e disposições das letras ou figuras etc.);
- os efeitos de sentido pretendidos pela transgressão de qualquer um dos padrões morfossintáticos e semânticos estabelecidos;
- as marcas de ironia;
- as marcas de envolvimento do autor frente ao que é dito;
- os comentários do enunciador sobre seu próprio discurso;
- a forma (direta ou indireta) de como o interlocutor está presente ou apenas suposto;
- as 'falas' que se fazem ouvir;
- os implícitos ou 'vazios' de sentidos;
- os diferentes usos e correlações dos tempos e modos verbais;
- as marcas das especificidades de uso da oralidade ou da escrita;
- o nível de maior ou menor formalidade da linguagem utilizada;
- a presença de sinais que indicam a distribuição das informações em itens, em pontos distintos;

- as marcas de polidez convencionais;
- aspectos da pontuação, da ortografia das palavras e da apresentação gráfica do texto, subordinados, sempre, à coerência e à relevância;
- e outras questões que se ponham a descoberto em uma ou outra análise[5].

Enfim, é quase impossível enumerar exaustivamente o que podemos analisar nos textos. Uns podem oferecer uma gama maior de elementos; outros, menos, na dependência de uma série de fatores, que, como sabemos, são determinantes para sua composição. De qualquer forma, fica evidente que muito se pode ver, para além da forma e das classes de palavras e frases que entram na composição do material linguístico com que interagimos.

[5] Evidentemente, toda a gramática da língua é componente dos sentidos do texto e deve ser, por isso mesmo, objeto de análise também. O que propomos é que se ultrapasse a visão estanque, engessada e simplista das classes de palavras, centradas apenas em aspectos de sua morfologia. Como tentativa de rever nossos conceitos acerca desses pontos de gramática, vale a pena ler, em Ilari e Basso (2006), as considerações acerca das classes de palavras (p. 108-124). A consulta a Neves (2002) e a Perini (2008, 2010) também é bastante relevante (são obras que descrevem questões da gramática do português numa perspectiva ampla, aberta e bem mais consistente que os livros de gramática tradicionais).

3.6 À luz de que princípios analisar?

Toda análise é orientada por um corpo de princípios que regulam seu percurso. No caso em questão, os princípios que nos orientam são de duas ordens: um teórico, outro prático-aplicativo.

O primeiro resulta das definições da linguística textual, que considera o texto como "o fenômeno linguístico original", ou "a forma necessária" de a comunicação verbal acontecer. O segundo princípio, de natureza aplicativa, resulta do primeiro e implica que todo ensino de língua tem como objetivo maior: *ampliar a competência comunicativa das pessoas*. Ora, tal competência é, essencialmente, discursiva. Ou seja, a competência de uma pessoa em termos linguísticos se avalia pela capacidade que essa pessoa tem de, falando, escutando, lendo e escrevendo, atuar por meio de diferentes discursos, em diferentes práticas sociais e de obter, com esses discursos, os fins a que se propõe.

A análise dos textos pode acontecer, como vimos, quer no plano global, quer no plano local, e, ainda, sob diversos aspectos. Vale salientar, contudo, que *qualquer análise, de qualquer segmento deve ser feita, sempre, em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito*. O que significa admitir que, em qualquer análise, a questão maior é sempre a compreensão do que se diz e de como e para que se diz o que é dito. A análise das formas pelas formas significa muito pouco. As formas se expressam para significar; como recursos ou meios que possibilitam o entendimento mútuo dos interlocutores envolvidos.

No ensino da língua, o apelo maior deve ser orientado para a descoberta e a compreensão dos sentidos, das intenções e da função com que as coisas são ditas. O fundamental, portanto, é perceber *a função pretendida para cada uso, para cada escolha*. Em tudo que dizemos, como se sabe, as escolhas não são aleatórias.

Em geral, fica-se muito no estudo das formas linguísticas, como se nada mais houvesse para além delas[6]. É, portanto, na perspectiva de *ver a interação verbal acontecendo* que se deve empreender o trabalho de análise dos textos que circulam ou que circularam entre nós (e, ampliando, no mundo alargado das comunidades em que se fala o português!).

[6] Para que fique claro que essas observações têm apoio também na realidade atual, lembro um comentário que ouvi, em finais de dezembro de 2009, em rede nacional de televisão, a propósito da preparação para as provas do vestibular de 2010. O comentário focalizava "os principais erros que se cometem no dia a dia". Para tanto, o *script* do programa recorria a uma cena: dois jovens, numa conversa em uma lanchonete. Na sequência da conversa, iam incorrendo em "erros", que um professor (mestre em linguística) ia classificando como exemplos de pleonasmo, solecismo, barbarismo, cacófato e outros "vícios". Pensei comigo mesma: quanto das atuais visões da linguística de texto, da sociolinguística, do interacionismo funcional ainda falta chegar às escolas! Não há uma coisa mais irrelevante do que andar à caça de erros. Por que a escola resiste tanto em assumir novas visões, novas propostas de estudo da língua?

3.7 O que evitar nessas atividades de análise de texto?

Na perspectiva que elegemos aqui, é natural que se evite recorrer à prática — que foi tão comum — de retirar do texto um ou outro segmento, apenas, para identificar a classe gramatical

ou a função sintática de certas palavras, ou para classificar tais palavras segundo um ou outro critério morfossintático. Por sinal, tal prática nem chegava a ser análise textual, uma vez que estava em jogo apenas a identificação e a classificação das unidades, em geral despregadas do texto e do contexto onde elas se situam.

A propósito dessas habilidades de identificação ou de classificação, parece pertinente afirmar que pode ser útil recorrer a atividades desse tipo, desde que esteja em jogo, primeiramente, a percepção de como as unidades a serem classificadas são significativas para a compreensão dos sentidos e das intenções.

Por exemplo, identificar o sujeito de uma oração como sujeito indeterminado pode ser relevante se procurarmos descobrir por que o autor escolheu, entre outras possibilidades sintáticas, aquela do sujeito indeterminado. Do contrário, identificar por identificar não leva a muito longe. A opção por indeterminar o sujeito tem, sempre, razões pragmático-discursivas diversas: pode não ser conveniente, politicamente, indicar os agentes responsáveis por certas ações. O melhor, pois, é apelar para um "se" que indetermina, ou seja, que esconde as responsabilidades ("Fala-se em prorrogação do mandato do presidente", por exemplo). Em "O Banco mentiu", temos um substantivo como sujeito expresso, mas saber isso é muito pouco. Mais vale atentar para o uso dessa metonímia, que de inocente não tem nada.

Ou seja, por essas poucas considerações já podemos ver o quanto aquelas atividades de meras identificações e classificações nos privam de perceber o mais relevante: *por que fazemos determinadas escolhas linguísticas*. O mal, portanto, não está apenas no que tais atividades focalizam; está, sobretudo, naquilo que *elas não nos deixam ver*.

Em princípio, não escolhemos uma palavra porque ela é substantivo ou adjetivo. Quando atuamos verbalmente, escolhemos as palavras pelo que elas significam, pelo que elas possibilitam que se diga o que se quer dizer, do jeito que nos convém dizê-lo. Do contrário, a fala seria privativa de quem conhece, explicitamente, todos os elementos da metalinguagem. Na verdade, é usuário da língua quem

conhece o caráter significante e significador da linguagem, mesmo que não saiba apontar as classes a que suas unidades pertencem.

Parece que nunca é demais perguntar: *por que a escola ainda gasta tanto tempo com nomeações e classificações de unidades?*

3.8 Como analisar textos ou que procedimentos de análise adotar?

Evidentemente, os procedimentos de análise são muitos e podem variar de uma situação a outra, na dependência de muitos fatores, como a própria finalidade da análise, inclusive. Diante dessa imensa possibilidade de variação, talvez seja mais produtivo enumerar os principais procedimentos a serem evitados. Nos capítulos seguintes, quando teremos oportunidade de realizar as análises, vamos mostrando como empreendê-las e vamos sugerindo algumas alternativas.

Poderíamos relembrar, portanto, que convém evitar:

- restringir-se à extrapolação do tema abordado, detendo-se em comentários que, mesmo afins, não estão apoiados em passagens do texto;
- reduzir a análise à mera oportunidade de exemplificação de uma unidade linguística em estudo;
- recorrer à análise, simplesmente, para identificar a classe ou a categoria gramatical das unidades; ou, ainda, identificar a função sintática de termos ou de orações, sem atentar para a função que tais elementos desempenham na construção e expressão dos sentidos;
- fragmentar o texto, retirando dele frases e palavras, sem o cuidado de manter a contextualização original dessas unidades;
- reduzir o estudo do vocabulário a questões de sinonímia e antonímia;
- não discriminar, pela análise, os aspectos globais do texto e outros pontuais e periféricos;

- omitir a indicação da finalidade ou dos propósitos mais imediatos da análise;
- privilegiar as informações dadas explicitamente;
- concentrar-se num único modelo de análise, de forma a cair numa rotina sem interesse e motivação.

Ou seja, o importante é manter o interesse por um estudo flexível, aberto, amplo, que atinja o que é fundamental no uso da linguagem: sua função como meio de promover a interação entre as pessoas para cumprimento das mais diferentes funções comunicativas. Esse interesse, uma vez ativado, nos torna capazes de ir descobrindo, de ir inventando e reinventando cada dia jeitos mais significativos de atuar com nossos alunos.

A propósito desse ponto, vale a pena destacar o cuidado de não imprimir à análise uma espécie de fórmula, como se todo texto seguisse, com absoluta rigidez, um modelo absolutamente estável e fosse independente de suas condições de produção e circulação. Um texto concreto, apesar de poder ser enquadrado num protótipo qualquer, que o faz ser reconhecido como de determinado gênero, está sujeito a variações que dependem das decisões dos agentes do discurso no curso das interações. Bem sabemos como essas interações acontecem de forma ilimitada e em constante variação. Nossas análises, portanto, devem acomodar-se às condições concretas de cada objeto e podem trazer um elemento particular, que se origina na própria particularidade histórica do texto concreto.

Assim é que as análises que apresentamos nos capítulos seguintes não têm o estatuto de fórmulas, de modelos. São apenas propostas — não exaustivas, é claro — do muito que se pode ver nos textos, ou do mergulho que se pode dar desde a sua superfície até o fundo de seus sentidos textuais e contextuais. Espero que essas propostas possam gerar muitas outras, capazes de deixar as questões textuais, cada vez mais, no centro da sala de aula.

Para encerrar este capítulo, gostaria de retomar umas palavras que já expus em momento anterior. É que elas parecem expressar, com certa força, a síntese de minha proposta para a análise de

textos ou, mais especificamente, as razões últimas para ultrapassarmos os limites estreitos de um ensino que não privilegia os usos da linguagem, o que implica admitir *um ensino que não focaliza a dimensão do texto, do discurso, da interação verbal.*

E minhas palavras — que, originalmente, fazem parte de um capítulo do livro *Língua e ensino: dimensões heterogêneas* (ver bibliografia), são as seguintes:

> Basta de tanto ensino centrado em irrelevâncias, em saberes inócuos e improdutivos, que não servem senão para o dia do exame. Basta de tantas expectativas frustradas, de tantos entusiasmos cerceados, por parte de alunos e professores. Basta de tanto tempo perdido, de tanto esforço, de tanto investimento para nada ou para muito pouco. Nossos ideais de cidadania reclamam por uma escola eficiente: escola que ensine a ler, a escrever, a escutar, a interpretar, a analisar, a pensar sobre a linguagem, a se emocionar diante de um texto literário. Escola empreendedora, prestigiada pela eficácia de conseguir preparar os indivíduos para participarem da sociedade, ativamente, positivamente, contribuindo para resolver os problemas que ela enfrenta.

As necessidades atestadas socialmente é que deviam definir os programas. A escola precisa ter os olhos voltados para fora de si mesma, a fim de enxergar com mais amplidão o que precisa ser feito ou quais as competências que devem ser desenvolvidas para que todos possam garantir sua qualidade de vida e sua efetiva participação na sociedade.

Muito mais ainda quando se trata da população menos favorecida. Os pobres, sem eufemismos, precisam, exatamente, de uma escola que os ajude a sair da pobreza, que os ajude a fazer planos, a ter perspectivas, a desejar melhorias, a lutar por elas, a acreditar que elas são possíveis e que a fatalidade não existe. Precisam de uma escola que lhes ensine que não há um Deus que quer a pobreza, muito menos a miséria, nem reserva prêmio para quem sofre mais aqui na terra. Os pobres, repito, precisam de uma escola que lhes ensine a vencer a pobreza, a encontrar

caminhos para viver dignamente, qualificados como cidadãos hábeis, como profissionais, capazes de atuar no mercado de trabalho, conforme as exigências de cada época e de cada lugar.

Paradoxalmente, os pobres é que têm sido mais lesados no seu direito a uma escola que, de fato, desenvolva competências. Na verdade, a escola os exclui, quando lhes ensina o que eles já sabem ou o que eles não precisam saber; depois, a sociedade os exclui, porque eles não sabem o que precisariam saber. Concretamente, no campo do uso da língua, não sabem ler textos mais complexos, de gêneros mais especializados; não sabem intervir em situações mais formais da comunicação pública, não sabem escrever textos mais formais, mais elaborados. Ficam excluídos, assim, de todas as situações em que podiam atuar, discutindo, analisando, solicitando, concordando, refutando, reclamando, reivindicando, explicando, informando, acerca de suas situações de trabalho e de vida. Não podem fazer isso, porque não sabem como fazê-lo, ou porque foram convencidos de que não sabem. Mas passaram anos a fio — os poucos que conseguiram ficar — procurando dígrafos, separando sílabas, sublinhando palavras, decorando coletivos, classificando sujeitos (eles próprios "desclassificados"), escrevendo frases, fazendo cópias e outras tantas atividades, que só se justificam no domínio interno da escola, em que algumas coisas devem ser aprendidas para que sejam sabidas quando o professor perguntar sobre elas. E lá se vai a oportunidade de suscitar o entusiasmo dos alunos, o possível gosto por ampliar suas habilidades linguísticas, por tomar consciência de quão vasto é o poder das palavras. E os pobres ficam sem mais esse poder, que não aconteceu. Perdeu-se o saber, perdeu-se o poder "que não foi, mas que poderia ter sido..."

Vale lembrar que qualquer criança, na cidade, no campo, na favela, na roça, quando exposta a situações motivadoras, que lhes despertem o interesse, é capaz de aprender, sustentam os psicólogos da aprendizagem.

Capítulo 4

Fundamentos para a análise de textos: o foco em aspectos globais

O primeiro interesse, na análise de textos, deve estar orientado para a apreensão de seus aspectos globais, ou seja, para o entendimento do *texto como um todo*, daquilo que o perpassa por inteiro e que confere sentido às suas partes e a seus segmentos constitutivos. De fato, pode não ter muita relevância deixar de captar uma ou outra particularidade, um ou outro pormenor; mas é de extrema importância apreender os elementos que definem o *sentido e os propósitos globais*. Reitero *que a compreensão global do texto deve ser o ponto de partida e o ponto de chegada de qualquer análise*.

Em geral, como já temos referido, as análises mais comuns empreendidas na escola incidem sobre fragmentos, sobre questões pontualmente localizadas ou sobre particularidades morfossintáticas das classes de palavras, obscurecendo, assim, a *visão inteira do que é dito e por que isso é feito*.

Entre muitos dos aspectos que caracterizam *essa visão inteira do texto*, selecionamos alguns que podem ser objeto de cuidados especiais em nossas análises, conforme enumeramos abaixo.

4.1 O universo de referência

Um texto tem como enquadramento cognitivo entidades, relações, propriedades de um mundo real ou de um mundo fictício. Desde o início, por vezes já no seu título, encontramos sinalizações do universo em que a seleção dos sentidos deve ser empreendida. Lembro-me de uma fábula de Rubem Alves que começa assim: *Tudo aconteceu no tempo em que os bichos falavam*... O segmento grifado já indica que se trata de um mundo fictício, de um mundo simbólico, no interior do qual as informações e ideias têm que ser entendidas.

Como subpropriedade desse universo de referência, podemos procurar identificar, mais especificamente, o campo social-discursivo em que ele se insere, conforme ele se destine aos campos científico, didático, religioso, político, artístico, de divulgação, de entretenimento, entre muitos outros.

Na verdade, um texto assume determinadas formulações, é expresso em certos níveis de formalidade, em certos formatos e suportes na dependência das normas, sociais e discursivas, que decorrem do universo de referência e do campo social em que o evento comunicativo se insere e vai circular. Por isso é que a produção e a recepção social das ações verbais constituem verdadeiras "rotinas comunicativas".

Em relação a esse item, pode ser lembrada a questão tão pertinente da *adequação contextual do texto*. Presentemente, as discussões em torno do *bom texto* têm destacado a primazia da *sua adequação a seu contexto de produção e circulação*. Com a reiteração desse princípio, espera-se, entre outros resultados, enfraquecer a visão reduzida — tão arraigada entre professores e público em geral — de que, para um texto ser bom, "basta que ele esteja correto". Um texto, em princípio, pode até não estar correto, mas se estiver social e discursivamente adequado a seu contexto de circulação, é um bom texto.

Ainda no interior dessa adequação contextual, merece destacar a questão dos *destinatários previstos*. É de extrema importância tê-los em vista. Afinal, a linguagem é uma atividade interativa, entre dois ou mais interlocutores, um dizendo a outro, um perguntando ou respondendo a outro, de modo que, literalmente, ninguém fala ou escreve *para ninguém*. Pressupomos sempre a presença de um outro.

Esse princípio parece extremamente banal de tão óbvio que é. No entanto, nas aulas de português, ainda presentemente, acontecem atividades de formar frases soltas, para treinar esse ou aquele ponto da gramática, ou de escrever textos sem nenhum interlocutor previsto para ocupar o lugar do outro lado. Um exercício de não linguagem, afinal[1]. Como regular o que e o como dizer, se não sabemos com quem interagimos?

Em síntese, é de extrema importância em nossas análises identificar *o universo de referência* ativado e, a partir daí, reconhecer outros elementos que definem *a totalidade dos sentidos expressos*.

[1] Por vezes, os professores se queixam de que, no momento, *não sabem mais como ensinar a língua ou o que fazer em sala de aula*. Não me parece que os professores tenham razão para se sentirem tão desorientados assim. Já são tão comuns as indicações de outros rumos, de outras perspectivas e, consequentemente, de outras atividades! São comuns, por exemplo, as orientações para que *se prefira a escrita de textos* – mesmos curtos – e se deixe a escrita de frases soltas, despropositadas, descontextualizadas, ou de textos "para ninguém", escritos, simplesmente, para treino. Ninguém aprendeu a usar a linguagem treinando primeiro, ou começando pela produção de frases para só depois chegar a fazer textos. Qualquer palavra já era um texto, porque, independentemente de sua forma, já trazia um propósito e já era um pedaço de uma interlocução.

4.2 A unidade semântica

Um texto se desenvolve em torno de um tema, ou de um tópico ou, ainda, daquilo que, convencionalmente, se costuma chamar de ideia central. Essa unidade funciona como *um fio*, *um eixo*, que faz cada parte, cada segmento convergir para um *centro*. Essa unidade é que permite a elaboração de uma síntese ou de um resumo, o entendimento dos títulos e subtítulos, a localização dos subtópicos, o discernimento entre as ideias principais e aquelas outras secundárias.

Em princípio, é essa unidade temática que deixa o texto como um conjunto demarcado, como um terreno delimitado. É

ela, ainda, que nos leva a procurar saber: *a que pergunta o texto constitui uma espécie de resposta.*

Vale lembrar que, para a unidade em questão, concorrem os diferentes recursos da coesão, os quais vão costurando o texto, promovendo a articulação entre suas várias partes, de maneira que se pode reconhecer uma sequência de fatos, de informações, de ideias, de argumentos, de comentários etc.[2]

Um entendimento mais consistente do ponto em discussão nos leva à relevância de *reconhecer o ponto de vista* a partir do qual o tema é tratado. Ou seja, mesmo restrito a um tema particular, o autor assume determinado ponto de vista, o qual também define as condições de sua coerência global. Por isso é que textos sobre um mesmo tema podem se desenvolver à volta de pontos de vista diferentes.

Essa unidade temática não é privativa da comunicação escrita. Os gêneros orais também se realizam dentro desses parâmetros de unidade, embora, em algumas circunstâncias, esses parâmetros sejam mais frouxos, como é o caso da conversação informal. *Assim, uma conferência, uma palestra, um debate, uma aula e outros eventos similares são sempre em torno de um determinado tema.*

Daí que a análise dos elementos que caracterizam essa unidade temática do texto, oral ou escrito, recobra uma importância fundamental na exploração dos usos das linguagens.

[2] Pode-se perceber a dificuldade de alguns alunos para conseguirem essa "unidade temática" e "essa articulação" entre as várias partes do texto. Em muitos casos, cada parágrafo parece um textinho à parte. Não se consegue perceber a presença de uma sequência, de um encadeamento, de uma continuidade, que, no final, resulta na unidade pretendida. *Coisas que podiam, muito bem, ser ensinadas, ser exploradas nas atividades de sala de aula.* Faz pena ver a qualidade de alguns textos de alunos no final do ensino médio. Faltou *tempo* de estudo?

4.3 A progressão do tema

Como vimos, a concentração do texto em determinado tema lhe dá unidade. Evidentemente, em seu percurso, esse tema vai-se desenvolvendo, ou melhor, vai progredindo, o que implica admitir que, *acerca do mesmo* (o tema), algo *diferente* vai sendo acrescentado.

Faz parte de nossa competência discursiva alimentar a expectativa de que nosso parceiro de interlocução não vai ficar, indefinidamente, dizendo o mesmo, ou seja, fixado no mesmo ponto. Esperamos que a fila das ideias ande, no sentido de que coisas novas vão sendo acrescentadas, embora acerca do mesmo tema. Ou seja, contamos com a previsibilidade de identificar *o que se diz do tema.*

Ocorre que, no texto, tudo precisa estar em convergência; tudo precisa estar encadeado. Assim, a progressão esperada para o desenvolvimento do tema precisa estar em articulação: os segmentos entre si (por exemplo, um parágrafo com outro ou com outros antecedentes e consequentes) e todos com o tema central. O resultado dessa *progressão articulada* é a integração das várias partes em um todo. Lembremo-nos de que, diante do que ouvimos ou lemos, experimentamos a sensação de que estamos diante de uma unidade, de que somos capazes de reconhecer seu começo e seu fim.

Constitui, portanto, prática de grande relevância *identificar o plano de progressão do tema*, ou o esquema sob o qual ele avançou.

4.4 O propósito comunicativo

Nenhum texto acontece sem uma finalidade qualquer, sem que se pretenda cumprir com ele determinado objetivo. Não é à toa que costumeiramente perguntamos a quem nos fala: "O que você *quer dizer* com isso?" O "querer dizer" é constitutivo do dizer; é anterior a ele.

Esse propósito, que é parte de qualquer atividade de linguagem, pode ser apontado como: expor, explicar, convencer, persuadir, defender um ponto de vista, propor uma ideia, apresentar uma pessoa, um evento, uma ideia, relatar um fato, descrever um evento, dar uma notícia, divulgar um resultado, informar etc. A série desses propósitos é praticamente inesgotável. Além disso, eles não

são mutuamente excludentes: pode-se relatar um fato com o propósito de convencer alguém de alguma coisa; pode-se trazer uma informação com o propósito de defender um ponto de vista. De qualquer forma, entender um texto supõe *a habilidade de identificar esse propósito* e, por vezes, discernir entre o que é o propósito e o que são as estratégias para se conseguir esse propósito.

Os teóricos da argumentação advogam que toda ação de linguagem é, essencialmente, argumentativa, no sentido de que há sempre, clara ou velada, uma pretensão de se conseguir a adesão do interlocutor e ganhar sua concordância. Nesse sentido é que se diz que não existe neutralidade nas atividades de linguagem. Ou seja, nada do que se diz é totalmente despojado de alguma intenção, seja ela clara, declarada, seja ela velada. O povo sabe disso quando reconhece que alguém falou com uma segunda intenção.

Existem elementos verbais e não verbais que servem como pistas para o reconhecimento de tais intenções (primeiras e segundas!). Reconhecê-las é alcançar o cerne da compreensão discursiva.

4.5 Os esquemas de composição: tipos e gêneros

Os textos obedecem a padrões regulares de organização, em decorrência do tipo e, sobretudo, do gênero que materializam. Todos sofremos mais essa coerção social: nossas ações de linguagem obedecem a modelos estabelecidos linguística e socialmente.

Sem entrar em muitos detalhes, podemos considerar que os tipos de texto[3] são categorias teóricas, que abrangem um conjunto de determinações de natureza linguística, tais como aspectos lexicais, sequências sintáticas, variações dos tempos verbais etc.

A propósito dos tipos textuais, podemos lembrar a posição de Marcuschi (2010: 20-23), que, como outros autores, considera *os tipos de texto como uma questão definida linguisticamente*, isto é, por categorias pertinentes ao sistema da língua e não às situações sociais e às pretensões retóricas que ocorrem no domínio da enunciação.

Por exemplo, se o modelo de uma carta é definido por seus propósitos comunicativos, por sua forma de composição e apresentação (com blocos consensualmente estipulados), os tipos se definem por categorias linguísticas, sobretudo aquelas de natureza sintática.

Assim é que um texto do tipo narrativo privilegia o uso dos tempos verbais pretéritos, privilegia o uso de expressões que denotem sequência temporal dos fatos (o antes, o durante e o depois) e a localização dos agentes nos cenários referidos, privilegia a referência a entidades, a seres concretos ou abstratos, entre outros aspectos. Em outro tipo, o descritivo, os objetos de referência apresentam-se parados, estáticos, sem remissão a uma progressão temporal, a uma mudança de tempo, o que vai se refletir na preferência pelo verbo no presente ou no imperfeito do indicativo. Em um texto expositivo, predominam as estratégias de transmissão de um saber já consubstanciado em um corpo de princípios teóricos ou de explicação de um fenômeno, em geral, apoiado em dados reais, mais ou menos objetivos. As relações de causa e consequência são comuns nesse contexto. Lembramos ainda os textos de definição (*A Terra é um planeta*), de apresentação de um conceito (*Os gêneros textuais são ações sociodiscursivas.*), ou de uma ideia (*A virtude está no meio*), representantes de um saber universal, em que predomina o tempo presente, exatamente como expressão de algo que é atemporal. Nos textos dissertativos, comumente reconhecidos como opinativos ou de comentários, como um editorial, predominam os argumentos em favor de uma posição, com verbos, em geral, no presente do indicativo, como forma de expressão de um estado permanente de concepção do tema — quase sempre polêmico — pelo menos no tempo da cena discursiva. Nos textos injuntivos, prevalecem as formas verbais no imperativo, uma vez que são gêneros instrucionais, ou

[3] Vale a pena a leitura de "Gêneros textuais: definição e funcionalidade", um capítulo de livro em que Marcuschi (2010) desenvolve com mais detalhe as noções de tipo e gênero de texto, bem como as diferenças fundamentais entre uma e outra categoria, sem falar nas observações que faz sobre gêneros textuais e ensino de línguas. Muito proveitosa também é a leitura da segunda parte de seu livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, onde questões relacionadas a tipos, gêneros de texto, domínios discursivos, suportes, entre outras, são relacionadas ao ensino de língua (ver p. 145-225).

seja, que trazem instruções de como executar determinadas ações ou seguir determinado programa.

Os tipos, reiteramos, são definidos por propriedades linguísticas e não são propriamente textos empíricos (ver ainda Marcushi, 2010: 23). Quer dizer, uma descrição não constitui um exemplar concreto de texto que circula em determinado grupo social. O que existe, o que circula, de fato, são gêneros de texto, que, eventualmente, podem incluir sequências descritivas, mais ou menos extensas. Uma fábula, por exemplo — *que é um gênero* — pode incluir (e quase sempre inclui) trechos do tipo descritivo. Um *anúncio* de venda de uma casa (outro *gênero*) também inclui, normalmente, trechos de caráter descritivo, uma vez que é do interesse do vendedor apresentar seu produto.

Ou seja, os gêneros é que constituem *textos empíricos*, é que constituem *textos reais em circulação*, os quais são regulados também por tipos de sequências sintáticas e relações lógicas. São, assim, modelos "mais ou menos estáveis", como propôs Bakhtin, embora flexíveis (uns mais que outros) e sujeitos a variações contextuais. São definidos por propriedades sociodiscursivas, diferentemente, portanto, dos tipos, como vimos, que são definidos por propriedades linguísticas. Cumprem funções comunicativas específicas, quer dizer, realizam-se com *propósitos comunicativos* determinados e facilmente reconhecíveis pela comunidade em que circulam. Dessa forma, os gêneros variam com o tempo, com as condições históricas de cada grupo, o que significa dizer que alguns podem desaparecer, outros se transmudar, outros, surgir.

A verdade é que temos consciência de que nossas ações de linguagem e, consequentemente, nossas opções textuais não são absolutamente originais: há um consenso geral sobre como se faz uma resenha, uma carta, um edital de concurso, como se faz a apresentação ou a resenha de um livro etc. Ou seja, procuramos nos conformar aos modelos preexistentes, já em circulação em nossos grupos.

Esses modelos de gêneros abarcam o que se tem chamado de *a forma composicional* do gênero: trocando em miúdos, a forma *como o texto é composto*, é desenvolvido. É essa forma composicional, portanto, que regula o número de blocos ou de partes que um determinado texto deve ter. É essa forma que regula o que deve aparecer em cada um desses blocos bem como a sequência em que eles devem ocorrer.

Por exemplo, em geral, a resenha de um livro deve conter, pelo menos, três blocos: a contextualização geral da obra, a apresentação de seu conteúdo e de seus objetivos, o parecer sobre sua consistência e relevância. Outros blocos podem ser eventualmente incluídos, conforme determinadas circunstâncias, mas não *qualquer um*. Não teria sentido incluir numa resenha a justificativa de mercado para o preço da obra ou a defesa de detalhes da vida privada do autor ou do editor do livro.

Vale a pena ter em conta o seguinte: nem sempre é fácil identificar o gênero a que pertence um texto; ou seja, por vezes, é difícil reconhecer, com total segurança, se se trata desse ou daquele gênero. É comum ficarmos na dúvida se se trata de um editorial, de um artigo de opinião ou até mesmo de uma crônica. Quase sempre, convém recorrer ao suporte para chegar a uma conclusão. Por vezes, é mais fácil reconhecer *a que gênero o texto não pertence* do que o contrário.

De qualquer maneira, a importância de se acertar, exatamente, na identificação do gênero não é tão grande assim. Importante é reconhecer as características textuais que o fazem cair nesse ou naquele gênero e não em outros bem diferentes. Faraco e Tezza (2003) nos advertem de que convém resistir "ao desejo de engavetar a linguagem em divisões estanques. Na vida real, a linguagem e as intenções costumam se alimentar umas às outras".

Portanto, a competência comunicativa que se espera seja alcançada pela análise de textos deve incidir, naturalmente, sobre *o conhecimento das particularidades dos tipos e dos gêneros de texto*. Talvez, por essas vias, conseguiremos nos convencer de que os conhecimentos gramaticais, se são necessários, são também insuficientes.

4.6 A relevância informativa

A propriedade que contempla *a relevância informativa* do texto tem a ver com sua maior ou menor *novidade*, seja ela expressa pela forma, seja ela expressa pelo conteúdo. Assim, quanto mais um texto apresenta novidades, quanto mais foge a obviedades (formais ou conceituais), mais ele é relevante. Noutras palavras, quanto mais previsível é a interpretação de um texto, menos ele é informativo, menos ele requisita a habilidade interpretativa do interlocutor e, dessa forma, menos suscita o seu interesse.

Isso não significa que todo texto tem que trazer, sempre, um alto grau de novidade. Os avisos que regulam a circulação de veículos numa cidade, por exemplo, não apresentam (nem podem apresentar!) novidades, nem formais nem de conteúdo. Ou seja, o grau de novidade requisitado para um texto é determinado por razões contextuais. Em cada situação sociodiscursiva é que se pode avaliar sua relevância informativa. O bom texto, portanto, é aquele que traz um grau de informatividade adequado às suas circunstâncias de circulação.

A imprevisibilidade que faz subir a relevância do texto pode incidir, como avançamos acima, em aspectos formais (o texto expressa o mesmo, mas dito sob outras formas, de outros jeitos) ou em aspectos do conteúdo (o texto traz novas informações ou ideias) ou pode conjugar novidades formais e novidades conceituais. De qualquer forma, a relevância do que dizemos assume grande significado na avaliação de sua qualidade.

O olhar demasiado linguístico, demasiado gramatical com que os professores têm avaliado a linguagem dos alunos obscureceu o peso da relevância informativa no cálculo da qualidade do texto. Muitos acreditaram (e alguns ainda acreditam!) que *basta o texto estar correto para ser bom*. A ênfase nessa correção privou professores e alunos de perceberem outras determinações textuais, bem mais relevantes socialmente. Um texto é um evento em que convergem, além de elementos linguísticos, outros de ordem cognitiva e social.

Vale a pena, portanto, *conceder importância a esses graus de novidade que, em certos contextos, os textos devem apresentar* para que possam ser considerados como de boa qualidade.

4.7 As relações com outros textos

Já fazem parte do dia a dia pedagógico uma ou outra referência à propriedade discursiva da intertextualidade, embora essas referências ainda busquem apoio em noções bastante restritas e superficiais.

De fato, de certa maneira, todas as questões eminentemente textuais, como coesão, coerência, informatividade, intertextualidade, entre outras, não ocupam lugares privilegiados nos programas de ensino, por vezes nem mesmo daqueles das faculdades de letras. Além disso, não são muitos os livros didáticos que reservam espaço para esses tipos de conteúdos linguísticos. Como temos sublinhado, não sem razão, portanto, os conteúdos gramaticais — da ordem da morfossintaxe — têm monopolizado os estudos da língua, seja ela materna, seja ela estrangeira. Parece que basta saber gramática, ou, pior ainda, basta saber a que classe gramatical uma palavra pertence ou que função sintática um termo preenche, para ter a competência textual e discursiva sob cujas regularidades nossas ações verbais acontecem.

Vale a pena, portanto, ressaltar a relevância do estudo das propriedades ou das regularidades propriamente textuais e discursivas, desde o fundamental, com a finalidade clara de se apreender o que é essencialmente constitutivo das ações de linguagem[4]. Com esse propósito, a seguir, introduzimos o leitor em noções da intertextualidade. O objetivo dessa introdução é apresentar alguns fundamentos que podem apoiar a análise de textos. Não nos cabe, pois, esgotar aqui esse tema, tão amplo, tão complexo e tão significativo na compreensão do que, de fato, representa a

[4] Existem excelentes abordagens do conceito de intertextualidade. Remeto o leitor a: Marcuschi (2002), Koch (2002; 2004; 2007), Charaudeau e Maingueneau (2004); Discini (2005), Maingueneau (2006); Sant'Anna (1985), entre muitos outros.

linguagem na criação e na sustentação de todas as manifestações históricas e culturais da ação do homem sobre o mundo.

Comecemos por referir a noção mais ampla de intertextualidade, aquela que diz respeito à ideia de que *tudo o que se expressa pelas diferentes linguagens remete a toda a experiência humana da interação verbal* e, portanto, pertence a uma grande corrente de discursos construídos ao longo do tempo. Nem temos possibilidade de encontrar o ponto de origem desse ou daquele conceito, dessa ou daquela ideia. Tudo é feito uma linha que nunca se partiu e que, continuadamente, avança através dos tempos e de todos os espaços ocupados pelo homem.

Nesse sentido bem vasto, situamos a *intertextualidade ampla,* aquela que é, portanto, *constitutiva de qualquer atividade de linguagem.* Trocando em miúdos: por essa intertextualidade ampla, nenhum texto é absolutamente original, nem pertence por inteiro à autoria de quem o disse ou escreveu. Nossa voz carrega necessariamente as vozes de todos que nos antecederam, tenhamos consciência disso ou não.

Assim a intertextualidade está intrinsecamente presente em cada evento de linguagem. Na verdade, sustentamos, em cada evento de linguagem, uma linha discursiva que começou não sei quando. Isso não significa dizer que nos repetimos indefinidamente, ou que não renovamos ou refazemos nossas concepções e nossos modos de expressá-las. Quando expomos um conceito, quando o reforçamos, ou quando o reelaboramos ou o refutamos — até mesmo quando o introduzimos —, estamos na continuidade inquebrável dessa linha; não nos é dada a condição de desconsiderá-la. Ou seja, é a partir dos discursos já feitos que criamos, que recriamos, que ressignificamos os nossos[5].

Também se pode fazer referência àquela intertextualidade que decorre da própria padronização social da linguagem em uso. As convenções sociais que regulam essa padronização fazem, naturalmente, que um texto seja uma espécie de cópia do outro, isto é, seja produzido conforme o modelo de outros que se destinam aos mesmos contextos ou às mesmas finalidades sociais de uso. Uma notícia, por exemplo, respeita um modelo de notícia; por isso, todas as notícias têm algo em comum e são, naturalmente, intertextuais, quer dizer, retomam elementos de outros textos. "Nessa visão, todo novo texto empírico, portanto, é necessariamente construído com base no modelo de um gênero, isto é, ele pertence a um gênero" (Bronckart, 1999: 138).

Em um sentido estrito, têm sido propostos outros conceitos de intertextualidade, agora explícita, em oposição àquela anterior, que, implicitamente, faz parte de todo e qualquer discurso.

Nessa intertextualidade explícita — que aparece expressa na superfície — podemos enumerar: as alusões, as remissões — mais ou menos diretas e, as mais óbvias delas, as paráfrases e as citações, sobretudo aquelas que trazem a indicação do discurso fonte.

Vale ressaltar que nenhuma ocorrência de intertextualidade é gratuita ou é aleatória. Ou seja, sempre que nos valemos das palavras do outro, o fazemos com algum propósito, ou como estratégia para fins de algum efeito discursivo. Assim, podemos recorrer à palavra do outro para marcar determinado posicionamento, para apoiar nossas concepções, nossos pontos de vistas, para dar força a nossos argumentos, como se quiséssemos dizer que não somos apenas nós quem pensa assim ou diz o que nós dizemos. Também podemos recorrer à intertextualidade explícita para ampliar, para complementar, ou até mesmo para refutar o que o outro diz.

De qualquer forma, implícita ou explicitamente, a palavra do outro está embutida em nossa palavra. Por exemplo, neste exato momento, somente me é possível falar de intertextualidade porque já tive acesso a outros textos que tratam dessa questão. Buscamos, na verdade, a palavra do outro para fazer coro com a nossa e, assim, reforçar nossas posições.

Na prática da produção ou da divulgação do conhecimento cientifico, o recurso à intertextualidade é rotina, pois, para a definição de qualquer objeto de pesquisa, sempre partimos de

[5] A noção de intertextualidade é uma das mais bonitas, das mais significativas contribuições da linguística moderna. É pena que "as muitas noções de gramática" não deixem tempo para os professores explorarem a significação da descoberta dessa "linha discursiva" que nos coloca, a nós todos, na "multidão do *homo loquens*", do homem "falador" e autor do grande discurso humano.

[6] Um ponto que poderia ser explorado, no âmbito da intertextualidade, é a questão dos provérbios, inclusivamente em suas variações regionais. Os provérbios são eminentemente polifônicos, intertextuais, no sentido de que remetem para um hiperenunciador, que, por sua vez, representa a sabedoria popular. Recorrer a eles confere a quem o faz o "estatuto de membro de uma comunidade" (ver Maingueneau, 2006: 94). Também pode ser útil o estudo dos *slogans*, sejam eles do domínio publicitário ou do domínio político. Fechando essas observações, poderia lembrar o repertório dos *contos de fadas*, ou das *fábulas*, que atravessa séculos de enunciação coletiva, numa demonstração clara da mais global intertextualidade. *Quanta coisa bonita e significativa para além da análise sintática!*

um corpo de princípios já definidos para esse objeto. Não há saída: nossos textos estão ancorados em outros textos prévios, textos científicos, literários ou do saber comum. As conexões que se vão estabelecendo entre esses saberes é que geram concepções mais integradas e favorecem um entendimento mais global do mundo[6].

Uma notícia de jornal, publicada pelo *Diário de Pernambuco*, de 30 de janeiro de 2010, começava com o seguinte trecho: *São Pedro não deu trégua para os paulistanos*. Ninguém pode entender esse trecho se não recupera os saberes que correm pelas concepções culturais de certos grupos, ou seja, os textos do saber comum, aquele que atribui a São Pedro a decisão de onde, quando e quanto chover. É esse saber que nos dispensa de sobrecarregar o que dizemos com informações já sabidas.

Fazer da *intertextualidade objeto de análise é*, pois, *exercitar a exploração da linguagem* naquilo que ela tem de *mais constitutivo e relevante*, como expressão da *inexorável condição humana de seus agentes*.

A vida é indivisível. Mesmo
A que se julga mais dispersa
E pertence a um eterno diálogo
A mais inconsequente conversa.

(Mário Quintana, *Pequeno poema didático*)

A compreensão de todos esses pontos — que constituem a dimensão global do texto — representa uma condição fundamental para que se empreenda a atividade de analisar a linguagem, em todas as suas manifestações concretas. Tudo no texto vai dar ao global. Lá é que todos os sentidos se justificam.

Capítulo 5

Práticas de análise de textos quanto a sua dimensão global

Faremos a seguir análises de alguns textos, focalizando aspectos globais de sua organização e construção. Para tanto, vamos nos apoiar nos fundamentos teóricos que foram apresentados no capítulo anterior, destacando, assim, a pretensão de dar maior importância à visão de conjunto do texto.

A metodologia de, primeiro, trazer os princípios teóricos e, depois, realizar as análises, pretende ressaltar a compreensão de que *nossas análises supõem um corpo teórico de princípios*, a partir dos quais são definidos os pontos mais relevantes e, consequentemente, são estabelecidas as prioridades de observação.

Por essa metodologia, queremos evidenciar ainda que as análises devem ser *do texto*, isto é, devem apoiar-se nas palavras e em muitos outros tipos de sinais que aparecem na superfície do texto, até mesmo para, a partir daí, chegar àqueles sentidos que não estão expressos explicitamente. Somente assim podemos fugir a uma análise feita segundo as impressões de cada um e, assim, eventualmente inconsistente. Aquilo que apontamos como dito no texto deve estar respaldado pelo que, de fato, consta lá, na sua superfície ou nas entrelinhas. Deve estar autorizado pela presença de uma palavra, de uma expressão, de um sinal qualquer. Do dito é que se parte para o não dito; ou para os diferentes tipos do dizer implícito.

Vamos às análises.

5.1 Análise do comentário "A mercadoria alucinógena"

A MERCADORIA ALUCINÓGENA

Enquanto o consumidor imagina que é um ser racional, dotado de juízo e de bom senso, a publicidade na TV abandona progressivamente essa ilusão. Em vez de argumentar para a razão do telespectador, ela apela para as sensações, para as revelações mágicas mais impossíveis. A marca de chicletes promete transportar o freguês para um tal "mundo do sabor" e mostra o garoto-propaganda levitando em outras esferas cósmicas. O adoçante faz surgirem do nada violinistas e guitarristas. O guaraná em lata provoca visões amazônicas no seu bebedor urbano, que passa a enxergar um índio, com rosto pintado de bravura, no que seria o pálido semblante de um taxista. Seria o tal refrigerante uma versão comercial das beberagens do Santo Daime? Não, nada disso. São apenas os baratos astrais da nova tendência da publicidade. Estamos na era das mercadorias alucinógenas. Imaginariamente alucinógenas.

É claro que ninguém há de acreditar que uma goma de mascar, um adoçante, ou um guaraná proporcionem a transmigração das almas. Ninguém leva os comerciais alucinógenos ao pé da letra, mas cada vez mais gente se deixa seduzir por eles. É que o encanto das mercadorias não está nelas, mas fora delas — e a publicidade sabe disso muito bem. Ela sabe que esse encanto reside na relação imaginária que ela, publicidade, fabrica entre a mercadoria e seu consumidor. Pode parecer um insulto à inteligência do telespectador, mas ele bem que gosta. É tudo mentira, mas é a maior viagem, bicho. A julgar pelo crescimento dessas campanhas, o público vibra ao ser tratado como quem se esgueira pelos supermercados à cata de alucinações.

Por isso, a publicidade se despe momentaneamente de sua alegada função cívica — a de informar o comprador para que ele exerça o seu direito de escolha consciente na hora da compra — e apenas oferece o transe, a felicidade etérea, irreal e imaterial, que nada tem a ver com as propriedades físicas (ou químicas) do produto. A publicidade é a fábrica do gozo fictício — e este gozo é a grande mercadoria dos nossos tempos, confortavelmente escondida atrás das bugigangas oferecidas. Quanto ao consumidor, compra satisfeito a alucinação imaginária. Ele também está cercado de muito conforto, protegido pela aparência de razão que todos fingem ser sua liberdade. Supremo fingimento. O consumidor não vai morrer de overdose dessa droga. Ele só teme ser barrado nos portais eletrônicos do imenso festim psicodélico. Morreria de frio e de abandono. Ele só teme passar um dia que seja longe do seu pequeno gozo alucinado.

(Eugênio Bucci. *Veja*. São Paulo: 29 de abril de 1998.

Quanto ao universo de referência

(a) O comentário aborda *uma questão do mundo real*, do cotidiano concreto das pessoas, que estão inevitavelmente expostas aos muitos apelos do consumo de mercadorias. Não se trata, portanto, de um mundo fictício, onde os objetos referidos adquirem contornos eminentemente simbólicos.

(b) Se insere no domínio do jornalismo, concretamente no campo social-discursivo do *jornalismo formador de opinião*, que objetiva deixar os leitores mais críticos e conscientes frente a determinadas questões da vida.

(c) Por adequação às exigências discursivas próprias desse campo e do suporte em que está publicado (a revista *Veja*), *está expresso com um certo nível de formalidade*, o que implica dizer fora das formulações mais típicas da oralidade coloquial.

(d) Os *destinatários previstos são os leitores da revista*, identificáveis como pertencentes, em geral, a *uma classe, no mínimo, medianamente letrada e crítica*.

(e) Essa condição dos possíveis leitores justifica a opção do autor por um tipo mais elaborado de abordagem do problema e, consequentemente, por uma seleção vocabular mais especializada e mais distante do comum informal. A esse propósito, vejamos o trecho: *O consumidor não vai morrer de overdose dessa droga. Ele só teme ser barrado nos portais eletrônicos do imenso festim psicodélico.*

Quanto à unidade temática

(a) Não é difícil perceber que o comentário *A mercadoria alucinógena* se desenvolve em torno de *um mesmo tema: a publicidade na tv*, delimitado por uma perspectiva — a de que *a publicidade apela para os efeitos mágicos dos produtos que apresenta*.

(b) As pistas para o reconhecimento desse tema, nessa perspectiva, são muitas. A primeira e mais obvia delas é *o título*, que já aponta para um objeto de referência *a mercadoria* (da qual a publicidade se encarrega de fazer a apresentação) e para a especificação dessa mercadoria, *alucinógena* (pelos efeitos que lhe são atribuídos).

(c) O início do texto sintetiza esse tema, afirmando que a publicidade na TV, *em vez de argumentar para a razão do telespectador, apela para as sensações, para as revelações mágicas mais impossíveis.*

(d) Com base no reconhecimento desse tema, uma das passagens mais significativas do texto é a seguinte: *A publicidade é a fábrica do gozo fictício — e este gozo é a grande mercadoria dos nossos tempos, confortavelmente escondida atrás das bugigangas oferecidas* (vejamos o último parágrafo).

Quanto à progressão do tema

A perspectiva de que a publicidade é criadora de sonhos utópicos continua, primeiramente, com:

(a) a apresentação detalhada de alguns objetos em que esse poder mágico pode acontecer: *o chiclete, o adoçante, o guaraná.* Cada um desses objetos é apresentado com a discriminação minuciosa dos efeitos que provoca no consumidor: transportar, pela levitação, para 'esferas cósmicas'; fazer surgir do nada; provocar visões. As situações descritas funcionam como uma espécie de argumento de sustentação do tema: *a publicidade na tv é alucinógena.* Está provado. Taxativamente é reafirmado: *Estamos na era das mercadorias alucinógenas. Imaginariamente alucinógenas.*

(b) Em seguida, o autor se antecipa a uma possível objeção do leitor: a propaganda não tem todo esse poder, pois *Ninguém leva os comerciais alucinógenos ao pé da letra,* ou acredita *que uma goma de mascar, um adoçante, ou um guaraná proporcionem a transmigração das almas.*

(c) E, imediatamente, já responde a essa objeção com a observação de que *o encanto das mercadorias não está nelas, mas fora delas.* Esse encanto está *na relação imaginária que ela, publicidade, fabrica entre a mercadoria e seu consumidor,* o qual tem consciência desse jogo enganoso, desse *insulto à inteligência,* dessa *mentira,* que proporciona *a maior viagem.*

(d) No último parágrafo, o tema se mantém pela formulação da conclusão, primeiramente em relação à publicidade como um todo: *(A publicidade é a fábrica do gozo fictício — e este gozo é a grande mercadoria dos nossos tempos, confortavelmente escondida atrás das bugigangas oferecidas);* depois, em relação ao consumidor: *compra satisfeito a alucinação imaginária* e *está cercado de muito conforto, protegido pela aparência de razão que todos fingem ser sua liberdade.*

Ou seja, o tema perpassa o texto da primeira à última linha.

Quanto ao propósito comunicativo

O comentário em análise tem claramente *um propósito de esclarecimento e de advertência* do leitor (mais especificamente, do leitor *consumidor*), em relação à cilada escondida nas ofertas de produtos de consumo, apresentados em peças publicitárias que lhes atribuem poderes mágicos e alucinantes. O autor reforça essa sua pretensão de advertência quando explicita que, por esse viés alucinógeno, a publicidade abre mão de sua função cívica, que é: *a de informar o comprador para que ele exerça o seu direito de escolha consciente na hora da compra* e, assim, promete *o transe, a felicidade etérea, irreal e imaterial, que nada tem a ver com as propriedades físicas (ou químicas) do produto.*

Quanto aos esquemas de composição do texto, conforme seus tipo e gênero[1]

(a) Predominam as características de um texto opinativo, pois o autor cuida em expressar seu ponto de vista: *a publicidade na tv abandona progressivamente a ideia de que o consumidor é um ser racional, dotado de juízo e de bom senso; não argumenta para a razão do telespectador e apela para as sensações, para as revelações mágicas mais impossíveis.* Essa opinião é sustentada, com argumentos consistentes, em relação à verdadeira função da propaganda e ao modo como a TV se vale dos diferentes recursos publicitários.

(b) Levando em conta o suporte em que o comentário foi publicado (a revista *Veja*), podemos reconhecer esse gênero como um comentário opinativo,

[1] Evidentemente, o professor pode se programar para, diante de cada novo gênero, explorar suas características funcionais e formais. Assim, a propósito de um comentário, de uma crônica, de um texto expositivo, por exemplo, pode aprofundar com os alunos as especificidades textuais desses exemplares de textos. Com isso, ao mesmo tempo em que opta por um programa de estudo centrado em questões textuais, põe o estudo da gramática no lugar que lhe cabe: o da construção do sentido em textos.

embora, como já referimos, nem sempre o reconhecimento do gênero possa ser absolutamente exato.

(c) O plano composicional do texto conforma-se a esse gênero: um ponto de vista sobre uma questão controvertida é apresentado; em seguida, possíveis objeções são levantadas, para, no final, argumentos relevantes e consistentes serem defendidos. Percebe-se um percurso que culmina com a resposta ao problema considerado, não obstante as objeções lembradas.

(d) Do ponto de vista do conteúdo, o comentário em análise aborda uma questão de ordem político-social, alheia, portanto, a circunstâncias da esfera pessoal e privada do autor. Isso justifica a opção do autor por uma formulação que, do ponto de vista formal, se caracteriza pela omissão de marcas (verbais e pronominais) de primeira pessoa do singular.

Quanto à relevância informativa

(a) O comentário não se prende a obviedades. Utiliza metaforicamente o universo dos alucinógenos para caracterizar as intervenções da publicidade, que oferece *o transe, a felicidade etérea, irreal e imaterial.*

(b) O enquadramento do texto nesse universo mobiliza uma série de conhecimentos prévios do leitor e oferece elementos para que seja *ampliada* a compreensão que se pode ter da publicidade. O principal interesse do comentário — ou sua novidade maior — está em atenuar um pouco o 'gozo alucinado' atribuído socialmente à publicidade e em tirar do foco seus poderes mágicos e encantatórios.

(c) Nessa direção, o autor define para o leitor o que seria a 'função cívica' da publicidade: *deixar o consumidor informado a fim de que, na hora da compra, ele possa fazer, livremente, escolhas conscientes* e, na sua pretensão de opinar e advertir ao mesmo tempo, ressalta que *a grande mercadoria dos nossos tempos é o gozo fictício propagado pela publicidade.*

Quanto às relações com outros textos

(a) No âmbito daquela intertextualidade ampla, podemos destacar a conformação do texto às regularidades do gênero comentário opinativo.

(b) Podemos destacar ainda todo o conhecimento que está pressuposto ou implícito e que já faz parte de nosso repertório de saberes. Saberes — merece lembrar — resultantes de nossas experiências discursivas anteriores. Por exemplo, o autor supõe que sabemos estabelecer certos liames e, assim, entender por que o *guaraná em lata provoca visões amazônicas*, ou quais são os *portais eletrônicos do imenso festim psicodélico.* Ou seja, já conhecíamos muito do que é dito no texto, o que implica a inevitável condição de intertextualidade da linguagem.

(c) No âmbito da intertextualidade mais restrita, podemos destacar a referência feita ao refrigerante, como *uma versão comercial das beberagens do Santo Daime*, o que exige um conhecimento específico do objeto referido (um chá alucinógeno), ainda há pouco nomeado em uma reportagem da revista *IstoÉ* (10/fev./2010).

5.1.2 Observações sobre alguns fatos gramaticais verificados no comentário "A mercadoria alucinógena"

Antes de iniciar estas observações, gostaria de reforçar a ideia de que são inúmeros os fatos gramaticais que ocorrem em uma passagem com a dimensão do comentário em análise. Não seria metodologicamente adequado dar conta, neste espaço, de todos esses fatos. Tenho que me deter, assim, em um ou outro aspecto mais saliente, na perspectiva integrada dos sentidos criados, repito. Isto é, os tais fatos gramaticais serão vistos como *recursos ou como partes da criação dos sentidos expressos*. Vários desses fatos já foram explicitamente levados em conta quando analisamos os aspectos globais do texto, o que reforça nossa convicção de que *não se pode separar a gramática dos outros componentes.*

Vejamos, por exemplo, entre outros itens:

(a) a simultaneidade temporal sinalizada pela expressão em destaque entre o que o consumidor imagina e o que a publicidade faz em relação a isso: *Enquanto o consumidor imagina que é um ser racional, dotado de juízo e de bom senso, a publicidade na TV abandona progressivamente essa ilusão;*

(b) a equivalência possibilitada pelas relações semânticas entre imaginar e iludir-se é sinalizada pelo uso do demonstrativo 'essa', em: *o consumidor imagina que é um ser racional...* e *a TV abandona essa ilusão;*

(c) a pergunta retórica: *Seria o tal refrigerante uma versão comercial das beberagens do Santo Daime?* Ou seja, a pergunta feita com propósitos de apenas interessar o leitor, sem pretensão, portanto, de obter uma resposta, que, na verdade, já é sabida;

(d) o recurso de uma negativa contundente, taxativa, revelando segurança, certeza da parte de quem afirma, em: *Não, nada disso;*

(e) o uso da primeira pessoa do plural, em: *Estamos na era das mercadorias alucinógenas*, um recurso do autor para se fazer incluir entre os envolvidos na questão analisada; na verdade, um recurso que expressa a disposição do enunciador para aproximar-se do interlocutor e favorecer a interação;

(f) as marcas de plural do verbo sublinhado, em *O adoçante faz surgirem do nada violinistas e guitarristas*. Essas marcas favorecem a identificação dos agentes (violinistas e guitarristas) envolvidos na predicação de 'surgir'; os termos não estão na ordem canônica (sujeito, verbo, complemento), o que poderia dificultar a interpretação do trecho; por isso, as marcas de plural no verbo funcionam como sinais que indicam a dependência entre verbo e sujeito;

(g) o uso, outra vez, de uma linguagem contundente, cheia de certeza, em: *É claro que ninguém há de acreditar [...] Ninguém leva*; além da repetição do indefinido, a expressão 'é claro' reforça esse parecer de certeza com que a afirmação é feita;

(h) o uso de vários pronomes no trecho seguinte, com diferentes referentes textuais: *Ninguém leva os comerciais alucinógenos ao pé da letra, mas cada vez mais gente se deixa seduzir por eles* (os comerciais alucinógenos). *É que o encanto das mercadorias não está nelas* (nas mercadorias), *mas fora delas* (das mercadorias) — *e a publicidade sabe disso* (do fato de que o encanto das mercadorias está fora delas) *muito bem. Ela* (a publicidade) *sabe que esse encanto* (o encanto das mercadorias) *reside na relação imaginária que ela, publicidade, fabrica entre a mercadoria e seu consumidor* (da mercadoria); saber indicar com clareza, em um trecho como esse, a sequência referencial para objetos diferentes, sem dúvida, é uma competência gramático-textual pertinente;

(i) o uso de uma linguagem informal, com termos da gíria popular, em: É tudo mentira, mas *é a maior viagem, bicho*, que revela a disposição do autor para se sintonizar com a questão do 'mundo alucinógeno' abordada no comentário;

(j) o uso da expressão "Por isso", com valor conclusivo e como recurso de articulação entre dois parágrafos: *Por isso, a publicidade se despe momentaneamente de sua alegada função cívica — a de informar o comprador para que ele exerça o seu direito de escolha consciente na hora da compra — e apenas oferece o transe, a felicidade etérea.* Merece sublinhar ainda, nesse fragmento, a metáfora criada em *a publicidade se despe de sua alegada função cívica* (ou seja, não cumpre sua principal função), o que justifica a ocorrência do "apenas" depois (sem função cívica, a publicidade *somente* oferece a felicidade etérea);

(k) a indicação da mudança de tópico feita pela expressão sublinhada em: *Quanto ao consumidor*; a propósito, outras expressões com a mesma função poderiam ser exploradas;

(l) a retomada referencial possibilitada pela expressão em destaque, em: "*Quanto ao consumidor, compra satisfeito a alucinação imaginária. O consumidor não vai morrer de overdose dessa droga*" (a alucinação imaginária). Fica evidente aqui a funcionalidade dos termos hiperonímicos, pelos quais os objetos já referidos podem ser categorizados e incluídos em um determinado conjunto. O uso do demonstrativo é determinante para marcar essa retomada.

5.2. Análise da crônica "Talvez o último desejo"

TALVEZ O ÚLTIMO DESEJO

Pergunta-me com muita seriedade uma moça jornalista qual é o meu maior desejo para o ano de 1950. E a resposta natural é dizer-lhe que desejo muita paz, prosperidade pública e particular para todos, saúde e dinheiro aqui em casa. Que mais há para dizer?

Mas a verdade, a verdade verdadeira que eu falar não posso, aquilo que representa o real desejo do meu coração, seria abrir os braços para o mundo, olhar para ele bem de frente e lhe dizer na cara: Te dana!

Sim, te dana, mundo velho. Ao planeta com todos os seus homens e bichos, ao continente, ao país, ao Estado, à cidade, à população, aos parentes, amigos e conhecidos: danem-se! Vou para longe me esquecer de tudo, vou a Pasárgada ou a qualquer outro lugar.

Isso eu queria. Chegar junto do homem que eu amo e dizer para ele: Te dana, meu bem! Doravante pode fazer o que entender, pode ir, pode voltar, pode pegar dançarinas, pode fazer serenatas, rolar de borco pelas calçadas, pode jogar futebol, entrar na linha Quimbanda, pode amar e desamar, pode tudo, que eu não ligo! Chegar junto ao respeitável público e comunicar-lhe: Danai-vos, respeitável público. Acabou-se a adulação, não me importo mais com as vossas reações, do que gostais e do que não gostais; nutro a maior indiferença pelos vossos apupos e os vossos aplausos e sou incapaz de estirar um dedo para acariciar os vossos sentimentos. Ide baixar noutro centro, respeitável público, e não amoleis o escriba que de vós se libertou!

Chegar junto da pátria e dizer o mesmo: o doce, o suavíssimo, o libérrimo te dana! Que me importo contigo, pátria? Que cresças ou aumentes, que sofras de inundação ou de seca, que vendas café ou compres ervilhas de lata, que simules eleições ou engulas golpes? Elege quem tu quiseres, o voto é teu, o lombo é teu. Queres de novo a espora e o chicote do peão gordo que se fez teu ginete? Ou queres o manhoso mineiro ou o paulista de olho fundo? Escolhe à vontade — que me importa o comandante se o navio não é meu? A casa é tua, serve-te, pátria, que pátria não tenho mais.

Dizer te dana ao dinheiro, ao bom nome, ao respeito, à amizade e ao amor. Desprezar parentela, irmãos, tios, primos e cunhados, desprezar o sangue e os laços afins, me sentir como filho de oco de pau, sem compromisso nem afetos.

Me deitar numa rede branca armada debaixo da jaqueira, ficar balançando devagar para espantar o calor, roer castanha de caju confeitada sem receio de engordar, e ouvir na vitrolinha portátil todos os discos de Noel Rosa, com Araci e Marília Batista. Depois abrir sobre o rosto o último romance policial de Agatha Christie e dormir docemente ao mormaço.

Mas não faço. Queria tanto, mas não faço. O inquieto coração que ama e se assusta e se acha responsável pelo céu e pela terra, o insolente coração não deixa. De que serve, pois, aspirar à liberdade? O miserável coração nasceu cativo e só no cativeiro pode viver. O que ele deseja é mesmo servidão e tranquilidade: quer reverenciar, quer ajudar, quer vigiar, quer se romper todo. Tem que espreitar os desejos do amado, e lhe fazer as vontades, e atormentá-lo com cuidados e bendizer os seus caprichos, e dessa submissão e cegueira tira sua única felicidade.

Tem que cuidar do mundo e vigiar o mundo, e gritar os seus brados de alarme que ninguém escuta e chorar com antecedência as desgraças previsíveis e carpir junto com os demais as desgraças acontecidas; não que o mundo lhe agradeça nem saiba sequer que esse estúpido coração existe. Mas essa é a outra servidão do amor em que ele se compraz — o misterioso sentimento de fraternidade que não acha nenhuma China demasiado longe, nenhum negro demasiado negro, nenhum ente demasiado estranho para o seu lado sentir e gemer e se saber seu irmão.

E tem o pai morto e a mãe viva, tão poderosos ambos, cada um na sua solidão estranha, tão longe de nossos braços.

E tem a pátria que é coisa que ninguém explica, e tem o Ceará, valha-me Nossa Senhora, tem o velho pedaço de chão sertanejo que é meu, pois meu pai o deixou para mim como o seu pai já lho deixara e várias gerações antes de nós passaram assim de pai a filho.

E tem a casa feita pela nossa mão, toda caiada de branco e com janelas azuis, tem os cachorros e as roseiras.

E tem o sangue que é mais grosso que a água e ata laços que ninguém desata, e não adianta pensar nem dizer que o sangue não importa, porque importa mesmo. E tem os amigos que são os irmãos adotivos, tão amados uns quanto os outros.

E tem o respeitável público que há vinte anos nos atura e lê, e em geral entende e aceita, e escreve e pede providências e colabora no que pode. E tem que se ganhar o dinheiro, e tem que se pagar imposto para possuir a terra e a casa e os bichos e as plantas; e tem que se cumprir os horários, e aceitar o trabalho, e cuidar da comida e da cama. E há que se ter medo dos soldados, e respeito pela autoridade, e paciência em dia de eleição. Há que ter coragem para continuar vivendo, tem que se pensar no dia de amanhã, embora uma coisa obscura nos diga teimosamente lá dentro que o dia de amanhã, se a gente o deixasse em paz, se cuidaria sozinho, tal como o de ontem se cuidou.

E assim, em vez da bela liberdade, da solidão e da música, a triste alma tem mesmo é que se debater nos cuidados, vigiar e amar e acompanhar medrosa e impotente a loucura geral, o suicídio geral. E adular o público e os amigos e mentir sempre que for preciso e jamais se dedicar a si própria e aos seus desejos secretos.

Prisão de sete portas, cada uma com sete fechaduras, trancadas com sete chaves, por que lutar contra as tuas grades?

O único desabafo é descobrir o mísero coração dentro do peito, sacudi-lo um pouco e botar na boca toda a amargura do cativeiro sem remédio, antes de o apostrofar. Te dana, coração, te dana!

(Rachel de Queiroz. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Seleção de Joaquim Ferreira dos Santos. São Paulo: Objetiva, 2007 74-76)[2].

[2] Essa crônica foi publicada originalmente em Rachel de Queiroz, *Um alpendre, uma rede, um açude*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Quanto ao universo de referência

(a) A crônica em análise tem como definição referencial um elemento da *realidade*, concretamente da realidade psicológico-afetiva do sujeito — *um desejo do autor para o ano de 1950*, que começava naqueles dias. Evidentemente, o eu do texto pode referir-se ou não à pessoa física de Rachel de Queiroz, como pode representar qualquer um de nós numa circunstância semelhante.

(b) O texto pertence ao domínio da *literatura*, mais especificamente da literatura que costuma ser publicada em suportes do jornalismo e que se destina à abordagem meio despretensiosa, embora literária, dos fatos do dia a dia.

(c) Por se tratar de uma crônica literária, *o texto está expresso em um estilo bem cuidado*, conforme os padrões prestigiados da língua. No entanto, por determinações do gênero que materializa (crônica), predomina uma linguagem *informal*, próxima dos relatos pessoais típicos da oralidade coloquial (basta ver a expressão *Te dana!*, que aparece do começo ao fim).

(d) Os *destinatários previstos são os supostos interessados pela literatura*, leitores, na sua maioria, pertencentes a um grupo com certo grau de letramento.

(e) O conjunto desses elementos leva a autora para uma formulação discursiva mais elaborada e para opções linguísticas mais prestigiadas, deixando, assim, o texto em condições de *adequação contextual satisfatória*.

Quanto à unidade temática

(a) A crônica se desenvolve em torno da descrição de *'um possível desejo'* da autora, na passagem do ano de 1950. Em resposta a uma jornalista que lhe pergunta 'qual o seu maior desejo para o ano que se inicia', a autora começa por detalhar o que seria seu real desejo, na verdade, um inconfessável desejo, para, depois, descrever sua rendição aos imperativos do 'coração', à 'servidão do amor' que fatalmente guia o destino humano. Os pormenores desse desejo e as razões pelas quais ele não pode ser acatado é que vai marcando, passo a passo, o percurso do texto.

Quanto à progressão do tema

(a) O pretexto inicial do texto — *um desejo para o ano que começa* — passa a ser o fio condutor de todo o seu desenvolvimento.

(b) O ponto de partida é a confissão desse desejo: "*que tudo se dane!*". Um desejo sentido, mas inaceitável e, por isso, inconfessável *(a verdade verdadeira que eu falar não posso)*. Esse desejo, nos cinco parágrafos seguintes, é detalhadamente descrito. Que se dane o mundo, que se dane o homem amado, que se dane o público leitor, que se dane a pátria, o dinheiro, o bom nome, o respeito, a amizade, o amor. Que se dane a parentela. A consciência de que esse desejo não é de todo legítimo, pois fere os princípios elementares da boa convivência, está expressa já no título, pelo recurso ao advérbio 'talvez': *Talvez o último desejo*.

(c) O tema avança na confissão da autora de que 'o seu maior desejo' seria tomar essa atitude de desprezo por tudo. Mas não o faz. E aí prossegue no detalhamento de todos os motivos por que não o faz, repassando quase todos os elementos considerados no bloco anterior: o amado, o mundo, a pátria, a parentela, o respeitável público etc.

(d) E como abertura e coroamento desses detalhes, sobressai a ideia de que o desejo de mandar que 'tudo se dane!' não é viável porque *o insolente coração não deixa*.

(e) Essa ideia da total submissão às leis do coração é expressa nos fragmentos *O miserável coração nasceu cativo e só no cativeiro pode viver; Prisão de sete portas, cada uma com sete fechaduras, trancadas com sete*

chaves, por que lutar contra as tuas grades?; cativeiro sem remédio. Ou seja, render-se à servidão do amor constitui um destino incorrigível, uma espécie de sina fatal de nós todos, da qual não podemos fugir. *Prisão de sete portas, cada uma com sete fechaduras, trancadas com sete chaves, por que lutar contra as tuas grades.*

(f) A aceitação da impotência humana, frente aos imperativos do coração, se expressa também no fragmento: *fraternidade que não acha nenhuma China demasiado longe.* Isto é, a realidade objetiva se neutraliza frente à incorrigível servidão do amor.

(g) Como dissemos na abertura desse tópico, todo o texto é costurado em torno da expressão de um desejo e da impossibilidade de se render a ele. Constitui, assim, uma peça só: razões de um desejo, detalhadamente descrito, que não pode ser cumprido, por razões que são também apresentadas.

(h) A consciência dessa impossibilidade se manifesta, no final da crônica, com a expressão: *Te dana, coração.* Ou seja, é melhor entregar-se, deixar que o coração comande, sem questionamentos.

Quanto ao propósito comunicativo

(a) O texto em análise, como vimos, pertence ao domínio literário e, como tal, tem uma finalidade de encantamento, sobretudo; isto é, não tem propriamente um propósito informativo ou expositivo acerca de um ponto conceitual qualquer.

(b) Mais especificamente, a crônica *Talvez o último desejo* responde a um objetivo de caráter expressivo, centrado na exposição das particularidades, mesmo eventuais, daquele que está com a palavra. No entanto, a crônica de Rachel pode servir de apoio à reflexão sobre a contingência humana, que é destinada à liberdade, mas, paradoxalmente, se mantém cativa e irremediavelmente presa às convenções, às razões da própria vida e aos laços que vão atando os seres uns aos outros.

Quanto aos esquemas de composição do texto, conforme seus tipo e gênero

(a) A crônica, apesar de constituir a confissão pessoal (escrita em primeira pessoa) de um estado de espírito da autora, se constitui numa espécie de descrição desse estado. Primeiramente, a descrição de sua disposição inicial de 'mandar que tudo se dane'. Depois, a descrição das razões impostas pelo coração, que impede, sob coerção, a concretização desse desejo. Ou seja, o texto é eminentemente descritivo.

(b) Quanto ao gênero, se enquadra na categoria da '*crônica*': um gênero que surgiu na relação da literatura com a imprensa (os primeiros cronistas recebiam como missão escrever um relato dos fatos da semana ou dos costumes que marcavam a vida social). Daí uma característica distintiva da crônica: seu tema são episódios do cotidiano, naquilo que eles têm de detalhe e que, aos olhos comuns, podem não significar nada. Aos olhos do cronista, no entanto, esses detalhes se convertem em material para relatos e descrições cheios de estilo, de muita graça e de muito encanto literário. Ocupam os grandes jornais brasileiros, constituindo, para o leitor, uma pausa diante das notícias dos tristes casos, das crises e das tragédias. Quase sempre, essas crônicas se transformam depois em livros de grande aceitação do público interessado pela boa escrita[3].

[3] Como item do programa, uma boa opção para o professor seria explorar com os alunos as características discursivas e textuais do gênero crônica, depois, é claro, de oferecer-lhes oportunidades de leitura e apreciação desse gênero, tão bem representado nas páginas da literatura nacional, de todas as épocas e estilos, capaz de interessar até mesmo os leitores não muito aficionados pela leitura.

Quanto à relevância informativa

(a) A grande 'novidade' da crônica em análise está na forma tão cheia de detalhes graciosos como é feita a descrição do estado de espírito do enunciador. A sequência em que esses detalhes são descritos é suficiente para prender o leitor e para suscitar nele o encontro com esse inevitável conflito entre o que nos dá vontade de fazer, por vezes, e a coerção natural da vida, que nos deixa presos às convenções e normas sociais.

Quanto às relações com outros textos

(a) A crônica "Talvez o último desejo" revela intertextualidade, sobretudo no sentido amplo do termo, pois se conforma à configuração estrutural do gênero e à outra do tipo descritivo-narrativo de um relato. Além disso, são muitas as referências feitas à realidade física e cultural da vida da autora, o que mobiliza o conhecimento do leitor em relação aos esquemas de organização dessa realidade. Analisemos, por exemplo, quanto de outros textos está presente no seguinte fragmento: *rede branca armada debaixo da jaqueira, ficar balançando devagar para espantar o calor, roer castanha de caju confeitada sem receio de engordar, e ouvir na vitrolinha portátil todos os discos de Noel Rosa, com Araci e Marília Batista. Depois abrir sobre o rosto o último romance policial de Agatha Christie e dormir docemente ao mormaço.*

(b) Como exemplos de intertextualidade restrita, pode ser citada a alusão ao poema de Manuel Bandeira "Vou-me embora pra Pasárgada", além das referências já feitas a nomes da realidade artística nacional. A autora espera que o leitor saiba reconhecer esses lances de intertextualidade e o significado que lhes foi atribuído. A referência ao poema de Bandeira, por exemplo, condiz com a disposição que está sendo descrita pela autora: *mandar que tudo se dane*! Nada mais coerente, portanto, que 'fugir' para uma terra 'onde se é amigo do rei' e se pode tudo fazer.

5.2.1. Observações sobre alguns fatos gramaticais verificados na crônica "Talvez o último desejo"

Ao longo das análises precedentes, fui pontuando um ou outro item gramatical que mais diretamente concorreram para os sentidos globais do texto. Além desses itens, vale destacar, por exemplo, que:

(a) o uso recorrente da primeira pessoa do singular (eu, me, meu, mim), em todo o texto, condiz com a especificidade do gênero: uma espécie de desabafo, de confissão pessoal acerca de sentimentos que parecem não abertamente confessáveis;

(b) a repetição e a redundância em: *Mas a verdade, a verdade verdadeira que eu falar não posso*, também é coerente com a impressão da narradora de que deve esconder o que sente: esta é toda a verdade e deve ser dita enfaticamente;

(c) a linguagem expressiva da confissão pessoal, inserida no domínio da literatura, favorece o uso de metáforas e metonímias, como, entre outras: *- abrir os braços para o mundo, olhar para ele bem de frente e lhe dizer na cara: Te dana!; - o sangue (...) ata laços que ninguém desata; a amargura do cativeiro sem remédio;*

(d) a inserção de vários segmentos descritivos na narrativa favoreceu a ocorrência de enumerações, como em: *Ao planeta com todos os seus homens e bichos, ao continente, ao país, ao Estado, à cidade, à população, aos parentes, amigos e conhecidos.* A pontuação adotada pelo uso das sucessivas vírgulas sinaliza esse caráter enumerativo do trecho;

(e) o caráter literário da crônica em análise, desenvolvida em torno de uma confissão pessoal e meio espontânea, justifica o uso reiterado da conjunção 'e' (polissíndeto, como se chama), no trecho seguinte e em muitas outras passagens: *E adular o público e os amigos e mentir sempre que for preciso e jamais se dedicar a si própria e aos seus desejos secretos. (...) E tem o pai...; E tem a pátria; E tem a casa; E tem o sangue; E tem o respeitável público que ... nos atura e lê, e ... entende e aceita, e escreve e pede providências e colabora no que pode; E tem que se ganhar o dinheiro, e tem que se pagar imposto...* Observe-se também o paralelismo sintático desse trecho, reforçado pela repetição da forma verbal 'tem'; o teor quase informal da confissão pessoal em análise propicia a ocorrência de recursos enfáticos, como os que acabamos de pontuar;

(f) a próclise no início da frase, em: *Me deitar numa rede branca*, situa a confissão num contexto de informalidade, o que se ajusta à pretensão de expor 'sentimentos bem pessoais'. Por sinal, a crônica em análise mescla palavras do vocabulário informal *(lhe dizer na cara; Te dana!; valha-me Nossa Senhora; roer castanha de caju, adular)*; com outras menos comuns e até eruditas *(brado, carpir, apostrofar, mísero)*, além de construções como: *o seu pai já lho deixara*;

(g) o uso do advérbio '*talvez*' no título já indicia a desconfiança da autora de que seu desejo não deve ser confessado;

(h) há um diálogo na crônica, há um interlocutor invocado (o coração), o que se mostra sinalizado no uso da segunda pessoa em: *Prisão de sete*

portas, cada uma com sete fechaduras, trancadas com sete chaves, por que lutar contra as tuas grades. Te dana, coração, te dana!

(i) A crônica finaliza, enfaticamente, com uma expressão bem popular, bem típica das circunstâncias de desabalo ou xingamento; nada mais coerente diante de um "coração" que não se deixa domar: *Te dana, coração, te dana!*

5.3. Análise da fábula "Os urubus e os sabiás"

OS URUBUS E OS SABIÁS

Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... Os urubus, aves por natureza becadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza, eles haveriam de se tornar grandes cantores.

E para isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão de mandar nos outros.

Foi assim que eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamavam por Vossa Excelência.

Tudo ia muito bem até que a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás.

Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.

— Onde estão os documentos dos seus concursos?

E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente...

— Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...

MORAL: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá.

(Rubem Alves, *Estórias de quem gosta de escrever*, Cortez Editora: São Paulo, 1984: 61-62).

Quanto ao universo de referência

(a) O texto remete para o mundo da ficção, para um lugar e um tempo em que "os bichos falavam", pelo que se sabe, um lugar e um tempo que não existiram. Na verdade, essa ida a um 'mundo que não existiu' é apenas um pretexto para se pôr em questão algum elemento do 'mundo que existe'. Os animais 'falantes' preenchem a representação dos verdadeiros 'falantes': nós, os humanos. Ou seja, o mundo fictício que serve de cenário ao acontecimento constitui uma metáfora do mundo das decisões institucionais, onde a burocracia, por vezes, favorece a negação dos valores humanos mais intrinsecamente naturais *(Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá).*

(b) Poderia ser considerado como pertencente ao domínio da *literatura*. Afinal, trata-se de uma fábula. Entretanto, a julgar pelo título do livro em que está publicado, *Estórias de quem gosta de escrever*, o texto também poderia ser inserido no domínio pedagógico, mais especificamente naquele domínio que remete para os espaços institucionais encarregados de conferir poderes — [os urubus] *decidiram que, mesmo contra a natureza, eles haveriam de se tornar grandes cantores* e de legitimar a atuação das pessoas nesses espaços: *Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.*

(c) Percebe-se um certo nível de formalidade, conforme a norma prestigiada da língua, até mesmo por se tratar de um texto com pretensões pedagógicas e por ter como cena a instalação de procedimentos formais que, na hierarquia das instituições, controlam as decisões burocráticas.

(d) Os destinatários previstos são os leitores interessados pelas questões institucionais, das quais decorrem muitos de nossos direitos sociais. Tais

leitores representam, na sua maioria, o grupo que detém certo grau de letramento.

(e) O conjunto desses fatores leva o autor para uma formulação discursiva mais elaborada e para opções linguísticas mais prestigiadas, (por exemplo, entre muitas outras passagens: *E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse)*, deixando, assim, o texto em condições de adequação contextual satisfatória.

Quanto à unidade temática

(a) O percurso da fábula em análise respeita uma sequência de fatos que constitui o núcleo da metáfora criada: a irracionalidade dos humanos, na avaliação de determinados direitos sociais, se assemelha à dos urubus, que, investidos de poder (eram 'urubus becados'), decidem 'quem pode ou não cantar na floresta', mesmo que essa decisão contrarie as leis fundamentais da natureza. A 'atuação dos urubus' — desde a sua investidura no poder até a última decisão — constitui o fio que marca o texto, do início ao fim.

Quanto à progressão do tema

(a) A progressão do tema está vinculada à sequência dos fatos: o projeto original dos urubus ou suas pretensões de se tornarem cantores; *(Os urubus, aves por natureza becadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza, eles haveriam de se tornar grandes cantores);* as providências tomadas para que suas pretensões se concretizassem *(fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si);* a chegada das outras aves a esse 'novo mundo de urubus cantores'; a reação dos urubus por considerarem-se vítimas de uma invasão *(Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito);* o desfecho irracional com a expulsão da floresta dos pássaros que, apesar de naturalmente cantores, não tinham documentos que os autorizassem a exercitar suas aptidões *(E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...)*

(b) Na verdade, há um esquema de desenvolvimento bem claro: uma situação de desequilíbrio é criada, frente à constatação de que o 'estabelecido' *(Os urubus não tinham grandes dotes para o canto")* não satisfaz. Ou seja, diante dessa limitação, um conflito é criado e uma decisão é tomada: os urubus (representantes do poder — eram 'becados') decidem tornar-se cantores, e, mais que isso, institucionalizam (com 'papel passado' e tudo) o direito de cantar na floresta. O desfecho, autoritário e irracional, ratifica a ideia de que, por vezes, a vida natural — por mais legítima que sejam suas demandas — perde diante das convenções sociais.

(c) A sequência (temporal ou causal) das ações é indicada linguisticamente, sobretudo no início dos sucessivos parágrafos: *Tudo aconteceu; E para isto...; Foi assim que...; Tudo ia muito bem até que...; E as pobres aves...; E os urubus...* Essas mesmas marcas (e a segmentação em parágrafos) também podem ser vistas como sinalizações dos núcleos maiores em que o texto se organiza: o início do processo, as ações que o desenvolvem, a mudança geradora do conflito, a reação a essa mudança e o desenlace final.

Quanto ao propósito comunicativo

(a) O texto, como todas as fábulas, parece ser apenas uma narrativa curta, sem outro grande propósito que não contar um fato ou relatar uma trama que têm como atores animais personificados, numa representação metafórica da convivência entre humanos. Sabemos, no entanto, que a fábula, por trás dos episódios narrados, pretende fazer uma avaliação dos comportamentos humanos e trazer um ensinamento, o que vem expresso no final com a indicação: MORAL.

(b) No caso em análise, o ponto visado é a prepotência de alguns detentores do poder, que abusam da autoridade para fazer valer suas vontades, mesmo se essas contrariam o que é uma prerrogativa garantida pela natureza: [Os urubus] *decidiram que, mesmo contra a natureza, eles haveriam de se tornar grandes cantores".* E, como culminância de suas poderosas manobras, *em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...* Ou seja, a burocracia das instituições — que por vezes está travestida das mais nobres intenções — pode comprometer a própria afirmação das condições humanas fundamentais, mesmo contrariando o que é mais legítimo *(o canto nascera com elas* [as aves]).

Quanto aos esquemas de composição do texto, conforme seu tipo e gênero

(a) Do tipo narrativo, o texto se desenvolve em torno de uma série de fatos imaginários, que fazem parte de uma trama maior, a qual tem lugar num espaço (a floresta) e envolve, como agentes, seus habitantes (as aves). Nessa trama, ocorre um conflito ('urubus' *versus* as 'outras aves'), cujo desfecho constitui a matéria prima para o final da narrativa: [os urubus] *em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...* A predominância dos verbos no pretérito perfeito — desde a abertura: *Tudo aconteceu...* — marca a cronologia retroativa dos fatos narrados. Esse caráter narrativo também se evidencia no contraste entre os parágrafos narrativos (vejamos os primeiros, por exemplo, onde se mostra a cronologia das ações) e os não narrativos, onde aparecem informações complementares para a melhor avaliação dessas ações (vejamos o seguinte parágrafo: *E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente).*

(b) Quanto ao gênero, são evidentes as características da fábula: a criação de uma narrativa com animais, que, personalizados, protagonizam uma cena qualquer, em que se pode reconhecer, metaforicamente, a atuação de humanos como pretextos para a defesa de um determinado valor moral. Formalmente, esse pretexto é sinalizado no final com a palavra: MORAL.

Quanto à relevância informativa

(a) O interesse despertado pela fábula em questão reside, sobretudo, na abordagem metafórica dada à crítica central: as instituições (e suas leis) podem desconsiderar as determinações naturais de seus membros. A relevância remete à decisão do narrador de, concedendo destaque a uma nova forma textual — uma fábula — expressar um conteúdo que, se já é conhecido, parece novo pela formulação que assume.

Quanto às relações com outros textos

(a) A intertextualidade básica é aquela comum a todos os textos: cada um está em relação intertextual com todos os outros do mesmo tipo e do mesmo gênero. Além disso, todo o conteúdo expresso faz parte de um acervo prévio de informações que nos faz reconhecer uma floresta, as atividades dos pássaros, com suas diferentes habilidades, e, metaforicamente, o comportamento de certas pessoas que assumem a liderança em determinadas instituições, suas arrogâncias e todas as estratégias de que lançam mão para conseguir seus intentos. ([Os urubus] *fundaram escolas, importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, fizeram competições entre si, organizaram concursos e se deram nomes pomposos — para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão de mandar nos outros).* Esse trecho não poderia ser entendido se não resgatássemos aí o conhecimento intertextual que temos dos esquemas que já vimos ou dos quais nos falaram.

5.3.1. Observações sobre alguns fatos gramaticais verificados na fábula "Os urubus e os sabiás"

A análise já realizada acerca de aspectos da significação global da fábula em questão já considerou aspectos da gramática envolvidos, como era natural acontecer. Entretanto, gostaria de destacar ainda os itens descritos a seguir.

(a) Em: *Os urubus, aves por natureza becadas* é dada, no fragmento sublinhado, uma informação adicional; vale considerar que não basta identificar esse fragmento como um aposto — sua função sintática; vale chamar a atenção para a função textual do fragmento: uma inserção pela qual se acrescenta uma informação que é relevante para o sentido geral do texto — os urubus tinham um poder, aquele simbolizado pela 'beca', o qual, no quadro geral do episódio relatado, não significava muito, pois eles não tinham os poderes oriundos do canto; nesse ponto, vale ressaltar o sentido de oposição da conjunção em: *aves por natureza becadas, mas sem grandes dotes para o canto.*

(b) Uma outra inserção textualmente significativa aparece em: [os urubus] *decidiram que, mesmo contra a natureza, eles haveriam de se tornar*

grandes cantores; pelo fragmento sublinhado fica expresso que 'as aves becadas', para realizarem seu intento, estavam dispostas *até* a contrariar a natureza; destaquemos os sentidos de oposição ('contra') e de concessão ('mesmo') expressos nesse trecho; esses sentidos são de muita relevância para a coerência global do texto, pois, no final do episódio, outra vez, a natureza será contrariada quando 'as aves sem alvarás forem proibidas de cantar'.

(c) Em: *E para isto fundaram escolas*, é imprescindível retomar o segmento anterior 'tornar-se grandes cantores'; a identificação do elemento a que o pronome se refere é fundamental para que se estabeleça a continuidade da narrativa; o mesmo se pode afirmar do trechinho com que se inicia o parágrafo seguinte: *Foi assim que eles organizaram concursos*; ou seja, o que tem relevância, para entender o que é dito, é identificar os elementos referidos por esses itens gramaticais;

(d) no trecho: *Tudo ia muito bem até que a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida*, é significativa a locução 'até que', uma indicação de 'tempo terminal', em relação à continuidade temporal expressa pelo uso do pretérito imperfeito em: *Tudo ia muito bem*;

(e) em termos de concordância verbal, merece destacar os usos do verbo 'haver' (como auxiliar ou como verbo principal), com exigências de concordância diferentes, no trecho: *E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto*; o uso do verbo como auxiliar também poderia ser visto em: *eles haveriam de se tornar grandes cantores*;

(f) em: *E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente*, as marcas de plural nos verbos sublinhados funcionam como sinais que confirmam a manutenção da mesma referência feita em 'as pobres aves'; estas marcas de plural sinalizam, portanto, a coesão do texto, mais especificamente, sua continuidade referencial;

(g) em: *a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas*, poderia ser explorado:

(h) o paralelismo sintático dos dois segmentos, o que constitui um nexo de coesão;

(i) o fato de os dois verbos estarem na passiva, o que tira da evidência o 'agente' causador das ações descritas;

(j) o detalhe de que o segundo segmento *(A floresta foi invadida)* estabelece um sentido de 'causalidade' em relação ao primeiro;

(k) o fato de a indicação do 'agente' somente aparecer no segundo segmento.

Ou seja, reconhecer os itens gramaticais de um texto — indicando, inclusive, suas nomenclaturas e classificações — é muito pouco; é preciso ir além para identificar as funções textuais que esses itens desempenham. Nada acontece aí gratuitamente.

Passemos em seguida a um outro texto.

5.4 Análise do texto expositivo "A geografia linguística no Brasil"

A GEOGRAFIA LINGUÍSTICA NO BRASIL

É por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo. A todo instante, utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no seu sentido mais amplo, aquele que abarca "o conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.", segundo o novo Aurélio. (...)

Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só

depreender seu estilo pessoal — seu idioleto —, mas também filiá-lo a um determinado grupo.

A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identifiquem:

(a) o país ou a região de que se origina;

(b) o grupo social de que faz parte (seu grau de instrução, sua faixa etária, seu nível socioeconômico, sua atividade profissional);

(c) a situação (formal ou informal) em que se encontra. (...)

O Brasil, em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior desenvolvimento, apresenta grandes contrastes regionais e sociais, estes últimos perceptíveis mesmo em grandes centros urbanos, em cuja periferia se concentram comunidades mantidas à margem do progresso.

Um retrato fiel, atual, de nosso país teria de colocar lado a lado: executivos de grandes empresas; técnicos que manipulam, com desenvoltura, o computador; operários de pequenas, médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandioca em humildes roças; pombeiros que comerciam pelo sertão; indígenas aculturados. (...)

Detentores de antigos costumes portugueses aqui reelaborados pelo contato com outra terra e outras gentes ou, já em acelerado processo de mestiçagem étnica e linguística, esquecidos das origens, esses homens e mulheres guardam, na sua forma de expressão oral, as marcas de nossa identidade linguístico-cultural e a resposta a muitas indagações e a diversas hipóteses sobre a história e o estado atual do português do Brasil.

(Silvia F. Brandão. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991. p.5-17. Adaptado)[4].

[4] Este texto reúne quatro fragmentos diferentes do livro da Profª Silvia Brandão (fragmentos que se encontram entre as páginas 5 e 17). O título do texto corresponde ao título do livro.

Quanto ao universo de referência

(a) O texto remete ao mundo da exposição científica, às atividades de formação ou de aprendizagem, concretamente, à divulgação de noções teóricas que fundamentam e explicam as variações de uso das línguas e sua ligação à história e à cultura dos povos que as falam. Dessa forma, tem uma função cognitiva, enquanto assegura a transmissão dos saberes próprios de uma determinada área.

(b) Como convém a um texto dessa natureza, a linguagem utilizada prima por ser objetiva, atemporal e, praticamente, impessoal: *(É por meio da língua que o homem expressa suas ideias...; Nesse sentido, pode-se afirmar que...; Ao falar, um indivíduo transmite...)*. Ou seja, o enunciador parece ausentar-se e dar a voz a um outro — universal —, supostamente confiável, tanto que as formulações assumem um caráter de generalização ('o homem'; 'Cada falante'; 'pode-se afirmar que'; 'o indivíduo', 'o falante'). Essa abordagem genérica do objeto também se evidencia pela ausência de uma localização espaçotemporal: as afirmações parecem ser válidas, independentemente das circunstâncias particulares da produção do discurso (daí o uso dos verbos no presente ['expressa', 'utiliza', 'contribui' etc.]; daí a opção por referências nominais genéricas ou indefinidas: 'um indivíduo'; 'o homem', 'o falante'; 'pode-se afirmar').

(c) Evidentemente, nesse universo, a norma é que a linguagem assuma um caráter de maior formalidade. Basta ver o seguinte parágrafo: *O Brasil, em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior desenvolvimento, apresenta grandes contrastes regionais e sociais, estes últimos perceptíveis mesmo em grandes centros urbanos, em cuja periferia se concentram comunidades mantidas à margem do progresso.* Esse nível de formalidade se reflete, ainda, no uso de um vocabulário especializado, restrito a um determinado conjunto de leitores: *usuário, idioleto, entonação, pronúncia, escolha vocabular, construções frasais, mecanismos morfológicos, indígenas aculturados*", entre outros.

(d) Os *destinatários previstos* são as pessoas interessadas em questões de linguagem, sejam professores, alunos, ou outros profissionais, por algum motivo, atentos a temas dessa natureza.

(e) O conjunto desses itens deixa o texto em análise na condição de *inteiramente adequado* às suas circunstâncias de sua produção e circulação.

Quanto à unidade temática

(a) O texto começa por desenvolver a ideia de que as línguas são flexíveis e se alteram por conta das novas situações com que o falante se depara. Na verdade, *Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua.* Ou ainda, cada falante de uma língua *contribui para sua renovação e constante transformação.* Essa flexibilidade se manifesta claramente, pois, pelo próprio discurso, o falante pode ser filiado *a um determinado grupo.* Os fatos históricos que marcam a constituição de um grupo ou de uma nação, por exemplo, são determinantes para a definição de sua *identidade linguístico-cultural.* Não será diferente em relação ao *estado atual do português do Brasil.* Aqui reside o principal recado do texto: toda língua é indissociável de seus contextos histórico-culturais. Com o português do Brasil não é diferente: *os homens e mulheres que viveram um certo 'processo de povoamento e colonização' guardam, na sua forma de expressão oral, as marcas de sua identidade linguístico-cultural.*

Quanto à progressão do tema

(a) A progressão do tema se dá a partir da referência à função do uso da língua: um meio de o homem *expressar suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo.* Essa afirmação serve de gancho para a introdução de um tópico que vai dominar toda a exposição: o falante usa a língua conforme as particularidades culturais de seu grupo, que, assim, transparecem em sua fala, como "índices" de identificação dos sujeitos e dos grupos.

(b) Dessa vinculação da língua a suas circunstâncias de uso resulta a heterogeneidade desses usos *(Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua.)* Chega-se, portanto, à compreensão da historicidade das línguas e daí à análise do que poderia ser *um retrato fiel de nosso país*, o qual — *em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido bem como das condições em que se deu sua independência política e seu posterior desenvolvimento* — propicia a *mestiçagem étnica e linguística* de seu povo, além de *grandes contrastes regionais e sociais.*

(c) O remate da abordagem do tema reitera o ponto inicial: *na sua forma de expressão oral*, cada povo revela *as marcas de sua identidade linguístico-cultural.* No caso brasileiro, negar esse princípio seria *perder a resposta a muitas indagações e a diversas hipóteses sobre a história e o estado atual do português do Brasil.* Como se vê, o tema atravessa o texto — do início ao fim — assumindo em sua continuidade acréscimos que só reiteram seu núcleo maior.

Quanto ao propósito comunicativo

(a) O texto expõe alguns princípios teóricos, com a finalidade de fundamentar a argumentação a favor da ilegitimidade e da inconsistência de todas as apreciações preconceituosas relativas às variedades linguísticas.

(b) Dessa forma, a exposição desenvolvida tem, ao fim e ao cabo, uma pretensão argumentativa, enquanto defende a legitimidade de as línguas assumirem formas diferentes, conforme as realidades também diferentes de cada grupo ou comunidade de falantes.

Quanto aos esquemas de composição do texto, conforme seus tipo e gênero

(a) Em geral, a composição de um texto do tipo expositivo depende da opção do autor para apresentar o conteúdo temático objeto de sua exposição. Uma espécie de esquema é seguido, conforme se pretenda partir do mais geral para o mais específico (como aconteceu neste caso em estudo) ou do mais específico para o mais geral. Normalmente, um texto expositivo carrega uma pretensão explicativa, o que não apaga sua quase habitual orientação argumentativa.

(b) Quanto ao gênero — um texto expositivo, com aplicações didáticas — pode-se destacar o caráter eminentemente explicativo de seu conteúdo, quase sempre aliado a alguma orientação argumentativa, embora, por vezes, discreta e sutil, como na referência a *um retrato fiel, atual, de nosso país*, especialmente no que se refere à *história do português.*

Quanto à relevância informativa

(a) O interesse despertado pelo texto em análise decorre, sobretudo, de seu conteúdo e das pretensões argumentativas envolvidas na sua exposição. As considerações conceituais apresentadas constituem uma certa novidade e são oportunas, se temos em conta as concepções simplistas que ainda

predominam na escola e até mesmo entre pessoas das comunidades letradas. As variações no uso da língua, sobretudo aquelas de certas regiões ou de certos grupos, em geral, são vistas, simplesmente, como erros e como pretextos para a discriminação preconceituosa.

Quanto às relações com outros textos

(a) A intertextualidade, em primeira instância, está presente em decorrência de sua conformidade a um tipo e a um gênero textual, reconhecíveis em nossa memória de usuário da língua. Ou seja, como leitores, podemos recuperar, pela observação de sua composição, modelos culturalmente sedimentados por gerações anteriores de usuários e, portanto, disponíveis em nosso repertório de informação. Do ponto de vista do conteúdo, é intertextual toda a gama de considerações que é feita em relação à história da língua portuguesa no Brasil *(processo de povoamento e colonização; independência política e posterior desenvolvimento)* bem como ao contingente de tipos que representariam *um retrato fiel, atual, de nosso país: executivos; técnicos; operários; vaqueiros; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandioca; pombeiros; indígenas aculturados.*

(b) Como ocorrência de intertextualidade restrita, vale destacar a citação literal do verbete 'cultura' em Aurélio, o Dicionário.

5.4.1. Observações sobre alguns fatos gramaticais verificados no texto expositivo "A geografia linguística no Brasil"

Destacando mais especificamente outro item da gramática, podemos chamar a atenção para, por exemplo:

(a) o uso de um recurso de ênfase presente na construção: "*É por meio da língua que o homem expressa suas ideias*"; de fato, dizer que 'o homem expressa suas ideias por meio da linguagem' é menos contundente, tem menos força; vale salientar que não basta ser fiel ao conteúdo; é preciso estar atento às intenções pretendidas; a ênfase, quando se quer salientar a consistência de um argumento, é fundamental;

(b) o uso reiterado de expressões referenciais que não especificam muito de quem estamos falando: 'o homem', 'cada falante', 'um indivíduo', 'povo'. Ou seja, o que deve ser observado é o caráter um tanto quanto neutro ou geral com que 'os sujeitos envolvidos' são referidos, o que é bem diferente, por exemplo, da referenciação expressa em um texto narrativo; a pretensão de desenvolver ideias teóricas e de garantir a recomendada neutralidade da divulgação científica impõe essa ausência de referências pessoais;

(c) o caráter enumerativo e especificador do parágrafo seguinte, o que muito bem se ajusta à intenção expositiva do texto: *Um retrato fiel de nosso país atual teria de colocar lado a lado: executivos de grandes empresas; técnicos que manipulam, com desenvoltura, o computador; operários de pequenas, médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandioca em humildes roças; pombeiros que comerciam pelo sertão; indígenas aculturados*; o anúncio de que se trata de um *retrato fiel de nosso país* justifica uma enumeração tão detalhada;

(d) a relação de causalidade do segmento seguinte expressa pelo valor semântico da expressão sublinhada: *O Brasil, em decorrência do processo de povoamento e colonização a que foi submetido (...) apresenta grandes contrastes*; esse destaque é relevante também porque revela a possibilidade de se criar relações lógicas ou argumentativas interfrasais fora do uso das conjunções causais.

5.5. Análise do poema "A missa dos inocentes"

A MISSA DOS INOCENTES

Se não fora abusar da paciência divina
Eu mandaria rezar missa pelos meus poemas que não
[conseguiram ir além da terceira ou quarta linha,
Vítimas dessa mortalidade infantil que, por ignorância dos pais,
Dizima as mais inocentes criaturinhas, as pobres...
Que tinham tanto azul nos olhos,
Tanto que dar ao mundo!
Eu mandaria rezar o réquiem mais profundo
Não só pelos meus
Mas por todos os poemas inválidos que se arrastam pelo mundo
E cuja comovedora beleza ultrapassa a dos outros
Porque está, antes e depois de tudo,
No seu inatingível anseio de beleza!

(Mário Quintana. *Quintana de bolso*. Porto Alegre: L&PM, 2006, p. 92)

Antes de qualquer tentativa de análise, vale ter em conta que *o poema* constitui um gênero literário bem particular, sobretudo na sua forma de composição, que tradicionalmente se opõe à prosa. Além disso, a função poética predominante nos poemas restringe nosso olhar sobre eles: procurar usufruir das emoções que provocam, pelos jogos de sentido provocados, pelas metáforas criadas, pelos efeitos de harmonia criados a partir da sonorização de seu material linguístico. Longe, portanto, de tomar os poemas — textos curtos, em geral — para identificar substantivos ou outras classes de unidades linguísticas. Nem mesmo o puro entendimento do poema é suficiente. Isto é, 'ler', apenas, um texto dessa natureza é pouco. É preciso senti-lo.

Que a prática de análise de poemas na escola concorra para o desenvolvimento dessa capacidade de o leitor penetrar no mundo do sentimento, no mundo do simbólico, do gosto e do encantamento estético.

Quanto ao universo de referência

(a) O texto tem como enquadramento o contexto da literatura, o universo, por excelência, das representações simbólicas, das visões metafóricas, das comparações e analogias que se esgotam na finalidade maior de, simplesmente, encantar.

(b) A análise do título já restringe o espaço onde encontrar o núcleo das imagens, da realidade simbolizada. Por um lado, a expressão 'a missa', já nos encaminha para o domínio religioso; a outra, 'dos inocentes' nos sugere qualquer coisa ligada à infância, provavelmente. De fato, na interpretação metafórica do poema, '*os inocentes*', as criancinhas, são os poemas que não *conseguiram ir além da terceira ou quarta linha*, e que tiverem, portanto, morte prematura. A 'missa' rezada é por eles, *Vítimas dessa mortalidade infantil*.

(c) O grau maior ou menor de formalidade da linguagem de um poema depende de muitos fatores, inclusivamente da vinculação da sua produção a uma determinada escola literária. O projeto literário do Modernismo brasileiro propôs um relaxamento nos níveis mais altos da formalidade linguística que marcaram escolas literárias anteriores. Vale lembrar o desabafo de Bandeira e seu apelo para que assumíssemos uma formulação menos rígida, quase coloquial, como acontece no poema em apreço.

(d) Os *destinatários previstos* são todos os leitores e nenhum em particular. Em tese, os destinatários da poesia são todos que queiram se dar ao luxo de curtir o prazer de encantar-se com os jogos artísticos possibilitados pelas palavras.

(e) O conjunto desses itens deixa o texto em análise na condição de *inteiramente adequado* às suas circunstâncias de sua produção e circulação.

Quanto à unidade temática

a) A unidade temática do poema em análise é dada pela analogia entre os poemas pensados e queridos, mas *interrompidos logo no seu começo* (os poemas inválidos) e as crianças mortas prematuramente. A imagem da morte mobiliza os esquemas do domínio religioso, e o poema passa a girar em torno de dois eixos: o da infância — (*as mais inocentes criaturinhas*) e o da morte (*rezar missa, réquiem, paciência divina*), eixos que convergem na referência a *mortalidade infantil* e que já são anunciados na formulação do título *A missa dos inocentes*.

Quanto à progressão do tema

(a) O tema, na imagem do poeta, percorre um curso que vai dos seus próprios poemas (*meus poemas*) até todo e qualquer outro (*todos os poemas inválidos que se arrastam pelo mundo*).

(b) Em princípio, o lamento se estende a todos os poemas que tiveram morte prematura; pretende-se mandar *rezar missa, rezar o réquiem mais profundo* por eles. No final, o poeta exalta esses poemas não consumados, exatamente por eles não terem assumido os limites de nenhuma forma concreta e poderem representar, assim, a beleza plena. Ou seja, os poemas vítimas da mortalidade infantil acabam por constituir *uma comovedora beleza* que *ultrapassa a dos outros* já existentes.

Quanto ao propósito comunicativo

(a) O propósito fundamental de um poema não é informar; não é expor um conteúdo, fazer uma advertência. É, seguramente, como já frisamos, despertar no leitor o prazer estético pelo jogo artístico das palavras e pelas imagens evocadas por esses jogos.

(b) Entretanto, um poema — ou qualquer outro gênero literário — pode preencher uma função argumentativa, por exemplo, na defesa de um ideal social ou político ou ainda como instrumento de denúncia frente às práticas sociais que ameaçam as liberdades individuais ou os direitos de grupos e comunidades.

(c) No caso em análise, pode-se perceber um fio de reflexão que exalta a suprema perfeição ou originalidade do que ainda não ganhou forma *Porque está, antes e depois de tudo. No seu inatingível anseio de beleza.* Parece poder-se reconhecer uma espécie de melancolia frente à constatação de que a concretude da vida, se é realização, também é limite. A beleza suprema está, exatamente, no '*inatingível*', naquilo que *ainda não é*. O sonho, o projeto parece ser sempre mais encantador que a realidade concreta.

Quanto aos esquemas de composição do texto, conforme seu tipo e gênero

(a) Esse poema poderia ser reconhecido como do tipo descritivo; o objeto são as impressões do eu lírico frente a seu ofício de fazer poemas, uns não abortados, outros mortos prematuramente.

(b) O gênero, é claro, é o poema, organizado em versos, distribuídos numa única estrofe. O poema em análise não explora os recursos da rima ou outros mais comuns em produções de escolas literárias não modernistas.

Quanto à relevância informativa

(a) O interesse despertado pelo poema não decorre, simplesmente, de seu conteúdo. Decorre da beleza e da graça criadas a partir da analogia entre poemas que não conseguem *ir além da terceira ou quarta linha* e crianças *Vítimas dessa mortalidade infantil que, por ignorância dos pais, Dizima as mais inocentes criaturinhas.* Essa analogia é apenas um pretexto para se abordar a ideia (meio melancólica) de que a beleza maior está no inatingível.

Quanto às relações com outros textos

(a) A intertextualidade mais ampla está na própria conformação do texto às regularidades do gênero poema. A memória das experiências de leitura prévia nos faz reconhecer aí uma amostra do interdiscurso em circulação.

(b) Como ocorrência mais restrita de intertextualidade, podemos referir as alusões que são feitas e que são dadas como supostamente conhecidas: *rezar missa, rezar o réquiem mais profundo*, pelo menos no interior da cultura ocidental. O primeiro verso, *Se não fora abusar da paciência divina* é uma clara reutilização de uma expressão que, habitualmente, antecede a formulação de um pedido mais polido.

5.5.1. Observações sobre alguns fatos gramaticais verificados no poema "A missa dos inocentes"

Algumas pequenas observações podem ser feitas. Por exemplo, vejamos:

(a) a correlação entre os tempos verbais empregados em: *Se não <u>fora</u> abusar da paciência divina / Eu <u>mandaria</u> rezar missa* e que se confirma na reiteração de mais adiante: *Eu mandaria rezar o réquiem*;

(b) o sentido de adição expresso pelas expressões sublinhadas em: *<u>Não só</u> pelos meus. <u>Mas</u> por todos os poemas inválidos que se arrastam*;

(c) o uso dos pontos de exclamação, no final de dois versos (inclusivamente, no último), o que se ajusta muito bem ao caráter expressivo do poema;

(d) o emprego das expressões sublinhadas, em *<u>cuja</u> [dos poemas] comovedora beleza ultrapassa a dos outros / Porque está, <u>antes e depois</u> de tudo*; o uso do relativo 'cujo' tem se restringido a contextos mais formais, e tem suas especificidades, aqui respeitadas (não vem precedido nem seguido de artigo, concorda em gênero e número com o substantivo que lhe segue); a expressão *antes e depois de tudo* é categórica, não deixa margem a qualquer senão;

(e) o uso do diminutivo em *as mais inocentes <u>criaturinhas</u>* tem um valor claramente afetivo em harmonia com a analogia criada entre os poemas não escritos e as crianças vitimadas prematuramente.

(f) Ou seja, mesmo um poema, escrito, sobretudo, para 'encantar' não prescinde — nem poderia — das determinações gramaticais. Todas as atividades da linguagem se fazem TAMBÉM com gramática; mas "se não fora abusar da paciência dos meus leitores", eu diria que não se fazem APENAS com gramática.

Enfim: o que pretendemos com essas análises foi propor algumas alternativas de como explorar textos, na perspectiva de seus aspectos globais. Como dissemos anteriormente, tais alternativas não assumem o caráter de receitas ou de fórmulas rígidas. Outras formas de ver o texto, de compreender seus mecanismos de construção, de entender suas estratégias para a produção do sentido e a expressão de intenções, outras formas, repito, podem ser descobertas ou reinventadas pelos professores. O fundamental é que o texto — na sua composição, na construção de seu sentido e de seus propósitos — venha para o centro da sala de aula, texto onde, **apenas onde**, os recursos do léxico e da gramática encontram seu pleno significado[5].

[5] Vale a pena a leitura de muitos outros livros que têm se aventurado nessa tarefa de propor análises de textos. Lembro, por exemplo: Maingueneau (2001); Faraco e Tezza (2002, 2003), Discini (2005), Koch e Elias (2006), Ilari (2001, 2002), Ilari e Basso (2006); Marcushi (2008), Gil *et alii* (2009), Abaurre *et alii* (2008); entre outros.

Capítulo 6

Fundamentos para a análise de textos: o foco em aspectos de sua construção

Tudo o que pretendemos explorar neste capítulo concerne à construção, à arquitetura do texto propriamente dita, ou seja, às opções disponíveis no quadro das regularidades textuais para fazer subir as paredes de sua sustentação.

Como na construção de um edifício, é preciso que se saiba como se juntam os vários elementos, os vários materiais que hão de resultar num todo coerente, pensado para desenvolver certas funções. A questão maior, no entanto, não é juntar as partes, dar-lhes uma junção; é fazer com que dessa junção resulte um todo funcional, com sentido e propósitos claros, de forma que se reconheça um propósito comunicativo, uma proposta de interação, uma negociação de sentido, uma ação de linguagem, enfim.

Em suma, importa responder às seguintes questões:

- que recursos existem para que se possa conseguir a construção do texto, seu desenvolvimento, sua armação?
- compor, construir um texto supõe que tipos de ações, de providências, de decisões, de recursos?
- os textos — sobretudo aqueles 'não mínimos' — contêm uma sucessão de segmentos: parágrafos, períodos, orações, palavras. Mas como dar uma arrumação, como escolher uma sequência para esses segmentos?

Insisto em que, na maioria das escolas, essas não são questões que se propõem para os alunos nas suas atividades de leitura e de escrita. Nos ciclos mais avançados do ensino, a classificação das orações, por exemplo, ocupa muito mais tempo do que a explicitação daquilo que é preciso saber para ler e escrever com sentido claro e bem expresso, com informações relevantes e adequadas às condições dos interlocutores.

A saída para esse tão grave impasse — que se arrasta há tanto, tanto tempo — é trazer *as questões textuais para o centro do ensino*. É construir à volta delas o núcleo dos programas de ensino. E aí, têm primazia no planejamento de estudo *as propriedades, as regularidades de construção e recepção dos textos*, o que significa admitir que teria primazia *o entendimento de como acontecem, na vida real das pessoas, as atividades de linguagem*, o que elas fazem para atuarem verbalmente umas com as outras.

Essas considerações parecem dispensáveis. Não são, no entanto, se nos damos ao trabalho de procurar saber o que, de fato, ainda acontece nas salas de aula desse Brasil afora (por razões que não esbarram apenas nos professores!).

Vamos, pois, explicitar os modos de funcionamento dos recursos necessários para se promover a construção de um texto e, assim, ampliar nosso entendimento daquelas questões textuais.

Evidentemente, seria impossível esgotar a totalidade desses recursos. Selecionamos, então, aqueles mais diretamente relacionados à coesão e à coerência[1].

[1] Existem atualmente muitas obras que tratam dessas questões da coesão e da coerência textuais, obras de fácil acesso para os professores. Além disso, alguns livros didáticos – sobretudo aqueles para o ensino médio – já trazem boas considerações acerca dessas propriedades textuais (ver, por exemplo, Abaurre *et al.* 2008). Remeto, pois, os leitores para consulta, entre outros, a Koch (1993), a Koch & Travaglia (1996); a Koch e Elias (2006); a Bronckart (1999), a Costa Val (1991; 2000), a Maingueneau (2001), a Antunes (1996, 2005), a Discini (2005), a Adam (2008), a Marcuschi (2008), – onde podem encontrar princípios teóricos e fartas análises do funcionamento desses princípios em textos de diferentes tipos e gêneros. Vale a pena referir ainda a coleção didática da Profª. Magda Soares, *Português: uma proposta para o letramento*, São Paulo: Moderna, 1999, onde já se pode constatar uma reorientação do ensino da língua na perspectiva de seus usos.

6.1 A coesão e a coerência

A coesão é uma das propriedades que fazem com que um conjunto de palavras funcione como um texto. Quer dizer, para que um grupo de palavras ou de frases constitua um texto, é necessário que esses conjuntos apresentem um encadeamento, uma articulação, elos de ligação, afinal. Dessa arrumação articulada resulta um fio que confere ao conjunto sequência, continuidade, unidade.

Essa continuidade transparece já na superfície do texto. Podemos reconhecê-la, formalmente, em seus diferentes tipos de nexo. Até podemos contar alguns muitos desses nexos.

No entanto, essa continuidade se estabelece pela articulação dos sentidos, sobretudo; quer dizer, é de natureza semântica, pois provê a continuidade do sentido que o texto expressa, a continuidade das ações de linguagem que o texto realiza.

Ou seja, a coesão visível funciona como marcas da coerência, como sinais ou como instruções para o cálculo de algum tipo de interpretabilidade possível. Por isso mesmo, a coesão é mais tipicamente linguística do que a coerência; isto é, se materializa nas ocorrências de vários recursos morfossintáticos e lexicais, ou, noutros termos, se faz pela mediação das relações semânticas entre palavras e categorias gramaticais.

A íntima ligação da coesão com a coerência decorre do fato de ambas estarem a serviço do caráter semântico do texto, de sua relevância comunicativa e interacional. Daí, a natural dificuldade de se separar coesão e coerência. A primeira está em função da segunda. Uma provê a outra, pois o que está na superfície (sonora ou gráfica) do texto (a coesão) está para possibilitar a expressão de um sentido, a construção de uma ação de linguagem (a coerência). Não se pode separar a forma do sentido; mais especificamente, não se pode isolar a coesão da coerência.

Consequentemente, e numa dimensão mais linguística, não se pode separar o léxico e a gramática do conteúdo e da função do texto. Quer dizer, o sentido de um texto resulta das propriedades

lexicais e gramaticais das palavras que o constituem (além, é claro, de determinações pragmáticas de seus contextos de produção e circulação).

Não pode existir um texto[2] coeso e coerente sem léxico e sem gramática. Por sua vez, fora do uso, o léxico é apenas uma possibilidade, é apenas um rol de palavras, disponíveis para atualizarem um sentido quando entram na cena do texto. A gramática, também, fora do uso é um conjunto de categorias e regras abstratas, que, como o léxico, têm o caráter apenas de possibilidades.

É interessante pensarmos que, no funcionamento do dia a dia da linguagem, nem percebemos como esses recursos morfossintáticos e lexicais vão se encaixando, e, por eles, o que dizemos resulta coeso e coerente, ou seja, vai ganhando sentido, adequação e propriedade. E não percebemos tais recursos porque, mesmo intuitivamente, os empregamos, pois não costumamos produzir peças de linguagem desconectadas, isto é, soltas e descontínuas, a ponto de não se poder reconhecer em cada uma delas algum tipo de funcionalidade comunicativa[3].

[2] Evidentemente, se está considerando aqui *o texto verbal*.

[3] Por isso mesmo, causam estranhamento os exercícios escolares de formar frases soltas, de juntar palavras aleatoriamente, exercícios que ainda hoje acontecem em aulas de linguagem. ("Como pode o peixe vivo viver fora d'água fria?").

6.2 Os tipos de nexos textuais

Halliday e Hasan, em um de seus trabalhos de 1989, distinguem tipos diferentes de nexos, conforme eles criem, entre dois ou mais pontos do texto, uma relação de equivalência, ou, diferentemente, uma relação de contiguidade ou, ainda, de associação. Admitem, assim, que os nexos, como elos, unem dois pontos do texto, estabelecendo entre eles tipos diferentes de ilação. Além desses três, existem os nexos criados pela ocorrência de conjunções, preposições, advérbios e respectivas locuções.

Ou seja, podemos perceber nexos de diferentes naturezas, a saber:

- os nexos de equivalência,
- os nexos de contiguidade,
- os nexos de associação e
- os nexos de conexão ou sequenciação.

Os termos com que se denominam esses nexos já dizem muito das suas particularidades. Assim, vejamos.

a) Os nexos de equivalência acontecem quando os dois pontos do texto apresentam entre si um tipo qualquer de equivalência semântica. Por exemplo, no comentário *A mercadoria alucinógena*, pode-se reconhecer um elo de equivalência entre as duas ocorrências da expressão 'o consumidor', ocorrências que aparecem no início e no final do texto: *Enquanto* <u>*o consumidor*</u> *imagina que é um ser racional* e <u>*O consumidor*</u> *não vai morrer de overdose dessa droga*. Ou seja, trata-se de um nexo de equivalência porque, nos dois pontos, o objeto de referência é o mesmo. Trocando em miúdos: nos dois pontos do texto está-se referindo ao mesmo objeto. Igualmente, entre as expressões 'O guaraná em lata' e 'o tal refrigerante', acontece um nexo de equivalência. Naturalmente, essa retomada constitui um elo de coesão, de articulação. Sem dúvida, muitos outros elos de equivalência aconteceram, promovendo a continuidade requisitada para a sua coerência.

b) Os nexos de contiguidade acontecem quando, entre dois pontos do texto, se estabelece uma relação de quase equivalência, ou, pelo menos, de uma equivalência que é apenas parcial. Por exemplo, em *A mercadoria alucinógena*, aparecem as expressões 'a publicidade na TV' e, simplesmente, 'a publicidade'. Efetivamente, não há entre os dois objetos uma equivalência, pois a publicidade, como se sabe, existe para além da TV. Mas também não se pode negar que existe entre as duas expressões uma forte contiguidade, tanto assim que os objetos em questão

são nomeados pela mesma palavra (publicidade). Apenas, uma é mais específica que as outras.

c) Os nexos de associação ocorrem quando duas ou mais palavras guardam uma relação de proximidade semântica, de maneira que uma lembra a outra, ou, como se diz coloquialmente, uma tem alguma coisa a ver com a outra. Esse tipo de nexo é bastante comum em todos os tipos de texto; o mais comum entre todos, opinam os autores Halliday e Hasan (1976 e 1989). São nexos que decorrem da própria unidade semântica do texto, ou resultam da exigência de que um texto deve concentrar-se num determinado tema ou tópico. Se, por exemplo, em um comentário, se fala de um mesmo tema, é natural que as palavras estejam em convergência semântica com esse tema. Daí que a maioria dos nexos que acontecem nos textos são nexos por associação semântica. Voltando à análise do texto "A mercadoria alucinógena", podemos constatar que cada palavra está em algum tipo de ligação semântica com outras, ou pelo menos, com outra. Vejamos alguns desses nexos, por exemplo:

TV → *telespectador;*
publicidade → *comerciais;*
mercadorias → *bugigangas;*
mercadoria → *consumidor;*
juízo → *razão;*
violonistas → *guitarristas;*
baratos astrais → *mercadorias alucinógenas* → *gozo alucinado* → *alucinação imaginária* → *felicidade etérea, irreal e imaterial* → *gozo fictício;*
campanhas → *público*, e muitas outras sequências de itens.

d) Os nexos de conexão ou sequenciação acontecem pela ocorrência das expressões comumente chamadas de conectivos, ou seja, as conjunções, as preposições, alguns advérbios e respectivas locuções. São nexos que figuram, preferencialmente, entre parágrafos, entre períodos ou orações. Cumprem, exatamente, a função de ligar esses segmentos, estabelecendo entre eles algum tipo de relação semântica (relação de causalidade, de finalidade, de condicionalidade, de temporalidade, de oposição, de junção, entre outras).

Um conjunto de elos da mesma natureza constitui *uma cadeia de elos*. Assim, podemos perceber em um texto *cadeias de nexos* de equivalência, cadeias de nexos de contiguidade ou cadeias de nexos de associação. Quanto mais um texto é atravessado por essas cadeias mais coesivo ele é[4].

Os nexos e as cadeias de nexos acontecem por meio de um grupo de recursos linguísticos, lexicais e gramaticais, como passamos a considerar em seguida[5].

[4] Limito-me aqui a apresentar as noções fundamentais que nos possibilitam entender como se dá a coesão do texto. No capítulo seguinte, mostro, em textos, casos de sua ocorrência.

[5] Acerca das cadeias do texto, é proveitosa a leitura do livro de Cláudia Roncarati (2010).

6.3 Recursos de constituição dos nexos textuais

Retomando os quatro tipos anteriores de nexos (por equivalência, por contiguidade, por associação, por conexão), podemos perceber que uns se valem mais especificamente do léxico, outros da gramática, outros do léxico e da gramática. De qualquer forma, estabelecer limites entre o que é resultado do léxico ou da gramática é, na maioria das vezes, reduzir os fatos e cair na imprecisão. Prefiro apontar os recursos da coesão e seus efeitos na construção coerente dos sentidos e das intenções do texto, sem tentar situar, com precisão, se se trata de um elo de natureza apenas gramatical ou apenas lexical.

6.3.2 A repetição de palavras[6]

Muitas vezes, incluímos entre as condições de um bom texto a recomendação de não repetir palavras. Quer dizer, generalizamos

[6] Em meu livro *Lutar com palavras*, reservo um capítulo inteiro (capítulo 5) a esse tópico da 'repetição de palavras', com fartas explicações e, mais ainda, muitos exemplos de textos em que se pode verificar as múltiplas funções da repetição de palavras em um texto.

nos termos da recomendação e, aí, a repetição tornou-se, através dos tempos, um item estigmatizado. Faltou pontuar quais repetições devemos evitar, pois *repetir palavras é um procedimento praticamente inevitável uma vez que representa uma consequência da própria concentração temática do texto*. Se um texto é sobre 'publicidade', por exemplo, sobretudo se tem uma dimensão que ultrapassa duas ou três linhas, como desenvolvê-lo sem voltar a falar em 'publicidade'? A recorrência da palavra — ou o fato de a reutilizarmos — é um sinal de que estamos concentrados no mesmo núcleo temático.

Portanto, *a repetição é uma marca da concentração temática do texto*. Ela pode incidir tanto no âmbito da continuidade referencial, quanto no âmbito de sua predicação. Daí que, a rigor, tanto pode ter relevância a repetição de um substantivo, de um pronome, quanto de um verbo ou de adjetivo. Na verdade, a repetição de uma unidade, de qualquer classe gramatical, pode ter relevância para a construção do texto.

Tais considerações não significam que a repetição de palavras seja absolutamente livre e não tenha suas regularidades. Tem, sim. Primeiramente, não se trata de repetir por repetir, sem mais nem menos. Trata-se de repetir com uma determinada função textual ou discursiva, como, por exemplo, para reiterar uma referência e, assim, marcar a unidade semântica do texto, para produzir um efeito de ênfase, de reforço, de contraste, para indicar o tópico de uma correção ou de uma reformulação etc. Ou seja, *a repetição de palavras é um recurso textual e discursivamente funcional, que não acontece por acaso e aleatoriamente*.

A intuição natural dos falantes percebe esse valor funcional da repetição e se vale dele em muitos contextos, sabendo que está pretendendo conseguir certos efeitos de sentido particulares. O que quer fazer o povo quando diz: *Mulher é mulher!; A cidade está linda, linda!; Esperei, esperei, esperei até me cansar*, e outras mais?

Não será um grande simplismo julgar a repetição de palavras, indiscriminadamente, apenas como índice de pobreza vocabular? Drummond escreveu, em um texto de umas 10 linhas apenas, a pequena história de uma *flor*, na qual esta palavra aparece seis vezes (ver Antunes, 2005: 75). Poderíamos, porventura, afirmar que, nesse caso, a opção do autor foi devida à falta de um vocabulário mais amplo?

Voltemos ao que disse acima: a repetição de palavras tem suas regularidades. Por exemplo, é muito provável que a maioria das repetições sejam de palavras que estão vinculadas ao tema central do texto, (veja-se, no comentário "A mercadoria alucinógena", a repetição da palavra 'publicidade' ou da palavra 'consumidor'). Também é provável que palavras pouco repetidas tenham apenas uma relação pontual com um ou outro aspecto do texto e não tenham, portanto, grande ligação com seu tópico principal.

Em todo caso, não se pode definir os limites quantitativos da repetição de palavras. Quantas palavras se pode repetir em um texto? Essa é uma questão muito complexa que depende da natureza e da função do texto: literário ou não; apelativo ou não; explicativo ou não; desenvolvido com uma grande concentração temática ou em reposta a um tópico particular etc. Ou seja, é impossível estipular quantas vezes uma mesma palavra pode ocorrer. Mais vale averiguar por que, para que (ou com que funções) uma palavra volta a ocorrer.

Uma outra regularidade da ocorrência da repetição tem a ver com a sua distribuição ao longo do texto. Assim, em geral, uma posição muito propícia para o aparecimento de uma repetição é o início dos parágrafos (a partir do segundo), um sinal de que o tópico desenvolvido no parágrafo anterior continua. O final de um parágrafo também representa um ponto de localização privilegiado, quando se pretende marcar o fechamento do tópico em andamento naquele ponto do texto.

Além disso, uma regularidade já comprovada em análises de editoriais (ver Antunes, 1996) é a de que, no último parágrafo, costuma ocorrer a repetição de uma ou mais palavras que apareceram no primeiro. Isso pode ser visto como um sinal de que se está pretendendo fechar o tópico central, normalmente anunciado no primeiro parágrafo.

De qualquer forma, essas são regularidades previstas. Sabemos como as circunstâncias de cada interação podem alterar tais

[7] Já vi a recomendação de um professor que definia "não mais de quatro quês" numa redação. Como se pode prever quantas palavras dessa ou daquela forma podem aparecer em um texto? O que se pode prever é *o que dizer, a quem e por que fazê-lo*. Quantos quês, quantos substantivos ou coisas do gênero só o desenvolvimento da interação vai dizer.

previsibilidades. Não se pode negar, contudo, as múltiplas funções da repetição de palavras nem se pode aprovar a recomendação genérica — tão comum nos encontros de ensino da redação — de que "não se deve repetir palavras em um texto"[7].

Em um bom programa de estudo de línguas, deve constar um espaço para a questão da *coesão*, e, com o apoio de muitas análises, se deve prever as *normas de como tirar proveito da repetição de palavras* ou a consideração de como, quando e quanto evitá-la. O mais são confusões que, apesar de extremamente simplistas, só fazem atrapalhar quem está habituado a conviver, em textos orais e escritos, com palavras que se repetem, por força da própria exigência da coerência das interações linguísticas.

6.3.2 A paráfrase

Um outro recurso pelo qual se criam laços coesivos é a paráfrase, um recurso pelo qual *se volta a dizer o mesmo que se disse antes, porém com outras palavras*. A paráfrase tem assim alguma coisa em comum com a repetição, enquanto, embora sob uma outra formulação, *o mesmo é dito outra vez*. É nesse sentido que ela é coesiva. Ou seja, um segmento textual só pode ser considerado paráfrase se está articulado, pela equivalência (mais ou menos próxima) de sentido, a um outro anterior. Não teria sentido, pois, procurar uma paráfrase onde dois segmentos não se retomam semanticamente. *A paráfrase se destaca, então, como um recurso da continuidade semântica do texto.*

A paráfrase tem a função discursiva de pretender oferecer um esclarecimento mais específico de um ponto, ou, re-explicá-lo, com outras palavras, a fim de deixá-lo mais claro, mais preciso. É reiterativa, portanto. Por isso mesmo é que as paráfrases são comuns em textos explicativos, em textos expositivos, de transmissão do conhecimento, quando um determinado conceito tem que ficar muito claro e, portanto, precisa ser entendido com precisão.

Em geral, as paráfrases são iniciadas com expressões como: 'ou seja', 'isto é', 'quer dizer', 'por outras palavras', 'noutros termos', 'dizendo de outro modo', expressões que já preparam o ouvinte ou o leitor para uma formulação seguinte de equivalência conceitual. As paráfrases decorrem tanto de mecanismos sintáticos (como no caso da formação da passiva) quanto de mecanismos lexicais que exploram os sentidos das palavras.

A identificação dos segmentos parafrásicos tem sua importância no entendimento dos textos, pois, além dessa sua função esclarecedora, eles implicam que, naquele ponto onde ocorrem, o tema não avança para o 'novo', já que os dados da informação anterior são apenas retomados para explicações ou reformulações mais específicas.

6.3.3 O paralelismo

Paralelismo: o nome já sugere uma espécie de aproximação, de itens que guardam algum tipo de concomitância. No caso do paralelismo como recurso textual, a aproximação mais comum é de ordem sintática, isto é, dois ou mais segmentos são construídos com a *mesma* estrutura formal, embora com sentidos diferentes. É exatamente *essa similaridade sintática* que dá ao paralelismo o caráter de *reiteração*, que reforça a dimensão da continuidade do texto e representa um de seus recursos coesivos.

O paralelismo constitui, assim, um recurso textual que cria uma harmonia formal entre dois ou mais pontos, o que, além de promover a coesão entre esses pontos, produz um efeito agradável de articulação e entrelaçamento.

Observemos no texto que venho tomando como apoio o seguinte fragmento:

A marca de chicletes promete transportar o freguês para um tal "mundo do sabor" e mostra o garoto-propaganda levitando em outras esferas cósmicas. O adoçante faz surgirem do nada

violinistas e guitarristas. O guaraná em lata provoca visões amazônicas no seu bebedor urbano, que passa a enxergar um índio, com rosto pintado de bravura.

Como se pode ver, o início de cada período obedece à mesma estrutura sintática:

(a) o sujeito (uma descrição definida — *A marca de chicletes*; *O adoçante*; *O guaraná em lata)*;

(b) o verbo no presente do indicativo (*promete*; *faz*; *provoca*);

(c) um complemento verbal (*transportar o freguês*; *surgirem ... violinistas e guitarristas; visões amazônicas)*.

Essa coincidência de estrutura sintática estabelece, para o conjunto do fragmento, um laço que, se é formal, não deixa também de ser também semântico. Esse laço, como todos os outros, é reiterativo, constitui uma espécie de repetição e funciona, por isso mesmo, como elemento de articulação do texto, além de produzir um efeito agradável de harmonia e compatibilidade[8].

[8] O paralelismo não tem recebido quase nenhuma atenção dos livros didáticos. Também não consta das pautas dos programas de ensino da língua. Nem mesmo quando são exploradas questões de análise sintática, uma vez que essas análises incidem sobre frases isoladas e nunca sobre pares de frases constituintes de um texto. Aliás, em um curso de língua, a prioridade deveria recair sobre o conjunto de *operações, procedimentos, estratégias, regularidades*, enfim, da construção e da recepção de textos de tipos, de gêneros e de funções diferentes.

Até mesmo um levantamento sumário de ocorrência de paralelismo em diferentes gêneros (ver Antunes, 2005) mostra que esse recurso é usado muito frequentemente, sobretudo em textos explicativos, em textos da literatura ou da publicidade. Também, no mesmo levantamento, se pode ver o efeito desagradável da quebra do paralelismo (por exemplo: "O homem e a mulher mudaram tanto no modo de pensar, agir e também fisicamente"; ou, ainda, "a mulher tem liberdade de expressão e de lutar"), o que viria a reforçar nossa pretensão de incluir entre os programas de estudo da língua esses recursos da construção do texto.

6.3.4 A substituição de unidades do léxico

Existem motivações discursivas que levam o autor de um texto a preferir substituir uma palavra a repeti-la. A motivação mais pertinente para essa preferência *não é*, como se costuma apregoar nas análises pouco consistentes, *evitar a repetição*. Evidentemente, como vimos logo atrás, o recurso à repetição tem suas funções, o que limita, inclusive, o número de sua ocorrência.

A motivação maior para o recurso da substituição, sobretudo daquela que envolve um par de expressões lexicais, recai sobre o teor de informação que, nessas expressões, é maior do que numa simples repetição. Ou seja, dar continuidade a uma referência usando descrições definidas diferentes pode contribuir para elevar o teor de informatividade do texto. Por exemplo, voltar a referir o objeto de discurso 'consumidor', por 'o freguês', 'o comprador'; voltar a referir 'o guaraná em lata' por 'o tal refrigerante' pode trazer a vantagem de acrescentar mais informações ao repertório do leitor ou, pelo menos, reavivar sua memória quanto à possibilidade de designadores equivalentes para o mesmo objeto de referência[9].

[9] Podemos ver outros exemplos mais adiante quando nos ocuparemos das análises dos textos.

Esse mais alto teor informativo das expressões lexicais também explica a falta de acréscimo da informação nas substituições pronominais. Observemos os trechos:

"*Ninguém leva os comerciais alucinógenos ao pé da letra, mas cada vez mais gente se deixa seduzir por eles*" e

"É que o encanto das mercadorias não está nelas, mas fora delas — e a publicidade sabe disso".

Podemos ver que os pronomes apenas retomam uma referência anteriormente feita, mas não a definem ou a categorizam em uma classe identificável de itens. No exemplo anteriormente dado, a expressão 'o guaraná em lata' é substituída por 'o tal refrigerante'. Essa substituição tem um valor informativo maior que aquela possibilitada pelo uso do pronome, pois informa ou ativa a memória do leitor sobre o fato de que o item 'o guaraná em lata' pertence à classe dos 'refrigerantes'.

De qualquer forma, a substituição de uma expressão por outra em um texto tem motivações discursivas maiores que, simplesmente, evitar a repetição de palavras. Pelo contrário, pode

haver situações em que é melhor repetir a palavra (em nome da clareza ou da precisão, por exemplo) do que substituí-la por uma outra. Por isso, falar ou escrever são momentos de decisões. Algumas delas, tomadas antes do início da interação. Outras, tomadas no decorrer da interação, frente à(s) demanda(s) do(s) interlocutor(es) e dos propósitos em curso.

Nas substituições de expressões realizadas no decorrer de um texto, pode-se substituir uma palavra por outra que seja:

a) sinônima;
b) hiperônima;
c) ou equivalente conforme um dado contexto.

Como se pode ver, os dois primeiros tipos de substituição se ligam às determinações lexicais das expressões; estão, por assim dizer, inscritas no léxico da língua (por exemplo, a relação entre 'menino' e 'garoto', ou a relação entre 'óleo de canola' e 'produto'). O terceiro tipo, ao contrário, se liga à instância de cada texto onde ocorre e depende, fundamentalmente, dos limites contextuais a que as expressões correspondem (por exemplo, '*a queda do Airbus A330 em maio de 2009*' e '*a tragédia no litoral brasileiro*').

A substituição por um sinônimo não é tão comum como pode parecer, quando levamos em conta a predominância dos livros didáticos em exercitar a substituição de palavras por um sinônimo. Problemas relativos à sinonímia estão na raiz dessa restrição: nem todas as palavras têm sinônimos, nem todas as palavras dadas como sinônimas são intersubstituíveis em qualquer contexto. Certamente, por esses limites, pesquisas têm mostrado que a preferência maior recai sobre os outros tipos de substituição (ver, por exemplo, Antunes, 1996; 2005).

A substituição por um hiperônimo, essa sim, é bastante comum, desde que não se trate de textos de uma palavra ou de uma linha só. O hiperônimo tem a grande vantagem de funcionar como uma espécie de coringa, que, por seu caráter de generalidade, pode ocupar muitos lugares ou preencher muitas condições

semânticas. A referência a 'chiclete', 'guaraná', 'adoçante' pode, no decorrer do texto, ser retomada pela expressão 'bugigangas' ou 'produto', por exemplo. Por isso é que os hiperônimos possibilitam uma economia muito grande no estabelecimento das cadeias textuais. São nomes que têm o valor semântico de categorizar, isto é, de reunir, numa classe, itens diferentes, sob o enfoque de algum traço comum entre eles. Isto é: muitos itens podem preencher as condições para serem reunidos, por exemplo, na categoria de produto ou de bugigangas. O léxico da língua conta com um grande número de itens lexicais gerais (substantivos, sobretudo) ou de itens lexicais com um valor semântico que abarca, que compreende o de muitos outros itens específicos, em relação àqueles gerais. O termo 'produto', por exemplo, tem um valor semântico que o deixa capaz de retomar uma referência a um sem números de itens, como 'chiclete, guaraná, adoçante' e tudo o que é resultado de uma *produção*. Entre os verbos, um hiperônimo bem comum é o verbo 'fazer'.

Esse tipo de substituição representa, portanto, uma grande possibilidade de variação lexical em um texto. Além disso, o uso de hiperônimos permite uma operação textual cognitivamente muito relevante que é essa da categorização, ou seja, do enquadramento de várias referências numa determinada categoria, numa determinada classe de seres, o que favorece, por outro lado, esse caráter resumitivo que a progressão temática do texto deve ir tomando ao longo de seu curso.

Daí que a substituição de palavras por outras, repito, não tem importância simplesmente por possibilitar a não repetição. Esse é o seu efeito menor.

O terceiro tipo de substituição — aquele em que uma expressão é substituída por outra equivalente contextualmente — tem-se revelado também bastante produtiva nos textos analisados (ver, por exemplo, Antunes, 1996, 2005; Adam, 2008; Marcuschi, 2008; Discini, 2005; Koch e Elias, 2006, entre outros).

Consiste na operação textual de se substituir uma expressão (pode ser um nome próprio) por uma 'descrição definida' que

preencha, naquele contexto determinado, as condições de uma equivalência semântica. Por exemplo, em uma fábula de Millôr Fernandes, a referência a uma galinha que entrou em greve e resolveu não mais cumprir suas obrigações de fêmea é retomada pela expressão 'a doidivanas'. Observemos que não se trata de um sinônimo nem de um hiperônimo, mas de uma expressão pela qual se caracteriza ou se define uma outra por meio de uma descrição que, naquele contexto, serve como equivalente ou uma espécie de sinônimo textual, válido apenas naquele contexto. Muitos dos cálculos para esse tipo de substituição são de natureza inferencial e mobilizam nosso conhecimento de mundo (por exemplo, é desse tipo o nexo visto numa revista nacional, que estabelecia a equivalência referencial entre 'os políticos mineiros' e 'a turma do pão de queijo').

De qualquer forma, essas expressões são muito comuns nos textos, exatamente pela flexibilidade de equivalência que podem assumir. Uma mesma expressão pode, variando suas condições de referência, alterar seu valor de equivalência[10].

[10] Insisto em lembrar que a maioria dos livros didáticos – mesmo aqueles para o ensino médio – não exploram o valor textual dos hiperônimos ou dessas expressões de equivalência contextual. No entanto, esses são recursos que entram no funcionamento de todo texto e no estabelecimento de sua coerência. Implicam conhecimentos linguísticos e conhecimentos enciclopédicos, o que os torna bem mais relevantes comunicativamente que, por exemplo, a classificação de orações.

Alargar o estudo do léxico, para abranger esses aspectos de equivalência semântica, apenas possível na instância do texto, é um imperativo para quem pretende ampliar a competência comunicativa dos falantes. Ficar na lista de sinônimos e de antônimos é insuficiente; ainda mais por que, na maioria das vezes, isso é visto em relação a uma lista de palavras soltas ou a uma série de frases desconectadas.

Surpreendamos, pois, os significativos papéis do léxico na estruturação do texto; na construção de seus sentidos e na expressão de suas intenções.

6.3.5 A substituição pronominal

Um recurso muito comum em todos os textos é a substituição de uma expressão nominal por um pronome. Evidentemente, o uso desse recurso tem seus limites e impõe condições para seu adequado funcionamento, tomando-se como foco as ligações que se devem empreender para identificar seu percurso.

Comecemos pelo mais geral: *a rigor, qualquer expressão nominal pode ser substituída por um pronome*. Ou, noutros termos, na continuidade de um texto, uma expressão é, em princípio, candidata a ser retomada mais tarde por uma expressão referencial pronominal.

Existem restrições para o uso dessas expressões referenciais pronominais. Restrições de ordem gramatical e, mais ainda, restrições de ordem textual. Entre as primeiras, poderíamos destacar a concordância de gênero e número entre a expressão referencial em jogo e a expressão pronominal correspondente ('o homem' e 'ele'; 'os meninos' e 'eles'; 'a igreja' e 'ela'; 'as faculdades' e 'elas' etc.). Entre as segundas restrições, merece destacar o cuidado para não dificultar a ilação pretendida entre a expressão retomada e a outra que a retoma. A clareza de um texto, sem dúvida, passa por essa continuidade referencial que vai se estabelecendo a partir das ligações, dos nexos que se vão construindo. Os pronomes — de todos os tipos — têm essa função textual de ir promovendo as cadeias de referência que vão dando ao texto articulação e unidade. Qualquer descuido nesse ponto pode provocar uma imprecisão referencial, uma opacidade referencial, de consequências perturbadoras, quase sempre[11].

[11] Fora do âmbito da substituição pronominal (as chamadas 'endóforas'), podemos lembrar a função referencial dos pronomes que acontece quando fazemos referência a objetos presentes na situação (são as chamadas 'exóforas'). De qualquer forma, os pronomes têm um grande peso no processo da referenciação textual. Muito da clareza do texto pode provir do uso dessa classe de palavras. Em tal perspectiva, é que eles devem ser estudados.

Duas considerações podem ser introduzidas aqui. A primeira tem a ver com o fato de — falando de substituição pronominal — se falar apenas em continuidade referencial. Evidentemente, um texto também é provido de uma continuidade predicativa, no sentido de que os sentidos atribuídos no âmbito da predicação também podem ser reiterados. Ou seja, se pode admitir, para o texto, uma *continuidade referencial* assim como se pode admitir uma *continuidade predicativa*. Por isso é que o pronome

também pode retomar — inteira ou parcialmente — termos de uma predicação anterior. Em suma, os pronomes não retomam apenas expressões nominais (a publicidade na TV → **ela**); podem retomar também parte de uma predicação ou uma predicação inteira, como em: *Seria o tal refrigerante uma versão comercial das beberagens do Santo Daime? Não, nada* ***disso***.

A segunda consideração tem a ver com o fato de o pronome não funcionar apenas como 'palavras de retomada textual'; isto é, o pronome não funciona apenas sob a forma de uma expressão que retoma outra antecedente, como em: "*Pode parecer um insulto à inteligência do telespectador, mas* ***ele*** *bem que gosta*"; ou se refere a uma outra subsequente, como em: "*Você não vai encontrar ofertas tão boas quanto esta: DVD players H-Buster em 12 vezes sem juros*".

O pronome também pode referir um elemento da situação extralinguística, presente no momento da interação, o que não implica nenhuma retomada, como em: *De quem é* ***isto****?*, dito, evidentemente, diante de um objeto a que se faz referência e que esteja acessível a ambos os interlocutores.

Na verdade, a identificação do objeto de discurso em referência constitui uma condição fundamental para o efetivo entendimento de qualquer texto. Muitas dificuldades, nessa área, provêm, exatamente, da inabilidade das pessoas para, quando falam ou escrevem, empreenderem, com precisão, a indicação de *onde está o apoio para a referência feita por um pronome*. Na conversação coloquial, sobretudo nos eventos de narração, essa inabilidade chega a limites perturbadores: fala-se, por exemplo, de duas mulheres diferentes, e, na sequência do discurso, se usa um 'ela', cuja referência não se sabe para quem remeter.

O reducionismo com que tem sido feito o estudo dos pronomes deve-se à abordagem quase sempre intraoracional e descontextualizada que lhe tem sido dispensada. De fato, os pronomes são vistos, nessa perspectiva, como uma partícula gramatical de substituição, apenas, estudada preferencialmente nas suas implicações morfossintáticas, com ênfase, ainda, nos padrões de sua colocação em relação a outras unidades da oração. Para esses enfoques, os limites da frase isolada são suficientes.

Está fora de dúvida, portanto, a relevância de se explorar o uso dos pronomes numa perspectiva textual. Isso implica, primeiro, ultrapassar o aspecto puramente morfológico de seus usos: a subclassificação de seus vários tipos; em segundo lugar, implica ultrapassar o viés sintático de seus usos, o que, por sua vez, nos tira das frases e sequências de orações e nos leva até os textos. A relevância de se conhecer as marcas morfossintáticas dos pronomes deriva do fato de elas poderem funcionar como pistas para a indicação e a identificação corretas das entidades referidas. Portanto, seus pormenores de classificação só têm sentido se postos a serviço dos textos.

Em suma, somente no texto se pode apreender as funções dos pronomes no estabelecimento da interpretabilidade da linguagem, quer esses pronomes estejam ancorados na situação extralinguística, quer estejam presos às referências feitas no interior do texto propriamente. Pretendemos analisar, no capítulo seguinte, algumas dessas funções em textos de diferentes gêneros.

Mais uma consideração: na literatura linguística (entre outros, ver Bernardez, 1982; Charolles, 1978), o termo *repetição* também é usado para referir o procedimento geral da *reiteração*, o qual engloba os recursos: da paráfrase, do paralelismo, da repetição propriamente dita e da substituição[12].

[12] Charolles inclui a repetição – nesse sentido mais amplo – entre as "metarregras da coerência". Segundo ele, para que um texto seja *(micro ou macroestruturalmente)* coerente, é necessário que comporte em seu desenvolvimento linear elementos de estrita recorrência.

De fato, em todos esses recursos, é possível perceber que alguma coisa é retomada, que alguma coisa se mantém e, portanto, é reiterada, seja no domínio da continuidade referencial, seja no domínio da continuidade predicativa. É nesse sentido amplo do termo 'repetição' que Bernardez e Charolles apontam a repetição como uma das condições da coerência. Por sinal, em um texto bem organizado, deve predominar um equilíbrio entre o que é retomado (informações já conhecidas) e o que é proposto como não sabido (informações novas). Qualquer desequilíbrio para um desses lados deixa o texto inadequado.

No âmbito dessa reiteração ampla, tanto se constroem nexos de equivalência como nexos de contiguidade. Os nexos de associação resultam, ao contrário, da associação semântica entre palavras, como será visto a seguir.

6.3.6 A associação semântica entre palavras

Já neste capítulo, quando falei dos tipos de nexos coesivos por associação semântica, adiantei alguma noção sobre como tais nexos se constituem. Em linhas gerais, esse tipo de nexo ocorre sempre que duas ou mais palavras guardam algum tipo de contiguidade semântica.

Essa contiguidade pode provir de determinações do próprio léxico da língua (como entre 'felicidade'→ 'gozo'), como pode provir de associações provocadas pelo nosso conhecimento de mundo (como entre 'guaraná' e 'visões amazônicas'). Por isso mesmo é que elas são muitas em um texto. Se espalham, como água que encharca um terreno.

Os autores Halliday e Hasan (1976) propõem que esse tipo de nexo coesivo é o mais denso e o mais recorrente. Constituem cadeias, cujas fronteiras nem sempre podem ser identificadas. O teor de unidade semântica evocado para o texto coerente é, em grande parte, devido a essa proximidade de sentido entre as expressões lexicais ou entre as construções léxico-gramaticais que ocorrem[13].

[13] O argumento de que a formação de frases soltas não preenche as condições de desenvolvimento da competência textual encontra aqui também um fundamento. Frases soltas, quase sempre, mobilizam unidades lexicais de diferentes campos semânticos, o que rompe com as exigências textuais de uma convergência de sentido.

A raiz desse recurso textual está na própria relação entre a linguagem e nossa experiência empírica. Assim, itens que, em uma situação particular da experiência, mantêm algum tipo de proximidade, ou dividem o mesmo espaço físico ou cultural, tendem a ser referidos também em situação de contiguidade. Ou seja, por exemplo, se os objetos 'mesa' e 'cadeira', 'padre' e 'igreja' dividem o mesmo espaço físico-cultural e revelam, assim, uma contiguidade espacial, é muito provável que seus referentes linguísticos também estejam em contiguidade, isto é, co-ocorram em um mesmo texto.

Essa probabilidade de co-ocorrência de um grupo de palavras afins já corresponde a uma expectativa natural das opções que tomamos quando falamos ou escrevemos. O princípio fundamental é: o percurso convergente de sentido, esperado para um texto coerente, leva à ocorrência de palavras semanticamente afins, as quais constituem cadeias de sentido (isotopias), que arrastam os sentidos para um determinado ponto de unidade.

Um texto coerente é provido, assim, de uma espécie de *redundância* ou, noutras palavras, de reiteração semântica, em equilíbrio, é claro, com a quebra dessa mesmice, pela introdução de novos elementos. Ainda assim, algo dessa mesmice se sustenta no sentido de que os novos tópicos devem estar, de alguma forma, apoiados em outros já presentes ou pressupostos no texto. No comentário "A mercadoria alucinógena", a entrada da referência a 'guaraná' é subsequente às outras referências a 'a marca de chicletes' e 'adoçante', objetos que partilham os mesmos campos da experiência.

Por esse conjunto de considerações, fica evidente o papel estruturante do léxico na construção do texto. Uma falha gritante no estudo das línguas tem a ver com a falta de percepção dessa função textual do léxico. De fato, na maioria das escolas, o estudo do vocabulário se esgota, quase sempre, como tenho referido, em explorações de seus significados ou na procura de palavras que têm o mesmo sentido. Tudo é visto em separado: unidade por unidade, cada uma por sua vez. Como peças isoladas. Não são exploradas as redes semânticas que se criam no percurso do texto; não são explorados os fios que, por conta do vocabulário em uso, armam o texto e sustentam sua coesão e coerência. Em suma, *falta um estudo do vocabulário na ótica de suas articulações e de seu papel como fator da construção do texto.*

Espero nas análises que se seguem poder oferecer amostras de como as redes criadas pelas unidades lexicais do texto funcionam como fios que sustentam sua interpretabilidade linguística.

6.3.7 O uso de expressões conectivas[14]

Um outro tipo de nexo se efetiva pelo emprego de palavras de conexão, chamadas por isso mesmo *conectivos,* isto é, palavras que têm a função de ligar duas orações, dois períodos, dois parágrafos, dois blocos superparagráficos.

Na tradição do trabalho escolar, essa classe de palavras tem sido vista, preferencialmente, na sua dimensão sintática, submetida, quase exaustivamente, aos famosos esquemas que culminam com a classificação das orações. Esse viés marcadamente sintático de exploração das palavras de conexão obscureceu seu teor semântico e, sobretudo, sua função textual, que passou assim a um segundo plano, mais ainda pelo fato de tais classificações incidirem sobre orações criadas a propósito ou retiradas de textos, perdendo assim muito de sua função em relação ao todo de que eram partes.

Na verdade, a relevância dessa classe de palavras, se decorre de sua função conectiva, não deixa de fundar-se também nas relações semânticas e nas pretensões argumentativas que elas estabelecem entre os segmentos textuais. Enquanto ligam, vão *marcando a orientação das argumentações,* vão dando *pistas* da sequência de sentidos ou dos atos de linguagem efetivados. São como pedrinhas que vão indicando por onde vai o caminho, em que direção vai a argumentação... Não se pode deixar de prestar atenção a elas.

Canonicamente, esses conectivos são representados pelas conjunções, pelas preposições e respectivas locuções[15]. No âmbito do texto, no entanto, eles podem ser expressos por um advérbio ('finalmente'), por uma locução adverbial ('em suma') e até mesmo por um grupo nominal.

Para um entendimento mais consistente dessa classe de itens linguísticos, convém distinguir entre *os conectores argumentativos* propriamente ditos e *os organizadores e marcadores textuais* (ver Adam, 2008: 179). A incidência e a função desses conectores variam de acordo com os gêneros textuais em que ocorrem.

Os conectores argumentativos cumprem a função de expressar a orientação argumentativa dos enunciados, conforme seja pretendido exprimir uma oposição, uma concessão, um contra-argumento, uma explicação, uma justificativa, uma hipótese, o acréscimo de um argumento, entre outros. São fundamentais na interpretação dos textos, sobretudo naqueles gêneros que têm propósitos eminentemente argumentativos ou persuasivos, como editoriais, pareceres, propostas, justificativas, defesas, justificativas, entre tantos outros.

Os conectores do segundo grupo — *os organizadores ou marcadores textuais* — exercem a função de instaurar e indicar a ordenação dos diferentes segmentos do texto, seja esta ordenação de natureza espacial (*em cima, embaixo, mais adiante, anteriormente, na base, em um segundo nível, no próximo capítulo* etc.) ou de natureza temporal (*antes, depois, em seguida, após, na véspera, no dia seguinte* etc.). Outros tipos de marcadores podem ser citados, tais como *os marcadores enumerativos, os marcadores de mudança de tópico, os marcadores de digressão, os marcadores de exemplificação, os marcadores de paráfrases*, por exemplo.

Como se pode perceber, o estudo dessas "palavrinhas" é de grande importância no desenvolvimento de nossas habilidades de comunicação, pois funcionam como instruções que nos orientam no percurso do texto, na verdade, um *caminho que devemos percorrer na determinação de apreender seu núcleo temático e sua finalidade básica.*

Talvez possa ser produtivo enumerar aqui algumas dessas expressões mais comuns, com indicação de seus contextos de uso.

[14] A questão dos conectores é muito ampla e complexa. Para tratá-la com profundidade, é necessário um estudo muito mais abrangente, o que não é o caso aqui. Entretanto, sugiro, para aqueles que pretendem pesquisar, mais exaustivamente, a questão dos conectores, a leitura de Koch (1987), Fávero (1987), Adam (2008), Neves (2000), Perini, (2010). Na obra de Neves, é possível encontrar um estudo detalhado e consistente das preposições, das conjunções, dos advérbios e respectivas locuções, com farta abonação de exemplos colhidos em textos da literatura ou da imprensa atual (veja-se, por exemplo, toda a matéria sobre a coordenação com a conjunção 'mas', p. 755-770). Em Koch e Fávero é possível encontrar uma distribuição das conjunções que foge à classificação tradicional de 'subordinadas' e 'coordenadas'.

[15] Em geral, os livros didáticos e muitas gramáticas pedagógicas restringem o âmbito dos conectivos à classe das conjunções, dividindo-as em coordenativas e subordinativas. Além disso, exploram de forma totalmente insuficiente as particularidades de uso dessas expressões, como a questão da ordem em que aparecem: se na primeira oração, se na oração seguinte (ver Neves, por exemplo, 2000: 782, a propósito da ordem das construções com a conjunção 'ou').

Convém sublinhar que, na altura do ensino fundamental ou médio, não deve constituir interesse maior *classificar, morfológica ou sintaticamente*, tais expressões. Por vezes, uma mesma expressão pode funcionar como conjunção ou como advérbio (ver, Neves, 2000: 272, a propósito do item 'mas'). O que convém, antes de tudo, é destacar essa função geral dos conectores de marcar as operações ou os procedimentos textuais que vão ocorrendo e de sinalizar para o interlocutor que orientações estão sendo dadas ao percurso do texto.

Assim, a título de uma maior explicitação de como se opera a conexão dos sentidos e das intenções em nossos textos, vejamos algumas dessas expressões e os sentidos que expressam. Por uma questão didática, vou reuni-las em um mesmo grupo, sejam elas, mais especificamente, conectores argumentativos ou marcadores textuais[16].

[16] É bom advertir que as expressões reunidas neste esquema abarcam apenas as expressões em contextos de conexão interoracional. Conexões entre o verbo e seus complementos – onde entram as preposições, sobretudo – não estão incluídas aqui. Muitas das expressões catalogadas como de conexão são advérbios que também ligam segmentos do texto.

Expressões conectivas: do tipo argumentativo ou do tipo marcadores /organizadores textuais	*Valores semânticos*
em primeiro lugar, primeiramente, notadamente, mormente, antes de mais nada, antes de tudo, acima de tudo, em particular, principalmente, sobretudo, primordialmente, prioritariamente;	*prioridade ou relevância;*
em cima, acima, abaixo, adiante, na base, mais acima, em um segundo nível;	*distribuição espacial*
assim, desse modo, dessa forma, dessa maneira; isto é, quer dizer, a saber, por exemplo, pois, que;	*confirmação, ilustração, justificação*
e, ainda, assim como, aliás, além disso, além do mais, além de tudo, não só (...) mas também, não apenas (...) mas ainda, enfim, nem (para adição de segmentos negativos ou privativos);	*acréscimo de um dado novo, de um argumento, adição, enumeração de itens*
quanto a, em relação a, no que concerne a, a propósito;	*abertura ou mudança de tópico*
ou,	*alternância ou disjunção*[17]
isto é, ou seja, quer dizer, por exemplo;	*exemplificação*
ou, ou melhor, ou antes, dito de outro modo, em outras palavras, mais precisamente;	*reformulação, precisão, correção ou retificação do que foi dito antes*
de fato, na verdade, na realidade, com efeito, efetivamente, afinal, com certeza;	*confirmação, admissão*
mas, porém, contudo, no entanto, entretanto, por outro lado, em compensação, enquanto que, ao passo que;	*oposição, contraste, restrição*
mesmo, até, até mesmo, no máximo (situam no topo da escala); ao menos, pelo menos, no mínimo, (situam no plano mais baixo da escala);	*gradação*
porque, como, pois, porquanto, por causa de, em virtude de, uma vez que, já que, em vista de, dado que, desde que, visto que, visto como;	*causalidade*[18]
de modo que, de maneira que, de sorte que, de forma que, a tal ponto que, por conseguinte, por isso, consequentemente, em consequência disso, daí, em decorrência disso, com isso, tanto (assim) que (é possível um cruzamento semântico entre as relações de consequência, de causa e de conclusão);	*consequência;*
a fim de que, para que, com o propósito de, com a pretensão de, com a intenção de, com o objetivo de, com a finalidade de, com o intuito de;	*finalidade*
embora, conquanto, ainda que, apesar de que, ainda assim, mesmo que, a despeito de, não obstante, malgrado, em que pese, se bem que, por mais que, por muito que;	*concessão*[19]

[17] Conforme Neves (2000: 771), convém distinguir *disjunção inclusiva* (em que os elementos se somam) e a *disjunção exclusiva* (em que os elementos se excluem).

[18] Orações reduzidas de gerúndio têm frequentemente valor causal, assim como as reduzidas de infinitivo introduzidas pela preposição 'por' e, ainda, os chamados apostos circunstanciais (*Preocupado com os resultados dos exames*, ficou em casa estudando).

[19] As construções com concessivas, segundo Neves (2000: 865), podem ser vistas nas suas relações com as adversativas bem como com as outras causais e condicionais. De qualquer forma, vale a pena acentuar a relevância argumentativa das concessivas, o que confirma a necessidade de um estudo mais aprofundado dos conectores, sobretudo no ensino médio.

Convém sublinhar que, na altura do ensino fundamental ou médio, não deve constituir interesse maior *classificar, morfológica ou sintaticamente,* tais expressões. Por vezes, uma mesma expressão pode funcionar como conjunção ou como advérbio (ver, Neves, 2000: 272, a propósito do item 'mas'). O que convém, antes de tudo, é destacar essa função geral dos conectores de marcar as operações ou os procedimentos textuais que vão ocorrendo e de sinalizar para o interlocutor que orientações estão sendo dadas ao percurso do texto.

Assim, a título de uma maior explicitação de como se opera a conexão dos sentidos e das intenções em nossos textos, vejamos algumas dessas expressões e os sentidos que expressam. Por uma questão didática, vou reuni-las em um mesmo grupo, sejam elas, mais especificamente, conectores argumentativos ou marcadores textuais[16].

[16] É bom advertir que as expressões reunidas neste esquema abarcam apenas as expressões em contextos de conexão interoracional. Conexões entre o verbo e seus complementos – onde entram as preposições, sobretudo – não estão incluídas aqui. Muitas das expressões catalogadas como de conexão são advérbios que também ligam segmentos do texto.

Expressões conectivas: do tipo argumentativo ou do tipo marcadores /organizadores textuais	*Valores semânticos*
em primeiro lugar, primeiramente, notadamente, mormente, antes de mais nada, antes de tudo, acima de tudo, em particular, principalmente, sobretudo, primordialmente, prioritariamente;	*prioridade ou relevância:*
em cima, acima, abaixo, adiante, na base, mais acima, em um segundo nível;	*distribuição espacial*
assim, desse modo, dessa forma, dessa maneira; isto é, quer dizer, a saber, por exemplo, pois, que;	*confirmação, ilustração, justificação*
e, ainda, assim como, aliás, além disso, além do mais, além de tudo, não só (...) mas também, não apenas (...) mas ainda, enfim, nem (para adição de segmentos negativos ou privativos);	*acréscimo de um dado novo, de um argumento, adição, enumeração de itens*
quanto a, em relação a, no que concerne a, a propósito;	*abertura ou mudança de tópico*

ou,	*alternância ou disjunção*[17]
isto é, ou seja, quer dizer, por exemplo;	*exemplificação*
ou, ou melhor, ou antes, dito de outro modo, em outras palavras, mais precisamente;	*reformulação, precisão, correção ou retificação do que foi dito antes*
de fato, na verdade, na realidade, com efeito, efetivamente, afinal, com certeza;	*confirmação, admissão*
mas, porém, contudo, no entanto, entretanto, por outro lado, em compensação, enquanto que, ao passo que;	*oposição, contraste, restrição*
mesmo, até, até mesmo, no máximo (situam no topo da escala); ao menos, pelo menos, no mínimo, (situam no plano mais baixo da escala);	*gradação*
porque, como, pois, porquanto, por causa de, em virtude de, uma vez que, já que, em vista de, dado que, desde que, visto que, visto como;	*causalidade*[18]
de modo que, de maneira que, de sorte que, de forma que, a tal ponto que, por conseguinte, por isso, consequentemente, em consequência disso, daí, em decorrência disso, com isso, tanto (assim) que (é possível um cruzamento semântico entre as relações de consequência, de causa e de conclusão);	*consequência:*
a fim de que, para que, com o propósito de, com a pretensão de, com a intenção de, com o objetivo de, com a finalidade de, com o intuito de;	*finalidade*
embora, conquanto, ainda que, apesar de que, ainda assim, mesmo que, a despeito de, não obstante, malgrado, em que pese, se bem que, por mais que, por muito que;	*concessão*[19]

[17] Conforme Neves (2000: 771), convém distinguir *disjunção inclusiva* (em que os elementos se somam) e a *disjunção exclusiva* (em que os elementos se excluem).

[18] Orações reduzidas de gerúndio têm frequentemente valor causal, assim como as reduzidas de infinitivo introduzidas pela preposição 'por' e, ainda, os chamados apostos circunstanciais (*Preocupado com os resultados dos exames*, ficou em casa estudando).

[19] As construções com concessivas, segundo Neves (2000: 865), podem ser vistas nas suas relações com as adversativas bem como com as outras causais e condicionais. De qualquer forma, vale a pena acentuar a relevância argumentativa das concessivas, o que confirma a necessidade de um estudo mais aprofundado dos conectores, sobretudo no ensino médio.

logo, portanto, então, assim, em conclusão, desse modo, dessa forma, enfim, com base em...; posto isso;	*conclusão*
como, tanto quanto, tanto como, mais que, menos que, tal qual, tal como, do mesmo modo que, na mesma medida em que,	*comparação*
provavelmente, talvez, quem sabe, será que;	*eventualidade*
conforme, segundo, consoante, de acordo com, como;	*aceitação, conformidade*
se, caso, a menos que, salvo se, exceto se, a não ser que, contanto que, desde que, sem que (é sinônimo de "se não"), (a preposição 'sem' seguida de um infinitivo tem valor de condicional negativo);	*condicionalidade*[20], *formulação de hipótese,*
por esta categoria pode-se indicar: *tempo anterior* (antes que, primeiro que, desde que); *tempo posterior* (depois, a seguir, após, em seguida, daqui a pouco, mais tarde, até que); *tempo imediatamente posterior* (logo que, mal, apenas, nem bem); *tempo simultâneo*: (quando, enquanto, ao mesmo tempo em que, durante o tempo em que); *tempo proporcional* (à medida que, à proporção que, enquanto); *tempo inicial* (logo que, assim que, desde que, desde quando, mal, apenas); *tempo terminal* (até que, até quando); *tempo pontual* (agora, hoje, agora que, hoje que, atualmente, nesse momento); *ações reiteradas* (cada vez que, toda vez que, sempre que); *ações frequentes* (às vezes, por vezes, de vez em quando, com frequência, frequentemente, habitualmente, assiduamente, regularmente, normalmente, sempre); *ações raras* (raras vezes, nem sempre, uma vez ou outra, poucas vezes); *ações casuais* (esporadicamente, eventualmente, casualmente, por acaso); *ações pontuais* (agora, já, nesse instante); *ações durativas* (enquanto, todo o dia, o mês inteiro, a tarde toda).	*temporalidade*

[20] É interessante a distinção feita entre as condicionais factuais ou reais: *Se eu digo é porque sei*; as condicionais contrafactuais ou irreais: *Se eu tivesse asas* e as condicionais eventuais: *Se chover amanhã*. A mesma distinção pode ser apontada para as construções concessivas.

Insistindo na tecla de sempre, lembro que a relevância de se explorar a relação de conjunções, de preposições, de advérbios e respectivas locuções está no trabalho de explicitar os efeitos que o uso desses itens promove no estabelecimento da sequência do texto ou da orientação argumentativa que pretendemos atribuir aos enunciados. Me ocorre reiterar que muito há o que explorar em sala de aula de um curso de línguas, se abrimos os horizontes

para enxergar as categorias do mundo textual. Basta ouvir e ler ao redor e a dificuldade de alguns professores de *não saberem o que ensinar* terá fim.

Uma consideração que me parece pertinente tem a ver com o fato de que os valores semânticos dessas relações (de oposição, de causalidade, de consequência etc.) podem ser expressos por outros recursos que não as expressões conectoras. Por exemplo, uma relação de causa e efeito pode estar significada por um verbo, como 'decorrer', 'resultar', 'provir' etc. Também vale a pena notar as relações semânticas possibilitadas pelas chamadas orações reduzidas.

Vale a pena mais uma observação: evidentemente, a grade de expressões apresentada acima é apenas uma amostra de como se poderia fazer a exploração desse material, destacando, assim, suas funções na estruturação do texto. Ou seja, não se trata de uma enumeração exaustiva; muitas outras expressões ainda poderiam ser citadas.

Além disso, convém notar que uma mesma expressão pode ter valores semânticos diferentes e, assim, preencher uma função de organizador espacial (por exemplo: primeiramente), ou uma outra de enumeração ou de indicação de relevância (pensemos na fluidez semântica dos conectivos 'e' ou 'mas', só para citar esses dois).

Na verdade, também as expressões conectoras são polissêmicas, até mesmo porque podem ocorrer associações entre seus sentidos, como acontece, por exemplo, entre algumas temporais e as condicionais[21], as causais e as temporais etc. Neste último caso, a associação é inteiramente justificável, pois a causa é sempre anterior à consequência. Também merece notar que, por vezes, as conexões entre segmentos do texto, como períodos ou parágrafos, se fazem sem o concurso de conectores explícitos; são junções sem marcas, que mobilizam outros recursos para dar conta dessas conexões.

[21] Neves (2000: 799) apresenta exemplos dessas associações, tais como: "Essa é a história de um soldado que se sentia em casa somente quando vadiava pela cidade."

Ter em conta a possibilidade dessas associações é útil porque, assim, podemos sair daqueles esquemas rígidos e infalíveis com que as conjunções são classificadas desde há séculos.

logo, portanto, então, assim, em conclusão, desse modo, dessa forma, enfim, com base em...; posto isso;	*conclusão*
como, tanto quanto, tanto como, mais que, menos que, tal qual, tal como, do mesmo modo que, na mesma medida em que;	*comparação*
provavelmente, talvez, quem sabe, será que;	*eventualidade*
conforme, segundo, consoante, de acordo com, como;	*aceitação, conformidade*
se, caso, a menos que, salvo se, exceto se, a não ser que, contanto que, desde que, sem que (é sinônimo de "se não"), (a preposição 'sem' seguida de um infinitivo tem valor de condicional negativo);	*condicionalidade*[20], *formulação de hipótese,*
por esta categoria pode-se indicar: *tempo anterior* (antes que, primeiro que, desde que); *tempo posterior* (depois, a seguir, após, em seguida, daqui a pouco, mais tarde, até que); *tempo imediatamente posterior* (logo que, mal, apenas, nem bem); *tempo simultâneo* (quando, enquanto, ao mesmo tempo em que, durante o tempo em que); *tempo proporcional* (à medida que, à proporção que, enquanto); *tempo inicial* (logo que, assim que, desde que, desde quando, mal, apenas); *tempo terminal* (até que, até quando); *tempo pontual* (agora, hoje, agora que, hoje que, atualmente, nesse momento); *ações reiteradas* (cada vez que, toda vez que, sempre que); *ações frequentes* (às vezes, por vezes, de vez em quando, com frequência, frequentemente, habitualmente, assiduamente, regularmente, normalmente, sempre); *ações raras* (raras vezes, nem sempre, uma vez ou outra, poucas vezes); *ações casuais* (esporadicamente, eventualmente, casualmente, por acaso); *ações pontuais* (agora, já, nesse instante); *ações durativas* (enquanto, todo o dia, o mês inteiro, a tarde toda).	*temporalidade*

[20] É interessante a distinção feita entre as condicionais factuais ou reais: *Se eu digo é porque sei*; as condicionais contrafactuais ou irreais: *Se eu tivesse asas* e as condicionais eventuais: *Se chover amanhã*. A mesma distinção pode ser apontada para as construções concessivas.

Insistindo na tecla de sempre, lembro que a relevância de se explorar a relação de conjunções, de preposições, de advérbios e respectivas locuções está no trabalho de explicitar os efeitos que o uso desses itens promove no estabelecimento da sequência do texto ou da orientação argumentativa que pretendemos atribuir aos enunciados. Me ocorre reiterar que muito há o que explorar em sala de aula de um curso de línguas, se abrimos os horizontes

para enxergar as categorias do mundo textual. Basta ouvir e ler ao redor e a dificuldade de alguns professores de *não saberem o que ensinar* terá fim.

Uma consideração que me parece pertinente tem a ver com o fato de que os valores semânticos dessas relações (de oposição, de causalidade, de consequência etc.) podem ser expressos por outros recursos que não as expressões conectoras. Por exemplo, uma relação de causa e efeito pode estar significada por um verbo, como 'decorrer', 'resultar', 'provir' etc. Também vale a pena notar as relações semânticas possibilitadas pelas chamadas orações reduzidas.

Vale a pena mais uma observação: evidentemente, a grade de expressões apresentada acima é apenas uma amostra de como se poderia fazer a exploração desse material, destacando, assim, suas funções na estruturação do texto. Ou seja, não se trata de uma enumeração exaustiva; muitas outras expressões ainda poderiam ser citadas.

Além disso, convém notar que uma mesma expressão pode ter valores semânticos diferentes e, assim, preencher uma função de organizador espacial (por exemplo: primeiramente), ou uma outra de enumeração ou de indicação de relevância (pensemos na fluidez semântica dos conectivos 'e' ou 'mas', só para citar esses dois).

Na verdade, também as expressões conectoras são polissêmicas, até mesmo porque podem ocorrer associações entre seus sentidos, como acontece, por exemplo, entre algumas temporais e as condicionais[21], as causais e as temporais etc. Neste último caso, a associação é inteiramente justificável, pois a causa é sempre anterior à consequência. Também merece notar que, por vezes, as conexões entre segmentos do texto, como períodos ou parágrafos, se fazem sem o concurso de conectores explícitos; são junções sem marcas, que mobilizam outros recursos para dar conta dessas conexões.

[21] Neves (2000: 799) apresenta exemplos dessas associações, tais como: "Essa é a história de um soldado que se sentia em casa somente quando vadiava pela cidade."

Ter em conta a possibilidade dessas associações é útil porque, assim, podemos sair daqueles esquemas rígidos e infalíveis com que as conjunções são classificadas desde há séculos.

O que não se pode perder de vista é a imensa significação que essas expressões desempenham no curso de uma interação. Afinal, as palavras não têm apenas um significado descritivo. Elas assumem no percurso do texto um outro valor, pelo fato de poderem servir de apoio a uma determinada intenção argumentativa. Para ilustrar esse ponto, posso dar um exemplo: há dias, na porta de um teatro, um vendedor nos oferecia bombons, chicletes e outras coisinhas doces e finalizava sua oferta com a informação: "O show dura duas horas". Pensei: ele não está apenas nos informando a duração do show. Está, com essa afirmação, argumentando a favor da conveniência de comprarmos os bombons, embora de uma forma sutil, à espera de que captemos o teor argumentativo de sua informação: 'se o show dura tanto tempo, vocês devem ter à mão algum docinho'.

Em suma, no âmbito do discurso é que as palavras cumprem, integralmente, sua função de significar, de mediar a comunicação entre dois ou mais interlocutores. Fora disso, o trabalho com a linguagem se reduz a uma especulação que corre o risco de se tornar simplista, falseada e ineficaz.

Não percamos tempo. Não podemos.

No capítulo seguinte, vamos empreender a análise de alguns textos, centrando-nos nesses aspectos de sua construção.

Capítulo 7

Práticas de análises de textos quanto a aspectos de sua construção

Com base nos fundamentos teóricos que abordamos no capítulo anterior, vamos empreender agora atividades de análise de textos, na perspectiva dos recursos e dos aspectos que foram relevantes para sua construção.

É importante frisar que seria impossível *dar conta de todos os recursos*. Na verdade, *esses são quase inumeráveis*. Vamos, assim, conceder prioridade àqueles que assumem, em cada texto escolhido para análise, uma função mais saliente, no sentido de *fazer subir as paredes de sua sustentação*, como disse no início do capítulo anterior.

Apesar de nos fixarmos em pontos locais dessa sustentação, não vamos perder de vista a totalidade do texto, sua unidade semântica e pragmática; ou seja, não vamos perder de vista a atividade de linguagem que ocorre sob a mediação do texto que analisamos.

Não separamos, assim, o linguístico — quer na sua dimensão gramatical quer na sua dimensão lexical — dos outros constituintes do ato verbal. Temos em mente que, pela linguagem, o fundamental é a interação que se produz entre dois ou mais interlocutores, numa situação social de mútua cooperação, para que a

expressão de um sentido e de uma intenção[1] aconteça com sucesso.

A seguir, tomamos outra vez como base de nossa análise a fábula de Rubem Alves, detendo-nos agora em questões de sua construção.

[1] Tenho insistido em pontuar que a linguagem não é apenas a expressão de um sentido. Quer dizer, a compreensão de um texto não se esgota na identificação apenas de seus conteúdos. É preciso ir além, para reconhecer também *a intenção, o propósito comunicativo* com que esse sentido é expresso. Habitualmente, os objetivos das atividades de compreensão de texto têm-se concentrado em descobrir "o que o autor disse"; "qual a sua mensagem". Convém analisar *por que* ou *com que pretensão o autor disse o que disse*. Apoiado no sentido do que dizemos, estão *as intenções*. É aí que mora o perigo...

7.1 Análise da fábula "Os urubus e os sabiás"

OS URUBUS E OS SABIÁS

Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... Os urubus, aves por natureza becadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza, eles haveriam de se tornar grandes cantores.

E para isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-lá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão de mandar nos outros.

Foi assim que eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamavam por Vossa Excelência.

Tudo ia muito bem até que a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás.

Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.

— Onde estão os documentos dos seus concursos?

E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente...

— Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

E os urubus, em unissono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...

MORAL: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá.

(Rubem Alves, *Estórias de quem gosta de escrever*, Cortez Editora: São Paulo, 1984, pp. 61-62).

Como referi no capítulo anterior, diante da evidente dificuldade de se esgotar a totalidade dos elementos analisáveis, vamos fixar-nos naqueles que mais diretamente estão vinculados à sua coesão e à sua coerência.

A seleção vocabular como recurso da coesão do texto "Os urubus e os sabiás"

(a) Observemos a concentração de itens lexicais vinculados aos mundos em que o texto nos coloca:

- o mundo do acontecimento narrado: *Tudo aconteceu numa terra distante (cenário), no tempo em que... Tudo ia muito bem até que... (localização temporal);*
- o mundo da ficção: *bichos falantes, urubus cantores, urubus professores, aves perplexas, aves que decidem, que expulsam...*
- o mundo das aves: *floresta, aves, urubus, bandos, passarinhos, sabiás, pintassilgos, canários, bico...*
- o mundo da música: *canto, cantor, gargarejar dó-ré-mi-lá, tagarela, serenata...*
- o mundo da atuação pedagógica: *escola, professores, instrutor, tornar-se, concurso, competições, documento, diploma, titulação, convocar, inquérito, carreira, hierarquia, titular, expulsar...*
- o mundo da intransigência e da arrogância da burocracia: *mesmo contra a natureza, nomes pomposos, respeitável urubu titular, desrespeito, Vossa Excelência, ordem, em unissono, rancor, convocar, hierarquia, inquérito, alvarás...*

(b) Como se pode observar, a seleção vocabular feita para o texto já funciona como *um dos recursos de sua coesão e de sua coerência*, pois cada

núcleo de itens é convergente e sustenta uma perspectiva de continuidade. Além disso, os vários núcleos interagem (*os urubus queriam ser como as outras aves; a escola era de canto; os urubus rejeitavam a competência inata das aves cantoras; os urubus as proibiram de cantar sem o diploma dado pelas escolas etc.*). Essa interação dos vários núcleos temáticos do texto constitui uma condição de sua *unidade global*. Isto é, esses núcleos em interação compõem um quadro de referência, onde as coisas se articulam, convergem entre si e ganham coerência. Em suma, pode-se perceber não apenas os lugares do mundo sociocultural para onde o texto nos remete (os 'espaços naturais, espontâneos' e os 'espaços institucionalizados artificiais e arrogantes'), como ainda a interação pretendida para esses vários lugares (os urubus querem ser como os passarinhos); institucionalizar essa pretensão é o recurso de que se valem os urubus, mesmo aleatoriamente; ficam interdependentes, assim, os lugares de quem tem o poder e os lugares de quem deve obedecer.

(c) Se o que pretendemos é entender cada vez mais como se dá a construção de um texto, podemos concluir que uma exploração vocabular dessa ordem é mais relevante do que simplesmente apresentar o significado de palavras supostamente desconhecidas, ou exercitar, em frases, a sua substituição por outras sinônimas ou antônimas. Nesses tipos de exercício, o mal é que não se pode perceber como *a simples escolha das palavras já representa um recurso da coesão e da coerência do texto*. Quer dizer, o que vale ressaltar é que a escolha de cada palavra está presa a uma razão de ordem maior, a uma razão de ordem textual: *garantir a sua convergência semântica, a sua unidade*. Insisto: não se pode perceber essa regularidade pela produção ou análise de frases soltas.

(d) Convém observar ainda que não é a unidade lexical isolada que garante a coerência do texto, mas a convergência de contextos em que um determinado objeto de referência se apresenta. Por exemplo, não é, simplesmente, a repetição da palavra 'urubu' que garante unidade, mas a permanência, a constância das atitudes atribuídas no texto a esse 'objeto do discurso' ou, noutras palavras, a essa classe de personagem: querem tornar-se cantores, decidem (mesmo contra a natureza), querem ter nomes pomposos, entortam o bico, encrespam a testa, convocam os passarinhos, impõem condições, conseguem unanimidade, expulsam as aves que cantam sem alvarás. Ou seja, a seleção lexical vai sustentando uma imagem de 'urubus' sedentos de poder, arrogantes, prepotentes e dominadores; (examinemos os sentidos dos verbos em: *E para isto fundaram escolas e importaram professores, (..) mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições (...) organizaram concursos e se deram nomes pomposos*... A seleção de verbos desse trecho, é claro, remete para agentes munidos de autoridade, pertencentes a um lugar de mando e de decisões. Essa coerência na representação da figura do urubu é sustentada também pela oposição com o outro grupo de personagens: os passarinhos ou as outras aves que, *tagarelas, brincavam e faziam serenatas*, cumprindo as determinações que lhes foram outorgadas pela natureza. Não pretendem tornar-se outra coisa: *porque o canto nascera com elas, nem pretendem provar que sabiam cantar, pois cantavam, simplesmente*...

(e) Só em análises dessa natureza, volto a dizer, se pode entender como o *léxico constitui um recurso da construção do texto*. Um recurso não apenas em relação aos sentidos expressos, mas, sobretudo, na direção das relações criadas, para que se garanta a totalidade em vias de ser conseguida. Reparemos que a arrogância dos urubus, no seu empenho por manter a burocracia, é reiterada, do princípio ao fim (*aves becadas* [as becas, em nossa cultura, estão ligadas a contextos de poder], *decidiram* [quem pode decidir?], *mesmo contra a natureza, rancor, encrespar a testa, titulação devida, decidir em uníssono, expulsar, mandar nos outros...*) e é posta em oposição à serenidade do mundo natural dos passarinhos.

(f) Podemos perceber ainda o quanto uma análise dessa natureza mobiliza nosso conhecimento de mundo ou traz à tona os esquemas culturais — e seus valores simbólicos — que predominam em nossa realidade. Reparemos na intenção do autor de questionar a inconsistência de certas medidas institucionais, o que está, metaforicamente, representado pelo conjunto de decisões tomadas pelos urubus *mesmo contra a natureza*: tudo isso expresso por palavras que se ajustam a conjuntos semanticamente afins — em ordem a uma macrounidade.

(g) Uma análise assim como esta é consistente ainda pelo fato de se apoiar no texto, nos sinais de sua superfície — que são as palavras que o constituem e as relações por elas expressas. Na verdade, dessa forma, estamos tentando *ver* como o texto foi-se fazendo, como as palavras foram promovendo a construção de uma unidade. Do lado do leitor, fica evidente a trilha que precisa ser feita para o êxito na compreensão do que é dito.

Quanto à natureza dos nexos coesivos

Lembramos que esses nexos, tal como foi apresentado no capítulo 6, podem ser *nexos de equivalência, nexos de contiguidade, nexos de associação e nexos de conexão ou sequenciação.* Vejamos como esses nexos se constituíram no texto em análise. No momento, fixo-me nos três primeiros, pois os nexos de conexão e sequenciação serão analisados, no tópico seguinte, quando nos ocuparmos dos recursos gramaticais.

(a) *Os nexos de equivalência* — no âmbito da referenciação — ocorreram cada vez que o mesmo objeto de discurso voltou a ser referido. Por exemplo:

- urubus → eles;
- urubus → si *(fizeram competições entre si);*
- urubus → urubus;
- urubus → os velhos urubus;
- pintassilgos, canários e sabiás → as pobres aves;
- pintassilgos, canários e sabiás → os passarinhos;
- as pobres aves → elas[2].
- O recurso à elipse também pode implicar um nexo de equivalência referencial, uma vez que é possível resgatar, na procura pelo sujeito de cada verbo, a retomada à referência anterior, como no trecho: *E para isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão de mandar nos outros.* O mesmo recurso da elipse, numa situação de equivalência referencial, pode ser visto no trecho: *E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente*[3]...

[2] Vale salientar que outros nexos de equivalência podem ser encontrados no texto em análise. Furtamo-nos a enumerá-los exaustivamente para não alongar em demasia o procedimento de análise. Mas, na sala de aula, uma análise exaustiva pode acontecer sem problema.

[3] Observemos que o que está em jogo aqui não é simplesmente identificar as ocorrências de elipse, numa atitude de mera procura por fatos do mundo sintático. O que está em jogo é reconhecer em que contextos a mesma referência voltou a ocorrer, para assim se poder recuperar a continuidade referencial do texto, que é condição de sua coerência. Volto a insistir: *o que importa não é reconhecer um fato gramatical, simplesmente; o que importa é avaliar o concurso desse fato gramatical para a construção da coesão e da coerência do texto.*

(b) *Os nexos de contiguidade* ocorreram quando a mesma classe de objetos foi referida, mas não o mesmo membro dessa classe. Por exemplo, entre a referência a 'urubus' e a outra a 'cada urubuzinho' não há equivalência referencial: trata-se de duas unidades diferentes do mesmo conjunto de objetos. Ou seja, não há equivalência, mas há contiguidade referencial, pois, como disse, trata-se da mesma classe de membros. De qualquer forma, vale salientar que pela contiguidade referencial, se está assegurando também a continuidade que a construção do texto requisita.

(c) *Os nexos de associação* são os mais frequentes em todo tipo de texto, como decorrência da exigência de continuidade da própria coerência ou como forma de assegurar a inexistência de rupturas ou descontinuidades. Todo texto supõe um fio, que não se pode partir... Assim, as referências, as predicações, os atributos, as relações vão se associando e criando uma rede de aproximações. Como já mostrei, existe uma associação clara entre 'urubus' e 'aves'; entre 'aves *becadas*' e 'interesse pelo *poder*'; entre 'escola' e 'professor'; entre 'canários, sabiás' e 'canto'; entre 'interesse pelo poder' e 'exigência de concursos, de diplomas, de alvarás' etc. Ou seja, numa olhada mais cuidadosa podemos perceber que *nada no texto está dito por acaso;* ou *nada está solto; tudo está em interdependência.* Nas frases isoladas, a unidade requisitada é apenas aquela restrita a seu interior. No texto, a primeira frase se articula com a segunda; a segunda com a terceira...; todas se articulam entre si, e nada pode ser dito sem o apoio do contexto precedente ou subsequente. Mas *a gente só enxerga isso quando se lança na escrita e na análise de textos!*

Ainda a propósito de nexos de equivalência referencial, vejamos o seguinte fragmento de texto:

O Imperador D. Pedro II sempre se empenhou em mudar a imagem externa do Brasil e em transmitir seu (1) "verdadeiro" aspecto civilizado. Ele (2) visitou pessoalmente a Exposição Universal da Filadélfia (1876). Lá (3) teria conhecido Alexander Graham Bell, que (4) lhe (5) apresentou sua (6) mais nova invenção, o telefone. Ao testá-lo, (7) o Imperador (8) teria dito ao inventor americano (9) que, (10) estando disponível no mercado, o Brasil seria o seu (11) primeiro comprador.

(*Folha de S.Paulo*, Mais, 19/11/2000).

De saída, podemos dizer que esse fragmento apresenta uma grande *densidade* coesiva, pois, apenas no âmbito da continuidade referencial, se veem onze nexos. Alguns comentários acerca desses nexos podem ser relevantes; vejamos:

- Em (1), o pronome 'seu' poderia implicar ambiguidade: 'o aspecto verdadeiramente civilizado' era do Brasil ou do Imperador? Formalmente, o pronome poderia retomar um ou outro antecedente; a dúvida se desfaz quando apelamos, primeiramente, para a proximidade entre a referência a Brasil e o pronome e, em segundo, quando consideramos a imprevisibilidade de alguém "se empenhar em transmitir seu verdadeiro aspecto civilizado". Pelo menos nesse contexto, essa interpretação não seria muito provável;
- em (2), *(Ele (2) visitou...)*, não há dúvida de que o pronome retoma a referência a 'O imperador'; o único referente possível no contexto anterior ('Brasil') não era coerente com o núcleo do predicado ('visitou'), que, no contexto 'visitar pessoalmente', exigia a referência a um agente humano;
- em (3), é facilmente identificada a retomada de uma localização espacial *(Exposição Universal da Filadélfia →Lá)*;
- em que *(4)* lhe *(5) apresentou* sua *mais nova invenção*(6), se identificam facilmente os referentes dos pronomes, o que supõe a consideração não apenas dos pronomes mas também das predicações em que eles aparecem; por exemplo, a ciência de que 'a mais nova invenção' não era do Imperador permite que se identifique os referentes do 'que', do 'lhe' e do 'sua' → *Alexander Graham Bell;*
- em (7), 'ao testá-lo', tanto a proximidade em relação ao objeto de referência ('telefone') quanto o nosso conhecimento de mundo nos levam a reconhecer o antecedente do pronome e a estabelecer a continuidade requerida para o enunciado;
- em (8), (*o Imperador*), o nexo é dado pela repetição literal da palavra; nesse caso, esse recurso é o mais indicado, pois, nos segmentos anteriores, havia um outro possível referente para o pronome (Alexander Graham Bell), além de a primeira referência ao Imperador estar um tanto distante e terem ocorrido outras retomadas pronominais antes;
- em (9), *o inventor americano*, verificamos a substituição da referência a Alexander Graham Bell por uma expressão que, nesse contexto, o caracteriza (*o inventor americano*); a conveniência de um procedimento como esse não é, simplesmente, evitar a repetição de uma palavra, é possibilitar o acréscimo de uma informação que torna o texto mais informativo e relevante;
- em (10), podemos ver que o termo elíptico aí é 'o telefone', uma vez que não teria coerência aceitar, como 'algo disponível no mercado', outro objeto senão o telefone ('o Imperador', 'Alexander Graham Bell'? Não teria sentido); podemos ver, por esse viés, como é significativa a interpretação que se apoia também em nosso conhecimento de mundo e não apenas nos aspectos formais do enunciado;
- em (11), igualmente, é clara a conveniência de se apelar para a coerência do que é dito: nesse contexto, o telefone é o único objeto comprável; só nesse sentido se pode estabelecer um nexo aceitável.

A análise que empreendo a partir desse fragmento revela:

(a) a função coesiva que os pronomes e outras expressões referenciais assumem na construção de um texto;

(b) a necessidade de se extrapolar o formal, ou a mera expressão linguística, para se recuperar a legitimidade de um nexo;

(c) o predomínio da coerência na procura interpretativa de qualquer nexo.

Isto é, se empreendemos a atividade de estabelecer os nexos em um texto, é porque alimentamos a hipótese de que existe *um sentido pretendido* que justifica a ligação de dois ou mais elementos. A gramática representa *um dos* componentes desse sentido. Atenção: apenas UM dos componentes. Existem OUTROS, que não podem ser perdidos de vista!

Até aqui analisamos os nexos que se construíram no âmbito da referenciação atualizada, o que implica uma concentração no levantamento de expressões nominais (com substantivos ou pronomes como núcleos). Vale salientar, no entanto, que pode ocorrer uma equivalência de sentido entre duas expressões com valor de adjetivo ou entre duas predicações, por exemplo, o que estaria fora do âmbito referencial, mas não deixaria de constituir um nexo coesivo. Podíamos lembrar a contiguidade de sentido entre os atos de 'encrespar a testa' e 'entortar o bico' ou entre 'a quebra da tranquilidade dos urubus' e 'a tagarelice dos passarinhos que brincavam e faziam serenatas'. É muito significativa também a associação entre as diferentes atribuições de sentido, como já temos sublinhado. Examinemos, por exemplo, a proximidade semântica entre as predicações 'fundar escolas de canto' e 'importar professores, gargarejar dó-ré-mi-fá, imprimir diplomas, fazer competições' etc. Ou seja, a continuidade que promove a coerência não se funda apenas no âmbito das referências que são feitas. Ela se estende a todas as dimensões do texto e alcança também o âmbito da atribuição e da predicação (o que envolve as expressões predicativas e os predicados verbais)[4].

[4] Sou testemunha da dificuldade dos professores para tratar das questões gramaticais no ensino da língua. É que a tradição lhes proporcionou o estudo de uma gramática à parte, fora do texto. Estamos vendo, pelas análises feitas, que toda a gramática ocorre nos textos. E é, aí, no texto, que podemos ver como essa gramática se efetiva e *que funções* discursivas cada uma de suas ocorrências cumpre. O que importa não é avaliar os valores das unidades isoladas; mas como essas unidades cumprem no texto as funções de assegurar a expressão de *um sentido* e de *uma intenção*, o que exige *coesão e coerência*. O caminho não é estudar gramática, isoladamente. O caminho é ver como a gramática possibilita em textos o cumprimento das funções comunicativas.

Quanto aos recursos coesivos utilizados

A análise que fizemos até este ponto compreendeu os tipos de nexos coesivos estabelecidos no texto: nexos de equivalência, de contiguidade, de associação. O estabelecimento desses nexos envolve a utilização de diferentes *recursos*, pelos quais a pretendida ligação entre dois pontos se efetiva. Lembramos que se situam entre esses recursos a repetição de uma palavra, a associação semântica entre elas, sua substituição por outra equivalente, a paráfrase, o paralelismo de estruturas, o uso de expressões conectoras e sequenciadoras.

Assim, no texto em análise, como amostra desses recursos, merece observar:

- a repetição das palavras 'floresta'; 'urubu'; 'ave'; 'passarinho'; 'sabiá'; 'canto', 'cantar'; 'escola', 'concurso'; 'diploma'; reparemos que a reiteração na escolha dessas palavras já é indício dos núcleos temáticos do texto; portanto, a repetição de cada uma funciona como marca *de que os tópicos centrais do texto se mantêm*;
- a substituição de uma palavra por outra equivalente, como aconteceu no nexo entre 'pintassilgos, canários e sabiás' e '*as pobres aves*'; entre 'documentos de seus concursos' e 'tais coisas' (substituições pelo uso de um hiperônimo); entre 'pintassilgos, canários e sabiás' e '*elas*'; entre 'os velhos urubus' e 'eles' (substituições por pronomes); merece destacar o uso do pronome 'Tudo', no início do texto (Tudo aconteceu...), numa espécie de anúncio de tudo que vai ser narrado (uma substituição de natureza catafórica, que aponta para os trechos seguintes) e, contrariamente, o uso do pronome 'Tudo', no meio do texto (Tudo ia muito bem), que resume a narração feita até esse ponto (uma substituição, portanto, de natureza anafórica, que retoma partes anteriores); reparemos ainda no uso do demonstrativo 'isto' no seguinte trecho: [Os urubus] *decidiram que (...) haveriam de se tornar grandes cantores. E para* isto...; vale identificar aí outro nexo coesivo, que tem como antecedente uma predicação inteira e como termo de retomada um pronome demonstrativo[5];
- merece observar ainda a função coesiva do termo 'assim', no trecho em que os passarinhos declaram que *nunca*

[5] Insisto na relevância de análises que dão conta dessas operações textuais de promover as ligações, a continuidade e a unidade do texto. Representa muito pouco se restringir à identificação da classe de palavra a que pertence o termo 'isto', por exemplo. É pronome demonstrativo, e daí? Que funções tem? Para que serve nos textos que fazemos e recebemos? Como podemos empregá-lo bem? Que consequências teria em empregá-lo inadequadamente?

apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, e os urubus respondem que assim *não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem*; vejamos que o termo 'assim' tanto retoma a predicação anterior como pode ser projetado para a afirmação seguinte; em um outro trecho: *Foi* assim *que eles organizaram concursos*, o termo 'assim' também retoma toda a predicação do parágrafo anterior;

- um outro recurso coesivo presente no texto em análise é o uso de estruturas paralelas, ou do paralelismo, como se costuma chamar, um expediente que cria uma espécie de reiteração, provocada pela similaridade expressa na seleção das formas sintáticas; vejamos o paralelismo sintático-semântico conseguido no seguinte trecho: [os urubus] fundaram *escolas e* importaram *professores*, gargarejaram *dó-ré-mi-fá*, mandaram *imprimir diplomas, e* fizeram *competições* (todos os verbos estão no mesmo tempo e modo, adotam a mesma regência e todos têm como complemento a mesma classe de palavras; igual recurso ocorre em relação a outros trechos (por exemplo, *a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus* foi estremecida. *A floresta* foi invadida; *bandos de pintassilgos (...)* brincavam *com os canários e* faziam *serenatas com os sabiás*); como se pode perceber, essa coincidência de determinados fatos gramaticais constitui um recurso da reiteração exigida pela coesão e pela coerência do texto.

Quanto aos recursos de conexão sintático-semântica

A primeira observação que podemos fazer incide sobre o número de ocorrência da conjunção aditiva 'e' (11 vezes), propiciada pelo caráter narrativo do texto, no qual as referências aos fatos vão-se somando na sequência e na continuidade do texto. Além desse tipo de conector, podemos apontar:

- o uso de expressões que cumprem a função de indicar a delimitação do espaço onde os fatos ocorrem; assim, os segmentos *numa terra distante* e *Em terra de urubus diplomados*, fica delimitado para o leitor o espaço em que as afirmações seguintes valem; da mesma forma, o segmento *no tempo em que os bichos falavam* também funciona como um delimitador, agora temporal, dos fatos narrados; ou seja, a validade desses fatos é demarcada por esses limites de espaço e tempo; em *Tudo ia muito bem* até que..., a expressão sublinhada também tem um valor temporal: o valor de um *tempo terminal* (até que, até quando), o que representa para o leitor uma pista de que vai ter início uma situação nova;
- em: *aves por natureza becadas,* mas *sem grandes dotes para o canto*, o conectivo sublinhado expressa uma oposição: as aves tinham poder (simbolizado pelo uso da beca); não tinham o dote do canto;
- em *decidiram que,* mesmo contra a natureza, *eles haveriam de se tornar grandes cantores* é expresso, ao mesmo tempo, um sentido de oposição e de concessão; ou seja, *tornar-se grandes cantores* era uma pretensão que *contrariava* a natureza dos urubus (sentido de oposição), o que não impediu a tentativa de se conseguir (sentido de concessão); quer dizer, no nexo que comumente chamamos de concessivo, subjaz também um valor semântico de oposição; a concessão deriva exatamente da desconsideração a essa oposição estabelecida; além disso, a concessão implica uma orientação argumentativa favorável ao objeto da declaração: *os urubus, ainda que contrariando a natureza, realizaram seu projeto*[6];
- em: para *ver quais deles seriam*, a palavra sublinhada inicia um segmento em que se declara a finalidade ou o objetivo atribuído aos termos do enunciado anterior; essa finalidade poderia ser expressa por meio de outras

[6] Vale a pena ressaltar esse valor de oposição presente nas concessivas, comumente vistas, nos livros de gramática, bem distintas (e distantes) das adversativas e de todas as locuções que exprimem sentido contrário.

expressões como: a fim de, com o fim de, com a finalidade de, com o objetivo de, com a pretensão de etc.

- em: *E as pobres aves se olharam perplexas,* porque *nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse*, a conjunção sublinhada expressa um sentido de *causa* em relação ao segmento anterior do enunciado, que é, assim, a sua consequência[7].

[7] Pode-se explorar outras expressões que têm o mesmo valor de causalidade, inclusivamente, o uso de verbos que implicam esse valor, como os verbos *provocar, resultar, causar, produzir* etc.

Uma última observação pode ser feita em relação às intenções pretendidas para esse texto. Embora ele tenha as determinações tipológicas próprias de uma narrativa, o que sobressai em suas linhas é um claro propósito de denúncia, de crítica a uma situação comum no mundo das avaliações institucionais, no cálculo dos valores das qualificações profissionais, contrariando, por vezes, poderes e capacidades decorrentes da própria condição natural de sermos o que somos. Na verdade, a historinha criada quer promover a reflexão sobre a artificialidade e a ilegitimidade da atribuição de valores às pessoas com base, simplesmente, em elementos externos à sua condição de existir como humanos.

7.1.1. Observações sobre o estudo da gramática em relação à fabula "Os urubus e os sabiás"

Como se pode ver na seção precedente, muitos dos fatos gramaticais presentes no texto em análise foram objeto de comentários, sobretudo aqueles mais diretamente ligados à coesão. Voltar a comentá-los aqui me parece pouco relevante.

Ocorreu-me, em vez disso, fazer com os professores algumas reflexões a partir das quais eles podem criar suas experiências de análises e de estudo das questões gramaticais. Vamos lá.

Uma primeira reflexão — bem geral — me parece muito importante e tem a ver com *o que ensinar*: *não devem ser os programas de gramática que vão ditar o que estudar e o que analisar nos textos*. Essa opção implica um movimento que vai da gramática ao texto. O caminho deve ser o inverso: *do texto à gramática*.

Mais especificamente, das ações de linguagem — concretizadas em gêneros textuais — às regularidades gramaticais. Por essa ótica, as questões selecionadas nos programas devem ser *questões do texto*; a partir delas é que se deve fazer a programação com vistas a explicitar, sistematizar, ampliar os conteúdos gramaticais implicados na construção e na compreensão desses textos em estudo.

Por exemplo, se o que está programado é o estudo de gêneros do tipo narrativo, será pertinente explorar os fatos gramaticais implicados na descrição de cenários, os recursos referenciais para apresentação e retomada das personagens, as diferentes funções dos tempos e modos verbais, certas locuções (de qualquer natureza) que indicam sequência de fatos, ou sucessão de episódios, as diferenças entre a sintaxe do discurso direto e a do discurso indireto, para citar apenas estes itens. Se o que está programado é o estudo de um gênero do tipo injuntivo (como as instruções de uso de um aparelho, por exemplo), será pertinente estudar o modo imperativo dos verbos, as características gramaticais de uma formulação centrada numa sequência de procedimentos objetivos. Se se trata, ainda, de um texto expositivo, sob a voz de um enunciador impessoal, pode-se explorar os modos de deixar a enunciação acima de qualquer circunstância de lugar e tempo ou, ainda, os recursos de generalização e de indeterminação do sujeito, caso isso convenha ao teor global do texto.

Isto é, a explicitação da gramática vai chegando quando a construção do texto vai exigindo. Dessa forma, vê-se a gramática como, de fato, *não tendo finalidade em si mesma*. Vai-se à gramática para explicitar melhor como se deve usar, nos textos que fazemos e recebemos, essa ou aquela categoria gramatical em vistas aos efeitos de sentido que se pretende obter.

Nessa perspectiva, a gramática sai do foco. É *o texto que assume esse lugar*. A primazia será a exploração das estratégias e dos recursos (gramaticais e não gramaticais) que podemos utilizar nas mais variadas circunstâncias de nossas interações sociais. A primazia será explicitar os modos de se conseguir que um conjunto de palavras funcione como um texto, como uma ação

relevante de linguagem, em função de um determinado propósito comunicativo, em um determinado contexto social.

Em suma, *explicitação e análise das categorias gramaticais, dentro de um parâmetro de utilidade; ou seja, para que possamos nos comunicar melhor.*

7.2 Análise do texto expositivo "Quinhentos anos de história linguística"

QUINHENTOS ANOS DE HISTÓRIA LINGUÍSTICA

Ao longo de 500 anos de ***história***, a situação linguística do Brasil foi supercomplexa, pela presença das línguas indígenas (desde sempre), do português dos colonizadores, das línguas faladas pelos escravos africanos (a partir de 1532) e, depois, das línguas **europeias e asiáticas** faladas pelos **imigrantes**. No processo de implantação do português no continente sul-americano, encontramos praticamente todas as situações de contato linguístico possíveis. Ou seja, a ***história*** da implantação do português no Brasil foi uma ***história*** de multilinguismo.

Por ocasião do descobrimento, dizem os especialistas, vivia no Brasil uma ***população nativa*** estimada em seis milhões de indígenas. Sempre segundo os especialistas, esses indígenas falavam cerca de 340 línguas que eram obviamente não indo-europeias e pertenciam a troncos linguísticos muito diferentes entre si. Portanto, o multilinguismo já existia no continente sul-americano, antes da colonização portuguesa. Os portugueses precisaram aprender e usar essas línguas indígenas por razões de sobrevivência e para impor seu domínio ***aos nativos***. Por sua vez, o tráfico de escravos, que termina oficialmente em 1850, mas que na prática durou até o final do século XIX, trouxe para o Brasil alguns milhões de africanos, falantes de línguas pertencentes ao tronco niger-congo. Por muito tempo, o elemento indígena foi predominante na população rural, e o elemento negro na população dos centros urbanos. Para complicar o quadro, lembre-se de que os portugueses não foram os únicos **europeus** que tentaram estabelecer colônias no atual território brasileiro; por períodos mais ou menos extensos, os franceses estiveram no Rio de Janeiro e no Maranhão, os holandeses, no Recife, e os espanhóis, no imenso território, hoje brasileiro, que fica a leste do meridiano de Tordesilhas. (...) A partir do século XIX, preocupadas em "branquear" a população brasileira e em substituir a mão-de-obra escrava, as elites do país começaram a lançar projetos de colonização, destinados a atrair **imigrantes europeus e asiáticos**.

Diante de tudo isso, fica evidente que, desde 1500 até o final do Império, o Brasil foi um espaço multilingue e um enorme laboratório linguístico.

(Rodolfo Ilari, Renato Basso. *O Português da gente* — a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 60-61. Adaptado).

Quanto à seleção vocabular como elemento da coesão do texto

Mesmo numa primeira leitura, já é possível perceber, entre os dois últimos textos, grandes diferenças, em relação à construção e às estratégias de sequenciação e de constituição da unidade requerida. Tais diferenças têm a ver, antes de tudo, com determinações do tipo e do gênero dos dois textos: um narrativo, do gênero fábula; o outro, expositivo, do gênero 'lição didática', 'trecho de um livro de divulgação científica'. Uma das diferenças flagrantes é o número bem reduzido de retomadas pronominais no segundo texto. No entanto, são evidentes também as marcas lexicais de uma densa concentração temática, como passamos a considerar em seguida.

Para a análise deste texto, me ocorreu pôr em destaque termos que se repetiam. Dá para perceber, então, que determinados termos reincidem numa frequência maior, como 'língua', 'português', 'Brasil' (e derivados), e, em menor número, 'indígena', 'escravo', 'colonização'; na verdade, uma seleção de termos que já aponta para uma unidade temática relacionada à história da língua portuguesa no Brasil. O número de ocorrência do vocábulo 'língua' e derivados é uma pista confiável de que, por esse campo, transita o desenvolvimento do tema central do texto.

Podemos confirmar, assim, um dos princípios que regem a construção coerente de um texto: as *palavras selecionadas devem guardar entre si contiguidade semântica*. Umas, mais que outras,

constituem centro desse núcleo temático (por isso mesmo aparecem mais vezes). Outras, se ficam nas adjacências, nem por isso deixam de ter algum tipo de vinculação com, pelo menos, uma outra presente no texto.

Observemos, por exemplo, a associação implicada nas expressões 'população rural' e 'população dos centros urbanos' com a reiterada referência à 'população brasileira', também referida como 'população nativa' ou 'nativos'. Da mesma forma, podíamos reconhecer a associação entre a referência a 'colonização' e as outras a 'escravos' e a 'indígenas', uma associação que se deve mais ao nosso conhecimento da história do que ao nosso conhecimento linguístico. Igualmente, a referência a 'imigrantes europeus' dá acesso a que se fale na presença de 'portugueses', 'franceses', 'holandeses', 'espanhóis' no território brasileiro, o que, em cadeia, já conduz à referência a 'o continente sul-americano'. A alusão ao projeto de "branquear" o Brasil reitera, por oposição, as referências ao *elemento* ***negro*** presente no Brasil pela presença de *alguns milhões de africanos*[8].

[8] Pode ser útil, nesse momento, chamar a atenção para aquilo que é "fora do normal" em um texto. Ou seja, vejamos que, em um texto como o que estamos analisando, não achamos muito provável que apareçam palavras como: 'estrelas', 'penitência', 'metrô', 'concessionária', 'energia' etc. O núcleo temático do texto não leva a associações com os domínios onde essas palavras se inscrevem.

O termo 'multilinguismo', não por pura coincidência, está presente no primeiro e no último parágrafos, sinalizando que o tema perpassa exaustivamente o texto. As várias alusões a datas também constituem um sinal da convergência temática do texto, no que se refere à sua localização temporal: *Ao longo de 500 anos de* ***história;*** *(a partir de 1532); A partir do século XIX; oficialmente em 1850; até o final do século XIX; desde 1500 até o final do Império.* Essas alusões já corroboram a particularidade de que o texto aborda aspectos da *história do Brasil.*

Por sua vez, definir a situação linguística do Brasil como *supercomplexa* ganha respaldo na declaração posterior do '*multilinguismo*' (não por acaso, as duas palavras são formadas com prefixos que se aproximam semanticamente — *super, multi).* O conceito de multilinguismo é reiterado ainda quando se faz referência a *troncos linguísticos muito diferentes entre si.* Ou seja, *as palavras vão acontecendo na dependência de outras, atadas a outras, em vista a uma unidade semântico-pragmática esperada*[9].

[9] Por isso é que – insisto – fazer o levantamento das palavras de um texto, para reconhecer, pura e simplesmente, a que classe gramatical elas pertencem, é deixar de perceber os laços que elas criam no texto e a coerência que disso resulta.

Merece destacar o fragmento 'DIANTE DE TUDO ISSO', que aparece no final do texto e que tem, evidentemente, uma função de *retomada resumitiva*; o pronome indefinido 'isso' presta-se muito bem a essa função.

Como tenho insistido, resulta artificial separar o lexical do gramatical, até porque certos valores semânticos expressos se devem, ao mesmo tempo, à gramática e ao léxico. Na verdade, ambos estão a serviço dos sentidos e dos propósitos comunicativos do texto e, assim, tomam a mesma direção semântico-pragmática esperada. Reparemos, por exemplo, na coerência lexical entre as alusões à *história da colonização brasileira* e o fragmento 'Por ocasião do *descobrimento*', um fragmento que poderia ser enquadrado, também, no âmbito da conexão temporal, um contexto mais comumente visto como gramatical.

Mesmo assim, isto é, sem perder de vista essa conjunção entre o lexical e o gramatical, vejamos alguns nexos criados no texto, mais especificamente, no âmbito das relações gramaticais[10].

[10] Vou preferir não seguir rigidamente a ordem em que, no texto anterior, os diferentes aspectos de sua construção foram analisados. Essa preferência aponta para a conveniência de não se fortalecer rotinas rígidas de análise, o que acaba, às vezes, por "engessar" a atividade e criar uma espécie de fórmula mecanicamente repetida. Vou me deixar levar, um pouco, pelo que o texto vai sugerindo, sem deixar, contudo, de considerar os *aspectos de sua construção.*

Quanto à natureza dos nexos estabelecidos

Sumariamente, podemos afirmar que predominam nexos de contiguidade, sobretudo em relação à cadeia de expressões referenciais. Na verdade, as referências aos mesmos objetos não acontecem em grande número, como ocorreu em relação à fábula *Os urubus e os sabiás.* Podemos reconhecer um nexo de

equivalência, por exemplo, nas ocorrências da expressão 'o Brasil', que, por sua vez, aparece, mais no final, substituída por 'o país'. Vale observar que, com a expressão 'o português' (no singular), se está referindo à 'língua'; com a expressão 'os portugueses' (no plural), se está referindo ao 'povo de Portugal'.

Foram mais frequentes os nexos por contiguidade ('*línguas* indígenas' e '*línguas* europeias e asiáticas') e aqueles por associação, como já mostrei no tópico anterior (ver, por exemplo, 'tráfico de escravos' e 'mão de obra escrava'; 'milhões de africanos' e 'elemento negro', para ficar apenas nesses casos).

O que é pertinente, nessas análises, é ressaltar essa proximidade de referência ou de sentido que acontece nos textos coesos e coerentes, seja por identidade, seja por contiguidade ou, apenas, por associação. No texto, as palavras não são autônomas, no sentido de que cada uma se basta. Elas estão *em rede*, uma ligada à outra e às outras. O texto é um grande terreno de grandes vizinhanças. Esse sentido da co-textualização mais ampla perde-se nas atividades de formar frases soltas.

Quanto aos recursos da conexão sintático-semântica

Como já adiantei um pouco no item precedente, ocorrem neste texto muitas expressões de valor temporal — sob a forma sintática de adjuntos adverbiais temporais — o que, como vimos, encontra pleno apoio na temática central desenvolvida, que explora elementos históricos da língua portuguesa no Brasil. Tais adjuntos merecem ser destacados, portanto, pela sua vinculação a aspectos do tema tratado, ou seja, pela coerência que empreendem.

Assim, vejamos:

(a) *Ao longo de 500 anos de* **história** e *Por ocasião do descobrimento* são dois fragmentos com valor *temporal*, que, não por mera coincidência, iniciam o primeiro e o segundo parágrafos, reiterando, assim, a delimitação do tema na direção de suas circunstâncias históricas;

(b) *desde sempre; Por muito tempo; por períodos mais ou menos extensos; A partir do século XIX; desde 1500 até o final do Império* são outros segmentos que reafirmam essa orientação do texto para a dimensão histórica do tema tratado; além disso, cumprem a função de *demarcar um determinado período de tempo* em relação ao qual o tema é pertinente;

(c) no seguinte trecho: *Portanto, o multilinguismo já existia no continente sul-americano antes da colonização portuguesa*, pode-se reconhecer também, pelo termo destacado, uma alusão temporal; uma outra observação pertinente tem a ver com o uso da expressão 'portanto', que se justifica, como conclusão, às afirmações dos segmentos imediatamente anteriores: *vivia no Brasil uma população nativa estimada em seis milhões de indígenas (...) que falavam cerca de 340 línguas (...) pertencentes a troncos linguísticos muito diferentes entre si*;

(d) o segmento *Para complicar o quadro*, sobretudo pelo valor semântico da palavra 'complicar', avança, para o leitor, a expectativa de que outros argumentos, mais sérios ainda, vão ser apresentados;

(e) merece ser observada a correlação semântica entre o fragmento '*A partir* do século XIX' (com destaque para a expressão 'a partir de') e o outro '*começaram a* lançar projetos'; isto é, a expressão 'a partir de' indica o ponto inicial de alguma coisa, o que está em coerência com a construção aspectual seguinte 'começar a'; outra vez, fica evidente, nessas convergências pontuais, a reiteração que dá unidade ao texto;

(f) uma observação semelhante poderia ser feita em relação à correlação entre 'desde 1500 *até* o final do Império' e o tempo verbal no passado em 'o Brasil *foi*'; ou seja, o verbo com valor de tempo concluído (*o Brasil foi*) encontra apoio na expressão 'até', indicadora, por isso mesmo, de um limite, de um tempo final;

(g) pode-se constatar um sentido de causalidade no segmento sublinhado em: *A partir do século XIX, preocupadas em "branquear" a população brasileira e em substituir a mão-de-obra escrava, as elites do país começaram a lançar projetos de colonização;*

(h) o segmento com que o texto finaliza — *DIANTE* DE TUDO ISSO — ao mesmo tempo que retoma e sintetiza o conteúdo dos trechos anteriores (*'tudo isso'*), situa o espaço frente ao qual se pode dizer que *o Brasil foi um espaço multilíngue e um enorme laboratório linguístico.*

Enfim, podemo-nos debruçar sobre o texto e procurar perceber nele todos esses elos, que, lexical ou gramaticalmente,

linguística ou pragmaticamente, o deixam com sentido e capaz de constituir uma interlocução relevante.

A análise desta última seção contém a exploração dos recursos gramaticais mais salientes em função da coesão e da coerência. A partir das categorias analisadas, o professor pode programar a exploração e sistematização de um outro ponto mais pertinente. Pouco a pouco, os alunos vão percebendo que não existe gramática fora do texto.

7.3. Análise da crônica "Nós, os brasileiros"

NÓS, OS BRASILEIROS

1. Uma editora europeia me pede que traduza poemas de autores estrangeiros sobre o Brasil.

2. Como sempre, eles falam da floresta amazônica, uma floresta muito pouco real, aliás. Um bosque poético, com "mulheres de corpos alvíssimos espreitando entre os troncos das árvores e olhos de serpentes hirtas acariciando esses corpos como dedos amorosos". Não faltam flores azuis, rios cristalinos e tigres mágicos.

3. Traduzo os poemas por dever de ofício, mas com uma secreta — e nunca realizada — vontade de inserir ali um grãozinho de realidade.

4. Nas minhas idas (nem tantas) ao Exterior, onde convivi sobretudo com escritores ou professores e estudantes universitários — portanto, gente razoavelmente culta —, fui invariavelmente surpreendida com a profunda ignorância a respeito de quem, como e o que somos.

5. A senhora é brasileira? Comentaram espantados alunos de uma Universidade americana famosa — Mas a senhora é loira!

6. Depois de ler num Congresso de escritores em Amsterdã um trecho de um de meus romances traduzidos em inglês, ouvi de um senhor elegante, dono de um antiquário famoso, que segurou comovido minhas duas mãos:

7. Que maravilha! Nunca imaginei que no Brasil houvesse pessoas cultas!

8. Pior ainda, no Canadá, alguém exclamou incrédulo:

9. Escritora brasileira? Ué, mas no Brasil existem editoras?

10. A culminância foi a observação de uma crítica berlinense, num artigo sobre um romance meu editado por lá, acrescentando, a alguns elogios, a grave restrição: "porém não parece livro brasileiro, pois não fala nem de plantas, nem de índios, nem de bichos."

11. Diante dos três poemas sobre o Brasil, esquisitos para qualquer brasileiro, pensei mais uma vez que esse desconhecimento não se deve apenas à natural (ou inatural) alienação estrangeira quanto ao geograficamente fora de seus interesses, mas também é culpa nossa. Pois o que mais exportamos de nós é o exótico e o folclórico.

12. Em uma feira do livro de Frankfurt, no espaço brasileiro, o que se via eram livros (não muito bem arrumados), muita caipirinha na mesa, e televisões mostrando carnaval, futebol, praias e... matos.

13. E eu, mulher essencialmente urbana, escritora das geografias interiores de meus personagens neuróticos, me senti tão deslocada quanto um macaco em uma loja de cristais.

14. Mesmo que tentasse explicar, ninguém acreditaria que eu era tão brasileira quanto qualquer negra de origem africana vendendo acarajé nas ruas de Salvador. Porque o Brasil é tudo isso.

15. E nem a cor de meu cabelo e olhos, nem meu sobrenome, nem os livros que li na infância, nem o idioma que falei naquele tempo, além do português, me fazem menos nascida e vivida nesta terra de tão surpreendentes misturas: imensa, desaproveitada, instigante e (por que ter medo da palavra?) maravilhosa.

(Lya Luft, *Pensar é transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2009, 49-51).

Trata-se de uma crônica, sob a forma de um relato pessoal, entremeado, no entanto, de comentários acerca da questão envolvida nesse relato: *a imagem que os estrangeiros têm do Brasil é irreal e fantasiosa*. Na verdade, a crônica não deixa de apresentar um teor argumentativo, uma vez que a estratégia de relatar e comentar os episódios preencheu a função de, tal como argumentos, comprovar o ponto de vista defendido pela autora já no parágrafo introdutório.

Os comentários que preenchem a crônica se apoiam em experiências vividas pela autora, que assume, assim, em primeira pessoa, o papel de narradora participativa. Aliás, o fato de todo o relato acontecer em primeira pessoa já constitui um recurso reiterativo, um meio de marcar a coesão e a coerência do texto.

Mas vamos a mais detalhes acerca da construção da crônica *Nós os brasileiros*.

As funções textuais decorrentes de aspectos da seleção vocabular

Tomemos como referência, para este texto, as palavras que se repetem. Partindo do pressuposto de que a ocorrência de repetições, mesmo em um texto da prosa literária, não é aleatória, podemos descobrir, nessas repetições, funções discursivas significativas. Vejamos, por exemplo:

(a) a repetição da palavra 'Brasil' e de seus derivados ('brasileiro'/'brasileira') — constitui para o leitor uma *instrução* acerca de um dos tópicos tratados, possivelmente o principal, já que é a palavra que se repete o maior número de vezes; essa conclusão pode ser respaldada pela constatação de que palavras que expressam seu contrário, como 'estrangeiro', e 'Exterior', também ocorreram mais de uma vez[11]; corrobora ainda essa conclusão a referência reiterada a outros países ou a cidades de outros países; ou seja, uma pista que regularmente pode ser dada como indicação da trilha por onde vai o tema central do texto é a evidência das repetições;

[11] Por sinal, a ocorrência de antônimos, na sequência do texto, também é sinal de articulação entre partes do texto ou de sua coesão. O que precisa ser explorado é a relação de continuidade criada no texto pelos dois ou mais antônimos. É muito pouco significativo apenas saber que tal palavra corresponde ao antônimo de uma outra.

(b) se tomarmos a repetição como reiteração — num sentido bem amplo — podemos constatar que, se as palavras não se repetem literalmente, se repetem seus valores semânticos nas associações que são feitas, até mesmo quando há oposição entre tais valores; observemos, por exemplo, em relação a 'Brasil' (e a tudo que dele se fala e se conhece), as associações perceptíveis entre itens como floresta, plantas, rios, bichos, flores, carnaval, caipirinha, futebol, praias, matos; igualmente, podemos reconhecer as associações entre as palavras: poemas, romance, escritores, autores, professores, universidades, estudantes, livros, editora, traduzir, inglês, entre outras; essas associações já seriam suficientes para nos apontar em que direção vai a unidade semântica do texto[12];

(c) um outro tipo de repetição pode ser visto na recorrência de estruturas sintáticas — o paralelismo — como já definimos; o paralelismo, de fato, constitui um recurso de reiteração, uma vez que uma determinada forma de construção sintática — ou uma estrutura de construção dos segmentos — se repete; esse tipo de repetição é reiterativo e, portanto, coesivo; observemos o paralelismo presente na sequência de segmentos coordenados a seguir: *E nem a cor de meu cabelo e olhos, nem meu sobrenome, nem os livros que li na infância, nem o idioma que falei naquele tempo;*

(d) igualmente, tem uma composição reiterativa o segmento: *Não faltam flores azuis, rios cristalinos* e *tigres mágicos* (expressões referenciais formadas por substantivos no plural [sem determinante] seguidos de um adjetivo); o outro segmento com que a autora, no final, fecha suas considerações também apresenta paralelismo em sua construção (uma sucessão de atributos): *nesta terra de tão surpreendentes misturas: imensa, desaproveitada, instigante e (por que ter medo da palavra?) maravilhosa;*

(e) a afirmação de que a imagem do Brasil é, para os estrangeiros, *muito pouco real* encontra coerência, na sequência do texto, com outras expressões, tais como: *bosque poético, tigres mágicos, serpentes hirtas acariciando corpos como dedos amorosos*;

(f) no final, o segmento *Porque o Brasil é tudo isso* é claramente resumitivo; o pronome indefinido 'isso' presta-se muito bem a essa retomada, que, praticamente, reitera todas as afirmações que foram feitas antes sobre o Brasil;

(g) o segmento *Mesmo que tentasse explicar* estabelece com o trecho anterior uma relação de concessão, tanto assim que, em seu lugar, poderíamos usar um outro conectivo concessivo como 'ainda que', 'embora' etc.; vale a pena considerar a correlação entre os tempos verbais em *Mesmo que tentasse explicar, ninguém acreditaria*: o primeiro verbo exprimindo uma

[12] Não se trata, portanto, de reduzir o levantamento do vocabulário do texto ao critério de dar o significado desconhecido de certas palavras. Trata-se de tomar o léxico do texto como pista para reconhecimento de suas informações, suas ideias, seus argumentos principais, sua unidade semântica, sua coerência, enfim.

Por esse viés, fica evidente ainda que não tem sentido solicitar a escrita de um texto a partir de um conjunto de palavras com que se pode 'treinar' sua complicada ortografia. Nesse caso, a associação pela qual se juntou esse grupo de palavras não foi semântica; foi gráfica. E ninguém fala ou escreve a partir da pretensão de juntar palavras que apresentam os mesmos sons ou as mesmas letras. A gente fala ou escreve para dizer coisas que têm sentido, coisas semanticamente afins e, portanto, coerentes.

hipótese requer, na oração seguinte, um outro verbo que também exprima uma possibilidade futura;

(h) com o trecho *nesta terra de tão surpreendentes misturas*, podemos resgatar, além da referência a 'Brasil' ('nesta terra'), a ideia de que o país é o resultado de diferentes expressões culturais, como está explicitado no trecho imediatamente anterior (*eu era tão brasileira quanto qualquer negra de origem africana vendendo acarajé nas ruas de Salvador*).

Em suma, outra vez comprovamos que a seleção vocabular de um texto é regida pelo imperativo de emprestar-lhe continuidade e unidade. Qualquer ruptura com essa regularidade é justificável: observe-se que a ocorrência das palavras *macaco*, *loja*, *cristais* — que foge totalmente aos eixos semânticos do texto — se explica pelo fato de tais palavras pertencerem a um refrão popular ("Tão estranho quanto um macaco em uma loja de cristais".), esse, sim, como refrão, relacionado ao aspecto temático tratado na crônica. De outra forma, não teria sentido associar palavras tão distantes semanticamente das outras que constituem o fio central do texto.

O que se tem revelado evidente nessas análises é que a dependência semântica entre as partes de um texto vem também (sobretudo?) pelo léxico. A concentração do ensino da língua em classificações e nomenclaturas dos itens da gramática nos privou de perceber esse aspecto. Praticamente, deixamos de lado o léxico e vimos o texto, apenas, como uma peça construída pela gramática. Evidentemente, só há um sentido recuperável em *Uma editora europeia me pede que traduza poemas de* autores estrangeiros *sobre o Brasil* porque as palavras estão arrumadas segundo as determinações da gramática da língua. Mas tais determinações já são sabidas por todos os falantes nativos e não respeitá-las, implica, naturalmente, comprometer o que se pretende dizer. E isso ninguém quer. Lembremos, por exemplo, que ninguém, mesmo um analfabeto, diria "Europeia editora uma me que pede traduza poemas estrangeiros de autores Brasil sobre o." Pois é: vale a pena não separar léxico e gramática, para que fique bem explícito que os sentidos dos textos são expressos pela conjunção dos dois — esses mesmos — léxico e gramática — submetidos às circunstâncias em que ocorre o evento comunicativo. Nessa perspectiva, vejamos mais algumas observações acerca da crônica em análise.

Quanto a outros aspectos da construção do texto

Nem sempre a continuidade depende da presença explícita de conectivos ou de expressões que denotem algum tipo de sequência. É o caso da crônica em análise, como veremos a seguir.

De fato, a continuidade da crônica é percebida pela sucessão de *fatos da mesma natureza*, que, por sua vez, corroboram o ponto central comentado: *a imagem que se tem do Brasil no Exterior é irreal*. Daí que:

(a) nos dois primeiros parágrafos, o tema é posto, assim como a disposição da autora frente a ele (*vontade de inserir* ali [nos poemas que traduz] *um grãozinho de realidade*);

(b) o 3º. parágrafo prepara o leitor para a série de episódios (*Nas minhas idas (nem tantas) ao Exterior*), a partir dos quais a constatação da autora (*a imagem que se tem do Brasil no Exterior é irreal*) vai ser demonstrada;

(c) nos parágrafos seguintes, (do 4º ao 9º), os episódios se sucedem; a sequência entre eles é marcada simplesmente pela passagem de um episódio a outro; essa passagem, por vezes, foi sinalizada por expressões que supunham uma ligação com algo anterior, como no início do sétimo parágrafo *Pior ainda* (pior do que aquilo que foi narrado no item anterior); também se pode perceber uma relação de continuidade sinalizada pela expressão *A culminância*, cujo sentido exprime uma relação de comparação (comparação de superioridade) com algo dito anteriormente; essas expressões indicam ainda que se tratava de episódios análogos — por isso, um pode ser visto como 'pior' que outro ou como 'o pior de todos' ('a culminância');

(d) do 10º ao 14º parágrafos, a autora se concentra na sua avaliação dos episódios relatados ('pensei mais uma vez que...'); começa por admitir que a imagem de um Brasil irreal não é devida simplesmente a visões de estrangeiros (*mas também é culpa* nossa. *Pois o que mais* exportamos *de* nós *é o exótico e o folclórico.*); vale a pena considerar o uso da primeira pessoa do plural nesse segmento, expresso nos pronomes 'nossa', 'nós' e no verbo 'exportar', uso que recupera a referência a 'Brasil' e que explicita a nacionalidade da autora;

(e) o 12º e o 14º parágrafos se iniciam com o conectivo aditivo 'e', como marcador de um fio em continuidade;

(f) vale a pena considerar também os comentários do enunciador sobre seu próprio discurso, o que ficou evidente em passagens como: *Traduzo os poemas por dever de ofício, mas com uma secreta — e nunca realizada — vontade de inserir ali um grãozinho de realidade.* Ou em: *Nas minhas idas (nem tantas) ao Exterior;* Ou ainda em: *(por que ter medo da palavra?)* Esses comentários, já que são inserções que fogem ao fio das ideias, vêm sinalizados com travessões ou parênteses.

7.4. Análise do comentário "O maiúsculo e o minúsculo"

O MAIÚSCULO E O MINÚSCULO

(1) É lastimável quando alguém simplifica em demasia as realidades complexas: perde a proporção dos fatos e se põe a fazer afirmações desprovidas de qualquer fundamento. Enquanto essas simplificações permanecem nos limites estritos do idiossincrático, parece não haver maiores problemas, afinal cada um acredita naquilo que bem lhe apraz. Contudo, quando essas simplificações ultrapassam tais limites e começam a sustentar ações com repercussão para além do idiossincrático, a situação se torna, no mínimo, preocupante.

(2) É o que tem ocorrido ultimamente com certa discussão em torno da língua. Nessa área, há, sem dúvida, questões maiúsculas a serem enfrentadas. O Brasil precisa desencadear um amplo debate com vista à elaboração de uma nova política linguística para si, superando os efeitos deletérios de uma situação ainda muito mal resolvida entre nós.

(3) Essa nova política deverá, entre outros aspectos, reconhecer o caráter multilíngue do país (o fato de o português ser hegemônico não deve nos cegar para as muitas línguas indígenas, europeias e asiáticas que aqui se falam, multiplicidade que constitui parte significativa do patrimônio cultural brasileiro). Ao mesmo tempo, deverá reconhecer a grande e rica diversidade do português falado aqui, vencendo de vez o mito da língua única e homogênea.

(4) Será preciso incluir, nessa nova política, um combate sistemático a todos os preconceitos linguísticos que afetam nossas relações sociais e que constituem pesado fator de exclusão social. E incluir, ainda, um incentivo permanente à pesquisa científica da complexa realidade linguística nacional e à ampla divulgação de seus resultados, estimulando com isso, por exemplo, um registro mais adequado, em gramáticas e dicionários, da norma-padrão real, bem como das demais variedades do português, viabilizando uma comparação sistemática de todas elas, como forma de subsidiar o acesso escolar (hoje tão precarizado) ao padrão oral e escrito.

(5) Apesar de termos essas tarefas maiúsculas à frente, foi uma questão minúscula que, a partir de uma grosseira simplificação dos fatos, acabou por tomar corpo em prejuízo de todo o resto: a presença de palavras da língua inglesa em nosso cotidiano.

(6) Uma observação cuidadosa e honesta dos fatos nos mostra que, proporcionalmente ao tamanho do nosso léxico (composto por cerca de 500 mil palavras), esses estrangeirismos não passam de uma insignificante gota d'água (algumas poucas dezenas) num imenso oceano.

(7) Mostra-nos ainda mais (e aqui um dado fundamental): muitos deles, pelas próprias ações dos falantes, estão já em pleno refluxo (a maioria terá, como em qualquer outra época da história da língua, vida efêmera).

(Carlos Alberto Faraco. *Folha de S.Paulo.* 13/05/2001).

Focalizando, mais especificamente, os recursos que promovem a articulação entre partes do texto, merecem destaque os pontos seguintes.

- O título *O maiúsculo e o minúsculo* já indica que se trata de uma questão considerada *em seus opostos*, o que se confirma ao longo do texto: questões maiúsculas são todas aquelas relacionadas a '*uma nova política de tratamento das questões linguísticas*'; a questão minúscula é a dos '*estrangeirismos linguísticos*'.
- Essa oposição é mais claramente explicitada no quinto parágrafo: *Apesar de termos essas tarefas* maiúsculas *à frente* (aquelas ligadas à 'nova política'), *foi uma questão minúscula* (a presença de palavras da língua inglesa em nosso cotidiano) *que (...) acabou por tomar corpo*. Esse

fato é retomado logo a seguir, pelas expressões esses *estrangeirismos, muitos* deles, a maioria.

- A informação de que os estrangeirismos vêm *a partir de uma grosseira simplificação dos fatos* reitera o que é dito no início: É lastimável quando alguém *simplifica em demasia as realidades complexas*. É dessa 'simplificação' que resulta uma questão minúscula, a qual, por isso mesmo, não representa mais que uma *insignificante gota d'água (algumas poucas dezenas) num imenso oceano*. Como se vê, as ideias vão se reiterando umas às outras. Cada uma vai, em algum ponto, mantendo o fio da conversa.
- No âmbito da referenciação, são frequentes as retomadas correferenciais, que implicam volta a um mesmo objeto de discurso anteriormente referido; evidentemente, essas retomadas são elos fortes que vão marcando a continuidade semântica do texto.
- Nesse âmbito da correferência, vejamos, por exemplo, no primeiro parágrafo, as expressões *essas simplificações* ou a *tais limites*, além do pronome '*lhe*' que também retoma correferencialmente a expressão 'cada um'; no segundo parágrafo, em '*discussão em torno da língua*', o termo em destaque é retomado por '*nessa área*'; no final do mesmo parágrafo, é dito que *O Brasil precisa desencadear um amplo debate com vista à elaboração de uma nova política*; esta expressão é retomada logo a seguir em '*Essa nova política*', no terceiro e no quarto parágrafos, deixando, portanto, os três parágrafos bem amarrados. Além desses elos, vale referir que o terceiro e o quarto parágrafos consistem numa descrição acerca do que seria '*essa nova política*', uma política voltada para as *grandes questões linguísticas do país*, o que será, significativamente, retomado depois, no início do quinto parágrafo, pela expressão *essas tarefas maiúsculas*.
- Muitas expressões referenciais aparecem delimitadas pelo uso de adjetivos restritores ou especificadores, como em 'questões *linguísticas*', 'línguas *indígenas*', 'observação *cuidadosa* e *honesta*', 'acesso *escolar*', 'patrimônio *cultural brasileiro*', '*complexa* realidade *linguística nacional*', entre muitas outras.
- A formulação com que se inicia o último parágrafo *(Mostra-nos ainda mais)* também estabelece coesão com o parágrafo anterior, pois, além da elipse de sujeito, que retoma a expressão '*Uma observação cuidadosa e honesta dos fatos*', instrui o leitor para o acréscimo de mais um argumento *(ainda mais)*.
- A referência a *uma grosseira simplificação dos fatos* — o que está na linha do minúscula — remete depois para 'Uma observação cuidadosa e honesta dos fatos' — o que resultará no domínio do maiúsculo. Mantém-se assim a oposição anunciada desde o título.
- No trecho, "É lastimável quando alguém simplifica em demasia as realidades complexas*: perde a proporção dos fatos e se põe a fazer afirmações desprovidas de qualquer fundamento*", os dois-pontos sinalizam que vem a seguir uma explicação da afirmação anterior. É preciso juntar os dois segmentos para apanhar o sentido do todo. Essa ideia de 'simplificação', já vimos, é reiterada depois no quinto parágrafo.
- Outras ocorrências, envolvendo retomadas pronominais ou adverbiais, também podem ser vistas: (Brasil: *si*; Brasil: *aqui*).
- O uso de 'contudo', no primeiro parágrafo, sinaliza a oposição entre as simplificações que cabem *nos limites estritos do idiossincrático* e as outras que *ultrapassam tais limites*. Essa oposição já antecipa a outra, que consistirá num dos eixos mais significativos do texto: o minúsculo — uma simplificação para além do idiossincrático.
- Outras oposições podem ser percebidas entre: '*simplificar*' e '*realidades complexas*'; entre: 'limites estritos do idiossincrático' e 'para além do idiossincrático'; entre

'diversidade do português falado' e '*língua única e homogênea*'; tais oposições são tão coesivas quanto as relações de equivalência, pois mantêm o foco temático em desenvolvimento.

- A referência, na primeira pessoa do plural em: *uma situação ainda muito mal resolvida entre nós* e em *nossas relações sociais* evidencia a pretensão do autor de incluir-se entre as pessoas envolvidas no problema analisado.
- O *caráter multilíngue do país* é mais adiante especificado, pois são referidas *as muitas línguas indígenas, europeias e asiáticas que aqui se falam*.
- O quarto parágrafo começa com o trecho: *Será preciso incluir...*, para mais adiante reiterar: *E incluir ainda...* São marcas da continuidade do texto tanto a conjunção aditiva, quanto a repetição do verbo, quanto a presença do advérbio 'ainda'.
- O autor se permite posicionar-se ante o que afirma nos segmentos entre parênteses, como: *(hoje tão precarizado)* e *(e aqui um dado fundamental)*; *(algumas poucas dezenas)*; *(a maioria terá, como em qualquer outra época da história da língua, vida efêmera)*. O uso dos parênteses indica exatamente a entrada de uma outra voz: *aquela do autor*, diferente da voz pública do saber científico divulgado.
- Ou seja, por essa pequena amostra — não exaustiva — já se pode concluir pela densidade coesiva do texto em análise, o que favorece, em muito, a apreensão de como os sentidos vão-se articulando para resultar em um todo inteligível e interpretável.

7.5 E a gramática na construção desses textos?

Tenho reforçado, nestas análises, a convicção de que *todo texto se constrói pelo concurso de vários fatores*, inclusivamente e de forma relevante, pelos fatores gramaticais. Isolar, na perspectiva dos sentidos e das intenções pretendidos, a contribuição de cada um desses fatores torna-se uma tarefa pouco significativa além de praticamente impossível.

Pelas análises que acabamos de fazer, pode-se perceber como o uso de pronomes (pessoais e demonstrativos), de expressões nominais indefinidas e definidas, de adjetivos restritores ou especificadores, de numerais, de conjunções, de preposições e locuções, de advérbios, de afirmações explicativas ou interrogativas (precedidas ou não dos respectivos sinais), de vírgulas e parênteses, para citar apenas estes itens, contribuiu para a expressão do que se pretendia dizer. Merece referir ainda — além dos sentidos postos e pressupostos nas palavras — a própria arrumação das palavras na estruturação sintática dos enunciados, o que implica também a efetivação da coesão e da coerência.

Enfim, a construção de um texto se faz de forma integrada, indissociável; cada constituinte textual se superpondo a outro ou aos outros, sem falar em todos aqueles elementos que estão implicados contextualmente, ou seja, fora do texto. Quer dizer, a construção de todo texto supõe procedimentos que, simultaneamente, asseguram a continuidade dos sentidos e a unidade semântica e pragmática expressos na materialidade das palavras e nas pressuposições contextuais envolvidas.

Em outras palavras: o sentido de qualquer texto se constrói na articulação: entre partes e todo, entre o lexical e o gramatical, entre o linguístico e o pragmático; entre o texto e a situação de comunicação. Qualquer isolamento de um desses elementos reduz a significação e a funcionalidade das ações de linguagem.

O ideal é que sejam sistemáticas, sejam frequentes análises de textos pautadas por referenciais como os que temos explicitado aqui. Em doze anos de estudo escolar da língua — do fundamental ao fim do ensino médio — é bem possível que alunos e professores vejam, em qualquer texto, muito mais que exemplares soltos de classes de palavras ou de funções sintáticas de seus termos. É bem possível que vejam as múltiplas funções que todas

às categorias (lexicais, gramaticais, textuais e pragmáticas) desempenham para que *faça sentido* tudo o que é dito.

> Se, de um lado, um texto é uma unidade semântica, e não gramatical, de outro, os significados são compreendidos por meio de uma "colocação em palavras", e, sem uma teoria de "colocação das palavras", isto é, *sem uma gramática, não há como explicitar uma interpretação do sentido de um texto* (destaque meu).
>
> (Maria Helena M. Neves, *Ensino de línguas e vivência de linguagem*, 2010: 200)

Capítulo 8

Fundamentos para a análise de textos: o foco em aspectos da adequação vocabular

> Chega mais perto e contempla as palavras
> Cada uma
> Tem mil faces secretas sob a face neutra
>
> (Carlos Drummond de Andrade, *A rosa do povo*)

Um dos índices de um bom desempenho comunicativo, sobretudo daquele formal e socialmente prestigiado, é um repertório vocabular amplo e diversificado. Em outras palavras, a disponibilidade de variar o vocabulário — inclusivamente para incluir expressões menos comuns, mais especializadas ou mais próprias de um determinado domínio social — marca nossa atuação linguística como representativa de um grupo social letrado e culto.

Longe, portanto, de ser a estrita fidelidade às regras da norma-padrão o que nos confere maior prestígio social, até porque essa norma nem sempre está claramente definida, além de aquela "estrita fidelidade" nem sempre ser socialmente funcional.

Como se não bastassem essas razões, vale lembrar que *as normas gramaticais básicas — inclusivamente aquelas que subjazem aos ditames da norma-padrão* — já fazem parte de nossa

competência linguística internalizada. A própria natureza interativa da linguagem coíbe qualquer uso que venha contrariar aquelas "normas básicas", para que não fiquem comprometidas nossas pretensões comunicativas.

Em suma, um repertório vocabular amplo e diversificado é condição de uma atuação comunicativa socialmente participativa, funcional e relevante.

Desse modo, a ampliação do repertório lexical do aluno deve ser um dos objetivos prioritários do ensino de línguas. No entanto, pelo que tem sido sobejamente discutido, a primazia dos objetivos de ensino tem sido dada ao campo da gramática, com todas as confusões que, secularmente, se interpuseram na história de seus conceitos e aplicações. Consequentemente, o estudo do léxico:

(a) foi se restringindo a exercícios de identificação do significado das palavras supostamente desconhecidas;
(b) tem carecido do apoio das pistas contextuais e daquelas outras presentes no texto para a identificação desses significados;
(c) tem-se fixado na exploração de sinônimos e antônimos;
(d) tem privilegiado o estudo do sentido literal das palavras;
(e) tem-se concentrado em atividades de substituir em frases palavras de significados idênticos ou opostos;
(f) enfim, tem descartado, no estudo do léxico, a perspectiva do texto e do discurso.

8.1 A relevância da adequação vocabular de um texto

Nas análises anteriores, tivemos oportunidade de demonstrar o quanto a seleção lexical de um texto concorre para o estabelecimento de sua coerência, para a definição de sua unidade semântica. De fato, equivalências, contiguidades e associações semânticas em um texto constituem a condição de sua unidade e de sua funcionalidade comunicativa. Evidentemente, essa condição é assegurada pelo concurso do léxico e da gramática. Mas não resta dúvida de que o léxico tem uma função significativa na estruturação do texto, na construção de seus sentidos, na definição de sua adequação às condições sociais de seus contextos de uso.

Em qualquer grupo social, as situações de uso da linguagem são imensamente diversificadas. Variam os eventos sociais em que atuamos; variam os interlocutores; variam os propósitos com que interagimos; variam os gêneros textuais em que nos expressamos; ou seja, tudo é bastante próprio de cada situação comunicativa. Daí por que as atividades de linguagem supõem uma grande versatilidade de quem as executa, sobretudo em um mundo caracterizado por uma explosão de mais e novos modos de interação; sobretudo em um mundo cada vez mais dependente da informação escrita ou digital.

Alargar as possibilidades lexicais de as pessoas terem acesso às informações, de poderem entrar no mundo da comunicação especializada, no domínio da divulgação científica não pode deixar de ser objetivo de uma escola que pretenda ser a grande força de elevação das condições de vida dos grupos sociais.

Para chegar a realizar esse objetivo, proponho a consideração de alguns pontos.

8.2 Uma questão fundamental: o critério da associação semântica entre as palavras do texto

O parâmetro da coerência global impõe, naturalmente, o critério *da associação semântica entre as palavras do texto*. Vimos, em análises anteriores, como os núcleos de sentido que asseguram a unidade do texto condicionam palavras com sentidos afins a se fazerem presentes, marcando, dessa maneira, a definição desses núcleos.

Nessa perspectiva, a escolha das palavras já está, *grosso modo*, definida desde a seleção do tema, desde a direção da argumentação ou do objetivo pretendido. Até certo ponto, a área semântica em que recaem as palavras é prévia à própria realização da interação. No curso que se abre pelo início do texto uma ou outra digressão pode acontecer; mas, do ponto de vista global, certas palavras já estão excluídas pelo fato de "não terem nada a ver" com a direção dos sentidos pretendidos.

Esse ponto é de fundamental importância na construção e na compreensão das atividades discursivas. A intuição de que um texto tem começo, meio e fim aponta para essa condição da *unidade semântica pretendida*, o que implica uma *convergência de sentido* possibilitada pelas palavras semanticamente afins.

Vimos, por exemplo, na fábula *Os urubus e os sabiás*, a rede criada por palavras que se articulavam mutuamente, criando um ou outro núcleo, responsável, no final, pela unidade pretendida.

Explorar esse ponto no estudo do vocabulário representa uma exigência de um ensino que objetive, de fato, o desenvolvimento de competências textuais, discursivas, interacionais mais amplas e mais eficazes. Lamentavelmente, essa não tem sido a direção das atividades escolares.

Passemos a outros pontos também significativos no âmbito da exploração lexical.

8.3 As palavras e suas combinações preferenciais

O arranjo das palavras na linha do texto, já sabemos, não é aleatória. Mais do que isso, qualquer palavra não pode vir com qualquer uma outra. Elas também, as palavras, têm suas companhias preferidas. Formam pares, selecionam-se mutuamente; por vezes, até se convertem em expressões fixas, em construções cristalizadas que passam a funcionar como se fossem 'palavras compostas'. É o caso, por exemplo, de 'ódio mortal', de 'modéstia à parte', 'risco de vida', 'custo de vida', 'zona de rebaixamento', 'faixa etária', 'qualidade de vida' e tantas outras.

Esse fenômeno — que concerne à co-ocorrência de palavras num mesmo segmento — é explorado em linguística sob o termo de *colocação*. A ele é atribuído, inclusivamente por Halliday e Hasan (1976), uma função coesiva preponderante, pois se instaura pelo fato de *as palavras tenderem a ocorrer junto a determinadas outras e não junto a qualquer uma*. Noutras palavras, determinadas palavras tendem a vir juntas com determinadas outras, formando pares ou segmentos mais ou menos estáveis ou fixos e, por isso, previsíveis[1].

Essa seleção das palavras, na formação regular de combinações, acaba por constituir um traço que manifesta a identidade cultural de uma língua. Por exemplo, no Brasil o leite original, com gordura, é 'leite integral'; sem gordura, é 'leite desnatado'; em Portugal, os mesmos produtos são chamados, respectivamente, 'leite gordo' e 'leite magro'. Particularidades lexicais que, de certa forma, manifestam o ângulo de visão de cada cultura.

[1] Lembro a pertinência de se explorar com os alunos as chamadas 'expressões idiomáticas', tão vinculadas às percepções culturais de cada região e de cada grupo. Nesse âmbito da estabilidade de certos segmentos, convém lembrar o interesse que pode ter a exploração dos provérbios – sem dúvida, a grande expressão da intuição natural dos falantes.

Essas expressões, em geral, cristalizam-se a ponto de não admitirem a inserção de uma outra palavra ou a troca de uma por um seu sinônimo. A 'longa distância' nunca seria a 'comprida distância'; nem 'vale a pena' poderia ser 'vale o sofrimento', por exemplo. O 'mercado financeiro' nunca poderia ser 'o mercado bem financeiro', assim como o 'cartão de crédito' nunca poderia ser 'o cartão de bom crédito'; e assim por diante.

Ou seja, se somos livres para escolher as palavras não somos tão livres assim quando se trata de combiná-las. Esse é mais um motivo que fundamenta a necessidade de se alargar as perspectivas de exploração das questões lexicais. Muito há o que ver para além dos significados das palavras, sobretudo se elas não são vistas como unidades autônomas. A solução é vê-las acontecendo *nos mais diferentes gêneros e contextos discursivos*.

8.4 O uso de sinônimos

No meio acadêmico, já é consensual o princípio de que *não existe sinônimo perfeito*. Intuitivamente, os falantes, em geral, também têm consciência desse princípio quando dizem: *Maria não é bonita, é linda. Maria não está contente; está feliz.*

Ou seja, explicitamente ou não, somos capazes de perceber que os sentidos das palavras que parecem idênticos admitem uma espécie de gradação, admitem detalhes de diferenciação que os deixam levemente diferentes, a ponto de não poderem ser considerados como *intersubstituíveis*. Esses detalhes de diferenciação decorrem da própria ação dos falantes em suas atividades de linguagem, onde, sem dúvida, os sentidos das palavras vão apanhando ajustes, vão sofrendo extensões ou restrições, vão apanhando, enfim, outros valores para além daqueles já sedimentados.

Isso implica admitir que os significados das palavras andam, deslizam, movem-se, diferenciam-se, por acréscimo ou por redução de traços semânticos. Os semanticistas são unânimes em admitir, para além dos significados conceituais das palavras, os significados afetivos que as palavras vão adquirindo ao longo do tempo. Por isso é que 'bonito' e 'lindo' não correspondem exatamente ao mesmo e, portanto, não são intersubstituíveis.

Os domínios sociais em que predominam as representações das diferenças — vistas, na maioria das vezes, como julgamentos de valores — são fartos na geração desses significados afetivos. Lembremos o recurso dos eufemismos — um recurso ditado, sobretudo, pelas regras da polidez comunicativa — que se expressam por diferentes modos de se atenuar esses julgamentos de valores. O 'velho' é, atenuadamente, denominado de 'idoso'; a 'velhice', de 'a terceira idade' ou ainda de 'a melhor idade'[2].

[2] Hari (2001: 68-77) explora, em textos, inclusive, os diferentes aspectos relacionados a esses elementos conceituais e afetivos do sentido. Vale a pena se inspirar aí para criar outras oportunidades de análise dos sentidos das palavras para além de seus limites conceituais.

Os recursos metafóricos e metonímicos, tão comuns nos usos — especializados e mais triviais — da linguagem, também favorecem, em muito, esse *deslizamento dos sentidos das palavras*. Afinal, os falantes vão interferindo no destino das palavras à medida que lhes parece conveniente face às suas necessidades de interação. É impossível, pois, pensar em palavras cujos significados não se mobilizem, não se modifiquem, não ganhem acréscimos ou reduções.

Nesse âmbito da sinonímia, vale a pena lembrar a multissignificação possível para as palavras, por conta dos contextos em que elas aparecem (vejamos, por exemplo, os sentidos da palavra 'cultura' no âmbito da educação e no âmbito da análise clínica; da palavra 'cédula' no campo das finanças e no campo das eleições partidárias, da palavra 'operação' no mundo médico e no mundo político, para ficar apenas nestes três exemplos). Deter-se no estudo dos significados das palavras fora do texto — que é sempre contextualizado — é apanhar, apenas, um dos aspectos que definem as condições de seu funcionamento: o do seu significado conceitual básico.

Não menos significativas são aquelas relações de equivalência referencial (de que falei no capítulo 6) criadas no interior de um texto. Lembro a fábula de Millôr Fernandes *A galinha reivindicativa*, em cujo começo é apresentada *uma galinha em greve*, que é, no final, referida como '*a doidivanas*'. Evidentemente, não se trata de sinônimos, conforme as determinações do dicionário, mas, no interior daquele texto, as duas expressões funcionam, inconfundivelmente, como estabelecendo uma equivalência igual àquela proposta para os sinônimos.

A escola precisa estar atenta a todos esses aspectos que afetam os significados das palavras — matéria com que construímos nossas atividades de linguagem. Precisa afastar-se daquela concepção *engessada* de linguagem, em que tudo parece inalterável, intocável, apesar dos múltiplos usos, contextos e funções em que essas palavras comparecem. As línguas mortas — isto é, as línguas não faladas — é que não mudam. (*Seria a língua da escola uma língua morta?*)

8.5 O uso de hiperônimos

Em trabalhos anteriores (ver Antunes, 1996, 2005), tive oportunidade de mostrar a funcionalidade dos hiperônimos no estabelecimento dos nexos coesivos e das relações de coerência. As equivalências referenciais, por exemplo, que são ensejadas pelo uso de hiperônimos, respondem pela maioria dos nexos que envolvem

relações lexicais. As restrições impostas à equivalência pela sinonímia desaparecem quando se trata da hiperonímia, pois, neste âmbito, as possibilidades de significação, exatamente por serem gerais ou inespecíficas, abarcam muito mais contextos. Muitos itens lexicais podem ser retomados por outros como 'elemento', 'produto', 'dispositivo', 'procedimento', 'medida', 'fato', 'jogo', 'veículo', entre milhões de outros. A hiperonímia é funcional exatamente por possibilitar essa relação de correspondência (ver, por exemplo: a equivalência entre 'o recente *assalto*' e 'os investigadores *do crime*').

8.6 A questão dos vocabulários técnicos

Cada setor da vida social é marcado por diferenciações práticas que incluem situações, objetos, mecanismos, procedimentos, próprios à realização operacional desses setores. É natural, portanto, que haja especializações lexicais ou, por outras palavras, que cada domínio da experiência disponha de seu vocabulário específico, isto é, selecione um conjunto de palavras que recebem, nesse domínio, um significado específico e permitem, com mais êxito, a interação entre seus membros.

O vocabulário da área médica, da área pedagógica, da área jornalística, entre outras, tem suas especificidades marcantes. Conhecê-las é uma condição de bom desempenho e de crescente sucesso. Afinal, essas especificações lexicais constituem significativos elementos de nossas particularidades culturais.

No âmbito desse ponto da especialização, podemos inserir a adequação vocabular requerida pelos contextos mais formais de uso da linguagem, que nos faz falar em, por exemplo, 'a pretensão bélica iraniana', 'a elevação do índice de precipitação no Nordeste', 'a desaceleração do processo de maturidade', 'o potencial de crescimento da leitura', entre outros dizeres, que poderiam parecer estranhos numa situação social de informalidade. O contato com textos mais ou menos distantes desse nível informal é imprescindível para que possamos nos adequar a contextos públicos da comunicação, em geral, mais formais que as conversas da vida privada.

Somente em um estudo contextualizado da língua pode-se perceber essas estratégias tão comuns de se assegurar o êxito de nossas atividades de linguagem.

8.7 Os efeitos de sentido pretendidos por meio de recursos morfossintáticos

Em português, dispomos de certos recursos morfossintáticos que provocam nos enunciados diferenças de significado relevantes. Lembremos, por exemplo, as alterações de sentido evidenciadas pela posição de um elemento na sequência do enunciado. São bem diferentes semanticamente as expressões 'um certo dia' e 'um dia certo'; 'alguma ideia' e 'ideia alguma'; 'meu filho' e 'filho meu', 'o galo velho' e 'o velho galo'; entre outras.

O que me interessa sublinhar aqui é que o estudo do léxico deve superar a simples identificação de seus significados dicionarizados para abranger as especificações, os deslizamentos, as expansões ou restrições de sentido que as palavras sofrem. Tal objetivo somente é possível pela análise persistente de textos reais, orais e escritos, que acontecem nas mais diferentes agências e nos mais diversos suportes da comunicação diária.

Uma outra alteração de sentido, nesse âmbito da morfossintática, tem a ver com a questão da pluralização. Isto é, não é tão indiferente assim pluralizar ou não uma palavra.

Com efeito, o recurso da pluralização anula (ou, pelo menos, atenua) o nível de abstração da palavra, ou seja, converte-a para um patamar inconfundível de concretude. O exemplo mais comum corresponde às formas 'bem' (substantivo abstrato) e 'bens' (substantivo concreto).

Essa particularidade semântica das palavras, atrelada ao uso do plural, não é explorada no estudo do léxico. Muito frequentemente, testemunhamos a dificuldade dos alunos em discernir os contextos em que uma palavra pode ou não ser pluralizada. 'A liberdade' é uma coisa; 'as liberdades', outra bem diferente. O mesmo se poderia dizer de 'o vinho', 'os vinhos'; 'a água', 'as

águas'; 'o amor', 'os amores'; 'o jogo', 'os jogos' e milhões de outros pares. A expressão 'os analfabetos' designa entidades contáveis e, assim, admite o plural. A expressão 'o analfabetismo', perde seu sentido geral e abstrato se for pluralizada.

Ou seja, a questão de passar uma palavra do singular para o plural não pode ser vista apenas como um procedimento morfológico de acrescentar um 's', ou um 'es' etc. Pôr uma palavra no plural tem consequências semânticas significativas que, não respeitadas, provocam sérias incoerências discursivas. Nessa direção, vale lembrar que muitas são as palavras cujo uso mais frequente é o da forma singular, como 'desenvolvimento', 'crescimento', 'economia', 'globalização', 'agricultura', exatamente pelo teor de abstração de seus significados.

É significativo, além disso, que se mantenha uma sintonia entre os níveis de abstração em que as entidades são relacionadas: por exemplo, soa esquisito dizer que "Em nosso decorrer do dia a dia, *nos relacionamos com a humanidade*". (O dia a dia não está próximo e concreto demais para que nos relacionemos com a humanidade, tão geral e abstrata?)

Esses e outros são detalhes muito significativos quando se pretende acertar no domínio da adequação vocabular, no campo da 'palavra certa' para o 'lugar certo'. Como vimos, até mesmo o domínio gramatical interfere no êxito dessa adequação.

Na verdade, por estas análises, estou querendo frisar que:

- o estudo do léxico é muito significativo para quem deseja ampliar suas competências comunicativas;
- esse estudo deve ser amplo, a fim de atingir outros mecanismos de significação para além daqueles puramente lexicais;
- somente a instância dos textos reais propicia o conhecimento de todas as possibilidades de sentido que o léxico de uma língua pode abranger.

tem horas que a gente se pergunta...
por que é que não se junta
tudo numa coisa só?

(Fernando Anitelli, *Sintaxe à vontade)*

Capítulo 9

Práticas de análises de textos quanto a aspectos de sua adequação vocabular

Conscientes da relevância da *adequação vocabular de um texto*, vamos, em seguida, examinar alguns textos ou fragmentos de textos e procurar perceber passagens que ilustrem um ou outro dos princípios desenvolvidos no capítulo anterior:

- *a associação semântica entre as palavras do texto;*
- *as palavras e suas combinações preferenciais;*
- *o uso de sinônimos;*
- *o uso de hiperônimos;*
- *o vocabulário técnico ou especializado;*
- *os efeitos de sentido pretendidos por meio de diferentes recursos morfossintáticos.*

Passemos às análises.

9.1. Análise do comentário "A liberdade e o consumo 1"

A LIBERDADE E O CONSUMO

Quantos morreram pela liberdade de sua pátria? Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam? Quantos lutaram pela libertação dos escravos? No plano intelectual, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças, desde Platão e Sócrates, passando por Santo Agostinho, Spinoza,

Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi e muitos outros. Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado? Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão? Essas questões puseram em choque os melhores neurônios da filosofia, mas não foram as únicas a galvanizar controvérsias.

Mas vivemos hoje em uma sociedade em que a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais, cuja conquista ou reconquista desencadeou descomunais energias físicas e intelectuais. Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo.

O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei (ainda que capenga) e tem direito de mover-se livremente?

O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo (não faz muitas décadas, nas prateleiras dos nossos armazéns ora faltava manteiga, ora leite, ora feijão). Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado. Logo depois da queda do Muro de Berlim, comer uma banana virou um ícone da liberdade no Leste Europeu.

A segunda liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir. Podemos até não ir a lugar algum, mas é gostoso saber que há um veículo parado à porta, concedendo permanentemente a liberdade de ir, seja aonde for. Alguém já disse que a Vespa e a Lambretta tiraram o fervor revolucionário que poderia ter levado a Itália ao comunismo.

A terceira liberdade é a televisão. É a janela para o mundo. É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, ou estar tão perto das notícias quanto um presidente da República — que nos momentos dramáticos pode assistir às mesmas cenas pela CNN. É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes metamorfoseados em apresentadores de TV.

Uma "liberdade" recente é o telefone celular. É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja. Importante? Para algumas pessoas, é uma revolução no cotidiano e na profissão. Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.

Há ainda uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada: a internet e o correio eletrônico. É um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, instantâneo, sem remorsos pelo tamanho da mensagem (que se dane o destinatário do nosso *attachment* megabáitico) e que está a nosso dispor, onde quer que estejamos. E acoplado a ele vem a *web*, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas, onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia, arte e empulhação.

Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões filosóficas sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana. Mas assim é a nossa natureza, só nos preocupamos com o que não temos ou com o que está ameaçado. Se há um consolo nisso, ele está no saber que a preeminência de nossas liberdades consumistas marca a vitória de havermos conquistado as outras liberdades, mais vitais. Mas, infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos. E, se o filósofo Joãozinho Trinta tem razão, não é por desdenhar dos luxos, mas por não poder desfrutá-los.

(Claudio de Moura Castro, *Veja*, 8 de agosto de 2001).

Quanto à associação semântica entre as palavras do texto

Voltamos a reconhecer que todo o vocabulário de um texto está, fundamentalmente, vinculado à ideia central, ao núcleo que representa a sua unidade semântica.

Assim, pôr em relação os conceitos de 'liberdade' e 'consumo' implica naturalmente mover-se pelos sentidos próximos a esses conceitos, sejam esses sentidos equivalentes, apenas próximos, contíguos ou até mesmo opostos. Daí por que nenhuma palavra está 'solta' ou comparece sem critério, de forma aleatória — o que já é sobejamente sabido.

Com base nessa pequena introdução, já podemos afirmar que é significativa toda a seleção vocabular do texto *A liberdade e o consumo*, que fala em:

- *liberdade, libertação*
- *liberdades consumistas,*
- *liberdades essenciais,*
- *liberdades vitais;*
- *liberdade burguesa;*
- *apetite pela liberdade;*
- *a liberdade de escolher;*
- *a liberdade de ir, seja aonde for*

e, por outro lado, se refere a:

- *consumismo;*
- *objetos de consumo;*
- *ideal comunista;*
- *sociedade de consumo;*
- *resistência às tentações do supermercado*, entre outras coisas.

No âmbito da questão em apreço, vale a pena prestar atenção nas diferenças de sentido da palavra 'liberdade', quando pluralizada. De fato, a pluralização dessa palavra implica trazer sua referência para o nível do concreto, especificamente para o nível dos diferentes 'tipos de liberdade', ou melhor, de situações em que se pode vivenciar a possibilidade da escolha pessoal. Como discutimos no capítulo anterior, a pluralização é um recurso morfossintático que expressa uma mudança no modo de perceber os objetos de referência: como coisas abstratas (incontáveis, portanto) e coisas concretas (discretas e contáveis).

Na verdade, a liberdade de que fala o autor é desmembrada em várias 'liberdades': a liberdade de consumo, a liberdade do transporte público, a liberdade da televisão, a liberdade do telefone celular, a liberdade da internet. Ou seja, o efeito da pluralização é trazer para o âmbito das *situações concretas* o exercício da liberdade, enquanto entidade abstrata.

Essa multiplicidade de liberdades ativa outros domínios de referência, o que leva, naturalmente, o texto para uma *seleção vocabular especializada*, conforme cada um desses domínios. Daí por que encontramos referência a:

- *supermercado, contracheque, prateleiras abundantemente supridas, armazéns, manteiga, leite, feijão, banana;* faz referência a *transporte próprio; BMW ou bicicleta, veículo, Vespa, Lambretta, em que direção partir, liberdade de ir, seja aonde for;* fala em: *televisão, canais, programa, jogo, notícias, assistir, cenas, apresentadores, TV;* fala em: *telefone celular, gostinho ... de ... falar com qualquer pessoa, em qualquer momento, prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja;* e ainda, faz referência a: *internet, correio eletrônico, carteiro, mensagem, destinatário,* attachment *megabáitico,* web, *informações* etc.

O que pretendo ressaltar com este levantamento é o critério mais geral e mais determinante para a seleção vocabular de um texto, que é, na verdade, *sua vinculação aos tópicos em torno dos quais os sentidos se desenvolvem*. Portanto, a adequação vocabular do texto é, antes de tudo, uma questão ligada à coerência, seja em relação a seu tópico global seja em relação a particularidades em que esse tópico se desmembra.

Quanto a outros itens mais pontuais

(a) a ativação de conhecimentos enciclopédicos, algumas vezes mobilizados, como nas referências a: *Muro de Berlim, Leste europeu; CNN; Vespa, Lambretta; Joãozinho Trinta*, além das referências que aparecem logo no primeiro parágrafo a: *Platão e Sócrates, Santo Agostinho, Spinoza, Locke, Hobbes, Hegel, Kant, Stuart Mill, Tolstoi;*

(b) o recurso a metáforas, como em: *janela para o mundo (televisão); templo da liberdade (supermercado); sob o manto da lei;* (a alienação do consumismo está) *fora do horizonte de muitos, o fervor revolucionário; apetite pela liberdade;*

(c) o recurso a metonímias, como em: *os melhores neurônios da filosofia;* (o tema da liberdade) *ocupa as melhores cabeças;*

(d) a correlação semântica e pragmática entre as referências a: 'informações, excessivas e <u>desencontradas</u>' e *'filosofia e pornografia, arte e*

empulhação'; entre 'conciliar a liberdade' e 'a ação restritiva do Estado', ou entre '*heroísmo*' e '*preservação*' (da liberdade); entre 'uma última liberdade', mais *nova, ainda elitizada*'; entre '*vitória* de havermos *conquistado* as outras liberdades'; entre 'só nos preocupamos com o que *não temos* ou com *o que está ameaçado*', o que caracteriza contextos de significativa adequação vocabular;

(e) a diversidade pretendida na enumeração de: *reis, heróis, criminosos, superatletas ou calajestes* para ressaltar a redução de tudo isso a 'apresentadores de TV';

(f) a oposição sublinhada em: 'peripécias e *demoras do carteiro*' e o caráter '*instantâneo*' do correio eletrônico; ou as outras oposições expressas em: 'compra e vende'; 'filosofia e pornografia', 'arte e empulhação', essas últimas corroborando a ideia de 'informações desencontradas';

(g) o uso de uma expressão coloquial: '*que se dane* o destinatário do nosso attachment megabáitico', uma escolha que se ajusta ao critério de liberdade em discussão;

(h) o valor aletivo do diminutivo em: 'É o gostinho todo especial de ser capaz de falar com qualquer pessoa';

(i) a sequência decrescente presente em: *Quantos <u>morreram</u> pela liberdade de sua pátria? Quantos <u>foram presos</u> ou <u>espancados</u> pela liberdade de dizer o que pensam?* E a sumarização disso em: *Quantos <u>lutaram</u> pela libertação dos escravos*;

(j) os pares que tendem a ser recorrentes, como em: 'pacato cidadão', 'sofre agressões', 'objetos de consumo', 'resistir às tentações', 'compra e vende', 'existência humana';

(k) o uso de hiperônimo em: 'BMW ou bicicleta', retomados depois por 'veículo'; a esse propósito é significativa a ocorrência da expressão 'Essas *questões*', no final do primeiro parágrafo, depois de serem feitas nada menos que seis perguntas;

(l) a escolha de palavras menos usuais (cercear, deleitar-se, desfrutar, galvanizar controvérsias, acoplado) como recurso de adequação a um contexto público, como é o caso da divulgação em revistas de grande circulação, embora o suporte 'revista' já condicione certa aproximação com o coloquial (como já foi mostrado em: '*que se dane*').

Em suma, é difícil apontar em um texto coerente e bem articulado todos os casos de 'adequação vocabular'. Por critérios diferentes, todas as palavras, em geral, se ajustam, como já referi, às determinações dos sentidos e das intenções pretendidos, seja em relação ao tópico global, seja em relação aos subtópicos particulares.

Para apanhar esses sentidos, o que transparece como significativo é o exercício de uma análise mais ampla, orientada pela interpretabilidade do texto, o que ultrapassa a simples conferência dos significados das palavras supostamente desconhecidas.

9.1.1. Observações sobre alguns fatos gramaticais verificados no comentário "A liberdade e o consumo"

No desenvolvimento do tópico anterior, já consideramos um ou outro item da gramática e sua função na constituição dos sentidos do texto. Entretanto, pretendemos destacar agora outros aspectos que foram significativos no texto e que podem ser objeto de exploração no desenvolvimento dos programas do estudo escolar.

Nessa perspectiva, chamamos a atenção para:

- as perguntas retóricas que aparecem no início do texto e em seu percurso; são perguntas que não cumprem a função de interrogar, de encontrar respostas para eventuais dúvidas; antes, cumprem a função de despertar o interesse do leitor, convocam o interlocutor para entrar no clima da interação, sugerindo que ele pode encontrar ali respostas para questões que são significativas (o mínimo, o menos relevante que se podia fazer aqui era *apenas* reconhecer que se trata de frases interrogativas, marcadas por um sinal de interrogação);
- a demarcação do contexto onde a afirmação ganha validade: *<u>No plano intelectual</u>, o tema da liberdade ocupa as melhores cabeças* (outra vez lembro que é muito pouco ficar na classificação desse segmento como adjunto

adverbial [de lugar?] e não perceber que se trata de uma 'demarcação' do campo onde se pode aceitar o que é dito);

• a ocorrência de uma retomada lexical não correferencial (chamada também de anáfora indireta) em: É um *correio sem as peripécias e demoras do carteiro*; é a referência a 'correio' que permite o uso da expressão referencial definida em 'o carteiro'[1];

• o envolvimento do autor frente ao que é dito, ou, noutras palavras, o comentário que o enunciador faz de seu próprio discurso em: *Nosso apetite pela liberdade se aburguesou. Foi atraído (corrompido?) pelas tentações da sociedade de consumo*. Por essa razão, a pergunta entre parênteses. (Vale a pena fazer um levantamento de todos os segmentos que estão entre parênteses e reconhecer a estratégia discursiva do autor de ir entremeando o texto — a princípio, objetivo — com ponderações de ordem pessoal, por vezes, sem restrição: *um pacato cidadão [...] que [...] vive sob o manto da lei [ainda que capenga]*;

- a sequência marcada pelo uso dos numerais no início dos parágrafos: *O primeiro templo; A segunda liberdade, A terceira liberdade*. Outras marcas dessa sequência aparecem em: *Uma liberdade recente; Há ainda uma última liberdade*. O uso do artigo indefinido, nesses dois últimos segmentos, atesta que se trata de 'outras liberdades' ainda não referidas (são, portanto, novos objetos de discurso só agora introduzidos);
- o uso da primeira pessoa do plural, para indicar a pretensão do enunciador de pertencer ao grupo de que se fala: *um correio sem as peripécias e demoras do carteiro, (...) que está a nosso dispor, onde quer que estejamos;* trata-se, como se pode observar, de um recurso morfossintático que acarreta um certo efeito de sentido;

[1] Noções sobre o processo de referenciação que acontece na sequência dos textos precisa ser um dos itens do programa de estudo da língua. Somente por esse meio se pode apreender quando convém o uso do artigo definido ou do indefinido, e outras particularidades para garantir a clareza da continuidade referencial do texto.

Outra questão que pode ser explorada, no âmbito das relações entre as palavras, é o uso da 'partonímia', isto é, de palavras que expressam 'partes' de um conjunto, ou de uma 'série', como vimos em relação a 'correio' e 'carteiro'.

Ou seja, há muito o que explorar. O que é preciso é enxergar além...

- a ênfase pretendida em: *com qualquer pessoa, em qualquer momento, onde quer que se esteja;* vemos que não houve a preocupação de evitar a repetição de palavras; houve o empenho em tornar a linguagem mais convincente, que é o que importa nesse contexto;
- o uso do advérbio em: *infelizmente, deleitar-se com a alienação do consumismo está fora do horizonte de muitos*, o qual expressa o sentimento de desagrado do autor diante do que é afirmado.

Ou seja, advérbios, artigos, numerais, interrogações, plurais, parênteses e outras tantas categorias gramaticais são partes constitutivas de um sentido que está em construção. Sua relevância está, justamente, em possibilitar a expressão desse sentido.

9.2 Análise da anedota "Boateiro"

Experimentemos agora analisar um texto com outro teor de informação e outro propósito comunicativo[2].

[2] A fim de não adotar rigidamente a mesma configuração de análise, vamos adotar agora uma sequência mais solta, fora dos esquemas das análises anteriores.

BOATEIRO

Diz que era um sujeito tão boateiro que chegava a arrepiar. Onde houvesse um grupinho, ele estava na conversa e, em pouco tempo, estava informando: "Já prenderam o novo Presidente", "Na Bahia os comunistas estão incendiando as igrejas", "Mataram agorinha um cardeal"; enfim, essas boasas. O boateiro encheu tanto que um coronel resolveu dar-lhe uma lição. Mandou prender o sujeito e, no quartel, levou-o até um paredão, colocou o pelotão de fuzilamento na frente, vendou-lhe os olhos e berrou:

— Fogooooo !!!

Ouviu-se aquele barulho de tiros, e o boateiro caiu desmaiado.

Sim, caiu desmaiado, porque o coronel queria apenas dar-lhe um susto. Quando o boateiro acordou na enfermaria do quartel, o coronel falou para ele:

— Olhe, seu pilantra, isto foi apenas para lhe dar uma lição. Fique espalhando mais boato idiota por aí, que eu lhe mando prender outra vez e aí não vou fuzilar com bala de festim, não.

Daí soltou o cara que saiu meio escaldado pela rua e logo na primeira esquina encontrou uns conhecidos.

— Quais são as novidades?— perguntaram os conhecidos.

O boateiro olhou pros lados, tomou ar de cumplicidade e disse baixinho:

— O nosso exército está completamente sem munição.

(Stanislaw Ponte Preta, *Garoto linha dura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.)

Logo de saída, podemos destacar:

- a escolha do vocabulário — bem próximo do nível coloquial — o que se ajusta ao texto, uma vez que se trata da narração de um episódio meio anedótico, com propósito cômico, inclusive;
- o título, 'Boateiro', pelo que já se pode presumir por onde vai o curso das informações trazidas;
- a expressão de uma ameaça, formulada explicitamente em: *Fique espalhando mais boato idiota por aí, que eu lhe mando prender outra vez;*
- marcas da oralidade própria dos contextos informais; por exemplo, o início do texto com a expressão 'Diz que era', um começo bem apropriado na contagem de boatos, quando não é conveniente explicitar 'o agente' do verbo 'dizer'. Nesses casos, portanto, é mais conveniente apelar para uma indeterminação do sujeito, como acontece na sequência da narrativa: '*prenderam* o novo Presidente', '*Mataram* agorinha um cardeal', conforme costumamos fazer em nossas conversas do dia a dia;
- expressões com gosto de coloquialidade, como em:
  — [um boateiro] *que chegava a arrepiar* (uma palavra que sugere a imagem do trivial);
  — *Onde houvesse um grupinho* (um diminutivo com conotação visivelmente coloquial);
  — *Mandou* prender *o sujeito*, (a força intencional do verbo 'mandar'; a expressão referencial [*o sujeito*], que, ao mesmo tempo, cria distância e expressa informalidade);
  — *O boateiro encheu tanto* (uma metáfora criada pela gíria típica dos contextos informais);
  — [o coronel] *berrou* (uma escolha somente apropriada por se tratar de um contexto episódico);
  — *Olhe, seu pilantra* (um chamamento que condiz com a atuação meio irresponsável do boateiro);
  — *Daí soltou o cara* (uma expressão típica de um vocabulário que beira os padrões da gíria);
  — *boato idiota* (palavras que formam um par bem compatível);
  — aí *não* vou fuzilar com bala de festim, *não* (a repetição da negativa costuma ser uma regularidade do português coloquial);
  — o cara que saiu meio *escaldado* (uma metáfora bem próxima também dos usos mais comuns da linguagem);
  — *O boateiro olhou* pros *lados* (uma combinação que é bem típica das situações informais de comunicação).

Naquele nível da *convergência semântica das palavras* em relação aos eixos da unidade pretendida, pode-se apontar:

- o domínio da instituição militar (*coronel, quartel, mandar prender, dar uma lição*);
- o domínio do castigo pela boataria (*prisão, pelotão, fuzilamento, venda nos olhos, barulho de tiros, cair desmaiado*).
- A referência a *bala de festim* encontra justificativa na disposição do coronel de apenas *dar um susto no boateiro* ou dar-lhe '*uma lição*'.

Outra vez se confirma o princípio de que a seleção vocabular de um texto constitui uma rede, sustentada por nós, cujas pontas nem sempre são imediatas umas às outras. A sequência, na verdade, é dada pelo sentido, que foge à linearidade estrita das palavras no texto.

9.1.2. Algumas observações sobre fatos gramaticais verificados na anedota "Boateiro"

Sem perder de vista as observações feitas na seção anterior, podemos destacar:

- as marcas da transcrição de um discurso direto (como em, por exemplo, *Olhe, seu pilantra, isto foi apenas para lhe dar uma lição);*
- a mudança de turnos entre os participantes da interação, sinalizada pelo uso dos travessões;
- o uso da expressão '*Daí*', como marca da ordem sequencial da narrativa;
- o sentido de encerramento de uma enumeração em: *enfim*, essas boasas;
- o uso dos chamados 'verbos do dizer', que são frequentes em narrativas em discurso direto, como em: *perguntaram* os conhecidos; O boateiro (...) *disse* baixinho, por exemplo;
- a repetição dos segmentos em: o boateiro *caiu desmaiado*. Sim, *caiu desmaiado*, o que configura uma reiteração bem adequada ao teor enfático do relato em curso;
- o uso do pronome 'lhe' como complemento direto em *eu lhe mando prender outra vez*, o que remete para um contexto de informalidade, onde figuram outras normas gramaticais para além daquelas prescritas pela gramática tradicional[3];
- a representação meio icônica feita em *Fogooooo !!!*, conseguida não apenas pela reincidência da vogal como pelo uso repetido do ponto de exclamação;
- a alternância entre o artigo indefinido e o artigo definido em '*uns* conhecidos' e '*os* conhecidos', o que sinaliza um elo de correferencialidade entre as duas expressões.

[3] A propósito deste caso, lembro que é muito produtivo analisar os efeitos de sentido pretendidos por certas transgressões às regras da gramática, quando se percebe claramente que se trata de uma transgressão intencional, em função de algum propósito. Rachel de Queiroz, em uma de suas crônicas, fala nos 'estrelos' que, ao contrário da 'arraia miúda', escrevem sem esforço, sem padecer (ver Rachel de Queiroz. *Estado de S. Paulo*. 22 mar. 2003). Uma atividade interessante para os alunos poderia ser coletar, nos anúncios, nos textos literários, nos textos humorísticos e em tantos outros, exemplos dessas transgressões, cheias de tanto significado! É ver a língua acontecendo...

- Vale referir que também podem ser vistos um ou outro uso mais comum em contextos formais, como, por exemplo: *levou-o até um paredão; vendou-lhe os olhos.*

Todas essas considerações me fazem lembrar um trechinho de Drummond, escrito como parte de seu diário.

Nesse trechinho, se pode ler o seguinte:

> Março. 12
>
> Tanto trabalho para redigir a carta de resposta a uma diretora de serviço público que me mandou observações sobre uma crônica que publiquei no *Jornal do Brasil*. Problema: <u>*achar o tom adequado, a palavra justa, a expressão medida e insubstituível, nem mais nem menos*</u>. Chego à conclusão de que escritor é aquele que não sabe escrever, pois quem não sabe escreve sem esforço. Já Manuel Bandeira era de outra opinião: "Se você faz uma coisa com dificuldade, é que não tem jeito para ela." Duvido (grifos meus).
>
> (Carlos Drummond de Andrade, *O observador no escritório: páginas de diário*. Rio de Janeiro: Record, 1985)

Merece destaque a explicitação do problema de Drummond: *achar o tom adequado, a palavra justa, a expressão medida e insubstituível, nem mais nem menos*. Noutras palavras, conseguir uma adequação vocabular que garanta coerência, clareza e elegância de estilo, talvez, a uma *carta de resposta a uma diretora de serviço público*. O fato de se tratar de uma resposta a observações anteriormente feitas, o fato de se tratar de uma autoridade constituem exigências que oneram o trabalho do escritor de encontrar *a palavra justa, sem mais nem menos*.

Diante dessa confissão de Drummond, só podemos admitir que 'a procura das palavras' exige empenho, cautela, apreciação, até que achemos a 'palavra justa', ou seja, aquela que nos pareça capaz de dizer o que queremos dizer, a quem e pelos motivos que sabemos. Essa competência supõe experiência, persistência, tentativa, disposição para analisar, maturação. Somos donos das palavras, mas, dialeticamente, somos servos de seus limites semântico-pragmáticos. Traem-nos quando não as pomos em seus

devidos lugares, sobretudo quando não estamos na área soberana da literatura, onde a servidão a elas é atenuada.

O certo é que as palavras têm suas acomodações costumeiras, mais ou menos previstas pelos limites da língua, mais ou menos previstas pelos contextos em que vão servir de mediação.

Voltemos às nossas análises.

9.3. Análise do comentário "A geração digital entra em cena"

A GERAÇÃO DIGITAL ENTRA EM CENA

Julia Baldacci Orlovsky brinca de boneca e faz roupinhas como toda criança de 5 anos fazia na época de sua mãe e continua fazendo ainda hoje. Com uma diferença: ela desenha no computador os vestidos, que depois são impressos em tecido. O fim da velha brincadeira de casinha? Não, sinal dos tempos. A nova geração, nascida sob o signo da revolução da informática, sabe manejar computadores com a mesma agilidade com que suas avós manejavam dedal, agulha e linha. Muito diferente de seus pais, que só foram conhecer os recursos do micro quando adultos, a maior parte no ambiente de trabalho.

A geração que amava os Beatles e os Rolling Stones tem pesadelos diários com os manuais de instrução dos aparelhos eletrônicos. Seus filhos nem precisam se valer deles. Leonardo Sá Freire de Oliveira, de 9 anos, aprendeu a ligar o aparelho de som aos 2 anos para apreciar seus CDs prediletos. Depois, conheceu o videocassete, o videogame e o computador. Aos 4, decepcionou-se com a aula de informática da pré-escola que frequentava porque os micros eram antiquados. "Não tem Windows? Então não quero", declarou à professora atônita na época. Os pedagogos reagem desconcertados ao fenômeno que ameaça fugir de seu controle. Como lidar com crianças assim?

André Matias Ribeiro, de 4 anos, não sabe ler nem escrever, mas desde os 3 mexe no micro. Para ele, o *mouse* é mais fácil de movimentar que a caneta. Ana Luiza Pires da Cunha, de 10, desmonta e monta aparelhos eletrônicos desde pequena. Para crianças como essas, a vida de hoje sem controles remotos nem computadores equivaleria a uma idade das trevas. Todas têm extrema facilidade em lidar com novas tecnologias. Pesquisas feitas nos Estados Unidos mostraram que 70% das crianças daquele país usam computador em casa ou na escola. Algumas aprenderam com 18 meses a manusear o *mouse*. Em 1994, 50% dos jovens consideravam "in" acessar a internet. Essa porcentagem pulou para 88% no ano passado.

E no Brasil? Pesquisa exclusiva encomendada por *Época* ao Instituto Vox Populi, realizada em cinco capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte) confirma que os brasileiros estão se digitalizando. Crianças como as paulistas Julia e Ana Luiza, o baiano André e o carioca Leonardo não são exceções. A maioria dos jovens de sua geração sabe usar aparelhos como computador, videocassete, micro-ondas e radiorrelógio. Muitos dos que têm computador passam longas horas rodando programas, jogos ou acessando a Internet. Quando ligados à rede mundial, navegam pelos sites mas também não perdem a oportunidade de frequentar salas de bate-papo.

(Heitor Shimizu e Frances Jones. *Época*, São Paulo, Globo, 19/10/1998. Fragmento).

O comentário em análise parte de um confronto entre dois grupos:

- o da geração mais nova (a das crianças), *nascida sob o signo da revolução da informática*, já sabendo *manejar computadores*, e
- o da geração mais antiga (a dos pais, a dos avós), que só *foram conhecer os recursos do computador quando adultos*.

Esse confronto é apenas o ponto de partida, pois o que o comentário pretende ressaltar são as habilidades dessa geração nova no uso da parafernália eletrônica. *Todas têm extrema facilidade em lidar com novas tecnologias*. Na verdade, a referência à geração mais antiga constitui apenas o pano de fundo, que dá mais realce àquela nova geração que *sabe manejar computadores com a mesma agilidade com que suas avós manejavam dedal,*

agulha e linha. O eixo principal do texto gira, assim, em torno dessa precoce desenvoltura das crianças, um *fenômeno* frente ao qual *os pedagogos reagem desconcertados, pois não sabem como lidar com crianças assim.*

Daí que a seleção do vocabulário, para ser semanticamente adequada, vai ordenar-se por esses dois eixos e seus respectivos desdobramentos, com evidente concentração, é claro, no eixo relativo à 'nova geração'. Vejamos.

Em relação a este eixo, 'as palavras certas' começam por privilegiar o que seria próprio do grupo das meninas:

- *brincar de boneca, fazer* roupinhas, *vestidos, tecidos, brincadeira de* casinha (destacando os dois diminutivos sublinhados);
- para, depois, no desenvolvimento, incidirem sobre *micro, mouse, controle remoto, novas tecnologias, aparelhos eletrônicos, informática, videocassete, videogame, computador, internet, rede mundial, sites, salas de bate-papo*, entre outras. No âmbito específico dos verbos usados, vale referir os verbos *digitalizar, acessar, ligar, manusear, manejar, navegar* etc.
- Como se pode ver, são palavras ligadas a esse mundo da informática, das novas tecnologias, confirmando-se, assim, o princípio de que *o critério mais seguro para a seleção das palavras de um texto é a sua concentração temática.*
- Vale considerar que algumas dessas palavras — que constituem vocábulos específicos dessa área da informática — são palavras que emigraram de outras áreas ('navegar', por exemplo) e que foram aqui ressignificadas. De fato, as palavras podem adquirir novos significados conforme remetam para essa ou aquela área.
- É interessante destacar ainda que os representantes da nova geração têm nome e sobrenome; têm a idade apontada, o lugar de origem declarado; ou seja, *têm uma identidade particular* que é declarada. O que poderia parecer um simples pormenor constitui, ao contrário, uma estratégia dos autores para reforçar a importância, nesse contexto, do grupo dos 'novos', o propósito maior do comentário.

Em relação ao grupo dos pais e avós, um grupo *anônimo*, o que melhor corresponde ao contexto é apresentá-lo como a:

- *geração que amava os Beatles e os Rolling Stones,*
- a que somente conheceu *os recursos do computador quando adultos, a maior parte no ambiente de trabalho;*
- e tinha *pesadelos diários com os manuais de instrução dos aparelhos eletrônicos.*
- Também não é por acaso que, em relação a esse grupo, se fale em 'pesadelo', e em relação às 'avós' (daquela época!) se fale em *dedal, agulha e linha.*

A distância entre os dois mundos é ressaltada pela afirmação de que a nova geração:

- 'não sabe ler nem escrever' mas 'desde os 3 mexe no micro' e 'movimenta o mouse com mais facilidade que a caneta'.

A maior concentração do texto à volta da 'nova geração', como já ressaltei, evidencia que a pretensão do comentário é dar maior importância a esse grupo. O outro entra no curso do texto, para, no confronto, ressaltar a proeza dos que parecem ter nascido já sendo capazes de 'manejar' os aparelhos eletrônicos. Os *pedagogos* também entram em cena, mas como figurantes de uma peça em que os protagonistas são, sem dúvida, a nova geração.

Ou seja, o que se pretende com essa pequena amostra de análise é ressaltar que o fundamento, a base da seleção vocabular de um texto tem raízes nos eixos que fazem a sua unidade semântica. Em fidelidade a esses eixos, em consonância com eles, é que se escolhe uma ou outra palavra e, por outro lado, se deixa de escolher muitas outras.

Na verdade, as palavras — com seus sentidos, postos e pressupostos — é que materializam a expressão do que se pretende dizer e fazer verbalmente. Em certo sentido, as palavras que hão

de aparecer em um comentário, em um editorial, em um artigo de opinião, por exemplo, são previsíveis, desde que se conheça a direção de seus núcleos semânticos ou de suas pretensões intencionais.

Em qualquer análise, toda exploração do vocabulário deve ser feita nessa perspectiva do sentido global e de seus eventuais desdobramentos. Tal procedimento reforça a importância que se deve dar ao texto como totalidade: em seus sentidos e em suas intenções. Procurar os significados desconhecidos das palavras só tem sentido se as encaixamos nesse universo da compreensão global do que é dito.

9.1.3. Observações sobre alguns fatos gramaticais verificados no comentário "A geração digital entra em cena"

Vejamos como poderíamos nos apoiar em uma ou outra passagem do texto para desenvolver comentários que ressaltassem:

- a propósito de *'roupinhas — casinha'*, o valor afetivo que as expressões de grau, em muitos contextos, conferem aos substantivos ou adjetivos; esses valores, pejorativos ou não, diferem dos sentidos canônicos de grandeza ou pequenez; aliás, esse comentário poderia ir além para explorar o fato de que, no dia a dia, esses sufixos de grau podem ser acrescentados em, praticamente, todos os nomes da língua (por exemplo, *euzinho*, *elazinha*, *tudinho*, *nadinha*, *pertinho*, *cedinho*, *adeusinho*, *tchauzinho*, *até loguinho*), o que realça esse poder do falante de intervir e provocar alterações de sentido nas palavras;
- conforme referi, a indicação completa dos nomes dos componentes da nova geração é significativa nesse contexto, o que, sem dúvida, ultrapassa o simples reconhecimento de que se trata de nomes próprios; igualmente não é aleatória a omissão dos nomes e de outras marcas identitárias do grupo dos pais e avós; "na sombra", podem ficar anônimos;

- a ocorrência dos dois-pontos em *Com uma diferença: ela desenha no computador os vestidos, que depois são impressos em tecido*. Este sinalzinho indica que vamos ter acesso a uma explicação que foi previamente anunciada; pelo visto, a linha da continuidade vai sendo garantida;
- o sentido alargado do advérbio *'hoje'*, para significar não *'o dia'* mas 'a época' em que acontece a enunciação;
- a passagem do discurso indireto para o discurso direto e as modificações que isso acarreta na sequência do texto, como em: "Não tem Windows? Então não quero", declarou à professora atônita na época. Observemos o uso das aspas, que marcam a introdução da fala literal de um outro enunciador, expressa, naturalmente, na primeira pessoa do singular; o fim das aspas e a volta a um verbo em terceira pessoa marcam o fim desse discurso direto[4];
- a rede de retomadas pronominais, adverbiais ou lexicais que promovem a continuidade referencial do texto e lhe emprestam unidade e coerência, como em: *- na época de* <u>sua</u> *mãe; - Muito diferente de* <u>seus</u> *pais; - A geração que amava os Beatles e os Rolling Stones* (uma descrição definida oracional que cria uma relação de equivalência referencial); *- Como lidar com crianças* <u>assim</u>*?; - Para crianças como* <u>essas</u>*;* <u>Essa</u> *porcentagem pulou para 88%; - 70% das crianças* <u>daquele país</u> *- A maioria dos jovens de* <u>sua</u> *geração; Muitos* <u>dos</u> *que têm computador*, para citar apenas esses casos;
- a ocorrência de expressões conectivas, de diferentes valores semânticos, como, por exemplo: *quando, para, depois, porque, mas, mais ... de que, desde, também, como, mas também;* descobrir as articulações expressas por essas palavrinhas representa uma habilidade significativa para quem pretende entender o que ouve ou lê.

[4] Pretendo mostrar com esses comentários o quanto aparecem nos textos questões que, inevitavelmente, estão ligadas à gramática da língua em uso e que podem, por isso mesmo, ser objeto de estudo nas salas de aula. Ou seja, *não falta o que ensinar...*

Enfim, essas e outras ocorrências podem servir de referência para que sejam definidas nossas programações de estudo da língua. Afinal, os fatos que observamos nas análises são previsíveis dentro das regularidades de outros textos, inclusive aqueles que havemos de ler e de escrever.

9.4. A título de sugestão: a análise do vocabulário de um poema

LÍNGUA

Esta língua é como um elástico
Que espicharam pelo mundo.

No início era tensa, de tão clássica.
Com o tempo, se foi amaciando,
foi-se tornando romântica,
incorporando os termos nativos
E amolecendo nas folhas de bananeira
As expressões mais sisudas.
Um elástico que já não se pode
Mais trocar, de tão gasto;
Nem se arrebenta mais, de tão forte.

Um elástico assim como é a vida
Que nunca volta ao ponto de partida.

(Gilberto Mendonça Teles. *Falavra*. Lisboa: Dinalivro, 1989, p. 95-96.)

Mais uma vez, me parece evidente que a escolha das palavras obedece, sobretudo, a critérios relacionados ao gênero, a seus propósitos comunicativos, à sua unidade semântica. Esses critérios é que definem por onde vão as palavras, ou melhor, por onde vai o sentido das palavras, mesmo de certas escolhas pontuais.

Daí por que, no texto em análise, vale a pena partir da constatação de que se trata de um texto poético, cujo propósito — todos sabemos — é causar emoção estética, e cujo tema explora aspectos do objeto histórico-social 'língua'.

Por esses ângulos, é de se destacar:

- a metáfora criada em torno da semelhança entre 'língua' e 'elástico'; essa metáfora expressa a ideia da *flexibilidade* das línguas: língua que, *com a passagem do tempo, se espicha*; língua que deixa de ser *tensa*, deixa de ser *sisuda* e *se amacia* e *amolece*;
- a compreensão de que essa *flexibilidade das línguas não as enfraquece*; pelo contrário — e continua a metáfora —, 'o *elástico' já não se pode mais trocar de tão gasto, nem se arrebenta mais, de tão forte;*
- as expressões 'No início' e 'Com o tempo' já indicam que está em jogo a referência a um tempo em passagem; essa perspectiva é reiterada depois pela diferença dos tempos verbais em *era tensa* e *se foi amaciando*. Um tempo presente parece ser o ponto de chegada dessa passagem: *um elástico que já não se pode mais trocar;*
- alusões às circunstâncias que marcaram a história da língua portuguesa no Brasil podem ser vistas nas referência a uma língua que *espicharam pelo mundo*, que incorporou *os termos nativos*, que foi *amolecendo nas folhas de bananeira as expressões mais sisudas*;
- a antonímia implicada em '*amolecer*' e expressões '*sisudas*' é mais clara ainda entre 'tão gasto' e 'tão forte'.

A compreensão desses itens é, sem dúvida, significativa para termos acesso aos sentidos pretendidos para o poema e, daí, às emoções ou ao gosto que ele desperta em nós.

Passemos agora a uma outra experiência de linguagem, onde a poesia é pouca, e a melancolia pode ser muita.

9. 5. Análise de algumas "escolhas ao contrário"

É previsível que um texto, escrito para ser publicado num suporte prestigiado pelos meios sociais mais letrados, exiba uma seleção vocabular adequada. A própria contextualização em jogo impõe o respeito a esse critério de qualidade. Consciente disso, julguei que poderia cair numa redundância pouco funcional deter-me em análises sucessivas de textos que não apresentam ocorrências problemáticas de adequação vocabular.

Ocorreu-me, então, trazer para análise pequenos trechos de textos de alunos que apresentam problemas nesse âmbito da 'escolha certa da palavra certa'. Meu intuito é que, por esse meio, seja possível apreender com mais exatidão os motivos que levam a uma *inadequação vocabular*. Será, pois, uma 'análise ao contrário', assim como se examinássemos um objeto malformado para descobrir melhor seus padrões regulares de formação.

Os fragmentos que serão analisados foram colhidos em redações de alunos, no final do ensino médio. Tratava-se de uma dissertação cuja temática explorava questões ligadas às diferenças de gênero: homem e mulher.

Anotei fragmentos que me pareciam apresentar problemas de inadequação vocabular e, para este trabalho, selecionei alguns. Os meus comentários aparecem ao lado, entre parênteses. Vamos lá.

- O mundo tem passado por constantes mudanças e os seres vivos são responsáveis por isso — (A referência a 'seres vivos' abarca um domínio demasiado *amplo*, que, inclusivamente, ultrapassa o humano, o que gera uma desproporção em relação ao domínio mais *restrito* das mudanças; além disso, nem todos os seres vivos assumem as responsabilidades atribuídas no enunciado).
- O homem e a mulher *são seres humanos* privilegiados (A palavra '*humanos*' está a mais: os conceitos de 'homem' e de 'mulher' já esgotam toda a espécie humana; a afirmação do aluno aponta, implicitamente, para a possibilidade de existirem, dentro do humano, outros seres a mais que o homem e a mulher, os quais não seriam privilegiados; uma questão de coerência, portanto).
- (o homem e a mulher) dois seres que são muito importantes *na vida atual* (Pela formulação do enunciado, pode-se concluir que, *antigamente*, o homem e a mulher não tinham importância, o que seria insustentável).
- esse conceito [o da liberdade] *transformou* as mulheres em *dias melhores* — (Pode-se perceber aí mais do que um problema: o mais grosseiro seria a pretensão de identificar 'mulher' com 'dias', ou seja, 'a mulher' passa a ser 'dias'. Uma solução, para deixar a escolha das palavras adequada, poderia ser usar uma outra palavra no lugar de 'transformou' e acrescentar outra que, talvez, estivesse na mente do autor quando quis fazer essa observação; algo como: 'esse conceito resultou em novas condições para a situação das mulheres; melhor ainda seria dizer: 'as práticas decorrentes dessa *concepção* resultaram em...'
- homem e mulher essas duas *raças humanas* (A pluralização do termo '*raça*', é nesse caso inadequada, pois, embora existam muitos tipos de raças, não se pode admitir mais do que uma para a espécie humana; um termo no plural implica a existência de mais de uma entidade da mesma espécie, entidades concretas e contáveis).
- *Na raça humana*, homem e mulher sempre estiveram juntos (A expressão destacada, com função de localizador da predicação feita, é imprópria; 'homem e mulher, juntos', onde? Na 'raça humana'? Além disso, não dá para saber se — no âmbito da origem e da evolução da raça humana — o homem e a mulher sempre estiveram juntos; ou seja, não se pode dizer qualquer coisa...)
- a *classe* social *masculina* (Não existe uma 'classe social' que seja diferenciada pelo sexo; a expressão em destaque é, portanto, inadequada; a impressão que dá é que falta o conhecimento em torno do conteúdo que muitas palavras

têm e implicam, lacuna que a escola poderia suprir pelas atividades de leitura e de análise de textos).

- a convivência *entre* pessoas *do sexo oposto* (Na verdade, o 'sexo oposto' só se define em relação ao sexo do enunciador; fora de uma contextualização explícita o que existe são sexos opostos — tomando como referência, é claro, uma classificação bipartida da sexualidade; o adequado seria falar em 'pessoas *de sexos diferentes*').
- entre *os sexos femininos e masculinos* (Os dois adjetivos não podem estar no plural, pois não existe mais de um sexo feminino nem mais de um sexo masculino; as indicações de plural implicam não correspondência com o mundo real e constituem, assim, sinal de incoerência).
- *o sexo feminino* era visto como a senhora do lar (A expressão em destaque designa uma entidade bastante geral e abstrata, não se articulando, assim, com o nível concreto em que aparece a outra 'senhora do lar'; 'mulher' e 'senhora do lar' é que correspondem ao mesmo nível de enquadramento semântico).
- mulheres que *possui* uns *salários* inferiores (A combinação 'possuir salário' não costuma ocorrer; parece incompatível; o verbo 'possuir' pode ser usado como sinônimo de 'ter' mas não em todos os contextos).
- o homem e a mulher só conseguirão...quando se unirem por causas justas: *robalheira, egoísmo, injustiça* (A enumeração em destaque não cabe no domínio 'geral, hiperonímico', da expressão 'causas justas'; faltou, é claro, um segmento como 'luta contra...'; aí, sim, caberiam os termos da enumeração feita).
- os meios de *comunicações* (Nesse caso, o uso do plural deixa a palavra inadequada; *comunicações* são objetos concretos, contáveis, frequentemente referidos, por exemplo, em congressos para designar os trabalhos apresentados; é de se destacar a dificuldade dos alunos para discernir os efeitos de sentido provocados pelo uso das marcas de plural).

- *está havendo várias* crianças abandonadas (O uso da locução 'está havendo' implica um sentido aspectual de continuidade, que não é compatível com o complemento 'crianças abandonadas', já que esse item do mundo real não acontece em um processo continuado: a criança não 'vai-se abandonando'; ela é ou não abandonada; além disso, o quantificador 'vários' também é inadequado, pois seu uso se aplica a um contingente de objetos menor do que o das 'crianças abandonadas').
- o *salário* do homem é sempre mais *remunerado* (o 'homem' é que mais ou menos remunerado'; não, o salário).
- a mulher, desvalorizada por *ter* um sexo mais frágil (O verbo 'ter', nesse caso, está inadequado, pois 'a mulher não *tem* um sexo mais frágil'; tampouco o uso do indefinido 'um' está apropriado; ou seja, 'a mulher não tem um sexo mais frágil'; ela, popularmente, É O sexo mais frágil': o uso do definido é fundamental para sinalizar a ideia pretendida do superlativo relativo).
- o mundo continua mudando *de uma forma tecnologicamente* (A indicação da circunstância de modo, feita nesse caso, não é compatível com o verbo 'mudar': pode-se mudar lentamente, rapidamente, bruscamente, mas não 'tecnologicamente'; a alusão a 'tecnologia' tem sentido se o pretendido é indicar a área ou o domínio onde acontecem as mudanças).

Por essa pequena amostra, concluímos que pode ser útil a análise dos textos dos alunos, com todas as *tentativas bem ou malsucedidas*, explicando-se as razões de uma e de outra coisa, sem o ranço de quem 'procura erros' para corrigir, ou para justificar o rebaixamento das notas.

Por essa pequena amostra, fica evidente ainda que o professor de línguas precisa incluir, em suas atividades pedagógicas, *a análise das condições textuais de adequação das palavras*, o que supõe:

- considerar os efeitos de sentido provocados pela inserção de qualquer palavra na vizinhança com outras ou na sequência do texto;

- destacar, ainda, os efeitos de sentido derivados de certos recursos gramaticais (como o uso de um plural, de um diminutivo, de uma diferença aspectual do verbo etc.);
- ter em conta o gênero, o propósito comunicativo, os interlocutores previstos, o nível mais ou menos formal da linguagem;
- não se limitar àqueles exercícios de procurar, fora dos contextos de uso, o significado de palavras desconhecidas.

Em suma, o estudo do léxico deve constituir *uma das prioridades do ensino*, considerando seu papel na construção do sentido global do texto, na expressão de seus propósitos comunicativos, no recíproco entendimento pretendido pelos interlocutores.

Essa perspectiva vai além da superficialidade das análises que privilegiam o 'correto' em detrimento do 'sentido' e da 'intenção' com que as coisas são ditas.

O ensino, para não ser tão desperdiçado, tem que ampliar-se!

Acordar não é de dentro.
Acordar é ter saída.

(João Cabral de Melo Neto)

Capítulo 10

Uma espécie de síntese: como no final de uma longa conversa

Os tópicos sobre que falamos foram muitos. Não podia ser diferente. O domínio das questões linguísticas é muito vasto; tem desdobramentos uns depois dos outros. Vão dar lá em tempos adâmicos, em terras dos primeiros gritos e balbucios humanos.

No caso do Brasil, as questões linguísticas têm raízes lá em Pedro Álvares Cabral, ou em tempos muito antes de suas caravelas, lançadas ao Tejo e daí ao mar para alargar os reinos — da terra e do céu. Têm raízes ainda na imensa heterogeneidade de povos indígenas e africanos, uns anfitriões, outros convidados forçados, aos quais se juntaram mais tarde asiáticos e outros europeus, além dos lusos.

Estudar a língua implica, pois, aceitar fazer *uma viagem* para descobrir essas raízes e os troncos que elas sustentam; para descobrir as flores e os frutos que pendem de seus galhos. Para usufruir da sombra de sua imensa copa, na certeza de que essa língua está viva, crescente ainda, transmudando-se a cada dia, graças à intervenção de cada de um de seus falantes.

Não desfiguremos, portanto, nós, brasileiros, essa oportunidade tão fascinante de descobrir a língua que falamos, a língua que escrevemos e lemos. Com toda a história de multiculturalismo que ela carrega. Entremos no encantamento desse caminho

tão plural, mas, por isso mesmo, tão cheio de multissignificações. Aceitemos nos despir de velhos conceitos, cheios de ranço e de mofo, que nos faziam reduzir a língua a um sistema impessoal, a-histórico e des-humano, esgotável apenas por um conjunto de regras dogmaticamente definidas. Livremo-nos da impressão preconceituosa de que o português falado no Brasil não passa de uma caricatura desvirtuada da verdadeira língua portuguesa.

Envolvida nesse clima de aurora (que se segue a toda noite!), queria trazer, à guisa de síntese, alguns lembretes à volta de coisas que fui dizendo ao longo de nossa conversa. Vamos lá.

Quanto às práticas de análise

Na verdade, não há uma única fórmula de análise. Nem devíamos pretender que houvesse. Cada texto, com sua especificidade de organização, de desenvolvimento, de escolha das estratégias de abordagem, de seleção dos padrões de linguagem, é que vai inspirando os ângulos e os procedimentos de análise. Convém, portanto, que não engessemos nossas práticas de análise. Que saibamos renová-las, reinventá-las. Que saibamos surpreender, mesmo naquilo que o texto tem de regular e de estável, a novidade ou o jeito original de interpretar o que é dito. Se não, as análises viram exercício mecânico, pura rotina didática, cujo sentido se esvazia no próprio obscurecimento da função com que devem ser feitas. Sei que existe um corpo de princípios que asseguram as regularidades textuais; mas sei também que, de certa forma, o texto é que vai ditando as veredas por onde a análise nos deve levar: com um pé no repertório teórico que constituímos e com outro na linearidade do texto que temos diante de nós. O ideal maior seria que fizéssemos da análise uma prática não apenas escolar, convertida em tarefas de classe ou em dever de casa; mas que a estendêssemos ao exercício cotidiano da leitura e da escuta que fazemos por onde andamos. Ou seja, o ideal seria que o interesse por analisar textos, por examinar a forma como as coisas são ditas, os efeitos

que se pretende obter dizendo assim ou assado, pudesse superar o exercício da sala de aula e atingisse a prática da comunicação diária, onde uma multiplicidade de fenômenos, velhos, reinventados, novos, estão a cada momento acontecendo.

Quanto aos critérios de análise

Tudo o que é dito tem que ser entendido *em seu sentido e em sua intenção comunicativa global*. Até mesmo o que parece apenas pontual se explica, de alguma forma, por alguma vinculação com a dimensão macro do texto. Daí que a primazia da análise deve recair sobre o entendimento das ideias, das informações, dos enredos que perpassam o texto por inteiro. A função predominante, o objetivo global, as ideias principais, o ponto de vista dominante, tudo, enfim, que caracteriza o texto como um todo deve constituir o interesse primeiro de qualquer análise. A prática de tomar fragmentos somente se justifica se esses fragmentos são vistos como partes constitutivas de um todo. O sentido de qualquer texto resulta da unidade criada pelas sucessivas amarras que vão sendo feitas ao longo de seu percurso. Nada aconteceu isoladamente. Nada pode ser visto como peça autônoma.

Quanto aos textos

Começando pelo óbvio, digo que textos de qualquer natureza, literários ou não, de qualquer tipo, gênero, ou modalidade, de qualquer tamanho, em circulação nesse ou naquele suporte, representantes desse ou daquele dialeto, não importa, podem ser objeto de análises em sala de aula. O repertório é inesgotável; cada vez mais inesgotável. Os planos pensados para o curso é que podem ir indicando que gêneros ou que modalidade explorar. Os interesses dos alunos (mesmo aqueles que contrariam os nossos!) também devem ser levados em conta. É interessante ainda que

incluamos nesse rol os próprios textos dos alunos, que podem ser analisados em seus acertos e em suas tentativas malsucedidas. Está consensualmente provada a eficácia de se perceber *onde falhamos*, em vista de como fazer melhor mais adiante. De maneira geral, o propósito de trazer o texto para o centro da atividade pedagógica, pouco a pouco, nos faz enxergar a língua por parâmetros bem mais amplos e funcionais. O prejuízo maior de não termos nos centrado no texto foi o que a gente deixou de ver!

Quanto a aspectos do léxico em uso nos textos

O léxico precisa ser visto na sua dupla função: a dos sentidos que ativa e a do papel que cumpre na construção do texto. No que concerne à primeira função, convém destacar não o significado particular de cada palavra, mas *as relações de significado* que elas mantêm umas com as outras, o que supõe o cuidado de não considerá-las isoladamente. A sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, por exemplo, são textualmente relevantes porque criam uma rede de ligações entre um e outro ponto do texto. E, por esse viés, chegamos à segunda função do léxico: constituir *os fios que tecem a malha da unidade de sentido pretendida na interação*. Os pontos do texto que as palavras ocupam se articulam para garantir que a unidade não se perca. Assim é que, por exemplo, uma palavra que ocorre logo no primeiro parágrafo pode se justificar pela convergência criada com uma outra que aparece no último parágrafo. Logo, toda análise do léxico será tanto mais significativa quanto mais considerar a interdependência das palavras na construção de um sentido global para o que é dito.

Quanto à exploração dos fatos gramaticais

Um ponto bastante reiterado em nossas observações foi o de que *não se faz um texto apenas com gramática* ou, noutras palavras, foi a condição de *insuficiência da gramática* quando se trata de realizar um evento comunicativo. Fatores como o repertório de saberes acumulados, inclusive aqueles especificamente textuais, as normas sociais que regulam a interação verbal, tudo é parte constitutiva das ações de linguagem. O destaque que a gramática ganhou na história dos estudos escolares — a ponto de atropelar outras áreas do saber linguístico — decorre das concepções reducionistas e simplistas com que as línguas (e, consequentemente, a gramática) foram vistas. Abrindo nossos horizontes, portanto, podemos enxergar nos textos uma ação de linguagem que somente pode completar-se pela presença de vários fatores, inclusive categorias, fenômenos e fatos da gramática, que, dessa forma, não são os únicos. Pelo contrário, se articulam com outros, de forma que os sentidos criados resultam da conjunção de todos; por exemplo, da conjunção do léxico e da gramática; do linguístico e do textual; do textual e do pragmático. O eixo dos programas de estudo da língua deve ser, portanto, as especificidades de cada gênero, que vai pedindo, além de outras, lições da gramática que se ajusta à adequação de sua leitura e de sua produção. Evidentemente, tais lições de gramática precisam passar por uma crescente ampliação e por uma sistematização consistente, sem perder, no entanto, sua condição de elemento-parte-de-um-todo, elemento nem mais nem menos relevante que outros. Essa sistematização envolve classificações e nomenclaturas específicas (apresentadas não dogmaticamente e na medida certa), que têm sentido apenas como recurso de nomeação dos fatos da gramática. Nessa abertura de horizontes, ainda, a gramática ganha sentido e função; deixa de ser uma "gramática de regras" para ser uma "gramática de opções", conforme propõe Adam (2008: 75). Só assim ela perde o critério maior com que, ao longo de muitos séculos, ganhou visibilidade: o critério do certo e do errado. Em suma, o estudo da gramática tem seu lugar. Desde que se entenda *o que é esta gramática;* desde que se aceite o caráter inevitavelmente provisório de muitas de suas determinações; desde que se tenha como referência de sua validação os usos sociais (literários

ou não) efetivados agora e não, simplesmente, o que prescrevem as gramáticas; desde que ela represente possibilidades de uso e não a única alternativa de um dizer aceitável; desde que ela não esgote todas as prioridades de estudo da língua. Para o Prof. José Borges Neto, da Universidade Federal do Paraná, existe, para o ensino da língua, uma hierarquia de prioridades:

(a) alfabetizar adequadamente o aluno (e por isso entendo conseguir que o aluno seja capaz de ler e escrever textos) é objetivo de prioridade 1;

(b) ensinar língua padrão é objetivo de prioridade 2;

(c) iniciação científica é objetivo de prioridade 3.

Uma escola que não conseguiu satisfazer o objetivo de prioridade 1 fracassou solenemente.

Uma escola que não conseguiu satisfazer os objetivos de prioridade 1 e 2 não tem por que pretender atingir os objetivos de prioridade 3 (destaque meu).

Não se trata, portanto, de escolher entre *ensinar ou não gramática*; trata-se de clarificar certos conceitos, dar-lhes consistência e definir prioridades e procedimentos que nos conduzam a uma efetiva *competência comunicativa*. Traduzindo: *trata-se de deixar os alunos lendo, escrevendo, falando, entendendo, e amando a língua portuguesa, de ontem e de hoje (sobretudo aquela "amaciada nas folhas da bananeira")*.

Gostaria de fechar toda a conversa que tivemos dando a palavra a André Laurentino que, em seu texto *A lua da língua*, nos diz:

> Existe uma língua para ser usada de dia, debaixo da luz forte do sentido. Língua suada, ensopada de precisão. Que nós fabricamos especialmente para levar ao escritório, e usar na feira ou ao telefone, e jogar fora no bar, sabendo o estoque longe de se acabar. Língua clara e chã, ocupada com as obrigações de expediente, onde trabalha sob a pressão exata e dicionária, cumprimentando pessoas, conferindo o troco, desfazendo enganos, sendo atenciosamente sem mais para o momento. É a língua que Cristina usou para explicar quem quebrou o cabo da escova na pia do banheiro, num dia de sol em Fortaleza.
>
> Ou a língua empregada pelas aeromoças nos avisos mecanicamente fundamentais. Língua comum; mútua e funcionária. Língua diária; isto é, língua à luz do dia.
>
> Mas no entardecer da linguagem, por volta das quatro e meia em nossa alma, começa a surgir um veio leve de angústia. As coisas puxam uma longa sombra na memória, e a própria palavra *tarde* fica mais triste e morna, contrastando com o azul fresco e branco da palavra manhã. À tarde, a luz da língua migalha. E, por ser já meio escura, o mundo perde a nitidez. Calar, a tarde não se cala, mas diz menos o que veio a dizer. Por isso, poucas vezes se usa esta língua rouca do ciciar das cigarras, que cede à luz minguante da sintaxe, mas meio bêbada de escuridão.
>
> (...)
>
> Pois quando a língua em si mesma anoitece, o escuro espatifa o sentido. O sol, esfacelado, vira pó. E a linguagem se perde dos trilhos, de por onde ir. Tateia, titubeia e, com alguma sorte, tropeça, esbarrando em regras, arrastando a mobília das normas, e deixando no carpete apenas as marcas de onde um dia estiveram outros móveis. À noite, sonha nossa língua.

Espero, "nestas mal traçadas linhas", ter despertado a vontade de se viver essa língua que é 'usada de dia' e um pouco dessa língua do 'entardecer da linguagem'. Para que se perca a insipidez de uma língua que nem tem hora, nem lugar, nem é de ninguém: a 'língua morta' das atividades inventadas nos leilões de notas e créditos da escola (por vezes, com a bênção do santo padroeiro!)

Referências bibliográficas

ABAURRE, M. L. M., ABAURRE, M. B. M., PONTARA, M. *Português* — contexto, interlocução e sentido. São Paulo: Moderna, 2008.

ADAM, J.-M. *A linguística textual — introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

ANTUNES, I. *O ensino da língua materna como integração de conhecimentos linguísticos*. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 1986.

____. *Aspectos da coesão do texto — análise em editoriais jornalísticos*. Recife: Editora da UFPE, 1996.

____. A análise de textos na sala de aula: elementos e aplicações, *in*. MOURA, D. (org.) *Língua e ensino: dimensões heterogêneas*. Maceió: EDUFAL, 2000, p. 13-20.

____. *Lutar com palavras — coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

____. *Muito além da gramática — por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

____. *Língua, texto e ensino — outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZEREDO, J. C. (org.). *Língua portuguesa em debate — conhecimento e ensino*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BAGNO, M. *Dramática da língua portuguesa — tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

____. *Português ou brasileiro — um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

____. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

____. *Gramática: passado, presente e futuro*. Curitiba: Aymará, 2009.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. *Introduction to Text Linguistics*. Londres: Longman, 1981.

BERNARDEZ, E. *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.

BORTONI-Ricardo, S. M. *Educação em língua materna*: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos — por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

COSTA, S. R. A construção de "títulos" em gêneros diversos: um processo discursivo polifônico e plurissêmico, *in*: ROJO, R. (org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

____. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

____. Repensando a textualidade *in:* AZEREDO, J. C. (org.). *Língua portuguesa em debate — conhecimento e ensino*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 34-51.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos, *in*: GALVES, C., ORLANDI, E.; OTONI, P. (orgs.), 1988.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DISCINI, N. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desfazendo alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

____. *Português: língua e cultura*. Curitiba: Base Editora, 2003.

FARACO, C. A., TEZZA, C. *Prática de texto*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

____. *Oficina de texto*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

FÁVERO, L. O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão, *in:* KIRST, M.; CLEMENTE, E. (orgs.). *Linguística aplicada ao ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 51-61.

FERRAREZI, C. *Semântica para a educação básica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1987.

GIL, B. D., CARDOSO, E. A., CONDÉ, V. G. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

GUEDES, P. C. *Da redação à produção textual — o ensino da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

HALLIDAY, M. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

____. *Language Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

ILARI, R. *Introdução à semântica — brincando com a gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

____. *Introdução ao estudo do léxico — brincando com as palavras*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

ILARI, R., BASSO, R. *O português da gente — a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

KIRST, M.; CLEMENTE, E. (orgs.). *Linguística aplicada ao ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

KOCK, I. G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásicos, *in:* KIRST, M.; CLEMENTE, E. (orgs.). *Linguística aplicada ao ensino do Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, 83-98.

____. *A coesão textual*. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

____. *Intertextualidade — diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

KOCK, I. G. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

KOCK, I. G. V., ELIAS, M. V. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Exercícios de compreensão ou copiação nos manuais de ensino de língua. *Em Aberto*, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996.

____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, *in*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 1994.

____. *"O português são dois..." — novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto, in: BUNZEN, C. MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 199-226.

MOÇO, A. Gêneros, como usar. *Nova Escola*, ago. 2009, p. 48-57.

MOURA, D. (org.). *Língua e ensino: dimensões heterogêneas*. Maceió: EDUFAL, 2000.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

____. *A gramática: história, teoria e análise*. São Paulo: Unesp, 2002.

____. *Que gramática estudar na escola*. São Paulo: Contexto, 2003.

____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

____. *Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber — a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERINI, M. A. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 1985.

____. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

____. *Princípios de linguística descritiva — introdução ao pensamento gramatical*. Parábola Editorial, 2006.

____. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

____. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROJO, R. (org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

RONCARATI, C. (org.). *As cadeias do texto — construindo sentidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985.

SCMIDT, J. S. *Linguística e teoria de texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. *et alii*. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, M. *Português: uma proposta para o letramento*. São Paulo, Moderna, 1999.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação — uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

____. *Gramática* — ensino plural. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

Referências bibliográficas dos textos analisados

ALVES, R. *Estórias de quem gosta de escrever*. Cortez Editora: São Paulo, 1984, p. 61-62.

BORDINI, Mª da Glória. *Crônicas selecionadas e comentadas*. Porto Alegre: L&PM, 1982, p. 10-12.

BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BUCCI, E. A mercadoria alucinógena. *Veja*. São Paulo: 29 de abril de 1998.

CASTRO, C. M. *Revista Veja*, 8 de agosto de 2001.

FARACO, C. A. *Folha de S.Paulo*. 13 de maio de 2001.

LAURENTINO, A. A lua da língua, *in*: CAMPOS, C. L. S.; SILVA, N. J. (orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007, p. 95-98.

LUFT, Lya. *Pensar é transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PONTE PRETA, S. *Garoto linha dura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

QUEIRÓZ, Rachel de, *As cem melhores crônicas brasileiras*. Seleção de Joaquim Ferreira dos Santos. São Paulo: Objetiva, 2007.

QUINTANA, M. *Quintana de bolso*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SHIMIZU, H., JONES, F. A geração digital entra em cena. *Época*. Edição 22, São Paulo: Globo, 19 de outubro de1998.

TELES, G. M. *Falavra*. Lisboa: Dinalivro, 1989.

Irandé Antunes é graduada em línguas neolatinas pela Universidade Federal do Ceará, fez especialização em linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e é doutora em linguística pela Universidade de Lisboa. Leciona na Universidade Estadual do Ceará e atua como especialista em língua portuguesa junto ao Ministério da Educação e à Secretaria de Educação de Pernambuco. É autora de *Aspectos da coesão do texto; Aula de português - encontro e interação; Lutar com palavras: coesão & coerência; Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho* e *Língua texto e ensino - outra escola possível.*

ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM GARTH GRAPHIC 11/15 E IMPRESSA POR EDIÇÕES LOYOLA OFF-WHITE 80G PARA A PARÁBOLA EDITORIAL EM SETEMBRO DE 2011.

3ª EDIÇÃO

AGNALDO MARTINO

PORTUGUÊS

GRAMÁTICA ▪ INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL ▪ REDAÇÃO DISCURSIVA

ESQUEMATIZADO®

COORDENADOR
PEDRO LENZA

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978-85-02-21376-0

Martino, Agnaldo
Português esquematizado®: gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – 3. ed. rev. – São Paulo: Saraiva, 2014. – (Coleção esquematizado®)
Bibliografia.
1. Direito - Brasil - Linguagem 2. Português - Concursos I. Título.
CDU 340.113.1: 806.90(079)

Índice para catálogo sistemático:

1. Português : Concursos na área jurídica : Linguagem jurídica : Direito
340.113.1:806.90(79)

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Assistente editorial Sirlene Miranda de Sales
Produtora editorial Clarissa Boraschi Maria
Produtor multimídia William Paiva
Arte e diagramação e revisão Know-how Editorial
Serviços editoriais Camila Artioli Loureiro, Guilherme Henrique Martins Salvador, Kelli Priscila Pinto e Surane Vellenich
Capa Aero Comunicação
Produção gráfica Marli Rampim
Produção eletrônica Know-how Editorial

Data de fechamento da edição: 27-11-2013

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio

ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

HISTÓRICO DA OBRA

- **1.ª edição:** jan./2012; 2ª tir., fev./2012; 3ª tir., mar./2012; 4ª tir., jun./2012; 5ª tir., set./2012
- **2.ª edição:** jan./2013
- **3.ª edição:** jan./2014

Dedico este livro aos meus caros alunos — que, com suas indagações, me ajudaram a aprimorar conhecimentos para tentar oferecer sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus “aluninhos” um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar uma **metodologia** de estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, oferecesse o conteúdo necessário à preparação para provas e concursos.

O trabalho foi batizado como ***Direito constitucional esquematizado®***. Em nosso sentir, surgia ali uma metodologia **pioneira**, idealizada com base em nossa experiência no magistério e buscando, sempre, otimizar a preparação dos alunos.

A metodologia se materializou nos seguintes "pilares":

- **esquematizado®:** a parte teórica é apresentada de forma objetiva, dividida em vários itens e subitens e em parágrafos curtos. Essa estrutura revolucionária rapidamente ganhou a preferência dos concurseiros;
- **superatualizado:** doutrina e legislação em sintonia com as grandes tendências da atualidade e na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta, a leitura dinâmica e estimulante trazem a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;
- **palavras-chave *(keywords)*:** os destaques na cor azul possibilitam a leitura "panorâmica" da página, facilitando a fixação dos principais conceitos. O realce colorido recai sobre os termos que o leitor certamente grifaria com a sua caneta marca-texto;
- **recursos gráficos:** esquemas, tabelas e gráficos favorecem a assimilação e a memorização dos principais temas;
- **questões resolvidas:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com questões de concursos ou elaboradas pelos próprios autores, o que permite conhecer as matérias mais cobradas e também checar o aprendizado.

Depois de muitos anos de **aprimoramento**, o trabalho passou a atingir tanto os

candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídica**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível médio**, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Ada Pellegrini Grinover, sem dúvida, anteviu, naquele tempo, a evolução do *Esquematizado*®. Segundo a Professora escreveu em 1999, "a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de "concurseiros" de todo o País, sempre com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidamos professores das principais matérias exigidas nos concursos públicos das *áreas jurídica* e *não jurídica* para compor a **Coleção Esquematizado®**. **Roberto Caparroz** colaborou conosco na coordenação das obras voltadas às matérias não jurídicas.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e *know-how* da **Editora Saraiva**. Sem dúvida, ingredientes indispensáveis para o sucesso da nossa empreitada!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "esquematizado®"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (Português, Inglês e Literatura), mestre e doutorando em Língua Portuguesa pela PUCSP e festejado professor de Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como de cursos preparatórios para concursos e vestibulares: Prima, Complexo Educacional Damásio de Jesus, Marcato,

Central de Concursos, Meta, Formação, Qualidade, UniEquipe, Solução, entre outros.

Atualmente, leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG, via satélite, para várias cidades do País.

Não temos dúvida de que este livro contribuirá para "encurtar" o caminho do ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do "sonho dourado"!

Esperamos que a **Coleção Esquematizado®** cumpra o seu papel. Em constante parceria, estamos juntos e aguardamos suas críticas e sugestões.

Sucesso a todos!

Pedro Lenza
Mestre e Doutor pela USP
E-mail: pedrolenza@terra.com.br
Twitter: https://twitter.com/pedrolenza
Instagram: http://instagram.com/pedrolenza
Facebook: https://www.facebook.com/pedrolenza
Vídeos: https://www.youtube.com/pedrolenzaoficial
Saraiva: http://www.editorasaraiva.com.br/esquematizado

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de "concurseiros" que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado®**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado *Direito Constitucional Esquematizado®*.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, *a priori*, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz "faculdade para concursos", até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente "iniciam do zero" seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado®** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de *one stop shop*.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do "se", mas, sim, do "quando".

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz
roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR À 3ª EDIÇÃO

Chegamos à terceira edição do **Português Esquematizado®**. Desde o lançamento da obra, procuramos sempre atender às expectativas daqueles que desejavam um livro prático e completo para o estudo da Língua Portuguesa, por isso aceitamos as sugestões dos leitores, para melhorar o texto e corrigir os erros de digitação das edições anteriores. Agradeço a todos que contribuíram para que chegássemos até aqui.

Ao escrever este livro, foi minha intenção dar ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público ou vestibular**, porém de estilo simples e direto. Seguindo os parâmetros da **Coleção Esquematizado®**, o texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis e nos vestibulares: **Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva**. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa. É também um **instrumento auxiliar** para os que se preparam para o **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**, pois trabalha com os aspectos linguísticos imprescindíveis para um bom desempenho no quesito "Linguagem, Códigos e suas Tecnologias".

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!) e traz ainda uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta verificar o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, localizar esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos e vestibulares, com o benefício de estudar aquilo que lhe é

necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado®**, este também apresenta as **ideias principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades**, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz também muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto de interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas. Assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de domínio linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o País, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste livro.

Nesta segunda edição, optei por não fazer mudanças na estrutura da obra, uma vez que ela segue, ortodoxamente, a estrutura consagrada da **Coleção Esquematizado®**. Optei, também, por não fazer quaisquer acréscimos ao texto. Tal decisão baseia-se no fato de o livro ter sido muito bem aceito pelo seu público-alvo, cujos comentários, nos vários meios — redes sociais, cursinhos, escolas etc. —, dão-nos a certeza de que ainda não há necessidade de atualização.

Agradeço aos muitos leitores que fizeram do meu trabalho um sucesso editorial, e também a todos aqueles que, com sua leitura crítica, perceberam algum problema com o texto ou com a digitação e, gentilmente, enviaram a este autor suas sugestões de melhoria para um e outro parágrafo, assim como o apontamento dos deslizes de digitação ou revisão.

Devo **agradecimento especial aos nossos coordenadores, Pedro Lenza e Roberto Caparroz**, que confiaram no meu trabalho, permitindo-me fazer parte desta já prestigiada Coleção.

Sou **grato, ainda, a toda a equipe editorial da Saraiva**, por todo o apoio dispensado à realização deste livro.

Bom estudo!

Agnaldo Martino
agnaldomartino@gmail.com

1 FONOLOGIA

1.1. Fonema

1.2. Fonemas Vocálicos

1.2.1. Vogais

1.2.2. Semivogais

1.3. Fonemas Consonantais

1.4. Encontros Vocálicos

1.4.1. Ditongo

1.4.1.1. Crescente

1.4.1.2. Decrescente

1.4.1.3. Oral

1.4.1.4. Nasal

1.4.2. Tritongo

1.4.2.1. Oral

1.4.2.2. Nasal

1.4.3. Hiato

1.5. Encontros Consonantais

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

1.6. Dígrafo

1.7. Sílaba

1.8. Tonicidade

1.9. Formas Variantes

1.10. Divisão Silábica
1.10.1. Separam-se
1.10.2. Não se separam
1.10.3. Outras dicas

1.11. Questões

2 ORTOGRAFIA

2.1. Dificuldades Ortográficas
2.1.1. Uso do “S”
2.1.2. Uso do “Z”
2.1.3. Uso do “H”
2.1.4. Uso do “X”
2.1.5. Uso do “CH”
2.1.6. Uso do “SS”
2.1.7. Uso do “Ç”
2.1.8. Uso do “G”
2.1.9. Uso do “J”
2.1.10. Uso do “I”
2.1.11. Uso do “E”
2.1.12. Uso do “SC”

2.2. Formas Variantes

2.3. Palavras que não admitem forma variante

2.4. Emprego do hífen
2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
2.4.2. Hífen com sufixos
2.4.3. Hífen em locuções

2.5. Acentuação Gráfica
2.5.1. Regras gerais
2.5.1.1. Monossílabas tônicas
2.5.1.2. Oxítonas
2.5.1.3. Paroxítonas
2.5.1.4. Proparoxítonas
2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. Ditongos abertos
2.5.2.2. I e U tônicos
2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)
2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

2.6. Uso do PORQUÊ
2.6.1. Por que / por quê
2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
2.6.2. Porque
2.6.3. Porquê

2.7. Questões

3 MORFOLOGIA

3.1. Estrutura e Formação de Palavras
3.1.1. Estrutura das palavras
3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
3.1.1.3. Vogal temática
3.1.1.4. Tema
3.1.1.5. Afixos
3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
3.1.2. Formação das palavras
3.1.2.1. Derivação
3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
3.1.2.1.5. Regressiva
3.1.2.1.6. Imprópria
3.1.2.2. Composição
3.1.2.2.1. Justaposição
3.1.2.2.2. Aglutinação
3.1.2.3. Hibridismo

3.1.2.4. Onomatopeia
3.1.2.5. Abreviação
3.1.2.6. Sigla
3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
3.1.3.1. Radicais gregos
3.1.3.2. Radicais latinos
3.1.3.3. Prefixos gregos
3.1.3.4. Prefixos latinos

3.2. Classes de Palavras

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS
3.3.1. Substantivo
3.3.1.1. Classificação dos substantivos
3.3.1.1.1. Próprio ou comum
3.3.1.1.2. Simples ou composto
3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
3.3.1.1.5. Coletivo
3.3.1.2. Flexão de gênero
3.3.1.2.1. Biformes
3.3.1.2.2. Uniformes
3.3.1.2.2.1. Epicenos
3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
3.3.1.2.3. Formação do feminino
3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
3.3.1.3. Flexão de número
3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
3.3.1.4. Flexão de grau
3.3.1.4.1. Normal
3.3.1.4.2. Aumentativo

3.3.1.4.3. Diminutivo
3.3.2. Adjetivo
3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
3.3.2.1.1. Uniforme
3.3.2.1.2. Biforme
3.3.2.1.3. Simples
3.3.2.1.4. Composto
3.3.2.2. Adjetivo pátrio
3.3.2.3. Locução adjetiva
3.3.2.4. Flexão de gênero
3.3.2.4.1. Adjetivos simples
3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
3.3.2.5. Flexão de número
3.3.2.5.1. Adjetivos simples
3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
3.3.2.6. Flexão de grau
3.3.2.6.1. Grau comparativo
3.3.2.6.1.1. De igualdade
3.3.2.6.1.2. De superioridade
3.3.2.6.1.3. De inferioridade
3.3.2.6.2. Grau superlativo
3.3.2.6.2.1. Relativo
3.3.2.6.2.2. Absoluto
3.3.3. Artigo
3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
3.3.3.3. Particularidades do artigo
3.3.4. Numeral
3.3.4.1. Flexão dos numerais
3.3.4.2. Emprego dos numerais
3.3.4.3. Leitura dos numerais
3.3.5. Pronome
3.3.5.1. Pronomes pessoais
3.3.5.1.1. Caso reto
3.3.5.1.2. Caso oblíquo

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
3.3.5.3. Pronomes relativos
3.3.5.4. Pronomes interrogativos
3.3.5.5. Pronomes indefinidos
3.3.5.6. Pronomes possessivos

3.4. CLASSE VERBAL
3.4.1. Classificação dos verbos
3.4.1.1. Regulares
3.4.1.2. Irregulares
3.4.1.3. Anômalos
3.4.1.4. Defectivos
3.4.1.5. Abundantes
3.4.1.6. Auxiliares
3.4.1.6.1. Locução verbal
3.4.1.7. Unipessoais
3.4.1.8. Pronominais
3.4.2. Flexão dos verbos
3.4.2.1. Pessoa
3.4.2.2. Número
3.4.2.3. Modo
3.4.2.3.1. Indicativo
3.4.2.3.2. Subjuntivo
3.4.2.3.3. Imperativo
3.4.2.4. Tempo
3.4.2.4.1. Pretérito
3.4.2.4.2. Presente
3.4.2.4.3. Futuro
3.4.2.5. Voz
3.4.2.5.1. Voz ativa
3.4.2.5.2. Voz passiva
3.4.2.5.2.1. Analítica
3.4.2.5.2.2. Sintética

3.4.2.5.3. Voz reflexiva
3.4.3. Formação dos tempos verbais
3.4.3.1. Derivação
3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
3.4.3.1.3.5. Gerúndio
3.4.3.1.3.6. Particípio
3.4.3.2. Tempos compostos
3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
3.4.4. Formas nominais
3.4.4.1. Infinitivo
3.4.4.2. Particípio
3.4.4.3. Gerúndio
3.4.5. Emprego dos tempos verbais
3.4.5.1. Presente
3.4.5.2. Pretérito perfeito
3.4.5.3. Pretérito imperfeito
3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
3.4.5.5. Futuro do presente
3.4.5.6. Futuro do pretérito

3.4.5.7. Infinitivo pessoal
3.4.5.8. Infinitivo impessoal
3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS
3.5.1. Advérbio
3.5.1.1. Locuções adverbiais
3.5.1.2. Advérbios interrogativos
3.5.1.3. Grau do advérbio
3.5.1.3.1. Grau comparativo
3.5.1.3.2. Grau superlativo
3.5.2. Preposição
3.5.2.1. Classificação da preposição
3.5.2.1.1. Essenciais
3.5.2.1.2. Acidentais
3.5.2.2. Locução prepositiva
3.5.2.3. Combinação, contração e crase
3.5.2.3.1. Combinação
3.5.2.3.2. Contração
3.5.2.3.3. Crase
3.5.3. Conjunção
3.5.3.1. Conjunções coordenativas
3.5.3.1.1. Aditivas
3.5.3.1.2. Adversativas
3.5.3.1.3. Alternativas
3.5.3.1.4. Conclusivas
3.5.3.1.5. Explicativas
3.5.3.2. Conjunções subordinativas
3.5.3.2.1. Integrantes
3.5.3.2.2. Adverbiais
3.5.3.2.2.1. Causais
3.5.3.2.2.2. Comparativas

3.5.3.2.2.3. Concessivas
3.5.3.2.2.4. Condicionais
3.5.3.2.2.5. Conformativas
3.5.3.2.2.6. Consecutivas
3.5.3.2.2.7. Finais
3.5.3.2.2.8. Proporcionais
3.5.3.2.2.9. Temporais
3.5.4. Interjeição
3.5.4.1. Locuções interjetivas

3.6. Questões

4 SINTAXE

4.1. Frase, Oração e Período
4.1.1. Frase
4.1.2. Oração
4.1.3. Período

4.2. Sintaxe da Oração
4.2.1. Termos essenciais da oração
4.2.1.1. Sujeito
4.2.1.1.1. Sujeito determinado
4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
4.2.1.1.3. Sujeito oracional
4.2.1.2. Oração sem sujeito
4.2.1.3. Predicado
4.2.1.3.1. Verbo de ligação
4.2.1.3.2. Verbo nocional
4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
4.2.1.3.3. Predicativos
4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
4.2.1.3.4. Classificação do predicado
4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
4.2.2. Termos integrantes da oração
4.2.2.1. Objeto direto
4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico
4.2.2.1.3. Objeto direto interno
4.2.2.2. Objeto indireto
4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
4.2.2.3. Complemento nominal
4.2.2.4. Agente da passiva
4.2.3. Termos acessórios da oração
4.2.3.1. Adjunto adnominal
4.2.3.2. Adjunto adverbial
4.2.3.3. Aposto
4.2.4. Vocativo

4.3. Sintaxe do Período
4.3.1. Período composto por coordenação
4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
4.3.2. Período composto por subordinação
4.3.2.1. Oração principal
4.3.2.2. Oração subordinada
4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
4.3.2.3. Orações reduzidas
4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

4.4. Regência
4.4.1. Regência nominal
4.4.2. Regência verbal
4.4.3. Particularidades da regência
4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
4.4.3.3. Regência com pronome relativo
4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
4.4.4. Sujeito e regência

4.5. Crase
4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
4.5.2. Crase com artigo

4.6. CONCORDÂNCIA
4.6.1. Concordância nominal
4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
4.6.1.2.5. Silepse de gênero
4.6.1.2.6. Tal qual
4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
4.6.2. Concordância verbal
4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
4.6.2.1.3. Silepse de número
4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
4.6.2.6. Concordância do verbo ser
4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

4.7. Colocação Pronominal
4.7.1. Próclise
4.7.2. Mesóclise
4.7.3. Ênclise
4.7.4. Caso especial
4.7.5. Com locuções verbais

4.8. Questões
5 PONTUAÇÃO
5.1. Vírgula
5.2. Ponto e vírgula
5.3. Dois-pontos
5.4. Ponto-final
5.5. Ponto de interrogação
5.6. Ponto de exclamação
5.7. Reticências
5.8. Parênteses
5.9. Travessão
5.10. Aspas
5.11. Questões
6 SEMÂNTICA
6.1. Sinônimo
6.2. Antônimo
6.3. Homônimos
6.4. Parônimos
6.5. Polissemia
6.6. Denotação e Conotação
6.7. Questões
7 ESTILÍSTICA
7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
7.1.1. Figuras de som
7.1.1.1. Aliteração

7.1.1.2. Onomatopeia
7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
7.1.2.1. Anacoluto
7.1.2.2. Anáfora
7.1.2.3. Apóstrofe
7.1.2.4. Assíndeto
7.1.2.5. Elipse
7.1.2.6. Hipérbato
7.1.2.7. Pleonasmo
7.1.2.8. Polissíndeto
7.1.2.9. Silepse
7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
7.1.2.9.2. Silepse de gênero
7.1.2.9.3. Silepse de número
7.1.2.10. Zeugma
7.1.3. Figuras de pensamento
7.1.3.1. Antítese
7.1.3.2. Antonomásia
7.1.3.3. Catacrese
7.1.3.4. Comparação
7.1.3.5. Gradação
7.1.3.6. Eufemismo
7.1.3.7. Hipérbole
7.1.3.8. Ironia
7.1.3.9. Metáfora
7.1.3.10. Metonímia
7.1.3.10.1. O autor pela obra
7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
7.1.3.10.5. A parte pelo todo
7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
7.1.3.10.7. A marca pelo produto
7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa
7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
7.1.3.11. Prosopopeia
7.1.3.12. Sinestesia

7.2. Vícios de Linguagem
7.2.1. Barbarismo
7.2.2. Solecismo
7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
7.2.4. Cacófato
7.2.5. Pleonasmo vicioso
7.2.6. Neologismo
7.2.7. Eco
7.2.8. Arcaísmo

7.3. Questões

8 INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

8.1. NOÇÃO DE TEXTO
8.1.1. Texto literário e texto não literário
8.1.2. Níveis de linguagem
8.1.3. Funções da linguagem
8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
8.1.3.4. Função metalinguística
8.1.3.5. Função fática
8.1.3.6. Função poética

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL
8.2.1. Descrição
8.2.2. Narração
8.2.2.1. Foco narrativo
8.2.2.2. Tipos de discurso
8.2.3. Dissertação

8.3. Compreensão e Interpretação
8.3.1. Interpretação subjetiva

8.3.2. Interpretação objetiva
8.3.2.1. Vocabulário
8.3.2.1.1. Palavras-chave
8.3.2.1.2. Ideias-chave
8.3.2.2. Gramática
8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

8.4. Coesão e Coerência
8.4.1. Coesão
8.4.1.1. Coesão referencial
8.4.1.1.1. Substituição
8.4.1.1.2. Reiteração
8.4.1.2. Coesão recorrencial
8.4.1.2.1. Recorrência de termos
8.4.1.2.2. Paralelismo
8.4.1.2.3. Paráfrase
8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
8.4.1.3. Coesão sequencial “stricto sensu”
8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
8.4.2. Coerência
8.4.2.1. Coerência semântica
8.4.2.2. Coerência sintática
8.4.2.3. Coerência estilística
8.4.2.4. Coerência pragmática
8.4.2.5. Itens produtores de coerência
8.4.2.5.1. Inferências
8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
8.4.2.5.3. Situacionalidade
8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
8.4.2.5.5. Informatividade
8.4.2.5.6. Focalização
8.4.2.5.7. Intertextualidade
8.4.2.5.8. Relevância

8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese

8.5.1. Paráfrase
8.5.2. Resumo
8.5.3. Síntese

8.6. Inferência

8.7. Questões

9 REDAÇÃO OFICIAL

9.1. Correspondência

9.2. Correspondência Oficial

9.3. Características da Redação Oficial
9.3.1. Impessoalidade
9.3.2. Correção gramatical
9.3.3. Formalidade e padronização
9.3.3.1. Pronomes de tratamento
9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
9.3.4. Concisão e clareza

9.4. Manual de redação da Presidência da República

9.5. Instrução Normativa n. 4/92

9.6. O Padrão Ofício
9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
9.6.2. Tipo do documento
9.6.3. Local e data
9.6.4. Destinatário
9.6.5. Assunto

9.6.6. Texto
9.6.7. Fecho
9.6.8. Identificação do signatário

9.7. Forma de diagramação

9.8. Comunicações oficiais
9.8.1. Apostila
9.8.2. Ata
9.8.3. Aviso
9.8.4. Certidão
9.8.5. Circular
9.8.6. Contrato
9.8.7. Convênio
9.8.8. Correio eletrônico
9.8.9. Declaração
9.8.10. Decreto
9.8.10.1. Decretos regulamentares
9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
9.8.11. Edital
9.8.12. Exposição de motivos
9.8.13. Fax
9.8.14. Informação
9.8.15. Instrução e instrução normativa
9.8.16. Memorando
9.8.17. Mensagem
9.8.18. Ofício
9.8.19. Ordem de serviço
9.8.20. Parecer
9.8.21. Requerimento
9.8.22. Portaria
9.8.23. Relatório
9.8.24. Resolução
9.8.25. Telegrama

9.9. Questões

10 REDAÇÃO DISCURSIVA

10.1. Qualidades Fundamentais do Texto

10.2. Tipologia Textual

10.3. Figuras e Temas

10.4. Dissertação Objetiva

10.4.1. Argumentação

10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

10.4.1.4. Argumento lógico

10.4.2. Defeitos da argumentação

10.4.2.1. Tautologia

10.4.2.2. Noção semiformalizada

10.4.2.3. Noção confusa

10.4.2.4. Generalização

10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

10.4.2.6. Erro pela conclusão

10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

10.5. Progressão Discursiva

10.6. Dicas para se Escrever Bem

10.7. Técnica de Redação

10.8. Temas de Atualidades

10.9. Temas Técnicos

10.10. Estudo de Casos

11 PROVAS SIMULADAS

Prova Simulada 1

Prova Simulada 2

Prova Simulada 3

Prova Simulada 4

Prova Simulada 5

Prova Simulada 6

Prova Simulada 7

Prova Simulada 8

Prova Simulada 9

Prova Simulada 10

Prova Simulada 11

Prova Simulada 12

Prova Simulada 13

Prova Simulada 14

Prova Simulada 15

Prova Simulada 16

Prova Simulada 17

Prova Simulada 18

Prova Simulada 19

Prova Simulada 20

Prova Simulada 21

Prova Simulada 22

Prova Simulada 23

Prova Simulada 24

Prova Simulada 25

Prova Simulada 26

Prova Simulada 27

Prova Simulada 28

Prova Simulada 29

Prova Simulada 30

Prova Simulada 31

Prova Simulada 32

Prova Simulada 33

Prova Simulada 34

Prova Simulada 35

Referências

1

FONOLOGIA

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades. Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.

Evanildo Bechara

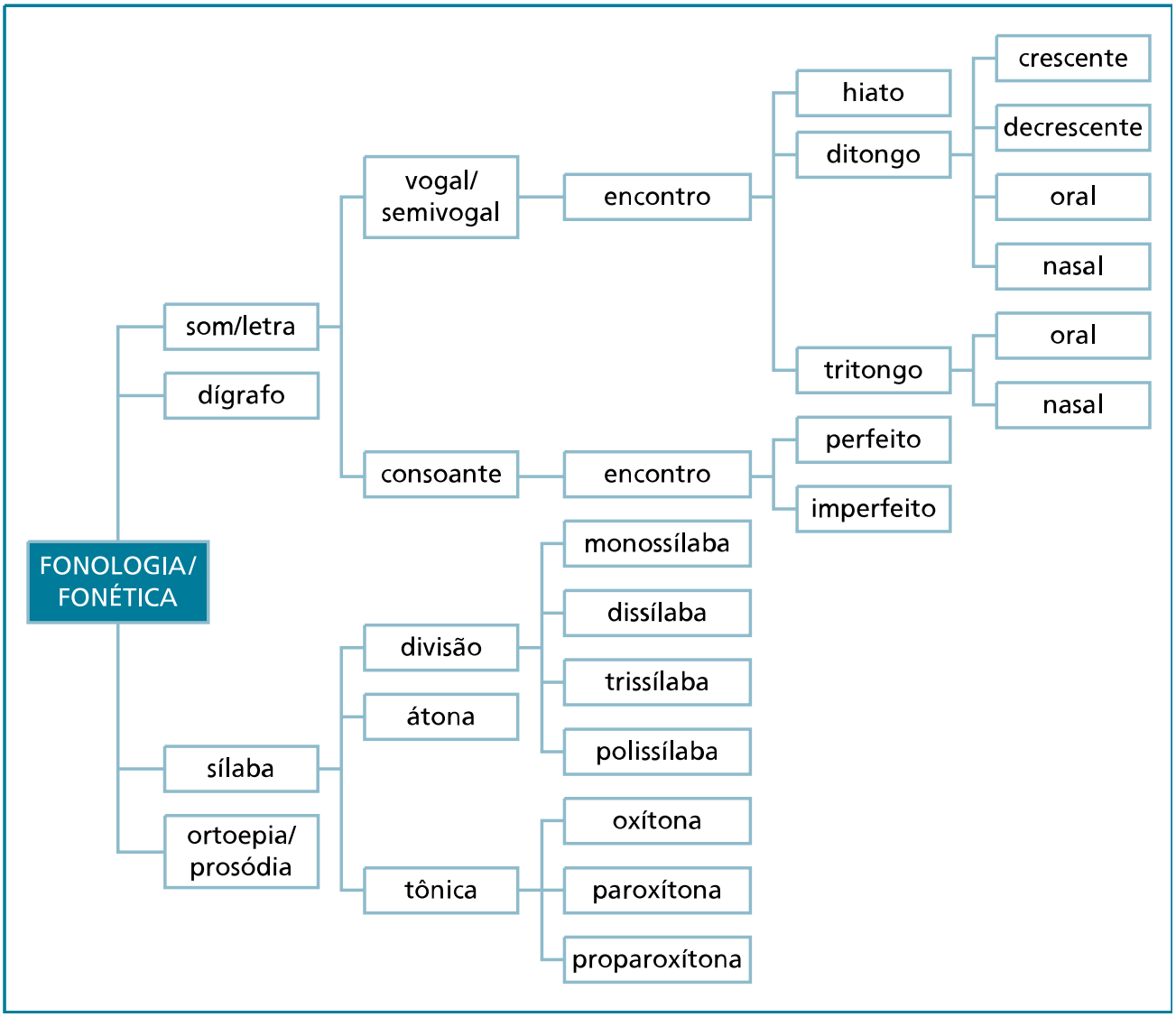

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para a comunicação**, em relação a determinada língua.

Curiosidade: O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou a cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

1.1. FONEMA

O s **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e /te/.

Curiosidade: Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.

J — letra jota > som /je/.

H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA

5 letras: c, a, l, h, a.

4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.

TÁXI

4 letras: t, a, x, i.

5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**

/i/ é semivogal

/e/ é vogal

t**ou**-ro

/o/ é vogal

/u/ é semivogal

m**ãe**

/a/ é vogal

/e/ é semivogal

p**ão**

/a/ é vogal

/o/ é semivogal

1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única sílaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

1.4.1.1. Crescente

Começa com semivogal e termina com vogal: cár**ie**, histór**ia**, tên**ue**.

1.4.1.2. Decrescente

Começa com vogal e termina com semivogal: t**ou**ro, dent**ai**s, p**ei**xe.

De acordo com a **pronúncia**, o ditongo pode ser:

1.4.1.3. Oral

Quando o som sai completamente pela boca: tên**ue**, dent**ai**s.

1.4.1.4. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: p**ão**, m**ãe**, tamb**ém**, cantar**am**.

Curiosidade: *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-b**ei**/ e /cã-ta-r**au**/.

1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: ig**uai**s.

1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pela nariz: q**uã**o.

1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a**-**í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba:** **pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g**-**n**o; pe**r**-**f**ei-to; a**r**-**t**i**s**-**t**a.

Curiosidade: Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.

pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/

af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá
LH — telha
NH — ninho
GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado
SC — descer
SÇ — desço
XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano
OM — tombo
UM — tumba

AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

Curiosidade: Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gu**i; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o ar do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal; portanto, **não existe sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, a palavra será classificada como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.
- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleico.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pí* é a sílaba tônica, as outras são átonas.
sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

Curiosidade: Em cada palavra, há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas:

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra:

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.

■ *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.

■ *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

■ 1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata
alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo
boêmia ou boemia
crisântemo ou crisantemo
Dário ou Dario
dúplex ou duplex
Gândavo ou Gandavo
geodésia ou geodesia
hieróglifo ou hieroglifo
homília ou homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
tríplex ou triplex
xérox ou xerox
zângão ou zangão

Há palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler; liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

Curiosidade: Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das

palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.

ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.

ínterim — sílaba tônica = ín.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.

São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.

São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito; exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.

São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.

Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.

Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.

Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.

Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bigo, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-tender.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.
b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

Resposta: "a". A sílaba tônica é ÍN-, ínterim.

2. (FAU-Santos) Nas palavras *enquanto, queimar, folhas, hábil* e *grossa*, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

Resposta: "d". Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras *anjinho, carrocinhas, nossa* e *recolhendo*, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.

c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

Resposta: “b”. Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

Resposta: “d”. A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

Resposta: “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras *psicossocial* e *traído* estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

Resposta: “a”: psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em *papagaio* temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.

c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

Resposta: “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

Resposta: “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

Resposta: “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.
d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

Resposta: “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

Resposta: “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

Ortografia
Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa.
Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum.
[Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

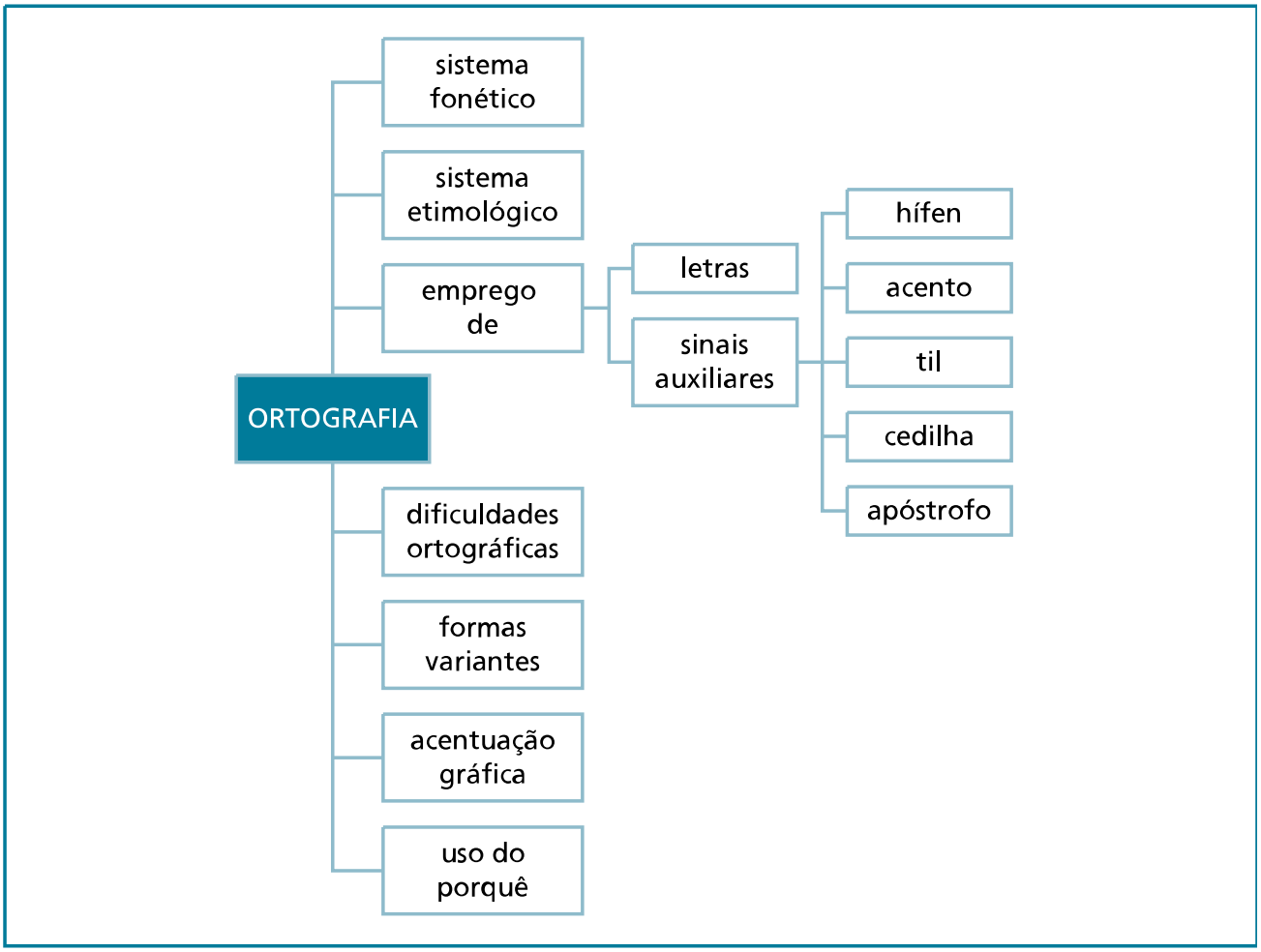

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

Curiosidade: O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.

O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego "orthós" = **direito** + "gráphein" = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos**, chamados **letras**, e além delas usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Curiosidade: Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do "S"

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do "Z"

a) nas palavras derivadas de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

Curiosidade: Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

Curiosidade: Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

2.1.3. Uso do "H"

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

Curiosidade: Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

Curiosidade: Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

2.1.4. Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

Curiosidade: Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

Curiosidade: Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
de cheio = encher, enchimento, enchente
de charco = encharcado
de chumaço = enchumaçado
de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

2.1.5. Uso do "CH"

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

2.1.6. Uso do "SS"

Emprega-se nas seguintes **relações:**
a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.
b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.
c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.
d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

2.1.7. Uso do "Ç"

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.
b) após **ditongo:** louça, feição, traição.
c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

2.1.8. Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.
b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

2.1.9. Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.
b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

2.1.10. Uso do "I"

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

2.1.11. Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

2.1.12. Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar
abdome ou abdômen
afeminado ou efeminado
ajuntar ou juntar
aluguel ou aluguer
aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião

bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina
cociente ou quociente
coisa ou cousa
cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça

gorila ou gorilha
hemorróidas ou hemorróides
impingem ou impigem
imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade
rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar, relampear, relampejar, relamprar

remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro
toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa
volibol ou voleibol

2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria

empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: "Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido".

Exemplos: couve-flor, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-,

geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*

2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***voga***l, h, m, n**:** *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude.*

Atenção:

Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar.

Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou "p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos além-**,** aquém-**,** bem-**,** ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-**:** *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei*, *pós-graduação, pós-tônico*, *pré-escolar, pré-natal*, *pró-africano, pró-europeu*, *recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

Curiosidade: Em muitos compostos, o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao

segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo mal-, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por vogal, h ou l: mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ab-, ob-, sob-, sub-, ad-, cujo elemento seguinte se inicia por r: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como -açu, -guaçu e -mirim, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

Curiosidade: Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

Curiosidade: O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

2.5.1. Regras gerais

2.5.1.1. Monossílabas tônicas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**
pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

2.5.1.2. Oxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**
sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós
amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

2.5.1.3. Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

Curiosidades:

a) Palavras terminadas em **-n**, no plural:

-ons: com acento — elétrons, nêutrons.

-ens: sem acento — hifens, polens.

b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.

c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito

do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

2.5.1.4. Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. Ditongos abertos

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia.

2.5.2.2. I e U tônicos

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o** -s**)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

Curiosidade: A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação:

ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em "m" – não há regra para se acentuar).

ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em "em" recebem acento gráfico).

2.5.2.4. Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

Curiosidade: Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil: **dêmos (presente do subjuntivo)** — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

2.6. USO DO PORQUÊ

2.6.1. Por que / por quê

2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):
Por que não veio?
Gostaria de saber por que lutamos.
Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
Você precisa de quê?
Ela sabe o quê!

2.6.1.2. Preposição + pronome relativo

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).
Ela é a mulher por que me apaixonei.
Não conheço as pessoas por que espero.

2.6.2. Porque

conjunção
Equivale a **pois**.
Eu não fui à escola porque estava doente.
Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

2.6.3. Porquê

substantivo
Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).
Qual o porquê da sua revolta?

Este porquê não me convenceu.
Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

■ 2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, *senão* acordará tarde amanhã.
b) *Mal* chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que *há* cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava *mau* informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje *a* dois meses, pedirei um novo empréstimo.

Resposta: "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se a adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se a substantivo.

2. (Vunesp) Eles _____ ajudar e _____ as _____ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

Resposta: "d". O verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com s — quiseram e puseram.

3. (Esaf) Identifique o item destacado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta ***à (A)*** lei ordinária ***estabelecer (B)*** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja ***elastecido (C)*** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e ***previlégios (D)*** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou ***gozo (E)*** de situações ou "status" especiais.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: "d". A grafia correta é privilégio, com i.

4. (FGV) Na última _____ de cinema, havia somente _____.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.

e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

Resposta: “a”. Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. (FGV) Já que foram _____ pelo tribunal do júri, exigirão a _____ das _____.

a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

Resposta: “d”. Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com s.

6. (FCC) Era _____ do _____ ter atitudes _____.

a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

Resposta: “a”. Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. Suas respostas _____ e atitudes _____ acabaram _____ desconfiança entre os colegas.

a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

Resposta: “c”. Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.

a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

Resposta: “b”. Há dois erros: a palavra “ascensão” deve ser escrita com s na última sílaba; a palavra “mobiliza” deve ser escrita com z, pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.
b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.
c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.
d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.
e) Muitos europeus dizem que *a barca está cheia* e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

Resposta: "e". Neonazistas se escreve com z.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não ***constitue (1)*** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior ***à do (2)*** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres ***cujo (3)*** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, ***as (4)*** condena a ***se (5)*** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "a". Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com i na 3a pessoa do singular.

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública ***se essa estiver (1)*** prevista na lei orçamentária, ***mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)***. Ou seja, ***o fato de a despesa estar prevista na Lei***

Orçamentária (3) não obriga o governante a realizá-la. ***Se o governo fez (4)*** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, ***caso julgue oportuno e conveniente (5)***.

(<http://www.lrf.com.br>)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

Resposta: "c". A palavra "despesa" se escreve com s.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI representou ***tão grande (1)*** avanço para a contabilidade pública da União ***que (2)*** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance ***transcendeu (3)*** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, ***tem (4)*** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de ***absorver (5)*** tecnologia para a implantação de sistemas similares.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "d". "Têm" deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito "vários países".

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.
b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.
c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o leva a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.

d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.
e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

Resposta: "c". "... fazendo com que o Estado retomasse..." — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.
e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Resposta: "b". Intitular é a forma correta, com i.

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.
b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.
c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.
d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.
e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

Resposta: "e". Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisas; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.
b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.
c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.
d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.
e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

Resposta: "a". Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. Indique a alternativa correta:
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

Resposta: "a". Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.
a) Por que insistes no assunto?
b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

Resposta: "c". Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:
a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

Resposta: "d". ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:
— _____ me julgas indiferente?
— _____ tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas _____?
— Nem sei o _____.
a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê

e) Porque, Porque, por quê, por quê

Resposta: “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Nem sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

Resposta: “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. A grafia está incorreta em:

a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

Resposta: “b”. Pretensão, com s.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

Resposta: “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

Resposta: “c”. “Beneficente” é a grafia correta.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.

b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Resposta: “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. Indique a alternativa em que *não* há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

Resposta: “c”. Corrigindo os erros: a) atrasado, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

Resposta: “d”. Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

Resposta: “c”. Pretensioso.

30. Por diversas vezes _____ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _____ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar

c) hezitou — amenizar
d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

Resposta: “a”. Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Resposta: “a”. ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.
d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

Resposta: “a”. Herege, pretensioso.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

Resposta: “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

Resposta: “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

Resposta: "d". Ansiosos.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

Resposta: "a". Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então, "corrigi" é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe _____ .
2. O que _____ estes frascos?
3. Neste momento os teóricos _____ os conceitos.
4. Eles _____ a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem.
b) convém, contém, reveem, provêm.
c) convêm, contêm, revêm, provêem.
d) convém, contém, revêem, provêem.
e) convêm, contêm, reveem, provêm.

Resposta: "a". Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o "ee", mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

Resposta: “b”. Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzi-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

Resposta: “d”. A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. Dadas as palavras

1. apóiam
2. baínha
3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)
a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

Resposta: “d”. Apoiam — o ditongo aberto “oi” só recebe acento em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — “i” tônico seguido de “nh” não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo “oo”.

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.
d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

Resposta: “c”. Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do “i” e do “u” tônicos, formadores de hiato.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

Resposta: “c”. Pôr (verbo) conserva o acento diferencial. Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em “m”,

portanto não há regra para acentuá-la.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

Resposta: “e”. O plural de caráter é caracteres (a sílaba tônica se desloca para “TE”).

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

Resposta: “d”. Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.
c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.
e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Resposta: “c”. Faltou acento circunflexo no verbo “ter” para concordar com o sujeito plural: ... os senhores têm...

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.
d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

Resposta: “a”. Táxi, hífen e gás.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.

d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

Resposta: “c”. Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

Resposta: “c”. Paradígma — a grafia correta é “paradigma”.

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

Resposta: “a”. Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. Assinale a opção cuja palavra em destaque não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser *gratuito*.
b) Não *ves* que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem *carater*.
d) Saberias dizer o *conteudo* da carta?
e) *Veranopolis* é uma cidade que não para de crescer.

Resposta: “a”. Gratuito.

51. À luz de seu magnífico _____do sol, _____ parece uma cidade _____ .

a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

Resposta: “e”. Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, *exceto* em:

a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

Resposta: “b”. Itens — paroxítona terminada em “-ens” — não recebe acento.

53. Aqueles que _____ do interior, _____ a cidade grande como o mundo que lhes _____ .

a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

Resposta: “b”. Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o “ee” no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

1 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

3

MORFOLOGIA

Morfologia
(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que estuda
a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma,
quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

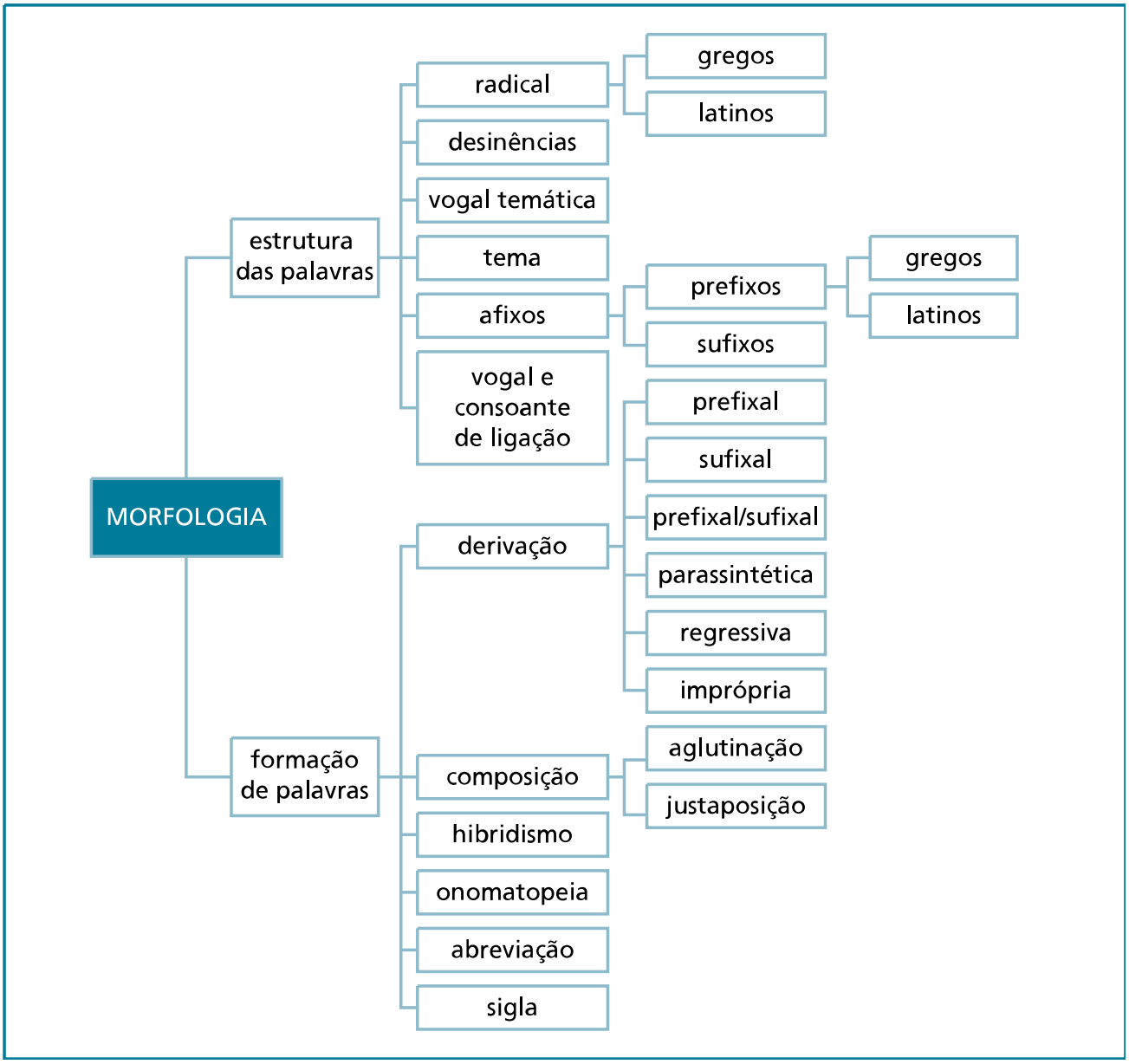

3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas ou elementos mórficos**.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os morfemas são classificados em:

3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livr**o, **livr**aria, **livr**eira.

3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:

a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);

b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbos (**desinências verbais**):

- meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
- amávamos = amá (radical) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

3.1.1.3. Vogal temática

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:

a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r

e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r

i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

Curiosidade: O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

3.1.1.4. Tema

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

3.1.1.5. Afixos

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.

Podem ser:

- *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
- *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação

chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português, existem, principalmente, **cinco processos** diferentes.

3.1.2.1. Derivação

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer, en**trist**ecer, des**alm**ado, e**mud**ecer**.

Curiosidade: A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua

existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:

desleal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal

entard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

3.1.2.1.5. Regressiva

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca (de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

Curiosidade: Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome

de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

3.1.2.1.6. Imprópria

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

3.1.2.2. Composição

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

3.1.2.2.1. Justaposição

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

3.1.2.2.2. Aglutinação

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

3.1.2.3. Hibridismo

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

3.1.2.4. Onomatopeia

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

3.1.2.5. Abreviação

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

Curiosidade: Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.

Abreviatura é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:

abreviatura = abr., abrev.

academia = acad.

acadêmico = Acad., Acadêm.

acórdão = ac.

advocacia = adv., advoc.
aguarda deferimento = A.D.
alqueire(s) = alq.
altitude = alt., altit.
alvará = alv.
anno Christi, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
ante meridiem (antes do meio-dia) = a.m.
antes de Cristo = a.C.
ao ano = a/a, a.a.
ao mês = a/m
ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C
apartamento = ap., apart.
apêndice = ap., apênd.
advogado = Adv.º, Advo.
almirante = Alm.
arcebispo = Arc.º, Arco.
arquitetura = arq., arquit.
arroba(s) = A., arr.
artigo, artigos = art., arts.
associação = assoc.
atenciosamente = at.te, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.ia, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
decreto = dec.

departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.
em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.
espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.
Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.da, Ltda.
livro = l., liv., lº, lo.

logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.
numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.
número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit*.
organização = org., organiz.
pagamento = pg.to, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.
peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.

portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.te, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.
revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.

testemunha = test.
título(s) = tít.
tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.el, Bel., B.ela, Bela., B.éis, Béis., B.elas, Belas.
Bispo = B.po, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.te, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.or, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.el, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.r, Dr., D.rs, Drs., D.ra, Dra., D.ras, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.mo, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.

Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Ex.mo, Exmo., Ex.ma, Exma.
General = Gen., G.al, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.mo, Ilmo., Il.ma, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.al, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.
Mestre, mestra = Me, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.
Padre = P., P.e, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/em filosofia) = Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.as, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.mo, Revmo., Rev.ma, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.do, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., S.ta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.to, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.

Sargento-ajudante = Sarg.-aj.te, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.r, Sr., S.rs, Srs., S.ra, Sra., S.ras, Sras.
Senhorita(s) = Sr.ta, Srta., Sr.tas, Srtas.
Sênior = S.or, Sor.
Sóror = Sór., S.or, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.
Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S.Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.ma, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.ma, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.
Tenente = Ten., T.te, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.el, Ten.-cel., t.te-c.el, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.de, Vde.
Viscondessa = V.dessa, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.as, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ma, V. Exa. Revma., V.Ex.as Rev.mas, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.as, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver. ma, V. Revma., V.Rev.mas, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.as, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.as, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.

fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT))
maio = mai. (de acordo com a Academia Brasileira de Letras)
junho = jun.
julho = jul.
agosto = ago.
setembro = set.
outubro = out.
novembro = nov.
dezembro = dez.

Vias e lugares públicos

Alameda = Al.

Avenida = Av.

Beco = B.

Calçada = Cal., Calç.

Distrito = D., Dt.

Estrada = Est.

Galeria = Gal.

Jardim = Jd.

Largo = L., Lg.

Praça = P., Pç.

Parada = Pda.

Parque = Pq., Prq.

Praia = Pr.

Rua = R.

Rodoviária = Rdv.

Rodovia = Rod.

Retorno = Rtn.

Trevo = Trv.

Travessa = T., Tv.

Via = V.

Viaduto = Vd.

3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica
ACROS (alto): acrofobia
AGOGOS (conduzir): demagogo
ALGIA (dor): nevralgia
ANTROPOS (homem): antropologia
ARQUIA (governo): monarquia
AUTOS (si mesmo): autobiografia
BIBLION (livro): biblioteca
BIOS (vida): biosfera
CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
CEFALO (cabeça): acéfalo
COSMO (mundo): cosmopolita
CLOROS (verde): clorofila
CRONOS (tempo): cronologia
CROMOS (cor): cromoterapia
DACTILOS (dedo): datilografia
DEMOS (povo): democracia
DERMA (pele): epiderme
DOXA (opinião): ortodoxo
DROMO (lugar para corridas): hipódromo
EDRA (lado): poliedro
FAGO (comer): antropófago
FILOS (amigo): filósofo
FOBIA (medo): claustrofobia
FONOS (som, voz): telefone

GAMIA (casamento): polígamo
GEO (terra): geografia
GLOTA (língua): poliglota
GRAFO (escrever, descrever): geografia
HÉLIOS (sol): heliocêntrico
HIDRO (água): hidrografia
HIPO (cavalo) hipopótamo
ICONOS (imagem): iconoclasta
LOGO (discurso): monólogo
MEGALOS (grande): megalópole
MICRO (pequeno): micróbio
MIS (ódio): misantropo
MORFE (forma): morfologia
NEOS (novo): neologismo
ODOS (caminho): método
PIROS (fogo): pirosfera
POLIS (cidade) metrópole
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSIQUE (alma): psicologia
POTAMO (rio): hipopótamo
SACARO (açúcar): sacarose
SOFOS (sábio): filósofo
TELE (longe): televisão
TEOS (deus): teologia
TOPOS (lugar): topônimo
XENO (estrangeiro): xenofobia
ZOO (animal): zoologia

3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola
ARBORI (árvore): arborizar
AVI (ave): avícola
BIS (duas vezes): bisavô
CAPITI (cabeça): decapitar
CIDA (que mata): homicida
COLA (que cultiva ou habita): vinícola
CRUCI (cruz): crucificar

CULTURA (cultivar): apicultura
CURVI (curvo): curvilíneo
EQUI (igual): equidade
FERO (que contém ou produz): mamífero
FICO (que produz): benéfico
FIDE (fé): fidelidade
FRATER (irmão): fraternidade
FUGO (que foge): centrífugo
IGNI (fogo): ignição
LOCO (lugar): localizar
LUDO (jogo): ludoterapia
MATER (mãe): maternidade
MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
PARO (que produz): ovíparo
PATER (pai): paternidade
PEDE (pé): pedestre
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluricelular
PLUVI (chuva): pluvial
PUER (criança): puericultura
QUADRI (quatro): quadrilátero
RÁDIO (raio): radiografia
RETI (reto): retilíneo
SAPO (sabão): saponáceo
SEMI (metade): semicírculo
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
SILVA (floresta): silvícola
SONO (que soa): uníssono
TRI (três): tricolor
UMBRA (sombra): penumbra
UNI (um): uníssono
VERMI (verme): verminose
VOMO (que expele): ignívomo
VORO (que come): carnívoro

3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo
PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição anterior): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro
IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor
SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

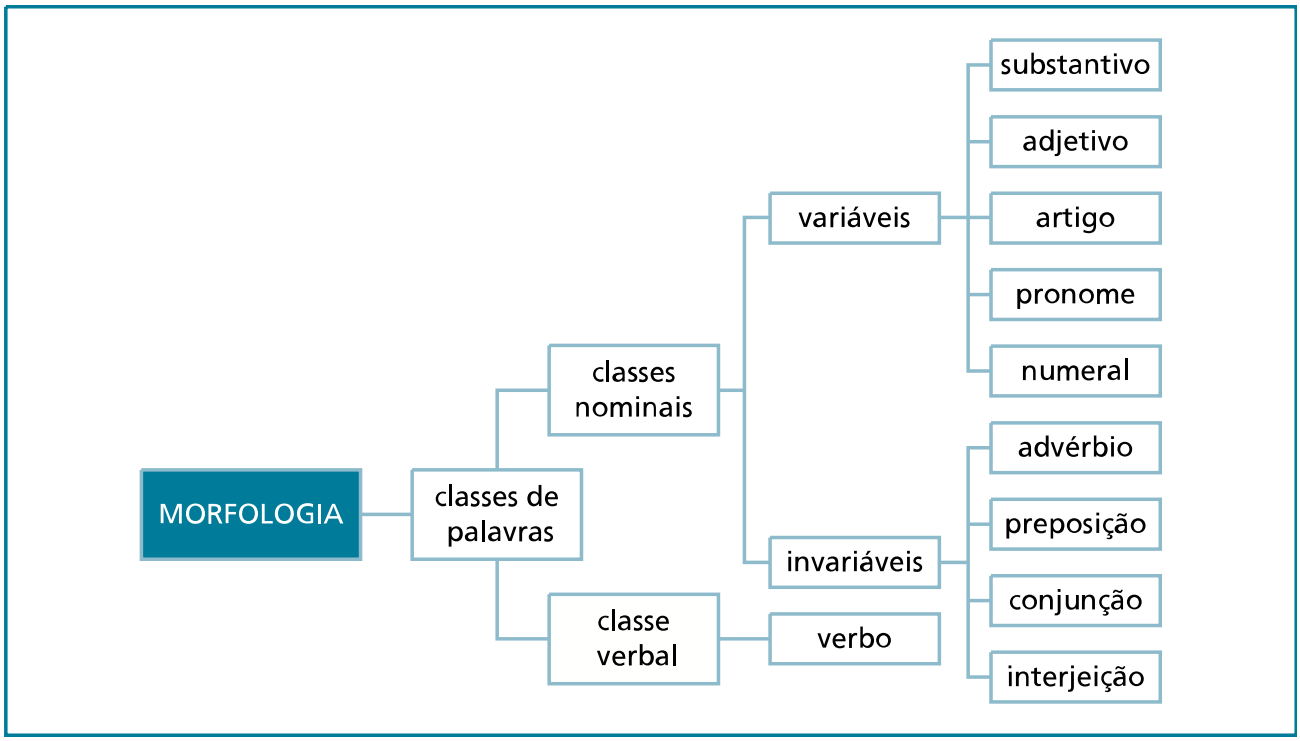

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo verbo
- adjetivo advérbio
- artigo preposição
- numeral conjunção
- pronome interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis:**

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Curiosidade: A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.

Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)

O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)

Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)

Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

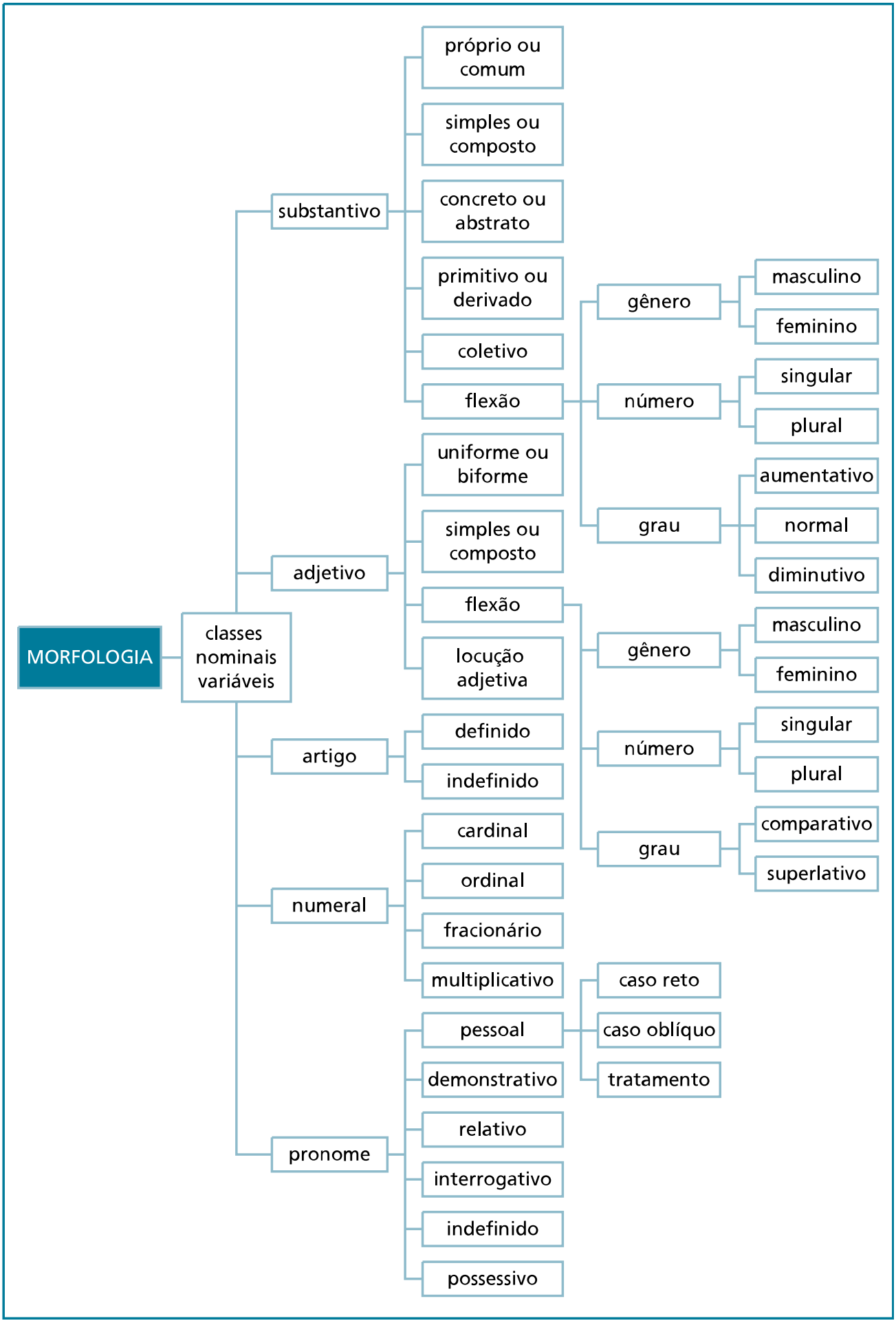
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
locução adjetiva
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

3.3.1.1. Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados como:

3.3.1.1.1. Próprio ou comum

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

3.3.1.1.2. Simples ou composto

- *simples* — é formado por **um só radical:** roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais:** guarda-roupa.

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

Curiosidade: O substantivo concreto nomeia os seres.
O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra:** abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra:** abacateiro.

3.3.1.1.5. Coletivo

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.
Alguns substantivos coletivos:
alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)

cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)
esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)

quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)
vara (de porcos)

3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

Curiosidade: Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r**,** -s**,** -z**:** fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa, foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

3.3.1.2.4. Particularidades do gênero

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

- **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.
- **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela.

3.3.1.3. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

- *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.
- *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural**, devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos

anões, espiões, botões, limões

pães, capitães, alemães, cães

Curiosidade: Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

- **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.
- **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.

e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.

f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.
- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

Curiosidade:
mal = males
cônsul = cônsules
mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox

h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:
fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinha + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = barri(s) + zinho + s > barrizinhos

3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou**

plural: bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

■ *3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos*

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:** aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivéns.

Quanto aos compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.

Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.

Veja como flexioná-los:

abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)
amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

■ *3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos*

Varia apenas o primeiro elemento quando:

a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas sem cabeça.

b) compostos formados por *substantivo + adjetivo* em que o segundo determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

Curiosidade: Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores, capitães-mores.

Caso especiais: os arco-íris / os terras-nova.

■ *3.3.1.4. Flexão de grau*

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

3.3.1.4.1. Normal

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

3.3.1.4.2. Aumentativo

Boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

3.3.1.4.3. Diminutivo

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

- *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.
- *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-aça: barca — barcaça
-ão: cachorro — cachorrão
-arra: boca — bocarra
-az: prato — pratarraz
-ázio: copo — copázio
-ona: mulher — mulherona
-uça: dente — dentuça

diminutivo:

-acho: rio — riacho
-ebre: casa — casebre
-ejo: lugar — lugarejo
-eta: sala — saleta
-inho: livro — livrinho
-isco: chuva — chuvisco
-ulo: globo — glóbulo

3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou

modo de ser, recebe o nome de *adjetivo*.

3.3.2.1. Classificação dos adjetivos

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.1. Uniforme

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

3.3.2.1.2. Biforme

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.3. Simples

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

3.3.2.1.4. Composto

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

3.3.2.2. Adjetivo pátrio

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês, londrino, calabrês.

Curiosidade: Exemplos para estados e cidades brasileiros:

Acre: acreano, acriano
Alagoas: alagoano
Amapá: amapaense
Aracaju: aracajuano, aracajuense
Amazonas: amazonense
Belém: belenense
Belo Horizonte: belo-horizontino
Boa Vista: boa-vistense
Brasília: brasiliense
Cabo Frio: cabo-friense
Campinas: campineiro
Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PA); Campinas do Piauí (PI): campinense
Curitiba: curitibano
Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
Fernando de Noronha: noronhense
Florianópolis: florianopolitano

Fortaleza: fortalezense
Goiânia: goianiense
João Pessoa: pessoense
Macapá: macapaense
Maceió: maceioense
Manaus: manauense, manauara
Maranhão: maranhense
Marajó: marajoara
Mato Grosso: mato-grossense
Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
Natal: natalense ou papa-jerimum
Pará: paraense
Porto Alegre: porto-alegrense
Porto Velho: porto-velhense
Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
Rio de Janeiro (estado): fluminense
Rio de Janeiro (cidade): carioca
Rio Branco: rio-branquense
Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
Rondônia: rondoniano, rondoniense
Roraima: roraimense
Salvador: salvadorense ou soteropolitano

3.3.2.3. Locução adjetiva

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

Curiosidade: Algumas locuções adjetivas:

de abdômen — abdominal

de abelha — apícula

de açúcar — sacarino

de águia — aquilino
da alma — anímico
de aluno — discente
de arcebispo — arquiepiscopal
de baço — esplênico
de bispo — episcopal
de boca — bucal, oral
de bronze — brônzeo, êneo
de cabeça — cefálico
de cabelo — capilar
de cabra — caprino
de campo — rural, campesino
de cavalo — equino, hípico
de chumbo — plúmbeo
de chuva — pluvial
de cidade — citadino, urbano
de cinza — cinéreo
de cobra — viperino, ofídico
de cobre — cúprico
de coração — cardíaco, cordial
de criança — pueril, infantil
de dedo — digital
de dinheiro — pecuniário
de esposos — esponsal
de estômago — estomacal, gástrico
de estrela — estelar
de fábrica — fabril
de farinha — farináceo
de fígado — hepático

de fogo — ígneo
de garganta — gutural
de gato — felino
de gelo — glacial
de guerra — bélico
de idade — etário
de ilha — insular
de inverno — hibernal
de irmão — fraternal
de lago — lacustre
de leão — leonino
de lebre — leporino
de leite — lácteo
de lobo — lupino
de mãe — maternal, materno
de marfim — ebúrneo, ebóreo
de memória — mnemônico
de mestre — magistral
de moeda — monetário, numismático
de monge — monacal, monástico
de morte — mortífero, letal
de nádegas — glúteo
de nariz — nasal
de neve — níveo
de norte — setentrional, boreal
de núcleo — nucleico
de olho — ocular, ótico, oftálmico
de orelha — auricular
de ouro — áureo

de outono — outonal
de ouvido — ótico
de ovelha — ovino
de paixão — passional
de pântano — palustre
de pedra — pétreo
de peixe — písceo
de pele — epidérmico, cutâneo
de pescoço — cervical
de porco — suíno
de prata — argênteo
de predador — predatório
de professor — docente
de prosa — prosaico
de proteína — proteico
de pus — purulento
dos quadris — ciático
de rato — murino
de rim — renal
de rio — fluvial
de rocha — rupestre
de selo — filatélico
de selva — silvestre
de sonho — onírico
de sul — meridional, austral
da terra — telúrico
de terremoto — sísmico
de touro — taurino
de umbigo — umbilical

de velho — senil

de vento — eólio, eólico

de verão — estival

de vidro — vítreo

de vontade — volitivo

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.
hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

Curiosidade: Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / homens bons
rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

Curiosidade: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:

homem monstro / homens monstro

mulher monstro / mulheres monstro

vestidos laranja

ternos cinza

camisas abacate

carros residência

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.
hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos
blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras
posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

Curiosidade: Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

3.3.2.6.1. Grau comparativo

3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é menos alto que (ou do que) José.

Curiosidade: Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
bom
mau / ruim
grande
pequeno
Temos duas formas para usá-los:
a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno

b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor

Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.

Minha casa é mais grande que confortável.

João é mais bom que ruim.

Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma qualidade entre dois seres diferentes:

Minha casa é maior que a sua.

João é melhor que José.

Atenção: A forma "mais pequeno" é sempre correta! Você pode usá-la sempre:

Meu carro é mais pequeno que grande.

Meu carro é mais pequeno que o seu.

A casa do Pedro é mais pequena que grande.

A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

3.3.2.6.2. Grau superlativo

3.3.2.6.2.1. Relativo

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

3.3.2.6.2.2. Absoluto

Qualidade de **um único ser, absolutamente**.

a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**

João é muito alto.

Minha casa é bastante confortável.

b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:

João é altíssimo.

Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

N a **língua coloquial**, usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta**, devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:

amicus + íssimo = amicíssimo

pauper + rimo = paupérrimo

humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo
célebre: celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
livre: libérrimo
magro: macérrimo ou magérrimo
negro: nigérrimo
nobre: nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo
visível: visibilíssimo
voraz: voracíssimo

3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:

O "não" é uma palavra que expressa negação. — "não" vira substantivo.
Quem ama o feio, bonito lhe parece. — "feio" vira substantivo.

b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:

O dó (masculino)

A coleta (feminino)

O lápis (singular)

Os lápis (plural)

c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:

Uns dez quilos

Umas trezentas pessoas

d) **Combinar-se com preposições:**

No = em + o

Das = de + as

À = a + a

Numa = em + uma

3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...), **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

ALGARISMOS	CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo, dobro	meio, metade	duo, dueto
3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	undécimo, onze avos	
12	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	duodécimo, doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos etc.	
14	catorze, quatorze	décimo quarto			
15	quinze	décimo quinto			
16	dezesseis	décimo sexto			
17	dezessete	décimo sétimo			
18	dezoito	décimo oitavo			
19	dezenove	décimo nono			
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo			
50	cinquenta	quinquagésimo			
60	sessenta	sexagésimo			
70	setenta	septuagésimo			
80	oitenta	octogésimo			
90	noventa	nonagésimo			
100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	quinhentos	quingentésimo			
600	seiscentos	seiscentésimo			
700	setecentos	septingentésimo			
800	oitocentos	octingentésimo			
900	novecentos	nongentésimo			
1.000	mil	milésimo		mil avos	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão	trilhonésimo		trilhonésimo	

3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outros apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;
c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

■ *3.3.4.2. Emprego dos numerais*

a) na indicação de **soberanos, papas, séculos e partes de obras**, usa-se o ordinal até dez e, daí em diante, o cardinal; no **texto legislativo**, usa-se o ordinal até nove e, daí em diante, o cardinal:

Henrique VIII (oitavo) Século X (décimo) Artigo 9º (nono)
João XXIII (vinte e três) Século XI (onze) § 10 (parágrafo dez)

Curiosidade: Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:
XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
casa 2 = casa dois
página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês**, usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril três de abril treze de julho
dois de abril primeiro de julho trinta e um de julho

■ *3.3.4.3. Leitura dos numerais*

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção "e" entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

■ **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:
1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto
■ **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:
2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto
5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

Curiosidade: Se for **número redondo:**
2.000º = segundo milésimo
5.000º = quinto milésimo
10.000º = décimo milésimo

■ 3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado.

Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.

Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala*.

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
			ÁTONO	TÔNICO
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele(a)	se, o, a, lhe	si, consigo *preposição* + ele(a)
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco, *preposição* + nós
	2ª pessoa	vós	vos	convosco, *preposição* + vós
	3ª pessoa	eles(as)	se, os, as, lhes	si, consigo, *preposição* + eles(as)

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

Curiosidade: Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):

Jamais me abandonará.

Abandonar-me-á?

Abandonou-me.

Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:

Para mim estudar Português é fácil.

Estudar Português para mim é fácil.

Estudar Português é para mim fácil.

Estudar Português é fácil para mim.

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à** segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a** terceira pessoa.

Curiosidade: O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.

Vossa *Excelência conhece* o assunto.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:

Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.

Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefado*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*".

b) se for mulher, o correto é "*Vossa Excelência está atarefada*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*".

3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento

a) *Vossa Excelência (V.Ex a),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.S a)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Mag a)* é empregado, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S.)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Em a)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.Em aRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.ExaRevma)* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Rev ma)* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.SaRevma)* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Reva)* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arqueduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

Curiosidade: As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a pessoa.

Quando queremos falar delas (e não com elas), trocamos VOSSA por SUA:

Sua Excelência (S.Exª)

Sua Senhoria (S.Sª)

3.3.5.2. Pronomes demonstrativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. Pronomes relativos

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais, as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a “que espécie de”, podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas)

de **modo vago e impreciso**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas	algo
bastante, bastantes	alguém
certo, certos, certa, certas	cada
diverso, diversos, diversa, diversas	demais
muito, muitos, muita, muitas	mais
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	menos
outro, outros, outra, outras	outrem
pouco, poucos, pouca, poucas	nada
qual, quais	tudo
qualquer, quaisquer	
tanto, tantos, tanta, tantas	
todo, todos, toda, todas	
um, uns, uma, umas	
vário, vários, vária, várias	

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
plural	1ª pessoa	nosso, nossos, nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

3.4. CLASSE VERBAL

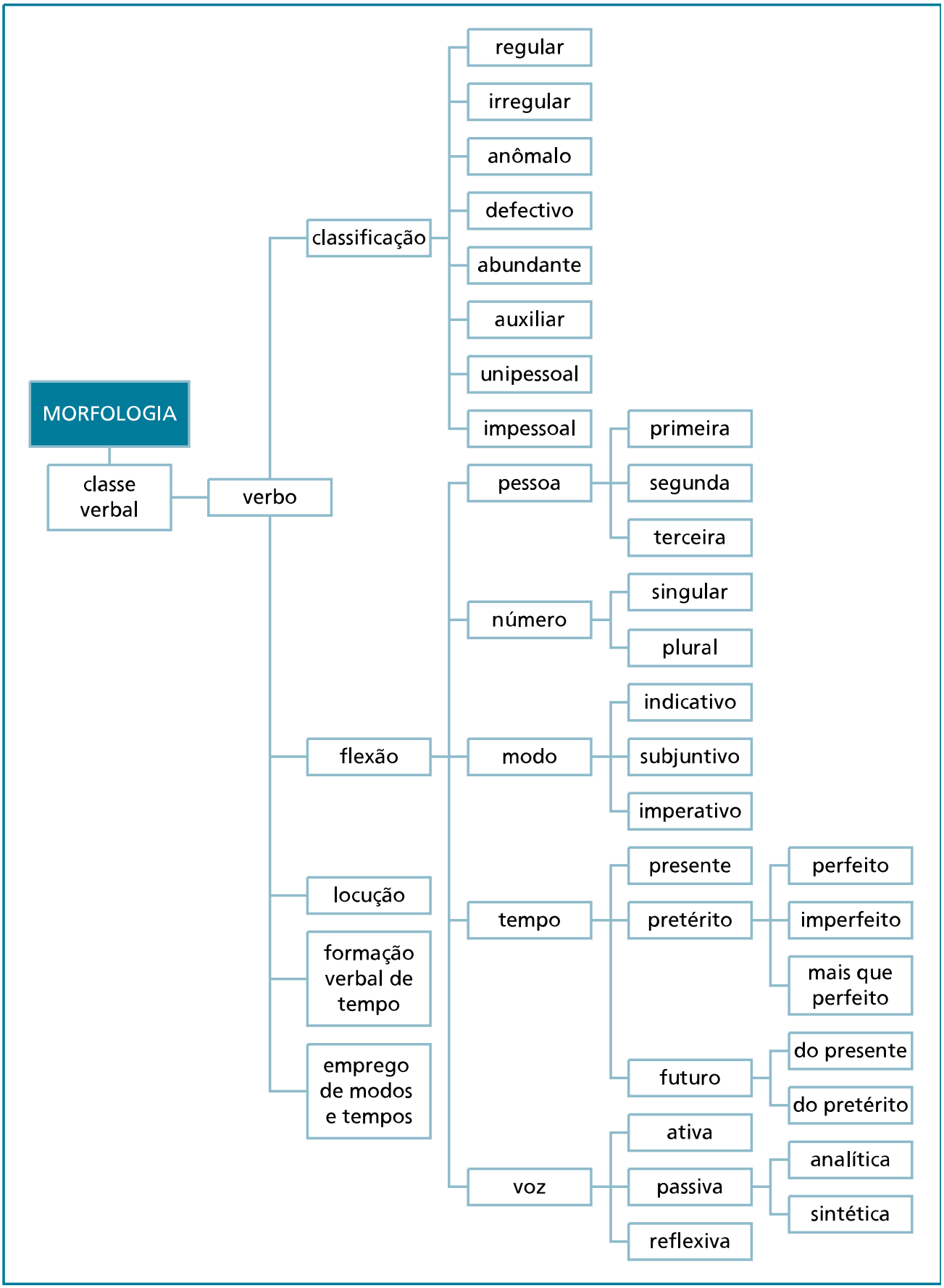

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1a pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1a pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

PESSOAS		DESINÊNCIAS
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do singular	ele	Ø
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

Curiosidade: O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
ESTUD	O	ESTUD	EI
ESTUD	AS	ESTUD	ASTE
ESTUD	A	ESTUD	OU
ESTUD	AMOS	ESTUD	AMOS
ESTUD	AIS	ESTUD	ASTES
ESTUD	AM	ESTUD	ARAM

Curiosidade: *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*

a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do

verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.

b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**. 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos a seguir:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
D	OU	D	EI
D	ÁS	D	ESTE
D	Á	D	EU
D	AMOS	D	EMOS
D	AIS	D	ESTES
D	ÃO	D	ERAM

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo “dar”.

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo “ouvir”, na 1a pessoa do presente do indicativo — eu **ouç**o:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
OUÇ	O	OUV	I
OUV	ES	OUV	ISTE
OUV	E	OUV	IU
OUV	IMOS	OUV	IMOS
OUV	IS	OUV	ISTES
OUV	EM	OUV	IRAM

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**

ser: sou, fui, era...

ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos “abolir” e “reaver”.

PRESENTE DO INDICATIVO			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavemos
vós	abolis	vós	reaveis
eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constróis

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito

concluir: concluído / concluso

imprimir: imprimido / impresso

vagar: vagado / vago

Curiosidade: Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):

acender: acendido / aceso

afligir: afligido / aflito

agradecer: agradecido / grato

assentar: assentado / assente

atender: atendido / atento

benzer: benzido / bento

cativar: cativado / cativo

cegar: cegado / cego

cobrir: cobrido / coberto

completar: completado / completo

confundir: confundido / confuso

convencer: convencido / convicto

corromper: corrompido / corrupto

defender: defendido / defeso

descalçar: descalçado / descalço

dispersar: dispersado / disperso
dissolver: dissolvido / dissoluto
eleger: elegido / eleito
empregar: empregado / empregue
encarregar: encarregado / encarregue
entregar: entregado / entregue
envolver: envolvido / envolto
enxugar: enxugado / enxuto
erigir: erigido / ereto
expressar: expressado / expresso
expulsar: expulsado / expulso
extinguir: extinguido / extinto
fartar: fartado / farto
findar: findado / findo
fixar: fixado / fixo
frigir: frigido / frito
ganhar: ganhado / ganho
imergir: imergido / imerso
incluir: incluído / incluso
inserir: inserido / inserto
isentar: isentado / isento
juntar: juntado / junto
libertar: libertado / liberto
limpar: limpado / limpo
matar: matado / morto
morrer: morrido / morto
omitir: omitido / omisso
pagar: pagado / pago
prender: prendido / preso

repelir: repelido / repulso

revolver: revolvido / revolto

romper: rompido / roto

salvar: salvado / salvo

secar: secado / seco

situar: situado / sito

soltar: soltado / solto

submergir: submergido / submerso

sujeitar: sujeitado / sujeito

surpreender: surpreendido / surpreso

surgir: surgido / surto

suspeitar: suspeitado / suspeito

suspender: suspendido / suspenso

tingir: tingido / tinto

torcer: torcido / torto

■ *3.4.1.6. Auxiliares*

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

■ *3.4.1.6.1. Locução verbal*

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugado**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

■ *infinitivo:* Eu vou falar.

- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

Curiosidades:

1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:
O bebê começou **a** falar hoje.
João está **para** chegar.
2. Nas locuções verbais formadas de particípio, devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:
a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**
Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.
Ele **havia acendido** a vela.
b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**
A conta **foi paga**.
A vela **está acesa**.
3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:
fazer — **feito:**
Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.
O trabalho **foi feito** por mim.
vender — **vendido:**
Eu **tenho vendido** muitas roupas.
Estas roupas já **foram vendidas**.

3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

3.4.1.8. Pronominais

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.
Dividem-se em dois grupos:

- *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

3.4.2. Flexão dos verbos

3.4.2.1. Pessoa

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- *1*a *pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- *2*a *pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- *3*a *pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

3.4.2.2. Número

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

3.4.2.3. Modo

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

3.4.2.3.1. Indicativo

Expressa **certeza**.
Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

3.4.2.3.2. Subjuntivo

Expressa **dúvida ou hipótese**.
Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

3.4.2.3.3. Imperativo

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.
Não cante.
Por favor, cantem para nós.
Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.

Âni comeu a deliciosa maçã.
Eles saíram.
O macaco comeu a fruta.
Maria colheu a rosa.

3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.
Comeu-se a deliciosa maçã.
Há dois tipos de voz passiva:

3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.
A rosa será colhida por Maria.
O santo ia carregado pelos fiéis.
O trio iria seguido pela multidão.

Curiosidade: Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado *AGENTE DA PASSIVA* (no caso dos exemplos acima, temos, então, **pelo macaco,**

pela Maria, pelos fiéis e **pela multidão** como agentes da passiva).

3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3a pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.
Comeram-se as bananas.
Colheu-se a rosa.
Colheram-se as rosas.

Curiosidade:
a) Neste tipo de voz passiva, não aparece o agente da passiva.
b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.
O macaco feriu-se.
Maria cortou-se.
Eu, ontem, olhei-me no espelho.

Curiosidade: Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:
As meninas pentearam-se.
Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1a pessoa do singular 2as pessoas (singular e plural)	— Presente do subjuntivo — Imperativo negativo — 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 3a pessoa do plural	— Pretérito mais-que-perfeito do indicativo — Pretérito imperfeito do subjuntivo — Futuro do subjuntivo
Infinitivo impessoal	— Futuro do presente do indicativo — Futuro do pretérito do indicativo — Pretérito imperfeito do indicativo — Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**
2a conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**
3a conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1a conjugação troca o **-O** por **-E**.
2a e 3a conjugações trocam o **-O** por **-A**.
Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e s	vend	a s	part	a s
cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e mos	vend	a mos	part	a mos
cant	e is	vend	a is	part	a is
cant	e m	vend	a m	part	a m

Curiosidade: O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
Veja a etimologia:
ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não	cant	e s	tu	não	vend	a s	tu	não	part	a s	tu
não	cant	e	você	não	vend	a	você	não	part	a	você
não	cant	e mos	nós	não	vend	a mos	nós	não	part	a mos	nós
não	cant	e is	vós	não	vend	a is	vós	não	part	a is	vós
não	cant	e m	vocês	não	vend	a m	vocês	não	part	a m	vocês

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra "**S**".
As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a	tu	vend	e	tu	part	e	tu
cant	e	você	vend	a	você	part	a	você
cant	emos	nós	vend	amos	nós	part	amos	nós
cant	ai	vós	vend	ei	vós	part	i	vós
cant	em	vocês	vend	am	vocês	part	am	vocês

Curiosidade: No imperativo, não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**

2a conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**
3a conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
canta ra	s	vende ra	s	parti ra	s
canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
cantá ra	mos	vendê ra	mos	partí ra	mos
cantá re	is	vendê re	is	partí re	is
canta ra	m	vende ra	m	parti ra	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	es	vende r	es	parti r	es
canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	mos	vende r	mos	parti r	mos
canta r	des	vende r	des	parti r	des
canta r	em	vende r	em	parti r	em

Curiosidade: Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
canta	sse	s	vende	sse	s	parti	sse	s
canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
cantá	sse	mos	vendê	sse	mos	partí	sse	mos
cantá	sse	is	vendê	sse	is	partí	sse	is
canta	sse	m	vende	sse	m	parti	sse	m

3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal

3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei	partir	ei
cantar	ás	vender	ás	partir	ás
cantar	á	vender	á	partir	á
cantar	emos	vender	emos	partir	emos
cantar	eis	vender	eis	partir	eis
cantar	ão	vender	ão	partir	ão

3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam**.

cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	ias	vender	ias	partir	ias
cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	íamos	vender	íamos	partir	íamos
cantar	íeis	vender	íeis	partir	íeis
cantar	iam	vender	iam	partir	iam

Curiosidade: Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:

dizer — **direi** — **diria**

fazer — **farei** — **faria**

trazer — **trarei** — **traria**

3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo

a) para verbos da **1a conjugação**, acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2a e 3a conjugações**, acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s	part	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
cantá	va	mos	vend	ía	mos	part	ía	mos
cantá	ve	is	vend	íe	is	part	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m	part	ia	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos o verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	es	vender	es	partir	es
cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	mos	vender	mos	partir	mos
cantar	des	vender	des	partir	des
cantar	em	vender	em	partir	em

Curiosidade: As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.
cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.
cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

Curiosidade: Alguns verbos apresentam particípio irregular:
Ver = visto
Imprimir = impresso
Leia sobre isso no item 3.4.1.5. Abundantes, deste Capítulo

3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido, tivesse partido.

3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.

As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.

Quero amar.

Tenho amado.

Estou amando.

3.4.5. Emprego dos tempos verbais

3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:

Vejo a lua no céu.

b) exprime um axioma, uma verdade científica:

A Terra é redonda.

Por um ponto passam infinitas retas.

c) exprime uma ação habitual:

Não como nada aos domingos.

d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:

Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.

e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:

Amanhã faço a lição.

3.4.5.2. Pretérito perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Ontem eu fiz a lição.

3.4.5.3. Pretérito imperfeito

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

Curiosidade: Na linguagem contemporânea, prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.

Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

3.4.5.5. Futuro do presente

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

3.4.5.6. Futuro do pretérito

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Você me faria um favor?

Gostaria de falar com você.

3.4.5.7. Infinitivo pessoal

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

3.4.5.8. Infinitivo impessoal

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), águe (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não águe (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigue (você), apaziguemos (nós), apaziguai (vós), apaziguem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigues (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apaziguem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) **DAR**

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), daí (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando

Particípio: dado

d) **PASSEAR**

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam

Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam

Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam

Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam

Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão

Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)

Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear

Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Gerúndio: passeando

Particípio: passeado

Curiosidade: O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão

Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem

Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)

Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar

Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Gerúndio: odiando

Particípio: odiado

Curiosidade: Seguem esse modelo os verbos **mediar, intermediar, ansiar, remediar** e **incendiar**.

Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) **APRAZER**

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem

Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam

Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão

Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam

Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem

Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissérеis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)

Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

d) **FAZER**

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),

Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não

façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer

Infinitivo pessoal: fazer, fazerdes, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem

Gerúndio: fazendo

Particípio: feito

e) **LER**

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem

Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam

Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)

Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação. Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) **PODER**

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) **PÔR**

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)
Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem
Gerúndio: pondo
Particípio: posto

h) **PROVER**

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)
Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)
Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

i) **QUERER**

Indicativo

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam
Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão
Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis,

quereriam

Subjuntivo

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo

Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)

Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: querer

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem

Gerúndio: querendo

Particípio: querido

j) **REQUERER**

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos), requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) **SABER**

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) **TRAZER**

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) **VER**

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

Curiosidade: O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) **AGREDIR**

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir, transgredir etc.

c) DIVERGIR

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não

divirjais (vós), não divirjam (vocês)

Curiosidade: Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:

1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*

2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) IR

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) MEDIR

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) PRODUZIR

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

Curiosidade: Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

ele produz

ele conduz

ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não

saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

Curiosidade: O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir, sacudir, sumir etc.

k) VIR

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
Imperativo
Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham (vocês)
Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)
Formas nominais
Infinitivo impessoal: vir
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
Gerúndio: vindo
Particípio: vindo

3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) COLORIR
Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem
Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.
Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)
Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.
Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.
O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.
b) FALIR
Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis
Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.
Imperativo afirmativo: fali (vós)
Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.
c) PRECAVER
Indicativo
Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis
Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam
Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes,

precaveram

Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram

Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Formas nominais
Infinitivo impessoal: reaver
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem
Gerúndio: reavendo
Particípio: reavido

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

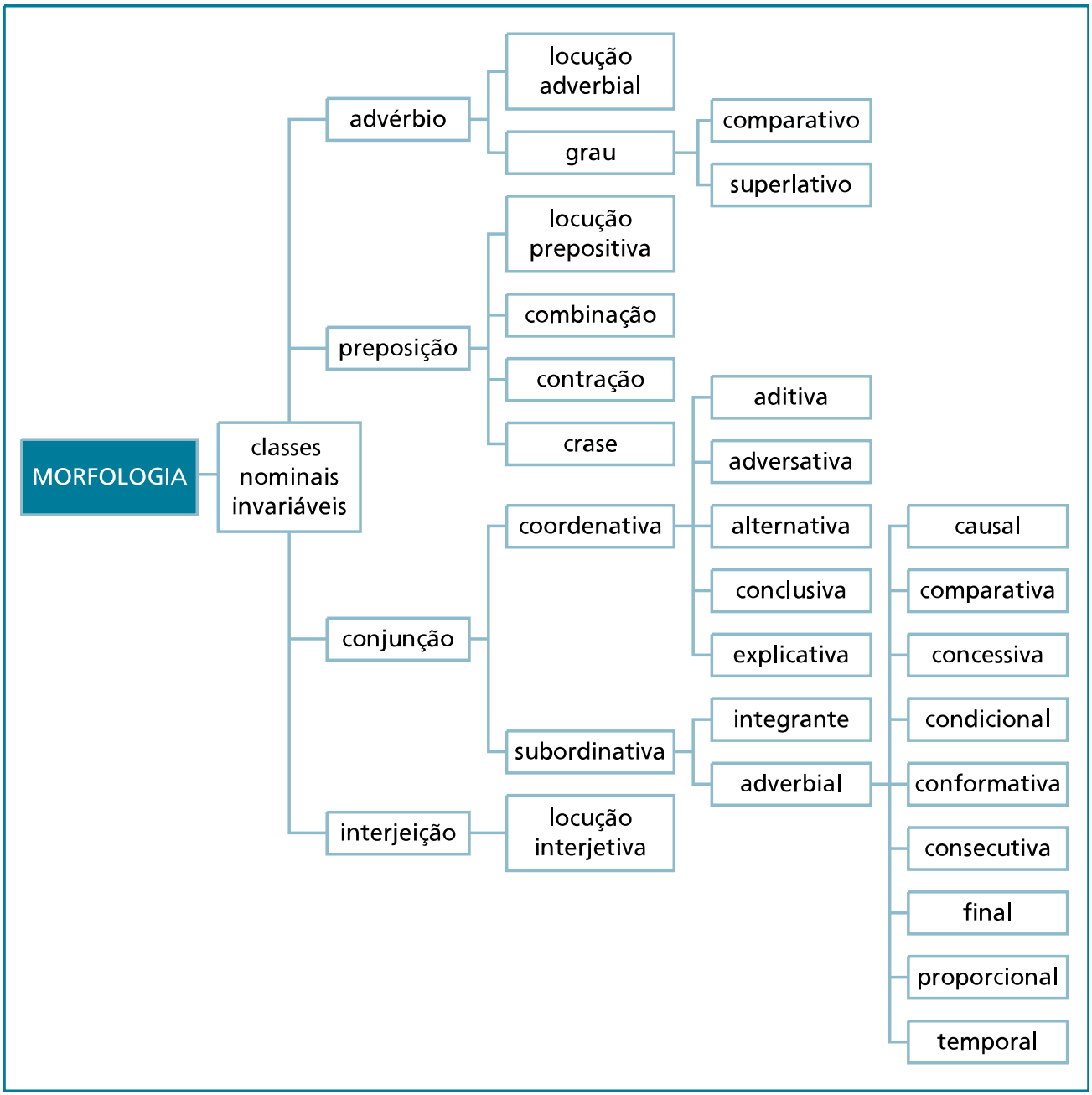

3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.
- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.
- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.1. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente, é formada por: **preposição** + **substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade

b) preposição + adjetivo: de novo

c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.2. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos*.

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*).

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.3. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.3.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.
- *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

3.5.1.3.2. Grau superlativo

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

- *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.
- *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.as

Curiosidade: Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;

Lugar — vou ficar em casa;

Tempo — viajaremos pela manhã;

Modo — voltou às pressas;

Causa — morrer de fome;

Assunto — falamos sobre economia;

Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;
Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;
Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

3.5.2.1. Classificação da preposição

Podemos classificar as preposições de duas formas:

3.5.2.1.1. Essenciais

São palavras que funcionam só como preposição:
a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

3.5.2.1.2. Acidentais

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

3.5.2.2. Locução prepositiva

É um **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.
abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de
apesar de
antes de

depois de
ao invés de
diante de
em face de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
defronte de
através de
de encontro
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de
ao encontro de

3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:

Eles foram ao cinema.

As meninas voltaram aos seus quartos.

b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):

Aonde você foi?

Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*

De + o(s) — do(s)

De + a(s) — da(s)

De + um — dum

De + uns — duns

De + uma — duma
De + umas — dumas
b) *DE + pronomes pessoais:*
De + ele(s) — dele(s)
De + ela(s) — dela(s)
c) *DE + pronomes demonstrativos:*
De + este(s) — deste(s)
De + esta(s) — desta(s)
De + esse(s) — desse(s)
De + essa(s) — dessa(s)
De + aquele(s) — daquele(s)
De + aquela(s) — daquela(s)
De + isto — disto
De + isso — disso
De + aquilo — daquilo
d) *DE + pronomes indefinidos:*
De + outro — doutro(s)
De + outra — doutra(s)
e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui
De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso

Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum
Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:
a) *A + artigos definidos femininos:*
A + a(s) — à(s)
b) *A + pronomes demonstrativos:*
A + a(s) — à(s)
A + aquele(s) — àquele(s)
A + aquela(s) — àquela(s)
A + aquilo — àquilo

3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:
Ela saiu, mas voltará logo.

3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.
Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:
Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.
Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:
Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

3.5.3.1.5. Explicativas

Que ligam duas orações, sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.
Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:
Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

3.5.3.2. Conjunções subordinativas

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da segunda, e esta é subordinada à primeira.** As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

3.5.3.2.1. Integrantes

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.
Principais conjunções: que, se.
É necessário que ela se case.
Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

3.5.3.2.2. Adverbiais

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.
As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

3.5.3.2.2.1. Causais

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa**, e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

3.5.3.2.2.2. Comparativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

3.5.3.2.2.3. Concessivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

3.5.3.2.2.4. Condicionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

3.5.3.2.2.5. Conformativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

3.5.3.2.2.6. Consecutivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto que foi a primeira colocada no concurso.

3.5.3.2.2.7. Finais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.
Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:
Ela estudou, a fim de passar no concurso.

3.5.3.2.2.8. Proporcionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.
Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:
À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

3.5.3.2.2.9. Temporais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.
Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:
Ela sorriu, quando me viu.

3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.
Alegria: Ah! Oh!
Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!
Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!
Cansaço: Ah! Uf!
Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!
Descontentamento: Mau!
Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!
Dor: Ai! Ui!
Encorajamento: Upa! Arriba!
Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!
Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!
Indignação: Are! Irra!
Medo: Ui!
Pedido de socorro: Socorro!
Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:

Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai, Jesus! Credo!

Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!

Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!

Reconhecimento: Bem haja!

Suspensão: Alto aí! Alto lá!

Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) "O *coitado* está se queixando dela com toda a razão."
b) "É uma palavra *assustadora*."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*."
d) "Ele é meu braço *direito*, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional.*"

Resposta: "a". O artigo "o" substantiva o adjetivo "coitado".

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.

a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

*Resposta: "*c". O superlativo absoluto sintético erudito de "negro" é "nigérrimo".

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

Resposta: "d". Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio "tremendamente" está modificando do advérbio "bem".

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

Resposta: “e”. O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: “o amigo mais sincero (de todos os amigos)”.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

Resposta: “c”. A forma correta é “tatus-bola” ou “tatus-bolas”.

6. O plural de “terno azul-claro” e “terno verde-mar” é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

Resposta: “d”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

Resposta: “e”. O destino de um *só*. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

Resposta: “d”. Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. Talvez seja bom que o proprietário do *imóvel* possa desconfiar de que ele não seja tão *imóvel* assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo

d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

Resposta: “b”. O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

Resposta: “b”. Filatélico — relativo a selos.

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

Resposta: “c”. Todos são comuns de dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

Resposta: “a”. O pronome “todas” no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

Resposta: “d”. Que feliz — a palavra “que” intensifica o adjetivo “feliz”, por isso “que” é um advérbio de intensidade.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.

d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

Resposta: “a”. “viu claro os gestos” — a palavra “claro” está modificando o verbo “ver”, por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

Resposta: “a”. Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

Resposta: “d”. “Jamais” pode indicar negação ou tempo.

17. “Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

Resposta: “d”. A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.

d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

Resposta: “b”. Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. Assinale a alternativa em que a palavra *como* assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

Resposta: “a”. Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções: b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; e) como = causa.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

Resposta: “c”. Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Resposta: “d”. Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto, b) parágrafo dez, c) capítulo onze, e) artigo vinte e dois.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

Resposta: “b”. 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. O candidato achava importante conhecer as _____ da cidade, mas só as

visitava acompanhado de seus _____ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.
d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

Resposta: “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. Às _____ saem os _____ que orientam os _____ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

Resposta: “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas _____ vestiam blusões _____ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

Resposta: “d”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. Esses _____ deverão ser divulgados pelos _____ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

Resposta: “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. A expansão _____ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas _____

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

Resposta: “a”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: econômico-

financeira, sociopolíticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.
c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.
e) champanha, aguardente, dinamite, dó, guaraná.

Resposta: “a”. A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

Resposta: “d”. A forma correta pode ser “canetas-tinteiro” ou canetas-tinteiros”.

30. Observe as orações:

1. O *carregador* surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o *festival* luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na *toalha* branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma *fita* verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

Resposta: “b”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. Era para _____ falar _____ ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.
b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com

ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. Este é encargo para _____ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre _____

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

Resposta: "e". Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado *mim* em lugar de *eu*.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

Resposta: "a". Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes *se, si* ou *consigo*.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

*Resposta: "*e". O sujeito do verbo "Espera" é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome "contigo".

35. Se V.Sa. me _____ gostaria de apresentar a _____ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto _____ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

Resposta: "d". Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. V.Sa. _____ que _____ compete defender _____ ideais.

a) sabe, lhe, seus.
b) sabe, vos, seus.
c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

Resposta: "a". Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. Julgando que dessas medidas talvez _____ alguma escassez de material, ele _____ logo o almoxarifado de tudo que _____ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.
c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

Resposta: "b". Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo *ansiar* é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

Resposta: "b". Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam "i" por "ei" apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. Quando _____ a eles o que os outros _____, entenderão por que _____, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

Resposta: "c". Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. Quando você o _____, qualquer que _____ o dia, _____-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.

c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

Resposta: “d”. Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência a “você”, por isso concordância na terceira pessoa.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial _____ entre os litigantes, razão pela qual _____ promoção e _____ que teria uma bela carreira.
a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

Resposta: “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

Resposta: “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

Resposta: “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda _____ na fonte o equivalente aos lucros _____ da venda de duas casas, os quais _____ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.

c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

Resposta: “d”. Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. Convém que não nos _____ muito nesses _____ e sim naqueles mais difíceis de _____.

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

Resposta: “c”. Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não tem acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. Quando vocês _____ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a _____ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.
c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

Resposta: “c”. Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. Eu os _____: os fiscais sempre _____ em casos de irregularidade.

a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

Resposta: “e”. Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. Ontem ele não _____ terminar o relatório porque se _____ na conversa com os colegas.

a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

Resposta: “e”. O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga “pode” — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga “pôde” — com acento. Esse é um dos

acentos direrenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. Em *Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa*, a forma *tivesse havido* traduz:

a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

Resposta: "a". Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. Transpondo para a voz passiva a frase *Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia*, obtém-se a forma verbal:

a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.
e) estava sendo estabelecido.

Resposta: "d". A forma verbal de voz ativa é "tinha estabelecido". Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente ("o roteiro"). Assim, teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. Transpondo para a voz passiva a frase *A comissão deverá apurar as irregularidades*, obtém-se a forma verbal:

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

Resposta: "b". A forma verbal de voz ativa é "deverá apurar". Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente ("as irregularidades"). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

Resposta: "d". Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, com o uso do pronome apassivador "se".

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.

c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

Resposta: “a”. Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

Resposta: “b”. Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com “tu”, ou ambos com “você” — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.
a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

Resposta: “c”. Enquanto = tempo.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.
a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.
d) tempo.

Resposta: “b”. Embora = concessão.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.
a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

Resposta: “d”. Se = condição.

4

SINTAXE

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.:
A obra aborda a sintaxe do modernismo.
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem:
Estudava a sintaxe da linguagem computacional.
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem, denomina-se FRASE NOMINAL.

"Eta, vida besta, meu Deus." (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frases nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei, não.

"Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis." (Machado de Assis)

4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples; duas ou mais orações, período composto:

- *Período simples:* "O sertanejo é antes de tudo um forte." (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

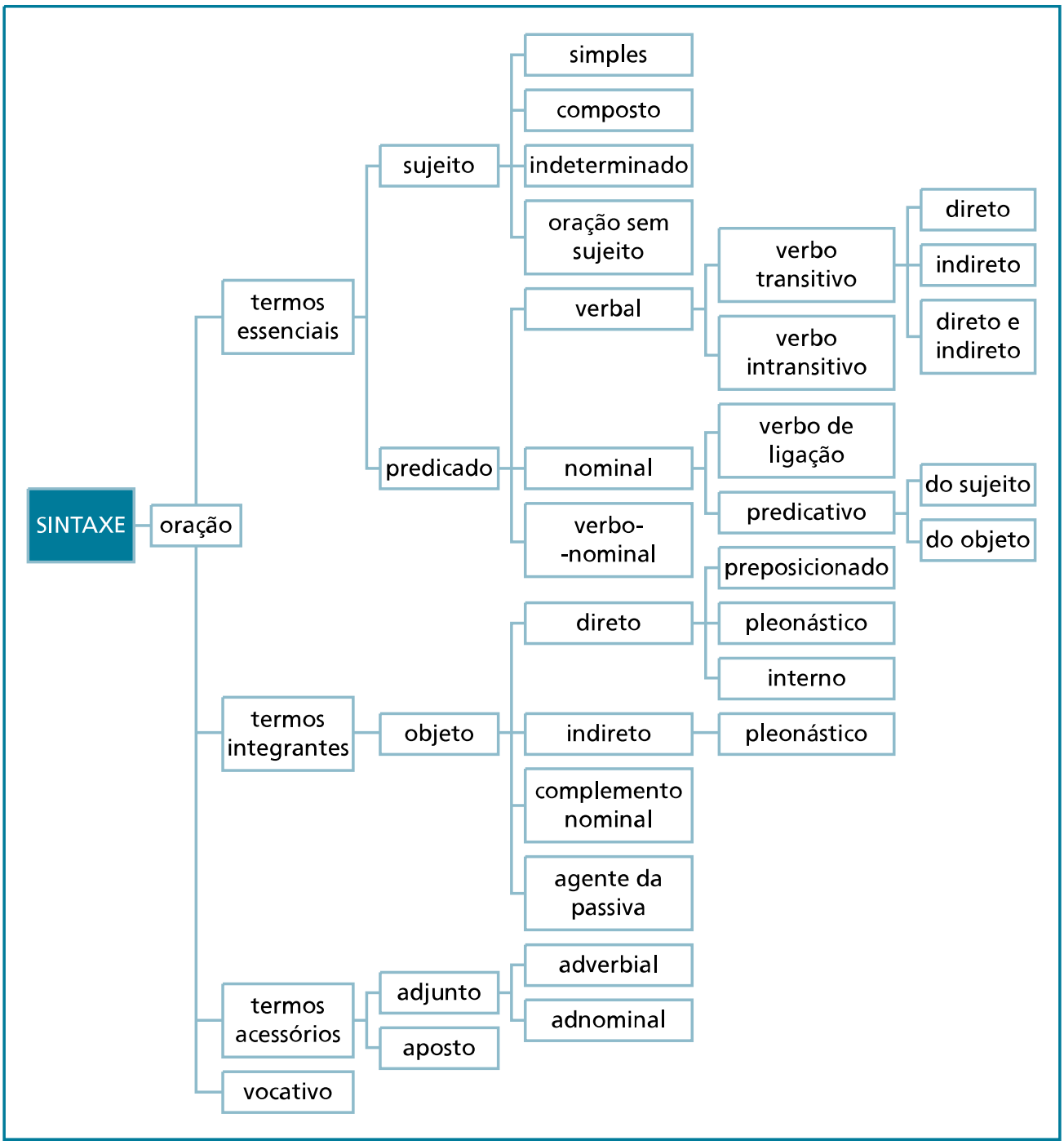

4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:

Os acionistas pareciam bastante apreensivos.

Nela podemos identificar dois conjuntos:

- o ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

Curiosidade: Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

■ *4.2.1.1. Sujeito*

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

■ *4.2.1.1.1. Sujeito determinado*

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal "Passamos". Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

■ *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

"Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios." (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

Curiosidade: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

■ *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

■ *4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado*

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento**; é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe "quem chegaram".

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.

Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

Curiosidade: Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um sujeito simples oculto:

Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.

Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**

Vive-se bem nesta cidade.

Fala-se em guerras.

Trata-se de questões tributárias.

Precisa-se de serventes de pedreiro.

4.2.1.1.3. Sujeito oracional

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.

É bom que todos compareçam.

1ª oração: É bom.

2ª oração (sujeito): que todos compareçam.

O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

Curiosidade: Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

4.2.1.2. Oração sem sujeito

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:

a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**

Choveu muito pouco no verão passado.

Trovejou durante horas seguidas.

Nas cidades do sul, neva no inverno.

b) com o verbo **haver** indicando "existência" ou "acontecimento":

Na festa havia muitas pessoas.

Há anos surgiu no teatro brasileiro uma nova estrela.

No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.

Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.

c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**

Já são dez horas.
São 13 de julho.
Amanhã será dia 15.
Hoje está frio.
Como está tarde!
d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**
Faz duas horas que ele saiu.
Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.
No verão, faz muito calor na serra gaúcha.
Fará dias frios no próximo mês.
e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**
Chega de conversa mole.
Basta de reclamações.

Curiosidades:
1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
Sua negativa anuviou minha alegria.
Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

4.2.1.3. Predicado

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

4.2.1.3.1. Verbo de ligação

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas "ligar" o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.
Os alunos **ficaram** alegres.

Os alunos **continuavam** alegres.

Curiosidades:

1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.

2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.

Os alunos estavam no pátio.

Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbial.

Vejamos outros exemplos:

Âni está aqui.

Atanagildetina ficou em casa.

Quero saber onde Childerico está.

■ *4.2.1.3.2. Verbo nocional*

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

■ *4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo*

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

■ *4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo*

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

■ *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas transtornam as cidades grandes.

Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.

Pegue-a, José.

Deixe-me!

■ *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com**

preposição):
Todos nós precisamos de descanso.
Os alunos devem confiar em seus professores.
Simpatizamos com o novo diretor.
Obedeçam-me!

■ *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e outro *indireto*:
Ontem emprestei meu carro ao vizinho.
Confiei meu carro ao meu irmão.
Radegondes disse a verdade à sua mãe.
Entregou-me o caderno.
Avisei-o de que a prova fora adiada.

Curiosidades:
1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.
Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)
2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:
Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "no carro")
Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo "tarde")
Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "ao cinema")
Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "para as suas casas")

■ *4.2.1.3.3. Predicativos*

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ *4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito*

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.
Teu pai virou poeta.
Os jogadores acabaram cansados.
b) com *verbos intransitivos*:
O trem chegou atrasado.
Os meninos chegaram famintos.
Todos saíram alegres do parque.
c) com *verbos transitivos diretos*:
Meu primo foi nomeado diretor.
O paciente recebeu tranquilo a notícia.
A mulher deixou o apartamento apressada.
d) com *verbos transitivos indiretos*:
Os torcedores assistiram nervosos à decisão.
Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.
Todos respondiam estáticos ao general.

4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.
O povo elegeu-o *senador*.
Nós o chamamos *sábio*.
Nós lhe chamamos *de sábio*.

Curiosidade: Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.

O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito "pense" algo a respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.

O menino achou a bicicleta bonita. — "bonita" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a bicicleta" pelo sujeito "o menino".

O menino ganhou uma bicicleta bonita. — "bonita" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

O presente deixou a criança animada. — "animada" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a criança" pelo sujeito "o presente".

O pai segurou a criança animada. — "animada" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

4.2.1.3.4. Classificação do predicado

4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:

Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:

Estes operários são trabalhadores.

Seu avô está bastante velho.

Os pães parecem estragados.

As crianças continuam adormecidas.

4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:

a) Sujeito + verbo intransitivo:

As aves voam no céu.

Chegamos cedo ao cinema.

Os bons tempos voltaram.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:

Alguns animais comem plantas.

Todos os alunos fizeram a lição.

Compramos as passagens no cartão.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:

As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.

Todos confiam em mim.

d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:

O rapaz informou a hora ao transeunte.

Avisaram-me sobre o acidente.

Entregaram-no para a polícia.

e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:

Choveu muito ontem.

Nevou em várias cidades do sul.

Faz dias frios aqui.

Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.

Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicado verbo-nominal:

a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.

Todos saíram apressados.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:

As meninas comeram o bolo alegres.

As mulheres deixaram o hospital felizes.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:

As meninas se referiram ao pai felizes.

Os alunos obedeciam ao professor alegres.

d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:

O presente deixou as crianças felizes.

O professor tornou o exercício simples.

4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

4.2.2.1. Objeto direto

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.

Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.

Houve *uma grande festa*.

Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.
As bruxas beberam *de suas porções*.
Comeram *do nosso bolo*.
Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com os mesmos sentidos.
Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao entendimento total da frase:
Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.
Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:
a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:
Viu *a mim* no mercado.
O salva-vidas observou *a nós* na piscina.
b) com o pronome relativo "quem", funcionando como complemento na frase:
Chegou o João, *a quem* não esperávamos.
Ela é a mulher *a quem* eu amo.
c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:
Venceram *aos japoneses* os canadenses.
Enganou *ao aluno* o professor.

4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.
As rosas, dei-*as* para Maria.
O bolo, nós não *o* comemos.
Lucro, desejam-*no* sempre!

4.2.2.1.3. Objeto direto interno

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:
Viver *uma vida fácil*.
Sonhou *um sonho alegre*.
Ria *um riso forçado*.
Chovia *uma chuva fina*.
Chorará *um choro amargo!*

4.2.2.2. Objeto indireto

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico*.

Deparamos *com um estranho*.

Não consinto *nisso*.

Rogo-*lhe* perdão.

4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

4.2.2.3. Complemento nominal

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

4.2.2.4. Agente da passiva

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da frase sem**

prejuízo para o sentido global. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

4.2.3.1. Adjunto adnominal

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:

Duas meninas saíram por aqui.

e) um pronome:

Um dia comprarei *aquela* casa.

Curiosidades:

1) O adjunto adnominal constituído por um *adjetivo* pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto.

Perceba as seguintes diferenças:

a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:

A *bela* Ana saiu.

Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.

João viu a *bela* Ana na feira.

Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.

b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:

Ana saiu *bela*.

Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.

c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:

João achou a Ana *bela*.

Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.

2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas,

podemos confundi-lo com o complemento nominal.
Observe os casos abaixo:
amor de mãe = adjunto adnominal
amor à mãe = complemento nominal
Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.
Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:
João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga ao adjetivo *favorável*.
João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.
Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:
a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:
A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.
b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:
A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.
Observe outros exemplos:
Complemento nominal — sentido passivo:
relato *à mãe*
apta *à maternidade*
Adjunto adnominal — sentido ativo:
relato *de mãe*
aptidão *de mãe*

4.2.3.2. Adjunto adverbial

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.
Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.
Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.
O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de

adjunto adverbial de intensidade, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

Curiosidade: Veja a seguir algumas possibilidades:

Pedro foi, *sim*. — adj. adv. de afirmação
Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto
Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa
Maria passeava *com a mãe*. — adj. adv. de companhia
Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão
Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição
Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade
Talvez a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida
Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância
Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
Não tinha medo. — adj. adv. de negação
Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

4.2.3.3. Aposto

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.
João, *o motorista*, esteve aqui.
Só quero uma coisa: *sorvete*.
Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.
O Padre *César* está começando a missa.

Código universal, a música une os povos.

4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.

Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.

Vocês por aqui, *meninos*?!

4.3. SINTAXE DO PERÍODO

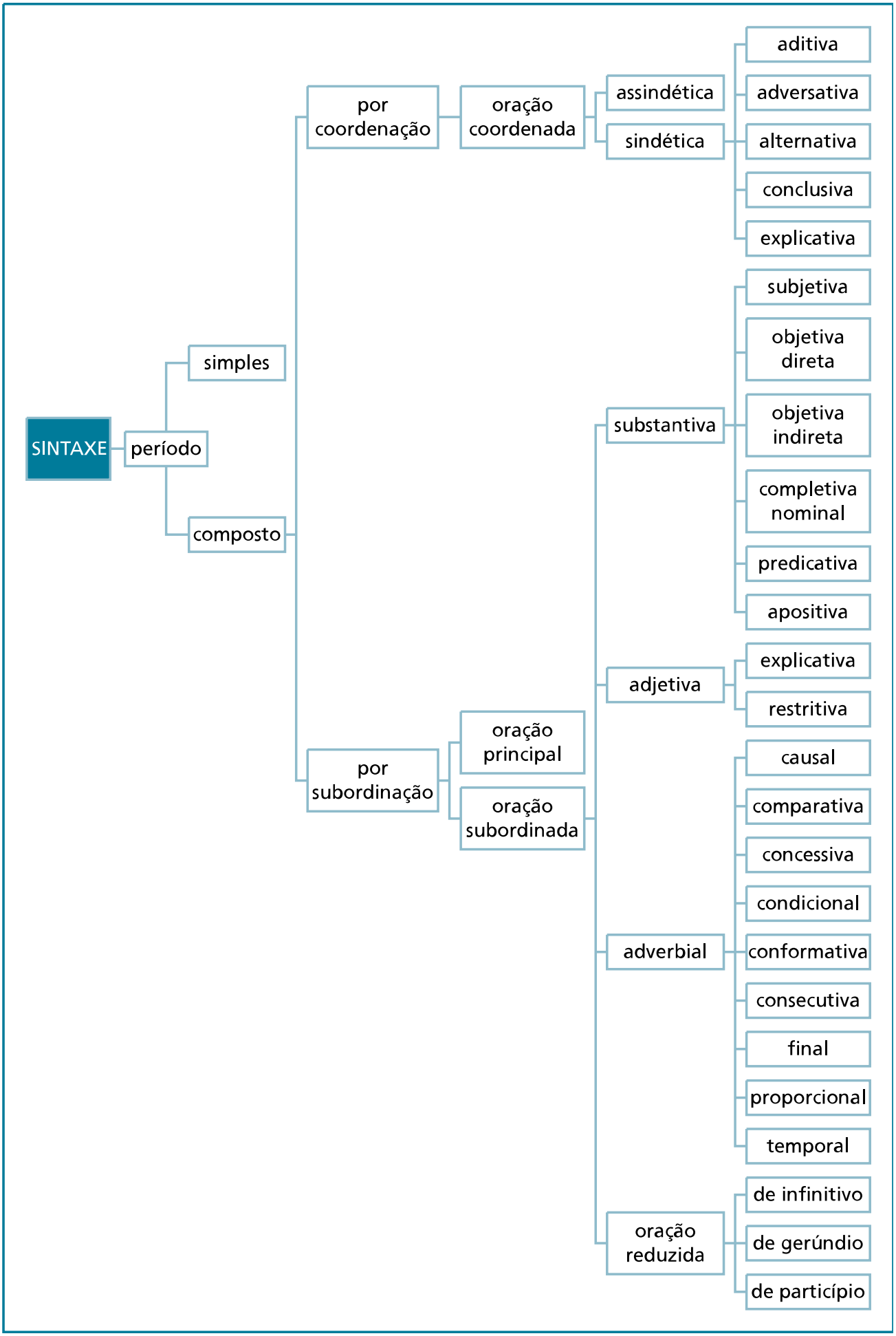
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.

Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.

Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você*.

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo*.

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna*.

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira*.

4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade.*

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa.*

4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo.*

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar.*

4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão.*

4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra; semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

4.3.2.1. Oração principal

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido**, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco*.

Sopram os ventos, quando amanhece.

4.3.2.2. Oração subordinada

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas.*

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu.*

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando

sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

■ *4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva*

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática.*

■ *4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta*

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse.*

Ignoramos *se eles se salvaram.*

■ *4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta*

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem.*

Gosto *de que me beije.*

4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam.*

Nós temos necessidade *de que nos ajudem.*

4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ao lado de um verbo de ligação da oração principal:

Seu receio era *que chovesse.*

O necessário agora é *que você se cure.*

4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz.*

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro.*

4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido.

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva:

4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que é racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som.*

Curiosidade: A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:

A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:
Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse.*
Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional

Expressa uma hipótese, uma **condição**.
Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:
Se chover, não sairei de casa.
Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.
Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:
O homem age *conforme pensa.*
A história se repete, *consoante opinam alguns.*

4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.
Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:
Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*
Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final

Expressa **finalidade**, objetivo.
Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:
Saí, *a fim de que evitássemos brigar.*
Veio à escola *para que estudasse.*

4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional

Expressa **proporcionalidade**.
Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:
Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*
O dia clareia *à medida que o sol surge.*

4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal

Expressa ideia de **tempo**.
Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim

que, depois que, agora que etc.:

Mal chegamos, ela foi saindo.

O que fará, *agora que está em férias?*

4.3.2.3. Orações reduzidas

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se.*

Todos temos necessidade *de nos amarem.*

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, vários convidados se retiraram.

Curiosidade: As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de

infinitivo.

As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.

As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

4.4. REGÊNCIA

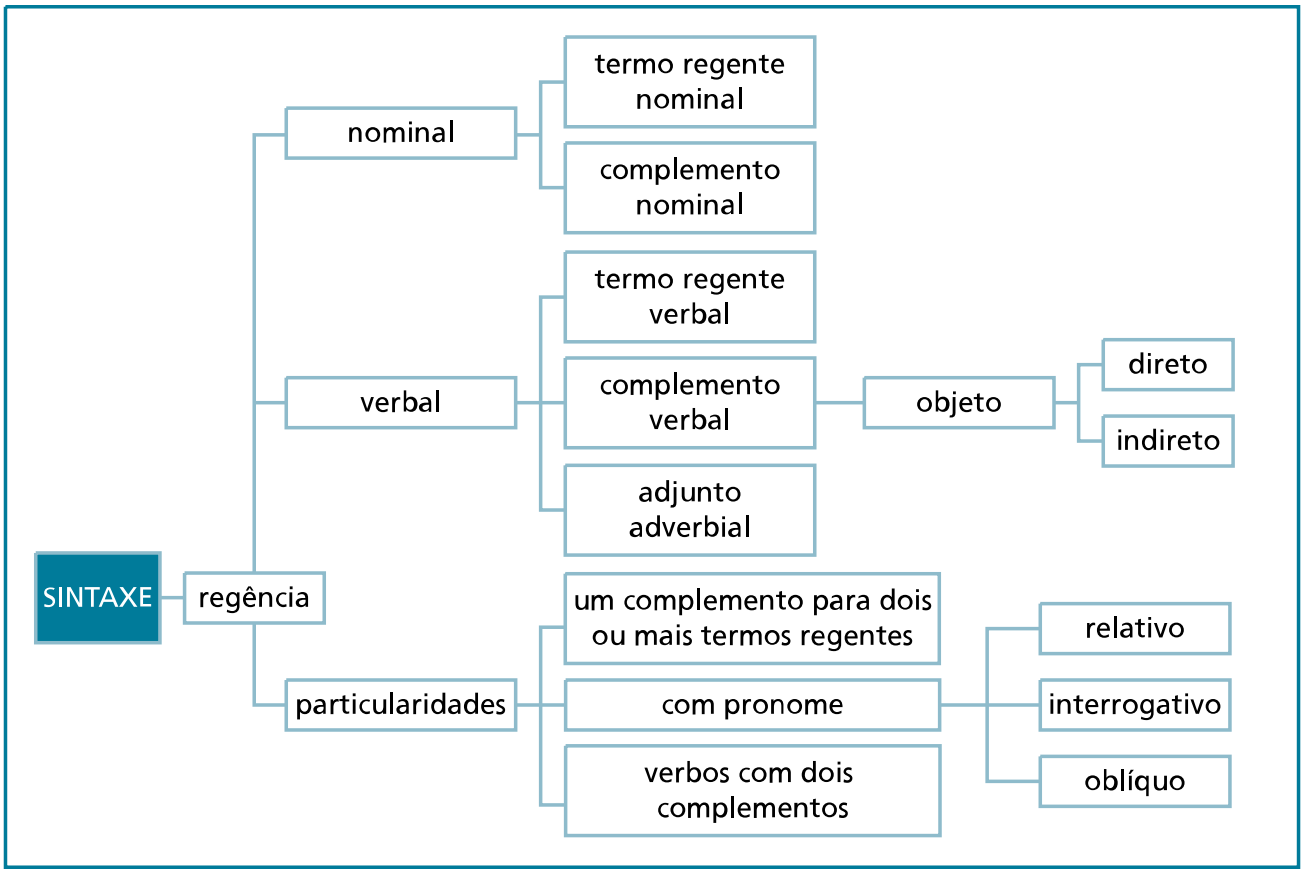

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os

termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos:

- *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.
- *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:
- *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.
- *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

Curiosidade: Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:

aberto a, para
aborrecido a, com, de, por
abrigado a
abundante de, em
adequado a
afável com, para com
aflito com, por
agradável a
alérgico a
alheio a, de
aliado a, com
alusão a

amoroso com, para com
ansioso de, por
antipatia a, contra, por
apto a, para atenção a
atencioso com, para com
aversão a, para, por
avesso a
ávido de, por
certeza de
certo de
compaixão de, para com, por
compatível com
comum a, de, em, entre, para
conforme a, com
consulta a
constituído com, de, por
contente com, de, em, por
contíguo a
convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com, por
devoto a, de
domiciliado a, em
dúvida acerca de, de, em, sobre
empenho de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a
hostil a, para com

impróprio para
imune a, de
incansável em
incapaz de, para
inclinado a
invasão de
junto a, com, de
lento em
morador em
ódio a, contra, de, para com, por
orgulhoso de, com
peculiar a
precedido a, com, de
preferível a
pródigo de, em
próximo a, de
residente em
respeito a, com, de, para com, por
simpatia a, para com, por
situado a, em, entre
suspeito a, de
último a, de, em
união a, com, entre
útil a, para
vizinho a, com, de

4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência, é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.

Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:

Aspirei o aroma das flores.

(aspirar = sorver, respirar)

Aspirei a um bom cargo.

(aspirar = desejar, almejar, objetivar)

Olhe para ele.

(olhar = fixar o olhar)

Olhe por ele.

(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

VERBO

■ (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida

exemplo

Assim:

CONFIAR

■ (acreditar) — VTI — preposição EM:

Confio em meus pais.

■ (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

■ (sorver) — VTD — sem preposição:

Aspiro o perfume das flores.

Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.

■ (desejar) — VTI — preposição A:

Aspiro a uma boa posição.

Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

■ (renunciar) — VI — sem complemento:

Ela abdicou em 1990.

■ (renunciar) — VTD — sem preposição:

Ele abdicou a coroa.

Ele abdicou o direito de votar.

■ (renunciar) — VTI — preposição DE:

Ele abdicou da coroa.
Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

■ (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:
A peça não agradou ao público.
Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.

■ (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:
João procurou agradar o filho.
As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

■ (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:
João agradeceu o presente a José.
Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

■ (ver, presenciar) — VTI — preposição A:
Ele assistiu ao espetáculo.
Sempre assisto às novelas.

■ (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:
Férias é um direito que assiste a todos.
Tal direito assiste aos alunos.

■ (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):
Eles assistem em São Paulo.
Assistem todos em área de risco.

■ (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:
O médico assiste o paciente.
O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

■ (receber, responder) — VTD — sem preposição:
O diretor atenderá os alunos.
Deus atende nossas preces.

■ (dar atenção) — VTI — preposição A:
Vou atender ao que me pede.
O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

■ (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:
Avise o ocorrido a João.
Avisei João do ocorrido.

Avisei João sobre o ocorrido.

Curiosidade: Esse verbo pode ter a "pessoa" como Objeto Direto e a "coisa" como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na "coisa", use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

■ (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:
O gerente chamou os funcionários para a reunião.
Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

Curiosidade: Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
Chamei Pedro.
Chamei a Pedro.
Chamei Pedro de herói.
Chamei a Pedro de herói.
Chamei por Pedro.
Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Cheguei a casa.
Cheguei ao colégio.
Chegaremos à escola um pouco atrasados.
■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):
Cheguei em um ônibus fretado.
Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Comuniquei o fato a Pedro.
Comunicamos a todos que a prova será adiada.

Curiosidade: Para o verbo **comunicar**, teremos sempre a seguinte construção:
"coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
Comuniquei o fato a Pedro.
Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:

Avisei o fato a Pedro.
ou
Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:
Custa-me entender a lição.
Fazer o trabalho custará a todos.

Curiosidade: Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém, no caso **para mim**.
A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:
Os filhos desobedecem aos pais.
Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:
Esqueci o caderno.
Não esqueça os sapatos na sala.
■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:
Esqueci-me do caderno.
Não se esqueça dos sapatos na sala.

Curiosidades:

a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
Esqueceram-me os fatos.
Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é o sujeito.
Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR

■ (ser chato com) — VTI — preposição COM:

Ana sempre implica com todos.
Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.
■ (envolver-se) — VTI — preposição EM:
Ana implicou-se em casos de vandalismo.
■ (acarretar) — VTD — sem preposição:
Sua atitude implica demissão.
Desobedecer à lei implica receber punição.
■ (acarretar) — VTI — preposição EM:
Sua atitude implica em demissão.
Desobedecer à lei implica em receber punição.

Curiosidade: Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR
Ver o verbo *avisar*.
INVESTIR
■ (empossar) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João foi investido em cargo público.
Vamos investir os aprovados na carreira militar.
■ (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João investiu todo o seu dinheiro em ações.
O pai investiu no filho suas esperanças.
■ (atacar) — VTD — sem preposição:
A onda investe a praia.
■ (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:
A onda investe contra a praia.
Pedro investiu com os árabes.
Pedro investiu contra os árabes.
IR
■ (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Fui ao colégio.
Ontem pela manhã, fui ao zoológico.
Vá à praia, para caminhar um pouco.
■ (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):
Vou para o Rio de Janeiro.
Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.
LEMBRAR

■ (lembrar “algo” “a alguém”) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Lembrei o fato ao menino.
Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

Curiosidade: O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
Lembrei o fato.
Lembrei-me do fato.
Lembram-me tais palavras.
Não me lembra o ocorrido.

MORAR
■ (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):
Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR
■ (“ficar”) — VTD — sem preposição:
Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.
Estou namorando aquela menina.

Curiosidade: Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
São erradas as construções:
Eu namorei com ele durante dois anos.
Quer namorar comigo?
Com qual menina você namora?
O correto é:
Eu namorei-o durante dois anos.
Quer namorar-me?
Qual menina você namora?

NOTIFICAR
Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER
Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR
■ (pagar “coisa”) — VTD — sem preposição:
Eu paguei a dívida.
Paguei o débito.
■ (pagar “pessoa”) — VTI — preposição A:
Eu paguei ao médico.

Paguei ao açougueiro.

Curiosidades:
1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:
Paguei a conta ao açougueiro.
2) Às vezes usamos um substantivo que representa "coisa" no lugar de "pessoa":
Paguei ao hospital. ("hospital" no lugar de "médico").
Paguei ao açougue. ("açougue" no lugar de "açougueiro").

PERDOAR
Ver o verbo *pagar*.

PISAR
■ (pôr os pés em) — VTD — sem preposição:
O artista pisou o palco com vontade!
Não pise a grama.
■ (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:
O artista pisou no palco com vontade!
Não pise na grama.

Curiosidade: Antigamente, apenas a primeira construção era admitida como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR
■ (gostar mais) — VTD — sem preposição:
Prefiro água.
Todos preferem Português!
■ (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Prefiro água a café.
Todos preferem Português a Matemática.

Curiosidade: Muitos usam as seguintes construções:
Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
Prefiro água do que café. (Errada!)
Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas, como MAIS, ANTES, MUITO etc.!
Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR
Ver o verbo *avisar*.
PROCEDER
■ (ter fundamento) — VI — sem complemento:
Tal comentário não procede.
Esse argumento não procede.
■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):
Eu procedo do Paraná.
Eles procedem de uma região fria.
■ (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:
Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.
O delegado procedeu ao inquérito.
Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.
PUXAR
■ (arrastar) — VTD — sem preposição:
Ele puxou a cadeira e sentou-se.
Não puxe a porta.
■ (ser parecido) — VTI — preposição A:
Ele puxou ao pai.
QUERER
■ (desejar) — VTD — sem preposição:
Eu quero o sorvete de morango.
A mulher quer um filho.
■ (estimar, amar) — VTI — preposição A:
Eu quero a meus primos.
A mãe quer ao filho.
RESIDIR
Ver o verbo *morar*.
RESPONDER
■ (dar a resposta) — VTD — sem preposição:
Todos responderam a verdade.
A noiva respondeu um sonoro "sim".
■ (dar resposta a) — VTI — preposição A:
Responda aos testes sobre Geografia.
Responda somente às questões mais simples primeiramente.

Curiosidade: Podemos também classificá-lo como VTDI:

Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

■ (gostar) — VTI — preposição COM:
Eu simpatizei com o novo professor.
Ela não simpatizou comigo!

Curiosidade: Este verbo não é pronominal; portanto, está errada a construção:
Eu não me simpatizei com ele.
O correto é:
Eu não simpatizei com ele.

VISAR

■ (mirar) — VTD — sem preposição:
O atirador visou o alvo.
■ (vistar) — VTD — sem preposição:
Ele visou o documento.
■ (desejar, almejar) — VTI — preposição A:
Ele visa a um bom salário.
Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

Curiosidade: Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

■ 4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:
O que você mais gosta em mim? (ERRADO)
Essa frase está errada!
O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento; portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

■ *4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos*

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e a frase está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **gostar**, e a frase está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regências diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia estes outros exemplos:

Entrei e sai da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela sai.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

■ *4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo*

Que, qual, quem, quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

- **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

- **indireta:** quando a frase **termina em ponto-final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

Os **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

4.4.3.3. Regência com pronome relativo

Que, qual, quem, onde e cujo são **pronomes relativos — substituem termo mencionado** anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**

Ana é a secretária que eu contratei.

Cachorro é o animal que eu lhe darei.

Comprei a camisa que você me pediu.

b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os quais, as quais):

Ana é a secretária da qual eu te falei.

Cachorro é o animal do qual gosto.

Comprei as camisas das quais você falou.

c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:

Todos são pessoas em quem confio.

d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):

Aquela é a casa onde moro.

Visitei a cidade onde nasci.

e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem**

ideia de **posse**. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:

Esta é a fazenda cujo pasto secou.

Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

Curiosidades:

1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.

Estão erradas as frases:

Ela é a mulher cuja ninguém conhece.

Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.

Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.

Ela é a mulher cuja ela odeia.

2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:

Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.

Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que aparece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

O s **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu.

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem

todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.

Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.

LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.

Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.

Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.

Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

Curiosidade: LHE/LHES só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.

Gosto da Maria.

Gosto-lhe. (errado!)

Gosto dela.

Simpatizei com o novo professor.

Simpatizei-lhe. (errado!)

Simpatizei com ele.

Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.

Eu acreditei-lhe. (errado!)

Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*

ASSISTIR (no sentido de *ver*)

ASPIRAR (no sentido de *desejar*)

VISAR (no sentido de *desejar*)

OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)

não admitem o **LHE/LHES** como complemento.

Assisti ao filme. — Assisti a ele.

Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.

Visei ao cargo. — Visei a ele.

Obedeci à lei. — Obedeci a ela.

Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complementos verbais diferentes ao mesmo tempo:

Eu entreguei o presente ao menino.

o presente — objeto direto = o

ao menino — objeto indireto = lhe
Eu lho entreguei. (lhe + o)
Ela trouxe água para mim.
água — objeto direto = a
para mim — objeto indireto = me
Ela trouxe-ma. (me + a)
Dou os cadernos para ti.
os cadernos — objeto direto = os
para ti — objeto indireto = te
Dou-tos. (te + os)
b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*

O s **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto, basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.

Seu conselho foi útil para o menino.
Seu conselho foi-lhe útil.

O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.

O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)
c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*

O s **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.

Pisou-me o pé e não pediu desculpa.
(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.
O bandido levou-nos o carro.
(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.
O sol queimava-lhe a pele.
(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos

O s **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.

O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)
O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.

os filhos — objeto direto
a irem ao cinema — objeto indireto
OU
O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.
aos filhos — objeto indireto
irem ao cinema — objeto direto
Informei-os que sairia mais cedo. (errado)
Informei-os de que sairia mais cedo.
os — objeto direto
de que sairia mais cedo — objeto indireto
OU
Informei-lhes que sairia mais cedo.
lhes — objeto indireto
que sairia mais cedo — objeto direto

4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!
Já era hora dela chegar. (errado!)
Já era hora de ela chegar.
Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.
Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)
Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.
Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)
Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

4.5. CRASE

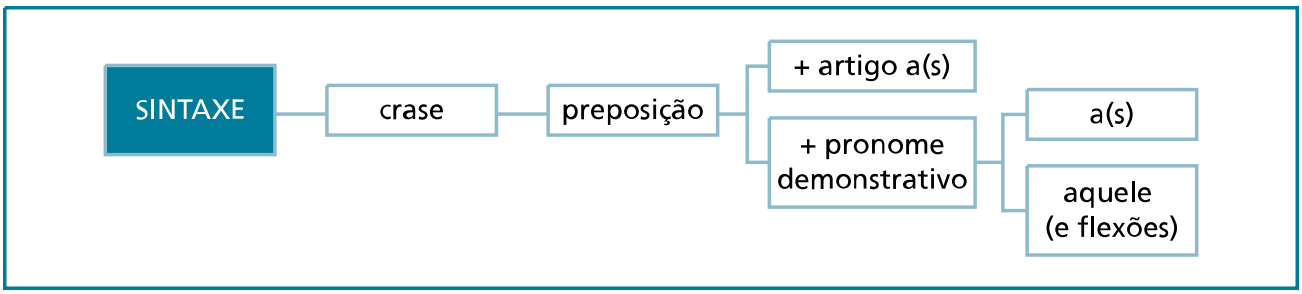

É a **fusão de vogais idênticas**, marcada pelo **acento grave** (`).
Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A**

inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.

Veja:

Eu fui à farmácia.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.

Refiro-me à que está de azul.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.

Assisti àquele filme.

Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

Curiosidade: Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).

Artigo a(s): Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina

a rua

a felicidade

a saudade

as casas

as ações

as tristezas

as belezas

a senhora

a outra

as mesmas (garotas)

as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir

a começar

a garantir

a falar

a João

a Pedro

a ela

a todas

a cavalo

a pé

a você

a mulheres

a pessoas

a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

Curiosidade: Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:

a) Com nomes próprios de **localidades**:

Colocar o nome da localidade depois das expressões:

VIM DA _____.

VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:

VIM DA, CRASE HÁ!

VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!

Viagem à Lua.

Chegaremos à Áustria em poucos minutos.

Viajaremos a Roma.

Voltarei a Campinas.

Curiosidades:

a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo; assim sendo, recebem ou não crase:

Vou a África. ou Vou à África.

Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.

b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.

Viajaremos à Roma antiga.

Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.

Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):

sem determinante, sem crase:

Cheguei a casa.

Voltei a terra.

Olhei tudo a distância.

com determinante, com crase:

Cheguei à casa querida.

Voltei à terra natal.
Olhei tudo à distância de 10 metros.
c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**
Refiro-me a Maria.
Refiro-me à Maria.
Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**
Refiro-me à Maria da farmácia.
d) Diante de **pronomes:**
com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:
Refiro-me à senhora.
Falei à mesma garota de ontem.
com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:
Refiro-me a Vossa Senhoria.
Falei a todas as garotas.
Entreguei a ela o pacote.
com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**
Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)
Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)
Falei a sua secretária. (a = preposição)
Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)
e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**
adverbiais (de **modo** ou **tempo**):
à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa
à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite
prepositiv**as:**
à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de
conjuncion**ais:**
à medida que, à maneira que, à proporção que
f) Após a palavra ATÉ, a **crase é facultativa**, desde que haja a preposição a na frase:
Fomos até à farmácia.
Fomos até a farmácia.
Mas:
Conheço até a mãe do Asdrúbal.
g) Não há crase:
antes de **nomes masculinos:**

Refiro-me a José.
Andei a cavalo.

Curiosidade: Se for nome próprio e ocultar as expressões "à moda de" ou "ao estilo de", haverá crase obrigatória:
Escrevo à Eça de Queirós.
Comi bacalhau à Gomes de Sá.

com nomes de **personagens históricas ou mitológicas:**
Refiro-me a Joana D´Arc.
Eles prestavam homenagem a Afrodite.
antes de verbos:
Eles começaram a aprender inglês.
entre **palavras repetidas:**
Cara a cara.
Gota a gota.

4.6. CONCORDÂNCIA

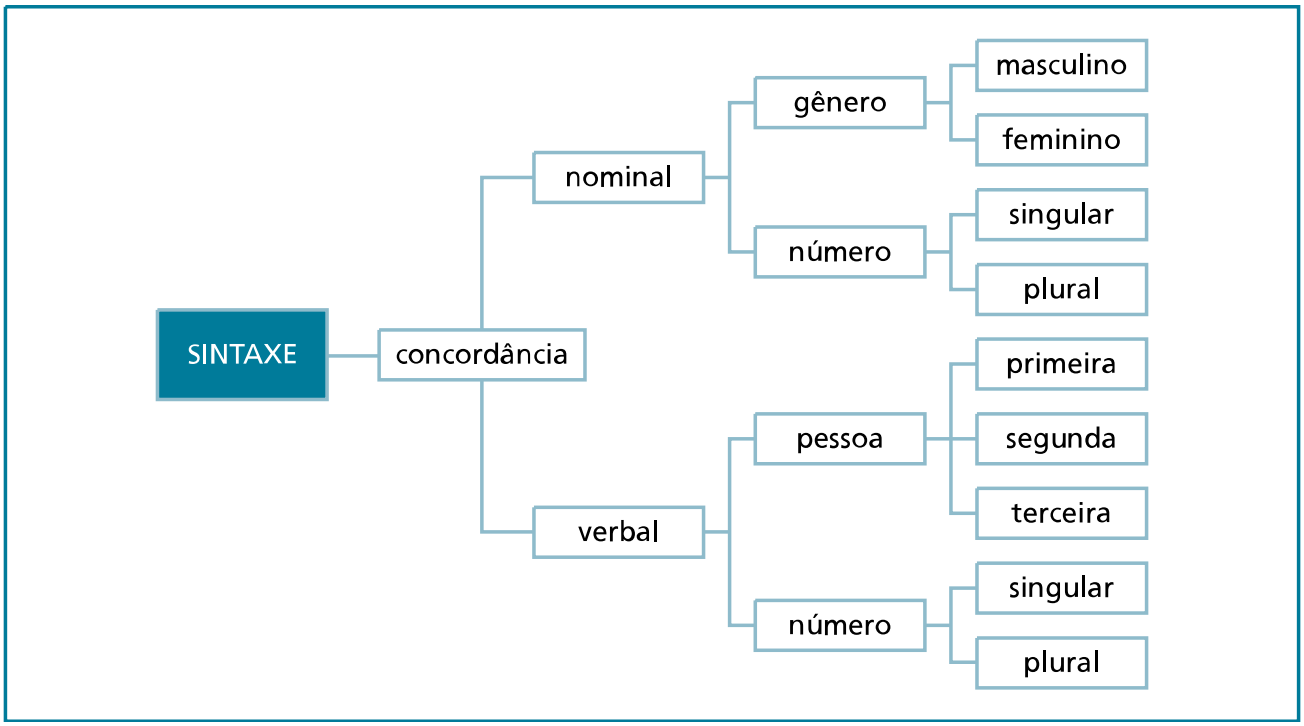

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto a **gênero e número** — nos nomes — e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo "primas".

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o último ou vai facultativamente para o plural**, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos

Mulher e homem belo / mulher e homem belos

Ternura e amor humano / ternura e amor humanos

Amor e ternura humana / amor e ternura humanos

Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher

Bela mulher e homem

Humana ternura e amor

Humano amor e ternura

Ampla sala e cozinha

Curiosidades:

a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:
Famosos Childerico e Pascoalina
Pascoalina e Childerico famosos
b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
Eternos amor e ódio
Amor e ódio eternos
c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
pai e mãe simpática
pai e mãe simpáticos
simpático pai e mãe
simpáticos pai e mãe

4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:
a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:
Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.
Ele detém o poder material e o espiritual.
b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**
Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.
Ele detém os poderes material e espiritual.

4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**
Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.
Ele ouviu falar dos homens-bomba.
Na infância, assistia na tevê a série sobre a família-monstro.

4.6.1.1.4. Adjetivos compostos

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:
Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.
Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

Curiosidade: Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:
Comprei uma camisa verde-musgo.

Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:
Tenho várias camisas azul-marinho.
Tenho várias camisas azul-celeste.
Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:
Encontrei o menino surdo-mudo.
Encontrei a menina surda-muda.
Encontrei os meninos surdos-mudos.
Encontrei as meninas surdas-mudas.

4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal

4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.
Há provas bastantes de sua culpa.
Elas saíram bastante apressadas.
As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.
Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.
As meninas farão mesmo o bolo?

4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.

Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.
Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse "Obrigada".
Os meninos disseram "Muito obrigados".

Curiosidade: Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de são locuções invariáveis:
As cópias seguem em anexo aos documentos.
Mandei as fotos em anexo à carta.
Radegondes ficou a sós em casa.
As meninas continuam junto aos carros.
As meninas continuam junto com a mãe.
As meninas continuam junto dos pais.

4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível"**, deve concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:
Quero dez pães os mais claros possíveis.
Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.
Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:
Quero dez pães claros o mais possível.
Comprei doze rosas o mais abertas possível.
Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.

Houve menos reclamações dessa vez.

As pseudopedagogas foram desmascaradas.

4.6.1.2.5. Silepse de gênero

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.

A gente está cansado.

4.6.1.2.6. Tal qual

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.

Os filhos são tais qual o pai.

Curiosidade: Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:

Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.

Nem um nem outro argumento.

De um e outro lado.

4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.

Nem num nem outro argumento mentirosos.

4.6.1.2.9. Particípio + substantivo

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.

Vistas as condições.
Dadas as chuvas.
Restabelecidos os pagamentos.
Postos os pingos nos is.
Salvas as crianças.

4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.
Esta caminhada é boa para a saúde.
É proibido entrada.
É proibida a entrada.
Tardes felizes é necessário.
Algumas tardes felizes são necessárias.
Pimenta é bom.
Sua pimenta é boa.

4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

Quando um **adjetivo** modifica o pronome "nós" utilizado no lugar de "eu" (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)
Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1a, 2a e 3a) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.
Vós sois meus amigos.
A menina e o menino saíram.

4.6.2.1. Concordância do sujeito simples

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará

em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.

A **violência deve** ser combatida por todos.

Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.

O bando de aves voou.

O bando de aves voaram.

A multidão invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.

A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.

A maior parte dos alunos faltou.

A maior parte dos alunos faltaram.

1% dos aposentados não compareceu ao INSS.

1% dos aposentados não compareceram ao INSS.

10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.

10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.

Um terço dos bens desapareceu.

Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.

Os Alpes ficam na Europa.

Estados Unidos domina o mundo.

Os Estados Unidos dominam o mundo.

Amazonas é um grande rio.

O Amazonas é um grande rio.

Curiosidade: Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:

"Os Lusíadas" conta a história do povo português.

"Os Lusíadas" contam a história do povo português.
"Os Miseráveis" mostra o sofrimento do povo.
"Os Miseráveis" mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**

Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

Curiosidade: Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:

Algum de nós fará o trabalho.
Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:

Fui eu que escrevi a carta.
Fostes vós que escrevestes a carta.
Não serão os meninos que farão esse trabalho.

f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3a pessoa do singular):

Fui eu quem escrevi a carta.
Fui eu quem escreveu a carta.
Fostes vós quem escrevestes a carta.
Fostes vós quem escreveu a carta.
Não serão os meninos quem farão esse trabalho.
Não serão os meninos quem fará esse trabalho.

g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que: verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.
João foi um dos alunos que faltaram à prova.

Radegondes é uma das que ficou de castigo.

Radegondes é uma das que ficaram de castigo.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

4.6.2.1.2. Silepse de pessoa

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3a pessoa do plural e o verbo na 1a pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):

Os culpados seremos punidos.

Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.

Todos somos a pátria.

4.6.2.1.3. Silepse de número

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:

Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.

A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:

A *menina* e o *menino saíram*.

As *joias* e os *dólares desapareceram*.

Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1a pessoa tem prioridade sobre 2a e 3a; 2a e 3a são equivalentes.

Pascoalina e eu fomos ao mercado.

Tu e eu viajaremos para o sul do país.

Ele e eu não fizemos a prova.

Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.

Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Curiosidade: Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sabiá.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligados por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.

O pai com a mãe saíram.

O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.

O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

Curiosidade: Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:
O pai, com a mãe, saiu.
O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

- a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**

Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.
Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

- a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.

Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.
Maria ou Ana casará com José.

- **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**

O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.
Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

- os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**

A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**

Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões "um ou outro", "nem um nem outro": o verbo deve ficar **no singular:**

Um ou outro aluno fará a prova.
Nem um nem outro aluno fará a prova.
Um ou outro receberá uma medalha de "honra ao mérito".
Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão "um e outro": o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.

Uma e outra aluna compareceu ao evento.
Uma e outra aluna compareceram ao evento.

4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o quê. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3a pessoa do plural, sem sujeito expresso:
Roubaram o meu carneiro.
Atiraram uma pedra na minha janela.

Curiosidade: Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.
Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo "uns homens maus", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "roubaram".
Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo "os meninos da rua de baixo", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "atiraram".

b) verbo na 3a pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:
Precisa-se de moças.
Acredita-se em marcianos.

Curiosidade: Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.
Se — pronome apassivador: forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**
Conserta-se geladeira.
Consertam-se geladeiras.
Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.
Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.
Come-se carne brasileira aqui.
Comem-se carnes brasileiras aqui.
Vende-se casa.
Vendem-se casas.
Aluga-se sala.
Alugam-se salas.

Faz-se carreto.
Fazem-se carretos.

Se — índice de indeterminação do sujeito: aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.

Acredita-se em todas as suas falas.
Come-se bem aqui.
Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
Assiste-se a bons filmes neste canal.
Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação de qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos naturais:

Nevou em várias cidades do sul do país.
Relampejou muitas vezes seguidas.
Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo meteorológico ou cronológico:

Está muito calor hoje.
Está tarde!
Faz dias frios aqui!
Fará noites quentes no próximo verão.
Ontem fez vinte dias que não o vejo.
Faz muitos anos que estive aqui.
Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecimento:

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.
Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!
Há brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

Curiosidade: Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso,

colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:

Deve nevar em várias cidades do sul do país.
Poderá relampaguear muitas vezes seguidas.
Vai chover durante quarenta dias.
Deve estar muito calor hoje.
Deve estar tarde!
Vai fazer dias frios aqui!
Poderá fazer noites quentes no próximo verão.
Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
Deve fazer muitos anos que estive aqui.
Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
Pode haver brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

Curiosidade: Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.

As estrelas parecerão brilhar...
As estrelas parecerá brilharem...
As estrelas pareciam brilhar...
As estrelas parecia brilharem...
Se as estrelas parecessem brilhar...

Se as estrelas parecesse brilharem...

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbos:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.
No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.
Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia:**

Haja vista ao caso.
Haja vista aos casos.

Curiosidade: A forma **haja visto** (ou **hajam visto**) é tempo composto do verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**

Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.
Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3a pessoa do singular:

Espera-se que as meninas tragam as tortas.
Aos alunos cabe resolver as questões.

Curiosidade: Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:

É necessário que as meninas tragam as tortas.
Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

4.6.2.6. Concordância do verbo ser

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral nas maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plu**ral:**

Minha preocupação são as crianças.

O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plur**al:**

Tudo são flores.

Isso foram gastos inúteis.

Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo são animais invertebrados.

Curiosidade: Também é possível a concordância com o sujeito:

Tudo é flores.

Isso foi gastos inúteis.

Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pesso**al:**

Naquele ano, o assessor da direção fui eu.

O atleta és tu.

O ganhador do prêmio seremos nós.

d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoa**s:**

As alegrias da casa é a criança.

As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

O verbo ser pode ser impessoal; nesse caso, haverá concordância especial.

a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:

Daqui à praia são 100 quilômetros.

Daqui à praia é um quilômetro.

Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.

b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:

É dia 13 de julho.

São 13 de julho.

É uma hora.

É bem mais de uma hora.

São duas horas.

Curiosidade: Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
Hoje é 13 de julho.
Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de peso, medida ou quantidade são invariáveis:
Quinze quilos de arroz é pouco.
Cinco metros de tecido é muito.
Trezentas pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

Curiosidade: Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
Os quilos de arroz estocados são poucos.
Os metros de tecido comprados são muitos.
As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expletiva, ou de realce, É QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

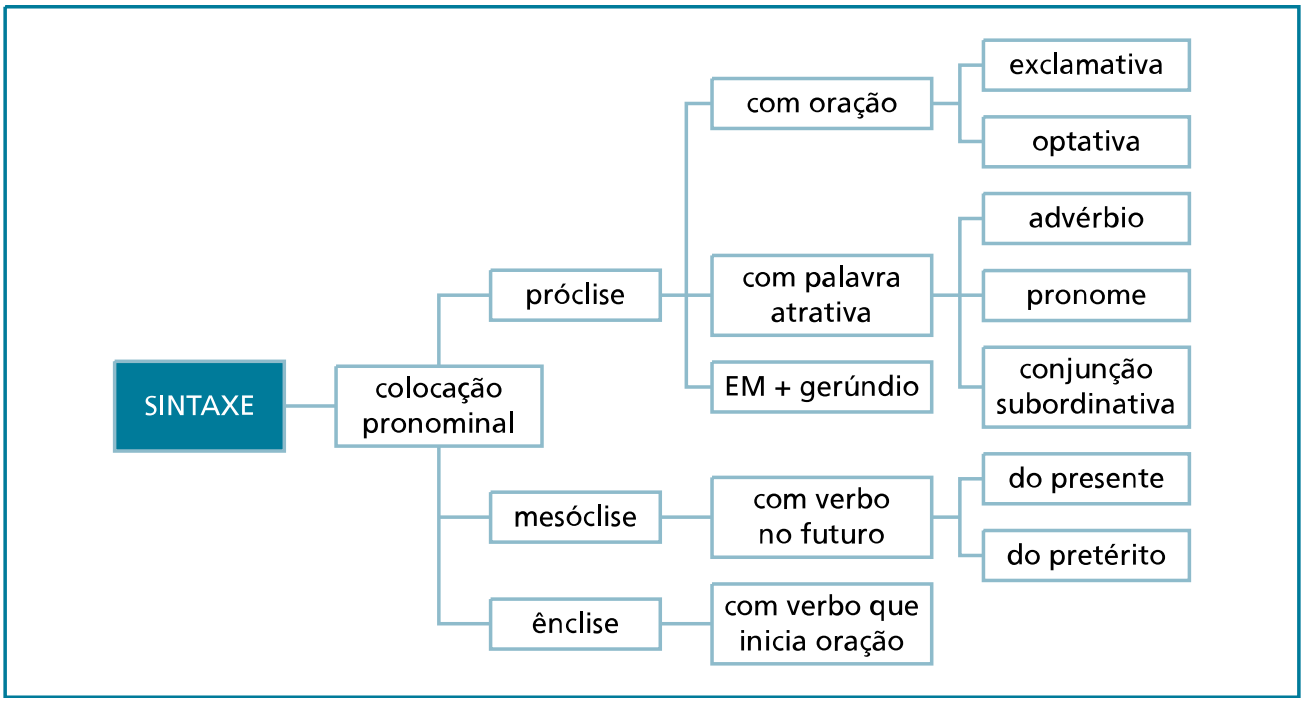

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:

a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):
Não me abandone.
Nunca me deixe só.
Ninguém me viu aqui.
Nada me fará mudar de ideia.
Não veio nem me telefonou.

b) Nas **orações exclamativas:**
Macacos me mordam!

c) Nas **orações optativas:**
Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**
Quem me chamou?
Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**
Quando me viu, sorriu para mim.
Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):
Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)
Aquilo nos agrada.

g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**
Em se comentando o caso, seja discreto.

4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**
Devolver-me-á o livro amanhã.
Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

4.7.3. Ênclise

Usa-se:

a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.

b) Com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

Curiosidade: Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:

Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.

Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:

Estou aqui para te servir.

Estou aqui para servir-te.

Meu desejo era não o incomodar.

Meu desejo era não incomodá-lo.

4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*

Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.

Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

Curiosidade: Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.

O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.

b) *Auxiliar + gerúndio:*

ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.

ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.

próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.

c) *Auxiliar + particípio:*

ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.

próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.

— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.

— Como não está, se você está me respondendo?

— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.

— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?

— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?

(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:
a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

Resposta: "b". O verbo "estar" com a preposição "a" indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo "estar" com a preposição "em" indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é "sentar" — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.
a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

Resposta: "b". O nome "inclinado" pede a preposição "a": Estava inclinado a aceitar o convite.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.

( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.

( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.

( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.

( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:
a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

Resposta: "d". Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta — o verbo "preferir" exige a preposição "a". Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo "visar" (no sentido de desejar) exige a preposição "a". Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome "impressão" exige a preposição "de".

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

Resposta: "a". O verbo "visar" no sentido de desejar exige a preposição "a": Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:

a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

Resposta: "d". O verbo "obedecer" exige a preposição "a", por isso deve aparecer o acento grave em "às cláusulas do contrato".

6. Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

Resposta: "c". O verbo "preferir" exige a preposição "a": Preferia brincar a trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.
d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

Resposta: "e". O verbo "aspirar" no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.

II. Aspiro a este cargo.

III. Prefiro isto àquilo.

IV. Custa-me crer nos políticos.

Quanto à correção gramatical, podemos dizer que
a) Só a primeira está errada.
b) Apenas a primeira está certa.
c) Somente a segunda está errada.

d) Todas estão erradas.
e) Todas estão certas.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”, usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil”, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.

a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
e) A secretária aspirava um cargo importante.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.

a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

Resposta: “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. Eis o secretário _____ eficiência e honradez eu lhe falei.

a) cujo.
b) de cuja.
c) cujas.
d) cujo a.
e) de cujos a.

Resposta: “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cuja”, que será antecedido da preposição “de” por exigência do verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. Minhas objeções _____ acordo são concernentes _____ modo _____ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.

c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

Resposta: “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. Imbuído _____ preconceitos, com tendência _____ intolerância, era impermeável _____ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

Resposta: “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. Não encontrei a revista _____ você se referiu, razão _____ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

Resposta: “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “referir-se” (a que você se referiu); na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão” (razão por que não a comprei).

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

Resposta: “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. Sendo o carnaval uma das festas _____ mais gosto, achei preferível ir ao baile _____ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

Resposta: “d”. Regência do verbo “gostar” e do nome “preferível”: Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. Posso informar _____ senhores _____ ninguém, na reunião, ousou aludir _____ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

Resposta: “e”. O verbo “informar” admite duas construções: “informar algo a alguém” ou “informar alguém de/sobre algo”. Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo “aludir” exige a preposição “a”, e o termo “tão delicado assunto” não pode ser precedido de artigo “a”, por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. Sua anuência _____ solicitação não impediu que fizesse ressalvas quanto _____ mérito de certos itens _____ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

Resposta: “a”. O nome “anuência” pede a preposição “a”; o nome “solicitação” é feminino, por isso admite o artigo “a”; assim: anuência à solicitação. O nome “quanto” pede a preposição “a”; o nome “mérito” é masculino, por isso admite o artigo “o”; assim: quanto ao mérito. O verbo “discordar” pede a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. Era um rapaz aparentemente igual _____ outros, mas tinha um senso de responsabilidade _____ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.
c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

Resposta: “a”. O nome “igual” exige a preposição “a”; o pronome “outros” admite o artigo “o”; então: igual aos outros. O verbo “orgulhar-se” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. Ele jamais _____ que o ajudariam na profissão e _____ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.

e) esqueceu aqueles, cujo.

Resposta: “e”. O verbo “esquecer” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “esquecer” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “esquecer-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve essa questão é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo “cujo” (e não devemos esquecer que o pronome “cujo” não pode ter artigo depois dele).

21. Sou coerente: a causa _____ tenho lutado vai _____ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

Resposta: “c”. O verbo “lutar” nessa frase pede a preposição “por”: a causa por que tenho lutado. “Ao encontro de” expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões “de encontro a” e “de encontro com” indicam oposição.

22. Os recursos _____ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta _____ empreender todas as melhorias _____ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.
e) de que, a, que.

Resposta: “e”. Os recursos de que dispõe... — o verbo “dispor” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome “apta” exige a preposição “a”, sem crase, pois o que vem depois é o verbo “empreender” (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo “exigir” pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo “que”, sem preposição.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.
c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

Resposta: “e”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por

isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema _____ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.
a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

Resposta: "e". O verbo "discorrer" exige a preposição "sobre", que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta _____ frutos são venenosos foi derrubada.

II. O estado _____ capital nasci é este.

III. O escritor _____ obra falei morreu ontem.

IV. Este é o livro _____ páginas sempre me referi.

V. Este é o homem _____ causa lutei.
a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

Resposta: "c". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. A cartomante _____ me referi, e _____ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.
a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

Resposta: "b". O verbo "referir-se" pede a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo "cujo", concordando com o nome "previsão": cuja previsão.

27. Quanto a amigos, prefiro João _____ Paulo, _____ quem sinto _____ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

Resposta: “a”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: prefiro João a Paulo. O nome “simpatia” exige a preposição “por” que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. “menos” é palavra invariável.

28. Mostrou-se admirado _____ não ver o amigo _____ ia apresentar protestos _____ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

Resposta: “a”. O nome “admirado” aceita as preposições “de” e “por”. O verbo “apresentar” pede a preposição “a”. O nome “protestos” exige a preposição “de”. Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

Resposta: “e”. O verbo “lembrar” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “lembrar” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: lembrou aqueles; “lembrar-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: Lembro que tais eram...; ou Lembro-me de que tais eram...

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

Resposta: “a”. O verbo “lutar” admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo “lutar”, por força do contexto, exige a preposição “contra”: Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.

b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.

c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.

d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.

e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

Resposta: "c". "... desejam saber por que aqueles..." — nessa frase, temos a preposição "por" + o pronome interrogativo "que"; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.

b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.

c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do contribuinte.

d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.

e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

Resposta: "b". Há uma preposição a mais: o verbo "alegar" exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

Resposta: "d". Faltou a preposição "de" exigida pelo verbo "falar": O trabalho inovador de

Gláuber Rocha de que lhe falei...

34. A mãe não _____ bem, nem _____ bem; isso talvez explique o seu _____ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.
b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

Resposta: "d". "Querer" no sentido de estimar pede um complemento com a preposição "a", ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por "a" ou "para" são representados pelo pronome oblíquo "lhe(s)". O verbo "tratar" no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos "o(s)" e "a(s)". Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. Como não _____ vi, chamei o contínuo e mandei-_____, então, _____

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.
d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

Resposta: "b". Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar), então, procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. Obedeça-_____, estime-_____ e _____ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

Resposta: "b". Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome "lhe(s)" como complemento) sempre que precisar.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam pinturas incríveis: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci cobertor com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes aos meus filhos: Dei-lhes poderes.
e) Visitei minhas irmãs: Visitei-lhes.

Resposta: “e”. “Visitar” pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos “o(s)”, “a(s)”: Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.
d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

Resposta: “a”. O verbo “avisar” admite duas construções: “avisar algo a alguém” ou “avisar alguém de/sobre algo”. Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo; ou Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece na questão, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

Resposta: “a”. O verbo “perdoar” pode ter um complemento “coisa”, nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento “pessoa”, nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que “o(s)”, “a(s)” são objetos diretos e “lhe(s)” são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo “perdoar” se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome “lhe”: Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se _____ sua sala e pôs-se _____ falar _____ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

Resposta: “c”. O verbo “dirigir-se” exige a preposição “a”, o pronome possessivo “sua” pode ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. “Pôr-se” pede a preposição “a”, mas o verbo “falar”, que vem depois, não aceita artigo; sem crase. “Falar” pede a preposição “a”, mas o pronome indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos _____ V.Sa. que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de

Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.
a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

Resposta: "a". Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição "a" (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes de verbo o "a" é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim "as" antes de "informações" é apenas artigo.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

Resposta: "d". "João Mello da Almeida Ltda." é o nome da empresa, por isso se subentende uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro _____ você que compete _____ ela, em relação _____ esta situação, tomar as providências necessárias.
a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

Resposta: "d". Os verbos "assegurar" e "competir" e o nome "relação" exigem a preposição "a". Os pronomes "você", "ela" e "esta" não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui _____ pouco vai negar o que disse _____ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.

d) há, a.

Resposta: “c”. A (preposição) — para expressar tempo futuro. Há (verbo) — para expressar tempo passado.

45. Já estavam _____ poucos metros da clareira, _____ qual foram ter por um atalho aberto _____ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. A (preposição) — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois (“foram”), que pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — “a foice” é um adjunto adverbial de instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. _____ noite, todos os operários voltaram _____ fábrica e só deixaram o serviço _____ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

Resposta: “c”. À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — “voltar” pede a preposição “a” e “fábrica” aceita o artigo “a”, por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. Não sei _____ quem devo dirigir-me: se _____ funcionária desta seção, ou _____ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. A regência, nas três lacunas, é a do verbo “dirigir-se”, que pede a preposição “a”. Na primeira lacuna, “quem” não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, “funcionária” admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o “a” é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra “funcionária” — com crase.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

Resposta: "c". Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.
a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

Resposta: "b". O pronome pessoal "ela" não admite artigo, por isso sem crase.

50. Até _____ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos _____ grandes oscilações no mercado.
a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

Resposta: "c". Até há poucos dias — tempo passado. "Sujeitos" pede a preposição "a"; "grandes oscilações", apesar de feminino, está no plural. "A" singular antes de palavra plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. _____ dois dias da prova, cedeu _____ um impulso irracional de fugir _____ ela.
a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

Resposta: "e". A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, "A" apenas preposição. "Ceder" e "fugir" pedem a preposição "a", mas "um impulso" e "ela" não admitem artigo, por isso sem crase.

52. Na minha visita _____ Bahia, _____ dois meses, percorri _____ pé toda a parte central de Salvador, _____ fim de apreciar _____ beleza da cidade, que nada

fica _____ dever _____ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui _____ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

Resposta: "c". Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

Resposta: "b". Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o "a" inicial do pronome demonstrativo "aquele"; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. A ociosidade rebaixa _____ criatura humana, tornando-_____ inútil _____ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

Resposta: "c". A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome "inútil" + artigo do nome "sociedade".

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui _____ dois dias retornarei _____ Belém.

a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

Resposta: "e". Daqui a dois dias — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregada é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não há crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. Explique _____ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica _____ meio caminho da praça _____ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão de distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. Já _____ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só _____ uma determinada categoria profissional, como também _____ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.
d) há, à, a.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

Resposta: “b”. Antes de verbo não há crase.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado _____ ignorância é alguém _____ quem foi roubada uma parte do seu direito _____ vida.

a) à, a, à.

b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) a, a, à.

Resposta: “a”. Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — “a” preposição exigida pela locução “foi roubada” (roubar algo “a” alguém — ou “de” alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.

_____ três semanas, cheguei _____ Lisboa; daqui _____ três dias farei uma excursão _____ França; depois farei uma visita _____ ruínas da Itália; de lá regressarei _____ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

Resposta: “c”. Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro. Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. Postou-se _____ porta do prédio, _____ espera de uma pessoa _____ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções prepositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. Mesmo _____ contragosto, aderiu _____ resoluções dos colegas e dispôs-se _____ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — “a” singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

Resposta: "c". O verbo "admitir" não pede preposição, por isso o "a", que aparece antes de "proposta", é apenas artigo.

65. Daqui _____ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo _____ entrada do grande bosque, uma estátua que _____ séculos foi erigida em homenagem _____ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

Resposta: "a". Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois "casa" não está determinada; b) não se olha a quem — antes de "quem" nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo "pagar", quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. Os que assistiram _____ peça chegaram _____ aplaudi-la de pé, postando-se _____ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.
e) a, à, a.

Resposta: "b". Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. Estou _____ espera de uma certa pessoa, _____ quem poderei pedir informações _____ respeito desse processo.

a) à, à, a.

b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

Resposta: “c”. À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. Foi _____ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris _____ simples matéria: era uma ameaça _____ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

Resposta: “e”. Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — “simples matéria” é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o “a” que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo “reduzir”. Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. O progresso chegou inesperadamente _____ subúrbio. Daqui _____ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, _____ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

Resposta: “d”. O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo “chegar” + pronome demonstrativo “aquele”. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. Refiro-me _____ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças _____ rebeldia insensata e _____ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

Resposta: “a”. Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo “levar”) + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo "aspirar", no sentido de desejar, pede a preposição "a". "Isto" e "nada" não admitem artigo, por isso não há crase. "Aquilo" se funde com a preposição "a" do verbo, portanto há crase.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

Resposta: "c". Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável "em anexo": Seguem em anexo as cópias.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

Resposta: "c". Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.
b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

Resposta: "c". Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivo, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.

b) “Eu mesma vou aplicar a prova”, disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.

a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.
c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

Resposta: “d”. É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. Já _____ umas dez horas da manhã quando se _____ as portas da repartição.

a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

Resposta: “b”. Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — “se” é pronome apassivador, “portas” é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. Assim que _____ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno _____ .

a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

Resposta: “d”. O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.

a) creem, será, compreensivo.
b) crêem, sereis, compreensiva.
c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

Resposta: “a”. Todos creem — não há mais acento no duplo “ee” dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3a pessoa do singular; no masculino pois é o “diretor”.

81. Qual de nós _____ de falsas informações.

a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.

c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

Resposta: “c”. Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — “se” é índice de indeterminação do sujeito, por isso “tratar” fica na 3a pessoa do singular.

82. Quanto _____ interferências _____, melhor _____.

a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

Resposta: “e”. Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo “interferências”. Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3a pessoa do singular.

83. _____ fraudes e acredito que sempre _____.

a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

Resposta: “a”. Houve fraudes — o verbo haver expressando acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3a pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é “fraudes”; como ele foi usado numa locução verbal, o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Correrias, atrasos, hospedagens, nada _____ os turistas _____ dos passeios.
a) faz, desistir.
b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

Resposta: “c”. Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de “desistir” é “os turistas”, por isso verbo no plural.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que

pudéssemos tomar as providências necessárias.

Resposta: “c”. Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. Sem educação, não _____ existir _____ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

Resposta: “a”. Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é “cidadãos”, por isso verbo no plural.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

Resposta: “b”. Faz 100 anos — o verbo “fazer” expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3a pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — “pode haver” locução verbal com o principal impessoal.

89. É _____ a colaboração de todos, _____ lá _____ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

Resposta: “b”. É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — “dificuldades” é o sujeito de ambos os verbos, por isso devem estar no plural.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.
Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.
e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.
Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

Resposta: “a”. O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, porque não suportava que ninguém o orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?

e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

Resposta: “e”. Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:

a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

Resposta: “c”. Elaboraram-se ótimos planos — “ótimos planos” é o sujeito plural, por isso verbo no plural; “se” é pronome apassivador.

93. Concordância verbal. Correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

Resposta: “a”. “Todos entramos” representa silepse de pessoa, uma concordância ideológica.

94. Há erro de concordância em:

a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

Resposta: “e”. “Anexo” é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável “em anexo”: Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:

a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — “não” é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

Resposta: "b". "Deixei-o na biblioteca." é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

Resposta: "c". Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer...; ou É comum este amigo socorrer-nos...

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

Resposta: "d". "Se" é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: "Irei, se me quiserem."

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

Resposta: "b". Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é "... temo-lo prevenido...".

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória...
c) Se a memória não me falha...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.

e) O livro está com você, entregue-mo.

Resposta: “d”. Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente”.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

Resposta: “b”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Poder-se-ia considerar...”.

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.
c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

Resposta: “c”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Dir-lhe-ei...”.

103. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

Resposta: “b”. “Jamais” é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

Resposta: “b”. Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal (“eles”) uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma

culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza...
b) Tudo isto abateu-me...
c) ... como achei-me o causador,...
d) ... não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ... uma palavra do que então me dissesse.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.
c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

Resposta: “e”. Nessa opção temos uma palavra atrativa (“que” — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

Resposta: “d”. Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção “d”. Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: “as eleições se faziam” ou “as eleições faziam-se”.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa —
obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.
Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem,
para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.
Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde
a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto e vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

"Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

Curiosidade: As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:

Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.

Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, *porém*, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

Curiosidade: Os orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.

O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.

O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pôde relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para as suas casas.

5.2. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;
II — incapacidade civil absoluta;
III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;
IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;
V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: "Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz."

Quem foi que disse: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia."?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro.

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo** dicendi (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

O rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o

final de uma frase interrogativa direta:

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

Cur**iosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos:

Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.

O que é linguagem oficial

Por que a inflação não baixa

Como vencer a crise

5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!

Ai!

Nossa!

b) nas **interjeições:**

Ah!

Vixe!

Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**

Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.

Colombo! Veja isso...

5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:

a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:

"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)

"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)

b) para indicar **interrupção da frase:**

Ela estava... Não, não posso dizer isso.

A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.

c) para indicar **hesitação:**

Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.

Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:

Deixa o seu coração dizer a verdade...

Ela sabe que eu quero...

5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

Curiosidade: Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto-final vem antes do último parêntese:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: "Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente".

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no "Jornal do

Brasil".

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das "Bachianas", de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da "détente" teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

"Mutatis mutandis", o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea "a" do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

Resposta: "a". O único lugar em que se pode pôr uma vírgula é entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

Resposta: "e". A expressão "meu melhor amigo" é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.

e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; d) o ponto e vírgula depois de “aumentou” não deve existir; e) a vírgula de “Depois que” separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

Resposta: “a”. O ponto e vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção “a” temos três orações.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula depois de “veraneio” separa o verbo do seu complemento; c) “flagelo terrível” é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de “nucleares” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “estudar” separa o verbo do seu complemento.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

Resposta: “a”. A vírgula depois de “Eu” separa o sujeito do verbo.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto e vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

Resposta: “d”. A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

Resposta: “b”. Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “assunto” separa o sujeito do verbo; c) o termo “falando muito” se liga a “saiu correndo”, por isso não deve haver ponto e vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de “rapazes”; e) a vírgula depois de “Ela” separa o sujeito do verbo.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.
d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser

justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.

e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “uma” separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de “mas” deveria aparecer antes dele.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.

c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

Resposta: “e”. A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção “e” ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regidos.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de uma forma diferente. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.

b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.

c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.

d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.

e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

Resposta: “a”. A conjunção “porém” está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgulas — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após “pão” separa as duas orações.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.

b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.

c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.

d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.

e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

Resposta: “b”. O termo “Para mim”, deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que

possuem a mesma função na frase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu.”
b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”
c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo.”
d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”
e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram.”

Resposta: “c”. “A serraria, o descaroçador e o estábulo.” — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. Assinale a alternativa que contenha emprego *incorreto* da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

Resposta: “d”. “Conforme as ordens recebidas” é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

Resposta: “d”. A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm

faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

Resposta: “d”. O termo “a crítica ou a história literária” funciona como sujeito de “têm”, por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.

b) Esta leitura, porém, diz pouco.

c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.

d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.

e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

Resposta: “d”. “A Educação de Adultos” ... “é uma primeira leitura”... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve ser usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de “identificatório”.

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

e) Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

Resposta: “e”. A vírgula separa o sujeito do verbo: “Parte da elite não quer viver...”.

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) “Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra”. (*Folha de S.Paulo*, 05.10.1989, p. A4)
b) “Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou.” (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
c) “O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França”. (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
d) “Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza.” (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
e) “O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe.” (*Folha de S.Paulo*, 05.10.1989, p. 4)

Resposta: “e”. A vírgula separa o sujeito do verbo: “O bom humor voltou...”.

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.
b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.
e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

Resposta: “d”. Os termos “acima referida”, “pelo menos” e “de forma sucinta” são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. Indique o fragmento que apresenta *erro* de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.
b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.
c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.
d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.
e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

Resposta: “a”. O termo “pela mudança do sistema de comunicação” é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. Das relações abaixo, assinale a que *não* está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.
c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. Assinale o período que apresenta pontuação *incorreta*:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.
b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.
c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.
d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?
e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

Resposta: "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence; quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve,

ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30.11.2005)

Resposta: “b”. A vírgula separa o verbo do seu complemento: “... teve ganho real...”.

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D & J, 17.11.2003)

Resposta: “d”. A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: “A lei estaria mais sintonizada com os anseios...”.

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque

preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: “a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo” ou “a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo”.

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo*, 17.07.2005, com modificações)

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) crase: “ante a verdadeira ética”; c) concordância nominal: “na expressão, que não é dele, segundo a qual”; d) concordância verbal: “pode-se discernir uma ética”; e) concordância verbal: “o que se aplica aos cientistas”.

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

Resposta: “e”. O erro está na vírgula após “era”, que não deve existir. A frase correta é “o clima era de insegurança generalizada”.

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a “realidade”: impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os “idiotas da objetividade” que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta

de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

Resposta: “a”. O termo “quase” é um adjunto adverbial colocado no meio da frase; nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: “impossível, quase, evitar”.

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, *Frankenstein*, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, “criando” um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o “cientista louco” e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, “foi Mary Shelley quem criou o monstro de *Frankenstein* não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos”. Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, *O diálogo entre ciência e arte*, com adaptações)

Resposta: “e”. Vejamos alguns erros: a) “de Mary Shelley” deveria estar entre vírgulas; b) depois de “Frankenstein” deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de “Mary Shelley” separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: “cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida”.

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão

frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

1 2 3 4 5

a) ; , . : ,

b) ; - ; . ;

c) . ; - ; :

d) . . ; ; :

e) . , , . ,

Resposta: "e". O (1) encerra um período, por isso ponto-final. O (2) isola o adjunto adverbial "Nos seres humanos", por isso vírgula. O (3) separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O (4) encerra um período, por isso ponto-final. O (5) indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção *correta*.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

b) "O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina" — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.

c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.

e) "O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina", disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

Resposta: "e". Como se trata de uma citação, o fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(*Época,* 12.02.2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.
b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.
c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.
d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.
e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

Resposta: "a". Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou ainda o termo regente do complemento nominal.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária" também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.
b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.
c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.
d) Seria interessante saber em que "certas circunstâncias" um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.
e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

Resposta: "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.

II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.

III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta: "b". As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas

(com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Resposta: "e". Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: "Somente" com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; "Somente" sem vírgula está modificando "agora". Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, (1) mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. (2) Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, (3) fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. (4) Não leem nem escrevem. Outras, (5) analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.
b) 2 — o ponto-final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em "Mandam".
c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.
d) 4 — o ponto-final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em "Não".
e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: "chegam à 5ª

série".

Resposta: "a". A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza *adversativa*.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, (1) na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, (2) em seguida, (2) recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, (3) na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, (4) ou seja, (4) como recurso de descoberta da verdade, (5) arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

Resposta: "d". Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos

Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08.12.2004)

Resposta: “c”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “automóveis” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após “(Anfavea)” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após “governo” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “regime” separa o sujeito do verbo.

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Resposta: “d”. Faltou uma vírgula depois de “procuravam”. O termo “... com seus arcos, cúpulas...” é complemento da primeira palavra “curva” que aparece. Assim: A curva*, a curva generosa que os antigos tanto procuravam,* com seus arcos...

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

Resposta: “b”. “A meta do Governo Federal” é o sujeito de “mostra”, então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de “antecedência”.

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 *per capita* por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda *per capita*.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de *Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

Resposta: “e”. As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção “porém”, que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: “No País, porém, ainda...”.

6

SEMÂNTICA

sem(a), semato- elem. comp., do gr. sema- atos "sinal, marca, significação", que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.
(...)
semÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.

Antonio Geraldo da Cunha

6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo **sentido é contrário** ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

- **homográficos** — mesma grafia:

sede (lugar)
sede (vontade de beber)
almoço (substantivo)
almoço (1a pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)
selo (substantivo)
selo (1a pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

- **homofônicos** — mesmo som:

buxo (arbusto)
bucho (estômago)
Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)
Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)
Ascender (subir, elevar-se)
Acender (atear fogo, inflamar)

Curiosidade: Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
são (santo)
são (sadio)
são (3a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
manga (fruta)
manga (parte da roupa)
como (conjunção)
como (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
sonho (substantivo)
sonho (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.
flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar)
Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:
Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.

Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).
Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.
Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.
Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.

Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).
Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.
Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.
Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.
Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.
Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.
Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.
Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).
Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.
Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.
Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.
Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.
Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.
Conserto: reparo, remendo, restauração.
Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.
Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.
Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.
Costear: navegar junto à costa, contornar.
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.
Custar: valer, necessitar, ser penoso.
Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.
Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.
Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.
Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.
Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.
Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.
Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.
Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.
Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.
Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.
Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.
Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.
Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.
Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.
Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.
Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.
Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender (p. us.): exercer vigilância, superintender.
Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.
Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.
Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.
Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.
Estada: ato de estar, permanência de pessoas.
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.
Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.
Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.
Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.
Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.
Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.
Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.
Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.
Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.
Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.
Aduzir: expor, apresentar.
Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.
Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).
Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.
Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.
Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.
Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.
Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.
Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.
Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.
Preito: sujeição, respeito, homenagem.
Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.
Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.
Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da

frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.

Provir: originar-se, proceder; resultar.

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.

Retificar: corrigir, emendar, alterar.

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.

Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.

Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.

Remição: ato de remir, resgate, quitação.

Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.

Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.

Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso.

Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar.

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.
Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, apelidar.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.
Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.
Tenção: intenção, plano.
Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.
Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.
Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.
Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.
Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.
O *braço* da cadeira é macio.
Península é um *braço* de terra que avança no mar.

6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

- **denotação:** palavra utilizada em **sentido real:**

Atanagildetina plantou uma rosa.
— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).
João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

- **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado:**

Atanagildetina é uma rosa.
— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.
João é carta fora do baralho.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em destaque está corretamente apontado.

a) duradouro sucesso — efêmero
b) fama em ascendência — excelsa
c) elegante região — carente
d) sala lotada — habitada

Resposta: “a”. Efêmero significa “ligeiro, rápido, fugaz”, ou seja, contrário de duradouro.

2. A palavra tráfico não deve ser confundida com tráfego, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração
e) cavaleiro / cavalheiro

Resposta: “a”. Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

Resposta: “a”. Em todas as outras opções, os sentidos estão trocados.

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.

O diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

Resposta: “a”. Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. No _____ do violoncelista _____ havia muitas pessoas, pois era uma _____ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão
b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

Resposta: “d”. Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a _____ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:
a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Resposta: “c”. O radical “icono-” se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia = amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é “iconografia”, ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:
a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

Resposta: “b”. “... uma alma de anjo cheirando a virgindade.” é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. / Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.
b) Devo encontrá-lo apenas no shopping. / Devo apenas encontrá-lo no shopping.
c) O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. / O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.
d) Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. / Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.
e) Carmen gosta de pensar muito antes de agir. / Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Resposta: "d". Na opção a) mudamos de "levantar lentamente", para "ver lentamente"; na opção b) mudamos de "ele só pode ser encontrado no shopping" para "eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo no shopping"; na opção c) mudamos de "eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado" para "ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer"; na opção e) mudamos de "Carmen pensa dez vezes... depois age" para "Carmen gosta bastante de pensar... e age".

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável,

— devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. *O alienista,* São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

"… estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes."

"Se além dessas prendas, (...) D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte."

Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante
e) todavia — sendo que

Resposta: "a". "Estava assim apta" — a palavra "assim" indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra "portanto" (conjunção coordenativa conclusiva); "porquanto" é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. No fragmento:

Nada mais cruel do que a cronicidade de certas formas de tuberculose.

Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.
b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.
c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.
d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.
e) "Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, 'matei um'."

Resposta: "a". "Como na véspera" é o mesmo que dizer: "da mesma maneira que na véspera", ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra "como" expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica

conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.
b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.
c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.
d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum ele seria capaz de vender a casa.
e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Resposta: "a". Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

Texto para a questão 12.

O "brasil" com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro

adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) "Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente."
b) "É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval."
c) "Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito."
d) "Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder."
e) "Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes."

Resposta: "b". A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

Texto para a questão 13.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. "Esparadrapo", por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, "incunábulo"*.

(QUINTANA, Mário. *Da preguiça como método de trabalho.* Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

**Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500. / S.m. 2- Começo, origem.*

13. A locução "No entanto" tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.

d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

Resposta: “c”. No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:
a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) Foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

Resposta: “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:
a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

Resposta: “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.
a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.
c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

Resposta: “d”. “Medroso” não é o contrário de “livre”.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:
a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.

c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

Resposta: “c”. Na primeira frase o sujeito referência de “espedacem” é a própria “águia”; na segunda frase “as asas da águia” praticam a ação de “espedaçar” um outro ser.

18. No enunciado — “Nesse caso, por não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações...” —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

Resposta: “d”. A preposição “por” nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de “em virtude de”, que também expressa causa, anterioridade.

19. Assinale a opção em que o verbo contar é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — “Ainda não se podiam contar.”

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

Resposta: “a”. O verbo “contar” na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção “a”. Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. Assinale a opção em que o elemento “auto-” apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.
b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

Resposta: “c”. Em autoestima, o prefixo “auto-” significa “a/de si próprio”, assim como em “autodidata”, “autobiografia”, “autossugestão” e “autossuficiente”. Já em “autopeça”, “auto” é a redução de “automóvel”.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em “Falo por palavras tortas.”

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.

c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

Resposta: “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. Na frase: “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

Resposta: “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum _____ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente _____ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o _____ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave _____ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno _____ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

Resposta: “e”. Para resolver essa questão devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei de avanço, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei contar direito”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo diverso”. — diferentemente.
d) “Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas principal quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

Resposta: “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou de rota batida uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino fizera. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele por causa da minha mãe. (devido a)
d) Era como uma camarinha no meio da noite. (que nem)
e) Era um mar de leite por cima das coisas. (sob as)

Resposta: “e”. Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. Assinale a opção em que o vocábulo mais equivale a “outra vez“ ou “de novo”.

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

Resposta: “a”. Note que apenas na opção “a” o vocábulo “mais” indica “repetição”. Em todas as outras opções “mais” expressa “acréscimo”.

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

Resposta: “d”. Não queria que o vissem assim como estava. — nessa frase a palavra “assim” indica modo. Não queria assim que o vissem como estava. — nessa frase a palavra “assim” indica conclusão.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

Resposta: “a”. O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui _____ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está _____ . (arreada / arriada)
c) Serão punidos os que _____ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os _____ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro _____ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

Resposta: “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver essa questão.

7

ESTILÍSTICA

Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.

J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros aspectos gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

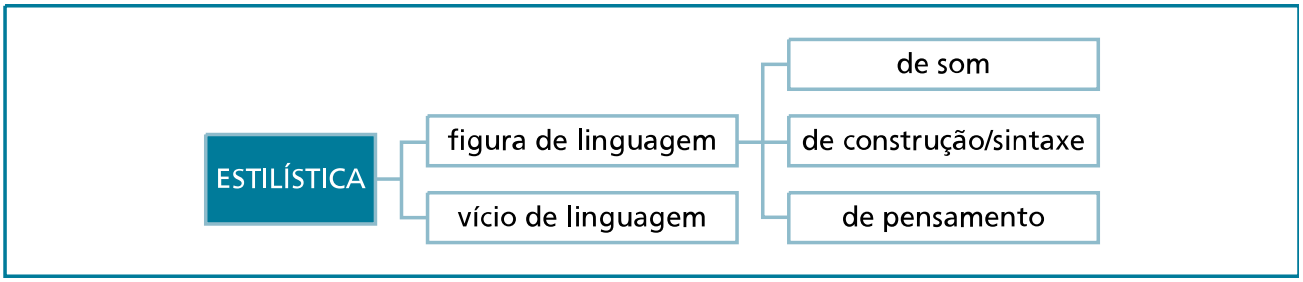

7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo,

polissíndeto, silepse e zeugma.

- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados** — são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos." (Marina Colassanti)

"Chove chuva chovendo
Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando." (Oswald de Andrade)

Curiosidade: A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.

"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos." (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão..." (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo

que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!

A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.

Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

7.1.2.2. Anáfora

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!

"Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só..." (Castro Alves)

Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.

a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.

Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...

b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.

O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.

c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.

Raios, raios, raios triplos!

É gol, gol, gol, gol!

7.1.2.3. Apóstrofe

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

"Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

"Afasta de mim esse cálice, pai!" (Chico Buarque e Milton Nascimento)

7.1.2.4. Assíndeto

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.

Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

7.1.2.5. Elipse

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:
Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso*.
Somos felizes aqui. — *nós*.
Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera*.

7.1.2.6. Hipérbato

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:
De barata, Âni tem medo.
"Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante." (Osório Duque Estrada)

7.1.2.7. Pleonasmo

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:
A rosa, entreguei-a ao meu amor.
Olhei Maria com olhos sonhadores.

Curiosidade: O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:
Subir para cima.
Descer para baixo.

7.1.2.8. Polissíndeto

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:
Estudou e casou e trabalhou e separou-se...
Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

7.1.2.9. Silepse

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

Os brasileiros somos alegres.
Todos queríamos uma vida melhor.

7.1.2.9.2. Silepse de gênero

São Paulo é linda.
Vossa Senhoria parece preocupado.

7.1.2.9.3. Silepse de número

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.
A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

7.1.2.10. Zeugma

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:
Âni comeu banana; João, melão.
As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

7.1.3. Figuras de pensamento

7.1.3.1. Antítese

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.
Quando os tiranos caem, os povos se levantam.
Pedro não é bom nem mau, apenas justo.
Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

Curiosidade: *Paradoxo* ou *oxímoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
"Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
"É um contentamento descontente." (Camões)

7.1.3.2. Antonomásia

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.
Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.
O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.
O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

Curiosidade: Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

7.1.3.3. Catacrese

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais

apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:

céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.
Ela é alta que nem um poste!
Tal qual o pai, ele tornou-se professor.
Ela estava paralisada como uma estátua.

7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo:**

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...
O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.
Você faltou com a verdade.
Falta-lhe inteligência para entender isso!

7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.
Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!
Ela chorou rios de lágrimas.

7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar:**

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!
As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!
A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.

Esse menino é um trator.

"Iracema, a virgem dos lábios de mel." (José de Alencar)

Curiosidade: O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:

A partir da metáfora "A palavra de Deus é semente" conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a história desenvolve-se em relação ao termo metafórico, mas na verdade diz respeito ao termo próprio.

Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

7.1.3.10. Metonímia

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**.

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

7.1.3.10.1. O autor pela obra

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.

Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo

Conseguiria comer toda a marmita.

O vinho era delicioso, tomei duas taças.

7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.

Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.

Após o jantar ele fumava um Havana.

7.1.3.10.5. A parte pelo todo

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.

Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto

A porcelana chinesa é belíssima.
O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

7.1.3.10.7. A marca pelo produto

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.
Você comprou a gilete que eu pedira?

7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

7.1.3.11. Prosopopeia

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais:**

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

7.1.3.12. Sinestesia

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.
Jocasta tinha uma voz doce e macia.
Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)
Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:

Beijou na boca dela. (surge o som "cadela")
Eu vi ela. (surge o som "viela")
Eu amo ela. (surge o som "moela")
Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som "ser cadela")

7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:

Subir pra cima.
Quero ver isso com os meus olhos.

7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — "comível" não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra "comestível".

7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:
O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**
Vossa mercê pode me ajudar?
João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

7.3. QUESTÕES

1. "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

Resposta: "a". Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. Observe a letra destacada nos versos: "O vento voa / a noite toda se atordoa." — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

Resposta: "a". Aliteração, repetição de um som.

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: "Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta."

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

Resposta: "b". "O riacho despediu-se" — prosopopeia. "Os arbustos dançavam" — prosopopeia.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

"Vi uma estrela tão alta,

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo,

Na minha vida vazia.”
a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

“A luz dos intervalos de matar o tempo

de anunciar a eternidade

de estourar o momento dos cardíacos

de expulsar os loucos

de aproximar os rejeitados

de providenciar novas experiências

de costurar encontros.”
a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora
e) anacoluto

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:
a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

Resposta: “a”. Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. Na expressão: “a natureza parece estar chorando”, do ponto de vista estilístico, temos:
a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia

d) personificação
e) eufemismo

Resposta: “d”. Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. Identifique a figura empregada nos versos de Augusto dos Anjos destacados:

“No tempo de meu Pai, sob estes galhos,

Como uma vela fúnebre de cera,

Chorei milhões de vezes com a canseira

De inexorabilíssimos trabalhos!”
a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

Resposta: “c”. Hipérbole, exagero.

9. Identifique a figura empregada no verso de Manuel Bandeira em destaque:

“Quando a indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria e diga:

— Alô, iniludível!”
a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. Qual figura de linguagem existe em: “vento ou ventania varrendo”?
a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

Resposta: “b”. Aliteração, repetição de um som.

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: “mulheres magras, morenas”, denomina-se:
a) eco

b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

Resposta: “e”. Aliteração, repetição de um som.

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:
a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

Resposta: “d”. Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: “Olha o Tejo a sorrir-me”, “o rouxinol suspira”:
a) metonímia
b) personificação
c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

Resposta: “b”. Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. Aponte a figura: “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre”.
a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. Assinale a figura da frase seguinte: “Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro”.
a) metáfora
b) silepse de pessoa

c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

Resposta: “c”. Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo “maravilhosa” foi usado no feminino.

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

Resposta: “c”. Metonímia.

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

Resposta: “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático, embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.
b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.
c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.
d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.
e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

Resposta: “b”. Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de “The Economist”, revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do “Latinobarômetro”, do Chile.
b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações

das estatais revelam que ainda são minorias.

c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.

d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.

e) O sinal de alarme que fala o “The Economist” diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

Resposta: “a”.

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

O texto consiste (...) em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Leonor Lopes Fávero

8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*:[1]

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de

seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;
- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes a distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de

frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a "tarefa" de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas, sim, a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um

texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]

Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana

e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário "O açúcar", de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário "A cana-

de-açúcar", de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

***Do blog** CC — Comportamento e cultura*[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo
Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado
O dissacarídeo de fórmula C12H22O11, obtido através da fervura e da evaporação de H2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*, (Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado
A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação
O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da

secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio
Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental
Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo
Rapadura é doce, mas não é mole, não!

8.1.2. Níveis de linguagem

Os **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.
Eu não o vi ontem.
Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.
Eu não vi ele ontem.
Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]
Na década de 50, o malandro carioca "Zé da Ilha" prestou o seguinte depoimento à polícia:
"Seu doutor, o patuá é o seguinte:
Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.
Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.
Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.
Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.
Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.
Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.
Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.
Não tenho vocação pra presunto e corri.
Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa, precisamente às 15 para a cor-de-rosa.
Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.
Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.
Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.
Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.
Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.
Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.
Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui.”

Vocabulário:
patuá: forma giriática para substituir “o negócio”, “a questão”, “o problema”
gelo: desprezo
esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo
amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa
bordejava pelas vias: andava pelas ruas

abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça
troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal
na quebrada da rua: na esquina
veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro
eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher
ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro
eu fiz a pista: acompanhei-a
solei: conversei com a mulher
vivaldina: viva, esperta, inteligente
o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando
morando na jogada: compreendendo a situação
o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela
dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho
uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes
taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito
ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos
papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo
virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa
às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: "china" — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada

como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas
xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

"Do direito" [6]
De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.
A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.
(...)
Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]
Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?
Jornal Nacional
William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…
Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.
Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta
Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop
Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter
Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel
Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja
Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia
Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova
Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras

Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa."

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho
Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância

de determinada **função da linguagem**.

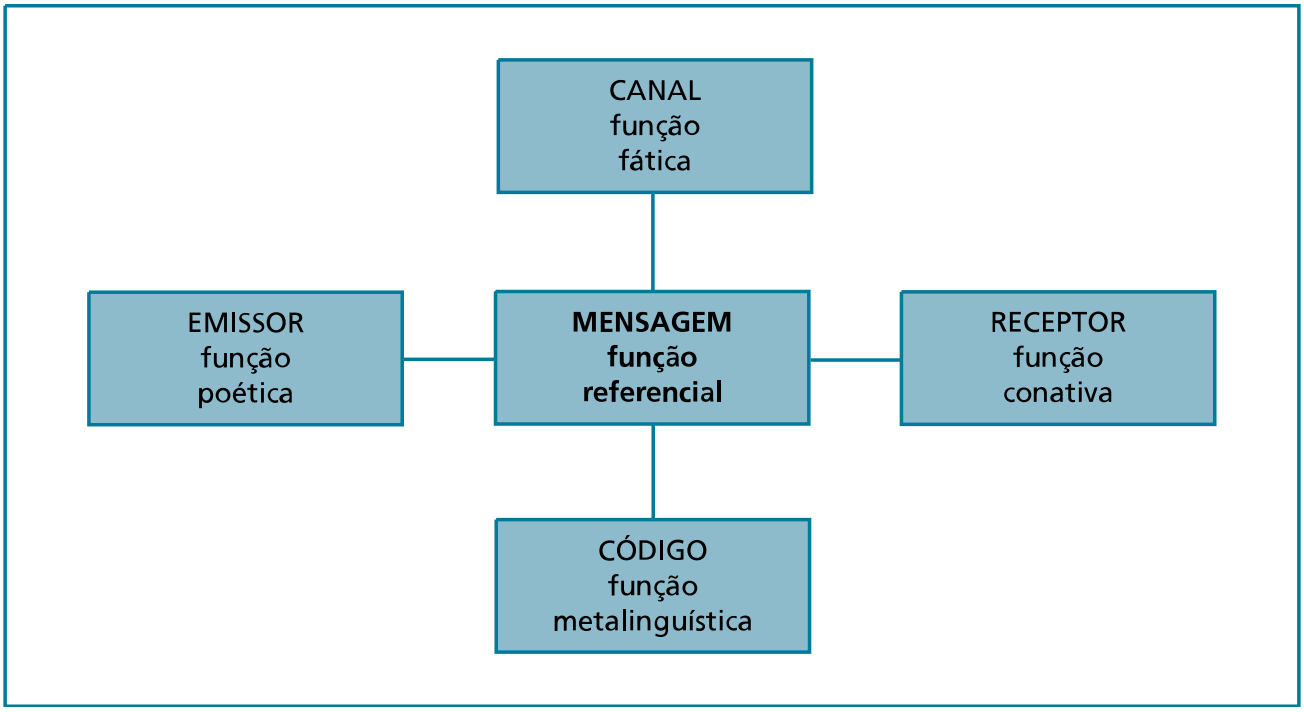

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra[8]
Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06

O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.

No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o "menor dos menores" com relação às áreas desmatadas da região.

Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano,

são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.
O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.
O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.
Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]

Rui Barbosa

Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.

Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor explica um código usando o próprio código**. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]

Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que

incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]

Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**. Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e dizemos ao nosso receptor "Está entendendo?", estamos utilizando este tipo de função; ou quando atendemos o celular e dizemos "Oi" ou "Alô".

A hora da estrela[13]

Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.

Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: — Pois é.

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse "pois é"!

Ela: — Mas “pois é” o quê?
Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: — Entender o quê?
Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: — Falar então de quê?
Ele: — Por exemplo, de você.
Ela: — Eu?!
Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.
Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!
Ela: — É que não me habituei.
Ele: — Não se habituou com quê?
Ela: — Ah, não sei explicar.
Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

8.1.3.6. Função poética

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

8.2.1. Descrição

"Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros."

(Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma descrição**.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

8.2.2. Narração

"Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar."

(Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é o lugar onde acontecem os fatos), *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ *8.2.2.1. Foco narrativo*

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

■ **narrador-personagem**, ou de 1a pessoa: aquele que participa da história.

"Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular."
(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3a pessoa: aquele que não participa da história.

"Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana."
(Bernardo Guimarães)[19]

■ *8.2.2.2. Tipos de discurso*

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

"— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.

— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade.”
(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

“O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego.
Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.
(...)
O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio.”

(Aluísio Azevedo)[21]

■ *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

“Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo.”
(Clarice Lispector)[22]

■ 8.2.3. Dissertação

“Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro

quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu."
(Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a

dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a apreensão das informações contidas no texto**, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de "interpretação" que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]

Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não "espaia"? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão "tudo malandro velho"?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que "ela adquirira no odontólogo", a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.
5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?
6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?
7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.

( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.

( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.

( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.

( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.

( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.

( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.

8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do

texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leituras que nele já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui, sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**.[25]

8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da "intenção" do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

8.3.2.1. Vocabulário

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: "Navegar é preciso, viver não é preciso."

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que

aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo "preciso" presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de "navegar" e "viver" como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão*.

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ *8.3.2.1.1. Palavras-chave*

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As *palavras-chave* aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, "Minha Vida",[26] a fim de compreender a forma como ele está construído:

> "Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o

resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.

Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.

Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.

Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida."

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*
- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

"Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.

A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita

fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.

Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.

A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas."

(*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais

prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

8.3.2.2. Gramática

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase "Levou ao cinema os pais o filho.", sabemos que o sujeito do verbo é "o filho", pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase "Enganou ao aluno o professor.", sabemos que o sujeito do verbo é "o professor", pois o outro termo ("ao aluno") aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: "Maria, João ama.", sabemos que o sujeito do verbo é "João", sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: "Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou 'Este maestro é bárbaro!'" — note que a palavra "bárbaro" assume o sentido de "muito bom" ou "excelente", pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de "bárbaro", porém, é outro: "cruel", "rude", "selvagem" ou "desumano", como se percebe na frase: "Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro".

8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras, frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial*

"stricto sensu".[27]

8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da substituição e da reiteração, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma *proforma*.[28]

a) *proforma pronominal:*

"A figura é poética, mas não é a da heroína do romance."[29]

"... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos."[30]

b) *proforma verbal:*

"Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
— Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras."[31]

c) *proforma adverbial:*

"[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
À MESMA
Corte, 10 de janeiro
Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.
RAQUEL."[32]

d) *proforma numeral:*

"— Alves!

— Moreira!

Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:

— Ora o Alves!

— Ora o Moreira!

(...)

Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:

a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.

"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.

"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.

O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.

"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos*

nasceu.

"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação** nova **que se articula com a** velha. A informação nova é *aquela que se acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor."[40]

"Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo."[41]

8.4.1.2.2. Paralelismo

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

"Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!"[42]

"Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer."[43]

8.4.1.2.3. Paráfrase

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

"Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

Se você fizer isso, então...

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

— Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
— A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
— É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
— Oh! não!...
— Mas que causa é?
— Perdoa-me, se eu lha disser?
— Por que não?
— Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

8.4.1.3. Coesão sequencial "stricto sensu"

A **coesão sequencial** stricto sensu constitui o meio pelo qual **o texto progride sem**

haver retomada (recorrência) de itens. Ela se dá por:

8.4.1.3.1. Sequenciação temporal

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos verbais.

Levantou cedo, tomou banho e saiu.
Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
Irei ao teatro logo à noite.
Ordenei que arrumassem a casa.
"Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

"Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.

Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: 'Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria'. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.

Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: 'Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio'. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis."[47]

8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação) **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

"— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as

coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido."[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, determina-se em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes textuais*. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...).*

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação).*

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

> "A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante."[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra limitações sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço* pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

i) *Elipse:*

"A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo." — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris.* O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do

texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto; evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).
- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo "rótulo", não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).
- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.

- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido).[51]

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;
- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

8.4.2.2. Coerência sintática

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

8.4.2.3. Coerência estilística

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, de o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *"se me permitem o termo"*, ou *"para usar uma expressão popular que bem expressa isso"* etc., ou de o uso de palavras "reprováveis" em conversas "polidas" ser normalmente precedido de um *"com o perdão da palavra"*.

8.4.2.4. Coerência pragmática

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem satisfaçam as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente, sim, mas "em" determinada e "para" determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

8.4.2.5. Itens produtores de coerência

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

8.4.2.5.1. Inferências

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando

seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

8.4.2.5.3. Situacionalidade

Age em duas direções: **da** situação para o texto, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e do texto para a situação, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de levá-lo a agir ou comportar-se de determinada maneira ou a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de

argumentatividade: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

■ *8.4.2.5.5. Informatividade*

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

■ *8.4.2.5.6. Focalização*

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

■ *8.4.2.5.7. Intertextualidade*

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de

beber às ovelhas, e ide apascentá-las.
8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.
9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.
10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.
11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.
12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de Rebeca. Raquel, pois, foi correndo para anunciá-lo a seu pai.
13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.
14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.
15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?
16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.
17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.
18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.
19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.
20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.
21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.
22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.
23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.
24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.
25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?
26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.

27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.
28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.
29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.
30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.
31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.
32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.
33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.
34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.
35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]
Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;

b) a progressão em que elas se sucedem;

c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de "colagem". *Essa "colagem" de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

- Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

- Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

- Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser

que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

- Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

"Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de 'mais classe' visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.

Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que

tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito."

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;

2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;

b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.

Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

"Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio

inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente 'nocauteando a concordância', 'tropeçando' ou cometendo 'gafes', mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que, quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer de 'estudar português', dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!!

Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao *Correio Braziliense*, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe

social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]

(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num

plano insignificante.

8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

8.6. INFERÊNCIA

A compreensão total de um texto está vinculada à necessidade de que sejam realizadas inferências: **operações mentais por meio das quais, empregando o conhecimento prévio de que dispomos, estabelecemos alguns vínculos implícitos entre as frases ou trechos do texto** que procuramos interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou conclusão**.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.

O pinguim é uma ave.

Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.
b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Resposta: “c”. O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo "Filosofia dos Epitáfios"

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Resposta: "a". O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(*O Estado de S.Paulo*, 22.02.1998, adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

Resposta: "d". Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: "É universalmente... investimento em sua prevenção."; 2º parágrafo: "Falta, evidentemente, fiscalização."; 3º parágrafo: "Falta também a educação básica,"; 4º parágrafo: "E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,".

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, *exceto* uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.
b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: "Em nome da Santíssima Trindade farei isto".
c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das rotas e viagens.
d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.
e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

Resposta: "c". O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta *(Baseado em Délio Maranhão).*

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.

(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade empresarial.

(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.

(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.

(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da

regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.

( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.

( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.

( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.

( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

Resposta: "e". O que resolve essa questão é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a "Constitui aquela o conjunto..."; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a "A culminação desse processo evolutivo..."; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a "Enquanto esta é inerente..."; 4) função da mulher, que se liga a "Daí a restrição..."; 5) trabalho do menor, que se liga a "A necessidade de trabalhar...".

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.
2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.
3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.
4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.
5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.
6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

Resposta: "d". Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com

um ditado popular, ou seja “a moral da história”: 4 — “O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.”

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.

[*]

Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.

Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a “geração do canudo”. Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.

[**]

A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(*Veja Especial*, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

Resposta: “b”. Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o “investimento na prática” mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é “b”.

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação,

Vivian Oswald, *O Globo*, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

Resposta: "c". De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por esse sistema... ( ) Além disso,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da Receita,... ( ) Essa modernização...

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.

2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução

do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.

3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.

4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito de expressão protegido pela Constituição.

5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(*Folha de S.Paulo*, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

Resposta: "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).

( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.

( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.

( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.

( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(*Gazeta Mercantil*, 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

Resposta: "d". Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) Essa mudança...; ( ) ... essa nova redação...; ( ) ... dessa Medida Provisória...; (1) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.

2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.

3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.

5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1) ... as de caráter...; 2) Tal intervenção...; 3) E, em seguida,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) Além dessas formas... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a

preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.

2. O Brasil tem memória curta.

3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.

4. "Não lembro", responde, "faz muito tempo".

5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.

6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

*Resposta: "*b". 1) O País... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.

2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.

3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.

4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.

5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas

culturais e históricas.

6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

Resposta: "e". Nessa questão há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-la observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que *poderíamos* montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.

2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.

3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.

4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.

5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Resposta: "e". Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*,

São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Resposta: "b". O texto trata do carnaval na Idade Média e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. Marque o item que *não* está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso: identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(*IstoÉ*, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.
b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.
c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.
d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.
e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

Resposta: “a”. O texto afirma que o conceito de “raça” não existe, por isso não podemos afirmar que “a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo”.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.

II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.

III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.

IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

Resposta: “b”. Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme (conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo “onde” obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.
b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.
c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.
d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.
e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

Resposta: “e”. O pronome “onde” só pode indicar “lugar”.

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)

II. Mal se sentou na cadeira presidencial, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)

III. Nunca foi professor da UnB, mas por ela se aposentou. (CONTRARIEDADE)

IV. Mesmo que tenham sido só esses dois, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está correta somente nos períodos
a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

Resposta: "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. Assinale a única conjunção *incorreta* para completar a lacuna do texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. "O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo", diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, _____ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(*Exame*, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto
c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

Resposta: "b". Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa

espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

Resposta: "e". O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

(*Veja*, 08.01.1997, p. 17)

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.
b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.
c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.
d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.
e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

Resposta: "a". Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: "Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.", ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. A conjunção *mas* destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

Resposta: "e". Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.
b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.
c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.
d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.
e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

Resposta: "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesb está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

(*Folha de S.Paulo*, 07.05.1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.
b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.
c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.
d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

Resposta: “d”. A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, *A formação da classe operária*, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos

industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal antiescravista.

d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.

e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

Resposta: "a". Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz "a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos".

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.

b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.

c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.

d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.

e) Levou o nome de "fúria legiferante" o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

Resposta: "a". Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, *Veja*, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão "andares de cima da torre social" está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.

b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: “Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol”.
c) A palavra “adventícios” significa, no texto, “perseverantes, obstinados, místicos.”
d) O uso do “se” em “Se o Leão ficar arisco” estabelece uma relação sintática de condição.
e) O uso do “se” em “empanturrar-se” tem função reflexiva.

Resposta: “c”. “Adventícios” significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.
b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.
c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.
d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.
e) No Brasil, país com renda *per capita* de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

Resposta: “a”. Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em “pagamento” é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.
b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.
c) A irreparabilidade do erro jurídico.
d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.
e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

Resposta: “b”. A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. A revista *Veja* (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele

afirmou:

"... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência".

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto sublinhado.

a) "Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas."
b) "O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas."
c) "Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas".
d) "A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa".
e) "Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia".

Resposta: "d". "sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência." — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em *pecado* o prazer de comer uma refeição saborosa.

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência,

a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: *O Espelho de Ariel*, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

Resposta: “e”. O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. “Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres.”

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio formidável das bandeiras? (magnífico).
d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

Resposta: “b”. Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.
c) paixão — passional.
d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

Resposta: “a”. Índole = moral; indolência = preguiça.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos “shopping centers”, cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da “madame”, do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.
b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.
c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.
d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.
e) Os chamados “meninos de rua”, menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

Resposta: “d”. O texto trata “principalmente das formas valorizadas de falar”, assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a *variedade padrão da língua portuguesa*. Ainda: a opção c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.
b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.
c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.

d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à medida da sobejidão.
e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

Resposta: "c". Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, "seletiva do auditório".

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.
b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.
c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.
d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.
e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Resposta: "e". O texto afirma o "aumento da receita cambial", ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(*Veja*, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.
b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do "lobby" bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.
c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.
d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.
e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual

esta é a escola que melhor remunera os professores.

Resposta: “a”. Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos “que consequência”, devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

Resposta: “c”. Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias “abertas”, isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os

brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Resposta: “b”. O erro está em dizer que o “original é o reflexo inferior”.

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de *História Colonial*)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.
b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.
c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.
d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.
e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

Resposta: “b”. Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e

seu valor de mercado.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).
b) A navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).
c) O pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos (sobressaía).
d) Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).
e) O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

Resposta: “d”. Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.
b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.
c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.
d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.
e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente, próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

Resposta: “c”. O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos

milhares, em todas as células.

b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.

c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.

d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.

e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

Resposta: "a". O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...

b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.

c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.

d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com "sentido", pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.

e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

Resposta: "c". A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a), b), d) e e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo,

nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(Brasil: meio milênio, de Roberto B. Piscitelli. In: *Humanidade*, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

Resposta: "c". O problema é gramatical: ao colocar a preposição em "à vontade dos indivíduos", altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com o texto deveria ser assim expressa a frase: "no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo." Note-se que a preposição A agora antecede o termo "interesse coletivo", assim ficando de acordo com o texto.

Leia o seguinte texto adaptado da *Folha de S.Paulo*, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da "Tropicália".
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

Resposta: "e". O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.

b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

Resposta: "e". Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos de fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.
a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.
b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.
c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.
d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.
e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

Resposta: "c". De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o

dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(*Veja*, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.
b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.
c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.
d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.
e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Resposta: “a”. O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois, se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto-final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só

o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, *Veja,* 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.
b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.
c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.
d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.
e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o autor diz: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.” Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual; se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de “prosseguir”, algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.”

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.
b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.
c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.
d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.
e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: a causa das cenas explícitas de

desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa “e”, errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, *Na fronteira do futuro.* Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de “liberdade” é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.
b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
d) No segundo parágrafo, a expressão “Essa ruptura” retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
e) O emprego da expressão “as vésperas da liberdade” sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa “c”, errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não

abolida, são coisas diferentes. Alternativas “d” e “e”, certas.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial de liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto não trata de militância política. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: não há trechos descritivos. Alternativa “d”, errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa “e”, certa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(<www.unafisco.org.br>)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a administração tributária mais efetiva.

II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.

III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.

IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias

descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.

V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “c”. Os itens corretos são I, II e V.

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.

A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. *Folha de S.Paulo*, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.
c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.
d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.
e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Resposta: “e”. Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as

relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, *A sociabilidade juvenil e a rua:* novos conflitos e ação coletiva na cidade, com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.
II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.
III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Resposta: “c”. O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de “ritmos desiguais”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, *Veja*, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.
b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.
c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar

a trabalhar?

d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.

e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

Resposta: "e". O texto tem como ideia central "o investimento no emprego". A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais, *Tributação em Revista*, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.

b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.

c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.

d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.

e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

Resposta: "a". O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuintes, então "o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer."

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da questão do sigilo bancário.
e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Resposta: "d". Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, *Integração cultural na América Latina,* CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo

Se X então Y
a) X = falássemos inglês

Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

Resposta: "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, *Correio Braziliense,* 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.
b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.
c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que podem submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.
d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.
e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

Resposta: "b". O trecho dado afirma: "Isso exatamente porque esse binômio," — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria, uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas

em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda *per capita* e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, *Geografia geral e do Brasil*: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.
b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.
c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.
d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.
e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

Resposta: “e”. O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.
II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.
III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.
IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:

a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III

c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

Resposta: “c”. Proposição genérica: “Deus fez a inteligência voltada para a verdade.”; Proposição acidental: “Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.”; Proposição resolutiva: “A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.”; Proposição consecutiva: “Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.”

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, *História das ideias políticas no Brasil*, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

Resposta: “c”. O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.
b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.
c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.
d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.
e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

Resposta: “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada

uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.

Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um projeto nacional digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista,*

abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.
b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.
c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e microempresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.
d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.
e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

Resposta: “b”. Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será _____, _____ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal _____ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista*, abril/junho de 1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

Resposta: “b”. As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1a lacuna — boa, eficaz, justa, distributiva; 2a lacuna — tirante, exceto; 3a lacuna — estiver afastando-se do,

for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (*IstoÉ* — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.
b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.
c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.
d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.
e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

Resposta: "c". Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato "ruim".

70. A respeito da posição do narrador no romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa incorreta que se faz acerca do trecho acima.

a) Vargas Llosa atribui ao narrador de *Os miseráveis* o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.
b) Vargas Llosa assegura que o leitor de *Os miseráveis* não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.
c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.
d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em *Os miseráveis* se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.
e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

Resposta: "c". Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos

planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas,

a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."
b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."
c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."
d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."
e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

Resposta: "a". O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre "sistema cultural" e "condições econômicas", por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de "cultura" e "economia" é a opção a).

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.
b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.
c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.
d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.
e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Resposta: "d". Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d).

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve com realismo "cinematográfico" e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava *Os Sertões* um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Llhosa recriou a epopeia no romance *A guerra do fim do mundo*.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(*Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro *Os Sertões* serviu de inspiração para obras cinematográficas.
b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.
c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.
d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
e) Na caracterização de *Os Sertões*, segundo Euclides da Cunha, “realismo” está para “grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Resposta: Alternativa “a”, errada: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça,
Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.
b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.
c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.
d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.
e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Resposta: Alternativa "a", errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas "b", "c" e "d", certas. Alternativa "e", errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a "falta de cultura jurídica" das pessoas leigas.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, *Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.
b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.
c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.
d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.
e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

Resposta: Alternativa "a", errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa "b", errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa "c", errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas "d" e "e", certas.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar "peças diversas" segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama "importabando". Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, *Veja*, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.
b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.
c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.
d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.
e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

Resposta: "b". De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. Marque o texto que *não* constitui sequência lógica do texto inicial.

O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.
b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.
c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.
d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na "Lavanderia Brasil" como dinheiro limpo.

e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em *IstoÉ Dinheiro*, 14.01.1998)

Resposta: “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140º lugar no *ranking* mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(*Correio Braziliense*, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.
b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.
c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.
d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.
e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Resposta: “d”. Não há, no texto, referencial para o termo “de ambos” citado na opção d).

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da “descoberta” de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em

alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, *Correio Braziliense,* 10.08.1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.
b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.
c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.
d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.
e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

Resposta: “b”. A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, _____ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

Resposta: “c”. A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou um causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou

causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual); não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda "políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos".

( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.

( ) No artigo 196, declara que "a saúde é direito de todos e dever do Estado".

( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um "sistema único".

(Josaphat Marinho, *Correio Braziliense,* 25.08.1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma "logo em seguida".

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: "declara".

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo "desse direito coletivo".

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. *Dicionário de Política.* Brasília,

Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do

verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem predominantemente denotativa.

b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: introdução — apresentação do assunto: definição do termo; desenvolvimento — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; conclusão — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.

c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.

e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

Resposta: Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e conclusão (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, certa: na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1a pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.

b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.

c) No texto, fica explícito que não apenas as “classes possuidoras de bens” necessitam da intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.

d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: “ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares”.
e) A utilização, com fins repressivos, das normas “destinadas à salvaguarda da integridade física da população” é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Resposta: Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo”. Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação”.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A teoria crítica ontem e hoje*, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.
b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.
c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.
d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.
e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

Resposta: “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência

moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. Indique a afirmação que *não* está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.
b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.
c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.
d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.
e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

Resposta: “d”. Essa opção contraria o texto ao afirmar que “Kant desacreditou da emancipação dos homens.”

86. Assinale o item que *não* preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, _____ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

Resposta: “e”. Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única “diferente” é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler

e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _____ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, _____ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

Resposta: "a". Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia "Brasil" — uma localidade. As opções a) e d) trazem o pronome relativo "onde" — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa ("pois") que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Resposta: O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve se condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, "a pegadinha", entre elas deve aparecer a palavra "Não" (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios.

São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(*IstoÉ,* n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Resposta: Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando

ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.
b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.
c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.
d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.
e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.
f) No primeiro período do texto, a expressão “da violência à pobreza” pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: da violência com a pobreza; de violência com pobreza; entre a violência e a pobreza; entre violência e pobreza.

Resposta: Alternativa *“a”*, errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa “b”, errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa “c”, errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas “d”, “e” e “f”, certas.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um

retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(*IstoÉ*, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o "11 de setembro" está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra "acirramento", no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa recrudescimento.

Resposta: Alternativas "a" e "b", certas.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. "Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis", destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma "reserva anticrise", uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o

dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50”, afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. “Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões”. A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>.

Acesso em: 11 dez. 2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a “Argentina desembocar mesmo em uma moratória”, configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Resposta: Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, isso é, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices são de vária natureza:

I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;

II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é uma normalização “culta”, isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade “regular”; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo “de segunda natureza”, a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como “espontâneo” por ter sido (vá lá o termo) automatizado;

III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso

aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dez-catorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.
b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.
c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

Resposta: “e”. O autor afirma, no 1º parágrafo: “o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira).”Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais “internos” dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em *desacordo* com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma

gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

Resposta: “c”. O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não “deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura.” Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

Resposta: “a”. “Produtividade é o que importa.” — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: “É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade.”

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

Resposta: “b”. Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: “... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos.”

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do trabalho.
e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que gere a produtividade global.

Resposta: “e”. Os fiscais surgem não para produzir, mas para “obrigar os outros a produzir.” Isto que dizer que o surgimento dos fiscais “e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global.”

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que

de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, *Lições de Abismo*)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

Resposta: “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

Resposta: “d”. “Fala de cadeira”, é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você possa se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida.

Resposta: “a”. O texto gira em torno justamente “de estar presente”, ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que...

2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar.

3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.

4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.

5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Resposta: “c”. Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar. 5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo. 4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna

primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Resposta: “d”. O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma a opção d) “... consciência da sua finitude.”

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) se acabou, limpeza, são levados e sumiram-se são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.
b) a expressão quase nunca morre direito reforça a ideia de morte natural.
c) a expressão bateu-lhe no peito tem o mesmo sentido de “Ele bateu no próprio peito”.
d) no texto cobra e lombrigas são palavras sinônimas.
e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao caboclo mal-encarado, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Resposta: “a”. Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: “se acabou”, “limpeza”, são levados” e “sumiram-se”. Vejamos o erro das outras: b) “quase nunca morre direito” é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, “a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito”, ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) “cobra” e “lombrigas” não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do “caboclo mal-encarado” do primeiro

parágrafo.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.
b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.
c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.
d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.
e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Resposta: “c”. “Aleivosia” é, segundo o dicionário Houaiss, “1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia”. É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi

criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma "solidariedade invertida", pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico "welfare state" das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, *Veja,* 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.
b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.
c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.
d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.
e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

Resposta: “d”. Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: “O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.” No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na “conclusão” (parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue a ideia de que “Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.”

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.
b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.
c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.
d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.
e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

Resposta: “b”. O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as “soluções” são a tese central do texto: “A solução para o atual sistema de previdência (...) é a adoção da capitalização individual.”

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.

( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.

( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, *Carta Capital*, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1

b) 3, 4, 2, 1, 5
c) 5, 1, 4, 3, 2
d) 4, 1, 3, 5, 2
e) 3, 4, 2, 5, 1

Resposta: "c". Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão "vêm criticando" está diretamente ligada ao termo "fogo cerrado" do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — "increpações" são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — "Tal euforia" retoma a ideia de "degringolagem".

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, *Direito & Justiça*, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Resposta: "d". Destacamos, a seguir, os elementos coesivos: (1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial. (2) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado

de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina. (5) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:

Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, *Exame*, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.
b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.
c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.
d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.
e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

Resposta: “c”. O texto afirma que é preciso investir em “educação” para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: “c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.”

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

“Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. “De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto.”

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender?

Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, *Exame*, 23.04.1997, p. 122)

111. "Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como
a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

Resposta: "b". Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de "argumento de autoridade". Nota-se que o trecho destacado para essa questão é a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo "despreparo dos executivos para redigir um texto" é
a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.
c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.
e) a descrença nas chefias.

Resposta: "c". "A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.", ou seja, há prejuízo para a produtividade.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: "— Vem ver como o povo é triste". Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida.

E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada. Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, como não sai de Paris, perguntei-lhe: "— Você é ou não é brasileiro?". Respondeu: "— Sou brasileiro quando o escrete ganha." Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— O escrete é futebol".

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A "Celeste" será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o António do Passo teria dito: "— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria."

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. *O Globo*, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.
b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: *Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol."* o cronista está sendo ofensivo.
c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.
d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."
e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

Resposta: "d". O autor utiliza esse trecho: "... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?" para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois "a facilidade derrota até um Napoleão". Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.
b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.
c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.
d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.
e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

Resposta: "a". O autor, na crônica dada, afirma que "a facilidade derrota até um Napoleão", isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever "vamos desejar que seja difícil."). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do "martírio": "Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador."

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo

postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo
a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.
b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.
c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.
d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.
e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

Resposta: "d". O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que "os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo" "parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos".

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.
b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.
c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.
d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.
e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

Resposta: "e". A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os

atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, *O que é religião*, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.
b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.
c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.
d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.
e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

Resposta: "b". O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b): "o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a *tentação* de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade."

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.

3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.

4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.

5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Resposta: "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola. 5. Em vez disso, Higuita se jogou para a

frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol. 2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são ineliminíveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem “acabada”, uma totalidade “fechada”, um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.

(...)

(Leandro Konder, *O Globo*, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a *única* afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.

b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da

linguagem.

c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.

d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.

e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

Resposta: "c". Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que "é impossível conter a riqueza caótica da linguagem", o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras e que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de "linguística", outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são "consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber." e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o "charme do inacabado". Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) "Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos." (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.

b) "... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações..." (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações...

c) "Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada)." (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).

d) "Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos." (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) "E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem." (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

Resposta: "a". Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas *não* está devidamente apontado.

a) "Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções."

— finalidade.

b) “Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem ‘acabada’...” — causalidade.

c) “A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde...” — concessão.

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos” — proporcionalidade.

e) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

Resposta: “d”. Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição “para” — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva “e” [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A “pegadinha” estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal “como”. Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza.

( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.

( ) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou.

( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”.

(Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Resposta: “d”. Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a

zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza. (3) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou. (4) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”. (5) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, *Correio Braziliense*. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: “a”. Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção “e” entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e o segundo períodos constituem o primeiro parágrafo; e o terceiro e o quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa “mas”. Temos então a seguinte relação: (X) *A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade*. E (Y) *Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis*. MAS (W) *Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar*. E (Z) *O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados*.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V)

ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos humanos. In: *O desafio ético,*

org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.

( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.

( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.

( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.

( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.

( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

Resposta: "e". (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — *a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência e proliferação.* (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — *O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação.* (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — *o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento.* (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — *O texto não afirma isso, o que ele afirma é "a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção", daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro.* (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — *Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra.* (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — *Novamente extrapolação, pois o texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que "se não há mudança, então haverá extinção" é interpretar além daquilo que o texto permite.*

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. *Revista Época*. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo *vai de encontro* às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: "a". A "pegadinha" está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: "Eu apontaria três principais: ***reforma*** tributária que estimule a poupança, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente." A expressão "reforma" mostra mudança, assim, não podemos dizer que "A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar."

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, *Revista Classe*, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.

c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.
d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: "c". A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: "c". *Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados:* (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de

combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial, o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) ***Por isso,*** foi apresentado à Mesa da Câmara o ***Projeto de Lei*** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) ***Tal proposta*** é classificada pelo seu autor ***como Lei de Responsabilidade Fiscal*** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar ***essa responsabilidade social***, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos ***indicadores sociais*** referentes à expectativa de ***vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança***. (5º) ***Os dados de cada item*** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) ***O projeto já está na comissão*** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois ***será votado*** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

Leia o texto abaixo para responder à questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(*Veja,* 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para

fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:

a) apenas I, II e IV
b) apenas I, III e IV
c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Resposta: "a". A opção III está incorreta. Como o texto termina com a seguinte frase: "Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.", não se pode dizer que "Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.", pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidas como índios. Essa frase contraria o texto.

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, *Cidade de Deus,* Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os

economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.

( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.

( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.

( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.

( ) É "inexplicável" dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F
b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

Resposta: "c". Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: "(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.", pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

Resposta: "d". As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que "o que não é falso produz dinheiro."

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é *impossível* associar esse valor interrogativo.

a) "*quanto* você ama a mulher amada".
b) "*para quem* dinheiro é o pedacinho de papel".
c) "*como* o dinheiro é tudo".

d) “*por que* falta dinheiro”.
e) “*se* a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre”.

Resposta: “b”. A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto-final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: *a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?*. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da *Folha de S.Paulo* (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial “Maioridade Penal”. Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e quer impor-nos a visão de “meia dúzia” de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.
a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.
b) O corpo editorial da *Folha de S.Paulo* é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.
c) O missivista está revoltado com a *Folha de S.Paulo* por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.
d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.
e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela *Folha de S.Paulo*, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

Resposta: “d”. Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, Dedos cruzados, *Revista Política Democrática*, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Resposta: "b". Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: "A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea."

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, *Discursos de identidades*, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que *não* é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Resposta: "c". A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever

em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.

Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, *Folha de S.Paulo*, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Resposta: “b”. As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que “O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte”, então não se pode dizer que “(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.”; o texto começa dizendo que *“Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que*

dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto", o que não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será a primeira, ou umas das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais".

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.
b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.
c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.
d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.
e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

Resposta: "d". O texto apresenta a seguinte introdução: "Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo." É o mesmo que se afirma em "d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico."

137. Assinale a opção em *desacordo* com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes

contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.
b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.
c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.
d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.
e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

Resposta: "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

Resposta: "c". Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

Resposta: "b". Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está,

em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obliterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, *Revista Dimensão*, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

Resposta: “d”. Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: “A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.” Daí podermos afirmar que o texto “d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana”.

141. O texto

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento social.

Resposta: “d”. O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

Resposta: "b". As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, "permutam benefícios de natureza diversa".

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.
d) finalidade.
e) causa e consequência.

Resposta: "e". Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte..." (consequência).

144. A substituição da expressão destacada em "... implicam a prevalência ou *quando não* o domínio de umas comunidades sobre outras..." mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

Resposta: "a". A expressão "quando não" equivale semântica e sintaticamente, no texto, a "senão".

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.
c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

Resposta: "d". Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é d) díspar, supremacia, extinguir.

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente *umas com as outras*... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

Resposta: “e”. Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente “relacionam-se”, que pode ter as preposições “com” e “a”, indiferentemente: relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas Às outras.

147. Em ... os espaços *para* um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Resposta: “a”. A preposição “para”, nessa frase, indica finalidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. *Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia,*

ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto “como ser histórico” esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

Resposta: Certo.

149. A ideia de hipótese que o emprego de “venha” confere ao texto pode ser alternativamente expressa por *porventura vem*, sem prejuízo da argumentatividade e

da correção gramatical do texto.

Resposta: Errado: o uso de “vem” (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.
Acesso em: 28 set. 2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

Resposta: Certo.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

Resposta: Certo.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Resposta: Errado: o advérbio “daí” marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar “fazendo algo” para acabar com a violência, mesmo que o tal “algo” seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. *Desarmamento e liberdade.*

Disponível em: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na "seção de História da biblioteca mais próxima" serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Resposta: Errado: o que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo *desarmado*.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão "indústria da cultura" foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro Dialética do Iluminismo, que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de "cultura de massas".

Substituímos esta expressão por "indústria da cultura", a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores, os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.

Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO, Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura.

In: *Sobre a indústria da cultura.* Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de que a expressão "indústria da cultura" é inovadora.

b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a

Dialética faziam uso da expressão “cultura de massas”, opondo-a a “indústria da cultura”.

c) A palavra que introduz o segmento “se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular”, tem como antecedente o pronome *daquela.*

d) O cotejo estabelecido pela palavra “como” esclarece a distinção entre “cultura de massas” e “forma contemporânea da arte popular”, tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.

e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

Resposta: “e”. O texto afirma “Substituímos esta expressão por ‘indústria da cultura’, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.” Isso significa dizer que substituíram a expressão “e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato”.

155. A frase *A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção*, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.

b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada a qualidade de “popular”.

c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão “indústria da cultura” contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) “Cultura de massas” e “forma contemporânea da arte” são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos “indústria” e “da cultura”.

Resposta: “c”. A resolução se dá pelo entendimento da palavra “antípodas”, que significa “contrários, opostos”. Então “O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é *incompatível* com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.”

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, *processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa.* A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói,

por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a *única* afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: "processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa".

b) A expressão "a partir de cima" associada a "fabricados mais ou menos segundo um plano" contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.

c) O segmento *na especulação sobre os efeitos que produz* expressa noção de processo.

d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.

e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

Resposta: "e". Todas as ideias apresentadas nas assertivas estão no texto, exceto a de que "a resistência, sob certas condições a rebeldia é elemento intrínseco à arte menor".

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,

a) *se bem que* equivale a "tanto que".

b) se houvesse uma vírgula depois de *se bem que*, não haveria prejuízo da norma padrão.

c) *se bem que* poderia ser trocado por "embora", sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.

d) a palavra *como* tem idêntica natureza e função de *como* encontrado na frase: "Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!".

e) se a palavra *antes* fosse deslocada, a nova sequência "mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem" preservaria o sentido original.

Resposta: "c". A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. O cliente não é rei, *como* a indústria da cultura gostaria de fazer crer; *não é* seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o

cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre "aquilo que é" e "aquilo que se deseja fazer parecer que é".

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) I, II e III.

Resposta: "b". A afirmação que se faz em "III" está errada, pois a palavra "como" empregada no texto tem valor "conformativo" e não "comparativo".

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da *Ilíada* e da *Odisseia*. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. "Ser autor", diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, "hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista."

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe

foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.

In: *Mal-estar na modernidade* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.

b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.

d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.

e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

Resposta: “b”. Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b): De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor (1º e 2º parágrafos); o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:

a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.

b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) "Ser autor", diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, "é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista".

Resposta: "e". Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a "fala de autoridade"; como acontece na opção "e) 'Ser autor', diz *Almanach des auteurs*, de 1755, 'é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista'."

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:
a) Os dois-pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.
b) Contratado pela corte da Rússia expressa, no contexto, noção da causa.
c) Haviam sido submetidos indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — recusou.
d) A título de sugestão equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

Resposta: "a". Os dois-pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. É correto afirmar que, no texto,
a) bem, em O livro podia ser vendido, e bem vendido, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) pelo qual, em pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase Essa independência é assegurada pelo favor do público manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha assegurado essa independência.
d) o segmento grifado, em Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por "cujos os preços eram astronômicos".

e) até, em permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância, indica que numa escalada ascendente, *arrogância* ocupa o menor grau.

Resposta: “a”. Vejamos o erro das outras opções: b) “pelo qual” poderia ser substituído por “por que” — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar “é assegurada” — presente — por “tinha assegurado” — passado; d) depois do pronome “cujos” não pode aparecer artigo; e) “arrogância” ocupa maior grau, pois é o que vem depois do “até”.

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, *vide* as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, MERCOSUL ganha tribunal permanente,

Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

Resposta: Certa.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Resposta: Certa.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. *Como reflexo dessa atitude*, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos *associados às raízes* sociais da violência *urbana*: pobreza, impunidade, acesso a armamento,

narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" que focalizam esse tema.

Resposta: Errado. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. A expressão "Como reflexo dessa atitude" introduz uma ideia que é uma *consequência* em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

Resposta: Certo.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Resposta: Errado. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos "fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência." Houve uma mistura de informações contidas no texto.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência *é cada vez* maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Disponível em: <http://www.polis.org.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão *fortalecidas* em suas instituições oficiais.

Resposta: Errado. O adjetivo "esgarçado" expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de "fortalecidas".

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas

anteriormente no texto.

Resposta: Certo.

170. A expressão “ainda mais” reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Resposta: Certo.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

Resposta: Errado. No texto B se afirma que “o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência.” Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — “criamos” — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

Resposta: Certo.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão “Tal estratégia de sobrevivência” retoma o termo antecedente “violência desenfreada”.

Resposta: Errado. “Tal estratégia de sobrevivência” retoma o termo antecedente “criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.”

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades

inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>. Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: *a vida humana como um bem indeclinável.*

Resposta: Certo.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

Resposta: Certo.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que *a paz é ilusória*, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, *para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas* salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o *respeito recíproco*.

Resposta: Errado. O texto afirma que a paz se torna “um instante entre dois tumultos”, mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos “para mantê-la, os cientistas...”, esse “-la” se refere à “paz”, quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a “vida”; quando escrevemos “os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco”, esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo “respeito à vida”.

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é *a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana*,

sequer a sua identidade.

Resposta: Certo.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre *acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.*

Resposta: Errado. O texto é claro: "a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste". É isso que defende o último parágrafo.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de *prime time*, ganhou o apelido de *crime time*. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala. "Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal", declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

(Pedro Azevedo, *Folha Imagem*, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, *as provas técnicas têm sido ampliadas*, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

Resposta: Errado. De acordo com o texto, "as provas técnicas não têm sido ampliadas", e sim "vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro" — são ideias bem diferentes.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos

laboratórios forenses.

Resposta: Errado. Antes de tudo, “o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio”, em seguida leva “as evidências para a análise nos laboratórios forenses.” Levar as evidências para a análise não é causa, é posterioridade.

11 VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.
2 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
3 VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.
4 Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.
5 QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.
6 SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.
7 Este texto circula pela internet, sem autor definido.
8 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.
9 MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
10 BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.
11 Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.
12 ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.
13 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.
14 PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
15 *Idem, ibidem*.
16 ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.
17 AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.
18 ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.
19 GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.
20 ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.
21 AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.
22 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
23 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.
24 PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).
25 Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.
26 RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.
27 Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.
28 Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).
29 ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. II.
30 *Ibidem*, p. 751.

31 *Ibidem*, p. 33.
32 *Ibidem*, p. 228.
33 *Ibidem*, p. 1.371.
34 *Ibidem*, p. 529.
35 *Ibidem*, p. 477.
36 *Ibidem*, p. 351.
37 *Ibidem*, p. 175.
38 *Ibidem*, p. 882.
39 *Ibidem*, p. 915.
40 BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.
41 *Ibidem*, p. 307.
42 PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.
43 *Ibidem*, p. 175.
44 *Ibidem*, p. 447.
45 *Ibidem*, p. 171.
46 *Ibidem*, p. 1.081.
47 *Ibidem*, p. 1.241.
48 *Ibidem*, p. 51.
49 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.
50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
51 Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".
52 GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
53 CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.
54 RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
55 FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
56 SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.
57 Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizada pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota: 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.
58 Esses conceitos já foram dados anteriormente.
59 SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

9

REDAÇÃO OFICIAL

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...).

Constituição Federal

9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado;
- acórdão;
- alvará;

- ato;
- auto;
- boletim;
- certificado;
- citação;
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama;
- consulta;
- convenção;
- decisão;
- diploma;
- ementa;
- estatuto;
- fórmula;
- guia;
- indicação;
- manifesto;
- memorial;
- moção;
- norma;
- notificação;
- procuração;
- proposição;
- protocolo;
- provisão;
- recomendação;
- registro;
- requisição;
- termo.

9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização:** essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:[1]

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da

interferência da individualidade de quem a elabora.

9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas

formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

9.3.3.1. Pronomes de tratamento

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à** segunda pessoa **gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a** terceira pessoa (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário" (e não "*vosso*").

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está preocupado*", "*Vossa Senhoria será eleito*"; se for mulher, "*Vossa Excelência está preocupada", "Vossa Senhoria será eleita*".

9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento

9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é** Excelentíssimo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento digníssimo **(DD) às autoridades arroladas acima.** A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

■ *9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria*

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo *Magnífico Reitor*.

9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é *Santíssimo Padre*.

9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo *Eminentíssimo Senhor Cardeal* ou *Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal*.

9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de** economia linguística, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;
b) o uso do padrão culto de linguagem;
c) a formalidade e a padronização;
d) a concisão.

9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 4/92

O *Diário Oficial da União* publicou, em 9 de março de 1992, o Decreto n. 468, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, a seguir, as instruções a serem observadas.

9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o** ofício**, o** aviso **e o** memorando. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF

Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

9.6.4. Destinatário

Nome e cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.
Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores*.

9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

> "*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal*."

ou

"*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste*."

Observação: Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;

b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: "Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005".

9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;

b) texto: desenvolvimento do assunto;

c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;

d) assinatura;

e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do _____, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. _____, declara, em retificação à Portaria n. _____, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de _____, a _____ [NOME DO FUNCIONÁRIO] _____, é para o período de _____ de _____ de _____ a _____ de _____ de _____, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);

b) local da reunião;

c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);

d) presidente e secretário dos trabalhos;

e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);

f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão _____ das irregularidades existentes no _____.

Aos _____ dias do mês de _____ de _____, às dez horas e trinta minutos, no Plenário _____, do Edifício _____, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema _____, sob a Presidência do(a) _____, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) _____, _____ e _____. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor _____, este fez uma explanação sobre o sistema _____, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo a tratar, _____ agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião, da qual eu, _____, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da**

República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Senhora Ministra,

Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

Aviso n. 35/SSP-PR

Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor

[NOME E CARGO]

Assunto: Seminário sobre uso de energia no setor público.

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgãos Públicos*, instituído pelo Decreto n. 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado** ex officio **por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição *verbum ad verbum*, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção de Pessoal, que a Senhora _____ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria _____, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n. _____, de dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na _____ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo _____ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora _____ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, _____, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor _____, Chefe da Seção de Pessoal, e visada pelo Senhor _____, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria _____.

Visto:

[ASSINATURA] [ASSINATURA]

[NOME] [NOME]
[CARGO] [CARGO]

9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

CIRCULAR N. _____, _____ DE _____ DE _____

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1º de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Ao senhor
[NOME]
[CARGO]
Nesta Capital

9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o

particular ou outra entidade administrativa, para a realização de serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão "contrato administrativo" é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá, formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;

II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;

III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;

IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;

V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;

VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;

VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;

VIII — os casos de rescisão;

IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos

omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento _____ *e a Empresa* _____ *para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.*

Aos _____ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do _____/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa _____, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:

I — fornecimento de material de _____;

II — acompanhamento das necessidades ____.

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a ____:

I — fornecer ___;

II — esclarecer ___.

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:

I — depositar no Banco ___;

II — como garantia de execução ___.

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

Testemunhas:

Assinatura: _____

Assinatura: _____

9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;

b) metas a serem atingidas;

c) etapas ou fases de execução;

d) plano de aplicação dos recursos financeiros;

e) cronograma de desembolso;

f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o

órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — [SIGLA] e a Secretaria _____, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento _____, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual _____, representada pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira — A Secretaria Estadual de _____ transferirá ao [SIGLA] recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas _____.

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _____.

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do _____.

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo _____.

Cláusula Quarta — ____.

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no _____ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho n. ____, de ____ de ____ de _____.

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
Testemunhas:
Assinatura: _____
Assinatura: _____

9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico (e-mail), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico "mensagem" deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. "Arquivo (de computador): Envio pela Internet."

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras

denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...

Declaro, para os devidos fins, que...

Declaro, a pedido verbal de...

Modelo de Declaração

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que _____ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de _____, realizado por esta Comissão, nos dias _____ de _____, das _____ às _____ horas.

Sete Palmos, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação**.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

9.8.10.1. Decretos regulamentares

São aqueles que visam "explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação".[2] Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra "decreta". Em decretos de ordem funcional, a forma "decreta" é substituída por "resolve", seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números.*

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*) ; *b*) ; *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções

Seções Agrupadas = Capítulos

Capítulos Agrupados = Títulos

Títulos Agrupados = Livros

Livros Agrupados = Partes

Partes se dividirão em Geral e Especial;

f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.

Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, _____ de _____ de _____.

Prefeitura Municipal de São Paulo, em _____ de _____ de _____.

São Paulo, _____ de _____, de _____, _____ da Independência e _____ da República;

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.

Modelo de Decreto

DECRETO N. _____, DE _____ DE _____ DE _____

Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, _____ de _____ de _____, _____ da Independência e _____ da República.

[ASSINATURA]

[NOME]

Governador do Estado de São Paulo

[ASSINATURA]

[NOME]

Secretário de Estado da Administração e da Previdência

[ASSINATURA]

[NOME]

Secretário de Estado da Educação

[ASSINATURA]

[NOME]

Procurador-Geral do Estado

9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha

conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

SECRETARIA DE ESTADO DA _____

DEPARTAMENTO DE _____

Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. _____

CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE _____

O DIRETOR-GERAL DA _____ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no *Diário Oficial do Estado*, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE _____ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, _____ de _____ de _____

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;

b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;

c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;

d) transcrição da legislação citada;

e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O

anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. _____, de _____ de _____.

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou

suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

EM n. 23495/2000-MIP

Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]

[CARGO]

9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]

[setor do órgão expedidor]

[endereço do órgão expedidor]
Destinatário:
Número do fax de destino: Data: ___ /___ /_____
Remetente:
Telefone para contato:
Fax/correio eletrônico:
Número de páginas: esta +
Número do documento:
Observações:

9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa, a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____.

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. _____, de _____ de _____ de _____,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.

2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: "O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**".

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:

Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: Administração. Instalação de microcomputadores

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e um gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de

1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, o *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício
[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]
Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.
A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70160-900 — Brasília — DF
Assunto: Demarcação de terras indígenas
Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n. 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n. 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo

procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n. 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. _____ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _____, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _____, de _____ de _____ de _____, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:

Divisão de Fiscalização da _____ [SIGLA];

Divisão de Fiscalização do _____ [SIGLA];

Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].

b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*

Exatoria Estadual de São Paulo.

São Paulo, _____ de _____ de _____ .

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada

em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer

PROCESSO N. _____

PARECER N. _____

Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

1. A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de _____, para promover as medidas _____. Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____. Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.

Nestes termos, espera deferimento.

Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR-GERAL DA _____, no uso das atribuições que lhe confere o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do

reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta contas de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e

outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;

- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise anteriormente feita. Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas. É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;

e) local e data: Ex.: São Paulo, _____ de _____ de _____;

f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _____ de _____ último, nesta repartição.

1. Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _____, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _____.

2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _____.

3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _____.

4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _____.

5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _____.

6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _____.

7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _____.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _____ de _____ de _____
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;

b) dos Secretários de Estado, a Resolução;

c) de órgãos colegiados, a Deliberação;

d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. _____, de _____ de _____ de _____;

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão "no uso de suas atribuições", ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda,

imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, _____). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. _____, DE _____ DE _____ DE _____

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _____, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. _____, de _____ de _____ de _____ e considerando o artigo 12 do Decreto n. _____ de _____ de _____ de _____; considerando o artigo 48, parágrafo 3º, da Lei n. _____; considerando a redação da Lei n. _____, de _____ de _____ de _____; considerando a necessidade de regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrados será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:

a) lista de preços do fabricante;

b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração da proposta;

c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:

a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;

b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998

2610997 — 26 de outubro de 1997

Observações:

a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:

SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT

b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

■ 9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para julgar os itens de 1 a 5:

A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o *Manual de Redação da Presidência da República*, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo *Manual de Redação da Presidência da República.*

Resposta: Errado. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

Resposta: Certo.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

Resposta: Errado. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (inflação) não estão corretos.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

Resposta: Certo.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

Resposta: Errado. O vocativo “magnífico” deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O Procurador-Geral da República recebe o vocativo “Senhor”.

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as associações entre o tipo de documento oficial, grafado em negrito, e o fragmento de texto que o segue.

6. *Relatório* — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

Resposta: Certo.

7. *Ata* — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça ao Código de Ética.

Resposta: Errado. Há problemas com a gramática — crase e concordância: Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.

8 . *Ofício* — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

Resposta: Certo.

9. *Ata* — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

Resposta: Errado. A palavra "consenso" se escreve com "s".

10. *Atestado* — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

Resposta: Errado. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: "diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial."

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.

A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade vem sendo balizado, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>, com adaptações)

11. O emprego da estrutura "vem sendo balizado", em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.

Segurança do Medo

A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira, 13, data da abertura dos 28ºs Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar

ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(*Correio Brasiliense, 07*.08.2004, "Guia das Olimpíadas", p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,

acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errado. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

Resposta: Certo.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

Resposta: Errado. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

Resposta: Errado. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

Resposta: Certo. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: "A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população, vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional".

Resposta: Certo. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

Senhora Juíza,

Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.

Resposta: Certo.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial *exposição de motivos*, que, geralmente, vem abreviado "EM n. ...", não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

Resposta: Certo. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo

que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Na comunicação oficial, o termo "doutor" deve ser usado como tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em razão de conclusão de doutorado.

Resposta: Errado. Atenção: "doutor" é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo "doutor" antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: "doutor" não é forma de tratamento.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio "Atenciosamente", infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

Resposta: Errado. O fecho "Atenciosamente" é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar "Respeitosamente".

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: "Está sendo encaminhado a V.Sª a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

Resposta: Certo. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: "Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.

O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo *versus* comunismo ou rebeldia *versus* caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e

muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais. Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

Resposta: Certo.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

Resposta: Errado. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as devidas considerações.

Resposta: Errado. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2a pessoa, mas concorda em 3a pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 28 e 29.

(...)

Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei

YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)

Fulano de Tal

(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 28 e 29.

28. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

Resposta: Errado. Esse é o final de um parecer.

29. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

Resposta: Errado. De acordo com o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 30 a 32, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

30. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o serviço público.

Resposta: Errado. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

31. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências externas.

Resposta: Errado. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo *Manual de Redação da Presidência da República*.

32. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

Resposta: Certo. O vocativo deve ser apenas “Senhor(a) + cargo”, jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo “Excelentíssimo Senhor(a) + cargo”. Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3a pessoa: “Como é do SEU conhecimento...”.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 33 e 34.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 33 e 34.

33. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

Resposta: Errado. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

34. O emprego do plural em “Poderíamos” (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

Resposta: Errado. O uso da primeira pessoa do plural em “Poderíamos” não é indicação de pessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 35 e 36.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como "do Brasil" a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 35 e 36.

35. O emprego do artigo determinando a expressão "29 de julho de 2007" (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um documento oficial, o artigo deve ser omitido.

Resposta: Certo. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

36. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

Resposta: Errado. Na ata utilizamos: "Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete" ou "Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de dois mil e sete".

(Cespe-UnB) Texto para o item 37.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.

In: Jaime Pinsky (Org.). *História da cidadania*, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 37.

37. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade

de documentos oficiais.

Resposta: Errado. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 38.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.

Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

38. Pelo tema impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial – como, por exemplo, um relatório ou um parecer –, mas o emprego da expressão "A partir daí" no penúltimo período confere coloquialidade ao texto, tornando-o inadequado às normas de redação oficial.

Resposta: Errado. A expressão "A partir daí" não indica coloquialidade, por isso pode, sim, ser empregada em um relatório ou parecer.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 39 e 40.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 39 e 40.

39. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar "ele" (2º

parágrafo) tanto com “trabalho” (1º parágrafo) quanto com “mundo do trabalho” (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

Resposta: Certo.

40. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão “por que não?” (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

Resposta: Errado. A expressão “por que não?” é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

41. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse incluído como parágrafo inicial em um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)

Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.

Atenciosamente,

(assinatura)

Pedro Santos

Secretário do Conselho

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 42.

Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

42. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

Resposta: Errado. Na redação oficial não se permite o uso de expressões coloquiais, como "Trocando em miúdos".

(Cespe-UnB) Texto para o item 43.

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

43. Embora a substituição da forma indeterminada "pode-se" por *podemos* respeite a organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

Resposta: Errado. Não há problema em utilizar o verbo na 1a pessoa do plural em um texto oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes fazeis bem, são dedicados; oferecem-vos o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser

temido, os homens “temem conforme quer o príncipe”. Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias.* Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

44. A forma verbal “fazeis” e o pronome pessoal “vos” (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

Resposta: Errado. O pronome de tratamento concorda em 3a pessoa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 45 e 46.

Substantivo ***versus*** adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de

acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: *Folha de S.Paulo*, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais, julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

45. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

Resposta: Certo. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: “Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.”

46. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

Resposta: Errado. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais ela destrói, em um processo entropisante assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de *know-how.* Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais

nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: *Desafios éticos.*

Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

47. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão "processo entropisante" deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome "ela" deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

Resposta: Errado. Não há problema com o uso da expressão "processo entropisante", ou com a segunda ocorrência do pronome "ela".

(Cespe-UnB) Texto para o item 48.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

48. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho "passam a informar o seu grau" da seguinte forma: *passam a informar-lhe o grau*.

Resposta: Errado. O pronome "lhe" usado com o verbo "informar" desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal "seu" — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de "lhe" como adjunto adverbial e adjunto adnominal).

(Cespe-UnB) Texto para o item 49.

A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja — estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao

mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

49. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir "virou" por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

Resposta: Errado. Se trocarmos o verbo "virou" por "tornou" precisaremos acrescentar o pronome reflexivo "se": A EMBRAPA tornou-se símbolo de excelência na administração pública.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;

2) criação de campanha educativa;

3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no *Manual de Redação da Presidência da República*.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20

linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;

b) problemas encontrados;

c) providências a serem tomadas;

d) responsabilidades.

1 No discurso, o termo “pessoa” se refere a qualquer elemento da comunicação, seja pessoa mesmo ou não.

2 MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 27. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito;
mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.
E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo
e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem,
cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.
Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.

Rocha Lima

Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

■ Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por

isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

■ Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

■ Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

■ Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas um traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: "A caza casa amarela é linda."

■ Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o

examinador não leu o excedente).

■ Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

■ Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

■ Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

■ 10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

Curiosidade: Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.

Foi a abadessa[1]

Carlos Heitor Cony

Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já

havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou

o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a ambiguidade como intenção.

Numa prova de redação isso seria reprovável.

Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro a seguir:

DESCRIÇÃO	NARRAÇÃO	DISSERTAÇÃO
É o retrato verbal, aquilo que vemos ou sentimos. Pode ser: a) objetiva: A casa é amarela. b) subjetiva: A casa é linda.	É o relato de um acontecimento, em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.	É a exposição de ideias, opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa experiência de mundo, nossas leituras, nossas abstrações. Divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.
Dificilmente se encontram textos exclusivamente descritivos. O que ocorre, na maioria das vezes, é aparecerem trechos descritivos inseridos na narração ou na dissertação. Às vezes, um fragmento pode apresentar características próprias de cada uma das tipologias; será um texto misto em que predominará uma delas, não invalidando a existência das outras.		

Reveja na “Interpretação de texto” a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes “concretas” do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto “giz”. Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura “giz” nos remete ao tema “conhecimento” — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

— Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

— Vamos ficar ricos!
E a mulher começou a tratar bem da galinha.
Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.
Dava pão de ló, dava até sorvete.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo com a galinha?
Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!
Então a mulher falou:
— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!
— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.
— Bota sim! — o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal.
Ela catava sozinha a comida dela.
Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Um dia a galinha encontrou o portão aberto.
Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos

de ouro para o homem e a mulher, recebendo em troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de "exploração".

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre "exploração".

10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz.**

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa "fazer brilhar", "fazer cintilar". Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que "estudar com afinco, com dedicação" faz com que "sejamos aprovados no concurso", estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: "Investir na boa educação e bem-estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro." — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e

efeito).

Já na relação de pessoa e ato, está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: "O tratamento da Aids no Brasil é referência para todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Drauzio Varella."; ou, então, "O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*".

10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas "João é bom motorista", não há força em nossa fala, mas se dizemos "João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.", esse dado da realidade comprova a tese de que "João é bom motorista".

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular):**

"Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade." — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

"Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior." — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

10.4.1.4. Argumento lógico

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**, baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

"Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas."

"Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação."

Ou, de maneira mais sutil, "Mulher de amigo meu é homem".

"Os amigos dos meus amigos são meus amigos."

"Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro."

Incluem-se aqui os ***prós e contras*****:** que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: "O aborto pode dar à mulher o direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde".

Curiosidade: Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.

Sermão da Sexagésima[3]

O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com

as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:

a) fala de autoridade:

"há de prová-la com a Escritura"

b) raciocínio lógico:

"há de declará-la com a razão"

c) exemplificação:

"há de confirmá-la com o exemplo"

d) prós e contras:

"há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar".

10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:

"Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo."

"O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência."

10.4.2.2. Noção semiformalizada

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

"Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos." — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

"Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!" — há uma noção equivocada sobre "anarquia".

10.4.2.3. Noção confusa

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin:[4]

"— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário."

A palavra "liberdade" tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: "Liberdade, do ponto de vista...".

10.4.2.4. Generalização

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

"Todo político é corrupto."

"No Brasil a população é muito feliz."

"Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro."

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: "Alguns políticos são corruptos"; "Boa parte da população brasileira é feliz"; "A maioria das pessoas se preocupa com o futuro".

10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

"Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo" — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

"Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles" — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo "recente".

10.4.2.6. Erro pela conclusão

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem**.[5] **Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.**

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausências.

NÃO SE USAM:	USAM-SE:
1a pessoa do singular: Acredito ser a pena de morte... / Na minha opinião, a pena de morte é...	1a pessoa do plural: Acreditamos ser a pena de morte... / Na nossa opinião, a pena de morte é... sujeito indeterminado: Acreditam ser a pena de morte... / Acredita-se que a pena de morte é... sujeito paciente: A pena de morte é vista... oração sem sujeito: Há a pena de morte como...
conotação/gíria — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	denotação — palavras empregadas em seu sentido real

10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade**

semântica e **ter progressão de ideias**. Isso pode parecer paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> "Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim."[6]

> "Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade."[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

> "A tarde ia morrendo.
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.
> Era a Ave-Maria."[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fique dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens "Coesão" e "Coerência" em "Interpretação de Texto".

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos

tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre necessário usar o bom senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- "não se esqueça das maiúsculas", como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?
- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.
- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: "Quem cita os outros não tem ideias próprias".
- Frases incompletas podem causar...
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.

- Evite mesóclises. Repita comigo: “mesóclises: evitá-las-ei!”
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.
- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso, assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

- 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de “brainstorming”. Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar-se de que haja assunto para o seu texto.

- 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu

sei falar disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

- 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você "deixou" na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

- 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4o passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência. Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1o passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar

nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles "blocos" do 5o passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

- 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual [9]

Maria Anunciação Souza (com adaptações)

Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o "cabeça" do casal, o "chefe" da família, o "mantenedor" das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.

Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.

Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.

Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.

A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em

qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.

Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

■ 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher
— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo-poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica.[10] Então vamos falar das "transformações nos papéis sociais feminino e masculino" de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios

— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar

— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo "casa", pois temos: "educação dos filhos", "divisão de tarefas" etc. Outro núcleo é o do "trabalho": "mulher no mercado de trabalho" etc. Outro núcleo e o dos "direitos", pois temos "direitos adquiridos pelas mulheres".

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre

homem e mulher

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.

— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.

— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher

— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar

— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 9º passo:

Revisão.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado

constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

> Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1a R. — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4a R. — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

> Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa.

Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.
Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4a R. — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que, ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de "mitologia do desastre". Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.
(Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo.*
Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.
(Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.
(Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do

tema comum a esses dois textos.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15a R. — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

> O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como compreender e julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: "Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade".

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos*.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será

desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?

Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As preocupações eram imediatas.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.

Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.

André Petry. O país do desamparo. *Veja*, 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.

Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: "Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.

A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, <http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões

Excelente a última reportagem especial ("100 questões para entender o mundo", 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.

Qual o problema que mais o preocupa atualmente?

Violência/criminalidade — 27%

Desemprego/futuro profissional — 26%

Drogas — 8%

Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%
Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?
Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%
IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.
Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.
Marilena Chauí. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

"A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós."
Sérgio Abranches

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I
A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles

parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do "próximo".

Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o "enterro" das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos "pátios dos milagres", esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.

Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no "próximo" que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação, nenhuma palha movida.

Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.

Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as

ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.

A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.

Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>.

Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: "A importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço

indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.
Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: "Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças".
Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os "da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior". Ele vê essa "vida espiritual superior" prejudicada pelos "programas degradantes e idiotizantes de televisão", atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. "Esse tempo foi capturado pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária

sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.

As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.

Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.

No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.

A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição

dessa taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.

Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: "O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana".

■ Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.

A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.

Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.

De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, "é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional,

desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança". Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca "é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais".

Liana John. Internet: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.

Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "A informação como fator estratégico de segurança".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, "não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade".

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana,

tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?

Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?

Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.

Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Cultura da abundância, o mal das águas

Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.

Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão

de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada "poluição difusa", também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.

Época. "Informe publicitário", 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Água, substância decisiva para a manutenção da vida".

■ Cespe-UnB — MRE/IRBr/CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.

Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.

Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio

da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.

Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Identidade étnica e construção da cidadania".

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.

Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.

Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções,

com resultados passageiros.
Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.
Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.
Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Combate à fome: questão de direito e de justiça".

■ Cespe-UnB — MJ/DPF/ANP/DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente "esbarra" na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.
Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 27

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)
III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009

Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!

Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...

Cliente: — O quê?

Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.

Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?

Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!
Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?
Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...
Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!
Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.
Cliente: — Quanto é?
Telefonista: — São R$ 49,99.
Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?
Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.
Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.
Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.
Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?
Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...
Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?
Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.
Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!
Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.
Cliente: — (Silêncio)
Telefonista: — Mais alguma coisa?
Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.
Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...
Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!

Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!
Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: "O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo".

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas

Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a

tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral, íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade. A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do

fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada sub-reptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio. Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos

da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: "Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor." Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica.

Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de

confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos,

mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre-arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE-ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de causa, pela referência de um efeito à sua Causa. "Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa." A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre-arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de

determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral. O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o senso de liberdade física. "Eu posso fazer o que quero." Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. "Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?" Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para que lado pende mais: para o livre-arbítrio ou para o determinismo?

[Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. In: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de "liberdade" formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

- FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

- Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de

texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;

— registro de documentos;

— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14a R. — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada "verticalização das eleições", conforme é reconhecida pelo egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

- Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de textos escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.

Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.

Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d'água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado

conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

Texto I

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

Texto I — reescrito

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.

Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

Texto II — reescrito

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.

No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.

Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

Texto III — reescrito

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.

É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

Curiosidade: Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os tradicionais "Sim, porque..." ou "Não, porque...".

Se a questão do estudo de caso for "O homem é sempre um ser racional?", você jamais escreverá: "Sim, porque ele..." ou "Não, às vezes ele...". Sua resposta deve ser: "O homem é sempre um ser racional, pois..." ou "O homem nem sempre é um ser racional, pois...".

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2o, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2o, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral.

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo.* São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

5 Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13 jul. 2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

11

PROVAS SIMULADAS

A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.
José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas, é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou questões, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas das questões foram colocadas logo após cada uma delas, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

Prova Simulada 1

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.

b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.

c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.

d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.

e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção foi

destinado (2) R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Parte (3) desses recursos está sendo aplicada (4) na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura laboratorial (5) para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) “têm” (1o período) está no plural para concordar com “seres humanos”.
b) “está deixando de ser” (1o período) concorda com “células-tronco”.
c) “provocam” (2o período) está no plural para concordar com “pesquisas” (2o período).
d) “especula-se” (3o período) apresenta sujeito implícito.
e) “a tratar” (3o período) forma locução verbal com “possam vir” (3o período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, se não (2) eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal sobre (3) uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca serão (4) iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses tão pouco (5) são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) vai financiar até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos serão destinados a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, estarão à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para o cultivo da matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária participam da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) “vai financiar” por financiará
b) “serão destinados” por destinar-se-ão
c) “estarão” por vão estar
d) “para o cultivo da” por para que se cultive
e) “participam” por participem

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada (1) pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional (2) conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, (3) base será o emprego das chamadas células-tronco. (4) sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes (5) forem implantadas.

(*O Globo,* 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais
c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais
e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, _____ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.
b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.
c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.
d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.
e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Gabarito da Prova Simulada 1

1-a, 2-b, 3-e, 4-c, 5-e, 6-e, 7-a, 8-b, 9-d, 10-c.

Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que *Não há como começar do nada*, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como *problema da nossa liberdade* é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.

b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser *livres*?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo *de decisão.*
c) Somos livres *a cada vez que*, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar *o improvável.*
e) *A liberdade* nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.
a) O verbo preferir, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo assistir na frase: “Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente”.
b) o primeiro “que” do trecho introduz uma oração explicativa.
c) o segundo “que” do trecho introduz uma oração restritiva.
d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.
e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia

mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(*Jornal do Commercio* (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.
b) O sinal indicativo de crase em “à costumeira” justifica-se pela regência de “estaremos”.
c) A expressão “costumeira gangorra” está sendo empregada em sentido denotativo.
d) O emprego da primeira pessoa do plural em “nossa” e “estaremos” indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.
e) A vírgula após “Brasil” justifica-se por ser a oração subsequente subordinada adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.
c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.
d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.
e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo,* 02.02.2008)

Gabarito da Prova Simulada 2

1-c, 2-e, 3-a, 4-b, 5-d, 6-c, 7-e, 8-a, 9-d, 10-d.

Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a “visão inteligível”; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do “critério de verdade” ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se

dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. *O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo* —
Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) "O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas."
b) "Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência."
c) "Assim, um elemento necessário à verdade era a 'visão inteligível'; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento."
d) "A formulação do problema do 'critério de verdade' ocupou os adeptos da gnosiologia".

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) "a verdade *estaria* inscrita" (1o parágrafo).
b) "o interesse *circunscrevia*-se" (2o parágrafo).
c) "não *haveria* mais uma verdade filosófica" (3o parágrafo).
d) "o significado de verdade *seria* o de expressão" (3o parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.

II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.

III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.

a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir à antes de “ilusão” e antes de “aparência”.

b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em “à realidade” como da contração em “ao pensamento” justificam-se pelas relações de regência de “idêntica”.

c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de “remetia”, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em “a uma história”.

d) A retirada do sinal indicativo de crase em “à possibilidade” (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão “essa concepção” remete à ideia anterior, de “verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência”.

b) 1º parágrafo — A expressão “em outras palavras” tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de “visão inteligível” deve ser compreendido.

c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão “gnosiologia” deve ser interpretada como sinônimo de “critério de verdade”.

d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo “mais” associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.
b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.
c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.
d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) *fosse* em lugar de "fossem eles" (1o parágrafo)
b) *seus* em lugar de "cujos" (1o parágrafo)
c) *Acabarem os monopólios de interpretação* em lugar de "O fim dos monopólios de interpretação" (1o parágrafo)
d) *deixar de* em lugar de "senão" (2o parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de "para" em "para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno".
b) de "como" em "como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade".
c) de "destruindo" em "destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação".
d) do sinal de dois-pontos depois de "ignorar" em "e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação".

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra "soft", a estrutura "hard" dura.

In: Hugo Mari et al. (Org.). *Estruturalismo, memória e repercussões.*

Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção e desempenharia a mesma função da vírgula depois de "interpretado" (1o período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.
b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação "a propósito de uma

dificuldade em particular" (1o período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de "certos" (2o período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1o período do 2o parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de "tratamento" preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por "que era".

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em "inquietávamo-nos" (1o período) para antes do verbo, escrevendo *nos inquietava*.

b) ao se inserir *que tenha sido* antes de "ocorrida" (1o período).

c) ao se substituir "fez com que indagássemos" (3o período) por *fez-nos indagarem*.

d) ao se retirar "que era" (2o parágrafo).

Gabarito da Prova Simulada 3

1-a, 2-b, 3-d, 4-a, 5-c, 6-b, 7-d, 8-b, 9-b, 10-d.

Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.

b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.

c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.

d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.

e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das";

se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.

III. O emprego da preposição de é obrigatório antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.

IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0.
b) 1.
c) 2.
d) 3.
e) 4.

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.
d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.
e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade:* reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:
Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático:
O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático:
O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.
d) Quarto período sintático:
Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato

extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:

O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: *Intérpretes do Brasil*, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.

b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.

c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.

d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.

e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais

agudas e os corações mais sensíveis.

( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.

( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.

( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, *Revista Veja*, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.

II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.

III. Os modelos intermediários criaram algumas "ilhas de prosperidade" (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, *Mundo pós-moderno*, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos
a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I, II e III.
e) apenas o II.

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor (1) registrado na história do país. O resultado positivo,

33% maior que o atingido em 2004, (2) ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento (3) US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram (4), apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não (5) de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral

da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais

buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F.
b) V — F — V — F.
c) V — V — F — F.
d) F — F — V — F.
e) F — V — V — F.

Gabarito da Prova Simulada 4

1-d, 2-b, 3-d, 4-d, 5-c, 6-b, 7-e, 8-b, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:

a) As normas que num código legal se _____ (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que _____ (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos _____ (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos _____ (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se _____ (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.
b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.
c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.
d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.
e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão de cujo preenche corretamente a lacuna da frase:

a) É um processo de luta _____ sucesso muitas se empenham.
b) As novidades do novo Código Civil, _____ muito se falou, são um tanto tímidas.
c) As lutas feministas, _____ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.
d) A grande tarefa do legislador, _____ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.
e) As práticas sociais, _____ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.

b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.
c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.
d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.
e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:
a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.
b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.
c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.
d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.
e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição “natural” de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela “virtuosa” resignação.

9. A única frase corretamente construída é:
a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.
b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.
c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.
d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.
e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:
I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Gabarito da Prova Simulada 5

1-d, 2-b, 3-a, 4-d, 5-c, 6-e, 7-d, 8-a, 9-e, 10-e.

Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, *Caros Amigos*, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica “chover no molhado” no sentido de “duplicar o esforço” para se conseguir algo.
b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.
c) A expressão “entrar em um nó de relações”, no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.
d) Segundo as ideias do texto, passar um “cheque em branco” aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.
e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores

públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: "O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso". Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, *Correio Braziliense*, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio "Derrotada" e o gerúndio "reconhecendo" (ambos no 1o período) constam no texto com sujeito oculto.
b) No lugar do sintagma "O gesto" (2o período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas Este ato, Tal medida, O feito.
c) O segmento "que se arrastavam havia décadas" (2o período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: de haviam décadas.
d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período "para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais" (2o período) do seguinte modo: para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.
e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento "ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis" (3o período) por: não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(*Valor Econômico*, 18.09.2008)

a) A expressão "estamos assistindo" indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.
b) As vírgulas após "Brothers" e após "local" justificam-se por isolar aposto explicativo.
c) O pronome "eles", em "eles recorrem às seguradoras", é elemento coesivo que se refere ao antecedente "tomadores".
d) O sinal indicativo de crase em "às seguradoras" justifica-se pela regência de "fazem"

(em “fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras”) e pela presença de artigo definido feminino plural.

e) A expressão “estão nus” está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das *commodities*, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(*Jornal do Brasil*, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em “pela crise” justifica-se pela regência de “crescimento” (1º período do 1º parágrafo).

b) A substituição de “concentra-se” (1º período do 1º parágrafo) por está concentrado prejudica a correção gramatical do período.

c) A redação O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.

d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: As preocupações têm fundamento (2º período do 2º parágrafo).

e) As palavras “risco” (3º período do 2º parágrafo) e “eventual” (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito à (1) administrar o bem público. No século passado, estava arraigado à (2) comportamentos administrativos viciosos, aos quais (3) priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe conveniesse (4), ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir o (5) público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse livrar-se (2) das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com

opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram ao (3) governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado em um referendo (4) popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que utilizou (5) para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de *O Globo*, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.
b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.
c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.
d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.
e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal Valor Econômico, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.
b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida,

mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às

trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito & Justiça, *Correio Braziliense*, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se degladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.
d) Todos concordam até se sentarem à mesa de discussões, quando se iniciam os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.
e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Gabarito da Prova Simulada 6

1-a, 2-b, 3-b, 4-d, 5-e, 6-e, 7-c, 8-a, 9-a, 10-c.

Prova Simulada 7

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.

c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."

e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área sobre (1) proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e de uso (2) sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação criadas (3), a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, o que (4) equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, onde (5) a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil (1) concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação (2) 2004. Esse resultado consolidou (3) posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB (4) empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como (5) exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

Leia o texto abaixo para responder à questão 4.

O governo federal tem estabelecido ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi desburocratizar o procedimento de exportação, reduzindo a documentação exigida, eliminando autorizações prévias e consolidando em um único documento todas as normas relativas à exportação.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por vem estabelecendo
b) “desburocratizar o” por a desburocratização do
c) “reduzindo a” por que reduziu a
d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação
e) “relativas à” por que têm relação com a

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, (1) as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança (2) imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, (3) constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, (4) serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, (5) poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em

d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para se transformar em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. A União Europeia definiu como meta que, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. Como o continente não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades pela redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), uma das diretrizes do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por ser transformado mantém a correção gramatical do período.
b) A redação Foi definido como meta pela União Europeia que... mantém a correção gramatical do período.
c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por Entretanto.
d) Ao se substituir “pela” pela estrutura por meio da prejudica-se a correção gramatical do período.
e) A inserção de que é antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.
b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.
c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.
d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.
e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.
b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.
c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.
d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.
e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.
b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.
c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.
d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.
e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da

obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa a que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 7

1-b, 2-a, 3-d, 4-d, 5-b, 6-d, 7-a, 8-c, 9-c, 10-d.

Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no Correio Braziliense (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que "o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro". Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser "fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais".

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância,

regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.

e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.

b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.

c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.

d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.

e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada “cidadã” pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. “Ela contribuiu para sua popularização”, diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “E introduziu

instrumentos legais importantes de afirmação democrática". Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.

b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma "colcha de retalhos" em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.

c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como *habeas data*.

d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.

e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, *Revista Época*, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme *handicap* na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão

(levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.
b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.
c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.
d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.
e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do “se”.

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se (1) acentue no final do ano, se (2) a queda do juro básico se (3) transferir para o crédito ao consumo e se (4) os salários reais continuarem a se (5) recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas,

permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de
a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder à questão 9.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.
c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.
d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome aquilo.
e) A substituição de “se combate” por era combatido mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Leia o texto abaixo para responder à questão 10.

Memórias do cárcere, na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, em seguida, recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades (2) que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver (3) no filme uma engenhosa e íntegra

transposição do livro. Seria pouco dizer que completam-se (4) ambos. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, ou seja, (5) como recurso de descoberta da verdade, arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção em que o segmento destacado apresenta erro gramatical.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 8

1-e, 2-d, 3-c, 4-b, 5-d, 6-e, 7-d, 8-e, 9-e, 10-d.

Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. (1) mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção (2) longos períodos de seca, (3) baixa cotação no preço das *commodities* (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real (4) dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). (5) programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos

agricultores em todo o país.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo
d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um
e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.
b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.
c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.
d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.
e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km2 para 18.900 km2.
b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).
c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.
d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.
e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito à base de (1) mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2%

adicionados ao diesel de petróleo para o uso em (2) veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2. Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível trará (3) ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao privilegiar (4) a participação da agricultura familiar, geraria (5) emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

As vantagens sociais do biodiesel dizem respeito à geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível à partir do incentivo à inclusão social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido terá 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel possibilitará ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) “dizem respeito à” por se referem à.
b) “à partir do” por por meio do.
c) “à inclusão” por a inclusão.
d) “terá” por vai ter.
e) “possibilitará” por vai possibilitar.

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com

o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do Código de Ética do Sistema Petrobras, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.
b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.
c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.
d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.
e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “A presente versão é resultado de uma ampla revisão”, do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “A presente versão é resultado de ampla revisão”.
b) no trecho “realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema”, do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.
c) no trecho “O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos”, do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por “desse”.
d) o trecho “definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras”, do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras”.
e) o trecho “tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas”, do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: “tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas”.

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática”.

b) na oração “Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por “por”, haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.
c) no terceiro parágrafo, as palavras “coerência”, “prática”, “Código”, “Ética”, “também” e “princípios” foram acentuadas de acordo com a mesma regra.
d) a oração “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: “fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas”.
e) se quisermos, na frase “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

Gabarito da Prova Simulada 9

1-d, 2-a, 3-c, 4-c, 5-e, 6-b, 7-b, 8-d, 9-a, 10-b.

Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo “emocional”, já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria “insustentável”.

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, *O Globo*, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.
b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.
c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.

d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.
e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(*O Globo*, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que
a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.
b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.
c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.
d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.
e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família, que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(*Em Questão,* Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.
b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.
c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola de 1ª a 8ª série.

d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.

e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.

b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.

c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.

d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.

e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a

favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, *Correio Braziliense*, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do *Correio Braziliense*.
b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.
c) Está no mesmo tempo e modo verbal de “saibamos” a forma: adiremos, do verbo aderir.
d) O adjetivo “favoráveis” em “que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu” refere-se ao termo “votos”.
e) Ocorre elipse do verbo “funcionar” no trecho “... e as tribunas no parlamento...”, que é entendido assim: ... e as tribunas funcionam no parlamento...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. (1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões (2) para ficar mais fácil as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo
b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis
c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar
d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar
e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.
b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.
d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.
e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo*, 02.02.2008)

Gabarito da Prova Simulada 10

1-c, 2-b, 3-d, 4-c, 5-b, 6-a, 7-d, 8-e, 9-b, 10-d.

Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que, justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.
b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.
c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: nunca deixam de existir, sem prejuízo do sentido original do texto.
d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.
e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons

ou não. Se os clubes _____ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do Valor Econômico, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.
b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.
c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.
d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.
e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão (1) nível alto, (2) devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores (3) o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas (4) produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos (5) problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos

Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.
b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.
c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.
d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.
e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(*O Globo*, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de (1) disciplinares, objeto de processo administrativo, (2) a respeito dos depoimentos das testemunhas, (3) o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>.
Acesso em: 11 jan. 2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus

sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, *Correio Braziliense*, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de "inconhos", o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.
b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.
c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.
d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.
e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Para e medite. Põe uma uva-passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, *Cláudia*, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de O Estado de S. Paulo (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.
b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.
c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.
d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.
e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

1-e, 2-d, 3-b, 4-d, 5-d, 6-d, 7-b, 8-b, 9-c, 10-c.

Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar "a civilização da imagem"? O poder de evocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de "pensar" por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as "realidades" e as "fantasias" só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.

b) os segmentos “O poder de evocar imagens *in absentia*” e “a capacidade de (...) ‘pensar’ por imagens” são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.
c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.
d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.
e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: “que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha”. Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.
b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão “mais ou menos”.
c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.
d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada “civilização da imagem”.
e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.
b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.
c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.
d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.
e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) “o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal” (aquele / aquele)
b) “Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão”

(porque)

c) “Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la” (mesma)

d) “todas as ‘realidades’ e as ‘fantasias’ só podem tomar forma por meio da escrita” (perante)

e) “encostados uns nos outros como grãos de areia” (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.

b) O poder de provocar imagens *in absentia* continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.

d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.

e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.

b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.

c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.

d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.

b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.

c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.
d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.
e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por "imaginário" entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.

Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na

articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. *Cocanha.* A história de um país imaginário.

São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de *mito*, *ideologia* e *utopia*, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.

b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de *imaginário*, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.

c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.

d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.

e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos *mito*, *ideologia* e *utopia*, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do *imaginário*, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.

b) a *realidade palpável*, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre *imaginário* e *imaginação*.

c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.

d) o termo *imaginário* é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de *mito*.

e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.

b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.

c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.

d) propõe que *instintos*, *sentimentos* e *sensações* sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.

e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

Gabarito da Prova Simulada 12

1-b, 2-c, 3-e, 4-a, 5-e, 6-a, 7-b, 8-d, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1% superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(*O Estado de S. Paulo,* 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.
b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.
c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.
d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.
e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em 2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das

desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. "Este será o ano das incertezas", resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(*O Estado de S. Paulo,* 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.
b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.
c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.
d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.
e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT *Tendências Mundiais do Emprego* faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(*O Estado de S. Paulo*, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.
b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de

desemprego ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.

c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.

d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.

e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de "evasão fiscal" — (1) sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, (2) pessoas jurídicas e físicas, 42% (3) número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso (4) sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito (5) contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, (6) resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.

b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.

c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.

d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.

e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.

b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou

no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.

b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.

c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.

c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 com (1) resultados animadores. O País conseguiu gerar mais de (2) 1,6 milhão de postos de trabalho. Acerca de (3) 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou em torno de (4) 9,5%, ante (5) 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(*José Pastore, O Estado de S. Paulo,* 05.02.2008)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.
b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.
c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.
d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.
e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.
b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.
c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus *disiecta membra*, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.
d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.
e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma

das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

Gabarito da Prova Simulada 13

1-e, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-d, 7-c, 8-c, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos apoiam. Mas basta colocar, de um lado, a chance de auferir lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o quão frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o mau fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que o permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir > obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo procure fazer valer os seus interesses. O problema do desmatamento é que ele é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que vai de encontro à lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, encontrar fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(*Folha de S.Paulo,* 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em “procure” justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.
b) O pronome “ele” retoma a ideia de “desmatamento”.
c) A expressão “vai de encontro à” equivale semanticamente a vai ao encontro da.
d) A conjunção “portanto” pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.
e) A substituição de “encontrar” por que sejam encontradas mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da

divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que "as expectativas" dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir "dos quais" por: dentre os quais.

II. Na linha 6, conjugar o verbo "servir" na 3ª pessoa do plural.

III. Inserir uma vírgula após o sintagma "cenário econômico" (linhas 5 e 6).

IV. Passar o verbo "ir" para o presente do subjuntivo (linha 9).

V. Substituir a forma verbal "interveem" por: interferem (linha 7).

VI. Na linha 11, substituir a combinação "às do" por: as de.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º

d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º
e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.
b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.
c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.
d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.
e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, *Jornal do Brasil*, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, (a), os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente (b) e (c). Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que (d), o que só podem fazer trabalhando como “informais”. É o que estamos assistindo hoje no Brasil: (e), um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, *Folha de S.Paulo*, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis,

sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.
b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.
c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.
d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.
e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.
b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.
c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.
d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.
e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O

estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a

resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo,* 17.07.2005, com modificações)

Gabarito da Prova Simulada 14

1-e, 2-c, 3-b, 4-a, 5-e, 6-c, 7-e, 8-c, 9-e, 10-b.

Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que nortea (1) o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente teriam (2) hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que vêm (3) definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, continuariam (4) nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, pois (5) gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é necessária (1) a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. Quanto maior (2) o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para freiar (3) os vícios exacerbados (4) pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e discernimento (5) num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.

b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.

c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.

d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.

e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia, mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, _____.

(Lúcio Costa, *O novo humanismo científico e tecnológico*)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.

b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.

c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.
e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.
b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora extra.
c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.
d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.
e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas

pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a aglutinação partidária e a formação da base de apoio.
b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.
c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.
d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.
e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.
b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem, terão suas necessidades atendidas.
c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.
d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.
e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.
b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.
c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.
d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.
e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, *Folha de S.Paulo*, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.
b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.
c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.
d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.
e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>. Acesso em 11 jan. 2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades

financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, *O Estado de S. Paulo*, 19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

Gabarito da Prova Simulada 15

1-a, 2-c, 3-b, 4-a, 5-d, 6-c, 7-d, 8-d, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro A cabeça do brasileiro, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é

possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra *community* tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. *Community*, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico *versus* protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. *A cabeça do brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.

c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência, não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...".

e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance Budapeste, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, *Budapeste*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um

nome semelhante à estação da casa dela” e “porque a professora me pediu para repetir a sentença”, os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela”, o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase “aí estou chegando quase” foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo “pedir”, na frase “porque a professora me pediu para repetir a sentença” é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases “a professora me pediu para repetir a sentença” e “Ao me ver à sua porta teve novo acesso”, o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase “Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição”, é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase “Nos ambientes que frequento”, o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por “quais”.

c) a frase “roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos” estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: “roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos”.

d) as frases “comendo em sua mão” e “sempre me negará a última migalha” podem ser entendidas, respectivamente, como “dependendo das lições dela” e “sempre me negará uma explicação definitiva”.

e) no trecho “sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto”, os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo “Procedemos”, escrevendo-o assim: Procedemos ao.

b) Reescrever o trecho da linha 3 com acento grave no “as”. Assim: aplicável às diversas áreas.

c) Acentuar graficamente a palavra “itens”, escrevendo-a assim: ítens.

d) Flexionar o adjetivo “examinados” no feminino. Assim: examinadas.

e) Passar para o plural o verbo “deu”, reescrevendo-o assim: deram:

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da Folha de S.Paulo (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim “Focus”. Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de O Estado de S.Paulo, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007,

resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, "o que surpreendeu foi o vigor da recuperação".

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

Gabarito da Prova Simulada 16

1-c, 2-d, 3-d, 4-b, 5-c, 6-b, 7-e, 8-d, 9-e, 10-b.

Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a

faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do Jornal do Brasil, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.

a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.

b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.

c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.

d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.

e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a

CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada "semana inglesa", com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de "trabalhar menos para trabalharem todos". Na década de 80 a reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, *Jornal do Commercio* (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.
b) A chamada "semana inglesa", com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.
c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.
d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.
e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do Correio Braziliense, 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade

Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.
b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.
c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de temperatura e o abastecimento de água.
d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.
e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária americana, que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia brasileira, que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas evidências, a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de juros, acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente Lula, uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é real, recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira*, Folha de S.Paulo,* 28.01.2008)

O emprego de vírgula após

a) “americana” justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) “juros” justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) “evidências” justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) “brasileira” justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) “Lula” e após “real” justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de O Estado de S. Paulo, 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).

b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.
c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.
d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.
e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz _____.
a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.
b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.
c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.
d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.
e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4

b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, *Folha de S.Paulo*, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(*O Estado de S. Paulo*, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal “preveem” está no plural para concordar com “Estados Unidos”.
b) A forma verbal “apontam” está no plural para concordar com “próximos meses”.
c) O termo “pois” pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por porque, porquanto ou conquanto.
d) Em “do que seus rivais” a eliminação de “do” prejudica a correção gramatical do período.
e) Em “contê-los”, “-los” retoma o antecedente “fatores”.

Gabarito da Prova Simulada 17

1-c, 2-a, 3-a, 4-d, 5-d, 6-c, 7-c, 8-a, 9-c, 10-e.

Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. “Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou”, afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. “Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros”, disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece “muito aquecida”. “Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”, disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. “Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada”, avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de “precipitada”. “É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando”, disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(*Tribuna do Brasil,* 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.

b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.
c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.
d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.
e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.
b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.
c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.
d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).
e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: “Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período”.

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.
b) A palavra “Formalidade”, no título do texto, remete aos postos de trabalho em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.
c) Na frase que se inicia por “A série” (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.
d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra “recorde” admite a grafia alternativa record, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.
e) Na linha 13, a expressão “demanda interna” refere-se ao aumento de postos de trabalho de que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) “quando foram criadas 399 mil vagas” — proporcionalidade.
b) “como dizem meus filhos” — comparação.
c) “É um erro imaginar que há inflação no Brasil” — consequência.
d) “O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior” — oposição.
e) “Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil” — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho:

a) “A série de dados do CAGED tem início em 1992”.
b) “... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%”.
c) “Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”.
d) “Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando”.
e) “No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas”.

Texto para as questões de 6 a 8.

A raça humana

Gilberto Gil

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na grande síntese.
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.

b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.
d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo cujo (cujo o mapa, por exemplo).
b) O relativo cujo expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo mapa na expressão "cujo mapa" (verso 10).
c) O pronome cujo é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo quem, assim como o relativo que, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo que admite ser substituído por o qual e suas flexões de gênero e número.

8. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.

a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

9. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.

II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o

empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 18

1-b, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-d, 7-e, 8-c, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista Science publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no zapping* ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no Big Brother. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras além do permitido. Faz sentido.

* zapping = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.
b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.
c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.
d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.
e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.

II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.

III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.
b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do zapping, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.

b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do *zapping*, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:
a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.
b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.
c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.
d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.
e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:
a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.
b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.
c) Por mais confortável que seja, o zapping constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.
d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.
e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao comentar essa pesquisa, acrescentou a essa pesquisa elementos de sua convicção pessoal, que tornam essa pesquisa ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:
a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam
b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam
c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a
d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na
e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.

b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.

c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.

d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.

e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se _____ (valer) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.

b) Se aos governantes não _____ (caber) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?

c) Se a ninguém _____ (preocupar) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.

d) Embora a cada um de nós _____ (afetar) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.

e) Os que não gostam de TV jamais _____ (haver) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.

b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.

c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.

d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.

e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

Gabarito da Prova Simulada 19

1-c, 2-e, 3-b, 4-c, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 20

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

De maneira simplificada, o orçamento é composto não apenas de contas e números (1), mas também (2) de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), aos quais são alocados determinados valores (3), considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. Se (4) as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento se (5) tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é um locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima caso.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI foi viabilizada a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, recebeu competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que fornecesse todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda ordem, a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, criou as condições para que o SIAFI fosse implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de “foi viabilizada” por viabiliza-se mantém a correção gramatical e as informações originais do período.
b) O sujeito de “recebeu” está determinado no texto.
c) A substituição de “fornecesse” por viesse a fornecer mantém a correção gramatical do período.

d) O emprego de vírgula após “ordem” justifica-se por isolar oração anteposta à principal.
e) A forma verbal “criou” pode ser substituída por cria, desde que a forma verbal “fosse” também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:
a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.
b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.
c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.
d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.
e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, reveste-se (1) de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que se refere (2). Pelo menos em tese, é como se (3) a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas se (4) tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, procede-se (5) ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:

1 — pronome reflexivo.

2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.

3 — conjunção comparativa = como se.

4 — conjunção condicional.

5 — índice de indeterminação do sujeito.

Das classificações acima, estão corretas:

a) 1, 2 e 3.
b) 2, 3 e 4.
c) 4 e 5.
d) nenhuma.
e) todas.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública se essa tiver (1) prevista na lei orçamentária, mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2). Ou seja, o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3) não obriga o governante a realizá-la. Se o governo fez (4) a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, caso julgue oportuno e conveniente (5).

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

O orçamento público é uma lei _____, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento _____ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, _____ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres".

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

9. Em relação ao texto a seguir, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

Não constitue (1) surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior à do (2) resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São

localidades pobres cujo o (3) destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, os (4) condenam (5) a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.
c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 20

1-d, 2-a, 3-a, 4-e, 5-a, 6-e, 7-e, 8-d, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 21

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de mobilizá-la e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, através da constituição de um funcionalismo público motivado e “cioso” de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, *Bases do autoritarismo brasileiro*, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.
b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.
c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.
d) Os vocábulos “mobilizá-la” e “através” são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.
e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o *status* social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o “indivíduo” não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, *Modernidade e identidade*, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração
a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (Folha de S.Paulo, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.
b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.
c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de

defender princípios.

d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.

e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.

b) "A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos", ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.

c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. "A noção entre público e privado sofreu grande transformação."

d) "Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas." Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.

e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(*IstoÉ*, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma

pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos à época das grandes navegações (1), demonstra, de modo eloquente, a (2) dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. Aqueles que, (3) no presente — ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, vêm pagando (4) um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge à (5) regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, *A globalização e as lições da história*)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.
b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes, advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.
c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.
d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.
e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de Globo online). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.
b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das

vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.

c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.

d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D&J, 17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica *Meditações sobre o amor,* de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.

b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.

c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.

d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.

e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

Gabarito da Prova Simulada 21

1-c, 2-b, 3-c, 4-a, 5-b, 6-c, 7-a, 8-e, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 22

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Do Painel do Leitor da *Folha de S.Paulo* de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.

b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.

c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.

d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo “incondicionalidade”, que significa “adesão irrestrita”, aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei

que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, _____.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.
b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.
c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.
d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.
e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, *Retalhos do Passado*, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento sublinhado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, (a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. (b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. (c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. (d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. (e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença,
Pensa/CB, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.
b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.
c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a

direita ela é índice da decadência moral da sociedade.

d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.

e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo O Brasil tem futuro?, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) Os brasileiros, quem somos, afinal? Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país.

... devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(*Correio Braziliense*, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas

não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento — o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, *UnB Revista*, ano IV, n. 11,
maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção

correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: uma das expressões mais visível.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal "São", a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo "dar", na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: "de estabelecer..." e "de dar", coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, (1) necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, (2) necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, (3) necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra (4) ociosidade e se oferecerem garantias (5) gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida (6) da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, *As fontes da vida no Brasil*, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.
b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.
c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.
d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão

trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.

e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

Gabarito da Prova Simulada 22

1-e, 2-a, 3-b, 4-b, 5-a, 6-d, 7-c, 8-e, 9-b, 10-c.

Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às

b) as, a, a, à, as

c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para (1) administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que (2) efetivamente para que essas metas (3) atingidas. (4) três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais (5) órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, fez cair o (1) desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km2 para 18.900 km2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), sob regime (2) severo de fiscalização. Os dados resultaram (3) da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica o acerto das (4) políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, com vistas à substituição da (5) extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

(*Em Questão* n. 381, Brasília, 07 de dezembro de 2005, com adaptações)

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição de é obrigatória antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto *Modernidade, identidade e a*

***cultura de fronteira*, de Boaventura de Sousa Santos.**

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.

b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.

c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em "traduzem" justifica-se pelo plural em "valores éticos".

II. Porque no termo "os procedimentos e as vivências" há a inclusão de nome masculino, o termo "consolidados" precisa ser flexionado no masculino.

III. O emprego do feminino plural em "nelas" justifica-se pelo feminino plural de "pessoas".

IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em "salve-se" exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O ser (1) humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar (2) e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser (3) a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar (4) de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar (5) de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade*: reflexão sobre a

ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser” (1)
b) “pensar” (2)
c) “ser” (3)
d) “cuidar” (4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.
d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar história.
e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

Gabarito da Prova Simulada 23

1-d, 2-c, 3-b, 4-d, 5-c, 6-a, 7-a, 8-b, 9-c, 10-c.

Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do Homo sapiens tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana,

respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Drauzio Varella, *Folha de S.Paulo*)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.
b) a evidente primazia da inteligência humana.
c) o orgulho alimentado pelo Homo sapiens.
d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta *De onde emergiu a consciência humana?* vem em favor da hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.

II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.

III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que

a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.

c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase "Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos", a expressão destacada deve ser entendida como

a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:

a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.
c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.
d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as características típicas da nossa espécie.
e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.
b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.
c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.
d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.
e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.
b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.
c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.
d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas

os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.
e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua
a) orgulhamos por ufanamos e obedece por é acreditar.
b) nos orgulhamos por demonstramos e obedece por é dar fé.
c) nos orgulhamos por lisonjeamos e obedece por acata.
d) nos orgulhamos por vangloriamos e obedece por se pauta.
e) orgulhamos por gabamos e obedece por revela adesão.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:
a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.
b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.
c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.
d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.
e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:
a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

Gabarito da Prova Simulada 24

1-a, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-c, 7-d, 8-e, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si,

não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, *Os Pensadores*)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.
b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.
e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (propagar) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (advir) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (tolher) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não ____ (deixar) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações ____ (haver) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento mas, enfim, é preciso tomar os homens como são pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:

a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.
c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius surprendeu-se com o atribuído a *amor-próprio*.
b) O mal entendimento do termo *amor-próprio* concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.
c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.
d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.
e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos.

Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio

Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, "empurraram a fronteira com a própria miséria". E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, *Veja*)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I. Lianas do aparato verbal e estrondos estilísticos são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como inferno verde e celeiro mundial conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo *espocar* é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) luxuriante *e* intrincada.
b) caricaturar *e* espocar um sarcasmo.
c) temporadas líricas *e* a própria miséria.
d) bordéis tumultuosos *e* damas pelintras.
e) champanha francês *e* foguetes anunciadores.

10. A forma por que preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras _____ movidos pelas mais duras necessidades.
b) Um dos motivos _____ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.
c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor _____ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira

histórica.

d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro _____ .

e) Muitos se escandalizaram com o romance, mas se recusaram a dizer o _____ .

Gabarito da Prova Simulada 25

1-b, 2-d, 3-c, 4-a, 5-e, 6-c, 7-d, 8-a, 9-c, 10-b.

Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito apenas de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal também é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por ter conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, tornando-os referências nacionais. O perfil dos premiados mostra que o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, *IstoÉ*, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.

b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.

c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.

d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.

e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.

b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.

c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, terem, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.

d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.

e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois-pontos

preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.

[Viver agora, pagar depois (fragmento).
In: Economia e Negócios*, Veja*, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia”, poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome “cujo”, flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta”.

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição “de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.
b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.
c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.
d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.
e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.
b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.
c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da

mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo, fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: *7 pecados do capital*. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito *comprista* dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à

mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações on-line das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. *Jornal do Brasil*, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I
e) III, II, I, IV

Gabarito da Prova Simulada 26

1-c, 2-d, 3-a, 4-e, 5-a, 6-c, 7-d, 8-d, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do

planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, *O Estado de S. Paulo,* Economia, B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2o parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.
b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.
c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.
d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.
e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2o parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:

a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...
b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...
d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...
e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2o parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,

a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.
b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.
c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.
e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:

a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.
b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...
c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão

esgotando.
d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.
e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que consomem 46% de toda a gasolina do planeta... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:
a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:
a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:
a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.
b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de produção.
c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.
d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.
e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de feminino plural, sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006...
b) ... é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
c) A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...
d) ... sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil.

e) ... de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
a) está para esgotar.
b) vai ser esgotado.
c) estão sendo esgotadas.
d) vinham sendo esgotadas.
e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.
b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.
d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.
e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

Gabarito da Prova Simulada 27

1-d, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-a, 7-c, 8-d, 9-c, 10-b.

Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:

a) argila que nos molda = barro a que impomos forma.
b) inexoravelmente premido = indiscutivelmente atento.
c) na raiz da nossa condição humana = nossa radical condicionalidade.
d) determinações absolutas = condicionantes irrevogáveis.
e) romper com a casualidade = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É ela que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão

a) ... raiz da nossa condição humana.
b) Nossa capacidade de dar um novo início...

c) ... nossa condição humana.
d) Nossa história...
e) ... uma nova cadeia de acontecimentos...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:

a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.
b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.
b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano-Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere as afirmações a seguir:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:
a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.
b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.
c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.
d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.
e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,
a) a expressão *a* bem da verdade assume o sentido de por outro lado.
b) está elíptica a expressão Talvez seja isso.
c) novo propósito é sujeito de começar.
d) a expressão o que retoma a expressão tão difícil cumprir.
e) em qualquer tempo é complemento da forma verbal dificulta.

Gabarito da Prova Simulada 28

1-c, 2-d, 3-b, 4-c, 5-d, 6-c, 7-d, 8-a, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história.

Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que Não há como começar do nada, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como problema da nossa liberdade é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora

coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.
b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que Desamarrar e Abrir novos tempos exercem a mesma função sintática de

a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.

c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.
b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas formula propósitos, quem atribui aos propósitos uma força mágica e não encaminha os propósitos para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.

Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:

a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha
d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano-Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.
b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.
c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.
d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está diretamente associado à questão da liberdade.
e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento sublinhado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?

e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Gabarito da Prova Simulada 29

1-e, 2-a, 3-e, 4-a, 5-b, 6-b, 7-e, 8-c, 9-a, 10-e.

Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como progresso. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de progresso. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. Desenvolvimento, sim, mas sustentável: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz progresso, o sentido preciso — talvez oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de progresso, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra progresso é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.

II. A expressão desenvolvimento sustentável pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.

III. Entende o autor do texto que a magia da palavra progresso advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,

a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.
c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra progresso.
d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da prática de fundamentos da Ecologia.
e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento pelo qual se

garanta que a qualidade da vida seja preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por

a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo sustentável exprime uma condição para desenvolvimento.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra progresso algumas conotações mágicas.
b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.
c) Muitas coisas a que associamos o sentido de progresso não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.
d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo, veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.
e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:

a) De tudo aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho ao qual não queremos abrir mão.
b) É preferível deixar intacta a mata selvagem do que destruí-la em nome de um benefício em que quase ninguém desfrutará.
c) A titia, cuja a mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como *progresso* a operação à qual foi bem sucedida.
d) A precisão da qual se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto a que lhe atribuímos.
e) As inovações tecnológicas de cujo benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço a que se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:

a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso.
b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.

c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.
d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.
e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra progresso a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.
b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.
c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.
d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.
e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Gabarito da Prova Simulada 30

1-a, 2-b, 3-d, 4-c, 5-d, 6-a, 7-e, 8-c, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 31

Atenção: As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do

enterro do Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, *O Estado de S. Paulo*, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.
b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.
c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.
d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.
e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que o livro e o jornal

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.
b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.
c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.
d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço social e econômico durante o século XVI.
e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente

decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo sentido original é:

a) num contexto histórico favorável = com todas as facilidades existentes.
b) tinha o monopólio da informação = mantinha-se bem informada.
c) onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta = onde não se estabeleceu a igualdade social.
d) que também gerou a onda de inovação = que deu início a transformações inovadoras.
e) quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.
b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.
c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.
d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.
e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal singular que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social era imutável...
b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...
e) ... em que ela está inserida.

6. Não é função da indústria pensar a educação (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual a Terra estava no centro do universo...
b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.
b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões

distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.

c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.

d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.

e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. Ninguém, em sã consciência, negará o fato.

A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.

Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.
c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.
d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.
e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:
a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...
b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...
c) ... que sente ânimo de praticar...
d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...
e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

Gabarito da Prova Simulada 31

1-b, 2-a, 3-d, 4-e, 5-b, 6-a, 7-c, 8-d, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres

humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, *Super Interessante*, edição 184, p. 589.
São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.
d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = têm precedência sobre as relações sociais
b) arcabouço da memória = estrutura das funções mnemônicas
c) potencialmente perigosa = imaginariamente hostil
d) rol de respostas disponíveis = simulação de reações possíveis
e) podem conter esses rompantes = têm como franquear tais instintos

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.
b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.
c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.
d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.
e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.
d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas de que nos induzem nossos impulsos de autopreservação.
b) A necessidade de aceitação coletiva, de cuja somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.

c) Por vezes, a agressividade com que nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.
d) Não fossem os limites aos quais nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.
e) Nem sempre os valores com cuja força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.
b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.
c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.
d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.
e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:

a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.
b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.
c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.
d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.
e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.
b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.
c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.
d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.

e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.
b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.
c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.
d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.
e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do plural para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se _____ (encontrar) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.
b) É melhor que se _____ (admitir) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.
c) Às pressões do grupo social _____ (responder) todo o nosso esforço para sermos aceitos.
d) Não _____ (caber) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.
e) Todas as vezes que se _____ (buscar) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

Gabarito da Prova Simulada 32

1-c, 2-b, 3-c, 4-d, 5-e, 6-e, 7-a, 8-a, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase “A liberdade de um termina onde começa a do outro”. Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras:

desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.
b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.
c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens rebeldes e problemáticos.
d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.
e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:

a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título Liberdade minha, liberdade tua tem significação equivalente à da seguinte formulação:

a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.

e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.

II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.

III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado

a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.
e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.

II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.

III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (impor), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.
b) ____ (costumar) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.
c) Entre os adolescentes não ____ (ser) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.
d) A ninguém da classe ____ (deixar) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.
e) Nas aulas em que ____ (caber) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso corrigir, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.
b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.
c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.
d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.
e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

Gabarito da Prova Simulada 33

1-e, 2-e, 3-c, 4-a, 5-c, 6-a, 7-a, 8-c, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A legalidade funda-se em um forte conceito ético, que é a legitimidade. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade

como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade

a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.
e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.
b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.

c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.
d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.
e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.

II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.

III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em
a) II e III.
b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:
a) Em "e mesmo assim ser moralmente considerada inválida" (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por e não obstante isso.
b) Em "Para que a limitação à esfera individual seja válida" (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.
c) Em "deve ser o poder que a impõe legítimo" (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por legitimamente.
d) Em "As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas" (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.
e) Em "A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida" (3º parágrafo), o termo destacado qualifica *liberdade*.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.
b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.
c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.
d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.
e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de

referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século *XVI*, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século *XIX* viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos *Ensaios*, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.
b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.

c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.
d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.
e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.
b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.
c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.
d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.
e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

Gabarito da Prova Simulada 34

1-e, 2-e, 3-c, 4-e, 5-a, 6-e, 7-d, 8-b, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar on-line os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente

nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 *gigabytes* as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.

II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações on-line.

III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja um conservador reacionário — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassete, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.
b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.
c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.
d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.
e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.
b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.
c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.
d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.
e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.
b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.
c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.
d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.
e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase “Mas aqui surge outro problema”, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...
c) ... as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação...
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis...

9 . Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.
b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.
c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.
d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes modernos tem sua conservação muito menos eficaz.
e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) os livros continuam em minha biblioteca (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.
b) podemos acessar os mesmos conteúdos = os mesmos conteúdos podem ser acessados.
c) dedicou-se à questão (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.
d) se realizam estudos (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.
e) Gravei (...) obras-primas (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

Gabarito da Prova Simulada 35

1-a, 2-d, 3-e, 4-b, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-c, 10-b.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo:

EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática, 1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3.* São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez,

1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Lingüística de texto, o que é e como se faz.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental.* 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa.* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13 jul. 2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEL, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação.* 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática.* 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais.* Belo Horizonte: Vega, 1972.

Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270, Cerqueira César — São Paulo — SP — CEP 05413-909 – PABX: (11) 3613 3000 – SACJUR: 0800 055 7688 – De 2ª a 6ª, das 8:30 às 19:30

E-mail saraivajur@editorasaraiva.com.br

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Filiais

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE

Rua Costa Azevedo, 56 – Centro – Fone: (92) 3633-4227 – Fax: (92) 3633-4782 – Manaus

BAHIA/SERGIPE

Rua Agripino Dórea, 23 – Brotas – Fone: (71) 3381-5854 / 3381-5895 – Fax: (71) 3381-0959 – Salvador

BAURU (SÃO PAULO)

Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 – Centro – Fone: (14) 3234-5643 – Fax: (14) 3234-7401 – Bauru

CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO

Av. Filomeno Gomes, 670 – Jacarecanga – Fone: (85) 3238-2323 / 3238-1384 – Fax: (85) 3238-1331 – Fortaleza

DISTRITO FEDERAL

SIA/SUL Trecho 2 Lote 850 — Setor de Indústria e Abastecimento – Fone: (61) 3344-2920 / 3344-2951 – Fax: (61) 3344-1709 — Brasília

GOIÁS/TOCANTINS

Av. Independência, 5330 – Setor Aeroporto – Fone: (62) 3225-2882 / 3212-2806 – Fax: (62) 3224-3016 – Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO

Rua 14 de Julho, 3148 – Centro – Fone: (67) 3382-3682 – Fax: (67) 3382-0112 – Campo Grande

MINAS GERAIS

Rua Além Paraíba, 449 – Lagoinha – Fone: (31) 3429-8300 – Fax: (31) 3429-8310 – Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ

Travessa Apinagés, 186 – Batista Campos – Fone: (91) 3222-9034 / 3224-9038 – Fax: (91) 3241-0499 – Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA

Rua Conselheiro Laurindo, 2895 – Prado Velho –Fone/Fax: (41) 3332-4894 – Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/ALAGOAS

Rua Corredor do Bispo, 185 – Boa Vista – Fone: (81) 3421-4246 – Fax: (81) 3421-4510 – Recife

RIBEIRÃO PRETO (SÃO PAULO)

Av. Francisco Junqueira, 1255 – Centro – Fone: (16) 3610-5843 – Fax: (16) 3610-8284 – Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO

Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 – Vila Isabel –Fone: (21) 2577-9494 – Fax: (21) 2577-8867 / 2577-9565 – Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Av. A. J. Renner, 231 – Farrapos – Fone/Fax: (51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567 –Porto Alegre

SÃO PAULO

Av. Antártica, 92 – Barra Funda – Fone: PABX (11) 3616-3666 – São Paulo

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

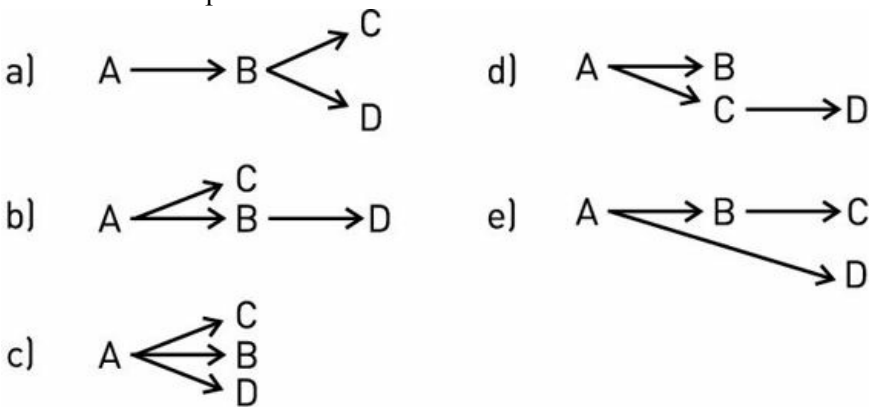

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

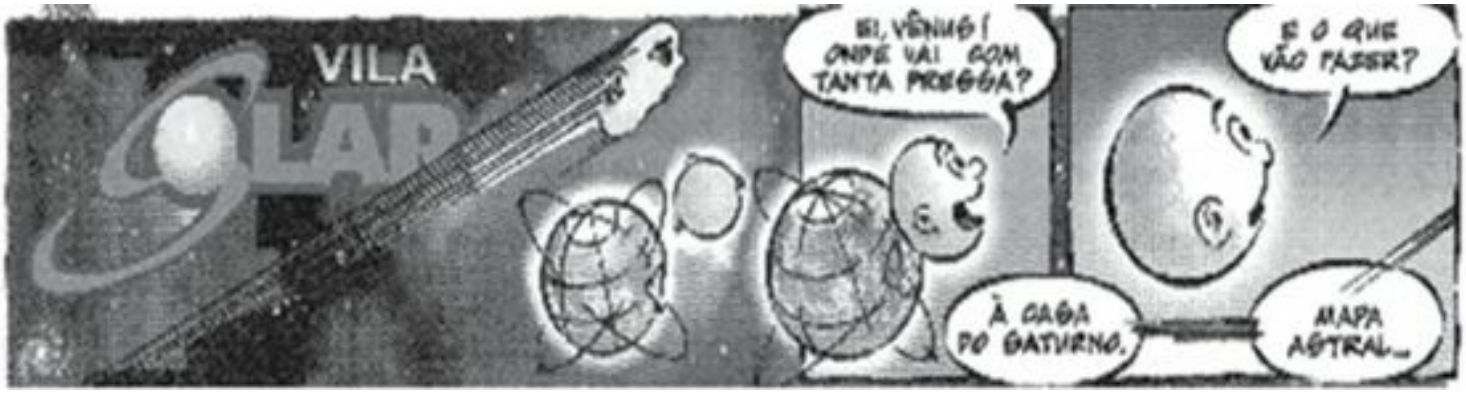

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

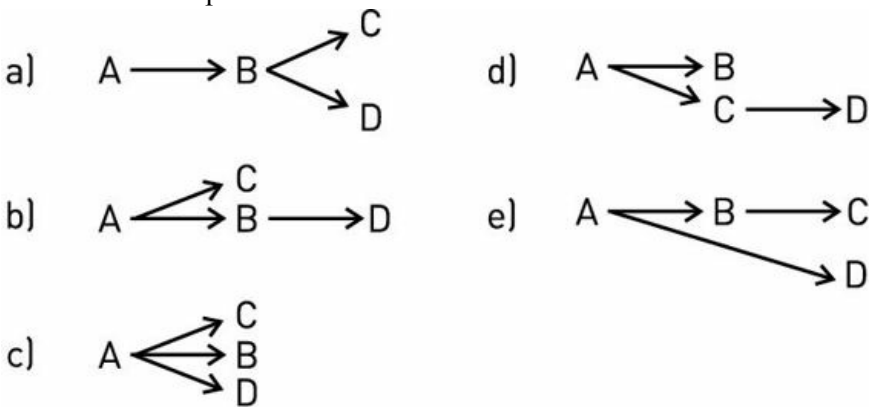

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

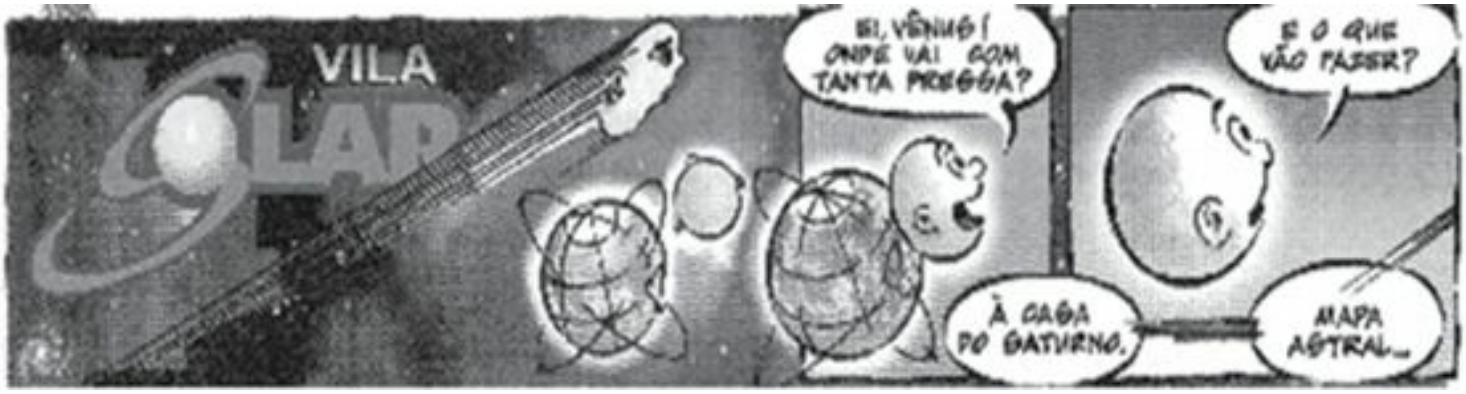

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

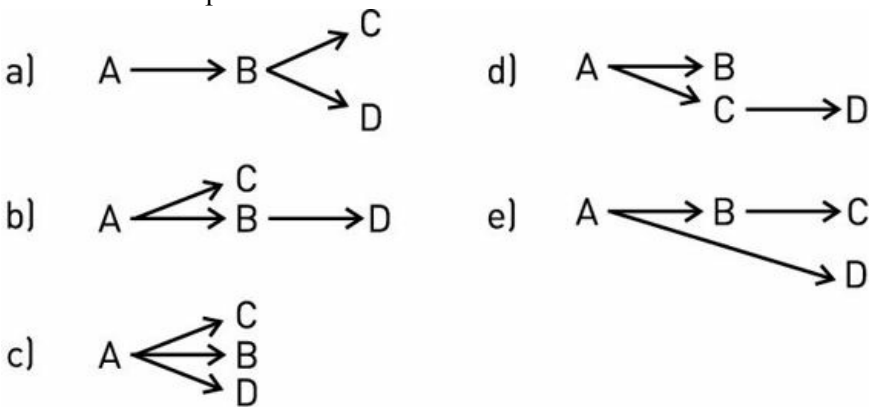

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

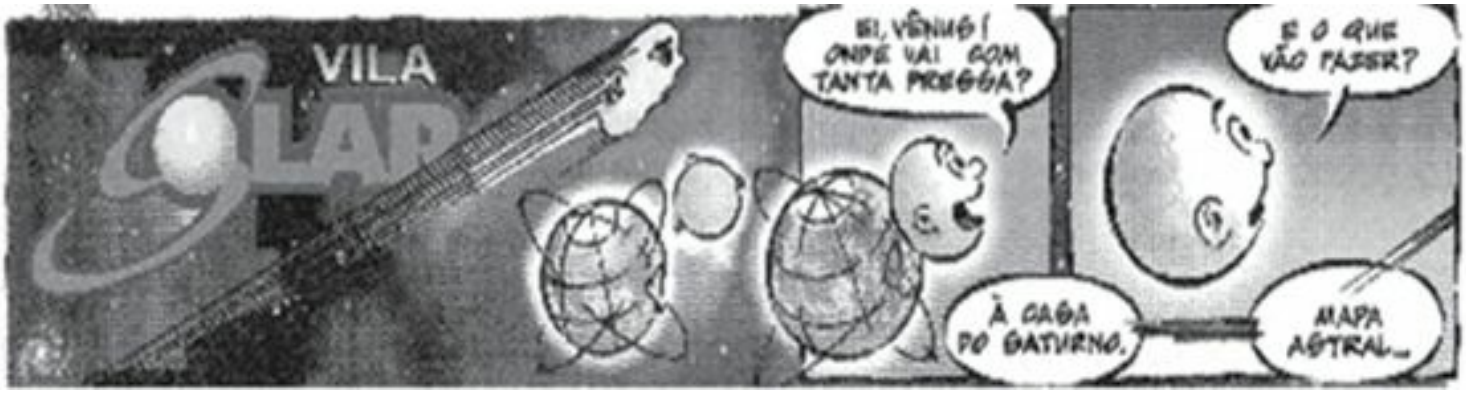

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

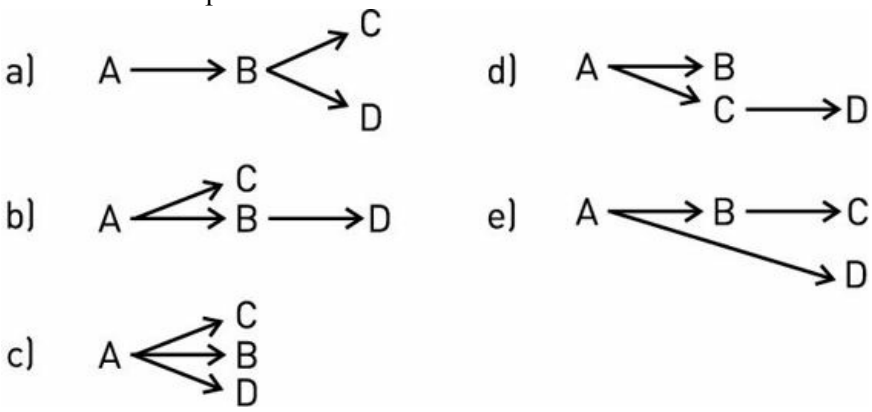

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

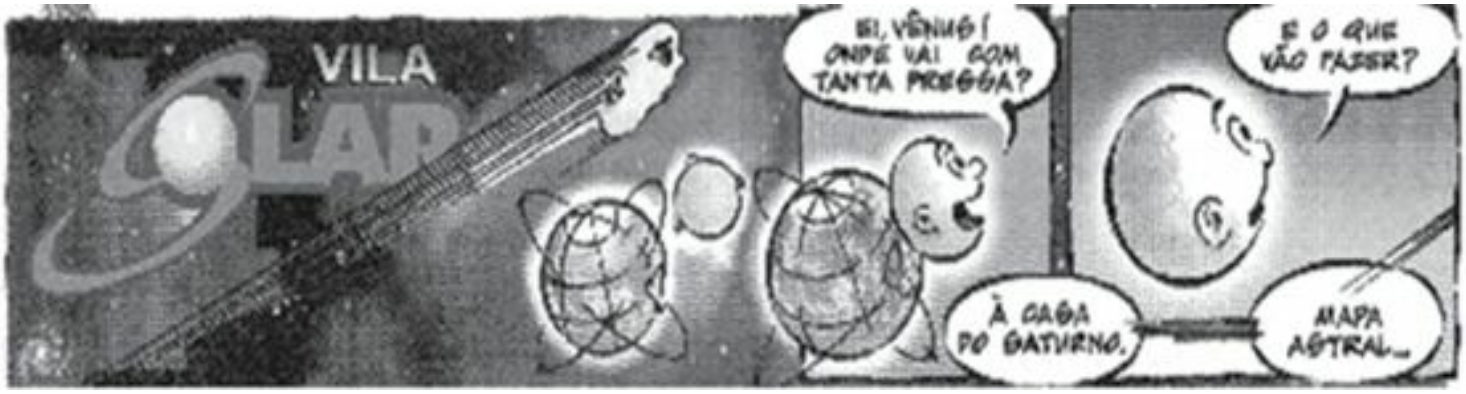

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe ***A*** *Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**

  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)

  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têmue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deág**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deáguam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do, car-na-ú-ba, pa-ra-í-so, ru-í-na, cu-ri-o-so, ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra, cas-sa-ção, nas-cer, des-ça, ex-ces-so, ex-si-car...*

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção, ab-di-car, oc-ci-pi-tal, fic-ção, ét-ni-co, sub-me-ter, abs-tra-to, ob-ten-ção, trans-por-te, in-tac-to, ap-ti-dão, ins-pi-rar, cons-pur-car, obs-cu-ro, at-mos-fe-ra, am-né-sia, ab-rup-to...*

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz...* **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se.*

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2
Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**íss**imo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: hist**ó**ria, **cá**ries, **jó**que**i(s)**; **ór**gão**(s)**, **ór**fã, **í**mãs; **á**guam, en**xá**guem; **fá**cil, **glú**ten, **fó**rum, ca**rá**ter, **pró**tons, **tó**rax, **jú**ri, **lá**pis, **ví**rus, **fór**ceps.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i***, exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página

www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

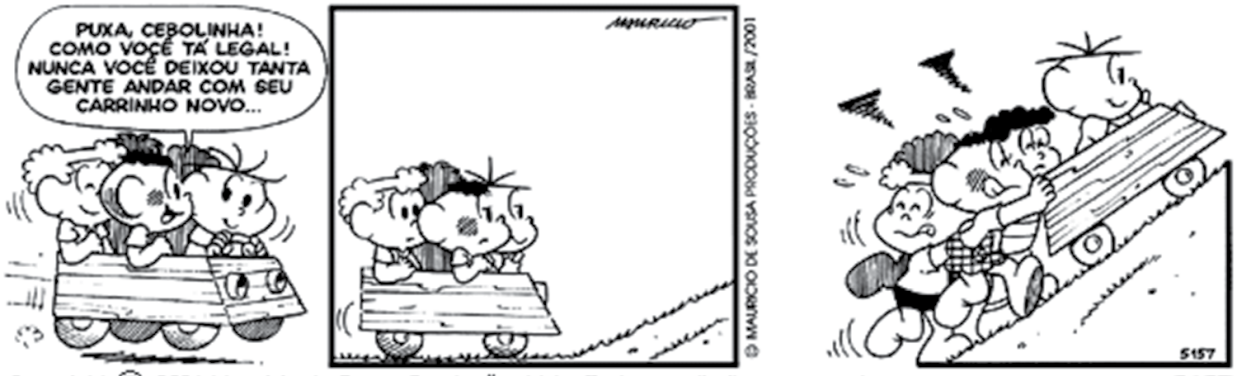

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

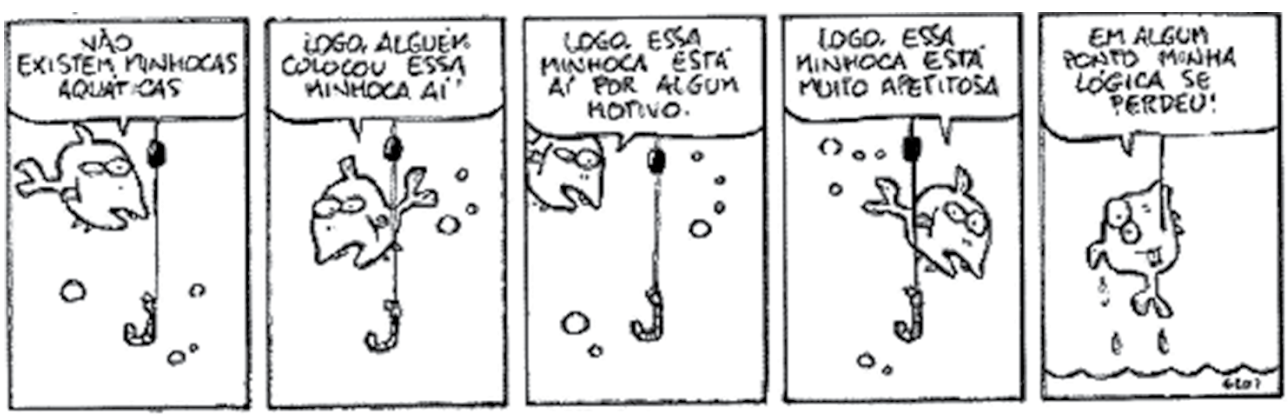

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 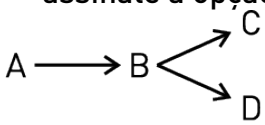

b) 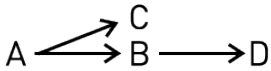

c)

d) 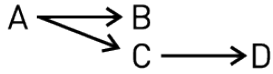

e) 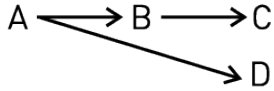

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

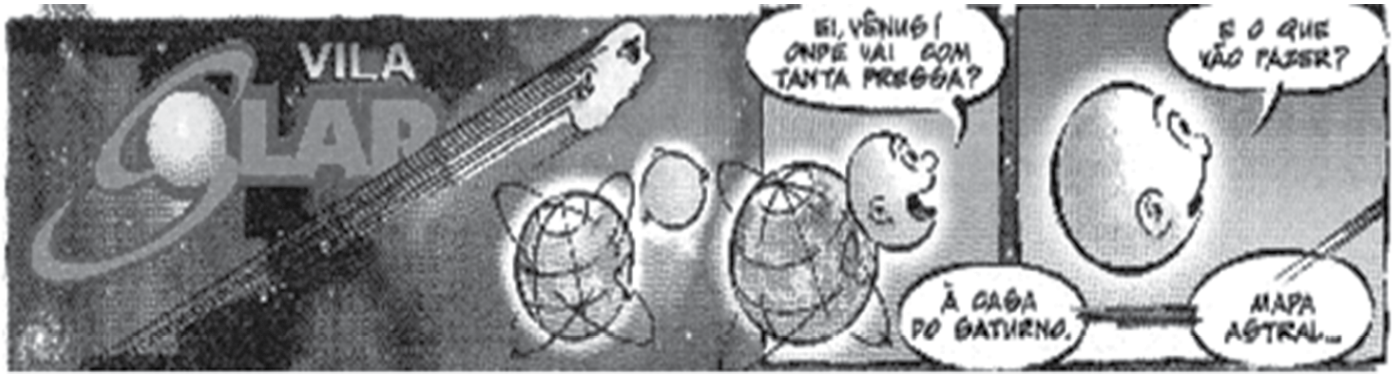

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

@Created by PDF to ePub

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

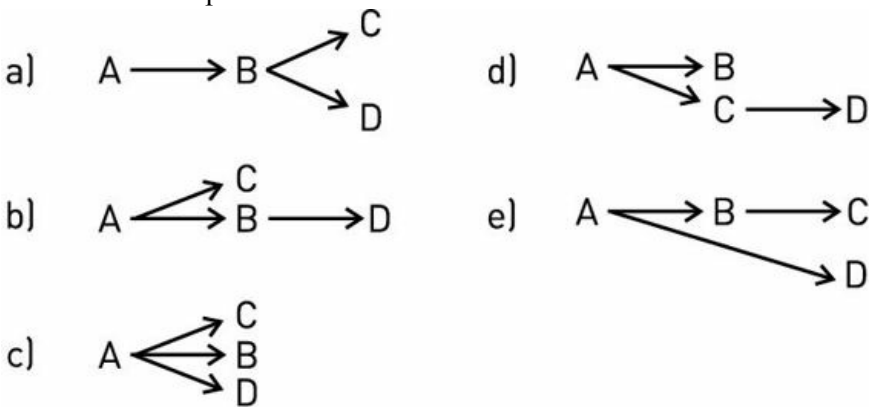

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

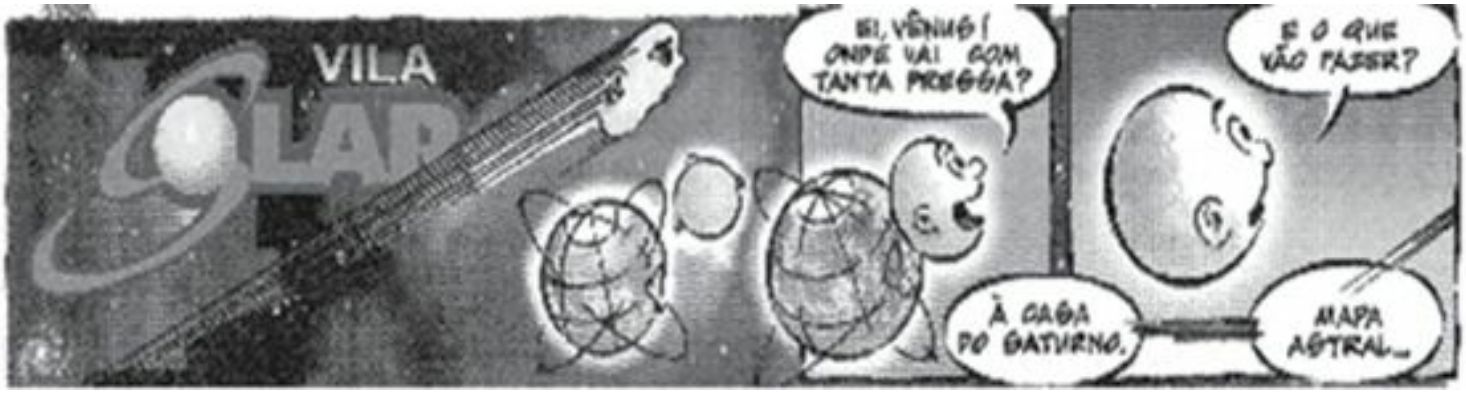

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

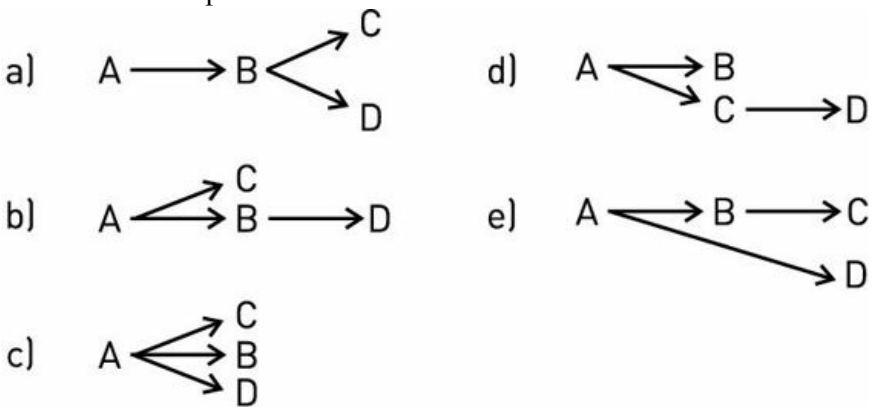

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

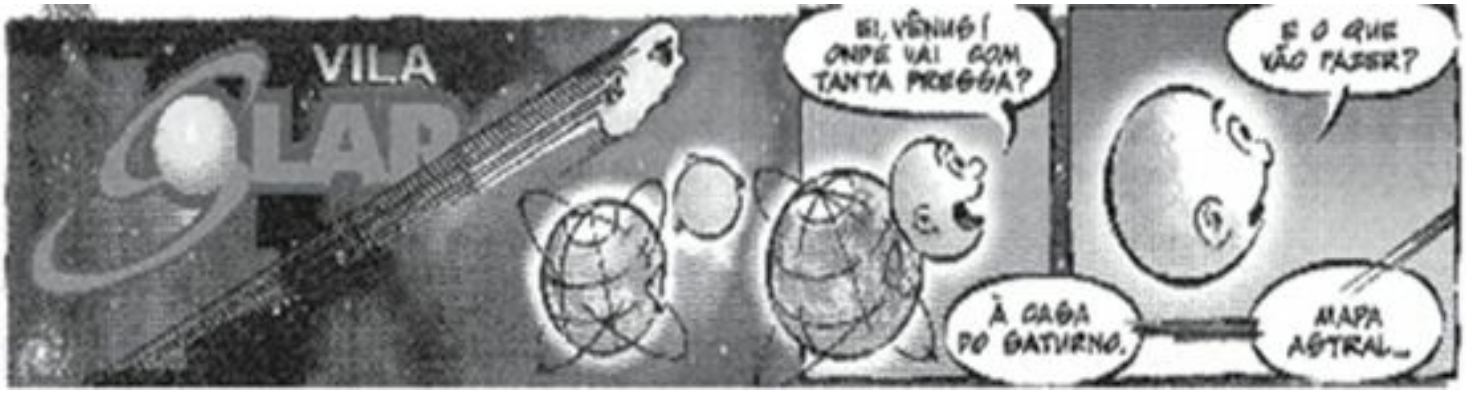

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

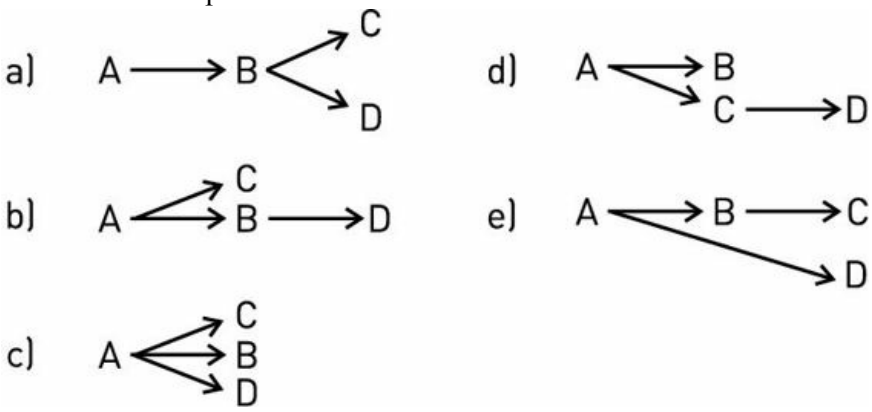

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

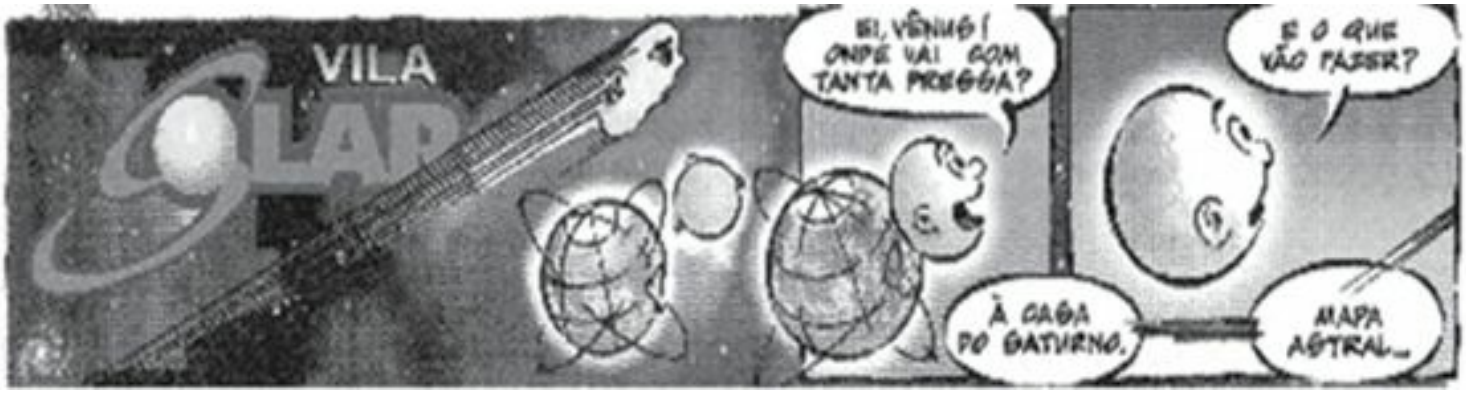

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

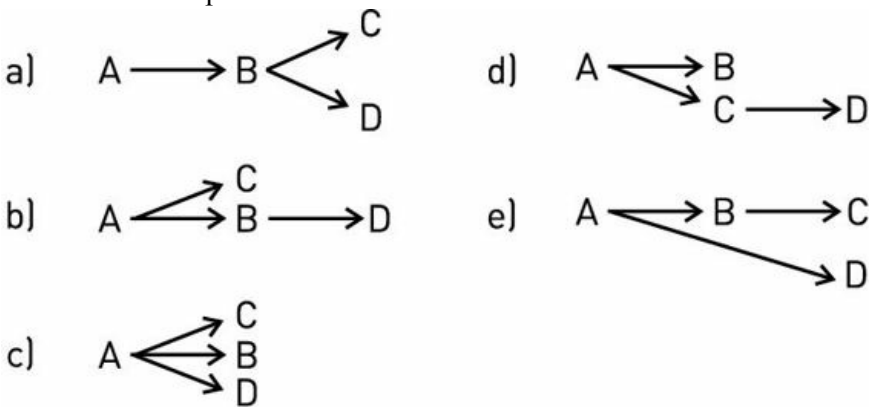

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

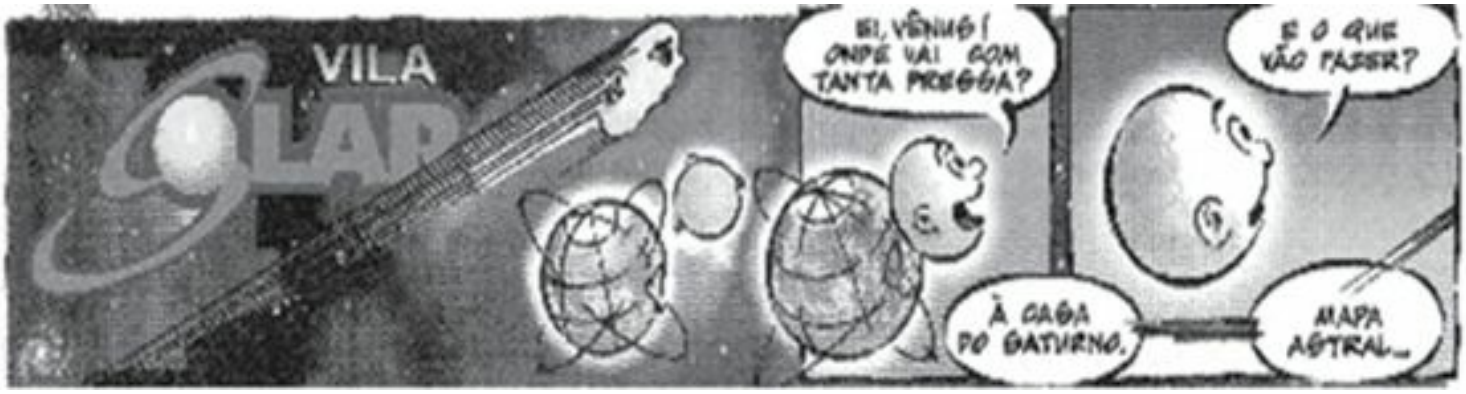

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *m**en**ta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

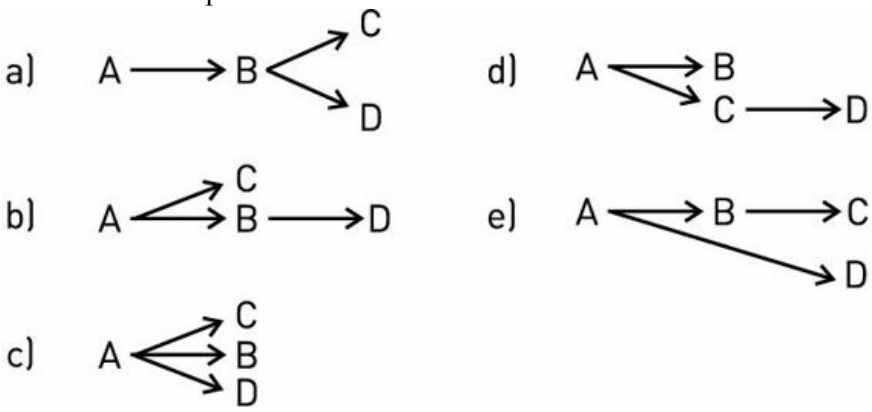

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

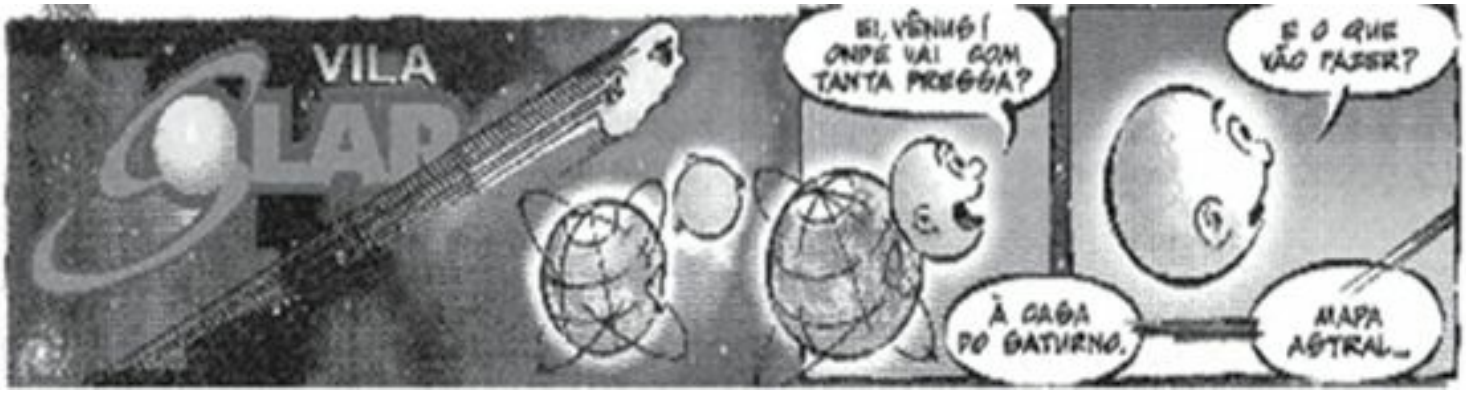

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

onte desconhecida)

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

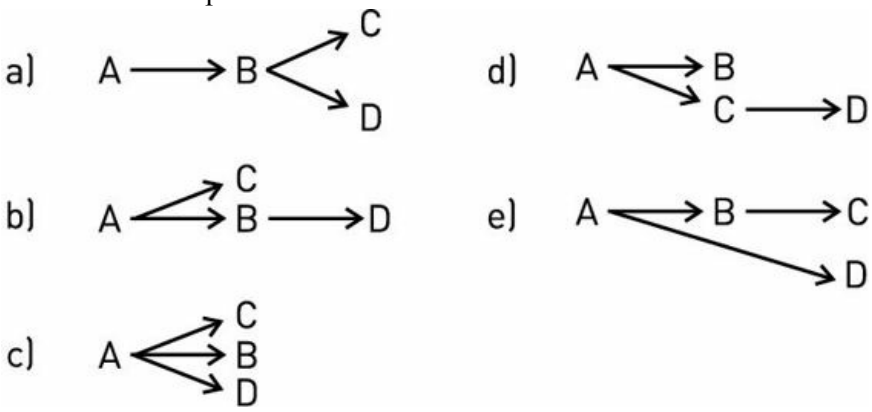

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

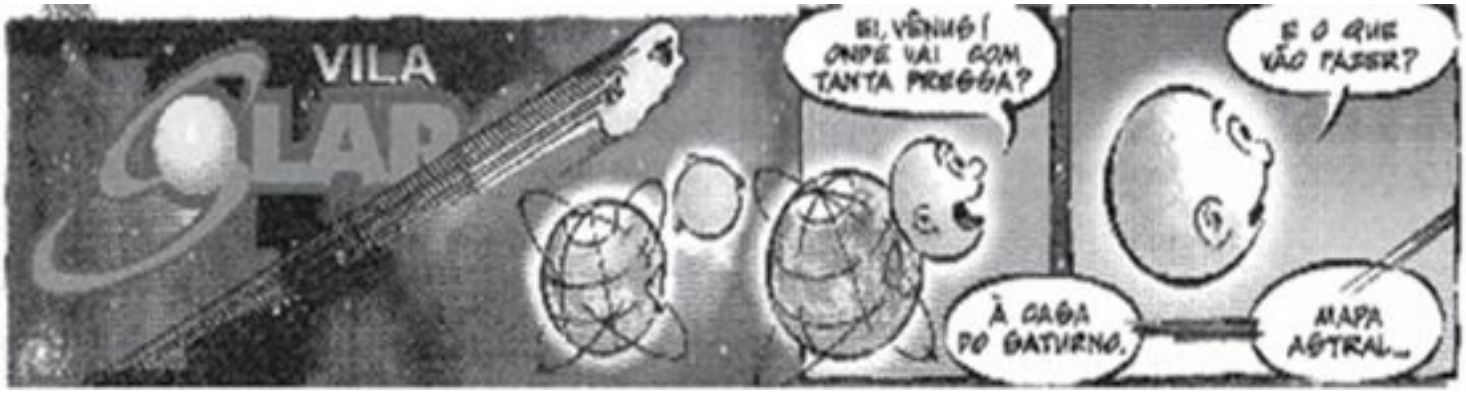

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

2ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras
- Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

gen | EDITORA MÉTODO

A Gramática para Concursos Públicos

abdr
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

2ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

gen | EDITORA MÉTODO

SÃO PAULO

- A EDITORA FORENSE se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

  Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

  Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright© 2015 by
  EDITORA FORENSE LTDA.
  Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
  Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
  Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
  metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).
  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Esta obra passou a ser publicada pelo selo Método da Editora Forense a partir da 2.ª edição.
  Produção digital: Geethik

- CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
  Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P571g

Pestana, Fernando

A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6652-2

1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Língua portuguesa – Gramática. 3. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 4. Serviço – Brasil – Concursos. I. Título. II. Série.

15-23159

CDD: 469.8
CDU: 811.134.3'27

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na próxima edição!

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro… Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida… Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

A Gramática

A notícia do lançamento de uma gramática vem normalmente acompanhada de duas reações. De um lado, a inevitável indagação sobre ser “mais uma gramática” – afinal, já existem tantas… De outro, a inquebrantável expectativa de que enfim alguém tenha lançado uma gramática com algo de novo e uma visão de fato moderna.

Digamos, no entanto, que são duas esperanças fundadas em suposições falsas. De fato, as gramáticas que temos são tantas… Mas são tão poucas diante da riqueza que o tema reserva e da variedade de teorias que se nos oferecem. Com efeito, as novas gramáticas deviam ter algo de novo… Mas é quase pueril alguém exigir, além do enfoque, novidade num assunto que, quanto mais se estuda, mais se comprova a contribuição dos antigos gramáticos, desde os alexandrinos. Não obstante, a necessidade de mais obras gramaticais nunca haverá de cessar.

Além disso, seria preciso averiguar de que tipo de gramática se está falando. Uma gramática descritiva não tem os mesmos objetivos de uma gramática normativa, e ambas diferem dos experimentalismos de outras adjetivações que se possam apor ao substantivo “gramática”, seja gerativa, transformacional, funcional, filosófica, e quantas outras que se posicionam num dos lados do ringue da modernidade olhando desafiadora e até arrogantemente para seu “franzino” oponente tradicional.

A obra de Fernando Pestana alcança os dois lados da “moeda gramatical”: (1) traz uma revisão crítica e oportuna sobre o acervo dos estudos gramaticais do português; (2)

apresenta uma organização original e meticulosa, numa linguagem acessível, bem-humorada e didática – sem perder o tom sério de quem se pretende claro e eficiente. Por isso PREPARA e por isso ENSINA. Justo, então, ver em seu título um artigo definido como núcleo fonossemântico do sintagma. Abra *A Gramática*, estude-a e sinta-se preparado para **A prova**, **A vida**.

Claudio Cezar Henriques

Doutor em Língua Portuguesa
pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo***

aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa
Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

… porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: **fazer você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje, muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por

nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no *site* <http://gen-io.grupogen.com.br>)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim… existe ***A*** *Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma – relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem… caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbo (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou

inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E… para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbo (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado " O que cai mais na prova?". Lá está o bizu!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de *e-mails*. Brincadeira… Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o *e-mail* para o qual você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu *e-mail* pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram reformatadas por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Introdução — *O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?*

Capítulo 1 — *Fonologia*

Definição
Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Sílaba
Encontros Vocálicos
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Ortoepia e Prosódia
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 — *Acentuação Gráfica*

Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes
Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 Ortografia

Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç
Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 Semântica e Lexicologia

Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Ambiguidade
Intertextualidade
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta (uso dos porquês e de outras expressões)
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 Morfologia

Capítulo 6 Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição
Morfema
Alomorfia
Vocábulos Cognatos

Radical
Radicais Gregos
Radicais Latinos
Afixos
Prefixos Gregos
Prefixos Latinos
Sufixos Greco-Latinos
Desinências
Vogal Temática
Letra de Ligação
Processo de Formação de Palavras
Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)
Composição por Justaposição e por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 Substantivo

Definição
Identificação e Substantivação
Recurso de Nominalização
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Variação em Número
Variação em Grau
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 Adjetivo

Definição
Identificação e Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Variação em Grau
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 Artigo

Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 Numeral

Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 11 Pronome

Definição
Identificação
Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal
Classificação e Emprego do Pronome Possessivo
Classificação e Emprego do Pronome Indefinido
Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo
Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo
Classificação e Emprego do Pronome Relativo
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 Verbo

Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Estrutura Verbal
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
Voz Verbal
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 Advérbio

Definição
Identificação e Particularidades
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 14 Preposição

Definição
Identificação
Classificação
Combinações e Contrações
Locução Prepositiva e Valores Semânticos
Valor Relacional e Nocional
Certas Particularidades
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 15 Conjunção

Definição
Identificação
Locução Conjuntiva
Classificação
Coordenativas
Subordinativas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 Interjeição

Definição
Identificação
Locução Interjetiva
Classificação
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 17 Sintaxe

Capítulo 18 Frase, Oração e Período

Capítulo 19 Termos Essenciais da Oração

Definição
Sujeito
Classificação do Sujeito
Predicado
Predicação Verbal / Transitividade Verbal
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 Termos Integrantes da Oração

Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 Termos Acessórios da Oração

Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais
Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 Orações Reduzidas

Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Orações Reduzidas de Gerúndio
Orações Reduzidas de Particípio
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 Orações Intercaladas

Definição
Tipos

Capítulo 26 Período Misto

Definição
Possibilidades de Período Misto
A Elipse na Análise Sintática
Modelo de Análise de um Período Misto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 27 Pontuação

Definição
Vírgula
Ponto e Vírgula
Dois-pontos
Ponto
Ponto de Interrogação
Ponto de Exclamação
Travessão
Parênteses
Aspas
Reticências
O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 28 Concordância

Definição
Concordância Verbal com o Sujeito Simples
Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 Regência

Definição e Particularidades
Regência Verbal
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 30 Crase

Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais
A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 31 Que, Se e Como

Definição
O Vocábulo QUE e Suas Classificações
O Vocábulo SE e Suas Classificações
O Vocábulo COMO e Suas Classificações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 32 Estilística

Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação
Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas

Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 33 Teoria da Comunicação

Definição
Elementos da Comunicação
Funções da Linguagem
Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 34 Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos
Pressupostos e Subentendidos
Tipologia Textual
Texto Narrativo e Tipos de Discurso
Texto Descritivo
Texto Injuntivo
Texto Dialogal
Texto Dissertativo
Estratégias Argumentativas
Métodos de Raciocínio
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 35 Coesão e Coerência

Definição
Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 36 Domínio do Registro Culto

Definição
Registro Culto e Coloquial

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 37 Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vá por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*?

Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara… Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem… se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem e determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de**

concurso público, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então… vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al…
moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**…

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os <u>sons</u> X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica (exceto em: sc, sç, xc, xs), isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**

  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)

  Ex.: c**am**p o , **an**ta/**em**p r e s a , **en**trada/**im**batível, ca**in**do/**om**b r o , **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)…

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em menta, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (na-ta-ção) ou em outra sílaba (Fa-bi-a-na), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra champanha, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, piscina (sc: 1 som), escola (sc: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como qüiproquó (os us são pronunciados, mesmo sem trema: quiproquó). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia liquidificador? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades…

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não represent fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)

E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)

I: amigo (oral), **índio** (nasal)

O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)

U: saúde (oral), **untar** (nasal)

Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: pente (penti); ovo (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o A será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).

hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= híf**ẽi**).

glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).

windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (sal, mal, sol, alto…) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas… nunca se sabe… vai que…

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em vácuo (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico -eo (óleo), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier antes do outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo hipotético em cima desses fonemas; Ex.: partíu (i, vogal; u, semivogal); gratúito (u, vogal; i, semivogal); saguí (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso

alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles Darwin (w com som de u, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO… NO… LO… GI… A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops…
2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX… Note que há mudança na acentuação gráfica…
3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r…

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como praia, meio, joio, ocorre um falso hiato, vulgarmente faland Isso ocorre porque prai-a, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado glide, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se prolonga até a sílaba seguinte: (prai-ia, mei-io…). Nunca vi isso em prova de concurso, mas… nunca se sabe…
2) As palavras rio, cio, mia, tia, dia não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)…

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)…

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas acidentais, ou eventuais. Por exemplo: his-tó-ria (paroxítona/ditongo crescente) ou his-tó-ri-a (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a primeira análise, ou seja, áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tê-nue, trí-duo. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em -am (verbo), -em (verbo ou não verbo), -en (nome), -en(s) (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç am (= ãu), bebem (= ẽi), sem (= ẽi), glúten (= ẽi), conténs (= ẽi), hifens (= ẽi)… Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: trenzinho, vintenzinho… Consulte: IADES – EBSERH – ENFERMEIRO ASSISTENCIAL – 2014 – QUESTÃO 8.

3) A palavra muito apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: Elai ne, andaime, plaino, açaima (do verbo açaimar), Roraima (também existe a pronúncia Roráima), etc.

4) Interessante é a palavra ioiô, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras pode apresentar mais de um encontro vocálico, como Pi-au-í (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras vaidade e paisagem, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**uão** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)…

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em enxáguem e deságuam, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: se-quoi-a e ra-diou-vin-te. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como praia, joio, veia não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico! Exemplo: campo (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou *al-co-óis*)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*…

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz… Cuidado:quart-zo ou quar-tzo, me-temp-si-co-se ou me-tem-psi-co-se.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*…

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: suboficial (a palavra oficial existe, logo "sub" é prefixo; assim: su-bo-fi-ci-al), mas sublime (a palavra lime não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: su-bli-me).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-*

ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou…

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico -io no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-si-o-te-ra-pi-a (ou fi-sio-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra…*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio…*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal…*

Cuidado!!!

A translineação silábica trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: úmi-do, e não ú-mido.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: apósto-lo não após- tolo; dispu-ta, e não dis- puta.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

……..A defesa pleiteou no pedido de habeas corpus a expedição de salvo-conduto para que o militar não fosse…….

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as

adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha

Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo**
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa

Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

***A palavra "estrupo" existe e significa "tropel, tumulto, ruído". No entanto, nunca tem o mesmo sentido de "estupro" (crime sexual).*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/ *aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre abert *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica)*, r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. **(NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente um separação de sílabas é:**

   a) trans-o-ce-â-ni-co;

   b) cor-rup-te-la;

   c) sub-li-nhar;

   d) pneu-má-ti-co;

   e) e-co-no-mi-a.

2. **(FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".**

   a) exceto.

   b) enxame.

   c) óxido.

   d) exequível.

3. **(Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.**

   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.

   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.

   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.

   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. **(FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, EXCETO:**

   a) gratuito;

   b) silencio;

   c) insensível;

   d) melodia.

5. **(FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa INCORRETA quanto à descrição da palavra.**

   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.

   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.

   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.

   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. **(FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa CORRETA quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.**

   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.

   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.

   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.

   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. **(FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:**

a) questionário/recursos;

b) perspectiva/descer;

c) bairro/maravilhosa;

d) passividade/telespectador.

8. **(FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:**

a) magma/massa;

b) nascer/exceto;

c) seccional/barro;

d) afta/minha.

9. **(Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:**

a) a-ver-me-lha-do;

b) pi-co-lé;

c) Ro-ra-i-ma;

d) nu-tri-ti-vo;

e) sil-ves-tre.

10. **(OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).**

a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.

b) **j**úbilo – **g**argalo.

c) produ**ç**ão – do**s**es.

d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.

e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. **(IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.**

1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.

Estão corretas:

a) 1, 2, 3 e 4.

b) 1 e 4, apenas.

c) 2 e 3, apenas.

d) 1, 3 e 4, apenas.

e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: “a-dja-cen-tes”.

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1	Coluna 2
1. hiato	( ) abri
2. ditongo decrescente	( ) olhos
3. ditongo crescente	( ) quantidade
4. grupo consonantal	( ) deparei
5. dígrafo	( ) entreabri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.

c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.

d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.

e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.

c) diante / muito / teus.

d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra x, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado inadequadamente quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.

b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.

d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao qu se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.

b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.

c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.

d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.

e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.

b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonanta

c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.

d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.

e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonanta

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:

"… é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;

b) um tritongo;

c) um hiato;

d) um dígrafo;

e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;

b) um tritongo;

c) um hiato;

d) um dígrafo;

e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.

b) públicas, pedagógico, física.

c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.

e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.

b) violência.

c) regionais.

d) reuniões.

e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;

b) tritongo;

c) dígrafo;

d) hiato;

e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.

b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.

c) … o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.

d) … os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.

e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 1 e 3.

e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;

b) dígrafo;

c) tritongo;

d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por <u>trás</u> de um <u>pequeno</u> homem talvez exista um <u>mulherzinha</u> de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:

a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;

b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;

c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;

d) tritongo / ditongo / dígrafos;

e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de tênis, quanto à tonicidade, é:

a) enfatizar;

b) acabar;

c) Natal;

d) consumismo;

e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.

a) Redução (trissílaba).

b) Acontece (polissílaba).

c) Hipertensão (polissílaba).

d) Lei (monossílaba).

e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:

I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.

II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.

III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.

IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.

A correta divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:

a) apenas em II;

b) apenas em II e IV;

c) apenas em III e IV;

d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

I –No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.

II – No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:

a) tatuar.

b) quando.

c) doutor.

d) ainda.

e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:

I. Não possui dígrafos ou hiatos.

II. É uma paroxítona.

III. É trissílaba.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I e II;

b) somente II e III;

c) somente I e III;

d) todas;

e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:

***fre-ar*: contém hiato**

***pou-co*: contém ditongo oral decrescente**

Em qual alternativa a palavra não apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.

b) miolo.

c) vaidade.

d) quatro.

36. (AOCP – EBSERH/HU-UFS/SE – Assistente Administrativo – 2014) Temos um hiato na palavra:

a) ácido.

b) dieta.

c) necessário.

d) está.

e) só.

37. (FUNDATEC – PREF. Monte Belo do Sul/RS – Agente Comunitário – 2015) A palavra chuvas tem:

a) seis letras e seis fonemas.

b) seis letras e cinco fonemas.

c) cinco letras e cinco fonemas.

d) cinco letras e um fonema.

e) cinco letras e seis fonemas.

Gabarito

1. A.
2. D.
3. B.
4. A.
5. B.
6. A.
7. C.
8. B.
9. C.
10. A.
11. B.

12. INCORRETO.
13. C.
14. D.
15. ERRADO.
16. CERTO.
17. C.
18. C.
19. D.
20. D.
21. C.
22. B.
23. A.
24. C.
25. A.
26. E.
27. B.
28. E.
29. D.
30. E.
31. B.
32. I- CORRETA.
    II- INCORRETA
33. B.
34. B.
35. D.
36. B.
37. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa… *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia

Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as lições da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.

Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.

Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.

Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.

Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.

Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.

Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **qui**n**quê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg…

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílab

Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de…

Algumas Considerações Importantes

– **Acento** prosódico (ou **tônico**) é diferente de **acento** gráfico. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stric sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais…

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência

b) carência, fragrância, polícia

c) comício, fascínio, decência

d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3 ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele policia etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)… É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho…*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**…

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: artigo (o, a, os, as, um, uns), pronome oblíquo átono (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), pronome relativo (que), pronome indefinido (que; quando não está acentuado), preposição (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na…), conjunção (e, nem, mas, ou, que, se), advérbio ("não"; antes do verbo) e formas de tratamento (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em quê? / Ela tem um quê de mistério. / Quê! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los…

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado,

pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você… e não queremos isso.

Ex.: **álcool**, **réquiem**, **máscara**, **zênite**, **álibi**, **plêiade**, **náufrago**, **duúnviro**, **seriíssimo**…

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. Além disso: no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: **história**, **cáries**, **jóquei(s)**; **órgão(s)**, **órfã**, **ímãs**; **águam**, **enxáguem**; **fácil**, **glúten**, **fórum**, **carácter**, **prótons**, **tórax**, **júri**, **lápis**, **vírus**, **fórceps**.

Cuidado!!!

1) A palavra hífen é acentuada por ser paroxítona terminada em -n. Já hifens não é acentuada por terminar em -ens. É bom dizer que palavras terminadas em -n têm dois tipos de plural (com -s ou -es), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: hífenes, pólenes, abdômenes… Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em -em ou -n, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo -am também não são acentuados: cantam, mexam…

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em -r ou -i, exceto quando substantivados: hiper- (o híper), mini- (a míni).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como paciência, miséria, colégio, série, que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: sofá(s), axé(s)*, bongô(s), vintém(éns)…

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no… (oxítonas terminadas, respectivamente, em -a, -e e -em).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)…

Cuidado!!!

1) As palavras raiz e juiz, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: ra-iz e ju-iz.
2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha…
3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba. (i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...)
4) Depois de ditongos decrescentes, nas palavras oxítonas, o I e o U são acentuados normalmente: Pi-au-í, tui-ui-ú(s)…
5) Segundo a nova ortografia, nas palavras paroxítonas, o I e o U não recebem acento depois de ditongo decrescente: feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe… Todavia, se o ditongo for crescente, o acento é usado: Guaíra, Guaíba, suaíli… (alguns dicionários separam suaíli assim: su-a-í-li).
6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)…

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo…

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras paroxítonas com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia…; as únicas exceções são: Méier e destróier, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em -r.
2) A-rac-nói-de-o é palavra proparoxítona.
3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.
4) <u>Só de curiosidade</u>: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é Leo. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**…

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir* já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema. Sobre a palavra "questão" e seus derivados (questionário, questionamento, questionador etc.), o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, registra dupla pronúncia: **qu** (dígrafo) ou **qü** ("u" pronunciado).

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* / ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flameng

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento para São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê…? "Bendita" reforma ortográfica…

2) ***Péla*** *(verbo)* / ***pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* / ***pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* / ***polo*** *(por+o (arcaísmo)/* ***pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* / ***pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em pôde/pode. Pôde é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. Pode é a forma do presente do indicativo, na 3. ª pessoa do singular.

   Ex.: Ontem ele não pôde sair mais cedo, mas hoje ele pode.

2) Permanece o acento diferencial em pôr/por. Pôr é verbo. Por é preposição.

   Ex.: Vou pôr o livro na estante que foi feita por mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos ter e vir, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).

Ele tem duas lanchas. / Eles têm duas lanchas.

Ele vem de Mato Grosso. / Eles vêm de Mato Grosso.

Ele mantém sua palavra. / Eles mantêm sua palavra.

Ele intervém em todas as reuniões. / Eles intervêm em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos vir e ter estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo ter? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, TÊM de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no u tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do present do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem… Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em -guar, -quar e -quir, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

   a) Se forem pronunciadas com a ou i tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com u tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com a e i tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (…)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "catéter" nem "uréter", mas sim "cateter" e "ureter". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radic (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris,

segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco…

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz…

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam espécies botânicas ou animais: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio… Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)…

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo…Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático…

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem…*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hiper-*

realismo, sub-bairro…

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo…
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo…
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio…
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência…

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário…
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico…
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante…

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios…

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita…

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **n** se emprega hífen: inabilidade, desumano…

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar… (no caso deste último prefixo, só se usa hífen diante de "r").

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo…; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo… **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo…; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar,

pronome, propor… consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento…

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação… Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso… e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar…). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe… fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:

a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.

b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.

c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.

d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.

e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (…) Desde então, vêm se impondo, entre especialistas ou não, a compreensão sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a necessidade de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais… (…)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".

( ) CERTO ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(…) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (…)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?

– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:

a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;

b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;

c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;

d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;

e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramati

Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?**

– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?**

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridad inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. **(Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?**

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. **(FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?**

– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.

– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. **(FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?**

– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.

– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. **(FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.**

a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.

b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.

c) “sérios”, “potência”, “após”.

d) “Goiás”, “já”, “vários”.

e) “solidária”, “área”, “após”.

14. **(FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:**

a) Ele se esqueceu de que?

b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.

c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.

d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.

e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorr ERRO quanto à acentuação gráfica é:

a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.

c) O seu sustento provém da aposentadoria.

d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.

e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra identifica pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo ver, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:

a) vêm;

b) veem;

c) vem;

d) vê;

e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo pênsil, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo ciência, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" receber acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos “público” e “caótico”, que fora empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos “espécies”, “difíceis” e “históricas” são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– As palavras “ninguém”, “pé” e “você” são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– As palavras “ponderará”, “informática” e “possuía” são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen NÃO deve ser utilizado em:

a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;

b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;

c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento

d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;

e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico d Língua Portuguesa, “Não se acentuam graficamente os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.”.

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto ei ou oi não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:

a) assembleia, aldeia, proteico;

b) cadeia, paranoico, introito;

c) heroi, boina, epopeico;

d) heroico, onomatopeico, plateia;

e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.

– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente

por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.

Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.

a) substituído.

b) polícia.

c) jurisprudência.

d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.

a) lapis – bonus – bainha.

b) serie – aspecto – torax.

c) alcool – moinho – sucuri.

d) urubu – egoismo – magoa.

e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo es correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo es correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:

a) anti-higiênico;

b) hiper-realista;

c) aquém-fronteiras;

d) bem-visto;

e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome a, acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grup de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:

a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;

c) jóquei, oásis, saúde, têm;

d) baía, cafeína, exército, saúde;

e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra avaro é:

a) mister;

b) filantropo;

c) gratuito;

d) maquinaria;

e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:

a) pôr.

b) ilhéu.

c) sábio.

d) também.

e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:

a) mídias.

b) álcool.

c) trás.

d) estresse.

e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.

a) Angustia.

b) Critica.

c) Analise.

d) Escritorio.

42. (CESGRANRIO – LIQUIGÁS – Oficial de Produção – 2014) A palavra que precisa ser acentuada graficamente para estar correta quanto às normas em vigor está destacada na seguinte frase:

a) Todo torcedor **tem** um sentimento especial em relação à seleção.

b) Muita gente do exterior **vem** ao Brasil para ver a Copa do Mundo.

c) Há árbitros que costumam **supor** que são os principais artistas do espetáculo.

d) Alguns jogadores dizem nas entrevistas que eles sempre se **doam** nos jogos.

e) Os jornalistas de emissoras diferentes também se **reunem** ao final do trabalho.

43. (IDECAN – Pref. Rio Pomba/MG – Auxiliar Administrativo – 2015) A palavra "eficácia" é acentuad pelo mesmo motivo que a seguinte palavra:

a) Suíça.

b) útero.

c) câncer.

d) prevalência.

Gabarito

1. D.
2. ERRADO.
3. CERTO.
4. CERTO.
5. INCORRETO.
6. B.
7. ERRADO.
8. INCORRETO.
9. INCORRETO.
10. INCORRETAS.
11. INCORRETAS.
12. INCORRETAS.
13. A.
14. E.
15. E.

16. D.
17. CERTO.
18. ERRADO.
19. CERTO.
20. ERRADO.
21. CERTO.
22. ERRADO.
23. INCORRETO.
24. INCORRETO.
25. D.
26. D.
27. CORRETO.
28. A.
29. E.
30. INCORRETO.
31. INCORRETO.
32. INCORRETO.
33. E.
34. CERTO.
35. ERRADO.
36. CERTO.
37. E.
38. A.
39. A.
40. E.
41. D.
42. E
43. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim… em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério…). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver…

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao

português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**J**	**Qq**	**Xx**

Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Tt**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***kn (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)…***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo…***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (no de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)…***

Obs.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicati **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem…**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos

verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem…**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe…**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala…**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (anti-, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz…**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo dis- tem o mesmo sentido que o des-, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria…

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade…**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arr* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)…

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui…**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.**No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense;**

Galileu > galileano; Coreia > coreano…

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico…**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade…**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam….**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)…

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroei*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido*

(variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*…

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)…

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor… podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim…**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marcia torto > torcer…**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo…**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convence pertencer, vencer…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sina gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*…

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum…** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu…**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)…**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoçã (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)…**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)…**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armaç aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço…** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)…**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)…**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço…**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*…

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargent ágio, doge, gengibre, geleia, gim…**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio** **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio…**

Exceções: laje (ou lajem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra viagem (substantivo: Fizeste boa viagem?) e viajem (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugi frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir…**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugest sugestivo…**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio…**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)…

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*,

tragédia, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)…

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é… O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira… Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu…**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)…**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, via viajamos, viajais, viajam … viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem…; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam … granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeit alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)…

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia…**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho…**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!…**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole…**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico…

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão…**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *hau haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*…

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)…**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense… camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão) …**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa…; exceção:gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem…**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes…**

O verbo requerer NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese…;** exceções**: deslize, gaze…**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)…; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palav de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)…; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)…**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)…

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ân ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*…

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impres**

(de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)…

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)…**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*,

víscera…

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrec mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche…**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrad (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)…**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabi papelucho, riacho, barbicha, gorducho…**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar…**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido…

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrech bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira…*

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe…; exceção: caucho, recauchut recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido…;** **exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)…

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro…; exceçã**

mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento…**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá…**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com X, tal letra tem som de KS (uxoricida, tóxico), Z (inexorável, êxito) ou S ou SS (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o X tem som de KS, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o X tem som de SS. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)…**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**) : **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)…**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras co no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho…**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em (z)inho podem ter dupla forma: colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir,**

deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir…

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que… eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que… eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem…

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que… eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar* ,

siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"… e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em -iar, como negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc. Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em -io e -ia: negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós… duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"…

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice;

degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol…

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é cla obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoes**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou

conversão): “Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!”

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer…; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano…**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros…**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo…**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!…**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: “**Que é isso?**

você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."…

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas…)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça…**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O Estado supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil pátria!" / "Eu moro no estado de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em estado terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE…**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa…**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval…**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo…**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste,**

nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá…

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, paláci ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças…**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo…**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministr ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão…**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a

representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)…**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)…**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa constr. (de construção), secr. (de secretário)…**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias…): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)…**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **f ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)…**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.el, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.a, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)…**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.as, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)…**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u> (3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do <u>espectador</u> (4) passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade <u>ininterrupta</u> (5).

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

3. **(Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com s.**

a) Avare___a.

b) Apra___ível.

c) Ra___ão.

d) De___ertas.

e) Cafe___al.

4. **(ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".**

a) laxante – cataqueze – sessão.

b) trouxer – catequizar – assento.

c) broxa – analizar – passo.

d) xácara – deleitozo – obsessão.

e) taxa – catálize – admissão.

5. **(NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:**

a) mantegueira / aterrissagem;

b) cataclismo / adivinhar;

c) mortadela / meretíssimo;

d) entitulado / embutido;

e) prostração / beneficiente.

6. **(Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):**

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

7. **(FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>anabolizar</u> está grafa corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.**

a) profissionalizar – pesquisar.

b) paralizar – realizar.

c) hostilizar – analisar.

d) indenizar – inferiorizar.

e) informatizar – ironizar.

8. **(Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. **(FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:**

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.

b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.

c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.

d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.

e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. **(FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:**

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial par garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pod transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. **(FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:**

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e a verteu abundantemente.

b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cuja forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.

d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.

e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.

b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.

e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam cor ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.

Obra do autor revela _____ pelo purgatório.

Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.

Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;

b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;

c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;

d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;

e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.

b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.

c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.

d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.

e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.

b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.

c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.

d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.

e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*

b) ampliar por *almentar;*

c) ostensivo por *esibido;*

d) precariedade por *deficiência;*

e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.

b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.

c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.

d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.

e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.

c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.

d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.

e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão d internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.

b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.

c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.

d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.

e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.

b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.

c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.

d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.

e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.

b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.

c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.

d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente

na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.

b) As crianças passeiaram no jardim.

c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.

d) Ele sapatea como um dançarino americano.

e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;

b) distenção;

c) discursão;

d) excessão;

e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.

b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.

c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.

e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:

a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.

b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.

c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.

d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.

e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:

a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;

b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;

c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;

d) generali___ar / utili___ar / u___ar;

e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:

a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.

b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.

c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.

d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatica do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por percentil.

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, o que (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que aceitasse (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil alcançaria (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela defazagem (4) nos investimentos em educação. Com escassez (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com ç que são derivados de verbos, como produção, redução, desaceleração, projeção. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.

b) discutir, emitir, aferir.

c) inquirir, imprimir, perseguir.

d) obstruir, intervir, conduzir.

e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.

b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.

c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualque tipo de displiscência.

d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.

e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito e

convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.

b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.

c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.

d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.

e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

38. (FUNDATEC – Pref. Imbé/RS – Agente de Combate a Endemias – 2015) Fragmentos de texto:

01: "… a escasse_ de água para populações em crescimento…"

11: "… liquidou as ten_ões entre os países nessa área…"

20: "… a ta_a de cooperação supera a incidência de conflitos graves…"

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das palavras das linhas 01, 11 e 20.

a) s – ss – ch

b) z – s – ch

c) z – s – x

d) s – ss – x

e) z – ss – x

39. (CONSULPLAN – PREF. JUATUBA/MG – AUXILIAR DE ADMINISTRAÇÃO – 2015) Assinale a afirmativa grafada INCORRETAMENTE.

a) Quanto tempo perdido…

b) Ter um amigo é algo raro.

c) O grupo de pessoas está imcompleto.

d) Cada um foi para o seu lado viver a vida.

Gabarito

1. B.
2. A.
3. D.
4. B.
5. B.
6. ERRADO.
7. B.
8. CERTO.
9. E.

10. D.
11. E.
12. A.
13. B.
14. INCORRETO.
15. CERTO.
16. A.
17. A.
18. D.
19. E.
20. D.
21. E.
22. C.
23. A.
24. ERRADO.
25. ERRADO.
26. A.
27. A.
28. C.
29. C.
30. E.
31. C.
32. CERTO.
33. ERRADO.
34. D.
35. D.
36. D.
37. A.
38. C.
39. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);

- a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
- o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
- o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
- o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
- o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
- a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
- o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposiç e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
- o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** s hoje." (possibilidade);
- o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
- a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
- a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto c namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas… e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria",

afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão…).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos político*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não se. que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. =**Aparentemente a verdade sobre a questã está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa…

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E… só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / Ascender (subir, elevar)

Caçar (perseguir, capturar a caça) / Cassar (anular, revogar, proibir)

Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / Sela (arreio de cavalo)

Censo (recenseamento – estatística) / Senso (juízo claro, percepção)

Cerrar (fechar) / Serrar (cortar)

Concerto (apresentação musical) / Conserto (ato ou efeito de consertar, reparar)

Espectador (aquele que vê) / Expectador (o que está à espera de; expectativa (!))

Espiar (espreitar, olhar) / Expiar (redimir-se, pagar uma dívida)

Esperto (atento, perspicaz, ativo) / Experto (especialista, perito)

Estrato (camada social) / Extrato (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / Insipiente (ignorante, imprudente)

Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / Remissão (perdão; ação ou efeito de remeter)

Seção (parte, divisão, departamento) / Sessão (reunião de pessoas para um determinado fim) / Cessão (doação, ato de ceder)

Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / Saudar (cumprimentar, aclamar)

Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / Taxar (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)

Trás (atrás, detrás; após, depois de) / Traz (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / Almoço (timbre aberto: forma do verbo almoçar)

Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / Conserto (timbre aberto: forma do verbo consertar)

Colher (timbre fechado: verbo) / Colher (timbre aberto: instrumento usado para comer)

Edito (decreto, lei) / Édito (ordem judicial)

Gosto (timbre fechado: sabor) / Gosto (timbre aberto: forma do verbo gostar)

Jogo (timbre fechado: recreação) / Jogo (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo poder no passado) / Pode (timbre aberto: verbo poder no presente)

Sábia (mulher com sabedoria) / Sabia (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / Casa (forma do verbo casar)

Janta (refeição) / Janta (forma do verbo jantar)

Cedo (advérbio) / Cedo (forma do verbo ceder)

Livre (liberto, solto) / Livre (forma do verbo livrar)

Lima (ferramenta) / Lima (forma do verbo limar)

Manga (fruta) / Manga (parte da camisa) / Manga (forma do verbo mangar)

Somem (forma do verbo somar) / Somem (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom… mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / Objeção (contestação, obstáculo)

Absolver (absolvição) / Absorver (absorção)

Acidente (ocorrência casual grave) / Incidente (episódio casual sem gravidade, sem importância)

Aferir (conferir) / Auferir (colher, obter)

Amoral (descaso com as regras de moral) / Imoral (contrário à moral)

Arrear (colocar arreios em) / Arriar (abaixar)

Cível (relativo ao Direito Civil) / Civil (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)

Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / Cumprimento (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)

Cavaleiro (homem a cavalo) / Cavalheiro (homem gentil)

Conjetura (suposição) / Conjuntura (momento)

Deferimento (concessão, atendimento) / Diferimento (adiamento, demora, discordância, distinção)

Delatar (denunciar) / Dilatar (adiar, alargar)

Descrição (ato de descrever) / Discrição (qualidade de quem é discreto)

Descriminar (inocentar, absolver) / Discriminar (distinguir, especificar, segregar)

Destratar (insultar) / Distratar (romper um trato, desfazer um contrato)

Defeso /ê/ (proibido) / Defesso /é/ (fatigado, cansado)

Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / Dissidioso (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)

Despercebido (desatento, distraído) / Desapercebido (despreparado, desprevenido, desprovido)

Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / Ilidir (rebater, contestar, refutar)

Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / Iludir (causar ilusão em, enganar, burlar)

Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / Ementa (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)

Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / Imergir (fazer submergir, mergulhar, afundar)

Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / Imigrar (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / Iminente (que está prestes a ocorrer, pendente)

Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / Fragrante (que exala cheiro agradável)

Fluir (transcorrer, passar) / Fruir (usufruir, desfrutar, gozar)

Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / Infração (violação, transgressão)

Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / Infringir (desobedecer, violar, transgredir)

Mandado (incumbência, ordem, missão) / Mandato (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / Preito (homenagem, respeito)

Preceder (anteceder, vir antes) / Proceder (vir, provir, originar-se)

Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / Proeminente (que sobressai, que vem à frente)

Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / Proscrever (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)

Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / Renegar (renunciar, rejeitar, negar)

Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / Rescindir (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)

Repreensão (censura, advertência) / Repressão (ação de reprimir, contenção, impedimento)

Ratificar (confirmar, corroborar) / Retificar (alterar, corrigir)

Sesta /é/ (período de descanso) / Cesta /ê/ (compartimento)

Soar (emitir som) / Suar (transpirar)

Sortir (abastecer, prover) / Surtir (ter como consequência, produzir, acarretar)

Sobrescrever ou sobrescritar (pôr nome e endereço do destinatário) / Subscrever ou subscritar (assinar)

Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / Tráfico (negócio, comércio ilegal)

Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / Vultuoso (inchaço especialmente na face e nos lábios)

Usuário (o que usa alguma coisa) / Usurário (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre relegada a um segundo plano, eis que ela emerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico ratificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobrevieram longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a

palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o **bolo** que te dei ontem.*

– *Comemos um **bolo** delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um **bolo*** de revistas lá em casa.

Cuidado!!!

Não confundir homônimos perfeitos com vocábulos polissêmicos. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra não é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, manga (fruta) e manga (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são homônimas perfeitas.

Veja estas frases:

– O peso está muito leve para mim. (adjetivo)

– Bateram leve à porta. (advérbio)

– Por favor, leve isso para ela. (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo polissêmico, mas sim homônimos perfeitos (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja,"bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra polissêmica. Ficou claro agora, não?

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (…)

E, embaixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

O s **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem…

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram **os flamenguistas os vascaínos***. (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí **em casa***. (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O **xadrez** está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui **ao encontro d**as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual s encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.
Se o seu problema é a vista, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)
– Doutor, já quebrei o braço em vários lugares.
– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses lugares. (Piada… péssima)

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o sabiá;

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá

(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,

Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,

Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido

É um coração partido

E ***as ilusões estão todas perdidas***

Os meus sonhos foram todos vendidos

Tão barato que eu nem acredito

Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo

(Mudar o mundo)

(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E***

acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça…" (…) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento… (…)

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à **noite**.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem **noite**.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta (uso dos porquês e de outras expressões)

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que** você fez isso?*

– *Juro que eu não sei **por que** eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender **por que** motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* ansiei ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "at sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de por que (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma porque. Veja só um caso: "Será porque ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será pois (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será porque ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo ser + que, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado porque (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma porque está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** normalmente é usada imediatamente antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada. Dica: o "e" do "quê" é acentuado quando é tônico, ou seja, quando tem som de "e", e não de "i". Veja que o quarto exemplo ilustra bem isso (mesmo não havendo sinal de pontuação ou não estando em fim de frase).

– *Agora você soube* ***por quê****, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia* ***por quê****.*

– ***Por quê****?*

– *Não sei* ***por quê*** *nem como aquilo ocorreu.*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais* dois ***porquês****, ok?*

– *Só vou dar* este ***porquê*** *a você; já* o ***porquê*** de verdade *não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há*** *meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está* ***a*** anos luz de mim.

Obs.: Sobre "Há uns anos atrás…": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o há já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "há cerca de dez anos atrás" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás…". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se a na expressão destacada "Não tem nada a ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o não da frase, usa-se se não (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir se não por caso não.

– Se não estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)

A forma se não é constituída de conjunção integrante se + o advérbio de negação não.

– Ele perguntou se não iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos:… que não se penteiam; pronome reflexivo.)*

– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos:… que não se dizem; pronome apassivador.)*

– *Ele só mora em lugares onde **se não** vive tranquilamente. (Normalmente dizemos:... onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança **senão** as palavras de minha amada, pois que c sou eu **senão** seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*

– *Não quero seu amor, **senão** sua amizade. (= mas sim)*

– *Meu amigo, não só estudo, **senão** trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também,*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*

– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não* estudar,será reprovado

– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não* falar quatro)

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará se não (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, senão está perdido" ou "Lute; se não (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou/quando não**. Nestes casos, pode-se interpretar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(…)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(…)

5. A palavra sublinhada em "… pois, <u>senão</u>, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, senão (exceto; preposição acidental) ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, senão (mas também; conjunção aditiva) divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito) teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, se não (fosse controlada), teria de adiar…

d) Havia apenas aquele senão (problema, falha, erro; substantivo) em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, senão (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito) mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – Gastou todo o salário do mês de março, senão (gastou) mais…

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição de com onde é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio de onde (ou donde) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar onde ou aonde é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: Aonde você mora? (errado) / Onde você mora? (certo; noção estática) / Aonde você está? (errado) / Onde você está?(certo; noção estática) / Onde você foi? (errado) / Aonde você foi? (certo; noção dinâmica). Onde você pretende chegar com essa atitude? (errado) / Aonde você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o onde (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

   – O primeiro lugar do vestibular, onde ninguém esperava que eu ficasse, é meu!

   – Você está onde na empresa? Eu estou na vice-presidência.

   – Finalmente conseguimos entrar na classe B, onde todos um dia desejam, no mínimo, estar.

   – Em seu ego, onde nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.

   – No capítulo 24 do livro de Mateus, onde Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.

   – Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos onde ele se encontra.

   – O Budismo, de onde eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanid sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou **mais** feliz quando estou com você, **mas** você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique **mais** tempo a sua esposa, e ela não vai **mais** cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei **mais** contente, **mas** também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente **afim**, nós não temos ideias **afins**.*

– *Comecei a estudar **a fim de** fazer aquela famigerada prova.*

– *Está **a fim de** namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto** vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro **de mais**.*

– *O professor fala **demais**.*

– *Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*

– *Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum** homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias **com tudo** que acontece no país.*

– *O filme não me agrada, **contudo**, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais **a princípio**.*

– ***Em princípio**, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio** não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual (* ***errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível Manual de Redação Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo a Nível Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo no Âmbito Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião a nível de desembargadores', 'discussão a nível de Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião de desembargadores', 'discussão da alçada do Órgão Especial'". O Manual de Redação da Presidência da República desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora****, não acredito nos políticos brasileiros.*

– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*

– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*

– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*

– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*

– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que*** exprime um conf entre o Estado e a Igreja.

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões à medida em que e na medida que não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem* nem ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– Não *deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– Sem ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) /* Nem ***sequ***

um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédic nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

– *O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que

não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: “Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados”.

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra “carioca” foi mal selecionada; deveria ser: “Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados”. Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: “Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades”.

Outro caso interessante seria este: “Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.”. No entanto, “roubar” significa, no Código Penal, artigo 157, “subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência”. Sendo assim, a frase inicial deveria ser: “Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez*...

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante

dela: “Aí, Nem… tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibr do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **dem** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes trafican de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"…), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"…), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"…), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"…), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"…), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*") …

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	Significado
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (a grosso modo é erro)

Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (…) de abandonar os planos de seu antecessor* *para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;

b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(…) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos *mal* e *mau* está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorret

quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, para tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorr quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou por que algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a express "por que". Na resposta, a expressão correta seria porque, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* porque *sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";

b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";

c) "de braços abertos";

d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";

e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando *deficits* muito elevados.

e) A palavra “acusando” está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial par garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pod transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários s

tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;

b) I, II e III, apenas;

c) I, III e IV, apenas;

d) II, III e IV, apenas;

e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, em lugar das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por em vez, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por mau.

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregad de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.

b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.

c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.

d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.

e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;

b) *por cujo motivo* e *visto que*;

c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;

d) *o motivo por onde* e *conquanto*;

e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto

crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.

b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.

c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.

d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.

e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).

b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).

c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).

d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).

e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "… descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."

b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância…"

c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina…"

d) "… se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*…"

e) "Com certeza não chegarei até lá…"

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser

substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;

c) preteridos;

d) disseminados;

e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "… esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;

b) resistência;

c) correspondência;

d) relutância;

e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.

b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.

c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.

d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.

e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;

b) se não – acerca – afim de que;

c) se não – acerca – a fim de que;

d) senão – acerca – a fim de que;

e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;

b) pescador – trabalhador;

c) pista – aeroporto;

d) piloto – comissário;

e) aeronave – jatinho.

"(...) Daí a razão por que, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado porque, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".

( ) CERTO ( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.

b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.

c) *uma família singular* = um conjunto variegado.

d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.

e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra coral no par de frases: *"[...] cantei em coral..." / Mergulhei e arranhei a perna num coral*. A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:

a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.

b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.

c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.

d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.

e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo tocar está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:

a) Ele tocava na orquestra da capital.

b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.

c) A equipe tocou o projeto rapidamente.

d) Não toque em nada que está sobre a mesa.

e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:

a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.

b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.

c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.

d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, Folha de S. Paulo)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todo

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa

única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;

b) reproduzir;

c) reservar;

d) restaurar;

e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.

II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;

b) sinonímia;

c) paronímia;

d) antonímia;

e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) Provoca-se erro gramatical o incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição “Para” pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;

b) opulência;

c) riqueza;

d) escassez;

e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.

2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.

b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.

2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.

c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.

2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.

d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.

2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo.”

b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada.”

c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!”

d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”

e) “O Neymar é invendável, inegociável e imprestável.”

41. (IDECAN – Pref. Ubatuba/SP – Agente Administrativo – 2015) No trecho “No levantamento, os participantes viram o nome de *hits* cuja letra faz menção ao álcool”, a palavra destacada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) citação.

b) quantia.

c) campanha.

d) composição.

42. (CETRO – Pref. Campinas/SP – Agente de Educação Infantil – 2015) Assinale a alternativa corret segundo o contexto em que a palavra destacada se encontra.

a) Lílian é uma **previlegiada**, vai morar na Suécia.

b) Todos mantiveram a **descrição** que aquele momento exigia e não falaram sobre o assunto.

c) O rapaz foi **discriminado** porque não estava vestido de acordo com o traje exigido na festa.

d O ladrão foi preso em **fragrante**.

Gabarito

1. E.
2. B.
3. II.
4. A.
5. CORRETO.
6. INCORRETO.
7. CERTO.
8. D.
9. CORRETO.
10. CORRETO.
11. A.
12. D.
13. B.
14. C.
15. CERTO.
16. CERTO.
17. E.
18. A.
19. D.
20. D.
21. D.
22. E.
23. E.
24. C.
25. B.

26. D.
27. E.
28. ERRADO.
29. E.
30. C.
31. E.
32. A.
33. B.
34. D.
35. B.
36. A.
37. E.
38. D.
39. C.
40. E.
41. A.
42. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso

significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender…

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern****o, govern****ante****, govern****amental****, govern****abilidade****, ****in****govern****ável****, ****des****govern****ado****, ****anti****govern****ista****, ****pseudo****govern****ador*** *etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o

sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica…" ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu

concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção** . A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

“Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?” Exatamente! “Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?” Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super-**homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para Processo de Formação de Palavras. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. “Perca” bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faço**; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: “Eu **fazo** dez flexões na barra!”? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? “Mas cadê o radical, Pestana?” Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema… Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem… volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se

todos conhecessem profundamente etimologia… mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre… Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– **1º Elemento da Composição**

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
		aristocracia,

aristo-	ótimo, o melhor	aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma

cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo

fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia

higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
	relativo à mãe; matriz,	metrópole;

metro-	útero; medida	metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia

orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
		quiromancia,

quiro-	mão	quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão

xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– **2º Elemento da Composição**

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
	lugar para correr, curso,	hipódromo,

-dromo	caminho	sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma

-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia

-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– **1º Elemento da Composição**

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola

bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– **2º Elemento da Composição**

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre uni, bi/bis, tri, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de supra-sumo é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo

c) belas-artes

d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: Supra e extra são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre a melhor resposta! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-** : **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem… o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Mening**ite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*

Cancro, sarampo, catapora,

*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*

*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*

*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*

*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*

(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite…), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
* a-, an-	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
* anti-	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda,

		anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
* arqui-, arc(e)-	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
* dis-	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
* hemi-	metade	hemisfério
* hiper-	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão

* hipo-	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
* para-	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* pro-	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre amoral (prefixo grego) e imoral (prefixo latino): a primeira palavra significa segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo a- é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: amostrar é o mesmo que mostrar, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
* ab-, abs-, a-	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar

ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
* ante-	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
* bis-, bi-	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (para Celso Cunha, é radical, não prefixo)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
* contra-	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
*de-, des-, dis-	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário,

		extraviar
* in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
* in-, im-, i-	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
* pre-	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
* re-	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo

semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* sub-, sob-, su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* super-, sobre-, supra-, su-	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está… Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que tem conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que não tem conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que devemos fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

Maaaaaaas, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra desativado também está presente em:

a) reativado

b) ativismo

c) desastrado

d) demasiado

e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de sincronia e não diacronia. Não obstante, se fizéssemos uma análise diacrônica (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra desastrado também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra desastre vem de astro. Houve uma junção do prefixo "des-, dis-" (com ideia de oposição) + astro. Um desastre, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que desastrado tem prefixo, hoje em dia? Desastrado vem de desastre, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de

modo que desastr- é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de repetir, não existe petir"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	des, in	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	contra	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	ambi	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	ab	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	bi(s)	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	trans	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	i(n)(m)	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	intra	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	e(s)(x)	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	super, supra	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito

eu	bene	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	semi	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	sub	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	ad	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	circum	em torno de	periferia, circunferência
pro	pre, ante	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	de	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	cum	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho

–alhão: grandalhão, facalhão

–ama: poeirama, dinheirama

–anzil: corpanzil

–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão…

–arra: bocarra, bicarra

–astro: poetrasto, politicastro

–arraz: fatacaz, pratarraz

–ázio: copázio, balázio

–**aréu**: fogaréu, povaréu

–eima: guloseima, boleima

–ento: farturento, corpulento

–eirão: vozeirão, chapeirão

–ola: beiçola

–orra: cabeçorra, cachaporra

–uço(a): dentuça, dentuço

–udo: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o -ão, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem bundão, coxão e pernão." / "É de mulherão assim que eu gosto." / "Ele é um bundão." / "Você é um bobão, chegou cedão." / "João tem um carrão". / "Eu amo você, meu paizão!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho

– **ebre**: casebre

– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco

– **ela**: viela, rodela

– **ilha**: cartilha, esquadrilha

– **icho(a)**: cornicho, barbicha

– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita

– **ino(a)**: pequenina, violino

– **im**: espadim, flautim

– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho,

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho

– **ejo**: lugarejo, vilarejo

– **ete**: artiguete, boquete, falsete

– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto

– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco

– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula

beicinho, gracinha, filminho

– **isco**: asterisco, chuvisco

– **oca**: engenhoca, bitoca

– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote

– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo, molécula

– **únculo(a)**: questiúncula, homúnculo

– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o - inho, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta mulherzinha não vale nada." / "Guarde esta lembrancinha." / "Amorzinho, dá para calar a boquinha?" / "Que gatinha!" / "Olha, agorinha vou te atender!" / "Ela é branquinha, né?" / "Que timinho de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada…

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição,

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria…

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de

corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado…

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem…

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal…

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha…

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame…

–**ana**: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira…

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo…

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria…

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite…

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem…

coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume…

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade…

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão…

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–**eza**: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza…

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia…

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice… Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície…

–or: dulçor, negror, alvor, amargor…

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude…

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura…

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetiv

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; "o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo,

macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista…

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência…

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)…

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão…

–or(a), -eira: ofício, profissão,

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório…

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura…

–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento…

agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira…

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar…

–**açar**: frequência, ação: envidraçar, esvoaçar, espicaçar…

–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer…

–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar…

–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar…

–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar…

–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar…

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação -ar de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco…

–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico…

–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar…

–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano…

–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário,

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado…

–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo…

–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco…

–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético…

–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre…

sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro… em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.

–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo…

–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho…

–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno…

–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês…

–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo…

–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu…

–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício…

–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico…

–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil…

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino…

–ita: origem, pertinência;

mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita…

–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento… em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa

–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho…

–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso…

–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo…

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte…

–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço,

–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório…

–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível,

movediço, acomodatício, punível, sensível, removível… prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo…

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo; inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em -vel, por exemplo: notável (notabilis) + íssimo = notabilíssimo; os terminados em -z: feliz (felicis) + íssimo = felicíssimo; os terminados em -m: bom (bônus) + íssimo = boníssimo; os terminados em -ão: pagão (paganus) + íssimo = paganíssimo. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em -io, o sufixo -íssimo só elimina a última vogal; exemplo: sério + íssimo = seriíssimo. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é -íssimo, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que portuguesmente e burguesmente são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em -ês. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o -o de menino seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em -o e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o -o como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o -e também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (-a). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que -o pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) -riz, -essa, -isa, -ina, -esa indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e,

consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências númeropessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
Presente (1ª conj.)	---	e	Infinitivo
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r

Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	Gerúndio
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	Particípio
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (e/a), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ªp.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ªp.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ªp.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ªp.: em
Imperativo afirmativo	---	1ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: -s, 1ª pessoa do plural: -mos, 2ª pessoa do plural: -is e 3ª pessoa do plural: -m. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O -a só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garota). 2) As VTs - e e -o podem aparecer como semivogal de um ditongo (pão/pães). 3) Tomando o - o como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilão > leiloeiro.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s…

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -a.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -e.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m… (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -i.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**…).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro…

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que n sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

> * Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, " cadáver vem do latim cadere ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "CAro DAta VERmibus" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada Gestapo nazista (Geheime Staats Polizei – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: cadáver é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: pedreiro-livre.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem

– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque

– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super**-humano

– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa

– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

*Obs.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver derivação prefixal e sufixal, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra reprodução segue este passo a passo: produzir > reproduzir > reprodução. Sabendo que a palavra reprodução é o ato ou o resultado de reproduzir, ela vem de reproduzir, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (re-) e de sufixo (-ção), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha

camarada, encararíamos a palavra reprodução como formada por derivação sufixal, uma vez que reprodução vem de reproduzir, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (- ção): reproduzir + ção = reprodução. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.

Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**

– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**

– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]

– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]

– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo - mento sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + mento = discernimento; adiar + mento = adiamento.

[2] Na palavra bissexualismo, note que houve acréscimo de prefixo (- bis) e de sufixos (- al e -ismo), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado derivação prefixal e sufixal, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: derivação prefixal e sufixal (Sacconi, por exemplo) ou derivação sufixal (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera bi(s)- um radical, logo haveria uma composição. Bem-vindo à língua portuguesa!

[3] Na palavra embarcar, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: em + barco + ar = embarcar. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em embarcar para formar a palavra embarcação: embarcar + ção = embarcação. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.

2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bur + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: enegrecer: enegro (?) / negrecer (?); descerebrado (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em -ado, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em - ado e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se - ado for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo desalmar, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo desalmou os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram desalmados pela política do heroísmo". Percebe que desalmados é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (desalmar + ado). Se a palavra está no particípio, então -ado é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando desalmado será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como adjetivo: "Você é um homem muito desalmado!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E - ado é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu derivação parassintética (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui

Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra submarino sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca a melhor resposta. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)… já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em -mento são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em -mento pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13. Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

O desmatamento contribui consideravelmente para o aquecimento global. A queima de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.

b) Dentista.

c) Pescaria.

d) Desalmado.

e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (en + duro + ecer), mas endurecimento não, pois vem de endurecer + mento = endurecimento! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(…) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5. (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda derivação prefixal e sufixal com derivação parassintética!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos NÃO entraram simultaneamente, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de reflorestamento: floresta > florest ar > reflorestar > reflorestar + mento > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > florest ar > florestamento > re- + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (não abstrato)	Verbo (ação)

Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim… polêmicas… Veja algumas:

Maracanã	Maraca
Cerveja	Cerva
Japonês	Japa
Português	Portuga
Delegado	Delega
Militar	Milico

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação

morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*

– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*

– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*

– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substanti*

– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*

– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*

– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*

– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazen parte da vida. (substantivos)*

– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou un **feito** inédito na história! (substantivo)*

– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*

– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.*

(substantivos)

– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, u **fala sério** para lá… Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora** isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o **como** amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho **que** tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelo exemplos, Sacconi): ***Misericórdia**!, **Bravo**!, **Qual**!, **Viva**!, **Avante**!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A **pintura** da parede demorou duas horas. (abstra A **pintura** da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O **planalto** tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O **Planalto** está cercado de corrupção. (próprio) / **Judas** traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um **judas** safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma **banana** a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um **banana**. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai +

outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

*Obs.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de Acentuação! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos bem (bem-me-quer) e mal (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra cadáver é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "carne dada aos vermes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de reduplicação/redobro a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em Lulu, babá, ioiô, reco-reco e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual… nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	Tevê
Cinematógrafo	Cinema > Cine
Militar	Milico

Português	Portuga
Delegado	Delega
Botequim	Boteco
Professor	Fessor
Fernando	Nando
Florianópolis	Floripa
São Paulo	Sampa
Rio de Janeiro	Rio
Otorrinolaringologista	Otorrino
Neurose	Neura
Futebol de salão	Futsal
Analfabeto	Analfa
Comunista	Comuna
Pneumático	Pneu
Pornográfico	Pornô
Fotografia	Foto
Poliomielite	Pólio
Telefone	Fone
Metropolitano	Metrô
Vice-presidente	Vice
Ex-namorada	Ex

Flamengo	Mengo
Microcomputador	Micro
José	Zé
Pestana	Pest

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no Manual de Redação do Senado e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas… e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir

da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, Detran, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como palavras e não mais como siglas: aid ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples s minúsculo: As UPPs e as UPAs têm sido de grande valia à população.

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, s a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	Portunhol
Tomate + Marte	Tomarte

Aborrecer + Adolescente	Aborrecente
Crédito + Telefone	Credifone
Copo + Companheiro	Copoanheiro
Brasileiro + Paraguaio	Brasiguaio
Grêmio + Internacional	Grenal
Show + Comício	Showmício
Atlético + Coritiba	Atletiba

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo

semântico, o qual veremos daqui a pouco:

- **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia se interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
- **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "bab ovo").
- **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
- **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
- **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
- **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
- **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
- **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
- **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Tota Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
- **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > migucho > miguchês

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que miguchês foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra miguchês foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra migucho – diminutivo da palavra migo –, a qual sofreu acréscimo do sufixo - ês, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com x (miguxo). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no miguchês. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com -ch, pois deriva do sufixo -ucho (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas

(sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*
Já fui fã do *Jethro Tull*

Saiba que eu tenho *approach*
Hoje me amarro no *Slash*

Na hora do *lunch*
Minha vida agora é *cool*

Eu ando de *ferryboat*…(2x)
Meu passado é que foi *trash*…

Eu tenho *savoir-faire*
Venha provar meu *brunch*

Meu temperamento é

light

Minha casa é *hi-tech*

Toda hora rola um *insight*

Fica ligado no *link*

Que eu vou confessar *my Love*

Depois do décimo *drink*

Só um bom e velho engov

Eu tirei o meu *green card*

E fui prá *Miami Beach*

Posso não ser *pop-star*

Mas já sou um *noveau-riche*…

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*…(2x)

Saca só meu *background*

Veloz como *Damon Hill*

Tenaz como *Fittipaldi*

Não dispenso um *happy end*

Quero jogar no *dream team*

De dia um *macho man*

E de noite, *drag queen*…

Venha provar meu *brunch*

Na hora do *lunch* Eu ando de *ferryboat*…(7x)

Eu ando de *ferryboat*…(2x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

Eu tenho *sex-appeal*

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. **(FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangei + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.**
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).
2. **(Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras s formadas pelo mesmo processo de formação é:**
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.
3. **(Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".**

   ( ) CERTO ( ) ERRADO
4. **(FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.**

   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."
5. **(Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustív**

é formada por prefixação.

( ) CERTO ( ) ERRADO

6. **(FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.**

a) AGU.

b) ADI.

c) Emerj.

d) EMATRA.

e) PIS.

7. **(Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está corretamente indicado:**

a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.

b) “redondo” (em “Skol, a cerveja que desce redondo”) = derivação sufixal ou sufixação.

c) enlouquecer = parassíntese.

d) combate (do verbo “combater”) = derivação imprópria.

e) “pobre” (em “O pobre merece ajuda”) = derivação regressiva.

8. **(Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos “instabilidade”, “imperfeita “inçados” e “impõe” são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. **(Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo “inaturável” é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo desnaturado.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. **O vocábulo “agravada” tem o mesmo radical que os vocábulos gravidez e gravidade.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

11. **Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

12. **(Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -mente a um adjetivo.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.

a) enriquecer.

b) entardecer.

c) avermelhar.

d) descobrimento.

e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "Para desentristecer, leãozinho", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);

b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);

c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);

d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);

e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;

b) prefixal;

c) sufixal;

d) imprópria;

e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> d e <u>sociedades</u> <u>multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;

b) sociedades;

c) criação;

d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórfico destacados <u>NÃO</u> tenham o mesmo sentido.

a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.

b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.

c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.

d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.

e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.

II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.

III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;

b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;

d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*

a) internacional.

b) sustentabilidade.

c) saneamento.

d) obrigatoriedade.

e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.

a) dissolver.

b) dispor.

c) discordar.

d) disenteria.

e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:

a) destinação;

b) desocupação;

c) criminológico;

d) carcereiro;

e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras “desertor” e “integrantes” são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:

a) governança;

b) ilimitado;

c) passatempo;

d) superprodução;

e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavr "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:

a) sufixal;

b) prefixal e sufixal;

c) parassintética;

d) regressiva;

e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:

a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;

b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;

c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;

d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;

e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*

a) <u>trans</u>bordar.

b) <u>tras</u>antontem.

c) <u>tres</u>noitar.

d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.

a) teológica.

b) biografia.

c) narcotráfico.

d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.

b) Infância, paciência, publicidade, justiça.

c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.

d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.

e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;

b) derivação regressiva e onomatopeia;

c) derivação prefixal e abreviação;

d) derivação parassintética e derivação imprópria;

e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;

b) descobrir;

c) reforma;

d) irracional;

e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra

“descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.

b) familiarizar.

c) tatuar.

d) recusar.

e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;

b) oportunidade;

c) responsáveis;

d) infelizmente;

e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;

b) desdobramentos;

c) favorável;

d) recentemente;

e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão “[…] o dinheiro que <u>discretamente</u> […]” é:

a) derivação prefixal e sufixal;

b) derivação regressiva;

c) derivação parassintética;

d) derivação sufixal;

e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de “estado ou qualidade de”, ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:

a) igual**dade** − sentiment**al**.

b) liga**mento** − esterilize**ção**.

c) sentimental**ismo** − govern**ante**.

d) pobr**eza** − hipocris**ia**.

e) jornalíst**ico**- adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em

“Tanto andam agora preocupados em definir o conto […]” / “Uma ternura imensa, […]” se formaram, respectivamente, por:

a) composição por aglutinação e derivação sufixal;

b) derivação regressiva e derivação regressiva;

c) composição por justaposição e derivação imprópria;

d) derivação regressiva e derivação sufixal;

e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em “(…) praticam o exorcismo em Kerala, (…)”.

a) mudança.

b) separação.

c) para fora.

d) para trás.

e) através de.

41. (IBFC – AMAZUL – Assistente de Administração – Técnico de Contabilidade – 2014) Sobre a estrutura e formação do vocábulo “biocremação” é correto afirmar que:

a) é uma palavra primitiva.

b) apresenta, em sua estrutura, os processos de composição e derivação.

c) foi formado, exclusivamente, por derivação.

d) foi formado, exclusivamente, por composição.

42. (AOCP – EBSERH NACIONAL – Analista Administrativo – Administração Hospitalar – 2015) As palavras “relacionamento”, “intelectualmente” e “profundamente” são formadas por:

a) derivação prefixal e sufixal.

b) derivação sufixal.

c) derivação prefixal.

d) composição por aglutinação.

e) composição por justaposição.

Gabarito

1. A.
2. A.
3. CERTO.
4. CORRETO.
5. CERTO.
6. D.
7. C.
8. ERRADO.

9. ERRADO.
10. CERTO.
11. ERRADO.
12. CERTO.
13. D.
14. A.
15. D.
16. D.
17. A.
18. C.
19. A.
20. C.
21. B.
22. CERTO.
23. C.
24. ERRADO.
25. ERRADO.
26. CERTO.
27. B.
28. E.
29. D.
30. D.
31. A.
32. A.
33. E.
34. E.
35. D.
36. E.
37. D.
38. D.
39. D.
40. C.
41. B.
42. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim… você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação**

(desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é ato de discursar**;

2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discurso<u>s</u>** daqueles alunos provocaram…"*;

3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o

assunto, hein… Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O <u>discurso</u> daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de <u>manhã</u>), prepositivas (ao <u>encontro</u> de) e conjuntivas (à <u>proporção</u> que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma cadela um cão fome canina***.

Ele ***bom perdigueiro***, ela de ***casta fina***.

Mil foscas lhe fazia ***o terno maganão***,

Mas gastava ***o seu tempo***, ***o seu carinho*** em ***vão***.

Dando n***o chichisbéu dentada*** e ***mais dentada***,

A fêmea parecia ***uma cadela honrada***

E incapaz de ceder ***às pretensões de amor***.

Mas ***o amante infeliz*** enfim foi sabedor

De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,

Era co'***um torpe cão*** fagueira às ***escondidas***.

Se és sagaz, ***meu leitor***, talvez que tenhas visto

Cadelas de dois pés* que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama sintagma nominal, ou seja, determinante(s) + substantivo = sintagma nominal; substantivo + determinante(s) = sintagma nominal; determinante(s) + substantivo + determinante(s) = sintagma nominal. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* a mesma ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo Numeral).

* Em "cadelas de dois pés", de dois pés é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo cadelas; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) dois. Logo, pés é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (dois pés). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma preta velha vendia laranjas. / Uma velha preta vendia laranjas. Note que os vocábulos preta e velha mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (Adjetivo).

– *Estou tão **sem ânimo**...* (Locução adjetiva) / *Esse teu **sem ânimo** me desanimou.* (Locu substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:

(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)

Fragmento de texto:

(…) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com o gentil "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se o "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (…)

A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;

b) substantivo;

c) adverbial;

d) prepositivo;

e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substanti O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *faze parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou u* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de pala denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substan O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– O raio do garoto só fala bobagens.

– O bobo do palhaço fez todos rirem.

– A idiota da mulher fez um escândalo no banco.

– A pobre da menina está carente.

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente

chegou", droga é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado… sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão…

- ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
- *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
- ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
- *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de… (1) ao… (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de Regência. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada…

- *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A **chegada** do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento…

– ***Surgiram** novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância…

–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria…

–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem…

–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor…

–nte: participar > participante; fabricar > fabricante…

–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura…

–eza: estar certo de > a certeza de…

–dade: ser difícil de > a dificuldade de…

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (Frase com dois verbos.)

– *O **canto** espanta os males.* (Frase com um verbo.)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase con dois verbos.)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verb

– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor

de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3]…..	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boi ada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo…

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um don-juan de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário / > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um havana ao som de um estradivário é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo abstrato pode se tornar concreto quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser

concreto. Veja os exemplos:

- A morte do pai o deixou deprimido. (Abstrato; estado)
- A Morte vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos. (Concreto; entidade)
- A construção do prédio foi concluída. (Abstrato; ato de construir)
- A construção ficou muito majestosa. (Concreto; a coisa construída, o prédio)
- A hora da saída me deixou ansioso. (Abstrato; ato de sair)
- Encontrou uma saída para escapar do incêndio. (Concreto; lugar por onde se sai)
- A plantação de maconha gera muito lucro para os traficantes. (Abstrato; ato de plantar)
- A polícia mandou queimar a plantação de maconha. (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser específicos, não específicos (este último é também chamado de coletivo geral ou genérico) ou partitivos. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: esquadrilha (grupo de aviões de pequeno porte), cordilheira (grupo de montanhas), cáfila (grupo de camelos), panapaná (grupo de borboletas), mobília (grupo de móveis), caravana (grupo de viajantes), tripulação (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: bando de ladrões, de vagabundos, de aves…; falange de heróis, de paramilitares, de espíritos…; junta de credores, de médicos, de examinadores…; rebanho de bois, de ovelhas, de cavalos…; molho de chaves, de cravos, de ossos…; cacho de uvas, de bananas, margaridas…; grupo de estudantes, de empresas, de golfinhos…

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um grupo de alunos reclamou/reclamaram da nota.". / "A maioria dos alunos não reclamou/reclamaram da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun<u>o</u>/alun<u>a</u>; gênero biforme) ou pelo determinante (<u>o</u> atleta/<u>a</u> atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um

aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / -a	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / -a	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; terminado em vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / -a	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / -ã, -oa, -ona	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / -eia	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / -oa	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
		diaconisa, poetisa,

diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / -isa, -essa, -esa, -triz, -ina (considerados sufixos)	abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em -nte (agente, vidente, regente…) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] Exceções: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] Exceções: judeu > judia; sandeu > sandia.

→ Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "Duas milhões de pessoas assistiram ao filme."

(Errado) / Dois milhões de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O determinante ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de Concordância.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh… agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"… voltemos ao que interessa…

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]

o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em -ista são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa… Não são formas da língua culta!

[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: o macho do rouxinol / a fêmea do rouxinol. Ah! Tigresa é a fêmea do tigre, segundo o VOLP.

* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é… a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano…

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: o a, o b, o c…

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe…

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti…

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

- ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
- ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
- *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
- ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
- *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
- ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
- ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma

b) o, a, a, uma, um

c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / -s (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / -s (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / -es (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / -ões (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações

anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / -s, -es, -ões (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilãos/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / -is[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / -s (oxítonos), -eis (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / -ns	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / -s, -es[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, caráter, par, sênior, júnior	-r / -es (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, caracteres, pares, senio<u>o</u>res, junio<u>o</u>res
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / -es (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, meus óculos, aqueles víveres, nossos pêsames

(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; fax, sax e box*	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; faxes, saxes e boxes (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / -es	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* artesões só será plural de artesão quando for "enfeite de abóbada".

[1] Exceções: aval (avais, avales), cal (cais, cales), cônsul (cônsules), fel (féis, feles), gol (gois, goles, gols; esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), mal (males), mel (méis, meles), mol (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com réptil e projétil, pois tais palavras também podem ser oxítonas (reptil e projetil), logo há dois plurais para cada: reptis/répteis; projetis/projéteis. O plural de til é tiles ou tis.

[3] O plural de cânon é cânones, e de éden, edens.

* Existem alguns substantivos terminados em -x que apresentam formas variantes terminadas em -ce; nesses casos, não variamos a forma terminada em -x, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**

– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**

– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**

– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**

– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou p o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em -s (três) e em -z (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros… mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade,

amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)

letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah…! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa… Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*

– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*

– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*

– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*

– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*

– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*

– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*

– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*

– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*

– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*

– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*

– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*

– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por subst. + subst. indicar adição, como se houvesse um e entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.

– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois joões-ninguém." ou

"Esquecemos os cola-tudo na loja!". Mas: "Não me importam os tudos-nadas (ou tudo-nadas).".

– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco porta-lápis, depois mais um porta-lápis".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:

– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*

– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*

– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*

– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*

– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*

– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*

– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, alto é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.

– Não me custa relembrar que o verbo parar perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em paraquedas e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmeque** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, aml os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navios**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)…

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de couve-flor é duplo: couves-flor ou couves-flores. Para os 99,99%, o plural é um só: couves-flores. Segundo o VOLP, o plural de lugar-tenente é lugares-tenentes; para Bechara, é lugar-tenentes. O plural de mestre-sala só é mestres-salas, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substanti**

só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– Fora da lei é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "Os fora da lei foram presos.".

– Em cavalo-vapor, só o primeiro elemento varia (cavalos-vapor), pois está implícita a preposição a (cavalos a vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: pimentas-do-reino, copos-de-leite, galinhas-d'angola, abelhas-da-europa, águas-de-colônia, arcos-da-velha, cores-de-rosa (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: os louva-a-deus, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra grão de bico/grão-de-bico é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: grãos de bico ou grãos-de-bico.

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemen varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**- -valens **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos…

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro--**asiáticos**…

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**… mas: lambe--**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**…

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá

pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**…; **guardas-civis**, **guardas- -noturnos, guardas-florestais**…

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de guarda-marinha é triplo: guardas-marinha, guarda-marinhas ou guardas-marinhas.

10) **Alguns casos especiais**: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus)..

Obs.: O substantivo toda-poderosa não existe, a forma culta é todo-poderosa: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como vice-campeão, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo vice-campeões é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral

acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço

–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho

–**alhão**: grandalhão, facalhão

–**ama**: poeirama, dinheirama

–**anzil**: corpanzil

–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão…

–**arra**: bocarra, bicarra

–**astro**: poetrasto, politicastro

–**arraz**: fatacaz, pratarraz

–**ázio**: copázio, balázio

–**az**: lobaz, cabronaz

–**aréu**: fogaréu, povaréu

–**eima**: guloseima, boleima

–**ento**: farturento, corpulento

–**eirão**: vozeirão, chapeirão

–**ola**: beiçola

–**orra**: cabeçorra, cachaporra

–**uço(a)**: dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho

– **ebre**: casebre

– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco

– **ela**: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho

– **ejo**: lugarejo, vilarejo

– **ete**: artiguete, boquete, falsete

– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto

– **ilha**: cartilha, esquadrilha

– **icho(a)**: cornicho, barbicha

– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita

– **ino(a)**: pequenina, violino

– **im**: espadim, flautim

– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),

– **isco**: asterisco, chuvisco

– **oca**: engenhoca, bitoca

– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote

– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco

– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula

– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo, molécula

– **únculo(a)**: questiúncula, homúnculo

– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z) inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)

– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)

– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)

– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)

– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)

– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)

– *Bebeu demais e fez um **papelão**.* (vergonha)

– *Eu te amo, meu **paizão**!* (carinho, afeto)

– ***Amorzinho**, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)

– ***Amorzinho**, que **boquinha** linda você tem.* (afeto, carinho)

– *Não leio **livrecos**; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)

– *Incrível! Estou para ver um **golaço** como este.* (admiração)

– *Amanda sempre foi um **mulherão**, mas agora está uma **mulheraça**!* (admiração)

– *Não tomo minha **cervejinha** com esse **frangote**.* (afeto/desprezo)

– *Enfim, comprei um **zerinho**! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é **lindinha**! Que nada, é **lindona**!* (adjetivo)

– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim…" "**Nenhuminha**!"* (pronome)

– ***Essazinha** não vale o que come…* (pronome)

– *Quero só um beijo, **unzinho** só.* (numeral)

– *Caramba, ele fala **rapidão**!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo… o sufixo - ão passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlãozinho, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa… derivação em cima de derivação… Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo -inho:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "…vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;

b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;

c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;

d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)

e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo - inho, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos

“Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.”. Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

“Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento.”

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: “A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.”.

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) “fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição”.

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível

fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobramse, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. **(MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações…"; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:**

   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;

   b) aldeãos – aldeões – aldeães;

   c) artesãos – camaleões – vulcões;

   d) artesões – corrimãos – verões;

   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. **(FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:**

   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;

   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;

   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;

   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. **(MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "…por que passam milhões de crianças brasileiras…"; observe as formas abaixo:**

   I. as milhões de crianças brasileiras.

   II. os milhões de crianças brasileiras.

   III. as milhares de crianças brasileiras.

   IV. os milhares de crianças brasileiras.

   As formas corretas são somente:

   a) I – II;

   b) I – III;

   e) I – II – III – IV.

   d) III – IV;

   c) II – IV;

4. **(MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infantojuve e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:**

   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;

   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;

   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;

d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;

e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do ver pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:

a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza…" – A compreensão de com usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.

b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.

c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossa instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "…dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:

a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.

b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.

c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.

e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas…… não existiam os…….

a) meia-tigelas – vale-refeições;

b) meia-tigelas – valem-refeição;

c) meias-tigelas – vales-refeições;

d) meias-tigelas – valem-refeições;

e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe palavra de "tal" é:

a) pronome;

b) adjetivo;

c) advérbio;

d) substantivo;

e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos,

único flexionado de modo adequado é:

a) guarda-chuvas;

b) olhos azuis-turquezas;

c) escolas-modelos;

d) surdo-mudos;

e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com…… de visão magnífica, verdadeiros…….

a) quedas d'água – cartões-postal;

b) quedas d'água – cartões-postais;

c) queda d'águas – cartões-postais;

d) quedas d'água – cartão-postais;

e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:

a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;

b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;

c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;

d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;

e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O* <u>ser</u> *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* <u>pensar</u> *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* <u>ser</u> *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* <u>cuidar</u> *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* <u>cuidar</u> *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) "ser".

b) "pensar".

c) "ser".

d) "cuidar".

e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero

feminino é:

a) champanha / clã;

b) mármore / guaraná;

c) apetite / suéter;

d) pijama / saca-rolhas;

e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?

a) seis.

b) cinco.

c) quatro.

d) sete.

e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:

a) "... com sérias dificuldades financeiras.";

b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";

c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";

d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";

e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:

a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.

b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.

c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) ***"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto*** **<u>mal-estar</u>** ***a primeira vez…"***

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;

b) amor-perfeito;

c) guarda-roupa;

d) obra-prima;

e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

"via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia"

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.

II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;

b) somente II;

c) I e II;

d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) ***"[…] que foi moldada, durante ano pela ação dos ventos e da água."*** **Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:**

a) construção;

b) verão;

c) cidadão;

d) especulação;

e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;

b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;

c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;

d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;

e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;

b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;

c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;

d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:

a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.

c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.

d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.

e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:

a) florezinhas – troféis;

b) salário-famílias – coraçãozinhos;

c) os vaivéns – anães;

d) paisezinhos – beija-flores;

e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é

mesma que ocorre em:

a) abaixo-assinado;

b) alto-falante;

c) porta-voz;

d) cavalo-vapor;

e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural d substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:

a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;

b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;

c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;

d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;

e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.

a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.

( ) CERTO ( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é <u>que nunca fui muito bom de memória</u>.", a oração destacada exerce a mesma função de um:

a) adjetivo;

b) advérbio de lugar;

c) advérbio de modo;

d) substantivo;

e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que NÃO apresenta flexão de número como matéria-prima é:

a) água-benta;

b) batalha-naval;

c) bate-bola;

d) batata-doce;

e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em <u>ão</u> pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:

a) televisão;

b) mão;

c) produção;

d) organização;

e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:

a) afetiva;

b) depreciativa;

c) pejorativa;

d) objetiva;

e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (…)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):

a) expressão sinonímica;

b) pronome relativo;

c) expressão nominal;

d) pronome oblíquo;

e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com o ou a e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;

b) __ magma, __libido, __ pernoite;

c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;

d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.

b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.

c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.

d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

37. (VUNESP – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2014) Fragmento de texto:

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores belas no mundo, e a flor do meu pé de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem.

Na passagem do terceiro parágrafo – "… veio enriquecer nosso canteirinho vulgar…" –, o substantivo, empregado no diminutivo, contribui para expressar a ideia de:

a) exatidão.

b) desprezo.

c) simplicidade.

d) soberba.

e) abundância.

38. (CESGRANRIO – PETROBRAS – Nível Médio – 2014) O fragmento do texto em que o vocábulo er destaque foi substantivado é:

a) "sua **imagem** foi literalmente apagada de fotografias dos líderes da revolução".

b) "A técnica usada para eliminar o **Trotsky**".

c) "Existe até uma **técnica** para retocar a imagem em movimento".

d) "Se a prova fotográfica não vale mais nada nestes novos tempos inconfiáveis, a **assinatura** muit menos".

e) "E se eu estiver fazendo a barba e escovando os dentes de um impostor, de um **eu** apócrifo?".

Gabarito

1. E.
2. C.
3. C.
4. B.
5. B.
6. C.
7. C.
8. A.
9. A.
10. B.
11. E.
12. C.
13. E.

14. A.
15. CERTO.
16. D.
17. CORRETO.
18. C.
19. C.
20. C.
21. B.
22. C.
23. C.
24. E.
25. D.
26. E.
27. A.
28. ERRADO.
29. D.
30. INCORRETO.
31. C.
32. B.
33. A.
34. C.
35. B.
36. D.
37. C.
38. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa difícil." e "Preciso estudar esta matéria difícil.". Qual difícil pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]

– ***Viver*** *é* ***excelente***.

– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!

[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O dois indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.

[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo isto) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho excelente a resolução de exercícios de Português". O que eu acho excelente? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho excelente isto (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.

Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo bobagem modifica uma oração. Veja: "… ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha bobagem comprar…". O presenteado acha isto/a compra bobagem. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em Predicativo do Objeto.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último

esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza vagas;

2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*

3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza…

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***

Meu avô, ***pernambucano***

O meu bisavô, ***mineiro***

Meu tataravô, ***baiano***

Meu maestro ***soberano***

Foi Antonio Brasileiro

(…)

Vou na estrada há muitos anos

Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um… subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto… Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade…

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: <u>o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira</u>!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva <u>nunca</u> varia de forma. Veja: "É válido que as pessoas estudem muito.". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= Isto é válido). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo…) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,

*assim **calmo**, assim **triste**, assim **magro**,*

*nem estes olhos tão **vazios**, nem o lábio **amargo**.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** (***atual** indústria naval japonesa*). Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um substantivo é caracterizado por um adjetivo (1), por uma locução adjetiva (2) e por uma oração adjetiva (3) ao mesmo tempo. Veja: "O inusitado (1) pouso que se espera suave (3) da economia norte-americana (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto… nessas frases em itálico… o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda mudança de classe gramatical com homônimos perfeitos. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.

II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*

– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão social, visão econômica
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão socioeconômica
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso amarelo
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso amarel<u>ado</u>
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro azul, homem feliz, leite quente
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro motorizado, homem mortal, leite branco
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco…
Relacional	Um adjetivo de relação (ou relacional) é aquele que é derivado de um substantivo por derivação sufixal e não varia em grau.	"O vinho chileno (do Chile) é ótimo"; "A plataforma petrolífera (de petróleo) foi fechada"

[1] Tome cuidado com os adjetivos restritivos, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

- O homem feliz entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.
- O homem, feliz, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta ansioso não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, ansioso, não conseguiu concluir seu trabalho." "Ansioso, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo explicativo é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem mortal age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher latino-americana, arte euro-americana, língua indo-europeia etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo anglo-francês. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza… quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso… por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

*briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**…*

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

*as (= aquelas) **da sala 1**, os (= aqueles) **do Brasil**, todo o mundo **do bairro**, os dois **sem graça**… Eles são **sem caráter**, O copo era **de cristal**, O menino ficou **com fome** este tempo todo?*

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

   Ex.: homem sem coragem (medroso); amor com limites (limitado), povo do Brasil (brasileiro); mas: m u r o de concreto (concretal?), livro do Pestana (pestaneiro?), pessoa sem graça (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarã subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

   Ex.: cor ígnea (referente ao fogo), parte setentrional (relativo ao norte), nariz aquilino (semelhante ao bico da águia), comportamento pueril/infantil (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda locução adjetiva com locução adverbial.

– Vi uma menina em Minas Gerais. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– Vi uma menina de Minas Gerais. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda locução adjetiva com pseudolocução adjetiva, que nada mais é que uma preposição + un substantivo. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (prep. + subst.) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura da porta. (ideia de posse; locução adjetiva)

– Aquela abertura de conta no banco vai me ajudar bastante. (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– O mês de maio é o mês das mães. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma da universidade custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma oração inteira.

– Vocês julgam sem importância estudar por meio de videoaulas? (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio…	-o / -a	linda, saborosa (timbre aberto), macia…
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu… judeu, sandeu (exceção)	-eu / -eia	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia… judia, sandia
ilhéu, tabaréu…	-éu / -oa	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, motor, trabalhador (exceção)…[1]	-u, ês, -ol, -or / -a	má, nua, francesa, espanhola, jogadora… motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira…
vão, chorão… ladrão (exceção)	-ão / -ã, -ona	vã, chorona… ladra, ladroa, ladrona

[1] São invariáveis: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas… sempre elas… ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre superiora".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)…

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases*** usados na sala, ficou bem suave.

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável: reuniões relâmpago, homens monstro, moleques piranha, vestidos laranja, ternos cinza, blusas creme, calças rosa, tintas salmão, escovas chocolate, paredes gelo, tons pastel… exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: lilases. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação…

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**…*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**… mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), puro(s)-sangue(s), pele(s)-vermelha(s)***

claro(a/s)-escuro(a/s) são exceções. Variam ambos os elementos.

4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, se terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão… quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais… (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos… (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

<u>Mera curiosidade</u>: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos bom, mau/ruim, grande, pequeno só têm formas sintéticas (melhor, pior, maior, menor) no

grau comparativo de superioridade; veja:

- Português é mais bom que Matemática. (Errado!)
- Português é melhor que Matemática. (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

- Edmundo foi condenado de novo, mas ele é mais boa pessoa do que má.
- Minha casa é mais grande que confortável.

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo se comparando dois seres: "João é mais pequeno que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos podem ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais irmão do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: "Comprei mais computadores (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.

  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***

- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).

  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos bom, mau/ruim, grande e pequeno apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em -a, -e, -o perdem tais vogais e acrescenta-se o -íssimo: secretíssima, quentíssimo, belíssimo…

– os terminados em -io perdem a última vogal e acrescenta-se o -íssimo: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo… Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em - eio perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o -íssimo: cheíssimo, alheíssimo… exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em -vel mudam para -bil e acrescenta-se o -íssimo: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo…

– os terminados em -z mudam para -c e acrescenta-se o -íssimo: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo…

– os terminados em -m e -ão passam a terminar em -níssimo: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo…

– alguns terminados em -co e -go podem terminar em -quíssimo e -guíssimo por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo… Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em -il recebem -imo: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo…

– os terminados em -ro e -re mudam para a antiga forma latina e recebem -rimo: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)…

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em -íssimo.

– alto > supremo/sumo ou altíssimo

– ágil > agílimo ou agilíssimo

– amargo > amaríssimo ou amarguíssimo

– baixo > ínfimo ou baixíssimo

– doce > dulcíssimo ou docíssimo

– frágil > fragílimo ou fragilíssimo

– frio > frigidíssimo ou friíssimo

– humilde > humílimo ou humildíssimo

– magro > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– manso > mansuetíssimo ou mansíssimo

– miúdo > minutíssimo ou miudíssimo

– negro nigérrimo ou negríssimo

– nobre > nobilíssimo ou nobríssimo

– pio > pientíssimo ou piíssimo

– pobre > paupérrimo ou pobríssimo

– recente > nupérrimo ou recentíssimo

– sábio > sapientíssimo

– sagrado > sacratíssimo

– semelhante > simílimo ou semelhantíssimo

– soberbo > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em -ésimo ou -ssíssimo, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota…

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta… Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um baita/puta salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.

  Ex.: *João é* o mais ***inteligente*** dentre *todos da sala*.

- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre ou seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.

  Ex.: *Maria é* a *aluna* menos ***inteligente*** do grupo.

Cuidado!!!

1) Os adjetivos bom, mau/ruim, grande e pequeno apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: o/a melhor, o/a pior, o/a maior e o/a menor.
2) Prefere-se "O mais poderoso dos homens morreu" a "O poderosíssimo dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo poderoso, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio mais nesse tipo de estrutura. É como em "Os muito magros não são felizes.". O termo magros, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio muito.
3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos o mais belos possível.", "Todos eram os mais honestos que se podia.".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo*, ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda*, ***linda***, ***linda***.
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa***.
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer***
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho***, *rapid*, *rapid****aço***, *rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava gelaaaaaaaaada." ou "A cerveja estava GELADA!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)

– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)

– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)

– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)

– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)

– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)

– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)

– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)

– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)

– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)

– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)

– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)

– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)

– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)

– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)

– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)

– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjet

– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)

– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)

– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)

– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)

– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)

– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)

– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)

– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo adjetivo)

– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é*** médico me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é*** amigo?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora… ou melhor… o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos… o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo

modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.

Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliaçã do autor é:

a) […] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros […]

b) […] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.

c) […] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.

e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "… gosto exacerbado…". B: "… quase bonita". C: "… bagunça… desastre…". E: "… ótimo". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do tex Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. **(MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o term que modaliza o conteúdo expresso é:**

   a) meramente;

   b) convenientes;

   c) étnicas;

   d) linguísticas;

   e) culturais.

2. **(MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:**

   a) imprensa brasileira;

   b) proposta milionária;

   c) incitamento racista;

   d) jovem negro;

   e) brilhante futuro.

3. **(MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cu adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:**

   I. a triste situação;

   II. milhões de crianças brasileiras;

   III. futuro incerto e infeliz;

   IV. grave problema social.

   a) I – III – IV;

b) I – III;

c) I – IV;

d) III – IV;

e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve…", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:

a) fogo brando;

b) lençol macio;

c) bolo mole;

d) perfume suave;

e) mar calmo.

"(…) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que imprevisível dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário…"

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.

"… do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos…"

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural ao dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura sem assento nos tribunais superiores discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os de primeira instância, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito da jurisprudência. Penso de outra forma. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida que se advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.

a) "sem assento nos tribunais superiores".

b) "de primeira instância".

c) "da jurisprudência".

d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjeti

que se refere a um só substantivo é:

a) “hierarquias, estruturas nem códigos canônicos”;

b) “lutas sociais e políticas”;

c) “disciplina mental e espiritual”;

d) “diferentes tradições religiosas”;

e) “vaidades e ambições desmedidas”.

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) “Seu corpo como que se marca ainda na velha poltrona da sala.” Sobre os termos destacados, é correto afirmar:

a) Os dois possuem valor de adjetivo.

b) Os dois possuem valor de advérbio.

c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.

d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.

e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:

a) “extraordinária beleza” / “esforço heróico”;

b) “esforço heróico” / planos vélicos”;

c) “planos vélicos” / avanços técnicos”;

d) “avanços técnicos” / descobrimentos marítimos”;

e) “descobrimentos marítimos” / “extraordinária beleza”.

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o “curto prazo de dois dias”.* A locução adjetiva usada aqui em “o registro das aves” tem como sinônimo erudito:

a) ornitológico;

b) ofiológico;

c) entomológico;

d) ictiológico;

e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:

“Direitos humanos para os humanos direitos.”

I. Em “direitos humanos”, “direitos” é adjetivo; “humanos” é substantivo.

II. “Direitos humanos” e “humanos direitos” são substantivos compostos.

III. Em “humanos direitos”, “humanos” é substantivo; “direitos” é adjetivo.

IV. Em “direitos humanos”, “humanos” é adjetivo; “direitos” é substantivo.

Estão corretas as afirmações:

a) I e II.

b) I e III.

c) II e IV.

d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:

Quem nasce em:

I. Belém (Pará) é belenense.

II. São Luís é são-luisense.

III. Manaus é manauano.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):

a) I apenas.

b) II apenas.

c) I e III.

d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho “os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade”, tem-se:

a) um superlativo analítico de lento;

b) um comparativo de superioridade;

c) um superlativo absoluto;

d) um comparativo de igualdade;

e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:

a) “algumas generosas”;

b) “Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.”;

c) “seria de implantação inverossímil.”;

d) “Sua imaginação criativa.”;

e) “sobre a aborrecida lógica do texto”.

Fragmento de texto

Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito judicioso e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo “judicioso”, que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

(…) É necessário investir em pesquisa…

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:

a) "camadas iletradas".

b) "direitos políticos".

c) "perpétuo exercício".

d) "ofício mecânico".

e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (…) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (…)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do text assinale a alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.

a) Característica da nação.

b) Ameaça de colapso.

c) Deterioração de valores.

d) Instituição da escravidão.

e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -íssimo costuma ser adicionada a adjetivos No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:

a) ênfase;

b) qualidade;

c) autoridade;

d) formalismo;

e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".

b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".

c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.

d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.

e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "… fino manto…", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que NÃO ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.

b) Aquele profissional é um pobre homem.

c) Ela era uma simples pessoa.

d) Recebi uma única oferta de trabalho.

e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)

b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,…" (pronome)

c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho…" (preposição)

d) "Com escondida <u>melancolia</u>…" (adjetivo)

e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua…" (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(…) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "regra de direito vista por dentro, como ação

regulada".

(…)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do movimento pendular que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o jugo do tirano e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.

1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*

Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?

a) Apenas 1 e 3.

b) Apenas 2 e 3.

c) Apenas 1.

d) Apenas 2.

e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:

a) famílias pobres;

b) inocente cidadão;

c) qualquer artista;

d) jornais velhos;

e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases

1. "(…) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(…)"
2. "(…) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esquece o tanque cheio d'água (…)"

A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:

I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.

II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.

III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.

Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).

a) Somente o I está correto.

b) Somente o II está correto.

c) Somente I e II estão corretos.

d) Somente I e III estão corretos.

e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.

a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.

c) restaurante chique – chique restaurante.

d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.

b) Todos lutam para ter a liberdade.

c) A televisão nos mostra o mundo.

d) Ele usa um topete escandaloso.

e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados n texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:

a) “sua beleza SINGULAR”;

b) “formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas”;

c) “GRANDE contingente de pessoas”;

d) “variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações”;

e) “o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades”;

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (…) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões…” Em “… o mais estático,… o mais comunicável,… o mais rico…” tem-se um:

a) comparativo de inferioridade;

b) comparativo de superioridade;

c) superlativo absoluto sintético;

d) superlativo relativo de superioridade;

e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.

O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:

a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;

b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;

c) “é chamado a participar do universo adulto”;

d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;

e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:

“[…] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”

a) adjetivo;

b) advérbio;

c) verbo;

d) pronome;

e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de qu jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) “um dos mais marcantes capítulos”;

b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;

c) “o destino parecia lhe reservar”;

d) “Barbosa domina quatro idiomas”;

e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”

b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”

c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”

d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (…)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

O verde da bandeira brasileira representa nossas matas, nossa vegetação. O brasileiro não tem noção da importância dessa riqueza natural, por isso não defende nosso território.

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.

b) riqueza.

c) brasileiro.

d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um cego se aproximou e pediu uma ajuda.

b) Um homem cego pedia esmolas pelas ruas.

c) Ela é cega de nascença.

d) A menina cega chorava a falta do pai.

e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores vermelhas.

40. (FGV – PROCEMPA – Analista em TI e Comunicação – 2014) Da mesma forma que temos o adjetivo composto "judaico-cristã", poderíamos ter outro adjetivo composto formado com os adjetivos "técnica e científica" (… recorreram à sapiência técnica e científica…), no segundo parágrafo.

Nesse caso, assinale a opção que indica a forma correta desse adjetivo.

a) Técnico-científica.

b) Científica-técnica.

c) Científica-técnico.

d) Técnica-científica.

e) Técnico-cientifico.

41. (CESGRANRIO – CEFET/RJ – Revisor de Textos – 2014) Em qual dos períodos abaixo, a troca de posição entre a palavra sublinhada e o substantivo a que se refere mantém o sentido?

a) **Algum** autor desejava a minha opinião sobre o seu trabalho.

b) O **mesmo** porteiro me entregou o pacote na recepção do hotel.

c) Meu pai procurou uma **certa** pessoa para me entregar o embrulho.

d) Contar histórias é uma **prazerosa** forma de aproximar os indivíduos.

e) **Grandes** poemas épicos servem para perpetuar a cultura de um povo.

Gabarito

1. B.
2. E.
3. A.
4. C.
5. INCORRETO.
6. INCORRETO.
7. D.
8. A.
9. A.
10. INCORRETO.
11. A.
12. A.
13. D.

14. D.
15. B.
16. E.
17. ERRADO.
18. CERTO.
19. B.
20. A.
21. A.
22. A.
23. E.
24. A.
25. D.
26. INCORRETO.
27. A.
28. B.
29. C.
30. A.
31. D.
32. B.
33. D.
34. A.
35. A.
36. A.
37. A.
38. D.
39. A.
40. A.
41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas… nem vou citar nomes… Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la… Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática… é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;

2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores… **uma** gramática… **A** Gramática";*

3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores… **u** gramática… **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às*** , **do/dos**, **da/das**,**dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição a com o artigo a(s), resultando em à(s), se chama crase. Crase e artigo são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo Crase, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma

obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo…". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu slogan: "Leia amanhã no Globo". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias da Globo na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra rede antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto n'O Globo".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infiniti

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **de o** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo flexível por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As** grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são

adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio… você me pergunta: "Bem… se um artigo vem antes de um substantivo… então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é **o** mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.**Os** três eram bastante humildes.*

– ***A** senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a**o** meu.*

– ***O** que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não **à** (a + **a**)outra. Sobre **as** demais, ignore.*

– *As mulheres as quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d**o** que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito… e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será

um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem… **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela h muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é*

*que uma turma só é boa se seus componentes também **o** (isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que o, a, os, as (antes de substantivo elíptico) são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas…) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (… só/somente/apenas **um**…

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.*
alunos da rede.

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas**, normalmente, vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. P*
*por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os*** seus.

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d os olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar…"

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só um preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em Crase.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro d 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente no fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio o 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a os 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar segunda-feira". Como já dizia a música, "sábado à noite, tudo pode mudar" ou "De segunda a sexta, esporro do patrão; sábado e domingo, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao funk carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição de que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite de

verão!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites do verão passado.".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** Quaresma fazem parte de nossa cultura.

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição de que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia de Carnaval é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera do Natal deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra casa não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos a casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o a é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir a casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o a é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a dona de casa (profissão/locução substantiva), a dona da casa (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram* ***à*** *(a+****a****) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer* ***as*** *perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer as perguntas as mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "Fabiana, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a Carlota Joaquina com desrespeito." (o a é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a Santa Clara e a São Cosme e Damião." (os as são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de Virgem Maria, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos à (a + a) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer à (a + a) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____*.** Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim… sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal <u>dos avós dela</u> depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. Exceções: a Terra e o Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. Exceção: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo : a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: " Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo* , este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão todo mundo ou todo o mundo é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando mundo se usa no sentido de Terra (O jogo será transmitido para todo o mundo.). Não se usa artigo antes de todo quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é o todo-poderoso".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito…".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "O mestre, amigo e futuro cunhado Pestana veio me ajudar." / " As breves mas intensas palavras do professor me motivaram." / "Visitamos a moderna e a antiquada Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / " O lindo, o inteligente, o rico e o mentiroso apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."
Numa enumeração de substantivos referindo-se ao mesmo ser ou representando um todo contextualmente unido, o artigo fica geralmente omitido a partir do segundo elemento: "O amigo e (o) mestre Danton Pedro dos Santos deixou saudade", "Todas as pessoas, (os) animais, (as) plantas e (as) coisas da Terra são divinas".

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou nã

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plená*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser

obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até as línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até às (a + as) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas… em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição a gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípio* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram adjetivos:

– *Pai e filho tinham **um** jeito semelhante de falar.*

– *Fiz **um** negócio certo.*

* Na expressão "um(a) tal de", tal continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (**um**) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

Fofoqueiro 1: – Aí, o João foi ao cinema do bairro com a namorada, de novo!

Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que um cara daqui da cidade se atreveu a levar uma menina para o cinema, os pais da garota ameaçaram o cara de morte.

Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele… mas o homem não escuta ninguém.

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja… e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megassuperficialmente"… sem comentários… Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. **(Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.**

   A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

   a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.

   b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.

   c) Devido à regência da forma verbal “diz” todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.

   d) A regência da palavra “respeito” exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com er e as seguintes com de.

   e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. **(Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.**

   () CERTO ( ) ERRADO

3. **(FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) “… por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* se reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado…”**

   Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

   a) artigo − artigo − preposição − preposição;

   b) preposição − artigo − preposição − artigo;

   c) artigo − preposição − preposição − artigo;

   d) artigo − preposição − preposição − preposição;

e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. **(Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (*… forte influência nas características pessoais…*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. **(FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.**

a) "… o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."

b) " *O* que se faz?"

c) " *O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram…"

d) "… agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."

e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. **(Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*… valores qu diferem nitidamente dos da Idade Média…*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

7. **(Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.**

a) "na medida".

b) "a dimensão".

c) "às exigências de justiça".

d) "do perdão e do respeito".

e) "a toda pessoa".

8. **(NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:**

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".

b) "deu os primeiros passos da campanha".

c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".

d) "para aprovar a Lei nº 9.478".

e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. **(Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

"(...) Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"

( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

Não é a violência nem as turbulências da economia e muito menos a saúde. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é resultado de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. Num suposto ranking mundial de pessimismo em relação às oportunidades de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar entre as preocupações de curto prazo, depois da economia.

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".

II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguint com letra inicial minúscula.

III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".

IV. Substituir "Num" por *Em um*.

V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.

VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;

b) 2;

c) 3;

d) 4;

e) 5.

O acesso às novas tecnologias tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há uma profunda transformação em curso nas comunicações, potencializando a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e muito mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguinte afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por a novas tecnologias, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: profundas transformações.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: que potencializa.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;

b) F, F, F, V;

c) V, F, V, F;

d) F, V, V, F;

e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (…) continuam a mostrar…"

b) "… enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam…"

c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra…"

d) "… afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;

b) artigo definido; preposição;

c) pronome; artigo definido;

d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.

b) Depois da chuva, voltei a casa.

c) A tardinha está deliciosa.

d) A noite é sempre assim: linda!

e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.

b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.

c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.

d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;

b) três artigos definidos e três preposições;

c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;

e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vid vem crescendo <u>em todo o mundo</u>", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do text se o trecho "aos medicamentos" (… ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais…) for substituído por a medicamentos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhad aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é <u>o</u> que queremos dizer".

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina d<u>o</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:

1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica…"
2. "… para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios…"
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.

Os termos grifados são, respectivamente:

a) artigo, pronome, pronome;

b) artigo, preposição, prono, me;

c) artigo, pronome, preposição;

d) pronome, preposição, artigo;

e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários à sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição por com o artigo a.

A sequência correta é:

a) V, F, F;

b) V, F, V;

c) F, V, F;

d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.

b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.

c) Li a notícia no “Estado de Sergipe”.

d) Ambos os casos merecem consideração.

e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguin afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.

b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.

d) Faltaram uns dez alunos.

e) O menino fugiu.

(…) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer “jardim murado”; e sua representação, seu símbolo, é um jardim, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (…)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?

– “… e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim…”

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *“Receio que a gente esteja cometendo um triste engano.”* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:

a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;

b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;

c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;

d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;

e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos

“Igual a como” / “Como a alegria”

a) O “a” pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.

b) O primeiro “a” é classificado como artigo definido.

c) O vocábulo “como”, nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.

d) Na segunda ocorrência, o “a” é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primei registro.

e) A palavra “igual” não pode substituir “como” em “como a alegria”.

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) Um homem entrou num bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. O funcionário do bar disse:

– Isso não lhe faz bem, sabe?

– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.

– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.

– Só um real.

(Andy Rooney, “Tribune Media Services”)

A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:

a) Nos termos “o funcionário” e “o homem”, o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.

b) Nos termos “o funcionário” e “o bar”, os artigos definidos mostram que os termos determinados pe eles já foram enunciados antes.

c) Termos como “um homem” e “um bar” nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.

d) No termo “o funcionário”, o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos “um homem” e “um bar”, o emprego do artigo indefinido indica, além do conheciment dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) “A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje.” (Paulo Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

35. (AOCP – UFS – Técnico em Segurança do Trabalho – 2014) Todas as expressões destacadas a seguir funcionam como artigo definido, EXCETO:

a) “… sendo **os** humanos do jeito que são…”

b) “… confrontarmos **os** desafios da vida…”

c) “… são **os** que tiveram que trabalhar…”

d) “… ensinar **os** menos habilidosos…”

e) “… são **os** ídolos de todos…”

36. (CESGRANRIO – FINEP – Nível Superior – 2014) (Adaptada) O artigo definido em destaque tem papel de estabelecer retomada de expressão:

a) “‘Num país em que **a** Justiça é caolha, não dá para liberar geral’”

b) “‘O desprezo e **o** desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros’”

c) “Naquela ocasião, percebi claramente que **os** fantasmas dos traumas”

d) “Segundo **a** declaração, são consideradas intoleráveis as interferências”

e) “**O** presidente do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, sugeriu”

Gabarito

1. E.
2. ERRADO.
3. D.
4. CERTO.
5. E.
6. CERTO.
7. E.
8. E.
9. CERTO.
10. F.
11. D.
12. E.
13. D.
14. A.
15. B.
16. B.
17. E.
18. ERRADO.
19. CERTO.
20. E.
21. B.
22. CORRETO.
23. ERRADO.
24. CORRETO.
25. D.
26. CORRETO.
27. CORRETO.
28. C.
29. C.
30. CORRETO.
31. C.
32. D.
33. C.
34. B.

35. C.

36. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que…

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

- Os numerais cardinais que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só um aluno e uma aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.
- –Os numerais ordinais variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras…
- Os numerais multiplicativos variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas triplas daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".
- Os numerais fracionários variam em gênero e número: um quarto, dois quartos, duas quartas, trinta e quatro avos…
- Ambos/ambas são considerados numerais duais; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. Ambos deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é… bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***,***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja… **duas** é bom…"; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente…", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

    a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)

b) advérbio e aposto;

c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta… e erraria!)

d) vocativo e substantivo;

e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que três está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (amigos, rapazes, irmãos etc.). Além disso, três continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua Moderna Gramática Portuguesa.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*

– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*

– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso homossexuais.*

– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equival "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o out Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Exis um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto

sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos

cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década… Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1]O numeral fracionário meio (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou meio quilo de feijão."; "Cortou meia laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e meio (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e meia (hora)."; "Enfim, já é meio-dia e meia (hora)."." O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso… Bem… vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos n<u>o</u> meio <u>do verão.</u>". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está meio <u>chateada</u>, porque já está

meio tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2]Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "Os dois milhões de mulheres de nosso país estavam entusiasmados (ou entusiasmadas).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com milhão (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um milhão de reais foi (foram) gasto (gastos) na construção da casa.".

[3]Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc . não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de primeira/primeiríssima qualidade."; "Teu clube é de segunda categoria."; "Um material de terceira ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-

se como *segundo milésimo*).”.

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

- *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*
- *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*
- *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*
- *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*
- *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*
- *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
- *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

- *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
- *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
- *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se ordinal.

- *Moro na casa **seis** da vila.*
- *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
- *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
- *Moro no 23º(**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

*O gramático Evanildo Bechara defende tanto o uso do ordinal como do cardinal no caso do primeiro dia do mês.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*

– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*

– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*

– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*

– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*

– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"… faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo…

Questões de Concursos

Cá entre nós… sofri para encontrar questões recentes de numerais… Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;

b) veja o exercício da página vinte e um;

c) consulte o artigo segundo desse código;

d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;

b) livro X;

c) livro XI;

d) livro XL;

e) livro C.

3. **(NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos en pleno século XX…"; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:**

a) no século XI antes de Cristo;

b) o papa recebeu o nome de João XXIII;

c) no século XII da nossa era;

d) Inocêncio X foi papa;

e) Luís XVI foi rei da França.

4. **(Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "… às dez horas", " sob as olaias" e "Ambos se abanavam", palavras grifadas são, respectivamente:**

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;

b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;

c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;

d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;

e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. **(NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio d Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:**

a) cardinais e ordinais;

b) cardinais e multiplicativos;

c) multiplicativos e fracionários;

d) cardinais e fracionários;

e) ordinais e multiplicativos.

6. **(NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:**

a) Luís XVI;

b) João XXIII;

c) Pio X;

d) século XXI;

e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como uma segunda língua.

A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de 2002 que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.

As universidades terão dez anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em cinco anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternati em que a palavra não seja numeral.

a) Uma.

b) Segunda.

c) 2002.

d) Dez.

e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:

a) mil e novecentos e cinquenta e três;

b) mil, novecentos e cinquenta e três;

c) mil, novecentos e cinquenta três;

d) um mil, novecentos e cinquenta três;

e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cer vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:

a) cerca de 100 vezes;

b) ambas as vezes;

c) inúmeras vezes;

d) uma meia dúzia de vezes;

e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:

a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.

b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*

d) Gates é dono de várias obras-primas.

e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois d pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:

a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;

b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;

c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;

d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;

e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:

a) Pedro I;

b) Henrique VIII;

c) João Paulo II;

d) Luís XVI;

e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:

a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "<u>Ambas</u> estão sendo empurradas…", a palavr grifada pertence à seguinte classe gramatical:

a) advérbio;

b) numeral;

c) pronome;

d) conjunção;

e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de <u>quinze</u> quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em <u>primeiro</u> lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)

As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:

a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;

c) ordinal e multiplicativo;

d) fracionário e multiplicativo;

e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.

Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.

a) 400 anos – quadringentenário.

b) 400 anos – quadricentenário.

c) 600 anos – sesquicentenário.

d) 150 anos – tricinquentenário.

e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil

(Gilberto Gil)

Minhas ambições são dez.

Dez corações de uma vez

pra eu poder me apaixonar

dez vezes a cada dia,

setenta a cada semana,

trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:

a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);

b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);

c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);

d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);

e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:

a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;

b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;

c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;

d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;

e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

" O <u>brasileiro</u> foi <u>um</u> dos primeiros no mundo <u>a</u> reconhecer <u>a</u> tese de que <u>o</u> mosquito era o causador da <u>epidemia</u>."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.

b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.

c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.

d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.

e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou <u>dois</u> quilômetros e <u>meio</u> a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;

b) dos pronomes;

c) dos numerais;

d) dos advérbios;

e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou <u>sete</u> coletâneas de <u>artigos</u>, discursos e planos <u>de</u> governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;

b) numeral, artigo e preposição;

c) substantivo, artigo e conjunção;

d) pronome, artigo e preposição;

e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "<u>Três</u> perguntas costumam acompanhar <u>a</u> discussão em torno do <u>aquecimento</u> global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;

b) substantivo – artigo – substantivo;

c) numeral – artigo – substantivo;

d) artigo – substantivo – numeral;

e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana <u>vinte e cinco</u> adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;

b) cardinal;

c) fracionário;

d) multiplicativo;

e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois (“Sempre que misturamos os dois registros…”).

b) mais (“… ou um perfume um pouco mais caro.”).

c) bem (“… você ficará bem se levar…”).

d) regido (“Enquanto o primeiro é regido por valores…”).

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho –… em linho de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.

b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.

c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.

d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta…

b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder…

c) … os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar…

d) … são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos…

e) … aos quatro cantos de uma sala…

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

“Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários.”

“<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava.”

“Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada.”

a) artigo, numeral e pronome;

b) numeral, numeral e numeral;

c) numeral, artigo e numeral;

d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.

II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.

III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.

IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;

b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;

c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;

d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;

e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós

Virou abismo sem fim

Quando estranhei sua voz

Eu te procurei em mim

Ninguém vai resolver

Problemas de nós dois.

Se tá tão difícil agora

Se um minuto a mais demora

Nem olhando assim mais perto

Consigo ver por que tá tudo tão incerto

Será que foi alguma coisa que eu falei?

Ou algo que fiz que te roubou de mim?

Sempre que eu encontro uma saída

Você muda de sonho e mexe na minha vida (…)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;

b) pronome, substantivo e substantivo;

c) pronome, substantivo e verbo;

d) pronome, numeral e substantivo;

e) substantivo, numeral e substantivo.

31. (FGV – FUNARTE – CONTADOR – 2014) (Adaptada) Há, abaixo, elementos que expressam quantidade. A alternativa em que o termo sublinhado NÃO tem esse valor é:

a) "Há em nosso povo **duas** constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo";

b) "Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas **tantas** vezes se

desemparelham";

c) "Só a morte e a promissória são **mais ou menos** pontuais entre nós";

d) "encontrei no fim do volume **algumas** informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra";

e) "Entre **poucos** endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o auto intercalou".

32. (FUNRIO – INSS – ANALISTA (LETRAS) – 2014) A canção composta por Cazuza diz: "Ideologia, e quero uma pra viver!".

A frase é encabeçada pelo substantivo "ideologia", mas devemos observar que o verbo "querer" está acompanhado de seu complemento direto. Se considerarmos que "uma" é um numeral cardinal e não um pronome indefinido, estaremos levando em conta um contexto segundo o qual o enunciador quer "uma ideologia" e não:

a) outra ideologia.

b) uma filosofia.

c) algumas ideologias.

d a morte.

e) duas ou três.

Gabarito

1. A.
2. B.
3. D.
4. C.
5. D.
6. C.
7. A.
8. B.
9. B.
10. C.
11. A.
12. D.
13. ERRADO.
14. ERRADO.
15. B.
16. A.
17. C.
18. D.
19. B.

20. A.
21. C.
22. E.
23. C.
24. B.
25. A.
26. B.
27. C.
28. B.
29. C.
30. D.
31. C.
32. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

* O discurso é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um

receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1 ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade…

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem… para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);

2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que nossos é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito documentos: "Estes documentos são nossos (documentos)". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem,

normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack… vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: eu (singular), nós (plural).

2ª pessoa: tu (singular), vós (plural).

3ª pessoa: ele/ela (singular), eles/elas (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa".* (sujeito)

– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)

– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)

– *O Fernando Pestana,**eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija…"? O pronome reto eu não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me…", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o eu, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçado pelos pronomes demonstrativos mesmo e próprio, pela partícula expletiva (ou de realce) que ou pela expressão expletiva formada pelo verbo ser + que (normalmente é que): "Ela própria/mesma me fez sofrer."; "Tu que me fizeste sofrer."; "Eu é que te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome e pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do eu no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso…" O uso de nós no lugar de

eu evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre eu e tu nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre mim e ti nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto ele.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu eu, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)

– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)

– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)

– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "Tu vai aonde amanhã?". Deveria ser: "Tu vais aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)

– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)

– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega ele, pega ele, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de todo(a/s), só (adjetivo), apenas ou numeral, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

   – O que vi da vida até agora? Vi toda ela se esvaindo diante dos meus olhos. (objeto direto)

   – Ajudei todos eles e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso. (objeto direto)

   – Encontramos ele só na praia, pois a namorada o abandonara. (objeto direto)

   – Finalmente os juízes classificaram eles dois para a última etapa do campeonato. (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto eu e tu.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

- Fernando Pestana, autor de A Gramática, requer a V. S.ª se digne de conceder-lhe…

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades… O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica desprezado, e Pelé fica prezado nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de Jeová, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. Ele teve um livro q leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

- Em virtude dela viajar, tive de reprogramar minha vida. (errado)
- Em virtude de ela viajar, tive de reprogramar minha vida. (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (… da disputa… parar…) e sem contração (… de a disputa… parar…) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (parar).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (…)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;

b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!

c) se pode (l.11) por pode-se;

d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;

e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar desta missão ser…) quanto a não contração (Apesar de esta missão ser…) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: 99% das bancas entendem que a contração é um erro, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,****nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso…) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de eu, emprega-se nós a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de plural de modéstia:

   – Desde março de 2012, (nós) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (nós) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por nós, enchendo-nos de satisfação.

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

   – Desde março de 2012, (eu) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (eu) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por mim, enchendo-me de satisfação.

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam nós no lugar de eu para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "Nós, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão a gente, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– Até quando nós iremos nos abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a nossa complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.

Veja mais sobre isso em nos (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos vocês no lugar de vós. Se você já ouviu falar em plural de cerimônia, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (vós) estais no céu, santificado seja o vosso nome…".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: me (singular), nos (plural).

2ª pessoa: te (singular), vos (plural).

3ª pessoa: se (singular ou plural), lhe, lhes, o, a, os, as.

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe(s)** pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei

mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você** nunca **fez** (3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu **te** (2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu** nunca **fizeste** (2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu **te** (2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já **nos** demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** normalmente pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**…)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (… comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (… infundiu **no homem**…)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos

terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**…), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê- **la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou… porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram- **nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)… (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. =… para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)… (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram- te uma bela lição (= a)!… (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes…

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e

ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).

Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou compra r uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não*** *se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula… entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: Não; esqueça-se de mim!

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula…) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora , negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, pode-se usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

** que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o PO

antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo quem, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade te apetece. / A mulher cujo marido nos empregou é muito simpática. / Embora o programa lhe desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu Manual de Redação Profissional. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-me." ou "É verdade que meu pai me aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É correto afirmar:

c) o pronome lhe (linha 27), em cuja forma lhe sugeria, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome lhe, em cuja forma lhe sugeria, NÃO poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X)CERTO ( ) ERRADO

Ainda na linha do Bechara, consulte: FUNCAB – IFAM – TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO – 2015 – QUESTÃO 13; e FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 17 (PROVA 1, LETRA "C").

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas **que** se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no

estágio atual da língua) chamada de apossínclise, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

** alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

** que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, pouco se importando com o conforto advindo dele." Consulte: CESPE/UnB – TRT/ES – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2013 – QUESTÃO 6.

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

** nem, não só/apenas/somente… mas/como/senão (também/ainda)…, tanto… quanto/como…, que, ou… ou, ora…ora, quer… quer…, já… já…*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como facultativo, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou***-*me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "Já me vou embora daqui!" Nunca há ênclise com verbo no futuro do presente ou do pretérito, logo, as frases "Mandarei-a para casa" ou "Mandaria-nos para casa" estão erradas. Nesses casos, impõe-se a mesóclise, obrigatoriamente.

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria,mudo- me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão logo me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem***-*se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, jamais vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar***-*te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição a: "Estou inclinado a ajudá-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a ajudá-la." Com palavra atrativa: ver Casos Facultativos, mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo***-*se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, não se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar***-*se*-***á***, *na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo*

Obs.: O POA sempre ficará entre o r do verbo e a terminação do verbo: "Daremos um beijo no teu rosto. =

Dar-te-emos um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: " Talvez se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá-la-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, nunca te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo me deixou-me triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson…son, son, son, son…

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas… mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) ante do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou- me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) ar do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu a vi ontem, e não Eu vi-a ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo, numeral ou oracional antes do verbo sem palavra atrativa.

- ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te* . / *Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se*.
- ***Namorar a Maria*** *me deixa feliz demais.* / ***Namorar a Maria*** *deixa- me feliz demais*.

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "pa em, por, sem, de, até, a".

- *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo*.
- *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*
- *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê- lo*.
- *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
- ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará ma*
- ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
- *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
- ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muit*
- *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Consulte: FUNCAB – PREF MAGÉ/RJ – ADMINISTRADOR – 2012 – QUESTÃO 13 (LETRA A).

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo vir depois do verbo auxiliar.

- *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: CESPE/UnB – MIN – ANALISTA TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 11; e CESPE/UnB – HEMOBRAS – ANALISTA DE GESTÃO CORPORATIVA – 2008 – QUESTÃO 13.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

- ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu examásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[…]" (linhas 16-17)O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) tem perseguido-a;

b) lhe tem perseguido;

c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estava chamando- me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não lhe posso esclarecer mais nada. / Não posso esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "Ele te vai xingar muito." ou "Ele vai(-)te xingar muito." ou "Ele vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome *entre* os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da ESAF – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (PROVA 1, GABARITO 1)). Portanto, pode ser que qualquer banca não veja como erro de colocação pronominal os exemplos a seguir:

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia te insultado.*

3) Cuidado com a colocação pronominal em falsas locuções verbais, principalmente a formadas pelos verbos causativos (mandar, deixar, fazer e sinônimos) e sensitivos (ver, ouvir, sentir e sinônimos) seguidos de infinitivo ou gerúndio. As regras aqui são as mesmas de próclise, ênclise ou mesóclise, pois estamos diante de falsas locuções verbais, ou seja, o que parece uma locução verbal é, na verdade, uma construção com dois verbos independentes. A depender da colocação do pronome oblíquo átono, veja que o sentido mudará:

– *Eu te mandei estudar mais. (Equivale a "Eu mandei que tu estudasses mais".)*

– *Eu mandei estudar-te mais. (Equivale a "Eu mandei que te estudassem mais".)*

– Não *te mandei estudar mais. (Equivale a "Não mandei que tu estudasses mais". Note que a próclise é obrigatória, por causa da palavra atrativa.)*

– *Mandar-te-ei estudar mais. (Equivale a "Mandarei que tu estudes mais".)*

Se você pensa que isso não cai em prova, pasme e consulte: CESPE/UnB – TCE/TO – ANALISTA DE CONTROLE EXTERNO – 2008 – QUESTÃO 4 (LETRA "A").

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho…), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do s pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: mim, comigo (singular); nós, conosco (plural).

2ª pessoa: ti, contigo (singular); vós, convosco (plural).

3ª pessoa: si, consigo (singular ou plural); ele(a/s) (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal,

adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de objeto indireto por extensão. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura u crime.", a expressão destacada funciona como

a) introdutor de conformidade;

b) objeto indireto;

c) adjunto adnominal;

d) complemento nominal;

e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a questão foi anulada! Mas poderia não ter sido…

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

*1) Sempre foi muito complicado **( )** entender português.*

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidenta

– *<u>Até</u> **eu** fui abandonado.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposiç mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o consigo se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s), segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico si, acompanhado ou não de próprio/mesmo: Ele fez propaganda dele mesmo. (inadequado) / Ele fez propaganda de si próprio/mesmo. (adequado)

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajo*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque C para certo, E para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.

( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.

( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.

( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não <u>pronomes</u> de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em

contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel, juízes de Direito etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.

Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as formas ou pronomes de tratamento – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: Vossa Senhoria está convidado (homem) a assistir ao Seminário.
Ainda: em "Seu bobo, para de palhaçada!", este Seu equivale ao "Seu" da frase: " Seu Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento Senhor. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exi que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa n mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra muda minha vida, vem, vambora… (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um *Vossa Meritíssima (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um *Vossa Excelentíssima (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se Meritíssimo como adjetivo de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar Meritíssimo – ou Meritíssima, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: meu(s), minha(s) / nosso(a/s).

2ª pessoa: teu(s), tua(s) / vosso(a/s).

3ª pessoa: seu(s), sua(s).

* "Dele(a/s)"não é pronome possessivo.

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa **,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo seu, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar suas virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho. / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.*

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentes estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce…

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição de, idem: "Ela não tinha um marido para chamar de seu".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis

algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos [2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito…)	

[1]Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2]Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras fulano, sicrano e beltrano não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas…

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse…

– ***Cada um*** *é diferente.*

– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*

– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo).

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]

– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)

– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)

– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefini

– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouc pronome indefinido)

– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)

– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)

– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)

– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)

– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)

– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)

– *Agora ela é uma **outra** mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, não foi anulada! – sobre o vocábulo qualquer. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever…". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome qualquer, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a Nova Gramática do Português Contemporâneo, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (…). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa: '… Hoje é isto que o senhor vê: um Pestana qualquer…' (grifo meu)

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem… o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo qualquer, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser qualquer um adjetivo: o consagrado dicionário Houaiss. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É um contra mil. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um pronome adjetivo indefinido. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de qualquer: pronome indefinido. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido algum adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem…): 'A sua crítica não obedecia a sistema algum.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema algum (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda** mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher **toda** é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o…** acho que vou apagar o **o** da minha…

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome todo pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era toda sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está todo/toda preocupada." O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefin (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser* ***um*** *bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só* ***um****, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um*** *chegou cedo; o* ***outro****, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem

verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

- Tenha mais amor e menos desconfiança. (pronomes indefinidos)
- Aja mais e fale menos. (advérbios modificando verbos)
- Não quero nada de você. (nenhuma coisa, pronome indefinido)
- João não é nada bobo. (nem um pouco, advérbio)
- Algo me diz que ela está chegando. (alguma coisa, pronome indefinido)
- O paciente está algo doente. (um pouco, advérbio)
- Bastantes parentes vieram me visitar no hospital. (muitos, pronome indefinido)
- Sinto bastante por sua perda. (muito, advérbio)
- Que mulher! (ênfase, pronome indefinido)*
- Que linda! (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos " muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas…

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)

b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)

c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)

d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: Algo se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. Todo indica totalidade, intensidade neste contexto. Certa indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. Alguma à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

O s **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere

desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)

– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)

– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)

– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)

– *De* ***qual*** *pintura você está falando**?*** (pergunta direta)

– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)

– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)

– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto*

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronor interrogativo.)

– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"…

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)

– *Ignoro* ***quem*** fez isso. *(Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo que: "Que é que ela quer com você?" ou "O que é que ela quer com você?".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: este(a/s), isto.

2ª pessoa: esse(a/s), isso.

3ª pessoa: aquele(a/s), aquilo.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s),próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de o mesmo retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa o mesmo quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo mesmo, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam mesmo, acompanhando substantivo, como mero adjetivo, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) **Tal(s),semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)…**

- ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*
- *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*
- *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre tal, leia o gabarito da questão 8 do capítulo Substantivo. Tome cuidado, que semelhante pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é semelhante ao pai."

3) **Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em":** a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) **o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer q tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).**

- *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*
- ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas…)*
- *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (… alheio àquilo que…)*
- *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu…)**
- *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra…)**
- ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (* ***Aquela*** *da esquerda…)**
- *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *c vontade)*
- *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]:* Quando o o, antes da oração iniciada pelo pronome relativo que, puder ser substituído por fato, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição de mesmo sem substantivo

explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. Reitero que, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo elíptico, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, os e A são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.[2]: Cegalla diz que o pronome demonstrativo o pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio o sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa o indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê- lo em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê- lo." (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca o foi. (o = isso = estudioso).

Obs.[3]: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável o (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu o disse ontem.' / 'Eu o disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X)CERTO ( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– Esta camisa aqui do Flamengo é minha.

– Este documento segue anexo aos demais.

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– Essa camisa aí é tua?

– Saia do meio dessa rua, garoto!

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: Essa (ou Esta) moça é aquela de que falei agora há pouco.

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– Aquela camisa lá é dele.

– Aquele país onde ele mora não presta.

– Aquele temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.

Obs.: Os vocábulos mesmo e próprio também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí daquele país naquele avião há dias, daí minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).

– Esta é a hora da verdade.

– Esta noite foi sensacional.

– Este fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.

Esse(a/s): passado recente ou futuro.

– Ninguém se esquecerá desse carnaval.

– Depois da reunião, sei que esses dias serão diferentes.

Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).

– Foi em 1500, naquele ano, o Brasil surgiu.

– Naquele dia, no Seu dia, Deus fará justiça.

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. Aquele, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.

– Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem desta tem como reflexo aquele.

Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa este e aquele, ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, não está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem desta tem como reflexo aquele, e não esse."

Consulte: FGV – MPE/MS – ANALISTA (DIREITO) – 2013 – QUESTÃO 1 (LETRA D).

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Evanildo Bechara, Celso Cunha, Maria Helena de Moura Neves, Said Ali e Cláudio Brandão. Consulte: COPEVE/UFAL – MPE/AL – ANALISTA DO MP (GESTÃO PÚBLICA) – 2012 – QUESTÃO 29 (LETRA B).

– Esta sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E nisto todos confiam.

Obs.: Usa-se nisto também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. Nisto, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se <u>sempre</u> a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– Isso que você disse não está certo, amigo. É por essas e outras que nada funciona neste país.

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances esses que me fazem falta."

<u>Só de curiosidade</u>: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

O s **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não sou d**essas**, não!* (desprezo)

– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa**, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n**aquilo** ...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)

– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos) **que** veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém **que** esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um, **que** compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali, **onde** você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar **que** é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa, **que** é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

   – O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro que é espetacular (ou O livro qu estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo por quem tenho grande admiração.

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. Não está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

   – Este ó livro que pretendemos comprá-lo. (Este é o livro que pretendemos comprar.)

   – A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos dela. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– O filho, pelo qual a mãe tinha amor, era bom. (Quem tem amor, tem amor por.)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– Este é o carro que precisamos. (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo o. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "… omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– Este é o livro que o autor é excelente. (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– Este é o livro cujo autor é excelente. (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui cujo por que! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão queísmo já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo que, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro que eu comprei na concessionária que eu encontrei meu amigo que trabalhava lá era bom." / "O aluno que foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site www.portugueshoje.com.br, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo que.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– O jornalista, que redigiu a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.

– O jornalista, autor da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.

b) Substituição por adjetivo.

– A política no Brasil é constituída por políticos que não são honestos.

– A política no Brasil é constituída por políticos desonestos.

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– Publicou-se um relatório que denuncia a corrupção no governo.

– Publicou-se um relatório denunciando a corrupção no governo.

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem que foi publicada pelo jornal.

– Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem publicada pelo jornal.

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

QUE (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão, **que** (= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra, **a que** (= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o (= aquilo)**que** preocupa os vascaínos.*

– *Os dois, **que** (= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades **de que** (= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o que pode estar elíptico.

– A sala estava cheia de alunos que conversavam, (!) riam, (!) dormiam.

2) O relativo que só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– Este é o ponto com que concordo, mas foi este sobre o qual você falou?

– A pessoa ao encontro da qual deveria dirigir-me virou o rosto.

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo que: o qual.

– Conheci o pai da garota que se acidentou. (Quem se acidentou?)

– Conheci o pai da garota o qual (ou a qual) se acidentou. (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo cujo):

– Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.

Reitero: evite usar o que quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: Consegui retornar ao colégio do bairro que marcou minha vida. O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o que também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem, que destrói vidas, deve ser evitada. (construção ruim) / A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem, a qual destrói vidas, deve ser evitada. (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo que (= o qual) com a conjunção integrante que, ou com o pronome interrogativo que, ou com a partícula expletiva que (que faz parte da expressão formada por ser + que).

– Encontrei o homem que estava devendo o curso. (pronome relativo)

– Eu disse ao homem que se afastasse dela. (conjunção integrante)

– Eu não soube pelo homem que era para fazer. (pronome interrogativo/indefinido)

– Foi este homem que nos agrediu, policial! (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo o qual, com valor partitivo, normalmente usado após numerais certos pronomes indefinidos.

– Ele escreveu mais de dez romances, três dos quais já foram traduzidos em vários idiomas. (os quais retor romances).

– Há bons imóveis aqui, muitos dos quais estão valorizando cada vez mais. (os quais retoma imóveis)

QUEM

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou ur nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça **a quem** devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem **a quem** mais admiro.*

– *Conheci uma musa, **por quem** me apaixonei.*

– *Deus, **perante quem** me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição sem antes de quem; prefere-se sem o qual em vez de sem quem:

Esperávamos Maria, sem a qual não sairíamos.

2) É denominado relativo indefinido (ou pronome relativo sem antecedente), ou ainda, pronome indefinid quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o quem (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o quem equivale a aquele que, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada

por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

- Quem lê sabe mais.
- Quem despreza a razão odeia a si mesmo.
- A vingança era quem o impelia.

3) É importante dizer que o quem pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "Quem é você?".

CUJO

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qua geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes de
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de + antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo, **cujo** passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo.

– *Esta é uma doença **contra cujos** males os médicos lutam.* (… contra os males da doen

– *Vi o filme **a cujas** cenas você se referiu.* (… às cenas do filme)

– *O telefone, **cuja** invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone…)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e **cujo** conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (… o conteúdo do registro formal…)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*

– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*

– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*

– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*

– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o quanto pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

ONDE

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Agluti se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*

– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*

– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*

– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*

– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*

– *O adversário invadiu sua mente –**onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo onde na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Iss costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

   – Ontem, fomos recepcionados pela Camila onde nos acolheu com muito afeto.

   – Esta instrução é excelente onde permite que a criança aproveite o máximo.

   – A sala é bem espaçosa onde tornou possível as brincadeiras em grupo.

   – Há uma boa variedade de atividades onde o professor também é um observador.

No português padrão, os "ondes" acima devem ser substituídos, respectivamente, por a qual, pois, o que,

das quais, porque onde equivale a "lugar em que" ou simplesmente a "em que", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

COMO

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*

– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*

– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*

– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo como pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

QUANDO

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*

– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de advérbio relativo (onde e como entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) ***A diplomacia é exatamente isto: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)**

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.

b) dêitica.

c) epanafórica.

d) catafórica.

e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem… deixa isso para lá… vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando… a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica [refere-se a algo anterior] e catafórica [refere-se a algo posterior]) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou…* (valor anafórico)

– ***Ela** … sempre **ela** … Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência*** *tem bons precedentes, logo Maria será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós*** *costumamos ajudá-lo,* ***Vossa Excelência****, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em discurso relatado (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(…) Por essa razão, Assenoff disse a Meire-Anne:

–Eu não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que tu me implores.

Note que Eu e tu retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (val catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome**

relativo. Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso…

1. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?**

   Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na sua construção foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a seu funcionamento.

   I. A substituição de "em que" por no qual mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

   II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

   III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada)** ***(…) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (…)***

   – A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.**

   O ocidente europeu no período medievo foi um mundo onde o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente identificado como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada onde se cobrava pedágio.

   ( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substitu "onde" por em que.

   ( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: Conquanto as relações.

   ( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo no entanto depois de "identificado".

( ) **Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por a qual.**

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;

b) V, F, F, V;

c) F, V, V, F;

d) F, F, V, F;

e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode mantê-lo sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO_2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à sua redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO_2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o seu consumo, nem pensar.

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. Esse ciclo de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (…)

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".

c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".

d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".

e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;

b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;

c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;

d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;

e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. **(Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – não deverá concretizar-se – não prejudicaria a correção gramatical do texto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam o que se passa em seu interior. (...)

7. **(Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatica ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?**

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. **(Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. **(Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome**

antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(...) A ciência moderna ensinou-nos a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só se constitui como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao tornar-se senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em qu ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".

( ) CERTO ( ) ERRADO

(...) Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência,que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".

( ) CERTO ( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que sua própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "sua" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. Ela respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos…

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome "Ela" remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:

a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.

b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.

c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.

d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.

e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão <u>na qual</u> decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação <u>em que</u> irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011)… nem por isso deixa de cultuar <u>Delacroix</u>…

Cézanne admira <u>a maestria plástica de Rubens</u>…

… já encontramos <u>a chave do enigma cézanneano</u>.

A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:

a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;

b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;

c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;

d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;

e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhad na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que o instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".

A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões…… se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.

b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas,…… o cérebro humano é capaz de processar.

c) As hipóteses aventadas,…… se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.

d) As implicações causadas pela onipresença da internet,…… está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.

e) As informações…… dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:

a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;

b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (…) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;

d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;

e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;

b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;

c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;

d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;

e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) III, somente;

d) I e III, somente;

e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;

b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;

c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;

d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;

e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos o elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.

d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.

e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está INCORRETA em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.

b) Tudo se disse e nada ficou acordado.

c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.

d) Alguém nos informará o valor do prêmio.

e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos (como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funcion como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:

a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]

b) "… quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]

c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]

d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;

b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;

c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;

d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;

e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção “O que tais pessoas talvez nunca percebam”, o pronome “tais” está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) “Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia.” (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);

b) “na sua cadeia genética” (em sua cadeia genética);

c) “por que ele iria suportar” (como ele iria suportar);

d) “mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo” (mai população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);

e) “suportar a dor das perdas prematuras a qual” (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) “foram se fechando” – *foram fechando-se;*

b) “Pensa-se logo num palhaço” – *Se pensa logo num palhaço;*

c) “ninguém lhe esquece a tristeza” – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*

d) “Trata-se na verdade” – *Se trata na verdade;*

e) “que quase se limita a olhar” – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.

c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.

d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a “meritocracia”.

e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ***Mas isso não tem de ser assim.*** **(3º parágrafo:** ***Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas isso não tem de ser assim. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*****)**

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.

b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.

c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.

d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.

e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região com o capitalismo mundial.

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga…*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.***

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.

c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.

d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.

e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome

tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (… o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a…) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há muito tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (…) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra. (…) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.

b) muito.

c) qualquer.

d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre… – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.

b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?

c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.

d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A reciprocidade de tratamento é tradicional princípio da liturgia diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a tensão na convivência entre os países, colaborando para mantê-la em desejável harmonia. É hipocrisia, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".

b) “liturgia”.

c) “reciprocidade”.

d) “tensão”.

e) “hipocrisia”.

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está corre ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, seu crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (…)

– O pronome “seu” retoma o antecedente “produção manufatureira”.

Fragmento de texto

(…) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (…)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma sociedade tão igualitária quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas tem limitada capacidade transformadora. A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos. E isso não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. Esse resultado não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a todos não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome “todos” retoma e sintetiza os termos da enumeração “a igualdade, o respeito e a dignidade”.

b) a expressão “tem limitada capacidade transformadora” retoma, com outras palavras, a ideia de “reproduz o mundo com extrema facilidade”.

c) o substantivo “seres” e o pronome “que” retomam a expressão “seus educados cidadãos”.

d) a expressão “Esse resultado” retoma a ideia de “sociedade tão igualitária”, já sintetizada em “isso”.

e) os pronomes “sua”, “suas”, “ele” e “se” referem-se a “o cidadão”.

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) “Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.”

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.

b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.

c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.

d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.

e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;

b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;

c) a tradição da escrita em papel;

d) a observação do cérebro de crianças e adultos;

e) a escrita de próprio punho provoca (…) uma atividade significativamente mais intensa do que a d digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado…

b) Maior do que esperaria-se…

c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados…

d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas…

e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador…

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(…) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproxima los…" § 6 (jovens).

b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar do colegas". § 6 (pais).

c) "(…) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura…" § 7 (colegas).

d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reun na mesma sequência, os pensamentos, é:

I. O nome da cidade é Nadópolis.

II. A população da cidade a respeita muito.

a) onde;

b) que;

c) cuja;

d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.

I. O fragmento “minhas duas filhas estão se preparando” pode ser substituído por “estão preparand se”.

II. O fragmento “que se tratava de transposições” pode ser substituído por “se tratavam”.

III. O fragmento “Não vou me deter” pode ser substituído por “Não deter-me-ei”.

IV. A próclise, em “Aí tudo se torna” e “Já me deparei”, ocorre devido à presença de expressões indefinidas.

Está(ão) correta(s):

a) apenas I;

b) apenas III;

c) apenas I e II;

d) apenas II e IV;

e) apenas II, III e IV.

“(…) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em “porque é mais fácil para o cérebro compará-las”, o termo -las refere-se a:

a) uma das loiras;

b) uma loira e uma morena;

c) duas loiras;

d) dezenas de morenas;

e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) “a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses” No exemplo acima, o vocábulo “que” substitui um termo antecedente (“boneca”) e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;

b) “Aposto que você nem sabia”;

c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;

d) “ninguém mais fraco do que nós”;

e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;

b) formamos um grande grupo – formamo-nos;

c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;

d) mudar o mundo – mudar-se;

e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis,…… o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;

b) no qual;

c) de que;

d) de cujo;

e) em que.

53. (FCC – METRÔ/SP – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO JR. – 2014) "*… 'sertanejo' indicava indistintamente as músicas produzidas no interior do país…*"

Transpondo-se a frase para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) vinham indicadas.

b) era indicado.

c) eram indicadas.

d) tinha indicado.

e) foi indicada.

54. (VUNESP – SAP/SP – AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA SANITÁRIA – 2015) Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal.

a) Ainda têm-se notícias de pessoas afetadas pelas diversas formas contemporâneas de escravidão

b) A sociedade não conscientizou-se plenamente ainda da importância do combate à escravidão.

c) Se encontram no mundo contemporâneo muitas pessoas afetadas pelas diversas formas de escravidão.

d) A sociedade contemporânea agora se vê com o grande desafio de combater a escravidão.

e) O mundo atual tem caracterizado-se por uma série de ações de combate a todas as formas de escravidão.

55. (COPEVE-UFAL – UNCISAL – NÍVEL SUPERIOR – 2015) Os pronomes demonstrativos estabelecem referências espaciais e temporais em relação às pessoas do discurso. Qual alternativa apresenta o uso correto desses pronomes?

a) Nesse ano estou estudando mais.

b) Sombra e água fresca; é disto que preciso.

c) Essa cicatriz no meu braço eu ganhei na infância.

d) Estas são as frutas de que gosto: banana, maçã e melancia.

e) Gosto muito de teatro e música: este porque encanta; aquela porque instrui.

Gabarito

1. II.
2. INCORRETO.
3. A.
4. C.
5. A.
6. CERTO.
7. ERRO GRAMATICAL.
8. CERTO.
9. ERRADO.
10. ERRADO.
11. CERTO.
12. CERTO.
13. ERRADO.
14. CERTO.
15. C.
16. B.
17. E.
18. A.
19. C.
20. C.
21. E.
22. C.
23. D.
24. E.
25. C.
26. C.
27. B.
28. INCORRETO.
29. B.
30. A.
31. B.
32. D.
33. CORRETO.
34. ERRADO.

35. E.
36. ERRADO.
37. ERRADO.
38. C.
39. E.
40. A.
41. CORRETO.
42. E.
43. C.
44. E.
45. D.
46. A.
47. C.
48. A.
49. C.
50. C.
51. C.
52. C.
53. C.
54. D
55. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado… e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)

– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)

– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)

– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)

– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)

– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)

– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: plantação (ato de plantar), morte (estado), chuva (fenômeno natural), satisfeito (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois não indicam tempo em si mesmas, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem… para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;

2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens*ar e *sent*ir); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.

3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de

concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam… eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam… eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão…*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós **insistiremos** nessa questão, porque **cremos** em nosso ponto de vista.* (**re**: desinên modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem… vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir) Por exemplo: Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação. Note que as palavras ser, estar e ficar servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação. Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: Estudo para passar na prova. Note que passar indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em Formas Nominais do Verbo ,

ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história… Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih… estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta…

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais

o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então…

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas… se estiver casado há muitos anos… ih… a **ordem** é o expediente… Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade… Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**… tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos

sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico… podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado…". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

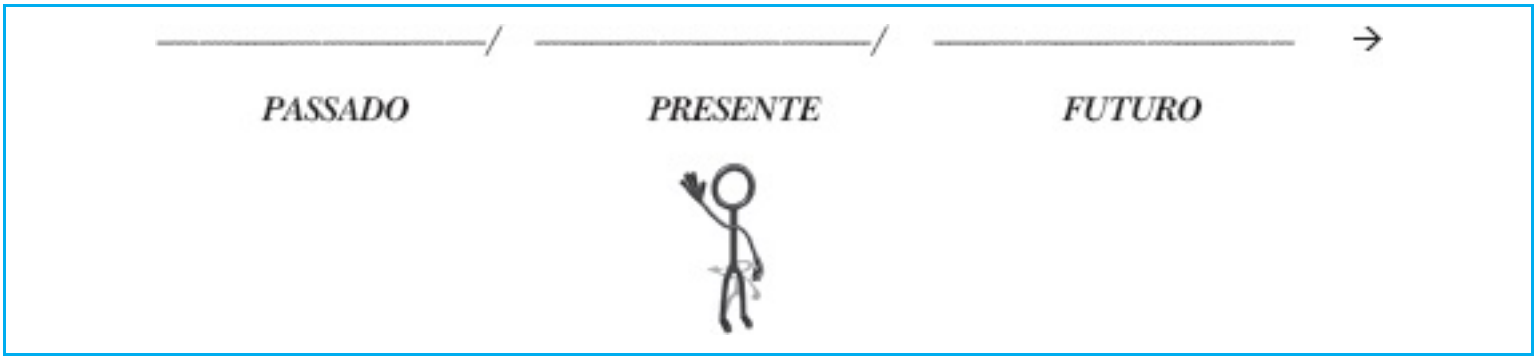

Entendendo melhor…

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí…

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não* ***posso*** ***deixar*** *que isso* ***ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo…

Obs.: Importante saber sobre radical:

Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu* ***a****mo muito minha esposa.*

Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu* ***ama****va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu amo.", o **-o** é DNP; em "Espero que ele

volte." ou "Espero que ele beba.", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu amei, tu am**a**ste, ele amou, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -a.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -e.

PART**I**R: Eu part**o**, tu partes, ele parte, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles partem. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -i.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pô**e**s, ele pô**e**…).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	e	infinitivo
presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r[2]

perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	gerúndio
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
futuro do presente	ra (re) (tônico)	---	particípio
futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do[1]
futuro do subjuntivo			r[2]
As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (e/a), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

Obs.: [1] Para muitos gramáticos, o a e o i do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (-do) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos to; imprimir > impresso).[2] Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu vencer, preciso de você. / Enquanto eu vencer, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste /3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
futuro do presente do		

indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
imperativo afirmativo	---	1ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: -s, 1ª pessoa do plural: -mos, 2ª pessoa do plural: -is e 3ª pessoa do plural: -m. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

… e ele <u>pretendia</u> fazer o terceiro filme seguido lá…

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Houve um tempo em que eu…

b) …o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.

c) … mas você gostaria de fazer alguma observação?

d) …estava ligado em comédia…

e) Mas não sinto mais a mesma coisa.

Comentário: O gabarito é a letra d) porque pretendia e estava estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs " a" (em pretendia) e "va" (em estava). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP " u"; c) "ria" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) " o" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ser) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ser +

particípio (O problema será resolvido logo.). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** mais, talvez conquistaríamos a Copa.

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ser no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como principal. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: " O cidadão tinha sido advertido pelo guarda duas vezes.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que tinha sido são dois verbos auxiliares e advertido, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva… falarei sobre isso à frente, em voz verbal… aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: Estar a escrever é construção própria do português de Portugal, análoga a estar escrevendo, própria do português brasileiro. E… como se vê… o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui.* (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar****!* (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento estudar***. (tentativa, esforço)

– ***Devo*** ***estudar***. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)

– ***Consegui*** ***estudar***. (resultado, consecução)

– *Ele* ***parece*** ***estudar***. (aparência, dúvida)

– ***Vou*** ***estudar***. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo poder NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com falta de um diálogo sustentado (…). (Texto 1, linha 11).

b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (…). (Texto 1, linha 17).

c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)

d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).

e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (…). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados…", o verbo poder indica obrigatoriedade, imposição (mesmo valor de dever: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não devem ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: Sorria! Você está sendo filmado. / O jogador tem sido comparado pelo olheiro ao Romário. / A dívida deve começar a ser paga antes que sejas preso.

3) Cuidado com o gerundismo! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "… outra vacina que vamos estar aplicando amanhã". O grande professor Sírio Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico Formas Nominais do Verbo (Gerúndio) mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos poder, dever e costumar, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares poder, dever e costumar. O que acha da frase a seguir?

- Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo dever está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (… deve-se avaliar…), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "… avaliar primeiramente os motivos dessa decisão deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, em poucos casos, como o primeiro a seguir, a análise entre locução verbal e grupo de verbos que não formam locução é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos queríamos e colher constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo rosas o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é colher rosas e a declaração principal se contém incompletamente em queríamos." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo querer. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: Quero beber (locução verbal, uma oração) água. / Quero (um verbo, uma oração) + beber (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) água. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo parecer:

- Eles parecem estudar bastante. (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
- Eles parece / estudarem bastante. (não é uma locução verbal; leia-se: "Parece / que eles estudam bastante.")

Cuidado agora com as falsas locuções verbais!

Os verbos causativos (mandar, deixar, fazer) e sensitivos (ver, ouvir, sentir) nunca formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

- Já te mandei ficar quieto. (Leia-se: Eu já mandei que tu ficasses quieto.)
- Eu a vejo passando todos os dias por aqui. (Leia-se: Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.)

Quando o infinitivo da locução verbal pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos compete realizar (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo competir é o infinitivo realizar, ou seja, "Realizar tarefas desagradáveis (sujeito) não nos compete (verbo).". Outro exemplo: "Sempre falta explicar um assunto.", em que explicar é o sujeito de faltar, ou seja, "Explicar um assunto (sujeito) sempre falta (verbo).". Nestes casos, NÃO há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a

possibilidade de dupla análise, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo querer.

- Eu espero encontrar o caminho. (locução verbal)
- Eu espero encontrar (que eu encontre) o caminho. (dois verbos, em que o segundo é o complement do primeiro)
- Certas mulheres admitem gostar de homens mais novos. (locução verbal)
- Certas mulheres admitem gostar (que gostam) de homens mais novos. (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "Vou-me arrumar para a festa." ou " Vou me arrumar para a festa." ou " Vou arrumar-me para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

- Hoje,estou, mais do que nunca,estudando muito para a minha prova.

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência d verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

   a) "Os imóveis não <u>podem ser vendidos</u> nem dados como garantia de empréstimos

   b) "Desde o ano passado, essa entidade <u>vem tentando regularizar</u> terrenos…"

   c) "<u>Passou a receber</u> um salário-mínimo dos membros da Câmara…"

   d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, <u>conseguiu ganhar</u> a posse da casa…"

   e) "Primeiro, <u>deve-se provar</u> que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista… conseguiu (VTD) ganhar a posse da casa (OD).". Se ganhar a posse da casa é o complemento do verbo conseguir, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo querer, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo conseguir entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar conseguiu ganhar como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos dever, poder e costumar acompanhados da partícula se apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em deve-se provar, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o se é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo dever é "provar que… Igreja", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que deve-se provar é locução verbal e o sujeito dessa locução é que o intuito do doador era. Polêmicas… Falarei mais sobre essa construção no capítulo de Concordância Verbal. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre ter de e ter que. A construção "Você tem que estudar." indica imposição ou necessidade, e o que é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você tem de estudar.", em que tem de estudar é uma locução verbal culta, e tem que estudar, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão ter que pode ser usada, mas a análise muda: em "Tenho muito que estudar.", o que é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido muito. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por ir + ir (vou ir, vai indo…) ou vir + vir (venho vindo, vem vindo…) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram, podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. ex.: Ele estuda durante o verão.).

Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).

Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.

– *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*

– *O cachorro **pegou** o osso no ar.*

2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentac em seu **início**.

- *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
- ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*

3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **contin** sem conclusão, num **movimento progressivo**.

- *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
- ***Temos exercitado*** muito a Língua Portuguesa.

Obs.: O pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, co começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.

- ***Conseguimos ler** o texto todo.*
- ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O pretérito perfeito (completo) do indicativo se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo** : o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.

- *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*
- *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

- *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*
- *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha co verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

- *Todo número par **será** divisível por dois.*
- *Mulher **é** bicho difícil de entender.*
- *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;

b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)

c) habitual, durativo e progressivo;

d) imperfectivo, pontual e comunicativo;

e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo

o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem… o gabarito é a letra B, pois iterativo é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), desiderativo, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e incoativo é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função d sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo***. (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintá de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.

*Era para tu cantar**es***

Era para ele cantar.

*Era para nós cantar**mos.***

*Era para vós cantar**des.***

*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinitivo x Futuro do Subjuntivo

O futuro do subjuntivo participa de orações iniciadas por conjunções, como se ou quando, indicando hipótese condicional ou temporal ou de orações iniciadas pelo pronome interrogativo "quem". Já o infinitivo normalmente vem depois de preposições (a, de, para, por…), indicando significado declarativo. Consulte o quadro da página 379.

- Quando eu chegar, quererei festa. (futuro do subjuntivo)
- Ao chegar, quererei festa. (infinitivo)
- A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. (infinitivo)
- Se persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles proporem um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo propor, derivado do verbo pôr (conjugue o verbo pôr e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo não pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles propuserem um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto! Consulte: FGV – DPE/MT – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2015 – QUESTÃO 16.

- Pestana, nunca sei quando usar ESTÁ e ESTAR, DÁ ou DAR, e por aí vai… Pode me ajudar?

- Posso! A diferença básica é que as formas infinitivas ESTAR e DAR são usadas em três situações: depois de preposição (Para estar feliz, é preciso saúde), em locução verbal (Vou dar um presente a ela) e em oração reduzida de infinitivo (Estar triste é um estado de espírito). Nas demais situações, use ESTÁ e DÁ, que são formas verbais de 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (Ela dá dinheiro aos pobres e está satisfeita com isso). Abs!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ser, ir, vir (e derivados), ver (e derivados), pôr (e derivados), ter (e derivados), caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?) e -uar.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações

reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava **lendo** o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando **lutando** para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito** várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo** a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está **estudando**.*

– ***Deixando** a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se **plantando**, tudo*

– *O balão subiu rapidamente,**desaparecendo** no ar.*

– *O jogador pulou **cabeceando** a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo **está mudando**.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando** uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol **vai raiando**, **vai subindo**, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio

indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

- Chorando, o menino se despediu do pai.
- Ele toma sopa fazendo ruído.

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

- Tire essa água fervendo daqui!

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

- Circulando, circulando!

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

- Varrendo o quarto, não encontrou nada. (tempo)
- Mesmo sendo esperto, não conseguiu enganar a todos. (concessão)
- Você,querendo, chegará lá. (condição)
- Tendo perdido o trem, não cheguei na hora certa. (causa)
- As alunas entraram na sala rindo. (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

- A vela,iluminando, clareia tudo. (causa, tempo, condição, proporção…)

Falarei mais sobre isso no capítulo de Orações Reduzidas.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala… Saiba mais sobre o famigerado gerundismo!

Você pode estar enviando os seus dados?

Eu vou estar confirmando os seus pedidos agora.

O valor vai estar sendo debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você pode enviar os seus dados?

Eu vou confirmar os seus pedidos agora.

O valor vai ser debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio ou estar (indicando futuro) + gerúndio?".

Dizer que o uso do gerúndio é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", ligar não demanda tempo continuado, ligar exprime uma ação única, instantânea, não dá para você ficar ligando para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um taradão do telefone. Logo, evite "Eu vou estar ligando.". Este é um mau do gerúndio, o que incorre em gerundismo. Basta dizer: "Eu vou ligar para você hoje.". Bem mais clean!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do gerúndio é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois vou estar/estarei estudando.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o gerúndio é

utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de telemarketing, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.

b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.

c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.

d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.

e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Consider o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos…"
2. "… floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica…"

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.

b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.

d) Somente I está correto.

e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. GABARITO: E.

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)

– *Se me tivesses **ajudado,** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: Ela foi despejada. O particípio de tempo composto da voz ativa não varia em gênero e número com o termo a que se refere: Ela tem cantado muito. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: Ela tem sido elogiada.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas **atormentadas** podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês **passado**.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípi

– *As meninas chegaram totalmente **molhadas** por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são **esfomeadas** pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente **que foram molhadas** por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– Teve papel destacado pela mídia naquele filme. (que foi destacado, particípio)

– Pessoas atormentadas por espíritos podem ser curadas. (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça)", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como esforçado, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela foi considerada a mais bela miss". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "Tinha realizado o trabalho", " Tinha realizado a lição". Se formar locução verbal com os verbos ser, estar (voz passiva), ter e haver (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução haja vista, em que vista é o particípio do verbo ver, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura haja(m) vista as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de Concordância. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas devido a, por conta de, por causa de. Falo sobre isso no capítulo de Conjunção.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi **reprovado** no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi **resfriado** para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída** a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado** de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas** pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido** pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais tinha, ficou, precisava e adoeceu não indicam, semanticamente, uma ação praticada pelo sujeito, mas sim posse, estado, necessidade e mudança de estado, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo levar indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (Sou feliz.) e impessoais (Chove muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos caras: não há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer etc., pois, segundo ele, o que importa é a forma do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda voz ativa com verbo de sentido passivo (Bechara chama isso de passividade) com voz passiva. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela forma em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, é a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa. (Consulte: NCE/UFRJ – ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO – 2010 – QUESTÃO 7 (LETRA C)). Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada

em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era… adivinha? … Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – voz ativa com verbo de sentido passivo.

III. Isso foi sabido de todos. – voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)

c) I apenas.

b) II e III.

d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:

– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)

– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada** **pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasilei ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar*** + ***particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito,

e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em " *Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados***. (voz passiva analític

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** a *Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr… quer dizer… esdrúxula? É isso aí… prossigamos…

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ser/estar/ficar + particípio; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ser + particípio.

   – Os resultados da pesquisa foram apresentados pela Instituição.

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "É chegada (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo,

sendo o sujeito paciente um humano: Não seja guiado por outros! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: ter/haver + sido + particípio: João tinha sido baleado por bandidos num assalto.

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o verbo transitivo direto (VTD) ou transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador se; o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

- Apresentaram-se os resultados da pesquisa.
- Apresentaram-se os resultados da pesquisa aos clientes.

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção não estaria de acordo com o registro culto da língua, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)… Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tradicionais. Veja o capítulo 19 (em sujeito indeterminado).

Obs.: Os verbos chamar-se, batizar-se, operar-se (no sentido cirúrgico), vacinar-se são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de +**verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas… a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que **voz ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação

possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– O homem ***acompanhou*** *todas as pendências do dia*. (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser + particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** pelo homem. (voz passiva analític

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a passiva sintética?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva sintética.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva ser + particípio (no infinitivo) e sendo + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: ter/haver + sido + particípio do verbo principal.

- Vou comprar uma casa. (voz ativa) / Uma casa vai ser comprada por mim. (voz passiva analítica)
- Estou comprando uma casa. (voz ativa) / Uma casa está sendo comprada por mim. (voz passiva analítica)
- Espero que tenham resolvido as pendências. (voz ativa) / Espero que as pendências tenham sido resolvidas. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

- Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos havia remodelado.

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois preposição é expletiva: Eu cumpri com o dever. (voz ativa) > O dever foi cumprido por mim. (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, não ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer, e outros, como pesar (de peso), ter (e conter), que indicam posse, e haver, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: Maria pesa 50 quilos. / Houve briga. Não é possível passar para a voz passiva, veja: 50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???). Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar (com complemento de pessoa), responder etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz

passiva de assistir (= ver). Veja:

- Não apelaram da sentença. / A sentença não foi apelada.
- Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa foi assistida por muitas pessoas.
- Pagamos às empregadas. / As empregadas foram pagas por nós.
- Todos lhe perdoaram. / Ele foi perdoado por todos.
- Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas serão respondidas.
- João abusou de Maria. / Maria foi abusada por João.

Os verbos obedecer e desobedecer, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: A ordem da mãe foi obedecida / Obedeceu-se a ordem.

Outra informação importante é que os verbos assistir (= ajudar) e pagar/perdoar (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

- O professor continua assistindo os alunos. / Os alunos continuam sendo assistidos pelo professor.
- Tomara que tenham perdoado toda a dívida. / Tomara que toda a dívida tenha sido perdoada.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta NÃO tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o bizu! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) …que para fazer uma vida nova…"
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas…"

Comentário: O verbo responder é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(…) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias

gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo obedecer não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)

c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.

d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.

e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para fechar o caixão sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.

b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.

c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.

d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.

e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) Parecem é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) Eis o gabarito, pois o verbo é transitivo direto: O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata. c) Verbo haver (= existir), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Ocorre passagem de voz ativa para passiva sintética quando o sujeito da ativa é indeterminado; basta acrescentar o pronome apassivador se e adaptar a concordância, se necessário for. Veja:

– ***Resolveram*** *todas as pendências da empresa.* (voz ativa)

– ***Resolveram-se*** *todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

– *Para* ***resolver*** *as pendências, será preciso coragem.* (voz ativa)

– *Para **se resolverem** as pendências, será preciso coragem.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado em ambas as frases dos pares acima: "Todas as pendências da empresa foram resolvidas", "Para as pendências serem resolvidas, será preciso coragem". Note que, no segundo exemplo de voz ativa, o sujeito do infinitivo é indeterminado (consulte a página 587). Por favor, não deixe de reler o tópico 1 da página 366! A título de ilustração, isso caiu na seguinte prova: FCC – TCE/CE – ANALISTA DE CONTROLE EXTERNO – 2015.

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo alguém)

– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,**colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor alg alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda reflexividade com voz reflexiva. Na voz reflexiva, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) me, te, se, nos, vos. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um bizuzex: basta acrescentar a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, respectivamente. A reflexividade aparece em estruturas diferentes, sem pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás de si o passado sombrio.". Essa frase está na

voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (Erasmo dedicou-se mais à pintura…) e "se afastar" (… foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia…) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s) –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8ª R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14.

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– O dinheiro se foi.
– O sol se pôs.
– Nós nos queixamos muito da vida.
– Nunca me arrependi daquilo.
– Nunca mais se atreva a expor minha mulher ao ridículo.
– Não me venha com bobagens!
– João se levantou.

3) Com o prefixo auto-, a voz é sempre reflexiva: "Ele se automutilou.".

4) Sobre o exemplo " O preso suicidou-se.", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (sui + cida) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o se não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas… nunca se sabe! Agora, em "Ele matou-se.", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome se de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– Julgou-se o homem mais inteligente do mundo. (voz passiva = O homem mais inteligente do mundo fo julgado. / voz reflexiva =Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.)

– Vestiram-se o ator e a atriz. (voz passiva = O ator e a atriz foram vestidos. / voz reflexiva =O ator vestiu a mesmo e a atriz vestiu a si mesma. / voz reflexiva recíproca =O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.)

Para que o verbo possa ser considerado reflexivo recíproco, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em " Consertam-se relógios.", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois relógios não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

- **Voz Reflexiva Recíproca** – Eles ofenderam-se mutuamente.

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.

b) P – A – R – P.

c) A – R – R – A.

d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.". O verbo esforçam-se indica ação do sujeito Vários países, e o pronome se não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo esforçar-se. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: analítica, formada com o verbo ser seguido de particípio, como ocorre em " O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados; e sintética.", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador se, como ocorre em " Com a descoberta do petróleo,criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.". Note que em "é formado da decomposição de matérias orgânicas" o agente da passiva começa pela preposição de, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o se é pronome reflexivo: os países veem (praticam a ação de) a si mesmos / se (recebem a ação de).

Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem… os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presen do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	VENDer	PARTir
Ame	Venda	Parta
Ames	Vendas	Partas
Ame	Venda	Parta
Amemos	Vendamos	Partamos
Ameis	Vendais	Partais
Amem	Vendam	Partam

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: haver, ser, estar, dar, ir, querer e saber, que fazem no presente do subjuntivo: haja, seja, esteja, dê, vá, queira e saiba. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos

que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, n à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m,**vendera**m,**partira**m*… depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	VENDERAm	PARTIRAm
Amara	Vendera	Partira
Amaras	Venderas	Partiras
Amara	Vendera	Partira
Amáramos	Vendêramos	Partíramos
*Amáreis	*Vendêreis	*Partíreis
Amaram	Venderam	Partiram

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	VENDEste	PARTIste

Amasse	Vendesse	Partisse
Amasses	Vendesses	Partisses
Amasse	Vendesse	Partisse
Amássemos	Vendêssemos	Partíssemos
Amásseis	Vendêsseis	Partísseis
Amassem	Vendessem	Partissem

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	VENDEste	PARTIste
Amar	Vender	Partir
Amares	Venderes	Partires
Amar	Vender	Partir
Amarmos	Vendermos	Partirmos
Amardes	Venderdes	Partirdes
Amarem	Venderem	Partirem

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAR	VENDEr	PARTIr

Amarei	Venderei	Partirei
Amarás	Venderás	Partirás
Amará	Venderá	Partirá
Amaremos	Venderemos	Partiremos
Amareis	Vendereis	Partireis
Amarão	Venderão	Partirão

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAR	VENDEr	PARTIr
Amaria	Venderia	Partiria
Amarias	Venderias	Partirias
Amaria	Venderia	Partiria
Amaríamos	Venderíamos	Partiríamos
*Amaríeis	*Venderíeis	*Partiríeis
Amariam	Venderiam	Partiriam

Obs.: Não seguem esta regra os verbos dizer, fazer e trazer, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: direi, diria; farei, faria; trarei, traria.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAR	VENDEr	PARTIr
Amava	Vendia	Partia
Amavas	Vendias	Partias
Amava	Vendia	Partia
Amávamos	Vendíamos	Partíamos
*Amáveis	*Vendíeis	*Partíeis
Amavam	Vendiam	Partiam

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática e vira i, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, ser, ter, vir e pôr, que fazem no imperfeito era, tinha, vinha e punha, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amares	Venderes	Partires
Amar	Vender	Partir
Amarmos	Vendermos	Partirmos
Amardes	Venderdes	Partirdes
Amarem	Venderem	Partirem

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome interrogativo quem (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– A vida vai mudar para quem obter boa nota no concurso. (construção errada/infinitivo)

– A vida vai mudar para quem obtiver boa nota no concurso. (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo obter é derivado do verbo ter, por isso deve seguir a mesma conjugação: quem tiver = quem obtiver. No futuro do subjuntivo! E agora?

– A aluna comprou o meu material para obter boa nota no concurso (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.

Note agora:

– Perderá pontos se não rever seu texto. (construção inadequada/infinitivo)

– Perderá pontos se não revir seu texto. (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo rever, por ser derivado de ver, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo ver é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever…) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir vir com vier. A forma vir pode ser infinitivo (Ela foi convidada para vir a Recife.) ou futuro do subjuntivo do verbo ver (Ele só comprará o material se vir a aula demonstrativa.). A forma vier é futuro do subjuntivo do verbo vir: "Ele só ficará satisfeito se você vier ao Rio de Janeiro.".

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é concurseiro-ratão, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.Observe que, mesmo depois de conjunções, o infinitivo pode aparecer, constituindo uma oração subordinada substantiva. Exemplo: "Se fazer exercícios é essencial para a saúde, passarei a fazer todos os dias". Estaria errado assim "Se fizer exercícios é essencial para…". Cuidado com essa pegadinha, pois as bancas estão cada vez mais maldosas!

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca…*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do	Imperativo	Presente do	Imperativo

Indicativo		Afirmativo		Subjuntivo		Negativo
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	não ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	não ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	não amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	não ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	não amem

Obs.: O verbo ser não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: sê (tu), sede (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também… Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim…) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou… é… como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também… Vem!". Hummmm… estranho, não? Será que é

por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser…

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética… Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa…)

Rasgue *(você) as minhas cartas*

E não me ***procure*** *(você) mais*

Assim será melhor

Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade… daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*

Se ainda ***tens*** *(!)*

Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa… coisa linda!)

Mas se ***tiver***

Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!

Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.

b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.

d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.

e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.

(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe

que todos os verbos estão no imperativo):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado*** a tabela.

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o pretérito perfeito composto é formado por presente do indicativo + particípio e o pretérito mais-que-perfeito composto é formado por pretérito imperfeito do indicativo + particípio.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver + sido +* particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** po vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorad** por eles, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** po vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma falsa locução verbal de tempo composto:

– O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas tem pendurado na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas tem um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, pendurado na parede de casa.

Note que o particípio pendurado, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: "… diploma… que está pendurado na parede de casa".

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais

prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

- ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*
- ***Estou ouvindo*** *música, e você?*
- *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

- *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*
- *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*
- *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece mui em ditados, máximas, leis etc.).

- ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*
- *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*
- *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

- *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*
- *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada, **assiste** a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de presente histórico, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– Flamengo vence (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.

– Em 1500, os portugueses chegam (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e começam (= começaram) a explorar o local.

– É (= Foi) nesse momento que o governo começa (= começou) a oprimir o povo.

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano."

No fragmento acima, retirado do livro Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810), de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do <u>modo de organização narrativa</u>. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em vasculha, encontra. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente para tornar o futuro mais próxim da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– Viajo (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu volto (= voltarei) logo.

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– Se alguém precisa (= precisar) de ajuda, posso ajudar.

– Se não existe (= existir) esforço, não existe (= existirá) progresso.

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, o presente substitui a forma imperativa para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

- João, você me serve (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.
- Quer sentar-se?

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico Valor Discursivo.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama enálage (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

- *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*
- ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*
- *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

- *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*
- *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*
- *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

- *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*
- *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*
- *Quem **pariu*** Mateus que o balance.

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.
   - Depois que viu (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.
2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.
   - "Você já está indo?" "Fui!"
3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.
   - "Achou, ganhou!"

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no presente do indicativo + particípio, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

- Eu tenho estudado muito.
- Nós temos feito todos os exercícios propostos.

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois estudei indica que o fato já cessou, muito diferente de tenho estudado, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, tenho estudado) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: Tenho lido. Tenho concluído. Tenho dito (acréscimo meu).".

No entanto… como nem tudo são flores… veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é… errou. Por causa do advérbio de tempo já, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta tenho lido equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).

e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (dobrara) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (dobrou), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (contribuíram), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (têm contribuído). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira tem dobrado nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma contribuíram, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período tem sido um dos principais dínamos do PIB, é porque tem contribuído para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".

Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem… vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

- *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
- ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
- *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

- *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
- *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida,**era*** uma choradeira.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)… baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,

a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era*** uma vez um rei e uma rainha…

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– Você podia (= pode) me ajudar?

– Mãe, eu precisava (= preciso) muito falar contigo.

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho entrava (= entraria) para uma boa escola, formava-se (formar-se-ia), e depois virava (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– Se ele me atendesse bem, eu comprava o produto dele. (errado)

– Se ele me atendesse bem, eu compraria o produto dele. (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

- *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*
- *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*
- *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

- *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

- *Quem me **dera** passar na prova!*
- ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*
- ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito d subjuntivo (normalmente em registro literário).
   - Que fora (= seria) a vida, se nela não houvera (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar ter ou haver no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

- Eu já havia estudado (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.
- Havíamos pensado (= Pensáramos) que ela não voltaria.

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não tinha escrito nem ao menos uma linha do script. (gabarito!)

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: escrevera < > tinha escrito.

Futuro do Presente

1) **Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer**

- ***Passarei*** *na prova. Fato!*
- *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*
- ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) **Indica um fato futuro incerto, hipotético** (em perguntas, normalmente).

- ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*
- ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*
- *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como achará amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

- Não matarás, não cobiçarás…

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar ir (no presente do indicativo) + infinitivo a fim de substituir o futuro do presente simples:

- "Eu vou estudar muito amanhã." no lugar de "Eu estudarei muito amanhã.".

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção haver + de + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte <u>comentário</u>:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

- Quando o inverno chegar, eu quero (= quererei) estar junto a ti.
- Se os políticos brasileiros pararem de roubar,passo (= passarei) a votar neles.

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no futuro do presente simples do indicativo + particípio, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

- Quando você chegar, eu já terei partido.

- Daqui a dois meses,terei absorvido informações valiosas.
- Terá Maria sabido a verdade sobre João?

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

- *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
- *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
- *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica

a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:

a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)

b) Incerteza sobre fato passado.

c) Ação ocorrida antes de outra passada.

d) Fato que depende de certa condição.

e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

- *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
- ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
- *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam*** reclamando.

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), passaria fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria

garantida.

3) **Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros** (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** dez bandidos envolvidos no assalto.

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– Pediria (= Peço) que todos saíssem. Grato.

2) Pode indicar impossibilidade diante de um juízo de valor:

– Eu lá beijaria aquela boca!

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no futuro do pretérito simples do indicativo + particípio, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– Teria feito (= Faria) diferente se tivesse tempo.

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a…".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós…"

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar… o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti…"

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada…

Direto… do túnel… do tempo…

Agora, na boa, falando sério… baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

- *Deus te **guie**.*
- *Nada de cerimônias:**pensem** que estão em sua casa.*
- *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*
- *Receio que **aconteça** o pior.*
- *É provável que **surja** outra oportunidade.*
- *É preciso que **estudemos** suficientemente.*
- *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*
- *De todos as informações,**destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu faço?", por "O senhor quer que eu faça?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

   - O cidadão que ama sua pátria engrandece-a. (realidade)
   - O cidadão que ame sua pátria engrandece-a. (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no presente do subjuntivo + particípio, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

- Espero que você tenha estudado essas classes gramaticais.
- Quando chegarmos, é provável que a palestra já tenha acabado.

Obs.: É de observar a presença da palavra que antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: que eu faça, que tu faças etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

- *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*
- *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*
- *Não admitia que se **fizesse** greve.*
- *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*
- *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*
- *Proibiu que **revelassem** o acordo.*
- *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*
- *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futur do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

   - Desde que eu completasse as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

- Teríamos ficado aqui, se você não tivesse arrumado problemas.

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, faria um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu teria feito um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal

que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

- *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*
- *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*
- *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*
- *Escrevam como **quiserem**.*
- *Quanto maior **for*** o tamanho do bicho, maior será sua queda.

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar ter ou haver no futuro do subjuntivo simples + particípio, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

- Assim que você tiver terminado sua leitura, descanse um pouco.

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

- Cuide dessa gripe, antes que ela se transforme em pneumonia.
- Amar-te-ei até que a morte nos separe.
- Enquanto o mundo for mundo, não te esquecerei.
- Só sairei depois que ele chegar.
- Logo que termine esta carta, vou atendê-lo.

Compare:

- Assim que terminou a carta, foi atendê-lo.
- Amaram-se até que a morte os separou.
- Nosso amor foi grande enquanto durou.

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois

"***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai…

Vamos ao que interessa…

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

- ***Faça*** *já o dever de casa!*
- *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*
- ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*
- ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como…*
- *Por favor,****venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga-*** *me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

- *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

- ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)
- *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)
- ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*
- *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)
- *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)
- *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)
- ***Circulando****, vagabundo,****circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de…*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah…! Agora sim…! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia, é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre

mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: Hoje eu sei que tenho chances com aquela mulher.
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: Hoje eu sei que tive chances com aquela mulher.
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: Hoje ela sabe que tenho lutado por nosso amor.
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: Hoje vejo que naquela época eu tinha chances com ela.
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: Só hoje eu percebo que ela tivera dó de mim.
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: Só hoje eu percebo que ela havia demonstrado pena de mim.
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: Sei que você me apresentará àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: Sei que você me apresentaria a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: Notei que você ia me apresentar àquela mulher.
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: Notei que você o apresentara àquela mulher.
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: Notei que você o havia apresentado àquela mulher.
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: Disseram que ela seria apresentada a mim.
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  Ex.: Queria que ela tivesse sido apresentada a mim.
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  Ex.: Apelara que você me apresentasse àquela mulher.
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: *Se eu passasse por ela, apresentaria a você.
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo

Ex.: *Se eu passasse por ela, teria apresentado a você.

- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo

  Ex.: *Se eu tivesse passado por ela, teria apresentado a você.

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele soube/sabia/soubera que a escola defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo

  Ex.: Desejaria que me apresentasse aquela mulher.

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

  Ex.: Gostaria que você tivesse visto aquela mulher.

- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo

  Ex.: Nós obteremos aquilo que nos propuseram.

- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo

  Ex.: Quando eu passar por ela, apresentarei/apresento a você.

- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo

  Ex.: Quando chegarmos até ela, já terá ido embora.

Mais alguns detalhes importantíssimos…

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– <u>Será</u> *verdade que o professor* <u>explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria</u> *tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar des vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero*** *que ele* ***tenha*** *te* ***apresentado*** *àquela mulher.*

– *Eu* ***permitirei*** *que você* ***conheça*** *minha filha.*

– ***Faça*** *que ele* ***venha*** *logo.*

– *Ele* ***queria*** *que ela* ***viesse*** *agora.*

– *Nós* ***ordenamos*** *que não o* ***deixassem*** *ficar.*

– *Vós* ***tínheis aconselhado*** *que o homem não* ***viesse****.*

– *Eles* ***iriam pedir*** *que você não* ***fosse*** *embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

Ex.: Não ***é*** *certo que você* ***assedie*** *as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

Ex.: ***Esperei*** *durante horas que você me* ***ligasse*****.**

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

Ex.: *Quando os governantes* ***resolverem*** *ser honestos,* ***serei*** *o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.:Se****fôssemos*** *pessoas perfeitas,* ***cometeríamos*** *atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em c se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele* ***está*** *casado* ***há*** *dois meses.*

– *Ele* ***estava*** *casado* ***havia*** *dois meses.*

– "***Há*** *dezessete anos, o progresso material* ***desconhecia*** *a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares famosinhos, dos quais você precisa conhecer a conjugação: requerer, polir, sortir, esta fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).

* Conjugam-se como ferir: aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.

O verbo polir é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular pular: pulo. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara vai polir o carro ou vai pular o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: corrigir (corrijo) fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque) …; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo são regulares.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo poder, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-**sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **és**... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r…*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (fu foste…), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fora, foras…), pretérito imperfeito do subjuntivo (fosse, fosses…) e futuro do subjuntivo (for, fores…). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

   Ex: Fui sargento durante cinco anos. (ser) / Fui à praia pela manhã. (ir)

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ser e ir são irregulares e que outros verbos (pôr, v estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:

  abolir**, aturdir,**soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,**viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plu não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:

  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,**falir**, florir,**remir**, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3ª pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles n capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*) : *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim… "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade… Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa…

Obs.: Não são defectivos: caber, valer, redimir, polir, sortir, rir, escapulir, entupir, sacudir.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* *(construir); destruis* ou *destróis (destruir); comprazi* ou *comprouve* *(comprazer-se)* etc.

Obs.: Obstruir não é abundante como construir e destruir. Não existe obstrói! Como já dizia o cômico Sacconi "Se o zagueiro 'obstrói' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O

verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

Eu havia pagado o banco.
O banco havia aceitado o cheque.
Já havíamos limpado a casa.
Tenho aceitado trabalhos demais este ano.
Ainda não tínheis acendido a vela.
Ele tinha me salvado uma vez.
Ela tinha pegado pena perpétua.
O padre havia benzido o lugar.
Você podia ter imprimido o material antes.
Tínheis entregado vossa dignidade a outrem?

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

Eu sou pago pelo banco.
O cheque foi aceito pelo banco.
A casa ficou limpa pela empregada.
Meus trabalhos foram aceitos pela agência.
A vela será acesa pelo coroinha.
O homem estava salvo por ele.
O ladrão foi pego em flagrante.
O fiel era bento pelo padre.
Aquele documento enfim ficou impresso.
Vossa dignidade tinha sido entregue por vós a outrem?

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as única formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago*** na hora.

Obs.: Chego e trago são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos chegar e trazer (ou tragar, cujo único particípio é tragado).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem fi na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "… de que você possa arrepender- se" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora… as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou- **se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo

praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o **faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta **é** porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo ser é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou é de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva que: "Ele é que falou de Português, não de Matemática." / " Foi ele que falou de Português, não de Matemática.". / " Foram os portugueses, os índios, os africanos e outros povos que tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo ser expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	Futuro do Presente	Futur do Pretéri
EU	Am	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	Am	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	Am	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	Am	Amos	Amos	ávamos	áramos	aremos	aríam
VÓS	Am	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	Am	Am	aram	avam	aram	arão	arian

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito	Futuro
EU	Am	e	asse	ar
TU	Am	es	asses	ares
ELE	Am	e	asse	ar
NÓS	Am	emos	ássemos	armos
VÓS	Am	eis	ásseis	ardes
ELES	Am	em	assem	arem

Formas Nominais

Radical	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérit
EU	Vend	o	i	ia	era	erei	eria
TU	Vend	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	Vend	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	Vend	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamo
VÓS	Vend	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	Vend	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito	Futuro
EU	Vend	a	esse	er
TU	Vend	as	esses	eres
ELE	Vend	a	esse	er
NÓS	Vend	amos	êssemos	ermos
VÓS	Vend	ais	êsseis	erdes

ELES	Vend	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	Futuro do Presente	Futur do Pretéri
EU	Part	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	Part	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	Part	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	Part	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamo
VÓS	Part	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	Part	em	iram	iam	iram	iráo	iriam

PARTIR Subjuntivo				
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito	Futuro
EU	Part	a	isse	ir
TU	Part	as	isses	ires
ELE	Part	a	isse	ir

NÓS	Part	amos	íssemos	irmos
VÓS	Part	ais	ísseis	irdes
ELES	Part	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Part	ir	indo	ido

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	Futuro do Presente	Futur do Pretéri
EU	Sup	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	Sup	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	Sup	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	Sup	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	orìam

VÓS	Sup	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	Sup	õem	useram	unham	useram	oráo	orian

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito	Futuro
EU	Sup	onha	usesse	user
TU	Sup	onhas	usesses	useres
ELE	Sup	onha	usesse	user
NÓS	Sup	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	Sup	onhais	usésseis	userdes
ELES	Sup	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro… ou melhor ERAM a pedra no sapato… Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira… é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa

dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir (e derivados), ir, vir (e derivados), ver (e derivados), pôr (e derivados), ter (e derivados), caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -oar e -uar. Não necessariamente nesta ordem…

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar* , *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es…*** ou pronunciadas e escritas ***apa zígue, apazígues…***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.

Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.

Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.

Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.

Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem

Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.

Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.

Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem

Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos,

não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.

Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.

Gerúndio: apaziguando.

Particípio: apaziguado.

Obs.: Aguar, enxaguar e desaguar recebem acento agudo no primeiro a das formas rizotônicas.

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Presente do subjuntivo: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.Consulte o tópico 6 da página 31.

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.

Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.

Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.

Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.

Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.

Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.

Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.

Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.

Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.

Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.

Gerúndio: penteando.

Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia…". Assim você mata o papai…

Mas… como nem tudo são flores… há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável…): ***M**ediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**i a , *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.

Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.

Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.

Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.

Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**i e , *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.

Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.

Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**i e , *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.

Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.

Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.

Gerúndio: intermediando.

Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa… para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo odiar, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah… como eu poderia me esquecer disso! O verbo mobiliar recebe acento agudo na sílaba bi em algumas formas do presente do indicativo (mobílio, mobílias, mobília, mobíliam), em algumas do presente do subjuntivo (mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem) e dos imperativos afirmativo e negativo (mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.

Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.

Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.

Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.

Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.

Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.

Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.

Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.

Gerúndio: abençoando.

Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão. (Feião, não é?)

Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)

Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)

Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.

Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.

Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda querido (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos bem-querer (ou benquerer) e malquerer têm os seguintes particípios: benquisto e malquisto.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.

Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.

Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.

Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.

Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.

Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.

Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.

Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.

Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).

Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,

Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.

Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.

Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.

Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.

Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.

Gerúndio: havendo.

Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.

Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.

Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.

Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Imperativo afirmativo: reavei.

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.

Gerúndio: reavendo.

Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus**"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.

Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.

Gerúndio: vendo.

Particípio: visto.

*Agora sem acento no hiato ***ee****!* O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever*...

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.

Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.

Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.

Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.

Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não

provejam.

Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais… conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.

Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.

Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.

Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.

Imperativo afirmativo: *vige, vigei.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.

Gerúndio: vigendo.

Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue vigorar, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: vigir não existe na língua portuguesa, quanto mais vigindo ou qualquer bicho parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.

Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.

Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.

Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.

Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem.

Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.

Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.

Gerúndio: pondo.

Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter*...

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.

Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.

Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.

Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vindo.

Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.

Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.

Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.

Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.

Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.

Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.

Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.

Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 201 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.

Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.

Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.

Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam.

Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.

Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.

Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.

Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.

Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.

Gerúndio: aderindo.

Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu*

submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

    b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.

Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos,

emergireis, emergirão.

Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.

Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.

Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.

Gerúndio: emergindo.

Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em -gir tem o g substituído por j antes de o e de a, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: fugir, agir, infringir, tingir…

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.

Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.

Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.

Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis,

abolissem.

Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.

Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.

Gerúndio: abolindo.

Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos demolir, extorquir e explodir, cuja conjugação segue o modelo de abolir. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.

Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.

Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.

Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.

Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.

Imperativo afirmativo: *sói, soei.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.

Gerúndio: soendo.

Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado… Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.

Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.

Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.

Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.

Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.

Gerúndio: sendo.

Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.

Gerúndio: indo.

Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.

Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.

Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.

Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.

Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.

Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.

Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.

Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.

Gerúndio: estando.

Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.

Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.

Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.

Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.

Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.

Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.

Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.

Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.

Gerúndio: medindo.

Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.

Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam.

Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.

Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Imperativo afirmativo: –

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.

Gerúndio: cabendo.

Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis,

valeram.

Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.

Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.

Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.

Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha… e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***…", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***…".

Pois bem… no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*

Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.

Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.

Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.

Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.

Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.

Gerúndio: adequando.

Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.

Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.

Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.

Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.

Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.

Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.

Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.

Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.

Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.

Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.

Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.

Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.

Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.

Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.

Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.

Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.

Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.

Gerúndio: impugnando.

Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.

Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.

Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.

Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.

Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.

Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.

Gerúndio: trazendo.

Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.

Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.

Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.

Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.

Gerúndio: dizendo.

Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em -zer e -zir podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o e final, quando o z não é precedido de consoante: faze (ou faz) tu, dize (ou diz) tu, traduze (ou traduz) tu; mas cirze tu. Logo, " Dize-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou " Diz-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que Dizei é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá…

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue***, ***gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem* , do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguÍmos, vós arguÍs, eles argUem*.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em* ***guar***, ***quar*** *e* ***quir****, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com* ***a*** *ou* ***i*** *tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com* ***u*** *tônico, essas formas deixam de ser acentuadas. Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção****: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com* ***a*** *e* ***i*** *tônicos."*

Segundo a Academia Brasileira de Letras, baseada no Novo Acordo Ortográfico, a conjugação do verbo ***arguir*** segue a do verbo ***influir***:

Presente do Indicativo: arguo, arguis, argui, arguímos, arguís, arguem.

Pretérito Perfeito do Indicativo: arguí, arguíste, arguiu, arguímos, arguístes, arguíram.

Pretérito Imperfeito do Indicativo: arguía, arguías, arguía, arguíamos, arguíeis, arguíam.

Pretérito Mais-Que-Perfeito do Indicativo: arguíra, arguíras, arguíra, arguíramos, arguíreis, arguíram.

Futuro do Presente do Indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do Pretérito do Indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.

Presente do Subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo: arguísse, arguísses, arguísse, arguíssemos, arguísseis, arguíssem.

Futuro do Subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Imperativo Afirmativo: argui, argua, arguamos, arguí, arguam.

Imperativo Negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.

Infinitivo Pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.

Particípio: arguído.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.

Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***

Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***

Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pess do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.

Presente do subjuntivo: ***cace***,***caces***,***cace***,***cacemos***,***caceis***,***cacem.***

Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***

Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pess do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.

Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***

Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***

Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realizaçã da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo)

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

- O professor (agente) ***apagou*** o quadro (o alvo) com o apagador (o instrumento).
- O aluno (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
- A aluna (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui…

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem… há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

*A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso,**podem ser resolvidos** com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente **se sobrepõe** a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – **vêm aterrorizando** as grandes metrópoles. Isso **fica** claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que **comprova** uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população **for** o desejo dos políticos, isso **será** plenamente possível. **É** importante salientar que nunca **deveremos ficar***

*de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo **tem de colaborar** com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu vejo que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
2. O saber: Eu sei que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
3. A certeza:
   a) Forte certeza: Tenho certeza de que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
   b) Média certeza: Creio que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
   c) Fraca certeza: Não estou muito certo de que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
   d) Pressentimento/suposição: Eu desconfio que a literatura brasileira contemporânea é indefinível
4. A apreciação: Eu acho que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea tem de ser definida.
6. A possibilidade: É possível que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu gostaria que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu exijo que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu declaro que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu garanto que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu constato que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "Constata-se que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de neutralizar a expressão subjetiva. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca

uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

(…) Sinha Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: – "Hum! hum!" E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender, deitara-se na rede e pegara no sono. (…)

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*

Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*

Ninguém podia entrar nela, não

Porque na casa não ***tinha*** *chão*

Ninguém podia dormir na rede

Porque na casa não ***tinha*** *parede*

Ninguém podia fazer pipi

Porque penico não ***tinha*** *ali*

Mas ***era feita*** *com muito esmero*

Na rua dos bobos, número zero

(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou*

alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo… CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem… sei lá… mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   (…) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO_2 *lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (…)*

   – Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   (…) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (…)

   – Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qua afirmação é a correta?**

   (…) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (…) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em “aumente” e em “diminua” justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em “estimularia” indica um acontecimento futuro em relação a u ato passado que se configura no fato relacionado aos termos “Qualquer invencionice”.

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais “opaco” dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) “vem tomando” > tem tomado

b) “vinham divulgando” > tem divulgado

c) “permitirá identificar” > vai permitir que se identifiquem

d) “prejudicando com isso” > o que tem prejudicado

e) “Contribuindo” > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em “inclua” justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de “se traduziu” por foi traduzido prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho “sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro” (1º parágrafo). Em português, os

verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.

b) Refreia os teus impulsos.

c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.

e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde…", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:

a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.

b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.

c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.

d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.

e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério Saúde" equivale semanticamente a:

a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.

b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.

c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.

d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.

e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:

a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.

b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.

c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teu documentos e considere-se preso.

d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.

e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

(…) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem exerça seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (…)

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por exercesse?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, (…) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela fizera nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se <u>erro</u> gramatica ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por havia feito?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (…)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal "estejam", no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas".

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização,*

tecnologia e informação deve preparar o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno deverá ter o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (…)

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (… tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por tornasse preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (…) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (…) Quando a polícia reage, os vândalos voltam se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (…)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, misturarem e provocarem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (…) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (…)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas são formuladas dentro do espírito da fenomenologia husserliana. Privilegiou-se, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (…) Se nos apressarmos a dizer que o

sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (…)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por formulam-se e foi privilegiada.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os iter a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por Caso, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.

( ) CERTO ( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) ***(…) "A nova sociedade de redes favorecerá c advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (…)***

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por imprimira, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) ***(…) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (…)***

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por haja, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

2° § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das

inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6° § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativ correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º§), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º§, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º§, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem a verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se lembrasse de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em se lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por cair e virá, respectivamente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlaçã entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos n campo de atuação que ele analisou.

b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.

c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.

d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo er que trabalhassem os veteranos.

e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;

b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;

c) queria − conseguisse − pedia − faça;

d) quis − consegue − pede − fizesse;

e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.

b) Assim é que sempre foi feita a literatura.

c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.

d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.

e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***… a leitura em profundidade foi substituída pel massa de informações, em sua maioria superficiais…***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;

b) substituiu;

c) substituíra;

d) tinham substituído;

e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;

b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;

d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;

e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil <u>tenha</u> de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está

também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileir ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.

b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.

c) Para isso, terá dois caminhos…

d) … esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.

e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***… que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) … embora uma corrente de autores continuem…

b) … escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo…

c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato…

d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma…

e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar…

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***… viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;

b) é visto;

c) são vistas;

d) tinha visto;

e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se…… para um universo mágico e…… a identidade de uma personagem admirada, …… um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;

b) transportem – assumem – seria;

c) transportem – assumam – seja;

d) transportam – assumiriam – sendo;

e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói

E o meu cavalo só falava inglês

A noiva do cowboy

Era você

Além das outras três

Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões

Guardava o meu bodoque

E ensaiava um rock

Para as matinês

(…)

Não, não fuja não

Finja que agora eu era o seu brinquedo

Eu era o seu pião

O seu bicho preferido

Sim, me dê a mão

A gente agora já não tinha medo

No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido

Chico Buarque* e *Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em Finja *que agora eu era o seu brinquedo* e *Sim, me* dê *a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinh medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) III, apenas.

d) I e II, apenas.

e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.

b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.

c) Os fiscais reteram o material dos artistas.

d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.

e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) ***Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder…***

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;

b) foi falada;

c) se falaram;

d) era falada;

e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam depara muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.

b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.

c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.

d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.

e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;

b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;

c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;

d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;

e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) ***É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.*** **(3º parágrafo)**

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;

b) fato real e definido no tempo;

c) condição de realização de um fato;

d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre***

***tantas meninas de uma família distinta*.**

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;

b) havia escolhido;

c) houvera escolhido;

d) escolhesse;

e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você crê em Deus

Erga as mãos para os céus e agradeça

Quando me cobiçou

Sem querer acertou na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;

b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;

c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;

d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;

e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";

b) "Recolher-se em casa,";

c) "sinal de que não se arrumou ninguém";

d) "Mas, se a gente aprende a gostar (…)";

e) "nela a gente se refaz (…)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)

b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)

c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)

d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)

e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionad*

<u>às partes o efetivo acesso à Justiça</u>, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;

b) tem sido proporcionado;

c) tinham proporcionado;

d) era proporcionado;

e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos* dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,tendo sido escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos), uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,têm lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (…)

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*

b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*

d) *acabou se intrometendo;*

e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modo verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.

b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.

c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.

d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.

e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***… em que as melhores cadências do samba e da canção se <u>aliaram</u> com naturalidade às deformações normais de português brasileiro…***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito…*

b) *… para nos porem no Alto da Mooca…*

c) *Talvez João Rubinato não exista…*

d) *… Adoniran não a deixará acabar…*

e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu…*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do qu o esquecimento e a passagem do tempo.

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir d 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.

e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio d um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)… *deve cuidar para que os impactos ambientais* <u>sejam</u> *mitigados e compensados*.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta…*

b) *… ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido*.

c) *As questões que se contrapõem…*

d) *… não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.

e) *… que podem ser feitos na direção de…*

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro vincula-se a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.

(…)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.

(…)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados teriam que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.

b) *preocupava-se /* A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.

c) *interessando-se*/ Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se*−, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.

e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que hão de alimentar a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não foi redigida no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região, a realizar-se em Salvador, na Bahia.

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros se orgulhariam de repeti-las, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural.Continuamos repetindo, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) texto legitima o seguinte <u>comentário</u>:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.

b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.

c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.

d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.

e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, <u>a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso</u>*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;

b) havia sido publicado;

c) publicou-se;

d) tinha publicado;

e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) “Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso”. *(Paulo Francis)*

b) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada”. *(Stalin)*

c) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português”. *(Fernando Pedreira)*

d) “Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia”. *(Jeremy Bentham)*

e) “O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los.” *(Arnaldo Jabor)*

60. “Honrarás pai e mãe!” Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;

b) conselho;

c) pedido;

d) alerta;

e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na “base” da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) “quem lhe escreve”;

b) “vivi uma tremenda aventura”;

c) “quanto tempo isso levaria”;

d) “Éramos centenas ali”;

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo morrer, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal Venho morrendo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento do poema

Ó grandes oportunistas… que calculais…(…)/Ó personagens solenes (…)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.

a) "Não estou afirmando que os poetas atuais são tradicionalistas"

b) "…um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para continuar proliferando"

c) "as formas poéticas deixaram de ser valores que cobram adesão à experiência histórica"

d) "Pode parecer um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"

e) "… tenha passado a fazer um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(…) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o movimento.(…)", o tempo verbal mostra uma ação:

a) iniciada no passado, continuada no presente;

b) realizada em futuro próximo;

c) subordinada a uma ação futura;

d) repetida, independente da ação passada;

e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.

b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.

c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.

d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.

e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;

b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;

c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;

d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;

e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) ***"todos que são impactados pelas mídias de massa"***

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"

b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"

c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."

d) "Elas são assediadas pelo mercado"

e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)

II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)

III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)

IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)

V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.

e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados.

Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará

b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera

c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará

d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria

e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[…]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.

b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.

c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.

d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.

e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

73. (CESGRANRIO – BNDES – Técnico Administrativo – 2013) Que forma verbal está empregada no mesmo tempo e modo que pudemos?

a) Forem

b) Cresceu

c) Será

d) Deixem

e) Indicam

74. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – Consultor Técnico Legislativo – 2014) A seguinte frase NÃO admite transposição para a voz passiva:

a) Ele alcançou sucesso exclusivamente por sua competência.

b) O poeta Ferreira Gullar acabou de contar um caso exemplar para a nossa tese sobre a fama vazi

c) A mídia cria inúmeros deuses, todos incapazes de qualquer grandeza efetiva.

d) Muitas revistas sobrevivem graças ao culto irrefreável das celebridades.

e) A celebração pela mídia atrai tanto as pessoas ingênuas como as mais maliciosas.

Gabarito

1. INCORRETO.
2. INCORRETO.
3. INCORRETO/CORRETO.
4. B.
5. CORRETO.
6. INCORRETO.
7. C.
8. B.
9. B.
10. D.
11. CORRETO.
12. INCORRETO.
13. NENHUM.
14. CERTO.
15. CERTO.
16. ERRADO.
17. ERRADO.
18. ERRADO.
19. CERTO.
20. ERRADO.
21. CERTO.
22. CERTO.
23. CERTO.
24. ERRADO.
25. CERTO.
26. ERRADO.
27. CERTO.
28. A.
29. CORRETO.
30. CERTO.
31. A.
32. B.
33. E.

34. B.
35. E.
36. A.
37. C.
38. E.
39. C.
40. B.
41. B.
42. D.
43. B.
44. B.
45. A.
46. B.
47. B.
48. C.
49. E.
50. B.
51. B.
52. D.
53. E.
54. D.
55. B.
56. E.
57. E.
58. E.
59. A.
60. E.
61. D.
62. CERTO.
63. ERRADO.
64. CERTO.
65. E.
66. E.
67. E.
68. B.
69. D.

70. C.
71. C.
72. C.
73. B.
74. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*

– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*

– *Ela está **toda** preocupada.*

– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está **meio** chateada.*

– *A filha sempre foi **menos** paciente que a mãe.*

– *Ela está **todo** preocupada.*

– *Os policiais devem se manter **alerta** o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto…*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre <u>acordou</u> **cedo**.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** <u>disposto</u>.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** <u>fora de moda</u>.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram **mais** <u>tarde</u>, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** <u>de repente</u>.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente** <u>fazemos concursos</u>.* (modifica a oração inteira; normalmente os advér terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em -mente incide sobı o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (… aumenta fantasticamente…)

b) abertamente (… evito aderir abertamente…)

c) independentemente (… treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças…)

d) psicologicamente (… psicologicamente preparado…)

e) imediatamente (… volte para o campo imediatamente…)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com (d)isso, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Mou Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: Férias assim são um sonho de consumo! / Vocês beberam muito pouca água. / De todos os alunos, quase cem foram aprovados. / Muito embora eu pudesse entrar, não o fiz.

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: " Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou **razoavelmente** discreto.*

– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)

– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças **sexualmente** transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"… para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências…"

b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."

c) "Outra discussão chata, durante e após partidas…"

d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que alto e prolongado se referem ao verbo gritar, logo são advérbios assim como muito, que também modifica um verbo. Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbio terminados em -mente, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:

a) predominantemente; (vem de predominante, adjetivo uniforme) X

b) basicamente;

c) negativamente;

d) diariamente;

e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em qu o advérbio terminado com o sufixo -mente NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:

a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;

b) Os veículos estavam erradamente estacionados;

c) Os funcionários trabalham conscientemente;

d) O automóvel funcionava eficientemente;

e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?""* ***Absolutamente (não)****! Odeio mar, areia…"* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "* ***Absolutamente*** *(sim)! Amo mar, areia…"* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa**mente.*

– *O Brasil cresceu **economica**mente, **politica**mente e **administrativa**mente.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Obs.: Por via de regra, o advérbio terminado em sufixo "mente" se liga a adjetivo feminino, uniforme ou terminado em "ês": graciosamente (graciosa + mente), favoravelmente (favorável + mente), burguesmente (burguês + mente). Logo, "burguesamente" não existe. Consulte uma questão sobre isso na prova da FGV – SUSAM/AM – AGENTE ADMINISTRATIVO – 2014.

Mais algumas particularidades...

Quando, ***como***, ***onde*** *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** ela se veste assim.

[1] O vocábulo como pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: Como ela é linda!

[2] A preposição a, exigida pelo verbo chegar, se une ao advérbio onde para formar aonde.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br*.

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando… algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente…* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena serem

consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em -*mente*: certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente…

Obs.: A conjunção e seguida do advérbio sim muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: A mulher não quer sexo em primeiro lugar, e sim amor.

Negação

Advérbios: *não,* tampouco (= *também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação), *nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: absolutamente.

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo sequer.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que sequer é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (é permitida).

2) O vocábulo não é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

- Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou não. Quero não. Posso não. Minha mulher não deixa não. (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)
- Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do não numa frase não nega seu conteúdo: Quantas vezes eu não te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já não fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).

3) O advérbio nem, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: É incrível que ele nem (= não) tenha feito a prova nem (= e que não) tenha estudado.

4) O advérbio de lugar lá pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: Eu sei lá se ela va voltar aqui.

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar,* adrede (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte*, *de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo*, *a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em -*mente*: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo mal carrega uma ideia de quase negação consigo: Ele mal consegu andar depois do esforço.

2) O advérbio assim, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"…; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Estude mais no capítulo 15, de conjunção. Falarei sobre ele ainda neste capítulo em Valor Discursivo.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados…"; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir <u>rapidamente</u> soja transgênica;

b) Vários governos condenam <u>veementemente</u> os transgênicos;

c) <u>Atualmente</u> são muitas as pesquisas sobre transgênicos;

d) Os transgênicos são muito <u>bem aceitos em vários países;</u>

e) O Brasil deve pesquisar <u>muito</u> para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem… algo geneticamente modificado é o modo como algo foi modificado… então… bate com o advérbio rapidamente (= de modo rápido)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "… o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho <u>sintático</u>…", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como geneticamente está ligado à forma adjetiva modificados. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois bem está relacionado à forma adjetiva aceitos. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: produzir rapidamente, condenam veementemente, atualmente (refere-se à oração inteira), pesquisar muito.

3) Agora veja uma questão old stile da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em -mente. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (de graça > grátis), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em -mente (com delicadeza > delicadamente).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) cor o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar com orgulho e insolência. / Falar arrogantemente.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente

(2) Agir como criança. ( ) puerilmente

(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente

(4) Eliminar sem se render a logros. ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;

b) 1 2 3 4;

c) 3 4 1 2;

d) 4 2 1 3;

e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então…*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto…*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*) , *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente…*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que já pode substituir mais, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: Não estud mais há tempos. / Já não estudo há tempos. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: Já não estudo mais há tempos. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – TÉCNICO DE DESENVOLVIMENTO E ADMINISTRAÇÃO – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios já e mais, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio já. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que já pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.

2) Polêmica! Jamais e nunca são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli) como, além de advérbios de tempo, advérbios de negação; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.

b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.

c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)

d) Casualmente encontramos a lei que você queria.

e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assina a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.

b) Não me pergunte as razões da minha atitude.

c) Eles sempre chegam atrasados.

d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)

e) Agora seremos felizes.

3) Afinal, enfim e finalmente são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indica tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a

toda a região metropolitana.

Os advérbios Finalmente, mais e satisfatoriamente expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;

b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)

c) finalidade, lugar, modo;

d) tempo, proporção, tempo;

e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano… (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;

b) consequência;

c) conclusão; (Gabarito!)

d) conformidade;

e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte…*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada…*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente…*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo onde: "Essas promessas vêm de onde?" "Vêm de Deus." / "Você não consegue tirá-la de onde?" "Eu não consigo tirá-la do meu pensamento." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar virtual ou figurado.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locuçã adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury,

Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em Crase, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, aqui, cá, (relacionados à 1ª pessoa do discurso) aí, (relacionado à 1ª pessoa d discurso), ali, lá, acolá (relacionados à 3ª pessoa do discurso), aqui e aí podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade […] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que daqui marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento… para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades…" – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio daí, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: daí = a partir desse momento (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá…*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)…*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente…*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio talvez exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para Consente, no modo indicativo.

( ) CERTO(X) (X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: Parto hoje talvez.

No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de talvez seguido de verbo no modo indicativo é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as

magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como…*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo…*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra muito está sintaticamente empregada como em "parece muito mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.

b) Há muito ainda por realizar no Brasil.

c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)

d) Ao evento compareceram muitos congressistas.

e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio muito, que, além de ser invariável, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois muito, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (importante). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que e outros que podem pertencer outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de Pronomes Indefinidos deste livro. Por exemplo, quando se diz " Ele não correu nada.", o nada é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase " Nada lhe dei.", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo dar, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo mais, só para sentir a pressão:

Substantivo: O mais é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei mais presentes.

Advérbio de intensidade: Fale mais. / Sou mais inteligente que ele. / Chegue mais cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto mais aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João mais Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens***, *Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda* ***por necessidade***.

– *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.

– ***Graças ao sotaque nordestino***, *pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 em decorrência do diabetes.

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito***.

– ***A despeito dos problemas***, *tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço***, *o fim foi trágico.*

– ***Mesmo moribundo***, *teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a concessão expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual***, *devemos nos vestir livremente.*

– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.

– ***Consoante a dica do professor***, *devemos decorar apenas a matéria da prova.*

– ***Em conformidade com o dito***, *nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios***.

– *Só estudo* ***por uma boa nota***.

– ***Para a alegria da nação rubro-negra***, *o camisa dez decidiu ficar.*

– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar***.

Condição

– ***Na dúvida***, *não ultrapasse.*

– ***Sem educação***, *não há progresso.*

– *Só entrará* ***com autorização***. (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*

– ***Por meio da pesquisa***, *novos resultados foram alcançados.*

– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*

– ***Com o sangue de Jesus***, *os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como causa ou condição, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar…", indica:</u>

   a) lugar;

   b) instrumento;

   c) meio; (Gabarito!)

   d) causa;

   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de meio são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de instrumento. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca***.

– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.

– *Machucou-se* ***com o martelo***.

– *Fomos expulsos* ***a pedrada***.

Obs.: A diferença entre meio e instrumento é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão

nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de meio, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre meio: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de Crase.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*

– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*

– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*

– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*

– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*

– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro****.*

– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*

– *Aqui você compra três* ***por um real****.*

Obs.: Com verbo de ligação, barato e caro são adjetivos: Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*

– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*

– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*

– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*

– ***Com sua esposa***, *aconteceu tudo diferente?*

– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.

– ***Quanto a meu projeto***, *vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.

– ***Primeiro***, *queremos dizer a todos que vamos viajar.*

– ***Em terceiro lugar***, *o esporte é igualmente importante para a socialização.*

– ***Por último***, *só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.

– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.

– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.

– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.

– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*

– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada***, *voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã***.

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore***.

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus***.

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) É questionável ainda a ideia de emba comida com comida. (l. 31-32)

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.

b) Encheram a garrafa com funil.

c) Fizeram os ovos com manteiga.

d) Massageou os pés com maciez.

e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas feitas de milho, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de matéria para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um adjunto adverbial de matéria é a E: Construíram o muro com pedras. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Modo.

Proporção

– *A novela está **para o Brasil** assim como o cinema está **para os Estados Unidos**.*

Reciprocidade

– *Elas sempre discutiam **entre si.***

Substituição

– *Tive de assinar o recibo **pelo chefe**, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade **em lugar de Maria**.*

– *Abandonou suas convicções **por privilégios**.*

– *Não compre gato **por lebre**.*

Favor

– ***Por obséquio**, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar **pelo réu**.*

– *Sempre trabalhamos **em favor do povo**.*

– *Acordo cedo todos os dias **em prol do meu ideal**.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*

– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*

– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*

– ***Só*** responderemos a uma pergunta.

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão só, apenas, somente e unicamente quando modificam verbos, adjetivos, outr advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de , com exceção de. Cuidado com o vocábulo só, pois pode ser adjetivo quando equivale a "sozinho": Estou muito só nesta casa.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança d posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] Somente a professora passou a palavra ao visitante.

[2] A professora somente passou a palavra ao visitante.

[3] A professora passou somente a palavra ao visitante.

[4] A professora passou a palavra somente ao visitante.

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que somente modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (…) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que somente vale para o constituinte que o segue imediatamente".

* Falarei de palavras denotativas mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** não é afeita ao trabalho.

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: ademais, mesmo, além disso, além do mais.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a até.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, mesmo (= até), indicando inclusão, é

considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as palavras denotativas e os advérbios. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra mesmo e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente***, a produção e as venda subiram.

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: dessa forma, dessa maneira, desse modo. Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como dessarte e destarte.

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só*** *ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele* ***só*** *explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbi

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação,

designação, realce etc. à parte, sem nome especial.”. Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o “à parte” usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas “camufladas” de interpretação de texto são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos “A menina **que** jogou água no garoto, pai!”, a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos “A menina jogou água no garoto.”, o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.

  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exce exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*

  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram salvo, exceto, exclusive, afora, senão e menos como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: “Salvo aquela canção, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.”.

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais…*

  Ex.: Até *o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o até do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: “ O chefe da seção notou até minha inquietude.”. Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta “obs.”, o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o até deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda até, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de Preposição. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)…*

  Ex.: *Este é um fato comum,* a saber*: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, é que, que, ora, sobretudo…*

  Ex.: *Eu* é que *sou mais eu. / Veja* lá *o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce que. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: Certamente que ela vai passar. / Com certeza que ela vai passar. / Decerto que ela vai passar. / Provavelmente que ela vai passar. / Talvez que com esforço ela vá passar em primeiro lugar. / Quase que ela não passa. E, como toda boa palavra expletiva, o que pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo ainda, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

   A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

   c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão…*

  Ex.: *Faça silêncio,* ou melhor*, fale mais baixo.*

A palavra aliás é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("… nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto pa retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(…) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, aliás, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (…)

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas…*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar, que é bom, ninguém quer. / Então… acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve* tão ***depressa*** quanto/como *eu*.
- Superioridade: *Aquela menina escreve* mais ***depressa*** *(do)* que *eu*.
- Inferioridade: *Aquela menina escreve* menos ***depressa*** *(do)* que eu.

Obs.: Os advérbios bem e mal, no grau comparativo de superioridade, ficam melhor e pior: Aquela menina escreve melhor/pior do que eu.

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):

  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente***.

- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufi

  Ex.: *Eu corri* muito ***bem*** *naquela prova. / Ela corre* bem ***mal***.

Cuidado!!!

1) Os advérbios bem e mal, no grau superlativo absoluto sintético, viram ótimo e péssimo: Eu corri ótimo/otimamente naquela prova. / Ela corre péssimo/pessimamente.

2) Existe também o grau superlativo intensivo, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa o mais/o menos ou o melhor/o pior + advérbio + expressão de possibilidade.

   – Chegaremos o mais rapidamente possível (ou o mais rapidamente que pudermos).

3) Antes de particípios ou adjetivos, mais bem (ou melhor) e mais mal (ou pior) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: Esta casa é mais bem/melhor mobiliada que a outra. / Estes alunos são mais mal/pior educados que aqueles.

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa mais bem ou mais mal antes de particípios ou adjetivos": Esta casa é mais bem mobiliada que a outra. / Estes alunos são mais mal educados que aqueles.

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (mais bem/mais mal): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se melhor ou pior apenas: Ninguém me conhece melhor que minha mãe. / "Ninguém me conhece mais bem que minha mãe." (Inadequadíssimo!)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.

  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forn superlativa.

  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova. / Ele fez* ***rapid***ão***/rapid***inho *a prova. / Já esta* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.

  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos****. / Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%!***

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Um termo de valor anafórico é aquele que faz referência a algo anterior dentro do texto; já o catafórico é aquele que faz referência a algo posterior dentro do texto; por fim, o dêitico é aquele que faz referência a algo fora do texto.

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a ge fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspens Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualque ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou quere alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aq colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha do mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)

1 Agorinha.

Ainda assim

1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)

1 Felizmente.

Ainda por cima

1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que

1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*

2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente***, *todos morreram.* / ***Lamentavelmente*** *a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **- mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) **Modalização epistêmica**: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

- **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmaçã pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente,*

absolutamente, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": do ponto de vista *geográfico/biológico/humano*... Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pe gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramát tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*, *especificamente*, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*,

meramente, sobretudo etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em -mente são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I.advérbio caracterizando finalidade descritiva

II.advérbio caracterizando juízo de valor

III.advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV.advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por

exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e " Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum ti de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio infelizmente, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (…)?"

(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."

(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"

(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como infelizmente expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão verdade seja dita representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em -mente abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)

b) "eticamente inaceitável";

c) "igualmente descartada";

d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";

e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A tão difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja tã simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.

a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.

b) As duas são advérbios e modificam verbo.

c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.

d) As duas são adjetivos.

e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra Tal classifica-se como:

a) adjetivo;

b) advérbio;

c) conjunção;

d) pronome demonstrativo;

e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;

b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;

c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;

d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;

e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem,

demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (…)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;

b) furtivamente;

c) favoravelmente;

d) efemeramente;

e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (…)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;

b) irreversivelmente;

c) intensamente;

d) minimamente;

e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um gru cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.

b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.

d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.

e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa profunda recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma melhor operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos… (…) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais livre, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (…) Certamente essas frases devem nos deixar algo

perplexos…

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em qu a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.

b) profunda.

c) melhor.

d) algo.

e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

(…) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' só deixou a alternativa… (…) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, mesmo porque a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (…)

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.

II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.

b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.

c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.

d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.

II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (… oferecem garantia de transporte gratuito… Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação…) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e a emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"… nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva…"

"… solicito… a presença… na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências…"

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(…) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar…"

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (…)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor d texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis

exploradores: uma enorme muralha verde parecia proteger aquelas terras. Densas árvores, rica fauna… Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que ali estava a verdadeira riqueza daquela terra recém-conquistada. (…)

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(…) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos…" (…)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pe advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.

a) Não aguentava mais tanto barulho.

b) E que tudo o mais vá pro inferno!

c) Cinco mais dois são sete.

d) Sem mais nem menos, ela sumiu.

e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(…)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(…)

… dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (…)?

– Pois não?

(…)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização…

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: “fui trazida para cá”; “e isto aqui está r parecendo”; “E foi aí que o interlocutor sugeriu”; “ali na organização”.

II. O “não” (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não…).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está corre ou incorreta?

– O advérbio na construção “reagiu rapidinho” foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de “ainda” por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo “ainda” tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra “ainda” em “A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave ainda o fato de as detenções gerarem facções criminosas” está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.

b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.

c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.

d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.

e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"

b) "…que impactam pelo resto da vida,"

c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"

d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."

e) "…e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[…] a língua é viva e muda o tempo todo." / […] a língua é viva e muda toda hora;

b) "[…] a qualquer pretexto […]" / […] sob quaisquer pretextos;

c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;

d) "[…] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / […] a coisa está toda escancarada par qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãc equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;

b) reitera um argumento citado;

c) aponta para uma conclusão;

d) adiciona um argumento;

e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,… – o advérbio em destaque expressa sentido de:

a) causa;

b) afirmação;

c) negação;

d) modo;

e) dúvida.

Fragmentos de texto

(…) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. Já as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (…) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a

mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e, portanto, o conhecimento em si é simplesmente impossível. Aliás, as únicas formas de conhecimento* a priori, *que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal. Ou seja, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é incorreto afirmar que o(a):

a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;

b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;

c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;

d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em *-mente* que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:

a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.

b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.

c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.

d) Aparentemente, só trinta exemplares.

e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O material didático mais barato que existe na praça é o professor.

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

(…) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo muito grande…

(…) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, crescente e, principalmente, abrangente. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e consequentes multas…

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";

b) "abrangente";

c) "consequentes";

d) “muito”.

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbi agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história* presumivelmente *verdadeira?*

b) Certamente *me irão fazer falta,*

c) *Afirmarei que sejam* absolutamente *exatas?*

d) *desenterrarmos* pacientemente *as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

(...) Muitas vezes, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)

(...) De fato, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) Assim sendo, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e mesmo ao isolamento de certas doenças.

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.

( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.

( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.

( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;

b) V – V – F – F;

c) V – F – F – V;

d) F – F – V – V;

e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida, muito em razão das inúmeras...

...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez mais espaço no Brasil.

...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil...

… sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente. (…)

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.

a) mais.

b) bastante.

c) penal.

d) só.

e) antes.

Fragmento de texto

Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E aí todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. Só que não sabia nem abrir o capô.

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*

II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,*a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "…e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.

b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.

c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.

d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.

e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz ainda a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;

b) oposição;

c) comparação;

d) explicação;

e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração –... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.

II. Na oração –... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.

III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) I e III, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho –... em linho de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.

b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.

c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.

d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

"Viramundo estranhamente se recusava a comer. Afastara-se e contemplava em silêncio a paisagem. Havia nela algo vagamente familiar."

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;

b) negação, lugar, intensidade;

c) modo, modo, intensidade;

d) negação, modo, negação;

46. (FUNDEP – Pref. de Bela Vista de MG – Técnico de Enfermagem – 2014) Assinale a alternativa e que a palavra destacada é um advérbio.

a) “Essa definição aparece por último, como informal e **recente**”.

b) “**Nada** podia ser igual ao que a realeza usava”.

c) “Não foi possível manter esse controle por **muito** tempo”.

d) “As classes **mais** pobres passavam a ter acesso a cópias dos acessórios reais”.

47. (VUNESP – PC/CE – Escrivão – 2015) Considere as frases do texto.

- As pessoas são **tão** egocêntricas.
- O mundo seria **bem** melhor se elas parassem de pensar nelas mesmas…

É correto afirmar que os advérbios destacados nas frases expressam circunstância de:

a) dúvida.

b) negação.

c) intensidade.

d) modo.

e) afirmação.

Gabarito

1. A.
2. B.
3. C.
4. A.
5. C.
6. C.
7. D.
8. CORRETO.
9. I.
10. D.
11. II.
12. INCORRETO.
13. C.
14. ERRADO.
15. CERTO.
16. CERTO.
17. CERTO.
18. CORRETO.
19. INCORRETO.
20. I. INCORRETA.

    II. INCORRETA.

21. CORRETO.
22. E.
23. I. INCORRETA.
    II. INCORRETA.
24. INCORRETO.
25. CORRETO.
26. D.
27. A.
28. D.
29. D.
30. E.
31. B.
32. C.
33. INCORRETO.
34. CORRETO.
35. D.
36. A.
37. B.
38. A.
39. I. INCORRETA.
    II. INCORRETA.
40. CORRETO.
41. D.
42. A.
43. A.
44. B.
45. C.
46. D.
47. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*

– *Falou **ante** Lucas.*

– *Falou **após** Lucas.*

– *Falou **com** Lucas.*

– *Falou **contra** Lucas.*

– *Falou **de** Lucas.*

– *Falou **em** Lucas.*

– *Falou **para** Lucas.*

– *Falou **perante** Lucas.*

– *Falou **por** Lucas.*

– *Falou **sem** Lucas.*

– *Falou **sobre*** Lucas.

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**

– *Sairemos **com** você hoje.*

– *Ai **de** mim!*

– *Quem **de** nós dois…*

– *Estudo muito Português **para*** passar logo!

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar até amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial até amanhã pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo **com** atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração **por** quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria **para** menores.*

– *Paralelamente **às** apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem… para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde** o ano passado, decidi estudar **por** videoaulas, pois simpatizei **com** o método.*

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;

2) **não variam**;

3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade…".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*

– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*

– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirand pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições per e trás ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões per si ou de per si e nas expressões por trás, para trás, por trás de. Os linguistas dizem que as contrações pelo, pela, pelos, pelas são formadas pela preposição per + artigo o, a, os, as. No entanto, como per é

arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição por + artigo o, a, os, as.

2) Segundo Cegalla, a preposição após pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite as visitas saíram logo após. (= atrás, depois)".

3) A forma sincopada pra (de para) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui pra ganhar!".

4) Não confunda até (preposição) com até (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará até mim." / "Resolver este problema até eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que não se diz com correção gramatical "Há sinceridade entre eu e você.", mas sim "Há sinceridade entre mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, menos ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, menos tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais conforme, segundo e consoante são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: " Consoante me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição a com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele*** (a+aquele) lugar sempre.

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

- Apesar de o progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso. (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar do progresso ter…", mesmo soando melhor.)
- Já chamaram o lutador de o esportista do ano. (Em títulos – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

- *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*
- *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*
- *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*
- *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*
- *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política*
- ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos algumas locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma *a nível de*).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ao ***ponto de*** é construção incorreta),

prestes a, na iminência de, em via de (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***<u>às</u> custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com acúmulo de preposições. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por… O mesmo Bechara diz que para com é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto preposição + locução prepositiva. Exemplos:

   – Passei com dificuldades por entre a multidão.
   – Crianças de até sete anos podem brincar aqui.
   – O atacante chutou a bola por sobre o gol.
   – A lua cai por sob o morro.
   – Desde a noite até pela manhã, ele me procura.
   – Costumamos trabalhar até perto da meia-noite.
   – Vá para longe de mim, desafeto!

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por advérbio + preposição, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de Complemento Nominal, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva não obstante (= apesar de) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= porém): Não obstante o esforço, não se classificou. (= apesar de) / Não obstante ser o melhor da turma, nunca se gabou disso. (= apesar de) / A Língua Portuguesa é muito complexa, não obstante ela pode se tornar fácil com treino duro. (= porém). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= embora) se vier seguida de verbo no subjuntivo: Não obstante fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém. Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas frente a ou face a. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em Dicionário de Regência Nominal) e Maria Helena de Moura Neves (em Gramática de Usos) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

   A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (…)

   Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) correta(s):

   e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: em relação ao, diante do, frente ao.

O gabarito foi a letra E. Logo frente a(o) foi considerada expressão que mantém a correção gramatical, ou seja, correta! O que é mais incrível é o que o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão em face de equivaler a diante de, é preferível a regência com a preposição de; evite, portanto, face a, frente a.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai… a Esaf…

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel a Deus." (quem é fiel, é fiel a alguém) – relacional / "O carro do João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em Adjunto Adnominal X Complemento Nominal (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)

– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)

– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)

– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)

– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)

– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho, **por** acaso?*

– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*

– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*

– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*

– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança*

– *Comeram **d**o pão e beberam **d**o vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*

– *Usar a internet faz **com*** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir com o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar da espada", com o de enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em objeto direto preposicionado.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre Ir a e Ir para. Quem vai a, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai para, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição a no lugar de em com verbos e nomes que indicam endereços: A residência fica à Rua Danton Pedro, 1.000. Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição em quando a ideia é de moradia, endereço: A residência fica na Rua Danton Pedro, 1.000.

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Obs.: Está errada a locução prepositiva "ante a", por ser inexistente na língua culta, por isso não há crase no segundo exemplo acima, pois o "a" é só um artigo, e não uma preposição.

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: Após é considerado advérbio, apesar de pouco usual: O trem passou, deixando um rastro após.

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição a, formando a locução preposição até a. Não confunda até (preposição) com até (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): "Fomos até vós para instruir-vos." / " Até tu, Brutus?".

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade) / *Registraram-se **com** abundância homônimos e*

parônimos. (intensidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: Naquela sessão, todos votaram contra. (= contrariamente)

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce de: 1) antes de conjunção comparativa que numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo. Veja alguns exemplos: 1) Ele é mais feliz (do) que você. / 2) O bairro (de) Copacabana é charmoso. / 3) A impressão é (de) que nada havia mudado. / 4) O pobre (do) homem sofre tanto. Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.</u>

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais

fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir do antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição de é facultativa antes de conjunção comparativa que, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição de tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: Comi um prato de nhoque. (conteúdo) / Sou uma pessoa de coragem. (tipo) / Esta corrente de ouro é cara. (matéria) / Ela tinha olhos de gata. (semelhança) / Vendi uma TV de segunda. (qualidade) / Comprei um caderno de um real. (preço) / O amor dela é intenso. (posse) / Tenho um carro de passeio e um de trabalho. (finalidade) / Comi um queijo de Minas delicioso. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: Desde de é uma expressão inculta: Desde de 1982 não se vê mudança radical em meu país.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição em entre os verbos ser, estar ou ir + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.",

"Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa em, mas de, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua de bronze (e não em bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição em antes de números que indicam porcentagens, em frases como: O trânsito melhorou em 50% (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: O governo reduziu o imposto em 50%. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição em seguida de gerúndio pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: Em se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos. / Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: Isso deve ficar entre mim e você. (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por e, e não ou. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher entre a casa de praia ou a casa de campo.". A construção adequada é: "… escolher entre a casa de praia e a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar* ***para*** *a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá* ***para*** *o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano* ***para*** *mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci* ***para*** *trabalhar.* (finalidade) / *Estou* ***para*** *o Português assim como vocês estão* ***para*** *a Enfermagem.* (proporção) / ***Para*** *mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para*** *estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá* ***para*** *calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música* ***para*** *dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta* ***para*** *os pobres valeu.* (destino/favor/proveito) / *Cada um daqueles fatores constitui,* ***para*** *as Nações Unidas, os desafios iminentes que exigem respostas da humanidade.* (conformidade)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição para parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> para combater a desordem.

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante*** a lei, todos são iguais.

Obs.: Não se usa preposição a depois de perante: Estou perante ao juiz. (inadequado). Não confunda com perante a (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por perante as, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois diante das e perante as indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo as foi mantido após a locução prepositiva diante de e da preposição perante, de modo que não houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição per, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: Estou ansioso por o aluno conquistar sua vaga. Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê… A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de por + o: pelo.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo) / ***Sem** condições financeiras, teve de voltar para a casa dos pais.*

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) / *Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) / *Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) / *Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) / *Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) / *A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) / *Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) / *Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) / *Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) / *Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido excepti ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos,* <u>exceto</u> ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa q ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição da preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de*** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: Ele foi leal aos amigos e aos familiares. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: Ele foi leal aos amigos e familiares. Estaria errado assim: Ele foi leal aos amigos e os familiares. Veja o tópico 5 de Casos Especiais, no capítulo 30 (Crase). Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: Apesar de sucessos e apesar de insucessos, vencemos. / Apesar de sucessos e de insucessos, vencemos. / Apesar de sucessos e insucessos, vencemos.

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (… nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo…) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Note que as expressões de trabalhar e de transformar estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa dele; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o a que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se aind *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(…) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (…)"
>
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/textoadaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(…) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade* ***de*** *Deus*

[valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **do** filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (…)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:

a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.

b) Ele se nutre de saudades.

c) O poeta morria de amores pela pátria.

d) De noite, seu sofrimento aumentava.

e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobrir o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição com tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:

a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.

b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.

c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.

d) Com quem eles viajaram nós não vimos.

e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:

a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas…) / acerca de.

b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.

c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação…) / a fim de.

d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia…) / ante.

e) em direção a (… podemos avançar em direção a um futuro…) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição De em lu de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais…) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) ***Em Chicago, melhor do que em qualqu outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.***

– Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que a desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição de, contida em "dos", expressa ideia de procedência.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (…)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem- duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento…).

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (… agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes…) por para manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:

– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*

Assinale a alternativa em que a preposição *a* está corretamente substituída.

a) até.

b) contra.

c) entre.

d) por.

e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.

Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã. A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.

A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:

a) com;

b) para;

c) por;

d) sob;

e) sobre.

Fragmento de texto

"(…) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer… (…)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".

( ) CERTO ( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por entre.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (…)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por

“salto”, e a preposição empregada no trecho “para o conhecimento científico” exprime noção de fim desse movimento.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

“… o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo para facilitar o armazenamento de novas informações. “Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes para compensar a restrição ao sono…”

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição para, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem “…, *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura”* contém o elemento gramatical *a*, que:

a) define quais são as tentações, porque é um artigo;

b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;

d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;

e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (… meios para convencer o Irã…) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;

b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;

c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;

d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*

e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está corret ou incorreta?

– A substituição da preposição “por” (… um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas…) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.

II. Há quatro artigos.

III. Há um pronome demonstrativo.

Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

c) se nenhuma afirmativa estiver correta.

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introdu ideia de finalidade.

a) "… a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."

b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo…"

c) "… o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com terra…"

d) "… se transforme em tragédia e para conferir eficácia…"

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;

b) modo;

c) condição;

d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cuja preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de… por.

b) de… para.

c) em… a.

d) com… para.

e) com… por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "… filhos com até dois anos de idade…"
2. "… Os pais que acreditam…"
3. "… são muito importantes…"
4. "… algum tipo de conteúdo…"
5. "… pais disseram que seus filhos…"

( ) Pronome relativo.

( ) Advérbio.

( ) Pronome indefinido.

( ) Conjunção integrante.

( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;

b) 4, 3, 1, 5, 2;

c) 2, 3, 4, 5, 1;

d) 2, 4, 3, 5, 1;

e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas…" (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;

b) tempo;

c) fim;

d) proporção;

e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muit satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;

b) lugar;

c) tempo;

d) proporção;

e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?

I. "…ocorre <u>devido a</u> ações administrativas…" / em razão de.

II. "<u>Segundo</u> técnicos da Receita,…" / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:

a) explanação;

b) retificação;

c) situação;

d) exclusão;

e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:

a) artigo, pronome, preposição, pronome;

b) artigo, preposição, artigo, pronome;

c) pronome, artigo, pronome, artigo;

d) artigo, pronome, preposição, artigo;

e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;

b) a que – com que;

c) que – a que;

d) de que – que;

e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca <u>erro</u> gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;

b) em face de;

c) devido à;

d) em função de;

e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "<u>Por um desses quiproquós da vida cultural</u>, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento por (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento por do fragmento acima é:

a) “Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo”.

b) “sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados”.

c) “Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores”.

d) “recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos”.

e) “por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva”.

34. (FGV – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2014) O segmento em que a preposição destacada faz parte de um adjunto e NÃO é solicitada obrigatoriamente por nenhum termo anterior é:

a) “Estamos no trânsito **de** São Paulo”.

b) “salvo **de** acidentes”.

c) “em sincronia **com** os demais veículos lá fora”.

d) “assistindo **a**o seu seriado preferido”.

e) “basta informar **a**o computador”.

Gabarito

1. E.
2. A.
3. C.
4. ERRADO.
5. CORRETO.
6. CERTO.
7. CERTO.
8. ERRADO.
9. CERTO.
10. CERTO.
11. B.
12. C.
13. ERRADO.
14. ERRADO.
15. CERTO.
16. ERRADO.
17. E.
18. D.
19. INCORRETO.
20. A.

21. D.
22. E.
23. B.
24. C.
25. C.
26. E.
27. INCORRETO.
28. I e II
    CORRETAS.
29. E.
30. B.
31. A.
32. A.
33. E.
34. A

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a “menina dos meus olhos”!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem… para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***,***Por isso***,***Não obstante***,***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;

2) **não variam** de forma;

3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade… Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos…** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga prepos a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulo termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais*. (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem*. (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe parec*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que…

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções

conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes dependentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e

nem… *(= e não)*

nem… nem

tampouco

não só… mas (também)

não só… mas (ainda)

não só… (bem) como

bem como

não só… como (também)…

não só… como (ainda)

não só... senão (também)

não só... senão (ainda)

tanto… quanto

tanto… como

mais (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais*** vocês formamos um quarteto.

Cuidado!!!

1) Sobre o e: Além de apresentar a ideia de adição, também pode ter outros valores semânticos, como adversidade (mas, porém) ou conclusão/consequência (portanto, por isso, então). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o e com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção e, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o e pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. Polêmicas…

- Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada. (portanto, por isso –conclusão/consequência)
- Cumpra suas obrigações e será recompensado. (de modo que – conclusão/consequência)
- Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados. (mas, porém – adversidade/oposição)
- Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer. (mas, porém – adversidade/oposição)
- Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca (= para – finalidade)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

- A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (… o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de por isso.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa e estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, mas entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, mas a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe para desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

- Pode ser usada a conjunção e logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: Você é muito importante para mim. E será sempre.

- A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: Concordo com ele, e muito!
- O e, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: Comprei maçã, uva, figo e banana. > Comprei maçã, uva, figo, banana.
- O e repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: Eles são abusados, e desbocados, e impertinentes, e aproveitadores, e muito mais!
- Usa-se a construção e nem quando o nem equivale a não (neste caso, o e é uma conjunção aditiva e o nem é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: Não estuda e nem (= e não) trabalha.
- Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso etc.: Assistiu à ótima peça e nem (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou e nem sequer olhou para ele.

2) Sobre o nem: Pode ser conjunção aditiva (reforçada por alguns termos), alternativa (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.
   - O homem não come nem tampouco bebe. (ou nem ao menos, nem sequer, nem mesmo)
   - Não sei nem se fico, nem se parto. (alternativa = Não sei se fico ou se parto.)
   - Nem sempre colabora com obras humanitárias. (advérbio = não)
   - Nem estudo nem trabalho. (só o segundo nem é uma conjunção aditiva, = e não,o primeiro é um advérbio de negação, = não).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse tampouco como conjunção aditiva (=nem), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão nem tampouco, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas…

4) Em "João mais Maria se apaixonaram.", o mais é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao e, isto é, dizer "Não só estudo mas trabalho." equivale a dizer "Eu estudo e trabalho.". Nas correlações aditivas (ou séries aditivas enfáticas), só as orações iniciadas por mas, como, senão e quanto são consideradas aditivas, o que indica que, stricto sensu, os conectivos aditivos, de fato, são o mas, o como, o senão e o quanto.

Sobre bem como, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão bem como (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção e, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(x) CERTO ( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o mas tem valor aditivo: Não nos deixeis cair

em tentação, mas livrai-nos do mal. = Não só não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: A conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

7) Se a correlação tanto… quanto vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: Tanto estudo! Quanto trabalho! Note que agora são advérbios de intensidade.

8) O vocábulo que pode ser uma conjunção aditiva. Consulte o capítulo 31.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*

– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*

– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*

– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*

– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*

– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*

– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*

– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*

– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*

– *Falar de mim é fácil, **agora** ser como eu é difícil.*

– *O rapaz não estudava, **antes** devorava os livros.*

– *O livro é ruim, **ainda assim** preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O mas pode apresentar matizes de sentido:

   – Os fariseus oprimiam o povo, mas Jesus exercia seu amor a eles. (contraste/contraposição)

   – Amor, eu sei que eu te traí, mas saiba que eu te amo. (compensação)

   – Casou-se, mas não com a primeira namorada. (restrição)

   – Foi em direção ao beijo, mas desistiu por timidez. (quebra de expectativa)

   – Outra pessoa, mas não eu, deverá cobrir a reportagem. (ressalva)

   – Entre, mas sem fazer barulho. (realce/ressalva)

   – Era bela mas principalmente rara. (adição, segundo Celso Cunha)

A maioria dos gramáticos considera redundante as construções em que ao mas se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto etc. Atualmente, tais construções são consideradas expressivas, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de mas não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do mas, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante podem: Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa, porém. / Não pude sair hoje; fiquei, contudo, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo, entretanto, a um filme com minha esposa. (etc.)

3) Não obstante pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locuç conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir. Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que nada obstante é expressão sinônima a não obstante. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão só que vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

Consulte: AOCP – EBSERH/HC-UFMG – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2014 – QUESTÃO 5.

5) Sobre agora, antes e ainda assim, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ainda assim, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se no entanto é uma locução

conjuntiva adversativa e substitui ainda assim, infere-se que ainda assim é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que elas realçam o conteúdo da oração que introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– Maria, eu sei que João é carinhoso, mas ele é alcoólatra. (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– Maria, eu sei que João é alcoólatra, mas ele é carinhoso. (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– Maria, eu sei que João é carinhoso, mas ele é alcoólatra, então larga ele!

– Maria, eu sei que João é alcoólatra, mas ele é carinhoso, então dá uma chance a ele!

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa mas, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção mas desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

7) Em frases em que o mas serve apenas como realce do que vem a seguir – por exemplo, dentro das frases Ela é feia, mas muito feia mesmo! e Ué, mas não eram elas as meninas? –, não é considerado uma conjunção adversativa, e sim uma palavra denotativa de situação (indicando realce ou reforço).

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja…seja***
ou…ou	***já… já***
ora…ora	***umas vezes… outras vezes***
quer…quer	***talvez… talvez***

– *Você quer suco **ou** deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou** faço a festa **ou** pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora** assiste à TV, **ora** cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer** estude, **quer** trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja** neste mês, **seja** no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já** sobe nas árvores, **já** brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro **umas vezes** traz felicidade, **outras vezes** traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez** chore, **talvez** ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

1) A conjunção ou pode ter matizes de sentido:

- Ou sobe, ou desce. (exclusão)
- O Flamengo ou o Vasco continuam sendo bons times. (inclusão/adição; = e)
- O Brasil tem 25 estados, ou 26. (retificação; = ou melhor)
- A parte da frente do navio, ou proa, está avariada. (precisão/sinonímia)
- Abram a porta ou todos serão repreendidos severamente! (exclusão-condição/exclusão-consequência; = senão – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual… (…)

- Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção ou, em não degradam ou deformam, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO ( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas umas vezes… outras vezes… e talvez… talvez…, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando ou, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que não pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: Seja homem ou mulher, todos gostam de música. (errado) / Seja homem seja mulher, todos gostam de música. (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão,

afinal, conjunção é uma palavra invariável: Sejam dias frios, sejam dias quentes, sempre toma banho gelado. (inadequado) / Seja dias frios, seja dias quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer… quer" pode apresentar um matiz de concessão: Quer queiram, quer não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*

– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*

– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*

– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*

– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada po vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*

– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*

– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*

– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o pois conclusivo, confira: CESGRANRIO – BNDES – PROFISSIONAL BÁSICO (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em Pontuação: Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades, portanto. (ou Ela se casou com um homem rico; não passará, portanto, necessidades.).

3) Não confunda os advérbios de tempo logo e então com conjunções conclusivas: Ela volta logo; vamos preparar-lhe uma surpresa. (advérbio de tempo) / Ela volta hoje, logo vamos preparar-lhe uma surpresa. (conjunção conclusiva) / Como é bom relembrar o passado; namorava-se então no portão de casa. (advérbio de tempo) / O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso, então a banca de professores o reprovou. (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – SENADO FEDERAL – ADMINISTRAÇÃO – 2012 – QUESTÃO 16. Também não confunda o advérbio de modo assim com conjunção conclusiva (veja o assim como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – QUESTÃO 11). Falando nisso, sendo assim e assim sendo são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a logo, portanto e assim. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que de modo que, de maneira que, de forma que e de sorte que podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP –Câmara/SJC – Programador – 2010 – QUESTÃO 17)

5) As expressões desse modo, dessa maneira e dessa forma são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

6) As formas destarte e dessarte (originariamente advérbios) são consideradas conjunções conclusivas por alguns estudiosos; inclusive isso já caiu em prova: CESPE/UnB – ANATEL – TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO – 2009 – QUESTÃO 19.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque

que

porquanto

pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*

– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*

– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*

– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O pois explicativo equivale a porque, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: Gratidão a Deus todos devem, pois, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós. Veja a diferença, agora como conclusivo: Gratidão a Deus todos devem. Devemos, pois, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós. Nesse caso, equivale a portanto, por isso é considerada uma conjunção conclusiva.

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de Orações Subordinadas Adverbiais.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda portanto (conclusiva) com porquanto (explicativa).

4) Em textos que fogem à norma-padrão, vem sendo usado o pois com valor semântico adversativo, indicando oposição, como se fosse um porém. Por exemplo, veja essa frase: Eles disseram que a explicação não tinha sustentação. Pois estavam errados, desde o princípio!

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que, se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por que e por se: "Ela não sabe se ele virá." (dúvida) e "Ela não sabe que ele virá." (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***

como (= *visto que*; só no início da oração)

uma vez que

pois que (uso mais literário)

na medida em que

sendo que

- *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porqu** não nos amamos mais.*
- *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*
- *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*
- ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*
- *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*
- *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*
- *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*
- ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)
- *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*
- ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*
- *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*
- ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*
- ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*
- *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*
- ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*
- ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do v nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda porque, que, porquanto e pois causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, que eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em Orações Subordinadas Adverbiais Causais.

2) Por causa que e por causa de que são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o como causal com o aditivo, comparativo e conformativo: Como fizesse frio, pus um casaco. (causa) / Tanto nado como pedalo. (adição) / Como age o pai, age o filho. (comparação) / Como já dissemos, acalmem-se! (conformidade)

4) Desde que (= uma vez que; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: Desde que conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma. O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (…) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (…)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, <u>só ele</u>, considera culta tal locução conjuntiva como aditiva (ou adversativa), os demais a consideram coloquial, nessas acepções.

6) Dado que e Posto que são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): Dado que/Posto que tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no Soneto de Fidelidade, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar posto que como causal: Que não seja eterno posto que (= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure. A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para posto que. Para Cegalla e para o dicionarista Houaiss, Dado que pode ter valor condicional.

7) Não confunda na medida em que (locução causal) com à medida que (locução proporcional). É bom dize também que na medida que é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – TÉCNICO LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: "Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando…

b) Eu desejava mais uma blusa, <u>na medida em que</u> quem viaja está sempre pensando… (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando…

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando…

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: Como Berenice não gostava de ir ao cinema (causa), seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema de modo que seu pai a levava à força. (conclusão/consequência) / Os irmãos viviam brigando porque sentiam ciúmes terríveis um do outro. (causa) = Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro, por isso viviam brigando. (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e consequência mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda por quanto (preposição + pronome; indica quantidade) com porquanto (conjunção causa ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão haja vista que (= pois, porque, visto que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? CESPE/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)… como/quanto***
<u>tal e qual</u>	***tanto… como***
<u>qual</u>	***como***
tal como	***assim como***
	como se

****(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)… (do) que***

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)

– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)

– *Corria **qual** um touro.* (comparativo de igualdade)

– *É excelente esportista, **tal como** o irmão.* (comparativo de igualdade)

– *Viva o dia de hoje **como se** fosse o último.* (comparativo de igualdade)

– *Casa é **mais** confortável do **que** apartamento.* (comparativo de superioridade)

– *Apartamento é **menos** confortável **que** casa.* (comparativo de inferioridade)

– *Este apartamento é **maior que** aquela casa.* (comparativo de superioridade)

– *Esta casa é **menor do que** aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)

– *Tu sempre serás **melhor que** minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)

– *Ela sempre será **pior** pessoa **que** você.* (comparativo de superioridade)

– *A programação da TV aberta é **tão** interessante **como/quanto** a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)

– *Nenhum atleta treinou **tanto** ao longo da vida **como** o Ricardo.* (comparativo de igualdade)

– *Acho-o submisso **como** um cão.* (comparativo de igualdade)

– ***Assim como** chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) Que nem e feito são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: Ela recendia perfumes que nem um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim feito boba? (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão tal qual, quando varia, é analisada como tal (pronome demonstrativo) e qual (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: Os filhos agem tais qual o pai. / O filho age tal quais os pais. / Os filhos agem tais quais os pais. O tal, de tal como, também varia: "As crianças, tais como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto quanto os de lá (… quanto <u>são</u> os governos de lá)". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, <u>Pedro parecia mais calmo</u>. (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo do que parecia João</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto… quanto" comparativa com aditiva: Ela tanto ri quanto chora. (adição / Ela chora tanto quanto ri. (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes… (do) que": O apelo

das cidades seria antes social que econômico.

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior… que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora

se bem que

malgrado

posto que

conquanto

nem que

ainda que/quando

apesar de que

mesmo que

em que (pese)[1]

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*

– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*

– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*

– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*

– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*

– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*

– ***Por muito que*** chamasse sua atenção, não era possível ser notado.

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é em que (= ainda que) seguida do verbo pesar (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país." (os esforços do governo é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição a: "Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza." (aos adeptos do progresso a qualquer preço é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em que (ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que…) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: Posto que era/fosse esperto e malicioso, acabou sendo enganado. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – TÉCNICO MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! Não obstante é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: Não obstante possuísse muitas posses, era humilde.

4) Mesmo se não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "Mesmo se arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente " Mesmo que arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

   I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto não obstante – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

   II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, <u>mas não parece ter</u>. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / <u>Embora não pareça</u> (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), Maria tem boa reputação.

6) Posto, suposto (ou suposto que) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (…) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)

7) Não confunda com quanto (preposição + pronome; indica quantidade) com conquanto. Também não confunda conquanto (concessão) com porquanto (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu parares de estudar, precisarás trabalhar.*

– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*

– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*

– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*

– ***Salvo se*** *meu livro for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*

– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*

– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*

– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*

– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*

– ***Uma vez que*** você aceite a proposta, assinaremos o documento.

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva sem que pode indicar uma relação de modo, concessão, condição ou consequência segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

- Saiu sem que se despedisse. (modo)
- Sem que estudasse, passou. (concessão)
- Sem que estude, dificilmente passará. (condição)
- Não sai sem que leve um casaco. (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por sem que se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (…)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova… veja duas questões sobre sem que nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e CESPE/UnB – TJ/ES – CARGOS DE NÍVEL SUPERIOR – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é antiguinha (não reclama!)…

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)

b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.

c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.

d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse. (concessão) / B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes. (condição) / Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar. (consequência) / Sairás sem que te vejam. (modo)

2) Sobre a conjunção condicional se, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade; por exemplo:

- Se os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas. (= já que; causa)
- Se você tem disposição, por que não corre a maratona? (= já que; causa)
- " Se o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos." (Ondina Ferreira) (= embora; concessão)
- A pele, se for bem clara, escurece muito debaixo deste sol. (= embora; concessão)
- Se Maria vem aqui em casa, todos se alegram. (= quando; tempo)
- Se fala, irrita a todos; se não fala, idem. (=quando; tempo)
- Se eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher. (= Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher; factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o se <u>é</u> uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do se, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o se já foi considerado conjunção causal em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e concessiva (CESPE/UnB – TST – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 2 / CESPE/UnB – PC/ES – CARGOS DE NÍVEL SUPERIOR – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção se e somente se está nas locuções desde que e contanto que: Um argumento é uma certeza absoluta se e somente se (desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção se: Se (for) reeleito transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: Se eu estudar, certamente passarei. Perceba que a consequência (passar) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (estudar).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção se caso: "Se caso você for, avise-me." (inadequado) / "Se (ou Caso) você for, avise-me." (adequado). Já a construção se acaso (= se – conjunção condicional + porventura – advérbio de dúvida) é correta: "Se acaso me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (=*conforme*)

– *Você enfim agiu **conforme** nós acordamos.*

– ***Consoante** falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo** havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como** se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda como conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta como o mestre.", o como é necessariamente comparativo.

2) A conjunção conforme também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": Conforme os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão… que ***tanto assim… que***

tanto… que

tamanho… que

tal… que

de tal modo/maneira… que

a tal ponto… que

<u>de sorte que</u>*

de modo que

de maneira que

de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*

– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*

– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*

– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*

– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*

– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*

– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*

– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o que é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção que podem vir implícitas: Essa mulher bebe (tanto) que acaba xingando todo mundo. Normalmente, nas correlações, tão é advérbio de intensidade, tanto é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e tamanho e tal são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de cada + que é comum: Falou cada coisa de minha mãe que merecia uma surra.

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

<u>porque</u> (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda para que (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com para que (locução conjuntiva final): A preservação da Floresta Amazônica é importante para que se mantenha o equilíbrio ecológico mundial. (o nome importante exige a preposição para, que vem seguida da conjunção integrante que) / Temos de preservar a Floresta Amazônica para que se mantenha o equilíbrio ecológico mundial. (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*…) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*…).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*

– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*

– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*

– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*

– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)

– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*

– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*

– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) Enquanto, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: Enquanto uns se decepcionaram, outros aplaudiram. Indica normalmente simultaneidade: Desliguei a TV, enquanto ela me beijava. Equivale a

"ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: CESPE/UnB – TELEBRÁS – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que na medida que e à medida em que não existem na língua culta? Cuidado! Só existe à medida que (proporcional) e na medida em que (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando

enquanto

mal *(= logo que)*

apenas *(= logo que;* não usual)

depois que

antes que

sempre que

logo que

assim que

agora que

todas as vezes que

cada vez que

ao mesmo tempo que

primeiro que *(= antes que;* não usual)

até que

desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*

– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficav na rua.*

– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*

– *Ela me reconheceu **apenas** apertei sua mão.*

– ***Depois que** a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*

– ***Antes que** o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*

– *Ficas excitada **sempre que** Augusto te olhas?*

– ***Logo que** os índios viram os portugueses, assustaram-se.*

– ***Assim que** você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*

– ***Agora que** vocês chegaram, podemos ir.*

– ***Todas as vezes que** dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*

– ***Cada vez que** a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*

– *Come **ao mesmo tempo que** lê.*

– ***Primeiro que** falecesse, deixou um legado.*

– ***Até que** se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*

– ***Desde que** essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estuda*

Cuidado!!!

1) A conjunção quando pode indicar matiz condicional e concessivo: Quando o senhor quer algo de mim, é gentil. (condição) / Vive saindo, quando deveria estar estudando. (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção quando, no período acima, tem valor:

a) proporcional;

b) comparativo;

c) consecutivo;

d) temporal;

e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma

coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)

b) Coordenativa com valor semântico de tempo.

c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.

d) Subordinativa com valor semântico de concessão.

e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que mal e apenas são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para voc tomar cuidado com desde que condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "Desde que se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e desde que temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "Desde que se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ao mesmo tempo em que.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal no que (= assim que), é coloquial, por não haver registro na língua culta: "No que ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final**:** Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá…

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)

b) comparação;

c) conclusão;

d) alternância;

e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." **(linha 9)**

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;

c) entretanto;

d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)

– Observe a relação semântica existente entre as orações:

I. Sofreu tanto. Ficou doente.

II. Estou gostando de outro. Já disse.

III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.

IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.

Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou… ou – porque – quando – em que;

b) que – porque – enquanto – quando;

c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);

d) conforme – mas – mas – se;

e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)

No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)

b) 'portanto';

c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso… Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas,

o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. **(Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale expressão correta.**

   a) na medida em que.

   b) assim que.

   c) por muito que.

   d) à medida que.

   e) no entanto.

2. **(FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:**

   I. <u>Mal o leão se afastou</u>, o rato não teve a menor dúvida.

   II. "Os animais devem ser adestrados, <u>ao passo que os seres humanos devem ser educados</u>."

   III. <u>Não obstante haja concluído um curso superior</u>, é incapaz de redigir uma carta.

   IV. Pode criticar, <u>desde que fundamente sua crítica em argumentos</u>.

   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

   a) tempo, proporção, concessão e condição;

   b) causa, conformidade, condição e concessão;

   c) tempo, proporção, condição e concessão;

   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. **(FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quan às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.**

   Yes, nós temos cinema!

   Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

   (Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;

   b) logo – pois – portanto – todavia;

   c) e – mas – por isso – e;

d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.

II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.

III. Tempo: o mais rápido possível.

IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de envia funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida qu a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(…) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, pois seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (…)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de “pois” por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto.*

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.

b) aditiva – conclusiva.

c) aditiva – explicativa.

d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;

b) tanto assim que;

c) além disso;

d) por isso;

e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) ***"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher a lacunas de pensamento de quem lê."*** **Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.**

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.

b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.

d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção mas estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:

a) restrição;

b) adversidade;

c) atenuação;

d) adição;

e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

***Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, que em murmurantes ondas canta o amor perdido*.**

Tomando a oração destacada e substituindo em por as e canta por cantam, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:

a) subordinada adjetiva explicativa;

b) subordinada adjetiva restritiva;

c) coordenada conclusiva;

d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, entretanto, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)

– O termo “entretanto” pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído po qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

***Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) do que televisores*.**

– O termo “Mas” insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do se por mesmo que garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo d gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência APENAS no apresentado em:

a) I;

b) II;

c) III;

d) I e II;

e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. Assim, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, porque ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evoluçã da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia…), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são com os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a form mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que NÃO poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;

b) que;

c) pois;

d) logo;

e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A advertência vale para o Brasil, embora as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhad no texto abaixo, provoca <u>erro</u> gramatical e/ou <u>incoerência</u> textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, <u>se o país não cresceu</u>, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.

b) apesar de o país não crescer.

c) mesmo o país não crescendo.

d) embora o país não crescesse.

e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;

b) consequência;

c) conformidade;

d) condição;

e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses qu NÃO expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)

b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)

c) "…porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)

d) "…para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)

e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) ***É certo*** **que** ***a mudança do enfoqu sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão*** **que** ***abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*** **(L.21-30)**

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;

c) conjunção integrante e conjunção integrante;

d) pronome relativo e conjunção integrante;

e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro ou mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;

b) comparação;

c) conclusão;

d) contraste;

e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;

b) por conseguinte;

c) à medida que;

d) a fim de que;

e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida

entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[…] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos […]" (l. 4-6)

b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão […]" (l. 16-19)

c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)

d) causalidade: "[…] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)

e) condição: "[…] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida***

(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;

b) concessivo;

c) conclusivo;

d) condicional;

e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades…" (conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. Sua ação é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia. O economista não tem essas vantagens. No tratamento de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de “Quando”;

b) substituir a conjunção condicional “se” pelo conectivo caso;

c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada p “Sua ação” com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de “Sua”;

d) ligar as orações iniciadas por “O economista…” e “No tratamento”, em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de “No”;

e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de “Os”.

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchiment da lacuna com o conectivo abaixo resulta em <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;

b) quando;

c) Porém;

d) Mas;

e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) ***O desenvolvimento <u>corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades</u>, e [que] portanto <u>não</u> é possível importar.***

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com “Não é possível importar o desenvolvimento…”. Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;

b) dado que;

c) se bem que;

d) no caso de;

e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) ***Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.***

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias,

a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível…

b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível…

c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível…

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível…

e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível…

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;

b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;

c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;

d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;

e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feit

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana…***

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;

b) conquanto;

c) enquanto;

d) embora;

e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do text

I. Não podemos contar com a sorte.

II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;

b) ainda assim;

c) haja vista que;

d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ***Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas…***

Iniciando o período por Eles precisam de mais cálcio e vitaminas, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:

b) conquanto a idade avance;

c) se a idade for avançando;

d) ainda que a idade vá avançando;

e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) ***Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.*** **(início do 2º parágrafo)**

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª, noção de:

a) condição;

b) temporalidade;

c) consequência;

d) finalidade;

e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;

b) como;

c) contudo;

d) portanto;

e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO ( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece…

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

"(…) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, <u>pois</u> "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO ( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.

b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.

c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.

d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.

e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por já que, uma vez que, porquanto, visto que ou porque.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA

O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais… (…) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".

A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:

a) causalidade;

b) proporcionalidade;

c) temporalidade;

d) adversidade;

e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.

I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda *para melhorar* o acesso a serviços de diagnóstico.

II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, *segundo* o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.

As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:

a) finalidade e conformidade;

b) causa e condição;

c) finalidade e consequência;

d) adversidade e adição;

e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:

a) importante que seja;

b) conquanto muito importante;

c) sendo embora muito importante;

d) por mais que importante;

e) por ser muito importante.

Fragmento de texto

"(…) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a

atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (…)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentaçã desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;

b) Outrossim;

c) Por isso mesmo;

d) Não obstante;

e) Haja vista.

"(…) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (…)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;

b) embora;

c) apesar de;

d) e também;

e) pois.

52. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2013) "Suas sugestões, *no entanto*, não encontraram respaldo para serem postas em prática". Dois conectivos que podem substituir adequadamente o destacado, sem alterar a ordem do segmento, mantendo-se o sentido, são:

a) mas / porém.

b) logo / pois.

c) entretanto / contudo.

d) mesmo que / ainda que.

e) todavia / visto que.

53. (FCC – TRF 3ª – Analista Judiciário – 2014) *Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prátic necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores.*

Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto, op. cit.)

Mantêm-se a correção e as relações de sentido estabelecidas no texto, substituindo-se *Embora* (2° parágrafo) por:

a) Contudo.
b) Desde que.
c) Porquanto.
d) Uma vez que.
e) Conquanto.

Gabarito

1. E.
2. A.
3. C.
4. A.
5. D.
6. D.
7. E.
8. CORRETO.
9. A.
10. D.
11. D.
12. INCORRETO.
13. INCORRETO.
14. C.
15. I- CORRETO.
    II- INCORRETO.
16. CORRETO.
17. INCORRETO.
18. D.
19. CORRETO.
20. INCORRETO.
21. A.
22. B.
23. C.
24. B.
25. A.
26. B.
27. D.
28. B.

29. CORRETO.
30. A.
31. A.
32. B.
33. A.
34. E.
35. E.
36. E.
37. A.
38. E.
39. C.
40. ERRADO.
41. CERTO.
42. ERRADO.
43. CERTO.
44. ERRADO.
45. C.
46. CERTO.
47. A.
48. A.
49. E.
50. D.
51. A.
52. C.
53. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem… para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela

Oh! Ri meu coração de satisfação

Olá! Dizem meus lábios a ela

Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!

Cala meu medo, fala meu coração

Viva! Que maravilha de paisagem

Psiu! É ela chamando minha atenção.

Chi! Tomou-me paixão

Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção

Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca

Não resisti à vontade louca

Gritei alto: **ooooooooooooooba!**

(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;

2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trat de um poema);

3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "ooooooooooooooba!", que, por servir complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* Obs.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*

- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz.*
  gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!*
  vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!,*
  cacete!, uau!
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada palavra-frase, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenh
função sintática. Ex.: Perdão! = Desculpe-me!

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!…

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição ó como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se oh para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições tomara e oxalá levam o verbo ao subjuntivo: "Oxalá/Tomara ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que sã empregadas algumas palavras e expressões no texto.

I. *Oi* (… o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente a de "Olá".

(Estado de S.Paulo, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:

a) sossego e felicidade;

b) alegria e espanto;

c) raiva e tranquilidade;

d) indiferença e irritação;

e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denot

a) preocupação;

b) cautela;

c) admiração;

d) temor;

e) inexperiência.

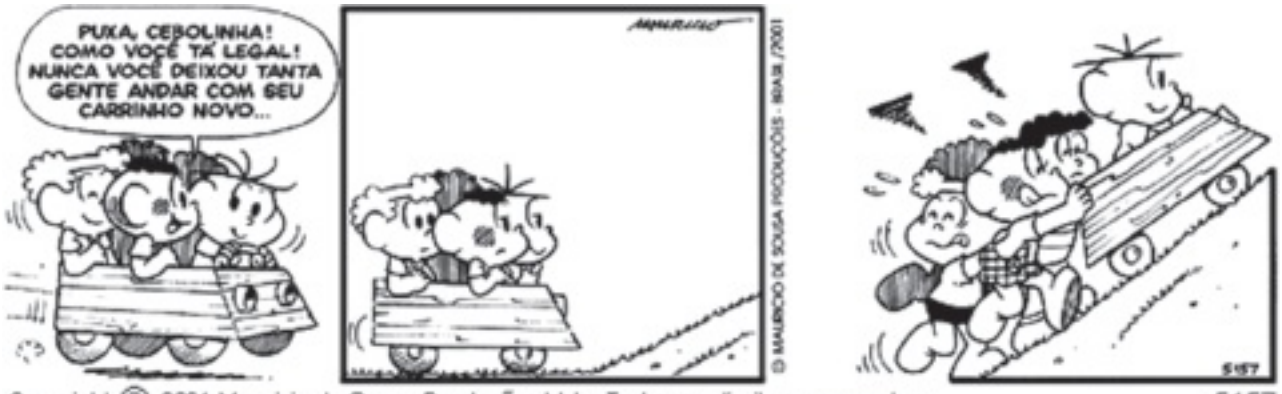

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.

b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.

c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.

d) Trata-se de um vocativo.

e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimen emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;

b) Ora! – reprovação;

c) Arre! – alívio;

d) Ué! – afugentamento;

e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciad pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.

II. Classifica-se como interjeição.

III. É exemplo de estrangeirismo.

Assinale:

a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.

b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.

c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.

e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*".A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;

b) das onomatopeias;

c) dos verbos;

d) dos advérbios;

e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.
2. E.
3. INCORRETO.
4. C.
5. C.
6. D.
7. D.
8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "… trata da **ordem**…", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de… **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente

antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(…)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: As artes nunca desperdiçam nosso tempo.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)

– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)

– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

De um povo heróico o brado retumbante

Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:

a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;

b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;

c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;

d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;

e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico (C)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

O que é morfossintaxe?

Caso você se depare com a palavra "morfossintaxe" no enunciado de uma questão, não se assuste, tudo bem? Ela é nada mais, nada menos que a junção de morfologia e sintaxe. Em outras palavras, quando a banca pede que você analise um termo ou uma expressão morfossintaticamente, significa que ela quer saber se você tem a habilidade de apontar a classe gramatical e a função sintática do que estiver destacado por ela. Exemplo: "Maria comeu o bolo". Qual é a classe gramatical de "Maria"? Substantivo. Qual é a função sintática de "Maria" dentro da frase? Sujeito.

Pronto! Simples assim! Você acabou de fazer uma análise morfossintática de um termo da frase, ou seja, você apontou a classe gramatical e a função sintática. Isso é morfossintaxe. Safo?! ☺

Ah! Antes que eu me esqueça de um detalhe: a banca pode perguntar também se a frase está correta quanto à morfossintaxe. Traduzindo: ela quer saber se a frase está gramaticalmente correta, ou seja, sem erro algum. Entendeu?

Veja uma questão sobre isso:

MPE/SC – MPE/SC – PROMOTOR DE JUSTIÇA – 2013

– Em "A sentença, já a escrevi várias vezes, mas ainda sinto-me confuso", os termos destacados, na morfossintaxe, são pronomes oblíquos e objeto direto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Enfim… a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos… nas cenas do próximo capítulo…

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas…) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticênci (…).

   – *Eu sou você amanhã.*

   – *Você nunca será como eu.*

   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: não, nunca, jamais, nada, nenhum…

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina e ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso…*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase imprecativa: Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L. 86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (Gabarito!)

e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo ser + que, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países. Retirando: Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta… oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo ser + que, pois tal verbo não é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– Além da escola, foram meus pais que me deram muita educação.

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me deram muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na

verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta
  - ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática.*
  - *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.
  - *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)
  - ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)
  - *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
  - *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
  - ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é)." Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos

capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem… para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "… porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas…".

d) "Irônica, perguntou a pomba".

e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;

b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;

c) quatro períodos e nove orações;

d) cinco períodos e sete orações;

e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*

– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)

– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*

– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*

– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*

– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o núcleo do sujeito pode ser, tradicionalmente, um substantivo (normalmente), um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva ou uma palavra substantivada. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E… só para os que desejam aumentar seu conhecimento… saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do achamento do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que…?"** ou **"quem…?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós****.*

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade****.*

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** "*são*" *ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso Aquelas *ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***.***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta* ***qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cã* sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: inversão do sujeito.

   – Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,o fato de ter uma pessoa amig ao meu lado em situações difíceis.

Bizu do chamento: O que me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta: o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis.

Dica de irmão: as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado. Por isso, coloque na ordem direta: "O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis agradou-me…". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, o sujeito não pode vir regido de preposição, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

   – A Cleópatra era feita por cada subordinado uma mesura em suas aparições públicas. (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: Uma mesura era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

   – Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,manter nossa amizade. (Na ordem direta: Manter nossa amizade nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

- Em virtude da regra gramatical impedir qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo. (construção não privilegiada)
- Em virtude de a regra gramatical impedir qualquer construção com sujeito preposicionado, devemo evitar qualquer contração antes de infinitivo. (construção privilegiada)
- A fim dela, a opinião minoritária, não nos fazer errar uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo. (construção não privilegiada)
- A fim de ela, a opinião minoritária, não nos fazer errar uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo. (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em Pronome Pessoal e Preposição!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. Entre dez e vinte passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

- ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*
- *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*
- ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de sujeitos simples tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o núcleo do sujeito e a relação dele com o verbo da oração. Veja dois exemplos:

   - O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor) expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.

   Só há um núcleo do sujeito: desentendimento. Por isso, o verbo está no singular: expôs.

   - O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)

Só há um núcleo do sujeito: fato. Por isso, o verbo está no singular: distingue.

– A mulher que foi espancada pelo marido resolveu denunciá-lo.

Só há um núcleo do sujeito: mulher. Por isso, o verbo está no singular: resolveu denunciar.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (sujeito complexo).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção e, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– "Ordem e Progresso" faz parte de nossa bandeira. (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– Casseta e Planeta vai fundo!

– Plástica & Beleza vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– Comemora-se ainda hoje um aninho de vida de meu filho. (voz passiva sintética; sujeito simples)

– Um aninho de vida de meu filho é comemorado ainda hoje. (voz passiva analítica; sujeito simples)

– É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,o valor da honestidade. (voz passiva sintética; sujeito simples)

– É preciso que o valor da honestidade seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos. (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o sujeito é chamado de paciente. Na ativa, de sujeito agente.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente n registro coloquial: Esses alunos,eles me dão muito orgulho.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houv acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: " Nunca mais esconda (você) a minha bolsa!".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

   – O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.

Note que o sujeito da forma verbal destacou é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: isso) em determinados contextos, como:

   – Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (…isso é conversa de adulto.)

   – Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)

   – Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (…isso (sair naquela noite) era perigoso.)

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** são estados de espírito.

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em Concordância.

   I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: Foi escondida minha bolsa e minha chave.

   II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em " Velhos, crianças, mulheres e homens, ninguém sobreviveu ao desastre.", o verbo concorda com o termo resumitivo.

   III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: Morre o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro aos 70 anos.

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito Os dois classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo

sentimos, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito Os dois, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em Silepse, no capítulo de Concordância.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram**-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente **falam** pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam** minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez esconderam minha bolsa.", o verbo esconder não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo esconder é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a** Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

"(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula se (indeterminadora) com se (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto sem estar seguido de termo preposicionado e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

- Vendeu-se tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)
- Duvida-se de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia? – construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto… na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada correta. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas… alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o se é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**. Consulte: IBFC – PC/RJ – PERITO – 2013 – QUESTÃO 13.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(…) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim.Você entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, você está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, você acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (…)

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa incorreta.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome você pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando você pega um avião, você sente um mal-estar, fora o risco de você morrer, não é?". Este você se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, não há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "Quem me ligou?" "Alguém ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) **Haver** com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

- ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*
- ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*
- *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo ter pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo haver pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): " Ele haveria de fazer isso.", "Enfim (eu/ele) havia entendido o mistério.", " Os rivais se houveram no ringue.", " Eu me haverei bem diante dos convidados.", " Os criminosos se houveram com a justiça.".

3) Os verbos existir e ocorrer são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: Existem pessoas merecedoras da morte. (sujeito simples) / Ocorrem às vezes certos contratempos aqui. (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no singular.
   - Há lanches sobre a mesa.
   - Deve haver lanches sobre a mesa. (e não "Devem haver…")

5) O verbo haver é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", cem acidentes é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes…", cem acidentes seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo haver tem sentido de ocorrer, ainda é impessoal, logo continua exigindo <u>objeto direto</u>, a saber: <u>apenas um acidente</u>. Não confunda sujeito com objeto!

2) **Fazer, parecer, ficar, estar** indicando tempo ou aspectos naturais.

- *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*
- *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos fazer, parecer, ficar, estar podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): " Fazem dez ano de casamento ainda hoje os meus amigos.", " Todos pareciam abobalhados.", " Alguém ficou sem o convite?, "Vocês estão bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no singular.

   – Fará dias quentes em dezembro.

   – Vai fazer dias quentes em dezembro. (e não "Vão fazer…")

3) O verbo faltar não é impessoal, mesmo quando indica tempo, portanto em " Faltam dois anos para a Copa.", dois anos é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "Falta dois anos para a Copa.".

3) **Ir + para/em** indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a última vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo ir pode ser pessoal: "Já se foram duas horas de aula…", "Ele foi à festa.".

4) **Passar + de** indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo passar pessoal: "Passou-se meia hora de aula.", "Ele passou há dez minutos aqui.".

5) **Bastar/Chegar + de** no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** problemas!

Obs.: Os verbos bastar e chegar podem ser pessoais: "Quatro fatias não chegam para tua satisfação?", "Não basta ser amigo, ok?".

6) **Tratar-se + de** indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** quem tem ou não razão.

Obs.:Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o sujeito é indeterminado – sendo a partícula se indeterminadora do sujeito. O verbo tratar, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / CESPE/UnB – TRT/MA (16ªR) – AUXILIAR JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) **Ser** indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada…*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo ser é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo ser pessoal: "Ele é gente boa.", "O presidente será reeleito?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***,***choveu*** *e depois* ***nevou*** no Sul do país.

Obs.: Em sentido figurado, todos esses verbos são pessoais: "O patrão escureceu de raiva.", "Assim que o dia amanheceu lá no mar alto da paixão…" (Djavan), "Todos os dias c hovem notícias tristes nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que uma chuva fininha é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em Objeto Direto Interno.

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em Orações Subordinadas Substantivas e em Orações Reduzidas.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (… regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo importar está no singular porque concorda com o sujeito oracional descobrir e estudar, ou seja, "… descobrir e estudar importava…". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***,***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá…

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se…*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor nocional ou relacional: "Você precisa ficar bom." (verbo relacional) / "Você precisa estudar mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)

– *João **está** alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)

– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)

– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda verbo relacional, que indica estado, com verbo nocional, que, normalmente, indica ação.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifad é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação transformar-se com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (no para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo transformar-se indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: a fonte da felicidade pública se torna o para-raios do rancor público. Portanto, transformar-se (em) é um verbo de ligação, sinônimo de converter-se (em), como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar d ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como viver, andar, cair, virar, dar etc. Entenda:

– Se ele não fosse gentil comigo, eu estaria morto. (verbo de ligação)

– Se não fosse ele na minha vida, eu estaria morto. (verbo intransitivo)

– O aluno fica contente com boas explicações. (verbo de ligação)

– O aluno deve ficar em sala de aula até segunda ordem. (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*

– Eu estou sempre satisfeito. (verbo de ligação)

– "Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos." (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)

- As pessoas continuam apáticas. (verbo de ligação)
- As pessoas continuam em frente à sacada. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de luga
- Ele parece bem esforçado. (verbo de ligação)
- Parece que vai chover. (= aparenta; verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

- Eu vivo bem. (verbo intransitivo)
- Nós estamos vivendo o momento. (verbo transitivo direto)
- Que mulher complicada! Ela vive de má vontade. (verbo de ligação)
- Ainda vou andar rapidamente. (verbo intransitivo)
- Melina anda feliz esses dias. (verbo de ligação)
- O rapaz virou o móvel para limpar a sujeira. (verbo transitivo direto)
- O rapaz virou drag queen. (verbo de ligação)
- Segundo noticiado, assassino segue suas vítimas à noite. (verbo transitivo direto)
- Segundo noticiado, assassino segue preso. (verbo de ligação)
- José lhe deu a melhor explicação possível. (verbo transitivo direto e indireto)
- José deu um excelente professor de português. (verbo de ligação)
- O homem caiu da cama. (verbo intransitivo)
- O homem caiu de cama. (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

    a) "E sumiu."
    b) "Chamava-se João Teodoro, só."
    c) "Um dia aconteceu a grande novidade…"
    d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
    e) "Já teve três médicos bem bons…"

Comentário: Tanto o verbo estar como o verbo cair indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicare estado (mutatório), não são de ligação, mas intransitivos: adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar., que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele <u>chegava</u> e <u>saía</u> curvado, sob a garra do reumatismo que nem <u>melhorava</u> nem <u>matava.</u>" (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:

    a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);

b) ação – estado – ação – estado;

c) estado – ação – estado – ação;

d) estado – ação – ação – ação;

e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois melhorar indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,**morre** o famoso inventor Steve Jobs.*

– *Depois do resgate, eles certamente **sobreviverão**.*

– *Todos **chegaram** ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar e sinônimos, po eles aparentemente exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando lugar. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu Dicionário de Regência Verbal, entendem que os verbos que indicam deslocamento podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional… Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi aonde?). Esses verbos precisam de um especificador de lugar, e não de um complemento. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados intransitivos e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– Vou dormir cedo. (verbo intransitivo)

– Vou dormir um sono profundo. (verbo transitivo direto)

– Sua ajuda financeira não basta, meu amigo! (verbo intransitivo)

– Sua ajuda financeira não basta para mim, meu amigo! (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto

se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressõ idiomáticas, como "Puxar da espada", "Cumprir com o dever", "Beber da água", "Comer da comida" etc. Falo melhor sobre isso em objeto direto preposicionado, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:
   - O marido passou a odiar a mulher. (verbo transitivo direto)
   - Quem odeia se envenena aos poucos. (verbo intransitivo)
   - Ouço dez gêneros musicais por dia. (verbo transitivo direto)
   - Enfim eles estão ouvindo perfeitamente. (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos vender e aplaudir são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo** com você, realmente **tenho de acreditar** em Deus, pois aqueles que lhe **desobedecem** sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o lhe como complemento, mas outros não, como aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer etc.Falo melhor sobre isso no capítulo Termos Acessórios da Oração,em Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos (veja o lhe).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar **comunicou** o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– Ela escreve bem. (VI)

– Ela escreveu dois poemas. (VTD)

– Ela ainda não me escreveu. (VTI)

– Ela não me escreveu nada. (VTDI)

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) Predicativo do sujeito: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo d ligação.

– (Nós) Estamos felizes.

– O ônibus da seleção chegou atrasado para o jogo.

– Ele foi nomeado supervisor pelo gerente.

– Definiu-se o caso como impossível.

– O caso foi definido como impossível.

– Eles assistiram nervosos à partida.

– Eles deram,muito ansiosos, um presente ao irmão.

– Meu filho se tornou um grande médico.

– Nós somos dez lá em casa.

– Eu serei você amanhã.

– Meu Brasil é o verde das matas e o amarelo do ouro.

- A vida é assim, às vezes as pessoas ficam bem depois de uma separação.*
- Nós parecemos que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros?

*Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: A taça é de cristal. / Estou sem medo. / Continuamos com sono. / A distância é de vinte quilômetros?

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: É primordial que aprendamos gramática.

3) Em orações sem sujeito com o verbo ser, existe predicativo do sujeito! Isso é estranho demais, no entant é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações Era primavera e Estava frio, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são primavera e frio.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo o: Ele não é feliz, mas e o é. (… ela é feliz).

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: " Orgulhoso, ele sempre o foi.". O o (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: orgulhoso.

6) Como diferenciar o sujeito do predicativo do sujeito com o verbo ser em frases assim: O Mário é o marceneiro e O João é ele? No caso de haver pronome na frase, como ocorre na segunda frase, o pronome pessoal reto é sempre o sujeito. No caso de haver dois substantivos, como ocorre na primeira frase, tudo vai depender do contexto. Se a frase foi retirada de um contexto que tinha como ponto de partida o Mário, ele será o sujeito (exemplo: Mário conquistou seu espaço no mundo da marcenaria por causa de suas habilidades singulares, por isso o Mário é o marceneiro mais badalado da atualidade). Sem contexto, há uma tendência de considerar o sujeito o termo que vem antes do verbo ser, pois na língua é normal colocarmos o ser de que estamos falando em evidência, o que na prática significa colocá-lo antes do verbo ser.

7) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, compost implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
   - Sou estudioso. (simples: um núcleo)
   - Sou rico e bonito. (composto: mais de um núcleo)
   - "Você é feliz?" "Sou." (oculto: = Sou (feliz))
   - O fato é que o assunto me intriga. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto : normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar,*

declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar …), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou-a o namorado no meio da rua.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: Todos consideramos a prova difícil. (voz ativa) / A prova foi considerada difícil por todos. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): Eu considero válido que você arrume um emprego. O que é considerado válido pelo sujeito? Isto: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo considerar. Veja outro exemplo: Essa agilidade teve como objetivo exclusivo (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção (= Isto; objeto direto oracional). Ou seja: "Essa agilidade teve isto como objetivo exclusivo". O como é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o como, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9:… e comprar um item mais caro…

L. 17:… levar um bom vinho para o almoço…

L. 26-27:… o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32:… acha bobagem comprar…

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de marca (L. 27).

a) amor (L. 26).

b) vinho (L. 17).

c) bobagem (L. 32).

d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo marca, iniciado pela preposição acidental como, tem função de predicativo deste

objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo bobagem também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: comprar. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, achar.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: Ele se fez de bobo para conquistá-la. (o pronom reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor por um sábio. / Infelizmente encontrei,sem esperanças e com a vida por um fio, meu amigo no hospital.

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: Estamos no mundo para fazer dele um mundo melhor.

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente) Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor orgulhoso. (simples: um núcleo)
- Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor orgulhoso e sorridente. (composto: mais de um núcleo)
- "Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o." (oculto: = Encontrei-o (orgulhoso))

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

- *Gosto de vocês **quietinhos**.*
- *Eu preciso do meu marido **consciente**, doutor!*
- *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –**sempre austeros**.*
- *As muralhas não resistiram aos ataques (**extremamente ferozes**).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo chamar no sentido de nomear, apelidar, cognominar, classificar pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

- Chamei ao rapaz (de)vigarista. (VTI / POI) - Chamei-lhe (de) vigarista. (VTI / POI)
- Chamei o rapaz (de)vigarista. (VTD / POD) - Chamei-o (de) vigarista. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- Eu me lembro delas ainda moças. (simples: um núcleo)
- Eu me lembro delas ainda moças e dispostas. (composto: mais de um núcleo)
- "Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!" (oculto: = Chamei-a (de infeliz, sim!))

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: O rapaz nunca sai com a namorada desarrumada.

(predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

- *Os alunos* ***parecem bem*** *interessados* ***ultimamente****.*
- *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
- ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
- ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

- *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
- ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
- ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitiv direto)
- *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
- *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indiret

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

- *A relação do casal,****inicialmente caótica, amadureceu****.*
- *O povo* ***reelegerá Maria presidenta daqui a poucos anos?***
- *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
- ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
- ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: O entrevistado ficou calado na sala de espera. (verbo de ligação) / O entrevistado ficou na sala de espera calado. (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.
Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.

b) B.

c) C.

d) D.

e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho *te* enche de glór e *te* faz *vencedor*", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;

b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;

c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;

d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;

e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.

b) […] não pode haver paz sem justiça.

c) Toda regra de Justiça envolve amor.

d) que resume […] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

e) […] em seu mais amplo sentido […]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão correta ou incorretas?

Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados manifestam-se na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, foi graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.

II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.

b) Não encontraram o suspeito.

c) A garota saiu chateada da escola.

d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido…), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal frase:

a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);

b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,…" (L. 5);

c) "E tudo agora é para valer." (L. 10);

d) "Vira mais uma atividade produtiva a cumprir…" (L. 17);

e) "quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009)… que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor

comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) … que homogeneíza todos os indivíduos.

b) … o sentimento tribal é muito forte…

c) … acompanha o indivíduo por toda vida…

d) … que (…) participam no rito das danças guerreiras.

e) … e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* problema, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador reacionário.

b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (…)

c) (…) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.

d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (…)

e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (…)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça…". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.

b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.

c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.

d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.

e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto* o sonho *de Darcy não se torna realidade,* o debate continua.
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos muito a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.

c) Caberiam aos pais as providências (….)

d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (…)

e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (…)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão […]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:

a) adjunto adverbial;

b) aposto;

c) predicativo do sujeito;

d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:

a) Come-se bem naquele restaurante.

b) Vai haver um campeonato.

c) Vive-se feliz no Brasil.

d) Paulo faz vinte anos amanhã.

e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) ***Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães <u>confirma</u> a antiguidade da família nuclear entre humanos.***
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.

b) … geravam mais descendentes que os aventureiros…

c) … em que os animais andam em bandos…

d) … que datam de 4.600 anos atrás…

e) … de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "…saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,…", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.

b) Transitivo indireto.

c) Intransitivo.

d) De ligação.

e) Transitivo direto e indireto.

(…) Quão competente é, porém,o crítico competente? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.Se for original, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (…)

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga

dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(…)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(…)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(…)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

(…) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais se espraia para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade,mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.

II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram…) indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e

peruanas…) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, transporta muito mais passageiros que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (…)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.

( ) CERTO ( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado NÃO é impessoal en

a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.

b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.

c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.

d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.

e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra <u>sujeitas</u> (… as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas…) exerce, no texto, função sintática de:

a) complemento nominal;

b) objeto direto;

c) predicativo do objeto;

d) predicativo do sujeito;

e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:

a) desinencial;

b) indeterminado;

c) inexistente;

d) composto;

e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus exerce a função de……, a mesma função sintática que é exercida por…… na frase Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus. Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?

I. objeto direto – os hindus;

II. sujeito – os hindus;

III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mund*

***não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:**

a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;

b) a partícula se tem a mesma função que em " ***E se** ela não vier?";*

c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;

d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;

e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes proviriam as pistas que indicariam o caminho…
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:

a) … a principal tarefa do historiador consistia em estudar possibilidades de mudança social.

b) Os caminhos institucionalizados escondiam os figurantes mudos e sua fala.

c) Enfatizava o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos…

d) … sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez traduzissem necessidades sociais.

e) Era engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo e (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares e repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar…*) está ligando:

a) dois verbos intransitivos;

b) dois verbos transitivos indiretos;

c) um verbo transitivo direto e outro indireto;

d) dois verbos transitivos;

e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em…) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006,perceber que a leniência das autoridades federais… (…)

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.

( ) CERTO ( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo

novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura só faltou o diabo do homem me chamar de, na qual o verbo faltar é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012)… *elas ainda* <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u> …

A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:

a) … embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes…

b) … e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.

c) … a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.

d) … e muitos não obtêm esses nutrientes.

e) … menos da metade daqueles que mais precisam deles…

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)… *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) … contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo…

b) … com as quais procuramos lidar com a realidade…

c) … deixando-nos desarmados e atônitos…

d) … de algo que está além de nossa compreensão…

e) … ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.

b) Pensam logo num palhaço.

c) Pode-se pensar num palhaço.

d) Pensam-se logo num palhaço.

e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.

b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.

c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.

d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é <u>relativo</u>, pois em arte não há originalidade absoluta.***

… a sua contribuição maior foi <u>a liberdade de criação e expressão</u>.

Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;

b) objeto direto;

c) complemento nominal;

d) predicativo;

e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e su natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.

II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.

III. Todos os verbos possuem sujeito simples.

a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

48. (CESPE/UnB – TCE/RO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2013) Nas expressões "Respeitam-se" (Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração

pública…) e "alinhando-se" (… o governo necessita de que as escolas assumam um papel de "escola corporativa de gestão", alinhando-se às políticas e diretrizes de governo no sentido da melhoria da gestão pública), o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

49. (CONSULPLAN – CBTU/RJ – ASSISTENTE DE MANUTENÇÃO – 2014) Sobre a estruturação sintática do período, "Regimes de exceção perpetuam privilégios, disseminam a injustiça, atrasam o desenvolvimento, comprometem as perspectivas de emancipação […]", é correto afirmar que:

a) é composto por quatro formas verbais, logo, quatro orações.

b) o sujeito dos verbos não foi explicitado em nenhuma das orações.

c) os verbos são intransitivos, por isso não exigem complemento verbal.

d) os verbos não exigem complemento verbal, já que são transitivos diretos.

Gabarito

1. CORRETO.
2. D.
3. D.
4. B.
5. I- INCORRETA.
   II- INCORRETA.
6. C.
7. CERTO.
8. B.
9. D.
10. C.
11. B.
12. E.
13. C.
14. INCORRETO.
15. B.
16. B.
17. E.
18. ERRADO.
19. ERRADO.
20. I- INCORRETA.
    II- INCORRETA.
21. ERRADO.
22. ERRADO.

23. CERTO.
24. ERRADO.
25. ERRADO.
26. ERRADO.
27. CERTO.
28. CERTO.
29. E.
30. D.
31. B.
32. III.
33. C.
34. A.
35. D.
36. ERRADO.
37. ERRADO.
38. ERRADO.
39. ERRADO.
40. ERRADO.
41. ERRADO.
42. E.
43. B.
44. B.
45. B.
46. D.
47. D.
48. ERRADO
49. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei **gramática** aos alunos.*

– *Gostaria de vê-**lo** no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem** vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram **os demais**, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles** eu tolero, mas **estes** jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente **os do Brasil**. (os = aqueles)*

– *Comprei **três daqueles videogames**, mas ainda não chegaram.*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

   – Estou quase entendendo Português. (simples: um núcleo)

   – A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas, só mesmo o professor domina. (composto: mais de um núcleo)

   – "Você comprou aquele livro?" "Comprei." (oculto: = Comprei (aquele livro))

   – Hoje sabemos que ela não se apresentou por timidez. (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por e ou nem (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá. ". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise errada: "Fomos comprar uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal fomos comprar, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o objeto direto também: " Os candidatos aplicados sempre resolvem muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos ". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo resolver.

3) Além dos pronomes oblíquos o(s) e a(s), e suas variações lo(a/s), no(a/s), quase sempre exercerem a função de OD, os pronomes oblíquos me, te, se, nos, vos também podem exercer a função de OD. O lhe(s) nunca exerce função de OD.

   – Convidaram-na para palestrar sobre Sintaxe.

   – Levou-me à sabedoria esta aula.

   – Admira-te que eu tenha voltado?

   – Sujou-se com graxa para compor o personagem.

   – Depois de terem nos expulsado do colégio, convidaram- nos novamente.

   – Nunca vostomeis como grandes personalidades!

4) Os pronomes demonstrativos o, a, os, as podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo que:

   – Escuta o que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) o (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome oblíquo tônico.

- Não entendo nem a ele nem a ti.

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

- Antigamente, respeitava-se aos mais velhos.

c) OD é preposicionado para evitar a ambiguidade.

- À mulher venceu o homem. (Sem a preposição a + a = à, A mulher poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que o homem é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo quem.

- Ele tinha um avô a quem idolatrava.

e) OD é uma expressão de reciprocidade – um(a/s) a(o/s) outro(a/s).

- Os lutadores agrediram-se uns aos outros.

f) OD é um substantivo coordenado com um oblíquo.

- Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:

  "Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:
  (…)
  III- que o exponha, ou às pessoas referidas no inciso antecedente"

- Mulher, amo-te e aos meus pais também.

g) OD é um infinitivo (regido pela preposição a) dos verbos ensinar e aprender.

- Sua professora lhe ensinou a ler Machado de Assis?
- Não aprendi a somar nem a dividir.

h) OD é um substantivo numa construção comparativa para evitar falta de clareza.

- "Olho Gabriela como a uma criança, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

*Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: "Olho Gabriela como uma criança (olha)…", em que uma criança passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: "Olho Gabriela como olho uma criança…".

i) OD é um nome próprio ou comum, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

- Nós amamos a Deus, a Jesus e aos anjos.
- O dinheiro, esse maldito!, atrai a homens e a mulheres.

j) OD é pronome de tratamento, indefinido, interrogativo ou demonstrativo.

- Não admito que coloquem a Sua Excelência num pedestal!
- O amor fere a uns, mas a outros não.
- Meu Deus,a quem eu devo ajudar?
- De todos esses filmes, eu odeio mais a estes do que àqueles.

k) OD iniciando a oração, por motivo de ênfase.

– Ao povo ninguém engana.

– Às artimanhas de Satanás, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.

l) OD é o numeral ambos.

– Se deixassem, ele matava a ambos.

m) OD é constituído por expressões idiomáticas enfáticas (as preposições aqui são chamadas de posvérbios termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– fazer com que ele estude*, puxar da faca, arrancar da espada, sacar do revólver, pedir por socorro, pegar pelo braço, cumprir com o dever… beber da água, comer do pão, dar do leite (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um predicativo do objeto direto preposicionado: "O homem a quem (ODP) considerava amigo (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o pronome oblíquo átono para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– Este carro, comprei-o hoje.

– A mim ele nunca me chama para sair.

– Todos aqueles ditos e não ditos quem não os ouviu?

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um modificador do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– Ele vive uma vida de rei.

– Dormi um sono gostoso como se estivesse protegido dos males do mundo.

– "E rir meu riso e derramar meu pranto." (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram **os jogos da seleção**.* (sujeito)

– *Ignoraram **os jogos da seleção**.* (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- Isto não convém a ninguém. (simples: um núcleo)
- Assistimos ao filme e à peça de teatro no mesmo dia. (composto: mais de um núcleo)
- "Você competiu com aquele rapaz?" "Competi." (oculto: = Competi (com aquele rapaz))
- Avisei-o de que haveria mudança no quadro de funcionários. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – ADMINISTRADOR –2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em Orações Subordinadas Substantivas.

2) Além de o pronome oblíquo lhe(s) quase sempre exercer a função de OI, os pronomes oblíquos me, te, se, nos, vos também podem exercer a função de OI.

- Peço-lhe desculpas.
- Obedeça-me, e ele será liberto.
- Nada disto te pertence?
- Deram-se as mãos e prosseguiram. (pronome com valor reflexivo recíproco)
- Não nos pediram licença para ficar.
- Só vos peço isto: amai uns aos outros.

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: depender, discordar, prescindir, equivaler etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda objeto indireto com objeto direto preposicionado.

- É preciso que não cedamos à tentação. (objeto indireto, pois ceder é VTI)
- A Espanha derrotou à Holanda, tornando-se campeã mundial. (objeto direto preposicionado, pois derrotar é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

- No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo à polícia. (voz ativa)
- No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas à polícia pelos suspeitos. (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: queixar-se, faltar, contribuir, desculpar-se, instar, resultar etc.: " Nunca me queixei das broncas de meu pai (OI) à minha mãe (OI)." Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes demonstrativos o, a, os, as podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo que:

- Gostei da que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) da (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O objeto indireto pleonástico é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

- De que lhe vale ao homem ganhar o mundo?
- A mim não me agrada esse cantor.
- Ao ingrato, nada lhe daremos.

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O objeto indireto por extensão é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de dativos de opinião, de interesse e de posse. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

- A política brasileira sempre será corrupta para mim. (opinião)
- Não me perca estas anotações, hein! (interesse; alguns gramáticos dizem que o me é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)
- Quase lhe quebraram a perna no jogo. (posse; alguns gramáticos consideram este lhe como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: Não <u>me</u> ponha os pés no sofá nem <u>me</u> saia mais à rua hoje! Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;

b) objeto direto intrínseco;

c) objeto indireto pleonástico;

d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: Correr 2 km é difícil/fácil para mim. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição para, logo para mim é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo…

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa… o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)

– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)

– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)

– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* de ***capital*** em ***tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CN

– *Independentemente **disso**, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil **a nós**.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança **dos três** ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo **de que a prova venha em um nível difícil**.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

   – Sou fiel a ela. (simples: um núcleo)

   – Sou fiel a ele e a ela. (composto: mais de um núcleo)

   – "Você é fiel a ela?" "Certamente sou fiel." (oculto: = Certamente sou fiel (a ela))

   – Estou convicto de que ela me ama. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em Orações Subordinadas Substantivas.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", da escola é um complemento nominal do advérbio longe. No entanto, há divergência gramatical nas expressões dentro de, perto de, longe de, diante de…. Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou perto de casa' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como

acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para bater o martelo… veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando dentro, perto, longe estiverem seguidos da preposição de, formando dentro de, longe de, perto de, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição de ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", da estrada é complemento nominal de longe ou longe da estrada é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva longe de ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) longe da estrada é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas… na hora da prova… como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda complemento nominal oracional com predicativo do sujeito oracional. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: A sensação é de que tudo se move depressa. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome sensação). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase Interessa-nos o combate ao que é nocivo, onde está o CN? Note que o nome combate exige a preposição a, que se combina com o demonstrativo o (= aquilo), formando ao. É como se disséssemos Interessa-nos o combate àquilo que é nocivo. Logo o ao é CN.

6) Pode haver complemento nominal pleonástico. Veja: Do estudo, temos necessidade dele. Note que do estudo é complemento nominal do substantivo necessidade, por isso o termo pleonástico é o pronome pessoal oblíquo tônico dele.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer **em Deus** é importante.* (OI)

– *A crença **em Deus** é importante.* (CN)

– *O povo necessita **de atenção**.* (OI)

– *O povo tem necessidade **de atenção**.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas **aos trabalhadores** pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase

para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.

– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.

– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***

– *Era conhecida* ***dos dois professores***.

– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.

– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

   – Fui mordido pelo cão. (simples: um núcleo)

   – Fui assediado pela editora X e pela editora Y. (composto: mais de um núcleo)

– "Você foi convidado pelo patrão?" "Sim. Fui convidado." (oculto: = Fui convidado (pelo patrão))

– O prédio foi construído por quem entendia de engenharia civil. (o agente da passiva é oracional, po apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "Pelo público o cantor foi vaiado." "O cantor foi pelo público vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada feita pelo soldado surtiu efeito." = "A barricada que foi feita pelo soldado surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– Os fãs rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado por/de fãs.

Sobre o fato de ser rara a preposição de iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – ANALISTA DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É muito raro, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva sintética, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto… para a nossa surpresa… veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) Não, a política externa não pode se guiar por convicções e preferências partidárias. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;

b) objeto indireto;

c) adjunto adverbial;

d) agente da passiva;

e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar por convicções e preferências partidárias." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada por convicções e preferências partidárias." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, convicções e preferências partidárias não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *Ele era assediado **por sua companhia**.* (AGP) = *Sua companhia o assediava.*

– *Ele era agradecido* ***por nossa ajuda***. (CN) = *Nossa ajuda lhe agradecia???*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo… AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(…) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (…)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indir pleonástico?

a) A Rafael chamaram-lhe covarde.

b) O moço correspondeu na hora à gentileza.

c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.

d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.

e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(…) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (…)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verba "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:

a) … quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio…

b) Como tem prática de campo e prática de cidade… de repressão a contrabando…

c) … propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados…

d) … mas tudo se resolve com bom humor.

e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens…

[…] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. […]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. […]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *… que* prevalece *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) … que homogeneíza todos os indivíduos.

b) … o sentimento tribal é muito forte…

c) … acompanha o indivíduo por toda vida…

d) … que (…) participam no rito das danças guerreiras.

e) … e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono da fábrica…" – objeto direto.

b) "…ter de aumentar o preço." – sujeito.

c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.

d) "…e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.

e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena* dois gigantes*"* (4º§) (objeto direto)

b) *"Desponta* uma circunstância imprevista*"* (5º§) (objeto direto)

c) " *Democratizar* o acesso*"* (5º§) (objeto direto)

d) *"Muda* a lógica da distribuição*."* (6º§) (objeto direto)

e) *"E ficam* os dedos*?"* (6º§) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo

destacado é complemento de ultraconsciente.

10. **(Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

"(…) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (…)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. **(Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (… não sei quanto tempo durou essa minha angústia…) constitui o complemento da forma verbal "durou".**

( ) CERTO ( ) ERRADO

12. **(Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*…), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

13. **(Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

14. **(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (… devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos…), o pronome exerce a função de objeto direto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (…)

15. **(Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. **(FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.**

a) … caso de assassinato que o havia atormentado…

b) … 20 anos após o crime, o julgamento…

c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal…

d) … esperança de ver os assassinos de…

e) … comprometimento em prender os homens…

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal…*) é transitiva e exige:

a) complemento nominal;

b) objeto indireto;

c) objeto direto;

d) adjetivo;

e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal *de que ações militares somente iriam retardar* (*… repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é…… do substantivo *preocupações.*

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.

b) complemento nominal oracional.

c) adjunto verbal.

d) adjunto nominal.

e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (… trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>os limites do público segmentado</u>.

a) Objeto direto.

b) Objeto indireto.

c) Sujeito.

d) Predicativo do sujeito.

e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta

– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, pc certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que ambos os

elementos sublinhados são complementos verbais é:

a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.

b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.

c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.

d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão…

e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa cas moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,*a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (… sua soberania foi ultrapassada pelas rede transnacionais de poder…), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de ultrapassar.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:

a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.

b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.

c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.

d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.

e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(…) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (…)" exerce função sintática de:

a) complemento nominal;

b) adjunto adverbial;

c) objeto indireto;

d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012)… *elas ainda* sofrem de imensas deficiências de nutrientes …

A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:

a) … *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes…*

b) … *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*

c) … *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.

d) … *e muitos não obtêm esses nutrientes.*

e) … *menos da metade daqueles que mais precisam deles*…

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)… *para que ela não* interfira*de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) … *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo*…

b) … *com as quais procuramos lidar com a realidade*…

c) … *deixando-nos desarmados e atônitos*…

d) … *de algo que está além de nossa compreensão*…

e) … *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender… / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.

b) OI, CN, CN.

c) OI, OI, CN.

d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.

b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.

c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.

d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida e que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;

b) a falta de alguém;

c) esta pessoa;

d) nossos sonhos;

e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2ºS)

b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º§)

c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º§)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º§)

e) Às vezes o smartphone exigia mais que um simples olhar. (5º§)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta **de futebol**.

II. Ele chorou **de emoção**.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.

b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.

c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)

"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;

b) objeto direto;

c) adjunto adverbial;

d) adjunto adnominal;

e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[…] da morte do velho nasce a vida e transformação."

A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;

b) objeto indireto;

c) predicativo;

d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:

a) adjunto adnominal;

b) adjunto adverbial;

c) agente da voz passiva;

d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nomin em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.

b) A fé na democracia nos anima.

c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.

e) É um crime a falsificação de documentos.

39. (IOBV – PM/SC – SOLDADO DA POLÍCIA MILITAR – 2013) Assinale a frase em que o termo destacado é um Objeto Direto Pleonástico:

a) Aos muito ricos, não OS invejo.

b) A ele nada LHE devo, contudo ele insiste em me cobrar.

c) Tudo depende DE VOCÊ.

d) A mim, Berenice causou-ME muita pena.

40. (CONSULPLAN – MAPA – ADMINISTRADOR – 2014) Considerando as funções estabelecidas sintaticamente pelas palavras em determinada oração, identifique o termo ou expressão destacado(a) cuja função sintática DIFERE dos demais.

a) "[…] ouvindo as deles e construindo a verdade […]"

b) "[…] sociedade em que existem castas sociais inamovíveis."

c) "Por isso o hábito filosófico de raciocinar nasce na Grécia […]"

d) "'Conversar' não é o mesmo que ouvir sermões ou atender a vozes de comando."

Gabarito

1. CORRETO.
2. A.
3. ERRADO.
4. B.
5. INCORRETO.
6. D.
7. E.
8. C.
9. CORRETO.
10. INCORRETO.
11. ERRADO.
12. ERRADO.
13. CERTO.
14. ERRADO.
15. CERTO.

16. A.
17. A.
18. B.
19. CORRETO.
20. A.
21. INCORRETO.
22. CERTO.
23. A.
24. CORRETO.
25. CERTO.
26. A.
27. A.
28. E.
29. B.
30. C.
31. B.
32. D.
33. C.
34. D.
35. B.
36. D.
37. C.
38. D.
39. A
40. A

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome

Locução adjetiva

Adjetivo

Numeral

Artigo

- ***O** homem **de negócios** comprou só **um** imóvel:**aquela bela** casa.*
- *Já se encontraram **ambos os** meninos em **certas** vielas **escuras** com pedras **de crack**.*
- ***O primeiro** dia **de aula** cativou **alguns** alunos **estudiosos**.*

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olh no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
   - A mãe do Pedro é muito simpática. (simples: um núcleo)
   - A mãe do Pedro e do Paulo é muito agradável. (composto: mais de um núcleo)
   - A mulher que é simpática conquista as pessoas. (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta u verbo em sua constituição)
2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses…). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro maravilhoso, impactante, revelador e de grande sucesso é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".
3) Breve déjà vu da aula de Substantivo. Bechara, em sua Moderna Gramática Portuguesa, nos ensina que são adjuntos adnominais os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva de nas construções enfáticas abaixo:
   - O bobo do palhaço fez todos rirem.
   - A idiota da mulher fez um escândalo no banco.
   - A pobre da menina está carente.
   - O infeliz do rapaz continuava estudando.
4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.
   - As mãos dele congelaram com o frio. (posse)
   - A banda do César não emplacou. (posse)
   - A divulgação do livro pela editora está bem. (agente)
   - O aviso do presidente foi ouvido por todos. (agente)
   - Homens sem escrúpulos devem ser disciplinados. (qualidade)
   - Só bebo água da fonte lá no sítio. (origem)
   - Um fio de aço suporta esta carga. (matéria)
   - A luta do século não aconteceu. (restrição)
5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: Todos da cidadezinha assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%dos atletas mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar dela é sensual.

6) Em frases do tipo: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.", não viaje na maionese pensando que o e liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade de adaptação e (a capacidade) de empatia é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o e liga os adjuntos adnominais de adaptação e de empatia ao núcleo do sujeito simples, capacidade, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia são do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

7) Tanto o advérbio adjetivado quanto o substantivo adjetivado funcionam como adjunto adnominal. Veja os respectivos exemplos: A um filho assim, todos o desejam e Os professores estrela perderam o emprego.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada **pelo Flamengo**, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco **pelo Flamengo** desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que, normalmente, há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

2ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

3ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado

nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

   – A invenção do controle remoto mudou o século XX. (CN/O controle remoto foi inventado)

   – A invenção da empresa norte-americana mudou o século XX. (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– A matança dos policiais precisa acabar! (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se ele estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações… e praticar, é claro!

A banca FGV adora esse tipo de distinção!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, l é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é u adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o adjunto adnominal do predicativo do objeto. Bizu: passe a frase par a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

   – Resolvi uma questão difícil. > Uma questão difícil foi resolvida por mim. (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

   – Considerei a questão difícil. > A questão foi considerada difícil por mim. (POD no primeiro caso porque, na passagem de voz ativa para passiva, o adjetivo difícil não ficou ao lado do nome, o que prova que não é um ADN. Note também que o POD da voz ativa vira PS na voz passiva.)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

   – Achei o homem perdido. (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipr Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto o, a, os, as) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil a mim.). Sacconi diz que são objetos indiretos por extensão. Veja uma questão sobre isso, com o pronome lhe (vale para os pronomes oblíquos átonos me, te, se, nos, vos) exercendo função de complemento nominal:Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MS – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= Arrancaram as suas roupas. / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= Ela nunca desobedece a ele. / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= A sentença foi favorável a ele. / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= Júlio devolveu a ele o livro emprestado./ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-me o carro." equivale a "Roubaram o meu carro.", o pronome oblíqu tem valor possessivo, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como adjunto adnominal; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como objeto indireto com valor possessivo. Bechara também o chama de dativo de posse. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos te, se, nos, vos, lhe(s).

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma o que segue.

Sobre o quinto exemplo (Deixe-me entrar na casa, por favor.), saiba que a construção formada por verbos causativos mandar, deixar, fazer, permitir (e sinônimos) ou sensitivos ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

Mandaram-me entrar. (E não: Mandaram eu entrar.) / Deixe-as dormir. (E não: Deixe elas dormirem.) / Faça-nos cantar. (E não: Faça nós cantarmos.). Ficou claro? Veja mais: Viram-me sair. / Ouvi- o bater à porta./ Nós sentimo- los abraçar-nos. / Eu a vi chorando copiosamente. / Eles te viram traindo teu marido / Ela deixou- se tatuar.

Tais construções equivalem a "Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves, Cláudio Brandão etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o lhe (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou- lhe calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ele calasse a boca."). Aparentemente isso não cairia em prova, certo? Errado! Consulte: CETRO – ANVISA – ANALISTA ADMINISTRATIVO – 2013 – QUESTÃO 9.

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai- me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o me é sujeito do infinitivo levar, e o sujeito de deixai é vós (oculto), equivalendo a "… deixai vós que eu leve…".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

"… e a fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "… face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)

b) "… inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)

c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)

d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)

e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo que exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja Orações Subordinadas Adjetivas), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo a foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo fazer. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo que exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí… Por isso sou detalhista. Nunca se sabe…

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o a é sujeito de cantando? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o a é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; eu é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor

resposta".

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: Os professores me encontraram e deram- me um conselho. Note que o verbo encontrar é VTD e o verbo dar é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": Eu lhe dei comida e emprestei dinheiro.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)

– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)

– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)

– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar- **te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)

– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)

– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)

– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)

– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: reflexivo (recíproco), integrante do verbo, expletivo, indeterminador do sujeito e apassivador. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: A menina se cortou. / Se está doente, trate-se. / A modelo se impôs uma dieta muito severa. / Ele se achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já se deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar- se levar pelo guia. / Os namorados se deram as mãos. (recíproco) / A avó e a neta se queriam muito. (recíproco) / O casal se beijou com vontade. (recíproco)

Obs.: Em "Dar-se ao trabalho…" ou "Dar- se o trabalho…", o se é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (me, te) e reciprocidade (nos, vos).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso

dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: Ele se precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou- se. / Nunca você deve queixar-se da sua vida.

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: me, te, nos, vos.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: Vão-se os anéis, ficam- se os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela se tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram- se anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o se indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: Lá se era mais feliz. (VL) / Aqui se vive em paz. (VI) / Lamentavelmente, não se confia mais nos governantes. (VTI) / Já não mais se ama a Deus nesta Igreja. (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil possa se manter e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases que provocam o efeito estufa pela indústria cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", (…)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra se indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra se é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal:tornar-se.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (ser + particípio).

Ex.: Alugavam-se apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe- se que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba se chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra se faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez- se-lhe uma homenagem. = Uma

homenagem foi feita a ele. / Amores não se compram = Amores não são comprados.

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: As duas mulheres não se beijaram naquela festa. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o se é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o se apassivador vem seguido de seu sujeito: Não se beijaram as duas mulheres naquela festa. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

–*Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

–*Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o lhe é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:
O pardalzinho nasceu
Livre. Quebraram-lhe a asa.
Sacha lhe deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;

b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)

c) objeto indireto e adjunto adnominal;

d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio…"

b) "A enfermeira juntava os ferros."

c) "A respiração voltava lentamente,"

d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"

e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o lhe como de uma criança apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o lhe exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-lhe calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que ele calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso… antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de o ou lhe:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;

b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;

c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)

d) Não lhe assiste o direito de protestar;

e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: C. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por lhe. Mas note a letra B! Note o lhe com função de sujeito do infinitivo: Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia lhe chamar enquanto corria a barca…"?

O que acha do uso do lhe neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o lhe não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia te chamar…" ou "Eu ia chamá-lo…" etc., sem lhe.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-lhe.".

Nossa! Assistir-lhe? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o lhe exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O lhe não pode ser substituído por a ele(a/s)? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o lhe não substitui complemento de certos verbos, como assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir a ele."

Entenda melhor (por trás da regra): O lhe não é usado como complemento de alguns verbos, como aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar), pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo)". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono lhe(s) como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o lhe só substitui pessoa. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para sacramentar, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono lhe só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o lhe está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. Lhes é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de lhe só substituir pessoa é furado. Você verá as questões da FCC à frente… aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei- **as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-lo a verdade.". O problema é que quem informa informa algo A ALGUÉM (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-lhe a verdade". O lhe, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa alguém de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-lo da verdade.". Estude Regência Verbal!

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Normalmente, todo advérbio ou locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**. Por favor, leia as páginas 458 e 459. Releia o capítulo de advérbio, se necessário.

Além do advérbio e da locução adverbial, o adjetivo adverbializado, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial. Vejamos os respectivos exemplos:

– ***Ontem**, votei*. (adjunto adverbial de tempo)

– ***Pela manhã**, decidi caminhar*. (adjunto adverbial de tempo)

– *Falaram **sério** sobre nossa postura*. (adjunto adverbial de modo)

– *A sobreloja,**onde** ele também morava, estava em estado calamitoso*. (adjunto adverbia lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças*. (adjunto adverbia companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente** passarei na prova.*

Negação: ***Não** vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** foi o melhor dia da minha vida.

Obs.: Certos adjuntos adverbiais de tempo vêm em forma de locução verbal não preposicionada: "Ela reinou largo tempo no Egito".

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como adjunto adverbial de lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada numa festa.". Sendo assim, numa festa poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice **talvez** tenha cura.*

Intensidade: *Ficou **absolutamente** realizado.*

Causa: *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

Concessão: ***A despeito dos problemas**, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*

Finalidade: *Ele viajou **para negociar**.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em Orações Subordinadas Adverbiais.

Condição: ***Sem educação**, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*

Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas **a caneta**.*

Assunto: *Ele só fala **de política**.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que de política é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada), logo falar seria intransitivo… polêmicas… No capítulo de Regência voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço: *Meu carro não custou **caro**.*

Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*

Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- De noite, fui estudar. (simples: um núcleo)
- De manhã a tarde, fico estudando. (composto: mais de um núcleo)
- Quando estudo, fico calmo. (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um ver em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

- *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
- *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois

modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.

b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.

c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)

d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia…), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei **de trem**.* (adjunto adverbial de meio)

– *Não gosto **de trem**.* (objeto indireto)

– *Não saia **de casa**.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Não duvide **de mim**.* (objeto indireto)

– ***Com Pedro** você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)

– *Concordo **com você**.* (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando lugar. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele

foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi aonde?). Estes verbos precisam de um circunstancial de lugar, e não de um complemento. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,**tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de Advérbio. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado **por sua apresentação**.*

– *A corrupção foi novamente discutida **pelos constantes casos de lavagem de dinheiro**.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado **por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida **por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,**minha namorada e eu**, depois de dois anos.* (aposto do sujeito

– *Ela era a famosa Regina Duarte – **grande atriz da televisão brasileira**.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:**grande apresentador do século XX**.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer: **uma positiva e outra negativa**.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos **Pedro e João** que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito, **a Ma*** (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente, **Carlos da Silva**.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade **do Rio de Janeiro** foi tombado.* (aposto do adjunto adnomina

– *Peguei o carro lá **na oficina** às dezoito horas, **a hora do rush**.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, um grande mestre do jiu-jítsu (**professor faixa preta e vermelha**), treinou com a família Gracie.* (aposto do aposto)

– *Pai,**meu melhor amigo**, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– Esses dois são relapsos. (simples: um núcleo)

– Elas,Lúcia e Regina, são irmãs. (composto: mais de um núcleo)

– Tenho um sonho: presenciar a justiça de Deus. (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se aPÓStos).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo A, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,**a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A = B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

- *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*
- *Algo o incomodava frequentemente:**suas brigas com a esposa**.*
- *Deus –**o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*
- *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*
- *Machado de Assis,**como grande romancista brasileiro**,* nunca foi superado.

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental como.

2) Especificativo

- *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** seu discurso.*
- *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*
- *Nós **todos** somos seus fãs.*
- *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redaçã*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", Dilma é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora Dilma aponta qual presidente é.
2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):
   - Disse aos meus filhos,Pedro e João, que iria viajar. (o falante tem dois filhos apenas)
   - Disse aos meus filhos Pedro e João que iria viajar. (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

- *Tenho dois filhos:**um** baixinho, **outro** altinho.*
- *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,*aquele com o sistema fascista e es com o sistema nazista.

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens***, ***mulheres***, ***velhos*** *e* ***crianças***.

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância***.

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –****por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como isto é, ou seja, a saber, por exemplo…

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,****nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,****lugares*** onde se fala português

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos nada, ninguém, nenhum tudo, todo(a/s).

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão*.

– *As nuvens estão chegando,****o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando *–pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –****ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

   – O maior piloto brasileiro de todos os tempos, Ayrton Senna marcou uma geração.

   Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

   – "De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,de tudo ela tinha medo."

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

   – Tuas pestanas eram assim:<u>finas e curvas</u>. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

   – Falou comigo deste modo:<u>calma e maliciosamente</u>. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de

modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: a capital de Belo Horizonte, a cidade do Rio de Janeiro, o estádio do Maracanã, o ano de 2012, o mês de setembro, a festa de carnaval, o nome de Jeová, os bairros de Irajá, Vaz Lobo e Madureira…

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo… a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desespera – adjetivo)

– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,****mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo…* (todo termo será um vocativo se acompanhado de

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- Amigo, escuta-me. (simples: um núcleo)
- Companheiros e companheiras, escutem a verdade. (composto: mais de um núcleo)
- Quem estiver atento, por favor, o diretor quer falar. (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo

em sua constituição)

* Quem corrobora o vocativo oracional é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,**senhor**, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,**amigos entre si**, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, meus alunos, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– Marcos, o professor de História chegou. (vocativo)

– Marcos, o professor de História, chegou. (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivament os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".

a) complemento nominal – complemento nominal.

b) complemento nominal – adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal – complemento nominal.

d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"*classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.

a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.

b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.

c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.

d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada)

afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(…) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (…)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".
O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"

b) "…que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."

c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"

d) "Todos eles estão mais expostos…"

e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

5. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio…"

b) "A enfermeira juntava os ferros."

c) "A respiração voltava lentamente,"

d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"

e) "Sentia-se leve e aéreo."

6. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –,…), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

7. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palav "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;

b) vocativo;

c) objeto direto;

d) predicativo do sujeito.

8. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.

b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeitc

c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.

d) "(…) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>…" – aposto.

9. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) “Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (…)”; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em “Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada”, a vírgula colocada após “hoje” pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) “Arquiteto e engenheiro da prosperidade do “milagre econômico”, o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (…)”; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em “Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial” é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão “pelo menos”, em “o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro sem risco, por pelo menos uma geração”, pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

10. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) “algo para ser visto pela janelinha do carro,” – lugar.

b) “…esparramada sobre a calçada,” – concessão.

c) “…pingando esmolas em mãos rotas.” – modo.

d) “Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV.” – consequência.

e) “Embora violenta, a miséria ainda nos excluía.” – condição.

11. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em “avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos”, o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo “controle”. O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) “As crises mundiais do petróleo,”

b) “os preços ficam mais caros,”

c) “…captar energia da natureza.”

d) “…especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas…”

e) “…não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente…”

12. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

“Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (…)”

O emprego de vírgulas após “justas” e “equilibradas” justifica-se por isolar aposto.

13. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

“(…) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada… (…)”

– O nome próprio “Jean-Claude Trichet” está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

14. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguinte

funções sintáticas: "…e como eu ia dizendo, é muito mais <u>econômico</u> você andar devagar e ser assaltado <u>por mim</u> do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos <u>em sua habilitação</u>!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;

b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;

c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;

d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;

e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

15. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas <u>pela desistência dos potenciais empregadores</u>.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;

b) agente da passiva;

c) complemento nominal;

d) adjunto adnominal;

e) objeto indireto.

16. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "…e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.

b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.

c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.

d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.

e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

18. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São

Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (… são a ma alta expressão do espírito laico…) e "da fé" (… mais à razão crítica que aos impulsos da fé…) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO_2, o mais abundante dos gases-estufa,…) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (FCC – BB – Escriturário – 2011) <u>**Na iminência de um temporal**</u>***, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.***

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:

a) Quando se aproxima uma tempestade…

b) Com a força destruidora das águas…

c) Para que o temporal venha com força…

d) Desde que venha a cair uma forte chuva…

e) Depois de uma forte tempestade…

"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

22. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam se, respectivamente, como:

a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;

b) aposto – objeto direto – complemento nominal;

c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;

d) aposto – objeto direto – agente da passiva;

e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

23. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 ***Partidos são fundamentais para a consolidação*** <u>**da democracia**</u> ***e o permanente desenvolvimento*** <u>**da cidadania**</u> ***e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.***

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

b) complemento nominal e complemento nominal;

c) adjunto adnominal e complemento nominal;

d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

24. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal *de que ações militares somente iriam retardar* (*… repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é…… do substantivo *preocupações.*

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.

b) complemento nominal oracional.

c) adjunto verbal.

d) adjunto nominal.

e) complemento prepositivo-verbal.

25. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, <u>legitimavam a conquista colonial</u>, <u>atribuindo à conquista colonial</u> o mérito de uma transformação civilizadora que <u>tornava a conquista colonial</u> uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;

b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;

c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;

d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;

e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se <u>agregam ao nosso espírito</u> as marcas que <u>distinguirão nosso espírito</u> para sempre, já que nunca <u>faltarão ao nosso espírito</u> os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;

b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;

c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;

d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;

e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

27. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo <u>acompanhou essa tragédia</u> pela TV. A princípio, ninguém <u>atribuiu a essa tragédia</u> a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a <u>tomar essa tragédia</u> como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;

b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;

c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;

d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;

e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

28. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.

b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.

c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.

d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.

e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

29. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho " s não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.

b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.

c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.

d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.

e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

30. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, po decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacad tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(…) ela estava muito mais VIVA(…)"

b) "(…) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (…)"

c) "(…) a mãe era BOA para dar ideias. (…)"

d) "(…) Mas ele estava SOZINHO. (…)"

e) "(…) Só então notou como estava CANSADO."

32. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012)… *frase com a menção de que são* <u>essenciai</u>

<u>à busca da felicidade</u>.

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*

b) *acesso aos básicos serviços públicos;*

c) *crença na contínua evolução da sociedade;*

d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*

e) dos valores de cada pessoa.

33. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.

b) complemento nominal / adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal / complemento nominal.

d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.

e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.

( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.

( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.

( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;

b) 2, 4, 3, 1;

c) 2, 4, 1, 3;

d) 4, 3, 2, 1;

e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

35. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, <u>o cãozinho enterrado vivo pelo dono</u> […]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser *corretamente* classificado como:

a) aposto;

b) objeto direto;

c) objeto indireto;

d) predicativo.

37. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[…] e o organismo máximo que <u>as</u> coordena, <u>a Organização das Nações Unidas (ONU)</u>, é controlado <u>pelos cinco países</u> […]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;

b) objeto direto, aposto e agente da passiva;

c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;

d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

38. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.

b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.

c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.

d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.

e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

39. (CESGRANRIO – IBGE – SUPERVISOR DE PESQUISAS – 2014) No trecho "deixando um grande contingente de trabalhadores à mercê da falta de planejamento e vulnerável à corrupção e à violência", o segmento introduzido pela expressão destacada expressa uma circunstância de:

a) modo

b) dúvida

c) finalidade

d) proporção

e) consequência

40. (CESPE/UnB – ANTAQ – CONHECIMENTOS BÁSICOS – 2014) No segundo período do texto, as vírgulas isolam segmento – "Sua vocação eminentemente hídrica impõe, ao longo dos séculos, a necessidade do deslocamento…" – com função de aposto explicativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Gabarito

1. A.
2. B.
3. CORRETA.
4. B.
5. D.
6. II.
7. B.
8. B.
9. C.
10. A.
11. E.
12. INCORRETA.
13. INCORRETA.
14. C.
15. A.
16. CERTO.
17. D.
18. ERRADO.
19. ERRADO.
20. CERTO.
21. A.
22. D.
23. B.
24. B.
25. A.
26. E.
27. B.
28. B.
29. A.
30. ERRADO.
31. B.
32. E.
33. C.

34. C.
35. ERRADO.
36. A.
37. B.
38. D.
39, A.
40. ERRADO.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as orações.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então… quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um

ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa… a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (coordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.
Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações coordenadas.

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da

outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas… maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família…**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* e ***dois, a caminho do hospital***.

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* nem ***tinha pensamentos amargos***.

– *Tanto leciona* quanto ***advoga***.

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* como ***o povo exter sua fúria contra os culpados pela chacina***.

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: Dezenove ser terra morreram no local, e dois morreram a caminho do hospital. Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar ligado na elipse do verbo que a constitui. A FGV se amarra nisso!

2) Nas orações com conjunções correlativas (chamadas também de séries aditivas enfáticas, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui oração coordenada sindética aditiva.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso e que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva e. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso e não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz e em que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz e obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) também vem ao lado da conjunção e, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, e também ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* mas ***isso durará pouco***.

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio,*** porém***, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* todavia ***é uma necessidade***.

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas,*** nã obstante.

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas***, ***entretanto***, ***muito se fala sobre ele***.

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava***, ***ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse***, ***quer fizesse sol***, *tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado***, ***ou os cidadãos do município n mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: Você vai ou não vai? Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções

coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato***, ***pois***, a necessidade de empregos.

– *Vocês são especiais em minha vida,* por isso ***não vivo sem vocês***.

– *Ele estuda todo dia,* logo ***resolverá facilmente as questões.***

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* pois ***o índice aumenta a cada dia***.

– *A criança devia estar doente,* porquanto ***chorava muito***.

– *Amai,* porque ***amor é tudo***.

– *Quisera saber bem o Português,* que ***eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa e: Parece que vai chover e que a cidade ficará inundada.
2. Conjunções correlativas aditivas (não só/apenas/somente… mas/como também; tanto… quanto/como): trabalho não só ficou incompleto, mas também apresenta alguns senões gramaticais. / Tanto o

professor como o aluno precisam estudar muito.

3. Conjunção coordenativa aditiva nem: Não gosto de brincadeira nem de chacota.
4. Expressões isto é, ou seja, a saber: Todos deviam espiritualizar-se, isto é, seguir um preceito religioso.
5. Ou… ou: Ele ou estuda ou será reprovado.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são João, Maria e José. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci João, Maria e José. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas sábias, importantes e santas. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa a João, a Maria e a José. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo de escuro, de altura e de cobra. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar. (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Ele era um homem forte, destemido, leal. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

A loja funciona da segunda à sexta. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Xuxa, a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).

Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.

Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.

Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.

Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.

Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.

Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho não só que eles vão conseguir passar, mas também que serão muito bem-sucedidos. (orações

subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem que estudava das sete ao meio-dia, que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite e que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de Orações Subordinadas para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a manha.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

a) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

b) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

c) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.

d) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.

e) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só… como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala… Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa*.

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você

ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(…) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (…)

1. **(Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relaç entre as orações dá-se por coordenação.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

2. **(Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relaçõe sintáticas e semânticas.**

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser…) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(…) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (…)

3. **(Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão correta ou incorretas?**

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. **(CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adi é:**

a) "… os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia…*"

b) "… posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*

c) " *Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores…"

d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "… ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles…"

5. **(AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomo um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.**

a) Oração coordenada assindética aditiva.

b) Oração coordenada sindética aditiva.

c) Oração coordenada sindética adversativa.

d) Oração coordenada sindética explicativa.

e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. **(AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.**

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.

b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.

c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.

d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.

e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. **(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construçã do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".**

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. **(FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.***

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. **(IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto coordenação assindética:**

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.

b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.

c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.

d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. **(FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (… cuidar do asfalto e instalar placas…), o elemento coesivo <u>e</u> tem a função de unir:**

a) termos de mesmo valor sintático;

b) orações coordenadas;

c) orações subordinadas;

d) termos de mesmo sentido;

e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,*que ele não deve demorar", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;

b) subordinada adverbial temporal;

c) coordenada explicativa;

d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;

b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;

c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;

d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;

e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.

b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.

c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.

d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abai está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO ( ) ERRADO

“Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros.”

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

“Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. Orientalismo, seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (…)”

Mas ele não viveu confinado.

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) … seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura…

b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, […] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.

c) … teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.

d) … a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.

b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.

c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.

d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.

e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(…) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (…)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo

está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno…

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.

II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.

III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;

b) I e II;

c) I e III;

d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;

b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;

c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;

d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;

e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável […], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;

b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;

c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;

d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)

b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)

c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)

d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.

II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.

III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.

IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa incorreta.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.

b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.

d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.

( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.

( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.

( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.

(1) ideia de conclusão

(2) ideia de explicação

(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.

b) 3, 2, 1, 1.

c) 1, 2, 1, 3.

d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.

b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.

c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.

d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.

b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.

c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.

d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;

b) período composto por subordinação;

c) período composto por coordenação;

d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindétic aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."

b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.

c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.

b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.

c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.

d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.

b) Parece que vai chover, esfriar, gear.

c) É bem verdade que chegamos cedo.

d) Sabe-se que tudo vai bem.

35. (IDECAN – CREFITO (8ªR) – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2013) No período "Os Doutores da Alegria despertam o desejo pela vida através do humor e riso, entretanto eles não conseguem melhorar o caos da saúde no Brasil", a oração destacada é classificada como oração coordenada sindética:

a) aditiva.
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) adversativa.

Gabarito

1. CERTO.
2. D.
3. I- CORRETA.
   II-CORRETA.
4. B.
5. C.
6. C.
7. CERTO.
8. INCORRETA.
9. D.
10. B.
11. C.
12. C.
13. D.
14. CORRETA.
15. INCORRETA.
16. ERRADO.
17. CORRETA.
18. E.
19. B.
20. CORRETA.
21. INCORRETA.
22. D.
23. A.
24. CORRETA.
25. D.
26. D.
27. C.
28. C.

29. D.
30. B.
31. C.
32. A.
33. B.
34. B.
35. E

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá… Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque

“quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**”. Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está “presa” à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine… eu chego até você e digo: “Aí, os alunos estão temerosos.” Você responde: “Ah, ok.”? Claro que não! Você vai me perguntar: “Estão temerosos **de quê**, Pestana?” Aí eu respondo: “Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*”.

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto… **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (…) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm… acessória… isso me lembra termos acessórios da oração… adjunto adnominal, adjunto adverbial… Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado… a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

Quando eles precisam de ajuda, , o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

   – *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará***

2) Predicativo

   – *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

   – *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

   – *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

   – *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

   – *Hoje o atleta só deseja isto:**sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto:**que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em

forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: VL + adjetivo/substantivo/advérbio + que/se… OSSS

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?****Isso*** *ser verdade.)*

– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*

– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*

– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) + se (partícula apassivadora) + que/se… OSSS

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?****Isso*** *se comentando.)*

– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*

– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + que/se… OSSS

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /****Isso*** *foi dito*

– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir…* + que/se… OSSS

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?****Isso*** *convém.)**

– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*

– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português****.*

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos psicológicos (interessar, surpreender, agradar…) + que/se… OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* *não me interessa.)*

– *Surpreende-te **que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***

– *Hoje mais nos alegra **que o presidente seja uma mulher**.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que…): "Que o concurso seja difícil, não me importa nem um pouco." / "Se ele vem hoje não é da minha conta."…

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é **que todos querem a felicidade**. (O que é o certo? **Isso** é o certo.)*

– *A questão não é **se eles vão condenar os corruptos***, mas tomara que os condenem.

– *Minha impressão era (de)**que ela não desistiria tão fácil.**.*

– *As mulheres parecem **que são mais felizes neste século.**.*

–***Que haja um só rebanho e um só pastor**, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é que todos querem a felicidade (= Isso é certo)", a oração é subjetiva, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "O certo é que todos querem a felicidade."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição de, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos **que você aprenda português**. (Esperamos o quê? Esperamos **isso**.)*

– *Não sabemos **se haverá aula**.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que*** haverá votação amanhã?

– *Não me diga* ***que*** **você vai embora…**

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: acreditar, crer, desconfiar, pensar.

   – Creio em Deus . (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo crer (e, por tabela, acreditar e pensar) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição em implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram com que a religião se redimisse de seus erros.", a preposição com é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "Pedi (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o usc da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) não duvidem dela".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara que ele chegue.", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Na me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo ansiar pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analis a oração (sem preposição por) como objetiva direta: " Anseio que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito". Sobre lembrar-se, seguido da conjunção integrante se, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) que a chamem de senhora." / Esqueceu-se (de) que votaria no domingo. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de lembrar-se (o mesmo vale para esquecer-se) vem em forma de oração, a preposição de pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1 ªR) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição de em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado dequeísmo) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável de que todos estejam informados dessa manobra.". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição de fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição de antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado dequeísmo, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza **de que você aceitaria minha sugestão**. (Elas tinham certeza de qu Elas tinham certeza **disso**.)*

– *Não tinha certeza **se aceitaria minha sugestão.****

– *O fato **de que ela se classificou** me alegrou muito.*

– *Fiz menção **a que você tinha passado na primeira tentativa**.*

– *O alerta **para que os banhistas evitassem o local das pedras** foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante se, a preposição fica implícita.

Obs .:Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: " Estava ansioso

(por)que ela voltasse logo.". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir explícita antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou certa a omissão da preposição: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) o dono da emissora pretende vendê-la.".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera** sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: Quem espera, sempre alcança. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é **quando a gente mora um no outro.**"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe **de que professor estavam falando**.*

– *Quero entender **por que as guerras e a fome persistem no mundo**.*

Obs.: O verbo perguntar é VTDI: quem pergunta, pergunta algo (OD; de que professor estavam falando) a alguém (OI; lhe). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição de está fazendo antes do pronome interrogativo que?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, falar) exigir uma preposição (no caso, de), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que de que professor estavam falando é uma oração objetiva indireta, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição… Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo perguntar. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te **de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero**.*

– *Fui convencido **de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria**.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção **de quantas pessoas já ajudei nesta vida**, graças a Deus!*

– *Estou convencido **de onde devo morar**.*

Obs.: Note que convencido (4) é diferente de convencido (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: Fui convencido de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria. = Convenceram-me de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria. Note que o verbo convencer é VTDI (quem convence, convence alguém de alguma coisa).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:**ilumina sem aquecer**."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte **por quem o comprou**.*

– *O candidato está rodeado **de quem não deseja a sua eleição**.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "Quem estiver atento, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

A s **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função

sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: leia e releia a parte de pronomes relativos, para que você domine o assunto!

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que*** participaram das aulas extras *não encontraram dificuldade na pro*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram… devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que*** mora em Ipanema.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que*** deles dependem *p sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo… nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda oração adjetiva restritiva com oração substantiva completiva nominal.

– A recomendação de que saíssem tão logo daquelas terras não afugentou os grileiros.

– A recomendação de que lhe falei ontem à noite deve ser levada a sério, rapaz!

O bizu para resolver essa situação é perceber qual que é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo que equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação da qual lhe falei ontem à noite deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– O gramático Evanildo Bechara que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa é um mito.

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– O gramático Evanildo Bechara, que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa, é um mito.

– O gramático Evanildo Bechara – que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa – é um mito.

– O gramático Evanildo Bechara (que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa) é um mito.

Outro exemplo:

– Os Estados Unidos da América, que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares, ainda é soberano.

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como o gramático Evanildo Bechara e Os Estados Unidos da América, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– O gramático Evanildo Bechara que foi considerado um mito não é mais o mesmo Bechara dos tempos d

Faculdade.

– Aqueles Estados Unidos da América que tínhamos como o país está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras** , não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema** .*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma… agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**, para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de pontuação, principalmente em Vírgula, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)

*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)

*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações **que comprometeram os vereadores**.* (consequência

*Ou seja: O jornal fez algumas declarações **que, consequentemente, comprometeram os vereadores**.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) ***A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)***
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos **de quem merece a classificação** sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas **de quando era militar**.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;

2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;

3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: *... as pessoas fumam*...Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído:… as pessoas *(sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro **que** (=o qual) fez sucesso. (**Um livro** fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo com função de sujeito, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças que se disciplinam logo cedo se tornam adultos responsáveis." (… que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)…).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, que sou apenas um subordinado nesta megaempresa.", você não vai substituir o que por mim, senão a frase ficará assim: …mim sou apenas um subordinado nesta megaempresa. Como sabemos, mim não conjuga verbo, daí que, como mim é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (Eu sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

3) Às vezes o pronome relativo pode exercer função sintática de sujeito de uma oração subordinada substantiva. Entenda com esse exemplo (note a oração substantiva destacada): "Encontrei o objeto que você falou que era seu" (ou seja, você falou que o objeto era seu).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração

subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, com que eu não posso deixar de cumprir, é extremamente importante." (… eu não posso deixar de cumprir com meu dever…)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiqu seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,**de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente grata (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração

subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa* ***com quem*** *simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos* ***com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos* ***contigo****."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho,* ***por quem*** *fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsá pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por quem*** *fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido* ***pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina* ***de quem*** *você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão* ***daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (que era irmão).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias* ***com quem*** *eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava* ***más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa* ***a cujos*** *aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência* *aposentos* ***da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto,* ***cuja*** *explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação* ***d*** ***assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em truncamento sintático? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que rolou um estranhamento, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo… está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve truncamento sintático, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

" Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, está desesperada."

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há truncamento sintático. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

    b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do truncamento sintático. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo cuja inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de… truncamento sintático! Voilà!

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa…)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**…)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de*

diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir ***num acampamento.)***

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi trat o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.)***

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.***)

Cuidado!!!

1) Em "A festa onde/quando comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar onde ou quando para retoma a palavra festa, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram quando um pronome relativo, logo a oração destacada " Aquele momento,quando se entende a piada, é único." seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por quando: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

A s **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que

diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* porq estava acima do peso.

– Como estivesse ferido gravemente, *não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo.

Obs.: Só de curiosidade, veja este que causal. Escreve Machado de Assis, em Memórias Póstumas de Brás Cubas: "Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse…". Esse que pode ser substituído por porque, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não porque ele me canse…". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: Corrupto que é, nunca mais terá o apoio do povo.

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você sentir a pressão e ver como o buraco é mais embaixo, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros visto que todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros já que todos são portadores da mesma humanidade.
  - Como todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, pois todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "É isso aí mesmo, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem… mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes…

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorr (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto*.

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, porque a calçada está molhada*. (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, porque choveu*. (causal; é um fato claro que a chuva provoc molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, que seu futuro estará garantido!*

– *Deus o abençoe, meu filho,* ***porque sua generosidade não tem limite***.

Obs.: Em "Fugimos todos, que a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, que a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, porque o carro passou a 300 km/h*. (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h porque a avenida não tinha limite de velocidade*. (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui,* porque ainda há pouco o vi. (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas,* pois me contaram. (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* que é o Diabo! (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* que me vicia.

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pe***

promessas.

Obs.: Diferença entre oração adjetiva e oração adverbial consecutiva.

– Nós fizemos um barulho que incomodava a todos. (adjetiva restritiva; o que é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = O barulho incomodava a todos.)

– Nós fizemos um barulho que ninguém conseguia conversar. (consecutiva; = Fizemos um barulho tão grande que…)

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje, salvo se* houver imprevistos.

– *Tudo ficará bem, desde que* façamos nossa parte.

– *O candidato disse que, **se eleito**, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; =… *se for eleito…)*

Obs.: O se pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de Conjunção!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida**, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo, conquanto* isso fosse uma tarefa difícil

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos**, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos**, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara, **consoa relevou uma revista famosa**, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós**, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há mu*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o **como a um filho**. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático **do que nunca**. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante **quanto sua humildade**. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do Manual de Redação Oficial da Presidência da República:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma comparação, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: O salário de um professor é mais baixo do que um médico.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "o salário de um professor" com "um médico".

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.

Errado: O alcance do Decreto é diferente da Portaria.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo:O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.

Certo: O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.

Errado: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os Ministérios do Governo.

No exemplo acima, a omissão da palavra outros (ou demais) acarretou imprecisão:

Certo: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os outros Ministérios do Governo.

Certo: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os demais Ministérios do Governo.

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio **para que as crianças não acordem**.*

– *Tudo fiz **porque ela se casasse comigo**.*

– *Estudem mais **a fim de que resolvam bem as questões**.*

Obs.: Diferença entre oração completiva nominal e oração final.

– O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado para que gerencie o maior hospital da região. (completiva nominal; o adjetivo habilitado exige a preposição para, que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– Não deixe de preencher corretamente o envelope para que os Correios façam um bom trabalho de entrega. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição para, logo para que é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional… iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor*?*

– Desde que essas explicações chegaram à minha vida*, nunca mais fui o mesmo estudar*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção quando pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– Quando ele nos visitava, trazia alegria à nossa casa. (frequência; = sempre que)

– Chegamos ao aniversário quando partiam o bolo. (simultaneidade; = no momento que)

– André só se formou quando completou trinta anos. (posterioridade; = depois que)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após quando: Quando em sala de aula, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando estão em sala de aula…). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de conjunções subordinativas.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas… nunca se sabe o dia de amanhã…

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O que dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o ap*** *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções…", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem… as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa

a) O paciente salvou-se porque não bebia.

b) Não fui à escola porque fiquei doente.

c) Não beba, porque você se salvará.

d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.

e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque

"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.

b) oração subordinada adverbial causal.

c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.

d) oração coordenada sindética conclusiva.

e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.

"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.

b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.

c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.

d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?

– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.

– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.

b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.

d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.

c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, e 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.

d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em que vivemos hoje […] é […] diferente do de uma pessoa de 1650."

b) "Ela é verdadeira […] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."

c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."

d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;

b) subordinada adjetiva restritiva;

c) subordinada substantiva subjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta;

e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (…)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e qu não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;

b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;

c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;

d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;

e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.

b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.

c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.

d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.

e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(…) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (…)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação"

constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos…"

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;

b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;

c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;

d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.

b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.

c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.

e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (… emissões de gases que agravam o efeito estufa…) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está INCORRETA em:

I. "… <u>de que seus atos repercutem</u>,…" (… *precisa ter consciência de que seus atos repercutem…*) - oração subordinada substantiva completiva nominal.

II. " … <u>que nossa economia floresce</u>,…" (*Dizem que nossa economia floresce…*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(…) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (…) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (…) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (…) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (…) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:

a) "…que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se…"

b) "…que tiverem atitude e criatividade,"

c) "…que passaram a existir."

d) "…que ninguém está conseguindo ver."

e) "…que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) ***Observe:***

I. *Eu não sei*
__Se__ vem de Deus
Do céu ficar azul

II. *__Se__ desmorono ou __se__ edifico*
__Se__ permaneço ou me desfaço,
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
__Se__ eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução

IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
__Se__ sabias que eu não era Deus
__Se__ sabias que eu era fraco.

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.

b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.

c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.

d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"Se falharmos aí, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.

A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;

b) proporção;

c) conformidade;

d) condição;

e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda".*

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.

b) embora a infraestrutura não ajude;

c) a infraestrutura, pois, não ajuda;

d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;

e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca ant neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:

a) coordenada assindética;

b) subordinada substantiva completiva nominal;

c) subordinada substantiva objetiva indireta;

d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "…e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:

a) substantiva subjetiva;

b) substantiva objetiva direta;

c) substantiva completiva nominal;

d) adjetiva restritiva;

e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:

***Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público*. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.**

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*

Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.

I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação d texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.

( ) CERTO ( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está INCORRETA é:

a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional

b) "Parece fácil, <u>mas não é</u>." – oração coordenada sindética adversativa.

c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.

d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "<u>O hábito suja os olhos</u> e lhes baixa a voltagem…" – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:

– Há uma oração completiva nominal.

"(…) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (…)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes

I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergênc médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica…) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações <u>de identificar</u> <u>se existe uma tendência</u> são, respectivamente:

a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;

b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;

c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;

d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional

e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;

b) subordinada adverbial causal;

c) subordinada adjetiva explicativa;

d) subordinada substantiva predicativa;

e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me <u>como</u> se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas…"

b) "Parece haver uma disputa para saber <u>quem</u> dá mais informações e estatísticas…"

c) Estou sem paciência <u>para</u> assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."

d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", <u>que</u> Neymar f o primeiro jogador brasileiro…"

Fragmento de texto

(…) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (…)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal

“foi”: “que o município não tinha recursos” e “que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho “É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas”, o emprego da forma verbal singular “É” justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração “que tinha”, sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO ( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em “(…) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (…)”, a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;

c) coordenada sindética explicativa;

d) subordinada adjetiva restritiva;

e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) “…as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies…”; a oração negritada mostra a ideia de:

a) consequência;

b) comparação;

c) concessão;

d) modo;

e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) “[…] aceleram novas descobertas <u>que</u> por sua vez, servem de ferramenta […]”.

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é *correto* afirmar que ele exerce a função sintática de:

a) sujeito indeterminado;

b) sujeito inexistente;

c) sujeito oculto;

d) sujeito simples;

42. (IDECAN – DETRAN/RO – Administrador – 2014) Relacione adequadamente a classificação das orações subordinadas substantivas às respectivas orações.

1. Subjetiva.
2. Objetiva direta.
3. Objetiva indireta.
4. Completiva nominal.
5. Predicativa.
6. Apositiva.

( ) Cada situação permite que se aprenda algo novo.

( ) Só quero uma coisa: que tires a carteira.

( ) Tenho esperança de que o trân melhore.

( ) É importante que todos colabor

( ) Meu desejo é que sejas classifi

( ) Lembrei-me de que já estava er

A sequência está correta em:

a) 1, 6, 3, 5, 2, 4.

b) 2, 6, 4, 1, 5, 3.

c) 1, 2, 3, 4, 5, 6.

d) 6, 5, 4, 3, 2, 1.

e) 2, 6, 4, 1, 3, 5.

43. (FCC – SEFAZ/PE – AUDITOR FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2014) ***Não obstante , se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do público.***

Na frase acima, a oração subordinada destacada tem valor:

a) condicional.

b) conformativo.

c) adversativo.

d) concessivo.

e) explicativo.

Gabarito

1. C.
2. E.
3. D.
4. B.

5. B.
6. A.
7. A.
8. ERRADO.
9. E.
10. C.
11. A.
12. D.
13. C.
14. CERTO.
15. NENHUMA.
16. D.
17. ERRADO.
18. B.
19. D.
20. A.
21. A.
22. B.
23. A.
24. CORRETA.
25. CORRETA.
26. ERRADO.
27. ERRADO.
28. C.
29. CORRETA.
30. CORRETA.
31. CERTO.
32. ERRADO.
33. B.
34. A.
35. D.
36. ERRADO.
37. ERRADO.
38. ERRADO.
39. D.
40. A.

41. D.

42. B.

43. A

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo)
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)

– *Saí da religião,****sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)

– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)

– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "Resolvido o problema, todos confraternizaram." (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)

– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)

– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)

– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)

– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)

– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em "Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.", o sujeito do verbo caber é oracional, a saber: frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de sujeito complexo. Troque-o por "isso", ficará: "isso cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda subordinadas substantivas completivas nominais com subordinadas adverbiais finais. Em "Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal.", "Este cheque foi bom para resolver minha

vida." e "Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas.", a preposição para é exigida pelos adjetivos pronto, bom e essencial, portanto ela inicia orações subordinadas substantivas completivas nominais.

3) O infinitivo não constitui oração basicamente em dois casos: em locução verbal e quando substantivado

- Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve haver algum engano aqui.
- O comer e o beber fazem parte da vida.

Bechara e Sacconi alistam outros casos de não orações, como:

a) Querer é poder!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo ser (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: "Querer a vitória é poder!". Agora há duas orações (Querer a vitória / é).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de jantar?

A palavra jantar é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo ir (Vamos). "Quando a preposição de e o infinitivo equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: É de admirar (admirável) que isso ainda aconteça."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de Concordância, em Casos Especiais.

Adjetivas

- *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*
- *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

- ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)
- ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)
- ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)
- ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional
- *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)
- ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)
- *Aquela cena o chocou **a ponto de lhe tirar o sono**.* (consecutiva)

– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)

– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)

– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições ao, a, para, por, sem sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

   – Ao entrar, faça silêncio.

   – A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado.

   – Para viajar, é preciso dinheiro.

   – Por ser exato, o amor não cabe em si.

   – Sem estudar, passou.

   – Sem estudar, não passa.

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: " Fomos ao cartório assinar um documento."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

   – Em vez de você ficar pensando nele, pense em mim. (exclusão)

   – Além de os lutadores serem agressivos, eram ágeis. (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.)

   – Retirei-me discretamente sem ser notado. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e*** ***ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e*** ***se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "Pagou a conta, de modo que ficou livre dos juros". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "O poeta residiu em Ilhéus na década de 20, para que se dedicasse tão somente à literatura neste período.".

Substantiva

– *Não mais se veem* ***amigos se ajudando.*** (subjetiva)

– *Agora ouvimos* ***artistas cantando em shoppings.*** (objetiva direta)

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas.*** (apositiva)

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito*. (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você*. (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares***, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicion

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): "O homem entrou na sala dando empurrões.". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "Em se tratando de seleção brasileira, nós sempre falamos mal.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro**, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida**, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições**, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos**, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova**, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança**, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula**, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa**, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.
   - Os alunos foram apaixonados pela professora. (adjetivo, predicativo)
   - Os alunos gripados voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)
   - Tendo recebido o dinheiro, comprarei o carro. (oração reduzida de gerúndio)
   - Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando. (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas "Os candidatos aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação poderão apresentar-se à comissão." (errado). / "Os candidatos aprovados no exame médico estando de posse da documentação poderão apresentar-se à comissão." (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se combinem, sejam semelhantes. Portanto o certo é usar duas orações reduzidas (aprovados no exame médico e estando de posse da documentação).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– O trecho “a antecipar o fim da reunião” funciona como objeto indireto.

(…) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (…)

2. **(Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

– A oração subordinada reduzida de gerúndio “tornando suas ações conhecidas e avaliadas” mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva “que tornam suas ações conhecidas e avaliadas”.

3. **(FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005)** ***A persistirem os sintomas*****, *deve-se consultar o médico.***

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;

b) tão logo persistam;

c) a menos que persistam;

d) caso venham a persistir;

e) mesmo se vierem a persistir.

4. **(FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) “Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos.”**

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.

II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.

III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.

b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.

c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.

d) Se nenhum item estiver correto.

e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. **(FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) “Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895.”**

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;

b) concessivo;

c) causal;

d) consecutivo;

e) conformativo.

(…) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (…)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo opt fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: que pode optar. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.

b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.

c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.

d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.

e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva*…

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva…

b) À medida que falam de chuva…

c) Como falam de chuva…

d) Visto que falam de chuva…

e) Conquanto falem de chuva…

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvore sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.

b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.

c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar fri e se condensa, formando as nuvens.

d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.

e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimento no rio,<u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;

b) ressalva;

c) consequência;

d) temporalidade;

e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) ***Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.***

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.

II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.

III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo h ERRO quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)

b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)

c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)

d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)

e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;

b) comparação;

c) condição;

d) consequência;

e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitind sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;

b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;

c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;

d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;

e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.

b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.

c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.

d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.

e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(…) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (…)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* *no perfil brasileiro distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(…) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto sej coerente, a oração "pertencendo a grupos sociais diferentes" (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las…) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correçã gramatical do texto ao se substituir "a separar" (… é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por que separa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Na Espanha, as mulheres estão prestes a conseguir mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não haver consenso, porém, valerá a ordem alfabética.

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

" Assim,cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."

– A expressão “Cabe frisar” forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela,trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, “celebrizadas”, das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a “se trouxer”.

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Quando a bordo, e por não poderem acender fogo, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;

b) causa e concessão;

c) temporalidade e causa;

d) modo e temporalidade;

e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estaçõe de pesquisa na Antártida,para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros*.

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;

b) de consequência;

c) de finalidade;

d) de proporção;

e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) “Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua para revender.”

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;

b) concessão;

c) finalidade;

d) comparação;

e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida “Para ser notado, o porteiro teve que morrer”, tem-se:

a) para ter sido notado;

b) para que fosse notado;

c) para que tenha notado;

d) para que seja notado;

e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;

b) concessão;

c) condição;

d) tempo;

e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;

b) consequência;

c) conformidade;

d) condição;

e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012)… ***uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>*****.**

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;

b) finalidade;

c) concessão;

d) proporção;

e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – ***Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos, dizendo na hora se a pessoa está saudável ou não*****. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:**

a) embora diga;

b) mas dirá;

c) visto que diga;

d) logo dirá;

e) e dirá.

34. (CESPE/UnB – TELEBRAS – Especialista – 2013) No trecho “Cooper usou sua nova invenção para ligar para Joel Engel”, a preposição “para” expressa, em ambas as ocorrências, ideia de finalidade, introduzindo expressões adverbiais.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Gabarito

1. CORRETA.
2. INCORRETA.
3. D.
4. E.
5. C.
6. CERTO.
7. CORRETA.
8. E.
9. A.
10. C.
11. C.
12. D.
13. C.
14. C.
15. CORRETA.
16. B.
17. B.
18. CORRETA.
19. CORRETA.
20. ERRADO.
21. ERRADO.
22. CERTO.
23. CORRETA.
24. INCORRETA.
25. INCORRETA.
26. C.
27. C.
28. C.
29. B.
30. D.

31. B.
32. B.
33. E.
34. ERRADO.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir…

Obs.: Não confunda o conceito de intercalação com oração intercalada. Certas expressões ou orações podem estar intercaladas, mas não serem orações intercaladas. Exemplo: O mundo, que é belo, nunca irá perecer. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma oração intercalada (ou interferente), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas… vai que…

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar** !", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**apost**

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Si o incitavam a falar exclamava:

– Ai! Que preguiça!…

e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo dicendi, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X)CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo " Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!… e não dizia mais nada." é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo dicendi exclamar (que é transitivo direto):

– Ai! Que preguiça!… (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo dicendi, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "e não dizia mais nada". Este trecho é considerado um período misto, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "… – isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) –…". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar co você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo con mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"… não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo…" (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou min vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com

outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação e subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe***, ***que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus***

parentes.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, *mas*** ***o estudo é primordial***.

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: "Consta dos presentes autos que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta". Ou seja: "Consta dos presentes autos que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** não deixa o marido sozinho

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada adjetiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: "Aquilo que é saudável, é interessante e importa deve ser enaltecido!" Ou seja: "Aquilo que é saudável, que é interessante e que importa deve ser enaltecido!". Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: "Aquilo que é saudável e que eu considero importante deve ser enaltecido!".

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** ***mas também*** ***quando não estou****, sou discriminad*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar****,* ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** ***ou*** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato****, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** ***e*** ***porque sou um pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) Depois que ela saiu e depois que ela entrou, ninguém mais nada falou. / (2) Depois que ela saiu e que ela entrou, ninguém mais nada falou. / (3) Depois que ela saiu e entrou, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração:*... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oraçã *o*:*... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: *... a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)

2ª oração: *... – que linda manhã faz! –...* (oração intercalada)

3ª oração: *... que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração:*... que a vida é muito curta*. (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas

classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* –oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais* *que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* –oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(=***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(=*A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(=*O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* –oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pi e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(=*À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(=*Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra e voltar às condições econômicas normais (…)"

–Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: " quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra e quando todos os países europeus procuraram voltar às condições econômicas normais". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (=... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora… não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.* ", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: " *Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.".* A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: **… *o monopólio não deixa de ser uma tendência natural…*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: **… *já que, ao contrário do… uma rede se torna mais valiosa…*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: **… *que acontece em outros mercados…*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: **… *à medida que mais pessoas a utilizam…*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: **… *e a divulgam…*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: **… *uma rede… vale muito mais…*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: **… *que todo mundo usa …*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: **… *que (valem) cem redes com usuários pulverizados*.** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados… estude… estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei

B = gera o risco

C = da punição prevista pelo Código Penal

D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a)

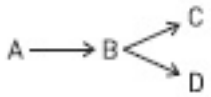

b)

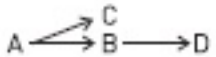

c)

d)

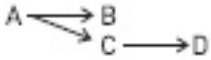

e)

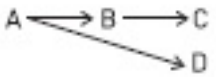

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez.Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia agüenta.Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo estabilidade

→ e quanto desaforo..

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como….

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(…) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais

variadas formações, em diversas partes do planeta. (…)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;

d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;

b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;

c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;

d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;

e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;

b) três orações, sendo uma subordinada;

c) quatro orações, sendo duas coordenadas;

d) quatro orações, sendo uma coordenada;

e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acin analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.

II. Há três orações reduzidas.

III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;

b) se somente o item II estiver correto;

c) se somente o item III estiver correto;

d) se somente o item I estiver correto;

e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples;

e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria d o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;

b) três orações coordenadas e uma subordinada;

c) três orações subordinadas;

d) três orações coordenadas;

e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.

II. Há duas orações subordinadas adverbiais.

III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

c) se todas as afirmativas estiverem corretas;

d) se nenhuma alternativa estiver correta;

e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

“Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.”

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: “Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.”

II. O período é composto por três orações.

III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se todas as afirmativas estiverem corretas;

e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável […], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) ***É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.*** **(L.6-8)**

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: QUE = Δ e E = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].

b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).

c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).

d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).

e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.
2. A.
3. D.
4. B.
5. B.
6. D.
7. D.
8. E.
9. C.
10. E.
11. E.
12. A.
13. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez… Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto… Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*… Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI

(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa… ou não.

Não**,** espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.

2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos… Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas… Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.

2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,

Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão

Digo que amo Soledade

Não Lia cuja bondade

Ser humano não teria

Não aspiro à mão de Iria

Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,

Querem que, por minha fé,

Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,

Digo que amo Soledade

Não Lia, cuja bondade

Ser humano não teria.

Não aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,

Querem que, por minha fé,

Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,

Digo que amo Soledade?

Não! Lia, cuja bondade

Ser humano não teria.

Não aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,

Querem que, por minha fé,

Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,

Digo que amo Soledade?

Não! Lia, cuja bondade

Ser humano não teria?

Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem… para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]

- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“”**]
- Reticências [**…**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar “em dia” para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não **se usa a vírgula.**

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com função de sujeito iniciadas por quem, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é facultativa, segundo Luiz A. Sacconi: “Quem lê sabe mais.” ou “Quem lê, sabe mais.”. Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas… fique atento a essa “visão excepcional” do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: “Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo) com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo) com o conforto moral.”. Isto é, não se coloca

vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

No entanto, confira uma visão divergente: CESPE/UnB – CORREIOS – ANALISTA DE CORREIOS (LETRAS) – 2011 – QUESTÃO 70.

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: "Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa os evangélicos e os católicos."

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, não são separados por vírgula desse adjunto: "Os alunos ficaram, em casa." (errado) / "Os alunos ficaram em casa." (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): "Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos." / "De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: "Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram." / "O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos.".

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula,* ontem à noite.

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o não ou o nunca antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: Eu não vou mais errar esta questão. / Nunca errarei esta questão.

2) Se o adjunto adverbial de curta extensão (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será facultativa também: "De fato estes alunos são mais interessados." ou "De fato, estes alunos são mais interessados.". Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo seguido de sujeito: "Por cima daquele prédio (,) formavam-se muitas nuvens.". Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva… para variar…

4) **A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.**

– *Todos os alunos,* daquele professor entenderam a explicação.

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', de Cervantes, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção. Às vezes, o adjunto adnominal de um aposto implícito vem separado enfaticamente por vírgulas, mas saiba que tais vírgulas, na verdade, separam o aposto implícito, OK? Entenda com este exemplo: As indústrias, do Brasil e do mundo,continuam poluindo nosso planeta (ou seja, As indústrias, (as indústrias) do Brasil e do mundo, continuam poluindo nosso planeta).

5) **A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.**

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) **Sujeito,…, verbo + complemento + adjunto adverbial**

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) **Sujeito + verbo,…, complemento + adjunto adverbial**

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) **Sujeito + verbo + complemento,…, adjunto adverbial**

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade,magistralmente*

4) **Locução verbal de voz passiva,…, + agente da passiva**

– *Fui homenageado, ontem à noite,por alguns alunos e amigos.*

Bem… se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observada na redação oficial.*

– Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na reda oficial.

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo***, foi o criador da Lógica.

Obs.: Em "Nós ocidentais somos capitalistas." ou "Nós, ocidentais, somos capitalistas.", a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, ocidentais é um adjetivo com função de adjunto adnominal de nós, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, ocidentais é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (até mesmo, pelo menos, inclusive etc.), ficará entre vírgulas: "Todos os alunos, até mesmo (os) de nível médio,entenderam a explicação.".

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: "Meu filho passou em um grande concurso, avesso a todas as palavras derrotistas.".

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "Aos amigos (,) ninguém lhes dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "As explicações procurou lhes dar o professor?". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o CESPE/UnB STJ – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: Finalmente ela chegou ou Finalmente, ela chegou. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula. Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1; e CESPE/UnB – CNJ – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2013 – QUESTÃO 33. A banca FCC não considera essa regra acima em suas provas, ou seja, por mais que o adjunto adverbial tenha até mais de três vocábulos, ela ainda considera facultativa a vírgula. Para comprovar isso, veja: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO-RH – 2013 – QUESTÃO 8.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) **Marca a elipse de um verbo** (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (=... a porta regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (=... em 2002 Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) **Separa orações coordenadas assindéticas.**

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça.*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) **Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por** e **ou** nem.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é facultativa: "Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos.". No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) Segundo alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André, o e com valor adversativo (= ma deve ser separado por vírgula; quando tem sentido conclusivo/consecutivo (= portanto) ou enfático, eles também recomendam o uso da vírgula: "Ele sempre chega atrasado,e nunca leva bronca do patrão." / "Ela foi prorrogada, e não anulada." / "Eles violaram a lei,e foram presos. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / "Neguei-o eu,e nego." (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória, segundo a maioria dos gramáticos e todas as bancas de concursos que eu conheço: "Muitos policiais estão envolvidos em corrupção,e tramas obscuras, e conluios, e todo tipo de intrigas escusas.". Qualquer polissíndeto (e, ou, nem…) vem separado por vírgula: "João, ou Maria, ou Pedro, ou José são personagens bíblicos."/ " Nem o sol, nem o mar, nem o brilho das estrelas…". Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: "O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua.".

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas. (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.

b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois

abriram um sorriso.

c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.

d) Fiz, e faria tudo novamente.

e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção e, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o e tem valor adversativo (= mas), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do e. Em D, a vírgula antes do e é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do e se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas. (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;

b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;

c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;

d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;

e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o e liga orações com sujeitos diferentes: [Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

4) Quando termos de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções e, nem, ou, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: "Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais.".

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com "não só… mas também (e sinônimas)", separam por vírgula, já outros, não: "Juçara não só trabalha, mas também estuda." (Sacconi) / "Os livros não só instruem mas também divertem." (Cegalla). Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: CESPE/UnB – UERN – TÉCNICO DE NÍVEL SUPERIOR – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção e pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: A casa,

muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste . (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele… "Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu." (eu estava desacompanhado); "As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul." (ou vermelho e branco, ou azul). "O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria e Deus)". (…) devemos usar uma vírgula antes do e para evitar que os leitores tomem Maria e Deus como aposto de meus pais e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do e quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: "Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!" ou "Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!". Sobre o uso de e antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: ESAF – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O mas nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: "A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu , porém, não o faço. (eu não o faço , porém)". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: "A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente;porém,eu não o faço." ou "A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente.Porém,eu não o faço." . A conjunção adversativa mas nunca pode vir seguida de vírgula (exemplo: Ela não veio.Mas, ele certamente virá), a não ser que haja alguma expressão intercalada depois (exemplo: Ela não veio.Mas, sem sombra de dúvidas, ele virá).

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, não encontrarmos vírgula ante de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção mas iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "João foi, mas não voltou?". Pode ser assim: "João foi mas não voltou?". Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa mas <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE NÍVEL SUPERIOR – 2009 – QUESTÃO 8.Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (ASSERTIVA I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em Nova Gramática do Português Contemporâneo:

"Uma luz bruxuleante mas teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou… ou…, ora… ora…, quer… quer…).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamen avesso.*

Obs.: No caso de ou retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: "A nossa paixão,ou nossa mera ligação, já se esvaiu.". Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de ou: "Iremos embora,ou transporemos essas etapas sem medo?".

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: "Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia, portanto, os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente, portanto)." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: "Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco." . Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.

Obs.: O pois deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: "Esse assunto não tem importância; devemos, pois,retirá-lo da pauta.".

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa***, todos já sabemos.

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula: "Dos alunos eu só quero isto, que eles estudem mais.". Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: "Eu quero que, vocês estudem mais." (errado) / "Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!". (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas não são

separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara, Celso P. Luft e Sacconi) dizem que uma vírgula pode vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: "O mundo que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)começa finalmente a surgir." . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a grande transformação da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.

b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.

c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.

d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.

e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a D. Ignore o gabarito. Leia a alternativa C. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada <u>incorreta</u>. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

<u>Importante</u>: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– Comprei um carro que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm após as principais: "Gostei muito(,) quando comprei o material.". Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente." / "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.". Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar sem vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim… a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é obrigatória na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em "A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto…".

Duas bancas, duas visões… O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a melhor alternativa dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão… que…) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: "Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos.". Quanto às orações comparativas iniciadas por quanto/(do)que, saiba que não há vírgula: "Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a melhor resposta.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo porque, sem vírgula: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas… pelo menos? Sem comentários… Enquanto isso… vá estudando…

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oraçã

adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa. (Segue as mesmas regras das orações desenvolvidas.)

- *Chegando a carta, avise-me.*
- *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*
- *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*
- *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)
- *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas… veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.
   - Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.
2) Separa o paralelismo de provérbios.
   - Ladrão de tostão, ladrão de milhão.
   - Casa de ferreiro, espeto de pau.
3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).
   - Com muito amor,
   - Respeitosamente, (…)
4) A vírgula antes do <u>etc.</u> é controversa, por isso é facultativa.
   - Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.
5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.
   - Sim, senhor! Não, senhor!
6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").
   - O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. **(errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separado por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itáli na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(…)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** não conseguiu ir à aula hoje.)

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: "Defenda-se; mas não se vingue." (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

O s **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas qu pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedr que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos…*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro… Resumindo: ganhei o dia!".

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é,* seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências…*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar,

enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "…, feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "… feijão, arroz, etc….".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: "Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo.". Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquel contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até e hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*

– *São japoneses.*

– *Japoneses? E... é gente como nós?*

– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*

– *Mas então não são índios?*

(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a

vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: "Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o Manual de Redação da PUC/RS e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas… Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) **Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).**

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) **Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.**

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes [ ] fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "'As causas do protesto e das reinvidações (sic) foram muitas', disse o editor do jornal". Deveria ser assim "reivindicações".

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) **Antes e depois de citações textuais.**

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jor Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) **Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.**

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática".* (Dadá Maravil

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd".* (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) **Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico malicioso.**

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– "Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos…

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos…

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– "Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.

– O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão…"; o plenário logo se esvaziou.

– "Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência' publicado em vários jornais, recentemente."

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente…*

– *Um aparte, por favor…*

– *…ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchete

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos… (ou (…), ou […]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos…*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral…"? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque… porque… eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outr sentimento.

– *Ela é linda…! Você nem sabe como…!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é*

liiiiinda... você nem sabe como...”).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber… *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora… mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado… vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;

b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;

c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesse em disputa;

d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;

e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significad mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.

b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.

c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.

d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.

e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) “Há 15 dias, uma educadora no Recife”

b) “indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais”

c) “Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história”

d) “tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão”

e) “reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato”

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final c reunião.

b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?

c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.

d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.

e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) “Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade.” / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.

b) “algumas que não combinam conosco nem nos interessam.” / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.

c) “Quem não corre com a manada praticamente nem existe,” / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,

d) “disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (…)” / disparamos sem rum ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*

e) “Estar sozinho é considerado humilhante,” / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) “(…) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos,” / realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos,

b) “(…) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837).” / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.

c) “Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (…)” / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.

e) “(…) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala correspon a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!

II. Comprou dois: um para você outro para mim.

III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”

IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;

b) III;

c) I e II;

d) II e IV;

e) III e IV.

(…) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (…)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (…)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo pois alteraria o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (…)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não

apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. **(Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (…)

13. **(Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (…)

14. **(Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

(…) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (…)

15. **(Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".**

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. **(FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:**

a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.

b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.

c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.

e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão d mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão d mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da

tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita…

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação intrigante: enquanto a economia alterna altos e baixos, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode cair mesmo com o baixo crescimento. Isso é bom? Depende. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a renda. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da produtividade – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas décadas. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo quinquênio. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. Logicamente não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (…) Medidas nessa direção podem (e devem) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão urbana – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam “e devem”;

e) substituir o travessão depois de “urbana” por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta o incorreta?

(…) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de “ônibus” torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir um explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: “O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se”?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: “Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas”.

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto a se substituírem os dois-pontos, após a expressão “ou seja” (… o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que…), por vírgula.

( ) CERTO ( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (… para o entendimento de uma form particular de comunicação –… –, o estudioso deve reconstruir…), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO ( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro períod

do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO ( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (… representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior…) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (… os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência…) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (… o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram…) pode ser corretamente substituído por o que, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade…) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

"… outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento que é, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse:…"

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguint período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoa técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoa técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoa técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoa técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoa técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I, II e III.

d) II e III, apenas.

e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).

b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.

c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.

d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.

e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.

b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.

c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.

d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.

e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."

b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."

c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."

d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."

e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.

b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.

c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.

d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter su pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.

b) Mas, não; não, serve qualquer uma.

c) Mas não; não serve, qualquer uma.

d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.

e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, cor alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das característica culturais mais marcantes da sociedade atual."

b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."

c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."

d) “A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto.”

e) “salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza.”

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.***

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(…) o que é detectado pelas respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão (…) O x dá lugar ao ch em “xícara”, “mexer” e “vexame”; o inverso ocorre em “chuchu”, “enchimento” e “pichação”. (…) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista? É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. “(…) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão…” o uso das vírgulas se justifica pe enumeração das informações.

II. “xícara”, “mexer” e “vexame” os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. “Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?” compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.

b) Apenas I e III.

c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.

b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.

c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.

d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.

e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:

a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.

b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.

c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.

d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.

e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.***

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.

I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.

II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.

III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) III.

b) II.

c) I e III.

d) I e II.

e) I.

Minha vida meu amor

Olha minha vida meu amor

Há muito não és mais meu

Toda a loucura que fiz

Foi por você

Que nunca me deu valor

(…)

Por tua causa João

Eu morro pelada

(…)

No fundo do poço

Amor desculpe algum erro

E a falta de vírgula

Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida me amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

52. (CESGRANRIO – BNDES – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2013) Em que período a vírgula pode s retirada, mantendo-se o sentido e a obediência à norma-padrão?

a) Quando o técnico chegou, a equipe começou o treino.

b) Antônio, quer saber as últimas novidades dos esportes?

c) As Olimpíadas de 2016 ocorrerão no Rio, que se prepara para o evento.

d) Atualmente, várias áreas contribuem para o aprimoramento do desportista.

e) Eis alguns esportes que a Ciência do Esporte ajuda: judô, natação e canoagem.

53. (ESAF – MTUR – ANALISTA TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2014) Assinale a opção que justifica corretamente o emprego de vírgulas no trecho abaixo.

É neste admirável e desconcertante mundo novo que se encontram os desafios da modernidade, a mudança de paradigmas culturais, a substituição de atividades profissionais, as transformações em diversas áreas do conhecimento e os contrastes cada vez mais acentuados entre as gerações de seres humanos.

(Adaptado de Zero Hora (RS), 31.12.2013)

As vírgulas:

a) isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

b) separam termos que funcionam como apostos.

c) isolam adjuntos adverbiais deslocados de sua posição tradicional.

d) separam orações coordenadas assindéticas.

e) isolam orações intercaladas na oração principal.

Gabarito

1. A.
2. INCORRETA.
3. B.
4. E.

5. B.
6. C.
7. B.
8. ERRADO.
9. CERTO.
10. CERTO.
11. ERRADO.
12. CERTO.
13. CERTO.
14. ERRADO.
15. ERRADO.
16. A.
17. D.
18. C.
19. D.
20. INCORRETA.
21. A.
22. A.
23. INCORRETA.
24. CORRETA.
25. INCORRETA.
26. INCORRETA.
27. CERTO.
28. CERTO.
29. ERRADO.
30. ERRADO.
31. ERRADO.
32. ERRADO.
33. CERTO.
34. ERRADO.
35. CERTO.
36. C.
37. E.
38. C.
39. A.
40. E.

41. B.
42. E.
43. E.
44. A.
45. C.
46. D.
47. A.
48. A.
49. B.
50. B.
51. INCORRETA.
52. D.
53. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 28

Concordância

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem- **no**, ficam **no mesmo** **gênero** e **no mesmo** **número** que **ele**(normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal **trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo**, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*)

acompanham um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os palavras** que acompanham **uma substantivo** ou substituem- **na**, ficam **na mesma gênero** e **na mesma número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm,…"* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, não **há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos vir e ter (e seus derivados, como manter), pois eles, no plural, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa… e por aí vai…

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos

assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o verbo e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil**… ganham**?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem… de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o** aluno **e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o** aluno **e a** aluna a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

***Caberia** aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos, **o direito de reclamar**. É por isso que **deve ser levado** a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem… espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas… "regrinhas"… Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem…?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana…*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite,* ***decidiu*** que iria ao congresso.

Cuidado!!!

1) Coletivo especificado ou partitivo: a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma part de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de… (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– A multidão de torcedores gritou entusiasticamente.

– A multidão de torcedores gritaram entusiasticamente.

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– Gritou entusiasticamente a multidão de torcedores.

2) Sujeitos formados por milhão, bilhão, trilhão etc. seguem o mesmo modelo acima:

– Mais de um milhão de mulheres foi às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.

– Mais de um milhão de mulheres foram às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.

2) O sujeito é o pronome relativo ***que***.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do verbo relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– Não seremos nós os que, depois de tudo, mentiremos/mentirão.

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o verbo concordar com um dos dois, desd que o sentido da frase esteja claro.

– O resultado das pesquisas que se apurou/se apuraram provocou polêmica.

3) Com a expressão um(a) dos(as) + substantivo/pronome vindo antes do pronome relativo que, o verbo pode concordar com um(a) ou com o substantivo/pronome.

– Aquela aluna é uma das pessoas que precisava/precisavam de ajuda.

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– Santos Dumont foi um dos brasileiros que inventou o avião. (Só ele inventou.)

4) Lembre-se disto: o pronome relativo que precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: "As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias" . Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo promover deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (acusações), mas nessa frase, o que tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: "As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias".

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com quem: Foram os rapazes da Jovem Guarda quem fez sucesso. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: Fomos nós quem resolvemos a questão. Sobre isso, consulte: ESAF – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.

D) Eram eles quem fazia a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.

B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por quem, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar quem no lugar do segundo que, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui eu quem criei a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**?/Quais de **vós** me **ajudareis** ?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos no singular, o verbo concorda com eles em pessoa e número: Qual de vós me ajudará agora?

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se a presença do artigo definido plural for obrigatória antes de uma palavra pluralizada, o verbo ficará no plural. Caso tal artigo plural não seja obrigatório, o verbo ficará no singular.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*

– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*

– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*

– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*

– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito apresenta nome de obra artística pluralizada (livros, filmes…), o verbo pode ficar no singular ou no plural, quando antecedida de artigo no plural (Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.):

– Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram Camões.

– Velozes e Furiosos marcou o cinema relativo a carros.

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coi de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*

– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** à aula.

Obs.: A expressão mais de um tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco se), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– Mais de um irmão se abraçaram.

– Mais de um grupo de crianças veio/vieram à festa na praia.

– Mais de um aluno, mais de um professor estavam presentes.

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o

número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas **1**/3 das pessoas do mundo **sabe** o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das **pessoas** do mundo **sabem** o que é viver bem.*

– *Apenas **30%** do povo **sabem** o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do **povo** **sabe** o que é viver bem.*

– *Os **30** % da população não **sabem** o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o 1 de 1/3, o mesmo ocorre com 0 em "Só 0,9% das pessoas sabe o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "… mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição…" (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "… grande parte dos pagamentos realizados… foi tributado…"; deveria ser "… parte… foi tributada…" ou "… pagamentos… foram tributados…". a) "… 0,27%… foi tributado…". b) "… 2%… foram tributados…". d) "… três quartos… foram tributados…". e) "… 1,6 milhão… foi tributado…".

Sobre esse caso de concordância com numeral percentual ou fracionário, sugiro fortemente que você leia o tópico NUMERAL, nas páginas 288 e 289, do meu segundo livro: *As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos.*

8) Os verbos *bater* , *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão…*

- ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram…)*
- ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu…)*
- ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram…)*
- ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

- ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
- *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos o elementos do sujeito composto:
   - Modificou-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a maneira de faze política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.
   - Modificaram-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a maneira de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.
2) Não confundir se apassivador com se indeterminador do sujeito! Revise o se relendo Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não se discutem muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, a questão do tamanho, mas sim a alavancagem desses bancos. (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não se discute muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, a

questão do tamanho, mas sim a alavancagem desses bancos. (=… a questão do tamanho não é discutida…)

Veja mais um:

Não se discute muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, as questões do tamanho, mas sim a alavancagem desses bancos.

Corrija-se para o plural:

Não se discutem muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, as questões do tamanho, mas sim a alavancagem desses bancos. (=… as questões do tamanho não são discutidas…)

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o se. Não confunda!

3) Concordância com costumar/poder/dever + se + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "Devem-se resolver rapidamente as questões de Português", analisamos devem-se resolver como uma locução verbal com partícula se apassivadora, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito as questões de Português. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"As questões de Português devem ser resolvidas rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos costumar/poder/dever estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um verbo principal seguido de uma oração reduzida. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"Pode-se / resolver rapidamente estas questões de Português."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, resolver rapidamente estas questões de Português é a oração reduzida com função de sujeito da oração principal Pode-se. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver questões de Português.

(locução verbal com se apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / resolver questões de Português.

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura querer + se +infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: "Quer-se inverter as leis." não equivale a "As leis querem ser invertidas.", logo não faz sentido escrever ou dizer "Querem-se inverter as leis.". Sendo assim, o sujeito de "Quer-se inverter as leis." é oracional: inverter as leis.

5) Na expressão "não (nunca)… mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: "Não se viam mais do que corpos espalhados no chão."

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta… vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito composto posposto ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– Vai trazer benefícios, em 2014 e em 2016, a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

– Vão trazer benefícios, em 2014 e em 2016, a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

– Vão cumprimentar-se, em 2014 e em 2016, alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

(…) Contribuiu, ainda, para o aumento da arrecadação, o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular Contribuiu e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "Aleluia! O

brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém agora é cédula de Cr$ 500,00!" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu*** *e* ***ele*** *(= Nós) nos* ***tornaremos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vós) vos* ***tornareis*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.
   – Tu e ele (= Vocês) se tornarão pessoas melhores depois desses ensinamentos.
2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próxim do verbo.
   – Tornar-me-ei eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.
3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no plural, concordando com ambos os termos do sujeito.
   – Abraçaram-se o professor e ele.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro*** *com* ***seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro****, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o com equivale a e, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por com é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do com (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: Chegou ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A **angústia** e a **ansiedade** não o **ajudava** a se concentrar.*

– *A **angústia** e a **ansiedade** não o **ajudavam*** a se concentrar.

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte… quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: A ansiedade e a despreocupação andam lado a lado em um homem.

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte… se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: Seu cheiro, seu olhar, seu toque, tudo isso bastou para me seduzir. Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: Seu cheiro, seu olhar, seus toques bastaram para me seduzir.

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: O andar e o nadar fazem bem à saúde. / Rir e chorar se alternam no ser humano.

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém…*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso exigiam de seus servos os amos.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– Nem um nem outro se abraçaram aqui.

2) Se o sujeito for constituído pela expressão um ou outro, o verbo fica no singular.

– Uma ou outra conseguirá uma boa classificação.

Em nem um nem outro, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E nem um lado nem outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem… nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem… nem…*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: "Não lhes faltava talento nem disposição.".

2) Quando "nem… nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: "Nem você nem ele será o novo representante da classe.".

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: "Nem eu nem ela seremos condenados, por falta de prova.".

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o **ou** indicar exclusão, o verbo ficará no singular; se indicar retificação ou sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo; se indicar adição/inclusão, o verbo ficará no plural.

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção ou liga termos antônimos, o verbo fica no plural: " O amor ou o ódio exacerbados não fazem bem à saúde.".

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto… quanto/como/assim como; não só… mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto ela quanto ele*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só ele mas também ela*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou***.

– *O* ***preço*** *dos alimentos e o dos combustíveis* ***aumentaram***.

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": O preço dos combustíveis e dos alimentos aumentaram.

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo ser poderá concordar com um dos dois. Logo…: Fernando Pessoa foi/foram muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.

2) Quando pessoa concorre com pronome reto, o verbo ser concorda com o pronome reto (sujeito):

– Fernando Pestana sou eu.

– Eles são vencedores.

3) Se os dois termos (sujeito e predicativo) forem pronomes, a concordância será com o que aparecer primeiro, considerando-o como sujeito da oração.

– Eu não sou tu, e tu não és eu.

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo é/são flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas são/é assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." (Revista CNT, "Lixo tributário")

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (Luiz Antonio Sacconi)

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." (Celso Cunha & Lindley Cintra)

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for

pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)

d) "Expressões de sentido quantitativo (…) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." (Manual de Redação da Presidência da República)

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (…) o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)". (Evanildo Bechara)

Comentário: O gabarito é a letra A… por sinal, autoexplicativa: "… o principal problema… é/são… as contribuições…".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda c o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– Hoje são 4 de setembro.

– Hoje é (dia) 4 de setembro.

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– Era/Eram cerca de dez horas.

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que* , se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *s* o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo *não preposicionado* entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** eles **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível **a flexão do infinitivo** (favorece muit vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clare de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase "Não é mais permitido aos professores bater/baterem nos alunos.", o plural do verbo bater realça seu sujeito implícito, que tem como referente professores (núcleo do objeto indireto). Em "Ele sempre proíbe os empregados de sair/saírem no horário.", o plural do verbo sair realça seu sujeito implícito, que tem como referente empregados (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1] Falei sobre o desejo de[2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for o mesmo do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: "Falamos sobre o desejo de aprontar/aprontarmos o site logo." ou "Vocês estão aqui para resolver/resolverem meu problema?" ou "Não existiam motivos suficientes a fim de ser/serem reprovados. ". Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: "Falamos sobre o desejo de nós aprontarmos o site logo." ou "Vocês estão aqui para vocês resolverem meu problema?" ou "Não havia motivos suficientes a fim de os alunos serem reprovados. ".

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós nos **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem se **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por se **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** dez horas, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* n **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é incrivelmente (na minha opinião) facultativo: "Poderemos, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, cantar/cantarmos vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos sair/saírem.".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis* de ***solucionar**.* *

– *Eles têm aptidão* para ***aprender*** línguas estrangeiras.

* Nesta construção com a preposição de, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o se antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de solucionar. = São casos difíceis de serem solucionados.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, d o site Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição de e dependente de um substantivo – possibilidade –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição de, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (idem, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (idem). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (idem, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – os leitores, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados, **recuar** !*

– *Esquerda, **volver** !*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo d sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo d sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* +infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo*. (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subi para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de existiam por "deviar haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo haver é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, existiam =devia haver.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudo*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade***. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.

O verbo estar deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: resolver erros e complicações. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo que, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo…:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

… de modo que ela ficasse assim:

– Havia muitos erros e complicações que já não estava em suas mãos resolver.

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse…" [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham****.*

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandrag* ***usamos****.*

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a segui atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;

b) silepse de gênero;

c) silepse de pessoa; (Gabarito!)

d) concordância atrativa;

e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

*As minhas três belas **casas** vão ser vendidas porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** atento se destacava mais que a **aluna** atenta.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a reg geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico- **cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque macio.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente c o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: A sua idade, preferência sexual e profissão não me interessam. /Aqueles planos e intenções são desprezíveis. / Por que tantas palmas e elogio?

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordânci gramatical (prevalecendo o masculino): Queridos pai e mãe, estou com muita saudade de vocês. / Os talentosos Renato Russo e Cazuza deixaram suas marcas.

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

- *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)
- *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)
- *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)
- *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

- *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*
- *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** formaram uma parceria.

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O setor público e privado formaram uma parceria". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: CESPE/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*…), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

- *Seus olhos têm algo* de ***sedutor***. (Cegalla)
- *Esse lugar nada tem* de ***interessante***.
- ***Júlia*** *tinha tanto* de ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto* de ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) **Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto**

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

- *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
- *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com o filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se

refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os **homens** e as **mulheres** estavam **excitados** com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*

– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**

– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*

– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*

– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: Encontrei excitadas as mulheres e os homens com a notícia. Cegalla vai além e diz que, na frase Estava excitada a mulher e os homens com a notícia*, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim : Estavam excitadas as mulheres e os homens com a notícia*.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "Fica óbvio (e não óbvia) que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental." / "Acho sensato (e não sensata) resolver nossa pendenga sem violência."

3) O adjetivo (ou particípio), em expressões como É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido, fic invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de muito(a) ou não determinado. Mas… quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: Água é bom. /A água é boa. /É proibido entrada aqui. / Sua entrada é proibida aqui. / É necessário disposição para este cenário mudar. / É necessária grande disposição para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, preciso é muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso. (Vinícius de Moraes)./As balas que são precisas para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família. Obs.: "Proibida entrada" está correto. Alguns estudiosos entendem que, quando se quer imprimir um sentido genérico, mesmo que o substantivo esteja determinado por um pronome ou por um adjetivo, por exemplo, o adjetivo/particípio ficará intencionalmente invariável: "É necessário séria movimentação para haver efetiva mudança".

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase Foram aprovadas centenas de alunos para a segunda fase do exame nacional, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: Centenas de alunos foram aprovados para a segunda fase do exame nacional.

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase "Elas haviam resolvidas as questões." está equivocada, devendo ser corrigida para: "Elas haviam resolvido as questões.".

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **o** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase "Um assunto desses não deve ser discutido em público.", o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor indeterminador. Outros exemplos: "Foi uma surra daquelas. " ou "Ele está num dia daqueles. ". Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três*** *viviam* ***juntos*** *naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de* ***lesa-pátria*** *".* (Cegalla)

– *Só ficamos* ***quites*** *depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As* ***moças*** *disseram ao homem: "Ficamos-lhe* ***obrigadas*** *por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As* ***fotos*** *seguem* ***anexas/apensas****. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão* ***inclusos*** *os* ***prejuízos****.*

Obs.: Mesmo não varia quando equivale a realmente, de fato ou inclusive: "Mesmo a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou mesmo o marido!". Só não varia quando equivale a somente. Por si sós e a sós são expressões cultas: "As crianças comeram só os feijões". / "Os alunos, por si sós, resolveram a prova.". Junto não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): "Eles não estão junto do (com o/ao) pai.".

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato****.* (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas****.* (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante****.* (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para u ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatic própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo*** *(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em "A toda-poderosa Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I.", o vocábulo todo nunca varia nessa expressão, logo: "A todo-poderosa Marquesa de Santos…".

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto,*

pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)…

- *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*
- *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*
- *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*
- *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*
- *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface** ... compre livros também.*
- *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**
- ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
- *És uma **pseudo**profetisa!*
- *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de visto com a pessoa ou coisa vista: "Elas emagreceram a olhos vistas." ou "Vista a olhos a árvore crescia.".

* Alerta é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que alerta é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor…)* ou se estiver acompanhado de *quanto* . Varia se *o/a* estiver no plural.

- *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*
- *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*
- *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*
- *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo possível varia normalmente: "Realmente estas são visões possíveis sobre o mesmo assunto.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

- *A **primeira** e **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*
- A ***primeira*** *e* a ***segunda*** ***série(s)*** foram aprovadas.

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: As séries primeira e segunda foram aprovadas. O gramático Luiz A. Sacconi diz que o substantivo séries (do primeiro exemplo) não pode ficar no singular, só no plural.

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto e o

adjetivo, quando houver, no singular (ou, menos preferencialmente, no plural).

– ***Um e outro*** *aluno esforçado(s) passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçado(s) passou.*

Obs.: Quando os pronomes um e outro retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: A mãe e o filho vieram ao Brasil. Um amou nosso país, outro odiou.

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional…*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

a) "***Haja vista aos*** *argumentos que embasaram o veredicto…";*

b) "***Haja vista dos*** *argumentos que embasaram o veredicto…";*

c) "***Hajam vista os*** *argumentos que embasaram o veredicto…";*

d) "***Haja vista os*** *argumentos que embasaram o veredicto…".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o* ***discípulo*** *age* ***tal qual*** *o* ***mestre****.*

– *Normalmente os* ***discípulos*** *agem* ***tais qual*** *o* ***mestre****.*

– *Normalmente o* ***discípulo*** *age* ***tal quais*** *os* ***mestres****.*

– *Normalmente os* ***discípulos*** *agem* ***tais quais*** *os* ***mestres****.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil*** *pessoas,* ***dois mil*** *alunos,* ***dois mil*** *candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu* ***1 ,9 milhão*** *de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para bilhão, trilhão etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Obs.: O adjetivo pode concordar em gênero e número com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto: Dois milhões de torcedoras estavam entusiasmados/entusiasmadas.

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado** !*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porq a certa altura, a gente tem que estar **cansado.** "* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Cor referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem **batalhadores** como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: A gente (3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que nos (1ª pessoa do plural) interpretaram mal.

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas

de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. **(Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. **(Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?**

   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa …"

   II. "… os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar…"

   "Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem o seu bem particular. (…)"

3. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permi por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.**

   "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez analisaram 76 países durante um período de 32 anos. Dividiram-nos de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas duas dimensões, pode-se ter duas situações de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). Surgem algumas conclusões interessantes desse estudo. (…) Mais da metade dos países que tinham baixo crescimento e baixo CH em 1960 permanecia na mesma posição na década de 90. (…) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o lado humano dá frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez".

   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.

   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito

indeterminado como admite a inferência de “duas dimensões” como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em “dá” é determinada por “lado humano”; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo “mais da metade dos países” estabelece duas relações diferentes de concordância: “países” determina a flexão de plural em “tinham”, enquanto “permanecia” faz a concordância com “metade”.

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?

– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

“A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais”

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de masculino no termo “pensado” indica que o pronome relativo “que” retoma, nas relações de coesão, o pronome “algo” e não o substantivo “experiência”.

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

“Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de gente milionária, que passa todos os fins de semana em Paris e compra as melhores marcas do mundo. No entanto, nossa classe A representa apenas 5% da população e possui rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente é uma confusão entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que movimenta um mercado de R$ 6 bilhões anuais.”

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir “gent milionária” por *milionários*, desde que se flexionasse também “passa” e “compra” no plural, passam e compram.

b) A forma verbal “possui” estabelece concordância com “da população”; no entanto, também estari correta a concordância com “5%”, com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo “nossa classe A” do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de “representa”.

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de “uma confusão” por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em “movimenta”, movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de

concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que <u>as</u> (1) <u>dominam</u> (2) internamente e que, antes, podiam <u>ser escamoteadas</u> (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização <u>criam</u> (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E <u>soma-se</u> (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).

b) (2).

c) (3).

d) (4).

e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% destinado à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são destinados à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por parecer acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ide principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.

( ) CERTO ( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".

( ) CERTO ( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é

especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) ***"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"***

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de e a escrever logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por São considerados.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.

a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.

b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.

c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.

d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.

e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores que os presos são submetidos.

b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.

c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.

e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos d tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.

e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que…… (promover) quem defende o “assembleísmo” baseiam-se na decantada “soberania” das assembleias.

b) Não…… (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

c) Por que…… (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de um aeronave?

d) O que aos bons políticos não…… (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito

público.

e) Não…… (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.

b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.

c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.

d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.

e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se…… (atribuir) nesse texto

b) Os tempos que…… (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais…… (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos…… (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não…… (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantén o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, poden ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.

d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.

e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)

b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta*… (os especialistas da própria FAO)

c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050*… (a produção de alimentos)

d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)

e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura*… (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno c concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) Bastantes poemas foram lidos na aula.

b) Custam caro os jornais de domingo.

c) Vendem-se quadros e esculturas usados.

d) Compramos livro e jornal velhos.

e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.

b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.

c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.

d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.

e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.

b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises do países da zona do euro.

c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refé de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.

e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;

b) consultorias e bancos renomadas;

c) consultorias e bancos renomados;

d) bancos e consultorias renomadas;

e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

“Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar.”

Essa palavra é:

a) políticas;

b) aquelas;

c) mulheres;

d) escolhas;

e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho “os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome ‘nacionais’ mais raros”, a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.

b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.

c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.

d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as política de saúde pública.

e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa

Gente que vem pelo mar

Laço de fita amarela

Na ponta da vela

no meio do mar

Ei nós, que viemos

De outras terras, de outro mar

Temos pólvora, chumbo e bala

Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar

Quem me ensinou a nadar

Foi, foi marinheiro

Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos

De outras terras, de outro mar

Temos pólvora, chumbo e bala

Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.

b) 6 e 7.

c) 8 e 9.

d) 10 e 11.

e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."

b) "Eu os buscarei, é óbvio."

c) "Há alguns anos…"

d) "Vejo motoristas de táxi…"

e) "A maioria dos chefes sente-se no direito…"

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.

b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.

c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.

d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.

e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo perder, empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.

( ) CERTO ( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assist à execução seria simples…", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: seriam.

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"… que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, qu profundas sepulturas nascidas de vossas penas…"*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.

( ) CERTO ( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento… representaram…"*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".

( ) CERTO ( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está corre ou incorreta?

– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta <u>erro</u> gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se (1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%, está investida (2) nos países emergentes, que, no entanto, já representa (3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com maciças (4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que afugentem (5) o dinheiro bom.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da economia proporcionou um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os resultados fiscais favoráveis. Elevaram-se, de forma significativa e em valores reais, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários fez aumentar a arrecadação do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos relevantes foram os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".

b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".

c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".

d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".

e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais que podem propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, uma sociedade igualitária, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão,soa como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a todos não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".

b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".

c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.

d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.

e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;

b) A maior parte dos folheteiros;

c) O folheteiro e sua família;

d) O grosso dos folheteiros;

e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012)…… tomar medidas que…… a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.

b) Eram necessárias – garantissem.

c) Era necessário – garantisse.

d) Eram necessárias – garantisse.

e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;

b) deve fazer, há, se apaixonam;

c) deve fazerem, há, se apaixona;

d) fazem, há, se apaixona;

e) faz, haviam, se apaixonarão.

52. (CESPE/UnB – CPRM – Analista – 2013) Em "uma expedição com cientistas do Brasil e do Japão a bordo do equipamento submersível Shinkai 6.500, observou a formação geológica", a forma verbal "observou" está no singular para concordar com o sujeito da oração, "equipamento submersível Shinkai 6.500".

( ) CERTO ( ) ERRADO

53. (FCC – TRT 2ª – Técnico Judiciário (Área Apoio Especializado) – 2014) O verbo empregado no singular que também estaria corretamente empregado no plural, sem que se faça qualquer outra alteração na frase, está grifado em:

a) *… mas **produz** coisas completamente diferentes.*

b) *A moda tem uma lógica que **anexa** objetos e territórios os mais variados…*

c) *… que a moda **destrói** as culturas do passado…*

d) *… e, no fundo, **coincide** com o desenvolvimento da sociedade de consumo…*

e) *… na qual a maior parte dos indivíduos **pode** escolher seus modos de vida…*

Gabarito

1. INCORRETA.
2. I.
3. INCORRETA.
4. E.
5. NÃO.
6. CORRETA.
7. B.
8. A.
9. ERRADO.
10. ERRADO.
11. CERTO.
12. CERTO.
13. CERTO.
14. CERTO.
15. CERTO.
16. CERTO.
17. ERRADO.
18. ERRADO.
19. ERRADO.
20. E.
21. D.
22. D.
23. C.
24. E.
25. E.
26. A.
27. C.
28. E.
29. C.
30. D.
31. D.
32. E.
33. B.

34. C.
35. D.
36. E.
37. C.
38. C.
39. CERTO.
40. ERRADO.
41. ERRADO.
42. ERRADO.
43. ERRADO.
44. CORRETA.
45. C.
46. A.
47. INCORRETA.
48. A.
49. E.
50. E.
51. B.
52. ERRADO.
53. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 29

Regência

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal** . É megaimportante que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa…

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome

oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza… sente ojeriza a, contra, por algo ou alguém. Portanto, a qualquer atitude desonesta é um complemento nominal de ojeriza.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal… é leal a algo ou a alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: leais a ele. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição a. Portanto, ao musical é um complemento nominal de paralelamente.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo ir rege um complemento iniciado pela preposição a. Quem vai… vai a algum lugar (real ou virtual). A gramática tradicional considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo conquistar exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista… conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo desistir exige um complemento preposicionado, em que a preposição de liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste… desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é o (= aquilo). Veja de novo: "… desistimos do (= daquilo) que nos motivava!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo oferecer exige um complemento sem preposição (o melhor prato da casa) e um complemento com preposição (ao amigo). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há

preposição explícita no complemento indireto (ou objeto indireto).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome noção, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção… tem noção de…".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo gostar da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta… gosta de…

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses… digamos… "detalhes"… **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença d uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

- O filho, por quem a mãe tinha admiração, era honesto.
- O dinheiro de que a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro dispõe não pagará as despesas vultosas e crescentes.
- Informo que os cursos a respeito das principais bancas, às quais fiz menção nas últimas aulas, estão na pasta B.
- "Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo." (Fernando Pessoa)
- A tese contra a qual opusemos argumentos era a de que a beleza não põe mesa.

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico… A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes NÃO podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo assistir (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição a, e que o verbo gostar o faz pela preposição de. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se… dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de

regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente… Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então… lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. A Esaf aprova ambas as estruturas.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de Orações Subordinadas Substantivas, reitero: a preposição exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver

preposição explícita.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos. Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.

II -Informei-a aos alunos.

III -Informei-os daquela notícia tão aguardada.

IV -Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.

a) I e II.

b) II e III.

c) III e IV.

d) I, II e III.

e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD). II- Informei-a (OD) aos alunos (OI). III- Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI). IV-Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI). O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos , nas exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já lhe, lhes exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos me, te, se, nos, vos podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos

homens.

b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.

c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.

d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo

e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo abrir, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição de fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 80 verbos (para além do conteúdo deste capítulo, desenvolvi um aplicativo para celular sobre regência verbal chamado *Regência Verbal para Concursos*). Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O lhe exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases ("Não lhe vejo há muito tempo.") são equivocadíssimas. Se o verbo ver é transitivo direto, não podemos usar lhe como seu complemento. O adequado à norma culta é: "Não o vejo há muito tempo." ou "Não a vejo há muito tempo." ou "Não te vejo há muito tempo.". Saiba também que o lhe não serve de complemento para alguns verbos, como: aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em…

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante se) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: antipatizar, confraternizar, consultar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair etc. Logo, há incorreção gramatical em: "Os jovens procuram ***se sobressair*** na internet, a qual é um universo anárquico.". A forma culta é: "Os jovens procuram ***sobressair*** na internet, a qual é um universo anárquico.".

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar (com complemento de pessoa), responder etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de assistir (= ver) na voz passiva. Veja:

– Não apelaram da sentença. / A sentença não ***foi apelada***.

– Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa ***foi assistida*** por muitas pessoas.

– Pagamos às empregadas. / As empregadas ***foram pagas*** por nós.

– Todos lhe perdoaram. / Ele ***foi perdoado*** por todos.

– Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas ***serão respondidas***.

– João abusou de Maria. / Maria ***foi abusada*** por João.

Os verbos obedecer e desobedecer, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: A ordem da mãe não ***foi obedecida*** pelo filho. / ***Obedeceu-se*** a ordem.

Outra informação importante é que os verbos assistir (= ajudar) e pagar/perdoar (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– O professor ***continua assistindo*** os alunos. / Os alunos ***continuam sendo assistidos*** pel professor.

– Tomara que ***tenham perdoado*** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

5) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram- **me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– O rei ***abdicou o trono***. / O rei ***abdicou do trono***.

– ***Acredito que Deus existe***. / ***Acredito na existência de Deus***.

Obs.:Os verbos acreditar, crer, pensar e sinônimos (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: Penso (VTD) que devo estudar mais (OD).

– ***Acudiram o rapaz .*** / ***Acudiram ao rapaz.***

– ***Anseio/Almejo uma vida estável***. / ***Anseio/Almejo por uma vida estável*** .

– A noite ***antecede o amanhecer***. / A noite ***antecede ao amanhecer***.

– A secretária ***atendeu o telefone***. / A secretária ***atendeu ao telefone***. – Na prova, ***atente que estiver diante de seus olhos***. / Na prova, ***atente a/em/para o que estiver diante de seus olhos*** .

– O poema ***atingiu os corações*** **.** / O poema ***atingiu aos corações*****.**

– Durante uma semana, eu ***cogitei aquela vingança***. / Durante uma semana, eu ***cogitei naquela vingança***.

– Como o patrão ***consente tantos erros***? / Como o patrão ***consente em tantos erros***?

– ***Declinou o cargo***. / ***Declinou do cargo***.

– ***Deferiu o requerimento*****.** / ***Deferiu ao requerimento*****.**

– "Na penumbra da noite ***deparei um vulto estranho***." (Cegalla) / Na penumbra da noite ***deparei com um vulto estranho***.

Obs.:Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: "A situação que se depara com frequência não o surpreende." (incorreta) / "A situação com que se depara com frequência não o surpreende." (correta)

– ***Desdenho tua sabedoria***. / ***Desdenho de tua sabedoria***.

– ***Desfrutemos o bom da vida***! / ***Desfrutemos do bom da vida***!

Obs.:Os verbos desfrutar e usufruir são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que a variante regencial usufruir de, não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens. Isso porque o verbo fruir, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição de. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição de, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– Os gastos ***excedem a receita*****.** / Os gastos ***excedem à receita*****.**

– Ele ***goza sua melhor forma***. / Ele ***goza de sua melhor forma***.

– N ã o ***necessitam/precisam defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / Não ***necessitam/precisam da defesa de ninguém***.

– O nascimento do filho ***obstou a viagem***. / O nascimento do filho ***obstou à viagem***.

Obs.:Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– Ele ***partilhou seus ideais*.** / Ele ***partilhou de seus ideais*.**

– O trovão ***precedeu o temporal***. / O trovão ***precedeu ao temporal***.

– O padre ***presidirá a cerimônia***. / O padre ***presidirá à cerimônia***.

– O político, mais um, ***renunciou o cargo***. O político ***renunciou ao cargo***.

– ***Satisfez sua necessidade***? / ***Satisfez à sua necessidade***?

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– Comi o bolo. / Comi do bolo. (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição nes caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista Piauí, o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como two-word verbs, é largamente utilizado. Look é "olhar". Acrescido da preposição for, quer dizer "procurar", look for. Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço].

O mesmo se dá com fazer, que pode figurar como "Fazer que…" ou "Fazer com que", em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: "Pouco conhecimento faz (com) que as pessoas se sintam orgulhosas.". (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso… e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao Dicionário Prático de Regência Verbal, de Celso P. Luft, ou ao Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao Dicionário de Regência Verbal, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: Este espetáculo agradou-o. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (* ***a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição a, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de lhe na posição de objeto direto: "Vou ajudar-lhe a arrumar o quarto." (regência desaconselhada) / "Vou ajudá- lo a arrumar o quarto. " (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: CESPE/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono lhe nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Nunca mais aspirarei a eles (a amores impossíveis).".

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que em Copacabana não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a*** vários shows.

Obs.: O pronome oblíquo átono lhe nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Quando namorávamos, assistíamos a eles (a vários shows).". Segundo os estudiosos Domingos P. Cegalla e Cândido Jucá (filho), não se assiste a alguém (pessoa), e sim àquilo que a pessoa faz.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo atender. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá…

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de dar ou prestar atenção.

b) No sentido de servir, acolher, deferir, tomar em consideração, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: foram atendidos.

d) VTD ou VTI no sentido de escutar e responder (ao telefone).

e) no sentido de atentar, reparar, é VTI, podendo reger as preposições a, em, para: 1 frase da opção E; mas… há uma forma incorreta, que é: "Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio". Neste sentido, não há como o verbo atender ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém atendeu aos (para os ou nos) primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de conceder audiência a, é VTD: O Papa atenderá os peregrinos.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição de é facultativa em de inteligente, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo transobjetivo é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como ir: Quem vai… vai a algum lugar. Detalhe: "Quando alguém vai para algum lugar" significa ir e se demorar (ou ir e ficar). O Luft entende que tais verbos (ir e chegar, por exemplo) podem ser classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/ **n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que duzentos mil reais seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: "Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) a nós (objeto indireto).". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – ANALISTA ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar… (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar… (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder… (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: dar-se (OI) o trabalho (OD). E a segunda, assim: dar-se (OD) ao trabalho (OI).

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de justificar-se, rege a preposição com: Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: Estou ensinando-lhe a entender regência.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: O filho lembra muito o pai.

VTI (quando pronominais (de); o se é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: O aluno se esqueceu/se lembrou (de)que tinha de estudar mais.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição a (a mim). O me é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança). Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se a, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (* ***d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial por ou acidental como. Logo, por sábio e

por bem são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***n****a conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou ma intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (resulta em, redundar em, importar em), o verbo implicar, nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição em, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar em algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de resultar [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo ao/ para o Estado. Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): A reforma do estádio importou em 1 milhão e meio de dólares.

Desprezar, ignorar, fazer caso de (VTI (com/de); verbo pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Ter*

– *Não me importo* ***de*** *ser criticado por você.* (É a preposição "de" que sempre ven antes do infinitivo segundo a norma-padrão; no registro coloquial, usa-se muito a preposição "em" também.)

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações que a vida é curta e deve ser aproveitada e se Deus vai julgar-me ou não são sujeitos do verbo importar.

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar sobre, acerca de e a respeito de no lugar da preposição de. Dica de amigo: vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com casar (com) e noivar (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de casar e noivar. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula se (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: Pagaram-se as dívidas, enfim. (e não: Pagaram-se às dívidas.) / O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito. (e não: O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: Pagou-se ao homem pela manhã. (e não: Pagou-se o homem pela manhã.) / O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito. (e não: O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em "***Pedi*** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição para após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende a palavra *licença, permissão, vênia* etc.: "Ela pediu [licença] <u>para que passasse</u>". A oração sublinhada é completiva nominal.

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) " *Pisar **a** grama*" (correto);

II) " *Pisar **na** grama*" (correto);

III) " *Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) " *Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) " *Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) " *Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se pisar como VTD: Pisei muitas uvas no lagar. Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas…

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: "Prefiro muito mais Português do que Matemática." ou "Prefiro muito mais Português a Matemática." ou "Prefiro antes Português a Matemática". No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo Prefiro Língua Portuguesa a Matemática. "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome…) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática. Foi?

Já com o verbo querer… constrói-se: "Antes quero morrer do que ser escravizado.". E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões com elegância e da China ou Taiwan são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo proceder tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba camp*

Obs.: O pronome oblíquo átono lhe nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder a ele (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário Houaiss ou o Aurélio, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe simpatizar-se, antipatizar-se. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: Estou prestes a suceder o presidente da empresa. Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição por nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Art de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso também como VTD: Este trabalho visa o bem-estar geral. Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87. A ESAF só aceita visar (= almejar) como VTI (veja: TCU – 2006 – QUESTÃO 7). No entanto, se seguido de infinitivo, tal banca considera que a preposição pode vir omissa.

2) O pronome oblíquo átono lhe nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa a ele (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar,

exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar, omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente Complemento Nominal, em Termos Integrantes da Oração.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a***; contrária/contrariamente ***a***; compatível/compativelmente ***com***; diferente/diferentemente ***de***; favorável/favoravelmente ***a***; paralela/paralelamente ***a***; próxima/proximamente ***a/de***; relativa/relativamente ***a*** (…)

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre etc.

Veja agora uma “pequena” lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação… um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apologia de (e não apologia “a”); apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de… a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, de, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado

em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de… a; estendido a, de… a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre;

julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo

de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa[3]!!! Acabou… Acabou nada… Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. **(FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades…… se refere o autor dizem respeito à direitos…… se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:**

   a) a que – de que;

   b) de que – com que;

   c) a cujas – de cujos;

   d) à que – em que;

   e) em que – aos quais.

2. **(Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.**

   O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;

   b) como/para;

   c) a/à;

   d) de/para;

   e) em/pelo.

3. **(Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.**

   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).

   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de

nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("…o poder público autoriza o usuário de água… a utilizar…") está empregad no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(…) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (…)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (… são instrumentos legais de que dispõe o Estado…), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(…) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de… (…)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (…)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do

acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposiçã antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.

b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.

c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.

d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.

e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.

b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.

c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.

d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de

renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "…de quem procura a reserva para comprar artesanato,"

b) "para levar um casal de amigos."

c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"

d) "– Não somos assalariados,"

e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo

I. Manuel aspira…… cargo de gerente na empresa.

II. Quem quiser assistir…… filme, deve permanecer em silêncio.

III. Certamente, essa decisão implicará…… dissolução do grupo.

IV. Ao chegar……. casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;

b) o – o – a – a;

c) ao – o – na – em;

d) ao – ao – a – a;

e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.

b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.

c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.

d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.

e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.

b) O relatório que te falei está em cima da mesa.

c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.

d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.

e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.

b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.

c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.

e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.

b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.

c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.

d) O candidato desejava uma melhor colocação no ranking. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no ranking.

e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (…)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição…), "condizente" (… procurou a forma condizente com sua mensagem…) e "irreprimível" (… a voz irreprimível dos fantasmas…) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.

b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.

c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea

d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.

e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reves o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) … que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia…

b) … na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes…

c) … vê-se televisão a todo tempo.

d) …. a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar…

e) … que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa…

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinha na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho

ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***"o cérebro é uma orquestra sinfônica em que instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".***

A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões…… se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.

b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas,…… o cérebro humano é capaz de processar.

c) As hipóteses aventadas,…… se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.

d) As implicações causadas pela onipresença da internet,…… está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.

e) As informações…… dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.

d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.

e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(…) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (…)"

29. O emprego da preposição em antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo consistir, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada em relação ao modelo de cidade em que queremos viver e ao destino dos investimentos públicos em mobilidade.

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressã

“em relação”, assim como “o modelo” também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho “somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos”, o elemento “aos” poderia ser corretamente substituído por àqueles.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto n seguinte frase: “Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara”?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.

b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.

c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.

d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.

e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.

b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.

c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.

d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.

e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.

b) Preciso de que me arranjem um emprego.

c) Convidei à Maria para vir ao escritório.

d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.

e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

b) Os professores avisaram aos alunos da prova.

c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.

e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho “A gente se acostuma a pag

por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;

b) desejar e pagar;

c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;

e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar direcionar-lhes (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes de que (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.

b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.

c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.

d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.

e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não <u>falam</u> de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças...

b) ... que simplesmente desistimos deles?

c) ... sequer pensarmos em outros mundos...

d) Enjoaram de nós?

e) Venceu a hipótese de naves...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança <u>er termos de e em função dos</u> objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.

b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.

c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.

d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.

e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;

b) acompanhar;

c) faltar;

d) caber;

e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.

e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo at

o fim.

b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmen suas despedidas.

c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.

d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.

e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.

b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (…) aos seus moradores.

d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.

e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

46. (CESPE/UnB – STF – Técnico Judiciário – 2013) A correção gramatical do texto seria preservada caso se eliminasse a preposição "de" ("Pois há uma única coisa de que Deus está privado:…").

( ) CERTO ( ) ERRADO

47. (FCC – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2014) O segmento do verbete que apresenta descuido quanto à regência é:

a) Adoção […] de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis.

b) Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente […], inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social.

c) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade

d) a organização que exerce sua responsabilidade social procura […] conservar a vitalidade da terr e a biodiversidade.

e) a organização que exerce sua responsabilidade social procura […] promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

Gabarito

1. A.
2. D.
3. D.
4. CORRETA.
5. CORRETA.
6. NENHUMA.
7. CERTO.

8. ERRADO.
9. ERRADO.
10. ERRADO.
11. C.
12. C.
13. E.
14. D.
15. C.
16. D.
17. E.
18. C.
19. ERRADO.
20. ERRADO.
21. ERRADO.
22. E.
23. D.
24. E.
25. B.
26. A.
27. C.
28. E.
29. CERTO.
30. CORRETA.
31. CERTO.
32. CORRETO.
33. B.
34. E.
35. B.
36. A.
37. E.
38. (4).
39. B.
40. E.
41. A.
42. D.
43. A.

44. B.
45. D.
46. ERRADO
47. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E… se eu fosse você… faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição a, que se funde com outro a (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste… nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: "***A*** *lasanha da minha mãe é ótima*.". Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: "*Lasanha da minha mãe é ótima*."? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: "*É impossível resistir* ***ao*** *nhoque da minha mãe*.". Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo dar, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, um bebê lindo é objeto direto, e à luz, o objeto indireto. Dá-se algo a alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei…

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma… Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: "Eu cheguei ***à*** (avenida) Brasil…". Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas*

a *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as = às**.

Obs.: Vale dizer que, para os gramáticos Bechara e Luft, tal pronome pode ser um artigo. Para entender melhor, consulte as páginas 309 a 311. Obrigado!

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem se explica… se explica **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= ver), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal dirigir-se exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome direito também exige a preposição a, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição a que inicia tais locuções se funde com o artigo a que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

- *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*
- *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*
- ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*
- *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de meio ou instrumento são polêmicas entre os gramáticos):
   a) adjetivas: à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada à beça…
   b) adverbiais*: à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite…
   c) prepositivas: à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de…
   d) conjuntivas (só duas): à medida que, à proporção que.

   * o mais das vezes, as mais das vezes são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de meio ou de instrumento podem ou não receber acen grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: "Eu costumo escrever a (à) caneta (instrumento).". / "Não gosto de comprar a (à) prestação (meio).".

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: "Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

- Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em à máquina! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, o Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo, o Manual de Redação da PUC/RS e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou

instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir a por ao, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso… em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva a distância não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: Fiz um curso à distância (errado). Fiz um curso a distância (certo).

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: Fiz um curso à distância de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais à distância de um clique.

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/ANALISTA DE SISTEMAS – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M de Almeida, dizem que a locução à vista não vem craseada. Mas… consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": Machucou a vista jogando bola. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções à vista e à vista de são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão à domicílio, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (domicílio) é masculino.

5) Cuidado com a expressão as vezes de (que significa "desempenhar as funções que são da competência d outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo "O professor fez as vezes de aluno.", pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por a: "Os frangos eram feitos ***à moda d***a casa imperial.". Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não rola a crase. Mas… há crase, sim!

– *Comi uma caça **à espanhola** anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau **à Gomes de Sá**.*

– *Hoje comerei um filé **à Osvaldo Aranha**.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu **à mineira**…*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia **à Drummond**, vestir-me-ei **à Versace** e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio… Está lá escrito (normalmente): frango à passarinho e bife à cavalo. "E daí?" Bem, o

fato é que não se pode comer um frango à maneira do passarinho, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões à moda de e à maneira de significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de…". Logo, não há crase em frango a passarinho nem em bife a cavalo. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a*** pé.

Obs.: Se houver um substantivo feminino implícito antes do substantivo masculino ou plural, a crase será obrigatória: Eu me desloquei em direção à Globo (rede Globo), Botafogo volta à Libertadores (copa Libertadores).

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: " Não foi feita menção à mulher, nem à criança, tampouco (ao) homem". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "Não foi feita menção a mulher alguma/nenhuma.". Quando os complementos de "candidatar-se" ou "candidato(a)" designarem um cargo ou profissão, o artigo definido não aparecerá antes deles e, ainda por cima, ficarão no masculino singular (quando o cargo se destina a pessoas de ambos os sexos). Exemplos: "Já sabíamos que eles se candidatariam a prefeito", "Eles e elas eram candidatos a vereador". O complemento fica no feminino singular se o cargo se destinar apenas a mulheres: "Mais de cem modelos se candidataram a garota-propaganda da cervejaria". Note que não há crase, porque não há artigo antes dos complementos!!!

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: Chegarei à uma (hora). Cuidado com há (indicando existência ou tempo decorrido): Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário. Veja Casos Especiais.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em "Tenho devoção à Virgem.", a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.: "Deste teu coração à senhorita, e, ainda assim, ela te ignorou?" / " À dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."

II - antes dos pronomes indefinidos pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias: "O doutor atendeu às poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado às demais operações." / "De uma geração à outra, tudo pode mudar."

III - antes dos pronomes demonstrativos aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal: "Dedicou-se à própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."

IV - antes do pronome relativo a qual: "A fórmula à qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."

Mera curiosidade: na frase Ele se referiu à todo-poderosa, a crase é obrigatória porque o substantivo composto destacado é contextualmente feminino ("a todo-poderosa"), apesar de se iniciar por um pronome indefinido masculino, que não varia quando o substantivo "todo-poderoso" é colocado no feminino (" todo-poderosa").

* Sobre a palavra dona, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se as nações forem determinadas… crase: O político iniciou visita às duas nações europeias.

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que não há crase em " Blusas à partir de R19,90"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para **a** Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: "É preciso declarar guerra à guerra!" / "É preciso dar mais vida à vida!", em que há crase devido à regência do verbo declarar e dar. Neste caso, guerra a guerra e vida a vida não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água est muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não à sua.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se até a como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com até (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em "Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem até a definhar no Brasil", não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2)até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: "Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até à penitenciária, durante sua vida.". Explicando: o até é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque levado exige a preposição a + a penitenciária = à penitenciária.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: "Queimou todo o cabelo, até a (à) raiz.". Disse "possibilidade", por se tratar de um caso facultativo.

3) Antes de nomes próprios femininos

– *A (À) **Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula de Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula do Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanh Holanda, Escócia…*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de… a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **d**a segunda **à** quinta, **d**as 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **d**os pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **d**este domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de… a", não haverá crase: "Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho.". Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção "Horário de atendimento: 8h às 17h", pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha de duas a oito horas" / "Trabalha das duas às oito horas.". Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral uma não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em "Trabalho de uma às cinco horas.", a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a "Trabalho de uma a cinco horas.", em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão uma hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: "Trabalho da uma às cinco horas.". Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição a (que inicia a locução adverbial) ao artigo a ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com hora e a determina). Por mais que a palavra hora esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um bizu é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

- *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização 90% dos votos* ***às 19h****.*
- ***Às 21h15min****, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
- ***À zero hora****, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
- ***Àquela hora*** *todos já estavam de pé?*
- *Costuma-se acordar* ***às quatro*** *nos quartéis.*
- *Os lutadores de MMA se enfrentarão* ***às dezenove*** *deste domingo.*
- *Diga a ela que esteja aqui* ***à uma hora*** para conversarmos a respeito do projeto.

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de hora diante de palavras que rejeitam artigo: "A mídia estampa de maneira persuasiva, e à qualquer hora, produtos para a classe C." (errado) / "A mídia estampa de maneira persuasiva, e a qualquer hora, produtos para a classe C." (certa)

2) Não haverá crase antes de hora se vier antecedida de outra preposição que não seja a (para, após, desde entre): "Desde as 16h30, venho tentando falar com você." / "Será estendido para as 20 horas o prazo de entrega." / "Após as 22h, não mais atendemos pessoalmente."

3) Diante do caso facultativo "até a": "Chegue até as 22h ou até às 22h, mas chegue!" / – "Chegaremos ao trabalho até a (ou até à) uma hora da tarde.".

4) Sobre uma hora

I – Não devemos confundir "Ela chegou à 1h." (tempo determinado) com "Ela chegou há uma hora.". (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase:

"Sairei daqui a uma hora." (confirme isso reescrevendo com duas horas: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, u locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*

– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*

– *O bom filho **a casa** torna.*

– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*

– *Só volta **à casa de quem o trata*** com mimos.

Obs.: Na frase "Em frente a sua casa, houve um incêndio.", a crase antes de casa é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino sua. Logo, poderemos escrever: "Em frente à sua casa, houve um incêndio.". Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – ANALISTA – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição nos três casos)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança*. (preposição + artigo, artigo, artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança*. (preposição + artigo nos três casos)

Obs.: Não se pode construir o paralelismo só com artigos a partir do segundo elemento da enumeração, ou seja, está errado escrever assim: Todo brasileiro tem direito à saúde, a educação e a segurança. Quem corrobora tal lição são os gramáticos Alfredo Gomes e Napoleão Mendes de Almeida.

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um bizu do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (crase pra quê?)" / "Quem vai **a**, volta **da** (crase há)".

– *Fui* ***à Bahia*** *nas minhas férias de início de ano*. (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui* ***a Ipanema***. (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: "Fui à linda Ipanema cantada por Vinícius.". As regras de correlação e paralelismo não cabem diante de topônimos. Por exemplo, está errada a crase em Do Leblon à Ipanema, andei 20 quilômetros, pois "Ipanema" é naturalmente um topônimo não antecedido de artigo.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se

sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

- Ela só é fiel a pessoa infiel, por isso vive magoada.

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

- Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita a rigorosa análise?

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(…) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque,

quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A fome e a miséria podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo erosão, da expressão à imediata erosão", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo imediata não está em contraposição a estendida. Imediata é apenas um adjetivo modalizador, não determina erosão a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio…) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo bizu do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: "Matou a cobra ***à onça.***" (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: "Eu lavei ***a mão.***" (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "Eu lavei ***à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: "Chegou a noite." (a noite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (à noite é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: "O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta". Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; à porta tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; a porta tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

*– Aqui se mata **a** fome.*
*– Aqui se mata **à** fome.*

*– Recebeu a pessoa **a** bala.*
*– Recebeu a pessoa **à** bala.*

*– Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
*– Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

*– Vendeu **a** vista.*
*– Vendeu **à** vista.*

– A vista dele está cansada de tanto ler.
*– **À** vista dele está cansada de tanto ler.*

*– Pagou **a** prestação.*
*– Pagou **à** prestação.*

*– Costuma cheirar **a** gasolina.*
*– Costuma cheirar **à** gasolina.*

*– Comeu **a** francesa*.*
*– Comeu **à** francesa.*

*– Feriu o rosto dele **a** navalha.*
*– Feriu o rosto dele **à** navalha.*

*– O homem pinta **a** máquina.*
*– O homem pinta **à** máquina.*

*– Parecia agradável **a** primeira vista.*
*– Parecia agradável **à** primeira vista.*

– A disposição dos alunos na sala está incorreta.
– À disposição dos alunos na sala está a professora.

*– Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
*– Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*

*– **As** editoras sugerimos alguns livros.*
– Às editoras sugerimos alguns livros.

*– **A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– À indústria nacional prejudicou o acordo.

*– Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*

*– Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
*– Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

*– O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
*– O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*– Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

** canibalismo (não vá pensar bobagens...)*

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.

b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)

c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.

d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O que é um pronome relativo que retoma medida nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo referir-se exige a preposição a + a medida = à medida. Em c) a crase ocorre porque o verbo dar exige a preposição a + a medida = à medida. Em d) a crase ocorre porque o verbo visar exige a preposição a + a medida = à medida. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva à medida que.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição a + a (artigo ou pronome demonstrativo) = à. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tem optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.

b) Nosso expediente é de segunda à sexta.

c) Pretendo viajar a Paraíba.

d) Ele gosta de bife à cavalo.

e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.

b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.

c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.

d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.

e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.

b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.

c) Saiu às pressas antes do final do jantar.

d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

Interessa à (1) todo o País, por sua importância para à (2) produção, à (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente às (4) questões de grande relevância para à (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de cra assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (…) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (…) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.

b) a / as / a / à / a.

c) a / às / a / à / à.

d) a / a / à / a / a.

e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em “rumo à modernização” (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização…) justifica-se porque a palavra “passo” exige complemento antecedido pela preposição “a” e “modernização” admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto.

<u>A</u> (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para <u>as</u> (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...)<u>A</u> (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente <u>às</u> (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar <u>às</u> (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).

b) as (2).

c) A (3).

d) às (4).

e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a" exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. Assinale a opção que corresponde a <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.

a) (1).

b) (2).

c) (3).

d) (4).

e) (5).

10. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

11. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda…", o emprego de sina indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

12. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a, a.

b) a, a, à, a, à.

c) à, a, a, a, à.

d) a, a, à, à, a.

e) a, a, a, a, à.

13. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?

"(…) E com resultado positivo, pois, graças à privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

14. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por àqueles.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) ***É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir…… um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade…… arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido…… exaustão.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) à – à – a.

b) a – à – à.

c) a – à – a.

d) à – a – à.

e) à – a – a.

17. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ***A parcela da população mundial que ascendeu…… classe média nos últimos vinte anos passou…… consumir mais,…… um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.***

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – a.

b) à – à – a.

c) à – a – à.

d) a – a – à.

e) a – a – a.

18. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012)… ***levava à crença na contínua evolução da sociedade…***

O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;

b) buscar à felicidade;

c) propor à toda a população;

d) impor à esse grupo;

e) discutir à obrigatoriedade da lei.

19. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.

b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.

c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.

d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.

e) A censura ameaça à liberdade de criação.

20. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico",…… que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça…… complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito…… seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;

b) à – a – a;

c) à – a – à;

d) a – à – a;

e) à – à – à.

21. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012)… ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;

b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;

c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;

d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;

e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

22. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar…… uma ampliação da liberdade, ter dado lugar…… escalada do fundamentalismo religioso,…… que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;

b) à – a – a;

c) a – a – à;

d) à – à – a;

e) a – à – à.

23. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) ***É possível encontrar antecedentes a ess tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.***

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de a.

24. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

25. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo acostumar: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças

b) À vida sem prazer.

c) À alguma forma de tristeza.

d) À todas as mazelas do mundo

e) À essa correria em busca do sucesso.

26. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a

expressão “aos contornos constitucionais” fosse substituída por à legislação constitucional.

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho “estamos nos referindo à não ativação de elementos”.

Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.

b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.

c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.

e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

28. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: “[…] competências comportamentais referentes à forma […]”

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.

c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.

d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.

e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

29. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre games à um conjunto de pessoas idosas.

b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os games são viciantes para os jovens.

c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.

d) A escolha de um determinado game se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.

e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos

“(…) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda… (…)”

30. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em “às populações” deve-se à presença da forma verbal “adequar” e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de “gênero humano”, a substituição de “ao” por à seria obrigatória para a manutenção da

correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (… força de trabalho às voltas com questões…), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(…) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (…)"

33. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verb impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(…) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para…"

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

35. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(…) uma média semelhante À de um casal de classe média (…) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.

b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.

c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.

d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.

e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

36. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Ma com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e III.

e) II e III.

37. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

…… angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende…… tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento…… teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;

b) A – à – as;

c) À – a – as;

d) A – a – às;

e) À – à – as.

38. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.

c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.

d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.

e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

39. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido… restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.

b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.

c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.

d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.

e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

40. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "… um ano e tanto depois da chegad do primeiro pastor alemão àquela casa,…", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";

b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";

c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";

d) especificação atribuída ao cachorro;

e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

41. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.

b) Eles aspiravam a altos cargos.

c) Disse que aspirava a ser médico.

d) O jovem aspirava a notoriedade.

e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

42. (CESPE/UnB – MPU – TÉCNICO – 2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" (… *dão margem a uma série de*…) por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) CERTO ( ) ERRADO

43. (CONSULPLAN – CODERN – ADMINISTRADOR – 2014) O uso do acento grave em "proteção à floresta" justifica-se, pois:

a) a palavra "proteção" está determinada pelo artigo "a".

b) "proteção" e "floresta" são duas palavras de gênero feminino.

c) o termo "a" trata-se de um monossílabo tônico nesta expressão.

d) o termo regente admite o artigo "a" diante do termo regido "floresta".

e) "proteção" exige a preposição "a", e, ainda, "floresta" admite o artigo feminino "a".

Gabarito

1. A.
2. D.
3. D.
4. D.
5. C.
6. INCORRETA.
7. E.
8. CORRETA.
9. E.
10. INCORRETA.
11. CORRETA.
12. E.
13. INCORRETA.
14. ERRADO.
15. CERTO.

16. B.
17. A.
18. A.
19. A.
20. D.
21. D.
22. A.
23. INCORRETO.
24. INCORRETA.
25. B.
26. CERTO.
27. C.
28. E.
29. D.
30. CERTO.
31. CERTO.
32. ERRADO.
33. ERRADO.
34. INCORRETA.
35. B.
36. C.
37. A.
38. E.
39. E.
40. B.
41. D.
42. ERRADO
43. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 31

Que, Se e Como

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo…

Voltando à realidade deste capítulo… Mais especificamente sobre que, se e como, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo QUE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as campeãs nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê***, meio gótico, o qual representava sua inicial.

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo quê: A palavra quilo deve ser escrita com quê. Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais a, de ou para, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: ter/haver + que + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental que na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17; e CESPE/UnB – AGU – AGENTE ADMINISTRATIVO – 2010 – QUESTÃO 12. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção não tem nada a ver, em vez de não tem nada que/para ver.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que*** chora? (Eu apanho, e ela chora?)

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo ser, formando a locução é que: "O artigo do Zuenir Ventura é que trata de cultura.". O verbo ser neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo ser do que: " É o artigo do Zuenir Ventura que trata de cultura". O verbo ser neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo ser com ele concordará: " São os artigos do Zuenir Ventura que tratam de cultura.". O verbo ser neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo ser não irá variar: "É nos artigos do Zuenir Ventura que se trata de cultura.". O verbo ser neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a qual ou a qual coisa, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo o.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que** tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que** lugar maravilhoso!*

– ***Que** raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este bizu: substitua-o por o qual, a qual, os quais, as quais. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o que será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa **que** amava Raimundo **que** amava Maria **que** amava Joaqu **que** amava Lili **que** não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por **que** continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de **que*** lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo o (= isso, aquilo) ou os, a, as: "Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o que muito me chocou." / " O que mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as que iriam ajudá-lo.".

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a e.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que*** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.

Obs.: Em "Dize-me com quem andas, que te direi quem és.", Napoleão M. de Almeida, considera o que uma conjunção aditiva: "Dize-me com quem andas, e te direi quem és.".

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer… quer…".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". Bizu: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi. Quando

vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: O que importa é que ela me ama e vamos ficar sempre juntos.

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O que das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: " Visto que tudo estava acertado entre os sócios e que haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (que) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "Como tudo estava acertado entre os sócios e que haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou." (errado) / " Como tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou." (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O do antes da conjunção é facultativo: Você é maior que todos eles juntos, meu caro amigo!

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que** nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco **que** seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei **que** eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

- *Todos lhe fizeram sinal **que** se calasse.*
- *Orai, **que** não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

- *"Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos."* (Camões)
- *Chegados **que** fomos, dirigimo-nos à pousada.*
- *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as campeãs nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

- *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o

verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

- *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
- *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
- *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
- *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
- *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
- *Deixou- **se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em "Ele se chama Fernando." , "Ele se batizou na igreja evangélica.", "Ela se curou da gripe.", alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

- *Ele **se** precaveu das pragas.*
- *Ela, infelizmente, suicidou- **se**.*
- *Nunca você deve queixar- **se** da sua vida.*
- *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
- *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: me, te, nos, vos.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

- *Vão- **se** os anéis, ficam- **se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" " **Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou- **se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se*** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: " Neste mundo, quando alguém é honesto, este alguém perde muito."/ " Alguém tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca alguém bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Bizu: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia- **se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe- **se** que as línguas evoluem. (= É sabidoque as línguas evoluem.)*

– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*

– *Fez- **se** -lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*

– *Estão- **se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em conjunção condicional. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

- *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso***
- *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

- ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
- *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos man a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: " Se caso eles vierem, não os atenda.". O adequado é: "Se (ou Caso) eles vierem, não os atenda.".

Causal

- ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*
- ***Se** a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este se: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o se do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do se causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

- *" **Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)
- *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

- ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*
- *"Consolo-o,* ***se*** *o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *" **Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo COMO e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as campeãs nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

- *O* ***como*** *tem sete classificações morfológicas diferentes.*
- *Tenha cuidado com o* ***como*** *no início de oração adverbial, pois pode ser causal comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

- *O trabalho não está* ***como*** *a diretoria deseja.*
- ***Como*** *resolver o problema?*
- ***Como*** *é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este como como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente… (bem) como (também/ainda)…" ou "tanto… como…". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do se.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A VUNESP e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência correta:

1. Causa
2. Comparação

3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, <u>como</u> outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, <u>como</u> em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) <u>Como</u> era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, <u>como</u> não respeitava a batina do irmão…

( ) O diabo não é tão feio <u>como</u> o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: "… não sei <u>se é esta toalha.</u>"

Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.

b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.

c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.

d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciên <u>se</u> obscuros. Calma, <u>se</u> te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (…) ***(C.D. Andrade)***

As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;

b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;

c) partícula expletiva, partícula expletiva;

d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo <u>que</u> funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.

b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.

c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.

d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.

b) Não venha, que não estarei mais aqui.

c) Espero que você recupere logo a saúde.

d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que ***embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade*** que ***sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)"*** **(Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)**

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;

b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;

c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;

d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto*** que ***configura alguns desat ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis*** que ***lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar*** que***, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de*** que ***resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."***

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;

b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;

c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;

d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;

e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) ***"Ainda não é o fim do capitalism mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal*** que ***hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante*** que ***produzir bens e serviços."***

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.

b) conjunção integrante – conjunção integrante.

c) pronome relativo – pronome relativo.

d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.

e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) ***"À evidência imposta,*** que ***presume*** que ***a única form aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a***

proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;

b) pronome relativo e conjunção integrante;

c) pronome relativo e pronome relativo;

d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;

e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.

b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.

c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?

e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou <u>se</u> eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco…"

b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só <u>se</u> tem uma…"

c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que <u>se</u> imagina."

d) "… poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia <u>se</u> casar com seu bisneto."

e) "<u>Se</u> não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.

"(…) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, como MSN. (…) Como a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (…)"

a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."

(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é

a) "as características que garantem a sua sobrevivência";

b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";

c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";

d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";

e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.

I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."

II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimula o debate."

III. "… como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."

a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.

c) conformidade – causa – comparação.

d) causa – conformidade – causa.

e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.

b) Como fazia calor, abrimos as janelas.

c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.

d) Era tão alto como o irmão.

e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;

b) à medida que;

c) no caso de;

d) apesar de;

e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão

corretas ou incorretas?

"(…) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa… (…)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes… bem poderiam… inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) ***É certo*** **que** ***a mudança do enfoqu sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão*** **que** ***abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;

c) conjunção integrante e conjunção integrante;

d) pronome relativo e conjunção integrante;

e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção…".

a) "…ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."

b) "Impressiona-me como se formam conceitos…"

c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"

d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "… baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "… ambiente bélico em que se transformou o futebol."

b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."

c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras…"

d) "… para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como***

microconto."

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;

b) pronome relativo e conjunção integrante;

c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;

d) pronome relativo e pronome relativo;

e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.

b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.

c) Ele é tão trabalhador como o pai.

d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?

e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.

Como ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;

b) concessão e condição;

c) comparação e causa;

d) concessão e alternância;

e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(…) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (…)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;

c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;

d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;

e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) “um pesadelo que me atormentou por mais de um ano”.

b) “A história que agora passo a narrar”.

c) “decidiram em assembleia que esperariam”.

d) “essas criaturas que adotamos”.

e) “mundo cão em que vivemos”.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do “sentido” no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.

b) (3), apenas.

c) todas.

d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

“Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço.”

“A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos…”

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;

b) conjunção e preposição;

c) pronome e preposição;

d) pronome e conjunção;

e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em “volume que se mantém”, o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. Em “se soube” (Sempre se soube que um dos principais entraves…) e em “se supunha” (… o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo “se” confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” (Tratava-se ent

de uma biblioteca imaginária…) e em "se encontravam" (… descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos…), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo."

Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;

b) dúvida;

c) condição;

d) explicação;

e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça* <u>se</u> *só melhorasse.*

O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;

b) porquanto;

c) caso;

d) pois;

e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;

b) consequência;

c) conformidade;

d) condição;

e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho –… mas o tempo passou não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:

a) finalidade;

b) causa;

c) modo;

d) intensidade;

e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pod esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:

a) explicação;

b) causa;

c) conclusão;

d) adição;

e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?

Como as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.

a) Conformidade.

b) Comparação.

c) Finalidade.

d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.

a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."

b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."

c) "[…] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras […]."

d) "[…] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade […]."

e) "[…] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.
2. D.
3. B.
4. B.
5. C.
6. B.
7. E.
8. A.
9. I e II- INCORRETOS.
10. B.
11. C.
12. INCORRETA.
13. E.
14. INCORRETA.
15. D.

16. A.
17. A.
18. C.
19. I- INCORRETA.
    II- INCORRETA.
20. ERRADO.
21. B.
22. D.
23. A.
24. B.
25. E.
26. C.
27. B.
28. C.
29. A.
30. A.
31. ERRADO.
32. ERRADO.
33. ERRADO.
34. C.
35. C.
36. D.
37. C.
38. A.
39. A.
40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata daquela linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergu que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas… Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim… vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia…**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim… Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos

ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma comparação entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos alegoria: "Na parede da memória, essa lembrança é o quadro que dói mais". (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O* ***bronze*** *(sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)

– *Essa* ***juventude*** *(os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)

– *Vivo do* ***suor*** *(trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)

– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)

– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre sinédoque e metonímia, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre antonomásia (trata dos apelidos) e perífrase.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **so de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em te seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.

Obs.: Há também a anástrofe e a sínquise como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O pleonasmo vicioso diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um vício de linguagem.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda anacoluto com pleonasmo. Por exemplo, na última frase, se fosse "Ao homem, chamar-lhe…", só haveria pleonasmo, em que o lhe seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: "Ao homem". Como não há preposição no verso de Drummond (em "O homem"), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um anacoluto.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"* ***Quando*** *não tinha nada, eu quis /* ***Quando*** *tudo era ausência, esperei /* ***Quand*** *tive frio, tremi /* ***Quando*** *tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela*** *tão alta! /* ***Era uma estrela*** *tão fria! /* ***Era uma estrela*** *sozinha Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre oximoro e paradoxo.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

- *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*
- *O carro voava pela rodovia.*
- *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

- *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*
- *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*
- *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

- *Agora ele foi para o **andar de cima**. **Descansou**. (relativo à morte)*
- *Ela trabalha higienizando locais contendo **detritos orgânicos**. (fezes e urina)*
- *Por ser uma **pessoa de cor**, naquela época, vivia de **caridade pública.** (negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

- *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*
- *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*
- *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da mé***

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado",

afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora*** devido ao desmatamento.

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: "Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria." (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u<u>r</u>o e pro**f**u<u>n</u>do o m<u>u</u>**n**do obs**c**u<u>r</u>o dos **s**u<u>r</u>dos e **m**u<u>d</u>os.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de paronomásia, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vie

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para fa*
com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando
*sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase "As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia.", em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento

Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)

Que mesmo em face do maior en**can**to

Dele se en**can**te mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto

E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto

Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive

Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)

Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido…) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa… aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de Semântica e Lexicologia (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é…: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance

histórico).]”. Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

- ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa “você”.)
- *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o “não” entre palavra negativa verbo.)
- *“Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha…”* (José de Alencar) (O mesmo que “penteadeira”.)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

- *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)
- *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)
- *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)
- *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)
- *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada galicismo (ou francesismo) as expressões “face a”, “frente a”: “ Os países europeus conseguiram acordar sua posição face ao problema nuclear iraniano.” (Na nossa língua, usa-se “em face de”.) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

- *E****la tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*
- *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*
- *Vou-* ***me já*** *porque está na hora.*
- *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante- **se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: "O saco colorido que ela comprou era um charme.". Alguns estudiosos entendem que colisão e parequema são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: " Se se deseja a paz, é preciso mudanças radicais".

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: Nunca chamar-***te***-ia de meu irmão, porque você ama ***ele*** mais do que a mim, por isso, para ***mim*** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.

Forma culta: Nunca ***te*** chamaria de meu irmão, porque você ***o*** ama mais do que a mim, por isso, para ***eu*** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.

Forma inculta: Não ***lhe*** conheceram, pois eram muito novos.

Forma culta: Não ***o*** conheceram, pois eram muito novos.

Forma inculta: ***Precisariam haver*** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.

Forma culta: ***Precisaria haver*** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

- *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)
- *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)
- *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

- *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

- *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*
- ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*
- *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista***

uma trama nunca morre.

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: "Entrou para dentro o rapaz." (vicioso) / "Entrou para dentro da sala o rapaz." (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "* ***know-how****", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "****curriculum****" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "****quality manager****" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Sem prolixidade: O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB.

Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas…"para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. **(Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.**

   ( ) CERTO ( ) ERRADO

2. **(IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figu de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."**

   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. **(Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   "O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil… (…)"

   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. **(FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio Azevedo:**

   "Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, […]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."

   Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:

   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. **(FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.**

   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. **(Guilherme de Almeida)**

   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. **(Almir Sater e Renato Teixeira)**

   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. **(Eugênio de Castro)**

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.

b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.

c) Aliteração, onomatopeia e assonância.

d) Paranomásia, assonância e aliteração.

e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)

(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)

(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.

b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.

c) Prosopopeia, antítese e alegoria.

d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.

e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem… é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;

b) metáfora;

c) metonímia;

d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatic considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador

b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.

c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.

d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.

e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(…) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a

ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram… Em cada canto um nome, uma história para contar. (…)"

– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:

a) "Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"

b) "E antes seja olvido que confusão; explico-me."

c) "Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "… e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.'

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.

a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".

b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".

c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".

d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".

e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(…) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (…)"

– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qua se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:

a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"

b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"

c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"

d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."

e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.

a) "[…] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala

mundial?”

b) “[…] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina.”

c) “[…] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência.”

d) “Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos […].”

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em “Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares…” é:

a) Metáfora.

b) Silepse.

c) Antítese.

d) Metonímia.

e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:

a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.

b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.

c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.

d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.

e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:

a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.

b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.

c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.

d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.

e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase “Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira” apresenta o vício de linguagem denominado:

a) Cacofonia.

b) Eco.

c) Pleonasmo.

d) Ambiguidade.

e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.

II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Po quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

***O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha*.**

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(…) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (…)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento.

Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância…"

b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."

c) "… não há associação de ideias que seja ilógica."

d) "… liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas –…"

e) "… função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "… a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.

b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.

c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.

d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.

e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra an sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.

b) Antonomásia.

c) Perífrase.

d) Metonímia.

e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este tsunami de informações."

b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."

c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso

precioso."

d) "Mas não encontrei pen drive algum."

e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."

b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."

d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."

e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:

a) Hipérbole.

b) Eufemismo.

c) Catacrese.

d) Anáfora.

e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa…"

– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(…) Novas pesquisas… revelam que o problema é muito mais grave… A mais recente, elaborada pelo Instituto… (…)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (…)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:

a) Ambiguidade.

b) Sinonímia.

c) Paráfrase.

d) Oposição.

e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem qu tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.

a) "(…) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (…)"

b) "(…) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (…)"

c) "(…) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (…)"

d) "(…) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (…)"

e) "(…) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (…)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.

I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."

II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."

III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."

IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."

a) 2, 1, 3, 4.

b) 3, 1, 2, 4.

c) 1, 2, 4, 3.

d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.

a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)

b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)

c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) "…meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis

Gabarito

1. CERTO.
2. A.
3. CORRETA.
4. E.
5. A.
6. E.
7. B.

8. C.
9. CORRETA.
10. E.
11. C.
12. CORRETA.
13. D.
14. B.
15. D.
16. D.
17. C.
18. D.
19. C.
20. CORRETA.
21. CERTO.
22. E.
23. D.
24. B.
25. E.
26. A.
27. B.
28. A.
29. CORRETA.
30. CERTO.
31. E.
32. E.
33. B.
34. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– **O que é linguagem?**

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um software superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não**

verbais, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– **Quais são os objetivos da linguagem?**

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– **O que é linguagem verbal?**

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– **O que é o signo linguístico?**

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamer ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.

2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa alg do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar…).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de tangerina está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– **Enfim, o que é a comunicação?**

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele q envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.

3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.

4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.

5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.

6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;

2) Maria: receptor;

3) o conteúdo do e-mail: mensagem;

4) em língua portuguesa: código;

5) as férias do João: referente;

6) o e-mail: canal.

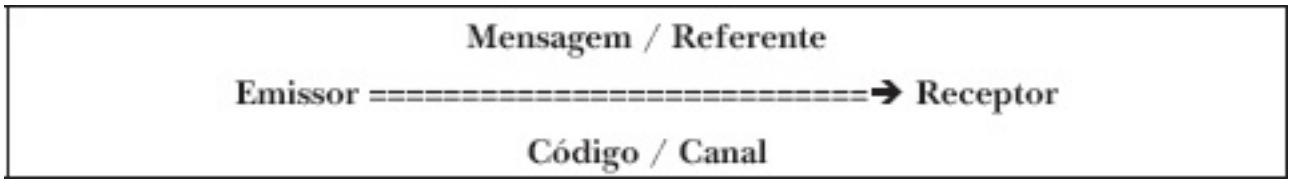

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem… as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzi amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – vo vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque del encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E d meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no senti de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;

- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato d comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas q abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recora de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações,

cumprimentos etc.);

- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: “Bom dia/tarde/noite”, “Oi”, “Olá”, “Fala…”, “E aí “Estou entendendo”, “Vamos lá?”, “Pronto”, “Atenção”, “Sei…”, “Fui”, “Valeu”, “Tchau” etc.

Exemplo:

– *“Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem… vamos lá…*” (um professor, ant de iniciar a aula)

– *“Alô? Entendeu?”*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas… a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> ANALISTA JUDICIÁRIO – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE SEMIOLOGIA E LINGUÍSTICA:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral…J…. Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico…K…, a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema…L…, seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só

faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque… eu sou lindo! – Convenciiiido!

2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.

3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as funções da linguagem são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) Mistura linguística

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar

condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

( ) CERTO

( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica

Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto…"

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.

b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.

c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.

d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.

e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece

22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (…)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;

b) poética;

c) expressiva;

d) apelativa;

e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a fun de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].

a) emotiva.

b) apelativa.

c) referencial.

d) fática.

Bom Conselho

Ouça um bom conselho

Que eu lhe dou de graça

Inútil dormir que a dor não passa

Espere sentado

Ou você se cansa

Está provado, quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo

Deixe esse regaço

Brinque com meu fogo

Venha se queimar

Faça como eu digo

Faça como eu faço

Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguage predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.

b) emotiva.

c) referencial.

d) poética.

e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:

a) fática;

b) metalinguística;

c) referencial;

d) poética;

e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– *Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."*

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, su máxima, carregada de arbitrariedade.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo est correta ou incorreta?

– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:

a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;

b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;

c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;

e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;

b) referencial;

c) conativa;

d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;

b) poética;

c) conativa;

d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por

isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(***Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))***

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantement em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO ( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;

b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;

c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;

d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;

e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,

obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)

Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.

Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.

Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.

Procure nosso revendedor autorizado.

Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.

Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.

Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.

Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.

Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.

Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.

Faça o curso de madureza por correspondência.

Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. […]

Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há um intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;

b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;

c) fática – uso de cumprimentos e saudações;

d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha

Está em pleno vigor

Não veio pra prender homem

Mas pra punir agressor

Pois em "mulher não se bate

Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica

Tem sido uma grande vilã

E por ser contra a violência

Desta lei me tornei fã.

Pra que a mulher de hoje

Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito

A viver sem violência

É verdade, está na lei.

Que tem muita eficiência

Pra punir o agressor

E à vítima, dar assistência.

……..

(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.

b) Função conativa ou apelativa.

c) Função metalinguística.

d) Função poética.

e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder

A dor que foi maior do que é capaz meu coração

Não, nem há por que seguir cantando só para explicar

Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar

Ah, eu vou voltar pra mim

Seguir sozinho assim

Até me consumir ou consumir toda essa dor

Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;

b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;

c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;

d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;

e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos…

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão…".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do

processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha… (…)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:

a) emotiva;

b) conativa;

c) referencial;

d) fática;

e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:

a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;

b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;

c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;

d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;

e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte:

Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

    – A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1º Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.

    Esse recurso está exemplificado principalmente em:

    a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,

    b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.

    c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!

    d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em “last act (bribery)” e em “último ato (suborno)” evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:

    a) Emotiva.

    b) Conativa.

    c) Poética.

    d) Referencial.

    e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.
2. A.
3. B.
4. E.
5. C.
6. E.
7. C.
8. CERTO.
9. CERTO.
10. INCORRETA.
11. CORRETA.
12. E.
13. B.
14. C.
15. CERTO.

16. C.
17. D.
18. D.
19. A.
20. ERRADO.
21. CERTO.
22. ERRADO.
23. A.
24. B.
25. INCORRETA.
26. D.
27. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o

que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Um texto pode também ser formado só por imagens, é o que chamamos de "texto não verbal" (sim, enquanto o *texto verbal* é aquele que usa palavras em sua constituição, o *texto não verbal* é aquele que não usa palavras em sua constituição – é o caso das charges, das pinturas, das fotos, dos ícones etc.; também vale dizer que um texto (como os quadrinhos) pode ser verbal e não verbal ao mesmo tempo; não vou ampliar a explicação de textos não verbais, pois isso é raro em prova de concurso público e, quando cai, não apresenta dificuldades). Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez…

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez… quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta… que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto "Dez…" chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo.

Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas estratégias para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

O s **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio ainda nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção embora introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão até indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva além de indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de conjunção, preposição e advérbio – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente… mas/como/senão (também, ainda)…, tanto… quanto/como, além de, além disso, também, ainda…*

– *O político,**não só** por representar o maior colégio eleitoral do Brasil, **mas tamb** por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de inclusão também somam argumentos: até, inclusive, mesmo… A expressão até mesmo tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante… (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que… (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário… (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,**quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou…ou, ora…ora, quer quer, já…já, umas vezes…outras vezes, talvez…talvez, seja…seja…*

– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguin então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que…*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;**em vista disso**, quem foi pego est preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como…*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito…*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que,*

exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se…

- *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade n próximo ano,**salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

- *O contraventor, **conforme** deixou clara a reportagem, aparece em gravações fe pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de…*

- ***Depois de** sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de…*

- *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior…*

- ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último…*

- ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadic*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando…*

- *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) **Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>**: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo…*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) **Estabelecem uma <u>contraposição</u>**: *de um lado… de/por outro lado…*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) **Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários:** *aliás, além do mais, além de tudo, ademais…*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade. **Aliás**, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo supor indica que o sujeito (A população) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (o país vai progredir com o novo presidente). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele não supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro Introdução à semântica – Brincando com a Gramática:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo…

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: apenas, só, somente, exceto, menos…

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder…

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: pretender, supor, alegar, presumir, imaginar…

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de imaginar é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinçãc

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: "O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz." (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / "O brasileiro orgulhoso se considera feliz." (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– "***Quando*** *entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de*** *ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS,* ***mas*** *saíram de sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo desmente tivéssemos seu antônimo confirma?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani…".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "… final de seu noivado com Diogo Boni…".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "… filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho…".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "… filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho…".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "…filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho…".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni…".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni…".

Logo… todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo desmente, tivéssemos seu antônimo confirma, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

O s **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração

podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?

Carlos – Mas está chovendo…

Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?

Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.

Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!

Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.

Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: Você tem fogo?, acharia muito estranho se você dissesse: Tenho e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: Acenda-me o cigarro por favor.".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os ite a seguir:

   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras também se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

   Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)

c) Se todos os itens estiverem corretos.

d) Se nenhum item estiver correto.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio também apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão não mais indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", os pressupostos são, devido ao normalmente e ao verbo vincular-se, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil. (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;

b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;

d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta cor relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho

“infelizmente este sou eu de novo”, o verbo está no presente. “Por que isso ocorre, Pestana?” Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

“Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?” Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo à la cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana

Numa noite, em fevereiro,

Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua

“Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total…”

Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir…
E um pouco diferente

Num andar aventureiro…

Tendo as estrelas por guia

Até acharam graça

Pois sabiam, com certeza,

Que chegariam à praça

E continuaram andando

Como que desfrutando

Mesma bebida em taça…

Na rua, somente eles,

Num passeio sem igual

Sorvendo cada segundo

"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar…

Devo ser mais ousado

E um pedido pleitear:

Nós dois como um só laço

Envoltos em forte abraço!

Já vejo-a se emocionar…"

"Mas a paixão pede mais!

Ela quer ser desejada!

Serei bem atrevido!

E de repende, do nada,

Do que havia suposto

De fato, houve surpresa,

E pra seu contragosto

Uma mão viu voar

Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto…

E foi forte a porrada

Que Fernando percebeu

Que do conto de fadas

Havia mais do que um eu

A princesa se apresentou

Como se fosse o final

Com total liberdade

Parecia, na verdade,

O conto de amor ideal…

E na praça chegaram…

Fernando logo pensou:

"Que momento mágico!

Aqui na praça eu estou!

ComJuliana, apaixonada…

O que mais quero? Nada!"

E o imaginário aflorou…

Agindo sem desleixo

Agarrarei seu queixo

E por mim será beijada…"

"E, então, dessa maneira

Ela sentirá minh 'alma

Mexerei com sua libido

E sem ter muita calma

Buscará apavorada

Pela minha mão amada

Somente palma com palma…"

Isso foi suficiente

Ao príncipe se mostrou

Além de um objeto seu…

A viagem que a mão fez

Teve destino impensado

Sua autoestima não viu

O que sempre esteve ao

lado:

Ponderar o que se pensa,

E ter, por recompensa,

Sensatez como aliado…

FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No discurso indireto, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos: **"Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes **que ficassem quietos**.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias. **Quando ele vai parar de me perseguir?** O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho "Quando ele vai parar de me perseguir?" só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em primeira pessoa: Disse o aluno: – Eu não confio mais no professor.

INDIRETO – Enunciado em terceira pessoa: O aluno disse [que ele não confiava mais no professor.]

DIRETO – Verbo no presente do indicativo: – Eu não confio mais no professor, disse ele.

INDIRETO – Verbo no pretérito imperfeito do indicativo: Ele disse [que não confiava mais no professor.]

DIRETO – Verbo no pretérito perfeito: "Eu não falei nada!", exclamou.

INDIRETO – Verbo no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito: Exclamou [que não tinha/havia falado (ou falara) nada.]

DIRETO – Verbo no futuro do presente: " Protestaremos contra ele de qualquer maneira."

INDIRETO – Verbo no futuro do pretérito: Declararam [que protestariam contra ele de qualquer maneira.]

DIRETO – Verbo no imperativo, presente ou futuro do subjuntivo: "Saia da minha sala", ordenou o professor ao aluno.

INDIRETO – Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo: O professor ordenou ao aluno [que saísse da sua sala.]

DIRETO – Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa (eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A esta hora não responderei nada", disse ele.

INDIRETO – Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa: Ele disse [que àquela hora não responderia nada.]

DIRETO – Advérbio aqui e cá: "Daqui eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."

INDIRETO – Advérbio ali e lá: Disse [que dali não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locuçãc adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.

- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)

Não tinha teto, não tinha nada**

Ninguém podia entrar nela, não

*Porque na casa não tinha chão**

Ninguém podia dormir na rede

*Porque na casa não tinha parede**

Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não tinha ali**

Mas era feita com muito esmero

Na rua dos bobos, número zero

(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscop receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de autoajuda, leis** etc.

- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pron assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente… Porém, ao virar-se, dá de cara

com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– *Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)*

Muito sem graça, ela pergunta:

– *Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)*

O vendedor responde:

– *A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)*

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração…**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de text **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas…**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coere da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de

nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é ***vital*** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, ***como o massacre dos judeus pelos nazistas***."

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A explicação é a ação de fazer entender algo já apresentado; a explicitação é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a exemplificação é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.***"

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.*** *"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

*"Como todos os outros, **o preconceito homofóbico é cultural**, **pois não se nasce com ele**. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

*"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: **48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido**. **Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).** Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

*"Segundo Barbosa Filho, 'O amor **é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

*"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: **'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'**"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

*"Muito se diz sobre **o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde** (tese refutada), no entanto é importante que se saiba que **a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar***

a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc. *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?*** *"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

O s **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada conclusão.

Premissa maior: Todos os homens são mortais.

Premissa menor: Os gregos são homens.

Conclusão: Logo, os gregos são mortais.

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo…

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: O estudo promove ascensão financeira.

Premissa menor: Meus filhos estudam nos melhores colégios.

Conclusão: Logo, meus filhos ascenderão socialmente.

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.

Premissa menor: A política é um meio corruptível.

Conclusão: Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É

claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o Manual de Redação da PUC/RS, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

- *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo nã podemos questioná-las.*
- *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*
- *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc. porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial…), romance, conto, crônica, poema,**

bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados…).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos* , de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.
>
> Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de

Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem

tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A crônica narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok… o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis… valete, dama, rei…

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: "Eu o chamaria de ***senhor***.", ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (…)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que

contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."

(Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: narração, descrição, dissertação…

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se… Deduz-se… Conclui-se… A ideia central é…".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do

voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu…?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14…?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento?

6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais

relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões… este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. **(Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse mesmo sentido.**

   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."

   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".

   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".

   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".

   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. **(FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   "(…) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (…)"

   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. **(FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."**

   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:

   a) explicação;

   b) explicitação;

c) exemplificação;

d) contraposição;

e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher".*

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta

"(…) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (…)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "<u>Em outras palavras</u>, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;

b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;

c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;

d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas

esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.

b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.

c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa

d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.

e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "afinal, sou humano…", elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;

b) consequência;

c) conclusão;

d) conformidade;

e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a

importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (…)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?

a) relação de causa e consequência;

b) apelo emocional;

c) comparação/contraste;

d) dados estatísticos;

e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.

– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (…): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".

Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:

a) ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.

b) fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.

c) seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.

d) seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.

e) a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;

b) exposição e injunção;

c) narração e descrição;

d) argumentação e narração;

e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

***O novo-pobre* é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.**

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do

neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social novo-pobre aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.

b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.

c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.

e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.

b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.

c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.

d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.

e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.

b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.

c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.

d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.

e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. Não acredito que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma da estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo de gênero biografia.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo

do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(…)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(…)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 […] encanto" e "O gênio de organização […] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:

a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.

b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.

c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".

d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".

e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de

servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:

a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;

b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;

c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;

d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;

e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:

a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.

c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.

d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.

e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;

b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;

c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;

d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;

e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As

crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera

familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;

c) recorre a elementos narrativos;

d) aparenta uma neutralidade objetiva;

e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."

b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência

constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;

b) citações explícitas de outros textos;

c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;

e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês,

pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança…

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas…"

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueir do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro…"

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[…] É a *globalização do bico*. [.. É a *globalização do dane-se.*"

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha… Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;

b) citações entre aspas;

c) interrogações diretas;

d) recursos de humor;

e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na esco

pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;

b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;

c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;

d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;

e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.

II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.

III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I e III, apenas.

e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;

b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;

c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;

d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo

de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã…" (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;

b) 1 é narração, e o 2, argumentação;

c) 1 é narração, e o 2, descrição;

d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;

e) 1 é descrição, e o 2, narração.

37. (FCC – TRT 16ª – ANALISTA JUDICIÁRIO (ENGENHARIA) – 2014)

Da utilidade dos prefácios

Li outro dia em algum lugar que os prefácios são textos inúteis, já que em 100% dos casos o prefaciador é convocado com o compromisso exclusivo de falar bem do autor e da obra em questão. Garantido o tom elogioso, o prefácio ainda aponta características evidentes do texto que virá, que o leitor poderia ter muito prazer em descobrir sozinho. Nos casos mais graves, o prefácio adianta elementos da história a ser narrada (quando se trata de ficção), ou antecipa estrofes inteiras (quando poesia), ou elenca os argumentos de base a serem desenvolvidos (quando estudos ou ensaios). Quer dizer: mais do que inútil, o prefácio seria um estraga-prazeres.

Pois vou na contramão dessa crítica mal-humorada aos prefácios e prefaciadores, embora concorde que muitas vezes ela proceda − o que não justifica a generalização devastadora. Meu argumento é simples e pessoal: em muitos livros que li, a melhor coisa era o prefácio − fosse pelo estilo do prefaciador, muito melhor do que o do autor da obra, fosse pela consistência das ideias defendidas, muito mais sólidas do que as expostas no texto principal. Há casos célebres de bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra, ficando claro que o restante é desnecessário. E ninguém controla a possibilidade, por exemplo, de o prefaciador ser muito mais espirituoso e inteligente do que o amigo cujo texto ele apresenta. Mas como argumento final vou glosar uma observação de Machado de Assis: quando o prefácio e o texto principal são ruins, o primeiro sempre terá sobre o segundo a vantagem de ser bem mais curto.

Há muito tempo me deparei com o prefácio que um grande poeta, dos maiores do Brasil, escreveu para um livrinho de poemas bem fraquinhos de uma jovem, linda e famosa modelo. Pois o velho poeta tratava a moça como se fosse uma Cecília Meireles (que, aliás, além de grande escritora era também linda). Não havia dúvida: o poeta, embevecido, estava mesmo era prefaciando o poder de sedução da jovem, linda e nada talentosa poetisa. Mas ele conseguiu inventar tantas qualidades para os poemas da moça que o prefácio acabou sendo, sozinho, mais uma prova da imaginação de um grande gênio poético.

(Aderbal Siqueira Justo, inédito.)

– O primeiro e o segundo parágrafos estabelecem entre si uma relação de:

a) causa e efeito, uma vez que das convicções expressas no primeiro resultam, como consequência natural, as expostas no segundo.

b) de complementaridade, pois o que se afirma no segundo ajuda a compreender a mesma tese defendida e desenvolvida no primeiro.

c) inteira independência, pois o tema do primeiro não se espelha no segundo, já que o autor do tex quer apenas enumerar diferentes estilos.

d) contraposição, pois a perspectiva de valor adotada no primeiro é confrontada com outra que a relativiza e nega no segundo.

e) similitude, pois são ligeiras as variações do argumento central que ambos sustentam em relação utilidade e à necessidade dos prefácios.

Gabarito

1. D.
2. CORRETA.
3. C.
4. CERTO.
5. INCORRETA.
6. CORRETA.
7. A.
8. B.
9. C.
10. E.
11. CORRETA.
12. B.
13. B.
14. C.
15. E.
16. D.
17. CERTO.
18. CERTO.
19. CERTO.
20. CERTO.
21. B.
22. A.
23. B.
24. C.
25. E.
26. A.
27. D.

28. C.
29. D.
30. B.
31. A.
32. E.
33. C.
34. E.
35. D.
36. E.
37. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico Valor Discursivo dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
>
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.****Por isso****, digo, quando não*

obtivermos o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho…* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo um relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relaçãc oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dit referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do períod anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma rela de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relaçã de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (… ou não *nasce*…).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma rela de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (… mas nunca *nasce*…)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argument que se contrapõe ao seguinte.

- ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
- ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
- ***Assim****:* conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
- ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
- ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
- ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de

quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem… depois do comentário machista… quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que substituem outros.

Relembrou isso da aula de Pronome? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico Valor Discursivo. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

- *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)
- ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos c hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critéric rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizan diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro ama* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Co pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama coesão lexical. Também é digno de nota dizer o que é expansão lexical: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: " O professor Evanildo Bechara ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. Este grande mestre gosta de dividir sua sabedoria com os alunos.".

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: "… (verdadeiros mestres) assistem os alunos…".

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do*

Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do **o**, fosse usado **um** (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre policial e guarda de trânsito não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões toman as ruas vão obrigá -****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerc baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoj líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***C Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O* ***futebol*** *é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugai vem o* ***basquete*** *.* ***Um*** *apresenta Pelé como ídolo; o* ***outro****, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo:* ***Deus*** *e* ***Satanás****. A* ***quem*** *você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima a média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê** -lo? (. mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui** .*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando sequência à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito **e** fiz grande investimento na minha carreira inicial, **mas** n saiu como eu esperava **ou** como deveria ser, **porque**, afinal, esse não era meu destino. **Por isso** hoje decidi fazer faculdade, **a qual** me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação **para** obter sucesso profissional. **Em virtude d**isso, posso dizer **que** estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao

texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por ou seja, isto é, quer dizer…)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulher crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira…

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não… afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos…

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não… afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos,

pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer obesidade, mas usou sobrepeso? Sobrepeso é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. Obesidade é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer coalizão, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar colisão, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na intenção do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia*

esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de

comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por*

causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos dentro do texto (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, insisto**: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesiv por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

a) "Para isso, existiam os oráculos" (1º§)

b) "Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio." (2º §)

c) "Só sei que nada sei" (2º §)

d) "Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica" (3º §)

e) "Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas" (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §),e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:

a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.

b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.

c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.

d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.

e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento.

Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. **(Pedro Nava, Baú de Ossos)**

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:

a) os fatos da infância – aqueles;

b) tempo afora – d'agora;

c) carga – os outros;

d) carga – miúdos fatos;

e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(…)

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.

Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

(…)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que NÃO há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:

a) "…como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) "Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio

c) "Dava-lhe bom-dia…" (l. 21-22) – profissional

d) "pode ser também que ninguém desse por sua ausência." (l. 29-30) – girafa

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado […]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:

a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescrita pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo sua tem como referente "remédios europeus";

b) o particípio prescritas refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;

c) o conectivo por une a forma verbal eram manipuladas a seu agente;

d) a forma verbal usavam repete o mesmo sujeito de importavam;

e) o pronome relativo que refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa respectivamente, em:

a) Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade. (2º parágrafo)

b) E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde. (2º parágrafo)

c) A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo. (5º parágrafo)

d) … por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida… (3º parágrafo)

e) O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacad a seguir, está expressa ideia de oposição em:

a) "… atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade…"

b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada…"

c) "… isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna…"

d) "… sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera…"

e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico…"

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso,

porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (…)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:

a) ao futuro das novas gerações;

b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;

c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;

d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;

e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:

a) modo;

b) causa;

c) adversidade;

d) conformidade;

e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;

b) para virem comprando;

c) porque vêm comprando;

d) contudo vêm comprando;

e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:

a) causa / consequência.

b) fato / justificativa.

c) previsão / retificação.

d) opinião / modo.

e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuaçã coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.

a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamen eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.

b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.

c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.

d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mai dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia

c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna d trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia c mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da

inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos spreads bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada “Environment and Urbanization”.

( ) “Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre”, informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);

b) (2) (1) (3) (5) (4);

c) (2) (5) (1) (3) (4);

d) (4) (1) (2) (5) (3);

e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento,…… o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (…)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;

b) viria a prejudicar e não a favorecer;

c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;

d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;

e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.

b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.

c) Se a expectativa do mercado se confirmar.

d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a parti de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, <u>senão</u> de tod a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;

b) mas sim;

c) portanto;

d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.

– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativ de que o seu término lhe traga felicidade.

b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age

também pelo ódio e procura destruí-lo.

c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.

d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (…)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;

b) jogadores;

c) torcedores;

d) uniformes;

e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,

Há dores que não doem, nem na alma

Mas que são dolorosas mais que outras.

Há angústias sonhadas mais reais

Que as que a vida nos traz, há sensações

Sentidas só com imaginá-las

Que são mais nossas do que a própria vida.

…

Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-las – o termo destacado refere-se a:

a) dores;

b) sensações;

c) doenças;

d) angústias;

e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"

– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo

II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e* sua *irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.

Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".

( ) CERTO ( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas demandas, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. Elas requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – Embora as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:

a) entretanto;

b) contudo;

c) conquanto;

d) todavia;

e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:

a) aparelhos eletrônicos;

b) medicina atual;

c) informações;

d) doenças;

e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: sistema circulatório do sangue. <u>A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia</u>.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:

a) em consequência;

b) nesse instante;

c) nesse lugar;

d) ao contrário;

e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as sal
de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (…)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos r
educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação,
possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (…)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em tod
o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por
cidades. (…)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesr
de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução
dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com
uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior
de qualidade, (…)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do

texto:

a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).

b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).

c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).

d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

De janeiro de 2008, quando o imposto do cheque deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, a arrecadação residual da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, isso mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;

b) quando;

c) esse valor;

d) o imposto do cheque;

e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita…”; “Para especialistas…”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:

a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.

b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.

c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.

d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.

e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto inadequado é:

a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.

b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo…” / ou seja.

c) “…ocorre devido a ações administrativas…” / em razão de.

d) “Segundo técnicos da Receita…” / conforme.

e) “Para especialistas…” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (…) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, período que se encerra em 1815, quando o Brasil é declarado Reino Unido. (…) Cavalcanti reuniu um material rico em detalhes”.

Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que NÃO faz referência a qualquer termo anterior é:

a) Cavalcanti;

b) material;

c) detalhes;

d) período;

e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa CORRETA:

Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.

a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".

b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".

c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.

d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.

e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."

– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(…) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas… Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias… Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:

a) apanhar uma vassoura;

b) colher pitangas;

c) vergar os galhos mais altos;

d) fazer geleia;

e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:

a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse […]" /EM RAZÃO DA;

b) "[…] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos […]" / COM O INTUITO DE;

c) "[…] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas […]" / POR MEIO DE;

d) "[…] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;

e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.
2. C.
3. A.
4. D.
5. E.
6. B.
7. C.
8. A.
9. E.
10. B.
11. C.
12. D.
13. E.
14. C.
15. E.
16. B.
17. B.
18. B.

19. B.
20. A.
21. ERRADO.
22. B.
23. A.
24. A.
25. B.
26. CORRETA.
27. CORRETA.
28. CERTO.
29. CERTO.
30. CERTO.
31. C.
32. A.
33. A.
34. A.
35. D.
36. E.
37. B.
38. C.
39. E.
40. CORRETA.
41. B.
42. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue…

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "… é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há certa homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)… e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão

é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na Introdução deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tem
normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser

identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(…) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar… / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu… / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim…"

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (…) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo

(jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta… o quê? Anqui… o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e

cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com…

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah… entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!… Quer dizer… Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infantojuvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai…

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, en que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: para o > pro);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como tá?, né?, viu?, certo entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah…, eh… ahn…, escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato…, sei…, seguinte… etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço…);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;

- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: está > tá; Quando eu vir você… > Quando eu ***ver*** você…);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo ter no lugar do haver, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3 pessoa do presente do indicativo (traze > traz).

<u>Língua Escrita</u>

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recurs expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos vir e ter, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se porque quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo fazer, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome lhe, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franqui do Rio de Janeiro****,*** *foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franqui do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo haver, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultu sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visar ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social), logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** a entender certas manobras políticas visando bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição a antes de entender é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição a antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino a antes de prima (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que*

perdoa ***à*** prima por denúncia.

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de certo e errado (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro Para Entender o Texto – Leitura e Redação, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente… cá entre nós… eu me amarro em questões desse tipo, pois elas são o

termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax*!… venha comigo… na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra <u>tem</u> palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.

b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.

c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.

d) De poeta e louco, todos temos um pouco.

e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.

b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.

c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.

d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professore e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.

e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"

b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."

c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."

d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."

e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago…"

b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história…"

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo…"

d) "…e até desencadear quadros mais graves."

e) "…e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras há torcedores que incentivam os candidatos…" há uma comparação estruturada com o conectivo como. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;

b) que nem;

c) assim como;

d) da mesma forma que;

e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.

b) Mas sei a quem obedece.

c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.

e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos…". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra por exemplo, era muito mais quente…".

b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente…". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando…".

c) "…mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".

d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando…" / "… mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".

e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos…".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."

b) "… para saber quem grita gol mais alto e prolongado…"

c) "… ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."

d) "… o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas

convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a ca mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transforman a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer ha de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada…

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.

e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃ exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.

b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.

c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura r Brasil.

d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.

e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.

c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.

d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes fo feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.

e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.

b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.

c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.

d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competênci pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultur da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite fei a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas

a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente <u>incorreta</u>.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se protege que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o deficit em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições pa os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto

adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas

linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entr a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, s dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.

b) B.

c) C.

d) D.

e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO ( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) CERTO ( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.

( ) CERTO ( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pod produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.

( ) CERTO ( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…

A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:

a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;

b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;

c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;

d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;

e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.

b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.

c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.

d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.

e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.

b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.

c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.

d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.

e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflaçã este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

46. (ESAF – STN – Analista de Finanças e Controle – 2013) Nos últimos dez anos, o Brasil passou po grandes transformações e crescimento econômico contínuo que o induziu a figurar entre os países em desenvolvimento acelerado. Com a expansão formou-se uma nova classe média, composta por trabalhadores vindos das classes D e E. Atualmente o país possui 105 milhões de pessoas com renda mensal entre R$ 1.700 e R$ 7.400 e a tendência é que esses números cresçam nos próximos anos. Em uma entrevista à revista *PLANETA*, o economista Marcelo Neri analisa o impacto da nova classe média no consumo, no ambiente e na sociedade e mostra os desafios à frente dos brasileiros.

[...]

PLANETA – O fenômeno é passageiro?

NERI – Não, a nova classe média veio para ficar. O crescimento é contínuo, apesar das crises financeiras. Planos assistenciais e o aumento do crédito ao consumidor contribuíram. Mas o principal é que o número de trabalhadores que saíram da informalidade e passaram a ter carteira assinada dobrou desde 2004.

(Adaptado de Milton Correia Júnior, Cigarras e formigas*. PLANETA,* agosto de 2012.)

– Assinale a reescrita proposta para trechos do texto que preserva a correção gramatical e a coerência entre as ideias.

a) "… que o induziu a figurar entre os países…" >… que induziu o Brasil a que se figure nos países (…)

b) "Com a expansão formou-se uma nova classe…" > Em decorrência formou uma nova classe (…)

c) "… que esses números cresçam…" >… de esses números crescerem (…)

d "… apesar das crises financeiras." >… apesar de haverem crises financeiras.

e) "… contribuíram. Mas o principal é que o número de trabalhadores…" >… contribuíram para que principal número de trabalhadores, no entanto, (…)

47. (FCC – TRT 2ª – TÉCNICO JUDICIÁRIO (ÁREA ADMINISTRATIVA) – 2014) Elementos do texto inspiraram as frases abaixo, que, entretanto, devem ser consideradas em sua independência.

A que está redigida em conformidade com a norma-padrão escrita é:

a) Para conhecer uma cidade não basta os guias com que as empresas de turismo inundam as loja

b) Se alguém se contrapor às ideias do autor do texto, que as combata em espaço próprio para issc

c) A máquina de cujo o diagrama podemos nos valer é a mais moderna do lote recém-adquirido pe empresa.

d) O estudioso já prevera o desaparecimento daquela cidade muitas décadas antes de ela se torna uma cidade-fantasma.

e) Em suas considerações, o autor, de certa forma, explica por que aquela célebre cidade desapareceu.

Gabarito

1. B.
2. B.
3. E.
4. A.
5. B.
6. E.
7. D.
8. B.
9. A.
10. B.
11. C.
12. E.
13. D.
14. C.

15. B.
16. E.
17. D.
18. E.
19. A.
20. D.
21. D.
22. E.
23. A.
24. D.
25. C.
26. B.
27. E.
28. E.
29. D.
30. ERRADO.
31. ERRADO.
32. ERRADO.
33. ERRADO.
34. CERTO.
35. ERRADO.
36. CERTO.
37. CERTO.
38. ERRADO.
39. CERTO.
40. ERRADO.
41. ERRADO.
42. A.
43. A.
44. A.
45. E.
46. C.
47. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviç solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando…: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*
– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*

– *Elipse.*

– *Conectivos de mesmo valor semântico.*

– *Relação de causa e consequência.*

– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*

– *Dupla regência.*

– *Crase facultativa.*

– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta…

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

… pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai…

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos

(adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*

– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*

– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou **até**.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

<u>Locuções Adjetivas</u>

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada **de mestre** serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A jogada **magistral** serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população **das cidades** vem aumentando exponencialmente.*

– *A população **urbana** vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

– *Os cientistas* ***lutam*** para descobrir a cura definitiva da AIDS.

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos ter/haver + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*

– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*

– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos **habitualmente** na noite da quarta-feira. = Os ensaios banda **costumam** ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele **parece** contente com o resultado da prova. = Ele ficou **aparentemente** contente co resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento soc existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social ex a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa**.*

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal**.*

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão…*

– ***Fabricar** produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A **fabricação** de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder** meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A **cessão** de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém

(2)), o nome também exige (cessão de… (1) ao… (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada…*

– *Quando meu filho **chegou**, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A **chegada** do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento…*

– ***Surgiram** novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com d verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com u verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância…*

-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria…*

-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem…*

-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor…*

-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante…*

-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura…*

-eza: *Estar certo de > A certeza de…*

-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de…*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)

– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)

– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*

– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** **livre dos juros**.* (coordenada aditiva)

– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** **uma surra dos pitboys**.* (adjetiva)

– *Vimos um mendigo **que** **levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições**, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Embora** não tivesse condições**, comprou um terno.*** (concessiva)

– ***Agindo** desse modo**, ninguém ficará com você.*** (condicional)

– ***Se** você agir desse modo**, ninguém ficará com você.*** (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai**, não contou a verdade.*** (causal)

– ***Uma vez que** temia a reação do pai**, não contou a verdade.*** (causal)

– ***Saindo** do estádio**, encontrei meus amigos.*** (temporal)

– ***Quando** saí do estádio**, encontrei meus amigos.*** (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)

– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno*** ***pensar***. (objetiva direta)

– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de*** ***fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *Os adversários o acusavam* ***de*** ***que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)

– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de*** ***mudarmos***. (completiva nominal)

– *Tenho medo* ***de*** ***que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)

– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola*. (concessiva)

– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola*. (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito*. (condicional)

– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito*. (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)

– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)

– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)

– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)

– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições ao, para, por, sem sejam,

respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao** entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*

– ***Para** viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*

– *Foi aceito no grupo **por** injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*

– ***Sem** tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.*

– ***Sem** tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorar*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore, **plantada por mim**.* (adjetiva explicativa)

– *Havia aqui uma árvore, **que foi plantada por mim**.* (adjetiva explicativa)

– *A notícia **divulgada pela mídia** era falsa.* (adjetiva restritiva)

– *A notícia **que foi divulgada pela mídia** era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro**, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro**, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições**, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que se aceitem as condições**, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova**, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Como se preocupara com a prova**, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada a aula**, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Logo que terminou a aula**, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja, **que** nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *O rapaz da loja, **o qual** nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras **de que** eu falei são muito ativas.*

– *As senhoras **das quais** eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora, **a que** devo meu emprego.*

– *Estive ontem com minha coordenadora, **à qual** devo meu emprego.*

– *Estive ontem com minha coordenadora, **a quem** devo meu emprego.*

– *O lugar **em que** estive ano passado era paradisíaco.*

– *O lugar **no qual** estive ano passado era paradisíaco*

– *O lugar **onde** estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O** que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***Aquele** que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As** do estado da Bahia são mais atenciosas que **as** de Pernambuco.*

– ***Aquelas** do estado da Bahia são mais atenciosas que **aquelas** de Pernambuco.*

– *Você é **o** que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

– *Você é **isso** que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão d área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência), **porque** falt mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalida atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como A seriedade é tão universal como o riso, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.

( ) CERTO ( ) ERRADO

2. **(Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: estarem aderindo ao exemplo.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

3. **(FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita d trecho *A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais*.**

I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.

II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(…) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica… (…)"

4. **(FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio *o máximo sendo também o mínimo*, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:**

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;

b) contanto que o máximo seja também o mínimo;

c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;

d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;

e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (…) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (…) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (…)"

5. **(FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.**

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.

b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casc complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.

d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa c a acusação.

Fragmentos de texto

"(…) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (…) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (…) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (…) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (…) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.

b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.

c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-esta

d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.

e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propost de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.

b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, c domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.

c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.

d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.

e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram

instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. **(FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:**

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.

b) aonde o moralismo representa – ali se promova.

c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.

e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. **(NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.**

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."

b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."

d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."

e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. **(COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.**

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.

b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.

c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.

e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.**

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.

b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.

c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.

d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.

e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.

b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.

d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.

e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.

b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho […], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* /Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.

c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.

d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.

e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um. /* Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.

II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.

III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.

b) II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.

b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.

c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.

d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.

e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

… o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário…

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.

b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.

c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.

e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(…) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.

b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.

c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.

d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.

e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(…) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (…)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por individual sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do períod

ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados…) por Consideram-se.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por nos quais.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por atraídos para os objetivos do, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (… muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de…) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;

b) para virem comprando;

c) porque vêm comprando;

d) contudo vêm comprando;

e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.

b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.

c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as

diferenciações existentes.”: O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.

d) “Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica”: A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.

e) “A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.”: A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período “Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica” poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

“Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido.”

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;

b) porque o infortúnio tinha nos unido;

c) embora o infortúnio tinha nos unido;

d) portanto o infortúnio tinha nos unido;

e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) “Mesmo não havendo registro de incidentes no País…”

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;

b) Embora não haja registro de incidentes no país;

c) Para que não haja registro de incidentes no país;

d) Enquanto não há registro de incidentes no país;

e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.

b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.

c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de

comunicação.

d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.

e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo*. / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.

b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.

d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novo casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.

b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.

c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo d verdade.

d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.

e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,…"; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.

b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.

c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.

d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.

e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;

b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";

c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";

e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças ı ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;

b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;

c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;

d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;

e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem o editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos…* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:

a) no entanto;

b) enquanto;

c) uma vez que;

d) por conseguinte;

e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em –*Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:

a) Não obstante isso tudo;

b) Em detrimento disso tudo;

c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;

e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho –*Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.

a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.

b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.

c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.

d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.

e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.
2. CERTO.
3. A.
4. E.
5. A.
6. B.
7. D.
8. A.
9. D.
10. B.
11. B.
12. E.
13. A.
14. D.
15. D.
16. A.
17. E.
18. ERRADO.
19. ERRADO.

20. CERTO.
21. CERTO.
22. CERTO.
23. C.
24. C.
25. ERRADO.
26. B.
27. B.
28. B.
29. A.
30. C.
31. D.
32. E.
33. E.
34. C.
35. A.
36. B.
37. C.
38. E.
39. C.
40. A.
41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira… Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados…

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.

b) III e V.

c) II e VI.

d) III, IV, V e VI.

e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O*

documento <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>formado</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.

b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.

c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.

d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.

e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque,

nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *" **Enviamos** -lhes..."*.Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.

e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma

expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.

b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.

c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.

d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.

e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas… C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas… D) ... *virem a ser* <u>eles</u> *(sujeito)*… Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.

b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!

c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas

empresas me ajudassem a torná-lo popular.

d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?

e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!

b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.

c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.

d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.

e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas… fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse

não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.

b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.

c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.

d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.

e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção com incorreção **E** com incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora – um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho ca dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscate que fazia de noite.

b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.

c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.

d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido −, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.

e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-*

lhe… C)… José… D) *Por ora*… E) *Devo poupar-lhes o... visto que*… **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.

b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.

c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.

d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.

e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A)… ***por o*** *predicativo e o sujeito serem*… (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B)… *para si mesmo*. D)… *pedindo aos seus seguidores que orem e*… (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que*... (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.

b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.

c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.

d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.

e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.

b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.

c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.

d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.

e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A)… *na medida em que*… (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C)… *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D)… *moças*... *se inscreveram*…**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.

b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.

c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.

d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.

e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (… *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*…), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.

b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.

c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.

e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer… Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a

preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.

b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.

c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.

d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.

e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.

b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.

c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.

d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões.* C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é

Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros.* E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.

b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.

c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.

d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.

e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é… *de quem*… A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "… a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.

b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.

c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.

d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.

e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas… outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*,

segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem*... ***do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma* jovem que tem boa aparência ***e*** que trabalha como modelo. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.

b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mai felizes.

c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.

d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.

e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.

b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.

c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.

d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance* de o *sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questõe levantadas outrora.

b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.

c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.

d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.

e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som* **...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como

verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".

c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.

d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.

e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu**, que compito com os grandes,** passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me **destratou** "*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando **em** tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer **pelo** Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano e constante.

b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredit mormente que a competição é salutar.

c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto

seja dito que cresce a economia.

d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.

e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos*... Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que*..., não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite*... Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não

provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: *... a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "… (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas… Ah! O mas…! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, independentemente **da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe… Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.

d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e… abjetos *humanos*.

e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém** de **algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km^2, o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.

b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.

c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.

d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.

e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km^2, cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não

procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.

b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.

c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.

d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.

e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade

Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta: *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si

mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.

b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD)em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva*

subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)". Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito)*são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?

b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.

c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.

d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.

e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta… Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (**em azul**) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.*2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.*17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

BRANDÃO, C. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Imprensa da Universidade de MG. Belo Horizonte, 1963.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

***DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO;* SÉCULO XXI**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes.*43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:*teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*.4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de

Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada… *Brasil!*

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

2ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras
- Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

gen | EDITORA MÉTODO

A Gramática para Concursos Públicos

abdr
Respeite o direito autoral

O GEN | Grupo Editorial Nacional reúne as editoras Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária, que publicam nas áreas científica, técnica e profissional.

Essas empresas, respeitadas no mercado editorial, construíram catálogos inigualáveis, com obras que têm sido decisivas na formação acadêmica e no aperfeiçoamento de várias gerações de profissionais e de estudantes de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Educação Física e muitas outras ciências, tendo se tornado sinônimo de seriedade e respeito.

Nossa missão é prover o melhor conteúdo científico e distribuí-lo de maneira flexível e conveniente, a preços justos, gerando benefícios e servindo a autores, docentes, livreiros, funcionários, colaboradores e acionistas.

Nosso comportamento ético incondicional e nossa responsabilidade social e ambiental são reforçados pela natureza educacional de nossa atividade, sem comprometer o crescimento contínuo e a rentabilidade do grupo.

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

2ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

gen | EDITORA MÉTODO

SÃO PAULO

- A EDITORA FORENSE se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição (impressão e apresentação a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo). Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoa ou bens, decorrentes do uso da presente obra.

  Todos os direitos reservados. Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, fotocópia e gravação, sem permissão por escrito do autor e do editor.

  Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

- Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa
  Copyright© 2015 by
  EDITORA FORENSE LTDA.
  Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
  Rua Dona Brígida, 701, Vila Mariana – 04111-081 – São Paulo – SP
  Tel.: (11) 5080-0770 / (21) 3543-0770 – Fax: (11) 5080-0714
  metodo@grupogen.com.br | www.editorametodo.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).
  Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

- Esta obra passou a ser publicada pelo selo Método da Editora Forense a partir da 2.ª edição.
  Produção digital: Geethik

- CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
  Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P571g

Pestana, Fernando

A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: MÉTODO, 2015.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-309-6652-2

1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Língua portuguesa – Gramática. 3. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 4. Serviço – Brasil – Concursos. I. Título. II. Série.

15-23159

CDD: 469.8
CDU: 811.134.3'27

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na próxima edição!

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro… Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida… Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

A Gramática

A notícia do lançamento de uma gramática vem normalmente acompanhada de duas reações. De um lado, a inevitável indagação sobre ser “mais uma gramática” – afinal, já existem tantas… De outro, a inquebrantável expectativa de que enfim alguém tenha lançado uma gramática com algo de novo e uma visão de fato moderna.

Digamos, no entanto, que são duas esperanças fundadas em suposições falsas. De fato, as gramáticas que temos são tantas… Mas são tão poucas diante da riqueza que o tema reserva e da variedade de teorias que se nos oferecem. Com efeito, as novas gramáticas deviam ter algo de novo… Mas é quase pueril alguém exigir, além do enfoque, novidade num assunto que, quanto mais se estuda, mais se comprova a contribuição dos antigos gramáticos, desde os alexandrinos. Não obstante, a necessidade de mais obras gramaticais nunca haverá de cessar.

Além disso, seria preciso averiguar de que tipo de gramática se está falando. Uma gramática descritiva não tem os mesmos objetivos de uma gramática normativa, e ambas diferem dos experimentalismos de outras adjetivações que se possam apor ao substantivo “gramática”, seja gerativa, transformacional, funcional, filosófica, e quantas outras que se posicionam num dos lados do ringue da modernidade olhando desafiadora e até arrogantemente para seu “franzino” oponente tradicional.

A obra de Fernando Pestana alcança os dois lados da “moeda gramatical”: (1) traz uma revisão crítica e oportuna sobre o acervo dos estudos gramaticais do português; (2)

apresenta uma organização original e meticulosa, numa linguagem acessível, bem-humorada e didática – sem perder o tom sério de quem se pretende claro e eficiente. Por isso PREPARA e por isso ENSINA. Justo, então, ver em seu título um artigo definido como núcleo fonossemântico do sintagma. Abra *A Gramática*, estude-a e sinta-se preparado para **A prova**, **A vida**.

Claudio Cezar Henriques

Doutor em Língua Portuguesa
pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo***

aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa
Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

… porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: **fazer você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje, muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por

nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no *site* <http://gen-io.grupogen.com.br>)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim… existe ***A*** *Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma – relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem… caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbo (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou

inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E… para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbo (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado " O que cai mais na prova?". Lá está o bizu!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de *e-mails*. Brincadeira… Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o *e-mail* para o qual você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu *e-mail* pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram reformatadas por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Introdução — *O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?*

Capítulo 1 — *Fonologia*

Definição
Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Sílaba
Encontros Vocálicos
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Ortoepia e Prosódia
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 — *Acentuação Gráfica*

Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes
Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 Ortografia

Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç
Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 Semântica e Lexicologia

Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Ambiguidade
Intertextualidade
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta (uso dos porquês e de outras expressões)
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 Morfologia

Capítulo 6 Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição
Morfema
Alomorfia
Vocábulos Cognatos

Radical
Radicais Gregos
Radicais Latinos
Afixos
Prefixos Gregos
Prefixos Latinos
Sufixos Greco-Latinos
Desinências
Vogal Temática
Letra de Ligação
Processo de Formação de Palavras
Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)
Composição por Justaposição e por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 Substantivo

Definição
Identificação e Substantivação
Recurso de Nominalização
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Variação em Número
Variação em Grau
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 Adjetivo

Definição
Identificação e Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Variação em Grau
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 Artigo

Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 Numeral

Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 11 Pronome

Definição
Identificação
Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal
Classificação e Emprego do Pronome Possessivo
Classificação e Emprego do Pronome Indefinido
Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo
Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo
Classificação e Emprego do Pronome Relativo
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 Verbo

Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Estrutura Verbal
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
Voz Verbal
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 Advérbio

Definição
Identificação e Particularidades
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 14 Preposição

Definição
Identificação
Classificação
Combinações e Contrações
Locução Prepositiva e Valores Semânticos
Valor Relacional e Nocional
Certas Particularidades
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 15 Conjunção

Definição
Identificação
Locução Conjuntiva
Classificação
Coordenativas
Subordinativas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 Interjeição

Definição
Identificação
Locução Interjetiva
Classificação
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 17 Sintaxe

Capítulo 18 Frase, Oração e Período

Capítulo 19 Termos Essenciais da Oração

Definição
Sujeito
Classificação do Sujeito
Predicado
Predicação Verbal / Transitividade Verbal
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 Termos Integrantes da Oração

Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 Termos Acessórios da Oração

Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais
Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 Orações Reduzidas

Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Orações Reduzidas de Gerúndio
Orações Reduzidas de Particípio
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 Orações Intercaladas

Definição
Tipos

Capítulo 26 Período Misto

Definição
Possibilidades de Período Misto
A Elipse na Análise Sintática
Modelo de Análise de um Período Misto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 27 Pontuação

Definição
Vírgula
Ponto e Vírgula
Dois-pontos
Ponto
Ponto de Interrogação
Ponto de Exclamação
Travessão
Parênteses
Aspas
Reticências
O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 28 Concordância

Definição
Concordância Verbal com o Sujeito Simples
Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 Regência

Definição e Particularidades
Regência Verbal
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 30 Crase

Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais
A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 31 Que, Se e Como

Definição
O Vocábulo QUE e Suas Classificações
O Vocábulo SE e Suas Classificações
O Vocábulo COMO e Suas Classificações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 32 Estilística

Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação
Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas

Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 33 Teoria da Comunicação

Definição
Elementos da Comunicação
Funções da Linguagem
Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 34 Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos
Pressupostos e Subentendidos
Tipologia Textual
Texto Narrativo e Tipos de Discurso
Texto Descritivo
Texto Injuntivo
Texto Dialogal
Texto Dissertativo
Estratégias Argumentativas
Métodos de Raciocínio
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 35 Coesão e Coerência

Definição
Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 36 Domínio do Registro Culto

Definição
Registro Culto e Coloquial

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 37 Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vá por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*?

Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara… Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem… se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem e determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de**

concurso público, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então… vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al…
moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**…

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os <u>sons</u> X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica (exceto em: sc, sç, xc, xs), isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**

  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)

  Ex.: c**am**p o , **an**ta/**em**p r e s a , **en**trada/**im**batível, ca**in**do/**om**b r o , **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)…

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em menta, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (na-ta-ção) ou em outra sílaba (Fa-bi-a-na), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra champanha, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, piscina (sc: 1 som), escola (sc: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como qüiproquó (os us são pronunciados, mesmo sem trema: quiproquó). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia liquidificador? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades…

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não represent fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)

E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)

I: amigo (oral), **índio** (nasal)

O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)

U: saúde (oral), **untar** (nasal)

Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: pente (penti); ovo (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o A será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).

hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= híf**ẽi**).

glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).

windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (sal, mal, sol, alto…) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas… nunca se sabe… vai que…

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em vácuo (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico -eo (óleo), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier antes do outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo hipotético em cima desses fonemas; Ex.: partíu (i, vogal; u, semivogal); gratúito (u, vogal; i, semivogal); saguí (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso

alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles Darwin (w com som de u, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO… NO… LO… GI… A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops…
2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX… Note que há mudança na acentuação gráfica…
3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r…

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como praia, meio, joio, ocorre um falso hiato, vulgarmente faland Isso ocorre porque prai-a, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado glide, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se prolonga até a sílaba seguinte: (prai-ia, mei-io…). Nunca vi isso em prova de concurso, mas… nunca se sabe…
2) As palavras rio, cio, mia, tia, dia não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)…

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)…

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas acidentais, ou eventuais. Por exemplo: his-tó-ria (paroxítona/ditongo crescente) ou his-tó-ri-a (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a primeira análise, ou seja, áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tê-nue, trí-duo. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em -am (verbo), -em (verbo ou não verbo), -en (nome), -en(s) (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç am (= ãu), bebem (= ẽi), sem (= ẽi), glúten (= ẽi), conténs (= ẽi), hifens (= ẽi)… Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: trenzinho, vintenzinho… Consulte: IADES – EBSERH – ENFERMEIRO ASSISTENCIAL – 2014 – QUESTÃO 8.

3) A palavra muito apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: Elai ne, andaime, plaino, açaima (do verbo açaimar), Roraima (também existe a pronúncia Roráima), etc.

4) Interessante é a palavra ioiô, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras pode apresentar mais de um encontro vocálico, como Pi-au-í (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras vaidade e paisagem, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**uão** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)…

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em enxáguem e deságuam, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: se-quoi-a e ra-diou-vin-te. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como praia, joio, veia não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico! Exemplo: campo (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou *al-co-óis*)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*…

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz… Cuidado:quart-zo ou quar-tzo, me-temp-si-co-se ou me-tem-psi-co-se.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*…

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: suboficial (a palavra oficial existe, logo "sub" é prefixo; assim: su-bo-fi-ci-al), mas sublime (a palavra lime não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: su-bli-me).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-*

ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou…

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico -io no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-si-o-te-ra-pi-a (ou fi-sio-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra…*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio…*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal…*

Cuidado!!!

A translineação silábica trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: úmi-do, e não ú-mido.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: apósto-lo não após- tolo; dispu-ta, e não dis- puta.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

……..A defesa pleiteou no pedido de habeas corpus a expedição de salvo-conduto para que o militar não fosse…….

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as

adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha

Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo**
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa

Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

***A palavra "estrupo" existe e significa "tropel, tumulto, ruído". No entanto, nunca tem o mesmo sentido de "estupro" (crime sexual).*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/ *aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre abert *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica)*, r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. **(NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente um separação de sílabas é:**

   a) trans-o-ce-â-ni-co;

   b) cor-rup-te-la;

   c) sub-li-nhar;

   d) pneu-má-ti-co;

   e) e-co-no-mi-a.

2. **(FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".**

   a) exceto.

   b) enxame.

   c) óxido.

   d) exequível.

3. **(Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.**

   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.

   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.

   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.

   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. **(FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, EXCETO:**

   a) gratuito;

   b) silencio;

   c) insensível;

   d) melodia.

5. **(FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa INCORRETA quanto à descrição da palavra.**

   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.

   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.

   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.

   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. **(FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa CORRETA quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.**

   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.

   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.

   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.

   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. **(FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:**

a) questionário/recursos;

b) perspectiva/descer;

c) bairro/maravilhosa;

d) passividade/telespectador.

8. **(FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:**

a) magma/massa;

b) nascer/exceto;

c) seccional/barro;

d) afta/minha.

9. **(Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:**

a) a-ver-me-lha-do;

b) pi-co-lé;

c) Ro-ra-i-ma;

d) nu-tri-ti-vo;

e) sil-ves-tre.

10. **(OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).**

a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.

b) **j**úbilo – **g**argalo.

c) produ**ç**ão – do**s**es.

d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.

e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. **(IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.**

1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.

Estão corretas:

a) 1, 2, 3 e 4.

b) 1 e 4, apenas.

c) 2 e 3, apenas.

d) 1, 3 e 4, apenas.

e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: “a-dja-cen-tes”.

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1	Coluna 2
1. hiato	( ) abri
2. ditongo decrescente	( ) olhos
3. ditongo crescente	( ) quantidade
4. grupo consonantal	( ) deparei
5. dígrafo	( ) entreabri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.

b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.

c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.

d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.

e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.

c) diante / muito / teus.

d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra x, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado inadequadamente quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.

b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.

d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao qu se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.

b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.

c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.

d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.

e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.

b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonanta

c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.

d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.

e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonanta

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:

"… é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;

b) um tritongo;

c) um hiato;

d) um dígrafo;

e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;

b) um tritongo;

c) um hiato;

d) um dígrafo;

e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.

b) públicas, pedagógico, física.

c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.

e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.

b) violência.

c) regionais.

d) reuniões.

e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;

b) tritongo;

c) dígrafo;

d) hiato;

e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.

b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.

c) … o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.

d) … os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.

e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 1 e 3.

e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;

b) dígrafo;

c) tritongo;

d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por <u>trás</u> de um <u>pequeno</u> homem talvez exista um <u>mulherzinha</u> de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:

a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;

b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;

c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;

d) tritongo / ditongo / dígrafos;

e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de tênis, quanto à tonicidade, é:

a) enfatizar;

b) acabar;

c) Natal;

d) consumismo;

e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.

a) Redução (trissílaba).

b) Acontece (polissílaba).

c) Hipertensão (polissílaba).

d) Lei (monossílaba).

e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:

I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.

II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.

III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.

IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.

A correta divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:

a) apenas em II;

b) apenas em II e IV;

c) apenas em III e IV;

d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

I –No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.

II – No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:

a) tatuar.

b) quando.

c) doutor.

d) ainda.

e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:

I. Não possui dígrafos ou hiatos.

II. É uma paroxítona.

III. É trissílaba.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I e II;

b) somente II e III;

c) somente I e III;

d) todas;

e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:

***fre-ar*: contém hiato**

***pou-co*: contém ditongo oral decrescente**

Em qual alternativa a palavra não apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.

b) miolo.

c) vaidade.

d) quatro.

36. (AOCP – EBSERH/HU-UFS/SE – Assistente Administrativo – 2014) Temos um hiato na palavra:

a) ácido.

b) dieta.

c) necessário.

d) está.

e) só.

37. (FUNDATEC – PREF. Monte Belo do Sul/RS – Agente Comunitário – 2015) A palavra chuvas tem:

a) seis letras e seis fonemas.

b) seis letras e cinco fonemas.

c) cinco letras e cinco fonemas.

d) cinco letras e um fonema.

e) cinco letras e seis fonemas.

Gabarito

1. A.
2. D.
3. B.
4. A.
5. B.
6. A.
7. C.
8. B.
9. C.
10. A.
11. B.

12. INCORRETO.
13. C.
14. D.
15. ERRADO.
16. CERTO.
17. C.
18. C.
19. D.
20. D.
21. C.
22. B.
23. A.
24. C.
25. A.
26. E.
27. B.
28. E.
29. D.
30. E.
31. B.
32. I- CORRETA.
    II- INCORRETA
33. B.
34. B.
35. D.
36. B.
37. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa… *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia

Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as lições da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.

Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.

Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.

Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.

Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.

Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.

Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **qui**n**quê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg…

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílab

Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de…

Algumas Considerações Importantes

– **Acento** prosódico (ou **tônico**) é diferente de **acento** gráfico. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stric sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais…

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência

b) carência, fragrância, polícia

c) comício, fascínio, decência

d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3 ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele policia etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)… É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho…*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**…

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: artigo (o, a, os, as, um, uns), pronome oblíquo átono (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), pronome relativo (que), pronome indefinido (que; quando não está acentuado), preposição (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na…), conjunção (e, nem, mas, ou, que, se), advérbio ("não"; antes do verbo) e formas de tratamento (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em quê? / Ela tem um quê de mistério. / Quê! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los…

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado,

pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você… e não queremos isso.

Ex.: **álcool**, **réquiem**, **máscara**, **zênite**, **álibi**, **plêiade**, **náufrago**, **duúnviro**, **seriíssimo**…

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. Além disso: no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: **história**, **cáries**, **jóquei(s)**; **órgão(s)**, **órfã**, **ímãs**; **águam**, **enxáguem**; **fácil**, **glúten**, **fórum**, **carácter**, **prótons**, **tórax**, **júri**, **lápis**, **vírus**, **fórceps**.

Cuidado!!!

1) A palavra hífen é acentuada por ser paroxítona terminada em -n. Já hifens não é acentuada por terminar em -ens. É bom dizer que palavras terminadas em -n têm dois tipos de plural (com -s ou -es), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: hífenes, pólenes, abdômenes… Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em -em ou -n, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo -am também não são acentuados: cantam, mexam…

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em -r ou -i, exceto quando substantivados: hiper- (o híper), mini- (a míni).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como paciência, miséria, colégio, série, que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: sofá(s), axé(s)*, bongô(s), vintém(éns)…

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no… (oxítonas terminadas, respectivamente, em -a, -e e -em).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)…

Cuidado!!!

1) As palavras raiz e juiz, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: ra-iz e ju-iz.
2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha…
3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba. (i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...)
4) Depois de ditongos decrescentes, nas palavras oxítonas, o I e o U são acentuados normalmente: Pi-au-í, tui-ui-ú(s)…
5) Segundo a nova ortografia, nas palavras paroxítonas, o I e o U não recebem acento depois de ditongo decrescente: feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe… Todavia, se o ditongo for crescente, o acento é usado: Guaíra, Guaíba, suaíli… (alguns dicionários separam suaíli assim: su-a-í-li).
6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)…

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo…

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras paroxítonas com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia…; as únicas exceções são: Méier e destróier, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em -r.
2) A-rac-nói-de-o é palavra proparoxítona.
3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.
4) <u>Só de curiosidade</u>: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é Leo. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**…

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir* já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema. Sobre a palavra "questão" e seus derivados (questionário, questionamento, questionador etc.), o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, registra dupla pronúncia: **qu** (dígrafo) ou **qü** ("u" pronunciado).

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* / ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flameng

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento para São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê…? "Bendita" reforma ortográfica…

2) ***Péla*** *(verbo)* / ***pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* / ***pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* / ***polo*** *(por+o (arcaísmo)/* ***pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* / ***pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em pôde/pode. Pôde é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. Pode é a forma do presente do indicativo, na 3. ª pessoa do singular.

   Ex.: Ontem ele não pôde sair mais cedo, mas hoje ele pode.

2) Permanece o acento diferencial em pôr/por. Pôr é verbo. Por é preposição.

   Ex.: Vou pôr o livro na estante que foi feita por mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos ter e vir, assim como de seus derivados (manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir etc.).

Ele tem duas lanchas. / Eles têm duas lanchas.

Ele vem de Mato Grosso. / Eles vêm de Mato Grosso.

Ele mantém sua palavra. / Eles mantêm sua palavra.

Ele intervém em todas as reuniões. / Eles intervêm em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos vir e ter estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo ter? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, TÊM de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no u tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do present do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem… Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em -guar, -quar e -quir, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

   a) Se forem pronunciadas com a ou i tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com u tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com a e i tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (…)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "catéter" nem "uréter", mas sim "cateter" e "ureter". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radic (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris,

segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco…

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz…

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam espécies botânicas ou animais: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio… Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)…

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo…Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático…

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem…*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hiper-*

realismo, sub-bairro…

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo…
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo…
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio…
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência…

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário…
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico…
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante…

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios…

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita…

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **n** se emprega hífen: inabilidade, desumano…

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar… (no caso deste último prefixo, só se usa hífen diante de "r").

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo…; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo… **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo…; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar,

pronome, propor… consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento…

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação… Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso… e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar…). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe… fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:

a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.

b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.

c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.

d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.

e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (…) Desde então, vêm se impondo, entre especialistas ou não, a compreensão sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a necessidade de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais… (…)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".

( ) CERTO ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(…) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (…)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?

– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:

a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;

b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;

c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;

d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;

e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramati

Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?**

– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?**

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridad inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. **(Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?**

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. **(FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?**

– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.

– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. **(FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?**

– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.

– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. **(FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.**

a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.

b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.

c) “sérios”, “potência”, “após”.

d) “Goiás”, “já”, “vários”.

e) “solidária”, “área”, “após”.

14. **(FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:**

a) Ele se esqueceu de que?

b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.

c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.

d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.

e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorr ERRO quanto à acentuação gráfica é:

a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.

c) O seu sustento provém da aposentadoria.

d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.

e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra identifica pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo ver, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:

a) vêm;

b) veem;

c) vem;

d) vê;

e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo pênsil, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo ciência, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" receber acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos “público” e “caótico”, que fora empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos “espécies”, “difíceis” e “históricas” são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– As palavras “ninguém”, “pé” e “você” são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– As palavras “ponderará”, “informática” e “possuía” são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen NÃO deve ser utilizado em:

a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;

b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;

c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento

d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;

e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico d Língua Portuguesa, “Não se acentuam graficamente os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.”.

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto ei ou oi não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:

a) assembleia, aldeia, proteico;

b) cadeia, paranoico, introito;

c) heroi, boina, epopeico;

d) heroico, onomatopeico, plateia;

e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.

– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente

por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.

Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.

a) substituído.

b) polícia.

c) jurisprudência.

d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.

a) lapis – bonus – bainha.

b) serie – aspecto – torax.

c) alcool – moinho – sucuri.

d) urubu – egoismo – magoa.

e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo es correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo es correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:

a) anti-higiênico;

b) hiper-realista;

c) aquém-fronteiras;

d) bem-visto;

e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome a, acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grup de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:

a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;

c) jóquei, oásis, saúde, têm;

d) baía, cafeína, exército, saúde;

e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra avaro é:

a) mister;

b) filantropo;

c) gratuito;

d) maquinaria;

e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:

a) pôr.

b) ilhéu.

c) sábio.

d) também.

e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:

a) mídias.

b) álcool.

c) trás.

d) estresse.

e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.

a) Angustia.

b) Critica.

c) Analise.

d) Escritorio.

42. (CESGRANRIO – LIQUIGÁS – Oficial de Produção – 2014) A palavra que precisa ser acentuada graficamente para estar correta quanto às normas em vigor está destacada na seguinte frase:

a) Todo torcedor **tem** um sentimento especial em relação à seleção.

b) Muita gente do exterior **vem** ao Brasil para ver a Copa do Mundo.

c) Há árbitros que costumam **supor** que são os principais artistas do espetáculo.

d) Alguns jogadores dizem nas entrevistas que eles sempre se **doam** nos jogos.

e) Os jornalistas de emissoras diferentes também se **reunem** ao final do trabalho.

43. (IDECAN – Pref. Rio Pomba/MG – Auxiliar Administrativo – 2015) A palavra "eficácia" é acentuad pelo mesmo motivo que a seguinte palavra:

a) Suíça.

b) útero.

c) câncer.

d) prevalência.

Gabarito

1. D.
2. ERRADO.
3. CERTO.
4. CERTO.
5. INCORRETO.
6. B.
7. ERRADO.
8. INCORRETO.
9. INCORRETO.
10. INCORRETAS.
11. INCORRETAS.
12. INCORRETAS.
13. A.
14. E.
15. E.

16. D.
17. CERTO.
18. ERRADO.
19. CERTO.
20. ERRADO.
21. CERTO.
22. ERRADO.
23. INCORRETO.
24. INCORRETO.
25. D.
26. D.
27. CORRETO.
28. A.
29. E.
30. INCORRETO.
31. INCORRETO.
32. INCORRETO.
33. E.
34. CERTO.
35. ERRADO.
36. CERTO.
37. E.
38. A.
39. A.
40. E.
41. D.
42. E
43. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim… em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério…). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver…

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao

português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**J**	**Qq**	**Xx**

Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Tt**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***kn (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)…***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo…***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (no de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)…***

Obs.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicati **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem…**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos

verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem…**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe…**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala…**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (anti-, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz…**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo dis- tem o mesmo sentido que o des-, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria…

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade…**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arr* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)…

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui…**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.**No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense;**

Galileu > galileano; Coreia > coreano…

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico…**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade…**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam….**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)…

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroei*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido*

(variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*…

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)…

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor… podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim…**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marcia torto > torcer…**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo…**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convence pertencer, vencer…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sina gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*…

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum…** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu…**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)…**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoçã (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)…**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)…**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armaç aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço…** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)…**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)…**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço…**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*…

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargent ágio, doge, gengibre, geleia, gim…**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio** **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio…**

Exceções: laje (ou lajem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra viagem (substantivo: Fizeste boa viagem?) e viajem (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugi frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir…**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugest sugestivo…**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio…**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)…

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*,

tragédia, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)…

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é… O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira… Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu…**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)…**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, via viajamos, viajais, viajam … viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem…; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam … granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeit alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)…

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia…**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho…**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!…**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole…**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico…

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão…**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *hau haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*…

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)…**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense… camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão) …**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa…; exceção:gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem…**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes…**

O verbo requerer NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese…;** exceções**: deslize, gaze…**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)…; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palav de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)…; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)…**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)…

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ân ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*…

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impres**

(de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)…

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)…**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem…**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*,

víscera…

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrec mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche…**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrad (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)…**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabi papelucho, riacho, barbicha, gorducho…**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar…**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido…

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrech bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira…*

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe…; exceção: caucho, recauchut recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido…;** **exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)…

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro…; exceçã**

mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento…**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá…**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com X, tal letra tem som de KS (uxoricida, tóxico), Z (inexorável, êxito) ou S ou SS (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o X tem som de KS, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o X tem som de SS. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)…**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**) : **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)…**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras co no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho…**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em (z)inho podem ter dupla forma: colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir,**

deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir…

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que… eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que… eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem…

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que… eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar* ,

siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"… e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em -iar, como negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc. Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em -io e -ia: negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós… duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"…

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice;

degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol…

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é cla obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoes**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou

conversão): “Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!”

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer…; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano…**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros…**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo…**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!…**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: “**Que é isso?**

você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."…

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas…)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça…**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O Estado supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil pátria!" / "Eu moro no estado de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em estado terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE…**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa…**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval…**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo…**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste,**

nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá…

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, paláci ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças…**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo…**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministr ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão…**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a

representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)…**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)…**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa constr. (de construção), secr. (de secretário)…**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias…): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)…**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **f ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)…**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.el, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.a, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)…**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.as, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)…**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u> (3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do <u>espectador</u> (4) passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade <u>ininterrupta</u> (5).

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

3. **(Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com s.**

a) Avare___a.

b) Apra___ível.

c) Ra___ão.

d) De___ertas.

e) Cafe___al.

4. **(ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".**

a) laxante – cataqueze – sessão.

b) trouxer – catequizar – assento.

c) broxa – analizar – passo.

d) xácara – deleitozo – obsessão.

e) taxa – catálize – admissão.

5. **(NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:**

a) mantegueira / aterrissagem;

b) cataclismo / adivinhar;

c) mortadela / meretíssimo;

d) entitulado / embutido;

e) prostração / beneficiente.

6. **(Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):**

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

7. **(FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>anabolizar</u> está grafa corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.**

a) profissionalizar – pesquisar.

b) paralizar – realizar.

c) hostilizar – analisar.

d) indenizar – inferiorizar.

e) informatizar – ironizar.

8. **(Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. **(FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:**

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.

b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.

c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.

d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.

e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. **(FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:**

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial par garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pod transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. **(FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:**

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e a verteu abundantemente.

b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cuja forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.

d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.

e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.

b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.

e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam cor ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.

Obra do autor revela _____ pelo purgatório.

Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.

Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;

b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;

c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;

d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;

e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.

b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.

c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.

d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.

e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.

b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.

c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.

d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.

e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*

b) ampliar por *almentar;*

c) ostensivo por *esibido;*

d) precariedade por *deficiência;*

e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.

b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.

c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.

d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.

e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.

c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.

d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.

e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão d internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.

b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.

c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.

d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.

e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.

b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.

c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.

d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.

e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.

b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.

c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.

d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente

na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.

b) As crianças passeiaram no jardim.

c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.

d) Ele sapatea como um dançarino americano.

e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;

b) distenção;

c) discursão;

d) excessão;

e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.

b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.

c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.

e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:

a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.

b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.

c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.

d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.

e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:

a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;

b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;

c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;

d) generali___ar / utili___ar / u___ar;

e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:

a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.

b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.

c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.

d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatica do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por percentil.

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, o que (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que aceitasse (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil alcançaria (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela defazagem (4) nos investimentos em educação. Com escassez (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com ç que são derivados de verbos, como produção, redução, desaceleração, projeção. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.

b) discutir, emitir, aferir.

c) inquirir, imprimir, perseguir.

d) obstruir, intervir, conduzir.

e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.

b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.

c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualque tipo de displiscência.

d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.

e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito e

convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.

b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.

c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.

d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.

e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

38. (FUNDATEC – Pref. Imbé/RS – Agente de Combate a Endemias – 2015) Fragmentos de texto:

01: "… a escasse_ de água para populações em crescimento…"

11: "… liquidou as ten_ões entre os países nessa área…"

20: "… a ta_a de cooperação supera a incidência de conflitos graves…"

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das palavras das linhas 01, 11 e 20.

a) s – ss – ch

b) z – s – ch

c) z – s – x

d) s – ss – x

e) z – ss – x

39. (CONSULPLAN – PREF. JUATUBA/MG – AUXILIAR DE ADMINISTRAÇÃO – 2015) Assinale a afirmativa grafada INCORRETAMENTE.

a) Quanto tempo perdido…

b) Ter um amigo é algo raro.

c) O grupo de pessoas está imcompleto.

d) Cada um foi para o seu lado viver a vida.

Gabarito

1. B.
2. A.
3. D.
4. B.
5. B.
6. ERRADO.
7. B.
8. CERTO.
9. E.

10. D.
11. E.
12. A.
13. B.
14. INCORRETO.
15. CERTO.
16. A.
17. A.
18. D.
19. E.
20. D.
21. E.
22. C.
23. A.
24. ERRADO.
25. ERRADO.
26. A.
27. A.
28. C.
29. C.
30. E.
31. C.
32. CERTO.
33. ERRADO.
34. D.
35. D.
36. D.
37. A.
38. C.
39. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);

- a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
- o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
- o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
- o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
- o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
- a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
- o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposiç e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
- o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** s hoje." (possibilidade);
- o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
- a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
- a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto c namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas… e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria",

afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão…).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos político*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não se. que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. =**Aparentemente a verdade sobre a questã está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa…

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E… só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / Ascender (subir, elevar)

Caçar (perseguir, capturar a caça) / Cassar (anular, revogar, proibir)

Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / Sela (arreio de cavalo)

Censo (recenseamento – estatística) / Senso (juízo claro, percepção)

Cerrar (fechar) / Serrar (cortar)

Concerto (apresentação musical) / Conserto (ato ou efeito de consertar, reparar)

Espectador (aquele que vê) / Expectador (o que está à espera de; expectativa (!))

Espiar (espreitar, olhar) / Expiar (redimir-se, pagar uma dívida)

Esperto (atento, perspicaz, ativo) / Experto (especialista, perito)

Estrato (camada social) / Extrato (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / Insipiente (ignorante, imprudente)

Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / Remissão (perdão; ação ou efeito de remeter)

Seção (parte, divisão, departamento) / Sessão (reunião de pessoas para um determinado fim) / Cessão (doação, ato de ceder)

Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / Saudar (cumprimentar, aclamar)

Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / Taxar (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)

Trás (atrás, detrás; após, depois de) / Traz (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / Almoço (timbre aberto: forma do verbo almoçar)

Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / Conserto (timbre aberto: forma do verbo consertar)

Colher (timbre fechado: verbo) / Colher (timbre aberto: instrumento usado para comer)

Edito (decreto, lei) / Édito (ordem judicial)

Gosto (timbre fechado: sabor) / Gosto (timbre aberto: forma do verbo gostar)

Jogo (timbre fechado: recreação) / Jogo (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo poder no passado) / Pode (timbre aberto: verbo poder no presente)

Sábia (mulher com sabedoria) / Sabia (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / Casa (forma do verbo casar)

Janta (refeição) / Janta (forma do verbo jantar)

Cedo (advérbio) / Cedo (forma do verbo ceder)

Livre (liberto, solto) / Livre (forma do verbo livrar)

Lima (ferramenta) / Lima (forma do verbo limar)

Manga (fruta) / Manga (parte da camisa) / Manga (forma do verbo mangar)

Somem (forma do verbo somar) / Somem (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom… mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / Objeção (contestação, obstáculo)

Absolver (absolvição) / Absorver (absorção)

Acidente (ocorrência casual grave) / Incidente (episódio casual sem gravidade, sem importância)

Aferir (conferir) / Auferir (colher, obter)

Amoral (descaso com as regras de moral) / Imoral (contrário à moral)

Arrear (colocar arreios em) / Arriar (abaixar)

Cível (relativo ao Direito Civil) / Civil (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)

Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / Cumprimento (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)

Cavaleiro (homem a cavalo) / Cavalheiro (homem gentil)

Conjetura (suposição) / Conjuntura (momento)

Deferimento (concessão, atendimento) / Diferimento (adiamento, demora, discordância, distinção)

Delatar (denunciar) / Dilatar (adiar, alargar)

Descrição (ato de descrever) / Discrição (qualidade de quem é discreto)

Descriminar (inocentar, absolver) / Discriminar (distinguir, especificar, segregar)

Destratar (insultar) / Distratar (romper um trato, desfazer um contrato)

Defeso /ê/ (proibido) / Defesso /é/ (fatigado, cansado)

Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / Dissidioso (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)

Despercebido (desatento, distraído) / Desapercebido (despreparado, desprevenido, desprovido)

Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / Ilidir (rebater, contestar, refutar)

Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / Iludir (causar ilusão em, enganar, burlar)

Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / Ementa (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)

Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / Imergir (fazer submergir, mergulhar, afundar)

Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / Imigrar (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / Iminente (que está prestes a ocorrer, pendente)

Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / Fragrante (que exala cheiro agradável)

Fluir (transcorrer, passar) / Fruir (usufruir, desfrutar, gozar)

Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / Infração (violação, transgressão)

Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / Infringir (desobedecer, violar, transgredir)

Mandado (incumbência, ordem, missão) / Mandato (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / Preito (homenagem, respeito)

Preceder (anteceder, vir antes) / Proceder (vir, provir, originar-se)

Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / Proeminente (que sobressai, que vem à frente)

Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / Proscrever (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)

Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / Renegar (renunciar, rejeitar, negar)

Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / Rescindir (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)

Repreensão (censura, advertência) / Repressão (ação de reprimir, contenção, impedimento)

Ratificar (confirmar, corroborar) / Retificar (alterar, corrigir)

Sesta /é/ (período de descanso) / Cesta /ê/ (compartimento)

Soar (emitir som) / Suar (transpirar)

Sortir (abastecer, prover) / Surtir (ter como consequência, produzir, acarretar)

Sobrescrever ou sobrescritar (pôr nome e endereço do destinatário) / Subscrever ou subscritar (assinar)

Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / Tráfico (negócio, comércio ilegal)

Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / Vultuoso (inchaço especialmente na face e nos lábios)

Usuário (o que usa alguma coisa) / Usurário (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre relegada a um segundo plano, eis que ela emerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico ratificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobrevieram longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a

palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o **bolo** que te dei ontem.*

– *Comemos um **bolo** delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um **bolo*** de revistas lá em casa.

Cuidado!!!

Não confundir homônimos perfeitos com vocábulos polissêmicos. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra não é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, manga (fruta) e manga (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são homônimas perfeitas.

Veja estas frases:

– O peso está muito leve para mim. (adjetivo)

– Bateram leve à porta. (advérbio)

– Por favor, leve isso para ela. (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo polissêmico, mas sim homônimos perfeitos (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja,"bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra polissêmica. Ficou claro agora, não?

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (…)

E, embaixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

O s **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem…

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram **os flamenguistas os vascaínos***. (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí **em casa***. (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O **xadrez** está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui **ao encontro d**as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual s encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.
Se o seu problema é a vista, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)
– Doutor, já quebrei o braço em vários lugares.
– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses lugares. (Piada… péssima)

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o sabiá;

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá

(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,

Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,

Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido

É um coração partido

E ***as ilusões estão todas perdidas***

Os meus sonhos foram todos vendidos

Tão barato que eu nem acredito

Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo

(Mudar o mundo)

(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E***

acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça…" (…) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento… (…)

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à **noite**.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem **noite**.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta (uso dos porquês e de outras expressões)

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que** você fez isso?*

– *Juro que eu não sei **por que** eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender **por que** motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* ansiei ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "at sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de por que (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma porque. Veja só um caso: "Será porque ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será pois (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será porque ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo ser + que, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado porque (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma porque está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** normalmente é usada imediatamente antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada. Dica: o "e" do "quê" é acentuado quando é tônico, ou seja, quando tem som de "e", e não de "i". Veja que o quarto exemplo ilustra bem isso (mesmo não havendo sinal de pontuação ou não estando em fim de frase).

– *Agora você soube* ***por quê****, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia* ***por quê****.*

– ***Por quê****?*

– *Não sei* ***por quê*** *nem como aquilo ocorreu.*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais* dois ***porquês****, ok?*

– *Só vou dar* este ***porquê*** *a você; já* o ***porquê*** de verdade *não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há*** *meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está* ***a*** anos luz de mim.

Obs.: Sobre "Há uns anos atrás…": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o há já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "há cerca de dez anos atrás" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás…". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se a na expressão destacada "Não tem nada a ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o não da frase, usa-se se não (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir se não por caso não.

– Se não estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)

A forma se não é constituída de conjunção integrante se + o advérbio de negação não.

– Ele perguntou se não iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos:… que não se penteiam; pronome reflexivo.)*

– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos:… que não se dizem; pronome apassivador.)*

– *Ele só mora em lugares onde **se não** vive tranquilamente. (Normalmente dizemos:... onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança **senão** as palavras de minha amada, pois que c sou eu **senão** seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*

– *Não quero seu amor, **senão** sua amizade. (= mas sim)*

– *Meu amigo, não só estudo, **senão** trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também,*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*

– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não* estudar,será reprovado

– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não* falar quatro)

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará se não (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, senão está perdido" ou "Lute; se não (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou/quando não**. Nestes casos, pode-se interpretar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(…)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(…)

5. A palavra sublinhada em "… pois, <u>senão</u>, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, senão (exceto; preposição acidental) ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, senão (mas também; conjunção aditiva) divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito) teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, se não (fosse controlada), teria de adiar…

d) Havia apenas aquele senão (problema, falha, erro; substantivo) em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, senão (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito) mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – Gastou todo o salário do mês de março, senão (gastou) mais…

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição de com onde é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio de onde (ou donde) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar onde ou aonde é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: Aonde você mora? (errado) / Onde você mora? (certo; noção estática) / Aonde você está? (errado) / Onde você está?(certo; noção estática) / Onde você foi? (errado) / Aonde você foi? (certo; noção dinâmica). Onde você pretende chegar com essa atitude? (errado) / Aonde você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o onde (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

   – O primeiro lugar do vestibular, onde ninguém esperava que eu ficasse, é meu!

   – Você está onde na empresa? Eu estou na vice-presidência.

   – Finalmente conseguimos entrar na classe B, onde todos um dia desejam, no mínimo, estar.

   – Em seu ego, onde nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.

   – No capítulo 24 do livro de Mateus, onde Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.

   – Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos onde ele se encontra.

   – O Budismo, de onde eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanid sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou **mais** feliz quando estou com você, **mas** você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique **mais** tempo a sua esposa, e ela não vai **mais** cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei **mais** contente, **mas** também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente **afim**, nós não temos ideias **afins**.*

– *Comecei a estudar **a fim de** fazer aquela famigerada prova.*

– *Está **a fim de** namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto** vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro **de mais**.*

– *O professor fala **demais**.*

– *Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*

– *Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum** homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias **com tudo** que acontece no país.*

– *O filme não me agrada, **contudo**, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais **a princípio**.*

– ***Em princípio**, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio** não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual (* ***errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível Manual de Redação Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo a Nível Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo no Âmbito Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião a nível de desembargadores', 'discussão a nível de Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião de desembargadores', 'discussão da alçada do Órgão Especial'". O Manual de Redação da Presidência da República desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora****, não acredito nos políticos brasileiros.*

– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*

– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*

– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*

– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*

– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que*** exprime um conf entre o Estado e a Igreja.

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões à medida em que e na medida que não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem* nem ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– Não *deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– Sem ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) /* Nem ***sequ***

um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédic nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

– *O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que

não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: “Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados”.

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra “carioca” foi mal selecionada; deveria ser: “Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados”. Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: “Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades”.

Outro caso interessante seria este: “Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.”. No entanto, “roubar” significa, no Código Penal, artigo 157, “subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência”. Sendo assim, a frase inicial deveria ser: “Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez*...

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante

dela: “Aí, Nem… tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibr do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **dem** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes trafican de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"…), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"…), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"…), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"…), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"…), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*") …

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	Significado
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (a grosso modo é erro)

Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (…) de abandonar os planos de seu antecessor* *para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;

b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(…) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos *mal* e *mau* está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorret

quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, para tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorr quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou por que algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a express "por que". Na resposta, a expressão correta seria porque, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* porque *sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";

b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";

c) "de braços abertos";

d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";

e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera numa corda bamba. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando *deficits* muito elevados.

e) A palavra “acusando” está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial par garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pod transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários s

tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;

b) I, II e III, apenas;

c) I, III e IV, apenas;

d) II, III e IV, apenas;

e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, em lugar das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por em vez, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por mau.

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregad de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.

b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.

c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.

d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.

e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;

b) *por cujo motivo* e *visto que*;

c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;

d) *o motivo por onde* e *conquanto*;

e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto

crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.

b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.

c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.

d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.

e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).

b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).

c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).

d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).

e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "… descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."

b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância…"

c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina…"

d) "… se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*…"

e) "Com certeza não chegarei até lá…"

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser

substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;

c) preteridos;

d) disseminados;

e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "… esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;

b) resistência;

c) correspondência;

d) relutância;

e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.

b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.

c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.

d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.

e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;

b) se não – acerca – afim de que;

c) se não – acerca – a fim de que;

d) senão – acerca – a fim de que;

e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;

b) pescador – trabalhador;

c) pista – aeroporto;

d) piloto – comissário;

e) aeronave – jatinho.

"(...) Daí a razão por que, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado porque, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".

( ) CERTO ( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:

a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.

b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.

c) *uma família singular* = um conjunto variegado.

d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.

e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra coral no par de frases: *"[...] cantei em coral..." / Mergulhei e arranhei a perna num coral*. A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:

a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.

b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.

c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.

d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.

e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo tocar está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:

a) Ele tocava na orquestra da capital.

b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.

c) A equipe tocou o projeto rapidamente.

d) Não toque em nada que está sobre a mesa.

e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:

a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.

b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.

c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.

d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, Folha de S. Paulo)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todo

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa

única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;

b) reproduzir;

c) reservar;

d) restaurar;

e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.

II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;

b) sinonímia;

c) paronímia;

d) antonímia;

e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) Provoca-se erro gramatical o incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição “Para” pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;

b) opulência;

c) riqueza;

d) escassez;

e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.

2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.

b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.

2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.

c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.

2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.

d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.

2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo.”

b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada.”

c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!”

d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”

e) “O Neymar é invendável, inegociável e imprestável.”

41. (IDECAN – Pref. Ubatuba/SP – Agente Administrativo – 2015) No trecho “No levantamento, os participantes viram o nome de *hits* cuja letra faz menção ao álcool”, a palavra destacada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) citação.

b) quantia.

c) campanha.

d) composição.

42. (CETRO – Pref. Campinas/SP – Agente de Educação Infantil – 2015) Assinale a alternativa corret segundo o contexto em que a palavra destacada se encontra.

a) Lílian é uma **previlegiada**, vai morar na Suécia.

b) Todos mantiveram a **descrição** que aquele momento exigia e não falaram sobre o assunto.

c) O rapaz foi **discriminado** porque não estava vestido de acordo com o traje exigido na festa.

d O ladrão foi preso em **fragrante**.

Gabarito

1. E.
2. B.
3. II.
4. A.
5. CORRETO.
6. INCORRETO.
7. CERTO.
8. D.
9. CORRETO.
10. CORRETO.
11. A.
12. D.
13. B.
14. C.
15. CERTO.
16. CERTO.
17. E.
18. A.
19. D.
20. D.
21. D.
22. E.
23. E.
24. C.
25. B.

26. D.
27. E.
28. ERRADO.
29. E.
30. C.
31. E.
32. A.
33. B.
34. D.
35. B.
36. A.
37. E.
38. D.
39. C.
40. E.
41. A.
42. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso

significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender…

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern****o, govern****ante****, govern****amental****, govern****abilidade****, ****in****govern****ável****, ****des****govern****ado****, ****anti****govern****ista****, ****pseudo****govern****ador*** *etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o

sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica…" ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu

concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção** . A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

“Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?” Exatamente! “Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?” Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super-**homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para Processo de Formação de Palavras. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. “Perca” bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faço**; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: “Eu **fazo** dez flexões na barra!”? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? “Mas cadê o radical, Pestana?” Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema… Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem… volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se

todos conhecessem profundamente etimologia… mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre… Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– **1º Elemento da Composição**

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
		aristocracia,

aristo-	ótimo, o melhor	aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma

cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo

fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia

higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
	relativo à mãe; matriz,	metrópole;

metro-	útero; medida	metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia

orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
		quiromancia,

quiro-	mão	quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão

xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– **2º Elemento da Composição**

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
	lugar para correr, curso,	hipódromo,

-dromo	caminho	sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma

-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia

-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– **1º Elemento da Composição**

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola

bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– **2º Elemento da Composição**

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre uni, bi/bis, tri, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de supra-sumo é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo

c) belas-artes

d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: Supra e extra são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre a melhor resposta! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-** : **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem… o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Mening**ite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*

Cancro, sarampo, catapora,

*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*

*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*

*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*

*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*

(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite…), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
* a-, an-	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
* anti-	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda,

		anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
* arqui-, arc(e)-	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
* dis-	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
* hemi-	metade	hemisfério
* hiper-	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão

* hipo-	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
* para-	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* pro-	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre amoral (prefixo grego) e imoral (prefixo latino): a primeira palavra significa segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo a- é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: amostrar é o mesmo que mostrar, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
* ab-, abs-, a-	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar

ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
* ante-	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
* bis-, bi-	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (para Celso Cunha, é radical, não prefixo)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
* contra-	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
*de-, des-, dis-	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário,

		extraviar
* in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
* in-, im-, i-	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
* pre-	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
* re-	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo

semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* sub-, sob-, su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* super-, sobre-, supra-, su-	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está… Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que tem conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que não tem conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que devemos fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

Maaaaaaas, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra desativado também está presente em:

a) reativado

b) ativismo

c) desastrado

d) demasiado

e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de sincronia e não diacronia. Não obstante, se fizéssemos uma análise diacrônica (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra desastrado também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra desastre vem de astro. Houve uma junção do prefixo "des-, dis-" (com ideia de oposição) + astro. Um desastre, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que desastrado tem prefixo, hoje em dia? Desastrado vem de desastre, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de

modo que desastr- é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de repetir, não existe petir"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	des, in	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	contra	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	ambi	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	ab	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	bi(s)	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	trans	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	i(n)(m)	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	intra	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	e(s)(x)	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	super, supra	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito

eu	bene	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	semi	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	sub	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	ad	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	circum	em torno de	periferia, circunferência
pro	pre, ante	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	de	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	cum	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho

–alhão: grandalhão, facalhão

–ama: poeirama, dinheirama

–anzil: corpanzil

–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão…

–arra: bocarra, bicarra

–astro: poetrasto, politicastro

–arraz: fatacaz, pratarraz

–ázio: copázio, balázio

–**aréu**: fogaréu, povaréu

–eima: guloseima, boleima

–ento: farturento, corpulento

–eirão: vozeirão, chapeirão

–ola: beiçola

–orra: cabeçorra, cachaporra

–uço(a): dentuça, dentuço

–udo: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o -ão, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem bundão, coxão e pernão." / "É de mulherão assim que eu gosto." / "Ele é um bundão." / "Você é um bobão, chegou cedão." / "João tem um carrão". / "Eu amo você, meu paizão!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho

– **ebre**: casebre

– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco

– **ela**: viela, rodela

– **ilha**: cartilha, esquadrilha

– **icho(a)**: cornicho, barbicha

– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita

– **ino(a)**: pequenina, violino

– **im**: espadim, flautim

– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho,

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho

– **ejo**: lugarejo, vilarejo

– **ete**: artiguete, boquete, falsete

– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto

– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco

– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula

beicinho, gracinha, filminho

– **isco**: asterisco, chuvisco

– **oca**: engenhoca, bitoca

– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote

– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo, molécula

– **únculo(a)**: questiúncula, homúnculo

– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o - inho, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta mulherzinha não vale nada." / "Guarde esta lembrancinha." / "Amorzinho, dá para calar a boquinha?" / "Que gatinha!" / "Olha, agorinha vou te atender!" / "Ela é branquinha, né?" / "Que timinho de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada…

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição,

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria…

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de

corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado…

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem…

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal…

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha…

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame…

–**ana**: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira…

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo…

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria…

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite…

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem…

coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume…

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade…

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão…

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–**eza**: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza…

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia…

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice… Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície…

–or: dulçor, negror, alvor, amargor…

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude…

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura…

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetiv

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; "o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo,

macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista…

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência…

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)…

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão…

–or(a), -eira: ofício, profissão,

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório…

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura…

–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento…

agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira…

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar…

–**açar**: frequência, ação: envidraçar, esvoaçar, espicaçar…

–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer…

–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar…

–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar…

–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar…

–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar…

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação -ar de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco…

–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico…

–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar…

–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano…

–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário,

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado…

–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo…

–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco…

–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético…

–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre…

sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro… em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.

–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo…

–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho…

–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno…

–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês…

–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo…

–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu…

–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício…

–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico…

–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil…

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino…

–ita: origem, pertinência;

mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita…

–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento… em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa

–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho…

–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso…

–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo…

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte…

–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço,

–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório…

–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível,

movediço, acomodatício, punível, sensível, removível… prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo…

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo; inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em -vel, por exemplo: notável (notabilis) + íssimo = notabilíssimo; os terminados em -z: feliz (felicis) + íssimo = felicíssimo; os terminados em -m: bom (bônus) + íssimo = boníssimo; os terminados em -ão: pagão (paganus) + íssimo = paganíssimo. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em -io, o sufixo -íssimo só elimina a última vogal; exemplo: sério + íssimo = seriíssimo. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é -íssimo, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que portuguesmente e burguesmente são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em -ês. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o -o de menino seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em -o e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o -o como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o -e também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (-a). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que -o pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) -riz, -essa, -isa, -ina, -esa indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e,

consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências númeropessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
Presente (1ª conj.)	---	e	Infinitivo
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r

Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	Gerúndio
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	Particípio
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (e/a), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ªp.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ªp.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ªp.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ªp.: em
Imperativo afirmativo	---	1ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: -s, 1ª pessoa do plural: -mos, 2ª pessoa do plural: -is e 3ª pessoa do plural: -m. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O -a só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garota). 2) As VTs - e e -o podem aparecer como semivogal de um ditongo (pão/pães). 3) Tomando o - o como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilão > leiloeiro.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s…

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -a.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -e.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m… (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -i.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**…).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro…

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que n sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

> * Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, " cadáver vem do latim cadere ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "CAro DAta VERmibus" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada Gestapo nazista (Geheime Staats Polizei – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: cadáver é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: pedreiro-livre.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem

– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque

– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super**-humano

– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa

– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

*Obs.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver derivação prefixal e sufixal, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra reprodução segue este passo a passo: produzir > reproduzir > reprodução. Sabendo que a palavra reprodução é o ato ou o resultado de reproduzir, ela vem de reproduzir, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (re-) e de sufixo (-ção), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha

camarada, encararíamos a palavra reprodução como formada por derivação sufixal, uma vez que reprodução vem de reproduzir, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (- ção): reproduzir + ção = reprodução. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.

Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**

– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**

– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]

– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]

– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo - mento sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + mento = discernimento; adiar + mento = adiamento.

[2] Na palavra bissexualismo, note que houve acréscimo de prefixo (- bis) e de sufixos (- al e -ismo), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado derivação prefixal e sufixal, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: derivação prefixal e sufixal (Sacconi, por exemplo) ou derivação sufixal (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera bi(s)- um radical, logo haveria uma composição. Bem-vindo à língua portuguesa!

[3] Na palavra embarcar, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: em + barco + ar = embarcar. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em embarcar para formar a palavra embarcação: embarcar + ção = embarcação. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.

2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bur + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: enegrecer: enegro (?) / negrecer (?); descerebrado (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em -ado, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em - ado e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se - ado for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo desalmar, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo desalmou os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram desalmados pela política do heroísmo". Percebe que desalmados é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (desalmar + ado). Se a palavra está no particípio, então -ado é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando desalmado será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como adjetivo: "Você é um homem muito desalmado!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E - ado é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu derivação parassintética (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui

Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra submarino sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca a melhor resposta. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)… já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em -mento são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em -mento pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13. Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

O desmatamento contribui consideravelmente para o aquecimento global. A queima de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.

b) Dentista.

c) Pescaria.

d) Desalmado.

e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (en + duro + ecer), mas endurecimento não, pois vem de endurecer + mento = endurecimento! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(…) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5. (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda derivação prefixal e sufixal com derivação parassintética!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos NÃO entraram simultaneamente, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de reflorestamento: floresta > florest ar > reflorestar > reflorestar + mento > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > florest ar > florestamento > re- + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (não abstrato)	Verbo (ação)

Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim… polêmicas… Veja algumas:

Maracanã	Maraca
Cerveja	Cerva
Japonês	Japa
Português	Portuga
Delegado	Delega
Militar	Milico

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação

morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*

– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*

– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*

– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substanti*

– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*

– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*

– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*

– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazen parte da vida. (substantivos)*

– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou un **feito** inédito na história! (substantivo)*

– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*

– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.*

(substantivos)

– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, u **fala sério** para lá… Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora** isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o **como** amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho **que** tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelo exemplos, Sacconi): ***Misericórdia**!, **Bravo**!, **Qual**!, **Viva**!, **Avante**!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A **pintura** da parede demorou duas horas. (abstra A **pintura** da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O **planalto** tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O **Planalto** está cercado de corrupção. (próprio) / **Judas** traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um **judas** safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma **banana** a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um **banana**. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai +

outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

*Obs.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de Acentuação! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos bem (bem-me-quer) e mal (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra cadáver é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "carne dada aos vermes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de reduplicação/redobro a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em Lulu, babá, ioiô, reco-reco e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual… nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	Tevê
Cinematógrafo	Cinema > Cine
Militar	Milico

Português	Portuga
Delegado	Delega
Botequim	Boteco
Professor	Fessor
Fernando	Nando
Florianópolis	Floripa
São Paulo	Sampa
Rio de Janeiro	Rio
Otorrinolaringologista	Otorrino
Neurose	Neura
Futebol de salão	Futsal
Analfabeto	Analfa
Comunista	Comuna
Pneumático	Pneu
Pornográfico	Pornô
Fotografia	Foto
Poliomielite	Pólio
Telefone	Fone
Metropolitano	Metrô
Vice-presidente	Vice
Ex-namorada	Ex

Flamengo	Mengo
Microcomputador	Micro
José	Zé
Pestana	Pest

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no Manual de Redação do Senado e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas… e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir

da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, Detran, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como palavras e não mais como siglas: aid ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples s minúsculo: As UPPs e as UPAs têm sido de grande valia à população.

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, s a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	Portunhol
Tomate + Marte	Tomarte

Aborrecer + Adolescente	Aborrecente
Crédito + Telefone	Credifone
Copo + Companheiro	Copoanheiro
Brasileiro + Paraguaio	Brasiguaio
Grêmio + Internacional	Grenal
Show + Comício	Showmício
Atlético + Coritiba	Atletiba

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo

semântico, o qual veremos daqui a pouco:

- **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia se interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
- **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "bab ovo").
- **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
- **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
- **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
- **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
- **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
- **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
- **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Tota Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
- **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > migucho > miguchês

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que miguchês foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra miguchês foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra migucho – diminutivo da palavra migo –, a qual sofreu acréscimo do sufixo - ês, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com x (miguxo). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no miguchês. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com -ch, pois deriva do sufixo -ucho (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas

(sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*
Já fui fã do *Jethro Tull*

Saiba que eu tenho *approach*
Hoje me amarro no *Slash*

Na hora do *lunch*
Minha vida agora é *cool*

Eu ando de *ferryboat*…(2x)
Meu passado é que foi *trash*…

Eu tenho *savoir-faire*
Venha provar meu *brunch*

Meu temperamento é

light

Minha casa é *hi-tech*

Toda hora rola um *insight*

Fica ligado no *link*

Que eu vou confessar *my Love*

Depois do décimo *drink*

Só um bom e velho engov

Eu tirei o meu *green card*

E fui prá *Miami Beach*

Posso não ser *pop-star*

Mas já sou um *noveau-riche*…

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*…(2x)

Saca só meu *background*

Veloz como *Damon Hill*

Tenaz como *Fittipaldi*

Não dispenso um *happy end*

Quero jogar no *dream team*

De dia um *macho man*

E de noite, *drag queen*…

Venha provar meu *brunch*

Na hora do *lunch* Eu ando de *ferryboat*…(7x)

Eu ando de *ferryboat*…(2x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

Eu tenho *sex-appeal*

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. **(FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangei + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.**
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).
2. **(Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras s formadas pelo mesmo processo de formação é:**
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.
3. **(Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".**

   ( ) CERTO ( ) ERRADO
4. **(FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.**

   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."
5. **(Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustív**

é formada por prefixação.

( ) CERTO ( ) ERRADO

6. **(FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.**

a) AGU.

b) ADI.

c) Emerj.

d) EMATRA.

e) PIS.

7. **(Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está corretamente indicado:**

a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.

b) “redondo” (em “Skol, a cerveja que desce redondo”) = derivação sufixal ou sufixação.

c) enlouquecer = parassíntese.

d) combate (do verbo “combater”) = derivação imprópria.

e) “pobre” (em “O pobre merece ajuda”) = derivação regressiva.

8. **(Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos “instabilidade”, “imperfeita “inçados” e “impõe” são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. **(Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo “inaturável” é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo desnaturado.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. **O vocábulo “agravada” tem o mesmo radical que os vocábulos gravidez e gravidade.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

11. **Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

12. **(Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -mente a um adjetivo.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.

a) enriquecer.

b) entardecer.

c) avermelhar.

d) descobrimento.

e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "Para desentristecer, leãozinho", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);

b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);

c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);

d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);

e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;

b) prefixal;

c) sufixal;

d) imprópria;

e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> d e <u>sociedades</u> <u>multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;

b) sociedades;

c) criação;

d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórfico destacados <u>NÃO</u> tenham o mesmo sentido.

a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.

b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.

c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.

d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.

e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.

II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.

III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;

b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;

d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*

a) internacional.

b) sustentabilidade.

c) saneamento.

d) obrigatoriedade.

e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.

a) dissolver.

b) dispor.

c) discordar.

d) disenteria.

e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:

a) destinação;

b) desocupação;

c) criminológico;

d) carcereiro;

e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras “desertor” e “integrantes” são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:

a) governança;

b) ilimitado;

c) passatempo;

d) superprodução;

e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavr "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:

a) sufixal;

b) prefixal e sufixal;

c) parassintética;

d) regressiva;

e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:

a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;

b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;

c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;

d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;

e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*

a) <u>trans</u>bordar.

b) <u>tras</u>antontem.

c) <u>tres</u>noitar.

d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.

a) teológica.

b) biografia.

c) narcotráfico.

d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.

b) Infância, paciência, publicidade, justiça.

c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.

d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.

e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;

b) derivação regressiva e onomatopeia;

c) derivação prefixal e abreviação;

d) derivação parassintética e derivação imprópria;

e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;

b) descobrir;

c) reforma;

d) irracional;

e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra

“descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.

b) familiarizar.

c) tatuar.

d) recusar.

e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;

b) oportunidade;

c) responsáveis;

d) infelizmente;

e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;

b) desdobramentos;

c) favorável;

d) recentemente;

e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão “[…] o dinheiro que <u>discretamente</u> […]” é:

a) derivação prefixal e sufixal;

b) derivação regressiva;

c) derivação parassintética;

d) derivação sufixal;

e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de “estado ou qualidade de”, ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:

a) igual**dade** − sentiment**al**.

b) liga**mento** − esterilize**ção**.

c) sentimental**ismo** − govern**ante**.

d) pobr**eza** − hipocris**ia**.

e) jornalíst**ico**- adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em

“Tanto andam agora preocupados em definir o conto […]” / “Uma ternura imensa, […]” se formaram, respectivamente, por:

a) composição por aglutinação e derivação sufixal;

b) derivação regressiva e derivação regressiva;

c) composição por justaposição e derivação imprópria;

d) derivação regressiva e derivação sufixal;

e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em “(…) praticam o exorcismo em Kerala, (…)”.

a) mudança.

b) separação.

c) para fora.

d) para trás.

e) através de.

41. (IBFC – AMAZUL – Assistente de Administração – Técnico de Contabilidade – 2014) Sobre a estrutura e formação do vocábulo “biocremação” é correto afirmar que:

a) é uma palavra primitiva.

b) apresenta, em sua estrutura, os processos de composição e derivação.

c) foi formado, exclusivamente, por derivação.

d) foi formado, exclusivamente, por composição.

42. (AOCP – EBSERH NACIONAL – Analista Administrativo – Administração Hospitalar – 2015) As palavras “relacionamento”, “intelectualmente” e “profundamente” são formadas por:

a) derivação prefixal e sufixal.

b) derivação sufixal.

c) derivação prefixal.

d) composição por aglutinação.

e) composição por justaposição.

Gabarito

1. A.
2. A.
3. CERTO.
4. CORRETO.
5. CERTO.
6. D.
7. C.
8. ERRADO.

9. ERRADO.
10. CERTO.
11. ERRADO.
12. CERTO.
13. D.
14. A.
15. D.
16. D.
17. A.
18. C.
19. A.
20. C.
21. B.
22. CERTO.
23. C.
24. ERRADO.
25. ERRADO.
26. CERTO.
27. B.
28. E.
29. D.
30. D.
31. A.
32. A.
33. E.
34. E.
35. D.
36. E.
37. D.
38. D.
39. D.
40. C.
41. B.
42. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim… você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação**

(desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é ato de discursar**;

2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discurso<u>s</u>** daqueles alunos provocaram…"*;

3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o

assunto, hein… Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O <u>discurso</u> daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de <u>manhã</u>), prepositivas (ao <u>encontro</u> de) e conjuntivas (à <u>proporção</u> que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma cadela um cão fome canina***.

Ele ***bom perdigueiro***, ela de ***casta fina***.

Mil foscas lhe fazia ***o terno maganão***,

Mas gastava ***o seu tempo***, ***o seu carinho*** em ***vão***.

Dando n***o chichisbéu dentada*** e ***mais dentada***,

A fêmea parecia ***uma cadela honrada***

E incapaz de ceder ***às pretensões de amor***.

Mas ***o amante infeliz*** enfim foi sabedor

De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,

Era co'***um torpe cão*** fagueira às ***escondidas***.

Se és sagaz, ***meu leitor***, talvez que tenhas visto

Cadelas de dois pés* que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama sintagma nominal, ou seja, determinante(s) + substantivo = sintagma nominal; substantivo + determinante(s) = sintagma nominal; determinante(s) + substantivo + determinante(s) = sintagma nominal. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* a mesma ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo Numeral).

* Em "cadelas de dois pés", de dois pés é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo cadelas; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) dois. Logo, pés é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (dois pés). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma preta velha vendia laranjas. / Uma velha preta vendia laranjas. Note que os vocábulos preta e velha mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (Adjetivo).

– *Estou tão **sem ânimo**...* (Locução adjetiva) / *Esse teu **sem ânimo** me desanimou.* (Locu substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:

(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)

Fragmento de texto:

(…) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com o gentil "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se o "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (…)

A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;

b) substantivo;

c) adverbial;

d) prepositivo;

e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substanti O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *faze parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou u* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de pala denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substan O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– O raio do garoto só fala bobagens.

– O bobo do palhaço fez todos rirem.

– A idiota da mulher fez um escândalo no banco.

– A pobre da menina está carente.

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente

chegou", droga é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado… sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão…

- ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
- *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
- ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
- *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de… (1) ao… (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de Regência. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada…

- *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A **chegada** do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento…

– ***Surgiram** novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância…

–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria…

–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem…

–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor…

–nte: participar > participante; fabricar > fabricante…

–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura…

–eza: estar certo de > a certeza de…

–dade: ser difícil de > a dificuldade de…

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (Frase com dois verbos.)

– *O **canto** espanta os males.* (Frase com um verbo.)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase con dois verbos.)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verb

– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor

de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3]…..	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boi ada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo…

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um don-juan de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário / > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um havana ao som de um estradivário é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo abstrato pode se tornar concreto quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser

concreto. Veja os exemplos:

- A morte do pai o deixou deprimido. (Abstrato; estado)
- A Morte vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos. (Concreto; entidade)
- A construção do prédio foi concluída. (Abstrato; ato de construir)
- A construção ficou muito majestosa. (Concreto; a coisa construída, o prédio)
- A hora da saída me deixou ansioso. (Abstrato; ato de sair)
- Encontrou uma saída para escapar do incêndio. (Concreto; lugar por onde se sai)
- A plantação de maconha gera muito lucro para os traficantes. (Abstrato; ato de plantar)
- A polícia mandou queimar a plantação de maconha. (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser específicos, não específicos (este último é também chamado de coletivo geral ou genérico) ou partitivos. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: esquadrilha (grupo de aviões de pequeno porte), cordilheira (grupo de montanhas), cáfila (grupo de camelos), panapaná (grupo de borboletas), mobília (grupo de móveis), caravana (grupo de viajantes), tripulação (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: bando de ladrões, de vagabundos, de aves…; falange de heróis, de paramilitares, de espíritos…; junta de credores, de médicos, de examinadores…; rebanho de bois, de ovelhas, de cavalos…; molho de chaves, de cravos, de ossos…; cacho de uvas, de bananas, margaridas…; grupo de estudantes, de empresas, de golfinhos…

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um grupo de alunos reclamou/reclamaram da nota.". / "A maioria dos alunos não reclamou/reclamaram da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun<u>o</u>/alun<u>a</u>; gênero biforme) ou pelo determinante (<u>o</u> atleta/<u>a</u> atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um

aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / -a	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / -a	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; terminado em vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / -a	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / -ã, -oa, -ona	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / -eia	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / -oa	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
		diaconisa, poetisa,

diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / -isa, -essa, -esa, -triz, -ina (considerados sufixos)	abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em -nte (agente, vidente, regente…) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] Exceções: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] Exceções: judeu > judia; sandeu > sandia.

→ Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "Duas milhões de pessoas assistiram ao filme."

(Errado) / Dois milhões de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O determinante ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de Concordância.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh… agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"… voltemos ao que interessa…

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]

o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em -ista são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa… Não são formas da língua culta!

[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: o macho do rouxinol / a fêmea do rouxinol. Ah! Tigresa é a fêmea do tigre, segundo o VOLP.

* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é… a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano…

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: o a, o b, o c…

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe…

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti…

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

- ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
- ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
- *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
- ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
- *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
- ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
- ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma

b) o, a, a, uma, um

c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / -s (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / -s (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / -es (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / -ões (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações

anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / -s, -es, -ões (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilãos/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / -is[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / -s (oxítonos), -eis (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / -ns	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / -s, -es[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, caráter, par, sênior, júnior	-r / -es (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, caracteres, pares, senio<u>o</u>res, junio<u>o</u>res
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / -es (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, meus óculos, aqueles víveres, nossos pêsames

(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; fax, sax e box*	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; faxes, saxes e boxes (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / -es	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* artesões só será plural de artesão quando for "enfeite de abóbada".

[1] Exceções: aval (avais, avales), cal (cais, cales), cônsul (cônsules), fel (féis, feles), gol (gois, goles, gols; esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), mal (males), mel (méis, meles), mol (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com réptil e projétil, pois tais palavras também podem ser oxítonas (reptil e projetil), logo há dois plurais para cada: reptis/répteis; projetis/projéteis. O plural de til é tiles ou tis.

[3] O plural de cânon é cânones, e de éden, edens.

* Existem alguns substantivos terminados em -x que apresentam formas variantes terminadas em -ce; nesses casos, não variamos a forma terminada em -x, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**

– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**

– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**

– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**

– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou p o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em -s (três) e em -z (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros… mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade,

amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)

letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah…! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa… Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*

– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*

– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*

– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*

– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*

– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*

– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*

– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*

– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*

– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*

– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*

– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*

– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por subst. + subst. indicar adição, como se houvesse um e entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.

– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois joões-ninguém." ou

"Esquecemos os cola-tudo na loja!". Mas: "Não me importam os tudos-nadas (ou tudo-nadas).".

– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco porta-lápis, depois mais um porta-lápis".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:

– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*

– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*

– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*

– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*

– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*

– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*

– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, alto é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.

– Não me custa relembrar que o verbo parar perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em paraquedas e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmeque** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, aml os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navios**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)…

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de couve-flor é duplo: couves-flor ou couves-flores. Para os 99,99%, o plural é um só: couves-flores. Segundo o VOLP, o plural de lugar-tenente é lugares-tenentes; para Bechara, é lugar-tenentes. O plural de mestre-sala só é mestres-salas, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substanti**

só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– Fora da lei é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "Os fora da lei foram presos.".

– Em cavalo-vapor, só o primeiro elemento varia (cavalos-vapor), pois está implícita a preposição a (cavalos a vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: pimentas-do-reino, copos-de-leite, galinhas-d'angola, abelhas-da-europa, águas-de-colônia, arcos-da-velha, cores-de-rosa (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: os louva-a-deus, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra grão de bico/grão-de-bico é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: grãos de bico ou grãos-de-bico.

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemen varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**- -valens **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos…

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro--**asiáticos**…

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**… mas: lambe--**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**…

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá

pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**…; **guardas-civis**, **guardas- -noturnos, guardas-florestais**…

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de guarda-marinha é triplo: guardas-marinha, guarda-marinhas ou guardas-marinhas.

10) **Alguns casos especiais**: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus)..

Obs.: O substantivo toda-poderosa não existe, a forma culta é todo-poderosa: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como vice-campeão, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo vice-campeões é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral

acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço

–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho

–**alhão**: grandalhão, facalhão

–**ama**: poeirama, dinheirama

–**anzil**: corpanzil

–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão…

–**arra**: bocarra, bicarra

–**astro**: poetrasto, politicastro

–**arraz**: fatacaz, pratarraz

–**ázio**: copázio, balázio

–**az**: lobaz, cabronaz

–**aréu**: fogaréu, povaréu

–**eima**: guloseima, boleima

–**ento**: farturento, corpulento

–**eirão**: vozeirão, chapeirão

–**ola**: beiçola

–**orra**: cabeçorra, cachaporra

–**uço(a)**: dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho

– **ebre**: casebre

– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco

– **ela**: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho

– **ejo**: lugarejo, vilarejo

– **ete**: artiguete, boquete, falsete

– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto

– **ilha**: cartilha, esquadrilha

– **icho(a)**: cornicho, barbicha

– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita

– **ino(a)**: pequenina, violino

– **im**: espadim, flautim

– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),

– **isco**: asterisco, chuvisco

– **oca**: engenhoca, bitoca

– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote

– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco

– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula

– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo, molécula

– **únculo(a)**: questiúncula, homúnculo

– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z) inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)

– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)

– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)

– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)

– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)

– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)

– *Bebeu demais e fez um **papelão**.* (vergonha)

– *Eu te amo, meu **paizão**!* (carinho, afeto)

– ***Amorzinho**, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)

– ***Amorzinho**, que **boquinha** linda você tem.* (afeto, carinho)

– *Não leio **livrecos**; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)

– *Incrível! Estou para ver um **golaço** como este.* (admiração)

– *Amanda sempre foi um **mulherão**, mas agora está uma **mulheraça**!* (admiração)

– *Não tomo minha **cervejinha** com esse **frangote**.* (afeto/desprezo)

– *Enfim, comprei um **zerinho**! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é **lindinha**! Que nada, é **lindona**!* (adjetivo)

– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim…" "**Nenhuminha**!"* (pronome)

– ***Essazinha** não vale o que come…* (pronome)

– *Quero só um beijo, **unzinho** só.* (numeral)

– *Caramba, ele fala **rapidão**!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo… o sufixo - ão passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlãozinho, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa… derivação em cima de derivação… Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo -inho:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "…vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;

b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;

c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;

d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)

e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo - inho, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos

“Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.”. Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

“Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento.”

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: “A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.”.

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) “fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição”.

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível

fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobramse, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. **(MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações…"; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:**

   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;

   b) aldeãos – aldeões – aldeães;

   c) artesãos – camaleões – vulcões;

   d) artesões – corrimãos – verões;

   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. **(FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:**

   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;

   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;

   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;

   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. **(MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "…por que passam milhões de crianças brasileiras…"; observe as formas abaixo:**

   I. as milhões de crianças brasileiras.

   II. os milhões de crianças brasileiras.

   III. as milhares de crianças brasileiras.

   IV. os milhares de crianças brasileiras.

   As formas corretas são somente:

   a) I – II;

   b) I – III;

   e) I – II – III – IV.

   d) III – IV;

   c) II – IV;

4. **(MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infantojuve e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:**

   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;

   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;

   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;

d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;

e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do ver pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:

a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza…" – A compreensão de com usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.

b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.

c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossa instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "…dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:

a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.

b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.

c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.

e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas…… não existiam os…….

a) meia-tigelas – vale-refeições;

b) meia-tigelas – valem-refeição;

c) meias-tigelas – vales-refeições;

d) meias-tigelas – valem-refeições;

e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe palavra de "tal" é:

a) pronome;

b) adjetivo;

c) advérbio;

d) substantivo;

e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos,

único flexionado de modo adequado é:

a) guarda-chuvas;

b) olhos azuis-turquezas;

c) escolas-modelos;

d) surdo-mudos;

e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com…… de visão magnífica, verdadeiros…….

a) quedas d'água – cartões-postal;

b) quedas d'água – cartões-postais;

c) queda d'águas – cartões-postais;

d) quedas d'água – cartão-postais;

e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:

a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;

b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;

c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;

d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;

e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O* <u>ser</u> *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* <u>pensar</u> *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* <u>ser</u> *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* <u>cuidar</u> *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* <u>cuidar</u> *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) "ser".

b) "pensar".

c) "ser".

d) "cuidar".

e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero

feminino é:

a) champanha / clã;

b) mármore / guaraná;

c) apetite / suéter;

d) pijama / saca-rolhas;

e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?

a) seis.

b) cinco.

c) quatro.

d) sete.

e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O duelo durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:

a) "... com sérias dificuldades financeiras.";

b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";

c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";

d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";

e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:

a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.

b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.

c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) ***"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto*** **<u>mal-estar</u>** ***a primeira vez…"***

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;

b) amor-perfeito;

c) guarda-roupa;

d) obra-prima;

e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

"via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia"

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.

II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;

b) somente II;

c) I e II;

d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) ***"[…] que foi moldada, durante ano pela ação dos ventos e da água."*** **Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:**

a) construção;

b) verão;

c) cidadão;

d) especulação;

e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;

b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;

c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;

d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;

e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;

b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;

c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;

d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:

a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.

c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.

d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.

e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:

a) florezinhas – troféis;

b) salário-famílias – coraçãozinhos;

c) os vaivéns – anães;

d) paisezinhos – beija-flores;

e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é

mesma que ocorre em:

a) abaixo-assinado;

b) alto-falante;

c) porta-voz;

d) cavalo-vapor;

e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural d substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:

a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;

b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;

c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;

d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;

e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.

a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.

( ) CERTO ( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é <u>que nunca fui muito bom de memória</u>.", a oração destacada exerce a mesma função de um:

a) adjetivo;

b) advérbio de lugar;

c) advérbio de modo;

d) substantivo;

e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que NÃO apresenta flexão de número como matéria-prima é:

a) água-benta;

b) batalha-naval;

c) bate-bola;

d) batata-doce;

e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em <u>ão</u> pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:

a) televisão;

b) mão;

c) produção;

d) organização;

e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:

a) afetiva;

b) depreciativa;

c) pejorativa;

d) objetiva;

e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (…)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):

a) expressão sinonímica;

b) pronome relativo;

c) expressão nominal;

d) pronome oblíquo;

e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com o ou a e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;

b) __ magma, __libido, __ pernoite;

c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;

d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.

b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.

c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.

d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

37. (VUNESP – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2014) Fragmento de texto:

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou. Há muitas flores belas no mundo, e a flor do meu pé de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem.

Na passagem do terceiro parágrafo – "… veio enriquecer nosso canteirinho vulgar…" –, o substantivo, empregado no diminutivo, contribui para expressar a ideia de:

a) exatidão.

b) desprezo.

c) simplicidade.

d) soberba.

e) abundância.

38. (CESGRANRIO – PETROBRAS – Nível Médio – 2014) O fragmento do texto em que o vocábulo er destaque foi substantivado é:

a) "sua **imagem** foi literalmente apagada de fotografias dos líderes da revolução".

b) "A técnica usada para eliminar o **Trotsky**".

c) "Existe até uma **técnica** para retocar a imagem em movimento".

d) "Se a prova fotográfica não vale mais nada nestes novos tempos inconfiáveis, a **assinatura** muit menos".

e) "E se eu estiver fazendo a barba e escovando os dentes de um impostor, de um **eu** apócrifo?".

Gabarito

1. E.
2. C.
3. C.
4. B.
5. B.
6. C.
7. C.
8. A.
9. A.
10. B.
11. E.
12. C.
13. E.

14. A.
15. CERTO.
16. D.
17. CORRETO.
18. C.
19. C.
20. C.
21. B.
22. C.
23. C.
24. E.
25. D.
26. E.
27. A.
28. ERRADO.
29. D.
30. INCORRETO.
31. C.
32. B.
33. A.
34. C.
35. B.
36. D.
37. C.
38. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa difícil." e "Preciso estudar esta matéria difícil.". Qual difícil pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]

– ***Viver*** *é* ***excelente***.

– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!

[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O dois indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.

[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo isto) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho excelente a resolução de exercícios de Português". O que eu acho excelente? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho excelente isto (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.

Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo bobagem modifica uma oração. Veja: "… ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha bobagem comprar…". O presenteado acha isto/a compra bobagem. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em Predicativo do Objeto.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último

esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza vagas;

2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*

3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza…

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***

Meu avô, ***pernambucano***

O meu bisavô, ***mineiro***

Meu tataravô, ***baiano***

Meu maestro ***soberano***

Foi Antonio Brasileiro

(…)

Vou na estrada há muitos anos

Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um… subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto… Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade…

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: <u>o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira</u>!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva <u>nunca</u> varia de forma. Veja: "É válido que as pessoas estudem muito.". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= Isto é válido). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo…) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,

*assim **calmo**, assim **triste**, assim **magro**,*

*nem estes olhos tão **vazios**, nem o lábio **amargo**.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** (***atual** indústria naval japonesa*). Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um substantivo é caracterizado por um adjetivo (1), por uma locução adjetiva (2) e por uma oração adjetiva (3) ao mesmo tempo. Veja: "O inusitado (1) pouso que se espera suave (3) da economia norte-americana (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto… nessas frases em itálico… o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda mudança de classe gramatical com homônimos perfeitos. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.

II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*

– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão social, visão econômica
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão socioeconômica
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso amarelo
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso amarel<u>ado</u>
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro azul, homem feliz, leite quente
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro motorizado, homem mortal, leite branco
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco…
Relacional	Um adjetivo de relação (ou relacional) é aquele que é derivado de um substantivo por derivação sufixal e não varia em grau.	"O vinho chileno (do Chile) é ótimo"; "A plataforma petrolífera (de petróleo) foi fechada"

[1] Tome cuidado com os adjetivos restritivos, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

- O homem feliz entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.
- O homem, feliz, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta ansioso não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, ansioso, não conseguiu concluir seu trabalho." "Ansioso, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo explicativo é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem mortal age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher latino-americana, arte euro-americana, língua indo-europeia etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo anglo-francês. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza… quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso… por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

*briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**…*

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

*as (= aquelas) **da sala 1**, os (= aqueles) **do Brasil**, todo o mundo **do bairro**, os dois **sem graça**… Eles são **sem caráter**, O copo era **de cristal**, O menino ficou **com fome** este tempo todo?*

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

   Ex.: homem sem coragem (medroso); amor com limites (limitado), povo do Brasil (brasileiro); mas: m u r o de concreto (concretal?), livro do Pestana (pestaneiro?), pessoa sem graça (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarã subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

   Ex.: cor ígnea (referente ao fogo), parte setentrional (relativo ao norte), nariz aquilino (semelhante ao bico da águia), comportamento pueril/infantil (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda locução adjetiva com locução adverbial.

– Vi uma menina em Minas Gerais. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– Vi uma menina de Minas Gerais. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda locução adjetiva com pseudolocução adjetiva, que nada mais é que uma preposição + un substantivo. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (prep. + subst.) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura da porta. (ideia de posse; locução adjetiva)

– Aquela abertura de conta no banco vai me ajudar bastante. (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– O mês de maio é o mês das mães. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma da universidade custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma oração inteira.

– Vocês julgam sem importância estudar por meio de videoaulas? (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio…	-o / -a	linda, saborosa (timbre aberto), macia…
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu… judeu, sandeu (exceção)	-eu / -eia	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia… judia, sandia
ilhéu, tabaréu…	-éu / -oa	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, motor, trabalhador (exceção)…[1]	-u, ês, -ol, -or / -a	má, nua, francesa, espanhola, jogadora… motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira…
vão, chorão… ladrão (exceção)	-ão / -ã, -ona	vã, chorona… ladra, ladroa, ladrona

[1] São invariáveis: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas… sempre elas… ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre superiora".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)…

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases*** usados na sala, ficou bem suave.

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável: reuniões relâmpago, homens monstro, moleques piranha, vestidos laranja, ternos cinza, blusas creme, calças rosa, tintas salmão, escovas chocolate, paredes gelo, tons pastel… exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: lilases. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação…

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**…*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**… mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), puro(s)-sangue(s), pele(s)-vermelha(s)***

claro(a/s)-escuro(a/s) são exceções. Variam ambos os elementos.

4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, se terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão… quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais… (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos… (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

<u>Mera curiosidade</u>: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos bom, mau/ruim, grande, pequeno só têm formas sintéticas (melhor, pior, maior, menor) no

grau comparativo de superioridade; veja:

- Português é mais bom que Matemática. (Errado!)
- Português é melhor que Matemática. (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

- Edmundo foi condenado de novo, mas ele é mais boa pessoa do que má.
- Minha casa é mais grande que confortável.

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo se comparando dois seres: "João é mais pequeno que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos podem ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais irmão do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: "Comprei mais computadores (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.

  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***

- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).

  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos bom, mau/ruim, grande e pequeno apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em -a, -e, -o perdem tais vogais e acrescenta-se o -íssimo: secretíssima, quentíssimo, belíssimo…

– os terminados em -io perdem a última vogal e acrescenta-se o -íssimo: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo… Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em - eio perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o -íssimo: cheíssimo, alheíssimo… exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em -vel mudam para -bil e acrescenta-se o -íssimo: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo…

– os terminados em -z mudam para -c e acrescenta-se o -íssimo: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo…

– os terminados em -m e -ão passam a terminar em -níssimo: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo…

– alguns terminados em -co e -go podem terminar em -quíssimo e -guíssimo por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo… Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em -il recebem -imo: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo…

– os terminados em -ro e -re mudam para a antiga forma latina e recebem -rimo: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)…

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em -íssimo.

– alto > supremo/sumo ou altíssimo

– ágil > agílimo ou agilíssimo

– amargo > amaríssimo ou amarguíssimo

– baixo > ínfimo ou baixíssimo

– doce > dulcíssimo ou docíssimo

– frágil > fragílimo ou fragilíssimo

– frio > frigidíssimo ou friíssimo

– humilde > humílimo ou humildíssimo

– magro > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– manso > mansuetíssimo ou mansíssimo

– miúdo > minutíssimo ou miudíssimo

– negro nigérrimo ou negríssimo

– nobre > nobilíssimo ou nobríssimo

– pio > pientíssimo ou piíssimo

– pobre > paupérrimo ou pobríssimo

– recente > nupérrimo ou recentíssimo

– sábio > sapientíssimo

– sagrado > sacratíssimo

– semelhante > simílimo ou semelhantíssimo

– soberbo > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em -ésimo ou -ssíssimo, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota…

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta… Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um baita/puta salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.

  Ex.: *João é* o mais ***inteligente*** dentre *todos da sala*.

- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre ou seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.

  Ex.: *Maria é* a *aluna* menos ***inteligente*** do grupo.

Cuidado!!!

1) Os adjetivos bom, mau/ruim, grande e pequeno apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: o/a melhor, o/a pior, o/a maior e o/a menor.
2) Prefere-se "O mais poderoso dos homens morreu" a "O poderosíssimo dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo poderoso, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio mais nesse tipo de estrutura. É como em "Os muito magros não são felizes.". O termo magros, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio muito.
3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos o mais belos possível.", "Todos eram os mais honestos que se podia.".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo*, ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda*, ***linda***, ***linda***.
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa***.
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer***
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho***, *rapid*, *rapid****aço***, *rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava gelaaaaaaaaada." ou "A cerveja estava GELADA!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)

– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)

– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)

– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)

– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)

– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)

– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)

– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)

– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)

– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)

– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)

– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)

– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)

– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)

– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)

– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)

– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjet

– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)

– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)

– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)

– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)

– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)

– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)

– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)

– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo adjetivo)

– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é*** médico me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é*** amigo?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora… ou melhor… o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos… o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo

modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.

Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliaçã do autor é:

a) […] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros […]

b) […] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.

c) […] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.

e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "… gosto exacerbado…". B: "… quase bonita". C: "… bagunça… desastre…". E: "… ótimo". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do tex Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. **(MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o term que modaliza o conteúdo expresso é:**

   a) meramente;

   b) convenientes;

   c) étnicas;

   d) linguísticas;

   e) culturais.

2. **(MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:**

   a) imprensa brasileira;

   b) proposta milionária;

   c) incitamento racista;

   d) jovem negro;

   e) brilhante futuro.

3. **(MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cu adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:**

   I. a triste situação;

   II. milhões de crianças brasileiras;

   III. futuro incerto e infeliz;

   IV. grave problema social.

   a) I – III – IV;

b) I – III;

c) I – IV;

d) III – IV;

e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve…", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:

a) fogo brando;

b) lençol macio;

c) bolo mole;

d) perfume suave;

e) mar calmo.

"(…) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que imprevisível dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário…"

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.

"… do quadro político-institucional que regula os conflitos federativos…"

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural ao dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura sem assento nos tribunais superiores discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os de primeira instância, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito da jurisprudência. Penso de outra forma. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida que se advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.

a) "sem assento nos tribunais superiores".

b) "de primeira instância".

c) "da jurisprudência".

d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjeti

que se refere a um só substantivo é:

a) “hierarquias, estruturas nem códigos canônicos”;

b) “lutas sociais e políticas”;

c) “disciplina mental e espiritual”;

d) “diferentes tradições religiosas”;

e) “vaidades e ambições desmedidas”.

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) “Seu corpo como que se marca ainda na velha poltrona da sala.” Sobre os termos destacados, é correto afirmar:

a) Os dois possuem valor de adjetivo.

b) Os dois possuem valor de advérbio.

c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.

d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.

e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:

a) “extraordinária beleza” / “esforço heróico”;

b) “esforço heróico” / planos vélicos”;

c) “planos vélicos” / avanços técnicos”;

d) “avanços técnicos” / descobrimentos marítimos”;

e) “descobrimentos marítimos” / “extraordinária beleza”.

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o “curto prazo de dois dias”.* A locução adjetiva usada aqui em “o registro das aves” tem como sinônimo erudito:

a) ornitológico;

b) ofiológico;

c) entomológico;

d) ictiológico;

e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:

“Direitos humanos para os humanos direitos.”

I. Em “direitos humanos”, “direitos” é adjetivo; “humanos” é substantivo.

II. “Direitos humanos” e “humanos direitos” são substantivos compostos.

III. Em “humanos direitos”, “humanos” é substantivo; “direitos” é adjetivo.

IV. Em “direitos humanos”, “humanos” é adjetivo; “direitos” é substantivo.

Estão corretas as afirmações:

a) I e II.

b) I e III.

c) II e IV.

d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:

Quem nasce em:

I. Belém (Pará) é belenense.

II. São Luís é são-luisense.

III. Manaus é manauano.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):

a) I apenas.

b) II apenas.

c) I e III.

d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho “os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade”, tem-se:

a) um superlativo analítico de lento;

b) um comparativo de superioridade;

c) um superlativo absoluto;

d) um comparativo de igualdade;

e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:

a) “algumas generosas”;

b) “Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.”;

c) “seria de implantação inverossímil.”;

d) “Sua imaginação criativa.”;

e) “sobre a aborrecida lógica do texto”.

Fragmento de texto

Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito judicioso e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo “judicioso”, que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

(…) É necessário investir em pesquisa…

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:

a) "camadas iletradas".

b) "direitos políticos".

c) "perpétuo exercício".

d) "ofício mecânico".

e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (…) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (…)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do text assinale a alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.

a) Característica da nação.

b) Ameaça de colapso.

c) Deterioração de valores.

d) Instituição da escravidão.

e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -íssimo costuma ser adicionada a adjetivos No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:

a) ênfase;

b) qualidade;

c) autoridade;

d) formalismo;

e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".

b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".

c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.

d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.

e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "… fino manto…", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que NÃO ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.

b) Aquele profissional é um pobre homem.

c) Ela era uma simples pessoa.

d) Recebi uma única oferta de trabalho.

e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)

b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,…" (pronome)

c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho…" (preposição)

d) "Com escondida <u>melancolia</u>…" (adjetivo)

e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua…" (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(…) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "regra de direito vista por dentro, como ação

regulada".

(…)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do movimento pendular que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o jugo do tirano e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.

1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*

Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?

a) Apenas 1 e 3.

b) Apenas 2 e 3.

c) Apenas 1.

d) Apenas 2.

e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:

a) famílias pobres;

b) inocente cidadão;

c) qualquer artista;

d) jornais velhos;

e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases

1. "(…) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(…)"
2. "(…) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esquece o tanque cheio d'água (…)"

A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:

I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.

II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.

III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.

Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).

a) Somente o I está correto.

b) Somente o II está correto.

c) Somente I e II estão corretos.

d) Somente I e III estão corretos.

e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.

a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.

c) restaurante chique – chique restaurante.

d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:

a) A necessidade fez isto do homem.

b) Todos lutam para ter a liberdade.

c) A televisão nos mostra o mundo.

d) Ele usa um topete escandaloso.

e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados n texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:

a) “sua beleza SINGULAR”;

b) “formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas”;

c) “GRANDE contingente de pessoas”;

d) “variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações”;

e) “o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades”;

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (…) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões…” Em “… o mais estático,… o mais comunicável,… o mais rico…” tem-se um:

a) comparativo de inferioridade;

b) comparativo de superioridade;

c) superlativo absoluto sintético;

d) superlativo relativo de superioridade;

e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.

O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:

a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;

b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;

c) “é chamado a participar do universo adulto”;

d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;

e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:

“[…] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”

a) adjetivo;

b) advérbio;

c) verbo;

d) pronome;

e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de qu jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) “um dos mais marcantes capítulos”;

b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;

c) “o destino parecia lhe reservar”;

d) “Barbosa domina quatro idiomas”;

e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”

b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”

c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”

d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (…)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

O verde da bandeira brasileira representa nossas matas, nossa vegetação. O brasileiro não tem noção da importância dessa riqueza natural, por isso não defende nosso território.

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.

b) riqueza.

c) brasileiro.

d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um cego se aproximou e pediu uma ajuda.

b) Um homem cego pedia esmolas pelas ruas.

c) Ela é cega de nascença.

d) A menina cega chorava a falta do pai.

e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores vermelhas.

40. (FGV – PROCEMPA – Analista em TI e Comunicação – 2014) Da mesma forma que temos o adjetivo composto "judaico-cristã", poderíamos ter outro adjetivo composto formado com os adjetivos "técnica e científica" (… recorreram à sapiência técnica e científica…), no segundo parágrafo.

Nesse caso, assinale a opção que indica a forma correta desse adjetivo.

a) Técnico-científica.

b) Científica-técnica.

c) Científica-técnico.

d) Técnica-científica.

e) Técnico-cientifico.

41. (CESGRANRIO – CEFET/RJ – Revisor de Textos – 2014) Em qual dos períodos abaixo, a troca de posição entre a palavra sublinhada e o substantivo a que se refere mantém o sentido?

a) **Algum** autor desejava a minha opinião sobre o seu trabalho.

b) O **mesmo** porteiro me entregou o pacote na recepção do hotel.

c) Meu pai procurou uma **certa** pessoa para me entregar o embrulho.

d) Contar histórias é uma **prazerosa** forma de aproximar os indivíduos.

e) **Grandes** poemas épicos servem para perpetuar a cultura de um povo.

Gabarito

1. B.
2. E.
3. A.
4. C.
5. INCORRETO.
6. INCORRETO.
7. D.
8. A.
9. A.
10. INCORRETO.
11. A.
12. A.
13. D.

14. D.
15. B.
16. E.
17. ERRADO.
18. CERTO.
19. B.
20. A.
21. A.
22. A.
23. E.
24. A.
25. D.
26. INCORRETO.
27. A.
28. B.
29. C.
30. A.
31. D.
32. B.
33. D.
34. A.
35. A.
36. A.
37. A.
38. D.
39. A.
40. A.
41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas… nem vou citar nomes… Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la… Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática… é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;

2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores… **uma** gramática… **A** Gramática";*

3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores… **u** gramática… **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às*** , **do/dos**, **da/das**,**dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição a com o artigo a(s), resultando em à(s), se chama crase. Crase e artigo são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo Crase, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma

obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo…". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu slogan: "Leia amanhã no Globo". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias da Globo na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra rede antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto n'O Globo".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infiniti

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **de o** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo flexível por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As** grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são

adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio… você me pergunta: "Bem… se um artigo vem antes de um substantivo… então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é **o** mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.**Os** três eram bastante humildes.*

– ***A** senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a**o** meu.*

– ***O** que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não **à** (a + **a**)outra. Sobre **as** demais, ignore.*

– *As mulheres as quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d**o** que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito… e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será

um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem… **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela h muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é*

*que uma turma só é boa se seus componentes também **o** (isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que o, a, os, as (antes de substantivo elíptico) são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas…) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (… só/somente/apenas **um**…

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.*
alunos da rede.

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas**, normalmente, vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. P*
*por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os*** seus.

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d os olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar…"

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só um preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em Crase.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro d 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente no fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio o 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a os 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar segunda-feira". Como já dizia a música, "sábado à noite, tudo pode mudar" ou "De segunda a sexta, esporro do patrão; sábado e domingo, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao funk carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição de que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite de

verão!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites do verão passado.".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** Quaresma fazem parte de nossa cultura.

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição de que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia de Carnaval é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera do Natal deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra casa não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos a casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o a é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir a casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o a é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a dona de casa (profissão/locução substantiva), a dona da casa (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram* ***à*** *(a+****a****) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer* ***as*** *perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer as perguntas as mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "Fabiana, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a Carlota Joaquina com desrespeito." (o a é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a Santa Clara e a São Cosme e Damião." (os as são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de Virgem Maria, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos à (a + a) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer à (a + a) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____*.** Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim… sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal <u>dos avós dela</u> depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. Exceções: a Terra e o Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. Exceção: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo : a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: " Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo* , este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão todo mundo ou todo o mundo é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando mundo se usa no sentido de Terra (O jogo será transmitido para todo o mundo.). Não se usa artigo antes de todo quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é o todo-poderoso".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito…".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "O mestre, amigo e futuro cunhado Pestana veio me ajudar." / " As breves mas intensas palavras do professor me motivaram." / "Visitamos a moderna e a antiquada Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / " O lindo, o inteligente, o rico e o mentiroso apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."
Numa enumeração de substantivos referindo-se ao mesmo ser ou representando um todo contextualmente unido, o artigo fica geralmente omitido a partir do segundo elemento: "O amigo e (o) mestre Danton Pedro dos Santos deixou saudade", "Todas as pessoas, (os) animais, (as) plantas e (as) coisas da Terra são divinas".

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou nã

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plená*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser

obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até as línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até às (a + as) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas… em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição a gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípio* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram adjetivos:

– *Pai e filho tinham **um** jeito semelhante de falar.*

– *Fiz **um** negócio certo.*

* Na expressão "um(a) tal de", tal continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (**um**) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

Fofoqueiro 1: – Aí, o João foi ao cinema do bairro com a namorada, de novo!

Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que um cara daqui da cidade se atreveu a levar uma menina para o cinema, os pais da garota ameaçaram o cara de morte.

Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele… mas o homem não escuta ninguém.

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja… e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megassuperficialmente"… sem comentários… Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. **(Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.**

   A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

   a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.

   b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.

   c) Devido à regência da forma verbal “diz” todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.

   d) A regência da palavra “respeito” exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com er e as seguintes com de.

   e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. **(Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.**

   () CERTO ( ) ERRADO

3. **(FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) “… por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* se reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado…”**

   Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

   a) artigo − artigo − preposição − preposição;

   b) preposição − artigo − preposição − artigo;

   c) artigo − preposição − preposição − artigo;

   d) artigo − preposição − preposição − preposição;

e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. **(Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (*… forte influência nas características pessoais…*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. **(FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.**

a) "… o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."

b) " *O* que se faz?"

c) " *O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram…"

d) "… agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."

e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. **(Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*… valores qu diferem nitidamente dos da Idade Média…*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

7. **(Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.**

a) "na medida".

b) "a dimensão".

c) "às exigências de justiça".

d) "do perdão e do respeito".

e) "a toda pessoa".

8. **(NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:**

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".

b) "deu os primeiros passos da campanha".

c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".

d) "para aprovar a Lei nº 9.478".

e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. **(Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

"(...) Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"

( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

Não é a violência nem as turbulências da economia e muito menos a saúde. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é resultado de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. Num suposto ranking mundial de pessimismo em relação às oportunidades de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar entre as preocupações de curto prazo, depois da economia.

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".

II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguint com letra inicial minúscula.

III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".

IV. Substituir "Num" por *Em um*.

V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.

VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;

b) 2;

c) 3;

d) 4;

e) 5.

O acesso às novas tecnologias tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há uma profunda transformação em curso nas comunicações, potencializando a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e muito mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguinte afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por a novas tecnologias, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: profundas transformações.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: que potencializa.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;

b) F, F, F, V;

c) V, F, V, F;

d) F, V, V, F;

e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (…) continuam a mostrar…"

b) "… enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam…"

c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra…"

d) "… afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;

b) artigo definido; preposição;

c) pronome; artigo definido;

d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.

b) Depois da chuva, voltei a casa.

c) A tardinha está deliciosa.

d) A noite é sempre assim: linda!

e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.

b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.

c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.

d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;

b) três artigos definidos e três preposições;

c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;

e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vid vem crescendo <u>em todo o mundo</u>", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do text se o trecho "aos medicamentos" (… ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais…) for substituído por a medicamentos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhad aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é <u>o</u> que queremos dizer".

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina d<u>o</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:

1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica…"
2. "… para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios…"
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.

Os termos grifados são, respectivamente:

a) artigo, pronome, pronome;

b) artigo, preposição, prono, me;

c) artigo, pronome, preposição;

d) pronome, preposição, artigo;

e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários à sua construção e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição por com o artigo a.

A sequência correta é:

a) V, F, F;

b) V, F, V;

c) F, V, F;

d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.

b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.

c) Li a notícia no “Estado de Sergipe”.

d) Ambos os casos merecem consideração.

e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguin afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.

b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.

d) Faltaram uns dez alunos.

e) O menino fugiu.

(…) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer “jardim murado”; e sua representação, seu símbolo, é um jardim, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (…)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?

– “… e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim…”

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *“Receio que a gente esteja cometendo um triste engano.”* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:

a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;

b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;

c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;

d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;

e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos

“Igual a como” / “Como a alegria”

a) O “a” pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.

b) O primeiro “a” é classificado como artigo definido.

c) O vocábulo “como”, nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.

d) Na segunda ocorrência, o “a” é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primei registro.

e) A palavra “igual” não pode substituir “como” em “como a alegria”.

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) Um homem entrou num bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. O funcionário do bar disse:

– Isso não lhe faz bem, sabe?

– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.

– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.

– Só um real.

(Andy Rooney, “Tribune Media Services”)

A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:

a) Nos termos “o funcionário” e “o homem”, o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.

b) Nos termos “o funcionário” e “o bar”, os artigos definidos mostram que os termos determinados pe eles já foram enunciados antes.

c) Termos como “um homem” e “um bar” nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.

d) No termo “o funcionário”, o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos “um homem” e “um bar”, o emprego do artigo indefinido indica, além do conheciment dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) “A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje.” (Paulo Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

35. (AOCP – UFS – Técnico em Segurança do Trabalho – 2014) Todas as expressões destacadas a seguir funcionam como artigo definido, EXCETO:

a) “… sendo **os** humanos do jeito que são…”

b) “… confrontarmos **os** desafios da vida…”

c) “… são **os** que tiveram que trabalhar…”

d) “… ensinar **os** menos habilidosos…”

e) “… são **os** ídolos de todos…”

36. (CESGRANRIO – FINEP – Nível Superior – 2014) (Adaptada) O artigo definido em destaque tem papel de estabelecer retomada de expressão:

a) “‘Num país em que **a** Justiça é caolha, não dá para liberar geral’”

b) “‘O desprezo e **o** desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros’”

c) “Naquela ocasião, percebi claramente que **os** fantasmas dos traumas”

d) “Segundo **a** declaração, são consideradas intoleráveis as interferências”

e) “**O** presidente do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, sugeriu”

Gabarito

1. E.
2. ERRADO.
3. D.
4. CERTO.
5. E.
6. CERTO.
7. E.
8. E.
9. CERTO.
10. F.
11. D.
12. E.
13. D.
14. A.
15. B.
16. B.
17. E.
18. ERRADO.
19. CERTO.
20. E.
21. B.
22. CORRETO.
23. ERRADO.
24. CORRETO.
25. D.
26. CORRETO.
27. CORRETO.
28. C.
29. C.
30. CORRETO.
31. C.
32. D.
33. C.
34. B.

35. C.

36. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que…

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

- Os numerais cardinais que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só um aluno e uma aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.
- –Os numerais ordinais variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras…
- Os numerais multiplicativos variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas triplas daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".
- Os numerais fracionários variam em gênero e número: um quarto, dois quartos, duas quartas, trinta e quatro avos…
- Ambos/ambas são considerados numerais duais; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. Ambos deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é… bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***,***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja… **duas** é bom…"; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente…", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

    a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)

b) advérbio e aposto;

c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta… e erraria!)

d) vocativo e substantivo;

e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que três está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (amigos, rapazes, irmãos etc.). Além disso, três continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua Moderna Gramática Portuguesa.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*

– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*

– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso homossexuais.*

– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equival "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o out Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Exis um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto

sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos

cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década… Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1]O numeral fracionário meio (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou meio quilo de feijão."; "Cortou meia laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e meio (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e meia (hora)."; "Enfim, já é meio-dia e meia (hora)."." O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso… Bem… vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos n<u>o</u> meio <u>do verão.</u>". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está meio <u>chateada</u>, porque já está

meio tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2]Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "Os dois milhões de mulheres de nosso país estavam entusiasmados (ou entusiasmadas).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com milhão (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um milhão de reais foi (foram) gasto (gastos) na construção da casa.".

[3]Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc . não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de primeira/primeiríssima qualidade."; "Teu clube é de segunda categoria."; "Um material de terceira ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-

se como *segundo milésimo*).”.

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

- *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*
- *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*
- *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*
- *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*
- *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*
- *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
- *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

- *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
- *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
- *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se ordinal.

- *Moro na casa **seis** da vila.*
- *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
- *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
- *Moro no 23º(**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

*O gramático Evanildo Bechara defende tanto o uso do ordinal como do cardinal no caso do primeiro dia do mês.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*

– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*

– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*

– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*

– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*

– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"… faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo…

Questões de Concursos

Cá entre nós… sofri para encontrar questões recentes de numerais… Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;

b) veja o exercício da página vinte e um;

c) consulte o artigo segundo desse código;

d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;

b) livro X;

c) livro XI;

d) livro XL;

e) livro C.

3. **(NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos en pleno século XX…"; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:**

a) no século XI antes de Cristo;

b) o papa recebeu o nome de João XXIII;

c) no século XII da nossa era;

d) Inocêncio X foi papa;

e) Luís XVI foi rei da França.

4. **(Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "… às dez horas", " sob as olaias" e "Ambos se abanavam", palavras grifadas são, respectivamente:**

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;

b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;

c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;

d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;

e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. **(NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio d Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:**

a) cardinais e ordinais;

b) cardinais e multiplicativos;

c) multiplicativos e fracionários;

d) cardinais e fracionários;

e) ordinais e multiplicativos.

6. **(NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:**

a) Luís XVI;

b) João XXIII;

c) Pio X;

d) século XXI;

e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como uma segunda língua.

A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de 2002 que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.

As universidades terão dez anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em cinco anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternati em que a palavra não seja numeral.

a) Uma.

b) Segunda.

c) 2002.

d) Dez.

e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:

a) mil e novecentos e cinquenta e três;

b) mil, novecentos e cinquenta e três;

c) mil, novecentos e cinquenta três;

d) um mil, novecentos e cinquenta três;

e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cer vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:

a) cerca de 100 vezes;

b) ambas as vezes;

c) inúmeras vezes;

d) uma meia dúzia de vezes;

e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:

a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.

b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*

d) Gates é dono de várias obras-primas.

e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois d pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:

a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;

b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;

c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;

d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;

e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:

a) Pedro I;

b) Henrique VIII;

c) João Paulo II;

d) Luís XVI;

e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:

a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "<u>Ambas</u> estão sendo empurradas…", a palavr grifada pertence à seguinte classe gramatical:

a) advérbio;

b) numeral;

c) pronome;

d) conjunção;

e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de <u>quinze</u> quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em <u>primeiro</u> lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)

As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:

a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;

c) ordinal e multiplicativo;

d) fracionário e multiplicativo;

e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.

Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.

a) 400 anos – quadringentenário.

b) 400 anos – quadricentenário.

c) 600 anos – sesquicentenário.

d) 150 anos – tricinquentenário.

e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil

(Gilberto Gil)

Minhas ambições são dez.

Dez corações de uma vez

pra eu poder me apaixonar

dez vezes a cada dia,

setenta a cada semana,

trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:

a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);

b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);

c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);

d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);

e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:

a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;

b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;

c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;

d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;

e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

" O <u>brasileiro</u> foi <u>um</u> dos primeiros no mundo <u>a</u> reconhecer <u>a</u> tese de que <u>o</u> mosquito era o causador da <u>epidemia</u>."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.

b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.

c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.

d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.

e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou <u>dois</u> quilômetros e <u>meio</u> a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;

b) dos pronomes;

c) dos numerais;

d) dos advérbios;

e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou <u>sete</u> coletâneas de <u>artigos</u>, discursos e planos <u>de</u> governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;

b) numeral, artigo e preposição;

c) substantivo, artigo e conjunção;

d) pronome, artigo e preposição;

e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "<u>Três</u> perguntas costumam acompanhar <u>a</u> discussão em torno do <u>aquecimento</u> global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;

b) substantivo – artigo – substantivo;

c) numeral – artigo – substantivo;

d) artigo – substantivo – numeral;

e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana <u>vinte e cinco</u> adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;

b) cardinal;

c) fracionário;

d) multiplicativo;

e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois (“Sempre que misturamos os dois registros…”).

b) mais (“… ou um perfume um pouco mais caro.”).

c) bem (“… você ficará bem se levar…”).

d) regido (“Enquanto o primeiro é regido por valores…”).

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho –… em linho de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.

b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.

c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.

d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta…

b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder…

c) … os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar…

d) … são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos…

e) … aos quatro cantos de uma sala…

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

“Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários.”

“<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava.”

“Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada.”

a) artigo, numeral e pronome;

b) numeral, numeral e numeral;

c) numeral, artigo e numeral;

d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.

II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.

III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.

IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;

b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;

c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;

d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;

e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós

Virou abismo sem fim

Quando estranhei sua voz

Eu te procurei em mim

Ninguém vai resolver

Problemas de nós dois.

Se tá tão difícil agora

Se um minuto a mais demora

Nem olhando assim mais perto

Consigo ver por que tá tudo tão incerto

Será que foi alguma coisa que eu falei?

Ou algo que fiz que te roubou de mim?

Sempre que eu encontro uma saída

Você muda de sonho e mexe na minha vida (…)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;

b) pronome, substantivo e substantivo;

c) pronome, substantivo e verbo;

d) pronome, numeral e substantivo;

e) substantivo, numeral e substantivo.

31. (FGV – FUNARTE – CONTADOR – 2014) (Adaptada) Há, abaixo, elementos que expressam quantidade. A alternativa em que o termo sublinhado NÃO tem esse valor é:

a) "Há em nosso povo **duas** constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo";

b) "Adiamos tudo: o bem e o mal, o bom e o mau, que não se confundem, mas **tantas** vezes se

desemparelham";

c) "Só a morte e a promissória são **mais ou menos** pontuais entre nós";

d) "encontrei no fim do volume **algumas** informações essenciais sobre nós e sobre a nossa terra";

e) "Entre **poucos** endereços de embaixadas e consulados, estatísticas, indicações culinárias, o auto intercalou".

32. (FUNRIO – INSS – ANALISTA (LETRAS) – 2014) A canção composta por Cazuza diz: "Ideologia, e quero uma pra viver!".

A frase é encabeçada pelo substantivo "ideologia", mas devemos observar que o verbo "querer" está acompanhado de seu complemento direto. Se considerarmos que "uma" é um numeral cardinal e não um pronome indefinido, estaremos levando em conta um contexto segundo o qual o enunciador quer "uma ideologia" e não:

a) outra ideologia.

b) uma filosofia.

c) algumas ideologias.

d a morte.

e) duas ou três.

Gabarito

1. A.
2. B.
3. D.
4. C.
5. D.
6. C.
7. A.
8. B.
9. B.
10. C.
11. A.
12. D.
13. ERRADO.
14. ERRADO.
15. B.
16. A.
17. C.
18. D.
19. B.

20. A.
21. C.
22. E.
23. C.
24. B.
25. A.
26. B.
27. C.
28. B.
29. C.
30. D.
31. C.
32. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

* O discurso é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um

receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1 ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade…

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem… para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);

2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que nossos é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito documentos: "Estes documentos são nossos (documentos)". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem,

normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack… vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: eu (singular), nós (plural).

2ª pessoa: tu (singular), vós (plural).

3ª pessoa: ele/ela (singular), eles/elas (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa".* (sujeito)

– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)

– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)

– *O Fernando Pestana,**eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija…"? O pronome reto eu não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me…", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o eu, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçado pelos pronomes demonstrativos mesmo e próprio, pela partícula expletiva (ou de realce) que ou pela expressão expletiva formada pelo verbo ser + que (normalmente é que): "Ela própria/mesma me fez sofrer."; "Tu que me fizeste sofrer."; "Eu é que te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome e pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do eu no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso…" O uso de nós no lugar de

eu evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre eu e tu nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre mim e ti nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto ele.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu eu, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)

– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)

– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)

– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "Tu vai aonde amanhã?". Deveria ser: "Tu vais aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)

– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)

– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega ele, pega ele, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de todo(a/s), só (adjetivo), apenas ou numeral, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

   – O que vi da vida até agora? Vi toda ela se esvaindo diante dos meus olhos. (objeto direto)

   – Ajudei todos eles e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso. (objeto direto)

   – Encontramos ele só na praia, pois a namorada o abandonara. (objeto direto)

   – Finalmente os juízes classificaram eles dois para a última etapa do campeonato. (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto eu e tu.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

- Fernando Pestana, autor de A Gramática, requer a V. S.ª se digne de conceder-lhe…

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades… O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica desprezado, e Pelé fica prezado nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de Jeová, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. Ele teve um livro q leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

- Em virtude dela viajar, tive de reprogramar minha vida. (errado)
- Em virtude de ela viajar, tive de reprogramar minha vida. (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (… da disputa… parar…) e sem contração (… de a disputa… parar…) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (parar).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (…)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;

b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!

c) se pode (l.11) por pode-se;

d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;

e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar desta missão ser…) quanto a não contração (Apesar de esta missão ser…) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: 99% das bancas entendem que a contração é um erro, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,****nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso…) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de eu, emprega-se nós a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de plural de modéstia:

   – Desde março de 2012, (nós) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (nós) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por nós, enchendo-nos de satisfação.

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

   – Desde março de 2012, (eu) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (eu) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por mim, enchendo-me de satisfação.

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam nós no lugar de eu para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "Nós, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão a gente, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– Até quando nós iremos nos abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a nossa complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.

Veja mais sobre isso em nos (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos vocês no lugar de vós. Se você já ouviu falar em plural de cerimônia, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (vós) estais no céu, santificado seja o vosso nome…".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: me (singular), nos (plural).

2ª pessoa: te (singular), vos (plural).

3ª pessoa: se (singular ou plural), lhe, lhes, o, a, os, as.

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe(s)** pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei

mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você** nunca **fez** (3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu **te** (2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu** nunca **fizeste** (2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu **te** (2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já **nos** demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** normalmente pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**…)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (… comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (… infundiu **no homem**…)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos

terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**…), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê- **la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou… porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram- **nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)… (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. =… para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)… (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram- te uma bela lição (= a)!… (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes…

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e

ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).

Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou compra r uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não*** *se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula… entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: Não; esqueça-se de mim!

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula…) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora , negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, pode-se usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

** que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o PO

antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo quem, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade te apetece. / A mulher cujo marido nos empregou é muito simpática. / Embora o programa lhe desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu Manual de Redação Profissional. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-me." ou "É verdade que meu pai me aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É correto afirmar:

c) o pronome lhe (linha 27), em cuja forma lhe sugeria, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome lhe, em cuja forma lhe sugeria, NÃO poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X)CERTO ( ) ERRADO

Ainda na linha do Bechara, consulte: FUNCAB – IFAM – TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO – 2015 – QUESTÃO 13; e FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 17 (PROVA 1, LETRA "C").

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas **que** se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no

estágio atual da língua) chamada de apossínclise, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

** alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

** que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, pouco se importando com o conforto advindo dele." Consulte: CESPE/UnB – TRT/ES – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2013 – QUESTÃO 6.

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

** nem, não só/apenas/somente… mas/como/senão (também/ainda)…, tanto… quanto/como…, que, ou… ou, ora…ora, quer… quer…, já… já…*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como facultativo, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou***-*me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "Já me vou embora daqui!" Nunca há ênclise com verbo no futuro do presente ou do pretérito, logo, as frases "Mandarei-a para casa" ou "Mandaria-nos para casa" estão erradas. Nesses casos, impõe-se a mesóclise, obrigatoriamente.

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria,mudo- me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão logo me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem***-*se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, jamais vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar***-*te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição a: "Estou inclinado a ajudá-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a ajudá-la." Com palavra atrativa: ver Casos Facultativos, mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo***-*se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, não se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar***-*se*-***á***, *na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo*

Obs.: O POA sempre ficará entre o r do verbo e a terminação do verbo: "Daremos um beijo no teu rosto. =

Dar-te-emos um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: " Talvez se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá-la-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, nunca te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo me deixou-me triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson…son, son, son, son…

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas… mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) ante do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou- me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) ar do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu a vi ontem, e não Eu vi-a ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo, numeral ou oracional antes do verbo sem palavra atrativa.

- ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te* . / *Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se*.
- ***Namorar a Maria*** *me deixa feliz demais.* / ***Namorar a Maria*** *deixa- me feliz demais*.

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "pa em, por, sem, de, até, a".

- *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo*.
- *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*
- *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê- lo*.
- *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
- ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará ma*
- ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
- *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
- ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muit*
- *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Consulte: FUNCAB – PREF MAGÉ/RJ – ADMINISTRADOR – 2012 – QUESTÃO 13 (LETRA A).

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo vir depois do verbo auxiliar.

- *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: CESPE/UnB – MIN – ANALISTA TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 11; e CESPE/UnB – HEMOBRAS – ANALISTA DE GESTÃO CORPORATIVA – 2008 – QUESTÃO 13.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

- ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu examásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[…]" (linhas 16-17)O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) tem perseguido-a;

b) lhe tem perseguido;

c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estava chamando- me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não lhe posso esclarecer mais nada. / Não posso esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "Ele te vai xingar muito." ou "Ele vai(-)te xingar muito." ou "Ele vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome *entre* os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da ESAF – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (PROVA 1, GABARITO 1)). Portanto, pode ser que qualquer banca não veja como erro de colocação pronominal os exemplos a seguir:

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia te insultado.*

3) Cuidado com a colocação pronominal em falsas locuções verbais, principalmente a formadas pelos verbos causativos (mandar, deixar, fazer e sinônimos) e sensitivos (ver, ouvir, sentir e sinônimos) seguidos de infinitivo ou gerúndio. As regras aqui são as mesmas de próclise, ênclise ou mesóclise, pois estamos diante de falsas locuções verbais, ou seja, o que parece uma locução verbal é, na verdade, uma construção com dois verbos independentes. A depender da colocação do pronome oblíquo átono, veja que o sentido mudará:

– *Eu te mandei estudar mais. (Equivale a "Eu mandei que tu estudasses mais".)*

– *Eu mandei estudar-te mais. (Equivale a "Eu mandei que te estudassem mais".)*

– Não *te mandei estudar mais. (Equivale a "Não mandei que tu estudasses mais". Note que a próclise é obrigatória, por causa da palavra atrativa.)*

– *Mandar-te-ei estudar mais. (Equivale a "Mandarei que tu estudes mais".)*

Se você pensa que isso não cai em prova, pasme e consulte: CESPE/UnB – TCE/TO – ANALISTA DE CONTROLE EXTERNO – 2008 – QUESTÃO 4 (LETRA "A").

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho…), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do s pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: mim, comigo (singular); nós, conosco (plural).

2ª pessoa: ti, contigo (singular); vós, convosco (plural).

3ª pessoa: si, consigo (singular ou plural); ele(a/s) (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal,

adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de objeto indireto por extensão. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura u crime.", a expressão destacada funciona como

a) introdutor de conformidade;

b) objeto indireto;

c) adjunto adnominal;

d) complemento nominal;

e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a questão foi anulada! Mas poderia não ter sido…

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

*1) Sempre foi muito complicado **( )** entender português.*

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidenta

– *<u>Até</u> **eu** fui abandonado.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposiç mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o consigo se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s), segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico si, acompanhado ou não de próprio/mesmo: Ele fez propaganda dele mesmo. (inadequado) / Ele fez propaganda de si próprio/mesmo. (adequado)

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajo*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque C para certo, E para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.

( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.

( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.

( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não <u>pronomes</u> de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em

contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel, juízes de Direito etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.

Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as formas ou pronomes de tratamento – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: Vossa Senhoria está convidado (homem) a assistir ao Seminário.
Ainda: em "Seu bobo, para de palhaçada!", este Seu equivale ao "Seu" da frase: " Seu Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento Senhor. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exi que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa n mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra muda minha vida, vem, vambora… (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um *Vossa Meritíssima (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um *Vossa Excelentíssima (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável sequência [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se Meritíssimo como adjetivo de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar Meritíssimo – ou Meritíssima, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: meu(s), minha(s) / nosso(a/s).

2ª pessoa: teu(s), tua(s) / vosso(a/s).

3ª pessoa: seu(s), sua(s).

* "Dele(a/s)"não é pronome possessivo.

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa **,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo seu, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar suas virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho. / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.*

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentes estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce…

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição de, idem: "Ela não tinha um marido para chamar de seu".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis

algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos [2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito…)	

[1]Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2]Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras fulano, sicrano e beltrano não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas…

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse…

– ***Cada um*** *é diferente.*

– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*

– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo).

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]

– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)

– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)

– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefini

– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouc pronome indefinido)

– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)

– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)

– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)

– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)

– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)

– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)

– *Agora ela é uma **outra** mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, não foi anulada! – sobre o vocábulo qualquer. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever…". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome qualquer, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a Nova Gramática do Português Contemporâneo, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (…). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa: '… Hoje é isto que o senhor vê: um Pestana qualquer…' (grifo meu)

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem… o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo qualquer, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser qualquer um adjetivo: o consagrado dicionário Houaiss. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É um contra mil. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um pronome adjetivo indefinido. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de qualquer: pronome indefinido. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido algum adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem…): 'A sua crítica não obedecia a sistema algum.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema algum (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda** mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher **toda** é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o…** acho que vou apagar o **o** da minha…

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome todo pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era toda sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está todo/toda preocupada." O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefin (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser* ***um*** *bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só* ***um****, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um*** *chegou cedo; o* ***outro****, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem

verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

- Tenha mais amor e menos desconfiança. (pronomes indefinidos)
- Aja mais e fale menos. (advérbios modificando verbos)
- Não quero nada de você. (nenhuma coisa, pronome indefinido)
- João não é nada bobo. (nem um pouco, advérbio)
- Algo me diz que ela está chegando. (alguma coisa, pronome indefinido)
- O paciente está algo doente. (um pouco, advérbio)
- Bastantes parentes vieram me visitar no hospital. (muitos, pronome indefinido)
- Sinto bastante por sua perda. (muito, advérbio)
- Que mulher! (ênfase, pronome indefinido)*
- Que linda! (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos " muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas…

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)

b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)

c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)

d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: Algo se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. Todo indica totalidade, intensidade neste contexto. Certa indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. Alguma à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

O s **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere

desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)

– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)

– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)

– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)

– *De* ***qual*** *pintura você está falando**?*** (pergunta direta)

– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)

– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)

– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto*

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronor interrogativo.)

– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"…

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)

– *Ignoro* ***quem*** fez isso. *(Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo que: "Que é que ela quer com você?" ou "O que é que ela quer com você?".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: este(a/s), isto.

2ª pessoa: esse(a/s), isso.

3ª pessoa: aquele(a/s), aquilo.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s),próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de o mesmo retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa o mesmo quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo mesmo, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam mesmo, acompanhando substantivo, como mero adjetivo, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) **Tal(s),semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)…**

- ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*
- *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*
- *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre tal, leia o gabarito da questão 8 do capítulo Substantivo. Tome cuidado, que semelhante pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é semelhante ao pai."

3) **Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em":** a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) **o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer q tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).**

- *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*
- ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas…)*
- *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (… alheio àquilo que…)*
- *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu…)**
- *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra…)**
- ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (* ***Aquela*** *da esquerda…)**
- *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *c vontade)*
- *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]:* Quando o o, antes da oração iniciada pelo pronome relativo que, puder ser substituído por fato, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição de mesmo sem substantivo

explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. Reitero que, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo elíptico, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, os e A são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.[2]: Cegalla diz que o pronome demonstrativo o pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio o sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa o indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê- lo em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê- lo." (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca o foi. (o = isso = estudioso).

Obs.[3]: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável o (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu o disse ontem.' / 'Eu o disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X)CERTO ( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– Esta camisa aqui do Flamengo é minha.

– Este documento segue anexo aos demais.

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– Essa camisa aí é tua?

– Saia do meio dessa rua, garoto!

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: Essa (ou Esta) moça é aquela de que falei agora há pouco.

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– Aquela camisa lá é dele.

– Aquele país onde ele mora não presta.

– Aquele temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.

Obs.: Os vocábulos mesmo e próprio também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí daquele país naquele avião há dias, daí minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).

– Esta é a hora da verdade.

– Esta noite foi sensacional.

– Este fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.

Esse(a/s): passado recente ou futuro.

– Ninguém se esquecerá desse carnaval.

– Depois da reunião, sei que esses dias serão diferentes.

Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).

– Foi em 1500, naquele ano, o Brasil surgiu.

– Naquele dia, no Seu dia, Deus fará justiça.

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. Aquele, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.

– Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem desta tem como reflexo aquele.

Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa este e aquele, ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, não está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem desta tem como reflexo aquele, e não esse."

Consulte: FGV – MPE/MS – ANALISTA (DIREITO) – 2013 – QUESTÃO 1 (LETRA D).

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Evanildo Bechara, Celso Cunha, Maria Helena de Moura Neves, Said Ali e Cláudio Brandão. Consulte: COPEVE/UFAL – MPE/AL – ANALISTA DO MP (GESTÃO PÚBLICA) – 2012 – QUESTÃO 29 (LETRA B).

– Esta sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E nisto todos confiam.

Obs.: Usa-se nisto também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. Nisto, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se <u>sempre</u> a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– Isso que você disse não está certo, amigo. É por essas e outras que nada funciona neste país.

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances esses que me fazem falta."

<u>Só de curiosidade</u>: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

O s **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não sou d**essas**, não!* (desprezo)

– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa**, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n**aquilo** ...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)

– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos) **que** veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém **que** esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um, **que** compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali, **onde** você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar **que** é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa, **que** é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

   – O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro que é espetacular (ou O livro qu estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo por quem tenho grande admiração.

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. Não está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

   – Este ó livro que pretendemos comprá-lo. (Este é o livro que pretendemos comprar.)

   – A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos dela. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– O filho, pelo qual a mãe tinha amor, era bom. (Quem tem amor, tem amor por.)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– Este é o carro que precisamos. (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo o. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "… omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– Este é o livro que o autor é excelente. (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– Este é o livro cujo autor é excelente. (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui cujo por que! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão queísmo já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo que, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro que eu comprei na concessionária que eu encontrei meu amigo que trabalhava lá era bom." / "O aluno que foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site www.portugueshoje.com.br, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo que.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– O jornalista, que redigiu a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.

– O jornalista, autor da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.

b) Substituição por adjetivo.

– A política no Brasil é constituída por políticos que não são honestos.

– A política no Brasil é constituída por políticos desonestos.

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– Publicou-se um relatório que denuncia a corrupção no governo.

– Publicou-se um relatório denunciando a corrupção no governo.

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem que foi publicada pelo jornal.

– Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem publicada pelo jornal.

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

QUE (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão, **que** (= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra, **a que** (= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o (= aquilo)**que** preocupa os vascaínos.*

– *Os dois, **que** (= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades **de que** (= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o que pode estar elíptico.

– A sala estava cheia de alunos que conversavam, (!) riam, (!) dormiam.

2) O relativo que só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– Este é o ponto com que concordo, mas foi este sobre o qual você falou?

– A pessoa ao encontro da qual deveria dirigir-me virou o rosto.

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo que: o qual.

– Conheci o pai da garota que se acidentou. (Quem se acidentou?)

– Conheci o pai da garota o qual (ou a qual) se acidentou. (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo cujo):

– Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.

Reitero: evite usar o que quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: Consegui retornar ao colégio do bairro que marcou minha vida. O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o que também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem, que destrói vidas, deve ser evitada. (construção ruim) / A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem, a qual destrói vidas, deve ser evitada. (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo que (= o qual) com a conjunção integrante que, ou com o pronome interrogativo que, ou com a partícula expletiva que (que faz parte da expressão formada por ser + que).

– Encontrei o homem que estava devendo o curso. (pronome relativo)

– Eu disse ao homem que se afastasse dela. (conjunção integrante)

– Eu não soube pelo homem que era para fazer. (pronome interrogativo/indefinido)

– Foi este homem que nos agrediu, policial! (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo o qual, com valor partitivo, normalmente usado após numerais certos pronomes indefinidos.

– Ele escreveu mais de dez romances, três dos quais já foram traduzidos em vários idiomas. (os quais retor romances).

– Há bons imóveis aqui, muitos dos quais estão valorizando cada vez mais. (os quais retoma imóveis)

QUEM

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou ur nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça **a quem** devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem **a quem** mais admiro.*

– *Conheci uma musa, **por quem** me apaixonei.*

– *Deus, **perante quem** me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição sem antes de quem; prefere-se sem o qual em vez de sem quem:

Esperávamos Maria, sem a qual não sairíamos.

2) É denominado relativo indefinido (ou pronome relativo sem antecedente), ou ainda, pronome indefinid quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o quem (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o quem equivale a aquele que, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada

por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

- Quem lê sabe mais.
- Quem despreza a razão odeia a si mesmo.
- A vingança era quem o impelia.

3) É importante dizer que o quem pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "Quem é você?".

CUJO

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qua geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes de
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de + antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo, **cujo** passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo.

– *Esta é uma doença **contra cujos** males os médicos lutam.* (… contra os males da doen

– *Vi o filme **a cujas** cenas você se referiu.* (… às cenas do filme)

– *O telefone, **cuja** invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone…)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e **cujo** conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (… o conteúdo do registro formal…)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*

– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*

– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*

– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*

– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o quanto pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

ONDE

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Agluti se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*

– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*

– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*

– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*

– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*

– *O adversário invadiu sua mente –**onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo onde na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Iss costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

   – Ontem, fomos recepcionados pela Camila onde nos acolheu com muito afeto.

   – Esta instrução é excelente onde permite que a criança aproveite o máximo.

   – A sala é bem espaçosa onde tornou possível as brincadeiras em grupo.

   – Há uma boa variedade de atividades onde o professor também é um observador.

No português padrão, os "ondes" acima devem ser substituídos, respectivamente, por a qual, pois, o que,

das quais, porque onde equivale a "lugar em que" ou simplesmente a "em que", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

COMO

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*

– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*

– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*

– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo como pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

QUANDO

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*

– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de advérbio relativo (onde e como entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) ***A diplomacia é exatamente isto: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)**

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.

b) dêitica.

c) epanafórica.

d) catafórica.

e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem… deixa isso para lá… vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando… a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica [refere-se a algo anterior] e catafórica [refere-se a algo posterior]) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou…* (valor anafórico)

– ***Ela** … sempre **ela** … Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência*** *tem bons precedentes, logo Maria será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós*** *costumamos ajudá-lo,* ***Vossa Excelência****, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em discurso relatado (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(…) Por essa razão, Assenoff disse a Meire-Anne:

–Eu não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que tu me implores.

Note que Eu e tu retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (val catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome**

relativo. Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso…

1. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?**

   Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na sua construção foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a seu funcionamento.

   I. A substituição de "em que" por no qual mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

   II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

   III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada)** ***(…) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (…)***

   – A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.**

   O ocidente europeu no período medievo foi um mundo onde o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente identificado como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada onde se cobrava pedágio.

   ( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substitu "onde" por em que.

   ( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: Conquanto as relações.

   ( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo no entanto depois de "identificado".

( ) **Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por a qual.**

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;

b) V, F, F, V;

c) F, V, V, F;

d) F, F, V, F;

e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode mantê-lo sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO_2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à sua redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO_2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o seu consumo, nem pensar.

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. Esse ciclo de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (…)

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".

c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".

d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".

e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;

b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;

c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;

d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;

e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. **(Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – não deverá concretizar-se – não prejudicaria a correção gramatical do texto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam o que se passa em seu interior. (...)

7. **(Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatica ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?**

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. **(Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. **(Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome**

antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(...) A ciência moderna ensinou-nos a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só se constitui como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao tornar-se senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em qu ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".

( ) CERTO ( ) ERRADO

(...) Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência,que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".

( ) CERTO ( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que sua própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "sua" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. Ela respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos…

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome "Ela" remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:

a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.

b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.

c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.

d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.

e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão <u>na qual</u> decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação <u>em que</u> irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011)… nem por isso deixa de cultuar <u>Delacroix</u>…

Cézanne admira <u>a maestria plástica de Rubens</u>…

… já encontramos <u>a chave do enigma cézanneano</u>.

A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:

a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;

b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;

c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;

d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;

e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhad na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que o instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".

A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões…… se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.

b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas,…… o cérebro humano é capaz de processar.

c) As hipóteses aventadas,…… se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.

d) As implicações causadas pela onipresença da internet,…… está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.

e) As informações…… dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:

a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;

b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (…) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;

d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;

e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;

b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;

c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;

d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;

e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;

b) II, somente;

c) III, somente;

d) I e III, somente;

e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;

b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;

c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;

d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;

e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos o elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.

d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.

e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está INCORRETA em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.

b) Tudo se disse e nada ficou acordado.

c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.

d) Alguém nos informará o valor do prêmio.

e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos (como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funcion como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:

a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]

b) "… quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]

c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]

d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;

b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;

c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;

d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;

e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção “O que tais pessoas talvez nunca percebam”, o pronome “tais” está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) “Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia.” (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);

b) “na sua cadeia genética” (em sua cadeia genética);

c) “por que ele iria suportar” (como ele iria suportar);

d) “mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo” (mai população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);

e) “suportar a dor das perdas prematuras a qual” (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) “foram se fechando” – *foram fechando-se;*

b) “Pensa-se logo num palhaço” – *Se pensa logo num palhaço;*

c) “ninguém lhe esquece a tristeza” – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*

d) “Trata-se na verdade” – *Se trata na verdade;*

e) “que quase se limita a olhar” – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.

c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.

d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a “meritocracia”.

e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ***Mas isso não tem de ser assim.*** **(3º parágrafo:** ***Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas isso não tem de ser assim. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*****)**

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.

b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.

c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.

d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.

e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região com o capitalismo mundial.

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga…*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.***

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.

c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.

d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.

e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome

tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (… o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a…) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há muito tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (…) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e outros espaços do governo onde a corrupção é a regra. (…) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.

b) muito.

c) qualquer.

d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre… – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.

b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?

c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.

d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A reciprocidade de tratamento é tradicional princípio da liturgia diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a tensão na convivência entre os países, colaborando para mantê-la em desejável harmonia. É hipocrisia, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".

b) “liturgia”.

c) “reciprocidade”.

d) “tensão”.

e) “hipocrisia”.

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está corre ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, seu crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (…)

– O pronome “seu” retoma o antecedente “produção manufatureira”.

Fragmento de texto

(…) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (…)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma sociedade tão igualitária quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas tem limitada capacidade transformadora. A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos. E isso não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. Esse resultado não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a todos não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome “todos” retoma e sintetiza os termos da enumeração “a igualdade, o respeito e a dignidade”.

b) a expressão “tem limitada capacidade transformadora” retoma, com outras palavras, a ideia de “reproduz o mundo com extrema facilidade”.

c) o substantivo “seres” e o pronome “que” retomam a expressão “seus educados cidadãos”.

d) a expressão “Esse resultado” retoma a ideia de “sociedade tão igualitária”, já sintetizada em “isso”.

e) os pronomes “sua”, “suas”, “ele” e “se” referem-se a “o cidadão”.

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) “Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.”

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.

b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.

c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.

d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.

e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;

b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;

c) a tradição da escrita em papel;

d) a observação do cérebro de crianças e adultos;

e) a escrita de próprio punho provoca (…) uma atividade significativamente mais intensa do que a d digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado…

b) Maior do que esperaria-se…

c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados…

d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas…

e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador…

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(…) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproxima los…" § 6 (jovens).

b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar do colegas". § 6 (pais).

c) "(…) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura…" § 7 (colegas).

d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reun na mesma sequência, os pensamentos, é:

I. O nome da cidade é Nadópolis.

II. A população da cidade a respeita muito.

a) onde;

b) que;

c) cuja;

d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.

I. O fragmento “minhas duas filhas estão se preparando” pode ser substituído por “estão preparand se”.

II. O fragmento “que se tratava de transposições” pode ser substituído por “se tratavam”.

III. O fragmento “Não vou me deter” pode ser substituído por “Não deter-me-ei”.

IV. A próclise, em “Aí tudo se torna” e “Já me deparei”, ocorre devido à presença de expressões indefinidas.

Está(ão) correta(s):

a) apenas I;

b) apenas III;

c) apenas I e II;

d) apenas II e IV;

e) apenas II, III e IV.

“(…) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em “porque é mais fácil para o cérebro compará-las”, o termo -las refere-se a:

a) uma das loiras;

b) uma loira e uma morena;

c) duas loiras;

d) dezenas de morenas;

e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) “a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses” No exemplo acima, o vocábulo “que” substitui um termo antecedente (“boneca”) e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;

b) “Aposto que você nem sabia”;

c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;

d) “ninguém mais fraco do que nós”;

e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;

b) formamos um grande grupo – formamo-nos;

c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;

d) mudar o mundo – mudar-se;

e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis,…… o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;

b) no qual;

c) de que;

d) de cujo;

e) em que.

53. (FCC – METRÔ/SP – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO JR. – 2014) "*… 'sertanejo' indicava indistintamente as músicas produzidas no interior do país…*"

Transpondo-se a frase para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) vinham indicadas.

b) era indicado.

c) eram indicadas.

d) tinha indicado.

e) foi indicada.

54. (VUNESP – SAP/SP – AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA SANITÁRIA – 2015) Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal.

a) Ainda têm-se notícias de pessoas afetadas pelas diversas formas contemporâneas de escravidão

b) A sociedade não conscientizou-se plenamente ainda da importância do combate à escravidão.

c) Se encontram no mundo contemporâneo muitas pessoas afetadas pelas diversas formas de escravidão.

d) A sociedade contemporânea agora se vê com o grande desafio de combater a escravidão.

e) O mundo atual tem caracterizado-se por uma série de ações de combate a todas as formas de escravidão.

55. (COPEVE-UFAL – UNCISAL – NÍVEL SUPERIOR – 2015) Os pronomes demonstrativos estabelecem referências espaciais e temporais em relação às pessoas do discurso. Qual alternativa apresenta o uso correto desses pronomes?

a) Nesse ano estou estudando mais.

b) Sombra e água fresca; é disto que preciso.

c) Essa cicatriz no meu braço eu ganhei na infância.

d) Estas são as frutas de que gosto: banana, maçã e melancia.

e) Gosto muito de teatro e música: este porque encanta; aquela porque instrui.

Gabarito

1. II.
2. INCORRETO.
3. A.
4. C.
5. A.
6. CERTO.
7. ERRO GRAMATICAL.
8. CERTO.
9. ERRADO.
10. ERRADO.
11. CERTO.
12. CERTO.
13. ERRADO.
14. CERTO.
15. C.
16. B.
17. E.
18. A.
19. C.
20. C.
21. E.
22. C.
23. D.
24. E.
25. C.
26. C.
27. B.
28. INCORRETO.
29. B.
30. A.
31. B.
32. D.
33. CORRETO.
34. ERRADO.

35. E.
36. ERRADO.
37. ERRADO.
38. C.
39. E.
40. A.
41. CORRETO.
42. E.
43. C.
44. E.
45. D.
46. A.
47. C.
48. A.
49. C.
50. C.
51. C.
52. C.
53. C.
54. D
55. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado… e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)

– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)

– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)

– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)

– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)

– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)

– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: plantação (ato de plantar), morte (estado), chuva (fenômeno natural), satisfeito (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois não indicam tempo em si mesmas, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem… para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;

2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens*ar e *sent*ir); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.

3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de

concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam… eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam… eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão…*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós **insistiremos** nessa questão, porque **cremos** em nosso ponto de vista.* (**re**: desinên modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem… vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir) Por exemplo: Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação. Note que as palavras ser, estar e ficar servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação. Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: Estudo para passar na prova. Note que passar indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em Formas Nominais do Verbo ,

ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história… Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih… estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta…

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais

o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então…

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas… se estiver casado há muitos anos… ih… a **ordem** é o expediente… Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade… Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**… tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos

sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico… podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado…". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

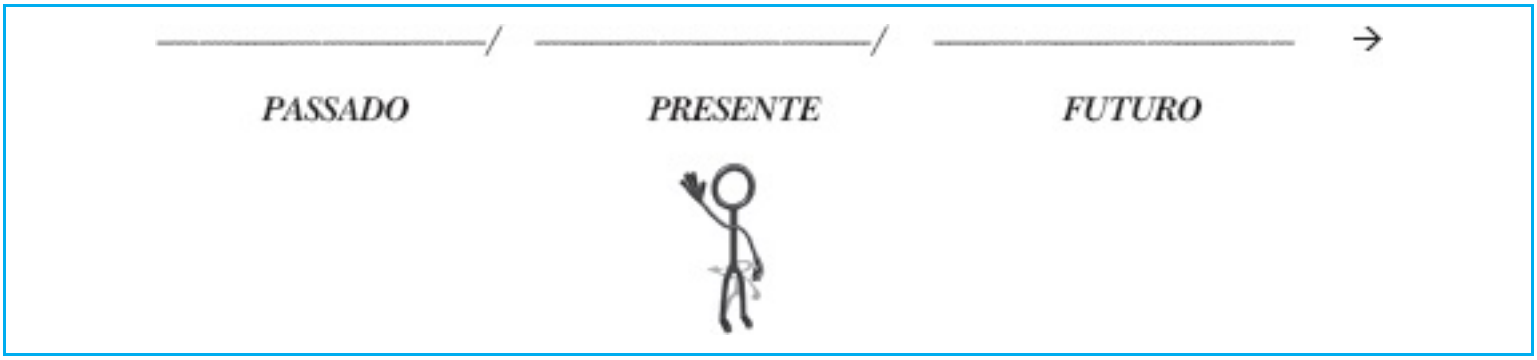

Entendendo melhor…

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí…

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não* ***posso*** ***deixar*** *que isso* ***ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo…

Obs.: Importante saber sobre radical:

Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu* ***a****mo muito minha esposa.*

Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu* ***ama****va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu amo.", o **-o** é DNP; em "Espero que ele

volte." ou "Espero que ele beba.", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu amei, tu am**a**ste, ele amou, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -a.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -e.

PART**I**R: Eu part**o**, tu partes, ele parte, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles partem. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre -i.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pô**e**s, ele pô**e**…).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	e	infinitivo
presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r[2]

perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	gerúndio
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
futuro do presente	ra (re) (tônico)	---	particípio
futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do[1]
futuro do subjuntivo			r[2]
As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (e/a), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

Obs.: [1] Para muitos gramáticos, o a e o i do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (-do) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos to; imprimir > impresso).[2] Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu vencer, preciso de você. / Enquanto eu vencer, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste /3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
futuro do presente do		

indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
imperativo afirmativo	---	1ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: -s, 1ª pessoa do plural: -mos, 2ª pessoa do plural: -is e 3ª pessoa do plural: -m. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

… e ele <u>pretendia</u> fazer o terceiro filme seguido lá…

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Houve um tempo em que eu…

b) …o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.

c) … mas você gostaria de fazer alguma observação?

d) …estava ligado em comédia…

e) Mas não sinto mais a mesma coisa.

Comentário: O gabarito é a letra d) porque pretendia e estava estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs " a" (em pretendia) e "va" (em estava). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP " u"; c) "ria" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) " o" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ser) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ser +

particípio (O problema será resolvido logo.). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** mais, talvez conquistaríamos a Copa.

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ser no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como principal. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: " O cidadão tinha sido advertido pelo guarda duas vezes.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que tinha sido são dois verbos auxiliares e advertido, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva… falarei sobre isso à frente, em voz verbal… aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: Estar a escrever é construção própria do português de Portugal, análoga a estar escrevendo, própria do português brasileiro. E… como se vê… o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui.* (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar****!* (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento estudar***. (tentativa, esforço)

– ***Devo*** ***estudar***. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)

– ***Consegui*** ***estudar***. (resultado, consecução)

– *Ele* ***parece*** ***estudar***. (aparência, dúvida)

– ***Vou*** ***estudar***. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo poder NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com falta de um diálogo sustentado (…). (Texto 1, linha 11).

b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (…). (Texto 1, linha 17).

c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)

d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).

e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (…). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados…", o verbo poder indica obrigatoriedade, imposição (mesmo valor de dever: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não devem ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: Sorria! Você está sendo filmado. / O jogador tem sido comparado pelo olheiro ao Romário. / A dívida deve começar a ser paga antes que sejas preso.

3) Cuidado com o gerundismo! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "… outra vacina que vamos estar aplicando amanhã". O grande professor Sírio Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico Formas Nominais do Verbo (Gerúndio) mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos poder, dever e costumar, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares poder, dever e costumar. O que acha da frase a seguir?

- Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo dever está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (… deve-se avaliar…), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "… avaliar primeiramente os motivos dessa decisão deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, em poucos casos, como o primeiro a seguir, a análise entre locução verbal e grupo de verbos que não formam locução é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos queríamos e colher constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo rosas o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é colher rosas e a declaração principal se contém incompletamente em queríamos." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo querer. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: Quero beber (locução verbal, uma oração) água. / Quero (um verbo, uma oração) + beber (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) água. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo parecer:

- Eles parecem estudar bastante. (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
- Eles parece / estudarem bastante. (não é uma locução verbal; leia-se: "Parece / que eles estudam bastante.")

Cuidado agora com as falsas locuções verbais!

Os verbos causativos (mandar, deixar, fazer) e sensitivos (ver, ouvir, sentir) nunca formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

- Já te mandei ficar quieto. (Leia-se: Eu já mandei que tu ficasses quieto.)
- Eu a vejo passando todos os dias por aqui. (Leia-se: Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.)

Quando o infinitivo da locução verbal pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos compete realizar (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo competir é o infinitivo realizar, ou seja, "Realizar tarefas desagradáveis (sujeito) não nos compete (verbo).". Outro exemplo: "Sempre falta explicar um assunto.", em que explicar é o sujeito de faltar, ou seja, "Explicar um assunto (sujeito) sempre falta (verbo).". Nestes casos, NÃO há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a

possibilidade de dupla análise, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo querer.

- Eu espero encontrar o caminho. (locução verbal)
- Eu espero encontrar (que eu encontre) o caminho. (dois verbos, em que o segundo é o complement do primeiro)
- Certas mulheres admitem gostar de homens mais novos. (locução verbal)
- Certas mulheres admitem gostar (que gostam) de homens mais novos. (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "Vou-me arrumar para a festa." ou " Vou me arrumar para a festa." ou " Vou arrumar-me para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

- Hoje,estou, mais do que nunca,estudando muito para a minha prova.

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência d verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

   a) "Os imóveis não <u>podem ser vendidos</u> nem dados como garantia de empréstimos

   b) "Desde o ano passado, essa entidade <u>vem tentando regularizar</u> terrenos…"

   c) "<u>Passou a receber</u> um salário-mínimo dos membros da Câmara…"

   d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, <u>conseguiu ganhar</u> a posse da casa…"

   e) "Primeiro, <u>deve-se provar</u> que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista… conseguiu (VTD) ganhar a posse da casa (OD).". Se ganhar a posse da casa é o complemento do verbo conseguir, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo querer, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo conseguir entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar conseguiu ganhar como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos dever, poder e costumar acompanhados da partícula se apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em deve-se provar, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o se é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo dever é "provar que… Igreja", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que deve-se provar é locução verbal e o sujeito dessa locução é que o intuito do doador era. Polêmicas… Falarei mais sobre essa construção no capítulo de Concordância Verbal. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre ter de e ter que. A construção "Você tem que estudar." indica imposição ou necessidade, e o que é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você tem de estudar.", em que tem de estudar é uma locução verbal culta, e tem que estudar, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão ter que pode ser usada, mas a análise muda: em "Tenho muito que estudar.", o que é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido muito. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por ir + ir (vou ir, vai indo…) ou vir + vir (venho vindo, vem vindo…) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram, podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. ex.: Ele estuda durante o verão.).

Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).

Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.

– *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*

– *O cachorro **pegou** o osso no ar.*

2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentac em seu **início**.

- *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
- ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*

3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **contin** sem conclusão, num **movimento progressivo**.

- *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
- ***Temos exercitado*** muito a Língua Portuguesa.

Obs.: O pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, co começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.

- ***Conseguimos ler** o texto todo.*
- ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O pretérito perfeito (completo) do indicativo se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo** : o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.

- *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*
- *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

- *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*
- *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha co verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

- *Todo número par **será** divisível por dois.*
- *Mulher **é** bicho difícil de entender.*
- *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;

b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)

c) habitual, durativo e progressivo;

d) imperfectivo, pontual e comunicativo;

e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo

o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem… o gabarito é a letra B, pois iterativo é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), desiderativo, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e incoativo é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função d sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo***. (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintá de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.

*Era para tu cantar**es***

Era para ele cantar.

*Era para nós cantar**mos.***

*Era para vós cantar**des.***

*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinitivo x Futuro do Subjuntivo

O futuro do subjuntivo participa de orações iniciadas por conjunções, como se ou quando, indicando hipótese condicional ou temporal ou de orações iniciadas pelo pronome interrogativo "quem". Já o infinitivo normalmente vem depois de preposições (a, de, para, por…), indicando significado declarativo. Consulte o quadro da página 379.

- Quando eu chegar, quererei festa. (futuro do subjuntivo)
- Ao chegar, quererei festa. (infinitivo)
- A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. (infinitivo)
- Se persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles proporem um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo propor, derivado do verbo pôr (conjugue o verbo pôr e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo não pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles propuserem um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto! Consulte: FGV – DPE/MT – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2015 – QUESTÃO 16.

- Pestana, nunca sei quando usar ESTÁ e ESTAR, DÁ ou DAR, e por aí vai… Pode me ajudar?

- Posso! A diferença básica é que as formas infinitivas ESTAR e DAR são usadas em três situações: depois de preposição (Para estar feliz, é preciso saúde), em locução verbal (Vou dar um presente a ela) e em oração reduzida de infinitivo (Estar triste é um estado de espírito). Nas demais situações, use ESTÁ e DÁ, que são formas verbais de 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (Ela dá dinheiro aos pobres e está satisfeita com isso). Abs!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ser, ir, vir (e derivados), ver (e derivados), pôr (e derivados), ter (e derivados), caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?) e -uar.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações

reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava **lendo** o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando **lutando** para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito** várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo** a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está **estudando**.*

– ***Deixando** a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se **plantando**, tudo*

– *O balão subiu rapidamente,**desaparecendo** no ar.*

– *O jogador pulou **cabeceando** a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo **está mudando**.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando** uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol **vai raiando**, **vai subindo**, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio

indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

- Chorando, o menino se despediu do pai.
- Ele toma sopa fazendo ruído.

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

- Tire essa água fervendo daqui!

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

- Circulando, circulando!

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

- Varrendo o quarto, não encontrou nada. (tempo)
- Mesmo sendo esperto, não conseguiu enganar a todos. (concessão)
- Você,querendo, chegará lá. (condição)
- Tendo perdido o trem, não cheguei na hora certa. (causa)
- As alunas entraram na sala rindo. (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

- A vela,iluminando, clareia tudo. (causa, tempo, condição, proporção…)

Falarei mais sobre isso no capítulo de Orações Reduzidas.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala… Saiba mais sobre o famigerado gerundismo!

Você pode estar enviando os seus dados?

Eu vou estar confirmando os seus pedidos agora.

O valor vai estar sendo debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você pode enviar os seus dados?

Eu vou confirmar os seus pedidos agora.

O valor vai ser debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio ou estar (indicando futuro) + gerúndio?".

Dizer que o uso do gerúndio é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", ligar não demanda tempo continuado, ligar exprime uma ação única, instantânea, não dá para você ficar ligando para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um taradão do telefone. Logo, evite "Eu vou estar ligando.". Este é um mau do gerúndio, o que incorre em gerundismo. Basta dizer: "Eu vou ligar para você hoje.". Bem mais clean!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do gerúndio é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois vou estar/estarei estudando.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o gerúndio é

utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de telemarketing, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.

b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.

c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.

d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.

e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Consider o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos…"
2. "… floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica…"

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.

b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.

d) Somente I está correto.

e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. GABARITO: E.

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)

– *Se me tivesses **ajudado,** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: Ela foi despejada. O particípio de tempo composto da voz ativa não varia em gênero e número com o termo a que se refere: Ela tem cantado muito. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: Ela tem sido elogiada.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas **atormentadas** podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês **passado**.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípi

– *As meninas chegaram totalmente **molhadas** por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são **esfomeadas** pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente **que foram molhadas** por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– Teve papel destacado pela mídia naquele filme. (que foi destacado, particípio)

– Pessoas atormentadas por espíritos podem ser curadas. (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça)", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como esforçado, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela foi considerada a mais bela miss". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "Tinha realizado o trabalho", " Tinha realizado a lição". Se formar locução verbal com os verbos ser, estar (voz passiva), ter e haver (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução haja vista, em que vista é o particípio do verbo ver, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura haja(m) vista as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de Concordância. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas devido a, por conta de, por causa de. Falo sobre isso no capítulo de Conjunção.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi **reprovado** no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi **resfriado** para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída** a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado** de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas** pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido** pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais tinha, ficou, precisava e adoeceu não indicam, semanticamente, uma ação praticada pelo sujeito, mas sim posse, estado, necessidade e mudança de estado, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo levar indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (Sou feliz.) e impessoais (Chove muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos caras: não há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer etc., pois, segundo ele, o que importa é a forma do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda voz ativa com verbo de sentido passivo (Bechara chama isso de passividade) com voz passiva. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela forma em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, é a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa. (Consulte: NCE/UFRJ – ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO – 2010 – QUESTÃO 7 (LETRA C)). Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada

em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era… adivinha? … Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – voz ativa com verbo de sentido passivo.

III. Isso foi sabido de todos. – voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)

c) I apenas.

b) II e III.

d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:

– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)

– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada** **pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasilei ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar*** + ***particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito,

e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em " *Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados***. (voz passiva analític

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** a *Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr… quer dizer… esdrúxula? É isso aí… prossigamos…

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ser/estar/ficar + particípio; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ser + particípio.

   – Os resultados da pesquisa foram apresentados pela Instituição.

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "É chegada (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo,

sendo o sujeito paciente um humano: Não seja guiado por outros! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: ter/haver + sido + particípio: João tinha sido baleado por bandidos num assalto.

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o verbo transitivo direto (VTD) ou transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador se; o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

- Apresentaram-se os resultados da pesquisa.
- Apresentaram-se os resultados da pesquisa aos clientes.

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção não estaria de acordo com o registro culto da língua, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)… Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tradicionais. Veja o capítulo 19 (em sujeito indeterminado).

Obs.: Os verbos chamar-se, batizar-se, operar-se (no sentido cirúrgico), vacinar-se são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de +**verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas… a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que **voz ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação

possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– O homem ***acompanhou*** *todas as pendências do dia*. (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser + particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** pelo homem. (voz passiva analític

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a passiva sintética?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva sintética.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva ser + particípio (no infinitivo) e sendo + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: ter/haver + sido + particípio do verbo principal.

- Vou comprar uma casa. (voz ativa) / Uma casa vai ser comprada por mim. (voz passiva analítica)
- Estou comprando uma casa. (voz ativa) / Uma casa está sendo comprada por mim. (voz passiva analítica)
- Espero que tenham resolvido as pendências. (voz ativa) / Espero que as pendências tenham sido resolvidas. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

- Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos havia remodelado.

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois preposição é expletiva: Eu cumpri com o dever. (voz ativa) > O dever foi cumprido por mim. (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, não ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer, e outros, como pesar (de peso), ter (e conter), que indicam posse, e haver, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: Maria pesa 50 quilos. / Houve briga. Não é possível passar para a voz passiva, veja: 50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???). Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar (com complemento de pessoa), responder etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz

passiva de assistir (= ver). Veja:

- Não apelaram da sentença. / A sentença não foi apelada.
- Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa foi assistida por muitas pessoas.
- Pagamos às empregadas. / As empregadas foram pagas por nós.
- Todos lhe perdoaram. / Ele foi perdoado por todos.
- Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas serão respondidas.
- João abusou de Maria. / Maria foi abusada por João.

Os verbos obedecer e desobedecer, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: A ordem da mãe foi obedecida / Obedeceu-se a ordem.

Outra informação importante é que os verbos assistir (= ajudar) e pagar/perdoar (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

- O professor continua assistindo os alunos. / Os alunos continuam sendo assistidos pelo professor.
- Tomara que tenham perdoado toda a dívida. / Tomara que toda a dívida tenha sido perdoada.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta NÃO tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o bizu! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) …que para fazer uma vida nova…"
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas…"

Comentário: O verbo responder é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(…) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias

gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo obedecer não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)

c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.

d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.

e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para fechar o caixão sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.

b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.

c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.

d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.

e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) Parecem é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) Eis o gabarito, pois o verbo é transitivo direto: O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata. c) Verbo haver (= existir), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Ocorre passagem de voz ativa para passiva sintética quando o sujeito da ativa é indeterminado; basta acrescentar o pronome apassivador se e adaptar a concordância, se necessário for. Veja:

– ***Resolveram*** *todas as pendências da empresa.* (voz ativa)

– ***Resolveram-se*** *todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

– *Para* ***resolver*** *as pendências, será preciso coragem.* (voz ativa)

– *Para **se resolverem** as pendências, será preciso coragem.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado em ambas as frases dos pares acima: "Todas as pendências da empresa foram resolvidas", "Para as pendências serem resolvidas, será preciso coragem". Note que, no segundo exemplo de voz ativa, o sujeito do infinitivo é indeterminado (consulte a página 587). Por favor, não deixe de reler o tópico 1 da página 366! A título de ilustração, isso caiu na seguinte prova: FCC – TCE/CE – ANALISTA DE CONTROLE EXTERNO – 2015.

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo alguém)

– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,**colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor alg alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda reflexividade com voz reflexiva. Na voz reflexiva, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) me, te, se, nos, vos. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um bizuzex: basta acrescentar a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos, respectivamente. A reflexividade aparece em estruturas diferentes, sem pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás de si o passado sombrio.". Essa frase está na

voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (Erasmo dedicou-se mais à pintura…) e "se afastar" (… foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia…) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s) –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8ª R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14.

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– O dinheiro se foi.
– O sol se pôs.
– Nós nos queixamos muito da vida.
– Nunca me arrependi daquilo.
– Nunca mais se atreva a expor minha mulher ao ridículo.
– Não me venha com bobagens!
– João se levantou.

3) Com o prefixo auto-, a voz é sempre reflexiva: "Ele se automutilou.".

4) Sobre o exemplo " O preso suicidou-se.", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (sui + cida) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o se não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas… nunca se sabe! Agora, em "Ele matou-se.", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome se de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– Julgou-se o homem mais inteligente do mundo. (voz passiva = O homem mais inteligente do mundo fo julgado. / voz reflexiva =Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.)

– Vestiram-se o ator e a atriz. (voz passiva = O ator e a atriz foram vestidos. / voz reflexiva =O ator vestiu a mesmo e a atriz vestiu a si mesma. / voz reflexiva recíproca =O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.)

Para que o verbo possa ser considerado reflexivo recíproco, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em " Consertam-se relógios.", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois relógios não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

- **Voz Reflexiva Recíproca** – Eles ofenderam-se mutuamente.

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.

b) P – A – R – P.

c) A – R – R – A.

d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.". O verbo esforçam-se indica ação do sujeito Vários países, e o pronome se não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo esforçar-se. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: analítica, formada com o verbo ser seguido de particípio, como ocorre em " O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados; e sintética.", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador se, como ocorre em " Com a descoberta do petróleo,criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.". Note que em "é formado da decomposição de matérias orgânicas" o agente da passiva começa pela preposição de, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o se é pronome reflexivo: os países veem (praticam a ação de) a si mesmos / se (recebem a ação de).

Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem… os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presen do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	VENDer	PARTir
Ame	Venda	Parta
Ames	Vendas	Partas
Ame	Venda	Parta
Amemos	Vendamos	Partamos
Ameis	Vendais	Partais
Amem	Vendam	Partam

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: haver, ser, estar, dar, ir, querer e saber, que fazem no presente do subjuntivo: haja, seja, esteja, dê, vá, queira e saiba. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos

que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, n à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m,**vendera**m,**partira**m*… depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	VENDERAm	PARTIRAm
Amara	Vendera	Partira
Amaras	Venderas	Partiras
Amara	Vendera	Partira
Amáramos	Vendêramos	Partíramos
*Amáreis	*Vendêreis	*Partíreis
Amaram	Venderam	Partiram

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	VENDEste	PARTIste

Amasse	Vendesse	Partisse
Amasses	Vendesses	Partisses
Amasse	Vendesse	Partisse
Amássemos	Vendêssemos	Partíssemos
Amásseis	Vendêsseis	Partísseis
Amassem	Vendessem	Partissem

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	VENDEste	PARTIste
Amar	Vender	Partir
Amares	Venderes	Partires
Amar	Vender	Partir
Amarmos	Vendermos	Partirmos
Amardes	Venderdes	Partirdes
Amarem	Venderem	Partirem

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAR	VENDEr	PARTIr

Amarei	Venderei	Partirei
Amarás	Venderás	Partirás
Amará	Venderá	Partirá
Amaremos	Venderemos	Partiremos
Amareis	Vendereis	Partireis
Amarão	Venderão	Partirão

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAR	VENDEr	PARTIr
Amaria	Venderia	Partiria
Amarias	Venderias	Partirias
Amaria	Venderia	Partiria
Amaríamos	Venderíamos	Partiríamos
*Amaríeis	*Venderíeis	*Partiríeis
Amariam	Venderiam	Partiriam

Obs.: Não seguem esta regra os verbos dizer, fazer e trazer, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: direi, diria; farei, faria; trarei, traria.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAR	VENDEr	PARTIr
Amava	Vendia	Partia
Amavas	Vendias	Partias
Amava	Vendia	Partia
Amávamos	Vendíamos	Partíamos
*Amáveis	*Vendíeis	*Partíeis
Amavam	Vendiam	Partiam

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática e vira i, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, ser, ter, vir e pôr, que fazem no imperfeito era, tinha, vinha e punha, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amares	Venderes	Partires
Amar	Vender	Partir
Amarmos	Vendermos	Partirmos
Amardes	Venderdes	Partirdes
Amarem	Venderem	Partirem

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome interrogativo quem (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– A vida vai mudar para quem obter boa nota no concurso. (construção errada/infinitivo)

– A vida vai mudar para quem obtiver boa nota no concurso. (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo obter é derivado do verbo ter, por isso deve seguir a mesma conjugação: quem tiver = quem obtiver. No futuro do subjuntivo! E agora?

– A aluna comprou o meu material para obter boa nota no concurso (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.

Note agora:

– Perderá pontos se não rever seu texto. (construção inadequada/infinitivo)

– Perderá pontos se não revir seu texto. (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo rever, por ser derivado de ver, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo ver é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever…) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir vir com vier. A forma vir pode ser infinitivo (Ela foi convidada para vir a Recife.) ou futuro do subjuntivo do verbo ver (Ele só comprará o material se vir a aula demonstrativa.). A forma vier é futuro do subjuntivo do verbo vir: "Ele só ficará satisfeito se você vier ao Rio de Janeiro.".

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é concurseiro-ratão, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.Observe que, mesmo depois de conjunções, o infinitivo pode aparecer, constituindo uma oração subordinada substantiva. Exemplo: "Se fazer exercícios é essencial para a saúde, passarei a fazer todos os dias". Estaria errado assim "Se fizer exercícios é essencial para…". Cuidado com essa pegadinha, pois as bancas estão cada vez mais maldosas!

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca…*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do	Imperativo	Presente do	Imperativo

Indicativo		Afirmativo		Subjuntivo		Negativo
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	não ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	não ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	não amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	não ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	não amem

Obs.: O verbo ser não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: sê (tu), sede (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também… Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim…) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou… é… como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também… Vem!". Hummmm… estranho, não? Será que é

por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser…

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética… Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa…)

Rasgue *(você) as minhas cartas*

E não me ***procure*** *(você) mais*

Assim será melhor

Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade… daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*

Se ainda ***tens*** *(!)*

Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa… coisa linda!)

Mas se ***tiver***

Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!

Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.

b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.

d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.

e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.

(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe

que todos os verbos estão no imperativo):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado*** a tabela.

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o pretérito perfeito composto é formado por presente do indicativo + particípio e o pretérito mais-que-perfeito composto é formado por pretérito imperfeito do indicativo + particípio.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver + sido +* particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** po vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorad** por eles, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** po vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma falsa locução verbal de tempo composto:

– O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas tem pendurado na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas tem um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, pendurado na parede de casa.

Note que o particípio pendurado, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: "… diploma… que está pendurado na parede de casa".

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais

prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

- ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*
- ***Estou ouvindo*** *música, e você?*
- *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

- *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*
- *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*
- *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece mui em ditados, máximas, leis etc.).

- ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*
- *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*
- *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

- *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*
- *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada, **assiste** a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de presente histórico, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– Flamengo vence (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.

– Em 1500, os portugueses chegam (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e começam (= começaram) a explorar o local.

– É (= Foi) nesse momento que o governo começa (= começou) a oprimir o povo.

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano."

No fragmento acima, retirado do livro Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810), de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do <u>modo de organização narrativa</u>. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em vasculha, encontra. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente para tornar o futuro mais próxim da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– Viajo (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu volto (= voltarei) logo.

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– Se alguém precisa (= precisar) de ajuda, posso ajudar.

– Se não existe (= existir) esforço, não existe (= existirá) progresso.

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, o presente substitui a forma imperativa para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

- João, você me serve (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.
- Quer sentar-se?

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico Valor Discursivo.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama enálage (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

- *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*
- ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*
- *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

- *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*
- *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*
- *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

- *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*
- *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*
- *Quem **pariu*** Mateus que o balance.

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.
   - Depois que viu (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.
2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.
   - "Você já está indo?" "Fui!"
3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.
   - "Achou, ganhou!"

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no presente do indicativo + particípio, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

- Eu tenho estudado muito.
- Nós temos feito todos os exercícios propostos.

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois estudei indica que o fato já cessou, muito diferente de tenho estudado, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, tenho estudado) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: Tenho lido. Tenho concluído. Tenho dito (acréscimo meu).".

No entanto… como nem tudo são flores… veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é… errou. Por causa do advérbio de tempo já, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta tenho lido equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).

e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (dobrara) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (dobrou), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (contribuíram), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (têm contribuído). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira tem dobrado nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma contribuíram, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período tem sido um dos principais dínamos do PIB, é porque tem contribuído para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".

Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem… vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

- *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
- ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
- *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

- *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
- *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida,**era*** uma choradeira.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)… baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,

a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era*** uma vez um rei e uma rainha…

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– Você podia (= pode) me ajudar?

– Mãe, eu precisava (= preciso) muito falar contigo.

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho entrava (= entraria) para uma boa escola, formava-se (formar-se-ia), e depois virava (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– Se ele me atendesse bem, eu comprava o produto dele. (errado)

– Se ele me atendesse bem, eu compraria o produto dele. (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

- *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*
- *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*
- *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

- *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

- *Quem me **dera** passar na prova!*
- ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*
- ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito d subjuntivo (normalmente em registro literário).
   - Que fora (= seria) a vida, se nela não houvera (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar ter ou haver no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

- Eu já havia estudado (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.
- Havíamos pensado (= Pensáramos) que ela não voltaria.

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não tinha escrito nem ao menos uma linha do script. (gabarito!)

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: escrevera < > tinha escrito.

Futuro do Presente

1) **Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer**

- ***Passarei*** *na prova. Fato!*
- *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*
- ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) **Indica um fato futuro incerto, hipotético** (em perguntas, normalmente).

- ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*
- ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*
- *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como achará amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

- Não matarás, não cobiçarás…

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar ir (no presente do indicativo) + infinitivo a fim de substituir o futuro do presente simples:

- "Eu vou estudar muito amanhã." no lugar de "Eu estudarei muito amanhã.".

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção haver + de + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte <u>comentário</u>:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

- Quando o inverno chegar, eu quero (= quererei) estar junto a ti.
- Se os políticos brasileiros pararem de roubar,passo (= passarei) a votar neles.

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no futuro do presente simples do indicativo + particípio, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

- Quando você chegar, eu já terei partido.

- Daqui a dois meses,terei absorvido informações valiosas.
- Terá Maria sabido a verdade sobre João?

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

- *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
- *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
- *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica

a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:

a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)

b) Incerteza sobre fato passado.

c) Ação ocorrida antes de outra passada.

d) Fato que depende de certa condição.

e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

- *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
- ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
- *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam*** reclamando.

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), passaria fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria

garantida.

3) **Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros** (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** dez bandidos envolvidos no assalto.

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– Pediria (= Peço) que todos saíssem. Grato.

2) Pode indicar impossibilidade diante de um juízo de valor:

– Eu lá beijaria aquela boca!

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no futuro do pretérito simples do indicativo + particípio, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– Teria feito (= Faria) diferente se tivesse tempo.

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a…".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós…"

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar… o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti…"

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada…

Direto… do túnel… do tempo…

Agora, na boa, falando sério… baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

- *Deus te **guie**.*
- *Nada de cerimônias:**pensem** que estão em sua casa.*
- *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*
- *Receio que **aconteça** o pior.*
- *É provável que **surja** outra oportunidade.*
- *É preciso que **estudemos** suficientemente.*
- *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*
- *De todos as informações,**destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu faço?", por "O senhor quer que eu faça?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

   - O cidadão que ama sua pátria engrandece-a. (realidade)
   - O cidadão que ame sua pátria engrandece-a. (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no presente do subjuntivo + particípio, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

- Espero que você tenha estudado essas classes gramaticais.
- Quando chegarmos, é provável que a palestra já tenha acabado.

Obs.: É de observar a presença da palavra que antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: que eu faça, que tu faças etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

- *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*
- *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*
- *Não admitia que se **fizesse** greve.*
- *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*
- *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*
- *Proibiu que **revelassem** o acordo.*
- *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*
- *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futur do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

   - Desde que eu completasse as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar ter ou haver no pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

- Teríamos ficado aqui, se você não tivesse arrumado problemas.

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, faria um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu teria feito um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal

que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

- *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*
- *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*
- *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*
- *Escrevam como **quiserem**.*
- *Quanto maior **for*** o tamanho do bicho, maior será sua queda.

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar ter ou haver no futuro do subjuntivo simples + particípio, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

- Assim que você tiver terminado sua leitura, descanse um pouco.

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

- Cuide dessa gripe, antes que ela se transforme em pneumonia.
- Amar-te-ei até que a morte nos separe.
- Enquanto o mundo for mundo, não te esquecerei.
- Só sairei depois que ele chegar.
- Logo que termine esta carta, vou atendê-lo.

Compare:

- Assim que terminou a carta, foi atendê-lo.
- Amaram-se até que a morte os separou.
- Nosso amor foi grande enquanto durou.

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois

"***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai…

Vamos ao que interessa…

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

- ***Faça*** *já o dever de casa!*
- *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*
- ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*
- ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como…*
- *Por favor,****venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga-*** *me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

- *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

- ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)
- *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)
- ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*
- *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)
- *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)
- *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)
- ***Circulando****, vagabundo,****circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de…*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah…! Agora sim…! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia, é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre

mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: Hoje eu sei que tenho chances com aquela mulher.
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: Hoje eu sei que tive chances com aquela mulher.
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: Hoje ela sabe que tenho lutado por nosso amor.
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: Hoje vejo que naquela época eu tinha chances com ela.
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: Só hoje eu percebo que ela tivera dó de mim.
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: Só hoje eu percebo que ela havia demonstrado pena de mim.
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: Sei que você me apresentará àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: Sei que você me apresentaria a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: Notei que você ia me apresentar àquela mulher.
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: Notei que você o apresentara àquela mulher.
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: Notei que você o havia apresentado àquela mulher.
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: Disseram que ela seria apresentada a mim.
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  Ex.: Queria que ela tivesse sido apresentada a mim.
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  Ex.: Apelara que você me apresentasse àquela mulher.
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: *Se eu passasse por ela, apresentaria a você.
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo

Ex.: *Se eu passasse por ela, teria apresentado a você.

- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo

  Ex.: *Se eu tivesse passado por ela, teria apresentado a você.

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele soube/sabia/soubera que a escola defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo

  Ex.: Desejaria que me apresentasse aquela mulher.

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

  Ex.: Gostaria que você tivesse visto aquela mulher.

- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo

  Ex.: Nós obteremos aquilo que nos propuseram.

- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo

  Ex.: Quando eu passar por ela, apresentarei/apresento a você.

- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo

  Ex.: Quando chegarmos até ela, já terá ido embora.

Mais alguns detalhes importantíssimos…

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– <u>Será</u> *verdade que o professor* <u>explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria</u> *tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar des vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero*** *que ele* ***tenha*** *te* ***apresentado*** *àquela mulher.*

– *Eu* ***permitirei*** *que você* ***conheça*** *minha filha.*

– ***Faça*** *que ele* ***venha*** *logo.*

– *Ele* ***queria*** *que ela* ***viesse*** *agora.*

– *Nós* ***ordenamos*** *que não o* ***deixassem*** *ficar.*

– *Vós* ***tínheis aconselhado*** *que o homem não* ***viesse****.*

– *Eles* ***iriam pedir*** *que você não* ***fosse*** *embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

Ex.: Não ***é*** *certo que você* ***assedie*** *as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

Ex.: ***Esperei*** *durante horas que você me* ***ligasse*****.**

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

Ex.: *Quando os governantes* ***resolverem*** *ser honestos,* ***serei*** *o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.:Se****fôssemos*** *pessoas perfeitas,* ***cometeríamos*** *atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em c se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele* ***está*** *casado* ***há*** *dois meses.*

– *Ele* ***estava*** *casado* ***havia*** *dois meses.*

– "***Há*** *dezessete anos, o progresso material* ***desconhecia*** *a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares famosinhos, dos quais você precisa conhecer a conjugação: requerer, polir, sortir, esta fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).

* Conjugam-se como ferir: aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.

O verbo polir é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular pular: pulo. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara vai polir o carro ou vai pular o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: corrigir (corrijo) fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque) …; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo são regulares.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo poder, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-**sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **és**... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r…*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (fu foste…), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fora, foras…), pretérito imperfeito do subjuntivo (fosse, fosses…) e futuro do subjuntivo (for, fores…). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

   Ex: Fui sargento durante cinco anos. (ser) / Fui à praia pela manhã. (ir)

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ser e ir são irregulares e que outros verbos (pôr, v estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:

  abolir**, aturdir,**soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,**viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plu não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:

  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,**falir**, florir,**remir**, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3ª pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles n capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*) : *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim… "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade… Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa…

Obs.: Não são defectivos: caber, valer, redimir, polir, sortir, rir, escapulir, entupir, sacudir.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* *(construir); destruis* ou *destróis (destruir); comprazi* ou *comprouve* *(comprazer-se)* etc.

Obs.: Obstruir não é abundante como construir e destruir. Não existe obstrói! Como já dizia o cômico Sacconi "Se o zagueiro 'obstrói' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O

verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

Eu havia pagado o banco.
O banco havia aceitado o cheque.
Já havíamos limpado a casa.
Tenho aceitado trabalhos demais este ano.
Ainda não tínheis acendido a vela.
Ele tinha me salvado uma vez.
Ela tinha pegado pena perpétua.
O padre havia benzido o lugar.
Você podia ter imprimido o material antes.
Tínheis entregado vossa dignidade a outrem?

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

Eu sou pago pelo banco.
O cheque foi aceito pelo banco.
A casa ficou limpa pela empregada.
Meus trabalhos foram aceitos pela agência.
A vela será acesa pelo coroinha.
O homem estava salvo por ele.
O ladrão foi pego em flagrante.
O fiel era bento pelo padre.
Aquele documento enfim ficou impresso.
Vossa dignidade tinha sido entregue por vós a outrem?

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as única formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago*** na hora.

Obs.: Chego e trago são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos chegar e trazer (ou tragar, cujo único particípio é tragado).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem fi na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "… de que você possa arrepender- se" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora… as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou- **se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo

praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o **faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta **é** porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo ser é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou é de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva que: "Ele é que falou de Português, não de Matemática." / " Foi ele que falou de Português, não de Matemática.". / " Foram os portugueses, os índios, os africanos e outros povos que tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo ser expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	Futuro do Presente	Futur do Pretéri
EU	Am	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	Am	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	Am	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	Am	Amos	Amos	ávamos	áramos	aremos	aríam
VÓS	Am	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	Am	Am	aram	avam	aram	arão	arian

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito	Futuro
EU	Am	e	asse	ar
TU	Am	es	asses	ares
ELE	Am	e	asse	ar
NÓS	Am	emos	ássemos	armos
VÓS	Am	eis	ásseis	ardes
ELES	Am	em	assem	arem

Formas Nominais

Radical	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	Futuro do Presente	Futuro do Pretérit
EU	Vend	o	i	ia	era	erei	eria
TU	Vend	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	Vend	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	Vend	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamo
VÓS	Vend	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	Vend	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito	Futuro
EU	Vend	a	esse	er
TU	Vend	as	esses	eres
ELE	Vend	a	esse	er
NÓS	Vend	amos	êssemos	ermos
VÓS	Vend	ais	êsseis	erdes

ELES	Vend	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	Futuro do Presente	Futur do Pretéri
EU	Part	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	Part	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	Part	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	Part	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamo
VÓS	Part	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	Part	em	iram	iam	iram	iráo	iriam

PARTIR Subjuntivo				
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito	Futuro
EU	Part	a	isse	ir
TU	Part	as	isses	ires
ELE	Part	a	isse	ir

NÓS	Part	amos	íssemos	irmos
VÓS	Part	ais	ísseis	irdes
ELES	Part	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Part	ir	indo	ido

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-Que-Perfeito	Futuro do Presente	Futur do Pretéri
EU	Sup	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	Sup	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	Sup	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	Sup	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	orìam

VÓS	Sup	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	Sup	õem	useram	unham	useram	oráo	orian

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	Radical	Presente	Pretérito	Futuro
EU	Sup	onha	usesse	user
TU	Sup	onhas	usesses	useres
ELE	Sup	onha	usesse	user
NÓS	Sup	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	Sup	onhais	usésseis	userdes
ELES	Sup	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro… ou melhor ERAM a pedra no sapato… Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira… é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa

dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir (e derivados), ir, vir (e derivados), ver (e derivados), pôr (e derivados), ter (e derivados), caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -oar e -uar. Não necessariamente nesta ordem…

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar* , *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es…*** ou pronunciadas e escritas ***apa zígue, apazígues…***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.

Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.

Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.

Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.

Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem

Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.

Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.

Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem

Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos,

não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.

Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.

Gerúndio: apaziguando.

Particípio: apaziguado.

Obs.: Aguar, enxaguar e desaguar recebem acento agudo no primeiro a das formas rizotônicas.

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Presente do subjuntivo: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.Consulte o tópico 6 da página 31.

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.

Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.

Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.

Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.

Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.

Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.

Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.

Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.

Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.

Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.

Gerúndio: penteando.

Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia…". Assim você mata o papai…

Mas… como nem tudo são flores… há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável…): ***M**ediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**i a , *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.

Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.

Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.

Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.

Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**i e , *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.

Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.

Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**i e , *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.

Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.

Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.

Gerúndio: intermediando.

Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa… para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo odiar, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah… como eu poderia me esquecer disso! O verbo mobiliar recebe acento agudo na sílaba bi em algumas formas do presente do indicativo (mobílio, mobílias, mobília, mobíliam), em algumas do presente do subjuntivo (mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem) e dos imperativos afirmativo e negativo (mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.

Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.

Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.

Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.

Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.

Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.

Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.

Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.

Gerúndio: abençoando.

Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão. (Feião, não é?)

Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)

Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)

Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.

Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.

Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda querido (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos bem-querer (ou benquerer) e malquerer têm os seguintes particípios: benquisto e malquisto.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.

Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.

Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.

Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.

Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.

Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.

Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.

Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.

Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.

Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.

Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.

Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).

Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,

Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.

Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.

Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.

Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.

Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.

Gerúndio: havendo.

Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.

Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.

Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.

Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.

Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Imperativo afirmativo: reavei.

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.

Gerúndio: reavendo.

Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus**"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.

Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)

Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.

Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.

Gerúndio: vendo.

Particípio: visto.

*Agora sem acento no hiato ***ee****!* O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever*...

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.

Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.

Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.

Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.

Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.

Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não

provejam.

Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais… conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.

Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.

Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.

Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.

Imperativo afirmativo: *vige, vigei.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.

Gerúndio: vigendo.

Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue vigorar, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: vigir não existe na língua portuguesa, quanto mais vigindo ou qualquer bicho parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.

Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.

Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.

Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.

Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem.

Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.

Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.

Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.

Gerúndio: pondo.

Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter*...

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.

Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.

Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.

Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.

Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Gerúndio: vindo.

Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.

Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.

Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.

Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.

Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.

Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.

Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.

Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 201 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.

Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.

Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.

Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam.

Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.

Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.

Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.

Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.

Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.

Gerúndio: aderindo.

Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu*

submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

    b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.

Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos,

emergireis, emergirão.

Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.

Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.

Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.

Gerúndio: emergindo.

Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em -gir tem o g substituído por j antes de o e de a, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: fugir, agir, infringir, tingir…

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.

Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.

Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.

Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.

Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis,

abolissem.

Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.

Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.

Gerúndio: abolindo.

Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos demolir, extorquir e explodir, cuja conjugação segue o modelo de abolir. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.

Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.

Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.

Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.

Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.

Imperativo afirmativo: *sói, soei.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.

Gerúndio: soendo.

Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado… Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.

Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.

Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.

Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.

Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.

Gerúndio: sendo.

Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.

Gerúndio: indo.

Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.

Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.

Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.

Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.

Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.

Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.

Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.

Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.

Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.

Gerúndio: estando.

Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.

Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.

Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.

Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.

Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.

Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.

Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.

Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.

Gerúndio: medindo.

Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.

Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam.

Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.

Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Imperativo afirmativo: –

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.

Gerúndio: cabendo.

Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.

Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis,

valeram.

Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.

Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.

Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.

Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.

Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha… e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***…", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***…".

Pois bem… no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*

Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.

Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.

Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.

Presente do subjuntivo: –

Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.

Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.

Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –

Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.

Gerúndio: adequando.

Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.

Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.

Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.

Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.

Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.

Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.

Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.

Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.

Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.

Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.

Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnavam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.

Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.

Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.

Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.

Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.

Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.

Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.

Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.

Gerúndio: impugnando.

Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.

Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.

Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.

Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.

Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.

Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.

Gerúndio: trazendo.

Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.

Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.

Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.

Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.

Gerúndio: dizendo.

Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em -zer e -zir podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o e final, quando o z não é precedido de consoante: faze (ou faz) tu, dize (ou diz) tu, traduze (ou traduz) tu; mas cirze tu. Logo, " Dize-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou " Diz-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que Dizei é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá…

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue***, ***gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem* , do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguÍmos, vós arguÍs, eles argUem*.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em* ***guar***, ***quar*** *e* ***quir****, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com* ***a*** *ou* ***i*** *tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com* ***u*** *tônico, essas formas deixam de ser acentuadas. Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção****: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com* ***a*** *e* ***i*** *tônicos."*

Segundo a Academia Brasileira de Letras, baseada no Novo Acordo Ortográfico, a conjugação do verbo ***arguir*** segue a do verbo ***influir***:

Presente do Indicativo: arguo, arguis, argui, arguímos, arguís, arguem.

Pretérito Perfeito do Indicativo: arguí, arguíste, arguiu, arguímos, arguístes, arguíram.

Pretérito Imperfeito do Indicativo: arguía, arguías, arguía, arguíamos, arguíeis, arguíam.

Pretérito Mais-Que-Perfeito do Indicativo: arguíra, arguíras, arguíra, arguíramos, arguíreis, arguíram.

Futuro do Presente do Indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do Pretérito do Indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.

Presente do Subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo: arguísse, arguísses, arguísse, arguíssemos, arguísseis, arguíssem.

Futuro do Subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Imperativo Afirmativo: argui, argua, arguamos, arguí, arguam.

Imperativo Negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.

Infinitivo Pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.

Particípio: arguído.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.

Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***

Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***

Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pess do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.

Presente do subjuntivo: ***cace***,***caces***,***cace***,***cacemos***,***caceis***,***cacem.***

Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***

Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pess do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.

Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***

Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***

Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realizaçã da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo)

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

- O professor (agente) ***apagou*** o quadro (o alvo) com o apagador (o instrumento).
- O aluno (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
- A aluna (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui…

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem… há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

*A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso,**podem ser resolvidos** com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente **se sobrepõe** a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – **vêm aterrorizando** as grandes metrópoles. Isso **fica** claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que **comprova** uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população **for** o desejo dos políticos, isso **será** plenamente possível. **É** importante salientar que nunca **deveremos ficar***

*de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo **tem de colaborar** com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu vejo que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
2. O saber: Eu sei que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
3. A certeza:
   a) Forte certeza: Tenho certeza de que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
   b) Média certeza: Creio que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
   c) Fraca certeza: Não estou muito certo de que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
   d) Pressentimento/suposição: Eu desconfio que a literatura brasileira contemporânea é indefinível
4. A apreciação: Eu acho que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea tem de ser definida.
6. A possibilidade: É possível que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu gostaria que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu exijo que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu declaro que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu garanto que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu constato que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "Constata-se que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de neutralizar a expressão subjetiva. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca

uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

(…) Sinha Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: – "Hum! hum!" E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender, deitara-se na rede e pegara no sono. (…)

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*

Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*

Ninguém podia entrar nela, não

Porque na casa não ***tinha*** *chão*

Ninguém podia dormir na rede

Porque na casa não ***tinha*** *parede*

Ninguém podia fazer pipi

Porque penico não ***tinha*** *ali*

Mas ***era feita*** *com muito esmero*

Na rua dos bobos, número zero

(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou*

alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo… CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem… sei lá… mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   (…) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO_2 *lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (…)*

   – Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   (…) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (…)

   – Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qua afirmação é a correta?**

   (…) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (…) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em “aumente” e em “diminua” justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em “estimularia” indica um acontecimento futuro em relação a u ato passado que se configura no fato relacionado aos termos “Qualquer invencionice”.

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais “opaco” dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) “vem tomando” > tem tomado

b) “vinham divulgando” > tem divulgado

c) “permitirá identificar” > vai permitir que se identifiquem

d) “prejudicando com isso” > o que tem prejudicado

e) “Contribuindo” > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em “inclua” justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de “se traduziu” por foi traduzido prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho “sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro” (1º parágrafo). Em português, os

verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.

b) Refreia os teus impulsos.

c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.

e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde…", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:

a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.

b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.

c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.

d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.

e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério Saúde" equivale semanticamente a:

a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.

b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.

c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.

d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.

e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:

a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.

b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.

c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teu documentos e considere-se preso.

d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.

e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

(…) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais sejam úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem exerça seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (…)

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por exercesse?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, (…) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela fizera nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se <u>erro</u> gramatica ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por havia feito?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (…)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal "estejam", no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas".

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização,*

tecnologia e informação deve preparar o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno deverá ter o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (…)

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (… tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por tornasse preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (…) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (…) Quando a polícia reage, os vândalos voltam se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (…)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, misturarem e provocarem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (…) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (…)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas são formuladas dentro do espírito da fenomenologia husserliana. Privilegiou-se, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (…) Se nos apressarmos a dizer que o

sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (…)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por formulam-se e foi privilegiada.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os iter a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por Caso, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.

( ) CERTO ( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) ***(…) "A nova sociedade de redes favorecerá c advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (…)***

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por imprimira, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) ***(…) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (…)***

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por haja, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

2° § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das

inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6° § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativ correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º§), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º§, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º§, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem a verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se lembrasse de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em se lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por cair e virá, respectivamente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlaçã entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos n campo de atuação que ele analisou.

b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.

c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.

d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo er que trabalhassem os veteranos.

e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;

b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;

c) queria − conseguisse − pedia − faça;

d) quis − consegue − pede − fizesse;

e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.

b) Assim é que sempre foi feita a literatura.

c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.

d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.

e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***… a leitura em profundidade foi substituída pel massa de informações, em sua maioria superficiais…***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;

b) substituiu;

c) substituíra;

d) tinham substituído;

e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;

b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;

d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;

e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil <u>tenha</u> de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está

também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileir ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.

b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.

c) Para isso, terá dois caminhos…

d) … esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.

e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***… que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) … embora uma corrente de autores continuem…

b) … escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo…

c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato…

d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma…

e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar…

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***… viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;

b) é visto;

c) são vistas;

d) tinha visto;

e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se…… para um universo mágico e…… a identidade de uma personagem admirada, …… um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;

b) transportem – assumem – seria;

c) transportem – assumam – seja;

d) transportam – assumiriam – sendo;

e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói

E o meu cavalo só falava inglês

A noiva do cowboy

Era você

Além das outras três

Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões

Guardava o meu bodoque

E ensaiava um rock

Para as matinês

(…)

Não, não fuja não

Finja que agora eu era o seu brinquedo

Eu era o seu pião

O seu bicho preferido

Sim, me dê a mão

A gente agora já não tinha medo

No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido

Chico Buarque* e *Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em Finja *que agora eu era o seu brinquedo* e *Sim, me* dê *a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinh medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) III, apenas.

d) I e II, apenas.

e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.

b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.

c) Os fiscais reteram o material dos artistas.

d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.

e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) ***Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder…***

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;

b) foi falada;

c) se falaram;

d) era falada;

e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam depara muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.

b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.

c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.

d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.

e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;

b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;

c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;

d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;

e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) ***É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.*** **(3º parágrafo)**

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;

b) fato real e definido no tempo;

c) condição de realização de um fato;

d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre***

***tantas meninas de uma família distinta*.**

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;

b) havia escolhido;

c) houvera escolhido;

d) escolhesse;

e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você crê em Deus

Erga as mãos para os céus e agradeça

Quando me cobiçou

Sem querer acertou na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;

b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;

c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;

d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;

e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";

b) "Recolher-se em casa,";

c) "sinal de que não se arrumou ninguém";

d) "Mas, se a gente aprende a gostar (…)";

e) "nela a gente se refaz (…)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)

b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)

c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)

d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)

e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionad*

<u>às partes o efetivo acesso à Justiça</u>, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;

b) tem sido proporcionado;

c) tinham proporcionado;

d) era proporcionado;

e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos* dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,tendo sido escrito por alguém que vem ouvindo Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil começou a trocá-la por exotismos), uma certa dose de paixão acabou se intrometendo na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,têm lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (…)

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*

b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*

d) *acabou se intrometendo;*

e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modo verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.

b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.

c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.

d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.

e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***… em que as melhores cadências do samba e da canção se <u>aliaram</u> com naturalidade às deformações normais de português brasileiro…***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito…*

b) *… para nos porem no Alto da Mooca…*

c) *Talvez João Rubinato não exista…*

d) *… Adoniran não a deixará acabar…*

e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu…*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do qu o esquecimento e a passagem do tempo.

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir d 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.

e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio d um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)… *deve cuidar para que os impactos ambientais* <u>sejam</u> *mitigados e compensados*.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta…*

b) *… ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido*.

c) *As questões que se contrapõem…*

d) *… não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.

e) *… que podem ser feitos na direção de…*

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro vincula-se a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.

(…)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.

(…)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados teriam que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.

b) *preocupava-se /* A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.

c) *interessando-se*/ Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se*−, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.

e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que hão de alimentar a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não foi redigida no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região, a realizar-se em Salvador, na Bahia.

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros se orgulhariam de repeti-las, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural.Continuamos repetindo, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) texto legitima o seguinte <u>comentário</u>:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.

b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.

c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.

d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.

e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, <u>a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso</u>*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;

b) havia sido publicado;

c) publicou-se;

d) tinha publicado;

e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) “Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso”. *(Paulo Francis)*

b) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada”. *(Stalin)*

c) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português”. *(Fernando Pedreira)*

d) “Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia”. *(Jeremy Bentham)*

e) “O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los.” *(Arnaldo Jabor)*

60. “Honrarás pai e mãe!” Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;

b) conselho;

c) pedido;

d) alerta;

e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na “base” da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) “quem lhe escreve”;

b) “vivi uma tremenda aventura”;

c) “quanto tempo isso levaria”;

d) “Éramos centenas ali”;

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo morrer, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal Venho morrendo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento do poema

Ó grandes oportunistas… que calculais…(…)/Ó personagens solenes (…)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.

a) "Não estou afirmando que os poetas atuais são tradicionalistas"

b) "…um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para continuar proliferando"

c) "as formas poéticas deixaram de ser valores que cobram adesão à experiência histórica"

d) "Pode parecer um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"

e) "… tenha passado a fazer um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(…) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o movimento.(…)", o tempo verbal mostra uma ação:

a) iniciada no passado, continuada no presente;

b) realizada em futuro próximo;

c) subordinada a uma ação futura;

d) repetida, independente da ação passada;

e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.

b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.

c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.

d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.

e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;

b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;

c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;

d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;

e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) ***"todos que são impactados pelas mídias de massa"***

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"

b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"

c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."

d) "Elas são assediadas pelo mercado"

e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)

II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)

III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)

IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)

V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.

b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.

c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.

d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.

e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados.

Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará

b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera

c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará

d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria

e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[…]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.

b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.

c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.

d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.

e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

73. (CESGRANRIO – BNDES – Técnico Administrativo – 2013) Que forma verbal está empregada no mesmo tempo e modo que pudemos?

a) Forem

b) Cresceu

c) Será

d) Deixem

e) Indicam

74. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – Consultor Técnico Legislativo – 2014) A seguinte frase NÃO admite transposição para a voz passiva:

a) Ele alcançou sucesso exclusivamente por sua competência.

b) O poeta Ferreira Gullar acabou de contar um caso exemplar para a nossa tese sobre a fama vazi

c) A mídia cria inúmeros deuses, todos incapazes de qualquer grandeza efetiva.

d) Muitas revistas sobrevivem graças ao culto irrefreável das celebridades.

e) A celebração pela mídia atrai tanto as pessoas ingênuas como as mais maliciosas.

Gabarito

1. INCORRETO.
2. INCORRETO.
3. INCORRETO/CORRETO.
4. B.
5. CORRETO.
6. INCORRETO.
7. C.
8. B.
9. B.
10. D.
11. CORRETO.
12. INCORRETO.
13. NENHUM.
14. CERTO.
15. CERTO.
16. ERRADO.
17. ERRADO.
18. ERRADO.
19. CERTO.
20. ERRADO.
21. CERTO.
22. CERTO.
23. CERTO.
24. ERRADO.
25. CERTO.
26. ERRADO.
27. CERTO.
28. A.
29. CORRETO.
30. CERTO.
31. A.
32. B.
33. E.

34. B.
35. E.
36. A.
37. C.
38. E.
39. C.
40. B.
41. B.
42. D.
43. B.
44. B.
45. A.
46. B.
47. B.
48. C.
49. E.
50. B.
51. B.
52. D.
53. E.
54. D.
55. B.
56. E.
57. E.
58. E.
59. A.
60. E.
61. D.
62. CERTO.
63. ERRADO.
64. CERTO.
65. E.
66. E.
67. E.
68. B.
69. D.

70. C.
71. C.
72. C.
73. B.
74. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*

– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*

– *Ela está **toda** preocupada.*

– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está **meio** chateada.*

– *A filha sempre foi **menos** paciente que a mãe.*

– *Ela está **todo** preocupada.*

– *Os policiais devem se manter **alerta** o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto…*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre <u>acordou</u> **cedo**.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** <u>disposto</u>.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** <u>fora de moda</u>.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram **mais** <u>tarde</u>, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** <u>de repente</u>.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente** <u>fazemos concursos</u>.* (modifica a oração inteira; normalmente os advér terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em -mente incide sobı o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (… aumenta fantasticamente…)

b) abertamente (… evito aderir abertamente…)

c) independentemente (… treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças…)

d) psicologicamente (… psicologicamente preparado…)

e) imediatamente (… volte para o campo imediatamente…)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com (d)isso, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Mou Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: Férias assim são um sonho de consumo! / Vocês beberam muito pouca água. / De todos os alunos, quase cem foram aprovados. / Muito embora eu pudesse entrar, não o fiz.

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: " Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou **razoavelmente** discreto.*

– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)

– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças **sexualmente** transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"… para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências…"

b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."

c) "Outra discussão chata, durante e após partidas…"

d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que alto e prolongado se referem ao verbo gritar, logo são advérbios assim como muito, que também modifica um verbo. Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbio terminados em -mente, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:

a) predominantemente; (vem de predominante, adjetivo uniforme) X

b) basicamente;

c) negativamente;

d) diariamente;

e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em qu o advérbio terminado com o sufixo -mente NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:

a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;

b) Os veículos estavam erradamente estacionados;

c) Os funcionários trabalham conscientemente;

d) O automóvel funcionava eficientemente;

e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?""* ***Absolutamente (não)****! Odeio mar, areia…"* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "* ***Absolutamente*** *(sim)! Amo mar, areia…"* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa**mente.*

– *O Brasil cresceu **economica**mente, **politica**mente e **administrativa**mente.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Obs.: Por via de regra, o advérbio terminado em sufixo "mente" se liga a adjetivo feminino, uniforme ou terminado em "ês": graciosamente (graciosa + mente), favoravelmente (favorável + mente), burguesmente (burguês + mente). Logo, "burguesamente" não existe. Consulte uma questão sobre isso na prova da FGV – SUSAM/AM – AGENTE ADMINISTRATIVO – 2014.

Mais algumas particularidades...

Quando, ***como***, ***onde*** *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** ela se veste assim.

[1] O vocábulo como pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: Como ela é linda!

[2] A preposição a, exigida pelo verbo chegar, se une ao advérbio onde para formar aonde.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br*.

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando… algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente…* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena serem

consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em -*mente*: certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente…

Obs.: A conjunção e seguida do advérbio sim muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: A mulher não quer sexo em primeiro lugar, e sim amor.

Negação

Advérbios: *não,* tampouco (= *também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação), *nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: absolutamente.

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo sequer.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que sequer é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (é permitida).

2) O vocábulo não é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

- Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou não. Quero não. Posso não. Minha mulher não deixa não. (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)
- Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do não numa frase não nega seu conteúdo: Quantas vezes eu não te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já não fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).

3) O advérbio nem, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: É incrível que ele nem (= não) tenha feito a prova nem (= e que não) tenha estudado.

4) O advérbio de lugar lá pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: Eu sei lá se ela va voltar aqui.

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar,* adrede (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte*, *de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo*, *a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em -*mente*: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo mal carrega uma ideia de quase negação consigo: Ele mal consegu andar depois do esforço.

2) O advérbio assim, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"…; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Estude mais no capítulo 15, de conjunção. Falarei sobre ele ainda neste capítulo em Valor Discursivo.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados…"; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir <u>rapidamente</u> soja transgênica;

b) Vários governos condenam <u>veementemente</u> os transgênicos;

c) <u>Atualmente</u> são muitas as pesquisas sobre transgênicos;

d) Os transgênicos são muito <u>bem aceitos em vários países;</u>

e) O Brasil deve pesquisar <u>muito</u> para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem… algo geneticamente modificado é o modo como algo foi modificado… então… bate com o advérbio rapidamente (= de modo rápido)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "… o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho <u>sintático</u>…", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como geneticamente está ligado à forma adjetiva modificados. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois bem está relacionado à forma adjetiva aceitos. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: produzir rapidamente, condenam veementemente, atualmente (refere-se à oração inteira), pesquisar muito.

3) Agora veja uma questão old stile da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em -mente. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (de graça > grátis), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em -mente (com delicadeza > delicadamente).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) cor o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar com orgulho e insolência. / Falar arrogantemente.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente

(2) Agir como criança. ( ) puerilmente

(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente

(4) Eliminar sem se render a logros. ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;

b) 1 2 3 4;

c) 3 4 1 2;

d) 4 2 1 3;

e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então…*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto…*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*) , *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente…*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que já pode substituir mais, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: Não estud mais há tempos. / Já não estudo há tempos. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: Já não estudo mais há tempos. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – TÉCNICO DE DESENVOLVIMENTO E ADMINISTRAÇÃO – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios já e mais, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio já. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que já pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.

2) Polêmica! Jamais e nunca são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli) como, além de advérbios de tempo, advérbios de negação; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.

b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.

c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)

d) Casualmente encontramos a lei que você queria.

e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assina a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.

b) Não me pergunte as razões da minha atitude.

c) Eles sempre chegam atrasados.

d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)

e) Agora seremos felizes.

3) Afinal, enfim e finalmente são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indica tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a

toda a região metropolitana.

Os advérbios Finalmente, mais e satisfatoriamente expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;

b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)

c) finalidade, lugar, modo;

d) tempo, proporção, tempo;

e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano… (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;

b) consequência;

c) conclusão; (Gabarito!)

d) conformidade;

e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte…*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada…*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente…*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo onde: "Essas promessas vêm de onde?" "Vêm de Deus." / "Você não consegue tirá-la de onde?" "Eu não consigo tirá-la do meu pensamento." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar virtual ou figurado.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locuçã adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury,

Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em Crase, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, aqui, cá, (relacionados à 1ª pessoa do discurso) aí, (relacionado à 1ª pessoa d discurso), ali, lá, acolá (relacionados à 3ª pessoa do discurso), aqui e aí podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade […] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que daqui marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento… para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades…" – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio daí, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: daí = a partir desse momento (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá…*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)…*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente…*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio talvez exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para Consente, no modo indicativo.

( ) CERTO(X) (X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: Parto hoje talvez.

No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de talvez seguido de verbo no modo indicativo é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as

magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como…*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo…*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra muito está sintaticamente empregada como em "parece muito mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.

b) Há muito ainda por realizar no Brasil.

c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)

d) Ao evento compareceram muitos congressistas.

e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio muito, que, além de ser invariável, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois muito, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (importante). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que e outros que podem pertencer outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de Pronomes Indefinidos deste livro. Por exemplo, quando se diz " Ele não correu nada.", o nada é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase " Nada lhe dei.", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo dar, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo mais, só para sentir a pressão:

Substantivo: O mais é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei mais presentes.

Advérbio de intensidade: Fale mais. / Sou mais inteligente que ele. / Chegue mais cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto mais aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João mais Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens***, *Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda* ***por necessidade***.

– *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.

– ***Graças ao sotaque nordestino***, *pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 em decorrência do diabetes.

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito***.

– ***A despeito dos problemas***, *tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço***, *o fim foi trágico.*

– ***Mesmo moribundo***, *teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a concessão expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual***, *devemos nos vestir livremente.*

– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.

– ***Consoante a dica do professor***, *devemos decorar apenas a matéria da prova.*

– ***Em conformidade com o dito***, *nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios***.

– *Só estudo* ***por uma boa nota***.

– ***Para a alegria da nação rubro-negra***, *o camisa dez decidiu ficar.*

– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar***.

Condição

– ***Na dúvida***, *não ultrapasse.*

– ***Sem educação***, *não há progresso.*

– *Só entrará* ***com autorização***. (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*

– ***Por meio da pesquisa***, *novos resultados foram alcançados.*

– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*

– ***Com o sangue de Jesus***, *os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como causa ou condição, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar…", indica:</u>

   a) lugar;

   b) instrumento;

   c) meio; (Gabarito!)

   d) causa;

   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de meio são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de instrumento. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca***.

– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.

– *Machucou-se* ***com o martelo***.

– *Fomos expulsos* ***a pedrada***.

Obs.: A diferença entre meio e instrumento é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão

nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de meio, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre meio: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de Crase.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*

– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*

– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*

– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*

– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*

– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro****.*

– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*

– *Aqui você compra três* ***por um real****.*

Obs.: Com verbo de ligação, barato e caro são adjetivos: Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*

– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*

– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*

– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*

– ***Com sua esposa***, *aconteceu tudo diferente?*

– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.

– ***Quanto a meu projeto***, *vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.

– ***Primeiro***, *queremos dizer a todos que vamos viajar.*

– ***Em terceiro lugar***, *o esporte é igualmente importante para a socialização.*

– ***Por último***, *só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.

– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.

– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.

– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.

– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*

– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada***, *voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã***.

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore***.

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus***.

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) É questionável ainda a ideia de emba comida com comida. (l. 31-32)

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.

b) Encheram a garrafa com funil.

c) Fizeram os ovos com manteiga.

d) Massageou os pés com maciez.

e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas feitas de milho, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de matéria para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um adjunto adverbial de matéria é a E: Construíram o muro com pedras. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Modo.

Proporção

– *A novela está **para o Brasil** assim como o cinema está **para os Estados Unidos**.*

Reciprocidade

– *Elas sempre discutiam **entre si.***

Substituição

– *Tive de assinar o recibo **pelo chefe**, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade **em lugar de Maria**.*

– *Abandonou suas convicções **por privilégios**.*

– *Não compre gato **por lebre**.*

Favor

– ***Por obséquio**, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar **pelo réu**.*

– *Sempre trabalhamos **em favor do povo**.*

– *Acordo cedo todos os dias **em prol do meu ideal**.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*

– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*

– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*

– ***Só*** responderemos a uma pergunta.

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão só, apenas, somente e unicamente quando modificam verbos, adjetivos, outr advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de , com exceção de. Cuidado com o vocábulo só, pois pode ser adjetivo quando equivale a "sozinho": Estou muito só nesta casa.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança d posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] Somente a professora passou a palavra ao visitante.

[2] A professora somente passou a palavra ao visitante.

[3] A professora passou somente a palavra ao visitante.

[4] A professora passou a palavra somente ao visitante.

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que somente modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (…) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que somente vale para o constituinte que o segue imediatamente".

* Falarei de palavras denotativas mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** não é afeita ao trabalho.

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: ademais, mesmo, além disso, além do mais.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a até.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, mesmo (= até), indicando inclusão, é

considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as palavras denotativas e os advérbios. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra mesmo e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente***, a produção e as venda subiram.

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: dessa forma, dessa maneira, desse modo. Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como dessarte e destarte.

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só*** *ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele* ***só*** *explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbi

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação,

designação, realce etc. à parte, sem nome especial.”. Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o “à parte” usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas “camufladas” de interpretação de texto são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos “A menina **que** jogou água no garoto, pai!”, a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos “A menina jogou água no garoto.”, o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.

  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exce exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*

  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram salvo, exceto, exclusive, afora, senão e menos como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: “Salvo aquela canção, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.”.

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais…*

  Ex.: Até *o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o até do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: “ O chefe da seção notou até minha inquietude.”. Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta “obs.”, o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o até deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda até, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de Preposição. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)…*

  Ex.: *Este é um fato comum,* a saber*: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, é que, que, ora, sobretudo…*

  Ex.: *Eu* é que *sou mais eu. / Veja* lá *o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce que. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: Certamente que ela vai passar. / Com certeza que ela vai passar. / Decerto que ela vai passar. / Provavelmente que ela vai passar. / Talvez que com esforço ela vá passar em primeiro lugar. / Quase que ela não passa. E, como toda boa palavra expletiva, o que pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo ainda, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

   A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

   c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão…*

  Ex.: *Faça silêncio,* ou melhor*, fale mais baixo.*

A palavra aliás é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("… nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto pa retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(…) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, aliás, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (…)

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas…*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar, que é bom, ninguém quer. / Então… acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve* tão ***depressa*** quanto/como *eu*.
- Superioridade: *Aquela menina escreve* mais ***depressa*** *(do)* que *eu*.
- Inferioridade: *Aquela menina escreve* menos ***depressa*** *(do)* que eu.

Obs.: Os advérbios bem e mal, no grau comparativo de superioridade, ficam melhor e pior: Aquela menina escreve melhor/pior do que eu.

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):

  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente***.

- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufi

  Ex.: *Eu corri* muito ***bem*** *naquela prova. / Ela corre* bem ***mal***.

Cuidado!!!

1) Os advérbios bem e mal, no grau superlativo absoluto sintético, viram ótimo e péssimo: Eu corri ótimo/otimamente naquela prova. / Ela corre péssimo/pessimamente.

2) Existe também o grau superlativo intensivo, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa o mais/o menos ou o melhor/o pior + advérbio + expressão de possibilidade.

   – Chegaremos o mais rapidamente possível (ou o mais rapidamente que pudermos).

3) Antes de particípios ou adjetivos, mais bem (ou melhor) e mais mal (ou pior) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: Esta casa é mais bem/melhor mobiliada que a outra. / Estes alunos são mais mal/pior educados que aqueles.

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa mais bem ou mais mal antes de particípios ou adjetivos": Esta casa é mais bem mobiliada que a outra. / Estes alunos são mais mal educados que aqueles.

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (mais bem/mais mal): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se melhor ou pior apenas: Ninguém me conhece melhor que minha mãe. / "Ninguém me conhece mais bem que minha mãe." (Inadequadíssimo!)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.

  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forn superlativa.

  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova. / Ele fez* ***rapid***ão***/rapid***inho *a prova. / Já esta* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.

  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos****. / Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%!***

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Um termo de valor anafórico é aquele que faz referência a algo anterior dentro do texto; já o catafórico é aquele que faz referência a algo posterior dentro do texto; por fim, o dêitico é aquele que faz referência a algo fora do texto.

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a ge fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspens Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualque ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou quere alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aq colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha do mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)

1 Agorinha.

Ainda assim

1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)

1 Felizmente.

Ainda por cima

1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que

1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*

2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente***, *todos morreram.* / ***Lamentavelmente*** *a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **- mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) **Modalização epistêmica**: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

- **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmaçã pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente,*

absolutamente, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": do ponto de vista *geográfico/biológico/humano*... Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pe gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramát tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*, *especificamente*, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*,

meramente, sobretudo etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em -mente são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I.advérbio caracterizando finalidade descritiva

II.advérbio caracterizando juízo de valor

III.advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV.advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por

exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e " Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum ti de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio infelizmente, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (…)?"

(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."

(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"

(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como infelizmente expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão verdade seja dita representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em -mente abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)

b) "eticamente inaceitável";

c) "igualmente descartada";

d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";

e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A tão difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja tã simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.

a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.

b) As duas são advérbios e modificam verbo.

c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.

d) As duas são adjetivos.

e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra Tal classifica-se como:

a) adjetivo;

b) advérbio;

c) conjunção;

d) pronome demonstrativo;

e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;

b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;

c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;

d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;

e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem,

demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (…)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;

b) furtivamente;

c) favoravelmente;

d) efemeramente;

e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (…)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;

b) irreversivelmente;

c) intensamente;

d) minimamente;

e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um gru cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.

b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.

d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.

e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa profunda recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma melhor operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos… (…) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais livre, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (…) Certamente essas frases devem nos deixar algo

perplexos…

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em qu a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.

b) profunda.

c) melhor.

d) algo.

e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

(…) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' só deixou a alternativa… (…) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, mesmo porque a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (…)

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.

II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.

b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.

c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.

d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.

II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (… oferecem garantia de transporte gratuito… Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação…) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e a emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"… nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva…"

"… solicito… a presença… na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências…"

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(…) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar…"

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (…)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor d texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis

exploradores: uma enorme muralha verde parecia proteger aquelas terras. Densas árvores, rica fauna… Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que ali estava a verdadeira riqueza daquela terra recém-conquistada. (…)

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(…) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos…" (…)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pe advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.

a) Não aguentava mais tanto barulho.

b) E que tudo o mais vá pro inferno!

c) Cinco mais dois são sete.

d) Sem mais nem menos, ela sumiu.

e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(…)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(…)

… dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (…)?

– Pois não?

(…)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização…

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: “fui trazida para cá”; “e isto aqui está r parecendo”; “E foi aí que o interlocutor sugeriu”; “ali na organização”.

II. O “não” (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não…).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está corre ou incorreta?

– O advérbio na construção “reagiu rapidinho” foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de “ainda” por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo “ainda” tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra “ainda” em “A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave ainda o fato de as detenções gerarem facções criminosas” está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.

b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.

c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.

d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.

e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"

b) "…que impactam pelo resto da vida,"

c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"

d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."

e) "…e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[…] a língua é viva e muda o tempo todo." / […] a língua é viva e muda toda hora;

b) "[…] a qualquer pretexto […]" / […] sob quaisquer pretextos;

c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;

d) "[…] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / […] a coisa está toda escancarada par qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãc equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;

b) reitera um argumento citado;

c) aponta para uma conclusão;

d) adiciona um argumento;

e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,… – o advérbio em destaque expressa sentido de:

a) causa;

b) afirmação;

c) negação;

d) modo;

e) dúvida.

Fragmentos de texto

(…) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. Já as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (…) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a

mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e, portanto, o conhecimento em si é simplesmente impossível. Aliás, as únicas formas de conhecimento* a priori, *que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal. Ou seja, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é incorreto afirmar que o(a):

a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;

b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;

c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;

d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em *-mente* que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:

a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.

b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.

c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.

d) Aparentemente, só trinta exemplares.

e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O material didático mais barato que existe na praça é o professor.

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

(…) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo muito grande…

(…) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, crescente e, principalmente, abrangente. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e consequentes multas…

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";

b) "abrangente";

c) "consequentes";

d) “muito”.

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbi agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história* presumivelmente *verdadeira?*

b) Certamente *me irão fazer falta,*

c) *Afirmarei que sejam* absolutamente *exatas?*

d) *desenterrarmos* pacientemente *as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

(...) Muitas vezes, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)

(...) De fato, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) Assim sendo, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e mesmo ao isolamento de certas doenças.

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.

( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.

( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.

( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;

b) V – V – F – F;

c) V – F – F – V;

d) F – F – V – V;

e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida, muito em razão das inúmeras...

...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez mais espaço no Brasil.

...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil...

… sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente. (…)

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.

a) mais.

b) bastante.

c) penal.

d) só.

e) antes.

Fragmento de texto

Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E aí todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. Só que não sabia nem abrir o capô.

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*

II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,*a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "…e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.

b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.

c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.

d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.

e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz ainda a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;

b) oposição;

c) comparação;

d) explicação;

e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração –... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.

II. Na oração –... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.

III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;

b) II, apenas;

c) I e III, apenas;

d) II e III, apenas;

e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho –... em linho de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.

b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.

c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.

d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

"Viramundo estranhamente se recusava a comer. Afastara-se e contemplava em silêncio a paisagem. Havia nela algo vagamente familiar."

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;

b) negação, lugar, intensidade;

c) modo, modo, intensidade;

d) negação, modo, negação;

46. (FUNDEP – Pref. de Bela Vista de MG – Técnico de Enfermagem – 2014) Assinale a alternativa e que a palavra destacada é um advérbio.

a) “Essa definição aparece por último, como informal e **recente**”.

b) “**Nada** podia ser igual ao que a realeza usava”.

c) “Não foi possível manter esse controle por **muito** tempo”.

d) “As classes **mais** pobres passavam a ter acesso a cópias dos acessórios reais”.

47. (VUNESP – PC/CE – Escrivão – 2015) Considere as frases do texto.

- As pessoas são **tão** egocêntricas.
- O mundo seria **bem** melhor se elas parassem de pensar nelas mesmas…

É correto afirmar que os advérbios destacados nas frases expressam circunstância de:

a) dúvida.

b) negação.

c) intensidade.

d) modo.

e) afirmação.

Gabarito

1. A.
2. B.
3. C.
4. A.
5. C.
6. C.
7. D.
8. CORRETO.
9. I.
10. D.
11. II.
12. INCORRETO.
13. C.
14. ERRADO.
15. CERTO.
16. CERTO.
17. CERTO.
18. CORRETO.
19. INCORRETO.
20. I. INCORRETA.

    II. INCORRETA.

21. CORRETO.
22. E.
23. I. INCORRETA.
    II. INCORRETA.
24. INCORRETO.
25. CORRETO.
26. D.
27. A.
28. D.
29. D.
30. E.
31. B.
32. C.
33. INCORRETO.
34. CORRETO.
35. D.
36. A.
37. B.
38. A.
39. I. INCORRETA.
    II. INCORRETA.
40. CORRETO.
41. D.
42. A.
43. A.
44. B.
45. C.
46. D.
47. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*

– *Falou **ante** Lucas.*

– *Falou **após** Lucas.*

– *Falou **com** Lucas.*

– *Falou **contra** Lucas.*

– *Falou **de** Lucas.*

– *Falou **em** Lucas.*

– *Falou **para** Lucas.*

– *Falou **perante** Lucas.*

– *Falou **por** Lucas.*

– *Falou **sem** Lucas.*

– *Falou **sobre*** Lucas.

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**

– *Sairemos **com** você hoje.*

– *Ai **de** mim!*

– *Quem **de** nós dois…*

– *Estudo muito Português **para*** passar logo!

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar até amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial até amanhã pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo **com** atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração **por** quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria **para** menores.*

– *Paralelamente **às** apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem… para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde** o ano passado, decidi estudar **por** videoaulas, pois simpatizei **com** o método.*

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;

2) **não variam**;

3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade…".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*

– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*

– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirand pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições per e trás ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões per si ou de per si e nas expressões por trás, para trás, por trás de. Os linguistas dizem que as contrações pelo, pela, pelos, pelas são formadas pela preposição per + artigo o, a, os, as. No entanto, como per é

arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição por + artigo o, a, os, as.

2) Segundo Cegalla, a preposição após pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite as visitas saíram logo após. (= atrás, depois)".

3) A forma sincopada pra (de para) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui pra ganhar!".

4) Não confunda até (preposição) com até (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará até mim." / "Resolver este problema até eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que não se diz com correção gramatical "Há sinceridade entre eu e você.", mas sim "Há sinceridade entre mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, menos ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, menos tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais conforme, segundo e consoante são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: " Consoante me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição a com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele*** (a+aquele) lugar sempre.

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

- Apesar de o progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso. (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar do progresso ter…", mesmo soando melhor.)
- Já chamaram o lutador de o esportista do ano. (Em títulos – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

- *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*
- *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*
- *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*
- *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*
- *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política*
- ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos algumas locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma *a nível de*).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ao ***ponto de*** é construção incorreta),

prestes a, na iminência de, em via de (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***<u>às</u> custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com acúmulo de preposições. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por… O mesmo Bechara diz que para com é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto preposição + locução prepositiva. Exemplos:

   – Passei com dificuldades por entre a multidão.
   – Crianças de até sete anos podem brincar aqui.
   – O atacante chutou a bola por sobre o gol.
   – A lua cai por sob o morro.
   – Desde a noite até pela manhã, ele me procura.
   – Costumamos trabalhar até perto da meia-noite.
   – Vá para longe de mim, desafeto!

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por advérbio + preposição, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de Complemento Nominal, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva não obstante (= apesar de) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= porém): Não obstante o esforço, não se classificou. (= apesar de) / Não obstante ser o melhor da turma, nunca se gabou disso. (= apesar de) / A Língua Portuguesa é muito complexa, não obstante ela pode se tornar fácil com treino duro. (= porém). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= embora) se vier seguida de verbo no subjuntivo: Não obstante fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém. Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas frente a ou face a. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em Dicionário de Regência Nominal) e Maria Helena de Moura Neves (em Gramática de Usos) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

   A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (…)

   Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) correta(s):

   e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: em relação ao, diante do, frente ao.

O gabarito foi a letra E. Logo frente a(o) foi considerada expressão que mantém a correção gramatical, ou seja, correta! O que é mais incrível é o que o Manual de Redação Oficial da Presidência da República, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão em face de equivaler a diante de, é preferível a regência com a preposição de; evite, portanto, face a, frente a.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai… a Esaf…

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel a Deus." (quem é fiel, é fiel a alguém) – relacional / "O carro do João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em Adjunto Adnominal X Complemento Nominal (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)

– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)

– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)

– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)

– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)

– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho, **por** acaso?*

– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*

– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*

– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*

– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança*

– *Comeram **d**o pão e beberam **d**o vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*

– *Usar a internet faz **com*** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir com o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar da espada", com o de enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em objeto direto preposicionado.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre Ir a e Ir para. Quem vai a, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai para, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição a no lugar de em com verbos e nomes que indicam endereços: A residência fica à Rua Danton Pedro, 1.000. Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição em quando a ideia é de moradia, endereço: A residência fica na Rua Danton Pedro, 1.000.

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Obs.: Está errada a locução prepositiva "ante a", por ser inexistente na língua culta, por isso não há crase no segundo exemplo acima, pois o "a" é só um artigo, e não uma preposição.

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: Após é considerado advérbio, apesar de pouco usual: O trem passou, deixando um rastro após.

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição a, formando a locução preposição até a. Não confunda até (preposição) com até (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): "Fomos até vós para instruir-vos." / " Até tu, Brutus?".

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade) / *Registraram-se **com** abundância homônimos e*

parônimos. (intensidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: Naquela sessão, todos votaram contra. (= contrariamente)

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce de: 1) antes de conjunção comparativa que numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo. Veja alguns exemplos: 1) Ele é mais feliz (do) que você. / 2) O bairro (de) Copacabana é charmoso. / 3) A impressão é (de) que nada havia mudado. / 4) O pobre (do) homem sofre tanto. Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.</u>

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais

fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir do antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição de é facultativa antes de conjunção comparativa que, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição de tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: Comi um prato de nhoque. (conteúdo) / Sou uma pessoa de coragem. (tipo) / Esta corrente de ouro é cara. (matéria) / Ela tinha olhos de gata. (semelhança) / Vendi uma TV de segunda. (qualidade) / Comprei um caderno de um real. (preço) / O amor dela é intenso. (posse) / Tenho um carro de passeio e um de trabalho. (finalidade) / Comi um queijo de Minas delicioso. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: Desde de é uma expressão inculta: Desde de 1982 não se vê mudança radical em meu país.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição em entre os verbos ser, estar ou ir + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.",

"Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa em, mas de, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua de bronze (e não em bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição em antes de números que indicam porcentagens, em frases como: O trânsito melhorou em 50% (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: O governo reduziu o imposto em 50%. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição em seguida de gerúndio pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: Em se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos. / Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: Isso deve ficar entre mim e você. (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por e, e não ou. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher entre a casa de praia ou a casa de campo.". A construção adequada é: "… escolher entre a casa de praia e a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar* ***para*** *a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá* ***para*** *o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano* ***para*** *mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci* ***para*** *trabalhar.* (finalidade) / *Estou* ***para*** *o Português assim como vocês estão* ***para*** *a Enfermagem.* (proporção) / ***Para*** *mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para*** *estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá* ***para*** *calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música* ***para*** *dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta* ***para*** *os pobres valeu.* (destino/favor/proveito) / *Cada um daqueles fatores constitui,* ***para*** *as Nações Unidas, os desafios iminentes que exigem respostas da humanidade.* (conformidade)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição para parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> para combater a desordem.

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante*** a lei, todos são iguais.

Obs.: Não se usa preposição a depois de perante: Estou perante ao juiz. (inadequado). Não confunda com perante a (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por perante as, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois diante das e perante as indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo as foi mantido após a locução prepositiva diante de e da preposição perante, de modo que não houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição per, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: Estou ansioso por o aluno conquistar sua vaga. Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê… A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de por + o: pelo.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo) / ***Sem** condições financeiras, teve de voltar para a casa dos pais.*

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) / *Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) / *Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) / *Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) / *Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) / *A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) / *Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) / *Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) / *Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) / *Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido excepti ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos,* <u>exceto</u> ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa q ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição da preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de*** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: Ele foi leal aos amigos e aos familiares. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: Ele foi leal aos amigos e familiares. Estaria errado assim: Ele foi leal aos amigos e os familiares. Veja o tópico 5 de Casos Especiais, no capítulo 30 (Crase). Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: Apesar de sucessos e apesar de insucessos, vencemos. / Apesar de sucessos e de insucessos, vencemos. / Apesar de sucessos e insucessos, vencemos.

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (… nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo…) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Note que as expressões de trabalhar e de transformar estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa dele; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o a que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se aind *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(…) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (…)"
>
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/textoadaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(…) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade* ***de*** *Deus*

[valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **do** filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (…)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:

a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.

b) Ele se nutre de saudades.

c) O poeta morria de amores pela pátria.

d) De noite, seu sofrimento aumentava.

e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobrir o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição com tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:

a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.

b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.

c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.

d) Com quem eles viajaram nós não vimos.

e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:

a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas…) / acerca de.

b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.

c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação…) / a fim de.

d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia…) / ante.

e) em direção a (… podemos avançar em direção a um futuro…) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição De em lu de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais…) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) ***Em Chicago, melhor do que em qualqu outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.***

– Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que a desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição de, contida em "dos", expressa ideia de procedência.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (…)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem- duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento…).

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (… agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes…) por para manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:

– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*

Assinale a alternativa em que a preposição *a* está corretamente substituída.

a) até.

b) contra.

c) entre.

d) por.

e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.

Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã. A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.

A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:

a) com;

b) para;

c) por;

d) sob;

e) sobre.

Fragmento de texto

"(…) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer… (…)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".

( ) CERTO ( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por entre.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (…)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por

“salto”, e a preposição empregada no trecho “para o conhecimento científico” exprime noção de fim desse movimento.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

“… o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo para facilitar o armazenamento de novas informações. “Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes para compensar a restrição ao sono…”

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição para, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem “…, *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura”* contém o elemento gramatical *a*, que:

a) define quais são as tentações, porque é um artigo;

b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;

d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;

e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (… meios para convencer o Irã…) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;

b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;

c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;

d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*

e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está corret ou incorreta?

– A substituição da preposição “por” (… um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas…) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.

II. Há quatro artigos.

III. Há um pronome demonstrativo.

Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

c) se nenhuma afirmativa estiver correta.

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introdu ideia de finalidade.

a) "… a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."

b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo…"

c) "… o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com terra…"

d) "… se transforme em tragédia e para conferir eficácia…"

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;

b) modo;

c) condição;

d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cuja preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de… por.

b) de… para.

c) em… a.

d) com… para.

e) com… por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "… filhos com até dois anos de idade…"
2. "… Os pais que acreditam…"
3. "… são muito importantes…"
4. "… algum tipo de conteúdo…"
5. "… pais disseram que seus filhos…"

( ) Pronome relativo.

( ) Advérbio.

( ) Pronome indefinido.

( ) Conjunção integrante.

( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;

b) 4, 3, 1, 5, 2;

c) 2, 3, 4, 5, 1;

d) 2, 4, 3, 5, 1;

e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas…" (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;

b) tempo;

c) fim;

d) proporção;

e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muit satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;

b) lugar;

c) tempo;

d) proporção;

e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?

I. "…ocorre <u>devido a</u> ações administrativas…" / em razão de.

II. "<u>Segundo</u> técnicos da Receita,…" / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:

a) explanação;

b) retificação;

c) situação;

d) exclusão;

e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:

a) artigo, pronome, preposição, pronome;

b) artigo, preposição, artigo, pronome;

c) pronome, artigo, pronome, artigo;

d) artigo, pronome, preposição, artigo;

e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;

b) a que – com que;

c) que – a que;

d) de que – que;

e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca <u>erro</u> gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;

b) em face de;

c) devido à;

d) em função de;

e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "<u>Por um desses quiproquós da vida cultural</u>, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento por (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento por do fragmento acima é:

a) “Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo”.

b) “sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados”.

c) “Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores”.

d) “recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos”.

e) “por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva”.

34. (FGV – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2014) O segmento em que a preposição destacada faz parte de um adjunto e NÃO é solicitada obrigatoriamente por nenhum termo anterior é:

a) “Estamos no trânsito **de** São Paulo”.

b) “salvo **de** acidentes”.

c) “em sincronia **com** os demais veículos lá fora”.

d) “assistindo **a**o seu seriado preferido”.

e) “basta informar **a**o computador”.

Gabarito

1. E.
2. A.
3. C.
4. ERRADO.
5. CORRETO.
6. CERTO.
7. CERTO.
8. ERRADO.
9. CERTO.
10. CERTO.
11. B.
12. C.
13. ERRADO.
14. ERRADO.
15. CERTO.
16. ERRADO.
17. E.
18. D.
19. INCORRETO.
20. A.

21. D.
22. E.
23. B.
24. C.
25. C.
26. E.
27. INCORRETO.
28. I e II
    CORRETAS.
29. E.
30. B.
31. A.
32. A.
33. E.
34. A

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a “menina dos meus olhos”!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem… para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***,***Por isso***,***Não obstante***,***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;

2) **não variam** de forma;

3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade… Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos…** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga prepos a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulo termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais*. (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem*. (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe parec*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que…

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções

conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes dependentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e

nem… *(= e não)*

nem… nem

tampouco

não só… mas (também)

não só… mas (ainda)

não só… (bem) como

bem como

não só… como (também)…

não só… como (ainda)

não só... senão (também)

não só... senão (ainda)

tanto… quanto

tanto… como

mais (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais*** vocês formamos um quarteto.

Cuidado!!!

1) Sobre o e: Além de apresentar a ideia de adição, também pode ter outros valores semânticos, como adversidade (mas, porém) ou conclusão/consequência (portanto, por isso, então). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o e com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção e, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o e pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. Polêmicas…

- Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada. (portanto, por isso –conclusão/consequência)
- Cumpra suas obrigações e será recompensado. (de modo que – conclusão/consequência)
- Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados. (mas, porém – adversidade/oposição)
- Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer. (mas, porém – adversidade/oposição)
- Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca (= para – finalidade)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

- A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (… o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de por isso.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa e estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, mas entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, mas a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe para desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

- Pode ser usada a conjunção e logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: Você é muito importante para mim. E será sempre.

- A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: Concordo com ele, e muito!
- O e, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: Comprei maçã, uva, figo e banana. > Comprei maçã, uva, figo, banana.
- O e repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: Eles são abusados, e desbocados, e impertinentes, e aproveitadores, e muito mais!
- Usa-se a construção e nem quando o nem equivale a não (neste caso, o e é uma conjunção aditiva e o nem é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: Não estuda e nem (= e não) trabalha.
- Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso etc.: Assistiu à ótima peça e nem (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou e nem sequer olhou para ele.

2) Sobre o nem: Pode ser conjunção aditiva (reforçada por alguns termos), alternativa (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.
   - O homem não come nem tampouco bebe. (ou nem ao menos, nem sequer, nem mesmo)
   - Não sei nem se fico, nem se parto. (alternativa = Não sei se fico ou se parto.)
   - Nem sempre colabora com obras humanitárias. (advérbio = não)
   - Nem estudo nem trabalho. (só o segundo nem é uma conjunção aditiva, = e não,o primeiro é um advérbio de negação, = não).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse tampouco como conjunção aditiva (=nem), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão nem tampouco, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas…

4) Em "João mais Maria se apaixonaram.", o mais é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao e, isto é, dizer "Não só estudo mas trabalho." equivale a dizer "Eu estudo e trabalho.". Nas correlações aditivas (ou séries aditivas enfáticas), só as orações iniciadas por mas, como, senão e quanto são consideradas aditivas, o que indica que, stricto sensu, os conectivos aditivos, de fato, são o mas, o como, o senão e o quanto.

Sobre bem como, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão bem como (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção e, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(x) CERTO ( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o mas tem valor aditivo: Não nos deixeis cair

em tentação, mas livrai-nos do mal. = Não só não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: A conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

7) Se a correlação tanto… quanto vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: Tanto estudo! Quanto trabalho! Note que agora são advérbios de intensidade.

8) O vocábulo que pode ser uma conjunção aditiva. Consulte o capítulo 31.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*

– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*

– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*

– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*

– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*

– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*

– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*

– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*

– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*

– *Falar de mim é fácil, **agora** ser como eu é difícil.*

– *O rapaz não estudava, **antes** devorava os livros.*

– *O livro é ruim, **ainda assim** preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O mas pode apresentar matizes de sentido:

   – Os fariseus oprimiam o povo, mas Jesus exercia seu amor a eles. (contraste/contraposição)

   – Amor, eu sei que eu te traí, mas saiba que eu te amo. (compensação)

   – Casou-se, mas não com a primeira namorada. (restrição)

   – Foi em direção ao beijo, mas desistiu por timidez. (quebra de expectativa)

   – Outra pessoa, mas não eu, deverá cobrir a reportagem. (ressalva)

   – Entre, mas sem fazer barulho. (realce/ressalva)

   – Era bela mas principalmente rara. (adição, segundo Celso Cunha)

A maioria dos gramáticos considera redundante as construções em que ao mas se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto etc. Atualmente, tais construções são consideradas expressivas, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de mas não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do mas, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante podem: Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa, porém. / Não pude sair hoje; fiquei, contudo, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo, entretanto, a um filme com minha esposa. (etc.)

3) Não obstante pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locuç conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir. Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que nada obstante é expressão sinônima a não obstante. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão só que vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

Consulte: AOCP – EBSERH/HC-UFMG – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2014 – QUESTÃO 5.

5) Sobre agora, antes e ainda assim, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ainda assim, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se no entanto é uma locução

conjuntiva adversativa e substitui ainda assim, infere-se que ainda assim é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que elas realçam o conteúdo da oração que introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– Maria, eu sei que João é carinhoso, mas ele é alcoólatra. (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– Maria, eu sei que João é alcoólatra, mas ele é carinhoso. (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– Maria, eu sei que João é carinhoso, mas ele é alcoólatra, então larga ele!

– Maria, eu sei que João é alcoólatra, mas ele é carinhoso, então dá uma chance a ele!

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa mas, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção mas desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

7) Em frases em que o mas serve apenas como realce do que vem a seguir – por exemplo, dentro das frases Ela é feia, mas muito feia mesmo! e Ué, mas não eram elas as meninas? –, não é considerado uma conjunção adversativa, e sim uma palavra denotativa de situação (indicando realce ou reforço).

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja…seja***
ou…ou	***já… já***
ora…ora	***umas vezes… outras vezes***
quer…quer	***talvez… talvez***

– *Você quer suco **ou** deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou** faço a festa **ou** pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora** assiste à TV, **ora** cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer** estude, **quer** trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja** neste mês, **seja** no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já** sobe nas árvores, **já** brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro **umas vezes** traz felicidade, **outras vezes** traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez** chore, **talvez** ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

1) A conjunção ou pode ter matizes de sentido:

- Ou sobe, ou desce. (exclusão)
- O Flamengo ou o Vasco continuam sendo bons times. (inclusão/adição; = e)
- O Brasil tem 25 estados, ou 26. (retificação; = ou melhor)
- A parte da frente do navio, ou proa, está avariada. (precisão/sinonímia)
- Abram a porta ou todos serão repreendidos severamente! (exclusão-condição/exclusão-consequência; = senão – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual… (…)

- Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção ou, em não degradam ou deformam, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO ( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas umas vezes… outras vezes… e talvez… talvez…, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando ou, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que não pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: Seja homem ou mulher, todos gostam de música. (errado) / Seja homem seja mulher, todos gostam de música. (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão,

afinal, conjunção é uma palavra invariável: Sejam dias frios, sejam dias quentes, sempre toma banho gelado. (inadequado) / Seja dias frios, seja dias quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer… quer" pode apresentar um matiz de concessão: Quer queiram, quer não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*

– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*

– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*

– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*

– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada po vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*

– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*

– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*

– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o pois conclusivo, confira: CESGRANRIO – BNDES – PROFISSIONAL BÁSICO (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em Pontuação: Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades, portanto. (ou Ela se casou com um homem rico; não passará, portanto, necessidades.).

3) Não confunda os advérbios de tempo logo e então com conjunções conclusivas: Ela volta logo; vamos preparar-lhe uma surpresa. (advérbio de tempo) / Ela volta hoje, logo vamos preparar-lhe uma surpresa. (conjunção conclusiva) / Como é bom relembrar o passado; namorava-se então no portão de casa. (advérbio de tempo) / O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso, então a banca de professores o reprovou. (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – SENADO FEDERAL – ADMINISTRAÇÃO – 2012 – QUESTÃO 16. Também não confunda o advérbio de modo assim com conjunção conclusiva (veja o assim como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – QUESTÃO 11). Falando nisso, sendo assim e assim sendo são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a logo, portanto e assim. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que de modo que, de maneira que, de forma que e de sorte que podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP –Câmara/SJC – Programador – 2010 – QUESTÃO 17)

5) As expressões desse modo, dessa maneira e dessa forma são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

6) As formas destarte e dessarte (originariamente advérbios) são consideradas conjunções conclusivas por alguns estudiosos; inclusive isso já caiu em prova: CESPE/UnB – ANATEL – TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO – 2009 – QUESTÃO 19.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque

que

porquanto

pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*

– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*

– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*

– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O pois explicativo equivale a porque, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: Gratidão a Deus todos devem, pois, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós. Veja a diferença, agora como conclusivo: Gratidão a Deus todos devem. Devemos, pois, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós. Nesse caso, equivale a portanto, por isso é considerada uma conjunção conclusiva.

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de Orações Subordinadas Adverbiais.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda portanto (conclusiva) com porquanto (explicativa).

4) Em textos que fogem à norma-padrão, vem sendo usado o pois com valor semântico adversativo, indicando oposição, como se fosse um porém. Por exemplo, veja essa frase: Eles disseram que a explicação não tinha sustentação. Pois estavam errados, desde o princípio!

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que, se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por que e por se: "Ela não sabe se ele virá." (dúvida) e "Ela não sabe que ele virá." (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***

como (= *visto que*; só no início da oração)

uma vez que

pois que (uso mais literário)

na medida em que

sendo que

- *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porqu** não nos amamos mais.*
- *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*
- *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*
- ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*
- *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*
- *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*
- *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*
- ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)
- *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*
- ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*
- *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*
- ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*
- ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*
- *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*
- ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*
- ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do v nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda porque, que, porquanto e pois causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, que eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em Orações Subordinadas Adverbiais Causais.

2) Por causa que e por causa de que são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o como causal com o aditivo, comparativo e conformativo: Como fizesse frio, pus um casaco. (causa) / Tanto nado como pedalo. (adição) / Como age o pai, age o filho. (comparação) / Como já dissemos, acalmem-se! (conformidade)

4) Desde que (= uma vez que; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: Desde que conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma. O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (…) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (…)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, <u>só ele</u>, considera culta tal locução conjuntiva como aditiva (ou adversativa), os demais a consideram coloquial, nessas acepções.

6) Dado que e Posto que são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): Dado que/Posto que tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no Soneto de Fidelidade, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar posto que como causal: Que não seja eterno posto que (= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure. A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para posto que. Para Cegalla e para o dicionarista Houaiss, Dado que pode ter valor condicional.

7) Não confunda na medida em que (locução causal) com à medida que (locução proporcional). É bom dize também que na medida que é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – TÉCNICO LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: "Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando…

b) Eu desejava mais uma blusa, <u>na medida em que</u> quem viaja está sempre pensando… (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando…

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando…

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: Como Berenice não gostava de ir ao cinema (causa), seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema de modo que seu pai a levava à força. (conclusão/consequência) / Os irmãos viviam brigando porque sentiam ciúmes terríveis um do outro. (causa) = Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro, por isso viviam brigando. (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e consequência mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda por quanto (preposição + pronome; indica quantidade) com porquanto (conjunção causa ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão haja vista que (= pois, porque, visto que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? CESPE/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)… como/quanto***
<u>tal e qual</u>	***tanto… como***
<u>qual</u>	***como***
tal como	***assim como***
	como se

****(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)… (do) que***

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)

– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)

– *Corria **qual** um touro.* (comparativo de igualdade)

– *É excelente esportista, **tal como** o irmão.* (comparativo de igualdade)

– *Viva o dia de hoje **como se** fosse o último.* (comparativo de igualdade)

– *Casa é **mais** confortável do **que** apartamento.* (comparativo de superioridade)

– *Apartamento é **menos** confortável **que** casa.* (comparativo de inferioridade)

– *Este apartamento é **maior que** aquela casa.* (comparativo de superioridade)

– *Esta casa é **menor do que** aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)

– *Tu sempre serás **melhor que** minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)

– *Ela sempre será **pior** pessoa **que** você.* (comparativo de superioridade)

– *A programação da TV aberta é **tão** interessante **como/quanto** a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)

– *Nenhum atleta treinou **tanto** ao longo da vida **como** o Ricardo.* (comparativo de igualdade)

– *Acho-o submisso **como** um cão.* (comparativo de igualdade)

– ***Assim como** chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) Que nem e feito são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: Ela recendia perfumes que nem um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim feito boba? (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão tal qual, quando varia, é analisada como tal (pronome demonstrativo) e qual (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: Os filhos agem tais qual o pai. / O filho age tal quais os pais. / Os filhos agem tais quais os pais. O tal, de tal como, também varia: "As crianças, tais como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto quanto os de lá (… quanto <u>são</u> os governos de lá)". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, <u>Pedro parecia mais calmo</u>. (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo do que parecia João</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto… quanto" comparativa com aditiva: Ela tanto ri quanto chora. (adição / Ela chora tanto quanto ri. (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes… (do) que": O apelo

das cidades seria antes social que econômico.

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior… que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora

se bem que

malgrado

posto que

conquanto

nem que

ainda que/quando

apesar de que

mesmo que

em que (pese)[1]

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*

– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*

– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*

– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*

– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*

– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*

– ***Por muito que*** chamasse sua atenção, não era possível ser notado.

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é em que (= ainda que) seguida do verbo pesar (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país." (os esforços do governo é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição a: "Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza." (aos adeptos do progresso a qualquer preço é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em que (ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que…) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: Posto que era/fosse esperto e malicioso, acabou sendo enganado. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – TÉCNICO MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! Não obstante é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: Não obstante possuísse muitas posses, era humilde.

4) Mesmo se não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "Mesmo se arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente " Mesmo que arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

   I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto não obstante – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

   II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, <u>mas não parece ter</u>. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / <u>Embora não pareça</u> (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), Maria tem boa reputação.

6) Posto, suposto (ou suposto que) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (…) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)

7) Não confunda com quanto (preposição + pronome; indica quantidade) com conquanto. Também não confunda conquanto (concessão) com porquanto (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu parares de estudar, precisarás trabalhar.*

– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*

– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*

– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*

– ***Salvo se*** *meu livro for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*

– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*

– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*

– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*

– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*

– ***Uma vez que*** você aceite a proposta, assinaremos o documento.

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva sem que pode indicar uma relação de modo, concessão, condição ou consequência segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

- Saiu sem que se despedisse. (modo)
- Sem que estudasse, passou. (concessão)
- Sem que estude, dificilmente passará. (condição)
- Não sai sem que leve um casaco. (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por sem que se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (…)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova… veja duas questões sobre sem que nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e CESPE/UnB – TJ/ES – CARGOS DE NÍVEL SUPERIOR – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é antiguinha (não reclama!)…

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)

b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.

c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.

d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse. (concessão) / B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes. (condição) / Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar. (consequência) / Sairás sem que te vejam. (modo)

2) Sobre a conjunção condicional se, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade; por exemplo:

- Se os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas. (= já que; causa)
- Se você tem disposição, por que não corre a maratona? (= já que; causa)
- " Se o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos." (Ondina Ferreira) (= embora; concessão)
- A pele, se for bem clara, escurece muito debaixo deste sol. (= embora; concessão)
- Se Maria vem aqui em casa, todos se alegram. (= quando; tempo)
- Se fala, irrita a todos; se não fala, idem. (=quando; tempo)
- Se eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher. (= Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher; factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o se <u>é</u> uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do se, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o se já foi considerado conjunção causal em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e concessiva (CESPE/UnB – TST – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 2 / CESPE/UnB – PC/ES – CARGOS DE NÍVEL SUPERIOR – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção se e somente se está nas locuções desde que e contanto que: Um argumento é uma certeza absoluta se e somente se (desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção se: Se (for) reeleito transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: Se eu estudar, certamente passarei. Perceba que a consequência (passar) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (estudar).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção se caso: "Se caso você for, avise-me." (inadequado) / "Se (ou Caso) você for, avise-me." (adequado). Já a construção se acaso (= se – conjunção condicional + porventura – advérbio de dúvida) é correta: "Se acaso me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (=*conforme*)

– *Você enfim agiu **conforme** nós acordamos.*

– ***Consoante** falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo** havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como** se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda como conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta como o mestre.", o como é necessariamente comparativo.

2) A conjunção conforme também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": Conforme os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão… que ***tanto assim… que***

tanto… que

tamanho… que

tal… que

de tal modo/maneira… que

a tal ponto… que

<u>de sorte que</u>*

de modo que

de maneira que

de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*

– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*

– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*

– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*

– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*

– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*

– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*

– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o que é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção que podem vir implícitas: Essa mulher bebe (tanto) que acaba xingando todo mundo. Normalmente, nas correlações, tão é advérbio de intensidade, tanto é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e tamanho e tal são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de cada + que é comum: Falou cada coisa de minha mãe que merecia uma surra.

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

<u>porque</u> (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda para que (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com para que (locução conjuntiva final): A preservação da Floresta Amazônica é importante para que se mantenha o equilíbrio ecológico mundial. (o nome importante exige a preposição para, que vem seguida da conjunção integrante que) / Temos de preservar a Floresta Amazônica para que se mantenha o equilíbrio ecológico mundial. (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*…) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*…).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*

– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*

– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*

– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*

– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)

– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*

– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*

– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) Enquanto, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: Enquanto uns se decepcionaram, outros aplaudiram. Indica normalmente simultaneidade: Desliguei a TV, enquanto ela me beijava. Equivale a

"ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: CESPE/UnB – TELEBRÁS – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que na medida que e à medida em que não existem na língua culta? Cuidado! Só existe à medida que (proporcional) e na medida em que (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando

enquanto

mal *(= logo que)*

apenas *(= logo que;* não usual)

depois que

antes que

sempre que

logo que

assim que

agora que

todas as vezes que

cada vez que

ao mesmo tempo que

primeiro que *(= antes que;* não usual)

até que

desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*

– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficav na rua.*

– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*

– *Ela me reconheceu **apenas** apertei sua mão.*

– ***Depois que** a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*

– ***Antes que** o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*

– *Ficas excitada **sempre que** Augusto te olhas?*

– ***Logo que** os índios viram os portugueses, assustaram-se.*

– ***Assim que** você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*

– ***Agora que** vocês chegaram, podemos ir.*

– ***Todas as vezes que** dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*

– ***Cada vez que** a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*

– *Come **ao mesmo tempo que** lê.*

– ***Primeiro que** falecesse, deixou um legado.*

– ***Até que** se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*

– ***Desde que** essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estuda*

Cuidado!!!

1) A conjunção quando pode indicar matiz condicional e concessivo: Quando o senhor quer algo de mim, é gentil. (condição) / Vive saindo, quando deveria estar estudando. (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral <u>quando</u> deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.

A conjunção quando, no período acima, tem valor:

a) proporcional;

b) comparativo;

c) consecutivo;

d) temporal;

e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma

coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)

b) Coordenativa com valor semântico de tempo.

c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.

d) Subordinativa com valor semântico de concessão.

e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que mal e apenas são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para voc tomar cuidado com desde que condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "Desde que se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e desde que temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "Desde que se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ao mesmo tempo em que.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal no que (= assim que), é coloquial, por não haver registro na língua culta: "No que ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final**:** Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá…

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)

b) comparação;

c) conclusão;

d) alternância;

e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." **(linha 9)**

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;

c) entretanto;

d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)

– Observe a relação semântica existente entre as orações:

I. Sofreu tanto. Ficou doente.

II. Estou gostando de outro. Já disse.

III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.

IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.

Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou… ou – porque – quando – em que;

b) que – porque – enquanto – quando;

c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);

d) conforme – mas – mas – se;

e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)

No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)

b) 'portanto';

c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso… Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas,

o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. **(Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale expressão correta.**

   a) na medida em que.

   b) assim que.

   c) por muito que.

   d) à medida que.

   e) no entanto.

2. **(FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:**

   I. <u>Mal o leão se afastou</u>, o rato não teve a menor dúvida.

   II. "Os animais devem ser adestrados, <u>ao passo que os seres humanos devem ser educados</u>."

   III. <u>Não obstante haja concluído um curso superior</u>, é incapaz de redigir uma carta.

   IV. Pode criticar, <u>desde que fundamente sua crítica em argumentos</u>.

   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

   a) tempo, proporção, concessão e condição;

   b) causa, conformidade, condição e concessão;

   c) tempo, proporção, condição e concessão;

   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. **(FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quan às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.**

   Yes, nós temos cinema!

   Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

   (Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;

   b) logo – pois – portanto – todavia;

   c) e – mas – por isso – e;

d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.

II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.

III. Tempo: o mais rápido possível.

IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de envia funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida qu a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(…) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, pois seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (…)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de “pois” por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto.*

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.

b) aditiva – conclusiva.

c) aditiva – explicativa.

d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;

b) tanto assim que;

c) além disso;

d) por isso;

e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) ***"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher a lacunas de pensamento de quem lê."*** **Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.**

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.

b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.

d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção mas estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:

a) restrição;

b) adversidade;

c) atenuação;

d) adição;

e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

***Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, que em murmurantes ondas canta o amor perdido*.**

Tomando a oração destacada e substituindo em por as e canta por cantam, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:

a) subordinada adjetiva explicativa;

b) subordinada adjetiva restritiva;

c) coordenada conclusiva;

d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, entretanto, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)

– O termo “entretanto” pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído po qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

***Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) do que televisores*.**

– O termo “Mas” insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do se por mesmo que garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo d gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência APENAS no apresentado em:

a) I;

b) II;

c) III;

d) I e II;

e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. Assim, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, porque ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evoluçã da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia…), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são com os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a form mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que NÃO poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;

b) que;

c) pois;

d) logo;

e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A advertência vale para o Brasil, embora as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhad no texto abaixo, provoca <u>erro</u> gramatical e/ou <u>incoerência</u> textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, <u>se o país não cresceu</u>, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.

b) apesar de o país não crescer.

c) mesmo o país não crescendo.

d) embora o país não crescesse.

e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;

b) consequência;

c) conformidade;

d) condição;

e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses qu NÃO expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)

b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)

c) "…porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)

d) "…para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)

e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) ***É certo*** **que** ***a mudança do enfoqu sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão*** **que** ***abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*** **(L.21-30)**

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;

c) conjunção integrante e conjunção integrante;

d) pronome relativo e conjunção integrante;

e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro ou mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;

b) comparação;

c) conclusão;

d) contraste;

e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;

b) por conseguinte;

c) à medida que;

d) a fim de que;

e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida

entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[…] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos […]" (l. 4-6)

b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão […]" (l. 16-19)

c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)

d) causalidade: "[…] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)

e) condição: "[…] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida***

(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;

b) concessivo;

c) conclusivo;

d) condicional;

e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades…" (conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. Sua ação é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia. O economista não tem essas vantagens. No tratamento de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de “Quando”;

b) substituir a conjunção condicional “se” pelo conectivo caso;

c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada p “Sua ação” com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de “Sua”;

d) ligar as orações iniciadas por “O economista…” e “No tratamento”, em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de “No”;

e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de “Os”.

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchiment da lacuna com o conectivo abaixo resulta em <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;

b) quando;

c) Porém;

d) Mas;

e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) ***O desenvolvimento <u>corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades</u>, e [que] portanto <u>não</u> é possível importar.***

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com “Não é possível importar o desenvolvimento…”. Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;

b) dado que;

c) se bem que;

d) no caso de;

e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) ***Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.***

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias,

a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível…

b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível…

c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível…

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível…

e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível…

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;

b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;

c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;

d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;

e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feit

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana…***

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;

b) conquanto;

c) enquanto;

d) embora;

e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do text

I. Não podemos contar com a sorte.

II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;

b) ainda assim;

c) haja vista que;

d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ***Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas…***

Iniciando o período por Eles precisam de mais cálcio e vitaminas, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:

b) conquanto a idade avance;

c) se a idade for avançando;

d) ainda que a idade vá avançando;

e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) ***Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.*** **(início do 2º parágrafo)**

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª, noção de:

a) condição;

b) temporalidade;

c) consequência;

d) finalidade;

e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;

b) como;

c) contudo;

d) portanto;

e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO ( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece…

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

"(…) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, <u>pois</u> "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO ( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.

b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.

c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.

d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.

e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por já que, uma vez que, porquanto, visto que ou porque.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA

O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais… (…) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".

A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:

a) causalidade;

b) proporcionalidade;

c) temporalidade;

d) adversidade;

e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.

I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda *para melhorar* o acesso a serviços de diagnóstico.

II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, *segundo* o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.

As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:

a) finalidade e conformidade;

b) causa e condição;

c) finalidade e consequência;

d) adversidade e adição;

e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:

a) importante que seja;

b) conquanto muito importante;

c) sendo embora muito importante;

d) por mais que importante;

e) por ser muito importante.

Fragmento de texto

"(…) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a

atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (…)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentaçã desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;

b) Outrossim;

c) Por isso mesmo;

d) Não obstante;

e) Haja vista.

"(…) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (…)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;

b) embora;

c) apesar de;

d) e também;

e) pois.

52. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2013) "Suas sugestões, *no entanto*, não encontraram respaldo para serem postas em prática". Dois conectivos que podem substituir adequadamente o destacado, sem alterar a ordem do segmento, mantendo-se o sentido, são:

a) mas / porém.

b) logo / pois.

c) entretanto / contudo.

d) mesmo que / ainda que.

e) todavia / visto que.

53. (FCC – TRF 3ª – Analista Judiciário – 2014) *Reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se uma prátic necessária e comum no mundo laico da Idade Média. Até a invenção da imprensa, a alfabetização era rara e os livros, propriedade dos ricos, privilégio de um pequeno punhado de leitores.*

Embora alguns desses senhores afortunados ocasionalmente emprestassem seus livros, eles o faziam para um número limitado de pessoas da própria classe ou família.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto, op. cit.)

Mantêm-se a correção e as relações de sentido estabelecidas no texto, substituindo-se *Embora* (2° parágrafo) por:

a) Contudo.
b) Desde que.
c) Porquanto.
d) Uma vez que.
e) Conquanto.

Gabarito

1. E.
2. A.
3. C.
4. A.
5. D.
6. D.
7. E.
8. CORRETO.
9. A.
10. D.
11. D.
12. INCORRETO.
13. INCORRETO.
14. C.
15. I- CORRETO.
    II- INCORRETO.
16. CORRETO.
17. INCORRETO.
18. D.
19. CORRETO.
20. INCORRETO.
21. A.
22. B.
23. C.
24. B.
25. A.
26. B.
27. D.
28. B.

29. CORRETO.
30. A.
31. A.
32. B.
33. A.
34. E.
35. E.
36. E.
37. A.
38. E.
39. C.
40. ERRADO.
41. CERTO.
42. ERRADO.
43. CERTO.
44. ERRADO.
45. C.
46. CERTO.
47. A.
48. A.
49. E.
50. D.
51. A.
52. C.
53. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem… para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela

Oh! Ri meu coração de satisfação

Olá! Dizem meus lábios a ela

Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!

Cala meu medo, fala meu coração

Viva! Que maravilha de paisagem

Psiu! É ela chamando minha atenção.

Chi! Tomou-me paixão

Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção

Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca

Não resisti à vontade louca

Gritei alto: **ooooooooooooooba!**

(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;

2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trat de um poema);

3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "ooooooooooooooba!", que, por servir complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* Obs.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*

- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz.*
  gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!*
  vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!,*
  cacete!, uau!
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada palavra-frase, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenh
função sintática. Ex.: Perdão! = Desculpe-me!

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!…

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição ó como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se oh para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições tomara e oxalá levam o verbo ao subjuntivo: "Oxalá/Tomara ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que sã empregadas algumas palavras e expressões no texto.

I. *Oi* (… o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente a de "Olá".

(Estado de S.Paulo, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:

a) sossego e felicidade;

b) alegria e espanto;

c) raiva e tranquilidade;

d) indiferença e irritação;

e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denot

a) preocupação;

b) cautela;

c) admiração;

d) temor;

e) inexperiência.

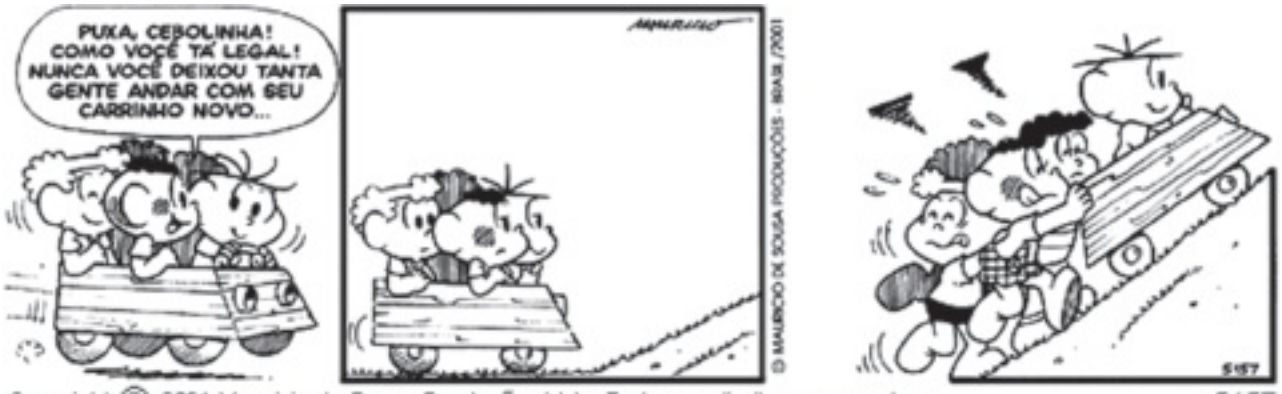

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.

b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.

c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.

d) Trata-se de um vocativo.

e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimen emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;

b) Ora! – reprovação;

c) Arre! – alívio;

d) Ué! – afugentamento;

e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciad pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.

II. Classifica-se como interjeição.

III. É exemplo de estrangeirismo.

Assinale:

a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.

b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.

c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.

e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*".A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;

b) das onomatopeias;

c) dos verbos;

d) dos advérbios;

e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.
2. E.
3. INCORRETO.
4. C.
5. C.
6. D.
7. D.
8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "… trata da **ordem**…", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de… **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente

antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(…)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: As artes nunca desperdiçam nosso tempo.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)

– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)

– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

De um povo heróico o brado retumbante

Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:

a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;

b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;

c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;

d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;

e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico (C)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

O que é morfossintaxe?

Caso você se depare com a palavra "morfossintaxe" no enunciado de uma questão, não se assuste, tudo bem? Ela é nada mais, nada menos que a junção de morfologia e sintaxe. Em outras palavras, quando a banca pede que você analise um termo ou uma expressão morfossintaticamente, significa que ela quer saber se você tem a habilidade de apontar a classe gramatical e a função sintática do que estiver destacado por ela. Exemplo: "Maria comeu o bolo". Qual é a classe gramatical de "Maria"? Substantivo. Qual é a função sintática de "Maria" dentro da frase? Sujeito.

Pronto! Simples assim! Você acabou de fazer uma análise morfossintática de um termo da frase, ou seja, você apontou a classe gramatical e a função sintática. Isso é morfossintaxe. Safo?! ☺

Ah! Antes que eu me esqueça de um detalhe: a banca pode perguntar também se a frase está correta quanto à morfossintaxe. Traduzindo: ela quer saber se a frase está gramaticalmente correta, ou seja, sem erro algum. Entendeu?

Veja uma questão sobre isso:

MPE/SC – MPE/SC – PROMOTOR DE JUSTIÇA – 2013

– Em "A sentença, já a escrevi várias vezes, mas ainda sinto-me confuso", os termos destacados, na morfossintaxe, são pronomes oblíquos e objeto direto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Enfim… a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos… nas cenas do próximo capítulo…

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas…) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticênci (…).

   – *Eu sou você amanhã.*

   – *Você nunca será como eu.*

   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: não, nunca, jamais, nada, nenhum…

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina e ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso…*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase imprecativa: Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L. 86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (Gabarito!)

e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo ser + que, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países. Retirando: Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta… oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo ser + que, pois tal verbo não é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– Além da escola, foram meus pais que me deram muita educação.

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me deram muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na

verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta
  - ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática.*
  - *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.
  - *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)
  - ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)
  - *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
  - *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
  - ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é)." Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos

capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem… para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "… porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas…".

d) "Irônica, perguntou a pomba".

e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;

b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;

c) quatro períodos e nove orações;

d) cinco períodos e sete orações;

e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*

– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)

– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*

– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*

– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*

– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o núcleo do sujeito pode ser, tradicionalmente, um substantivo (normalmente), um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva ou uma palavra substantivada. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E… só para os que desejam aumentar seu conhecimento… saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do achamento do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que…?"** ou **"quem…?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós****.*

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade****.*

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** "*são*" *ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso Aquelas *ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***.***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta* ***qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cã* sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: inversão do sujeito.

   – Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,o fato de ter uma pessoa amig ao meu lado em situações difíceis.

Bizu do chamento: O que me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta: o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis.

Dica de irmão: as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado. Por isso, coloque na ordem direta: "O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis agradou-me…". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, o sujeito não pode vir regido de preposição, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

   – A Cleópatra era feita por cada subordinado uma mesura em suas aparições públicas. (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: Uma mesura era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

   – Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,manter nossa amizade. (Na ordem direta: Manter nossa amizade nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

- Em virtude da regra gramatical impedir qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo. (construção não privilegiada)
- Em virtude de a regra gramatical impedir qualquer construção com sujeito preposicionado, devemo evitar qualquer contração antes de infinitivo. (construção privilegiada)
- A fim dela, a opinião minoritária, não nos fazer errar uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo. (construção não privilegiada)
- A fim de ela, a opinião minoritária, não nos fazer errar uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo. (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em Pronome Pessoal e Preposição!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. Entre dez e vinte passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

- ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*
- *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*
- ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de sujeitos simples tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o núcleo do sujeito e a relação dele com o verbo da oração. Veja dois exemplos:

   - O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor) expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.

   Só há um núcleo do sujeito: desentendimento. Por isso, o verbo está no singular: expôs.

   - O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)

Só há um núcleo do sujeito: fato. Por isso, o verbo está no singular: distingue.

– A mulher que foi espancada pelo marido resolveu denunciá-lo.

Só há um núcleo do sujeito: mulher. Por isso, o verbo está no singular: resolveu denunciar.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (sujeito complexo).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção e, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– "Ordem e Progresso" faz parte de nossa bandeira. (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– Casseta e Planeta vai fundo!

– Plástica & Beleza vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– Comemora-se ainda hoje um aninho de vida de meu filho. (voz passiva sintética; sujeito simples)

– Um aninho de vida de meu filho é comemorado ainda hoje. (voz passiva analítica; sujeito simples)

– É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,o valor da honestidade. (voz passiva sintética; sujeito simples)

– É preciso que o valor da honestidade seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos. (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o sujeito é chamado de paciente. Na ativa, de sujeito agente.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente n registro coloquial: Esses alunos,eles me dão muito orgulho.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houv acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: " Nunca mais esconda (você) a minha bolsa!".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

   – O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.

Note que o sujeito da forma verbal destacou é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: isso) em determinados contextos, como:

   – Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (…isso é conversa de adulto.)

   – Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)

   – Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (…isso (sair naquela noite) era perigoso.)

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** são estados de espírito.

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em Concordância.

   I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: Foi escondida minha bolsa e minha chave.

   II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em " Velhos, crianças, mulheres e homens, ninguém sobreviveu ao desastre.", o verbo concorda com o termo resumitivo.

   III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: Morre o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro aos 70 anos.

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito Os dois classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo

sentimos, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito Os dois, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em Silepse, no capítulo de Concordância.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram**-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente **falam** pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam** minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez esconderam minha bolsa.", o verbo esconder não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo esconder é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a** Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

"(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula se (indeterminadora) com se (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto sem estar seguido de termo preposicionado e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

- Vendeu-se tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)
- Duvida-se de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia? – construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto… na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada correta. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas… alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o se é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**. Consulte: IBFC – PC/RJ – PERITO – 2013 – QUESTÃO 13.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(…) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim.Você entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, você está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, você acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (…)

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa incorreta.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome você pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando você pega um avião, você sente um mal-estar, fora o risco de você morrer, não é?". Este você se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, não há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "Quem me ligou?" "Alguém ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) **Haver** com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

- ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*
- ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*
- *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo ter pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo haver pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): " Ele haveria de fazer isso.", "Enfim (eu/ele) havia entendido o mistério.", " Os rivais se houveram no ringue.", " Eu me haverei bem diante dos convidados.", " Os criminosos se houveram com a justiça.".

3) Os verbos existir e ocorrer são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: Existem pessoas merecedoras da morte. (sujeito simples) / Ocorrem às vezes certos contratempos aqui. (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no singular.
   - Há lanches sobre a mesa.
   - Deve haver lanches sobre a mesa. (e não "Devem haver…")

5) O verbo haver é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", cem acidentes é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes…", cem acidentes seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo haver tem sentido de ocorrer, ainda é impessoal, logo continua exigindo <u>objeto direto</u>, a saber: <u>apenas um acidente</u>. Não confunda sujeito com objeto!

2) **Fazer, parecer, ficar, estar** indicando tempo ou aspectos naturais.

- *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*
- *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos fazer, parecer, ficar, estar podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): " Fazem dez ano de casamento ainda hoje os meus amigos.", " Todos pareciam abobalhados.", " Alguém ficou sem o convite?, "Vocês estão bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no singular.

   – Fará dias quentes em dezembro.

   – Vai fazer dias quentes em dezembro. (e não "Vão fazer…")

3) O verbo faltar não é impessoal, mesmo quando indica tempo, portanto em " Faltam dois anos para a Copa.", dois anos é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "Falta dois anos para a Copa.".

3) **Ir + para/em** indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a última vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo ir pode ser pessoal: "Já se foram duas horas de aula…", "Ele foi à festa.".

4) **Passar + de** indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo passar pessoal: "Passou-se meia hora de aula.", "Ele passou há dez minutos aqui.".

5) **Bastar/Chegar + de** no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** problemas!

Obs.: Os verbos bastar e chegar podem ser pessoais: "Quatro fatias não chegam para tua satisfação?", "Não basta ser amigo, ok?".

6) **Tratar-se + de** indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** quem tem ou não razão.

Obs.:Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o sujeito é indeterminado – sendo a partícula se indeterminadora do sujeito. O verbo tratar, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / CESPE/UnB – TRT/MA (16ªR) – AUXILIAR JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) **Ser** indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada…*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo ser é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo ser pessoal: "Ele é gente boa.", "O presidente será reeleito?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***,***choveu*** *e depois* ***nevou*** no Sul do país.

Obs.: Em sentido figurado, todos esses verbos são pessoais: "O patrão escureceu de raiva.", "Assim que o dia amanheceu lá no mar alto da paixão…" (Djavan), "Todos os dias c hovem notícias tristes nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que uma chuva fininha é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em Objeto Direto Interno.

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em Orações Subordinadas Substantivas e em Orações Reduzidas.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (… regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo importar está no singular porque concorda com o sujeito oracional descobrir e estudar, ou seja, "… descobrir e estudar importava…". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***,***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá…

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se…*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor nocional ou relacional: "Você precisa ficar bom." (verbo relacional) / "Você precisa estudar mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)

– *João **está** alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)

– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)

– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda verbo relacional, que indica estado, com verbo nocional, que, normalmente, indica ação.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifad é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação transformar-se com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (no para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo transformar-se indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: a fonte da felicidade pública se torna o para-raios do rancor público. Portanto, transformar-se (em) é um verbo de ligação, sinônimo de converter-se (em), como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar d ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como viver, andar, cair, virar, dar etc. Entenda:

– Se ele não fosse gentil comigo, eu estaria morto. (verbo de ligação)

– Se não fosse ele na minha vida, eu estaria morto. (verbo intransitivo)

– O aluno fica contente com boas explicações. (verbo de ligação)

– O aluno deve ficar em sala de aula até segunda ordem. (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*

– Eu estou sempre satisfeito. (verbo de ligação)

– "Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos." (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)

- As pessoas continuam apáticas. (verbo de ligação)
- As pessoas continuam em frente à sacada. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de luga
- Ele parece bem esforçado. (verbo de ligação)
- Parece que vai chover. (= aparenta; verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

- Eu vivo bem. (verbo intransitivo)
- Nós estamos vivendo o momento. (verbo transitivo direto)
- Que mulher complicada! Ela vive de má vontade. (verbo de ligação)
- Ainda vou andar rapidamente. (verbo intransitivo)
- Melina anda feliz esses dias. (verbo de ligação)
- O rapaz virou o móvel para limpar a sujeira. (verbo transitivo direto)
- O rapaz virou drag queen. (verbo de ligação)
- Segundo noticiado, assassino segue suas vítimas à noite. (verbo transitivo direto)
- Segundo noticiado, assassino segue preso. (verbo de ligação)
- José lhe deu a melhor explicação possível. (verbo transitivo direto e indireto)
- José deu um excelente professor de português. (verbo de ligação)
- O homem caiu da cama. (verbo intransitivo)
- O homem caiu de cama. (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

    a) "E sumiu."
    b) "Chamava-se João Teodoro, só."
    c) "Um dia aconteceu a grande novidade…"
    d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
    e) "Já teve três médicos bem bons…"

Comentário: Tanto o verbo estar como o verbo cair indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicare estado (mutatório), não são de ligação, mas intransitivos: adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar., que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele <u>chegava</u> e <u>saía</u> curvado, sob a garra do reumatismo que nem <u>melhorava</u> nem <u>matava.</u>" (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:

    a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);

b) ação – estado – ação – estado;

c) estado – ação – estado – ação;

d) estado – ação – ação – ação;

e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois melhorar indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,**morre** o famoso inventor Steve Jobs.*

– *Depois do resgate, eles certamente **sobreviverão**.*

– *Todos **chegaram** ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar e sinônimos, po eles aparentemente exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando lugar. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu Dicionário de Regência Verbal, entendem que os verbos que indicam deslocamento podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional… Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi aonde?). Esses verbos precisam de um especificador de lugar, e não de um complemento. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados intransitivos e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– Vou dormir cedo. (verbo intransitivo)

– Vou dormir um sono profundo. (verbo transitivo direto)

– Sua ajuda financeira não basta, meu amigo! (verbo intransitivo)

– Sua ajuda financeira não basta para mim, meu amigo! (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto

se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressõ idiomáticas, como "Puxar da espada", "Cumprir com o dever", "Beber da água", "Comer da comida" etc. Falo melhor sobre isso em objeto direto preposicionado, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:
   - O marido passou a odiar a mulher. (verbo transitivo direto)
   - Quem odeia se envenena aos poucos. (verbo intransitivo)
   - Ouço dez gêneros musicais por dia. (verbo transitivo direto)
   - Enfim eles estão ouvindo perfeitamente. (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos vender e aplaudir são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo** com você, realmente **tenho de acreditar** em Deus, pois aqueles que lhe **desobedecem** sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o lhe como complemento, mas outros não, como aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer etc.Falo melhor sobre isso no capítulo Termos Acessórios da Oração,em Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos (veja o lhe).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar **comunicou** o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– Ela escreve bem. (VI)

– Ela escreveu dois poemas. (VTD)

– Ela ainda não me escreveu. (VTI)

– Ela não me escreveu nada. (VTDI)

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) Predicativo do sujeito: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo d ligação.

– (Nós) Estamos felizes.

– O ônibus da seleção chegou atrasado para o jogo.

– Ele foi nomeado supervisor pelo gerente.

– Definiu-se o caso como impossível.

– O caso foi definido como impossível.

– Eles assistiram nervosos à partida.

– Eles deram,muito ansiosos, um presente ao irmão.

– Meu filho se tornou um grande médico.

– Nós somos dez lá em casa.

– Eu serei você amanhã.

– Meu Brasil é o verde das matas e o amarelo do ouro.

- A vida é assim, às vezes as pessoas ficam bem depois de uma separação.*
- Nós parecemos que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros?

*Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: A taça é de cristal. / Estou sem medo. / Continuamos com sono. / A distância é de vinte quilômetros?

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: É primordial que aprendamos gramática.

3) Em orações sem sujeito com o verbo ser, existe predicativo do sujeito! Isso é estranho demais, no entant é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações Era primavera e Estava frio, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são primavera e frio.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo o: Ele não é feliz, mas e o é. (… ela é feliz).

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: " Orgulhoso, ele sempre o foi.". O o (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: orgulhoso.

6) Como diferenciar o sujeito do predicativo do sujeito com o verbo ser em frases assim: O Mário é o marceneiro e O João é ele? No caso de haver pronome na frase, como ocorre na segunda frase, o pronome pessoal reto é sempre o sujeito. No caso de haver dois substantivos, como ocorre na primeira frase, tudo vai depender do contexto. Se a frase foi retirada de um contexto que tinha como ponto de partida o Mário, ele será o sujeito (exemplo: Mário conquistou seu espaço no mundo da marcenaria por causa de suas habilidades singulares, por isso o Mário é o marceneiro mais badalado da atualidade). Sem contexto, há uma tendência de considerar o sujeito o termo que vem antes do verbo ser, pois na língua é normal colocarmos o ser de que estamos falando em evidência, o que na prática significa colocá-lo antes do verbo ser.

7) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, compost implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
   - Sou estudioso. (simples: um núcleo)
   - Sou rico e bonito. (composto: mais de um núcleo)
   - "Você é feliz?" "Sou." (oculto: = Sou (feliz))
   - O fato é que o assunto me intriga. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto : normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar,*

declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar …), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou-a o namorado no meio da rua.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: Todos consideramos a prova difícil. (voz ativa) / A prova foi considerada difícil por todos. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): Eu considero válido que você arrume um emprego. O que é considerado válido pelo sujeito? Isto: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo considerar. Veja outro exemplo: Essa agilidade teve como objetivo exclusivo (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção (= Isto; objeto direto oracional). Ou seja: "Essa agilidade teve isto como objetivo exclusivo". O como é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o como, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9:… e comprar um item mais caro…

L. 17:… levar um bom vinho para o almoço…

L. 26-27:… o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32:… acha bobagem comprar…

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de marca (L. 27).

a) amor (L. 26).

b) vinho (L. 17).

c) bobagem (L. 32).

d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo marca, iniciado pela preposição acidental como, tem função de predicativo deste

objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo bobagem também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: comprar. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, achar.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: Ele se fez de bobo para conquistá-la. (o pronom reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor por um sábio. / Infelizmente encontrei,sem esperanças e com a vida por um fio, meu amigo no hospital.

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: Estamos no mundo para fazer dele um mundo melhor.

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente) Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor orgulhoso. (simples: um núcleo)
- Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor orgulhoso e sorridente. (composto: mais de um núcleo)
- "Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o." (oculto: = Encontrei-o (orgulhoso))

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

- *Gosto de vocês **quietinhos**.*
- *Eu preciso do meu marido **consciente**, doutor!*
- *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –**sempre austeros**.*
- *As muralhas não resistiram aos ataques (**extremamente ferozes**).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo chamar no sentido de nomear, apelidar, cognominar, classificar pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

- Chamei ao rapaz (de)vigarista. (VTI / POI) - Chamei-lhe (de) vigarista. (VTI / POI)
- Chamei o rapaz (de)vigarista. (VTD / POD) - Chamei-o (de) vigarista. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- Eu me lembro delas ainda moças. (simples: um núcleo)
- Eu me lembro delas ainda moças e dispostas. (composto: mais de um núcleo)
- "Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!" (oculto: = Chamei-a (de infeliz, sim!))

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: O rapaz nunca sai com a namorada desarrumada.

(predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

- *Os alunos* ***parecem bem*** *interessados* ***ultimamente****.*
- *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
- ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
- ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

- *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
- ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
- ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitiv direto)
- *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
- *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indiret

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

- *A relação do casal,****inicialmente caótica, amadureceu****.*
- *O povo* ***reelegerá Maria presidenta daqui a poucos anos?***
- *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
- ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
- ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: O entrevistado ficou calado na sala de espera. (verbo de ligação) / O entrevistado ficou na sala de espera calado. (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.
Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.

b) B.

c) C.

d) D.

e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho *te* enche de glór e *te* faz *vencedor*", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;

b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;

c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;

d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;

e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.

b) […] não pode haver paz sem justiça.

c) Toda regra de Justiça envolve amor.

d) que resume […] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

e) […] em seu mais amplo sentido […]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão correta ou incorretas?

Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados manifestam-se na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, foi graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.

II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.

b) Não encontraram o suspeito.

c) A garota saiu chateada da escola.

d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido…), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal frase:

a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);

b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,…" (L. 5);

c) "E tudo agora é para valer." (L. 10);

d) "Vira mais uma atividade produtiva a cumprir…" (L. 17);

e) "quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009)… que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor

comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) … que homogeneíza todos os indivíduos.

b) … o sentimento tribal é muito forte…

c) … acompanha o indivíduo por toda vida…

d) … que (…) participam no rito das danças guerreiras.

e) … e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* problema, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador reacionário.

b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (…)

c) (…) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.

d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (…)

e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (…)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça…". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.

b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.

c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.

d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.

e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto* o sonho *de Darcy não se torna realidade,* o debate continua.
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos muito a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.

c) Caberiam aos pais as providências (….)

d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (…)

e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (…)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão […]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:

a) adjunto adverbial;

b) aposto;

c) predicativo do sujeito;

d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:

a) Come-se bem naquele restaurante.

b) Vai haver um campeonato.

c) Vive-se feliz no Brasil.

d) Paulo faz vinte anos amanhã.

e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) ***Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães <u>confirma</u> a antiguidade da família nuclear entre humanos.***
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.

b) … geravam mais descendentes que os aventureiros…

c) … em que os animais andam em bandos…

d) … que datam de 4.600 anos atrás…

e) … de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "…saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,…", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.

b) Transitivo indireto.

c) Intransitivo.

d) De ligação.

e) Transitivo direto e indireto.

(…) Quão competente é, porém,o crítico competente? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.Se for original, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (…)

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga

dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(…)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(…)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(…)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

(…) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais se espraia para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade,mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.

II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram…) indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e

peruanas…) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO ( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, transporta muito mais passageiros que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (…)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.

( ) CERTO ( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado NÃO é impessoal en

a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.

b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.

c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.

d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.

e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra <u>sujeitas</u> (… as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas…) exerce, no texto, função sintática de:

a) complemento nominal;

b) objeto direto;

c) predicativo do objeto;

d) predicativo do sujeito;

e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:

a) desinencial;

b) indeterminado;

c) inexistente;

d) composto;

e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus exerce a função de……, a mesma função sintática que é exercida por…… na frase Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus. Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?

I. objeto direto – os hindus;

II. sujeito – os hindus;

III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mund*

***não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:**

a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;

b) a partícula se tem a mesma função que em " ***E se** ela não vier?";*

c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;

d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;

e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes proviriam as pistas que indicariam o caminho…
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:

a) … a principal tarefa do historiador consistia em estudar possibilidades de mudança social.

b) Os caminhos institucionalizados escondiam os figurantes mudos e sua fala.

c) Enfatizava o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos…

d) … sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez traduzissem necessidades sociais.

e) Era engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo e (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares e repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar…*) está ligando:

a) dois verbos intransitivos;

b) dois verbos transitivos indiretos;

c) um verbo transitivo direto e outro indireto;

d) dois verbos transitivos;

e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em…) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006,perceber que a leniência das autoridades federais… (…)

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.

( ) CERTO ( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo

novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura só faltou o diabo do homem me chamar de, na qual o verbo faltar é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012)… *elas ainda* <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u> …

A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:

a) … embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes…

b) … e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.

c) … a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.

d) … e muitos não obtêm esses nutrientes.

e) … menos da metade daqueles que mais precisam deles…

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)… *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) … contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo…

b) … com as quais procuramos lidar com a realidade…

c) … deixando-nos desarmados e atônitos…

d) … de algo que está além de nossa compreensão…

e) … ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.

b) Pensam logo num palhaço.

c) Pode-se pensar num palhaço.

d) Pensam-se logo num palhaço.

e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.

b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.

c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.

d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é <u>relativo</u>, pois em arte não há originalidade absoluta.***

… a sua contribuição maior foi <u>a liberdade de criação e expressão</u>.

Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;

b) objeto direto;

c) complemento nominal;

d) predicativo;

e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e su natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.

II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.

III. Todos os verbos possuem sujeito simples.

a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

48. (CESPE/UnB – TCE/RO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2013) Nas expressões "Respeitam-se" (Respeitam-se, decerto, as características particulares da administração

pública…) e "alinhando-se" (… o governo necessita de que as escolas assumam um papel de "escola corporativa de gestão", alinhando-se às políticas e diretrizes de governo no sentido da melhoria da gestão pública), o pronome "se" foi empregado para indicar a indeterminação do sujeito das respectivas formas verbais.

49. (CONSULPLAN – CBTU/RJ – ASSISTENTE DE MANUTENÇÃO – 2014) Sobre a estruturação sintática do período, "Regimes de exceção perpetuam privilégios, disseminam a injustiça, atrasam o desenvolvimento, comprometem as perspectivas de emancipação […]", é correto afirmar que:

a) é composto por quatro formas verbais, logo, quatro orações.

b) o sujeito dos verbos não foi explicitado em nenhuma das orações.

c) os verbos são intransitivos, por isso não exigem complemento verbal.

d) os verbos não exigem complemento verbal, já que são transitivos diretos.

Gabarito

1. CORRETO.
2. D.
3. D.
4. B.
5. I- INCORRETA.
   II- INCORRETA.
6. C.
7. CERTO.
8. B.
9. D.
10. C.
11. B.
12. E.
13. C.
14. INCORRETO.
15. B.
16. B.
17. E.
18. ERRADO.
19. ERRADO.
20. I- INCORRETA.
    II- INCORRETA.
21. ERRADO.
22. ERRADO.

23. CERTO.
24. ERRADO.
25. ERRADO.
26. ERRADO.
27. CERTO.
28. CERTO.
29. E.
30. D.
31. B.
32. III.
33. C.
34. A.
35. D.
36. ERRADO.
37. ERRADO.
38. ERRADO.
39. ERRADO.
40. ERRADO.
41. ERRADO.
42. E.
43. B.
44. B.
45. B.
46. D.
47. D.
48. ERRADO
49. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei **gramática** aos alunos.*

– *Gostaria de vê-**lo** no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem** vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram **os demais**, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles** eu tolero, mas **estes** jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente **os do Brasil**. (os = aqueles)*

– *Comprei **três daqueles videogames**, mas ainda não chegaram.*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

   – Estou quase entendendo Português. (simples: um núcleo)

   – A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas, só mesmo o professor domina. (composto: mais de um núcleo)

   – "Você comprou aquele livro?" "Comprei." (oculto: = Comprei (aquele livro))

   – Hoje sabemos que ela não se apresentou por timidez. (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por e ou nem (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá. ". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise errada: "Fomos comprar uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal fomos comprar, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o objeto direto também: " Os candidatos aplicados sempre resolvem muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos ". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo resolver.

3) Além dos pronomes oblíquos o(s) e a(s), e suas variações lo(a/s), no(a/s), quase sempre exercerem a função de OD, os pronomes oblíquos me, te, se, nos, vos também podem exercer a função de OD. O lhe(s) nunca exerce função de OD.

   – Convidaram-na para palestrar sobre Sintaxe.

   – Levou-me à sabedoria esta aula.

   – Admira-te que eu tenha voltado?

   – Sujou-se com graxa para compor o personagem.

   – Depois de terem nos expulsado do colégio, convidaram- nos novamente.

   – Nunca vostomeis como grandes personalidades!

4) Os pronomes demonstrativos o, a, os, as podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo que:

   – Escuta o que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) o (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome oblíquo tônico.

- Não entendo nem a ele nem a ti.

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

- Antigamente, respeitava-se aos mais velhos.

c) OD é preposicionado para evitar a ambiguidade.

- À mulher venceu o homem. (Sem a preposição a + a = à, A mulher poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que o homem é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo quem.

- Ele tinha um avô a quem idolatrava.

e) OD é uma expressão de reciprocidade – um(a/s) a(o/s) outro(a/s).

- Os lutadores agrediram-se uns aos outros.

f) OD é um substantivo coordenado com um oblíquo.

- Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:

  "Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:
  (…)
  III- que o exponha, ou às pessoas referidas no inciso antecedente"

- Mulher, amo-te e aos meus pais também.

g) OD é um infinitivo (regido pela preposição a) dos verbos ensinar e aprender.

- Sua professora lhe ensinou a ler Machado de Assis?
- Não aprendi a somar nem a dividir.

h) OD é um substantivo numa construção comparativa para evitar falta de clareza.

- "Olho Gabriela como a uma criança, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

*Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: "Olho Gabriela como uma criança (olha)…", em que uma criança passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: "Olho Gabriela como olho uma criança…".

i) OD é um nome próprio ou comum, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

- Nós amamos a Deus, a Jesus e aos anjos.
- O dinheiro, esse maldito!, atrai a homens e a mulheres.

j) OD é pronome de tratamento, indefinido, interrogativo ou demonstrativo.

- Não admito que coloquem a Sua Excelência num pedestal!
- O amor fere a uns, mas a outros não.
- Meu Deus,a quem eu devo ajudar?
- De todos esses filmes, eu odeio mais a estes do que àqueles.

k) OD iniciando a oração, por motivo de ênfase.

– Ao povo ninguém engana.

– Às artimanhas de Satanás, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.

l) OD é o numeral ambos.

– Se deixassem, ele matava a ambos.

m) OD é constituído por expressões idiomáticas enfáticas (as preposições aqui são chamadas de posvérbios termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– fazer com que ele estude*, puxar da faca, arrancar da espada, sacar do revólver, pedir por socorro, pegar pelo braço, cumprir com o dever… beber da água, comer do pão, dar do leite (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um predicativo do objeto direto preposicionado: "O homem a quem (ODP) considerava amigo (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o pronome oblíquo átono para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– Este carro, comprei-o hoje.

– A mim ele nunca me chama para sair.

– Todos aqueles ditos e não ditos quem não os ouviu?

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um modificador do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– Ele vive uma vida de rei.

– Dormi um sono gostoso como se estivesse protegido dos males do mundo.

– "E rir meu riso e derramar meu pranto." (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram **os jogos da seleção**.* (sujeito)

– *Ignoraram **os jogos da seleção**.* (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- Isto não convém a ninguém. (simples: um núcleo)
- Assistimos ao filme e à peça de teatro no mesmo dia. (composto: mais de um núcleo)
- "Você competiu com aquele rapaz?" "Competi." (oculto: = Competi (com aquele rapaz))
- Avisei-o de que haveria mudança no quadro de funcionários. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – ADMINISTRADOR –2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em Orações Subordinadas Substantivas.

2) Além de o pronome oblíquo lhe(s) quase sempre exercer a função de OI, os pronomes oblíquos me, te, se, nos, vos também podem exercer a função de OI.

- Peço-lhe desculpas.
- Obedeça-me, e ele será liberto.
- Nada disto te pertence?
- Deram-se as mãos e prosseguiram. (pronome com valor reflexivo recíproco)
- Não nos pediram licença para ficar.
- Só vos peço isto: amai uns aos outros.

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: depender, discordar, prescindir, equivaler etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda objeto indireto com objeto direto preposicionado.

- É preciso que não cedamos à tentação. (objeto indireto, pois ceder é VTI)
- A Espanha derrotou à Holanda, tornando-se campeã mundial. (objeto direto preposicionado, pois derrotar é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

- No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo à polícia. (voz ativa)
- No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas à polícia pelos suspeitos. (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: queixar-se, faltar, contribuir, desculpar-se, instar, resultar etc.: " Nunca me queixei das broncas de meu pai (OI) à minha mãe (OI)." Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes demonstrativos o, a, os, as podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo que:

- Gostei da que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) da (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O objeto indireto pleonástico é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

- De que lhe vale ao homem ganhar o mundo?
- A mim não me agrada esse cantor.
- Ao ingrato, nada lhe daremos.

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O objeto indireto por extensão é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de dativos de opinião, de interesse e de posse. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

- A política brasileira sempre será corrupta para mim. (opinião)
- Não me perca estas anotações, hein! (interesse; alguns gramáticos dizem que o me é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)
- Quase lhe quebraram a perna no jogo. (posse; alguns gramáticos consideram este lhe como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: Não <u>me</u> ponha os pés no sofá nem <u>me</u> saia mais à rua hoje! Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;

b) objeto direto intrínseco;

c) objeto indireto pleonástico;

d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: Correr 2 km é difícil/fácil para mim. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição para, logo para mim é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo…

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa… o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)

– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)

– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)

– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* de ***capital*** em ***tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CN

– *Independentemente **disso**, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil **a nós**.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança **dos três** ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo **de que a prova venha em um nível difícil**.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

   – Sou fiel a ela. (simples: um núcleo)

   – Sou fiel a ele e a ela. (composto: mais de um núcleo)

   – "Você é fiel a ela?" "Certamente sou fiel." (oculto: = Certamente sou fiel (a ela))

   – Estou convicto de que ela me ama. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em Orações Subordinadas Substantivas.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", da escola é um complemento nominal do advérbio longe. No entanto, há divergência gramatical nas expressões dentro de, perto de, longe de, diante de…. Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou perto de casa' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como

acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para bater o martelo… veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando dentro, perto, longe estiverem seguidos da preposição de, formando dentro de, longe de, perto de, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição de ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", da estrada é complemento nominal de longe ou longe da estrada é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva longe de ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) longe da estrada é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas… na hora da prova… como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda complemento nominal oracional com predicativo do sujeito oracional. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: A sensação é de que tudo se move depressa. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome sensação). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase Interessa-nos o combate ao que é nocivo, onde está o CN? Note que o nome combate exige a preposição a, que se combina com o demonstrativo o (= aquilo), formando ao. É como se disséssemos Interessa-nos o combate àquilo que é nocivo. Logo o ao é CN.

6) Pode haver complemento nominal pleonástico. Veja: Do estudo, temos necessidade dele. Note que do estudo é complemento nominal do substantivo necessidade, por isso o termo pleonástico é o pronome pessoal oblíquo tônico dele.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer **em Deus** é importante.* (OI)

– *A crença **em Deus** é importante.* (CN)

– *O povo necessita **de atenção**.* (OI)

– *O povo tem necessidade **de atenção**.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas **aos trabalhadores** pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase

para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.

– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.

– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***

– *Era conhecida* ***dos dois professores***.

– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.

– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

   – Fui mordido pelo cão. (simples: um núcleo)

   – Fui assediado pela editora X e pela editora Y. (composto: mais de um núcleo)

– "Você foi convidado pelo patrão?" "Sim. Fui convidado." (oculto: = Fui convidado (pelo patrão))

– O prédio foi construído por quem entendia de engenharia civil. (o agente da passiva é oracional, po apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "Pelo público o cantor foi vaiado." "O cantor foi pelo público vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada feita pelo soldado surtiu efeito." = "A barricada que foi feita pelo soldado surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– Os fãs rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado por/de fãs.

Sobre o fato de ser rara a preposição de iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – ANALISTA DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É muito raro, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva sintética, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto… para a nossa surpresa… veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) Não, a política externa não pode se guiar por convicções e preferências partidárias. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;

b) objeto indireto;

c) adjunto adverbial;

d) agente da passiva;

e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar por convicções e preferências partidárias." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada por convicções e preferências partidárias." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, convicções e preferências partidárias não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *Ele era assediado **por sua companhia**.* (AGP) = *Sua companhia o assediava.*

– *Ele era agradecido* ***por nossa ajuda***. (CN) = *Nossa ajuda lhe agradecia???*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo… AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(…) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (…)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indir pleonástico?

a) A Rafael chamaram-lhe covarde.

b) O moço correspondeu na hora à gentileza.

c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.

d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.

e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(…) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (…)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verba "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:

a) … quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio…

b) Como tem prática de campo e prática de cidade… de repressão a contrabando…

c) … propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados…

d) … mas tudo se resolve com bom humor.

e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens…

[…] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. […]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. […]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *… que* prevalece *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) … que homogeneíza todos os indivíduos.

b) … o sentimento tribal é muito forte…

c) … acompanha o indivíduo por toda vida…

d) … que (…) participam no rito das danças guerreiras.

e) … e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono da fábrica…" – objeto direto.

b) "…ter de aumentar o preço." – sujeito.

c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.

d) "…e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.

e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena* dois gigantes*"* (4º§) (objeto direto)

b) *"Desponta* uma circunstância imprevista*"* (5º§) (objeto direto)

c) " *Democratizar* o acesso*"* (5º§) (objeto direto)

d) *"Muda* a lógica da distribuição*."* (6º§) (objeto direto)

e) *"E ficam* os dedos*?"* (6º§) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo

destacado é complemento de ultraconsciente.

10. **(Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

"(…) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (…)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. **(Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (… não sei quanto tempo durou essa minha angústia…) constitui o complemento da forma verbal "durou".**

( ) CERTO ( ) ERRADO

12. **(Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*…), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

13. **(Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

14. **(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (… devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos…), o pronome exerce a função de objeto direto.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (…)

15. **(Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. **(FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.**

a) … caso de assassinato que o havia atormentado…

b) … 20 anos após o crime, o julgamento…

c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal…

d) … esperança de ver os assassinos de…

e) … comprometimento em prender os homens…

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal…*) é transitiva e exige:

a) complemento nominal;

b) objeto indireto;

c) objeto direto;

d) adjetivo;

e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal *de que ações militares somente iriam retardar* (*… repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é…… do substantivo *preocupações.*

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.

b) complemento nominal oracional.

c) adjunto verbal.

d) adjunto nominal.

e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (… trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>os limites do público segmentado</u>.

a) Objeto direto.

b) Objeto indireto.

c) Sujeito.

d) Predicativo do sujeito.

e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta

– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, pc certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

( ) CERTO ( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que ambos os

elementos sublinhados são complementos verbais é:

a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.

b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.

c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.

d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão…

e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa cas moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,*a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (… sua soberania foi ultrapassada pelas rede transnacionais de poder…), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de ultrapassar.

( ) CERTO ( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:

a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.

b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.

c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.

d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.

e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(…) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (…)" exerce função sintática de:

a) complemento nominal;

b) adjunto adverbial;

c) objeto indireto;

d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012)… *elas ainda* sofrem de imensas deficiências de nutrientes …

A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:

a) … *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes…*

b) … *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*

c) … *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.

d) … *e muitos não obtêm esses nutrientes.*

e) … *menos da metade daqueles que mais precisam deles*…

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)… *para que ela não* interfira*de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) … *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo*…

b) … *com as quais procuramos lidar com a realidade*…

c) … *deixando-nos desarmados e atônitos*…

d) … *de algo que está além de nossa compreensão*…

e) … *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender… / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.

b) OI, CN, CN.

c) OI, OI, CN.

d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.

b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.

c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.

d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida e que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;

b) a falta de alguém;

c) esta pessoa;

d) nossos sonhos;

e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2ºS)

b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º§)

c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º§)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º§)

e) Às vezes o smartphone exigia mais que um simples olhar. (5º§)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta **de futebol**.

II. Ele chorou **de emoção**.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.

b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.

c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)

"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;

b) objeto direto;

c) adjunto adverbial;

d) adjunto adnominal;

e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[…] da morte do velho nasce a vida e transformação."

A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;

b) objeto indireto;

c) predicativo;

d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:

a) adjunto adnominal;

b) adjunto adverbial;

c) agente da voz passiva;

d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nomin em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.

b) A fé na democracia nos anima.

c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.

e) É um crime a falsificação de documentos.

39. (IOBV – PM/SC – SOLDADO DA POLÍCIA MILITAR – 2013) Assinale a frase em que o termo destacado é um Objeto Direto Pleonástico:

a) Aos muito ricos, não OS invejo.

b) A ele nada LHE devo, contudo ele insiste em me cobrar.

c) Tudo depende DE VOCÊ.

d) A mim, Berenice causou-ME muita pena.

40. (CONSULPLAN – MAPA – ADMINISTRADOR – 2014) Considerando as funções estabelecidas sintaticamente pelas palavras em determinada oração, identifique o termo ou expressão destacado(a) cuja função sintática DIFERE dos demais.

a) "[…] ouvindo as deles e construindo a verdade […]"

b) "[…] sociedade em que existem castas sociais inamovíveis."

c) "Por isso o hábito filosófico de raciocinar nasce na Grécia […]"

d) "'Conversar' não é o mesmo que ouvir sermões ou atender a vozes de comando."

Gabarito

1. CORRETO.
2. A.
3. ERRADO.
4. B.
5. INCORRETO.
6. D.
7. E.
8. C.
9. CORRETO.
10. INCORRETO.
11. ERRADO.
12. ERRADO.
13. CERTO.
14. ERRADO.
15. CERTO.

16. A.
17. A.
18. B.
19. CORRETO.
20. A.
21. INCORRETO.
22. CERTO.
23. A.
24. CORRETO.
25. CERTO.
26. A.
27. A.
28. E.
29. B.
30. C.
31. B.
32. D.
33. C.
34. D.
35. B.
36. D.
37. C.
38. D.
39. A
40. A

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome

Locução adjetiva

Adjetivo

Numeral

Artigo

- ***O** homem **de negócios** comprou só **um** imóvel:**aquela bela** casa.*
- *Já se encontraram **ambos os** meninos em **certas** vielas **escuras** com pedras **de crack**.*
- ***O primeiro** dia **de aula** cativou **alguns** alunos **estudiosos**.*

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olh no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
   - A mãe do Pedro é muito simpática. (simples: um núcleo)
   - A mãe do Pedro e do Paulo é muito agradável. (composto: mais de um núcleo)
   - A mulher que é simpática conquista as pessoas. (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta u verbo em sua constituição)
2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses…). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro maravilhoso, impactante, revelador e de grande sucesso é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".
3) Breve déjà vu da aula de Substantivo. Bechara, em sua Moderna Gramática Portuguesa, nos ensina que são adjuntos adnominais os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva de nas construções enfáticas abaixo:
   - O bobo do palhaço fez todos rirem.
   - A idiota da mulher fez um escândalo no banco.
   - A pobre da menina está carente.
   - O infeliz do rapaz continuava estudando.
4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.
   - As mãos dele congelaram com o frio. (posse)
   - A banda do César não emplacou. (posse)
   - A divulgação do livro pela editora está bem. (agente)
   - O aviso do presidente foi ouvido por todos. (agente)
   - Homens sem escrúpulos devem ser disciplinados. (qualidade)
   - Só bebo água da fonte lá no sítio. (origem)
   - Um fio de aço suporta esta carga. (matéria)
   - A luta do século não aconteceu. (restrição)
5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: Todos da cidadezinha assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%dos atletas mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar dela é sensual.

6) Em frases do tipo: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.", não viaje na maionese pensando que o e liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade de adaptação e (a capacidade) de empatia é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o e liga os adjuntos adnominais de adaptação e de empatia ao núcleo do sujeito simples, capacidade, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia são do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

7) Tanto o advérbio adjetivado quanto o substantivo adjetivado funcionam como adjunto adnominal. Veja os respectivos exemplos: A um filho assim, todos o desejam e Os professores estrela perderam o emprego.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada **pelo Flamengo**, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco **pelo Flamengo** desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que, normalmente, há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

2ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

3ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado

nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

   – A invenção do controle remoto mudou o século XX. (CN/O controle remoto foi inventado)

   – A invenção da empresa norte-americana mudou o século XX. (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– A matança dos policiais precisa acabar! (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se ele estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações… e praticar, é claro!

A banca FGV adora esse tipo de distinção!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, l é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é u adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o adjunto adnominal do predicativo do objeto. Bizu: passe a frase par a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

   – Resolvi uma questão difícil. > Uma questão difícil foi resolvida por mim. (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

   – Considerei a questão difícil. > A questão foi considerada difícil por mim. (POD no primeiro caso porque, na passagem de voz ativa para passiva, o adjetivo difícil não ficou ao lado do nome, o que prova que não é um ADN. Note também que o POD da voz ativa vira PS na voz passiva.)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

   – Achei o homem perdido. (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipr Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto o, a, os, as) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil a mim.). Sacconi diz que são objetos indiretos por extensão. Veja uma questão sobre isso, com o pronome lhe (vale para os pronomes oblíquos átonos me, te, se, nos, vos) exercendo função de complemento nominal:Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MS – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= Arrancaram as suas roupas. / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= Ela nunca desobedece a ele. / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= A sentença foi favorável a ele. / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= Júlio devolveu a ele o livro emprestado./ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-me o carro." equivale a "Roubaram o meu carro.", o pronome oblíqu tem valor possessivo, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como adjunto adnominal; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como objeto indireto com valor possessivo. Bechara também o chama de dativo de posse. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos te, se, nos, vos, lhe(s).

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma o que segue.

Sobre o quinto exemplo (Deixe-me entrar na casa, por favor.), saiba que a construção formada por verbos causativos mandar, deixar, fazer, permitir (e sinônimos) ou sensitivos ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

Mandaram-me entrar. (E não: Mandaram eu entrar.) / Deixe-as dormir. (E não: Deixe elas dormirem.) / Faça-nos cantar. (E não: Faça nós cantarmos.). Ficou claro? Veja mais: Viram-me sair. / Ouvi- o bater à porta./ Nós sentimo- los abraçar-nos. / Eu a vi chorando copiosamente. / Eles te viram traindo teu marido / Ela deixou- se tatuar.

Tais construções equivalem a "Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves, Cláudio Brandão etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o lhe (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou- lhe calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ele calasse a boca."). Aparentemente isso não cairia em prova, certo? Errado! Consulte: CETRO – ANVISA – ANALISTA ADMINISTRATIVO – 2013 – QUESTÃO 9.

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai- me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o me é sujeito do infinitivo levar, e o sujeito de deixai é vós (oculto), equivalendo a "… deixai vós que eu leve…".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

"… e a fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "… face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)

b) "… inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)

c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)

d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)

e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo que exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja Orações Subordinadas Adjetivas), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo a foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo fazer. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo que exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí… Por isso sou detalhista. Nunca se sabe…

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o a é sujeito de cantando? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o a é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; eu é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor

resposta".

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: Os professores me encontraram e deram- me um conselho. Note que o verbo encontrar é VTD e o verbo dar é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": Eu lhe dei comida e emprestei dinheiro.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)

– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)

– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)

– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar- **te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)

– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)

– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)

– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)

– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: reflexivo (recíproco), integrante do verbo, expletivo, indeterminador do sujeito e apassivador. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: A menina se cortou. / Se está doente, trate-se. / A modelo se impôs uma dieta muito severa. / Ele se achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já se deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar- se levar pelo guia. / Os namorados se deram as mãos. (recíproco) / A avó e a neta se queriam muito. (recíproco) / O casal se beijou com vontade. (recíproco)

Obs.: Em "Dar-se ao trabalho…" ou "Dar- se o trabalho…", o se é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (me, te) e reciprocidade (nos, vos).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso

dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: Ele se precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou- se. / Nunca você deve queixar-se da sua vida.

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: me, te, nos, vos.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: Vão-se os anéis, ficam- se os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela se tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram- se anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o se indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: Lá se era mais feliz. (VL) / Aqui se vive em paz. (VI) / Lamentavelmente, não se confia mais nos governantes. (VTI) / Já não mais se ama a Deus nesta Igreja. (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil possa se manter e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases que provocam o efeito estufa pela indústria cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", (…)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra se indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra se é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal:tornar-se.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (ser + particípio).

Ex.: Alugavam-se apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe- se que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba se chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra se faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez- se-lhe uma homenagem. = Uma

homenagem foi feita a ele. / Amores não se compram = Amores não são comprados.

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: As duas mulheres não se beijaram naquela festa. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o se é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o se apassivador vem seguido de seu sujeito: Não se beijaram as duas mulheres naquela festa. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

–*Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

–*Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o lhe é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:
O pardalzinho nasceu
Livre. Quebraram-lhe a asa.
Sacha lhe deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;

b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)

c) objeto indireto e adjunto adnominal;

d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio…"

b) "A enfermeira juntava os ferros."

c) "A respiração voltava lentamente,"

d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"

e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o lhe como de uma criança apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o lhe exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-lhe calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que ele calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso… antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de o ou lhe:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;

b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;

c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)

d) Não lhe assiste o direito de protestar;

e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: C. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por lhe. Mas note a letra B! Note o lhe com função de sujeito do infinitivo: Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia lhe chamar enquanto corria a barca…"?

O que acha do uso do lhe neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o lhe não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia te chamar…" ou "Eu ia chamá-lo…" etc., sem lhe.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-lhe.".

Nossa! Assistir-lhe? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o lhe exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O lhe não pode ser substituído por a ele(a/s)? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o lhe não substitui complemento de certos verbos, como assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir a ele."

Entenda melhor (por trás da regra): O lhe não é usado como complemento de alguns verbos, como aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar), pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo)". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono lhe(s) como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o lhe só substitui pessoa. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para sacramentar, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono lhe só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o lhe está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. Lhes é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de lhe só substituir pessoa é furado. Você verá as questões da FCC à frente… aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei- **as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-lo a verdade.". O problema é que quem informa informa algo A ALGUÉM (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-lhe a verdade". O lhe, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa alguém de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-lo da verdade.". Estude Regência Verbal!

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Normalmente, todo advérbio ou locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**. Por favor, leia as páginas 458 e 459. Releia o capítulo de advérbio, se necessário.

Além do advérbio e da locução adverbial, o adjetivo adverbializado, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial. Vejamos os respectivos exemplos:

– ***Ontem**, votei*. (adjunto adverbial de tempo)

– ***Pela manhã**, decidi caminhar*. (adjunto adverbial de tempo)

– *Falaram **sério** sobre nossa postura*. (adjunto adverbial de modo)

– *A sobreloja,**onde** ele também morava, estava em estado calamitoso*. (adjunto adverbia lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças*. (adjunto adverbia companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente** passarei na prova.*

Negação: ***Não** vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** foi o melhor dia da minha vida.

Obs.: Certos adjuntos adverbiais de tempo vêm em forma de locução verbal não preposicionada: "Ela reinou largo tempo no Egito".

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como adjunto adverbial de lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada numa festa.". Sendo assim, numa festa poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice **talvez** tenha cura.*

Intensidade: *Ficou **absolutamente** realizado.*

Causa: *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

Concessão: ***A despeito dos problemas**, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*

Finalidade: *Ele viajou **para negociar**.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em Orações Subordinadas Adverbiais.

Condição: ***Sem educação**, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*

Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas **a caneta**.*

Assunto: *Ele só fala **de política**.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que de política é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada), logo falar seria intransitivo… polêmicas… No capítulo de Regência voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço: *Meu carro não custou **caro**.*

Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*

Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- De noite, fui estudar. (simples: um núcleo)
- De manhã a tarde, fico estudando. (composto: mais de um núcleo)
- Quando estudo, fico calmo. (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um ver em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

- *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
- *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois

modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.

b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.

c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)

d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia…), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei **de trem**.* (adjunto adverbial de meio)

– *Não gosto **de trem**.* (objeto indireto)

– *Não saia **de casa**.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Não duvide **de mim**.* (objeto indireto)

– ***Com Pedro** você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)

– *Concordo **com você**.* (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando lugar. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele

foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi aonde?). Estes verbos precisam de um circunstancial de lugar, e não de um complemento. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,**tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de Advérbio. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado **por sua apresentação**.*

– *A corrupção foi novamente discutida **pelos constantes casos de lavagem de dinheiro**.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado **por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida **por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,**minha namorada e eu**, depois de dois anos.* (aposto do sujeito

– *Ela era a famosa Regina Duarte – **grande atriz da televisão brasileira**.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:**grande apresentador do século XX**.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer: **uma positiva e outra negativa**.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos **Pedro e João** que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito, **a Ma*** (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente, **Carlos da Silva**.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade **do Rio de Janeiro** foi tombado.* (aposto do adjunto adnomina

– *Peguei o carro lá **na oficina** às dezoito horas, **a hora do rush**.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, um grande mestre do jiu-jítsu (**professor faixa preta e vermelha**), treinou com a família Gracie.* (aposto do aposto)

– *Pai,**meu melhor amigo**, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– Esses dois são relapsos. (simples: um núcleo)

– Elas,Lúcia e Regina, são irmãs. (composto: mais de um núcleo)

– Tenho um sonho: presenciar a justiça de Deus. (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se aPÓStos).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo A, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,**a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A = B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

- *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*
- *Algo o incomodava frequentemente:**suas brigas com a esposa**.*
- *Deus –**o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*
- *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*
- *Machado de Assis,**como grande romancista brasileiro**,* nunca foi superado.

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental como.

2) Especificativo

- *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** seu discurso.*
- *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*
- *Nós **todos** somos seus fãs.*
- *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redaçã*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", Dilma é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora Dilma aponta qual presidente é.
2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):
   - Disse aos meus filhos,Pedro e João, que iria viajar. (o falante tem dois filhos apenas)
   - Disse aos meus filhos Pedro e João que iria viajar. (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

- *Tenho dois filhos:**um** baixinho, **outro** altinho.*
- *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,*aquele com o sistema fascista e es com o sistema nazista.

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens***, ***mulheres***, ***velhos*** *e* ***crianças***.

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância***.

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –****por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como isto é, ou seja, a saber, por exemplo…

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,****nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,****lugares*** onde se fala português

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos nada, ninguém, nenhum tudo, todo(a/s).

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão*.

– *As nuvens estão chegando,****o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando *–pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –****ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

   – O maior piloto brasileiro de todos os tempos, Ayrton Senna marcou uma geração.

   Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

   – "De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,de tudo ela tinha medo."

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

   – Tuas pestanas eram assim:<u>finas e curvas</u>. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

   – Falou comigo deste modo:<u>calma e maliciosamente</u>. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de

modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: a capital de Belo Horizonte, a cidade do Rio de Janeiro, o estádio do Maracanã, o ano de 2012, o mês de setembro, a festa de carnaval, o nome de Jeová, os bairros de Irajá, Vaz Lobo e Madureira…

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo… a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desespera – adjetivo)

– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,****mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo…* (todo termo será um vocativo se acompanhado de

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

- Amigo, escuta-me. (simples: um núcleo)
- Companheiros e companheiras, escutem a verdade. (composto: mais de um núcleo)
- Quem estiver atento, por favor, o diretor quer falar. (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo

em sua constituição)

* Quem corrobora o vocativo oracional é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,**senhor**, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,**amigos entre si**, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, meus alunos, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– Marcos, o professor de História chegou. (vocativo)

– Marcos, o professor de História, chegou. (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivament os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".

a) complemento nominal – complemento nominal.

b) complemento nominal – adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal – complemento nominal.

d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"*classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.

a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.

b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.

c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.

d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada)

afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(…) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (…)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".
O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"

b) "…que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."

c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"

d) "Todos eles estão mais expostos…"

e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

5. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio…"

b) "A enfermeira juntava os ferros."

c) "A respiração voltava lentamente,"

d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"

e) "Sentia-se leve e aéreo."

6. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –,…), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

7. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palav "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;

b) vocativo;

c) objeto direto;

d) predicativo do sujeito.

8. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.

b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeitc

c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.

d) "(…) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>…" – aposto.

9. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) “Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (…)”; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em “Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada”, a vírgula colocada após “hoje” pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) “Arquiteto e engenheiro da prosperidade do “milagre econômico”, o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (…)”; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em “Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial” é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão “pelo menos”, em “o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro sem risco, por pelo menos uma geração”, pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

10. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) “algo para ser visto pela janelinha do carro,” – lugar.

b) “…esparramada sobre a calçada,” – concessão.

c) “…pingando esmolas em mãos rotas.” – modo.

d) “Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV.” – consequência.

e) “Embora violenta, a miséria ainda nos excluía.” – condição.

11. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em “avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos”, o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo “controle”. O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) “As crises mundiais do petróleo,”

b) “os preços ficam mais caros,”

c) “…captar energia da natureza.”

d) “…especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas…”

e) “…não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente…”

12. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

“Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (…)”

O emprego de vírgulas após “justas” e “equilibradas” justifica-se por isolar aposto.

13. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

“(…) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada… (…)”

– O nome próprio “Jean-Claude Trichet” está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

14. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguinte

funções sintáticas: "…e como eu ia dizendo, é muito mais <u>econômico</u> você andar devagar e ser assaltado <u>por mim</u> do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos <u>em sua habilitação</u>!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;

b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;

c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;

d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;

e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

15. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas <u>pela desistência dos potenciais empregadores</u>.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;

b) agente da passiva;

c) complemento nominal;

d) adjunto adnominal;

e) objeto indireto.

16. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

17. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "…e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.

b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.

c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.

d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.

e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

18. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São

Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (… são a ma alta expressão do espírito laico…) e "da fé" (… mais à razão crítica que aos impulsos da fé…) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO_2, o mais abundante dos gases-estufa,…) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (FCC – BB – Escriturário – 2011) <u>**Na iminência de um temporal**</u>***, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.***

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:

a) Quando se aproxima uma tempestade…

b) Com a força destruidora das águas…

c) Para que o temporal venha com força…

d) Desde que venha a cair uma forte chuva…

e) Depois de uma forte tempestade…

"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

22. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam se, respectivamente, como:

a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;

b) aposto – objeto direto – complemento nominal;

c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;

d) aposto – objeto direto – agente da passiva;

e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

23. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 ***Partidos são fundamentais para a consolidação*** <u>**da democracia**</u> ***e o permanente desenvolvimento*** <u>**da cidadania**</u> ***e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.***

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

b) complemento nominal e complemento nominal;

c) adjunto adnominal e complemento nominal;

d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

24. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal *de que ações militares somente iriam retardar* (*… repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é…… do substantivo *preocupações.*

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.

b) complemento nominal oracional.

c) adjunto verbal.

d) adjunto nominal.

e) complemento prepositivo-verbal.

25. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, <u>legitimavam a conquista colonial</u>, <u>atribuindo à conquista colonial</u> o mérito de uma transformação civilizadora que <u>tornava a conquista colonial</u> uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;

b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;

c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;

d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;

e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se <u>agregam ao nosso espírito</u> as marcas que <u>distinguirão nosso espírito</u> para sempre, já que nunca <u>faltarão ao nosso espírito</u> os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;

b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;

c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;

d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;

e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

27. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo <u>acompanhou essa tragédia</u> pela TV. A princípio, ninguém <u>atribuiu a essa tragédia</u> a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a <u>tomar essa tragédia</u> como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;

b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;

c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;

d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;

e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

28. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.

b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.

c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.

d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.

e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

29. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho " s não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.

b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.

c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.

d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.

e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

30. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, po decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacad tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(…) ela estava muito mais VIVA(…)"

b) "(…) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (…)"

c) "(…) a mãe era BOA para dar ideias. (…)"

d) "(…) Mas ele estava SOZINHO. (…)"

e) "(…) Só então notou como estava CANSADO."

32. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012)… *frase com a menção de que são* <u>essenciai</u>

<u>à busca da felicidade</u>.

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*

b) *acesso aos básicos serviços públicos;*

c) *crença na contínua evolução da sociedade;*

d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*

e) dos valores de cada pessoa.

33. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.

b) complemento nominal / adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal / complemento nominal.

d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.

e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.

( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.

( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.

( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;

b) 2, 4, 3, 1;

c) 2, 4, 1, 3;

d) 4, 3, 2, 1;

e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

35. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, <u>o cãozinho enterrado vivo pelo dono</u> […]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser *corretamente* classificado como:

a) aposto;

b) objeto direto;

c) objeto indireto;

d) predicativo.

37. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[…] e o organismo máximo que <u>as</u> coordena, <u>a Organização das Nações Unidas (ONU)</u>, é controlado <u>pelos cinco países</u> […]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;

b) objeto direto, aposto e agente da passiva;

c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;

d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

38. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.

b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.

c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.

d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.

e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

39. (CESGRANRIO – IBGE – SUPERVISOR DE PESQUISAS – 2014) No trecho "deixando um grande contingente de trabalhadores à mercê da falta de planejamento e vulnerável à corrupção e à violência", o segmento introduzido pela expressão destacada expressa uma circunstância de:

a) modo

b) dúvida

c) finalidade

d) proporção

e) consequência

40. (CESPE/UnB – ANTAQ – CONHECIMENTOS BÁSICOS – 2014) No segundo período do texto, as vírgulas isolam segmento – "Sua vocação eminentemente hídrica impõe, ao longo dos séculos, a necessidade do deslocamento…" – com função de aposto explicativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Gabarito

1. A.
2. B.
3. CORRETA.
4. B.
5. D.
6. II.
7. B.
8. B.
9. C.
10. A.
11. E.
12. INCORRETA.
13. INCORRETA.
14. C.
15. A.
16. CERTO.
17. D.
18. ERRADO.
19. ERRADO.
20. CERTO.
21. A.
22. D.
23. B.
24. B.
25. A.
26. E.
27. B.
28. B.
29. A.
30. ERRADO.
31. B.
32. E.
33. C.

34. C.
35. ERRADO.
36. A.
37. B.
38. D.
39, A.
40. ERRADO.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as orações.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então… quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um

ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa… a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (coordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.
Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações coordenadas.

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da

outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas… maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família…**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* e ***dois, a caminho do hospital***.

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* nem ***tinha pensamentos amargos***.

– *Tanto leciona* quanto ***advoga***.

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* como ***o povo exter sua fúria contra os culpados pela chacina***.

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: Dezenove ser terra morreram no local, e dois morreram a caminho do hospital. Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar ligado na elipse do verbo que a constitui. A FGV se amarra nisso!

2) Nas orações com conjunções correlativas (chamadas também de séries aditivas enfáticas, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui oração coordenada sindética aditiva.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso e que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva e. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso e não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz e em que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz e obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) também vem ao lado da conjunção e, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, e também ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* mas ***isso durará pouco***.

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio,*** porém***, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* todavia ***é uma necessidade***.

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas,*** nã obstante.

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas***, ***entretanto***, ***muito se fala sobre ele***.

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava***, ***ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse***, ***quer fizesse sol***, *tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado***, ***ou os cidadãos do município n mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: Você vai ou não vai? Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções

coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato***, ***pois***, a necessidade de empregos.

– *Vocês são especiais em minha vida,* por isso ***não vivo sem vocês***.

– *Ele estuda todo dia,* logo ***resolverá facilmente as questões.***

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* pois ***o índice aumenta a cada dia***.

– *A criança devia estar doente,* porquanto ***chorava muito***.

– *Amai,* porque ***amor é tudo***.

– *Quisera saber bem o Português,* que ***eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa e: Parece que vai chover e que a cidade ficará inundada.
2. Conjunções correlativas aditivas (não só/apenas/somente… mas/como também; tanto… quanto/como): trabalho não só ficou incompleto, mas também apresenta alguns senões gramaticais. / Tanto o

professor como o aluno precisam estudar muito.

3. Conjunção coordenativa aditiva nem: Não gosto de brincadeira nem de chacota.
4. Expressões isto é, ou seja, a saber: Todos deviam espiritualizar-se, isto é, seguir um preceito religioso.
5. Ou… ou: Ele ou estuda ou será reprovado.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são João, Maria e José. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci João, Maria e José. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas sábias, importantes e santas. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa a João, a Maria e a José. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo de escuro, de altura e de cobra. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar. (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Ele era um homem forte, destemido, leal. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

A loja funciona da segunda à sexta. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Xuxa, a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).

Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.

Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.

Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.

Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.

Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.

Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho não só que eles vão conseguir passar, mas também que serão muito bem-sucedidos. (orações

subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem que estudava das sete ao meio-dia, que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite e que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de Orações Subordinadas para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a manha.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

a) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

b) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

c) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.

d) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.

e) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só… como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala… Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa*.

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você

ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(…) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (…)

1. **(Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relaç entre as orações dá-se por coordenação.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

2. **(Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relaçõe sintáticas e semânticas.**

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser…) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(…) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (…)

3. **(Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão correta ou incorretas?**

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. **(CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adi é:**

a) "… os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia…*"

b) "… posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*

c) " *Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores…"

d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "… ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles…"

5. **(AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomo um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.**

a) Oração coordenada assindética aditiva.

b) Oração coordenada sindética aditiva.

c) Oração coordenada sindética adversativa.

d) Oração coordenada sindética explicativa.

e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. **(AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.**

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.

b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.

c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.

d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.

e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. **(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construçã do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".**

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. **(FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.***

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. **(IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto coordenação assindética:**

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.

b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.

c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.

d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. **(FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (… cuidar do asfalto e instalar placas…), o elemento coesivo <u>e</u> tem a função de unir:**

a) termos de mesmo valor sintático;

b) orações coordenadas;

c) orações subordinadas;

d) termos de mesmo sentido;

e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,*que ele não deve demorar", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;

b) subordinada adverbial temporal;

c) coordenada explicativa;

d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;

b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;

c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;

d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;

e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.

b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.

c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.

d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abai está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO ( ) ERRADO

“Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros.”

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

“Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. Orientalismo, seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (…)”

Mas ele não viveu confinado.

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) … seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura…

b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, […] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.

c) … teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.

d) … a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.

b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.

c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.

d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.

e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(…) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (…)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo

está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno…

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.

II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.

III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;

b) I e II;

c) I e III;

d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;

b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;

c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;

d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;

e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável […], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;

b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;

c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;

d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)

b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)

c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)

d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.

II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.

III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.

IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa incorreta.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.

b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.

d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.

( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.

( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.

( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.

(1) ideia de conclusão

(2) ideia de explicação

(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.

b) 3, 2, 1, 1.

c) 1, 2, 1, 3.

d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.

b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.

c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.

d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.

b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.

c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.

d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;

b) período composto por subordinação;

c) período composto por coordenação;

d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindétic aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."

b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.

c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.

b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.

c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.

d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.

b) Parece que vai chover, esfriar, gear.

c) É bem verdade que chegamos cedo.

d) Sabe-se que tudo vai bem.

35. (IDECAN – CREFITO (8ªR) – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2013) No período "Os Doutores da Alegria despertam o desejo pela vida através do humor e riso, entretanto eles não conseguem melhorar o caos da saúde no Brasil", a oração destacada é classificada como oração coordenada sindética:

a) aditiva.
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) adversativa.

Gabarito

1. CERTO.
2. D.
3. I- CORRETA.
   II-CORRETA.
4. B.
5. C.
6. C.
7. CERTO.
8. INCORRETA.
9. D.
10. B.
11. C.
12. C.
13. D.
14. CORRETA.
15. INCORRETA.
16. ERRADO.
17. CORRETA.
18. E.
19. B.
20. CORRETA.
21. INCORRETA.
22. D.
23. A.
24. CORRETA.
25. D.
26. D.
27. C.
28. C.

29. D.
30. B.
31. C.
32. A.
33. B.
34. B.
35. E

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá… Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque

“quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**”. Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está “presa” à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine… eu chego até você e digo: “Aí, os alunos estão temerosos.” Você responde: “Ah, ok.”? Claro que não! Você vai me perguntar: “Estão temerosos **de quê**, Pestana?” Aí eu respondo: “Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*”.

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto… **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (…) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm… acessória… isso me lembra termos acessórios da oração… adjunto adnominal, adjunto adverbial… Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado… a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

Quando eles precisam de ajuda, , o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

   – *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará***

2) Predicativo

   – *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

   – *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

   – *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

   – *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

   – *Hoje o atleta só deseja isto:**sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto:**que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em

forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: VL + adjetivo/substantivo/advérbio + que/se… OSSS

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?****Isso*** *ser verdade.)*

– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*

– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*

– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) + se (partícula apassivadora) + que/se… OSSS

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?****Isso*** *se comentando.)*

– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*

– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + que/se… OSSS

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /****Isso*** *foi dito*

– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir…* + que/se… OSSS

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?****Isso*** *convém.)**

– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*

– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português****.*

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos psicológicos (interessar, surpreender, agradar…) + que/se… OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* *não me interessa.)*

– *Surpreende-te **que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***

– *Hoje mais nos alegra **que o presidente seja uma mulher**.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que…): "Que o concurso seja difícil, não me importa nem um pouco." / "Se ele vem hoje não é da minha conta."…

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é **que todos querem a felicidade**. (O que é o certo? **Isso** é o certo.)*

– *A questão não é **se eles vão condenar os corruptos***, mas tomara que os condenem.

– *Minha impressão era (de)**que ela não desistiria tão fácil.**.*

– *As mulheres parecem **que são mais felizes neste século.**.*

–***Que haja um só rebanho e um só pastor**, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é que todos querem a felicidade (= Isso é certo)", a oração é subjetiva, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "O certo é que todos querem a felicidade."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição de, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos **que você aprenda português**. (Esperamos o quê? Esperamos **isso**.)*

– *Não sabemos **se haverá aula**.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que*** haverá votação amanhã?

– *Não me diga* ***que*** **você vai embora…**

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: acreditar, crer, desconfiar, pensar.

   – Creio em Deus . (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo crer (e, por tabela, acreditar e pensar) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição em implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram com que a religião se redimisse de seus erros.", a preposição com é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "Pedi (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o usc da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) não duvidem dela".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara que ele chegue.", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Na me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo ansiar pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analis a oração (sem preposição por) como objetiva direta: " Anseio que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito". Sobre lembrar-se, seguido da conjunção integrante se, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) que a chamem de senhora." / Esqueceu-se (de) que votaria no domingo. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de lembrar-se (o mesmo vale para esquecer-se) vem em forma de oração, a preposição de pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1 ªR) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição de em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado dequeísmo) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável de que todos estejam informados dessa manobra.". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição de fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição de antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado dequeísmo, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza **de que você aceitaria minha sugestão**. (Elas tinham certeza de qu Elas tinham certeza **disso**.)*

– *Não tinha certeza **se aceitaria minha sugestão.****

– *O fato **de que ela se classificou** me alegrou muito.*

– *Fiz menção **a que você tinha passado na primeira tentativa**.*

– *O alerta **para que os banhistas evitassem o local das pedras** foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante se, a preposição fica implícita.

Obs .:Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: " Estava ansioso

(por)que ela voltasse logo.". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir explícita antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou certa a omissão da preposição: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) o dono da emissora pretende vendê-la.".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera** sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: Quem espera, sempre alcança. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é **quando a gente mora um no outro.**"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe **de que professor estavam falando**.*

– *Quero entender **por que as guerras e a fome persistem no mundo**.*

Obs.: O verbo perguntar é VTDI: quem pergunta, pergunta algo (OD; de que professor estavam falando) a alguém (OI; lhe). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição de está fazendo antes do pronome interrogativo que?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, falar) exigir uma preposição (no caso, de), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que de que professor estavam falando é uma oração objetiva indireta, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição… Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo perguntar. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te **de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero**.*

– *Fui convencido **de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria**.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção **de quantas pessoas já ajudei nesta vida**, graças a Deus!*

– *Estou convencido **de onde devo morar**.*

Obs.: Note que convencido (4) é diferente de convencido (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: Fui convencido de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria. = Convenceram-me de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria. Note que o verbo convencer é VTDI (quem convence, convence alguém de alguma coisa).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:**ilumina sem aquecer**."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte **por quem o comprou**.*

– *O candidato está rodeado **de quem não deseja a sua eleição**.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "Quem estiver atento, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

A s **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função

sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: leia e releia a parte de pronomes relativos, para que você domine o assunto!

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que*** participaram das aulas extras *não encontraram dificuldade na pro*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram… devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que*** mora em Ipanema.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que*** deles dependem *p sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo… nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda oração adjetiva restritiva com oração substantiva completiva nominal.

– A recomendação de que saíssem tão logo daquelas terras não afugentou os grileiros.

– A recomendação de que lhe falei ontem à noite deve ser levada a sério, rapaz!

O bizu para resolver essa situação é perceber qual que é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo que equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação da qual lhe falei ontem à noite deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– O gramático Evanildo Bechara que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa é um mito.

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– O gramático Evanildo Bechara, que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa, é um mito.

– O gramático Evanildo Bechara – que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa – é um mito.

– O gramático Evanildo Bechara (que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa) é um mito.

Outro exemplo:

– Os Estados Unidos da América, que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares, ainda é soberano.

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como o gramático Evanildo Bechara e Os Estados Unidos da América, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– O gramático Evanildo Bechara que foi considerado um mito não é mais o mesmo Bechara dos tempos d

Faculdade.

– Aqueles Estados Unidos da América que tínhamos como o país está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras** , não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema** .*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma… agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**, para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de pontuação, principalmente em Vírgula, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)

*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)

*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações **que comprometeram os vereadores**.* (consequência

*Ou seja: O jornal fez algumas declarações **que, consequentemente, comprometeram os vereadores**.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) ***A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)***
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos **de quem merece a classificação** sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas **de quando era militar**.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;

2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;

3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: *... as pessoas fumam*...Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído:… as pessoas *(sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro **que** (=o qual) fez sucesso. (**Um livro** fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo com função de sujeito, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças que se disciplinam logo cedo se tornam adultos responsáveis." (… que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)…).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, que sou apenas um subordinado nesta megaempresa.", você não vai substituir o que por mim, senão a frase ficará assim: …mim sou apenas um subordinado nesta megaempresa. Como sabemos, mim não conjuga verbo, daí que, como mim é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (Eu sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

3) Às vezes o pronome relativo pode exercer função sintática de sujeito de uma oração subordinada substantiva. Entenda com esse exemplo (note a oração substantiva destacada): "Encontrei o objeto que você falou que era seu" (ou seja, você falou que o objeto era seu).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração

subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, com que eu não posso deixar de cumprir, é extremamente importante." (… eu não posso deixar de cumprir com meu dever…)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiqu seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,**de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente grata (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração

subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa* ***com quem*** *simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos* ***com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos* ***contigo****."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho,* ***por quem*** *fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsá pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por quem*** *fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido* ***pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina* ***de quem*** *você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão* ***daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (que era irmão).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias* ***com quem*** *eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava* ***más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa* ***a cujos*** *aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência* *aposentos* ***da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto,* ***cuja*** *explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação* ***d*** ***assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em truncamento sintático? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que rolou um estranhamento, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo… está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve truncamento sintático, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

" Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, está desesperada."

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há truncamento sintático. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

    b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do truncamento sintático. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo cuja inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de… truncamento sintático! Voilà!

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa…)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**…)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de*

diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir ***num acampamento.)***

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi trat o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.)***

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.***)

Cuidado!!!

1) Em "A festa onde/quando comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar onde ou quando para retoma a palavra festa, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram quando um pronome relativo, logo a oração destacada " Aquele momento,quando se entende a piada, é único." seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por quando: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

A s **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que

diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* porq estava acima do peso.

– Como estivesse ferido gravemente, *não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo.

Obs.: Só de curiosidade, veja este que causal. Escreve Machado de Assis, em Memórias Póstumas de Brás Cubas: "Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse…". Esse que pode ser substituído por porque, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não porque ele me canse…". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: Corrupto que é, nunca mais terá o apoio do povo.

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você sentir a pressão e ver como o buraco é mais embaixo, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros visto que todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros já que todos são portadores da mesma humanidade.
  - Como todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, pois todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "É isso aí mesmo, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem… mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes…

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorr (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto*.

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, porque a calçada está molhada*. (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, porque choveu*. (causal; é um fato claro que a chuva provoc molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, que seu futuro estará garantido!*

– *Deus o abençoe, meu filho,* ***porque sua generosidade não tem limite***.

Obs.: Em "Fugimos todos, que a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, que a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, porque o carro passou a 300 km/h*. (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h porque a avenida não tinha limite de velocidade*. (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui,* porque ainda há pouco o vi. (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas,* pois me contaram. (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* que é o Diabo! (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* que me vicia.

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pe***

promessas.

Obs.: Diferença entre oração adjetiva e oração adverbial consecutiva.

– Nós fizemos um barulho que incomodava a todos. (adjetiva restritiva; o que é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = O barulho incomodava a todos.)

– Nós fizemos um barulho que ninguém conseguia conversar. (consecutiva; = Fizemos um barulho tão grande que…)

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje, salvo se* houver imprevistos.

– *Tudo ficará bem, desde que* façamos nossa parte.

– *O candidato disse que, **se eleito**, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; =… *se for eleito…)*

Obs.: O se pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de Conjunção!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida**, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo, conquanto* isso fosse uma tarefa difícil

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos**, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos**, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara, **consoa relevou uma revista famosa**, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós**, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há mu*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o **como a um filho**. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático **do que nunca**. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante **quanto sua humildade**. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do Manual de Redação Oficial da Presidência da República:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma comparação, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: O salário de um professor é mais baixo do que um médico.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "o salário de um professor" com "um médico".

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.

Errado: O alcance do Decreto é diferente da Portaria.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo:O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.

Certo: O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.

Errado: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os Ministérios do Governo.

No exemplo acima, a omissão da palavra outros (ou demais) acarretou imprecisão:

Certo: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os outros Ministérios do Governo.

Certo: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os demais Ministérios do Governo.

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio **para que as crianças não acordem**.*

– *Tudo fiz **porque ela se casasse comigo**.*

– *Estudem mais **a fim de que resolvam bem as questões**.*

Obs.: Diferença entre oração completiva nominal e oração final.

– O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado para que gerencie o maior hospital da região. (completiva nominal; o adjetivo habilitado exige a preposição para, que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– Não deixe de preencher corretamente o envelope para que os Correios façam um bom trabalho de entrega. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição para, logo para que é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional… iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor*?*

– Desde que essas explicações chegaram à minha vida*, nunca mais fui o mesmo estudar*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção quando pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– Quando ele nos visitava, trazia alegria à nossa casa. (frequência; = sempre que)

– Chegamos ao aniversário quando partiam o bolo. (simultaneidade; = no momento que)

– André só se formou quando completou trinta anos. (posterioridade; = depois que)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após quando: Quando em sala de aula, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando estão em sala de aula…). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de conjunções subordinativas.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas… nunca se sabe o dia de amanhã…

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O que dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o ap*** *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções…", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem… as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa

a) O paciente salvou-se porque não bebia.

b) Não fui à escola porque fiquei doente.

c) Não beba, porque você se salvará.

d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.

e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque

"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.

b) oração subordinada adverbial causal.

c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.

d) oração coordenada sindética conclusiva.

e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.

"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.

b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.

c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.

d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?

– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.

– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.

b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.

d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.

c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, e 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.

d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em que vivemos hoje […] é […] diferente do de uma pessoa de 1650."

b) "Ela é verdadeira […] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."

c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."

d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;

b) subordinada adjetiva restritiva;

c) subordinada substantiva subjetiva;

d) subordinada substantiva objetiva direta;

e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (…)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e qu não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO ( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;

b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;

c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;

d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;

e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.

b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.

c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.

d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.

e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(…) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (…)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação"

constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos…"

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;

b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;

c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;

d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.

b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.

c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.

e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (… emissões de gases que agravam o efeito estufa…) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está INCORRETA em:

I. "… <u>de que seus atos repercutem</u>,…" (… *precisa ter consciência de que seus atos repercutem…*) - oração subordinada substantiva completiva nominal.

II. " … <u>que nossa economia floresce</u>,…" (*Dizem que nossa economia floresce…*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(…) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (…) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (…) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (…) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (…) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:

a) "…que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se…"

b) "…que tiverem atitude e criatividade,"

c) "…que passaram a existir."

d) "…que ninguém está conseguindo ver."

e) "…que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) ***Observe:***

I. *Eu não sei*
__Se__ vem de Deus
Do céu ficar azul

II. *__Se__ desmorono ou __se__ edifico*
__Se__ permaneço ou me desfaço,
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
__Se__ eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução

IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
__Se__ sabias que eu não era Deus
__Se__ sabias que eu era fraco.

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.

b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.

c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.

d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"Se falharmos aí, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.

A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;

b) proporção;

c) conformidade;

d) condição;

e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda".*

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.

b) embora a infraestrutura não ajude;

c) a infraestrutura, pois, não ajuda;

d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;

e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca ant neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:

a) coordenada assindética;

b) subordinada substantiva completiva nominal;

c) subordinada substantiva objetiva indireta;

d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "…e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:

a) substantiva subjetiva;

b) substantiva objetiva direta;

c) substantiva completiva nominal;

d) adjetiva restritiva;

e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:

***Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público*. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.**

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*

Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.

I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação d texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.

( ) CERTO ( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está INCORRETA é:

a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional

b) "Parece fácil, <u>mas não é</u>." – oração coordenada sindética adversativa.

c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.

d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "<u>O hábito suja os olhos</u> e lhes baixa a voltagem…" – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:

– Há uma oração completiva nominal.

"(…) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (…)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes

I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergênc médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica…) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações <u>de identificar</u> <u>se existe uma tendência</u> são, respectivamente:

a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;

b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;

c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;

d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional

e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;

b) subordinada adverbial causal;

c) subordinada adjetiva explicativa;

d) subordinada substantiva predicativa;

e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me <u>como</u> se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas…"

b) "Parece haver uma disputa para saber <u>quem</u> dá mais informações e estatísticas…"

c) Estou sem paciência <u>para</u> assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."

d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", <u>que</u> Neymar f o primeiro jogador brasileiro…"

Fragmento de texto

(…) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (…)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal

“foi”: “que o município não tinha recursos” e “que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho “É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas”, o emprego da forma verbal singular “É” justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração “que tinha”, sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO ( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em “(…) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (…)”, a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;

c) coordenada sindética explicativa;

d) subordinada adjetiva restritiva;

e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) “…as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies…”; a oração negritada mostra a ideia de:

a) consequência;

b) comparação;

c) concessão;

d) modo;

e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) “[…] aceleram novas descobertas <u>que</u> por sua vez, servem de ferramenta […]”.

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é *correto* afirmar que ele exerce a função sintática de:

a) sujeito indeterminado;

b) sujeito inexistente;

c) sujeito oculto;

d) sujeito simples;

42. (IDECAN – DETRAN/RO – Administrador – 2014) Relacione adequadamente a classificação das orações subordinadas substantivas às respectivas orações.

1. Subjetiva.
2. Objetiva direta.
3. Objetiva indireta.
4. Completiva nominal.
5. Predicativa.
6. Apositiva.

( ) Cada situação permite que se aprenda algo novo.

( ) Só quero uma coisa: que tires a carteira.

( ) Tenho esperança de que o trân melhore.

( ) É importante que todos colabor

( ) Meu desejo é que sejas classifi

( ) Lembrei-me de que já estava er

A sequência está correta em:

a) 1, 6, 3, 5, 2, 4.

b) 2, 6, 4, 1, 5, 3.

c) 1, 2, 3, 4, 5, 6.

d) 6, 5, 4, 3, 2, 1.

e) 2, 6, 4, 1, 3, 5.

43. (FCC – SEFAZ/PE – AUDITOR FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2014) ***Não obstante , se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do público.***

Na frase acima, a oração subordinada destacada tem valor:

a) condicional.

b) conformativo.

c) adversativo.

d) concessivo.

e) explicativo.

Gabarito

1. C.
2. E.
3. D.
4. B.

5. B.
6. A.
7. A.
8. ERRADO.
9. E.
10. C.
11. A.
12. D.
13. C.
14. CERTO.
15. NENHUMA.
16. D.
17. ERRADO.
18. B.
19. D.
20. A.
21. A.
22. B.
23. A.
24. CORRETA.
25. CORRETA.
26. ERRADO.
27. ERRADO.
28. C.
29. CORRETA.
30. CORRETA.
31. CERTO.
32. ERRADO.
33. B.
34. A.
35. D.
36. ERRADO.
37. ERRADO.
38. ERRADO.
39. D.
40. A.

41. D.

42. B.

43. A

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo)
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)

– *Saí da religião,****sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)

– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)

– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "Resolvido o problema, todos confraternizaram." (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)

– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)

– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)

– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)

– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)

– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em "Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.", o sujeito do verbo caber é oracional, a saber: frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de sujeito complexo. Troque-o por "isso", ficará: "isso cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda subordinadas substantivas completivas nominais com subordinadas adverbiais finais. Em "Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal.", "Este cheque foi bom para resolver minha

vida." e "Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas.", a preposição para é exigida pelos adjetivos pronto, bom e essencial, portanto ela inicia orações subordinadas substantivas completivas nominais.

3) O infinitivo não constitui oração basicamente em dois casos: em locução verbal e quando substantivado

- Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve haver algum engano aqui.
- O comer e o beber fazem parte da vida.

Bechara e Sacconi alistam outros casos de não orações, como:

a) Querer é poder!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo ser (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: "Querer a vitória é poder!". Agora há duas orações (Querer a vitória / é).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de jantar?

A palavra jantar é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo ir (Vamos). "Quando a preposição de e o infinitivo equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: É de admirar (admirável) que isso ainda aconteça."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de Concordância, em Casos Especiais.

Adjetivas

- *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*
- *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

- ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)
- ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)
- ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)
- ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional
- *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)
- ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)
- *Aquela cena o chocou **a ponto de lhe tirar o sono**.* (consecutiva)

– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)

– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)

– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições ao, a, para, por, sem sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

   – Ao entrar, faça silêncio.

   – A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado.

   – Para viajar, é preciso dinheiro.

   – Por ser exato, o amor não cabe em si.

   – Sem estudar, passou.

   – Sem estudar, não passa.

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: " Fomos ao cartório assinar um documento."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

   – Em vez de você ficar pensando nele, pense em mim. (exclusão)

   – Além de os lutadores serem agressivos, eram ágeis. (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.)

   – Retirei-me discretamente sem ser notado. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e*** ***ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e*** ***se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "Pagou a conta, de modo que ficou livre dos juros". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "O poeta residiu em Ilhéus na década de 20, para que se dedicasse tão somente à literatura neste período.".

Substantiva

– *Não mais se veem* ***amigos se ajudando.*** (subjetiva)

– *Agora ouvimos* ***artistas cantando em shoppings.*** (objetiva direta)

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas.*** (apositiva)

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito*. (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você*. (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares***, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicion

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): "O homem entrou na sala dando empurrões.". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "Em se tratando de seleção brasileira, nós sempre falamos mal.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro**, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida**, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições**, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos**, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova**, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança**, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula**, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa**, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.
   - Os alunos foram apaixonados pela professora. (adjetivo, predicativo)
   - Os alunos gripados voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)
   - Tendo recebido o dinheiro, comprarei o carro. (oração reduzida de gerúndio)
   - Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando. (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas "Os candidatos aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação poderão apresentar-se à comissão." (errado). / "Os candidatos aprovados no exame médico estando de posse da documentação poderão apresentar-se à comissão." (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se combinem, sejam semelhantes. Portanto o certo é usar duas orações reduzidas (aprovados no exame médico e estando de posse da documentação).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– O trecho “a antecipar o fim da reunião” funciona como objeto indireto.

(…) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (…)

2. **(Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

– A oração subordinada reduzida de gerúndio “tornando suas ações conhecidas e avaliadas” mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva “que tornam suas ações conhecidas e avaliadas”.

3. **(FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005)** ***A persistirem os sintomas*****, *deve-se consultar o médico.***

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;

b) tão logo persistam;

c) a menos que persistam;

d) caso venham a persistir;

e) mesmo se vierem a persistir.

4. **(FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) “Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos.”**

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.

II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.

III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.

b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.

c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.

d) Se nenhum item estiver correto.

e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. **(FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) “Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895.”**

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;

b) concessivo;

c) causal;

d) consecutivo;

e) conformativo.

(…) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (…)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo opt fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: que pode optar. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.

b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.

c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.

d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.

e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva*…

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva…

b) À medida que falam de chuva…

c) Como falam de chuva…

d) Visto que falam de chuva…

e) Conquanto falem de chuva…

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvore sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.

b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.

c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar fri e se condensa, formando as nuvens.

d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.

e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimento no rio,<u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;

b) ressalva;

c) consequência;

d) temporalidade;

e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) ***Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.***

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.

II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.

III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo h ERRO quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)

b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)

c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)

d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)

e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;

b) comparação;

c) condição;

d) consequência;

e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitind sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;

b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;

c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;

d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;

e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.

b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.

c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.

d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.

e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(…) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (…)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* *no perfil brasileiro distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(…) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto sej coerente, a oração "pertencendo a grupos sociais diferentes" (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las…) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correçã gramatical do texto ao se substituir "a separar" (… é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por que separa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Na Espanha, as mulheres estão prestes a conseguir mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não haver consenso, porém, valerá a ordem alfabética.

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

" Assim,cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."

– A expressão “Cabe frisar” forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela,trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, “celebrizadas”, das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a “se trouxer”.

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Quando a bordo, e por não poderem acender fogo, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;

b) causa e concessão;

c) temporalidade e causa;

d) modo e temporalidade;

e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estaçõe de pesquisa na Antártida,para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros*.

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;

b) de consequência;

c) de finalidade;

d) de proporção;

e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) “Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua para revender.”

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;

b) concessão;

c) finalidade;

d) comparação;

e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida “Para ser notado, o porteiro teve que morrer”, tem-se:

a) para ter sido notado;

b) para que fosse notado;

c) para que tenha notado;

d) para que seja notado;

e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;

b) concessão;

c) condição;

d) tempo;

e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;

b) consequência;

c) conformidade;

d) condição;

e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012)… ***uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>*****.**

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;

b) finalidade;

c) concessão;

d) proporção;

e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – ***Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos, dizendo na hora se a pessoa está saudável ou não*****. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:**

a) embora diga;

b) mas dirá;

c) visto que diga;

d) logo dirá;

e) e dirá.

34. (CESPE/UnB – TELEBRAS – Especialista – 2013) No trecho “Cooper usou sua nova invenção para ligar para Joel Engel”, a preposição “para” expressa, em ambas as ocorrências, ideia de finalidade, introduzindo expressões adverbiais.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Gabarito

1. CORRETA.
2. INCORRETA.
3. D.
4. E.
5. C.
6. CERTO.
7. CORRETA.
8. E.
9. A.
10. C.
11. C.
12. D.
13. C.
14. C.
15. CORRETA.
16. B.
17. B.
18. CORRETA.
19. CORRETA.
20. ERRADO.
21. ERRADO.
22. CERTO.
23. CORRETA.
24. INCORRETA.
25. INCORRETA.
26. C.
27. C.
28. C.
29. B.
30. D.

31. B.
32. B.
33. E.
34. ERRADO.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir…

Obs.: Não confunda o conceito de intercalação com oração intercalada. Certas expressões ou orações podem estar intercaladas, mas não serem orações intercaladas. Exemplo: O mundo, que é belo, nunca irá perecer. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma oração intercalada (ou interferente), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas… vai que…

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar** !", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**apost**

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Si o incitavam a falar exclamava:

– Ai! Que preguiça!…

e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo dicendi, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X)CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo " Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!… e não dizia mais nada." é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo dicendi exclamar (que é transitivo direto):

– Ai! Que preguiça!… (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo dicendi, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "e não dizia mais nada". Este trecho é considerado um período misto, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "… – isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) –…". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar co você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo con mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"… não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo…" (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou min vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com

outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação e subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe***, ***que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus***

parentes.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, *mas*** ***o estudo é primordial***.

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: "Consta dos presentes autos que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta". Ou seja: "Consta dos presentes autos que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** não deixa o marido sozinho

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada adjetiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: "Aquilo que é saudável, é interessante e importa deve ser enaltecido!" Ou seja: "Aquilo que é saudável, que é interessante e que importa deve ser enaltecido!". Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: "Aquilo que é saudável e que eu considero importante deve ser enaltecido!".

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** ***mas também*** ***quando não estou****, sou discriminad*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar****,* ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** ***ou*** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato****, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** ***e*** ***porque sou um pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) Depois que ela saiu e depois que ela entrou, ninguém mais nada falou. / (2) Depois que ela saiu e que ela entrou, ninguém mais nada falou. / (3) Depois que ela saiu e entrou, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração:*... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oraçã *o*:*... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: *... a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)

2ª oração: *... – que linda manhã faz! –...* (oração intercalada)

3ª oração: *... que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração:*... que a vida é muito curta*. (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas

classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* –oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais* *que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* –oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(=***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(=*A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(=*O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* –oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pi e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(=*À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(=*Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra e voltar às condições econômicas normais (…)"

–Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: " quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra e quando todos os países europeus procuraram voltar às condições econômicas normais". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (=... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora… não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.* ", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: " *Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.".* A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: **… *o monopólio não deixa de ser uma tendência natural…*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: **… *já que, ao contrário do… uma rede se torna mais valiosa…*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: **… *que acontece em outros mercados…*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: **… *à medida que mais pessoas a utilizam…*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: **… *e a divulgam…*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: **… *uma rede… vale muito mais…*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: **… *que todo mundo usa …*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: **… *que (valem) cem redes com usuários pulverizados*.** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados… estude… estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei

B = gera o risco

C = da punição prevista pelo Código Penal

D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a)

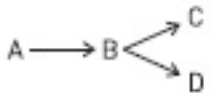

b)

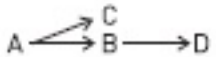

c)

d)

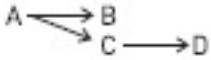

e)

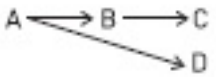

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez.Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia agüenta.Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo estabilidade

→ e quanto desaforo..

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como….

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(…) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais

variadas formações, em diversas partes do planeta. (…)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;

d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;

b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;

c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;

d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;

e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;

b) três orações, sendo uma subordinada;

c) quatro orações, sendo duas coordenadas;

d) quatro orações, sendo uma coordenada;

e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acin analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.

II. Há três orações reduzidas.

III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;

b) se somente o item II estiver correto;

c) se somente o item III estiver correto;

d) se somente o item I estiver correto;

e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples;

e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria d o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;

b) três orações coordenadas e uma subordinada;

c) três orações subordinadas;

d) três orações coordenadas;

e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.

II. Há duas orações subordinadas adverbiais.

III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

c) se todas as afirmativas estiverem corretas;

d) se nenhuma alternativa estiver correta;

e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

“Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.”

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: “Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.”

II. O período é composto por três orações.

III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se nenhuma afirmativa estiver correta;

d) se todas as afirmativas estiverem corretas;

e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável […], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;

d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) ***É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.*** **(L.6-8)**

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: QUE = Δ e E = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].

b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).

c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).

d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).

e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;

b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;

c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;

d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.
2. A.
3. D.
4. B.
5. B.
6. D.
7. D.
8. E.
9. C.
10. E.
11. E.
12. A.
13. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez… Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto… Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*… Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI

(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa… ou não.

Não**,** espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.

2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos… Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas… Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.

2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,

Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão

Digo que amo Soledade

Não Lia cuja bondade

Ser humano não teria

Não aspiro à mão de Iria

Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,

Querem que, por minha fé,

Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,

Digo que amo Soledade

Não Lia, cuja bondade

Ser humano não teria.

Não aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,

Querem que, por minha fé,

Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,

Digo que amo Soledade?

Não! Lia, cuja bondade

Ser humano não teria.

Não aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,

Querem que, por minha fé,

Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,

Digo que amo Soledade?

Não! Lia, cuja bondade

Ser humano não teria?

Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem… para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]

- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“”**]
- Reticências [**…**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar “em dia” para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não **se usa a vírgula.**

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com função de sujeito iniciadas por quem, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é facultativa, segundo Luiz A. Sacconi: “Quem lê sabe mais.” ou “Quem lê, sabe mais.”. Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas… fique atento a essa “visão excepcional” do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: “Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo) com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo) com o conforto moral.”. Isto é, não se coloca

vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

No entanto, confira uma visão divergente: CESPE/UnB – CORREIOS – ANALISTA DE CORREIOS (LETRAS) – 2011 – QUESTÃO 70.

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: "Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa os evangélicos e os católicos."

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, não são separados por vírgula desse adjunto: "Os alunos ficaram, em casa." (errado) / "Os alunos ficaram em casa." (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): "Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos." / "De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: "Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram." / "O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos.".

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula,* ontem à noite.

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o não ou o nunca antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: Eu não vou mais errar esta questão. / Nunca errarei esta questão.

2) Se o adjunto adverbial de curta extensão (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será facultativa também: "De fato estes alunos são mais interessados." ou "De fato, estes alunos são mais interessados.". Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo seguido de sujeito: "Por cima daquele prédio (,) formavam-se muitas nuvens.". Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva… para variar…

4) **A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.**

– *Todos os alunos,* daquele professor entenderam a explicação.

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', de Cervantes, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção. Às vezes, o adjunto adnominal de um aposto implícito vem separado enfaticamente por vírgulas, mas saiba que tais vírgulas, na verdade, separam o aposto implícito, OK? Entenda com este exemplo: As indústrias, do Brasil e do mundo,continuam poluindo nosso planeta (ou seja, As indústrias, (as indústrias) do Brasil e do mundo, continuam poluindo nosso planeta).

5) **A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.**

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) **Sujeito,…, verbo + complemento + adjunto adverbial**

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) **Sujeito + verbo,…, complemento + adjunto adverbial**

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) **Sujeito + verbo + complemento,…, adjunto adverbial**

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade,magistralmente*

4) **Locução verbal de voz passiva,…, + agente da passiva**

– *Fui homenageado, ontem à noite,por alguns alunos e amigos.*

Bem… se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observada na redação oficial.*

– Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na reda oficial.

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo***, foi o criador da Lógica.

Obs.: Em "Nós ocidentais somos capitalistas." ou "Nós, ocidentais, somos capitalistas.", a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, ocidentais é um adjetivo com função de adjunto adnominal de nós, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, ocidentais é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (até mesmo, pelo menos, inclusive etc.), ficará entre vírgulas: "Todos os alunos, até mesmo (os) de nível médio,entenderam a explicação.".

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: "Meu filho passou em um grande concurso, avesso a todas as palavras derrotistas.".

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "Aos amigos (,) ninguém lhes dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "As explicações procurou lhes dar o professor?". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o CESPE/UnB STJ – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: Finalmente ela chegou ou Finalmente, ela chegou. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula. Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1; e CESPE/UnB – CNJ – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2013 – QUESTÃO 33. A banca FCC não considera essa regra acima em suas provas, ou seja, por mais que o adjunto adverbial tenha até mais de três vocábulos, ela ainda considera facultativa a vírgula. Para comprovar isso, veja: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO-RH – 2013 – QUESTÃO 8.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) **Marca a elipse de um verbo** (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (=... a porta regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (=... em 2002 Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) **Separa orações coordenadas assindéticas.**

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça.*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) **Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por** e **ou** nem.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é facultativa: "Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos.". No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) Segundo alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André, o e com valor adversativo (= ma deve ser separado por vírgula; quando tem sentido conclusivo/consecutivo (= portanto) ou enfático, eles também recomendam o uso da vírgula: "Ele sempre chega atrasado,e nunca leva bronca do patrão." / "Ela foi prorrogada, e não anulada." / "Eles violaram a lei,e foram presos. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / "Neguei-o eu,e nego." (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória, segundo a maioria dos gramáticos e todas as bancas de concursos que eu conheço: "Muitos policiais estão envolvidos em corrupção,e tramas obscuras, e conluios, e todo tipo de intrigas escusas.". Qualquer polissíndeto (e, ou, nem…) vem separado por vírgula: "João, ou Maria, ou Pedro, ou José são personagens bíblicos."/ " Nem o sol, nem o mar, nem o brilho das estrelas…". Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: "O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua.".

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas. (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.

b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois

abriram um sorriso.

c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.

d) Fiz, e faria tudo novamente.

e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção e, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o e tem valor adversativo (= mas), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do e. Em D, a vírgula antes do e é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do e se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas. (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;

b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;

c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;

d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;

e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o e liga orações com sujeitos diferentes: [Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.

4) Quando termos de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções e, nem, ou, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: "Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais.".

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com "não só… mas também (e sinônimas)", separam por vírgula, já outros, não: "Juçara não só trabalha, mas também estuda." (Sacconi) / "Os livros não só instruem mas também divertem." (Cegalla). Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: CESPE/UnB – UERN – TÉCNICO DE NÍVEL SUPERIOR – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção e pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: A casa,

muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste . (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele… "Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, e eu." (eu estava desacompanhado); "As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, e azul." (ou vermelho e branco, ou azul). "O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria e Deus)". (…) devemos usar uma vírgula antes do e para evitar que os leitores tomem Maria e Deus como aposto de meus pais e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, e Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do e quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: "Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!" ou "Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!". Sobre o uso de e antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: ESAF – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O mas nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: "A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu , porém, não o faço. (eu não o faço , porém)". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: "A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente;porém,eu não o faço." ou "A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente.Porém,eu não o faço." . A conjunção adversativa mas nunca pode vir seguida de vírgula (exemplo: Ela não veio.Mas, ele certamente virá), a não ser que haja alguma expressão intercalada depois (exemplo: Ela não veio.Mas, sem sombra de dúvidas, ele virá).

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, não encontrarmos vírgula ante de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção mas iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "João foi, mas não voltou?". Pode ser assim: "João foi mas não voltou?". Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa mas <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE NÍVEL SUPERIOR – 2009 – QUESTÃO 8.Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (ASSERTIVA I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em Nova Gramática do Português Contemporâneo:

"Uma luz bruxuleante mas teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou… ou…, ora… ora…, quer… quer…).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamen avesso.*

Obs.: No caso de ou retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: "A nossa paixão,ou nossa mera ligação, já se esvaiu.". Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de ou: "Iremos embora,ou transporemos essas etapas sem medo?".

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: "Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia, portanto, os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente, portanto)." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: "Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco." . Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.

Obs.: O pois deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: "Esse assunto não tem importância; devemos, pois,retirá-lo da pauta.".

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa***, todos já sabemos.

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula: "Dos alunos eu só quero isto, que eles estudem mais.". Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: "Eu quero que, vocês estudem mais." (errado) / "Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!". (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas não são

separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara, Celso P. Luft e Sacconi) dizem que uma vírgula pode vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: "O mundo que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)começa finalmente a surgir." . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a grande transformação da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.

b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.

c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.

d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.

e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a D. Ignore o gabarito. Leia a alternativa C. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada <u>incorreta</u>. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

<u>Importante</u>: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– Comprei um carro que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm após as principais: "Gostei muito(,) quando comprei o material.". Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente." / "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.". Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar sem vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim… a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é obrigatória na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em "A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto…".

Duas bancas, duas visões… O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a melhor alternativa dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão… que…) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: "Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos.". Quanto às orações comparativas iniciadas por quanto/(do)que, saiba que não há vírgula: "Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a melhor resposta.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo porque, sem vírgula: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas… pelo menos? Sem comentários… Enquanto isso… vá estudando…

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oraçã

adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa. (Segue as mesmas regras das orações desenvolvidas.)

- *Chegando a carta, avise-me.*
- *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*
- *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*
- *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)
- *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas… veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.
   - Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.
2) Separa o paralelismo de provérbios.
   - Ladrão de tostão, ladrão de milhão.
   - Casa de ferreiro, espeto de pau.
3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).
   - Com muito amor,
   - Respeitosamente, (…)
4) A vírgula antes do <u>etc.</u> é controversa, por isso é facultativa.
   - Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.
5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.
   - Sim, senhor! Não, senhor!
6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").
   - O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. **(errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separado por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itáli na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(…)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** não conseguiu ir à aula hoje.)

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: "Defenda-se; mas não se vingue." (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

O s **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas qu pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedr que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos…*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro… Resumindo: ganhei o dia!".

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é,* seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências…*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar,

enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "…, feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "… feijão, arroz, etc….".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: "Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo.". Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquel contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até e hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*

– *São japoneses.*

– *Japoneses? E... é gente como nós?*

– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*

– *Mas então não são índios?*

(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a

vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: "Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o Manual de Redação da PUC/RS e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas… Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) **Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).**

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) **Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.**

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes [ ] fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "'As causas do protesto e das reinvidações (sic) foram muitas', disse o editor do jornal". Deveria ser assim "reivindicações".

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) **Antes e depois de citações textuais.**

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jor Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) **Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.**

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática".* (Dadá Maravil

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd".* (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) **Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico malicioso.**

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– "Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos…

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos…

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– "Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.

– O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão…"; o plenário logo se esvaziou.

– "Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência' publicado em vários jornais, recentemente."

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente…*

– *Um aparte, por favor…*

– *…ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchete

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos… (ou (…), ou […]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos…*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral…"? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque… porque… eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outr sentimento.

– *Ela é linda…! Você nem sabe como…!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é*

liiiiinda... você nem sabe como...”).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber… *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora… mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado… vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;

b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;

c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesse em disputa;

d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;

e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significad mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.

b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.

c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.

d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.

e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) “Há 15 dias, uma educadora no Recife”

b) “indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais”

c) “Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história”

d) “tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão”

e) “reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato”

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final c reunião.

b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?

c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.

d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.

e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) “Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade.” / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.

b) “algumas que não combinam conosco nem nos interessam.” / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.

c) “Quem não corre com a manada praticamente nem existe,” / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,

d) “disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (…)” / disparamos sem rum ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*

e) “Estar sozinho é considerado humilhante,” / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) “(…) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos,” / realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos,

b) “(…) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837).” / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.

c) “Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (…)” / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.

e) “(…) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala correspon a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!

II. Comprou dois: um para você outro para mim.

III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”

IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;

b) III;

c) I e II;

d) II e IV;

e) III e IV.

(…) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (…)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (…)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo pois alteraria o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (…)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não

apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. **(Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (…)

13. **(Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

(…) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (…)

14. **(Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

(…) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (…)

15. **(Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".**

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. **(FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:**

a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.

b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.

c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.

e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:

a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão d mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão d mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da

tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita…

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação intrigante: enquanto a economia alterna altos e baixos, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode cair mesmo com o baixo crescimento. Isso é bom? Depende. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a renda. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da produtividade – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas décadas. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo quinquênio. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. Logicamente não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (…) Medidas nessa direção podem (e devem) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão urbana – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam “e devem”;

e) substituir o travessão depois de “urbana” por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta o incorreta?

(…) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de “ônibus” torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir um explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: “O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se”?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: “Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas”.

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto a se substituírem os dois-pontos, após a expressão “ou seja” (… o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que…), por vírgula.

( ) CERTO ( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (… para o entendimento de uma form particular de comunicação –… –, o estudioso deve reconstruir…), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO ( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro períod

do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO ( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (… representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior…) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (… os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência…) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (… o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram…) pode ser corretamente substituído por o que, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade…) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

"… outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento que é, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".

( ) CERTO ( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse:…"

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguint período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoa técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoa técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoa técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoa técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoa técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.

b) I e II, apenas.

c) I, II e III.

d) II e III, apenas.

e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).

b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.

c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.

d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.

e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.

b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.

c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.

d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.

e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."

b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."

c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."

d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."

e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.

b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.

c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.

d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter su pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.

b) Mas, não; não, serve qualquer uma.

c) Mas não; não serve, qualquer uma.

d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.

e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, cor alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das característica culturais mais marcantes da sociedade atual."

b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."

c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."

d) “A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto.”

e) “salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza.”

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.***

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(…) o que é detectado pelas respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão (…) O x dá lugar ao ch em “xícara”, “mexer” e “vexame”; o inverso ocorre em “chuchu”, “enchimento” e “pichação”. (…) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista? É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. “(…) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão…” o uso das vírgulas se justifica pe enumeração das informações.

II. “xícara”, “mexer” e “vexame” os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. “Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?” compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.

b) Apenas I e III.

c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.

b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.

c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.

d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.

e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:

a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.

b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.

c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.

d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.

e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.***

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.

I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.

II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.

III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) III.

b) II.

c) I e III.

d) I e II.

e) I.

Minha vida meu amor

Olha minha vida meu amor

Há muito não és mais meu

Toda a loucura que fiz

Foi por você

Que nunca me deu valor

(…)

Por tua causa João

Eu morro pelada

(…)

No fundo do poço

Amor desculpe algum erro

E a falta de vírgula

Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida me amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

52. (CESGRANRIO – BNDES – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – 2013) Em que período a vírgula pode s retirada, mantendo-se o sentido e a obediência à norma-padrão?

a) Quando o técnico chegou, a equipe começou o treino.

b) Antônio, quer saber as últimas novidades dos esportes?

c) As Olimpíadas de 2016 ocorrerão no Rio, que se prepara para o evento.

d) Atualmente, várias áreas contribuem para o aprimoramento do desportista.

e) Eis alguns esportes que a Ciência do Esporte ajuda: judô, natação e canoagem.

53. (ESAF – MTUR – ANALISTA TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2014) Assinale a opção que justifica corretamente o emprego de vírgulas no trecho abaixo.

É neste admirável e desconcertante mundo novo que se encontram os desafios da modernidade, a mudança de paradigmas culturais, a substituição de atividades profissionais, as transformações em diversas áreas do conhecimento e os contrastes cada vez mais acentuados entre as gerações de seres humanos.

(Adaptado de Zero Hora (RS), 31.12.2013)

As vírgulas:

a) isolam elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.

b) separam termos que funcionam como apostos.

c) isolam adjuntos adverbiais deslocados de sua posição tradicional.

d) separam orações coordenadas assindéticas.

e) isolam orações intercaladas na oração principal.

Gabarito

1. A.
2. INCORRETA.
3. B.
4. E.

5. B.
6. C.
7. B.
8. ERRADO.
9. CERTO.
10. CERTO.
11. ERRADO.
12. CERTO.
13. CERTO.
14. ERRADO.
15. ERRADO.
16. A.
17. D.
18. C.
19. D.
20. INCORRETA.
21. A.
22. A.
23. INCORRETA.
24. CORRETA.
25. INCORRETA.
26. INCORRETA.
27. CERTO.
28. CERTO.
29. ERRADO.
30. ERRADO.
31. ERRADO.
32. ERRADO.
33. CERTO.
34. ERRADO.
35. CERTO.
36. C.
37. E.
38. C.
39. A.
40. E.

41. B.
42. E.
43. E.
44. A.
45. C.
46. D.
47. A.
48. A.
49. B.
50. B.
51. INCORRETA.
52. D.
53. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 28

Concordância

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem- **no**, ficam **no mesmo** **gênero** e **no mesmo** **número** que **ele**(normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal **trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo**, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*)

acompanham um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os palavras** que acompanham **uma substantivo** ou substituem- **na**, ficam **na mesma gênero** e **na mesma número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm,…"* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, não **há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos vir e ter (e seus derivados, como manter), pois eles, no plural, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa… e por aí vai…

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos

assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o verbo e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil**… ganham**?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem… de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o** aluno **e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o** aluno **e a** aluna a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

***Caberia** aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos, **o direito de reclamar**. É por isso que **deve ser levado** a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem… espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas… "regrinhas"… Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem…?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana…*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite,* ***decidiu*** que iria ao congresso.

Cuidado!!!

1) Coletivo especificado ou partitivo: a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma part de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de… (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– A multidão de torcedores gritou entusiasticamente.

– A multidão de torcedores gritaram entusiasticamente.

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– Gritou entusiasticamente a multidão de torcedores.

2) Sujeitos formados por milhão, bilhão, trilhão etc. seguem o mesmo modelo acima:

– Mais de um milhão de mulheres foi às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.

– Mais de um milhão de mulheres foram às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.

2) O sujeito é o pronome relativo ***que***.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do verbo relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– Não seremos nós os que, depois de tudo, mentiremos/mentirão.

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o verbo concordar com um dos dois, desd que o sentido da frase esteja claro.

– O resultado das pesquisas que se apurou/se apuraram provocou polêmica.

3) Com a expressão um(a) dos(as) + substantivo/pronome vindo antes do pronome relativo que, o verbo pode concordar com um(a) ou com o substantivo/pronome.

– Aquela aluna é uma das pessoas que precisava/precisavam de ajuda.

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– Santos Dumont foi um dos brasileiros que inventou o avião. (Só ele inventou.)

4) Lembre-se disto: o pronome relativo que precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: "As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias" . Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo promover deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (acusações), mas nessa frase, o que tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: "As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias".

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com quem: Foram os rapazes da Jovem Guarda quem fez sucesso. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: Fomos nós quem resolvemos a questão. Sobre isso, consulte: ESAF – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.

D) Eram eles quem fazia a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.

B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por quem, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar quem no lugar do segundo que, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui eu quem criei a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**?/Quais de **vós** me **ajudareis** ?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos no singular, o verbo concorda com eles em pessoa e número: Qual de vós me ajudará agora?

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se a presença do artigo definido plural for obrigatória antes de uma palavra pluralizada, o verbo ficará no plural. Caso tal artigo plural não seja obrigatório, o verbo ficará no singular.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*

– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*

– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*

– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*

– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito apresenta nome de obra artística pluralizada (livros, filmes…), o verbo pode ficar no singular ou no plural, quando antecedida de artigo no plural (Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.):

– Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram Camões.

– Velozes e Furiosos marcou o cinema relativo a carros.

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coi de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*

– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** à aula.

Obs.: A expressão mais de um tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco se), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– Mais de um irmão se abraçaram.

– Mais de um grupo de crianças veio/vieram à festa na praia.

– Mais de um aluno, mais de um professor estavam presentes.

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o

número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas **1**/3 das pessoas do mundo **sabe** o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das **pessoas** do mundo **sabem** o que é viver bem.*

– *Apenas **30%** do povo **sabem** o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do **povo** **sabe** o que é viver bem.*

– *Os **30** % da população não **sabem** o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o 1 de 1/3, o mesmo ocorre com 0 em "Só 0,9% das pessoas sabe o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "… mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição…" (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "… grande parte dos pagamentos realizados… foi tributado…"; deveria ser "… parte… foi tributada…" ou "… pagamentos… foram tributados…". a) "… 0,27%… foi tributado…". b) "… 2%… foram tributados…". d) "… três quartos… foram tributados…". e) "… 1,6 milhão… foi tributado…".

Sobre esse caso de concordância com numeral percentual ou fracionário, sugiro fortemente que você leia o tópico NUMERAL, nas páginas 288 e 289, do meu segundo livro: *As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos.*

8) Os verbos *bater* , *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão…*

- ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram…)*
- ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu…)*
- ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram…)*
- ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

- ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
- *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos o elementos do sujeito composto:
   - Modificou-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a maneira de faze política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.
   - Modificaram-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a maneira de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.
2) Não confundir se apassivador com se indeterminador do sujeito! Revise o se relendo Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não se discutem muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, a questão do tamanho, mas sim a alavancagem desses bancos. (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não se discute muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, a

questão do tamanho, mas sim a alavancagem desses bancos. (=… a questão do tamanho não é discutida…)

Veja mais um:

Não se discute muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, as questões do tamanho, mas sim a alavancagem desses bancos.

Corrija-se para o plural:

Não se discutem muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, as questões do tamanho, mas sim a alavancagem desses bancos. (=… as questões do tamanho não são discutidas…)

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o se. Não confunda!

3) Concordância com costumar/poder/dever + se + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "Devem-se resolver rapidamente as questões de Português", analisamos devem-se resolver como uma locução verbal com partícula se apassivadora, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito as questões de Português. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"As questões de Português devem ser resolvidas rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos costumar/poder/dever estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um verbo principal seguido de uma oração reduzida. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"Pode-se / resolver rapidamente estas questões de Português."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, resolver rapidamente estas questões de Português é a oração reduzida com função de sujeito da oração principal Pode-se. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver questões de Português.

(locução verbal com se apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / resolver questões de Português.

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura querer + se +infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: "Quer-se inverter as leis." não equivale a "As leis querem ser invertidas.", logo não faz sentido escrever ou dizer "Querem-se inverter as leis.". Sendo assim, o sujeito de "Quer-se inverter as leis." é oracional: inverter as leis.

5) Na expressão "não (nunca)… mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: "Não se viam mais do que corpos espalhados no chão."

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta… vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito composto posposto ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– Vai trazer benefícios, em 2014 e em 2016, a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

– Vão trazer benefícios, em 2014 e em 2016, a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

– Vão cumprimentar-se, em 2014 e em 2016, alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

(…) Contribuiu, ainda, para o aumento da arrecadação, o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular Contribuiu e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "Aleluia! O

brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém agora é cédula de Cr$ 500,00!" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu*** *e* ***ele*** *(= Nós) nos* ***tornaremos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vós) vos* ***tornareis*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.
   – Tu e ele (= Vocês) se tornarão pessoas melhores depois desses ensinamentos.
2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próxim do verbo.
   – Tornar-me-ei eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.
3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no plural, concordando com ambos os termos do sujeito.
   – Abraçaram-se o professor e ele.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro*** *com* ***seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro****, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o com equivale a e, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por com é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do com (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: Chegou ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A **angústia** e a **ansiedade** não o **ajudava** a se concentrar.*

– *A **angústia** e a **ansiedade** não o **ajudavam*** a se concentrar.

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte… quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: A ansiedade e a despreocupação andam lado a lado em um homem.

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte… se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: Seu cheiro, seu olhar, seu toque, tudo isso bastou para me seduzir. Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: Seu cheiro, seu olhar, seus toques bastaram para me seduzir.

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: O andar e o nadar fazem bem à saúde. / Rir e chorar se alternam no ser humano.

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém…*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso exigiam de seus servos os amos.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– Nem um nem outro se abraçaram aqui.

2) Se o sujeito for constituído pela expressão um ou outro, o verbo fica no singular.

– Uma ou outra conseguirá uma boa classificação.

Em nem um nem outro, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E nem um lado nem outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem… nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem… nem…*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: "Não lhes faltava talento nem disposição.".

2) Quando "nem… nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: "Nem você nem ele será o novo representante da classe.".

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: "Nem eu nem ela seremos condenados, por falta de prova.".

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o **ou** indicar exclusão, o verbo ficará no singular; se indicar retificação ou sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo; se indicar adição/inclusão, o verbo ficará no plural.

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção ou liga termos antônimos, o verbo fica no plural: " O amor ou o ódio exacerbados não fazem bem à saúde.".

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto… quanto/como/assim como; não só… mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto ela quanto ele*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só ele mas também ela*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou***.

– *O* ***preço*** *dos alimentos e o dos combustíveis* ***aumentaram***.

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": O preço dos combustíveis e dos alimentos aumentaram.

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo ser poderá concordar com um dos dois. Logo…: Fernando Pessoa foi/foram muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.

2) Quando pessoa concorre com pronome reto, o verbo ser concorda com o pronome reto (sujeito):

– Fernando Pestana sou eu.

– Eles são vencedores.

3) Se os dois termos (sujeito e predicativo) forem pronomes, a concordância será com o que aparecer primeiro, considerando-o como sujeito da oração.

– Eu não sou tu, e tu não és eu.

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo é/são flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas são/é assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." (Revista CNT, "Lixo tributário")

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (Luiz Antonio Sacconi)

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." (Celso Cunha & Lindley Cintra)

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for

pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)

d) "Expressões de sentido quantitativo (…) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." (Manual de Redação da Presidência da República)

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (…) o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)". (Evanildo Bechara)

Comentário: O gabarito é a letra A… por sinal, autoexplicativa: "… o principal problema… é/são… as contribuições…".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda c o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– Hoje são 4 de setembro.

– Hoje é (dia) 4 de setembro.

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– Era/Eram cerca de dez horas.

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que* , se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *s* o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo *não preposicionado* entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** eles **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível **a flexão do infinitivo** (favorece muit vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clare de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase "Não é mais permitido aos professores bater/baterem nos alunos.", o plural do verbo bater realça seu sujeito implícito, que tem como referente professores (núcleo do objeto indireto). Em "Ele sempre proíbe os empregados de sair/saírem no horário.", o plural do verbo sair realça seu sujeito implícito, que tem como referente empregados (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1] Falei sobre o desejo de[2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for o mesmo do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: "Falamos sobre o desejo de aprontar/aprontarmos o site logo." ou "Vocês estão aqui para resolver/resolverem meu problema?" ou "Não existiam motivos suficientes a fim de ser/serem reprovados. ". Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: "Falamos sobre o desejo de nós aprontarmos o site logo." ou "Vocês estão aqui para vocês resolverem meu problema?" ou "Não havia motivos suficientes a fim de os alunos serem reprovados. ".

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós nos **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem se **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por se **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** dez horas, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* n **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é incrivelmente (na minha opinião) facultativo: "Poderemos, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, cantar/cantarmos vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos sair/saírem.".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis* de ***solucionar**.* *

– *Eles têm aptidão* para ***aprender*** línguas estrangeiras.

* Nesta construção com a preposição de, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o se antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de solucionar. = São casos difíceis de serem solucionados.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, d o site Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição de e dependente de um substantivo – possibilidade –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição de, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (idem, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (idem). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (idem, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – os leitores, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados, **recuar** !*

– *Esquerda, **volver** !*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo d sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo d sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* +infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo*. (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subi para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de existiam por "deviar haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo haver é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, existiam =devia haver.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudo*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade***. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.

O verbo estar deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: resolver erros e complicações. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo que, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo…:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

… de modo que ela ficasse assim:

– Havia muitos erros e complicações que já não estava em suas mãos resolver.

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse…" [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham****.*

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandrag* ***usamos****.*

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a segui atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;

b) silepse de gênero;

c) silepse de pessoa; (Gabarito!)

d) concordância atrativa;

e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

*As minhas três belas **casas** vão ser vendidas porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** atento se destacava mais que a **aluna** atenta.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a reg geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico- **cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque macio.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente c o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: A sua idade, preferência sexual e profissão não me interessam. /Aqueles planos e intenções são desprezíveis. / Por que tantas palmas e elogio?

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordânci gramatical (prevalecendo o masculino): Queridos pai e mãe, estou com muita saudade de vocês. / Os talentosos Renato Russo e Cazuza deixaram suas marcas.

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

- *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)
- *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)
- *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)
- *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

- *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*
- *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** formaram uma parceria.

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O setor público e privado formaram uma parceria". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: CESPE/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*…), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

- *Seus olhos têm algo* de ***sedutor***. (Cegalla)
- *Esse lugar nada tem* de ***interessante***.
- ***Júlia*** *tinha tanto* de ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto* de ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) **Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto**

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

- *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
- *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com o filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se

refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os **homens** e as **mulheres** estavam **excitados** com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*

– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**

– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*

– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*

– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: Encontrei excitadas as mulheres e os homens com a notícia. Cegalla vai além e diz que, na frase Estava excitada a mulher e os homens com a notícia*, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim : Estavam excitadas as mulheres e os homens com a notícia*.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "Fica óbvio (e não óbvia) que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental." / "Acho sensato (e não sensata) resolver nossa pendenga sem violência."

3) O adjetivo (ou particípio), em expressões como É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido, fic invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de muito(a) ou não determinado. Mas… quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: Água é bom. /A água é boa. /É proibido entrada aqui. / Sua entrada é proibida aqui. / É necessário disposição para este cenário mudar. / É necessária grande disposição para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, preciso é muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso. (Vinícius de Moraes)./As balas que são precisas para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família. Obs.: "Proibida entrada" está correto. Alguns estudiosos entendem que, quando se quer imprimir um sentido genérico, mesmo que o substantivo esteja determinado por um pronome ou por um adjetivo, por exemplo, o adjetivo/particípio ficará intencionalmente invariável: "É necessário séria movimentação para haver efetiva mudança".

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase Foram aprovadas centenas de alunos para a segunda fase do exame nacional, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: Centenas de alunos foram aprovados para a segunda fase do exame nacional.

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase "Elas haviam resolvidas as questões." está equivocada, devendo ser corrigida para: "Elas haviam resolvido as questões.".

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **o** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase "Um assunto desses não deve ser discutido em público.", o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor indeterminador. Outros exemplos: "Foi uma surra daquelas. " ou "Ele está num dia daqueles. ". Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três*** *viviam* ***juntos*** *naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de* ***lesa-pátria*** *".* (Cegalla)

– *Só ficamos* ***quites*** *depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As* ***moças*** *disseram ao homem: "Ficamos-lhe* ***obrigadas*** *por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As* ***fotos*** *seguem* ***anexas/apensas****. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão* ***inclusos*** *os* ***prejuízos****.*

Obs.: Mesmo não varia quando equivale a realmente, de fato ou inclusive: "Mesmo a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou mesmo o marido!". Só não varia quando equivale a somente. Por si sós e a sós são expressões cultas: "As crianças comeram só os feijões". / "Os alunos, por si sós, resolveram a prova.". Junto não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): "Eles não estão junto do (com o/ao) pai.".

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato****.* (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas****.* (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante****.* (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para u ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatic própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo*** *(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em "A toda-poderosa Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I.", o vocábulo todo nunca varia nessa expressão, logo: "A todo-poderosa Marquesa de Santos…".

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto,*

pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)…

- *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*
- *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*
- *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*
- *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*
- *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface** ... compre livros também.*
- *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**
- ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
- *És uma **pseudo**profetisa!*
- *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de visto com a pessoa ou coisa vista: "Elas emagreceram a olhos vistas." ou "Vista a olhos a árvore crescia.".

* Alerta é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que alerta é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor…)* ou se estiver acompanhado de *quanto* . Varia se *o/a* estiver no plural.

- *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*
- *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*
- *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*
- *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo possível varia normalmente: "Realmente estas são visões possíveis sobre o mesmo assunto.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

- *A **primeira** e **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*
- A ***primeira*** *e* a ***segunda*** ***série(s)*** foram aprovadas.

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: As séries primeira e segunda foram aprovadas. O gramático Luiz A. Sacconi diz que o substantivo séries (do primeiro exemplo) não pode ficar no singular, só no plural.

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto e o

adjetivo, quando houver, no singular (ou, menos preferencialmente, no plural).

– ***Um e outro*** *aluno esforçado(s) passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçado(s) passou.*

Obs.: Quando os pronomes um e outro retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: A mãe e o filho vieram ao Brasil. Um amou nosso país, outro odiou.

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional…*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

a) "***Haja vista aos*** *argumentos que embasaram o veredicto…";*

b) "***Haja vista dos*** *argumentos que embasaram o veredicto…";*

c) "***Hajam vista os*** *argumentos que embasaram o veredicto…";*

d) "***Haja vista os*** *argumentos que embasaram o veredicto…".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o* ***discípulo*** *age* ***tal qual*** *o* ***mestre****.*

– *Normalmente os* ***discípulos*** *agem* ***tais qual*** *o* ***mestre****.*

– *Normalmente o* ***discípulo*** *age* ***tal quais*** *os* ***mestres****.*

– *Normalmente os* ***discípulos*** *agem* ***tais quais*** *os* ***mestres****.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil*** *pessoas,* ***dois mil*** *alunos,* ***dois mil*** *candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu* ***1 ,9 milhão*** *de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para bilhão, trilhão etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Obs.: O adjetivo pode concordar em gênero e número com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto: Dois milhões de torcedoras estavam entusiasmados/entusiasmadas.

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado** !*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porq a certa altura, a gente tem que estar **cansado.** "* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Cor referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem **batalhadores** como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: A gente (3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que nos (1ª pessoa do plural) interpretaram mal.

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas

de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. **(Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. **(Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?**

   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa …"

   II. "… os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar…"

   "Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem o seu bem particular. (…)"

3. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permi por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. **(Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.**

   "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez analisaram 76 países durante um período de 32 anos. Dividiram-nos de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas duas dimensões, pode-se ter duas situações de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). Surgem algumas conclusões interessantes desse estudo. (…) Mais da metade dos países que tinham baixo crescimento e baixo CH em 1960 permanecia na mesma posição na década de 90. (…) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o lado humano dá frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez".

   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.

   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito

indeterminado como admite a inferência de “duas dimensões” como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em “dá” é determinada por “lado humano”; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo “mais da metade dos países” estabelece duas relações diferentes de concordância: “países” determina a flexão de plural em “tinham”, enquanto “permanecia” faz a concordância com “metade”.

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?

– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

“A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais”

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de masculino no termo “pensado” indica que o pronome relativo “que” retoma, nas relações de coesão, o pronome “algo” e não o substantivo “experiência”.

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

“Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de gente milionária, que passa todos os fins de semana em Paris e compra as melhores marcas do mundo. No entanto, nossa classe A representa apenas 5% da população e possui rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente é uma confusão entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que movimenta um mercado de R$ 6 bilhões anuais.”

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir “gent milionária” por *milionários*, desde que se flexionasse também “passa” e “compra” no plural, passam e compram.

b) A forma verbal “possui” estabelece concordância com “da população”; no entanto, também estari correta a concordância com “5%”, com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo “nossa classe A” do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de “representa”.

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de “uma confusão” por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em “movimenta”, movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de

concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que <u>as</u> (1) <u>dominam</u> (2) internamente e que, antes, podiam <u>ser escamoteadas</u> (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização <u>criam</u> (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E <u>soma-se</u> (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).

b) (2).

c) (3).

d) (4).

e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% destinado à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são destinados à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por parecer acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ide principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.

( ) CERTO ( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".

( ) CERTO ( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é

especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) ***"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"***

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de e a escrever logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por São considerados.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.

a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.

b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.

c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.

d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.

e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores que os presos são submetidos.

b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.

c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.

e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos d tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.

b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.

c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.

e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que…… (promover) quem defende o “assembleísmo” baseiam-se na decantada “soberania” das assembleias.

b) Não…… (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

c) Por que…… (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de um aeronave?

d) O que aos bons políticos não…… (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito

público.

e) Não…… (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.

b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.

c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.

d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.

e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se…… (atribuir) nesse texto

b) Os tempos que…… (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais…… (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos…… (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não…… (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantén o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, poden ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.

d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.

e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)

b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta*… (os especialistas da própria FAO)

c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050*… (a produção de alimentos)

d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)

e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura*… (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno c concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) Bastantes poemas foram lidos na aula.

b) Custam caro os jornais de domingo.

c) Vendem-se quadros e esculturas usados.

d) Compramos livro e jornal velhos.

e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.

b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.

c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.

d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.

e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.

b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises do países da zona do euro.

c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refé de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.

e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;

b) consultorias e bancos renomadas;

c) consultorias e bancos renomados;

d) bancos e consultorias renomadas;

e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

“Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar.”

Essa palavra é:

a) políticas;

b) aquelas;

c) mulheres;

d) escolhas;

e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho “os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome ‘nacionais’ mais raros”, a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.

b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.

c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.

d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as política de saúde pública.

e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa

Gente que vem pelo mar

Laço de fita amarela

Na ponta da vela

no meio do mar

Ei nós, que viemos

De outras terras, de outro mar

Temos pólvora, chumbo e bala

Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar

Quem me ensinou a nadar

Foi, foi marinheiro

Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos

De outras terras, de outro mar

Temos pólvora, chumbo e bala

Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.

b) 6 e 7.

c) 8 e 9.

d) 10 e 11.

e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."

b) "Eu os buscarei, é óbvio."

c) "Há alguns anos…"

d) "Vejo motoristas de táxi…"

e) "A maioria dos chefes sente-se no direito…"

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.

b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.

c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.

d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.

e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo perder, empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.

( ) CERTO ( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assist à execução seria simples…", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: seriam.

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"… que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, qu profundas sepulturas nascidas de vossas penas…"*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.

( ) CERTO ( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento… representaram…"*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".

( ) CERTO ( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO ( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está corre ou incorreta?

– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta <u>erro</u> gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se (1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%, está investida (2) nos países emergentes, que, no entanto, já representa (3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com maciças (4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que afugentem (5) o dinheiro bom.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da economia proporcionou um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os resultados fiscais favoráveis. Elevaram-se, de forma significativa e em valores reais, deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários fez aumentar a arrecadação do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos relevantes foram os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".

b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".

c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".

d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".

e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais que podem propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, uma sociedade igualitária, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão,soa como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a todos não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".

b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".

c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.

d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.

e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;

b) A maior parte dos folheteiros;

c) O folheteiro e sua família;

d) O grosso dos folheteiros;

e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012)…… tomar medidas que…… a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.

b) Eram necessárias – garantissem.

c) Era necessário – garantisse.

d) Eram necessárias – garantisse.

e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;

b) deve fazer, há, se apaixonam;

c) deve fazerem, há, se apaixona;

d) fazem, há, se apaixona;

e) faz, haviam, se apaixonarão.

52. (CESPE/UnB – CPRM – Analista – 2013) Em "uma expedição com cientistas do Brasil e do Japão a bordo do equipamento submersível Shinkai 6.500, observou a formação geológica", a forma verbal "observou" está no singular para concordar com o sujeito da oração, "equipamento submersível Shinkai 6.500".

( ) CERTO ( ) ERRADO

53. (FCC – TRT 2ª – Técnico Judiciário (Área Apoio Especializado) – 2014) O verbo empregado no singular que também estaria corretamente empregado no plural, sem que se faça qualquer outra alteração na frase, está grifado em:

a) *… mas **produz** coisas completamente diferentes.*

b) *A moda tem uma lógica que **anexa** objetos e territórios os mais variados…*

c) *… que a moda **destrói** as culturas do passado…*

d) *… e, no fundo, **coincide** com o desenvolvimento da sociedade de consumo…*

e) *… na qual a maior parte dos indivíduos **pode** escolher seus modos de vida…*

Gabarito

1. INCORRETA.
2. I.
3. INCORRETA.
4. E.
5. NÃO.
6. CORRETA.
7. B.
8. A.
9. ERRADO.
10. ERRADO.
11. CERTO.
12. CERTO.
13. CERTO.
14. CERTO.
15. CERTO.
16. CERTO.
17. ERRADO.
18. ERRADO.
19. ERRADO.
20. E.
21. D.
22. D.
23. C.
24. E.
25. E.
26. A.
27. C.
28. E.
29. C.
30. D.
31. D.
32. E.
33. B.

34. C.
35. D.
36. E.
37. C.
38. C.
39. CERTO.
40. ERRADO.
41. ERRADO.
42. ERRADO.
43. ERRADO.
44. CORRETA.
45. C.
46. A.
47. INCORRETA.
48. A.
49. E.
50. E.
51. B.
52. ERRADO.
53. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 29

Regência

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal** . É megaimportante que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa…

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome

oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza… sente ojeriza a, contra, por algo ou alguém. Portanto, a qualquer atitude desonesta é um complemento nominal de ojeriza.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal… é leal a algo ou a alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: leais a ele. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição a. Portanto, ao musical é um complemento nominal de paralelamente.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo ir rege um complemento iniciado pela preposição a. Quem vai… vai a algum lugar (real ou virtual). A gramática tradicional considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo conquistar exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista… conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo desistir exige um complemento preposicionado, em que a preposição de liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste… desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é o (= aquilo). Veja de novo: "… desistimos do (= daquilo) que nos motivava!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo oferecer exige um complemento sem preposição (o melhor prato da casa) e um complemento com preposição (ao amigo). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há

preposição explícita no complemento indireto (ou objeto indireto).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome noção, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção… tem noção de…".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo gostar da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta… gosta de…

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses… digamos… "detalhes"… **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença d uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

- O filho, por quem a mãe tinha admiração, era honesto.
- O dinheiro de que a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro dispõe não pagará as despesas vultosas e crescentes.
- Informo que os cursos a respeito das principais bancas, às quais fiz menção nas últimas aulas, estão na pasta B.
- "Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo." (Fernando Pessoa)
- A tese contra a qual opusemos argumentos era a de que a beleza não põe mesa.

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico… A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes NÃO podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo assistir (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição a, e que o verbo gostar o faz pela preposição de. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se… dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de

regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente… Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então… lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. A Esaf aprova ambas as estruturas.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de Orações Subordinadas Substantivas, reitero: a preposição exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver

preposição explícita.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos. Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.

II -Informei-a aos alunos.

III -Informei-os daquela notícia tão aguardada.

IV -Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.

a) I e II.

b) II e III.

c) III e IV.

d) I, II e III.

e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD). II- Informei-a (OD) aos alunos (OI). III- Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI). IV-Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI). O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos , nas exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já lhe, lhes exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos me, te, se, nos, vos podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos

homens.

b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.

c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.

d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo

e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo abrir, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição de fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 80 verbos (para além do conteúdo deste capítulo, desenvolvi um aplicativo para celular sobre regência verbal chamado *Regência Verbal para Concursos*). Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O lhe exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases ("Não lhe vejo há muito tempo.") são equivocadíssimas. Se o verbo ver é transitivo direto, não podemos usar lhe como seu complemento. O adequado à norma culta é: "Não o vejo há muito tempo." ou "Não a vejo há muito tempo." ou "Não te vejo há muito tempo.". Saiba também que o lhe não serve de complemento para alguns verbos, como: aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em…

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante se) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: antipatizar, confraternizar, consultar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair etc. Logo, há incorreção gramatical em: "Os jovens procuram ***se sobressair*** na internet, a qual é um universo anárquico.". A forma culta é: "Os jovens procuram ***sobressair*** na internet, a qual é um universo anárquico.".

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar (com complemento de pessoa), responder etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de assistir (= ver) na voz passiva. Veja:

– Não apelaram da sentença. / A sentença não ***foi apelada***.

– Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa ***foi assistida*** por muitas pessoas.

– Pagamos às empregadas. / As empregadas ***foram pagas*** por nós.

– Todos lhe perdoaram. / Ele ***foi perdoado*** por todos.

– Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas ***serão respondidas***.

– João abusou de Maria. / Maria ***foi abusada*** por João.

Os verbos obedecer e desobedecer, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: A ordem da mãe não ***foi obedecida*** pelo filho. / ***Obedeceu-se*** a ordem.

Outra informação importante é que os verbos assistir (= ajudar) e pagar/perdoar (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– O professor ***continua assistindo*** os alunos. / Os alunos ***continuam sendo assistidos*** pel professor.

– Tomara que ***tenham perdoado*** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

5) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram- **me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– O rei ***abdicou o trono***. / O rei ***abdicou do trono***.

– ***Acredito que Deus existe***. / ***Acredito na existência de Deus***.

Obs.:Os verbos acreditar, crer, pensar e sinônimos (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: Penso (VTD) que devo estudar mais (OD).

– ***Acudiram o rapaz .*** / ***Acudiram ao rapaz.***

– ***Anseio/Almejo uma vida estável***. / ***Anseio/Almejo por uma vida estável*** .

– A noite ***antecede o amanhecer***. / A noite ***antecede ao amanhecer***.

– A secretária ***atendeu o telefone***. / A secretária ***atendeu ao telefone***. – Na prova, ***atente que estiver diante de seus olhos***. / Na prova, ***atente a/em/para o que estiver diante de seus olhos*** .

– O poema ***atingiu os corações*** **.** / O poema ***atingiu aos corações*****.**

– Durante uma semana, eu ***cogitei aquela vingança***. / Durante uma semana, eu ***cogitei naquela vingança***.

– Como o patrão ***consente tantos erros***? / Como o patrão ***consente em tantos erros***?

– ***Declinou o cargo***. / ***Declinou do cargo***.

– ***Deferiu o requerimento*****.** / ***Deferiu ao requerimento*****.**

– "Na penumbra da noite ***deparei um vulto estranho***." (Cegalla) / Na penumbra da noite ***deparei com um vulto estranho***.

Obs.:Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: "A situação que se depara com frequência não o surpreende." (incorreta) / "A situação com que se depara com frequência não o surpreende." (correta)

– ***Desdenho tua sabedoria***. / ***Desdenho de tua sabedoria***.

– ***Desfrutemos o bom da vida***! / ***Desfrutemos do bom da vida***!

Obs.:Os verbos desfrutar e usufruir são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que a variante regencial usufruir de, não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens. Isso porque o verbo fruir, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição de. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição de, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– Os gastos ***excedem a receita*****.** / Os gastos ***excedem à receita*****.**

– Ele ***goza sua melhor forma***. / Ele ***goza de sua melhor forma***.

– N ã o ***necessitam/precisam defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / Não ***necessitam/precisam da defesa de ninguém***.

– O nascimento do filho ***obstou a viagem***. / O nascimento do filho ***obstou à viagem***.

Obs.:Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– Ele ***partilhou seus ideais*.** / Ele ***partilhou de seus ideais*.**

– O trovão ***precedeu o temporal***. / O trovão ***precedeu ao temporal***.

– O padre ***presidirá a cerimônia***. / O padre ***presidirá à cerimônia***.

– O político, mais um, ***renunciou o cargo***. O político ***renunciou ao cargo***.

– ***Satisfez sua necessidade***? / ***Satisfez à sua necessidade***?

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– Comi o bolo. / Comi do bolo. (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição nes caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista Piauí, o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como two-word verbs, é largamente utilizado. Look é "olhar". Acrescido da preposição for, quer dizer "procurar", look for. Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço].

O mesmo se dá com fazer, que pode figurar como "Fazer que…" ou "Fazer com que", em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: "Pouco conhecimento faz (com) que as pessoas se sintam orgulhosas.". (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso… e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao Dicionário Prático de Regência Verbal, de Celso P. Luft, ou ao Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao Dicionário de Regência Verbal, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: Este espetáculo agradou-o. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (* ***a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição a, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de lhe na posição de objeto direto: "Vou ajudar-lhe a arrumar o quarto." (regência desaconselhada) / "Vou ajudá- lo a arrumar o quarto. " (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: CESPE/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono lhe nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Nunca mais aspirarei a eles (a amores impossíveis).".

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que em Copacabana não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a*** vários shows.

Obs.: O pronome oblíquo átono lhe nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Quando namorávamos, assistíamos a eles (a vários shows).". Segundo os estudiosos Domingos P. Cegalla e Cândido Jucá (filho), não se assiste a alguém (pessoa), e sim àquilo que a pessoa faz.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo atender. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá…

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de dar ou prestar atenção.

b) No sentido de servir, acolher, deferir, tomar em consideração, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: foram atendidos.

d) VTD ou VTI no sentido de escutar e responder (ao telefone).

e) no sentido de atentar, reparar, é VTI, podendo reger as preposições a, em, para: 1 frase da opção E; mas… há uma forma incorreta, que é: "Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio". Neste sentido, não há como o verbo atender ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém atendeu aos (para os ou nos) primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de conceder audiência a, é VTD: O Papa atenderá os peregrinos.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição de é facultativa em de inteligente, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo transobjetivo é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como ir: Quem vai… vai a algum lugar. Detalhe: "Quando alguém vai para algum lugar" significa ir e se demorar (ou ir e ficar). O Luft entende que tais verbos (ir e chegar, por exemplo) podem ser classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/ **n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que duzentos mil reais seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: "Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) a nós (objeto indireto).". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – ANALISTA ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar… (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar… (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder… (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: dar-se (OI) o trabalho (OD). E a segunda, assim: dar-se (OD) ao trabalho (OI).

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de justificar-se, rege a preposição com: Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: Estou ensinando-lhe a entender regência.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: O filho lembra muito o pai.

VTI (quando pronominais (de); o se é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: O aluno se esqueceu/se lembrou (de)que tinha de estudar mais.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição a (a mim). O me é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança). Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se a, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (* ***d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial por ou acidental como. Logo, por sábio e

por bem são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***n****a conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou ma intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (resulta em, redundar em, importar em), o verbo implicar, nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição em, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar em algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de resultar [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo ao/ para o Estado. Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): A reforma do estádio importou em 1 milhão e meio de dólares.

Desprezar, ignorar, fazer caso de (VTI (com/de); verbo pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Ter*

– *Não me importo* ***de*** *ser criticado por você.* (É a preposição "de" que sempre ven antes do infinitivo segundo a norma-padrão; no registro coloquial, usa-se muito a preposição "em" também.)

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações que a vida é curta e deve ser aproveitada e se Deus vai julgar-me ou não são sujeitos do verbo importar.

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar sobre, acerca de e a respeito de no lugar da preposição de. Dica de amigo: vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com casar (com) e noivar (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de casar e noivar. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula se (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: Pagaram-se as dívidas, enfim. (e não: Pagaram-se às dívidas.) / O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito. (e não: O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: Pagou-se ao homem pela manhã. (e não: Pagou-se o homem pela manhã.) / O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito. (e não: O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em "***Pedi*** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição para após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende a palavra *licença, permissão, vênia* etc.: "Ela pediu [licença] <u>para que passasse</u>". A oração sublinhada é completiva nominal.

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) " *Pisar **a** grama*" (correto);

II) " *Pisar **na** grama*" (correto);

III) " *Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) " *Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) " *Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) " *Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se pisar como VTD: Pisei muitas uvas no lagar. Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas…

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: "Prefiro muito mais Português do que Matemática." ou "Prefiro muito mais Português a Matemática." ou "Prefiro antes Português a Matemática". No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo Prefiro Língua Portuguesa a Matemática. "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome…) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática. Foi?

Já com o verbo querer… constrói-se: "Antes quero morrer do que ser escravizado.". E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões com elegância e da China ou Taiwan são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo proceder tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba camp*

Obs.: O pronome oblíquo átono lhe nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder a ele (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário Houaiss ou o Aurélio, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe simpatizar-se, antipatizar-se. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: Estou prestes a suceder o presidente da empresa. Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição por nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Art de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso também como VTD: Este trabalho visa o bem-estar geral. Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87. A ESAF só aceita visar (= almejar) como VTI (veja: TCU – 2006 – QUESTÃO 7). No entanto, se seguido de infinitivo, tal banca considera que a preposição pode vir omissa.

2) O pronome oblíquo átono lhe nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa a ele (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar,

exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar, omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente Complemento Nominal, em Termos Integrantes da Oração.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a***; contrária/contrariamente ***a***; compatível/compativelmente ***com***; diferente/diferentemente ***de***; favorável/favoravelmente ***a***; paralela/paralelamente ***a***; próxima/proximamente ***a/de***; relativa/relativamente ***a*** (…)

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre etc.

Veja agora uma “pequena” lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação… um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apologia de (e não apologia “a”); apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de… a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, de, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado

em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de… a; estendido a, de… a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre;

julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo

de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa[3]!!! Acabou… Acabou nada… Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. **(FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades…… se refere o autor dizem respeito à direitos…… se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:**

   a) a que – de que;

   b) de que – com que;

   c) a cujas – de cujos;

   d) à que – em que;

   e) em que – aos quais.

2. **(Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.**

   O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;

   b) como/para;

   c) a/à;

   d) de/para;

   e) em/pelo.

3. **(Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.**

   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).

   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de

nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("…o poder público autoriza o usuário de água… a utilizar…") está empregad no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(…) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (…)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (… são instrumentos legais de que dispõe o Estado…), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(…) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de… (…)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (…)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do

acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposiçã antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.

b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.

c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.

d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.

e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.

b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.

c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.

d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de

renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "…de quem procura a reserva para comprar artesanato,"

b) "para levar um casal de amigos."

c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"

d) "– Não somos assalariados,"

e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo

I. Manuel aspira…… cargo de gerente na empresa.

II. Quem quiser assistir…… filme, deve permanecer em silêncio.

III. Certamente, essa decisão implicará…… dissolução do grupo.

IV. Ao chegar……. casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;

b) o – o – a – a;

c) ao – o – na – em;

d) ao – ao – a – a;

e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.

b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.

c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.

d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.

e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.

b) O relatório que te falei está em cima da mesa.

c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.

d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.

e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.

b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.

c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.

e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.

b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.

c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.

d) O candidato desejava uma melhor colocação no ranking. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no ranking.

e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (…)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição…), "condizente" (… procurou a forma condizente com sua mensagem…) e "irreprimível" (… a voz irreprimível dos fantasmas…) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.

b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.

c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea

d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.

e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reves o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) … que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia…

b) … na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes…

c) … vê-se televisão a todo tempo.

d) …. a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar…

e) … que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa…

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinha na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho

ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***"o cérebro é uma orquestra sinfônica em que instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".***

A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões…… se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.

b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas,…… o cérebro humano é capaz de processar.

c) As hipóteses aventadas,…… se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.

d) As implicações causadas pela onipresença da internet,…… está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.

e) As informações…… dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.

d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.

e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(…) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (…)"

29. O emprego da preposição em antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo consistir, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada em relação ao modelo de cidade em que queremos viver e ao destino dos investimentos públicos em mobilidade.

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressã

“em relação”, assim como “o modelo” também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho “somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos”, o elemento “aos” poderia ser corretamente substituído por àqueles.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto n seguinte frase: “Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara”?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.

b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.

c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.

d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.

e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.

b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.

c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.

d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.

e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.

b) Preciso de que me arranjem um emprego.

c) Convidei à Maria para vir ao escritório.

d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.

e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.

b) Os professores avisaram aos alunos da prova.

c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.

e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho “A gente se acostuma a pag

por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;

b) desejar e pagar;

c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;

e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar direcionar-lhes (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes de que (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.

b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.

c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.

d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.

e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não <u>falam</u> de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças...

b) ... que simplesmente desistimos deles?

c) ... sequer pensarmos em outros mundos...

d) Enjoaram de nós?

e) Venceu a hipótese de naves...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança <u>er termos de e em função dos</u> objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.

b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.

c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.

d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.

e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;

b) acompanhar;

c) faltar;

d) caber;

e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.

b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.

d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.

e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo at

o fim.

b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmen suas despedidas.

c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.

d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.

e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.

b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (…) aos seus moradores.

d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.

e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

46. (CESPE/UnB – STF – Técnico Judiciário – 2013) A correção gramatical do texto seria preservada caso se eliminasse a preposição "de" ("Pois há uma única coisa de que Deus está privado:…").

( ) CERTO ( ) ERRADO

47. (FCC – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2014) O segmento do verbete que apresenta descuido quanto à regência é:

a) Adoção […] de políticas e práticas organizacionais socialmente responsáveis.

b) Seu objetivo básico é atuar no meio ambiente […], inter-relacionando-se com o equilíbrio ecológico, com o desenvolvimento econômico e com o equilíbrio social.

c) a organização que exerce sua responsabilidade social procura respeitar e cuidar da comunidade

d) a organização que exerce sua responsabilidade social procura […] conservar a vitalidade da terr e a biodiversidade.

e) a organização que exerce sua responsabilidade social procura […] promover o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida.

Gabarito

1. A.
2. D.
3. D.
4. CORRETA.
5. CORRETA.
6. NENHUMA.
7. CERTO.

8. ERRADO.
9. ERRADO.
10. ERRADO.
11. C.
12. C.
13. E.
14. D.
15. C.
16. D.
17. E.
18. C.
19. ERRADO.
20. ERRADO.
21. ERRADO.
22. E.
23. D.
24. E.
25. B.
26. A.
27. C.
28. E.
29. CERTO.
30. CORRETA.
31. CERTO.
32. CORRETO.
33. B.
34. E.
35. B.
36. A.
37. E.
38. (4).
39. B.
40. E.
41. A.
42. D.
43. A.

44. B.
45. D.
46. ERRADO
47. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E… se eu fosse você… faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição a, que se funde com outro a (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste… nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: "***A*** *lasanha da minha mãe é ótima*.". Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: "*Lasanha da minha mãe é ótima*."? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: "*É impossível resistir* ***ao*** *nhoque da minha mãe*.". Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo dar, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, um bebê lindo é objeto direto, e à luz, o objeto indireto. Dá-se algo a alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei…

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma… Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: "Eu cheguei ***à*** (avenida) Brasil…". Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas*

a *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as = às**.

Obs.: Vale dizer que, para os gramáticos Bechara e Luft, tal pronome pode ser um artigo. Para entender melhor, consulte as páginas 309 a 311. Obrigado!

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem se explica… se explica **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= ver), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal dirigir-se exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome direito também exige a preposição a, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição a que inicia tais locuções se funde com o artigo a que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

- *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*
- *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*
- ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*
- *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de meio ou instrumento são polêmicas entre os gramáticos):
   a) adjetivas: à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada à beça…
   b) adverbiais*: à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite…
   c) prepositivas: à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de…
   d) conjuntivas (só duas): à medida que, à proporção que.

   * o mais das vezes, as mais das vezes são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de meio ou de instrumento podem ou não receber acen grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: "Eu costumo escrever a (à) caneta (instrumento).". / "Não gosto de comprar a (à) prestação (meio).".

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: "Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

- Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em à máquina! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, o Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo, o Manual de Redação da PUC/RS e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou

instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir a por ao, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso… em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva a distância não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: Fiz um curso à distância (errado). Fiz um curso a distância (certo).

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: Fiz um curso à distância de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais à distância de um clique.

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/ANALISTA DE SISTEMAS – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M de Almeida, dizem que a locução à vista não vem craseada. Mas… consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": Machucou a vista jogando bola. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções à vista e à vista de são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão à domicílio, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (domicílio) é masculino.

5) Cuidado com a expressão as vezes de (que significa "desempenhar as funções que são da competência d outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo "O professor fez as vezes de aluno.", pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por a: "Os frangos eram feitos ***à moda d***a casa imperial.". Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não rola a crase. Mas… há crase, sim!

– *Comi uma caça **à espanhola** anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau **à Gomes de Sá**.*

– *Hoje comerei um filé **à Osvaldo Aranha**.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu **à mineira**…*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia **à Drummond**, vestir-me-ei **à Versace** e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio… Está lá escrito (normalmente): frango à passarinho e bife à cavalo. "E daí?" Bem, o

fato é que não se pode comer um frango à maneira do passarinho, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões à moda de e à maneira de significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de…". Logo, não há crase em frango a passarinho nem em bife a cavalo. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a*** pé.

Obs.: Se houver um substantivo feminino implícito antes do substantivo masculino ou plural, a crase será obrigatória: Eu me desloquei em direção à Globo (rede Globo), Botafogo volta à Libertadores (copa Libertadores).

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: " Não foi feita menção à mulher, nem à criança, tampouco (ao) homem". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "Não foi feita menção a mulher alguma/nenhuma.". Quando os complementos de "candidatar-se" ou "candidato(a)" designarem um cargo ou profissão, o artigo definido não aparecerá antes deles e, ainda por cima, ficarão no masculino singular (quando o cargo se destina a pessoas de ambos os sexos). Exemplos: "Já sabíamos que eles se candidatariam a prefeito", "Eles e elas eram candidatos a vereador". O complemento fica no feminino singular se o cargo se destinar apenas a mulheres: "Mais de cem modelos se candidataram a garota-propaganda da cervejaria". Note que não há crase, porque não há artigo antes dos complementos!!!

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: Chegarei à uma (hora). Cuidado com há (indicando existência ou tempo decorrido): Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário. Veja Casos Especiais.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em "Tenho devoção à Virgem.", a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.: "Deste teu coração à senhorita, e, ainda assim, ela te ignorou?" / " À dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."

II - antes dos pronomes indefinidos pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias: "O doutor atendeu às poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado às demais operações." / "De uma geração à outra, tudo pode mudar."

III - antes dos pronomes demonstrativos aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal: "Dedicou-se à própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."

IV - antes do pronome relativo a qual: "A fórmula à qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."

Mera curiosidade: na frase Ele se referiu à todo-poderosa, a crase é obrigatória porque o substantivo composto destacado é contextualmente feminino ("a todo-poderosa"), apesar de se iniciar por um pronome indefinido masculino, que não varia quando o substantivo "todo-poderoso" é colocado no feminino (" todo-poderosa").

* Sobre a palavra dona, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se as nações forem determinadas… crase: O político iniciou visita às duas nações europeias.

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que não há crase em " Blusas à partir de R19,90"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para **a** Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: "É preciso declarar guerra à guerra!" / "É preciso dar mais vida à vida!", em que há crase devido à regência do verbo declarar e dar. Neste caso, guerra a guerra e vida a vida não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água est muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não à sua.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se até a como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com até (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em "Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem até a definhar no Brasil", não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2)até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: "Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até à penitenciária, durante sua vida.". Explicando: o até é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque levado exige a preposição a + a penitenciária = à penitenciária.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: "Queimou todo o cabelo, até a (à) raiz.". Disse "possibilidade", por se tratar de um caso facultativo.

3) Antes de nomes próprios femininos

– *A (À) **Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula de Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula do Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanh Holanda, Escócia…*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de… a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **d**a segunda **à** quinta, **d**as 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **d**os pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **d**este domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de… a", não haverá crase: "Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho.". Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção "Horário de atendimento: 8h às 17h", pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha de duas a oito horas" / "Trabalha das duas às oito horas.". Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral uma não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em "Trabalho de uma às cinco horas.", a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a "Trabalho de uma a cinco horas.", em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão uma hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: "Trabalho da uma às cinco horas.". Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição a (que inicia a locução adverbial) ao artigo a ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com hora e a determina). Por mais que a palavra hora esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um bizu é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

- *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização 90% dos votos* ***às 19h****.*
- ***Às 21h15min****, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
- ***À zero hora****, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
- ***Àquela hora*** *todos já estavam de pé?*
- *Costuma-se acordar* ***às quatro*** *nos quartéis.*
- *Os lutadores de MMA se enfrentarão* ***às dezenove*** *deste domingo.*
- *Diga a ela que esteja aqui* ***à uma hora*** para conversarmos a respeito do projeto.

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de hora diante de palavras que rejeitam artigo: "A mídia estampa de maneira persuasiva, e à qualquer hora, produtos para a classe C." (errado) / "A mídia estampa de maneira persuasiva, e a qualquer hora, produtos para a classe C." (certa)

2) Não haverá crase antes de hora se vier antecedida de outra preposição que não seja a (para, após, desde entre): "Desde as 16h30, venho tentando falar com você." / "Será estendido para as 20 horas o prazo de entrega." / "Após as 22h, não mais atendemos pessoalmente."

3) Diante do caso facultativo "até a": "Chegue até as 22h ou até às 22h, mas chegue!" / – "Chegaremos ao trabalho até a (ou até à) uma hora da tarde.".

4) Sobre uma hora

I – Não devemos confundir "Ela chegou à 1h." (tempo determinado) com "Ela chegou há uma hora.". (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase:

"Sairei daqui a uma hora." (confirme isso reescrevendo com duas horas: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, u locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*

– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*

– *O bom filho **a casa** torna.*

– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*

– *Só volta **à casa de quem o trata*** com mimos.

Obs.: Na frase "Em frente a sua casa, houve um incêndio.", a crase antes de casa é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino sua. Logo, poderemos escrever: "Em frente à sua casa, houve um incêndio.". Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – ANALISTA – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição nos três casos)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança*. (preposição + artigo, artigo, artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança*. (preposição + artigo nos três casos)

Obs.: Não se pode construir o paralelismo só com artigos a partir do segundo elemento da enumeração, ou seja, está errado escrever assim: Todo brasileiro tem direito à saúde, a educação e a segurança. Quem corrobora tal lição são os gramáticos Alfredo Gomes e Napoleão Mendes de Almeida.

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um bizu do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (crase pra quê?)" / "Quem vai **a**, volta **da** (crase há)".

– *Fui* ***à Bahia*** *nas minhas férias de início de ano*. (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui* ***a Ipanema***. (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: "Fui à linda Ipanema cantada por Vinícius.". As regras de correlação e paralelismo não cabem diante de topônimos. Por exemplo, está errada a crase em Do Leblon à Ipanema, andei 20 quilômetros, pois "Ipanema" é naturalmente um topônimo não antecedido de artigo.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se

sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

- Ela só é fiel a pessoa infiel, por isso vive magoada.

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

- Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita a rigorosa análise?

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(…) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque,

quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A fome e a miséria podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo erosão, da expressão à imediata erosão", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo imediata não está em contraposição a estendida. Imediata é apenas um adjetivo modalizador, não determina erosão a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio…) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo bizu do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: "Matou a cobra ***à onça.***" (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: "Eu lavei ***a mão.***" (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "Eu lavei ***à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: "Chegou a noite." (a noite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (à noite é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: "O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta". Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; à porta tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; a porta tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

*– Aqui se mata **a** fome.*
*– Aqui se mata **à** fome.*

*– Recebeu a pessoa **a** bala.*
*– Recebeu a pessoa **à** bala.*

*– Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
*– Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

*– Vendeu **a** vista.*
*– Vendeu **à** vista.*

– A vista dele está cansada de tanto ler.
*– **À** vista dele está cansada de tanto ler.*

*– Pagou **a** prestação.*
*– Pagou **à** prestação.*

*– Costuma cheirar **a** gasolina.*
*– Costuma cheirar **à** gasolina.*

*– Comeu **a** francesa*.*
*– Comeu **à** francesa.*

*– Feriu o rosto dele **a** navalha.*
*– Feriu o rosto dele **à** navalha.*

*– O homem pinta **a** máquina.*
*– O homem pinta **à** máquina.*

*– Parecia agradável **a** primeira vista.*
*– Parecia agradável **à** primeira vista.*

– A disposição dos alunos na sala está incorreta.
– À disposição dos alunos na sala está a professora.

*– Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
*– Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*

*– **As** editoras sugerimos alguns livros.*
– Às editoras sugerimos alguns livros.

*– **A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– À indústria nacional prejudicou o acordo.

*– Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*

*– Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
*– Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

*– O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
*– O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*– Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

** canibalismo (não vá pensar bobagens...)*

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.

b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)

c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.

d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O que é um pronome relativo que retoma medida nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo referir-se exige a preposição a + a medida = à medida. Em c) a crase ocorre porque o verbo dar exige a preposição a + a medida = à medida. Em d) a crase ocorre porque o verbo visar exige a preposição a + a medida = à medida. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva à medida que.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição a + a (artigo ou pronome demonstrativo) = à. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tem optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.

b) Nosso expediente é de segunda à sexta.

c) Pretendo viajar a Paraíba.

d) Ele gosta de bife à cavalo.

e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.

b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.

c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.

d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.

e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.

b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.

c) Saiu às pressas antes do final do jantar.

d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

Interessa à (1) todo o País, por sua importância para à (2) produção, à (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente às (4) questões de grande relevância para à (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de cra assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (…) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (…) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.

b) a / as / a / à / a.

c) a / às / a / à / à.

d) a / a / à / a / a.

e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em “rumo à modernização” (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização…) justifica-se porque a palavra “passo” exige complemento antecedido pela preposição “a” e “modernização” admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto.

<u>A</u> (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para <u>as</u> (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...)<u>A</u> (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente <u>às</u> (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar <u>às</u> (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).

b) as (2).

c) A (3).

d) às (4).

e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a" exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. Assinale a opção que corresponde a <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.

a) (1).

b) (2).

c) (3).

d) (4).

e) (5).

10. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

11. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda…", o emprego de sina indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

12. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a, a.

b) a, a, à, a, à.

c) à, a, a, a, à.

d) a, a, à, à, a.

e) a, a, a, a, à.

13. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?

"(…) E com resultado positivo, pois, graças à privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

14. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".

( ) CERTO ( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por àqueles.

( ) CERTO ( ) ERRADO

16. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) ***É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir…… um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade…… arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido…… exaustão.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) à – à – a.

b) a – à – à.

c) a – à – a.

d) à – a – à.

e) à – a – a.

17. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ***A parcela da população mundial que ascendeu…… classe média nos últimos vinte anos passou…… consumir mais,…… um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.***

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – a.

b) à – à – a.

c) à – a – à.

d) a – a – à.

e) a – a – a.

18. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012)… ***levava à crença na contínua evolução da sociedade…***

O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;

b) buscar à felicidade;

c) propor à toda a população;

d) impor à esse grupo;

e) discutir à obrigatoriedade da lei.

19. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.

b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.

c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.

d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.

e) A censura ameaça à liberdade de criação.

20. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico",…… que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça…… complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito…… seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;

b) à – a – a;

c) à – a – à;

d) a – à – a;

e) à – à – à.

21. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012)… ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;

b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;

c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;

d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;

e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

22. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar…… uma ampliação da liberdade, ter dado lugar…… escalada do fundamentalismo religioso,…… que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;

b) à – a – a;

c) a – a – à;

d) à – à – a;

e) a – à – à.

23. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) ***É possível encontrar antecedentes a ess tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.***

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de a.

24. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

25. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo acostumar: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças

b) À vida sem prazer.

c) À alguma forma de tristeza.

d) À todas as mazelas do mundo

e) À essa correria em busca do sucesso.

26. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a

expressão “aos contornos constitucionais” fosse substituída por à legislação constitucional.

( ) CERTO ( ) ERRADO

27. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho “estamos nos referindo à não ativação de elementos”.

Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.

b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.

c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.

e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

28. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: “[…] competências comportamentais referentes à forma […]”

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.

c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.

d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.

e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

29. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre games à um conjunto de pessoas idosas.

b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os games são viciantes para os jovens.

c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.

d) A escolha de um determinado game se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.

e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos

“(…) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda… (…)”

30. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em “às populações” deve-se à presença da forma verbal “adequar” e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de “gênero humano”, a substituição de “ao” por à seria obrigatória para a manutenção da

correção gramatical do texto.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (… força de trabalho às voltas com questões…), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO ( ) ERRADO

"(…) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (…)"

33. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verb impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(…) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para…"

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

35. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(…) uma média semelhante À de um casal de classe média (…) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.

b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.

c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.

d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.

e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

36. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Ma com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e III.

e) II e III.

37. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

…… angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende…… tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento…… teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;

b) A – à – as;

c) À – a – as;

d) A – a – às;

e) À – à – as.

38. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.

c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.

d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.

e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

39. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido… restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.

b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.

c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.

d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.

e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

40. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "… um ano e tanto depois da chegad do primeiro pastor alemão àquela casa,…", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";

b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";

c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";

d) especificação atribuída ao cachorro;

e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

41. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.

b) Eles aspiravam a altos cargos.

c) Disse que aspirava a ser médico.

d) O jovem aspirava a notoriedade.

e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

42. (CESPE/UnB – MPU – TÉCNICO – 2013) Mantém-se a correção gramatical do texto ao se substituir o trecho "a uma série" (… *dão margem a uma série de*…) por à uma série, dado o caráter facultativo do emprego do sinal indicativo de crase nesse caso.

( ) CERTO ( ) ERRADO

43. (CONSULPLAN – CODERN – ADMINISTRADOR – 2014) O uso do acento grave em "proteção à floresta" justifica-se, pois:

a) a palavra "proteção" está determinada pelo artigo "a".

b) "proteção" e "floresta" são duas palavras de gênero feminino.

c) o termo "a" trata-se de um monossílabo tônico nesta expressão.

d) o termo regente admite o artigo "a" diante do termo regido "floresta".

e) "proteção" exige a preposição "a", e, ainda, "floresta" admite o artigo feminino "a".

Gabarito

1. A.
2. D.
3. D.
4. D.
5. C.
6. INCORRETA.
7. E.
8. CORRETA.
9. E.
10. INCORRETA.
11. CORRETA.
12. E.
13. INCORRETA.
14. ERRADO.
15. CERTO.

16. B.
17. A.
18. A.
19. A.
20. D.
21. D.
22. A.
23. INCORRETO.
24. INCORRETA.
25. B.
26. CERTO.
27. C.
28. E.
29. D.
30. CERTO.
31. CERTO.
32. ERRADO.
33. ERRADO.
34. INCORRETA.
35. B.
36. C.
37. A.
38. E.
39. E.
40. B.
41. D.
42. ERRADO
43. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 31

Que, Se e Como

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo…

Voltando à realidade deste capítulo… Mais especificamente sobre que, se e como, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo QUE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as campeãs nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê***, meio gótico, o qual representava sua inicial.

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo quê: A palavra quilo deve ser escrita com quê. Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais a, de ou para, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: ter/haver + que + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental que na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17; e CESPE/UnB – AGU – AGENTE ADMINISTRATIVO – 2010 – QUESTÃO 12. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção não tem nada a ver, em vez de não tem nada que/para ver.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que*** chora? (Eu apanho, e ela chora?)

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo ser, formando a locução é que: "O artigo do Zuenir Ventura é que trata de cultura.". O verbo ser neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo ser do que: " É o artigo do Zuenir Ventura que trata de cultura". O verbo ser neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo ser com ele concordará: " São os artigos do Zuenir Ventura que tratam de cultura.". O verbo ser neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo ser não irá variar: "É nos artigos do Zuenir Ventura que se trata de cultura.". O verbo ser neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a qual ou a qual coisa, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo o.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que** tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que** lugar maravilhoso!*

– ***Que** raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este bizu: substitua-o por o qual, a qual, os quais, as quais. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o que será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa **que** amava Raimundo **que** amava Maria **que** amava Joaqu **que** amava Lili **que** não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por **que** continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de **que*** lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo o (= isso, aquilo) ou os, a, as: "Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o que muito me chocou." / " O que mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as que iriam ajudá-lo.".

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a e.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que*** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.

Obs.: Em "Dize-me com quem andas, que te direi quem és.", Napoleão M. de Almeida, considera o que uma conjunção aditiva: "Dize-me com quem andas, e te direi quem és.".

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer… quer…".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". Bizu: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi. Quando

vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: O que importa é que ela me ama e vamos ficar sempre juntos.

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O que das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: " Visto que tudo estava acertado entre os sócios e que haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (que) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "Como tudo estava acertado entre os sócios e que haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou." (errado) / " Como tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou." (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O do antes da conjunção é facultativo: Você é maior que todos eles juntos, meu caro amigo!

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que** nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco **que** seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei **que** eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

- *Todos lhe fizeram sinal **que** se calasse.*
- *Orai, **que** não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

- *"Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos."* (Camões)
- *Chegados **que** fomos, dirigimo-nos à pousada.*
- *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as campeãs nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

- *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o

verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

- *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
- *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
- *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
- *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
- *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
- *Deixou- **se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em "Ele se chama Fernando." , "Ele se batizou na igreja evangélica.", "Ela se curou da gripe.", alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

- *Ele **se** precaveu das pragas.*
- *Ela, infelizmente, suicidou- **se**.*
- *Nunca você deve queixar- **se** da sua vida.*
- *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
- *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: me, te, nos, vos.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

- *Vão- **se** os anéis, ficam- **se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" " **Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou- **se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se*** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: " Neste mundo, quando alguém é honesto, este alguém perde muito."/ " Alguém tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca alguém bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Bizu: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia- **se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe- **se** que as línguas evoluem. (= É sabidoque as línguas evoluem.)*

– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*

– *Fez- **se** -lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*

– *Estão- **se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em conjunção condicional. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

- *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso***
- *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

- ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
- *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos man a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: " Se caso eles vierem, não os atenda.". O adequado é: "Se (ou Caso) eles vierem, não os atenda.".

Causal

- ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*
- ***Se** a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este se: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o se do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do se causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

- *" **Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)
- *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

- ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*
- *"Consolo-o,* ***se*** *o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *" **Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo COMO e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as campeãs nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

- *O* ***como*** *tem sete classificações morfológicas diferentes.*
- *Tenha cuidado com o* ***como*** *no início de oração adverbial, pois pode ser causal comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

- *O trabalho não está* ***como*** *a diretoria deseja.*
- ***Como*** *resolver o problema?*
- ***Como*** *é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este como como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente… (bem) como (também/ainda)…" ou "tanto… como…". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do se.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A VUNESP e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência correta:

1. Causa
2. Comparação

3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, <u>como</u> outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, <u>como</u> em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) <u>Como</u> era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, <u>como</u> não respeitava a batina do irmão…

( ) O diabo não é tão feio <u>como</u> o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: "… não sei <u>se é esta toalha.</u>"

Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.

b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.

c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.

d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciên <u>se</u> obscuros. Calma, <u>se</u> te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (…) ***(C.D. Andrade)***

As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;

b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;

c) partícula expletiva, partícula expletiva;

d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo <u>que</u> funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.

b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.

c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.

d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.

b) Não venha, que não estarei mais aqui.

c) Espero que você recupere logo a saúde.

d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que ***embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade*** que ***sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)"*** **(Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)**

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;

b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;

c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;

d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto*** que ***configura alguns desat ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis*** que ***lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar*** que***, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de*** que ***resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."***

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;

b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;

c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;

d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;

e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) ***"Ainda não é o fim do capitalism mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal*** que ***hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante*** que ***produzir bens e serviços."***

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.

b) conjunção integrante – conjunção integrante.

c) pronome relativo – pronome relativo.

d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.

e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) ***"À evidência imposta,*** que ***presume*** que ***a única form aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a***

proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;

b) pronome relativo e conjunção integrante;

c) pronome relativo e pronome relativo;

d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;

e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.

b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.

c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?

e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou <u>se</u> eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco…"

b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só <u>se</u> tem uma…"

c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que <u>se</u> imagina."

d) "… poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia <u>se</u> casar com seu bisneto."

e) "<u>Se</u> não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.

"(…) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, como MSN. (…) Como a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (…)"

a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."

(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é

a) "as características que garantem a sua sobrevivência";

b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";

c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";

d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";

e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.

I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."

II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimula o debate."

III. "… como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."

a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.

c) conformidade – causa – comparação.

d) causa – conformidade – causa.

e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.

b) Como fazia calor, abrimos as janelas.

c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.

d) Era tão alto como o irmão.

e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;

b) à medida que;

c) no caso de;

d) apesar de;

e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão

corretas ou incorretas?

"(…) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa… (…)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes… bem poderiam… inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) ***É certo*** **que** ***a mudança do enfoqu sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão*** **que** ***abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.***

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;

c) conjunção integrante e conjunção integrante;

d) pronome relativo e conjunção integrante;

e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção…".

a) "…ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."

b) "Impressiona-me como se formam conceitos…"

c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"

d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "… baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "… ambiente bélico em que se transformou o futebol."

b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."

c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras…"

d) "… para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como***

microconto."

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;

b) pronome relativo e conjunção integrante;

c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;

d) pronome relativo e pronome relativo;

e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.

b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.

c) Ele é tão trabalhador como o pai.

d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?

e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.

Como ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;

b) concessão e condição;

c) comparação e causa;

d) concessão e alternância;

e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(…) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (…)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;

c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;

d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;

e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) “um pesadelo que me atormentou por mais de um ano”.

b) “A história que agora passo a narrar”.

c) “decidiram em assembleia que esperariam”.

d) “essas criaturas que adotamos”.

e) “mundo cão em que vivemos”.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do “sentido” no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.

b) (3), apenas.

c) todas.

d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

“Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço.”

“A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos…”

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;

b) conjunção e preposição;

c) pronome e preposição;

d) pronome e conjunção;

e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em “volume que se mantém”, o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. Em “se soube” (Sempre se soube que um dos principais entraves…) e em “se supunha” (… o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo “se” confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” (Tratava-se ent

de uma biblioteca imaginária…) e em "se encontravam" (… descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos…), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo."

Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;

b) dúvida;

c) condição;

d) explicação;

e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça* <u>se</u> *só melhorasse.*

O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;

b) porquanto;

c) caso;

d) pois;

e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;

b) consequência;

c) conformidade;

d) condição;

e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho –… mas o tempo passou não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:

a) finalidade;

b) causa;

c) modo;

d) intensidade;

e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pod esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:

a) explicação;

b) causa;

c) conclusão;

d) adição;

e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?

Como as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.

a) Conformidade.

b) Comparação.

c) Finalidade.

d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.

a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."

b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."

c) "[…] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras […]."

d) "[…] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade […]."

e) "[…] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.
2. D.
3. B.
4. B.
5. C.
6. B.
7. E.
8. A.
9. I e II- INCORRETOS.
10. B.
11. C.
12. INCORRETA.
13. E.
14. INCORRETA.
15. D.

16. A.
17. A.
18. C.
19. I- INCORRETA.
    II- INCORRETA.
20. ERRADO.
21. B.
22. D.
23. A.
24. B.
25. E.
26. C.
27. B.
28. C.
29. A.
30. A.
31. ERRADO.
32. ERRADO.
33. ERRADO.
34. C.
35. C.
36. D.
37. C.
38. A.
39. A.
40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata daquela linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergu que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas… Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim… vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia…**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim… Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos

ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma comparação entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos alegoria: "Na parede da memória, essa lembrança é o quadro que dói mais". (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O* ***bronze*** *(sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)

– *Essa* ***juventude*** *(os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)

– *Vivo do* ***suor*** *(trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)

– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)

– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre sinédoque e metonímia, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre antonomásia (trata dos apelidos) e perífrase.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **so de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em te seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.

Obs.: Há também a anástrofe e a sínquise como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O pleonasmo vicioso diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um vício de linguagem.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda anacoluto com pleonasmo. Por exemplo, na última frase, se fosse "Ao homem, chamar-lhe…", só haveria pleonasmo, em que o lhe seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: "Ao homem". Como não há preposição no verso de Drummond (em "O homem"), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um anacoluto.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"* ***Quando*** *não tinha nada, eu quis /* ***Quando*** *tudo era ausência, esperei /* ***Quand*** *tive frio, tremi /* ***Quando*** *tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela*** *tão alta! /* ***Era uma estrela*** *tão fria! /* ***Era uma estrela*** *sozinha Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre oximoro e paradoxo.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

- *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*
- *O carro voava pela rodovia.*
- *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

- *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*
- *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*
- *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

- *Agora ele foi para o **andar de cima**. **Descansou**. (relativo à morte)*
- *Ela trabalha higienizando locais contendo **detritos orgânicos**. (fezes e urina)*
- *Por ser uma **pessoa de cor**, naquela época, vivia de **caridade pública.** (negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

- *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*
- *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*
- *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da mé***

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado",

afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora*** devido ao desmatamento.

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: "Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria." (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u<u>r</u>o e pro**f**u<u>n</u>do o m<u>u</u>**n**do obs**c**u<u>r</u>o dos **s**u<u>r</u>dos e **m**u<u>d</u>os.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de paronomásia, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vie

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para fa*
com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando
*sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase "As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia.", em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento

Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)

Que mesmo em face do maior en**can**to

Dele se en**can**te mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto

E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto

Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive

Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)

Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido…) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa… aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de Semântica e Lexicologia (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é…: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance

histórico).]”. Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

- ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa “você”.)
- *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o “não” entre palavra negativa verbo.)
- *“Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha…”* (José de Alencar) (O mesmo que “penteadeira”.)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

- *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)
- *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)
- *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)
- *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)
- *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada galicismo (ou francesismo) as expressões “face a”, “frente a”: “ Os países europeus conseguiram acordar sua posição face ao problema nuclear iraniano.” (Na nossa língua, usa-se “em face de”.) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

- *E****la tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*
- *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*
- *Vou-* ***me já*** *porque está na hora.*
- *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante- **se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: "O saco colorido que ela comprou era um charme.". Alguns estudiosos entendem que colisão e parequema são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: " Se se deseja a paz, é preciso mudanças radicais".

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: Nunca chamar-***te***-ia de meu irmão, porque você ama ***ele*** mais do que a mim, por isso, para ***mim*** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.

Forma culta: Nunca ***te*** chamaria de meu irmão, porque você ***o*** ama mais do que a mim, por isso, para ***eu*** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.

Forma inculta: Não ***lhe*** conheceram, pois eram muito novos.

Forma culta: Não ***o*** conheceram, pois eram muito novos.

Forma inculta: ***Precisariam haver*** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.

Forma culta: ***Precisaria haver*** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

- *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)
- *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)
- *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

- *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

- *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*
- ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*
- *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista***

uma trama nunca morre.

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: "Entrou para dentro o rapaz." (vicioso) / "Entrou para dentro da sala o rapaz." (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "* ***know-how****", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "****curriculum****" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "****quality manager****" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Sem prolixidade: O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB.

Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas…"para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. **(Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.**

   ( ) CERTO ( ) ERRADO

2. **(IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figu de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."**

   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. **(Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   "O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil… (…)"

   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. **(FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio Azevedo:**

   "Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, […]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."

   Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:

   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. **(FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.**

   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. **(Guilherme de Almeida)**

   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. **(Almir Sater e Renato Teixeira)**

   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. **(Eugênio de Castro)**

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.

b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.

c) Aliteração, onomatopeia e assonância.

d) Paranomásia, assonância e aliteração.

e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)

(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)

(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.

b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.

c) Prosopopeia, antítese e alegoria.

d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.

e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem… é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;

b) metáfora;

c) metonímia;

d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatic considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador

b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.

c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.

d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.

e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(…) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a

ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram… Em cada canto um nome, uma história para contar. (…)"

– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:

a) "Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"

b) "E antes seja olvido que confusão; explico-me."

c) "Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "… e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.'

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.

a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".

b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".

c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".

d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".

e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(…) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (…)"

– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qua se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:

a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"

b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"

c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"

d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."

e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.

a) "[…] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala

mundial?”

b) “[…] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina.”

c) “[…] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência.”

d) “Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos […].”

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em “Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares…” é:

a) Metáfora.

b) Silepse.

c) Antítese.

d) Metonímia.

e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:

a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.

b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.

c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.

d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.

e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:

a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.

b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.

c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.

d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.

e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase “Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira” apresenta o vício de linguagem denominado:

a) Cacofonia.

b) Eco.

c) Pleonasmo.

d) Ambiguidade.

e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.

Por que o Brasil toma tanto Rivotril

Cores que enganam seu cérebro

(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.

II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Po quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.

b) III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

***O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha*.**

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(…) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (…)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;

b) coloquialismo;

c) antonímia;

d) metáfora;

e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento.

Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância…"

b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."

c) "… não há associação de ideias que seja ilógica."

d) "… liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas –…"

e) "… função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "… a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.

b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.

c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.

d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.

e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra an sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.

b) Antonomásia.

c) Perífrase.

d) Metonímia.

e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este tsunami de informações."

b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."

c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso

precioso."

d) "Mas não encontrei pen drive algum."

e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."

b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."

d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."

e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:

a) Hipérbole.

b) Eufemismo.

c) Catacrese.

d) Anáfora.

e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa…"

– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(…) Novas pesquisas… revelam que o problema é muito mais grave… A mais recente, elaborada pelo Instituto… (…)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (…)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:

a) Ambiguidade.

b) Sinonímia.

c) Paráfrase.

d) Oposição.

e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem qu tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.

a) "(…) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (…)"

b) "(…) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (…)"

c) "(…) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (…)"

d) "(…) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (…)"

e) "(…) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (…)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.

I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."

II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."

III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."

IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."

a) 2, 1, 3, 4.

b) 3, 1, 2, 4.

c) 1, 2, 4, 3.

d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.

a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)

b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)

c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) "…meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis

Gabarito

1. CERTO.
2. A.
3. CORRETA.
4. E.
5. A.
6. E.
7. B.

8. C.
9. CORRETA.
10. E.
11. C.
12. CORRETA.
13. D.
14. B.
15. D.
16. D.
17. C.
18. D.
19. C.
20. CORRETA.
21. CERTO.
22. E.
23. D.
24. B.
25. E.
26. A.
27. B.
28. A.
29. CORRETA.
30. CERTO.
31. E.
32. E.
33. B.
34. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– **O que é linguagem?**

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um software superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não**

verbais, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– **Quais são os objetivos da linguagem?**

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– **O que é linguagem verbal?**

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– **O que é o signo linguístico?**

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamer ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.

2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa alg do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar…).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de tangerina está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– **Enfim, o que é a comunicação?**

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele q envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.

3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.

4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.

5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.

6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;

2) Maria: receptor;

3) o conteúdo do e-mail: mensagem;

4) em língua portuguesa: código;

5) as férias do João: referente;

6) o e-mail: canal.

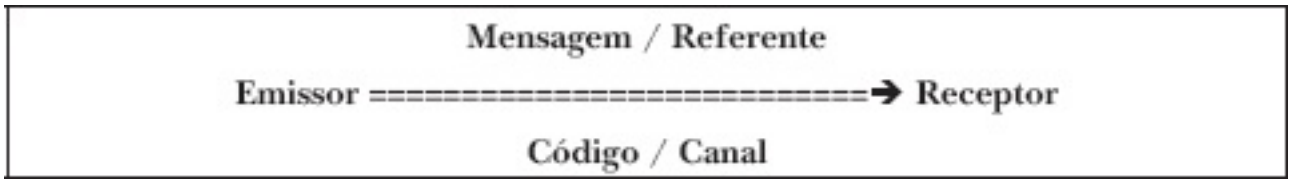

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem… as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzi amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – vo vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque del encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E d meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no senti de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;

- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato d comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas q abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recora de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações,

cumprimentos etc.);

- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: “Bom dia/tarde/noite”, “Oi”, “Olá”, “Fala…”, “E aí “Estou entendendo”, “Vamos lá?”, “Pronto”, “Atenção”, “Sei…”, “Fui”, “Valeu”, “Tchau” etc.

Exemplo:

– *“Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem… vamos lá…*” (um professor, ant de iniciar a aula)

– *“Alô? Entendeu?”*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas… a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> ANALISTA JUDICIÁRIO – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE SEMIOLOGIA E LINGUÍSTICA:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral…J…. Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico…K…, a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema…L…, seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só

faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque… eu sou lindo! – Convenciiiido!

2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.

3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as funções da linguagem são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) Mistura linguística

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar

condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.

( ) CERTO

( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica

Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto…"

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.

b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.

c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.

d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.

e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece

22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;

c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;

e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (…)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:

a) metalinguística;

b) poética;

c) expressiva;

d) apelativa;

e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a fun de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].

a) emotiva.

b) apelativa.

c) referencial.

d) fática.

Bom Conselho

Ouça um bom conselho

Que eu lhe dou de graça

Inútil dormir que a dor não passa

Espere sentado

Ou você se cansa

Está provado, quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo

Deixe esse regaço

Brinque com meu fogo

Venha se queimar

Faça como eu digo

Faça como eu faço

Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguage predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.

b) emotiva.

c) referencial.

d) poética.

e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:

a) fática;

b) metalinguística;

c) referencial;

d) poética;

e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– *Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."*

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, su máxima, carregada de arbitrariedade.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo est correta ou incorreta?

– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:

a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;

b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;

c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;

e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;

b) referencial;

c) conativa;

d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;

b) poética;

c) conativa;

d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por

isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(***Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))***

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantement em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO ( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;

b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;

c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;

d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;

e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,

obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)

Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.

Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.

Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.

Procure nosso revendedor autorizado.

Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.

Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.

Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.

Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.

Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.

Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.

Faça o curso de madureza por correspondência.

Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. […]

Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há um intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;

b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;

c) fática – uso de cumprimentos e saudações;

d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha

Está em pleno vigor

Não veio pra prender homem

Mas pra punir agressor

Pois em "mulher não se bate

Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica

Tem sido uma grande vilã

E por ser contra a violência

Desta lei me tornei fã.

Pra que a mulher de hoje

Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito

A viver sem violência

É verdade, está na lei.

Que tem muita eficiência

Pra punir o agressor

E à vítima, dar assistência.

……..

(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.

b) Função conativa ou apelativa.

c) Função metalinguística.

d) Função poética.

e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder

A dor que foi maior do que é capaz meu coração

Não, nem há por que seguir cantando só para explicar

Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar

Ah, eu vou voltar pra mim

Seguir sozinho assim

Até me consumir ou consumir toda essa dor

Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;

b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;

c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;

d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;

e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos…

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão…".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do

processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha… (…)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:

a) emotiva;

b) conativa;

c) referencial;

d) fática;

e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:

a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;

b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;

c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;

d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;

e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte:

Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

    – A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1º Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.

    Esse recurso está exemplificado principalmente em:

    a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,

    b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.

    c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!

    d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em “last act (bribery)” e em “último ato (suborno)” evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:

    a) Emotiva.

    b) Conativa.

    c) Poética.

    d) Referencial.

    e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.
2. A.
3. B.
4. E.
5. C.
6. E.
7. C.
8. CERTO.
9. CERTO.
10. INCORRETA.
11. CORRETA.
12. E.
13. B.
14. C.
15. CERTO.

16. C.
17. D.
18. D.
19. A.
20. ERRADO.
21. CERTO.
22. ERRADO.
23. A.
24. B.
25. INCORRETA.
26. D.
27. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o

que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Um texto pode também ser formado só por imagens, é o que chamamos de "texto não verbal" (sim, enquanto o *texto verbal* é aquele que usa palavras em sua constituição, o *texto não verbal* é aquele que não usa palavras em sua constituição – é o caso das charges, das pinturas, das fotos, dos ícones etc.; também vale dizer que um texto (como os quadrinhos) pode ser verbal e não verbal ao mesmo tempo; não vou ampliar a explicação de textos não verbais, pois isso é raro em prova de concurso público e, quando cai, não apresenta dificuldades). Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez…

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez… quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta… que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto "Dez…" chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo.

Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas estratégias para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

O s **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio ainda nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção embora introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão até indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva além de indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de conjunção, preposição e advérbio – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente… mas/como/senão (também, ainda)…, tanto… quanto/como, além de, além disso, também, ainda…*

– *O político,**não só** por representar o maior colégio eleitoral do Brasil, **mas tamb** por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de inclusão também somam argumentos: até, inclusive, mesmo… A expressão até mesmo tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante… (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que… (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário… (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,**quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou…ou, ora…ora, quer quer, já…já, umas vezes…outras vezes, talvez…talvez, seja…seja…*

– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguin então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que…*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;**em vista disso**, quem foi pego est preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como…*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito…*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que,*

exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se…

- *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade n próximo ano,**salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

- *O contraventor, **conforme** deixou clara a reportagem, aparece em gravações fe pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de…*

- ***Depois de** sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de…*

- *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior…*

- ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último…*

- ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadic*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando…*

- *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) **Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>**: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo…*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) **Estabelecem uma <u>contraposição</u>**: *de um lado… de/por outro lado…*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) **Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários:** *aliás, além do mais, além de tudo, ademais…*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade. **Aliás**, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo supor indica que o sujeito (A população) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (o país vai progredir com o novo presidente). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele não supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro Introdução à semântica – Brincando com a Gramática:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo…

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: apenas, só, somente, exceto, menos…

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder…

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: pretender, supor, alegar, presumir, imaginar…

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de imaginar é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinçãc

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: "O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz." (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / "O brasileiro orgulhoso se considera feliz." (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– "***Quando*** *entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de*** *ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS,* ***mas*** *saíram de sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo desmente tivéssemos seu antônimo confirma?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani…".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "… final de seu noivado com Diogo Boni…".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "… filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho…".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "… filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho…".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "…filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho…".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni…".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni…".

Logo… todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo desmente, tivéssemos seu antônimo confirma, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

O s **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração

podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?

Carlos – Mas está chovendo…

Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?

Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.

Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!

Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.

Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: Você tem fogo?, acharia muito estranho se você dissesse: Tenho e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: Acenda-me o cigarro por favor.".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os ite a seguir:

   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras também se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

   Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)

c) Se todos os itens estiverem corretos.

d) Se nenhum item estiver correto.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio também apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão não mais indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", os pressupostos são, devido ao normalmente e ao verbo vincular-se, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil. (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;

b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;

d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta cor relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho

“infelizmente este sou eu de novo”, o verbo está no presente. “Por que isso ocorre, Pestana?” Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

“Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?” Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo à la cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana

Numa noite, em fevereiro,

Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua

“Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total…”

Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir…
E um pouco diferente

Num andar aventureiro…

Tendo as estrelas por guia

Até acharam graça

Pois sabiam, com certeza,

Que chegariam à praça

E continuaram andando

Como que desfrutando

Mesma bebida em taça…

Na rua, somente eles,

Num passeio sem igual

Sorvendo cada segundo

"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar…

Devo ser mais ousado

E um pedido pleitear:

Nós dois como um só laço

Envoltos em forte abraço!

Já vejo-a se emocionar…"

"Mas a paixão pede mais!

Ela quer ser desejada!

Serei bem atrevido!

E de repende, do nada,

Do que havia suposto

De fato, houve surpresa,

E pra seu contragosto

Uma mão viu voar

Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto…

E foi forte a porrada

Que Fernando percebeu

Que do conto de fadas

Havia mais do que um eu

A princesa se apresentou

Como se fosse o final

Com total liberdade

Parecia, na verdade,

O conto de amor ideal…

E na praça chegaram…

Fernando logo pensou:

"Que momento mágico!

Aqui na praça eu estou!

ComJuliana, apaixonada…

O que mais quero? Nada!"

E o imaginário aflorou…

Agindo sem desleixo

Agarrarei seu queixo

E por mim será beijada…"

"E, então, dessa maneira

Ela sentirá minh 'alma

Mexerei com sua libido

E sem ter muita calma

Buscará apavorada

Pela minha mão amada

Somente palma com palma…"

Isso foi suficiente

Ao príncipe se mostrou

Além de um objeto seu…

A viagem que a mão fez

Teve destino impensado

Sua autoestima não viu

O que sempre esteve ao

lado:

Ponderar o que se pensa,

E ter, por recompensa,

Sensatez como aliado…

FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No discurso indireto, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos: **"Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes **que ficassem quietos**.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias. **Quando ele vai parar de me perseguir?** O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho "Quando ele vai parar de me perseguir?" só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em primeira pessoa: Disse o aluno: – Eu não confio mais no professor.

INDIRETO – Enunciado em terceira pessoa: O aluno disse [que ele não confiava mais no professor.]

DIRETO – Verbo no presente do indicativo: – Eu não confio mais no professor, disse ele.

INDIRETO – Verbo no pretérito imperfeito do indicativo: Ele disse [que não confiava mais no professor.]

DIRETO – Verbo no pretérito perfeito: "Eu não falei nada!", exclamou.

INDIRETO – Verbo no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito: Exclamou [que não tinha/havia falado (ou falara) nada.]

DIRETO – Verbo no futuro do presente: " Protestaremos contra ele de qualquer maneira."

INDIRETO – Verbo no futuro do pretérito: Declararam [que protestariam contra ele de qualquer maneira.]

DIRETO – Verbo no imperativo, presente ou futuro do subjuntivo: "Saia da minha sala", ordenou o professor ao aluno.

INDIRETO – Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo: O professor ordenou ao aluno [que saísse da sua sala.]

DIRETO – Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa (eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A esta hora não responderei nada", disse ele.

INDIRETO – Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa: Ele disse [que àquela hora não responderia nada.]

DIRETO – Advérbio aqui e cá: "Daqui eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."

INDIRETO – Advérbio ali e lá: Disse [que dali não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locuçãc adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.

- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)

Não tinha teto, não tinha nada**

Ninguém podia entrar nela, não

*Porque na casa não tinha chão**

Ninguém podia dormir na rede

*Porque na casa não tinha parede**

Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não tinha ali**

Mas era feita com muito esmero

Na rua dos bobos, número zero

(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscop receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de autoajuda, leis** etc.

- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pron assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente… Porém, ao virar-se, dá de cara

com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– *Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)*

Muito sem graça, ela pergunta:

– *Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)*

O vendedor responde:

– *A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)*

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração…**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de text **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas…**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coere da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de

nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é ***vital*** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, ***como o massacre dos judeus pelos nazistas***."

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A explicação é a ação de fazer entender algo já apresentado; a explicitação é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a exemplificação é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.***"

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.*** *"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

*"Como todos os outros, **o preconceito homofóbico é cultural**, **pois não se nasce com ele**. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

*"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: **48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido**. **Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).** Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

*"Segundo Barbosa Filho, 'O amor **é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

*"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: **'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'**"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

*"Muito se diz sobre **o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde** (tese refutada), no entanto é importante que se saiba que **a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar***

a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc. *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?*** *"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

O s **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada conclusão.

Premissa maior: Todos os homens são mortais.

Premissa menor: Os gregos são homens.

Conclusão: Logo, os gregos são mortais.

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo…

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: O estudo promove ascensão financeira.

Premissa menor: Meus filhos estudam nos melhores colégios.

Conclusão: Logo, meus filhos ascenderão socialmente.

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.

Premissa menor: A política é um meio corruptível.

Conclusão: Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É

claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o Manual de Redação da PUC/RS, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

- *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo nã podemos questioná-las.*
- *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*
- *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc. porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial…), romance, conto, crônica, poema,**

bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados…).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos* , de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.
>
> Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de

Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem

tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A crônica narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok… o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis… valete, dama, rei…

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: "Eu o chamaria de ***senhor***.", ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (…)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que

contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."

(Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: narração, descrição, dissertação…

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se… Deduz-se… Conclui-se… A ideia central é…".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do

voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu…?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14…?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento?

6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais

relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões… este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. **(Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse mesmo sentido.**

   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."

   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".

   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".

   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".

   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. **(FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?**

   "(…) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (…)"

   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. **(FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."**

   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:

   a) explicação;

   b) explicitação;

c) exemplificação;

d) contraposição;

e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher".*

( ) CERTO ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta

"(…) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar não apenas as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, mas também a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (…)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "<u>Em outras palavras</u>, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;

b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;

c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;

d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas

esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.

b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.

c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa

d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.

e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "afinal, sou humano…", elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;

b) consequência;

c) conclusão;

d) conformidade;

e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a

importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (…)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?

a) relação de causa e consequência;

b) apelo emocional;

c) comparação/contraste;

d) dados estatísticos;

e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.

– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (…): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".

Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:

a) ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.

b) fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.

c) seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.

d) seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.

e) a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;

b) exposição e injunção;

c) narração e descrição;

d) argumentação e narração;

e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

***O novo-pobre* é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.**

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do

neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social novo-pobre aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.

b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.

c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.

e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.

b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.

c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.

d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.

e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.

b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.

c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.

d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.

e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. Não acredito que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO ( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma da estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo de gênero biografia.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo

do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(…)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(…)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 […] encanto" e "O gênio de organização […] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:

a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.

b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.

c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".

d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".

e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de

servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:

a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;

b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;

c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;

d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;

e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:

a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.

c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.

d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.

e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;

b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;

c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;

d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;

e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As

crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera

familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;

c) recorre a elementos narrativos;

d) aparenta uma neutralidade objetiva;

e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."

b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência

constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;

b) citações explícitas de outros textos;

c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;

e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês,

pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança…

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas…"

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueir do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro…"

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[…] É a *globalização do bico*. [.. É a *globalização do dane-se.*"

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha… Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;

b) citações entre aspas;

c) interrogações diretas;

d) recursos de humor;

e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na esco

pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;

b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;

c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;

d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;

e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.

II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.

III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I e III, apenas.

e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;

b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;

c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;

d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo

de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã…" (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;

b) 1 é narração, e o 2, argumentação;

c) 1 é narração, e o 2, descrição;

d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;

e) 1 é descrição, e o 2, narração.

37. (FCC – TRT 16ª – ANALISTA JUDICIÁRIO (ENGENHARIA) – 2014)

Da utilidade dos prefácios

Li outro dia em algum lugar que os prefácios são textos inúteis, já que em 100% dos casos o prefaciador é convocado com o compromisso exclusivo de falar bem do autor e da obra em questão. Garantido o tom elogioso, o prefácio ainda aponta características evidentes do texto que virá, que o leitor poderia ter muito prazer em descobrir sozinho. Nos casos mais graves, o prefácio adianta elementos da história a ser narrada (quando se trata de ficção), ou antecipa estrofes inteiras (quando poesia), ou elenca os argumentos de base a serem desenvolvidos (quando estudos ou ensaios). Quer dizer: mais do que inútil, o prefácio seria um estraga-prazeres.

Pois vou na contramão dessa crítica mal-humorada aos prefácios e prefaciadores, embora concorde que muitas vezes ela proceda − o que não justifica a generalização devastadora. Meu argumento é simples e pessoal: em muitos livros que li, a melhor coisa era o prefácio − fosse pelo estilo do prefaciador, muito melhor do que o do autor da obra, fosse pela consistência das ideias defendidas, muito mais sólidas do que as expostas no texto principal. Há casos célebres de bibliografias que indicam apenas o prefácio de uma obra, ficando claro que o restante é desnecessário. E ninguém controla a possibilidade, por exemplo, de o prefaciador ser muito mais espirituoso e inteligente do que o amigo cujo texto ele apresenta. Mas como argumento final vou glosar uma observação de Machado de Assis: quando o prefácio e o texto principal são ruins, o primeiro sempre terá sobre o segundo a vantagem de ser bem mais curto.

Há muito tempo me deparei com o prefácio que um grande poeta, dos maiores do Brasil, escreveu para um livrinho de poemas bem fraquinhos de uma jovem, linda e famosa modelo. Pois o velho poeta tratava a moça como se fosse uma Cecília Meireles (que, aliás, além de grande escritora era também linda). Não havia dúvida: o poeta, embevecido, estava mesmo era prefaciando o poder de sedução da jovem, linda e nada talentosa poetisa. Mas ele conseguiu inventar tantas qualidades para os poemas da moça que o prefácio acabou sendo, sozinho, mais uma prova da imaginação de um grande gênio poético.

(Aderbal Siqueira Justo, inédito.)

– O primeiro e o segundo parágrafos estabelecem entre si uma relação de:

a) causa e efeito, uma vez que das convicções expressas no primeiro resultam, como consequência natural, as expostas no segundo.

b) de complementaridade, pois o que se afirma no segundo ajuda a compreender a mesma tese defendida e desenvolvida no primeiro.

c) inteira independência, pois o tema do primeiro não se espelha no segundo, já que o autor do tex quer apenas enumerar diferentes estilos.

d) contraposição, pois a perspectiva de valor adotada no primeiro é confrontada com outra que a relativiza e nega no segundo.

e) similitude, pois são ligeiras as variações do argumento central que ambos sustentam em relação utilidade e à necessidade dos prefácios.

Gabarito

1. D.
2. CORRETA.
3. C.
4. CERTO.
5. INCORRETA.
6. CORRETA.
7. A.
8. B.
9. C.
10. E.
11. CORRETA.
12. B.
13. B.
14. C.
15. E.
16. D.
17. CERTO.
18. CERTO.
19. CERTO.
20. CERTO.
21. B.
22. A.
23. B.
24. C.
25. E.
26. A.
27. D.

28. C.
29. D.
30. B.
31. A.
32. E.
33. C.
34. E.
35. D.
36. E.
37. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico Valor Discursivo dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
>
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.****Por isso****, digo, quando não*

obtivermos o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho…* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo um relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relaçãc oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dit referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do períod anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma rela de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relaçã de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (… ou não *nasce*…).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma rela de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (… mas nunca *nasce*…)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argument que se contrapõe ao seguinte.

- ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
- ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
- ***Assim****:* conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
- ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
- ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
- ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de

quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem… depois do comentário machista… quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que substituem outros.

Relembrou isso da aula de Pronome? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico Valor Discursivo. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

- *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)
- ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos c hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critéric rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizan diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro ama* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Co pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama coesão lexical. Também é digno de nota dizer o que é expansão lexical: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: " O professor Evanildo Bechara ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. Este grande mestre gosta de dividir sua sabedoria com os alunos.".

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: "… (verdadeiros mestres) assistem os alunos…".

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do*

Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do **o**, fosse usado **um** (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre policial e guarda de trânsito não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões toman as ruas vão obrigá -****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerc baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoj líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***C Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O* ***futebol*** *é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugai vem o* ***basquete*** *.* ***Um*** *apresenta Pelé como ídolo; o* ***outro****, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo:* ***Deus*** *e* ***Satanás****. A* ***quem*** *você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima a média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê** -lo? (. mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui** .*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando sequência à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito **e** fiz grande investimento na minha carreira inicial, **mas** n saiu como eu esperava **ou** como deveria ser, **porque**, afinal, esse não era meu destino. **Por isso** hoje decidi fazer faculdade, **a qual** me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação **para** obter sucesso profissional. **Em virtude d**isso, posso dizer **que** estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao

texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por ou seja, isto é, quer dizer…)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulher crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira…

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não… afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos…

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não… afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos,

pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer obesidade, mas usou sobrepeso? Sobrepeso é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. Obesidade é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer coalizão, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar colisão, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na intenção do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia*

esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de

comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por*

causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos dentro do texto (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, insisto**: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesiv por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

a) "Para isso, existiam os oráculos" (1º§)

b) "Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio." (2º §)

c) "Só sei que nada sei" (2º §)

d) "Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica" (3º §)

e) "Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas" (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §),e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:

a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.

b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.

c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.

d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.

e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento.

Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. **(Pedro Nava, Baú de Ossos)**

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:

a) os fatos da infância – aqueles;

b) tempo afora – d'agora;

c) carga – os outros;

d) carga – miúdos fatos;

e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(…)

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.

Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

(…)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que NÃO há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:

a) "…como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) "Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio

c) "Dava-lhe bom-dia…" (l. 21-22) – profissional

d) "pode ser também que ninguém desse por sua ausência." (l. 29-30) – girafa

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado […]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:

a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescrita pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo sua tem como referente "remédios europeus";

b) o particípio prescritas refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;

c) o conectivo por une a forma verbal eram manipuladas a seu agente;

d) a forma verbal usavam repete o mesmo sujeito de importavam;

e) o pronome relativo que refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa respectivamente, em:

a) Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade. (2º parágrafo)

b) E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde. (2º parágrafo)

c) A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo. (5º parágrafo)

d) … por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida… (3º parágrafo)

e) O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacad a seguir, está expressa ideia de oposição em:

a) "… atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade…"

b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada…"

c) "… isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna…"

d) "… sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera…"

e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico…"

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso,

porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (…)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:

a) ao futuro das novas gerações;

b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;

c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;

d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;

e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:

a) modo;

b) causa;

c) adversidade;

d) conformidade;

e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;

b) para virem comprando;

c) porque vêm comprando;

d) contudo vêm comprando;

e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:

a) causa / consequência.

b) fato / justificativa.

c) previsão / retificação.

d) opinião / modo.

e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuaçã coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.

a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamen eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.

b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.

c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.

d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mai dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia

c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna d trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia c mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da

inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos spreads bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada “Environment and Urbanization”.

( ) “Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre”, informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);

b) (2) (1) (3) (5) (4);

c) (2) (5) (1) (3) (4);

d) (4) (1) (2) (5) (3);

e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento,…… o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (…)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;

b) viria a prejudicar e não a favorecer;

c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;

d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;

e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.

b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.

c) Se a expectativa do mercado se confirmar.

d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a parti de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, <u>senão</u> de tod a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;

b) mas sim;

c) portanto;

d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.

– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativ de que o seu término lhe traga felicidade.

b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age

também pelo ódio e procura destruí-lo.

c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.

d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.

e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (…)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;

b) jogadores;

c) torcedores;

d) uniformes;

e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,

Há dores que não doem, nem na alma

Mas que são dolorosas mais que outras.

Há angústias sonhadas mais reais

Que as que a vida nos traz, há sensações

Sentidas só com imaginá-las

Que são mais nossas do que a própria vida.

…

Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-las – o termo destacado refere-se a:

a) dores;

b) sensações;

c) doenças;

d) angústias;

e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. Isso irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"

– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo

II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e* sua *irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.

Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".

( ) CERTO ( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas demandas, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. Elas requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – Embora as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:

a) entretanto;

b) contudo;

c) conquanto;

d) todavia;

e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:

a) aparelhos eletrônicos;

b) medicina atual;

c) informações;

d) doenças;

e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: sistema circulatório do sangue. <u>A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia</u>.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:

a) em consequência;

b) nesse instante;

c) nesse lugar;

d) ao contrário;

e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as sal
de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (…)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos r
educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação,
possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (…)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em tod
o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por
cidades. (…)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesr
de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução
dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com
uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior
de qualidade, (…)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do

texto:

a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).

b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).

c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).

d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

De janeiro de 2008, quando o imposto do cheque deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, a arrecadação residual da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, isso mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;

b) quando;

c) esse valor;

d) o imposto do cheque;

e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita…”; “Para especialistas…”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:

a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.

b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.

c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.

d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.

e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto inadequado é:

a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.

b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo…” / ou seja.

c) “…ocorre devido a ações administrativas…” / em razão de.

d) “Segundo técnicos da Receita…” / conforme.

e) “Para especialistas…” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (…) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, período que se encerra em 1815, quando o Brasil é declarado Reino Unido. (…) Cavalcanti reuniu um material rico em detalhes”.

Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que NÃO faz referência a qualquer termo anterior é:

a) Cavalcanti;

b) material;

c) detalhes;

d) período;

e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa CORRETA:

Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.

a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".

b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".

c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.

d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.

e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."

– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(…) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas… Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias… Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:

a) apanhar uma vassoura;

b) colher pitangas;

c) vergar os galhos mais altos;

d) fazer geleia;

e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:

a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse […]" /EM RAZÃO DA;

b) "[…] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos […]" / COM O INTUITO DE;

c) "[…] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas […]" / POR MEIO DE;

d) "[…] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;

e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.
2. C.
3. A.
4. D.
5. E.
6. B.
7. C.
8. A.
9. E.
10. B.
11. C.
12. D.
13. E.
14. C.
15. E.
16. B.
17. B.
18. B.

19. B.
20. A.
21. ERRADO.
22. B.
23. A.
24. A.
25. B.
26. CORRETA.
27. CORRETA.
28. CERTO.
29. CERTO.
30. CERTO.
31. C.
32. A.
33. A.
34. A.
35. D.
36. E.
37. B.
38. C.
39. E.
40. CORRETA.
41. B.
42. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue…

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "… é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há certa homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)… e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão

é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na Introdução deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tem
normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser

identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(…) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar… / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu… / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim…"

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (…) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo

(jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta… o quê? Anqui… o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e

cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com…

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah… entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!… Quer dizer… Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infantojuvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai…

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, en que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: para o > pro);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como tá?, né?, viu?, certo entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah…, eh… ahn…, escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato…, sei…, seguinte… etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço…);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;

- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: está > tá; Quando eu vir você… > Quando eu ***ver*** você…);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo ter no lugar do haver, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3 pessoa do presente do indicativo (traze > traz).

<u>Língua Escrita</u>

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recurs expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos vir e ter, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se porque quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo fazer, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome lhe, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franqui do Rio de Janeiro****,*** *foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franqui do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo haver, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultu sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visar ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social), logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** a entender certas manobras políticas visando bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição a antes de entender é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição a antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino a antes de prima (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que*

perdoa ***à*** prima por denúncia.

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de certo e errado (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro Para Entender o Texto – Leitura e Redação, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente… cá entre nós… eu me amarro em questões desse tipo, pois elas são o

termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax*!… venha comigo… na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra <u>tem</u> palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.

b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.

c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.

d) De poeta e louco, todos temos um pouco.

e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.

b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.

c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.

d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professore e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.

e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"

b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."

c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."

d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."

e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago…"

b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história…"

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo…"

d) "…e até desencadear quadros mais graves."

e) "…e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras há torcedores que incentivam os candidatos…" há uma comparação estruturada com o conectivo como. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;

b) que nem;

c) assim como;

d) da mesma forma que;

e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.

b) Mas sei a quem obedece.

c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.

e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos…". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra por exemplo, era muito mais quente…".

b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente…". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando…".

c) "…mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".

d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando…" / "… mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".

e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos…".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."

b) "… para saber quem grita gol mais alto e prolongado…"

c) "… ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."

d) "… o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas

convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a ca mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transforman a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer ha de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada…

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.

e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃ exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.

b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.

c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura r Brasil.

d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.

e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.

c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.

d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes fo feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.

e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.

b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.

c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.

d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competênci pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultur da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite fei a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas

a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente <u>incorreta</u>.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se protege que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o deficit em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições pa os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto

adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas

linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entr a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, s dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.

b) B.

c) C.

d) D.

e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO ( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO ( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO ( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO ( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO ( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.

( ) CERTO ( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.

( ) CERTO ( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.

( ) CERTO ( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.

( ) CERTO ( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pod produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.

( ) CERTO ( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO ( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.

( ) CERTO ( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…

A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:

a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;

b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;

c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;

d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;

e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.

b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.

c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.

d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.

e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.

b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.

c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.

d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.

e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflaçã este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

46. (ESAF – STN – Analista de Finanças e Controle – 2013) Nos últimos dez anos, o Brasil passou po grandes transformações e crescimento econômico contínuo que o induziu a figurar entre os países em desenvolvimento acelerado. Com a expansão formou-se uma nova classe média, composta por trabalhadores vindos das classes D e E. Atualmente o país possui 105 milhões de pessoas com renda mensal entre R$ 1.700 e R$ 7.400 e a tendência é que esses números cresçam nos próximos anos. Em uma entrevista à revista *PLANETA*, o economista Marcelo Neri analisa o impacto da nova classe média no consumo, no ambiente e na sociedade e mostra os desafios à frente dos brasileiros.

[...]

PLANETA – O fenômeno é passageiro?

NERI – Não, a nova classe média veio para ficar. O crescimento é contínuo, apesar das crises financeiras. Planos assistenciais e o aumento do crédito ao consumidor contribuíram. Mas o principal é que o número de trabalhadores que saíram da informalidade e passaram a ter carteira assinada dobrou desde 2004.

(Adaptado de Milton Correia Júnior, Cigarras e formigas*. PLANETA,* agosto de 2012.)

– Assinale a reescrita proposta para trechos do texto que preserva a correção gramatical e a coerência entre as ideias.

a) "… que o induziu a figurar entre os países…" >… que induziu o Brasil a que se figure nos países (…)

b) "Com a expansão formou-se uma nova classe…" > Em decorrência formou uma nova classe (…)

c) "… que esses números cresçam…" >… de esses números crescerem (…)

d "… apesar das crises financeiras." >… apesar de haverem crises financeiras.

e) "… contribuíram. Mas o principal é que o número de trabalhadores…" >… contribuíram para que principal número de trabalhadores, no entanto, (…)

47. (FCC – TRT 2ª – TÉCNICO JUDICIÁRIO (ÁREA ADMINISTRATIVA) – 2014) Elementos do texto inspiraram as frases abaixo, que, entretanto, devem ser consideradas em sua independência.

A que está redigida em conformidade com a norma-padrão escrita é:

a) Para conhecer uma cidade não basta os guias com que as empresas de turismo inundam as loja

b) Se alguém se contrapor às ideias do autor do texto, que as combata em espaço próprio para issc

c) A máquina de cujo o diagrama podemos nos valer é a mais moderna do lote recém-adquirido pe empresa.

d) O estudioso já prevera o desaparecimento daquela cidade muitas décadas antes de ela se torna uma cidade-fantasma.

e) Em suas considerações, o autor, de certa forma, explica por que aquela célebre cidade desapareceu.

Gabarito

1. B.
2. B.
3. E.
4. A.
5. B.
6. E.
7. D.
8. B.
9. A.
10. B.
11. C.
12. E.
13. D.
14. C.

15. B.
16. E.
17. D.
18. E.
19. A.
20. D.
21. D.
22. E.
23. A.
24. D.
25. C.
26. B.
27. E.
28. E.
29. D.
30. ERRADO.
31. ERRADO.
32. ERRADO.
33. ERRADO.
34. CERTO.
35. ERRADO.
36. CERTO.
37. CERTO.
38. ERRADO.
39. CERTO.
40. ERRADO.
41. ERRADO.
42. A.
43. A.
44. A.
45. E.
46. C.
47. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviç solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando…: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*
– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*

– *Elipse.*

– *Conectivos de mesmo valor semântico.*

– *Relação de causa e consequência.*

– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*

– *Dupla regência.*

– *Crase facultativa.*

– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta…

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

… pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai…

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos

(adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*

– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*

– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou **até**.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

<u>Locuções Adjetivas</u>

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada **de mestre** serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A jogada **magistral** serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população **das cidades** vem aumentando exponencialmente.*

– *A população **urbana** vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

– *Os cientistas* ***lutam*** para descobrir a cura definitiva da AIDS.

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos ter/haver + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*

– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*

– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos **habitualmente** na noite da quarta-feira. = Os ensaios banda **costumam** ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele **parece** contente com o resultado da prova. = Ele ficou **aparentemente** contente co resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento soc existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social ex a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa**.*

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal**.*

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão…*

– ***Fabricar** produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A **fabricação** de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder** meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A **cessão** de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém

(2)), o nome também exige (cessão de… (1) ao… (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada…*

– *Quando meu filho **chegou**, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A **chegada** do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento…*

– ***Surgiram** novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com d verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com u verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância…*

-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria…*

-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem…*

-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor…*

-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante…*

-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura…*

-eza: *Estar certo de > A certeza de…*

-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de…*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)

– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)

– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*

– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** **livre dos juros**.* (coordenada aditiva)

– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** **uma surra dos pitboys**.* (adjetiva)

– *Vimos um mendigo **que** **levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições**, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Embora** não tivesse condições**, comprou um terno.*** (concessiva)

– ***Agindo** desse modo**, ninguém ficará com você.*** (condicional)

– ***Se** você agir desse modo**, ninguém ficará com você.*** (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai**, não contou a verdade.*** (causal)

– ***Uma vez que** temia a reação do pai**, não contou a verdade.*** (causal)

– ***Saindo** do estádio**, encontrei meus amigos.*** (temporal)

– ***Quando** saí do estádio**, encontrei meus amigos.*** (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)

– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno*** ***pensar***. (objetiva direta)

– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de*** ***fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *Os adversários o acusavam* ***de*** ***que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)

– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de*** ***mudarmos***. (completiva nominal)

– *Tenho medo* ***de*** ***que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)

– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola*. (concessiva)

– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola*. (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito*. (condicional)

– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito*. (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)

– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)

– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)

– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)

– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições ao, para, por, sem sejam,

respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao** entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*

– ***Para** viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*

– *Foi aceito no grupo **por** injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*

– ***Sem** tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.*

– ***Sem** tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorar*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore, **plantada por mim**.* (adjetiva explicativa)

– *Havia aqui uma árvore, **que foi plantada por mim**.* (adjetiva explicativa)

– *A notícia **divulgada pela mídia** era falsa.* (adjetiva restritiva)

– *A notícia **que foi divulgada pela mídia** era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro**, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro**, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições**, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que se aceitem as condições**, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova**, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Como se preocupara com a prova**, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada a aula**, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Logo que terminou a aula**, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja, **que** nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *O rapaz da loja, **o qual** nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras **de que** eu falei são muito ativas.*

– *As senhoras **das quais** eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora, **a que** devo meu emprego.*

– *Estive ontem com minha coordenadora, **à qual** devo meu emprego.*

– *Estive ontem com minha coordenadora, **a quem** devo meu emprego.*

– *O lugar **em que** estive ano passado era paradisíaco.*

– *O lugar **no qual** estive ano passado era paradisíaco*

– *O lugar **onde** estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O** que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***Aquele** que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As** do estado da Bahia são mais atenciosas que **as** de Pernambuco.*

– ***Aquelas** do estado da Bahia são mais atenciosas que **aquelas** de Pernambuco.*

– *Você é **o** que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

– *Você é **isso** que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão d área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência), **porque** falt mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalida atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como A seriedade é tão universal como o riso, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.

( ) CERTO ( ) ERRADO

2. **(Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: estarem aderindo ao exemplo.**

( ) CERTO ( ) ERRADO

3. **(FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita d trecho *A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais*.**

I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.

II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.

b) Apenas II.

c) Apenas III.

d) Apenas I e II.

e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(…) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica… (…)"

4. **(FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio *o máximo sendo também o mínimo*, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:**

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;

b) contanto que o máximo seja também o mínimo;

c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;

d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;

e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (…) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (…) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (…)"

5. **(FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.**

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.

b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casc complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.

d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa c a acusação.

Fragmentos de texto

"(…) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (…) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (…) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (…) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (…) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.

b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.

c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-esta

d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.

e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propost de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.

b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, c domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.

c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.

d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.

e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram

instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. **(FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:**

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.

b) aonde o moralismo representa – ali se promova.

c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.

e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. **(NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.**

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."

b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."

d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."

e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. **(COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.**

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.

b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.

c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.

e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. **(Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.**

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.

b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.

c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.

d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.

e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.

b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.

c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.

d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.

e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.

b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho […], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* /Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.

c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.

d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.

e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um. /* Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.

II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.

III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.

b) II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.

b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.

c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.

d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.

e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

… o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário…

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.

b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.

c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.

e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(…) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.

b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.

c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.

d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.

e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(…) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (…)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por individual sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do períod

ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados…) por Consideram-se.

( ) CERTO ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por nos quais.

( ) CERTO ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por atraídos para os objetivos do, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.

( ) CERTO ( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (… muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de…) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO ( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;

b) para virem comprando;

c) porque vêm comprando;

d) contudo vêm comprando;

e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.

b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.

c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as

diferenciações existentes.”: O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.

d) “Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica”: A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.

e) “A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.”: A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período “Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica” poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*

( ) CERTO ( ) ERRADO

“Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido.”

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;

b) porque o infortúnio tinha nos unido;

c) embora o infortúnio tinha nos unido;

d) portanto o infortúnio tinha nos unido;

e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) “Mesmo não havendo registro de incidentes no País…”

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;

b) Embora não haja registro de incidentes no país;

c) Para que não haja registro de incidentes no país;

d) Enquanto não há registro de incidentes no país;

e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.

b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.

c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de

comunicação.

d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.

e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo*. / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.

b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.

d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.

e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novo casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.

b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.

c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo d verdade.

d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.

e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,…"; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.

b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.

c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.

d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.

e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;

b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";

c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";

e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças ı ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;

b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;

c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;

d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;

e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem o editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos…* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:

a) no entanto;

b) enquanto;

c) uma vez que;

d) por conseguinte;

e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em –*Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:

a) Não obstante isso tudo;

b) Em detrimento disso tudo;

c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;

e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho –*Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.

a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.

b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.

c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.

d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.

e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.
2. CERTO.
3. A.
4. E.
5. A.
6. B.
7. D.
8. A.
9. D.
10. B.
11. B.
12. E.
13. A.
14. D.
15. D.
16. A.
17. E.
18. ERRADO.
19. ERRADO.

20. CERTO.
21. CERTO.
22. CERTO.
23. C.
24. C.
25. ERRADO.
26. B.
27. B.
28. B.
29. A.
30. C.
31. D.
32. E.
33. E.
34. C.
35. A.
36. B.
37. C.
38. E.
39. C.
40. A.
41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página http://gen-io.grupogen.com.br

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira… Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados…

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.

b) III e V.

c) II e VI.

d) III, IV, V e VI.

e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O*

documento <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>formado</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.

b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.

c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.

d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.

e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque,

nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *" **Enviamos** -lhes..."*.Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.

e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma

expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.

b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.

c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.

d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.

e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas… C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas… D) ... *virem a ser* <u>eles</u> *(sujeito)*… Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.

b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!

c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas

empresas me ajudassem a torná-lo popular.

d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?

e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!

b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.

c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.

d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.

e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas… fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse

não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.

b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.

c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.

d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.

e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção com incorreção **E** com incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora – um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho ca dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscate que fazia de noite.

b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.

c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.

d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido −, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.

e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-*

lhe… C)… José… D) *Por ora*… E) *Devo poupar-lhes o... visto que*… **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.

b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.

c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.

d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.

e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A)… ***por o*** *predicativo e o sujeito serem*… (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B)… *para si mesmo*. D)… *pedindo aos seus seguidores que orem e*… (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que*... (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.

b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.

c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.

d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.

e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.

b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.

c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.

d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.

e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A)… *na medida em que*… (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C)… *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D)… *moças*... *se inscreveram*…**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.

b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.

c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.

d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.

e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (… *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*…), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.

b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.

c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.

e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer… Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a

preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.

b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.

c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.

d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.

e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.

b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.

c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.

d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões.* C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é

Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros.* E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.

b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.

c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.

d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.

e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é… *de quem*… A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "… a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.

b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.

c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.

d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.

e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas… outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*,

segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem*... ***do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma* jovem que tem boa aparência ***e*** que trabalha como modelo. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.

b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mai felizes.

c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.

d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.

e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.

b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.

c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.

d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance* de o *sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questõe levantadas outrora.

b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.

c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.

d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.

e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som* **...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como

verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".

c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.

d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.

e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu**, que compito com os grandes,** passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me **destratou** "*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando **em** tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer **pelo** Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano e constante.

b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredit mormente que a competição é salutar.

c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto

seja dito que cresce a economia.

d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.

e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos*... Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que*..., não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite*... Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não

provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: *... a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "… (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas… Ah! O mas…! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, independentemente **da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe… Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.

d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e… abjetos *humanos*.

e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém** de **algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km^2, o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.

b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.

c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.

d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.

e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km^2, cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não

procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.

b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.

c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.

d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.

e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade

Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta: *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si

mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.

b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD)em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva*

subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)". Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito)*são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?

b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.

c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.

d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.

e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta… Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (**em azul**) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.*2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.*17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

BRANDÃO, C. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Imprensa da Universidade de MG. Belo Horizonte, 1963.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

***DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO;* SÉCULO XXI**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes.*43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:*teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*.4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de

Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada… *Brasil!*

GRAMÁTICA DO GREGO DO NOVO TESTAMENTO

ἦν ὁ λόγος. οὗτος ἦν ἐν ἀρχῇ πρὸς τὸν θε

PARTE I

MORFOLOGIA

VOLUME I

LIÇÕES

ὁ λόγος

PAULUS

James Swetnam, SJ
Professor Emérito do Pontifício Instituto Bíblico de Roma

Gramática do Grego do Novo Testamento

Parte I
Morfologia

Volume I
Lições

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Swetnam, James
Gramática do Grego do Novo Testamento / James Swetnam; [tradução] Henrique Murachco, Juvino A. Maria Jr., Paulo Bazaglia. – São Paulo : Paulus, 2002.

Título original: An Introduction to the Study of the New Testament Greek
Conteúdo: V.1. Lições. pt.1. Morfologia. – V.2. Chave, listas, paradigmas, índices. pt.1. Morfologia.
ISBN 85-349-2001-X

1. Grego bíblico – Gramática 2. Grego bíblico – Livros-texto I. Título.

02-4383 CDD-487.4

Índices para catálogo sistemático:
1. Grego bíblico : Novo Testamento 487.4
2. Novo Testamento : Grego bíblico 487.4

Título original
An Introduction to the Study of the New Testament Greek
© Editrice Pontificio Istituto Biblico, 2ª ed. revista e corrigida, Roma, 1998
ISBN 88-7653-600-0

Direção editorial
Paulo Bazaglia

Tradução
Henrique Murachco
Juvino A. Maria Jr.
Paulo Bazaglia

Revisão
Claudiano Avelino dos Santos
Ivo Storniolo
José Bortolini

Capa
Marcelo Campanhã

Impressão e acabamento
PAULUS

© PAULUS – 2002
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5084-3066 • Fax (11) 5570-3627
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 85-349-2001-X

Prefácio à primeira edição inglesa

Esta primeira edição impressa de minhas notas mimeografadas da gramática grega, que veio à luz inicialmente em 1981, apresenta-se com certo atraso devido a diversos motivos, alguns dos quais alheios a mim. Tal atraso, porém, provavelmente tornou possível uma reformulação mais completa e imaginativa na versão original. Esta última trouxe um resultado que eu não havia previsto.

Para esta edição, assim como para as notas anteriores, sinto-me agradecido sobretudo a meus estudantes passados e presentes, especialmente àqueles do Pontifício Instituto Bíblico a partir de 1963, por sua ajuda ao indicar o que poderia ser útil para o aprendizado do grego. Devo agradecer, especialmente, pelo conselho e alento, a seis colegas professores de grego: Rev. Leo Arnold, SJ; Rev. Anthony J. Forte, SJ; Rev. William J. David Holly, OSBCam; Pe. Carlo Rusconi, da diocese de Rimini; Rev. Silvano Votto, SJ; Rev. João Welch, SJ. De qualquer forma, assumo a total responsabilidade pelo trabalho final.

Ficarei agradecido pelas sugestões ou correções que considerarem convenientes os que fizerem uso desta obra.

James Swetnam, SJ
Festa da Epifania
Roma, 6 de janeiro de 1992

Prefácio à segunda edição inglesa

Para esta segunda edição, estou particularmente em dívida com o paciente conselho e assistência do meu colega Rev. Silvano Votto, SJ. A ele, e a todos os que apresentaram sugestões e correções para a primeira edição, meu agradecimento.

James Swetnam, SJ
Festa de São Marcos Evangelista
Roma, 25 de abril de 1998

Prefácio à edição em português

Esta edição em português da minha gramática introdutória ao grego do Novo Testamento deixa-me muito satisfeito. Com ela poderei ajudar muita gente em diversos lugares – Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Timor Leste etc. – a compreender a língua original do conjunto de livros escritos de forma ímpar sobre a pessoa mais importante que já viveu: Jesus Cristo.

A gramática foi escrita com extrema pormenorização. Por duas razões: 1) as pormenorizações podem ser de grande ajuda ao estudante que usa este texto sem o auxílio de um professor (ainda que as lições possam ser seguidas com a vantagem da supervisão de um professor, como num curso ministrado); 2) as pormenorizações podem ajudar o estudante a compreender que o texto grego neotestamentário é importante sob todos os aspectos, até o menor deles. A decisão de insistir nos pormenores, além disso, é simplesmente reflexo do modo como o grego do Novo Testamento é ensinado no Pontifício Instituto Bíblico. Após 33 anos de ensino no Instituto Bíblico, portanto, de modo nenhum me arrependo a esse respeito. O domínio do Novo Testamento certamente requer muito mais que o domínio do texto grego. Todavia, o domínio do texto grego geralmente é essencial ao domínio do Novo Testamento.

A insistência nos pormenores, no entanto, de modo nenhum deve ser entendida como implicação de que esta seja a única forma de aprender o grego neotestamentário, ou como se as outras gramáticas fossem inadequadas. Esta gramática é apenas um meio para aprender o grego do Novo Testamento; se algum outro modo de estudar o grego neotestamentário parecer mais produtivo para determinado estudante ou em determinada circunstância, eu gostaria de ser o primeiro a incentivá-lo.

Um das imagens que conservo como professor de grego do Novo Testamento no Pontifício Instituto Bíblico é uma fotografia que um dos nossos estudantes me mostrou quando aqui chegou: ele está vestido com o uniforme do exército espanhol e ao fundo se vê a Rocha de Gibraltar; está estudando aplicadamente com uma versão anterior, mimeografada, desta gramática. Aquelas páginas lhe possibilitaram passar no exame de qualificação de grego para a admissão ao Instituto Bíblico. Esta fotografia definitivamente me ensinou que quando algo que vale a pena encontra-se impresso, é imprevisível o número e categoria de pessoas que dele tirarão proveito.

É lógico que aprender o grego do Novo Testamento é simplesmente um meio para aprender o que o Novo Testamento ensina, ou seja, em última instância e fundamentalmente situar-nos em uma relação mais segura com Deus através de Jesus Cristo. Ainda que esta gramática possa ser estudada com proveito por alguém que não tem fé em Jesus como o Redentor, ela é programada especialmente para aqueles que se aproximam do Novo Testamento dentro da dimensão da fé.

O domínio do grego do Novo Testamento, ainda que em nível introdutório, pode dar a impressão de que, com tal domínio, temos controle do Novo Testamento e de sua mensagem sobre Jesus Cristo. Nada, naturalmente, poderia estar mais longe da verdade. Dominamos o Novo Testamento à medida e da mesma forma que nos deixarmos dominar por ele.

James Swetnam, SJ
Roma, Natal do Ano Santo 2001

Abreviaturas

I. Novo Testamento

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Romanos
1Cor	1 Coríntios
2Cor	2 Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fl	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1 Tessalonicenses
2Ts	2 Tessalonicenses
1Tm	1 Timóteo
2Tm	2 Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemon
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pd	1 Pedro
2Pd	2 Pedro
1Jo	1 João
2Jo	2 João
3Jo	3 João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

II. Geral

a	acusativo
Adj	Adjetivo
Adv	Advérbio
Conj	Conjunção
d	dativo
f	feminino
g	genitivo
Inter	Interjeição
m	masculino
N	Nome, substantivo
N.B.	Nota bene
Neg	Negação
neut	neutro
n	nominativo
p	plural
Part	Particípio, Partícula
Prep	Preposição
Pro	Pronome
s	singular
v	vocativo
V	Verbo
VD	Verbos difíceis
PV	Paradigmas dos verbos

Introdução

Um livro de texto nunca é completamente satisfatório, exceto, talvez, para seu autor. A esse respeito, o autor desta obra não se ilude. Ele simplesmente oferece esta gramática como resultado de vários anos de ensino a estudantes de ampla variedade de proveniência (mais de mil e quinhentos, de oitenta e cinco países). Sua esperança é que esta gramática possa ser de ajuda a outros professores, seja por meio de seu uso direto, seja como incentivo a que escrevam a sua própria. *Mas esta obra foi escrita especialmente para estudantes que, por diversas circunstâncias, se vêem obrigados a empreender o estudo do grego do Novo Testamento sem a ajuda de um professor, ainda que não se exclua a possibilidade de seu uso em aulas.*

A obra se baseia numa série de observações do autor, fundadas em sua experiência pessoal:

1. Não é fácil aprender o grego do Novo Testamento; exceto para pessoas que possuem um dom para além do normal, a aprendizagem requer esforço considerável e perseverante. Por outro lado, qualquer pessoa que possua inteligência normal pode aprender muito desta língua, desde que esteja disposta a enfrentar um grande trabalho.
2. Aprender o grego do Novo Testamento requer realismo em perseguir um objetivo, se é que o estudante procura perseverar a ponto de conseguir o domínio da língua e conseqüentemente a habilidade para ler o texto do Novo Testamento.
3. Geralmente se obtém maior fruto do estudo do grego do Novo Testamento caso se desenvolva uma aprendizagem tanto dedutiva (que consiste na memorização do vocabulário, paradigmas e regras) quanto indutiva (que consiste no contato com o texto do Novo Testamento).
4. A aprendizagem do grego do Novo Testamento pode tornar-se menos difícil quando se faz uma apresentação cuidadosa da nova matéria, de modo que os pontos essenciais sejam claramente dispostos e aqueles não tanto essenciais sejam apresentados em modo subordinado ou remetidos a ulterior consideração.

De acordo com tais observações, a presente obra se distingue pelas seguintes características:

1. Não se oferecem atalhos. Presume-se que o estudante esteja interessado em aprender bem a língua e que pagará o preço para obter tal aprendizado.
2. As lições estão estruturadas de modo a possibilitar contínuo progresso na compreensão do texto do Novo Testamento.
3. O método dedutivo é utilizado na apresentação do vocabulário, paradigmas, regras e nos exercícios de tradução do português para o grego. O método indutivo é utilizado nos exercícios de tradução do grego para o português e no contato do estudante com o texto do Novo Testamento, já na lição 1, começando com os primeiros cinco versículos do evangelho de Marcos.
4. A clareza na apresentação é buscada por meio da disposição em cem lições, cada qual com sua matéria cuidadosamente definida. Cada lição pode ser considerada suficiente para uma hora de aula, se o livro for usado para apresentação em aulas. Um principiante normal, no entanto, necessitará ao menos de três ou quatro horas adicionais para aprender a fundo a matéria de cada lição. Algumas lições contêm mais matéria que outras, e por isso exigirão maior tempo de estudo privado. Além disso, aconselham-se períodos de revisão de vez em quando, que permitam ao estudante recuperar a disposição.

A estrutura geral da obra é a seguinte:

a) *Paradigmas do verbo:* O verbo εἰμί é apresentado por primeiro, seguido pelo verbo temático λύω. Quando λύω for completamente tratado, serão apresentadas as "variantes" maiores (por exemplo, verbos "contratos", irregulares, depoentes e atemáticos).

b) *Paradigmas de substantivos, pronomes e adjetivos:* São apresentados logo que possível: primeiro a segunda declinação, depois a primeira, e finalmente a terceira.

c) *Preposições:* As preposições mais importantes são apresentadas gradualmente, mas de forma constante, de modo que ao chegar à lição 30 o estudante já terá visto todas as essenciais para facilitar a leitura do Novo Testamento.

d) *Advérbios:* São apresentados gradualmente, como parte de quase todos os vocabulários que integram as lições.

e) *Vocabulário:* Todas as palavras do Novo Testamento que ocorrem mais de vinte vezes (excluindo nomes próprios) são apresentadas, quando possível, juntamente com a apresentação do paradigma apropriado.

f) *Leituras do Novo Testamento:* O evangelho de Marcos é apresentado nas primeiras sessenta e sete lições, junto com a apresentação dos paradigmas e um vocabulário básico; o mesmo evangelho é novamente apresentado nas lições 68-81. O evangelho de João é apresentado nas lições 82-100.

g) *Sintaxe:* Suficiente sintaxe é oferecida a fim de capacitar o estudante a ler o texto do Novo Testamento em nível de compreensão básica. É prevista uma segunda parte da *Gramática do grego do Novo Testamento,* que se dedicará ao tratamento mais extensivo da sintaxe.

h) *Listas e paradigmas:* Um elaborado sistema de listas de vocabulários une a apresentação inicial dos vários tipos de palavras do volume I aos paradigmas do volume II. O objetivo destas listas é ajudar o estudante a constatar como as palavras individuais estão situadas nas distintas categorias da língua. As listas, ademais, podem ser utilizadas como recurso para facilitar a memorização.

A forma de apresentação desta gramática será sem dúvida considerada como exageradamente explicativa. O autor, que muitas vezes se viu obrigado a ler um manual de computador sem ajuda de um professor, antecipadamente se defende. Se algo continua claro depois de sua experiência de 38 anos como professor de grego, é o seguinte: *Repetitio mater scientiae* – "A repetição é a mãe da aprendizagem". Este modo de proceder é particularmente necessário em relação aos fundamentos básicos, tais como voz, modo e tempo. A simples repetição, porém, não é suficiente: um manual para principiantes em gramática deveria possibilitar interação de perspectivas, perspectivas que têm na repetição um caminho para a compreensão crescente e constante.

A particularidade com que as formas e o vocabulário são classificados também constitui uma tentativa de contornar uma possível deficiência no conhecimento de gramática, dificiência que se mostrou mais e mais nos últimos anos entre os estudantes de língua indo-européia. É, além disso, uma tentativa de ajudar estudantes de famílias lingüísticas distintas da indo-européia, que estudarão o grego com esta gramática ou com uma tradução nela baseada.

As referências ao Novo Testamento serão feitas ao longo do livro, sempre que for possível, com a finalidade de possibilitar ao estudante o máximo de contato com o texto sagrado, cujo conhecimento é a meta última desta obra.

A "chave" deste manual (incluída no volume II) permitirá ao estudante trabalhar de modo inteligente com a gramática e os exercícios. Um professor, é claro, seria preferível: um bom manual é um excelente professor, mas um excelente professor é mais que um bom manual.

O uso inadequado da "chave", deve-se dizer, pode ser contraproducente.

Se a presente gramática não atender às expectativas do leitor, aconselha-se a procurar outra, que satisfaça sua preferência. O importante é que se aprenda o grego.

Lição 1

O alfabeto. Pronúncia. Espíritos. Acentos. O iota subscrito.

O alfabeto.

Letras maiúsculas		Letras minúsculas		Nome	Som
Α	A	α	a	alfa	*a*
Β	B	β	b	beta	*b*
Γ	G	γ	g	gama	*g (gato, guerra)*
Δ	D	δ	d	delta	*d*
Ε	E	ϵ	e	epsílon	*e* (breve)
Ζ	Z	ζ	z	dzeta	*dz*
Η	H	η	e	eta	*e* (longo)
Θ	TH	θ	th	teta	*th* (ingl. *th*ing)
Ι	I	ι	i	iota	*i*
Κ	K	κ	k	capa	*k*
Λ	L	λ	l	lambda	*l*
Μ	M	μ	m	mi	*m*
Ν	N	ν	n	ni	*n*

Ξ	X	ξ	x	csi	*cs (axioma)*
Ο	O	ο	o	ômicron	*o* (breve)
Π	P	π	p	pi	*p*
Ρ	R	ρ	r	rô	*r (cara)*
Σ	S	σ, ς	s	sigma	*s*
Τ	T	τ	t	tau	*t*
Υ	U	υ	u	ípsilon	*y*
Φ	F	φ	f	fi	*f (ph, p* aspirado*)*
Χ	CH	χ	ch	qui	*c, qu*
Ψ	PS	ψ	ps	psi	*ps*
Ω	O	ω	o	ômega	*o* (longo)

Pronúncia.

Gama (γ) é pronunciado como ni (ν) quando precede imediatamente capa (κ), qui (χ) ou outro gama (γ). Por exemplo: ἄγγελος se pronuncia *ánguelos*; ἄγκυρα se pronuncia *ánkira*. (O acento e sua posição não se relacionam com o som do gama.)

Sigma se escreve σ no início ou no meio de uma palavra, e ς no final. A pronúncia é a mesma em todos os casos.

Ípsilon não tem equivalente exato na língua portuguesa. Corresponde ao som do *u* francês ou do *ü* alemão. Uma descrição aproximada de como se forma é a que segue: com os lábios arredondados, língua alta e o som focado no meio da boca, o *u* pronuncia-se como *i* com som gutural[1].

Qui é pronunciado como *qu* com som aspirado.

As letras α, ε, η, ι, ο, υ e ω são vogais. As restantes são consoantes. η e ω são sempre longas; ε e ο são sempre breves; α, ι e υ podem ser longas ou

[1] Trata-se de um som intermediário, entre o *u* e o *i* do português (N. do T.).

breves, mas a duração não é indicada pela ortografia, podendo ser deduzida, ao menos no geral, somente pelo acento da palavra em que a vogal se encontra. Em estudos lingüísticos especializados, a duração das vogais ambíguas α, ι e υ é às vezes especificada pelos seguintes sinais: um mácron (¯) sobre uma destas vogais indica que ela é longa (e.g., ᾱ), um sinal para uma vogal breve (˘) sobre uma destas vogais indica que a vogal é breve (e.g., ᾰ). Estes sinais, no entanto, geralmente são omitidos nos textos gregos.

Existem oito ditongos, isto é, combinações de duas vogais que são pronunciados como um som:

αι	ai	pronunciado como *ai*
ει	ei	pronunciado como *ei*
οι	oi	pronunciado como *oi*
υι	ui	pronunciado como *ui*
αυ	au	pronunciado como *au*
ευ	eu	pronunciado como *eu*
ηυ	eu	pronunciado como *eu*
ου	ou	pronunciado como *u*

O sistema de pronúncia indicado acima é um tanto arbitrário, e é empregado para facilitar a comunicação entre estudantes coetâneos do Novo Testamento grego no Brasil e nos países onde o português é falado. Estudantes de diferentes tradições não devem hesitar em adotar o padrão de pronúncia do grego do Novo Testamento de sua região.

Espíritos.

Uma vogal ou ditongo no início de uma palavra tem sempre um "espírito", que pode ser "suave" (᾽) ou "áspero" (῾). O espírito suave não se pronuncia; o espírito áspero é pronunciado como se fosse um *r* suave em português, ou como um *h* em inglês. Quando uma vogal simples inicia uma palavra, o espírito se escreve diretamente sobre esta vogal se se trata de uma minúscula (ἀ, ἁ), ou imediatamente diante dela se se trata de uma maiúscula

(᾽Α, ᾽Α). Quando um ditongo inicia uma palavra, o espírito é posto sobre a segunda vogal, independendo de a primeira vogal ser minúscula ou maiúscula (αὐ, αὑ, Αὐ, Αὑ).

A consoante ρ, quando encontrada no início de uma palavra, tem sempre espírito áspero: ῥ.

Acentos.

Os acentos em grego foram originalmente empregados para indicar a entonação musical da voz na pronúncia de uma palavra. Finalmente (possivelmente na época do Novo Testamento), os acentos passaram a indicar a ênfase numa sílaba, na pronúncia de uma palavra. As regras de acentuação em grego são complicadas e serão, por isso, apresentadas apenas gradualmente nas lições que seguem. Os acentos são importantes sobretudo para a pronúncia (indicando a sílaba de uma palavra que deve ser enfatizada) e, ocasionalmente, para prover um sentido de distinção entre diferentes palavras com a mesma grafia (e.g., τίς, *quem?*, e τις, *algum*).

Há três tipos de acentos em grego: o agudo (´), o circunflexo (ˆ ou ˜) e o grave (`). Os acentos se escrevem sobre vogais simples ou ditongos. Os acentos sobre os ditongos são sempre escritos sobre a segunda vogal. Quando um espírito ocorre sobre a mesma letra acentuada, o espírito é sempre escrito por primeiro, exceto no caso de um circunflexo; neste caso o espírito é escrito sob o acento (ἄ, ἅ, αἴ, αἷ, ἆ, ἇ).

O iota subscrito.

Em algumas palavras um iota é escrito sob as vogais longas α, η e ω. Este iota é chamado "iota subscrito" e não afeta a pronúncia (ou seja, ᾳ, ῃ, ῳ são pronunciados como α, η, ω). É uma convenção de escritura para indicar a omissão de uma letra (i) que era antes pronunciada.

Exercícios.

I. Memorize de modo ativo e passivo o alfabeto e os ditongos.

II. Pratique a escritura das letras até que as possa reproduzir de memória.

III. Trabalhe nos cinco primeiros versículos do evangelho de Marcos (Mc 1,1-5), confrontando o texto com as informações dadas acima. Pronuncie as palavras de todos os cinco versículos, até que não seja mais necessário verificar as instruções dadas na lição para ver se a pronúncia está correta.

[Qualquer edição crítica do Novo Testamento grego pode ser utilizada para fazer os exercícios desta gramática. O texto seguido na composição desta gramática foi o *The Greek New Testament*, 4ª ed., The United Bible Societies, 1993.]

Lição 2

Presente do indicativo de εἰμί. O tempo presente. O modo indicativo. Pessoa. O número nos verbos. O -ν móvel. O artigo. Gênero. O número no artigo, substantivos, pronomes e adjetivos. Caso. Declinação do artigo. O caso nominativo. A oração principal. A oração subordinada. O uso predicativo do adjetivo. O uso atributivo do adjetivo. Adjetivos como substantivos. Concordância. O substantivo λόγος.

Presente do indicativo de εἰμί.

O verbo *ser* em grego é usado como em português, tanto para indicar existência (*Deus existe*) quanto para ligar um sujeito a um adjetivo como predicativo (*Deus é bom*). No tempo presente do modo indicativo, ele é conjugado da seguinte maneira (cf. V 16; VD 78; PV 9 – para uma explicação destas abreviaturas, ver abaixo nesta lição):

	Singular	Plural
1ª pessoa	εἰμί	ἐσμέν
2ª pessoa	εἶ	ἐστέ
3ª pessoa	ἐστί(ν)	εἰσί(ν)
	sou	*somos*
	és	*sois*
	é	*são*

O tempo presente. O modo indicativo.

"Tempo" e "modo" são difíceis de definir. A função precisa do "tempo" no sistema verbal grego é particularmente complexa e muito discutida. Por ora, o estudante precisa apenas pensar no "tempo presente" como se referindo ao presente, em contraste com o passado e o futuro. Em relação ao "modo indicativo", o estudante precisa apenas saber que é usado para expressar sim-

ples enunciados (e.g., *Ele é alto*) ou para formular perguntas comuns (e.g., *Ele é alto?*).

Pessoa.

A "primeira pessoa" é usada para designar a pessoa que fala: *eu, nós;* a "segunda pessoa" é usada para designar a pessoa a quem se fala: *tu, vós;* a "terceira pessoa" é usada para designar a pessoa ou coisa da qual se fala: *ele, ela, eles, elas.*

O número nos verbos.

O "singular" refere-se a "um"; o "plural", a "mais de um".

O -ν móvel.

Na terceira pessoa do singular e do plural, o ν entre parênteses indica que a forma completa pode ser tanto ἐστί / εἰσί quanto ἐστίν / εἰσίν. As formas *sem* o ν normalmente são usadas se a palavra que segue é iniciada por consoante; formas *com* o ν são normalmente usadas se a palavra que segue é iniciada por vogal, ou se a forma verbal finaliza o enunciado. Mas o uso não é rígido: há muitas exceções, especialmente em apoio do uso do -ν.

O artigo.

Em português temos artigos definidos (*o, a, os, as*) e indefinidos (*um, uma, uns, umas*). Em grego existe apenas o artigo definido. Assim, uma palavra como λόγος pode ser traduzida como *palavra* ou como *uma palavra,* dependendo do contexto. Mas o uso do artigo definido em grego corresponde em grande parte ao uso do artigo definido em português. As diferenças são freqüentemente muito sutis para serem mencionadas numa introdução. Atenção deverá ser dada ao modo como o artigo é usado nos exercícios de grego e de português que seguem e no Novo Testamento.

O artigo grego geralmente funciona como o adjetivo, concordando com a palavra que ele modifica em gênero, número e caso.

Gênero.

Em grego os substantivos são divididos em três grupos que são distinguidos de acordo com os artigos que se encontram firmemente associados a eles. Assim, λόγος é associado a ὁ, e é chamado "masculino". Substantivos associados a ἡ chamam-se "femininos", e aqueles associados a τό chamam-se

"neutros". O "gênero", portanto, é primeiramente gramatical. Mas, onde é apropriado, ele freqüentemente, embora não sempre, segue divisões de sexo. Por exemplo, "um homem" é gênero masculino, "uma mulher" é gênero feminino. Contudo, "uma criança" pode ser relacionada a uma palavra que é associada ao artigo neutro.

O número no artigo, substantivos, pronomes e adjetivos.

O Novo Testamento grego divide o artigo, substantivos, pronomes e adjetivos em dois grupos: aqueles que se referem a uma só pessoa ou coisa, e aqueles que se referem a mais de uma pessoa ou coisa. Em outras palavras, é a mesma distinção vista no uso do número para o verbo.

Caso.

"Casos" (nominativo [n], vocativo [v], genitivo [g], dativo [d] e acusativo [a]) são expressões dos modos como um substantivo, pronome ou adjetivo pode ser usado dentro de um enunciado. O significado dos casos será introduzido gradualmente no curso das lições seguintes.

Declinação do artigo.

O artigo grego se declina do seguinte modo (cf. Adj 1Pro e Art [para a explicação destas abreviaturas, ver abaixo nesta lição]):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ὁ	ἡ	τό
g	τοῦ	τῆς	τοῦ
d	τῷ	τῇ	τῷ
a	τόν	τήν	τό

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	οἱ	αἱ	τά
g	τῶν	τῶν	τῶν
d	τοῖς	ταῖς	τοῖς
a	τούς	τάς	τά

Não existe o caso vocativo para o artigo.

Neste e nos outros paradigmas que seguirão, bem como nos exercícios de tradução, os acentos serão escritos para familiarizar o estudante com o modo como as palavras em questão realmente aparecem no texto do Novo Testa-

mento. Mas um controle ativo dos acentos não é aconselhável na memorização dos paradigmas e vocabulário, ao menos nos primeiros estágios de estudo do grego. Exceções devem ser feitas onde o acento é necessário ou útil para distinguir entre duas palavras de outro modo semelhantes (e.g., ὁ, artigo masculino singular nominativo, deve ser atentamente distinto de ὅ, pronome relativo neutro singular nominativo ou acusativo, como será apresentado na lição 3). As regras de acentuação serão iniciadas na lição 9.

O caso nominativo. A oração principal. A oração subordinada.

O caso nominativo é usado, sobretudo, para indicar o "sujeito" de uma oração principal ou subordinada. Ele exprime o tópico principal que é considerado, o "sujeito" do discurso, a respeito do qual se fala.

Uma "oração" é uma palavra ou exposição de palavras implicando ou propondo um juízo completo em relação a algum aspecto da existência, e geralmente é expressa como afirmação, questão, ordem, desejo, ou exclamação. Ordinariamente, uma oração contém um sujeito e um predicado, isto é, um substantivo e uma forma verbal, que são tanto explícitos como implícitos. Exemplos de orações: *Deus é bom* (afirmação); *Deus é bom?* (pergunta); *Vem!* (ordem – o caso nominativo "tu" é subentendido); *Venha o Senhor* (desejo); *Ó Deus!* (exclamação – algum verbo deve ser pressuposto, dependendo do contexto).

Uma oração subordinada é uma palavra, ou conjunto de palavras, que não expõe ou implica um juízo completo em relação a algum aspecto da existência. Exemplos de orações subordinadas: *... quando ele vem...; ... em que ele vive...; ... embora ela ainda esteja viva...* Às vezes, orações são referidas como orações principais. No contexto de tal uso, as que aqui são determinadas simplesmente como "orações dependentes" são conseqüentemente chamadas "orações subordinadas".

Dado que as orações subordinadas não podem gramaticalmente se estabelecer por si mesmas, elas devem ser encontradas como parte de um período. Tais períodos são chamados de "períodos compostos". A parte que expõe ou implica um juízo completo é chamada de "oração principal". A oração dependente dela é especificada como "oração subordinada". Exemplos de períodos compostos: *Quando ele vier* (oração subordinada), *nós ficaremos felizes* (oração principal); *Apesar de que esteja ainda viva* (oração subordinada), *ela não está bem* (oração principal).

Os períodos que contêm duas ou mais orações principais chamam-se "períodos compostos por coordenação": *Deus é sempre bom, mas os seres humanos às vezes são maus.* Períodos compostos por coordenação e subordina-

ção são chamados de "períodos complexos": *Deus, que é criador, é sempre bom, mas os seres humanos, que são criaturas, às vezes são maus.*

O uso predicativo do adjetivo.

O verbo εἰμί é peculiar, podendo ser usado não somente para indicar existência (ὁ θεός ἐστιν – *Deus existe*), mas também para unir um sujeito a um adjetivo como seu "predicado" (ὁ θεός ἐστιν ἀγαθός – *Deus é bom*). No segundo exemplo, a "bondade" está sendo "predicada" de Deus, isto é, afirmada.

O verbo εἰμί no tempo presente do modo indicativo pode ser omitido, se o sentido for claro pelo contexto. Esta omissão usualmente é indicada pela posição do artigo, que normalmente não é usado para o predicado. Assim, a proposição ὁ λόγος ἐστὶν ἅγιος (*A palavra é santa*) também pode ser expressa como ὁ λόγος ἅγιος ou ἅγιος ὁ λόγος (a diferença na ordem das palavras não implica diferença no significado básico).

Tal uso de um adjetivo é chamado "predicativo", pois o adjetivo funciona como o predicado da sentença, com o verbo εἰμί subentendido. Quer dizer, o adjetivo é usado para afirmar ou "predicar" algo a respeito do sujeito. A "santidade" está sendo afirmada, isto é, predicada em relação à "palavra", em ambas as expressões: esse é o ponto em questão. Quando um adjetivo é, portanto, usado de modo predicativo, o pensamento pode permanecer no que foi afirmado, pois o que se afirmou é implicitamente uma sentença.

Este uso de predicação adjetiva vai além de sentenças simples, tais como as dadas acima, e é importante para o uso do adjetivo em muitas outras situações.

O uso atributivo do adjetivo.

Em cada um dos três exemplos do uso "predicativo" de um adjetivo (1. ὁ ἄγγελός ἐστιν ἅγιος, 2. ὁ ἄγγελος ἅγιος, 3. ἅγιος ὁ ἄγγελος), o adjetivo está fora da combinação ὁ ἄγγελος. Se o adjetivo está dentro da combinação ὁ ἄγγελος, de modo que a expressão seja ὁ ἅγιος ἄγγελος, ou se o adjetivo está unido ao seu próprio artigo, de modo que a expressão seja ὁ ἄγγελος ὁ ἅγιος, o uso é chamado "atributivo".

Quando um adjetivo é usado atributivamente, o verbo εἰμί não está implícito. Então não se faz um juízo completo; o pensamento não pode permanecer no que foi estabelecido, pois o que foi estabelecido não é uma sentença, nem mesmo implicitamente. A "santidade" não está sendo predicada. Esse não é o ponto em questão; é qualquer outra coisa.

O emprego do artigo para distinguir entre o uso predicativo e o atributivo de um adjetivo não é uniforme. Adjetivos que não devem usar o artigo deste modo serão notados assim que ocorram (por exemplo, o adjetivo ὅλος nesta lição). Estes adjetivos são pouco numerosos.

Distinção entre uso predicativo e atributivo de um adjetivo pode também ocorrer independentemente do emprego do artigo. Finalmente, o uso ou não-uso do artigo não necessita sempre ter relevância na distinção entre o uso predicativo e o atributivo de um adjetivo.

A distinção entre o uso predicativo e atributivo do adjetivo também é encontrada em outros casos, mas ela é particularmente usada em vista do nominativo.

Os exemplos dados acima estão no singular, mas a distinção entre atributivo e predicativo é igualmente aplicável para o plural.

Adjetivos como substantivos.

Muitos adjetivos têm não só a mesma terminação que os substantivos (ou seja, são declinados do mesmo modo que os substantivos), mas também muitos adjetivos (normalmente os de primeira e segunda declinações) podem ser usados como substantivo. Assim ἅγιος, *santo*, é normalmente adjetivo: ὁ ἅγιος λόγος, *a palavra santa*. Mas o adjetivo pode ser usado individualmente e, neste caso, deve ser traduzido como substantivo: ὁ ἅγιος, *o santo*, ou ἅγιος, *um santo*.

Concordância.

Implícita na discussão acima sobre o uso de adjetivos com substantivos está a regra básica, segundo a qual adjetivos podem "modificar" substantivos ou pronomes, isto é, podem ser usados para qualificar substantivos ou pronomes. Neste caso o adjetivo "concorda" com o substantivo ou pronome em gênero, número e caso. Esta regra é vista nos exemplos de adjetivos dados acima.

Um substantivo ou pronome pode ser explicitamente mencionado como sujeito de um verbo ou pode estar implícito. Por exemplo, na sentença ὁ ἄγγελος ἀγαθός ἐστιν o substantivo ἄγγελος é explicitamente mencionado quando usado como sujeito de ἐστιν. Mas, na sentença ἀγαθός ἐστιν, o adjetivo ἀγαθός concorda com o sujeito *ele*, que está implícito na forma da terceira pessoal do singular de ἐστιν, como é claro pelo fato de ἀγαθός encontrar-se no caso nominativo. Deve, então, referir-se a um nominativo – neste caso, o sujeito implícito de ἐστιν. ἀγαθός é também masculino sin-

gular (a declinação seguirá na lição 3), indicando que o sujeito implícito de ἐστιν também é masculino e singular. Daí a tradução *Ele é bom* para a sentença ἀγαθός ἐστιν.

O substantivo λόγος.

O substantivo λόγος, *palavra*, é um substantivo masculino da segunda declinação, isto é, da segunda das três categorias principais de substantivos gregos. É apresentado antes dos substantivos da primeira declinação, porque é semelhante na forma ao masculino do artigo, e porque é encontrado muito freqüentemente. Além disso, muitos adjetivos masculinos se declinam do mesmo modo que λόγος.

	Singular	Plural
n	λόγος	λόγοι
v	λόγε	λόγοι
g	λόγου	λόγων
d	λόγῳ	λόγοις
a	λόγον	λόγους

Vocabulário.

Nas listas de vocábulos desta lição e das lições subseqüentes, serão dadas somente as mais importantes distinções entre os vários significados de uma palavra. Estas listas poderiam ser chamadas de "significados introdutórios", porque visam a fornecer ao estudante uma introdução aos possíveis significados das palavras em questão. Para as várias nuanças de significado é indispensável um dicionário especializado. Em última instância, é o *contexto* do texto bíblico, obviamente, que dá o sentido de uma palavra, caso a caso.

No vocabulário cada palavra é seguida por uma ou mais abreviaturas, geralmente com números. As abreviaturas e números referem-se às listas e/ou paradigmas do volume II desta gramática. Há dois tipos de listas: "Listas de palavras por categoria" e "Listas de verbos difíceis". Além disso, existem doze séries de "paradigmas dos verbos". (Há também paradigmas para todas as categorias de adjetivos e substantivos, porém estes paradigmas estão incluídos nas "Listas de palavras por categoria". Assim a referência a uma categoria para um adjetivo ou substantivo incluirá automaticamente acesso ao paradigma apropriado.) Os paradigmas do volume II são repetições dos paradigmas que foram apresentados nas lições. (Somente os paradigmas dos

substantivos e adjetivos irregulares apresentam uma exceção a esta regra de dupla apresentação.)

Como ilustração da explicação dada no parágrafo precedente, pode ser útil o seguinte: A entrada "οὐ, οὐκ, οὐχ" é seguida de "[Neg]", que significa que as palavras οὐ, οὐκ, οὐχ devem ser encontradas na categoria "Negações", junto com um número de outras palavras. A palavra "λόγος" é seguida da entrada "[N 6m]", que significa que λόγος deve ser encontrada na categoria "Substantivos" sob o número "6m" (o "m" indica palavras de gênero masculino, para distinguir esta categoria em relação à dos substantivos que apresentam exatamente as mesmas formas, e que são do gênero feminino – cf. o vocabulário da lição 8) junto com um número de outras palavras e o paradigma para sua declinação. Algumas palavras encontram-se em mais de uma lista. Portanto, a entrada "[Adj 1Pro]" e "[Art]" depois de "ὁ, ἡ, τό" indica que o artigo deve ser encontrado em ambas as listas, como adjetivo, sob o título "Adjetivo 1Pronome", e também sob o título "Artigo".

Todos os verbos encontram-se na categoria apropriada das "Listas de palavras por categoria" (alguns verbos encontram-se em mais de uma categoria – as normas para definir as categorias não são rigorosamente científicas [isso demandaria um confuso sistema de subcategorias cuidadosamente elaborado, porém possível] mas fundamentalmente pedagógicas). Além disso, a maioria dos verbos é ilustrada com um dos paradigmas encontrados em separado sob o título "Paradigmas dos verbos", como mencionado acima.

Por fim, um grande número de verbos (350) deve ser buscado na "Lista de Verbos Difíceis" (como mencionado acima). Por exemplo, a entrada "εἰμί" é seguida da entrada "V 16; VD 78; PV 9", que indica que εἰμί se encontra nas "Listas de palavras por categoria" sob "Verbos 16", na "Lista de verbos difíceis" sob o número 78, e na "Paradigmas dos verbos", seção 9.

Certo grau de redundância será conferido ao dar listas de vocabulário para substantivos e adjetivos. Ainda que as referências às listas de vocabulário sejam suficientes para situar uma dada palavra em uma categoria, uma forma abreviada de genitivo dos substantivos será dada com o caso nominativo, junto com o artigo apropriado. Adjetivos serão dados com o nominativo em todos os três gêneros. Tal redundância ajudará na memorização.

Os verbos são indicados no vocabulário normalmente por uma citação da primeira pessoa do singular do tempo presente, voz ativa, modo indicativo. Assim, "εἰμί, *sou*" (εἰμί, estritamente falando, não tem "voz"). No entanto, até que a conjugação de outros verbos possa ser apresentada, algumas formas verbais serão dadas na terceira pessoa, como "εἶπε(ν), *disse, falou*", e "ἔρχεται, *vem*". (Se não houver sujeito expresso para um verbo em grego,

ele, ela, isso, deve-se entendê-lo a partir do contexto, como foi estabelecido acima.) *Outras formas de tais verbos dados na terceira pessoa não devem ser usadas pelo estudante, até que elas tenham sido adequadamente apresentadas mais tarde ou no curso das lições.* Estas formas em terceira pessoa são dadas para ajudar na variedade de criação nos exercícios de tradução no final das lições iniciais.

εἰμί [V 16; VD 78; PV 9] *sou; existo; estou.*

εἶπε(ν) [do verbo λέγω: cf. lição 50] *disse; falou.* A forma plural é εἶπον: *disseram; falaram.*

ἔρχεται [do verbo ἔρχομαι: cf. lição 45] *vem* ou *chega, está vindo, está chegando.* A forma plural é ἔρχονται: *chegam, estão vindo, estão chegando.*

ὁ, ἡ, τό [Adj 1Pro, Art] *o, a.*

ἄγγελος, -ου, ὁ [N 6m] *anjo; mensageiro.*

ἀδελφός, -οῦ, ὁ [N 6m] *irmão; parente; consangüíneo.*

ἄνθρωπος, -ου, ὁ [N 6m] normalmente *homem* no sentido de *ser humano*, mas às vezes *homem* no sentido de *varão.*

θεός, -οῦ, ὁ [N 6m] *Deus; deus.*

κόσμος, -ου, ὁ [N 6m] *mundo; universo.*

κύριος, -ου, ὁ [N 6m] *Senhor, senhor, patrão* [nas formas de tratamento]. Por convenção esta palavra não se inicia com maiúscula em algumas edições do texto grego, quando se refere a Deus ou a Cristo.

λόγος, -ου, ὁ [N 6m] *palavra; discurso.*

οὐρανός, -οῦ, ὁ [N 6m] *céu; céus; firmamento.*

υἱός, οῦ, ὁ [N 6m] *filho; descendente.*

ἀγαθός [Adj 1] [A forma masculina deste adjetivo se declina como λόγος.] *bom.*

ἅγιος [Adj 2] [A forma masculina deste adjetivo se declina como λόγος.] *santo; consagrado.*

καλός [Adj 1] [A forma masculina deste adjetivo se declina como λόγος.] *belo; bom.*

ὅλος [Adj I] [A forma masculina deste adjetivo se declina como λόγος.] *todo; inteiro; completo*. No Novo Testamento, quando usado com o artigo, este adjetivo está sempre em posição predicativa, ainda que o sentido seja atributivo. Por exemplo, ὅλος ὁ λόγος significa "o discurso inteiro" e não "o discurso (é) inteiro".

οὐ, οὐκ, οὐχ [Neg] *não*. Esta negação é geralmente usada com o modo indicativo. οὐ se usa diante de palavras que começam por consoante; οὐκ se usa diante de palavras que começam por vogal com espírito suave; οὐχ se usa diante de palavras que começam por vogal com espírito áspero.

Exercícios.

Nos exercícios que seguem, a referência ao Novo Testamento indica um texto de algum modo útil para compreender a sentença em questão (e vice-versa). No início, esta utilidade será mínima, e as referências terão apenas tênue relação com o exercício particular em questão. Todavia, à medida que os exercícios ficarem mais complexos, as referências igualmente irão ficar mais significativas, até se tornarem eventualmente uma ferramenta prática para quem vai se familiarizando com o texto do Novo Testamento. A preferência será dada aos evangelhos, sempre que possível, com referências.

I. Traduza para o português:

1. ὁ υἱὸς εἶπεν, εἰμί. (Mc 14,62)
2. ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου κύριός ἐστιν. (Mc 2,28)
3. ἔρχεται ὁ ἀδελφὸς ὁ καλός. (Mc 3,31)
4. ὁ ἄνθρωπος ἔρχεται. (Mc 6,1)
5. οἱ ἄνθρωποι οὐχ ἅγιοί εἰσιν. (Mc 1,24)
6. ὁ θεὸς εἶπεν. (Mc 2,19)
7. ὁ ἄγγελος ὁ ἅγιος οὐκ ἔρχεται. (Mc 8,38)
8. ὅλος ὁ κόσμος καλός ἐστιν. (Mc 14,9)
9. ὁ οὐρανός οὐ καλός ἐστιν. (Mc 13,31)
10. ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ ἐστιν ἀγαθός. (Mc 3,11)

FAFICH / UFMG
BIBLIOTECA

N.B. A ausência de acento em certas palavras, e a presença de mais de um acento em algumas, será explicada nas "Regras de acentuação", na lição 9.

II. Traduza para o grego:

1. Os filhos não são santos. (Mc 2,19)

2. Os céus de Deus são belos. (Mc 1,10)
3. O irmão bom vem. (Mc 10,18)

III. Trabalhe nos cinco primeiros versículos do evangelho de Marcos (Mc 1,1-5), confrontando o texto com o ensinamento dado na lição 2. Não desanime diante de muitos aspectos do texto que permanecerem obscuros. No decorrer das lições os textos se tornarão cada vez mais claros.

Lição 3

O imperfeito do indicativo. Imperfeito do indicativo de εἰμί.
O pronome relativo. O caso acusativo. O substantivo ἔργον.
Sujeito neutro plural e verbo no singular.

O imperfeito do indicativo.

No Novo Testamento, o tempo imperfeito da maioria dos verbos é usado para expressar uma ação passada que não é vista como acabada (cf. lição 10). Visto que o tempo imperfeito do verbo εἰμί é o único tempo passado que este apresenta, o imperfeito serve para indicar algum tipo de ação passada, ainda que seja vista como ação acabada. O tempo imperfeito encontra-se somente no modo indicativo.

Imperfeito do indicativo de εἰμί.

O imperfeito indicativo do verbo εἰμί se conjuga como segue (cf. V 16; VD 78; PV 9):

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἤμην	ἤμεθα / ἦμεν
2ª pessoa	ἦς / ἦσθα	ἦτε
3ª pessoa	ἦν	ἦσαν
	era	*éramos*
	eras	*éreis*
	era	*eram*

ἦσθα é uma forma alternativa para ἦς; ἦμεν é uma forma alternativa para ἤμεθα.

O pronome relativo.

O pronome relativo se declina do seguinte modo (cf. Pro):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ὅς	ἥ	ὅ
g	οὗ	ἧς	οὗ
d	ᾧ	ᾗ	ᾧ
a	ὅν	ἥν	ὅ

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	οἵ	αἵ	ἅ
g	ὧν	ὧν	ὧν
d	οἷς	αἷς	οἷς
a	οὕς	ἅς	ἅ

Deve-se tomar cuidado para distinguir as seguintes formas do artigo e do pronome relativo:

οἱ - οἵ ἡ - ἥ αἱ - αἵ ὁ - ὅ

Em grego o pronome relativo segue em geral as mesmas regras gramaticais que em português. O pronome concorda com seu antecedente (ou seja, com a palavra à qual se refere) em gênero e número, mas toma o caso a partir do uso que dele é feito em sua própria frase:

ὁ λόγος ὅς ἐστιν ἀγαθός ἐστι καλός.

A palavra que é boa é bela.

ὁ λόγος ὃν εἶπεν ὁ θεὸς ἅγιός ἐστιν.
A palavra que Deus disse é santa.

O caso acusativo.

Um substantivo ou pronome pode ser usado, em grego, no caso acusativo como o objeto direto de um verbo:

ὁ θεὸς εἶπε τὸν λόγον.
Deus disse a palavra.

Um substantivo ou pronome pode ser posto no caso acusativo como objeto regido por uma preposição:

ὁ Κύριος ἔρχεται εἰς τὸν κόσμον.
O Senhor vem ao mundo.

O substantivo ἔργον.

A palavra ἔργον, *trabalho*, substantivo neutro da segunda declinação, é declinada do seguinte modo (cf. N 7):

	Singular	Plural
n	ἔργον	ἔργα
v	ἔργον	ἔργα
g	ἔργου	ἔργων
d	ἔργῳ	ἔργοις
a	ἔργον	ἔργα

As formas neutras dos adjetivos como ἀγαθός (que se declinam como λόγος nas formas do masculino) são declinadas como ἔργον. Deve-se notar que as formas neutras do nominativo e do acusativo de ἔργον, tanto no singular quanto no plural, são idênticas. Isto é verdadeiro para todos os substantivos e adjetivos neutros em grego.

Sujeito neutro plural e verbo no singular.

Um aspecto digno de nota do gênero neutro em grego é que um sujeito neutro plural geralmente rege um verbo no singular:

τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ ἀγαθά ἐστιν.
As obras de Deus são boas.

A forma plural do verbo, no entanto, às vezes é encontrada com sujeito neutro plural:

τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ ἀγαθά εἰσιν.
As obras de Deus são boas.

Vocabulário.

εἰς [Prep 1] Rege sempre o caso acusativo: *em, para dentro de, em direção a, para* (objetivo).

ὅς, ἥ, ὅ [Pro] *que; quem; o qual, a qual.*

δαιμόνιον, -ου, τό [N 7] *demônio; espírito malvado.*

ἔργον, -ου, τό [N 7] *obra; trabalho; ação; atividade.*

εὐαγγέλιον, -ου, τό [N 7] *evangelho; boa notícia.*

ἱερόν, -οῦ, τό [N 7] *templo; santuário.*

ἱμάτιον, -ου, τό [N 7] *veste; manto.*

σημεῖον, -ου, τό [N 7] *sinal.*

Os adjetivos ἀγαθός, ἅγιος, καλός e ὅλος da lição 2 são declinados no neutro como ἔργον.

Os adjetivos ἕτερος, ἴδιος, νεκρός e πρῶτος são declinados no masculino como λόγος e no neutro como ἔργον.

ἕτερος [Adj 2] *outro; um outro.*

ἴδιος [Adj 2] *próprio; pessoal; apropriado a.*

νεκρός [Adj 2] *morto.* Esta palavra é freqüentemente usada como substantivo com o significado "*[o, um] morto*" [N 6m].

πρῶτος [Adj 1] *primeiro.*

ἀκούεις [de ἀκούω: cf. lição 10] *ouves, escutas, prestas atenção, estás ouvindo, estás escutando.* Este verbo rege o genitivo ou o acusativo, com diferença não facilmente distinguível.

ἔχω [cf. lições 9 e 49] *tenho; possuo; estou de posse de.*

λέγει [de λέγω: cf. lições 9 e 50] *fala, diz, declara; está falando, está dizendo, está declarando.*

πρῶτον [Adv 2] *primeiro; em primeiro lugar; antes de tudo.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ κύριος εἶπε τὸ εὐαγγέλιον. (Mc 1,14)
2. ἔχω τὰ ἱμάτια. (Mc 2,10)
3. τὸ σημεῖον καλὸν ἦν. (Mc 8,11)
4. ὁ ἕτερος ἄγγελος ἔρχεται εἰς τὸ καλὸν ἱερόν. (Mc 16,12)
5. τὰ ἱμάτια ἦν καλά. (Mc 9,3)
6. οὐκ ἀκούεις τῶν ἀνθρώπων. (Mc 9,7)
7. ὁ κύριος οὐκ ἔστι νεκρός. (Mc 9,26)
8. τὰ δαιμόνια οὐκ εἰσὶν ἀγαθά. (Mc 1,34)
9. ὁ κύριος ἔρχεται εἰς τὸ ἱερόν. (Mc 11,11)
10. εἶ ὁ πρῶτος ὃς λέγει τοὺς λόγους. (Mc 9,35)
11. τὰ ἔργα ἦν καλά. (Mc 14,6)

12. τὸ ἱερὸν καλὸν ἦν. (Mc 11,15)
13. τὰ ἴδια ἱμάτια καλά ἐστιν. (Mt 22,5)
14. οἱ λόγοι οὓς εἶπεν ὁ κύριος ἀγαθοί εἰσιν. (Mc 3,14)

II. Traduza para o grego:
1. A obra era santa. (Mc 14,6)
2. O homem que entra no templo é bom. (Mc 10,18)
3. Não és santo. (Mc 1,24)

III. Trabalhe em Mc 1,6-10, conferindo o texto com as informações dadas acima e na lição 2. Leia os versículos em voz alta ao menos três vezes.

Lição 4

O infinitivo. O infinitivo "de complemento". O infinitivo presente de εἰμί.
O imperativo. Imperativo de εἰμί.
Os substantivos ζωή, ἁμαρτία e δόξα.
Os adjetivos ἅγιος e ἀγαθός. O radical.
O caso genitivo.
Os cinco principais sinais de pontuação.

O infinitivo. O infinitivo "de complemento".

O infinitivo em grego corresponde aproximadamente ao infinitivo em português (e.g., *ver*), ou ao gerúndio (e.g., *vendo*). O infinitivo grego é considerado substantivo verbal. Como verbo, possui voz, modo e tempo. Estas são as categorias sob as quais ele é normalmente tratado. Ocasionalmente, sua categoria como substantivo também deve ser analisada.

O infinitivo tem certa variedade de usos que irá sendo explicada nas lições seguintes. Um uso comum é o infinitivo "de complemento", em que o infinitivo "complementa" ou "completa" o sentido de um verbo, como em português:

> Θέλω εἶναι ἀγαθός. [Θέλω, "desejo" – cf. o vocabulário da lição 15]
> *Desejo ser bom.*

O infinitivo presente de εἰμί.

O infinitivo presente do verbo εἰμί é εἶναι.

O imperativo.

O modo imperativo é usado para expressar uma ordem. É encontrado apenas na segunda e terceira pessoas.

Imperativo de εἰμί.

O imperativo do verbo εἰμί é como segue (cf. V 16; VD 78; PV 9):

	Singular	Plural
2ª pessoa	ἴσθι	ἔστε
3ª pessoa	ἔστω / ἤτω	ἔστωσαν / ἤτωσαν
	sê	*sede*
	seja	*sejam*

ἴσθι ἀγαθός.	ἴσθι ἀγαθή.	ἔστε ἀγαθοί.	ἔστε ἀγαθαί.
Sê bom.	*Sê boa.*	*Sede bons.*	*Sede boas.*
ἔστω ἀγαθός.	ἔστω ἀγαθή.	ἔστωσαν ἀγαθοί.	
Seja bom.	*Seja boa.*	*Sejam bons.*	

Os substantivos ζωή, ἁμαρτία e δόξα.

Os substantivos da primeira declinação são tanto femininos quanto masculinos. Os substantivos femininos dividem-se em três categorias:

1) Substantivos terminando em -η no nominativo singular (cf. N 1):

	Singular	Plural
n	ζωή	ζωαί
v	ζωή	ζωαί
g	ζωῆς	ζωῶν
d	ζωῇ	ζωαῖς
a	ζωήν	ζωάς

2) Substantivos terminando em -α precedido de ε, ι ou ρ (cf. N 2):

	Singular	Plural
n	ἁμαρτία	ἁμαρτίαι
v	ἁμαρτία	ἁμαρτίαι
g	ἁμαρτίας	ἁμαρτιῶν
d	ἁμαρτίᾳ	ἁμαρτίαις
a	ἁμαρτίαν	ἁμαρτίας

3) Substantivos terminando em -α não precedido de ε, ι ou ρ (cf. N 3):

	Singular	Plural
n	δόξα	δόξαι
v	δόξα	δόξαι
g	δόξης	δοξῶν
d	δόξῃ	δόξαις
a	δόξαν	δόξας

Os adjetivos ἅγιος e ἀγαθός. O radical.

Nos adjetivos da primeira e segunda declinações, a presença de um α precedido de ε, ι ou ρ no nominativo feminino singular indica que todas as desinências do feminino são α, como ἁμαρτία (cf. Adj 2):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἅγιος	ἁγία	ἅγιον
v	ἅγιε	ἁγία	ἅγιον
g	ἁγίου	ἁγίας	ἁγίου
d	ἁγίῳ	ἁγίᾳ	ἁγίῳ
a	ἅγιον	ἁγίαν	ἅγιον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἅγιοι	ἅγιαι	ἅγια
v	ἅγιοι	ἅγιαι	ἅγια
g	ἁγίων	ἁγίων	ἁγίων
d	ἁγίοις	ἁγίαις	ἁγίοις
a	ἁγίους	ἁγίας	ἅγια

Do mesmo modo como ἅγιος, ἁγία, ἅγιον são declinados ἕτερος, ἑτέρα, ἕτερον – ἴδιος, ἰδία, ἴδιον – νεκρός, νεκρά, νεκρόν.

Os adjetivos que não têm ε, ι ou ρ diante das desinências do nominativo feminino singular têm o feminino singular em -η. Todos os adjetivos da primeira e segunda declinações que não são contratos (cf. lições 31 e 32) e que não se limitam a duas terminações (cf. lição 24) dividem-se em duas categorias:

1) aqueles cujo nominativo feminino singular termina em -α porque o radical do adjetivo termina em ε-, ι- ou ρ- ;
2) aqueles cujo radical termina em uma letra diferente destas, e neste caso a terminação é -η.

O "radical" de uma palavra (o conceito é aplicável a todos os verbos, substantivos e pronomes, assim como a adjetivos) é aquela parte que é constante em relação à sua parte variável ou "desinência". Assim, o adjetivo ἁγία, no nominativo feminino singular, tem radical ἁγι- e a desinência α. Pelo fato de o radical terminar em ι-, a terminação é em -α. Radicais terminando em ε- ou ρ- também têm -α como desinência. Todos os outros radicais têm, como desinência, -η. O adjetivo ἀγαθός encontra-se nesta última categoria (cf. Adj 1):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀγαθός	ἀγαθή	ἀγαθόν
v	ἀγαθέ	ἀγαθή	ἀγαθόν
g	ἀγαθοῦ	ἀγαθῆς	ἀγαθοῦ
d	ἀγαθῷ	ἀγαθῇ	ἀγαθῷ
a	ἀγαθόν	ἀγαθήν	ἀγαθόν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀγαθοί	ἀγαθαί	ἀγαθά
v	ἀγαθοί	ἀγαθαί	ἀγαθά
g	ἀγαθῶν	ἀγαθῶν	ἀγαθῶν
d	ἀγαθοῖς	ἀγαθαῖς	ἀγαθοῖς
a	ἀγαθούς	ἀγαθάς	ἀγαθά

Assim também: καλός, καλή, καλόν – ὅλος, ὅλη, ὅλον – πρῶτος, πρώτη, πρῶτον.

O caso genitivo.

O caso genitivo é usado para significar posse.

ὁ λόγος τοῦ θεοῦ
a palavra de Deus

O caso genitivo também pode ser regido por certas preposições:

ἐκ τοῦ ἱεροῦ
do templo

Estes são apenas dois dos usos mais fundamentais do caso genitivo.

Os cinco principais sinais de pontuação.

Os cinco principais sinais de pontuação usados em grego são os seguintes:

Português	Grego	Comentário e exemplo
.	.	O mesmo no português: λόγος.
,	,	O mesmo no português: λόγος,
;	·	Um ponto acima da linha: λόγος·
:		Um ponto acima da linha: λόγος·
?	;	Como o ponto-e-vírgula no português: λόγος;

O grego distingue entre o ponto-final e a vírgula, como o português, e usa o mesmo sinal para indicá-los. O grego não distingue dois pontos e ponto-e-vírgula, mas usa um ponto acima da linha para indicar uma pausa menor que aquela indicada por um ponto final, porém maior que aquela indicada por uma vírgula. O grego usa o que aparenta em português um ponto-e-vírgula para indicar um sinal de interrogação no final de uma sentença, e este sinal se usa sempre no final de uma oração. Em grego não há aspas ou ponto de exclamação.

Vocabulário.

ἀπό [Prep 1] Rege sempre o caso genitivo: *de, a partir de.*

ἐκ [Prep 1] Sempre rege o caso genitivo: *de, fora de.* Diante de vogais ἐκ torna-se ἐξ.

ἀγάπη, -ης, ἡ [N 1] *amor.*

γῆ, -ῆς, ἡ [N 1; por causa do acento é irregular (N 33)] *terra; país.*

ζωή, -ῆς, ἡ [N 1] *vida.*

φωνή, -ῆς, ἡ [N 1] *voz; som.*

ἀλήθεια, -ας, ἡ [N 2] *verdade.*

ἁμαρτία, -ας, ἡ [N 2] *pecado; engano; erro.*

βασιλεία, -ας, ἡ [N 2] *reino.*

ἐκκλησία, -ας, ἡ [N 2] *assembléia; igreja.*

ἐξουσία, -ας, ἡ [N 2] *autoridade; poder.*

ἡμέρα, -ας, ἡ [N 2] *dia.*

καρδία, -ας, ἡ [N 2] *coração.*

γλῶσσα, -ης, ἡ [N 3] *língua; linguagem.*

δόξα, -ης, ἡ [N 3] *glória; esplendor.*

τράπεζα, -ης, ἡ [N 3] *mesa.*

ἀγαπητός, -ή, -όν [Adj 1] *amado; querido.*

ἕκαστος, -η, -ον [Adj 1] *cada; cada um* [como substantivo]. Esta palavra nunca se usa com o artigo.

πιστός, -ή, -όν [Adj 1] *fiel; crente.*

δίκαιος, -α, -ον [Adj 2] *justo; reto.*

πονηρός, -ά, -όν [Adj 2] *mau.*

μή [Neg, Conj] *não*. Esta negação é paralela à negação οὐ. οὐ é normalmente usada com o modo indicativo, enquanto μή é normalmente usada com os outros modos. Ocorrem exceções a esta regra geral.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ υἱὸς ἔρχεται ἀπὸ τοῦ ἀγαθοῦ ἀνθρώπου. (Mc 5,35)
2. ἔχω τὴν ἐξουσίαν ἣ ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστιν. (Mc 2,10)
3. ἡ φωνὴ τοῦ υἱοῦ καλὴ ἦν. (Mc 9,7)
4. τὸ δαιμόνιον ἔρχεται ἐκ τοῦ ἀνθρώπου. (Mc 5,8)
5. ὁ ἀδελφὸς οὐκ ἦν δίκαιος. (Lc 2,25)
6. τὸ δαιμόνιον πονηρὸν ἦν· ὁ ἄγγελος ἀγαθὸς ἦν. (Mc 7,22)
7. ὁ ἀδελφὸς ἔρχεται εἰς τὴν ζωήν. (Mc 9,43)
8. ἡ δόξα τοῦ θεοῦ οὐκ ἔστιν ἡ δόξα τῶν ἀνθρώπων. (Lc 2,9)
9. ὁ ἀδελφὸς εἶπεν τὴν ἀλήθειαν. (Mc 5,33)
10. ἡ τράπεζα τοῦ κυρίου ἁγία ἐστιν. (Lc 1,9)
11. μὴ ἔστε πονηροί. (At 1,20)
12. οὐκ ἐστὲ πονηροί. (Mc 13,11)
13. ἕκαστος υἱὸς ἀγαπητὸς ἦν. (Lc 6,44)
14. εἶ πιστός; (Mc 14,61)
15. ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ καλή ἐστιν. (Jo 5,42)
16. ἡ ἐξουσία ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστιν. (Lc 22,53)
17. ἐκ τῶν καρδιῶν τῶν ἀνθρώπων ἔρχεται ἡ ἁμαρτία. (Mc 7,21)
18. ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ ἐξ οὐρανοῦ ἦν. (Mc 4,26)
19. ἡ ἐκκλησία τοῦ κυρίου ἁγία ἐστιν. (At 9,31)
20. ἡ γῆ οὐκ ἔστιν οὐρανός. (Mc 13,31)
21. ἡ γλῶσσα τοῦ ἀνθρώπου καλή ἐστιν. (Lc 1,64)
22. ἔρχεται ἡ ἡμέρα τοῦ κυρίου. (Lc 22,7)
23. ὁ υἱὸς ἀγαπητός ἐστιν. (Mc 1,11)
24. αἱ ἁμαρτίαι τοῦ κόσμου οὐ καλαὶ ἦσαν. (Mc 2,5)
25. ἐκείνη θέλει εἶναι ἀγαθή. (Mc 9,35) ["Aquela (mulher)" – cf. lição 5 para a explicação do pronome ἐκείνη.]

II. Traduza para o grego:

1. Aquele (homem) quer ser bom. (Mc 9,35) [Cf. lição 5 para a explicação de "Aquele (homem)".
2. A autoridade da assembléia vem de Deus. (Lc 22,53)
3. Não somos santos. (Lc 17,10)

III. Trabalhe em Mc 1,11-15, conferindo o texto com as informações dadas acima e nas lições anteriores. Leia os versículos em voz alta ao menos três vezes.

Lição 5

O subjuntivo. Subjuntivo de εἰμί. Orações finais com ἵνα.
Os pronomes demonstrativos οὗτος e ἐκεῖνος.
O caso dativo.
O apóstrofo. Crase. Diérese.

O subjuntivo.

Em grego o modo subjuntivo, encontrado tanto em orações principais quanto subordinadas, usa-se de modo mais amplo do que em português. Alguns desses usos serão explicados nas lições seguintes deste volume. Estes usos têm um elemento comum pelo fato de tenderem a pôr em relevo a atitude mental do agente de uma ação, ou da atitude de um agente diante de uma realidade, mesmo quando essa realidade não está sob o controle do agente (e.g., em determinados tipos de condição).

Talvez o uso mais difundido do modo subjuntivo do Novo Testamento grego seja para expressar "finalidade", isto é, o efeito pretendido de alguma ação (cf. abaixo, nesta lição).

Subjuntivo de εἰμί.

O tempo presente do modo subjuntivo de εἰμί se conjuga como segue (cf. V 16; VD 78; PV 9):

	Singular	Plural
1ª pessoa	ὦ	ὦμεν
2ª pessoa	ἦς	ἦτε
3ª pessoa	ἦ	ὦσι(ν)

O iota subscrito é escrito sob o η da segunda e terceira pessoas do singular. Este iota subscrito, como o iota subscrito alhures, não afeta a pronúncia. É útil para a identificação visual das formas.

Orações finais com ἵνα.

Uma oração subordinada final é aquela que expressa o resultado pretendido de uma ação. O modo subjuntivo, introduzido por ἵνα ou ὅπως (sem diferença de sentido; ἵνα é mais comum), é meio freqüentemente utilizado no Novo Testamento grego para expressar finalidade. Este é apenas um meio pelo qual a finalidade é expressa no Novo Testamento grego.

ἔρχεται εἰς τὸ ἱερὸν ἵνα ἅγιος ᾖ.
Vem ao templo para que seja santo.

ὁ θεὸς λέγει ὅπως ἄνθρωποι ἅγιοι ὦσιν.
Deus fala a fim de que os homens sejam santos.

A partícula μή é usada para negar o verbo numa oração subordinada final. Esta partícula pode ser usada com ἵνα ou ὅπως, ou pode ser usada sozinha, para introduzir uma oração final negativa:

ὁ θεὸς λέγει ἵνα ἄνθρωποι μὴ ὦσι πονηροί.
ὁ θεὸς λέγει ὅπως ἄνθρωποι μὴ ὦσι πονηροί.
ὁ θεὸς λέγει μὴ ἄνθρωποι ὦσι πονηροί.
Deus fala a fim de que os homens não sejam malvados.

Os pronomes demonstrativos οὗτος e ἐκεῖνος.

O grego possui dois pronomes demonstrativos principais, ou seja, pronomes que "apontam" ou "indicam" uma determinada realidade. Podem ser usados como adjetivos, concordando com um substantivo em gênero, número e caso, ou podem ser usados como substantivos. οὗτος significa *este,* e é usado para indicar alguém ou algo próximo; ἐκεῖνος significa *aquele,* e é usado para indicar alguém ou algo distante.

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	οὗτος	αὕτη	τοῦτο
g	τούτου	ταύτης	τούτου
d	τούτῳ	ταύτῃ	τούτῳ
a	τοῦτον	ταύτην	τοῦτο

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	οὗτοι	αὗται	ταῦτα
g	τούτων	τούτων	τούτων
d	τούτοις	ταύταις	τούτοις
a	τούτους	ταύτας	ταῦτα

Note-se a ausência do -ν final no nominativo e acusativo neutro singular.

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἐκεῖνος	ἐκείνη	ἐκεῖνο
g	ἐκείνου	ἐκείνης	ἐκείνου
d	ἐκείνῳ	ἐκείνῃ	ἐκείνῳ
a	ἐκεῖνον	ἐκείνην	ἐκεῖνο

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἐκεῖνοι	ἐκεῖναι	ἐκεῖνα
g	ἐκείνων	ἐκείνων	ἐκείνων
d	ἐκείνοις	ἐκείναις	ἐκείνοις
a	ἐκείνους	ἐκείνας	ἐκεῖνα

Note-se que os pronomes não possuem o caso vocativo.

Quando usados como adjetivos, οὗτος e ἐκεῖνος não vêm entre o artigo e o substantivo que modificam, ainda que usados em função atributiva. Em outras palavras, quanto à posição eles são predicativos, mas quanto ao sentido são atributivos.

ἔρχεται ἐκ τούτου τοῦ ἱεροῦ.
Está saindo deste templo.

Como se afirmou acima, οὗτος e ἐκεῖνος podem também ser usados como substantivos, e, quando são usados assim, normalmente não são acompanhados de artigo.

ἐκείνη ἔρχεται.
Aquela (mulher) vem.

O caso dativo.

O caso dativo é usado para expressar o objeto "indireto" de um verbo, isto é, a pessoa ou coisa a quem ou a que algo é realizado:

ὁ Κύριος λέγει τῷ ἀγγέλῳ.
O Senhor fala ao anjo.

ἔχω σημεῖον τῷ υἱῷ.
Tenho um sinal para o filho.

O caso dativo também pode ser regido por uma preposição:

ἔρχεται σὺν τῷ υἱῷ.
Vem com o filho.

O apóstrofo. Crase. Diérese.

Além dos sinais de pontuação explicados na lição 4, outros sinais são importantes para entender o texto grego do Novo Testamento: o apóstrofo para indicar elisão, o espírito suave para indicar a crase e o trema para indicar a diérese.

O apóstrofo é o sinal usado para indicar a elisão (supressão) de uma vogal. Ele é idêntico ao sinal usado para indicar o espírito suave ('). Tal elisão ocorre quando uma palavra perde a última vogal diante de outra palavra que se inicia com vogal. Assim, a frase ἀπ' οὐράνου, *do céu,* resulta quando o o final da palavra ἀπό é suprimido diante da vogal o da palavra οὐρανοῦ. O apóstrofo (') indica a omissão do o. Esta omissão não afeta de nenhum modo o sentido.

Crase (do grego κρᾶσις, significando *mistura*) é a "fusão" de duas palavras numa só e é assinalada por uma corônide (do grego κορωνίς, significando *gancho*). Como o apóstrofo, também a corônide é idêntica a um espírito suave ('). Assim as palavras καὶ ἐγώ tornam-se, pela crase, κἀγώ. Este é um fenômeno que envolve somente som. O significado não é afetado de nenhum modo.

A diérese (do grego διαίρεσις, significando *separação*) é o fenômeno pelo qual duas vogais que normalmente são pronunciadas como um ditongo são distinguidas, de modo que elas sejam pronunciadas separadamente. O sinal para indicar a diérese consiste em um trema (¨) posto acima da segunda vogal. Assim a palavra Ἡσαΐας, *Isaías*, pronuncia-se com quatro sílabas em vez de três. A palavra Μωϋσῆς, *Moisés*, pronuncia-se com três sílabas em vez de duas. (Nos primeiros estágios do desenvolvimento da língua grega a combinação ωυ tinha a força de ditongo.) Note-se que o sinal para a diérese escreve-se somente sobre ι ou υ.

Vocabulário.

ἐν [Prep 1] Preposição que rege o caso dativo: *em; dentro de.*

σύν [Prep 1] Preposição que rege o caso dativo: *com; junto com.*

ἵνα [Conj] *para que, a fim de que, para.* (Esta palavra também pode ser usada com diferentes significados, que correspondem a outras funções; cf., por exemplo, a lição 75.)

ὅπως [Conj] *para que; a fim de que; para.*

ἄλλος, ἄλλη, ἄλλο [Adj 1Pro, Pro] *outro; outra; uma outra coisa.* Esta palavra é usada com referência a dois ou mais.

ἐκεῖνος, ἐκείνη, ἐκεῖνο [Adj 1Pro, Pro] *aquele, aquela, aquilo.*

οὗτος, αὕτη, τοῦτο [Adj 1Pro, Pro] *este, esta, isto.*

τοιοῦτος, τοιαύτη, τοιοῦτο [Adj 1Pro, Pro] *tal como, assim como, de tal tipo.* Esta palavra declina-se prefixando τοι- a οὗτος, αὕτη, τοῦτο com o τ deste último omitido onde quer que ele ocorra.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἐν ἐκείναις ταῖς ἡμέραις οὗτος ὁ ἀδελφὸς ἦν πιστός. (Mc 1,9)
2. αἱ ἐκκλησίαι τοιαῦται οὐκ ἀγαθαί εἰσιν. (Mc 6,2)
3. ὁ ἄγγελος ἔρχεται σὺν τοῖς ἀνθρώποις. (Mc 8,34)
4. τῶν τοιούτων ἦν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν. (Mc 10,14)
5. ὁ κύριος ἔρχεται ἵνα οἱ ἄνθρωποι ὦσιν ἅγιοι. (Mc 3,14)
6. ἄλλοι οὐκ ἦσαν ἐν τῷ ἱερῷ. (Mc 4,36)
7. ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ ἦν σημεῖον ἐκ τῶν οὐρανῶν. (Mc 8,1)
8. ὁ θεὸς εἶπεν τὸν λόγον ὅπως μὴ ἡ ἁμαρτία ᾖ ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ. (Mc 5,33)
9. ἄλλοι ἀδελφοί εἰσιν ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ. (Mc 4,36)
10. οὗτοί εἰσιν οἱ υἱοὶ οἱ ἀγαπητοί. (Mc 9,7)
11. ἐκείνη ἡ ἐν τῇ βασιλείᾳ ἐστὶν ἁγία ἐστίν. (Mc 15,41)
12. οὗτος ὁ ἀδελφὸς ἔρχεται ἐκ τοῦ ἱεροῦ. (Mc 7,6)
13. ἔχω ταύτην τὴν γῆν. (Mc 4,5)

II. Traduza para o grego:

1. Aquele irmão vem para que a assembléia não seja malvada. (Mc 3,9)
2. Este é o irmão que vem. (Mc 12,7)
3. Outras vestes estavam com aquele filho. (Mc 2,26)

III. Mc 1,16-20.

Lição 6

O optativo. Optativo de εἰμί.
Os substantivos μαθητής e νεανίας.
O pronome pessoal ἐγώ.
Ênfase e uso explícito do pronome pessoal.
O caso vocativo.

O optativo.

O modo optativo é usado no Novo Testamento grego principalmente para expressar um desejo em uma oração principal.

Optativo de εἰμί.

O presente do optativo de εἰμί se conjuga do seguinte modo (cf. V 16; VD 78; PV 9):

	Singular	Plural
1ª pessoa	εἴην	εἴημεν / εἶμεν
2ª pessoa	εἴης	εἴητε / εἶτε
3ª pessoa	εἴη	εἴησαν / εἶεν

O optativo é usado na oração principal de um período para expressar um desejo:

εἴη ἀγαθή.
Que (ela) seja boa.

εἴησαν δίκαιοι.
Que (eles) sejam justos.

Os substantivos μαθητής e νεανίας.

A maioria dos substantivos da primeira declinação é do gênero feminino. Mas alguns substantivos masculinos ocorrem, com as seguintes formas (cf. N 4 e N 5):

	Singular	Plural
n	μαθητής	μαθηταί
v	μαθητά	μαθηταί
g	μαθητοῦ	μαθητῶν
d	μαθητῇ	μαθηταῖς
a	μαθητήν	μαθητάς

n	νεανίας	νεανίαι
v	νεανία	νεανίαι
g	νεανίου	νεανιῶν
d	νεανίᾳ	νεανίαις
a	νεανίαν	νεανίας

Note-se que o genitivo singular de ambos os substantivos tem a mesma desinência que o genitivo singular da segunda declinação, na qual a maioria dos substantivos é de gênero masculino (e.g., λόγος). Note-se também que substantivos como νεανίας têm apenas ε, ι ou ρ como letra final do radical, enquanto substantivos como μαθητής podem ter qualquer outra letra como letra final do radical.

O pronome pessoal ἐγώ.

Um "pronome pessoal" é um pronome que se refere a uma ou mais pessoas sem especificar um nome. Em grego existem pronomes pessoais para o singular e para o plural para todas as três pessoas. O pronome pessoal para a primeira pessoa do singular e do plural, isto é, para "eu" e "nós", tem as seguintes formas:

	Singular	Plural
n	ἐγώ	ἡμεῖς
g	ἐμοῦ / μου	ἡμῶν
d	ἐμοί / μοι	ἡμῖν
a	ἐμέ / με	ἡμᾶς

As formas μου, μοι e με diferenciam-se das formas paralelas no singular porque são menos enfáticas e por ser "enclíticas", isto é, tendem a perder o próprio acento para a palavra precedente. As enclíticas serão explicadas mais adiante, nas "Regras de acentuação". Para a diferença de significado, vejam-se os seguintes exemplos:

a) ὁ θεὸς λέγει μοι. *Deus fala a mim.*
b) ὁ θεὸς λέγει ἐμοί. *É a mim que Deus fala.*

(É claro que a mesma idéia de "b" poderia ser expressa usando-se a formulação de "a", com a ênfase marcada pelo tom de voz.)

Ênfase e uso explícito do pronome pessoal.

Dado que os modos indicativo, imperativo, subjuntivo e optativo possuem formas que por si mesmas indicam a pessoa e o número do sujeito, o uso do nominativo do pronome pessoal com esses modos freqüentemente indica ênfase. Muitas vezes, porém, a ênfase particular parece não ser pretendida. Aqui, como sempre, o contexto deve ser o guia.

ἐγὼ ἔχω τὴν δόξαν.
Eu tenho a glória.
Sou eu que tenho a glória.

O caso vocativo.

O caso vocativo é usado para indicar uma pessoa (ou uma coisa personificada) que está sendo invocada. Diversas vezes a interjeição ὦ (*Ó, Oh*) é usada diante diante de uma palavra no caso vocativo. Ocasionalmente, o caso nominativo (possivelmente com o artigo) se encontra no lugar do vocativo para invocar uma pessoa.

Κύριε.
ὦ Κύριε.
Ó Senhor!

ὁ θεός μου.
Meu Deus!

O vocativo, como o nominativo, nunca é regido por uma preposição.

Vocabulário.

διά [Prep 2] Rege o caso genitivo ou acusativo. Com o genitivo: *através de* [tempo, espaço, agente]; com o acusativo: *por causa de.*

βαπτιστής, -οῦ, ὁ [N 4] *Batista; aquele que batiza.*

δεσπότης, -ου, ὁ [N 4] *senhor; patrão; chefe.*

ἐργάτης, -ου, ὁ [N 4] *trabalhador; operário.*

Ἰορδάνης, -ου, ὁ [N 4] *(rio) Jordão.*

κριτής, -οῦ, ὁ [N 4] *juiz.*
λῃστής, -οῦ, ὁ [N 4] *ladrão.*
μαθητής, -οῦ, ὁ [N 4] *discípulo.*
προφήτης, -ου, ὁ [N 4] *profeta.*
στρατιώτης, -ου, ὁ [N 4] *soldado.*
ὑποκριτής, -οῦ, ὁ [N 4] *hipócrita; ator.*
ψεύστης, -ου, ὁ [N 4] *mentiroso; enganador.*

Ἀνδρέας, -ου, ὁ [N 5] *André.*
Μεσσίας, -ου, ὁ [N 5] *Messias.*
νεανίας, -ου, ὁ [N 5] *jovem.*

ἐγώ [Pro] *eu.*
ἡμεῖς [Pro] *nós.*

ὦ [Inter] *Ó, Oh.* [Devemos distinguir da primeira pessoa do singular do subjuntivo de εἰμί pelo contexto.]

καί [Conj] *e; também; ainda.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. διὰ τῆς ἡμέρας οἱ ἐργάται ἦσαν ἐν τῷ Ἰορδάνῃ. (At 1,3)
2. διὰ τούτους τοὺς λόγους ὁ κριτὴς ἦν ἀγαθός. (Mc 7,29)
3. εἴημεν ἀγαθοί.
4. ὁ βαπτιστὴς λέγει τοῖς ἀνθρώποις τοὺς τῆς ἀληθείας λόγους. (Mc 1,38)
5. ὁ Μεσσίας ἔρχεται ἐκ τοῦ ἱεροῦ. (Jo 4,25)
6. σὺν τῷ κυρίῳ ἦσαν κριταὶ ἡμῶν. (Mc 15,27)
7. ὁ κύριος εἶπεν τοῖς μαθηταῖς. (Mc 2,16)
8. ὁ στρατιώτης ἐστὶ λῃστὴς καὶ ψεύστης. (Jo 8,44)
9. ὁ λῃστὴς ἦν σὺν τῷ στρατιώτῃ. (Jo 18,40)
10. ἐκεῖνος ὁ νεανίας ἦν υἱὸς νεανίου. (Jo 8,44)
11. οἱ ἐργάται πιστοί εἰσιν. (Mt 9,37)
12. ψεύστης ἐστὶν καὶ ὁ υἱὸς ἐκείνου τοῦ ἀνθρώπου. (Jo 8,44)
13. ὁ βαπτιστὴς ἔρχεται ἐκ τοῦ ἱεροῦ. (Mt 3,1)

14. οἱ ἄνθρωποι ἦσαν ἐν τῷ Ἰορδάνῃ. (Mc 1,5)
15. ὦ ἄνθρωπε, ἴσθι ἀγαθός. (Rm 2,1)
16. ἐγὼ οὐκ εἰμὶ ἅγιος· ἡμεῖς οὐκ ἐσμὲν ἅγιοι. (Mc 1,7)
17. οἱ ἄνθρωποι ἦσαν ἐν τῷ οἴκῳ τοῦ Ἀνδρέου. (Mc 1,29)
18. μὴ ἴσθι ὑποκριτής. (Mc 5,34)
19. οὐκ ἔστιν προφήτης πιστὸς ἐν τῇ βασιλείᾳ. (Mc 6,4)
    [Quando a terceira pessoa do singular ou plural do verbo "ser" (εἰμί) ocorre no início de um período, pode ser adequadamente traduzida em português com a construção impessoal *há, havia* ou *haverá,* dependendo do número, tempo e modo da forma de εἰμί que for usada. Tal construção, é claro, pode conter uma negação, como aqui.]
20. ἴσθι ὑγιής. [Para o significado de ὑγιής, cf. lição 25.] (Mc 5,34)
21. εἶης ὑγιής.

II. Traduza para o grego:
1. Os discípulos do Senhor estavam no templo e os discípulos do Batista estavam no Jordão. (Mc 2,18)
2. És o chefe dos operários? (Mt 20,2)
3. André estava com o Messias. (Mc 13,3)

III. Mc 1,21-25.

Lição 7

O particípio. Particípio presente de εἰμί. O pronome pessoal σύ.

O particípio.

O particípio é um adjetivo verbal. Como verbo, possui voz, modo e tempo, e pode reger um objeto direto. Como adjetivo, possui gênero, número e caso, e concorda com o substantivo ou pronome que modifica. Ele pode ocasionalmente ser encontrado como substantivo, geralmente no gênero masculino ou neutro. Pode ser usado em referência à primeira, segunda ou terceira pessoas.

ὁ υἱὸς, σὺν τῷ θεῷ ὤν, ἅγιός ἐστιν.
O Filho, estando com Deus, é santo.

A língua grega é de modo incomum rica em particípios. O português não é assim rico em particípios, e geralmente expressa de outros modos (por exemplo, uma oração relativa) o que o grego expressa com particípio. Assim, o período acima pode também ser traduzido:

ὁ υἱὸς, σὺν τῷ θεῷ ὤν, ἅγιός ἐστιν.
O Filho, que está com Deus, é santo.

Esta idéia pode também ser expressa em grego, evidentemente, por uma oração relativa, como em português:

ὁ υἱὸς, ὅς ἐστι σὺν τῷ θεῷ, ἁγιός ἐστιν.
O Filho, que está com Deus, é santo.

A exata função do "tempo" de um particípio em relação ao tempo do verbo (geralmente no modo indicativo) com o qual está associado em um período ou oração é questão diversamente considerada entre os gramáticos. A matéria será discutida mais completamente no início da lição 9, onde será apresentado o "aspecto" dos verbos. Para o momento é suficiente saber que o particípio presente indica geralmente que a ação assinalada pelo particípio é simultânea ao tempo do verbo principal do período, seja esse tempo passado, presente ou futuro.

Particípio presente de εἰμί.

O particípio presente de εἰμί é o seguinte (cf. V 16; VD 53; PV 9, Adj 7):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ὤν	οὖσα	ὄν
v	ὤν	οὖσα	ὄν
g	ὄντος	οὔσης	ὄντος
d	ὄντι	οὔσῃ	ὄντι
a	ὄντα	οὖσαν	ὄν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ὄντες	οὖσαι	ὄντα
v	ὄντες	οὖσαι	ὄντα
g	ὄντων	οὐσῶν	ὄντων
d	οὖσι(ν)	οὔσαις	οὖσι(ν)
a	ὄντας	οὔσας	ὄντα

O dativo plural do masculino e neutro provém das seguintes mudanças de som:

1) A forma original é οντ-σι (cf. as demais formas plurais: οντ-ες, οντ-ων, οντ-ας, οντ-α). A letra τ cai diante da letra σ e, conseqüentemente, se tem a forma ονσι.

2) A forma ονσι torna-se ουσι porque o grupo consonantal νσ perde o ν, e a vogal precedente é alongada de ο para o ditongo ου.

O ν móvel no final do dativo plural masculino e neutro funciona exatamente do mesmo modo como o ν móvel quando éste se encontra na terceira pessoa das formas verbais.

As formas masculinas e neutras de ὤν, οὖσα, ὄν pertencem à terceira declinação. Esta declinação tem numerosos substantivos e adjetivos em uma variedade de categorias. Essas categorias serão tratadas nas lições subseqüentes. A forma feminina de ὤν, οὖσα, ὄν se declina como δόξα.

O pronome pessoal σύ.

O pronome pessoal da segunda pessoa do singular e plural tem as seguintes formas (cf. Pro):

	Singular	Plural
n	σύ	ὑμεῖς
g	σοῦ / σου	ὑμῶν
d	σοί / σοι	ὑμῖν
a	σέ / σε	ὑμᾶς

As formas σου, σοι e σε se diferenciam das formas paralelas no singular por serem menos enfáticas e por serem "enclíticas", isto é, tendem a perder o acento para a palavra precedente. As enclíticas serão explicadas adiante, nas "Regras de acentuação". Para a diferença de significado, observem-se os seguintes exemplos:

ὁ θεὸς λέγει σοί.
Deus fala a ti.

ὁ θεὸς λέγει σοι.
Deus te fala.

Visto que os modos indicativo, imperativo, subjuntivo e optativo têm muitas formas que por si mesmas indicam a pessoa e o número do sujeito, o uso do pronome pessoal no nominativo com esses modos freqüentemente indica ênfase. Muitas vezes, porém, a ênfase não parece pretendida. Devemos nos guiar pelo contexto.

ὑμεῖς ἔχετε [τὴν] δόξαν.
Vós tendes (a) glória.

Vocabulário.

κατά [Prep 2] Rege o genitivo ou acusativo. Com o genitivo: *para baixo; contra.* Com o acusativo: *em direção a; perto de; de acordo com.*

ἄρτος, -ου, ὁ [N 6m] *pão; comida.*

δοῦλος, -ου, ὁ [N 6m] *escravo; servo.*

θάνατος, -ου, ὁ [N 6m] *morte.*

λαός, -οῦ, ὁ [N 6m] *povo; nação.*

νόμος, -ου, ὁ [N 6m] *lei.*

οἶκος, -ου, ὁ [N 6m] *casa; família; dinastia.*

ὀφθαλμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *olho.*

ὄχλος, -ου, ὁ [N 6m] *multidão.*

τόπος, -ου, ὁ [N 6m] *lugar.*

'Ιησοῦς, ὁ [N 33] *Jesus*. Cf. N 33 para a declinação irregular.

σύ [Pro] *tu*.

ὑμεῖς [Pro] *vós*.

γάρ [Conj] *pois; porque*. Esta partícula nunca se encontra como primeira palavra de um período ou oração. O termo técnico para tal restrição é "pospositiva".

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. οὐκ ἦν σημεῖον κατὰ τοῦ Μεσσίου. (Mc 3,6)
2. ἦσαν γὰρ δοῦλοι. (Mc 1,16)
3. ὁ θάνατός ἐστι διὰ τὰς ἁμαρτίας. (Mc 7,29)
4. ἔρχεται ὁ κύριος ἵνα ὁ ἄρτος ᾖ ἅγιος. (Lc 4,3)
5. ὁ ὀφθαλμός σου οὐκ ἦν ἀγαθός. (Mc 9,47)
6. οὗτοι γάρ εἰσιν οἱ νόμοι καὶ οἱ προφῆται. (Mt 7,12)
7. οὐκ ἔστιν εὐαγγέλιον κατ' 'Ανδρέαν. (Mc 1,27)
   [Quando uma preposição é terminada em vogal e a palavra seguinte se inicia com outra, a vogal final da preposição geralmente cai, e um apóstrofo é escrito em seu lugar, para mostrar que ela se perdeu.]
8. ἔρχεται ὁ 'Ιησοῦς εἰς ἐκεῖνον τὸν τόπον. (Mc 1,35)
9. ἐκεῖνος ὁ λαὸς οὐκ ἦν πιστός. (Mc 7,6)
10. σὺ εἶ ὁ υἱὸς ὁ ἀγαπητός; (Mc 3,11)
11. ὁ 'Ιησοῦς ἔρχεται εἰς τὸν οἶκον 'Ανδρέου. (Mc 3,20)
12. οὐ γάρ ἐστε ὑμεῖς οἱ ὄντες ἀγαθοί. (Mc 13,11)
13. ἐκεῖνος ὁ ὄχλος ἔρχεται εἰς τὸν οἶκον τοῦ θεοῦ. (Mc 7,6)
14. δοῦλος 'Ιησοῦ ἐστι δοῦλος ἀνθρώπων. (Mc 10,44)

II. Traduza para o grego:

1. Esta multidão vem ao templo. (Mc 2,13)
2. A casa de Deus é santa e os profetas que estão nesta casa de Deus são santos. (Mc 11,17)
3. Jesus falou-nos naqueles dias. (Mc 1,9; 2,19)

III. Mc 1,26-31.

Lição 8

Futuro do indicativo, particípio futuro e infinitivo futuro de εἰμί.
O futuro do indicativo. O particípio futuro.
O infinitivo futuro. O acusativo com infinitivo.
O adjetivo e pronome pessoal αὐτός.
O uso reflexivo e não-reflexivo de αὐτός.
O substantivo σάρξ.

Futuro do indicativo, particípio futuro e infinitivo futuro de εἰμί.

No tempo futuro o verbo εἰμί é conjugado como segue (cf. V 16; VD 78; o particípio futuro se declina como Adj 1; o sistema do futuro de εἰμί como tal não é dado nos paradigmas de verbo no final do volume II desta gramática):

Indicativo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔσομαι	ἐσόμεθα
2ª pessoa	ἔσῃ	ἔσεσθε
3ª pessoa	ἔσται	ἔσονται
	serei	*seremos*
	serás	*sereis*
	será	*serão*

Particípio
Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἐσόμενος	ἐσομένη	ἐσόμενον
v	ἐσόμενε	ἐσομένη	ἐσόμενον
g	ἐσομένου	ἐσομένης	ἐσομένου
d	ἐσομένῳ	ἐσομένῃ	ἐσομένῳ
a	ἐσόμενον	ἐσομένην	ἐσόμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἐσόμενοι	ἐσόμεναι	ἐσόμενα
v	ἐσόμενοι	ἐσόμεναι	ἐσόμενα
g	ἐσομένων	ἐσομένων	ἐσομένων
d	ἐσομένοις	ἐσομέναις	ἐσομένοις
a	ἐσομένους	ἐσομένας	ἐσόμενα

O infinitivo futuro de εἰμί é ἔσεσθαι.

O futuro do indicativo.

O tempo futuro do modo indicativo em grego corresponde ao tempo futuro em português. Ele expressa ação pontual, ou ação repetida ou contínua no futuro, em uma oração independente ou dependente. (Cf. adiante, lição 11, para uma apresentação mais detalhada.)

ἔσομαι δίκαιος.
Serei justo.

οὐκ ἔσονται ἐν τῷ οἴκῳ.
Não estarão na casa.

O particípio futuro.

O particípio futuro pode expressar ação pontual, ou uma ação repetida ou contínua. O contexto mostra que ele indica ação subseqüente ao verbo principal do período em que se encontra, seja essa ação passada, presente ou futura:

τὸ ἔργον τὸ ἐσόμενον ἀγαθὸν ἔσται.
A obra futura [literalmente: *a obra que será*] *será boa.*

O particípio futuro de εἰμί é raro no Novo Testamento. Sua flexão tem importância acidental, na medida em que ele serve como paradigma para particípios, futuros ou não, de outros verbos que são mais comuns.

O infinitivo futuro.

O infinitivo futuro pode expressar ação pontual, ou ação repetida ou contínua. O contexto mostra que ele indica ação subseqüente ao verbo principal do período em que se encontra, seja essa ação passada, presente ou futura.

O uso do infinitivo futuro pode talvez ser mais bem visto em uma construção chamada "acusativo com infinitivo", ainda que o acusativo com infinitivo não se limite ao infinitivo futuro (cf. o item explicativo seguinte).

O acusativo com infinitivo.

Na construção chamada "acusativo com infinitivo", um substantivo ou pronome no caso acusativo é construído como sujeito de um infinitivo. O acusativo com infinitivo é usado de vários modos em grego, mas um dos principais é depois de um *verbum dicendi*[2]:

ὁ Ἰησοῦς λέγει τὸν βαπτιστὴν ἔσεσθαι δίκαιον.
Jesus diz que o Batista será justo.

Aqui a palavra βαπτιστήν, *Batista*, é posta no caso acusativo porque é sujeito do infinitivo ἔσεσθαι. A palavra δίκαιον está no caso acusativo porque concorda com βαπτιστήν. (O verbo εἰμί "mantém para depois o mesmo caso que vem antes". Estando o verbo geralmente no modo indicativo, a palavra que vem "antes" dele, isto é, o sujeito, está normalmente no caso nominativo, e a palavra "depois" dele, isto é, o predicado, está no caso nominativo, do mesmo modo. Mas se a palavra "antes" dele, isto é, o sujeito, está no caso acusativo, como ocorre quando o verbo εἰμί é infinitivo, então a palavra que vem "depois", isto é, o predicado, também está no acusativo. [Note-se que às vezes o sujeito do infinitivo é encontrado depois do infinitivo, do mesmo modo que o sujeito de um verbo no modo indicativo pode às vezes ser encontrado depois do verbo.]) O tempo futuro do infinitivo é usado porque o indicativo futuro se usava no discurso direto, isto é: *Jesus diz: "O Batista será justo"*.

As mesmas regras se aplicam aos infinitivos dos outros tempos. Assim, a afirmação direta: *Jesus diz: "O Batista é justo"*, torna-se a afirmação indireta: *Jesus diz que o Batista é justo*. Em grego, teríamos: ὁ Ἰησοῦς λέγει τὸν βαπτιστὴν εἶναι δίκαιον, isto é, o infinitivo presente de εἰμί é usado, porque o tempo do verbo na oração subordinada é visto como simultâneo ao tempo do verbo da oração principal.

εἰμί não tem infinitivo aoristo, mas, se tivesse, seria usado para expressar a afirmação indireta: *Jesus diz que o Batista foi justo*, o que, por sua vez, pode-se expressar como afirmação direta, ou seja: *Jesus diz: "O Batista foi justo"*. Há também outra forma do infinitivo que muitos verbos têm, mas que εἰμί não tem: o perfeito. O valor do aoristo e do perfeito será tratado quando estes aspectos forem apresentados em conexão com o verbo λύω. A falta do

---

[2] *Verbum dicendi*: verbo que precede uma declaração, afirmação etc.

infinitivo aoristo e do infinitivo perfeito em εἰμί significa que outro modo, além do infinitivo, ou outro verbo, além de εἰμι, deve ser usado em lugar de um acusativo com infinitivo, nessas áreas de tempo.

Com esta lição concluímos a apresentação de todas as formas do verbo εἰμί. Não há, no Novo Testamento, nenhum verbo no subjuntivo futuro ou no optativo futuro.

O adjetivo e pronome pessoal αὐτός.

O adjetivo αὐτός, que também serve como a terceira pessoa do pronome pessoal, declina-se do seguinte modo (cf. Adj 1Pro, Pro):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	αὐτός	αὐτή	αὐτό
g	αὐτοῦ	αὐτῆς	αὐτοῦ
d	αὐτῷ	αὐτῇ	αὐτῷ
a	αὐτόν	αὐτήν	αὐτό

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	αὐτοί	αὐταί	αὐτά
g	αὐτῶν	αὐτῶν	αὐτῶν
d	αὐτοῖς	αὐταῖς	αὐτοῖς
a	αὐτούς	αὐτάς	αὐτά

Como adjetivo, αὐτός significa *mesmo*, quando precedido de artigo, ou *próprio*, quando não é precedido de artigo:

εἶπε τὸν αὐτὸν λόγον.
Disse a mesma palavra.

Ἰησοῦς αὐτὸς ἔρχεται.
O próprio Jesus vem.

Quando usado como pronome, αὐτός indica a terceira pessoa:

ἔβλεπον αὐτόν.
(Eu) o via.

ἔβλεπον αὐτούς.
(Eu) os via.

O uso reflexivo e não-reflexivo de αὐτός.

No grego clássico o caso genitivo de αὐτός era usado somente em sentido não-reflexivo. Ou seja, ele não se referia ao sujeito da oração principal ou subordinada em que se encontrava:

ἔβλεπε τὸν οἶκον αὐτοῦ.
(Ele) via sua [ou seja, de outra pessoa] *casa.*

No Novo Testamento, porém, o caso genitivo freqüentemente se encontra em sentido reflexivo. Ou seja, ele se refere ao sujeito da oração principal ou subordinada em que se encontra:

ἔβλεπε τὸν οἶκον αὐτοῦ.
(Ele) via sua [ou seja, sua própria] *casa.*

Normalmente o contexto esclarece se αὐτός está sendo usado de modo reflexivo ou não.

O substantivo σάρξ.

A importância do radical de um substantivo ou adjetivo é especialmente notada na terceira declinação. (Os gêneros masculino e neutro do particípio presente do verbo εἰμί pertencem a esta declinação. Cf. acima, lição 7.)

Os substantivos da terceira declinação são divididos em categorias de acordo com o som final do radical.

Radicais palatais (às vezes designados como guturais) terminam em κ, γ ou χ e são assim chamadas porque κ, γ e χ são chamadas consoantes "palatais", isto é, elas implicam o palato em sua pronúncia. Declinam-se do seguinte modo (σάρξ, *carne*, N 8f):

	Singular	Plural
n	σάρξ	σάρκες
v	σάρξ	σάρκες
g	σαρκός	σαρκῶν
d	σαρκί	σαρξί(ν)
a	σάρκα	σάρκας

O radical de um substantivo pode ser encontrado eliminando-se a desinência do genitivo singular. Na terceira declinação a desinência para os substantivos geralmente é -ος. Assim, o radical de σάρξ é σαρκ-.

No dativo plural a desinência é -σι(ν), mas não se escreve σαρκσί e sim σαρξί. A letra ξ chama-se "consoante dupla", pois ela é simplesmente um

modo de escrever as duas consoantes κσ. A letra ξ é também resultado das combinações γσ e χσ.

Vocabulário.

μετά [Prep 2] Rege o caso genitivo ou acusativo. Com o genitivo: *com; junto com.* Com o acusativo: *depois de; após.*

Vários substantivos no Novo Testamento são declinados exatamente como λόγος, mas são femininos. Os mais freqüentemente usados são os seguintes:

ἄβυσσος, -ου, ἡ [N 6f] *abismo.*

ἄμπελος, -ου, ἡ [N 6f] *vinha; videira.*

βίβλος, -ου, ἡ [N 6f] *livro.*

ἔρημος, -ου, ἡ [N 6f] *deserto.* [Também encontrado como adjetivo; cf. lição 24.]

νῆσος, -ου, ἡ [N 6f] *ilha.*

νόσος, -ου, ἡ [N 6f] *doença.*

ὁδός, -οῦ, ἡ [N 6f] *estrada; caminho; jornada.*

ῥάβδος, -ου, ἡ [N 6f] *bastão; cajado; cetro.*

αὐτός, αὐτή, αὐτό [Adj 1Pro, Pro] *ele, ela; mesmo; próprio; ele mesmo...*

σάρξ, σαρκός, ἡ [N 8f] *carne; natureza humana.*

--

δέ [Conj] Esta é uma conjunção freqüentemente usada com certa variedade de significados sutis. É usada tanto sozinha como com outras conjunções ou partículas. Sozinha pode ter sentido meio adversativo: *mas, ou melhor, ao contrário.* Pode ter sentido de ligação: *e.* Pode ser usada para continuar um discurso ou narração: *ora, então, assim.* Nunca é a primeira palavra em seu período ou oração, ou seja, é sempre pospositiva.

adversativo = mas, ou
conect. [illegible]

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ μαθητὴς ἦν μετὰ τῶν βίβλων αὐτοῦ. (Mc 1,13)
2. τὸ δαιμόνιον ἔρχεται ἐκ τῆς ἀβύσσου. (Ap 11,7)
3. ὁ Ἰησοῦς λέγει· ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος. (Jo 15,1)
4. ἡ ἀλήθεια ἐστιν ἐν ταύτῃ τῇ βίβλῳ. (Mc 12,26)
5. ὁ βαπτιστὴς ἦν ἐν τῇ ἐρήμῳ. (Mc 1,4)
6. ὁ στρατιώτης ἔρχεται εἰς τὴν νῆσον. (At 27,26)
7. νόσοι ἦσαν ἐν τῷ λαῷ. (Mt 4,23)
8. οἱ μαθηταὶ τοῦ Ἰησοῦ ἦσαν ἐν τῇ ὁδῷ. (Mc 8,27)
9. ὁ μαθητὴς ἔχει τὴν ῥάβδον. (Mc 6,8)
10. αὐτὸς γὰρ ὁ θεὸς εἶπεν τούτους τοὺς λόγους. (Mc 6,17)
11. τὸ δαιμόνιον ἔρχεται ἐξ αὐτοῦ. (Mc 1,26)
12. ὁ δὲ Ἰησοῦς λέγει αὐτοῖς περὶ αὐτῆς. (Mc 1,30) [Para o significado de περί, cf. o vocabulário da lição 9.]
13. ἔρχεται δὲ ἡ ἡμέρα τοῦ κυρίου. (Mc 2,20)

II. Traduza para o grego:

1. Depois deste dia estaremos com o Senhor no seu reino. (Mc 8,31)
2. O Batista vem ao deserto com os seus discípulos. (Mt 11,7)
3. Os discípulos estavam com Jesus naquele caminho. (Mc 9,33)

III. Mc 1,32-37.

Lição 9

A flexão de verbos e substantivos, pronomes e adjetivos.
Os sistemas verbais em -ω e -μι. As vozes ativa e passiva.
O significado do "aspecto" no sistema verbal grego.
Presente do indicativo ativo de λύω. Regras de acentuação 1.

A flexão de verbos e substantivos, pronomes e adjetivos.

Em grego todos os verbos e quase todos os substantivos, pronomes e adjetivos são "flexionados", isto é, modificados de um ou outro modo para indicar a função da palavra na oração. A parte da palavra que permanece invariável chama-se "radical"; a parte variável chama-se "desinência". A flexão de um verbo é geralmente referida como "conjugação"; a flexão de um substantivo, pronome ou adjetivo é referida como "declinação". Às vezes a terminologia varia, e o estudante deve estar atento para notar o modo como os termos são usados. Veja-se, na lição 4, a consideração preliminar sobre o radical.

A parte invariável de uma palavra é chamada "radical"[3] em relação à sua desinência. Esta parte invariável chama-se também "raiz" em relação a outras palavras. Mas deve-se ter em mente que a raiz e o radical nela baseado nem sempre correspondem exatamente, ainda que o radical esteja fundado na raiz. Por exemplo, o substantivo ἄγγελος e o verbo ἀγγέλλω no sistema do presente compartilham a raiz ἀγγελ-. Seus significados – *mensageiro* e *anunciar* – transmitem esta partilha. O verbo, porém, tem ἀγγελλ- como radical apenas no sistema do presente. No sistema do futuro o radical é ἀγγελ-, com apenas um λ. Geralmente tais variações de raiz para formar radicais não são tão grandes a ponto de torná-las irreconhecíveis.

---

[3] Ver nota 4.

Os sistemas verbais em -ω e -μι.

Os verbos gregos dividem-se em duas classes principais: os que terminam em -ω e os que terminam em -μι. O verbo εἰμί pertence à última categoria. Ele foi apresentado bem no começo desta gramática devido a seu uso freqüente e a sua importância para a compreensão do uso predicativo e atributivo dos adjetivos. Mas os verbos que terminam em -ω são bem mais numerosos que os verbos que terminam em -μι, e a conjugação deles será apresentada a partir desta lição, antes dos verbos terminados em -μι, cuja apresentação terá início na lição 55, onde se tratará da diferença técnica entre os verbos em -ω e -μι.

As vozes ativa e passiva.

"Voz" é o termo gramatical usado para indicar a relação do sujeito de um verbo com a ação que o verbo expressa. Se o sujeito gramatical de um verbo é idêntico ao sujeito real da ação que o verbo expressa, diz-se que o verbo está na voz "ativa". Por exemplo, *Eu vejo o livro* é uma oração em que o sujeito gramatical do verbo, *eu*, é também o sujeito real ou "agente" da ação de "ver". Diz-se, portanto, que o verbo *ver* está na voz ativa. Porém, se o sujeito gramatical de um verbo não é idêntico ao sujeito real da ação que o verbo expressa, diz-se que o verbo está na voz "passiva". Por exemplo, *O livro é visto por mim* é uma oração em que o sujeito gramatical do verbo, *o livro*, não é o sujeito real da ação que o verbo expressa. O sujeito real da ação, isto é, o "agente", é indicado pela expressão *por mim*. O sujeito gramatical, *o livro*, é completamente "passivo" em relação à ação de "ver".

Em grego existe uma série de formas para a voz ativa, e outra série de formas para a voz passiva. Existe ainda outra série de formas para uma terceira voz, chamada "média", que será explicada na lição 26.

O verbo εἰμί é o único que não possui voz.

O significado do "aspecto" no sistema verbal grego.

O significado primário de tempo no texto grego do Novo Testamento é aquele transmitido pela divisão do tempo em passado, presente e futuro. *Este tempo primário no Novo Testamento é transmitido diretamente apenas pelo modo indicativo.* (Vejam-se as explicações do tempo presente de εἰμί na lição 2, do tempo imperfeito na lição 3 e do tempo futuro na lição 8.) Expressões deste significado primário de tempo são dadas no modo indicativo de vários modos, mas fundamentalmente pelo uso do radical verbal. (Para o

sentido genérico do "radical"[4], cf. acima, nesta lição.) A maioria dos verbos tem quatro radicais: presente, aoristo, futuro e perfeito. Estes quatro radicais correspondem a quatro "aspectos" verbais. *O "aspecto" verbal no Novo Testamento é a categoria gramatical que expressa o ponto de vista de quem fala em relação à ação que o verbo descreve.* O aspecto presente (veiculado pelo radical do presente) expressa a visão de uma *ação não terminada;* ele considera uma ação a partir de dentro, por assim dizer, sem nenhuma referência a seu início ou a seu fim; a ação é vista como sem limite. O aspecto aoristo (veiculado pelo radical do aoristo) expressa a visão de uma *ação terminada;* ele considera uma ação a partir de fora, por assim dizer, com referência ao final da ação; a ação é vista como concluída. Os aspectos presente e aoristo são emparelhados, no sentido em que são os aspectos principais usados no discurso, freqüentemente em sutil contraponto um com o outro. Eles são os aspectos mais importantes no Novo Testamento grego, e são freqüentemente muito mais usados do que os outros dois "aspectos", que são "aspectos" somente em um sentido enfraquecido e analógico em comparação com os aspectos do presente e do aoristo. O aspecto futuro (veiculado pelo radical do futuro) expressa a visão de uma *ação de algum modo subseqüente.* O aspecto perfeito (veiculado pelo radical do perfeito) expressa a visão de uma *ação de algum modo anterior.* Estes dois aspectos não se apresentam como contraponto um do outro, como acontece freqüentemente com o presente e o aoristo. O uso dos radicais verbais, implicando aspectos, é em grego o modo básico de veicular tempo primário, *quando empregado no modo indicativo.* Muitos outros significados são usados para veicular tempo primário em grego. Estes incluem a significação do próprio verbo e o uso de outras palavras no contexto.

Os aspectos existem também nos modos não-indicativos: subjuntivo, optativo, imperativo, particípio e infinitivo. Nestes modos o aspecto não indica tempo primário, mas conserva o sentido dos aspectos dado acima. O modo como estes usos não-indicativos dos aspectos devem ser interpretados será discutido conforme cada novo modo seja apresentado.

A interpretação acima de aspecto é hoje apenas uma de muitas interpretações avançadas no estudo do Novo Testamento grego, e é apresentada aqui simplesmente como recurso pedagógico. O estudante que está começando deve estar atento para verificar se a interpretação serve para explicar adequadamente o texto. Ainda que o estudante eventualmente não concorde com esta interpretação, ela terá servido como apresentação introdutória.

---

[4] Em grego o radical verbal tem relação direta com o aspecto: inacabado, aoristo e acabado.

Uma palavra final de advertência. O Novo Testamento grego possui uma longa linhagem lingüística. Ou seja, ele é resultado de centenas de anos de evolução lingüística. Nem todo verbo se ajusta precisamente à linha teórica dada acima. Alguns verbos usam radicais peculiares, freqüentemente estereotipados. Os autores do Novo Testamento não eram lingüistas profissionais. Usavam a linguagem do modo como sentiam que era apropriado para seu pensamento. O estudante deverá estar precavido de forçar tão facilmente o texto em um modelo inteiramente lógico. [Cf. o Apêndice: "Aspecto no sistema verbal grego" no final deste volume.]

Presente do indicativo ativo de λύω.

Para o significado do modo indicativo, cf. a lição 2. O tempo presente do Novo Testamento grego se conhece pelo fato de o radical verbal ser o radical do presente. Este radical do presente veicula a idéia do aspecto que considera a ação do verbo como não terminada (cf. acima, nesta lição). Uma ação verbal que é considerada como não terminada, quando apresentada no modo indicativo, indica o tempo presente, se não houver aumento. O aumento é usado com o radical do presente para mostrar que a ação não terminada está no tempo passado. (Tal forma é o tempo imperfeito, que será apresentado na lição 12.)

O tempo presente do modo indicativo do verbo λύω, *solto, desamarro, liberto, dissolvo* (raiz: λυ-; radical do presente: λυ-) assim se conjuga (cf. V 1; PV 1):

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύ-ω	λύ-ομεν
2ª pessoa	λύ-εις	λύ-ετε
3ª pessoa	λύ-ει	λύ-ουσι(ν)
	solto, estou soltando	*soltamos, estamos soltando*
	soltas, estás soltando	*soltais, estais soltando*
	solta, está soltando	*soltam, estão soltando*

Regras de acentuação 1.

Em grego o acento agudo (cf. lição 1) pode ficar sobre uma das três últimas sílabas de uma palavra; o circunflexo, sobre uma das duas últimas; o grave, somente sobre a última sílaba:

λύετε	λύω	σαρκός
	οὖσι	σαρκῶν
		μαθητὴς

As "Regras de acentuação" continuarão nas lições subseqüentes.

Vocabulário.

περί [Prep 2] Rege o caso genitivo e o acusativo. Com o genitivo: *acerca de; a respeito de.* Com o acusativo: *acerca de; ao redor de* [sentido espacial ou temporal].

βλέπω [V 4; VD 43; PV 1] [A indicação "PV 1" refere-se ao paradigma da voz ativa do verbo em questão. Um verbo normalmente possui uma voz média e uma voz passiva, mas, com o objetivo de simplificar, as referências a estas vozes serão omitidas até que não tenham sido apresentadas, nas lições 26 e 36.] *vejo, estou vendo.*[Em toda a lista de vocabulário subseqüente o tempo progressivo em português – *estou vendo* – será pressuposto.]

γράφω [V 4; VD 53; PV 1] *escrevo.*

διώκω [V 2; VD 64; PV 1] *persigo; sigo.*

ἔχω [V 2; VD 109; PV 1] *tenho; possuo.* Cf. lição 3. Este verbo é irregular nos sistemas do futuro, aoristo e perfeito.

κωλύω [V 1; PV 1] *impeço; proíbo; recuso.*

λέγω [V 2 (I); VD 179; PV 1, 4] *digo; falo.* Este verbo é irregular em todos os outros sistemas temporais. A terceira pessoa do singular e plural do tempo aoristo foi dada na lição 2; a terceira pessoa do singular do tempo presente foi dada na lição 3.

λύω [V 1; PV 1] *solto; desamarro; dissolvo.*

πέμπω [V 4; PV 238; PV 1] *envio.*

σάλπιγξ, σάλπιγγος, ἡ [N 9f] *trombeta.*

Outros dois temas palatais freqüentemente encontrados no Novo Testamento são irregulares no nominativo singular:

γυνή, γυναικός, ἡ [N 8f, N 33] *mulher; esposa.*

θρίξ, τριχός, ἡ [N 10f, N 33] *cabelo; pêlo.*

νύξ, νυκτός, ἡ [N 8f, N 33] *noite*. O τ encontra-se em todas as formas exceto no nominativo e vocativo singular e no dativo plural, porém a raiz é palatal.

οὖν [Adv 3] *portanto, então, assim*. Esta palavra é pospositiva.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἦν ὄχλος περὶ τὸν Ἰησοῦν. (Mc 9,14)
2. ὁ οὖν κύριος Ἰησοῦς ἔχει ἐξουσίαν ἐπὶ τῆς γῆς. (Mc 16,19; 2,10) [Cf. o vocabulário da lição 12 para o significado de ἐπί.]
3. λέγει ὁ κριτὴς αὐτοῖς περὶ αὐτῆς. (Mc 1,30)
4. κύριε, ὁ θεὸς γράφει τοῖς ἀνθρώποις. (Mc 12,19)
5. ἡ γυνὴ ἔχει τρίχας καλάς.
6. βλέπομεν τοὺς ἀνθρώπους. (Mc 8,24)
7. διὰ τῆς νυκτὸς ἦν ἐν τῇ ἐρήμῳ. (Mc 5,5)
8. ὁ ἀγαθὸς στρατιώτης ἔρχεται καὶ λύει αὐτόν. (Mc 11,4)
9. πέμπουσιν τοὺς ἀγγέλους μετὰ σαλπίγγων. (Mt 25,31)
10. οὐκ ἔχομεν ἐξουσίαν ἐν ἐκείνῳ τῷ τόπῳ. (Mc 1,22)
11. διώκετε τοὺς προφήτας. (Mt 23,34)
12. οἱ δεσπόται κωλύουσι τοὺς ἐργάτας. (Mc 9,38)
13. πέμπεις αὐτοὺς εἰς τὴν ἔρημον; (Mc 5,12)
14. ὁ ὄχλος λέγει περὶ τοῦ Ἰησοῦ. (Mc 1,30)
15. περὶ ταύτην τὴν ἡμέραν ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς. (Mc 6,48)
16. ὁ λῃστὴς λέγει κατὰ τὴν σάρκα. (Jo 8,15)

II. Traduza para o grego:

1. Escrevemos aos nossos próprios discípulos estes livros a respeito da verdade do Senhor. (Mc 4,34)
2. Enviamos portanto as trombetas que temos.
3. Depois daqueles dias nossos corações não eram bons. Não éramos portanto santos. (Lc 1,24)

III. Mc 1,38-42.

Lição 10

O imperfeito do indicativo ativo. Imperfeito do indicativo ativo de λύω.
O aumento. Os verbos compostos I.
O substantivo Ἄραψ. Regras de acentuação 2.

O imperfeito do indicativo ativo.

O imperfeito do indicativo é formado com o radical do presente e, assim, mostra que a ação expressa é vista como não terminada (cf. lição 9). O modo indicativo mostra que o tempo primário está sendo expresso. O tempo imperfeito tem um aumento que mostra que a ação está no tempo passado. (Para a formação do aumento, cf. abaixo.) *Quando interpretado de acordo com outros elementos do contexto, o imperfeito geralmente indica uma ação passada que é vista como repetida ou contínua.* Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

O estudante deve notar bem que o tempo imperfeito baseia-se no radical do presente. Isto indica que a ação não é considerada como terminada. A característica de ser "passado" vem primariamente pelo aumento.

Imperfeito do indicativo ativo de λύω.

O imperfeito indicativo ativo de λύω conjuga-se do seguinte modo (cf. V 1; PV 1):

Tempo imperfeito, voz ativa, modo indicativo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔ-λυ-ον	ἐ-λύ-ομεν
2ª pessoa	ἔ-λυ-ες	ἐ-λύ-ετε
3ª pessoa	ἔ-λυ-ε(ν)	ἔ-λυ-ον
	soltava	*soltávamos*
	soltavas	*soltáveis*
	soltava	*soltavam*

A primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural têm a mesma forma. Elas são distinguidas pelo contexto.

Deve-se enfatizar que o imperfeito forma-se a partir do mesmo radical do verbo λύω (λυ-) usado para formar o presente.

O aumento.

Para os verbos cuja raiz começa por consoante, o tempo imperfeito normalmente é formado prefixando um ἐ ao radical do presente e acrescentando as desinências da respectiva voz, ativa ou médio-passiva. O ἐ prefixado chama-se "aumento", e indica que a ação em questão está no tempo passado. Ele é encontrado somente no modo indicativo. O aumento em ἐ tem sempre o espírito suave.

Quando o radical do presente do verbo começa por vogal ou ditongo, o aumento se forma não prefixando a letra ἐ, mas aumentando a vogal ou ditongo, de acordo com as seguintes regras:

α torna-se η:	ἀκούω > ἤκουον
ε torna-se η:	ἐσθίω > ἤσθιον
ι torna-se ῑ:	ἰσχύω > ἴσχυον (o macro [¯] sobre o iota não se escreve)
ο torna-se ω:	ὀνομάζω > ὠνόμαζον
υ torna-se ῡ:	ὑβρίζω > ὕβριζον (o macro [¯] sobre o ípsilon não se escreve)
αι torna-se ῃ:	αἴρω > ᾖρον (o iota do ditongo αι transforma-se em iota subscrito na forma aumentada)
αυ torna-se ηυ:	αὐξάνω > ηὔξανον
ευ torna-se ηυ	ou permanece ευ: εὑρίσκω > ηὕρισκον ou εὕρισκον
οι torna-se ῳ:	οἰκτίρω > ᾤκτιρον (o iota do ditongo οι transforma-se em iota subscrito na forma aumentada)

As formas longas escritas ι e υ não se distinguem das breves ι e υ. Na pronúncia a distinção poderia ser feita por um leve aumento do som.

O espírito para o aumento formado prefixando-se ε é sempre suave. Mas o espírito para um aumento formado pelo alongamento de uma vogal ou ditongo mantém o mesmo espírito que na forma não aumentada da raiz do presente. Assim ἀκούω torna-se ἤκουον e αὐξάνω torna-se ηὔξανον, ao passo que ὑβρίζω torna-se ὕβριζον e εὑρίσκω torna-se ηὕρισκον / εὕρισκον.

O aumento do verbo ἔχω é irregular: εἶχον.

Os verbos compostos I.

Em grego muitos verbos são chamados "compostos" porque compõem-se de um prefixo (geralmente uma preposição) e de um verbo simples (ou seja, não composto). Assim, o verbo ἀπολύω, *solto*, é composto pelo prefixo ἀπό e pelo verbo simples λύω. *Nestes verbos o aumento normalmente é posto imediatamente antes do verbo simples ou raiz.* Assim, ἀπέλυον é a forma para a primeira pessoa do singular ou terceira pessoa do plural, isto é, a vogal final de ἀπο cai diante do aumento, e ἀπο-ἔλυον torna-se ἀπέλυον. A vogal final da maioria dos prefixos cai diante de um aumento. As exceções mais comuns a esta regra são as preposições περί e πρό: περιῆγον, προέβαινον. (Deve-se notar que estes dois prefixos sempre mantêm a vogal final diante da forma verbal, ainda que esta última comece por vogal. Por exemplo, περιάγω é o tempo presente do verbo a partir do qual o imperfeito περιῆγον é formado. Existe também um verbo προάγω, cujo imperfeito é προῆγον.) [Cf. também "Os verbos compostos II", na próxima lição.]

O nome Ἄραψ.

As raízes labiais dos nomes da terceira declinação terminam em π, β ou φ, consonantes chamadas "labiais" porque sua pronúncia se dá com o uso dos lábios. São declinados do seguinte modo (Ἄραψ, *árabe*) (cf. N 12):

	Singular	Plural
n	Ἄραψ	Ἄραβες
v	Ἄραψ	Ἄραβες
g	Ἄραβος	Ἀράβων
d	Ἄραβι	Ἄραψι(ν)
a	Ἄραβα	Ἄραβας

A raiz dos labiais pode ser determinada eliminando-se o -ος final do genitivo singular. Assim, a raiz de Ἄραψ é Ἄραβ-.

No dativo plural, uma raiz que termina em π não se grafa πσ mas ψ. A letra ψ é chamada "consoante dupla", porque ela é simplesmente um modo de escrever as duas consoantes πσ. A letra ψ também resulta do encontro no dativo plural de β com σ (como em Ἄραψ) e de φ com σ. Mas o processo pelo qual isso ocorre é mais complicado.

No Novo Testamento há poucos nomes nesta categoria.

Regras de acentuação 2.

Uma sílaba é breve quando contém uma vogal breve ou um ditongo que, por finalidade de acentuação, é considerado breve. Uma sílaba é longa quando contém uma vogal longa ou um ditongo considerado longo. (Ditongos são normalmente considerados longos, a não ser que explicitamente indicado como sendo de outro modo.)

Um acento agudo e um acento grave podem ficar sobre uma sílaba longa ou breve. Um acento circunflexo pode ficar somente sobre uma sílaba longa. Como estabelecido na primeira lição, as letras η e ω são sempre longas. Assim, encontram-se palavras acentuadas do seguinte modo: βοῶντος, τῇ, ἁμαρτιῶν, τῷ, ἦν, ποταμῷ, ἦλθεν, τῶν, οὐρανῶν.

As letras η e ω não precisam ter sempre acento circunflexo. Sobre elas são possíveis acentos agudo e grave. Assim encontram-se palavras acentuadas deste modo: Ἀρχὴ, καθὼς, προφήτῃ, προσώπου, τὴν, φωνὴ, ἐρήμῳ, χώρα.

As letras ε e ο são sempre breves. Será portanto *impossível* encontrar palavras acentuadas do seguinte modo: ἀποστέλλω, τόν, πρό, ὅς, πρός, ἐνδεδυμένος, μέλι, λέγων.

Quando as letras ε ou ο têm acento, eles são tanto agudos quanto graves: γέγραπται, ἀποστέλλω, τὸν, πρὸ, δὲ, ὁδόν, ἐγένετο, πρὸς.

As letras α, ι e υ podem ser longas ou breves e, portanto, podem ter todos os três tipos de acento: εὐαγγελίου, κατασκευάσει, κηρύσσων, πᾶσα, Ἱεροσολυμῖται, λῦσαι, εἰμὶ, περὶ, ὀσφὺν, εὐθὺς, περιστερὰν, μετὰ.

O fato de πᾶσα, Ἱεροσολυμῖται e λῦσαι possuírem acento circunflexo indica que as vogais α, ι e υ são longas. Mas o fato de uma vogal α, ι ou υ possuir um acento agudo não necessariamente significa que ela seja breve, já que outras regras de acentuação podem tornar o acento agudo necessário.

Os ditongos são considerados longos exceto para os finais -αι e -οι (mas mesmo os finais -αι e -οι são considerados longos no modo optativo e nos adjetivos contratos). Desse modo o acento circunflexo é com freqüência encontrado sobre um ditongo: Ἰησοῦ, Χριστοῦ, ποιεῖτε, καταβαῖνον, πνεῦμα, τοῖς, καῦσις, ἐληλυθυῖαν. Todavia, mesmo ditongos considerados longos podem ter, é claro, acento agudo ou grave: ἰδοὺ, εὐθείας, μετανοίας, ἐξεπορεύετο, Ἰουδαία, ηὔξησεν.

Os finais -οι e -αι nunca têm acento circunflexo: μαθηταὶ, μαθηταί, υἱοὶ, υἱοί. Uma exceção a esta regra se encontra no caso de sílabas formadas por contração.

No modo optativo o fato de os ditongos finais -αι ou -οι serem longos mostra-se apenas indiretamente, pela influência da acentuação das sílabas

anteriores na palavra. Este fenômeno será tratado quando o modo optativo for apresentado nos paradigmas.

Vocabulário.

ὑπό [Prep 2] Rege o caso genitivo ou acusativo. Com o genitivo: *por* [este é o modo normal pelo qual o agente da passiva é expresso]. Com o acusativo: *sob*.

Ἄραψ, Ἄραβος, ὁ [N 12] *árabe*.

λαῖλαψ, λαίλαπος, ἡ [N 11f] *tempestade*.

αἴρω [V 6; VD 8; PV 1] *levanto; removo; levo*.

ἀκούω [V 1; VD 11; PV 1] [Cf. lição 3, onde foi dada a forma da segunda pessoa do singular do presente indicativo ativo.] *ouço, escuto*. Este verbo é seguido de acusativo ou genitivo; várias interpretações são dadas para explicar a razão por que um ou outro caso é usado.

αὐξάνω [V 7; VD 30; PV 1] Quando usado transitivamente, isto é, com objeto direto: *faço crescer, aumento*; intransitivamente: *cresço*.

ἐσθίω ou ἔσθω [V 1; VD 101; PV 1] *como*.

εὑρίσκω [V 2; VD 106; PV 1] *encontro; descubro*.

ἰσχύω [V 1; PV 1] *sou forte; sou capaz*.

οἰκτ(ε)ίρω [V 6; VD 214; PV 1] *tenho piedade de*. Este verbo rege o caso acusativo e não requer preposição como em português.

ὀνομάζω [V 5; PV 1] *chamo pelo nome; nomeio*.

ὑβρίζω [V 5; PV 1] *insulto; ofendo*.

ἀλλά [Conj] *mas*.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. οἱ στρατιῶται οὐκ ἴσχυον εἶναι ἀγαθοί. (Lc 16,3)
2. ὁ Κύριος ᾤκτιρε τοὺς Ἄραβας.
3. ἀλλὰ ὁ Κύριος ὠνόμαζεν τοὺς μαθητὰς ἀποστόλους. (Mc 3,14)
4. οἱ δοῦλοι αἴρουσι τὰ ἱμάτια αὐτῶν εἰς ὁδόν. (Mc 6,8)

5. ὁ στρατιώτης ἠκούσθη ὑπὸ τοῦ Ἰησοῦ. (Mc 1,5) [ἠκούσθη é a terceira pessoa do singular do aoristo indicativo passivo e significa "(ele) foi ouvido".]
6. ἐκεῖνοι οἱ πονηροὶ ὕβριζον τοὺς δούλους αὐτοῦ. (Mt 22,6) [πονηροὶ é um adjetivo utilizado aqui como substantivo.]
7. ἄνθρωπός εἰμι ὑπὸ ἐξουσίαν ὤν. (Lc 7,8)
8. ὁ Ἰησοῦς ἔρχεται καὶ εὑρίσκει αὐτούς. (Mc 14,37)
9. ἀλλὰ ἡ λαῖλαψ ηὔξανεν ἐν ἐκείνῃ τῇ νυκτί. (Lc 2,40)
10. ὑμεῖς οὐκ ἠκούετε, ἀλλ' ἐλέγετε.
11. ὁ Ἰησοῦς ἤσθιε μετὰ τῶν πονηρῶν ἀνθρώπων. (Mc 2,16)
12. καὶ ἐκεῖνοί εἰσιν οἳ ἀκούουσιν τὸν λόγον. (Mc 4,20)

II. Traduza para o grego:

1. Esta multidão o ouvia, mas aquela multidão não o ouvia. (Mc 12,37)
2. Jesus nomeia André apóstolo. (Lc 6,14)
3. A palavra de Deus crescia naquele reino. (At 6,7)

III. Mc 1,43-45.

Lição 11

O futuro do indicativo ativo. Futuro do indicativo ativo de λύω.
Vários tipos de radicais e a formação do futuro.
Verbos com o radical do presente em -ζ. O substantivo ἐλπίς.
Os verbos compostos II. Regras de acentuação 3.

O futuro do indicativo ativo.

O tempo futuro baseia-se no radical do futuro, que transmite o aspecto de uma ação como subseqüente. No modo indicativo esta ação subseqüente indica o futuro do tempo primitivo (cf. lição 9). No sistema do futuro no Novo Testamento há também os modos infinitivo e particípio, não porém o subjuntivo, optativo ou imperativo. O valor exato destes modos no tempo futuro será explicado adiante, na lição 17. Somente o modo indicativo do tempo futuro apresenta uma ação que toma lugar num momento sucessivo ou posterior, considerado independentemente de outro verbo. Os modos infinitivo e particípio no futuro, como alhures, são dependentes de outros verbos e, portanto, podem expressar o futuro somente de modo relativo, isto é, por si mesmos não podem expressar o futuro como tempo primitivo. Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Futuro do indicativo ativo de λύω.

O radical do futuro da voz ativa no modo indicativo de λύω é formado acrescentando um σ ao radical do presente: λυσ-. As desinências são as do presente do indicativo ativo (cf. V 1; PV 1). (O radical do presente de um verbo é encontrado eliminando-se a desinência do infinitivo presente.)

Tempo futuro, voz ativa, modo indicativo

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύσ-ω	λύσ-ομεν
2ª pessoa	λύσ-εις	λύσ-ετε
3ª pessoa	λύσ-ει	λύσ-ουσι(ν)

soltarei	*soltaremos*
soltarás	*soltareis*
soltará	*soltarão*

Vários tipos de radicais e a formação do futuro.

Verbos cujo radical do presente termina em palatal (κ, γ, χ) formam o radical do futuro tendo um ξ em lugar da palatal e do σ (cf. na lição 9 a formação do dativo masculino e neutro plural de σάρξ). Verbos cujo radical do presente termina em labial (π, β, φ) formam o radical do futuro com um ψ em lugar da labial e do σ (cf. na lição 10 a formação do dativo masculino e neutro plural de Ἄραψ). Verbos cujo radical do presente termina em dental (τ, δ, θ) formam o radical do futuro em σ, isto é, a dental desaparece (cf. abaixo, a formação do dativo masculino e neutro plural de ἐλπίς).

ἄγ-ω > ἄξ-ω βλέπ-ω > βλέψ-ω πείθ-ω > πείσ-ω

Certo número de verbos apresenta formas irregulares no futuro. Este fenômeno será apresentado nas próximas lições.

O futuro de ἔχω é irregular: ἕξω (note-se o espírito áspero).

Verbos com o radical do presente em -ζ.

Muitos verbos com raiz dental têm um tempo presente em que aparece um ζ diante da desinência, e.g. βαπτίζω. No futuro a raiz dental escondida normalmente reemerge e nas formas do futuro apresenta apenas um σ, com o desaparecimento da dental, tal como em βαπτίσω. (A razão para o ζ por ora não precisa ser estudada.) Há muitos verbos nesta categoria.

Há também poucos verbos que possuem um tempo presente em que aparece um ζ diante da desinência, porém com radical palatal, e.g. κράζω. Estes últimos verbos têm um futuro em que o radical palatal se reafirma normalmente, de tal modo que a forma tem um ξ, e.g. κράξω.

Não há regra para distinguir as duas categorias de acordo com as formas do radical do presente. (Somente o conhecimento da etimologia de cada verbo possibilita uma categorização.) Daí, nas entradas do vocabulário nesta gramática, cada verbo com final ζ no tempo presente será acompanhado pela forma do futuro, de modo que se tornará clara a categoria – dental ou palatal – à qual pertence.

Em caso de dúvida, aconselha-se que o estudante pressuponha que a categoria é a de uma dental, visto que há muito mais verbos nesta categoria.

O substantivo ἐλπίς.

As raízes dentais dos substantivos da terceira declinação terminam em τ, δ ou θ. Declinam-se do seguinte modo (ἐλπίς, *esperança*) (cf. N 14f):

	Singular	Plural
n	ἐλπίς	ἐλπίδες
v	ἐλπίς	ἐλπίδες
g	ἐλπίδος	ἐλπίδων
d	ἐλπίδι	ἐλπίσι(ν)
a	ἐλπίδα	ἐλπίδας

A raiz dos dentais pode ser determinada eliminando-se a desinência -ος da forma do genitivo singular. (Deste modo se aprende a raiz de qualquer substantivo da terceira declinação.) A raiz de ἐλπίς, portanto, é ἐλπιδ-.

No dativo plural, uma raiz com final δ não se escreve δσ mas simplesmente σ, ou seja, o δ cai. O mesmo ocorre para raízes com final τ ou θ. (Cf. acima, nesta lição, a formação do tempo futuro dos verbos cuja raiz termina em uma dental.)

Há outros tipos de substantivo com raiz dental; não são, porém, numerosos, e serão apresentados nas lições seguintes.

Os verbos compostos II.

Alguns prefixos de verbos compostos modificam sua consoante final. Por exemplo, o verbo ἐκβαίνω torna-se ἐξέβαινον no imperfeito, de acordo com a regra: ἐκ diante de consoantes, ἐξ diante de vogais. Ainda outras consoantes finais de prefixos são modificadas quando prefixadas a uma raiz, independentemente do tempo. Por exemplo, a preposição ἐν torna-se ἐμ diante de um verbo que começa com um β. Assim ἐμβαίνω. No imperfeito, quando o aumento se interpõe entre o prefixo e a raiz, o prefixo readquire sua forma normal: ἐνέβαινον. Se a raiz começa com espírito áspero, o prefixo também pode ser modificado. Por exemplo, a consoante final π do prefixo ἀπό torna-se φ diante da raiz: αἱρέω torna-se ἀφαιρέω (ἀπο-αἱρέω > ἀπ-αἱρέω > ἀφαιρέω). No imperfeito a forma é ἀφῄρουν, sendo o final modificado de acordo com as regras dos verbos contratos em ε, apresentadas adiante, na lição 46.

Nas entradas do vocabulário, tratando-se de verbos compostos, o prefixo ou prefixos serão dados em sua forma completa junto com a forma simples do verbo ou da palavra da qual a forma verbal deriva.

Regras de acentuação 3.

O acento agudo pode ficar sobre a antepenúltima sílaba somente se a sílaba final da palavra for breve. Assim em γέγραπται e ἑτοιμάσατε. Se uma palavra tem acento agudo na antepenúltima sílaba quando a sílaba final é breve, o acento avançará para a penúltima sílaba quando a sílaba final desta palavra tornar-se longa. Desse modo, ἄγγελος, no caso nominativo, mas ἀγγέλου, no genitivo.

O acento circunflexo pode ficar sobre a penúltima sílaba somente se a última sílaba for breve. Assim βοῶντος, mas προσώπου. Se houver um acento circunflexo no nominativo quando a sílaba final for breve, esse circunflexo se transformará em agudo quando a sílaba final tornar-se longa. Assim ἐκεῖνος, mas ἐκείνου.

Um acento agudo sobre a última sílaba de uma palavra se transformará em acento grave diante de uma palavra não enclítica, a menos que um sinal de pontuação intervenha. As enclíticas serão explicadas na lição 12. Nas lições precedentes foram já vistas as enclíticas μου, μοι e με do pronome de primeira pessoa, e σου, σοι e σε do pronome de segunda pessoa, todas elas formas do presente do indicativo do verbo εἰμί, com exceção da segunda pessoa do singular (εἶ). Assim ἀρχὴ τοῦ, καθὼς γέγραπται e τὴν ὁδόν, mas ἀδελφοί μου, υἱός σου e ἄνθρωποί εἰσιν. τοῦ, γέγραπται e ὁδόν não são enclíticas, e assim o acento agudo em ἀρχή, καθώς e τήν torna-se grave. μου, σου εἰσιν, porém, são enclíticas, e desse modo o acento agudo permanece em ἀδελφοί, υἱός e ἄνθρωποί.

Compare-se a palavra αὐτόν em Mc 1,10 com a palavra αὐτὸν em Mc 1,26. Em Mc 1,10 αὐτόν ocorre diante de um sinal de pontuação, e assim, ainda que a palavra seguinte (καί) não seja uma enclítica, a sílaba final de αὐτόν conserva o acento agudo. Em Mc 1,26 αὐτόν ocorre imediatamente diante de uma não-enclítica (τὸ – o fato de apresentar acento grave é irrelevante) sem nenhum sinal de pontuação, e desse modo o acento agudo na sílaba final transforma-se em acento grave.

Vocabulário.

ὑπέρ [Prep 2] Rege os casos genitivo e acusativo. Com o genitivo: *por; em lugar de; a respeito de; em favor de.* Com o acusativo: *além; acima de; mais do que.*

ἄγω [V 2; VD 5; PV 1] *conduzo; guio.*

βαπτίζω [βαπτίσω] [V 5; VD 33; PV 1] *batizo; lavo; faço imersão.*

δοξάζω [δοξάσω] [V 5; PV 1] *glorifico.*

κράζω [κράξω] [V 3; VD 163; PV 1] *grito; clamo.*

πείθω [V 5; VD 235; PV 1] *convenço; persuado.* Este verbo irregular apresenta significados idiomáticos particulares no perfeito ativo e na voz passiva; cf. lição 58.

πειράζω [πειράσω] [V 5; PV 1] *tento; experimento; testo.*

ἐλπίς, ἐλπίδος, ἡ [N 14f] *esperança.*

λαμπάς, λαμπάδος, ἡ [N 14f] *lâmpada, tocha.*

παῖς, παιδός, ὁ/ἡ [N 14m e 14f] *menino, menina; criança; servo.*

πατρίς, πατρίδος, ἡ [N 14f] *pátria.*

πούς, ποδός, ὁ [N 14m e N 33] *pé.*

σφραγίς, σφραγίδος, ἡ [N 14f] *selo; carimbo.*

ὅτι [Conj] Esta palavra, de uso freqüente, apresenta três significados básicos: 1) *porque*, como introdução de oração subordinada causal; 2) indica citação "..., como introdução a discurso direto; 3) *que*, como introdução a discurso indireto. Estes significados podem ser diferenciados somente com o auxílio do contexto.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ παῖς οὐκ εἶχε πόδας. (Mt 18,8)
2. οἱ ἄνθρωποι ἔκραζον. (Mc 3,11)
3. λέγω ὅτι αὐτὸς ἁμαρτωλός ἐστιν ὅτι ἡ καρδία αὐτοῦ πονηρά ἐστιν. [Cf. o vocabulário da lição 24 para o significado de ἁμαρτωλός.]
4. ὃς γὰρ οὐκ ἔστιν καθ' ἡμῶν, ὑπὲρ ἡμῶν ἐστιν. (Mc 9,40) [καθ' ἡμῶν = κατὰ ἡμῶν: κατὰ perde o final -α diante do η inicial de ἡμῶν, e o -τ de κατ' torna-se -θ porque é "assimilado" pelo espírito áspero no início de ἡμῶν.]
5. διὰ τὸν διάβολον ἐπείραζον τὸν θεόν. (At 15,10) [Cf. o vocabulário da lição 29 para o significado de διάβολον.]
6. ὁ Ἰησοῦς ἔρχεται εἰς τὴν πατρίδα αὐτοῦ. (Mc 6,1)
7. αὐτὸς ὑμᾶς βαπτίσει. (Mt 3,11)
8. οὐκ ἔστιν δοῦλος ὑπὲρ τὸν κύριον αὐτοῦ. (Mt 10,24)
9. οἱ ἀδελφοὶ ἔπειθον αὐτούς. (At 13,43)

10. ἡ γὰρ σφραγίς μου ὑμεῖς ἐστε. (1Cor 9,2)
11. λέγουσιν ὅτι ἐβλέπομεν τὸν Κύριον.
12. ἄγουσιν οὖν τὸν Ἰησοῦν ἀπὸ τοῦ οἴκου. (Jo 18,28)
13. οὐκ ἔρχεται ὁ λῃστὴς μετὰ λαμπάδων. (Jo 18,3)
14. ἐγὼ οὐ δοξάσω αὐτόν. (Jo 8,54)
15. εἶχεν ἐλπίδα εἰς τὸν θεόν. (At 24,15)
16. αὐτὸς ἁμαρτωλὸς ὅτι ἡ καρδία αὐτοῦ πονηρά ἐστιν. [Cf. o vocabulário da lição 24 para o significado de ἁμαρτωλός.]
17. ὁ θεὸς ἐδόξαζε τὸν παῖδα αὐτοῦ Ἰησοῦν. (At 3,13)

II. Traduza para o grego:

1. Estes são aqueles a respeito dos quais eu falava. (Jo 1,30)
2. Um discípulo não está acima do senhor. (Mt 10,24)
3. Conduzo-o a Jesus. (Jo 19,4) [Para traduzir "a Jesus" use πρός com o acusativo – cf. o vocabulário da lição 14.]

III. Mc 2,1-5.

Lição 12

O significado do imperativo presente ativo. Imperativo presente ativo de λύω. Os substantivos ποιμήν, εἰκών, μήν e αἰών. Os pronomes reflexivos ἐμαυτοῦ, σεαυτοῦ e ἑαυτοῦ. Regras de acentuação 4.

O significado do imperativo presente ativo.

O radical do presente em geral veicula o aspecto de uma ação não terminada (cf. lição 9). No modo indicativo este uso do radical do presente veicula a idéia de uma ação que é presente em termos de tempo primário se não houver aumento, e de uma ação que é passada em termos de tempo primário se existir aumento. No modo imperativo do presente o aspecto veiculado é o de uma ação inacabada. Na prática isso significa que o presente do modo imperativo geralmente veicula a idéia de um preceito geral, isto é, uma regra de conduta a ser seguida em mais de uma situação.

O estudante, a esta altura, terá percebido que a palavra "presente" no Novo Testamento grego é ambígua. Por si mesma a palavra "presente" normalmente se refere a um tempo primário, isto é, "presente" como oposto a passado e futuro. Mas, no Novo Testamento grego, a palavra "presente" indica também o tipo de radical que veicula a idéia de uma ação não terminada. O primeiro significado de "presente" tem o sentido de "tempo presente", enquanto o segundo significado de presente se verifica no sentido de "sistema do presente", isto é, um sistema que veicula o aspecto do presente. As duas acepções, obviamente, estão estreitamente relacionadas. Todos os verbos no tempo presente pertencem ao sistema do presente, isto é, têm uma raiz de presente e expressam o aspecto do presente; mas nem todos os verbos no sistema do presente expressam tempo presente. Não há uniformidade nas gramáticas do Novo Testamento, mas a atenção contínua ao significado preciso da palavra "presente" no contexto poderá ajudar a esclarecer o conhecimento do estudante a respeito do sistema verbal grego.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo imperativo, cf. lição 4.

Imperativo presente ativo de λύω.

O tempo presente do modo imperativo na voz ativa de λύω (V 1; PV 1) conjuga-se do seguinte modo:

Tempo presente, voz ativa, modo imperativo

	Singular	Plural
2ª pessoa	λῦ-ε	λύ-ετε
3ª pessoa	λυ-έτω	λυ-έτωσαν
	solta	*soltai*
	solte	*soltem*

No modo imperativo a primeira pessoa não existe. Em seu lugar se usa a primeira pessoa do modo subjuntivo, geralmente no plural, para expressar exortação: *Soltemos!* (cf. lição 71).

Em consonância com a interpretação do modo imperativo, no sistema do presente dada acima, em certos contextos pode ser defendida a tradução: *Continua a soltar!* O valor exato do imperativo presente pode ser percebido somente por contraste com o imperativo aoristo (cf. lição 19).

Os substantivos ποιμήν, εἰκών, μήν e αἰών.

As raízes nasais dos substantivos da terceira declinação terminam em -ν. (As consoantes nasais são -μ e -ν.) Existem duas categorias: 1) substantivos que mostram variação de duração na vogal do radical; 2) substantivos que não mostram variação de duração na vogal do radical.

Os substantivos que mostram variação de duração na vogal do radical são declinados do seguinte modo (ποιμήν, *pastor*; εἰκών, *imagem*) (cf. N 18m e N 20f):

	Singular	Plural
n	ποιμήν	ποιμένες
v	ποιμήν	ποιμένες
g	ποιμένος	ποιμένων
d	ποιμένι	ποιμέσι(ν)
a	ποιμένα	ποιμένας

	Singular	Plural
n	εἰκών	εἰκόνες
v	εἰκών	εἰκόνες
g	εἰκόνος	εἰκόνων
d	εἰκόνι	εἰκόσι(ν)
a	εἰκόνα	εἰκόνας

A raiz de ποιμήν é ποιμεν-; a raiz de εἰκών é εἰκον-. Essas raízes são encontradas eliminando-se a desinência do genitivo singular. No dativo plural o ν da raiz se omite diante do σ da desinência.

Os substantivos que não mostram uma variação de duração na vogal do radical são assim declinados (μήν, *mês*; αἰών, *época*) (cf. N 19 e N 21m):

	Singular	Plural
n	μήν	μῆνες
v	μήν	μῆνες
g	μηνός	μηνῶν
d	μηνί	μησί(ν)
a	μῆνα	μῆνας

	Singular	Plural
n	αἰών	αἰῶνες
v	αἰών	αἰῶνες
g	αἰῶνος	αἰώνων
d	αἰῶνι	αἰῶσι(ν)
a	αἰῶνα	αἰῶνας

A raiz de μήν é μην-; a raiz de αἰών é αἰων-. No dativo plural o ν se omite diante do σ da desinência.

Os pronomes reflexivos ἐμαυτοῦ, σεαυτοῦ e ἑαυτοῦ.

O pronome reflexivo é um pronome que se refere ao sujeito, expresso ou implícito, da oração principal ou subordinada em que se encontra. O caso nominativo nunca ocorre. O neutro da primeira e segunda pessoas do singular não se encontra no Novo Testamento (cf. Pro).

1ª pessoa do singular

	Masculino	Feminino	Neutro
g	ἐμαυτοῦ	ἐμαυτῆς	–
d	ἐμαυτῷ	ἐμαυτῇ	–
a	ἐμαυτόν	ἐμαυτήν	–

3ª pessoa do plural

	Masculino	Feminino	Neutro
g	ἑαυτῶν	ἑαυτῶν	ἑαυτῶν
d	ἑαυτοῖς	ἑαυταῖς	ἑαυτοῖς
a	ἑαυτούς	ἑαυτάς	ἑαυτά

2ª pessoa do singular

	Masculino	Feminino	Neutro
g	σεαυτοῦ	σεαυτῆς	–
d	σεαυτῷ	σεαυτῇ	–
a	σεαυτόν	σεαυτήν	–

2ª pessoa do plural

	Masculino	Feminino	Neutro
g	ἑαυτῶν	ἑαυτῶν	ἑαυτῶν
d	ἑαυτοῖς	ἑαυταῖς	ἑαυτοῖς
a	ἑαυτούς	ἑαυτάς	ἑαυτά

3ª pessoa do singular

	Masculino	Feminino	Neutro
g	ἑαυτοῦ	ἑαυτῆς	ἑαυτοῦ
d	ἑαυτῷ	ἑαυτῇ	ἑαυτῷ
a	ἑαυτόν	ἑαυτήν	ἑαυτό

3ª pessoa do plural

	Masculino	Feminino	Neutro
g	ἑαυτῶν	ἑαυτῶν	ἑαυτῶν
d	ἑαυτοῖς	ἑαυταῖς	ἑαυτοῖς
a	ἑαυτούς	ἑαυτάς	ἑαυτά

Note-se que as formas do plural são iguais para as três pessoas.

λέγομεν ἑαυτοῖς (ἑαυταῖς).
Falamos a nós mesmos (mesmas).

λέγετε ἑαυτοῖς (ἑαυταῖς).
Falai a vós mesmos (mesmas).

λέγουσιν ἑαυτοῖς (ἑαυταῖς).
Falam a si mesmos (mesmas).

Estritamente falando, as formas ἑαυτοῦ, ἑαυτῆς e ἑαυτῶν deveriam ser sempre empregadas quando há questão de um uso reflexivo da terceira pessoa envolvendo posse. Contudo, como já foi notado na lição 8, as pessoas que escreveram o Novo Testamento grego nem sempre o fizeram seguindo regras estritas: o caso genitivo do pronome não-reflexivo da terceira pessoa é muitas vezes utilizado para exprimir idéia reflexiva.

ἔβλεπε τὸν οἶκον αὐτοῦ.
Via a sua (própria) casa.

A rigor deveria ser usado o pronome reflexivo:

ἔβλεπε τὸν οἶκον ἑαυτοῦ.
Via a própria casa.

No Novo Testamento grego ocorre um terceiro modo de expressar a idéia reflexiva: a forma do pronome não-reflexivo da terceira pessoa com o espírito áspero:

ἔβλεπε τὸν οἶκον αὐτοῦ.
Via a sua (própria) casa.

Nos últimos dois exemplos o significado não é ambíguo, pois as formas são reflexivas. No primeiro exemplo a forma é ambígua, mas o contexto geralmente mostra se devemos entender de modo reflexivo ou não.

Regras de acentuação 4.

Nas "Regras de acentuação 3" da lição anterior se estabeleceu uma distinção entre a maioria das palavras que até agora foram apresentadas nas listas de vocabulário e um pequeno grupo de palavras chamadas "enclíticas". As enclíticas são palavras que tendem a transferir o próprio acento à palavra que antecede, no caso de esta palavra poder recebê-lo. (A palavra "enclítica" vem de um verbo grego e significa *apoiar-se em.*) Como foi indicado antes (lição 11), as enclíticas vistas até o momento são μου, μοι e με do pronome de primeira pessoa; σου, σοι e σε do pronome de segunda pessoa; e as formas do tempo presente do modo indicativo de εἰμί, com exceção da segunda pessoa do singular. As formas pronominais enclíticas são as contrapartes fracas das formas acentuadas do mesmo caso e normalmente indicam ênfase menor sobre a pessoa em questão.

Compare-se, e.g., ἀπ'ἐμοῦ (Mc 7,6) com ἄγγελόν μου (Mc 1,2); Τί ἐμοὶ καὶ σοί (Mc 5,7 – o pronome interrogativo τί nunca leva acento grave) com ἀκολούθει μοι (Mc 2,14); ζητοῦσίν σε (Mc 1,37) com πρὸς σέ (Mc 9,17). Cf. também ἔνοχός ἐστιν (Mc 3,29) e πολλοί ἐσμεν (Mc 5,9) como exemplos para o verbo εἰμί.

Vocabulário.

ἐπί [Prep 3] Rege os casos genitivo, dativo e acusativo. Com o genitivo: *em cima de; perante* [espacial]; *sobre* [espacial ou translato, significando *em relação a*]; *no tempo de*. Com o dativo: *em; sobre; com base em.* Com o acusativo: *em; sobre; em relação a; contra; durante.* Não existe nítida distinção entre os vários casos em relação ao significado de *sobre.*

λιμήν, λιμένος, ὁ [N 18m] *porto.*
ποιμήν, ποιμένος, ὁ [N 18m] *pastor.*

βραχίων, βραχίονος, ὁ [N 20m] *braço; poder [divino].*
γείτων, γείτονος, ὁ/ἡ [N 20m e N 20f] *vizinho; próximo.*
δαίμων, δαίμονος, ὁ [N 20m] *demônio; espírito [malvado].*
εἰκών, εἰκόνος, ἡ [N 20f] *imagem.*
ἡγεμών, ἡγεμόνος, ὁ [N 20m] *líder; guia; chefe; governador.*
χιών, χιόνος, ἡ [N 20f] *neve.*

Ἕλλην, Ἕλληνος, ὁ [N 19] *grego.*
μήν, μηνός, ὁ [N 19] *mês.*

ἀγών, ἀγῶνος, ὁ [N 21m] *luta.*
αἰών, αἰῶνος, ὁ [N 21m] *era; idade; época; século.*
ἀμπελών, ἀμπελῶνος, ὁ [N 21m] *vinha.*
χειμών, χειμῶνος, ὁ [N 21m] *inverno; tempestade [de inverno].*
χιτών, χιτῶνος, ὁ [N 21m] *túnica.*

ἐμαυτοῦ [Pro] *de mim mesmo.*
ἑαυτῶν [Pro] *de nós mesmos.*
σεαυτοῦ [Pro] *de ti mesmo.*
ἑαυτῶν [Pro] *de vós mesmos.*
ἑαυτοῦ [Pro] *dele mesmo.*
ἑαυτῶν [Pro] *deles mesmos.*

ἤ [Conj] *ou, que, do que.* Quando usado em comparações, ἤ rege o mesmo caso do primeiro termo comparado.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. οἱ γείτονες ἔλεγον· οὗτός ἐστιν. (Jo 9,8)
2. ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἔχει ἐξουσίαν ἐπὶ τῆς γῆς. (Mc 2,10)
3. οὐκ ἔχομεν ἄρτον μεθ' ἑαυτῶν. [μεθ' = μετά diante de uma vogal com espírito áspero – cf. lição 11, exercício 4.]

4. τὸ ἱμάτιον αὐτοῦ ἦν ἐπὶ τῆς χιόνος.
5. ἔχετε τὸν αὐτὸν ἀγῶνα ὃν ἐβλέπετε ἐν ἐμοὶ καὶ νῦν ἀκούετε ἐν ἐμοί. (Fl 1,30)
6. ἀπὸ σεαυτοῦ σὺ τοῦτο λέγεις; (Jo 18,34)
7. ἕξει ζωὴν ἐν τῷ αἰῶνι ὃς ἔρχεται. (Mc 10,30) [ἔρχεται é um tempo presente com significado futuro. Tal uso encontra-se também em português: "Eu venho amanhã". O contexto determina se a forma do presente tem significado presente ou futuro.]
8. οἱ στρατιῶται οὐκ ἔχουσιν χιτῶνας.
9. διδάσκαλε, ἐπ' ἀληθείας λέγεις. (Mc 12,32) [Cf. o vocabulário da lição 22 para o significado de διδάσκαλος.]
10. ἐν τῷ χειμῶνι χιών ἐστιν.
11. ὁ Χριστός ἐστιν εἰκὼν τοῦ θεοῦ. (2Cor 4,4)
12. ὁ Ἕλλην ἔλεγεν ἐν ἑαυτῷ. (Mc 16,3)
13. ἐγώ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλός. (Jo 10,11)
14. μετὰ τοῦτον τὸν μῆνα ἔσται ἐν τῷ οἴκῳ αὐτῆς.
15. ἔρχεται ὁ ἄνθρωπος ἐπὶ τῷ ὀνόματι τοῦ Κυρίου. (Mc 13,6) [Cf. o vocabulário da lição 16 para o significado de ὄνομα.]
16. ἔχω ὑπ' ἐμαυτὸν στρατιώτας. (Lc 7,8)
17. ἐπὶ ἡγεμόνων ἔσεσθε. (Mc 13,9)
18. ὁ κύριος ἔχει ἀμπελῶνα ἐν ἐκείνῃ τῇ γῇ.
19. οὐκ ἦν λιμὴν ἐπὶ τῆς νήσου.
20. οὐκ ἔχετε ἄρτον μεθ' ἑαυτῶν. [μεθ' = μετά diante de uma vogal com espírito áspero – cf. lição 11, exercício 4.]
21. μετὰ βραχίονος ἦγεν αὐτοὺς ἐκ τῆς γῆς. (At 13,17)
22. ἔρχεται εἰς ἐκκλησίαν ἢ εἰς οἶκον.
23. οἱ δαίμονες οὐκ ἤκουον αὐτόν.
24. ἐδίδασκεν τοὺς Ἕλληνας. (Jo 7,35) [Cf. o vocabulário da lição 20 para o significado de διδάσκω.]
25. οὐκ ἔχουσιν ἄρτον μεθ' ἑαυτῶν.
26. ἔρχεται ἐπὶ τὸν τόπον. (Lc 19,5)

II. Traduza para o grego:

1. Que exista o amor sobre a terra e nos corações dos homens. (Mt 9,4; Lc 2,14)
2. O Senhor é o bom pastor e estará com o seu povo. (Jo 10,11)
3. Digo que Jesus é a imagem de Deus e a glória dos homens. (1Cor 11,7)

III. Mc 2,6-12.

Lição 13

O significado do presente do subjuntivo ativo.
Presente do subjuntivo ativo de λύω.
Os substantivos πατήρ, ῥήτωρ e σωτήρ.
O pronome recíproco ἀλλήλων. Regras de acentuação 5.

O significado do presente do subjuntivo ativo.

No sistema do presente o subjuntivo veicula o ponto de vista de uma ação considerada como inacabada. *Esse ponto de vista básico geralmente é precisado por outras indicações no texto, de modo que a ação seja vista como continuada ou repetida, ou vista como habitual ou considerada como descritiva da ação indicada pelo significado do verbo.* (Deve-se lembrar que somente o modo indicativo veicula o presente do tempo primário.)

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo subjuntivo, cf. lição 5. Ainda que a oração final seja talvez o uso mais importante do modo subjuntivo no Novo Testamento, outros usos serão apresentados nas lições futuras.

Presente do subjuntivo ativo de λύω.

O presente do subjuntivo ativo de λύω é assim conjugado (cf. V 1; PV 1):

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύ-ω	λύ-ωμεν
2ª pessoa	λύ-ῃς	λύ-ητε
3ª pessoa	λύ-ῃ	λύ-ωσι(ν)

Note-se o iota subscrito na segunda e terceira pessoas do singular.

Os substantivos πατήρ, ῥήτωρ e σωτήρ.

Os radicais líqüidos dos substantivos da terceira declinação terminam em -λ e -ρ (as consoantes λ e ρ são conhecidas como "líqüidas"). Mas o radical

em λ ocorre no Novo Testamento apenas na rara palavra ἅλς, ἁλός, ὁ, *sal*. O radical em ρ divide-se em duas categorias: 1) os substantivos que mostram uma variação na duração da vogal no radical; 2) os substantivos que não mostram variação na duração da vogal no radical.

Os substantivos que mostram uma variação na duração da vogal no radical são subdivididos em dois tipos. Um, exemplificado por πατήρ, *pai*, tem formas abreviadas no genitivo singular e no dativo singular e plural; outro, ῥήτωρ, *orador*, não tem tais formas abreviadas (cf. N 24m e N 33, N 26):

	Singular	Plural
n	πατήρ	πατέρες
v	πάτερ	πατέρες
g	πατρός	πατέρων
d	πατρί	πατράσι(ν)
a	πατέρα	πατέρας

A segunda vogal do radical de πατήρ, ε, cai no genitivo singular e no dativo singular e plural. A terminação -ασι do dativo plural é resultado de uma mudança fonológica própria da língua grega.

	Singular	Plural
n	ῥήτωρ	ῥήτορες
v	ῥῆτορ	ῥήτορες
g	ῥήτορος	ῥητόρων
d	ῥήτορι	ῥήτορσι(ν)
a	ῥήτορα	ῥήτορας

	Singular	Plural
n	σωτήρ	σωτῆρες
v	σωτήρ	σωτῆρες
g	σωτῆρος	σωτήρων
d	σωτῆρι	σωτῆρσι(ν)
a	σωτῆρα	σωτῆρας

O pronome recíproco ἀλλήλων.

O pronome recíproco no Novo Testamento é limitado ao gênero masculino (cf. Pro):

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
g	ἀλλήλων	–	–
d	ἀλλήλοις	–	–
a	ἀλλήλους	–	–

ἔβλεπον εἰς ἀλλήλους οἱ μαθηταί.
Os discípulos se olhavam reciprocamente.

Regras de acentuação 5.

Os seguintes padrões silábicos são normativos para o uso dos acentos envolvendo enclíticas:

		Palavra precedente	Enclítica
a.	i.	- - ´	-
	ii.	- ´	-
	iii.	´	-
b.	i.	- - ´	- -
	ii.	- ´	- -
	iii.	´	- -

a. Se uma palavra apresenta acento agudo na sílaba final, o acento da enclítica monossilábica é absorvido nesse acento:

a.	i.	ἀδελφοί	σου	(Mc 3,32)
	ii.	ὁδόν	σου	(Mc 1,2)
	iii.	μή	με	(Mc 5,7)

b. Se uma palavra apresenta acento agudo na sílaba final, o acento da enclítica bissilábica é absorvido nesse acento:

b.	i.	δυνατόν	ἐστιν	(Mc 14,35)
	ii.	δειλοί	ἐστε	(Mc 4,40)
	iii.	δέ	εἰσιν	(Mc 4,15)

Outros padrões de enclíticas serão apresentados nas lições subseqüentes.

Vocabulário.

παρά [Prep 3] Rege os casos genitivo, dativo e acusativo. Com o genitivo: *da parte de* [somente com pessoas]. Com o dativo: *ao lado de* [geral-

mente com pessoas]; *segundo o juízo de; na casa de.* Com o acusativo: *junto a; em; ao longo de; ao lado de; contra; além de.*

γαστήρ, γαστρός, ἡ [N 24f, N 33] *estômago; ventre.*

θυγάτηρ, θυγατρός, ἡ [N 24f, N 33] *filha.*

μήτηρ, μητρός, ἡ [N 24f, N 33] *mãe.*

πατήρ, πατρός, ὁ [N 24m, N 33] *pai.*

ἀλέκτωρ, ἀλέκτορος, ὁ [N 26] *galo.*

ῥήτωρ, ῥήτορος, ὁ [N 26] *orador.*

νιπτήρ, νιπτῆρος, ὁ [N 25] *bacia.*

σωτήρ, σωτῆρος, ὁ [N 25] *salvador.*

ἀλλήλων [Pro] *um ao outro; reciprocamente.*

νῦν [Adv 2] *agora* [em sentido temporal]; também em sentido não-temporal: *dadas as coisas como estão; desde que esta é a situação.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ νιπτὴρ ἔσται ἐπὶ τῆς τραπέζης.
2. ἔρχεται ὁ πονηρὸς ἄνθρωπος παρὰ τῶν κακῶν ἡγεμόνων. (Mc 14,43)
3. ὁ πατὴρ ἡμῶν ὃς ἐν τοῖς οὐρανοῖς ἀγαθός ἐστιν. (Mt 6,9)
4. ἔστω νῦν ἐν τῷ οἴκῳ αὐτοῦ. (Mt 5,38)
5. ἡ θυγάτηρ μου ἐν τῷ οἴκῳ ἐστίν. (Mc 5,35)
6. ἐν ἀληθείᾳ οὗτος ἦν ὁ σωτὴρ τοῦ κόσμου. (Mt 22,16; Jo 4,42)
7. ἦσαν παρ' ἡμῖν παῖδες ἀγαθοί. (Mt 22,25)
8. ἔρχεται ἵνα βλέπῃ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ.
9. οἱ μαθηταὶ ἔλεγον πρὸς ἀλλήλους. (Mc 4,41)
10. οὗτοί εἰσιν ἀδελφοί μου καὶ ἀδελφαί μου καὶ μήτηρ μου. (Mc 3,35)
11. νῦν ἣν ἔχεις οὐκ ἔστιν ἡ γυνή σου. (Jo 4,18)
12. ἡ μήτηρ ἔχει παῖδα ἐν γαστρί. (Mc 13,17)
13. οὗτοι οἱ ῥήτορες οὐκ ἀγαθοί εἰσιν.

14. ὁ οἶκος ἦν παρὰ τὴν ὁδόν. (Mc 4,15)
15. ἦν ἀλέκτωρ παρὰ τὸν οἶκον.

II. Traduza para o grego:

1. Esta é a minha mãe e este é o meu pai e estes são os meus irmãos e estas são as minhas irmãs. (Mc 3,34-35)
2. Os pastores falavam uns aos outros no caminho. (Lc 2,15; Mc 4,41; 8,3)
3. Jesus vem junto à casa com os seus discípulos. (Mc 2,13)

III. Mc 2,13-18.

Estudar

Lição 14

O significado do presente do optativo ativo.
Presente do optativo ativo de λύω.
Os substantivos πόλις e ἰχθύς.
Os pronomes possessivos ἐμός, ἡμέτερος, σός e ὑμέτερος.
Regras de acentuação 6.

O significado do presente do optativo ativo. (traduzir como subjuntivo)

No sistema do presente o optativo veicula a visão de uma ação inacabada. *Este ponto de vista básico geralmente é elaborado por outras indicações no texto, de modo que a ação seja vista como continuada ou repetida, como habitual ou como descritiva da ação indicada pelo significado do verbo.* (Somente o modo indicativo veicula a idéia de presente como tempo primário.)

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo optativo, cf. lição 6. O modo optativo é muito menos importante que o subjuntivo, e se usa sobretudo para exprimir desejos. Refere-se, assim, de modo indireto, ao futuro como tempo primário.

Presente do optativo ativo de λύω.

O presente do optativo ativo de λύω assim se conjuga (cf. V 1; PV 1):

Voz ativa, modo optativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύ-οιμι	λύ-οιμεν
2ª pessoa	λύ-οις	λύ-οιτε
3ª pessoa	λύ-οι	λύ-οιεν

—οι—

Que eu liberte

Os substantivos πόλις e ἰχθύς.

Grande número de substantivos da terceira declinação tem raiz em -ι. O ι torna-se ε diante de uma desinência que começa com uma vogal e no dativo plural (πόλις, *cidade*) (cf. N 28f):

	Singular	Plural
n	πόλις	πόλεις
v	πόλι	πόλεις
g	πόλεως	πόλεων
d	πόλει	πόλεσι(ν)
a	πόλιν	πόλεις

Há desinências especiais no genitivo e acusativo singular e no nominativo, vocativo e acusativo plural. Este grupo deve ser cuidadosamente distinguido dos substantivos do tipo ἐλπίς, apresentados na lição 11.

Um grupo menor de substantivos na terceira declinação tem raiz em -υ. Este υ permanece imutável ao longo de toda a declinação (ἰχθύς, *peixe*) (cf. N 27m):

	Singular	Plural
n	ἰχθύς	ἰχθύες
v	ἰχθύ	ἰχθύες
g	ἰχθύος	ἰχθύων
d	ἰχθύῖ	ἰχθύσι(ν)
a	ἰχθύν	ἰχθύας

Os pronomes possessivos ἐμός, ἡμέτερος, σός e ὑμέτερος.

Os pronomes possessivos são adjetivos pronominais e concordam em gênero, número e caso com a palavra que modificam. São declinados como ἅγιος, ἁγία, ἅγιον ou ἀγαθός, ἀγαθή, ἀγαθόν.

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐμός, ἐμή, ἐμόν	ἡμέτερος, ἡμετέρα, ἡμέτερον
2ª pessoa	σός, σή, σόν	ὑμέτερος, ὑμετέρα, ὑμέτερον

ἔβλεπε τὴν ἡμετέραν τράπεζαν.
Via a nossa mesa.

ἔβλεπε τὰς ἡμετέρας τραπέζας.
Via as nossas mesas.

Não há pronome possessivo para a terceira pessoa no Novo Testamento grego. Para tanto se usa αὐτός no genitivo.

Para mostrar posse, há uma tendência de usar o caso genitivo do pronome pessoal em vez do pronome possessivo, ainda que este último seja sempre legítimo. Assim, *Via a nossa mesa* poderia ser provável e preferentemente traduzido ἔβλεπε τὴν τράπεζαν ἡμῶν em vez de ἔβλεπε τὴν ἡμετέραν τράπεζαν, ainda que a última tradução seja correta.

Regras de acentuação 6.

Outros padrões silábicos normativos para o uso de acentos envolvendo enclíticas:

		Palavra precedente	Enclítica
c.	i.	- - ˆ	-
	ii.	- ˆ	-
	iii.	ˆ	-
d.	i.	- - ˆ	- -
	ii.	- ˆ	- -
	iii.	ˆ	- -

c. Se uma palavra tem um acento circunflexo na sílaba final, o acento da enclítica monossilábica é absorvido neste acento:

c.	i.	δεξιῶν	μου	(Mc 10,40)
	ii.	φωνεῖ	σε	(Mc 10,49)
	iii.	δῷς	μοι	(Mc 6,25)

d. Se uma palavra tem acento circunflexo na sílaba final, o acento da enclítica bissilábica é absorvido neste acento:

d.	i.	πονηροῦ	ἐστιν	(Mt 5,37)
	ii.	ἡμῶν	ἐστιν	(Mc 9,40)
	iii.	ποῦ	ἐστιν	(Mc 14,14)

Vocabulário.

πρός [Prep 3] Rege os casos genitivo, dativo e acusativo. Com o genitivo: *para* [de vantagem]; *de*. Com o dativo: *perto de* [temporal ou espacial]. Com o acusativo: *em direção a; com; perto de; contra; para* [final]. No Novo Testamento o uso de πρός é limitado, com poucas exceções, ao caso acusativo.

ἀνάστασις, ἀναστάσεως, ἡ [N 28f] *ressurreição.*

γνῶσις, γνώσεως, ἡ [N 28f] *conhecimento.*

δέησις, δεήσεως, ἡ [N 28f] *súplica, pedido.*

δύναμις, δυνάμεως, ἡ [N 28f] *poder.*

θλῖψις, θλίψεως, ἡ [N 28f] *sofrimento; calamidade; tribulação.*

κρίσις, κρίσεως, ἡ [N 28f] *julgamento.*

παράκλησις, παρακλήσεως, ἡ [N 28f] *encorajamento; conforto; exortação, oração.*

πίστις, πίστεως, ἡ [N 28f] *fé.*

πόλις, πόλεως, ἡ [N 28f] *cidade.*

ἰσχύς, ἰσχύος, ἡ [N 27f] *força; vigor.*

ἰχθύς, ἰχθύος, ὁ [N 27m] *peixe.*

ὀσφῦς, ὀσφύος, ἡ [N 27f] *lombo; rins.*

στάχυς, στάχυος, ὁ [N 27m] *espiga.*

ἐμός, -ή, -όν [Pro] *meu.*

ἡμέτερος, -α, -ον [Pro] *nosso.*

σός, -ή, -όν [Pro] *teu.*

ὑμέτερος, -α, -ον [Pro] *vosso.*

Χριστός, -οῦ, ὁ [N 6m] *Cristo.*

μέν [Conj] Esta conjunção indica contraste ou ênfase e freqüentemente fica melhor não traduzida. É freqüentemente usada em combinação com outra conjunção, e.g.: μέν... δέ..., *por um lado... por outro lado...*; μέν... ἀλλά..., *na verdade... mas...* A conjunção μέν é pospositiva.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. οἱ στρατιῶται ἔλεγον πρὸς ἀλλήλους. (Mc 8,16)
2. ἦν ἱμάτιον περὶ τὴν ὀσφὺν αὐτοῦ. (Mc 1,6)
3. τοῦτο γάρ ἐστι πρὸς τῆς ἡμετέρας ἐλπίδος. (At 27,34)
4. ὁ μὲν Κύριος Ἰησοῦς ἔρχεται εἰς τὸν οὐρανόν, ὁ δὲ μαθητὴς αὐτοῦ ἔρχεται πρὸς τὸν οἶκον αὐτοῦ. (Mc 16,19)

5. ἦσαν ἰχθύες ἐν τῷ νιπτῆρι.
6. ἔσονται γὰρ αἱ ἡμέραι ἐκεῖναι θλῖψις. (Mc 13,19)
7. ὁ ἄγγελος λέγει πρὸς αὐτάς. (Lc 1,13)
8. ἔλεγεν αὐτῷ ὅτι σὺ εἶ ὁ Χριστός. (Mc 8,29)
9. ὁ θεὸς ἤκουε τὰς δεήσεις αὐτῶν. (Lc 1,13)
10. οἱ μαθηταὶ τοῦ Ἰησοῦ ἤσθιον τοὺς στάχυας. (Lc 6,1)
11. ἦσαν δὲ πρὸς τοῖς οἴκοις ἄνδρες καὶ γυναῖκες. (Mc 5,11) [Cf. o vocabulário da lição 37 para o significado de ἀνήρ.]
12. ἡ κρίσις ἔσται κατὰ τὸν ἡμέτερον λόγον. (At 18,14)
13. ἀδελφοί, εἴ ἐστιν ἐν ὑμῖν λόγος παρακλήσεως πρὸς τὸν λαόν, λέγετε. (At 13,15) [Cf. o vocabulário da lição 15 para o significado de εἰ.]
14. ὁ παῖς ἔρχεται πρὸς αὐτόν. (Mc 1,40)
15. ἔχει ὁ ἅγιος ἀγάπην πρὸς τὸν θεὸν ἐξ ὅλης τῆς ἰσχύος αὐτοῦ. (Mc 12,30)
16. οὐκ ἔστι γνῶσις τοῦ Ἰησοῦ ἐν ἐκείνῃ τῇ πόλει. (Lc 1,77)
17. ἡ κρίσις ἡ ἐμὴ δικαία ἐστίν. (Jo 5,30)
18. ἔρχεται ὁ κριτὴς εἰς τὴν πόλιν. (Mc 14,16)
19. οὐ διὰ τὸν σὸν λόγον πίστιν ἔχομεν. (Jo 4,42)
20. οἱ ἐχθροὶ τοῦ Ἰησοῦ λέγουσιν ἀνάστασιν μὴ εἶναι. (Mc 12,18) [Cf. o vocabulário da lição 30 para o significado de ἐχθρός.]
21. ἔρχεται ὁ Μεσσίας μετὰ δυνάμεως καὶ δόξης. (Mc 13,26)
22. ὁ Ἰησοῦς βλέπει τὴν πίστιν αὐτῶν. (Mc 2,5)
23. ἡμετέρα ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ. (Lc 6,20)
24. ἔρχεται ὁ Κύριος ἐν ἡμέρᾳ κρίσεως. (Mt 10,15)

II. Traduza para o grego:
1. Jesus vem com os seus discípulos à cidade para falar ao povo sobre Deus. (Mt 26,36; Mc 5,14; 8,30)
2. Jesus vê a fé da multidão e diz que Deus é bom. (Mc 2,5; 8,29)
3. Os discípulos de Cristo têm conhecimento da ressurreição. (1Cor 8,1)

III. Mc 2,19-24.

Lição 15

O significado do infinitivo presente ativo.
Infinitivo presente ativo de λύω.
Os substantivos βασιλεύς e νοῦς.
O pronome interrogativo τίς. Regras de acentuação 7.

O significado do infinitivo presente ativo.

No sistema do presente o infinitivo veicula a visão de uma ação inacabada. *Este ponto de vista básico geralmente é elaborado por outras indicações no texto, de modo que a ação seja vista como continuada ou repetida, ou como habitual ou descritiva da ação indicada pelo significado do verbo.* (Somente o modo indicativo veicula o presente do tempo primário.)

Na construção do acusativo com infinitivo (cf. lição 8), o infinitivo expressa tempo relativo, referindo-se a um tempo anterior, simultâneo ou posterior ao tempo do verbo principal, quando o acusativo com o infinitivo segue um verbo de dizer ou de perceber. O infinitivo presente expressa tempo simultâneo ao verbo principal. A razão é que o infinitivo presente não exprime ação acabada (como faz o radical do aoristo, o qual, na construção do acusativo com o infinitivo, geralmente expressa tempo anterior) nem ação que é anterior (como faz o radical do perfeito, o qual, na construção do acusativo com o infinitivo, por raro que seja, é usado para implicar tempo anterior) nem ação que é posterior (como faz o radical do futuro, o qual, na construção do acusativo com infinitivo, é usado para expressar tempo posterior). Em outras construções o infinitivo presente exprime ação não-acabada, sem qualquer implicação de tempo relativo.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo infinitivo, cf. lição 4.

Infinitivo presente ativo de λύω.

O infinitivo presente ativo de λύω é λύ-ειν (cf. V 1, PV 1).

Os substantivos βασιλεύς e νοῦς.

Um grupo de substantivos da terceira declinação tem raiz que termina em -ευ. O υ de ευ cai diante de uma vogal. No acusativo plural a desinência é -εις em vez de -εας (βασιλεύς, *rei*) (cf. N 29):

	Singular	Plural
n	βασιλεύς	βασιλεῖς
v	βασιλεῦ	βασιλεῖς
g	βασιλέως	βασιλέων
d	βασιλεῖ	βασιλεῦσι(ν)
a	βασιλέα	βασιλεῖς

Um grupo menor de substantivos da terceira declinação tem raiz que termina em -ο, que se contrai com várias desinências (νοῦς, *mente*) (cf. N 27m e N 33):

	Singular	Plural
n	νοῦς	νόες
v	νοῦ	νόες
g	νοός	νοῶν
d	νοΐ	νουσί(ν)
a	νοῦν	νόας

O pronome interrogativo τίς.

O pronome interrogativo declina-se da seguinte maneira:

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τίς	τίς	τί
g	τίνος	τίνος	τίνος
d	τίνι	τίνι	τίνι
a	τίνα	τίνα	τί

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τίνες	τίνες	τίνα
g	τίνων	τίνων	τίνων
d	τίσι(ν)	τίσι(ν)	τίσι(ν)
a	τίνας	τίνας	τίνα

Deve-se notar que o acento é sempre agudo e que ele se encontra sempre sobre o (primeiro) iota. As formas masculina e feminina são idênticas.

Este pronome se utiliza como o pronome interrogativo em português:

τίς ἐστιν;
Quem é?

τί αὐτὴ λέγει;
O que ela diz?

τίς também pode ser usado como adjetivo:

τίς βασιλεύς ἐστιν;
Que rei é?

ἐκ τίνος πόλεώς ἐστιν;
De que cidade é?

Regras de acentuação 7.

Outros padrões silábicos normativos para o uso de acentos envolvendo enclíticas:

		Palavra precedente	Enclítica
e.	i.	- ´ -	-
	ii.	´ -	-
f.	i.	- ´ -	- ´
	ii.	´ -	- ´
g.	i.	- ´ -	- `
	ii.	´ -	- `

e. Um acento agudo sobre a penúltima sílaba de uma palavra que precede uma enclítica monossilábica é suficiente para a acentuação tanto da palavra em que está quanto da enclítica. O acento da enclítica não é posto na última sílaba da palavra que precede: não se encontram acentos agudos sobre sílabas sucessivas na mesma palavra.

e.	i.	πλησίον	σου	(Mc 12,31)
	ii.	μήτηρ	σου	(Mc 3,32)

f. Como estabelecido acima na regra 7.e, um acento agudo sobre a penúltima sílaba de uma palavra que precede uma enclítica monossilábica é suficiente para a acentuação tanto da palavra em que está quanto da enclítica. A situação porém muda, quando uma palavra com acento agudo na penúltima sílaba é seguida por uma enclítica de *duas* sílabas. Neste caso o acento é posto na sílaba final da enclítica. Isto se dá a fim de evitar que haja três sílabas sucessivas sem acento, envolvendo uma enclítica.

f.	i.	Ἠλίας	ἐστίν	(Mc 6,15)
	ii.	οἴκῳ	ἐστίν	(Mc 2,1)

g. O acento agudo na sílaba final de uma enclítica funciona de acordo com as regras do acento agudo, isto é, se não houver sinal de pontuação após a enclítica, e se a palavra seguinte não for enclítica, então o acento agudo muda-se para grave:

g.	i.	τοιούτων	ἐστὶν	(Mc 10,14)
	ii.	χρόνος	ἐστὶν	(Mc 9,21)

Vocabulário.

ἀντί [Prep 1] Rege o caso genitivo: *no lugar de; em vez de; por; em favor de; por causa de.*

ἀρχιερεύς, -έως, ὁ [N 29] *sumo sacerdote.*

βασιλεύς, -έως, ὁ [N 29] *rei.*

γονεύς, -έως, ὁ [N 29] *pais.*

γραμματεύς, -έως, ὁ [N 29] *escriba.*

ἱερεύς, -έως, ὁ [N 27m] *sacerdote.*

βοῦς, βοός, ὁ [N 27m, N 27f, N 33] *boi; vaca.*

νοῦς, νοός, ὁ [N 27m, N 33] *mente; inteligência.*

χοῦς, χοός, ὁ [N 27m, N 33] *pó.*

θέλω [V 6; VD 77; PV 1] *quero.* Este verbo geralmente rege o infinitivo. Pode no entanto reger oração com ἵνα seguida de subjuntivo. Esta oração com ἵνα *não* é uma oração subordinada final, mas uma subordinada substantiva, como será explicado na lição 75. O imperfeito tem um aumento irregular: ἠ em vez de ἐ (ἤθελον). O futuro não se encontra no Novo Testamento.

μέλλω [V 6; VD 123; PV 1] *estou para; estou a ponto de.* Este verbo é seguido de um infinitivo, geralmente no presente ou futuro. O imperfeito pode ter tanto o aumento regular ἐ quanto o irregular ἠ.

τίς, τίς, τί [Pro] *quem?; o quê?* Em alguns contextos, como será explicado na lição 73, τί apresenta também um significado idiomático: *por quê?*

εἰ [Conj] *se*. Esta conjunção é usada para introduzir uma oração subordinada condicional no modo indicativo; é também usada como uma das palavras com que se introduz uma interrogativa indireta.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. εἰ σὺ εἶ ὁ Χριστός, λέγε ἡμῖν. (Jo 10,24)
2. τίς ὑμῶν οὐ λύει τὸν βοῦν αὐτοῦ; (Lc 13,15)
3. ἡμεῖς οὐκ ἔχομεν κακὸν ἀντὶ κακοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ. (Rm 12,17) [Cf. o vocabulário da lição 26 para o significado de κακός.]
4. οἱ παῖδες ἤθελον εἶναι γονεῖς ἀγαθοί. (Mc 9,35)
5. ὁ στρατιώτης ἤμελλε κράζειν.
6. τίνα με λέγουσιν οἱ ἄνθρωποι εἶναι; (Mc 8,27)
7. ὁ χοῦς ἦν ἐπὶ τὴν τράπεζαν.
8. τίς ἐστιν βασιλεὺς ταύτης τῆς πόλεως;
9. ὁ ἱερεὺς ἔρχεται εἰς τὸ ἱερὸν ἵνα λέγῃ τῷ θεῷ.
10. ἔρχεται πρὸς τὸν Ἰησοῦν ὁ ἀρχιερεύς, ὁ δὲ γραμματεὺς οὐκ ἔρχεται.
11. διὰ τί ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς εἰς τοῦτον τὸν οἶκον; (Mc 2,18)
12. ὑμεῖς δὲ νοῦν Χριστοῦ ἔχετε. (1Cor 2,16)
13. ὁ ἱερεὺς ἤθελε βαπτίζειν τοὺς γονεῖς τῶν παίδων.

II. Traduza para o grego:

1. O rei quer ouvir o profeta, mas o profeta não quer falar diante do rei.
2. Se o rei quer ser o primeiro no reino, escute a voz de Deus. (Mc 4,23; 10,44)
3. De fato o Filho do Homem estava para ter piedade da mulher que tinha esperança. (Jo 11,51; Mc 4,25)

III. Mc 2,25-3,3.

Lição 16

O significado do particípio presente ativo.
Particípio presente ativo de λύω. O substantivo πνεῦμα.
O pronome indefinido τις. Regras de acentuação 8.

O significado do particípio presente ativo.

Dois exemplos em português do uso de particípios em grego são: 1) *Uma voz "clamante" (que clama) no deserto...;* 2) *Ouvindo a voz, eu...*

O particípio grego pode ser descrito como adjetivo verbal. Como verbo, o particípio grego possui aspecto e voz, e pode ter um objeto. Como adjetivo, o particípio concorda com o nome ou pronome em gênero, número e caso (cf. lição 7). Na análise de um particípio, todos estes fatores devem ser levados em conta.

O particípio presente veicula a visão de uma ação inacabada. A ação do particípio presente é quase sempre simultânea à ação do verbo principal, exatamente porque a ação é vista como inacabada (cf. o raciocínio dado na lição 15 sobre a simultaneidade do infinitivo presente).

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do particípio, cf. lição 7.

Particípio presente ativo de λύω.

O particípio presente ativo de λύω é declinado do seguinte modo (cf. V 1; PV 1, Adj 7):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λύ-ων	λύ-ουσα	λῦ-ον
v	λύ-ων	λύ-ουσα	λῦ-ον
g	λύ-οντος	λυ-ούσης	λύ-οντος
d	λύ-οντι	λυ-ούσῃ	λύ-οντι
a	λύ-οντα	λύ-ουσαν	λῦ-ον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λύ-οντες	λύ-ουσαι	λύ-οντα
v	λύ-οντες	λύ-ουσαι	λύ-οντα
g	λυ-όντων	λυ-ουσῶν	λυ-όντων
d	λύ-ουσι(ν)	λυ-ούσαις	λύ-ουσι(ν)
a	λύ-οντας	λυ-ούσας	λύ-οντα

O substantivo πνεῦμα.

Substantivos neutros constituem um numeroso grupo na terceira declinação. Uma grande parte deste grupo é composta de substantivos cujo nominativo termina em -μα e cujo radical termina em ατ- (πνεῦμα, *espírito*) (cf. N 16):

	Singular	Plural
n	πνεῦμα	πνεύματα
v	πνεῦμα	πνεύματα
g	πνεύματος	πνευμάτων
d	πνεύματι	πνεύμασι(ν)
a	πνεῦμα	πνεύματα

O radical é πνευματ-. No dativo plural o τ cai diante do σ.

O pronome indefinido τις.

O pronome indefinido τις equivale a diversas expressões em português: *algum, alguém, certo, tal, certa pessoa* etc.

A declinação é exatamente a mesma que a do pronome interrogativo τίς, ressalvando que o pronome indefinido τις é enclítico, ou seja, não tem acento, senão na segunda sílaba (cf. Pro).

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τις	τις	τι
g	τινός	τινός	τινός
d	τινί	τινί	τινί
a	τινά	τινά	τι

acento na última sílaba

e no Nom. não tem acento

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τινές	τινές	τινά
g	τινῶν	τινῶν	τινῶν
d	τισί(ν)	τισί(ν)	τισί(ν)
a	τινάς	τινάς	τινά

Dado que τις é enclítico, a ele se aplicam as regras de acentuação das enclíticas apresentadas na lição 11 e seguintes.

Como o τίς interrogativo, o τις indefinido pode ser usado como adjetivo ou como substantivo:

... τινες τῶν γραμματέων...
... *alguns dos escribas...*

... βασιλεύς τις...
... *certo rei...*

Regras de acentuação 8.

Outros padrões silábicos normativos para o uso de acentos envolvendo enclíticas:

		Palavra precedente	Enclítica
h.	i.	- ̂ ́	-
	ii.	̂ ́	-
i.	i.	- ̂ ́	- -
	ii.	̂ ́	- -

h. Um acento circunflexo sobre a penúltima sílaba de uma palavra que precede uma enclítica monossilábica não é suficiente para a acentuação da enclítica. A enclítica perde o próprio acento agudo para a palavra em que o acento circunflexo se encontra, sendo posto na sílaba final. Tem-se assim uma seqüência de acento circunflexo e acento agudo sobre duas sílabas sucessivas na mesma palavra:

i.	ζητοῦσίν	σε	(Mc 1,37)
ii.	οἶδά	σε	(Mc 1,24)

i. Um acento circunflexo sobre a penúltima sílaba de uma palavra que precede uma enclítica bissilábica resulta na mesma seqüência de circunflexo-agudo em sílabas sucessivas, como no padrão "h":

i.	ἐκεῖνοί	εἰσιν	(Mc 4,20)
ii.	οὗτοί	εἰσιν	(Mc 4,18)

Vocabulário.

ἀνά [Prep 1] Rege o caso acusativo. Com palavras indicando número ou medida, tem sentido distributivo: *cada um; por/para cada um.* Com a palavra μέσον seguida do genitivo significa *através de, entre,* em sentido espacial, sendo utilizado o acusativo neutro singular do adjetivo μέσος como um substantivo.

αἷμα, αἵματος, τό [N 16] *sangue.*

βάπτισμα, βαπτίσματος, τό [N 16] *batismo.*

βρῶμα, βρώματος, τό [N 16] *comida; alimento.*

θέλημα, θελήματος, τό [N 16] *vontade; desejo; decisão.*

ὄνομα, ὀνόματος, τό [N 16] *nome.*

παράπτωμα, παραπτώματος, τό [N 16] *pecado; transgressão.*

πνεῦμα, πνεύματος, τό [N 16] *espírito.*

ῥῆμα, ῥήματος, τό [N 16] *palavra; evento.*

σπέρμα, σπέρματος, τό [N 16] *semente; descendência.*

στόμα, στόματος, τό [N 16] *boca.*

σῶμα, σώματος, τό [N 16] *corpo.*

τις, τις, τι [Pro] *algum; alguém; certo; tal; certa pessoa.*

μέσος, -η, -ον [Adj 1] *meio; no meio.*

οὕτως / οὕτω [Adv 3] *assim; desse modo.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. διὰ τί οὗτος οὕτως λέγει; (Mc 2,7)
2. Ἀνδρέας ἐστὶν τὸ ὄνομα αὐτοῦ. (Lc 1,63)
3. τοῦτό ἐστιν τὸ θέλημα τοῦ πατρός μου. (Jo 6,40)
4. ἔρχεται ὁ προφήτης ἀνὰ μέσον τοῦ ὄχλου ἐν ὀνόματι τοῦ Κυρίου. (Mc 7,31; Mc 11,9)
5. γυνή τις ἔκραζεν ἐκ τοῦ ὄχλου. (Lc 11,27)
6. ὁ βαπτιστὴς ἡμᾶς βαπτίσει ἐν πνεύματι ἁγίῳ. (Mc 1,8)
7. ὁ στρατιώτης ἔρχεται διὰ μέσου αὐτῶν. (Lc 4,30)

8. ὑμεῖς παραπτώματα ἔχετε.
9. εἶπεν ὁ Ἰησοῦς· τοῦτό ἐστιν τὸ αἷμά μου. (Mc 14,24)
10. οἱ προφῆται εἶχον στόμα ἵνα λέγωσιν τὴν ἀλήθειαν περὶ τοῦ θελήματος τοῦ θεοῦ. (Lc 21,15)
11. τοῦτο τὸ βάπτισμα οὐκ ἐξ οὐρανοῦ ἦν. (Mc 11,30)
12. εἶπεν ὁ Ἰησοῦς· τοῦτό ἐστιν τὸ σῶμά μου. (Mc 14,22)
13. ἔρχεται ὁ ὄχλος ἵνα βρῶμα ἔχῃ.
14. τὰ σπέρματα τῶν πατέρων υἱοὶ καὶ θυγατέρες εἰσίν.
15. ὑμεῖς ἔχετε ῥήματα ζωῆς ἐκ τοῦ θεοῦ. (Jo 6,68)
16. ὁ Ἰησοῦς ἔρχεται κηρύσσων τὸ εὐαγγέλιον καὶ λέγων ὅτι ἐγγίζει ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ. (Mc 1,14) [Cf. o vocabulário da lição 19 para o significado de ἐγγίζω.]

II. Traduza para o grego:

1. Os espíritos impuros viam Jesus e gritavam contra ele. (Mc 3,6.11) [Cf. o vocabulário da lição 24 para a palavra grega "impuros".]
2. E alguns dos profetas diziam que a palavra do rei era má. (Mc 15,35)
3. Esta é a vontade de quem me batiza. (Jo 6,39)

III. Mc 3,4-10.

Lição 17

O significado do infinitivo futuro ativo. Infinitivo futuro ativo de λύω.
O significado do particípio futuro ativo. Particípio futuro ativo de λύω.
O substantivo τέρας. O pronome demonstrativo ὅδε.
Temas verbais do presente em -σσ. Regras de acentuação 9.

O significado do infinitivo futuro ativo.

O uso do infinitivo futuro é relativamente raro no Novo Testamento. Ele é encontrado sobretudo como complemento de um verbo. Veicula sempre a visão de uma ação de alguma maneira posterior (cf. lição 9). Assim, quando usado na construção do acusativo com infinitivo, indica tempo posterior em relação ao tempo do verbo principal (cf. lição 15).

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo infinitivo, cf. lição 4.

Infinitivo futuro ativo de λύω.

O infinitivo futuro ativo de λύω se forma acrescentando-se a desinência do presente ao radical do futuro (cf. lição 11, V 1; PV 1). O infinitivo futuro ativo de λύω é, portanto, λύσειν.

λέγει τὸν Χριστὸν λύσειν τὸν δοῦλον.
Diz que Cristo libertará o escravo.

εἶπε τὸν Χριστὸν λύσειν τὸν δοῦλον.
Disse que Cristo libertaria o escravo.

Confronte com o uso do infinitivo presente:

λέγει τὸν Χριστὸν λύειν τὸν δοῦλον.
Diz que Cristo liberta o escravo.

O significado do particípio futuro ativo.

O particípio futuro é relativamente raro no Novo Testamento. Ele expressa sempre uma ação vista como posterior (cf. lições 9 e 16.) É ocasional-

mente usado para expressar finalidade, já que a finalidade está inerentemente relacionada com uma ação posterior.

ὁ Χριστὸς ἔρχεται λύσων τὸν δοῦλον.
Cristo vem para libertar o escravo.

Particípio futuro ativo de λύω.

O particípio futuro ativo de λύω se forma acrescentando-se as desinências do particípio presente ao radical do futuro (cf. V 1; PV 1, Adj 7). As regras para a modificação do radical para verbos de categorias especiais são as mesmas para o indicativo e o infinitivo (cf. lição 11).

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λύσ-ων	λύσ-ουσα	λῦσ-ον
v	λύσ-ων	λύσ-ουσα	λῦσ-ον
g	λύσ-οντος	λυσ-ούσης	λύσ-οντος
d	λύσ-οντι	λυσ-ούσῃ	λύσ-οντι
a	λύσ-οντα	λύσ-ουσαν	λῦσ-ον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λύσ-οντες	λύσ-ουσαι	λύσ-οντα
v	λύσ-οντες	λύσ-ουσαι	λύσ-οντα
g	λυσ-όντων	λυσ-ουσῶν	λυσ-όντων
d	λύσ-ουσι(ν)	λυσ-ούσαις	λύσ-ουσι(ν)
a	λύσ-οντας	λυσ-ούσας	λύσ-οντα

Isto conclui a apresentação dos tempos do presente e do futuro da voz ativa do verbo λύω.

O substantivo τέρας.

Um pequeno grupo de substantivos neutros da terceira declinação termina em -ας com o radical em -ατ- (τέρας, *maravilha, prodígio*) (cf. N. 17):

	Singular	Plural
n	τέρας	τέρατα
v	τέρας	τέρατα
g	τέρατος	τεράτων
d	τέρατι	τέρασι(ν)
a	τέρας	τέρατα

Em alguns textos encontra-se τέρα em vez de τέρας para o nominativo, vocativo e acusativo singular.

O pronome demonstrativo ὅδε.

Além do pronome demonstrativo οὗτος, *assim*, há outro pronome com o mesmo significado: ὅδε, que é usado menos freqüentemente.

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ὅδε	ἥδε	τόδε
g	τοῦδε	τῆσδε	τοῦδε
d	τῷδε	τῇδε	τῷδε
a	τόνδε	τήνδε	τόδε

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	οἵδε	αἵδε	τάδε
g	τῶνδε	τῶνδε	τῶνδε
d	τοῖσδε	ταῖσδε	τοῖσδε
a	τούσδε	τάσδε	τάδε

Há tendência de se usar o neutro plural de ὅδε como substantivo (τάδε, *estas coisas*).

Temas verbais do presente em -σσ.

Uma categoria considerável de verbos no Novo Testamento tem raízes que terminam em duplo sigma (-σσ-) no indicativo presente ativo (e.g. ταράσσω). Estes verbos têm raiz palatal, e o duplo sigma é meramente o resultado final de uma mudança de som que tem lugar somente no sistema do presente; nos outros tempos, a palatal é claramente visível. Assim, o futuro de ταράσσω é ταράξω (cf. V 3).

Regras de acentuação 9.

Outros padrões silábicos normativos para o uso de acentos envolvendo enclíticas:

		Palavra precedente	Enclítica
j.	i.	- ´ - ´	-
	ii.	´ - ´	-
k.	i.	- ´ - ´	- -
	ii.	´ - ´	- -

j. e k. Um acento agudo sobre a antepenúltima sílaba de uma palavra que precede uma enclítica monossilábica ou bissilábica resulta na colocação do acento da enclítica sobre a última sílaba desta palavra.

j.	i.	συνθλίβοντά	σε	(Mc 5,31)
	ii.	δύνασαί	με	(Mc 1,40)
k.	i.	ἀσύνετοί	ἐστε	(Mc 7,18)
	ii.	φάντασμά	ἐστιν	(Mc 6,49)

Vocabulário.

πρό [Prep 1] Rege o caso genitivo: *antes* [em sentido temporal ou, com menos freqüência, espacial].

ἅλας, ἅλατος, τό [N 17] *sal.*

κέρας, κέρατος, τό [N 17] *chifre, corno; poder* (este último é um sentido translato do significado básico da palavra: *corno*).

πέρας, πέρατος, τό [N 17] *fim; limite; conclusão.*

τέρας, τέρατος, τό [N 17, N 33] *milagre; maravilha; prodígio.*

ὅδε, ἥδε, τόδε [Pro] *este, esta, isto.*

διατάσσω [διά + τάσσω] [V 3; VD 303] *comando* [rege o caso dativo]; *ordeno.*

κηρύσσω [V 3] *proclamo; anuncio; prego.*

ταράσσω [V 3] *agito; tumultuo.*

ὑποτάσσω [ὑπό + τάσσω] [V 3; VD 303] *submeto.*

φυλάσσω [V 3; VD 335] *protejo; guardo; conservo; mantenho; observo* (uma lei etc.).

ὡς [Conj] Esta conjunção possui vários significados. Os mais importantes são: 1) *quando,* para introduzir oração subordinada temporal; 2) *como,* para estabelecer comparação entre substantivos e adjetivos, com o mesmo caso antes e depois; 3) *cerca de,* com números, para indicar aproximação.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ νεανίας ἔλεγεν· τὸν νόμον ἐφύλασσον.
2. τάδε λέγει τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον. (At 21,11)
3. ὁ δὲ ἱερεὺς πρὸ τῆς πόλεώς ἐστιν. (At 14,13)
4. ὁ Μεσσίας ἐστὶ κέρας ἐν τῷ οἰκῷ τοῦ βασιλέως.
5. ὡς δὲ εἶπε τούτους τοὺς λόγους ὁ Ἰησοῦς ἔβλεπε τὴν γυναῖκα.
6. ἐδίωκον τοὺς προφήτας πρὸ ἡμῶν.
7. ὁ θεὸς ὑποτάξει τὸν θάνατον ὑπὸ τοὺς πόδας τοῦ Χριστοῦ. (Ef 1,22)
8. ἔσονται τέρατα ἐν τοῖς οὐρανοῖς.
9. ἡ λαῖλαψ ἐτάρασσε τὴν θάλασσαν. [Cf. o vocabulário da lição 21 para o significado de θάλασσα.]
10. οἱ ἄνθρωποι οἱ ἀγαθοὶ ἔσονται ὡς ἄγγελοι ἐν τοῖς οὐρανοῖς. (Mc 12,25)
11. ὁ Ἰησοῦς διέτασσεν τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ. (Mt 11,1)
12. ὑμεῖς ἐστε τὸ ἅλας τῆς γῆς. (Mt 5,13)
13. μετὰ ταῦτα ὁ Ἰησοῦς ἔρχεται κηρύσσων τὸ εὐαγγέλιον. (Mc 1,14)
14. ἔρχονται ἐκ τῶν περάτων τῆς γῆς ἀκούσοντες τὸ εὐαγγέλιον τοῦ Ἰησοῦ. (Mt 12,42)

II. Traduza para o grego:

1. Alguns dos profetas agitavam o povo. (At 15,24)
2. Jesus vem à cidade para pregar. (Mc 1,38)
3. Escutam a palavra de Deus e a observam. (Lc 11,28)

III. Mc 3,11-17.

3. ἀκούουσι τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ φυλάσσουσιν αὐτόν.

Lição 18

O significado do tempo aoristo.
Aoristo do indicativo ativo de λύω.
O substantivo ἔθνος. O pronome relativo ὅστις.
O período hipotético irreal.
Regras de acentuação 10.

O significado do tempo aoristo.

O aspecto aoristo veicula o ponto de vista de uma ação terminada (cf. lição 9). No modo indicativo este aspecto, combinado com outros elementos no contexto, geralmente significa que a ação em questão é passada. Existem portanto no modo indicativo dois tempos que veiculam ação passada no tempo primário: o imperfeito, que veicula a idéia de uma ação repetida ou continuada no tempo passado (cf. lição 10), e o aoristo, *que veicula a idéia de uma ação no tempo passado e que é terminada, isto é, não repetida ou continuada* (cf. lição 9). Em determinado contexto, o aoristo do indicativo pode veicular uma variedade de nuanças, dependendo do significado do verbo e de outros fatores no contexto. Mas o ponto de vista de determinada ação veiculada pelo radical será normalmente apresentada, explícita ou implicitamente.

Assim, como antes mencionado (cf. lição 9), o radical do presente e seu aspecto está em contraponto com o radical do aoristo e seu aspecto: onde se usa um, o outro é implicitamente rejeitado. Estes dois aspectos, presente e aoristo, são usados com muito mais freqüência no Novo Testamento grego que os outros dois, o futuro e o perfeito. A razão para isso é que o presente e o aoristo normalmente são mais importantes para a narrativa e para a exposição. Do ponto de vista retórico, verbos formados pelo radical do presente e verbos formados pelo radical do aoristo têm cada um funções específicas em uma passagem. É importante notar e ter em mente que as chamadas funções retóricas são conseqüência das funções sintáticas, e não o contrário (cf. o apêndice "Aspecto no sistema verbal grego", no final deste volume.)

Aoristo do indicativo ativo de λύω.

Existem duas formas principais do tempo aoristo, sem diferença em relação ao significado. O tipo mais comum se encontra no verbo λύω e é chamado aoristo "fraco" ou "primeiro". O outro, em contraste, é chamado aoristo "forte"ou "segundo". (O aoristo "forte" ou "segundo" será explicado na lição 43.)

Ambas as formas principais do tempo aoristo, como o imperfeito, têm o aumento no modo indicativo. O aumento ocorre exatamente como no imperfeito, e é o sinal (morfema) que indica o tempo passado. Outros modos têm o "tempo" aoristo, isto é, o radical do aoristo com a respectiva conotação de ação vista como acabada. O valor exato do aoristo nesses modos será explicado segundo demande a ocasião.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo indicativo, cf. lição 2.

O radical do aoristo "fraco" ou "primeiro" se forma acrescentando um σ à raiz (λυ-), mais o uso de desinências especiais. Assim, o radical do aoristo de λύω é λυσ-. No modo indicativo, como dito acima, o aumento se forma como para o imperfeito.

O aoristo do indicativo ativo primeiro de λύω é (cf. V 1; PV 1):

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔ-λυσ-α	ἐ-λύσ-αμεν
2ª pessoa	ἔ-λυσ-ας	ἐ-λύσ-ατε
3ª pessoa	ἔ-λυσ-ε(ν)	ἔ-λυσ-αν
	soltei	*soltamos*
	soltaste	*soltastes*
	soltou	*soltaram*

Para os verbos cuja raiz termina em consoante, as regras para o acréscimo do σ para formar o aoristo são exatamente as mesmas que para o acréscimo do σ para formar o futuro. Têm-se, assim, as seguintes formas: γράφω, γράψω, ἔγραψα; ἁγιάζω, ἁγιάσω, ἡγίασα; κηρύσσω, κηρύξω, ἐκήρυξα.

Deve-se notar já, de qualquer modo, que nem todos os verbos com formação regular do futuro do indicativo têm formação regular do aoristo indicativo, e vice-versa. Assim, por exemplo, ἄγω, ἄξω, ἤγαγον (aoristo irregular), e ἐλπίζω, ἐλπιῶ, ἤλπισα (futuro irregular).

Nem todos os verbos vistos até aqui, nesta gramática, têm aoristos formados regularmente segundo o paradigma de λύω. Por exemplo, ἄγω tem o aoristo primeiro formado regularmente, ἦξα, mas esta forma não é tão co-

mum quanto outra, ἤγαγον, que será explicada na lição 43. O aoristo dos verbos já vistos será introduzido nos exercícios, desde que tais verbos não sejam irregulares.

O substantivo ἔθνος.

Um grande grupo de substantivos neutros da terceira declinação termina em -ος no nominativo e tem radical que termina em -εσ (ἔθνος, *nação*) (cf. N 31):

	Singular	Plural
n	ἔθνος	ἔθνη
v	ἔθνος	ἔθνη
g	ἔθνους	ἐθνῶν
d	ἔθνει	ἔθνεσι(ν)
a	ἔθνος	ἔθνη

Dada a relativa importância deste paradigma, é aconselhável explicar com algum detalhe a razão por trás das várias formas.

Três fenômenos recorrentes na fonologia grega estão em evidência nesse paradigma: 1) a alternância do radical ἐθνοσ-, no nominativo, vocativo e acusativo singular, com o radical ἐθνεσ-, usado em todas as outras formas; 2) a queda do σ entre duas vogais (encontrada em todas as formas com o radical ἐθνεσ- exceto no dativo plural, que todavia não é uma exceção, já que a forma primitiva era ἔθνεσ-σι); 3) a contração de duas vogais justapostas (ἔθνεος > ἔθνους; ἔθνεα > ἔθνη; ἐθνέων > ἐθνῶν).

O pronome relativo ὅστις.

Uma forma alternativa do pronome relativo é encontrada composta pelo pronome relativo ὅς com o pronome indefinido τις. Às vezes esta forma ampliada parece conservar algo da conotação de significado no grego clássico, um tipo de generalização: *quem quer que*. Normalmente, porém, parece não haver diferença de significado entre a forma ὅς (que é muito mais freqüente no Novo Testamento) e a forma ampliada ὅστις.

Somente algumas das formas possíveis de ὅστις são encontradas no Novo Testamento.

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ὅστις	ἥτις	ὅτι
g	ὅτου	–	–
d	–	–	–

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	οἵτινες	αἵτινες	ἅτινα
g	–	–	–
d	–	–	–
a	–	–	–

O período hipotético irreal.

O seguinte tipo de período é chamado de período hipotético irreal: *Se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido.* Ambas as orações são "contrárias à realidade": Jesus não esteve presente, e o irmão de Marta, Lázaro, morreu. Assim, em relação ao que realmente aconteceu, as orações são irreais.

Em grego, este tipo de período tem εἰ com um tempo passado do indicativo na oração subordinada (prótase), e um tempo passado do indicativo (geralmente com ἄν) na oração principal (apódose).

εἰ ἔκραξεν, ἐφύλαξα ἂν αὐτόν.
Se (ele) tivesse gritado, (eu) o teria protegido.

εἰ ἔκραζεν, ἐφύλασσον ἂν αὐτόν.
Se (ele) gritasse, (eu) o protegeria.

O aoristo indicativo freqüentemente parece ser usado se a irrealidade é apresentada como existindo no passado, enquanto o indicativo imperfeito freqüentemente parece ser usado se a irrealidade é apresentada como existindo no presente. Esta regra básica prática explica os aspectos temporais das traduções dadas acima: o primeiro exemplo usa tempo aoristo e é traduzido como condição contrária à realidade no tempo passado, enquanto o segundo exemplo usa tempos imperfeitos e é traduzido como condição contrária à realidade no tempo presente. Mas o estudante deve estar alerta aos vários fatores que podem pedir interpretação diferente do uso dos tempos por causa do valor temporal. Aqui, como alhures, o contexto é decisivo.

Quando necessário, as negativas usadas são οὐ ou μή. μή geralmente é empregada em oração subordinada introduzida por εἰ. Se a oração principal também for negativa, nela se usará οὐ.

Regras de acentuação 10.

Outros padrões silábicos normativos para o uso de acentos envolvendo enclíticas:

		Palavra precedente	Enclítica	Enclítica
l.	i.	´ -	- ´	- -
	ii.	- ´	- ´	-
	iii.	- ´	´	- -

l. Quando uma palavra é seguida por mais de uma enclítica, a combinação da palavra precedente com as enclíticas chama-se "cadeia enclítica". Numa cadeia enclítica, a enclítica ou enclíticas intermediárias sempre têm acento agudo sobre a sílaba única de uma enclítica monossilábica (exemplo iii) ou sobre a sílaba final de uma enclítica dissilábica (exemplos i e ii). A última enclítica da cadeia não tem acento.

l.	i.	ὅτι	εἰσίν	τινες	(Mc 9,1)
	ii.	καλόν	ἐστίν	σε	(Mc 9,45)
	iii.	καλόν	σέ	ἐστιν	(Mc 9,47)

A palavra σέ no exemplo iii é a forma enclítica do pronome pessoal da segunda pessoa singular, e não a forma forte, como se pode ver pelo fato de o acento sobre a sílaba final de καλόν ser agudo e não grave.

Há exceções a todas as regras apresentadas acima e nas lições anteriores envolvendo enclíticas. Uma enclítica pode receber acento quando segue imediatamente um sinal de pontuação (e.g. ἔστιν δὲ em Jo 5,2; τινὲς δὲ em Jo 7,44). Além disso, depois de algumas palavras as formas enclíticas de εἰμί conservam o próprio acento (e.g. οὐκ εἰμὶ em Jo 3,28). Depois de οὐκ e ἀλλά, no entanto, a terceira pessoa do singular retrai o acento e se torna ἔστιν (e.g. οὐκ ἔστιν em Jo 1,47; ἀλλ' ἔστιν em Jo 7,28).

Com isto se conclui a apresentação das regras de acentuação envolvendo enclíticas.

Vocabulário.

ἔμπροσθεν [Prep 1] Rege o caso genitivo: *em frente de; diante de; perante.* Esta palavra é também um advérbio: *em frente; adiante* [Adv 1].

γένος, γένους, τό [N 31] *raça; linhagem; descendência.*

ἔθνος, ἔθνους, τό [N 31] *nação*; [no plural] *gentios.*

ἔθος, ἔθους, τό [N 31] *costume; uso.*

ἔτος, ἔτους, τό [N 31] *ano.*

μέρος, μέρους, τό [N 31] *parte;* [no plural] *região.*

ὄρος, ὄρους, τό [N 31, N 33] *montanha; colina.* No genitivo plural encontram-se as formas ὀρῶν e ὀρέων.

πλῆθος, πλήθους, τό [N 31] *multidão; grande número; abundância.*

σκεῦος, σκεύους, τό [N 31] *vaso;* [no plural] *bens,*

σκότος, σκότους, τό [N 31] *escuridão; trevas.*

ψεῦδος, ψεύδους, τό [N 31] *mentira; falsidade.*

ὅρος, ὅρου, ὁ [N 6m] *limite; fronteira.*

ὅστις, ἥτις, ὅτι [Pro] *quem; quem quer que; qualquer que.*

ἄν [Part] ἄν normalmente não é traduzida por uma palavra específica. Indica contingência, e sua tradução depende do sentido geral da contingência veiculada pela passagem como um todo em que se encontra.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. σκότος ἦν ἐφ' ὅλην τὴν γῆν. (Mc 15,33)
2. τοῦτο ὃ ἤκουσαν ἐκήρυξαν ἐπὶ τοῦ οἴκου. (Mt 10,27)
3. ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς ἔμπροσθεν τοῦ πλήθους. (Mc 2,12)
4. περὶ γὰρ ἐμοῦ ἐκεῖνος ἔγραψεν. (Jo 5,46)
5. ἐν τῷ θεῷ ἐσμεν· αὐτοῦ γὰρ καὶ γένος ἐσμέν. (At 17,28)
6. εἰ τὸ σπέρμα τοῦ θεοῦ ἦν, ἅγιος ἂν ἦν. (1Jo 3,9)
7. ὁ ἄνθρωπος ἐν τοῖς ὄρεσιν ἦν. (Mc 5,5)
8. τὸ ψεῦδος ἐκ τῆς ἀληθείας οὐκ ἔστιν. (1Jo 2,21)
9. εἰ ἐδόξασε τὸν θεόν, ἐβάπτισα ἂν αὐτόν.
10. πλῆθος ἔρχεται πρὸς αὐτόν. (Mc 3,8)
11. οὐ κωλύω αὐτοὺς οἵτινες ἔχουσιν τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον ὡς καὶ ἡμεῖς. (At 10,47)
12. ὁ Ἰησοῦς ἔρχεται κατὰ τὸ ἔθος εἰς τὸ ὄρος. (Lc 22,39)
13. τὸ γὰρ ἱερὸν τοῦ θεοῦ ἅγιόν ἐστιν, οἵτινές ἐστε ὑμεῖς. (1Cor 3,17)
14. λέγει ὁ Ἰησοῦς· οὐχ ἕξεις μέρος μετ' ἐμοῦ. (Jo 13,8)
15. τὰ σκεύη τούτου τοῦ ἀνθρώπου ἦν ἐν τῷ οἴκῳ. (Lc 17,31)
16. ἔρχεται ἔμπροσθεν ἄγων τοὺς στρατιώτας. (Lc 19,28)
17. οὐκ ἔρχεται εἰς ὁδὸν ἐθνῶν. (Mt 10,5)

18. οἱ γόνεις ἔρχονται κατ' ἔτος εἰς τὸ ἱερόν. (Lc 2,41)
[κατ' ἔτος: literalmente *de acordo com o ano*, ou seja, *anualmente*, *a cada ano*.]
19. ὁ θεὸς ἡγίασε τοὺς μαθητὰς ἐν τῇ ἀληθείᾳ. (Jo 17,17)
[Cf. o vocabulário da lição 36 para o significado de ἁγιάζω.]

II. Traduza para o grego:
1. O profeta batizou no deserto para que os seus discípulos fossem santos. (Mc 1,4.8)
2. Havia sinais entre as nações como o profeta escrevera [use o aoristo]. (At 15,12; Jo 5,46)
3. Havia, pois, certo homem justo diante de Jesus. (Lc 14,2)

III. Mc 3,18-24.

Lição 19

O significado do aoristo do imperativo ativo.
Aoristo do imperativo ativo de λύω.
O adjetivo πᾶς. O numeral εἷς. Regras de acentuação 11.

O significado do aoristo do imperativo ativo.

O radical do aoristo normalmente veicula o aspecto de uma ação terminada (cf. lição 9). No modo indicativo, este radical do aoristo, sempre acompanhado de aumento, normalmente veicula a idéia de uma ação que é passada em termos de tempo primário. No modo imperativo do aoristo, o aspecto veiculado é o de uma ação terminada. *Na prática, isto significa que o aoristo do modo imperativo normalmente veicula a idéia de uma ordem para um caso específico, isto é, uma norma de conduta a ser seguida em certa situação.* A razão para isso é que o uso do aoristo significa uma ação vista como terminada, quer dizer, uma ação não indefinida. Assim, há um contraste implícito com o uso do imperativo presente (cf. lições 12 e 18).

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo imperativo, cf. lição 4.

γράφε πολλάκις.
Escreve (tu) freqüentemente.

γράψον παραχρῆμα.
Escreve (tu) imediatamente.

Seria possível ter uma oração γράψον πολλάκις, *Escreve (tu) freqüentemente*, mas a escolha do aoristo em vez do presente indicaria que o autor está pensando em uma ordem referindo-se a um tipo específico de correspondência, de modo que a ordem supõe a noção de norma de conduta a ser seguida em determinada situação.

Aoristo do imperativo ativo de λύω.

O aoristo do imperativo ativo de λύω assim se conjuga (cf. V 1; PV 1):

Tempo aoristo, voz ativa, modo imperativo

	Singular	Plural
2ª pessoa	λῦσ-ον	λύσ-ατε
3ª pessoa	λυσ-άτω	λυσ-άτωσαν

O adjetivo πᾶς.

Um adjetivo comum da terceira e primeira declinações é πᾶς, *todo, cada um*. O masculino e neutro se declinam de acordo com a terceira declinação, e o feminino de acordo com a primeira (cf. Adj 12).

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	πᾶς	πᾶσα	πᾶν
v	πᾶς	πᾶσα	πᾶν
g	παντός	πάσης	παντός
d	παντί	πάσῃ	παντί
a	πάντα	πᾶσαν	πᾶν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	πάντες	πᾶσαι	πάντα
v	πάντες	πᾶσαι	πάντα
g	πάντων	πασῶν	πάντων
d	πᾶσι(ν)	πάσαις	πᾶσι(ν)
a	πάντας	πάσας	πάντα

O numeral εἷς.

O numeral εἷς, *um*, é declinado do seguinte modo:

	Masculino	Feminino	Neutro
n	εἷς	μία	ἕν
g	ἑνός	μιᾶς	ἑνός
d	ἑνί	μιᾷ	ἑνί
a	ἕνα	μίαν	ἕν

Regras de acentuação 11.

Em contraste com as enclíticas, que têm significado completo a partir do que as precede, há uma categoria de palavras, chamadas proclíticas, que têm significado completo a partir daquilo que as segue. As proclíticas mais im-

portantes são estas quatro formas de artigo: ὁ, ἡ, οἱ e αἱ; as preposições εἰς, ἐκ (ἐξ) e ἐν; as conjunções εἰ e ὡς; e a negativa οὐ. Sob certas condições, estas palavras podem receber acento agudo (e.g. Mc 4,23: εἴ τις, onde εἰ recebe o acento do pronome indefinido τις; e em Mt 5,37: οὐ encontra-se duas vezes acentuada, οὔ οὔ, por causa da ênfase particular que se exige pelo contexto, com o acento agudo sobre a primeira οὐ tornando-se grave, de acordo com as regras normais de acentuação). Mas essas exceções são raras e não se comparam com a freqüência com que as enclíticas recebem acento; elas não devem causar dificuldade ao estudante que estiver atento ao fato de que proclíticas normalmente não têm acentos, e que também apenas em raras ocasiões podem recebê-los, por razões evidentes.

Vocabulário.

ἐνώπιον [Prep 1] Rege o caso genitivo: *em frente de*; *em presença de*.

ἅπας, ἅπασα, ἅπαν [Adj 12] Esta é uma forma ampliada de πᾶς; pode ser uma indicação de estilo elevado: *todo* [completo]; *cada um* [particular].

πᾶς, πᾶσα, πᾶν [Adj 12] A tradução precisa desta palavra freqüentemente propõe um desafio. As seguintes normas apresentam as linhas-guia gerais. I. πᾶς como adjetivo. A. Sem o artigo. 1. No singular: *cada, todo*. 2. No plural: *todos*. B. Com o artigo. 1. No singular: *o todo, o inteiro*. 2. No plural: *todos os*. II. πᾶς como substantivo: *cada um, cada coisa, tudo*. Quando usados como adjetivos, ἅπας e πᾶς não seguem o uso normal de adjetivos, por causa dos significados atributivos e predicativos.

εἷς, μία, ἕν [Adj 19] *um; uma*.

μηδείς, μηδεμία, μηδέν [Adj 19, Neg] Como adjetivo: *nenhum*. Como substantivo: *nenhum; nada*. μηδείς, em contraste com οὐδείς, é usado onde seria usada a negativa μή.

οὐδείς, οὐδεμία, οὐδέν [Adj 19, Neg] Como adjetivo: *nenhum*. Como substantivo: *nenhum; nada*. οὐδείς, em contraste com μηδείς, é usado onde a negativa οὐ seria usada.

ἀπολύω [ἀπό + λύω] [V 1; PV 1] *libero; absolvo; envio*.

ἐγγίζω (ἐγγίσω) [V 5, 18; VD 69; PV 1] *aproximo-me*. Rege tanto o dativo simples quanto uma preposição com seu caso. O perfeito tem significado de presente.

καθίζω (καθίσω) [V 5; VD 140; PV 1] *sento*. Este é normalmente verbo intransitivo, isto é, não rege um objeto.

συνάγω [σύν + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1] *convoco; reúno*.

ὑπάγω [ὑπό + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1] *parto; vou*.

παραχρῆμα [Adv 2] *imediatamente*.

πολλάκις [Adv 2] *freqüentemente*.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ ὄχλος ἐκάθισεν ἐπὶ τὴν γήν. (Mc 11,7)
2. ἔσται σοι δόξα ἐνώπιον πάντων. (Lc 14,10)
3. ὁ Ἰησοῦς πολλάκις συνῆγε τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ εἰς ἐκεῖνον τὸν τόπον. (Jo 18,2)
4. οὐδεὶς ἀγαθὸς εἰ μὴ εἷς ὁ θεός. (Mc 10,18)
5. συνάξω πάντας τοὺς καρπούς μου. (Lc 12,17) [Cf. lição 22, Vocabulário, para o significado de καρπός.]
6. πᾶς ὁ ὄχλος ἔρχεται πρὸς αὐτόν. (Mc 2,13)
7. ἡ γυνὴ λέγει τῷ Ἰησοῦ πᾶσαν τὴν ἀλήθειαν. (Mc 5,33)
8. ἡ γυνὴ λέγει τῷ Ἰησοῦ πάντα. (Mc 4,34)
9. πάντες γὰρ αὐτὸν ἔβλεψαν. (Mc 6,50)
10. πάντες οἱ μαθηταὶ ἦσαν σὺν τῷ Ἰησοῦ. (Mt 11,13)
11. αὕτη ἡ χαρὰ ἔσται παντὶ τῷ λαῷ. (Lc 2,10) [Cf. lição 22, Vocabulário, para o significado de λαός.]
12. πᾶσα σάρξ βλέψει τὸν σωτῆρα. (Lc 3,6)
13. οἱ μαθηταὶ ἤγγισαν εἰς τὴν πόλιν. (Mt 21,1)
14. ἅπαντες γὰρ εἶχον τὸν Ἰησοῦν ὅτι προφήτης ἦν. (Mc 11,32)
15. ἅπαντες γὰρ ὑμεῖς εἷς ἐστε ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. (Gl 3,28)
16. ὁ μαθητὴς ἐβάπτισεν αὐτὸν καὶ τοὺς αὐτοῦ ἅπαντας παραχρῆμα. (At 16,33)
17. ἄλλοι δὲ ἔλεγον ὅτι προφήτης ὡς εἷς τῶν προφητῶν ἐστιν. (Mc 6,15)
18. ὕπαγε εἰς τὸν οἶκόν σου πρὸς τοὺς σούς. (Mc 5,19)
19. εἰς τὸν αἰῶνα ἐκ σοῦ μηδεὶς καρπὸν ἐσθίοι. (Mc 11,14)

20. ἀπόλυσον αὐτούς. (Mc 6,36)
21. ὁ μαθητὴς ἀπέλυσεν αὐτούς. (Mc 8,9)

II. Traduza para o grego:

1. Despede-a, pois ela grita em nossa presença. (Mt 15,23)
2. Dizei a eles: "O reino de Deus se aproxima de vós". (Lc 10,9)
3. Os discípulos permaneceram (literalmente, "sentaram") na cidade, de acordo com a palavra do Senhor. (Lc 24,49)

III. Mc 3,25-31.

Lição 20

O significado do aoristo do subjuntivo ativo. Aoristo do subjuntivo ativo de λύω. O adjetivo ἑκών. Os numerais δύο, τρεῖς e τέσσαρες. Regras de acentuação 12.

O significado do aoristo do subjuntivo ativo.

No sistema do aoristo, o subjuntivo veicula a visão de uma ação terminada. *Este ponto de vista básico é geralmente elaborado por outras indicações no texto, de modo que a ação seja vista como consumada ou afirmada em sua totalidade*. De novo, o uso do aoristo do subjuntivo está freqüentemente em contraste implícito com o presente do subjuntivo, que veicula a idéia de uma ação continuada ou habitual, ou que propõe particular ênfase descritiva (cf. lição 13).

Deve-se lembrar que somente o modo indicativo veicula o passado de tempo primário.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo subjuntivo, cf. lição 5. Apesar de que a oração final seja talvez o uso mais importante do modo subjuntivo no Novo Testamento, outros usos serão apresentados nas lições futuras.

Aoristo do subjuntivo ativo de λύω.

O aoristo do subjuntivo ativo de λύω é assim conjugado (cf. V 1; PV 1):

Tempo aoristo, voz ativa, modo subjuntivo

	Singular	Plural
1ª Pessoa	λύσ-ω	λύσ-ωμεν
2ª Pessoa	λύσ-ης	λύσ-ητε
3ª Pessoa	λύσ-η	λύσ-ωσι(ν)

ἔρχεται ὁ βασιλεὺς ἵνα βλέψῃς αὐτόν.
O rei vem, para que o vejas.

ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς ἵνα βλέπῃς τὸν θεόν.
Jesus vem, para que vejas Deus.

O primeiro exemplo usa o aoristo e indica simplesmente a ação de ver em sua totalidade. Se o autor estivesse pensando em um ato continuado, não teria usado o aoristo, mas o presente do subjuntivo. Daí, por implicação, pode-se assumir que ele provavelmente estivesse pensando apenas em um só ato de "ver", embora o contexto deva ser determinante para tal interpretação.

O segundo exemplo usa o presente para conotar um ato continuado de ver Deus.

O adjetivo ἑκών.

Outro tipo de adjetivo com desinências da terceira e primeira declinações possui radical em ον- (ἑκών, *voluntário, espontâneo*) (cf. Adj 7):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἑκών	ἑκοῦσα	ἑκόν
v	ἑκών	ἑκοῦσα	ἑκόν
g	ἑκόντος	ἑκούσης	ἑκόντος
d	ἑκόντι	ἑκούσῃ	ἑκόντι
a	ἑκόντα	ἑκοῦσαν	ἑκόν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἑκόντες	ἑκοῦσαι	ἑκόντα
v	ἑκόντες	ἑκοῦσαι	ἑκόντα
g	ἑκόντων	ἑκουσῶν	ἑκόντων
d	ἑκοῦσι(ν)	ἑκούσαις	ἑκοῦσι(ν)
a	ἑκόντας	ἑκούσας	ἑκόντα

Este é o mesmo paradigma que o do particípio presente de εἰμί e dos particípios presente e futuro de λύω.

Os numerais δύο, τρεῖς e τέσσαρες.

O numeral δύο, *dois*, declina-se como segue (cf. Adj 22):

	Masculino	Feminino	Neutro
n	δύο	δύο	δύο
g	δύο	δύο	δύο
d	δυσί(ν)	δυσί(ν)	δυσί(ν)
a	δύο	δύο	δύο

O numeral τρεῖς, *três*, declina-se como segue (cf. Adj 22):

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τρεῖς	τρεῖς	τρία
g	τριῶν	τριῶν	τριῶν
d	τρισί(ν)	τρισί(ν)	τρισί(ν)
a	τρεῖς	τρεῖς	τρία

O numeral τέσσαρες, *quatro*, declina-se como segue (cf. Adj 22):

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τέσσαρες	τέσσαρες	τέσσαρα
g	τεσσάρων	τεσσάρων	τεσσάρων
d	τέσσαρσι(ν)	τέσσαρσι(ν)	τέσσαρσι(ν)
a	τέσσαρας	τέσσαρας	τέσσαρα

Regras de acentuação 12.

A acentuação de substantivos e adjetivos difere da acentuação de verbos, já que a destes é mais regular. Não há regra que capacite alguém a predizer a acentuação do nominativo singular de substantivos e adjetivos. A posição do acento nestas palavras deve ser memorizada.

Nos casos diversos do nominativo singular, o acento de substantivos e adjetivos tende a permanecer na mesma sílaba do nominativo (masculino), quanto isso seja possível, de acordo com a quantidade de vogais das sílabas envolvidas. Assim, ἅγιος torna-se ἁγία no nominativo feminino singular, porque o -α final é longo. Pela mesma razão, o genitivo masculino e neutro singular é ἁγίου, e o dativo masculino e neutro singular é ἁγίῳ. Mas o nominativo/acusativo neutro singular é ἅγιον, porque a sílaba final é breve. -οι e -αι finais são considerados breves para fins de acentuação, apesar de serem ditongos. Assim ἅγιοι e ἅγιαι são formas de ἅγιος no nominativo masculino e feminino plural, e ἅγια é a forma do nominativo neutro plural (o -α final do neutro nominativo/acusativo plural é breve, diferente do -α final do nominativo feminino singular).

Nas primeira e segunda declinações, acentos que permanecem na mesma sílaba no nominativo tendem a mudar de agudo a circunflexo na sílaba final, quando esta se torna longa. Assim, ἀδελφός torna-se ἀδελφοῦ, ἀδελφῷ, ἀδελφῶν e ἀδελφοῖς (mas a desinência do acusativo masculino plural -ους nunca toma o circunflexo, apesar de ser sílaba longa por conter um ditongo).

Vocabulário.

ὀπίσω [Prep 1] Rege o caso genitivo: *depois* [em ambos os sentidos, espacial e temporal]. Esta palavra é também um advérbio: *atrás* (cf. Adv 1).

ἄκων, ἄκουσα, ἄκον [Adj 7] *involuntário; contrariado.*

ἑκών, ἑκοῦσα, ἑκόν [Adj 7] *voluntário.*

NB: Os adjetivos ἑκών e ἄκων podem ser traduzidos de forma adverbial: *voluntariamente* e *involuntariamente.*

δύο, δύο, δύο [Adj 22] *dois; duas.*

τέσσαρες, τέσσαρες, τέσσαρα [Adj 22] *quatro.*

τρεῖς, τρεῖς, τρία [Adj 22] *três.*

εἰρήνη, -ης, ἡ [N 1] *paz.*

οἰκία, -ας, ἡ [N 2] *casa.*

τέκνον, -ου, τό [N 7] *criança; filho, filha.*

ψυχή, -ῆς, ἡ [N 1] *alma; vida.*

ὥρα, -ας, ἡ [N 2] *hora.*

διδάσκω [V 2, 21; VD 61; PV 1] *ensino.* Este verbo assume duplo acusativo, isto é, o acusativo para a pessoa e para a coisa ensinada, freqüentemente ambos ao mesmo tempo.

εὐαγγελίζω (εὐαγγελίσω) [εὖ + ἀγγελίζω – εὖ é um advérbio significando *bem.* Cf. lição 79. O aumento forma-se pelo alongamento do α para η, e o prefixo ευ permanece imutável.] [V5; VD 102; PV 1] *anuncio boas novas.* Este verbo toma o acusativo para a pessoa evangelizada, e normalmente encontra-se na voz média, como deponente. Cf. lição 45.

πιστεύω [V 1; PV 1] *creio (em)*. Este verbo é usado de forma absoluta, quer com um substantivo no dativo ou acusativo, quer com uma preposição e seu objeto.

σῴζω (σώσω) [V 5; VD 301; PV 1] *salvo*. O iota subscrito encontra-se apenas no sistema do presente.

ὅτε [Conj] *quando*. Esta conjunção é usada com o modo indicativo.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. πιστεύετε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ. (Mc 1,15)
2. ὅτε ἐγγίζουσιν εἰς τὴν πόλιν, λέγει ὁ Ἰησοῦς τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ, Ὑπάγετε εἰς τὸν οἶκον ἐκεῖνον. (Mc 11,2)
3. ἔβλεψα τέσσαρας ἀγγέλους. (Ap 7,1)
4. ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς εἰς τὸν οἶκον τοῦ μαθητοῦ ἵνα σώσῃ τὸν υἱὸν αὐτοῦ. (Mc 3,20)
5. καὶ οἱ τρεῖς εἰς τὸ ἕν εἰσιν. (1Jo 5,8) [εἰς τὸ ἕν, "por um": εἰς tem o significado de finalidade, literalmente, "para o um".]
6. ὁ θεὸς εὐηγγέλισεν τοὺς ἑαυτοῦ δούλους τοὺς προφήτας. (Ap 10,7)
7. περὶ δὲ τῆς ἡμέρας ἐκείνης ἢ τῆς ὥρας οὐδεὶς λέγει. (Mc 13,32)
8. ἔσονται οἱ δύο εἰς σάρκα μίαν. (Mc 10,8) [εἰς σάρκα μίαν, literalmente, *para uma carne*; no contexto, *uma carne*.]
9. νῦν ἀπολύεις τὸν δοῦλόν σου ἐν εἰρήνῃ. (Lc 2,29)
10. ἕξεις ἀγάπην τοῦ θεοῦ σου ἐξ ὅλης τῆς καρδίας σου καὶ ἐξ ὅλης τῆς ψυχῆς σου. (Mc 12,30)
11. ἔρχεται ὁ μαθητὴς ἄκων.
12. ἔρχεται ὁ μαθητὴς ἑκών.
13. ἐδίδασκεν γὰρ αὐτοὺς ὁ Ἰησοῦς ὡς ἐξουσίαν ἔχων. (Mc 1,22)
14. ἄλλους ἔσωσεν. (Mc 15,31)
15. πᾶς ὁ λαὸς ἔλεγεν, Τὸ αἷμα ἐφ' ἡμᾶς καὶ ἐπὶ τὰ τέκνα ἡμῶν. (Mt 27,25)
16. ἄνθρωπος εἶχεν τέκνα δύο. (Mt 21,28)
17. ἔρχεται ὁ μαθητὴς ὀπίσω τοῦ Ἰησοῦ. (Mc 8,34)

II. Traduza para o grego:

1. Creu no evangelho para salvar sua alma. (Mc 1,15; 8,35)

2. As quatro mulheres vêm para ensinar na casa.
3. E se houver um filho da paz naquela casa, a vossa paz estará sobre ele. (Lc 10,6) ["Se" é traduzido aqui pela palavra grega ἐάν com o modo subjuntivo; cf. lição 21.]

III. Mc 3,32-4,4.

Lição 21

O significado do aoristo do optativo ativo. Aoristo do optativo ativo de λύω. O adjetivo εὐθύς. A conjunção ἐάν e seu uso em orações condicionais. Regras de acentuação 13.

O significado do aoristo do optativo ativo.

No sistema do aoristo, o optativo veicula a visão de um desejo terminado. *Este ponto de vista básico é normalmente elaborado por outras indicações no texto, de modo que a ação seja vista como desejo consumado ou afirmado em sua totalidade.* De novo, o uso do aoristo do optativo está em contraste implícito com o presente do optativo, que veicula a idéia de uma ação que é desejada como contínua ou habitual, ou de uma idéia que toma ênfase particular na descrição (cf. lição 14).

Deve-se lembrar que somente o modo indicativo veicula o passado de tempo primário.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo optativo, cf. lição 6.

Aoristo do optativo ativo de λύω.

O aoristo do optativo de λύω conjuga-se como segue (cf. V 1; PV 1):

Voz ativa, modo optativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύσ-αιμι	λύσ-αιμεν
2ª pessoa	λύσ-αις	λύσ-αιτε
3ª pessoa	λύσ-αι	λύσ-αιεν

γράψαι παραχρῆμα πρὸς ἐμέ.
Possa me escrever imediatamente!

γράφοι πολλάκις πρὸς ἐμέ.
Possa me escrever freqüentemente!

O primeiro exemplo usa o aoristo do modo optativo para expressar um desejo em vista de uma ação em sua totalidade. O "tempo" aoristo por si não veicula a unicidade dessa ação – por si, o tempo ou aspecto do aoristo veicula aqui simplesmente a ação como terminada. Mas isto, junto com as implicações veiculadas pelo advérbio παραχρῆμα, sugere que o autor está pensando em uma ação única. [Deve-se notar de novo que a palavra "tempo" é ambígua – cf. lição 12. No modo indicativo ela se refere apenas a tempo primário; em outros modos refere-se ao aspecto da ação veiculada pelo radical: ação terminada (aoristo), não terminada (presente), posterior (futuro) ou anterior (perfeito).]

O segundo exemplo usa o "tempo" presente para expressar ação repetida. O tempo ou aspecto presente por si não veicula diretamente a idéia de repetição – em si, o radical do presente sugere uma ação não terminada ou em aberto. Isto, com o advérbio que acompanha – πολλάκις –, sugere que o autor está pensando em ação repetida.

O adjetivo εὐθύς.

Considerável grupo de adjetivos da primeira e terceira declinações tem radical em -υ (εὐθύς, *direito* [cf. Adj 14]):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	εὐθύς	εὐθεῖα	εὐθύ
v	εὐθύς	εὐθεῖα	εὐθύ
g	εὐθέως	εὐθείας	εὐθέως
d	εὐθεῖ	εὐθείᾳ	εὐθεῖ
a	εὐθύν	εὐθεῖαν	εὐθύ

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	εὐθεῖς	εὐθεῖαι	εὐθέα
v	εὐθεῖς	εὐθεῖαι	εὐθέα
g	εὐθέων	εὐθειῶν	εὐθέων
d	εὐθέσι(ν)	εὐθείαις	εὐθέσι(ν)
a	εὐθεῖς	εὐθείας	εὐθέα

Por razões fonológicas o υ é trocado por ε diante de uma vogal e no dativo plural.

A conjunção ἐάν e seu uso em orações condicionais.

A conjunção ἐάν forma-se de εἰ e ἄν. Ela é usada para introduzir a oração de "se" (a "prótase") de alguns períodos condicionais. O modo na prótase é o subjuntivo. A oração principal de um período condicional (a "apódose") pode conter um indicativo presente, um indicativo futuro, um imperativo etc. ἐάν é também encontrada em algumas orações relativas indefinidas, sendo ἄν mais freqüentemente encontrada em tais construções:

ἐὰν μὴ δοξάσῃ θεόν, ἁμαρτίαν ἕξει.
Se não glorificar a Deus, estará em pecado.

ἐὰν μὴ δοξάσῃ θεόν, ἁμαρτίαν ἔχει.
Se não glorificar a Deus, está em pecado.

ὃς ἐὰν μὴ δοξάσῃ θεόν, ἁμαρτίαν ἔχει.
O que não glorificar a Deus, está em pecado.

ὃς ἂν μὴ δοξάσῃ θεόν, ἁμαρτίαν ἔχει.
Aquele que não glorificar a Deus, está em pecado.

A diferença de tempo nos verbos principais dos dois primeiros exemplos – futuro e presente – não reflete diferença importante no significado. Similarmente, a diferença entre ὃς ἐὰν e ὃς ἂν nos dois últimos exemplos não reflete diferença importante quanto ao significado.

Regras de acentuação 13.

No genitivo plural, substantivos da primeira declinação têm acento circunflexo sobre a sílaba final, independentemente da posição do acento no nominativo singular: ἀγαπῶν de ἀγάπη; στρατιωτῶν de στρατιώτης.

Vocabulário.

ἕνεκα [também ἕνεκεν e εἵνεκεν] [Prep 1] Rege o caso genitivo: *por causa de.*

βαρύς, -εῖα, -ύ [Adj 14] *pesado; grave; sério.*

βραχύς, -εῖα, -ύ [Adj 14] *curto; breve.*

εὐθύς, -εῖα, -ύ [Adj 14] *direito; reto.*
θῆλυς, -εια, -υ [Adj 14] *feminino.*
ὀξύς, -εῖα, -ύ [Adj 14] *agudo; ligeiro, vivaz.*
πραΰς, -εῖα, -ύ [Adj14] *meigo; gentil.*
ταχύς, -εῖα, -ύ [Adj 14] *ligeiro; rápido.*

ἀπόστολος, -ου, ὁ [N 6m] *apóstolo; enviado.*
δικαιοσύνη, -ης, ἡ [N 1] *justiça; retidão.*
θάλασσα, -ης, ἡ [N 3] *mar.*
καιρός, -οῦ, ὁ [N 6m] *ocasião; tempo oportuno; tempo presente.*
κεφαλή, -ῆς, ἡ [N 1] *cabeça.*
πλοῖον, -ου, τό [N 7] *barco.*
πρόσωπον, -ου, τό [N 7] *face.*

ἐάν [Conj] *se.* Esta conjunção é usada com o modo subjuntivo, diferente da conjunção εἰ, que é usada com o modo indicativo.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἐν ἐκείνῳ τῷ καιρῷ ἤκουσεν ὁ ὄχλος τὸν προφήτην. (Mt 14,1)
2. καὶ ὃς ἂν θέλῃ ἐν ὑμῖν εἶναι πρῶτος ἔστω ὑμῶν δοῦλος. (Mt 20,27)
3. ὁ δὲ Ἰησοῦς πραΰς ἐστιν. (Mt 11,29)
4. ἐπὶ ἡγεμόνων καὶ βασιλέων ἔσεσθε ἕνεκεν ἐμοῦ. (Mc 13,9)
5. οὐ γὰρ βλέπεις εἰς τὸ πρόσωπον ἀνθρώπων. (Mc 12,14)
6. οἱ γὰρ νόμοι τοῦ Κυρίου βαρεῖς οὐκ εἰσίν.
7. ἡ μάχαιρα ὀξεῖα ἦν. [Cf. lição 31, Vocabulário, para o significado de μάχαιρα.]
8. τῶν δὲ ἀποστόλων τὰ ὀνόματά ἐστιν ταῦτα. (Mt 10,2)
9. καὶ ἐὰν μὲν ᾖ ἡ οἰκία ἀγαθή, ἔρχεται ἡ εἰρήνη ὑμῶν ἐπ' αὐτήν. (Mt 10,13) [ἔρχεται – tempo presente com significado futuro.]
10. πᾶς ὁ ὄχλος πρὸς τὴν θάλασσαν ἐπὶ τῆς γῆς ἦσαν. (Mc 4,1)
11. βλέπει ἄγγελον πρὸς τῇ κεφαλῇ. (Jo 20,12)
12. ἡ γὰρ καρδία σου οὐκ ἔστιν εὐθεῖα ἔμπροσθεν τοῦ θεοῦ. (At 8,21)
13. ἔρχεται ὁ προφήτης πρὸς ὑμᾶς ἐν ὁδῷ δικαιοσύνης. (Mt 21,32)

14. ἐὰν δὲ ὁ ὀφθαλμός σου πονηρὸς ᾖ, ὅλον τὸ σῶμά σου ἐν τῷ σκότει ἔσται. (Mt 6,23)
15. καὶ μετὰ βραχὺ ἔβλεψα τὸν ἄνθρωπον. (Lc 22,58)
16. ἦν τὸ πλοῖον ἐν μέσῳ τῆς θαλάσσης. (Mc 6,47)
17. ἔστω δὲ πᾶς ἄνθρωπος ταχὺς εἰς τὸ ἀκούειν. (Tg 1,19)
18. οὐκ ἐστιν ἄρσεν καὶ θηλὺ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. (Gl 3,28) [Cf. lição 76, Mc 10,6, para o significado de θηλὺ.]

II. Traduza para o grego:

1. Nenhum profeta é bom, se Deus não estiver com ele. (Jo 3,2)
2. Jesus vai no barco a um lugar deserto para não estar com a multidão. (Mc 6,32)
3. E o restante das mulheres dizia estas coisas aos apóstolos naquele mesmo dia. (Lc 24,10) [Cf. lição 22, Vocabulário, para o significado de "o restante".]

III. Mc 4,5-12.

Lição 22

O significado do aoristo do infinitivo e do particípio ativos.
Aoristo do infinitivo e do particípio ativos de λύω. O adjetivo μέγας.
Regras de acentuação 14.

O significado do aoristo do infinitivo e do particípio ativos.

No sistema do aoristo, o infinitivo veicula a visão de uma ação terminada. *No modo infinitivo, este ponto de vista básico é normalmente elaborado por outras indicações no texto, de modo que a ação seja vista como consumada ou vista em sua totalidade.* (Somente o modo indicativo veicula o passado de tempo primário.) Na construção do acusativo com infinitivo (cf. lição 8) o infinitivo aoristo normalmente expressa tempo relativo, com referência ao que está anterior ao tempo do verbo principal, em contraste implícito com o infinitivo presente, que expressa tempo simultâneo ao verbo principal.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo infinitivo, cf. lição 4.

O particípio aoristo veicula a visão de uma ação terminada. A ação do particípio aoristo é então vista como anterior à ação do verbo principal, precisamente porque é vista como terminada, em contraste com a ação do particípio presente. (Cf. o raciocínio envolvido na simultaneidade do infinitivo presente dado na lição 16.)

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo participial, cf. lição 7.

Aoristo do infinitivo e do particípio ativos de λύω.

O aoristo do infinitivo ativo de λύω é λῦσ-αι (cf. V 1; PV 1).

O aoristo do particípio ativo de λύω se declina como segue (cf. V 1; PV 1, Adj 12):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λύσ-ας	λύσ-ασα	λῦσ-αν
v	λύσ-ας	λύσ-ασα	λῦσ-αν
g	λύσ-αντος	λυσ-άσης	λύσ-αντος
d	λύσ-αντι	λυσ-άσῃ	λύσ-αντι
a	λύσ-αντα	λύσ-ασαν	λῦσ-αν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λύσ-αντες	λύσ-ασαι	λύσ-αντα
v	λύσ-αντες	λύσ-ασαι	λύσ-αντα
g	λυσ-άντων	λυσ-ασῶν	λυσ-άντων
d	λύσ-ασι(ν)	λυσ-άσαις	λύσ-ασι(ν)
a	λύσ-αντας	λυσ-άσας	λύσ-αντα

O "tempo" aoristo no modo infinitivo pode ser usado para descrever ação que *em si mesma* é continuada ou repetida:

θέλει γράψαι πολλάκις.
Ele quer escrever freqüentemente.

Mas o fato de que se usa o "tempo" aoristo, e não o presente do infinitivo, indica que o escritor ou falante *está vendo* muitos atos de escrever em sua totalidade, isto é, de algum modo como terminados ou concluídos. Se o escritor ou falante tivesse desejado dar ênfase à natureza repetida ou contínua da ação, ele teria usado o infinitivo presente:

θέλει γράφειν πολλάκις.
Ele quer escrever freqüentemente.

O adjetivo μέγας.

O adjetivo irregular μέγας, *grande*, *amplo* (cf. Adj 22):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	μέγας	μεγάλη	μέγα
v	μέγας	μεγάλη	μέγα
g	μεγάλου	μεγάλης	μεγάλου
d	μεγάλῳ	μεγάλῃ	μεγάλῳ
a	μέγαν	μεγάλην	μέγα

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	μεγάλοι	μεγάλαι	μεγάλα
v	μεγάλοι	μεγάλαι	μεγάλα
g	μεγάλων	μεγάλων	μεγάλων
d	μεγάλοις	μεγάλαις	μεγάλοις
a	μεγάλους	μεγάλας	μεγάλα

Há então dois radicais para esta importante palavra: μεγα- e μεγαλ-.

Regras de acentuação 14.

Adjetivos femininos da primeira declinação têm acento circunflexo na desinência do genitivo plural, mesmo quando o acento do nominativo singular não esteja na sílaba final e o radical usado no feminino difere do radical usado no masculino e neutro. Se o radical usado no feminino não for diferente, o acento no genitivo feminino plural será na mesma sílaba que no masculino e no neutro. Assim πᾶσα > πασῶν (masculino e neutro πάντων), ἑκοῦσα > ἑκουσῶν (masculino e neutro ἑκόντων), εὐθεῖα > εὐθειῶν (masculino e neutro εὐθέων). Mas ἁγία > ἁγίων (masculino e neutro ἁγίων).

Vocabulário.

χωρίς [Prep 1] Rege o caso genitivo: *sem; fora; exceto*. Esta palavra também ocorre como advérbio: *separadamente* [Adv 3].

--

μέγας, μεγάλη, μέγα [Adj 22] *grande; amplo*.

ἀρχή, -ῆς, ἡ [N 1] *começo; governo*.

διδάσκαλος, -ου, ὁ [N 6m] *mestre*.

ἐντολή, -ῆς, ἡ [N 1] *mandamento*.

θρόνος, -ου, ὁ [N 6m] *trono*.

καρπός, -οῦ, ὁ [N 6m] *fruto*.

σάββατον, -ου, τό [N 7; N 33] *sábado* [Esta palavra freqüentemente encontra-se no plural, mas com o mesmo significado que no singular. O dativo irregular σάββασιν normalmente substitui σαββάτοις.]

συναγωγή, -ῆς, ἡ [N 1] *sinagoga; assembléia.*

χαρά, -ᾶς, ἡ [N 2] *gozo; prazer.*

δώδεκα [Adj 21] *doze.*

λοιπός, -ή, -όν [Adj 1] I. Como adjetivo: *restante; que resta.* II. Como advérbio: (τὸ) λοιπόν ou τοῦ λοιποῦ [Adv 3]: *daí em diante.* III. Como substantivo: λοιπόν, -οῦ, τό [N 7] *o resto.*

πρεσβύτερος, -α, -ον [Adj 2] *mais velho; ancião; presbítero.* Esta palavra normalmente é usada como substantivo [N 6m].

ἰδού [Inter] *vê!; eis.*

καθώς [Conj] *como; assim como; segundo.* Esta conjunção é usada quando verbos são comparados, isto é, em duas ou mais orações, diferente de ὡς, que é usado em comparações entre substantivos e adjetivos. Cf. lição 17 para a apresentação de ὡς no vocabulário.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ταῦτα λέγω ὑμῖν ἵνα ἡ χαρὰ ἡ ἐμὴ ἐν ὑμῖν ᾖ. (Jo 15,11)
2. ἤγγισεν ὁ καιρὸς τῶν καρπῶν. (Mt 21,34)
3. ἔρχονται πρὸς τὸν Ἰησοῦν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ γραμματεῖς καὶ οἱ πρεσβύτεροι. (Mc 11,27)
4. ἦτε ἐν τῷ καιρῷ ἐκείνῳ χωρὶς Χριστοῦ. (Ef 2,12)
5. οἱ δὲ λέγουσιν αὐτοῖς καθὼς λέγει ὁ Ἰησοῦς. (Mc 11,6)
6. Ἀρχὴ τοῦ εὐαγγελίου Ἰησοῦ Χριστοῦ υἱοῦ θεοῦ. (Mc 1,1)
7. λέγει πρὸς τοὺς λοιποὺς ἀποστόλους. (At 2,37)
8. καὶ αὐτὸς ἐδίδασκεν ἐν ταῖς συναγωγαῖς αὐτῶν. (Lc 4,15)
9. ἦν γὰρ ἡ παῖς ἐτῶν δώδεκα. (Mc 5,42)
10. καὶ ἰδοὺ φωνὴ ἐκ τῶν οὐρανῶν λέγουσα, Οὗτός ἐστιν ὁ υἱός μου. (Mt 3,17)
11. τὸ σάββατον διὰ τὸν ἄνθρωπόν ἐστιν καὶ οὐχ ὁ ἄνθρωπος διὰ τὸ σάββατον. (Mc 2,27)

12. καὶ κράξας φωνῇ μεγάλῃ λέγει, Τί ἐμοὶ καὶ σοί, Ἰησοῦ υἱὲ τοῦ θεοῦ; (Mc 5,7) [φωνῇ μεγάλῃ – um dativo de meio, indicando o meio pelo qual algo se dá; traduzir: *em alta voz*.]
13. τὸ λοιπόν, ἀδελφοί, ἀγαθοὶ ἔστε. (Fl 3,1)
14. οὐκ εἰμὶ ὡς οἱ λοιποὶ τῶν ἀνθρώπων. (Lc 18,11)
15. αὕτη ἐστὶν ἡ μεγάλη καὶ πρώτη ἐντολή. (Mt 22,38)
16. οὐκ ἔστιν μαθητὴς ὑπὲρ τὸν διδάσκαλον. (Mt 10,24)
17. ὁ οὐρανὸς θρόνος ἐστὶν τοῦ θεοῦ. (Mt 5,34)

II. Traduza para o grego:
1. A criança será grande diante do Senhor. (Lc 1,15)
2. No princípio era o Verbo que nós todos vimos. (Jo 1,1)
3. Sou um apóstolo e mestre dos gentios em fé e verdade. (1Tm 2,7)

III. Mc 4,13-20.

Lição 23

O significado do perfeito do indicativo ativo. Perfeito do indicativo ativo de λύω. A formação da reduplicação. O adjetivo πολύς. Regras de acentuação 15.

O significado do perfeito do indicativo ativo.

O perfeito forma um sistema inteiro, distinto dos sistemas do presente e do aoristo (que são complementares) e do sistema do futuro (que, como o sistema do perfeito, é independente). O sistema do perfeito expressa a visão de uma ação de algum modo anterior (cf. lição 20). *No modo indicativo, o tempo perfeito é normalmente combinado com outros elementos no contexto, incluindo o significado do próprio verbo, para indicar a continuidade, resultado presente de uma ação anterior.* Isto é uma expressão de tempo primário. Somente no indicativo o perfeito expressa tempo primário.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo indicativo, cf. lição 2.

Perfeito do indicativo ativo de λύω.

Há dois tipos de radical em que o sistema do perfeito encontra-se na voz ativa: 1) o "fraco" (encontrado mais freqüentemente), que tem um -κ como um elemento de distinção imediatamente diante das desinências; 2) o "forte", que não tem um -κ diante das mesmas desinências. O significado é o mesmo para ambos os radicais do perfeito ativo, forte e fraco. *Esta distinção encontra-se apenas na voz ativa.*

Também comum a ambas as formas do perfeito ativo, forte e fraco, e do tempo perfeito (tanto na voz passiva quanto na voz média) é a "reduplicação", uma duplicação de elementos iniciais na raiz verbal. Há uma variedade de modos pelos quais se forma a reduplicação, como será explicado adiante. O modo mais comum, para verbos começando por consoante simples, é repetir essa consoante com a vogal ε e prefixar estas duas letras à raiz verbal

(*não*, porém, ao prefixo, se o verbo for composto). Para λύω, o indicativo perfeito ativo é como segue (cf. V 1; PV 1):

Voz ativa, modo indicativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	λέλυκ-α	λελύκ-αμεν
2ª pessoa	λέλυκ-ας	λελύκ-ατε
3ª pessoa	λέλυκ-ε(ν)	λελύκ-ασι(ν) [λέλυκ-αν]
	soltei	*soltamos*
	soltaste	*soltastes*
	soltou	*soltaram*

A forma λέλυκαν encontra-se às vezes. Este é o uso da terceira pessoa do plural do indicativo aoristo ativo que termina em -αν em vez da desinência própria do perfeito -ασι(ν).

O perfeito forte não tem κ, como se afirmou acima. A letra que a cada vez aparece diante da desinência para formar o perfeito forte varia com o verbo e é geralmente relacionada à consoante final da raiz verbal. O exemplo seguinte é do perfeito forte do verbo γράφω, que tem um φ (cf. V 4; VD 53; PV 1). Não há regra que permita estabelecer de antemão que verbos têm perfeitos fracos ou fortes.

Voz ativa, modo indicativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	γέγραφ-α	γεγράφ-αμεν
2ª pessoa	γέγραφ-ας	γεγράφ-ατε
3ª pessoa	γέγραφ-ε(ν)	γεγράφ-ασι(ν)
	escrevi	*escrevemos*
	escreveste	*escrevestes*
	escreveu	*escreveram*

Como se disse acima, o perfeito do indicativo grego indica o resultado continuado de uma ação anterior:

ἀπολέλυκα τοὺς δούλους.
Libertei os escravos [e eles agora são livres, como resultado de minha ação passada].

ὃ γέγραφα, γέγραφα.
O que escrevi, escrevi [e agora está como eu queria que estivesse, quando escrevi no passado].

A formação da reduplicação.

A formação da reduplicação é independente das categorias de perfeito ativo fraco ou forte. Ela se encontra também nas vozes média e passiva, sem mudança de regras para sua formação. A formação da reduplicação depende de como a raiz verbal começa, e não de como ela termina. Cada verbo geralmente tem um só tipo de reduplicação. A reduplicação normalmente se dá no começo da raiz, e não no começo do prefixo, se o verbo for composto.

1) A maioria dos verbos que começam com uma só consoante forma a reduplicação repetindo essa consoante com a vogal ε e prefixa essas duas letras à raiz: λύω > λέλυκα; πιστεύω > πεπίστευκα.

2) Se a raiz começa com χ, φ, ou θ, a consoante na sílaba duplicada é κ, π ou τ respectivamente (o som básico, sem aspiração): χράομαι > κέχρημαι [a desinência é da voz média]; φεύγω > πέφευγα; θύω > τέθυκα.

3) Raízes que começam com π, β, κ, γ, τ ou δ seguidas de λ, μ, ν ou ρ formam a reduplicação prefixando a primeira consoante seguida de um ε: γράφω > γέγραφα.

4) Em raízes que começam com duas consoantes, diferentes das indicadas na regra 3, ou com uma "consoante dupla" (ξ, ζ, ψ), a reduplicação se forma prefixando-se um ε com espírito suave: ξενίζω > ἐξένικα.

5) Raízes que começam com ρ formam a reduplicação prefixando-se ἐρ- (mais usual) ou ῥε- (menos usual): ῥίζομαι > ἐρριζωμένοι [a desinência é do particípio médio ou passivo]; ῥαντίζω > ῥεραντισμένοι [a desinência é do particípio médio ou passivo].

6) Raízes que começam por vogal formam a reduplicação alongando a vogal, como na formação do aumento do imperfeito e do aoristo do indicativo. Assim ἑτοιμάζω > ἡτοίμακα. Note-se que com estes verbos o aumento e a reduplicação parecem iguais. Eles não devem ser confundidos. A reduplicação se encontra em todos os modos do sistema do perfeito; por outro lado, o aumento se encontra apenas no indicativo (no mais-que-perfeito).

7) Alguns verbos têm reduplicação irregular. Tais verbos serão estudados nas lições futuras. Não há muitos.

Neste estágio, aconselha-se o estudante a estudar ativamente apenas as regras 1, 2 e 6. Conhecimento passivo das outras regras é suficiente para o momento.

O adjetivo πολύς.

O adjetivo irregular πολύς, *muito*, *numeroso* (cf. Adj 22):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	πολύς	πολλή	πολύ
v	πολύς	πολλή	πολύ
g	πολλοῦ	πολλῆς	πολλοῦ
d	πολλῷ	πολλῇ	πολλῷ
a	πολύν	πολλήν	πολύ

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	πολλοί	πολλαί	πολλά
v	πολλοί	πολλαί	πολλά
g	πολλῶν	πολλῶν	πολλῶν
d	πολλοῖς	πολλαῖς	πολλοῖς
a	πολλούς	πολλάς	πολλά

Há dois radicais: πολυ- e πολλο-. O uso do artigo com este adjetivo é relativamente raro, mas ocorre.

Regras de acentuação 15.

Na primeira declinação, o α na desinência -ας (isto é, no genitivo singular e acusativo plural) é sempre longo. Assim τὰς κώμας em Mc 6,6 (o ω não tem acento circunflexo, mostrando que o α na desinência do acusativo plural é longo) e ἀπ' ἀγορᾶς em Mc 7,4 (o acento circunflexo sobre o α da desinência do genitivo singular mostra que ele é longo). Mas, quando um acento ocorre sobre o α dessas desinências, ele é circunflexo apenas no genitivo; no acusativo plural, ele é agudo ou grave. Assim ἀπ' ἀγορᾶς em Mc 7,4, mas τὰς φωνὰς em At 13,27. (Cf. o acento agudo sobre um α no artigo.) Compare-se o acento circunflexo sobre o α em ἡμᾶς e ὑμᾶς.

Vocabulário.

πλήν [Prep 1] Rege o caso genitivo: *exceto.* Esta palavra é também usada como conjunção: *no entanto* [Conj].

πολύς, πολλή, πολύ [Adj 22] *muito; numeroso.*

γραφή, -ῆς, ἡ [N 1] *escrito; Escritura.*

ἐπαγγελία, -ας, ἡ [N 2] *promessa.*

λίθος, -ου, ὁ [N 6m] *pedra.*

παιδίον, -ου, τό [N 7] *menino; criança.*

σοφία, -ας, ἡ [N 2] *sabedoria.*

χρόνος, -ου, ὁ [N 6m] *tempo.*

δεξιός, -ά, -όν [Adj 2] *direito* [oposto a esquerdo].

ἔσχατος, -η, -ον [Adj 1] *último.*

μακάριος, -α, -ον [Adj 2] *abençoado; feliz.*

μόνος, -η, -ον [Adj 1] *único; só.*

ἑτοιμάζω (ἑτοιμάσω) [V 5; PV 1] *preparo.*

θύω [V 1; VD 129; PV 1] *faço sacrifício; sacrifico.*

ξενίζω (ξενίσω) [V 5; PV 1] *recebo como hóspede*; *surpreendo* [ξένος significa *hóspede* e *estrangeiro* – cf. Vocabulário, lição 45. Daí a aparente contradição de significados.]

ῥαντίζω (ῥαντίσω) [V 5; VD 269; PV 1] *borrifo; faço aspersão.*

τε [Conj] Esta é uma forma fraca de καί e é uma enclítica: *e.* τε é pospositiva.

τότε [Adv 2] *então; no momento.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἡμῖν γάρ ἐστιν ἡ ἐπαγγελία καὶ τοῖς τέκνοις ἡμῶν. (At 2,39)
2. ἄνθρωποί τινες ἐξένισαν ἀγγέλους. (Hb 13,2)
3. τότε λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς, Ὑπάγετε. (Mt 4,10)
4. οὐκ ἦσαν ἄλλοι πλὴν αὐτῶν. (Mc 12,32)
5. εἴ τις θέλει πρῶτος εἶναι, ἔστω ἔσχατος. (Mc 9,35)
6. παιδία, ἐσχάτη ὥρα ἐστίν. (1Jo 2,18)
7. πλὴν οὐχ ὡς ἡμεῖς θέλομεν ἀλλ' ὡς ὑμεῖς. (Mt 26,39)
8. ἑτοίμασον τὴν ὁδὸν Κυρίου. (Mc 1,3)
9. τὴν βίβλον καὶ πάντα τὸν λαὸν ἐράντισεν. (Hb 9,19)

10. ἐδίδασκον αὐτὸν ἐν παραβολαῖς πολλά. (Mc 4,2)
11. ἡ ὁδὸς τοῦ Κυρίου ἑτοίμη ἐστίν. [Cf. lição 24, Vocabulário, para o significado de ἑτοίμη.]
12. ἡ πίστις ὑμῶν οὐκ ἔστιν ἐν σοφίᾳ ἀνθρώπων ἀλλ' ἐν δυνάμει θεοῦ. (1Cor 2,5)
13. καὶ ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς πρὸς τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ καὶ βλέπει ὄχλον πολὺν περὶ αὐτούς. (Mc 9,14)
14. τὰ ἔθνη οὐ θύουσιν θεῷ. (1Cor 10,20)
15. μετὰ δὲ πολὺν χρόνον ἔρχεται ὁ Κύριος τῶν δούλων ἐκείνων. (Mt 25,19)
16. ὁ μαθητὴς ἐπίστευσε τῇ γραφῇ καὶ τῷ λόγῳ ὃν εἶπεν ο Ἰησοῦς. (Jo 2,22)
17. ἑτοιμάσουσιν τοὺς λίθους οἱ ἐργάται.
18. μακάριοι οἱ ὀφθαλμοὶ οἱ βλέποντες ἃ βλέπετε. (Lc 10,23)
19. ὁ Ἰησοῦς ἐστιν ἐν δεξιᾷ τοῦ θεοῦ. (Rm 8,34)
20. ἦν τὰ πλοῖα ἐν μέσῳ τῆς θαλάσσης καὶ ὁ Ἰησοῦς μόνος ἐπὶ τῆς γῆς. (Mc 6,47)
21. οἱ δοῦλοι συνῆγον πάντας, πονηρούς τε καὶ ἀγαθούς. (Mt 22,10)

II. Traduza para o grego:

1. Disse que a lei não era contra a promessa de Deus. (Gl 3,21)
2. O pai das crianças, gritando, diz "creio", e todos estão felizes. (Mc 9,24)
3. A Escritura não diz que Cristo é daquela cidade. (Jo 7,42)

III. Mc 4,21-28.

Lição 24

O significado do mais-que-perfeito do indicativo ativo.
Mais-que-perfeito do indicativo ativo de λύω. O adjetivo αἰώνιος.
O alfa privativo. Regras de acentuação 16.

O significado do mais-que-perfeito do indicativo ativo.

O mais-que-perfeito do indicativo expressa uma ação anterior em tempo primário e normalmente, pelo sentido do contexto, veicula a idéia de resultado *passado* de uma ação anterior. Assim ele difere do perfeito do indicativo, que expressa uma ação anterior e, normalmente, pelo sentido do contexto, veicula a idéia de um resultado *presente* de uma ação anterior. (O elemento distintivo do radical do perfeito – ação anterior – é assim característica de ambos os tempos.) O tempo mais-que-perfeito existe apenas no modo indicativo.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado do modo indicativo, cf. lição 2.

Mais-que-perfeito do indicativo ativo de λύω.

O mais-que-perfeito do indicativo ativo de λύω é formado do radical do perfeito com desinências especiais *e um aumento que pode ser omitido* (cf. V 1; PV 1):

Voz ativa, modo indicativo, tempo mais-que-perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	(ἐ)-λελύκ-ειν	(ἐ)-λελύκ-ειμεν
2ª pessoa	(ἐ)-λελύκ-εις	(ἐ)-λελύκ-ειτε
3ª pessoa	(ἐ)-λελύκ-ει	(ἐ)-λελύκ-εισαν
	soltara	*soltáramos*
	soltaras	*soltáreis*
	soltara	*soltaram*

O aumento é formado de acordo com as regras de aumento para o imperfeito e aoristo. Ele se encontra apenas no mais-que-perfeito.

ὃ ἐγεγράφει ἐγεγράφει.
O que ele escrevera, escrevera.

O adjetivo αἰώνιος.

Uma categoria de adjetivos da segunda declinação tem a mesma forma para o masculino e feminino (αἰώνιος, *eterno*) (cf. Adj 5):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	αἰώνιος	αἰώνιος	αἰώνιον
v	αἰώνιε	αἰώνιε	αἰώνιον
g	αἰωνίου	αἰωνίου	αἰωνίου
d	αἰωνίῳ	αἰωνίῳ	αἰωνίῳ
a	αιώνιον	αἰώνιον	αἰώνιον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	αἰώνιοι	αἰώνιοι	αἰώνια
v	αἰώνιοι	αἰώνιοι	αἰώνια
g	αἰωνίων	αἰωνίων	αἰωνίων
d	αἰωνίοις	αἰωνίοις	αἰωνίοις
a	αἰωνίους	αἰωνίους	αἰώνια

Muitos adjetivos nesta categoria são compostos, isto é, adjetivos formados de dois elementos. Por exemplo: ἔκφοβος, composto de ἐκ e φόβος [um substantivo], ou εὔκαιρος, composto de εὐ e καιρός [um substantivo]. O tipo mais comum de adjetivo nesta categoria é composto de um adjetivo com o prefixo de um alfa privativo (ver a seção seguinte).

O alfa privativo.

Um modo comum para formar um adjetivo composto é prefixar um ἀ (chamado "alfa privativo") para negar a força do significado do adjetivo: δυνατός, *possível* > ἀδύνατος, *impossível*. (Em português, os prefixos in-, im-, e a- desempenham a mesma função.) O adjetivo grego δυνατός, *possível*, pode ter três desinências normais para um adjetivo na primeira e segunda

declinações, -ός, -ή, -όν. Mas, quando ele se torna negativo pela prefixação de um alfa privativo, tem a mesma desinência para o masculino e feminino: -ος, -ος, -ον. O alfa privativo geralmente faz o acento retroceder, isto é, o acento retrocede à antepenúltima sílaba, quando possível. Assim, o acento para πιστός, *fiel*, move-se para a antepenúltima sílaba na palavra ἄπιστος, *infiel*.

Regras de acentuação 16.

Na primeira declinação, se o α final do nominativo singular for breve, o α da desinência do acusativo singular será breve; se o α do nominativo singular for longo, o α da desinência do acusativo singular será longo. Assim, o α final de ἀλήθεια é breve, e o acusativo singular está de acordo: ἀλήθειαν. O α final de βασιλεία, porém, é longo, e o acusativo singular está de acordo: βασιλείαν. Cf. Mc 5,33 e Mc 4,30.

Conforme dito acima, o acento nas palavras formadas com alfa privativo tende a retroceder. Assim, δυνατός, δυνατή, δυνατόν tornam-se ἀδύνατος, ἀδύνατος, ἀδύνατον.

Vocabulário.

μέχρι(ς) [Prep 1] Rege o caso genitivo: *até*. Esta palavra é também usada para formar uma locução conjuntiva com οὗ, com o significado: *até que, até onde*.

ἄδικος, ἄδικος, ἄδικον [Adj 5] *injusto; mau*.

αἰώνιος, αἰώνιος, αἰώνιον [Adj 5] *eterno*.

ἀκάθαρτος, ἀκάθαρτος, ἀκάθαρτον [Adj 5] *impuro*.

ἄκαρπος, ἄκαρπος, ἄκαρπον [Adj 5] *estéril*.

ἁμαρτωλός, ἁμαρτωλός, ἁμαρτωλόν [Adj 5] *culposo*. [Este não é um adjetivo formado com um alfa privativo.] Esta palavra é freqüentemente usada como um substantivo: *pecador* [N 6m].

ἄνομος, ἄνομος, ἄνομον [Adj 5] *sem lei; fora da lei*.

ἄπιστος, ἄπιστος, ἄπιστον [Adj 5] *infiel; incrédulo*.

ἔνοχος, ἔνοχος, ἔνοχον [Adj 5] *sujeito a; culpado de; passível de penalidade* [dativo de pessoa, genitivo de coisa]; *réu*.

ἔρημος, ἔρημος, ἔρημον [Adj 5] *deserto; ermo; desabitado*. Esta palavra é também usada como substantivo: *deserto* [N 6f]; cf. lição 8.

ἕτοιμος, ἕτοιμος, ἕτοιμον [Adj 5] *pronto; preparado*. Encontra-se também o feminino em -η.

οὐράνιος, οὐράνιος, οὐράνιον [Adj 5] *celeste*.

ἀμήν [Adv. e Interj.] *amém; em verdade* [palavra hebraica].

πάλιν [Adv 2] *ainda; de novo*.

πῶς [Adv 3] *como?*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἦν ἐν τῇ συναγωγῇ αὐτῶν ἄνθρωπος ἐν πνεύματι ἀκαθάρτῳ. (Mc 1,23)
2. ὑμεῖς οὐχ ἕτοιμοί ἐστε.
3. ὁ δὲ θεὸς τῆς εἰρήνης μετὰ πάντων ὑμῶν. ἀμήν. (Rm 15,33)
4. ἦν πιστὸς μέχρι θανάτου. (Fl 2,8)
5. ὁ θεός, οὐκ εἰμὶ ὡς οἱ λοιποὶ τῶν ἀνθρώπων, οἱ ἄδικοι καὶ ἁμαρτωλοί εἰσιν. (Lc 18,11)
6. τὸ βάπτισμα ἐξ οὐρανοῦ ἦν ἢ ἐξ ἀνθρώπων; (Mc 11,30)
7. οἱ δὲ πάλιν ἔκραξαν. (Mc 15,13)
8. ἤμεθα ἐν τῷ οἴκῳ ἀπὸ τῆς πρώτης ἡμέρας μέχρι ταύτης τῆς ὥρας. (At 10,30)
9. ἔστε πίστοι τῷ Χριστῷ ἵνα μὴ ἦτε ἄκαρποι. (Tt 3,14)
10. διὰ τοῦτο οὐκ ἐπίστευσαν, ὅτι πάλιν εἶπεν ὁ προφήτης... (Jo 12,39)
11. κηρύσσετε τὸ εὐαγγέλιον μέχρις οὗ ὁ Κύριος πάλιν ᾖ μετὰ ἡμῶν. (Mc 16,15)
12. μὴ ἴσθι ἄνομος θεοῦ. (1Cor 9,21)
13. πῶς ἔσται τοῦτο; (Lc 1,34)
14. αὐτὸς ἔνοχός ἐστιν αἰωνίου ἁμαρτίας. (Mc 3,29)
15. γύναι, μὴ ἴσθι ἄπιστος. (Jo 20,27)
16. ὁ προφήτης ἦν ἐπ' ἐρήμοις τόποις. (Mc 1,45)
17. ἔνοχος θανάτου ἐστίν. (Mt 26,66)

II. Traduza para o grego:

1. Havia certo homem no caminho que tinha espírito de um demônio impuro. (Lc 4,33)

2. Os justos vão para a vida eterna. (Mt 25,46)
3. Como as mulheres sem lei crêem em minhas palavras? (Jo 5,47)

III. Mc 4,29-36.

Lição 25

Significado do perfeito do infinitivo, do particípio e do subjuntivo ativos.
Perfeito do infinitivo, do particípio e do subjuntivo ativos de λύω.
O adjetivo ἀληθής. Regras de acentuação 17.

Significado do perfeito do infinitivo, do particípio e do subjuntivo ativos.

Todo infinitivo, particípio e subjuntivo perfeito expressa o aspecto característico do radical do perfeito: ação anterior. E verbos em todos os três modos normalmente espressam o resultado presente desta ação anterior em conjunção com vários fatores no contexto, incluindo o significado dos verbos em questão. Mas o resultado presente de uma ação anterior nos modos infinitivo e particípio não é de tempo primário, mas de tempo relativo, em relação aos verbos de que eles dependem. O subjuntivo perfeito é raro e acentua o estado resultante de uma ação anterior. A relação deste estado com o tempo primário deve ser compreendida a partir do verbo principal do período.

Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

Para o significado dos modos infinitivo, particípio e subjuntivo, cf. lições 4, 5 e 7.

Perfeito do infinitivo, do particípio e do subjuntivo ativos de λύω.

O infinitivo perfeito ativo de λύω é λελυκ-έναι (cf. V 1; PV 1). Um exemplo de perfeito forte é γεγραφ-έναι:

> λέγουσιν αὐτὸν γεγραφέναι ἐκεῖνο ὃ γέγραφεν.
> *Dizem ter ele escrito aquilo que escreveu.*

> αὐτὴ εἶπεν αὐτὸν γεγραφέναι ἐκεῖνο ὃ γέγραφεν.
> *Ela disse ter ele escrito aquilo que escreveu.*

A relação com o tempo primário de "ser escrito" como resultado de uma ação anterior depende do verbo principal λέγουσιν e εἶπεν.

O particípio perfeito ativo de λύω se declina como segue (cf. V 1; PV 1, Adj 17):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λελυκ-ώς	λελυκ-υῖα	λελυκ-ός
v	λελυκ-ώς	λελυκ-υῖα	λελυκ-ός
g	λελυκ-ότος	λελυκ-υίας	λελυκ-ότος
d	λελυκ-ότι	λελυκ-υίᾳ	λελυκ-ότι
a	λελυκ-ότα	λελυκ-υῖαν	λελυκ-ός

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λελυκ-ότες	λελυκ-υῖαι	λελυκ-ότα
v	λελυκ-ότες	λελυκ-υῖαι	λελυκ-ότα
g	λελυκ-ότων	λελυκ-υιῶν	λελυκ-ότων
d	λελυκ-όσι(ν)	λελυκ-υίαις	λελυκ-όσι(ν)
a	λελυκ-ότας	λελυκ-υίας	λελυκ-ότα

Deve-se notar que o nominativo e acusativo neutro singular são facilmente confundidos com o nominativo masculino singular da segunda declinação.

τὸ παιδίον τεθνηκός ἐστιν.
A criança está morta [literalmente, *é alguém que morreu*].

O perfeito do subjuntivo ativo de λύω forma-se pelo uso do particípio perfeito ativo com o subjuntivo de εἰμί (cf. V 1; PV 1; PV 17):

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	λελυκώς (-υῖα, -ός) ὦ	λελυκότες (-υῖαι, -ότα) ὦμεν
2ª pessoa	λελυκώς (-υῖα, -ός) ᾖς	λελυκότες (-υῖαι, -ότα) ἦτε
3ª pessoa	λελυκώς (-υῖα, -ός) ᾖ	λελυκότες (-υῖαι, -ότα) ὦσι(ν)

O subjuntivo perfeito ativo é raramente usado no Novo Testamento.

Não há exemplo de um imperativo ou optativo perfeito ativo no Novo Testamento.

Esta lição conclui a apresentação da voz ativa de λύω.

O adjetivo ἀληθής.

Uma categoria de adjetivos da terceira declinação tem radical terminando em -εσ e a mesma forma no masculino e feminino (ἀληθής, *verdadeiro*) (cf. Adj 15):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀληθής	ἀληθής	ἀληθές
v	ἀληθές	ἀληθές	ἀληθές
g	ἀληθοῦς	ἀληθοῦς	ἀληθοῦς
d	ἀληθεῖ	ἀληθεῖ	ἀληθεῖ
a	ἀληθῆ	ἀληθῆ	ἀληθές

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀληθεῖς	ἀληθεῖς	ἀληθῆ
v	ἀληθεῖς	ἀληθεῖς	ἀληθῆ
g	ἀληθῶν	ἀληθῶν	ἀληθῶν
d	ἀληθέσι(ν)	ἀληθέσι(ν)	ἀληθέσι(ν)
a	ἀληθεῖς	ἀληθεῖς	ἀληθῆ

A forma ἀληθῆ é de ἀληθέσα > ἀληθέα (tendência do σ entre vogais a desaparecer) > ἀληθῆ (a última forma sendo uma contração de εα para η). O genitivo singular é de ἀληθέσος > ἀληθέος (desaparecimento do σ) > ἀληθοῦς (contração de εο em ου). O dativo singular é de ἀληθέσι (desaparecimento de σ entre vogais). A forma ἀληθεῖς é de ἀληθέσες > ἀληθέες, com a contração de εε em ει.

Regras de acentuação 17.

O α do nominativo e acusativo neutro plural da segunda declinação é sempre breve. Assim, σημεῖα é a forma do nominativo e acusativo plural de σημεῖον. Cf. Mc 16,17.

Vocabulário.

ἕως [Prep 1] Rege o caso genitivo: *até*. Esta palavra é também usada como locução conjuntiva, significando: *enquanto que* ou *até que*, freqüentemente com ὅτου, οὗ ou ἄν [Conj].

ἀληθής, ἀληθής, ἀληθές [Adj 15] *verdadeiro* [sincero]; *verdadeiro* [autêntico].

ἀσεβής, ἀσεβής, ἀσεβές [Adj 15] *ímpio.*

ἀσθενής, ἀσθενής, ἀσθενές [Adj 15] *fraco; enfermo.*

ἀσφαλής, ἀσφαλής, ἀσφαλές [Adj 15] *seguro.*

μονογενής, μονογενής, μονογενές [Adj 15] *único [filho].*

πλήρης, πλήρης, πλῆρες [Adj 15] *cheio; completo.*

συγγενής, συγγενής, συγγενές [Adj 15] *aparentado.* Como substantivo: *parente* [N 30].

ὑγιής, ὑγιής, ὑγιές [Adj 15] *íntegro; são; sadio.*

ψευδής, ψευδής, ψευδές [Adj 15] *falso; mentiroso.* Como substantivo: *mentiroso; enganador* [N 30].

οὐδέ... οὐδέ e μηδέ... μηδέ [Conj, Neg]. Usadas em pares, como aqui, estas palavras significam *nem... nem.* O par οὐδέ é usado onde se usaria οὐ, e o par μηδέ é usado onde se usaria μή. Tais palavras são também usadas individualmente, com οὐδέ significando *e não* e usado onde se usaria οὐ, e μηδέ significando *e não* e usado onde se usaria μή.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἴσθι ὑγιὴς ἀπὸ τῆς νόσου σου. (Mc 5,34)
2. διδάσκαλε, λέγομεν ὅτι ἀληθὴς εἶ. (Mc 12,14)
3. λέγε μηδὲ τοῖς φίλοις σου μηδὲ τοῖς ἀδελφοῖς. [Cf. lição 32, Vocabulário, para o significado de φίλοις.]
4. ὁ παῖς ἔλεγεν οὐδὲ τοῖς φίλοις αὐτοῦ οὐδὲ τοῖς ἀδελφοῖς.
5. θέλω χώρις τοῦ Χριστοῦ εἶναι ὑπὲρ τῶν ἀδελφῶν μου καὶ συγγενῶν μου κατὰ σάρκα. (Rm 9,3)
6. φύλασσε τοὺς παῖδας ἕως αὐτὸς ἀπολύει τὸν ὄχλον. (Mc 6,45)
7. φύλασσε τοὺς παῖδας ἕως οὗ ἀπολύσῃ τὸν ὄχλον. (Mt 14,22)
8. φύλασσε τοὺς παῖδας ἕως ἂν ἀπολύσῃ τὸν ὄχλον. (Mc 9,1)
9. ἦσαν προφῆται ψευδεῖς ἐν τῇ πόλει.
10. ὁ Ἰησοῦς πλήρης ἦν πνεύματος ἁγίου. (Lc 4,1)
11. ἔσομαι μεθ' ὑμῶν ἕως τῆς ἡμέρας ἐκείνης. (Mc 14,25)

12. εἶχεν θυγατέρα μονογενῆ ὡς ἐτῶν δώδεκα. (Lc 8,42)
13. λέγεις αὐτὸν ἡτοιμακέναι τὴν τράπεζαν;
14. ἔλεγεν ὁ προφήτης περὶ τῶν ἀσεβῶν ἀνθρώπων.
15. ἤμην τοῖς ἀσθενέσιν ἀσθενής. (1Cor 9,22)
16. λέγω τῷ ἱερεῖ τῷ τεθυκότι.
17. οὐδὲ βλέπω τὸ ἀσφαλές. (At 21,34)

II. Traduza para o grego:

1. Digo que os verdadeiros profetas não gritaram. (Jo 1,15)
2. Os que me enviaram são verdadeiros, os que não (me) ouviram são falsos. (Jo 8,26)
3. Havia escuridão sobre toda a terra até a hora primeira. (Mc 15,33)

III. Mc 4,37-5,3.

Lição 26

O significado da voz média.
Presente do indicativo médio de λύω.
O substantivo μάρτυς.
Regras de acentuação 18.

O significado da voz média.

A gramática grega tem três vozes: ativa, média e passiva. A voz ativa indica que o sujeito gramatical do período é o agente real da ação. A voz passiva indica que o sujeito gramatical do período é de um ou de outro modo o receptor do agente. Em grego há conjuntos específicos de formas para expressar a voz ativa (cf. lições 9-25 para a voz ativa de λύω). A voz passiva será apresentada nas lições futuras (cf. lições 36-42 para a voz passiva de λύω). Há também um conjunto específico de formas para expressar a voz média, embora algumas dessas formas sejam idênticas a algumas formas da voz passiva.

A voz média indica que o verbo tem alguma relação especial com seu sujeito, além da relação de um verbo ativo com seu sujeito. Esta relação pode ser de vários tipos e ficará mais clara pelos exemplos de voz média dados abaixo e nas lições subseqüentes. No Novo Testamento, o número de casos da voz média é bem mais reduzido, comparando-se com o período anterior da língua grega. Contudo ocorrem exemplos de voz média. Além disso, as formas da voz média servem como as formas de muitos verbos "depoentes", isto é, verbos com significado ativo, mas com forma passiva (cf. lição 45).

Para o significado do modo indicativo no tempo presente, cf. lição 9.

Presente do indicativo médio de λύω.

O presente do indicativo médio de λύω conjuga-se da seguinte maneira (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύ-ομαι	λυ-όμεθα
2ª pessoa	λύ-ῃ	λύ-εσθε
3ª pessoa	λύ-εται	λύ-ονται

solto [a mim mesmo]	*soltamos* [a nós mesmos]
soltas [a ti mesmo]	*soltais* [a vós mesmos]
solta [a si mesmo]	*soltam* [a si mesmos]

A forma λύῃ é uma contração de λύεσαι (λύεσαι > λύεαι > λύηι > λύῃ).

Não há exemplos no Novo Testamento do uso de λύω na voz média. Mas o verbo νίπτω, *lavo*, tem alguns exemplos de claro uso da voz média. Comparem-se os seguintes exemplos:

ὁ Χριστὸς νίπτει τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων.
Cristo lava os pés dos apóstolos.

ὁ ἀνὴρ νίπτεται.
O homem lava [a si mesmo]. [Esta oração também pode-se traduzir: *O homem se lava*, isto é, ele é agente de ser lavado.]

No segundo exemplo, o verbo νίπτεται está na voz média. Não há objeto expresso, estando o objeto implícito na própria voz média. Mas há exemplos no Novo Testamento de verbo na voz média com objeto direto no caso acusativo:

ὁ ἀνὴρ νίπτεται τὸ πρόσωπον αὐτοῦ.
O homem lava sua face.

O substantivo μάρτυς.

O substantivo μάρτυς, *testemunha*, declina-se como segue (cf. N 33):

	Singular	Plural
n	μάρτυς	μάρτυρες
v	μάρτυς	μάρτυρες
g	μάρτυρος	μαρτύρων
d	μάρτυρι	μάρτυσι(ν)
a	μάρτυρα	μάρτυρας

O radical de μάρτυς é μαρτυρ-. Não há outras palavras nesta categoria no Novo Testamento.

Regras de acentuação 18.

O α da desinência do nominativo e acusativo neutro plural dos adjetivos da segunda declinação é sempre breve, exatamente como o α correspondente ao substantivo (cf. Regras de acentuação 17). Assim, ἅγια em 1Cor 7,14 é diferente de ἁγία (nominativo feminino singular) em Rm 11,16 (duas vezes). Cf. Regras de acentuação 12 e 15.

Vocabulário.

ἔξω [Prep 1] Rege o caso genitivo: *fora de; de fora de*. Esta palavra é também usada como advérbio: *fora* [Adv 1].

μάρτυς, μάρτυρος, ὁ [N 33] *testemunha; mártir*.

παραβολή, -ῆς, ἡ [N 1] *parábola; alegoria; símbolo*.

σωτηρία, -ας, ἡ [N 2] *salvação; libertação*.

φόβος, -ου, ὁ [N 6m] *temor*.

φυλακή, -ῆς, ἡ [N 1] *guarda; prisão*.

κακός, -ή, -όν [Adj 1] *maligno; mau*. Como substantivo neutro: *injúria; ultraje* [N 7].

μικρός, -ά, -όν [Adj 2] *pequeno*. Como advérbio (μικρόν): *um pouco* [Adv 2].

ὅσος, -η, -ον [Adj 1] *tão grande; tão numeroso; tanto quanto*.

τυφλός, -ή, -ό̀ν [Adj 1] *cego*.

ἀπέχω [ἀπό + ἔχω] [V 2; VD 109; PV 1-2, 4] transitivo ativo: *recebo*; intransitivo ativo: *estou distante*; médio: *abstenho-me de; evito* [com genitivo].

ἄρχω [V 2; VD 28; PV 1-2] ativo: *governo; comando* [com genitivo]; médio: *começo*.

βαπτίζω [βαπτίσω] [V 5; VD 33; PV 1-2] ativo: cf. lição 11; médio: *batizo-me; lavo-me.*

νίπτω [V 4-5; VD 207; PV 1-2] ativo: *lavo* [algo ou alguém]; médio: *lavo-me.*

παρέχω [παρά + ἔχω] [V 2; VD 109; PV 1-2, 4] ativo: *causo; realizo*; médio: *ofereço* [de meus recursos].

ῥαντίζω [ῥαντίσω] [V 5; VD 269; PV 1-2] ativo: cf. lição 23; médio: *lavo-me.*

φυλάσσω [V 3; VD 335; PV 1-2] ativo: cf. lição 17; médio: *evito; guardo-me; observo* [uma lei, uma regra etc.].

ἐκεῖ [Adv 1] *lá; ali.*

ὧδε [Adv 1] *aqui.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. οὐδὲν κακὸν εὑρίσκομεν ἐν τῷ ἀνθρώπῳ τούτῳ. (At 23,9)
2. εἰ τυφλοὶ ἦτε, οὐκ ἂν εἴχετε ἁμαρτίαν. (Jo 9,41)
3. καλόν ἐστιν ἡμᾶς ὧδε εἶναι. (Mc 9,5)
4. εἰ οὐ βαπτίζονται οὐκ ἐσθίουσιν. (Mc 7,4)
5. καὶ οὐκ ἔστιν ἐν ἄλλῳ οὐδενὶ ἡ σωτηρία. (At 4,12) [Cf. lição 70, Repetição de negação, para uma explicação de duas negativas na oração.]
6. ἴσθι ἔκει ἕως ἂν λέγω σοι. (Mt 2,13)
7. ἄρχεται ὁ Ἰησοῦς διδάσκειν αὐτοὺς πολλά. (Mc 6,34)
8. αὐτὸ τὸ βιβλίον καὶ πάντα τὸν λαὸν ἐράντισεν. (Hb 9,19)
9. φυλάσσομαι ἀπὸ πάσης ἀδικίας. (Lc 12,15)
10. ἀπέχετε τὴν παράκλησιν ὑμῶν. (Lc 6,24)
11. εἰ οὐ ῥαντίζονται οὐκ ἐσθίουσιν. (Mc 7,4, aparato crítico)
12. ἐάν τίς μου ἀκούσῃ τῶν ῥημάτων καὶ μὴ φυλάξῃ, ἄδικός ἐστιν. (Jo 12,47) [τίς é o pronome indefinido; tem acento agudo porque encontra-se em uma cadeia enclítica. Cf. lição 18, Regras de acentuação 10.]
13. ἡ δὲ καρδία αὐτῶν ἀπέχει ἀπ' ἐμοῦ. (Mt 15,8)
14. ἀπεχόμεθα αἵματος. (At 15,29)
15. ὁ Ἰησοῦς ἑαυτὸν παρέχεται ἡγεμόνα. (Tt 2,7)
16. ὁ θεὸς παρέχει ἡμῖν πάντα. (lTm 6,17)

17. οἱ στρατιῶται οὐχ εὑρίσκουσιν αὐτοὺς ἐν τῇ φυλακῇ. (At 5,22)
18. ὑμεῖς μάρτυρες τούτων. (Lc 24,48)
19. καὶ ἐδίδασκεν αὐτοὺς ἐν παραβολαῖς πολλά. (Mc 4,2)
20. ὁ δὲ Ἰησοῦς ἔξω ἐπ' ἐρήμοις τόποις ἦν. (Mc 1,45)
21. ἅπαντες ὅσοι εἶχον ἀσθενεῖς ἤγον αὐτοὺς πρὸς αὐτόν. (Lc 4,40) [ἀσθενεῖς é um adjetivo usado como substantivo: *enfermos*.]
22. ὁ δὲ Ἰησοῦς ἔρχεται ἔξω τῆς πόλεως. (Mt 21,17)
23. Κύριε, σύ μου νίπτεις τοὺς πόδας; (Jo 13,6)
24. οὐ γὰρ νίπτονται τὰς χεῖρας αὐτῶν ὅτε ἄρτον ἐσθίουσιν. (Mt 15,2)
25. ἔτι χρόνον μικρὸν μεθ' ὑμῶν εἰμι. (Jo 7,33) [Cf. lição 28, Vocabulário, para o significado de ἔτι. Cf. lição 79 para o uso de μίκρον no caso acusativo, expressando duração de tempo.]

II. Traduza para o grego:

1. Vós sereis minhas testemunhas nesta cidade, se fordes fiéis. (Lc 24,48)
2. As crianças começam a gritar, se seus pais estão distantes.
3. Deus concede fé a todos pela ressurreição de Jesus. (At 17,31)

III. Mc 5,4-12.

Lição 27

Imperfeito do indicativo médio e presente do imperativo médio de λύω.
O adjetivo comparativo μείζων.
Os dois modos de expressar a comparação de adjetivos.
Outros usos do adjetivo comparativo. Regras de acentuação 19.

Imperfeito do indicativo médio e presente do imperativo médio de λύω.

O imperfeito do indicativo médio de λύω se conjuga do seguinte modo (cf. V 1; PV 2):

Modo indicativo, voz média, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-λυ-όμην	ἐ-λυ-όμεθα
2ª pessoa	ἐ-λύ-ου	ἐ-λύ-εσθε
3ª pessoa	ἐ-λύ-ετο	ἐ-λύ-οντο
	soltava [a mim mesmo]	*soltávamos* [a nós mesmos]
	soltavas [a ti mesmo]	*soltáveis* [a vós mesmos]
	soltava [a si mesmo]	*soltavam* [a si mesmos]

A forma ἐλύου é uma contração de ἐλύεσο (ἐλύεσο > ἐλύεο > ἐλύου).

O aumento (encontrado apenas no modo indicativo) forma-se do mesmo modo como o aumento do imperfeito do indicativo ativo (cf. lição 10). O aumento encontra-se apenas *nos tempos passados* do modo indicativo, isto é, no imperfeito, aoristo e mais-que-perfeito.

Para o significado da voz média, cf. lição 26.

Para o significado do modo indicativo, cf. lição 9.

Para o significado do tempo imperfeito, cf. lição 10.

O presente do imperativo médio de λύω conjuga-se como segue (cf. V 1; PV 2):

Modo imperativo, voz média, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	λύ-ου	λύ-εσθε
3ª pessoa	λυ-έσθω	λυ-έσθωσαν
	solta [a ti mesmo]	*soltai* [a vós mesmos]
	solte [a si mesmo]	*soltem* [a si mesmos]

A forma λύ-ου é uma contração de λύεσο (λύεσο > λύεο > λύου).

Para o significado da voz média, cf. lição 26.
Para o significado do tempo presente no modo imperativo, cf. lição 12.

O adjetivo comparativo μείζων.

O adjetivo μείζων, *maior*, declina-se como segue (cf. Adj 11):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	μείζων	μείζων	μεῖζον
v	μείζων	μείζων	μεῖζον
g	μείζονος	μείζονος	μείζονος
d	μείζονι	μείζονι	μείζονι
a	μείζονα/μείζω	μείζονα/μείζω	μεῖζον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	μείζονες/μείζους	μείζονες/μείζους	μείζονα/μείζω
v	μείζονες/μείζους	μείζονες/μείζους	μείζονα/μείζω
g	μειζόνων	μειζόνων	μείζονων
d	μείζοσι(ν)	μείζοσι(ν)	μείζοσι(ν)
a	μείζονας/μείζους	μείζονας/μείζους	μείζονα/μείζω

Há dois radicais envolvidos. Um comum a todas as formas, μειζον-. As outras formas vêm do radical μειζοσ-. No acusativo singular masculino e feminino a forma μείζω é de μείζοσα > μείζοα > μείζω, com οα contraindo-se em ω. Esta é a mesma explicação para as formas do nominativo e acusativo neutro plural. A forma μείζους, do nominativo e acusativo, masculino e feminino plural, é de μείζοσες > μείζοες > μείζους, com οε contraindo-se em ου.

Este é um modo "irregular" de formar um adjetivo comparativo em grego, usado para um número relativamente pequeno de palavras. Mas as palavras em questão são freqüentemente usadas; as mais importantes são dadas no vocabulário para esta lição. O modo "regular" de formar um adjetivo comparativo será dado na lição 29.

Os dois modos de expressar comparação de adjetivos.

Há dois modos de expressar comparação envolvendo adjetivos em grego: 1) com genitivo simples; 2) com a partícula comparativa ἤ.

1) Com genitivo:
οὐκ ἔστιν δοῦλος μείζων τοῦ κυρίου αὐτοῦ.
Um escravo não é maior que seu senhor.

2) Com a partícula comparativa ἤ.
οὐκ ἔστιν δοῦλος μείζων ἢ ὁ κύριος αὐτοῦ.
Um escravo não é maior que seu senhor.

Outros usos do adjetivo comparativo.

A forma comparativa do adjetivo é também usada para uma afirmação de grau positivo em forma reforçada:

μείζων ἐστίν.
É um pouco maior.

A forma comparativa pode também ser usada para o grau superlativo:

μείζων ἐστίν.
É o maior.

O contexto é determinante para a força precisa do comparativo.

Regras de acentuação 19.

Nos substantivos da terceira declinação, o α do acusativo masculino e feminino no singular e no plural é sempre breve. Deste modo: σάρκα, σάρκας; Ἄραβα, Ἄραβας; μῆνα, μῆνας; αἰῶνα, αἰῶνας; ῥήτορα, ῥήτορας.

Similarmente, o α do mominativo e acusativo neutro singular e plural é sempre breve. Assim: βάπτισμα, βαπτίσματα; πνεῦμα, πνεύματα; σῶμα, σώματα; τέρατα; ἅλατα; κέρατα.

Vocabulário.

ἄχρι(ς) [Prep 1] Rege o caso genitivo: *até*. Esta palavra é também usada como conjunção, às vezes com οὗ, significando *até que*, seguida tanto do modo indicativo quanto do subjuntivo [Conj].

βελτίων, βελτίων, βέλτιον [Adj 11] *melhor* [forma comparativa de ἀγαθός; cf. também κρείσσων].

ἐλάσσων, ἐλάσσων, ἔλασσον / ἐλάττων, ἐλάττων, ἔλαττον [Adj 11] *menor* [forma comparativa de μικρός].

ἥσσων, ἥσσων, ἧσσον [Adj 11] *pior* [forma comparativa de κακός].

κρείσσων, κρείσσων, κρεῖσσον / κρείττων, κρείττων, κρεῖττον [Adj 11] *melhor* [forma comparativa de ἀγαθός; cf. também βελτίων].

μείζων, μείζων, μεῖζον [Adj 11] *maior* [forma comparativa de μέγας].

πλείων, πλείων, πλεῖον [Adj 11] *mais* [forma comparativa de πολύς].

χείρων, χείρων, χεῖρον [Adj 11] *pior* [forma comparativa de κακός].

γενεά, -ᾶς, ἡ [N 2] *geração; idade*.

θηρίον, -ου, τό [N 7] *fera*.

ναός, -οῦ, ὁ [N 6m] *templo*.

τιμή, -ῆς, ἡ [N 1] *honra; preço*.

χρεία, -ας, ἡ [N 2] *preaisão; necessidade*.

δεύτερος, -α, -ον [Adj 2] *segundo*.

ὅμοιος, -α, -ον [Adj 2] *semelhante; igual a* [com dativo].

τρίτος, -η, -ον [Adj 1] *terceiro*.

οὔτε... οὔτε e μήτε... μήτε [Conj, Neg] *nem... nem*. Quando usados separadamente, não em par, οὔτε e μήτε significam: *e não; nem*. Estas palavras distinguem-se com os mesmos critérios empregados para distinguir οὐ e μή.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. μὴ ἴσθι ἁμαρτωλὸς ἵνα μὴ χεῖρόν σοί τι ᾖ. (Jo 5,14)
2. νίπτου.
3. ἔστιν γὰρ ὥρα τρίτη τῆς ἡμέρας. (At 2,15)
4. οὐκ εἰσὶν ἡμῖν πλεῖον ἢ ἰχθύες δύο. (Lc 9,13)
5. προφήτης ἐν τῇ ἰδίᾳ πατρίδι τιμὴν οὐκ ἔχει. (Jo 4,44)
6. ἐνίπτετο τοὺς πόδας.
7. αὐτοὶ ἔρχονται οὐκ εἰς τὸ κρεῖσσον ἀλλὰ εἰς τὸ ἧσσον. (1Cor 11,17)
8. τίνι εἰσὶν ὅμοιοι οἱ ἄνθρωποι τῆς γενεᾶς ταύτης; (Lc 7,31)
9. ἔρχεται ὁ προφήτης μὴ ἐσθίων ἄρτον μήτε ἔχων οἶνον. (Lc 7,33) [Cf. lição 30, Vocabulário, para o significado de οἶνον.]
10. οὗτος ὁ παῖς ἐλάσσων ἐστὶν ἢ ἐκεῖνος.
11. ὁ δὲ Ἰησοῦς ἔλεγεν περὶ τοῦ ναοῦ τοῦ σώματος αὐτοῦ. (Jo 2,21)
12. λέγουσιν μὴ εἶναι ἀνάστασιν μήτε ἄγγελον μήτε πνεῦμα. (At 23,8)
13. αὐτὸς βελτίων ἐστὶν ἐμοῦ.
14. καὶ ἦν ἐν τῇ ἐρήμῳ μετὰ τῶν θηρίων. (Mc 1,13)
15. κύριε, οὔτε οἶκον ἔχεις.
16. μείζων τούτων ἄλλη ἐντολὴ οὐκ ἔστιν. (Mc 12,31)
17. ηὔξανεν ὁ λαὸς ἄχρι οὗ ἦν βασιλεὺς ἕτερος. (At 7,18)
18. ἡ δὲ δευτέρα ἐντολὴ ὁμοία τῇ πρώτῃ ἐστίν. (Mt 22,39)
19. οὔτε οὗτος ἁμαρτωλός ἐστιν οὔτε οἱ γονεῖς αὐτοῦ. (Jo 9,3)
20. ἄχρι γὰρ νόμου ἁμαρτία ἦν ἐν κόσμῳ. (Rm 5,13)
21. Ἡ γενεὰ αὕτη γενεὰ πονηρά ἐστιν. (Lc 11,29)
22. Ὁ κύριος αὐτοῦ χρείαν ἔχει. (Mc 11,3)

II. Traduza para o grego:

1. Ele começa a comer pão melhor, se tem necessidade disso.
2. Honra e glória somente a Deus, o rei dos séculos. (1Tm 1,17)
3. Ela é menor do que aquela mulher, mas maior do que esta.

III. Mc 5,13-21.

Lição 28

Presente do subjuntivo e do optativo médios de λύω. O adjetivo superlativo. A conjunção ὅταν e seu uso. Regras de acentuação 20.

Presente do subjuntivo e do optativo médios de λύω.

O presente do subjuntivo médio de λύω assim se conjuga (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύ-ωμαι	λυ-ώμεθα
2ª pessoa	λύ-ῃ	λύ-ησθε
3ª pessoa	λύ-ηται	λύ-ωνται

A forma λύῃ é uma contração de λύησαι: λύησαι > λύηαι > λύηι > λύῃ.

Para o significado do tempo presente no modo subjuntivo, cf. lição 13 e também a lição 5.

Para o significado da voz média, cf. lição 26.

O presente do optativo médio de λύω conjuga-se como segue (cf. V1; PV 2):

Voz média, modo optativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λυ-οίμην	λυ-οίμεθα
2ª pessoa	λύ-οιο	λύ-οισθε
3ª pessoa	λύ-οιτο	λύ-οιντο

A forma λύοιο vem de λύοισο.

Para o significado do modo optativo no tempo presente, cf. lição 14, assim como lição 6.

Para o significado da voz média, cf. lição 26.

O adjetivo superlativo.

As formas do grau comparativo de muitos adjetivos foram dadas na lição 27, em conexão com o paradigma do adjetivo de terceira declinação μείζων. O grau superlativo de μείζων é μέγιστος. Ele se declina exatamente como ἀγαθός (cf. lição 4). Outros superlativos são dados no vocabulário desta lição.

O uso do grau superlativo de um adjetivo não é freqüente no Novo Testamento. Como se notou na lição 27, o grau comparativo ocasionalmente é usado para o superlativo. O grau superlativo pode ser usado para indicar supremacia explícita em alguma área (τοῦτο τὸ μέγιστόν ἐστιν – *Isto é o maior*) ou simplesmente para indicar um grau elevado do positivo (τοῦτο μέγιστόν ἐστιν – *Isto é muito grande*).

A conjunção ὅταν e seu uso.

A palavra ὅταν vem de uma combinação de ὅτε, *quando*, e ἄν, a partícula que indica contingência. Esta conjunção é freqüentemente usada com o subjuntivo, quando se trata de ação repetida ou continuada no presente ou futuro:

> ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ὦ, φῶς εἰμι τοῦ κόσμου.
> *Enquanto estiver no mundo, sou luz do mundo.*

[Para o significado de φῶς, cf. lição 37, Vocabulário.]

Mas ela é também (raramente) usada com indicativo, quando é questão de ação repetida no passado:

> ὅταν ἔβλεπον αὐτόν, ἔκραζον.
> *Sempre que o viam, gritavam.*

Regras de acentuação 20.

Substantivos declinados como πόλις (cf. lição 14) têm acento agudo na antepenúltima sílaba no genitivo singular e plural, apesar de a última sílaba ser longa. Eles, portanto, são exceções à regra enunciada nas Regras de acentuação 3, na lição 11.

Vocabulário.

ἐπάνω [Prep 1] Rege o caso genitivo: *sobre; acima de*. Esta palavra é também usada como advérbio: *acima* [Adv 1].

ἐλάχιστος, -η, -ον [Adj 1] *mínimo; muito pequeno* [superlativo de μικρός e ἐλάσσων / ἐλάττων].

κράτιστος, -η, -ον [Adj 1] *ótimo; muito bom* [superlativo de ἀγαθός e κρείσσων / κρείττων / βελτίων]. Esta palavra é também usada em tratamento formal: *excelentíssimo*.

μέγιστος, -η, -ον [Adj 1] *máximo; muito grande* [superlativo de μέγας e μείζων].

πλεῖστος, -η, -ον [Adj 1] *muitíssimo; muito numeroso* [superlativo de πολύς e πλείων / πλέων].

ἐπιθυμία, -ας, ἡ [N 2] *desejo; ambição*.

θύρα, -ας, ἡ [N 2] *porta*.

μνημεῖον, -ου, τό [N 7] *tumba; monumento*.

πρόβατον, -ου, τό [N 7] *ovelha*.

τέλος, -ους, τό [N 31] *fim; meta*.

ἄξιος, -α, -ον [Adj 2] *digno de* [com genitivo].

ἱκανός, -ή, -όν [Adj 1] *adequado; suficiente; abundante; considerável*.

καινός, -ή, -όν [Adj 1] *novo*.

ὀλίγος, -η, -ον [Adj 1] *pequeno; pouco* [no plural]. O acusativo neutro singular desta palavra, ὀλίγον, é usado como advérbio em todas as três categorias adverbiais, significando: *um pouco* [espaço], *um pouco* [tempo], *um pouco* [qualidade, e.g.: *ele ama pouco*] [Adv 1, 2, 3].

ὅταν [Conj] *quando; enquanto; sempre que*.

ἔτι [Adv 2] *ainda; além*.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. τί ἔτι χρείαν ἔχομεν μαρτύρων; (Mc 14,63) [Cf. lição 73, para o significado de τί, *por quê?*.]
2. ὑμεῖς ἐκ τοῦ πατρὸς τοῦ διαβόλου ἐστὲ καὶ τὰς ἐπιθυμίας τοῦ πατρὸς ὑμῶν θέλετε. (Jo 8,44)
3. ἀγαθὲ δοῦλε, ὅτι πιστὸς ἦς, ἴσθι ἐξουσίαν ἔχων ἐπάνω πόλεων. (Lc 19,17)
4. ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ὦ, φῶς εἰμι τοῦ κόσμου. (Jo 9,5) [Cf. lição 37, Vocabulário, para o significado de φῶς.]
5. καὶ ἐὰν ᾖ ἡ οἰκία ἀξία, ἔρχεται ἡ εἰρήνη ὑμῶν ἐπ' αὐτήν. (Mt 10,13)
6. οἱ ἄνθρωποι ἔρχονται ἐπάνω. (Lc 11,44)
7. καὶ τῆς βασιλείας αὐτοῦ οὐκ ἔσται τέλος. (Lc 1,33)
8. εἶπεν οὖν πάλιν ὁ Ἰησοῦς, Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι ἐγώ εἰμι ἡ θύρα τῶν προβάτων. (Jo 10,7)
9. ἐκεῖνος ὁ ἡγεμὼν μέγιστος πάντων ἐστίν.
10. ὀλίγοι εἰσὶν οἱ εὑρίσκοντες τὴν ὁδόν. (Mt 7,14)
11. καὶ ὄχλος τῆς πόλεως ἱκανὸς ἦν σὺν αὐτῇ. (Lc 7,12)
12. ὅστις οὖν λύει μίαν τῶν ἐντολῶν τούτων τῶν ἐλαχίστων καὶ διδάσκει οὕτως τοὺς ἀνθρώπους, ἐλάχιστος ἔσται ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν. (Mt 5,19)
13. ἐκεῖ ἦν μνημεῖον καινόν. (Jo 19,41)
14. κράτιστε Ἀνδρέα, γράψω τὴν ἀλήθειαν.
15. ἔρχεται πρὸς αὐτὸν ὄχλος πλεῖστος. (Mc 4,1)

II. Traduza para o grego:

1. E os homens da multidão eram como ovelhas que não têm pastor. (Mc 6,34)
2. Pois o trabalhador é digno de seu pão. (Mt 10,10)
3. Servo bom e fiel, foste fiel sobre poucas coisas, sobre muitas agora estarás. (Mt 25,23)

III. Mc 5,22-30.

Lição 29

Particípio e infinitivo presente médios de λύω.
Formas regulares do adjetivo comparativo. Regras de acentuação 21.

Particípio e infinitivo presente médios de λύω.

O particípio presente médio de λύω se declina do seguinte modo (cf. V 1; PV 2, Adj 1):

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυ-όμενος	λυ-ομένη	λυ-όμενον
v	λυ-όμενε	λυ-ομένη	λυ-όμενον
g	λυ-ομένου	λυ-ομένης	λυ-ομένου
d	λυ-ομένῳ	λυ-ομένῃ	λυ-ομένῳ
a	λυ-όμενον	λυ-ομένην	λυ-όμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυ-όμενοι	λυ-όμεναι	λυ-όμενα
v	λυ-όμενοι	λυ-όμεναι	λυ-όμενα
g	λυ-ομένων	λυ-ομένων	λυ-ομένων
d	λυ-ομένοις	λυ-ομέναις	λυ-ομένοις
a	λυ-ομένους	λυ-ομένας	λυ-όμενα

Para o significado do tempo presente do particípio, cf. lição 16, assim como lição 7.

Para o significado da voz média, cf. lição 26.

O infinitivo presente médio de λύω é λύ-εσθαι (cf. V 1; PV 2).

Para o significado do tempo presente do infinitivo, cf. lição 15, assim como a lição 4.

Para o significado da voz média, cf. lição 26.

Formas regulares do adjetivo comparativo.

A comparação dos adjetivos ἀγαθός, κακός, μέγας, μικρός e πολύς dada nas lições 27 e 28 é irregular. As formas regulares da comparação de adjetivos são:

1) Para o grau comparativo, os sufixos -τερος, -τέρα, -τερον são adicionados ao radical do adjetivo no grau positivo. Assim καινός, *novo*: καινότερος, καινοτέρα, καινότερον, *mais novo*; ἀκριβής, *exato*: ἀκριβέστερος, ἀκριβεστέρα, ἀκριβέστερον, *mais exato*.

2) Para o grau superlativo, os sufixos -τατος, -τάτη, -τατον são adicionados ao radical do adjetivo no grau positivo. Assim καινός, *novo* [radical, καινο-]: καινότατος, καινοτάτη, καινότατον, *novíssimo* [radical, ἀκριβεσ-]: ἀκριβής, ἀκριβέστατος, ἀκριβεστάτη, ἀκριβέστατον, *exatíssimo*.

Se a sílaba final do radical é constituída de um ο e este ο é por sua vez precedido de sílaba breve (isto é, sílaba com uma vogal breve), o ο final do radical é aumentado para ω. Assim σοφός, *sábio*; σοφώτερος, *mais sábio*; σοφώτατος, *sapientíssimo*.

Como regra prática para formar o comparativo e superlativo, adjetivos da segunda declinação adicionam os sufixos de comparativo e superlativo ao nominativo neutro singular, menos o ν final (adjetivos contratos são exceção); adjetivos da terceira declinação adicionam os sufixos de comparativo e superlativo ao nominativo neutro singular. Assim: καινόν > καινο > καινο + τερος > καινότερος; ἀκριβές > ἀκριβεσ + τερος > ἀκριβέστερος.

μικρός também tem formas regulares para o comparativo e superlativo, além das formas irregulares nas lições 27 e 28.

Regras de acentuação 21.

Em palavras monossilábicas da terceira declinação, o acento é posto na última sílaba do genitivo e dativo, singular e plural. De outro modo, ele permanece na mesma sílaba que no nominativo:

Nominativo, vocativo, acusativo		Genitivo e dativo	
ns	μήν		
vs	μήν		
		gs	μηνός
		ds	μηνί
as	μῆνα		
np	μῆνες		
vp	μῆνες		
		gp	μηνῶν
		dp	μησί(ν)
ap	μῆνας		

O acento no genitivo plural é circunflexo, enquanto nos outros casos em sílaba final é agudo.

Há algumas exceções a esta regra geral: οὖς, *orelha*, tem ὤτων no genitivo plurais; παῖς, *criança*, tem παίδων no genitivo plural; φῶς, *luz*, tem φώτων no genitivo plural. πᾶς tem πάντων e πᾶσι(ν) no genitivo e dativo plurais do masculino e neutro. O feminino, não sendo monossilábico no nominativo singular, não está sob esta regra.

Vocabulário.

ἔξωθεν [Prep 1] Rege o caso genitivo: *fora de; fora*. Esta palavra é também usada como advérbio: *de fora; fora* [Adv 1].

ἀγρός, -οῦ, ὁ [N 6m] *campo; zona rural.*

ἄρχων, -οντος, ὁ [N 22] *dirigente; líder.*

βιβλίον, -ου, τό [N 7] *livro.*

διαθήκη, -ης, ἡ [N 1] *aliança; pacto; testamento.*

μαρτυρία, -ας, ἡ [N 2] *testemunho.*

ὀργή, -ῆς, ἡ [N 1] *ira; cólera.*

περιτομή, -ῆς, ἡ [N 1] *circuncisão; aqueles que são circuncisos.*

προσευχή, -ῆς, ἡ [N 1] *prece; súplica.*

ἀκριβής, -ής, -ές [Adj 15] *exato.*

διάβολος, -ος, -ον [Adj 5] *calunioso; difamatório.* Esta palavra é também usada como substantivo: *diabo; difamador* [N 6m].

πέντε [Adj 21] *cinco.*

πτωχός, -ή, -όν [Adj 1] *pobre.*

σοφός, -ή, -όν[Adj 1] *sábio.*

ἤδη [Adv 2] *já.*

ὅπου [Adv 1 e 2] *onde; enquanto.* Esta palavra é também uma conjunção, às vezes usada com ἄν ou ἐάν: *onde quer que; ao passo que* [Conj].

I. Traduza para o português:

1. οὗτος ἔρχεται εἰς μαρτυρίαν ἵνα πάντες πιστεύσωσιν δι' αὐτοῦ. (Jo 1,7)
2. θέλω δὲ ὑμᾶς σοφοὺς εἶναι εἰς τὸ ἀγαθόν. (Rm 16,19)
3. τίς ἐστιν ἄρχων τούτων τῶν στρατιωτῶν;
4. ἔξωθεν τοῦ ναοῦ ἦν ὁ ἱερεύς.
5. καὶ ἔρχεται εἰς τὸν τόπον ὅπου ἦν ὁ προφήτης βαπτίζων. (Jo 10,40)
6. ἡ ζωὴ τοῦ προφήτου ἀκριβεστάτη ἦν. (At 26,5)
7. ἡ περιτομὴ τῆς καρδίας ἐν πνεύματί ἐστιν. (Rm 2,29)
8. ὁ παῖς ἦν ἔξωθεν.
9. μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι, ὅτι αὐτῶν ἐστιν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν. (Mt 5,3)
10. καὶ ἔσται ὁ οἶκός μου οἶκος προσευχῆς. (Lc 19,46)
11. ἐκεῖνοι ἔρχονται εἰς τὸν ἴδιον ἀγρόν. (Mt 22,5)
12. οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἔλεγον ὅτι Ἔρημός ἐστιν ὁ τόπος, καὶ ἤδη ὥρα πολλή. (Mc 6,35)
13. ἔχω γὰρ πέντε ἀδελφούς. (Lc 16,28)
14. ὁ θεὸς ἔγραψεν τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἐν τῷ βιβλίῳ τῆς ζωῆς. (Ap 13,8)
15. τοῦτό ἐστιν ἡ καινὴ διαθήκη ἐν τῷ αἵματί μου. (Lc 22,20)
16. διὰ ταῦτα ἔρχεται ἡ ὀργὴ τοῦ θεοῦ. (Cl 3,6)
17. καὶ ἐξ ὑμῶν εἷς διάβολός ἐστιν. (Jo 6,70)
18. ἔσται γὰρ ὀργὴ τῷ λαῷ τουτῷ. (Lc 21,23)
19. ὁ δὲ ἀγρός ἐστιν ὁ κόσμος, τὸ δὲ καλὸν σπέρμα αὐτοί εἰσιν οἱ υἱοὶ τῆς βασιλείας. (Mt 13,38)
20. ὁ οἶκός μου οἶκος προσευχῆς ἔσται πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν. (Mc 11,17)
21. καὶ Μωϋσῆς αὐτό τε τὸ βιβλίον καὶ πάντα τὸν λαὸν ἐράντισεν. (Hb 9,19)

II. Traduza para o grego:

1. Meu testemunho sobre estas coisas que ouvi é verdadeiro. (Jo 5,31)
2. Estas são as preces dos santos que estão diante do templo. (Ap 5,8)
3. Jesus entra na casa do chefe e vê a multidão e ira entra em seu coração. (Mt 9,23)

III. Mc 5,31-39.

Lição 30

Futuro do indicativo, do infinitivo e do particípio médios de λύω.
O uso de μᾶλλον para formar o grau comparativo de adjetivos.
O uso da conjunção ὥστε. A oração consecutiva. Regras de acentuação 22.

Futuro do indicativo, do infinitivo e do particípio médios de λύω.

O tempo futuro da voz média em todos os três modos que se encontram no Novo Testamento – indicativo, infinitivo e particípio – forma-se adicionando-se as desinências do tempo presente da voz média ao radical do futuro.

Para o significado do futuro do indicativo, cf. a lição 11 assim como a lição 8. Para o significado do infinitivo futuro, cf. lições 17 e 8. Para o significado do particípio futuro, cf. lições 17 e 8. Para o significado da voz média, cf. lição 16.

O futuro do indicativo médio de λύω assim se conjuga (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo indicativo, tempo futuro

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύσ-ομαι	λυσ-όμεθα
2ª pessoa	λύσ-ῃ	λύσ-εσθε
3ª pessoa	λύσ-εται	λύσ-ονται
	soltarei [a mim mesmo]	*soltaremos* [a nós mesmos]
	soltarás [a ti mesmo]	*soltareis* [a vós mesmos]
	soltará [a si mesmo]	*soltarão* [a si mesmos]

A forma λύσῃ é uma contração de λύσεσαι (λύσεσαι > λύσεαι > λύσηι >λύσῃ).

φυλάξομαι τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ.
Observarei os mandamentos de Deus.

O futuro do infinitivo médio de λύω é λύσ-εσθαι (cf. V 1; PV 2):

λέγω αὐτὸν φυλάξεσθαι τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ.
Digo que ele observará os mandamentos de Deus.

O particípio futuro médio de λύω declina-se como segue (cf. V 1; PV 2, Adj 1):

Voz média, modo particípio, tempo futuro

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυσ-όμενος	λυσ-ομένη	λυσ-όμενον
v	λυσ-όμενε	λυσ-ομένη	λυσ-όμενον
g	λυσ-ομένου	λυσ-ομένης	λυσ-ομένου
d	λυσ-ομένῳ	λυσ-ομένῃ	λυσ-ομένῳ
a	λυσ-όμενον	λυσ-ομένην	λυσ-όμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυσ-όμενοι	λυσ-όμεναι	λυσ-όμενα
v	λυσ-όμενοι	λυσ-όμεναι	λυσ-όμενα
g	λυσ-ομένων	λυσ-ομένων	λυσ-ομένων
d	λυσ-ομένοις	λυσ-ομέναις	λυσ-ομένοις
a	λυσ-ομένους	λυσ-ομένας	λυσ-όμενα

O particípio futuro é ocasionalmente usado para expressar finalidade (cf. lição 17):

ἔρχεται ὁ μαθητὴς φυλαξόμενος τὰς ἐντολάς.
Vem o discípulo para observar os mandamentos.

O uso de μᾶλλον para formar o grau comparativo de adjetivos.

É possível formar o grau comparativo de adjetivos pelo uso do advérbio μᾶλλον, *mais*, além dos modos de formar o grau comparativo dos adjetivos dados nas lições 27, 28 e 29:

κάλον ἐστὶ μᾶλλον ἀγάπην ἔχειν ἢ ὀργήν.
É melhor ter amor do que ira.

O uso da conjunção ὥστε. A oração consecutiva.

A palavra ὥστε é freqüentemente usada para introduzir uma oração principal em que o verbo normalmente está no modo indicativo:

ὥστε ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου κύριός ἐστι καὶ τοῦ σαββάτου.
Assim o filho do homem é senhor também do sábado.

Este uso de ὥστε para introduzir uma oração principal deve ser cuidadosamente distinto do seu uso para introduzir uma oração subordinada, indicando o resultado de uma ação. Isto é, uma ação que é causada, mas não prevista pelo agente. Nessa construção, conhecida como "oração consecutiva", o verbo na oração de ὥστε está no modo infinitivo, e o sujeito está no caso acusativo:

εἶπεν λόγους σοφοὺς ὥστε τὸν ὄχλον κρᾶξαι διὰ χαράν.
Falou sábias palavras de modo que a multidão gritou de alegria.

Ele não fala para que a multidão grite de alegria: assim como um período usaria uma oração final (por exemplo, ἵνα com o subjuntivo) a fim de expressar a idéia de que o agente tinha isso em mente quando falou. Ele falou, e, na realidade, suas palavras resultaram no grito da multidão, apesar de sua intenção não ser essa.

Se o sujeito da oração com ὥστε é o mesmo que o sujeito da oração principal, ele geralmente não se expressa:

λέγει λόγους κακοὺς ὥστε εἶναι κακόν.
Diz palavras más, de modo que é mau.

Em raros casos, o indicativo é usado pelo infinitivo, talvez para enfatizar a realidade do resultado (cf. Jo 3,16).

Regras de acentuação 22.

A palavra γυνή, *mulher*, segue as regras para monossílabos da terceira declinação. Assim γυνή, γύναι (irregular), γυναικός, γυναικί, γυναῖκα, γυναῖκες, γυναῖκες, γυναικῶν, γυναιξί(ν), γυναῖκας.

Vocabulário.

πέραν [Prep 1] Rege o caso genitivo: *além de; do outro lado de*. Esta palavra também ocorre como advérbio, *através* [Adv 1], na expressão τὸ πέραν, literalmente, *o através*, isto é, *o outro lado*.

Esta preposição conclui a apresentação das principais preposições usadas no Novo Testamento. Outras preposições serão apresentadas conforme surja necessidade.

ἄνεμος, -ου, ὁ [N 6m] *vento.*

ἀρνίον, -ου, τό [N 7] *cordeiro; ovelha.*

διδαχή, -ῆς, ἡ [N 1] *ensino; instrução.*

ἥλιος, -ου, ὁ [N 6m] [o] *sol.*

μέλος, -ους, τό [N 31] *membro* [do corpo].

οἶνος, -ου, ὁ [N 6m] *vinho.*

παρρησία, -ας, ἡ [N 2] *atrevimento; franqueza; liberdade no falar.*

ποτήριον, -ου, τό [N 7] *taça; copo; cálice.*

ὑπομονή, -ῆς, ἡ [N 1] *perseverança; paciência.*

δυνατός, -ή, -όν [Adj 1] *possível; poderoso.*

ἐχθρός, -ά, -όν [Adj 2] *hostil.* Como substantivo esta palavra significa *inimigo* [N 6m].

ποῖος, -α, -ον [Adj 2] *qual?, de que tipo?*

ὥστε [Conj] Introduzindo uma oração principal: *assim*; introduzindo uma oração subordinada: *de modo que.* Às vezes, esta conjunção parece ter função de finalidade: *a fim de que.*

γέ [Part] Uma enclítica que dá ênfase à palavra com que está associada.

οὐχί [Neg] Forma enfática de οὐ, *não.* Esta palavra é normalmente usada para introduzir questões para as quais se espera resposta afirmativa.

μᾶλλον [Adv 3] *mais.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. βλέπω δὲ ἕτερον νόμον ἐν τοῖς μέλεσίν μου. (Rm 7,23)
2. ὁ νεκρὸς ἄνθρωπος ἄρχεται λέγειν ὥστε πάντας φόβον ἔχειν. (Lc 7,15)
3. οὐχι σὺ εἶ ὁ Χριστός; (Lc 23,39)

4. δίκαιόν ἐστιν ἐνώπιον τοῦ θεοῦ ὑμῶν ἀκούειν μᾶλλον ἢ τοῦ θεοῦ; (At 4,19)
5. διδάσκαλε, ποία ἐντολὴ μεγάλη ἐν τῷ νόμῳ; (Mt 22,36)
6. οἱ μαθηταὶ ἔρχονται εἰς τὸ πέραν χωρὶς ἄρτων. (Mt 16,5)
7. ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ, Πάντα δύνατα τῷ πιστεύοντι. (Mc 9,23)
8. εἰ ἄλλοις οὐκ εἰμὶ ἀπόστολος, ἀλλά γε ὑμῖν εἰμι. (1Cor 9,2)
9. ἦν λαῖλαψ μεγάλη ἀνέμου. (Mc 4,37)
10. καὶ ἄλλος ἄγγελος ἔρχεται ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, καὶ τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ὡς ὁ ἥλιος. (Ap 10,1)
11. οἱ μαθηταὶ εὕρισκον τὸν Ἰησοῦν περὰν τῆς θαλάσσης. (Jo 6,25)
12. εἰ σὺ εἶ ὁ Χριστός, λέγε ἡμῖν παρρησίᾳ. (Jo 10,24) [O dativo é um dativo de modo.]
13. καὶ οἱ ἅγιοι ἄνθρωποι ἦσαν ἐνώπιον ἀγγέλων ἁγίων καὶ ἐνώπιον τοῦ ἀρνίου. (Ap 14,10)
14. λέγει ἡ μήτηρ τοῦ Ἰησοῦ πρὸς αὐτόν, Οἶνον οὐκ ἔχουσιν. (Jo 2,3)
15. τοῦτο τὸ ποτήριον ἡ καινὴ διαθήκη ἐν τῷ αἵματί μου. (Lc 22,20)
16. ὥστε κύριός ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου καὶ τοῦ σαββάτου. (Mc 2,28)
17. ὁ Χριστὸς ἔρχεται ἵνα διὰ τῆς ὑπομονῆς καὶ διὰ τῆς παρακλήσεως τῶν γραφῶν τὴν ἐλπίδα ἔχωμεν. (Rm 15,4)
18. υἱὲ διαβόλου, ἐχθρὲ πάσης δικαιοσύνης. (At 13,10)
19. τί ἐστιν τοῦτο; διδαχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν. (Mc 1,27)

II. Traduza para o grego:

1. Se têm franqueza, começarão a falar.
2. E tu, ó homem de Deus, persegue justiça, fé, amor, perseverança. (1Tm 6,11)
3. Pois o corpo não é um membro, mas muitos. (1Cor 12,14)

III. Mc 5,40-6,6.

Lição 31

Aoristo do indicativo e do imperativo médios de λύω.
Os adjetivos διπλοῦς e χρυσοῦς. Regras de acentuação 23.

Aoristo do indicativo e do imperativo médios de λύω.

Para o significado do indicativo aoristo, cf. lição 18 e lição 2. Para o significado da voz média, cf. lição 26.

O aoristo do indicativo médio de λύω é assim conjugado (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-λυσ-άμην	ἐ-λυσ-άμεθα
2ª pessoa	ἐ-λύσ-ω	ἐ-λύσ-ασθε
3ª pessoa	ἐ-λύσ-ατο	ἐ-λύσ-αντο
	soltei [a mim mesmo]	*soltamos* [a nós mesmos]
	soltaste [a ti mesmo]	*soltastes* [a vós mesmos]
	soltou [a si mesmo]	*soltaram* [a si mesmos]

A forma ἐλύσω é o resultado da contração: ἐλύσασο > ἐλύσαο > ἐλύσω.

O radical usado é o do aoristo ativo, a formação do aumento é a mesma que a do aoristo ativo (cf. lição 18).

ἤρξατο κράζειν.
Começou a gritar.

Para o significado do aoristo do imperativo, cf. a lição 19 e também a lição 4. Para o significado da voz média, cf. a lição 26.

O aoristo do imperativo médio de λύω conjuga-se do seguinte modo (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	λῦσ-αι	λύσ-ασθε
3ª pessoa	λυσ-άσθω	λυσ-άσθωσαν
	solta [a ti mesmo]	*soltai* [a vós mesmos]
	solte [a si mesmo]	*soltem* [a si mesmos]

φυλαξάσθω αὐτὴ τὴν ἐντολήν.
Observe ela o mandamento.

Os adjetivos διπλοῦς e χρυσοῦς.

Um número limitado de adjetivos da primeira e segunda declinações apresenta formas contratas (e.g. διπλοῦς, διπλῆ, διπλοῦν, *duplo*), provenientes do radical διπλο- [cf. Adj 3], e χρυσοῦς, χρυσῆ, χρυσοῦν, *áureo*, do radical χρυσε- [Adj 3]. Os resultados da contração são os mesmos.

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	διπλοῦς	διπλῆ	διπλοῦν
v	διπλοῦς	διπλῆ	διπλοῦν
g	διπλοῦ	διπλῆς	διπλοῦ
d	διπλῷ	διπλῇ	διπλῷ
a	διπλοῦν	διπλῆν	διπλοῦν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	διπλοῖ	διπλαῖ	διπλᾶ
v	διπλοῖ	διπλαῖ	διπλᾶ
g	διπλῶν	διπλῶν	διπλῶν
d	διπλοῖς	διπλαῖς	διπλοῖς
a	διπλοῦς	διπλᾶς	διπλᾶ

Explicação das contrações: ο + ο > ου (διπλοῦς, διπλοῦν, διπλοῦ); ο + ω > ω (διπλῷ, διπλῶν); ο + οι > οι (διπλοῖ, διπλοῖς). ο + α normalmente resulta em ω; em todo caso, no nominativo, vocativo e acusativo neutro plurais, o resultado é α, por causa da influência do α final nessas formas. O feminino

se explica pelo fato de que o mais uma vogal longa ou um ditongo é normalmente absorvido.

Como afirmado antes, as contrações entre uma vogal radical ϵ e as desinências acima dão os mesmos resultados.

Regras de acentuação 23.

Adjetivos contratos da primeira e segunda declinações têm acento circunflexo na última sílaba de cada forma. Cf. a declinação de διπλοῦς, nesta mesma lição.

Vocabulário.

ἁπλοῦς, ἁπλῆ, ἁπλοῦν [Adj 3] *simples; singular; puro.*

διπλοῦς, διπλῆ, διπλοῦν [Adj 3] *duplo.*

τετραπλοῦς, τετραπλῆ, τετραπλοῦν [Adj 3] *quádruplo.*

χαλκοῦς, χαλκῆ, χαλκοῦν [Adj 3] *brônzeo; de bronze.*

χρυσοῦς, χρυσῆ, χρυσοῦν [Adj 3] *áureo; de ouro.*

διακονία, -ας, ἡ [N 2] *serviço; ajuda.*

διάκονος, -ου, ὁ/ἡ [N 6m e N 6f] *servente; ministro.*

θυσία, -ας, ἡ [N 2] *sacrifício; ato de oferenda.*

κρίμα, -ατος, τό [N 16] *julgamento; juízo; veredito; condenação.*

μάχαιρα, -ης, ἡ [N 3, N 33] *espada; faca.* O genitivo singular é irregular. Assim também o dativo singular (-η em vez de -α).

μισθός, -οῦ, ὁ [N 6m] *salário; soldo; recompensa.*

συνείδησις, -εως, ἡ [N 28f] *consciência; compreensão.*

φυλή, -ῆς, ἡ [N 1] *tribo; nação.*

ἀληθινός, -ή, -όν [Adj 1] *verdadeiro; real; digno de confiança.*

ἰσχυρός, -ά, -όν [Adj 2] *forte.*

διό [Conj] *por isso; portanto.*

ἄρα [Part] *conseqüentemente, então, portanto.* Esta palavra deve ser atentamente distinta de ἆρα [Part, Neg], uma partícula interrogativa que espera uma resposta negativa, e ἀρά, -ᾶς, ἡ [N 2], *maldição.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. διὸ ὁ ἀγρὸς ἐκεῖνος ἀγρὸς αἵματός ἐστιν. (Mt 27,8)
2. ἡ διακονία ἡμῶν διακονία πρὸς τὸν Κύριόν ἐστιν.
3. ἀρξάσθωσαν φυλάσσεσθαι τὰς ἐντολάς.
4. Κύριε, ἰδοὺ μάχαιραι ὧδε δύο. (Lc 22,38)
5. ὑμεῖς ἐστε ἄξιοι διπλῆς τιμῆς. (1Tm 5,17)
6. ἆρα ἔσται ἡ πίστις ἐπὶ τῆς γῆς; (Lc 18,8)
7. ἡ χαλκῆ μάχαιρα ἦν ἐπὶ τῆς τραπέζης. (Lc 22,21)
8. ἡ συνείδησις αὐτῶν ἀσθενής ἐστιν. (1Cor 8,7)
9. λέγω ἐκεῖνον τὸν ἐργάτην ἄξιον εἶναι μισθοῦ τετραπλοῦ. (Lc 10,7)
10. ἡ θυσία τοῦ ἱερέως οὐκ ἀξία ἦν ἐνώπιον τοῦ θεοῦ. (At 4,19)
11. ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ ἔρχεται ἀρὰ ἐπὶ τὸν θεόν. (Tg 3,10)
12. ἦν τὸ φὼς τὸ ἀληθινόν. (Jo 1,9)
13. τίς ἄρα μείζων ἐστὶν ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν; (Mt 18,1)
14. ἔρχεται δὲ ὁ ἰσχυρότερός μου. (Lc 3,16)
15. ἐὰν οὖν ᾖ ὁ ὀφθαλμός σου ἁπλοῦς, ὅλον τὸ σῶμα σοῦ ἐν τῷ φωτὶ ἔσται. (Mt 6,22)
16. ὁ δὲ μείζων ὑμῶν ἔσται ὑμῶν διάκονος. (Mt 23,11)
17. ἦν ἐκεῖ ὄχλος πολὺς ἐκ παντὸς ἔθνους καὶ ἐκ πάντων φυλῶν καὶ λαῶν καὶ γλωσσῶν. (Ap 7,9)
18. οὐδὲ ἔχεις φόβον τοῦ θεοῦ, ὅτι ἐν τῷ αὐτῷ κρίματι εἶ; (Lc 23,40)

II. Traduza para o grego:

1. Jesus diz que seu juízo é verdadeiro. (Jo 8,16)
2. Se fosse servo de Deus, não diria essas coisas. (Rm 13,4)
3. Um dos doze vem, e com ele uma multidão com espadas, da parte dos anciãos. (Mc 14,43)

III. Mc 6,7-16.

Lição 32

Aoristo do subjuntivo e do optativo médios de λύω.
O adjetivo ἀργυροῦς. Regras de acentuação 24.

Aoristo do subjuntivo e do optativo médios de λύω.

Para o significado do subjuntivo aoristo, cf. lição 20 e também lição 5. Para o significado da voz média, cf. lição 26.

O aoristo do subjuntivo médio de λύω assim se conjuga (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύσ-ωμαι	λυσ-ώμεθα
2ª pessoa	λύσ-ῃ	λύσ-ησθε
3ª pessoa	λύσ-ηται	λύσ-ωνται

A forma λύσῃ é uma contração de λύσησαι (λύσησαι > λύσηαι > λύσηι > λύσῃ). Deve-se notar que esta forma é a mesma que a da terceira pessoa do singular do aoristo do subjuntivo ativo. A forma, portanto, deve ser analisada de acordo com o contexto.

ἔρχεται ἵνα ἄρξηται λέγειν.
Vem para que comece a falar.

Para o significado do aoristo do optativo, cf. a lição 21 e também a lição 6. Para o significado da voz média, cf. lição 26.

O aoristo do optativo médio de λύω é assim conjugado (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo optativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	λυσ-αίμην	λυσ-αίμεθα
2ª pessoa	λύσ-αιο	λύσ-αισθε
3ª pessoa	λύσ-αιτο	λύσ-αιντο

A forma λύσαιο vem de λύσαισο.

O adjetivo ἀργυροῦς.

Outra categoria de adjetivos contratos da primeira e segunda declinações tem radical terminado em ε precedido de ρ. O feminino deste tipo contrai-se em α em vez de η (e.g. ἀργυροῦς, ἀργυρᾶ, ἀργυροῦν, *argênteo* [Adj 4]). Para explicação das contrações, cf. lição 31.

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀργυροῦς	ἀργυρᾶ	ἀργυροῦν
v	ἀργυροῦς	ἀργυρᾶ	ἀργυροῦν
g	ἀργυροῦ	ἀργυρᾶς	ἀργυροῦ
d	ἀργυρῷ	ἀργυρᾷ	ἀργυρῷ
a	ἀργυροῦν	ἀργυρᾶν	ἀργυροῦν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀργυροῖ	ἀργυραῖ	ἀργυρᾶ
v	ἀργυροῖ	ἀργυραῖ	ἀργυρᾶ
g	ἀργυρῶν	ἀργυρῶν	ἀργυρῶν
d	ἀργυροῖς	ἀργυραῖς	ἀργυροῖς
a	ἀργυροῦς	ἀργυρᾶς	ἀργυρᾶ

Isso conclui a apresentação de várias categorias de substantivos e adjetivos. Todos os substantivos e adjetivos no Novo Testamento tanto podem ser classificados sob uma das várias categorias apresentadas nesta e nas lições anteriores, como também necessitar de atenção especial por causa de formas não usuais. As palavras que necessitam de atenção especial por causa de formas não usuais serão apresentadas nas lições futuras.

Regras de acentuação 24.

Nos verbos, a acentuação é mais regular do que nos substantivos e adjetivos (cf. Regras de acentuação 12, lição 20). Nos verbos, o acento tende a ir o mais distante possível da última sílaba, antepenúltima sílaba, ou, se não for possível, para a penúltima sílaba, de acordo com a regra geral de acentuação destas sílabas (cf. Regras de acentuação 3, lição 11). Desse modo, a palavra γέγραπται em Mc 1,2 é acentuada na antepenúltima sílaba, porque a última sílaba é breve (αι final é normalmente considerado breve). Mas ἀποστέλλω

e κατασκευάσει no mesmo versículo são acentuadas na penúltima sílaba, porque a última sílaba é longa.

Mas há exceções a esta regra geral. Uma destas exceções envolve o acento no aoristo infinitivo ativo: o acento permanece na penúltima sílaba, mesmo que a última sílaba seja considerada breve para finalidade de acentuação. Assim, ἀπολῦσαι em Mc 10,2 tem o acento na penúltima sílaba, mesmo que haja uma antepenúltima sílaba e que o acento seja circunflexo, indicando não apenas que a sílaba -λυ- é longa, mas também que a sílaba -σαι é considerada breve.

Vocabulário.

ἀργυροῦς, -ᾶ, -οῦν [Adj 4] *argênteo* [isto é, *feito de prata*].

πορφυροῦς, -ᾶ, -οῦν [Adj 4] *purpúreo.*

σιδηροῦς, -ᾶ, -οῦν [Adj 4] *férreo* [isto é, *feito de ferro*].

ἀδελφή, -ῆς, ἡ [N 1] *irmã.*

ἀδικία, -ας, ἡ [N 2] *injustiça; ação má.*

ἔλεος, -ους, τό [N 31] *misericórdia; compaixão.*

ἑορτή, -ῆς, ἡ [N 1] *festa.*

κώμη, -ης, ἡ [N 1] *vila; aldeia.*

μυστήριον, -ου, τό [N 7] *segredo; mistério.*

πάσχα, τό [N 32] *Páscoa; cordeiro pascal.*

πλούσιος, -α, -ον [Adj 2] *rico.*

φίλος, -η, -ον [Adj 1] *amigável; amigo.* Esta palavra é também um substantivo [N 6m]: *amigo.*

οὐκέτι [Adv 2, Neg] *não mais; ainda não.*

ποῦ [Adv 1] *onde?; em que lugar?*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἔρχεται ἵνα ἄρξηται λέγειν.
2. ὁ ποιμὴν ἔχει ῥάβδον σιδηρᾶν. (Ap 2,27)

3. ἄνθρωπός τις ἦν πλούσιος ὃς εἶχεν δοῦλον. (Lc 16,1)
4. ἔλεος θέλω καὶ οὐ θυσίαν. (Mt 9,13)
5. ἐν μεγάλῃ δὲ οἰκίᾳ οὐκ ἔστιν μόνον σκεύη χρυσᾶ καὶ ἀργυρᾶ. (2Tm 2,20)
6. ὁ Ἰησοῦς ἤγγισεν εἰς τὴν κώμην. (Lc 24,28)
7. ὥστε οὐκέτι εἰσὶν δύο ἀλλὰ σάρξ μία. (Mt 19,6)
8. οὗτος ἀληθής ἐστιν καὶ ἀδικία ἐν αὐτῷ οὐκ ἔστιν. (Jo 7,18)
9. ὁ Ἰησοῦς εἶχεν ἱμάτιον πορφυροῦν. (Jo 19,2)
10. καὶ αἱ ἀδελφαὶ αὐτοῦ οὐχὶ πᾶσαι πρὸς ἡμᾶς εἰσιν; (Mt 13,56)
11. ἦν δὲ ἐγγὺς τὸ πάσχα, ἡ μεγάλη ἑορτή. (Jo 6,4) [Cf. lição 41, Vocabulário, para o significado de ἐγγύς.]
12. ἰδοὺ μυστήριον ὑμῖν λέγω. (1Cor 15,51)
13. τίς ἐξ ὑμῶν ἕξει φίλον... (Lc 11,5)
14. ποῦ ἡ πίστις ὑμῶν; (Lc 8,25)

II. Traduza para o grego:

1. O profeta diz que não há injustiça junto a Deus. (Rm 9,14)
2. Deus é rico em misericórdia por causa de seu grande amor. (Ef 2,4)
3. Onde estão os sábios deste mundo? (1Cor 1,20)

III. Mc 6,17-26.

Lição 33

Aoristo do particípio e do infinitivo médios de λύω.
O substantivo χάρις. Regras de acentuação 25.

Aoristo do particípio e do infinitivo médios de λύω.

Para o significado do aoristo do particípio e do infinitivo, cf. a lição 22, assim como as lições 4 e 7. Para o significado da voz média, cf. a lição 26.

O aoristo do particípio médio de λύω declina-se como segue (cf. V 1; PV 2, Adj 1):

Voz média, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυσ-άμενος	λυσ-αμένη	λυσ-άμενον
v	λυσ-άμενε	λυσ-αμένη	λυσ-άμενον
g	λυσ-αμένου	λυσ-αμένης	λυσ-αμένου
d	λυσ-αμένῳ	λυσ-αμένῃ	λυσ-αμένῳ
a	λυσ-άμενον	λυσ-αμένην	λυσ-άμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυσ-άμενοι	λυσ-άμεναι	λυσ-άμενα
v	λυσ-άμενοι	λυσ-άμεναι	λυσ-άμενα
g	λυσ-αμένων	λυσ-αμένων	λυσ-αμένων
d	λυσ-αμένοις	λυσ-αμέναις	λυσ-αμένοις
a	λυσ-αμένους	λυσ-αμένας	λυσ-άμενα

ἡ γυνὴ βαπτισαμένη ἤρξατο δοξάζειν τὸν θεόν.
Tendo-se batizado, a mulher começou a glorificar a Deus.

O infinitivo aoristo médio de λύω é λύσ-ασθαι (cf. V 1; PV 2, Adj 1).

θέλω νίψασθαι νῦν ἐν ἐκείνῳ τῷ νιπτῆρι.
Quero lavar-me agora naquele lavatório.

O substantivo χάρις.

O substantivo χάρις, *graça*, declina-se como ἐλπίς, mas com algumas exceções (cf. N 13f e N 33):

	Singular	Plural
n	χάρις	χάριτες
v	χάρις	χάριτες
g	χάριτος	χαρίτων
d	χάριτι	χάρισι(ν)
a	χάριν / χάριτα	χάριτας

Regras de acentuação 25.

Os ditongos -οι e -αι, quando finais, são vistos como breves para finalidade de acentuação, exceto no optativo (cf. Regras de acentuação 2, lição 10). Assim, no aoristo do optativo ativo, terceira pessoa do singular, a forma é λύσαι, enquanto no aoristo do infinitivo ativo a forma é λῦσαι. (Em ambas as formas o υ de λύω é longo, mas em algumas formas de sua conjugação ele é breve.)

Vocabulário.

χάρις, χάριτος, ἡ [N 13f, 33] *graça; benevolência; bondade.*

ἀκοή, -ῆς, ἡ [N 1] *relato; audição; pregação.*

ἀσθένεια, -ας, ἡ [N 2] *fraqueza; enfermidade.*

δένδρον, -ου, τό [N 7] *árvore.*

νεφέλη, -ης, ἡ [N 1] *nuvem.*

πορνεία, -ας, ἡ [N 2] *fornicação; imoralidade sexual.*

σταυρός, οῦ, ὁ [N 6m] *cruz.*

χήρα, -ας, ἡ [N 2] *viúva.*

χώρα, -ας, ἡ [N 2] *região; vizinhança.*

δέκα [Adj 21] *dez.*

ἐκλεκτός, -ή, -όν [Adj 1] *escolhido; eleito.*

καθαρός, -ά, -όν [Adj 2] *puro; inocente.*

πνευματικός, -ή, -όν [Adj 1] *espiritual; pertinente ao espírito; pertinente ao Espírito.*

πόσος, -η, -ον [Adj 1] *quão grande?; quão numeroso?*

οὐαί [Inter] *ai!* Esta palavra também é encontrada como substantivo feminino indeclinável [N 32]: *infelicidade; desventura.*

σήμερον [Adv 2] *hoje.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. καὶ ποιμένες ἦσαν ἐν τῇ χώρᾳ τῇ αὐτῇ. (Lc 2,8)
2. καὶ ἰδοὺ φωνὴ ἐκ τῆς νεφέλης λέγουσα, Οὗτός ἐστιν ὁ υἱός μου ὁ ἀγαπητός. (Mt 17,5)
3. Κύριε, τίς ἐπίστευσεν τῇ ἀκοῇ ἡμῶν; (Rm 10,16)
4. σήμερον σωτηρία τῷ οἴκῳ τούτῳ ἐστίν. (Lc 19,9)
5. ἦσαν δέκα δένδρα πρὸ τῆς οἰκίας.
6. εἰ οὖν τὸ φῶς τὸ ἐν σοι σκότος ἐστίν, τὸ σκότος πόσον. (Mt 6,23) [Cf. lição 37, Vocabulário, para o significado de φῶς.]
7. χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ Κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ. (Rm 1,7)
8. διὰ δὲ τὰς πορνείας ἕκαστος τὴν ἑαυτοῦ γυναῖκα ἐχέτω, καὶ ἑκάστη τὸν ἴδιον ἄνδρα ἐχέτω. (1Cor 7,2)
9. αὕτη ἡ ἀσθένεια οὐκ ἔστιν πρὸς θάνατον ἀλλ' ὑπὲρ τῆς δόξης τοῦ θεοῦ. (Jo 11,4)
10. ἐκεῖνοι ἐσθίουσιν τὰς οἰκίας τῶν χηρῶν. (Lc 20,47)
11. ἴσθι ἐξουσίαν ἔχων ἐπάνω δέκα πόλεων. (Lc 19,17)
12. καὶ πάντες τὸ αὐτὸ πνευμάτικον βρῶμα ἔσθιον. (1Cor 10,3)
13. οὐαὶ δὲ ταῖς ἐν γαστρὶ ἐχούσαις ἐν ἐκείναις ταῖς ἡμέραις. (Mt 24,19)
14. μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ ὅτι αὐτοὶ τὸν θεὸν βλέψουσιν. (Mt 5,8)
15. ὁ σταυρὸς τοῦ Ἰησοῦ δύναμίς ἐστιν.
16. ἄλλους ἔσωσεν, σωσάτω ἑαυτόν, εἰ οὗτός ἐστιν ὁ Χριστὸς τοῦ θεοῦ ὁ ἐκλεκτός. (Lc 23,35)

II. Traduza para o grego:

1. E eis que todas as coisas para nós serão puras. (Lc 11,41)

2. A fé (vem) a partir da pregação, e a pregação pelas palavras de Cristo. (Rm 10,17)
3. Hoje, se ouvirdes sua voz, tereis salvação. (Hb 3,7)

III. Mc 6,27-36.

Lição 34

Perfeito do indicativo médio, mais-que-perfeito do indicativo médio e particípio perfeito médio de λύω.
O perfeito médio de temas terminando em palatais, labiais, dentais, líqüidas e nasais. Regras de acentuação 26.

Perfeito do indicativo médio, mais-que-perfeito do indicativo médio e particípio perfeito médio de λύω.

Para o significado do perfeito do indicativo, cf. lição 23 e também lição 2. Para o significado da voz média, cf. lição 26.

O perfeito do indicativo médio de λύω assim se conjuga (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo indicativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	λέλυ-μαι	λελύ-μεθα
2ª pessoa	λέλυ-σαι	λέλυ-σθε
3ª pessoa	λέλυ-ται	λέλυ-νται
	soltei [a mim mesmo]	*soltamos* [a nós mesmos]
	soltaste [a ti mesmo]	*soltastes* [a vós mesmos]
	soltou [a si mesmo]	*soltaram* [a si mesmos]

A formação da reduplicação é a mesma que para a voz ativa (cf. lição 23).

ἀπολέλυμαι τοὺς δούλους.
Livrei os escravos, por mim mesmo [e eles permanecem livres].

Para o significado do mais-que-perfeito, cf. lição 24 e também lição 2. Para o significado da voz média, cf. lição 26.

O mais-que-perfeito do indicativo médio de λύω conjuga-se como segue (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo indicativo, tempo mais-que-perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	(ἐ)-λελύ-μην	(ἐ)-λελύ-μεθα
2ª pessoa	(ἐ)-λέλυ-σο	(ἐ)-λέλυ-σθε
3ª pessoa	(ἐ)-λέλυ-το	(ἐ)-λέλυ-ντο
	soltara [a mim mesmo]	*soltáramos* [a nós mesmos]
	soltaras [a ti mesmo]	*soltáreis* [a vós mesmos]
	soltara [a si mesmo]	*soltaram* [a si mesmos]

ἀπελελύμην τοὺς δούλους.
Soltara os escravos, por mim mesmo [e eles permanecem livres].

O aumento pode ser tratado como no mais-que-perfeito ativo, isto é, pode ser usado ou omitido, sem diferença de significado (cf. lição 24).

Para o significado do particípio perfeito, cf. lição 25 e também lição 7.

O particípio perfeito médio de λύω forma-se como segue (cf. V 1; PV 2, Adj 1):

Voz média, modo particípio, tempo perfeito

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λελυ-μένος	λελυ-μένη	λελυ-μένον
v	λελυ-μένε	λελυ-μένη	λελυ-μένον
g	λελυ-μένου	λελυ-μένης	λελυ-μένου
d	λελυ-μένῳ	λελυ-μένῃ	λελυ-μένῳ
a	λελυ-μένον	λελυ-μένην	λελυ-μένον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λελυ-μένοι	λελυ-μέναι	λελυ-μένα
v	λελυ-μένοι	λελυ-μέναι	λελυ-μένα
g	λελυ-μένων	λελυ-μένων	λελυ-μένων
d	λελυ-μένοις	λελυ-μέναις	λελυ-μένοις
a	λελυ-μένους	λελυ-μένας	λελυ-μένα

A reduplicação é a mesma que no particípio perfeito ativo. As desinências são as desinências normais para a primeira e segunda declinação dos adjetivos. Mas o acento não retrocede como é normal nas formas verbais: ele fica

na penúltima sílaba, mesmo quando a última sílaba for breve, em vez de ficar na antepenúltima.

O significado do tempo do particípio perfeito é o mesmo que em outra parte (cf. lição 25). A voz média tem o significado indicado na lição 26.

ἀπολελυμένος τὸν δοῦλον, ὁ δεσπότης μακάριος ἦν.
Tendo libertado o escravo por si mesmo, o senhor era feliz.

O perfeito médio de temas terminando em palatais, labiais, dentais, líqüidas e nasais.

O fato de que as desinências de formas do sistema do perfeito médio comecem por consoante não causa problema, quando o radical a que elas se juntam termina em vogal, como no caso de λύω. Mas, quando o radical termina em consoante, ocorrem algumas mudanças de som. Elas estão ilustradas nos seguintes conjuntos de formas.

Para temas que terminam em palatal (κ, γ, χ), as mudanças de forma são assim (o paradigma é do verbo φυλάσσω, radical do perfeito πεφυλακ-):

Voz média, modo indicativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	πεφύλαγ-μαι	πεφυλάγ-μεθα
2ª pessoa	πεφύλαξαι	πεφύλαχ-θε
3ª pessoa	πεφύλακ-ται	πεφυλαγ-μένοι (-αι, -α) εἰσί(ν)

Voz média, modo indicativo, tempo mais-que-perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	(ἐ)-πεφυλάγ-μην	(ἐ)-πεφυλάγ-μεθα
2ª pessoa	(ἐ)-πεφύλαξο	(ἐ)-πεφύλαχ-θε
3ª pessoa	(ἐ)-πεφύλακ-το	πεφυλαγ-μένοι (-αι, -α) ἦσαν

A combinação de uma palatal (neste caso -κ) com as desinências do sistema do perfeito médio resulta nas seguintes mudanças de som: κ + μ > γμ; κ + σ > ξ; κ + τ > κτ. Na segunda pessoa do plural, o σ desaparece e o κ assimila-se ao θ, resultando em χθ. Na terceira pessoa do plural, o uso do particípio é necessário porque a combinação de consoante mais -ντ- não aconteceu no sistema de som da linguagem.

Para temas terminando em labial (π, β, φ), as mudanças de forma são assim (o paradigma é do verbo γράφω, radical do perfeito γεγραφ-):

Voz média, modo indicativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	γέγραμ-μαι	γεγράμ-μεθα
2ª pessoa	γέγραψαι	γέγραφ-θε
3ª pessoa	γέγραπ-ται	γεγραμ-μένοι (-αι, -α) εἰσί(ν)

Voz média, modo indicativo, tempo mais-que-perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	(ἐ)-γεγράμ-μην	(ἐ)-γεγράμ-μεθα
2ª pessoa	(ἐ)-γέγραψο	(ἐ)-γέγραφ-θε
3ª pessoa	(ἐ)-γέγραπ-το	γεγραμ-μένοι (-αι, -α) ἦσαν

A combinação de uma labial (neste caso -φ) com as desinências do sistema do perfeito médio resulta nas seguintes mudanças de som: φ + μ > μμ; φ + σ > ψ; φ + τ > πτ. Na segunda pessoa do plural, o σ desaparece e o φ assimila-se ao θ, resultando em φθ. Na terceira pessoa do plural, o uso do particípio é necessário porque a combinação de consoante mais -ντ- não aconteceu no sistema de som da linguagem.

Para temas terminados em dental (τ, δ, θ), as mudanças de forma são assim (o paradigma é do verbo βαπτίζω, radical do perfeito βεβαπτιδ-):

Voz média, modo indicativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	βεβάπτισ-μαι	βεβαπτίσ-μεθα
2ª pessoa	βεβάπτισαι	βεβάπτισ-θε
3ª pessoa	βεβάπτισ-ται	βεβαπτισ-μένοι (-αι, -α) εἰσί(ν)

Voz média, modo indicativo, tempo mais-que-perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	(ἐ)-βεβαπτίσ-μην	(ἐ)-βεβαπτίσ-μεθα
2ª pessoa	(ἐ)-βεβάπτισο	(ἐ)-βεβάπτισ-θε
3ª pessoa	(ἐ)-βεβάπτισ-το	βε-βαπτισ-μένοι (-αι, -α) ἦσαν

A combinação de uma labial (neste caso -δ) com as desinências do sistema do perfeito médio resulta nas seguintes mudanças de som: δ + μ > σμ; δ + σ > σ; δ + τ > στ. Na segunda pessoa do plural, o δ muda-se para σ a fim

de evitar a ocorrência de dois θ em sucessão. Na terceira pessoa do plural, o uso do particípio é necessário porque a combinação de consoante mais -ντ- não aconteceu no sistema de som da linguagem.

Para palavras cujo radical do perfeito termina em líqüida (λ, ρ) ou em nasal (μ, ν), há as seguintes regras:

As líqüidas não têm σ antes de θ na segunda pessoa do plural (e.g., ἐσταλ-, o radical do perfeito de στέλλω, *envio*, tem ἔσταλθε na segunda pessoa do plural, tanto nas desinências do perfeito quanto nas do mais-que-perfeito). De outro modo, as líqüidas não têm mudanças na consoante final do radical, exceto para o uso do particípio na terceira pessoa do plural, necessário porque a combinação de consoante mais -ντ- não aconteceu no sistema de som da linguagem.

As nasais mudam ν para μ antes de μ na primeira pessoa do singular e plural e no particípio (e.g., para o radical nasal ἐξηραν-, do verbo ξηραίνω, *seco, enxugo*, a primeira pessoa do singular e plural são ἐξήραμμαι e ἐξηράμμεθα, ἐξηράμμην e ἐξηράμμεθα, respectivamente, com o particípio ἐξηραμμένοι). O σ cai na segunda pessoa do plural (ἐξήρανθε). O particípio é usado na terceira pessoa do plural, como para outros radicais em consoante listados acima, e pela mesma razão.

Regras de acentuação 26.

Nas formas verbais que têm aumento, o acento não vai além do aumento. (Esta regra é relevante apenas para verbos compostos.) Daí a forma ἀπεῖχεν (Mt 14,24) do verbo composto ἀπέχω, a forma ἐνεῖχεν (Mc 6,19) do verbo composto ἐνέχω, e a forma κατεῖχεν (Lc 4,42) do verbo κατέχω.

Vocabulário.

ἀστήρ, -έρος, ὁ [N 24m, N 33] *estrela; astro.* [O dativo plural é ἄστροις.]

παρουσία, -ας, ἡ [N 2] *vinda; presença.*

ἐλεύθερος, -α, -ον [Adj 2] *livre.*

ἄρτι [Adv 2] *agora; agora há pouco; de uma vez.*

εὐθέως [Adv 2] *imediatamente.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. καὶ περὶ τὴν κεφαλὴν τῆς γυναῖκος ἦσαν δώδεκα ἄστερες. (Ap 12,1)
2. ἀλλ' οὐκ ἔσται εὐθέως τὸ τέλος. (Lc 21,9)
3. πῶς οὖν βλέπεις ἄρτι; (Jo 9,19)
4. οὕτως ἔσται ἡ παρουσία τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου. (Mt 24,27)
5. ἄρα γε ἐλεύθεροί εἰσιν οἱ υἱοί. (Mt 17,26)

II. Traduza para o grego:

1. Senhor, quais serão os sinais da tua vinda? (Mt 24,3)
2. Se temos a verdade, somos livres.
3. Quantas estrelas há nos céus?

III. Mc 6,37-40.

Lição 35

Perfeito do imperativo, do infinitivo, do subjuntivo e do optativo médios de λύω. O substantivo χείρ. Regras de acentuação 27.

Perfeito do imperativo, do infinitivo, do subjuntivo e do optativo médios de λύω.

Não há perfeito do imperativo, do infinitivo, do subjuntivo ou do optativo médios no Novo Testamento. As formas dadas nesta lição são para ajudar o estudante a completar outras formas da voz média usadas e para preparar a apresentação do perfeito passivo. Cf. lição 42.

O perfeito do imperativo médio de λύω conjuga-se do seguinte modo (cf. V 1; PV 2):

Voz média, modo imperativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
2ª pessoa	λέλυ-σο	λέλυ-σθε
3ª pessoa	λελύ-σθω	λελύ-σθωσαν

O perfeito do infinitivo médio de λύω é λελύ-σθαι (cf. V 1; PV 2). O perfeito do infinitivo médio de φυλάσσω é πεφυλάχ-θαι; de γράφω, γεγράφ-θαι; de βαπτίζω, βεβαπτίσ-θαι; de στέλλω, ἐστάλ-θαι.

O perfeito do subjuntivo e do optativo médios formam-se respectivamente com o particípio perfeito médio e o presente do subjuntivo e do optativo de εἰμί (cf. V 1; PV 2, Adj 1):

Voz média, modo subjuntivo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	λελυμένος, -η, -ον ὦ	λελυμένοι, -αι, -α ὦμεν
2ª pessoa	λελυμένος, -η, -ον ᾖς	λελυμένοι, -αι, -α ἦτε
3ª pessoa	λελυμένος, -η, -ον ᾖ	λελυμένοι, -αι, -α ὦσι(ν)

Voz média, modo optativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	λελυμένος, -η, -ον εἴην	λελυμένοι, -αι, -α εἴημεν
2ª pessoa	λελυμένος, -η, -ον εἴης	λελυμένοι, -αι, -α εἴητε
3ª pessoa	λελυμενος, -η, -ον εἴη	λελυμένοι, -αι, -α εἴησαν

Não há perfeito do optativo médio no Novo Testamento. As formas do optativo dadas acima são para ajudar os estudantes a se orientar nas conjugações perifrásticas em que uma forma do verbo εἰμί é usada com particípio.

O significado desses modos no tempo perfeito da voz média pode ser inferido do significado do tempo perfeito ativo destes modos (cf. lição 25 e, para o optativo, lição 14 para o tempo presente) junto com o significado da voz média (cf. lição 26).

Isto conclui a apresentação da voz média de λύω (lições 26-35). O fato de que à voz média tenha sido dada atenção quantitativamente comparável à dada à voz ativa (lições 9-24) e à voz passiva (lições 36-42) não deve ser tomado como indicação de que a voz média seja igual em importância às outras duas vozes, pois não é. Mas a voz média tem seu papel no Novo Testamento, tanto por seu próprio valor quanto por formular sentido para alguns verbos depoentes (como será explicado na lição 45). Estes fatos, mais do que necessários para apresentar com clareza a voz média, de modo a distingui-la das vozes ativa e passiva, tornando possível a melhor compreensão destas duas vozes amplamente mais importantes, são as razões para apresentar a voz média tão extensivamente quanto a que é dada aqui.

O substantivo χείρ.

O substantivo χείρ, *mão*, declina-se como segue (cf. N 24f, N 33):

	Singular	Plural
n	χείρ	χεῖρες
v	χείρ	χεῖρες
g	χειρός	χειρῶν
d	χειρί	χερσί(ν)
a	χεῖρα	χεῖρας

O dativo plural tem uma sílaba abreviada na radical, χερ- em vez de χειρ-.

Regras de acentuação 27.

No particípio perfeito ativo, o acento fica sobre a última sílaba no nominativo masculino e neutro e permanece sobre a mesma sílaba (isto é, sobre a última sílaba do radical) por toda a declinação do masculino e neutro. Cf. os paradigmas dados na lição 25 e Adj 17.

Vocabulário.

χείρ, χειρός, ἡ [N 24f, N 33] *mão.*

ἀργύριον, -ου, τό [N 7] *prata; dinheiro.*

ζῷον, -ου, τό [N 7] *animal.*

θυσιαστήριον, -ου, τό [N 7] *altar.*

κοιλία, -ας, ἡ [N 2] *estômago; ventre.*

μετάνοια, -ας, ἡ [N 2] *arrependimento; mudança de opinião; conversão.*

πληγή, -ῆς, ἡ [N 1] *chaga; golpe; calamidade.*

πλοῦτος, -ου, ὁ [N 6m] *riqueza.* Esta palavra também se encontra como um neutro no nominativo e acusativo: τὸ πλοῦτος [N 31].

συνέδριον, -ου, τό [N 7] *Sinédrio; conselho.*

χιλίαρχος, -ου, ὁ [N 6m] *oficial (militar),* isto é, *tribuno; quiliarco.*

λευκός, -ή, -όν [Adj 1] *branco.*

νέος, -α, -ον [Adj 2] *novo; jovem.* A vogal na raiz desta palavra nunca se contrai.

περισσός, -ή, -όν [Adj 1] *desmedido; supérfluo; excedente.* Esta palavra encontra-se também como advérbio: περισσόν [Adv 3]: *ainda mais; desmedidamente.*

ὥσπερ [Conj] *assim; desse modo; como.*

καλῶς [Adv 3] *bem.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἐγὼ ἔρχομαι ἵνα ζωὴν ἔχωσιν καὶ περισσὸν ἔχωσιν. (Jo 10,10)
2. ἔχομεν θυσιαστήριον ἐξ οὗ ἐσθίειν οὐκ ἔχουσιν ἐξουσίαν οἱ ἄλλοι. (Hb 13,10)
3. οὐ γὰρ νίπτονται τὰς χεῖρας αὐτῶν ὅταν ἄρτον ἐσθίωσιν. (Mt 15,2)
4. καὶ καλῶς λέγετε, εἰμὶ γάρ. (Jo 13,13)
5. ὁ θεὸς αὐτῶν ἡ κοιλία. (Fl 3,19)
6. ὁ Χριστὸς ἐν ὑμῖν ἐστιν τὸ πλοῦτος τῆς δόξης τοῦ μυστηρίου ἐν τοῖς ἔθνεσιν. (Cl 1,27)
7. ὁ θεός, οὐκ εἰμὶ ὥσπερ οἱ λοιποὶ τῶν ἀνθρώπων. (Lc 18,11)
8. τὸ ἀργύριόν σου σὺν σοὶ εἴη εἰς θάνατον. (At 8,20)
9. τὸν νεανίαν τοῦτον ἄγε πρὸς τὸν χιλίαρχον. (At 23,17)
10. καὶ εἶπεν ὁ νεώτερος αὐτῶν τῷ πατρί... (Lc 15,12)
11. καὶ ἦγον τὸν Ἰησοῦν εἰς τὸ συνέδριον αὐτῶν. (Lc 22,66)
12. τὰ δὲ ἱμάτια αὐτοῦ ἦν λευκά. (Mt 17,2)
13. καὶ ἔβλεψα ἄλλο σημεῖον ἐν τῷ οὐρανῷ μέγα, ἀγγέλους ἔχοντας τὰς ἐσχάτας πληγάς. (Ap 15,1)
14. ἐγὼ μὲν ὑμᾶς βαπτίζω εἰς μετάνοιαν. (Mt 3,11)
15. τὸ τρίτον ζῷον εἶχε τὸ πρόσωπον ὡς ἀνθρώπου. (Ap 4,7)
16. τὸ δὲ περισσὸν τούτων ἐκ τοῦ πονηροῦ ἐστιν. (Mt 5,37)

II. Traduza para o grego:

1. Agora Jesus falava a verdade diante do Sinédrio. (Jo 8,45)
2. O justo não tem necessidade de arrependimento. (Lc 15,7)
3. Que será então essa criança? A mão do Senhor, de fato, está com ela. (Lc 1,66)

III. Mc 6,41-47.

Lição 36

O significado da voz passiva.
Presente e imperfeito do indicativo passivo; presente do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do infinitivo e do particípio passivos de λύω.
Regras de acentuação 28.

O significado da voz passiva.

A voz passiva indica que o sujeito gramatical de uma oração é de um ou outro modo receptor de uma ação (cf. lição 26). O agente da passiva normalmente é expresso, se for expresso, pelo uso da preposição ὑπό com o caso genitivo (cf. lição 10). ὑπό com o genitivo usa-se normalmente para expressar o agente da ação, se esse agente for uma pessoa. Se o agente for impessoal, usa-se normalmente o dativo simples sem preposição. Este dativo simples (dativo de agente ou de causa eficiente) é também usado com verbos não-passivos, para expressar ação impessoal.

Em grego, as formas da voz passiva são as mesmas formas da voz média de todos os modos do sistema do presente e do perfeito. Então, o valor preciso destas formas verbais pode ser determinado apenas pelo contexto. *Nos tempos futuro e aoristo, por outro lado, as formas da voz passiva são claramente distintas das formas da voz média.* Assim, seu valor preciso pode ser determinado não apenas pelo contexto, mas pela própria forma.

Embora as formas do sistema do presente e do perfeito tenham já sido dadas implicitamente antes, na apresentação das formas médias dos tempos presente e perfeito, visto que as formas passivas são as mesmas que as formas médias nestes tempos, estas formas serão repetidas nesta e nas lições seguintes. Esta repetição ajudará o estudante a compreender que, apesar de as formas dessas duas vozes serem as mesmas em seus sistemas, o significado é diferente. (Cf. lições 26-29 para o sistema do presente da voz média, e lições 34-35 para o sistema do perfeito.)

Presente e imperfeito do indicativo passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do infinitivo e do particípio passivos de λύω.

O presente do indicativo passivo de λύω conjuga-se da seguinte maneira (cf. V 1; PV 3):

Voz passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύ-ομαι	λυ-όμεθα
2ª pessoa	λύ-ῃ	λύ-εσθε
3ª pessoa	λύ-εται	λύ-ονται
	sou libertado	*somos libertados*
	és libertado	*sois libertados*
	é libertado	*são libertados*

A forma λύῃ é uma contração de λύεσαι (λύεσαι > λύεαι > λύηι > λύῃ).
Para o significado do modo indicativo, cf. lição 2. Para o significado do tempo presente no modo indicativo, cf. lição 9.

ὁ δοῦλος λύεται ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo é libertado pelo seu senhor.

O imperfeito do indicativo de λύω conjuga-se como segue (cf. V 1; PV 3):

Voz passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-λυ-όμην	ἐ-λυ-όμεθα
2ª pessoa	ἐ-λύ-ου	ἐ-λύ-εσθε
3ª pessoa	ἐ-λύ-ετο	ἐ-λύ-οντο
	era libertado	*éramos libertados*
	eras libertado	*éreis libertados*
	era libertado	*eram libertados*

A forma ἐλύου é uma contração de ἐλύεσο.
Para o significado do tempo imperfeito do modo indicativo, cf. lição 10.

ὁ δοῦλος ἐλύετο ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo era libertado pelo seu senhor.

O presente do imperativo passivo de λύω se conjuga (cf. V 1; PV 3):

Voz passiva, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	λύ-ου	λύ-εσθε
3ª pessoa	λυ-έσθω	λυ-έσθωσαν
	sê libertado	*sede libertados*
	seja libertado	*sejam libertados*

A forma λύου é uma contração de λύεσο.

Para o significado do tempo presente do modo imperativo, cf. lição 12 e lição 4.

λυέσθω ὁ δοῦλος ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
Seja libertado o escravo pelo seu senhor.

O presente do subjuntivo passivo de λύω conjuga-se do seguinte modo (cf. V 1; PV 3):

Voz passiva, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λύ-ωμαι	λυ-ώμεθα
2ª pessoa	λύ-ῃ	λύ-ησθε
3ª pessoa	λύ-ηται	λύ-ωνται

A forma λύῃ é uma contração de λύησαι (λύησαι > λύηαι > λύηι > λύῃ).

Para o significado do tempo presente do modo subjuntivo, cf. lição 13 e lição 5.

ὁ δοῦλος ἔρχεται ἵνα λύηται ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo vem, para que seja libertado pelo seu senhor.

O presente do optativo passivo de λύω conjuga-se do seguinte modo (cf. V 1; PV 3):

Voz passiva, modo optativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	λυ-οίμην	λυ-οίμεθα
2ª pessoa	λύ-οιο	λύ-οισθε
3ª pessoa	λύ-οιτο	λύ-οιντο

A forma λύοιο vem de λύοισο.

Para o significado do tempo presente do modo optativo, cf. lição 14 e lição 6.

λύοιτο ὁ δοῦλος ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
Possa o escravo ser libertado pelo seu senhor.

O infinitivo presente passivo de λύω é λύεσθαι (cf. V 1; PV 3).

Para o significado do tempo presente do modo infinitivo, cf. lição 15 e lição 4.

λέγω τὸν δοῦλον λύεσθαι ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
Digo que o escravo seja libertado pelo seu senhor.

O particípio presente passivo de λύω declina-se como segue (cf. V 1; PV 3, Adj 1):

Voz passiva, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυ-όμενος	λυ-ομένη	λυ-όμενον
v	λυ-όμενε	λυ-ομένη	λυ-όμενον
g	λυ-ομένου	λυ-ομένης	λυ-ομένου
d	λυ-ομένῳ	λυ-ομένῃ	λυ-ομένῳ
a	λυ-όμενον	λυ-ομένην	λυ-όμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυ-όμενοι	λυ-όμεναι	λυ-όμενα
v	λυ-όμενοι	λυ-όμεναι	λυ-όμενα
g	λυ-ομένων	λυ-ομένων	λυ-ομένων
d	λυ-ομένοις	λυ-ομέναις	λυ-ομένοις
a	λυ-ομένους	λυ-ομένας	λυ-όμενα

Para o significado do tempo presente no modo particípio, cf. lição 16 e lição 7.

O radical do presente indica ação não terminada (cf. lição 9). No modo indicativo, este radical indica tempo presente primário, se não houver aumento, e tempo passado primário, se houver. O indicativo, combinado com o radical do presente, indica ação não terminada, isto é, que está em aberto e, portanto, freqüente, continuada ou repetida (cf. lição 9 para o presente do indicativo e lição 10 para o imperfeito). Nos outros modos, o radical do presente, que indica ação não terminada, tem implicações próprias. No sistema do presente, o imperativo normalmente veicula a idéia de preceito geral (cf. lição 12). No sistema do presente, o subjuntivo e o optativo indicam uma

ação vista como continuada ou repetida, ou como habitual, ou que está sendo descrita (cf. lições 13 e 14). Isso pode ser verdadeiro também para o infinitivo. Mas o infinitivo e o particípio em geral ficam em relação de contemporaneidade com o verbo principal do qual dependem (cf. lições 15 e 16). Devemos considerar sua modulação mediante as perspectivas geradas pelo aspecto (conhecido pelo radical), pelo modo e pela voz, notando como interagem para qualificar o significado de algum verbo em determinado contexto.

Isso completa a apresentação dos modos no sistema do presente passivo de λύω.

Regras de acentuação 28.

No infinitivo perfeito ativo, o acento fica na penúltima sílaba, ainda que a sílaba final seja breve: λελυκέναι.

Vocabulário.

ἀκροβυστία, -ας, ἡ [N 2] *prepúcio; incircuncisão* [freqüentemente usado como substantivo coletivo, referindo-se àqueles que não são judeus].

διδασκαλία, -ας, ἡ [N 2] *ensino; ensinamento*. Esta palavra significa tanto o ato de ensinar quanto o conteúdo do que é ensinado.

ἑκατοντάρχης, -ου, ὁ [N 4] *centurião* (oficial militar romano). Este significado é também expresso pela palavra ἑκατόνταρχος, -ου, ὁ [N 6m].

ἐπιστολή, -ῆς, ἡ [N 1] *carta; epístola.*

πειρασμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *prova; tentação.*

τελώνης, -ου, ὁ [N 4] *coletor de impostos; publicano.*

χιλιάς, -άδος, ἡ [N 14f] *mil; milhar.*

τεσσαράκοντα / τεσσεράκοντα[Adj 21] *quarenta.*

ἁγιάζω (ἁγιάσω) [V 5; PV 1-3] *consagro* (a Deus); *purifico*; *santifico.*

βαστάζω (βαστάσω) [V 5; VD 37; PV 1-3] *porto; suporto; carrego.*

καθαρίζω (καθαρίσω) [V 5; VD 136; PV 1-3) *limpo; purifico* (ritualmente).

σκανδαλίζω (σκανδαλίσω) [V 5; PV 1-3] *perturbo* (isto é, *levo a pecar*, o significado mais comum no Novo Testamento, ou *escandalizo*, o significado mais comum hoje; ou ambos juntos).

οὔπω, μήπω [Adv 2, Neg] *não ainda*. Estas palavras são distintas de acordo com os princípios para distinção de οὐ e μή.

πάντοτε [Adv 2] *sempre*.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. καὶ ἦν ἐν τῇ ἐρήμῳ τεσσεράκοντα ἡμέρας πειραζόμενος ὑπὸ τοῦ διαβόλου. (Mc 1,13) [A palavra ἡμέρας está no acusativo, expressando duração temporal; cf. lição 79.]
2. ὁ θεὸς καθαρίζει τὰς καρδίας αὐτῶν. (At 15,9)
3. ὅ τε γὰρ ἁγιάζων καὶ οἱ ἁγιαζόμενοι ἐξ ἑνὸς πάντες. (Hb 2,11) [Note-se que a primeira palavra nesta oração é o artigo ὁ; ele tem acento porque é seguido de uma enclítica.]
4. ἡ διδασκαλία τοῦ Κυρίου οὐ μόνον διὰ ῥημάτων ἦν.
5. ἀλλ' οὔπω ἐστὶν τὸ τέλος. (Mt 24,6)
6. λέγω μήπω εἶναι τὸ τέλος.
7. πειρασμός ἐστιν ἑκάστῳ ἀνθρώπῳ.
8. καὶ ἐσκανδαλίζοντο ἐν αὐτῷ. (Mt 13,57)
9. ἡ ἐπιστολὴ ἡμῶν ὑμεῖς ἐστε. (2Cor 3,2)
10. πάντοτε γὰρ τοὺς πτωχοὺς ἔχετε μεθ' ὑμῶν, ἐμὲ δὲ οὐ πάντοτε ἔχετε. (Mt 26,11)
11. ἔστω σοι ὥσπερ ὁ τελώνης. (Mt 18,17)
12. ἐν γὰρ Χριστῷ Ἰησοῦ οὔτε περιτομή τι ἰσχύει οὔτε ἀκροβυστία. (Gl 5,6) [A palavra τι é um "acusativo de relação", isto é, um acusativo que indica "em relação a que" algo se afirma. Aqui, em relação a "algo"; com a negativa, em relação a "nada".]
13. μακαρία ἡ κοιλία ἡ βαστάσασά σε. (Lc 11,27)
14. χιλιάδες ἀγγέλων ἦσαν ἔμπροσθεν τοῦ θεοῦ. (At 10,4)
15. ἑκατοντάρχου δέ τινος δοῦλος ἀσθενὴς ἦν. (Lc 7,2)

II. Traduza para o grego:

1. Os discípulos de Cristo são santificados pelo espírito da verdade. (Jo 17,17.19)
2. A cruz é carregada pelos discípulos de Cristo. (Lc 14,27)
3. Os apóstolos querem ser limpos de seus pecados. (1Jo 1,7)

III. Mc 6,48-49.

Lição 37

O aoristo passivo fraco e forte.
Aoristo do indicativo e do imperativo passivos de λύω. O substantivo ἀνήρ.

O aoristo passivo fraco e forte.

As formas de aoristo da voz passiva são diferentes das formas de aoristo da voz média (cf. lição 36). As formas do aoristo passivo são divididas em duas categorias, sem diferença de significado: 1) aoristo passivo "fraco" (muito mais numeroso) e aoristo passivo "forte".

1) As formas do aoristo passivo fraco são caracterizadas por um θη como marcador do aoristo passivo. No indicativo, imperativo e infinitivo, este θη encontra-se não mudado; no subjuntivo, o η é absorvido; no optativo e particípio, o η torna-se ε.

2) As formas do aoristo passivo forte não têm esse θ distintivo, mas têm o η no seu lugar. Este η no aoristo passivo forte comporta-se como o θη no aoristo passivo fraco.

Ambos os aoristos passivos, fraco e forte, são por outro lado indistinguíveis, partilhando as mesmas desinências em todos os modos. (O aoristo passivo forte será apresentado na lição 41.)

Como a consoante que indica o aoristo passivo fraco, θ, vem imediatamente depois da raiz do verbo, mudanças consonantais são freqüentemente necessárias. As seguintes regras devem ser notadas:

Raízes terminando em palatal (κ, γ, χ) têm a palatal χ. Assim, ἄγω torna-se ἤχθην no aoristo do indicativo passivo.

Raízes terminando em labial (π, β, φ) têm a labial φ. Assim, πέμπω torna-se ἐπέμφθην no aoristo do indicativo passivo.

Raízes terminando em dental (τ, δ, θ) têm um σ. Assim, βαπτίζω torna-se ἐβαπτίσθην no aoristo do indicativo passivo.

Raízes nasais e líqüidas serão tratadas uma a uma, conforme ocorram, pois são freqüentemente irregulares. ξηραίνω (cf. lição 34) torna-se ἐξηράνθην; στέλλω (cf. lição 34) tem aoristo passivo forte, que será apresentado em uma próxima lição.

Deve-se notar que verbos, cujo radical do presente termina em σσ têm χ diante do θ, quando são aoristos passivos fracos: φυλάσσω torna-se ἐφυλάχθην. [Os σσ indicam algum tipo de gutural.]

Aoristo do indicativo e do imperativo passivos de λύω.

λύω tem aoristo passivo fraco. No modo indicativo, há um aumento que se forma do mesmo modo que outros aumentos (cf. lições 10, 18, 31). O aoristo do indicativo passivo de λύω forma-se como segue, sendo radical do aoristo passivo λυθη- (a raiz verbal λυ mais o marcador do aoristo passivo fraco θη) (cf. V 1; PV 3):

Voz passiva, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-λύθη-ν	ἐ-λύθη-μεν
2ª pessoa	ἐ-λύθη-ς	ἐ-λύθη-τε
3ª pessoa	ἐ-λύθη	ἐ-λύθη-σαν
	fui libertado	*fomos libertados*
	foste libertado	*fostes libertados*
	foi libertado	*foram libertados*

Para o significado do tempo aoristo no modo indicativo, cf. lição 18. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος ἐλύθη ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo foi liberto por seu senhor.

O aoristo do imperativo passivo de λύω conjuga-se do seguinte modo (cf. V 1; PV 3):

Voz passiva, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	λύθη-τι	λύθη-τε
3ª pessoa	λυθή-τω	λυθή-τωσαν
	sê liberto	*sede libertos*
	seja liberto	*sejam libertos*

As letras finais da segunda pessoa do singular são -θηθι, mas o θ final muda-se por dissimilação em τ a fim de evitar dois tetas consecutivos. ("Dissimilação" significa o desenvolvimento de um dissimilaridade entre dois sons indênticos.) Assim, o segundo θ de -θηθι torna-se τ a fim de fazê-lo dissimilar do primeiro θ. Este fenômeno já foi apresentado na formação da reduplicação em verbos que começam com consoante aspirada (cf. lição 23).

Para o significado do tempo aoristo no modo imperativo, cf. lição 19 e lição 4. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

λυθήτω ὁ δοῦλος παραχρῆμα ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτου.
Seja o escravo imediatamente liberto por seu senhor.

O substantivo ἀνήρ.

O substantivo ἀνήρ, *homem* ou *marido*, declina-se como segue (cf. N 24m, N 33):

	Singular	Plural
n	ἀνήρ	ἄνδρες
v	ἄνερ	ἄνδρες
g	ἀνδρός	ἀνδρῶν
d	ἀνδρί	ἀνδράσι(ν)
a	ἄνδρα	ἄνδρας

Vocabulário.

ἀνήρ, ἀνδρός, ὁ [N 33] *homem; marido.*

μαρτύριον, -ου, τό [N 7] *testemunho; evidência.*

ξύλον, -ου, τό [N 7] *madeira; pau; árvore.*

οὖς, ὠτός, τό [N 33] *orelha; ouvido.*

πῦρ, πυρός, τό [N 33] *fogo.*

σκηνή, -ῆς, ἡ [N 1] *tenda.*

ὕδωρ, ὕδατος, τό [N 33] *água.*

ὑπηρέτης, -ου, ὁ [N 4] *atendente; servente.*

φῶς, φωτός, τό [N 17] *luz.*

ἑπτά [Adj 21] *sete.*

ἀγοράζω (ἀγοράσω) [V 5; PV 1-3] *compro; resgato.*

ἀποκαλύπτω [ἀπό + καλύπτω] [V 4, V 5; VD 43; PV 1-3] *revelo; divulgo.*

δουλεύω [V 1; PV 1-3] *sirvo; sirvo como escravo.* Esta palavra rege o caso dativo.

θεραπεύω [V 1; PV 1-3] *curo; sirvo; tenho cuidado por.*

θερίζω (θερίσω) [V 5; VD 123; PV 1-3] *colho; ceifo.*

κελεύω [V 1; PV 1-3] *ordeno; mando.*

ναί [Part] *sim; certamente.*

ὁμοίως [Adv 3] *semelhantemente; da mesma forma; de modo semelhante.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἡ σκήνη τοῦ μαρτυρίου ἦν τοῖς πατράσιν ἡμῶν ἐν τῇ ἐρήμῳ. (At 7,44)
2. ἄρα οὖν αὐτὸς ἐγὼ τῷ μὲν νοῒ δουλεύω νόμῳ θεοῦ, τῇ δὲ σαρκὶ νόμῳ ἁμαρτίας. (Rm 7,25) [Os dativos τῷ νοῒ e τῇ σαρκὶ podem ser considerados dativos de relação, isto é, são usados para indicar em que relação as afirmações sobre "servir" são verdadeiras.]
3. ὁμοίως καὶ ὁ δεύτερος καὶ ὁ τρίτος ἕως τῶν ἑπτά. (Mt 22,26)
4. ἠγοράσθητε γὰρ τιμῆς· διὸ δοξάσατε τὸν θεὸν ἐν τῷ σώματι ὑμῶν. (1Cor 6,20) [τιμῆς é genitivo de preço: *de um preço.* Aqui, idiomaticamente, *por um preço.*]
5. καὶ ἰδοὺ εἷς τῶν δώδεκα ἔρχεται καὶ μετ' αὐτοῦ ὄχλος πολὺς μετὰ μαχαιρῶν καὶ ξύλων ἀπὸ τῶν ἀρχιερέων. (Mt 26,47)
6. ὅτε οὖν ἔβλεψαν αὐτὸν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ ὑπηρέται ἔκραξαν. (Jo 19,6)
7. πολλοὶ ἄνδρες ἦσαν ἐσθίοντες χωρὶς γυναικῶν καὶ παιδίων. (Mt 15,38)
8. καὶ ἐθερίσθη ἡ γῆ. (Ap 14,16)
9. ἔστω δὲ ὁ λόγος ὑμῶν ναὶ ναί, οὔ οὔ. (Mt 5,37)
10. τὰ δὲ ἱμάτια αὐτοῦ ἦν λευκὰ ὡς τὸ φῶς. (Mt 17,2)
11. μακάριος εἶ, ὅτι σὰρξ καὶ αἷμα οὐκ ἀπεκάλυψέν σοι ἀλλ' ὁ πατήρ μου ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς. (Mt 16,17)

12. ἐγὼ μὲν ὑμᾶς βαπτίζω ἐν ὕδατι εἰς μετάνοιαν. (Mt 3,11)
13. ἐν τῇ ἀναστάσει οὖν τίνος τῶν ἑπτὰ ἔσται γυνή; (Mt 22,28)
14. αὐτὸς ὑμᾶς βαπτίσει ἐν πνεύματι ἁγίῳ καὶ πυρί. (cf. Mt 3,11)
15. ἐν ἐκείνῃ τῇ ὥρᾳ ἐθεράπευσεν πολλοὺς ἀπὸ νόσων καὶ πνευμάτων πονηρῶν. (Lc 7,21)
16. εἴ τις ἔχει ὦτα ἀκούειν ἀκουέτω. (Mc 4,23)
17. βλέψας δὲ ὁ Ἰησοῦς ὄχλον περὶ αὐτὸν ἐκέλευσεν ἔρχεσθαι εἰς τὸ πέραν. (Mt 8,18) [ἔρχεσθαι é o infinitivo presente de ἔρχεται.]

II. Traduza para o grego:

1. Sê curado pela minha palavra. [Para "pela minha palavra" use o dativo simples, sem preposição; cf. lição 36.]
2. A palavra foi ouvida pelos apóstolos.
3. Deus queria revelar seu Filho em mim. (Gl 1,16)

III. Mc 6,50-56.

Lição 38

Aoristo do subjuntivo e do optativo passivos de λύω.
Regras de acentuação 29.

Aoristo do subjuntivo e do optativo passivos de λύω.

O aoristo do subjuntivo passivo de λύω conjuga-se como segue (cf. V 1; PV 3). O η do marcador de tempo θη é absorvido pela vogal longa na desinência do subjuntivo.

Voz passiva, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	λυθ-ῶ	λυθ-ῶμεν
2ª pessoa	λυθ-ῇς	λυθ-ῆτε
3ª pessoa	λυθ-ῇ	λυθ-ῶσι(ν)

Para o significado do tempo aoristo no modo subjuntivo, cf. lição 20 e lição 5. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος ἔρχεται ἵνα λυθῇ ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo vem para que seja liberto pelo seu senhor.

O aoristo do optativo passivo de λύω conjuga-se como segue (cf. V 1; PV 3). O marcador de tempo θη torna-se θε no optativo, e o ε forma ditongo com o ι do marcador do optativo ιη.

Voz passiva, modo optativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	λυθείην	λυθείημεν
2ª pessoa	λυθείης	λυθείητε
3ª pessoa	λυθείη	λυθείησαν

Para o significado do tempo aoristo no modo optativo, cf. lição 21 e lição 6. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

λυθείη ὁ δοῦλος ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
Possa o escravo ser liberto pelo seu senhor.

Regras de acentuação 29.

O aoristo do subjuntivo passivo tem acento circunflexo em cada desinência, porque isso é resultado de contração. Cf. o paradigma acima do aoristo do subjuntivo passivo de λύω.

Vocabulário.

ἀνάγκη, -ης, ἡ [N 1] *necessidade; carestia; restrição.*

ἀποκάλυψις, -εως, ἡ [N 28f] *revelação.*

ἀπώλεια, -ας, ἡ [N 2] *destruição; devastação; desperdício.*

γεωργός, -οῦ, ὁ [N 6m] *agricultor; camponês.*

δῶρον, -ου, τό [N 7] *dom; oferta.*

ἐπίγνωσις, -εως, ἡ [N 28f] *conhecimento.*

κοινωνία, -ας, ἡ [N 2] *sociedade; participação; companhia; comunhão.*

κτίσις, -εως, ἡ [N 28f] *criação.* Esta palavra pode significar tanto o ato de criação como o que foi criado.

προφητεία, -ας, ἡ [N 2] *profecia.*

ἐπουράνιος, -ος, -ον [Adj 5] *celeste.*

οἷος, -α, -ον [Adj 2] *tal; assim como.*

παλαιός, -ά, -όν [Adj 2] *antigo; anterior.*

τέλειος, -α, -ον [Adj 2] *completo; perfeito.*

τοσοῦτος, -αύτη, -οῦτον [Adj 1 e Adj 1Pro] *qual, assim grande; tanto, tão numeroso* (pl.). A forma τοσοῦτο encontra-se também no neutro singular [Adj 1Pro].

ἐπεί [Conj] *porque; já que.*

ἴδε [Inter] *eis* [Não há diferença de sentido entre esta palavra e ἰδού.]

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἀλλὰ ταῦτα τί ἐστιν εἰς τοσούτους; (Jo 6,9)

2. ἀγαπητοί, οὐκ ἐντολὴν καινὴν γράφω ὑμῖν, ἀλλ' ἐντολὴν παλαιὰν ἣν εἴχετε ἀπ' ἀρχῆς. ἡ ἐντολὴ ἡ παλαιά ἐστιν ὁ λόγος ὃν ἠκούσατε. (1Jo 2,7)
3. εἰς τί ἡ ἀπώλεια αὕτη; (Mt 26,8)
4. οἷος ὁ ἐπουράνιος, τοιοῦτοι καὶ οἱ ἐπουράνιοι. (1Cor 15,48)
5. ἔσται γὰρ ἀνάγκη μεγάλη ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ὀργὴ τῷ λαῷ τούτῳ. (Lc 21,23)
6. Ἴδε ἡ μήτηρ μου καὶ οἱ ἀδελφοί μου. (Mc 3,34)
7. ὥστε αἱ γλῶσσαι εἰς σημεῖόν εἰσιν οὐ τοῖς πιστεύουσιν ἀλλὰ τοῖς ἀπίστοις, ἡ δὲ προφητεία οὐ τοῖς ἀπίστοις ἀλλὰ τοῖς πιστεύουσιν. (1Cor 14,22)
8. ὁ πατήρ μου ὁ γεωργός ἐστιν. (Jo 15,1)
9. ἔσεσθε οὖν ὑμεῖς τέλειοι ὡς ὁ πατὴρ ὑμῶν ὁ οὐράνιος τελειός ἐστιν. (Mt 5,48)
10. διὰ νόμου ἐπίγνωσις ἁμαρτίας. (Rm 3,20)
11. οἱ ὀφθαλμοί μου ἔβλεψαν τὸ φῶς εἰς ἀποκάλυψιν ἐθνῶν καὶ δόξαν λαοῦ σου. (Lc 2,30-32)
12. τυφλοί, τί γὰρ μεῖζον, τὸ δῶρον ἢ τὸ θυσιαστήριον τὸ ἁγίαζον τὸ δῶρον; (Mt 23,19)
13. ἐκεῖνα τὰ ἀργύρια τιμὴ αἵματός ἐστιν. (Mt 27,6)
14. κηρύξατε τὸ εὐαγγέλιον πάσῃ τῇ κτίσει. (Mc 16,15)
15. οὐχὶ ὁ ἄρτος κοινωνία τοῦ σώματος τοῦ Χριστοῦ ἐστιν; (1Cor 10,16)

II. Traduza para o grego:
1. O testemunho de Jesus Cristo era o espírito de profecia. (Ap 19,10)
2. Jesus vem para que cada um que queira seja batizado.
3. Os antigos dons de Deus não eram tão bons como os novos.

III. O estudante teve até aqui a oportunidade de trabalhar cuidadosamente os seis primeiros capítulos do evangelho de Marcos. É tempo de retornar ao começo desse evangelho e rever a matéria vista, mas agora com um considerável aumento de habilidade para entender o texto. O texto deve agora começar a tornar-se inteligível ao estudante de modo significativo.

Ler Mc 1,1-8, primeiro sem consultar traduções, relendo inteiramente de memória. Então reler o texto, verificando alguns pontos duvidosos em relação à matéria já vista nas lições anteriores. Finalmente, ler os versículos em voz alta pelo menos três vezes. A leitura em voz alta deve ser sem pressa, valorizando mais a precisão do que a rapidez.

Lição 39

Aoristo do particípio e do infinitivo passivos de λύω.
Regras de acentuação 30.

Aoristo do particípio e do infinitivo passivos de λύω.

O aoristo do particípio passivo de λύω declina-se como segue (cf. V 1; PV 3, Adj 18). O η no marcador de tempo θη torna-se ε, que se encontra tanto como tal quanto como subjacente ao ditongo ει.

Voz passiva, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυθείς	λυθεῖσα	λυθέ-ν
v	λυθείς	λυθεῖσα	λυθέ-ν
g	λυθέ-ντος	λυθείσης	λυθέ-ντος
d	λυθέ-ντι	λυθείσῃ	λυθέ-ντι
a	λυθέ-ντα	λυθεῖσαν	λυθέ-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυθέ-ντες	λυθεῖσαι	λυθέ-ντα
v	λυθέ-ντες	λυθεῖσαι	λυθέ-ντα
g	λυθέ-ντων	λυθεισῶν	λυθέ-ντων
d	λυθεῖσι(ν)	λυθείσαις	λυθεῖσι(ν)
a	λυθέ-ντας	λυθείσας	λυθέ-ντα

Para o significado do tempo aoristo no modo particípio, cf. lição 22 e lição 7. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος λυθεὶς ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ ἔκραξεν διὰ τὴν χαρὰν αὐτοῦ.

O escravo, tendo sido liberto pelo seu senhor, gritou por causa de sua alegria.

O aoristo do infinitivo passivo de λύω é λυθῆ-ναι (cf. V 1; PV 3).

Para o significado do tempo aoristo no modo infinitivo, cf. lição 22 e lição 4. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος ἠθέλησε λυθῆναι ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo quis ser liberto pelo seu senhor.

Regras de acentuação 30.

O aoristo do particípio passivo tem acento agudo na sílaba final do nominativo masculino singular. O acento, conseqüentemente, tende a permanecer nesta sílaba em todo o paradigma. Cf. Regras de acentuação 12, lição 20.

O acento do aoristo do infinitivo passivo fica na penúltima sílaba, mesmo que a última sílaba seja breve.

Vocabulário.

ἀριθμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *número.*
ἄφεσις, -εως, ἡ [N 28f] *perdão* (de pecados); *libertação* (de cativos).
βλασφημία, -ας, ἡ [N 2] *blasfêmia.*
γάμος, -ου, ὁ [N 6m] *núpcias; matrimônio; casamento.*
δεσμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *laço; cadeia; prisão.*
θυμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *ira; acesso de cólera.*
κόπος, -ου, ὁ [N 6m] *trabalho duro; fadiga.*
οἰκοδομή, -ῆς, ἡ [N 2] *edifício; encorajamento; estímulo.*
πόλεμος, -ου, ὁ [N 6m] *guerra; conflito.*
πυλών, -ῶνος, ὁ [N 21m] *porta; entrada.*
στέφανος, -ου, ὁ [N 6m] *coroa; prêmio.*

κενός, -ή, -όν [Adj 1] *vazio; sem propósito; insensato.*
κρυπτός, -ή, -όν [Adj 1] *oculto.*
ποταπός, -ή, -όν [Adj 1] *que tipo de? qual?*
φανερός, -ά, -όν [Adj 2] *manifesto.*

πόθεν [Adv 1] *de onde?*
ποτέ [Adv 2] [enclítico] *certa vez; então.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἔβλεψα τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν ἔχουσαν πυλῶνας δώδεκα. (Ap 21,10.12)
2. ὁ μὲν γάμος ἕτοιμός ἐστιν... (Mt 22,8)
3. ἄγουσιν αὐτὸν πρὸς τοὺς ἡγεμόνας τόν ποτε τυφλόν. (Jo 9,13)
4. ἦν ἐκ τοῦ ἀριθμοῦ τῶν δώδεκα. (Lc 22,3)
5. τί κόπους παρέχετε τῇ γυναικί; (Mt 26,10) [τί aqui com sentido idiomático: *por quê?*; cf. lição 73.]
6. ὅταν δὲ ἀκούσητε πολέμους καὶ ἀκοὰς πολέμων, οὔπω τὸ τέλος. (Mc 13,7)
7. ὁ προφήτης ἦν κηρύσσων βάπτισμα μετανοίας εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν. (Mc 1,4)
8. εἰ οὐκ ἔστιν ἀνάστασις ἐκ τῶν νεκρῶν, κενὸν καὶ τὸ κήρυγμα ἡμῶν, κενὴ καὶ ἡ πίστις ὑμῶν. (1Cor 15,13-14)
9. πόθεν τούτῳ ἡ σοφία αὕτη καὶ αἱ δυνάμεις; (Mt 13,54)
10. ἴδε νῦν ἠκούσατε τὴν βλασφημίαν. (Mt 26,65)
11. ἔβλεψα τοὺς πρεσβυτέρους καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτῶν στεφάνους χρυσοῦς. (Ap 4,4)
12. καὶ ἐλύθη ὁ δεσμὸς τῆς γλώσσης αὐτοῦ. (Mc 7,35)
13. διδάσκαλε, ἴδε ποταποὶ λίθοι καὶ ποταπαὶ οἰκοδομαί. (Mc 13,1)
14. καὶ πληρεῖς ἦσαν πάντες θυμοῦ ἐν τῇ συναγωγῇ ἀκούοντες ταῦτα... (Lc 4,28)
15. οὐδέν ἐστιν κρυπτὸν ὃ οὐ φανερὸν ἔσται. (Mt 10,26)

II. Traduza para o grego:

1. Digo que o laço de sua língua foi solto. (Mc 7,35)
2. Os escravos, tendo sido libertos pela multidão, estavam cheios de alegria. (Jo 1,14)
3. Estais para ouvir a respeito de guerras e rumores de guerra. (Mc 13,7)

III. Ler Mc 1,9-20, primeiro sem consultar traduções, relendo inteiramente de memória. Então reler o texto, verificando alguns pontos duvidosos em relação à matéria vista nas lições anteriores. Finalmente, ler os versículos em voz alta pelo menos três vezes. A leitura em voz alta deve ser sem pressa, valorizando mais a precisão do que a rapidez.

Lição 40

Futuro do indicativo, do particípio e do infinitivo passivos de λύω.

Futuro do indicativo, do particípio e do infinitivo passivos de λύω.

O radical do futuro passivo de λύω baseia-se no aoristo passivo. O futuro do indicativo passivo conjuga-se como segue (cf. V 1; PV 3):

Voz passiva, modo indicativo, tempo futuro

	Singular	Plural
1ª pessoa	λυθήσ-ομαι	λυθησ-όμεθα
2ª pessoa	λυθήσ-η	λυθήσ-εσθε
3ª pessoa	λυθήσ-εται	λυθήσ-ονται

A forma λυθήση vem de λυθήσεσαι (λυθήσεσαι > λυθήσεαι > λυθήσηι > λυθήση).

Para o significado do tempo futuro no modo indicativo, cf. lição 11 e lição 8. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος λυθήσεται ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo será liberto pelo seu senhor.

O futuro do particípio passivo de λύω declina-se como segue (cf. V 1; PV 3, Adj 1):

Voz passiva, modo particípio, tempo futuro
Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυθησ-όμενος	λυθησ-ομένη	λυθησ-όμενον
v	λυθησ-όμενε	λυθησ-ομένη	λυθησ-όμενον
g	λυθησ-ομένου	λυθησ-ομένης	λυθησ-ομένου
d	λυθησ-ομένῳ	λυθησ-ομένῃ	λυθησ-ομένῳ
a	λυθησ-όμενον	λυθησ-ομένην	λυθησ-όμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λυθησ-όμενοι	λυθησ-όμεναι	λυθησ-όμενα
v	λυθησ-όμενοι	λυθησ-όμεναι	λυθησ-όμενα
g	λυθησ-ομένων	λυθησ-ομένων	λυθησ-ομένων
d	λυθησ-ομένοις	λυθησ-ομέναις	λυθησ-ομένοις
a	λυθησ-ομένους	λυθησ-ομένας	λυθησ-όμενα

Para o significado do tempo futuro no modo particípio, cf. lição 17 e lição 8. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος λυθησόμενος ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ ἀγαθός ἐστιν.
O escravo que será liberto pelo seu senhor é bom.

O futuro do infinitivo passivo de λύω é λυθήσ-εσθαι (cf. V 1; PV 3).

Para o significado do tempo futuro no modo infinitivo, cf. lição 17 e lição 8. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

λέγω τὸν δοῦλον λυθήσεσθαι ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
Digo que o escravo será liberto pelo seu senhor.

Vocabulário.

δεῖπνον, -ου, τό [N 7] *banquete; refeição principal.*

δέσμιος, -ου, ὁ [N 6m] *prisioneiro.*

δηνάριον, -ου, τό [N 7] *denário* [moeda romana].

εὐλογία, -ας, ἡ [N 2] *bênção; louvor.*

ζῆλος, -ου, ὁ [N 6m] *zelo; ciúme.* Também se encontra como ζῆλος, -ους, τό [N 31].

θησαυρός, -οῦ, ὁ [N 6m] *tesouro; depósito.*

ἵππος, -ου, ὁ [N 6m] *cavalo.*

νυμφίος, -ου, ὁ [N 6m] *noivo.*

πλήρωμα, -ατος, τό [N 16] *plenitude; cumprimento.*

πλησίον, ὁ [N 32] *próximo.* Como substantivo, permanece invariável em todos os casos e gêneros. Esta palavra também se encontra como preposição regendo o caso genitivo [Prep 1]: *próximo a; perto de.*

ποταμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *rio.*

σκοτία, -ας, ἡ [N 2] *escuridão; trevas.*

χάρισμα, -ατος, τό [N 16] *graça; dom.*

ἑκατόν [Adj 21] *cem.*

ἐκεῖθεν [Adv 1] *dali.*

οὗ [Adv 1] *onde.* Esta palavra é usada para introduzir orações subordinadas com perguntas indiretas, não com diretas. A razão disso é que ela é o pronome relativo no genitivo, e assim refere-se a algo que o precede.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. πλήρωμα οὖν νόμου ἡ ἀγάπη. (Rm 13,10)
2. κατὰ δὲ ἑορτὴν ἀπέλυεν αὐτοῖς ἕνα δέσμιον. (Mc 15,6)
3. οἱ δὲ μαθηταὶ ἔρχονται εἰς τὸ ὄρος οὗ εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς. (Mt 28,16)
4. καὶ ἔπεμψεν ἄνθρωπός τις τὸν δοῦλον αὐτοῦ τῇ ὥρᾳ τοῦ δείπνου. (Lc 14,16-17) [τῇ ὥρα é um dativo simples para indicar tempo em que – cf. lição 79.]
5. ὅπου γάρ ἐστιν ὁ θησαυρός σου, ἐκεῖ ἔσται καὶ ἡ καρδία σου. (Mt 6,21)
6. ἀλλ' οὐχ ὡς τὸ παράπτωμα, οὕτως καὶ τὸ χάρισμα. (Rm 5,15)
7. καὶ τίς ἐστίν μου πλησίον; (Lc 10,29) [ἐστίν μου constituem uma cadeia enclítica – cf. lição 18.]
8. καὶ ἔβλεψα, καὶ ἰδοὺ ἵππος λευκός. (Ap 6,2)
9. ἐκ τοῦ αὐτοῦ στόματος ἔρχεται εὐλογία. (Tg 3,10)
10. καὶ ἐβαπτίζοντο ἐν τῷ Ἰορδάνῳ ποταμῷ ὑπ' αὐτοῦ. (Mt 3,6)
11. ὃ λέγω ὑμῖν ἐν τῇ σκοτίᾳ, λέγετε ἐν τῷ φωτί. (Mt 10,27)
12. ἕν δηνάριον ἦν μισθὸς μιᾶς ἡμέρας.
13. ὁ δὲ φίλος τοῦ νυμφίου χαρὰν ἔχει διὰ τὴν φωνὴν τοῦ νυμφίου. (Jo 3,29)
14. ὁ ζῆλος τοῦ Χριστοῦ μέγας ἦν.
15. μετὰ δὲ δύο ἡμέρας ἔρχεται ἐκεῖθεν ὁ Ἰησοῦς. (Jo 4,43)
16. τίς ἄνθρωπος ἐξ ὑμῶν ἔχει ἑκατὸν πρόβατα; (Lc 15,4)

II. Traduza para o grego:

1. O evangelho será pregado a toda criatura antes do fim do mundo. (Mt 24,14; Mc 16,15)

2. Digo que o evangelho será pregado a toda criatura antes do fim do mundo. (Mt 24,14; Mc 16,15)
3. Aos escravos que estavam para ser libertos o soldado disse palavras de encorajamento. (At 13,15)

III. Ler Mc 1,21-34, primeiro sem consultar traduções, relendo inteiramente de memória. Então reler o texto, verificando alguns pontos duvidosos em relação à matéria já vista nas lições anteriores. Finalmente, ler os versículos em voz alta pelo menos três vezes. A leitura em voz alta deve ser sem pressa, valorizando mais a precisão do que a rapidez.

Lição 41

Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do particípio e do infinitivo passivos de γράφω.
Futuro do indicativo, do particípio e do infinitivo passivos de γράφω.

Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do particípio e do infinitivo passivos de γράφω.

O aoristo passivo se divide em duas categorias, como se estabeleceu na lição 37: o aoristo passivo "fraco", em que θη é o marcador do aoristo passivo, e o aoristo passivo "forte", em que não há θ no marcador do aoristo passivo, mas apenas η. A maioria dos verbos que têm aoristo passivo têm o aoristo fraco, como λύω, cujas formas do aoristo passivo foram dadas nas lições 37-39. Ainda que a maioria dos verbos que têm aoristo passivo tenha o aoristo fraco, o aoristo forte ocorre com freqüência suficiente para torná-lo importante. Suas desinências são as mesmas que as do aoristo fraco, mas parece útil apresentar aqui as formas do aoristo forte. *O significado do aoristo forte é o mesmo que o do fraco; apenas as formas são diferentes.* O radical usado para formar o aoristo forte de vários verbos deve ser memorizado.

O verbo γράφω, *escrevo* (lição 9), tem o aoristo passivo forte (cf. V 4; VD 53; PV 4; além disso, para o particípio cf. Adj 18). O radical do aoristo passivo é γραφη-.

Voz passiva, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-γράφη-ν	ἐ-γράφη-μεν
2ª pessoa	ἐ-γράφη-ς	ἐ-γράφη-τε
3ª pessoa	ἐ-γράφη	ἐ-γράφη-σαν

O aumento forma-se exatamente como nos outros tempos passados do modo indicativo.

Voz passiva, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	γράφη-θι	γράφη-τε
3ª pessoa	γραφή-τω	γραφή-τωσαν

A desinência da segunda pessoa do singular do imperativo é -θι. No aoristo fraco, a presença do θ provoca a dissimilação do θ da terminação normal em τ: λύθη-τι. No aoristo passivo forte γράφη-θι, volta a desinência -θι não assimilada.

No modo subjuntivo, o marcador do aoristo passivo contrai-se com a desinência.

Voz passiva, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	γραφ-ῶ	γραφ-ῶμεν
2ª pessoa	γραφ-ῇς	γραφ-ῆτε
3ª pessoa	γραφ-ῇ	γραφ-ῶσι(ν)

No modo optativo, o η torna-se ε e forma um ditongo com a vogal inicial ι da desinência.

Voz passiva, modo optativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	γραφείην	γραφείημεν
2ª pessoa	γραφείης	γραφείητε
3ª pessoa	γραφείη	γραφείησαν

No particípio, o marcador do aoristo passivo η torna-se ε. (O ditongo ει é o resultado do alongamento de ε causado por sua posição.)

Voz passiva, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	γραφ-είς	γραφ-εῖσα	γραφέ-ν
v	γραφ-είς	γραφ-εῖσα	γραφέ-ν
g	γραφέ-ντος	γραφ-είσης	γραφέ-ντος
d	γραφέ-ντι	γραφ-είσῃ	γραφέ-ντι
a	γραφέν-τα	γραφ-εῖσαν	γραφέ-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	γραφ-έντες	γραφ-εῖσαι	γραφ-έντα
v	γραφ-έντες	γραφ-εῖσαι	γραφ-έντα
g	γραφ-έντων	γραφ-εισῶν	γραφ-έντων
d	γραφ-εῖσι(ν)	γραφ-είσαις	γραφ-εῖσι(ν)
a	γραφ-έντας	γραφ-είσας	γραφ-έντα

O infinitivo aoristo passivo é γραφῆ-ναι.

Futuro do indicativo, do particípio e do infinitivo passivos de γράφω.

As formas do futuro passivo baseiam-se no radical do aoristo passivo forte, assim como o futuro passivo baseia-se no radical do aoristo passivo fraco (cf. V 4; VD 53; PV 4; para o particípio cf. Adj 1). Não há diferença de significado entre os futuros baseada em seus respectivos radicais.

Voz passiva, modo indicativo, tempo futuro

	Singular	Plural
1ª pessoa	γραφήσ-ομαι	γραφησ-όμεθα
2ª pessoa	γραφήσ-ῃ	γραφήσ-εσθε
3ª pessoa	γραφήσ-εται	γραφήσ-ονται

A forma γραφήσῃ vem de γραφήσεσαι (γραφήσεσαι > γραφήσεαι > γραφήσηι > γραφήσῃ).

Voz passiva, modo particípio, tempo futuro

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	γραφησ-όμενος	γραφησ-ομένη	γραφησ-όμενον
v	γραφησ-όμενε	γραφησ-ομένη	γραφησ-όμενον
g	γραφησ-ομένου	γραφησ-ομένης	γραφησ-ομένου
d	γραφησ-ομένῳ	γραφησ-ομένῃ	γραφησ-ομένῳ
a	γραφησ-όμενον	γραφησ-ομένην	γραφησ-όμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	γραφησ-όμενοι	γραφησ-όμεναι	γραφησ-όμενα
v	γραφησ-όμενοι	γραφησ-όμεναι	γραφησ-όμενα
g	γραφησ-ομένων	γραφησ-ομένων	γραφησ-ομένων
d	γραφησ-ομένοις	γραφησ-ομέναις	γραφησ-ομένοις
a	γραφησ-ομένους	γραφησ-ομένας	γραφησ-όμενα

O infinitivo futuro passivo é γραφήσ-εσθαι.

Vocabulário.

Todos os verbos apresentados no vocabulário desta lição têm aoristo passivo forte. A forma do aoristo passivo é dada excepcionalmente. Normalmente, ela se encontra apenas na lista de Verbos Difíceis, indicada para cada verbo.

ἀλλάσσω [V 3; VD 13; PV 1-4] [aoristo passivo forte: ἠλλάγην] *mudo; transformo.*

ἀπαλλάσσω [ἀπό + ἀλλάσσω] [V 3; VD 13; PV 1-4] [aoristo passivo forte: ἀπηλλάγην] *liberto; solto.*

ἀποκαταλλάσσω [ἀπό + κατά + ἀλλάσσω] [V 3; VD 13; PV 1-4] [aoristo passivo forte: ἀποκατηλλάγην] *reconcilio.*

καταλλάσσω [κατά + ἀλλάσσω] [V 3; VD 13; PV 1-4] [aoristo passivo forte: κατηλλάγην] *reconcilio.*

ἐκκόπτω [ἐκ + κόπτω] [V 4, V 5; VD 161; PV 1-4] [aoristo passivo forte: ἐξεκόπην] *corto; recorto; removo.*

κόπτω [V 4 e V 5; VD 161; PV 1-4] [aoristo passivo forte: ἐκόπην] *corto;* na voz média: *lamento.*

θλίβω [V 4; VD 126; PV 1-4] [aoristo passivo forte: ἐθλίβην] *comprimo.*

κρύπτω [V 4 e V 5; VD 166; PV 1-4] [aoristo passivo forte: ἐκρύβην] *escondo.*

κλέπτης, -ου, ὁ [N 4] *ladrão.*

πάθημα, -ατος, τό [N 16] *sofrimento; paixão.*

πέτρα, -ας, ἡ [N 2] *pedra.*

ῥαββί, ὁ [N 32] *mestre* [palavra hebraica].

ῥίζα, -ης, ἡ [N 3] *raiz.*

συκῆ, -ῆς, ἡ [N 1 e N 33] *figueira.*

διότι [Conj] *porque; por isso.*

ἐγγύς [Adv 1 e Adv 2] *perto* [em ambos os sentidos: espacial e temporal]. Esta palavra é também uma preposição que rege o caso genitivo [Prep 1]: *perto de*.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἡ πέτρα δὲ ἦν ὁ Χριστός. (1Cor 10,4)
2. ὁ Χριστὸς ἔρχεται ἵνα ἀπαλλάξῃ τούτους ἀπὸ τοῦ φόβου τοῦ θανάτου. (Hb 2,14-15)
3. ἐγγὺς ἦν ὁ τόπος τῆς πόλεως. (Jo 19,20)
4. ἔκκοψον τὴν συκῆν ταύτην. (Lc 13,7)
5. εἰ γὰρ ἐχθροὶ ὄντες κατηλλάγημεν τῷ θεῷ διὰ τοῦ θανάτου τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ, πολλῷ μᾶλλον καταλλαγέντες σωθησόμεθα ἐν τῇ ζωῇ αὐτοῦ. (Rm 5,10) [πολλῷ é um dativo de relação: *com relação a mais*; no contexto, *muito mais*.]
6. καὶ τότε κόψονται πᾶσαι αἱ φυλαὶ τῆς γῆς. (Mt 24,30)
7. ὄντα ὑπὸ τὴν συκῆν ἔβλεψά σε. (Jo 1,48)
8. Ἰησοῦς δὲ ἐκρύβη. (Jo 8,59)
9. διότι ἐγώ εἰμι μετὰ σοῦ. (At 18,10)
10. ῥαββί, καλόν ἐστιν ἡμᾶς ὧδε εἶναι. (Mc 9,5)
11. οὐκ ἄξιά εἰσιν τὰ παθήματα τοῦ νῦν καιροῦ πρὸς τὴν μέλλουσαν δόξαν ἀποκαλυφθῆναι εἰς ἡμᾶς. (Rm 8,18)
12. ἐγγύς ἐστιν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ. (Lc 21,31)
13. ἐν τοῖς οὐρανοῖς κλέπτης οὐκ ἐγγίζει. (Lc 12,33)
14. καὶ οὐκ ἔχουσιν ῥίζαν ἐν ἑαυτοῖς. (Mc 4,17)

II. Traduza para o grego:

1. O livro foi escrito pelo profeta. (At 7,42)
2. O livro será escrito pelo profeta. (At 7,42)
3. Digo que o livro foi escrito pelo profeta. (At 7,42)

III. Mc 1,35-2,12.

Lição 42

Perfeito do indicativo passivo, mais-que-perfeito do indicativo passivo, perfeito do imperativo, do infinitivo, do subjuntivo, do optativo e do particípio passivos de λύω. As formas-chave de λύω. As formas fundamentais de λύω. Regras de acentuação 31.

Perfeito do indicativo passivo, mais-que-perfeito do indicativo passivo, perfeito do imperativo, do infinitivo, do subjuntivo, do optativo e do particípio passivos de λύω.

As formas médias e passivas do perfeito de λύω são as mesmas, como se afirmou antes (cf. lição 36). O estudante, portanto, já viu todas as formas necessárias para a expressão da voz passiva no tempo perfeito. Mas essas formas serão repetidas aqui em sua totalidade com seus significados passivos (como se fez com o tempo presente passivo na lição 36), de modo que a distinção entre as vozes passiva e média quanto ao significado possa ser mais nitidamente obtida. O sistema do perfeito é muito mais importante na voz passiva do que na média. (Para λύω, cf. V 1; PV 3; além disso, para o particípio, cf. Adj 1).

Voz passiva, modo indicativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	λέλυ-μαι	λελύ-μεθα
2ª pessoa	λέλυ-σαι	λέλυ-σθε
3ª pessoa	λέλυ-ται	λέλυ-νται
	fui libertado	*fomos libertados*
	foste libertado	*fostes libertados*
	foi libertado	*foram libertados*

Para o significado do tempo perfeito no modo indicativo, cf. lição 23. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος λέλυται ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo foi liberto por seu senhor.

Voz passiva, modo indicativo, tempo mais-que-perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	(ἐ)-λελύ-μην	(ἐ)-λελύ-μεθα
2ª pessoa	(ἐ)-λέλυ-σο	(ἐ)-λέλυ-σθε
3ª pessoa	(ἐ)-λέλυ-το	(ἐ)-λέλυ-ντο
	fora (tinha sido) libertado	*fôramos (tínhamos sido) libertados*
	foras (tinhas sido) libertado	*fôreis (tínheis sido) libertados*
	fora (tinha sido) libertado	*foram (tinham sido) libertados*

Para o significado do tempo mais-que-perfeito, cf. lição 24. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος ἐλέλυτο ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
O escravo tinha sido libertado por seu senhor.

Voz passiva, modo imperativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
2ª pessoa	λέλυ-σο	λέλυ-σθε
3ª pessoa	λελύ-σθω	λελύ-σθωσαν

O uso do perfeito do imperativo passivo é compreensivelmente raro, e os exemplos dependem muito do contexto para uma avaliação precisa. Parece aconselhável não dar um exemplo usando o verbo λύω, pois ele não ocorre no perfeito do imperativo passivo no Novo Testamento. Mas em Mc 4,39 o verbo φιμόω, *amordaço* (verbo contrato em o, categoria a ser explicada na lição 51) é usado no perfeito do imperativo passivo para dar uma forte ordem de silêncio ao vento e ao mar: πεφίμωσο, *fica quieto; calado*, isto é, *fica em condição de quem foi amordaçado.*

O infinitivo perfeito passivo de λύω é λελύ-σθαι.

Para o significado do tempo perfeito no modo indicativo, cf. lição 25. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

Voz passiva, modo subjuntivo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	λελυ-μένος, -η, -ον ὦ	λελυ-μένοι, -αι, -α ὦμεν
2ª pessoa	λελυ-μένος, -η, -ον ᾖς	λελυ-μένοι, -αι, -α ἦτε
3ª pessoa	λελυ-μένος, -η, -ον ᾖ	λελυ-μένοι, -αι, -α ὦσι(ν)

Para o significado do tempo perfeito no modo subjuntivo, cf. lição 25. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

ὁ δοῦλος ἔρχεται ἵνα λελυμένος ᾖ ὑπὸ τοῦ δεσπότου.
O escravo vem para que esteja liberto pelo senhor.

Voz passiva, modo optativo, tempo perfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	λελυ-μένος, -η, -ον εἴην	λελυ-μένοι, -αι, -α εἴημεν
2ª pessoa	λελυ-μένος, -η, -ον εἴης	λελυ-μένοι, -αι, -α εἴητε
3ª pessoa	λελυ-μένος, -η, -ον εἴη	λελυ-μένοι, -αι, -α εἴησαν

Para o significado do tempo perfeito no modo optativo, cf. lições 6 e 14; para o significado do tempo perfeito nos modos não-indicativos, lição 25; Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

λελυμένος εἴη ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ.
Possa ser liberto por seu senhor.

Por sua própria natureza, os modos subjuntivo e optativo são raramente usados no perfeito passivo.

Voz passiva, modo particípio, tempo perfeito

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λελυ-μένος	λελυ-μένη	λελυ-μένον
v	λελυ-μένε	λελυ-μένη	λελυ-μένον
g	λελυ-μένου	λελυ-μένης	λελυ-μένου
d	λελυ-μένῳ	λελυ-μένῃ	λελυ-μένῳ
a	λελυ-μένον	λελυ-μένην	λελυ-μένον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	λελυ-μένοι	λελυ-μέναι	λελυ-μένα
v	λελυ-μένοι	λελυ-μέναι	λελυ-μένα
g	λελυ-μένων	λελυ-μένων	λελυ-μένων
d	λελυ-μένοις	λελυ-μέναις	λελυ-μένοις
a	λελυ-μένους	λελυ-μένας	λελυ-μένα

Para o significado do tempo perfeito no modo particípio, cf. lição 25. Para o significado da voz passiva, cf. lições 26 e 36.

λελυμένος ὑπὸ τοῦ δεσπότου αὐτοῦ ὁ δοῦλος μακάριος ἦν.
Tendo sido liberto pelo seu senhor, o escravo estava feliz.

As mudanças de som que resultam da justaposição de radicais verbais que terminam em consoante e das desinências do perfeito (que começam por consoante) são as mesmas no perfeito passivo e no perfeito médio. Cf. lições 34 e 35.

As formas-chave de λύω. As formas fundamentais de λύω.

Esta lição leva a termo a apresentação das formas do verbo λύω e verbos temáticos relacionados. Uma apresentação esquemática das formas-chave de λύω será dada agora. Estas formas estão todas na primeira pessoa do singular do modo indicativo. Dado que tais formas contêm os radicais dos quatro diferentes sistemas temporais em todas as três vozes, o conhecimento dessas formas-chave possibilita a formação de todas as formas possíveis do verbo λύω.

Esta apresentação esquemática mostra como as vozes média e passiva têm formas comuns no presente e no perfeito, mas formas diferentes no futuro e aoristo.

	Voz ativa	Voz média	Voz passiva
Tempo presente	λύ-ω	λύ-ομαι	λύ-ομαι
Tempo futuro	λύσ-ω	λύσ-ομαι	λυθήσ-ομαι
Tempo aoristo	ἔ-λυσ-α	ἐ-λυσ-άμην	ἐ-λύθη-ν
Tempo perfeito	λέλυκ-α	λέλυ-μαι	λέλυ-μαι

Esta apresentação é útil, mas desajeitada e repetitiva. Por exemplo, se alguém conhece a forma λύω, não precisa ter uma apresentação esquemática em que o presente médio e passivo são dados para saber como formá-los. Por esta razão, é desejável uma apresentação mais suscinta das formas úteis de um verbo. Esta apresentação chama-se apresentação das "formas fundamentais" de um verbo. Seis formas são necessárias. Para λύω são:

1. λύ-ω 2. λύσ-ω 3. ἔ-λυσ-α 4. λέλυκ-α 5. λέλυ-μαι 6. ἐ-λύθη-ν

Destas seis formas ou "partes" principais, todas as vozes, modos e tempos possíveis podem-se formar, seja de λύω seja de outro verbo qualquer: 1. presente do indicativo ativo; 2. futuro do indicativo ativo; 3. aoristo do indicativo ativo; 4. perfeito do indicativo ativo; 5. perfeito do indicativo médio/passivo; 6. aoristo do indicativo passivo. A primeira pessoa do singular de cada tempo foi arbitrariamente escolhida para representar o tempo em questão. *Note-se que a forma fundamental 5 é rotulada "médio/passivo" porque, fora de contexto, pode ser tanto média quanto passiva. Mas, em contexto determinado, ela é uma ou outra.*

Para o verbo λύω, é claro, e para outros verbos regulares, o estratagema de planejar uma lista de "formas fundamentais" não é realmente necessário para alguém instruído acerca das regras que regem as várias formas: a raiz de λύω é, para todas as finalidades práticas, regular. (O alongamento do υ varia, mas isto não afeta a ortografia das várias formas.) Isto é verdadeiro para todos os outros verbos, cujas raízes permanecem invariáveis em todo o sistema. Mas

há um número de verbos que são "irregulares", e o esquema das seis partes principais é recurso de memória útil para aprender a construir e/ou reconhecer suas formas. Começando com a lição 43, as formas fundamentais serão usadas para apresentar tais verbos irregulares e difíceis.

Regras de acentuação 31.

No perfeito do particípio médio e passivo, todos os casos têm acento agudo na penúltima sílaba.

Vocabulário.

ἐλαία, -ας, ἡ [N 2] *oliveira; oliva.*

εὐσέβεια, -ας, ἡ [N 2] *piedade; religião.*

εὐχαριστία, -ας, ἡ [N 2] *eucaristia; gratidão; ação de graças.*

θεμέλιος, -ου, ὁ [N 6m] *fundação.* Esta palavra encontra-se também como θεμέλιον, -ου, τό [N 7].

κληρονόμος, -ου, ὁ [N 6m] *herdeiro.*

λύπη, -ης, ἡ [N 1] *tristeza; lamento; aflição.*

νήπιος, -ου, ὁ [N 6m] *infante; criança.*

οἰκουμένη, -ης, ἡ [N 1] *mundo habitado.*

παρθένος, -ου, ἡ [N 6f] *virgem.* Também: παρθένος, -ου, ὁ [N 6m] *homem casto.*

σκάνδαλον, -ου, τό [N 7] *escândalo; ocasião de pecado ou de abalo moral.*

τροφή, -ῆς, ἡ [N 1] *comida; nutrição; sustento; alimento.*

τύπος, -ου, ὁ [N 6m] *padrão; modelo; figura; marca; sinal.*

γνωστός, -ή, -όν [Adj 1] *conhecido.* Esta palavra encontra-se como substantivo: *amigo* [N 6m].

γυμνός, -ή, -όν [Adj 1] *nu; mal vestido.*

μήποτε [Conj, Neg] *de modo que não.* Também interrogativa: *se talvez?*

μηκέτι [Adv 2, Neg] *nem ainda; não mais.* Esta palavra é normalmente usada com verbos que não estão no modo indicativo.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. καὶ κηρυχθήσεται τοῦτο τὸ εὐαγγέλιον τῆς βασιλείας ἐν ὅλῃ τῇ οἰκουμένῃ εἰς μαρτύριον πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν. (Mt 24,14)
2. σὺ δέ, ὦ ἄνθρωπε θεοῦ, δίωκε δὲ δικαιοσύνην, εὐσέβειαν, πίστιν, ἀγάπην, ὑπομόνην. (1Tm 6,11)
3. βλέπετε, ἀδελφοί, μήποτε ἔσται ἔν τινι ὑμῶν καρδία πονηρὰ ἀπιστίας. (Hb 3,12)
4. γύναι, ἀπολέλυσαι τῆς ἀσθενείας σου. (Lc 13,12)
5. εἰ γὰρ οἱ ἐκ νόμου κληρονόμοι, κενὴ ἡ πίστις ἡμῶν. (Rm 4,14)
6. ὁ δὲ μαθητὴς ἐκεῖνος ἦν γνωστὸς τῷ ἀρχιερεῖ. (Jo 18,15).
7. οὐχὶ ἡ ψυχὴ πλεῖόν ἐστιν τῆς τροφῆς; (Mt 6,25) [πλεῖόν significa *algo mais* neste contexto.]
8. ὁ θεμέλιος τοῦ οἴκου ἰσχυρὸς ἦν.
9. ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἕξει. (Mt 1,23)
10. λέγεις ὅτι Πλούσιός εἰμι καὶ οὐδὲν χρείαν ἔχω, καὶ σὺ εἶ πτωχὸς καὶ τυφλὸς καὶ γυμνός. (Ap 3,17) [οὐδὲν é um acusativo de relação; literalmente, *tenho necessidade em relação a nada.*]
11. μηκέτι εἰς τὸν αἰῶνα ἐκ σοῦ μηδεὶς καρπὸν ἐσθίοι. (Mc 11,14) [Note-se que em grego uma dupla negação não resulta em uma afirmação, como em latim. Em grego, uma dupla negação enfatiza a negativa e não a anula. Na tradução portuguesa, a ênfase sobre a negação mantém-se exatamente como em grego.]
12. αὗταί εἰσιν αἱ δύο ἐλαῖαι αἱ ἐνώπιον τοῦ κυρίου τῆς γῆς εἰσιν. (Ap 11,4)
13. καὶ ὃ ἐὰν λύσῃς ἐπὶ τῆς γῆς ἔσται λελυμένον ἐν τοῖς οὐρανοῖς. (Mt 16,19) [ἔσται λελυμένον é construção perifrástica e significa *estará em condição de ser liberto* – cf. lição 52.]
14. ὁ κληρονόμος ποτὲ νήπιος ἦν. (Gl 4,1)
15. ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν, Ὕπαγε ὀπίσω μου· σκάνδαλον εἶ ἐμοῦ. (Mt 16,23)
16. καὶ ὑμεῖς οὖν νῦν λύπην ἔχετε. (Jo 16,22)

II. Traduza para o grego:

1. Temos profetas que foram tentados em tudo. (Hb 4,15)
2. Fostes provados em todas essas coisas.
3. Agora nossas vidas (almas) foram perturbadas. (Jo 12,27)

III. Mc 2,13-3,6.

Lição 43

Formas do aoristo forte nas vozes ativa e média.
Aoristo ativo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo,
do optativo, do particípio e do infinitivo de βάλλω.
Verbos difíceis: βάλλω. Regras de acentuação 32.

Formas do aoristo forte nas vozes ativa e média.

Como foi explicado na lição 37, no aoristo passivo há dois tipos de formas, "fraca" e "forte". Uma distinção similar é verdadeira no aoristo ativo e no aoristo médio. Em ambas as vozes há dois conjuntos de formas, um chamado "aoristo fraco" ou "aoristo primeiro", e outro chamado "aoristo forte" ou "aoristo segundo". O aoristo fraco ou primeiro já foi visto, com λύω como paradigma. Nesta e na lição seguinte, as formas ativa e média do aoristo forte ou segundo serão apresentadas. O paradigma usado será βάλλω.

Como para o aoristo passivo, não há diferença de significado entre os dois tipos de aoristo nas vozes ativa e média.

Poucos verbos têm ambas as formas de aoristo – primeiro e segundo – mas a maioria tem uma ou outra. As formas de aoristo primeiro ou fraco são claramente mais numerosas, mas as de aoristo segundo ou forte têm importância considerável.

Não há relação entre as formas de aoristo forte nas vozes ativa e média e as formas de aoristo forte na voz passiva. Um verbo pode ter formas de aoristo forte nas vozes ativa e média, sem ter formas de aoristo forte na voz passiva, e vice-versa. Mas um verbo que tem aoristo ativo forte também tem aoristo médio forte: a raiz é a mesma para ambas as vozes.

Nesta gramática, as formas de aoristo forte das vozes ativa e média serão chamadas "aoristo segundo" para ajudar a distingui-las do "aoristo forte" da voz passiva. Esta última raramente é chamada de "aoristo segundo".

Aoristo ativo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do particípio e do infinitivo de βάλλω.

βάλλω, *lanço, arremesso,* tem as seguintes formas no aoristo ativo segundo (forte) (cf. V 6; VD 22; PV 4):

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔ-βαλ-ον	ἐ-βάλ-ομεν
2ª pessoa	ἔ-βαλ-ες	ἐ-βάλ-ετε
3ª pessoa	ἔ-βαλ-ε(ν)	ἔ-βαλ-ον
	lancei	*lançamos*
	lançaste	*lançastes*
	lançou	*lançaram*

O radical do aoristo é βαλ-. Há apenas um λ, diferente do radical do presente, que é βαλλ-. Portanto, βάλλω se qualifica como verbo "difícil". Suas formas fundamentais serão conseqüentemente dadas nesta lição, a primeira de uma série. Estas formas são mais bem aprendidas de memória.

O ε é o aumento. As regras para sua formação são as mesmas que para o imperfeito.

As desinências são as mesmas que as do imperfeito do indicativo ativo. O fato de ἔβαλον ser o aoristo forte e não o imperfeito depende do reconhecimento do radical, como dito antes.

O significado do aoristo forte do indicativo ativo é o mesmo que para o aoristo ativo fraco. (Cf. lição 18 e lição 9, para o significado da voz ativa.)

ἔβαλον τὸν ἄνδρα εἰς φυλακήν.
Lançaram o homem na prisão.

É importante notar que, às vezes, as desinências do aoristo primeiro são usadas com radical de aoristo segundo, sem diferença de significado. Assim, a oração dada acima, *Lançaram o homem na prisão*, pode também ser traduzida: ἔβαλαν τὸν ἄνδρα εἰς φυλακήν. Este uso das desinências do aoristo primeiro com temas do aoristo segundo não é muito comum no modo indicativo, mas encontra-se ocasionalmente em outros modos. As desinências do aoristo segundo não são encontradas no aoristo primeiro.

Nos outros modos do aoristo segundo, usam-se as desinências do presente. Assim, o aoristo do imperativo de βάλλω conjuga-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4):

Voz ativa, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	βάλ-ε	βάλ-ετε
3ª pessoa	βαλ-έτω	βαλ-έτωσαν

O significado do tempo aoristo no modo imperativo foi apresentado na lição 19. Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

βαλέτωσαν τὸν ἄνδρα εἰς φυλακήν.
Lancem o homem na prisão.

O aoristo do subjuntivo ativo de βάλλω conjuga-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4):

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	βάλ-ω	βάλ-ωμεν
2ª pessoa	βάλ-ῃς	βάλ-ητε
3ª pessoa	βάλ-ῃ	βάλ-ωσι(ν)

O significado do tempo aoristo no modo subjuntivo foi apresentado na lição 20. Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

ἔρχεται μὴ βάλωσιν αὐτὸν εἰς φυλακήν.
Ele vem para que não o lancem na prisão.

O aoristo do optativo ativo de βάλλω conjuga-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4):

Voz ativa, modo optativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	βάλ-οιμι	βάλ-οιμεν
2ª pessoa	βάλ-οις	βάλ-οιτε
3ª pessoa	βάλ-οι	βάλ-οιεν

O significado do tempo aoristo no modo optativo foi apresentado na lição 21. Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

μὴ βάλοιεν αὐτὸν εἰς φυλακήν.
Que não o lancem na prisão.

O aoristo do particípio ativo de βάλλω declina-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4, Adj 7):

Voz ativa, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	βαλ-ών	βαλ-οῦσα	βαλ-όν
v	βαλ-ών	βαλ-οῦσα	βαλ-όν
g	βαλ-όντος	βαλ-ούσης	βαλ-όντος
d	βαλ-όντι	βαλ-ούσῃ	βαλ-όντι
a	βαλ-όντα	βαλ-οῦσαν	βαλ-όν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	βαλ-όντες	βαλ-οῦσαι	βαλ-όντα
v	βαλ-όντες	βαλ-οῦσαι	βαλ-όντα
g	βαλ-όντων	βαλ-ουσῶν	βαλ-όντων
d	βαλ-οῦσι(ν)	βαλ-ούσαις	βαλ-οῦσι(ν)
a	βαλ-όντας	βαλ-ούσας	βαλ-όντα

O significado do tempo aoristo no modo particípio foi apresentado na lição 22. Para o significado da voz ativa, cf. lição 9.

βαλόντες αὐτὸν εἰς φυλακήν, ἔρχονται εἰς τοὺς οἴκους αὐτῶν.
Tendo-o lançado na prisão, foram às suas casas.

O aoristo do infinitivo ativo de βάλλω é βαλ-εῖν. (Cf. V 6; VD 32; PV 4.)
O significado do tempo aoristo no modo infinitivo foi apresentado na lição 22. Para o significado da voz ativa, cf. lição 22.

λέγω αὐτὸν βαλεῖν αὐτοὺς εἰς φυλακήν.
Digo que o lancem na prisão.

As formas médias do aoristo segundo serão dadas na lição 44.

Verbos difíceis: βάλλω.

βάλλω, *lanço; arremesso* [V 6; VD 32; PV 1-4]:

λύω	λύσω	ἔλυσα	λέλυκα	λέλυμαι	ἐλύθην
βάλλω	βαλῶ	ἔβαλον	βέβληκα	βέβλημαι	ἐβλήθην
Mt 3,10	Mt 13,50	Mt 4,6	Jo 13,2	Mt 8,6	Mt 5,13

Neste contato introdutório com os "verbos difíceis", as formas fundamentais de λύω são dadas para o estudante fazer a transição dos verbos regulares para os irregulares. Elas serão dadas também nas duas próximas lições.

As referências aos textos do Novo Testamento são para ocorrências de algumas das formas "fundamentais" do verbo em questão, tanto do verbo simples como dado aqui, quanto de um verbo composto, baseado no verbo simples. A referência pode ser para qualquer modo.

O futuro de βάλλω segue as regras regulares para líqüidas, que serão explicadas na lição 48. O duplo λ é próprio do sistema do presente; o radical do aoristo forte ativo e médio tem apenas um λ, como os outros radicais. O α da raiz muda-se para η e troca de posição com o λ nos três radicais finais.

A seleção de "verbos difíceis" nesta gramática será, de algum modo, arbitrária. Intencionalmente, estão incluídos mais verbos do que na maioria das listas de "verbos irregulares". A norma para seleção será a facilidade de aprendizado da parte do estudante.

Regras de acentuação 32.

O acento do aoristo forte do particípio ativo fica na última sílaba do masculino singular. O acento permanece em tal sílaba por toda a declinação do masculino e neutro, e na penúltima sílaba no feminino (exceto para o genitivo plural), mesmo quando a última sílaba for breve. Cf. Regras de acentuação 12, lição 20.

O aoristo forte do infinitivo ativo tem acento circunflexo na sílaba final.

Vocabulário.

βάλλω [V 6; VD 32; PV 1-4] *lanço; arremesso; ponho.*

ἐκβάλλω [ἐκ + βάλλω] [V 6; VD 32; PV 1-4] *expulso; mando para fora; envio para longe.*

ἐπιβάλλω [ἐπί + βάλλω] [V 6; VD 32; PV 1-4] *ponho (as mãos sobre).*

περιβάλλω [περί + βάλλω] [V 6; VD 32; PV 1-4] *ponho em torno de; visto.*

ἄκανθα, -ης, ἡ [N 3] *espinheiro*; no plural: *espinhos.*

ἀνομία, -ας, ἡ [N 2] *ilegalidade; pecado.*

γράμμα, -ατος, τό [N 16] *letra; carta* [isto é, "epístola" – normalmente no plural].

διαλογισμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *pensamento; discussão.*

ὑπακοή, -ῆς, ἡ [N 1] *obediência; submissão.*

χόρτος, -ου, ὁ [N 6m] *grama; feno.*

ἀλλότριος, -α, -ον [Adj 2] *alheio; estranho.*

ὡσεί [Conj] *como, assim* [usado em comparações]. Esta palavra também se encontra como advérbio [Adv 3]: *aproximadamente.*

νυνί [Adv 2] *agora.* Forma enfática de νῦν.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. οἱ δὲ ἐπέβαλον τὰς χεῖρας αὐτῷ. (Mc 14,46)
2. ἦν δὲ χόρτος πολὺς ἐν τῷ τόπῳ. (Jo 6,10)
3. καὶ ἦν ἤδη ὡσεὶ ὥρα ἕκτη. (Lc 23,44)
4. αἱ ἄκανθαι ὀξεῖαί εἰσιν.
5. εἰ δὲ τοῖς ἐκείνου γράμμασιν οὐ πιστεύσετε, πῶς τοῖς ἐμοῖς ῥήμασιν πιστευσετε; (Jo 5,47)
6. γυμνὸς ἤμην καὶ περιεβάλετέ με. (Mt 25,36)
7. ὁ ἀρχιερεὺς ἔρχεται εἰς τὰ ἅγια ἐν αἵματι ἀλλοτρίῳ. (Hb 9,25)
8. ἐκ γὰρ τῆς καρδίας ἔρχονται διαλογισμοὶ πονηροί. (Mt 15,19)
9. νυνὶ δὲ μένει πίστις, ἐλπίς, ἀγάπη, τὰ τρία ταῦτα· μείζων δὲ τούτων ἡ ἀγάπη. (1Cor 13,13)
10. καὶ ἡ ἁμαρτία ἐστὶν ἡ ἀνομία. (1Jo 3,4)
11. καὶ πολλάκις καὶ εἰς πῦρ αὐτὸν ἔβαλεν. (Mc 9,22)
12. καὶ δαιμόνια πολλὰ ἐξέβαλεν. (Mc 1,34)
13. καὶ δαιμόνια πολλὰ ἐξέβαλλον. (Mc 6,13)
14. δι' οὗ ἔχομεν χάριν εἰς ὑπακοὴν πίστεως ἐν πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν ὑπὲρ τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ. (Rm 1,5)
15. ἔγραψα ἐπιστολὴν ἔχουσαν τὸν τύπον τοῦτον. (At 23,25)
16. καὶ εἶπεν ὁ Ἰησοῦς τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ περὶ πλοίου ἵνα ὁ ὄχλος μὴ θλίβῃ αὐτόν. (Mc 3,9)
17. ἡμεῖς πάντες ἀλλαγησόμεθα. (1Cor 15,51).
18. καὶ ὑμᾶς ποτε ὄντας ἐχθρούς, νῦν δὲ ἀποκατήλλαξεν ἐν τῷ σώματι τῆς σαρκὸς αὐτοῦ διὰ τοῦ θανάτου. (Cl 1,21-22)
19. ἀμήν· ἡ εὐλογία καὶ ἡ δόξα καὶ ἡ σοφία καὶ ἡ εὐχαριστία καὶ ἡ τιμὴ καὶ ἡ δύναμις τῷ θεῷ ἡμῶν εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων· ἀμήν. (Ap 7,12) [εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων significa,

literalmente, *até as eras das eras*, isto é, *para sempre e sempre*. De acordo com o contexto, αἰών pode significar *era* ou *eternidade*.]

II. Traduza para o grego:

1. E muitas vezes lançou-os ao fogo e à água. (Mc 9,22)
2. Pois ainda não tinham sido lançados na prisão. (Jo 3,24)
3. Dize aos montes: "Sede lançados ao mar". (Mt 21,21)

III. Mc 3,7-30.

Lição 44

Aoristo médio do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do particípio e do infinitivo de βάλλω.
Verbos difíceis: ἄγω. Regras de acentuação 33.

Aoristo médio do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do particípio e do infinitivo de βάλλω.

O aoristo do indicativo médio de βάλλω conjuga-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4):

Voz média, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-βαλ-όμην	ἐ-βαλ-όμεθα
2ª pessoa	ἐ-βάλ-ου	ἐ-βάλ-εσθε
3ª pessoa	ἐ-βάλ-ετο	ἐ-βάλ-οντο
	lancei [a mim mesmo]	*lançamos* [a nós mesmos]
	lançaste [a ti mesmo]	*lançastes* [a vós mesmos]
	lançou [a si mesmo]	*lançaram* [a si mesmos]

A forma ἐβάλου é uma contração de ἐβάλεσο.
Para o significado do aoristo do indicativo médio, cf. lição 31.

τί περιεβάλετο;
O que vestiu?

O aoristo do imperativo médio de βάλλω conjuga-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4):

Voz média, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	βαλ-οῦ	βάλ-εσθε
3ª pessoa	βαλ-έσθω	βαλ-έσθωσαν
	lança [a ti mesmo]	*lançai* [a vós mesmos]
	lance [a si mesmo]	*lancem* [a si mesmos]

A forma βαλοῦ é uma contração de βαλέσο.
Para o significado do aoristo do imperativo médio, cf. lição 31.

περιβαλοῦ τὸ ἱμάτιον ἐκεῖνο.
Veste aquele manto.

O aoristo do subjuntivo médio de βάλλω conjuga-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4):

Voz média, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	βάλ-ωμαι	βαλ-ώμεθα
2ª pessoa	βάλ-ῃ	βάλ-ησθε
3ª pessoa	βάλ-ηται	βάλ-ωνται

A forma βάλῃ é uma contração de βάλησαι (βάλησαι > βάληαι > βάληι > βάλῃ).
Para o significado do aoristo do subjuntivo médio, cf. lição 32.

ἔρχεται ἵνα περιβάληται ἐκεῖνο τὸ ἱμάτιον.
Vem para que vista aquele manto.

O optativo aoristo médio de βάλλω conjuga-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4):

Voz média, modo optativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	βαλ-οίμην	βαλ-οίμεθα
2ª pessoa	βάλ-οιο	βάλ-οισθε
3ª pessoa	βάλ-οιτο	βάλ-οιντο

A forma βάλοιο vem de βάλοισο.
Para o significado do aoristo do optativo médio, cf. lição 32.

περιβάλοιτο ἐκεῖνο τὸ ἱμάτιον.
Possa vestir aquele manto.

O aoristo do particípio médio de βάλλω declina-se como segue (cf. V 6; VD 32; PV 4, Adj 1):

Voz média, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	βαλ-όμενος	βαλ-ομένη	βαλ-όμενον
v	βαλ-όμενε	βαλ-ομένη	βαλ-όμενον
g	βαλ-ομένου	βαλ-ομένης	βαλ-ομένου
d	βαλ-ομένῳ	βαλ-ομένῃ	βαλ-ομένῳ
a	βαλ-όμενον	βαλ-ομένην	βαλ-όμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	βαλ-όμενοι	βαλ-όμεναι	βαλ-όμενα
v	βαλ-όμενοι	βαλ-όμεναι	βαλ-όμενα
g	βαλ-ομένων	βαλ-ομένων	βαλ-ομένων
d	βαλ-ομένοις	βαλ-ομέναις	βαλ-ομένοις
a	βαλ-ομένους	βαλ-ομένας	βαλ-όμενα

Para o significado do aoristo do particípio médio, cf. lição 33.

περιβαλομένη ἐκεῖνο τὸ ἱμάτιον, ἔρχεται εἰς τὸν οἶκον.
Tendo vestido aquele manto, ela vai para casa.

O aoristo do infinitivo médio de βάλλω é βαλ-έσθαι (V 6; VD 32; PV 4). Para o significado do aoristo do infinitivo médio, cf. lição 33.

λέγω αὐτὴν περιβαλέσθαι ἐκεῖνο τὸ ἱμάτιον.
Digo que ela ponha aquele manto.

Verbos difíceis: ἄγω.

ἄγω, *conduzo* [V 2; VD 5; PV 1-4]:

λύω	λύσω	ἔλυσα	λέλυκα	λέλυμαι	ἐλύθην
ἄγω	ἄξω	ἤγαγον	–	ἦγμαι	ἤχθην
Mt 26,46	At 22,5	Mt 21,7		Mt 18,20	Lc 18,40

Uma vez mais as formas fundamentais de λύω são apresentadas para ajudar na orientação. O perfeito ativo de ἄγω não se encontra no Novo Testamento; o espaço onde normalmente se encontraria (cf. λέλυκα) é indicado por um traço. O aoristo fraco ἦξα encontra-se, no Novo Testamento, apenas em verbos compostos.

Regras de acentuação 33.

O acento na segunda pessoa do singular do aoristo do imperativo médio é irregular: βαλοῦ.

O acento no aoristo do infinitivo médio também é irregular: βαλέσθαι.

Vocabulário.

ἄγω [V 2; VD 5; PV 1-4] *conduzo; guio.*

ἀνάγω [ἀνά + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] *conduzo acima*; passivo: *faço-me ao mar; zarpo.*

ἀπάγω [ἀπό + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] *conduzo; conduzo à força.*

εἰσάγω [εἰς + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] *conduzo para dentro.*

ἐξάγω [ἐκ + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] *conduzo para fora.*

παράγω [παρά + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] ativo: *passo ao largo; desvio*; passivo: *introduzo-me furtivamente; desapareço.*

προάγω [πρό + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] transitivo: *precedo*; intransitivo: *venho primeiro.*

συνάγω [σύν + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] *reúno, junto*, com sentido intransitivo; a passiva freqüentemente significa *reúno-me, junto-me* em sentido intransitivo (e.g., "uma multidão reuniu-se").

ἐνιαυτός, -οῦ, ὁ [N 6m] *ano.*

κληρονομία, -ας, ἡ [N 2] *herança.*

λύχνος, -ου, ὁ [N 6m] *lâmpada.*

μακροθυμία, -ας, ἡ [N 2] *paciência; perseverança.*

μέτρον, -ου, τό [N 7] *medida.*

ἕκτος, -η, -ον [Adj 1] *sexto.*

κοινός, -ή, -όν [Adj 1] *comum; impuro.*

κωφός, -ή, -όν [Adj 1] *mudo; surdo.*

ἀληθῶς [Adv 3] *verdadeiramente.*

πότε [Adv 2] *quando?*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. οἱ δὲ ὄχλοι οἱ προάγοντες αὐτὸν ἔκραζον. (Mt 21,9)
2. καὶ ἦν ἤδη ὡσεὶ ὥρα ἕκτη. (Lc 23,44)
3. τότε ὁ Ἰησοῦς ἀνήχθη εἰς τὴν ἔρημον ὑπὸ τοῦ πνεύματος, πειρασθῆναι ὑπὸ τοῦ διαβόλου. (Mt 4,1) [πειρασθῆναι é um infinitivo expressando finalidade – cf. lição 76.]
4. καὶ ἦν ἐκβάλλων δαιμόνιον, καὶ αὐτὸ ἦν κωφόν. (Lc 11,14)
5. ἕως πότε μεθ' ὑμῶν ἔσομαι; (Mt 17,17)
6. ὁ δὲ καρπὸς τοῦ πνεύματός ἐστιν ἀγάπη, χαρά, εἰρήνη, μακροθυμία... (Gl 5,22)
7. οἱ γονεῖς τὸν Ἰησοῦν εἰς τὴν ἁγίαν πόλιν ἀνήγαγον. (Lc 2,22)
8. εἰ γὰρ ἐκ νόμου ἡ κληρονομία, οὐκέτι ἐξ ἐπαγγελίας. (Gl 3,18)
9. ἀληθῶς θεοῦ υἱὸς ἦν οὗτος. (Mt 27,54)
10. καὶ ἀπήγαγον τὸν Ἰησοῦν πρὸς τὸν ἀρχιερέα. (Mc 14,53)
11. ἕκαστος ἔχει μέτρον πίστεως ἀπὸ τοῦ θεοῦ. (Rm 12,3)
12. διὰ τί οἱ μαθηταί σου ἐσθίουσιν τὸν ἄρτον κοιναῖς χερσίν; (Mc 7,5) [O dativo é um dativo de modo ou meio.]
13. οὗτος ἦν ἀρχιερεὺς τοῦ ἐνιαυτοῦ ἐκείνου. (Jo 18,13)
14. καὶ οἱ ὑπηρέται εἰσήγαγον τὸν Ἰησοῦν εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ ἀρχιερέως. (Lc 22,54)
15. καὶ ἰδοὺ δύο τυφλοί, ἀκούσαντες ὅτι Ἰησοῦς παράγει, ἔκραξαν. (Mt 20,30)
16. ὁ κύριος ἐξήγαγεν αὐτὸν ἐκ τῆς φυλακῆς. (At 12,17)
17. ὁ λύχνος τοῦ σώματός ἐστιν ὁ ὀφθαλμός. (Mt 6,22)
18. καὶ συνήχθησαν πρὸς αὐτὸν ὄχλοι πολλοί. (Mt 13,2).

II. Traduza para o grego:

1. Vou preceder-te nesta cidade.
2. Fomos conduzidos pelo Espírito. (Mt 4,1)
3. Digo que Jesus foi conduzido para fora da casa por homens maus.

III. Mc 3,31-4,20.

Lição 45

Verbos depoentes. Depoentes médios. Depoentes passivos.
Usos dos verbos compostos. Verbos difíceis: ἔρχομαι.
Regras de acentuação 34.

Verbos depoentes. Depoentes médios. Depoentes passivos.

Em grego há um grande conjunto de verbos chamados "depoentes". Eles são verbos que "depuseram" (*deponere* em latim) suas formas ativas, mas mantiveram o significado ativo, para suas formas que permanecem médias ou passivas. Os depoentes médios não têm formas ativas, mas usam formas médias para expressar significados ativos. Os depoentes passivos não têm formas ativas ou médias, mas usam formas passivas para expressar significados ativos.

Por exemplo, o verbo ἐργάζομαι é depoente médio, ou seja, é médio na forma mas tem significado ativo: *trabalho*. Não existe a forma ἐργάζω no Novo Testamento nem em qualquer outro lugar na língua grega. Esta forma é "deposta", de modo que a forma média assume seu significado. Isto é verdadeiro para todas as pessoas, números, modos e tempos das formas médias de ἐργάζομαι.

A palavra ἐφοβήθην é um aoristo do indicativo passivo na forma, mas tem significado ativo: *temi*. No Novo Testamento não existe a forma ἐφόβησα, embora a forma exista alhures. Ela é "deposta", de modo que a forma passiva tem seu significado ativo. Isto é verdadeiro para todas as pessoas, números, modos e tempos das formas passivas de φοβέομαι. Não há tampouco a forma ἐφοβησάμην no Novo Testamento. φοβέομαι simplesmente não tem formas ou significado médios. Ele tem apenas formas passivas com o significado ativo.

Não há regra para reconhecer quando um verbo é depoente ou, se o for, se é depoente médio ou passivo. O único modo de reconhecer essas formas é o uso da memória.

As formas depoentes médias e passivas são as mesmas dos verbos normais na voz média ou passiva. Portanto, não há necessidade aqui de dar as formas dos verbos depoentes.

Depoentes médios depoem suas formas ativas e usam suas formas médias para expressar significados ativos. Eles não têm significados médios. Mas suas formas passivas podem ter realmente significados passivos. Assim, o verbo ἐθεασάμην é depoente médio, e significa *observei*. Mas o verbo ἐθεάθην significa *fui observado*.

Uma vez que as formas médias e passivas são as mesmas nos sistemas do presente e do perfeito dos verbos gregos normais, é impossível distinguir se um verbo é depoente médio ou passivo partindo apenas desses sistemas, caso se esteja considerando formas fora de contexto. Somente nos sistemas do futuro ou aoristo é possível tal distinção fora de contexto. Nas listas de vocabulário nesta e nas lições subseqüentes, a primeira pessoa do singular do indicativo presente será dada como de costume, mas visto que essa lista teórica é ambígua para ver se um verbo é depoente médio ou passivo, a categoria a que um verbo depoente pertence – médio ou passivo – será indicada. *Se a lista de vocabulário de um verbo não dá uma forma ativa para a primeira pessoa do singular do indicativo presente, o verbo é depoente. A categoria depoente médio ou passivo será então dada pela indicação "V 22" (depoente médio) ou "V 23" (depoente passivo).*

Um arranjo esquemático, caracterizando a comparação com λύω, pode ajudar a ilustrar as diferenças entre o verbo "normal" (exemplificado por λύω) e depoentes médios e passivos (exemplificados por θεάομαι e φοβέομαι respectivamente). (O futuro será usado porque as formas médias e passivas são distinguíveis em tal sistema de tempo.)

Verbo normal		*Depoente médio*		*Depoente passivo*
λύσω	forma ativa / significado ativo			
λύσομαι	forma média / significado médio	θεάσομαι	forma média / significado ativo	

λυθήσομαι	forma passiva / significado passivo	θεαθήσομαι	forma passiva / significado passivo	φοβηθήσομαι	forma passiva / significado ativo

Nem todos os depoentes médios têm voz passiva como θεάομαι. Mas pelos menos as formas passivas são teoricamente "disponíveis". Para um depoente passivo como φοβέομαι, as formas passivas nem sempre são teoricamente "disponíveis", pelo menos no Novo Testamento grego.

É importante notar que a palavra "depoente" é usada com diferentes significados e pode variar de autor a autor. Portanto, é aconselhável verificar realmente o que um autor quer dizer com a palavra "depoente" antes de tirar algumas conclusões em relação ao que um autor diz e ao que é dito nesta gramática.

Usos dos verbos compostos.

Um verbo composto, como já foi mencionado quando a formação do aumento foi explicada, é aquele em que um prefixo, normalmente uma preposição, é combinado com um radical verbal para formar um verbo com significado especial, envolvendo ambas as partes (e.g., εἰσάγω). Não há uso padrão, considerando-se o modo como um verbo composto relaciona-se com outras palavras na oração. Alguns verbos compostos são transitivos (e.g., ὁ Ἰησοῦς προῆγεν αὐτούς: *Jesus precedeu-os*); outros, ainda que sejam o mesmo verbo em contexto diferente, são intransitivos (e.g., ὁ Ἰησοῦς προῆγεν: *Jesus precedeu*). Alguns repetem o prefixo como preposição com caso específico (e.g., ὁ Ἰησοῦς εἰσῆλθεν εἰς τὴν πόλιν, *Jesus entrou na cidade*). Outros têm caso diferente do acusativo, mas sem preposição (e.g., ὁ Ἰησοῦς προσῆλθεν αὐτοῖς: *Jesus aproximou-se deles*). Estes usos variados devem ser aprendidos a partir do modo como cada verbo é tratado no Novo Testamento. Mas o iniciante é aconselhado a não fazer muita diferença com relação ao uso comum do texto, a fim de que a memória não fique por demais sobrecarregada.

Verbos difíceis: ἔρχομαι.

ἔρχομαι, *venho; vou* [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4]

λύω	λύσω	ἔλυσα	λέλυκα	λέλυμαι	ἐλύθην
ἔρχομαι	ἐλεύσομαι	ἦλθον	ἐλήλυθα	–	–
Mt 13,19	Mt 24,5	Mt 2,2	Lc 5,32		

Este verbo é depoente médio nos sistemas do presente e futuro (note-se a forma do futuro). No aoristo, ele é forte, mas não depoente. O radical do aoristo é ἐλθ-. *É importante notar que o θ neste radical não tem nada a ver com o θ das formas fracas do aoristo passivo do verbo regular.* O perfeito ativo é forte. Não há formas passivas. O verbo é intransitivo, isto é, não tem objeto.

O acento no aoristo do imperativo é irregular: ἐλθέ.

As formas ἔρχεται e ἔρχονται dadas na lição 2 e usadas até agora sem explicação são a terceira pessoa do singular e plural do indicativo presente de ἔρχομαι.

Regras de acentuação 34.

Na segunda pessoa do singular do aoristo do imperativo ativo, o acento de ἔρχομαι é irregular: ἐλθέ. Três outras formas comuns, na segunda pessoa do singular do aoristo do imperativo ativo, são também irregulares: εὑρέ (de εὑρίσκω, *descubro*); εἰπέ (de λέγω, *digo*); λαβέ (de λαμβάνω, *pego*). A irregularidade desaparece quando os verbos são usados com prefixo, isto é, em um verbo composto. Assim: ἔξελθε.

Vocabulário.

ἀπέρχομαι [ἀπό + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *vou-me; afasto-me.*

διέρχομαι [διά + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *atravesso.*

εἰσέρχομαι [εἰς + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *entro; vou a.*

ἐξέρχομαι [ἐκ + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *saio.*

ἔρχομαι [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *venho; vou.*

κατέρχομαι [κατά + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *desço; desembarco.*

παρέρχομαι [παρά + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *passo (por).*

πρόερχομαι [πρό + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *vou/venho antes.*

προσέρχομαι [πρός + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *vou a; aproximo-me de* [com dativo simples].

συνέρχομαι [σύν + ἔρχομαι] [V 2, V 22; VD 99; PV 1-2 e 4] *reúno-me; junto-me.* Pode ser usado com dativo, significando: *vir com, acompanhar.*

εὐαγγελίζομαι (εὐαγγελίσομαι) [εὖ + ἀγγελίζομαι – εὖ é advérbio que significa *bem*. Cf. no vocabulário εὐαγγελίζω, lição 20.] [V 5, V 22; VD 102; PV 2-3] *anuncio boas novas*. Este verbo rege dativo, ou acusativo da pessoa que é evangelizada e o acusativo do que é anunciado. Cf. lição 20, para o uso da voz ativa. Ele, portanto, tem algo de anômalo, e é tratado como verbo regular e como depoente médio no Novo Testamento. O uso como depoente predomina.

ὄφις, -εως, ὁ [N 28m] *serpente, cobra.*

ὀψία, -ας, ἡ [N 2] *entardecer.*

ξένος, -η, -ον [Adj 1] *estranho; estrangeiro*. Esta palavra é encontrada como substantivo [N 6m]: *estrangeiro.*

ἐπαύριον [Adv 2] *no dia seguinte; amanhã.*

μήτι [Adv 2, Neg] Esta palavra é usada como interrogativa para resposta negativa, ou para expressar forte emoção. A forma simples μή é também usada com estes sentidos. A negativa οὐ, quando introduz uma pergunta, espera resposta afirmativa. οὐχί, a forma reforçada de οὐ, é também usada deste modo.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. μήτι οὗτός ἐστιν ὁ Χριστός; (Jo 4,29)
2. καὶ ἀπήγαγον τὸν Ἰησοῦν πρὸς τὸν ἀρχιερέα, καὶ συνέρχονται πάντες οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ πρεσβύτεροι καὶ οἱ γραμματεῖς. (Mc 14,53)
3. καὶ σοῦ δὲ αὐτῆς τὴν ψυχὴν διελεύσεται μάχαιρα. (Lc 2,35)
4. σὺν ὀψίᾳ ἔρχεται τὸ σκότος.
5. καὶ γὰρ ἐγὼ ἄνθρωπός εἰμι ὑπὸ ἐξουσίαν, ἔχων ὑπ' ἐμαυτὸν στρατιώτας, καὶ λέγω τούτῳ, Ἔρχου, καὶ ἔρχεται. (Mt 8,9)
6. ξένος ἤμην καὶ συνηγάγετέ με, γυμνὸς καὶ περιεβάλετέ με. (Mt 25,35-36)
7. ὁ οὐρανὸς καὶ ἡ γῆ παρελεύσεται, οἱ δὲ λόγοι μου οὐ παρελεύσονται. (Mt 24,35)

8. τῇ ἐπαύριον βλέπει τὸν Ἰησοῦν ἐρχόμενον πρὸς αὐτόν. (Jo 1,29)
9. καὶ ἀπελθοῦσα εἰς τὸν οἶκον αὐτῆς εὑρίσκει τὸ παιδίον βεβλημένον ἐπὶ τὴν γὴν καὶ τὸ δαιμόνιον ἐξεληλυθός. (Mc 7,30) [Cf. lição 67, Vocabulário, para o significado de εὑρίσκω.]
10. ἔξελθε ἐξ αὐτοῦ καὶ μηκέτι εἰσέλθῃς εἰς αὐτόν. (Mc 9,25) [Este é um exemplo de subjuntivo aoristo usado para veicular uma ordem negativa – cf. lição 72.]
11. καὶ ἐβλήθη ὁ ὄφις ὁ μέγας. (Ap 12,9)
12. καὶ προσῆλθον αὐτῷ ὄχλοι πολλοὶ ἔχοντες μεθ' ἑαυτῶν τυφλούς, κωφούς, καὶ ἑτέρους πολλούς. (Mt 15,30)
13. καὶ αὐτὸς προελεύσεται ἐνώπιον αὐτοῦ ἐν πνεύματι. (Lc 1,17)
14. καὶ κατῆλθον εἰς τὴν πόλιν ἣ παρὰ τὴν θάλασσαν ἦν. (At 8,5; Mt 4,18)

II. Traduza para o grego:

1. Vejo mulheres vindo a nós.
2. Vieste em espírito e verdade.
3. Saíam da casa. (At 19,16)

III. Mc 4,21-41.

Lição 46

Verbos contratos. Regras de contração para contratos em -ε.
Formas fundamentais de contratos em -ε.
Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de φιλέω.
Verbos difíceis: γίνομαι. Regras de acentuação 35.

Verbos contratos.

Muitas raízes verbais gregas acrescentam as vogais -ε, -α ou -ο. Estas vogais reagem diferentemente nos vários sistemas verbais. No sistema do presente, elas sempre se contraem com a vogal inicial da desinência. (Daí a denominação "verbos contratos".) Nos outros sistemas temporais, essas vogais são normalmente (não sempre) alongadas de um modo ou de outro. Verbos contratos são divididos em três categorias, de acordo com a vogal em que a raiz verbal termina: 1) contratos em -ε (e.g., φιλέ-ω, *amo, gosto*); 2) contratos em -α (e.g., ἀγαπά-ω, *amo*); 3) contratos em -ο (e.g., φανερό-ω, *manifesto*).

Tais mudanças na ortografia não afetam o significado: os significados dos tempos, modos e vozes são os mesmos de λύω.

Regras de contração para contratos em -ε.

As regras de contração para raízes que adicionam ε são assim:

ε + ε > ει (e.g., φιλέ-ετε > φιλεῖτε)
ε + ο > ου (e.g., φιλέ-ομεν > φιλοῦμεν)
ε diante de vogal longa ou ditongo é absorvida (e.g., φιλέ-ω > φιλῶ; φιλέ-ουσι[ν] > φιλοῦσι[ν]).

Nos vocabulários atuais, os verbos contratos são normalmente dados em sua forma não contrata na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ativo (ou médio-passivo, se o verbo for depoente), para facilitar a identi-

ficação da categoria de verbos contratos em que ele cai. Assim, a forma φιλέω encontra-se no vocabulário ou dicionário, embora esta forma nunca se encontre no texto do Novo Testamento. Neste, ela é sempre φιλῶ.

Formas fundamentais de contratos em -ε.

As formas contratas encontram-se apenas no sistema do presente (todos os modos, todas as vozes). Nos outros sistemas, a vogal ε adicionada à raiz é normalmente alongada para η (exceções a esta regra serão dadas na lição 47). Conseqüentemente, as formas fundamentais de φιλέω são:

φιλέ-ω φιλή-σω ἐφίλη-σα πεφίλη-κα πεφίλη-μαι ἐφιλή-θην

Todas as formas fora do sistema do presente conjugam-se exatamente como λύω. Alguns verbos contratos são irregulares, de modo que suas formas fundamentais devem ser aprendidas de memória. Mas, a menos que se observe, os contratos em ε seguem o padrão de φιλέω.

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de φιλέω.

Seguem os tempos do presente ativo de φιλέω (cf. V 8; PV 1-3 e 5-6; para o particípio, cf. também Adj 9):

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	φιλῶ	φιλοῦμεν
2ª pessoa	φιλεῖς	φιλεῖτε
3ª pessoa	φιλεῖ	φιλοῦσι(ν)

Voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐφίλουν	ἐφιλοῦμεν
2ª pessoa	ἐφίλεις	ἐφιλεῖτε
3ª pessoa	ἐφίλει	ἐφίλουν

Voz ativa, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	φίλει	φιλεῖτε
3ª pessoa	φιλείτω	φιλείτωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	φιλῶ	φιλῶμεν
2ª pessoa	φιλῇς	φιλῆτε
3ª pessoa	φιλῇ	φιλῶσι(ν)

O presente do optativo dos verbos contratos não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	φιλῶν	φιλοῦσα	φιλοῦν
v	φιλῶν	φιλοῦσα	φιλοῦν
g	φιλοῦντος	φιλούσης	φιλοῦντος
d	φιλοῦντι	φιλούσῃ	φιλοῦντι
a	φιλοῦντα	φιλοῦσαν	φιλοῦν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	φιλοῦντες	φιλοῦσαι	φιλοῦντα
v	φιλοῦντες	φιλοῦσαι	φιλοῦντα
g	φιλούντων	φιλουσῶν	φιλούντων
d	φιλοῦσι(ν)	φιλούσαις	φιλοῦσι(ν)
a	φιλοῦντας	φιλούσας	φιλοῦντα

O presente do infinitivo ativo é φιλεῖν.

As regras de acentuação das formas contratas serão dadas em Regras de acentuação 35.

Verbos difíceis: γίνομαι.

γίνομαι, *torno-me* [V 7, 21, 22, 23; VD 49; PV 2-4]:

γίνομαι	γενήσομαι	ἐγενόμην	γέγονα	γεγένημαι	ἐγενήθην
Mt 27,24	Mt 18,19	Mt 7,28	Mt 1,22	Jo 2,9	Mt 6,10

Este importante e complicado verbo desafia qualquer categorização. Os significados básicos das formas médias e passivas são sinônimos (*torno-me, venho a ser* etc.). Este parece ser também o significado do perfeito ativo. No

aoristo médio, o verbo é forte; no passivo, é fraco. No perfeito ativo, ele é forte. O futuro apresenta forma média.

Regras de acentuação 35.

As regras básicas para os verbos contratos são as mesmas que as dadas para verbos em geral. O acento apropriado para formas contratas deve ser determinado de acordo com os seguintes princípios:

1) Se não houver acento em nenhum dos dois elementos que formam a contração, o acento permanecerá onde estava na forma não contrata (e.g., ἐφίλε-ον permanece ἐφίλουν).

2) Se houver acento no primeiro dos dois elementos que formam a contração, o acento cairá sobre a sílaba contrata e será circunflexo (e.g., φιλέ-ομεν torna-se φιλοῦμεν).

3) Se houver acento no segundo dos dois elementos que formam a contração, o acento cairá sobre a sílaba contrata e será agudo (e.g., φιλε-έτω torna-se φιλείτω).

Deve-se notar que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo ativo é φιλέ-ει > φιλεῖ, enquanto a segunda pessoa do singular do presente do imperativo ativo é φίλε-ε > φίλει.

Vocabulário.

ἀκολουθέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *sigo*. Rege o caso dativo.

δεῖ [V 8, 19; VD 54; PV 4] *é necessário; é oportuno*. O imperfeito é ἔδει, *era necessário; era oportuno*. [Rege acusativo com infinitivo.]

δοκέω [V 8; VD 65; PV 1-3, 5-6] *acho; suponho; pareço*.

ζητέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *procuro*.

λαλέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *falo; proclamo*.

μαρτυρέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *testemunho; aprovo*.

περιπατέω [περί + πατέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *ando; comporto-me*.

ποιέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *faço; cumpro; executo*.

τηρέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *guardo; mantenho em custódia; observo*.

φιλέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *amo; gosto; beijo*.

φοβέομαι [V 8, 23; VD 331; PV 2-3, 6] *temo*.

γίνομαι [V 7, 21, 22, 23; VD 49; PV 2-4] *torno-me.*

παραγίνομαι [παρά + γίνομαι] [V 7, 21, 22, 23; VD 49; PV 2-4] *chego; apresento-me; apareço.*

καθάπερ [Conj] *como; exatamente como.* Esta construção é usada para fazer comparações entre orações, isto é, segmentos de períodos envolvendo verbos. Esta palavra também se encontra como advérbio [Adv 3]: *assim.*

ὡσαύτως [Adv 3] *do mesmo modo.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. καὶ πάντες ἐμαρτύρουν αὐτῷ καὶ ἐλάλουν περὶ τῶν λόγων τῆς χάριτος τῶν ἐκπορευομένων ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ. (Lc 4,22) [Cf. lição 54, Vocabulário, para o significado de ἐκπορεύομαι.]
2. ἦν δὲ ὁ προφήτης βαπτίζων ἐν τῷ Ἰορδάνῃ ποταμῷ, ὅτι ὕδατα πολλὰ ἦν ἐκεῖ, καὶ παρεγίνοντο καὶ ἐβαπτίζοντο. (Jo 3,23)
3. καὶ ἐλάλει αὐτοῖς τὸν λόγον. (Mc 2,2)
4. ἔδει δὲ τὸν Ἰησοῦν διέρχεσθαι διὰ τῆς χώρας. (Jo 4,4)
5. εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ, λέγε ἵνα οἱ λίθοι οὗτοι ἄρτοι γένωνται. (Mt 4,3) [ἵνα em oração substantiva – cf. lição 75.]
6. πάλιν δὲ ἐξελθὼν περὶ ἕκτην ὥραν ἐποίησεν ὡσαύτως. (Mt 20,5)
7. οὐ γὰρ ὑμεῖς ἐστε οἱ λαλοῦντες ἀλλὰ τὸ πνεῦμα τοῦ πατρὸς ὑμῶν τὸ λαλοῦν ἐν ὑμῖν. (Mt 10,20)
8. ὀπίσω μου ἔρχεται ἀνὴρ ὃς ἔμπροσθέν μου γέγονεν, ὅτι πρῶτός μου ἦν. (Jo 1,30)
9. εἰ δὲ θέλεις εἰς τὴν ζωὴν εἰσελθεῖν, τήρησον τὰς ἐντολάς. (Mt 19,17)
10. ταῦτα πάντα ἐλάλησεν ὁ Ἰησοῦς ἐν παραβολαῖς τοῖς ὄχλοις, καὶ χωρὶς παραβολῆς οὐδὲν ἐλάλει αὐτοῖς. (Mt 13,34)
11. ἐγένετο ὁ προφήτης βαπτίζων ἐν τῇ ἐρήμῳ καὶ κηρύσσων βάπτισμα μετανοίας εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν. (Mc 1,4)
12. καλῶς πάντα πεποίηκεν· τοὺς κωφοὺς ποιεῖ ἀκούειν. (Mc 7,37)
13. τί ὑμῖν δοκεῖ περὶ τοῦ Χριστοῦ; τίνος υἱός ἐστιν; (Mt 22,42)
14. καὶ μετὰ ταῦτα περιεπάτει ὁ Ἰησοῦς ἐν τῇ χώρᾳ ἐκείνῃ. (Jo 7,1)

15. καθάπερ γὰρ τὸ σῶμα ἕν ἐστιν καὶ μέλη πολλὰ ἔχει, πάντα δὲ τὰ μέλη τοῦ σώματος πολλὰ ὄντα ἕν ἐστιν σῶμα, οὕτως καὶ ὁ Χριστός. (1Cor 12,12)
16. καὶ ὁ Ἰησοῦς λέγει αὐτῳ, Ἀκολούθει μοι, καὶ ἠκολούθησεν αὐτῷ. (Mt 9,9)
17. ἐγώ εἰμι· μὴ φοβεῖσθε. (Mc 6,50)
18. ποιήσατε οὖν καρποὺς ἀξίους τῆς μετανοίας. (Lc 3,8)
19. ζητεῖτε δὲ πρῶτον τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ καὶ τὴν δικαιοσύνην αὐτοῦ. (Mt 6,33)
20. καὶ εἰς πάντα τὰ ἔθνη πρῶτον δεῖ κηρυχθῆναι τὸ εὐαγγέλιον. (Mc 13,10)
21. ὁ φιλῶν πατέρα ἢ μητέρα ὑπὲρ ἐμὲ οὐκ ἔστιν μου ἄξιος· καὶ ὁ φιλῶν υἱὸν ἢ θυγατέρα ὑπὲρ ἐμὲ οὐκ ἔστιν μου ἄξιος. (Mt 10,37)

II. Traduza para o grego:

1. Se vos tornardes crentes, sereis felizes.
2. Que não se tornem incrédulos. (Jo 20,27)
3. Tornei-me sábio através da sabedoria de Cristo.

III. Mc 5,1-20.

Lição 47

Presente do indicativo médio e passivo,
imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo,
do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de φιλέω.
Contração em -εω. Raízes monossilábicas.
O não-alongamento de ε nas formas não contratas
de alguns verbos em -ε.
Verbos difíceis: καλέω, δέω.

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de φιλέω.

Os modos do presente médio e passivo de φιλέω são assim (cf. V 8; PV 1-3, 5-6; para o particípio, cf. também Adj 1):

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	φιλοῦμαι	φιλούμεθα
2ª pessoa	φιλῇ	φιλεῖσθε
3ª pessoa	φιλεῖται	φιλοῦνται

A forma φιλῇ vem de φιλε-έσαι (φιλε-έσαι > φιλε-έαι > φιλῆι > φιλῇ).

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐφιλούμην	ἐφιλούμεθα
2ª pessoa	ἐφιλοῦ	ἐφιλεῖσθε
3ª pessoa	ἐφιλεῖτο	ἐφιλοῦντο

A forma ἐφιλοῦ vem de ἐφιλέ-εσο (ἐφιλέ-εσο > ἐφιλέ-εο > ἐφιλέ-ου > ἐφιλοῦ).

Vozes média e passiva, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	φιλοῦ	φιλεῖσθε
3ª pessoa	φιλείσθω	φιλείσθωσαν

A forma φιλοῦ vem de φιλέ-εσο (φιλέ-εσο > φιλέ-εο > φιλέ-ου > φιλοῦ).

Vozes média e passiva, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	φιλῶμαι	φιλώμεθα
2ª pessoa	φιλῇ	φιλῆσθε
3ª pessoa	φιλῆται	φιλῶνται

A forma φιλῇ vem de φιλε-ήσαι (φιλε-ήσαι > φιλε-ήαι > φιλέ-ηι > φιλῆι > φιλῇ).

Vozes média e passiva, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	φιλούμενος	φιλουμένη	φιλούμενον
v	φιλούμενε	φιλουμένη	φιλούμενον
g	φιλουμένου	φιλουμένης	φιλουμένου
d	φιλουμένῳ	φιλουμένῃ	φιλουμένῳ
a	φιλούμενον	φιλουμένην	φιλούμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	φιλούμενοι	φιλούμεναι	φιλούμενα
v	φιλούμενοι	φιλούμεναι	φιλούμενα
g	φιλουμένων	φιλουμένων	φιλουμένων
d	φιλουμένοις	φιλουμέναις	φιλουμένοις
a	φιλουμένους	φιλουμένας	φιλούμενα

O infinitivo presente médio/passivo é φιλεῖσθαι.

É importante ter em mente que a lista de formas sob as rubricas "médio/passivo" ou "médio e passivo" não significa que a ocorrência de uma delas em um texto possa ser tanto médio quanto passivo ao mesmo tempo. É preciso ser um ou outro. Mesmo que o texto seja ambíguo e ambas as alternativas possíveis, elas não podem ocorrer ao mesmo tempo, de um só e mesmo modo.

Contração em -εω. Raízes monossilábicas.

Em verbos com raízes monossilábicas na categoria dos contratos em ε, há exceções para as regras de contração dadas na lição 46: nem todas as contrações normais acontecem. As contrações que não acontecem são ε + ο, ε + ω, e ε + η. Desse modo, para o verbo πνέω, *sopro*, encontra-se πνέοντα em vez de πνοῦντα, e πνέῃ em vez de πνῇ.

O não-alongamento de ε
nas formas não contratas de alguns verbos em -ε.

Alguns verbos contratos em -εω não alongam o ε nas formas que não se contraem. Memorizar é o único meio para guardar esses verbos. Eles não são muitos, e os que existem serão anotados no vocabulário. O verbo mais importante na categoria é καλέω, *chamo*, que mantém o ε não alongado no futuro ativo/médio e no aoristo ativo/médio.

Verbos difíceis: καλέω, δέω.

καλέω, *chamo; convido; nomeio* [V 8; VD 142; PV 1-3, 5-6]:

καλέω	καλέσω	ἐκάλεσα	κέκληκα	κέκλημαι	ἐκλήθην
Mt 22,43	Mt 1,21	Mt 1,25	Lc 14,12	Mt 22,3	Mt 23,8

δέω, *ligo; amarro* [V 8; VD 59; PV 1-3, 5-6]:

–	δήσω	ἔδησα	δέδεκα	δέδεμαι	ἐδέθην
	At 21,11	Mt 14,3	At 22,29	Mt 16,19	At 21,13

Este verbo alonga o ε nas duas primeiras formas fundamentais, mas não nas três últimas.

Vocabulário.

ἐπικαλέω [ἐπί + καλέω] [V 8; VD 142; PV 1-3, 5-6] ativo: *chamo*; médio: *invoco; apelo a.*

καλέω [V 8; VD 142; PV 1-3, 5-6] *chamo; convido; nomeio.*

παρακαλέω [παρά + καλέω] [V 8; VD 142; PV 1-3, 5-6] *rogo; encorajo; consolo.*

προσκαλέομαι [πρός + καλέομαι] [V 8, 22; VD 142; PV 1-3, 5-6] *chamo a mim; convido.*

δέω [V 8; VD 59; PV 1-3, 5-6] *ligo; amarro.*

πλέω [V 8; VD 252; PV 1, 5] *navego.*

πνέω [V 8; VD 256; PV 1, 5] *sopro.*

αἰνέω [futuro: αἰνέσω] [V 8; VD 6; PV 1-3, 5-6] *louvo; aprovo.*

αἰτέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *peço; requeiro; exijo; pergunto.*

δέομαι [V 8, 23; VD 56; PV 3, 6] *peço; imploro.* Este verbo rege o genitivo para a pessoa a quem se pede ou implora.

θεωρέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *olho atentamente; observo.*

κρατέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *pego; agarro.* Rege acusativo ou genitivo. O genitivo explica-se pelo uso, muito mais comum no grego clássico, de considerar verbos de contato e retenção com relação a apenas uma "parte" do objeto tocado ou retido. Assim, usa-se o "genitivo partitivo" para expressar a idéia de que apenas uma "parte" é realmente tocada ou retida.

παραιτέομαι [παρά + αἰτέομαι] [V 8, 22; PV 2-3, 6] *peço por; recuso; desculpo-me.*

προσκυνέω [πρός + κυνέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] transitivo: *adoro; cultuo* [com acusativo ou dativo para o objeto de culto]; intransitivo: *prostro-me.*

ἔπειτα [Adv 2] *depois.*

κακῶς [Adv 3] *mal; injustamente.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἔχε με παρῃτημένον. (Lc 14,18)
2. ὃ ἐὰν δήσῃς ἐπὶ τῆς γῆς ἔσται δεδεμένον ἐν τοῖς οὐρανοῖς, καὶ ὃ ἐὰν λύσῃς ἐπὶ τῆς γῆς ἔσται λελυμένον ἐν τοῖς οὐρανοις. (Mt 16,19)
3. οὗτος προσελθὼν τῷ ἡγεμόνι ᾐτήσατο τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ. (Mt 27,58)

4. καὶ ἐκάλεσεν τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἰησοῦν. (Mt 1,25)
5. εἰ κακῶς ἐλάλησα, μαρτύρησον περὶ τοῦ κακοῦ. (Jo 18,23)
6. μέλλομεν πλεῖν εἰς ἄλλους τόπους. (At 27,2)
7. καὶ ὧδε ἔχει ἐξουσίαν παρὰ τῶν ἀρχιερέων δῆσαι πάντας τοὺς ἐπικαλουμένους τὸ ὄνομά σου. (At 9,14)
8. καὶ ἦλθον οἱ ποταμοὶ καὶ ἔπνευσαν οἱ ἄνεμοι. (Mt 7,25)
9. ὁ δὲ πατὴρ αὐτοῦ ἐξελθὼν παρεκάλει αὐτόν. (Lc 15,28)
10. καὶ ἐζήτουν αὐτὸν κρατῆσαι, καὶ ἐφοβήθησαν τὸν ὄχλον. (Mc 12,12)
11. ἔπειτα μετὰ ἔτη τρία ἀνῆλθον εἰς τὴν ἁγίαν πόλιν. (Gl 1,18)
12. καὶ προσκαλεσάμενος πάλιν τὸν ὄχλον ἔλεγεν αὐτοῖς, Ἀκούσατέ μου πάντες. (Mc 7,14)
13. ἡ δὲ ἐλθοῦσα προσεκύνει αὐτῷ. (Mt 15,25)

II. Traduza para o grego:

1. Serão chamados filhos de Deus. (Lc 1,32.35)
2. Os soldados navegaram no terceiro dia. (Mt 16,21) [Usar o dativo simples sem preposição para expressar o tempo.]
3. Vieram para adorá-lo. (Mt 2,2)

III. Mc 5,21-43.

Lição 48

Sistemas do futuro ativo e médio dos verbos em líqüida e nasal.
Futuro ativo e médio de στέλλω.
Aoristo ativo e médio dos verbos em líqüida e nasal.
Aoristo do indicativo ativo e médio de στέλλω.
Verbos difíceis: στέλλω, κρίνω, ἀγγέλλω.

Sistemas do futuro ativo e médio dos verbos em líqüida e nasal.

Verbos contratos em -εω têm formas contratas especiais apenas no sistema do presente, como foi explicado antes, na lição 46. Há duas outras categorias de verbos, em líqüida (isto é, com a raiz terminando em λ ou ρ) e em nasal (isto é, com a raiz terminando em μ ou ν), que em certo sentido pode-se dizer que fazem uso do paradigma dos contratos em -εω para formar o futuro nas vozes ativa e média. Este fenômeno resulta de mudanças fonológicas peculiares nessas raízes. Por exemplo, no caso do verbo στέλλω, *envio*, a raiz verbal é στελ-. (Por razões irrelevantes à presente discussão, o radical do presente é στελλ-, com dois lambdas.) O futuro não se forma acrescentando-se σ diretamente ao radical, mas acrescentando-se ε mais as desinências regulares, que então se contraem de acordo com as regras já dadas para o sistema do presente dos verbos contratos em ε, de modo que a primeira pessoa do singular do futuro é στελῶ, exatamente como a primeira pessoa do singular do presente de φιλέω é φιλῶ.

Este mesmo tipo de raciocínio se aplica ao futuro de verbos em nasal como μένω (μενέω > μενῶ).

As mesmas regras, é claro, se aplicam a todos os modos do futuro ativo e médio destas duas categorias de verbos.

Futuro ativo e médio de στέλλω.

O futuro indicativo ativo e médio de στέλλω conjuga-se como segue [cf. V 6 e VD 292; στέλλω encontra-se no Novo Testamento apenas como parte de um verbo composto]:

Voz ativa, modo indicativo, tempo futuro

	Singular	Plural
1ª pessoa	στελῶ	στελοῦμεν
2ª pessoa	στελεῖς	στελεῖτε
3ª pessoa	στελεῖ	στελοῦσι(ν)

Voz média, modo indicativo, tempo futuro

	Singular	Plural
1ª pessoa	στελοῦμαι	στελούμεθα
2ª pessoa	στελῇ	στελεῖσθε
3ª pessoa	στελεῖται	στελοῦνται

A forma στελῇ vem de στελέ-εσαι (στελέ-εσαι > στελέ-εαι > στελέ-ηι > στελῆι > στελῇ).

O futuro do infinitivo e do particípio ativos e médios formam-se por analogia com as formas do presente do indicativo de φιλέω.

Aoristo ativo e médio dos verbos em líqüida e nasal.

Verbos em líqüida e nasal também têm regras especiais para formação do aoristo ativo e médio. Mas as formas resultantes não têm semelhança com os verbos contratos em -εω como as formas do futuro ativo e médio. As vozes ativa e média do aoristo de verbos em líqüida e nasal são tratadas aqui por conveniência, dado que se formam de acordo com regras especiais, e parece apropriado tratar os dois fenômenos juntos.

A maioria dos verbos tem formas de aoristo ativo e médio fracas, como foi explicado na lição 18. Isto significa que o radical do aoristo forma-se por adição de um σ à raiz. Quando este σ do radical do aoristo é adicionado à raiz de verbos em líqüida e nasal, mudanças especiais têm lugar: o σ cai e a sílaba anterior à líqüida (ou nasal) se alonga, normalmente pela formação de um ditongo com ι. Assim, o aoristo do indicativo ativo de στέλλω é ἔστειλα; o aoristo do indicativo ativo de μένω é ἔμεινα.

Aoristo do indicativo ativo e médio de στέλλω.

O aoristo do indicativo ativo e médio de στέλλω conjuga-se como segue (cf. V 6 e VD 292):

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔ-στειλ-α	ἐ-στείλ-αμεν
2ª pessoa	ἔ-στειλ-ας	ἐ-στείλ-ατε
3ª pessoa	ἔ-στειλ-ε(ν)	ἔ-στειλ-αν

Voz média, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-στειλ-άμην	ἐ-στειλ-άμεθα
2ª pessoa	ἐ-στείλ-ω	ἐ-στείλ-ασθε
3ª pessoa	ἐ-στείλ-ατο	ἐ-στείλ-αντο

A forma ἐστείλω vem de ἐστείλασο (ἐστείλασο > ἐστείλαο > ἐστείλω).

As desinências são as normais para o indicativo ativo e médio. As mesmas desinências são usadas para o aoristo do indicativo ativo e médio de μένω, baseadas no radical μειν-.

Os temas στειλ- e μειν- são usados para formar todos os outros modos do aoristo ativo e médio.

O futuro e o aoristo são os dois únicos sistemas de tempo em que os verbos em líqüida e nasal têm formas especiais. Sob outros pontos de vista, é claro, verbos em líqüida e nasal podem ser irregulares.

Verbos difíceis: στέλλω, κρίνω, ἀγγέλλω.

στέλλω, *envio* [V 6; VD 292; PV 1-3, 5-6]:

στέλλω	στελῶ	ἔστειλα	ἔσταλκα	ἔσταλμαι	ἐστάλην
Mt 10,16	Mt 24,31	Mt 2,16	Lc 4,18	Lc 13,34	Mt 15,24

O verbo στέλλω existe no Novo Testamento apenas como parte de verbos compostos, embora sejam numerosos. Os exemplos das formas fundamentais dadas acima são do verbo ἀποστέλλω. O futuro e o aoristo foram discutidos nesta lição. O aoristo passivo é forte.

κρίνω, *julgo; distingo; decido* [V 7; VD 165; PV 1-3, 5-6]:

κρίνω	κρινῶ	ἔκρινα	κέκρικα	κέκριμαι	ἐκρίθην
Mt 7,1	Hb 10,30	Lc 7,43	At 16,15	Jo 3,18	Mt 5,40

Os princípios para formar o futuro e o aoristo ativo e médio foram discutidos nesta lição. O aoristo ativo tem ι longo para compensar a queda do σ, mas o alongamento do ι não aparece na ortografia.

ἀγγέλλω, *anuncio* [V 6; VD 2; PV 1-3, 5-6]:

ἀγγέλλω	ἀγγελῶ	ἤγγειλα	–	ἤγγελμαι	ἠγγέλην
At 14,27	Jo 4,25	Mt 2,8		Gl 3,19	Lc 8,20

O verbo simples ἀγγέλλω é raro no Novo Testamento, mas os compostos nele baseados são freqüentes. Os princípios para a formação do futuro e do aoristo ativo e médio foram discutidos nesta lição. O aoristo passivo é forte.

Vocabulário.

ἀποστέλλω [ἀπό + στέλλω] [V 6; VD 292; PV 1-3, 5-6] *envio; envio em missão.*

ἐξαποστέλλω [ἐκ + ἀπό + στέλλω] [V 6; VD 292; PV 1-3, 5-6] *envio para fora; envio adiante.*

ἀνακρίνω [ἀνά + κρίνω] [V 7; VD 165; PV 1-3, 5-6] *examino; julgo.*

ἀποκρίνομαι [ἀπό + κρίνομαι] [V 7, 22, 23; VD 165; PV 2-3, 6]. Este verbo é antes um depoente passivo, mas formas médias são também encontradas com o mesmo significado ativo, como o passivo: *respondo; declaro.*

διακρίνω [διά + κρίνω] [V 7; VD 165; PV 1-3, 5-6] ativo: *avalio; distingo;* médio: *hesito; duvido.* O aoristo passivo também significa *hesito; duvido.*

κατακρίνω [κατά + κρίνω] [V 7; VD 165; PV 2-3, 5-6] *condeno.*

κρίνω [V 7; VD 165; PV 1-3, 5-6] *julgo; distingo; decido.*

ἀγγέλλω [V 6; VD 2; PV 1-3, 5-6] *anuncio.*

ἀναγγέλλω [ἀνά + ἀγγέλλω] [V 6; VD 2; PV 1-3, 5-6] *anuncio; relato; prego.*

ἀπαγγέλλω [ἀπό + ἀγγέλλω] [V 6; VD 2; PV 1-3, 5-6] *informo; proclamo; ordeno* [com dativo de pessoa a quem se ordena].

ἐπαγγέλλομαι [ἐπί + ἀγγέλλομαι] [V 6, 22; VD 2; PV 2-3, 6] *prometo; professo.*

καταγγέλλω [κατά + ἀγγέλλω] [V 6; VD 2; PV 1-3, 5-6] *proclamo; prego.*

παραγγέλλω [παρά + ἀγγέλλω] [V 6; VD 2; PV 1-3, 5-6] *ordeno* [dativo de pessoa a quem se ordena].

ἐπιμένω [ἐπί + μένω] [V 7; VD 125; PV 1-3, 5-6] intransitivo: *permaneço; continuo.*

μένω [V 7; VD 197; PV 1-3, 5-6] transitivo: *espero*; intransitivo: *permaneço.*

ὑπομένω [ὑπό + μένω] [V 7; VD 197; PV 1-3, 5-6] *resisto; suporto.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. κατακρινοῦσιν τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου θανάτῳ. (Mc 10,33)
2. κακεῖ μείνατε ἕως ἂν ἐξέλθητε ἐκ τῆς πόλεως. (Mt 10,11)
3. τούτους τοὺς δώδεκα ἀπέστειλεν ὁ Ἰησοῦς παραγγείλας αὐτοῖς λέγων, Ἀπαγγείλατε ὅσα ὁ Κύριος πεποίηκεν. (Mt 10,5; Mc 5,19)
4. ὅταν ἔλθῃ ὁ Μεσσίας, ἀναγγελεῖ ἡμῖν ἅπαντα. (Jo 4,25)
5. ὁ δὲ ἀνακρίνων με Κύριός ἐστιν. (1Cor 4,4)
6. ἀποκριθεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτοῖς, Ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐὰν ἔχητε πίστιν καὶ μὴ διακριθῆτε, κἂν τῷ ὄρει τούτῳ λέγητε, Βλήθητι εἰς τὴν θάλασσαν, γενήσεται. (Mt 21,21) [κἂν = καὶ ἂν; este é um exemplo de crase.]
7. ὁ δὲ ὑπομείνας εἰς τέλος οὗτος σωθήσεται. (Mt 10,22)
8. ἄνδρες ἀδελφοί, ἡμῖν ὁ λόγος τῆς σωτηρίας ταύτης ἐξαπεστάλη. (At 13,26)
9. πιστὸς γὰρ ὁ ἐπαγγειλάμενος. (Hb 10,23)
10. ὁ δὲ ἀποκριθεὶς αὐτοῖς λέγει, Ὦ γενεὰ ἄπιστος, ἕως πότε πρὸς ὑμᾶς ἔσομαι; (Mc 9,19)
11. καὶ πάντες δὲ οἱ προφῆται κατήγγειλαν τὰς ἡμέρας ταύτας. (At 3,24)
12. μὴ κρίνετε, ἵνα μὴ κριθῆτε· ἐν ᾧ γὰρ κρίματι κρίνετε κριθήσεσθε. (Mt 7,1-2)
13. ἐλπίζω γὰρ ἐπιμεῖναι πρὸς ὑμᾶς. (1Cor 16,7)
14. ἔρχεται ἡ γυνὴ ἀγγέλλουσα τοῖς μαθηταῖς ὅτι Ἑώρακα τὸν Κύριον. (Jo 20,18)
15. ἐδεῖτο δὲ αὐτοῦ ὁ ἀνὴρ ἀφ' οὗ ἐξεληλύθει τὰ δαιμόνια εἶναι σὺν αὐτῷ. (Lc 8,38)
16. καὶ ἀπῆλθον οἱ ποιμένες δοξάζοντες καὶ αἰνοῦντες τὸν θεόν ἐπὶ πάσιν ἃ ἤκουσαν. (Lc 2,20)
17. πολλοὶ ἐπίστευσαν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ, θεωροῦντες αὐτοῦ τὰ σημεῖα ἃ ἐποίει. (Jo 2,23)

II. Traduza para o grego:

1. Enviei-vos para que pregásseis o evangelho.
2. Julgarei os que vos condenaram.
3. O que Deus prometeu também é capaz de cumprir. (Rm 4,21)

III. Mc 6,1-13.

Lição 49

Regras de contração para contratos em -α.
Formas fundamentais dos contratos em -α.
Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἀγαπάω.
Verbos difíceis: ὁράω, ἔχω. Regras de acentuação 36.

Regras de contração para contratos em -α.

Para uma introdução aos verbos contratos, cf. lição 46.
As regras de contração para raízes terminando em α são as seguintes:
α + ε ou η > α (e.g., τιμά-ετε > τιμᾶτε; τιμά-ητε > τιμᾶτε);
α + ο, ω, ou ου > ω (e.g., τιμά-ομεν > τιμῶμεν; τιμά-ω > τιμῶ; τιμά-ουσι[ν] > τιμῶσι[ν]);
α + um ditongo com ι resulta em uma vogal longa com o ι subscrito.

Uma versão simplificada das regras acima:
α + algum som "o" (ο, ου, ω) resulta em ω;
α + outro som (ε, η) resulta em α;
se houver um iota, ele fica subscrito.

Formas fundamentais dos contratos em -α.

Nas formas fundamentais de ἀγαπάω, fora o sistema do presente, a vogal que se adiciona à raiz é alongada em η:

ἀγαπά-ω ἀγαπή-σω ἠγάπη-σα ἠγάπη-κα ἠγάπη-μαι ἠγαπή-θην

Mas, se o α que se acrescenta à raiz for precedido de um ε, ι ou ρ, o α permanece e é alongado em ᾱ, embora não se costume indicar o alongamento. Assim, as formas fundamentais de κοπίαω, *trabalho, canso,* são:

κοπιά-ω κοπιά-σω ἐκοπία-σα κεκοπία-κα κεκοπία-μαι ἐκοπιά-θην

De qualquer modo, há exceções a ambos os modos desta regra. Por ex., χράομαι alonga o α em η: χρήσομαι. E κλάω alonga o α em ᾱ: ἔκλασα.

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἀγαπάω.

O presente ativo de ἀγαπάω, *amo*, conjuga-se como segue (cf. V 9; PV 1-3, 5-6; para o particípio, cf. Adj 8):

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἀγαπῶ	ἀγαπῶμεν
2ª pessoa	ἀγαπᾷς	ἀγαπᾶτε
3ª pessoa	ἀγαπᾷ	ἀγαπῶσι(ν)

Voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἠγάπων	ἠγαπῶμεν
2ª pessoa	ἠγάπας	ἠγαπᾶτε
3ª pessoa	ἠγάπα	ἠγάπων

Note-se o seguinte: ἠγάπων: primeira pessoa do singular e terceira pessoa do plural do imperfeito do indicativo ativo; ἀγαπῶν: particípio presente ativo masculino e neutro singular. Estas duas formas devem ser cuidadosamente distintas pelo aumento e pelo acento.

Voz ativa, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	ἀγάπα	ἀγαπᾶτε
3ª pessoa	ἀγαπάτω	ἀγαπάτωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1a pessoa	ἀγαπῶ	ἀγαπῶμεν
2a pessoa	ἀγαπᾷς	ἀγαπᾶτε
3a pessoa	ἀγαπᾷ	ἀγαπῶσι(ν)

As formas do presente do subjuntivo são as mesmas que as formas do presente do indicativo. Elas podem ser distintas somente pelo contexto.

O presente do optativo ativo dos verbos contratos em -αω não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀγαπῶν	ἀγαπῶσα	ἀγαπῶν
v	ἀγαπῶν	ἀγαπῶσα	ἀγαπῶν
g	ἀγαπῶντος	ἀγαπώσης	ἀγαπῶντος
d	ἀγαπῶντι	ἀγαπώσῃ	ἀγαπῶντι
a	ἀγαπῶντα	ἀγαπῶσαν	ἀγαπῶν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀγαπῶντες	ἀγαπῶσαι	ἀγαπῶντα
v	ἀγαπῶντες	ἀγαπῶσαι	ἀγαπῶντα
g	ἀγαπώντων	ἀγαπώσων	ἀγαπώντων
d	ἀγαπῶσι(ν)	ἀγαπώσαις	ἀγαπῶσι(ν)
a	ἀγαπῶντας	ἀγαπώσας	ἀγαπῶντα

Na possibilidade de confundir certas formas do particípio com certas formas do imperfeito do indicativo, vejam-se as observações de antes, seguindo o paradigma do imperfeito do indicativo ativo.

O infinitivo presente ativo é ἀγαπᾶν.

Não há iota subscrito no infinitivo presente ativo dos verbos contratos em -αω, porque a própria desinência do infinitivo presente é uma contração das vogais originais ε-εν. Daí, ἀγαπά-ε-εν > ἀγαπᾶ-εν > ἀγαπᾶν.

As regras de acentuação para verbos contratos foram dadas antes, na lição 46. Mas deve-se atentar para o acento do particípio neutro, como se explica nas Regras de acentuação 36.

As formas médio-passivas do tempo presente de ἀγαπάω serão dadas na lição 50.

Verbos difíceis: ὁράω, ἔχω.

ὁράω, transitivo: *vejo*; intransitivo: *tomo cuidado* [V 9; VD 222; PV 1-6]:

ὁράω	ὄψομαι	εἶδον	ἑώρακα	–	ὤφθην
Mt 8,4	Mt 5,8	Mt 2,2	Lc 1,22		Mt 17,3
			ἑόρακα		
			Cl 2,1		

O futuro é depoente médio. O aoristo ativo é forte, com aumento irregular (a raiz do aoristo é ἰδ-). Há duas formas do perfeito ativo, e ἑώρακα é a mais comum. Não há perfeito médio-passivo no Novo Testamento.

ἔχω, *tenho* [cf. lição 9] [V 2; VD 109; PV 1-4]:

ἔχω	ἕξω	ἔσχον	ἔσχηκα	---	---
Mt 8,9	Mt 12,11	Mt 19,16	Mc 5,15		

Deve-se lembrar que o aumento do imperfeito de ἔχω é irregular: εἶχον (cf. lição 10). O aumento do aoristo é regular. O radical do aoristo é, portanto, σχ-.

Regras de acentuação 36.

O acento do nominativo, vocativo e acusativo neutro singular do particípio presente ativo de ἀγαπάω depende provavelmente de uma assimilação da acentuação do nominativo e do vocativo masculinos singulares. O mesmo ocorre com as formas correspondentes de φιλέω (cf. lição 46) e de φανερόω (cf. lição 51).

Vocabulário.

ἀγαπάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *amo.*

ὁράω [V 9; VD 222; PV 1-6] transitivo: *vejo*; intransitivo: *tomo cuidado.*

ἐνέχω [ἐν + ἔχω] [V 2; VD 109; PV 1-4] *sou hostil a* [com dativo]; passivo: *sou sujeito a.*

ἐπέχω [ἐπί + ἔχω] [V 2; VD 109; PV 1-4] transitivo: *seguro firmemente;* intransitivo: *fico atento a* [com dativo]; *fico.*

ἔχω [V 2; VD 109; PV 1-4] *tenho.* Cf. lição 9.

κατέχω [κατά + ἔχω] [V 2; VD 109; PV 1-4] transitivo: *seguro; possuo; impeço*; intransitivo: *dirijo-me a.*

μετέχω [μετά + ἔχω] [V 2; VD 109; PV 1-4] *tenho parte em; participo de* [com genitivo ou preposição que rege genitivo].

προσέχω [πρός + ἔχω] [V 2; VD 109; PV 1-4] *fico atento a, dedico-me a* [com acusativo ou dativo]; *guardo-me de* [com ἀπό mais genitivo].

συνέχω [σύν + ἔχω] [V 2; VD 109; PV 1-4] *cerco; prendo.*

ὑπερέχω [ὑπέρ + ἔχω [V 2; VD 109; PV 1-4] *supero.*

γεννάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *sou pai de; gero.*

ἐπερωτάω [ἐπί + ἐρωτάω] [V 9; PV 1-3, 5-6] *pergunto; reclamo.*

ἐπιτιμάω [ἐπί + τιμάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *reprovo; repreendo; censuro* [com dativo de pessoa].

ἐρωτάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *interrogo; peço.*

θεάομαι [V 9, 22; PV 2-3, 6] *vejo; observo.*

καυχάομαι [V 9, 22; VD 147; PV 2-3, 6] *gabo-me; glorio-me de.*

κοπιάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *trabalho; canso-me; fatigo.*

τιμάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *honro.*

αὔριον [Adv 2] *amanhã.*

οὐδέποτε [Adv 2] *nunca.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. πέντε γὰρ ἄνδρας ἔσχες, καὶ νῦν ὃν ἔχεις οὐκ ἔστιν σου ἀνήρ. (Jo 4,18)
2. καὶ ἐπηρώτα αὐτόν, Τί ὄνομά σοι; (Mc 5,9) [O dativo é dativo de posse e funciona como um genitivo de posse.]
3. δευτέρα αὕτη, Ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν. μείζων τούτων ἄλλη ἐντολὴ οὐκ ἔστιν. (Mc 12,31)
4. εἰς τοῦτο γὰρ κοπιῶμεν, ὅτι ἠλπίκαμεν ἐπὶ θεῷ ζῶντι, ὅς ἐστιν σωτὴρ πάντων ἀνθρώπων. (1Tm 4,10)
5. ἡ δὲ γυνὴ ἐνεῖχεν τῷ προφήτῃ. (Mc 6,19)
6. προσέχετε δὲ τὴν δικαιοσύνην ὑμῶν μὴ ποιεῖν ἔμπροσθεν τῶν ἀνθρώπων πρὸς τὸ θεαθῆναι αὐτοῖς· εἰ δὲ μή γε, μισθὸν οὐκ ἔχετε παρὰ τῷ πατρὶ ὑμῶν τῷ ἐν τοῖς οὐρανοῖς. (Mt 6,1)
7. λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς, Ὅτι ἑώρακάς με πεπίστευκας; μακάριοι οἱ μὴ ἰδόντες καὶ πιστεύσαντες. (Jo 20,29)

8. καὶ ἠρώτησεν αὐτὸν ἅπαν τὸ πλῆθος ἀπελθεῖν ἀπ' αὐτῶν, ὅτι φόβῳ μεγάλῳ συνείχοντο. (Lc 8,37)
9. οὕτως οὐδέποτε εἴδομεν. (Mc 2,12)
10. ὁ δὲ ἀνὴρ ἐπεῖχεν τοῖς ἀποστόλοις. (At 3,5)
11. καὶ ἐπετίμησεν αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς λέγων, ἔξελθε ἀπ' αὐτοῦ. (Lc 4,35)
12. τίμα τὸν πατέρα σου καὶ τὴν μητέρα σου. (Mc 7,10)
13. καὶ τότε ὄψονται τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου ἐρχόμενον ἐν νεφέλαις μετὰ δυνάμεως πολλῆς καὶ δόξης. (Mc 13,26)
14. ἐγένετο δὲ ἐπὶ τὴν αὔριον συναχθῆναι αὐτῶν τοὺς ἄρχοντας καὶ τοὺς πρεσβυτέρους καὶ τοὺς γραμματεῖς ἐν τῇ ἁγίᾳ πόλει. (At 4,5) [Aqui αὔριον, um advérbio, é usado como objeto da preposição. Assim o advérbio funciona como substantivo, desde que αὔριον represente ἡ αὔριον ἡμέρα.]
15. ὤφθη δὲ αὐτῷ ἄγγελος ἀπ' οὐρανοῦ. (Lc 22,43)
16. ὁ δὲ καυχώμενος ἐν κυρίῳ καυχάσθω. (2Cor 10,17)
17. εἰ ἄλλοι τῆς ὑμῶν ἐξουσίας μετέχουσιν, οὐ μᾶλλον ἡμεῖς; (1Cor 9,12)
18. καὶ οἱ ὄχλοι κατεῖχον τὸν Ἰησοῦν ἵνα μὴ ἀπέλθῃ ἀπ' αὐτῶν. (Lc 4,42)
19. καλὸν αὐτῷ εἰ οὐκ ἐγεννήθη ὁ ἄνθρωπος ἐκεῖνος. (Mc 14,21)
20. πᾶσα ψυχὴ ἐξουσίαις ὑπερεχούσαις ὑποτασσέσθω. (Rm 13,1)

II. Traduza para o grego:

1. Cristo será visto pelos que o honram.
2. Tendo visto o homem descrente, Jesus o censurou. (1Cor 7,13; Mt 17,18)
3. Possuíram cinco casas nesta cidade. (Mt 10,23)

III. Mc 6,14-29.

Lição 50

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de ἀγαπάω.
Verbos difíceis: λέγω, αἵρω.

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de ἀγαπάω.

Para uma explicação dos verbos contratos, cf. lição 46.

Os modos do presente médio/passivo de ἀγαπάω conjugam-se como segue (cf. V 9; PV 1-3, 5-6; para o particípio, cf. também Adj 1):

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἀγαπῶμαι	ἀγαπώμεθα
2ª pessoa	ἀγαπᾶσαι / ἀγαπᾷ	ἀγαπᾶσθε
3ª pessoa	ἀγαπᾶται	ἀγαπῶνται

A forma ἀγαπᾶσαι vem da forma ἀγαπά-εσαι pela contração das vogais α + ε para produzir ᾶ. A retenção de -σαι não se encontra no grego clássico. A forma ἀγαπᾷ vem da mesma forma ἀγαπά-εσαι e pela omissão de σ, mas por meio de um conjunto diferente de contrações: ἀγαπά-εσαι > ἀγαπά-εαι > ἀγαπά-αι > ἀγαπᾶι > ἀγαπᾷ.

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἠγαπώμην	ἠγαπώμεθα
2ª pessoa	ἠγαπῶ	ἠγαπᾶσθε
3ª pessoa	ἠγαπᾶτο	ἠγαπῶντο

A forma ἠγαπῶ vem de ἠγαπά-εσο pela omissão de um σ entre duas vogais e pela contração: ἠγαπά-εσο > ἠγαπά-εο > ἠγαπά-ω > ἠγαπῶ.

Vozes média e passiva, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	ἀγαπῶ	ἀγαπᾶσθε
3ª pessoa	ἀγαπάσθω	ἀγαπάσθωσαν

Vozes média e passiva, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἀγαπῶμαι	ἀγαπώμεθα
2ª pessoa	ἀγαπᾷ	ἀγαπᾶσθε
3ª pessoa	ἀγαπᾶται	ἀγαπῶνται

A forma ἀγαπᾷ vem da forma ἀγαπά-ησαι pela omissão de σ e pela contração: ἀγαπά-ησαι > ἀγαπά-ηαι > ἀγαπά-αι > ἀγαπᾶι > ἀγαπᾷ.

Como se afirmou na lição 49, o presente do indicativo e do subjuntivo se distinguem apenas pelo contexto. Mas poder-se-ia afirmar também que nas formas médio-passivas da segunda pessoa do singular elas são diferentes. A segunda pessoa do singular médio-passiva pode ser confundida com a terceira pessoa do singular da voz ativa.

No Novo Testamento não há presente do optativo médio e passivo de verbos contratos em -αω.

Vozes média e passiva, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀγαπώμενος	ἀγαπωμένη	ἀγαπώμενον
v	ἀγαπώμενε	ἀγαπωμένη	ἀγαπώμενον
g	ἀγαπωμένου	ἀγαπωμένης	ἀγαπωμένου
d	ἀγαπωμένῳ	ἀγαπωμένῃ	ἀγαπωμένῳ
a	ἀγαπώμενον	ἀγαπωμένην	ἀγαπώμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἀγαπώμενοι	ἀγαπώμεναι	ἀγαπώμενα
v	ἀγαπώμενοι	ἀγαπώμεναι	ἀγαπώμενα
g	ἀγαπωμένων	ἀγαπωμένων	ἀγαπωμένων
d	ἀγαπωμένοις	ἀγαπωμέναις	ἀγαπωμένοις
a	ἀγαπωμένους	ἀγαπωμένας	ἀγαπώμενα

O infinitivo presente médio-passivo é ἀγαπᾶσθαι.

É importante lembrar de novo que a classificação dessas formas como "médias/passivas" não significa que a ocorrência de uma dessas formas em

um contexto possa ser tanto média como passiva, ao mesmo tempo. A forma em determinado contexto deve ser uma ou outra. Mesmo que o contexto seja ambíguo e mesmo que ambas as alternativas sejam possíveis, uma forma não pode ser, ao mesmo tempo, tanto média quanto passiva dentro da mesma passagem.

Verbos difíceis: λέγω, αἴρω.

λέγω, *digo; falo* [V 2; VD 179; PV 1-3, 4]:

λέγω	ἐρῶ	εἶπον	εἴρηκα	εἴρημαι	ἐρρέθην
Mt 1,20	Mt 7,4	Mt 2,8	Mt 26,75	Lc 2,24	Mt 5,21
					ἐρρήθην
					Mt 1,22

O aoristo ativo desse importante verbo é forte, com aumento irregular: a raiz não aumentada é εἰπ-, e a forma aumentada é a mesma (daí, as formas não aumentadas são εἰπεῖν, εἰπών etc.). A forma não aumentada do aoristo passivo tem apenas um ρ; como resultado, o particípio aoristo nominativo masculino singular, por exemplo, é ῥηθείς.

A forma εἶπε(ν), *disse*, dada na lição 2, é a terceira pessoa do singular do aoristo do indicativo ativo de λέγω.

Há outro verbo λέγω. Ele significa *colho, coleto,* e tem formas fundamentais diferentes (cf. VD 117, λέγω II). No Novo Testamento, encontra-se apenas em formas compostas.

Na segunda pessoa do singular do aoristo do imperativo ativo acentua-se εἰπέ (cf. Regras de acentuação 34, lição 45).

αἴρω, *levanto; elevo* [V 6; VD 8; PV 1-3, 5-6]:

αἴρω	ἀρῶ	ἦρα	ἦρκα	ἦρμαι	ἤρθην
Mt 9,16	Mt 4,6	Mt 9,6	Cl 2,14	Jo 20,1	Mt 21,21

Este verbo tem um ι no radical do presente. Em outros lugares o radical é ἀρ-. No futuro, o verbo segue as regras para as líqüidas.

Vocabulário.

λέγω [V 2; VD 179; PV 1-3, 4] *digo; falo.*

αἴρω [V 6; VD 8; PV 1-3] *ergo; elevo.*

ἐπαίρω [ἐπί + αἴρω] [V 6; VD 8; PV 1-3] *ergo; elevo.*

βοάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *grito.*

διψάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *tenho sede.*

ἰάομαι [V 9, V 22; VD 130; PV 1-3, 6] *curo; trato.*

κλάω [V 9; VD 156 (note-se a irregularidade: α permanece no aoristo – ἔκλασα, cf. lição 49); PV 1-3, 5-6] *quebro; rompo.*

κοιμάομαι [V 9, V 23; PV 3, 6] *durmo; adormeço.*

μεριμνάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *anseio.* Freqüentemente usado com genitivo.

νικάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *conquisto; venço.*

πεινάω [V 9; VD 236 (note-se a irregularidade: α permanece no aoristo – ἐπείνασα); PV 1-3, 5-6] *tenho fome.*

πλανάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *faço errar; desvio; engano.*

προσδοκάω [πρός + δοκάω] [V 9; PV 1-3, 5-6] *espero.*

τολμάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *ouso.*

χράομαι [V 9, 22; VD 342 (α torna-se η no aoristo – ἐχρησάμην; cf. lição 49); PV 2-3, 6] *uso; sirvo-me de* [com dativo].

ἅπαξ [Adv 2] *uma só vez.*

ὅθεν [Adv 1, 3] *de onde; onde; de que lugar?*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. μὴ νικῶ ὑπὸ τοῦ κακοῦ, ἀλλὰ νίκα ἐν τῷ ἀγαθῷ τὸ κακόν. (Rm 12,21)
2. καὶ αὐτὸς ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ εἰς τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ ἔλεγεν, Μακάριοι οἱ πτωχοί, ὅτι ὑμετέρα ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ. (Lc 6,20)
3. ὁ φίλος ἡμῶν κεκοίμηται. (Jo 11,11)
4. ὅθεν, ἀδελφοὶ ἅγιοι, δεῖ ἀκολουθῆσαι τῷ Κυρίῳ. (Hb 3,1)
5. μόνον εἰπὲ λόγῳ καὶ ἰαθήσεται ὁ παῖς μου. (Mt 8,8) [λόγῳ é um dativo de instrumento: "diz por uma palavra", isto é, "diz uma palavra".]
6. καὶ ἐάν τις ὑμῖν εἴπῃ, Διὰ τί ποιεῖτε τοῦτο; εἴπατε,

Ὁ κύριος αὐτοῦ χρείαν ἔχει. (Mc 11,3)

7. καὶ οὐδεὶς οὐκέτι ἐτόλμα αὐτὸν ἐπερωτῆσαι. (Mc 12,34)
8. μὴ οὖν μεριμνήσητε εἰς τὴν αὔριον, ἡ γὰρ αὔριον μεριμνήσει ἑαυτῆς. (Mt 6,34) [μεριμνήσητε é um subjuntivo aoristo usado em uma proibição – cf. lição 72.]
9. ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι ὃς ἂν εἴπῃ τῷ ὄρει τούτῳ, Ἄρθητι καὶ βλήθητι εἰς τὴν θάλασσαν, καὶ μὴ διακριθῇ ἐν τῇ καρδίᾳ αὐτοῦ ἀλλὰ πιστεύῃ ὅτι ὃ λαλεῖ γίνεται, ἔσται αὐτῷ. (Mc 11,23)
10. οὐκ ἔστιν θεὸς νεκρῶν· πολὺ πλανᾶσθε. (Mc 12,27)
11. καὶ ἐβόησεν ὁ Ἰησοῦς φωνῇ μεγάλῃ. (Mc 15,34) [φωνῇ μεγάλῃ é um dativo de meio.]
12. ὁ Λόγος σὰρξ ἐγένετο ἅπαξ ἐν τούτῳ τῷ κόσμῳ. (Jo 1,14)

II. Traduza para o grego:

1. Virá e enganará muitos. (Mt 24,5)
2. (Eu) tinha sede e não havia água.
3. Tendo sede, foi à água.

III. Mc 6,30-44.

Lição 51

Regras para contração de contratos em -ο.
Formas fundamentais dos contratos em -ο.
Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo,
presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio
e do infinitivo ativos de φανερόω. Verbos difíceis: φέρω, ἐγείρω.

Regras para contração de contratos em -ο.

Para uma introdução a verbos contratos, cf. lição 46.
As regras de contração para raízes terminando em ο são:

ο + uma vogal longa > ω (φανερό-ητε > φανερῶτε)
ο + uma vogal breve > ου (φανερό-ομεν > φανεροῦμεν);
ο diante de ου é absorvido (φανερό-ουσι > φανεροῦσι);
ο + algum ditongo com ι ou iota subscrito resulta no ditongo οι
(φανερό-εις > φανεροῖς, φανερό-ης > φανεροῖς).

O resultado final é sempre um som "o".

Formas fundamentais dos contratos em -ο.

Nas outras formas fundamentais de φανερόω a vogal temática é alongada para ω:

φανερό-ω	φανερώ-σω	ἐφανέρω-σα
πεφανέρω-κα	πεφανέρω-μαι	ἐφανερώθην

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de φανερόω.

O sistema do presente ativo de φανερόω, *manifesto*, é como segue (cf. V 10; PV 1-3, 5-6; para o particípio, cf. Adj 10):

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	φανερῶ	φανεροῦμεν
2ª pessoa	φανεροῖς	φανεροῦτε
3ª pessoa	φανεροῖ	φανεροῦσι(ν)

Voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐφανέρουν	ἐφανεροῦμεν
2ª pessoa	ἐφανέρους	ἐφανεροῦτε
3ª pessoa	ἐφανέρου	ἐφανέρουν

Voz ativa, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	φανέρου	φανεροῦτε
3ª pessoa	φανερούτω	φανερούτωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	φανερῶ	φανερῶμεν
2ª pessoa	φανεροῖς	φανερῶτε
3ª pessoa	φανεροῖ	φανερῶσι(ν)

Note-se que as formas singulares são as mesmas que as do indicativo.

O presente do optativo de verbos contratos não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	φανερῶν	φανεροῦσα	φανεροῦν
v	φανερῶν	φανεροῦσα	φανεροῦν
g	φανεροῦντος	φανερούσης	φανεροῦντος
d	φανεροῦντι	φανερούσῃ	φανεροῦντι
a	φανεροῦντα	φανεροῦσαν	φανεροῦν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	φανεροῦντες	φανεροῦσαι	φανεροῦντα
v	φανεροῦντες	φανεροῦσαι	φανεροῦντα
g	φανερούντων	φανερουσῶν	φανερούντων
d	φανεροῦσι(ν)	φανερούσαις	φανεροῦσι(ν)
a	φανεροῦντας	φανερούσας	φανεροῦντα

O infinitivo presente ativo é φανεροῦν.

Não há iota subscrito ou ditongo com ι no infinitivo presente ativo, porque a própria desinência do infinitivo presente é contração das vogais originais ε-εν. Daí, φανερό-ε-εν > φανεροῦ-εν > φανεροῦν.

As regras de acentuação foram dadas na lição 46.

As vozes médio-passivas serão dadas na lição 52.

Verbos difíceis: φέρω, ἐγείρω.

φέρω, *porto; carrego; suporto; agüento* [V 6; VD 197; PV 1-4]:

φέρω	οἴσω	ἤνεγκον	ἐνήνοχα	–	ἠνέχθην
Mt 14,18	Jo 21,18	Mt 14,11	Hb 11,17		Mt 14,11

Há três diferentes raízes. O aoristo ativo é forte, embora possa ter desinências fracas. O perfeito ativo também é forte. O perfeito médio-passivo não se encontra no Novo Testamento.

ἐγείρω, *levanto; ressuscito* [V 6; VD 46; PV 1-3]:

ἐγείρω	ἐγερῶ	ἤγειρα	–	ἐγήγερμαι	ἠγέρθην
Mt 10,8	Mt 12,11	Mt 3,9		Mt 11,11	Mt 1,24

O futuro contrai-se como é normal para raízes em líqüida. O aoristo ativo tem a última sílaba do radical alongada, como é normal. Não há perfeito ativo no Novo Testamento.

Vocabulário.

ἀναφέρω [ἀνά + φέρω] [V 6; VD 324; PV 1-4] *ofereço (sacrifício); elevo.*

διαφέρω [διά + φέρω] [V 6; VD 324; PV 1-4] transitivo: *transporto;* intransitivo: *sou diferente de, sou melhor que* [com genitivo].

εισφέρω [εἰσ + φέρω] [V 6; VD 324; PV 1-4] transitivo: *introduzo, deixo entrar, ponho, coloco.*

προσφέρω [πρός + φέρω] [V 6; VD 324; PV 1-4] *ofereço (sacrifício); trago.*

συμφέρω [σύν + φέρω] [V 6, 19; VD 324; PV 1-4] normalmente usado de forma impessoal: *é útil, é proveitoso; é melhor, é bom* [este verbo é freqüentemente encontrado seguido de um infinitivo ou de uma oração substantiva com ἵνα – cf. lição 75].

φέρω [V 6; VD 324; PV 1-4] *porto; carrego; suporto; agüento.*

ἐγείρω [V 6; VD 70; PV 1-3] transitivo: *levanto*; intransitivo: *ressuscito*. Note-se que no presente ativo e no aoristo passivo o sentido é às vezes equivalente ao intransitivo ativo: *ressuscito, ressuscitei*.

δικαιόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *justifico; declaro justo*.

θανατόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *entrego à morte; mortifico*.

κοινόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *contamino; maculo*.

ὁμοιόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *torno semelhante, comparo*; passivo: *assemelho*.

σταυρόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *crucifico*.

τελειόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *cumpro; levo a termo; aperfeiçôo*.

ὑψόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *exalto*; *elevo*.

φανερόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *manifesto; torno manifesto; torno claro*.

ἄνωθεν [Adv 1, 2] *de cima; do começo; de novo*.

μακρόθεν [Adv 1] *longe* [normalmente encontra-se seguido da preposição ἀπό: *longe de*].

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὥστε ἀδελφοί μου, καὶ ὑμεῖς ἐθανατώθητε τῷ νόμῳ διὰ τοῦ σώματος τοῦ Χριστοῦ. (Rm 7,4)
2. καὶ καθὼς ὁ προφήτης ὕψωσεν τὸν ὄφιν ἐν τῇ ἐρήμῳ, οὕτως ὑψωθῆναι δεῖ τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου, ἵνα πᾶς ὁ πιστεύων ἐν αὐτῷ ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον. (Jo 3,14-15)
3. ἄλλος σε οἴσει ὅπου οὐ θέλεις. (Jo 21,18)
4. ἐγερθήσεται γὰρ ἔθνος ἐπ' ἔθνος καὶ βασιλεία ἐπὶ βασιλείαν. (Mt 24,7)
5. οὐχ ὑμεῖς μᾶλλον διαφέρετε αὐτῶν; (Mt 6,26)
6. ἦσαν δὲ ἐκεῖ γυναῖκες πόλλαι ἀπὸ μακρόθεν θεωροῦσαι, αἵτινες ἠκολούθησαν τῷ Ἰησοῦ. (Mt 27,55)
7. καὶ ἀπεκρίθη αὐτῷ εἷς ἐκ τοῦ ὄχλου, Διδάσκαλε, ἤνεγκα τὸν υἱόν μου πρὸς σέ, ἔχοντα πνεῦμα κακόν. (Mc 9,17)
8. εἰ γὰρ νεκροὶ οὐκ ἐγείρονται, οὐδὲ Χριστὸς ἐγήγερται. (1Cor 15,16)
9. τίνι δὲ ὁμοιώσω τὴν γενεὰν ταύτην; (Mt 11,16)
10. αὐτὸς οὐκ ἔχει καθ' ἡμέραν ἀνάγκην, ὥσπερ οἱ ἀρχιερεῖς, ὑπὲρ τῶν ἰδίων ἁμαρτιῶν θυσίας ἀναφέρειν. (Hb 7,27)

11. δεῖ ὑμᾶς γεννηθῆναι ἄνωθεν. (Jo 3,7)
12. τί οὖν ποιήσω Ἰησοῦν τὸν λεγόμενον Χριστόν; λέγουσιν πάντες, Σταυρωθήτω. (Mt 27,22)
13. τότε προσηνέχθησαν αὐτῷ παιδία. (Mt 19,13)
14. ὁ δὲ ποιῶν τὴν ἀλήθειαν ἔρχεται πρὸς τὸ φῶς, ἵνα φανερωθῇ αὐτοῦ τὰ ἔργα. (Jo 3,21)
15. ἀλλ' ἐγὼ τὴν ἀλήθειαν λέγω ὑμῖν, συμφέρει ὑμῖν ἵνα ἐγὼ ἀπέλθω. (Jo 16,7) [Cf. lição 75 para o uso de ἵνα para introduzir uma oração substantiva.]
16. οὐ τὸ εἰσερχόμενον εἰς τὸ στόμα κοινοῖ τὸν ἄνθρωπον, ἀλλὰ τὸ ἐκπορευόμενον ἐκ τοῦ στόματος τοῦτο κοινοῖ τὸν ἄνθρωπον. (Mt 15,11) [Cf. lição 34, Vocabulário, para o significado de ἐκπορεύομαι.]
17. καὶ προσελθὼν ἤγειρεν αὐτὴν κρατήσας τῆς χειρός. (Mc 1,31)
18. οὐδὲν γὰρ ἐτελείωσεν ὁ νόμος. (Hb 7,19)
19. δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν θεὸν διὰ τοῦ σώματος τοῦ Χριστοῦ. (Rm 5,1)
20. ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτοῖς, Λύσατε τὸν ναὸν τοῦτον καὶ ἐν τρισὶν ἡμέραις ἐγερῶ αὐτόν. (Jo 2,19)
21. ἔγειρε καὶ περιπάτει. (Lc 5,23)
22. δύναμις παρ' αὐτοῦ ἐξήρχετο καὶ ἰᾶτο πάντας. (Lc 6,19)
23. τί ἐποίησεν ὁ ἡγεμών, ὅτε χρείαν ἔσχεν καὶ ἐπείνασεν αὐτὸς καὶ οἱ μετ' αὐτοῦ; (Mc 2,25) [Cf. VD 236 para a forma ἐπείνασεν.]
24. ἦσαν γὰρ πάντες προσδοκῶντες αὐτόν. (Lc 8,40)
25. οἴνῳ ὀλίγῳ χρῶ διὰ τὸ σῶμα. (1Tm 5,23)
26. καὶ ὁ διψῶν ἐρχέσθω. (Ap 22,17)

II. Traduza para o grego:

1. Os soldados levaram os escravos ao rei.
2. Jesus queria manifestar a glória do Pai. (Fl 2,11)
3. Deus ressuscitou o Senhor Jesus dos mortos. (At 4,10)

III. Mc 6,45-56.

Lição 52

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de φανερόω.
A construção perifrástica. Verbos difíceis: λαμβάνω, ἀποθνῄσκω.

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de φανερόω.

Os modos dos sistemas do presente médio e passivo de φανερόω conjugam-se como segue (cf. V 10; PV 1-3, 5-6; para o particípio, cf. Adj 1):

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	φανεροῦμαι	φανερούμεθα
2ª pessoa	φανεροῖ	φανεροῦσθε
3ª pessoa	φανεροῦται	φανεροῦνται

A forma φανεροῖ vem de φανερό-εσαι (φανερό-εσαι > φανερό-εαι > φανερό-ηι > φανεροῖ).

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐφανερούμην	ἐφανερούμεθα
2ª pessoa	ἐφανεροῦ	ἐφανεροῦσθε
3ª pessoa	ἐφανεροῦτο	ἐφανεροῦντο

A forma ἐφανεροῦ vem de ἐφανερό-εσο (ἐφανερό-εσο > ἐφανερό-εο > ἐφανερό-ου > ἐφανεροῦ).

Vozes média e passiva, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	φανεροῦ	φανεροῦσθε
3ª pessoa	φανερούσθω	φανερούσθωσαν

A forma φανεροῦ vem de φανερό-εσο (φανερό-εσο > φανερό-ου > φανεροῦ).

Vozes média e passiva, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	φανερῶμαι	φανερώμεθα
2ª pessoa	φανεροῖ	φανερῶσθε
3ª pessoa	φανερῶται	φανερῶνται

A forma φανεροῖ vem de φανερό-ησαι (φανερό-ηαι > φανερό-ηι > φανεροῖ).

O presente do optativo dos verbos contratos não se encontra no Novo Testamento.

Vozes média e passiva, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	φανερούμενος	φανερουμένη	φανερούμενον
v	φανερούμενε	φανερουμένη	φανερούμενον
g	φανερουμένου	φανερουμένης	φανερουμένου
d	φανερουμένῳ	φανερουμένῃ	φανερουμένῳ
a	φανερούμενον	φανερουμένην	φανερούμενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	φανερούμενοι	φανερούμεναι	φανερούμενα
v	φανερούμενοι	φανερούμεναι	φανερούμενα
g	φανερουμένων	φανερουμένων	φανερουμένων
d	φανερουμένοις	φανερουμέναις	φανερουμένοις
a	φανερουμένους	φανερουμένας	φανερούμενα

O infinitivo presente médio e passivo é φανεροῦσθαι.

É importante lembrar que a classificação dessas formas como "médias e passivas" não significa que a ocorrência delas em um contexto possa ser, ao mesmo tempo, média e passiva. Deve, necessariamente, ser uma ou outra. Mesmo que o texto seja ambíguo e ambas as alternativas possíveis, elas não podem ser ambas ao mesmo tempo, em uma só e mesma passagem. O contexto maior poderá decidir de qual forma se trata.

A construção perifrástica.

No Novo Testamento grego há alguns textos em que um particípio (o presente na maioria das vezes, mas, ocasionalmente, um perfeito) é usado com uma forma do verbo εἰμί. Às vezes essa combinação parece ser usada para enfatizar a duração da ação em questão ou a duração do resultado da ação. Mas freqüentemente não parece haver razão para usar essa combinação de preferência à forma comum do verbo sem εἰμί. Esse uso do particípio com εἰμί é chamado de "construção perifrástica". Ela já foi vista na formação do perfeito do subjuntivo e do optativo, ativos, médios e passivos (cf. lições 25, 35 e 42).

ὁ μαθητὴς βαπτίζων ἐστὶν ἐν τῷ ποταμῷ.
O discípulo está batizando no rio.

ὁ μαθητὴς βαπτίζων ἦν ἐν τῷ ποταμῷ.
O discípulo estava batizando no rio.

ὁ μαθητὴς βαπτίζων ἔσται ἐν τῷ ποταμῷ.
O discípulo estará batizando no rio.

Verbos difíceis: λαμβάνω, ἀποθνῄσκω.

λαμβάνω, *tomo; recebo* [V 7; VD 176; PV 1-4]:

λαμβάνω	λή(μ)ψομαι	ἔλαβον	εἴληφα	εἴλημμαι	ἐλήμφθην
Mt 7,8	Mt 10,41	Mt 5,40	Ap 3,3	Jo 8,4	Fl 3,12

O futuro é depoente médio (em alguns textos o μ é omitido). O aoristo ativo é forte. A reduplicação no sistema do perfeito é irregular.

ἀποθνῄσκω, *morro* [V 2, 18; VD 127; PV 1-4]:

ἀποθνῄσκω	ἀποθανοῦμαι	ἀπέθανον	τέθνηκα	---	---
Mc 12,20	Rm 5,7	Mt 8,32	Jo 11,44		

O futuro é depoente médio com a acentuação própria de um radical em líqüida. O aoristo ativo é forte. O iota subscrito encontra-se apenas no sistema do presente. O perfeito tem valor de presente: *estou morto.*

Vocabulário.

ἀναλαμβάνω [ἀνά + λαμβάνω] [V 7; VD 176; PV 1-4] *elevo; tomo.*

ἀπολαμβάνω [ἀπό + λαμβάνω] [V 7; VD 176; PV 1-4] *recebo em troca; recebo* [médio: *tomo à parte*].

ἐπιλαμβάνομαι [ἐπί + λαμβάνομαι] [V 7, 22; VD 176; PV 2-4] *tomo, agarro; aposso-me de; aprisiono* [com genitivo ou acusativo].

καταλαμβάνω [κατά + λαμβάνω] [V 7; VD 176; PV 1-4] *obtenho; surpreendo.*

λαμβάνω [V 7; VD 176; PV 1-4] *tomo; recebo.*

παραλαμβάνω [παρά + λαμβάνω] [V 7; VD 176; PV 1-4] *tomo; aceito.*

προσλαμβάνομαι [πρός + λαμβάνομαι] [V 7, 22; VD 176; PV 1-4] *acolho; tomo à parte.*

συλλαμβάνω [σύν + λαμβάνω] [V 7; VD 176; PV 1-4] *aprisiono; concebo; capturo (peixe).*

ἀποθνῄσκω [ἀπό + θνῄσκω] [V 2, 18; VD 127; PV 1-4] *morro* [o perfeito tem valor de presente: *estou morto*].

ἅπτομαι [V 4, 5, 22; VD 22; PV 2-3] *toco* [com genitivo]. Na voz ativa este verbo significa: *acendo (um fogo)*, mas é bastante raro no Novo Testamento.

εὐχαριστέω [εὖ + χαριστέω – εὖ é um advérbio que significa: *bem*. Cf. lição 79. A forma aumentada no Novo Testamento não prefixa um ε antes da raiz e não modifica o prefixo ευ, de modo que o resultado da forma aumentada é o mesmo que o da não aumentada] [V 8; PV 1-3, 5-6] *dou graças.*

θαυμάζω (θαυμάσω) [V 5; VD 120; PV 1-3] transitivo: *admiro;* intransitivo: *maravilho-me, surpreendo-me* [este verbo normalmente está na voz ativa no Novo Testamento, embora a voz passiva seja ocasionalmente usada (cf. Ap 13,3)].

μισέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *odeio.*

ὑπάρχω [ὑπό + ἄρχω] [V 2; VD 28; PV 1-3] *sou, estou, encontro-me.* O neutro plural do particípio presente ativo, ὑπάρχοντα, usa-se com o significado de *posses.*

φωνέω [V 8; PV 1-3, 4-5] *chamo; convoco.*

εἶτα [Adv 2, 3] *então; depois.*

πρίν [Conj] *antes que.* Normalmente esta conjunção toma acusativo com infinitivo, mas às vezes se encontra com subjuntivo, especialmente depois de uma oração principal negativa.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. εἶπεν δὲ αὐτοῖς, Ποῦ ἡ πίστις ὑμῶν; φοβηθέντες δὲ ἐθαύμασαν. (Lc 8,25)
2. καὶ ἐπιλαβόμενος ἰάσατο αὐτὸν καὶ ἀπέλυσεν. (Lc 14,4)
3. καὶ ἦν αὐτῷ εἰρημένον ὑπὸ τοῦ πνεύματος τοῦ ἁγίου μὴ ἰδεῖν θάνατον πρὶν [ἢ] ἂν ἴδῃ τὸν Χριστὸν κυρίου. (Lc 2,26)
4. ἔλαβεν δὲ φόβος πάντας, καὶ ἐδόξαζον τὸν θεὸν λέγοντες ὅτι Προφήτης μέγας ἠγέρθη ἐν ἡμῖν. (Lc 7,16)
5. εἶπεν οὖν πάλιν αὐτοῖς, Ἐγὼ ὑπάγω καὶ ζητήσετέ με, καὶ ἐν τῇ ἁμαρτίᾳ ὑμῶν ἀποθανεῖσθε. (Jo 8,21)
6. καὶ τὸ πνεῦμα φωνῆσαν φωνῇ μεγάλῃ ἐξῆλθεν ἐξ αὐτοῦ. (Mc 1,26)
7. οἱ δὲ παρὰ τὴν ὁδόν εἰσιν οἱ ἀκούσαντες, εἶτα ἔρχεται ὁ διάβολος καὶ αἴρει τὸν λόγον ἀπὸ τῆς καρδίας αὐτῶν, ἵνα μὴ πιστεύσαντες σωθῶσιν. (Lc 8,12)
8. εἰς τὰ ἴδια ἦλθεν, καὶ οἱ ἴδιοι αὐτὸν οὐ παρέλαβον. (Jo 1,11)
9. ὁ μὲν οὖν κύριος Ἰησοῦς μετὰ τὸ λαλῆσαι αὐτοῖς ἀνελήμφθη εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ ἐκάθισεν ἐκ δεξιῶν τοῦ θεοῦ. (Mc 16,19)
10. καὶ ἔσεσθε μισούμενοι ὑπὸ πάντων διὰ τὸ ὄνομά μου. ὁ δὲ ὑπομείνας εἰς τέλος οὗτος σωθήσεται. (Mc 13,13)
11. ἔλεγεν γὰρ ἐν ἑαυτῇ, Ἐὰν μόνον ἅψωμαι τοῦ ἱματίου αὐτοῦ σωθήσομαι. (Mt 9,21)
12. ἀπέλαβες τὰ ἀγαθά σου ἐν τῇ ζωῇ σου. (Lc 16,25)
13. καὶ ἰδοὺ ἦλθεν ἀνὴρ, καὶ οὗτος ἄρχων τῆς συναγωγῆς ὑπῆρχεν. (Lc 8,41)
14. καὶ προσλαβόμενος αὐτὸν ὁ ἀπόστολος ἤρξατο ἐπιτιμᾶν αὐτῷ. (Mt 16,22)
15. ἦραν οὖν τὸν λίθον. ὁ δὲ Ἰησοῦς ἦρεν τοὺς ὀφθαλμοὺς καὶ εἶπεν, Πάτερ, εὐχαριστῶ σοι ὅτι ἤκουσάς μου. (Jo 11,41)
16. εἶπεν οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς, Ἔτι μικρὸν χρόνον τὸ φῶς ἐν ὑμῖν ἐστιν. περιπατεῖτε ὡς τὸ φῶς ἔχετε, μὴ σκοτία ὑμᾶς καταλάβῃ. (Jo 12,35) [μικρὸν χρόνον é um acusativo para expressar duração de tempo – cf. lição 79.]

17. συλλαβὼν δὲ αὐτὸν ἤγαγε καὶ εἰσήγαγεν εἰς τὴν οἰκίαν τοῦ ἀρχιερέως. (Lc 22,54)

II. Traduza para o grego:
1. Manifesta a ti mesmo. (Jo 7,4)
2. Recebi o testemunho do profeta.
3. Morreremos, mas não nos afastaremos do Senhor.

III. Agora que Mc 1-6 foi lido duas vezes, o estudante está preparado para começar a ler novas seções de Marcos com ainda maior compreensão. Para a presente lição, deve-se ler Mc 7,1-30, primeiro sem recorrer a qualquer auxílio, confiando inteiramente na memória. Então o texto deve ser relido, confrontando alguns pontos duvidosos com a matéria já vista. Finalmente, os versículos devem ser lidos em voz alta pelo menos três vezes.

Lição 53

Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de γινώσκω.
Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de βαίνω.
Verbos difíceis: γινώσκω, βαίνω.

Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de γινώσκω.

Vários verbos conjugados como λύω têm formas especiais e são importantes para um tratamento especial.

O verbo γινώσκω, *conheço*, é verbo irregular, porém acha-se com desinências regulares para radicais irregulares, exceto para o sistema do aoristo ativo (não há formas médias do aoristo). As formas do aoristo ativo de γινώσκω são (cf. V 2, 18, 21; VD 50; PV 1-3):

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔγνων	ἔγνωμεν
2ª pessoa	ἔγνως	ἔγνωτε
3ª pessoa	ἔγνω	ἔγνωσαν

Voz ativa, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	γνῶθι	γνῶτε
3ª pessoa	γνώτω	γνώτωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	γνῶ	γνῶμεν
2ª pessoa	γνῷς	γνῶτε
3ª pessoa	γνῷ / γνοῖ	γνῶσι(ν)

Deve-se notar a forma γνοῖ como possível fonte de confusão com um optativo. O optativo aoristo não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	γνούς	γνοῦσα	γνόν
v	γνούς	γνοῦσα	γνόν
g	γνόντος	γνούσης	γνόντος
d	γνόντι	γνούσῃ	γνόντι
a	γνόντα	γνοῦσαν	γνόν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	γνόντες	γνοῦσαι	γνόντα
v	γνόντες	γνοῦσαι	γνόντα
g	γνόντων	γνουσῶν	γνόντων
d	γνοῦσι(ν)	γνούσαις	γνοῦσι(ν)
a	γνόντας	γνούσας	γνόντα

O infinitivo é γνῶναι.

Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de βαίνω.

O verbo simples βαίνω, *ando*, *vou*, não se encontra no Novo Testamento, mas há numerosos compostos nele baseados. Ele é irregular, mas com desinências regulares, exceto no aoristo ativo. O aoristo ativo tem em todo sistema formas especiais e conjuga-se como segue (cf. V 7; VD 31; PV 1-2; para o particípio, cf. Adj 12):

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔβην	ἔβημεν
2ª pessoa	ἔβης	ἔβητε
3ª pessoa	ἔβη	ἔβησαν

Voz ativa, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	βῆθι / βά	βάτε / βήτε
3ª pessoa	βάτω / βήτω	βάτωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	βῶ	βῶμεν
2ª pessoa	βῇς	βῆτε
3ª pessoa	βῇ	βῶσι(ν)

O optativo aoristo não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	βάς	βᾶσα	βάν
v	βάς	βᾶσα	βάν
g	βάντος	βάσης	βάντος
d	βάντι	βάσῃ	βάντι
a	βάντα	βᾶσαν	βάν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	βάντες	βᾶσαι	βάντα
v	βάντες	βᾶσαι	βάντα
g	βάντων	βασῶν	βάντων
d	βᾶσι(ν)	βάσαις	βᾶσι(ν)
a	βάντας	βάσας	βάντα

O infinitivo aoristo ativo é βῆναι.

Verbos difíceis: γινώσκω, βαίνω.

γινώσκω, *conheço; aprendo* [V 2, 18, 21; VD 50; PV 1-3]:

γινώσκω	γνώσομαι	ἔγνων	ἔγνωκα	ἔγνωσμαι	ἐγνώσθην
Mt 1,25	Lc 1,18	Mt 7,23	Jo 5,42	1Cor 8,3	Gl 4,9

Em vez de futuro ativo, há um futuro depoente médio. A reduplicação do sistema do perfeito é irregular. O aoristo tem formas especiais em todo o sistema, conforme se explica na primeira parte da lição. O perfeito ativo tem significado de presente.

βαίνω, *ando; vou* [V 7; VD 31; PV 1-2]:

βαίνω	βήσομαι	ἔβην	βέβηκα	---	---
Mt 20,17	Rm 10,6	Mt 3,16	Jo 3,13		

Em vez de futuro ativo, há um futuro médio depoente. O perfeito médio-passivo e o aoristo passivo só existem nas formas compostas; nenhum deles se encontra no Novo Testamento. O aoristo tem formas especiais em todo o sistema, conforme se explica nesta lição.

Vocabulário.

ἀναγινώσκω [ἀνά + γινώσκω] [V 2, 18, 21 VD 50; PV 1-3] *leio.*

γινώσκω [V 2, 18, 21; VD 50; PV 1-3] *conheço; aprendo.*

ἐπιγινώσκω [ἐπί + γινώσκω] [V 2, 18, 21; VD 50; PV 1-3] *conheço; reconheço.*

ἀναβαίνω [ἀνά + βαίνω] [V 7; VD 31; PV 1-2] *embarco; subo.*

ἐμβαίνω [ἐν + βαίνω] [V 7; VD 31; PV 1-2] *entro; embarco.* Deve-se notar que o prefixo deste verbo composto é ἐν, que reaparece antes de um aumento (e.g., ἐνέβαινον).

καταβαίνω [κατά + βαίνω] [V 7; VD 31; PV 1-2] *desço; caio.*

μεταβαίνω [μετά + βαίνω] [V 7; VD 31; PV 1-2] *deixo, parto; atravesso.*

ἀσθενέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *estou doente, fraco, enfermo.*

βλασφημέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *blasfemo; insulto.*

διακονέω [V 8; VD 60; PV 1-3, 5-6] *sirvo; provejo a.* O aumento forma-se pelo alongamento de α (e.g., διηκόνουν). O verbo rege o caso dativo.

εὐλογέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *abençôo.*

κατοικέω [κατά + οἰκέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] transitivo: *habito* [com acusativo simples]; intransitivo: *moro* [com preposição].

λογίζομαι (λογίσομαι) [V 5, 22; PV 2-3] *calculo; penso; considero; classifico.*

περισσεύω [V 1; PV 1-3] *abundo; cresço; excedo.*

πράσσω [V 3; VD 261; PV 1-3] transitivo: *faço; pratico*; intransitivo: *ajo.*

δεῦτε [Adv 1] *aqui* [literalmente, *para cá.*]

πώς [Adv 3] *de algum modo.* Esta é uma enclítica. Deve-se distinguir da interrogativa πῶς, não enclítica.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. καὶ μετὰ ἀνόμων ἐλογίσθη. (Lc 22,37)
2. πῶς ἔσται τοῦτο, ἐπεὶ ἄνδρα οὐ γινώσκω; (Lc 1,34)
3. ἔρχομαι πρὸς ὑμᾶς μή πως παθήματα ὑμῶν περισσεύῃ.
4. σῶσον σεαυτὸν καταβὰς ἀπὸ τοῦ σταυροῦ. (Mc 15,30)
5. καὶ ἐζήτουν αὐτὸν κρατῆσαι, καὶ ἐφοβήθησαν τὸν ὄχλον, ἔγνωσαν γὰρ ὅτι πρὸς αὐτοὺς τὴν παραβολὴν εἶπεν. (Mc 12,12)
6. καὶ οἱ ἄγγελοι διηκόνουν αὐτῷ. (Mc 1,13)
7. γνῶθι σεαυτόν.
8. ὃς δ' ἂν βλασφημήσῃ εἰς τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον οὐκ ἔχει ἄφεσιν εἰς τὸν αἰῶνα. (Mc 3,29)
9. ἀπὸ τῶν καρπῶν αὐτῶν ἐπιγνώσεσθε αὐτούς. (Mt 7,16)
10. τότε ἐρεῖ ὁ βασιλεὺς τοῖς ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ [*à sua direita*], Δεῦτε, οἱ εὐλογημένοι τοῦ πατρός μου. (Mt 25,34)
11. περὶ δὲ τῆς ἀναστάσεως τῶν νεκρῶν οὐκ ἀνέγνωτε τὸ ῥηθὲν ὑμῖν ὑπὸ τοῦ θεοῦ; (Mt 22,31)
12. οὐ γὰρ ὃ θέλω τοῦτο πράσσω, ἀλλ' ὃ μισῶ τοῦτο ποιῶ. (Rm 7,15)
13. ἐξήγαγεν δὲ αὐτοὺς ἔξω καὶ ἐπάρας τὰς χεῖρας αὐτοῦ εὐλόγησεν αὐτούς. (Lc 24,50)
14. καθὼς περισσεύει τὰ παθήματα τοῦ Χριστοῦ εἰς ὑμᾶς, οὕτως διὰ τοῦ Χριστοῦ περισσεύει καὶ ἡ παράκλησις ἡμῶν. (2Cor 1,5)
15. βαπτισθεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς εὐθέως ἀνέβη ἀπὸ τοῦ ὕδατος. (Mt 3,16)
16. ὅσοι εἶχον ἀσθενοῦντας νόσοις ἤγαγον αὐτοὺς πρὸς αὐτόν. (Lc 4,40) [νόσοις é um dativo de causa: *enfermos com doenças*.]
17. καὶ μεταβὰς ἐκεῖθεν ἦλθεν εἰς τὴν συναγωγὴν αὐτῶν. (Mt 12,9)
18. τότε ἔρχεται καὶ παραλαμβάνει ἕτερα πνεύματα πονηρότερα ἑαυτοῦ ἑπτά, καὶ εἰσελθόντα κατοικεῖ ἐκεῖ. (Lc 11,26)
19. καὶ ἐμβάντι αὐτῷ εἰς τὸ πλοῖον ἠκολούθησαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ. (Mt 8,23)

II. Traduza para o grego:

1. Se (eu) tivesse conhecido a verdade, não teria vindo.
2. A multidão, reconhecendo-o, seguia-o. (Lc 9,11)

3. Desceram para fazer a vontade de Deus. (Jo 6,38)

III. Ler Mc 7,31-8,21, primeiro sem recorrer a qualquer auxílio, unicamente à memória. Depois, reler o texto, confrontando pontos duvidosos com a matéria já vista. Finalmente, ler os versículos em voz alta pelo menos três vezes.

Lição 54

οἶδα: forma de perfeito, significado de presente.
Perfeito e mais-que-perfeito do indicativo ativo, perfeito do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de οἶδα.
Verbos difíceis: πορεύομαι, πίπτω.

οἶδα: forma de perfeito, significado de presente.

O verbo οἶδα é usado freqüentemente. Tem forma de perfeito que é normalmente traduzida com significado de presente. Encontra-se principalmente no sistema do perfeito ativo com significado de presente. O futuro, εἰδήσω, encontra-se apenas uma vez no Novo Testamento.

O verbo οἶδα é etimologicamente ligado ao aoristo de ὁράω, εἶδον. Mas adverte-se o estudante a considerar os dois verbos separadamente.

Perfeito e mais-que-perfeito do indicativo ativo, perfeito do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de οἶδα.

As formas de οἶδα são como seguem (cf. V 18; VD 212; PV 1-2; para o particípio, cf. também Adj 17):

Voz ativa, modo indicativo, forma de perfeito (significado de presente)

	Singular	Plural
1ª pessoa	οἶδα	οἴδαμεν
2ª pessoa	οἶδας	οἴδατε
3ª pessoa	οἶδεν	οἴδασι(ν)

Voz ativa, modo indicativo, forma de mais-que-perfeito (significado de imperfeito)

	Singular	Plural
1ª pessoa	ᾔδειν	ᾔδειμεν
2ª pessoa	ᾔδεις	ᾔδειτε
3ª pessoa	ᾔδει	ᾔδεισαν

Voz ativa, modo imperativo, forma de perfeito

	Singular	Plural
2ª pessoa	ἴσθι	ἴστε
3ª pessoa	ἵστω	ἵστωσαν

Note-se que a segunda pessoa do singular é a mesma que a do presente do imperativo de εἰμί.

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente (forma de perfeito)

	Singular	Plural
1ª pessoa	εἰδῶ	εἰδῶμεν
2ª pessoa	εἰδῇς	εἰδῆτε
3ª pessoa	εἰδῇ	εἰδῶσι(ν)

O optativo de οἶδα não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, forma de perfeito

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	εἰδώς	εἰδυῖα	εἰδός
v	εἰδώς	εἰδυῖα	εἰδός
g	εἰδότος	εἰδυίας	εἰδότος
d	εἰδότι	εἰδυίᾳ	εἰδότι
a	εἰδότα	εἰδυῖαν	εἰδός

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	εἰδότες	εἰδυῖαι	εἰδότα
v	εἰδότες	εἰδυῖαι	εἰδότα
g	εἰδότων	εἰδυιῶν	εἰδότων
d	εἰδόσι(ν)	εἰδυίαις	εἰδόσι(ν)
a	εἰδότας	εἰδυίας	εἰδότα

O infinitivo é εἰδέναι.

Verbos difíceis: πορεύομαι, πίπτω.

πορεύομαι, *procedo; caminho; viajo; vivo; comporto-me* [V 1, 22, 23; VD 260; PV 2-3]:

πορεύομαι	πορεύσομαι	–	–	πεπόρευμαι	ἐπορεύθην
Mt 8,9	Lc 11,5			1 Pd 4,3	Mt 2,9

O futuro é depoente médio; o aoristo, depoente passivo, isto é, a forma do aoristo passivo tem significado ativo.

πίπτω, *caio* [V 4, 5, 21; VD 248; PV 1-4]:

πίπτω	πεσοῦμαι	ἔπεσον	πέπτωκα	–	–
Mt 17,15	Mt 10,29	Mt 7,25	At 15,16		

O futuro é depoente médio; o aoristo é forte.

Vocabulário.

οἶδα [V 18; VD 212; PV 1-2] *sei.*

εἰσπορεύομαι [εἰς + πορεύομαι] [V 1, 22, 23; VD 260; PV 2-3] *entro.*

ἐκπορεύομαι [ἐκ + πορεύομαι] [V 1, 22, 23; VD 260; PV 2-3] *saio.*

πορεύομαι [V 1, 22, 23; VD 260; PV 2-3] *procedo; caminho; viajo; vivo; comporto-me.*

ἀναπίπτω [ἀνά + πίπτω] [V 4, 5, 21; VD 248; PV 2-4] *reclino; sento-me (à mesa); inclino-me; recosto-me.*

ἐπιπίπτω [ἐπί + πίπτω] [V 4, 5, 21; VD 248; PV 2-4] *caio sobre* [com dativo simples ou preposição].

πίπτω [V 4, 5, 21; VD 248; PV 2-4] *caio.*

ἀσπάζομαι (ἀσπάσομαι) [V 5, 22; PV 2-3] *cumprimento; saúdo; acolho.*

βούλομαι [V 6, 23; VD 44; PV 2-3] *quero; desejo; projeto.*

δέχομαι [V 2, 22; VD 58; PV 2-3] *recebo.*

εὔχομαι [V 2, 22; VD 108; PV 2-3] *oro; rogo; desejo.*

μετανοέω [μετά + νοέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *arrependo-me.*

πληρόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *encho; preencho; completo.*

προσδέχομαι [προς + δέχομαι] [V 2, 22; VD 58; PV 2-3] *espero por; acolho.*

προσεύχομαι [πρός + εὔχομαι] [V 2, 22; VD 108; PV 2-3] *rogo.*

ἔσωθεν [Adv 1] *dentro; de dentro.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. καὶ αὐτὸς ἦν προσδεχόμενος τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ. (Mc 15,43)
2. ὁ δὲ Ἰησοῦς διελθὼν διὰ μέσου αὐτῶν ἐπορεύετο. (Lc 4,30)
3. ὃς ἂν ἓν τῶν τοιούτων παιδίων δέξηται ἐπὶ τῷ ὀνόματί μου, ἐμὲ δέχεται· καὶ ὃς ἂν ἐμὲ δέχηται, οὐκ ἐμὲ δέχεται ἀλλὰ τὸν ἀποστείλαντά με. (Mc 9,37)
4. καὶ ἀποκριθέντες τῷ Ἰησοῦ εἶπαν, Οὐκ οἴδαμεν. (Mt 21,27)
5. καὶ ἐταράχθη ὁ ἀνὴρ ἰδών, καὶ φόβος ἐπέπεσεν ἐπ' αὐτόν. (Lc 1,12)
6. πάντα ταῦτα τὰ πονηρὰ ἔσωθεν ἐκπορεύεται καὶ κοινοῖ τὸν ἄνθρωπον. (Mc 7,23)
7. οὐ τὸ εἰσερχόμενον εἰς τὸ στόμα κοινοῖ τὸν ἄνθρωπον, ἀλλὰ τὸ ἐκπορευόμενον ἐκ τοῦ στόματος τοῦτο κοινοῖ τὸν ἄνθρωπον. (Mt 15,11)
8. καὶ προελθὼν μικρὸν ἔπιπτεν ἐπὶ τῆς γῆς, καὶ προσηύχετο ἵνα εἰ δύνατόν ἐστιν παρέλθῃ ἀπ' αὐτοῦ ἡ ὥρα. (Mc 14,35) [μικρὸν é um acusativo que expressa distância: *um caminho curto*.]
9. ἡ δὲ γυνὴ φοβηθεῖσα, εἰδυῖα ὃ γέγονεν αὐτῇ, ἦλθεν καὶ εἶπεν τῷ Ἰησοῦ πᾶσαν τὴν ἀλήθειαν. (Mc 5,33)
10. καὶ ἀκούσαντες οἱ μαθηταὶ ἔπεσαν ἐπὶ πρόσωπον αὐτῶν καὶ ἐφοβήθησαν. (Mt 17,6)
11. τότε ἐπληρώθη τὸ ῥηθὲν διὰ τοῦ προφήτου. (Mt 2,17)
12. καὶ ἤρξατο ἀσπάζεσθαι αὐτόν. (Mc 15,18)
13. οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου δεῖ εἶναί με; (Lc 2,49)
14. μετανοεῖτε καὶ πιστεύετε ἐν τῷ εὐαγγελίῳ. (Mc 1,15)
15. κριτὴς ἐγὼ τούτων οὐ βούλομαι εἶναι. (At 18,15)
16. ἀλλ' ὅταν κληθῇς πορευθεὶς ἀνάπεσε εἰς τὸν ἔσχατον τόπον. (Lc 14,10)
17. καὶ ἦν μετ' αὐτῶν εἰσπορευόμενος καὶ ἐκπορευόμενος εἰς τὴν πόλιν. (At 9,28)
18. εὔχεσθε ὑπὲρ ἀλλήλων, ὅπως ἰαθῆτε. (Tg 5,16)

II. Traduza para o grego:

1. Sabemos que são verdadeiras as testemunhas que testemunham sobre nós. (Jo 5,32) ["que testemunham" – usa-se acusativo simples, um acusativo de relação.]
2. As mulheres temiam os profetas, sabendo-os homens justos e santos. (Jo 6,20)

3. Não os conheciam, mas os acolhiam no nome de Jesus.

III. Ler Mc 8,22-9,1, primeiro sem recorrer a qualquer auxílio, confiando inteiramente na memória. Então reler o texto, confrontando pontos duvidosos com a matéria já vista. Finalmente, ler os versículos em voz alta, pelo menos três vezes.

Lição 55

Verbos em -μι. Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de δίδωμι. Aoristo do indicativo, do imperativo, do particípio e do infinitivo ativos de δίδωμι. Verbos difíceis: δίδωμι, ἀποκτείνω. Regras de acentuação 37.

Verbos em -μι.

Os verbos em grego antigo dividem-se em duas categorias principais: 1) aqueles cuja desinência na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ativo é -ω (e.g., λύω); 2) os que têm desinência na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ativo em -μι (e.g., εἰμί). Essas oportunas indicações baseiam-se em uma diferença fundamental na estrutura entre as duas categorias. Verbos terminando em -ω na primeira pessoa do singular são conhecidos como "verbos temáticos" porque nos sistemas do presente, do futuro e do aoristo segundo, uma vogal (ε ou ο) interpõe-se entre a raiz e as desinências (por exemplo, λύ-ο-μεν); a vogal é chamada de "vogal temática". Verbos da segunda categoria não têm vogal interposta entre a raiz e as desinências no indicativo e imperativo (por exemplo, τίθε-μεν); eles são conseqüentemente chamados de verbos "não temáticos". (Em ambas as categorias, as vogais temáticas e não temáticas às vezes não são imediatamente evidentes por causa de contrações.)

Depois de uma apresentação inicial de εἰμί, esta gramática fez uma apresentação detalhada dos verbos da primeira categoria. (Cf. lição 9 para a introdução à distinção entre as duas categorias.) É hora de considerar em pormenor a segunda categoria, a categoria de verbos não temáticos ou em "-μι".

Em grego, verbos em -μι (segunda categoria) têm formas distintas em relação a verbos em -ω (primeira categoria) apenas no presente de todas as três vozes e em alguns modos do sistema do aoristo das vozes ativa e passiva. Em todos os outros sistemas, as formas são as mesmas para ambas as categorias. Mas, mesmo onde verbos não temáticos têm em geral formas não temá-

ticas, encontra-se aí uma forma ou outras formas temáticas. (Por ex., as formas temáticas ἐδίδουν – ἐδίδο-ον > ἐδίδουν; ἐδίδο-ες – ἐδίδους; ἐδίδου – ἐδίδου no imperfeito do indicativo ativo.)

Característica distintiva dos verbos em -μι é que a vogal da raiz freqüentemente muda com o sistema de tempo. Por exemplo, o verbo δίδωμι tem na raiz uma vogal longa, ω, no presente singular do indicativo ativo, mas uma vogal breve, ο, no presente plural e demais formas. Essa mudança na quantidade da vogal é conhecida como "gradação vocálica".

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de δίδωμι.

O verbo em -μι δίδωμι, *dou*, conjuga-se como segue no sistema do presente ativo (cf. V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 20):

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	δίδω-μι	δίδο-μεν
2ª pessoa	δίδω-ς	δίδο-τε
3ª pessoa	δίδω-σι(ν)	διδό-ασι(ν)

Deve-se notar a gradação vocálica (διδ<u>ω</u>- no singular, em contraste com διδ<u>ο</u>- no plural).

Voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-δίδουν [forma temática]	ἐ-δίδο-μεν
2ª pessoa	ἐ-δίδους [forma temática]	ἐ-δίδο-τε
3ª pessoa	ἐ-δίδου [forma temática]	ἐ-δίδο-σαν / ἐ-δίδουν [forma temática]

Voz ativa, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	δίδου [forma temática]	δίδο-τε
3ª pessoa	διδό-τω	διδό-τωσαν

A contração na segunda pessoa do singular (δίδο-ε > δίδου) impede de distinguir o radical e a desinência com hífen.

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	διδῶ	διδῶ-μεν
2ª pessoa	διδῷ-ς / διδοῖ-ς	διδῶ-τε
3ª pessoa	διδῷ / διδοῖ	διδῶ-σι(ν)

Contrações impedem distinguir o radical e a desinência com hífen.

Devem-se notar as formas alternadas na segunda e terceira pessoas, junto com a possibilidade de confusão com o presente do modo optativo.

O presente do modo optativo de δίδωμι não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	διδούς	διδοῦσα	διδό-ν
v	διδούς	διδοῦσα	διδό-ν
g	διδό-ντος	διδούσης	διδό-ντος
d	διδό-ντι	διδούσῃ	διδό-ντι
a	διδό-ντα	διδοῦσαν	διδό-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	διδό-ντες	διδοῦσαι	διδό-ντα
v	διδό-ντες	διδοῦσαι	διδό-ντα
g	διδό-ντων	διδουσῶν	διδό-ντων
d	διδοῦσι(ν)	διδούσαις	διδοῦσι(ν)
a	διδό-ντας	διδούσας	διδό-ντα

O infinitivo presente ativo é διδό-ναι.

Deve-se notar a presença de um elemento reduplicado no radical do presente (δι-). A raiz é δο-.

Aoristo do indicativo, do imperativo, do particípio e do infinitivo ativos de δίδωμι.

O sistema do aoristo ativo de δίδωμι conjuga-se como segue (cf. V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11).

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔ-δωκ-α	ἐ-δώκ-αμεν
2ª pessoa	ἔ-δωκ-ας	ἐ-δώκ-ατε
3ª pessoa	ἔ-δωκ-ε(ν)	ἔ-δωκ-αν / ἔδοσαν [forma atemática]

Deve-se notar a possibilidade de confusão com o perfeito ativo. [Este κ incomum encontra-se também no aoristo de τίθημι e ἵημι.]

Voz ativa, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	δό-ς	δό-τε
3ª pessoa	δό-τω	δό-τωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	δῶ	δῶμεν
2ª pessoa	δῷς / δοῖς	δῶτε
3ª pessoa	δῷ / δοῖ / δώῃ	δῶσι(ν)

É clara a possibilidade de confusão com um optativo, em vista das várias formas acima.

O aoristo do optativo ativo de δίδωμι ocorre no Novo Testamento apenas na terceira pessoa do singular: δώῃ.

Voz ativa, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	δούς	δοῦσα	δό-ν
v	δούς	δοῦσα	δό-ν
g	δό-ντος	δούσης	δό-ντος
d	δό-ντι	δούσῃ	δό-ντι
a	δό-ντα	δοῦσαν	δό-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	δό-ντες	δοῦσαι	δό-ντα
v	δό-ντες	δοῦσαι	δό-ντα
g	δό-ντων	δουσῶν	δό-ντων
d	δοῦσι(ν)	δούσαις	δοῦσι(ν)
a	δό-ντας	δούσας	δό-ντα

O infinitivo aoristo ativo é δοῦναι (δο-εναι > δοῦναι).

O aoristo do indicativo ativo é irregular por causa da presença do κ, que normalmente é o sinal do perfeito, ocorrendo no final de um radical. Embora o perfeito ativo de δίδωμι também tenha um κ, deve-se distinguir o aoristo (ἔδωκα) do perfeito (δέδωκα).

As vozes média e passiva serão apresentadas na lição seguinte.

Verbos difíceis: δίδωμι, ἀποκτείνω.

δίδωμι, *dou* [V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11]:

δίδωμι	δώσω	ἔδωκα	δέδωκα	δέδομαι	ἐδόθην
Mt 13,8	Mt 4,9	Mt 10,1	Mc 14,44	Mt 13,11	Mt 14,9

As formas peculiares dos verbos em -μι são limitadas, para δίδωμι, a presente (todas as vozes) e ao aoristo ativo (exceto para o indicativo) e ao aoristo médio. O aoristo do indicativo ativo tem as desinências do aoristo ativo de λύω, mas com radical irregular contendo um κ, fato que provoca possível confusão com o perfeito ativo.

ἀποκτείνω, *mato; assassino* [V 7; VD 168; PV 1-3, 5-6]:

ἀποκτείνω	ἀποκτενῶ	ἀπέκτεινα	–	–	ἀπεκτάνθην
Lc 12,4	Mt 17,23	Lc 11,48			Mt 16,21

A forma ἀποκτέννω encontra-se também no sistema do presente (cf. Mt 10,28). No futuro há a forma contrata própria de uma nasal. No aoristo ativo a ausência do σ é compensada pelo alongamento da sílaba precedente, que faz o radical semelhante ao radical do presente, especialmente nos modos diferentes do indicativo. Não há formas do perfeito no Novo Testamento.

Regras de acentuação 37.

O acento no particípio presente ativo de δίδωμι e dos outros verbos em -μι é na sílaba final do nominativo masculino singular, isto é, na sílaba final da raiz. Ele permanece nesta sílaba por toda a declinação.

O acento no infinitivo presente ativo é sobre a penúltima sílaba.

O acento no subjuntivo presente ativo cai na vogal alongada do radical.

Vocabulário.

ἀποδίδωμι [ἀπό + δίδωμι] [V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11] *pago; restituo; recompenso.*

δίδωμι [V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11] *dou.*

ἐπιδίδωμι [ἐπί + δίδωμι] [V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11] *dou; entrego.*

παραδίδωμι [παρά + δίδωμι] [V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11] *entrego; traio.*

ἀποκτείνω [ἀπό + κτείνω] [V7; VD 168; PV 1-3, 5-6] *mato; assassino.*

ἀπαρνέομαι [ἀπό + ἀρνέομαι] [V 8, 22; VD 26; PV 2-3, 6] *nego; renego.*

ἀρνέομαι [V 8, 22; VD 26; PV 2-3, 6] *nego; renego.*

γαμέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *caso.*

ἐλεέω [V 8, 9; VD 81; PV 1-3, 5-6] *tenho piedade.* No sistema do presente, também se encontra ἐλεάω. Este verbo pode tomar acusativo sem preposição.

ἐλπίζω [V 5; VD 86; PV 1-3, 5-6] *espero; tenho esperança em* [o radical do futuro é irregular: ἐλπιῶ].

ἐνδύω [ἐν + δύω] [V 1; VD 67; PV 1-3] ativo: *visto [alguém];* médio: *visto-me.*

ἔξεστι(ν) [ἐκ + ἐστι(ν)] [V 16, 19; VD 78; PV 9] [imperfeito: ἔξον ἦν] *é permitido; é possível.*

ἐπιτελέω [ἐπί + τελέω] [V 8; VD 305; PV 1-3, 5-6] *completo; cumpro.* O ε final da raiz permanece não alongado.

ἡγέομαι [V 8, 22; VD 115; PV 2-3, 6] *considero; governo; dirijo.*

προφητεύω [V 1; PV 1-3] *profetizo; prego.*

τελέω [V 8; VD 305; PV 1-3, 5-6] *termino; completo; cumpro.* O ε final da raiz permanece não alongado.

αἰτία, -ας, ἡ [N 2] *causa; acusação; culpa; relação.*

λίαν [Adv 3] *muito; grandemente.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. προφήτευσον ἡμῖν, Χριστέ. (Mt 26,68)
2. ἐδίδασκεν γὰρ τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς ὅτι Ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου παραδίδοται εἰς χεῖρας ἀνθρώπων, καὶ ἀποκτενοῦσιν αὐτόν, καὶ ἀποκτανθεὶς μετὰ τρεῖς ἡμέρας ἐγερθήσεται. (Mc 9,31) [παραδίδοται é a terceira pessoa do singular do indicativo presente passivo de δίδωμι – cf. lição 56.]
3. καὶ οὐκ ἀπεκρίθη αὐτῷ οὐδὲ ἓν ῥῆμα, ὥστε θαυμάζειν τὸν ἡγεμόνα λίαν. (Mt 27,14)

4. ὃς γὰρ ἔχει, δοθήσεται αὐτῷ· καὶ ὃς οὐκ ἔχει, καὶ ὃ ἔχει ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ. (Mc 4,25)
5. κύριε, ἐλέησόν μου τὸν υἱόν. (Mt 17,15)
6. ἀλλὰ ἐνδύσασθε τὸν κύριον Ἰησοῦν Χριστόν. (Rm 13,14)
7. εἴ τις θέλει ὀπίσω μου ἐλθεῖν, ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν καὶ ἀράτω τὸν σταυρὸν αὐτοῦ καὶ ἀκολουθείτω μοι. (Mt 16,24)
8. νυνὶ δὲ καὶ τὸ ποιῆσαι ἐπιτελέσατε. (2Cor 8,11)
9. κάλεσον τοὺς ἐργάτας καὶ ἀπόδος αὐτοῖς τὸν μισθὸν ἀρξάμενος ἀπὸ τῶν ἐσχάτων ἕως τῶν πρώτων. (Mt 20,8)
10. ἰδοὺ ἀναβαίνομεν εἰς τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν, καὶ τελεσθήσεται πάντα τὰ γεγραμμένα διὰ τῶν προφητῶν τῷ υἱῷ τοῦ ἀνθρώπου. (Lc 18,31)
11. λέγουσιν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ, Εἰ οὕτως ἐστὶν ἡ αἰτία τοῦ ἀνθρώπου μετὰ τῆς γυναικός, οὐ συμφέρει γαμῆσαι. (Mt 19,10)
12. καὶ γὰρ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου οὐκ ἦλθεν διακονηθῆναι ἀλλὰ διακονῆσαι καὶ δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἀντὶ πολλῶν. (Mc 10,45)
13. ἐκ σοῦ γὰρ ἐξελεύσεται ἡγούμενος. (Mt 2,6)
14. οὐκ ἔξεστίν σοι ἔχειν τὴν γυναῖκα τοῦ ἀδελφοῦ σου. (Mc 6,18)
15. καὶ ἐπεδόθη αὐτῷ βιβλίον τοῦ προφήτου. (Lc 4,17)
16. ἰδοὺ ὁ παραδιδούς με ἤγγικεν. (Mc 14,42)
17. ὅστις δ' ἂν ἀρνήσηταί με ἔμπροσθεν τῶν ἀνθρώπων, ἀρνήσομαι κἀγὼ αὐτὸν ἔμπροσθεν τοῦ πατρός μου τοῦ ἐν τοῖς οὐρανοῖς. (Mt 10,33)
18. καὶ ἤλπιζέν τι σημεῖον ἰδεῖν ὑπ' αὐτοῦ γινόμενον. (Lc 23,8)

II. Traduza para o grego:
1. E deu os pães a quem estava com eles.
2. Mataremos estes soldados, mas não aqueles.
3. Renegarás os teus amigos.

III. Ler Mc 9,2-29, primeiro sem consultar auxílio algum, confiando inteiramente na memória. Depois reler o texto, confrontando pontos duvidosos com a matéria já vista. Finalmente, ler os versículos em voz alta pelo menos três vezes.

Lição 56

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de δίδωμι.
Aoristo do indicativo médio de δίδωμι.
Verbos difíceis: ζάω, ἀνοίγω.
Regras de acentuação 38.

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de δίδωμι.

O sistema do presente médio e passivo de δίδωμι conjuga-se como segue (cf. V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 1):

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	δίδο-μαι	διδό-μεθα
2ª pessoa	δίδο-σαι	δίδο-σθε
3ª pessoa	δίδο-ται	δίδο-νται

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-διδό-μην	ἐ-διδό-μεθα
2ª pessoa	ἐ-δίδο-σο	ἐ-δίδο-σθε
3ª pessoa	ἐ-δίδο-το	ἐ-δίδο-ντο

Vozes média e passiva, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	δίδο-σο	δίδο-σθε
3ª pessoa	διδό-σθω	διδό-σθωσαν

Vozes média e passiva, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	διδῶ-μαι	διδώ-μεθα
2ª pessoa	διδῷ	διδῶ-σθε
3ª pessoa	διδῶ-ται	διδῶ-νται

διδῷ < διδό-ησαι.

O presente médio e passivo não se encontra no modo optativo no Novo Testamento.

Vozes média e passiva, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	διδό-μενος	διδο-μένη	διδό-μενον
v	διδό-μενε	διδο-μένη	διδό-μενον
g	διδο-μένου	διδο-μένης	διδο-μένου
d	διδο-μένῳ	διδο-μένῃ	διδο-μένῳ
a	διδό-μενον	διδο-μένην	διδό-μενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	διδό-μενοι	διδό-μεναι	διδό-μενα
v	διδό-μενοι	διδό-μεναι	διδό-μενα
g	διδο-μένων	διδο-μένων	διδο-μένων
d	διδο-μένοις	διδο-μέναις	διδο-μένοις
a	διδο-μένους	διδο-μένας	διδό-μενα

O infinitivo presente médio e passivo é δίδο-σθαι.

Deve-se notar novamente que a expressão "média e passiva" não significa que uma forma possa ser tanto média quanto passiva ao mesmo tempo em determinado contexto.

Aoristo do indicativo médio de δίδωμι.

O aoristo médio de δίδωμι é forte e no Novo Testamento encontra-se apenas no indicativo. Ele é conjugado como segue (cf. V 13, 21; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11):

Voz média, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-δό-μην	ἐ-δό-μεθα
2ª pessoa	ἔ-δου	ἔ-δο-σθε
3ª pessoa	ἔ-δο-το	ἔ-δο-ντο

ἔδου < ἔδο-σο.

Verbos difíceis: ζάω, ἀνοίγω.

ζάω, *vivo; estou vivo* [V 9; VD 110; PV 1-3, 5-6]:

ζάω	ζήσομαι	ἔζησα	–	–	–
At 17,28	Mt 4,4	Rm 14,9			
	ζήσω				
	Jo 6,51				

A irregularidade deste verbo freqüente está no fato que ele é realmente um verbo tanto em -αω quanto em -ηω, dependendo da forma usada. O indicativo presente é: ζῶ, ζῇς, ζῇ, ζῶμεν, ζῆτε, ζῶσι(ν). Duas formas do imperfeito encontram-se no Novo Testamento: a primeira pessoa do singular, ἔζων, e a segunda pessoa do plural, ἐζῆτε. O infinitivo presente é ζῆν, o particípio presente é ζῶν, ζῶσα, ζῶν (ζῶντος, ζώσης, ζῶντος). O futuro também se encontra na voz ativa (cf. Jo 6,51).

ἀνοίγω, *abro* [V 2; VD 20; PV 1-3]:

ἀνοίγω	ἀνοίξω	ἤνοιξα	ἀνέῳγα	ἤνοιγμαι	ἠνοίχθην
Jo 10,3	Mt 13,35	Jo 9,21	Jo 1,51	At 7,56	Ap 20,12
		ἀνέῳξα		ἀνέῳγμαι	ἀνεῴχθην
		Jo 9,14		At 9,8	Mt 3,16
		[variantes]			
		ἠνέῳξα		ἠνέῳγμαι	ἠνεῴχθην
		Jo 9,17		Ap 3,8	Mt 3,16

A complexidade deste verbo é mais aparente do que real. No aoristo do indicativo ativo e passivo há três tipos de aumento, e no perfeito médio e passivo há três tipos de reduplicação. Em cada uma destas formas, a primeira tem aumento ou reduplicação, a segunda tem dois e a terceira tem três. Há

também uma forma alternativa para o aoristo passivo, ἠνοίγην, que é fort (cf. Mt 20,33 e Mc 7,35).

Regras de acentuação 38.

O acento de muitos verbos em -μι cai na vogal alongada do radical n presente do subjuntivo médio e passivo.

Vocabulário.

ζάω [V 9; VD 110; PV 1-3, 5-6] *vivo; estou vivo.*

ἀνοίγω [ἀνά + οἴγω] [V 2; VD 20; PV 1-3] *abro.*

ἀδικέω [α privativo + δίκη] [V 8; PV 1-3, 5-6] *prejudico; faço o mal.*

ἀναβλέπω [ἀνά + βλέπω] [V 4; VD 43; PV 1-3] *olho para cima; recupero minha visão.* O prefixo ἀνά pode significar *para cima* ou *de novo.*

γνωρίζω (γνωρίσω) [V 5; VD 51; PV 1-3] *faço saber, conhecer.*

γρηγορέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *desperto; guardo; estou vigilante.*

ἐμβλέπω [ἐν + βλέπω] [V 4; VD 43; PV 1-3] *olho em; considero* [rege o caso dativo]. O prefixo é ἐν e aparece nesta forma antes de uma vogal (e.g., ἐνέβλεπον).

ἐξομολογέω [ἐκ + ὁμολογέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] ativo: *concordo;* médio: *confesso; reconheço.*

καταργέω [κατά + ἀργέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *cancelo; destruo; anulo.*

κατηγορέω [Este não é um verbo composto, ainda que o aumento seja entendido como expresso pelo η como em κατηγόρουν em Mc 15,3.] [V 8; PV 1-3, 5-6] *acuso* [com genitivo da pessoa acusada].

λυπέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *magôo, agravo; causo dano.*

ὁμολογέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *professo; declaro; admito.*

φρονέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *penso.*

χαρίζομαι (χαρίσομαι) [V 5, 22; VD 340; PV 2-3] *concedo; trato gentilmente com* [com dativo].

μάλιστα [Adv 3] *sobretudo, especialmente.*

πρωΐ [Adv 2] *de manhã, cedo.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. γρηγορεῖτε οὖν, ὅτι οὐκ οἴδατε τὴν ἡμέραν οὐδὲ τὴν ὥραν. (Mt 25,13)
2. καὶ λέγει αὐτῷ, Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ὄψεσθε τὸν οὐρανὸν ἀνεῳγότα καὶ τοὺς ἀγγέλους τοῦ θεοῦ ἀναβαίνοντας καὶ καταβαίνοντας ἐπὶ τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου. (Jo 1,51)
3. ἐν ἐκείνῃ τῇ ὥρᾳ ἐθεράπευσεν πολλοὺς ἀπὸ νόσων καὶ πνευμάτων πονηρῶν, καὶ τυφλοῖς πολλοῖς ἐχαρίσατο βλέπειν. (Lc 7,21)
4. οὐκ ἐπ' ἄρτῳ μόνῳ ζήσεται ὁ ἄνθρωπος, ἀλλ' ἐπὶ παντὶ ῥήματι ἐκπορευομένῳ διὰ στόματος θεοῦ. (Mt 4,4)
5. ὑμεῖς λυπηθήσεσθε, ἀλλ' ἡ λύπη ὑμῶν εἰς χαρὰν γενήσεται. (Jo 16,20)
6. τυφλοὶ ἀναβλέπουσιν καὶ κωφοὶ ἀκούουσιν, καὶ νεκροὶ ἐγείρονται καὶ πτωχοὶ εὐαγγελίζονται. (Mt 11,5)
7. καὶ ἐβαπτίζοντο ἐν τῷ Ἰορδάνῃ ποταμῷ ὑπ' αὐτοῦ ἐξομολογούμενοι τὰς ἁμαρτίας αὐτῶν. (Mt 3,6)
8. σὺ εἶ ὁ Χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ τοῦ ζῶντος. (Mt 16,16)
9. νόμον οὖν καταργοῦμεν διὰ τῆς πίστεως; (Rm 3,31)
10. καὶ λίαν πρωῒ ἔρχονται ἐπὶ τὸ μνημεῖον. (Mc 16,2)
11. εἰ μὲν οὖν ἀδικῶ καὶ ἄξιον θανάτου πέπραχά τι, οὐ παραιτοῦμαι τὸ ἀποθανεῖν. (At 25,11) [πέπραχα é um tempo perfeito, de πράσσω.]
12. ὕπαγε ὀπίσω μου· σκάνδαλον εἶ ἐμοῦ, ὅτι οὐ φρονεῖς τὰ τοῦ θεοῦ ἀλλὰ τὰ τῶν ἀνθρώπων. (Mt 16,23)
13. καὶ ἐν τῷ κατηγορεῖσθαι αὐτὸν ὑπὸ τῶν ἀρχιερέων καὶ πρεσβυτέρων οὐδὲν ἀπεκρίνατο. (Mt 27,12)
14. εἰς τοῦτο γὰρ κοπιῶμεν, ὅτι ἠλπίκαμεν ἐπὶ θεῷ ζῶντι, ὅς ἐστιν σωτὴρ πάντων ἀνθρώπων, μάλιστα πιστῶν. (1Tm 4,10)
15. καὶ ὡς ἦλθεν ἐπὶ τὸν τόπον, ἀναβλέψας ὁ Ἰησοῦς εἶπεν πρὸς αὐτόν, Κατάβηθι, σήμερον γὰρ ἐν τῷ οἴκῳ σου δεῖ με μεῖναι. (Lc 19,5)
16. ὁ δὲ Ἰησοῦς ἐμβλέψας αὐτῷ ἠγάπησεν αὐτόν. (Mc 10,21)
17. ὑμᾶς δὲ εἴρηκα φίλους, ὅτι πάντα ἃ ἤκουσα παρὰ τοῦ πατρός μου ἐγνώρισα ὑμῖν. (Jo 15,15)

II. Traduza para o grego:

1. Estes nossos filhos estavam mortos e agora vivem. (Lc 15,24)
2. E tendo aberto seu tesouro ofereceu-lhes um presente. (Mt 2,11)

3. Homens não teriam posses, se não lhes tivessem sido dadas do céu. (Jo 19,11)

III. Mc 9,30-10,12.

Lição 57

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de τίθημι. Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de τίθημι. Verbos difíceis: τίθημι, πίνω.

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de τίθημι.

O verbo τίθημι, *ponho, coloco*, no sistema do presente conjuga-se como segue (cf. V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 20). Freqüentemente as contrações impedem a distinção entre o radical e as desinências nos paradigmas abaixo.

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	τίθη-μι	τίθε-μεν
2ª pessoa	τίθη-ς	τίθε-τε
3ª pessoa	τίθη-σι(ν)	τιθέ-ασι(ν) / τιθι-ᾶσι(ν)

Voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-τίθην	ἐ-τίθε-μεν
2ª pessoa	ἐ-τίθεις [forma temática]	ἐ-τίθε-τε
3ª pessoa	ἐ-τίθει [forma temática]	ἐ-τίθε-σαν / ἐτίθουν [forma temática]

Voz ativa, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	τίθει [forma temática]	τίθε-τε
3ª pessoa	τιθέ-τω	τιθέ-τωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	τιθῶ	τιθῶμεν
2ª pessoa	τιθῇς	τιθῆτε
3ª pessoa	τιθῇ	τιθῶσι(ν)

Não há presente do optativo ativo no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τιθείς	τιθεῖσα	τιθέ-ν
v	τιθείς	τιθεῖσα	τιθέ-ν
g	τιθέ-ντος	τιθείσης	τιθέ-ντος
d	τιθέ-ντι	τιθείσῃ	τιθέ-ντι
a	τιθέ-ντα	τιθεῖσαν	τιθέ-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τιθέ-ντες	τιθεῖσαι	τιθέ-ντα
v	τιθέ-ντες	τιθεῖσαι	τιθέ-ντα
g	τιθέ-ντων	τιθεισῶν	τιθέ-ντων
d	τιθεῖσι(ν)	τιθείσαις	τιθεῖσι(ν)
a	τιθέ-ντας	τιθείσας	τιθέ-ντα

O infinitivo presente ativo é τιθέ-ναι.

A reduplicação τι é parte do radical do presente. Cf. δί-δωμι e V 21.

Devemos notar os acentos peculiares do subjuntivo, do particípio e do infinitivo presente (cf. Regras de acentuação 37, lição 55).

Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de τίθημι.

O sistema do aoristo ativo de τίθημι conjuga-se como segue (cf. V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 18):

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔ-θηκ-α	ἐ-θήκ-αμεν
2ª pessoa	ἔ-θηκ-ας	ἐ-θήκ-ατε
3ª pessoa	ἔ-θηκ-ε(ν)	ἔ-θηκ-αν

Voz ativa, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	θέ-ς	θέ-τε
3ª pessoa	θέ-τω	θέ-τωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	θῶ	θῶμεν
2ª pessoa	θῇς	θῆτε
3ª pessoa	θῇ	θῶσι(ν)

O aoristo do optativo ativo não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	θείς	θεῖσα	θέ-ν
v	θείς	θεῖσα	θέ-ν
g	θέ-ντος	θείσης	θέ-ντος
d	θέ-ντι	θείσῃ	θέ-ντι
a	θέ-ντα	θεῖσαν	θέ-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	θέ-ντες	θεῖσαι	θέ-ντα
v	θέ-ντες	θεῖσαι	θέ-ντα
g	θέ-ντων	θεισῶν	θέ-ντων
d	θεῖσι(ν)	θείσαις	θεῖσι(ν)
a	θέ-ντας	θείσας	θέ-ντα

O aoristo do infinitivo ativo é θεῖναι.

O radical do aoristo do indicativo tem κ, ao passo que os radicais dos outros modos não. Visto que o radical do perfeito também tem κ (τέθεικα), devemos notar a ausência de reduplicação no aoristo (do indicativo) ativo.

As formas média e passiva serão apresentadas nas lições seguintes.

Verbos difíceis: τίθημι, πίνω.

τίθημι, *ponho, coloco* [V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11]:

τίθημι	θήσω	ἔθηκα	τέθεικα	τέθειμαι	ἐτέθην
Lc 8,16	Mt 12,18	Mt 27,60	Jo 11,34	Mc 15,47	Mc 4,21

O presente ativo e médio-passivo e o aoristo ativo (exceto no indicativo) têm desinências especiais apropriadas para os verbos em -μι.

O aoristo médio também tem formas especiais.

πίνω, *bebo* [V 7; VD 246; PV 1-4]:

πίνω	πίομαι	ἔπιον	πέπωκα	–	ἐπόθην
Mt 11,18	Mt 20,23	Mt 6,25	Ap 18,3		1Cor 15,54

O futuro é depoente médio. O aoristo é forte. O perfeito médio-passivo não se encontra no Novo Testamento.

A forma πεῖν encontra-se em Jo 4,7, para o infinitivo aoristo ativo.

Vocabulário.

ἐπιτίθημι [ἐπί + τίθημι] [V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11] *ponho sobre; imponho* [com dativo]; *ponho.*

παρατίθημι [παρά + τίθημι] [V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11] *ponho diante, aponho; distribuo.*

προστίθημι [πρός + τίθημι] [V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11] *adiciono a; acrescento; dou; continuo.*

τίθημι [V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11] *ponho; coloco.*

πίνω [V 7; VD 246; PV 1-4] *bebo.*

βασιλεύω [V 1; PV 1-3] *governo; reino.*

δοκιμάζω (δοκιμάσω) [V 5; PV 1-3] *provo; distingo.*

εὐδοκέω [εὖ + δοκέω] [V 8; VD 65; PV 1-3, 5-6] *dou graças; tenho prazer com* [com ἐν e dativo]; *escolho.*

καθεύδω [V 1; PV 1-3] *durmo.*

κατεργάζομαι [κατά + ἐργάζομαι] [V 5, 22; VD 94; PV 2-3] *faço; produzo.*

λατρεύω [V 1; PV 1-3] *sirvo; adoro* [com dativo].

μνημονεύω [V 1; PV 1-3] *recordo* [com genitivo ou acusativo].

πωλέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *vendo.*

ὑπακούω [ὑπό + ἀκούω] [V 1; VD 11; PV 1-3] *dou ouvidos a; obedeço* [normalmente com dativo].

δεῦρο [Adv 1] *vem*. Apesar da tradução, esta palavra não é um verbo.

ταχύ [Adv 2] *rapidamente*.

τρίς [Adv 2] *três vezes*.

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὕπαγε ὅσα ἔχεις πώλησον καὶ δὸς τοῖς πτωχοῖς, καὶ ἕξεις θησαυρὸν ἐν οὐρανῷ, καὶ δεῦρο ἀκολούθει μοι. (Mc 10,21)
2. πρὶν ἀλέκτορα φωνῆσαι σήμερον ἀπαρνήσῃ με τρίς. (Lc 22,61)
3. εἶτα πάλιν ἐπέθηκεν τὰς χεῖρας ἐπὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ. (Mc 8,25)
4. καὶ ἰδοὺ φωνὴ ἐκ τῶν οὐρανῶν λέγουσα, Οὗτός ἐστιν ὁ υἱός μου ὁ ἀγαπητός, ἐν ᾧ εὐδόκησα. (Mt 3,17)
5. ζητεῖτε δὲ πρῶτον τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ καὶ τὴν δικαιοσύνην αὐτοῦ, καὶ ταῦτα πάντα προστεθήσεται ὑμῖν. (Mt 6,33)
6. καὶ ἰδοὺ ἄνδρες φέροντες ἄνθρωπον καὶ ἐζήτουν αὐτὸν εἰσενεγκεῖν καὶ θεῖναι αὐτὸν ἐνώπιον τοῦ Ἰησοῦ. (Lc 5,18)
7. καὶ εἰς ἣν ἂν πόλιν εἰσέρχησθε καὶ δέχωνται ὑμᾶς, ἐσθίετε τὰ παρατιθέμενα ὑμῖν, καὶ θεραπεύετε τοὺς ἐν αὐτῇ ἀσθενεῖς, καὶ λέγετε αὐτοῖς, Ἤγγικεν ἐφ' ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ. (Lc 10,8-9) [εἰς ἣν ἂν πόλιν relativo mais ἂν com subjuntivo: *em qualquer cidade em que entrardes*...]
8. τὸ παιδίον οὐκ ἀπέθανεν ἀλλὰ καθεύδει. (Mc 5,39)
9. καὶ ταχὺ πορευθεῖσαι εἴπατε τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ ὅτι Ἠγέρθη ἀπὸ τῶν νεκρῶν. (Mt 28,7)
10. οὐδεὶς αἴρει τὴν ψυχήν ἀπ' ἐμοῦ, ἀλλ' ἐγὼ τίθημι αὐτὴν ἀπ' ἐμαυτοῦ. ἐξουσίαν ἔχω θεῖναι αὐτήν, καὶ ἐξουσίαν ἔχω πάλιν λαβεῖν αὐτήν· ταύτην τὴν ἐντολὴν ἔλαβον παρὰ τοῦ πατρός μου. (Jo 10,18)
11. οὐ θέλομεν τοῦτον βασιλεῦσαι ἐφ' ἡμᾶς. (Lc 19,14)
12. τὸ ποτήριον ὃ ἐγὼ πίνω πίεσθε καὶ τὸ βάπτισμα ὃ ἐγὼ βαπτίζομαι βαπτισθήσεσθε. (Mc 10,39) [τὸ βάπτισμα e ὃ são acusativos de relação: *com relação a*...]
13. Κύριον τὸν θεόν σου προσκυνήσεις καὶ αὐτῷ μόνῳ λατρεύσεις. (Mt 4,10) [O tempo futuro é uma expressão de ordem.]

14. καὶ ἐφοβήθησαν φόβον μέγαν, καὶ ἔλεγον πρὸς ἀλλήλους, Τίς ἄρα οὗτός ἐστιν ὅτι καὶ ὁ ἄνεμος καὶ ἡ θάλασσα ὑπακούει αὐτῷ; (Mc 4,41)
15. ὃ γὰρ κατεργάζομαι οὐ γινώσκω· οὐ γὰρ ὃ θέλω τοῦτο πράσσω, ἀλλ' ὃ μισῶ τοῦτο ποιῶ. (Rm 7,15)
16. ἀλλὰ ταῦτα λελάληκα ὑμῖν ἵνα ὅταν ἔλθῃ ἡ ὥρα αὐτῶν μνημονεύητε αὐτῶν ὅτι ἐγὼ εἶπον ὑμῖν. (Jo 16,4)

II. Traduza para o grego:

1. Todos os homens primeiro põem os bons vinhos; vós guardastes os bons vinhos até agora. (Jo 2,10)
2. Pusemos-te para que vás e produzas frutos e teus frutos permaneçam. (Jo 15,16)
3. Fica nessa mesma casa, comendo e bebendo (as coisas que estão) junto deles, pois os trabalhadores são dignos do seu salário. (Lc 10,7)

III. Mc 10,13-45.

Lição 58

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de τίθημι.
Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios de τίθημι.
Presente do indicativo passivo, imperfeito do indicativo passivo, presente do particípio e do infinitivo passivos de κεῖμαι.
Verbos difíceis: πείθω, σπείρω.

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de τίθημι.

Os sistemas do presente médio e passivo de τίθημι conjugam-se como segue (cf. V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 1):

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	τίθε-μαι	τιθέ-μεθα
2ª pessoa	τίθε-σαι	τίθε-σθε
3ª pessoa	τίθε-ται	τίθε-νται

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-τιθέ-μην	ἐ-τιθέ-μεθα
2ª pessoa	ἐ-τίθε-σο	ἐ-τίθε-σθε
3ª pessoa	ἐ-τίθε-το	ἐ-τίθε-ντο

Vozes média e passiva, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	τίθε-σο	τίθε-σθε
3ª pessoa	τιθέ-σθω	τιθέ-σθωσαν

Vozes média e passiva, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	τιθῶμαι	τιθώμεθα
2ª pessoa	τιθῇ	τιθῆσθε
3ª pessoa	τιθῆται	τιθῶνται

τιθῇ < τιθέ-ησαι.

O presente do modo optativo médio e passivo não se encontra no Novo Testamento.

Vozes média e passiva, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τιθέ-μενος	τιθε-μένη	τιθέ-μενον
v	τιθέ-μενε	τιθε-μένη	τιθέ-μενον
g	τιθε-μένου	τιθε-μένης	τιθε-μένου
d	τιθε-μένῳ	τιθε-μένῃ	τιθε-μένῳ
a	τιθέ-μενον	τιθε-μένην	τιθέ-μενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	τιθέ-μενοι	τιθέ-μεναι	τιθέ-μενα
v	τιθέ-μενοι	τιθέ-μεναι	τιθέ-μενα
g	τιθε-μένων	τιθε-μένων	τιθε-μένων
d	τιθε-μένοις	τιθε-μέναις	τιθε-μένοις
a	τιθε-μένους	τιθε-μένας	τιθέ-μενα

O presente do infinitivo médio e passivo é τίθε-σθαι.

Deve-se notar ainda que as vozes média e passiva são idênticas na forma no sistema do presente, mas não no significado: uma determinada forma deve ser de uma ou de outra voz.

Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios de τίθημι.

O sistema do aoristo médio de τίθημι conjuga-se como segue (cf. V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 1):

Voz média, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-θέ-μην	ἐ-θέ-μεθα
2ª pessoa	ἔ-θου	ἔ-θε-σθε
3ª pessoa	ἔ-θε-το	ἔ-θε-ντο

ἔθου < ἔθε-σο.

Voz média, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	θοῦ	θέ-σθε
3ª pessoa	θέ-σθω	θέ-σθωσαν

θοῦ < θέ-σο.

Voz média, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	θῶμαι	θώμεθα
2ª pessoa	θῇ	θῆσθε
3ª pessoa	θῆται	θῶνται

θῇ < θε-ησαι

O aoristo do optativo médio não se encontra no Novo Testamento.

Voz média, modo particípio, tempo aoristo

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	θέ-μενος	θε-μένη	θέ-μενον
v	θέ-μενε	θε-μένη	θέ-μενον
g	θε-μένου	θε-μένης	θε-μένου
d	θε-μένῳ	θε-μένῃ	θε-μένῳ
a	θέ-μενον	θε-μένην	θέ-μενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	θέ-μενοι	θέ-μεναι	θέ-μενα
v	θέ-μενοι	θέ-μεναι	θέ-μενα
g	θε-μένων	θε-μένων	θε-μένων
d	θε-μένοις	θε-μέναις	θε-μένοις
a	θε-μένους	θε-μένας	θέ-μενα

O aoristo do infinitivo médio é θέ-σθαι.

Presente do indicativo passivo, imperfeito do indicativo passivo, presente do particípio e do infinitivo passivos de κεῖμαι.

Um verbo ligado a τίθημι é κεῖμαι, *jazo, estou estendido.* Ele tende a substituir o perfeito passivo de τίθημι no Novo Testamento. Por exemplo:

δεῦτε ἴδετε τὸν τόπον ὅπου ἔκειτο.
Vede aqui o lugar onde jazia.

κεῖμαι é provavelmente mais considerado como verdadeiro passivo, embora não haja forma ativa atestada. De certo modo ele parece perfeito, mas é mais considerado como presente, embora seja usado em contextos onde se poderia esperar o perfeito de τίθημι. Ele é verbo em -μι e conjuga-se do seguinte modo (cf. V 17; VD 148; PV 2; para o particípio, cf. Adj 1):

Voz passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	κεῖ-μαι	κεί-μεθα
2ª pessoa	κεῖ-σαι	κεῖ-σθε
3ª pessoa	κεῖ-ται	κεῖ-νται

Voz passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-κεί-μην	ἐ-κεί-μεθα
2ª pessoa	ἔ-κει-σο	ἔ-κει-σθε
3ª pessoa	ἔ-κει-το	ἔ-κει-ντο

Os modos imperativo, subjuntivo e optativo não se encontram no Novo Testamento.

Voz passiva, modo particípio, tempo presente
Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	κεί-μενος	κει-μένη	κεί-μενον
v	κεί-μενε	κει-μένη	κεί-μενον
g	κει-μένου	κει-μένης	κει-μένου
d	κει-μένῳ	κει-μένῃ	κει-μένῳ
a	κεί-μενον	κει-μένην	κεί-μενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	κεί-μενοι	κεί-μεναι	κεί-μενα
v	κεί-μενοι	κεί-μεναι	κεί-μενα
g	κει-μένων	κει-μένων	κει-μένων
d	κει-μένοις	κει-μέναις	κει-μένοις
a	κει-μένους	κει-μένας	κεί-μενα

O presente do infinitivo passivo é κεῖ-σθαι.

Verbos difíceis: πείθω, σπείρω.

πείθω, *persuado* (cf. lição 11) [V 5, 18; VD 235; PV 1-3]:

πείθω	πείσω	ἔπεισα	πέποιθα	πέπεισμαι	ἐπείσθην
At 18,4	Mt 28,14	At 12,20	Mt 27,43	Lc 20,6	At 17,4

O perfeito ativo é forte. A característica especial deste verbo é a mudança de significado em várias partes. O presente, o futuro e o aoristo ativos significam *persuado*; o perfeito ativo significa *confio*, com valor de presente; o passivo significa *estou persuadido, obedeço*.

σπείρω, *semeio* [V 6; VD 289; PV 1-3]:

σπείρω	–	ἔσπειρα	–	ἔσπαρμαι	ἐσπάρην
Mt 6,26		Mt 25,24		Mt 13,19	Mt 13,20

Não são encontradas formas de futuro ou perfeito ativos no Novo Testamento. O aoristo ativo é típico de um verbo em líqüida. O aoristo passivo é forte.

Vocabulário.

ἀνάκειμαι [ἀνά + κεῖμαι] [V 17; VD 148; PV 2] *reclino; reclino-me à mesa* [postura normal para comer].

κατάκειμαι [κατά + κεῖμαι] [V 17; VD 148; PV 2] *deito na cama; reclino-me à mesa* [postura normal para comer].

κεῖμαι [V 17; VD 148; PV 2] *jazo; estou estendido.*

πείθω [V 5, 18; VD 235; PV 1-3] (cf. lição 11) presente, futuro e aoristo ativo: *persuado*; perfeito ativo: *confio, creio em* [com valor de presente; rege acusativo]; passivo: *estou persuadido; obedeço* [com dativo].

σπείρω [V 6; VD 289; PV 1-3] *semeio.*

ἀθετέω [Este é um α privativo + uma raiz de τίθημι, mas o aumento forma-se pelo alongamento do α como em ἠθέτησαν em Lc 7,30.] [V 8; PV 1-3, 5-6] *rejeito; invalido.*

ἀρέσκω [V 2; VD 23; PV 1-3] *agrado; satisfaço* [rege dativo].

διαλογίζομαι [διά + λογίζομαι] (διαλογίσομαι) [V 5, 22; PV 2-3] *discuto; pondero.*

ἐκτείνω [ἐκ + τείνω] [V 7; VD 304; PV 1-3, 5-6] *estendo, alongo* [com objeto direto no acusativo].

ἐνεργέω [ἐν + a raiz de ἔργον] [V 8; PV 1-3, 5-6] transitivo: *realizo;* intransitivo: *trabalho.*

καταλύω [κατά + λύω] [V 1; PV 1-3] transitivo: *destruo;* intransitivo: *encontro alojamento.*

κληρονομέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *herdo.*

νηστεύω [V 1; PV 1-3] *jejuo.*

ῥύομαι [V 1, 22; VD 275; PV 2-3] *liberto.*

κάτω [Adv 1] *abaixo; em baixo.*

σφόδρα [Adv 3] *muito, bastante; grandemente.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ προφήτης ἐγήγερται ἐκ νεκρῶν, καὶ διὰ τοῦτο ἐνεργοῦσιν αἱ δυνάμεις ἐν αὐτῷ. (Mc 6,14)
2. ἄλλην παραβολὴν παρέθηκεν αὐτοῖς λέγων, Ὡμοιώθη ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν ἀνθρώπῳ σπείραντι καλὸν σπέρμα ἐν τῷ ἀγρῷ αὐτοῦ. (Mt 13,24)
3. καὶ ἀκούσαντες οἱ μαθηταὶ ἔπεσαν ἐπὶ πρόσωπον αὐτῶν καὶ ἐφοβήθησαν σφόδρα. (Mt 17,6)
4. καὶ θεωρεῖ δύο ἀγγέλους ἐν λευκοῖς καθεζομένους, ἕνα πρὸς τῇ κεφαλῇ καὶ ἕνα πρὸς τοῖς ποσίν, ὅπου ἔκειτο τὸ σῶμα τοῦ Ἰησοῦ. (Jo 20,12)

5. ἕκαστος ἡμῶν τῷ πλησίον ἀρεσκέτω εἰς τὸ ἀγαθὸν πρὸς οἰκοδομήν. (Rm 15,2)
6. ὅταν δὲ νηστεύητε, μὴ γίνεσθε ὡς οἱ ὑποκριταί· ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἀπέχουσιν τὸν μισθὸν αὐτῶν. (Mt 6,16)
7. ὁ ἀκούων ὑμῶν ἐμοῦ ἀκούει, καὶ ὁ ἀθετῶν ὑμᾶς ἐμὲ ἀθετεῖ· ὁ δὲ ἐμὲ ἀθετῶν ἀθετεῖ τὸν ἀποστείλαντά με. (Lc 10,16)
8. τοῦτον ἰδὼν ὁ Ἰησοῦς κατακείμενον, καὶ γνοὺς ὅτι ἤδη χρόνον ἔχει, λέγει αὐτῷ, Θέλεις ὑγιὴς γενέσθαι; (Jo 5,6)
9. εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ, βάλε σεαυτὸν κάτω. (Mt 4,6)
10. πέποιθεν ἐπὶ τὸν θεόν, ῥυσάσθω νῦν εἰ θέλει αὐτόν· εἶπεν γὰρ ὅτι θεοῦ εἰμι υἱός. (Mt 27,43)
11. τότε ἐρεῖ ὁ βασιλεὺς τοῖς ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ, Δεῦτε, οἱ εὐλογημένοι τοῦ πατρός μου, κληρονομήσατε τὴν ἡτοιμασμένην ὑμῖν βασιλείαν ἀπὸ τῆς ἀρχῆς τοῦ κόσμου. (Mt 25,34)
12. τίς γὰρ μείζων, ὁ ἀνακείμενος ἢ ὁ διακονῶν; οὐχὶ ὁ ἀνακείμενος; ἐγὼ δὲ ἐν μέσῳ ὑμῶν εἰμι ὡς ὁ διακονῶν. (Lc 22,27)
13. καὶ ἐκτείνας τὴν χεῖρα αὐτοῦ ἐπὶ τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ εἶπεν, Ἰδοὺ ἡ μήτηρ μου καὶ οἱ ἀδελφοί μου. (Mt 12,49)
14. εἶπεν δὲ καὶ πρός τινας τοὺς πεποιθότας ἐφ' ἑαυτοῖς ὅτι εἰσὶν δίκαιοι. (Lc 18,9)
15. οἱ δὲ διελογίζοντο ἐν ἑαυτοῖς λέγοντες ὅτι Ἄρτους οὐκ ἐλάβομεν. (Mt 16,7)
16. ἐὰν ᾖ ἐξ ἀνθρώπων τὸ ἔργον τοῦτο, καταλυθήσεται. (At 5,38)

II. Traduza para o grego:

1. E um deles foi persuadido e seguiu Jesus.
2. E estenderam suas mãos e tornaram-se sãos. (Mt 12,13)
3. Um homem injusto não herdará o reino de Deus. (1Cor 6,9)

III. Mc 10,46-11,25.

Lição 59

Formas fundamentais de ἵστημι.
Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἵστημι.
Aoristo ativo transitivo e aoristo ativo intransitivo de ἵστημι.
Aoristo ativo intransitivo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo de ἵστημι.
Perfeito ativo, formas e significado de ἵστημι.
Verbos difíceis: ἵστημι, πάσχω.

Formas fundamentais de ἵστημι.

O comum e irregular verbo ἵστημι, *estou, ponho "em pé"*, tem as seguintes formas fundamentais:

ἵστημι	στήσω	ἔστησα ἔστην	ἕστηκα	–	ἐστάθην

As formas ativas do presente ativo, ἵστημι, assim como as formas do futuro ativo, στήσω, e do aoristo ativo, ἔστησα, todas têm significados *transitivos*, isto é, são construídas com objeto (e.g., *ponho um livro na estante* ou *ponho-o na primeira...*). O outro aoristo ativo, ἔστην, o perfeito ativo ἕστηκα (incluindo o mais-que-perfeito ativo), e todas as formas médias têm significados *intransitivos*, isto é, não são construídos com objeto (e.g., *estive na esquina por uma hora inteira*). O aoristo passivo ἐστάθην também tem freqüentemente significado intransitivo.

Valor transitivo	Valor intransitivo
ἵστημι	ἔστην
στήσω	ἕστηκα
ἔστησα	todas as formas médias

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἵστημι.

O sistema do presente de ἵστημι conjuga-se como segue (cf. V 11, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 20):

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente [valor transitivo]

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἵστη-μι	ἵστα-μεν
2ª pessoa	ἵστη-ς	ἵστα-τε
3ª pessoa	ἵστη-σι(ν)	ἵστασι(ν) [< ἱστα-ασι]

Voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito [valor transitivo]

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἵστη-ν	ἵστα-μεν
2ª pessoa	ἵστη-ς	ἵστα-τε
3ª pessoa	ἵστη	ἵστα-σαν

O ι inicial é longo porque funciona tanto como aumento quanto como primeira letra do radical.

Voz ativa, modo imperativo, tempo presente [valor transitivo]

	Singular	Plural
2ª pessoa	ἵστη	ἵστα-τε
3ª pessoa	ἱστά-τω	ἱστά-τωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente [valor transitivo]

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἱστῶ	ἱστῶμεν
2ª pessoa	ἱστῇς	ἱστῆτε
3ª pessoa	ἱστῇ	ἱστῶσι(ν)

Voz ativa, modo particípio, tempo presente [valor transitivo]

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἱστά-ς	ἱστᾶσα	ἱστά-ν
v	ἱστά-ς	ἱστᾶσα	ἱστά-ν
g	ἱστά-ντος	ἱστάσης	ἱστά-ντος
d	ἱστά-ντι	ἱστάσῃ	ἱστά-ντι

a	ἱστά-ντα	ἱστᾶσαν	ἱστά-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἱστά-ντες	ἱστᾶσαι	ἱστά-ντα
v	ἱστά-ντες	ἱστᾶσαι	ἱστά-ντα
g	ἱστά-ντων	ἱστασῶν	ἱστά-ντων
d	ἱστᾶσι(ν)	ἱστάσαις	ἱστᾶσι(ν)
a	ἱστά-ντας	ἱστάσας	ἱστά-ντα

O infinitivo presente ativo é ἱστά-ναι (valor transitivo).

Aoristo ativo transitivo e aoristo ativo intransitivo de ἵστημι.

As formas do aoristo ativo *transitivo*, ἔστησα, conjugam-se como ἔλυσα, em todos os modos.

As formas do aoristo ativo *intransitivo*, ἔστην, têm conjugação especial (ver a seção seguinte).

Aoristo ativo intransitivo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo de ἵστημι.

As formas do aoristo ativo *intransitivo* de ἵστημι, ἔστην, assim se conjugam (cf. V 11, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 12):

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo [valor intransitivo]

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἔ-στη-ν	ἔ-στη-μεν
2ª pessoa	ἔ-στη-ς	ἔ-στη-τε
3ª pessoa	ἔ-στη	ἔ-στη-σαν

Deve-se notar que a forma da terceira pessoa do plural, ἔ-στη-σαν, tem a mesma aparência que a forma da terceira pessoa do plural do aoristo do indicativo ativo *transitivo*, ἔ-στη-σ-αν.

Voz ativa, modo imperativo, tempo aoristo [valor intransitivo]

	Singular	Plural
2ª pessoa	στῆ-θι	στῆ-τε
3ª pessoa	στή-τω	στή-τωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo aoristo [valor intransitivo]

	Singular	Plural
1ª pessoa	στῶ	στῶμεν
2ª pessoa	στῇς	στῆτε
3ª pessoa	στῇ	στῶσι(ν)

Não há aoristo do optativo ativo intransitivo no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo aoristo [valor intransitivo]

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	στά-ς	στᾶσα	στά-ν
v	στά-ς	στᾶσα	στά-ν
g	στά-ντος	στάσης	στά-ντος
d	στά-ντι	στάσῃ	στά-ντι
a	στά-ντα	στᾶσαν	στά-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	στά-ντες	στᾶσαι	στά-ντα
v	στά-ντες	στᾶσαι	στά-ντα
g	στά-ντων	στασῶν	στά-ντων
d	στᾶσι(ν)	στάσαις	στᾶσι(ν)
a	στά-ντας	στάσας	στά-ντα

O infinitivo aoristo ativo intransitivo é στῆ-ναι.

Perfeito ativo, formas e significado de ἵστημι.

As formas do perfeito ativo têm significado *intransitivo*, com o aspecto de presente enfatizado, de modo que para fins práticos ele signifique *estou* (intransitivo).

Há duas formas usadas no perfeito ativo, a fraca e a forte, sem diferença de significado, mas baseadas em duas raízes diferentes: ἑστηκ- e ἑστα-. Apenas o perfeito fraco encontra-se no indicativo (perfeito: ἕστηκα; mais-que-perfeito: εἱστήκειν – o aumento é irregular). Apenas o perfeito forte encontra-se no infinitivo (ἑστάναι). Ambas as formas do perfeito, forte e fraca, encontram-se no particípio (fraca: ἑστηκώς, ἑστηκυῖα, ἑστηκός, radical ἑστηκοτ-; forte: ἑστώς, ἑστῶσα, ἑστός, radical ἑστωτ- [Adj 22]).

Ambas as formas participiais encontram-se no subjuntivo, que usa o particípio perfeito com o subjuntivo presente de εἰμί.

O perfeito do optativo não se encontra no Novo Testamento.

As formas médio-passivas serão apresentadas na lição seguinte.

Verbos difíceis: ἵστημι, πάσχω.

ἵστημι, transitivo: *ponho em pé; estabeleço*; intransitivo: *estou*; *firmo-me* [V 11, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11]:

ἵστημι	στήσω	ἔστησα	ἕστηκα	–	ἐστάθην
Hb 7,28	Mt 25,33	Mt 4,5	Mt 12,47		Mt 2,9
		ἔστην	ἑστώς		
		Lc 6,8	Mt 6,5		

O presente ativo, o futuro ativo e o aoristo ativo fraco (ἔστησα) são todos transitivos: *ponho* no sentido de *faço estar, estabeleço*. O aoristo ativo forte (desinências especiais) e o perfeito ativo (ambas as formas, fraca e forte) são intransitivos: *estou* no sentido de *firmo-me, paro, estou em um lugar*. O aoristo passivo, ἐστάθην, freqüentemente é usado com este último significado intransitivo, embora ele possa também ter significado normal passivo. O perfeito ativo é usado com significado de presente em ambas as formas, forte e fraca. O perfeito médio e passivo não se encontra no Novo Testamento. ἱ encontra-se no sistema do presente, mas não no do aoristo, porque é elemento da reduplicação. Há espíritos fortes no sistema do presente e do perfeito. Em resumo, este é um verbo difícil – o mais difícil no Novo Testamento.

πάσχω, *sofro* [V 2; VD 231; PV 1-4]:

πάσχω	–	ἔπαθον	πέπονθα	–	–
1Cor 12,26		Mt 16,21	Lc 13,2		

O futuro não se encontra no Novo Testamento. O aoristo e o perfeito são fortes.

Vocabulário.

ἀνθίστημι [ἀντί + ἵστημι] [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] *resisto; oponho-me* [rege o dativo].

ἀνίστημι [ἀνά + ἵστημι] [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] transitivo: *levanto; instalo;* intransitivo: *surjo; ponho-me em pé.*

ἀφίστημι [ἀπό + ἵστημι] [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] *deixo; afasto-me* [com o genitivo ou uma preposição e o genitivo].

ἐξίστημι [ἐκ + ἵστημι] [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] transitivo: *pasmo; maravilho*; intransitivo: *estou maravilhado.*

ἐφίστημι [ἐπί + ἵστημι] [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] *sobrevenho;* perfeito ativo: *estou presente.*

ἵστημι [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] transitivo: *faço estar; estabeleço;* intransitivo: *estou em pé; paro.*

καθίστημι [κατά + ἵστημι] [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] *encarrego;* passivo: *sou encarregado; sou indicado.*

παρίστημι [παρά + ἵστημι] [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] transitivo: *apresento; provejo;* intransitivo: *estou diante de* [com o dativo].

συνίστημι [σύν + ἵστημι] [V 11, 18, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] transitivo: *recomendo; demonstro;* intransitivo: *estou com; estou junto de* [com o dativo].

πάσχω [V 2; VD 231; PV 1-4] *sofro; experimento.*

ἐντέλλομαι [ἐν + τέλλομαι] [V 6, 22; VD 306; PV 2-3] *ordeno; comando* [com dativo].

ἐπιθυμέω [ἐπί + a raiz de θυμός] [V 8; PV 1-3, 5-6] *desejo ardentemente.*

κλείω [V 1; VD 157; PV 1-3] *cerro; fecho.*

πάρειμι [παρά + εἰμί] [V 16; VD 78; PV 9] *estou presente.*

ἐπειδή [Conj] *desde que; dado que; quando; depois que.*

ἅμα [Adv 2] *ao mesmo tempo; junto.* Esta palavra também se encontra como preposição regendo dativo [Prep 1]: *junto com.*

Exercício.

I. Traduza para o português:

1. οὗτοι ἔχουσιν τὴν ἐξουσίαν κλεῖσαι τὸν οὐρανόν. (Ap 11,6)
2. ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι ἐπὶ πᾶσιν τοῖς ὑπάρχουσιν αὐτοῦ καταστήσει αὐτόν. (Mt 24,47)
3. ἰδοὺ ἡ μήτηρ καὶ οἱ ἀδελφοὶ αὐτοῦ εἱστήκεισαν ἔξω ζητοῦντες αὐτῷ λαλῆσαι. (Mt 12,46)
4. ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν μὴ ἀντιστῆναι τῷ πονηρῷ. (Mt 5,39)

5. ἐπειδὴ γὰρ δι' ἀνθρώπου θάνατος, καὶ δι' ἀνθρώπου ἀνάστασις νεκρῶν. (1Cor 15,21)
6. καὶ λαβὼν παιδίον ἔστησεν αὐτὸ ἐν μέσῳ αὐτῶν. (Mc 9,36)
7. καὶ ἐπὶ ἡγεμόνων καὶ βασιλέων σταθήσεσθε ἕνεκεν ἐμοῦ εἰς μαρτύριον αὐτοῖς. (Mc 13,9)
8. τοῦτο γάρ ἐστιν τὸ θέλημα τοῦ πατρός μου, ἵνα πᾶς ὁ θεωρῶν τὸν υἱὸν καὶ πιστεύων εἰς αὐτὸν ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον, καὶ ἀναστήσω αὐτὸν ἐγὼ ἐν τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ. (Jo 6,40) [A oração com ἵνα não é uma oração final, mas uma substantiva em aposição a τοῦτο e θέλημα. Cf. lição 75.]
9. προσεύχεσθε ἅμα ἐν εὐχαριστίᾳ.
10. Ἰησοῦς οὖν ἰδὼν τὴν μητέρα καὶ τὸν μαθητὴν παρεστῶτα ὃν ἠγάπα, λέγει τῇ μητρί, Γύναι, ἴδε ὁ υἱός σου. (Jo 19,26)
11. καὶ ἐρεῖ λέγων ὑμῖν, Οὐκ οἶδα ὑμᾶς πόθεν ἐστέ· ἀπόστητε ἀπ' ἐμοῦ, πάντες ἐργάται ἀδικίας. (Lc 13,27)
12. λέγει οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς, Ὁ καιρὸς ὁ ἐμὸς οὔπω πάρεστιν, ὁ δὲ καιρὸς ὁ ὑμέτερος πάντοτέ ἐστιν ἕτοιμος. (Jo 7,6)
13. ἐξίσταντο δὲ πάντες οἱ ἀκούοντες αὐτοῦ. (Lc 2,47) [ἐξίσταντο é o imperfeito da voz média de ἵστημι; cf. lição 60.]
14. ἀμὴν γὰρ λέγω ὑμῖν ὅτι πολλοὶ προφῆται καὶ δίκαιοι ἐπεθύμησαν ἰδεῖν ἃ βλέπετε καὶ οὐκ εἶδαν, καὶ ἀκοῦσαι ἃ ἀκούετε καὶ οὐκ ἤκουσαν. (Mt 13,17)
15. καὶ ἰδοὺ τρεῖς ἄνδρες ἐπέστησαν ἐπὶ τὴν οἰκίαν ἐν ᾗ ἦμεν, ἀπεσταλμένοι ἀπὸ τοῦ ἡγεμόνος πρός με. (At 11,11)
16. συνίστησιν δὲ τὴν ἑαυτοῦ ἀγάπην εἰς ἡμᾶς ὁ θεὸς ὅτι Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν ἀπέθανεν. (Rm 5,8)
17. λέγω δὲ ὑμῖν ὅτι ὁ προφήτης ἤδη ἦλθεν, καὶ οὐκ ἐπέγνωσαν αὐτὸν ἀλλὰ ἐποίησαν ἐν αὐτῷ ὅσα ἠθέλησαν· οὕτως καὶ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου μέλλει πάσχειν ὑπ' αὐτῶν. (Mt 17,12)
18. ὑμεῖς φίλοι μού ἐστε ἐὰν ποιῆτε ἃ ἐγὼ ἐντέλλομαι ὑμῖν. (Jo 15,14)

II. Traduza para o grego:

1. Há certa mulher aqui presente que sofreu muito. (Mt 16,28)
2. Tendo descido com ele, pararam naquele lugar. (Lc 6,17)
3. Farão esta ovelha estar à direita deles. (Mt 25,33)

III. Mc 11,27-12,27.

Lição 60

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de ἵστημι.
Os verbos ἱστάνω e στήκω.
Verbos difíceis: χαίρω, ἁμαρτάνω, κλαίω.

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de ἵστημι.

O presente médio e passivo de ἵστημι conjuga-se como segue (cf. V 11, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11; para o particípio, cf. também Adj 1):

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἵστα-μαι	ἱστά-μεθα
2ª pessoa	ἵστα-σαι	ἵστα-σθε
3ª pessoa	ἵστα-ται	ἵστα-νται

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἱστά-μην	ἱστά-μεθα
2ª pessoa	ἵστα-σο	ἵστα-σθε
3ª pessoa	ἵστα-το	ἵστα-ντο

Vozes média e passiva, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	ἵστα-σο	ἵστα-σθε
3ª pessoa	ἱστά-σθω	ἱστά-σθωσαν

Vozes média e passiva, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἱστῶμαι	ἱστώμεθα
2ª pessoa	ἱστῇ	ἱστῆσθε
3ª pessoa	ἱστῆται	ἱστῶνται

ἱστῇ < ἱστά-ησαι.

Não há presente do optativo médio ou passivo no Novo Testamento.

Vozes média e passiva, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἱστά-μενος	ἱστα-μένη	ἱστά-μενον
v	ἱστά-μενε	ἱστα-μένη	ἱστά-μενον
g	ἱστα-μένου	ἱστα-μένης	ἱστα-μένου
d	ἱστα-μένῳ	ἱστα-μένῃ	ἱστα-μένῳ
a	ἱστά-μενον	ἱστα-μένην	ἱστά-μενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἱστά-μενοι	ἱστά-μεναι	ἱστά-μενα
v	ἱστά-μενοι	ἱστά-μεναι	ἱστά-μενα
g	ἱστα-μένων	ἱστα-μένων	ἱστα-μένων
d	ἱστα-μένοις	ἱστα-μέναις	ἱστα-μένοις
a	ἱστα-μένους	ἱστα-μένας	ἱστά-μενα

O presente do infinitivo médio e passivo têm a mesma forma: ἵστα-σθαι.

Não há aoristo médio forte, nem é encontrado o aoristo fraco na voz média.

A voz passiva de ἵστημι às vezes é usada em sentido intransitivo (e.g., Mt 2,9 e 12,25).

Os verbos ἱστάνω e στήκω.

Há dois verbos relacionados a ἵστημι que requerem comentário especial. O verbo ἱστάνω, *faço estar, estabeleço*, encontra-se no sistema do presente. Conjuga-se como λύω. O verbo στήκω, *estou* [intransitivo], é baseado no radical do perfeito fraco de ἵστημι. É usado no tempo presente e também se conjuga como λύω.

Verbos difíceis: χαίρω, ἁμαρτάνω, κλαίω.

χαίρω, *alegro-me* [V 6; VD 338; PV 1-3]:

χαίρω Mt 5,12	χαρήσομαι Lc 1,14 [depoente passivo]	–	–	–	ἐχάρην Mt 2,10 [depoente passivo]

Este verbo é regular no sistema do presente e depoente no futuro e aoristo. É depoente passivo nesses tempos, e o aoristo é forte. O fato de que o aoristo seja forte e depoente dá ao futuro a aparência de forma média, enquanto de fato é passiva, porque ele se forma sobre a base do aoristo passivo. As duas formas depoentes têm o mesmo significado ativo, como no sistema do presente.

ἁμαρτάνω, *peco* [V 7; VD 15; PV 1, 4]:

ἁμαρτάνω 1Cor 6,18	ἁμαρτήσω Mt 18,21	ἥμαρτον Mt 27,4 ἡμάρτησα Mt 18,15	ἡμάρτηκα 1 Jo 1,10	–	–

Há dois aoristos, um fraco e outro forte. Não há formas no perfeito médio ou passivo no Novo Testamento, nem aoristo passivo.

κλαίω, *choro* [V 1; VD 155; PV 1]:

κλαίω Mt 2,18	κλαύσω Lc 6,25	ἔκλαυσα Mt 26,75	–	–	–

Vocabulário.

ἱστάνω [V 7; PV 1] transitivo: *faço estar; constituo*. Este verbo encontra-se apenas no sistema do presente.

στήκω [V 2; PV 1] intransitivo: *estou; estou de pé*. Este verbo encontra-se apenas no sistema do presente.

χαίρω [V 6; VD 338; PV 1-4] *alegro-me*.

ἁμαρτάνω [V 7; VD 15; PV 1, 4] *peco*.

κλαίω [V 1; VD 155; PV 1] *choro.*

ἀνέχομαι [ἀνά + ἔχω] [V 2, 22; VD 109; PV 2-3, 4] *resisto; sou paciente* [com genitivo].

γεύομαι [V 1, 22; PV 2-3] *provo de; experimento de* [com genitivo].

δέρω [V 6; VD 57; PV 1-3, 5] *bato; golpeio.*

διαμαρτύρομαι [διά + μαρτύρομαι] [V 6, 22; VD 187; PV 2-3] *advirto; previno; testemunho solenemente.*

ἐργάζομαι [V 5, 22; VD 94; PV 2-3] *trabalho; negocio.*

οἰκοδομέω [Encontram-se neste verbo duas raízes: οἶκος e δόμος, *casa.* Embora seja composto, ele é tratado como elemento simples quando houver alongamento de vogal. Assim, ᾠκοδόμησεν em Mc 12,1.] [V 8; VD 213; PV 1-3, 5-6] *construo; edifico; encorajo.*

ὀφείλω [V 6; VD 228; PV 1-3] *devo; sou devedor; tenho de.*

ὑστερέω [V 8; PV 1-3] *careço; sou inferior* [rege acusativo].

χορτάζω (χορτάσω) [V 5; VD 1-3] *nutro; satisfaço.*

κἀκεῖ = καὶ ἐκεῖ [crase] [Conj + Adv 1] *e ali; também ali.*

κἀκεῖθεν = καὶ ἐκεῖθεν [crase] [Conj + Adv 1] *e dali* [tempo e lugar].

κἀκεῖνος = καὶ ἐκεῖνος [Conj + Adj 1Pro] *e aquele; também aquele.*

ὕστερον [Adv 2] *mais tarde; finalmente.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. διαμαρτύρομαι ἐνώπιον τοῦ θεοῦ καὶ Χριστοῦ Ἰησοῦ, τοῦ μέλλοντος κρίνειν ζῶντας καὶ νεκρούς... (2Tm 4,1)
2. ὕστερον δὲ ἀπέστειλεν πρὸς αὐτοὺς τὸν υἱὸν αὐτοῦ. (Mt 21,37)
3. καὶ ἔρχεται ἡ μήτηρ αὐτοῦ καὶ οἱ ἀδελφοὶ αὐτοῦ καὶ ἔξω στήκοντες ἀπέστειλαν πρὸς αὐτὸν καλοῦντες αὐτόν. (Mc 3,31)
4. ὦ γενεὰ ἄπιστος, ἕως πότε μεθ' ὑμῶν ἔσομαι; ἕως πότε ἀνέξομαι ὑμῶν; (Mt 17,17)

5. τί δὲ ὑμῖν δοκεῖ; ἄνθρωπος εἶχεν τέκνα δύο. καὶ προσελθὼν τῷ πρώτῳ εἶπεν, Τέκνον, ὕπαγε σήμερον ἐργάζου ἐν τῷ ἀμπελῶνι. (Mt 21,28)
6. μακάριοι οἱ πεινῶντες νῦν, ὅτι χορτασθήσεσθε. (Lc 6,21)
7. ὁ δὲ ἀκούσας καὶ μὴ ποιήσας ὅμοιός ἐστιν ἀνθρώπῳ οἰκοδομήσαντι οἰκίαν ἐπὶ τὴν γῆν χωρὶς θεμελίου. (Lc 6,49)
8. νόμον οὖν καταργοῦμεν διὰ τῆς πίστεως; μὴ γένοιτο, ἀλλὰ νόμον ἱστάνομεν. (Rm 3,31)
9. ὁ δὲ Ἰησοῦς ἐμβλέψας αὐτῷ ἠγάπησεν αὐτὸν καὶ εἶπεν αὐτῷ, Ἓν σε ὑστερεῖ· ὕπαγε ὅσα ἔχεις πώλησον καὶ δὸς τοῖς πτωχοῖς, καὶ ἕξεις θησαυρὸν ἐν οὐρανῷ, καὶ ἀκολούθει μοι. (Mc 10,21)
10. κἀκεῖ εὐαγγελιζόμενοι ἦσαν. (At 14,7)
11. οἱ δὲ ἀκούσαντες ἐχάρησαν καὶ ἐπηγγείλαντο αὐτῷ ἀργύριον δοῦναι. (Mc 14,11)
12. πόσον ὀφείλεις τῷ κυρίῳ μου; (Lc 16,5)
13. ὃ ὠφείλομεν ποιῆσαι πεποιήκαμεν. (Lc 17,10)
14. ἀλλὰ διὰ τῆς χάριτος τοῦ κυρίου Ἰησοῦ πιστεύομεν σωθῆναι κατὰ τὸν τρόπον καθ' ὃν πιστεύομεν ὅτι κἀκεῖνοι σῴζονται. (At 15,11) [Cf. lição 66, Vocabulário, para o significado de τρόπον.]
15. ἀναστὰς πορεύσομαι πρὸς τὸν πατέρα μου καὶ ἐρῶ αὐτῷ, Πάτερ, ἥμαρτον εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ ἐνώπιον σου, οὐκέτι εἰμὶ ἄξιος κληθῆναι υἱός σου. (Lc 15,18-19)
16. κἀκεῖθεν ἠτήσαντο βασιλέα, καὶ ἔδωκεν αὐτοις ὁ θεὸς τὸν Σαούλ [*Saul*]. (At 13,21)
17. λέγω γὰρ ὑμῖν ὅτι οὐδεὶς τῶν ἀνδρῶν ἐκείνων τῶν κεκλημένων γεύσεταί μου τοῦ δείπνου. (Lc 14,24)
18. ἐκεῖνος δὲ ὁ δοῦλος ὁ γνοὺς τὸ θέλημα τοῦ κυρίου αὐτοῦ δαρήσεται πόλλας. (Lc 12,47] [πόλλας concorda com a palavra πληγάς, que é subentendida a partir do contexto: *será castigado com muitos golpes*. Verbos que na voz ativa regem duplo acusativo mantêm na voz passiva o acusativo de coisa. Em grego, isto também é possível quando se trata de caso dativo depois do verbo ativo, em vez de um segundo acusativo.]
19. ἥδε γυνὴ εἱστήκει πρὸς τῷ μνημείῳ ἔξω κλαίουσα. (Jo 20,11)

II. Traduza para o grego:

1. E tendo saído por volta da terceira hora viram outro (homem) que estava ao longo da estrada. (Mt 20,3)

2. Muitas coisas faltam para vós. (Mc 10,21)
3. E nós devemos lavar os pés uns dos outros. (Jo 13,14)

III. Mc 12,28-13,13.

Lição 61

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de δείκνυμι. Verbos difíceis: δείκνυμι, στρέφω, φαίνω.

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de δείκνυμι.

Outro importante verbo em -μι é δείκνυμι, *mostro*. Ele tem desinências características apenas no sistema do presente (V14; VD 55; PV 1-3, 9-10, 12; para o particípio, cf. também Adj 20):

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	δείκνυ-μι	δείκνυ-μεν
2ª pessoa	δείκνυ-ς	δείκνυ-τε
3ª pessoa	δείκνυ-σι(ν)	δεικνύ-ασι(ν)

Voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-δείκνυ-ν	ἐ-δείκνυ-μεν
2ª pessoa	ἐ-δείκνυ-ς	ἐ-δείκνυ-τε
3ª pessoa	ἐ-δείκνυ	ἐ-δείκνυ-σαν

Voz ativa, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	δείκνυ	δείκνυ-τε
3ª pessoa	δεικνύ-τω	δεικνύ-τωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	δεικνύ-ω	δεικνύ-ωμεν
2ª pessoa	δεικνύ-ῃς	δεικνύ-ητε
3ª pessoa	δεικνύ-ῃ	δεικνύ-ωσι(ν)

O acento *não* cai na última sílaba do subjuntivo.

O presente do optativo não se encontra no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	δεικνύ-ς	δεικνῦσα	δεικνύ-ν
v	δεικνύ-ς	δεικνῦσα	δεικνύ-ν
g	δεικνύ-ντος	δεικνύσης	δεικνύ-ντος
d	δεικνύ-ντι	δεικνύσῃ	δεικνύ-ντι
a	δεικνύ-ντα	δεικνῦσαν	δεικνύ-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	δεικνύ-ντες	δεικνῦσαι	δεικνύ-ντα
v	δεικνύ-ντες	δεικνῦσαι	δεικνύ-ντα
g	δεικνύ-ντων	δεικνυσῶν	δεικνύ-ντων
d	δεικνῦσι(ν)	δεικνύσαις	δεικνῦσι(ν)
a	δεικνύ-ντας	δεικνύσας	δεικνύ-ντα

O infinitivo presente é δεικνύ-ναι.

As desinências do aoristo são como as de λύω em todas as vozes.

Verbos difíceis: δείκνυμι, στρέφω, φαίνω.

δείκνυμι, *mostro* [V 14; VD 55; PV 1-3, 9-10, 12]:

δείκνυμι	δείξω	ἔδειξα	–	δέδειγμαι	ἐδείχθην
Mt 4,8	Mc 14,15	Mt 8,4		At 2,22	Hb 8,5

δεικνύω
Jo 2,18

στρέφω, *viro* [transitivo na voz ativa] [V 4; VD 296; PV 1-4]:

στρέφω	στρέψω	ἔστρεψα	–	ἔστραμμαι	ἐστράφην
At 13,46	Mt 12,44	Mt 5,39		Mt 17,17	Mt 7,6

O presente ativo é usado em sentido transitivo (*viro* [alguém ou alguma coisa], *retorno* [alguém ou alguma coisa]). O aoristo passivo é normalmente usado em sentido intransitivo (*voltei-me, retornei*).

φαίνω, *brilho, apareço* [V 7; VD 321; PV 1-4]:

φαίνω	φανοῦμαι	ἔφανα	–	–	ἐφάνην
Jo 1,5	1Pd 4,18	Ap 8,12			Mt 1,20
	[φανήσομαι]				
	Mt 24,30				

No Novo Testamento, o presente ativo é usado intransitivamente. O médio também é usado desta forma. As formas de futuro são depoentes, uma média e outra passiva. O aoristo passivo é forte.

Vocabulário.

δείκνυμι / δεικνύω [V 14; VD 55; PV 1-3, 9-10, 12] *mostro; provo.*

ἐνδείκνυμαι [ἐν + δείκνυμαι] [V 14, 22; VD 55; PV 1-3, 9-10, 12] *mostro; provo.*

ἀναστρέφω [ἀνά + στρέφω] [V 4; VD 296; PV 1-4] intransitivo: *retorno; fico;* formas passivas: *vivo, comporto-me.*

ἐπιστρέφω [ἐπί + στρέφω] [V 4; VD 296; PV 1-4] transitivo: *faço voltar; mudo;* intransitivo: *volto-me, mudo-me.*

στρέφω [V 4; VD 296; PV 1-4] transitivo: *viro* (*alguém* ou *algo*), *volto; mudo;* intransitivo: *volto-me, mudo-me.*

ὑποστρέφω [ὑπό + στρέφω] [V 4; VD 296; PV 1-4] *retorno* [sentido intransitivo]; *volto.*

φαίνω [V 7; VD 321; PV 1-4] intransitivo: *brilho; apareço.*

ἀναπαύω [ἀνά + παύω] [V 1; VD 233; PV 1-3] transitivo: *revigoro;* intransitivo: *paro; fico.*

κτίζω (κτίσω) [V 5; VD 169; PV 1-3] *crio.*

μοιχεύω [V 1; PV 1-3] *cometo adultério* [com acusativo ou genitivo].

νομίζω (νομίσω) [V 5; PV 1-3] *penso; estou acostumado a.*

παύομαι [V 1, 22; VD 233; PV 2-3] *cesso, deixo de* [usado de forma absoluta ou com particípio; a forma ativa encontra-se em 1Pd 3,10 com significado transitivo: *faço cessar*].

ποτίζω (ποτίσω) [V 5; PV 1-3] *dou de beber; rego.*

σαλεύω [V 1; PV 1-3] *agito.*

σφραγίζω (σφραγίσω) [V 5; VD 1-3] *selo, confirmo; reconheço.*

ὠφελέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *sou útil; beneficio* (alguém) [com acusativo da pessoa beneficiada].

ἀμφότεροι, -αι, -α [Adj 6] *ambos.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ἐπείνασα καὶ ἐδώκατέ μοι ἐσθίειν, ἐδίψησα καὶ ἐποτίσατέ με, ξένος ἤμην καὶ συνηγάγετέ με. (Mt 25,35)
2. καὶ πῶς δεῖ ἐν οἴκῳ θεοῦ ἀναστρέφεσθαι; (1Tm 3,15)
3. ἀπὸ τότε ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς δεικνύειν τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ ὅτι δεῖ αὐτὸν εἰς τὴν ἁγίαν πόλιν ἀπελθεῖν καὶ πολλὰ παθεῖν ἀπὸ τῶν πρεσβυτέρων καὶ ἀρχιερέων καὶ γραμματέων καὶ ἀποκτανθῆναι καὶ τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ ἐγερθῆναι. (Mt 16,21)
4. ἡ σάρξ οὐκ ὠφελεῖ οὐδέν. (Jo 6,63)
5. δεῦτε πρός με πάντες οἱ κοπιῶντες, κἀγὼ ἀναπαύσω ὑμᾶς. (Mt 11,28)
6. καὶ οἱ ἀστέρες ἔσονται ἐκ τοῦ οὐρανοῦ πίπτοντες, καὶ αἱ δυνάμεις αἱ ἐν τοῖς οὐρανοῖς σαλευθήσονται. (Mc 13,25)
7. ὁ λαβὼν αὐτοῦ τὴν μαρτυρίαν ἐσφράγισεν ὅτι ὁ θεὸς ἀληθής ἐστιν. (Jo 3,33)
8. ἐν αὐτῷ ἐκτίσθη τὰ πάντα ἐν τοῖς οὐρανοῖς καὶ ἐπὶ τῆς γῆς. (Cl 1,16)
9. ἀλλὰ διὰ τοῦτο ἠλεήθην, ἵνα ἐν ἐμοὶ πρώτῳ ἐνδείξηται Χριστὸς Ἰησοῦς τὴν ἅπασαν μακροθυμίαν. (1Tm 1,16).
10. καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν. (Jo 1,5)
11. καὶ εἶπεν, Ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐὰν μὴ στραφῆτε καὶ γένησθε ὡς τὰ παιδία, οὐκ εἰσελεύσεσθε εἰς τὴν βασιλείαν τῶν οὐρανῶν. (Mt 18,3)
12. ἦσαν δὲ δίκαιοι ἀμφότεροι ἐνώπιον τοῦ θεοῦ. (Lc 1,6)

13. καὶ ἐὰν μὲν ἡ οἰκία ἀξία, ἐλθάτω ἡ εἰρήνη ὑμῶν ἐπ' αὐτήν· ἐὰν δὲ μὴ ᾖ ἀξία, ἡ εἰρήνη ὑμῶν πρὸς ὑμᾶς ἐπιστραφήτω. (Mt 10,13)
14. καὶ ἐλθόντες οἱ πρῶτοι ἐνόμισαν ὅτι πλεῖον λήμψονται. (Mt 20,10)
15. καὶ ἐγένετο ἐν τῷ εἶναι αὐτὸν ἐν τόπῳ τινὶ προσευχόμενον, ὡς ἐπαύσατο, εἶπέν τις τῶν μαθητῶν αὐτοῦ πρὸς αὐτὸν, Κύριε, δίδαξον ἡμᾶς προσεύχεσθαι. (Lc 11,1)

II. Traduza para o grego:

1. Tendo dito essas coisas, as mulheres voltaram-se para trás e, tendo visto os discípulos de Jesus, não sabiam que eram os discípulos de Jesus. (Jo 20,14)
2. Então os sinais do Filho do Homem aparecerão nos céus. (Mt 24,30)
3. (Ele) não parava de ensinar e pregar o evangelho de Cristo, Jesus. (At 5,42)

III. Mc 13,14-37.

Lição 62

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de δείκνυμι. Verbos difíceis: φεύγω, ἥκω, μανθάνω.

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de δείκνυμι.

Os sistemas médio e passivo de δείκνυμι conjugam-se como segue (V 14; VD 55; PV 1-3, 9-10, 12; para o particípio, cf. também Adj 1):

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	δείκνυ-μαι	δεικνύ-μεθα
2ª pessoa	δείκνυ-σαι	δείκνυ-σθε
3ª pessoa	δείκνυ-ται	δείκνυ-νται

Vozes média e passiva, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-δεικνύ-μην	ἐ-δεικνύ-μεθα
2ª pessoa	ἐ-δείκνυ-σο	ἐ-δείκνυ-σθε
3ª pessoa	ἐ-δείκνυ-το	ἐ-δείκνυ-ντο

Vozes média e passiva, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	δείκνυ-σο	δείκνυ-σθε
3ª pessoa	δεικνύ-σθω	δεικνύ-σθωσαν

Vozes média e passiva, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	δεικνύ-ωμαι	δεικνυ-ώμεθα
2ª pessoa	δεικνύ-η	δεικνύ-ησθε
3ª pessoa	δεικνύ-ηται	δεικνύ-ωνται

δεικνύῃ < δεικνύ-ησαι.

Nem o presente do optativo médio nem o presente do optativo passivo se encontram no Novo Testamento.

Vozes média e passiva, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	δεικνύ-μενος	δεικνυ-μένη	δεικνύ-μενον
v	δεικνύ-μενε	δεικνυ-μένη	δεικνύ-μενον
g	δεικνυ-μένου	δεικνυ-μένης	δεικνυ-μένου
d	δεικνυ-μένῳ	δεικνυ-μένῃ	δεικνυ-μένῳ
a	δεικνύ-μενον	δεικνυ-μένην	δεικνύ-μενον

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	δεικνύ-μενοι	δεικνύ-μεναι	δεικνύ-μενα
v	δεικνύ-μενοι	δεικνύ-μεναι	δεικνύ-μενα
g	δεικνυ-μένων	δεικνυ-μένων	δεικνυ-μένων
d	δεικνυ-μένοις	δεικνυ-μέναις	δεικνυ-μένοις
a	δεικνυ-μένους	δεικνυ-μένας	δεικνύ-μενα

A forma do infinitivo presente é δείκνυ-σθαι.

No aoristo médio, as desinências são como as de λύω.

Verbos difíceis: φεύγω, ἥκω, μανθάνω.

φεύγω, *fujo* [V 2; VD 326; PV 1-2, 4]:

φεύγω	φεύξομαι	ἔφυγον	πέφευγα	–	–
Mt 2,13	Jo 10,5	Mt 8,33	At 16,27		

O futuro é depoente médio. O aoristo é forte.

ἥκω, *cheguei* [V 2, DV116; PV 1]:

ἥκω	ἥξω	ἧξα	ἧκα	–	–
Lc 15,27	Mt 8,11	Ap 2,25	Mc 8,3		

Este verbo tem significados perfeitos mesmo com tempos não perfeitos.

μανθάνω, *aprendo* [V 7; VD 185; PV 1, 4]:

μανθάνω	–	ἔμαθον	μεμάθηκα	–	–
1Cor 14,31		Mt 9,13	Jo 7,15		

Há um aoristo (segundo) forte.

Vocabulário.

φεύγω [V 2; VD 326; PV 1-2, 4] *fujo, ponho-me em fuga; desapareço.*

ἥκω [V 2; VD 116; PV 1] *cheguei; estou presente.*

μανθάνω [V 7; VD 185; PV 1, 4] *aprendo; descubro; aprendo por experiência.*

ἀγνοέω [α privativo + uma raiz de γινώσκω. O aumento é formado pelo alongamento do α: ἠγνόουν em Mc 9,32.] [V 8; PV 1-3, 5-6] *não sei; ignoro.*

ἀναχωρέω [ἀνά + χωρέω] [V 8; PV 1-3] *retiro-me; afasto-me.*

ἀπειθέω [α privativo + uma raiz de πείθω. O aumento é formado pelo alongamento do α: ἠπείθουν em At 19,9.] [V 8; PV 1-3, 5-6] *desobedeço* [com dativo para a pessoa a quem se desobedece].

ἀτενίζω (ἀτενίσω) [V 5; PV 1-3] *fito, fixo o olhar em* [com dativo sozinho ou com εἰς e acusativo].

εὐφραίνω [εὖ + uma raiz de φρήν. O aumento é formado pelo alongamento do ε: ηὐφράνθην.] [V 7; PV 1-3] *alegro-me*; passivo: *sou feliz.*

κατανοέω [κατά + νοέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *considero; observo.*

μερίζω (μερίσω) [V 5; PV 1-3] *divido; distribuo.*

νοέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *entendo; reflito; penso.*

μύρον, -ου, τό [N 7] *ungüento, perfume.*

πετεινά, -ῶν, τά [N 7] *pássaros.*

σεισμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *sismo; abalo; terremoto.*

σῖτος, -ου, ὁ [N 6m] *grão; trigo.*

μωρός, -ά, -όν [Adj 2] *tolo; insensato.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. πῶς οὐ νοεῖτε ὅτι οὐ περὶ ἄρτων εἶπον ὑμῖν; (Mt 16,11)

2. ὁ πιστεύων εἰς τὸν υἱὸν ἔχει ζωὴν αἰώνιον· ὁ δὲ ἀπειθῶν τῷ υἱῷ οὐκ ὄψεται ζωήν, ἀλλ' ἡ ὀργὴ τοῦ θεοῦ μένει ἐπ' αὐτόν. (Jo 3,36)
3. σὺ δέ, ὦ ἄνθρωπε θεοῦ, ταῦτα φεῦγε. (1Tm 6,11)
4. καὶ συνάξω ἐκεῖ πάντα τὸν σῖτον καὶ τὰ ἀγαθά μου. (Lc 12,18)
5. ὅθεν, ἀδελφοὶ ἅγιοι, κατανοήσατε τὸν ἀπόστολον καὶ ἀρχιερέα ἡμῶν, Ἰησοῦν. (Hb 3,1)
6. πῶς οὗτος γράμματα οἶδεν μὴ μεμαθηκώς; (Jo 7,15)
7. καὶ πᾶς ὁ ἀκούων μου τοὺς λόγους τούτους καὶ μὴ ποιῶν αὐτοὺς ὁμοιωθήσεται ἀνδρὶ μωρῷ. (Mt 7,26)
8. ἔσονται σεισμοὶ κατὰ τόπους. (Mc 13,8)
9. καί τινες αὐτῶν ἀπὸ μακρόθεν ἥκασιν. (Mc 8,3)
10. ἐμβλέψατε εἰς τὰ πετεινὰ τοῦ οὐρανοῦ. (Mt 6,26)
11. οἱ δὲ ἠγνόουν τὸ ῥῆμα, καὶ ἐφοβοῦντο αὐτὸν ἐπερωτῆσαι. (Mc 9,32)
12. εἰς τί ἡ ἀπώλεια αὕτη τοῦ μύρου γέγονεν; (Mc 14,4)
13. ὁ δὲ Ἰησοῦς γνοὺς ἀνεχώρησεν ἐκεῖθεν. (Mt 12,15)
14. πᾶσα πόλις ἢ οἰκία μερισθεῖσα καθ' ἑαυτῆς οὐ σταθήσεται. (Mt 12,25)
15. καὶ ἐρῶ τῇ ψυχῇ μου, Ψυχή, ἔχεις πολλὰ ἀγαθὰ κείμενα εἰς ἔτη πολλά· ἀναπαύου, φάγε, πίε, εὐφραίνου. (Lc 12,19)
16. καὶ πάντων οἱ ὀφθαλμοὶ ἐν τῇ συναγωγῇ ἦσαν ἀτενίζοντες αὐτῷ. (Lc 4,20)
17. ἠκούσατε ὅτι ἐρρέθη, Οὐ μοιχεύσεις. (Mt 5,27)
18. καὶ ὑπέστρεψαν οἱ ποιμένες δοξάζοντες καὶ αἰνοῦντες τὸν θεὸν ἐπὶ πᾶσιν ἃ ἤκουσαν καὶ εἶδον καθὼς ἐλαλήθη πρὸς αὐτούς. (Lc 2,20)

II. Traduza para o grego:

1. Todos aqueles que ouviram o Pai e aprenderam irão a Jesus. (Jo 6,45)
2. E um deles chegará de longe. (Mc 8,3)
3. E a mulher, saindo, fugiu do sepulcro. (Mc 16,8)

III. Mc 14,1-21.

Lição 63

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἵημι.
Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio [sumário] e do infinitivo ativos de ἵημι.
Formas média e passiva no sistema do presente [sumário] de ἵημι.
Forma média no sistema do aoristo [sumário] de ἵημι.
Verbos difíceis: ἵημι / ἵω, αἱρέω, λείπω.

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἵημι.

O verbo simples ἵημι, *envio*, não ocorre no Novo Testamento. Mas ele é base de um verbo composto de considerável importância: ἀφίημι, *perdôo*. A conjugação do verbo simples será dada aqui. O sistema do presente ativo conjuga-se como segue (cf. V 12, 21; VD 131; PV 1-3, 9-10, 12; para o particípio, cf. também Adj 18):

Voz ativa, modo indicativo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἵη-μι	ἵε-μεν
2ª pessoa	ἵη-ς	ἵε-τε
3ª pessoa	ἵη-σι(ν)	ἱᾶσι(ν)

Deve-se notar o contraste usual entre a vogal no radical longo no singular e a vogal no radical breve no plural.

Voz ativa, modo indicativo, tempo imperfeito

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἵον	ἵομεν
2ª pessoa	ἵες	ἵετε
3ª pessoa	ἵε(ν)	ἵον

Estas formas não são de ἵημι, mas de ἵω, que tem o mesmo significado que ἵημι. Ela é a forma temática baseada no ἰ da forma não temática, que é a indicação para o sistema do presente. A raiz do verbo é ἡ / ἑ.

Voz ativa, modo imperativo, tempo presente

	Singular	Plural
2ª pessoa	ἵει	ἵε-τε
3ª pessoa	ἱέ-τω	ἱέ-τωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo presente

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἱῶ	ἱῶμεν
2ª pessoa	ἱῇς	ἱῆτε
3ª pessoa	ἱῇ	ἱῶσι(ν)

O presente do optativo ativo não existe no Novo Testamento.

Voz ativa, modo particípio, tempo presente

Singular

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἱείς	ἱεῖσα	ἱέ-ν
v	ἱείς	ἱεῖσα	ἱέ-ν
g	ἱέ-ντος	ἱείσης	ἱέ-ντος
d	ἱέ-ντι	ἱείσῃ	ἱέ-ντι
a	ἱέ-ντα	ἱεῖσαν	ἱέ-ν

Plural

	Masculino	Feminino	Neutro
n	ἱέ-ντες	ἱεῖσαι	ἱέ-ντα
v	ἱέ-ντες	ἱεῖσαι	ἱέ-ντα
g	ἱέ-ντων	ἱεισῶν	ἱέ-ντων
d	ἱεῖσι(ν)	ἱείσαις	ἱεῖσι(ν)
a	ἱέ-ντας	ἱείσας	ἱέ-ντα

O infinitivo presente ativo é ἱέ-ναι.

Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio [sumário] e do infinitivo ativos de ἵημι.

O sistema do aoristo ativo conjuga-se como segue (cf. V 12, 21; VD 131; PV 1-3; para o particípio, cf. também Adj 18):

Voz ativa, modo indicativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἧκ-α	ἥκ-αμεν
2ª pessoa	ἧκ-ας	ἥκ-ατε
3ª pessoa	ἧκ-ε(ν)	ἧκ-αν

Voz ativa, modo imperativo, tempo aoristo

	Singular	Plural
2ª pessoa	ἕ-ς	ἕ-τε
3ª pessoa	ἕ-τω	ἕ-τωσαν

Voz ativa, modo subjuntivo, tempo aoristo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ὦ	ὦμεν
2ª pessoa	ᾗς	ἦτε
3ª pessoa	ᾗ	ὦσι(ν)

Não há aoristo do optativo ativo no Novo Testamento.

O aoristo do particípio ativo é εἵς, εἷσα, ἕν (ἕντος, εἵσης, ἕντος) e declina-se como o particípio presente de ἵημι.

O aoristo do infinitivo ativo é εἶναι (< ἑ-εναι).

Deve-se notar a presença do elemento da reduplicação do ι no sistema do presente, e sua ausência no aoristo.

Forma média e passiva no sistema do presente [sumário] de ἵημι.
Forma média no sistema do aoristo [sumário] de ἵημι.

O uso do sistema do presente de ἵημι nas vozes média e passiva é limitado. As formas ἵεται (terceira pessoa do singular do modo indicativo) e ἵενται (terceira pessoa do plural do modo indicativo) encontram-se no tempo presente. As formas do particípio presente médio e passivo ἱέμενος, ἱεμένη, ἱέμενον são também encontradas.

No sistema do aoristo médio, encontra-se apenas o particípio: ἕμενος, ἑμένη, ἕμενον. Deve-se notar a presença e ausência do elemento de reduplicação do ι.

Verbos difíceis: ἵημι / ἵω, αἱρέω, λείπω.

ἵημι, *envio* [V 12, 21; VD 131; PV 1-3, 9-10, 12]:

ἵημι	ἥσω	ἧκα	–	εἶμαι	ἕθην
Mt 3,15	Mt 6,14	Mt 6,12		Hb 12,12	Mt 24,2
ἴω				ἕωμαι	
Mc 1,34				Lc 5,20	

O verbo simples ἵημι não se encontra no Novo Testamento. O verbo composto principal nele baseado é ἀφίημι, cuja maior parte das formas já foram apresentadas acima.

αἱρέω, *tomo, agarro* [V 8, 22; VD 7; PV 2-3, 4]:

αἱρέω	ἑλῶ	εἷλον	–	ἥρημαι	ἡρέθην
At 16,27	2Ts 2,8	Mt 2,16		2Cor 9,7	Lc 23,32
[αἱρέομαι]	αἱρήσομαι	εἱλάμην			
	Fl 1,22	2Ts 2,13			

O verbo simples αἱρέω ocorre apenas algumas vezes no Novo Testamento, como depoente (αἱρέομαι, *escolho*). As formas acima foram dadas para a maior parte dos verbos compostos, tendo αἱρέω como base. O radical do aoristo é ἑλ-. O ε é alongado no perfeito médio e passivo, mas não no aoristo passivo. *αἱρέω é facilmente confundido com αἴρω tanto em forma quanto em significado.*

λείπω, *deixo* [V 4; VD 181; PV 1-3]:

λείπω	λείψω	ἔλιπον	–	λέλειμμαι	ἐλείφθην
Lc 18,22	Ef 5,31	Mc 12,21		At 25,14	Jo 8,9

O uso do verbo simples λείπω é relativamente pouco freqüente no Novo Testamento. As formas acima foram dadas para a maior parte de seus compostos. O aoristo ativo é forte. *Algumas formas de λείπω podem ser confundidas com algumas formas do verbo λαμβάνω.*

Vocabulário.

ἀφίημι / ἀφίω [ἀπό + ἵημι] [V 12, 21; VD 131; PV 1-3, 9-10, 12] *demito; perdôo (pecado); envio; permito; vou-me; abandono.*

συνίημι [σύν + ἵημι] [V 12, 21; VD 131; PV 1-3, 9-10, 12] *entendo.*

αἱρέομαι [V 8, 22; VD 131; PV 2-3, 4] *prefiro; escolho.*

ἀναιρέω [ἀνά + αἱρέω] [V 8; VD 7; PV 1-3, 4] *tiro; anulo; mato.*

ἀφαιρέω [ἀπό + αἱρέω] [V 8; VD 7; PV 1-3, 4] *removo; afasto.*

ἐγκαταλείπω [ἐν + κατά + λείπω] [V 4; VD 181; PV 1-4] *deserto; abandono.*

καταλείπω [κατά + λείπω] [V 4; VD 181; PV 1-4] *deixo* [um lugar ou coisa].

λείπω [V 4; VD 181; PV 1-4] transitivo: *deixo, abandono*; intransitivo: *falto.*

ἁρπάζω (ἁρπάσω) [V 3, 5; VD 27; PV 1-4] *tomo à força.* Este verbo é normalmente encontrado como dental, mas também tem formas palatais.

στηρίζω (στηρίσω e στηρίξω) [V 3, 5; VD 295; PV 1-3] *estabeleço; reforço.* As duas formas de futuro mostram que a raiz pode ser considerada como dental ou palatal.

ταπεινόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *humilho; rebaixo.*

ἀναστροφή, -ῆς, ἡ [N 1] *conduta.*

βουλή, -ῆς, ἡ [N 1] *propósito firme; decisão.*

τάλαντον, -ου, τό [N 7] *talento.* Esta era uma considerável unidade monetária no mundo antigo.

φρόνιμος, -ος, -ον [Adj 5] *inteligente*; *prudente.*

χωλός, -ή, -όν [Adj 1] *manco; coxo.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. καὶ φοβηθεὶς ἀπελθὼν ἔκρυψα τὸ τάλαντόν σου ἐν τῇ γῇ· ἴδε ἔχεις τὸ σόν. (Mt 25,25)
2. καὶ εἷς τις ἐξ αὐτῶν ἀφεῖλεν τὸ οὖς τοῦ δούλου τοῦ ἀρχιερέως τὸ δεξιόν. (Lc 22,50)
3. ὅστις οὖν ταπεινώσει ἑαυτὸν ὡς τὸ παιδίον τοῦτο, οὗτός ἐστιν ὁ μείζων ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν. (Mt 18,4)

4. τότε ὁ βασιλεὺς ἀποστείλας ἀνεῖλεν πάντας τοὺς παῖδας. (Mt 2,16)
5. ὅτι οἱ υἱοὶ τοῦ αἰῶνος τούτου φρονιμώτεροι ὑπὲρ τοὺς υἱοὺς τοῦ φωτὸς εἰς τὴν γενεὰν τὴν ἑαυτῶν εἰσιν. (Lc 16,8)
6. καὶ προσκαλεσάμενος πάλιν τὸν ὄχλον ἔλεγεν αὐτοῖς, Ἀκούσατέ μου πάντες καὶ σύνετε. (Mc 7,14)
7. καὶ προσῆλθον αὐτῷ τυφλοὶ καὶ χωλοὶ ἐν τῷ ἱερῷ, καὶ ἐθεράπευσεν αὐτούς. (Mt 21,14)
8. τέκνον, ἀφίενταί σου αἱ ἁμαρτίαι. (Mc 2,5)
9. καὶ σύ ποτε ἐπιστρέψας στήρισον τοὺς ἀδελφούς σου. (Lc 22,32)
10. ἀκούσας δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ, Ἔτι ἕν σοι λείπει· πάντα ὅσα ἔχεις πώλησον καὶ δὸς πτωχοῖς, καὶ ἕξεις θησαυρὸν ἐν τοῖς οὐρανοῖς, καὶ ἀκολούθει μοι. (Lc 18,22)
11. καὶ νῦν λέγω ὑμῖν, ἀπόστητε ἀπὸ τῶν ἀνθρώπων τούτων καὶ ἄφετε αὐτούς· ὅτι ἐὰν ᾖ ἐξ ἀνθρώπων ἡ βουλὴ αὕτη ἢ τὸ ἔργον τοῦτο, καταλυθήσεται. (At 5,38)
12. ὁ θεός μου ὁ θεός μου, εἰς τί ἐγκατέλιπές με; (Mc 15,34)
13. Ἰησοῦς οὖν γνοὺς ὅτι μέλλουσιν ἔρχεσθαι καὶ ἁρπάζειν αὐτὸν ἵνα ποιήσωσιν βασιλέα ἀνεχώρησεν πάλιν εἰς τὸ ὄρος αὐτὸς μόνος. (Jo 6,15)
14. καὶ καταλιπὼν αὐτοὺς ἀπῆλθεν. (Mt 16,4)
15. ἠκούσατε γὰρ τὴν ἐμὴν ἀναστροφήν ποτε, ὅτι ἐδίωκον τὴν ἐκκλησίαν τοῦ θεοῦ. (Gl 1,13)

II. Traduza para o grego:

1. Todos (os) pecados e blasfêmias serão perdoados a este homem, mas as blasfêmias contra o Espírito [genitivo: "do Espírito"] não serão perdoadas. (Mt 12,31)
2. Foram mortos os soldados e os jovens que obedeciam a eles. (At 5,36)
3. E todos morreram sem deixar descendência [literalmente, "não deixando semente"]. (Mc 12,21)

III. Mc 14,22-50.

Lição 64

ἀπόλλυμι e ὄμνυμι [sumário]. Formas selecionadas de φημί.
Formas selecionadas de εἶμι. Grau dos advérbios.
Verbos difíceis: ἀπόλλυμι / ἀπολλύω, ὄμνυμι / ὀμνύω, πίμπλημι.

ἀπόλλυμι e ὄμνυμι [sumário].

Os importantes verbos ἀπόλλυμι, *destruo*, e ὄμνυμι, *juro*, conjugam-se como δείκνυμι (cf. V 14).

Formas selecionadas de φημί.

φημί, *digo*, conjuga-se como ἵστημι. Como δίδωμι, τίθημι, ἵστημι e ἵημι, ele apresenta gradação de vogal: φη- e φα-. As formas usadas no Novo Testamento são:

φημί: presente do indicativo ativo, 1ª pessoa do singular [enclítica];
φησί(ν): presente do indicativo ativo, 3ª pessoa do singular [enclítica];
φασί(ν): presente do indicativo ativo, 3ª pessoa do plural [enclítica];
ἔφη: imperfeito do indicativo ativo, 3ª pessoa do singular.

Formas selecionadas de εἶμι.

Por causa da semelhança com o verbo εἰμί, o verbo εἶμι, *venho, vou,* deve-se notar. (A despeito da semelhança da primeira pessoa do singular do presente do indicativo, as raízes são discretamente diferentes: em εἰμί, *sou*, a raiz é εσ-, enquanto em εἶμι, *vou*, a raiz é εἰ- ou ἰ-.) Ele se encontra no Novo Testamento apenas como parte de verbos compostos. Encontram-se as seguintes formas:

ἴασι(ν): presente do indicativo ativo, 3ª pessoa do plural;
ᾔει: imperfeito do indicativo ativo, 3ª pessoa do singular;
ᾔεσαν: imperfeito do indicativo ativo, 3ª pessoa do plural;
ἰόντος: presente do particípio ativo, genitivo masculino singular;

ἰούσῃ: particípio presente ativo, dativo feminino singular;
ἰόντων: particípio presente ativo, genitivo masculino plural;
ἰέναι: infinitivo presente ativo.

Grau dos advérbios.

Alguns advérbios são formados de adjetivos, outros não. Os advérbios no grau positivo – formados de adjetivos no grau positivo – formam-se de duas maneiras: 1) pelo uso do acusativo neutro singular (e.g., μικρόν, *um pouco*; 2) pelo uso do sufixo -ως (e.g., κακῶς, *mal, de forma má*).

Os graus comparativo e superlativo dos advérbios são normalmente, mas nem sempre, formados dos graus comparativo e superlativo dos adjetivos correspondentes. O grau comparativo é freqüentemente formado tomando-se o acusativo neutro singular do grau comparativo do adjetivo: σοφώτερον, *mais sabiamente*. O grau superlativo é freqüentemente formado tomando-se o acusativo neutro plural do grau superlativo do adjetivo: σοφώτατα, *o mais sabiamente*. Alguns graus comparativos e superlativos de advérbio formam-se irregularmente. Uma seleção dessas formas é dada na lição 65.

O grau superlativo do advérbio é raro no Novo Testamento. Seu lugar é freqüentemente assumido pelo grau comparativo. O grau superlativo pode ter significado tanto relativo quanto absoluto (significado relativo: *muito sabiamente*; significado absoluto: *o mais sabiamente*).

Deve-se notar o uso de ὡς com o superlativo. Neste uso, o ὡς com superlativo significa *tão / tanto... quanto possível* (e.g., ὡς σοφώτατα, *tão sabiamente quanto possível*).

Verbos difíceis: ἀπόλλυμι / ἀπολλύω, ὄμνυμι / ὀμνύω, πίμπλημι.

ἀπόλλυμι / ἀπολλύω, *destruo, pereço* [V 14; VD 217; PV 1-2, 4, 9]:

ἀπόλλυμι	ἀπολέσω	ἀπώλεσα	ἀπόλωλα	–	–
Mt 9,17	Mt 16,25	Mt 2,13	Mt 10,6		
ἀπολλύω	ἀπολῶ	ἀπωλόμην			
Jo 12,25	At 27,34	Mt 5,29			

A voz ativa é transitiva (*destruo*) exceto no perfeito, que é intransitivo (*pereci*). A voz média é intransitiva (*pereço*). Há uma forma alternativa no sistema do presente baseada no uso da raiz como verbo temático: ἀπολλύω. O aoristo ativo é fraco (primeiro), o aoristo médio é forte (segundo).

ὄμνυμι / ὀμνύω, *juro* [V 14; VD 219; PV 1, 9]:

ὄμνυμι Mc 14,71	–	ὤμοσα Mt 23,16	–	–	–
ὀμνύω Hb 6,16					

Há uma forma alternativa para o sistema do presente baseada no uso da raiz como verbo temático: ὀμνύω.

πίμπλημι, *encho* [V 11, 21; VD 244; PV 1-3, 7]:

[πίμπλημι]	–	ἔπλησα Mt 27,48	–	πέπλησμαι Lc 6,25	ἐπλήσθην Mt 22,10

No Novo Testamento não se encontra o presente nem o futuro e o perfeito ativo.

Vocabulário.

ἀπόλλυμι / ἀπολλύω [ἀπό + ὄλλυμι] [V 14; VD 217; PV 1-2, 4, 9] transitivo: *destruo; perco*; intransitivo: *pereço* [o perfeito ativo é intransitivo].

ὄμνυμι / ὀμνύω [V 14; VD 219; PV 1, 9] *juro.*

πίμπλημι [V 11, 21; VD 244; PV 1-3, 7] *encho* [o que estiver sendo usado para encher é expresso tanto por um genitivo simples como por ἐκ com genitivo]; *completo.*

ἄπειμι [ἀπό + εἶμι] [V 15; VD 77] *vou.*

εἴσειμι [εἰς + εἶμι] [V 15; VD 77] *entro.*

ἔξειμι [ἐκ + εἶμι] [V 15; VD 77] *parto.*

ἔπειμι [ἐπί+ εἶμι] [V 15; VD 77] *estou perto.*

σύνειμι [σύν + εἶμι] [V 15; VD 77] *reúno-me* [usado para multidão].

φημί [V 11; VD 327; PV 7] *digo.* Este verbo é enclítico no tempo presente. Ele é usado freqüentemente para introduzir discurso direto.

δαιμονίζομαι [V 5, 23; PV 3] *estou possuído por um demônio.*

διαλέγομαι [διά + λέγομαι] [V 2, 22, 23; PV 2-3] *converso com; debato com; dirijo-me a.* O dativo simples é normalmente usado com todos os significados.

ἐκπλήσσομαι [ἐκ + πλήσσομαι] [V 3, 23; VD 254; PV 3-4] *estou maravilhado; estou atemorizado.*

ἐμπαίζω [ἐν + παίζω] (ἐμπαίξω) [V 3; VD 229; PV 1-3] *escarneço; faço brincadeira com* [com dativo].

ἐπιζητέω [ἐπί + ζητέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *busco; desejo.*

καταισχύνω [κατά + αἰσχύνω] [V 7; VD 10; PV 1-3] *envergonho; desonro.*

δράκων, -οντος, ὁ [N 22] *dragão; serpente* [o diabo].

ἐλεημοσύνη, -ης, ἡ [N 1] *esmola; dádiva.*

ζύμη, -ης, ἡ [N 1] *fermento.*

θερισμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *colheita.*

καπνός, -οῦ, ὁ [N 6m] *fumaça.*

ἕξ [Adj 21] *seis.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. πάντα γὰρ ταῦτα τὰ ἔθνη ἐπιζητοῦσιν. (Mt 6,32)
2. καὶ ἀποκριθέντες τῷ Ἰησοῦ εἶπαν, Οὐκ οἴδαμεν. ἔφη αὐτοῖς καὶ αὐτός, Οὐδὲ ἐγὼ λέγω ὑμῖν ἐν ποίᾳ ἐξουσίᾳ ταῦτα ποιῶ. (Mt 21,27) [ἐν ποίᾳ ἐξουσίᾳ introduz uma interrogativa indireta; cf. lição 69.]
3. ἄλλην παραβολὴν ἐλάλησεν αὐτοῖς· Ὁμοία ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν ζύμῃ. (Mt 13,33)
4. καὶ ἐπλήσθησαν πάντες θυμοῦ ἐν τῇ συναγωγῇ ἀκούοντες ταῦτα. (Lc 4,28)
5. τότε λέγει τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ, Ὁ μὲν θερισμὸς πολύς, οἱ δὲ ἐργάται ὀλίγοι. (Mt 9,37)
6. καί, Ὃς ἂν ὀμόσῃ ἐν τῷ θυσιαστηρίῳ, οὐδέν ἐστιν· ὃς δ' ἂν ὀμόσῃ ἐν τῷ δώρῳ τῷ ἐπάνω αὐτοῦ ὀφείλει. (Mt 23,18)
7. καὶ ἐκ τῶν στομάτων αὐτῶν ἐκπορεύεται πῦρ καὶ καπνός. (Ap 9,17)

8. ὃς γὰρ ἐὰν θέλῃ τὴν ψυχὴν αὐτοῦ σῶσαι ἀπολέσει αὐτήν· ὃς δ' ἂν ἀπολέσει τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἕνεκεν ἐμοῦ καὶ τοῦ εὐαγγελίου σώσει αὐτήν. (Mc 8,35)
9. ὁ πιστεύων ἐπ' αὐτῷ οὐ καταισχυνθήσεται. (Rm 9,33)
10. καὶ προσελθόντες ἤγειραν αὐτὸν λέγοντες, Κύριε, σῶσον, ἀπολλύμεθα. (Mt 8,25)
11. τεσσεράκοντα καὶ ἕξ ἔτεσιν οἰκοδομήθη ὁ ναὸς οὗτος, καὶ σὺ ἐν τρισὶν ἡμέραις ἐγερεῖς αὐτόν; (Jo 2,20) [ἔτεσιν é um dativo simples para expressar tempo; cf. lição 79. οἰκοδομήθη: não há aumento nesta forma no texto de João.]
12. οἱ δὲ ἀδελφοὶ παραγενόμενοι εἰς τὴν συναγωγὴν ἀπῆεσαν. (At 17,10)
13. παραδοθήσεται γὰρ τοῖς ἔθνεσιν καὶ ἐμπαιχθήσεται. (Lc 18,32)
14. ὁ δὲ ἀνὴρ ὁ χωλὸς εἶδεν τοὺς ἀποστόλους μέλλοντας εἰσιέναι εἰς τὸ ἱερόν. (At 3,2-3)
15. πωλήσατε τὰ ὑπάρχοντα ὑμῶν καὶ δότε ἐλημοσύνην. (Lc 12,33)
16. ὁ ἀπόστολος, μέλλων ἐξιέναι τῇ ἐπαύριον, διελέγετο τοῖς μαθηταῖς. (At 20,7) [τῇ ἐπαύριον (ἡμέρᾳ): dativo de tempo; cf. lição 79.]
17. καὶ ἀκούσαντες οἱ ὄχλοι ἐξεπλήσσοντο ἐπὶ τῇ διδαχῇ αὐτοῦ. (Mt 22,33)
18. τῇ τε ἐπιούσῃ ἡμέρᾳ ὤφθη αὐτοῖς. (At 7,26) [τῇ... ἐπιούσῃ ἡμέρᾳ: dativo de tempo; cf. lição 79.]
19. καὶ ἐβλήθη ὁ δράκων ὁ μέγας, ὁ ὄφις ὁ ἀρχαῖος, ὁ καλούμενος Διάβολος, ὁ πλανῶν τὴν οἰκουμένην ὅλην. (Ap 12,9)
20. πολὺς ὄχλος συνήει πρὸς τὸν Ἰησοῦν. (Lc 8,4)
21. οἱ μαθηταὶ διελέχθησαν πρὸς ἀλλήλους ἐν τῇ ὁδῷ. (Mc 9,34)
22. ἔφερον πρὸς αὐτὸν πάντας τοὺς κακῶς ἔχοντας καὶ τοὺς δαιμονιζομένους. (Mc 1,32)

II. Traduza para o grego:

1. E muitas vezes a lançaram ao fogo para matá-la. (Mc 9,22)
2. Deus entregou seu Filho para que todos os que nele crêem não pereçam, mas tenham vida eterna. (Jo 3,16)
3. Os discípulos saíram da sinagoga e conversaram com ele. (At 17,2)

III. Mc 14,51-72.

Lição 65

Presente depoente do indicativo, imperfeito depoente do indicativo, presente depoente do subjuntivo, do optativo, do particípio [sumário] e do infinitivo de δύναμαι.
ἐπίσταμαι [sumário]. Grau dos advérbios irregulares.
Verbos difíceis: δύναμαι, μιμνήσκομαι, τρέχω.

Presente depoente do indicativo, imperfeito depoente do indicativo, presente depoente do subjuntivo, do optativo, do particípio [sumário] e do infinitivo de δύναμαι.

O importante verbo depoente δύναμαι, *posso, sou capaz*, conjuga-se como as formas média e passiva de ἵστημι no sistema do presente. Nos outros sistemas, as desinências não demandam tratamento especial (cf. V 11, 22, 23; VD 66; PV 2-3, 11; para o particípio presente, cf. também Adj 1):

Tempo presente depoente, modo indicativo

	Singular	Plural
1ª pessoa	δύνα-μαι	δυνά-μεθα
2ª pessoa	δύνα-σαι / δύνῃ	δύνα-σθε
3ª pessoa	δύνα-ται	δύνα-νται

Tempo imperfeito depoente, modo indicativo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-δυνά-μην	ἐ-δυνά-μεθα
2ª pessoa	ἐ-δύνα-σο	ἐ-δύνα-σθε
3ª pessoa	ἐ-δύνα-το	ἐ-δύνα-ντο

O aumento ἠ- é também encontrado.

O imperativo não se encontra no Novo Testamento.

Tempo presente depoente, modo subjuntivo

	Singular	Plural
1ª pessoa	δύνωμαι	δυνώμεθα
2ª pessoa	δύνῃ	δύνησθε
3ª pessoa	δύνηται	δύνωνται

δύνῃ < δύνησαι.

Tempo presente depoente, modo optativo

	Singular	Plural
1ª pessoa	δυναίμην	δυναίμεθα
2ª pessoa	δύναιο	δύναισθε
3ª pessoa	δύναιτο	δύναιντο

O particípio presente depoente é δυνά-μενος, -η, -ον.

O infinitivo presente depoente é δύνα-σθαι.

ἐπίσταμαι [sumário].

Usado muito menos freqüentemente, o verbo ἐπίσταμαι, *sei*, encontra-se apenas no sistema do presente do indicativo e do particípio. Ele também é conjugado como as formas média e passiva de ἵστημι.

Grau dos advérbios irregulares.

Alguns dos mais importantes advérbios graduados irregularmente são os seguintes:

Grau positivo	*Grau comparativo*	*Superlativo*
εὖ, *bem*	κρεῖσσον κρεῖττον βέλτιον	[βέλτιστα]
κακῶς, *mal* Cf. lição 47.	ἧσσον ἧττον	
καλῶς, *bem* Cf. lição 35.	κάλλιον	
[μάλα], *muito*	μᾶλλον Cf. lição 30.	μάλιστα Cf. lição 56.
μικρόν, *um pouco (de tempo)* Cf. lição 26.	ἔλασσον ἔλαττον	

πολύ, *muito, grandemente*	πλεῖον	
πολλοῦ	πλέον	
πολλά		
πολλῷ		
ταχύ, *rapidamente*	τάχειον	τάχιστα
Cf. lição 57.	τάχιον	
ταχέως		

Palavras entre colchetes [ ] não se encontram no Novo Testamento.

Verbos difíceis: δύναμαι, μιμνῄσκομαι, τρέχω.

δύναμαι, *posso, sou capaz* [V 11, 22, 23; VD 66; PV 2-3, 11]:

δύναμαι	δυνήσομαι	–	–	–	ἠδυνήθην
Mt 3,9	Mc 3,25				Mt 17,16

O futuro é depoente médio, o aoristo é depoente passivo. No aoristo, também se encontra a forma ἠδυνάσθην.

μιμνῄσκομαι, *lembro* [V 2, 18, 22, 23; VD 200; PV 3]:

μιμνῄσκομαι	μνησθήσομαι	–	–	μέμνημαι	ἐμνήσθην
Hb 2,6	Hb 10,17			1Cor 11,2	Mt 5,23

Este é passivo depoente, cujas formas ocasionalmente têm verdadeiro significado passivo. O perfeito tem valor de presente.

τρέχω, *corro* [V 2; VD 315; PV 1, 4]:

τρέχω	–	ἔδραμον	–	–	–
Jo 20,2		Mt 27,48			

Vocabulário.

δύναμαι [V 11, 22, 23; VD 66; PV 2-3, 11] *posso; sou capaz; tenho direito a; tenho o poder de.*

μιμνῄσκομαι [V 2, 18, 22, 23; VD 200; PV 3] *lembro* [com o caso genitivo para a pessoa ou coisa lembrada]. Embora este verbo seja passivo depoente, em alguns textos a forma passiva tem significado verdadeiramente passivo: *sou lembrado.*

τρέχω [V 2; VD 315; PV 1, 4] *corro.*

ἐκλέγομαι [ἐκ + λέγομαι] [V 2, 22; VD 180; PV 2-3] *escolho; seleciono.*

ἐπίσταμαι [V 11, 23; VD 91; PV 11] *sei; entendo; conheço.*

παιδεύω [V 1; PV 1-3] *educo; castigo.*

βέλτιον [Adv 3] *melhor.*

ἔλασσον, ἔλαττον [Adv 3] *menos tempo; menos.*

ἧσσον, ἧττον [Adv 3] *pior.*

κάλλιον [Adv 3] *melhor.*

κρεῖσσον, κρεῖττον [Adv 3] *melhor.*

πλεῖον, πλέον [Adv 3] *mais.*

πολύ, πολλοῦ, πολλά, πολλῷ [Adv 3] *grandemente; muito.*

τάχειον, τάχιον [Adv 2] *mais rapidamente.*

ταχέως [Adv 2] *rapidamente.*

τάχιστα [Adv 2] *muito rapidamente.*

παιδίσκη, -ης, ἡ [N 1] *serva.*

παράδοσις, -εως, ἡ [N 28f] *tradição.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. θέλω ἐλθεῖν ὡς τάχιστα πρὸς αὐτούς.
2. ὅτε οὖν ἠγέρθη ἐκ νεκρῶν, ἐμνήσθησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ὅτι τοῦτο ἔλεγεν, καὶ ἐπίστευσαν τῇ γραφῇ καὶ τῷ λόγῳ ὃν εἶπεν ὁ Ἰησοῦς. (Jo 2,22)
3. παιδεύσας οὖν αὐτὸν ἀπολύσω. (Lc 23,16)
4. ἄνδρες ἀδελφοί, ὑμεῖς ἐπίστασθε ὅτι ἀφ' ἡμερῶν ἀρχαίων, ἐν ὑμῖν ἐξελέξατο ὁ θεὸς διὰ τοῦ στόματος μου, τὰ ἔθνη ἀκοῦσαι τὸν λόγον τοῦ εὐαγγελίου καὶ πιστεῦσαι. (At 15,7)
5. καὶ ἡ παιδίσκη ἰδοῦσα αὐτὸν ἤρξατο πάλιν λέγειν τοῖς παρεστῶσιν ὅτι Οὗτος ἐξ αὐτῶν ἐστιν. (Mc 14,69)
6. καὶ προσήνεγκα αὐτὸν τοῖς μαθηταῖς σου, καὶ οὐκ ἠδυνήθησαν αὐτὸν θεραπεῦσαι. (Mt 17,16)

7. καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς, Καλῶς ἀθετεῖτε τὴν ἐντολὴν τοῦ θεοῦ, ἵνα τὴν παράδοσιν ὑμῶν στήσητε. (Mc 7,9)
8. ἐὰν θέλῃς, δύνασαί με καθαρίσαι. (Mc 1,40)
9. ἐλεύσομαι δὲ ταχέως πρὸς ὑμᾶς, ἐὰν ὁ κύριος θελήσῃ. (1Cor 4,19)
10. καὶ ἰδὼν τὸν Ἰησοῦν ἀπὸ μακρόθεν ἔδραμεν καὶ προσεκύνησεν αὐτῷ. (Mc 5,6)
11. λέγει οὖν αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς, Ὃ ποιεῖς ποίησον τάχιον. (Jo 13,27)
12. καὶ ὅσα ἐν τῇ πόλει ἐκείνῃ ἐμοὶ διηκόνησεν, βέλτιον σὺ γινώσκεις. (2Tm 1,18)
13. οὐκ ἔστιν θεὸς νεκρῶν ἀλλὰ ζώντων· πολὺ πλανᾶσθε. (Mc 12,27)
14. εἰ περισσοτέρως ὑμᾶς ἀγαπῶ, ἧσσον ἀγαπῶμαι; (2Cor 12,15)
15. ἐὰν μὴ περισσεύσῃ ὑμῶν ἡ δικαιοσύνη πλεῖον τῶν γραμματέων, οὐκ εἰσελεύσεσθε εἰς τὴν βασιλείαν τῶν οὐρανῶν. (Mt 5,20)
16. προσεληλύθατε αἵματι κρεῖττον λαλοῦντι παρὰ τὸ τοῦ προφήτου. (Hb 12,24)
17. χήρα ὀνομαζέσθω μὴ ἔλαττον ἐτῶν ἑξήκοντα [*sessenta*] γεγονυία. (1Tm 5,9)

II. Traduza para o grego:

1. Tendo-se levantado, os apóstolos correram ao sepulcro. (Lc 24,12)
2. Quando apresentardes vossas ofertas sobre o altar e ali lembrardes que vossos irmãos têm algo contra vós, deixai vossas ofertas ali e ide a vossos irmãos. (Mt 5,23-24)
3. Seu discípulo o interrogava: "Por que não fui capaz de expulsar o espírito impuro?" (Mc 9,28)

III. Mc 15,1-20.

Lição 66

Presente depoente do indicativo, imperfeito depoente do indicativo, presente depoente do imperativo [sumário], do particípio [sumário] e do infinitivo de κάθημαι. Verbos difíceis: κάθημαι, ἐλέγχω, τρέπω, τίκτω, κερδαίνω.

Presente depoente do indicativo, imperfeito depoente do indicativo, presente depoente do imperativo [sumário], do particípio [sumário] e do infinitivo de κάθημαι.

κάθημαι, *sento*, verbo em -μι depoente, é composto com o prefixo κατά e a possível raiz ἧς; na prática, porém, o aumento é colocado antes do prefixo (cf. V 17, 22; VD 139; PV 2; para o particípio, cf. também Adj 1):

Tempo presente depoente, modo indicativo,

	Singular	Plural
1ª pessoa	κάθ-η-μαι	καθ-ή-μεθα
2ª pessoa	κάθ-ῃ	κάθ-η-σθε
3ª pessoa	κάθ-η-ται	κάθ-η-νται

κάθῃ < κάθηι < κάθηαι < κάθησαι.

Tempo imperfeito depoente, modo indicativo

	Singular	Plural
1ª pessoa	ἐ-καθ-ή-μην	ἐ-καθ-ή-μεθα
2ª pessoa	ἐ-κάθ-η-σο	ἐ-κάθ-η-σθε
3ª pessoa	ἐ-κάθ-η-το	ἐ-κάθ-η-ντο

O presente do imperativo encontra-se na segunda pessoa do singular: κάθου (de κάθησο).

O subjuntivo e o optativo não se encontram no Novo Testamento.

O particípio presente é καθ-ή-μενος, -η, -ον.

O infinitivo presente é καθ-ῆ-σθαι.

Verbos difíceis: κάθημαι, ἐλέγχω, τρέπω, τίκτω, κερδαίνω.

κάθημαι, *sento* [V 17, 22; VD 139; PV 2]:

κάθημαι Mt 9,9	καθήσομαι Mt 19,28	–	–	–	–

Este verbo composto é tratado como não-composto – o aumento é prefixado ao κ, ainda que o radical comece com η. O verbo é depoente médio tanto no presente quanto no futuro.

ἐλέγχω, *convenço, condeno, reprovo* [V 2; VD 80; PV 1-3]:

ἐλέγχω Lc 3,19	ἐλέγξω Jo 16,8	ἤλεγξα Mt 18,15	–	–	ἠλέγχθην Jo 3,20

τρέπω, *volto, giro* [V 4; VD 313; PV 1-3]:

τρέπω At 26,1	–	ἔτρεψα Mt 8,21	–	–	ἐτράπην At 28,16

O aoristo passivo é forte. O verbo simples τρέπω não ocorre no Novo Testamento. As formas acima são do verbo composto ἐπιτρέπω, *permito.*

τίκτω, *dou à luz* [V 2, 21; VD 189; PV 1-4]:

τίκτω Jo 16,21	τέξομαι Mt 1,21	ἔτεκον Mt 1,25	–	–	ἐτέχθην Mt 2,2

κερδαίνω, *ganho* [V 7; VD 152; PV 1-3]:

–	κερδήσω Tg 4,13	ἐκέρδησα Mt 16,26 ἐκέρδανα 1Cor 9,21	–	–	ἐκερδήθην 1Pd 3,1

O sistema do presente não se encontra no Novo Testamento. Há duas formas de aoristo ativo.

Vocabulário.

κάθημαι [V 17, 22; VD 139; PV 2] *sento; estou sentado.*

ἐλέγχω [V 2; VD 80; PV 1-3] *convenço, condeno, reprovo.*

ἐπιτρέπω [ἐπί + τρέπω] [V 4; VD 313; PV 1-3] *permito; consinto.*

τίκτω [V 2, 21; VD 310; PV 1-4] *dou à luz;* passivo: *nasço.*

κερδαίνω [V 7; VD 152; PV 1-3] *ganho.*

καταντάω [κατά + ἀντάω] [V 9; VD 1; PV 1-3, 5-6] *chego a* [toma εἰς com acusativo].

καταρτίζω [κατά + ἀρτίζω] (καταρτίσω) [V 5; PV 1-3] *reparo; preparo.*

κλέπτω [V 4, 5; VD 158; PV 1-3] *furto; roubo.*

Ἰουδαῖος, -α, -ον [Adj 2, N 6m] *judeu.*

τίμιος, -α, -ον [Adj 2] *precioso; caro; honrado.*

συνεργός, -οῦ, ὁ [N 6m] *colaborador; cooperador.*

τρόπος, -ου, ὁ [N 6m] *modo; modo de vida.*

χοῖρος, -ου, ὁ [N 6m] *porco, suíno.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. ὁ οὖν διδάσκων ἕτερον σεαυτὸν οὐ διδάσκεις; ὁ κηρύσσων μὴ κλέπτειν κλέπτεις; (Rm 2,21)
2. τίς ἐξ ὑμῶν ἐλέγχει με περὶ ἁμαρτίας; (Jo 8,46)
3. θεοῦ γάρ ἐσμεν συνεργοί. (1Cor 3,9)
4. καὶ ἰδοὺ συλλήμψῃ ἐν γαστρὶ καὶ τέξῃ υἱόν, καὶ καλέσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἰησοῦν. (Lc 1,31)
5. τίμιος ἔστω ὁ γάμος ἐν πᾶσιν. (Hb 13,4)
6. καὶ παρεκάλεσαν αὐτὸν λέγοντες, Πέμψον ἡμᾶς εἰς τοὺς χοίρους, ἵνα εἰς αὐτοὺς εἰσέλθωμεν. καὶ ἐπέτρεψεν αὐτοῖς (Mc 5,12-13)

7. οὗτος ὁ Ἰησοῦς ὁ ἀναλημφθεὶς ἀφ' ὑμῶν εἰς τὸν οὐρανὸν οὕτως ἐλεύσεται κατὰ τὸν τρόπον καθ' ὃν ἐθεάσασθε αὐτὸν πορευόμενον εἰς τὸν οὐρανόν. (At 1,11)
8. καὶ μεταβὰς ἐκεῖθεν ὁ Ἰησοῦς ἦλθεν παρὰ τὴν θάλασσαν, καὶ ἀναβὰς εἰς τὸ ὄρος ἐκάθητο ἐκεῖ. (Mt 15,29)
9. οὐκ ἔστιν μαθητὴς ὑπὲρ τὸν διδάσκαλον, κατηρτισμένος δὲ πᾶς ἔσται ὡς ὁ διδάσκαλος αὐτοῦ. (Lc 6,40)
10. τί γὰρ ὠφελεῖται ἄνθρωπος κερδήσας τὸν κόσμον ὅλον ἑαυτὸν δὲ ἀπολέσας; (Lc 9,25) [τί é um acusativo de relação: *em relação a que um homem aproveita...?*]
11. ἢ ἀφ' ὑμῶν ὁ λόγος τοῦ θεοῦ ἐξῆλθεν, ἢ εἰς ὑμᾶς μόνους κατήντησεν; (1Cor 14,36)
12. ποῦ ἐστιν ὁ τεχθεὶς βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων; (Mt 2,2)

II. Traduza para o grego:

1. E os ladrões se aproximaram, de modo que todos os pobres, tendo subido em barcos, sentaram-se longe da terra. (Mt 13,2)
2. As mulheres, quando dão à luz, sentem aflição, porque chegou a hora delas. (Jo 16,21)
3. Um vaso de ira está preparado para perdição. (Rm 9,22)

III. Mc 15,21-47.

Lição 67

Um sistema de transcrição.
Verbos difíceis: χέω / χύννω, ἐσθίω, εὑρίσκω, ξηραίνω, καίω, τυγχάνω, ἐάω.

Um sistema de transcrição.

É útil ter conhecimento de um sistema de transcrição do grego em caracteres próprios de uma língua diferente. Tais sistemas de transcrição diferem entre si, de acordo com as possibilidades da língua receptora e com as possibilidades tipológicas de reprodução.

As transcrições seguintes foram escolhidas como um típico exemplo de como um sistema desses funciona:

α = a	κ = k	τ = t	αυ = au
β = b	λ = l	υ = u - y	ηυ = ēu
γ = g	μ = m	φ = ph	ου = ou
δ = d	ν = n	χ = ch	υι = ui
ε = e	ξ = x	ψ = ps	ᾳ = ā ou ai
ζ = z	ο = o	ω = ō	ῃ = ẹ̄ ou ēi
η = ē	π = p	῾ = h	ῳ = ọ̄ ou ōi
θ = th	ρ = r	᾽ = (zero)	
ι = i	σ, ς = s		

Assim Mc 1,1-5 pode-se expressar como segue:

1,1 Archē tou euaggeliou lēsou Christou [huiou theou].

1,2 Kathōs gegraptai en tọ̄ Esaïa tọ̄ prophētẹ̄,
Idou apostellō ton aggelon mou pro prosōpou sou,
hos kataskeuasei tēn hodon sou:

1,3 phōnē boōntos en tē erēmō,
Hetoimasate tēn hodon kyriou,
eutheisas poieite tas tribous autou,

1,4 egeneto lōannēs [ho] baptizōn en tē erēmō kai kēryssōn baptisma metanoias eis aphesin hamartiōn.

1,5 kai exeporeueto pros auton pasa hē loudaia chōra kai hoi Hierosolymitai pantes, kai ebaptizonto hyp'autou en tō lordanē potamō exomologoumenoi tas hamartias autōn.

Verbos difíceis: χέω / χύννω, ἐσθίω, εὑρίσκω, ξηραίνω, καίω, τυγχάνω, ἐάω.

χέω / χύννω, *verto* [V 7, 8; VD 341; PV 1-3, 5-6]:

χέω	χεῶ	ἔχεα	–	κέχυμαι	ἐχύθην
Mt 9,17	At 2,17	Jo 2,15		Lc 11,50	Lc 5,37
χύννω					
Mt 23,35					

O verbo simples χέω não existe no Novo Testamento. Todas as formas acima foram tomadas dos verbos compostos ἐκχέω / ἐκχύννω.

ἐσθίω, *como* [V 1; VD 101; PV 1-4]:

ἐσθίω	φάγομαι	ἔφαγον	–	–	–
Mt 9,11	Lc 17,8	Mt 12,4			

A variante ἔσθω também se encontra no sistema do presente.

εὑρίσκω, *encontro* [V 2; VD 106; PV 1-4]:

εὑρίσκω	εὑρήσω	εὗρον	εὕρηκα	–	εὑρέθην
Mt 7,8	Mt 7,7	Mt 2,8	Jo 1,45		Mt 1,18

Deve-se notar o contraste entre o η do futuro e perfeito ativo de um lado e o ε do aoristo passivo de outro.

ξηραίνω, *seco; torno árido* [V 7; VD 210; PV 1-3]:

ξηραίνω	–	ἐξήρανα	–	ἐξήραμμαι	ἐξηράνθην
Mc 9,18		Tg 1,11		Mc 3,1	Mt 13,6

Pode-se facilmente confundir este verbo em líqüida, em suas formas aumentadas ou reduplicadas, com um verbo composto com prefixo ἐκ (ἐξ).

καίω, *queimo; acendo* [V 1; VD 141; PV 1-4]:

καίω Mt 5,15	καύσω Lc 3,17	ἔκαυσα Mt 13,30	–	κέκαυμαι Hb 12,18	ἐκαύθην Rm 1,27 ἐκάην Ap 8,7

τυγχάνω, *obtenho; topo com* [V 7; VD 317; PV 1-4]:

τυγχάνω At 24,2	–	ἔτυχον Lc 20,35	τέτυχα Hb 8,6	–	–

O aoristo e perfeito são fortes. Este verbo rege o genitivo.

ἐάω, *permito; consinto* [V 9; VD 68; PV 1, 5]:

ἐάω Lc 22,51	ἐάσω 1Cor 10,13	εἴασα Mt 24,43	–	–	–

εἴων [imperfeito]
Lc 4,41

O aumento é irregular no imperfeito e aoristo.

Vocabulário.

ἐκχέω [ἐκ + χέω] [V 7, 8; VD 341; PV 1-3, 5-6] *verto.*

ἐσθίω [V 1; VD 101; PV 1-4] *como.* Cf. lição 10.

κατεσθίω [κατά + ἐσθίω] [V 1; VD 101; PV 1-4] *devoro; consumo.*

εὑρίσκω [V 2; VD 106; PV 1-4] *encontro; acho.* Cf. lição 10.

ξηραίνω [V 7; VD 210; PV 1-3] intransitivo: *seco; torno árido.*

καίω [V 1; VD 141; PV 1-4] *queimo; acendo.*

κατακαίω [κατά + καίω] [V 1; VD 141; PV 1-4] *incendeio.*

τυγχάνω [V 7; VD 317; PV 1-4] *obtenho; topo com* [Este verbo rege o genitivo.].

ἐάω [V 9; VD 68; PV 1, 5] *permito; consinto; deixo ir.*

τύπτω [V 4, 5; VD 319; PV 1-5] *golpeio, bato; injurio; puno.* Formas baseadas em τύπτω encontram-se apenas no sistema do presente. No futuro ativo e aoristo ativo, usa-se o verbo πατάσσω (isto é, πατάξω, ἐπάταξα). No aoristo passivo, usa-se o verbo πλήσσω em sua forma de aoristo forte (isto é, ἐπλήγην). No aoristo ativo, encontra-se também o verbo παίω (isto é, ἔπαισα).

χωρίζω (χωρίσω) [V 5; PV 1-3] *separo.* Na forma passiva, ele pode significar: *parto, afasto-me.*

ὕψιστος, -η, -ον [Adj 1] *altíssimo; excelso.* ὁ ὕψιστος, *Deus* [N 6m].

φύσις, -εως, ἡ [N 28f] *natureza.*

χρυσίον, -ου, τό [N 7] *ouro.*

Exercícios.

I. Traduza para o português:

1. οὗτος ἔσται μέγας καὶ υἱὸς ὑψίστου κληθήσεται. (Lc 1,32)
2. ὁ εὑρὼν τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἀπολέσει αὐτήν, καὶ ὁ ἀπολέσας τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἕνεκεν ἐμοῦ εὑρήσει αὐτήν. (Mt 10,39)
3. ἡμεῖς φύσει Ἰουδαῖοι καὶ οὐκ ἐξ ἐθνῶν ἁμαρτωλοί, εἰδότες δὲ ὅτι οὐ δικαιοῦται ἄνθρωπος ἐξ ἔργων νόμου ἐὰν μὴ διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ... (Gl 2,15-16) [φύσει é um dativo de relação: *por natureza.*]
4. ἐμνήσθησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ὅτι γεγραμμένον ἐστίν, ὁ ζῆλος τοῦ οἴκου σου καταφάγεταί με. (Jo 2,17)
5. ἀργύριον καὶ χρυσίον οὐχ ὑπάρχει μοι, ὃ δὲ ἔχω τοῦτό σοι δίδωμι. (At 3,6)
6. καὶ ἔρχεται εἰς οἶκον· καὶ συνέρχεται πάλιν ὁ ὄχλος, ὥστε μὴ δύνασθαι αὐτοὺς μηδὲ ἄρτον φαγεῖν. (Mc 3,20)
7. τίς ἡμᾶς χωρίσει ἀπὸ τῆς ἀγάπης τοῦ Χριστοῦ; (Rm 8,35)

8. καί γε ἐπὶ τοὺς δούλους μου ἐν ταῖς ἡμέραις ἐκείναις ἐκχεῶ ἀπὸ τοῦ πνεύματός μου, καὶ προφητεύσουσιν. (At 2,18)
9. προφήτευσον ἡμῖν, Χριστέ, τίς ἐστιν ὁ παίσας σε; (Mt 26,68)
10. καὶ εἰσῆλθεν πάλιν εἰς τὴν συναγωγήν. καὶ ἦν ἐκεῖ ἄνθρωπος ἐξηραμμένην ἔχων τὴν χεῖρα. (Mc 3,1)
11. καὶ ἐπλήγη τὸ τρίτον τοῦ ἡλίου. (Ap 8,12)
12. καὶ εἶπαν πρὸς ἀλλήλους, Οὐχὶ ἡ καρδία ἡμῶν καιομένη ἦν ἐν ἡμῖν ὡς ἐλάλει ἡμῖν ἐν τῇ ὁδῷ, ὡς διήνοιγεν ἡμῖν τὰς γραφάς; (Lc 24,32) [διήνοιγεν: para o significado, cf. lição 74, Jo 7,34.]
13. τότε λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς, Πάντες ὑμεῖς σκανδαλισθήσεσθε ἐν ἐμοὶ ἐν τῇ νυκτὶ ταύτῃ, γέγραπται γάρ, Πατάξω τὸν ποιμένα. (Mt 26,31)
14. καὶ τὸ τρίτον τῆς γῆς κατεκάη, καὶ τὸ τρίτον τῶν δένδρων κατεκάη, καὶ πᾶς χόρτος κατεκάη. (Ap 8,7)
15. καὶ ἔτυπτον εἰς τὴν κεφαλὴν αὐτοῦ. (Mt 27,30)
16. διὰ τοῦτο πάντα ὑπομένω διὰ τοὺς ἐκλεκτούς, ἵνα καὶ αὐτοὶ σωτηρίας τύχωσιν τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ μετὰ δόξης αἰωνίου. (2Tm 2,10)
17. ἐξήρχετο δὲ καὶ δαιμόνια ἀπὸ πολλῶν, λέγοντα ὅτι Σὺ εἶ ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ. Καὶ ἐπιτιμῶν οὐκ εἴα αὐτὰ λαλεῖν, ὅτι ᾔδεισαν τὸν Χριστὸν αὐτὸν εἶναι. (Lc 4,41)

II. Traduza para o grego:
1. E imediatamente as figueiras naquela região secaram. (Mt 21,19)
2. Encontramos as nossas ovelhas que estavam perdidas. (Lc 15,6)
3. Pois não lava suas mãos quando come pão. (Mt 15,2)

III. Mc 16,1-20.

Notas explicativas finalizando as lições 1-67.

Esta lição conclui a primeira seção desta introdução à morfologia do grego do Novo Testamento. Neste ponto, o estudante terá visto todas as palavras comuns (distintamente dos nomes próprios) do Novo Testamento que ocorrem mais de doze vezes. Isso inclui todos os mais importantes verbos difíceis. Todas as formas essenciais das palavras também já foram vistas.

O restante desta primeira parte da *Gramática do grego do Novo Testamento* será dedicado à leitura dos evangelhos de Marcos e João. Assim, a

matéria estudada até aqui pode ser usada com o propósito para o qual foi direcionada: a leitura do Novo Testamento. Para um conhecimento introdutório completo desses textos, será necessário mais vocabulário e sintaxe. O tratamento de vocabulário adicional e de sintaxe será adicionado gradualmente conforme a leitura de Marcos avançar. Apenas serão mencionados os pontos fundamentais de sintaxe: uma apresentação sistemática da sintaxe estará na segunda parte desta gramática.

Lição 68

O genitivo absoluto. Marcos 1,1-34.

O genitivo absoluto.

O "genitivo absoluto" encontra-se freqüentemente no texto grego do Novo Testamento. Trata-se de uma oração subordinada composta por um substantivo ou pronome e um particípio, o último concordando em gênero e número com o substantivo ou pronome. Tanto o substantivo/pronome quanto o particípio estão no caso genitivo (daí a palavra "genitivo"). A oração subordinada é concebida como separada sintaticamente da oração principal (daí a palavra "absoluto"). O genitivo absoluto pode expressar vários significados em relação à oração principal: causalidade, oposição, tempo, condição, circunstâncias gerais. O significado deve ser determinado a partir do contexto. Em Mc 1,32, as palavras Ὀψίας... γενομένης constituem genitivo absoluto, com o significado de *Chegando o entardecer*. As palavras e seu contexto indicam que o genitivo absoluto aqui tem uma conotação temporal.

Se um genitivo absoluto é para ser verdadeiramente "absoluto", ele deve, estritamente falando, ser gramaticalmente independente do resto do período. No grego do Novo Testamento, esta independência nem sempre está presente. Por exemplo, em Mc 5,2 o texto diz: ... ἐξελθόντος αὐτοῦ ἐκ τοῦ πλοίου..., ὑπήντησεν αὐτῷ... ἄνθρωπος (*Saindo ele do barco, veio-lhe ao encontro um homem*). Esta idéia também poderia ser expressa como segue, sem o uso do genitivo absoluto: ἄνθρωπος ὑπήντησεν αὐτῷ ἐξελθόντι ἐκ τοῦ πλοίου (*Um homem veio ao encontro dele, que saía do barco*). No último período, o pronome (αὐτός) não se repete, como em um período com genitivo absoluto. O fato de que o pronome ocorre tanto no genitivo absoluto quanto na oração independente mostra que o genitivo absoluto não é realmente "absoluto", isto é, não está de fato sintaticamente separado ou independente da oração principal. Tal genitivo absoluto é denominado "ilegítimo". Ele ocorre no Novo Testamento ao lado dos genitivos absolutos que são "legítimos", isto é, em que o substantivo ou pronome do genitivo absoluto

não ocorre na oração principal. Neste tipo "legítimo" de genitivo absoluto, o genitivo absoluto é realmente absoluto, isto é, realmente separado ou sintaticamente independente da oração principal. Para exemplos de genitivos absolutos "legítimos", cf. Mc 4,17; 5,35 e 6,54. Para exemplos de genitivos absolutos "ilegítimos", cf. Mc 6,22; 9,28 e 10,17. É duvidoso se os autores no Novo Testamento realmente percebiam a distinção entre genitivos absolutos "legítimos" ou "ilegítimos" ou se de fato se preocupavam com isso. Eles simplesmente escolhiam a expressão que deveria efetivamente veicular seu significado. Mas a distinção é enfatizada aqui apenas a fim de ajudar o estudante a entender a natureza da construção.

Marcos 1,1-34.

As listas de palavras que seguem aqui e nas lições subseqüentes procuram dar todas as palavras relevantes do texto que não foram vistas nas primeiras sessenta e sete lições. Uma vez dadas, essas palavras não serão repetidas. Todas estão listadas no índice de palavras gregas no final do volume II desta gramática. Elas incluem nomes próprios. As referências em colchetes [ ] aos textos do Novo Testamento indicam onde se pode encontrar outro exemplo da palavra em questão.

1,2 - Ἠσαΐας, -ου, ὁ [N 5] *Isaías* [Mt 3,3]; κατασκευάζω [κατά + σκευάζω] (κατασκευάσω) [V 5; PV 1-3] *preparo* [Lc 1,17] // **1,3** - τρίβος, -ου, ἡ [N 6f] *trilha* [Mt 3,3] // **1,4** - Ἰωάν[ν]ης, -ου, ὁ [N 4] *João* [Mt 3,1] // **1,5** - Ἰουδαία, -ας, ἡ [N 2] *Judéia* [Mt 2,1]; Ἱεροσολυμίτης, -ου, ὁ [N 4] *habitante de Jerusalém* [Jo 7,25] // **1,6** - κάμηλος, -ου, ὁ/ἡ [N 6m, N 6f] *camelo* [Mt 3,4]; ζώνη, -ης, ἡ [N 1] *cintura* [Mt 3,4]; δερμάτινος, -η, -ον [Adj 1] *feito de pele, de couro* [Mt 3,4]; ἀκρίς, -ίδος, ἡ [N 14f] *gafanhoto* [Mt 3,4]; μέλι, -ιτος, τό [N 17] *mel* [Mt 3,4]; ἄγριος, -α, -ον [Adj 2] *selvagem* [Mt 3,4] // **1,7** - κύπτω [V 4, 5; VD 173; PV 1-3] *inclino-me* [Jo 8,6]; ἱμάς, -άντος, ὁ [N 13m] *correia* [Lc 3,16]; ὑπόδημα, -ατος, τό [N 16] *sandália* [Mt 10,10] // **1,9** - Ναζαρέτ (Ναζαρά, Ναζαρέθ) [N 32] *Nazaré* [Mt 2,23]; Γαλιλαία, -ας, ἡ [N 2] *Galiléia* [Mt 2,22] // **1,10** - εὐθύς [Adv 2] *súbito* [Mt 3,16]; σχίζω (σχίσω) [V 5; VD 301; PV 1-3] *divido* [Mt 27,51]; περιστερά, -ᾶς, ἡ [N 2] *pomba* [Mt 3,16]

1,16 - Σίμων, -ωνος, ὁ [N 21m] *Simão* [Mt 4,18]; ἀμφιβάλλω [ἀμφί + βάλλω] [V 6; VD 32; PV 1-4] *lanço uma rede* [hápax legómenon]; ἁλιεύς, -έως, ὁ [também ἁλιεύς] [N 29] *pescador* [Mt 4,18] // **1,18** - δίκτυον, -ου, τό [N 7] *rede de pesca* [Mt 4,20] // **1,19** - προβαίνω [πρό + βαίνω] [V 7; VD

31; PV 1-2] *vou adiante, além* [Mt 4,21]; Ἰάκωβος, -ου, ὁ [N 6m] *Tiago* [Mt 4,21]; Ζεβεδαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *Zebedeu* [Mt 4,21] // **1,20** - μισθωτός, -οῦ, ὁ [N 6m] *mercenário, assalariado* [Jo 10,12]

1,21 - Καφαρναούμ, ἡ [N 32] *Cafarnaum* [Mt 4,13] // **1,23** - ἀνακράζω [ἀνά + κράζω] [V 3; VD 163; PV 1-3] *grito* [Lc 4,33] // **1,24** - Ναζαρηνός, -οῦ, ὁ [N 6m] *Nazareno* [Lc 4,34] // **1,25** - φιμόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *amordaço*, isto é, *silêncio* [Mt 22,12] // **1,26** - σπαράσσω [V 3; PV 1-3] *causo agitações* [Mc 9,26] // **1,27** - θαμβέομαι [V 8, 23; PV 3, 6] *estou atônito* [Mc 10,24]; συζητέω [σύν + ζητέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *questiono* [Lc 22,23]; ἐπιτάσσω [ἐπί + τάσσω] [V 3; VD 303; PV 1-3] *ordeno* [Lc 4,36] // **1,28** - πανταχοῦ [Adv 1] *em toda parte* [Lc 9,6]; περίχωρος, -ου, ἡ [N 6f] *redondeza* [Mt 3,5]

1,30 - πενθερά, -ᾶς, ἡ [N 2] *sogra* [Mt 8,14]; πυρέσσω [V 3; PV 1-3] *tenho febre* [Mt 8,14] // **1,31** - πυρετός, -οῦ, ὁ [N 6m] *febre* [Mt 8,15] // **1,32** - δύ(ν)ω [V 1; VD 67; PV 1-3] *ponho-me* [pôr-do-sol] [Lc 4,40] // **1,33** - ἐπισυνάγω [ἐπί + σύν + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] *reúno-me* [a um grupo] [Mt 23,37] // **1,34** - ποικίλος, -η, -ον [Adj 1] *vário, variado* [Mt 4,24]

Uma vez que a passagem foi percorrida, ela deve ser lida em silêncio ao menos três vezes, para fixar o sentido do novo vocabulário, e então deve ser lida pelo menos três vezes em voz alta.

Exercício.

Traduza para o grego:

Depois que Jesus foi ouvido, seus discípulos foram para as redondezas, anunciando o evangelho de Deus e dizendo: "Cumpriram-se os tempos e o juízo de Deus se aproxima". (Mc 1,14-15)

Lição 69

Interrogativas indiretas.
Marcos 1,35-2,28

Interrogativas indiretas.

Interrogativas indiretas são interrogativas postas na dependência de um verbo em oração independente. O verbo na oração independente não precisa ser *verbum dicendi,* isto é, de dizer – οἶδα é freqüentemente usado. Interrogativas indiretas são introduzidas por uma palavra usada para introduzir uma interrogariva direta (isto é, τίς, πῶς) ou εἰ.

Português	Grego
a *Que dizem?*	a' τί λέγουσιν;
b *Sei o que dizem.*	b' οἶδα τί λέγουσιν.
c *Eu sabia o que diziam.*	c' ᾔδειν τί λέγουσιν.

Quando a interrogativa direta em português (a) torna-se interrogativa indireta (b), esta mantém o mesmo tempo e modo que a interrogativa direta, se o verbo principal for presente e visto como simultâneo ao tempo da interrogativa indireta. Mas, se o verbo principal estiver no passado e for visto como simultâneo ao tempo da interrogativa indireta, o tempo desta muda-se para o passado (c). Em grego, essa mudança não acontece, como é claro pelos exemplos a', b' e c', porque o grego prefere manter o tempo da interrogativa direta, mesmo quando a interrogativa torna-se indireta.

Se a interrogativa direta é deliberativa (isto é, se ela usa um subjuntivo para expressar dúvida sobre um curso de ação – cf. lição 74), a interrogativa indireta também usa um subjuntivo, isto é, ela usa a forma exata da interrogativa direta, que é a regra básica para interrogativas indiretas: a interrogativa indireta usa a forma exata da interrogativa direta.

a *O que deva/deve ele fazer?*	a' τί ποιήσῃ;
b *Ele não sabe o que fazer.*	b' οὐκ οἶδε τί ποιήσῃ.
Ele não sabe o que deva fazer.	
c *Ele não sabia o que fazer.*	c' οὐκ ᾔδει τί ποιήσῃ.
Ele não sabia o que devesse fazer.	

Em português, a interrogativa direta admite o verbo no indicativo. Com o verbo principal no passado, o verbo da oração dependente também fica no tempo passado (imperfeito do subjuntivo); em grego, o verbo da interrogativa indireta mantém-se como o da interrogativa direta.

Para exemplos de interrogativas indiretas, cf. Mc 1,24; 2,25 e 9,6.

Marcos 1,35-2,28.

1,35 - ἔννυχα [Adv 2] *durante a noite* [hápax] // **1,36** - καταδιώκω [κατά + διώκω] [V 2; VD 64; PV 1-3] *procuro por* [hápax] // **1,38** - ἀλλαχοῦ [Adv 1] *alhures, em outro lugar* [hápax]; κωμόπολις, -εως, ἡ [N 28f] *aldeia* [hápax]

1,40 - λεπρός, -οῦ, ὁ [N 6m] *leproso* [Mt 8,2]; γονυπετέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *ajoelho-me* [Mt 17,14] // **1,41** - σπλαγχνίζομαι (ἐσπλαγχνίσθην) [V 5, 23; PV 3] *tenho compaixão* [Mt 9,36] // **1,42** - λέπρα, -ας, ἡ [N 2] *lepra* [Mt 8,3] // **1,43** - ἐμβριμάομαι [ἐν + βριμάομαι] [V 9, 22, 23; PV 2-3, 6] *falo severamente* [Mt 9,30] // **1,44** - καθαρισμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *purificação* [Lc 2,22]; προστάσσω [πρός + τάσσω] [V 3; VD 303; PV 1-3] *prescrevo* [Mt 1,24]; Μωϋσῆς, -έως, ὁ [N 29, 33] *Moisés* [Mt 8,4] // **1,45** - διαφημίζω [διά + φημίζω] (διαφημίσω) [V 5; PV 1-3] *divulgo (notícias de)* [Mt 9,31]; φανερῶς [Adv 3] *abertamente, claramente* [Jo 7,10]; πάντοθεν [Adv 1] *de todo lado* [Lc 19,43]

2,2 - χωρέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *acho lugar* [intransitivo; transitivo: *consigo lugar* [Mt 19,11] // **2,3** - παραλυτικός, -οῦ, ὁ [N 6m] *paralítico* [Mt 4,24] // **2,4** - ἀποστεγάζω [ἀπό + στεγάζω] (ἀποστεγάσω) [V 5; PV 1-3] *descubro* [hápax]; στέγη, -ης, ἡ [N 1] *teto* [Mt 8,8]; ἐξορύσσω [V 3; VD 141; PV 1-3] *faço um buraco* [Gl 4,15]; χαλάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *faço descer* [Lc 5,4]; κράβαττος, -ου, ὁ [N 6m] *maca, leito* [Jo 5,8] // **2,9** - εὐκοπώτερος, -α, -ον [εὔκοπος, -η, -ον (Adj 1)] *mais fácil* [Mt 9,5]

2,14 - Λευί (Λευίς, Λευεί) [N 32] *Levi* [Lc 3,24]; Ἁλφαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *Alfeu* [Mt 10,3]; τελώνιον, -ου, τό [N 7] *coletoria* [Mt 9,9] // **2,15** - συνανάκειμαι [σύν + ἀνά + κεῖμαι] [V 17; VD 148; PV 2-3] *reclino-me à*

mesa com [Mt 9,10] // **2,16** - Φαρισαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *fariseu* [Mt 3,7] // **2,17** - ἰατρός, -οῦ, ὁ [N 6m] *médico* [Mt 9,12]

2,19 - νυμφών, -ῶνος, ὁ [N 21m] *aposento nupcial* [Mt 9,15] // **2,20** - ἀπαίρω [ἀπό + αἴρω] [V 6; VD 8; PV 1-3] *tiro, levo* [Mt 9,15]

2,21 - ἐπίβλημα, -ατος, τό [N 16] *remendo* [Mt 9,16]; ῥάκος, -ους, τό [N 31] *pano, tecido* [Mt 9,16]; ἄγναφος, -ος, -ον [Adj 5] *rude, grosseiro, natural* [Mt 9,16]; ἐπιράπτω [ἐπί + ῥάπτω] [V 4, 5; PV 1-3] *sobrepor, costurar sobre* [hápax]; σχίσμα, -ατος, τό [N 16] *rasgo* [Mt 9,16] // **2,22** - ἀσκός, -οῦ, ὁ [N 6m] *odre* [Mt 9,17]; ῥήγνυμι [V 14; VD 272; PV 1-3, 9, 12] *arrebento, rompo* [Mt 9,17] [No sistema do presente, também se encontra como ῥήσσω (V 3).]

2,23 - παραπορεύομαι [παρά + πορεύομαι] [V 1, 22, 23; VD 260; PV 3] *passo por* [Mt 27,39]; σπόριμα, -ων, τά [N 7] *colheita* [de σπόριμος, -ος, -ον (Adj 5) *semeado*] [Mt 12,1]; τίλλω [V 6; PV 1-3] *arranco* [Mt 12,1] // **2,25** - Δαυ(ε)ίδ [N 32] *Davi* [Mt 1,1] // **2,26** - Ἀβιαθάρ [N 32] *Abiatar* [hápax]; πρόθεσις, -εως, ἡ [N 28f] *oferta, proposição* [Em outros contextos esta palavra pode significar: *finalidade* (Mt 12,4).]

Uma vez percorrida a passagem, ela deve ser lida em silêncio ao menos três vezes, para fixar o sentido do novo vocabulário, e então deve ser lida pelo menos três vezes em voz alta.

Exercício.

Traduza para o grego:

E disseram aos leprosos curados: "Olhai, não digais nada a ninguém, mas ide, mostrai-vos aos sacerdotes e oferecei pela vossa purificação o que prescreveu Moisés, como testemunho para eles". (Mc 1,44) [Cf. Proibições, lição 72.]

Lição 70

Repetição de negação. Marcos 3,1-35.

Repetição de negação.

Repetição de negação em grego é prática comum e resulta em maior ênfase sobre a negação. Por exemplo, ὅρα μηδενὶ μηδὲν εἴπῃς (Mc 1,44 – cf. lição 72 para o uso do subjuntivo aoristo em proibições) é mais forte do que ὅρα μηδέν τινι εἴπῃς. Deste mesmo uso serve-se o português: repetição de negação, não sendo barbarismo, resulta em afirmação. A dupla negação em grego enfatiza a negação, de modo semelhante ao português: *Olha, não digas nada a ninguém.* A forma não enfática em grego pode ser traduzida assim: *Olha, nada digas a alguém.*

Para outros exemplos de repetição no uso de negação, cf. Mc 2,2; 3,20 e 3,27.

Marcos 3,1-35.

3,2 - παρατηρέω [παρά + τηρέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *observo atentamente* [Lc 6,7] // **3,3** - ξηρός, -ά, -όν [Adj 2] *seco* [Mt 12,10] // **3,4** - κακοποιέω [κακο + ποιέω] [V 8; VD 258; PV 1-3, 5-6] *pratico o mal* [Lc 6,9]; σιωπάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *silencio* [Mt 20,31] // **3,5** - περιβλέπομαι [περί + βλέπομαι] [V 4, 22; VD 43; PV 2-3] *olho em volta* [Lc 6,10]; συλλυπέομαι [σύν + λυπέομαι] [V 8, 22; PV 2-3] *aflijo-me por* [hápax legómenon]; πώρωσις, -εως, ἡ [N 28f] *dureza* [Rm 11,25]; ἀποκαθίστημι [ἀπό + καθίστημι] [V 11, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] *restauro, sano* [Mt 12,13] // **3,6** - Ἡρῳδιανοί, -ῶν, οἱ [N 6m] *herodianos* [Mt 22,16]; συμβούλιον, -ου, τό [N 7] *plano, decisão* [Mt 12,14]

3,8 - Ἱεροσόλυμα, -ων, [τά] [N 7, 33] [também Ἱερουσαλήμ, ἡ (N 32)] *Jerusalém* [Mt 2,1]; Ἰδουμαία, -ας, ἡ [N 2] *Iduméia* [hápax]; Τύρος, -ου, ἡ [N 6f] *Tiro* [Mt 11,21]; Σιδών, -ῶνος, ἡ [N 21f] *Sidônia* [Mt 15,21] // **3,9** - πλοιάριον, -ου, τό [N 7] *bote, barco pequeno* [Jo 6,22]; προσκαρτερέω

[πρός + καρτερέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *ponho à disposição* [At 1,14] // **3,10** - μάστιξ, -ιγος, ἡ [N 9f] *enfermidade* [também: *flagelo* (significado fundamental)] [Lc 7,21]

3,16 - Πέτρος, -ου, ὁ [N 6m] *Pedro* [Mt 4,18] // **3,17** - Βοανηργές [N 32] *Boanerges* [hápax]; βροντή, -ῆς, ἡ [N 1] *trovão* [Jo 12,29] // **3,18** - Φίλιππος, -ου, ὁ [N 6m] *Filipe* [Mt 10,3]; Βαρθολομαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *Bartolomeu* [Mt 10,3]; Μαθθαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *Mateus* [Mt 9,9]; Θωμᾶς, ὁ [N 5, 33] *Tomé* [Lc 6,15]; Θαδδαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *Tadeu* [Mt 10,3]; Καναναῖος, -ου, ὁ [N 6m] *cananeu* [Mt 10,4] // **3,19** - Ἰούδας, ὁ [N 5, 33] *Judas* [Mt 10,4]; Ἰσκαριώθ, ὁ [N 32] *Iscariotes* [Lc 6,16]

3,22 - Βεελζεβούλ [N 32] *Belzebul* [Mt 10,25] // **3,27** - διαρπάζω [διά + ἁρπάζω] (διαρπάσω) [V 5; VD 27; PV 1-3] *saquear* [Mt 12,29] // **3,28** - ἁμάρτημα, -ατος, τό [N 16] *pecado* [Rm 3,25]

3,34 - κύκλῳ [Adv 1] *em torno* [Lc 9,12] [também se encontra como preposição com genitivo: *acerca de, em torno a* (Prep 1)]

Uma vez percorrida a passagem, ela deve ser lida em silêncio três vezes, para fixar o sentido do novo vocabulário, e então deve ser lida pelo menos três vezes em voz alta.

Exercício.

Traduza para o grego:

E chegam às casas da aldeia. E as multidões juntam-se de novo, de modo que Jesus e seus discípulos não podem sequer comer pão. (Mc 3,20)

Lição 71

O subjuntivo exortativo. Marcos 4,1-41.

O subjuntivo exortativo.

O "subjuntivo exortativo" consiste em um subjuntivo na oração principal de um período para expressar exortação. O verbo está sempre na primeira pessoa. (E assim, em certo sentido, esta construção supre a lacuna da primeira pessoa do modo imperativo.) Cf. Mc 1,38: ἄγωμεν ἀλλαχοῦ εἰς τὰς ἐχομένας κωμοπόλεις – *Vamos a outros lugares, às aldeias da proximidade*. Cf. também Mc 4,35; 9,5 e 14,42.

Marcos 4,1-41.

4,5 - πετρῶδες, -ους, τό [de πετρώδης, -ης, -ες (Adj 15)] *terreno pedregoso* [Mt 13,5]; ἐξανατέλλω [ἐκ + ἀνά + τέλλω] [V 6; VD 306; PV 1-3] *broto, nasço* [Mt 13,5]; βάθος, -ους, τό [N 31] *profundidade* [Mt 13,5] // **4,6** - ἀνατέλλω [ἀνά + τέλλω] [V 6; VD 306; PV 1-3] *desponto, surjo, cresço* [Mt 4,16]; καυματίζω (καυματίσω) [V 5; PV 1-3] *ardo, queimo* [Mt 13,6] // **4,7** - συμπνίγω [σύν + πνίγω] [V 2; VD 257; PV 1-4] *sufoco* [Mt 13,22] // **4,8** - τριάκοντα [Adj 21] *trinta* [Mt 13,8]; ἑξήκοντα [Adj 21] *sessenta* [Mt 13,8]

4,17 - πρόσκαιρος, -ος, -ον [Adj 5] *temporário, inconstante* [Mt 13,21]; διωγμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *perseguição* [Mt 13,21] // **4,19** - μέριμνα, -ης, ἡ [N 3] *ansiedade, angústia* [Mt 13,22]; ἀπάτη, -ης, ἡ [N 1] *engano, sedução* [Mt 13,22] // **4,20** - παραδέχομαι [παρά + δέχομαι] [V 2, 22; VD 58; PV 2-3] *acolho* [At 15,4]; καρποφορέω [καρπός + φορέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *frutifico* [Mt 13,23]

4,21 - μόδιος, -ου, ὁ [N 6m] *alqueire, módio* [Mt 5,15]; κλίνη, -ης, ἡ [N 1] *cama* [Mt 9,2]; λυχνία, -ας, ἡ [N 2] *lâmpada, candeeiro* [Mt 5,15] // **4,22** - ἀπόκρυφος, -ος, -ον [Adj 5] *secreto, oculto* [Lc 8,17]

4,24 - μετρέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *meço* [Mt 7,2]

4,26 - σπόρος, -ου, ὁ [N 6m] *semente* [Lc 8,5] // **4,27** - βλαστάω [V 9; VD 42; PV 1-3, 5-6] *germino* [Este verbo encontra-se também no sistema do presente como βλαστάνω (V 7).] [Mt 13,26]; μηκύνω [V 7; PV 1-3] *alongo, cresço* [hápax] // **4,28** - αὐτόματος, -η, -ον [Adj 1] *por si* [At 12,10] // **4,29** - δρέπανον, -ου, τό [N 7] *foice* [Ap 14,14]

4,31 - κόκκος, -ου, ὁ [N 6m] *grão (de semente)* [Mt 13,31]; σίναπι, -εως, τό [N 33] *mostarda* [Mt 13,31] // **4,32** - λάχανον, -ου, τό [N 7] *verdura, hortaliça* [Mt 13,32]; κλάδος, -ου, ὁ [N 6m] *ramo* [Mt 13,32]; σκιά, -ᾶς, ἡ [N 2] *sombra* [Mt 4,16]; κατασκηνόω [κατά + σκηνόω] [V 10; PV 1-3, 5-6] *habito, aninho-me, abrigo-me* [Mt 13,32] // **4,34** – ἐπιλύω [ἐπί + λύω] [V 1; PV 1] *explico, interpreto* [At 19,39]

4,37 - κῦμα, -ατος, τό [N 16] *onda* [Mt 8,24]; γεμίζω (γεμίσω) [V 5; PV 1-3] *encho* [Lc 14,23] // **4,38** - πρύμνα, -ης, ἡ [N 3] *pópa.* [At 27,29]; προσκεφάλαιον, -ου, τό [N 7] *travesseiro* [hápax]; μέλει [V 6, 19; VD 193; PV 1] [usado com dativo, impessoal] *importa* [Mt 22,16] // **4,39** - διεγείρω [διά + ἐγείρω] [V 6; VD 70; PV 1-3] *desperto, levanto-me* [Lc 8,24]; κοπάζω (κοπάσω) [V 5; PV 1-3] *cesso* [Mt 14,32]; γαλήνη, -ης, ἡ [N 1] *calma, bonança* [usado com relação ao mar] [Mt 8,26] // **4,40** - δειλός, -ή, -όν [Adj 1] *medroso* [Mt 8,26]

Exercício.

Traduza para o grego:

A ti foram dados os mistérios do reino dos céus; a todos os de fora, toda palavra acontece em parábola. (Mc 4,11)

Lição 72

Proibições. Marcos 5,1-43.

Proibições.

Ordens *positivas* no tempo presente do modo imperativo normalmente expressam a idéia de preceito geral, isto é, uma norma de conduta a ser seguida em mais de uma situação; ou seja, a ação é pensada como não terminada. (Cf. lição 12.) Ordens positivas no tempo aoristo do modo imperativo normalmente expressam a idéia de uma ordem para um caso específico – uma norma de conduta a ser seguida em uma situação, ou seja, a ação é pensada como terminada. (Cf. lição 19.)

Ordens *negativas específicas* (isto é, proibições específicas) expressam-se pelo *imperativo presente*, caso signifiquem que a pessoa a quem se ordena deve parar de fazer uma ação iniciada, e pelo *aoristo do subjuntivo*, caso signifiquem que a pessoa a quem se ordena não deve continuar fazendo a ação. Usa-se o imperativo presente para indicar que a ação não é terminada, isto é, que está em processo de realização; a negativa mostra que o processo deve cessar. Usa-se o aoristo do subjuntivo para indicar que a ação é vista como um todo, isto é, como conceitualmente terminada (daí o subjuntivo), com a negativa mostrando que o processo não deve ser pensado absolutamente como tendo sido realizado, isto é, como iniciado. Exemplos de ambas as proibições em relação a ordens específicas encontram-se nos seguintes textos: Mc 6,50 (μὴ φοβεῖσθε [imperativo presente negado] – "não temais, cessai de ter medo"); Mc 8,26 (μηδὲ... εἰσέλθῃς [aoristo do subjuntivo negado – "não vás entrar, não entres").

Se a proibição for um *preceito geral*, usa-se o *presente do imperativo* para expressar a natureza costumeira da proibição, o *aoristo do subjuntivo* para intensificar essa ordem com um "nunca" absoluto. O imperativo presente negado parece ter sido usado para indicar que algo não devia se tornar uma prática, isto é, algo aberto à repetição. O aoristo do subjuntivo negado parece

ter sido usado por sua vez como visão de uma ação conceitualmente terminada e negada, para mostrar que o ato inteiro não deve ocorrer. Exemplos de ambas as proibições em relação a ordens gerais encontram-se nos seguintes textos: Mc 13,21 (μὴ πιστεύετε [imperativo presente] – "não creiais"); Mc 10,19 (μὴ φονεύσῃς [subjuntivo aoristo] – "não mates"). Mc 10,19 é uma proibição geral mais forte do que Mc 13,21.

Há exceções a essas generalizações. O estudante, portanto, não deve tentar fazer todas as proibições se ajustarem a essas generalizações.

Marcos 5,1-43.

5,1 - Γερασηνός, -ή, -όν [Adj 1] *geraseno* [Lc 8,26] // **5,2** - ὑπαντάω [ὑπό + ἀντάω] [V 9; PV 1-3, 5-6] *encontro, vou de encontro* [com dativo] [Mt 8,28] // **5,3** - κατοίκησις, -εως, ἡ [N 28f] *habitação* [hápax]; μνῆμα, -ατος, τό [N 16] *túmulo* [Lc 8,27]; ἅλυσις, -εως, ἡ [N 28f] *cadeia* [Lc 8,29] // **5,4** - πέδη, -ης, ἡ [N 1] *grilhão (para os pés)* [Lc 8,29]; διασπάω [διά + σπάω] [V 9; VD 288; PV 1-3, 5-6] *arrebento* [At 23,10]; συντρίβω [σύν + τρίβω] [V 4; VD 316; PV 1-4] *destruo* [Mt 12,20]; δαμάζω (δαμάσω) [V 5; PV 1-3] *subjugo, domo* [Tg 3,7] // **5,5** - κατακόπτω [κατά + κόπτω] [V 4, 5; VD 161; PV 1-3] *bato, firo* [hápax] // **5,7** - ὁρκίζω (ὁρκίσω) [V 5; PV 1-3] *conjuro* [At 19,13]; βασανίζω (βασανίσω) [V 5; PV 1-3] *atormento* [Mt 8,6] // **5,9** - λεγιών, -ῶνος, ἡ [N 21m] *legião* [isto é, um grande número] [Mt 26,53]

5,11 - ἀγέλη, -ης, ἡ [N 1] *rebanho* [Mt 8,30]; βόσκω [V 2; PV 1-3] *pasto* [Mt 8,30] // **5,13** - ὁρμάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *precipito* [Mt 8,32]; κρημνός, -οῦ, ὁ [N 6m] *precipício* [Mt 8,32]; δισχίλιοι, -αι, -α [Adj 6] *dois mil* [hápax]; πνίγω [V 2; VD 257; PV 1-4] *afogo* [Mt 13,7] // **5,15** - ἱματίζω (ἱματίσω) [V 5; PV 1-3] *visto* [Lc 8,35]; σωφρονέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *tenho senso* [Lc 8,35] // **5,16** - διηγέομαι [διά + ἡγέομαι] [V 8, 22; VD 115; PV 2-3] *narro* [Lc 8,39] // **5,17** - ὅριον, -ου, τό [N 7] *limite, território* [Mt 2,16] // **5,20** - Δεκάπολις, -εως, ἡ [N 28f] *Decápole* [Mt 4,25]

5,21 - διαπεράω [διά + περάω] [V 9; PV 1-3, 5-6] *atravesso* [Mt 9,1] // **5,22** - ἀρχισυνάγωγος, -ου, ὁ [N 6m] *líder da sinagoga* [Lc 8,49]; Ἰάϊρος, -ου, ὁ [N 6m] *Jairo* [Lc 8,41] // **5,23** - θυγάτριον, -ου, τό [N 7] *filhinha* [Mc 7,25] // **5,24** - συνθλίβω [σύν + θλίβω] [V 4; VD 126; PV 1-3] *comprimo* [Mc 5,31] // **5,25** – ῥύσις, εως, ἡ [N 28f] *fluxo* // **5,26** - δαπανάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *gasto* [Lc 15,14] // **5,29** - πηγή, -ῆς, ἡ [N 1] *fonte* [Jo 4,6] // **5,33** -

τρέμω [V 7; PV 1-3] *tremo* [Lc 8,47]; προσπίπτω [πρός + πίπτω] [V 4, 5; VD 248; PV 1-4] *caio diante de* [com dativo] [Lc 5,8]

5,35 - σκύλλω [V 6; PV 1-3] *perturbo* [Mt 9,36] // **5,36** - παρακούω [παρά + ἀκούω] [V 1; VD 11; PV 1-3] *não levo em conta* [Mt 18,17]; μόνον [Adv 3] *apenas* [Mt 5,47] // **5,37** - συνακολουθέω [σύν + ἀκολουθέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *acompanho* [Lc 23,49] // **5,38** - θόρυβος, -ου, ὁ [N 6m] *alvoroço* [Mt 26,5]; ἀλαλάζω (ἀλαλάσω) [V 3; PV 1-3] *grito, lamento* [1Cor 13,1] // **5,39** - θορυβέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *faço alvoroço* [Mt 9,23] // **5,40** - καταγελάω [κατά + γελάω] [V 9; VD 47; PV 1-3, 5-6] *caçôo* [com genitivo] [Mt 9,24] // **5,41** - ταλ(ε)ιθά [N 32] *garotinha* [Aramaico] [hápax]; κούμ [V 20] *levanta-te* [Aramaico] [hápax]; μεθερμηνεύω [μετά + ἑρμηνεύω] [V 1; PV 1-3] *traduzo* [Mt 1,23]; κοράσιον, -ου, τό [N 7] *garotinha* [Mt 9,24] // **5,42** - ἔκστασις, -εως, ἡ [N 28f] *maravilha, espanto* [Lc 5,26] // **5,43** – διαστέλλομαι [διά + στέλλομαι] [V 6, 22; VD 292; PV 2-3] *ordeno* [com dativo] [Mt 16,20]

Exercício.

Traduza para o grego:

E ela foi a Jesus e vê os endemoninhados sentados, vestidos e em pleno juízo, aqueles que tinham tido a legião, e teve medo. (Mc 5,15)

Lição 73

τί com o significado de "por quê?". Marcos 6,1-56.

τί com o significado de *por quê?*

O pronome interrogativo τί tem dois significados, quando usado para introduzir uma pergunta: 1) *o quê?*; 2) *por quê?*. Os dois significados distinguem-se pelo contexto.

τί no sentido de *o quê?* é o uso comum do pronome interrogativo no gênero neutro. Ele se encontra com tal significado tanto no nominativo (τί ἐγένετο; *O que aconteceu?*) quanto no acusativo (τί βλέπεις; *O que vês?*). τί no sentido de *por quê?* explica-se gramaticalmente como acusativo de relação (*em relação a quê?*), embora não se cuide disso no modo cotidiano de falar.

Para τί no sentido de *o quê?* cf. Mc 2,9; 6,24 e 10,17.

Para τί no sentido de *por quê?* cf. Mc 2,7.8 e 5,35.

A expressão διὰ τί também é usada para expressar o significado de *por quê?*. Cf. Mc 2,18; 7,5 e 11,31.

Marcos 6,1-56.

6,3 - τέκτων, -ονος, ὁ [N 20m] *carpinteiro* [Mt 13,55]; Μαρία, -ας, ἡ [N 2] [também Μαριάμ, ἡ (N 32)] *Maria* [Mt 1,16]; Ἰωσῆς, -ῆτος, ὁ [N 33] *José* [Mc 15,40] // **6,4** - ἄτιμος, -ος, -ον [Adj 5] *desonrado* [Mt 13,57] // **6,5** - ἄρρωστος, -ος, -ον [Adj 5] *enfermo* [Mt 14,14] // **6,6** - ἀπιστία, -ας, ἡ [N 2] *incredulidade* [Mt 13,58]; περιάγω [περί + ἄγω] [V 2; VD 5; PV 1-4] *vou em torno* [Mt 4,23] // **6,8** - πήρα, -ας, ἡ [N 2] *sacola* [Mt 10,10]; χαλκός, -οῦ, ὁ [N 6m] *dinheiro* [literalmente, *cobre*] [Mt 10,9] // **6,9** - ὑποδέομαι [ὑπό + δέομαι] [V 8, 22; VD 59; PV 2-3, 6] *calço* [At 12,8]; σανδάλιον, -ου, τό [N 7] *sandália* [At 12,8] // **6,11** - ἐκτινάσσω [ἐκ + τινάσσω] [V 3; PV 1-3] *sacudo* [Mt 10,14]; ὑποκάτω [Prep 1] *sob, debaixo de*

[com genitivo] [Mt 22,44] // **6,13** - ἀλείφω [V 4; VD 12; PV 1-3] *unjo* [Mt 6,17]; ἔλαιον, -ου, τό [N 7] *azeite; óleo de oliva* [Mt 25,3]

6,14 - Ἡρῷδης, -ου, ὁ [N 4] *Herodes* [Mt 14,1] // **6,15** - Ἠλ(ε)ίας, -ου, ὁ [N 5] *Elias* [Mt 11,14] // **6,16** - ἀποκεφαλίζω [ἀπό + κεφαλίζω] (ἀποκεφαλίσω) [V 5; PV 1-3] *corto a cabeça* [Mt 14,10] // **6,17** - Ἡρῳδιάς, -άδος, ἡ [N 14f] *Herodíades* [Mt 14,6] // **6,20** - συντηρέω [σύν + τηρέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *protejo* [Mt 9,17]; ἀπορέω [α privativo + raiz de πόρος] [V 8; PV 1-3, 5-6] *estou confuso* [Lc 24,4]; ἡδέως [Adv 3] *alegremente* [Mc 12,37] // **6,21** - εὔκαιρος, -ος, -ον [Adj 5] *oportuno* [Hb 4,16]; γενέσια, -ων, τά [N 7] *aniversário* [Mt 14,6]; μεγιστάν, -ᾶνος, ὁ [N 33] *nobreza* [Ap 6,15] / **6,22** - ὀρχέομαι [V 8, 22; PV 2-3] *danço* [Mt 11,17] // **6,23** - ἥμισυς, -εια, -υ [Adj 14] *metade* [como substantivo, N 32] [Lc 19,8] // **6,25** - σπουδή, -ῆς, ἡ [N 1] *pressa* [Lc 1,39]; ἐξαυτῆς [Adv 3] *subitamente* [At 10,33]; πίναξ, -ακος, ἡ [N 8f] *travessa, prato* [Mt 14,8] // **6,26** - περίλυπος, -ος, -ον [Adj 5] *profundamente triste* [Mt 26,38]; ὅρκος, -ου, ὁ [N 6m] *juramento* [Mt 5,33] // **6,27** - σπεκουλάτωρ, -ορος, ὁ [N 26] *executor, verdugo* [hápax] // **6,29** - πτῶμα, -ατος, τό [N 16] *cadáver* [Mt 14,12]

6,31 - εὐκαιρέω [εὖ + raiz de καιρός; mas em At 17,21 o imperfeito é ηὐκαίρουν.] [V 8; PV 1-3, 5-6] *tenho uma oportunidade* [At 17,21] // **6,33** - πέζῃ [Adv 3] *a pé* [Mt 14,13]; συντρέχω [σύν + τρέχω] [V 2; VD 315; PV 1-4] *acorro* [At 3,11] // **6,37** - διακόσιοι, -αι, -α [Adj 6] *duzentos* [Jo 6,7] // **6,39** - ἀνακλίνω [ἀνά + κλίνω] [V 7; VD 159; PV 1-3] *faço sentar-se, reclinar-se* [Mt 8,11]; συμπόσιον, -ου, τό [N 7] *grupo* [hápax]; χλωρός, -ά, -όν [Adj 2] *verde* [Ap 6,8] // **6,40** - πρασιά, -ᾶς, ἡ [N 2] *agrupamento* (de pessoas) [hápax]; πεντήκοντα [Adj 21] *cinqüenta* [Lc 7,41] // **6,41** - κατακλάω [κατά + κλάω] [V 9; VD 156; PV 1-3, 5-6] *faço em pedaços* [Lc 9,16] // **6,43** - κλάσμα, -ατος, τό [N 16] *fragmento, pedaço* [Mt 14,20]; κόφινος, -ου, ὁ [N 6m] *cesta* [Mt 16,9] // **6,44** - πεντακισχίλιοι, -αι, -α [Adj 6] *cinco mil* [Mt 16,9]

6,45 - ἀναγκάζω (ἀναγκάσω) [V 5; PV 1-3] *obrigo* [Mt 14,22]; Βηθσαϊδά, -ᾶς, ἡ [N 2] *Betsaida* [Mt 11,21] // **6,46** – ἀποτάσσομαι [ἀπό + τάσσομαι] [V 3, 22; VD 303; PV 1-3] *deixo; digo adeus* [Lc 9,61] // **6,48** - ἐλαύνω [V 7; VD 79; PV 1-3] *conduzo, remo* [Lc 8,29]; ἐναντίος, -α, -ον [Adj 2] *contrário* [Mt 14,24]; τέταρτος, -η, -ον [Adj 1] *quarto* [Mt 14,25] // **6,49** - φάντασμα, -ατος, τό [N 16] *fantasma* [Mt 14,26] // **6,50** - θαρσέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *tenho coragem* [Mt 9,22] // **6,52** - πωρόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *endureço* [Jo 12,40]

6,53 - Γεννησαρέτ, ἡ [N 32] *Genesaré* [Mt 14,34]; προσορμίζομαι [πρός + ὁρμίζομαι] (προσορμίσομαι) [V 5, 23; PV 3] *atraco* [hápax] // **6,55** - περιτρέχω [περί + τρέχω] [V 2; VD 315; PV 1-4] *percorro* [hápax]; περιφέρω [περί + φέρω] [V 6; VD 324; PV 1-4] *levo em volta* [2Cor 4,10] // **6,56** - κράσπεδον, -ου, τό [N 7] *orla* [Mt 9,20]

Exercício.

Traduza para o grego:

E, saindo do barco, viram uma grande multidão e tiveram pena deles, porque eram como ovelhas que não têm um bom pastor, e começaram a ensinar-lhes muitas coisas. (Mc 6,34)

Lição 74

Interrogativas deliberativas. Marcos 7,1-37.

Interrogativas deliberativas.

Interrogativa deliberativa é uma questão posta em dúvida ou admiração acerca do curso da ação. Em grego, a interrogativa deliberativa se expressa pelo modo subjuntivo: τί αἰτήσωμαι; *O que devo pedir?* (Cf. Mc 6,24.) A interrogativa pode ser dirigida a outra pessoa, como no exemplo de Marcos, ou pode ser uma expressão dirigida a si mesmo, como se houvesse uma deliberação em voz alta.

Quando o modo subjuntivo encontra-se em uma interrogativa indireta, é normalmente sinal de que a interrogativa original era deliberativa: οὐκ οἶδα τί αἰτήσωμαι. *Não sei o que deva pedir.* O subjuntivo é usado aqui não porque a interrogativa seja indireta, mas porque a interrogativa tomaria o subjuntivo, mesmo expressa diretamente, ou seja, é deliberativa por natureza: o falante está em dúvida acerca do curso da ação.

Para exemplos de interrogativas deliberativas diretas, cf. Mc 10,17; 12,14 e Lc 3,10. Para exemplos de interrogativas deliberativas indiretas, cf. lição 69 e a discussão ali sobre interrogativas indiretas.

Marcos 7,1-37.

7,2 - ἄνιπτος, -ος, -ον [Adj 5] *não lavado, sujo* [Mt 15,20] // **7,3** - πυγμή, -ῆς, ἡ [N 1] *punho* [hápax] // **7,4** - ἀγορά, -ᾶς, ἡ [N 2] *praça do mercado* [Mt 11,16]; ξέστης, -ου, ὁ [N 4] *jarro* [hápax]; χαλκ(ε)ίον, -ου, τό [N 7] *utensílio de bronze* [hápax] // **7,6** - χεῖλος, -ους, τό [N 31] *lábio* [Mt 15,8]; πόρρω [Adv 1] *longe* [Mt 15,8] // **7,7** - μάτην [Adv 3] *em vão* [Mt 15,9]; σέβομαι [V 4, 22; VD 279; PV 2] [usado apenas no sistema do presente] *reverencio* [Mt 15,9]; ἔνταλμα, -ατος, τό [N 16] *mandamento* [Mt 15,9] // **7,10** - κακολογέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *maldigo, falo mal de* [Mt 15,4]; τελευτάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *morro* [literalmente, *completo*] [Mt 2,19] // **7,11** -

κορβᾶν [N 32] [palavra aramaica para *dom, oferta*] *Corban* [hápax] // **7,13** - ἀκυρόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *invalido* [Mt 15,6]; παρόμοιος, -α, -ον [Adj 2] *semelhante* [hápax]

7,18 - ἀσύνετος, -ος, -ον [Adj 5] *privado de entendimento* [Mt 15,16] // **7,19** - ἀφεδρών, -ῶνος, ὁ [N 21m] *latrina, fossa* [Mt 15,17] // **7,21** - κλοπή, -ῆς, ἡ [N 1] *furto* [Mt 15,19]; φόνος, -ου, ὁ [N 6m] *assassínio* [Mt 15,19] // **7,22** - μοιχεία, -ας, ἡ [N 2] *adultério* [Mt 15,19]; πλεονεξία, -ας, ἡ [N 2] *cupidez* [Lc 12,15]; πονηρία, -ας, ἡ [N 2] *maldade* [Mt 22,18]; δόλος, -ου, ὁ [N 6m] *dolo* [Mt 26,4]; ἀσέλγεια, -ας, ἡ [N 2] *indecência* [Rm 13,13]; ὑπερηφανία, -ας, ἡ [N 2] *arrogância* [hápax]; ἀφροσύνη, -ης, ἡ [N 1] *insensatez* [2Cor 11,1]

7,24 - λανθάνω [V 7; VD 178; PV 1-4] *escondo-me, oculto-me* [Lc 8,47] // **7,26** - Ἑλληνίς, -ίδος, ἡ [N 14f] *grega* [At 17,12]; Συροφοινίκισσα, -ης, ἡ [N 3] *siro-fenícia* [hápax] // **7,27** - κυνάριον, -ου, τό [N 7] *cachorrinho* [Mt 15,26] // **7,28** - ψιχίον, -ου, τό [N 7] *migalha* [Mt 15,27]

7,32 - μογιλάλος, -ος, -ον [Adj 5] *que fala com dificuldade, gago* [hápax] // **7,33** - δάκτυλος, -ου, ὁ [N 6m] *dedo* [Jo 8,6]; πτύω [V 1; VD 266; PV 1-3] *cuspo* [Jo 9,6] // **7,34** - στενάζω (στενάξω) [V 3; VD 292; PV 1-3] *gemo* [Rm 8,23]; ἐφφαθά [V 20] [palavra aramaica] *abre-te* [hápax]; διανοίγω [διά + ἀνοίγω] [V 2; VD 20; PV 1-4] *abro* [Lc 2,23] // **7,35** - ὀρθῶς [Adv 3] *corretamente* [Lc 7,43] // **7,37** - ὑπερπερισσῶς [Adv 3] *sobremaneira* [hápax]; ἄλαλος, -ος, -ον [Adj 5] *mudo* [Mc 9,17]

Exercício.

Traduza para o grego:

E, tendo-o convocado de novo, diziam: "Ouve-nos e entende". (Mc 7,14)

Lição 75

O infinitivo completivo. ἵνα introduzindo uma oração substantiva.
Marcos 8,1-9,29.

O infinitivo completivo. ἵνα introduzindo uma oração substantiva.

O infinitivo é usado no Novo Testamento grego depois de diversos verbos, para "completar" seu significado. Daí a designação "infinitivo completivo". Entre tais verbos estão θέλω (cf. Mc 6,19; 6,26.48), δύναμαι (cf. Mc 1,40; 2,4.7), ἄρχομαι (cf. Mc 1,45; 2,23; 4,1) e μέλλω (cf. Mc 10,32; 13,4; Jo 4,47). Também se devem notar as expressões ἱκανός εἰμι e ἄξιός εἰμι, cada uma das quais pode reger um infinitivo completivo (cf. Mc 1,7; 1Cor 15,9; Lc 15,19.21; At 13,25; Ap 4,11).

Além de seu uso para exprimir finalidade, uma oração com ἵνα e verbo no subjuntivo seguindo certos verbos pode ser usada como "oração substantiva". Quer dizer, é uma oração que toma o lugar de um substantivo, exatamente como o infinitivo completivo. (Uma oração final com ἵνα é uma "oração adverbial", porque funciona como advérbio.) A oração substantiva com ἵνα também mostra certa analogia com o infinitivo completivo, visto que ela completa o significado do verbo de que depende. Esses verbos que podem tomar uma oração substantiva com ἵνα devem ser compreendidos a partir do texto. Por exemplo, θέλω pode ser seguido de uma oração substantiva com ἵνα (cf. Mc 6,25; 9,30; 10,35), mas δύναμαι, ἄρχομαι e μέλλω não. As expressões ἱκανός εἰμι e ἄξιός εἰμι também podem reger oração substantiva com ἵνα (cf. Mt 8,8 e Jo 1,27).

Marcos 8,1-9,29.

8,2 - προσμένω [πρός + μένω] [V 7; VD 197; PV 1-3] *estou com* [Mt 15,32] // **8,3** - νῆστις, -ιδος, ὁ/ἡ [Adj 22] *faminto; em jejum* [Mt 15,32]; ἐκλύομαι [ἐκ + λύομαι] [V 1, 23; PV 3] *desfaleço* [Mt 15,32] // **8,4** - ἐρημία, -ας, ἡ [N 2] *deserto* [Mt 15,33] // **8,7** - ἰχθύδιον, -ου, τό [N 7] *peixinho* [Mt 15,34]

// **8,8** - περίσσευμα, -ατος, τό [N 16] *sobra* [Mt 12,34]; σπυρίς, -ίδος, ἡ [N 14f] *cesta* [Mt 15,37] // **8,9** - τετρακισχίλιοι, -αι, -α [Adj 6] *quatro mil* [Mt 15,38] // **8,10** - Δαλμανουθά, ἡ [N 32] *Dalmanuta* [hápax]

8,12 - ἀναστενάζω [ἀνά + στενάζω] (ἀναστενάξω) [V 3; VD 293; PV 1-3] *gemo, suspiro profundamente* [hápax]

8,14 - ἐπιλανθάνομαι [ἐπί + λανθάνομαι] [V 7, 22; VD 178; PV 2-3] *esqueço* [Mt 16,5]

8,23 - ἐκφέρω [ἐκ + φέρω] [V 6; VD 324; PV 1-4] *levo para fora* [Lc 15,22]; ὄμμα, -ατος, τό [N 16] *olho* [Mt 20,34] // **8,25** - διαβλέπω [διά + βλέπω] [V 4; VD 43; PV 1-3] *vejo claramente* [Mt 7,5]; τηλαυγῶς [Adv 3] *distintamente* [hápax]

8,27 - Καισάρεια, -ας, ἡ [N 2] *Cesaréia* [Mt 16,13]

8,31 - ἀποδοκιμάζω [ἀπό + δοκιμάζω] (ἀποδοκιμάσω) [V 5; PV 1-3] *rejeito* [Mt 21,42] // **8,36** - ζημιόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *perco* [Mt 16,26] // **8,37** - ἀντάλλαγμα, -ατος, τό [N 16] *troca* [Mt 16,26] // **8,38** – ἐπαισχύνομαι [ἐπί + αἰσχύνομαι] [V 7, 23; VD 10; PV 3] *envergonho-me* [Lc 9,26]; μοιχαλίς, -ίδος, ἡ [N 14f] *adúltera* [Mt 12,39]

9,2 - ὑψηλός, -ή, -όν [Adj 1] *alto* [Mt 4,8]; μεταμορφόω [μετά + μορφόω] [V 10; PV 1-3, 5-6] *transformo* [Mt 17,2] // **9,3** - στίλβω [V 4; PV 1-3] *resplandeço* [hápax]; γναφεύς, -έως, ὁ [N 29] *lavandeiro* [hápax]; λευκαίνω [V 7; PV 1-3] *embranqueço* [Ap 7,14] // **9,4** - συλλαλέω [σύν + λαλέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *falo com, converso* [Mt 17,3] // **9,6** - ἔκφοβος, -ος, -ον [Adj 5] *atemorizado* [Hb 12,21] // **9,7** - ἐπισκιάζω [ἐπί + σκιάζω] (ἐπισκιάσω) [V 5; PV 1-3] *cubro com sombra* [Mt 17,5] // **9,8** - ἐξάπινα [Adv 3] *subitamente* [hápax]

9,12 - ἀποκαθιστάνω [ἀπό + κατά + ἱστάνω] [V 7; PV 1] *restauro* [At 1,6]; ἐξουδενέω [ἐκ + raiz derivada de οὐδέν] [V 8; PV 1-3, 5-6] *desprezo* [Lc 18,9]

9,15 - ἐκθαμβέομαι [ἐκ + θαμβέομαι] [V 8, 23; PV 3, 6] *estou admirado* [Mc 14,33]; προστρέχω [πρός + τρέχω] [V 2; VD 315; PV 1-4] *acorro a* [Mc 10,17] // **9,18** - ἀφρίζω [forma verbal de ἀφρός, *espuma, baba*] (ἀφρίσω) [V 5; PV 1-3] *espumo* [Mc 9,20]; ὀδούς, -οντος, ὁ [N 33] *dente*

[Mt 5,38]; τρίζω (τρίσω) [V 3; PV 1-3] *ranjo, esfrego* [hápax] // **9,20** - συσπαράσσω [σύν + σπαράσσω] [V 3; PV 1-3] *contorço* [Lc 9,42]; κυλίω [V 1; PV 1-3] *rolo* [hápax] // **9,21** - παιδιόθεν [Adv 2] *desde criança* [hápax] // **9,22** - βοηθέω [V 8; PV 1-3, 5-6] [com dativo] *ajudo* [Mt 15,25] // **9,25** - ἐπισυντρέχω [ἐπί + σύν + τρέχω] [V 2; VD 315; PV 1-4] *acorro junto com* [hápax]

Exercício.

Traduza para o grego:

E, tendo chegado junto ao discípulo, viu uma grande multidão em torno dele e um escriba discutindo com ele. (Mc 9,14 e At 6,9)

Lição 76

O infinitivo como expressão de finalidade. Marcos 9,30-10,34.

O infinitivo como expressão de finalidade.

Um dos usos do infinitivo no Novo Testamento é expressar finalidade, que corresponde a seu uso em português: *Vim para ver-te*. No Novo Testamento, esse uso do infinitivo para expressar finalidade é freqüentemente encontrado com um verbo que expressa algum tipo de movimento, especialmente o verbo ἔρχομαι: οὐκ ἦλθον καταλῦσαι ἀλλὰ πληρῶσαι – *Não vim para destruir, mas para cumprir* (Mt 5,17).

Cf. também Mc 2,17; 3,14 e 10,45.

Dois outros modos de expressar finalidade já foram vistos: 1) ἵνα ou ὅπως com subjuntivo, na lição 5; 2) o particípio futuro, na lição 17.

Marcos 9,30-10,34.

9,36 - ἐναγκαλίζομαι [ἐν + ἀγκαλίζομαι] (ἐναγκαλίσομαι) [V 5, 22; PV 2-3] *abraço, tomo nos braços* [Mc 10,16]

9,42 - περίκειμαι [περί + κεῖμαι] [V 17; VD 148] *fico em torno* [Lc 17,2], μύλος, -ου, ὁ [N 6m] *mó* [Mt 18,6]; ὀνικός, -ή, -όν [Adj 1] *de asno* [Mt 18,6]; τράχηλος, -ου, ὁ [N 6m] *pescoço* [Mt 18,6] // **9,43** - ἀποκόπτω [ἀπό + κόπτω] [V 4, 5; VD 161; PV 1-3] *corto* [Jo 18,10]; κυλλός, -ή, -όν [Adj 1] *mutilado, maneta* [Mt 15,30]; γέεννα, -ης, ἡ [N 3] *Geena* [Mt 5,22]; ἄσβεστος, -ος, -ον [Adj 5] *inextinguível* [Mt 3,12] // **9,47** - μονόφθαλμος, -ος, -ον [Adj 5] *caolho, zarolho* [Mt 18,9] // **9,48** - σκώληξ, -ηκος, ὁ [N 8m] *verme* [hápax]; σβέννυμι [V 14; VD 278; PV 1-3, 9, 12] *apago, extingo* [Mt 12,20] // **9,49** - ἁλίζω (ἁλίσω) [V 5; PV 1-3] *salgo* [Mt 5,13] // **9,50** - ἄναλος, -ος, -ον [Adj 5] *insípido* [hápax]; ἀρτύω [V 1; PV 1-3] *tempero* [Lc 14,34]; εἰρηνεύω [V 1; PV 1-3] *vivo em paz* [Rm 12,18]

10,1 - συμπορεύομαι [σύν + πορεύομαι] [V 1, 22, 23; VD 260; PV 3] *venho junto, reúno-me* [a uma multidão] [Lc 7,11]; εἴωθα [V 18; VD 73] *estou acostumado* [Mt 27,15] // **10,4** - ἀποστάσιον, -ου, τό [N 7] *libelo de repúdio, divórcio* [Mt 5,31] // **10,5** - σκληροκαρδία, -ας, ἡ [N 2] *dureza de coração* [Mt 19,8] // **10,6** - ἄρσην, -ην, -εν [Adj 16] *masculino* [Mt 19,4] // **10,7** - προσκολλάομαι [πρός + κολλάομαι] [V 9, 23; PV 3, 6] *uno-me a* [Ef 5,31] // **10,9** - συζεύγνυμι [σύν + ζεύγνυμι] [V 14; VD 111; PV 1-3, 9, 12] *uno-me em matrimônio* [Mt 19,6] // **10,11** - μοιχάομαι [V 9, 23; PV 3, 6] *cometo adultério* [Mt 5,32]

10,14 - ἀγανακτέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *indigno-me* [Mt 20,24] // **10,16** - κατευλογέω [κατά + εὖ + raiz relacionada a λόγος] [V 8; PV 1-3, 5-6] *abençôo* [hápax]

10,19 - φονεύω [V 1; PV 1-3] *mato* [Mt 5,21]; ψευδομαρτυρέω [ψευδο- + μαρτυρέω; o aumento é antes de ψευδο-: ἐψευδομαρτύρουν, Mc 14,56] [V 8; PV 1-3, 5-6] *dou falso testemunho* [Mt 19,18]; ἀποστερέω [ἀπό + στερέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *defraudo* [1Cor 6,7] // **10,20** - νεότης, -ητος, ἡ [N 13f] *infância* [Lc 18,21] // **10,22** - στυγνάζω (στυγνάσω) [V 5; PV 1-3] *aflijo-me* [Mt 16,3]; κτῆμα, -ατος, τό [N 16] *posse* [Mt 19,22]

10,23 - δυσκόλως [Adv 3] *dificilmente* [Mt 19,23] // **10,24** - δύσκολος, -ος, -ον [Adj 5] *difícil* [hápax] // **10,25** - τρυμαλιά, -ᾶς, ἡ [N 2] *buraco* (*de agulha*) [hápax]; ῥαφίς, -ίδος, ἡ [N 14m] *agulha* [Mt 19,24] // **10,26** - περισσῶς [Adv 3] *ainda mais* [Mt 27,23] // **10,27** ἀδύνατος, -ος, -ον [Adj 5] *impossível* [Mt 19,26] // **10,30** - ἑκατονταπλασίων, -ων, -ον [Adj 11] *cêntuplo* [Mt 19,29]

10,32 - συμβαίνω [σύν + βαίνω] [V 7; VD 31; PV 1-3] *encontro-me* [Lc 24,14] // **10,34** - ἐμπτύω [ἐν + πτύω] [V 1; VD 266; PV 1-3] *cuspo em* [Mt 26,67]; μαστιγόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *açoito* [Mt 10,17]

Exercício.

Traduza para o grego:

Tendo Jesus fixado os olhos neles, amou-os e lhes disse: "Uma coisa vos falta: ide, vendei tudo o que tendes e dai aos pobres, e tereis um tesouro no céu, e vinde e segui-me". (Mc 10,21)

Lição 77

Negação enfática. Marcos 10,35-11,33.

Negação enfática.

A negação enfática no Novo Testamento pode ser expressa pelo uso de uma negativa repetida, como se explicou na lição 70. Outro método freqüentemente usado para negação enfática é o uso de οὐ μή juntos, como unidade, seguido de subjuntivo aoristo: ὅστις ἐκ τοῦ Χριστοῦ ἐστιν οὐ μὴ ἀποθάνῃ – *Quem quer que for de Cristo não morrerá.* Cf. Mc 9,1.41; 10,15 e 13,19. Às vezes o indicativo futuro encontra-se no lugar do aoristo do subjuntivo. Cf. Mc 13,31; Mt 16,22 e Lc 21,33. Esse uso do futuro do indicativo em vez do aoristo do subjuntivo, porém, é relativamente pouco freqüente.

Marcos 10,35-11,33.

10,35 - προσπορεύομαι [πρός + πορεύομαι] [V 1, 22, 23; VD 260; PV 3] *venho a* [hápax] // **10,37** - ἀριστερός, -ά, -όν [Adj 2] *esquerdo* [oposto a direito] [Mt 6,3] // **10,40** - εὐώνυμος, -ος, -ον [Adj 5] *esquerdo* [oposto a direito] [Mt 20,21] // **10,42** - κατακυριεύω [κατά + κυριεύω] [V 1; PV 1-3] *domino* [com genitivo] [Mt 20,25]; κατεξουσιάζω [κατά + ἐξουσιάζω] (κατεξουσιάσω) [V 5; PV 1-3] *exerço autoridade sobre* [com genitivo] [Mt 20,25] // **10,45** - λύτρον, -ου, τό [N 7] *resgate* [Mt 20,28]

10,46 - Ἰερ(ε)ιχώ, ἡ [N 32] *Jericó* [Mt 20,29]; Τιμαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *Timeu* [hápax]; Βαρτιμαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *Bartimeu* [hápax]; προσαίτης, -ου, ὁ [N 4] *mendigo* [Jo 9,8] // **10,50** - ἀποβάλλω [ἀπό + βάλλω] [V 6; VD 32; PV 1-4] *lanço* [Hb 10,35]; ἀναπηδάω [ἀνά + πηδάω] V 9; PV 1-3, 5-6] *levanto num salto* [hápax] // **10,51** - ραββουν(ε)ι [N 32] *meu mestre* [palavra aramaica] [Jo 20,16]

11,1 - Βηθφαγή, ἡ [N 32] *Betfagé* [Mt 21,1]; Βηθανία, -ας, ἡ [N 2] *Betânia* [Mt 21,17] // **11,2** - κατέναντι [Prep 1] *oposto a* [Mt 21,2]; πῶλος, -ου, ὁ [N 6m] *asno, jumento* [Mt 21,2] // **11,4** - ἄμφοδον, -ου, τό [N 7] *rua* [hápax] // **11,8** - στρώννυμι [V 14; VD 297; PV 1-2, 9, 12] *espalho* [Mt 21,8]; στιβάς, -άδος, ἡ [N 14f] *ramo* [hápax] // **11,9** - ὡσαννά [Inter] *hosana* [hebraico para *"Salva-nos, suplicamos"*] [Mt 21,9]

11,13 - φύλλον, -ου, τό [N 7] *folha* [Mt 21,19]; σῦκον, -ου, τό [N 7] *figo* [Mt 7,16]

11,15 - κολλυμβιστής, -οῦ, ὁ [N 4] *cambista* [Mt 21,12]; καθέδρα, -ας, ἡ [N 2] *cadeira* [Mt 21,12]; καταστρέφω [κατά + στρέφω] [V 4; VD 296; PV 1-4] *viro, derrubo* [Mt 21,12] // **11,17** - σπήλαιον, -ου, τό [N 7] *covil* [Mt 21,13] // **11,19** - ὀψέ [Adv 2] *tarde* [Mt 28,1]

11,21 - ἀναμιμνήσκω [ἀνά + μιμνήσκω] [V 2; VD 200; PV 1-3] *recordo* [1Cor 4,17]; καταράομαι [κατά + ἀράομαι] [V 9, 22; PV 2-3] *amaldiçôo* [Mt 25,41] // **11,32** - ὄντως [Adv 3] *verdadeiramente, realmente* [Jo 8,36]

Exercício.

Traduza para o grego:

E entrando em Jerusalém foram ao templo; e, tendo olhado tudo em volta, sendo já hora avançada, saíram para Betânia a fim de lá dormir e descansar. (Mc 11,11 e 14,41)

Lição 78

Atração do relativo. Marcos 12,1-13,13.

Atração do relativo.

Um pronome relativo normalmente tem o gênero e número de acordo com seu antecedente, mas tem o caso pela função exercida em sua própria oração: ἀκούσατε τοῦ λόγου ὃν λέγω – *Ouvi a palavra que digo.* O pronome relativo ὃν é masculino e singular porque seu antecedente, λόγος, é masculino e singular. É acusativo porque é sempre usado em sua própria oração como objeto direto de λέγω, verbo que rege o caso acusativo, quando tem objeto direto.

Às vezes, porém, o pronome relativo não tem apenas o gênero e o número, mas também o caso de acordo com o antecedente: ἀκούσατε τοῦ λόγου οὗ λέγω – *Ouvi a palavra que digo.* O pronome relativo οὗ não é apenas masculino e singular porque λόγου é masculino e singular, mas é genitivo também, porque λόγου é genitivo, embora ele seja gramaticalmente o objeto direto de λέγω. Ele foi "atraído" ao caso de seu antecedente. Cf. Mc 7,13 e Jo 15,20.

Às vezes, o antecedente é atraído ao caso de um pronome relativo que o segue. Assim, a palavra λίθον em Mt 21,42 é acusativo porque o pronome relativo seguinte, ὃν, é acusativo.

Marcos 12,1-13,13.

12,1 - φυτεύω [V 1; PV 1-3] *planto* [Mt 15,13]; περιτίθημι [περί + τίθημι] [V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11] *cerco* [Mt 21,33]; φραγμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *cerca, sebe* [Mt 21,33]; ὀρύσσω [V 3; VD 226; PV 1-3] *cavo* [Mt 21,33]; ὑπολήνιον, -ου, τό [N 7] [parte inferior de um] *lagar* [hápax]; πύργος, -ου, ὁ [N 6m] *torre* [Mt 21,33]; ἐκδίδωμι [ἐκ + δίδωμι] [V 13; VD 62; PV 1-3, 7-8, 11] *arrendo* [Mt 21,33]; ἀποδημέω [ἀπό + raiz de δῆμος,

povo] [V 8; PV 1-3, 5-6] *parto em viagem* [Mt 21,33] // **12,4** - κεφαλιόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *bato na cabeça* [hápax]; ἀτιμάζω [α privativo + raiz relacionada a τιμή] (ἀτιμάσω) [V 5; PV 1-3] *insulto* [Lc 20,11] // **12,6** - ἐντρέπω [ἐν + τρέπω] [V 4; VD 313; PV 1-4] *envergonho* [passivo: *envergonho-me*; *respeito*] [Mt 21,37] // **12,10** - γωνία, -ας, ἡ [N 2] *ângulo* [Mt 6,5] // **12,11** - θαυμαστός, -ή, -όν [Adj 1] *maravilhoso* [Mt 21,42]

12,13 - ἀγρεύω [V 1; PV 1-3] *surpreendo, capturo* [hápax] // **12,14** - κῆνσος, -ου, ὁ [N 6m] *taxa, imposto* [Mt 17,25] // **12,15** - ὑπόκρισις, -εως, ἡ [N 28f] *hipocrisia* [Mt 23,28] // **12,16** - ἐπιγραφή, -ῆς, ἡ [N 1] *inscrição* [Mt 22,20]; Καῖσαρ, -αρος, ὁ [N 33] *César, imperador* [Mt 22,17] // **12,17** - ἐκθαυμάζω [ἐκ + θαυμάζω] (ἐκθαυμάσω) [V 5; VD 120; PV 1-3] *maravilho-me* [hápax]

12,18 - Σαδδουκαῖος, -ου, ὁ [N 6m] *saduceu* [Mt 3,7] // **12,19** - ἐξανίστημι [ἐκ + ἀνά + ἵστημι] [V 11, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] *suscito* [Lc 20,28] // **12,22** - ἔσχατον [Adv 2] *enfim* [1Cor 15,8] // **12,25** - γαμίζω (γαμίσω) [V 5; PV 1-3] *dou em casamento* [Mt 22,30] // **12,26** - βάτος, -ου, ὁ / ἡ [N 6m, N 6f] *sarça* [Lc 6,44]; Ἀβραάμ, ὁ [N 32] *Abraão* [Mt 1,1]; Ἰσαάκ, ὁ [N 32] *Isaac* [Mt 1,2]; Ἰακώβ, ὁ [N 32] *Jacó* [Mt 1,2]

12,29 - Ἰσραήλ, ὁ [N 32] *Israel* [Mt 2,6] // **12,30** - διάνοια, -ας, ἡ [N 2] *intelecto* [Mt 22,37] // **12,33** - σύνεσις, -εως, ἡ [N 28f] *entendimento* [Lc 2,47]; ὁλοκαύτωμα, -ατος, τό [N 16] *holocausto* [Hb 10,6] // **12,34** - νουνεχῶς [Adv 3] *inteligentemente* [hápax]; μακράν [Adv 1] *longe* [Mt 8,30]

12,38 - στολή, -ῆς, ἡ [N 1] *toga* [Lc 15,22]; ἀσπασμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *saudação* [Mt 23,7] // **11,39** - πρωτοκαθεδρία, -ας, ἡ [N 2] *primeiro lugar* [Mt 23,6]; πρωτοκλισία, -ας, ἡ [N 2] *lugar de honra* [Mt 23,6] // **12,40** - πρόφασις, -εως, ἡ [N 28f] *pretexto* [Lc 20,47]; μακρά [Adv 2] *longamente* [Lc 20,47]

12,41 - γαζοφυλάκιον, -ου, τό [N 7] *tesouro* [Lc 21,1] // **12,42** - λεπτόν, -οῦ, τό [N 7] *lépton* [pequena moeda de cobre] [Lc 12,59]; κοδράντης, -ου, ὁ [N 4] *quadrante* [moeda] [Mt 5,26] // **12,44** - ὑστέρησις, -εως, ἡ [N 28f] *necessidade* [Fl 4,11]; βίος, -ου, ὁ [N 6m] *vida, subsistência* [Lc 8,14]

13,4 - συντελέω [σύν + τελέω] [V 8; VD 305; PV 1-3, 5-6] *cumpro* [Lc 4,2] // **13,7** - θροέομαι [V 8, 23; PV 3, 6] *alarmo-me* [Mt 24,6] // **13,8** - λιμός,

-οῦ, ὁ / ἡ [N 6m, N 6f] *fome, carestia* [Mt 24,7]; ὠδίν, -ῖνος, ἡ [N 33] *dor de parto* [Mt 24,8] // **13,11** - προμεριμνάω [πρό + μεριμνάω] [V 9; PV 1-3, 5-6] *preocupo-me* [hápax] // **13,12** - ἐπανίστημι [ἐπί + ἀνά + ἵστημι] [V 11, 21; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] *insurjo, levanto-me contra* [Mt 10,21]

Exercício.

Traduza para o grego:

Por que nos tentas? Traze-nos um denário para que vejamos e te perguntemos de quem são a imagem e a inscrição. (Mc 12,15-16)

Lição 79

O genitivo, o dativo e o acusativo simples como indicações de tempo. Marcos 13,14-14,31.

O genitivo, o dativo e o acusativo simples como indicações de tempo.

Com relação a expressões de tempo, o genitivo simples tende a ser usado para indicar "tempo em que"; o dativo simples, "em qual tempo"; o acusativo simples, "pelo tempo em que". Este uso não é rígido e depende muito do significado das palavras usadas e do contexto.

Para o genitivo simples indicando "tempo em que", cf. Mt 24,20: προσεύχεσθε δὲ ἵνα μὴ γένηται ἡ φυγὴ ὑμῶν χειμῶνος μηδὲ σαββάτῳ – *Pedi que vossa fuga não aconteça no inverno nem em um sábado*. Para usos similares do genitivo, cf. Mt 2,14; Lc 18,7 e Jo 8,2.

Para o dativo expressar "em qual tempo", cf. Mt 24,42: γρηγορεῖτε οὖν, ὅτι οὐκ οἴδατε ποίᾳ ἡμέρᾳ ὁ κύριος ὑμῶν ἔρχεται – *Vigiai então, porque não sabeis em qual dia o vosso senhor vem*. Cf. também a expressão σαββάτῳ, *em um sábado*, em Mt 24,20. Para usos similares do dativo, cf. Mt 28,1 e Mc 14,12.

Para o acusativo expressar "pelo tempo em que", cf. Jo 2,12: καὶ ἐκεῖ ἔμειναν οὐ πολλὰς ἡμέρας – *E eles ficaram ali não por muitos dias*. Para usos similares do acusativo, cf. Mc 4,27; Lc 2,37 e 21,37.

Como se afirmou acima, este uso não é rígido. Para um genitivo expressar "em qual tempo" em vez de um dativo, cf. At 26,13. Para um dativo expressar "pelo tempo em que" em vez de um acusativo, cf. Lc 8,29. Para um acusativo expressar "em qual tempo" em vez de um dativo, cf. Jo 4,52.

Marcos 13,14-14,31.

13,14 - βδέλυγμα, -ατος, τό [N 16] *abominação* [Mt 24,15]; ἐρήμωσις, -εως, ἡ [N 28f] *desolação* [Mt 24,15] // **13,15** - δῶμα, -ατος, τό [N 16] *ter-*

raço [Mt 10,27] // **13,17** - θηλάζω (θηλάσω) [V 3; PV 1-3] *amamento* [Mt 21,16] // **13,20** - κολοβόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *abrevio* [Mt 24,22] **13,22** - ψευδόχριστος, -ου, ὁ [N 6m] *falso Messias* [Mt 24,24]; ψευδοπροφήτης, -ου, ὁ [N 4] *falso profeta* [Mt 7,15]; ἀποπλανάω [ἀπό + πλανάω] [V 9; PV 1-3, 5-6] *erro* [1Tm 6,10] // **13,23** - προλέγω [πρό + λέγω] [V 2; VD 179; PV 1-4] *predigo* [2Cor 13,2] // **13,24** - σκοτίζω (σκοτίσω) [V 5; PV 1-3] *escureço* [Mt 24,29]; σελήνη, -ης, ἡ [N 1] *lua* [Mt 24,29]; φέγγος, -ους, τό [N 31] *claridade* [Mt 24,29] // **13,27** - ἄκρον, -ου, τό [N 7] *extremidade* [Mt 24,31]

13,28 - ἁπαλός, -ή, -όν [Adj 1] *tenro* [Mt 24,32]; ἐκφύω [ἐκ + φύω] [V 1; VD 336; PV 1-4] *produzo* [Mt 24,32]; θέρος, -ους, τό [N 31] *verão* [Mt 24,32]

13,33 - ἀγρυπνέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *vigio* [Lc 21,36] // **13,34** - ἀπόδημος, -ος, -ον [Adj 5] *longe de casa* [hápax]; θυρωρός, -οῦ, ὁ [N 6m] *porteiro* [Jo 10,3] // **13,35** - μεσονύκτιον, -ου, τό [N 7] *meia-noite* [Lc 11,5]; ἀλεκτοροφωνία, -ας, ἡ [N 2] *canto do galo* [hápax] // **13,36** - ἐξαίφνης [Adv 2] *subitamente* [Lc 2,13]

14,1 - ἄζυμος, -ος, -ον [Adj 5] *ázimo, não fermentado* [τὰ ἄζυμα (N 7), *Festa dos pães sem fermento* (Mt 26,17)]

14,3 - ἀλάβαστρον, -ου, τό [N 7] *alabastro (frasco)* [Mt 26,7]; νάρδος, -ου, ἡ [N 6f] *óleo de nardo* [Jo 12,3]; πιστικός, -ή, -όν [Adj 1] *genuíno* [Esta parece ser a mais provável das várias interpretações.] [Jo 12,3]; πολυτελής, -ής, -ές [Adj 15] *muito caro, precioso* [1Tm 2,9]; καταχέω [κατά + χέω] [V 8; VD 341; PV 1-3, 5-6] *verto* [com genitivo] [Mt 26,7] // **14,5** - πιπράσκω [V 2, 21; VD 247; PV 1-3] *vendo* [Mt 13,46]; τριακόσιοι, -αι, -α [Adj 6] *trezentos* [Jo 12,5] // **14,7** - εὖ [Adv 3] *bem* [Mt 25,21] // **14,8** - προλαμβάνω [πρό + λαμβάνω] [V 7; VD 176; PV 1-3] *antecipo* [1Cor 11,21]; μυρίζω (μυρίσω) [V 5; PV 1-3] *unjo* [hápax]; ἐνταφιασμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *sepultura* [Jo 12,7] // **14,9** - μνημόσυνον, -ου, τό [N 7] *memória, lembrança* [Mt 26,13]

14,11 - εὐκαίρως [Adv 2] *oportunamente* [2Tm 4,2]

14,13 - ἀπαντάω [ἀπό + ἀντάω] [V 9; PV 1-3] *encontro* [com dativo] [Lc 17,12]; κεράμιον, -ου, τό [N 7] *bilha* [Lc 22,10] // **14,14** - οἰκοδεσπότης, -ου, ὁ [N 4] *dono da casa* [Mt 10,25]; κατάλυμα, -ατος, τό [N 16] *quarto*

de hóspede [Lc 2,7] // **14,15** - ἀνάγαιον, -ου, τό [N 7] *aposento no andar superior, cenáculo* [Lc 22,12] // **14,20** - ἐμβάπτω [ἐν + βάπτω] [V 4, 5; VD 34; PV 1-3] *mergulho* [Mt 26,23]; τρύβλιον, -ου, τό [N 7] *prato* [Mt 26,23] // **14,24** - ἐκχύννω [ἐκ + χύννω] [V 7; VD 341; PV 1-3] *derramo* [Mt 23,35] // **14,25** - γένημα, -ατος, τό [N 16] *produto, fruto* [Mt 26,29] // **14,26** - ὑμνέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *canto um hino* [Mt 26,30]

14,27 - πατάσσω [V 3; VD 232; PV 1-3] *golpeio* [Mt 26,31]; διασκορπίζω [διά + σκορπίζω] (διασκορπίσω) [V 5; PV 1-3] *disperso* [Mt 25,24] // **14,30** - δίς [Adv 2] *duas vezes* [Lc 18,12] // **14,31** - ἐκπερισσῶς [Adv 3] *insistentemente* [hápax]; συναποθνῄσκω [σύν + ἀπό + θνῄσκω] [V 2; VD 127; PV 1-4] *morro com* [com dativo] [2Cor 7,3]

Exercício.

Traduza para o grego:

Em verdade vos digo: quando essas coisas forem anunciadas, o que ela fez será dito em memória dela. (Mc 14,9)

Lição 80

O "pronome redundante" em oração relativa. Marcos 14,32-15,15.

O "pronome redundante" em oração relativa.

No grego do Novo Testamento, às vezes se encontra um pronome em oração relativa que parece ser redundante. Os seguintes exemplos são simplificados: αὐτός ἐστιν ᾧ δίδωμι τὸν ἄρτον αὐτῷ – *Ele é aquele a quem dou o pão*. O pronome αὐτῷ parece supérfluo, e não há necessidade de tentar incluí-lo em uma tradução. Este fenômeno pode ser relacionado no Novo Testamento ao fato de que, em hebraico e aramaico, o pronome relativo é indeclinável e assim requer um pronome ou sufixo pronominal em oração relativa, para especificar o antecedente a que o relativo se refere.

Cf. Mc 1,7; 7,25 e Jo 13,26.

Marcos 14,32-15,15.

14,32 - χωρίον, -ου, τό [N 7] *lugar, campo* [Mt 26,36]; Γεθσημαν(ε)ί [N 32] *Getsêmani* [Mt 26,36] // **14,33** - ἀδημονέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *angustiome* [Mt 26,37] // **14,36** – ἀββᾶ, ὁ [N 32] [palavra aramaica] *Abba, pai* [Rm 8,15]; παραφέρω [παρά + φέρω] [V 6; VD 324; PV 1-4] *afasto* [Lc 22,42] // **14,38** - πρόθυμος, -ος, -ον [Adj 1] *pronto* [Mt 26,41] // **14,40** - καταβαρύνω [κατά + βαρύνω] [V 7; PV 1-3] *estou pesado* [hápax]

14,44 - σύσσημον, -ου, τό [N 7] *sinal, senha* [hápax]; ἀσφαλῶς [Adv 3] *seguramente* [At 2,36] // **14,45** - καταφιλέω [κατά + φιλέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *beijo afetuosamente* [Mt 26,49] // **14,47** - σπάω [V 9; VD 175; PV 1-3, 5-6] *puxo, saco* (uma espada) [At 16,27]; παίω [V 1; VD 230; PV 1-3] *golpeio* [Mt 26,68]; ὠτάριον, -ου, τό [N 7] *orelha* [Jo 18,10]

14,51 - νεανίσκος, -ου, ὁ [N 6m] *jovenzinho* [Mt 19,20]; σινδών, -όνος, ἡ [N 20f] *lençol* [Mt 27,59]

14,54 - ἔσω [Adv 1] *dentro* [Mt 26,58]; αὐλή, -ῆς, ἡ [N 1] *pátio* [Mt 26,3]; συγκάθημαι [σύν + κάθημαι] [V 17, 22; VD 89; PV 2-3] *sento-me com* [At 26,30]; θερμαίνω [V 7; PV 1-3] *aqueço* [Jo 18,18] // **14,56** - ἴσος, -η, -ον [Adj 1] *igual* [isto é, que está de acordo] [Mt 20,12] // **14,58** - χειροποίητος, -ος, -ον [Adj 5] *feito por mão humana* [At 7,48]; ἀχειροποίητος, -ος, -ον [Adj 5] *não feito por mão humana* [2Cor 5,1] // **14,60** - καταμαρτυρέω [κατά + μαρτυρέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *testemunho contra* [com genitivo] [Mt 26,62] // **14,61** - εὐλογητός, -ή, -όν [Adj 1] *bendito* [como substantivo: *O Bendito*, isto é, Deus] [Lc 1,68] // **14,63** - διαρρήγνυμι [διά + ῥήγνυμι] [V 14; VD 272; PV 1-3, 9, 12] *rasgo* [Mt 26,65] [também encontrado no presente como διαρ(ρ)ήσσω] // **14,65** - περικαλύπτω [περί + καλύπτω] [V 4, 5; VD 143; PV 1-3] *cubro* [Lc 22,64]; κολαφίζω (κολαφίσω) [V 5; PV 1-3] *golpeio* [Mt 26,67]; ῥάπισμα, -ατος, τό [N 16] *golpe, bofetada* [Jo 18,22] // **14,68** - προαύλιον, -ου, τό [N 7] *vestíbulo* [hápax] // **14,70** - Γαλιλαῖος, -α, -ον [Adj 2] *galileu* [Mt 26,69] // **14,71** - ἀναθεματίζω [ἀνά + θεματίζω] (ἀναθεματίσω) [V 5; PV 1-3] *amaldiçôo, conjuro* [At 23,12]

15,1 - ἀποφέρω [ἀπό + φέρω] [V 6; VD 324; PV 1-4] *levo* [Lc 16,22]; Π(ε)ιλᾶτος, -ου, ὁ [N 6m] *Pilatos* [Mt 27,2]

15,7 - Βαραββᾶς, -ᾶ, ὁ [N 33] *Barrabás* [Mt 27,16]; στασιαστής, -οῦ, ὁ [N 4] *amotinador, sedicioso* [hápax] // **15,10** - φθόνος, -ου, ὁ [N 6m] *inveja* [Mt 27,18] // **15,11** - ἀνασείω [ἀνά + σείω] [V 1; VD 280; PV 1-3] *incito* [Lc 23,5] // **15,15** - φραγελλόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *flagelo, açoito* [Mt 27,26]

Exercício.

Traduza para o grego:

E estando os discípulos embaixo no pátio, entram algumas das servas dos sumos sacerdotes e, vendo-os se aquecendo e olhando para eles, dizem: "Vós também estáveis com ele". (Mc 14,66-67)

Lição 81

καί como conjunção adversativa. Marcos 15,16-16,20.

καί como conjunção adversativa.

A palavra καί tem uma variedade de nuanças possíveis. Uma interpretação comum é que καί pode ter a nuança de *contudo, mas*, ou alguma outra expressão adversativa. Tal interpretação freqüentemente parece apropriada quando καί encontra-se no início de uma oração que contém uma negativa, ou que continua um discurso que surge de uma negativa. Por exemplo, Jo 1,10: ἐν τῷ κόσμῳ ἦν, καὶ ὁ κόσμος δι' αὐτοῦ ἐγένετο, καὶ ὁ κόσμος αὐτὸν οὐκ ἔγνω – *Estava no mundo, e o mundo fez-se por meio dele, mas o mundo não o reconheceu.* Tal interpretação de Jo 1,10, enquanto plausível, não é a única interpretação possível. Por exemplo, o autor pode estar usando καί em um sentido adicional de *e* para conseguir algo solene pela repetição e acúmulo de detalhe. Cf. Mc 6,19; 7,24 e 9,18.

Marcos 15,16-16,20.

15,16 - πραιτώριον, -ου, τό [N 7] *pretório* [Mt 27,27]; συγκαλέω [σύν + καλέω] [V 8; VD 142; PV 12-3, 5-6] *convoco* [Lc 9,1]; σπεῖρα, ης, ἡ [N 3] *coorte* [Mt 27,27] // **15,17** - ἐνδιδύσκω [ἐν + δύω] [V 2; PV 1-3] *visto* [Lc 16,19]; πορφύρα, -ας, ἡ [N 2] *(veste de) púrpura* [Lc 16,19]; πλέκω [V 2; VD 251; PV 1-3] *teço* [Mt 27,29]; ἀκάνθινος, -η, -ον [Adj 1] *de espinho* [Jo 19,5] // **15,19** - κάλαμος, -ου, ὁ [N 6m] *caniço, vara* [Mt 27,29]; γόνυ, -ατος, τό [N 33] *joelho* [Lc 5,8] // **15,20** - ἐκδύω [ἐκ + δύω] [V 1; VD 67; PV 1-3] *dispo, tiro (veste)* [Mt 27,28]

15,21 - ἀγγαρεύω [V 1; PV 1-3] *convoco, compilo* [Mt 5,41]; Κυρηναῖος, -α, -ον [Adj 2] *Cireneu* [Mt 27,32]; Ἀλέξανδρος, -ου, ὁ [N 6m] *Alexandre* [At 4,6]; Ῥοῦφος, -ου, ὁ [N 6m] *Rufo* [Rm 16,13] // **15,22** - Γολγοθᾶ, ἡ [N 2] *Gólgota* [Mt 27,33]; κρανίον, -ου, τό [N 7] *crânio, caveira* [Mt 27,33] //

15,23 - σμυρνίζω (σμυρνίσω) [V 5; PV 1-3] *misturo com mirra*, isto é, *drogo* [hápax] // **15,24** - διαμερίζω [διά + μερίζω] (διαμερίσω) [V 5; PV 1-3] *reparto* [Mt 27,35]; κλῆρος, -ου, ὁ [N 6m] *sorte* [no sentido de algo usado para decidir um assunto disputado na sorte, e.g., dados] [Mt 27,35] // **15,26** - ἐπιγράφω [ἐπί + γράφω] [V 4; VD 53; PV 1-4] *inscrevo* [At 17,23] // **15,29** - κινέω [V 8; VD 153; PV 1-3, 5-6] *movo* [Mt 23,4]; οὐά [Inter] *ah* [hápax] // **15,32** - συσταυρόω [σύν + σταυρόω] [V 10; PV 1-3, 5-6] *crucifixo junto* [Mt 27,44]; ὀνειδίζω (ὀνειδίσω) [V 5; PV 1-3] *ultrajo, escarneço* [Mt 5,11]

15,33 - ἕνατος, -η, -ον [Adj 1] *nono* [Mt 20,5]; ἐλωΐ [N 32] *meu Deus* [aramaico] [Mt 27,46]; λεμά [Adv 1] *por quê?* [aramaico] [Mt 27,46]; σαβαχθανί [V 20] *abandonaste-me* [aramaico] [Mt 27,46] // **15,36** - σπόγγος, -ου, ὁ [N 6m] *esponja* [Mt 27,48]; ὄξος, -ους, τό [N 31] *vinho azedo, vinagre* [Mt 27,48]; καθαιρέω [κατά + αἱρέω] [V 8; VD 7; PV 1-3, 5-6] *desço* [Lc 1,52] // **15,37** - ἐκπνέω [ἐκ + πνέω] [V 8; VD 256; PV 1-3, 5-6] *expiro* [Lc 23,46] // **15,38** - καταπέτασμα, -ατος, τό [N 16] *cortina, véu* [Mt 27,51] // **15,39** - κεντυρίων, -ωνος, ὁ [N 21m] *centurião* [Mc 15,44] // **15,40** - Μαγδαληνή, -ῆς, ἡ [N 1] *Madalena, mulher de Magdala* [Mt 27,56]; Σαλώμη, -ης, ἡ [N 1] *Salomé* [Mc 16,1] // **15,41** - συναναβαίνω [σύν + ἀνά + βαίνω] [V 7; VD 31; PV 1-3] *subo com* [At 13,31]

15,42 - παρασκευή, -ῆς, ἡ [N 1] *dia da Preparação* [Mt 27,62]; προσάββατον, -ου, τό [N 7] *vigília do sábado* [hápax] // **15,43** - Ἰωσήφ, ὁ [N 32] *José* [Mt 27,57]; Ἀριμαθαία, -ας, ἡ [N 2] *Arimatéia* [Mt 27,57]; εὐσχήμων, -ων, -ον [Adj 11] *influente* [At 13,50]; βουλευτής, -οῦ, ὁ [N 4] *membro do conselho, do Sinédrio* [Lc 23,50] // **15,44** - πάλαι [Adv 2] *há tempo* [Mt 11,21] // **15,45** - δωρέομαι [V 8, 22; PV 2-3] *concedo* [2Pd 1,3] // **15,46** - ἐνειλέω [ἐν + εἰλέω] [V 8; VD 76; PV 1-3, 5-6] *envolvo* [hápax]; λατομέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *escavo* [Mt 27,60]; προσκυλίω [πρός + κυλίω] [V 1; VD 171; PV 1-3] *rolo* [Mt 27,60]

16,1 - διαγίνομαι [διά + γίνομαι] [V 7, 21, 22, 23; VD 49; PV 1-3] *passo* [tempo] [At 25,13]; ἄρωμα, -ατος, τό [N 16] *aroma* [Lc 23,56] // **16,3** - ἀποκυλίω [ἀπό + κυλίω] [V 1; VD 171; PV 1-3] *rolo* [Mt 28,2] // **16,8** - τρόμος, -ου, ὁ [N 6m] *tremor* [1Cor 2,3]

FINAL MAIS LONGO DE MARCOS: **16,10** - πενθέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *aflijo-me* [Mt 5,4] // **16,12** - μορφή, -ῆς, ἡ [N 1] *forma* [Fl 2,6] // **16,17** - παρακολουθέω [παρά + ἀκολουθέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *acompanho* [com dativo] [Lc 1,3] // **16,18** - θανάσιμος, -η, -ον [Adj 1] *mortífero* [hápax]; βλάπτω [V

4, 5; VD 41; PV 1-3] *prejudico* [Lc 4,35] // **16,20** - συνεργέω [σύν + raiz de ἔργον] [V 8; PV 1-3, 5-6] *coopero* [Rm 8,28]; βεβαιόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *confirmo* [Rm 15,8]; ἐπακολουθέω [ἐπί + ἀκολουθέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *acompanho* [com dativo] [1Tm 5,10]

FINAL MAIS CURTO DE MARCOS: συντόμως [Adv 2] *brevemente* [At 24,4]; ἐξαγγέλλω [ἐκ + ἀγγέλλω] [V 6; VD 2; PV 1-4] *divulgo* [1Pd 2,9]; ἀνατολή, -ῆς, ἡ [N 1] *levante* (do sol) [Mt 2,1]; δύσις, -εως, ἡ [N 28f] *poente* [hápax]; ἱερός, -ά, -όν [Adj 2] *santo, sagrado* [1Cor 9,13]; ἄφθαρτος, -ος, -ον [Adj 5] *incorruptível* [Rm 1,23]

Exercício.

Traduza para o grego:

E, tendo entrado no túmulo, viu jovens sentados, uns à direita e uns à esquerda, vestidos de túnicas brancas, e assustou-se. (Mc 16,5 e 15,27)

Lição 82

João 1,1-34.

João 1,1-34.

1,9 - φωτίζω (φωτίσω) [V 5; PV 1-3] *ilumino* [Lc 11,36]

1,14 - σκηνόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *habito* [Ap 7,15] // **1,18** - πώποτε [Adv 2] *sempre* [Lc 19,30]; κόλπος, -ου, ὁ [N 6m] *seio* [Lc 6,38]; ἐξηγέομαι [ἐκ + ἡγέομαι] [V 8, 22; VD 115; PV 2-3] *explico* [Lc 24,35]

1,19 - Λευ(ε)ίτης, -ου, ὁ [N 4] *levita* [Lc 10,32] // **1,22** - ἀπόκρισις, -εως, ἡ [N 28f] *resposta* [Lc 2,47] // **1,23** - εὐθύνω [V 7; PV 1-3] *endireito* [Tg 3,4]

1,29 - ἀμνός, -οῦ, ὁ [N 6m] *cordeiro* [At 8,32]

Exercício.

Traduza para o grego:

Sobre os que virdes os anjos descendo e permanecendo sobre eles, estes são os que batizam. (Jo 1,33)

Lição 83

João 1,35-2,12.

João 1,35-2,12.

1,42 - Κηφᾶς, -ᾶ, ὁ [N 33] *Cefas* [1Cor 1,12]; ἑρμηνεύω [V 1; PV 1-3] *interpreto* [Hb 7,2]

1,45 - Ναθαναήλ, ὁ [N 32] *Natanael* [Jo 21,2] // **1,47** - Ἰσραηλ(ε)ίτης, -ου, ὁ [N 4] *israelita* [At 2,22]

2,1 - Κανά, ἡ [N 32] *Caná* [Jo 21,2] // **2,6** - λίθινος, -η, -ον [Adj 1] *de pedra* [2Cor 3,3]; ὑδρία, -ας, ἡ [N 2] *jarra d'água* [Jo 4,28]; μετρητής, -οῦ, ὁ [N 4] *medida* [hápax] // **2,7** - ἄνω [Adv 1] *acima, de cima* [At 2,19] // **2,8** - ἀντλέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *tiro (água)* [Jo 4,7]; ἀρχιτρίκλινος, -ου, ὁ [N 6m] *garçom-chefe* [Jo 2,9] // **2,10** - μεθύσκω [V 2; PV 1-3] *embebedo* [Lc 12,45] [Encontra-se também μεθύω (V 1; PV 1-3), *estou bêbado* (Mt 24,49).]

Exercício.

Traduza para o grego:

No dia seguinte, de novo os discípulos de João e uma centena de seus amigos estavam lá, e, fixando o olhar na multidão que seguia, dizem: "Eis o povo sem pastor". (Jo 1,35-36)

Lição 84

João 2,13-3,21.

João 2,13-3,21.

2,14 - κερματιστής, -οῦ, ὁ [N 4] *cambista* [hápax] // **2,15** - φραγέλλιον, -ου, τό [N 7] *açoite, látego* [hápax]; σχοινίον, -ου, τό [N 7] *corda* [At 27,32]; κέρμα, -ατος, τό [N 16] *moeda* [hápax]; ἀνατρέπω [ἀνά + τρέπω] [V 4; VD 313; PV 1-4] *viro* [2Tm 2,18] // **2,16** - ἐντεῦθεν [Adv 1] *daqui* [Lc 4,9]; ἐμπόριον, -ου, τό [N 7] *mercado* [hápax]

3,1 - Νικόδημος, -ου, ὁ [N 6m] *Nicodemos* [Jo 7,50] // **3,4** - γέρων, -οντος, ὁ [N 22] *velho* [hápax] // **3,12** - ἐπίγειος, -ος, -ον [Adj 5] *terreno, da terra* [1Cor 15,40] // **3,20** - φαῦλος, -η, -ον [Adj 1] *sem valor, mau, ruim* [Rm 9,11]

Exercício.

Traduza para o grego:

Os próprios discípulos, porém, não confiavam nele porque conheciam todos, e porque não tinham necessidade de que alguém testemunhasse acerca do homem. (Jo 2,24-25)

Lição 85

João 3,22-4,42.

João 3,22-4,42.

3,22 - διατρίβω [διά + τρίβω] [V 4; VD 316; PV 1-3] *fico, permaneço* [intransitivo] [At 12,19] // **3,23** - Αἰνών, ἡ [N 32] *Enon* [hápax]; Σαλείμ, τό [N 32] *Salim* [hápax] // **3,25** - ζήτησις, -εως, ἡ [N 28f] *discussão* [At 15,2] // **3,29** - νύμφη, -ης, ἡ [N 1] *noiva* [Mt 10,35] // **3,30** - ἐλαττόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *diminuo* [Hb 2,7]

4,2 - καίτοιγε [Conj] *ainda que* [hápax] // **4,4** - Σαμάρ(ε)ια, -ας, ἡ [N 2] *Samaria* [Lc 17,11] // **4,5** - Συχάρ, ἡ [N 32] *Sicar* [hápax] // **4,6** - ὁδοιπορία, -ας, ἡ [N 2] *caminhada* [2Cor 11,26]

4,9 - Σαμαρῖτις, -ιδος, ἡ [N 14f] *samaritana* [hápax]; συγχράομαι [σύν + χράομαι] [V 9, 22; VD 342; PV 2-3, 6] *associo-me a* [hápax]; Σαμαρ(ε)ίτης, -ου, ὁ [N 4] *samaritano* [Mt 10,5] // **4,10** - δωρεά, -ᾶς, ἡ [N 2] *dom* [At 2,38] // **4,11** - ἄντλημα, -ατος, τό [N 16] *balde, vasilha* [hápax]; φρέαρ, -ατος, τό [N 16] *poço* [Lc 14,5]; βαθύς, -εῖα, -ύ [Adj 14] *profundo* [Lc 24,1] // **4,12** - θρέμμα, -ατος, τό [N 16] *animal doméstico* [hápax] // **4,14** - ἅλλομαι [V 6, 22; VD 14; PV 2-4] *jorro* [At 3,8] // **4,15** - ἐνθάδε [Adv 2] *para este lugar* [Lc 24,41]

4,23 - προσκυνητής, -οῦ, ὁ [N 4] *adorador* [hápax]

4,27 - μέντοι [Conj] *contudo* [2Tm 2,19]

4,31 - μεταξύ [Adv 2] *enquanto isso, entrementes* [At 13,42] [Esta palavra é também uma preposição com genitivo (Prep 1), *entre* (Mt 18,15).] // **4,32** - βρῶσις, -εως, ἡ [N 28f] *alimento* [Mt 6,19] // **4,35** - τετράμηνος, -ου, ὁ [N 6f] *quadrimestre* [hápax]

4,42 - λαλιά, -ᾶς, ἡ [N 2] *discurso* [Mt 26,73]

Exercício.

Traduza para o grego:

Se conhecêsseis os dons de Deus e quem são os que vos dizem: "Dai-nos de beber", vós teríeis pedido a eles e vos teriam dado água viva. (Jo 4,10)

Lição 86

João 4,43-5,30.

João 4,43-5,30.

4,46 - βασιλικός, -ή, όν [Adj 1] *real* [At 12,20] // **4,52** - πυνθάνομαι [V 7, 22; VD 267; PV 1-4] *pergunto, informo-me* [Mt 2,4]; κομψότερον [Adv 3] *melhor* [hápax]; ἕβδομος, -η, -ον [Adj 1] *sétimo* [Hb 4,4]

5,2 - κολυμβήθρα, -ας, ἡ [N 2] *tanque* [Jo 5,7]; ἐπιλέγω [ἐπί + λέγω] [V 2; VD 179; PV 1-4] *chamo* [hápax]; Ἑβραϊστί [Adv 3] *em hebraico / aramaico*, isto é, na linguagem dos judeus [Ap 9,11]; Βηθζαθά, ἡ [N 32] *Betesda* [Mt 11,21]; στοά, -ᾶς, ἡ [N 2] *pórtico* [cf. At 3,11] // [**5,4** - ταραχή, -ῆς, ἡ [N 1] *agitação* [hápax]; δήποτε [Adv 2] *de vez em quando* [hápax]; νόσημα, -ατος, τό [N 16] *enfermidade* [hápax]] // **5,5** - ὀκτώ [Adj 21] *oito* [Lc 2,21]

5,13 - ἐκνεύω [ἐκ + νεύω] [V 1; PV 1-3] *afasto-me* [hápax]

5,21 - ζῳοποιέω [V 8; VD 258; PV 1-3, 5-6] *faço viver, vivifico* [Rm 4,17]

Exercício.

Traduza para o grego:

Os enfermos responderam a eles: "Senhores, não temos homens que, quando as águas são agitadas, joguem-nos no tanque; de fato, enquanto vamos, outros descem antes de nós". (Jo 5,7)

Lição 87

João 5,31-6,21.

João 5,31-6,21.

5,35 - ἀγαλλιάω [V 9; VD 1; PV 1-3, 5-6] [também se encontra como deponente médio e passivo, ἀγαλλιάομαι (V 22, 23)] *alegro-me* [Mt 5,12; Lc 1,47; 10,21] // **5,37** - εἶδος, -ους, τό [N 31] *aparência, forma* [Lc 3,22] // **5,39** - ἐραυνάω [V 9; VD 93; PV 1-3, 5-6] *indago, examino* [Rm 8,27]

6,1 - Τιβεριάς, -άδος, ἡ [N 14f] *Tiberíades* [Jo 21,1] // **6,3** - ἀνέρχομαι [ἀνά + ἔρχομαι] [V 2, 22; VD 99; PV 2-3] *subo* [Gl 1,17] // **6,7** - ἀρκέω [V 8; VD 25; PV 1-3, 5-6] *basto* [Mt 25,9] // **6,9** - παιδάριον, -ου, τό [N 7] *rapazinho* [hápax]; κρίθινος, -η, -ον [Adj 1] *de cevada* [Jo 6,13]; ὀψάριον, -ου, τό [N 7] *peixinho* [Jo 21,9] // **6,12** - ἐμπί(μ)πλημι [ἐν + πί(μ)πλημι] [V 11; VD 244; PV 1-3, 7-8, 11] [também ἐμπιπλάω (V 9; VD 242; PV 1-3, 5-6)] *encho, sacio* [Lc 1,53] // **6,13** - βιβρώσκω [V 2, 21; VD 39; PV 1-3] *como* [hápax]

6,19 - εἴκοσι [Adj 21] *vinte* [Lc 14,31]

Exercício.

Traduza para o grego:

Os discípulos, então, levantando os olhos e vendo que muitos homens vêm a eles, dizem aos seus amigos: "Onde compraremos pão para que esses comam?" (Jo 6,5)

Lição 88

João 6,22-7,9.

João 6,22-7,9.

6,22 - συνεισέρχομαι [σύν + εἰς + ἔρχομαι] [V 2, 22; VD 99; PV 1-4] *entro com* [Jo 18,15] // **6,31** - μάννα, τό [N 32] *maná* [Hb 9,4]

6,41 - γογγύζω (γογγύσω) [V 5; VD 52; PV 1-3] *murmuro* [Mt 20,11] // **6,44** - ἕλκω [V 2; VD 84; PV 1-3] *atraio* [At 16,19] // **6,45** - διδακτός, -ή, -όν [Adj 1] *instruído* [1Cor 2,13]

6,52 - μάχομαι [V 2, 22; PV 2-3] *disputo, luto* [At 7,26] // **6,54** - τρώγω [V 2; PV 1-3] *como* [Mt 24,38] // **6,55** - πόσις, -εως, ἡ [N 28f] *bebida* [Rm 14,17]

6,60 - σκληρός, -ά, -όν [Adj 2] *duro* [Mt 25,24] // **6,62** - πρότερος, -α, -ον [Adj 2] *primeiro, passado* [Ef 4,22] [(τό) πρότερον (Adv 2) *primeiramente, antes* (Jo 9,8)]

7,2 - σκηνοπηγία, -ας, ἡ [N 2] *Festa das tendas ou tabernáculos* [hápax]

Exercício.

Traduza para o grego:

Depois disso, um dos seus discípulos voltou atrás e não andava mais com ele. (Jo 6,66)

Lição 89

João 7,10-8,11.

João 7,10-8,11.

7,12 - γογγυσμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *murmúrio* [At 6,1]

7,14 - μεσόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *estou no meio, na metade* [hápax] // **7,17** - πότερον [Adv 3] *se* (disjuntivo) [hápax] // **7,22** - περιτέμνω [περί + τέμνω] [V 7; VD 307; PV 1-3] *circuncido* [Lc 1,59] // **7,23** - χολάω [V 9] *estou irado com* [com dativo] [hápax] // **7,24** - ὄψις, -εως, ἡ [N 28f] *aspecto exterior, face* [Jo 11,44]

7,30 - πιάζω (πιάσω) [V 5; VD 241] *agarro* [At 3,7] // **7,35** - διασπορά, -ᾶς, ἡ [N 2] *diáspora* [Tg 1,1]

7,38 - ῥέω [V 8; VD 271; PV 1-3, 5-6] *fluo, jorro* [hápax]

7,42 - Βηθλέεμ, ἡ [N 32] *Belém* [Mt 2,1]

7,49 - ἐπάρατος, -η, -ον [Adj 1] *maldito* [hápax]

8,2 - ὄρθρος, -ου, ὁ [N 6m] *aurora* [Lc 24,1] // **8,4** - αὐτόφωρος, -ος, -ον [Adj 5] *em flagrante* [hápax] // **8,5** - λιθάζω (λιθάσω) [V 5; PV 1-3] *apedrejo* [Jo 10,31] // **8,6** - καταγράφω [κατά + γράφω] [V 4; VD 53; PV 1-4] *escrevo* [hápax] // **8,7** - ἀνακύπτω [ἀνά + κύπτω] [V 4, 5; VD 173; PV 1-3] *levanto-me* (oposto a inclino-me) [Lc 13,11]; ἀναμάρτητος, -ος, -ον [Adj 5] *sem pecado* [hápax] // **8,8** - κατακύπτω [κατά + κύπτω] [V 4, 5; VD 173; PV 1-3] *inclino-me* [hápax]

Exercício.

Traduza para o grego:

Estando já o mês na metade, os discípulos subiram ao templo e ensinavam. Os judeus então se maravilhavam, dizendo: "Como estes conhecem as Escrituras sem ter estudado?" (Jo 7,14-15)

Lição 90

João 8,12-9,12.

João 8,12-9,12.

8,29 - ἀρεστός, -ή, -όν [Adj 1] *agradável* [At 6,2]

8,32 - ἐλευθερόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *liberto* [Rm 6,18]

8,44 - ἀνθρωποκτόνος, -ος, -ον [Adj 5] *homicida* [1Jo 3,15]

9,1 - γενετή, -ῆς, ἡ [N 1] *nascimento* [hápax] // **9,6** - χαμαί [Adv 1] *no chão* [Jo 18,6]; πηλός, -οῦ, ὁ [N 6m] *lama* [Rm 9,21]; πτύσμα, -ατος, τό [N 16] *saliva* [hápax]; ἐπιχρίω [ἐπί + χρίω] [V 1; VD 344; PV 1-3] *aplico sobre* [Jo 9,11] // **9,7** - Σιλωάμ, ὁ [N 32] *Siloé* [Lc 13,4] // **9,8** - προσαιτέω [πρός + αἰτέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *mendigo* [hápax]

Exercício.

Traduza para o grego:

Se Deus fosse teu pai, me amarias. (Jo 8,42)

Lição 91

João 9,13-10,21.

João 9,13-10,21.

9,21 - ἡλικία, -ας, ἡ [N 2] *idade* [Mt 6,27] // **9,22** - συντίθημι [σύν + τίθημι] [V 12, 21; VD 309; PV 1-3, 7-8, 11] ativo: *estabeleço, ponho junto*; médio: *combino, faço um acordo* [Lc 22,5]; ἀποσυνάγωγος, -ος, -ον [Adj 5] *expulso da sinagoga* [Jo 12,42]

9,28 - λοιδορέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *insulto* [At 23,4] // **9,31** - θεοσεβής, -ής, -ές [Adj 15] *temente a Deus* [hápax]

10,1 - ἀλλαχόθεν [Adv 1] *de outro lugar* [hápax] // **10,6** - παροιμία, -ας, ἡ [N 2] *similitude, parábola* [2Pd 2,22]

10,9 - νομή, -ῆς, ἡ [N 1] *pasto, pastagem* [2Tm 2,17] // **10,12** - λύκος, -ου, ὁ [N 6m] *lobo* [Mt 7,15]; σκορπίζω (σκορπίσω) [V 5; PV 1-3] *disperso* [Mt 12,30] // **10,16** - ποίμνη, -ης, ἡ [N 1] *rebanho* [Mt 26,31]

10,20 - μαίνομαι [V 7, 22, 23; PV 2-3] *deliro* [At 12,15]

Exercício.

Traduza para o grego:

Os homens responderam e lhe disseram: "Pois nisto de fato está o espantoso, que tu não sabes de onde são, mas abriram os nossos olhos". (Jo 9,30)

Lição 92

João 10,22-11,44.

João 10,22-11,44.

10,22 - ἐγκαίνια, -ων, τά [N 7] *Festa da Dedicação* [hápax] // **10,23** - Σολομών, -ῶνος, ὁ [N 21m] *Salomão* [Mt 1,6] // **10,24** - κυκλόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *rodeio* [Lc 21,20]

11,1 - Λάζαρος, -ου, ὁ [N 6m] *Lázaro* [Lc 16,20]; Μάρθα, -ας, ἡ [N 2] *Marta* [Lc 10,38] // **11,2** - ἐκμάσσω [ἐκ + μάσσω] [V 3; VD 188] *enxugo* [Lc 7,38] // **11,9** - προσκόπτω [πρός + κόπτω] [V 4, 5; VD 161; PV 1-3] intransitivo: *tropeço* [Mt 4,6] // **11,11** - ἐξυπνίζω [ἐκ + ὑπνίζω] (ἐξυπνίσω) [V 5; PV 1-3] *desperto* (*alguém*) *do sono* [hápax] // **11,13** - κοίμησις, -εως, ἡ [N 28f] *repouso* [hápax]; ὕπνος, -ου, ὁ [N 6m] *sono* [Mt 1,24] // **11,16** - Δίδυμος, -ου, ὁ [N 6m] *Gêmeo* [Jo 20,24]; συμμαθητής, -οῦ, ὁ [N 4] *condiscípulo* [hápax]

11,18 - δεκαπέντε [Adj 21] *quinze* [At 27,28] // **11,19** - παραμυθέομαι [παρά + μυθέομαι] [V 8, 23; PV 3] *consolo* [1Ts 2,12] // **11,20** - καθέζομαι [A etimologia é κατά + ἕζομαι, mas o aumento é posto antes de κατά no Novo Testamento: Mt 26,55, ἐκατεζόμην] (καθεσθήσομαι) [V 5, 23; VD 137; PV 3] *fico* [literalmente: *sento*] [Mt 26,55]

11,28 - λάθρᾳ [Adv 3] *secretamente* [Mt 1,19] // **11,35** - δακρύω [V 1; PV 1-3] *choro* [hápax]

11,38 - ἐπίκειμαι [ἐπί + κεῖμαι] [V 17; VD 148] *sobreponho* [Lc 5,1] // **11,39** - ὄζω (ὄσω) [V 5; PV 1-3] *tenho mau cheiro* [hápax]; τεταρταῖος, -α, -ον [Adj 2] *de quatro dias* [hápax] // **11,42** - περιίστημι [περί + ἵστημι [V 11; VD 134; PV 1-3, 7-8, 11] transitivo: *ponho em tòrno*; intransitivo: *estou em torno* [At 25,7] // **11,43** - κραυγάζω (κραυγάσω) [V 5; PV 1-3] *grito* [Mt

12,19] // **11,44** - κειρία, -ας, ἡ [N 2] *faixa* [hápax]; σουδάριον, -ου, τό [N 7] *sudário* [Lc 19,20]; περιδέω [περί + δέω] [V 8; VD 59; PV 1-3, 5-6] *envolvo* [hápax]

Exercício.

Traduza para o grego:

Então, quando os discípulos ouviram que seus amigos estavam doentes, ficaram nos lugares em que estavam por três dias. (Jo 11,6)

Lição 93

João 11,45-12,43.

João 11,45-12,43.

11,48 - Ῥωμαῖος, -α, -ον [Adj 2] *romano* [At 2,10] // **11,49** - Καϊάφας, -α, ὁ [N 33] *Caifás* [Mt 26,3]

11,54 - Ἐφραίμ, ὁ [N 32] *Efraim* [hápax]

11,55 - ἁγνίζω (ἁγνίσω) [V 5; PV 1-3] *purifico* [At 21,24] // **11,57** - μηνύω [V 1; PV 1-3] *denuncio* [Lc 20,37]

12,3 - λίτρα, -ας, ἡ [N 2] *libra (romana)* [Jo 19,39]; πολύτιμος, -ος, -ον [Adj 5] *caro* [Mt 13,46]; ὀσμή, -ῆς, ἡ [N 1] *perfume* [2Cor 2,14] // **12,6** - γλωσσόκομον, -ου, τό [N 7] *caixa, bolsa de dinheiro* [Jo 13,29]

12,13 - βαΐον, -ου, τό [N 7] *ramo de palmeira* [hápax]; φοῖνιξ, -ικος, ὁ [N 8m] [também φοίνιξ] *palmeira, ramo de palmeira* [Ap 7,9] // **12,14** - ὀνάριον, -ου, τό [N 7] *jumentinho* [hápax] // **12,15** - ὄνος, -ου, ὁ/ἡ [N 6m, 6f] *jumento* [Mt 21,2]

12,33 - σημαίνω [V 7; VD 281; PV 1-3] *indico, dou um sinal* [Ap 1,1]

12,40 - τυφλόω [V 10; PV 1-3, 5-6] *cego* [2Cor 4,4]

12,42 - ὅμως [Adv 3] *contudo* [1Cor 14,7] // **12,43** - ἤπερ [Conj] *do que* [forma reforçada de ἤ] [hápax]

Exercício.

Traduza para o grego:

Os que amam a si mesmos [as próprias almas] se perdem [as perdem], e os que se odeiam neste mundo se guardarão para a vida eterna. (Jo 12,25)

Lição 94

João 12,44-13,38.

João 12,44-13,38.

13,4 - λέντιον, -ου, τό [N 7] *toalha* [Jo 13,5]; διαζώννυμι [διά + ζώννυμι] [V 14; VD 114; PV 1-3, 9, 12] *cinjo* [Jo 21,7] // **13,10** - λούω [V 1; VD 183; PV 1-3] *lavo* [At 9,37]

13,18 - πτέρνα, -ης, ἡ [N 3] *calcanhar* [hápax]

13,24 - νεύω [V 1; PV 1-3] *aceno* [com dativo] [At 24,10] // **13,25** - στῆθος, -ους, τό [N 31] *peito* [Lc 18,13] // **13,26** - βάπτω [V 4, 5; VD 34; PV 1-3] *embebo* [Lc 16,24]; ψωμίον, -ου, τό [N 7] *pedaço de pão* [Jo 13,27]

13,33 - τεκνίον, -ου, τό [N 7] *filhinho* [1Jo 2,1]

Exercício.

Traduza para o grego:

Em verdade, em verdade vos digo: não há servos maiores do que seus senhores, nem enviados maiores do que aqueles que os enviaram. (Jo 13,16)

Lição 95

João 14,1-15,27.

João 14,1-15,27.

14,2 - μονή, -ῆς, ἡ [N 1] *morada, habitação* [Jo 14,23]

14,18 - ὀρφανός, -ή, -όν [Adj 1] *só; órfão* [Tg 1,27] // **14,21** - ἐμφανίζω [ἐν + φανίζω] (ἐμφανίσω) [V 5; PV 1-3] *manifesto* [Mt 27,53]

14,26 - ὑπομιμνήσκω [ὑπό + μιμνήσκω] [V 2, 21; VD 200; PV 1-3] *recordo* [Lc 22,61] // **14,27** - δειλιάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *sou covarde, tímido* [hápax]

15,2 - κλῆμα, -ατος, τό [N 16] *ramo* [Jo 15,4]

15,25 - δωρεάν [Adv 3] *gratuitamente, sem motivo* [Mt 10,8]

15,26 - παράκλητος, -ου, ὁ [N 6m] *intercessor, paráclito* [1Jo 2,1]

Exercício.

Traduza para o grego:

Se permaneceres em mim e minha palavra permanecer em ti, pede o que quiseres, e acontecerá para ti. (Jo 15,7)

Lição 96

João 16,1-17,26.

João 16,1-17,26.

16,2 - λατρεία, -ας, ἡ [N 2] *culto* [Rm 9,4]

16,13 - ὁδηγέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *guio* [Mt 15,14]

16,20 - θρηνέω [V 8; PV 1-3, 5-6] *lamento* [Mt 11,17]

Exercício.

Traduza para o grego:

E tu agora tens tristeza; mas te verei de novo, e o teu coração se alegrará, e ninguém tirará de ti a tua alegria. (Jo 16,22)

Lição 97

João 18,1-40.

João 18,1-40.

18,1 - χείμαρρος, -α, -ον [Adj 2] [também encontrado como χειμάρρους, -α, -ουν (Adj 4)] *corrente, fluxo*, como substantivo, o leito de um arroio ou *wadi* [N 6m] [hápax]; Κεδρών, ὁ [N 32] *Cedron* [hápax]; κῆπος, -ου, ὁ [N 6m] *jardim* [Lc 13,19] // **18,3** - φανός, -οῦ, ὁ [N 6m] *lanterna* [hápax]; ὅπλον, -ου, τό [N 7] *arma* [Rm 6,13] // **18,5** - Ναζωραῖος, -ου, ὁ [N 6m] *nazareno, nazareu* [Mt 2,23] // **18,10** - Μάλχος, -ου, ὁ [N 6m] *Malco* [hapax] // **18,11** - θήκη, -ης, ἡ [N 1] *bainha* (de uma espada) [hápax]

18,13 - Ἄννας, -α, ὁ [também encontrado como Ἄννας] [N 33] *Anás* [Lc 3,2]; πενθερός, -οῦ, ὁ [N 6m] *sogro* [hápax] // **18,14** - συμβουλεύω [σύν + βουλεύω] [V 1; PV 1-3] *aconselho* [com dativo] [Mt 26,4]

18,18 - ἀνθρακιά, -ᾶς, ἡ [N 2] *fogueira* [Jo 21,9]; ψῦχος, -ους, τό [N 31] *frio* [At 28,2]

18,28 - μιαίνω [V 7; PV 1-3] *contamino* [Tt 1,15] // **18,29** - κατηγορία, -ας, ἡ [N 2] *acusação* [1Tm 5,19] // **18,36** - ἀγωνίζομαι (ἀγωνίσομαι) [V 5, 22; PV 2-3] *combato* [Lc 13,24] // **18,37** - οὐκοῦν [Adv 3] *assim, então* [hápax]

18,39 - συνήθεια, -ας, ἡ [N 2] *costume* [1Cor 8,7]

Exercício.

Traduza para o grego:

Nós falamos abertamente ao mundo; nós ensinamos todo o tempo na sinagoga e no templo, onde nossos inimigos se reúnem, e nada dissemos em segredo. (Jo 18,20)

Lição 98

João 19,1-42.

João 19,1-42.

19,5 - φορέω [V 8; VD 332; PV 1-3, 5-6] *porto, trago* [Mt 11,8]

19,12 - ἀντιλέγω [ἀντί + λέγω] [V 2; VD 179; PV 1-4] *contradigo* [com dativo] [Lc 2,34]

19,13 - βῆμα, -ατος, τό [N 16] *tribunal* [Mt 27,19]; Λιθόστρωτον, -ου, τό [N 7] *Pavimento* [hápax]; Γαββαθᾶ [palavra aramaica] [N 32] *Gábata* [hápax]

19,19 - τίτλος, -ου, ὁ [N 6m] *letreiro* [Jo 19,20] // **19,20** - Ῥωμαϊστί [Adv 3] *em latim* [hapax]; Ἑλληνιστί [Adv 3] *em grego* [At 21,37]

19,23 - ἄραφος, -ος, -ον [Adj 5] *sem costura* [hápax]; ὑφαντός, -ή, -όν [Adj 1] *tecido* [hápax] // **19,24** - λαγχάνω [V 7; VD 174; PV 1-4] *tiro a sorte* [Lc 1,9]; ἱματισμός, -οῦ, ὁ [N 6m] *veste* [Lc 7,25] // **19,25** - Κλωπᾶς, -ᾶ, ὁ [N 33] *Cléofas* [hápax]

19,29 - μεστός, -ή, -όν [Adj 1] *cheio* [Mt 23,28]; ὕσσωπος, -ου, ὁ / ἡ [N 6m, N 6f] [também encontrado como ὕσσωπον, -ου, τό (N 7)] *hissopo* (planta aromática) [Hb 9,19] // **19,30** - κλίνω [V 7; VD 103; PV 1-3] *inclino* [Mt 8,20]

19,31 - κατάγνυμι [κατά + ἄγνυμι] [V 14; VD 3 (O prefixo tornou-se parte do radical.); PV 1-4, 9, 12] *quebro* [Mt 12,20]; σκέλος, -ους, τό [N 31] *perna* [Jo 19,32] // **19,34** - λόγχη, -ης, ἡ [N 1] *lança* [hápax]; πλευρά, -ᾶς, ἡ [N 2] *flanco, lado* [At 12,7]; νύσσω [V 3; VD 208; PV 1-4] *furo, firo* [hápax] // **19,36** - ὀστοῦν, -οῦ, τό [N 33] [também encontrado como ὀστέον, -ου, τό

(N 7)] *osso* [Mt 23,27] // **19,37** - ἐκκεντέω [ἐκ + κεντέω] [V 8; PV 1-3, 5-6] *traspasso* [Ap 1,7]
19,39 - μίγμα, -ατος, τό [N 16] *mistura* [hápax]; σμύρνα, -ης, ἡ [N 3] *mirra* [Mt 2,11]; ἀλόη, -ης, ἡ [N 1] *aloé* [hápax] // **19,40** - ὀθόνιον, -ου, τό [N 7] *lençol, bandagem de linho* [Lc 24,12]

Exercício.

Traduza para o grego:

Então o judeu, porque era a Preparação, para que o corpo não ficasse na cruz no sábado – pois era grande aquele dia de sábado –, pediu a Pilatos que lhe quebrassem as pernas e que fosse retirado. (Jo 19,31)

Lição 99

João 20,1-31.

João 20,1-31.

20,4 - προτρέχω [πρό + τρέχω] [V 2; VD 315; PV 1-4] *corro adiante* [Lc 19,4] // **20,5** - παρακύπτω [παρά + κύπτω] [V 4, 5; VD 173; PV 1-3] *incli-no-me* [Lc 24,12] // **20,7** - ἐντυλίσσω [ἐν + τυλίσσω] [V 3; VD 318] *enrolo* [Mt 27,59]

20,15 - κηπουρός, -οῦ, ὁ [N 6m] *jardineiro* [hápax]

20,22 - ἐμφυσάω [ἐν + φυσάω] [V 9; PV 1-3, 5-6] *sopro* [hápax]

20,25 - ἧλος, -ου, ὁ [N 6m] *cravo* [Jo 20,25]

Exercício.

Traduza para o grego:

E os anjos dizem a elas: "Mulheres, por que chorais?" Dizem-lhes: "Reti-raram o nosso Senhor, e não sabemos onde o puseram". (Jo 20,13)

Lição 100

João 21,1-25.

João 21,1-25.

21,3 - ἁλιεύω [V 1; PV 1-3] *pesco* [hápax] // **21,4** - πρωΐα, -ας, ἡ [N 2] *manhã* [Mt 27,1]; αἰγιαλός, -οῦ, ὁ [N 6m] *praia* [Mt 13,2] // **21,5** - προσφάγιον, -ου, τό [N 7] *algo para comer* [hápax] // **21,7** - ἐπενδύτης, -ου, ὁ [N 4] *sobreveste* [hápax] // **21,8** - πῆχυς, -εως, ὁ [N 33] *cúbito, côvado* [Mt 6,27]; σύρω [V 6; PV 1-3] *arrasto* [At 8,3] // **21,9** - ἀποβαίνω [ἀπό + βαίνω] [V 7; VD 31; PV 1-3] *desembarco* [Lc 5,2] // **21,12** - ἀριστάω [V 9; PV 1-3, 5-6] *faço o desjejum* [Lc 11,37]; ἐξετάζω [ἐκ + ἐτάζω] (ἐξετάσω) [V 5; PV 1-5] *pergunto* [Mt 2,8]

21,16 - ποιμαίνω [V 7; VD 259; PV 1-3] *apascento* [Mt 2,6] // **21,18** - ζώννυμι [V 14; VD 71; PV 1-3, 9, 12] [também encontrado como ζωννύω (V 1; VD 114; PV 1-3)] *cinjo* [At 12,8]; γηράσκω [V 2; VD 48; PV 1-3] *envelheço* [Hb 8,13]

21,25 - οἶμαι [forma sincopada de οἴομαι] [V 1, 22; VD 134; PV 2-3] *penso, acho* [Fl 1,17]

Exercício.

Traduza para o grego:

Em verdade, em verdade vos digo: quando éreis jovens, vós vos cingíeis e andáveis por onde queríeis; mas, quando envelhecerdes, estendereis as mãos, e um outro vos cingirá e vos levará aonde não quereis. (Jo 21,18)

Apêndice

Aspecto no sistema verbal grego.

Introdução

Para concluir até mesmo um conhecimento introdutório do complexo problema do "aspecto" no sistema verbal do Novo Testamento grego, é apropriado situar o tópico em seu contexto morfológico e semântico de raiz, radical, voz, aspecto e tempo.

I. Raiz

A raiz de um verbo é constituída de letras que dão ao verbo sua identidade semântica. Por exemplo, λυ- é a raiz do verbo λύω e dá a toda forma verbal em que ela se encontra a identidade semântica básica ou significado de *soltar*. (A forma infinitiva é escolhida em português para indicar o significado, por ser a mais abstrata das formas verbais tanto em grego quanto em português.) Assim também, por exemplo, γραφ- é a raiz para γράφω e dá a todas as formas verbais desse verbo o significado semântico básico de *escrever*, e πιστευ- é a raiz para πιστεύω e dá a todas as formas verbais desse verbo o significado semântico básico de *crer*. A raiz não existe por si mesma, é claro, mas sempre em alguma forma verbal específica, que tem voz, modo e tempo. Se for um infinitivo, estes serão todos os atributos que terá. Se a forma verbal for um particípio, isto é, um adjetivo verbal, ele terá voz, modo e tempo, e ainda gênero, número e caso. E se a forma verbal for um dos outros modos – indicativo, subjuntivo, imperativo, optativo – ela terá voz, modo e tempo, mais pessoa e número.

É importante saber que nem todos os verbos são regulares como λύω, γράφω e πιστεύω. Alguns verbos são irregulares porque a raiz básica muda em diferentes sistemas de tempo. O verbo λέγω, por exemplo, tem a raiz λέγ- no sistema do presente da voz ativa, a raiz ἐρ- no sistema do futuro da voz ativa, e a raiz εἰπ- no sistema do aoristo da voz ativa. Portanto, é preciso

aprender que essas três raízes bem diferentes têm o mesmo valor semântico básico, de acordo com os diferentes sistemas de tempo e voz. Tais verbos "irregulares" encontram-se nesta gramática listados sob a categoria "Verbos Difíceis" (VD).

II. Radical

O radical de um verbo é a modificação da raiz para indicar aspecto e voz. Assim, o verbo λύω, cuja raiz é λυ-, tem o radical presente ativo λυ-, o radical futuro ativo λυσ-, o radical aoristo ativo λυσ(α)-, e o radical perfeito ativo λελυκ-. (Ambigüidade, como nos radicais do futuro ativo e do aoristo ativo de λύω, resolve-se pelas desinências e outros aspectos do contexto.) Na voz média, o radical presente é λυ-, o futuro é λυσ-, o aoristo é λυσ(α)-, e o perfeito é λελυ-. Na voz passiva, o radical presente é λυ-, o futuro é λυθησ-, o aoristo é λυθη-, e o perfeito é λελυ-. Ambigüidades com relação às vozes média e passiva – que são idênticas quanto à forma – são possíveis para as formas dos sistemas de tempo presente e perfeito, mas normalmente se resolvem pelos elementos no contexto.

III. Voz

Voz é a categoria gramatical que indica a relação entre o sujeito de um verbo e a ação que o verbo expressa. Em grego, há três vozes: 1) A voz ativa indica que o sujeito real de uma ação expressa por um verbo é o mesmo que o sujeito gramatical dessa ação. Assim, *Eu pego o livro* é um exemplo de verbo, *pegar*, na voz ativa, porque *eu* é o sujeito real da ação (*eu* sou o que age) e é também o sujeito gramatical da oração. 2) A voz passiva indica que o sujeito real da ação expressa pelo verbo não é o mesmo que o sujeito gramatical dessa ação. A oração *O livro é pego por mim* é um exemplo de um verbo, *pegar*, na voz passiva, porque o sujeito real da ação, *eu*, não é o sujeito gramatical da oração. 3) A voz média indica que o sujeito real e o gramatical coincidem, como na voz ativa, mas além disso o sujeito tem uma relação especial com a ação expressa pelo verbo. Tal relação pode ser, por exemplo, reflexiva, como em *Eu me lavo*, oposto a *Eu lavo a criança*. Ou então a voz média pode expressar uma convenção idiomática, como o uso do verbo grego *sou o primeiro* (ἄρχω), que, usado na voz média, significa *começo*. No Novo Testamento grego o uso da voz média é limitado.

IV. Aspecto

A. Os aspectos presente e aoristo

Aspecto é um termo que, nas atuais discussões sobre o Novo Testamento grego, gera diferentes opiniões. O iniciante deveria estar atento a tais diferenças e receber de modo particularmente crítico muito do que foi estabelecido sobre aspecto, incluindo muito do que se encontra estabelecido nesta gramática. Além disso, nesta gramática será adotada uma abordagem do problema que não procura veicular ao estudante a base histórica do sistema verbal grego, uma base que era provavelmente desconhecida dos autores do Novo Testamento e que não lhes serviu como guia em sua obra. Esta abordagem será baseada na tentativa de ver esse tão discutido problema do aspecto como os próprios autores parecem ter visto.

Nesta gramática, o aspecto será definido como a categoria gramatical que expressa o ponto de vista do falante sobre a ação intrínseca do verbo, isto é, a ação do verbo veiculada diretamente pelo radical, sem indicações a mais.

O aspecto presente é veiculado pelo radical do presente e indica que a ação do verbo é vista como inacabada. Quer dizer, a ação é vista de dentro, como era, continuando. O aspecto aoristo é veiculado pelo radical do aoristo e indica que a ação do verbo é vista como terminada. Quer dizer, ação que é vista de fora, como foi, e não continuando. Esses são os dois principais aspectos do verbo grego no Novo Testamento. A maior parte das formas verbais ou são do presente ou são do aoristo, e a sutil inter-relação de aspectos inacabados (isto é, presente) e acabados (isto é, aoristo) é uma das estruturas básicas de todos os textos do Novo Testamento.

Assim, por exemplo, na oração ἀπόλυε τοὺς δούλους, *Liberta os escravos*, ἀπόλυε, um imperativo presente, é traduzido como *liberta* com a implicação de que o radical do presente está veiculando a idéia de uma ação vista como inacabada, isto é, ela continua. Na oração ἀπόλυσον τοὺς δούλους, *Liberta os escravos*, ἀπόλυσον, um aoristo do imperativo, é traduzido como *liberta,* implicando que o radical do aoristo está veiculando a idéia de uma ação vista como acabada, isto é, ela não continua. Neste exemplo, a língua portuguesa não expressa as categorias de acabado ou não acabado pela forma verbal, e deve servir-se de outros meios para isso, se o falante o quiser.

B. O aspecto perfeito

O aspecto perfeito é veiculado pelo radical do perfeito e indica que a ação do verbo é vista como anterior de algum modo, e resultou em uma conclusão

que permanece. Assim, por exemplo, na oração ἔρχομαι ἀπολελυκὼς τοὺς δούλους, *Venho, tendo libertado os escravos*, o particípio perfeito ἀπολελυκώς indica que a ação de libertar foi anterior ao ato de vir e que o ato de libertar é visto como que contínuo em seu resultado, de modo que sou uma pessoa permanentemente vista como alguém que realizou essa ação de libertar. Normalmente, na maior parte do tratamento do perfeito, a conclusão resultante é enfatizada antes da ação anterior sobre a qual está baseada. Nesta gramática, a prioridade da ação será enfatizada antes do estado resultante que permanece. O aspecto perfeito é muito menos usado do que o presente ou o aoristo, e então não está envolvido, ao menos na mesma extensão, em uma constante inter-relação de contrastes, como esses dois aspectos.

C. O aspecto futuro

Em muitos tratamentos do sistema verbal grego, o radical do futuro não é visto como expressando um aspecto do mesmo modo que os outros três radicais. O radical do futuro é normalmente visto como não expressando aspecto, mas simplesmente indicando valor temporal, envolvendo de algum modo o futuro. Certamente o radical do futuro é mais obviamente temporal do que os outros radicais. Mas é duvidoso que os autores do Novo Testamento tenham feito distinção entre aspecto no verdadeiro sentido (presente, aoristo, perfeito) e não-aspecto (futuro), dado que usaram radicais distintos para expressar cada um dos quatro, sem elaboração posterior. Daí vermos, nesta gramática, o aspecto futuro emparelhado com os outros três aspectos.

O aspecto futuro indica ação subseqüente de algum modo. Assim, na oração ἔρχομαι ἀπολύσων τοὺς δούλους, *Venho para libertar os escravos*, ἀπολύσων, o particípio futuro, é usado para indicar que a ação de libertar é subseqüente à ação de vir e, por implicação, tem indicação de intento ou propósito. (Nem todos os usos do futuro indicam propósito, é claro. De fato, bem poucos o fazem. Mas esse uso sublinha o fato de que os autores do Novo Testamento viram que o radical do futuro indicava de algum modo ação subseqüente.) Da mesma forma que o aspecto perfeito, o futuro é relativamente pouco freqüente, comparado com o presente e o aoristo.

V. Tempo

A palavra "tempo" é outro termo usado em conexão com verbos gregos. Deve-se ter cautela no entendimento do que está sendo expresso por esse termo, pois ele é fundamentalmente ambíguo e é usado em dois sentidos distintos, embora relacionados.

A. Tempo no modo indicativo

No modo indicativo e apenas no modo indicativo, a palavra "tempo" indica o tempo da fala, tanto passado e presente quanto futuro. Esse tempo é indicado pelo aspecto, isto é, o radical, mais o aumento para o passado. No presente do indicativo, o tempo é considerado simultâneo ao ato da fala: ἀπολύω τοὺς δούλους – liberto os escravos enquanto falo. O radical do presente está veiculando a idéia de uma ação vista como inacabada, isto é, como que contínua. No aoristo do indicativo, o tempo é considerado completamente passado em relação ao ato da fala: ἀπέλυσα τοὺς δούλους – eu libertei os escravos em algum ponto no passado: o radical do aoristo indica ação vista como acabada, isto é, vista como não contínua. O aumento indica que essa ação acabada é vista como tendo acontecido no passado em relação ao tempo em que se dá a fala.

No perfeito do indicativo, o tempo é considerado anterior em relação ao ato da fala: ἀπολέλυκα τοὺς δούλους – eu tenho libertado os escravos em algum ponto anterior à minha fala, com a implicação de que eles permanecem livres no momento da minha fala. (Essa implicação de presente resultante de uma ação anterior normalmente distingue a forma do perfeito da do aoristo: no aoristo não há implicação no próprio verbo de que os escravos permaneçam livres no momento da fala, embora isso às vezes seja indicado por alguma palavra ou palavras no contexto.) No futuro do indicativo, o tempo é considerado subseqüente em relação ao ato da fala: o radical do futuro indica ação subseqüente: ἀπολύσω τοὺς δούλους – eu libertarei os escravos em algum ponto subseqüente à minha fala.

O radical do presente pode também ser usado com aumento para indicar uma ação inacabada na passado: ἀπέλυον τοὺς δούλους, *Eu libertava os escravos* – em algum ponto no passado, eu estava comprometido no ato de libertar os escravos, e esse ato é visto como inacabado. Talvez fosse eventualmente acabado, talvez não; a própria forma verbal (o radical do presente usado com aumento, isto é, o imperfeito) é reveladora a esse respeito.

A origem histórica do tempo futuro é diferente da dos tempos presente, aoristo e perfeito, e como tal freqüentemente lhe é dado tratamento especial. Mas, como foi dito antes, em uma gramática para iniciantes parece melhor ver o tempo futuro como pareceu aos autores do Novo Testamento, como uma ferramenta para expressar ação subseqüente equivalendo a outras ferramentas necessárias para expressar outros tipos de categorias verbais envolvendo tempo.

Além disso, a ação subseqüente do verbo indicada pelo radical do futuro normalmente parece não especificada, como para continuar, não continuar ou

ação perfeita. Essa não-especificidade é freqüentemente tomada para indicar relação com o tempo aoristo, que mostra notáveis similaridades com o futuro em sua morfologia. Nesse ponto de vista, o aoristo, como o futuro, não é específico em relação ao tipo de ação do verbo; ambos, futuro e aoristo, simplesmente indicam o acontecimento do verbo, sem nuança adicional: ambos, futuro e aoristo, são "indefinidos" (ἀόριστος, *indefinido*). Para o autor desta gramática, os autores do Novo Testamento parecem ter visto o tempo futuro como não específico, como para continuar, não continuar ou ação perfeita. Mas os autores do Novo Testamento parecem ter visto o aoristo como expressando ação vista como acabada, isto é, que não continua, como se explicou antes, não obstante a designação "aoristo".

Tempo passado	tempo imperfeito (radical do presente – ação não acabada no passado)
	tempo aoristo (radical do aoristo – ação acabada no passado)
Tempo perfeito	tempo perfeito (radical do perfeito – ação anterior, o efeito do que usualmente continua no presente como resultado que dura)
Tempo presente	tempo presente (radical do presente)
Tempo futuro	tempo futuro (radical do futuro)

Note-se que no esboço dado acima o aspecto do verbo é sempre veiculado pelo radical, e como tal é fator essencial determinante para o tempo. As desinências (e, no caso dos tempos passados, o aumento) mostram que o modo é indicativo. Assim o leitor sabe que o aspecto envolvido indica tempo verdadeiro, isto é, indica explicitamente tempo em relação ao momento da fala. Conseqüentemente, no modo indicativo, aspecto e tempo são distintos, embora não separáveis.

B. "Tempo" nos modos não-indicativos

1. "Tempo" nos modos imperativo, subjuntivo e optativo

Nos outros modos além do indicativo, isto é, no imperativo, subjuntivo, optativo, infinitivo e particípio, a palavra "tempo" não indica tempo em relação ao momento da fala. Antes, ela é sinônimo de aspecto. Assim, no modo imperativo, o tempo presente indica simplesmente que a ação referida está

sendo vista como inacabada: ἀπόλυε τοὺς δούλους, *Vá libertando os escravos*, ou seja, é ordenado um processo que continua. Mas o tempo aoristo do modo imperativo indica que a ação referida está sendo vista como acabada: ἀπόλυσον τοὺς δούλους – *Liberta os escravos*, ou seja, é ordenada uma determinada ação, limitada. Essa mesma distinção aplica-se ao subjuntivo: ἔρχομαι ἵνα ἀπολύω τοὺς δούλους – *Venho para que eu vá libertando os escravos*. Compare-se esse uso do subjuntivo presente como o uso do subjuntivo aoristo: ἔρχομαι ἵνα ἀπολύσω τοὺς δούλους – *Venho para que eu liberte os escravos* (uma determinada ação, limitada). E o optativo: ἀπολύοιμι τοὺς δούλους – *Possa eu ir libertando os escravos*; ἀπολύσαιμι τοὺς δούλους – *Possa eu libertar os escravos* (uma determinada ação, limitada). Em cada um desses modos, "tempo" significa aspecto, tanto presente como aoristo.

Os modos imperativo, subjuntivo e optativo não têm "tempo" futuro. O "tempo" perfeito encontra-se – raramente – nos modos imperativo e subjuntivo. Nestes, ele normalmente indica uma ação anterior com resultado duradouro.

O modo imperativo normalmente refere-se ao tempo futuro, mas indiretamente, visto que uma ordem tem de ser cumprida no futuro. O mesmo é verdadeiro quando os modos subjuntivo e optativo são usados como verbos principais em uma oração. Uma exortação (subjuntivo) e voto (optativo) normalmente referem-se ao futuro, seguindo o mesmo princípio do imperativo. Mas essa indicação de tempo em relação ao falante é veiculada implicitamente, e não explicitamente, como no uso do modo indicativo.

2. "Tempo" no modo infinitivo

No modo infinitivo, deve-se notar o contexto dos "tempos". O modo infinitivo tem todos os quatro "tempos". Mas deve-se manter uma importante distinção em mente: 1) quando o infinitivo representa uma oração subordinada que indica um fato em relação temporal a um verbo principal, e 2) quando o infinitivo não representa uma oração subordinada que indica um fato em relação temporal a um verbo principal.

a. O infinitivo usado para representar uma oração subordinada indicando um fato em relação temporal com um verbo principal.

Quando o infinitivo é usado para representar uma oração subordinada que indica um fato em relação com um verbo principal, seu "tempo" indica tempo relativo ao verbo de que ele depende. λέγω αὐτὸν ἀπολύειν τοὺς

δούλους – *Digo que ele está libertando os escravos*. O uso do radical do presente, na construção do acusativo com infinitivo indicando um fato, significa que o "tempo" presente expressa ação inacabada, e então, por implicação, ação que é simultânea à ação do verbo de que ele depende, λέγω. λέγω αὐτὸν ἀπολῦσαι τοὺς δούλους – *Digo que ele liberta os escravos*. O uso do radical do aoristo, na construção do acusativo com infinitivo indicando um fato, significa que o "tempo" aoristo expressa ação acabada, e então, por implicação, ação que tem lugar antes da ação do verbo de que ele depende, λέγω. λέγω αὐτὸν ἀπολύσειν τοὺς δούλους – *Digo que ele libertará os escravos*. O uso do radical do futuro, na construção do acusativo com infinitivo indicando um fato, significa que o "tempo" futuro expressa ação subseqüente e, portanto, ação que tem lugar depois do verbo de que ele depende, λέγω. λέγω αὐτὸν ἀπολελυκέναι τοὺς δούλους – *Digo que ele tem libertado os escravos*. O uso do radical do perfeito, na construção do acusativo com infinitivo indicando um fato, significa que o "tempo" perfeito expressa ação que tem lugar antes da ação do verbo principal, de modo que o resultado de tal ação permanece no momento do verbo principal.

Tempo relativo, é claro, pode ser expresso também depois de verbos principais no tempo passado, futuro e perfeito, isto é, εἶπον (*eu disse*), ἐρῶ (*eu direi*) e εἴρηκα (*eu tenho dito*), e também depois de verbos principais em outros modos.

b. O infinitivo usado para representar uma oração subordinada que não indica um fato em relação temporal com um verbo principal.

O modo infinitivo pode ser usado para representar uma oração subordinada que não indica um fato em relação temporal com um verbo principal. Por exemplo, no período θέλω ἀπολύειν τοὺς δούλους – *Quero libertar os escravos* – o infinitivo ἀπολύειν não é designado a estabelecer uma relação temporal com o verbo θέλω. Ao contrário, é destinado a complementar o sentido do verbo, de modo que o objeto de querer seja conhecido. Se o infinitivo presente – ἀπολύειν – é usado para expressar a idéia de "libertar", a implicação é apenas que o ato não é visto como terminado, e assim o sentido é que eu quero manter livres os escravos. Se o infinitivo aoristo – ἀπολύσαι – é usado para expressar a idéia de "libertar", a implicação é apenas que o ato é visto como terminado, e o sentido é que eu quero libertar os escravos em uma determinada ação, limitada. Normalmente apenas os infinitivos presente e aoristo são usados em situações onde não há intenção de indicar uma relação temporal com o verbo principal.

3. "Tempo" no modo particípio

No modo particípio, tal como no modo infinitivo, não há grande distinção, visando a indicação ou não-indicação de uma relação temporal com outro verbo. Normalmente usam-se os particípios para representar uma relação temporal com outro verbo. Assim, ἔρχομαι ἀπολύων τοὺς δούλους, *Venho, libertando os escravos*, usa o radical do presente no particípio para indicar que a ação de libertar é vista como não acabada, isto é, que, por inferência, acontece quando venho ou simultaneamente à minha vinda. ἔρχομαι ἀπολύσας τοὺς δούλους, *venho, tendo libertado os escravos*, usa o radical do aoristo no particípio para indicar que a ação de libertar é vista como acabada, isto é, que, por inferência, aconteceu previamente à minha vinda (sem implicação com o resultado continuado da ação de libertar). ἔρχομαι ἀπολελυκὼς τοὺς δούλους, *Venho, tendo libertado os escravos*, usa o radical do perfeito no particípio para indicar que a ação de libertar é vista como anterior, isto é, que, por inferência, aconteceu antes da minha vinda (com a implicação de que o resultado da ação de libertar continua desde o momento da ação até o momento presente). ἔρχομαι ἀπολύσων τοὺς δούλους, *Venho, havendo de libertar os escravos*, usa o radical do futuro no particípio para indicar que a ação de libertar é vista como subseqüente, isto é, como ainda acontecendo quando venho. Mas, neste último modelo, quando o particípio futuro é usado, há também a possibilidade de que a idéia pretendida seja a de finalidade: *Venho para libertar os escravos*.

VI. Conclusões

A apresentação acima é rudimentar. Ela é destinada a dar ao estudante uma visão introdutória de um fenômeno complicado. O estudante deve estar sempre pronto a examinar o verbo grego em seu contexto individual e notar como ele se ajusta ou não aos fenômenos acima citados. O mesmo é verdadeiro para outras teorias da função do aspecto. Além disso, todas as interpretações de aspecto acima devem ser limitadas pela compreensão do fato de que no tempo do Novo Testamento a língua grega tinha uma longa história de mudança e de desenvolvimento. A interpretação que busca padrões gerais deve sempre estar pronta a levar em consideração o fator de fenômenos únicos. Finalmente, não há garantia de que todos os autores do Novo Testamento usaram o sistema verbal grego exatamente do mesmo modo.

Todavia, em relação a tempo pode-se afirmar categoricamente o que segue: tempo indica explicitamente o momento em relação à fala apenas no modo indicativo do verbo grego. Nos outros modos, tempo só se escreve

"tempo", pois ele não é explicitamente temporal no sentido de que indique diretamente momento em relação ao falante. Nesses outros modos, "tempo" é equivalente a aspecto. Assim, há realmente dois significados de tempo: 1) tempo, que tem significado explicitamente temporal em vista do momento relacionado com o falante; 2) "tempo", que não tem um significado explicitamente temporal em vista do momento relacionado com o falante.

Duas precauções a mais:

1) Mesmo no modo indicativo, o aspecto existe pela simples razão de que o radical existe. Mas o fato de que o modo indicativo esteja em questão mostra que o aspecto é visto explicitamente como temporariamente relevante em vista do tempo absoluto. (Nos tempos passados do modo indicativo, não se usam aumentos para suplementar o papel do radical.)

2) *Apenas no tempo aoristo do modo indicativo, o aoristo indica diretamente ação passada.* Nos outros modos, o aoristo não indica diretamente ação passada; ali ele é um "tempo", e não tempo, e diretamente indica apenas ação acabada.

Índice

3 *Prefácio à primeira edição inglesa*
3 *Prefácio à segunda edição inglesa*
4 *Prefácio à edição em português*
6 *Abreviaturas*
7 **Introdução**
11 **Lição 1**
O alfabeto. Pronúncia. Espíritos. Acentos. O iota subscrito.
16 **Lição 2**
Presente do indicativo de εἰμί. O tempo presente. O modo indicativo. Pessoa. O número nos verbos. O -ν móvel. O artigo. Gênero. O número no artigo, substantivos, pronomes e adjetivos. Caso. Declinação do artigo. O caso nominativo. A oração principal. A oração subordinada. O uso predicativo do adjetivo. O uso atributivo do adjetivo. Adjetivos como substantivos. Concordância. O substantivo λόγος.
27 **Lição 3**
O imperfeito do indicativo. Imperfeito do indicativo de εἰμί. O pronome relativo. O caso acusativo. O substantivo ἔργον. Sujeito neutro plural e verbo no singular.
32 **Lição 4**
O infinitivo. O infinitivo "de complemento". O infinitivo presente de εἰμί. O imperativo. Imperativo de εἰμί. Os substantivos ζωή, ἁμαρτία e δόξα. Os adjetivos ἅγιος e ἀγαθός. O radical. O caso genitivo. Os cinco principais sinais de pontuação.
39 **Lição 5**
O subjuntivo. Subjuntivo de εἰμί. Orações finais com ἵνα. Os pronomes demonstrativos οὗτος e ἐκεῖνος. O caso dativo. O apóstrofo. Crase. Diérese.
44 **Lição 6**
O optativo. Optativo de εἰμί. Os substantivos μαθητής e νεανίας. O pronome pessoal ἐγώ. Ênfase e uso explícito do pronome pessoal. O caso vocativo.

49 **Lição 7**
O particípio. Particípio presente de εἰμί. O pronome pessoal σύ.

53 **Lição 8**
Futuro do indicativo, particípio futuro e infinitivo futuro de εἰμί. O futuro do indicativo. O particípio futuro. O infinitivo futuro. O acusativo com infinitivo. O adjetivo e pronome pessoal αὐτός. O uso reflexivo e não-reflexivo de αὐτός. O substantivo σάρξ.

60 **Lição 9**
A flexão de verbos e substantivos, pronomes e adjetivos. Os sistemas verbais em -ω e -μι. As vozes ativa e passiva. O significado do "aspecto" no sistema verbal grego. Presente do indicativo ativo de λύω. Regras de acentuação 1.

66 **Lição 10**
O imperfeito do indicativo ativo. Imperfeito do indicativo ativo de λύω. O aumento. Os verbos compostos I. O substantivo Ἄραψ. Regras de acentuação 2.

72 **Lição 11**
O futuro do indicativo ativo. Futuro do indicativo ativo de λύω. Vários tipos de radicais e a formação do futuro. Verbos com o radical do presente em -ζ. O substantivo ἐλπίς. Os verbos compostos II. Regras de acentuação 3.

78 **Lição 12**
O significado do imperativo presente ativo. Imperativo presente ativo de λύω. Os substantivos ποιμήν, εἰκών, μήν e αἰών. Os pronomes reflexivos ἐμαυτοῦ, σεαυτοῦ e ἑαυτοῦ. Regras de acentuação 4.

85 **Lição 13**
O significado do presente do subjuntivo ativo. Presente do subjuntivo ativo de λύω. Os substantivos πατήρ, ῥήτωρ e σωτήρ. O pronome recíproco ἀλλήλων. Regras de acentuação 5.

90 **Lição 14**
O significado do presente do optativo ativo. Presente do optativo ativo de λύω. Os substantivos πόλις e ἰχθύς. Os pronomes possessivos ἐμός, ἡμέτερος, σός e ὑμέτερος. Regras de acentuação 6.

95 **Lição 15**
O significado do infinitivo presente ativo. Infinitivo presente ativo de λύω. Os substantivos βασιλεύς e νοῦς. O pronome interrogativo τίς. Regras de acentuação 7.

100 **Lição 16**
O significado do particípio presente ativo. Particípio presente ativo de λύω. O substantivo πνεῦμα. O pronome indefinido τις. Regras de acentuação 8.

105 **Lição 17**
O significado do infinitivo futuro ativo. Infinitivo futuro ativo de λύω. O significado do particípio futuro ativo. Particípio futuro ativo de λύω. O substantivo τέρας. O pronome demonstrativo ὅδε. Temas verbais do presente em -σσ. Regras de acentuação 9.

110 **Lição 18**
O significado do tempo aoristo. Aoristo do indicativo ativo de λύω. O substantivo ἔθνος. O pronome relativo ὅστις. O período hipotético irreal. Regras de acentuação 10.

117 **Lição 19**
O significado do aoristo do imperativo ativo. Aoristo do imperativo ativo de λύω. O adjetivo πᾶς. O numeral εἷς. Regras de acentuação 11.

122 **Lição 20**
O significado do aoristo do subjuntivo ativo. Aoristo do subjuntivo ativo de λύω. O adjetivo ἑκών. Os numerais δύο, τρεῖς e τέσσαρες. Regras de acentuação 12.

128 **Lição 21**
O significado do aoristo do optativo ativo. Aoristo do optativo ativo de λύω. O adjetivo εὐθύς. A conjunção ἐάν e seu uso em orações condicionais. Regras de acentuação 13.

133 **Lição 22**
O significado do aoristo do infinitivo e do particípio ativos. Aoristo do infinitivo e do particípio ativos de λύω. O adjetivo μέγας. Regras de acentuação 14.

138 **Lição 23**
O significado do perfeito do indicativo ativo. Perfeito do indicativo ativo de λύω. A formação da reduplicação. O adjetivo πολύς. Regras de acentuação 15.

144 **Lição 24**
O significado do mais-que-perfeito do indicativo ativo. Mais-que-perfeito do indicativo ativo de λύω. O adjetivo αἰώνιος. O alfa privativo. Regras de acentuação 16.

149 **Lição 25**
Significado do perfeito do infinitivo, do particípio e do subjuntivo ativos. Perfeito do infinitivo, do particípio e do subjuntivo ativos de λύω. O adjetivo ἀληθής. Regras de acentuação 17.

154 **Lição 26**
O significado da voz média. Presente do indicativo médio de λύω. O substantivo μάρτυς. Regras de acentuação 18.

159 **Lição 27**
Imperfeito do indicativo médio e presente do imperativo médio de λύω. O adjetivo comparativo μείζων. Os dois modos de expressar a comparação de adjetivos. Outros usos do adjetivo comparativo. Regras de acentuação 19.

164 **Lição 28**
Presente do subjuntivo e do optativo médios de λύω. O adjetivo superlativo. A conjunção ὅταν e seu uso. Regras de acentuação 20.

168 **Lição 29**
Particípio e infinitivo presente médios de λύω. Formas regulares do adjetivo comparativo. Regras de acentuação 21.

172 **Lição 30**
Futuro do indicativo, do infinitivo e do particípio médios de λύω. O uso de μᾶλλον para formar o grau comparativo de adjetivos. O uso da conjunção ὥστε. A oração consecutiva. Regras de acentuação 22.

177 **Lição 31**
Aoristo do indicativo e do imperativo médios de λύω. Os adjetivos διπλοῦς e χρυσοῦς. Regras de acentuação 23.

181 **Lição 32**
Aoristo do subjuntivo e do optativo médios de λύω. O adjetivo ἀργυροῦς. Regras de acentuação 24.

185 **Lição 33**
Aoristo do particípio e do infinitivo médios de λύω. O substantivo χάρις. Regras de acentuação 25.

189 **Lição 34**
Perfeito do indicativo médio, mais-que-perfeito do indicativo médio e particípio perfeito médio de λύω. O perfeito médio de temas terminando em palatais, labiais, dentais, líqüidas e nasais. Regras de acentuação 26.

195 **Lição 35**
Perfeito do imperativo, do infinitivo, do subjuntivo e do optativo médios de λύω. O substantivo χείρ. Regras de acentuação 27.

199 **Lição 36**
O significado da voz passiva. Presente e imperfeito do indicativo passivo; presente do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do infinitivo e do particípio passivos de λύω. Regras de acentuação 28.

205 **Lição 37**
O aoristo passivo fraco e forte. Aoristo do indicativo e do imperativo passivos de λύω. O substantivo ἀνήρ.

210 **Lição 38**
Aoristo do subjuntivo e do optativo passivos de λύω. Regras de acentuação 29.

213 **Lição 39**
Aoristo do particípio e do infinitivo passivos de λύω. Regras de acentuação 30.

216 **Lição 40**
Futuro do indicativo, do particípio e do infinitivo passivos de λύω.

220 **Lição 41**
Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do particípio e do infinitivo passivos de γράφω. Futuro do indicativo, do particípio e do infinitivo passivos de γράφω.

225 **Lição 42**
Perfeito do indicativo passivo, mais-que-perfeito do indicativo passivo, perfeito do imperativo, do infinitivo, do subjuntivo, do optativo e do particípio passivos de λύω. As formas-chave de λύω. As formas fundamentais de λύω. Regras de acentuação 31.

231 **Lição 43**
Formas do aoristo forte nas vozes ativa e média. Aoristo ativo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do particípio e do infinitivo de βάλλω. Verbos difíceis: βάλλω. Regras de acentuação 32.

238 **Lição 44**
Aoristo médio do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do optativo, do particípio e do infinitivo de βάλλω. Verbos difíceis: ἄγω. Regras de acentuação 33.

243 **Lição 45**
Verbos depoentes. Depoentes médios. Depoentes passivos. Usos dos verbos compostos. Verbos difíceis: ἔρχομαι. Regras de acentuação 34.

249 **Lição 46**
Verbos contratos. Regras de contração para contratos em -ε. Formas fundamentais de contratos em -ε. Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do

particípio e do infinitivo ativos de φιλέω. Verbos difíceis: γίνομαι. Regras de acentuação 35.

255 **Lição 47**
Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de φιλέω. Contração em -εω. Raízes monossilábicas. O não-alongamento de ε nas formas não contratas de alguns verbos em -ε. Verbos difíceis: καλέω, δέω.

260 **Lição 48**
Sistemas do futuro ativo e médio dos verbos em líqüida e nasal. Futuro ativo e médio de στέλλω. Aoristo ativo e médio dos verbos em líqüida e nasal. Aoristo do indicativo ativo e médio de στέλλω. Verbos difíceis: στέλλω, κρίνω, ἀγγέλλω.

266 **Lição 49**
Regras de contração para contratos em -α. Formas fundamentais dos contratos em -α. Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἀγαπάω. Verbos difíceis: ὁράω, ἔχω. Regras de acentuação 36.

272 **Lição 50**
Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de ἀγαπάω. Verbos difíceis: λέγω, αἵρω.

277 **Lição 51**
Regras para contração de contratos em -ο. Formas fundamentais dos contratos em -ο. Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de φανερόω. Verbos difíceis: φέρω, ἐγείρω.

282 **Lição 52**
Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de φανερόω. A construção perifrástica. Verbos difíceis: λαμβάνω, ἀποθνῄσκω.

288 **Lição 53**
Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de γινώσκω. Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de βαίνω. Verbos difíceis: γινώσκω, βαίνω.

294 **Lição 54**

οἶδα: forma de perfeito, significado de presente. Perfeito e mais-que-perfeito do indicativo ativo, perfeito do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de οἶδα. Verbos difíceis: πορεύομαι, πίπτω.

299 **Lição 55**

Verbos em -μι. Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de δίδωμι. Aoristo do indicativo, do imperativo, do particípio e do infinitivo ativos de δίδωμι. Verbos difíceis: δίδωμι, ἀποκτείνω. Regras de acentuação 37.

306 **Lição 56**

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de δίδωμι. Aoristo do indicativo médio de δίδωμι. Verbos difíceis: ζάω, ἀνοίγω. Regras de acentuação 38.

312 **Lição 57**

Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de τίθημι. Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de τίθημι. Verbos difíceis: τίθημι, πίνω.

318 **Lição 58**

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de τίθημι. Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios de τίθημι. Presente do indicativo passivo, imperfeito do indicativo passivo, presente do particípio e do infinitivo passivos de κεῖμαι. Verbos difíceis: πείθω, σπείρω.

325 **Lição 59**

Formas fundamentais de ἵστημι. Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἵστημι. Aoristo ativo transitivo e aoristo ativo intransitivo de ἵστημι. Aoristo ativo intransitivo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo de ἵστημι. Perfeito ativo, formas e significado de ἵστημι. Verbos difíceis: ἵστημι, πάσχω.

332 **Lição 60**

Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do in-

finitivo médios e passivos de ἵστημι. Os verbos ἱστάνω e στήκω. Verbos difíceis: χαίρω, ἁμαρτάνω, κλαίω.

338 **Lição 61**
Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de δείκνυμι. Verbos difíceis: δείκνυμι, στρέφω, φαίνω.

343 **Lição 62**
Presente do indicativo médio e passivo, imperfeito do indicativo médio e passivo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo médios e passivos de δείκνυμι. Verbos difíceis: φεύγω, ἥκω, μανθάνω.

347 **Lição 63**
Presente do indicativo ativo, imperfeito do indicativo ativo, presente do imperativo, do subjuntivo, do particípio e do infinitivo ativos de ἵημι. Aoristo do indicativo, do imperativo, do subjuntivo, do particípio [sumário] e do infinitivo ativos de ἵημι. Formas média e passiva no sistema do presente [sumário] de ἵημι. Forma média no sistema do aoristo [sumário] de ἵημι. Verbos difíceis: ἵημι / ἵω, αἱρέω, λείπω.

353 **Lição 64**
ἀπόλλυμι e ὄμνυμι [sumário]. Formas selecionadas de φημί. Formas selecionadas de εἶμι. Grau dos advérbios. Verbos difíceis: ἀπόλλυμι / ἀπολλύω, ὄμνυμι / ὀμνύω, πίμπλημι.

358 **Lição 65**
Presente depoente do indicativo, imperfeito depoente do indicativo, presente depoente do subjuntivo, do optativo, do particípio [sumário] e do infinitivo de δύναμαι. ἐπίσταμαι [sumário]. Grau dos advérbios irregulares. Verbos difíceis: δύναμαι, μιμνήσκομαι, τρέχω.

363 **Lição 66**
Presente depoente do indicativo, imperfeito depoente do indicativo, presente depoente do imperativo [sumário], do particípio [sumário] e do infinitivo de κάθημαι. Verbos difíceis: κάθημαι, ἐλέγχω, τρέπω, τίκτω, κερδαίνω.

367 **Lição 67**
Um sistema de transcrição. Verbos difíceis: χέω / χύννω, ἐσθίω, εὑρίσκω, ξηραίνω, καίω, τυγχάνω, ἐάω.

373 **Lição 68**
O genitivo absoluto. Marcos 1,1-34.

376 **Lição 69**
Interrogativas indiretas. Marcos 1,35-2,28

379 **Lição 70**
Repetição de negação. Marcos 3,1-35.

381 **Lição 71**
O subjuntivo exortativo. Marcos 4,1-41.

383 **Lição 72**
Proibições. Marcos 5,1-43.

386 **Lição 73**
τί com o significado de "por quê?". Marcos 6,1-56.

389 **Lição 74**
Interrogativas deliberativas. Marcos 7,1-37.

391 **Lição 75**
O infinitivo completivo. ἵνα introduzindo uma oração substantiva. Marcos 8,1-9,29.

394 **Lição 76**
O infinitivo como expressão de finalidade. Marcos 9,30-10,34.

396 **Lição 77**
Negação enfática. Marcos 10,35-11,33.

398 **Lição 78**
Atração do relativo. Marcos 12,1-13,13.

401 **Lição 79**
O genitivo, o dativo e o acusativo simples como indicações de tempo. Marcos 13,14-14,31.

404 **Lição 80**
O "pronome redundante" em oração relativa. Marcos 14,32-15,15.

406 **Lição 81**
καί como conjunção adversativa. Marcos 15,16-16,20.

409 **Lição 82**
João 1,1-34.

410 **Lição 83**
João 1,35-2,12.

411 **Lição 84**
João 2,13-3,21.

412 **Lição 85**
João 3,22-4,42.

414 **Lição 86**
João 4,43-5,30.

415 **Lição 87**
João 5,31-6,21.

416 **Lição 88**
João 6,22-7,9.
417 **Lição 89**
João 7,10-8,11.
419 **Lição 90**
João 8,12-9,12.
420 **Lição 91**
João 9,13-10,21.
421 **Lição 92**
João 10,22-11,44.
423 **Lição 93**
João 11,45-12,43.
424 **Lição 94**
João 12,44-13,38.
425 **Lição 95**
João 14,1-15,27.
426 **Lição 96**
João 16,1-17,26.
427 **Lição 97**
João 18,1-40.
428 **Lição 98**
João 19,1-42.
430 **Lição 99**
João 20,1-31.
431 **Lição 100**
João 21,1-25.
432 **Apêndice**
Aspecto no sistema verbal grego.

ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν Θε

ἐν ἀρχῇ

ISBN 85-349-2001-X
9 788534 920018

OBRA EM DOIS VOLUMES
NÃO PODEM SER VENDIDOS SEPARADAMENTE

O E-BOOK QUE AJUDOU A APROVAR MAIS DE
200 NOVOS SERVIDORES DO INSS EM 2016

"Considero a presença do professor Bruno Cunha, através dos pacotes de questões inéditas, elaboradas e comentadas por ele mesmo, um dos fatores decisivos para a minha aprovação no concurso do INSS".
Rômulo Longa
Técnico do Seguro Social

"No decorrer da minha preparação, pude adquirir os e-books de Bruno Cunha. Obrigado por somar em meus estudos e me ajudar na aprovação".
Thomas Alves
Técnico do Seguro Social

Prof. Bruno Cunha
/professorbrunocunha

:: PREFÁCIO

"Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!"

Mário Quintana

Futuros colegas,

Um sonho, para que se torne realidade, é preciso um punhado de temor e outro tanto de extrema coragem. **Esse e-book ajudou a nomear mais de 200 novos técnicos e analistas do INSS no último concurso CESPE.**

Neste e-book, você terá 500 questões estilo CESPE criadas e comentadas ou fundamentadas por mim, Técnico do Seguro Social. Elas estão organizadas por assunto e na comodidade de você primeiro responder as questões e, posteriormente, consultar o gabarito comentado. Após responder às 430 primeiras questões, você terá um "simuladão" de 70 questões para praticar como se estivesse na hora da prova!

Desejo de coração muito sucesso em sua caminhada de aprovação e que eu, com muita alegria, possa fazer parte e comemorar junto contigo a sua vitória.

Este segundo trabalho em e-book (o primeiro foi 600 dúvidas de alunos sobre Direito Previdenciário sanadas por mim em 319 páginas) é dedicado aos Professores Flaviano Lima, Ítalo Romano, Jeane Tavares (a famosa Juju), a você, meu futuro colega, a minha filha Ana Carolina, a todas as pessoas que eu amo e as que um dia amei. Espero que goste e aproveite este vasto material em seus estudos.

Bruno Cunha

Técnico do Seguro Social concursado

Gerente de Agência da Previdência Social

:: SUMÁRIO

A SEGURIDADE SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL :: 5

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA SEGURIDADE SOCIAL :: 10

LEGISLAÇÃO PREVIDENCIÁRIA :: 15

INSCRIÇÃO E FILIAÇÃO :: 20

MANUTENÇÃO E PERDA DA QUALIDADE DE SEGURADO :: 25

SEGURADOS :: 30

CONTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS E DOS SEGURADOS :: 38

DEPENDENTES :: 43

CARÊNCIA :: 48

SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO :: 53

SALÁRIO DE BENEFÍCIO :: 58

CONTAGEM RECÍPROCA :: 63

RENDA MENSAL :: 65

BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS

APOSENTADORIA POR IDADE :: 69

APOSENTADORIA POR INVALIDEZ :: 74

APOSENTADORIA POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO :: 79

APOSENTADORIA ESPECIAL :: 84

APOSENTADORIA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA :: 89

AUXÍLIO DOENÇA :: 91

AUXÍLIO ACIDENTE :: 96

SALÁRIO MATERNIDADE :: 101

SALÁRIO FAMÍLIA :: 106

PENSÃO POR MORTE :: 111

AUXÍLIO RECLUSÃO ::116

PRAZOS :: 121

ABONO ANUAL :: 126

ACUMULAÇÃO DE BENEFÍCIOS :: 129

JUSTIFICAÇÃO ADMISNISTRATIVA :: 134

DECADÊNCIA E PRESCRIÇÃO :: 136

BPC LOAS :: 138

CRIMES :: 144

SIMULADÃO :: 147

:: A SEGURIDADE SOCIAL NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL

É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada por sociedade de economia mista federal, ainda que na qualidade de patrocinadora. ( )

A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à educação e à assistência social. ( )

A seguridade social tem, entre seus objetivos, a universalidade da cobertura e do atendimento bem como a seletividade e a equivalência na prestação dos benefícios e serviços. ( )

Acerca da previdência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a proteção ao trabalhador em situação de desemprego involuntário ( )

Nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo, salvo pensão por morte e auxílio reclusão devidos aos dependentes dos segurados. ( )

É assegurada aposentadoria no regime geral de previdência social com trinta anos de contribuição, se homem, e vinte e cinco anos de contribuição, se mulher. ( )

Lei ordinária disciplinará a relação entre a União, Estados, Distrito Federal ou Municípios, inclusive suas autarquias, fundações, sociedades de economia mista e empresas controladas direta ou indiretamente, enquanto patrocinadoras de entidades fechadas de previdência privada, e suas respectivas entidades fechadas de previdência privada. ( )

Acerca da assistência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco centésimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de despesas com pessoal e encargos sociais. ( )

Acerca da saúde na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único. ( )

A seguridade social é organizada sob a forma de regime geral único de caráter contributivo, observados os critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial. ( )

A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e das seguintes contribuições sociais sobre a receita de concursos de prognósticos. ( )

Dentro os princípios e objetivos da seguridade social está presente a diversidade na forma de participação no custeio. ( )

A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais. ( )

Está inserido entre os princípios e objetivos da seguridade social o caráter democrático e descentralizado da administração, mediante gestão tripartite, com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados. ( )

Acerca do SUS na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

Ao sistema único de saúde compete colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada por sociedade de economia mista federal, ainda que na qualidade de patrocinadora. (E)

É exatamente o que está expresso no texto constitucional. Logo, você precisa ficar afiado nele. O aporte de recursos é expressamente vedado, porém é permitido na qualidade de PATROCINADOR sendo que a sua contribuição não poderá exceder a do segurado.

CF art.202. § 3º É vedado o aporte de recursos a entidade de previdência privada pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, suas autarquias, fundações, empresas públicas, sociedades de economia mista e outras entidades públicas, salvo na qualidade de patrocinador, situação na qual, em hipótese alguma, sua contribuição normal poderá exceder a do segurado.

A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à educação e à assistência social. (E)

Questão fácil e clássica em provas de Direito Previdenciário. Os três pilares da seguridade social são: SAÚDE, PREVIDÊNCIA SOCIAL E ASSISTÊNCIA SOCIAL.

CF. artigo 194.

A seguridade social tem, entre seus objetivos, a universalidade da cobertura e do atendimento bem como a seletividade e a equivalência na prestação dos benefícios e serviços. (E)

O examinador tentará confundi-lo quanto às palavras dos objetivos constitucionais da seguridade. Fique atento! Constituição Federal artigo 194, III - seletividade e distributividade na prestação dos benefícios e serviços;

Acerca da previdência social na Constituição Federal, julgue os itens que se seguem.

A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, nos termos da lei, a proteção ao trabalhador em situação de desemprego involuntário (C)

Nessa você ficou com raiva e deu vontade de quebrar tudo em sua volta, não foi? Sabemos que o seguro desemprego não é benefício previdenciário, mas ai vai uma dica. Se encontrar na questão a expressão "Constituição Federal" sugerindo cobrir a situação de desemprego involuntário, você marcará CORRETO e do contrário estará ERRADO.

Nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo, salvo pensão por morte e auxílio reclusão devidos aos dependentes dos segurados. (E)

Todos os benefícios que substituem a renda mensal não podem ter valor abaixo do salário mínimo. O salário família e o auxílio acidente não substituem, logo pode ser devidos abaixo do salário mínimo. CF, art. 201, parágrafo 2.

É assegurada aposentadoria no regime geral de previdência social com trinta anos de contribuição, se homem, e vinte e cinco anos de contribuição, se mulher. (E)

CF, art 201, parágrafo 7. Os referidos tempos serão de 35 anos para homem e 30 anos para mulher, em regra.

Lei ordinária disciplinará a relação entre a União, Estados, Distrito Federal ou Municípios, inclusive suas autarquias, fundações, sociedades de economia mista e empresas controladas direta ou indiretamente, enquanto patrocinadoras de entidades fechadas de previdência privada, e suas respectivas entidades fechadas de previdência privada. (E)

CF, art 202, parágrafo 4. LEI COMPLEMENTAR. Fique atento, pois o CESPE gosta de confundi-lo quanto a LEI COMPLEMENTAR, LEI ORDINÁRIA ou SOMENTE LEI. Quando vier apenas a expressão LEI, trata-se de LEI ORDINÁRIA. No seu estudo de Direito Constitucional procure verificar a diferença entre estas duas expressões.

Acerca da assistência social na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco centésimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de despesas com pessoal e encargos sociais. (E)

Você, desatento, cai no detalhe. O texto do parágrafo único do artigo 204 da CF nos diz que é facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco décimos por cento (0,5) e não cinco centésimos por cento (0,05) como sugeriu a questão.

Acerca da saúde na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único. (C)

CF, art. 198. Do contrário, o examinador tenta confundi-lo. Ex. uma rede única e descentralizada.

A seguridade social é organizada sob a forma de regime geral único de caráter contributivo, observados os critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial. (E)

Não confunda! A seguridade social é composta por seus três pilares que não são todos de caráter contributivo. O caráter contributivo é da PREVIDÊNCIA SOCIAL.

A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e das seguintes contribuições sociais sobre a receita de concursos de prognósticos. (C)

CF, artigo 195

Dentro os princípios e objetivos da seguridade social está presente a diversidade na forma de participação no custeio. (E)

Essa você caiu? Veja que se não estiver atento, até tem sentido misturar a EQUIDADE com a DIVERSIDADE! Mas o correto é a EQUIDADE na forma de participação no custeio. Quem ganha mais, em regra, contribui com mais! Ex: empregados com alíquotas de 8, 9 e 11%.

A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais. (C)

CF, art. 193. No estudo da Constituição Federal para o INSS é comum que o candidato esqueça de ler o artigo 193. Não você!

Está inserido entre os princípios e objetivos da seguridade social o caráter democrático e descentralizado da administração, mediante gestão tripartite, com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados. (E)

CF, art. 194, VII. Essa é uma das maiores pegadinhas das bancas de concurso público. A GESTÃO é QUADRIPARTITE composta pelos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo.

Acerca do SUS na Constituição Federal, julgue o item que se segue.

Ao sistema único de saúde compete colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho. (C)

CF, artigo 200, VIII.

:: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA SEGURIDADE SOCIAL

O INSS, importante órgão na estrutura da seguridade social brasileira, foi instituído no Brasil durante o Governo de do Presidente José Sarney, 1985, como autarquia federal, mediante fusão do Instituto de Administração da Previdência e Assistência Social com o Instituto Nacional de Previdência Social. ( )

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio. ( )

Com relação à origem e à evolução legislativa da Seguridade Social no Brasil, julgue o item abaixo.
O seguro-desemprego veio previsto pela primeira vez na CF/1967. ( )

A Constituição do México de 1917, foi o primeiro diploma legal de magnitude constitucional em que se tratou de tema previdenciário. ( )

A doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira que criou os Institutos de Aposentadoria e Pensão. ( )

Na evolução da previdência social brasileira, o modelo das caixas de aposentadoria e pensão, que eram criadas na estrutura de cada empresa, posteriormente, foram substituídas pelos institutos de aposentadoria e pensão, que abrangiam determinadas categorias profissionais. ( )

A DATAPREV, dentre as entidades que compunham o SINPAS (Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social, a partir de sua criação em 1977, é o ÚNICO órgão em funcionamento atualmente. ( )

A partir do ano de 2015, houve a fusão do Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social nascendo o Ministério do Trabalho e Previdência Social.

( )

Foi através do Plano *Beveridge* construído na Alemanha em 1942, que marca a participação de todas as categorias de trabalhadores na saúde, previdência social e assistência social. ( )

A criação do Fator Previdenciário, um fator multiplicativo que leva em conta o tempo de contribuição, a idade do segurado e a expectativa de vida do segurado, foi criado em 1999. ( )

No século 18, estabeleceu-se o Plano de Beneficência dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha. ( )

O INSS comemora no dia 24 de janeiro o seu aniversário em alusão ao marco da previdência social brasileira, Lei Eloy Chaves. ( )

O primeiro ordenamento legal editado foi na Alemanha por Otto Von Bismark em 1883 com a instituição do auxílio doença. ( )

O seguro de invalidez e velhice foi criado na Alemanha em 1889. ( )

A Constituição de 1824 estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O INSS, importante órgão na estrutura da seguridade social brasileira, foi instituído no Brasil durante o Governo de do Presidente José Sarney, 1985, como autarquia federal, mediante fusão do Instituto de Administração da Previdência e Assistência Social com o Instituto Nacional de Previdência Social. (E)

O INSS foi criado no Governo Fernando Collor, 1990, pela fusão do IAPAS e INPS.

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio. (C)

A Constituição de 1934 foi a primeira a dispor sobre a tríplice forma de custeio com contribuição do Governo, empregadores e trabalhadores.

Com relação à origem e à evolução legislativa da Seguridade Social no Brasil, julgue o item abaixo.
O seguro-desemprego veio previsto pela primeira vez na CF/1967. (C)

Constituição Federal de 1967, artigo 158.

A Constituição do México de 1917, foi o primeiro diploma legal de magnitude constitucional em que se tratou de tema previdenciário. (C)
As primeiras leis previdenciárias surgem na Alemanha, mas a Constituição do México foi a primeira a incluir o tema previdenciário

A doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira que criou os Institutos de Aposentadoria e Pensão. (E)

Realmente, a doutrina majoritária considera a Lei Ely Chaves o marco da previdência social brasileira, porém foram criadas as Caixas de Aposentadoria e Pensão e não os Institutos de Aposentadoria e Pensão. Estes foram criados posteriormente.

Na evolução da previdência social brasileira, o modelo das caixas de aposentadoria e pensão, que eram criadas na estrutura de cada empresa, posteriormente, foram reunidas e substituídas pelos institutos de aposentadoria e pensão, que abrangiam determinadas categorias profissionais. (C)

Com o progresso e a necessidade de ampliação do sistema, as CAP´s foram reunidas e surgiram os IAP´s que abrangiam categorias profissionais.

A DATAPREV, dentre as entidades que compunham o SINPAS (Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social, a partir de sua criação em 1977, é o ÚNICO órgão em funcionamento atualmente. (C)

O SINPAS reuniu diversos órgão em prol da integração das área de assistência social, previdência social, assistência médica e gestão de entidades ligadas ao Ministério da Previdência e Assistência Social. A DATAPREV é a única entidade em funcionamento hoje. Ela é responsável pelo processamento de dados do INSS.

A partir do ano de 2015, houve a fusão do Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social nascendo o Ministério do Trabalho e Previdência Social.

(C)

Diante da crise econômica, iniciada em 2015, o Governo Federal, com o intuito de corte de gastos, fundiu o Ministério do Trabalho e Emprego com o Ministério da Previdência Social.

Foi através do Plano *Beveridge* criado na Alemanha em 1942, que marca a participação de todas as categorias de trabalhadores na saúde, previdência social e assistência social. (E)

Quase tudo está correto na assertiva, porém o Plano *Beveridge* foi criado na Inglaterra e não na Alemanha.

A criação do Fator Previdenciário, um fator multiplicativo que leva em conta o tempo de contribuição, a idade do segurado e a expectativa de vida do segurado, foi criado em 1999.

(E)

A grande pegadinha desta questão é que EXPECTATIVA DE VIDA é DIFERENTE de EXPECTATIVA DE SOBREVIDA.

No século 18, estabeleceu-se o Plano de Beneficência dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha. (C)

No período marcado pelo regime monárquico, pois houve iniciativas de natureza protecionista dos Órfãos e Viúvas dos Oficiais da Marinha.

O INSS comemora no dia 24 de janeiro o seu aniversário em alusão ao marco da previdência social brasileira, Lei Eloy Chaves. (C)

Em homenagem à Lei Eloy Chaves de 24 de janeiro de 1923 é comemorado o aniversário do INSS.

O primeiro ordenamento legal editado foi na Alemanha por Otto Von Bismark em 1883 com a instituição do auxílio doença. (E)

A questão estaria totalmente se não fosse a troca de auxílio doença pelo correto SEGURO DOENÇA.

O seguro de invalidez e velhice foi criado na Alemanha em 1889. (C)

A Constituição de 1824 estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos. (E)

Foi a partir da Constituição de 1891 que estabeleceu a aposentadoria por invalidez para os servidores públicos e custeada pelos cofres públicos.

:: LEGISLAÇÃO PREVIDENCIÁRIA

A Seguridade Social constitui um sistema protetivo onde tem na legislação previdenciária um conjunto de normas que visam a organizá-la. ( )

O Direito Previdenciário é considerado pela doutrina majoritária como ramo do Direito Privado, visto que marca a relação entre particulares (segurados) e o Estado exercendo o seu Poder de Império. ( )

Dentre as formas de interpretação da legislação previdenciária, a teleológica aduz que o a compreensão da norma é assimilada através de simples leitura do texto legislativo. ( )

A interpretação teleológica das normas previdenciárias consiste na análise da norma no contexto desse ramo do direito ou do ordenamento jurídico como um todo, e não, isoladamente. Busca-se, com isso, a integração da norma com os princípios norteadores e demais institutos aplicáveis. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às suas fontes, autonomia, vigência e interpretação, julgue o item que se segue.

As fontes formais do direito previdenciário incluem a Carta Magna e as Leis n.º 8.212/1991 e n.º 8.213/1991. ( )

A vigência da lei de natureza previdenciária segue a regulamentação da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, de modo que, salvo disposição contrária, entra em vigor trinta dias depois de oficialmente publicada. ( )

Diante de um conflito de normas, a norma geral prevalece sobre norma específica. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às integração, julgue o item que se segue.

A analogia é um conjunto uniforme de decisões reiteradas do Poder Judiciário na solução de caso concreto. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue o item que se segue.

A interpretação autêntica é realizada pelo próprio autor da norma editando um novo ato normativo dirimindo dúvidas do ato anterior. ( )

A legislação previdenciária, sempre, submete-se a uma das regras gerais presentes na Lei de Introdução ao Código Civil, passando a viger, a partir de 45 dias após a sua publicação.

( )

Uma das principais leis que trata de matéria previdenciária é a Lei 8.742 de 1993 que dispõe sobre a organização da Assistência Social no Brasil. ( )

A Constituição Federal promulgada em 1988 constitui fonte material de norma no Direito Previdenciário. ( )

Acerca da legislação previdenciária, a doutrina majoritária entende que não há hierarquia entre leis ordinárias e leis complementares. ( )

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue os itens que se seguem.

O método de interpretação histórica prioriza a análise das discussões existentes, quando da elaboração da norma, a fim de descobrir as razões de sua elaboração. ( )

Através do método sistemático, a interpretação da norma levará em conta o sistema normativo no qual está inserida. Haverá o confronto do conteúdo de normas, para que não existam contradições. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A Seguridade Social constitui um sistema protetivo onde tem na legislação previdenciária um conjunto de normas que visam a organizá-la. (C)

A legislação previdenciária tem caráter primordial na estrutura e organização dos pormenores os quais permeiam a Seguridade Social.

O Direito Previdenciário é considerado pela doutrina majoritária como ramo do Direito Privado, visto que marca a relação entre particulares (segurados) e o Estado exercendo o seu Poder de Império. (E)

O Direito Previdenciário é considerado como ramo do Direito Público e não do Privado, apesar que fontes da doutrina queiram aproximá-lo do Direito Privado em virtude de similaridades do ramo previdenciário e do trabalho.

Dentre as formas de interpretação da legislação previdenciária, a teleológica aduz que o a compreensão da norma é assimilada através de simples leitura do texto legislativo. (E)

A questão tenta confundi-lo com a forma de interpretação teleológica e a gramatical. A teleológica busca o fim desejado para a lei e apenas a leitura da norma não é suficiente.

A interpretação teleológica das normas previdenciárias consiste na análise da norma no contexto desse ramo do direito ou do ordenamento jurídico como um todo, e não, isoladamente. Busca-se, com isso, a integração da norma com os princípios norteadores e demais institutos aplicáveis. (E)

A interpretação teleológica das normas previdenciárias busca encontrar o fim pretendido pelo legislador. A interpretação referida na questão é a SISTEMÁTICA.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às suas fontes, autonomia, vigência e interpretação, julgue o item que se segue.

As fontes formais do direito previdenciário incluem a Carta Magna e as Leis n.º 8.212/1991 e n.º 8.213/1991. (C)

As fontes formais divididas em estatais (Constituição Federal ou Carta Magna ou Lei Maior, lei ordinárias, complementares, etc) e não-estatais (costume e doutrina).

A vigência da lei de natureza previdenciária segue a regulamentação da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro, de modo que, salvo disposição contrária, entra em vigor trinta dias depois de oficialmente publicada. (E)

Entra em vigor, salvo contrário, após 45 dias de acordo com a Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro.

Diante de um conflito de normas, a norma geral prevalece sobre norma específica. (E)

É justamente o contrário! Normas com mesma hierarquia, prevalecerá o entendimento de norma específica sobre a geral.

A analogia é um conjunto uniforme de decisões reiteradas do Poder Judiciário na solução de caso concreto. (E)

Este é o conceito de jurisprudência. A analogia busca norma próxima que supra uma lacuna deixada pela legislação.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue o item que se segue.

A interpretação autêntica é realizada pelo próprio autor da norma editando um novo ato normativo dirimindo dúvidas do ato anterior. (C)

Este é o conceito da interpretação autêntica.

A legislação previdenciária, sempre, submete-se a uma das regras gerais presentes na Lei de Introdução ao Código Civil, passando a viger, a partir de 45 dias após a sua publicação. (E)

Um exemplo deste erro é o princípio da anterioridade nonagesimal, que é quando não haverá cobrança de tributo senão decorridos no mínimo 90 dias após a promulgação da lei que o instituiu.

Uma das principais leis que trata de matéria previdenciária é a Lei 8.742 de 1993 que dispõe sobre a organização da Assistência Social no Brasil. (E)

A lei do LOAS trata da organização da Assistência Social no Brasil, porém não é matéria previdenciária.

A Constituição Federal promulgada em 1988 constitui fonte material de norma no Direito Previdenciário. (E)

A Lei Maior constitui fonte FORMAL de norma no Direito Previdenciário.

Acerca da legislação previdenciária, a doutrina majoritária entende que não há hierarquia entre leis ordinárias e leis complementares. (C)

A grande maioria da doutrina orienta que não há entre leis ordinárias e leis complementares.

Acerca da legislação previdenciária, especialmente no que se refere às interpretação, julgue os itens que se seguem.

O método de interpretação histórica prioriza a análise das discussões existentes, quando da elaboração da norma, a fim de descobrir as razões de sua elaboração. (C)

Através do método sistemático, a interpretação da norma levará em conta o sistema normativo no qual está inserida. Haverá o confronto do conteúdo de normas, para que não existam contradições. (C)

Estes são os conceitos dos métodos de interpretação histórico e sistemático.

:: INSCRIÇÃO E FILIAÇÃO

Durante o exercício do mandato eletivo, o dirigente sindical perde a filiação ao RGPS. ( )

Quanto ao segurado facultativo, a filiação nesta qualidade, representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento ( )

Segundo disposição constitucional, a previdência social deverá ser organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo, porém de filiação facultativa. ( )

A filiação na qualidade de segurado facultativo representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento da contribuição previdenciária, não podendo retroagir, salvo no caso do segurado facultativo Micro Empreendedor Individual. ( )

Considerando que a previdência social é de filiação facultativa, é correto afirmar que a contratação de um empregado não implica sua adesão automática ao RGPS. Porém, as contribuições feitas ao referido regime, têm caráter compulsório. ( )

No Regime Geral de Previdência Social não é permitida a filiação *post mortem* de segurado, salvo em especial o segurado facultativo. ( )

Acerca da inscrição e filiação no RGPS, especialmente, julgue os itens que se seguem.

Considera-se filiação de segurado para os efeitos da previdência social o ato pelo qual o segurado é cadastrado no Regime Geral de Previdência Social, mediante comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis a sua caracterização. ( )

A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 14 anos. ( )

A inscrição do segurado empregado doméstico exige a idade mínima de 18 anos. ( )

A inscrição do segurado trabalhador avulso será efetuada diretamente no Instituto Nacional do Seguro Social. ( )

Os dados constantes do Cadastro Nacional de Informações Sociais CNIS relativos a vínculos, remunerações e contribuições valem como prova de filiação à previdência social, tempo de contribuição e salários de contribuição. ( )

Filiação é o vínculo que se estabelece entre pessoas que contribuem para a previdência social e esta, do qual decorrem direitos e obrigações. ( )

A filiação do trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano, para o exercício de atividades de natureza temporária, decorre automaticamente de sua inclusão no CNIS, mediante identificação específica. ( )

Considera-se inscrição de segurado facultativo a apresentação de documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório. ( )

A inscrição no RGPS exige idade mínima de 16 anos sem exceções. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Durante o exercício do mandato eletivo, o dirigente sindical perde a filiação ao RGPS. (E)

O dirigente sindical, durante o mandato eletivo, mantém o mesmo enquadramento no RGPS antes da investidura. Lei 8212, artigo 12, parágrafo 5.

§ 5º O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no Regime Geral de Previdência Social RGPS de antes da investidura.

Quanto ao segurado facultativo, a filiação nesta qualidade, representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento (C)

Surgindo a partir da Constituição de 1988, o segurado facultativo tem a sua inscrição e filiação, em regra, no mesmo momento com ato de sua própria vontade (volitivo). Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 3.

Segundo disposição constitucional, a previdência social deverá ser organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo, porém de filiação facultativa. (E)

A previdência social tem caráter contributivo e de filiação OBRIGATÓRIA. Os segurados obrigatórios, apenas pelo exercício de atividade já estarão filiados ao RGPS. A sua inscrição é o ato jurídico perante o INSS o qual corrobora a sua existência no referido regime.

CF, artigo 201.

A filiação na qualidade de segurado facultativo representa ato volitivo, gerando efeito somente a partir da inscrição e do primeiro recolhimento da contribuição previdenciária, não podendo retroagir, salvo no caso do segurado facultativo Micro Empreendedor Individual. (E)

O texto do Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 3, vem todo certinho até indicar que o MEI é um segurado facultativo, porém ele está na categoria de Contribuinte Individual.

Considerando que a previdência social é de filiação facultativa, é correto afirmar que a contratação de um empregado não implica sua adesão automática ao RGPS. Porém, as contribuições feitas ao referido regime, têm caráter compulsório. (E)

CF, artigo 201. Martelando a sua cabeça para fixar. Regime contributivo de filiação obrigatória!

No Regime Geral de Previdência Social não é permitida a filiação *post mortem* de segurado, salvo em especial o segurado facultativo. (E)

Você precisa tomar muito cuidado com a leitura rápida da questão. A palavra ESPECIAL aparece para confundi-lo. A filiação *post mortem* só é permitida para o segurado especial até porque, em regra, ele não verte contribuições mensais para o RGPS. Decreto 3048,artigo 18, V,parágrafo 5.

Considera-se filiação de segurado para os efeitos da previdência social o ato pelo qual o segurado é cadastrado no Regime Geral de Previdência Social, mediante comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis a sua caracterização. (E)

Decreto 3048, artigo 18. O ato formal de cadastro no RGPS, quando efetivamente a autarquia conhece o segurado é a INSCRIÇÃO. A filiação surge a partir do exercício de atividade ou concomitante à inscrição para os segurados facultativos. Ressalta-se que para estes, a filiação não ocorrerá antes da inscrição, visto que não exercem atividade.

A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 14 anos. (E)

Essa foi fácil, não? A inscrição do segurado facultativo exige a idade mínima de 16 anos. Decreto 3048, artigo 18, parágrafo 1.

A inscrição do segurado empregado doméstico exige a idade mínima de 18 anos. (C)

Essa você caiu e quebrou a cara no chão! A inscrição aos 18 anos, para empregado doméstico, é uma exceção à regra trazida pela Lei Complementar 150, artigo 1, Parágrafo único. *É vedada a contratação de menor de 18 (dezoito) anos para desempenho de trabalho doméstico, de acordo com a Convenção no 182, de 1999, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e com o Decreto no 6.481, de 12 de junho de 2008.*

A inscrição do segurado trabalhador avulso será efetuada diretamente no Instituto Nacional do Seguro Social. (E)

A inscrição do segurado trabalhador avulso será feita pelo sindicato ou órgão gestor de mão de obra como diz o Decreto 3048, artigo 18, parágrafo 1.

Os dados constantes do Cadastro Nacional de Informações Sociais CNIS relativos a vínculos, remunerações e contribuições valem como prova de filiação à previdência social, tempo de contribuição e salários de contribuição. (C)

Lembre-se que o CESPE adora colocar a literalidade de artigos e não foi diferente com o 19 do Decreto 3048. Fique ligado!

Filiação é o vínculo que se estabelece entre pessoas que contribuem para a previdência social e esta, do qual decorrem direitos e obrigações. (C)

Este é o conceito dado pelo artigo 20 do Decreto 3048. A filiação ocorre com o simples exercício de atividade para os segurados obrigatórios.

A filiação do trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano, para o exercício de atividades de natureza temporária, decorre automaticamente de sua inclusão no CNIS, mediante identificação específica. (E)

O CNIS é o Cadastro Nacional de Informações Sociais. É onde estão as informações dos segurados, porém é na inclusão da GFIP que o trabalhador rural contratado por produtor rural pessoa física por prazo de até dois meses dentro do período de um ano que decorre a filiação deste.

Considera-se inscrição de segurado facultativo a apresentação de documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório. (C)

Decreto 3048, artigo 18, V. Deve o segurado facultativo (aquele que não exerce atividade remunerada, apresentar no INSS o seu documento de identidade e declaração expressa de que não exerce atividade que o enquadre na categoria de segurado obrigatório.

A inscrição no RGPS exige idade mínima de 16 anos sem exceções. (E)

A idade mínima para inscrição no RGPS realmente é de 16 anos, porém há exceções! São elas: o menor aprendiz aos 14 anos, empregado doméstico aos 18 anos (Lei Complementar 150/15) e o garimpeiro igualmente aos 18 anos (Lei 11.685/08).

:: MANUTENÇÃO E PERDA DA QUALIDADE DE SEGURADO

Edna, segurada empregada, foi demitida do emprego como costureira em uma grande fábrica, onde trabalhou durante 11 anos. Ela acaba de receber a primeira parcela do seu seguro-desemprego. É correto afirmar que Edna manterá a sua qualidade de segurado por 24 meses.
( )

Em regra, mantêm a qualidade de segurado por até doze meses, independentemente de contribuições, o segurado empregado, o avulso, o doméstico e o facultativo. ( )

Leovigildo, segurado facultativo, teve cessado o seu auxílio-doença. É correto afirma que ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. ( )

Soldado Joaquim, segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar manterá a sua qualidade de segurado no RGPS por até seis meses. ( )

Sérgio é síndico de condomínio e, pelo cargo que exerce, não paga mensalmente a taxa condominial. É correto afirmar que, caso Sérgio cesse contribuições para o RGPS, ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. ( )

Dirceu, segurado do RGPS, foi preso na operação Lava Jato e permanecerá recluso por muitos anos. É correto afirmar que ele, após o livramento, manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses.
( )

Suponha que Nilton, segurado facultativo, tenha recolhido sua última contribuição previdenciária em janeiro de 2017 e falecido em 17/9/2017. Nesse caso, Nilton perdera a qualidade de segurado antes da data do óbito. ( )

Uma pessoa que tenha perdido a qualidade de segurado não fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. ( )

Ana Paula, vendedora de água de coco na praia, após um ano de contribuição para o RGPS, interrompeu-as. Teve o seu último recolhimento em 15 de janeiro de 2016 referente ao mês de dezembro de 2015. É correto afirmar que Ana Paula perderá a sua qualidade de segurada no dia 16 de fevereiro de 2017 caso este dia seja útil. ( )

Washington, segurado empregado, é demitido do seu primeiro emprego onde trabalhou por 2 meses. É correto afirmar que Washington perderá a sua qualidade de segurado após 12 meses e 45 dias após a sua demissão. ( )

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, por 12 meses, independentemente de contribuições. ( )

A perda da qualidade de segurado prejudica o direito à aposentadoria mesmo se todos os requisitos para a sua concessão já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. ( )

Daniel trabalhou para a empresa Tupi desde 2000, ininterruptamente, tendo contribuído mensalmente para o custeio da seguridade social, durante todo este período, na condição de segurado obrigatório. Em 31/1/2015, Daniel foi demitido sem justa causa e receberá o seu seguro-desemprego. Nessa circunstância e considerando a legislação previdenciária em vigor, Daniel manterá sua qualidade de segurado, independentemente de contribuições, em 16/3/2017. ( )

Manterá pelo máximo de até três meses após a cessação das contribuições, o segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social. ( )

Manterá a condição de segurado, por até 12 meses, o acometido de doença de segregação compulsória. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Edna, segurada empregada, foi demitida do emprego como costureira em uma grande fábrica, onde trabalhou durante 11 anos. Ela acaba de receber a primeira parcela do seu seguro-desemprego. É correto afirmar que Edna manterá a sua qualidade de segurado por 24 meses. (E)

Edna mantém a qualidade de segurado por 36 meses. Doze meses por estar sem emprego, mais doze meses por ter contribuído por MAIS de 120 contribuições mensais e mais 12 meses por estar recebendo seguro-desemprego ou cadastro no SINE.
Lei 8213, artigo 15.

Em regra, mantêm a qualidade de segurado por até doze meses, independentemente de contribuições, o segurado empregado, o avulso, o doméstico e o facultativo. (E)

A questão estaria correta pelo empregado e trabalhador avulso manterem a sua qualidade de segurado por até 12 meses em regra, mas o segurado facultativo tem até 6 meses mantendo a sua qualidade de segurado.

Leovigildo, segurado facultativo, teve cessado o seu auxílio-doença. É correto afirma que ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, II. O segurado facultativo, em regra, mantém a qualidade de segurado por até 6 meses, porém se ele recebia benefício por incapacidade e teve cessado o seu benefício, ele manterá a sua qualidade de segurado por até doze meses.

Soldado Joaquim, segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar manterá a sua qualidade de segurado no RGPS por até seis meses. (E)

O soldado Joaquim manterá a sua qualidade de segurado por até 3 meses e não 6 meses. Quem mantém, em regra, a qualidade de segurado por até 6 meses é o segurado facultativo.
Decreto 3048, artigo 13, V.

Sérgio é síndico de condomínio e, pelo cargo que exerce, não paga mensalmente a taxa condominial. É correto afirmar que, caso Sérgio cesse contribuições para o RGPS, ele manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, II. Esta questão exige que você entenda de SEGURADOS e MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DE SEGURADO. Sérgio não paga a taxa condominial. Logo, ele é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL. Sendo segurado obrigatório, presume-se que exerce atividade remunerada. Sérgio manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses.

Dirceu, segurado do RGPS, foi preso na operação Lava Jato e permanecerá recluso por muitos anos. É correto afirmar que ele, após o livramento, manterá a sua qualidade de segurado por até 12 meses. (C)

Decreto 3048, artigo 13, IV.

Suponha que Nilton, segurado facultativo, tenha recolhido sua última contribuição previdenciária em janeiro de 2017 e falecido em 17/9/2017. Nesse caso, Nilton perdera a qualidade de segurado antes da data do óbito. (C)

Nilton poderia manter a sua qualidade de segurado por até 6 meses, logo, morreu sem qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, VI.

Uma pessoa que tenha perdido a qualidade de segurado não fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. (E)

Ele FARÁ JUS à concessão de aposentadoria por idade! Apesar de ter perdido a qualidade de segurado, a pessoa em questão cumpria os requisitos para a aposentadoria por idade. Por exemplo, homem aos 65 anos e ao menos 180 contribuições mensais.
Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Ana Paula, vendedora de água de coco na praia, após um ano de contribuição para o RGPS, interrompeu-as. Teve o seu último recolhimento em 15 de janeiro de 2016 referente ao mês de dezembro de 2015. É correto afirmar que Ana Paula perderá a sua qualidade de segurada no dia 16 de fevereiro de 2017 caso este dia seja útil. (C)

Decreto 3048, artigo 14. Ana Paula teve a sua última contribuição sobre a competência dezembro/15 em janeiro de 2016. O contribuinte individual mantém a sua qualidade de segurado por 12 meses. Logo, Ana Paula perderá a sua qualidade de segurado se não verter contribuição até 15 de fevereiro de 2017.

Washington, segurado empregado, é demitido do seu primeiro emprego onde trabalhou por 2 meses. É correto afirmar que Washington perderá a sua qualidade de segurado após 12 meses e 45 dias após a sua demissão. (E)

Apesar de ser segurado empregado, leva-se em conta para a perda da qualidade de segurado o mês posterior ao mês seguinte da contribuição, mais 12 meses. Ou seja, o dia 16 como um contribuinte individual. Isso acontece, porque a legislação utiliza como parâmetro a data do recolhimento do contribuinte individual seja qual for a categoria do segurado.

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, por 12 meses, independentemente de contribuições. (E)

O segurado em gozo de benefício previdenciário mantém a qualidade de segurado, sem limite de prazo, independentemente de contribuições. Decreto 3048, artigo 13, I.

A perda da qualidade de segurado prejudica o direito à aposentadoria mesmo se todos os requisitos para a sua concessão já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. (E)

O contrário! A perda da qualidade de segurado não prejudicará o indivíduo se todos os requisitos para a concessão de sua aposentadoria já tiverem sido preenchidos e estiverem de acordo com a legislação em vigor à época em que esses requisitos foram atendidos. Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Daniel trabalhou para a empresa Tupi desde 2000, ininterruptamente, tendo contribuído mensalmente para o custeio da seguridade social, durante todo este período, na condição de segurado obrigatório. Em 31/1/2015, Daniel foi demitido sem justa causa e receberá o seu seguro-desemprego. Nessa circunstância e considerando a legislação previdenciária em vigor, Daniel manterá sua qualidade de segurado, independentemente de contribuições, em 16/3/2017. (C)

Correto. Daniel manterá a sua qualidade de segurado por 36 meses, logo, 24 meses depois ele ainda terá mantida a sua qualidade. A casca de banana está na palavra "EM". Decreto 3048, artigo 13.

Manterá pelo máximo de até três meses após a cessação das contribuições, o segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social. (E)

O segurado que deixar de exercer atividade remunerada abrangida pela previdência social, manterá por 12 meses a sua qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, II.

Manterá a condição de segurado, por até 12 meses, o acometido de doença de segregação compulsória. (C)

Decreto 3048, artigo 13, III.

:: SEGURADOS

É considerado segurado obrigatório da previdência social como trabalhador avulso:

O trabalhador que presta serviço de natureza rural definido em Regulamento, sem vínculo empregatício, a diversas empresas. ( )

Cornélio é garimpeiro. É correto afirmar que Cornélio é segurado obrigatório do RGPS na categoria segurado especial. ( )

Padre Cícero desenvolve as missas na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará. É correto afirmar que ele é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. ( )

Thomas, de cidadania estadunidense, está domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar em empresa domiciliada na Inglaterra, mas que possui maioria do capital votante pertencente a empresa brasileira de capital nacional. É correto afirmar que Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. ( )

Steven, nascido em El Salvador, sem residência permanente no Brasil, presta serviço no Brasil a missão diplomática. É correto afirmar que Steven é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. ( )

Joana reside e trabalha para a União na Espanha para organismo oficial brasileiro e é segurada da previdência social espanhola. É correto afirmar que, para as leis brasileiras, Joana também é segurada obrigatória do RGPS na categoria empregado. ( )

Gentil Pinto trabalha, eventualmente, para várias empresas prestando serviço de encanador. É correto afirmar que Gentil é segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso.
( )

Para o RGPS, o menor aprendiz é enquadrado na categoria segurado facultativo, caso o exercício do seu trabalho não esteja de acordo com a lei. ( )

Tiririca é Deputado Federal pelo Estado de São Paulo e Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil. É correto afirmar que o Deputado Tiririca é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. ( )

O brasileiro civil que trabalha no exterior para organismo oficial internacional do qual o Brasil é membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo quando coberto por regime próprio de previdência, é segurado obrigatório da previdência social, na qualidade de contribuinte individual. ( )

O bolsista da Fundação Habitacional do Exército contratado em conformidade com a lei é segurado facultativo do RGPS. ( )

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil, implica, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. ( )

Josué, que é segurado especial da seguridade social, por ser, na forma da legislação especial, considerado pequeno produtor rural, foi eleito vereador do município onde reside e trabalha. Nessa situação, Josué passará a ser segurado na condição de empregado do RGPS. ( )

Para o segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso, a atividade de movimentação de mercadorias nas instalações de uso público, compreendendo o recebimento, conferência, transporte interno, abertura de volumes para conferência aduaneira, manipulação, arrumação e entrega, bem como o carregamento e descarga de embarcações, quando efetuados por aparelhamento portuário é definida como estiva. ( )

Sérgio é bolsista, está vinculado ao regime de previdência social inglês, e se dedica, em tempo integral, a pesquisa, em curso de especialização, em Londres (Inglaterra). É correto afirmar que Sérgio não é segurado facultativo do RGPS brasileiro. ( )

É correto afirmar que o empregado doméstico tem direito ao seguro-desemprego limitado ao teto previdenciário. ( )

O empregador doméstico é obrigado a arrecadar e a recolher a contribuição do segurado empregado a seu serviço, assim como a parcela a seu cargo, até o dia 7 do mês seguinte ao da competência e quando não houver expediente bancário no dia 7 do mês, o recolhimento deverá ser realizado no dia imediatamente posterior, para que não haja incidência de juros e multa. ( )

É de responsabilidade do empregador o arquivamento de documentos comprobatórios do cumprimento das obrigações fiscais, trabalhistas e previdenciárias, enquanto essas não prescreverem. ( )

O empregador doméstico deve efetuar o recolhimento mensal, mediante documento único de arrecadação, de 20% de contribuição previdenciária do empregado doméstico que lhe presta serviço. ( )

É correto afirmar que o garimpeiro está enquadrado na categoria segurado especial do RGPS. ( )

É correto afirmar que todo segurado que exercer, concomitantemente, mais de uma atividade remunerada sujeita ao Regime Geral de Previdência Social é obrigatoriamente filiado em relação a cada uma delas. ( )

O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no RGPS de antes da investidura. ( )

A outorga, por meio de contrato escrito de parceria, meação ou comodato, de até 50% de imóvel rural cuja área total não seja superior a 4 (quatro) módulos fiscais, desde que outorgante e outorgado continuem a exercer a respectiva atividade, individualmente ou em regime de economia familiar descaracteriza a condição de segurado especial no RGPS. ( )

Mariza recebe pensão por morte do RGPS em virtude do falecimento de seu companheiro José. É correto afirmar que, pelo fato de receber pensão por morte, Mariza perde a sua qualidade de segurada especial. ( )

É correto afirmar que o brasileiro ou o estrangeiro domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar como empregado em sucursal ou agência de empresa nacional no exterior é segurado na categoria empregado do RGPS. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É considerado segurado obrigatório da previdência social como trabalhador avulso:

O trabalhador que presta serviço de natureza rural definido em Regulamento, sem vínculo empregatício, a diversas empresas. (C)

Lei 8213, artigo 11, VI. Nós, às vezes, achamos que o trabalhador avulso é somente aquele que trabalha nos porto, não é? Mas ele também pode ser um trabalhador avulso rural como diz o artigo 11 da lei de benefícios: como trabalhador avulso: quem presta, a diversas empresas, sem vínculo empregatício, serviço de natureza urbana ou rural definidos no Regulamento.

Cornélio é garimpeiro. É correto afirmar que Cornélio é segurado obrigatório do RGPS na categoria segurado especial. (E)

Esta é uma casca de banana recorrente nos concursos públicos onde o disciplina Direito Previdenciário aparece. O garimpeiro é um CONTRIBUINTE INDIVIDUAL como diz o artigo 11, V,b da lei 8213.

Padre Cícero desenvolve as missas na cidade de Juazeiro do Norte no Ceará. É correto afirmar que ele é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. (C)

O ministro de confissão religiosa e o membro de instituto de vida consagrada, de congregação ou de ordem religiosa é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. Lei 8213, artigo 11, V, c.

Thomas, de cidadania estadunidense, está domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar em empresa domiciliada na Inglaterra, mas que possui maioria do capital votante pertencente a empresa brasileira de capital nacional. É correto afirmar que Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria contribuinte individual. (E)

Thomas é segurado obrigatório do RGPS na categoria EMPREGADO como confere a Lei 8213, artigo 11, I, f.

Steven, nascido em El Salvador, sem residência permanente no Brasil, presta serviço no Brasil a missão diplomática. É correto afirmar que Steven é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. (E)

Steven não é segurado empregado, pois, apesar de prestar serviço a missão diplomática no Brasil, não possui residência permanente no Brasil. Lei 8213, artigo 11, I, d.

Joana reside e trabalha para a União na Espanha para organismo oficial brasileiro e é segurada da previdência social espanhola. É correto afirmar que, para as leis brasileiras, Joana também é segurada obrigatória do RGPS na categoria empregado. (E)

Lei 8213, artigo 11, I,e. O brasileiro civil que trabalha para a União, no exterior, em organismos oficiais brasileiros ou internacionais dos quais o Brasil seja membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo se segurado na forma da legislação vigente do país do domicílio. Joana já é amparada pela previdência espanhola, logo, ela não será segurada obrigatória do RGPS brasileiro.

Gentil Pinto trabalha, eventualmente, para várias empresas prestando serviço de encanador. É correto afirmar que Gentil é segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso. (E)

Muitos concurseiros, no início do estudo do Direito Previdenciário, erram este tipo de questão achando que o trabalhador que presta serviços eventuais é o AVULSO. Falso! Este tipo de segurado é enquadrado na categoria CONTRIBUINTE INDIVUDUAL para o Regime Geral de Previdência Social. Lei 8213, artigo 11, V,g.

Para o RGPS, o menor aprendiz é enquadrado na categoria segurado facultativo, caso o exercício do seu trabalho não esteja de acordo com a lei. (E)

Não confunda! Esta é a definição para o ESTAGIÁRIO. O menor aprendiz é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado.

Tiririca é Deputado Federal pelo Estado de São Paulo e Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil. É correto afirmar que o Deputado Tiririca é segurado obrigatório do RGPS na categoria empregado. (E)

O ilustre deputado não é empregado para o RGPS, pois ele está vinculado ao Regime Próprio de Previdência Social da União. Lei 8213, artigo 11, I,h.

O brasileiro civil que trabalha no exterior para organismo oficial internacional do qual o Brasil é membro efetivo, ainda que lá domiciliado e contratado, salvo quando coberto por regime próprio de previdência, é segurado obrigatório da previdência social, na qualidade de contribuinte individual. (C)

Este é o texto, que o CESPE costuma cobrar, do artigo 11, V,e da lei 8213.

O bolsista da Fundação Habitacional do Exército contratado em conformidade com a lei é segurado facultativo do RGPS. (E)

Este tipo de BOLSISTA não é SEGURADO FACULTATIVO. Ele é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL. Logo, tenha muito cuidado com esta pegadinha na sua prova CESPE. Decreto 3048, artigo 9, parágrafo 15, XIII.

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana implica, por si só, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. (E)

O fato de um dos integrantes do seu núcleo familiar desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil, implica, a descaracterização do trabalhador rural como segurado especial. (C)

Lei 8213, artigo 11, parágrafo 9. O membro do grupo familiar em questão perdeu a sua qualidade de segurado por desempenhar atividade urbana por mais de 120 dias no ano civil. Para retomar a sua qualidade de segurado, ele deve comprovar com prova documental de retorno à atividade rurícola.

Josué, que é segurado especial da seguridade social, por ser, na forma da legislação especial, considerado pequeno produtor rural, foi eleito vereador do município onde reside e trabalha. Nessa situação, Josué passará a ser segurado na condição de empregado do RGPS. (E)

Josué estará mantido na categoria de segurado especial, de acordo com o artigo 9, VII, parágrafo 8 do Decreto 3048. Exercício de mandato de vereador do município onde desenvolve a atividade rural, ou de dirigente de cooperativa rural constituída exclusivamente por segurados especiais.

Para o segurado obrigatório do RGPS na categoria trabalhador avulso, a atividade de movimentação de mercadorias nas instalações de uso público, compreendendo o recebimento, conferência, transporte interno, abertura de volumes para conferência aduaneira, manipulação, arrumação e entrega, bem como o carregamento e descarga de embarcações, quando efetuados por aparelhamento portuário é definida como estiva. (E)

O conceito do parágrafo 7 do artigo 9 do Decreto 3048 é de CAPATAZIA e não de estiva.

Sérgio é bolsista, está vinculado ao regime de previdência social inglês, e se dedica, em tempo integral, a pesquisa, em curso de especialização, em Londres (Inglaterra). É correto afirmar que Sérgio não é segurado facultativo do RGPS brasileiro. (C)

Sérgio está vinculado a regime de previdência social estrangeiro. Logo, Sérgio não é segurado do RGPS brasileiro.
Decreto 3048, artigo 11, parágrafo 1, VIII.

É correto afirmar que o empregado doméstico tem direito ao seguro-desemprego limitado ao teto previdenciário. (E)

O seguro desemprego para o empregado doméstico é limitado a um salário mínimo.

O empregador doméstico é obrigado a arrecadar e a recolher a contribuição do segurado empregado a seu serviço, assim como a parcela a seu cargo, até o dia 7 do mês seguinte ao da competência e quando não houver expediente bancário no dia 7 do mês, o recolhimento

deverá ser realizado no dia imediatamente posterior, para que não haja incidência de juros e multa. (E)

Lei 13.202/15. O recolhimento será ANTECIPADO em caso do dia 7 do mês não ser dia útil.

É de responsabilidade do empregador o arquivamento de documentos comprobatórios do cumprimento das obrigações fiscais, trabalhistas e previdenciárias, enquanto essas não prescreverem. (C)

Lei Complementar 150/15, artigo 42.

O empregador doméstico deve efetuar o recolhimento mensal, mediante documento único de arrecadação, de 20% de contribuição previdenciária do empregado doméstico que lhe presta serviço. (E)

8% de contribuição patronal previdenciária para a seguridade social, a cargo do empregador doméstico e 0,8% de contribuição social para financiamento do seguro contra acidentes do trabalho. Esses valores inteiram 8,8% de contribuição PREVIDENCIÁRIA. Lei Complementar 150/15, artigo 34.

É correto afirmar que o garimpeiro está enquadrado na categoria segurado especial do RGPS. (E)

O garimpeiro é contribuinte individual. Lei 8213, artigo 11, V, b.

É correto afirmar que todo segurado que exercer, concomitantemente, mais de uma atividade remunerada sujeita ao Regime Geral de Previdência Social é obrigatoriamente filiado em relação a cada uma delas. (C)

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 2.

O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no RGPS de antes da investidura. (C)

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 4.

A outorga, por meio de contrato escrito de parceria, meação ou comodato, de até 50% de imóvel rural cuja área total não seja superior a 4 (quatro) módulos fiscais, desde que outorgante e outorgado continuem a exercer a respectiva atividade, individualmente ou em regime de economia familiar descaracteriza a condição de segurado especial no RGPS. (E)

O contrário, NÃO DESCARACTERIZA. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 8.

Mariza recebe pensão por morte do RGPS em virtude do falecimento de seu companheiro José. É correto afirmar que, pelo fato de receber pensão por morte, Mariza perde a sua qualidade de segurada especial. (E)

Esta é uma exceção para não perder a qualidade de segurado especial no RGPS. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 9, I.

É correto afirmar que o brasileiro ou o estrangeiro domiciliado e contratado no Brasil para trabalhar como empregado em sucursal ou agência de empresa nacional no exterior é segurado na categoria empregado do RGPS. (C)

Lei 8213, artigo 11, I, c.

:: CONTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS E DOS SEGURADOS

Oriovaldo, dono de uma empresa do ramo de calçados, tem a contribuição de sua empresa em relação aos seus empregados inscritos no RGPS limitada ao somatório dos salários de contribuição da totalidade destes empregados. ( )

A contribuição do servidor público federal de cargo efetivo, que possui apenas este vínculo de trabalho, ao RGPS, incide sobre a sua remuneração integral. ( )

Sidney, taxista, auferiu no mês de outubro de 2017, dez mil reais em valor bruto referente ao transporte rodoviário. É correto afirmar que a sua contribuição de 20% para o RGPS até o dia 15 de novembro de 2017 foi de 400 reais. ( )

Se uma dona de casa, segurada facultativa do RGPS, inscrita no CadÚnico, contribuiu em maio de 2017 sobre dois salários mínimos, então a alíquota incidente sobre seu salário de contribuição foi de 5%. ( )

A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita líquida, decorrente dos espetáculos desportivos de que participem em todo território nacional em qualquer modalidade desportiva, inclusive jogos internacionais, e de qualquer forma de patrocínio, licenciamento de uso de marcas e símbolos, publicidade, propaganda e de transmissão de espetáculos desportivos. ( )

A alíquota de contribuição para o SAT incide sobre a remuneração paga ou creditada pelas empresas sobre a folha de pagamento a empregados e avulsos, levando-se em consideração a atividade preponderante e o risco de acidente de trabalho seja ele considerado leve, médio ou grave. ( )

No caso de instituições financeiras, haverá uma contribuição adicional de 2% sobre a remuneração de seus empregados e trabalhadores avulsos. ( )

É correto afirmar que a contribuição previdenciária que o empregador doméstico deve pagar quanto ao empregado doméstico que lhe presta serviço é de 8,8%. ( )

É correto afirmar que as alíquotas do SAT serão acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. ( )

A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor líquido da gratificação. ( )

É correto afirma que a contribuição do produtor rural pessoa física, em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 1,3%. ( )

É correto afirmar que a contribuição da agroindústria em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 2,5%. ( )

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% do total de rendimentos auferidos no mês, respeitando o teto previdenciário como sendo o seu salário de contribuição. ( )

É correto afirmar que o sistema especial de inclusão previdenciária terá alíquotas e carências inferiores às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. ( )

É correto afirmar que o contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 20% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Oriovaldo, dono de uma empresa do ramo de calçados, tem a contribuição de sua empresa em relação aos seus empregados inscritos no RGPS limitada ao somatório dos salários de contribuição da totalidade destes empregados. (E)

A contribuição da empresa não se limitará à soma dos salários de contribuição dos empregados. Vai muito além disso, sobre a folha de salários e rendimentos, à receita ou faturamento e o lucro. CF, artigo 195, I - do empregador, da empresa e da entidade a ela equiparada na forma da lei, incidentes sobre: a) a folha de salários e demais rendimentos do trabalho pagos ou creditados, a qualquer título, à pessoa física que lhe preste serviço, mesmo sem vínculo empregatício; b) a receita ou o faturamento; c) o lucro.

A contribuição do servidor público federal de cargo efetivo, que possui apenas este vínculo de trabalho, ao RGPS, incide sobre a sua remuneração integral. (E)

O servidor público federal de cargo efetivo está inscrito no RPPS da União. Ele não contribui para o RGPS. Apenas assim faria, caso tivesse um vínculo na iniciativa privada, por exemplo, professor de faculdade particular.

Sidney, taxista, auferiu no mês de outubro de 2017, dez mil reais em valor bruto referente ao transporte rodoviário. É correto afirmar que a sua contribuição de 20% para o RGPS até o dia 15 de novembro de 2017 foi de 400 reais. (C)

Incidirá 20% sobre o valor bruto auferido e desse valor, teremos o salário de contribuição de Sidney onde este contribuirá com 20% do valor. A questão está correta. Assim, o legislador protege o fretista de seus gastos com gasolina, pedágio, etc.

Decreto 3048, artigo 9,V, parágrafo 15.

Se uma dona de casa, segurada facultativa do RGPS, inscrita no CadÚnico, contribuiu em maio de 2017 sobre dois salários mínimos, então a alíquota incidente sobre seu salário de contribuição foi de 5%. (E)

A dona de casa de baixa renda, inscrita no CadÚnico, contribui sobre 5% de um salário mínimo e não de dois.

CF, artigo 201, § 12. Lei disporá sobre sistema especial de inclusão previdenciária para atender a trabalhadores de baixa renda e àqueles sem renda própria que se dediquem exclusivamente ao trabalho doméstico no âmbito de sua residência, desde que pertencentes a famílias de baixa renda, garantindo-lhes acesso a benefícios de valor igual a um salário-mínimo.

A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita líquida, decorrente dos espetáculos desportivos de que participem em todo território nacional em qualquer modalidade desportiva, inclusive jogos internacionais, e de qualquer forma de patrocínio, licenciamento de uso de marcas e símbolos, publicidade, propaganda e de transmissão de espetáculos desportivos. (E)

O texto acima estaria totalmente correto de acordo com o parágrafo 6 do artigo 22 da Lei 8.212 se não fosse a palavra LÍQUIDA. A contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, corresponde a cinco por cento da receita BRUTA.

A alíquota de contribuição para o SAT incide sobre a remuneração paga ou creditada pelas empresas sobre a folha de pagamento a empregados e avulsos, levando-se em consideração a atividade preponderante e o risco de acidente de trabalho seja ele considerado leve, médio ou grave. (C)

Na contribuição do SAT será avaliada a atividade preponderante de seu empregado a qual será levado em conta o seu risco de acidente de trabalho aplicando porcentagens entre 1, 2 ou 3 porcento.

No caso de instituições financeiras, haverá uma contribuição adicional de 2% sobre a remuneração de seus empregados e trabalhadores avulsos. (E)

As empresas contribuem com 20% sobre a remuneração paga, devida ou creditada aos segurados empregados e trabalhadores avulsos que lhe prestam serviço durante o mês. As instituições financeiras têm uma contribuição adicional de 2,5% sobre a remuneração destes trabalhadores. Lei 8212, I, parágrafo primeiro.

É correto afirmar que a contribuição previdenciária que o empregador doméstico deve pagar quanto ao empregado doméstico que lhe presta serviço é de 8,8%. (C)

O empregador doméstico tem um montante mensal de pagamento de 20% sobre os valores que deve pelo empregado doméstico que lhe presta serviço, porém apenas 8,8% são de contribuição previdenciária. São eles, 8% de sua contribuição patronal e 0,8% de contribuição para financiamento do seguro contra acidente do trabalho. Lei Complementar 150, artigo 34.

É correto afirmar que as alíquotas do SAT serão acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. (C)

O adicional SAT, criado para financiamento da aposentadoria especial, terão alíquotas acrescidas de 6%, 9% e 12%, respectivamente, se a atividade exercida pelo segurado justificar a concessão de aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. Lei 8213, artigo 57, parágrafos 6 e 7.

A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor líquido da gratificação. (E)

Decreto 3048, artigo 214, parágrafo 7. A contribuição da gratificação natalina dos empregados das empresas incidirá sobre o valor BRUTO da gratificação.

É correto afirma que a contribuição do produtor rural pessoa física, em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 1,3%. (C)

Lei 8212, artigo 25,I. Você agora se perguntou: por que não contabilizar a alíquota 0,2 do SENAR? Não é costume do CESPE cobrar esta alíquota e sim apenas a da receita bruta da comercialização da produção rural (1,2%) e 0,1% da receita vinda da comercialização para financiamento do SAT.

É correto afirmar que a contribuição da agroindústria em substituição à sua cota patronal, relativa à prestação de serviços de empregados e avulsos é de 2,5%. (E)

Lei 8212, artigo 22-A. Faltou a contribuição da agroindústria para financiamento do SAT de 0,1%. O total será de 2,6%. Mais uma vez, a alíquota agora de 0,25% para o SENAR não entraria na assertiva.

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% do total de rendimentos auferidos no mês, respeitando o teto previdenciário como sendo o seu salário de contribuição. (E)

O contribuinte individual optante pelo sistema especial de inclusão previdenciária, contribuirá com 11% sobre o salário mínimo. CF, artigo 201, parágrafo 12.

É correto afirmar que o sistema especial de inclusão previdenciária terá alíquotas e carências inferiores às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. (C)

CF, artigo 201, parágrafo 13. Você está se perguntando como? Não há carências inferiores para esta proteção. Verdade, mas este é o texto constitucional e cabe a você memorizá-lo. Apenas há alíquotas inferiores.

É correto afirmar que o contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 20% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. (E)

O contribuinte individual, que presta serviço a empresa, tem retido 11% de sua remuneração respeitado o teto previdenciário. Lei 8212, artigo 21, I, parágrafo 2.

:: DEPENDENTES

É correto afirmar que são dependentes de primeira classe, do segurado falecido, os pais deste desde que comprovem dependência econômica. ( )

A dependência econômica do menor sob guarda, quando dependente do segurado falecido, deve ser comprovada. ( )

Aparecida, 14 anos, irmã não emancipada de Josevaldo, dependente economicamente deste desde o nascimento. Josevaldo, segurado do RGPS, sem filhos e sem companheira, morre após ter contraído uma grave pneumonia. É correto afirmar que Aparecida terá direito a receber pensão por morte de Josevaldo até completar 21 anos. ( )

Acerca dos dependentes do RGPS é correto afirmar que a existência de dependente de primeira classe exclui do direito às prestações aos dependentes de segunda classe. ( )

O enteado e o menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica deste. ( )

Josefa, 17 anos, depende economicamente de seu irmão Nilton, segurado obrigatório do RGPS. Certo dia, instalando uma antena na laje de casa, Nilton morre eletrocutado. Não tendo Nilton outros dependentes, Josefa passa a receber pensão por morte. Aos 18 anos, Josefa contraiu matrimônio e se emancipou. É correto afirmar que o referido benefício gozado por Josefa será cessado após a sua emancipação. ( )

São beneficiários do Regime Geral de Previdência Social, na condição de dependentes do segurado o cônjuge, a companheira, o companheiro e o filho emancipado de qualquer condição, menor de vinte e um anos ou inválido. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS, os dependentes de classes distintas concorrem em igualdade de condições. ( )

Carla, 17 anos, acaba de saber que seu pai, Milton, segurado obrigatório do RGPS, acaba de falecer. É correto afirmar que Carla é dependente de Milton e receberá pensão por morte até que complete 24 anos ou conclua ensino superior. ( )

Dirceu, segurado obrigatório do RGPS, foi condenado a 10 anos de reclusão em regime fechado. É comprovado que ele é segurado de baixa renda, porém sua filha, Maria Antônia de 18 anos, não é considerada baixa renda. É correto afirmar que prescinde o direito de Maria Antônia receber auxílio-reclusão em virtude do cárcere de Dirceu. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do enteado do segurado é presumida. ( )

No RGPS, considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada por no mínimo 2 anos. ( )

A perda da qualidade de dependente findará pela cessação da invalidez. ( )

Flávio, segurado obrigatório do RGPS, morreu em virtude de um acidente de avião. Dona Lourdes, sua mãe, era a única familiar de Flávio. É correto afirmar que a dependência econômica de Dona Lourdes é presumida. ( )

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do ex-cônjuge do segurado é presumida. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que são dependentes de primeira classe, do segurado falecido, os pais deste desde que comprovem dependência econômica. (E)

Os pais são dependentes de SEGUNDA classe. Lei 8213, artigo 16, II.

A dependência econômica do menor sob guarda, quando dependente do segurado falecido, deve ser comprovada. (E)

A dependência econômica a ser comprovada é a do MENOR SOB TUTELA e não a do menor sob guarda. Este nem sequer é dependente de segurado do RGPS. Lei 8213, artigo 16.

Aparecida, 14 anos, irmã não emancipada de Josevaldo, dependente economicamente deste desde o nascimento. Josevaldo, segurado do RGPS, sem filhos e sem companheira, morre após ter contraído uma grave pneumonia. É correto afirmar que Aparecida terá direito a receber pensão por morte de Josevaldo até completar 21 anos. (C)

Correto. Aparecida é dependente economicamente de Josevaldo, não existem dependentes de primeira e segunda classes e ela não se emancipou antes da concessão do benefício.

Acerca dos dependentes do RGPS é correto afirmar que a existência de dependente de primeira classe exclui do direito às prestações aos dependentes de segunda classe. (C)

Correto. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 1.

O enteado e o menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica deste. (E)

Lembre-se sempre que o dependente enteado pode ser menor sob TUTELA e não menor sob guarda. É neste ponto que o CESPE tentará confundi-lo. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 2.

Josefa, 17 anos, depende economicamente de seu irmão Nilton, segurado obrigatório do RGPS. Certo dia, instalando uma antena na laje de casa, Nilton morre eletrocutado. Não tendo Nilton outros dependentes, Josefa passa a receber pensão por morte. Aos 18 anos, Josefa contraiu matrimônio e se emancipou. É correto afirmar que o referido benefício gozado por Josefa será cessado após a sua emancipação. (E)

Perceba que a emancipação de Josefa ocorreu após o início do recebimento da pensão por morte. Logo, a sua cota parte não será extinta. Lei 8213, artigo 16, III.

São beneficiários do Regime Geral de Previdência Social, na condição de dependentes do segurado o cônjuge, a companheira, o companheiro e o filho emancipado de qualquer condição, menor de vinte e um anos ou inválido. (E)

O filho deverá estar na condição de NÃO EMANCIPADO. Decreto 3048, artigo 16, I.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS, os dependentes de classes distintas concorrem em igualdade de condições. (E)

Existe uma "hierarquia" entre as três classes de dependentes no RGPS. Os dependentes de uma mesma classe concorrem em igualdade de condições, mas, por exemplo, o direito do dependente de classe dois é extinto havendo dependente de classe um. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 1.

Carla, 17 anos, acaba de saber que seu pai, Milton, segurado obrigatório do RGPS, acaba de falecer. É correto afirmar que Carla é dependente de Milton e receberá pensão por morte até que complete 24 anos ou conclua ensino superior. (E)

Carla, nestas condições, receberá pensão por morte até completar 21 anos de idade. Decreto 3048, artigo 16, I.

Dirceu, segurado obrigatório do RGPS, foi condenado a 10 anos de reclusão em regime fechado. É comprovado que ele é segurado de baixa renda, porém sua filha, Maria Antônia de 18 anos, não é considerada baixa renda. É correto afirmar que prescinde o direito de Maria Antônia receber auxílio-reclusão em virtude do cárcere de Dirceu. (E)

Maria Antônia terá direito a receber auxílio-reclusão. Observe que a condição de baixa renda deve partir do SEGURADO.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do enteado do segurado é presumida. (E)

O enteado deve ter comprovada a sua dependência econômica com o segurado. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 3.

No RGPS, considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada por no mínimo 2 anos. (E)

Considera-se companheira ou companheiro a pessoa que mantenha união estável com o segurado ou segurada. Apenas é preciso comprovar a união estável por 2 anos, quanto às condições exigidas de 18 contribuições e 2 anos de união estável, para o dependente cônjuge ou companheiro se enquadrar na tabela IDADExTEMPO ou recebimento por 4 meses na pensão por morte. Lei 8213, artigo 77,V,C e Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 5.

A perda da qualidade de dependente findará pela cessação da invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 17, IV.

Flávio, segurado obrigatório do RGPS, morreu em virtude de um acidente de avião. Dona Lourdes, sua mãe, era a única familiar de Flávio. É correto afirmar que a dependência econômica de Dona Lourdes é presumida. (E)

A dependência econômica dos pais, dependentes de classe dois, deve ser comprovada. Decreto 3048, artigo 16, parágrafo 7.

Acerca dos dependentes dos segurados do RGPS é correto afirmar que a dependência do ex-cônjuge do segurado é presumida. (E)

Deve ser comprovada a prestação de alimentos.

:: CARÊNCIA

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada doméstica e à segurada avulsa, a pensão por morte para os dependentes do segurado prescindem de carência. ( )

Havendo perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores só serão computadas para efeito de carência depois que o segurado contar, a partir da nova filiação à previdência social, com, no mínimo, um terço do número de contribuições exigidas para o cumprimento da carência definida para o benefício a ser requerido. ( )

A carência necessária para a concessão do benefício da aposentadoria por invalidez segue os mesmos moldes da aposentadoria por idade. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de dez contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. ( )

De acordo com a legislação previdenciária, o período de carência corresponde ao número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o segurado faça jus ao benefício aposentadoria por idade é de 180 contribuições mensais. ( )

A carência é contada, nos casos dos segurados empregados, empregados domésticos e dos trabalhadores avulsos, a partir da data de filiação ao RGPS, enquanto que, no caso do segurado facultativo, conta-se a carência a partir da data do efetivo pagamento da primeira contribuição sem atraso. ( )

Se uma empregada doméstica estiver devidamente inscrita na previdência social, será considerado, para efeito do início da contagem do período de carência dessa segurada, o dia em que sua carteira de trabalho tenha sido assinada. ( )

Júlia, segurada especial, teve o seu primeiro filho no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que, ao ter comprovado o efetivo exercício de atividade nos 12 meses anteriores ao nascimento da criança, Júlia terá direito ao benefício salário maternidade. ( )

Jaime, segurado empregado do regime geral da previdência social, teve sua capacidade laborativa reduzida por sequelas decorrentes de grave acidente. Nessa situação, não haverá carência para que Jaime receba o benefício de auxílio acidente. ( )

A concessão de auxílio-doença independe de carência nos casos em que o segurado ficar incapacitado para seu trabalho por mais de trinta dias consecutivos devido a alguma doença profissional ou a um acidente de qualquer natureza. ( )

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como professor, deve o requerente comprovar ter exercido, exclusivamente, a referida atividade por 30 anos , se homem, e 25 anos, se mulher. ( )

Vitória, contribuinte individual, há oito meses fez sua inscrição na previdência social passando a recolher regularmente as suas contribuições mensais. Dois meses depois da inscrição, descobriu que estava grávida de 1 mês, vindo seu filho a nascer, prematuramente, com sete meses. Nessa situação, não há nada que impeça Vitória de receber o salário-maternidade, pois a carência do benefício será reduzida na quantidade de meses em que o parto foi antecipado. ( )

Samuel, segurado facultativo do RGPS, havia recolhido dez contribuições mensais quando, devido a crise financeira do país, teve de deixar de recolher novas contribuições durante onze meses. Após se restabelecer financeiramente, Samuel voltou a contribuir, mas, após quatro meses de contribuição, ele foi acometido por uma doença que o incapacitou por vinte dias. Nessa situação, embora a doença de Samuel exija carência para o gozo do benefício de auxílio-doença, este perceberá o referido auxílio devido ao fato de ter readquirido a qualidade de segurado a partir do recolhimento de metade do número de contribuições exigidas para o gozo do auxílio-doença. ( )

Caso ocorra a perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores à perda não poderão ser computadas para efeito de carência. ( )

É correto afirmar que não há carência para o benefício auxílio-reclusão requerido pelo segurado de baixa renda. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada doméstica e à segurada avulsa, a pensão por morte para os dependentes do segurado prescindem de carência. (C)

Os referidos benefícios dispensam carência. Decreto 3048, artigo 30.

Havendo perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores só serão computadas para efeito de carência depois que o segurado contar, a partir da nova filiação à previdência social, com, no mínimo, um terço do número de contribuições exigidas para o cumprimento da carência definida para o benefício a ser requerido. (E)

Lei 8213/91 Art. 27-A. No caso de perda da qualidade de segurado, para efeito de carência para a concessão dos benefícios de que trata esta Lei, o segurado deverá contar, a partir da nova filiação à Previdência Social, com METADE dos períodos previstos nos incisos I e III do caput do art. 25 desta Lei.

A carência necessária para a concessão do benefício da aposentadoria por invalidez segue os mesmos moldes da aposentadoria por idade. (E)

A aposentadoria por invalidez tem carência de 12 meses e a aposentadoria por idade 180 contribuições mensais. Decreto 3048, artigo 29.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de dez contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. (E)

O auxílio doença exige 12 meses de carência e não 10 meses. Decreto 3048, artigo 29, I.

De acordo com a legislação previdenciária, o período de carência corresponde ao número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o segurado faça jus ao benefício aposentadoria por idade é de 180 contribuições mensais. (C)

Decreto 3048, artigo 29, II.

A carência é contada, nos casos dos segurados empregados, empregados domésticos e dos trabalhadores avulsos, a partir da data de filiação ao RGPS, enquanto que, no caso do segurado facultativo, conta-se a carência a partir da data do efetivo pagamento da primeira contribuição sem atraso. (C)

Esta foi uma alteração trazida pela Lei Complementar 150/2015 onde inclui o empregado doméstico no rol dos segurados que possuem carência a partir da data de filiação ao RGPS. Lei 8213, artigo 27.

Se uma empregada doméstica estiver devidamente inscrita na previdência social, será considerado, para efeito do início da contagem do período de carência dessa segurada, o dia em que sua carteira de trabalho tenha sido assinada. (E)

Hoje, o empregado doméstico goza da automaticidade de suas contribuições. A sua filiação, o seu exercício de atividade laboral é o suficiente e não a comprovação por sua carteira de trabalho assinada. Lei 8213, artigo 27.

Júlia, segurada especial, teve o seu primeiro filho no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que, ao ter comprovado o efetivo exercício de atividade nos 12 meses anteriores ao nascimento da criança, Júlia terá direito ao benefício salário maternidade. (C)

Júlia precisava de apenas 10 meses de carência. Com 12, ela terá direito ao benefício pleiteado. Lei 8213, artigo 25, III.

Jaime, segurado empregado do regime geral da previdência social, teve sua capacidade laborativa reduzida por sequelas decorrentes de grave acidente. Nessa situação, não haverá carência para que Jaime receba o benefício de auxílio acidente. (C)

Lei 8213, artigo 26, I. O auxílio acidente dispensa carência.

A concessão de auxílio-doença independe de carência nos casos em que o segurado ficar incapacitado para seu trabalho por mais de trinta dias consecutivos devido a alguma doença profissional ou a um acidente de qualquer natureza. (E)

A Medida Provisória 664 orientou que era necessário que o segurado incapacitado precisasse de 30 dias para buscar o INSS e o pagamento destes 30 primeiros dias eram de responsabilidade da empresa. Porém na conversão da MP 664 em Lei 13.135/15, este prazo voltou ao que era antes, 15 dias.

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como professor, deve o requerente comprovar ter exercido, exclusivamente, a referida atividade por 30 anos , se homem, e 25 anos, se mulher. (E)

A redução de 5 anos para o professor que exerce sua atividade no ensino infantil, fundamental e médio, refere-se à aposentadoria por tempo de contribuição e não aposentadoria por idade. CF, artigo 40, parágrafo 5.

Vitória, contribuinte individual, há oito meses fez sua inscrição na previdência social passando a recolher regularmente as suas contribuições mensais. Dois meses depois da inscrição, descobriu que estava grávida de 1 mês, vindo seu filho a nascer, prematuramente, com sete meses. Nessa situação, não há nada que impeça Vitória de receber o salário-maternidade, pois a carência do benefício será reduzida na quantidade de meses em que o parto foi antecipado. (C)

Lei 8213, artigo 25, parágrafo único. Em caso de parto antecipado, o período de carência a que se refere o inciso III será reduzido em número de contribuições equivalente ao número de meses em que o parto foi antecipado.

Samuel, segurado facultativo do RGPS, havia recolhido dez contribuições mensais quando, devido a crise financeira do país, teve de deixar de recolher novas contribuições durante onze meses. Após se restabelecer financeiramente, Samuel voltou a contribuir, mas, após quatro meses de contribuição, ele foi acometido por uma doença que o incapacitou por vinte dias. Nessa situação, embora a doença de Samuel exija carência para o gozo do benefício de auxílio-doença, este perceberá o referido auxílio devido ao fato de ter readquirido a qualidade de segurado a partir do recolhimento de metade do número de contribuições exigidas para o gozo do auxílio-doença. (E)

Samuel readquiriu a qualidade de segurado a partir do primeiro recolhimento e não como foi exposto na questão. Lei 8213, artigo 27, II.

Caso ocorra a perda da qualidade de segurado, as contribuições anteriores à perda não poderão ser computadas para efeito de carência. (E)

Nos casos das aposentadorias por idade, tempo de contribuição e especial, se o indivíduo tiver implementado os requisitos para estes benefícios, não será considerada a perda da qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 13, parágrafos 5 e 6.

É correto afirmar que não há carência para o benefício auxílio-reclusão requerido pelo segurado de baixa renda. (E)

O direito do auxílio reclusão é do dependente do segurado e não dele mesmo.

:: SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO

É correto afirmar que o total das diárias pagas ao empregado da empresa integra o seu salário de contribuição. ( )

Não integram o salário de contribuição os benefícios da previdência social, exceto o salário família. ( )

É correto afirmar que não integram o salário de contribuição a participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei complementar. ( )

É correto afirmar que as parcelas destinadas à assistência ao trabalhador da agroindústria canavieira não integram o salário de contribuição. ( )

É ilegítima a incidência de contribuição previdenciária sobre o valor relativo a plano educacional, ou bolsa de estudo, que vise à educação básica de empregados e seus dependentes e, desde que vinculada às atividades desenvolvidas pela empresa, à educação profissional e tecnológica de empregados e não seja utilizado em substituição de parcela salarial como também, o valor mensal do plano educacional ou bolsa de estudo, considerado individualmente, não ultrapasse 5% (cinco por cento) da remuneração do segurado a que se destina ou o valor correspondente a uma vez e meia o valor do limite mínimo mensal do salário de contribuição, o que for maior. ( )

É correto afirmar que as gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS. ( )

Daniela advogava para diversas empresas, sem manter vínculo de emprego, auferindo valores fixos mensais de cada uma delas. Nessa situação, o salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto do Ministro do STF. ( )

Os aposentados do RGPS, assim como os do RPPS não estarão imunes à incidência de contribuição previdenciária sobre seus proventos de aposentadoria. ( )

A contribuição dos segurados especiais para a previdência social, optantes por contribuir como se contribuinte individual fosse, é feita com base na venda de sua produção rural. ( )

Raul é vendedor em uma grande empresa que comercializa tecidos. A título de incentivo, essa empresa oferece aos empregados do setor de produção um plano de previdência privada. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre os valores pagos, pela empresa, a título de contribuição para a previdência privada, a Raul. ( )

Francisco trabalha em uma empresa onde pagam a ele, a cada mês, um valor referente à participação nos lucros, que é apurado mensalmente. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre o valor recebido mensalmente por Francisco a título de participação nos lucros. ( )

Adriano trabalha na gerência comercial de uma grande rede de lojas e visita regularmente cada uma das lojas da rede. Para atendimento a necessidades do trabalho que faz durante as viagens, Adriano recebe diárias que excedem, todos os meses, 50% de sua remuneração normal. Nessa situação, não incide contribuição previdenciária sobre os valores recebidos por Adriano a título dessas diárias. ( )

O salário de contribuição do empregado doméstico é o valor correspondente a um salário mínimo, ainda que ele receba mensalmente de seu empregador valor superior. ( )

O salário-família, o salário maternidade e o auxilio acidente não integram a base da contribuição previdenciária de segurado do RGPS. ( )

É correto afirmar que a ajuda de custo recebida pelo trabalhador, em parcela única, exclusivamente, em decorrência de local de trabalho, não incide contribuição previdenciária.
( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que o total das diárias pagas ao empregado da empresa integra o seu salário de contribuição. (E)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 8 foi revogado pela Lei 13.467/2017, logo os valores recebidos em diárias não incidem salário de contribuição.

Não integram o salário de contribuição os benefícios da previdência social, exceto o salário família. (E)

Dos benefícios previdenciário apenas o salário MATERNIDADE integra o salário de contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

É correto afirmar que não integram o salário de contribuição a participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei complementar. (E)

De acordo com lei específica. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, j.

É correto afirmar que as parcelas destinadas à assistência ao trabalhador da agroindústria canavieira não integram o salário de contribuição. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, o.

É ilegítima a incidência de contribuição previdenciária sobre o valor relativo a plano educacional, ou bolsa de estudo, que vise à educação básica de empregados e seus dependentes e, desde que vinculada às atividades desenvolvidas pela empresa, à educação profissional e tecnológica de empregados e não seja utilizado em substituição de parcela salarial como também, o valor mensal do plano educacional ou bolsa de estudo, considerado individualmente, não ultrapasse 5% (cinco por cento) da remuneração do segurado a que se destina ou o valor correspondente a uma vez e meia o valor do limite mínimo mensal do salário de contribuição, o que for maior. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, t.

É correto afirmar que as gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS. (C)

Lei 8212, artigo 2, I. As gorjetas integram o salário de contribuição do segurado empregado filiado ao RGPS.

Daniela advogava para diversas empresas, sem manter vínculo de emprego, auferindo valores fixos mensais de cada uma delas. Nessa situação, o salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto do Ministro do STF. (E)

O salário de contribuição de Daniela corresponde à soma de todas as remunerações percebidas, limitada ao teto PREVIDENCIÁRIO.

Os aposentados do RGPS, assim como os do RPPS não estarão imunes à incidência de contribuição previdenciária sobre seus proventos de aposentadoria. (E)
Não há incidência de contribuição previdenciária para os aposentados do RGPS, mas apenas se estes voltarem a exercer atividade remunerada. No caso do RPPS, há sim incidência de contribuição previdenciária para o RPPS.

A contribuição dos segurados especiais para a previdência social, optantes por contribuir como se contribuinte individual fosse, é feita com base na venda de sua produção rural. (E)

Eles contribuirão como contribuintes individuais fossem. A contribuição estará limitada entre os valores mínimos e máximos previdenciários. Lei 8212, artigo 25, parágrafo 1.

Raul é vendedor em uma grande empresa que comercializa tecidos. A título de incentivo, essa empresa oferece aos empregados do setor de produção um plano de previdência privada. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre os valores pagos, pela empresa, a título de contribuição para a previdência privada, a Raul. (C)

Só não incidiria se este benefício fosse oferecido à TOTALIDADE dos empregados da empresa, mas, no caso, foi oferecido apenas para os empregados do setor de produção. Logo, incidirá contribuição. Decreto 3048, artigo 214, XV

Francisco trabalha em uma empresa onde pagam a ele, a cada mês, um valor referente à participação nos lucros, que é apurado mensalmente. Nessa situação, incide contribuição previdenciária sobre o valor recebido mensalmente por Francisco a título de participação nos lucros. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 9, j. A Participação nos lucros ou resultados da empresa, quando paga ou creditada de acordo com lei específica. Diz a Lei: Não pode antecipar em mais de duas parcelas por ano e mais de um por trimestre.

Adriano trabalha na gerência comercial de uma grande rede de lojas e visita regularmente cada uma das lojas da rede. Para atendimento a necessidades do trabalho que faz durante as viagens, Adriano recebe diárias que excedem, todos os meses, 50% de sua remuneração normal. Nessa situação, não incide contribuição previdenciária sobre os valores recebidos por Adriano a título dessas diárias. (C)

Lei 8212, artigo 28, parágrafo 8 foi revogado pela Lei 13.467/2017, logo os valores recebidos em diárias não incidem salário de contribuição.

O salário de contribuição do empregado doméstico é o valor correspondente a um salário mínimo, ainda que ele receba mensalmente de seu empregador valor superior. (E)

O salário de contribuição do empregado doméstico, no que se refere a sua contribuição previdenciária é limitado ao teto, mas a sua remuneração não tem limite. Questão totalmente errada.

O salário-família, o salário maternidade e o auxilio acidente não integram a base da contribuição previdenciária de segurado do RGPS. (E)

O salário maternidade é o único benefício previdenciário que integra o salário de contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

É correto afirmar que a ajuda de custo recebida pelo trabalhador, em parcela única, exclusivamente, em decorrência de local de trabalho, não incide contribuição previdenciária. (C)

Lei 8212, parágrafo 9, g. A ajuda de custo, em parcela única, recebida exclusivamente em decorrência de mudança de local de trabalho do empregado não incide no salário de contribuição do trabalhador.

:: SALÁRIO DE BENEFÍCIO

A renda mensal inicial do salário-maternidade é calculada com base no salário de benefício. ( )

A renda mensal dos benefícios do RGPS, inclusive o salário-maternidade, será calculado com base no salário de benefício. ( )

Em regra, a renda mensal do benefício de prestação continuada que substituir os salários-de-contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor inferior ao do salário mínimo, nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. ( )

Tonha trabalha como empregada doméstica na casa da família Passos quatro horas diárias recebendo há um ano metade de um salário mínimo por mês. É correto afirma que, caso Tonha requeira auxílio doença no INSS, e seja aprovado o benefício, ela terá direito a receber 91% do seu salário de benefício, ou seja, 91% de meio salário mínimo. ( )

O salário de benefício consiste para as aposentadorias por invalidez e especial, auxílio doença e auxílio acidente na média aritmética simples dos maiores salários de contribuição correspondentes a oitenta por cento de todo o período contributivo. ( )

O INSS terá até cento e oitenta dias, contados da data do pedido, para fornecer ao segurado as informações constantes do CNIS sobre contribuições e remunerações utilizadas no cálculo do salário de benefício. ( )

Serão considerados para cálculo do salário de benefício os ganhos habituais do segurado empregado, a qualquer título, sob forma de moeda corrente ou de utilidades, sobre os quais tenha incidido contribuição previdenciária. ( )

O fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de vida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. ( )

No cálculo do salário de benefício serão considerados os salário de contribuição vertidos para regime próprio de previdência social de segurado oriundo desse regime, após a sua filiação ao Regime Geral de Previdência Social. ( )

Em regra, O salário de benefício do segurado especial consiste no valor equivalente ao salário mínimo. ( )

Todos os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com a inflação, referente ao período decorrido a partir da primeira competência do salário de contribuição que compõe o período básico de cálculo até o mês anterior ao do início do benefício, de modo a preservar o seu valor real. ( )

Rosa sempre contribuiu para a Previdência Social com base em valor equivalente um salário mínimo. Em virtude de ter sido acometida de enfermidade incapacitante, Rosa passou a perceber benefício previdenciário denominado auxílio-doença. Nessa situação, o valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor de seu salário-de-contribuição. ( )

O salário de benefício do segurado que contribui em razão de atividades concomitantes será calculado com base na soma dos salários de contribuição das atividades exercidas até a data do requerimento ou do óbito ou no período básico de cálculo. ( )

É correto afirmar que, dentre os benefícios do RGPS, sempre será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. ( )

Se, no período básico de cálculo, o segurado tiver recebido benefício por incapacidade, será considerado como salário de contribuição, no período, o salário de benefício que serviu de base para o cálculo da renda mensal, reajustado nas mesmas épocas e nas mesmas bases dos benefícios em geral, não podendo ser inferior ao salário mínimo nem superior ao limite máximo do salário de contribuição. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A renda mensal inicial do salário-maternidade é calculada com base no salário de benefício. (E)

O salário maternidade tem fórmulas próprias de cálculo de sua renda mensal.

A renda mensal dos benefícios do RGPS, inclusive o salário-maternidade, será calculado com base no salário de benefício. (E)

O salário maternidade tem fórmulas próprias de cálculo de sua renda mensal.

Em regra, a renda mensal do benefício de prestação continuada que substituir os salários-de-contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor inferior ao do salário mínimo, nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. (C)

CF, artigo 201, parágrafo2. Excetua à regra os caso de salário maternidade limitados até o subsídio do Ministro do STF r o adicional de 25% pago ao aposentado por invalidez que será abordado em tópico próprio.

Tonha trabalha como empregada doméstica na casa da família Passos quatro horas diárias recebendo há um ano metade de um salário mínimo por mês. É correto afirma que, caso Tonha requeira auxílio doença no INSS, e seja aprovado o benefício, ela terá direito a receber 91% do seu salário de benefício, ou seja, 91% de meio salário mínimo.

(E)

A Lei Complementar 150 permite que o empregador pague ao seu empregado doméstico valores abaixo do salário mínimo pelo número de horas trabalhadas, porém a Constituição Federal em seu artigo 201, parágrafo 2 nos orienta que nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo.

O salário de benefício consiste para as aposentadorias por invalidez e especial, auxílio doença e auxílio acidente na média aritmética simples dos maiores salários de contribuição correspondentes a oitenta por cento de todo o período contributivo. (C)

Decreto 3048, artigo 31, II

O INSS terá até cento e oitenta dias, contados da data do pedido, para fornecer ao segurado as informações constantes do CNIS sobre contribuições e remunerações utilizadas no cálculo do salário de benefício. (C)

Decreto 3048, artigo 31, parágrafo único.

Serão considerados para cálculo do salário de benefício os ganhos habituais do segurado empregado, a qualquer título, sob forma de moeda corrente ou de utilidades, sobre os quais tenha incidido contribuição previdenciária. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 4.

O fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de vida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. (E)

É muito comum o concurseiro considerar a expectativa de VIDA como sinônimo de expectativa de SOBREVIDA. Para alguns, elas são sinônimo e significam a esperança de vida do brasileiro avaliada por tábua pelo IBGE, mas para a sua prova, não esqueça: SOBREVIDA. Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 11.

No cálculo do salário de benefício serão considerados os salário de contribuição vertidos para regime próprio de previdência social de segurado oriundo desse regime, após a sua filiação ao Regime Geral de Previdência Social. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 15

Em regra, o salário de benefício do segurado especial consiste no valor equivalente ao salário mínimo. (C)

Em regra, o segurado especial recebe um salário mínimo em seus benefícios, mas para aquele segurado especial que verte suas contribuições facultativamente como se um contribuinte individual fosse, ele poderá ter benefícios no valor de até o teto previdenciário.

Todos os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com a inflação, referente ao período decorrido a partir da primeira competência do salário de contribuição que compõe o período básico de cálculo até o mês anterior ao do início do benefício, de modo a preservar o seu valor real. (E)

Os salários de contribuição utilizados no cálculo do salário de benefício serão corrigidos, mês a mês, de acordo com o INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor). Decreto 3048, artigo 33.

Rosa sempre contribuiu para a Previdência Social com base em valor equivalente um salário mínimo. Em virtude de ter sido acometida de enfermidade incapacitante, Rosa passou a perceber benefício previdenciário denominado auxílio-doença. Nessa situação, o valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor do salário-de-contribuição. (E)

O valor do auxílio-doença de Rosa será equivalente a 91% do valor de seu salário de benefício. Os seus salários de contribuição comporão o cálculo do salário de benefício.

O salário de benefício do segurado que contribui em razão de atividades concomitantes será calculado com base na soma dos salários de contribuição das atividades exercidas até a data do requerimento ou do óbito ou no período básico de cálculo. (C)

Decreto 3048, artigo 34.

É correto afirmar que, dentre os benefícios do RGPS, sempre será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. (E)

Exceto para o salário família e o auxílio acidente será pago o valor mínimo de benefício, quando não houver salário de contribuição no período básico de cálculo. Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 7.

Se, no período básico de cálculo, o segurado tiver recebido benefício por incapacidade, será considerado como salário de contribuição, no período, o salário de benefício que serviu de base para o cálculo da renda mensal, reajustado nas mesmas épocas e nas mesmas bases dos benefícios em geral, não podendo ser inferior ao salário mínimo nem superior ao limite máximo do salário de contribuição. (C)

Decreto 3048, artigo 32, parágrafo 6.

:: CONTAGEM RECÍPROCA

O segurado do RGPS que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado não poderá ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal. ( )

Para efeito de aposentadoria, é admissível a contagem recíproca dos tempos de contribuição prestada no serviço público federal, hipótese em que os esses regimes se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. ( )

Gerson trabalha como Técnico do Seguro Social durante a manhã e tarde e dá aulas de Zumba à noite em uma academia da cidade onde reside. É correto afirmar que, as atividades realizadas concomitantemente em empresa privada e no serviço público poderão ser reciprocamente consideradas, e os respectivos tempos de contribuição, averbados para efeito de aposentadoria. ( )

No que respeita à contagem recíproca, é correto afirmar que o tempo de serviço anterior ou posterior à obrigatoriedade de filiação à previdência social será contado mediante indenização da contribuição correspondente ao período respectivo, desde que com acréscimo de juros moratórios de 0,5% ao mês, capitalizados, mensalmente, e multa de 10%. ( )

Lázaro, servidor público federal da Caixa Econômica Federal passou em concurso público no Banco do Brasil e lá entrou em exercício. É correto afirmar que a Lázaro é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na atividade privada e do tempo de serviço na administração pública, hipótese em que os diferentes sistemas de previdência social se compensarão financeiramente. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O segurado do RGPS que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado não poderá ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal. (E)

O segurado que houver contribuído por dez anos para o INSS e houver perdido a qualidade de segurado PODERÁ ter esse tempo de contribuição averbado no serviço público federal mesmo que anterior à perda da qualidade de segurado. Lei 8213, artigo 55.

Para efeito de aposentadoria, é admissível a contagem recíproca dos tempos de contribuição prestada no serviço público federal, hipótese em que os esses regimes se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. (C)

Lei 8213, artigo 94.

Gerson trabalha como Técnico do Seguro Social durante a manhã e tarde e dá aulas de Zumba à noite em uma academia da cidade onde reside. É correto afirmar que, as atividades realizadas concomitantemente em empresa privada e no serviço público poderão ser reciprocamente consideradas, e os respectivos tempos de contribuição, averbados para efeito de aposentadoria. (E)

Lei 8213, artigo 96, II. É vedada a contagem de tempo de serviço público com o de atividade privada, quando concomitantes.

No que respeita à contagem recíproca, é correto afirmar que o tempo de serviço anterior ou posterior à obrigatoriedade de filiação à previdência social será contado mediante indenização da contribuição correspondente ao período respectivo, desde que com acréscimo de juros moratórios de 0,5% ao mês, capitalizados, mensalmente, e multa de 10%. (E)

O texto está quase todo certinho, mas a capitalização é anual e não mensal. Lei 8213, artigo 96, IV.

Lázaro, servidor público federal da Caixa Econômica Federal passou em concurso público no Banco do Brasil e lá entrou em exercício. É correto afirmar que a Lázaro é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na atividade privada e do tempo de serviço na administração pública, hipótese em que os diferentes sistemas de previdência social se compensarão financeiramente. (E)

Uma questão muito mais de Direito Administrativo que Direito Previdenciário, mas como noções de Direito Administrativo também faz parte de sua prova... Caixa Econômica Federal é empresa pública e está regida pelo RGPS assim como o Banco do Brasil que é uma sociedade de economia mista. Logo, não há o que se falar em contagem recíproca, visto que os dois banco são previdenciariamente regidos pelo RGPS.

:: RENDA MENSAL

O segurado empregado doméstico que tenha cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possa comprovar o valor dos seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição. ( )

É devido abono anual ao segurado em gozo de salário família devendo este ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. ( )

Os professores, após trinta anos de trabalho, têm direito à aposentadoria por tempo de contribuição, com renda mensal correspondente à totalidade de seu salário-benefício.
( )

É correto afirmar que a renda mensal do benefício aposentadoria por idade é igual a 70% do salário de benefício mais 1% deste a cada grupo de 12 contribuições não podendo ultrapassar 100%. ( )

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por invalidez corresponde a 91% do salário de benefício. ( )

No cálculo do valor da renda mensal do benefício, serão computados para o segurado facultativo os salários-de-contribuição referentes aos meses de contribuições efetivamente recolhidas. ( )

Apenas para o segurado empregado e o trabalhador avulso, o valor mensal do auxílio-acidente será considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. ( )

Considere que Josué seja um segurado do RGPS de baixa renda que ainda não se aposentou e tenha sido condenado pela prática de crime que determinou o início do cumprimento da pena em regime fechado. É correto afirmar que a renda mensal inicial do auxílio-reclusão devida aos seus dependentes é calculada de acordo com o modelo de cálculo a ser utilizado em caso de aposentadoria por invalidez. ( )

O auxílio-doença deve ser equivalente a uma renda mensal igual a 90% do salário de benefício.
( )

A renda mensal de qualquer benefício não deve ser inferior a um salário mínimo. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O segurado empregado doméstico que tenha cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possa comprovar o valor dos seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição. (C)

A Lei Complementar 150 alterou o artigo 35 da lei de benefícios incluindo o empregado doméstico na automaticidade previdenciária. Lei 8213, artigo 35. Ao segurado empregado, inclusive o doméstico, e ao trabalhador avulso que tenham cumprido todas as condições para a concessão do benefício pleiteado, mas não possam comprovar o valor de seus salários de contribuição no período básico de cálculo, será concedido o benefício de valor mínimo, devendo esta renda ser recalculada quando da apresentação de prova dos salários de contribuição.

É devido abono anual ao segurado em gozo de salário família devendo este ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. (E)

Não é devido abono anual para o segurado em gozo do benefício salário família. Lei 8213, artigo 40.

Os professores, após trinta anos de trabalho, têm direito à aposentadoria por tempo de contribuição, com renda mensal correspondente à totalidade de seu salário-benefício. (E)

Nem todos os professores têm direito a referida redução e deve-se exercer a atividade, exclusivamente, nesta profissão. Leva-se em consideração, também, as atividade de coordenação e direção na área de ensino. Lei 8213, artigo 56, O professor, após 30 (trinta) anos, e a professora, após 25 (vinte e cinco) anos de efetivo exercício em funções de magistério poderão aposentar-se por tempo de serviço, com renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício, observado o disposto na Seção III deste Capítulo.

É correto afirmar que a renda mensal do benefício aposentadoria por idade é igual a 70% do salário de benefício mais 1% deste a cada grupo de 12 contribuições não podendo ultrapassar 100%. (C)

Lei 8213, artigo 50.

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por invalidez corresponde a 91% do salário de benefício. (E)

Confunde-se na questão o percentual da renda mensal do auxílio-doença e da aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 44. A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício.

No cálculo do valor da renda mensal do benefício, serão computados para o segurado facultativo os salários-de-contribuição referentes aos meses de contribuições efetivamente recolhidas. (C)

Lei 8213, artigo 34, III.

Apenas para o segurado empregado e o trabalhador avulso, o valor mensal do auxílio-acidente será considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. (E)

Lei 8213, artigo 34, II. Para o segurado empregado, inclusive o doméstico, o trabalhador avulso e o segurado especial, o valor mensal do auxílio-acidente, considerado como salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria. Logo, a questão subtraiu o empregado doméstico (incluído pela Lei Complementar 150) e o segurado especial no cálculo do salário de contribuição para fins de concessão de qualquer aposentadoria,o valor mensal do auxílio acidente.

Considere que Josué seja um segurado do RGPS de baixa renda que ainda não se aposentou e tenha sido condenado pela prática de crime que determinou o início do cumprimento da pena em regime fechado. É correto afirmar que a renda mensal inicial do auxílio-reclusão devida aos seus dependentes é calculada de acordo com o modelo de cálculo a ser utilizado em caso de aposentadoria por invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 39, parágrafo 3. O valor mensal da pensão por morte ou do auxílio reclusão será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento, observado o disposto no § 8º do art. 32.

O auxílio-doença deve ser equivalente a uma renda mensal igual a 90% do salário de benefício. (E)

Essa é mamão com açúcar, não é? A renda mensal do auxílio doença é de 91% do salário de benefício.

A renda mensal de qualquer benefício não deve ser inferior a um salário mínimo. (E)

Apenas a renda mensal dos benefícios que substituem a renda mensal não deve ser inferior a um salário mínimo. Por exemplo, o salário família e o auxílio acidente não substituem, logo, podem ser inferiores ao salário mínimo.

:: APOSENTADORIA POR IDADE

Assim como na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário na aposentadoria por idade só será aplicado quando for mais vantajoso ao segurado. ( )

Caso Jurema requeira, em agência da previdência social, aposentadoria por idade, mas apresente documentação incompleta, o servidor do INSS deverá instruí-la acerca da documentação correta a apresentar e emitir exigência de documentação em processo. ( )

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como trabalhador rural, deve o requerente comprovar, além da carência exigida em lei, ter completado sessenta anos de idade, se homem, e cinquenta anos de idade, se mulher. ( )

Um indivíduo que tenha perdido a qualidade de segurado fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. ( )

Considere que Vilma, com 55 anos de idade, perdeu o emprego há quatro anos e não conseguiu retornar ao mercado de trabalho, perdendo, por isso, a qualidade de segurado do RGPS, apesar de ter contribuído por mais de 16 anos. Nessa situação hipotética, Vilma poderá requerer o benefício de aposentadoria por idade pelo fato de ter contribuído por tempo superior à carência. ( )

A aposentadoria por idade será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 30 dias depois dela. ( )

A aposentadoria por idade é devida ao segurado empregado, contribuinte individual e facultativo, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 dias depois dela. ( )

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 75 anos de idade para ambos os sexos, sendo compulsória, caso em que será garantida ao empregado a indenização prevista na legislação trabalhista, considerada como data da rescisão do contrato de trabalho a imediatamente anterior à do início da aposentadoria. ( )

Para fins de aposentadoria por idade, é necessário que o trabalhador rural comprove apenas a atividade rurícola contínua, no período imediatamente anterior ao requerimento administrativo ou judicial, por período equivalente a 15 anos de carência. ( )

Segurado especial, na condição de trabalhador rural, faz jus à percepção de aposentadoria por idade, uma vez cumprido o período de carência. ( )

Para a concessão da aposentadoria por idade rural, o tamanho da propriedade rural não é capaz, por si só, de descaracterizar o segurado especial e, consequente, redução de 5 anos na idade, se preenchidos os demais requisitos. ( )

Para a concessão de aposentadoria rural por idade, não se exige que o início de prova material corresponda a todo o período equivalente à carência do benefício, sendo que, para a comprovação de tempo de serviço rural, é indispensável documento em nome do próprio interessado. ( )

Os aposentados do RGPS deverão contribuir para o financiamento desse mesmo regime com proventos de seus respectivos benefícios. ( )

O salário-de-benefício da aposentadoria por idade é apurado pela média aritmética simples dos maiores salários-de-contribuição correspondentes a 80% de todo o período contributivo, multiplicada pelo fator previdenciário. ( )

O segurado que, aposentado sob o RGPS, permanecer em atividade sujeita a esse regime, ou a ele retornar, terá direito, dentre outros benefícios, ao salário maternidade. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Assim como na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário na aposentadoria por idade só será aplicado quando for mais vantajoso ao segurado. (E)

Na aposentadoria por tempo de contribuição, o fator previdenciário é OBRIGATÓRIO, quando o segurado não obtiver os pontos necessários da nova regra do 85/95 advindo da Lei 13.183/15.

Caso Jurema requeira, em agência da previdência social, aposentadoria por idade, mas apresente documentação incompleta, o servidor do INSS deverá instruí-la acerca da documentação correta a apresentar e emitir exigência de documentação em processo. (C)

O servidor do INSS irá identificá-la e tomar a providência cabíveis para dar continuidade no processo concessório. Lei 8213, artigo 105.

Para fazer jus à aposentadoria por idade prevista no RGPS, como trabalhador rural, deve o requerente comprovar, além da carência exigida em lei, ter completado sessenta anos de idade, se homem, e cinquenta anos de idade, se mulher. (E)

Primeiro que o requerente deve, em regra, comprovar o efetivo exercício de sua atividade rural por no mínimo 15 anos e segundo que é exigido a mulher trabalhadora rural, no mínimo, 55 anos de idade e não 50.

Um indivíduo que tenha perdido a qualidade de segurado fará jus à concessão de aposentadoria por idade ao completar sessenta e cinco anos, se homem, ou sessenta anos, se mulher, caso tenha recolhido o número mínimo de contribuições mensais exigido na data do requerimento desse benefício quando ele ainda mantinha a qualidade de segurado. (C)

Decreto 3048, artigo 13, parágrafo 6.

Considere que Vilma, com 55 anos de idade, perdeu o emprego há quatro anos e não conseguiu retornar ao mercado de trabalho, perdendo, por isso, a qualidade de segurado do RGPS, apesar de ter contribuído por mais de 16 anos. Nessa situação hipotética, Vilma poderá requerer o benefício de aposentadoria por idade pelo fato de ter contribuído por tempo superior à carência. (E)

Lembre-se que Vilma, mulher, na aposentadoria por idade, precisa de, ao menos, 60 anos de idade e, no mínimo, 180 contribuições mensais. Logo, ela não tem a idade necessária para a concessão da aposentadoria, apesar de ter o tempo de contribuição suficiente. Decreto 3048, artigo 51.

A aposentadoria por idade será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 30 dias depois dela. (E)

Lei 8213, artigo 49, da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 (noventa) dias depois dela.

A aposentadoria por idade é devida ao segurado empregado, contribuinte individual e facultativo, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 dias depois dela. (E)

Para o contribuinte individual e facultativo é a partir da data do requerimento. Lei 8213, artigo 49, II.

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 75 anos de idade para ambos os sexos, sendo compulsória, caso em que será garantida ao empregado a indenização prevista na legislação trabalhista, considerada como data da rescisão do contrato de trabalho a imediatamente anterior à do início da aposentadoria. (E)

A aposentadoria por idade pode ser requerida pela empresa, desde que o segurado empregado tenha cumprido o período de carência e completado 70 (setenta) anos de idade, se do sexo masculino, ou 65 (sessenta e cinco) anos, se do sexo feminino. Lei 8213, artigo 51.

Para fins de aposentadoria por idade, é necessário que o trabalhador rural comprove apenas a atividade rurícola contínua, no período imediatamente anterior ao requerimento administrativo ou judicial, por período equivalente a 15 anos de carência. (E)

Além da comprovação da atividade poder ser descontínua, exige-se também a idade mínima que para homem é de 60 anos e 55 para mulher.

Segurado especial, na condição de trabalhador rural, faz jus à percepção de aposentadoria por idade, uma vez cumprido o período de carência. (E)

Os requisitos são completos (idade + exercício de atividade rural mínimo de 15 anos contínuo ou não).

Para a concessão da aposentadoria por idade rural, o tamanho da propriedade rural não é capaz, por si só, de descaracterizar o segurado especial e, consequente, redução de 5 anos na idade, se preenchidos os demais requisitos. (E)

O tamanho da propriedade é condição para enquadrar o segurado como segurado especial ou segurado contribuinte individual. Caso a propriedade tenha mais de 4 módulos fiscais, o segurado será classificado na categoria de CONTRIBUINTE INDIVIDUAL e abaixo de 4 módulos fiscais, SEGURADO ESPECIAL.

Para a concessão de aposentadoria rural por idade, não se exige que o início de prova material corresponda a todo o período equivalente à carência do benefício, sendo que, para a comprovação de tempo de serviço rural, é dispensável documento em nome do próprio interessado. (C)

Assertiva correta. No caso de um membro do grupo familiar solteiro, as terras do pai ou mãe servem de prova para ele e assim como a documentação daqueles.

Os aposentados do RGPS deverão contribuir para o financiamento desse mesmo regime com proventos de seus respectivos benefícios. (E)

Os aposentados do RGPS, apenas contribuem caso retornem à atividade. Lei 8213, artigo 18, parágrafo 2.

O salário-de-benefício da aposentadoria por idade é apurado pela média aritmética simples dos maiores salários-de-contribuição correspondentes a 80% de todo o período contributivo, multiplicada pelo fator previdenciário. (C)

Entenda que este é o texto do artigo 29, I da Lei 8213. A concessão do benefício é que terá a aplicação do fator previdenciário caso ele seja mais benéfico para a renda mensal do segurado.

O segurado que, aposentado sob o RGPS, permanecer em atividade sujeita a esse regime, ou a ele retornar, terá direito, dentre outros benefícios, ao salário maternidade. (C)

Decreto 3048, artigo 103.

:: APOSENTADORIA POR INVALIDEZ

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, apenas em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insusceptível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, e ser-lhe-á paga enquanto permanecer nesta condição. ( )

Sem ressalvas, a doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez. ( )

A aposentadoria por invalidez será devida ao segurado empregado doméstico, a contar do décimo sexto dia do afastamento da atividade ou a partir da entrada do requerimento, se entre o afastamento e a entrada do requerimento decorrerem mais de trinta dias. ( )

A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício. ( )

O valor da aposentadoria por invalidez do segurado que necessitar da assistência permanente de outra pessoa será acrescido de 25% e será incorporado na pensão dos seus dependentes em caso de morte o segurado. ( )

A aposentadoria por invalidez é encerrada apenas com a morte do segurado. ( )

Rivelino era empregado em uma empresa, quando por motivos de doença foi aposentado por invalidez. Quatro anos após a concessão do referido benefício, Rivelino, recuperado, teve direito a retornar à função que desempenhava na empresa que trabalhava quando se aposentou. É correto afirmar que a aposentadoria por invalidez de Rivelino será cessada de imediato. ( )

Elriley, contribuinte individual, aposentou-se por invalidez há 3 anos. É correto afirmar que, recuperado, a aposentadoria por invalidez de Elriley será cessada após 3 meses. ( )

Acerca da aposentadoria por invalidez, quando a recuperação for parcial ou ocorrer após 5 anos da concessão da aposentadoria ou ainda quando o segurado for declarado apto para o exercício de trabalho diverso do qual habitualmente exercia, a aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 12 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade. ( )

Antônio, aposentado por invalidez, retornou à sua atividade laboral voluntariamente. Nessa situação, o seu benefício de aposentadoria por invalidez será cancelado a partir da data desse retorno. ( )

O aposentado por invalidez que retornar voluntariamente à atividade terá sua aposentadoria automaticamente cessada, a partir da data do requerimento. ( )

É correto afirmar que independe de carência a concessão de aposentadoria por invalidez ao segurado que, após filiar-se ao RGPS, for acometido de espondiloartrose anquilosante. ( )

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida, sem ressalvas, ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insuscetível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, ainda que a incapacidade decorra de doença ou lesão anterior à sua filiação ao RGPS. ( )

Dejair sofreu grave acidente que o deixou incapaz para o trabalho, não havendo qualquer condição de reabilitação, conforme exame médico pericial realizado pela previdência social. Nessa situação, Dejair não poderá receber imediatamente o benefício de aposentadoria por invalidez, pois esta somente lhe será concedida após o período de doze meses relativo ao auxílio-doença que Dejair já esteja recebendo. ( )

É correto afirmar que a concessão de aposentadoria por invalidez dependerá da verificação da condição de incapacidade mediante exame médico-pericial a cargo da Previdência Social, podendo o segurado, às custas do INSS, fazer-se acompanhar de médico de sua confiança. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, apenas em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insusceptível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, e ser-lhe-á paga enquanto permanecer nesta condição. (E)

Lei 8213, artigo 42. A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença.

Sem ressalvas, a doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez. (E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo 2. quando a incapacidade sobrevier por motivo de progressão ou agravamento dessa doença ou lesão poderá conferir aposentadoria por invalidez ao segurado.

A aposentadoria por invalidez será devida ao segurado empregado doméstico, a contar do décimo sexto dia do afastamento da atividade ou a partir da entrada do requerimento, se entre o afastamento e a entrada do requerimento decorrerem mais de trinta dias. (E)

Apesar de inúmeros direitos terem sido igualados entre segurados empregados e empregados doméstico, permanece mantido o texto do artigo 43, I, a da Lei 8213 (início da incapacidade).

A aposentadoria por invalidez, inclusive a decorrente de acidente do trabalho, consistirá numa renda mensal correspondente a 100% (cem por cento) do salário-de-benefício. (C)

Lei 8213, artigo 44.

O valor da aposentadoria por invalidez do segurado que necessitar da assistência permanente de outra pessoa será acrescido de 25% e será incorporado na pensão dos seus dependentes em caso de morte o segurado. (E)

Não haverá incorporação em pensão por morte ao dependente o valor dos 25% adicionais outrora recebido por segurado em sua aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 45.

A aposentadoria por invalidez é encerrada apenas com a morte do segurado. (E)

Existem outras possibilidades de cessação da aposentadoria por invalidez. Por exemplo, com o fim da invalidez com a aptidão do segurado para o trabalho.

Rivelino era empregado em uma empresa, quando por motivos de doença foi aposentado por invalidez. Quatro anos após a concessão do referido benefício, Rivelino, recuperado, teve direito a retornar à função que desempenhava na empresa que trabalhava quando se aposentou. É correto afirmar que a aposentadoria por invalidez de Rivelino será cessada de imediato. (C)

Lei 8213, artigo 47, I,a.

Elriley, contribuinte individual, aposentou-se por invalidez há 3 anos. É correto afirmar que, recuperado, a aposentadoria por invalidez de Elriley será cessada após 3 meses. (C)

Classificado na categoria CONTRIBUINTE INDIVIDUAL, a aposentadoria de Elriley será cessada após tantos meses quantos forem os anos de duração da sua aposentadoria por invalidez. Lei 8213, artigo 47, I,b.

Acerca da aposentadoria por invalidez, quando a recuperação for parcial ou ocorrer após 5 anos da concessão da aposentadoria ou ainda quando o segurado for declarado apto para o exercício de trabalho diverso do qual habitualmente exercia, a aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 12 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade. (E)

Lei 8213, artigo 47, II, a. , A aposentadoria será mantida, sem prejuízo da volta à atividade, no seu valor integral, durante 6 meses contados da data em que for verificada a recuperação da capacidade.

Antônio, aposentado por invalidez, retornou à sua atividade laboral voluntariamente. Nessa situação, o seu benefício de aposentadoria por invalidez será cancelado a partir da data desse retorno. (C)

Lei 8213, artigo 46.

O aposentado por invalidez que retornar voluntariamente à atividade terá sua aposentadoria automaticamente cessada, a partir da data do requerimento. (E)

Decreto 3048, artigo 48. A partir da data do retorno.

É correto afirmar que independe de carência a concessão de aposentadoria por invalidez ao segurado que, após filiar-se ao RGPS, for acometido de espondiloartrose anquilosante. (C)

Lei 8213, artigo 151.

A aposentadoria por invalidez, uma vez cumprida, quando for o caso, a carência exigida, será devida, sem ressalvas, ao segurado que, estando ou não em gozo de auxílio-doença, for considerado incapaz e insuscetível de reabilitação para o exercício de atividade que lhe garanta a subsistência, ainda que a incapacidade decorra de doença ou lesão anterior à sua filiação ao RGPS. (E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo 2. Existe ressalva. A doença ou lesão de que o segurado já era portador ao filiar-se ao Regime Geral de Previdência Social não lhe conferirá direito à aposentadoria por invalidez, salvo quando a incapacidade sobrevier por motivo de progressão ou agravamento dessa doença ou lesão.

Dejair sofreu grave acidente que o deixou incapaz para o trabalho, não havendo qualquer condição de reabilitação, conforme exame médico pericial realizado pela previdência social. Nessa situação, Dejair não poderá receber imediatamente o benefício de aposentadoria por invalidez, pois esta somente lhe será concedida após o período de doze meses relativo ao auxílio-doença que Dejair já esteja recebendo. (E)

Não é preciso estar em gozo de auxílio doença para gozar da aposentadoria por invalidez! Lei 8213, artigo 42.

É correto afirmar que a concessão de aposentadoria por invalidez dependerá da verificação da condição de incapacidade mediante exame médico-pericial a cargo da Previdência Social, podendo o segurado, às custas do INSS, fazer-se acompanhar de médico de sua confiança.

(E)

Lei 8213, artigo 42, parágrafo primeiro. O segurado poderá se fazer acompanhar de médico de sua confiança, mas o próprio segurado arcará com as despesas pela contratação do seu médico de confiança.

:: APOSENTADORIA POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO

Helena, 45 anos, é professora exerceu por 20 anos a sua profissão em unidade escolar e por mais 5 anos a função na coordenação pedagógica. É correto afirmar que Helena poderá se aposentar, por tempo de contribuição e o fator previdenciário apenas será aplicado se for vantajoso para sua aposentadoria. ( )

É correto afirmar que a renda mensal da aposentado ria por tempo de contribuição do segurado será o equivalente a 100% do seu salário de contribuição. ( )

Considera- se tempo de contribuição o tempo, contado de mês a mês, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. ( )

É correto afirmar que são contados como tempo de contribuição o período em que o segurado esteve recebendo auxílio doença ou aposentadoria por invalidez, entre períodos de atividade. ( )

No RGPS, não será computado como tempo de contribuição o já considerado para concessão de qualquer aposentadoria ou por outro regime de previdência social. ( )

É vedada a conversão de tempo de serviço de magistério, exercido em qualquer época, em tempo de serviço comum. ( )

Cirilo, 50 anos, em 2016, segurado especial, contribuiu facultativamente, como contribuinte individual, durante 36 anos, ininterruptamente, para o RGPS. É correto afirmar que Cirilo deverá pleitear aposentadoria por tempo de contribuição mesmo sendo um segurado especial. ( )

A prova exclusivamente testemunhal é insuficiente para a comprovação de atividade rurícola, com vistas à obtenção da aposentadoria por tempo de contribuição. ( )

O contribuinte individual que trabalha por conta própria, sem relação de emprego, poderá fazer jus à aposentadoria por tempo de contribuição caso contribua com 20% do seu salário de contribuição. ( )

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e especial. ( )

Para o segurado filiado à previdência social até 28 de novembro de 1999, inclusive o oriundo de regime próprio de previdência social, que vier a cumprir as condições exigidas para a concessão dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, no cálculo do salário de benefício será considerada a média aritmética simples dos maiores salários de contribuição,

correspondentes a, no mínimo, oitenta por cento de todo o período contributivo decorrido desde a competência junho de 1994. ( )

Durvalino, 55 anos de idade, segurado obrigatório da Previdência Social como contribuinte individual, em 31 de dezembro de 2016 completou 35 anos de contribuição previdenciária e fez aniversário. É correto afirmar que, em 1 de janeiro de 2020, Durvalino poderá ter o fator previdenciário como multiplicador facultativo em sua aposentadoria por tempo de contribuição, tendo Durvalino, nos períodos elencados, contribuído regularmente para o RGPS. ( )

Cabe ao contribuinte individual comprovar a interrupção ou o encerramento da atividade pela qual vinha contribuindo, sobpena de ser considerado em débito no período sem contribuição. ( )

Em regra, a aposentadoria por tempo de contribuição será devida ao segurado após trinta e cinco anos de contribuição, se homem, ou trinta anos, se mulher. ( )

Considera-se função de magistério a exercida por professor, quando exercida em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as funções de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Helena, 45 anos, é professora exerceu por 20 anos a sua profissão em unidade escolar e por mais 5 anos a função na coordenação pedagógica. É correto afirmar que Helena poderá se aposentar, por tempo de contribuição e o fator previdenciário apenas será aplicado se for vantajoso para sua aposentadoria. (E)

A primeira parte da assertiva está correta. Helena trabalhou 25 anos exclusivamente como professora e incluindo o tempo em função pedagógica, mas Helena não tem os 85 pontos necessários para ter o fator previdenciário como facultativo no cálculo de sua aposentadoria.

Lei 8213, artigo 29-C e Decreto 3048, artigo 56, parágrafo 1.

É correto afirmar que a renda mensal da aposentadoria por tempo de contribuição do segurado será o equivalente a 100% do seu salário de contribuição. (E)

A renda mensal deste benefício será o equivalente a 100% do salário de benefício. Decreto 3048, artigo 57.

Considera-se tempo de contribuição o tempo, contado de mês a mês, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. (E)

A grande falha desta assertiva é que a aposentadoria por tempo de contribuição é contada data a data, ou seja, dia a dia. Já a aposentadoria por idade é contada competência por competência. Decreto 3048, artigo 59.

É correto afirmar que são contados como tempo de contribuição o período em que o segurado esteve recebendo auxílio doença ou aposentadoria por invalidez, entre períodos de atividade. (C)
Decreto 3048, artigo 60, III.

No RGPS, não será computado como tempo de contribuição o já considerado para concessão de qualquer aposentadoria ou por outro regime de previdência social. (C)
Decreto 3048, artigo 60, parágrafo 1.

É vedada a conversão de tempo de serviço de magistério, exercido em qualquer época, em tempo de serviço comum. (C)

Decreto 3048, artigo 61, parágrafo 2.

Cirilo, 50 anos, em 2016, segurado especial, contribuiu facultativamente, como contribuinte individual, durante 36 anos, ininterruptamente, para o RGPS. É correto afirmar que Cirilo deverá pleitear aposentadoria por tempo de contribuição mesmo sendo um segurado especial. (E)

Cirilo PODERÁ pleitear uma aposentadoria por tempo de contribuição até porque já possui a carência mínima da aposentadoria, mas ele não será obrigado, pois, contribuindo, sujeita-se às regras daqueles que efetuar contribuições mensais e não como um segurado especial que comprova a sua atividade rural. Ademais, Cirilo não terá os 95 anos, em 2016, necessários para ter facultativo o fator previdenciário.
Decreto 3048, artigo 200, parágrafo 2. Lei 8213, artigo 29-C

A prova exclusivamente testemunhal é insuficiente para a comprovação de atividade rurícola, com vistas à obtenção da aposentadoria por tempo de contribuição. (C)
Decreto 3048, artigo 63

O contribuinte individual que trabalha por conta própria, sem relação de emprego, poderá fazer jus à aposentadoria por tempo de contribuição caso contribua com 20% do seu salário de contribuição. (C)
Lei 8212, artigo 21, parágrafo 2

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e especial. (E)

O fator previdenciário é utilizado para o cálculo da renda mensal inicial das aposentadorias por tempo de contribuição e por idade.

Para o segurado filiado à previdência social até 28 de novembro de 1999, inclusive o oriundo de regime próprio de previdência social, que vier a cumprir as condições exigidas para a concessão dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, no cálculo do salário de benefício será considerada a média aritmética simples dos maiores salários de contribuição, correspondentes a, no mínimo, oitenta por cento de todo o período contributivo decorrido desde a competência junho de 1994. (E)

Decreto 3048, artigo 188-A. A pegadinha está no mês da competência. Será o mês de início do Plano Real, JULHO de 1994.

Durvalino, 55 anos de idade, segurado obrigatório da Previdência Social como contribuinte individual, em 31 de dezembro de 2016 completou 35 anos de contribuição previdenciária e fez aniversário. É correto afirmar que, em 1 de janeiro de 2020, Durvalino poderá ter o fator previdenciário como multiplicador facultativo em sua aposentadoria por tempo de contribuição, tendo Durvalino, nos períodos elencados, contribuído regularmente para o RGPS. (C)

Perceba que Durvanilo precisará, em 1 de janeiro de 2020 de 96 pontos, já que apenas haverá acréscimo na pontuação em 31 de dezembro do mesmo ano. Logo, ele terá 58 anos de idade e 38 anos de contribuição. Suficientes para inteirar os 96 pontos. Lei 8213, 29-C.

Cabe ao contribuinte individual comprovar a interrupção ou o encerramento da atividade pela qual vinha contribuindo, sob pena de ser considerado em débito no período sem contribuição. (C)

Decreto 3048, artigo 59, parágrafo 1.

Em regra, a aposentadoria por tempo de contribuição será devida ao segurado após trinta e cinco anos de contribuição, se homem, ou trinta anos, se mulher. (C)

Decreto 3048, artigo 56

Considera-se função de magistério a exercida por professor, quando exercida em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as funções de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. (C)

Decreto 3048, artigo 56, parágrafo 2

:: APOSENTADORIA ESPECIAL

A aposentadoria especial, uma vez cumprida a carência exigida, será devida ao segurado empregado, trabalhador avulso e contribuinte individual, este somente quando cooperado filiado a cooperativa de trabalho ou de produção, que tenha trabalhado durante quinze, vinte ou vinte e cinco anos, conforme o caso, sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física. ( )

Considera-se tempo de trabalho intermitente aquele que é exercido de forma não ocasional, permanente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. ( )

Para o segurado que houver exercido duas ou mais atividades sujeitas a condições especiais prejudiciais à saúde ou à integridade física, sem completar em qualquer delas o prazo mínimo exigido para a aposentadoria especial, os respectivos períodos de exercício serão somados após conversão, devendo ser considerada a atividade preponderante para efeito de enquadramento.( )

É correto afirmar que a avaliação qualitativa de riscos e agentes nocivos será comprovada mediante descrição das circunstâncias de exposição ocupacional a determinado agente nocivo ou associação de agentes nocivos presentes no ambiente de trabalho durante toda a jornada. ( )

A aposentadoria especial será devida apenas ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos sujeito a condições especiais que lhe prejudiquem a saúde ou a integridade física. ( )

Ednelson goza de aposentadoria especial por ter estado trabalhando exposto a agentes nocivos durante um período que, de acordo com a lei pertinente, lhe garantiu o referido direito. Nessa situação, as despesas relativas ao pagamento da aposentadoria de Ednelson devem ser custeadas com recursos arrecadados pela cobrança do adicional GIRALT. ( )

No que se refere à aposentadoria especial, julgue o item a seguir:
A comprovação da efetiva exposição do segurado aos agentes nocivos será feita mediante formulário, na forma estabelecida pelo Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, emitido pela empresa ou seu preposto, com base em laudo técnico de condições ambientais do trabalho expedido por médico do trabalho ou engenheiro de segurança do trabalho nos termos da legislação trabalhista. ( )

Natália trabalha, há dez anos, exposta, de forma não-ocasional nem intermitente, a agentes químicos nocivos. Nessa situação, Natália terá direito a requerer, no futuro, aposentadoria especial, sendo-lhe possível, a fim de completar a carência, converter tempo comum trabalhado anteriormente, isto é, tempo em que não esteve exposto aos agentes nocivos, em tempo de contribuição para a aposentadoria do tipo especial. ( )

Otávio trabalhou por 7 anos em uma mineradora exercendo atividade que possibilita aposentadoria especial em 15 anos. Otávio, posteriormente, foi transferido para uma outra mineradora onde trabalhou por 14 anos em contato com agente que confere aposentadoria especial em 25 anos. É correto afirma que Otávio já poderá requerer a sua aposentadoria especial. ( )

Itamar trabalhou durante 10 anos em atividade exposto a agente nocivo que permite aposentadoria especial em 25 anos. Saiu deste emprego e passou a trabalhar como professor universitário. É correto afirmar que Itamar precisa trabalhar por mais 20 anos para ter direito a sua aposentadoria por tempo de contribuição. ( )

A data de início da aposentadoria especial será fixada da mesma forma que a da aposentadoria por idade. ( )

É correto afirmar que o segurado que requerer aposentadoria especial, deverá comprovar, além do tempo de trabalho, exposição aos agentes nocivos químicos, físicos, biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física, pelo período equivalente ao exigido para a concessão do benefício. ( )

A relação dos agentes nocivos químicos, físicos e biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física considerados para fins de concessão da aposentadoria especial de será definida pelo Poder Legislativo. ( )

Acerca da aposentadoria especial, a empresa que não mantiver laudo técnico atualizado com referência aos agentes nocivos existentes no ambiente de trabalho de seus trabalhadores ou que emitir documento de comprovação de efetiva exposição em desacordo com o respectivo laudo estará sujeita a multa variável expressa em lei. ( )

É correto afirma que, sobre a aposentadoria especial, a empresa deverá elaborar e manter atualizado perfil profissiográfico abrangendo as atividades desenvolvidas pelo trabalhador e fornecer a este, quando da rescisão do contrato de trabalho. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A aposentadoria especial, uma vez cumprida a carência exigida, será devida ao segurado empregado, trabalhador avulso e contribuinte individual, este somente quando cooperado filiado a cooperativa de trabalho ou de produção, que tenha trabalhado durante quinze, vinte ou vinte e cinco anos, conforme o caso, sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física. (C)

Decreto 3048, artigo 64.

Considera-se tempo de trabalho intermitente aquele que é exercido de forma não ocasional, permanente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. (E)

Houve uma troca de palavras para confundir o candidato apressado. Considera-se tempo de trabalho permanente aquele que é exercido de forma não ocasional nem intermitente, no qual a exposição do empregado, do trabalhador avulso ou do cooperado ao agente nocivo seja indissociável da produção do bem ou da prestação do serviço. Decreto 3048, artigo 65.

Para o segurado que houver exercido duas ou mais atividades sujeitas a condições especiais prejudiciais à saúde ou à integridade física, sem completar em qualquer delas o prazo mínimo exigido para a aposentadoria especial, os respectivos períodos de exercício serão somados após conversão, devendo ser considerada a atividade preponderante para efeito de enquadramento.(C)

Decreto 3048, artigo 66

É correto afirmar que a avaliação qualitativa de riscos e agentes nocivos será comprovada mediante descrição das circunstâncias de exposição ocupacional a determinado agente nocivo ou associação de agentes nocivos presentes no ambiente de trabalho durante toda a jornada. (C)

Decreto 3048, artigo 68, parágrafo 2.

A aposentadoria especial será devida apenas ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos sujeito a condições especiais que lhe prejudiquem a saúde ou a integridade física. (E)

Conforme nos orienta o artigo 57 da Lei 8213, a aposentadoria especial será devida, uma vez cumprida a carência exigida nesta Lei, ao segurado que tiver trabalhado sujeito a condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física, durante 15 (quinze), 20 (vinte) ou 25 (vinte e cinco) anos, conforme dispuser a lei. Não será devida ao segurado que tiver trabalhado por, pelo menos, vinte anos.

Ednelson goza de aposentadoria especial por ter estado trabalhando exposto a agentes nocivos durante um período que, de acordo com a lei pertinente, lhe garantiu o referido direito. Nessa situação, as despesas relativas ao pagamento da aposentadoria de Ednelson devem ser custeadas com recursos arrecadados pela cobrança do adicional GIRALT. (C)

Decreto 3048, artigo 202, parágrafo 1. As alíquotas GIRALT são acrescidas de 6%, 9% ou 12% se a atividade que o segurado exerce na empresa proporcionar aposentadoria especial após 25, 20 ou 15 anos de contribuição. Se a empresa tiver 200 empregados e 20 nesta condição, este complemento incidirá apenas sobre os 20 funcionários expostos aos agentes nocivos que prejudiquem a saúde e a integridade física.

No que se refere à aposentadoria especial, julgue o item a seguir:
A comprovação da efetiva exposição do segurado aos agentes nocivos será feita mediante formulário, na forma estabelecida pelo Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, emitido pela empresa ou seu preposto, com base em laudo técnico de condições ambientais do trabalho expedido por médico do trabalho ou engenheiro de segurança do trabalho nos termos da legislação trabalhista. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 1

Natália trabalha, há dez anos, exposta, de forma não-ocasional nem intermitente, a agentes químicos nocivos. Nessa situação, Natália terá direito a requerer, no futuro, aposentadoria especial, sendo-lhe possível, a fim de completar a carência, converter tempo comum trabalhado anteriormente, isto é, tempo em que não esteve exposto aos agentes nocivos, em tempo de contribuição para a aposentadoria do tipo especial. (E)

Não é possível a conversão de tempo comum em tempo especial.
Lei 8213, artigos 66 e 70.

Otávio trabalhou por 7 anos em uma mineradora exercendo atividade que possibilita aposentadoria especial em 15 anos. Otávio, posteriormente, foi transferido para uma outra mineradora onde trabalhou por 14 anos em contato com agente que confere aposentadoria especial em 25 anos. É correto afirma que Otávio já poderá requerer a sua aposentadoria especial. (C)

Memorizando a tabela, nós temos que de 15 anos para 25 anos multiplicamos por 1,67, ou seja, 7x1,67=11,69 Logo, 11,69+14=25,69. Otávio terá direito a sua aposentadoria especial.

Decreto 3048, artigo 66, parágrafo 2.

Itamar trabalhou durante 10 anos em atividade exposto a agente nocivo que permite aposentadoria especial em 25 anos. Saiu deste emprego e passou a trabalhar como professor universitário. É correto afirmar que Itamar precisa trabalhar por mais 20 anos para ter direito a sua aposentadoria por tempo de contribuição. (E)

Seguindo a tabela do artigo 70 do Decreto 3048, Itamar, quem trabalhou por 10 anos exposto a agente nocivo terá convertido 10x1,40=14 anos. Logo, para chegar aos 35 anos de contribuição, Itamar deverá trabalhar por mais 21 anos para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição.

A data de início da aposentadoria especial será fixada da mesma forma que a da aposentadoria por idade. (C)

Lei 8213, artigo 57, parágrafo 2.
A aposentadoria especial será devida ao segurado empregado, inclusive o doméstico, a partir da data do desligamento do emprego, quando requerida até essa data ou até 90 (noventa) dias ou depois dela da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o prazo previsto citado anteriormente. Para os demais segurados, da data da entrada do requerimento.

É correto afirmar que o segurado que requerer aposentadoria especial, deverá comprovar, além do tempo de trabalho, exposição aos agentes nocivos químicos, físicos, biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física, pelo período equivalente ao exigido para a concessão do benefício. (C)

Lei 8213, artigo 57, parágrafo 4

A relação dos agentes nocivos químicos, físicos e biológicos ou associação de agentes prejudiciais à saúde ou à integridade física considerados para fins de concessão da aposentadoria especial será definida pelo Poder Legislativo. (E)

Lei 8213, artigo 58. A relação será definida pelo Poder Executivo.

Acerca da aposentadoria especial, a empresa que não mantiver laudo técnico atualizado com referência aos agentes nocivos existentes no ambiente de trabalho de seus trabalhadores ou que emitir documento de comprovação de efetiva exposição em desacordo com o respectivo laudo estará sujeita a multa variável expressa em lei. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 3.

É correto afirma que, sobre a aposentadoria especial, a empresa deverá elaborar e manter atualizado perfil profissiográfico abrangendo as atividades desenvolvidas pelo trabalhador e fornecer a este, quando da rescisão do contrato de trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 58, parágrafo 4.

:: APOSENTADORIA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA

É correto afirmar que, para o reconhecimento do direito à aposentadoria da pessoa com deficiência, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. ( )

É assegurada a concessão de aposentadoria pelo RGPS ao segurado com deficiência aos 60 (sessenta) anos de idade, se homem, e 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, se mulher, independentemente do grau de deficiência, desde que cumprido tempo mínimo de contribuição de 15 (quinze) anos, porém mesmo que não comprovada a existência de deficiência durante todo o período. ( )

Gildivan, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência leve, contribui para o RGPS há 29 anos nesta condição. É correto afirmar que Gildivan já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. ( )

Carlota, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência moderada, contribui para o RGPS há 24 anos nesta condição. É correto afirmar que Carlota já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. ( )

Deilza, contribuinte individual, trabalhou durante 15 anos e contribuiu, ininterruptamente, para o RGPS. Certo dia, Deilza sofre um grave acidente o qual a deixa com uma deficiência moderada. É correto afirmar que Deilza, para se aposentar por tempo de contribuição como pessoa com deficiência, deverá verter contribuições ao RGPS por mais 9 anos. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que, para o reconhecimento do direito à aposentadoria da pessoa com deficiência, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (C)

Perceba que este é o texto que você precisa memorizar do artigo 2 da Lei Complementar 142.

É assegurada a concessão de aposentadoria pelo RGPS ao segurado com deficiência aos 60 (sessenta) anos de idade, se homem, e 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, se mulher, independentemente do grau de deficiência, desde que cumprido tempo mínimo de contribuição de 15 (quinze) anos, porém mesmo que não comprovada a existência de deficiência durante todo o período. (E)

Deverá haver a comprovação da deficiência por igual período. Lei Complementar 142, artigo 3, IV.

Gildivan, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência leve, contribui para o RGPS há 29 anos nesta condição. É correto afirmar que Gildivan já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. (E)

No caso da deficiência LEVE é preciso comprová-la, se homem, por 33 anos e não 29 anos. Lei Complementar 142, artigo3, II.

Carlota, deficiente desde o nascimento, tendo constatada sua deficiência moderada, contribui para o RGPS há 24 anos nesta condição. É correto afirmar que Carlota já terá direito a gozar aposentadoria da pessoa com deficiência por tempo de contribuição. (C)

Lei Complementar 142, artigo3, II.

Deilza, contribuinte individual, trabalhou durante 15 anos e contribuiu, ininterruptamente, para o RGPS. Certo dia, Deilza sofre um grave acidente o qual a deixa com uma deficiência moderada. É correto afirmar que Deilza, para se aposentar por tempo de contribuição como pessoa com deficiência, deverá verter contribuições ao RGPS por mais 9 anos. (E)

Uma mulher, para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição, deve contribuir para o RGPS por 30 anos. Perceba que Deilza já havia contribuído com metade do tempo (15 anos). Como a Lei Complementar 142 confere o direito a aposentadoria à pessoa com deficiência moderada, mulher, aos 24 anos de contribuição, Deilza deverá verter contribuições por mais 12 anos para ter direito a sua aposentadoria. Lei Complementar 142, artigo 7.

:: AUXÍLIO DOENÇA

Acerca da concessão do benefício auxílio-doença acidentário, dispensa-se o período de carência. ( )

Gustavo, motorista particular em residência de família, ficou incapacitado para as suas atividades laborais por 10 dias. É correto afirmar que Gustavo poderá receber auxílio doença a partir da data do início de sua incapacidade. ( )

O auxílio-doença será devido ao segurado empregado a contar do trigésimo primeiro dia do afastamento da atividade. ( )

O auxílio-doença é encerrado apenas com a morte do segurado, de forma que o segurado poderá recebê-lo conjuntamente com qualquer outro benefício, inclusive com salário maternidade. ( )

Zé Renato, segurado empregado do RGPS, em um dia de trabalho, no horário de almoço, no percurso entre o trabalho e sua casa, sofre um grave acidente. É correto afirmar que Zé Renato, além do auxílio doença, deverá ser mantido como licenciado pela empresa onde trabalha. ( )

Um segurado do RGPS, que esteja recebendo auxílio-doença, é obrigado a submeter-se a exame pelo médico perito da previdência social e a realizar o processo de reabilitação profissional para desenvolver novas competências. ( )

Maria Claudia, segurada empregada do RGPS, em seu primeiro emprego, no primeiro mês, é diagnosticada com neoplasia maligna. A doença determinou o seu afastamento do trabalho por seis meses. É correto afirmar que Maria Claudia não terá direito ao auxílio-doença pelo fato de não ter cumprido a carência de doze contribuições. ( )

O segurado contribuinte individual do RGPS que sofrer acidente que o impeça de trabalhar por mais de 15 dias tem direito ao benefício de auxílio-doença com início a partir do dia da incapacidade, desde que o auxílio tenha sido requerido até trinta dias após a ocorrência do infortúnio. ( )

O segurado do RGPS que durante o gozo do auxílio-doença vier a exercer atividade que lhe garanta subsistência, o benefício deverá ser cancelado a partir do retorno à atividade. ( )

O segurado empregado doméstico, em gozo de auxílio-doença, será considerado pelo empregador doméstico como licenciado. ( )

João, segurado empregado do RGPS, sofreu acidente do trabalho e terá garantida, por no máximo doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa onde trabalha.
( )

Suponha que Diogo, segurado empregado do RGPS, requereu auxílio doença e foi concedido. Quando foi feito o cálculo da Renda Mensal do benefício, observou-se o salário de benefício no valor de três mil reais. Mas quando calculados os seus 12 últimos salários de contribuição, observou-se o valor da renda mensal de quatro mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença ao qual Diogo terá direito será de 3 mil reais. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de acidente do trabalho. ( )

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. ( )

Quando o acidentado não se afastar do trabalho no dia do acidente, os quinze dias de responsabilidade da empresa pela sua remuneração integral são contados a partir da data do afastamento. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Acerca da concessão do benefício auxílio-doença acidentário, dispensa-se o período de carência. (C)

Lei 8213, artigo 26, II. O caso em questão, configurou-se acidente de qualquer natureza, logo, a carência será dispensada.

Gustavo, motorista particular em residência de família, ficou incapacitado para as suas atividades laborais por 10 dias. É correto afirmar que Gustavo poderá receber auxílio doença a partir da data do início de sua incapacidade. (E)

Lei 8213, artigo 59. Este artigo nos orienta que independente da categoria do segurado , a incapacidade deve ocorrer por mais de 15 dias. O auxílio-doença será devido ao segurado que, havendo cumprido, quando for o caso, o período de carência exigido nesta Lei, ficar incapacitado para o seu trabalho ou para a sua atividade habitual por mais de 15 (quinze) dias consecutivos.

O auxílio-doença será devido ao segurado empregado a contar do trigésimo primeiro dia do afastamento da atividade. (E)

Fiquem ligados nas atualizações previdenciárias. A Medida Provisória 664 foi convertida em Lei 13.135, mas não migrou a alteração de 16 para 31 dias do afastamento da atividade para o segurado empregado. Logo, permaneceu o entendimento original da Lei 8213, artigo 60.

O auxílio-doença é encerrado apenas com a morte do segurado, de forma que o segurado poderá recebê-lo conjuntamente com qualquer outro benefício, inclusive com salário maternidade. (E)

Auxílio doença além de não ser cumulativo com o salário maternidade, não é encerrado apenas com a morte do segurado. Decreto 3048, artigo 167, IV. Artigo 75, parágrafo 2, artigo 78.

Zé Renato, segurado empregado do RGPS, em um dia de trabalho, no horário de almoço, no percurso entre o trabalho e sua casa, sofre um grave acidente. É correto afirmar que Zé Renato, além do auxílio doença, deverá ser mantido como licenciado pela empresa onde trabalha. (C)

Decreto 3048, artigo 80.

Um segurado do RGPS, que esteja recebendo auxílio-doença, é obrigado a submeter-se a exame pelo médico perito da previdência social e a realizar o processo de reabilitação profissional para desenvolver novas competências. (C)

Lei 8213, artigo 101.

Maria Claudia, segurada empregada do RGPS, em seu primeiro emprego, no primeiro mês, é diagnosticada com neoplasia maligna. A doença determinou o seu afastamento do trabalho por seis meses. É correto afirmar que Maria Claudia não terá direito ao auxílio-doença pelo fato de não ter cumprido a carência de doze contribuições. (E)

Neoplasia maligna (câncer) está entre as doenças de lista que prescinde carência no auxílio doença. Lei 8213, artigo 151.

O segurado contribuinte individual do RGPS que sofrer acidente que o impeça de trabalhar por mais de 15 dias tem direito ao benefício de auxílio-doença com início a partir do dia da incapacidade, desde que o auxílio tenha sido requerido até trinta dias após a ocorrência do infortúnio. (C)

Lei 8213, artigo 60.

O segurado do RGPS que durante o gozo do auxílio-doença vier a exercer atividade que lhe garanta subsistência, o benefício deverá ser cancelado a partir do retorno à atividade. (E)

O texto de lei diz que o benefício PODERÁ ser cancelado. Lei 8213, artigo 60, parágrafo 6.

O segurado empregado doméstico, em gozo de auxílio-doença, será considerado pelo empregador doméstico como licenciado. (C)

Lei 8213, artigo 63.

João, segurado empregado do RGPS, sofreu acidente do trabalho e terá garantida, por no máximo doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa onde trabalha. (E)

João terá garantida a manutenção do seu contrato de trabalho por NO MÍNIMO 12 meses e não até 12 meses. Lei 8213, artigo 118.

Suponha que Diogo, segurado empregado do RGPS, requereu auxílio doença e foi concedido. Quando foi feito o cálculo da Renda Mensal do benefício, observou-se o salário de benefício no valor de três mil reais. Mas quando calculados os seus 12 últimos salários de contribuição, observou-se o valor da renda mensal de quatro mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença ao qual Diogo terá direito será de 3 mil reais. (E)

A renda mensal do auxílio doença de Diogo será de 91% do salário de benefício (R$3000,00). Perceba que o fator limitador do cálculo dos seus 12 últimos salários de contribuição não foi observado, visto que ele seria superior à renda mensal original.
Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido

benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de acidente do trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 26, II.

A concessão do benefício de auxílio-doença, em regra, exige período de carência de doze contribuições mensais. Todavia, a lei prevê casos em que a concessão do referido benefício independe de carência, entre os quais se inclui a situação na qual o segurado venha a ser vítima de moléstia profissional ou do trabalho. (C)

Decreto 3048, artigo 72, parágrafo 3.

Quando o acidentado não se afastar do trabalho no dia do acidente, os quinze dias de responsabilidade da empresa pela sua remuneração integral são contados a partir da data do afastamento. (C)

Decreto 3048, artigo 72, parágrafo 1.

:: AUXÍLIO ACIDENTE

O auxílio-acidente será devido a partir do dia seguinte ao da cessação do auxílio-doença, independentemente de qualquer remuneração ou rendimento auferido pelo acidentado, vedada, em regra, sua acumulação com qualquer aposentadoria. ( )

Para concessão do benefício, por incapacidade, auxílio-acidente fundamentado na redução da capacidade laboral sendo necessário que a sequela decorra da atividade exercida acarrete redução da capacidade para o trabalho habitualmente exercido. ( )

É correto afirmar que o segurado do RGPS em gozo de auxílio acidente, manterá a sua qualidade de segurado até que este seja cessado. ( )

O segurado do RGPS empregado e o empregado doméstico não fazem jus ao benefício de auxílio-acidente. ( )

É vedado o recebimento conjunto do seguro-desemprego com qualquer benefício de prestação continuada da previdência social, exceto pensão por morte, auxílio-acidente e auxílio reclusão. ( )

A perda da audição, em qualquer grau, somente proporcionará a concessão do auxílio-acidente, quando, além do reconhecimento de causalidade entre o trabalho e a doença, resultar, comprovadamente, na redução ou perda da capacidade para o trabalho que habitualmente exercia. ( )

Dentre os segurado do RGPS é correto afirmar que apenas são beneficiados do auxílio-acidente os segurados o empregado, trabalhador avulso e o especial. ( )

O auxílio acidente é um benefício concedido pelo INSS destinado aos segurado de baixa renda. ( )

Não será concedido o benefício do RGPS auxílio acidente quando o requerente não apresentar danos funcionais ou redução da capacidade funcional sem repercussão na capacidade laborativa. ( )

O auxílio acidente mensal corresponderá a 91% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado, corrigido até o mês anterior ao do início do auxílio acidente e será devido até a véspera de início de qualquer aposentadoria ou até a data do óbito do segurado. ( )

Raquel recebe auxílio-acidente decorrente da consolidação de lesões que a deixaram com sequelas definitivas. Nessa situação, Raquel poderá cumular o benefício que atualmente recebe com o auxílio-doença decorrente de outro evento. ( )

Maria, empregada doméstica, após ter sofrido grave acidente quando caiu do primeiro andar da casa de sua patroa, recebeu auxílio-doença por seis meses. Depois desse período, foi comprovadamente constatada a redução de sua capacidade laborativa. Nessa situação,

Maria terá direito ao auxílio-acidente correspondente a 50% do salário de benefício do auxílio-doença que recebia. ( )

Acerca do benefício do RGPS auxílio acidente é correto afirmar que o empregador doméstico deverá comunicar o acidente do trabalho à Previdência Social até o primeiro dia útil seguinte ao da ocorrência e, em caso de morte, de imediato, à autoridade competente, sob pena de multa variável entre o limite mínimo e o limite máximo do salário de contribuição, sucessivamente aumentada nas reincidências, aplicada e cobrada pela Previdência Social. ( )

O auxílio-acidente, antes das mudanças promovidas pela Constituição de 1988, tinha natureza de seguro privado. Atualmente, consiste em um benefício por incapacidade concedido ao segurado, quando, após a consolidação das lesões decorrentes de acidente de qualquer natureza, resultem sequelas que impliquem a redução da capacidade para o trabalho que era exercido anteriormente. ( )

É correto afirmar que o auxílio acidente não poderá ter valor inferior ao salário mínimo.
( )

:: GABARITO COMENTADO

O auxílio-acidente será devido a partir do dia seguinte ao da cessação do auxílio-doença, independentemente de qualquer remuneração ou rendimento auferido pelo acidentado, vedada, em regra, a sua acumulação com qualquer aposentadoria. (C)

Existem exceção para acumulação de aposentadoria com auxílio acidente, mas para a sua prova CESPE do INSS, não pode acumular e eu não vou colocar mais coisa em sua cabeça! Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 2.

Para concessão do benefício, por incapacidade, auxílio-acidente fundamentado na redução da capacidade laboral sendo necessário que a sequela decorra da atividade exercida acarrete redução da capacidade para o trabalho habitualmente exercido. (E)

Auxílio acidente não é benefício por incapacidade como a aposentadoria por invalidez e o auxílio doença. Ele é um benefício INDENIZATÓRIO.

É correto afirmar que o segurado do RGPS em gozo de auxílio acidente, manterá a sua qualidade de segurado até que este seja cessado. (C)

Decreto 3048, artigo 13, I. Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, sem limite de prazo, o segurado que está em gozo de benefício.

O segurado do RGPS empregado e o empregado doméstico não fazem jus ao benefício de auxílio-acidente. (E)

A partir da edição da Lei Complementar 150, o empregado doméstico tem direito ao auxílio acidente. O empregado já fazia jus dentro da legislação previdenciária.

É vedado o recebimento conjunto do seguro-desemprego com qualquer benefício de prestação continuada da previdência social, exceto pensão por morte, auxílio-acidente e auxílio reclusão. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 2.

A perda da audição, em qualquer grau, somente proporcionará a concessão do auxílio-acidente, quando, além do reconhecimento de causalidade entre o trabalho e a doença, resultar, comprovadamente, na redução ou perda da capacidade para o trabalho que habitualmente exercia. (C)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 5.

Dentre os segurado do RGPS é correto afirmar que apenas são beneficiados do auxílio-acidente os segurados o empregado, trabalhador avulso e o especial. (E)

A partir da edição da Lei Complementar 150, o empregado doméstico também tem direito ao auxílio acidente para além dos segurados citados na assertiva.

O auxílio acidente é um benefício concedido pelo INSS destinado aos segurado de baixa renda. (E)

Os benefícios do RGPS destinados a segurados de baixa renda são: salário família e auxílio reclusão.

Não será concedido o benefício do RGPS auxílio acidente quando o requerente não apresentar danos funcionais ou redução da capacidade funcional sem repercussão na capacidade laborativa. (C)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 4, I.

O auxílio acidente mensal corresponderá a 91% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado, corrigido até o mês anterior ao do início do auxílio acidente e será devido até a véspera de início de qualquer aposentadoria ou até a data do óbito do segurado. (E)

Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 1. O auxílio acidente corresponde a 50% do salário de benefício que deu origem ao auxílio doença do segurado.

Raquel recebe auxílio-acidente decorrente da consolidação de lesões que a deixaram com sequelas definitivas. Nessa situação, Raquel poderá cumular o benefício que atualmente recebe com o auxílio-doença decorrente de outro evento. (C)

Esta é uma exceção de acumulação de auxílio doença com auxílio acidente. Decreto 3048, artigo 104, parágrafo 6.

Maria, empregada doméstica, após ter sofrido grave acidente quando caiu do primeiro andar da casa de sua patroa, recebeu auxílio-doença por seis meses. Depois desse período, foi comprovadamente constatada a redução de sua capacidade laborativa. Nessa situação, Maria terá direito ao auxílio-acidente correspondente a 50% do salário de benefício do auxílio-doença que recebia. (C)

A partir da edição da Lei Complementar 150, Maria terá direito ao auxílio acidente. LC 150, artigo 37, parágrafo 1.

Acerca do benefício do RGPS auxílio acidente é correto afirmar que o empregador doméstico deverá comunicar o acidente do trabalho à Previdência Social até o primeiro dia útil seguinte ao da ocorrência e, em caso de morte, de imediato, à autoridade competente, sob pena de multa variável entre o limite mínimo e o limite máximo do salário de contribuição, sucessivamente aumentada nas reincidências, aplicada e cobrada pela Previdência Social. (C)

Lei 8213, artigo 22.

O auxílio-acidente, antes das mudanças promovidas pela Constituição de 1988, tinha natureza de seguro privado. Atualmente, consiste em um benefício por incapacidade concedido ao segurado, quando, após a consolidação das lesões decorrentes de acidente de qualquer natureza, resultem sequelas que impliquem a redução da capacidade para o trabalho que era exercido anteriormente. (E)

O auxílio acidente é um benefício de caráter indenizatório e não se configura um benefício por incapacidade.

É correto afirmar que o auxílio acidente não poderá ter valor inferior ao salário mínimo. (E)

Como o benefício do RGPS, auxílio acidente, não substitui a renda mensal do trabalhador, ele poderá sim ter valor menor que o salário mínimo nacional.

:: SALÁRIO MATERNIDADE

Maristela, segurada especial, 22 anos de idade, em 21 de agosto de 2017, requereu salário maternidade do seu filho Igor nascido quando ela tinha 16 anos e nove meses de idade. É correto afirmar que, caso Maristela comprove o efetivo exercício de sua atividade rural nos 10 meses que antecederam o seu parto o qual não houve antecipação, ela terá direito ao benefício do RGPS salário maternidade por 120 dias no valor de um salário mínimo. ( )

Não é considerado salário de contribuição o salário-maternidade. ( )

O salário-maternidade é devido à segurada da Previdência Social, durante 120 (cento e vinte) dias, com início no período entre 28 (vinte e oito) dias antes do parto e a data de ocorrência deste. ( )

O salário maternidade ao segurado ou à segurada do RGPS adotante será pago pela previdência social. ( )

Reginaldo e Regina, segurados do RGPS, adotaram Lucas de 6 anos de idade. É correto afirmar que ambos os pais adotivos irão receber salário maternidade pela adoção de Lucas. ( )

É correto afirmar que o salário maternidade, pago diretamente pela previdência social ao segurado especial por 120 dias e no valor de dois salários mínimos. ( )

O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral. ( )

É correto afirmar que Joana, trabalhadora avulsa e segurada obrigatória da Previdência Social, caso tenha um filho, receberá o benefício do RGPS salário maternidade diretamente pelo Órgão Gestor de Mão de Obra ao qual está filiada. ( )

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada empregada doméstica e à segurada trabalhadora avulsa prescindem de carência. ( )

Uma profissional liberal que seja segurada contribuinte individual da previdência social há cinco meses e esteja grávida de seis meses terá direito ao salário-maternidade, caso o seu filho nasça antecipadamente aos 7 meses de gestação. ( )

Bete, impossibilitada de ter filhos, adotou gêmeos recém-nascidos cuja mãe falecera logo após o parto e que não tinham parentes que pudessem cuidar delas. Nessa situação, Rute terá direito a dois salários-maternidade. ( )

Suzana, grávida de nove meses de seu terceiro filho, trabalha em duas empresas de *fast food*. Nessa situação, Suzana terá direito ao salário-maternidade em relação a cada uma das empresas. ( )

Para fins de obtenção de salário-maternidade, Lucicleide, segurada especial, comprovou o exercício de atividade rural, de forma descontínua, nos dez meses anteriores ao início do benefício. Nessa situação, Lucicleide tem direito ao salário-maternidade no valor de um salário mínimo. ( )

Ao segurado ou segurada da Previdência Social que adotar ou obtiver guarda judicial para fins de adoção de criança é devido salário-maternidade pelo período de 180 dias. ( )

Alessandra, segurada obrigatória do RGPS faleceu enquanto recebia parcela referente a 60 dias do salário maternidade. É correto afirmar que Júlio, sem qualidade de segurado do RGPS, esposo de Alessandra, terá direito de receber os dias restantes aos quais ela tinha direito do benefício em questão referentes aos nascimento do filho que ambos tiveram em comum. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Maristela, segurada especial, 22 anos de idade, em 21 de agosto de 2017, requereu salário maternidade do seu filho Igor nascido quando ela tinha 16 anos e nove meses de idade. É correto afirmar que, caso Maristela comprove o efetivo exercício de sua atividade rural nos 10 meses que antecederam o seu parto o qual não houve antecipação, ela terá direito ao benefício do RGPS salário maternidade por 120 dias no valor de um salário mínimo. (E)

Maristela não poderá gozar do salário maternidade por alguns motivos: ela precisaria de uma carência de 10 meses, mas tinha menos de 16 anos (idade inicial de inscrição) e prescreveu o limite de 5 anos para o requerimento do seu salário maternidade. Lei 8213, artigo 25, III.

Não é considerado salário de contribuição o salário-maternidade. (E)

Contrário! O salário maternidade é o único benefício onde incidirá salário contribuição do segurado. Lei 8212, artigo 28, parágrafo 2.

O salário-maternidade é devido à segurada da Previdência Social, durante 120 (cento e vinte) dias, com início no período entre 28 (vinte e oito) dias antes do parto e a data de ocorrência deste. (C)

Lei 8213, artigo 71.

O salário maternidade ao segurado ou à segurada do RGPS adotante será pago pela previdência social. (C)

Lei 8213, artigo 71-A, parágrafo 1.

Reginaldo e Regina, segurados do RGPS, adotaram Lucas de 6 anos de idade. É correto afirmar que ambos os pais adotivos irão receber salário maternidade pela adoção de Lucas. (E)

O artigo 71-A, parágrafo 2 da lei 8213 deixa claro que, em caso de adoção para um fato gerador, o salário maternidade será devido para apenas um dos pais e não os dois pais adotivos.

É correto afirmar que o salário maternidade, pago diretamente pela previdência social ao segurado especial por 120 dias e no valor de dois salários mínimos. (E)

O salário maternidade, para o segurado especial, em regra, será pago no valor de um salário mínimo durante 120 dias.

O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral. (C)
Lei 8213, artigo 72.

É correto afirmar que Joana, trabalhadora avulsa e segurada obrigatória da Previdência Social, caso tenha um filho, receberá o benefício do RGPS salário maternidade diretamente pelo Órgão Gestor de Mão de Obra ao qual está filiada. (E)

Joana receberá o salário maternidade diretamente pela previdência social. Lei 8213, artigo 72, parágrafo 3.

O salário-maternidade pago à segurada empregada, à segurada empregada doméstica e à segurada trabalhadora avulsa prescindem de carência. (C)

Não há carência para as seguradas elencadas na assertiva. Lei 8213, artigo 26, VI.

Uma profissional liberal que seja segurada contribuinte individual da previdência social há cinco meses e esteja grávida de seis meses terá direito ao salário-maternidade, caso o seu filho nasça antecipadamente aos 7 meses de gestação. (E)

Perceba pelo texto da assertiva que, quando a contribuinte individual em questão começou a verter contribuições, ela já estava grávida há um mês. Mesmo que fosse antecipado o parto, ela não teria carência exigida pelo benefício. Logo, não haverá carência suficiente para que ela receba o benefício de salário maternidade. Lei 8213, artigo 25, parágrafo único.

Bete, impossibilitada de ter filhos, adotou gêmeos recém-nascidos cuja mãe falecera logo após o parto e que não tinham parentes que pudessem cuidar delas. Nessa situação, Rute terá direito a dois salários-maternidade. (E)

Decreto 3048, artigo 93-A, parágrafo 4. Bete terá direito a apenas um salário maternidade.

Suzana, grávida de nove meses de seu terceiro filho, trabalha em duas empresas de *fast food*. Nessa situação, Suzana terá direito ao salário-maternidade em relação a cada uma das empresas. (C)

Decreto 3048, artigo 98

Para fins de obtenção de salário-maternidade, Lucicleide, segurada especial, comprovou o exercício de atividade rural, de forma descontínua, nos dez meses anteriores ao início do benefício. Nessa situação, Lucicleide tem direito ao salário-maternidade no valor de um salário mínimo. (C)

Em regra, os benefícios devidos ao segurado especial são concedidos no valor de um salário mínimo. Perceba que a comprovação da carência para a atividade rural pode ser contínua ou não.

Ao segurado ou segurada da Previdência Social que adotar ou obtiver guarda judicial para fins de adoção de criança é devido salário-maternidade pelo período de 180 dias. (E)

Lei 8213, artigo 71-A. Algumas empresas permitem licença maternidade de sua funcionária por até 180 dias, mas o salário maternidade do RGPS tem o limite de gozo de 120 dias. É, então, o que cabe ao referido artigo da lei de benefícios.

Alessandra, segurada obrigatória do RGPS faleceu enquanto recebia parcela referente a 60 dias do salário maternidade. É correto afirmar que Júlio, sem qualidade de segurado do RGPS, esposo de Alessandra, terá direito de receber os dias restantes aos quais ela tinha direito do benefício em questão referentes aos nascimento do filho que ambos tiveram em comum. (E)

Era preciso que Júlio fosse segurado da previdência social para que tivesse direito ao restante do gozo do salário maternidade. Lei 8213, artigo 71-B

:: SALÁRIO FAMÍLIA

O aposentado por invalidez ou por idade e os demais aposentados com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais de idade, se do sexo masculino, ou 60 (sessenta) anos ou mais, se do feminino, terão direito ao salário-família, pago juntamente com a aposentadoria. ( )

Lucas faz aniversário de 14 anos no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que Maurício, segurado de baixa renda e empregado do RGPS, não mais perceberá salário família por seu filho Lucas ter completado 14 anos de idade. ( )

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, e à apresentação anual de atestado de vacinação obrigatória e de comprovação de frequência à escola do filho ou equiparado, exceto para o segurado empregado doméstico. ( )

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação apenas da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, no caso dos dependentes do segurado empregado doméstico ( )

As cotas do salário-família serão pagas pela empresa ou pelo empregador doméstico, mensalmente, junto com o salário. ( )

O salário família será pago mensalmente ao empregado e trabalhador avulso aposentados por invalidez pelo INSS, exceto se estiverem em gozo de auxílio doença. ( )

Para o segurado empregado de baixa renda, quando o salário do empregado não for mensal, o salário família será pago juntamente com o último pagamento relativo ao mês. ( )

O salário família, benefício do RGPS, prescinde carência. ( )

Mário e sua esposa Nélida têm, juntos, um filho menor de 14 anos, trabalham e são segurados do regime geral da previdência social, além de serem considerados trabalhadores de baixa renda. Nessa situação, o salário-família somente será pago a um dos cônjuges. ( )

Florentina, que é empregada doméstica e segurada do RGPS, tem três filhos, mas não recebe salário-família. Nessa situação, apesar de ser considerada trabalhadora de baixa renda, Florentina não tem o direito de receber esse benefício. ( )

Rodolfo é presidente da agência de publicidade A4 Comunicação e recebe remuneração em decorrência do trabalho que desempenha. Nessa situação, Rodolfo é considerado contribuinte individual da previdência social, e, como tal, não faz jus ao benefício denominado salário-família, em observância ao princípio da universalidade de cobertura e atendimento que rege a seguridade social. ( )

É correto afirma que, se o segurado não apresentar o atestado de vacinação obrigatória e a comprovação de frequência escolar do filho ou equiparado, nas datas definidas pelo Instituto Nacional do Seguro Social, o benefício do salário família será cancelado. ( )

É correto afirma que, a invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em entrevista social a cargo da previdência social. ( )

O direito ao salário família cessa automaticamente por morte do filho ou equiparado, a contar da data do óbito. ( )

O salário-família é devido ao segurado empregado, exceto ao doméstico, e ao segurado trabalhador avulso, na proporção do número de filhos e independentemente da renda do segurado. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O aposentado por invalidez ou por idade e os demais aposentados com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais de idade, se do sexo masculino, ou 60 (sessenta) anos ou mais, se do feminino, terão direito ao salário-família, pago juntamente com a aposentadoria. (C)

Lei 8213, artigo 65, parágrafo único.

Lucas faz aniversário de 14 anos no dia 21 de agosto de 2017. É correto afirmar que Maurício, segurado de baixa renda e empregado do RGPS, não mais perceberá salário família por seu filho Lucas ter completado 14 anos de idade. (C)

A cota parte do salário família se encerra ao dependente do segurado de baixa renda completar 14 anos. Lei 8213, artigo 66.

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, e à apresentação anual de atestado de vacinação obrigatória e de comprovação de frequência à escola do filho ou equiparado, exceto para o segurado empregado doméstico. (C)

Lei 8213, artigo 67. Para o empregado doméstico basta a apresentação da certidão de nascimento. Lei 8213, artigo 67, parágrafo único.

O pagamento do salário-família é condicionado à apresentação apenas da certidão de nascimento do filho ou da documentação relativa ao equiparado ou ao inválido, no caso dos dependentes do segurado empregado doméstico (C)

Lei 8213, artigo 67. Parágrafo único.

As cotas do salário-família serão pagas pela empresa ou pelo empregador doméstico, mensalmente, junto com o salário. (C)

Lei 8213, artigo 68.

O salário família será pago mensalmente ao empregado e trabalhador avulso aposentados por invalidez pelo INSS, exceto se estiverem em gozo de auxílio doença. (E)

Decreto 3048, artigo 82, II. O segurado em gozo de auxílio doença terá direito ao salário família pago mensalmente pelo INSS.

Para o segurado empregado de baixa renda, quando o salário do empregado não for mensal, o salário família será pago juntamente com o último pagamento relativo ao mês. (C)

Decreto 3048, artigo 82, parágrafo 1.

O salário família, benefício do RGPS, prescinde carência. (C)

O benefício de salário família, além de não substituir a renda mensal do segurado, ele dispensa a carência. Lei 8213, artigo 26, I.

Mário e sua esposa Nélida têm, juntos, um filho menor de 14 anos, trabalham e são segurados do regime geral da previdência social, além de serem considerados trabalhadores de baixa renda. Nessa situação, o salário-família somente será pago a um dos cônjuges. (E)

Decreto 3048, artigo 82, parágrafo 3. O salário família será devido aos dois pais empregados. Perceba que cada um está em um emprego e não seria justo pagar para apenas um deles.

Florentina, que é empregada doméstica e segurada do RGPS, tem três filhos, mas não recebe salário-família. Nessa situação, apesar de ser considerada trabalhadora de baixa renda, Florentina não tem o direito de receber esse benefício. (E)

A partir da Lei Complementar 150/15, o salário família também é direto do empregado doméstico. Lei 8213, artigo 65.

Rodolfo é presidente da agência de publicidade A4 Comunicação e recebe remuneração em decorrência do trabalho que desempenha. Nessa situação, Rodolfo é considerado contribuinte individual da previdência social, e, como tal, não faz jus ao benefício denominado salário-família, em observância ao princípio da universalidade de cobertura e atendimento que rege a seguridade social. (E)

Realmente, Rodolfo não fará jus ao benefício por se tratar de contribuinte individual e não ser segurado de baixa renda, porém, este critério observa o princípio da seguridade social distributividade e não da universalidade de cobertura e atendimento.

É correto afirma que, se o segurado não apresentar o atestado de vacinação obrigatória e a comprovação de frequência escolar do filho ou equiparado, nas datas definidas pelo Instituto Nacional do Seguro Social, o benefício do salário família será cancelado. (E)

Decreto 3048, artigo 84, parágrafo 2. O benefício será suspenso até que documentação seja apresentada.

É correto afirma que, a invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em entrevista social a cargo da previdência social. (E)

Decreto 3048, artigo 85. A invalidez do filho ou equiparado maior de quatorze anos de idade deve ser verificada em exame médico-pericial a cargo da previdência social.

O direito ao salário família cessa automaticamente por morte do filho ou equiparado, a contar da data do óbito. (E)

Decreto 3048, artigo 88. A cessação ocorrerá a partir do MÊS SEGUINTE ao óbito e não apartir da data do óbito.

O salário-família é devido ao segurado empregado, exceto ao doméstico, e ao segurado trabalhador avulso, na proporção do número de filhos e independentemente da renda do segurado. (E)

A partir da Lei Complementar 150/15, o empregado doméstico, de baixa renda, tem direito ao benefício da previdência social denominado salário família.

:: PENSÃO POR MORTE

A pensão por morte será devida ao conjunto dos dependentes do segurado que falecer, aposentado ou não, a contar da data do óbito, quando requerida até trinta dias depois deste.

( )

Manuel deu entrada na pensão por morte de sua esposa Maria que foi brutalmente assassinada de forma dolosa. Manuel, 45 anos, era casado há 10 anos com Maria, que era segurada empregada há mais de 4 anos em uma pequena empresa. Após alguns anos, Manuel foi condenado, em trânsito em julgado, pela morte de Maria. É correto afirmar que a cota parte do benefício recebido por Manuel será cessada. ( )

O valor mensal da pensão por morte será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento. ( )

A concessão da pensão por morte não será protelada pela falta de habilitação de outro possível dependente. ( )

O cônjuge ausente não exclui do direito à pensão por morte o companheiro ou a companheira, que somente fará jus ao benefício a partir da data de sua habilitação e independente de dependência econômica. ( )

Dona Florinda foi até o INSS e deu entrada no benefício do RGPS, pensão por morte, em virtude do falecimento do Professor Girafales, o seu companheiro há mais de 2 anos. É correto afirmar que, tendo sido verificada a perda da qualidade de segurado do Professor Girafales, será preciso verter seis contribuições mensais, para que seja respeitada a regra do MEIO, visto que a carência para a pensão por morte no RGPS é de 18 contribuições mensais. ( )

Roberto, segurado obrigatório do RGPS, desapareceu após um trágico acidente de avião onde o seu corpo nunca foi encontrado. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito a pensão por morte provisória mediante, após 6 meses da ausência, prova do desaparecimento do segurado. ( )

A pensão por morte, havendo mais de um pensionista, será rateada de forma que o cônjuge os companheiro sempre perceba 50% do benefício. ( )

Catarina, segurada obrigatória do RGPS, morreu após um grave acidente de carro. Tendo Catarina vertido menos de 18 contribuições mensais e tendo um ano de união estável com Renata é correto afirmar que Renata perceberá pensão por morte previdenciária pelo período de 4 meses. ( )

Gilberto, segurado obrigatório do RGPS, faleceu de causas naturais e deixou apenas o seu companheiro Mathias, 29 anos e 11 meses, como dependente. Eles viviam em união estável há mais de 2 anos e Gilberto era empregado em uma empresa há 20 anos. É correto afirmar que Mathias perceberá pensão por morte pelo prazo de 15 anos. ( )

É correto afirmar que na pensão por morte do RGPS, com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será gozada pelos seus herdeiros. ( )

O cônjuge divorciado ou separado judicialmente ou de fato que recebia pensão de alimentos concorrerá em igualdade de condições com os demais dependentes habilitados do segurado falecido. ( )

O pensionista inválido está obrigado, independentemente de sua idade e sob pena de suspensão do benefício, a submeter-se a exame médico a cargo da previdência social, processo de reabilitação profissional por ela prescrito e custeado e tratamento dispensado gratuitamente, incluído o cirúrgico e a transfusão de sangue. ( )

A pensão por morte poderá ser concedida, em caráter provisório, por morte presumida mediante sentença declaratória de ausência, expedida por autoridade judiciária, a contar da data de sua emissão. ( )

É correto afirmar que, na pensão por morte do RGPS, o dependente menor de idade que se invalidar antes de completar vinte e um anos deverá ser submetido a exame médico pericial, não se extinguindo a respectiva cota se confirmada a invalidez. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A pensão por morte será devida ao conjunto dos dependentes do segurado que falecer, aposentado ou não, a contar da data do óbito, quando requerida até trinta dias depois deste. (E)

A Lei 13.183/15, de 4 de novembro de 2015, alterou o prazo para requerimento da pensão por morte para ser cotada a partir da data do óbito. Agora, o prazo é de 90 dias.

Manuel deu entrada na pensão por morte de sua esposa Maria que foi brutalmente assassinada de forma dolosa. Manuel, 45 anos, era casado há 10 anos com Maria, que era segurada empregada há mais de 4 anos em uma pequena empresa. Após alguns anos, Manuel foi condenado, em trânsito em julgado, pela morte de Maria. É correto afirmar que a cota parte do benefício recebido por Manuel será cessada. (C)

Lei 8213, artigo 74, parágrafo 1.

O valor mensal da pensão por morte será de cem por cento do valor da aposentadoria que o segurado recebia ou daquela a que teria direito se estivesse aposentado por invalidez na data de seu falecimento. (C)

Lei 8213, artigo 75.

A concessão da pensão por morte não será protelada pela falta de habilitação de outro possível dependente. (C)

Lei 8213, artigo 76.

O cônjuge ausente não exclui do direito à pensão por morte o companheiro ou a companheira, que somente fará jus ao benefício a partir da data de sua habilitação e independente de dependência econômica. (E)

É exigida a comprovação de dependência econômica no caso do cônjuge ausente. Lei 8213, artigo 76, parágrafo 1.

Dona Florinda foi até o INSS e deu entrada no benefício do RGPS, pensão por morte, em virtude do falecimento do Professor Girafales, o seu companheiro há mais de 2 anos. É correto afirmar que, tendo sido verificada a perda da qualidade de segurado do Professor Girafales, será preciso verter nove contribuições mensais, para que seja respeitada a regra do MEIO, visto que a carência para a pensão por morte no RGPS é de 18 contribuições mensais. (E)

Não há carência para o benefício do RGPS pensão por morte. O que, realmente, há são condições para a concessão do referido benefício para o cônjuge ou companheiro expressas no artigo 77, V da Lei 8213. Também não há o que se falar em regra do MEIO para a pensão por

morte, pois não há carência. Lembre-se que as referidas condições não se aplicam aos demais possíveis dependentes do segurado. Elas serão aplicadas tão somente para o cônjuge ou companheiro. Não esqueça, também, de memorizar a tabela IDADE x TEMPO Lei 8213, artigo 77, V, c.

Roberto, segurado obrigatório do RGPS, desapareceu após um trágico acidente de avião onde o seu corpo nunca foi encontrado. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito a pensão por morte provisória mediante, após 6 meses da ausência, prova do desaparecimento do segurado. (E)

Trata-se de morte presumida. Lei 8213, artigo 78, parágrafo 1.

A pensão por morte, havendo mais de um pensionista, será rateada de forma que o cônjuge os companheiro sempre perceba 50% do benefício. (E)

Havendo mais de um pensionista, a pensão será rateada de forma igualitária. Lei 8213, artigo 77 CAPUT.

Catarina, segurada obrigatória do RGPS, morreu após um grave acidente de carro. Tendo Catarina vertido menos de 18 contribuições mensais e tendo um ano de união estável com Renata é correto afirmar que Renata perceberá pensão por morte previdenciária pelo período de 4 meses. (E)

Renata perceberá pensão por morte pelo período expresso na tabela IDADE x TEMPO Lei 8213, artigo 77, V, c. Perceba que a morte ocorreu em decorrência de acidente de qualquer natureza. Logo, será respeitada a tabela do referido artigo. Estude também o artigo 77, parágrafo 2-A da Lei 8213.

Gilberto, segurado obrigatório do RGPS, faleceu de causas naturais e deixou apenas o seu companheiro Mathias, 29 anos e 11 meses, como dependente. Eles viviam em união estável há mais de 2 anos e Gilberto era empregado em uma empresa há 20 anos. É correto afirmar que Mathias perceberá pensão por morte pelo prazo de 15 anos. (E)

Mathias, na data do óbito, não tinha completado 30 anos para ter direito à pensão por 15 anos. Mathias receberá pensão por morte pelo instituidor Gilberto por 10 anos. Lei 8213, artigo 77, V, c.

É correto afirmar que na pensão por morte do RGPS, com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será gozada pelos seus herdeiros. (E)

Com a extinção da parte do último pensionista, a pensão será EXTINTA. Lei 8213, artigo 77, parágrafo 3.

O cônjuge divorciado ou separado judicialmente ou de fato que recebia pensão de alimentos concorrerá em igualdade de condições com os demais dependentes habilitados do segurado falecido. (C)

Decreto 3048, artigo 111.

O pensionista inválido está obrigado, independentemente de sua idade e sob pena de suspensão do benefício, a submeter-se a exame médico a cargo da previdência social, processo de reabilitação profissional por ela prescrito e custeado e tratamento dispensado gratuitamente, incluído o cirúrgico e a transfusão de sangue. (E)

Os tratamentos cirúrgico e transfusão de sangue são facultativos e não obrigatórios. Decreto 3048, artigo 109.

A pensão por morte poderá ser concedida, em caráter provisório, por morte presumida mediante sentença declaratória de ausência, expedida por autoridade judiciária, a contar da data de sua emissão. (C)

Decreto 3048, artigo 112, I.

É correto afirmar que, na pensão por morte do RGPS, o dependente menor de idade que se invalidar antes de completar vinte e um anos deverá ser submetido a exame médico pericial, não se extinguindo a respectiva cota se confirmada a invalidez. (C)

Decreto 3048, artigo 115.

:: AUXÍLIO RECLUSÃO

É correto afirmar que o requerimento do auxílio-reclusão deverá ser instruído com certidão do efetivo recolhimento à prisão, sendo obrigatória, para a manutenção do benefício, a apresentação de declaração de permanência na condição de presidiário. ( )

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado desde que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e esteja mantida a qualidade de segurado. ( )

O pedido de auxílio reclusão deve ser instruído com certidão do efetivo recolhimento do segurado à prisão, desde que firmada pelo juiz competente. ( )

A data de início do benefício do RGPS auxílio reclusão será fixada na data do efetivo recolhimento do segurado à prisão, se requerido até trinta dias depois da prisão. ( )

O auxílio reclusão é devido, apenas, durante o período em que o segurado estiver recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto. ( )

Célia, segurada obrigatória do RGPS, baixa renda, foi condenada em trânsito em julgado há 10 anos de reclusão. Tendo Célia apenas um filho de 5 anos é correto afirmar que Gabriel, filho de Célia, receberá auxílio reclusão até completar 21 anos de idade. ( )

Caetano, aposentado do RGPS, baixa tenda, foi condenado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que Zenilda, 65 anos, sua esposa há mais de 35 anos, receberá auxílio reclusão, em virtude da prisão de Caetano, até que ele permaneça recluso. ( )

A concessão de auxílio-reclusão depende de carência de 18 meses. ( )

É correto afirmar que o beneficiário do benefício auxílio reclusão deverá apresentar trimestralmente atestado de que o segurado continua detido ou recluso, assinado pela autoridade competente. ( )

Zé pequeno, perigoso traficante de drogas, morre durante cumprimento de pena na prisão. É correto afirmar que o auxílio reclusão que os seus dependentes vinham recebendo será cessado automaticamente. ( )

É permitida a continuação da concessão do auxílio reclusão aos dependentes do segurado por um mês após a soltura do segurado. ( )

O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, exceto se esta se deu em decorrência do cometimento de crime hediondo. ( )

Juscelino, segurado do RGPS em gozo de auxílio doença, foi condenado em trânsito em julgado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito benefício auxilio reclusão. ( )

Aplicam- se ao auxílio reclusão as normas referentes à pensão por morte, sendo necessária, no caso de qualificação de dependentes após a reclusão ou detenção do segurado, a preexistência da dependência econômica. ( )

O segurado recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto, que, nesta condição, preste serviço, dentro ou fora da unidade penal, a uma ou mais empresas, com ou sem intermediação da organização carcerária ou entidade afim, ou que exerce atividade artesanal por conta própria se filiará ao RGPS na qualidade de segurado contribuinte individual. ( )

:: GABARITO COMENTADO

É correto afirmar que o requerimento do auxílio-reclusão deverá ser instruído com certidão do efetivo recolhimento à prisão, sendo obrigatória, para a manutenção do benefício, a apresentação de declaração de permanência na condição de presidiário. (C)

Lei 8213, artigo 80, parágrafo único. A referida declaração é feita, em regra, pelo dependente de três em três meses apresentada em um agência da previdência social.

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado desde que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e esteja mantida a qualidade de segurado. (E)

É devido auxílio reclusão aos dependentes do segurado INDEPENDENTE de que haja salário de contribuição na data do seu efetivo recolhimento à prisão e desde que mantida a qualidade de segurado. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 1.

O pedido de auxílio reclusão deve ser instruído com certidão do efetivo recolhimento do segurado à prisão, desde que firmada pelo juiz competente. (E)

Não é necessário que seja, obrigatoriamente, um juiz. Poderá ser firmada pela autoridade competente. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 2.

A data de início do benefício do RGPS auxílio reclusão será fixada na data do efetivo recolhimento do segurado à prisão, se requerido até trinta dias depois da prisão. (E)

Lei 8213, artigo 80. O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, que não receber remuneração da empresa nem estiver em gozo de auxílio-doença, de aposentadoria ou de abono de permanência em serviço. Sendo assim, o prazo do requerimento do início do auxílio reclusão foi alterado assim como a pensão por morte. Alteram-se os 30 dias para 90 dias do artigo 74, I da lei de benefícios 8213.

O auxílio reclusão é devido, apenas, durante o período em que o segurado estiver recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto. (C)

Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 5.

Célia, segurada obrigatória do RGPS, baixa renda, foi condenada em trânsito em julgado há 10 anos de reclusão. Tendo Célia apenas um filho de 5 anos é correto afirmar que Gabriel, filho de Célia, receberá auxílio reclusão até completar 21 anos de idade. (E)

Gabriel receberá o benefício de auxílio reclusão enquanto Célia estiver reclusa. Pelo exposto na assertiva, Gabriel receberá até os seus 15 anos. Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 5.

Caetano, aposentado do RGPS, baixa tenda, foi condenado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que Zenilda, 65 anos, sua esposa há mais de 35 anos, receberá auxílio reclusão, em virtude da prisão de Caetano, até que ele permaneça recluso. (E)

Não confere auxílio reclusão aos dependentes do segurado de baixa renda que estiver em gozo de aposentadoria. Decreto 3048, artigo 116.

A concessão de auxílio-reclusão depende de carência de 18 meses. (E)

O benefício do RGPS auxílio reclusão independe de carência. Lei 8213, artigo 26, I.

É correto afirmar que o beneficiário do benefício auxílio reclusão deverá apresentar trimestralmente atestado de que o segurado continua detido ou recluso, assinado pela autoridade competente. (C)

Decreto 3048, artigo 117, parágrafo 1.

Zé pequeno, perigoso traficante de drogas, morre durante cumprimento de pena na prisão. É correto afirmar que o auxílio reclusão que os seus dependentes vinham recebendo será cessado automaticamente. (E)

O auxílio reclusão será convertido em pensão por morte. Decreto 3048, artigo 118.

É permitida a continuação da concessão do auxílio reclusão aos dependentes do segurado por um mês após a soltura do segurado. (E)

É vedada a concessão do auxílio reclusão após a soltura do segurado. Decreto 3048, artigo 119.

O auxílio-reclusão será devido, nas mesmas condições da pensão por morte, aos dependentes do segurado recolhido à prisão, exceto se esta se deu em decorrência do cometimento de crime hediondo. (E)

Não existe esta exceção dentro da legislação previdenciária. Lei 8213, artigo 80.

Juscelino, segurado do RGPS em gozo de auxílio doença, foi condenado em trânsito em julgado há 20 anos de reclusão. É correto afirmar que os seus dependentes terão direito benefício auxilio reclusão. (E)

Está errada por dois motivos. A assertiva não cita que Juscelino é segurado de baixa renda como também, ele está em gozo de auxílio doença. Lei 8213, artigo 80.

Aplicam- se ao auxílio reclusão as normas referentes à pensão por morte, sendo necessária, no caso de qualificação de dependentes após a reclusão ou detenção do segurado, a preexistência da dependência econômica. (C)

Decreto 3048, artigo 116, parágrafo 3.

O segurado recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto, que, nesta condição, preste serviço, dentro ou fora da unidade penal, a uma ou mais empresas, com ou sem intermediação da organização carcerária ou entidade afim, ou que exerce atividade artesanal por conta própria se filiará ao RGPS na qualidade de segurado contribuinte individual. (E)

Decreto 3048, artigo 11, XI. O segurado recluso que trabalhar poderá se filiar ao RGPS na qualidade de segurado FACULTATIVO.

:: PRAZOS

Uma norma legal que apenas altere o prazo de recolhimento das contribuições sociais destinadas à previdência social não se sujeitará ao princípio da anterioridade. ( )

Joaquim, segurado especial do regime geral, contribui para o sistema na proporção do resultado da comercialização de sua produção. Nessa situação, Joaquim somente terá direito à aposentadoria por contribuição caso promova, pelo prazo legal, os devidos recolhimentos como se contribuinte individual fosse. ( )

Paulo, afastado de suas atividades laborais, tem recebido auxílio doença. Nessa situação, a condição de segurado de Paulo será mantida sem limite de prazo, enquanto estiver no gozo do benefício, independentemente de contribuição para a previdência social. ( )

Não descaracterizará a qualidade de segurado especial a exploração da atividade turística da propriedade rural, salvo com hospedagem, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. ( )

É correto afirmar que o CNPS (Conselho Nacional de Previdência Social), reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 10 dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. ( )

A aposentadoria por idade será devida da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento em prazo superior a 90 dias ( )

É coreto afirmar, segundo a pensão por morte do RGPS, que após 3 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. ( )

É de dez anos o prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado ou beneficiário para a revisão do ato de concessão de benefício, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação ou, quando for o caso, do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito judicial. ( )

Sobre a procuração, o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 6 meses, podendo ser renovado. ( )

O segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário, desde que esteja recebendo auxílio-acidente. ( )

Acerca da contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, caberá à entidade promotora do espetáculo a responsabilidade de efetuar o desconto de cinco por cento da receita bruta decorrente dos espetáculos desportivos e o respectivo recolhimento no prazo de até dois dias úteis após a realização do evento. ( )

O prazo de validade da Certidão Negativa de Débito CND é de sessenta dias, contados da sua emissão, podendo ser ampliado por regulamento para até cento e oitenta dias. ( )

Verificada a recuperação da capacidade de trabalho do aposentado por invalidez, quando a recuperação ocorrer dentro de 5 anos, contados da data do início da aposentadoria por invalidez ou do auxílio-doença que a antecedeu sem interrupção, o benefício cessará de imediato, para o segurado empregado que tiver direito a retornar à função que desempenhava na empresa quando se aposentou. ( )

O segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses após o licenciamento. ( )

Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições até 12 meses após o livramento, o segurado retido ou recluso. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Uma norma legal que apenas altere o prazo de recolhimento das contribuições sociais destinadas à previdência social não se sujeitará ao princípio da anterioridade. (C)

Quando houver apenas a alteração do PRAZO de uma contribuição e não ocorrer uma criação ou majoração, a norma legal não se sujeitará ao princípio da anterioridade. Lembre-se do prazo de recolhimento do empregado doméstico trazido pela Lei Complementar 150/15. Ele foi alterado do dia 15 para o dia 7. Logo, não houve a necessidade de se respeitar o princípio da anterioridade.

Joaquim, segurado especial do regime geral, contribui para o sistema na proporção do resultado da comercialização de sua produção. Nessa situação, Joaquim somente terá direito à aposentadoria por contribuição caso promova, pelo prazo legal, os devidos recolhimentos como se contribuinte individual fosse. (C)

Para ter direito à aposentadoria por tempo de contribuição, Joaquim poderá contribuir facultativamente como se contribuinte individual fosse. Lei 8212, artigo 25, parágrafo 1.

Paulo, afastado de suas atividades laborais, tem recebido auxílio doença. Nessa situação, a condição de segurado de Paulo será mantida sem limite de prazo, enquanto estiver no gozo do benefício, independentemente de contribuição para a previdência social. (C)

Lei 8213, artigo 15, I.

Não descaracterizará a qualidade de segurado especial a exploração da atividade turística da propriedade rural, salvo com hospedagem, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. (E)

A exploração da atividade turística da propriedade rural, INCLUSIVE COM HOSPEDAGEM, por não mais de 120 (cento e vinte) dias ao ano. Lei 8213, artigo 11, parágrafo 8, II.

É correto afirmar que o CNPS (Conselho Nacional de Previdência Social), reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 10 dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. (E)

O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de 15 (QUINZE) DIAS se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. Lei 8213, artigo 3, parágrafo 3.

A aposentadoria por idade será devida da data do requerimento, quando não houver desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento do emprego ou quando for requerida após o desligamento em prazo superior a 90 dias (C)

Lei 8213, artigo 49, I, b.

É coreto afirmar, segundo a pensão por morte do RGPS, que após 3 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. (E)

Após 6 meses de ausência por morte presumida do segurado, declarada pela autoridade judicial competente, será concedida pensão provisória. Lei 8213, artigo 78.

É de dez anos o prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado ou beneficiário para a revisão do ato de concessão de benefício, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação ou, quando for o caso, do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito judicial. (E)

Do dia em que tomar conhecimento da decisão indeferitória definitiva no âmbito ADMINISTRATIVO. Lei 8213, artigo 103.

Sobre a procuração, o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 6 meses, podendo ser renovado. (E)

o benefício será pago diretamente ao beneficiário, salvo em caso de ausência, moléstia contagiosa ou impossibilidade de locomoção, quando será pago a procurador, cujo mandato não terá prazo superior a 12 MESES, podendo ser renovado. Lei 8213, artigo 109.

O segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário, desde que esteja recebendo auxílio-acidente. (E)

Independe se esteja ou não em gozo de auxílio acidente, o segurado que sofreu acidente do trabalho tem garantida, pelo prazo mínimo de doze meses, a manutenção do seu contrato de trabalho na empresa, após a cessação do auxílio-doença acidentário. Lei 8213, artigo 118.

Acerca da contribuição empresarial da associação desportiva que mantém equipe de futebol profissional destinada à Seguridade Social, caberá à entidade promotora do espetáculo a responsabilidade de efetuar o desconto de cinco por cento da receita bruta decorrente dos espetáculos desportivos e o respectivo recolhimento no prazo de até dois dias úteis após a realização do evento. (C)

Lei 8212, artigo 22, parágrafo 7

O prazo de validade da Certidão Negativa de Débito CND é de sessenta dias, contados da sua emissão, podendo ser ampliado por regulamento para até cento e oitenta dias. (C)

Lei 8212, artigo 47, parágrafo 5.

Verificada a recuperação da capacidade de trabalho do aposentado por invalidez, quando a recuperação ocorrer dentro de 5 anos, contados da data do início da aposentadoria por invalidez ou do auxílio-doença que a antecedeu sem interrupção, o benefício cessará de imediato, para o segurado empregado que tiver direito a retornar à função que desempenhava na empresa quando se aposentou. (C)

Lei 8213, artigo 47, I, a.

O segurado incorporado às Forças Armadas para prestar serviço militar mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses após o licenciamento. (E)

Ele manterá a qualidade de segurado pelo prazo de 3 meses após o licenciamento. Lei 8213, artigo 15, V.

Mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições até 12 meses após o livramento, o segurado retido ou recluso. (C)

Lei 8213, artigo 15, IV.

:: ABONO ANUAL

Em relação ao abono anual a ser pago aos segurados da Previdência Social, é correto afirmar que ele é calculado mediante aplicação do fator previdenciário sobre a última remuneração recebida pelo trabalhador. ( )

É correto afirmar que o abono anual somente pode ser recebido cumulativamente com o benefício mensal e com a gratificação de natal. ( )

É correto afirmar que o valor do abono anual deve ser calculado da mesma forma que a gratificação de natal dos trabalhadores. ( )

Sobre o abono anual é correto afirmar que o valor base para seu cálculo consiste na remuneração do 1.º mês do ano em que o trabalhador receber qualquer benefício. ( )

É devido abono anual ao segurado que, durante o ano, tenha recebido auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte, auxílio-reclusão ou salário-família, devendo o abono ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. ( )

Em regra, é correto afirmar que o abono anual integra o salário de contribuição. ( )

É correto afirmar que todos os benefícios do RGPS darão direito ao recebimento do abono anual pelo segurado. ( )

O abono anual será calculado da mesma forma que a gratificação natalina dos trabalhadores, tendo por base o valor da renda mensal do benefício do mês de dezembro de cada ano. ( )

O valor do abono anual correspondente ao período de duração do salário maternidade será pago, em cada exercício, juntamente com a última parcela do benefício nele devida. ( )

É devido abono anual ao segurado e ao dependente da Previdência Social que, durante o ano, recebeu auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte ou auxílio-reclusão. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Em relação ao abono anual a ser pago aos segurados da Previdência Social, é correto afirmar que ele é calculado mediante aplicação do fator previdenciário sobre a última remuneração recebida pelo trabalhador. (E)

Não há relação direta do abono anual com o fator previdenciário.

É correto afirmar que o abono anual somente pode ser recebido cumulativamente com o benefício mensal e com a gratificação de natal. (E)

O abono anual será recebido tendo POR BASE a gratificação natalina dor trabalhadores. Não há a referida cumulação.

É correto afirmar que o valor do abono anual deve ser calculado da mesma forma que a gratificação de natal dos trabalhadores. (E)

Ter por base não significa que será calculado da mesma forma. Exemplo: a segurada recebe salário maternidade e, posteriormente o abono anual. Ora, ela receberá o seu abono anual em avos, ou seja, 4/12. Isso não quer dizer que, se ela fosse uma trabalhadora, receberia 4/12 e sim a proporção de seu trabalho na empresa. Lei 8213, artigo 40, parágrafo único.

Sobre o abono anual é correto afirmar que o valor base para seu cálculo consiste na remuneração do 1.º mês do ano em que o trabalhador receber qualquer benefício. (E)

Não há essa relação. O segurado receberá o valor proporcional do gozo do benefício.

É devido abono anual ao segurado que, durante o ano, tenha recebido auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte, auxílio-reclusão ou salário-família, devendo o abono ser calculado pela média dos proventos pagos durante o ano ao segurado. (E)

O benefício do RGPS salário família não garante abono anual. Lei 8213, artigo 40

Em regra, é correto afirmar que o abono anual integra o salário de contribuição. (E)

Correto. Abono anual em regra não integra o salário de contribuição.

É correto afirmar que todos os benefícios do RGPS darão direito ao recebimento do abono anual pelo segurado. (E)

Segurado em gozo apenas do salário família não faz jus a abono anual.

O abono anual será calculado da mesma forma que a gratificação natalina dos trabalhadores, tendo por base o valor da renda mensal do benefício do mês de dezembro de cada ano. (C)

Lei 8213, artigo 40, parágrafo único.

O valor do abono anual correspondente ao período de duração do salário maternidade será pago, em cada exercício, juntamente com a última parcela do benefício nele devida. (C)

Decreto 3048, artigo 120, parágrafo 2.

É devido abono anual ao segurado e ao dependente da Previdência Social que, durante o ano, recebeu auxílio-doença, auxílio-acidente ou aposentadoria, pensão por morte ou auxílio-reclusão. (C)

Em verdade, o abono anual não é devido ao dependente, porém este é o texto da lei. Lei 8213, artigo 40.

:: ACUMULAÇÃO DE BENEFÍCIOS

Leonardo, 10 anos, único filho de Joana e Sérgio, perde os seus pais em um trágico acidente de carro. É correto afirmar que Leonardo poderá acumular as duas pensões por morte provenientes de seus pais, segurados do RGPS. ( )

Joziel, 65 anos, segurado do RGPS há mais de 25 anos, está em gozo de auxílio doença há 2 anos. É correto afirmar que, da entrada do pedido de aposentadoria por idade de Joziel, a aposentadoria sendo concedida, ele poderá acumular o auxílio doença, que já recebe, com a aposentadoria por idade. ( )

Francisco, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, deu entrada na aposentadoria por idade no RGPS por cumprir os requisitos para a concessão desta. É correto afirmar que Francisco poderá acumular a aposentadoria de professor do RPPS do Executivo Federal com a aposentadoria por idade do RGPS. ( )

Cacilda, grávida, segurada empregada do RGPS, está em gozo de auxílio doença há um ano. É correto afirmar que, quando o seu filho nascer, Cacilda poderá acumular o auxílio doença recebido com o salário maternidade requerido. ( )

Tobias, 20 anos, desempregado, está em gozo de seguro desemprego. Com o falecimento de seu pai Adroaldo, segurado do RGPS, sendo Tobias único dependente de Adroaldo, Tobias não poderá acumular o seguro desemprego com a pensão por morte proveniente de seu pai. ( )

Emiliano, 65 anos, segurado do RGPS ininterruptamente por 20 anos, recebe auxílio acidente do RGPS desde 2010. É correto afirmar que Emiliano poderá acumular o auxílio acidente com a aposentadoria por idade requerida. ( )

É permitida a acumulação de aposentadoria por idade do RGPS com a pensão especial dos portadores de deficiência por Síndrome da Talidomida. ( )

O segurado recluso não faz jus aos benefícios de auxílio doença durante a percepção, pelos seus dependentes, do auxílio reclusão, permitida a opção, desde que manifestada, também, pelos dependentes, pelo benefício mais vantajoso. ( )

Bento, aposentado especial do RGPS, retorna à atividade laborativa como vendedor de seguros. É correto afirmar que Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. ( )

Cátia recebe pensão por morte em virtude do falecimento de seu primeiro companheiro. É correto afirmar que, caso o seu atual esposo, segurado obrigatório do RGPS há 30 anos, faleça com quem Cátia está casada há 3 anos, Cátia poderá acumular a pensão por morte já recebida com a pensão por morte deixada por seu atual esposo. ( )

No RGPS não é permitida a acumulação de salário maternidade com auxílio doença. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por cônjuge. ( )

Ronaldo, 65 anos, professor universitário aposentado dos RPPS´s estadual e federal, deu entrada em aposentadoria por idade no RGPS, pois já possui os requisitos para a concessão como professor neste regime. É correto afirmar que Ronaldo poderá acumular as três aposentadorias. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de aposentadoria com auxílio doença. ( )

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por companheiro ou companheira. ( )

Vitória recebe pensão por morte pelo falecimento de seu primeiro marido. É correto afirmar que, pela reclusão de seu atual marido, Justino, com quem é casada há 5 anos, segurado obrigatório de baixa renda há 10 anos, Vitória poderá acumular a pensão por morte já recebida com auxílio reclusão. ( )

No RGPS não é permitida a acumulação de auxílio acidente com qualquer aposentadoria. ( )

O direito adquirido não é levado em consideração nos casos de acumulação de benefícios no RGPS. ( )

O segurado aposentado por invalidez no RGPS que retornar ao trabalho poderá sempre acumular a referida aposentadoria como a remuneração auferida pelo retorno à atividade laborativa. ( )

Jesuíno recebe BPC LOAS por ser portador de deficiência. É correto afirmar que Jesuíno poderá acumular o referido benefício assistencial com auxílio doença do RGPS. ( )

:: GABARITO COMENTADO

Leonardo, 10 anos, único filho de Joana e Sérgio, perde os seus pais em um trágico acidente de carro. É correto afirmar que Leonardo poderá acumular as duas pensões por morte provenientes de seus pais, segurados do RGPS. (C)

Não há vedação na legislação para que filho recebe pensões de seus pais falecidos. Perceba que, pelo exposto, Leonardo receberá pensão de seus pais até que complete 21 anos, em regra.

Joziel, 65 anos, segurado do RGPS há mais de 25 anos, está em gozo de auxílio doença há 2 anos. É correto afirmar que, da entrada do pedido de aposentadoria por idade de Joziel, a aposentadoria sendo concedida, ele poderá acumular o auxílio doença, que já recebe, com a aposentadoria por idade. (E)

A aposentadoria de Joziel é inacumulável com auxílio doença. Decreto 3048, artigo 167, I.

Francisco, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia, deu entrada na aposentadoria por idade no RGPS por cumprir os requisitos para a concessão desta. É correto afirmar que Francisco poderá acumular a aposentadoria de professor do RPPS do Executivo Federal com a aposentadoria por idade do RGPS. (C)

Sendo regimes distintos e Francisco cumprindo os requisitos de concessão, não há óbice na acumulação dos referidos benefícios.

Cacilda, grávida, segurada empregada do RGPS, está em gozo de auxílio doença há um ano. É correto afirmar que, quando o seu filho nascer, Cacilda poderá acumular o auxílio doença recebido com o salário maternidade requerido. (E)

Salário maternidade não pode ser acumulado com auxílio doença. Decreto 3048, artigo 167, IV.

Tobias, 20 anos, desempregado, está em gozo de seguro desemprego. Com o falecimento de seu pai Adroaldo, segurado do RGPS, sendo Tobias único dependente de Adroaldo, Tobias não poderá acumular o seguro desemprego com a pensão por morte proveniente de seu pai. (E)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 2.

Emiliano, 65 anos, segurado do RGPS ininterruptamente por 20 anos, recebe auxílio acidente do RGPS desde 2010. É correto afirmar que Emiliano poderá acumular o auxílio acidente com a aposentadoria por idade requerida. (E)

Decreto 3048, artigo 167, IX.

É permitida a acumulação de aposentadoria por idade do RGPS com a pensão especial dos portadores de deficiência por Síndrome da Talidomida. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 3.

O segurado recluso não faz jus aos benefícios de auxílio doença durante a percepção, pelos seus dependentes, do auxílio reclusão, permitida a opção, desde que manifestada, também, pelos dependentes, pelo benefício mais vantajoso. (C)

Decreto 3048, artigo 167, parágrafo 3.

Bento, aposentado especial do RGPS, retorna à atividade laborativa como vendedor de seguros. É correto afirmar que Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. (C)

Perceba que a nova atividade exercida por Bento não está relacionada com o exercício de atividade ou operação que o sujeite aos agentes nocivos. Logo, Bento não terá prejudicado o recebimento de sua aposentadoria especial a qual será mantida no seu valor integral. Lei 8213, artigo 57, parágrafo 8.

Cátia recebe pensão por morte em virtude do falecimento de seu primeiro companheiro. É correto afirmar que, caso o seu atual esposo, segurado obrigatório do RGPS há 30 anos, faleça, com quem Cátia está casada há 3 anos, Cátia poderá acumular a pensão por morte já recebida com a pensão por morte deixada por seu atual esposo. (E)

Cátia não acumulará as pensões, porem poderá optar pela mais vantajosa. Decreto 3048, artigo 167, VI e parágrafo 1.

No RGPS não é permitida a acumulação de salário maternidade com auxílio doença. (C)

Decreto 3048, artigo 167, IV.

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por cônjuge. (E)

Decreto 3048, artigo 167, VI.

Ronaldo, 65 anos, professor universitário aposentado dos RPPS´s estadual e federal, deu entrada em aposentadoria por idade no RGPS, pois já possui os requisitos para a concessão como professor neste regime. É correto afirmar que Ronaldo poderá acumular as três aposentadorias. (C)

Perceba que o RPPS estadual é distinto do federal. Tendo cumprido os requisitos da aposentadoria do RGPS e sabendo que os tempos dos três regimes não são concomitantes, Ronaldo poderá gozar das três aposentadorias. Constituição Federal, artigo 37, XVI.

No RGPS é permitida a acumulação de aposentadoria com auxílio doença. (E)

Decreto 3048, artigo 167, I.

No RGPS é permitida a acumulação de mais de uma pensão deixada por companheiro ou companheira. (E)

Decreto 3048, artigo 167, VII.

Vitória recebe pensão por morte pelo falecimento de seu primeiro marido. É correto afirmar que, pela reclusão de seu atual marido, Justino, com quem é casada há 5 anos, segurado obrigatório de baixa renda há 10 anos, Vitória poderá acumular a pensão por morte já recebida com auxílio reclusão. (E)

Sendo o auxílio reclusão devido nas mesmas condições da pensão por morte, a referida acumulação não será possível. Decreto 3048, artigo 116 e artigo 167, VI.

No RGPS não é permitida a acumulação de auxílio acidente com qualquer aposentadoria. (C)

Decreto 3048, artigo 167, IX.

O direito adquirido não é levado em consideração nos casos de acumulação de benefícios no RGPS. (E)

Contrário. O texto do artigo 167 do Decreto 3048 expões que SALVONO CASO DE DIREITO ADQUIRIDO. Logo, é levado sim em consideração na análise das acumulações do RGPS.

O segurado aposentado por invalidez no RGPS que retornar ao trabalho sempre poderá acumular a referida aposentadoria como a remuneração auferida pelo retorno à atividade laborativa. (E)

Deverá ser analisado o artigo 46 e 47 da Lei 8213.

Jesuíno recebe BPC LOAS por ser portador de deficiência. É correto afirmar que Jesuíno poderá acumular o referido benefício assistencial com auxílio doença do RGPS. (E)

O BPC LOAS é não-acumulável, em regra, com o recebimento de benefícios do RGPS. Decreto 6214, artigo 5.

:: JUSTIFICAÇÃO ADMINISTRATIVA

A propósito do processo de justificação administrativa, a comprovação do tempo de serviço para fins previdenciários deve realizar-se com base em início de prova material, não sendo admitida a prova exclusivamente testemunhal, sem exceção. ( )

Deve-se admitir a justificação administrativa ainda que o fato a comprovar dependa de registro público de casamento, de idade ou de óbito. ( )

A justificação administrativa, utilizada para a comprovação de relação de parentesco, dentre outros, deve, para produzir efeito, estar baseada em início de prova material, não sendo admitida prova exclusivamente testemunhal. ( )

O cônjuge separado de fato que tenha recebido pensão de alimentos de segurado do RGPS não faz jus à pensão por morte do segurado, caso este tenha mantido, em vida, união estável provada, por meio de justificação administrativa, no INSS. ( )

A comprovação realizada mediante justificação administrativa ou judicial só produz efeito perante a previdência social quando baseada em início de prova material. ( )

:: GABARITO COMENTADO

A propósito do processo de justificação administrativa, a comprovação do tempo de serviço para fins previdenciários deve realizar-se com base em início de prova material, não sendo admitida a prova exclusivamente testemunhal, sem exceção. (E)

Existe exceção: motivo de força maior ou caso fortuito. Lei 8213, artigo 55, parágrafo 3.

Deve-se admitir a justificação administrativa ainda que o fato a comprovar dependa de registro público de casamento, de idade ou de óbito. (E)

Não se admite justificação administrativa para comprovação de registro público.

A justificação administrativa, utilizada para a comprovação de relação de parentesco,dentre outros, deve, para produzir efeito, estar baseada em início de prova material, não sendo admitida prova exclusivamente testemunhal. (C)

Decreto 3048, artigo 143.

O cônjuge separado de fato que tenha recebido pensão de alimentos de segurado do RGPS não faz jus à pensão por morte do segurado, caso este tenha mantido, em vida, união estável provada, por meio de justificação administrativa, no INSS. (E)

Tendo sido homologada a justificação administrativa do segurado com a companheiro perante o INSS, não há sentido o cônjuge separado de fato não receber por esse motivo. Decreto 3048, artigo 142.

A comprovação realizada mediante justificação administrativa ou judicial só produz efeito perante a previdência social quando baseada em início de prova material. (C)

Faz-se necessário o início de prova material para que comece um processo de justificação administrativa. Por isso, provas exclusivamente testemunhais não são admitidas.

:: DECADÊNCIA E PRESCRIÇÃO

O prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado para a revisão do ato de concessão de benefício é de dez anos, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação. ( )

A ação para haver prestações devidas pela previdência social prescreve em cinco anos, a contar da data em que deveriam ter sido pagas. ( )

O direito de requerer pensão por morte decai após cinco anos da morte do segurado. ( )

O direito da Previdência Social de anular os atos administrativos de que decorram efeitos favoráveis para os seus beneficiários decai em dez anos, contados da data em que foram praticados, em qualquer hipótese. ( )

As ações referentes à prestação por acidente do trabalho prescrevem em 5 anos contados da data em que for reconhecida pela Previdência Social, a incapacidade permanente ou o agravamento das sequelas do acidente. ( )

:: GABARITO COMENTADO

O prazo de decadência de todo e qualquer direito ou ação do segurado para a revisão do ato de concessão de benefício é de dez anos, a contar do dia primeiro do mês seguinte ao do recebimento da primeira prestação. (C)

Lei 8213, artigo 103.

A ação para haver prestações devidas pela previdência social prescreve em cinco anos, a contar da data em que deveriam ter sido pagas. (C)

Lei 8213, artigo 103. Parágrafo único.

O direito de requerer pensão por morte decai após cinco anos da morte do segurado. (E)

O direito de requerer benefício no RGPS não decai. Apenas o salário maternidade tem a prerrogativa de ser requerido em até 5 anos do fato gerador do benefício.

O direito da Previdência Social de anular os atos administrativos de que decorram efeitos favoráveis para os seus beneficiários decai em dez anos, contados da data em que foram praticados, em qualquer hipótese. (E)

Lei 8213, artigo 103-A. Salvado comprovada a má-fé.

As ações referentes à prestação por acidente do trabalho prescrevem em 5 anos contados da data em que for reconhecida pela Previdência Social, a incapacidade permanente ou o agravamento das sequelas do acidente. (C)

Lei 8213, artigo 104, II.

:: BPC LOAS

No que se refere ao Benefício de Prestação Continuada, LOAS, julgue os itens seguintes: Para os fins do reconhecimento do direito ao benefício, considera-se família incapaz de prover a manutenção da pessoa com deficiência ou do idoso, aquela cuja renda líquida familiar dividida pelo número de seus integrantes seja inferior a um quarto do salário mínimo.
( )

O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até trinta dias após cumpridas as exigências. ( )

O valor do Benefício de Prestação Continuada concedido a deficiente não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada a outro deficiente da mesma família. ( )

Para o Benefício de Prestação Continuada, incide contribuição previdenciária do beneficiário e, consequentemente, gera pagamento de abono anual. ( )

No que concerne aos procedimentos do BPC LOAS, o instrumento de procuração poderá ser outorgado em formulário próprio do INSS, mediante comprovação do motivo da ausência do beneficiário, e sua validade deverá ser renovada a cada doze meses. ( )

O Benefício de Prestação Continuada é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso, com idade de sessenta e cinco anos ou mais se homem e 60 anos ou mais se mulher, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família. ( )

Considera-se família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores sob guarda, desde que vivam sob o mesmo teto. ( )

O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, exceto o seguro desemprego. ( )

Para fins de identificação da pessoa com deficiência e do idoso e de comprovação da idade do idoso, a carteira de reservista poderá ser apresentada para tal finalidade. ( )

Para fins de reconhecimento do direito ao Benefício de Prestação Continuada às crianças e adolescentes menores de dezoito anos de idade, deve ser avaliada a existência da deficiência e o seu impacto na limitação do desempenho de atividade e restrição da participação social, compatível com a idade. ( )

É correto afirmar que a assistência social é Política de Seguridade Social contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. ( )

É correto afirmar que a assistência social tem como um dos seus objetivos a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos, especialmente, o amparo às crianças e aos adolescentes carentes. ( )

O BPC LOAS, conclusos os requisitos para a concessão, garante um salário mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família. ( )

Consideram-se entidades e organizações de assistência social aquelas sem fins lucrativos que, isolada ou cumulativamente, prestam atendimento e assessoramento aos beneficiários abrangidos por esta Lei, bem como as que atuam na defesa e garantia de direitos. ( )

É princípio da assistência social a universalização dos direitos sociais, a fim de tornar o destinatário da ação assistencial alcançável pelas demais políticas públicas. ( )

Samuel, 65 anos, sem renda, deu entrada no INSS pelo Benefício de Prestação Continuada LOAS para idoso. Na sua casa vivem ele, o filho Ícaro e a nora Samantha que recebem um salário mínimo, cada, em seus empregos. É correto afirmar que Samuel terá negado o benefício pleiteado, pois a renda mensal per capita de sua família é superior a 1/4 (um quarto) do salário mínimo. ( )

Acerca do BPC LOAS, na hipótese de não existirem serviços no município de residência do beneficiário, fica assegurado, na forma prevista em regulamento, o seu encaminhamento ao município mais próximo que contar com tal estrutura. ( )

O benefício de prestação continuada deve ser revisto anualmente para avaliação da continuidade das condições que lhe deram origem. ( )

Acerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada, limitado a 2 anos o recebimento concomitante da remuneração e do benefício. ( )

À luz do Decreto n.º 6.214/2007 é correto afirmar que são requisitos imprescindíveis para a concessão, a manutenção e a revisão do BPC LOAS as inscrições no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF e no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico. ( )

:: GABARITO COMENTADO

No que se refere ao Benefício de Prestação Continuada, LOAS, julgue os itens seguintes: Para os fins do reconhecimento do direito ao benefício, considera-se família incapaz de prover a manutenção da pessoa com deficiência ou do idoso, aquela cuja renda líquida familiar dividida pelo número de seus integrantes seja inferior a um quarto do salário mínimo.
(E)

O único erro da assertiva está no termo LÍQUIDA, pois o texto do decreto diz que a renda BRUTA familiar. Isso faz toda a diferença, pois se trata de um cálculo. Decreto 6214, artigo 4, IV.

O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até trinta dias após cumpridas as exigências. (E)

45 dias. Decreto 6214, artigo 20. O Benefício de Prestação Continuada será devido com o cumprimento de todos os requisitos legais e regulamentares exigidos para a sua concessão, devendo o seu pagamento ser efetuado em até quarenta e cinco dias após cumpridas as exigências.

O valor do Benefício de Prestação Continuada concedido a deficiente não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada a outro deficiente da mesma família. (E)

O valor do Benefício de Prestação Continuada que não será computado no cálculo da renda mensal bruta familiar, para fins de concessão do Benefício de Prestação Continuada é o de outro IDOSO e não deficiente.
Decreto 6214, artigo 19, parágrafo único.

Para o Benefício de Prestação Continuada, incide contribuição previdenciária do beneficiário e, consequentemente, gera pagamento de abono anual. (E)

Não incide contribuição previdenciária e muito menos dá direito ao abono anual a quem usufrui desse benefício assistencial. Decreto 6214, artigo 22.

No que concerne aos procedimentos do BPC LOAS, o instrumento de procuração poderá ser outorgado em formulário próprio do INSS, mediante comprovação do motivo da ausência do beneficiário, e sua validade deverá ser renovada a cada doze meses. (C)

Decreto 6214, artigo 28, parágrafo 1.

O Benefício de Prestação Continuada é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso, com idade de sessenta e cinco anos ou mais se homem e 60 anos ou mais se mulher, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família. (E)

A idade para ter acesso ao BPC LOAS do idoso é de 65 anos para ambos os sexos. Decreto 6214, artigo 1.

Considera-se família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores sob guarda, desde que vivam sob o mesmo teto. (E)

Menores sob tutela. Decreto 6214, artigo 4, V. Família para cálculo da renda per capita: conjunto de pessoas composto pelo requerente, o cônjuge, o companheiro, a companheira, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores tutelados, desde que vivam sob o mesmo teto.

O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, exceto o seguro desemprego. (E)

Decreto 6214, artigo 5. O beneficiário do BPC LOAS não pode acumular o Benefício de Prestação Continuada com qualquer outro benefício no âmbito da Seguridade Social ou de outro regime, INCLUSIVE o seguro desemprego.

Para fins de identificação da pessoa com deficiência e do idoso e de comprovação da idade do idoso, a carteira de reservista poderá ser apresentada para tal finalidade. (C)

Decreto 6214, artigo 10, III.

Para fins de reconhecimento do direito ao Benefício de Prestação Continuada às crianças e adolescentes menores de dezoito anos de idade, deve ser avaliada a existência da deficiência e o seu impacto na limitação do desempenho de atividade e restrição da participação social, compatível com a idade. (E)

Infelizmente, você precisará memorizar o texto do decreto para a sua prova. Crianças e adolescentes menores de 16 anos e não 18 anos. Decreto 6214, artigo 4, parágrafo 1.

É correto afirmar que a assistência social é Política de Seguridade Social contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas. (E)

A assistência social não tem caráter contributivo. Lei 8742, artigo 1.

É correto afirmar que a assistência social tem como um dos seus objetivos a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos, especialmente, o amparo às crianças e aos adolescentes carentes. (C)

Lei 8742, artigo 2, I, b.

O BPC LOAS, conclusos os requisitos para a concessão, garante um salário mínimo de benefício mensal à pessoa com deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família. (C)

Lei 8742, artigo 2, I, e.

Consideram-se entidades e organizações de assistência social aquelas sem fins lucrativos que, isolada ou cumulativamente, prestam atendimento e assessoramento aos beneficiários abrangidos por esta Lei, bem como as que atuam na defesa e garantia de direitos. (C)

Lei 8742, artigo 3.

É princípio da assistência social a universalização dos direitos sociais, a fim de tornar o destinatário da ação assistencial alcançável pelas demais políticas públicas. (C)

Lei 8742, artigo 4, II.

Samuel, 65 anos, sem renda, deu entrada no INSS pelo Benefício de Prestação Continuada LOAS para idoso. Na sua casa vivem ele, o filho Ícaro e a nora Samantha que recebem um salário mínimo, cada, em seus empregos. É correto afirmar que Samuel terá negado o benefício pleiteado, pois a renda mensal per capita de sua família é superior a 1/4 (um quarto) do salário mínimo. (E)

Perceba que o filho é casado e a nora, igualmente, não entra no grupo familiar. Logo, não há óbice do recebimento do BPC LOAS para Samuel. Lei 8742, artigo 20, parágrafo 1.

Acerca do BPC LOAS, na hipótese de não existirem serviços no município de residência do beneficiário, fica assegurado, na forma prevista em regulamento, o seu encaminhamento ao município mais próximo que contar com tal estrutura. (C)

Lei 8742, artigo 20, parágrafo 7.

O benefício de prestação continuada deve ser revisto anualmente para avaliação da continuidade das condições que lhe deram origem. (E)

A revisão será BIENAL. Lei 8742, artigo 21.

Acerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada, limitado a 2 anos o recebimento concomitante da remuneração e do benefício. (C)

Lei 8742, artigo 21, parágrafo 2.

À luz do Decreto n.º 6.214/2007 é correto afirmar que são requisitos imprescindíveis para a concessão, a manutenção e a revisão do BPC LOAS as inscrições no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF e no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico. (C)

Decreto n.º 6.214/2007, artigo 12. A partir do Decreto 8.805/2016, tornou-se indispensável o CPF e a inscrição no CadÚnico dos componentes do grupo familiar do requerente.

:: CRIMES

Madalena, empregada doméstica, trabalha na casa de Dilma há dois anos. Madalena dirige-se ao INSS requerer auxílio doença, mas recebe a informação do servidor Dauber, que Dilma não tem recolhido as contribuições previdenciárias de Madalena. Madalena alega que, todos os meses, Dilma desconta de seu salário os valores referentes a sua contribuição à previdência social. É correto afirmar que Dilma vem cometendo crime de apropriação indébita previdenciária. ( )

Omitir de folha de pagamento da empresa contribuições previdenciárias devidas por empregado, configura crime de sonegação fiscal previdenciária. ( )

Deixar de lançar mensalmente em títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviço incorre em crime de estelionato. ( )

Ernesto mantinha uma pequena granja em um sítio de sua propriedade e contava com o auxílio de dois empregados, que percebiam remuneração mensal equivalente a um salário mínimo. Por exercer o negócio por conta própria e informalmente, Ernesto nunca efetuou os registros devidos nas carteiras de trabalho de seus empregados, tampouco recolheu as contribuições previdenciárias correspondentes. Nessa situação, se for flagrado pela fiscalização, Ernesto responderá pelo crime de sonegação de contribuição previdenciária, podendo o juiz restringir a pena de reclusão prevista (de um terço até a metade) ou apenas aplicar a pena de multa. ( )

Acerca dos crimes previdenciários, se, até antes do início da ação fiscal, o infrator confessar a dívida e efetuar espontaneamente o pagamento integral dos valores devidos, prestando as devidas informações ao órgão da previdência social, a punibilidade de sua conduta poderá ser extinta. ( )

Falsificação de documento público é um crime previdenciário com pena de detenção de 2 a 6 anos. ( )

Dentre outros, são crimes previdenciários: sonegação fiscal, inserção de dados falsos em sistema de informação e modificação não autorizada de sistema de informação. ( )

João, servidor público de cargo efetivo, fez diversas alterações no sistema de informação do INSS. É correto afirmar que João incorreu em crime de inserção de dados falsos em sistema de informação. ( )

É correto afirmar que divulgar, sem justa causa, informações sigilosas ou reservadas não contidas nos sistemas de informações da Administração Pública incorre em crime previdenciário. ( )

No crime de sonegação previdenciária é facultado ao juiz deixar de aplicar a pena ou aplicar somente multa se o agente for primário e de bons antecedentes, sem exceções.
( )

:: GABARITO COMENTADO

Madalena, empregada doméstica, trabalha na casa de Dilma há dois anos. Madalena dirige-se ao INSS requerer auxílio doença, mas recebe a informação do servidor Dauber, que Dilma não tem recolhido as contribuições previdenciárias de Madalena. Madalena alega que, todos os meses, Dilma desconta de seu salário os valores referentes a sua contribuição à previdência social. É correto afirmar que Dilma vem cometendo crime de apropriação indébita previdenciária. (C)

Descontar do trabalhador as contribuições previdenciárias e não pagar à previdência social incorre em crime de apropriação indébita previdenciária. Código Penal Brasileiro, Art. 168-A - Deixar de repassar à previdência social as contribuições recolhidas dos contribuintes, no prazo é forma legal ou convencional: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa.

Omitir de folha de pagamento da empresa contribuições previdenciárias devidas por empregado, configura crime de sonegação fiscal previdenciária. (C)

Código Penal Brasileiro, Art. 337-A - Suprimir ou reduzir contribuição social previdenciária e qualquer acessório, mediante as seguintes condutas: I - omitir de folha de pagamento da empresa ou de documento de informações previsto pela legislação previdenciária segurados empregado, empresário, trabalhador avulso ou trabalhador autônomo ou a este equiparado que lhe prestem serviços.

Deixar de lançar mensalmente em títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviço incorre em crime de estelionato. (E)

Incorre em crime de sonegação fiscal previdenciária. Código Penal Brasileiro, Art. 337-A - Suprimir ou reduzir contribuição social previdenciária e qualquer acessório, mediante as seguintes condutas: II - deixar de lançar mensalmente nos títulos próprios da contabilidade da empresa as quantias descontadas dos segurados ou as devidas pelo empregador ou pelo tomador de serviços.

Ernesto mantinha uma pequena granja em um sítio de sua propriedade e contava com o auxílio de dois empregados, que percebiam remuneração mensal equivalente a um salário mínimo. Por exercer o negócio por conta própria e informalmente, Ernesto nunca efetuou os registros devidos nas carteiras de trabalho de seus empregados, tampouco recolheu as contribuições previdenciárias correspondentes. Nessa situação, se for flagrado pela fiscalização, Ernesto responderá pelo crime de sonegação de contribuição previdenciária, podendo o juiz restringir a pena de reclusão prevista (de um terço até a metade) ou apenas aplicar a pena de multa. (C)

Correto. Código Penal Brasileiro, artigo 168-A, §2º, : "É extinta a punibilidade se o agente, espontaneamente, declara, confessa e efetua o pagamento das contribuições, importâncias ou valores e presta as informações devidas à previdência social, na forma devida em lei ou regulamento, antes do início da ação fiscal".

Acerca dos crimes previdenciários, se, até antes do início da ação fiscal, o infrator confessar a dívida e efetuar espontaneamente o pagamento integral dos valores devidos, prestando as devidas informações ao órgão da previdência social, a punibilidade de sua conduta poderá ser extinta. (C)

Correto. Código Penal Brasileiro, artigo 168-A, §2º, : "É extinta a punibilidade se o agente, espontaneamente, declara, confessa e efetua o pagamento das contribuições, importâncias ou valores e presta as informações devidas à previdência social, na forma devida em lei ou regulamento, antes do início da ação fiscal".

Falsificação de documento público é um crime previdenciário com pena de detenção de 2 a 6 anos. (E)

Código Penal Brasileiro, artigo 297. A pena é de RECLUSÃO e não de detenção.

Dentre outros, são crimes previdenciários: sonegação fiscal, inserção de dados falsos em sistema de informação e modificação não autorizada de sistema de informação. (C)

Todos são configurados no Código Penal Brasileiro como crimes. Leia os artigos 337-A, 313-A e 313-B.

João, servidor público de cargo efetivo, fez diversas alterações no sistema de informação do INSS. É correto afirmar que João incorreu em crime de inserção de dados falsos em sistema de informação. (E)

Modificar ou alterar, o funcionário, sistema de informação ou programa de informática se autorização ou solicitação de autoridade competente, artigo 313-B, Código Penal brasileiro, crime de modificação não autorizada de sistema de informação.

É correto afirmar que divulgar, sem justa causa, informações sigilosas ou reservadas não contidas nos sistemas de informações da Administração Pública incorre em crime previdenciário. (C)

Crime de divulgação de informações sigilosas ou reservadas. Código Penal Brasileiro, artigo 153.

No crime de sonegação previdenciária é facultado ao juiz deixar de aplicar a pena ou aplicar somente multa se o agente for primário e de bons antecedentes, sem exceções. (E)

Há exceções e uma delas é que o valor das contribuições devidas, inclusive acessórios, seja igual ou inferior àquele estabelecido pela previdência social, administrativamente, como sendo o mínimo para ajuizamento de suas ações fiscais. Código Penal Brasileiro, artigo 337-A, parágrafo 2.

:: SIMULADÃO

1. A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. ( )

2. É correto afirmar que todas as entidades beneficentes de assistência social são isentas de contribuição para a seguridade social. ( )

3. As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com, dentre outras diretrizes, a participação da comunidade. ( )

4. Para efeito de aposentadoria, é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na administração pública e na atividade privada, rural e urbana, hipótese em que os diversos regimes de previdência social se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. ( )

5. O sistema especial de inclusão previdenciária garantirá alíquotas inferiores, exceto carências, às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. ( )

6. É correto afirmar que foi através da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil. ( )

7. Foi a partir da Constituição Brasileira de 1988 que as atividades de saúde, previdência social e assistência social foram reunidas. ( )

8. O Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS) é composto por seis representantes do Governo Federal e nove representantes da sociedade civil, tendo mandato de 2 anos e não sendo permitida a recondução. ( )

9. José trabalha em uma empresa de serviços gerais em caráter não eventual, com subordinação e remuneração. É correto afirmar que José é segurado empregado da previdência social. ( )

10. Rafael, é servidor público de cargo comissionado da União.É correto afirmar que Rafael não se enquadra em qualquer categoria do RGPS por ter vínculo com o RPPS do Executivo Federal. ( )

11. É correto afirmar que o ministro de confissão religiosa é segurado obrigatório na categoria trabalhador avulso do RGPS, pois não tem vínculo empregatício com empresas. ( )

12. Serafim mora em meio urbano, próximo de sua fazendinha onde trabalha em regime de economia familiar. Tendo contratado, em 2017, duas pessoas para ajudá-lo no plantio pelo período de 60 dias cada um e morar no centro da cidade onde mora. É correto afirmar que Serafim perdeu a sua qualidade de segurado especial do RGPS. ( )

13. É correto afirmar que para serem considerados segurados especiais, o cônjuge ou companheiro e os filhos maiores de 18 anos ou os a estes equiparados deverão ter participação ativa nas atividades rurais do grupo familiar. ( )

14. Mariana é segurada especial e trabalha na lida rural há muitos anos. É correto afirmar que, se Mariana receber programa assistencial oficial do governo, Mariana perderá a sua qualidade de segurada especial do RGPS. ( )

15. Jegueson, segurado especial, trabalha, juntamente, com seus pais na lavoura e, também, produz redes artesanais para complementar o sustento da família auferindo, mensalmente, o equivalente a um salário mínimo. É correto afirmar que Jegueson não perderá a sua qualidade de segurado especial da previdência social. ( )

16. Para o RGPS, Consideram-se empresa a firma individual ou sociedade que assume o risco de atividade econômica urbana ou rural, com fins lucrativos ou não, bem como os órgãos e entidades da administração pública direta, indireta ou fundacional. ( )

17. É correto afirmar que mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses, o segurado facultativo que estiver em gozo de benefício. ( )

18. O menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica. ( )

19. É correto afirmar que a dependência econômica dos pais do segurado do RGPS falecido é presumida. ( )

20. Maneca, invalido aos 10 anos de idade, perdeu o seu pai Josevaldo, segurado obrigatório do RGPS, morto por uma doença fatal, e, então, Maneca passou a perceber pensão por morte previdenciária. Maneca, aos 20 anos, concluiu curso de nível superior em universidade federal. É correto afirmar que Maneca terá cessada a sua cota parte de pensão por morte. ( )

21. Nos casos de impossibilidade de realização de perícia médica pelo órgão ou setor próprio competente, assim como de efetiva incapacidade física ou técnica de implementação das atividades e de atendimento adequado à clientela da previdência social, o INSS poderá, sem ônus para os segurados, celebrar, nos termos do regulamento, convênios, termos de execução descentralizada, termos de fomento ou de colaboração, contratos não onerosos ou acordos de cooperação técnica para realização de perícia médica, por delegação ou simples cooperação técnica, sob sua coordenação e supervisão órgãos e entidades públicos ou que integrem o Sistema Único de Saúde. ( )

22. É correto afirmar que caso o segurado, durante o gozo do auxílio-doença, venha a exercer atividade diversa daquela que gerou o benefício, deverá ser verificada a incapacidade para cada uma das atividades exercidas. ( )

23. Nilton, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi declarado insusceptível de recuperação para sua atividade habitual. É correto afirmar que o auxílio doença gozado por Nilton será, automaticamente, convertido em aposentadoria por invalidez. ( )

24. Onofre, aposentado por idade do RGPS, 55 anos de idade, baixa renda, deu entrada no INSS para usufruir do benefício salário família. É correto afirmar que Onofre tem direito ao referido benefício do RGPS. ( )

25. Acerca do benefício do RGPS salário família é correto afirmar que o empregador doméstico, de baixa renda, deverá apresentar apenas a certidão de nascimento do seu filho menor de 14 anos para ter direito ao referido benefício. ( )

26. É correto afirmar que, no que concerne ao benefício salário família, o empregado doméstico conservará durante 10 anos os comprovantes de pagamento e as cópias das certidões correspondentes, para fiscalização da Previdência Social. ( )

27. É correto afirmar que o benefício do RGPS salário maternidade devido à segurada desempregada, em período de graça, consistirá numa renda mensal 1/12 da soma dos 12 últimos salários de contribuição, apurados em um período não superior a 15 meses. ( )

28. Janaína, segurada empregada do RGPS está em gozo de salário maternidade. É correto afirmar que a renda mensal do referido benefício de Janaína é igual ao seu salário de contribuição. ( )

29. Etelvina, segurada obrigatória do RGPS, faleceu em um trágico acidente automobilístico. Tendo apenas o seu pai Malaquias, 40 anos, como familiar e, comprovadamente, seu dependente economicamente. É correto afirmar que Malaquias receberá pensão por morte de Etelvina durante 15 anos. ( )

30. César, segurado obrigatório do RGPS, faleceu em um trágico acidente de motocicleta. Tendo apenas um filho com 23 anos e inválido aos 15 anos, como dependente. É correto afirmar que, o filho de César não terá direito ao benefício de pensão por morte. ( )

31. Gertrudes que era pensionista de Rogério, faleceu. Gertrudes tinha apenas um filho, Marcos de 18 anos de idade. É correto afirmar que a pensão conferida a Gertrudes pelo falecimento de Rogério será usufruída por Marcos até ele completar 21 anos de idade. ( )

32. Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que Incumbe ao dependente promover a sua inscrição quando do requerimento do benefício a que estiver habilitado. ( )

33. É correto afirmar no RGPS que, presentes os pressupostos da filiação, admite-se a inscrição *post mortem* do segurado contribuinte individual. ( )

34. Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que a comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis à caracterização do segurado poderá ser exigida quando da concessão do benefício. ( )

35. Flausino, 62 anos, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi comunicado que deveria se submeter a exame médico a cargo da previdência social. É correto afirmar que, ao faltar ao referido exame, Faustino correrá o risco de ter suspenso o seu benefício. ( )

36. Tempo de contribuição é o número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o beneficiário faça jus ao benefício, consideradas a partir do transcurso do primeiro dia dos meses de suas competências. ( )

37. É correto afirmar que, em regra, o benefício salário maternidade tem carência de 10 meses para a segurada empregada doméstica. ( )

38. Paulo deu entrada no INSS na aposentadoria por tempo de contribuição. É correto afirmar que basta comprovar a carência de 180 contribuições e a idade mínima de 65 anos que Paulo já estará apto para ter o referido benefício deferido. ( )

39. Gerson, 60 anos, trabalhou durante 8 anos como cobrador de ônibus e, posteriormente, deixou a cidade grande para se dedicar às atividades rurícolas em sua pequena fazenda na qual permaneceu trabalhando por 7 anos. Desde que deixou a cidade grande, Gerson não mais lá voltou. Estando regular a sua atividade urbana nos 8 primeiros anos e tendo comprovado o efetivo exercício da atividade rural durante os 7 anos seguintes, é correto afirmar que Gerson poderá averbar o tempo de atividade urbana com o tempo de atividade rural e poderá se aposentar através da chamada aposentadoria híbrida ou mista. ( )

40. É correto afirmar que o garimpeiro, contribuinte individual que trabalhe em regime de economia familiar, terá redução de 5 anos nos critérios de concessão da aposentadoria por idade. ( )

41. Aos segurados especiais é garantido aposentadoria por idade no valor de um salário mínimo ao completar 60 anos se homem e 55 anos se mulher. ( )

42. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. ( )

43. Dentre seu princípios e objetivos, a previdência social, rege-se pelo princípio da previdência complementar facultativa, custeada por contribuição adicional. ( )

44. É correto afirmar que compete ao Conselho Nacional de Previdência Social participar, acompanhar e avaliar sistematicamente a gestão previdenciária. ( )

45. Todo benefício que substituir o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor mensal inferior ao salário mínimo. ( )

46. No RGPS, Equipara-se também ao acidente do trabalho o acidente sofrido pelo segurado no local e no horário do trabalho em consequência de ofensa verbal intencional, inclusive de terceiro, por motivo de disputa relacionada ao trabalho. ( )

47. É correto afirmar que não é considerada doença do trabalho a doença endêmica adquirida por segurado habitante de região em que ela se desenvolva, salvo

comprovação de que é resultante de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho. ( )

48. É correto afirmar que, para o empregado doméstico, acidente do trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço de empregador doméstico, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. ( )

49. Acerca do acidente do trabalho, o empregado é o responsável pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde. ( )

50. É correto afirmar que o fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de sobrevida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. ( )

51. É correto afirmar que o MEI (Micro Empreendedor Individual), que fatura até R$60.000,00 por ano, poderá contribuir para o RGPS com 5% do salário mínimo estando incluído no Sistema de Inclusão Previdenciária. ( )

52. É correto afirmar que, um dos requisitos para ser MEI (Micro Empreendedor Individual) é que ele contrate apenas um empregado a seu serviço e que este tenha como limite de remuneração o salário mínimo ou piso salarial da categoria. ( )

53. É correto afirmar que a cota patronal do MEI é de 3% e incidirá sobre a remuneração do seu empregado. ( )

54. Glivanilde, empregada doméstica e segurada do RGPS, é responsável pelo recolhimento de sua contribuição previdenciária realizada através de guia própria fornecida pelo INSS. ( )

55. É correto afirmar que o contribuinte individual que presta serviço à empresa é responsável pelo recolhimento de 20% de sua remuneração até o limite do teto previdenciário. ( )

56. É correto afirmar que o auxílio-doença não poderá exceder a média aritmética simples dos últimos 12 salários de contribuição, inclusive em caso de remuneração variável, ou, se não alcançado o número de 12 (doze), a média aritmética simples dos salários de contribuição existentes. ( )

57. Magda, segurada obrigatória do RGPS, deu entrada em auxílio doença no INSS. Após um cálculo preliminar de sua renda mensal, obteve-se o valor de R$2.730,00. Calculada a média aritmética simples dos seus últimos 12 salários de contribuição, chegou-se ao valor de mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença requerido por Magda será no valor de mil reais. ( )

58. Júlia trabalha na empresa OK com turno reduzido, 4 horas diárias recebendo 500 reais mensais. É correto afirmar que, caso necessite de auxílio doença, Júlia receberá, a título de renda mensal, o valor de 500 reais. ( )

59. É correto afirmar que o salário maternidade do RGPS é direito da segurada, correspondente a 2 semanas em caso de aborto não criminoso e comprovado mediante atestado médico. ( )

60. Acerca do benefício auxílio doença, O INSS poderá estabelecer, mediante avaliação médico pericial, o prazo que entender suficiente para a recuperação da capacidade para o trabalho do segurado, dispensada nessa hipótese a realização de nova perícia. ( )

61. É correto afirmar que a assistência social, rege-se pelo princípio da supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade econômica. ( )

62. A gestão das ações na área de assistência social é organizada sob a forma de sistema descentralizado e participativo, denominado Sistema Único de Assistência Social (Suas). ( )

63. São tipos de proteção da assistência social: proteção social básica e especial. ( )

64. Sobre a organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão centralizada dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social, por meio do Índice de Gestão Descentralizada (IGD) do Sistema Único de Assistência Social (Suas). ( )

65. Acerca do BPC LOAS é correto afirmar que o avô e o sobrinho fazem parte do grupo familiar do qual o requerente está inserido. ( )

66. Edson, 65 anos, tem renda mensal declarada no valor de um salário mínimo e sustenta a sua esposa, que não tem qualquer renda e quatro filhos, igualmente sem renda. É correto afirmar que Edson terá direito ao BPC LOAS para o idoso no valor de um salário mínimo. ( )

67. O BPC LOAS será cancelado quando se constatar irregularidade na sua concessão ou utilização. ( )

68. O benefício de prestação continuada será suspenso pelo órgão concedente quando a pessoa com deficiência exercer atividade remunerada, exceto na condição de microempreendedor individual. ( )

69. A cerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. ( )

70. Na organização dos serviços da assistência social serão criados programas de amparo às pessoas que vivem em situação de rua. ( )

:: SIMULADÃO

1. **A seguridade social será financiada por toda a sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (C)**

Constituição Federal, artigo 195

2. **É correto afirmar que todas as entidades beneficentes de assistência social são isentas de contribuição para a seguridade social. (E)**

As entidade beneficentes de assistência social que atendam às exigências estabelecidas em lei e não TODAS. Constituição Federal, artigo 195, parágrafo 7.

3. **As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com, dentre outras diretrizes, a participação da comunidade. (C)**

Constituição Federal, artigo 198, parágrafo 3.

4. **Para efeito de aposentadoria, é assegurada a contagem recíproca do tempo de contribuição na administração pública e na atividade privada, rural e urbana, hipótese em que os diversos regimes de previdência social se compensarão financeiramente, segundo critérios estabelecidos em lei. (C)**

Constituição Federal, artigo 201, parágrafo 9. Essa é uma forma restrita da Carta Magna aplicar a compensação de regimes previdenciários, mas, também, entende-se que para a concessão de benefícios se aplica a referida compensação.

5. **O sistema especial de inclusão previdenciária garantirá alíquotas inferiores, exceto carências, às vigentes para os demais segurados do regime geral de previdência social. (E)**

A Carta Magna nos orienta que também para carências haverá inserida a disposição do sistema especial de inclusão, porém, até o momento do seu edital, não houve pontos da legislação contemplando as referidas carências inferiores.

6. **É correto afirmar que foi através da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil.**

(C)

Através do artigo 179, XXXI da Constituição Brasileira de 1824 que foi trato o tema socorros públicos sendo este o primeiro ato securitário previsto em Constituição no Brasil.

7. **Foi a partir da Constituição Brasileira de 1988 que as atividades de saúde, previdência social e assistência social foram reunidas. (C)**

A CF de 1988 foi a primeira constituição a reunir os pilares atuais da seguridade social: saúde, previdência social e assistência social.

8. **O Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS) é composto por seis representantes do Governo Federal e nove representantes da sociedade civil, tendo mandato de 2 anos e não sendo permitida a recondução. (E)**

A assertiva está quase completa, mas a recondução dos referidos membros é permitida, de imediato, apenas uma vez. Lei 8213, artigo 3, parágrafo 1.

9. **José trabalha em uma empresa de serviços gerais em caráter não eventual, com subordinação e remuneração. É correto afirmar que José é segurado empregado da previdência social. (C)**

Lei 8213, artigo 11, I, a.

10. **Rafael, é servidor público de cargo comissionado da União. É correto afirmar que Rafael não se enquadra em qualquer categoria do RGPS por ter vínculo com o RPPS do Executivo Federal. (E)**

Rafael é segurado empregado do RGPS, pois não tem vínculo de cargo efetivo com a União e sim um cargo comissionado de livre nomeação e exoneração. Lei 8213, artigo 11, I, g.

11. **É correto afirmar que o ministro de confissão religiosa é segurado obrigatório na categoria trabalhador avulso do RGPS, pois não tem vínculo empregatício com empresas. (E)**

Essa foi bem fácil! O ministro de confissão religiosa é CONTRIBUINTE INDIVIDUAL Lei 8213, artigo 11, V, c.

12. **Serafim mora em meio urbano, próximo de sua fazendinha onde trabalha em regime de economia familiar. Tendo contratado, em 2017, duas pessoas para ajudá-lo no plantio pelo período de 60 dias cada um e morar no centro da cidade onde mora. É correto afirmar que Serafim perdeu a sua qualidade de segurado especial do RGPS. (E)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 7. Serafim não perderá a sua qualidade de segurado especial, pois utiliza a ajuda de terceiro pelo que é permitido pela legislação 120 pessoas/dia no ano civil.

13. **É correto afirmar que para serem considerados segurados especiais, o cônjuge ou companheiro e os filhos maiores de 18 anos ou os a estes equiparados deverão ter participação ativa nas atividades rurais do grupo familiar. (E)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 6. Os filhos maiores de 16 anos e não 18 anos.

14. **Mariana é segurada especial e trabalha na lida rural há muitos anos. É correto afirmar que, se Mariana receber programa assistencial oficial do governo, Mariana perderá a sua qualidade de segurada especial do RGPS. (E)**

Quantos e quantos segurados especiais no Brasil recebem BOLSA FAMÍLIA (programa assistencial oficial do governo)? O segurado especial não perderá a sua qualidade no RGPS por estar em gozo do referido benefício. Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 8, IV.

15. **Jegueson, segurado especial, trabalha, juntamente, com seus pais na lavoura e, também, produz redes artesanais para complementar o sustento da família auferindo, mensalmente, o equivalente a um salário mínimo. É correto afirmar que Jegueson não perderá a sua qualidade de segurado especial da previdência social. (C)**

Lei 8213, artigo 11, VII, parágrafo 9, VII.

16. **Para o RGPS, Consideram-se empresa a firma individual ou sociedade que assume o risco de atividade econômica urbana ou rural, com fins lucrativos ou não, bem como os órgãos e entidades da administração pública direta, indireta ou fundacional. (C)**

Lei 8213, artigo 14, I.

17. **É correto afirmar que mantém a qualidade de segurado, independentemente de contribuições, até 6 meses, o segurado facultativo que estiver em gozo de benefício. (E)**

O segurado em gozo de benefício mantém a sua qualidade de segurado enquanto estiver em gozo do benefício. Lei 8213, artigo 15, I.

18. **O menor sob guarda, equiparam-se a filho mediante declaração do segurado e desde que comprovada a dependência econômica. (E)**

Quando a questão se referir a menor no tópico DEPENDENTES do seu estudo, não esqueça que é o MENOR SOB TUTELA. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 2.

19. **É correto afirmar que a dependência econômica dos pais do segurado do RGPS falecido é presumida. (E)**

Os pais do segurado do RGPS não têm dependência econômica presumida. Esta deve ser COMPROVADA. Lei 8213, artigo 16, parágrafo 4.

20. **Maneca, invalido aos 10 anos de idade, perdeu o seu pai Josevaldo, segurado obrigatório do RGPS, morto por uma doença fatal, e, então, Maneca passou a perceber pensão por morte previdenciária. Maneca, aos 20 anos, concluiu curso de nível superior em universidade federal. É correto afirmar que Maneca terá cessada a sua cota parte de pensão por morte. (E)**

Perceba que Maneca já recebia pensão por morte de seu pai, logo, mesmo que cole grau em nível superior, não terá a sua cota parte do benefício cessada. Decreto 3048, artigo 114, II.

21. **Nos casos de impossibilidade de realização de perícia médica pelo órgão ou setor próprio competente, assim como de efetiva incapacidade física ou técnica de implementação das atividades e de atendimento adequado à clientela da previdência social, o INSS poderá, sem ônus para os segurados, celebrar, nos termos do regulamento, convênios, termos de execução descentralizada, termos de fomento ou de colaboração, contratos não onerosos ou acordos de cooperação técnica para realização de perícia médica, por delegação ou simples cooperação técnica, sob sua coordenação e supervisão órgãos e entidades públicos ou que integrem o Sistema Único de Saúde. (C)**

Lei 8213, artigo 60, parágrafo 5.

22. **É correto afirmar que, caso o segurado, durante o gozo do auxílio-doença, venha a exercer atividade diversa daquela que gerou o benefício, deverá ser verificada a incapacidade para cada uma das atividades exercidas. (C)**

Lei 8213, artigo 60, parágrafo 7.

23. **Nilton, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi declarado insusceptível de recuperação para sua atividade habitual. É correto afirmar que o auxílio doença gozado por Nilton será, automaticamente, convertido em aposentadoria por invalidez. (E)**

Lei 8213, artigo 62. Nilton deverá submeter-se a processo de reabilitação profissional para o exercício de outra atividade.

24. **Onofre, aposentado por idade do RGPS, 55 anos de idade, baixa renda, deu entrada no INSS para usufruir do benefício salário família. É correto afirmar que Onofre tem direito ao referido benefício do RGPS. (E)**

Lei 8213, artigo 65, parágrafo único. Para ter direito ao salário família , Onofre deveria ter 65 anos ou mais.

25. **Acerca do benefício do RGPS salário família é correto afirmar que o empregador doméstico, de baixa renda, deverá apresentar apenas a certidão de nascimento do seu filho menor de 14 anos para ter direito ao referido benefício. (E)**

Lei 8213, artigo 67, parágrafo único. Quem deve apresentar a documentação é o empregado doméstico e não o empregador.

26. **É correto afirmar que, no que concerne ao benefício salário família, o empregado doméstico conservará durante 10 anos os comprovantes de pagamento e as cópias das certidões correspondentes, para fiscalização da Previdência Social. (E)**

Lei 8213, artigo 68, parágrafo 1. Mais uma vez a pegadinha: EMPREGADOR DOMÉSTICO.

27. **É correto afirmar que o benefício do RGPS salário maternidade devido à segurada desempregada, em período de graça, consistirá numa renda mensal 1/12 da soma dos 12 últimos salários de contribuição, apurados em um período não superior a 15 meses. (C)**

Lei 8213, artigo 71-B parágrafo 2 , III. A segurada DESEMPREGADA tem o cálculo da renda mensal do salário maternidade diferente da segurada empregada. Fique atento!

28. **Janaína, segurada empregada do RGPS está em gozo de salário maternidade. É correto afirmar que a renda mensal do referido benefício de Janaína é igual ao seu salário de contribuição. (E)**

Lei 8213, artigo 72. O salário-maternidade para a segurada empregada ou trabalhadora avulsa consistirá numa renda mensal igual a sua remuneração integral.

29. **Etelvina, segurada obrigatória do RGPS, faleceu em um trágico acidente automobilístico. Tendo apenas o seu pai Malaquias, 40 anos, como familiar e, comprovadamente, seu dependente economicamente. É correto afirmar que Malaquias receberá pensão por morte de Etelvina durante 15 anos. (E)**

Os critérios relativos à tabela idade e tempo de gozo do benefício são relativos à relação do segurado com o seu dependente cônjuge ou companheiro. Para os pais não haverá a nova limitação imposta pela legislação. Apenas deve comprovar a dependência econômica com o segurado de cujus.

30. **César, segurado obrigatório do RGPS, faleceu em um trágico acidente de motocicleta. Tendo apenas um filho com 23 anos e inválido aos 15 anos, como dependente. É correto afirmar que, o filho de César não terá direito ao benefício de pensão por morte. (E)**

No exposto, o filho receberá a pensão enquanto permanecer inválido. Decreto 3048, artigo 108. A pensão por morte somente será devida ao filho e ao irmão cuja invalidez tenha ocorrido antes da emancipação ou de completar a idade de vinte e um anos, desde que reconhecida ou comprovada, pela perícia médica do INSS, a continuidade da invalidez até a data do óbito do segurado.

31. **Gertrudes que era pensionista de Rogério, faleceu. Gertrudes tinha apenas um filho, Marcos de 18 anos de idade. É correto afirmar que a pensão conferida a Gertrudes pelo falecimento de Rogério será usufruída por Marcos até ele completar 21 anos de idade. (E)**

Decreto 3048, Decreto 3048. Artigo 114, parágrafo 1. Não existe pensão de pensão. O cota será extinta com o falecimento do pensionista.

32. **Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que Incumbe ao dependente promover a sua inscrição quando do requerimento do benefício a que estiver habilitado. (C)**

Lei 8213, artigo 17 parágrafo 1. A inscrição de dependente caberá ao próprio dependente quando da ocorrência do fato gerador do benefício.

33. **É correto afirmar no RGPS que, presentes os pressupostos da filiação, admite-se a inscrição *post mortem* do segurado contribuinte individual. (E)**

Decreto 3048, artigo 18, V, parágrafo 5. Admite-se a inscrição *post mortem* do segurado segurado especial. Apenas dessa categoria é admitida inscrição *post mortem*.

34. **Acerca da inscrição no RGPS. É correto afirmar que a comprovação dos dados pessoais e de outros elementos necessários e úteis à caracterização do segurado poderá ser exigida quando da concessão do benefício. (C)**

Decreto 3048, artigo 18, V, parágrafo 6.

35. **Flausino, 62 anos, segurado obrigatório do RGPS em gozo de auxílio doença, foi comunicado que deveria se submeter a exame médico a cargo da previdência social. É correto afirmar que, ao faltar ao referido exame, Faustino correrá o risco de ter suspenso o seu benefício. (C)**

Lei 8213, artigo 101, parágrafo 1. O aposentado por invalidez e o pensionista inválido estarão isentos do exame de que trata o caput após completarem 60 anos de idade e não o segurado em gozo de auxílio doença.

36. **Tempo de contribuição é o número mínimo de contribuições mensais indispensáveis para que o beneficiário faça jus ao benefício, consideradas a partir do transcurso do primeiro dia dos meses de suas competências. (E)**

Lei 8213, artigo 24. Esta é a definição de carência. Tempo de contribuição o tempo, contado de data a data, desde o início até a data do requerimento ou do desligamento de atividade abrangida pela previdência social, descontados os períodos legalmente estabelecidos como de suspensão de contrato de trabalho, de interrupção de exercício e de desligamento da atividade. Decreto 3048, artigo 59.

37. **É correto afirmar que, em regra, o benefício salário maternidade tem carência de 10 meses para a segurada empregada doméstica. (E)**

Não há carência ao referido benefício para as seguradas empregadas, trabalhadoras avulsas e empregadas domésticas.

38. **Paulo deu entrada no INSS na aposentadoria por tempo de contribuição. É correto afirmar que basta comprovar a carência de 180 contribuições e a idade mínima de 65 anos que Paulo já estará apto para ter o referido benefício deferido. (E)**

Paulo deverá comprovar as suas contribuições durante 35 anos de trabalho, em regra, e a sua idade independe para este benefício. A assertiva expõe a regra da aposentadoria por idade urbana.

39. **Gerson, 60 anos, trabalhou durante 8 anos como cobrador de ônibus e, posteriormente, deixou a cidade grande para se dedicar às atividades rurícolas em sua pequena fazenda na qual permaneceu trabalhando por 7 anos. Desde que deixou a cidade grande, Gerson não mais lá voltou. Estando regular a sua atividade urbana nos 8 primeiros anos e tendo comprovado o efetivo exercício da atividade rural durante os 7 anos seguintes, é correto afirmar que Gerson poderá averbar o tempo de atividade urbana com o tempo de atividade rural e poderá se aposentar através da chamada aposentadoria híbrida ou mista. (E)**

A aposentadoria híbrida ou mista está presente no artigo 48 da Lei 8213. Para Gerson se aposentar, ele precisará ter 65 anos e não 60 anos de idade.

40. **É correto afirmar que o garimpeiro, contribuinte individual que trabalhe em regime de economia familiar, terá redução de 5 anos nos critérios de concessão da aposentadoria por idade. (C)**

Apesar do garimpeiro não ser segurado especial, a ele é conferido o benefício de ter redução de 5 anos em sua idade em sua aposentadoria. CF, artigo 201, parágrafo 7, II.

41. **Aos segurados especiais é garantido aposentadoria por idade no valor de um salário mínimo ao completar 60 anos se homem e 55 anos se mulher. (E)**

Lei 8213, artigo 39. Além da idade é preciso a comprovação do efetivo exercício de atividade rural por no mínimo 15 anos contínuos ou não.

42. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, por convocação de seu Presidente, não podendo ser adiada a reunião por mais de dias se houver requerimento nesse sentido da maioria dos conselheiros. (E)

Lei 8213, artigo 3, parágrafo 3. O CNPS reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês.

43. Dentre seu princípios e objetivos, a previdência social, rege-se pelo princípio da previdência complementar facultativa, custeada por contribuição adicional. (C)

Lei 8213, artigo 2, VII.

44. É correto afirmar que compete ao Conselho Nacional de Previdência Social participar, acompanhar e avaliar sistematicamente a gestão previdenciária. (C)

Lei 8213, artigo 4, II.

45. Todo benefício que substituir o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não terá valor mensal inferior ao salário mínimo nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. (C)

Os benefícios que substituem o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado não poderão ter valor mensal inferior ao salário mínimo e nem superior ao do limite máximo do salário-de-contribuição. Lei 8213, artigo 33.

46. No RGPS, Equipara-se também ao acidente do trabalho o acidente sofrido pelo segurado no local e no horário do trabalho em consequência de ofensa verbal intencional, inclusive de terceiro, por motivo de disputa relacionada ao trabalho. (E)

O único erro da assertiva é que a agressão não será verbal e sim física para ser configurado o acidente do trabalho. Lei 8213, artigo 21, II, b.

47. É correto afirmar que não é considerada doença do trabalho a doença endêmica adquirida por segurado habitante de região em que ela se desenvolva, salvo comprovação de que é resultante de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 20, parágrafo 1, d.

48. É correto afirmar que, para o empregado doméstico, acidente do trabalho é o que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço de empregador doméstico, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que cause a morte ou a perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho. (C)

Lei 8213, artigo 19.

49. **Acerca do acidente do trabalho, o empregado é o responsável pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde. (E)**

A responsabilidade pela adoção e uso das medidas individuais de proteção e segurança de sua saúde é da EMPRESA. Lei 8213, artigo 19, parágrafo 1.

50. **É correto afirmar que o fator previdenciário será calculado considerando-se a idade, a expectativa de sobrevida e o tempo de contribuição do segurado ao se aposentar. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 7.

51. **É correto afirmar que o MEI (Micro Empreendedor Individual), que fatura até R$60.000,00 por ano, poderá contribuir para o RGPS com 5% do salário mínimo estando incluído no Sistema de Inclusão Previdenciária. (E)**

A configuração do MEI, dentre outros, está no faturamento anual limitado a 81 mil reais. Decreto 3048, artigo 9.

52. **É correto afirmar que, um dos requisitos para ser MEI (Micro Empreendedor Individual) é que ele contrate apenas um empregado a seu serviço e que este tenha como limite de remuneração o salário mínimo ou piso salarial da categoria. (C)**

Estes são os critérios para a pessoa ser enquadrada como MEI no Brasil. Decreto 3048, artigo 9.

53. **É correto afirmar que a cota patronal do MEI é de 3% e incidirá sobre a remuneração do seu empregado. (E)**

A cota patronal será sobre o salário de contribuição de seu empregado e limitada ao salário mínimo ou piso salarial da categoria.

54. **Glivanilde, empregada doméstica e segurada do RGPS, é responsável pelo recolhimento de sua contribuição previdenciária realizada através de guia própria fornecida pelo INSS. (E)**

A partir da Lei Complementar 150/15, a responsabilidade pelo recolhimento das contribuições do empregado doméstico é do EMPREGADOR doméstico através do sítio da internet chamado E-SOCIAL.

55. **É correto afirmar que o contribuinte individual que presta serviço à empresa é responsável pelo recolhimento de 20% de sua remuneração até o limite do teto previdenciário. (E)**

A responsabilidade é da empresa em recolher os 11% do contribuinte individual que lhe prestou serviço.

56. **É correto afirmar que o auxílio-doença não poderá exceder a média aritmética simples dos últimos 12 salários de contribuição, inclusive em caso de remuneração variável, ou, se não alcançado o número de 12 (doze), a média aritmética simples dos salários de contribuição existentes. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10.

57. **Magda, segurada obrigatória do RGPS, deu entrada em auxílio doença no INSS. Após um cálculo preliminar de sua renda mensal, obteve-se o valor de R$2.730,00. Calculada a média aritmética simples dos seus últimos 12 salários de contribuição, chegou-se ao valor de mil reais. É correto afirmar que a renda mensal do auxílio doença requerido por Magda será no valor de mil reais. (C)**

Lei 8213, artigo 29, parágrafo 10. Este é o limitador trazido pela Lei 13.135/15 buscando amenizar os cofres públicos quanto a concessão dos benefícios previdenciário e, no exposto, o auxílio doença.

58. **Júlia trabalha na empresa OK com turno reduzido, 4 horas diárias recebendo 500 reais mensais. É correto afirmar que, caso necessite de auxílio doença, Júlia receberá, a título de renda mensal, o valor de 500 reais. (E)**

O auxílio doença é um benefício do RGPS que substitui a renda do trabalhador. Logo, o valor da renda mensal do auxílio doença de Magda será de um salário mínimo. CF, art. 201, parágrafo 2.

59. **É correto afirmar que o salário maternidade do RGPS é direito da segurada, correspondente a 2 semanas em caso de aborto não criminoso e comprovado mediante atestado médico. (C)**

Decreto 3048, artigo 93, parágrafo 5.

60. **Acerca do benefício auxílio doença, O INSS poderá estabelecer, mediante avaliação médico pericial, o prazo que entender suficiente para a recuperação da capacidade para o trabalho do segurado, dispensada nessa hipótese a realização de nova perícia. (C)**

Decreto 3048, artigo 78, parágrafo 1.

61. **É correto afirmar que a assistência social, rege-se pelo princípio da supremacia do atendimento às necessidades sociais sobre as exigências de rentabilidade econômica. (C)**

Lei 8742, artigo 4, I.

62. A gestão das ações na área de assistência social é organizada sob a forma de sistema descentralizado e participativo, denominado Sistema Único de Assistência Social (Suas). (C)

Lei 8742, artigo 6.

63. São tipos de proteção da assistência social: proteção social básica e especial. (C)

Lei 8742, artigo 6-A.

64. Sobre a organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão centralizada dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social, por meio do Índice de Gestão Descentralizada (IGD) do Sistema Único de Assistência Social (Suas). (E)

Lei 8742, artigo 12-A. A organização da Assistência Social é correto afirmar que a União apoiará financeiramente o aprimoramento à gestão DESCENTRALIZADA dos serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social.

65. Acerca do BPC LOAS é correto afirmar que o avô e o sobrinho fazem parte do grupo familiar do qual o requerente está inserido. (E)

Fazem parte do grupo familiar do requerente ao BPC LOAS o cônjuge ou companheiro, os pais e, na ausência de um deles, a madrasta ou o padrasto, os irmãos solteiros, os filhos e enteados solteiros e os menores tutelados, desde que vivam sob o mesmo teto. Lei 8742, artigo 20, parágrafo 1.

66. Edson, 65 anos, tem renda mensal declarada no valor de um salário mínimo e sustenta a sua esposa, que não tem qualquer renda e quatro filhos, igualmente sem renda. É correto afirmar que Edson terá direito ao BPC LOAS para o idoso no valor de um salário mínimo. (C)

A confusa redação da Lei 8742 permite que apenas pelo fato da renda per capita do grupo familiar ser inferior a um quarto do salário mínimo, o requerente terá direito ao benefício mesmo contrariando o artigo 1 do Decreto 6214.

67. O BPC LOAS será cancelado quando se constatar irregularidade na sua concessão ou utilização. (C)

Lei 8742, artigo 21, parágrafo 2.

68. O benefício de prestação continuada será suspenso pelo órgão concedente quando a pessoa com deficiência exercer atividade remunerada, exceto na condição de microempreendedor individual. (E)

Inclusive na condição de microempreendedor individual. Lei 8742, artigo 21-A.

69. **A cerca do BPC LOAS, a contratação de pessoa com deficiência como aprendiz acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. (E)**

A contratação de pessoa com deficiência como aprendiz não acarreta a suspensão do benefício de prestação continuada. Lei 8742, artigo 21-A, parágrafo 2.

70. **Na organização dos serviços da assistência social serão criados programas de amparo às pessoas que vivem em situação de rua. (C)**

Lei 8742, artigo 23, parágrafo 2, II.

Agora que você finalizou o seu e-book, que Deus esteja te iluminando e que a sua merecida vitória venha para realizar o seu sonho.
Grande abraço,
Prof. Bruno Cunha

"750 frases comentadas
+ 650 questões de concursos com gabarito ao final"

GRÁTIS
VIDEOAULAS COM RESOLUÇÃO DE QUESTÕES

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

5ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

saraiva uni
saraiva aprova

ISBN 9788547217846

Figueiredo, Adriana

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 5. ed. – São Paulo : Saraiva, 2017.

1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.

16-1492 CDU 469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Presidente *Eduardo Mufarej*

Vice-presidente *Claudio Lensing*

Diretora editorial *Flávia Alves Bravin*

Conselho editorial

Presidente *Carlos Ragazzo*

Gerente de aquisição *Roberta Densa*

Consultor acadêmico *Murilo Angeli*

Gerente de concursos *Roberto Navarro*

Gerente editorial *Thaís de Camargo Rodrigues*

Edição *Liana Ganiko Brito Catenacci* | *Sergio Lopes de Carvalho*

Produção editorial *Maria Izabel B. B. Bressan (coord.)* | *Carolina Massanhi* | *Claudirene de Moura S. Silva* | *Cecília Devus* | *Daniele Debora de Souza* | *Denise Pisaneschi* | *Ivani Aparecida Martins Cazarim* | *Ivone Rufino Calabria* | *Willians Calazans de V. de Melo Clarissa Boraschi Maria (coord.)* | *Kelli Priscila Pinto* | *Marília Cordeiro* | *Mônica Landi* | *Tatiana dos Santos Romão* | *Tiago Dela Rosa*

Diagramação (Livro Físico) *Perfekta Soluções Editoriais*

Revisão *Amanda Maria de Carvalho Anhoque*

Comunicação e MKT *Elaine Cristina da Silva*

Capa *Guilherme P. Pinto*

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub *Guilherme Henrique Martins Salvador*

Serviços editoriais *Surane Vellenich*

Data de fechamento da edição: 10-1-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê

5.1. Teoria e Exemplos Comentados

6 Uso de expressões cotidianas
6.1. Teoria e Exemplos Comentados
6.1.1. Uso de há e a
6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas
6.2. Questões de concursos comentadas
6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

Parte II - Morfologia
7 Classes Gramaticais
7.1. Teoria e Exemplos Comentados
7.1.1. Artigo
7.1.2. Substantivo
7.1.3. Adjetivo
7.1.4. Advérbio
7.1.5. Plural dos nomes compostos
7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos
7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos
7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)
8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer

8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir
8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos
9.1.2.2. Reflexivos
9.1.2.3. Recíprocos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos
9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos

9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO
Parte III - Sintaxe
12 Predicação Verbal
12.1. Teoria e Exemplos Comentados
12.1.1. Verbo intransitivo
12.1.2. Verbo transitivo
12.1.3. Verbo de ligação
12.1.4. Tipos de predicado
12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
12.3. Questões de Concursos Comentadas
13 Termos da Oração
13.1. Teoria e Exemplos Comentados
13.1.1. Termos integrantes
13.1.2. Termos acessórios

13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)
13.3. Questões de Concursos Comentadas
13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
13.5. Resumo
14 Vozes Verbais
14.1. Teoria e Exemplos Comentados
14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)
14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva
14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra
14.6. Questões para se identificar a voz da frase
14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
14.7. Resumo
15 Período Composto
15.1. Teoria e Exemplos Comentados
15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas
15.2.1. Orações coordenadas
15.2.2. Orações subordinadas
15.3. As funções sintáticas do pronome relativo
15.4. Orações reduzidas
15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
15.6. Questões de concursos comentadas
15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)
15.8. RESUMO
16 Concordância Nominal
16.1. Teoria e Exemplos comentados
16.1.1. Introdução
16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo
16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos
16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos
16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo
16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais
16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto
16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...
16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...
16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...
16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...
16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos
16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)
16.5. RESUMO
17 Concordância Verbal
17.1. Teoria e Exemplos Comentados
17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito
17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples
17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto
17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado
17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional
17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais
17.1.2.1. Concordância do verbo SER
17.1.2.2. Concordância com a preposição COM
17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos
17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU
17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro
17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo
17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…
17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…
17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…
17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que
17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)
17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo
17.2. Exemplos comentados
17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
17.6. RESUMO
18 Regência Verbal
18.1. Teoria e Exemplos comentados
18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas
18.2. Regência com Pronome Relativo
18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo
18.2.2. Uso de onde, aonde, donde
18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
18.4. Questões de Concursos Comentadas
18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)
19 Crase
19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se

21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO
22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)
Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.2.1. As modalidades da narração
23.1.2.2. Os elementos da narração
23.1.2.2.1. As ações
23.1.2.2.2. Os personagens
23.1.2.2.3. O narrador
23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição
23.1.5.2. Os tipos de descrição
23.1.5.2.1. Descrição de objetos
23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos
23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos
23.1.5.2.4. Descrição de paisagens
23.1.6. A dissertação
23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo
23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo
23.1.6.3. A estruturação argumentativa

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo
23.1.6.4.1. Texto didático
23.1.6.4.2. Texto preditivo
23.1.6.4.3. Texto polêmico
23.1.6.4.4. Texto injuntivo
23.1.7. Tipologia textual – esquema
23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto
23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto
23.1.8. Enunciados de tipologia textual
23.2. Exemplos comentados
23.3. Questões de Concursos Comentadas
23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito COMENTADO no final)
23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
24 Estruturação Argumentativa
24.1. Teoria Resumida
24.1.1. O parágrafo argumentativo
24.1.2. O tópico frasal
24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo
24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo
24.1.5. Como expandir o parágrafo
24.2. Exemplos Comentados
24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
25 Coesão e Coerência
25.1. Teoria e Exemplos Comentados
25.2. questões de concursoS Comentadas
25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
26 Compreensão e Interpretação de Textos
26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS
26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
26.3. Resumo
26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS
26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.6. Resumo

Referências

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões

valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –, **t**eórico – raridade no mundo contemporâneo –

e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes

Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).

Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quadriênio março de 2012 a março de 2016.

Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há

um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como

/**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas

distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles...

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u-i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-r**i-a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o-o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i-e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o-o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.

d) dígrafo.

e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:

1. tung-stê-nio

2. bis-a-vô

3. du-e-lo

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n. 1.

b) apenas na palavra n. 2.

c) apenas na palavra n. 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar

3. trans-tor-no,

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na número 1.

b) apenas na número 2.

c) apenas na número 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do

b) si-me-tria

c) es-fi-a-pa-da

d) ba-i-nhas

e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:

a) in-te-lec-ção

b) cons-ci-ên-cia

c) oc-ci-pi-tal

d) psi-co-lo-gia

e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro

b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar

c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó

e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar

b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu

c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar

d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver

e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do

b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do

c) psi-co-sso-ci-al / traí-do

d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do

e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:

a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.

b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.

c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.

d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.

e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:

a) in-te-<u>rim</u>

b) pu-<u>di</u>-co

c) ru-<u>bri</u>-ca

d) gra-<u>tui</u>-to

e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:

a) dois ditongos e três hiatos.

b) cinco ditongos e dois hiatos.

c) quatro ditongos e três hiatos.

d) três ditongos e três hiatos.

e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.

b) um trissílabo.

c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.

e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:

a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer

b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tu-in-tes

c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co

d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca

e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:

a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo

b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia

c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os

d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver

e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:

a) flui-do, sa-guão, dig-no

b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no

c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo

d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a

e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:

a) tran-sa-tlân-ti-co

b) ab-di-ca-ção

c) subs-ta-be-le-cer

d) fri-ís-si-mo

e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:

a) companhia

b) exceção

c) répteis

d) cãimbra

e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:

a) mi-nis-té-rio

b) ab-so-lu-tas

c) ne-nhu-ma

d) té-cni-co

e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:

a) árduo / mãe

b) área / chapéu

c) diário / quota

d) pavio / moer

e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:

a) fi-a-do, flui-do, ru-im

b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar

c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais

d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose

e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém

b) coalhou

c) iam

d) nenhum

e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.

a) mui-to / su-sci-tar

b) saú-de / so-cie-da-de

c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de

d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais

e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) “Previsíveis” e “úteis” acentuam-se pela mesma razão.

2) Em “más”, há emprego de acento diferencial.

3) Em “biquíni” e “ônus” o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em “mantém”, o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói...

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.

Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú...

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:

Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:

Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.

Exs.: feiura, baiuca...

Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo

Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm...").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a*,

e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-

to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter, destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é

mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – FCC – 2014)

Acentuam-se devido à mesma regra os seguintes vocábulos do texto:

a) também, mantêm, experiências.

b) indígenas, séculos, específico.

c) acúmulo, importância, intercâmbio.

d) políticas, história, Pará.

e) até, três, índios.

2. (TRF – 1ª Região – Analista Judiciário – FCC – 2014)

Considere a tirinha reproduzida abaixo.

(Revista Língua Portuguesa, ano 4, n. 46. São Paulo: Segmento, agosto de 2009, p.7)

Seguindo-se a regra determinada pelo novo acordo ortográfico, tal como referida no primeiro quadrinho,

também deixaria de receber o acento agudo a palavra:

a) Tatuí.

b) graúdo.

c) baiúca.

d) cafeína.

e) Piauí.

3. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me e a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) I e II.

c) II e III.

d) III e IV.

e) II e IV.

4. (Cespe – TJ Acre – Técnico – 2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

As palavras “conteúdo”, “calúnia” e “injúria” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

5. (Cespe – MPU – Analista/Técnico – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A palavra “cível” recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em **amável** e **útil**.

6. (Pol. Fed. (Adaptada) – Cespe)

Em relação à acentuação gráfica julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

I. Em “más”, há emprego de acento diferencial.

II. Em “biquíni” e “ônus”, o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

III. Em “mantém”, o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7:

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Das palavras acentuadas (todas retiradas do Texto II) **reúne**, **países**, **águas**, **última** e **vêm**, as duas que recebem acento por seguirem a mesma norma ortográfica são:

a) **águas** e **vêm**

b) **última** e **vêm**

c) **reúne** e **águas**

d) **reúne** e **países**

e) **países** e **última**

8. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O grupo de palavras que obedecem às normas de acentuação da Língua Portuguesa é

a) raizes, dificil, século

b) rúbrica, saúva, amavel

c) também, possível, êxito

d) idolo, parabéns, ciencia

e) indústria, saude, ninguem

9. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

O par de palavras grafadas corretamente é

a) chaminé, xícara

b) chave, xipanzé

c) enxente, chale

d) enxada, xuxu

e) fachina, chifre

10. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra que deve ser acentuada graficamente, de acordo com as regras da norma-padrão do Português, é

a) ali

b) antes

c) dificil

d) pacto

e) potente

11. (Ministério do Turismo – Todos os cargos – ESAF – 2013)

Assinale a opção que indica a necessidade de modificar a colocação de acento gráfico para que o texto fique gramaticalmente correto.

É urgentemente **necessário** (a) promover o aumento da entrada de estrangeiros.

Deve-se completar o trabalho da natureza, oferecendo segurança e transporte **publico** (b) eficientes, preparação do pessoal receptivo, serviço decente de telecomunicações, controle de **endemias**, (c) limpeza das cidades, pronto-atendimento de **saúde**, (d) preços honestos e boa qualidade em hotéis e restaurantes, além, é claro, de carga **tributária** (e) que não espante o freguês.

(Adaptado de *Correio Braziliense*, 31/12/2013)

a) necessário > necessario

b) publico > público

c) endemias > endêmias

d) saúde > saude

e) tributária > tributaria

Leia o texto a seguir para responder à questão 12:

Criado há dois anos, o Programa Mais Médicos voltou a ser motivo de uma ferina disputa entre o governo federal e as entidades da área de saúde. Agora, não é mais a atuação dos cubanos o foco da ira dos profissionais brasileiros, e sim a expansão dos cursos de medicina no país. No início de junho, os Ministérios da Saúde e da Educação autorizaram instituições privadas a oferecer 2.290 vagas de graduação em 36 municípios do interior. Por outro edital, foram selecionadas mais 22 cidades para abrigar novas escolas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões vistas como prioritárias, por possuir maior déficit de profissionais.

A reação não tardou. O Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Escolas Médicas decidiram criar um modelo próprio de avaliação dos cursos da área, independente daquele adotado pelo governo. O Conselho Regional de Medicina de São Paulo prometeu ingressar na Justiça contra a abertura dos novos cursos. As entidades acusam o governo de promover uma expansão indiscriminada das faculdades de medicina em locais com infraestrutura inadequada, o que colocaria em risco a qualidade da formação.

(Rodrigo Martins, "Sobre a quantidade de jalecos brancos". *Carta capital*, 5 de agosto de 2015. Ano XXI. n. 861)

12. (ESAF- Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada":

As palavras "área" (l. 2), "Ministérios" (l. 3) e "prioritárias" (l. 6) são acentuadas devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13:

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra "utopia" e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do "novo homem" que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha "descoberta" por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e

contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria "Um sonho de 500 anos", de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

13. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada":

O acento nas palavras "vésperas" (l. 1), "ciências" (l. 4) e "econômicas" (l. 14) justifica-se devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14:

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?

São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?

A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

Disponível em: <http://www.infraero.gov.br/images/stories/guia/2014/guiapassageiro2014_portugues.pdf>.Acesso em: 4/1/2016 (com adaptações).

14. (ANAC – Técnico Administrativo – ESAF – 2016)

Em relação às regras de acentuação, assinale a opção correta.

a) Acentua-se o verbo "é" (l. 1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção "e".

b) “Você” (l. 2) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal “e” fechada.

c) “Despachá-los” (l. 3) se acentua pelo mesmo motivo de “deverá” (l. 6).

d) Ocorre acento grave em “à busca pessoal” (l. 6) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.

e) O acento agudo em “grávidas” (l. 7) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. b; 4. e; 5. c; 6. I-E, II-C, III-E; 7. d; 8. c; 9. a; 10. c; 11. b; 12. certa; 13. errada; 14. c.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário... Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais (“i”e “u” como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:

a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.

Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...

b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.

Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...

c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.

Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...

d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).

Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:

a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:

Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.

b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.

Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...

c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.

Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas

formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex, recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...

Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou

começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos, eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex...vice...**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)
Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)

Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)
Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para

cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

“Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia.”

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D’Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de

encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: “Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227”. Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

6. (INSS – Técnico Seg. Soc. – CESPE – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão “armar ali a minha tenda” (l. 2) foi empregada no texto em sentido figurado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “centro de enigma e sangue” da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que “os irônicos estrangeiros” vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, “ridicularizar o pátrio pensamento”:

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os “irônicos estrangeiros” mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de “romance de crime e sangue”. Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um “romance de gênio”, porque “a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos”. Lamenta que seja raro, entre nós, “um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário”, ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: “Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos”.

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina “foi uma Epopeia”. Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a “desaparição profética” de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

7. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo “cujos” (l. 37) e o emprego da forma verbal “faça” na oração “antes que eu o faça” (l. 39).

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

a) “A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada”;

b) “Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza”;

c) “Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica”;

d) “Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site”;

e) “Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis”.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

As palavras são empregadas no sentido denotativo, literal, em estado de dicionário ou no sentido conotativo, figurado.

A palavra destacada está empregada no sentido figurado em:

a) “o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento global, seja em nível local ou global, neste **alvorecer** do século XXI.”

b) “alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do **cidadão**.”

c) “em estágio avançado nos países **industrializados**, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas.”

d) “Esse novo paradigma tem as seguintes **características** fundamentais: a informação é sua matéria-prima.”

e) “processos sociais e **transformação** tecnológica resultam de uma interação complexa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas

dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

10. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

No trecho “fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para **desenvolver** a economia local” (l. 20-21), a palavra que tem o sentido contrário ao da palavra destacada é

a) orientar

b) organizar

c) fortalecer

d) alimentar

e) reduzir

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

11. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Há emprego de linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

a) trânsito parado.

b) aborrecimento e lamentação.

c) Virou onda.

d) Raios e trovões.

e) quatro mortos.

12. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que se caracteriza o emprego de palavras em sentido figurado.

a) Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a “nomobofobia”…

b) ... a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade…

c) ... a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel…

d) ... os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes…

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante.

13. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

As expressões destacadas nos trechos – **meter o bedelho** / **estimar** parâmetros / **embotar** a razão – têm sinônimos adequados respectivamente em:

a) procurar / gostar de / ilustrar

b) imiscuir-se / avaliar / enfraquecer

c) interferir / propor / embrutecer

d) intrometer-se / prezar / esclarecer

e) contrapor-se / consolidar / iluminar

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

14. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na passagem do 4º parágrafo – Causa **consternação** conhecer a principal razão citada pelos consumidores... –, o termo em destaque é sinônimo de

a) indignação.

b) irritação.

c) resignação.

d) comoção.

e) satisfação.

15. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha (5º parágrafo).

Analisando-se o sentido que a expressão “jogaram a toalha” confere ao texto, conclui-se que ela está construída em sentido

a) próprio, mostrando a dispensa dos funcionários como desnecessária, já que há evidente recuperação na economia.

b) figurado, ironizando a ideia das empresas de evitar dispensas, já que estão mais preocupadas com os custos trabalhistas.

c) figurado, deixando claro que as empresas demitiram seus funcionários, porque o cenário econômico é desfavorável.

d) próprio, reforçando a ideia de que as empresas mantiveram seu plano inicial de manter os funcionários no emprego.

e) próprio, sugerindo que as empresas terão prejuízos mantendo os funcionários em um cenário de crise econômica.

Gabarito: 1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. C; 7. C; 8. c; 9. a; 10. e; 11. c; 12. e; 13. b; 14. d; 15. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do “porquê”. Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que “por que”, separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a *pelo qual*, *pela qual* (nesse caso, o que será pronome relativo).

Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento (“por quê”).

O uso do “porque”, junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o “porquê”, junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o “por que” equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos...).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de ***há*** e ***a***

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado, decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento..."). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo...").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que há cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava mau informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje a dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra *mal* usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de

corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente*. Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias...". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição sobre, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem – imergem).

b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).

c) Já era decorrido um _____ que ela havia partido, (lustre – lustro).

d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem – imigrem).

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).

c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).

e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).

b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).

d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).

e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).

b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).

c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).

d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).

e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em “o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte”, o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou

b) arquivou

c) despachou favoravelmente

d) invalidou

e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são sinônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas

b) intactas – arrasadas

c) intactas – dilaceradas

d) depauperadas – prestigiadas

e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

“Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público.”

a) cônscio – privilégios – extintos

b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos

d) côncio – previlégios – estintos

e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?

II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao escritório.

III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.

b) em duas apenas.

c) na II apenas.

d) na III apenas.

e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

“_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite.”

a) aonde – estadia – estada – onde

b) onde – estada – estadia – aonde

c) onde – estadia – estada – aonde

d) aonde – estada – estadia – onde

e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

IV. _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há

b) conserto – a – há – sessões – há

c) concerto – a – há – seções – a

d) concerto – a – há – sessões – há

e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante

b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante

d) expectativa – tensão – hezitante

e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

“O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem _____.

a) tráfico – infrações – inflijam – concerto

b) tráfego – infrações – inflijam – conserto

c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto

d) tráfego – infrações – infrações – conserto

e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Leia o texto a seguir para responder à questão 18:

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa

vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

18. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No trecho "porque eu, Dom Pedro Quaderna" (l. 35-36), a conjunção "porque" é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "E isso **porque** o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos", verifica-se a grafia adequada da expressão destacada, uma vez que funciona como conjunção explicativa.

A frase em que a expressão em destaque também está adequadamente empregada é

a) Não se sabe **por que** a desigualdade social ainda existe.

b) É comum não se compreender o **por quê** da fome no país.

c) **Por quê** os políticos não se movimentam para acabar com a fome?

d) O povo liderará os governantes **por que** tem maior maturidade política.

e) A fome é uma doença, mas não se entende **por que**.

20. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra ou expressão em destaque está grafada corretamente e de acordo com a norma-padrão em:

a) A agricultura familiar é importante **por que** preserva os alimentos tradicionais.

b) A Agricultura Familiar é importante **por quê**?

c) A Agricultura Familiar apresenta importante função **porquê** garante a segurança alimentar.

d) O Texto I esclarece o motivo **porque** a Agricultura Familiar contribui para o uso sustentável dos recursos naturais.

e) O Texto I expõe o **porque** de a Agricultura Familiar ser importante para o país.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d; 18. C; 19. a; 20. b.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"... era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida.”

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

“... eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra”*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. “Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto **autor**.” (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:

Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego

de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:

Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.		variáveis		prefixo		invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice--diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.

2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...

3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:

mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:
salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias;

informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas heróicômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) ... funcionam de maneira mais livre...

b) ... lançar o mundo numa profunda recessão.

c) ... na promoção de uma melhor operação...

d) ... essas frases devem nos deixar algo perplexos.

e) ... após algumas décadas...

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor* modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "... existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em <u>levar a saúde a toda a população</u>, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. **(Inspetor Pol. Civil)** "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra <u>aguda</u> classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles (para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram <u>ampliadas</u>.

b) ... configura <u>alguns</u> desafios.

c) ... a existência de <u>muitos</u> dispositivos.

d) <u>Esse</u> pacto...

e) ... resolvidos na <u>atual</u> Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em <u>dois</u> sistemas.

b) ... o custo de <u>todo</u> o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e <u>derrubado</u> pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e <u>socialista</u>.

e) Se a queda ... trouxe <u>mais</u> liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "... o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista*, assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade*.

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios...

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) ... avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei...

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a

salvação. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição...

b) ... não faz mais sentido opor...

c) ... entre as diversas etnias...

d) ... direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem...

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que*. Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia*, *agora não mais*. Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e

dos índios (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para essa consolidação.

b) ... essa era a primeira coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e respeitado para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e distante.

e) ... escrever com bico de pena...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com alguma frequência...

b) Seus governantes.

c) Tal tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi contraída...

e) Empresa de capital nacional...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – FCC 2015)

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio *aí*, na frase, do seguinte modo:

a) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

b) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

c) a palavra tem o sentido de "nesse ponto", como em "É aí que está o X da questão".

d) a palavra compõe expressão que tem o sentido de "apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

e) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de "contorno único".

2. (Sabesp – Advogado – FCC – 2014)

Atualmente, também se associa o Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade à responsabilidade social. Responsabilidade social é a forma ética e responsável pela qual a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas, práticas e atitudes, tanto com a comunidade quanto com o seu corpo funcional. Enfim, com o ambiente interno e externo à Organização e com todos os agentes interessados no processo.

Assim, as definições de Educação Ambiental são abrangentes e refletem a história do pensamento e visões sobre educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Os advérbios grifados no trecho acima podem ser substituídos corretamente, na ordem dada, por:

a) Nos dias de hoje – Por fim – Desse modo

b) Consentaneamente – Afinal de contas – Desse modo

c) Nos dias de hoje – Ultimamente – Do mesmo modo

d) Consentaneamente – Por derradeiro – Destarte

e) Presentemente – Afinal de contas – De todo modo

3. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016 – Adaptada)

Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:

I. *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.*

II. *E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.*

III. *– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.*

IV. *Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.*

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

a) I, II e IV.

b) II e IV.

c) II e III.

d) I e III.

e) I, III e IV.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

As relações que as sociedades ocidentais industriais mantêm com os temas da ciência e da tecnologia não se constituem numa constante. No transcorrer da história dessas sociedades, a ciência deixa de ser entendida apenas como um tipo de conhecimento tido como válido e passa a se conjugar com as técnicas, conformando uma aplicação prática e útil desse conhecimento.

Isso ocorre desde os desdobramentos da Revolução Industrial no século XIX, quando ciência e tecnologia passaram a constituir um binômio, abreviadamente expresso por C&T, no qual, cada vez mais, conhecimento científico e técnica se entrelaçam. A tecnologia vai-se tornando plena de ciência e esta tende a incorporar crescentemente a técnica. Já no século XX, o desenvolvimento de ciência e tecnologia passou a utilizar intensivamente grandes investimentos financeiros, tendo em vista o domínio tanto da natureza quanto das sociedades.

A partir de então, e dada a intensificação dos processos técnico-científicos da contemporaneidade, surgem posicionamentos antagônicos em relação à temática da aceleração tecnológica. Por um lado, estabelece-se uma compreensão de que o incremento de ciência e tecnologia é algo determinante, ou até mesmo fundamental para um desenvolvimento econômico e social satisfatório, além de ser politicamente neutro e desprovido de normatividade.

Desde outra perspectiva, desenvolvem-se reflexões sobre as incertezas e indeterminações acerca do destino das sociedades como consequência dos principais modelos e sistemas técnico-científicos contemporâneos. Questiona-se o papel da ciência e da tecnologia como fator determinante e como atividade neutra de valores.

Raquel Folmer Corrêa. Tecnologia e sociedade: análise de tecnologias sociais no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de mestrado. In: Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br> (com adaptações).

4. (Inpi – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas linhas 5 e 16, as ocorrências do vocábulo “desde” introduzem circunstâncias temporais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto I

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. “Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada”, alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

“Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes”, diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas,

locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. “O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego”, alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a 31 computação, informática, TI e análise de sistemas. “Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho”, diz Pier Carlo Sola.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

5. (Cespe – CEF – Médio – 2014)

Com base nas informações veiculadas no texto, em sua estrutura e em seus aspectos gramaticais, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho “o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos” (l. 9-10), o termo “interessado” qualifica “o aprendizado”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

6. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto, como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências "**toda a Mata Atlântica**" (l. 6) e "**todo o país**" (l. 9), os artigos definidos "**a**" e "**o**" são opcionais, podendo ser suprimidos sem que haja prejuízo à correção gramatical e à significação dos períodos de que fazem parte.

7. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

"Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui."

Sobre esse segmento acima, é correto afirmar que:

a) o advérbio "relativamente" mostra que a profissão de médico ainda não foi atingida pela revolução;

b) a expressão "até aqui" tem valor semântico de lugar;

c) a expressão "até aqui" é repetida a fim de destacar-se um elemento importante no texto;

d) o pronome "o" refere-se a "médico";

e) o vocábulo "um" em "um ofício" tem noção de quantidade.

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o gramático Celso Cunha, os adjetivos em língua portuguesa expressam qualificações, características, estados e relações; o adjetivo abaixo que expressa relação é:

a) fácil entendimento;

b) linguagem objetiva;

c) profissionais qualificados;

d) prática clínica;

e) informação transparente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da

concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”. *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm>. Acesso em 14 de abril de 2016.

9. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.”

Nesse segmento do texto 1, o vocábulo *mais* aparece duas vezes, com a mesma classe gramatical; a frase abaixo em que esse mesmo vocábulo apresenta classe diferente é:

a) “Quem está embaixo não pode cair mais fundo” (Samuel Butler);

b) “A avareza é mais contrária à economia que a liberdade” (La Rochefoucauld);

c) “O avarento é o mais leal e fiel depositário dos bens dos seus herdeiros” (Marquês de Maricá);

d) “A coisa mais semelhante a reviver a própria vida é relembrá-la e tornar essa lembrança o mais durável

possível” (Franklin);

e) “O pecado de mais culpa é o adultério” (Nouailles).

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo em que NÃO é possível trocar de posição os elementos textuais sublinhados é:

a) “Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência”;

b) “às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência”;

c) “Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham”;

d) “Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras”;

e) “merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica,

inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

11. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"...O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro."

O termo "sobretudo" só NÃO pode ser substituído adequadamente por:

a) principalmente;

b) geralmente;

c) especialmente;

d) destacadamente;

e) particularmente.

12. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

A frase em que a palavra ***mais*** tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) "A mais estranha coisa sobre o futuro é que alguém evocará nossa época como os bons e velhos tempos".

b) "O futuro não é mais o que costumava ser".

c) "Muito poucos são os que vivem no presente, a maioria se prepara para viver mais tarde".

d) "Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que filhos de nosso passado".

e) "Há ladrões que não castigamos, mas que nos roubam o que é mais precioso: o tempo".

13. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve a troca ***indevida*** da palavra *mal* por *mau* ou vice-versa.

a) “A ironia é uma forma elegante de ser mau”.

b) “Não há mau que sempre dure nem bem que nunca se acabe”.

c) “Basta um drinque para me deixar mal. Mas nunca sei se é o 13º ou o 14º”.

d) “O mal de comprar coisas de segunda mão é que elas nunca são de segunda mão”.

e) “O mal das encrencas é que elas começam bem devagarinho”.

14. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“*O bom médico não deixa ver nada de suas apreensões ao seu paciente*.”

A mesma relação semântica entre as palavras sublinhadas se repete nos pares a seguir, ***à exceção de um***. Assinale-o.

a) advogado/cliente.

b) mestre/discípulo.

c) santo/devoto.

d) senhorio/inquilino.

e) religião/militante.

15. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“*O falar é perigoso para as nossas ilusões.*”

(**Machado de Assis**)

Sobre os componentes do fragmento acima, assinale a afirmativa ***incorreta***.

a) O termo “*o falar*” é um exemplo de palavra substantivada.

b) No adjetivo “*perigoso*”, o sufixo -oso forma adjetivos a partir de substantivos.

c) A preposição “*para*” mostra valor de finalidade.

d) O pronome possessivo “*nossas*” tem valor universal.

e) O adjetivo “*perigoso*” expressa uma opinião do enunciador.

16. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

Entre as frases de Machado de Assis a seguir, assinale aquela em que a locução adjetiva sublinhada mostra uma substituição ***inadequada***.

a) "*A fantasia é um vidro de cor, porém mentiroso.*" / colorido

b) "*Sem ter passado por provas da experiência, é muito raro dizer coisa com coisa.*" / experientes

c) "*Admiremos os diplomatas que sabem guardar consigo os segredos dos governos.*" / governamentais

d) "*Amor ou eleições, não falta matéria às discórdias dos homens.*" / humanas

e) "*A tática do parlamento de tomar tempo com discursos até o fim das sessões não é nova.*"/ parlamentar

17. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho "Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?", são palavras de classes gramaticais diferentes

a) **em** e **que**

b) **sair** e **pegar**

c) **como** e **ainda**

d) **prodigioso** e **vazio**

e) **presente** e **madrugada**

18. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O advérbio destacado na passagem – ... você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser **muito**, **muito** cruel? – tem equivalente em:

a) Só gente **muito** preconceituosa pensa assim.

b) Há **muito** ponto de vista errado acerca desse assunto.

c) **Muito** do que é hoje deve aos pais, sempre dedicados a ele.

d) Só por **muito** ele aceita defender o réu.

e) O vírus transmitido pelo mosquito vem causando **muito** sofrimento às pessoas.

19. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Observe as passagens:

– … e **agora** quer começar uma carreira médica. (2º parágrafo);

– … ele tem 80 anos. **Isto mesmo**, 80. (3º parágrafo);

– **Talvez** a expectativa de vida não permita… (4º parágrafo).

As expressões destacadas expressam, respectivamente, sentido de

a) lugar, modo e causa.

b) tempo, afirmação e dúvida.

c) afirmação, afirmação e dúvida.

d) tempo, modo e afirmação.

e) modo, dúvida e intensidade.

20. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

O emprego do adjetivo anteposto ao substantivo realça a qualidade que a este se atribui, o que se pode comprovar com a expressão em destaque na seguinte passagem do texto:

a) Os bastidores do vestibular são cheios de **histórias** – **curiosas, estranhas, comoventes**.

b) O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma **figura clássica**...

c) Veio do Japão aos 11 anos, (…) e agora quer começar uma **carreira médica**.

d) Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo **critério cronológico**.

e) Os resultados do **difícil exame** trazem desilusão para muitos jovens…

21. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Os advérbios “bem” (1º quadrinho) e “Talvez” (2º quadrinho) expressam, respectivamente, circunstância de

a) modo e tempo.

b) afirmação e modo.

c) dúvida e afirmação.

d) afirmação e intensidade.

e) modo e dúvida.

22. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

No trecho – **Bombeiros mineiros** deverão receber treinamento... – (1º parágrafo), a expressão em destaque é formada por substantivo + adjetivo, nessa ordem. Essa relação também se verifica na expressão destacada em:

a) A **imprudente atitude** do advogado trouxe-me danos.

b) Entrou silenciosamente, com um **espanto indisfarçável**.

c) **Alguma pessoa** teve acesso aos documentos da reunião?

d) Trata-se de um lutador **bastante forte** e preparado.

e) Estiveram presentes à festa meus **estimados padrinhos**.

23. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Uma palavra que substitui a expressão destacada em – A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, **pouco a pouco**, está se expandindo –, sem alteração de sentido, é:

a) subitamente.

b) paulatinamente.

c) repentinamente.

d) provavelmente.

e) impreterivelmente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Qualquer movimento para interromper a construção de uma rodovia é uma tentativa de fazer que o velho caos volte à vida. A despeito de esporádicos êxitos locais, ninguém tem demonstrado possuir poder suficiente para enfrentar o vasto poder acumulado da rodovia. Isso sugere que o modernismo tem suas próprias contradições e tensões dialéticas e que determinadas formas de pensamento e visão modernistas

podem solidificar-se em ortodoxias dogmáticas e tornar-se arcaicas. A aspiração contemporânea por uma cidade abertamente turbulenta, mas intensamente viva, corresponde à aspiração de voltar a expor feridas antigas, mas especificamente modernas. É a aspiração de conviver abertamente com o caráter dividido e irreconciliável de nossas vidas e extrair energia do âmago mesmo de nossos esforços, aonde quer que isso nos conduza no final.

(Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.165, Adaptado).

24. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Seria preservada a correção gramatical do texto se o advérbio “aonde” (l. 8) fosse substituído por “onde”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O antigo laço de amizade que me liga a Oscar Niemeyer levou-me a transmitir-lhe minhas preocupações sobre os erros que eu acreditava terem sido cometidos em Brasília em consequência do planejamento puramente estético e quase ditatorial.

Entretanto, fiquei estupefato com seu otimismo. Ele me disse que, em Brasília, os ajustamentos sociais que me estavam preocupando seriam, gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura.

(Freyre, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003, p.244-6, Adaptado).

25. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Atende à norma gramatical da língua padrão e preserva o sentido do texto original a seguinte substituição:

“gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura” (l. 5) por “gradativa e harmonicamente solucionados à nova arquitetura”.

26. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2012)

Na transcrição do fragmento de texto abaixo, foram desrespeitadas regras gramaticais da língua portuguesa. Assinale a opção em que a grafia de palavra ou o uso de estrutura linguística está incorreto.

A intensa migração, o encarecimento dos terrenos centrais, <u>mais bem</u> (A) situados, e demais fatores criaram incentivos para a configuração espacial das nossas metrópoles: as classes de menor poder aquisitivo acabam

por se concentrar (B) nas periferias. Lá os preços dos terrenos são menores, compensando a baixa acessibilidade e a insuficiência (C) de infraestrutura. Ou seja, a classe com menores condições reside distante dos locais de emprego, consumo e entretenimento. Além disso, essa classe depende de transporte público pouco eficiente e de baixa qualidade, pois este não foi priorizado ao longo de décadas. Mais ainda, quando membros dessa classe conseguem obterem (D) crescimento de renda e acesso a (E) crédito, desprivilegiados que são em sua mobilidade, têm como principal impulso a aquisição de automóveis. Isso, por sua vez, somente agrava ainda mais o quadro de engarrafamentos em massa das metrópoles.

(Adaptado de Vladimir Fernandes Maciel, Problemas e desafios do transporte público urbano. Disponível em: <http://www.pucrs.br>).

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população.

De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado de Paulo Otto von Sperling. *Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos*. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)

27. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

a) o artigo em “a paulatina” (l. 1).

b) o artigo na contração em “Na administração” (l. 4), escrevendo apenas **Em**.

c) o artigo em “o direito” (l. 4).

d) o artigo em “as ouvidorias” (l. 5).

e) o artigo na contração em “da população” (l. 7), escrevendo apenas de.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

28. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O advérbio “assim” (l. 4) tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

29. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada

O uso do gerúndio em “gravando” (l. 5) imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema,

como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.

Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos. O brasileiro Santos Dumont foi o primeiro aeronauta que demonstrou a viabilidade do voo do mais pesado do que o ar. O seu voo no "14-Bis" em Paris, em 23 de outubro de 1906, na presença de inúmeras testemunhas, constituiu um marco na história da aviação, embora a primazia do voo em avião seja disputada por vários países.

Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13/12/2015 (com adaptações).

30. (ANAC – Analista Administrativo – ESAF – 2015)

(Adaptada) – Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

A substituição de "então" (l. 5) por **naquela época** prejudica as informações originais do texto.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. E; 5. E; 6. E; 7. c; 8. d; 9. e; 10. a; 11. b; 12. b; 13. b; 14. e; 15. c; 16. b; 17. a; 18. a; 19. b; 20. e; 21. e; 22. b; 23. b; 24. errada; 25. errada; 26. d; 27. e; 28. certa; 29. errada; 30. errada.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É

invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo	presente – eu falo...		
	pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
	futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III –		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós,

Imperativo		não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS	DERIVADOS
1) Presente do indicativo	Presente do subjuntivo (-**e**, -**a**)

(Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	_____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrid*o* que eu agrid*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito	Pret. mais-que-perfeito (-ra)
	Imperfeito do subjuntivo (-sse)
	Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência -*ram* e fique com o

radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles <u>coube</u>*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

3) Infinitivo Impessoal	Futuro do presente (-re, -ra) Futuro do pretérito (-ria)
	Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir...*), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

<u>digeri</u>*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. **(FCC/TRF – 2ª Região)** A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em

destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam* – *vivem* – *viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma

boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssеis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor,

depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. Ver (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram;

futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. Vir (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*...).

8.1.6. Fazer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:**

fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*...).

8.1.7. Querer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer*, por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:

Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes,

requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em

função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao

pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.

3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá,

agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i*, em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i*, somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires,

fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o*, somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*... Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:

1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós *sempre* vamos *à biblioteca*. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.

2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).

3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós “viemos” aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito**

perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).

Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando eu propuser*, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor"*, *quando tu "propores"*, *quando ele "propor"*...

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive*, *tu tiveste*, *ele teve*, será *eu detive*, *tu detiveste*, *ele deteve*, e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu* = *ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha*...

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser, quando tu disseres, quando ele disser*...

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu*

mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse...

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs*..., o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá*...

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe*... *que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba*...

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia*...

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha*...

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem*", se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(FGV/Oficial de Cartório/2008)** “Se interviessem, implodiriam as contas públicas”. Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem*.

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente

conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. **(Cesgranrio/Petrobras)** O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio manteram-se atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo creem que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, interviu na cotação do dólar.

d) Como sobreviram contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos preveram queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se*.

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não

como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. **(Cesgranrio/Petrobras)** "Para que se DIGA...","que o governo GARANTA...". Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração “como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt”, o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente,

na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. **(Cesgranrio/Petrobras)** A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª

pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. Pretérito perfeito composto: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o

presente.

Tem falado, **tenho** contado...

2. Pretérito mais-que-perfeito composto: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. (Técnico Judiciário/TJ) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

a) levava

b) levou

c) leva

d) levara

e) levasse

Comentários:

A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo,

que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

Resposta: D.

2. (Auxiliar Judiciário/TJ) “Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...”. O emprego do tempo verbal destacado expressa:

a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

b) um fato futuro, mas próximo.

c) uma ação passada habitual ou repetida.

d) uma ação produzida em certo momento do passado.

e) a continuidade de um ato até o presente.

Comentários:

A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se “Publicidade oficial tem sido, quase sempre...”, é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

Resposta: E.

3. (FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008) “O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.”

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica*, temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. Afirmativo:

• **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

• **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. Negativo: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) ... **respeite** pai e mãe...

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se <u>comportasse</u> de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual...*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma

frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. **(NCE-UFRJ/Ministério Público)** “Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália.”; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. **(FGV)** Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita

entusiasmado.”

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas

(falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:

1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.

2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) ... não se deve *dizer* mal de ninguém...; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser.*

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta...".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação -*do*) e o irregular (que não possui terminação -*do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.

b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

- uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)

4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)

5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)

6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos.

(ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. **(NCE-UFRJ / Ministério Público)** A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período “Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...”, a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure.*

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. <u>chega</u> o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão <u>mata</u> 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal);

presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. **(TRF)** Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: hoje *afirmamos* que amanhã *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – anteontem *afirmamos* que ontem *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. **(TRE / Anal. Judic.)** Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam*... O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. **(TRT / Anal. Judic.)** Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico

de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora...*, e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é

coerente utilizar--se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de

altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mantendo-se a correlação verbal na primeira frase do texto, a substituição de “Depois que” por “Caso” acarretará as seguintes mudanças nas formas verbais:

a) fartasse − terá − iria consumir

b) fartara − tivera − consumira

c) teria fartado − teria tido − teria consumido

d) tenha fartado − terá − consumirá

e) tivesse fartado − teria − consumiria

2. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

*A preocupação com o planeta **levou** Abu Dhabi <u>a tirar</u> do papel a cidade sustentável de Masdar*.

Ao substituir-se a forma “levou” pela construção “fez com que”, o segmento sublinhado deverá ser substituído, preservando-se a correlação verbal, por

a) tirará.

b) tira.

c) tirava.

d) tirasse.

e) tirar.

3. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Não seria de se esperar que todas as músicas alcançaram igual repercussão onde quer que se produzissem.

b) Se todos os povos frequentassem a mesma linguagem musical, a universalidade de sentido terá sido indiscutível.

c) A cada vez que se propaga em escala industrial, a música poderia se transformar num fetiche do mercado.

d) Dado que as culturas são muito diferentes, é de se esperar que as linguagens da música também o sejam.

e) As diferentes manifestações musicais trariam consigo linguagens que se marcarão como particulares.

4. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O termo saudade, monopólio sentimental da língua portuguesa, geralmente se traduz em alemão pela palavra “sehnsucht”. No entanto, as duas palavras têm uma história e uma carga sentimental diferentes. A saudade é um sentimento geralmente voltado para o passado *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. Embora M. Rodrigues Lapa, referindo-se ao sentimento da saudade nos povos célticos, empregue esse termo como “ânsia do infinito”, não é esse o uso mais generalizado. Emprega-se a palavra, tanto na linguagem corrente como na poesia, principalmente com referência a objetos conhecidos e amados, mas que foram levados pela voragem do tempo ou afastados pela distância.

A “sehnsucht” alemã abrange ao contrário tanto o passado como o futuro. Quando usada com relação ao

passado, é mais ou menos equivalente ao termo português, *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores* elaborados durante uma longa história de ausências e surgidos em consequência do temperamento amoroso e sentimental do português. Falta à palavra alemã a riqueza etimológica, o eco múltiplo que ainda hoje vibra na palavra portuguesa.

A expressão "sehnsucht", todavia, tem a sua aplicação principal precisamente para significar aquela "ânsia do infinito" *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. No uso popular e poético emprega-se o termo com frequência para exprimir a aspiração a estados ou objetos desconhecidos e apenas pressentidos ou vislumbrados, os quais, no entanto, se julgam mais perfeitos que os conhecidos e os quais se espera alcançar ou obter no futuro.

Assim, a saudade parece ser, antes de tudo, um sentimento do coração envelhecido *que relembra os tempos idos, ao passo que a "sehnsucht" seria a expressão da adolescência* que, cheia de esperanças e ilusões, vive com o olhar firmado num futuro incerto, mas supostamente prometedor. Ambas as palavras têm certa equivalência no tocante ao seu sentido intermediário, ou seja, à sua ambivalência doce-amarga, ao seu oscilar entre a satisfação e a insatisfação. Mas, como algumas de suas janelas dão para o futuro, a palavra alemã é portadora de um acento menos lânguido e a insatisfação nela contida transforma-se com mais facilidade em mola de ação.

(Adaptado de: ROSENFELD, Anatol. **Doze estudos**. São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 1959, p. 25-27)

(FCC – TRT – 15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)

5. *Embora M. Rodrigues Lapa [...] <u>empregue</u> esse termo como "ânsia do infinito"...* (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está empregado em:

a) ... *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. (3º parágrafo)

b) ... *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. (1º parágrafo)

c) ... *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores*... (2º parágrafo)

d) ... *que relembra os tempos idos*... (4º parágrafo)

e) ... *ao passo que a* "sehnsucht" *seria a expressão da adolescência*... (4º parágrafo)

6. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

na época, o látex representava 50% da exportação do Brasil.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

a) ... *mas conheço um pouco o interior da Amazônia.*

b) ... *quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...*

c) *A temática amazônica se impõe...*

d) ... *escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.*

e) *E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...*

7. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Na frase ***Desejaríamos*** *que falassem, como falam os animais...*, caso o verbo em negrito assuma o mesmo tempo e modo que o sublinhado, teremos as seguintes formas verbais no segmento inicial:

a) Desejam que falem.

b) Desejamos que falassem.

c) Desejam que falassem.

d) Desejamos que falem.

e) Desejemos que falam.

8. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

(nem creio que venha a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... *que existam pássaros...*

b) ... *que ele entendia...*

c) ... *o que lhes ensinam...*

d) ... *que assim se chama.*

e) ... *que uns dizem com voz rouca...*

9. (FCC – Sabesp/Advogado – 2014)

É importante que a inserção da perspectiva da sustentabilidade na cultura empresarial, por meio das ações e projetos de Educação Ambiental, esteja alinhada a esses conceitos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado na frase acima está em:

a) ... a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas...

b) ... as definições de Educação Ambiental são abrangentes...

c) ... também se associa o Desenvolvimento Sustentável...

d) ... e incorporou [...] também aspectos de desenvolvimento humano.

e) ... e reforce a identidade das comunidades.

10. (FCC – TRF – 1ª Região/ Anal. Jud. – Biblio/2014)

No período "*É possível que eu o diga de um modo que provavelmente pareça patético*", o autor utiliza os verbos dizer e parecer no presente do subjuntivo. Encontram-se estes mesmos tempos e modo verbais em:

a) é a criação poética, ou o que **chamamos** de criação.

b) mistura de esquecimento e lembrança do que **lemos.**

c) quero que **seja** uma confidência.

d) com uma letra gótica que não **posso** ler.

e) uma felicidade de que **dispomos**.

11. (FCC – TRF – 3ª Região/ Anal. Jud. – 2014)

(...) O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o "lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo--lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.(...)

***Tinham* seus prediletos ...**

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Dumas consentiu.

b) ... levaram com eles a instituição do "lector".

c) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

d) Despontava a nova capital mundial do Havana.

e) ... que cedesse o nome de seu herói...

12. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

Os tempos e os modos verbais estarão corretamente articulados na frase:

a) Eduardo Coutinho, morto em 2014, destacara-se como um mestre dos documentários, cuja arte contemplasse o depoimento vivo, sempre que rejeitava o retrato estereotipado das pessoas.

b) A exemplo do que houvesse na arte de Eduardo Coutinho, o primeiro passo de toda política deveria ter levado em conta o respeito pela condição singular do outro, conquanto, para isso, surgiam dificuldades.

c) Caso não fizesse dessa obsessão um eixo de sua trajetória, Coutinho não viveria como um artista crítico, para quem já houvesse arte encarnada no corpo e suspensa no espírito do outro.

d) Em seu processo criativo, Coutinho saberia ver e ouvir e, consequentemente, havia se acercado da história de cada um como um processo sensível e inacabado, sem que fosse necessário ajustar conceitos.

e) A obsessão que Coutinho demonstraria pela cena da vida era similar à que tivesse pela arte, e isso fez com que seja quase impossível, para Coutinho, opor personagem a pessoa.

13. (FCC – TCE-CE – Técnico – Administração – 2015)

A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que percebemos tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.

e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

14. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

a) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

b) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho preferência pelas velhas fotos em papel.

c) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

d) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

e) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

15. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considerando a norma padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

a) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

b) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

c) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhecida é considerada crime de lesa pátria.

d) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

e) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

16. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

A graça da não notícia

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de “interpretação reversa”.

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – “o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes”. Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um “sim”, o outro um “não” ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal “pluralidade” já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas

respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

17. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

É legítimo o seguinte comentário:

a) (linha 8) O aspecto ambíguo da imprensa é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

b) (linha 17) Em “Por que a árvore caiu?”, tem se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

c) (linhas 18 e 19) Se o segmento sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos fosse redigido de outra forma − “sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas” −, seu sentido original estaria preservado.

d) (linha 24) Em “já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade”, a substituição de já por “de imediato” preserva o sentido original da frase.

e) (linhas 24 e 25) O segmento amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

18. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– *Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.*

Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma padrão:

a) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal “ouvia”, mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

b) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por tinha de ouvir.

c) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser “A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado”.

d) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

e) Se, em vez de A primeira, houvesse “Uma das primeiras”, o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural “anunciarem”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro *Um homem* (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em *Um homem*, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa

técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

19. (TJ/AL – Analista – Cespe – Set./2012)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (**C** ou **E**) o seguinte item.

O emprego de “concebera” (l. 4), no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, justifica-se, no texto, como traço estilístico da linguagem culta formal, visto que, em normas estritamente gramaticais, não há respaldo para esse uso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Que me perdoem os devotos machadianos, eu prefiro Euclides da Cunha e Lima Barreto, com todos os defeitos que ambos possam ter, a Machado de Assis, com todas as suas qualidades. E, até onde pude entender, Millôr Fernandes tem opinião parecida com a minha. Tanto assim que, segundo afirmou, não

incluiria qualquer dos livros de Machado de Assis entre os dez maiores romances brasileiros.

A meu ver, ao falar assim, Millôr Fernandes levou em conta apenas livros como Dom Casmurro, em que, na minha opinião, Machado incorre naquela miopia contra a qual o músico Jayme Ovalle reclamava. Mas esqueceu de *Quincas Borba*, que inclui Machado de Assis na linhagem cervantina da literatura e em que a insânia de Rubião se aproxima da insânia do Cavaleiro da Triste Figura.

Mas, talvez por causa da ironia sem compaixão de Machado de Assis, a loucura de Rubião gira somente em torno de sua pessoa, jamais partindo ele para qualquer ação no sentido de corrigir "os desconcertos do mundo" — como acontecia com o cavaleiro manchego. De modo que o personagem mais generosamente quixotesco da literatura brasileira não é Rubião, é Policarpo Quaresma. Lima Barreto é nosso escritor mais puramente humorístico, tomada a palavra em seu verdadeiro sentido, que inclui, ao lado do riso, a compaixão, que a ironia de Machado de Assis ou impede ou mancha.

Alguns escritores que desprezam o Brasil e seu povo costumam usar Policarpo Quaresma como pretexto para escarnecer de ambos. Pensam, talvez, que Lima Barreto era um deles. Esquecem que, em seu romance, o grande escritor carioca ri, antes de tudo, de si mesmo. E, sobretudo, não veem tais escritores que, se a realidade brutal e mesquinha (inclusive a da política) desmente e destrói, a cada instante, as ações generosas de Policarpo Quaresma, a pureza de seu sonho permanece intocada até a morte, o que o coloca muito acima dos poderosos e "realistas" que o cercam.

Ariano Suassuna. In: Cadernos de literatura brasileira – Millôr Fernandes, nº 15, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003, p. 18-9 (com adaptações).

20. (IRB – Diplomata – Cespe – Abril/2014)

Acerca das ideias desenvolvidas no texto acima, julgue (**C** ou **E**) o item subsequente.

No trecho que inicia o terceiro parágrafo, mesmo que presente o advérbio "talvez" (l. 9), que exigiria o emprego do modo subjuntivo, o autor do texto optou pelo emprego da forma verbal no indicativo ("gira"), privilegiando, assim, a assertividade de seu discurso, conforme descrito na gramática normativa a respeito desse modo verbal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto II

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo

destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a *opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim**.** *A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal*. Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Disponível em: <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

21. (MPU - Analista – Cespe – Março/2015)

Conforme as ideias contidas no texto II, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais “possa formar” (l. 5) e “instaurar” (l. 6) fossem substituídas, respectivamente, por **forme** e **instaure**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto nº 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas – como locais públicos que eram – editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

22. (TRE/GO – Técnico Judiciário – Cespe – 2015)

Com relação às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O tempo empregado nas formas verbais “enviaria” (l. 3), “seria transformado” (l. 4), “ficaria” (l. 4) e “seriam instituídas” (l. 5) dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação

do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

23. (MPU – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto II, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir “restauraria” (l. 8) por **poderia restaurar.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados a ciência de dados, em especial ao big data e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

24. (FUB – Técnico Admin. – Cespe – Março/2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No texto, o uso das formas verbais no modo subjuntivo em “desenvolva” e “aumentem”, ambas na linha 5, reforça a ideia de hipótese conferida ao substantivo “tendência” (l. 5).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como "palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

25. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto CG1A1CCC caso a forma verbal "entrara" (l. 3) fosse substituída por

a) **entrava.**

b) **haveria entrado.**

c) **tinha entrado.**

d) **há de entrar.**

e) **entraria.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, "caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é "o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas

e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

26. (Instituto Rio Branco – Diplomata – CESPE – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

A forma “pôde” (l. 13) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

27. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“*Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão.*”

Sobre a estruturação gramatical da frase acima, assinale a afirmativa correta.

a) A forma ativa correspondente a “*Teria sido criado*” é “*teria criado*”.

b) O advérbio “*jamais*” traz o significado prioritário de negação.

c) O pronome possessivo “*seu*” teria que, por clareza, ser substituído por “*dele*”.

d) A forma verbal “*tivesse*” expressa o valor de tempo futuro.

e) A forma verbal “*suscitar*” poderia ser corretamente substituída por “*que suscite*”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer

como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991.Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

28. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 4º parágrafo, insere-se no texto a voz do Dr. Robert Baker, médico que ensina ao empresário Robert Dernham o que fazer com a saúde de seus trabalhadores.

Tal fala apresenta um tom de aconselhamento, o que se exemplifica por meio do uso de

a) verbos no modo imperativo

b) linguagem informal

c) coordenação sintática

d) pontuação exagerada

e) palavras repetidas

29. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em “os movimentos caóticos atuais já **eram** os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna”, observa-se a adequada flexão do verbo destacado, o que também se verifica em

a) O povo brasileiro **sois** articulado politicamente.

b) Se **fôssemos** menos explorados, o país prosperaria mais.

c) Quando **fores** corretos os políticos brasileiros, a fome terá fim.

d) É fundamental que **sejemos** um povo mais politizado.

e) A população deseja que o sistema de saúde **sejais** melhor.

30. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Caso se indeterminasse o sujeito em “Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar.”, constituiria

adequada reescritura o seguinte período:

a) Mas se não sabemos prever, podemos pelo menos desejar.

b) Mas se não sabeis prever, podeis pelo menos desejar.

c) Mas se não sabe prever, pode pelo menos desejar.

d) Mas se não sabem prever, podem pelo menos desejar.

e) Mas se não sabes prever, podes pelo menos desejar.

31. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

As formas verbais estão empregadas coerente e adequadamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, em:

a) É desejável que a escola não desse importância apenas à futura profissão dos alunos, mas que também atendesse às necessidades relativas à formação desses estudantes.

b) Os países em desenvolvimento teriam possibilidade de maior crescimento se a população fosse atendida em suas necessidades básicas e tivesse oportunidade de estudar.

c) Se os resultados das pesquisas de mercado fossem positivos, o diretor da empresa apresentará aos clientes detalhes do novo projeto a ser implementado.

d) É necessário que as empresas de comunicação global investissem em programas de popularização dos meios de compartilhamento de informação.

e) As mudanças do mercado digital dependem das ações que as empresas desenvolverão junto aos seus funcionários para que eles tivessem sucesso.

32. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O verbo em destaque está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) **Pegue** o outro elevador, por favor.

b) É preciso que você **esteje** atento a situações de perigo.

c) Será muito bom se você **propor** um outro acesso aos passageiros.

d) **Seje** sempre bem-humorado com os passageiros.

e) Gostaríamos de que você **vesse** esse filme.

33. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A forma verbal destacada está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Quando as pessoas **fazerem** compras nas lojas locais, poderão usar o cartão de crédito comunitário.

b) Os consumidores preocupados com os gastos tinham **trago** pouco dinheiro para as suas compras.

c) Os financiamentos serão ampliados quando os bancos **estarem** com os juros baixos.

d) O ideal seria que os clientes dos bancos comunitários **pudessem** aumentar sua renda mensal.

e) Se os bancos **darem** mais crédito aos moradores, aumentará a construção de casas na comunidade.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

O presente do indicativo, em "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, **surge** na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial", produz o seguinte efeito de sentido:

a) aproxima o leitor do que é narrado.

b) põe em dúvida o contexto histórico referido.

c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.

d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.

e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

35. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

O emprego dos verbos destacados no trecho "'Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**" mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriam os que se destacam em:

a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.

b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.

c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.

d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.

e) Eu **ficava sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade **estava começando**.

36. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal e a conjugação dos verbos estão de acordo com a norma-padrão.

a) Eles se disporão a colaborar comigo, se verem que não prejudicarei-os nos negócios.

b) Propusemo-nos ajudá-lo, desde que se mantivesse calado.

c) Tendo avisado-as do perigo que corriam, esperava que elas se contessem ao dirigir na estrada.

d) Todos ali se predisporam a ajudar-nos, para que nos sentíssemos à vontade.

e) Os que nunca enganaram-se são poucos, mas gostam de que se alardeiem seus méritos.

37. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação de tempo e modo que os destacados em: E eu nem **sei** onde fica o mar Cáspio, embora também não **saiba** onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

38. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar _____ consumidores fiéis informações sobre nossas promoções, _____ partir do momento em que forem lançadas. Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que _____ incondicionalmente _____ campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

39. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo, em conformidade com a norma-padrão.

a) Caso Minas Gerais usa a experiência do Japão, pode superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

b) Se Minas Gerais se propuser a usar a experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

c) Se o Japão se dispor a auxiliar Minas Gerais, Mariana é superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

d) Se o Japão manter seu auxílio a Minas Gerais, Mariana poderá ser superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

e) Caso Minas Gerais faz uso da experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

40. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2012)

Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro *no uso do verbo sublinhado.*

Animado com os indicadores positivos mais recentes, o governo reforçou ontem o tom otimista sobre a recuperação da atividade econômica, apesar de analistas do mercado financeiro estarem (A) ainda céticos sobre o ritmo do crescimento. O tom otimista foi usado em declarações da Presidenta, do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central, a quem coube (B) o recado mais importante, ao afirmar (C)que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) vai acelerar nos próximos meses, mas com preços sob controle. Os estímulos dados pelo governo já obteram (D) uma resposta positiva da atividade econômica, mas ainda não produziram plenamente seus efeitos. Por isso a tendência é de recuperação mais à frente, sem que exista (E) risco de a inflação fugir da meta estabelecida para este ano.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18 de agosto de 2012)

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

(Adaptado de *Veja*, 18 de abril, 2012)

41. (ESAF – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012)

Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

a) virão a ser em lugar de “serão”(L. 9).

b) têm contribuído em lugar de “contribuíram”(L. 3).

c) vem sendo em lugar de “tem sido”(L. 4).

d) reduzam em lugar de “reduzissem”(L. 8).

e) dobrara em lugar de “dobrou”(L. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida

pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido.

O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

42. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em:

a) “ajudar a financiar” (l. 2 e 3).

b) “queiram participar” (l. 4).

c) “são abatidos” (l. 6).

d) “deve procurar” (l. 10).

e) “analisará e aprovará” (l. 13).

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. d; 8. a; 9. e; 10. c; 11. d; 12. c; 13. e; 14. c; 15. b; 16. d; 17. a; 18. a; 19. E; 20. E; 21. C; 22. E; 23. C; 24. C; 25. b; 26. E; 27. a; 28. a; 29. b; 30. d; 31. b; 32. a; 33. d; 34. a; 35. b; 36. b; 37. e; 38. b; 39. b; 40. d; 41. e; 42. b.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado **Isto** é importado

ㅊ ㅊ

pronome adjetivo pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco

2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro...

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta

sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s)*, *a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como

sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente -*las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo...) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

Ex.: Para responder-me...

Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas,* ...): próclise ou ênclise.

Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo

átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. **(FCC/TRF-SP)** Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. **(FCC/PMSAL – Guarda Municipal)** O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"... a população os admirava"* ou *"... a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) “As verdades filosóficas se contradizem...”

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* (“esconderam **a si mesmos**” e “declarou **ele mesmo** irracionalista”). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. **(FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.)** Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

   "Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas...

   A _____ dispor, atentos às providências,

   Os moradores."

   As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

   a) V.Sa. – mandeis – vosso

   b) V.Exa. – mande – seu

   c) V.Exa. – mandeis – seu

   d) V.Sa. – mande – vosso

   e) V.Exa. – mande – vosso

   Comentários:

   Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos

V.Exa para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos...). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em “uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.”:

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. **(Cespe/UnB/MTE)** Assinale a opção em que o pronome “lhe” não tem o mesmo sentido que em: “O tempo arrebata-lhe a garganta”.

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo (“O tempo arrebata a *sua* garganta”).

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* (“Afagou os *seus* cabelos com amor”).

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo (“O tempo afugenta o *seu* sono”).

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo (“O marido sempre nega a resposta *a ela*”).

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. **(Cespe-UnB)** Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: *desconheço, gostaria de saber, não sei...*

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos

ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã*, *pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto

Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
Isso / esse(s) / essa(s)	Apontam para o que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:

"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. “Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro.”

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:

1. Artigo (quando anteceder um substantivo): “O menino chegou”.

2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): “Cumprimentei-o na festa”. (É o mesmo que se dizer “cumprimentei a ele”).

3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): “Quero o que você comprou”/”Prefiro a de tampa azul”.

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. **(Cespe-UnB/TJ – Analista)** Assinale a opção em que a partícula “o” sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

“A primeira é **o** que queremos dizer.”

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo (“A primeira é *aquilo* que queremos dizer”). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um

pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: “que você tem com isso?”. No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo (“Este livro foi *aquele* que você indicou”).

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

“A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas.”

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte

do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

"**Nesta** casa todos são felizes."

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

"**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia."

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

"**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo."

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: "Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem

ser deduzidas a partir do texto:
Quem? (autor do texto)
Quando? (quando o texto foi produzido)
Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

   Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

   Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

   Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

   Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal

artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo pagamento.

Resposta: função anafórica.

4. “A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]”

Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

Resposta: função exofórica.

6. “Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239).” (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. “... o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês...”

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

- **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*
- **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;
- **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;
- **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;
- **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*...
- **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;
- **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade*.

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei <u>o livro</u>)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi <u>ao livro</u>)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

   Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

   Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

   Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

   Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual*, teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, “Os visitantes vêm *de*...” (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde: Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em. Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a. Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)
5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)
6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)
7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)
8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)

9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)

10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)

11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)

12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)

13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)

14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)

15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)

16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)

17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)

18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)

19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.

2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.

3. Por _____ todos hão de se classificar.

4. Aquele livro é para _____ leres.

5. Entre _____ e você tudo acabou.

6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.

7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!

8. Ela é mais aplicada do que _____.

9. Ele chegou antes de _____ sair.

10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.

11. Isto não é trabalho para _____ fazer.

12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.

13. As reivindicações chegaram até _____.

14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.

15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.

16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)

2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)

3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)

4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)

5. Gritei para _____ alertar _____. (os)

6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais?

(se / lhe)

7. Quem _____ chamou _____? (te)

8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)

9. Deus _____ pague _____! (lhe)

10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)

11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)

12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)

13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)

14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)

15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)

16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)

17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)

18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)

19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)

20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)

21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)

22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)

2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)

3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)

4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)

5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)

6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)

7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)

8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)

9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)

10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo** conjunto forma a palavra. (_____)

11. "... há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. “Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude.” (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

2. “Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora.” (cuja – em cuja – em que)

3. “O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade...” (que – em que – cujo – em cujo – onde)

4. “Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito.” (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)

5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)

6. “Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros.” (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)

7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)

8. “Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei.” (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

9. “Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava.” (que – de que – cuja – o qual – de cujo)

10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo –

cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que – do qual)

14. “O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção.” (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. “O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção.” (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. “O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção.” (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. “O crime para Forrester é o silêncio ou o ‘discurso lacunar’ _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas.” (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. “A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o ‘andamento dos mercados’, o lucro e seu horror, _____ só

interessa ou só é ‘útil’ o homem que for rentável.” (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. “... como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos...” (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber... já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>... que <u>lhe</u> deram... <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou... trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou...; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria

lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta... / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse...; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron. demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: ‘**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.’ Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo,

indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo...)

2. **(Cesgranrio)** Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) “em todas as épocas e em todo o mundo”; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões “todo mundo” e “todo o mundo” é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na

letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) “O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o ‘mercado’ ao ‘social’ – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas...”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo,

naquele está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. **(FCC/ANS – Técnico)** *... os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas...*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação...diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu

significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) “Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica.”

b) “Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo.”

c) “Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos.”

d) “é frequentemente chamada de período técnico-científico.”

e) “De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica...”

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das

margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: “Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.”

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – “hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis”, possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco ...

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós...

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar <u>o</u> que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: "Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a

palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo resistiu a pintar a capela...

...que afligem os seres humanos...

O jovem Michelangelo penou para demonstrar o valor de seu gênio...

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

a) lhe pintar – lhes afligem – o demonstrar

b) pintar-lhe – afligem-nos − demonstrar-lhe

c) pintá-la – afligem-lhes – demonstrá-lo

d) pintá-la – os afligem – demonstrá-lo

e) pintar-lhe – os afligem – lhe demonstrar

2. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Considere:

recuperar esse valor intrínseco

mostram numerosas oportunidades

compreender seus mecanismos

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) o recuperar – mostram-lhes – os compreender

b) lhe recuperar – as mostram – compreendê-los

c) recuperar-lhe – mostram-nas – compreender-lhes

d) recuperá-lo – mostram-nas – compreendê-los

e) recuperá-lo – lhes mostram – lhes compreender

3. (FCC – TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere o seguinte enunciado:

A jornalista Eliane Brum aproximou-se das parteiras amapaenses e ***entrevistou as parteiras amapaenses*** *para* ***apresentar as parteiras amapaenses*** *ao restante do Brasil.*

Para eliminar as repetições viciosas, as expressões destacadas devem ser substituídas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, respectivamente, por:

a) as entrevistou – lhes apresentar

b) entrevistou-nas – as apresentar

c) entrevistou-as – apresentá-las

d) entrevistou-lhes – apresentar-lhes

e) lhes entrevistou – apresentar-nas

4. (FCC – SEFAZ-PE – Auditor Fiscal do Tesouro Estadual – 2014)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

a) pôs em evidência <u>o fator comum</u> = pô-lo em evidência

b) eliminou imediatamente <u>a variante</u> = eliminou-na imediatamente

c) arremedar <u>a marcha desgovernada de um tabético</u> = arremedá-la

d) trocou por outras <u>as botinas escarrapachadas</u> = trocou-as por outras

e) ela destruía <u>a unidade física do tipo</u> = ela a destruía

5. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

A frase escrita conforme a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Permita-me perguntar a ti, prezado senhor: se o sol apaga, nós sobrevivêramos?

b) Permita-me prezado, senhor, perguntar-te: se o sol apagava, nós sobreviveríamos?

c) Permita-me, prezado senhor, perguntar-lhe: se o sol apagar, nós sobreviveremos?

d) Permita-me, prezado senhor perguntar-vos: se o sol apagasse, nós sobrevivemos?

e) Permita-me perguntar, a vós prezado senhor: se o sol tivesse apagado, nós sobrevivíamos?

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade

entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

6. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No terceiro período do texto, as formas pronominais “lo”, em suas duas ocorrências – “aprimorá-lo” e “torná-lo” –, e “seu” referem-se a “Estado”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do

século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

7. (CEF – Cespe – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto como Certo (C) ou Errado (E).

Em “servindo para avaliar-lhes o valor” (l. 4), o pronome “lhes”, que retoma “outros produtos” (l. 3-4), equivale, em sentido, ao pronome **seu.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “fiel” ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chame a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem

específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

8. (FUB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O pronome “sua” (l. 14) remete ao termo “os dois profissionais” (l. 13), que, por sua vez, se refere conjuntamente a “O jornalista” (l. 8) e a “o pesquisador” (l. 11).

9. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho “deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo”, o pronome oblíquo “o” exerce uma função coesiva, ao retomar, como seu referente, a expressão

a) fundador

b) serviço médico

c) trabalho

d) capital

e) empresário

10. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho “A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica”, a palavra **enquanto** pode ser substituída, conforme a norma-padrão e sem mudança do sentido original da frase, por

a) onde

b) porém

c) todavia

d) como

e) assim

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O pronome de tratamento está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) Vossa Excelência, que é assim tratado por ser presidente desta empresa, deveria proporcionar cursos de aperfeiçoamento aos seus funcionários interessados no mercado digital.

b) As medidas para a prevenção de doenças cardíacas foram acatadas por Sua Excelência, o Ministro da Saúde, com muita propriedade.

c) Senhor Bispo, solicitamos que Vossa Senhoria apresente os dados relativos ao encontro internacional da juventude, realizado no Brasil em 2014.

d) Os funcionários da Universidade não aceitaram a posição de Sua Eminência, o Reitor, sobre o período destinado às férias escolares.

e) Sua Excelência Reverendíssima, o padre, pediu que os coordenadores das atividades da paróquia comparecessem pontualmente à reunião.

12. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

_____uma aluna da Sorbonne que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que _____ de roteiro para o trabalho que deveria apresentar. Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Mas não _____ .

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Pediu-me … serviria-lhe … lhe quis decepcionar

b) Me pediu … servir-lhe-ia … quis decepcioná-la

c) Pediu-me … lhe serviria … a quis decepcionar

d) Me pediu … o serviria … quis decepcionar-lhe

e) Pediu-me … serviria-o … quis decepcioná-la

13. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa em que os pronomes destacados estão empregados segundo a norma-padrão é:

a) Havendo brinquedos no playground, meninos podem escalar-**lhes**.

b) Na loja havia uma pia que funcionava de verdade, e meu filho se empolgou quando viu **ela**.

c) Cuidado com seu sapato de princesa, filha! Não vai sujar **ele**!

d) Com esse modo de pensar sobre as meninas nós fazemos-**lhes** infelizes.

e) Meninos são tidos como diferentes e vivências mais amplas **lhes** são permitidas.

14. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Leia os quadrinhos.

(*Folha de S.Paulo*, 09.01.2016. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da fala da personagem, no primeiro quadrinho, devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) algum ... me livrar

b) o ... livrar eu

c) esse ... me livrar

d) um ... livrar eu

e) este ... me livrar

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é

Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. “É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei”, diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

15. (Cespe – ICMBIO – Médio – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto como Certo (C) ou Errado (E).

Na oração “ele se destacou entre os colegas” (l. 7), é obrigatório o uso do pronome “se” em posição pré-verbal, devido ao fator atrativo exercido pelo elemento que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram — ou que se decompõem de uma forma “verde”. Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

16. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em “se decompõem” (l. 6) e “se pode” (l. 10), o pronome “se” poderia ser proposto à forma verbal – **decompõem-se** e **pode-se** – sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez/2014, p. 14 (com adaptações).

17. (Cespe – FUB – Técnico Administrativo – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item que segue como Certo (C) ou Errado (E).

Em um uso mais formal da língua, as regras de colocação pronominal do padrão culto permitem que o pronome átono em “que não os atraíam” (l. 6) seja também utilizado depois do verbo, sob a forma de **nos**, ligada ao verbo por um hífen.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse

processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

18. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro.”

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

a) segmentos desconexos: “não tem”;

b) formas reduzidas: “tá de pessoa para pessoa”;

c) explicações desnecessárias: “com dinheiro, sem dinheiro”;

d) mistura de tratamento: “se eu te conheço ou se eu não te conheço”;

e) erros gramaticais: “me irritou na rua”.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que a colocação do pronome se mostra adequada à norma-padrão é:

a) Não **nos** conformemos com a condição miserável de muitos!

b) Daqui a vinte e cinco anos, ainda desejar-**se**-á que o país progrida.

c) É necessário que encontrem-**se** medidas urgentes para o combate à fome.

d) **Me** surpreende que, no Brasil de hoje, a fome ainda mate.

e) Até que dia desrepeitaremo-**nos** tanto quanto hoje?

20. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o pronome destacado está colocado adequadamente em:

a) Quando todas as instituições educacionais **se** interessarem pela inclusão digital, a sociedade será muito beneficiada em diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

b) Atualmente, há uma intensa pressão social para que o indivíduo sempre mantenha-**se** a par das novas tecnologias lançadas em outras regiões do mundo.

c) Não pouparam-**se** esforços para que todos os funcionários daquela empresa tivessem acesso às mídias digitais por meio de renovação dos equipamentos.

d) Os pesquisadores das áreas sociais e tecnológicas nunca enganam-**se** a respeito da grande importância da presença da internet em nossa sociedade.

e) Se o preço dos equipamentos eletrônicos ficar muito elevado, poderá-**se** procurar pesquisar mais atentamente.

21. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A colocação do pronome destacado atende às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Os clientes mais exigentes sempre comportaram-**se** bem diante das medidas favoráveis oferecidas pelos bancos.

b) Efetivando-**se** os pagamentos com moedas virtuais, os clientes terão confiança para utilizar esse recurso financeiro.

c) Os usuários constantes da internet não enganam-**se** a respeito das vantagens do comércio *on-line*.

d) É preciso observar que a população interessa-**se** pelas formas de aprendizagem condizentes com a sua cultura.

e) Os turistas tinham organizado-**se** para viajar quando as condições econômicas melhorassem.

22. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

O contexto em que, segundo a norma-padrão, o pronome “se” pode ser colocado antes ou depois do verbo, é:

a) ... como todas as repúblicas que se prezam...

b) Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso.

c) ... de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto...

d) ... não se sabia bem...

e) ... embora nada se conhecesse dele.

23. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia os quadrinhos.

(Níquel Náusea. Fernando Gonsales. *Folha de S.Paulo*, 17/04/2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas na fala da personagem devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Me morda ... mim

b) Morda-me ... eu

c) Me morde ... mim

d) Morde eu ... eu

e) Morda-me ... mim

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

24. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “essas coleções” (l. 3) retoma, por coesão, o termo “Bibliotecas” (l. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O ABCerrado e a Matomática (“matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de ensino do DF. “Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

25. (Cespe – ICMBIO – 2014)

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item subsequente como Certo (c) ou Errado (E).

O termo “Isso” (l. 9) refere-se à expressão “visão conservadora” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A busca de uma convenção para medir riquezas e trocar mercadorias é quase tão antiga quanto a vida em sociedade. Ao longo da história, os mais diversos artigos foram usados com essa finalidade, como o chocolate, entre os astecas, e o bacalhau seco, entre os noruegueses, tendo cabido aos gregos do século VII a.C. a criação de uma moeda metálica com um valor padronizado pelo Estado. “Foi uma invenção revolucionária. Ela facilitou o acesso das camadas mais pobres às riquezas, o acúmulo de dinheiro e a coleta de impostos – coisas muito difíceis de fazer quando os valores eram contados em bois ou imóveis”, afirma a arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, da Universidade de São Paulo. A segunda grande revolução na história do dinheiro, o papel-moeda, teve uma origem mais confusa. Existiam cédulas na China do ano 960, mas elas não se espalharam para outros lugares e caíram em desuso no fim do século XIV.

As notas só apareceram na Europa – e daí para o mundo – em 1661, na Suécia. Há quem acredite que cartões de crédito e caixas eletrônicos em rede já representam uma terceira revolução monetária. “Com a informática, o dinheiro se transformou em impulsos eletrônicos invisíveis, livres do espaço, do tempo e do controle de governos e corporações”, afirma o antropólogo Jack Weatherford, da Faculdade Macalester, nos Estados Unidos da América.

Disponível em: <http://super.abril.com.br> (com adaptações).

26. (Cespe – CEF – Superior – 2014)

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “essa finalidade” (l. 2) refere-se ao trecho “para medir riquezas e trocar mercadorias” (l. 1)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Já se tornou crônica a escassez de mão de obra qualificada no Brasil, o que pode comprometer ainda mais a capacidade produtiva do país nos próximos anos. Se nada for feito urgentemente para começar a reverter esse quadro, o país estará condenado a ter por muito tempo ainda o crescimento econômico reduzido que

apresenta hoje, com efeitos negativos na distribuição de riqueza.

Desde 2012, o número de trabalhadores pouco escolarizados diminuiu, mas os indicadores apontam para o fato de que a escolarização ainda continua sendo muito precária, insuficiente para atender à demanda cada vez maior das indústrias e mesmo dos setores de serviços e da construção civil, que tradicionalmente exigem menos especialistas na hora de contratar.

O Estado de S.Paulo, 26/1/2014 (com adaptações).

27. (FUB – Cespe – Médio/Superior – 2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

A expressão “esse quadro” (l. 3) é elemento coesivo que retoma informação contida no período anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto III

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral – o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria

de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

28. (TRE/GO – Superior – Cespe – 2015)

Com referência às estruturas linguísticas do texto III, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, a expressão “este último” remete ao último órgão mencionado no período: o “Ministério Público”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

As razões para <u>tal atitude</u>, mesmo <u>em meio a uma onda de frio</u> que assola São Paulo, são <u>várias</u>: de inadequação às regras dos albergues a condições <u>supostamente</u> insalubres de alguns <u>desses locais</u>.

Assinale a opção que apresenta o comentário correto sobre um dos elementos sublinhados.

a) O termo <u>tal atitude</u> se refere à busca de acolhimento nos abrigos.

b) O termo <u>em meio a uma onda de frio</u> reitera gélidas noites paulistanas.

c) O termo <u>várias</u> indica obrigatoriamente grande quantidade.

d) O termo <u>supostamente</u> mostra confiança no que foi informado.

e) O termo <u>desses locais</u> se refere às ruas de São Paulo.

30. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que o emprego do demonstrativo sublinhado está adequado.

a) “*As principais ameaças <u>nessa</u> vida são as pessoas que querem mudar tudo... ou nada.*”

b) "*O mundo anda mudando tão rápido que aquele que diz que alguma coisa não pode ser feita é geralmente interrompido por alguém fazendo esta coisa.*"

c) "*Crianças e loucos dizem a verdade. Por isso se educam essas e se encarceram estes.*"

d) "*O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isto.*"

e) "*Lamentar aquilo que não temos é desperdiçar aquilo que possuímos.*"

31. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*É próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar.*"

(**Machado de Assis**)

No fragmento acima, o vocábulo *próprio* mostra o mesmo valor que na seguinte frase:

a) O restaurante serve pratos finos, próprios a paladares exigentes.

b) Os idosos gostam de jogos próprios de sua idade.

c) Ele próprio preparava a comida.

d) Assinou o documento com seu nome próprio.

e) Eu sempre morei em apartamento próprio.

32. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que o termo destacado se refere está corretamente explicitada entre colchetes em:

a) "A teoria nos ensina que são três as **suas** principais características" [ordem de pagamento]

b) "Criada por um 'personagem virtual', **cuja** identidade no mundo real é motivo de grande especulação" [moeda virtual]

c) "trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo **daí** a origem do termo 'pregão' da Bolsa" [produção de bens]

d) "**ela** é sempre motivada por um fenômeno humano" [essa pequena exegese]

e) "o que **isso** tem a ver com *bitcoins*?" [transação financeira virtual]

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas nas falas das personagens devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Esses ... sinto-me... me sentiria

b) Estes ... me sinto ... me sentiria

c) Eles ... sinto-me... sentiria-me

d) Esses ... me sinto ... sentir-me-ia

e) Estes ... sinto-me... sentir-me-ia

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o

segundo, e pela mesma razão, é um “depósito de despojos”. Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do “escândalo”. Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente “o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante”. Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

34. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

... *suas financiadoras* (1º parágrafo)

Suas diferenças funcionais... (1º parágrafo)

... *seu caráter mais violento*... (3º parágrafo)

Os pronomes dos trechos acima referem-se, respectivamente, a:

a) vitórias militares − manifestações − museu

b) vitórias militares − obras modernas − museu

c) potências dominantes − obras modernas − trabalho de abstração

d) potências dominantes − manifestações − trabalho de abstração

e) potências dominantes − obras modernas − museu

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda,

praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

35. (CEF – Nível Médio – Cespe – Março/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O referente do sujeito da oração “e garante o seu valor” (l. 12) é “marca” (l. 12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O

esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

36. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As plantações de bananeiras que <u>a</u> cobrem... (3º parágrafo)

... com troncos plenos de seiva <u>que</u> terminam numa girândola de folhas... (4º parágrafo)

... <u>que</u> sai de um enorme lótus castanho e rosado... (4º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se respectivamente a:

a) bruma − seiva − mão

b) planície − troncos − mão

c) planície − troncos − dedos

d) Terra − seiva − mão

e) bruma − troncos − dedos

37. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

"*Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti*.

O termo sublinhado faz referência a

a) pessoas.

b) acervo.

c) Academia.

d) tempo.

e) casa.

38. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere o texto abaixo.

*O rio Madeira banha os estados de Rondônia e do Amazonas. ...***I**... *esse nome, pois no período de chuvas seu nível sobe e inunda grandes porções da planície florestal, trazendo troncos e restos de madeira da floresta. É um dos principais rios da bacia do Amazonas e ...***II**... *já foram dedicados textos literários, muitos ...***III**... *possuem grande valor artístico.*

As lacunas **I**, **II** e **III** do texto acima devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

	I	II	III
a)	Deram-no	para ele	os quais

b)	Deram-lhe	a ele	dos quais
c)	Deram-lhe	ante ele	aos quais
d)	Deram-no	dele	pelos quais
e)	Deram-lhe	nele	nos quais

Leia o texto a seguir para responder à questão 39.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

39. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho “onde caberiam” (*l*.6) fosse substituído por **que caberia**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 40.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos “cânones” são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

40. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto III, o pronome isso, em “A partir disso” (L. 7, 3º§), refere-se:

a) à história do surgimento do grafite no Brasil.

b) ao contexto histórico brasileiro na década de 70 do século XX.

c) a “arte transgressora” (L. 5).

d) às características do grafite.

e) a “paredes da cidade” (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que “pusessem de lado” seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem “exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar”. O dilema com que se defronta o mundo é “claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?”.

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de “autodefesa antecipada” sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos – uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. *Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

41. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, a forma pronominal

a) “nos” (l. 10) retoma “outros países” (l. 9).

b) “consigo” (l. 3) refere-se a “membros” (l. 3).

c) “lhes” (l. 2) refere-se a “Bertrand Russell e Albert Einstein” (l. 1).

d) “se” (l. 2) refere-se a “povos do mundo” (l. 1).

e) “cujo” (l. 4) retoma “membros de uma espécie” (l. 3).

42. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar <u>as imagens</u> a um algoritmo <u>que</u> <u>as</u> analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser <u>um câncer</u>, <u>o</u> que exige medidas adicionais”.

Entre os elementos abaixo, aquele que NÃO se relaciona semanticamente a um termo anterior é:

a) que;

b) as;

c) o;

d) as imagens;

e) um câncer.

43. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham”; a frase abaixo em que o vocábulo *onde/aonde* foi mal empregado é:

a) “Muitos suicidas se detiveram no limiar da morte ao pensar no café aonde vão todas as noites para sua partida de dominó” (Balzac);

b) “Onde há casamento sem amor, vai haver amor sem casamento” (Franklin);

c) “Circo é o lugar onde se permite a cavalos, pôneis e elefantes verem homens, mulheres e crianças bancarem idiotas” (Ambrose Bierce);

d) “As pessoas onde é difícil achar defeitos devem ser difíceis de achar” (Nouailles);

e) “*Os Lusíadas* se tornaram para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde o diabo escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos” (Fernando Sabino).

44. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

As opções a seguir apresentam pensamentos em que os pronomes sublinhados estabelecem coesão com elementos anteriores.

Assinale a frase em que esse referente anterior é uma oração.

a) “*Um diplomata é um sujeito <u>que</u> pensa duas vezes antes de não dizer nada*”.

b) “*A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-<u>lhe</u> é fraca*”.

c) “*Não existe assunto desinteressante, o <u>que</u> existe são pessoas desinteressadas*”.

d) “*A dúvida é uma margarida <u>que</u> jamais termina de se despetalar*”.

e) “*Se você pensa que não tem falhas, <u>isso</u> já é uma*”.

45. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Considerem-se os períodos abaixo.

I – Antigamente era usado esse conceito.

II – As ciências sociais hoje discordam desse conceito.

Unindo-se esses períodos em um só, suprimindo-se as repetições e respeitando-se a norma-padrão, tem--se o seguinte período:

a) Antigamente era usado esse conceito, ao qual as ciências sociais hoje discordam.

b) Antigamente era usado esse conceito, com o qual as ciências sociais hoje discordam.

c) Antigamente era usado esse conceito, pelo qual as ciências sociais hoje discordam.

d) Antigamente era usado esse conceito, do qual as ciências sociais hoje discordam.

e) Antigamente era usado esse conceito, para o qual as ciências sociais hoje discordam.

46. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A combinação do pronome relativo com a preposição exigida pelo verbo em destaque está de acordo com a norma-padrão em:

a) Os elevadores modernos em que se **refere** o texto possuem música ambiente.

b) Os elevadores antigos com que nos **lembramos** ainda possuíam portas pantográficas.

c) Os termos de que se **limita** a maioria dos ascensoristas são “sobe” e “desce”.

d) A profissão pela qual **trata** o Texto II é uma das mais tediosas.

e) O ascensorista de quem se **fala** no texto parece sempre bem-humorado.

47. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que se refere o termo destacado está expressa adequadamente entre colchetes em

a) “a produção de bens era limitada e feita por famílias **que** trocavam seus produtos” [sociedades primitivas]

b) “poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas **que** se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas” [as portas]

c) “com o intuito de facilitar a circulação de mercadorias, **que** tinham como lastro elas mesmas.” [moedas]

d) “Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, **que** depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo.” [Amsterdã]

e) “uma aberração no mundo financeiro, **que**, não obstante isso, tem valor.” [mundo financeiro]

48. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O emprego dos termos destacados e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão em:

a) Sei que para **mim** chegar **onde** cheguei a luta foi dura, frente à frente com muitas dificuldades.

b) Sempre soube que em **mim** existe uma tendência à vencer, que me leva **aonde** eu desejo.

c) O homem sabe que vai **aonde** quiser, graças à ação de um poder maior que **lhe** conduz os passos.

d) Agimos à partir da hora em que deixaram **nós** sozinhos, naquele escritório **aonde** não havia nada.

e) Foi à luta, pensando que **onde** fosse estaria sem amigos que **lhe** apoiassem.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Em conformidade com a norma-padrão, na passagem “O Garcia não se revoltava contra a passividade **a que era submetido pela mulher**...”, a parte em destaque pode ser reescrita da seguinte forma:

a) ... a que era imposto pela mulher.

b) ... que era infligido pela mulher.

c) ... que lhe era imposta pela mulher.

d) ... de que era imposta pela mulher.

e) ... em que era infligida pela mulher.

50. (FCC – TRT 3ª Região – Analista Judiciário Área Adm. – Jul./2015)

É adequado o seguinte comentário:

a) A frase “**Este é o jovem cujo trabalho li com atenção**” pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma padrão, assim: “O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este”.

b) “Os meninos **por cujos destinos** tanto lutamos andam já por conta própria” é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por “cujos os destinos”.

c) Em “Os meninos por cujos destinos tanto lutamos **andam já por conta própria”,** a substituição do segmento destacado por “andam já por si só” mantém a correção e o sentido originais.

d) Em “A orientadora do grupo, **a qual** é excelente, faltou hoje”, emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra “que”, em seu lugar, originaria.

e) A frase “Maria e Solange machucaram se” evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: “uma machucou a outra?”; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria “reciprocamente”.

51. (FCC – TRT – 16ª Região (MA) – Médico – 2014)

As lacunas da frase **Um prefácio ..... nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades ..... força é impossível resistir** preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

a) para o qual – a cuja

b) ao qual – de cuja a

c) com o qual – por cuja

d) aonde – de que a

e) por onde – as quais a

52. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2014)

A construção da frase *eu pressuponho esse futuro* *com o qual nada me autoriza a contar* permanecerá correta caso se substitua o elemento sublinhado por

a) perante o qual não sei avaliar.

b) em cujo nada posso desconfiar.

c) de cujo pouco posso prever.

d) por quem nada posso antecipar.

e) do qual nada me é dado esperar.

53. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a expressão que, nas relações de coesão, não é usada para se referir ao autor das palavras transcritas no fragmento abaixo.

“Precisamos melhorar bastante o transporte coletivo. Muito, muitíssimo”, enfatiza o professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luis Antonio Lindau. Ele não vê a realização de grandes obras viárias como uma solução para o problema. “Não tem como resolver fazendo isso. Se hoje dispuséssemos de uma fortuna para investir em obras, isso não resolveria o problema, pois ele cresce de uma forma muito maior que nossa capacidade de fazer obras”, destaca. O especialista enfatiza que a criação de corredores exclusivos para os ônibus e de uma rede de transporte coletivo de alta eficiência são caminhos para se resolver o problema. “Precisamos de uma solução de maior intensidade. Vamos nos concentrar no transporte coletivo”, diz ele.

(Adaptado de Juliano Tatsch – *Jornal do Comércio*, Solução para problemas no trânsito está no transporte coletivo. Disponível em: http://portoimagem.wordpress.com/2011/03/24, acesso em 5 dez. 20012)

a) “professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”(l. 1 e 2)

b) “Ele”(l. 2)

c) “ele”(l. 5)

d) “O especialista”(l. 5)

e) “ele”(l. 8)

Leia o texto a seguir para responder à questão 54.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos *black blocs*; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18/02/2014.)

54. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O pronome “elas” (l. 9) retoma o antecedente “cenas de preconceito” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

55. (Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

No trecho “abertas por elas” (l. 6), o pronome “elas” retoma “novas feições” (l. 2).

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

Com o neoliberalismo, é frequente o abandono da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

Disponível em: <http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 04/01/2016

(Milton Santos, com adaptações).

56. (ESAF – ANAC – Analista Administrativo – 2016)

(Adaptada) Após leitura do texto acima, julgue certa ou errada a questão a seguir:

A substituição de “alcançá-la” (l. 7) por “alcançar-lhe” provoca erro gramatical ou incoerência textual.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

57. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O uso da preposição em “em que” (l. 3) torna-se desnecessário se, no lugar de “que”, o pronome utilizado for “a qual”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

O filósofo e doutor em educação Mário Sérgio Cortella, 61 anos, começa a entrevista dizendo: “Hoje, o Boko Haram matou cem pessoas no norte de Camarões… Todo dia há notícias assim”. O grupo fanático que ele menciona tenta fazer da Nigéria, vizinha de Camarões, uma república islâmica. E usa a barbárie para suplantar a marginalização política, econômica e social a que fora relegado pelos últimos governos. Essa facção sanguinária tornou-se conhecida do público ao sequestrar 200 meninas nigerianas numa escola, em 2014. Muitas foram estupradas. Disputam o noticiário as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês *Charlie Hebdo*, com a rejeição generalizada aos que professam o islamismo, a religião maometana que não prega o ódio – muito menos a matança.

(Adaptado de Patrícia Zaidan. Fonte: http://www.contioutra.com/todo-preconceituoso-e-covarde-o-ofendido-precisa-compreender-isso-afi rma-mario-sergio-cortella/. Acesso em 30.07.2015)

58. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) As expressões “O grupo fanático que ele menciona” (l. 2-3) e “Essa facção sanguinária” (l. 5) referem-se a Boko Haram (l. 2).

b) O termo “Muitas” (l. 6) da oração “Muitas foram estupradas” retoma “cem pessoas no norte de Camarões” (l. 2).

c) O pronome “ele” (l. 3), na oração “que ele menciona”, refere-se a Mário Sérgio Cortella (l. 1).

d) O sujeito de “Disputam o noticiário” (l. 6) é “as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês Charlie Hebdo” (l. 6 a 8).

e) O travessão, antes da expressão “muito menos a matança” (l. 9), serve para enfatizar essa expressão e pode ser substituído por vírgula sem causar erro gramatical.

59. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve **esse** (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação **tornou-se** (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento **expontâneo** (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso **às** (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão.

O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação **a partir** (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) (1)

b) (2)

c) (3)

d) (4)

e) (5)

Gabarito: 1. d; 2. d; 3. c; 4. b; 5. c; 6. C; 7. C; 8. C; 9. e; 10. d; 11. b; 12. c; 13. e; 14. e; 15. E; 16. E; 17. E; 18. d; 19. a; 20. a; 21. b; 22. c; 23. b; 24. C; 25. E; 26. C; 27. C; 28. E; 29. b; 30. e; 31. a; 32. a; 33. b; 34. d; 35. E; 36. b; 37. b; 38.

b; 39. E; 40. e; 41. c; 42. e; 43. d; 44. e; 45. d; 46. e; 47. c; 48. c; 49. c; 50. d; 51. a; 52. e; 53. c; 54. errada; 55. errada; 56. certa; 57. errada; 58. b; 59. c.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.
-

Atenção aos vocábulos “certo”, “vários”, “bastante”: quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem

se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).

- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do “onde”, “quando”, “quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona

como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição (“na qualidade de”).

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva (“de acordo com”) e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão
4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a

parceria com os pais.

Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

Comentários: Não haverá aula *em função, por causa da* falta de luz.

Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

Comentários: Não queria ser olhado *deste modo, desta forma*: com medo.

Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) “Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo.”

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu <u>com</u> a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo <u>de</u> vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu <u>de</u> palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu <u>com</u> o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia <u>de</u> alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) “declino minha solidariedade em relação a sua preocupação” / no que concerne a.

b) “o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença” / sem embargo de.

c) “Tento entender a posição do paciente diante de sua doença” / em face de.

d) “Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia” / adiante de.

e) “devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas” / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se

substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) “prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável” / modo.

b) “conviver com incertezas” / companhia.

c) “discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional” / motivo.

d) “refletir sobre o sentido da vida” / assunto.

e) “preparar para a viagem final” / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em “Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia,

por entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade”, a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que “*porque* entendo que a morte, assim como a vida...”). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso

específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. (FCC) Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar

contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e*, *nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só*...

mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda. Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante*. Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões “tentei chegar” e “não consegui”. Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja*. O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo), *portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste*. É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque*, *pois*, *porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o

valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

Comentários: Ordem seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o

resultado, a conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*:

oposição, contraste.

Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. **(FCC/TRF – 2ª Região)** No texto, o segmento "... podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição..." expressa ideias de ações:

   a) opostas.

   b) repetidas.

   c) alternadas.

   d) simultâneas.

   e) concomitantes.

   Comentários:

   O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja

tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

   a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

   Comentários:

   Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

   Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2

milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas

conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É

a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:

1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.

2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o

efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto...

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:

1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.

2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro, em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade, de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica*: quanto mais o preço fica caro,*

mais os produtos escasseiam. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão...), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:

1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)

2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme, de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que* antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que, a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*.

E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o

fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções:

isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo,*

todavia. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

- **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

  Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

  Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

  Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

- **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada,

será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

- **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

- **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

- **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

• **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

- Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.
- Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).
- Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.
- Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.
2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.

3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.

4. ( ) “Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa.”

5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.

6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.

7. ( ) “Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores.”

8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?

9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.

10. ( ) “A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras.”

11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.

12. ( ) “Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade.”

13. ( ) “Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações.”

14. ( ) “Tanto ele como o irmão são meus amigos.”

15. ( ) “Não achou os documentos nem as fotocópias.”

16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.

17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.

18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.

19. ( ) “Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?”

20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.

2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.

3. ( ) “Se você sentir saudade, por favor não dê na vista.”

4. ( ) “Como escreveu o divino Dante: ‘Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno’.”

5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.

6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.

7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.

8. ( ) “Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas.”

9. ( ) “A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia.”

10. ( ) “Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem.”

11. ( ) “A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova.”

12. ( ) “Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV.”

13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. ( ) ( ) “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”

15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor.”

16. ( ) “Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.”

17. ( ) “Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à

forma.”

18. ( ) “Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores.”

19. ( ) “Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada.”

20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.

21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.

22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) “A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo.”

25. ( ) “Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos.”

26. ( ) “Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados.”

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) “Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava.”

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o

setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase “mudamos de vontade como muda de cor o camaleão”, o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação (“*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor”*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que,

embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que

a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) ... *ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. **(FCC/TCE-AL)** *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se “nossa história e nosso passado não são nem cargas

indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração

(conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra

A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra*

borboletas, pássaros e outras formas de vida).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) “Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas”.

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo...*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição*, *causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Metrô-SP – Técnico em Mecânica – 2014)

Nascido no bairro do Pari, em uma São Paulo em construção após o levante constitucionalista de 1932, Germano Mathias compõe a santíssima trindade do samba paulistano, ... Adoniran Barbosa e Geraldo Filme.

(Adaptado de: DINIZ, André, op. cit.)

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) *em face à*

b) *lado a lado*

c) *ao lado de*

d) *lado* à *lado com*

e) *junto à*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Texto CB2A2AA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

2. (TCE-SC – Aud. Fiscal – Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho “de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz” (l. 4-5), detalha-se e explicita-se o que se deve entender por “buscando otimizar o seu funcionamento” (l. 4).

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a

implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

3. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto II caso o trecho “por não reciclar” (L. 19) fosse substituído por:

a) quando não recicla

b) se não reciclar

c) sem reciclar

d) para não reciclar

e) porque não recicla

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano--americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários

trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da

proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

4. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão “contar nos dedos das mãos” (l. 3) poderia ser substituída por **contar pelos dedos**.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“que terão grande impacto sobre a medicina”; nessa frase está corretamente empregada a forma “sobre”. Assinale a frase abaixo em que ocorreu <u>confusão</u> entre sob/sobre:

a) “Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido” (Mário Andretti);

b) “A interpretação é a vingança do intelecto sobre a arte” (Susan Sontag);

c) “Filosofar: pôr tijolos sobre tijolos sem construir uma casa” (anônimo);

d) “Infância é vida sob uma ditadura” (Graham Greene);

e) “Nada de novo sobre o sol” (Horácio).

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento de texto abaixo em que a preposição *para* tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “<u>Para</u> Topol, o futuro está nos smartphones” / opinião;

b) “Está <u>para</u> chegar ao mercado um apetrecho” / direção;

c) “os hospitais caminhem <u>para</u> uma rápida extinção” / tempo;

d) “Dando algum desconto <u>para</u> as previsões, “The Patient” / concessão;

e) “...é uma excelente leitura <u>para</u> os interessados nas transformações da medicina” / causa.

7. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve troca ***indevida*** entre *sob/sobre*.

a) "*Infância é vida sob uma ditadura*".

b) "*Falar sobre música é como dançar sobre arquitetura*".

c) "*O verso é uma vitória sobre os limites da linguagem*".

d) "*A interpretação é a vingança do intelecto sob a arte*".

e) "*Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido*".

8. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a preposição "de" expressa sentido de origem.

a) Mas existem outras figuras capazes **de** chamar a atenção.

b) "Agora posso realizar um sonho que trago **da** infância".

c) Nada surpreendente, não fosse a idade **do** Takeshi...

d) ... pensam em desistir por causa **de** um fracasso.

e) E aí **de** novo ele dá um exemplo.

9. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia a charge.

(www.folha.uol.com.br/colunasmercadoaberto,01.12.2015. Adaptado)

Assinale a alternativa cujos termos preenchem, respectivamente, as lacunas da charge, garantindo-lhe a coesão e a coerência; e cujo sentido estabelecido entre eles está corretamente indicado entre parênteses.

a) sob ... sobre (causa)

b) em ... sem (modo)

c) sem ... com (oposição)

d) sob ... em (lugar)

e) sobre ... em (consequência)

10. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco.

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre. Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

a) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

b) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

c) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

d) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

e) Portanto, poder tributário tinha a Assembleia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

11. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, <u>mesmo que</u> esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo

positivo.

Outra redação para o segmento acima manterá o sentido e a correção se o elemento destacado, e apenas ele, for substituído por:

a) conforme.

b) ainda que.

c) embora.

d) conquanto que.

e) sempre que.

12. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo fugiu de Roma ao ser comunicado que, antes de produzir as estátuas da futura tumba do papa Júlio II, deveria pintar o teto da Capela Sistina. Só a muito custo foi convencido a se aventurar na pintura, meio que julgava não dominar tão bem quanto a escultura. ..... , ao ser tirado da zona de conforto, o artista criaria sua obra máxima.

Mantendo-se as relações de sentido e a correção gramatical, preenche corretamente a lacuna acima o que se encontra em:

a) Porquanto

b) Embora

c) Contudo

d) Uma vez que

e) Conquanto

13. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, <u>embora</u> singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

a) contudo.

b) apesar de.

c) quando.

d) porque.

e) já que.

14. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Mantendo-se o sentido original, na frase *Como não conseguiram achar Miracanguera*... (5º parágrafo), o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) De modo que

b) Uma vez que

c) Por mais que

d) Conforme

e) Ainda que

15. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

No contexto da frase, o segmento sublinhado tem seu sentido expresso entre colchetes em:

a) *Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos*... [finalidade]

b) *Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos.* [proporção]

c) ... *fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis.* [partição]

d) ... *outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica*... [afirmação]

e) ... *podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana* [...], *cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários.* [condição]

16. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas

de dados abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle...

Preservando-se a correlação entre as formas verbais, os elementos destacados podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) pensaremos − envolviam − prestavam − disponham − encontremos

b) pensamos − envolvem − prestam − dispunham − encontrávamos

c) pensemos − envolveriam − prestariam − disporiam − encontrássemos

d) pensássemos − envolvessem − prestassem − dispusessem − encontraríamos

e) pensávamos − envolveram − prestaram − disporam − encontramos

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco − não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do

tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml>. Acesso em: 18.01.2016.)

17. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O início do terceiro parágrafo expõe uma consequência para o que se conta no segundo.

II. O quarto parágrafo apresenta uma ressalva para o que se relata no quinto.

III. O sexto parágrafo enuncia uma consequência do que se revela no quinto.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 a 20.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O

esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

18. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Em relação à primeira parte da frase, o segmento ... *orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café* (1º parágrafo) expressa:

a) finalidade.

b) causa.

c) decorrência.

d) conformidade.

e) proporcionalidade.

19. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A oração ... *de tal modo se sucedem em espiral*... (último parágrafo):

a) expressa a consequência da oração precedente, além de introduzir matiz de intensidade.

b) além de introduzir a causa da oração anterior, expressa certo grau de intensidade.

c) além de introduzir complemento de modo ou instrumento, expressa uma consequência.

d) expressa condição, aliada a certo grau de proporcionalidade.

e) expressa concessão, resultante de uma relação de proporcionalidade.

20. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Uma redação alternativa para o segmento "... mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial" (3º parágrafo), sem prejuízo da correção e do sentido, está em:

a) conquanto seja a fragilidade mesma do colorido, aliada à graciosidade fugaz, em contraposição à riqueza consolidada da outra, que contribui para a formação de um clima primaz.

b) não obstante a própria instabilidade da coloração, à sua gratuidade pode-se comparar o fausto despreocupado da outra, que contribui para instaurar um ambiente primevo.

c) todavia, é devido à própria fragilidade do tom − à sua graciosidade irrequieta − posta em paralelo com o fausto inabalável da outra, que contribui para inventar um ambiente primordial.

d) mas é, no entanto, a própria delicadeza do matiz, sua gratuidade inconstante, que, comparada ao luxo estável da outra, contribui para a conformação de um meio ambiente ancestral.

e) é, todavia, porque a própria fragilidade da coloração e a sua graciosidade instável, comparada ao fausto tranquilo da outra, contribuem para conformar uma ambientação primitiva.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

21. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, a substituição do vocábulo “entretanto” pelo vocábulo “portanto” não acarretaria mudança de significado no período em questão.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

22. (MEC – Nível Superior – Cespe – Abril/2014)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto.

O termo “porque” (l. 11) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, ser substituído por **por que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

“O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico”.

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto O oxente e o ok, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: “O lugar em que vivo”.

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

23. (FUB – Téc. Administrativo – Cespe – Março/2015)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O elemento coesivo “mas” (l. 4) inicia uma oração coordenada que exprime a ideia de concessão em uma sequência de fatos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-

americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei nº 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

24. (MPU – Analista/Técnico – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E), acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto III.

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão “uma vez que” (l. 5) por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu “corredor cultural”, que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem

eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

25. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto I, a conjunção “entretanto” (l. 2) introduz, no período em que ocorre, uma ideia de:

a) condição.

b) causa.

c) consequência.

d) oposição.

e) adição.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da

chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos “cânones” são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

26. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto III caso a palavra “Portanto”, no trecho “Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor” (l. 13), fosse substituída por:

a) Pois.

b) No entanto.

c) Logo.

d) Entretanto.

e) Porquanto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas,

cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a

Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

27. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após "janelas" (l. 1) poderia ser substituída pelo conector **e**.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, "caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é "o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de

certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de

uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

28. Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho “se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis” (l. 36 e 37), caso a expressão “se bem que” e a forma verbal “sejam” fossem substituídas, respectivamente, pelo termo **porquanto** e pela forma verbal **são**.

29. O trecho “se não corrente” (l. 2 e 3) poderia ser corretamente substituído por **se não for corrente**, preservando-se o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 30 e 31.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “geek” Eric Topol, autor de “The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes

que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

30. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“A crer no médico e “geek” Eric Topol”; essa oração reduzida equivale semanticamente a:

a) embora creiamos;

b) quando cremos;

c) se crermos;

d) à medida que cremos;

e) para que crêssemos.

31. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, / mas que terá impactos positivos para os pacientes”.

O emprego da conjunção “mas” supõe uma oposição entre o primeiro e o segundo segmento desse trecho do texto 1.

Tal oposição se verifica entre os seguintes termos:

a) estar no forno / ter impactos positivos;

b) revolução / impactos positivos;

c) médicos / pacientes;

d) não escapar / ter impactos;

e) médicos não escaparão / impactos positivos para os pacientes.

32. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Os dois elementos ligados pela conjunção E são fatores bastante diferentes; o pensamento abaixo em que os termos ligados por essa conjunção podem ser considerados sinônimos é:

a) "A Academia Francesa é como a Universidade: uma e outra eram necessárias num tempo de ignorância e de mau gosto; hoje são ridículas" (Voltaire);

b) "A agulha é pequena e delgada; no entanto sustenta uma família toda" (Steinberg);

c) "O amor e a amizade excluem-se mutuamente" (La Bruyère);

d) "A amizade de alguns homens é mais funesta e danosa do que o seu ódio ou aversão" (Marquês de Maricá);

e) "Todo bajulador tem de ser forçosamente um malévolo e um ingrato" (Nestor Vítor).

33. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Todos os pensamentos a seguir são construídos por dois blocos.

Assinale a opção que indica o conectivo que uniria um desses dois blocos de forma conveniente.

a) "*A única coisa sem mistério é a felicidade: _____ ela se justifica por si só.*" – **portanto**.

b) "*Milhares de velas podem ser acesas de uma única vela e a vida da vela não será encurtada; _____ a felicidade nunca diminui ao ser compartilhada.*" – **por isso**.

c) "*Felicidade é um modo de viajar, _____ não um destino.*" – **embora**.

d) "*Felicidade é um como, _____ não um quê.*" – **porém**.

e) "*Felicidade é como um beijo: _____ você deve compartilhar para aproveitá-lo.*" – **porque**.

34. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que a substituição do conectivo sublinhado foi feita de forma

inadequada.

a) "*Nenhuma moralidade pode fundar-se na autoridade, mesmo que a autoridade fosse divina*". – **malgrado**

b) "*Se os teus princípios morais te deixam triste, pode estar certo de que estão errados*". – **quando**

c) "*A honestidade é elogiada por todos, mas morre de frio*". – **no entanto**

d) "*Tudo acontece conforme manda a natureza*". – **segundo**

e) "*Tudo é artificial, uma vez que a natureza é a arte de Deus*". – **visto que**

35. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

O conectivo sublinhado nas frases a seguir – da autoria de Machado de Assis – que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) "*A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém mentiroso.*" / conclusão

b) "*Nada está perdido enquanto o coração espera alguma coisa.*" / proporção

c) "*Quando dois corações se querem entender, ainda que falem hebraico, descobrem-se logo um ao outro.*" / concessão

d) "*Aprofunde mais os corações alheios, se quiser encontrar a verdade.*" / causa

e) "*Conquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ela o que se faz com a moda: variar o feitio.*" / tempo

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a expressão "sociedade de informação" transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão "sociedade da informação" passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de "sociedade pós-industrial", como forma de transmitir o conteúdo específico do "novo paradigma técnico-econômico". A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como "fator-chave" não mais os

insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivo-cado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e “infoestrutura” para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de

conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à informação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/ index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

36. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Para construir o sentido do texto, diferentes relações lógicas se estabelecem entre as ideias que o compõem.

A relação entre os trechos está adequadamente expressa entre colchetes em:

a) “A expressão ‘sociedade da informação’ passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de ‘sociedade pós-industrial’” / “como forma de transmitir o conteúdo específico do ‘novo paradigma técnico-econômico’”. (l. 6-8) [contraposição]

b) “a informação é sua matéria-prima” / “no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias” (l. 16-17) [condição]

c) “os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade” / “a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva” (l. 17-19) [causalidade]

d) “Nada mais equivocado” / “processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa” (l. 26-27) [finalidade]

e) “As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem” / “Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar” (l. 34-37) [explicação]

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere o trecho: “Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades”.

Se essa frase, mantendo-se o sentido original, for construída substituindo-se a conjunção **mas** por uma forma equivalente subordinativa, o resultado adequado será:

a) Você pode até achar que é coisa de criança, porém o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

b) Embora você possa até achar que é coisa de criança, o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

c) Talvez você até ache que é coisa de criança, pois o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

d) Admitamos que você até ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, algo instrutivo e divertido para todas as idades.

e) Caso até você ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, garanto ser instrutivo e divertido para todas as idades.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o trecho "Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões."

Se o trecho for reescrito em um só período, mantendo-se seu sentido original, as duas orações poderão ser relacionadas por meio da conjunção

a) consoante

b) contanto

c) embora

d) entretanto

e) porque

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

A relação lógica expressa pela palavra em destaque está indicada adequadamente entre colchetes em:

a) "Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, **conforme** o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel." [concessão]

b) "Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, **mas**, no final das contas, a

maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional.” [condição]

c) “**Para** resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana.” [causa]

d) “Por quê? **Porque** a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante.” [finalidade]

e) “**Portanto**, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional.” [conclusão]

40. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

A expressão abaixo que substitui a palavra **Mas** em: “Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. Quando perguntassem ‘Sobe?’, responderia ‘É o que veremos...’ Ou então, ‘Como a Virgem Maria’.”, modificando o sentido original do trecho em que ela está empregada é:

a) Contudo

b) Embora

c) Porém

d) Todavia

e) No entanto

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

A frase que está adequadamente reescrita entre colchetes, de modo a manter a relação lógica entre suas ideias, estabelecida pela palavra ou pela expressão destacada, é:

a) “Foi necessária essa pequena exegese **para** refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.”

[Foi necessária essa pequena exegese à medida que refletimos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.]

b) “**Se** a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.”

[Quando a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.]

c) “o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, **com o intuito de** facilitar a circulação de mercadorias”

[o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, embora facilitasse a circulação de mercadorias]

d) “A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada **tão** grande **que** transformaria o próprio dinheiro em mercadoria.”

[A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma grande quantidade de riqueza acumulada, para transformar o próprio dinheiro em mercadoria.]

e) “Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, **não obstante isso**, tem valor.”

[Apesar de se tratar de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, tem valor.]

42. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016 – Adaptada)

No trecho – As pessoas [...] que buzinam **assim que o sinal fica verde** – o trecho destacado expressa, em relação ao verbo que o antecede,

a) lugar da ação.

b) modo da ação.

c) finalidade da ação.

d) comparação das ações.

e) tempo concomitante das ações.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri “Garruchas e punhais” – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: “O mosteiro de tijolos de feltro”. Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: “Uma noite no mar Cáspio”. Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 26.01.2016. Adaptado)

43. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A relação de sentido estabelecida entre as orações no trecho do segundo parágrafo – ... recusei algumas, aceitei outras. – também está presente em:

a) Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me...

b) ... que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

c) Pensando na atual crise política, sugeri “Garruchas e punhais”...

d) A moça riu mas não gostou.

e) Ela não gostou – nem eu.

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

No trecho – Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, **como** outra qualquer –, o termo destacado estabelece relação de sentido de

a) causa e equivale a **porque**.

b) tempo e equivale a **enquanto.**

c) condição e equivale a **caso**.

d) comparação e equivale a **tal qual**.

e) finalidade e equivale a **para**.

45. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Observe a relação de sentido entre os trechos (I) e (II): (I) Os governos taxavam-no a mais não poder, (II) de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga.

É correto afirmar que

a) o trecho (I) expressa o tempo em que ocorre o que se afirma no trecho (II).

b) o trecho (II) expressa a maneira como ocorre o fato afirmado no trecho (I).

c) o trecho (II) expressa o efeito do que se afirma no trecho (I).

d) o trecho (I) expressa o modo como ocorre o fato afirmado no trecho (II).

e) o trecho (II) expressa a causa determinante do que se afirma no trecho (I).

46. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Mantendo-se as ideias do texto original, a passagem do 6º parágrafo – O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos... – pode ser reescrita da seguinte forma:

a) O indivíduo perde a capacidade de pagamento e enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

b) O indivíduo só perde a capacidade de pagamento, mas não enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

c) O indivíduo perde a capacidade de pagamento, portanto também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

d) O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento, porém enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

e) O indivíduo ou só perde a capacidade de pagamento ou também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

47. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Na oração – **Já que** tenho um peixinho dourado como mascote… –, o sentido expresso pela conjunção em destaque é de

a) oposição e, nesse contexto, pode ser substituída por “Mas”.

b) explicação e, nesse contexto, pode ser substituída por “Pois”.

c) causa e, nesse contexto, pode ser substituída por “Como”.

d) conclusão e, nesse contexto, pode ser substituída por “Portanto”.

e) conformidade e, nesse contexto, pode ser substituída por “Conforme”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 48.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

48. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe as passagens do 3º parágrafo do texto:

– ... não sendo **formosa** que o inquietasse, nem **feia** que lhe repugnasse...;

– ... era mais inteligente e instruída **que** ele.

O par de adjetivos em destaque, na primeira passagem, e a conjunção em destaque, na segunda, estabelecem entre as informações do texto, respectivamente, as seguintes relações de sentido:

a) equivalência e conclusão.

b) equivalência e comparação.

c) oposição e comparação.

d) oposição e causa.

e) equivalência e consequência.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Nos versos – as minhas mãos **sob** a nuca – e – **mas** o tato me dá –, o sentido expresso pela preposição **sob** e o expresso pela conjunção **mas** são, respectivamente, de

a) posição paralela e explicação.

b) posição superior e adição.

c) posição contígua e comparação.

d) posição inferior e oposição.

e) posição lateral e conclusão.

50. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Um termo que introduz uma exemplificação no enunciado está em destaque na seguinte passagem:

a) Frequentemente desprezadas **por** terem um aspecto que não está de acordo com os “padrões de beleza” impostos pela indústria… (1º parágrafo)

b) Vender uma maçã com um rótulo **cujo** logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores… (3º parágrafo)

c) … os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, **inclusive**, mais baratos. (4º parágrafo)

d) Agora, engloba também outros produtos, **como** queijos e cereais ingeridos no café da manhã. (5º parágrafo)

e) ... aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção **que**

51. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

O segmento destacado em – **Se uma despesa avança** em velocidade incompatível com a receita usada para bancá-la, só há dois caminhos para corrigir a distorção… – estará corretamente substituído, preservando-se o sentido e a correção gramatical, por:

a) Caso uma despesa avance…

b) Ainda que uma despesa avance…

c) Contudo uma despesa avança…

d) Pois uma despesa avança…

e) Para que uma despesa avance…

Leia o texto a seguir para responder à questão 52.

O Senado Federal aprovou em plenário, em 31/10/2012, o projeto de lei originário da Câmara dos Deputados (PL nº 2.793/2011) que tipifica como criminosas algumas condutas cometidas no meio digital, sobretudo a invasão de computadores. A imprensa tem noticiado como se fosse a primeira aprovação desse tipo no Brasil e alguns setores comemoraram como se a existência de uma lei para os crimes eletrônicos fosse tudo o que faltava para diminuir a delinquência cibernética. Sendo o Brasil um país de tradições positivistas e sendo vedada a aplicação de analogia para criar tipos penais, não resta dúvida da necessidade de aprovação da lei. Talvez com a previsão dessas condutas específicas, haja melhores resultados punitivos.

A falta de estrutura na maioria das delegacias civis do país e a ausência de previsão legal que estabeleça a obrigatoriedade da guarda de logs acabam por inviabilizar a investigação dos crimes digitais, em muitos casos. Com o Marco Civil da Internet (PL nº 2.126/2011), o legislador poderia sanar esse problema ao prever o armazenamento de tais registros, sem dar margem à violação da privacidade, evidentemente. No entanto, no último parecer ao projeto, no mês julho, o deputado relator retirou a obrigatoriedade do armazenamento dos dados pelos provedores de aplicações à Internet, os chamados provedores de conteúdo, deixando essa previsão apenas aos 5 provedores de conexão. O fato é que os registros de conexão nem sempre são suficientes para uma eficiente coleta de provas. O certo seria obrigar também os provedores de conteúdo a fazer esse registro, o que permitiria investigar e punir não só os crimes digitais como também

outros, tais como os de difamação, calúnia e injúria, tão comuns nas redes sociais.

Rafael Fernandes Maciel. In: *Consultor Jurídico*, 9/11/2012. Disponível em: <www.conjur.com.br> (com adaptações).

52. (TJ/Acre – Téc. Administrativo – Cespe – Dez./2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantendo-se a relação de sentido estabelecida entre os períodos, a expressão "**No entanto**" (l. 11-12) poderia ser substituída, corretamente, por **Com tudo**.

53. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

(Adaptado) Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No terceiro quadrinho, a expressão "Sendo assim" poderia, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, ser substituída por qualquer um dos seguintes conectores: Portanto, Por conseguinte, Conquanto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 54 e 55.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. "Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre", lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. "É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o

pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

(ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Julgue os próximos itens como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto.

54. Com a devida alteração de maiúscula e minúscula, o ponto final imediatamente após a palavra “colegas” (l. 7) poderia ser substituído por vírgula, seguida do elemento articulador **visto que**.

55. O vocábulo “mas” (l. 8) é um elemento coesivo que introduz relação de conclusão entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa no período que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram – ou que se decompõem de uma forma “verde”. Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

56. (ICMBIO – Nível Superior – Cespe – Maio/2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto acima e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão “no entanto” (l. 12) poderia ser substituída pelo vocábulo **entretanto**, sem que houvesse prejuízo à correção gramatical e ao sentido do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

Tem um personagem de Voltaire que um dia descobre, encantado, que falou em prosa toda a sua vida, sem saber.

Estamos metidos em muito mais coisas do que nos damos conta. Pertencemos, simultaneamente, a vários sistemas que mal compreendemos, começando pelo nosso próprio corpo e terminando pelo sistema solar, que, por sua vez, faz parte de outro sistema ainda maior e mais incompreensível. Coisas espantosas acontecem conosco, a cada segundo, pelo simples fato de existirmos. Agora mesmo, enquanto escrevo – ou enquanto você lê –, fatos fantásticos e dramáticos se desenrolam dentro de nós. Células se reproduzem aos milhões. Bando de bactérias percorrem nossas vias interiores, procurando encrenca. Nossos sucos se encontram e se misturam em alquimias inacreditáveis. E giramos em torno do Sol, que, por sua vez, se desloca pelo espaço, em alta velocidade, cuspindo fogo. Não podemos pedir dispensa do Universo e de suas explosões por razões de consciência. Estamos todos na mesma louca aventura. Você, eu e o vizinho. E, ainda por cima, falamos em prosa.

(Verissimo, Luis Fernando. *Orgias*. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1989, p.80-1, Adaptado).

57. (ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – 2013)

(Adaptada) Com relação ao desenvolvimento das ideias do texto, julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”.

No período “Coisas espantosas (...) existirmos” (l. 5-6), o autor estabelece uma relação de causa e efeito em que a causa é inerente à própria existência humana, o que torna o efeito irreversível.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

Em um regime democrático, todo poder emana do povo, prevalecendo a vontade da maioria sobre a vontade de indivíduos ou de grupos. Desse modo, o bom governante é aquele que compreende as demandas da população e se empenha em atendê-las. No entanto, numa democracia saudável, é também responsabilidade

dos dirigentes tomar medidas que podem eventualmente desagradar a uma parte dos eleitores, pois eles devem administrar pensando no conjunto da sociedade que governam, e não na estridência de interesses insatisfeitos ou contrariados.

(Adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 9/2/2014)

58. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical do período ao se substituir “No entanto” (l. 3) por qualquer um dos seguintes termos: Contudo, Entretanto, Porquanto, Uma vez que.

Leia o texto a seguir para responder à questão 59.

Ônibus lotados, alguns em péssimo estado, engarrafamentos, demora em chegar ao local desejado. A péssima qualidade do transporte coletivo é um problema que atinge muitas capitais brasileiras. Para especialistas em planejamento urbano, o crescimento desordenado pode ser apontado como o responsável por essa situação. Isso gera uma fragmentação de espaços que exige que as pessoas façam longos deslocamentos. Consequentemente, a maioria das grandes cidades hoje no Brasil, por terem essa característica, geram esses problemas de congestionamentos e transporte públicos lotados. Resolver estes problemas é alguns dos grandes desafios dos prefeitos nas médias e grandes cidades. Cabe a eles garantir a mobilidade das pessoas nos lugares onde elas vivem. O transporte público coletivo é responsabilidade das prefeituras e o usuário espera que funcione.

(Adaptado de http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/08/veja-o-papeldas-prefeituras-quanto-aos-problemas-do-transporte-coletivo.html, acesso em4/12/2012)

59. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a estrutura sintática que, no texto, tem valor significativo de causa.

Parte superior do formulário

a) “demora em chegar ao local desejado”(L. 1)

b) “que atinge muitas capitais brasileiras.”(L. 2)

c) “pode ser apontado como o responsável por essa situação.”(L. 3-4)

d) “que as pessoas façam longos deslocamentos.”(L. 4-5)

e) “por terem essa característica”(L. 5)

Gabarito: 1. c; 2. C; 3. a; 4. e; 5. e; 6. a; 7. d; 8. b; 9. c; 10. d; 11. b; 12. c; 13. b; 14. b; 15. a; 16. d; 17. a; 18. c; 19. b; 20. e; 21. E; 22. e; 23. E; 24. E; 25. a; 26. c; 27. C; 28. E; 29. C; 30. c; 31. b; 32. d; 33. d; 34. b; 35. c; 36. c; 37. b; 38. e; 39. e; 40. b; 41. e; 42. e; 43. d; 44. d; 45. c; 46. a; 47. c; 48. c; 49. d; 50. d; 51. a; 52. E; 53. E; 54. C; 55. E; 56. C; 57. certa; 58. errada; 59. e.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e

concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: “Os dias, os meses, os anos correm”. O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os

respectivos verbos, e não objeto:

c) “entre as ruelas” (= adjunto adverbial de lugar);

d) “ferido” (= predicativo do sujeito); “ao hospital” (= adjunto adverbial de lugar);

e) “bastante” (= adjunto adverbial de intensidade); “ontem” (= adjunto adnominal de tempo);

f) “bastante” (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação, movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude <u>implicou</u> sua demissão.

b) <u>Falei</u> a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

“sua demissão” (= objeto direto)

“a verdade” (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em “Falei aos filhos”, o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer “Falei os filhos”.

“Obedecia aos mais velhos.” (= objeto indireto)

“Gostava de música.” (= objeto indireto)

“Falei aos filhos.” (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.

Observe que mostramos isso com o verbo falar:

Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)

Falei a verdade. (verbo transitivo direto)

Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)

Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"... deu um brinde..." (sem preposição – objeto direto)

"... deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa..." (sem preposição – objeto direto)

“Ofereci aos funcionários...” (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: “Pedi a conta...”, “... saí do restaurante”. Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: “Sentimentos verdadeiros não existem mais”. Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto

adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela ligou o ferro silenciosa.

2. ( ) Impecável, transitava o marido pelo tempo.

3. ( ) Paulo está adoentado.

4. ( ) Paulo está no hospital.

5. ( ) As discussões continuaram pela noite.

6. ( ) Permaneciam abertas as listas de adesão às emendas.

7. ( ) Um congressista compareceu à sessão preocupado.

8. ( ) Deve chover bastante.

9. ( ) Eu sou sempre a estrela matutina.

10. ( ) Surgiu, pela esquina, assobiando.

11. ( ) Os operários perfuravam a rocha com suas brocas e picaretas.

12. ( ) Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro.

13. ( ) Contou-me um amigo uma história exemplar.

14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.

15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.

16. ( ) Ela parece triste.

17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.

18. ( ) Chegamos alegres.

19. ( ) José caiu doente.

20. ( ) “Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão.”

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) ... *elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) ... mas que chegaram ao Brasil...

c) ... e aqui encontraram espaço...

d) ...o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) ... e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço*. Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu

adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "... o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!

Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e (4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão

preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

C**omentários:** O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: “termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome.” Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. ∗em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

∗Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo

coração, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial

Objeto indireto

Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.

Ex.: Lembrou-se do ocorrido.

Adjunto adverbial

Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).

Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto

Complemento nominal

Sempre preposicionado.

Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.

Ex.: Reforma da praça.

(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)

Adjunto adnominal

Aparecendo preposição, a ideia é ativa.

Ex.: Construção do arquiteto.

(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)

Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto

Adjunto adnominal

Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.

Ex.: Fizeram perguntas tolas.

Predicativo do objeto

Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.

Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome

substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.

2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.

3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.

4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da “solucionática”.

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife

longamente.”

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!” (D. Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1);

5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) “A utilização de qualquer um deles.”

b) “A queima do petróleo.”

c) “Inundação de vastas áreas.”

d) “A fauna aquática dos rios.”

e) “Construção de barragem.”

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta

reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima*, *inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código <u>de trânsito</u>.

b) educação <u>para o trânsito</u>.

c) formação <u>do magistério</u>.

d) treinamento <u>de professores</u>.

e) atender <u>a mais esta nova exigência</u>.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido <u>de sua capacidade</u> profissional.

b) Apenas <u>nos</u> víamos em festas rurais.

c) Ficaria encantado com a novidade.

d) Achava-se apto para o trabalho.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Três vezes voltou Saint-Hilaire ao interior do Brasil...

O elemento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o segmento grifado em:

a) “Os livros de Auguste Saint-Hilaire (...) leem-se aos quinze anos como...”

b) Nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática.

c) Pelo desconforto dos nossos dias, apesar das estradas de ferro e do automóvel, podemos avaliar as

dificuldades e fadigas...

d) A fama de Auguste Saint-Hilaire não teve a projeção da de seu irmão Geoffroy, o continuador de Lamarck...

e) "...exposta com tanta clareza e simplicidade que a profundeza do julgamento parece apenas bom senso".

2. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

...antes de fazer o túmulo, resolveu reconstruir a Catedral de São Pedro.

O elemento que possui a mesma função sintática do sublinhado acima se encontra também sublinhado em:

a) Recém-chegado a Roma em 1505...

b) ... havia uma forte insegurança.

c) O corpo humano foi o campo de batalha artística de Michelangelo.

d) Como definiu o pintor futurista Umberto Boccioni...

e) Mas Júlio II mudou de ideia...

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram

3. (2015 – FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo)

E o Tejo entra no mar em Portugal

O elemento que exerce a mesma função sintática que o sublinhado acima encontra-se em

a) a fortuna. (4ª estrofe)

b) A memória das naus. (2ª estrofe)

c) grandes navios. (2ª estrofe)

d) menos gente. (3ª estrofe)

e) a América. (4ª estrofe)

4. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

O jogador busca o sucesso pessoal...

A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:

a) É indiscutível que no mundo contemporâneo...

b) ... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas...

c) ... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.

d) A solução para muitos é a reconversão em técnico**...**

e) ... que depende das qualidades pessoais de seus membros.

5. (FCC – DPE-RS – Defensor Público – 2014)

Há na vida das nações um período em que ainda não **lhes** foi revelado o papel que deverão desempenhar.

Sobre o pronome destacado acima, afirma-se com correção, considerada a norma padrão escrita:

a) está empregado em próclise, mas poderia adequadamente estar enclítico à forma verbal.

b) pode ser apropriadamente substituído por “à elas”, posicionada a expressão após a palavra revelado.

c) constitui um dos complementos exigidos pela forma verbal presente na oração.

d) está empregado com sentido possessivo, como se tem em “Dois equívocos comprometeram-lhe o texto”.

e) dado o contexto em que está inserido, se sofrer elipse, não altera o sentido original da frase.

6. (FCC – TRF – 4ª Região – Analista Judiciário – Informática – 2014 – Adaptada)

... o culto que a aristocracia do seu país dedicava a tudo o que era francês...

O segmento que possui a mesma função sintática do grifado acima está também grifado em:

a) ... *a morfologia e a sintaxe alemãs teriam afinidades com as gregas*.

b) ... *a afirmação é geralmente atribuída a Heidegger, filósofo cujo tema precípuo é o ser*.

c) *Estranho é que haja franceses ou brasileiros...*

d) *O latim foi a língua da filosofia e da ciência na Europa...*

e) ... *a superficialidade que atribui ao pensamento ocidental moderno...*

7. (CNMP – Téc. Adm. – 2015)

... ***facilita*** *o surgimento econômico e político de uma classe média...*

O verbo que, no contexto, possui o mesmo tipo de complemento que o do sublinhado acima está empregado em:

a) Mas nada assegura que a configuração de fatores...

b) ... o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico.

c) A democracia surge historicamente em sociedades...

d) ... o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes...

e) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

Leia o texto a seguir para responder às questões 8 e 9.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr.

Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

8. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 18, a oração introduzida pela preposição “por” remete a uma ação anterior ao estado descrito na oração “Estamos ansiosos”.

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, o termo introduzido pela preposição “para” exerce a função de complemento do verbo “pedir”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

10. (FUB – Médio – Cespe – Mar./2014)

Em relação ao fragmento de texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “como sempre” (l. 9) está entre vírgulas porque constitui aposto explicativo.

Leia o texto a seguir para responder às questões 11 e 12.

Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca. Observou os movimentos das estrelas, manuseou o fogo, aprendeu a usar ferramentas em seu favor, buscou respostas para os fenômenos da natureza. Independentemente dos mitos, lendas e crenças que moldaram as culturas mais primitivas, o pensamento humano sempre esteve, de alguma forma, atrelado ao conhecimento científico, que se renovou e se disseminou com o passar dos séculos.

Mesmo com todo o aparato tecnológico, que tem possibilitado o acesso praticamente instantâneo à informação, questionam-se tanto aspectos quantitativos como qualitativos dos conteúdos sobre ciência veiculados pelos meios de comunicação de massa. A divulgação, por meio do jornalismo científico, está longe do ideal. Na grande mídia, a ciência e a tecnologia ficam relegadas a segundo plano, restritas a notas e notícias isoladas, em uma cobertura que busca sempre valorizar o espetáculo e o sensacionalismo. A televisão aberta, principal veículo condutor de conteúdos culturais, não contribui como deveria para o processo de “alfabetização científica”, exibindo programas sobre o tema em horários de baixa audiência.

Mas até que ponto é relevante incluir a sociedade de massa na esfera de discussão de um grupo seleto de estudiosos? A promoção da informação científica contribui para o processo de construção da cidadania, quando possibilita a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e de sua lógica, no momento em que constrói uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico sobre a sociedade e quando permite a ampliação da possibilidade e da qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas, especialmente em um país onde a grande maioria dos investimentos na área são públicos.

Luiz Fernando Dal Pian Nobre. Do jornal para o livro: ensaios curtos de cientistas. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br> (com adaptações).

11. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A vírgula imediatamente após “aberta” (l. 12) foi empregada para separar dois termos de mesma função sintática, uma vez que tanto “aberta” quanto “principal veículo condutor de conteúdos culturais” (l. 12) exercem a função de adjunto adnominal do nome “televisão” (l. 11-12).

12. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em “o cerca” (l. 3), o pronome “o”, que se refere ao termo “o homem” (l. 2), exerce a função de complemento da forma verbal “cerca”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “fiel” ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chama a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e,

consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

13. (FUB – SUPERIOR – Cespe – Mar./2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, o pronome “aqueles” exerce a função de sujeito das formas verbais “lerão” e “têm”, o que justifica o emprego do plural nessas formas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. “É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei”, diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

14. (ICMBIO – Médio – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

O complemento da forma verbal “passei” (l. 12) não está explicitamente expresso no texto, devendo ser inferido pelo leitor.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A correspondência de Mário de Andrade é uma das fontes sobre os sentimentos que abateram a intelectualidade paulista, sobretudo no trauma de 1932, quando São Paulo foi invadido por tropas federais, que ocuparam a capital e se alastraram pelo interior (“Disputam esfomeadamente a presa sublime, e desgraçadamente está certo, essa é a lei dos homens. Dos homens selvagens”, desabafa Mário em carta a Paulo Duarte). As consequências dos expedientes da ditadura abateram um estado cujos habitantes eram considerados por Mário como “diferentes mesmo”. O que se fizesse naquele estado, apostava, se irradiaria como política e como orientação pelo país, uma reedição, por via da cultura, do velho slogan: “São Paulo, a locomotiva puxando os vagões”.

“Minha pátria é São Paulo. E isso não me desagrada”, confessa o poeta paulista a Drummond no calor de um conflito que os encontrou em lados opostos. Drummond já estava na chefia de gabinete do secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, aliado ao poder central naquele momento, e Mário era partidário da causa da Revolução Constitucionalista de 1932. O paulista sabia que estava acometido de um estado extraordinário de mobilização, frustração e abatimento, como revela o seguinte trecho de carta a Drummond.

“Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em 25 qualquer minuto, que é o sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço consequências, não tenho doutrina, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue...”

Helena Bomeny. Um poeta na política – Mário de Andrade, paixão e compromisso. 1ª ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 71-2 (com adaptações).

15. (IRB – Superior – Cespe – Abr./2014)

No que concerne a aspectos gramaticais do texto acima, julgue (**C** ou **E**) o próximo item.

Na linha 16, a forma preposicional contraída “pra” introduz um dos complementos da forma verbal “daria”.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 e 17.

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral — o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

16. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015 – Adaptada)

De acordo com as informações apresentadas no texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Se a preposição a presente na contração “aos” (l. 11) fosse suprimida, a função sintática da expressão “requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral” (l. 11) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

17. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015)

Na linha 12, o sujeito da forma verbal “elegia” é o termo “o Tribunal Superior”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 e 19.

“O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o

preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico”.

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto *O oxente e o ok*, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: “O lugar em que vivo”.

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

18. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2014)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O termo “o brasileiro” (l. 2) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

19. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Os trechos “especialista no assunto” (l. 1 e 2), “o linguístico” (l. 3) e “primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro” (l. 5) exercem a mesma função sintática, a de aposto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de

temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez./2014, p. 14 (com adaptações).

20. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item subsecutivo como Certo (C) ou Errado (E).

A retirada do termo “o” em “o que sugere” (l. 4) preserva a relação entre as ideias, bem como a correção gramatical do texto, com a vantagem de ressaltar o paralelismo com o período sintático anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu “corredor cultural”, que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras,

mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

21. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Assinale a opção que apresenta um termo que exerce a função de objeto direto na oração do Texto I que ocorre.

a) “o berço histórico da cidade” (L. 7-8)

b) “vestígios materiais do passado” (L. 4)

c) “muita coisa” (L. 24)

d) “cidades” (L. 2).

e) “esse título” (L. 14)

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como “palhaço feio”, um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

22. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo “surdos, mudos ou cegos” (l. 1) exerce a função de

a) predicativo do sujeito.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) sujeito.

e) adjunto adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos

confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

23. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Os termos “trágico” (l. 10), “de Uirá” (l. 10) e “deste século” (l. 11) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por

onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças,

mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

24. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No sintagma "os 'irônicos estrangeiros'" (l. 16), o vocábulo 'irônicos' é o núcleo do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de "irônico" em "desafio qualquer irônico" (l. 38).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo "caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, "caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é "o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

25. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

No trecho "É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático" (l. 32-33), tanto o termo "certo" quanto o termo "axiomático" caracterizam, respectivamente, referentes que constituem sujeitos oracionais.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde...".

Os termos sublinhados podem ter a função de agentes ou pacientes dos termos anteriores; exerce(m) a função de agente:

a) todos eles;

b) nenhum deles;

c) somente o primeiro;

d) somente o segundo;

e) somente o segundo e o terceiro.

Leia o texto a seguir para responder às questões 27 e 28.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso

tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades”.

Nesse primeiro período do texto 1, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

a) concentração <u>de renda</u>;

b) espaço <u>das cidades</u>;

c) falta <u>de planejamento</u>;

d) promoção <u>de políticas</u>;

e) crescimento <u>das cidades</u>.

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado

e continuidade de estado. A frase do texto 1 que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

a) “áreas que antes eram baratas e de fácil acesso”;

b) “tornam-se mais caras”;

c) “habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários”;

d) “Além disso, à medida que as cidades crescem”;

e) “a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes”.

29. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio - Ago./2015 – Adaptada)

No trecho “as transformações em direção **à sociedade da informação**, em estágio avançado nos países industrializados”, a expressão em destaque tem a função de completar o sentido da palavra **direção**, sendo, portanto, essencial à construção da frase.

A mesma função pode ser observada na expressão destacada em:

a) “alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular **do cidadão**.”

b) “decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas **de desenvolvimento**.”

c) “A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas **dos Estados Membros**”

d) “as ações **desse organismo internacional** estão concentradas em duas áreas principais:”

e) “métodos e estratégias para a construção **de uma sociedade** de informação global e justa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a

perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de S. Paulo*, 02 de agosto de 2015)

30. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que concerne às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”:

A expressão “uma distorção” (l. 21) funciona, sintaticamente, como objeto direto de “A distopia” (l. 21).

Leia o texto a seguir para responder às questões 31 e 32.

Os cristãos enfrentam uma perseguição cada vez maior em todo o mundo, alimentada principalmente pelo extremismo islâmico e por governos repressivos, o que levou o papa a advertir sobre “uma forma de genocídio” e ativistas a falarem em “limpeza étnico-religiosa”. A escala dos ataques a cristãos no Oriente Médio, na África Subsaariana, na Ásia e na América Latina alarmou organizações que monitoram a perseguição religiosa. A maioria relata uma deterioração significativa nos últimos anos.

Em sua recente viagem à América Latina, o papa Francisco disse ter ficado decepcionado “ao ver como no Oriente Médio e em outras partes do mundo muitos de nossos irmãos e irmãs são perseguidos, torturados e mortos por sua fé em Jesus”. Ele continuou: “Nesta terceira guerra mundial, travada em capítulos, que hoje

experimentamos, ocorre uma forma de genocídio, que tem de terminar".

(Harriet Sherwood, "Com os leões, sem Daniel". Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. *Carta capital*, 05 de agosto de 2015. Ano XXI. n.861)

(ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que diz respeito às estruturas linguísticas do texto, julgue as assertivas a seguir como "certa" ou "errada"::

31. Na expressão "uma deterioração significativa" (l. 5), "deterioração" é o núcleo do objeto direto.

32. A expressão "nos últimos anos" (l. 5) tem a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. b; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. E; 9. E; 10. E; 11. E; 12. C; 13. E; 14. E; 15. e; 16. C; 17. c; 18. C; 19. C; 20. E; 21. e; 22. a; 23. C; 24. C; 25. E; 26. b; 27. b; 28. b; 29. e; 30. errada; 31. certa; 32. errada.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los... Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.
- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.
- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade...), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure

reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz**

passiva com auxiliar. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo... Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se*, são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo:

• Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa.

• Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.

• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o

auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

O professor **tem recomendado** o livro.

*locução verbal de tempo composto

O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

*Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa,

precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!

1. Destacar, na frase, o *núcleo* do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.

2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.

3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.

4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.

5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa

a) Retire o pronome apassivador da frase.

b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica

a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica.

b) Acrescente o verbo auxiliar *ser*, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás... estão <u>sendo</u> esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando...

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

_____

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

_____

4. Assaltou-se uma senhora.

_____

5. Arrumou-se para o jantar.

_____

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

_____

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

_____

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

_____

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

10. Os resultados foram divulgados via TV.

11. “A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis.” (Albert Einstein)

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

3. “O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência.”

4. “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria.”

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

_____

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (...)

b) (...) detestamos a hipocrisia e a falsidade (...)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas “regras de convívio” supõem, sempre, algum “mascaramento”.

e) (...) que nos olhe nos olhos (...)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (...).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece*.

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala*. Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:

• Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.

• Há verbos transitivos diretos que *não* admitem voz passiva (*ter, haver, poder, querer...*).

• Há verbos transitivos *indiretos* que admitem voz passiva (*obedecer, pagar, responder, assistir...*).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa*

idolatria e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto, não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades <u>crescem</u> sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já <u>mora</u> em cidades.

c) A vida em cidades <u>depende</u> de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades <u>está</u> sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana <u>ultrapassará</u> o número de moradores das áreas

rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. **(FCC/TRF – 18ª Região)** Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (...).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (...).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (...).

d) (...) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (...) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples

1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias.* Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional parece hoje mais estável.

b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis.*

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase

transmiti o respeito de meus pais pelas ficções, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) ... a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura carioca* vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. **(TRT – 2ª Região – Anal. Judic.)** Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. **(TRF – Taquigrafia)** Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal

corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam*, você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: *os homens*; objeto direto: *a verdade*)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar *ser, estar, ficar* + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso exista na frase): A verdade será dita pelos homens.
3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.
4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava *a si mesma*)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador *se* (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.

Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem *valor passivo*. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:

Esperei por você a vida inteira.

A criança *recebeu* o merecido castigo.

Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) “Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?”

b) “Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que

pensam?”

c) “Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos/*(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância...

Transpondo-se para a voz passiva o verbo sublinhado, a forma resultante será:

a) contemplavam-se.

b) foram contemplados.

c) contemplam-se.

d) eram contemplados.

e) tinham sido contemplados.

Leia o texto a seguir para responder às questões 2 e 3.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alteração da voz do verbo poder, nas duas vezes em que ocorre no último parágrafo, deverá resultar nas seguintes formas, respectivamente:

a) se poderia – se pode

b) poder-se-ia – podem-se

c) poderiam-se – pode-se

d) se poderiam – podem-se

e) se poderiam – se pode

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

a) ... *o acesso das obras a um* status *estético que as exalta.* (2º parágrafo)

b) ... *elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes*... (1º parágrafo)

c) *Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas*... (1º parágrafo)

d) *O museu, por retirar as obras de sua origem*... (3º parágrafo)

e) ... *a crítica mais comum contra o museu apresenta-o*... (3º parágrafo)

4. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O segmento reescrito corretamente com a forma verbal sublinhada na voz passiva correspondente está em:

a) *A vida na Terra <u>enfrenta</u> perigos astronômicos*... / Perigos astronômicos são enfrentados pela vida na Terra...

b) *Não é sábio <u>manter</u> todos os novos ovos em uma cesta frágil*... / Não é sábio que se mantesse todos os novos ovos em uma cesta frágil...

c) *Mas antes de <u>projetar</u> naves espaciais*... / Mas antes que projetarão-se naves espaciais...

d) *Uma prioridade é <u>desenvolver</u> câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.* / Uma prioridade é ser desenvolvido câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

e) ... *mas ainda <u>enfrenta</u> barreiras tecnológicas.* / ... mas ainda enfrentaram-se barreiras tecnológicas.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Os revestimentos das paredes isolam o calor.

Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:

a) Isola o calor os revestimentos das paredes.

b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.

c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.

d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.

e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor.

6. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O marechal organizou o acervo...

A forma verbal está corretamente transposta para a voz passiva em:

a) estava organizando

b) tinha organizado

c) organizando-se

d) foi organizado

e) está organizado

7. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Transpondo-se para a voz passiva a frase **Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista**, as formas verbais resultantes deverão ser

a) era seguida – fosse flagrada

b) tinha seguido – vir a flagrá-la

c) tinha sido seguida – se flagrasse

d) estava seguindo – se tivesse flagrado

e) teria seguido – tivesse sido flagrada

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Transpondo-se para a voz **ativa** a frase ***Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais***, a forma verbal resultante deverá ser

a) seriam utilizados.

b) teriam utilizado.

c) foram utilizados.

d) utilizaram-se.

e) haveriam de utilizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no **Jornal do Comércio**, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima, como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição de “destacou-se” (l. 6) por foi destacado prejudicaria o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes

criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta

desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

10. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento “fora transformado em filme” (l. 7) poderia ser reescrito da seguinte forma: “foi transposto para o cinema”.

11. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o seguinte trecho, que está construído na voz ativa e tem verbo transitivo: “Eu olhava tudo”

O mesmo tipo de construção ocorre em:

a) O apelido de Clarice Lispector era Flor-de-Lis.

b) Clarice virou cidadã brasileira no ano de 1943.

c) Clarice é uma das escritoras mais importantes de nossa literatura.

d) O prêmio literário Jabuti foi duas vezes concedido a Clarice Lispector.

e) Os editores da época recusaram os textos muito reflexivos de Clarice.

Leia o texto a seguir para responder à questão 12.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. “Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque

é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%”.

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas encontram-se produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

12. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como “certa” ou “errada”.

Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir “foram realizadas” (l. 9) por **realizaram-se**.

Gabarito: 1. b; 2. d; 3. b; 4. a; 5. b; 6. d; 7. a; 8. b; 9. C; 10. C; 11. E; 12. errada.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um “se” na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o “se” será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.

- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** (“Oi!”) ou **verbal** (“Cheguei!”). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> *Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.*
>
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse “O Brasil *possui* desemprego zero”, aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período?

Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito*

– cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) “Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.”

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade*.

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao

outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente*.

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a outra que se relaciona com ela será a

subordinada (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

• **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

• **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo).

Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte*.

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada*.

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na

oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: “que todos entendam o problema”. Isto é, “É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse*.

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na

oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem*.

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas **conjunções subordinativas adverbiais** (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

• **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

• **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, “perder a voz” e o *resultado* de ter “gritado tanto”, ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

• **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção, aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de “chover muito” não evitou a “ida à escola”. Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

• **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só “darei a festa” na *condição*, na *hipótese* de “vires”.

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

• **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a “inteligência do filho” com a “do pai”. Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: “É inteligente como o pai (é)”.

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

• **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

• **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

• **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

• **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os “aplausos” aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar: As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.) Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal. Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

“O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso.”

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.).

Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente.

Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A “tomada de decisão” se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) “Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias.”

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) “Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*.”

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) “Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim.”

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que “eu iria escrever”.

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de “ele estar descontente” não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O “mercado se estabilizou” *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de “os juros terem baixado” que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O “silêncio” é a consequência de “a comida estar saborosa”, ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O “esforço” vai ser feito com a *finalidade* de “não haver conflitos.”

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

“A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam.”

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:

1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. “As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas.”

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: “a gente ama as pessoas”. *Pessoas* é objeto direto do

verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar <u>onde as pessoas tomavam chá</u>.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas <u>que ia vestir</u> já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles <u>que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária</u> não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo

antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*,

temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa <u>de que tenho medo</u>.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a <u>quem os deuses amam</u> morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga <u>com quem andas</u> não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a

frase destacada, na ordem direta, ficaria: “Andas *com a amiga*”. A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa*. Na ordem direta, teríamos: “fui apresentado *pela pessoa*”. Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa*. Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal “Chegou a pessoa”. **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel*. Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas

variações (*cuja*, *cujos*, *cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida.

(iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que *desenvolver uma oração* é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: “Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*”.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

3. “Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta.”

4. “Apaguei as luzes do carro e acelerei.”

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

11. “As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal.”

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

2. Sou favorável a que o aprovem.

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

9. “Muito acerta quem suspeita que sempre erra.”

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

13. Vejam como é bom ser feliz.

14. Viu chegarem os convidados.

15. “Lembre-se de que Deus está do lado.”

16. Não sei se a história é verdadeira.

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

18. “Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português.”

19. Não imaginava onde estava entrando.

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

3. “Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina.”

4. “O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem.”

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

_____

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

_____

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

_____

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

_____

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

_____

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

_____

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

_____

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

_____

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

7. Falou alto para que todos escutassem.

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

9. “O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga.”

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

2. Quem tem a palavra detém o poder.

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do

mar.

---

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

---

7. Não sei no que pensa.

---

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

---

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

---

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis.

---

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

---

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

---

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

16. “Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um.”

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

19. A verdade é que preciso deste emprego.

20. “Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém.”

21. “Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder

achar o elo perdido em seu interior.”

---

22. “Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente.”

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

---

2. “O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista.”

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração

subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que

estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. **(NCE/Eletrobras)** "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

a) sujeito / sujeito.

b) sujeito / objeto direto.

c) objeto direto / objeto direto.

d) objeto direto / sujeito.

e) objeto direto / objeto indireto.

Comentários:

Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada “desejando conhecer a história da humanidade”. Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei do Oriente*. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: “*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes”. Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: “Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio”? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) “... 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara...” – ano / adjunto adverbial.

b) “... deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo”... – Terceiro Mundo / sujeito.

c) “... habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala.” – lugar / adjunto adverbial.

d) “Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País...” – espoleta / sujeito.

e) “... é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível...” – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria “O Brasil mostrou a sua cara *no ano*”. A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que*, pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos “<u>O irmão siamês do Terceiro Mundo</u> leva o outro irmão consigo”. O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo*, e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar*. Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final.* Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira...". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar.*

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo

(*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área*, da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA)*. Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. **(Cespe-UnB – Inca/2010)** *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere

a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações “se dependesse só dele” e “se Alicia estivesse ao seu lado” estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração “Se a humanidade quiser a paz efetiva” estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção “Contudo” estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração “como se fizesse um não em câmera lenta” expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não.

6. No trecho “ele se indagava”, o termo “se” estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição “para” introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em “A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos”, observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* (“as medidas que tomou”). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* (“... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça”). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: “Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)”. Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma

atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como "cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

No primeiro período do segundo parágrafo, as duas orações que não se subordinam a nenhuma outra contêm os seguintes verbos:

a) conserva – experimento

b) terem ocorrido – conserva

c) tornaram – penetra

d) tornaram – experimento

e) conserva – penetra

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As orações reduzidas ... para encontrarmos igual a ela... (4º parágrafo) e ... estendendo-se perante o meu olhar... (último parágrafo), no contexto em que ocorrem, podem ser distendidas da seguinte forma:

a) para que tivéssemos encontrado igual a ela / de modo que se estendem perante o meu olhar

b) para que encontremos igual a ela / as quais se estendem perante o meu olhar

c) para que encontrássemos igual a ela / que se estendem perante o meu olhar

d) para que encontrássemos igual a ela / quando se estendem perante o meu olhar

e) para que encontremos igual a ela / desde que se estendam perante o meu olhar

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: “Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?”. Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. “Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia...” Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber “que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha”.

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as afirmativas abaixo.

I. O termo “coisa” (1º parágrafo) pode ser substituído por “o” com função de pronome, uma vez que, no período, retoma o segmento que o antecede.

II. As orações “de atacar os outros” (1º parágrafo) e “de defender a tradição” (2º parágrafo) servem de complemento ao sentido do verbo a que se referem.

III. Na frase *Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu...* (2º parágrafo), o pronome “que” retoma “samba”, além de ser elemento subordinante a introduzir uma nova oração.

Está correto o que consta de

a) II e III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social.

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, caso a segunda frase seja subordinada à primeira, o período resultante será:

a) Como a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

b) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, de maneira que o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

c) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida; portanto, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

d) O museu parece desempenhar um papel de pacificação social, uma vez que a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

e) Conquanto o museu pareça desempenhar um papel de pacificação social, a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

5. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

Na frase *Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar* *que valor foi previamente sacralizado*, a oração sublinhada complementa o sentido de

a) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

b) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

c) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

d) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

e) um advérbio, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

6. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 11, o vocábulo “que” classifica-se como conjunção e introduz o sujeito da oração “Consta-nos”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

A soberania popular pode ser exercida, juridicamente, por meio de três modelos: democracia participativa ou direta, democracia representativa ou indireta e democracia semidireta. Na democracia direta, o povo participa diretamente da vida política do Estado, exercendo os poderes governamentais, fazendo leis, administrando e julgando. É, pois, aquela em que o povo exerce de modo imediato as funções públicas. Na democracia indireta ou representativa, o povo não exerce seu poder de modo imediato, mas por meio de seus representantes, eleitos periodicamente, a quem são delegadas as funções de governo. A democracia representativa pressupõe um conjunto de instituições que disciplinam a participação popular no processo político, que formam os direitos políticos que qualificam a cidadania, como, por exemplo, as eleições, o sistema eleitoral, os partidos políticos; enfim, mecanismos disciplinadores para a escolha dos representantes do povo. Na democracia semidireta, são assegurados instrumentos de participação direta do povo nas funções de governo. Esses instrumentos de participação dão ao povo, conservadas, embora em parte, as formas representativas, a palavra final relativa a todo o ato governativo. Como exemplo desses instrumentos, podem ser citados o referendo e o plebiscito.

Disponível em: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

7. (TRE/MS – Técnico – Cespe – Jan./2013)

O sujeito da oração cujo núcleo do predicado é a forma verbal “formam” (l. 8) é

a) o pronome “que” imediatamente antecedente.

b) oculto.

c) indeterminado.

d) a expressão “um conjunto de instituições” (l. 7).

e) a expressão “os direitos políticos” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Se a Dinamarca tivesse seguido a corrente rodoviária dominante desde a década de 60 do século passado, nunca viraria um modelo de planejamento urbano. Em uma época em que parecia fazer mais sentido priorizar o trânsito de carros, Copenhague apostou na criação da primeira rua para pedestres do país. Antes de se tornar o maior calçadão da Europa, com um quilômetro de extensão, a Strøget era uma rua comercial dominada por automóveis, assim como todo o centro da cidade. O arquiteto por trás da iniciativa, Jan Gehl, acreditava que os espaços urbanos deveriam servir para a interação social. Na época, foi criticado pela

imprensa e por comerciantes, que ponderavam que as pessoas não passariam muito tempo ao ar livre em uma capital gélida. Erraram. As vendas triplicaram, e a rua de pedestres foi ocupada pelos moradores. A experiência reforçou as convicções de Gehl, que defende o planejamento das cidades para o usufruto e o conforto das pessoas.

Camilo Gomide. Cidades prazerosas. In: *Planeta*, fev./2014 (com adaptações).

8. (ICMBIO – Superior – Cespe – Maio/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências “acreditava que os espaços urbanos” (l. 6) e “ponderavam que as pessoas não passariam” (l. 7), o “que” introduz complementos oracionais para as formas verbais “acreditava” e “ponderavam”.

9. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Em todos os segmentos abaixo há exemplos de formas de gerúndio; o valor semântico de uma dessas formas que está corretamente indicado é:

a) “Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, <u>realizando</u> mais de 50 exames a uma fração do custo atual” / finalidade;

b) “Também é possível, <u>adquirindo</u> lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio” / meio;

c) “..., fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, <u>recorrendo</u> ao médico em menor número de ocasiões” / modo;

d) “<u>Dando</u> algum desconto para as previsões,...” / concessão;

e) “<u>Concordando</u> com as linhas gerais do pensamento de Topol” / tempo.

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas <u>para negociar armas e drogas</u>.”

A oração reduzida sublinhada teria como forma nominalizada equivalente:

a) para que se negociem armas e drogas;

b) para a negociação de armas e drogas;

c) para que sejam negociadas armas e drogas;

d) para que se negociassem armas e drogas;

e) para o negócio de armas e drogas ser realizado.

11. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Muitas orações se estruturam na forma reduzida – com formas verbais no particípio, gerúndio ou infinitivo; nas frases a seguir, pretendeu-se reescrever as formas reduzidas de infinitivo sublinhadas em forma de orações desenvolvidas.

Assinale a opção que indica a frase em que essa reescritura foi feita de forma adequada.

a) "*É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.*" / o acendimento de uma vela.

b) "*Não é preciso acender uma vela para o sol.*" / que se acenda.

c) "*Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse.*" / para que víssemos.

d) "*A última função da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam.*" / o reconhecimento de.

e) "*A sutileza do pensamento consiste em descobrir a semelhança das coisas diferentes e a diferença das coisas semelhantes.*" / na descoberta da semelhança.

12. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que apresenta a frase em que a substituição da oração adjetiva sublinhada pelo termo em destaque é ***inadequada***.

a) "*O que é a felicidade além da simples harmonia entre o homem e a vida que ele leva?*" – **vivida por ele**.

b) "*Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.*" – **desejado**.

c) "*Você não será mais feliz com mais até ser feliz com o que você já tem.*" – **já obtido**.

d) "*A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido.*" – **multiplicável**.

e) "*Felicidade é como uma flor que não se deve colher.*" – **recolhida**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

É preciso considerar a direção que devem tomar as políticas públicas para alcançar maior eficiência. Primeiramente, deve-se pensar em maneiras para motivar o servidor de carreira, incentivando-o a empreender ações que propiciem melhoras na administração pública. Isso inclui tanto a oferta de

treinamento adequado, quanto uma maior interação entre órgãos de controle: Controladoria-Geral, Tribunal de Contas, Ministério Público e o restante da administração pública. Outra ideia para motivar os servidores públicos de carreira é a regulamentação da possibilidade de ascensão funcional, das atividades de nível médio para outras de nível superior, por meio de concursos internos.

(Adaptado de http://www.brasil-economia-governo.org.br/2012/11/21/gestao-publica-mais-eficiente/)

13. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada", em relação às estruturas linguísticas do texto.

O segmento "que propiciem melhoras na administração pública" (l. 3) tem natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Um estudo demonstrou que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra. A estratégia pode ajudar a tornar exames de rotina mais acessíveis em regiões isoladas, com pouco acesso por estrada, por exemplo. A pesquisa que chegou a essa conclusão – feita pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos – foi publicada na revista científica *Plos one* nesta quarta-feira (29).

O que os cientistas queriam avaliar era se as amostras não perdem a qualidade depois de jornadas de até 40 minutos a bordo do drone. Além do tempo do percurso, preocupava os pesquisadores a aceleração no lançamento do veículo e o impacto quando o drone pousa em seu destino. "Tais movimentos poderiam destruir células do sangue ou fazer com que o sangue coagulasse, então eu pensava que todo o tipo de teste de sangue poderia ser afetado, mas nosso estudo mostra que eles não foram afetados e isso foi legal", disse o médico patologista Timothy Amukele, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins.

(Fonte: http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2015/07/drone-pode-transportar-amostra-de-sangue-para-exame-em-zonasremotas.html. Acesso em 30.07.2015)

14. (ESAF – ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada".

A oração "que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra" (l. 1-2) tem função de objeto direto.

Gabarito: 1. a; 2. c; 3. d; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. C; 9. b; 10. b; 11. b; 12. e; 13.

errada; 14. certa.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las... Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).
- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por “isto”) ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

• Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com todos os substantivos ou com o mais próximo).

• *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (*olhos* negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo *governantes*, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda

com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*

2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*

3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*

5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*

6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número,

masculino plural (*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj*. *adn*., a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:

Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:

Homem *triste* / mulher *triste*

Homens *tristes* / mulheres *tristes*

O adjetivo *triste* varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo *inesquecíveis*.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem anteposto. Nesses casos, o verbo indica se o predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou

posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso,

o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*,

azul-celeste e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza*, *gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda

com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões *menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro*...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta*.

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões *só, meio, bastante, caro, barato*...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre

certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= *sozinho*) ou palavra denotativa de exclusão (= *somente*). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.

Meio pode ser numeral (= *metade*) ou advérbio (= *um pouco*). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.

Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (=

suficiente). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros/baratos.*

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões *o mais possível, a olhos visto, haja vist*a...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível.*

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis.*

Comentários:

Com *o mais, o menos, o melhor, o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis.*

Atitudes *as* mais modestas *possíveis.*

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê

(sujeito da frase). Na frase acima, têm--se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: “As joias foram remetidas anexas àquela carta”.

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não

poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar

com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*...

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: “É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*”. *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer “era a mim mesma que ele se referia”.

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: “Os fatos falam por si sozinhos”.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer “Os fatos falam por si sós”.

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: “Meu documento vai incluso à carta”. *Incluso*

refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá:

“Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*”.

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)
12. _____ faca e navalha. (afiado)
13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do

decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da

agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar,

revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões “haja vista” e “olhos vistos” podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo “alerta”, como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, “alerta” pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante

(advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e ("Óculos" leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e ("Milhar" é palavra masculina.); 8. c ("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31. soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria “Ela falava consigo mesma”.

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a “senhora”, erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, “Haja visto” está errado, pois o termo é “vista”, sempre. A letra D mostra o adjetivo “feliz” no singular se referindo a “eles” no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. **(Petrobras)** Na passagem “...somos responsáveis por nós mesmos”, o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra “bastante” se referindo a “pessoas”, que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, “meio” e “caro” são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo “só” com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta “visto” de uma forma errada, pois na expressão “Haja vista” essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento “os povos egípcio e israelita”, o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (“povos” existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, “estranho” se refere a “pesquisa”, então estaria errado (“...considero a pesquisa dos universitários estranha”). Na B, o “empréstimo” é que foi “feito”. Na C, a “parte” do texto foi “compreendida”. A letra D traz o adjetivo “rasgados” concordando com “textos”, o que também caracteriza um erro, pois “rasgadas” seriam as “páginas”. Na opção E, “clara” é a “posição”, concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alternativa em que a expressão sublinhada pode ser substituída pelo que se apresenta entre colchetes, respeitando-se a concordância, e sem quaisquer outras alterações no enunciado, é:

a) *A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo...* [viável]

b) *A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.* [relacionado]

c) *Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana...* [são possíveis]

d) *...desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais...* [pública]

e) *Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados...* [bastaria]

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase cuja redação está inteiramente correta é:

a) Obtido pela identificação por radiofrequência, os dados das placas de veículos são passíveis em oferecer informações valiosas acerca dos motoristas.

b) Na cidade inteligente, a automatização da gestão de setores urbanos são facilitadores de serviços imprecindíveis, como saúde, educação e segurança.

c) Londres e Barcelona estão entre as cidades que mais destaca-se em termos de inteligência, com avançados centros de operação de dados.

d) São necessários viabilizar projetos de cidades inteligentes, amparados em políticas públicas que salvaguardam os dados abertos dos cidadãos.

e) O aprimoramento de técnicas de informatização de dados permitiu que surgisse um novo conceito de cidade, concebido como espaço de fluxos.

3. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

Expressões utilizadas no texto motivaram a redação de outras frases. A frase que respeita as orientações da norma-padrão da língua, no que se refere à concordância, é:

a) Parece muito óbvio, de acordo com o noticiário, a intenção de os artistas de ópera pugnarem por melhores condições de trabalho e por melhores salários.

b) No planejamento constam várias cotações para a compra dos instrumentos, e nota-se que é bastante caro os de corda, como o violino e a harpa.

c) De acordo com o especialista, são muito fugaz, mesmo, as variações de tom no canto inicial, mas é exatamente essa diversificação que dá brilho ao trecho.

d) Foram realmente débeis, por confrontos com outras encenações, a série de entradas do tenor em cena, mas isso foi atribuído à insegurança de um iniciante.

e) A ópera, considerados sua concepção e entendimento atuais, pode ser tida como uma arte menos exótica, mas sempre transformadora.

4. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) Quem escrevia nos jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de boas mães e esposas virtuosas, pois reproduziam o que já fazia parte do imaginário ocidental, e podia ser encontrado na literatura, nos sermões das missas e nas tradições locais.

b) Formadas por casais oriundas das ilhas dos Açores e da Madeira, a população que ocupou parte do Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XVIII, tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região.

c) A escolha de numerosas imagens de mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos, mas é difícil saber como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas imagens que os jornais reproduziam.

d) Em cada capital do Sul, os grupos de pessoas mais abastados assumiram diferentes configurações, porém foi principalmente os comerciantes e pequenos industriais ligados à população de imigração recente que

ditou as características das novas elites urbanas.

e) O surgimento de inúmeros conflitos regionais levaram ao estabelecimento de costumes diferenciados do restante do país, e registra-se vários testemunhos de viajantes sobre o modo de vida familiar nessa época, destacando o papel de mulheres que comandavam pequenas propriedades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

5. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referentes às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Com o uso do pronome masculino “eles” (l. 4), excluem-se da argumentação as mulheres, razão pela qual são citadas no período final do texto.

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos”.

Sobre a concordância nesse segmento do texto 2, a afirmação <u>inadequada</u> é:

a) “muitos” concorda com “sites”;

b) “interessados” deveria ser substituído por “interessadas”;

c) “editorial” concorda exclusivamente com “linha”;

d) “médicos” se refere a “produtos e equipamentos”;

e) “farmacêutica” concorda com “indústria”.

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Considere-se este trecho: “Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria.”

Há um desvio de concordância na seguinte reescritura desse trecho:

a) Mas essas viagens diárias enchiam de alegria aquela criança.

b) Como me tornava uma criança completa de alegria essa viagem diária!

c) Mas essas viagens diárias me tornavam uma criança completa de alegria.

d) Essa viagem diária me tornava uma criança, completo de alegria.

e) Eu me tornava uma criança completa de alegria por causa dessa viagem diária.

8. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A palavra destacada apresenta a concordância nominal de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Várias agências bancárias estão implementando a biometria, nos caixas eletrônicos, **baseados** nas características físicas dos clientes.

b) O avanço dos serviços bancários e sucesso das moedas virtuais, **ocorridas** nos últimos anos, oferecem aos usuários conectados experiências prazerosas.

c) O aumento do uso dos cartões **fornecido** por vários bancos representa um dos elementos mais importantes e característicos na área financeira do século XX.

d) A construção estratégica de curto e médio prazos, **compatível** com os padrões de competitividade do mercado bancário, tornou os mecanismos de prevenção mais eficientes.

e) As tecnologias de mobilidade e a competência dos funcionários são **característicos** da rede bancária na atualidade.

9. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) Na Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. e; 4. c; 5. E; 6. b; 7. d; 8. d; 9. e.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

- adjunto adnominal;
- predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);
- predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é: TOTAL	Segue a concordância verbal
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. Simples: quando há apenas <u>um núcleo</u>. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um <u>substantivo ou pronome substantivo</u>.

Ex.: O <u>economista</u> fez uma intervenção. / Os <u>economistas</u> fizeram uma intervenção.

2. Composto: aparecem <u>dois ou mais núcleos</u>.

Ex.: O <u>diretor</u> e o <u>chefe</u> compareceram à reunião.

3. Indeterminado: representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

Ex.: <u>Pediram</u> silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

Ex.: Trabalha-se muito aqui.

(verbo intransitivo)

Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. Oração sem sujeito: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

Os casos mais comuns:

• expressões que indicam fenômenos da natureza;

• verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: *"A noite começava a cair"*. O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800

calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo:

Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos.../Vai para...). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa...

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro...

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se...

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, “Parece que ela chega hoje”, não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, “Convém insistir no pedido”, temos o

mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim “Insistir no pedido convém” (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, “Isto está claro”.

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que “fatos ocorreram”, sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo “haver”, nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna “índices” é sujeito da locução verbal “vêm aumentando”. Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade.

(acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta

e o núcleo do sujeito é “disseminação”.

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo ser concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.

2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.

4. Meu orgulho são os meus filhos.

5. Ela era os meus sonhos.

6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a

concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações:

1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo.
2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada*/*estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão

extraviados”, a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse “A carta **e** o anexo estão extraviados”. É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase “A carta com o anexo está extraviada”, o que se quer é realçar o núcleo “a carta”. A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse “A carta, em companhia do anexo, está extraviada”.

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase “O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão”, o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: “O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes” (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma:

A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).

A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor, digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões *um ou outro, um e outro, nem um nem outro*

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem ...*

nem...: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:

Um ou outro: verbo no singular.

Um e outro: verbo no plural ou no singular.

Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por

isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar

com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois*, *três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome

relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

... **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):

Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.

Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no**

singular, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando

o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:**

esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

   Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram*. *Pilhas estavam chovendo*.

   Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

   Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= “no meu relógio”).

   Resposta: o certo é “Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze”.

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

   Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos.*

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-

se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer “Cada um de nós seis comprará...”.

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer “V. Exª. *irá* viajar amanhã?”

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer “Mais de um abacate apodreceu..., menos de duas peras foram comidas”.

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece...".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: a frase está certa e teria outra possibilidade de concordância (“esteve”).

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. "A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco." (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão

(ficaram/ficastes)

8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)

9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)

10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)

12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)

13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. “Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena.” (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os

responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.

2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado “comum”.

3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer adversidade que se lhes apresentasse.

4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.

5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.

6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.

7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.

8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.

9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.

13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.

15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os

aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.

42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.

43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.

45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.

46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.

47. ( ) Não podia haver mais complicações.

48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.

49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.

50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.

51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)

3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)

7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. “E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria.” (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. “Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena.” (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____

é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as

notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. “Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado.” (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. “Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população.” (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir.

(estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. “O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra.” (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre “tom de documentário” e “convenção de novela”, por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. “Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação.” (E. Franchi) – (é/são)

65. “Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica.” (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores, _____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. “Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou.” (houve/houveram)

75. “Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma.” (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta,

devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de “Uma relação tão delicada” foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo “chover”, aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é “propostas”); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala /

Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os

dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o “se” é indeterminador; 12. E – apanham – O “se” é apassivador, o sujeito é “moscas”; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O “se” é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O “se” é apassivador; 16. C – caberia também “poderia” – Ver “Flexão do Infinitivo” d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, “se” indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional “que os gastos foram absurdos”, verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o “haver”, aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o “haver”, aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é

perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome “quem” como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse*...). Na B, o verbo “haver” é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador (“Alimentavam-se muitas ilusões” é o mesmo que “Muitas ilusões eram alimentadas”, verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito

(letras A, D e E). Como o sujeito é “muitos gritos”, esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo “haver” é impessoal, equivale a “ocorrer”, por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é “Mais de um jornal”, cujo núcleo é “jornal”, verbo no singular.

(“Mais de um jornal comentou...”). Na letra B, a ordem direta da frase seria “Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem”, verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a

expressão “tanto... quanto...”, que indica soma, por isso, está correta a forma “passam”.

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem “A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira”, a concordância verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto “A maioria dos profissionais já viveu...”. Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de “viveu” – concordando com o núcleo “maioria” – poderia vir “viveram” – concordando com “profissionais”.

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a

D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é “reparação”, singular (“A reparação... é possível”). Na C, “as falhas são investigadas” (“Investigam-se as falhas”). Na letra E, o sujeito é o número de horas (“Oito horas soaram no relógio”).

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O verbo que pode ser indiferentemente flexionado no singular ou no plural encontra-se em:

a) ... *enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia*...

b) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação*.

c) *Veja, os Beatles, foram à Índia*...

d) *O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco*.

e) ... *onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos*...

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na web

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em *smartphones*, mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets* – um terço delas estão conectadas.

Apesar do amplo acesso à web dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.

(Adaptado de: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml. Acessado em: 05.09.2015)

2. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

a) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

b) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

c) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

d) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

e) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

3. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

b) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

c) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

d) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

e) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

4. (FCC – TRE-SE – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego

indiscriminado de termos estrangeiros.

b) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

c) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

d) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

e) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

5. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

a) A rejeição que demonstra Coutinho a preconceitos sociais (**distinguir**) sua obra da de outros documentaristas.

b) Grupos ou classes sociais, numa visão a distância, não (**merecer**) desse cineasta qualquer atenção especial.

c) Não (**dever**) satisfazer-se um bom documentarista com os paradigmas já cristalizados.

d) Aos tipos sociais já reconhecidos (**faltar**) a imprescindível singularização dos indivíduos.

e) Sertanejos nordestinos e peões de fábrica são designações que não (**derivar**) senão de uma mera tipologia.

6. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

a) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa história.

b) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

c) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

d) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

e) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

7. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

a) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava****...*

b) *... com um número que hoje* ***oscila*** *entre os 13 milhões...*

c) *Pessoalmente,* ***interessam****-me duas.*

d) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza..*

e) *... o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece****...*

8. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

A forma verbal que pode ser flexionada indiferentemente no singular e no plural encontra-se em:

a) *...a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou...*

b) *De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas.*

c) *... as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.*

d) *Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição mais elevada...*

e) *...o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região...*

9. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

a) *Não basta um estado de espírito.* Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

b) *Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.* Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

c) *É preciso algo mais.* Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

d) ... *para que ela tenha um sentido.* ... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

e) *Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido* ... Na raiz da palavra resisterese encontra algumas indicações de seu significado ...

10. (FCC – CNMP – Técnico – Administração – 2015)

O elemento que justifica a flexão verbal em destaque está sublinhado em:

a) ... ***é*** *hoje* <u>*dominante*</u> *o entendimento de que democracia...*

b) *Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a* <u>*estabilidade*</u> ***permanecerá*** *a mesma até, digamos, a metade do presente século...*

c) ... *não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica* <u>*a consolidação da democracia*</u> *como sistema em casos concretos* ***possa passar*** *ao largo...*

d) *De fato,* <u>*certa tensão*</u> *entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas* ***articula-se*** *de maneira específica...*

e) *Mesmo democracias que no início pareciam* <u>*débeis*</u> ***foram se robustecendo****...*

11. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, numa forma do PLURAL para integrar de modo adequado a seguinte frase:

a) Aos guardas da fronteira não (**despertar**) suspeitas o que era mais evidente nos pertences da velhinha.

b) Muitas vezes nos (**escapar**) a unidade dos detalhes expostos, ao atentarmos para a singularidade de cada um.

c) Às fabulas tradicionais (**caber**) desenvolver narrativas cujo sentido moral reste plenamente exemplificado.

d) Tantas vezes nos (**desorientar**) a evidência dos detalhes que perdemos o sentido do conjunto.

e) A revista que (**fazer**) da bolsa da velhinha não esclarecia os guardas quanto à natureza do contrabando.

12. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente atendidas na seguinte frase:

a) Não cabe aos responsáveis pelo mau funcionamento do mundo quaisquer tipos de sanção, uma vez que sequer logramos identificá-los.

b) O desleixo e a improvisação, que na ordem humana constitui um defeito incorrigível, estão perversamente implicados na política e na economia.

c) Torna-se difícil projetar as imagens de um mundo natural que fosse administrado pela consciência humana, à qual se devem as decisões mais injustas.

d) Acabam por tornar visíveis as falhas do mundo natural o desequilíbrio injusto na distribuição dos favores e das desgraças que acometem a humanidade.

e) Os liberais dizem que se devem confiar nas vantagens do livre mercado, cujo funcionamento por si só se responsabilizariam pela estabilidade da economia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

13. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

A forma verbal “teria” (l. 1) está flexionada na terceira pessoa do singular, para concordar com “apartamento” (l. 1), núcleo do sujeito da oração em que ocorre.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 14.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está “completa, inteira, perfeita, sã”, no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

14. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

A coesão e a correção gramatical do trecho “e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos” (l. 12 e 13) seriam mantidas caso a forma verbal “violem” fosse flexionada no singular, passando, então, a concordância a restringir-se ao termo “risco”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das

vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

15. (Câmara dos Deputados – Técn. legislativo – Cespe – 2014)

Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E).

Os termos “eleitores” (L. 8), “gente” (L. 9), “fraudes” (L. 10), “restrições” (L. 14) e “Brasil” (L. 15) são núcleos do sujeito da oração em que se inserem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Na organização do poder político 1 no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, “todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder”.

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: “só

se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos". Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Disponível em: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

16. (MPU – Analista – Cespe – 2015)

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

A flexão plural em "eram identificadas" (l. 10) decorre da concordância com o sujeito dessa forma verbal: "as esferas de abrangência dos poderes políticos" (l. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente – fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas – traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e insolação. Um estudo da Faculdade de Saúde Pública de Harvard (EUA), o maior a respeito do tema feito até o momento, mostrou que as temperaturas altas aumentam hospitalizações por falência renal, infecções do trato urinário e até mesmo sepse, entre outras enfermidades. "Embora tenhamos feito o estudo apenas nos EUA, as ondas de calor são um fenômeno mundial. Portanto, os resultados podem ser considerados universais", diz Francesca Domininci, professora de bioestatística da faculdade e principal autora do estudo, publicado no jornal Jama, da Associação Médica dos Estados Unidos. No Brasil, não há estudos específicos que associem as ondas de calor a tipos de internações. "Não é só aí. No mundo todo, há pouquíssimas investigações a respeito dessa relação", afirma Domininci. "Precisamos que os colegas de outras partes do planeta façam pesquisas semelhantes para compreendermos melhor essa importante questão para a saúde pública", observa.

Internet: <www.correioweb.com.br> (com adaptações)

17. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir “há” (l. 10) por **existe**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –,queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

18. (TRE-GO – Analista/Técnico – Cargos 1 e 2 – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

O trecho “votaram 2,2% da população” (l. 12) poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque, sendo assim, ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.

Antonio Candido. A vida ao rés do chão. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993,p. 23 (com adaptações).

19. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2014)

Ainda em relação ao texto, julgue (C ou E) o item subsequente. As formas verbais “imagina” (l. 1), “atribuir” (l. 2) e “servir” (l. 6) foram utilizadas como verbos transitivos indiretos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste

século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*.

São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

20. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.

21. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção em que a lacuna da frase deve ser corretamente preenchida com a forma **há**.

a) "*Não há profissão mais bela do que _____ de tio da América.*"

b) "*Onde é necessária a astúcia não _____ lugar para a força.*"

c) "*O mérito tem seu pudor, como _____ castidade.*"

d) "*Há lugares em que emana _____ inteligência.*"

e) "*Não existe pecado, exceto _____ estupidez.*"

22. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*Em geral os arquitetos <u>temos</u> de nos ater às plantas que nos <u>apresentam</u> os proprietários. Nisso nos parecemos com os médicos. Há quem os <u>chame</u> para que <u>diagnostiquem</u> a enfermidade que deseja ter, e lhe <u>receite</u> o regime que deseja seguir.*" (**Jacinto Benavente**)

Nesse pensamento há um erro de forma verbal, no que diz respeito à concordância. Assinale a opção em que esse erro é adequadamente corrigido.

a) temos/têm.

b) apresentam/apresenta.

c) chame/chamem.

d) diagnostiquem/diagnostique.

e) receite/receitem.

23. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

A concordância verbal dos termos destacados obedece às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) As ações dos dirigentes políticos para que a tecnologia afete positivamente a população **parece** crescer cada vez mais nas sociedades modernas do século XXI.

b) Em algumas instituições, **concentram**-se cérebros responsáveis por estabelecer os novos parâmetros da sociedade da informação, essencial ao debate público sobre desenvolvimento.

c) **Têm** gerado consequências indiscutíveis no processo educacional o desenvolvimento tecnológico dos países que investem em pesquisas avançadas na área de informática.

d) **Buscam**-se, nos países industrializados, espírito empreendedor para que os avanços na produção e na transmissão de informação beneficiem uma grande parcela da população mundial.

e) É essencial que se **considere** essas características da sociedade de informação como um novo paradigma técnico-econômico relacionado às transformações técnicas e organizacionais.

24. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho "Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca", o verbo **criar** foi utilizado no plural para adequar-se às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa.

O verbo destacado abaixo foi utilizado adequadamente no plural em:

a) Com o desenvolvimento da internet, **delegam**-se aos países produtores de conteúdo a missão de estabelecer as características da nova cultura de massas.

b) Nos países em desenvolvimento, **assistem**-se a inúmeros programas de popularização do acesso aos meios de comunicação digital.

c) Nos filmes de ficção científica do século XX, **previam**-se inúmeras sociedades comandadas pelos computadores superpoderosos.

d) Para evitar a manipulação das redes sociais nessa era de globalização, **necessitam**-se de leis severas de utilização da internet.

e) Para conquistar posição de vanguarda na atual guerra cultural, **obedecem**-se aos princípios básicos de criatividade e inovação tecnológica.

25. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo em destaque está adequada à norma-padrão em:

a) A agricultura de famílias **cria** estratégias capazes de melhorar a realidade dos produtores.

b) O agricultor, assessorado pelos órgãos responsáveis, **são** mais bem atendidos.

c) A predominância de mão de obra familiar **apresentam** um papel relevante para o desenvolvimento do país.

d) Os empreendimentos rurais desenvolvidos em estabelecimento rural **compreende** papel relevante para o desenvolvimento do país.

e) A geração de empregos e de rendas **promovem** a permanência do homem no campo.

26. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A concordância do verbo destacado obedece ao que determina a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) O financiamento de imóveis populares a baixo custo **caracterizam** a missão social dos bancos estatais.

b) **Necessitam**-se de muitas iniciativas para ampliar a informatização do acesso bancário de modo a aumentar sua eficiência.

c) A criação de moedas digitais que tem ocorrido na internet **devem** provocar relevantes mudanças sociais.

d) A política de desenvolvimento social das comunidades carentes **podem** promover melhorias na vida de sua população.

e) Na última década, **criaram**-se muitas oportunidades de negociação para consumidores endividados.

27. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo destacado está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Os moradores são cadastrados para que **possa** utilizar o dinheiro local nas lojas da comunidade.

b) A melhoria do nível de vida dos moradores **demonstra** que o sistema bancário local funciona.

c) Uma solução para comprar roupas baratas **são** observadas nas liquidações anuais das grandes lojas.

d) Muitos empréstimos aos moradores nos bancos comunitários **é** de valores pequenos.

e) Todo mundo que frequenta os bancos comunitários **conseguem** fazer um empréstimo.

28. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Se da frase – A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos (...) atraiu o interesse de arquitetos de renome – for eliminada a expressão “A soma entre”, a concordância entre o verbo e o sujeito se dará pelo mesmo motivo que na frase:

a) Trata-se de um desejo indelével de justiça social, apoio mútuo entre os cidadãos e respeito.

b) Havia nas terras descobertas por Cabral riquezas em abundância e nativos para a catequese.

c) Depois de muito viajar pelo mundo, em competições, retornou à terra natal o tenista e sua esposa.

d) A ética e a probidade fazem do profissional um agente do bem social, ou seja, um promovedor da cidadania.

e) A guerra e a batalha constante entre os povos consome a todos intensa e indistintamente.

29. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho destacado na passagem – Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que **existem mais horas do que coisas para se fazer com elas** –, reescrito, apresenta concordância e correlação de tempos verbais de acordo com a norma-padrão.

a) ... têm mais horas do que coisas que se faça com elas.

b) ... há mais horas do que coisas que se façam com elas.

c) ... haviam mais horas do que coisas que se faziam com elas.

d) ... podia existir mais horas do que coisas que se faziam com elas.

e) ...houveram mais horas do que coisas que se fez com elas.

30. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a frase está redigida de acordo com a norma-padrão de concordância nominal e verbal.

a) Só existia nas lojas de brinquedo pias rosas e lilases.

b) Os avós dele achou estranho o presente até eu levá-los à reflexão.

c) Basta-nos pensar que nossos filhos são figuras únicas.

d) As vendedoras alertaram que nenhum desses brinquedos eram de meninas.

e) E só daí foi percebido por meu pai as bobagens que fazia.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal e verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Ainda que se viva tão espremido nos centros urbanos, existem muita gente isolada, pois, cada vez menos,

se faz contatos humanos.

b) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existem muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, ocorrem contatos humanos.

c) Ainda que viva tão espremida nos centros urbanos, se vê muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, acontece contatos humanos.

d) Ainda que se vivam tão espremidas nos centros urbanos, há muita gente isolada, pois, cada vez menos, tem contatos humanos.

e) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existe muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, se estabelecem contatos humanos.

32. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) A mudança de direção da economia fazem com que se altere o tamanho das jornadas de trabalho, por exemplo.

b) Existe indivíduos que, sem carteira de trabalho assinada, enfrentam grande dificuldade para obter novos recursos.

c) Os investimentos realizados e os custos trabalhistas fizeram com que muitas empresas optassem por manter seus funcionários.

d) São as dívidas que faz com que grande número dos consumidores não estejam em dia com suas obrigações.

e) Dados recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito mostra que 59 milhões de consumidores não pode obter novos créditos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 33.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo

da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta, disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Em norma-padrão e com base nas informações apresentadas, outro título possível ao texto é:

a) Deverá servir de referencial para parceria entre Minas Gerais e Japão as tragédias ocorridas.

b) Para enfrentar tragédias, ocorrerá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão.

c) Troca de experiências para enfrentar tragédias nortearão parceria entre Minas Gerais e Japão.

d) Haverá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão para enfrentar tragédias.

e) Para enfrentar tragédias, Minas Gerais e Japão se une na troca de experiências.

34. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Ao empregar no plural o termo destacado na frase – Não haverá mágico que consiga mudar essa realidade –, a redação correta, conforme a norma-padrão, será:

a) Não haverá mágicos que consigam mudar essa realidade.

b) Não haverá mágicos que consiga mudar essa realidade.

c) Não haverão mágicos que consigam mudar essa realidade.

d) Não haverão mágicos que consiga mudar essa realidade.

e) Não haverão mágicos que consigam mudarem essa realidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Para muitos, a vida pulsa no compasso das notificações que o *smartphone* recebe. Enquanto a tela pisca e mais um símbolo de aplicativo se enfileira no *display*, o usuário desempenha as suas atividades diárias. Com um olho no aparelho e outro no trabalho ou no estudo, ele trava uma luta para manter a produtividade

e não se render às tentações dos compartilhamentos ou do grupo de bate-papo instantâneo. Há quem participe dessa disputa até enquanto dirige. A conexão permanente – facilitada pelos celulares com acesso à rede – já altera hábitos e modifica as relações sociais. Tanto que o termo *vício* tornou-se comum para definir as repetitivas conferências de postagem. Para alguns, pode se tratar, de fato, de uma patologia. Aos casos comuns, bastam algumas mudanças de hábito para evitar que o tempo, literalmente, escorra pelas mãos. Uma das etapas desta tomada de consciência é voltar à proposta inicial da tecnologia – a de agilizar tarefas para que se tenha mais tempo para se dedicar ao que realmente importa.

(Adaptado de Correio Braziliense, Sempre conectados, 4 de fevereiro de 2014)

35. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Assinale a opção que não justifica corretamente o uso da flexão verbal.

a) Em “render” (l. 4) para concordar com “ele” (l. 3).

b) Em “dirige” (l. 5) para concordar com “quem” (l. 5).

c) Em “tratar” (l. 7), para concordar com “patologia” (l. 7).

d) Em “bastam” (l. 8), para concordar com “algumas mudanças” (l. 8).

e) Em “voltar” (l. 9), para concordar com “Uma das etapas” (l. 9).

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. a; 4. d; 5. a; 6. d; 7. b; 8. b; 9. b; 10. d; 11. e; 12. c; 13. E; 14. E; 15. C; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. C; 21. b; 22. e; 23. b; 24. c; 25. a; 26. e; 27. b; 28. d; 29. b; 30. c; 31. b; 32. c; 33. d; 34. a; 35. c.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo

Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "... obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o

verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura...".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("... procedeu ao levantamento...").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa*... (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa*... (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos indiretos*.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto direto ou objeto indireto.

Podemos dizer: *Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo* a alguém ou alguém de algo.

O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.

- CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar)
- MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM)
- PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A)
- SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A)
- USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**.

No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando **lugar**. Logo, na frase 21, a forma correta seria “Fomos à cidade...” (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria “Cheguei ao colégio...”.

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; “Moro na rua dos Lírios” e “ O colégio São Martins, sito na rua da União...”.

A frase 27 segue a norma padrão: “Resido na rua...”

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A:

Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório.

Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM:

Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, “presidir a ...” e “presidir à...” estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, “Satisfez aos desejos...” e “Usufruiu das coisas..”. Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: “Desfrutou as coisas...” ou “Desfrutou das coisas...”.

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais)

T.D. (= acarretar)
IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar)
Pronominal (prep. em)
T.D. (= coisa)
PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa)
T.D.I.
T.D. (= ter vontade de, desejar)
QUERER T.I. (= amar, estimar)
T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
SERVIR T.I. (= ser útil, convir)
T.D.I. (oferecer algo a alguém)
Intransitivo (= prestar serviços militares)
T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar.."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)

2. Chamei Antônio de desonesto.

3. Chamei a Antônio desonesto.

4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.

2. Chamei-o de ignorante.

3. Chamei-lhe ignorante.

4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: *"desonesto"*, *"de desonesto"*, *"ignorante"*, *"de ignorante"* não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o

sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões

elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido... Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois

“eu não custo nada”, não tem sentido.

A forma considerada correta é “Custou-me acreditar...” ou, usando um nome no lugar do pronome, “Custou ao pai acreditar na tua história”, já que o que custa, é difícil, é “acreditar na tua história”, ou seja, “Acreditar na tua história custou a mim papai”.

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição (“O livro custa trinta reais”).

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a (“... queria ao pai”).

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de “oferecer algo a alguém”, é T.D.I., na 64, “É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve” traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("... visa ao bem..." ou "visa o bem..."), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:

Assisti e gostei do filme E.

(Assisti a ... gostei de)

Por isso, o certo é dizer:

"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.

6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.

7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.

8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram

de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com

que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23.

a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara*, e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos

indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu*, e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que

passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. **(Cesgranrio)** Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe*, apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos <u>à mesa</u>". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. **(Fundação João Goulart)** No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. **(Vunesp/Fiscal de Rendas-SP)** O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ...

só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.).*

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra

A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema

está, então, na falta da preposição. Na opção A (“... vivem **n**a Europa”), ela aparece – *vivem* ***em***. Na B, organizando, teríamos: “Há lições de vida **n**as páginas do livro”. Portanto, a frase correta seria “Rico é o livro **em** cujas páginas...”. Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição (“... a memória não se *apagava*” e “*exaltamos* o valor”). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* (“Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos”). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

... a escola deve-se preocupar com.

... a escola deve refletir sobre.

... a escola deve ser responsável **por**.

... a escola deve cuidar de.

... a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso

tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) <u>Informei</u>-a que o período turbulento havia terminado.

b) <u>Assistia</u> a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, <u>chegou</u> no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou

sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("... pagou **a**o seu amigo..."). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto ("...implicam benefícios futuros"). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto ("... aspiravam **à** derrota..."). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto ("... respeitaria os princípios...").

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem "... assistir os debates...", porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

a) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

b) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

c) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

d) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

e) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

2. (TRF – 3ªR – Anal. Jud. – Biblio/2014)

Em nossa cultura, ... experiências ..... passamos soma- se ..... dor, considerada como um elemento formador do caráter, contexto ..... pathos pode converter-se em éthos.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) às – porque – a – em que

b) às – pelas quais – à – de que

c) as – que – à – com que

d) às – por que – a – no qual

e) as – por que – a – do qual

3. (TJ-AP/ Anal. Jud. – 2014)

A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) Há lugares em nossa casa ..... nos ensejam uma sensação maior de familiaridade.

b) O homem que não consegue afastar-se da terra ..... lhe serviu de berço é, em princípio, um fraco.

c) É como se houvesse naquele cantinho da sala um apelo ..... não conseguimos nos esquivar.

d) O monge medieval ..... o autor do texto alude demonstra grande sabedoria ao avaliar os homens fortes e os fracos.

e) A interpretação ..... o autor do texto dá às palavras do monge pode e merece ser discutida.

4. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Quando se dizia "*livro*", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, <u>nas quais</u> se gravavam a tinta palavras ou imagens. A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

a) As janelas <u>sob as quais</u> foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

b) As folhas rubricadas, <u>as quais</u> entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

c) As urnas em que foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

d) Os rapazes de quem foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

e) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

5. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

a) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

b) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

c) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

d) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

e) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

6. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Procurador Legislativo – 2014)

Ao formular uma proposta educacional ..... centro estaria a ecologia, o autor do texto ressalta a importância ..... se vêm revestindo os estudos do meio.

Preenchem adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) de cujo – em que

b) pela qual no – para a qual

c) aonde o – de cuja

d) onde o – pela qual

e) em cujo – de que

7. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

a) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

b) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

c) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

d) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

e) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

8. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Odontologia – 2015)

No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza*, o que se encontra sublinhado em:

a) *Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos...*

b) ... *número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões...*

c) ... *antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo*.

d) ... o Global Slavery Index *é um belo retrato da nossa miséria*...

e) *Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão*...

9. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – 2015)

O elemento em destaque está empregado corretamente em:

a) As obras de arte de que se tenta retratar a natureza, emprestam-lhe voz humana.

b) A árvore é símbolo recorrente com que fazemos uso para falar de meio ambiente.

c) A natureza, por cuja preservação lutamos, nega-se, no entanto, a ser domesticada.

d) Natureza e arte não são elementos estanques, esta faz a que melhor compreendamos aquela.

e) Cada vez mais o mundo tecnológico nos afasta da natureza em que fazemos parte.

10. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito ...

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

a) O novo acadêmico demonstrou grande afeição ..... compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

b) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado ..... apresentasse maior afinidade entre ambos.

c) Aqueles ..... caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

d) O acadêmico, ... todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão

e) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação ..... desejasse participar da discussão daquele dia.

11. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip *usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra.*

Esse trecho está corretamente reescrito, respeitando-se o sentido original, em:

O projeto apoiado pelo físico

a) visa à produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o intuíto em lançar-lhe na órbita da Terra.

b) tem a intenção por produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à fim de lançá-los na órbita da Terra.

c) busca à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à vista de lançar-lhes na órbita da Terra.

d) aspira à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos para lançá-las na órbita da Terra.

e) objetiva à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o proposito a lançá-lo na órbita da Terra.

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Quanto à **regência** e à **concordância**, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

13. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito <u>de que</u> as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo <u>realizam-se</u> como pretendido.

b) A técnica ilusória <u>com cuja</u> as moças contam acaba por se mostrar favorável <u>diante do</u> batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, de cantar e dançar para que se <u>alcance</u> os melhores resultados.

d) A magia de um rito, <u>cuja</u> força as moças convocam no plantio, não as <u>deixa</u> frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, <u>de cujo</u> plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar.

Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

14. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do texto I.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (l. 11) por **lembrei que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

As primeiras moedas, peças representando valores, geralmente em metal, surgiram na Lídia (atual Turquia), no século VII a.C. As características que se desejava ressaltar eram transportadas para as peças por meio da pancada de um objeto pesado, em primitivos cunhos. Com o surgimento da cunhagem a martelo e o uso de metais nobres, como o ouro e a prata, os signos monetários passaram a ser valorizados também pela nobreza dos metais neles empregados.

Embora a evolução dos tempos tenha levado à substituição do ouro e da prata por metais menos raros ou suas ligas, preservou-se, com o passar dos séculos, a associação dos atributos de beleza e expressão cultural ao valor monetário das moedas, que quase sempre, na atualidade, apresentam figuras representativas da

história, da cultura, das riquezas e do poder das sociedades.

A necessidade de guardar as moedas em segurança levou ao surgimento dos bancos. Os negociantes de ouro e prata, por terem cofres e guardas a seu serviço, passaram a aceitar a responsabilidade de cuidar do dinheiro de seus clientes e a dar recibos escritos das quantias guardadas. Esses recibos passaram, com o tempo, a servir como meio de pagamento por seus possuidores, por ser mais seguro portá-los do que portar dinheiro vivo. Assim surgiram as primeiras cédulas de "papel moeda", ou cédulas de banco; concomitantemente ao surgimento das cédulas, a guarda dos valores em espécie dava origem a instituições bancárias.

Casa da Moeda do Brasil: 290 anos de História, 1694/1984

15. (Cespe – Caixa – Nível Superior – 2014)

No que se refere aos aspectos linguísticos, à classificação tipológica do texto acima e às ideias nele expressas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição da preposição "a", em "a dar recibos escritos das quantias guardadas" (l. 12), pela preposição "de" manteria a correção gramatical do texto, embora acarretasse alteração de sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se

impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto ao lado e a aspectos linguísticos desse texto, como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho “devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis” (l. 8-9), a substituição dos elementos sublinhados por **ao** e **a**, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

O fator mais importante para prever a *performance* de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

17. (Cespe – FUB – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Na linha 2, a supressão do termo “em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

18. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto IV, caso a forma verbal “tiveram” (L. 10) fosse substituída por:

a) possuíram.

b) sofreram.

c) realizaram.

d) houve.

e) causaram.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de

políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”; Brasil Escola. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

19. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“que vise à promoção de políticas de controle”; nesse segmento de texto 1 emprega-se corretamente a regência do verbo *visar*, que muda de sentido conforme seja transitivo direto ou transitivo indireto.

O verbo abaixo em que NÃO ocorre a mesma possibilidade de dupla regência e duplo sentido é:

a) aspirar;

b) assistir;

c) carecer;

d) chamar;

e) precisar.

20. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

De acordo com as regras de regência verbal estabelecidas pela norma-padrão da Língua Portuguesa, o elemento destacado está adequadamente empregado em:

a) Os inadimplentes infringem aos regulamentos estabelecidos pelas financeiras ao deixar de cumprir os prazos dos empréstimos.

b) Os comerciantes elogiaram aos bancos às medidas tomadas a favor de seus empreendimentos.

c) Vários executivos procuram realizar cursos de especialização porque cobiçam aos estágios mais avançados da carreira.

d) Os funcionários mais graduados das grandes empresas aspiram aos melhores cargos tendo em vista o aumento de seu poder aquisitivo.

e) Algumas grandes empresas responsáveis pelas redes sociais ludibriam aos princípios estabelecidos por lei ao permitir postagens agressivas.

21. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho, adaptado da revista *IstoÉ*, edição de 06.03.2013, está correto quanto à colocação pronominal, à regência e à concordância.

a) No Rio, o que se entende por zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

b) No Rio, o que entende-se de zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

c) No Rio, o que entendem-se por zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

d) No Rio, o que entende-se pela zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

e) No Rio, o que se entendem em zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensos até 2016.

22. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que apresenta, nos parênteses, regência verbal de acordo com a norma-padrão, em substituição à expressão destacada no trecho do texto, é:

a) ... empurram e **atropelam as outras** para entrar primeiro no vagão do trem (pisoteiam nas outras).

b) ...quando chega a casa já está na hora de **ir para o trabalho**. (dirigir-se no trabalho).

c) passou tardes longas **vendo pela milésima vez a segunda temporada** de “Grey’s Anatomy” (assistindo pela milésima vez à segunda temporada).

d) ...e ambos **perceberam que a felicidade** é uma questão de tempo (conscientizaram-se que a felicidade).

e) ...se ela não **tivesse tanto tempo** não teria nem tempo para falar do tempo (dispusesse a tanto tempo).

23. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que reescreve a passagem – Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar – apresentando regência de acordo com a norma-padrão é:

a) Ser menino também tende a não ser fácil, principalmente se os pais se puserem a definir aquilo de que ele deve gostar e o que deve sentir.

b) Ser menino também não costuma de ser fácil, principalmente se os pais se dispõem em definir do que ele deve sentir e gostar.

c) Ser menino também corre o risco de não ser fácil, principalmente se os pais decidirem a definir o que ele deve de gostar e sentir.

d) Ser menino também implica em dificuldades, principalmente se os pais se meterem em definir naquilo que ele deve sentir e no que deve gostar.

e) Ser menino também representa dificuldade, principalmente se os pais se intrometerem de definir o que ele deve gostar e do que deve sentir.

24. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Muitos pensam em desistir _____ uma carreira, pois acreditam que não estejam aptos _____ enfrentar o difícil exame do vestibular.

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) de ... à

b) a ... em

c) em ... de

d) de ... para

e) à ... a

25. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Todos perdoavam do defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

b) Todos perdoavam o defeito para o Joaquim por não ser culpa dele.

c) Todos perdoavam ao defeito do Joaquim por não ser culpa dele.

d) Todos perdoavam o defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

e) Todos perdoavam ao defeito no Joaquim por não ser culpa dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta. Disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

26. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à norma-padrão e aos sentidos do texto.

a) As parcerias nipo-brasileiras pautam-se em cooperação para contornar as tragédias.

b) Tanto o Brasil quanto o Japão estão certos que as parcerias nipo-brasileiras renderão bons frutos.

c) A experiência do Japão mostra que não há como discordar com as parcerias nipo-brasileira.

d) A catástrofe vivida em Mariana revela de que são importantes as parcerias nipos-brasileiras.

e) Não se pode esquecer a irrelevância dos momentos de tragédia e das parcerias nipo-brasileira.

27. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes substitui corretamente aquela destacada em negrito, segundo a norma-padrão.

a) Se uma despesa avança em velocidade **incompatível com a** receita... [que não harmoniza-se da]

b) ... só há dois caminhos **para corrigir a** distorção... [que corrige-se a]

c) O orçamento de um governo é **semelhante ao** de uma pessoa comum. [comparável com o]

d) Mas quem já paga tributos (muitos) **não vê com bons olhos** tal alternativa. [não mostra-se favorável de]

e) ... o sistema ativo **é insuficiente para garantir** o funcionamento da engrenagem... [não encontra-se apto à garantir]

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. c; 4. c; 5. a; 6. e; 7. c; 8. c; 9. c; 10. d; 11. d; 12. c; 13. d; 14. C; 15. C; 16. E; 17. E; 18. d; 19. c; 20. d; 21. a; 22. c; 23. a; 24. d; 25. d; 26. a; 27. c.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração

a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).

b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.

c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição ***A*** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:

"*Os universitários leem como se assistissem* [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.

2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.

3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.

4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.

5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.

6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem [a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem... [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:

– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)

(suj.)

– Brasília é a capital do Brasil (e não *A Brasília é...*; logo, Brasília não aceita artigo). No

entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo “obedecer” pede preposição A e os pronomes de tratamento “senhorita”, “senhora” e “madame” aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: “Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava”, “Emprestei o livro [a] + aquela” e “Emprestei o livro [a] + aquele”.

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:

“Refiro-me à (= àquela) da direita.”

“Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco.”

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

... a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: ... *à qual me referi*...

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória: – preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6) – preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9) – preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João);

ventar é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo (forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta...")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:

1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo *a*;
5. antes de pronomes demonstrativos *este, esta, esse, essa*;
6. com pronomes indefinidos (*alguém, nenhum...*);
7. antes de artigo indefinido (*um, uma*);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

“A Maria esteve te procurando” ou “Maria esteve te procurando” (“Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria”)

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

(“Fez menção [a] [x] Cecília Meireles”)

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

“A minha/sua/nossa amiga chegou” ou “Minha/Sua/Nossa amiga chegou” (“Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga”).

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

“Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)”.

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:

1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas

• adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
• prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
• conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

"A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** ("ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, "*ela faz algo* (= as vezes)"

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:

a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a *bordo*) não ocorrerá o acento.

Exemplos:

Retornaram rapidamente a casa.

Quando o navio atracou pudemos ir a terra.

No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:

Retornaram rapidamente à casa dos pais.

Iria à terra dos avós.

b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.

Exemplos:

Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)

Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo <u>a qual</u>.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a,

mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: “Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal”.

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: “Voltei de Londres”. A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria (“Voltei de Roma”); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: “A reunião vai das cinco às seis horas”.

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto, é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.

14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. **(Fundec/Técnico – TRT)** No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam*, *permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. **(Fundec)** A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria a seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo a vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam a segurança de todos.

e) Cheguei a Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália* aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em “às quais me refiro”, o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a*, pois *quem*, *Vossa Senhoria*, *elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não (“assistiu à amiga” ou “assistiu a amiga”).

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a*. Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade*.

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras*, substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as*, o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) “É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra.” No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo*, não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas

alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("... o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o

primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a*. Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a*, mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a*. Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies*. Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a*. Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a*. Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a*. Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento

indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as*. Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a*. Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida.*

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a*. Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a*, o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a*, o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a*. Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a*. Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá*. O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*, esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a*, esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a*. Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca*. Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a*. Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem*, pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade*. O adjetivo *submetido*, no entanto, pede preposição *a*, mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a*. Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível*, que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) ... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães.* Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a.* Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria.*

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a*, por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua

omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a*. Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus

respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que antecede o relativo *que*. Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo*, acrescentando--se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O sinal indicativo de crase está empregado corretamente em:

a) Não era uma felicidade eufórica, semelhava-se mais à uma brisa de contentamento.

b) O vinho certamente me induziu àquela súbita vontade de abraçar uma árvore gigante.

c) Antes do fim da manhã, dediquei-me à escrever tudo o que me propusera para o dia.

d) A paineira sobreviverá a todas às 18 milhões de pessoas que hoje vivem em São Paulo.

e) Acho importante esclarecer que não sou afeito à essa tradição de se abraçar árvore.

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. Em ... *presta homenagem às potências dominantes*... (1º parágrafo), o sinal indicativo de crase pode ser suprimido excluindo-se também o artigo definido, sem prejuízo para a correção.

II. O acento em "têm" (2º parágrafo) é de caráter diferencial, em razão da semelhança com a forma singular "tem", diferentemente do acento aplicado a "porém" (3º parágrafo), devido à tonicidade da última sílaba, terminada em "em".

III. Os acentos nos termos "excelência" (2º parágrafo) e "necessário" (3º parágrafo) devem-se à mesma razão.

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) II e III, apenas.

3. (2014 – FCC – DPE-RS – Defensor Público)

Considerada a norma-padrão escrita da língua, afirma-se com correção:

a) Em Quanto à China, continua velada na sua longa noite, brilhando apenas para si própria, o gerúndio exprime ideia de condição.

b) Transpondo, para o discurso direto, o discurso indireto presente em ouvi o finado William Gifford Palgrave [...] perguntar ao comandante do navio que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América, a forma obtida é: "– Comandante, que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América?".

c) Transposição da frase “a curiosa questão havia sido proposta seriamente para um prêmio pela Academia de Lyon” para a voz ativa gerará adequadamente a forma verbal “propusera”.

d) Em não passa [...] “de uma declamação oca, onde não há nada a colher”, o pronome “onde” está devidamente empregado, como o está a palavra que se destaca em “Gosta de falar de improviso, é aonde, na maioria das vezes, ele peca”.

e) Em “O livro merece por isso ser conservado, mas a época em que foi escrito, 1787, não permitia ainda que se pudesse avaliar a contribuição do Novo Mundo para o bem-estar da humanidade” é necessário um reparo, pois a forma “à época”, com acento indicativo da crase, é, no contexto, obrigatória.

4. (TRT – 14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

No que se refere ao emprego do acento indicativo de crase e à colocação do pronome, a alternativa que completa corretamente a frase *O palestrante deu um conselho...* é:

a) à alguns jovens que escutavam-no.

b) à estes jovens que o escutavam.

c) àqueles jovens que o escutavam.

d) à juventude que escutava-o.

e) à uma porção de jovens que o escutava.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O eixo norteador da gestão estratégica de recursos humanos é a ênfase nas pessoas como variável determinante do sucesso organizacional, visto que a busca pela competitividade impõe à organização a necessidade de contar com profissionais altamente qualificados, aptos a fazer frente às ameaças e oportunidades do mercado.

Essa construção competitiva sugere que a gestão estratégica de recursos humanos contribui para gerar vantagem competitiva sustentável por promover o desenvolvimento de competências e habilidades, produz e difunde conhecimento, desenvolve as relações sociais na organização.

A gestão deve ter como objetivo maior a melhoria das *performances* profissional e organizacional, principalmente por meio do desenvolvimento das pessoas em um sentido mais amplo. Dessa forma, o conhecimento e o desempenho representam, ao mesmo tempo, um valor econômico à organização e um valor social ao individuo.

Valdec Romero. Aprendizagem organizacional, gestão do conhecimento e universidade corporativa: instrumentos de um mesmo construto. Disponível em: <www.administradores.com.br> (com adaptações).

5. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto.

Na linha 2, a forma verbal “impõe” exige dois complementos: um, introduzido pela preposição “a” – por isso, o acento indicativo de crase em “à organização” –; e outro, sem preposição – de que decorre o não uso da crase em “a necessidade”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso

em 14 de abril de 2016.

6. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

No texto 1, há quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase: “vise à promoção de políticas de controle”(1), “tornando-os inacessíveis à grande massa populacional”(2), “Além disso, à medida que as cidades crescem”(3) e “que às vezes não contam com saneamento básico”(4).

Os casos de crase que correspondem à união de preposição + artigo definido são:

a) 1 e 2;

b) 1 e 4;

c) 2 e 3;

d) 3 e 4;

e) todos eles.

7. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Observa-se o respeito à norma-padrão, no que se refere ao uso do acento indicativo de crase, na seguinte frase:

a) A medicina do trabalho é uma área criada à quase dois séculos.

b) A Revolução Industrial propiciou à criação da medicina do trabalho.

c) À muitas empresas que cuidam bem da saúde dos trabalhadores.

d) Atribui-se aos médicos à responsabilidade pela saúde do trabalhador.

e) As empresas, em geral, visam à manutenção da força de trabalho.

8. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que o acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão é:

a) É muito importante lutar contra **à** fome no país.

b) Bastantes pessoas fazem oposição **à** programas de erradicação da pobreza.

c) Temos de ser favoráveis **à** medidas que mudem a vida de todos.

d) **À** muitos anos, luta-se pelo fim da miséria.

e) A taxa de mortes por fome no Brasil é superior **à** de muitos outros países.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o sinal indicativo da crase é obrigatório na palavra destacada em:

a) Antigamente não existiam **a** comunicação via satélite, a internet e o telefone celular, dificultando a correspondência entre as pessoas situadas em países diferentes.

b) Os processos informacionais e comunicativos dos seres estão relacionados, atualmente, **a** modernas tecnologias da informação.

c) Nos dias de hoje, a rapidez na transmissão da informação está invariavelmente associada **a** evolução da tecnologia, própria da sociedade pós-industrial.

d) Até o século passado, o sentido da palavra informação estava restrito **a** dados que eram transmitidos ao receptor com certa defasagem temporal.

e) O desenvolvimento de *hardwares* e *softwares* garante **a** operacionalização da comunicação e dos processos deles decorrentes em meios virtuais.

10. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Assim como nas locuções **a vapor** e **a bordo**, também não há acento indicativo de crase no seguinte texto de uma mensagem que está contextualizada entre parênteses:

a) Angu a baiana (cardápio de restaurante)

b) Peixe a moda da casa (cardápio de restaurante)

c) Sujeito a guincho (mensagem aos motoristas)

d) Obras a frente (mensagem aos motoristas)

e) Bem-vindo a Bahia (mensagem aos motoristas)

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, o emprego do sinal indicativo da crase é obrigatório no vocábulo destacado em:

a) O telefone celular exerce tal fascínio sobre a população que os aplicativos ligados **a** ele têm mobilizado pessoas, independentemente do nível de escolaridade.

b) O processo de desaceleração econômica mundial não causará impedimento **a** ascensão das novas

tecnologias de comunicação e informação.

c) As pessoas mais jovens (de 16 a 25 anos) assistem a cerca de uma hora **a** menos de televisão por dia do que as mais velhas (acima dos 65 anos).

d) A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2015, considerou **a** televisão o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros.

e) Os meios de comunicação começam **a** criticar o excessivo uso da internet por usuários das diversas classes sociais.

12. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O emprego do sinal indicativo de crase está adequado à norma-padrão na seguinte frase:

a) Os agricultores são expostos **à** riscos de várias naturezas.

b) Faz-se referência **à** uma porcentagem de alimentos advindos da agricultura.

c) A agricultura sustentável evita danos nocivos **à** saúde.

d) A agricultura familiar visa **à** fixar o homem no campo.

e) A agricultura familiar proporciona **à** famílias uma cesta de produtos.

13. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

O sinal indicativo da crase é obrigatório, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra destacada em:

a) O atendimento **a** necessidades de imediatismo da sociedade justifica o crescimento das formas de pagamentos digitais.

b) Os sistemas baseados em pagamentos móveis têm chamado **a** atenção pela sua propagação em todo o mundo.

c) A opção pelas moedas digitais está vinculada **a** possibilidade de diminuir as operações financeiras com a utilização do papel-moeda.

d) Algumas tendências observadas no comportamento do consumidor e nas tecnologias devem influenciar **a** infraestrutura dos bancos.

e) Os clientes tradicionais dos bancos já se acostumaram **a** utilizar suas agências para efetuar suas atividades de negócio.

14. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) À ... à ... à

b) A ... à ... a

c) À ... à ... a

d) A ... a ... à

e) A ... à ... à

15. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Comecei _____ conversar com a aluna e entendi que caberia a mim escolher o título de seu estudo. Perguntei _____ ela o que achava de “Garruchas e punhais”. Não gostou. Então, dei outra sugestão _____ moça: “O mosteiro de tijolos de feltro”.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … a … àquela

b) à … a … àquela

c) a … à … aquela

d) à … à … aquela

e) a … à … àquela

16. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está corretamente empregado.

a) Permite-se **à** toda criança, menino ou menina, escolher com que brincar.

b) Dá-se o direito **às** meninas de praticar caratê, por que não?

c) São crianças: não se negue **à** nenhuma delas a escolha do próprio brinquedo.

d) Não se define **à** partir de que idade se pode brincar com aparelhos eletrônicos.

e) **À** certa altura, crianças começam a jogar jogos violentos.

17. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe:

Acostumados _____ tragédias naturais, os japoneses geralmente se reerguem em tempo recorde depois de catástrofes.

Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava _____ viver a sua rotina.

Um tsunami chegou _____ costa nordeste do Japão em 2011, deixando milhares de mortos e desaparecidos.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … à … à

b) à … a … a

c) às … a … à

d) as … a … à

e) às … à … a

18. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Leia o texto que se segue.

Na área ficcional, opondo-se 1__ inconsciência, ou seja, reagindo 2__ má consciência, haveremos de governar, dentro do possível, a obra em geral e, em particular, as personagens. Negaremos 3 __ personagens, honestamente, qualquer parcela de vontade. Cada uma será assim porque nos pareceu, quase sempre ao cabo de cálculos e ensaios, acréscimos e cortes, que assim devia ser; e está no relato porque foi necessário, porque julgamos oportuno dar-lhe uma função ainda que fosse 4__ de parecer disponível. Nem uma palavra lhes será disponível sem licença ou aprovação. Ainda que alguns dos seus remotos modelos possam existir fora de nós, só existem 5__ partir do momento em que nossas palavras o efetivam.

Quanto ao uso do sinal indicativo da crase, assinale a opção que preenche, de forma gramaticalmente

correta, as lacunas do texto.

a) a (1), a (2), as (3), a (4), a (5)

b) a (1), a (2), às (3), a (4), a (5)

c) a (1), a (2), as (3), à (4), a (5)

d) a (1), a (2), às (3), à (4), a (5)

e) à (1), à (2), às (3), a (4), a (5)

Gabarito: 1. b; 2. a; 3. c; 4. c; 5. C; 6. a; 7. e; 8. e; 9. c; 10. c; 11. b; 12. c; 13. c; 14. e; 15. a; 16. b; 17. c; 18. e.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro “bicho de sete cabeças”, mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio

Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!

4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam “o gerente do banco” você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.

6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.

7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

“O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá.”

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

“Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta

volumes.”

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

“A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.”

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

“O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá.”

“Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.”

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc*. (“... da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc.”), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc. O uso da vírgula antes de etc. é facultativo (“... do maracujá etc.”... do maracujá, etc.”), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após “higiene” justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após “porto” e “água” têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios*. Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

“Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

“Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos, retificativos, de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

“Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza.”

“O bêbado andava, isto é, cambaleava.”

“Afinal, o que tens a dizer?”

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16. Saia imediatamente pois quero descansar.

17. “As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

18. “As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

“Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.”

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas

vírgulas:

“Gostava da sociedade, mas não amava os sócios.”

“Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde.”

“Saia imediatamente, pois quero descansar.”

“As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá *antes* da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (*porém, contudo, entretanto, no entanto*) e conclusivas (*por isso, portanto, por conseguinte, assim*) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas,

devidamente pontuadas:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

“Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.”

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações: 1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.) Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não 2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

“Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando.”

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do

período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.

26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.

27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.

28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou

para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

“Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos.” (oração adverbial temporal desenvolvida)

“O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.” (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

“Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida.” (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

“Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga.”

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após “anos”, em “Nos próximos anos, a questão da

melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes", justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de "trabalhador" é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção "e": "exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador".

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir <u>sem vírgulas</u>. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, <u>que se tornou uma</u>

solução simples e emblemática contra a desnutrição.

1. O trecho “que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição” está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: “Agir na paixão é embarcar durante a tempestade”.

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no “hall” do hotel.

39. Ele era considerado “persona-non-grata”.

40. Qual a “solucionática” desta problemática?

41. Achei-o muito “careta”.

Comentários:

As “aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas

nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me “como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi “brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de “a vida” pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo

ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você,

por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a

explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. “Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada.”

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: “Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada.”

8. “O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato.”

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: “O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato.”

9. “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a.”

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional (“se queres viver tua vida”) *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a.”

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. “Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus.”

2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.

3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.

4. “O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil.”

5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.

6. “O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos...”

7. Se dirigir não beba se beber não dirija.

8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco

candidatos.

9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.

5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.

12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.

13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "... ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não

dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após "árabe". Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após "anfitrião", para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após "nada" é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após "hospitalidade", para intercalar "no entanto". Em "particularmente" temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em "para muitos" é facultativo. 7. E – "portanto", deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C; 14. E – A vírgula após "europeia" separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após "mestres-de-açúcar". 18. C; 19. C; 20. E – "Novamente" entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com "etc.", a tendência é usar vírgula antes do "etc." (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do "etc", a frase continua certa. Obs.2: Após o "etc." devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos*...) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração

adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto...*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e

Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a*

maioria dos estudantes e o da segunda oração é *seus pais.* Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**? Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro

de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência

observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago.* Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto*...).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento

mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto... É claro que erraram... O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..."; a regra

abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: “Vamos cair na real por um momento que seja”. Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo “João; José; Antônio chegaram.” Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende

dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser “uma anomalia”.

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em “é palpável:” justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis dizer com o uso do adjetivo *palpável*. Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de “diferentes” ou “esquisitas”...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser “imigrantes” inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas “naturais”.

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. No segmento *para aprofundar questões referentes à sincronicidade entre arte e ciência*, o sinal indicativo de crase deverá ser suprimido caso se substitua o elemento sublinhado por “sincronização".

II. Sem prejuízo para a correção e o sentido, o sinal de travessão pode ser substituído por dois-pontos no segmento *usufruir uma obra de Tomie Ohtake propicia uma dupla experiência – incita a reflexão...*

III. O segmento sublinhado em *que para a sua elaboração prescinde da intencionalidade* pode ser isolado por vírgulas, sem prejuízo da correção.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) II e III.

c) III.

d) I.

e) I e II.

2. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre – uma espécie de Brasileiro Básico – a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionários. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim.*

[...]

Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época, significava riqueza vocabular... Imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Neto: grande infanticida, isto é o que ele foi.

* aquilo que é maçante, enfadonho, aborrecedor.

(Adaptado de: QUINTANA, Mario. Dicionários. Caderno H. 7. ed. São Paulo: Globo, 1998, p.176)

Atente para as seguintes afirmações sobre o emprego dos sinais de pontuação:

I. Em *não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo ao sentido original.

II. A substituição por parênteses dos travessões que isolam o segmento *uma espécie de Brasileiro Básico* implicaria prejuízo para a correção da frase.

III. Em *e isso, na época, significava riqueza vocabular*..., a retirada da primeira vírgula acarretaria prejuízo para a correção da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I.

c) I e III.

d) II.

e) I e II.

3. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Para sobreviver, enfim, Michelangelo teve de enfrentar questões que afligem os seres humanos em qualquer tempo. Como no caso de sua resistência a trocar a escultura pela pintura, quem nunca tremeu nas bases ao ser forçado a sair de sua zona de conforto?

Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento *Com o adiamento, Michelangelo recebeu um prêmio de consolação: pintar o teto de uma capela de uso reservado*..., os dois-pontos introduzem um esclarecimento.

II. Sem prejuízo do sentido, podem ser suprimidas as vírgulas do segmento: *O artista, que se considerava um escultor, cortava de forma peremptória*...

III. No terceiro parágrafo, o sinal de interrogação pode ser suprimido por se tratar de uma pergunta retórica.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) II e III.

b) I e II.

c) I.

d) II.

e) I e III.

4. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular.

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno.

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo.

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão.

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha.

5. (FCC – Metrô-SP – Agente de segurança – 2015)

Minha hipótese, caso correta, tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio, do outro lado teria que existir o Grand Chef, o criador do menu.

As frases abaixo referem-se à pontuação do texto.

I. Com as devidas alterações, no segmento...*tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio*..., pode-se substituir o ponto final por dois-pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

II. Na frase *Ora, Alfredo, deixe de filosofar e escolha logo o prato*, o termo sublinhado pode ser substituído por uma vírgula.

III. No segmento ...*e estavam na varanda do Bar Lagoa, de onde se pode ver um cantinho de céu*..., pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após estavam.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) I.

c) I e II.

d) II e III.

e) III.

6. (FCC – TJ-AP – Analista Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere as seguintes frases:

I. Ele ama os poemas de cordel, com que teve contato desde pequeno.

II. Respeito os autores de cordel, que normalmente não se preocupam com o grande mercado.

III. Ainda ontem de manhã, passei horas examinando os folhetos expostos na feira.

A supressão da vírgula ALTERA o sentido do que está APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I.

e) II.

7. (FCC – TCE-GO – Analista de Controle Externo – 2014)

O pesquisador explica que os sistemas de integração e de plantio direto promovem benefícios vitais para o solo. Já o sequestro do carbono contribui para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Quando a terra é arada os restos são incorporados e os micro-organismos que decompõem esses restos morrem sem alimento e o carbono vai para a atmosfera. "Quando se deixam nutrientes no solo, os micro-organismos aumentam para decompor os nutrientes e ficam na terra se alimentando."

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após

a) "carbono", em *Já o sequestro do carbono...*

b) "arada", em *Quando a terra é arada...*

c) "aumentam", em *os micro-organismos aumentam...*

d) "explica", em *O pesquisador explica*

e) "micro-organismos", em *os micro-organismos que decompõem esses restos*

8. (FCC – METRÔ-SP – Administrador – 2014)

Atente para as seguintes frases:

I. Numa viagem de metrô, sentimos que o próprio tempo parece acelerar.

II. Ele prefere evitar o metrô, por conta de sua tendência claustrofóbica.

III. Ele optou pelo horário do metrô, que lhe parece mais conveniente.

A supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido do que está APENAS em :

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

9. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Consultor Técnico Legislativo – Informática – 2014)

Na redação das frases seguintes, a supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido APENAS do que está em:

I. Neste texto, o autor avalia a importância da memória na representação ficcional.

II. As crianças, atingidas por traumas e embaladas por sonhos, guardam consigo a matéria da ficção.

III. A infância, rica como inferno ou como paraíso, tem inspirado contos e romances da mais alta expressão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

10. (FCC- TRF – 3ª REGIÃO – Analista Judiciário – Informática – 2014)

Considere as frases abaixo.

I. Ao se suprimirem as vírgulas do trecho *A dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana*..., o verbo deverá ser flexionado no plural.

II. Na frase *Georges Canguilhem acrescenta que ela é um estado de "inconsciência em que o sujeito é de seu corpo"*, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após *inconsciência*, sem prejuízo para a correção.

III. Na frase *De fato, na vida cotidiana o corpo se faz invisível, flexível; sua espessura é apagada pelas ritualidades sociais*..., o ponto e vírgula pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido

original, por dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I e II.

e) I.

11. (FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo – 2015)

O elemento que NÃO é um pronome está sublinhado em:

a) E a fortuna daqueles que a encontram

b) Porque o Tejo não é o rio que corre...

c) Para aqueles que veem em tudo...

d) Ninguém nunca pensou no que há...

e) O Tejo é mais belo que o rio...

12. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O acréscimo de uma vírgula após o termo sublinhado não altera o sentido nem a correção do trecho:

a) A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.

b) Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

c) ... uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto...

d) ...outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e empresas.

e) Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

13. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O segmento que se estende de uma planície inundada até uma bruma nacarada (3º parágrafo) constitui explicação do termo antecedente, de maneira que poderia ser iniciado por “que é”, sem prejuízo para o

sentido.

II. Neste mesmo segmento, as vírgulas poderiam ser substituídas por ponto-e-vírgulas, uma vez que se trata de uma sequência de características atribuídas a um mesmo termo.

III. No mesmo período, a oração iniciada por emergindo pode tanto subordinar-se a assemelha-se como a Terra.

Está correto o que consta em

a) III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: “Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?”. Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. “Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia...” Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de

qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber “que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha”.

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

14. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo

a) “E”, em E se o rompimento não foi universal... (2º parágrafo)

b) “Mas”, em Mas não é bom usar de qualquer recurso... (3º parágrafo)

c) “e”, em ... se assusta e foge logo (3º parágrafo)

d) “Mas”, em Mas foi com o samba que João Gilberto... (2º parágrafo)

e) “Mas”, em Mas como, Chico, mais um samba? (1º parágrafo)

15. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) *Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade*... (2º parágrafo)

b) *Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem*... (1º parágrafo)

c) *Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa*... (2º parágrafo)

d) ... *como precipitada, entre nós, de que estaria morto*... (2º parágrafo)

e) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz*... (2º parágrafo)

16. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere as afirmações acerca da pontuação.

I. O acréscimo de uma vírgula antes do termo sublinhado não altera o sentido do trecho: *Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas* <u>*que*</u> *não tinham contato com a civilização*...

II. O termo sublinhado pode estar entre vírgulas sem prejuízo para a correção gramatical do trecho: *Rondon contribuiu* <u>*também*</u> *para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país*.

III. As vírgulas sinalizam uma enumeração no trecho: ... *levantou dados e informações de mineralogia,*

geologia, botânica, zoologia e antropologia.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) III, apenas.

17. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação empregada no texto:

a) Os travessões presentes no 1º e no 2º parágrafos precisam ser todos substituídos por sinais de dois-pontos.

b) O sinal de interrogação em *até que ponto?* (1º parágrafo) está servindo a uma pergunta retórica, cuja precisa resposta já é sabida.

c) A vírgula na expressão *Ao que tudo indica*, (2º parágrafo) é excessiva e prejudica o sentido da frase.

d) O ponto e vírgula em *"falas" determinadas*; (3º parágrafo) pode dar lugar ao emprego alternativo de uma vírgula.

e) A expressão, *em parte*, (3º parágrafo) não pode ser empregada entre vírgulas, neste contexto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de

encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: “Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227”. Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

18. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item, a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

No período “Tanto que, quando (...) momento de hesitação” (l. 8-9), o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

19. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após “biblioteca” (l. 4-5) introduz um termo de natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

20. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo “em casa” (l. 11) fosse isolado por vírgulas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está “completa, inteira, perfeita, sã”, no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

21. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O trecho “e também” (l. 15) poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

22. (CEF – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto.

Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após “centrais” (l. 25) fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

23. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente, relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora,

Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No segundo quadrinho, a retirada da vírgula logo após “felicidade” modificaria a relação semântica e sintática entre essa palavra e o trecho “a qual é meu direito inalienável” e afetaria a coerência da argumentação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

24. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto.

A inserção de vírgula logo após o vocábulo “encontrada” (l. 12), além de preservar a correção gramatical do texto, daria ênfase à informação contida no trecho “as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada” (l. 11-12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora),

ao perceber que a tradução brasileira de seu livro **Um homem** (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em **Um homem**, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto

privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

25. (IRB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (C ou E) o seguinte item.

Na linha 2, as vírgulas que isolam o termo “patética” foram empregadas para enfatizar o atributo de “exclamação”, mas a supressão dessa pontuação manteria a correção gramatical do trecho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

26. (CEF – Nível Superior – Cespe – 2014)

No primeiro parágrafo, quatro períodos são iniciados por elemento adverbial, o que justifica a colocação de vírgula logo após “colonial” (L. 1), “seguinte” (L. 3), “1824” (L. 5) e “(1937-1945)” (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

27. (FUB – Nível Médio – Cespe – 2014)

Em relação ao fragmento de texto acima, julgue o próximo item.

O emprego de vírgula após “Índia” (l. 5) justifica-se por isolar adjunto adverbial anteposto, deslocado de sua posição tradicional.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

28. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.

Na linha 2, o elemento “que” tem a função de restringir o sentido das expressões que o antecedem, a saber, “ideias” e “discussões”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

O conhecimento da especificidade da matriz energética brasileira é importante para o entendimento dos parâmetros que influenciam a visão da indústria brasileira sobre mudança do clima. Isso é particularmente relevante, uma vez que 75% das emissões de gases de efeito estufa (GEE) no Brasil são relacionadas ao uso da terra. A energia consumida no processo de produção industrial representa uma pequena parcela do total de emissões de GEE no Brasil. Esse fato deve ser levado em consideração para o dimensionamento da contribuição do setor industrial brasileiro aos esforços de mitigação.

No Brasil, apenas 8,8% das emissões de GEE são provenientes das atividades industriais. Isso reflete, em boa medida, a composição da matriz energética da indústria e se aplica, inclusive, aos setores industriais identificados na economia global como os de maior potencial de mitigação. A matriz energética brasileira é um ativo; um relevante ponto de partida para a formulação de posições nas negociações de mudança climática. A participação de energias renováveis na indústria brasileira é de 45%, enquanto a média mundial é de apenas 14%. A meta dos demais países é atingir 20% de fontes renováveis em 2020. Os números do Brasil são fatores positivos para a competitividade e a participação do Brasil nas negociações sobre mudança do clima.

Mudança do clima: uma contribuição da indústria brasileira. Brasília: CNI, 2009. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br>. (com adaptações).

29. (INPI – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item que se segue, relativo à estrutura linguística do texto.

A inserção de uma vírgula logo após o adjetivo “brasileira” (l. 2) não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais.

Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural – pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

– Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: *Arte e ciência de roubar galinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

30. (CGP/PI – Auditor – Cespe – 2015)

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

No trecho “ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho” (l. 7), o elemento “que” introduz oração de natureza restritiva, intercalada por estrutura de valor adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 31.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

31. (MEC – Nível Superior/Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto acima.

No primeiro parágrafo, a substituição dos travessões por parênteses (l. 4 e 5) manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 32.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados à ciência de dados, em especial ao *big data* e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

32. (FUB – Nível Médio/Superior – Cespe – 2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical entre as orações ao substituir o sinal de dois-pontos (l. 7) por ponto-e-vírgula ou vírgula.

33. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016 – Adaptada)

Assinale a opção correta a respeito dos aspectos linguísticos e dos sentidos do trecho a seguir: "*Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente*".

a) A substituição de "dar lugar" por **substituir** preservaria o sentido do trecho.

b) O pronome "que", em "que (...) ao menos são locais mais adequados", refere-se a "aterros sanitários".

c) A supressão da vírgula empregada logo após "sanitários" preservaria o sentido do trecho.

d) O sujeito da forma verbal “representam” é a expressão “Os lixões”.

e) Seria preservado o sentido do trecho caso a expressão “ao menos” fosse deslocada para imediatamente após “adequados”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

34. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto IV caso fosse suprimida a vírgula empregada logo após:

a) “demográfico” (L. 7).

b) “renda” (L. 2).

c) “comum” (L. 5).

d) “metrópole” (L. 9).

e) “redemocratização” (L. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que “pusessem de lado” seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem “exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar”. O dilema com que se defronta o mundo é “claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?”.

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de “autodefesa antecipada” sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos — uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

35. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, o sinal de dois-pontos empregado logo após “incontornável” (l. 5) introduz

a) uma expressão que o autor desejou realçar.

b) uma enumeração.

c) uma citação.

d) um esclarecimento acerca do que foi enunciado anteriormente no período.

e) uma exemplificação.

Leia o texto a seguir para responder às questão 36 e 37.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “caráter” tanto é o tipo da

imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de

Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

36. A inserção de uma vírgula logo após “impossível”, em “um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança” (l. 41), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.

37. No período “Ganhou com isso (...) um eco natural” (l. 46-47), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.

Leia o texto a seguir para responder à questão 38.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez

com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

38. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 6º parágrafo (l. 20), os dois-pontos cumprem o papel de anunciar uma

a) causa

b) distinção

c) enumeração

d) justificativa

e) exemplificação

39. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Uma reescritura possível para o período “Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos”, alterando-se a pontuação, mas preservando-se o seu sentido, está adequadamente apresentada em:

a) Perguntaram-me, uma vez se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

b) Perguntaram-me, uma vez, se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

c) Perguntaram-me uma vez, se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

d) Perguntaram-me uma vez se, eu, saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

e) Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui, a vinte e cinco anos.

40. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em “Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome”, os dois-pontos cumprem o papel de introduzir uma

a) enumeração

b) explanação

c) retificação

d) especificação

e) contradição

41. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

O emprego de duas vírgulas tem, entre outras, a função de isolar expressões que detalham uma informação anterior, como em “o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI”.

As vírgulas foram utilizadas com a mesma função em:

a) “definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica”

b) “seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos”

c) “fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico”

d) “identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las”

e) “aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade”

42. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Do trecho “Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar”, a única reescritura que emprega adequadamente os sinais de pontuação e não altera seu sentido original é:

a) Meu pai acreditava que, todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

b) Meu pai acreditava, que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

c) Meu pai acreditava que todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

d) Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer, uma cura de banhos de mar.

e) Meu pai, acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

43. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

A vírgula foi utilizada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Nos últimos tempos, nota-se que bens de consumo como celulares e computadores, que eram artigos de luxo estão ao alcance do povo, da maioria da população.

b) É importante que, em todos os bairros das grandes e pequenas cidades a internet seja considerada o principal meio de comunicação existente na atualidade.

c) As novas tecnologias da comunicação e da informação, já existem há algum tempo e só nos últimos anos começaram a expandir e influenciar na vida da sociedade.

d) A internet não pode ser considerada uma ferramenta perfeita porque, se não for utilizada corretamente, acarreta consequências prejudiciais às pessoas.

e) O prestígio da internet é tão grande que, se ela desaparecesse muitas pessoas ficariam desempregadas pois empresas seriam fechadas.

44. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Os seguintes trechos tiveram sua pontuação alterada.

A alteração que **NÃO** respeita a norma-padrão é:

a) responderia “A primeira alternativa”. [...] *responderia*: “*A primeira alternativa*”.

b) quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno, daqueles com música ambiental, diria [...] *quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno (daqueles com música ambiental) diria*

c) Pode-se imaginar que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio [...] *Pode-se imaginar, que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio*

d) Era certamente a mais tediosa das profissões [...] *Era, certamente, a mais tediosa das profissões*

e) Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. [...] *Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista, entediado, chegaria fatalmente ao preciosismo*.

45. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A vírgula está empregada de acordo com a língua escrita padrão em

a) As agências, bancárias das pequenas comunidades prestam serviços aos moradores.

b) Os moradores poderão agora pagar as suas contas de água de, luz e gás encanado.

c) As lojas da comunidade vendem roupas, alimentos e material de construção mais baratos.

d) As oficinas de capacitação profissional e economia, doméstica melhoraram a vida de todos.

e) Os trabalhadores fizeram empréstimos para construir, casas de alvenaria de dois andares.

46. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a passagem – Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido – está reescrita sem prejuízo de sentido e com a pontuação de acordo com a norma-padrão.

a) Ele percebeu, ao se conhecerem, que não adiantava correr atrás do tempo, pois o tempo sempre vai correr mais rápido.

b) Tão logo se conheceram, ele percebeu que: não adiantava correr atrás do tempo, portanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

c) Ele percebeu que tendo-se conhecido, não adiantava correr atrás do tempo, visto que, o tempo, sempre, vai correr mais rápido.

d) Assim que se conheceram ele percebeu: que não adiantava correr atrás do tempo; entretanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

e) Conhecendo-se ele percebeu que, não adiantava correr atrás do tempo, contanto que o tempo sempre vai correr mais rápido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 47.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre “As vantagens de ser mãe de menina” ou “Por que é bom ser mãe de menino”: “meninos não têm frescura”, “meninas são mais delicadas”, “eles são mais corajosos”, “elas são mais choronas” e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a

ideia de que os meninos são mais “aventureiros” e “danados” e as meninas mais “cuidadosas”. Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que “tudo bem” as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. “Esse brinquedo é de menina”, alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o “engano” ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade unissex, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: “Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?”. E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: “As vantagens de ser mãe de uma criança feliz”. É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre “coisas de menino” e “coisas de meninas”. Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

47. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Observe as expressões colocadas entre aspas:

“As vantagens de ser mãe de menina”/ “Por que é bom ser mãe de menino”: “meninos não têm frescura”, “meninas são mais delicadas”, “eles são mais corajosos”, “elas são mais choronas” (1º parágrafo); – “Esse brinquedo é de menina” (4º parágrafo).

É correto afirmar que, no contexto em que estão empregadas, as aspas sinalizam

a) a citação das opiniões da própria autora acerca dos fatos narrados.

b) referências a situações concretas que a autora afirma serem verdadeiras.

c) comentários de pessoas não identificadas, os quais sustentam as opiniões da autora.

d) a intenção de expor ideias compatíveis com as atitudes tomadas pela autora.

e) a expressão de pontos de vista não compartilhados pela autora.

48. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de vírgulas e à colocação do pronome destacado.

a) Ali, só havia pias rosa e lilás, o que não deixava-nos dúvida de que o brinquedo era fabricado, para meninas.

b) Cheia de boa vontade a vendedora, alertaria-nos que um certo brinquedo, “era de menina”.

c) Na minha casa lavar louça, é uma atividade unissex, por isso, conclui-se que brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim.

d) O meu filho, uma vez, em uma loja de brinquedos, empolgou-se ao ver uma pia que funcionava de verdade.

e) Como para o meu filho, rosa é, apenas uma cor, ele saiu da loja feliz da vida com a pia, carregando-a nos braços.

49. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

50. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

a) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

b) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

c) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

d) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

e) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

51. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Na passagem – Casara-se com d. Laura, que [....] era mais inteligente e instruída que ele –, emprega-se a vírgula para indicar uma

a) conversa entre as personagens do conto.

b) conclusão sintetizando as divergências entre as personagens.

c) explicação quanto às qualidades de d. Laura.

d) correção relativa à personalidade de d. Laura.

e) citação contendo o pensamento de Garcia.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. d; 5. c; 6. a; 7. b; 8. e; 9. b; 10. c; 11. e; 12. b; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. d; 18. C; 19. C; 20. E; 21. E; 22. C; 23. C; 24. E; 25. C; 26. C; 27. C; 28. C; 29. E; 30. C; 31. C; 32. C; 33. e; 34. a; 35. c; 36. C; 37. C; 38. c; 39. b; 40. d; 41. a; 42. a; 43. d; 44. c; 45. c; 46. a; 47. e; 48. d; 49. a; 50. d; 51. c.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

• Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)

• Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)

• Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)

• Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).

• Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).

• Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. (“João chegou tarde, porém saiu cedo.”/ “João chegou tarde; saiu, porém, cedo.”)

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. (“João saiu cedo, e Maria chegou em seguida”/”João estudou, e não passou”) Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida (“João chegou e ligou para sua mãe”).

• O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. (“Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar” ou “Ontem meu tio veio com a família me visitar”)

- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. (“Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou”)
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas (“Se chegar cedo, ligue-me”) e as orações adjetivas explicativas (“O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal”).

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

“Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.” (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

“A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer.”

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

“A crise mostra que a velha esquerda não tem programa.”

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra *se*

Agora vamos ao SE?

1. Pronome reflexivo

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. Pronome recíproco

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. Pronome apassivador

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. Índice de indeterminação do sujeito

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. Parte integrante do verbo

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. Conjunção

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. Substantivo

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. Partícula expletiva (ou de realce)

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os “quês” e os “sês” em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode

causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1)

1º que (l.2)

2º que (l.2)

---

que (l.8)

---

que (l.10)

---

que (l.12)

1º que (l.13)

2º que (l.13)

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo “sucateadas”. Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1)

2º se (l.1)

---

se (l.2)

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1)

---

se (l.2)

---

se (l.3)

---

que (l.4)

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(...) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente “as elites”. Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação “da elite”. Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos,

professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de “elite”, os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º	que	(l.1)
2º	que	(l.1)
que		(l.5)
Que		(l.6)

que (l.7)

---

que (l.9)

---

que (l.10)

---

que (l.11)

---

que (l.12)

1º que (l.13)

2º que (l.13)

---

que (l.15)

---

se (l.16)

1º que (l.17)

2º que (l.17)

Se (l.19)

Que (l.20)

---

que (l.21)

Se (l.24)

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição “de” é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é “é que”.

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.

Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.

Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO

NO FINAL)

1. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Considere os seguintes trechos:

I. *E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo*.

II. *Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos*.

III. *Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora*.

IV. *As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro*.

O termo "que" é pronome e pode ser substituído por "o qual" APENAS em

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e IV.

d) I e IV.

e) III e IV.

2. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando..."; a frase abaixo em que as duas ocorrências do vocábulo QUE pertencem à mesma classe gramatical é:

a) "Alma grande é aquela que percebe que o cachorro está com fome e lhe dá de beber" (La Serna);

b) "O arqueiro que ultrapassa o alvo falha tanto como aquele que não o alcança" (Montaigne);

c) "Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que dentro em breve daí pode resultar" (Maquiavel);

d) "Não há encosta, por mais íngreme que seja, que duas pessoas juntas não possam galgar" (Ibsen);

e) "As pessoas vaidosas dizem o que pensam para os outros pensarem que elas sabem mais" (Nouailles).

3. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

"As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc".

Nesse segmento, o vocábulo SE apresenta a função de partícula apassivadora; a frase abaixo em que as duas ocorrências desse vocábulo exercem essa mesma função é:

a) “Para o homem só há três acontecimentos: nascer, viver e morrer. Ele não se sente nascer, sofre morrendo e se esquece de viver” (La Bruyère);

b) “O açúcar seria caro demais se não se fizesse cultivar a planta que o produz por escravos” (Montesquieu);

c) “E se Adão não tivesse resistido àquela operação nas costelas a que tão prematuramente se submeteu?” (Eno T. Wanke);

d) “O amor é uma arte que nunca se aprende e sempre se sabe” (Galdós);

e) “Não ensines a teu aluno toda a tua ciência. Quem sabe se ele amanhã não se tornará o teu inimigo”? (Saadi).

4. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

“No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação...”; a função do pronome SE, nesse segmento, se repete na seguinte frase:

a) “Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores” (Marquês de Maricá);

b) “O aborto é perigoso, porque, se fracassa, pode produzir uma criança” (Sofocleto);

c) “Meu desejo sincero seria que nossa Academia Brasileira não se esquecesse tanto de que é também de... letras” (Afonso Arinos);

d) “Envergonhar-nos-íamos frequentemente de nossas ações mais belas se o mundo visse os motivos que as produzem” (La Rochefoucauld);

e) “Ao lermos os grandes autores, temos a impressão de que todos se conheceram uns aos outros” (Elias Canetti).

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. d; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão “é que”.

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   “Enterrar uma agulha na pele.” (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

Ex.: Morreu o presidente.

Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade expressiva.

Ex.: Ver com os próprios olhos.

A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do

pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5. **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7. **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

Ex.: “Os pinheiros pensavam coisas longas...”

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) “Na laranja e na couve

picada – as cores brasileiras

da feijoada. (...)” (Luiz Bacellar)

No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:

a) zeugma.

b) pleonasmo.

c) anáfora.

d) elipse.

e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração “Por sua cabeça passam **mil e uma** questões”, o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:

a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.

b) Por estar com sede, bebeu três copos.

c) Eu, parece-me que vou mal.

d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.

e) A cidade amanheceu debaixo d’água.

3. (Vunesp) Em “Rios te correrão dos olhos, se chorares.” (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.

b) hipérbole.

c) eufemismo.

d) metonímia.

e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.

b) metáfora.

c) hipérbole.

d) metonímia.

e) silepse.

5. (Cesgranrio) “Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final”, no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.

b) onomatopeia.

c) eufemismo.

d) comparação.

e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos “Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão”, há:

a) antítese.

b) comparação.

c) eufemismo.

d) metáfora.

e) metonímia.

7. (Cesgranrio) “Nike renova com a CBF até 2018.”

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.

b) hipérbole.

c) metáfora.

d) hipérbato.

e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho “A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.”, observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) personificação.

9. (Cesgranrio) “Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)”

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.

b) irônica.

c) metafórica.

d) antitética.

e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição

que pode vir escrita em prosa ou em verso.

2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.

3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.

4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.

5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.

6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história

que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex. 1: Texto 1

“O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço.”

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

“Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– Onde vai com estes livros?

– Pra escola!

O engenheiro ficou maravilhado!

– Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.

– Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo!”

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos (“A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.”) e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. (“O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.”)

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma

pensadinha e perguntou: – E o menino?

– Ah! – falou o índio – menino é merenda!”

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo “personagem” se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes (“nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando...”), do uso do presente genérico (“sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade”), comentários sobre o fato narrado (“descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava”) ou até interpelando diretamente o leitor (“Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos”). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira (“Já contei algumas vezes esta história”) ou de terceira pessoa (“A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu”).

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A*

história é contada em 1ª *pessoa.*

Ex.: “Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama.”

b) ***Narrador observador****: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em* 3ª *pessoa.*

Ex.: “O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue.”

c) ***Narrador onisciente****: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A seguir, a análise de cada um deles:

ㄹ Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

ㄹ Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens (“dizer”, “afirmar”, “perguntar”, “responder” etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: “Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite.”

⇄ Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: “Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!”

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo

relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: “Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido.” (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem

na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.

2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.

3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.

4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.

5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.

6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.

7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: “Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta.” (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: “O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de

almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo.” (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: “Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos.” (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica (“Cheguei em casa...”). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes

(“minha mulher jogando paciência”, “minha filha no quarto treinando empostação de voz”, “a copeira servia à francesa”).

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

- Descrição objetiva

“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.” (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

- Descrição subjetiva

“Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada.

Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja.” (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: “Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes.”

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: “A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta

vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.” (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: “Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica.” (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas

do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades

limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.*:* "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. <u>Eu</u>, como milhões de cidadãos, <u>gosto de ver</u> a <u>minha cidade</u> limpa. <u>Faço minha parte</u>, de um lado mantendo <u>meu muro</u> pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com <u>os nossos monumentos</u>. Se os pichadores têm seus "direitos" de

expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol.”

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular (“Eu”, “minha”, “meu”) ou da 1ª pessoa do plural (“nossos”), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como “viola”, “faço minha parte”, “cidade em ordem e bonita”, demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a

ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do

estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

– ***3º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura*

unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.

– ***Conclusão do texto**: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".*

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*

2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*

3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*

4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma*

correlação lógica entre os fatos.

5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*

6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: “A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo

estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das

espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias” – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – “... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas”. Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: “O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação.” (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o

Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: “Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas.”

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor (“amarre”, “coloque”, “endireite”). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.

2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.

3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.

5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um

assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.

6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada..."; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por..."; "O texto lido poderia ser classificado como..."; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é..."; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como..."; "A finalidade principal desse texto é a de..."; "O objeto maior do texto é...", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

Resposta: Discurso indireto livre.

7. “É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?”

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal.*

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX*

e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.

Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. [...] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. [...] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

Comentários: O autor expõe o que sabe a respeito de um tema – a importância dos gatos na sociedade, no decorrer da história. Apesar de parecer que se está narrando, contando uma história, o que se vê é a análise de um tema, ao longo do tempo.

Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.*

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5. *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina. Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse*

esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. [...] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. [...]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.*

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial

serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."*

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos*

outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. [...] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende*

certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema*

filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam

no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam ...com a propaganda ... do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As*

favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas

que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.*

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar. No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das*

decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.*

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no ofício).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais*

aquinhoada em favor dos que têm pouco.

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus*

panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o

projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...*

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor).

Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas...", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.*

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto...é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o*

pensamento.

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.*

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um

ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo (“acordo”, “ofereço-lhe café”, “ele suspira exausto”, “começa a barbear-se”).

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo (“entrou em entendimento”, “começou a descascar”), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a “infraestrutura” de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça

doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – "assustou-se", "franziu as ventas", "estranhou a ausência" – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma

personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – “preto risonho”, “manso por fora” –, mas também psicológicas – “espinhento por dentro”.

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista (“deve ser sincero como uma religião.”).

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.*

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.*

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com*

os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde

lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí...

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda “A Santa Cruz da Estiva”, quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de

conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*...). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador*/ *rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

“Bacanas teus óculos”, falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: “Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de

miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...”, compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar “se achando”.

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) “Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,”

b) “‘Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...’”

c) “Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista.”

d) “ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau.”

e) “É, era ele mesmo – o editor.”

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves*, *classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico

dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas*

de pessoas feridas...). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua.

Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado.

De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí...

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil*. Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo

existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o

texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 ... POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e

países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e

legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm

estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos “não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade”, bem como “a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade”.

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família,

com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) “Há dessas reminiscências.”

b) “Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória.”

c) “A vida é cheia de tais convivas.”

d) “Não, não, a minha memória não é boa.”

e) “Quantas ideias finas me acodem, então.”

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à

produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial-de-liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras “Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada”. Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO COMENTADO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO

O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:

a) verso / prosa.

b) poesia / informação.

c) sensibilidade / verdade.

d) vocábulos formais / vocábulos informais.

e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO

Fernando Sabino

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.

b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.

c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.

d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.

e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.

b) da descrição para a narração.

c) do impessoal para o pessoal.

d) do geral para o específico.

e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.

b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.

c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.

d) expressar o ponto de vista do narrador.

e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.

b) remorso.

c) revolta.

d) desprezo.

e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como

pergunta retórica é:

a) “Quem nunca viu um menor abandonado?”.

b) “Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?”.

c) “Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?”.

d) “Resolveria o seu problema?”.

e) “(Resolveria) A injustiça social?”.

Texto IV

DA “LIVRE MANIFESTAÇÃO” AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: “Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo”.

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus “direitos” de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão “livre manifestação” aparece entre aspas para:

a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.

c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.

d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.

e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:

a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.

b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.

c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.

d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.

e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) dissertativo expositivo.

d) dissertativo polêmico.

e) dissertativo informativo.

Texto V: “As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna.” (J. Spencer)

Texto VI: “As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico.” (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.

b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.

c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.

d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.

e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.

b) objetividade e cientificismo.

c) autoridade e sentimentalismo.

d) suspense e negativismo.

e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.

b) denunciar a poluição ambiental.

c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.

d) mostrar soluções para o problema do lixo.

e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.

b) denúncia.

c) acusação.

d) crítica.

e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.

b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.

c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.

d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.

e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação “Agência Nacional de Vigilância Sanitária” em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.

b) em textos informativos não se usam abreviaturas.

c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.

d) o texto pretende enfatizar o poder legal.

e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos tipos:

a) didático/informativo.

b) informativo/normativo.

c) normativo/publicitário.

d) publicitário/expressivo.

e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.

b) abordagem de algo desconhecido do leitor.

c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.

d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.

e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.

b) todo produto a ser anunciado requer isso.

c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.

d) apela para o gosto estético do leitor.

e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. “Explicar o que é, como funciona...”; os dois tipos de textos a que se alude

nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.

b) publicitário, informativo.

c) informativo, instrucional.

d) instrucional, didático.

e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.

b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.

c) didático, pois ensina o que é um outdoor.

d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.

e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. “O anúncio de revista é rico em informações”; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.

b) o livro didático é rico em ensinamentos.

c) o dicionário é rico em definições.

d) a bula de remédio é rica em informações.

e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar

alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .

b) 2º .

c) 3º.

d) 4º.

e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é “Água insalubre”. Sabendo-se que “insalubre” significa “nocivo à saúde”, pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.

b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.

c) o adjetivo “insalubre” contradiz o conteúdo do texto.

d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.

e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.

b) informativo.

c) normativo.

d) preditivo.

e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante

dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. “Nada tem de poética a história que vou contar”; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.

d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.

e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas “primitivas” se encontram, ainda hoje, nesse “grau zero” – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. “Um”, “dois” e... “muitos” constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois “nomes de números” propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: “É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!”

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.

b) comprovar.

c) informar.

d) contradizer.

e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush

ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.

b) expositivo de tom crítico.

c) informativo de base argumentativa.

d) descritivo de situação.

e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era

metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) "Mas agride o que o ser humano tem de melhor".

b) "Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".

c) "Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".

d) "Fico então com as desvantagens".

e) "Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.

b) descritivos.

c) narrativos.

d) dissertativos expositivos.

e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente,

pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.

b) reprovação / aceitação.

c) aprovação / reprovação.

d) indiferença / arrependimento.

e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.

b) realização X arrependimento.

c) aceitação X condenação.

d) primeira pessoa X terceira pessoa.

e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.

b) demonstrar a correção do pensamento da autora.

c) mostrar que a preocupação da autora é universal.

d) indicar que sua preocupação é válida.

e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados

Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.

b) narrativo.

c) informativo.

d) argumentativo.

e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material

combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.

b) informar.

c) explicar.

d) ensinar.

e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS “IS”

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e

disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.

b) publicitário.

c) didático.

d) informativo.

e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera,

inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas

primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como "os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes

mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do “todos conversando com todos”, que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com

mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a "internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.

São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O “tchau” é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) expositivo.

d) argumentativo.

e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: "Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.

b) informativo.

c) expositivo.

d) descritivo.

e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.

b) justificar a reação social contra a violência.

c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.

d) mostrar a violência nas grandes cidades.

e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A

autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo "peça para mamãe comprar" ou "faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.

b) proibir é melhor que educar.

c) educar é mais fácil que proibir.

d) educar é proibir.

e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção

excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem “apagões” e “caladões”. Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.

b) narrativo moralizante.

c) expositivo informativo.

d) argumentativo polêmico.

e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a

terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio “ninguém é profeta em sua terra” traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) conversacional.

e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.

b) informar.

c) prever.

d) prevenir.

e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. “Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados.”

II. “Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.”

III. “Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra.”

IV. “Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas.”

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II

b) III – IV

c) IV

d) II – III – IV

e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: “gosto não se discute”. Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.

b) didático.

c) publicitário.

d) instrucional.

e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.

e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.

Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.

E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.

b) informativo.

c) argumentativo.

d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.

b) a sucessão temporal.

c) uso do pretérito perfeito do indicativo.

d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.

e) pretende discutir, informar ou expor.

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto “Protesto tímido” é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.

2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.

3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso, eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.

4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração (“escurinho, de seis ou sete anos, não mais”), certa revolta (“vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança”), desprezo (“Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação”) e tristeza (“Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo...”), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso (“Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.”).

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por

parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.

2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.

3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em “recente documento”, está se falando em “atualidade” e ao mencionar “elaborado pelo IBGE”, quer-se dizer “credibilidade”.

2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em “criticar” e “mostrar soluções”, características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar “poluição ambiental”. Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais

problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.

3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da “marca da morte”, alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão “marca nos cigarros” alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.

2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.

4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é “fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...”. A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.

2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se,

portanto, as outras alternativas.

3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de “vender uma ideia” – o outdoor (“Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço”). Excluem-se automaticamente as outras opções.

4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.

2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto “Raízes” é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia “a história que eu vou contar”.

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é "fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.
2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: "Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita "ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.
2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre "a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de "fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas,

questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos “não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade”, bem como “a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade”. Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história

sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo “descreve”, a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que “o mais importante são os antecedentes históricos imediatos”.

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito (“dirigia”) ao pretérito perfeito (“foi assaltada”), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo (“o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil”) e retomada ao final do texto (“a imoralidade da cultura da violência”). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir (“Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.”).

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente ("Provavelmente não se descobrirá ainda..."; "... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E.

Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.

2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que “todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado”.

2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

− E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

− Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que **Medo da eternidade** é uma **crônica** na medida em que se trata

a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

2. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.

b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.

c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.

d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.

e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está "completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

3. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o próximo item, relativo a aspectos linguísticos e às ideias do texto CB2A2BBB.

Nesse texto, de natureza informativo-argumentativa, busca-se convencer o leitor de que a integridade, como qualidade de órgãos e entidades públicas, contribui para que os agentes do serviço público atuem prevenindo a corrupção e em prol do interesse público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos

desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

4. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

O texto IV

a) é predominantemente narrativo, pois conta uma história cuja personagem central é a cidade de São Paulo.

b) é uma apresentação, pois introduz ao leitor textos fictícios ambientados na metrópole de São Paulo.

c) expressa uma opinião muito particular e pejorativa sobre a região metropolitana de São Paulo, não embasada em estudos ou fatos.

d) é predominantemente descritivo, pois descreve detalhadamente os espaços urbanos da capital paulista.

e) recupera e resume ideias de autores que analisaram a situação da metrópole de São Paulo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “geek” Eric Topol, autor de “The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina.”

Segundo esse segmento do texto 1, pode-se inferir que o texto de Topol pertence ao seguinte modo de organização:

a) informativo;

b) histórico;

c) argumentativo;

d) instrucional;

e) injuntivo.

Leia os textos a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para

ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo, São Paulo*, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

6. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Comparando-se o conteúdo e a tipologia do Texto I e do Texto II, tem-se que

a) há uma conexão temática entre os dois textos, já que ambos fazem menção ao mar.

b) ambos combinam o domínio literário com o domínio jornalístico.

c) predomina no Texto I a informatividade e no Texto II a narratividade.

d) é natural haver bondes e canais em textos que enaltecem as belezas do mar.

e) a infância é o tempo mais adequado para conhecer embarcações e tomar banhos de mar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: “É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente.

Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

"A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

"Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

"Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

"Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet,

com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

"A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, Globo News. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Esse texto tem caráter argumentativo, porque o sociólogo entrevistado apresenta sua opinião a respeito da guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação.

Para defender a tese de que, apesar da globalização, as culturas nacionais vão sobreviver, ele utiliza como argumento a ideia de que

a) a maior parte da cultura que as pessoas consomem e com a qual se identificam geralmente é local, regional, e não global.

b) o imperialismo cultural, ao contrário do imperialismo político e militar, domina as pessoas sem que elas o percebam.

c) a penetração cultural americana tem origem na produção de cultura de massas que agrada ao grande público.

d) as pessoas criticam os americanos, mas, ao mesmo tempo, utilizam seus produtos, como o tênis Nike nos pés.

e) o mundo hoje é muito mais complicado, com países emergentes que serão fundamentais nas novas relações de poder.

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. C; 4. e; 5. c; 6. a; 7. a.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram

estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de
se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.

Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.

Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, “o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela”. O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A

pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral,

pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: “O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**”

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e

uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a

verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um contraste (que enfoca as diferenças) ou um paralelo (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: um crescimento horizontal por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; um crescimento vertical, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, mecanismo de maior gravidade, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de

> responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.
>
> (Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.

2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.

3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.

4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.

5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas

porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana”. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: “Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto”.

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e

demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: “Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente”.

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Algumas

pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso,

liderança não é para qualquer um, é um dom.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”. Desenvolvimento do parágrafo com

apresentação de enumeração de detalhes: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: “Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados”.

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: “A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo”.

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Existe uma

grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que

deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: “O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano”. Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação

de dados estatísticos: “O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano”. Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: “Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz”.

12. Inúmeras hordas “primitivas” se encontram, ainda hoje, nesse “grau zero” – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. “Um”, “dois” e... “muitos” constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Inúmeras hordas ‘primitivas’ se encontram, ainda hoje, nesse ‘grau zero’ – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: “É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil”. Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: “‘Um’, ‘dois’ e... ‘muitos’ constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra”.

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede

das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: “O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: “Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam”. Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: “Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões”.

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico”. Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º

objetivo – “Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas”. 4º objetivo – “A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas”. Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: “Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os

malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Disso resultaram duas noções”. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: “de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura”. Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação”. Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: “A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores”. Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: “O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo

de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E

vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos “nossos”, ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: “Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: “O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos ‘nossos’, ou seja, para a modernidade”.

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: “Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)”. Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: “por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “Embora todos esses direitos

sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade”.

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Lagartixas são excelentes alpinistas”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: “escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície”. Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será

a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

“O texto se estrutura...”; “Os argumentos do autor se fundamentam em...”; “Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos...”; “O parágrafo que expressa a ideia geral do texto...”; “No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que...”; “O tema do texto é...”; “O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de...”

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

> “O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem

como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo.* Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo)*. Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da

apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve*.

Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um

parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores*...

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um

parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de contrastes (que enfocam as diferenças) ou paralelos (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

> *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência,* ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a*

plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária ***(consequências)***.

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se

demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

> *Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas* ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.”

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: “Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos.”

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto”.

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos

venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: "*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita".

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom."

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". A seguir, fundamenta-se o argumento central por

meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”.

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.”

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”.

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”.

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: “Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados”.

5. “Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.”

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:

Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

O excerto, que narra a passagem de Lévi-Strauss por Santos, rumo a São Paulo,

a) representa com minúcia uma natureza que foi preservada graças ao desenvolvimento de Santos, impulsionado pelo cultivo do café.

b) descreve a natureza pujante da região, a despeito de seu desenvolvimento econômico, a ponto de recorrer a imagens de cunho religioso para melhor ilustrar seu ponto de vista.

c) tece juízo de valor a respeito do desenvolvimento econômico do Brasil, tendo como pano de fundo sua

riqueza natural inexplorada.

d) compara a natureza litorânea de Santos à encontradiça junto ao leito do rio Bramaputra, com vistas a mostrar, paralelamente, o quão luxuriante é a natureza brasileira.

e) lamenta o comércio que teria destruído praticamente toda a beleza natural, reduzindo-a a pequenos e secretos lugares, observáveis apenas em expedições como a que conduzia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

− E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

− Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

As expressões *reino de histórias de príncipes e fadas, elixir do longo prazer e milagre* (7º parágrafo) são mobilizadas pela autora para

a) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua imperecibilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.

b) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.

c) sugerir o caráter fictício do episódio, que no entanto é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.

d) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.

e) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de "naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. "Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. "Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. "A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade". Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

3. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Ao afirmar "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil" (4º parágrafo), Stephen Hawking reforça a tese de que

a) o conhecimento que o homem adquiriu sobre o universo é capaz de prevenir grandes catástrofes.

b) é preciso encontrar um planeta semelhante à Terra para abrigar parte das nossas próximas gerações.

c) a humanidade deveria desistir de enviar pessoas ao espaço, concentrando-se em naves minúsculas.

d) não devemos nos preocupar com o futuro distante, visto que a destruição da Terra está próxima.

e) a viagem interestelar será inviável e os humanos deveriam se ocupar dos problemas internos da Terra.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 4 e 5.

Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar

Bem no meio do deserto, há um lugar onde o calor é extremo. Sessenta e três graus ou até mais no verão. E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.

Os Emirados Árabes estão investindo em fontes energéticas renováveis. Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos. O que pretendem é diversificar e poluir menos. Uma aposta no futuro.

A preocupação com o planeta levou Abu Dhabi a tirar do papel a cidade sustentável de Masdar. Dez por cento do planejado está pronto. Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora. Lá só se anda a pé ou de bicicleta. As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro. É perfeito para o deserto. Os revestimentos das paredes isolam o calor. E a direção dos ventos foi estudada para criar corredores de brisa.

(Adaptado de: “Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar”. Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/noticia/2016/04/abu-dhabi-constroi-cidade-do-futuro-com-tudo-movido-energia-solar.html>.)

4. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A construção de uma das maiores usinas de energia solar do mundo em Abu Dhabi se justifica pela preocupação dos Emirados Árabes em

a) eliminar as fontes de calor, especialmente no verão.

b) preservar as minas de petróleo que ainda restam.

c) emitir menos poluentes durante a geração de energia.

d) fornecer energia a baixo custo para a população local.

e) pôr fim imediato à poluição gerada pelo uso do petróleo.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Acerca da cidade de Masdar, é correto afirmar que

a) foi projetada com estratégias para reduzir o calor.

b) permanece no papel, pois sua execução é inviável.

c) partiu de um projeto testado antes em outra região.

d) foi planejada durante uma época anterior aos carros.

e) é bem convencional, inspirada nas grandes metrópoles.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 6 e 7.

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar “sorvete”, “livro” ou “apartamento”, ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. “Ofertas do Google”. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-do-google.shtml>.)

6. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

O autor faz uma crítica

a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.

b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.

c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.

d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.

e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.

7. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A expressão sublinhada tem seu sentido expresso, em outras palavras, em:

a) ... *ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios*... (3º parágrafo) / obsoletos

b) ... *a única maneira de multiplicá-lo*. (1º parágrafo) / decompô-lo.

c) ... *o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento*. (3º parágrafo) / os inábeis

d) *Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula*. (2º parágrafo) / prepotência

e) *De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir*... (3º parágrafo) / se surpreende

8. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Considere o texto abaixo.

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas...

(QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. São Paulo, Globo, 2005, p. 33)

Para o autor, os livros de poemas devem ter uma apresentação que

a) elimine a chance de mais de uma interpretação.

b) induza a uma leitura realista e bem objetiva.

c) estimule a participação ativa das crianças.

d) ensine as crianças a se portar com bons modos.

e) seja compreensível a pessoas que são analfabetas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Em 2015, o Brasil comemorou os 150 anos de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, militar e sertanista brasileiro que desbravou as regiões Centro-Oeste e Norte nos séculos 19 e 20. Por causa das expedições que comandou, passou a ser habitada a região onde está situado o estado de Rondônia, assim denominado em sua homenagem.

Rondon nasceu em Mimoso (MT), no dia 5 de maio de 1865. Descendente, por parte de mãe, dos índios terenas e bororo, e por parte de pai, dos índios guanás, logo ficou órfão, sendo criado pelo avô. Depois de sua morte, transferiu-se para o Rio de Janeiro e ingressou na Escola Militar. Depois de se formar bacharel em Ciências Físicas e Naturais e tornar-se tenente, em 1890, foi transferido para o setor do Exército que implantava linhas telegráficas por todo o país.

A partir daí, durante quase vinte anos, Rondon viajou por todo o Brasil implantando o telégrafo e eventualmente abrindo estradas. Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas que não tinham contato com a civilização e, aos poucos, desenvolveu uma técnica de aproximação amigável. Rondon contribuiu também para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país. A partir daí, levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia. E encontrou, em 1906, as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, a maior relíquia histórica de Rondônia.

Em 1910, organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios, que viria a se tornar a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 1952, propôs a criação do Parque Indígena do Xingu e, no ano seguinte, inaugurou o Museu Nacional do Índio.

Rondon morreu em 1958, no Rio de Janeiro, com quase 93 anos. Dedicou a vida a promover a colonização do interior do país, pacificando e tratando os índios. Ficou conhecido pelo lema indigenista: “Morrer se for preciso, matar nunca”.

(Adaptado de: “Congresso comemora na próxima semana os 150 anos do Marechal Rondon”. Agência Senado. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/04/30/congresso-comemora-na-proxima-semana-os-150-anos-do-marechal-rondon>.)

9. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Destaca-se em Rondon

a) a personalidade instável e irascível.

b) o perfil autoritário e truculento.

c) o comportamento passivo e hesitante.

d) a atitude conformista e servil.

e) o espírito pacífico e desbravador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 10 e 11.

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,

o Madeira da nossa Juventude.

Na enchente, em constante inquietude

vencendo a cada curva um desafio.

Para depois, no decorrer do estio,

com a ribanceira em sua plenitude

toda plantada pelo braço rude

de quem espera o fruto do plantio.

Mas o tempo, Maria, nos comprova

que a cada instante o rio se renova

e nós a cada instante envelhecemos.

Por certo ele será sempre criança

e o seu poente um canto de esperança

na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. Disponível em: <www.acler.-com.br/?conteudo=artigosmostra&cod=318&autor=6>.)

10. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Percebe-se, no poema, a

a) representação do tempo como algo imutável.

b) caracterização da natureza degradada pelo homem.

c) predominância de uma ambientação urbana.

d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.

e) expressão de um sentimento nostálgico.

11. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Apresentam significações opostas, no poema, os termos

a) *rio* e *enchente*, já que o primeiro equivale à calmaria e o segundo, à agitação.

b) *plenitude* e *Juventude*, já que o primeiro representa a tradição e o segundo, o progresso.

c) *estio* e *ribanceira*, já que o primeiro faz referência à escassez e o segundo, à fartura.

d) *poente* e *saudade*, já que o primeiro se refere ao futuro e o segundo, ao passado.

e) *criança* e *canto*, já que o primeiro remete à alegria e o segundo, à tristeza.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 12 e 13.

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho: "Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente".

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, *inédito*)

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si

a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.

b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.

c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.

d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.

e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.

13. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O texto citado de Drauzio Varella parte de uma premissa que ele considera

a) verdadeira: os velhos, apesar da experiência acumulada, têm nostalgia dos anos dourados da juventude.

b) enganosa: a de que os velhos gostariam de ser aceitos como se mantivessem a pujança da juventude.

c) aceitável: há algo de pueril na velhice, mas que não obsta aos velhos demonstrar tudo o que aprenderam.

d) legítima: desde cedo somos obrigados a enfrentar as ambiguidades e os paradoxos do nosso pensamento.

e) preconceituosa: a de que os velhos tendam a amaldiçoar sua idade, quando o que sucede é exatamente o contrário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Uma energia que vem de longe

O aproveitamento de recursos hídricos nas formas e em escala que conhecemos hoje só se tornou possível no final do século XIX, após o domínio das leis da mecânica dos fluidos, o consequente aperfeiçoamento das máquinas hidráulicas até o rendimento máximo e, por fim, o desenvolvimento da fantástica indústria da eletricidade. Sua história, porém, remonta à época da emergência daquelas civilizações, na Ásia e na África, das quais toda a cultura moderna é tributária, e está intimamente associada ao desenvolvimento dos primeiros grandes sistemas energéticos da humanidade, baseados na cultura irrigada de cereais.

(LOPES, Bernardina Reina, *inédito*)

14. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Deve-se entender do texto que o aproveitamento de recursos hídricos

a) mantém-se tecnicamente tão eficaz quanto já o era ao tempo dos primeiros grandes sistemas energéticos.

b) está dando uma contribuição decisiva para o surgimento da fundamental indústria da eletricidade.

c) deve muito de seu atual estágio aos avanços resultantes do domínio da mecânica dos fluidos.

d) remonta ao final do século XIX, quando se aperfeiçoou o sistema de irrigação da cultura de cereais.

e) é tributário da cultura moderna e ainda se vale significativamente das técnicas das antigas civilizações orientais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no *Jornal do Comércio*, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça *O Juiz de Paz na Roça*. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

15. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.

Verifica-se uma contradição na argumentação do autor, uma vez que o sentido do trecho “criar uma nova comédia com traços muito pessoais” (l. 11) é incompatível com o sentido do trecho “retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo” (l. 7).

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo

alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: Controle Público, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

16. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto CB2A2AAA, julgue o item que se segue.

A tese defendida pelo autor do texto resume-se à ideia expressa na seguinte assertiva: o Estado é um peso para toda a sociedade, mas, como não se pode prescindir dele, devem-se arquitetar mecanismos para que os impostos pagos pela sociedade sejam distribuídos em favor dos mais pobres.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 17 – 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato

momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido.* São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto II.

17. Ao citar exemplos da literatura grega antiga, Walnice Nogueira Galvão indica que a organização tribal é capaz de gerar conflitos e tensões que transcendem o Brasil ou o espaço hispano-americano.

18. Com o trecho “encontram-se, estonteados, os índios” (l. 23), a autora do texto evidencia o confronto entre o “capitalismo selvagem no país” (l. 21) e a cultura indígena.

19. Tanto o romance **Maíra** quanto o relato de Uirá exibem enredos marcados pelas dificuldades enfrentadas por tribos indígenas, atingidas por flagelos trazidos pela civilização não indígena.

20. Ao afirmar que “o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura” (l. 30 e 31), a autora defende que romances como **Maíra** têm o mérito de salvar tribos e civilizações indígenas das forças destrutivas que predominam

nas sociedades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 21 e 22.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

21. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões*

mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso."

Nesse segmento há três períodos. O segundo e o terceiro períodos, em relação ao primeiro, funcionam como

a) explicação da transformação ocorrida.

b) exemplificação de mudanças a partir da crise hídrica.

c) conclusão do que é dito anteriormente.

d) justificativa das transformações feitas pela população.

e) ironia sobre as medidas inócuas adotadas.

22. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo*."

A função principal desse parágrafo do texto é

a) demonstrar o valor das pesquisas para os textos jornalísticos.

b) mostrar a seriedade da pesquisa realizada.

c) comprovar a qualidade do veículo divulgador da notícia.

d) indicar a qualidade dos autores do texto.

e) alertar contra a péssima qualidade da água.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 23 - 25.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

23. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segundo, o terceiro e o quarto parágrafos do texto 1 têm a função de:

a) demonstrar que a revolução já é uma realidade;

b) criticar os exageros do livro indicado;

c) resumir a obra de Topol;

d) justificar o título do livro referido;

e) explicitar o conteúdo do livro citado.

24. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 1 mostra uma estratégia no tratamento do tema, que é partir:

a) do passado para o presente;

b) do geral para o particular;

c) do todo para as partes;

d) do abstrato para o concreto;

e) do objetivo para o subjetivo.

25. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina.”

O segundo período desse segmento do texto 1, em relação ao período anterior, funciona como:

a) oposição à afirmação feita;

b) enumeração das tecnologias referidas anteriormente;

c) explicação do termo “smartphones”;

d) justificativa de uma afirmação;

e) consequência de uma causa previamente citada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto 2 – Manual de princípios éticos para sites de medicina e saúde na internet

A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde mas também podem causar danos aos internautas, usuários e consumidores.

O CREMESP define a seguir princípios éticos norteadores de uma política de autorregulamentação e critérios de conduta dos sites de saúde e medicina na Internet.

1) TRANSPARÊNCIA

Deve ser transparente e pública toda informação que possa interferir na compreensão das mensagens veiculadas ou no consumo dos serviços e produtos oferecidos pelos sites com conteúdo de saúde e medicina. Deve estar claro o propósito do site: se é apenas educativo ou se tem fins comerciais na venda de espaço publicitário, produtos, serviços, atenção médica personalizada, assessoria ou aconselhamento. É obrigatória a apresentação dos nomes do responsável, mantenedor e patrocinadores diretos ou indiretos do site.

2) HONESTIDADE

Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos.

A verdade deve ser apresentada sem que haja interesses ocultos. Deve estar claro quando o conteúdo educativo ou científico divulgado (afirmações sobre a eficácia, efeitos, impactos ou benefícios de produtos ou serviços de saúde) tiver o objetivo de publicidade, promoção e venda, conforme Resolução CFM Nº 1.595/2000.

3) QUALIDADE

A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza. Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica.

Os sites com objetivo educativo ou científico devem garantir a autonomia e independência de sua política editorial e de suas práticas, sem vínculo ou interferência de eventuais patrocinadores.

Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site. Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O título do texto 2 já define o seu conteúdo como:

a) preditivo;

b) informativo;

c) publicitário;

d) normativo;

e) instrucional.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 27.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da

concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. “Problemas socioambientais urbanos”; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas- ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A estruturação do texto 1 é feita do seguinte modo:

a) uma introdução definidora dos problemas sociais urbanos e um desenvolvimento com destaque de alguns problemas;

b) uma abordagem direta dos problemas com seleção e explicação de um deles, visto como o mais importante;

c) uma apresentação de caráter histórico seguida da explicitação de alguns problemas ligados às grandes cidades;

d) uma referência imediata a um dos problemas sociais urbanos, sua explicitação, seguida da citação de um segundo problema;

e) um destaque de um dos problemas urbanos, seguido de sua explicação histórica, motivo de crítica às atuais autoridades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

"A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A fala da moradora da Rocinha tem a seguinte finalidade:

a) demonstrar que as favelas são o centro da violência;

b) enumerar as consequências da violência nas favelas;

c) confirmar uma afirmação do parágrafo anterior;

d) mostrar a insignificância da vida humana;

e) provar que a violência é fruto da globalização.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 29 – 32.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O principal objetivo do texto é:

a) criticar as autoridades responsáveis pelos abrigos municipais.

b) mostrar as dificuldades no tratamento com os moradores de rua.

c) explicar as razões da recusa de os moradores de rua se recolherem nos abrigos municipais.

d) destacar a gravidade da situação dos que não têm onde morar.

e) demonstrar a necessidade urgente da melhora dos abrigos municipais.

30. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

No primeiro parágrafo do texto há dois períodos. Em relação ao primeiro, o segundo período desempenha o seguinte papel:

a) justificar a preferência de alguns moradores de rua.

b) reiterar as más condições climáticas no momento da elaboração do texto.

c) enumerar os problemas dos abrigos municipais de São Paulo.

d) destacar os motivos de os abrigos serem recusados por um morador de rua.

e) criticar as preferências de algumas pessoas por continuarem nas ruas.

31. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O texto aborda um problema sem identificar os seus personagens e sem especificar o conteúdo de vários termos.

Assinale a opção que apresenta o termo que, ao contrário dos demais, mostra valor específico.

a) Pessoas.

b) Más condições.

c) Tratamento desrespeitoso.

d) Tal atitude.

e) Regras dos albergues.

32. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Leia a frase: "*Sou como uma planta do deserto. Uma única gota de orvalho é suficiente* <u>*para me alimentar*</u>".

Nesse pensamento há uma oração reduzida sublinhada; essa oração, se modificada para a forma de uma oração desenvolvida, deveria ser:

a) para que me alimentasse.

b) para que eu fosse alimentado.

c) para a minha alimentação.

d) para que eu me alimente.

e) para eu ser alimentado.

33. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Na frase "*Você quer estar certo ou quer ser feliz*"? ocorre

a) uma antítese paradoxal.

b) uma pergunta retórica.

c) uma ambiguidade intencional.

d) uma falsa oposição.

e) uma ausência de paralelismo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

“Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado”.

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No primeiro parágrafo do texto, o destaque para o contexto histórico em que surgiu a medicina do trabalho tem por objetivo

a) mostrar que esse tipo de medicina constituía uma necessidade apenas daquela época.

b) apontar o desenvolvimento industrial como determinante para o cuidado com a força de trabalho.

c) conduzir o leitor a uma percepção dessa área médica como uma tendência efêmera.

d) questionar o poder de alcance da medicina do trabalho dentro da indústria.

e) enfatizar uma exigência das leis britânicas no que se refere à saúde do trabalhador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 35 e 36.

Daqui a vinte e cinco anos

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais.

Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais

tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 33.

35. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora projeta como seu principal desejo a(o)

a) abolição da censura

b) diminuição da fome

c) cura do câncer

d) aumento da desigualdade

e) fim da corrupção

36. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora intensifica seu ponto de vista

a) mostrando não saber o que deseja para daqui a vinte e cinco anos.

b) afirmando ser o brasileiro um povo imaturo politicamente.

c) relacionando o câncer ao problema da fome no país.

d) expondo a ideia de que os políticos se importam com os necessitados.

e) desejando que, no futuro, os líderes sejam liderados pelo povo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 37.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: **em jejum**.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

A leitura atenta do Texto I permite sustentar que a narradora

a) pertencia a uma família que era possuidora de uma casa em Olinda, Recife.

b) tinha uma alegria enorme quando chegavam as temporadas de banho de mar com a família.

c) sofria com uma infância infeliz e só se alegrava quando via um porco de verdade.

d) levantava mais cedo do que toda a família para tomar café e ir logo para a praia.

e) ficava assustada com o pouco movimento das ruas quase desertas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 38 e 39.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: "É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

"A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

"Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são;

nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

"Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

"Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

"A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, *Globo News*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Para garantir uma compreensão adequada de um texto, é preciso reconhecer o modo como o tema foi desenvolvido, identificando a sequência em que as ideias nele foram expostas.

Assim, antes de o texto apresentar a opinião do sociólogo Martel sobre a convivência entre a cultura globalizada e as culturas locais (3º parágrafo), refere-se

a) ao aparecimento de países emergentes que podem interferir na polarização entre americanos e europeus

no domínio dos bens culturais.

b) ao imperialismo cultural de origem americana promovido pela capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público.

c) à possibilidade de declínio da cultura americana devido à competição com os meios de comunicação dominados por países europeus.

d) à importância crescente da internet para criação de ferramentas inovadoras de alfabetização, para pessoas que não têm acesso a uma livraria ou biblioteca.

e) à complexa relação de amor e ódio que existe entre alguns povos do mundo e os americanos, devido à grande penetração em termos de cultura de massas.

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O 6º parágrafo do texto pode ser sintetizado em:

a) A criação de ferramentas inovadoras de alfabetização para atender às comunidades pobres das favelas tem o objetivo de ampliar o acesso a livrarias e bibliotecas.

b) A prova de que a tecnologia só traz benefícios às pessoas é que a queda dos preços dos *smartphones* no Brasil e na África permitirá a veiculação das diferentes culturas nacionais a países de todo o mundo.

c) O crescimento da internet, promovido por programas governamentais de criação de *lan houses* e venda de *smartphones*, permitirá a ampliação do poder da cultura de massas de origem americana no Brasil.

d) A popularização dos meios de comunicação digital, como telefones celulares, permitirá que pessoas de classes desfavorecidas possam ter acesso às informações veiculadas na rede mundial de computadores.

e) O investimento em alfabetização, os programas de doação de livros e de acesso a bibliotecas são estratégias governamentais para possibilitar que todas as pessoas tenham acesso à informação e à cultura de massas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 40 e 41.

Moeda digital deve revolucionar a sociedade

Nas sociedades primitivas, a produção de bens era limitada e feita por famílias que trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo daí a origem do termo “pregão” da Bolsa. Com o passar do tempo, especialmente na antiguidade, época em que os povos já dominavam a navegação, o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, com o

intuito de facilitar a circulação de mercadorias, que tinham como lastro elas mesmas, geralmente alcunhadas em ouro, prata ou bronze, metais preciosos desde sempre.

A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada tão grande que transformaria o próprio dinheiro em mercadoria. Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, que depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo. A grande inovação na época foi o mecanismo de compensação nos pagamentos, mais seguro e prático, no qual um banco emitia uma ordem de pagamento para outro em favor de determinada pessoa e esta poderia sacá-la sem que uma quantidade enorme de dinheiro ou ouro tivesse de ser transportada entre continentes. Essa ordem de pagamento, hoje reconhecida no mundo financeiro como "título cambial", tem como instrumento mais conhecido o cheque, "neto" da letra de câmbio, amplamente usada pela burguesia em transações financeiras na alta idade média. A teoria nos ensina que são três as suas principais características: a cartularidade, a autonomia e a abstração.

Ora, o que isso tem a ver com *bitcoins*? Foi necessária essa pequena exegese para refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano. Como nos ensina Platão, a necessidade é a mãe das invenções. Considerando o dinamismo da evolução da sociedade da informação, inicialmente revolucionada pela invenção do códex e da imprensa nos idos de 1450, que possibilitou na Idade Média o armazenamento e a circulação de grandes volumes de informação, e, recentemente, o fenômeno da internet, que eliminou distâncias e barreiras culturais, transformando o mundo em uma aldeia global, seria impossível que o próprio mundo virtual não desenvol-vesse sua moeda, não somente por questão financeira, mas sobretudo para afirmação de sua identidade cultural.

Criada por um "personagem virtual", cuja identidade no mundo real é motivo de grande especulação, a *bitcoin*, resumidamente, é uma moeda virtual que pode ser utilizada na aquisição de produtos e serviços dos mais diversos no mundo virtual. Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, não obstante isso, tem valor.

No entanto, ao que tudo indica, essa questão do lastro está prestes a ser resolvida. Explico. Grandes corporações começam a acenar com a possibilidade de aceitar *bitcoins* na compra de serviços. Se a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo bitcoins como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*. Esse assunto é de alta relevância para a sociedade como um todo e poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas que se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas – refiro-me à Bolsa de Valores, inclusive, bem como em novos campos do direito e na atividade estatal de regulação dessa nova moeda.

Certamente a consolidação dos *bitcoins* não revogará as outras modalidades de circulação de riqueza criadas ao longo da história, posto que ainda é possível trocar mercadorias, emitir letras de câmbio, transacionar com moedas e outros títulos. Ao longo do tempo aprendemos também que os instrumentos se renovaram e se tornaram mais sofisticados, fato que constitui um desafio para o mundo do direito.

AVANZI, Dane. UOL TV Todo Dia. Disponível em: <http://portal.tododia.uol.com.br/_conteudo/2015/03/opiniao/65848-moeda-digital-deve-revolucionar-a-sociedade.php>. Acesso em: 09 ago. 2015. Adaptado.

40. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

No texto, afirma-se que “a necessidade é a mãe das invenções” (l. 19) para justificar a ideia de que

a) as moedas virtuais podem tornar obsoleta a emissão de letras de câmbio, de cheques e demais títulos monetários.

b) a criação de uma moeda virtual atende às exigências da sociedade atual, marcada pela globalização da informação.

c) a manutenção do sistema financeiro global depende da criação de mecanismos virtuais de circulação de dinheiro.

d) a exigência de lastro para que as moedas virtuais sejam aceitas impossibilita o uso de *bitcoins* para transações na internet.

e) as transações financeiras devem ser realizadas virtualmente para que seja garantida maior segurança ao sistema bancário.

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

Para que a leitura de um texto seja bem sucedida, é preciso reconhecer a sequência em que os conteúdos foram apresentados.

Esse texto, antes de explicar como eram realizadas as transações financeiras na época medieval, refere-se

a) à importância da criação de novos serviços na área financeira, o que é de grande relevância para a sociedade.

b) à possibilidade de criação de lastro para as moedas virtuais devido à adesão de grandes empresas mundiais.

c) à invenção de um documento financeiro para evitar o transporte de valores entre grandes distâncias.

d) à criação de instrumento a ser utilizado na aquisição de produtos e serviços por meio eletrônico.

e) ao surgimento do fenômeno da internet, responsável pela transformação do mundo em uma aldeia global.

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

O Rio de Janeiro voltou a ser a cidade que inspira o Brasil. Aos poucos, recupera a influência que tinha nos anos 1950 e 1960, época em que Burle Marx rasgava jardins e Oscar Niemeyer projetava os edifícios que faziam do Rio uma cidade ainda mais maravilhosa – digna de ser cantada nos versos de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. No passado, a pujança cultural do Rio se escorava num time de criadores geniais como eles. Hoje, ela se deve principalmente à recuperação econômica, que fez com que florescessem na cidade novos polos de moda, cinema, música e esporte. Em cada um desses campos, novos criadores cariocas começam a deixar sua marca. A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos – Copa do Mundo e Olimpíada – também atraiu o interesse de arquitetos de renome, além de movimentar o turismo. Com tudo isso, o carioca, aos poucos, começa a recuperar a autoestima.

Nas últimas décadas, os elogios ao Rio vinham sempre acompanhados de conjunções adversativas.

(*Época*, 04.03.2013)

42. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

O último parágrafo do texto pode ser exemplificado com o seguinte enunciado:

a) Cidade tão linda que inspirou os visitantes.

b) Cidade linda, no entanto violenta.

c) Cidade cara e pouco receptiva.

d) Cidade mágica, porque encanta.

e) Cidade não só violenta mas também suja.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

CONTRATEMPOS

Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que existem mais horas do que coisas para se fazer com elas. Sempre faltou tempo para tanta coisa: faltou minuto para tanta música, faltou dia para tanto sol, faltou domingo para tanta praia, faltou noite para tanto filme, faltou ano para tanta vida.

Existem dois tipos de pessoa. As pessoas com mais coisa que tempo e as pessoas com mais tempo que coisas para fazer com o tempo.

As pessoas com menos tempo que coisa são as que buzinam assim que o sinal fica verde, e ficam em pé no avião esperando a porta se abrir, e empurram e atropelam as outras para entrar primeiro no vagão do trem, e leem livros que enumeram os "livros que você tem que ler antes de morrer" ao invés de ler diretamente os livros que você tem de ler antes de morrer.

Esse é o caso dele, que chega ao trabalho perguntando onde é a festa, e chega à festa querendo saber onde é a próxima, e chega à próxima festa pedindo táxi para a outra, e chega à outra percebendo que era melhor ter ficado na primeira, e quando chega a casa já está na hora de ir para o trabalho.

Ela sempre pertenceu ao segundo tipo de pessoa. Sempre teve tempo de sobra, por isso sempre leu romances longos, e passou tardes longas vendo pela milésima vez a segunda temporada de "Grey's Anatomy" mas, por ter tempo demais, acabava sobrando tempo demais para se preocupar com uma hérnia imaginária, ou para tentar fazer as pazes com pessoas que nem sabiam que estavam brigadas com ela, ou escrever cartas longas dentro da cabeça para o ex-namorado, os pais, o país, ou culpar o sol ou a chuva, ou comentar "e esse calor dos infernos?", achando que a culpa é do mau tempo quando na verdade a culpa é da sobra de tempo, porque se ela não tivesse tanto tempo não teria nem tempo para falar do tempo.

Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido, e ela percebeu que às vezes é bom correr para pensar menos, e pensar menos é uma maneira de ser feliz, e ambos perceberam que a felicidade é uma questão de tempo. Questão de ter tempo o suficiente para ser feliz, mas não o bastante para perceber que essa felicidade não faz o menor sentido.

(Gregório Duvivier. *Folha de S. Paulo*, 30.11.2015. Adaptado)

43. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O último parágrafo, ao tratar do encontro das duas personagens, relata

a) uma mudança de ponto de vista das personagens, ao mesmo tempo que expressa uma visão negativa da felicidade.

b) a opção por se entregar à felicidade, vivendo-a no tempo sempre com a expectativa de que ela o vença.

c) o desejo de que o encontro da felicidade represente uma renovação na maneira de viver o cotidiano.

d) o anseio por desfrutar momentos felizes sem a interferência das racionalizações, que surgem quando se tem tempo.

e) novas maneiras de encarar a felicidade, anulando pensamentos que possam atrapalhar o tempo do convívio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 44 e 45.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre “As vantagens de ser mãe de menina” ou “Por que é bom ser mãe de menino”: “meninos não têm frescura”, “meninas são mais delicadas”, “eles são mais corajosos”, “elas são mais choronas” e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais “aventureiros” e “danados” e as meninas mais “cuidadosas”. Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que “tudo bem” as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. “Esse brinquedo é de menina”, alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o “engano” ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: “Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?”. E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: “As vantagens de ser mãe de uma criança feliz”. É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre “coisas de menino” e “coisas de meninas”. Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

É correto concluir que a autora

a) defende brincadeiras próprias para meninos, que as meninas devem evitar.

b) não permite que seu filho tenha brinquedos que comprometam seu desenvolvimento.

c) mostra-se contrária à atribuição de papéis e atitudes exclusivos a meninos e meninas.

d) põe limites a brincadeiras que possam prejudicar a masculinidade ou a feminilidade.

e) considera melhor ser mãe de meninas por estas serem mais delicadas e cuidadosas.

45. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O argumento usado pela autora para defender que seu filho brincasse com carrinhos de boneca está no reconhecimento de que

a) o gesto infantil antecipa o do pai que o menino será no futuro.

b) as crianças não conseguem escolher seus brinquedos sem ajuda dos pais.

c) não se deve censurar a opção por brinquedos perigosos.

d) meninos têm bastante força para empurrar carrinhos.

e) as meninas não se importavam em ceder os carrinhos a ele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 46.

Comida “feia” também faz bem para a saúde

Frequentemente desprezadas por terem um aspecto que não está de acordo com os “padrões de beleza” impostos pela indústria, as frutas e verduras “feias” voltaram a ser um objeto atrativo pelos que lutam contra o desperdício de alimentos.

O agricultor francês Nicolas Chabanne, fundador do movimento em defesa dos “alimentos feios”, trabalha para posicionar esses produtos no mercado e já tem mil parceiros no mundo todo.

Sua estratégia é simples. Vender uma maçã com um rótulo cujo logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores que se comprometem a colocá-la entre seus alimentos “feios”, oferecendo-os pelo menor preço. Depois, parte do dinheiro arrecadado é destinada a associações de caridade e de

consumidores.

“Quando você coloca uma maçã feia ao lado de outras muito bonitas, nossos olhos fixam antes nas mais bonitas”, disse Chabanne, que se esforça para mostrar às pessoas que os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, inclusive, mais baratos.

A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, pouco a pouco, está se expandindo. Agora, engloba também outros produtos, como queijos e cereais ingeridos no café da manhã.

“É um negócio social e rentável porque aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção que não é normalmente valorizada”, afirmou Thomas Pocher, proprietário de um supermercado no norte da França.

(EFE, disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Adaptado)

46. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev/2016)

As aspas empregadas em *Comida “feia”* (título), *frutas e verduras “feias”* (1º parágrafo) e *alimentos “feios”* (3º parágrafo) têm a função de

a) comparar os alimentos a produtos de beleza, os quais servem para enfeitar as pessoas.

b) sinalizar que a ideia de feiura se apresenta com conotação irônica, equivalendo a beleza.

c) sugerir uma crítica à distinção que se faz entre os alimentos a partir de um critério estético.

d) explicitar que a noção de beleza é consensual e, por isso, não deve ser questionada.

e) reproduzir a fala de cientistas que provaram que a aparência dos alimentos é irrelevante.

Gabarito: 1.b; 2. a; 3. b; 4. c; 5. a; 6. e; 7. a; 8. c; 9. e; 10. e; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. E; 16. E; 17. E, 18. C; 19. C; 20. E; 21. b; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. d; 27. b; 28. c; 29. c; 30. a; 31. d; 32. d; 33. d; 34. b; 35. b; 36. c; 37. b; 38. b; 39. d; 40. b; 41. c; 42. b; 43. a; 44. c; 45. a; 46. c.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não

podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.

Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) “se” em “Debruçando-se”.

b) “autor maldito”.

c) “Ele”.

d) “filósofo”.

e) “príncipe”.

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar “Maquiavel”, já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula “se” aqui possui semanticamente o valor de “a si mesmo” e faz

referência a Maquiavel, já que é ele que se “debruça sobre o estudo da política”.

b) A expressão “autor maldito” é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto “ele” é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo “filósofo” é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O “príncipe” seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra “O Príncipe”. Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão “essa disputa” que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma “disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas”, mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo “essa é a iniciativa mais audaciosa”, retoma-se a “campanha global de recrutamento” do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria “uma das consequências da globalização da economia”.

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do “extraordinário crescimento da produção industrial chinesa”, assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector “Desde então”, o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão “Todas essas empresas”, a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona

mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas,

concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não violência. Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das

alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. **(Cespe/UnB)** Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos

infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos “diplomatas descalços”.

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: “a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-

americana e do Mercosul”.

a) A alternativa fala de “disputas”, enquanto o texto menciona “parcerias” e “alianças”. Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar “uma nova política externa, ativa, presente...”.

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – “E do outro lado”. O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar “as forças que esta batalha despertava”, o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada “Orientando--se pelos interesses...” sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o

New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta

questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral.* Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão ... pela

primeira vez na História ... nos países capitalistas”. Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa

numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. “O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina”. O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a “teste”.

b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.

c) um pronome pessoal, equivalendo a “ele”.

d) um pronome interrogativo, juntamente com “que”.

e) um pronome indefinido, correspondendo a “algum”.

2. “Tem gente que nem pensa **nisso**.” O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.

b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.

c) ao teste de integração no mundo moderno.

d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.

e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma “maquiagem” de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da “maquiagem”. (...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. “Nesta época” e “um ano depois”, referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.

c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.

d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.

e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. “...a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la”; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.

b) sistema orgânico.

c) causa de uma infecção.

d) defesa do organismo.

e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente

destacado em maiúsculas é:

a) “Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu”.

b) “COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa”.

c) “O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto”.

d) “tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis”.

e) “a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...”.

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra “já”. Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra “já” está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.

b) se houver apagão, já sabemos o motivo.

c) os estudos já estão publicados na imprensa.

d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. “Muitos estão simplesmente falidos”. O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.

b) balzaquianos.

c) moços e moças.

d) três irmãos.

e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. “Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**”; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.

b) endemia.

c) falha.

d) filantropia.

e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças

b) doenças / males

c) água / água contaminada

d) até 2002 / mesmo período

e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. “... resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros...”; para evitar a

repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) “... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo...” (texto VII)

b) “... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina.” (texto VII)

c) “... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,...” (texto VII)

d) “Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;” (texto VIII)

e) “Não tê-lo é ser escravo.”

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) “Esse produto é o sangue da terra”.

b) “é a alma da indústria moderna”.

c) “é a eficiência do poder militar”.

d) “é a soberania; é a dominação”.

e) “tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas”.

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.

b) retoma o conjunto de ações anteriores.

c) alude somente a aspectos negativos.

d) corresponde a um procedimento condenável.

e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. “Em troca do status de um nobre homem”; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) “vendem a alma ao diabo”.

b) “aparentar ser bem intencionado”.

c) “destaca os fatos verdadeiros”.

d) “culpar fatores exógenos e bodes expiatórios”.

e) “demonstra o absurdo das teorias românticas”.

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.

b) projetos – que.

c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.

d) a ameaça – ela.

e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) “mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça”.

b) “Mas ontem ele fez uso do veto”.

c) “aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira”.

d) “um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes”.

e) “O projeto, que há tempos seria impensável”.

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes”; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.

b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.

c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.

d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.

e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo “ambos”, presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.

b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.

c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.

e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.

b) a que está sendo implantada no Brasil.

c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.

d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.

e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do "poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. "De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle..."; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) "Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora..."

b) "A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário."

c) “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.”

d) “A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República...”

e) “Falar em cidadania é falar em Judiciário.”

2. Em relação aos “mecanismos endógenos”, referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. “... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,...”

II. “Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do ‘poder trava poder’.”

III. “Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico.”

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis,

sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. "Um pouco de realismo sempre faz bem."; a mesma ideia reaparece em:

a) "Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas."

b) "Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos."

c) "Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional..."

d) "... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,..."

e) "uma carga tributária extorsiva e crescente."

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) "Afinal também na economia <u>a esperança pode mover montanhas</u>. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos." – pronome demonstrativo

b) "busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para <u>as instituições</u> que nos circundam." – pronome relativo

c) "Tempo de <u>limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores</u> que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,..." – hiperônimo

d) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u>, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,..." – pronome relativo

e) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u> [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas." – pronome pessoal

3. "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das

causas...”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

1. Os “desiludidos do amor” reaparecem em:

a) “os médicos estão fazendo a autópsia...”.

b) “... dos que se mataram”.

c) “Que grandes corações eles possuíam”.

d) “Vísceras imensas, tripas sentimentais”.

e) “estômago cheio de poesia”.

2. “Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela”; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo

anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas

b) ela = uma delas

c) grandes monumentos = bibliotecas

d) desaba = vem abaixo

e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

“O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.” (Steve Allen)

1. “É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.”; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV.

b) ao espectador sensível.

c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.

d) ao espectador que contempla a mediocridade.

e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica,

desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor (Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.

b) o príncipe regente ser medroso.

c) a corte portuguesa ser corrupta.

d) os portugueses terem enganado Napoleão.

e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.

b) progresso da ciência.

c) conhecimento de novos espaços.

d) comunicação com o novo.

e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) “mas *nenhuma* suplanta...” = extraordinária beleza

b) “Foi *uma época*...” = séculos XV e XVI

c) “Para *isso*...” = homens de coragem e de saber

d) “... essenciais à *sua* precisão,...” = informações geográficas

e) “... até aquela época, para *eles*, incógnitos.” = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra

a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) "Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade." – o alcoolismo

b) "Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência" – o alcoolismo

c) "Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país" – um cenário

d) "... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens" – 10%

e) "Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga" – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) “Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos.”

b) “A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar.”

c) “Estamos nós, seres vivos...”

d) “E por quanto tempo ainda viveremos nós...”

e) “Isso significa que a vida em nosso mundo...”

2. Se tivéssemos o raciocínio: “A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo”, o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.

b) se troca a causa pela consequência.

c) se apela ao princípio da autoridade.

d) se troca a razão pela intuição.

e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) “No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo.”

b) “A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar.”

c) “Isso significa que a vida em nosso mundo...”

d) “para presenciar essas mudanças?”

e) “Isso significa que a vida em nosso mundo.”

Texto XXIII

Tchecov escreveu: “Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui.”

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.

b) os homens nunca irão viver eternamente.

c) a vida na Terra é breve.

d) o futuro sempre está distante.

e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. “Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade...”; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.

c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.

d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.

e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos.

b) pronomes pessoais e artigos.

c) artigos e pronomes demonstrativos.

d) pronomes pessoais.

e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) "Quando o <u>meu</u> filho Pedro, de 16 anos..."

b) "... antes de dizer-<u>lhe</u> um sonoro não"

c) "Muito pelo contrário, <u>ele</u> é um ser independente..."

d) "A partir <u>daí</u>, não me preocupa..."

e) "Para treinar a <u>sua</u> rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.

b) que existiram assassinos e tiranos.

c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.

d) que eles caíram.

e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

26 COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Nas provas de concursos públicos, em média, 30 a 40% são questões de compreensão e interpretação de textos. Geralmente, textos longos, algumas vezes até filosóficos, que demandam técnica e experiência do concurseiro.

Quem nunca teve de ler várias vezes um texto em uma prova, ou se perdeu na leitura? Quem nunca teve a sensação de olhar para um enunciado e nem saber como proceder, por onde começar? Há até casos de quem levou tanto tempo na prova de Língua Portuguesa e acabou por prejudicar completamente as questões de outras disciplinas.

Entender as técnicas de **compreensão e interpretação de textos**, além de ser importante para responder às questões específicas, com técnica e no tempo certo, é fundamental para que você compreenda o enunciado das questões de direito, de matemática, raciocínio lógico, por exemplo. Muitos candidatos, ainda que dominem tais disciplinas, acabam se prejudicando nas provas por não entenderem o que se pede no enunciado. Já pensou, nadar, nadar e morrer na praia? Nem pensar... O que se quer é dominar o conteúdo e saber fazer prova!

Pensando nisso, trouxe um passo a passo para você resolver a prova de Língua Portuguesa, otimizar seu tempo, solucionar as questões com técnica. É claro que sempre devemos considerar as particularidades de cada aluno, mas, de modo geral, existe uma metodologia, sim, para se resolver as questões relativas ao texto. Não se pode apenas “deixar fluir”, ou “ver no que vai dar”... O que

queremos é que você resolva a prova de Português com assertividade e ganhe tempo também para resolver as provas das outras disciplinas.

Vamos lá?

Oito Dicas de Compreensão e Interpretação de Textos

1. Leia o texto do início ao fim, para saber do que se trata.

2. Resolva primeiramente as questões de gramática. Reserve as de compreensão e intepretação de textos.

3. Leia o texto pela segunda vez. Na segunda leitura, marque em cada parágrafo o que representa a sua ideia central. Na introdução, a ideia central é chamada de tese. Nos parágrafos de desenvolvimento, é o tópico frasal. Na conclusão, a tese volta novamente.

4. Quando encontrar algum trecho que suscite dúvidas no texto, marque-o , faça uma interrogação na margem da folha para chamar sua atenção. Não perca muito tempo com ele. Desapegue-se. Ao longo das questões, “sua ficha vai caindo” e muito provavelmente você entenderá o que não lhe pareceu claro inicialmente.

5. Muita atenção aos enunciados! Muitas vezes o candidato perde uma questão por não entender exatamente o que pede o enunciado. Sempre destaque as palavras-chave do enunciado.

6. Existem dois tipos de questão de interpretação: recorrência (compreensão de textos) e inferência (interpretação de textos). Na recorrência, você recorre ao texto e encontra a resposta, que não virá exatamente com as mesmas palavras

do texto, mas sob a forma de paráfrase.

7. INFERÊNCIA é aquela em que você é levado a inferir, deduzir, concluir algo sobre o que leu, com base em pressupostos textuais.

8. O erro da recorrência e da inferência são as extrapolações: extrapolar é ir além do que diz o texto, normalmente com base em experiência e opiniões próprias.

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

Compreender um texto é identificar a ideia central de cada parágrafo. É conseguir resumi-lo. É também identificar o que é principal e o que é secundário, bem como estabelecer a correlação das informações entre si.

Entender um texto é ser capaz de dividi-lo em partes. Todo texto é feito seguindo um esquema lógico de pensamento. Sublinhar o que é mais importante em cada parágrafo e colocar setas, indicando ideias que se repetem e que se relacionam, é essencial para que você domine e compreenda efetivamente o que você está lendo.

Sempre digo que texto que não está sublinhado não é confiável. Após essa leitura “esquemática” do texto, com a identificação de suas ideias centrais, parte-se para a resolução das questões. A modalidade mais comum é a questão de Compreensão de Textos (ou Intelecção ou Recorrência), em que o candidato é convidado pela banca a localizar informações que estão lá no texto.

Você deve estar se perguntando... Se estão lá, por que eu não as encontro??? Bem, muitas vezes o candidato tem dificuldade de responder a esse tipo de questão, porque não entendeu muito bem o texto, não consegue encontrar as

informações lá.

Ao responder a uma questão de recorrência, você deve estar apto a identificar a paráfrase. Paráfrase é o mesmo que reescritura. Isso porque a resposta que você vai marcar não estará lá no texto com as mesmas palavras com que está na alternativa. Parafrasear é dizer o mesmo que se disse, só que com outras palavras...

Um outro problema muito comum é que o candidato acaba querendo interagir com o texto, responder às questões com base em suas experiências pessoais... Costumo dizer que, nessa hora, tem-se que ter frieza mesmo, esquecer o que se pensa, suas convicções...

Selecionei uma bateria de questões de recorrência, de variadas bancas de concursos públicos, para que você treine bastante o reconhecimento de paráfrases!

Antes, quero ensinar direitinho como deve ser seu raciocínio, diante de cada alternativa da questão. Vou, então, comentar algumas questões para você depois resolver as outras sozinho!

Vamos lá?

RECORRÊNCIA Texto – Democracia refém (José Roberto de Toledo)

Desde 2008, o Ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem “satisfeitos” (14%) ou “muito satisfeitos” (1%)

com o jeito que o regime democrático funciona no país. (*Estado de S. Paulo*, 04/09/2015)

1. (Codemig – Analista de Desenvolvimento Econômico – FGV – 2015) O jornalista autor do texto 2 informa que os resultados da pesquisa foram muito chocantes, isso porque:

a) deixaram de ser brilhantes pela primeira vez;

b) mostraram concentração de respostas positivas;

c) indicaram reprovação do governo;

d) apontavam mais de 80% de reprovação;

e) destacaram insatisfação da população.

Como saber que essa questão é de recorrência?

Ao dizer "O autor do texto informa", tem-se a indicação de um enunciado de recorrência. É como se a banca estivesse batendo no seu ombro e dizendo assim: vá ao texto e localize o trecho em que o jornalista autor fale que os resultados da pesquisa foram muito chocantes e depois ache o porquê dessa informação.

O porquê deve vir logo depois da informação. O "porquê" que a banca pede está nos arredores, no contexto. Depois de localizar tal informação e ler o que vem ao redor dela, você irá voltar às alternativas e procurar aquela que seja a sua paráfrase, a sua reescritura, entende?

No texto, diz-se "os resultados da pesquisa jamais haviam sido tão chocantes quanto agora". Localizou a informação? Pois bem. O porquê vem logo depois

disso. Continue lendo. Há um momento em que se diz “Só 15% dos brasileiros se dizem satisfeitos…”. Esse é o porquê!

Então, primeiro ele afirma que os resultados nunca haviam sido tão chocantes quanto agora, e logo depois ele explica: só 15% dos brasileiros... Pronto, achamos o porquê!

Por fim, você vai voltar às assertivas que a banca oferece e vai buscar aquela que mais bem reescreva o que você acabou de ler.

A resposta é letra D (“apontavam mais de 80% de reprovação”). Isso é o mesmo que se dizer que “só 15% se dizem satisfeitos ou muito satisfeitos”. A letra D é paráfrase do que você acabou de ler no texto, entendeu?

A letra A diz assim: “deixaram de ser brilhantes pela primeira vez”, foi isso que você acabou de ler no texto? Vou repetir, a banca quer saber por que o autor disse que os resultados nunca foram tão chocantes quanto agora. Não, o autor não disse que foi “pela primeira vez”, ele disse que “nunca foram tão chocantes quanto agora”, mas não disse “pela primeira vez”. Os resultados já podem ter sido pouco brilhantes, só que agora foram mais chocantes, entende?

Na letra B, diz-se que os resultados mostraram concentração de respostas positivas. O texto diz isso? Não, pelo contrário, 80% de reprovação. A letra “B” contradiz o texto.

Quanto à letra C, diz-se que os resultados indicam reprovação do governo? De fato, a maioria reprova, mas a letra C está generalizando excessivamente; a letra C é uma generalização excessiva; quando ela diz “indicaram reprovação do governo”, está-se generalizando, dizendo que todos reprovaram. Não, mais

de 80% reprovaram, mas não foram todos que reprovaram. Portanto, a letra C vai além, extrapola o resultado da pesquisa.

Na letra E, fala-se que os resultados “destacaram insatisfação da população”. Não, eles não destacaram insatisfação, eles vieram falar daqueles que estão satisfeitos, que realmente são poucos! Mas não se pode afirmar “insatisfação” da população, pois, ao se falar assim, está-se também generalizando excessivamente. Você entendeu a diferença entre D e E? A letra D é a que mais bem reescreve o que veio logo depois da frase do enunciado, a letra E extrapola.

Você entendeu como se deve resolver uma questão de recorrência? Você tem que ir à frase do enunciado, depois localizá-la no texto, então olhar os arredores da informação (contexto) e marcar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler, está bem?

É cruel, eu sei, porque dá vontade de marcar outra, mas você tem que se ater ao que está no texto, é assim que se resolve uma questão de recorrência. Tenha sempre cuidado com as extrapolações (ir além do texto), contradições (dizer o contrário do que diz o texto) e as generalizações excessivas (tomar algo que é particular e ampliar excessivamente).

Texto – A conquista do Brasil

Por gerações, o brasileiro se acostumou a ver o seu país, sua história e sua cultura como exemplos de paz e confraternização sem paralelo entre as nações. A imagem do brasileiro como um povo cordial que aceita melhor a miscigenação e é mais tolerante com as diferenças sociais e políticas, num país conciliador,

que não se envolve em guerras e se mantém neutro diante de conflitos, se sobrepõe como traço cultural, sem grandes traumas nem contestações.

Os brasileiros se orgulham de pensar que o Brasil não precisou de uma guerra como a que separou os Estados Unidos da Inglaterra, nem passou por conflitos internos sangrentos como a Secessão. Manteve-se afastado das conflagrações, a começar pelas duas guerras mundiais que marcaram a primeira metade do século XX – na segunda delas, meio pró-forma, enviou expedicionários à Itália, numa fase em que o conflito já se encaminhava para o fim. O país manteve-se neutro na maioria dos grandes conflitos passados, recentes e contemporâneos.

E saiu pacificamente de uma ditadura militar de 21 anos, em 1985, com o restabelecimento do governo civil e, depois, da democracia. Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa. Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888. Um dos seus maiores heróis nacionais, Tiradentes, foi esquartejado. O Brasil dizimou a população masculina de um país vizinho na Guerra do Paraguai. Deixou uma esteira de mortos nos porões do regime militar, que pela via do golpe havia derrubado em 1964 o presidente João Goulart.

Aliviaram-se tensões sociais latentes e sepultou-se o passado beligerante sobre o qual foi construída uma nação homogênea, mesmo em meio a tanta diversidade. O Brasil acomodou-se à versão oficial de sua história, em que foram escondidas as rupturas, as questões sociais e os fatos que não interessam tanto a sua autoimagem dentro do mundo civilizado. (Thales Guaracy)

2. (Prefeitura de Cuiabá – Nutricionista – FGV – 2015) Em certa passagem do texto, o autor diz que “o Brasil esqueceu muita coisa”. Segundo o texto, essa “muita coisa” que nosso país esqueceu

a) demonstra a ignorância da população em relação ao seu passado histórico.

b) indica razões que se contrapõem à imagem de “país cordial”.

c) mostra a semelhança entre nossa história e a dos países vizinhos.

d) ironiza a atitude intelectual de nossos historiadores.

e) comprova uma diferença entre a visão oficial e a visão dos historiadores.

A banca diz “em certa passagem do texto o autor diz…” Pronto! Questão de recorrência.

Como agir? Você não vai ficar lendo as opções que a banca dá, não (a, b, c, d, e), senão você vai se apaixonar por todas… Você vai fazer exatamente como eu fiz na questão anterior. Primeiro, você vai localizar esse trecho no texto, ler os arredores (contexto), e depois, sim, aí você vai ler cada uma das cinco alternativas e vai buscar a que mais bem reescreva o que você leu no texto.

Bom, no texto, diz-se “o Brasil esqueceu muita coisa” e a banca quer saber o que que quer dizer esse “muita coisa’’, então isso esta lá no penúltimo paragrafo, vamos lá!

Lá, ao ler o contexto, o autor diz : Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa”. Pronto! Perceba que antes desse trecho, estava-se falando de coisas positivas do Brasil, e que

agora só vai se falar do negativo. Continue lendo... Porque o que você vai ler agora é o que você vai marcar como resposta.

É a reescritura do que vem depois desse trecho que será a resposta. Você entendeu como é que você vai agir na hora da questão? Você vai continuar lendo. Perceba que, na sequência, você vai ler: “...Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, um dos seus maiores heróis nacionais Tiradentes foi esquartejado, o Brasil dizimou uma população masculina de um país vizinho…” Entendeu? Pois bem!

Agora você vai buscar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler. A resposta é letra B. Por que que a resposta é a letra B? Porque a letra B reescreve o que veio no contexto. A letra B, olha que perfeição, ela reescreve o que veio antes e o depois, indica razões que se contrapõem à imagem de país cordial. Por que se contrapõe? Você acabou de ler, esse muita coisa é o quê? É tudo de ruim que o Brasil fez, quer dizer, Tiradentes foi esquartejado, dizimou a população... A letra B é a paráfrase do que você acabou de ler, entendeu?

Vamos ver as outras opções?

A letra A fala em “ignorância da população em relação ao seu passado histórico”. Quem marcou letra A pensou mais ou menos assim, “ah realmente esse povo é muito ignorante, não sabe do seu passado...”. Trata-se de uma extrapolação.

Na letra C, menciona-se uma “semelhança entre nossa história e os países vizinhos”. O autor não veio falar isso, ele veio contrapor aspectos positivos e negativos da imagem do brasileiro. A letra C extrapola.

Quanto à letra D, fala-se em ironia à atitude intelectual dos historiadores. O texto tem esse objetivo? Volte ao texto, releia aquele trecho que indiquei, se necessário, e você verá que temos aqui mais uma extrapolação.

Na letra E, diz-se "…Comprova uma diferença entre uma visão oficial e a visão dos historiadores...". Não, realmente há uma diferença entre duas visões, mas a visão oficial do texto é a visão dos historiadores… Fala-se da mesma coisa duas vezes!

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml. Acesso em: 18.01.2016.)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o autor, o ato de abraçar a paineira representou

a) a possibilidade de acelerar a conclusão de seu novo livro, já que a árvore era o elemento que faltava para enriquecer sua história.

b) o transbordamento de um estado de exaltação em face da beleza natural que contrastava com o aspecto deprimente da cidade de São Paulo.

c) a expressão de um sentimento aprazível, que dá lugar à frustração e ao constrangimento após ser flagrado por seu editor.

d) o desfecho infeliz de uma manhã de projetos bem-sucedidos, em razão do qual seu trabalho se viu malogrado de modo irreversível.

e) a demonstração de seu amor pela cidade de São Paulo, a qual, por ser cosmopolita, serve de ambientação a seu novo livro.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cidades inteligentes, até demais

O conceito de “cidade inteligente” se popularizou como estratégia de solução e gerenciamento de problemas urbanos. Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos, desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais que circulam em redes sociais e aplicativos móveis. O advogado Cristiano Therrien, pesquisador em Direito da Tecnologia na Universidade de Montreal, no Canadá, conversou com o **Observatório da Privacidade e Vigilância** sobre o tema.

Observatório da Privacidade e Vigilância: O que é uma cidade inteligente?

Cristiano Therrien: Cidades inteligentes, cidades conectadas, cibercidades, cidades responsivas, são muitas as nomenclaturas usadas para destacar a dimensão informativa da cidade. Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos. A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo – fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis. As duas cidades mais destacadas nos estudos de cidades inteligentes são Londres e Barcelona. Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

OPV: A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos. Você pode falar sobre isso?

CT: Encontramos muitas experiências diferentes em andamento nas cidades: uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto; outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e empresas.

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle, pondo em risco as liberdades individuais.

Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana (placas e identificação por radiofrequência em veículos, passes e GPS em ônibus), cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários. Dados de mobilidade são de grande utilidade pública e podem ser “anonimizados” (ter os seus identificadores pessoais eliminados) e abertos. Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para

identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

(Adaptado de: “Observatório da Privacidade e Vigilância”. Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/cidadesinteligentes-atedemais. Acesso em: 18.01.2016.)

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O conceito de “cidade inteligente” envolve, entre outros,

a) a ideia de governança transparente, que equivale ao tratamento consensual dado a questões de ordem pública.

b) a solução de problemas públicos, por meio da contratação de consórcios privados ofertados em ambiente virtual.

c) o registro e a circulação de dados informatizados, visando ao atendimento de demandas da administração pública.

d) o rastreamento de indivíduos, promovido por empresas especializadas em prevenir a violência em meios digitalizados.

e) a eficiência administrativa, obtida pela criação de aplicativos móveis que priorizem a troca de dados pessoais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Bem no fundo

no fundo, no fundo,

bem lá no fundo,

a gente gostaria

de ver nossos problemas

resolvidos por decreto

a partir desta data,

aquela mágoa sem remédio

é considerada nula

e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,

maldito seja quem olhar pra trás,

Lá pra trás não há nada,

e nada mais

mas problemas não se resolvem,

problemas têm família grande,

e aos domingos saem todos passear

o problema, sua senhora

e outros pequenos probleminhas.

(LEMINSKI, Paulo. *Poesia contemporânea*. Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1997, p. 61. [Cadernos Poesia Brasileira; v. 4])

3. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o poeta,

a) problemas coletivos só vão se resolver com a cooperação dos indivíduos.

b) problemas familiares tornam-se insolúveis se destituídos da mediação das leis.

c) problemas pessoais se agravam quando sua resolução não é imediata.

d) problemas estruturais não se resolvem por meio de regulamentações.

e) problemas sociais não podem ser resolvidos senão com a intervenção do governo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um "depósito de despojos". Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do "escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente "o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

De acordo com o texto,

a) o museu, enquanto depósito de despojos, confere destaque às características estéticas das obras, uma vez que apaga seu contexto social de produção.

b) o caráter antagônico dos museus pode ser expresso por dois pontos de vista: o da neutralização das obras modernas e o da evidenciação das lutas políticas nas obras antigas.

c) a crítica ao museu como um lugar que desmistifica a arte traz em seu bojo uma contradição, pois as acusações mais comuns lhe imputavam o mais das vezes a sacralização das obras.

d) o contexto original das obras, restaurado pelos museus, não oblitera as razões sociopolíticas que as engendraram, o que costuma ser motivo de crítica a essas instituições.

e) a junção das mais diversas obras de arte evidencia os conflitos políticos que as motivaram e que opõem diferentes matrizes estéticas, de modo que a função pacificadora dos museus pode ser questionada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Platão argumenta que o tempo (*chrónos*) “é a imagem móvel da eternidade (*aión*) movida segundo o número” (**Timeu**, 37d). Partindo do dualismo entre mundo inteligível e mundo sensível, Platão concebe o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível – eternidade. Enquanto que o tempo (*chrónos*) é a esfera tangível móbil, a eternidade (*aión*) é a esfera intangível imóbil. Sendo uma ordem mensurável em movimento, o tempo está em permanente alteridade. O seu domínio é caracterizado pelo devir contínuo dos fenômenos em ininterrupta mudança.

Posto que o tempo (*chrónos*) é uma imagem, ele não passa de uma imitação (*mímesis*) da eternidade (*aión*). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito – eternidade. Isso significa que o tempo é uma mera sombra da eternidade. Considerando que somente a região imaterial das formas puras existe em si e por si, podemos dizer que o tempo platônico é uma ilusão. Ele é real apenas na medida em que participa do ser da eternidade.

(DIVINO, Rafael. Sobre O tempo em Platão e Aristóteles, de R. Brague. Disponível em: https://serurbano.wordpress.com/ 2010/02/26/tempo-em-platao/. Acessado em: 28.12.2015)

5. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

De acordo com o texto,

a) o tempo, na visão platônica, não existe senão no mundo das ideias, pois a realidade é na verdade marcada pela ausência de mudanças, por mais que as aparências insistam em indicar o contrário.

b) tempo e eternidade, segundo Platão, são ambos ilusórios, já que o tempo apenas imita a eternidade, ao passo que esta não pode ter sua existência comprovada pelos sentidos.

c) as transformações vistas por nós ao longo do tempo, de acordo com Platão, participam do mundo sensível e, desse modo, são apenas reflexo da eternidade que caracteriza o mundo inteligível.

d) o dualismo platônico leva o filósofo grego ao estabelecimento de uma separação estanque entre o tempo, que conhecemos por meio dos sentidos, e o devir, que só é alcançado pelas ideias.

e) os fenômenos do mundo sensível e os modelos do mundo inteligível, segundo Platão, sofrem a ação do tempo, mas a constatação dessas pequenas mudanças não pode se dar em prejuízo do reconhecimento da preeminência da eternidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar “salvar a

humanidade”

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de “naves estelares” do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. “Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas”, disse. “Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço.”

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas “mininaves” na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. “Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil”, disse ele. “A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas.”

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar “salvar a humanidade”. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

6. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Uma afirmativa condizente com as informações do texto é:

a) Nas próximas décadas, um projeto milionário deverá construir espaçonaves capazes de transportar humanos a estrelas do sistema Alfa Centauri.

b) Naves de tamanho muito pequeno foram produzidas por pesquisadores financiados pelo milionário Yuri Milner e por Mark Zuckerberg.

c) O projeto apoiado por Stephen Hawking tem o objetivo de evitar que asteroides se choquem com a Terra nos próximos vinte anos.

d) O físico Stephen Hawking lidera pesquisadores na confecção de *chips* que serão inseridos em pequenos telescópios na Terra e no espaço.

e) Ainda existem muitos obstáculos a serem vencidos até que seja possível concretizar o projeto de lançar as pequenas naves ao espaço.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Paraíso achado

Durante muito tempo, apenas a olhava de longe, sem outra pretensão que apenas apreciá-la. Até que um dia, num passeio demonstrativo de canoagem, o mar estava agitado e nos obrigou a ancorar naquela praia pequena e deserta, de onde avistávamos a cidade do outro lado do canal do estuário. Tão pequena, que nos deixava ouvir claramente cada onda se desmanchar ao tocar a areia. Tão simples, que abrigava poucas construções.

Passei a manhã e a tarde naquele paraíso recém-descoberto e vaguei pelas ruelas, visitando um novo mundo.

Desde então, penso naquele refúgio com carinho especial e o visito sempre que posso, para sorver seu silêncio, a areia fofa, os cães sem nome, os moradores e seus afazeres. A pele vai ficando escura; os pensamentos, claros.

(MARTINS, Madô. Paraíso achado. In: Rubem – *Revista da Crônica* – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão. Disponível em: https://rubem.wordpress.com/2016/04/08/paraiso-achado-mado-martins)

7. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Com a expressão *"novo mundo"* (2º parágrafo), a autora

a) caracteriza a praia na qual ancorou forçosamente como um lugar protegido contra os males da civilização.

b) descreve um cenário paradisíaco, criado por sua imaginação enquanto permanece no canal do estuário de sua cidade.

c) representa um lugar selvagem e inabitado próximo à cidade em que mora, aonde vai descansar quando possível.

d) apresenta a ilha que visitou por ocasião de um passeio de canoagem muito tranquilo nas proximidades de sua cidade.

e) retrata um refúgio de calmaria e belezas naturais que encontrou para pernoitar durante uma viagem de navio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Inquilinos

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno de seu próprio eixo na velocidade apropriada e em torno do Sol, de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico – e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se – coroando o mais delirante dos sonhos liberais – sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites, e até mudar de galáxia, conforme as conveniências do mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência.

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa. Mas a responsabilidade não é nossa. A infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 19)

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Para bem comparar o funcionamento do mundo à boa administração de um prédio, o autor do texto se vale do fato de que, em ambos os casos,

a) as necessidades humanas imprimem a tudo as leis do mercado, a fim de evitar nossas falhas pessoais.

b) a distribuição e a qualidade dos serviços costumam ser justas, salvo em casos excepcionais.

c) a presença de um síndico só se faz sentir de modo positivo quando se trata de prevenir catástrofes.

d) a infraestrutura se acomoda às necessidades dos usuários, não cabendo falar em incompetência administrativa.

e) os serviços se oferecem com certa naturalidade, sem que se perceba a presença de um responsável.

9. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O autor mostra-se descrente quanto à competência dos homens para administrar o funcionamento do

mundo, tal como acusa o segmento *mesmo sob o atual regime impessoal*.

II. As expressões *gerência* (...) *entregue a uma empresa privada* e *conveniências do mercado* ajudam a ilustrar o que entende o autor por *sonhos liberais*.

III. Ao dizer que a *infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos*, o autor exime a humanidade de responder pelo que seriam as falhas de funcionamento do mundo natural.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 10 – 12.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue os próximos itens.

10. O trecho “dá muito trabalho” (l. 16) constitui uma referência de seu Joaquim à confecção da estante, tarefa que, segundo ele, seria trabalhosa.

11. De acordo com as informações do texto, Vinicius de Moraes passou a morar no apartamento onde antes residia Mário Pedrosa.

12. O “momento de hesitação” (l. 9) vivido pelo narrador deveu-se ao medo de informar o endereço a um desconhecido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e

ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

13. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue.

No texto, a palavra “fortuna” (l. 18) pode ser interpretada tanto como **sucesso** quanto como **riqueza**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado.

Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

14. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Para o autor do texto II, a solução do problema do lixo nas cidades grandes passa pela:

a) atribuição da responsabilidade pelos lixões às cooperativas de catadores.

b) diminuição da quantidade diária de resíduos produzidos pelas pessoas.

c) estipulação de uma política de gestão dos resíduos para acabar com os aterros.

d) capacitação e valorização dos trabalhadores que lidam com o lixo.

e) promoção da reciclagem doméstica do lixo para não sobrecarregar os trabalhadores dos aterros.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto CG1A1BBB

Eu tinha muito orgulho daquela espada dourada, não mais de dois centímetros, espetada na gola da camisa do colégio. Na minha turma da quarta série primária, era a única. Não me lembro que houvesse outras como ela entre os meus colegas da escola. Não do meu candidato. O broche que algumas crianças usavam trazia uma pequena vassoura. E era do “meu” adversário.

Porque aqueles símbolos, diminutos, eram tão fortes, talvez explique o fato de que – até muito tempo depois da tristeza e perplexidade que senti na derrota de Lott diante de Jânio Quadros – quando pensava naquela que foi a minha “primeira” campanha, eu lembrasse dela, basicamente, como uma eleição na qual minha espada havia sido, inexplicavelmente, derrotada por uma vassoura.

Aquele ano marcaria o despertar do meu interesse pela política.

Antônio Lavareda. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (com adaptações).

15. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Com relação ao texto CG1A1BBB e às ideias nele presentes, assinale a opção correta.

a) A maioria das crianças do colégio tinha preferência pelo candidato Lott.

b) O texto apresenta características típicas do gênero relato.

c) A vassoura representa, no texto, a candidatura de Lott.

d) O texto é predominantemente argumentativo.

e) No texto, o narrador descreve as emoções que teve ao votar pela primeira vez em eleições oficiais.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 – 19.

Texto I

“Ah, o Brasil, que país!”, exclama uma personagem de **La Vie Dangereuse**. “Que país, esse Brasil!”, repetirão, com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um diplomata reformado. Na verdade, as dimensões míticas desse subcontinente verde, sobrecarregado de movimento e de vida, só poderiam fascinar a imaginação de Blaise Cendrars. Viajante sem bagagem e sem descanso, o poeta do **Transiberiano** já se havia declarado irrevogavelmente contra as descrições de paisagens. Penetrar as coisas, interpretá-las, descrever ao seu modo animais e homens era a missão do viajante algo entediado.

A dança da paisagem... As sempre mesmas Europas... Diante delas: o Brasil, vaga expressão geográfica, país novo, quase um desconhecido de si mesmo, imenso laboratório de culturas onde coexistiam as mais contraditórias experiências de tempo social. A síntese psicológica e cultural, a paisagem humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.

Mesmo antes da Grande Guerra – está-se farto de saber –, o jovem escritor suíço pretendia, com argumentos mais ou menos míticos, haver conhecido os países decisivos do mundo, da China aos Estados Unidos da América, da Alemanha ao Egito. O seu prestígio no mundo literário, consolidado já a partir de 1912 – data da primeira edição de **Les Pâques à New York** –, crescera definitivamente, no ano seguinte, com a **Prose du Transsibérien et de la Petite Jehanne de France**, para não falarmos de outros textos que publica em revistas de vanguarda. É preciso não esquecer também algumas *plaquettes* ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos, e que os colecionadores disputam. A **Anthologie Nègre**, de 1921, vem a ser um êxito de público e de crítica; consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a moda primitivista, já em desfavor nos meios mais à vanguarda.

É depois da publicação da **Anthologie** que o compositor Darius Milhaud, interessado pelo *jazz* desde o final da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de tema negro que deseja compor. De 1917 a 1918,

Milhaud fora adido à Legação francesa no Rio de Janeiro. Viera para essa cidade a convite de Paul Claudel, então chefe da missão diplomática do seu país junto ao governo brasileiro, e que não desejava interromper a colaboração intelectual que ambos mantinham na Europa. Compositor e poeta continuarão a trabalhar juntos no Brasil, em busca de uma integração dramática entre música e teatro declamado. Para Darius Milhaud, entretanto, que também escreve a música incidental para a farsa lírica **O Urso e a Lua**, do seu chefe, a descoberta da música popular brasileira – o maxixe, o choro, o tanguinho, o samba –, com os seus problemas específicos de ritmo, foi muito estimulante. No Rio, ele conhecera o jovem Villa-Lobos – para quem Stravinski acabara de ser uma revelação –, que começava a encarar a possibilidade de utilizar, de maneira orgânica, o vasto folclore nacional. Por sua vez, Milhaud, introduzido no ambiente da música popular do Rio, recolhe o material que utilizará em seguida no **Boeuf sur le Toît**, chaplinesca "cinema-sinfonia sobre temas sul-americanos", cujo título e frenético dinamismo se inspiram, entre outros motivos, no maxixe **Boi no Telhado**, de Zé Boiadêro.

Darius Milhaud foi, sem dúvida, o primeiro intelectual a despertar a curiosidade de Cendrars pelo Brasil. Conhecedor do singular temperamento do amigo novo, o compositor percebeu o interesse que a experiência de um mundo inteiramente inédito – dessa paisagem deveras *anônima*, conforme Gobineau a classificara com hepático mau humor cinquenta anos antes – iria provocar no poeta do **Panama**. Mesmo assim, é pouco provável que, nessa época, Cendrars alimentasse o mais vago propósito de partir para a América do Sul, rumo ao país delirante e ingênuo dos bois no telhado. Os acontecimentos, porém, se precipitam.

La Création du Monde seria dançada pelos Ballets Suédois, de Rolf de Maré, em outubro de 1923, e, em janeiro do ano seguinte, com o irônico desprendimento do turista ocasional, Cendrars estava zarpando para o Brasil a bordo do Formoso, vapor que batia bandeira francesa.

Alexandre Eulálio. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Quíron, 1978, p.14-6 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto I, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

16. O trecho "paisagem deveras *anônima*" (l. 37), que apresenta expressão atribuída a Gobineau, faz referência a um lugar novo e ainda desconhecido, tendo sentido similar ao do trecho "um mundo inteiramente inédito" (l. 37).

17. Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil

devido à existência, no país, de ritmos musicais exóticos, entre os quais o maxixe.

18. Darius Milhaud, compositor que exerceu funções diplomáticas no Rio de Janeiro, inspirou-se na música popular carioca para compor o **Boeuf sur le Toît**.

19. Porquanto, conforme o texto, Blaise Cendrars era "Viajante sem bagagem e sem descanso" (l. 5) e exibia "o irônico desprendimento do turista ocasional" (l. 43), é correto concluir que o "poeta do **Transiberiano**" (l. 5) viajava ao acaso, sem que o motivasse maior curiosidade pelos lugares a que se dirigia.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 20 – 22.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

20. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o autor citado no texto 1, o futuro da medicina:

a) encontra-se ameaçado pela alta tecnologia;

b) deverá contar com o apoio positivo da tecnologia;

c) levará à extinção da profissão de médico;

d) independerá completamente dos médicos;

e) estará limitado aos meios eletrônicos.

21. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc.”.

Sobre os componentes desse segmento do texto 1, a afirmativa adequada é:

a) muitas profissões já foram perturbadas pelos avanços tecnológicos;

b) o emprego do vocábulo “vítimas” mostra que algumas profissões já foram extintas;

c) as profissões mais afetadas foram as que oferecem serviços ao público;

d) o segundo período enumera as dezenas de profissões afetadas;

e) a forma “etc.” mostra a desvalorização das profissões citadas.

22. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

De acordo com o texto 1, o título do livro de Topol – O paciente vai vê-lo agora – já mostra uma revolução, pois:

a) aponta mais conhecimento dos pacientes sobre as doenças;

b) mostra maior interesse dos pacientes pelo tratamento;

c) inverte as posições de médico e paciente;

d) indica maior rapidez no atendimento médico;

e) critica o mau atendimento dos médicos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

"A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

23. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 2 alude à "dramática transformação do crime"; essa transformação só NÃO se refere à(às):

a) quantificação dos índices de violência;

b) internacionalização da criminalidade;

c) tipologia das atividades criminosas;

d) consequências do processo de globalização;

e) modificações nas penalidades legais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

“Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado”.

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

24. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Conforme se lê no 2º parágrafo do texto, a medicina do trabalho é criada em virtude de os industriais se preocuparem com

a) o bem-estar social do trabalhador

b) a submissão dos trabalhadores

c) a convivência harmoniosa nas fábricas

d) o descaso em relação aos trabalhadores

e) a viabilidade do processo de produção

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a ex-pressão “sociedade de informação” transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando,

de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial”, como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem dessempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados-Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à informação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/ index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

25. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com o ordenamento das ideias no texto, observa-se que, depois de afirmar que há uma interação complexa entre processos sociais e transformação tecnológica, de modo que a criatividade e o espírito empreendedor interfiram nas aplicações sociais da tecnologia, o texto se refere à ideia de que

a) a expressão "sociedade de informação" foi incorporada ao vocabulário comum por meio do jargão dos meios de comunicação.

b) o conceito de "sociedade pós-industrial" relaciona-se às transformações técnicas e organizacionais provocadas pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações.

c) as atividades humanas, no novo paradigma da sociedade de informação, são afetadas diretamente pelas novas tecnologias porque a informação é parte integrante delas.

d) a visão de que as transformações tecnológicas em direção à sociedade da informação estão fora da interferência de fatores sociais e políticos é inadequada.

e) os países estão sendo auxiliados por órgão internacional na tarefa de integrar as novas tecnologias ao processo de desenvolvimento.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “Olhe, um porco de verdade.”

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

26. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Que fragmento do Texto I comprova a valorização especial que a narradora dava a esse momento de sua infância?

a) “Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer” (l. 3)

b) “Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum” (l. 7-8)

c) “No bonde mesmo o tempo começava a clarear” (l. 11-12)

d) “a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família” (l. 14-15)

e) “Eu me agarrava [...] a essa ilha encantada que era a viagem diária” (l. 17-18)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27

Texto I

Agricultura familiar

O que é agricultura familiar?

A agricultura familiar consiste em uma forma de organização social, cultural, econômica e ambiental, na qual são trabalhadas atividades agropecuárias e não agropecuárias de base familiar, desenvolvidas em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas, gerenciadas por uma família com predominância de mão de obra familiar e apresenta papel relevante para o desenvolvimento do País.

Por que a agricultura familiar é importante?

A agricultura familiar apresenta importante função para garantir a segurança alimentar; preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais.

No cenário nacional, a agricultura familiar responde por 38% do valor bruto da produção agropecuária e é responsável por mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

Considerando-se o número de estabelecimentos rurais, a agricultura familiar consegue empregar três vezes mais do que a agricultura não familiar.

Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/agriculturaa-familiar>. Acesso em: 29 jul. 2015. Adaptado.

27. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

No Texto I, compreende-se a agricultura familiar como uma

a) mão de obra estabelecida em cooperativas de cunho pecuário.

b) atividade de base familiar e de mão de obra predominantemente familiar.

c) forma de organização social, na qual são trabalhadas apenas atividades agrícolas.

d) agricultura que exerce um papel dispensável para o desenvolvimento nacional.

e) atividade familiar de ênfase cultural.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

28. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, os bancos comunitários são

a) agências com funcionários engravatados e muita burocracia.

b) lojas que vendem alimentos, roupas, sapatos e emprestam dinheiro.

c) empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos.

d) instituições financeiras que criam uma moeda própria da comunidade.

e) estabelecimentos para emprestar dinheiro a pessoas de outras comunidades.

29. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, um dos benefícios que os bancos trazem aos moradores é

a) aumentar o consumo de produtos importados.

b) avaliar a forma como empregam seu dinheiro.

c) aumentar o valor do salário recebido todo mês.

d) melhorar a relação entre os membros da comunidade.

e) facilitar o acesso a empréstimos com várias finalidades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 30 e 31.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: “Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância”.

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um

exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

30. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Para o narrador, a história de Takeshi Nojima chama a atenção porque este

a) inventou novos sonhos para não levar uma vida ociosa.

b) veio do Japão e trabalhou em várias coisas antes de estudar.

c) foi um filho dedicado e um pai responsável.

d) é um senhor de 80 anos que decidiu voltar a estudar.

e) está preocupado em obter a aposentadoria compulsória.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Em relação à atitude de Takeshi Nojima, o narrador

a) concorda com ela, pois acredita que a expectativa de vida dele será muito alta.

b) discorda dela, pois acredita que ele realmente estará tirando o lugar de jovens.

c) concorda com ela, pois acredita que uma pessoa deva perseguir os seus sonhos.

d) discorda dela, pois acredita que ele terá uma atuação profissional lastimável.

e) concorda com ela, pois acredita que ele esteja só se divertindo com a situação.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 32 e 33.

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das

possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia" (ou "pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. *Revista USP*, nº 92. Adaptado)

32. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Do ponto de vista do autor, as redes sociais

a) são um universo ao qual os usuários resistem porque são afeitos à discrição nos relacionamentos.

b) preservam identidades e opiniões, sendo, portanto, ponto de referência para a busca de informações qualificadas.

c) garantem julgamentos justos, pela comunidade, dos usuários que nelas expõem seus hábitos e ideologias.

d) disponibilizam abundantes informações, o que exige que seus usuários filtrem o que de fato interessa.

e) condensam a infinidade de dados nelas circulantes, caracterizando-se como um meio confiável de exposição pessoal.

33. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Entre os aspectos negativos que se apontam para usuários das mídias eletrônicas estão

a) a possibilidade de exibição da intimidade e a ansiedade devido à falta de conexão em rede.

b) a superposição de virtudes a grandes fraquezas morais e a ênfase ao cultivo da individualidade.

c) a possibilidade de imiscuir-se na vida alheia e o consumo de remédios viciantes.

d) o convívio ilimitado com os demais usuários da rede e o uso regulado de informações.

e) o envenenamento do espírito e a harmonia entre os membros do grupo de usuários.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 34 e 35.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

34. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

As informações dos três parágrafos iniciais do texto sustentam a seguinte ideia:

a) o fato de 59 milhões de consumidores estarem impedidos de obter novos créditos limita os prejuízos à economia do país.

b) a Associação Nacional dos Birôs de Crédito tem alterado o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras.

c) o aumento dos créditos aos consumidores teve como consequência imediata o não atendimento às suas

obrigações.

d) o emprego e o mercado de crédito têm-se mantido inabalados diante de um cenário negativo da economia brasileira.

e) a alteração nos rumos da economia nacional fez com que expressiva parcela da população se tornasse inadimplente.

35. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na conclusão no texto, “o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego” são apontados como características

a) positivas e vivenciadas na economia da última década.

b) negativas e distantes do cenário econômico atual.

c) negativas e típicas do atual período de retração econômica.

d) negativas e improváveis na situação econômica presente.

e) positivas e marcantes da economia no presente do País.

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

36. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

De acordo com a descrição do texto, Garcia era um homem de

a) limitada inteligência, não trabalhava e vivia com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

b) razoável inteligência, não trabalhava porque aumentava o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

c) debilitada inteligência, não podia trabalhar, apesar de viver mal com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

d) excepcional inteligência, e a explorava trabalhando muito para manter o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

e) nenhuma inteligência, trabalhava na cidade, pois não conseguia viver com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. c; 5. c; 6. e; 7. a; 8. e; 9. d; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. d; 15. e; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. b; 21. a; 22. c; 23. e; 24. e; 25. e; 26. e; 27. b; 28. d; 29. e; 30. d; 31. c; 32. d; 33. a; 34. e; 35. c; 36. a.

26.3. RESUMO

Enunciados mais comuns de Compreensão de Textos:

De acordo com o texto...

Segundo o texto...

O texto diz...

O texto fala...

Ideia presente no texto...

Segundo o autor...

Compreende-se no texto...

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Bem, o mais importante é que você entenda que interpretar um texto é diferente de compreender. Até aqui, você viu que as questões de compreensão de textos são aquelas em que você precisa estar apto para localizar informações no texto, com técnica e agilidade. E precisa treinar o reconhecimento de paráfrases (reescrituras do texto).

Agora, vamos ver como são as questões de Interpretação de Textos. Interpretação é o mesmo que inferência, dedução. Neste caso, você precisa ir um pouco além do que diz o texto, concluir com base no que se leu.

Você deve estar aí pensando... Mas e se eu extrapolar? E, se na hora de eu responder, acabar indo muito além do que o texto permite?

Sim, esse é o cuidado que se deve ter! Como nas questões de inferência, você é convidado a sair “um pouquinho” do texto, o grande perigo é você viajar demais...

Por isso, sempre digo que, na hora de inferir, você deve buscar uma pista textual que permita tal inferência, tal dedução. É como se fosse uma discussão em uma relação. Você discute com seu parceiro(a), mas, quando vai analisar a fundo os motivos, acaba pensando que não há por quê... Nesse caso, você extrapolou!

Agora, se a discussão tem base em uma pista, algo que se disse ou que se fez, aí sim... Nesse caso, você tem um pressuposto textual.

Implícitos textuais são informações que se deduzem a partir do que foi lido. E normalmente haverá palavras ou expressões do texto que ensejam conclusões, inferências. Gosto de chamá-las de pistas textuais – são os pressupostos!

Veja exemplos. Ao dizer a uma pessoa que ela é a amiga mais querida que você tem, há aí uma pista para uma inferência. O vocábulo “mais” é a pista para que se deduza que “há outras amigas”.

Ao se falar “Eu prefiro ficar aqui hoje”, o verbo “preferir” é um pressuposto para que se deduza que há outras opções, mas a pessoa escolheu a alternativa de estar ali.

Quando se diz, por exemplo, que o Brasil ainda não alcançou certo grau de desenvolvimento, tem-se aí uma mensagem otimista. Pode-se deduzir, com base no pressuposto textual “ainda”, que é certo que o país atinja esse nível.

Bem, vamos às questões de inferência?

Primeiro, vou dar exemplos, vou comentar duas questões, assertiva por assertiva, para você. Depois é a sua vez, ok?

QUESTÕES COMENTADAS

Texto 3 – Normose, um distúrbio da vida moderna

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma “prima” menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. “Ela (normose) surge quando o sistema no qual nós existimos encontra-se dominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente”, explica o eminente psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do

assunto no Brasil.

1. **(TCE – Sergipe – Analista T.I. – Desenv. – FGV 2015)** Pode-se inferir do segmento “A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas” que:

a) algumas doenças psicossomáticas são originadas do descuido geral com a saúde, por falta de tempo e dinheiro;

b) o corre-corre da vida moderna é a causa do distanciamento do espiritual e do imediatismo;

c) atualmente há mais possibilidade do desenvolvimento de doenças psicossomáticas do que anteriormente;

d) a falta de cuidado espiritual traz como consequência o relaxamento com os valores materiais;

e) as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna.

No trecho, tem-se a seguinte informação: “a sociedade moderna com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade”.

E a banca quer que você assinale uma possível dedução. O que fazer? Primeiramente, resuma mentalmente o que você entendeu desse trecho. Resumir é organizar sintaticamente a frase, extraindo dela somente o que é essencial: sujeito, verbo, complemento.

Depois disso, busque, nas alternativas que a banca oferece, apenas aquela que tenha uma pista, um pressuposto para ela. Lembre-se de que só será uma possível inferência aquela que tiver um pressuposto no texto. Caso contrário, não será inferência, será extrapolação.

“A sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade…”. Já se consegue visualizar aqui um pressuposto textual… Ao se usar o vocábulo “mais”, está se dizendo que na modernidade algo ficou mais fácil do que era… Está se querendo dizer que há uma facilidade na modernidade maior do que no passado. Por que eu deduzi isso?

Pressuposto textual. Quando o autor disse “a sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade”, então eu posso deduzir que atualmente é mais possível que isso aconteça do que anteriormente. Você entendeu o que é que é uma dedução? A dedução diz um pouco mais do que diz o texto, mas ela não viaja, não é uma extrapolação… Ela se atém ao que está no texto, só que se baseia em um pressuposto, em uma pista, que, nesse caso, a foi “mais facilidade”. Pense comigo: se eu tenho mais facilidade numa sociedade moderna é porque antigamente era mais difícil isso.

Por isso, a resposta foi letra C. A palavra “anteriormente” na letra C não está no texto, mas é a inferência a partir do que se leu.

A letra A cria uma falsa relação de causa e efeito, que não está no texto. Pode até ser uma verdade da vida, mas o texto nem fala de falta de dinheiro… Extrapolação, portanto.

A letra B cria também uma falsa relação de causa e efeito entre ideias que

estavam paralelas, coordenadas no texto. Observe que há uma enumeração nas primeiras linhas do texto (coordenação, portanto) entre o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo, mas essas ideias não se relacionam por causa e efeito.

A letra D cria também uma relação de causa e efeito falaciosa. O texto não diz que a falta de cuidado espiritual gera distanciamento dos valores materiais. Isso pode ser uma verdade da vida também, mas vai além do que se leu.

E, na letra E, há uma generalização excessiva. Não se pode dizer que todas as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna. O texto só nos permite dizer que “algumas surgiram” daí.

Todas extrapolam, portanto, somente a letra C é uma inferência possível a partir do que se leu.

Texto

A Prefeitura de São Paulo vai criar um manual para orientar funcionários de empresas de limpeza urbana sobre como proceder ao se depararem com grafites e pichações em muros públicos. Uma lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. O problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza. Previsto para outubro, o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o que deve ou não ser apagado. Os agentes passarão por um treinamento. A limpeza de grafites gerou constrangimento nas últimas duas gestões municipais.

2. (Prefeitura Cuiabá – Administrador Hospitalar – Superior – FGV 2015)

Deduz-se do texto que

a) os funcionários de limpeza urbana apagam todas as pichações.

b) os servidores da Prefeitura de São Paulo seguem a lei.

c) algumas pichações constrangedoras foram apagadas.

d) nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo.

e) o treinamento vai ensinar como apagar as inscrições de rua.

Mais uma questão de inferência… Inicialmente, vamos resumir o que entendemos do texto (repare que a banca não destacou nenhum trecho do texto, as alternativas poderão se referir a qualquer parte do texto).

Bem, entendemos que haverá um manual para orientar funcionários para como se proceder diante de pichações em espaços públicos. E que há espaços públicos que têm autorização para pichação e há espaços sem autorização.

Vamos agora buscar a assertiva que possa ser deduzida com base em um pressuposto do texto. Lembre-se: somente uma poderá ser deduzida, as outras irão além do que permite o texto ou o contradirão.

A resposta é letra D. Por que eu posso deduzir que nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo? A letra D diz que “nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo” Tem-se aqui uma informação com pressupostos no texto. Um deles é quando se diz “o problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza”. Ao se falar “obras autorizadas”, está-se falando indiretamente que há obras não autorizadas.

Outro pressuposto presente no texto é quando se diz que “o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o deve ou não deve ser apagado”. Ao

se dizer isso, subentende-se que nem toda pichação é vandalismo.

Vamos às outras?

A letra A contradiz o texto, dizendo que os funcionários apagam todas as pichações. Não todas.

A letra B mistura informações do texto. O texto fala em lei, mas, ao falar de lei, não diz que os funcionários da prefeitura a seguem. Apenas diz que a lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. Além disso, percebeu que há também uma extrapolação? A letra B fala em "servidores da prefeitura" e o texto fala em "servidores de empresas de limpeza urbana". Não são todos os funcionários.

A letra C fala em "pichações constrangedoras", mas, segundo o texto, houve um constrangimento nas "gestões municipais".

A letra E também extrapola… O treinamento não vai ensinar a "apagar as inscrições", mas vai ensinar os funcionários a como "proceder ao ser depararem com grafites e pichações em muros públicos".

Agora é a sua vez…

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco

desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. “Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia...” Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber “que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha”.

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Depreende-se da frase ... *nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha* que

a) a loucura, o mais das vezes, é vista como uma característica que marca a singularidade, enquanto a lucidez é um atributo costumeiro da velhice.

b) essas duas características, lucidez e loucura, devem ser vistas com reserva, uma vez que a fronteira entre ambas nem sempre é clara.

c) as inovações, por mais lúcidas que sejam, devem algo à loucura, pois é mediante o abandono da causalidade natural que se obtém algo inusitado.

d) ambas as características podem conviver em obras de arte de vanguarda, uma vez que não são conflitantes.

e) a genialidade pode ter algo de lucidez, embora, para que isso ocorra, tenha de negar a loucura, podendo ocorrer o inverso, o que caracteriza essencialmente a inovação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

− E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

− Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Atente para as afirmações abaixo.

I. Em *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade* (1º parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse *contato* visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.

II. Em *Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita* (15º parágrafo), a repetição do verbo “mastigar”, cujo início ecoa ainda na conjunção *Mas* que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.

III. Em – *Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!* (18º parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) I.

d) III.

e) II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Um pequeno tesouro literário, guardado com esmero durante quatro gerações, veio a público nesta quinta-feira (15.10.2015). Dezenas de documentos, fotos e 61 cartas do crítico e acadêmico José Veríssimo, recebidas do escritor Machado de Assis, foram entregues pela família de Veríssimo à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Textos manuscritos, datados do início do século passado, e até uma fotografia e 12 cartas inéditas do patrono da Academia ficaram guardados por décadas em um antigo gaveteiro de madeira, que veio passando de geração em geração e, por último, estava no apartamento da aposentada Helena Araújo Lima Veríssimo, viúva do jornalista Jorge Luiz Veríssimo, um dos netos de José Veríssimo.

Apesar do valor histórico e sentimental do material, a família achou melhor entregar a guarda dos documentos à ABL, que tem condições ideais para preservar a coleção, em que se destaca uma foto inédita de Machado de Assis. “O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar. O marechal organizou o acervo, escreveu uma biografia de José Veríssimo e depois passou tudo para meu marido”, disse Helena.

Para o presidente da ABL, Geraldo Holanda Cavalcanti, trata-se de um acervo precioso e que pode incentivar outras famílias, detentoras de material histórico sobre os acadêmicos, a também doarem o acervo à Academia. “Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos”, disse Cavalcanti.

(Adaptado de: OLIVEIRA, Gomes. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <www.folharondoniense.com.br/cultura/cartas-ineditas-de-machado-de-assis-sao-doadas-a-academia-brasileira-de-letras>.)

3. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era

uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar.

A passagem destacada permite concluir que, na opinião de Helena Araújo Lima Veríssimo,

a) não é muito comum haver militares interessados em literatura.

b) não é raro encontrar militares que entendam profundamente de literatura.

c) é esperado que os militares de alta patente entendam de literatura.

d) é natural que um filho de acadêmico se torne um militar apaixonado por literatura.

e) é frequente encontrar militares com formação especializada em literatura.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D'Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

4.(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do texto I, julgue o próximo item.

De acordo com as informações do texto, é correto inferir que seu Joaquim era analfabeto, uma vez que ele “desenhou o endereço na nota” (l. 13).

Leia o texto a seguir para reponder às questões 5 – 7.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

(INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue os itens que se seguem.

5. Do texto não é possível concluir se “o pobre namorado” (l. 1) é Antônio Carlos de Oliveira ou o Sr. Dr. Estêvão Soares.

6. Dada a assinatura “O amigo das letras” (l. 20), é correto concluir que o trecho publicado no Jornal do Comércio é uma carta.

7. Depreende-se do texto que Antônio Carlos de Oliveira vai iniciar uma atividade profissional ligada à propaganda, para a qual tem muito talento.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da

máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

(TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto **CB2A2AAA**, julgue os itens que se seguem.

8. Infere-se do texto que os tribunais de contas agem sob a égide do dever de cuidado não apenas ao zelarem pelo interesse público expresso nos dispositivos legais, mas também ao se obrigarem a atuar em cooperação com as demais estruturas públicas de controle.

9. Depreende-se do texto que o não cumprimento do dever de cuidado por omissão poderá resultar na aplicação de sanções ao servidor público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira

de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

10. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Depreende-se do texto II que seu autor:

a) acredita que a solução para o lixo das cidades resume-se à coleta seletiva.

b) é contrário à existência dos lixões.

c) acredita que os governos precisam criar mais espaços como os lixões nas cidades.

d) é a favor da ideia de que no máximo 90% do lixo do Brasil seja reciclado.

e) defende que os lixões sejam privatizados.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 11 – 14.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O

renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra — é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e,

sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

11. As relações semântico-sintáticas no período “Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas” (l. 16 e 17) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.

12. O trecho “viceja um esplêndido indigenismo” (l. 2) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas.

13. A oração reduzida iniciada pelo gerúndio “incluindo” (l. 6-7) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.

14. Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

15. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso.*"

Infere-se corretamente desse segmento do texto que

a) a utilização da água de reúso é uma estratégia menos sofisticada.

b) a reutilização da água traz perigo à saúde, daí as placas de alerta.

c) as caixas-d'água se localizam em telhados para recolherem água da chuva.

d) as lajes passaram a substituir telhados por serem mais seguras.

e) as garagens são a localização mais comum para as caixas-d'água.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

16. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades.”

Pode ser inferido desse segmento do texto 1 que:

a) não há concentração de renda em todas as cidades;

b) os problemas sociais urbanos resumem-se à segregação;

c) o planejamento público se destina a impedir o crescimento das cidades;

d) as políticas de controle impediriam a concentração de renda;

e) os problemas sociais urbanos são vários e passíveis de controle.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se

encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

17. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico”.

Esse segmento do texto 2 alude ao seguinte fato:

a) preocupação das autoridades com a ampliação do crime;

b) investigação policial sobre o crime organizado;

c) corrupção em altos escalões do poder;

d) crescimento do crime em nosso país;

e) chegada ao Brasil do crime organizado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como ex- plicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “Olhe, um porco

de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “Olhe, um porco de verdade.”

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

18. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

No Texto I, a narradora diz que “uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo” (l. 12). Essa imagem apresenta indícios de que

a) o sol estava encoberto, talvez por nuvens, talvez por folhagens.

b) uma inversão entre o sol e sua luz justifica essa visão subjetiva.

c) a luz parecia reproduzir as mesmas emoções da menina.

d) o dia amanhecia mais tarde do que o costumeiro.

e) os banhos de mar aconteciam em qualquer lugar.

Leia o texto a seguir para responder às questões 19 e 20.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri “Garruchas e punhais” – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: “O mosteiro de tijolos de feltro”. Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida.

Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: “Uma noite no mar Cáspio”. Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 26.01.2016. Adaptado)

19. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Com as passagens do texto “mal informada de tudo” (1º parágrafo) e “Mas não quis decepcionar a moça.” (3º parágrafo), o narrador mostra-se

a) hostil, embora a aluna da Sorbonne não evidenciasse entusiasmo pelo assunto do trabalho a ser realizado.

b) apreensivo, pois a aluna da Sorbonne não demonstrava interesse no assunto do trabalho a ser realizado.

c) receptivo, ainda que a aluna da Sorbonne não dominasse o assunto do trabalho a ser realizado.

d) indiferente, tanto que a aluna da Sorbonne não manifestou conhecimento do assunto do trabalho a ser realizado.

e) confuso, à medida que a aluna da Sorbonne dava indícios de desconhecer o assunto do trabalho a ser realizado.

20. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A frase – Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados (3º parágrafo) indica que o narrador, em suas brincadeiras de criança,

a) acreditava que a rivalidade entre as duas ruas era algo sem propósito.

b) orgulhava-se por ser espião nas duas ruas, principalmente pelo pagamento.

c) pagava aos meninos de ambas as ruas para não se envolver em suas brigas.

d) atendia os pedidos dos amigos, pois se considerava o melhor espião do lugar.

e) encantava-se com a richa entre as ruas, por isso defendia a mais forte.

(Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre “As vantagens de ser mãe de menina” ou “Por que é bom ser mãe de menino”: “meninos não têm frescura”, “meninas são mais delicadas”, “eles são mais corajosos”, “elas são mais choronas” e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de

gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais "aventureiros" e "danados" e as meninas mais "cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que "tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. "Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o "engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: "Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: "As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

21. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O episódio ocorrido em uma loja de brinquedos demonstra que

a) a vendedora imaginou que a autora procurava um brinquedo de menina para presentear alguém.

b) o brinquedo que interessou ao menino é convencionalmente associado a uma atividade feminina.

c) brincar de casinha não merece a aprovação da autora, especialmente porque seu filho pode se interessar por isso.

d) o avô do garoto não acatou o argumento da filha e continuou sendo contrário a homem lavar louça.

e) a autora teve dificuldade em aceitar a escolha do filho, fazendo juízos equivocados das escolhas dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: “Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância”.

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

22. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

No último parágrafo do texto, na passagem –… se fosse reprovado, começaria tudo **de novo**. E aí **de novo** ele dá um exemplo. –, a repetição das expressões em destaque ressalta a ideia de

a) perseverança.

b) desilusão.

c) proibição.

d) abandono.

e) fracasso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

23. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Ao dizer que uma das coisas que Garcia fazia era “trocar as pernas pela cidade”, o narrador pretende dizer que o homem

a) andava sempre acompanhado.

b) ia a poucos lugares.

c) dava passos largos.

d) tinha as pernas fracas.

e) caminhava sem rumo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Tato

Na poltrona da sala

as minhas mãos sob a nuca

sinto nos dedos

a dureza dos ossos da cabeça

a seda dos cabelos

que são meus

A morte é uma certeza invencível

mas o tato me dá

a consistente realidade

de minha presença no mundo

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013)

24. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

A leitura do poema revela que a criação poética baseia-se em

a) uma situação prosaica.

b) um momento melancólico.

c) uma cena imaginária.

d) um fato inusitado.

e) uma circunstância irreal.

Gabarito: 1. a; 2. e; 3. a; 4. E; 5. C; 6. E; 7. E; 8. C; 9. C; 10. b; 11. C; 12. E; 13. E; 14. E; 15. b; 16. e; 17. c; 18. a; 19. c; 20. a; 21. b; 22. a; 23. e; 24. a.

26.6. RESUMO

Enunciados mais comuns de inferência:

• *Depreende-se/infere-se/conclui-se do texto que...*

• *O texto permite deduzir/inferir que...*

• *É possível subentender do texto que...*

• *Qual a intenção do autor quando afirma que...*

• *O texto possibilita o entendimento de que...*

• *O autor pretende mostrar que...*

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

LÍNGUA PORTUGUESA

1.000 Exercícios
Questões simuladas e questões de concursos anteriores com os gabaritos

Central de Concursos / Degrau Cultural

RIO DE JANEIRO

CINELÂNDIA: Praça Mahatma Gandhi, 2 / 2° andar * (21) 2279-8257

CENTRO: Rua da Alfândega, 80 / 2° andar * (21) 3970-1015

COPACABANA: Av. N. Sra. Copacabana, 807 / 2° andar * (21) 3816-1142

MADUREIRA: Shopping Tem-Tudo / Slj 18 * (21) 3390-8887

MEIÉR: Rua Manuela Barbosa, 23 / 2° andar * (21) 3296-8857

NITERÓI: Rua São Pedro, 151 / Sobreloja * (21) 3604-6234

SÃO PAULO

SÃO PAULO: Rua Barão de Itapetininga, 163 / 6° andar * (11) 3017-8800

SANTO ANDRÉ: Av. José Cabalero, 257 * (11) 4438-8777

SANTO AMARO: Av. Santo Amaro, 5860* (11) 5181-2221

1.000 Exercícios de Língua Portuguesa

TESTES

Editora Executiva
Andréa Martins

Supervisão Didática e Pedagógica
Marcia Nogueira

Diagramação e Revisão
Sônia Oliveira
Rodrigo Nascimento

Revisão Final
Priscila Oliveira

Proibida a reprodução no todo ou em partes, por qualquer meio ou processo, sem autorização expressa. A violação dos direitos autorais é punida como crime: Código Penal, Art nº 184 e seus parágrafos e Art nº 186 e seus incisos. (Ambos atualizados pela Lei nº 10.695/2003) e Lei nº 9.610/98 - Lei dos Direitos Autorais.

Prezado(a) candidato(a),

A recomendação básica a todos os candidatos que estão se preparando para prestar concurso é uma só: realizar muitos exercícios para melhor fixação dos conteúdos estudados.

Partindo deste princípio, a equipe pedagógica da Central de Concursos / Degrau Cultural preparou esta apostila digital, contendo uma bateria de testes focados nos principais tópicos solicitados nos programas de Língua Portuguesa.

Além das questões simuladas, elaboradas por experientes profissionais, você encontrará também questões de vários concursos anteriores.

Esperamos, sinceramente, que este trabalho cumpra com o seu objetivo, permitindo que você reforce seus conhecimentos através de um paciente e rotineiro exercício de resposta aos testes propostos.

Desde já desejamos-lhe boa sorte nesta empreitada e sucesso na conquista da tão sonhada vaga.

Atenciosamente,

Os Editores

ÍNDICE

ASSUNTO:	PÁGINA
Estrutura da Palavra - Processos de Formação de Palavras	05
Classe das Palavras	09
Classes de Palavras Substantivo:	18
Classes de Palavras Adjetivo:	19
Classes de Palavras Pronome:	20
Classes de Palavras Verbo:	22
Colocação dos Pronomes Oblíquos Átonos	25
Regência, Crase, Emprego da Preposição	26
Concordância: Nominal e Verbal	31
Termos da Oração / Valor Semântico das Conjunções / Classif.Orações	38
Ortografia: Acentuação Gráfica, Emprego das Letras	44
Pontuação	51
Divisão Silábica	52
Emprego de Vocabulário / Valor Semântico das Palavras	54
Encontros Vocálicos e Consonantais	56
Contagem de Fonemas	57
Sintaxe	58
Questões Gerais	62
Questões de Provas Anteriores	66
Gabarito	100

PORTUGUÊS

ESTRUTURA DA PALAVRA PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

01. Assinale a opção em que nem todas as palavras possuem o mesmo radical:
a) noite, anoitecer, noitada;
b) luz, luzeiro, alumiar;
c) incrível, crente, crer;
d) festa, festeiro, festejar;
e) riqueza, ricaço, enriquecer.

02. A série em que os vocábulos enumerados se relacionam porque provêm da mesma raiz é:
a) florescer, flandres, florear;
b) pousada, aposentado, cômodo;
c) reger; regulamento; regra;
d) corte; percurso; correr;
e) angústia; ângulo; anjo.

03. Assinale oca única opção em que ocorre variante do radical:
a) dizer, dizes, dizia;
b) faço, fazes, façamos;
c) amaria, amavas, amou;
d) quero, queres, querias;
e) vência, venceste, vence.

04. Assinale a opção em que há erro na identificação do elemento mórfico grifado:
a) compost**a**s: desinência de feminino;
b) **quadr**ar: radical;
c) adot**ei** vogal temática;
d) parec**e**ram: vogal temática;
e) influênci**a**: desinência de feminino.

05. Vocábulo onde existe desinência de gênero:
a) segredo;
b) curiosidade;
c) força;
d) verbo;
e) alheia.

06. Assinale a alternativa sem desinência modo-temporal:
a) aplaudias;
b) acordou;
c) faltarás;
d) vendam;
e) cobrasses.

07. Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado:
a) vaga-lume: composição;
b) cruzeiro: sufixação;
c) palmeira: sufixação;
d) irritação: sufixação;
e) baunilha: sufixação.

08. Indique a palavra que foge ao processo de formação de chape-chape:
a) zunzum;
b) reco-reco;
c) toque-toque;
d) tlim-tlim;
e) vivido.

09. Assinale a letra em que as palavras são formadas por **derivação regressiva, derivação parassintética e composição por aglutinação**, respectivamente.
a) neurose, infelizmente, pseudônimo;
b) ajuste, aguardente, arco-íris;
c) amostra, alinhar, girassol;
d) corte, emudecer, outrora;
e) pesca, deslealdade, vinagre.

10. Grupo de três palavras formadas por **DERIVAÇÃO:**
a) pesaroso, apelo (subst.), refazer;
b) pontapé, introduzir, cipoal;
c) decímetro, casamento, namoro (subst.);
d) cine, guarda-roupa, infiel;
e) infelizmente, amolecer,varapau.

11. Indique a opção em que foram utilizados processos de formação de palavras idênticos aos dos vocábulos **plenilúncio / burocracia:**
a) vaivém / saca-rolhas;
b) surdo-mudo / corre-corre;
c) aguardente / alcoômetro;
d) vaivém / automóvel;
e) planalto / vinagre.

12. Assinale a opção onde se indica erroneamente o processo de formação:
a) encontrável: **derivação sufixal;**
b) inesperado: **derivação prefixal;**
c) emudecer: **derivação sufixal;**
d) inaudível: **derivação prefixal;**
e) canto: **derivação regressiva.**

13. Assinale o vocábulo que apresenta o mesmo processo de formação de vaga-lume:
a) descobriu;
b) lembrança;
c) encantamento;
d) doçura;
e) fios-de-ovos.

14. Numere as palavras da primeira coluna conforme os processos de formação numerados à direita. Em seguida, marque a alternativa que corresponde à seqüência numérica encontrada:

( ) outrora	(1) justaposição
( ) a caça	(2) aglutinação
( ) pontapé	(3) parassíntese
( ) planalto	(4) derivação prefixal
( ) anoitecer	(5) derivação regressiva.
( ) transcontinental	

a) 4, 5, 2, 1, 4, 3;
b) 2, 3, 1, 2, 3, 4;
c) 1, 5, 2, 1, 4, 3;
d) 1, 5, 2, 1, 3, 4;
e) 2, 5, 1, 2, 3, 4.

15. Assinale o par de vocábulos cujos prefixos possuem valor locativo, indicando, respectivamente, as idéias de **por cima e por baixo.**
a) hipertrofia / hipotensão;
b) hipérbole / perímetro;
c) exotérmico / hemisférico;
d) epiderme / prólogo;
e) introduzir / decrescer.

16. Observe, nos vocábulos que se seguem, que o mesmo sufixo pode ser escrito de formas diferentes: com **c** (aplicação), **s** (expansão) e **ss** (intromissão). Assinale a serie em que um dos substantivos apresenta o sufixo grafado de modo incorreto
a) rendição, presunção, fixação;
b) discussão, excessão, admissão.
c) diversão, compreensão, distensão;
d) paralisação, pulsação, cassação;
e) submissão, sucessão, concessão.

17. Assinale a opção em que todos os verbos formam substantivos designativos da ação ou do resultado dela – por meio de sufixos distintos entre si:
a) apreender, pressintir, converter;
b) descrever, crer, dedicar;
c) confessar, lembrar, transmitir;
d) suprimir, esquecer, tolerar
e) iniciar, prever, aceitar.

18. Assinale o par de vocábulos cujos sufixos possuem valor semântico idêntico ao dos sufixos de **brasileiro e escureza**, respectivamente:
a) espanhol / mansidão;
b) laranjeira / honradez;
c) cearense / dentista;
d) budismo / venenoso;
e) francês / leitura.

19. Assinale o par de vocábulos cujos sufixos possuem valor semântico idêntico ao dos sufixos de brasileiro e altura, respectivamente:
a) budismo / leitura;
b) espanhol / beleza;
c) paraense / dentista;
d) coqueiro / formatura;
e) sulista / nomeação.

20. Assinale o vocábulo cujo sufixo traduz a mesma idéia que o sufixo de **bebedouro:**
a) duradouro;
b) inibitório;
c) satisfatório;
d) vindouro;
e) dormitório.

21. Assinale o par de vocábulos cujos prefixos guardam entre si oposição semântica:
a) inconsciente / anormal;
b) antevisão / predestinação;
c) contracultura / anticorpo;
d) interplanetário / entrelinha;
e) importado / exposto.

22. Assinale o par de vocábulos cujos prefixos possuem valor locativo, indicando, respectivamente, as idéias de **por cima e por baixo:**
a) supracitar / hipotenso;
b) sobrevir / subnutrido;
c) superposição / subseqüente;
d) hipersensibilidade / subcutâneo;
e) sobrevoar / hipodérmico.

23. Assinale o par de vocábulos que não guardam entre si a relação existente entre **vernáculo / vernaculizar:**
a) falso / falsificar;
b) suave / suavizador;
c) verniz / envernizar;
d) puro / purificar;
e) universal / universalizar.

24. Assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação significativa existente entre **considerar / consideração:**
a) desenvolver / desenvolvimento;
b) realizar / realizável;
c) opor / oponente;
d) criar / criativo;
e) matar / matadouro.

25. Vocábulo cujo prefixo se distingue semanticamente do de **imprevisto:**
a) impor;
b) inútil;
c) legível;
d) imperfeito;
e) incompetência.

26. O sufixo do vocábulo habilidade e o sufixo do vocábulo **transferência** são usados para derivar, respectivamente, nomes das seguintes formas:
a) íntimo / revelar;
b) sutil / surgiu;
c) efêmero / ocorrer;
d) pobre / advertir;
e) intenso / comprometer.

27. O par de vocábulos formados com prefixos de significados diferentes é:
a) euforia, benefício;
b) percorrer, recorrer;
c) predizer, programar;
d) ultrapassar, transpor;
e) anfiteatro, perimetral;

28. Assinale o par de vocábulos que não guardam entre si a mesma relação semântica existente entre **regular / regularizar.**
a) diverso / diversificar;
b) caráter / caracterizar;
c) brasileiro / abrasileirar;
d) geral / geralizar;
e) forte / fortalecer.

29. Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo, e assinale a reposta correta:

1 -	translúcido	( ) contraveneno.
2 -	antídoto	( ) metamorfose.
3 -	transforma	( ) diáfano.
4 -	adversário	( ) antítese.
5 -	oposição	( ) antagonista.

a) 1, 3, 4, 2, 5;
b) 2, 3, 4, 5, 1;
c) 2, 3, 1, 5, 4;
d) 1, 4, 5, 2, 3;
e) 4, 3, 1, 5, 2.

30. Assinale a opção em que nem todas as palavras têm o mesmo radical.
a) dizendo, indizível, diríamos;
b) batida, batedeira, combater;
c) legalidade, ilegalizar, inelegibilidade;
d) caracterização, descaracterizar,caracterizava;
e) embrutecer, bruto, brutal.

31. A opção em que não se verifica variação de radical é:
a) valho - valeria - valêsse-mos;
b) coubeste - cabes - caibas;
c) brincam - brinques -brincávamos;
d) sentíeis - sinta - sentiram;
e) servistes - sirvo - servira.

32. Assinale a opção em que todas as palavras possuem um mesmo radical.
a) favo - favor - favorável;
b) luz - luzeiro - aluminar;
c) perfumado - fumaça - fumo;
d) virgem - virginal - viavem;
e) as letras "b" e "d" estão corretas.

33. Assinale o **INCORRETO** quanto à análise mórfica da forma verbal DEIXARA:
a) deix - radical;
b) a - (o primeiro) - vogal temática;
c) deixa - tema;
d) ra - desinência / sufixo modo temporal;
e) a - (o segundo) - desinência / sufixo número-pessoal.

34. Não é **COMPOSIÇÃO** por **AGLUTINAÇÃO**:
a) fidalgo;
b) petróleo;
c) manda-chuva;
d) aguardente;
e) horticultura.

35. O processo que gerou o substantivo brilhante, a partir do adjetivo brilhante, é chamado:
a) reduplicação;
b) regressão;
c) conversão;
d) parassíntese;
e) aglutinação.

36. Assinale a opção em que todas as palavras obedecem ao mesmo processo de formação:
a) aguardente - girassol - reco-reco;
b) boiada - garotada - aterro;
c) sociologia - burocracia - televisão;
d) passatempo - fidalgo - decímetro;
e) descobrir - infeliz - planalto.

37. Incorreta a caracterização do processo de formação:
a) meio-dia: composição por justaposição;
b) fortalecer: derivação sufixal;
c) demora (substantivo): derivação regressiva;
d) fonseca: derivação sufixal;
e) pneu: abreviação.

38. Em ". . . Dádiva ao Senhor . . ."
A palavra Senhor é um exemplo de:
a) derivação regressiva;
b) aglutinação;
c) conversão;
d) reduplicação;
e) derivação sufixial.

39. Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
a) sensibilidade - delicadeza - docemente;
b) decoração - bronzeado - selvagem;
c) fraqueza - doçura - ferocidade;
d) sentimento - rapidamente - majestosa;
e) dourado - vegetação - beleza.

40. Assinale. a opção em que o afixo da palavra tenha o mesmo sentido que o encontrado na palavra **ESCORRER:**
a) introduzir;
b) importar;
c) exportar;
d) decair;
e) soterrar.

41. Assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação significativa existente entre **EXPORTAR / EXPORTAÇÃO**:
a) importar / importador;
b) estudar / estudante;
c) descobrir / descobrimento;
d) opor / oponente;
e) ouvir / audível.

42. Assinale a opção em que as palavras obedecem aos mesmos processos de formação que os das palavras: **INÚTIL, QUERO-QUERO e ATUANTE:**
a) supercílio / decreto-lei /estudante;
b) dissecar / reco-reco / destoante;
c) soterrar / toque-toque / loucura;
d) desfolhar / tico-tico / fidalgo;
e) ilegal / couve-flor / navegante.

43. Assinale a alternativa em que o par de vocábulos apresenta prefixos de mesma significação :
a) imposição – impossível;
b) adjunto – abstar;
c) desfazer – decair;
d) hipótese – supor;
e) subserviente – subseqüente.

44. As palavras preferência e rotação: são formadas com sufixos -ncia e -ção, também formadores, respectivamente, de substantivos derivados dos seguintes verbos:
a) repetir - estabelecer
b) concordar - objetar
c) cumpir - cassar
d) surgir - atuar
e) abstrair - aferir.

45. Assinale a opção em que o elemento mórfico está devidamente caracterizado.
a) Emprestaste: -STES é desinência de segunda pessoa do singular;
b) Emprestas: -A é a vogal temática;
c) Venderíamos: -RIA é DMT de mais-que-perfeito;
d) Explicavas: -VA é DMT de mais-que-perfeito;
e) Aprendas: -A é vogal temática.

46. Assinale o item em que o elemento mórfico foi analisado incorretamente.
a) Interessem-DMT: SSEM:
b) Pegassem-VT: A;
c) Produzido-radical: PRODUZ;
d) Contivemos-DMT: E;
e) as letras "A" e "B" apresentam erro na classificação dos elementos mórfico.

47. Nos prefixos das palavras:
RENOVO, INSENSÍVEL e CONCORRER, há, respectivamente, as idéias de:
a) repetição, concomitância, afastamento;
b) repetição, negação, concomitância;
c) repetição, aproximação, concomitância;
d) concomitância, negação, aproximação;
e) repetição, negação, aproximação.

48. Assinale o par em que os prefixos, um grego e outro latino, não são sinônimos:
a) HIPO / SUB (posição inferior);
b) DI / DIS (duplicidade);
c) HEMI / SEMI (metade);
d) PERI / CIRCUN (movimento em torno de);
e) A / IN (negação).

49. Incorreta a correlação de prefixos em:
a) infiel - antítese;
b) sublingual - hipótese;
c) decapitar - catarata;
d) semideus - hemisfério;
e) heneplácito - eutanásia.

50. Par de vocábulos com sufixos de valor correspondente ao das palavras CAÇADOR e BANANAL:
a) amor - natural;
b) ardor - atual;
c) pendor - cipoal;
d) amante - folhagem;
e) pianista - antiquário.

51. Identifique os vocábulos que foram formados por prefixos latinos e gregos, respectivamente e que guardam a mesma significação:
a) reler / hemisférios;
b) compor / apogeu;
c) reatar / refazer;
d) decair / catarata;
e) pospor / exôdo.

52. Assinale a palavra cujo prefixo grego significa afastamento:
a) eufemismo;
b) disfagia;
c) apogeu;
d) ateu;
e) anemia.

53. Idem para separação:
a) eufonia;
b) afonia;
c) protagonista;
d) anatomia;
e) hipogeu.

54. Idem para através de:
a) periferia;
b) diálogo;
c) epidemia;
d) mesóclise;
e) prólogo.

55. Assinale a opção em que todos os verbos formam substantivos designativos da ação ou do resultado dela – por meio de sufixos entre si:
a) violar - apresentar - optar;
b) vingar - estacionamento - plantar;
c) separar - obedecer - viver;
d) aceitar - romper - alargar;
e) ouvir - reunir - determinar.

56. O sufixo do vocábulo habilidade e o sufixo do vocábulo transferência são usados para derivar, respectivamente, nomes das formas:
a) íntimo - revelar;
b) sutil - surgir;
c) efêmero - ocorrer;
d) pobre - advertir;
e) intenso - comprometer.

57. "As velhas casas da encosta cederam lugar à construções modernas".
Tendo em vista o tempo em que foi empregada neste trecho a forma verbal cederam, assinale a correta divisão e classificação de seus elementos mórficos:
a) CED=radical; E=variante da vogal temática; CEDE=tema, RAM=desinência acumulativa;
b) CEDER=radical; A=vogal temática; CEDERA=tema; M=desinência acumulativa;
c) CED=radical; E=variante de vogal temática; CEDE=tema; RA=desinência modo-temporal; M=desinência número-pessoal;
d) CE=radical; E=vogal temática; CEDE=tema; RA=desinência modo-temporal; M=desinência número-pessoal;
e) CED=radical; E=vogal temática; CED=tema; RAM=desinência acumulativa.

CLASSE DAS PALAVRAS

58. Assinale a opção em que a inversão da ordem dos termos altera o sentido fundamental do enunciado:
a) era uma poesia simples / era uma simples poesia;
b) possuía um sentimento vago / possuía um vago sentimento;
c) olhava uma parasita mimosa / olhava uma mimosa parasita;
d) havia um contraste incrível / havia um incrível contraste;

59. Qual a palavra ou expressão grifada que **não** tem valor adjetivo:
a) "Vontade de mudar as cores do vestido tão feias".
b) "De minha pátria, de minha pátria sem sapatos".
c) "Vi minha humilde morte cara a cara".
d) "Fiquei simples, sem fontes"
e) "Em longas lágrimas amargas".

60. A expressão sublinhada em "Há um quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

61. Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo sublinhado CONTRARIA a definição:
a) encontrei a linda moça;
b) ali só vi gente feliz;
c) quarto limpo é outra coisa;
d) tomar sorvete é gostoso;
e) ele é um homem cruel.

62. Em "Os **brasileiros** marinheiros têm ocasião de conhecer o mundo todo", a classe da palavra grifada é:
a) adjetivo;
b) locução adjetiva;
c) pronome adjetivo;
d) substantivo;
e) adjetivo pátrio.

63. Assinale a opção em que a locução destacada tem valor adjetivo:
a) comprou papel **de seda;**
b) cortou-o **com amor;**
c) mudava **de cor;**
d) gritava **com maldade;**
e) salteou-o **com atiradeiras.**

64. Aponte a dupla de adjetivos uniformes:
a) comum - incolor;
b) impostor - inferior;
c) são - cortês;
d) hebreu - palerma;
e) feliz - ancião.

65. Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;
b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

66. Assinale o substantivo sobre-comum:
a) mártir;
b) cliente;
c) lápis;
d) garoto;
e) cônjuge.

67. Substantivo que admite dois plurais:
a) verão;
b) cristão;
c) desvão;
d) demão;
e) irmão.

68. Assinale a alternativa em que ocorre o emprego adequado do artigo antes dos substantivos:
a) o sósia, o elipse, a omoplata
b) a champanha, o telefonema, a motocicleta;
c) o anátema, o diabete, o saca-rolhas;
d) o cal, o formicida, a libido;
e) o lança-perfume, a cataplasma, a dó.

69. O par de vocábulos que pertencem ao gênero masculino é:
a) telefonema, champanha;
b) aguardente, elipse;
c) testemunha, clã;
d) sósia, dinamite;
e) cal, guaraná.

70. Indique o grupo de vocábulos que só admitem "o":
a) cal, dó, sentinela;
b) contralto, eczema, aluvião;
c) hosana, apêndice, apendicite;
d) telefonema, eclipse, afã;
e) trama, elipse, omoplata.

71. Assinale o par de vocábulos que formam o plural como bênção e povo, respectivamente (no segundo vocábulo, considere também a ocorrência ou não de mudança de timbre da vogal tônica):
a) irmão / osso;
b) alemão / ovo;
c) balão / fogo;
d) órgão / piloto;
e) botão / cachorro.

72. Assinale o par de vocábulos que formam o plural como **balão** e **caneta-tinteiro,** respectivamente:
a) vulcão / abaixo-assinado;
b) questão / manga-rosa;
c) razão / guarda-chuva;
d) irmão / salário-família;
e) bênção / papel-moeda.

73. Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira **CORRETA:**
a) animalzinhos, vaivéns, salvos-condutos, vai-voltas;

b) afazeres, frutas-pão, pé-de-moleques, peixe-bois;
c) bens-amados, cidadãos, barris, cachorro-quentes;
d) alto-falantes, coraçãozinhos, espadas, víveres;
e) vai-volta, pasteizinhos, salvo-condutos, beija-flores.

74. Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
Os _____ anunciaram que os JOGOS DE OUTUBRO foram _____ bem sucedidos, evidenciando, também, a presença de _____ atletas nas competições.
a) alto-falantes - muito - bastantes;
b) alto-falantes - muito - bastante;
c) altos-falantes - muitos - bastantes;
d) altos-falante - muito - bastante;
e) alto-falante - muito - bastante.

75. Marque a alternativa formada de vocábulos compostos cujo último elemento é o único a flexionar-se:
a) saca-rolha, surdo-mudo, azul-escuro;
b) guarda-florestal, pára-raio, abaixo-assinado;
c) beija-flor, segunda-feira, todo-poderoso;
d) guarda-civil, pró-reitor, agro-pastoril;
e) guarda-roupa, anglo-americano, verde-claro.

76. Assinale a opção que caracteriza corretamente o plural de **copo-d'água, obra-prima e Decreto-Lei.**
a) copos-d'água, obra-primas, decreto-leis;
b) copos-d'água, obras-prima, decretos-lei;
c) copo-d'águas, obras-primas, decretos-leis;
d) copos-d'água, obras-primas, decretos-lei;
e) copos-d'águas,obras-primas, decretos-leis.

77. Assinale a única alternativa em que há plural mal formado:
a) anão - anões;
b) júnior - júniors;
c) açúcar - açúcares;
d) espécimen - especímenes;
e) cidadão - cidadãos.

78. Assinale a série de nomes masculino, feminino e masculino.
a) tribo, eclipse, tabu;
b) telefonema, alvará, elipse;
c) bílis, rês, ágape;
d) fibroma, poema, perdiz;
e) anátema, cal, estratagema.

79. A palavra **caminhãozinho**, no grau diminutivo, nos recorda, a propósito, que são válidas todas as considerações abaixo sobre esse assunto (diminutivo) **menos uma**. Aponte a exceção:
a) O plural de **caminhãozinho** é **caminhõezinhos**, como o de **anelzinho** é **aneizinhos;**
b) além de expressar o "tamanho diminuído" do ser, pode a forma diminutiva expressar emoções ou sentimentos de diversas naturezas: carinho (mãezinha), ironia (santinho), depreciação (padreco), etc.
c) em certos adjetivos, sufixos característicos do diminutivo podem expressar verdadeiro superlativo (certinho);
d) encontramos, em português, diversos sufixos caracterizadores do diminutivo. Entre eles, a forma **ote (frangote, saiote, rapazote; etc);**
e) têm sentido pejorativo os diminutivos **corpúsculo, livreco.**

80. Eu "vou-me **embora** pra Pasárgada", a palavra grifada é:
a) palavra de realce;
b) palavra de inclusão;
c) conjunção subordinativa;
d) advérbio;
e) preposição.

81. As expressões sublinhadas correspondem a um advérbio, **EXCETO** em:
a) aparecia aqui vez por outra;
b) durante o discurso, manteve-se em silêncio;
c) não disse com certeza se virá.
d) afirmo-lhe que não o vi frente a frente;
e) as ações do homem são imprevisíveis.

82. Empregue **mal** ou **mau**:
1. Ele não é um sujeito tão ____ assim.
2. Acontece, porém, que ela se acostumou _____ .
3. Ele é um _____ elemento.
4. Ela vai se dar _____ .
5. O aluno foi _____ nos exames.

A alternativa que preenche adequadamente as lacunas é:
a) mau, mau, mal, mal, mau;
b) mal, mau, mau, mal, mal;
c) mal, mal, mau, mal, mal;
d) mau, mal, mau, mal, mal;
e) mau, mau, mau, mal, mal.

83. O adjetivo da expressão "mau destino" está corretamente empregado, **EXCETO** em:
a) falar no mau, preparar o pau;
b) desde cedo revelou-se um mau elemento;
c) durante a festa, ele teve um mau proceder;
d) não desejes mau a quem é teu amigo;
e) escorregou e caiu de mau jeito.

84. No trecho - "e usei deles **como** me pareceram quadrar **melhor** com o que eu pretendia exprimir", os vocábulos sublinhados se classificam respectivamente como:
a) conjunção / advérbio;
b) conjunção / adjetivo;
c) advérbio / adjetivo;
d) preposição / advérbio;
e) preposição / adjetivo.

85. As palavras que vêm sublinhadas estão corretamente classificadas, **EXCETO** na alternativa:
a) os que protestarem, serão presos (pronome demonstrativo);
b) muitos choravam de alegria (pronome indefinido);
c) provavelmente irei a tua casa (advérbio de modo);
d) não sabemos se haverá exames (conjunção integrante);
e) ainda que se desculpe, não lhe perdoarei (conjunção concessiva).

86. Assinale a opção em que houve **erro**, ao se substituir a expressão sublinhada pelo pronome pessoal oblíquo:
a) "e faziam coisas incríveis" = e faziam-nas;
b) "onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro" = onde as pessoas deveriam guardá-lo;
c) "teci cobertor com canto de canarinho" = teci-o com canto de canarinho;
d) "dei poderes aos sapateiros" = dei-lhes poderes;
e) "visitou cada menino" = visitou-lhe.

87. Assinale a opção em que houve **erro**, ao se substituir a expressão sublinhada pelo pronome oblíquo:
a) "antecederam a Segunda Guerra Mundial" / antecederam-lhe;
b) "iniciando a série de **science-fiction"** / iniciando-a;
c) "procuraram descrever a sociedade do futuro" / procuram descrevê-la;
d) "presenciava todos os atos individuais" / presenciava-os;
e) "caracterizam as modificações / caracterizam-nas

88. Preencha as lacunas das frases abaixo com os respectivos pronomes, assinalando a opção certa:
1. De presente, deu-lhe um livro para ____ ler.
2. De presente, deu um livro para _____ .
3. Nada mais há entre _____ e você.
4. Sempre houve entendimento entre _____ e ti.
5. José, espere, vou _____ .

a) ele, mim, eu, eu, comigo;
b) ela, eu, mim, mim, eu, consigo;
c) ela, mim, mim, mim, com você;
d) ela, mim, eu, eu, com você;
e) ela, mim, eu, mim,consigo.

89. Assinale a frase incorreta:
a) espero que você leve consigo o passaporte:
b) já houve discussões graves entre ti e mim;
c) cada um faça por si mesmo a redação;
d) sem ti e mim poucas coisas se fariam nesta casa;
e) Carlos, desejo falar consigo um instante.

90. Assinale a alternativa que completa corretamente as frases abaixo, respectivamente:
1. Os gritos chegaram até _____ .
2. Entre você e _____ há grande diferença de idade.
3. Entregou as fotografias para _____ selecionar as melhores.
4. É muito difícil para _____ ler durante a noite.
5. Minha irmã deixou a louça para _____ lavar.

a) mim, mim, eu, mim, eu:
b) eu, eu, mim, mim, eu;
c) mim, mim, eu, mim, eu:
d) eu, mim, eu, eu, eu:
e) mim, eu, mim, eu, mim.

91. Use **LHE** e não **O** :
a) vigiava ___ durante muitas horas;
b) desejo ___ tudo de bom;
c) encarreguei ____ de apanhar o livro;
d) incumbi ___ de informar aos alunos;
e) proibi ___ de sair da sala..

92. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes **SE**, **SI** ou **CONSIGO** :
a) feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si;
b) ela só cuida de si;
c) quando V.Sª. vier, traga consigo a informação;
d) ele se arroga o direito de vetar tais artigos;
e) espere um momento, pois tenho de falar consigo.

93. Marque a frase que **NÃO** apresenta erro de regência verbal:
a) não lhe amo mais;
b) prefiro andar do que ficar parado;
c) a verdade é que eu lhe quero muito bem;
d) não irei onde me mandares;
e) sempre lhe vejo no mesmo lugar.

94. Assinale o item que indica as palavras que completam as lacunas:
Se você _____ o gato, meu filho, _____ mais cauteloso
a) rever - sê;
b) rever - seja;
c) revir - sê;
d) revir -seja;
e) revir - sejai.

95. Em todos os versos, o pronome sublinhado está corretamente classificado, **EXCETO** em:
a) estavam todos dormindo / estavam todos deitados / dormindo profundamente": demonstrativo;
b) "ela, a vida, a respondeu / com sua presença viva": possessivo;
c) " - Severino retirante, / deixe agora que lhe diga": pessoal;
d) "há uma água clara que cai sobre pedras escuras / e que pelo som, deixa ver como é fria.": relativo;
e) "onde, estava o teu perfume? Ninguém soube.": indefinido.

96. Em **"vários** milhões de crianças" a classe da palavra grifada encontra correspondência em:
a) **isto** é demonstração de força;
b) não diga **semelhante** coisa;

c) **minhas** amigas sabem das coisas;
d) **que** maravilhosa !
e) **que** problema !

97. Em "... ajudou alguém a se reconciliar consigo **mesmo** ..." a palavra sublinhada é:
a) palavra de repetição;
b) pronome de reforço;
c) pronome reflexivo;
d) palavra expletiva;
e) adjetivo.

98. Em "Tenho uma amiga que **certa** vez ..." a palavra sublinhada é:
a) advérbio de tempo;
b) pronome adjetivo indefinido;
c) pronome adjetivo relativo;
d) pronome substantivo indefinido;
e) pronome adjetivo demonstrativo.

99. Assinale a opção em que a palavra **só NÃO** se classifica como em" ... só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho."
a) o preto só queria passear pela cidade;
b) desejávamos só que os pretos ficassem concentrados;
c) os pretos viviam só para jantar ou para dormir;
d) só havia pretos na cidade de São Luís do Maranhão;
e) o preto iria só, apesar do calor.

100. Em "... a folha permanece meio escrita ..." **meio** é:
a) advérbio;
b) numeral;
c) substantivo;
d) pronome indefinido;
e) adjetivo.

101. Na oração **"certos** amigos não chegam a ser jamais amigos **certos"**, o termo grifado é sucessivamente:
a) adjetivo e pronome;
b) pronome pessoal e pronome relativo;
c) pronome indefinido e adjetivo;
d) pronome adjetivo e pronome indefinido;
e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

102. Assinale a opção que preenche corretamente os espaços no enunciado: "Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Carlos Drummond de Andrade são expoentes máximos em vossas letras, porém _____ dedicaram-se ao romance e _____ à poesia".
a) aquelas - esse;
b) aquelas - este;
c) aqueles - este;
d) aqueles - esse;
e) esses - este.

103. Assinale, entre as frases abaixo, o exemplo que mostra construção errada no emprego de "este / esta / isto"; "esse / essa / isso" e "aquele / aquela / aquilo" :
a) passe-me **esse** livro que está perto de você;
b) já lhe darei **este** livro que estou folheando;
c) são **esses** dias que estamos atravessando;
d) aos cinco anos entrei para a escola; desde **esse** tempo vivo estudando sem parar;
e) **Naquele** tempo contava apenas uns quinze anos . . .

104. Assinale, entre os exemplos abaixo, aquele em que se deveria usar **este** ou **neste**, em vez de **esse** ou **nesse:**
a) ouvi-o atentamente. E, nesse instante, compreendi-me melhor;
b) Inda palpita aqui, nesse peito, o coração, naquele meigo abraço;
c) a serpente extravasara a peçonha. E contra esse comum inimigo se ajudaram mutuamente o homem e o cão;
d) se conhecêsseis melhor esse caminho, não teríeis errado tanto;
e) tira-me esse livro daí onde estás.

105. "Este é o teatro _____ inauguração assisti e _____ me referia na nossa conversa de ontem". A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, ao qual;
b) cuja, ao qual;
c) de cuja, à qual;
d) à qual, sobre que;
e) cuja a, na qual.

106. Assinale a única opção cuja lacuna se preenche com a preposição entre parênteses:
a) trouxe os livros _____ que precisamos (de);
b) trouxe os livros _____ que precisamos ler (de);
c) trouxe os livros _____ que eu me revoltei (de);
d) trouxe os livros _____ que nós discutimos bastante (sobre);
e) trouxe os livros _____ que não se deve prescindir (a).

107. Assinale a alternativa cuja construção contém erro gramatical:
a) estas são as regiões onde vivíamos;
b) quais são os lugares a que vamos?
c) eis o lugar onde vou;
d) onde pensa que estamos?
e) eis o lugar donde saí.

108. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase:
"Agora publico as poesias _____ dei o nome de PRIMEIROS CANTOS".
a) às quais;
b) que;
c) as que;
d) à que;
e) a que.

109. Assinale o único exemplo que não pode ser completado com **cujo, cuja ou cujos:**
a) a dama em _____ casa estivemos é poetisa;
b) o funcionário por _____ intermédio obtive isso é meu parente;

c) o ídolo ante _____ altares nos prostamos é de mármore;
d) vamos falar com a pessoa _____ filhos são nossos colegas;
e) eis os recibos de _____ lhes falei ontem.

110. Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:
"O pai, apegado _____ moral familiar, condenou as argumentações _____ se valeu o filho, porque _____ desagradavam profundamente".
a) com a - a que - o;
b) a - com que - lhe;
c) à - de que - lhe:
d) a - de que - o;
e) na - a que - lhe.

111. Assinale a forma verbal inaceitável em relação à norma culta da língua:
a) países que revêem o conhecimento tecnológico;
b) países que preveram o conhecimento tecnológico;
c) países que impuseram o conhecimento tecnológico;
d) países que obtém o conhecimento tecnológico;
e) países que detiveram o conhecimento tecnológico.

112. Assinale a frase que não se completa adequadamente com a forma colocada entre parênteses:
a) trata-se de condições especiais, _____ convém a sociologia da ciência estudar (que);
b) trata-se de condições especiais, _____ estudo será feito pela sociologia da ciência (cujo);
c) trata-se de condições especiais, _____ deve cuidar a sociologia da ciência (de que).
d) trata-se de condições especiais, _____ devem ser investigadas pela sociologia da ciência (que);
e) trata-se de condições especiais, _____ a sociologia da ciência decerto fará referência (que).

113. Das transformações a que se submeteu a frase - "dá-lhes o brilho necessário"
- assinale o único caso em que não houve processo de passivação:
a) deu-se-lhes o brilho necessário;
b) o brilho necessário lhes será dado;
c) tem-lhes dado o brilho necessário;
d) seja-lhes dado o brilho necessário;
e) o brilho necessário lhes teria sido dado.

114. Há emprego da voz passiva, **EXCETO** em:
a) vende-se uma casa;
b) foi batizado na igreja de são Pedro, pelo capelão;
c) a resposta foi dada por João, prontamente;
d) ele teve sua residência visitada por ladrões;
e) os amigos abraçaram-se cordialmente em seu reencontro.

115. Na frase **"Deram-lhe** receita para fazer o canário cantar ...", passando o verbo sublinhado para a mesma pessoa do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, teremos:
a) têm dado;
b) teriam dado;
c) tiveram dado;
d) tivessem dado;
e) tinham dado.

116. Em "Tanto que tenho falado ... " , a forma verbal sublinhada está no:
a) pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
b) presente composto do indicativo;
c) pretérito imperfeito composto do indicativo;
d) pretérito perfeito composto do indicativo;
e) particípio passado.

117. Assinale a flexão verbal **incorreta:**
a) se vir o tal colega, falar-lhe-ei;
b) se eu pôr o verbo no plural, erro de novo;
c) se eu vier cedo, aguardo-o;
d) se a duplicata estiver certa, paguem-na;
e) se eu for tarde, esperem-me.

118. Marque o item que complete corretamente a frase:
"Aqueles que _____ do interior _____ a cidade grande como um mundo que lhes _____".
a) vêem - vêm - convêm;
b) vêm - vêem - convém;
c) vem - vêm - convem;
d) vêem - vêem - convêm;
e) vêm - vem - convem.

119. Textos: **"Traze-me** um pouco de **tua** lembrança, aroma perdido, "saudade, da flor !
- Vê que nem te digo – esperança !
Substituindo-se a 2ª pessoa do singular pela 2ª pessoa do plural, teremos:
a) trazeis, vossa / vedes, vos;
b) trazei, vossa / vede, vos;
c) traga, tua / vejas, te;
d) tragas, tua / vejais, te;
e) tragas, vossa / vejais,vos.

120. As formas verbais sublinhadas estão corretas, **EXCETO** em:
a) **cri** no que me disseste;
b) **valho** apenas pela minha aparência?
c) Antônio **reouve** o relógio perdido;
d) se teu irmão te **contradizer,** escuta-o;
e) as pessoas presentes **intervieram** para evitar brigas.

121. Texto: "Seja bendito, ó céu, aquele que ama. Maldito seja, ó inferno, quem **odeia !"**
Pelo verbo sublinhado flexionam-se os relacionados abaixo, **EXCETO:**
a) incendiar;
b) variar;
c) remediar;
d) ansiar;
e) intermediar.

122. Assinale a opção que preencha corretamente as lacunas:
O técnico _____ junto aos jogadores que se _____ tranqüilos.
a) interveio – mantessem;
b) interveio – mantivessem;
c) interveio - mantesse;
d) interviu - mantessem;
e) interviu - mantivessem.

123. Assinale a opção que preencha corretamente as lacunas:
"As autoridades _____ as diligências para que se _____, primeiro, certas exigências processuais".
a) susteram - satisfizessem;
b) sustaram - satisfizessem;
c) sustiveram - satisfizesse;
d) susteram - satisfizesse;
e) sustaram - satisfaça.

124. Assinale a opção que preencha corretamente as lacunas:
"Não _____ os olhos à contrário _____ lucidamente e _____ teu mundo interior luz de sua verdade".
a) vendes - aprende-a - recompõe;
b) vende - aprende-a - recomponha;
c) venda - aprenda-a - recomponha;
d) venda - aprenda-a - recompõe;
e) vendas - aprenda-a - recompõe.

125. Assinale o item que apresenta o par contendo forma rizotônica / forma arizotônica:
a) quero / vendido;
b) canto / canta;
c) vendem / fazem;
d) queremos / fizemos;
e) direi / faria.

126. Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo:
a) "Lança teu grito ao vento da procela";
b) "Bandeira - talvez rasgue-se a metralha";
c) "Ergue-te,ó luz! - estrela para o povo";
d) "Traze a bênção de Deus ao cativeiro";
e) "Levanta a Deus do cativeiro o grito !".

127. Assinale a opção que **não** completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Se um dia _____ o Capitão Antônio Silvino _____ um homem feliz.
a) conseguir ver / vai ser;
b) tivesse visto / teria sido;
c) viesse a ver / iria ser;
d) puder ver / tinha sido;
e) chegasse a ver / ia ser.

128. **"Acesas"** é particípio adjetivo de "**acender"**, verbo chamado "abundante", porque possui dupla forma no particípio ("acendido" e "aceso").
Essa redundância, que é geralmente no particípio, em alguns verbos ocorre em outras formas. Assim, por exemplo, é o caso de:
a) coser;
b) olhar;
c) haver;
d) vir;
e) dançar.

129. Dos verbos arrolados abaixo, assinale o único que, em relação à norma culta, não apresenta duplo, particípio:
a) abrir;
b) morrer;
c) imprimir;
d) enxugar;
e) eleger.

130. Complete corretamente o texto:
"Enquanto uns trabalhavam, outros _____ televisão".
a) se entretiam na;
b) entretiam na;
c) entretinham na;
d) entretinham com a;
e) entretinham-se com a.

131. Em "Se quiséssemos rever, _____ porém, se eles quisessem "intervir _____" as formas verbais que completam corretamente a frase são:
a) reveríamos - interviriam;
b) reveremos -interviessem;
c) reveria - intervissem;
d) revíamos - interviam;
e) revia - intervinham;

132. Há uma frase com a forma errada de imperativo. Assinale-a.
a) não imponhais vossa opinião sem ouvirdes primeiro a dos outros;
b) envie hoje mesmo o que lhe peço, através deste menino;
c) viva eu sempre contente e nada de mal me aconteça;
d) fala primeiro com o teu chefe;
e) não aceita essa incumbência, Joana, pois tirará a tua liberdade.

133. A correspondência está correta, **EXCETO** em:
a) fez (pretérito perfeito - modo indicativo);
b) quis (pretérito imperfeito - modo indicativo);
c) veio (pretérito perfeito - modo indicativo);
d) sou (presente - modo indicativo);
e) fui (pretérito perfeito - modo indicativo).

134. "Todos **tinham escutado** aquelas palavras". Grifou-se na frase:
a) imperfeito simples (indicativo);
b) imperfeito composto (indicativo);
c) mais-que-perfeito simples (indicativo);
d) mais-que-perfeito composto (indicativo);
e) imperfeito do subjuntivo;

135. A frase negativa que corresponderia a "Põe nelas, todo o incêndio das auroras" é:
a) não põem nela todo o incêndio das auroras;
b) não ponhas nela todo o incêndio das auroras;

c) não põe nela todo o incêndio das auroras;
d) não ponha nela todo o incêndio das auroras;
e) não pondes nela todo o incêndio das auroras.

136. Em que frase apareceu um verbo **anômalo?**
a) várias pessoas irão ao jogo pela primeira vez.
b) anseio por um pouco de paz;
c) impugnou-se a partida;
d) aconteceram coisas incríveis;
e) perco os anéis, mas não os dedos.

137. Assinale a alternativa que possa preencher corretamente as lacunas abaixo:
Certamente _____ (haver) muitas mulheres na reunião que tentarão, de todas as formas possíveis, _____ (pressionar) os que se _____ (opor) ao projeto da creche comunitária.
a) haverão / pressionar / opuserem;
b) haverá / pressionar / opuserem;
c) haverão / pressionar / oporem;
d) haverá / pressionarem / oporem;
e) haverá / pressionarem / opuserem.

138. Indique a sentença em que, de acordo com a norma culta, o particípio passado está empregado inadequadamente:
a) a nuvem tinha envolvido a montanha;
b) haviam envolto tudo em papel, para não quebrar;
c) eles tinham prendido o ladrão, mas ele escapou depois;
d) todos foram presos, irremediavelmente;
e) eles foram eleitos por unanimidade.

139. Indique a oração que não está na voz ativa:
a) comeram toda a salada;
b) comeu-se toda a salada;
c) comeram tudo;
d) comeu tudo;
e) comeu-se muito.

140. Em "Pra cantar uma cantiga / Que faça você dormir", as formas verbais são respectivamente de:
a) infinitivo / presente do subjuntivo / infinitivo;
b) infinitivo / imperativo / futuro do subjuntivo;
c) futuro do subjuntivo / imperativo / futuro do subjuntivo;
d) futuro do subjuntivo / presente do subjuntivo / infinitivo;
e) infinitivo / imperativo / infinitivo;

141. Forma verbal correta:
a) interviu;
b) reavenha;
c) precavesse;
d) entretesse;
e) manteram.

142. Se você _____ e o seu amigo, _____ talvez você _____ esses bens.
a) requisesse - intervisse - reavesse;
b) requeresse -intervisse - reavesse;
c) requeresse - interviesse - reouvesse;
d) requeresse - interviesse - reavesse;
e) requisesse - intervisse - reouvesse.

143. Alternativa com uma forma verbal incorreta:
a) propusera - intervim - requereram;
b) reouvemos - havia descoberto - tinha intervido;
c) tendo jogado - será aceito - foi pago;
d) anseia - ceara - receamos;
e) creu - entreténs - argúi.

144. Assinale a opção em que a substituição da forma verbal grifada altera sensivelmente o sentido do enunciado do texto:
a) "não agradece: Peri nada te fez"/agradeças;
b) se tu morreres, a senhoria havia de "chorar" / haveria;
c) "onde é que este selvagem sem cultura aprendera a poesia simples, mas grandiosa / havia aprendido;
d) onde bebera a beleza de sensibilidade" / tinha bebido;
e) "Beta primitivo, canta a natureza na mesma linguagem da natureza" / cante

145. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo:
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso);
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata);
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra);
d) viperino (de vespa); ocular (de olhos);
e) ebúrneo (de marfim); insípido (sem sabor);

146. Assinale a opção em que a palavra grifada não tem valor de adjetivo:
a) um branco, velho, pedia esmolas;
b) um velho, branco, pedia esmolas;
c) era um dia cinzento;
d) o sabão usado desbotou o verde da camisa;
e) os viajantes dormiam tranqüilos.

147. Assinale a opção em que os dois termos admitem flexão de número:
a) bastante caminhada;
b) muito importante;
c) mais ritmo;
d) pouco considerável;
e) menos eficaz.

148. Assinale a opção em que a inversão da ordem dos termos altera o sentido fundamental do enunciado:
a) havia qualquer método / havia método qualquer;
b) outra importante característica / outra característica importante;
c) não é o único músculo / não é o músculo único;
d) impelem algum sangue / impelem sangue algum;
e) como as de um regime severo / como as de um severo regime.

149. Assinale o composto cujo plural se faz como o de sempre-viva:
a) beijo-de-moça;
b) carta-bilhete;
c) corre-corre;
d) perde-ganha;
e) alto-falante.

150. Assinale o composto cujo plural se faz como o de ALTO-FALANTE:
a) abaixo-assinado;
b) quinta-feira;
c) obra-prima;
d) guarda-florestal;
e) cirurgião-dentista.

151. Assinale o par de vocábulos que formam o plural como cristão e corpo, respectivamente, (no segundo vocábulo, considere também a ocorrência ou não de mudanças de timbre da vogal tônica):
a) pagão / acordo;
b) ancião / esgoto;
c) espertalhão / tijolo;
d) corrimão / bolso;
e) cidadão / imposto.

152. Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com POVO (Ô) POVOS (Ó):
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;
c) globo, posto, bolo;
d) esforço; imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

153. Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém a seqüência correta dos algarismos:
1) o óleo santo;
2) a relva;
3) um sacramento;
4) a ética;
5) a unidade de massa;
6) o ânimo.

( ) a moral;
( ) a crisma;
( ) o moral;
( ) o crisma;
( ) a grama;
( ) o grama.

a) 6, 1, 4, 3, 5, 2;
b) 6, 3, 4, 1, 2, 5;
c) 4, 1, 6, 3, 5, 2;
d) 4, 3, 6, 1, 2, 5;
e) 6, 1, 4, 3, 2, 5.

154. Assinale a opção em que houve **erro** no uso do pronome oblíquo:
a) romperam o tratado – romperam-no;
b) recuperarei meu dinheiro – recuperá-lo-ei;
c) aspiro à felicidade – aspiro-lhe;
d) queria pagar tudo – a você – queria-lhe pagar tudo;
e) tenho que contar a ele verdade – tenho que contá-la a ele.

155. Assinale a opção em que houve **erro**, ao se substituir a expressão sublinhada pelo pronome oblíquo:
a) afinal, não modela o corpo / afinal, não o modela;
b) . . . pode receber suprimento / pode recebê-lo;
c) se você contrair a musculatura / se você a contrair;
d) viu o acúmulo de sangue / viu-lhe o acúmulo;
e) sempre afetam nocivamente o sistema circulatório / sempre lhe afetam nocivamente.

156. Assinale a frase que não pode ser completada com o pronome indicado entre parênteses:
a) levem- ___ daqui (no);
b) põe- ___ no lugar próprio (nas);
c) vi- ___ na cidade, há dias (lhe);
d) tem- ___ contigo? (lo);
e) perdoei- ___ imediatamente (lhe).

157. Assinale a construção que fere a **NORMA CULTA:**
a) trouxe a prova para mim;
b) trouxe a prova para eu fazer;
c) nada houve entre mim e você;
d) para mim fazer isto, foi necessária muita convicção;
e) por não estar satisfeito, nada se resolveu.

158. Assinale a construção que fere a **NORMA CULTA:**
a) o problema é conosco;
b) o problema é com nós dois;
c) falam mal de si mesmos;
d) quero falar consigo;
e) somos gratos a você.

159. "Que isto fique só entre _____ :
ela disse que falaria _____ hoje, mas não _____ asseguro que seja verdade".
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) mim e ti, contigo, lhe;
b) eu e tu, consigo, lhe;
c) mim e ti, contigo, te;
d) eu e tu, contigo, te;
e) mim e ti, com você, lhe.

160.
I. Pusemos o livro na estante.
II. Põe o livro na gaveta.
III. Demos o livro a ele.

Substituindo as palavras grifadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I - Pusemos-lo; II - Põe-lo; III - Demos-lhe;
b) I - Pusemos-lo; II - Põe-no III - Demos-lhe;
c) I - Pusemo-o; II - Põe-no;III - Demo-lhe;
d) I - Pusemos-o; II - Põe-o; III - Demo-lhe;
e) I - Pusemo-lo; II - Põe-no; III - Demos-lhe.

161. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
O movimento do sangue depende do coração e da parede dos vasos, enquanto _____, pela contração do ventrículo esquerdo, impulsiona o líquido sanguíneo, _____ se contrai, complementando o impulso.

a) esta - aquela;
b) esta - aqueles;
b) aqueles - estas;
c) aquele - este;
e) aquele - esta.

162. Em "O que Eduarda perdeu neste desastrado começo de ano, percebe-se logo...", a palavra sublinhada é:
a) pronome relativo;
b) conjunção comparativa;
c) advérbio de intensidade;
d) substantivo;
e) pronome indefinido.

163. Escolha o item em que a forma apontada preenche a lacuna da seguinte frase:
A refinaria _____ proprietário trabalhei, aumentou em 50% a sua produção este ano.
a) a cujo;
b) para cujo;
c) a quem;
d) cujo;
e) de cujo.

164. Assinale a opção que completa corretamente o período "Envio as tarefas do mês de janeiro _____ você deve dedicar-se ao máximo".
a) às cujas;
b) as quais;
c) à que;
d) às quais;
e) à qual.

165. Assinale a opção que preenche corretamente os espaços do enunciado: O Brasil, _____ seio se extraem homens Ilustres, caminha decididamente para o progresso, _____ tanto aspiramos e _____ tanto lutamos a fim de torná-lo uma nação _____ seja rica e forte.
a) cujo - que - porque - a que;
b) a cujo - a que - a que - a que;
c) por cujo - por que - por que - que;
d) de cujo - a que - por que - que;
e) em cujo - a que - por que - que.

166. "Pisas alheia terra"
Reconstruindo-se a oração acima com o verbo na forma imperativa, a opção que contraria a disciplina gramatical seria:
a) pise alheia terra;
b) não pisemos alheia terra;
c) não pises alheia terra;
d) não pisai alheia terra;
e) pisa alheia terra.

167. "As aves têm penas", a forma têm encontra-se com acento diferencial de número, pois marca o plural. Isso também ocorre nas seguintes formas verbais:
a) dêem - convém;
b) vem - revêem;
c) convêm - detêm;
d) crêem - retém;
e) lêem - mantém.

168. Erro de conjugação verbal:
a) requeiro-lhe um atestado de bons antecedentes;
b) ele interviu na questão;
c) eles foram pegos de surpresa;
d) o vendeiro proveu o seu armazém do necessário;
e) os meninos desavieram-se por causa do jogo.

169. Assinale a opção em que só ocorrem formas **RIZOTÔNICAS:**
a) passeamos / estréio / ponteias;
b) estreias / passeio / ponteie;
c) proporíamos / cantas / levem;
d) canto / vendesse / vença;
e) mobílio / mobiliemos / odiáramos.

170. Aponte a alínea onde há uma forma verbal incorreta:
a) proveu (v. prover) – provejam (v. prover) – reviu (v. rever);
b) provieram (v. provir) – interveio (v. intervir) – detivestes (v. deter);
c) pulo (v. polir) – sorríamos (v. sorrir) – precavenhas (v. precaver);
d) reouveste (v. reaver) – compusera (v. compor) – cri (v. crer);
e) creu (v. crer) – remedeio (v. remediar) – águo (v. aguar).

171. Colocando-se na voz ativa a frase "Eles terão sido nomeados", teremos:
a) eles serão nomeados;
b) eles terão nomeado;
c) eles nomearão;
d) nomeá-los-ão;
e) tê-los-ão nomeado.

172. Acredito que todos estejam vendendo as casas.
Passando-se a oração grifada para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) foram vendidas;
b) tenham sido vendidas;
c) sejam vendidas;
d) estejam sendo vendidas;
e) tenham estado vendidas.

173. Há, na conjugação dos seguintes verbos, um tempo errado. Assinale-o:
a) **CRER –** pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram;
b) **ENTUPIR –** presente do subjuntivo: entupa, entupas, entupa, entupamos, entupais, entupam;
c) **POLIR –** presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
d) **RETER –** mais-que-perfeito do indicativo: retera, reteras, retera, reteramos, retereis, reteram;
e) **SAUDAR –** imperativo afirmativo: saúda tu, saúde você, saudemos nós, saudai vós, saúdem vocês.

174. "Soldado ! _____ a cabeça, _____ teu fuzil _____ o que lá vês.
Mas não te _____ !
a) levanta, ergue, destrua, firas;
b) levante, ergue, destrua, fira;

c) levanta, ergue, destrói, firas;
d) levantai, erguei,destruí, firais;
e) levanteis, ergueis, destruas, firais.

175. "Se você _____ João, diga-lhe que Paulo já _____ o livro que havia sido roubado".
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) ver, reouve;
b) vir, reauveu;
c) ver, re-houve;
d) vir, re-hauveu;
e) vir, reouve.

176. Assinale a opção em que não há erro de imperativo:
a) não ofenda os escravos pois não será feliz;
b) ouça os gritos dos teus escravos;
c) prende, nos elos da vossa -cadeia, os escravos;
d) não permiti, senhores, que os escravos vos ofendam;
e) não odeie os seus senhores.

177. Assinale a alternativa que não caracteriza corretamente a forma verbal da oração.
a) "Era uma velha sequinha" – pretérito imperfeito do indicativo;
b) "que estava só no mundo" – pretérito imperfeito do indicativo;
c) "tivesse sido alta e clara" – futuro do pretérito composto;
d) "teria sido alta e clara" – pretérito mais-que-perfeito composto;
e) "tinha sido alta e clara" – pretérito mais-que-perfeito composto.

178. Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal:
a) quando eu o vir, acertarei as contas;
b) se ele propor um aumento de verba, direi que nós temos recursos;
c) o governo interveio na região;
d) os funcionários vêm aqui hoje;
e) na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

179. Assinale a forma **CORRETA** do verbo **VIR** no presente do indicativo:
a) chefe, viemos mostrar a todos este trabalho;
b) vim comunicar ao amigo minha decisão;
c) vimos, Pedro, abraçá-lo;
d) viesse ele, ora, tudo estaria bem;
e) vindo Paulo, não há mais nada.

180. Assinale a forma **ERRADA** do verbo **PONTEAR**:
a) ponteias;
b) ponteiamos;
c) pontearei;
d) ponteiam;
e) ponteie.

181. Assinale a opção que **NÃO** completa corretamente a lacuna da seguinte frase:
Se você _____ aprovado, _____ uma grande festa.
a) fosse / íamos fazer;
b) for / vamos fazer;
c) fosse / iríamos fazer;
d) for / iremos fazer;
e) fosse / deveremos fazer.

CLASSES DE PALAVRAS SUBSTANTIVO:

182. Numa das seguintes frases, há uma flexão de plural grafada erradamente:
a) os escrivães serão beneficiados por esta lei.
b) o número mais importante é o dos anõezinhos.
c) faltam os hifens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.
e) os répteis são animais ovíparos.

183. Assinale o par de vocábulos que fazem o plural da mesma forma que "balão" e "caneta-tinteiro":
a) vulcão, abaixo-assinado;
b) irmão, salário-família;
c) questão, manga-rosa;
d) bênção, papel-moeda;
e) razão, guarda-chuva.

184. Assinale a alternativa em que está correta a formação do plural:
a) cadáver – cadáveis;
b) gavião – gaviães;
c) fuzil – fuzíveis;
d) mal – maus;
e) atlas – os atlas.

185. Indique a alternativa em que todos os substantivos são abstratos:
a) tempo – angústia – saudade – ausência – esperança – imagem;
b) angústia – sorriso – luz – ausência – esperança – inimizade;
c) inimigo – luz – esperança – espaço – tempo;
d) angústia – saudade – ausência – esperança – inimizade;
e) espaço – olhos – luz – lábios – ausência – esperança.

186. Assinale a alternativa em que todos os substantivos são masculinos:
a) enigma – idioma – cal;
b) pianista – presidente – planta;
c) champanha – dó(pena) – telefonema;
d) estudante – cal – alface;
e) edema – diabete – alface.

187. Sabendo-se que há substantivos que no masculino têm um significado; e no feminino têm outro, diferente. Marque a alternativa em que há um substantivo que não corresponde ao seu significado:
a) O capital = dinheiro;
A capital = cidade principal;
b) O grama = unidade de medida;
A grama = vegetação rasteira;
c) O rádio = aparelho transmissor;
A rádio = estação geradora;

d) O cabeça = o chefe;
A cabeça = parte do corpo;
e) A cura = o médico.
O cura = ato de curar.

188. Marque a alternativa em que haja somente substantivos sobrecomuns:
a) pianista – estudante – criança;
b) dentista – borboleta – comentarista;
c) crocodilo – sabiá – testemunha;
d) vítima – cadáver – testemunha;
e) criança – desportista – cônjuge.

189. Aponte a seqüência de substantivos que, sendo originalmente diminutivos ou aumentativos, perderam essa acepção e se constituem em formas normais, independentes do termo derivante:
a) pratinho – papelinho – livreco – barraca;
b) tampinha – cigarrilha – estantezinha – elefantão;
c) cartão – flautim – lingüeta – cavalete;
d) chapelão – bocarra – cidrinho – portão;
e) palhacinho – narigão – beiçola – boquinha.

190. Dados os substantivos "caroço", "imposto", "coco" e "ovo", conclui-se que, indo para o plural a vogal tônica soará aberta em:
a) apenas na palavra nº 1;
b) apenas na palavra nº 2;
c) apenas na palavra nº 3;
d) em todas as palavras;
e) N.R.A.

191. Marque a alternativa que apresenta os femininos de "Monge", "Duque", "Papa" e "Profeta":
a) monja – duqueza – papisa – profetisa;
b) freira – duqueza – papiza – profetisa;
c) freira – duquesa – papisa – profetisa;
d) monja – duquesa – papiza – profetiza;
e) monja – duquesa – papisa – profetisa.

192. O plural dos substantivos "couve-flor", "pão-de-ló" e "amor-perfeito", é:
a) couve-flores; pães-de-ló; amores-perfeitos;
b) couves-flores; pães-de-ló; amores-perfeitos;
c) couves-flores; pão-de-ló; amor-perfeitos;
d) couves-flores; pão-de-lós; amores-perfeitos;
e) couves-flores; pães-de-ló; amor-perfeitos.

193. Indique o grupo de substantivo que só admite o artigo **"o"** :
a) cal, dó, sentinela;
b) contralto, eczema, aluvião;
c) hosana, apêndice, apendicite;
d) telefonema, eclipse, afã;
e) trama, elipse, omoplata.

194. Indique a alternativa que apresenta erro na forma do plural:
a) sol: sóis; fúsil: fúseis; anão: anões;
b) peão: peões; guardião: guardiãos; caráter: caracteres;
c) órgão: órgãos;corrimão: corrimãos; mel: méis;
d) sótão: sótãos; álcool: álcoois; cônsul: cônsules;
e) faisão: faisães; anil: anis; capitão: capitães.

195. Assinale a alternativa que contiver todos os termos com plural correto:
a) luso-brasileiras; rosas-chá; sapatos-areia; decretos-lei;
b) guardas-marinha; prócers; procônsules; totens;
c) grã-cruzes; chefes-de-seção; surdo-mudos; primas-donas;
d) saias-calças; ouvidores-mor; baixos-relevos; gatos-pingados;
e) sapatos-de-cristais; coronéis-de-barrancos; olhos-de-gatos.

196. Entre os substantivos aqui relacionados, há um que é do masculino qual?
a) hóstia;
b) Anátema;
c) Ráfia;
d) Antífona;
e) Estenia.

CLASSES DE PALAVRAS ADJETIVO:

197. Assinale a alternativa em que o adjetivo que qualifica o substantivo seja explicativo:
a) dia chuvoso;
b) água morna;
c) moça bonita;
d) fogo quente;
e) lua cheia.

198. Assinale a alternativa que contém o grupo de adjetivos gentílicos, relativos a "Japão", "Três Corações" e "Moscou":
a) Oriental, Tricardíaco, Moscovita;
b) Nipônico,Tricordiano, Soviético;
c) Japonês, Trêscoraçoense, Moscovita;
d) Nipônico, Tricordiano, Moscovita;
e) Oriental, Tricardíaco, Soviético.

199. Ainda sobre os adjetivos gentílicos, diz-se que quem nasce em "Lima", "Buenos Aires" e "Jerusalém" é:
a) Limalho-Portenho-Jerusalense;
b) Limenho-Bonaerense-Hierosolimita;
c) Límio-Portenho-Jerusalita;
d) Limenho-Bonaerense-Jerusalita;
e) Limeiro-Bonaerense-Judeu;

200. No trecho "os jovens estão mais ágeis que seus pais", temos:
a) um superlativo relativo de superioridade;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade.
e) um superlativo analítico de ágil.

201. Relacione a 1ª coluna à 2ª:

1 -	água de chuva	( ) Fluvial
2 -	olho de gato	( ) Angelical
3 -	água de rio	( ) Felino
4 -	Cara-de-anjo	( ) Pluvial

Assim temos:
a) 1 – 4 – 2 – 3;
b) 3 – 2 – 1 – 4;
c) 3 – 1 – 2 – 4;
d) 3 – 4 – 2 – 1;
e) 4 – 3 – 1 – 2.

202. Nas orações "Esse livro é melhor que aquele" e "Este livro é mais lindo que aquele", Há os graus comparativos:
a) de superioridade, respectivamente sintético e analítico;
b) de superioridade, ambos analíticos;
c) de superioridade, ambos sintéticos;
d) relativos;
e) superlativos.

203. Selecione a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase apresentada:
"Os acidentados foram encaminhados a diferentes clínicas _____ ".
a) médicas-cirúrgicas;
b) médica-cirúrgicas;
c) médico-cirúrgicas;
d) médicos-cirúrgicas;
e) médica-cirúrgicos.

204. Sabe-se que a posição do adjetivo, em relação ao substantivo, pode ou não mudar o sentido do enunciado. Assim, nas frases "Ele é um homem pobre" e "Ele é um pobre homem".
a) 1ª fala de um sem recursos materiais; a 2ª fala de um homem infeliz;
b) a 1ª fala de um homem infeliz; a 2ª fala de um homem sem recursos materiais;
c) em ambos os casos, o homem é apenas infeliz, sem fazer referência a questões materiais;
d) em ambos os casos o homem é apenas desprovido de recursos;
e) o homem é infeliz e desprovido de recursos materiais, em ambas.

205. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:
a) hibernal - de inverno;
b) filatélico - de folhas;
c) discente - de alunos;
d) docente - de professor;
e) onírico - de sonho.

206. Assinale a alternativa em que todos os adjetivos têm uma só forma para os dois gêneros:
a) andaluz, hindu, comum;
b) europeu, cortês, feliz;
c) fofo, incolor, cru;
d) superior, agrícola, namorador;
e) exemplar, fácil, simples.

CLASSES DE PALAVRAS PRONOME:

207. Complete com **"eu"** ou "**mim**":
- eles chegaram antes de ____ .
- há algum trabalho para _____ fazer?
- há algum trabalho para _____ ?
- ele pediu para _____ elaborar alguns exercícios;
- para _____, viajar de trem é uma aventura deliciosa;
a) mim – mim – mim – mim – mim;
b) mim – eu – eu – eu – mim;
c) eu – eu – mim –mim – eu;
d) eu – mim –eu – mim – eu;
e) mim – eu – mim – eu – mim.

208. Assinale a única frase correta quanto ao uso dos pronomes pessoais:
a) você não pode ir sem eu;
b) meu amigo, o diretor quer falar consigo;
c) entre eu e tu não pode haver romance;
d) era para mim encontrar a solução do problema;
e) para mim, jogador de futebol tem que ter raça.

209. Assinale o exemplo que contém mau emprego de pronome pessoal:
a) nada mais há entre mim e ti;
b) nada mais há entre eu e ti;
c) nada mais há entre mim e ela;
d) nada mais há entre ele e você;
e) nada mais há entre ele e ela.

210. Era para _____ falar _____ ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.
a) mim – consigo – o;
b) eu – com ele – lhe;
c) mim – consigo – lhe;
d) mim – contigo – te
e) eu – com ele – o .

211. Assinale a alternativa em que o pronome grifado foi empregado corretamente:
a) aguarde um instante. Quero falar <u>consigo</u>.
b) é lamentável, mas isso sempre ocorre com <u>nós</u> dois;
c) o processo está aí para <u>mim</u> examinar.
d) Vossa Senhoria preocupa-se com problemas cuja solução foge a <u>vossa</u> alçada;
e) Já se tornou impossível haver novos entendimentos entre <u>eu</u> e você.

212. Leia atentamente as seguintes frases:
I - João deu o livro para mim ler.
II - João deu o livro para eu ler.

A respeito das frases anteriores, assinale a afirmação correta:
a) a frase I está certa, pois a preposição para exige o pronome oblíquo mim.
b) a frase II está certa¸ pois o sujeito de ler deve ser o pronome do caso reto eu.
c) a frase I está certa, pois mim é objeto direito de deu.
d) a frase II está certa, pois <u>para</u> exige o pronome do caso reto eu.
e) ambas as frases estão corretas, pois a preposição <u>para</u> pode exigir a forma mim quanto a forma eu.

213. Assinale o item que não aparece o pronome relativo:
a) o que queres não está aqui;
b) temos que estudar mais;
c) a estrada por que passei é estreita;
d) a prova que passo não é difícil;
e) a festa a que assisti foi ótima.

214. Assinale a alternativa em que a palavra onde funciona como pronome relativo:
a) não sei onde eles estão;
b) onde está que não respondes;
c) a instituição onde estudo é a UFP;
d) ele me deixou onde está a catedral;
e) pergunto onde ele conheceu esta teoria.

215. Assinale a alternativa que completa a frase:
" O garoto _____ cobra picou, passa bem."
a) a quem;
b) cuja;
c) o qual;
d) em quem;
e) cuja a;

216. Assinale a alternativa em que o adjetivo ou pronome adjetivo não sofre mudança de sentido, conforme venha antes ou depois do substantivo:
a) ainda não fui apresentado ao novo diretor da empresa;
b) já não há dúvidas: por mais poderoso que possa parecer, ele é um vereador simples;
c) algumas questões de pouca relevância foram suficientes para retardar o andamento dos trabalhos;
d) foi amplamente noticiado que um falso advogado estava envolvido com os criminosos;
e) paisagens lindas iam-se sucedendo durante a viagem.

217. Visitei o sítio da amiga de Paula, o qual muito me encantou. Usou-se o qual em vez de que:
a) por uma questão de estilo;
b) pois só o qual é conectivo;
c) pois a segunda oração é adjetiva;
d) pois ali só caberia um pronome relativo;
e) para evitar-se ambigüidade.

218. Vossa Excelência _____ arrependerá de ter traído _____ povo !
a) vos – vosso;
b) se – vosso;
c) vos – seu;
d) se – seu;
e) te – teu.

219. O pronome de tratamento usado para Reitores é:
a) Vossa Excelência;
b) Vossa Magnificência;
c) Vossa Eminência;
d) Vossa Reverendíssima;
e) N. R. A .

220. Complete as lacunas com o pronome adequado:
"Este encargo é para _____ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre _____ ."
a) mim - eu e ti;
b) mim - mim e tu;
c) mim - mim e ti;
d) eu - eu e ti;
e) eu - mim e ti.

221. Complete as lacunas:
I - de presente, deu-lhe, um livro para _____ ler.
II - de presente, deu um livro para _____ .
III - nada mais há entre _____ e você .
IV - sempre houve entendimentos entre _____ e ti.
V - José, espere, vou _____ .

a) ela – mim – eu – eu – consigo;
b) ela – eu – mim – eu – consigo;
c) ela – mim – mim – mim – com você;
d) ela – mim – eu – eu – consigo;
e) ela – mim – eu – mim – consigo.

222. Indique a alternativa em que o pronome oblíquo é reflexivo:
a) todos me ajudaram muito;
b) eu me machuquei com a faca;
c) assim tu o prejudicas;
d) eu te direi toda a verdade;
e) eu te darei o céu, meu bem, e o meu amor também.

223. Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas:
1) É mui difícil para _____ escrever-lhe diariamente.
2) Eles chegaram a discutir entre _____, mas não brigaram.
3) Percebi que o plano era para _____ desistir do jogo.
4) Passeando pelo jardim, o velho falava _____, murmurando frases confusas.

a) mim – eles – mim – consigo;
b) mim – si – eu – consigo
c) eu – eles – eu – contigo;
d) eu – si – eu – consigo.
e) mim – si – mim – contigo

224. Complete as lacunas com o pronome adequado:
1) "_____ documento que tens à mão é importante, Pedrinho?
2) "A estrada do mar, larga e oscilante _____ sim, o tentava."
3) "Na traseira do caminhão lia-se _____ frase: Tristeza não paga dívida".
4) "Cuidado, mergulhador, _____ animais são venenosos: a arraia miúda, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá."
a) Esse – essa – esta – estes;
b) este – esta – esta – estes;
c) este – esta – essa – esses;
d) esse – essa – essa – esses;
e) este – esta – essa – estes.

225. Em "_____ Somente as do Fé-em-Deus (. . .) sairiam ao largo _____". Nesta construção a palavra **"as"** é:
a) pronome pessoal oblíquo átono;
b) pronome demonstrativo;
c) artigo definido feminino no plural;
d) preposição simples, essencial;
e) pronome pessoal com função de sujeito.

226. Dadas as sentenças:
1) Ela comprou um livro para mim ler.
2) Nada há entre mim e ti.
3) Avilmar, gostaria de falar consigo.

Verificamos que está (estão) correta (s):
a) apenas a sentença nº 1;
b) apenas a sentença nº 2;
c) apenas a sentença nº 3;
d) apenas a sentença nº 1 e nº 2;
e) todas as sentenças.

CLASSES DE PALAVRAS VERBO:

227. Há verbos chamados abundantes, porque têm mais de uma forma, especialmente para o particípio, como expulso e expulsado. Assinale o par em que os dois verbos não têm os dois particípios no uso corrente da língua:
a) aceitar – acender;
b) fazer – ver;
c) emitir – incorrer;
d) soltar – romper;
e) prender – extinguir.

228. Os períodos que possuem verbos auxiliares:
I - É mister trabalharmos mais.
II - Já vem raiando a madrugada.
III. Ela ficava filosofando, ao contemplar as estrelas.

a) I e II;
b) II e III;
c) I e III;
d) I, II e III;
e) nenhum possui verbo auxiliar.

229. Em " _____ como se tivéssemos vivido sempre juntos", a forma verbal está no:
a) imperfeito do subjuntivo;
b) futuro do presente composto;
c) mais-que-perfeito composto do indicativo;
d) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro composto do subjuntivo.

230. Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes:
a) foi elegido pelas mulheres, apesar de haver eleito a maioria dos homens;
b) por haver aceitado as condições do acordo, seus documentos foram entregues ao escrivão;
c) antes de chover, ele tinha cobrido o carro;
d) tem fazido muito calor ultimamente;
e) por ter morto um animal indefeso, o caçador foi matado pelos índios.

231. "Acredito que Maria tenha feito a lição", passando-se a oração sublinhada para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) foi feita;
b) tenha sido feita;
c) esteja sendo feita;
d) tenha estado feita;
e) seja feita.

232. Transportando para a voz passiva a frase "eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal . . .
a) ia revendo;
b) estava sendo revisto;
c) seriam revistas;
d) comecei a rever;
e) estavam sendo revistas.

233. Assinale a alternativa que contém voz passiva:
a) tínhamos apresentado diversas opções;
b) dorme-se bem naquele hotel;
c) precisa-se de gerentes de vendas;
d) difundia-se o boato de que haveria racionamento;
e) N. R. A

234. Transportando para a voz ativa a oração "os sócios foram convocados para uma reunião". Obtém-se a forma verbal:
a) convocaram-se;
b) convocaram;
c) convocar-se-ia;
d) haviam sido convocados;
e) haverão de ser convocados.

235. Transpondo para a voz ativa a frase "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever;
b) devem rever;
c) será revisto;
d) reverão;
e) rever-se-á.

236. Complete as frases abaixo com o presente do subjuntivo dos verbos indicados entre parênteses:
A) Como os preços baixaram, é necessário que nós _____ o orçamentos (refaz);
B) É importante que nossa tentativa _____ o esforço (valer);
C) Convém que ele _____ um novo acordo (propor);
D) Para que não nomeemos é necessário que nós _____ o que elas pensam (saber);
E) Espero que todos os responsáveis _____ a culpa (assumir).
a) refaçamos - valha - proponha - saibamos - assumam;
b) refazemos - valha - proponham - sabemos - assumam;
c) refaçamos - valham - proponha - soubemos - assumem;
d) refazemos - valha - proponha - saibamos - assumam;
e) N.D.A.

237. Assinale a alternativa em que todas as formas verbais pedidas estejam certas:
Haver (presente subjuntivo, 1ª pessoa do singular);
Crer (presente indicativo, 3ª pessoa do plural);
Passear (presente subjuntivo, 2ª pessoa do plural).
a) haja – crêem – passeeis;
b) haje – crêm – passeieis;
c) haje – creem – passeais;
d) hajai – creim – passeiais;
e) haja – creiem – passeies.

238. "As linhas _____ para um ponto e depois se _____ no infinito".
a) convergem – esvão;
b) convirgem – esvaem;
c) convergem – esvaiem;
d) convergem – esvaem;
e) convirgem – esvão.

239. Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços em branco:
"É preciso que _____ novidades interessantes que _____ e _____ ao mesmo tempo".
a) surjam – divertem – instruam;
b) surjam – divirtam – instruam;
c) surjam – divirtam – instruem;
d) surgem – divertem – instruem;
e) surgem – divirtam – instruam.

240. Considere as frases:
1) "Eles querem que nós (fazer) o trabalho".
2) "Fazemos esforços para que todos (caber) na sala".
Flexionando corretamente os verbos indicados, teremos:
a) façamos – cabem;
b) fazemos – caibam;
c) fazemos – coubessem;
d) façamos – caberem;
e) façamos – caibam.

241. Assinale a frase em que há erro de conjugação verbal:
a) os esportes entretêm a quem os pratica;
b) ele antevira o desastre;
c) só ficarei tranqüilo quando vir o resultado;
d) eles se desavinham freqüentemente;
e) ainda hoje requero o atestado de bons antecedentes.

242. Das frases que seguem, uma traz errado emprego da forma verbal. Assinale-a:
a) cumpre teus deveres, e terás a consciência tranqüila;
b) suporta-se com paciência a cólera do próximo;
c) nada do que se possui com gosto se perde sem desconsolação;
d) não voltes atrás, pois é fraqueza desistir-se da coisa começada;
e) dizia Rui Barbosa: "Fazeis o que vos manda a consciência, e não fazeis o que convém ao apetites.

243. Assinale o item que contém as formas verbais corretas:
a) reouve – intervi;
b) reouve – intervim;
c) rehouve – intervim;
d) reavi – intervi;
e) rehavi – intervim.

244. Que alternativa contém as palavras adequadas para o preenchimento das lacunas?
"Do lugar de onde eles _____, _____ diversas romarias".
a) provém – afluem;
b) provém – aflue;
c) provém – aflui;
d) provêem – afluem;
e) provêm – afluem.

245. A frase "Procure compreender seus pais" está na 3ª pessoa do singular. Passando-a à 2ª pessoa do singular, teremos:
a) procuras compreender vossos pais;
b) procurai compreender teus pais;
c) procura compreender seus pais;
d) procura compreender teus pais;
e) N.R.A.

246. Assinale a alternativa que completa corretamente a frase abaixo. Observe que na primeira lacuna a forma verbal é do imperativo afirmativo e, na segunda, a forma verbal é do imperativo negativo. Além disso, note que é a forma verbal "Vencerás" que determina a pessoa gramatical a ser usada nas duas formas do imperativo.
" _____, não _____ e vencerás"
a) lute – desista;
b) lutai – desisti;
c) luta – desistas;
d) lutas – desiste;
e) lutai – desista.

247. A relação dos verbos que completam, convenientemente e em correspondência com as frases, as respectivas com lacunas:
1 - "eles _____ melhor, sentados aqui"
2 - "todos ainda _____ nisso"
3 - "este produto _____ os mesmos fatores"

a) vêm – creêm – contém;
b) vêem – crêm – contém;
c) vêem – crêem – contém;
d) vêm – crêem – contém;
e) vêem – crêem – contêm.

248. "Se você _____ e o seu amigo _____ talvez você _____ os seus bens".
a) requisesse – intervisse – reavesse;
b) requeresse – intervisse – reavessse;
c) requeresse – interviesse – reouvesse;
d) requeresse – interviesse – reavesse;
e) requisesse – intervisse – reouvesse.

249. "No desempenho de tuas funções, _____ atencioso com todos, _____ ser útil sempre e não _____ as tuas responsabilidades".
a) sê – procure – negue;
b) seja – procura – negue;
c) seja – procure – negues;
d) sê – procura – negues;
e) seja – procura – negues.

250. "Caso _____ realmente interessado, ele não _____ de falar".
a) estiver – haja;
b) esteja – houvesse;
c) estivesse – haveria;
d) estivesse – havia;
e) estiver – houver.

251. Assinale a alternativa que completa corretamente a seguinte frase: "Quando _____ mais aperfeiçoado, o computador certamente _____ um eficiente meio de controle de toda a vida social".
a) estivesse – será;
b) estiver – seria;
c) esteja – era;
d) estivesse – era;
e) estiver – será.

252. O modo verbal que expressa uma atitude duvidosa, incerta é o:
a) indicativo;
b) imperativo;
c) subjuntivo;
d) imperativo e subjuntivo;
e) N. D. A.

253. Aponte a alternativa, em que a segunda forma está incorreta como plural da primeira:
a) tu ris – vós rides;
b) ele lê – eles lêem;
c) ele tem – eles têm;
d) ele vem – eles vêem;
e) eu ceio – nós ceamos.

254. Assinale a alternativa que completa adequadamente a frase: "_____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros".
a) creias - duvides;
b) crê - duvidas;
c) creais - duvidas;
d) creia - duvide;
e) crê - duvides.

255. Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio
a) ver – fará;
b) visse – fará;
c) ver – fazerá;
d) vir – fará;
e) vir – faria.

256. É importante que vocês _____ se eles não se _____ durante o depoimento".
a) averigüem – contradisseram;
b) averigüem – contradizeram;
c) averigúem – contradisseram;
d) averíguem – contradisseram;
e) averigúem – contradizeram,

257. "Não me tragam estéticas !" – As formas da 2ª pessoa do imperativo negativo e afirmativo de trazer são:
a) não traze, não trazei – treze – trazei;
b) não traga, não tragai-traga – trazei;
c) não tragas, não tragais – traze-trazei;
d) não tragas, não tragais – traga-tragai;
e) não traze, não trazei – traga – tragais.

258. Observando a correlação temporal entre a forma verbal destacada na frase e a forma verbal que você iria colocar no espaço, complete as frases abaixo:

A - teremos amigos quando nós _____ ricos (ficar)
B - teríamos amigos, se nós _____ ricos (ficar)
C - tínhamos amigos quando nós _____ ricos (ser)
D - tivemos amigos quando nós _____ ricos (ser)
E - temos amigos enquanto _____ ricos (ser)

a) ficamos – ficássemos – seremos – seremos – somos;
b) ficamos – ficarmos – fomos – somos – fomos;
c) fiquemos – ficássemos – éramos – somos – somos;
d) ficarmos – ficamos – somos – fumos – samos;
e) ficarmos – ficássemos – éramos – fomos – samos.

259. Observando a correlação temporal, assinale a alternativa que completa a frase:
"Era provável que eles _____ hoje".
a) virão;
b) venham;
c) viessem;
d) vêem;
e) vinham.

260. Assinale a frase em que está correta a correlação verbal:
a) se você interferisse, ele faria o trabalho sozinho;
b) se você não interferir, ele fazia o trabalho sozinho;
c) se você não interferir, ele faria o trabalho sozinho;
d) se você não interfere, ele fazia o trabalho sozinho;
e) se você não interferisse ele faz o trabalho sozinho.

261. Diz a regra: "exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o particípio não indica por si próprio se a ação em causa é presente, passada ou futura. Só o contexto a que pertence pode precisar sua relação temporal".
Nos exemplos seguintes:

I - desenterrada a batata, só nos restava assá-la.
II - desenterrada a batata, só nos resta assá-la.
III - desenterrada á batata, só nos restará assá-la.

A mesma forma expressa ação passada, presente e futura, respectivamente em:
a) I, II, III;
b) II, III, I;
c) III, II, I;
d) I, III, II;
e) II, I, III.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS:

262. A frase que admite outra colocação, igualmente correta, do pronome oblíquo sem acréscimo de outra palavra:
a) tenho-te procurado há várias semanas;
b) pedir-lhe-ia um favor;
c) os candidatos se retiraram;
d) nada nos detém;
e) nenhuma das alternativas.

263. Admirou-me a despesa porque não _____ que o presente _____ tão caro.
a) me havias dito - iria custar-te;
b) havias-me dito - iria te custar;
c) me havias dito - iria-te custar;
d) havias me dito - te iria custar;
e) havias me dito -iria-te custar.

264. Indique a sentença em que o pronome deveria estar proclítico, de acordo com as normas gramaticais de colocação de pronomes átonos.
a) eu pedi-lhe uma ajuda;
b) nós todos reunimo-nos na confeitaria;
c) eles chamá-lo-iam de líder, se pudessem;
d) compramos a escultura que assemelha-se a uma ave;
e) ouça-me bem antes de agir.

265. A norma culta da língua repudia a colocação do pronome átono, tal como ocorre na opção:
a) engolfou-se de novo nas cismas que estavam lhe afagando a mente;
b) engolfou-se de novo nas cismas que estavam afagando-lhe a mente;
c) novas cismas lhe tinham engolfado a mente;
d) novas cismas tinham-lhe engolfado a mente;
e) novas cismas tinham engolfado-lhe a mente.

266. O pronome pessoal oblíquo átono está corretamente empregado, **EXCETO** em:
a) pretendemos enviá-lo para um estágio no exterior;
b) o livro não está aqui: repõe-no antes que o percebam;
c) solicitamos-lhe a remessa imediata do pagamento;
d) não se aplaudirão absurdos nem desacordos;
e) quando avisaram-me, nada mais pude fazer.

267. Assinale a frase incorreta quanto à colocação do pronome oblíquo:
a) reduzir-se-ão as despesas extraordinárias por medida de economia;
b) tu o tens censurado sem razão;
c) como te aplaudem;
d) ninguém contou-lhe a verdade;
e) confesso que tudo aquilo me pareceu absurdo.

268. Assinale a frase com erro quanto à colocação pronominal:
a) fique por perto, porque pode-se precisar de você;
b) não deixarei que se façam estes comentários;
c) podem-se perdoar aos faltosos;
d) tem-se assistido a bons programas na televisão;
e) critica-se, critica-se, mas não se constrói.

269. Marque a opção em que ocorre erro na colocação do pronome átono.
a) nunca me deterás, tenho certeza;
b) tratando-se de dinheiro, ele era eufórico;
c) os acontecimentos trar-me-ão a razão;
d) todos cumprimentavam-me pela descoberta;
e) em se considerando homem, saiu de casa.

270. Assinale a única opção em que o pronome átono dos parênteses admite apenas uma colocação.
a) devia contar a verdade; (TE)
b) a cidade havia conquistado; (ME)
c) a sorte não abandonará; (TE)
d) estávamos procurando desde ontem; (TE)
e) a felicidade tinha dado uma rica história. (LHE)

271. Assinale a opção cuja colocação pronominal esteja correta:
a) o assunto que me não agradou, foi revisto;
b) a vida me sorriria se você voltasse;
c) o problema de que falei-te não tem solução;
d) não desejamos que façam-te um covarde;
e) bons ares tragam-no para nós.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

272. "Esses são os livros que _____ à disposição do público, mas _____ que poucos _____":
a) se acham; se acredita; procurá-los-ão;
b) acham-se; acredita-se; procurá-los-ão;
c) se acham; acredita-se; os procurarão;
d) acham-se; se acredita; procurarão-os;
e) acham-se; acreditam-se; procurá-lo-ãos.

273. Os projetos que _____ estão em ordem; _____ ainda hoje, conforme _____":
a) enviaram-me; devolvê-los-ei; lhes prometi;
b) enviaram-me; os devolverei; lhes prometi;
c) enviaram-me; os devolverei; prometi-lhes;
d) me enviaram; os devolverei; prometi-lhes;
e) me enviaram; devolvê-los-ei; lhes prometi.

274. "Nada _____ como eu _____, mas sequer _____ atenção".
a) se passou, dissera-lhe; deu-lhe;
b) passou-se; lhe dissera; deu-me;
c) se passou; lhe dissera; me deu;
d) passou-se; lhe dissera; me deu;
e) se passou; dissera-lhe; me deu.

275. Assinale a alternativa em que ocorre erro de colocação pronominal:
a) preocupei-me demais com suas loucuras;
b) contar-te-ia toda a verdade;
c) hoje se arrepende do que fez;
d) não te contaria toda a verdade.

e) hoje, se arrepende do que fez.

276. Considere a colocação do pronome "Te" nas três frases:
I - Eu te havia contado a história;
II - Eu havia-te contado a história;
III - Eu havia contado-te a história.
Estão corretas:

a) I, II e III;
b) apenas I e II;
c) apenas I e III;
d) apenas II e III;
e) apenas III.

277. Se _____, creio que _____ com prazer:
a) tivessem me pedido – teria-os recebido;
b) me tivessem pedido – os teria recebido;
c) tivessem – pedido-me – têlos-ia recebido;
d) tivessem me pedido – teria os recebido;
e) me tivessem pedido – teria recebido-os

278. Indique onde há erro de colocação pronominal
a) se não me contasse tudo, iria embora;
b) se me não contasse tudo, iria embora;
c) nunca se encontraria o culpado;
d) nunca encontra-se-ia o culpado;
e) todas estão incorretas.

279. Assinale a alternativa que completa a frase:
"Não _____ atitudes que _____ como uma forma de crítica ao trabalho do grupo".
a) se admitirão, caracterizam-se;
b) admitir-se-ão; se caracterizem;
c) se admitirá; se caracterizem;
d) se admitirão; se caracterizem;
e) "c" e "d" estão corretas.

280. "Entre eles e _____ existe um compromisso que só _____ se _____ ao sacrifício":
a) eu – se cumprirá – dispusermo-nos;
b) mim – cumprir-se-á – nos dispusermos;
c) mim – se cumprirá – nos dispusermos;
d) eu – cumprir-se-á – dispusermo-nos;
e) eu – se cumprirá – dispuser-mo-nos.

281. Complete convenientemente as lacunas:
"Logo que, _____, _____ cientes de que não _____"
a) os vir – os farei – os poderemos contratar;
b) os ver – fá-los-ei poderemo-los contratar;
c) vê-los – fá-los-ei – poderemos contratá-los;
d) os vir – fá-los-ei – podemos contratá-los;
e) os ver – far-lhes-ei – poderemos contratá-los.

REGÊNCIA. CRASE. EMPREGO DA PREPOSIÇÃO.

282. O sinal da crase foi empregado indevidamente na seguinte alternativa:
a) à servidora gestante será concedida licença de três meses;
b) o funcionário foi chamado à presença da Diretora para justificar-se;
c) à nova regulamentação não se refere às pessoas aposentadas;
d) recusou-se a obedecer às determinações do juiz;
e) prefiro redigir cartas à datilografá-las.

283. Preencha corretamente as lacunas e assinale a alternativa correspondente:
Chegou-se _____ ela e segredou-lhe algo _____ pressas, atento _____ qualquer manifestação face _____ ousadia.
a) à, às, a, aquela;
b) a, as, à, aquela;
c) a, às, a, àquela;
d) à, às, à, aquela.

284. Assinale a relação cujas palavras, em correspondência com as frases, preenchem convenientemente as respectivas lacunas:
não perguntei ___ essa funcionária mas ___ que usa óculos se daqui ____ pouco poderei vir retirar o salário que me devem ____ muito.
a) a - a - há – a;
b) à - a - a – há;
c) à - à - à – a;
d) a - a - há - há;
e) a - á - a – há.

285. A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:
a) as cidades as quais me refiro são estâncias turísticas;
b) os alunos a quem me dirijo são inteligentes;
c) encaminharei o discurso a Vossa Senhoria;
d) o documento visava a elucidar dúvidas;
e) trata-se de pintura a óleo.

286. O acento grave – denotador de crase – deve ser colocado em todas as frases. **EXCETO:**
a) a rua em que você mora é paralela **a** que vai dar no viaduto;
b) **a** distância de quinhentos metros, via-se um vulto rastejando;
c) cheguei **as** duas horas e não encontrei a sala, aberta;
d) após a festa, voltamos sonolentas **a** casa:
e) quando chegamos, ela já falava **a** vontade.

287. Crase correta:
a) ao voltar à terra, o marinheiro estranhou o ambiente;
b) tais dados são necessários à minhas teses;
c) o dirigente deu força às suas palavras;
d) estavam, afinal, frente à frente;
e) esqueceu o material, e foi à casa buscá-lo.

288. Assinale a opção onde há erro em relação à crase.
a) referiu-se à cadelinha de pintinhas acinzentadas;
b) dê notícias à menina Eduarda;
c) não se aludiu à cadelinha alguma;
d) o amor à Fofoca era muito grande;

e) disse à menina que encontraria Fofoca.

289. Assinale a única alternativa que está de acordo com as normas de regência da língua culta.
a) avisei-o de que não desejava substituí-lo na presidência, pois apesar de ter sempre servido à instituição, jamais aspirei a tal cargo;
b) avisei-lhe de que não desejava substituí-lo na presidência, pois apesar de ter sempre servido a instituição, jamais aspirei a tal cargo;
c) avisei-o de que não desejava substituir- lhe na presidência, pois apesar de ter sempre servido à instituição, jamais aspirei tal cargo;
d) avisei-lhe de que não desejava substituir-lhe na presidência, pois apesar de ter sempre servido à instituição, jamais aspirei a tal cargo;
e) avisei-o de que não desejava substituí-lo na presidência, pois apesar de ter sempre servido a instituição, jamais aspirei tal cargo.

290. Assinale a opção em que o verbo **chamar** é empregado com o mesmo sentido que apresenta em _____ "No dia em que o chamaram de Ubirajara, Quaresma ficou reservado, taciturno e mudo":
a) pelos seus feitos, chamaram-lhe o salvador da pátria;
b) bateram à porta, chamando Rodrigo;
c) naquele momento difícil, chamou por Deus e pelo Diabo;
d) o chefe chamou-os para um diálogo franco;
e) mandou chamar o médico com urgência.

291. Assinale a opção em que o verbo **assistir** é empregado com o mesmo sentido que apresenta em "não direi que assisti às alvoradas do romantismo".
a) não assiste a você o direito de me julgar;
b) é dever do médico assistir a todos os enfermos;
c) em sua administração, sempre foi assistido por bons conselheiros;
d) não se pode assistir indiferente a um ato de injustiça;
e) o padre lhe assistiu nos derradeiros momentos.

292. Em todas as alternativas, o verbo grifado foi empregado com regência certa, **EXCETO** em:
a) a vista de José Dias lembrou-me o que ele me dissera.
b) estou deserto e noite, e aspiro sociedade e luz.
c) custa-me dizer isto, mas antes peque por excesso;
d) redobrou de intensidade, como se obedecesse a voz do mágico;
e) quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos.

293. O verbo **chamar** está com a regência **INCORRETA** em:
a) chamo-o de burguês, pois você legitima a submissão das mulheres;
b) como ninguém assumia, chamei-lhes de discriminadores;
c) de repente, houve um nervosismo geral e chamaram-nas de feministas;
d) apesar de a hora ter chegado, o chefe não chamou às feministas a sua seção;
e) as mulheres foram para o local do movimento, que elas chamaram de maternidade.

294. Assinale o exemplo, em que está bem empregada a construção com o verbo **preferir:**
a) preferia ir ao cinema do que ficar vendo televisão;
b) preferia sair a ficar em casa;
c) preferia antes sair a ficar em casa;
d) preferia mais sair do que ficar em casa;
e) antes preferia sair do que ficar em casa.

295. Assinale a opção em que o verbo **lembrar** está empregado de maneira inaceitável em relação à norma culta da língua:
a) pediu-me que o lembrasse a meus familiares;
b) é preciso lembrá-lo o compromisso que assumiu conosco;
c) lembrou-se mais tarde que havia deixado as chaves em casa;
d) não me lembrava de ter marcado médico para hoje;
e) na hora das promoções, lembre-se de mim.

296. O verbo sublinhado foi empregado corretamente, **EXCETO** em:
a) aspiro à carreira militar desde criança;
b) dado o sinal, procedemos à leitura do texto.
c) a atitude tomada implicou descontentamento;
d) prefiro estudar Português a estudar Matemática;
e) àquela hora, custei a encontrar um táxi disponível.

297. Em qual das opções abaixo" o uso da preposição acarreta mudança total no sentido do verbo?
a) usei todos os ritmos da metrificação portuguesa. / usei de todos os ritmos da metrificação portuguesa
b) cuidado, não bebas esta água./ cuidado, não bebas desta água;
c) enraivecido, pegou a vara e bateu no animal./ enraivecido, pegou da vara e bateu no animal;
d) precisou a quantia que gastaria nas férias./ precisou da quantia que gastaria nas férias;
e) a enfermeira tratou a ferida com cuidado. / a enfermeira tratou da ferida com cuidado.

298. Assinale o mau emprego o vocábulo **"onde":**
a) todas as ocasiões onde nos vimos às voltas com problemas no trabalho, o superintendente nos ajudou;
b) por toda parte, onde quer que fôssemos, encontrávamos colegas;
c) não sei bem onde foi publicado o edital;
d) onde encontraremos quem nos forneça as informações de que necessitamos;
e) os processos onde podemos encontrar dados para o relatório estão arquivados

299. Assinale o item que preenche convenientemente as lacunas na sentença:
a) Não ____ conheço o suficiente para entender seus motivos, mas aviso ____ de que não ____ perdôo a traição.
a) lhe, lhe, lhe;
b) o, o, o;
c) o, lhe, o;
d) lhe, lhe, o;
e) o, o, lhe.

300. Assinale a frase em que há erro de regência verbal:
a) a notícia carece de fundamento;
b) o chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção;
c) os médicos assistiram o simpósio e acharam-no muito interessante;
d) é necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas;
e) daqui posso ver-lhe o passo oblíquo e trôpego.

301. Uma das opções apresenta erro quanto a regência verbal. Assinale-a:
a) na sala do superintendente aspirava sempre fumaça de um legítimo havana.
b) chegando na repartição, encontrou as portas cerradas;
c) todos obedeceram às determinações superiores;
d) informei-o de que no dia 15 não haverá expediente;
e) o gerente visou todas as folhas do ofício.

302. De acordo com a norma culta, a frase em que se teve o cuidado de obedecer à regência é:
a) o Colégio São Geraldo, sito a Rua da União, encerrou suas atividades;
b) o preço fixado tornou-se compatível de minhas posses;
c) as regras do jogo não são passíveis por mudanças;
d) sua decisão implica uma mudança radical;
e) prefiro o cinema mais do que o teatro.

303. Assinale a alternativa correta em relação às frases:
- Dar atenção ___ aulas é indispensável ___ aprovação.
- Isto não se relaciona apenas ___ você, mas ___ todas às pessoas.
a) as, a, a, a;
b) às, a, a, a;
c) às, à, a, a;
d) às, à, à, a;
e) às, à, à, à.

304. Marque a opção em que o emprego do acento grave indicativo da crase é optativo:
a) darei a vida um sabor maior;
b) dedicaremos a esta página bons artigos;
c) entregariam a tua consciência esta decisão;
d) a você não devo nada;
e) chegaremos a hospitaleira Santa Catarina ao anoitecer.

305. Assinale a única opção em que o emprego do acento indicativo da crase se faz obrigatório:
a) dedicarei o meu carinho a mulher amada;
b) agradecemos a Fátima a gentileza;
c) refiro-me a ela, mulher vaidosa;
d) dirijo-me a Paris;
e) entregaremos apenas o cartão resposta a essa linda fiscal.

306. Assinale o exemplo em que se usou erradamente **a** por **há** ou vice-versa:
a) daqui a tempos, haverá novas provas;
b) de hoje há três dias sairão os resultados;
c) está no Rio, há três dias aproximadamente;
d) a cidade ficava a poucos quilômetros daqui;
e) há cerca de vinte pessoas à sua espera.

307. Assinale o exemplo em que se usou erradamente **a** por **há** ou vice-versa:
a) a loja fica a dois metros;
b) apresentaram-se a falar ao diretor;
c) há cerca de mil processos à espera de solução;
d) daqui a uma semana terão notícias minhas;
e) de hoje há uma semana serão chamados os novos candidatos.

308. Assinale a única frase que só pode ser completada com **"A"** .
a) daqui ___ duas horas estarei em São Paulo;
b) convém fazer o exercício ___ lápis;
c) o barco estava agora ____ mercê das ondas;
d) não poderei ir ___ festa alguma nesta semana;
e) era ainda muito cedo quando cheguei ___ casa.

309. Assinale a frase cujo **"A"** ou **"AS"** deve levar acento grave indicativo da crase:
a) chamamos neolatina a toda língua originária do latim;
b) chamamos neolatinas a línguas originárias do latim;
c) chamam-se neolatinas as línguas originárias do latim;
d) chama-se neolatina as línguas originárias do latim;
e) chama-se neolatinas a línguas originárias do latim.

310. Marque a opção que completa corretamente a frase:
Esta situação é semelhante _____ você viveu.
a) à que;
b) à cuja;
c) a qual;
d) a que;
e) aquela que.

311. Há um só exemplo do **"A".** Assinale-o:
a) andamos à cavalo o dia inteiro, até chegarmos à fazenda;
b) costumo andar à chuva e ao vento;
c) fomos a Santa Catarina e depois à Bahia;
d) trace duas linhas paralelas à do vento:
e) mataram o cão à foice e fugiram.

312. Somente (...) longo prazo será possível ajustar-se esse mecanismo (...) qualidade (...) que se destina.
a) a – à – a;
b) à – a – à;
c) à – à – à;
d) à – a – a;
e) à – à – a.

313. Qual a regência verbal **INCORRETA?**
a) obedeça a sinalização;
b) perdoei-lhe a antiga dívida;
c) paguei aos funcionários o ordenado;
d) o filme é bom, pois todos já assistiram a ele;
e) sempre aspirou à felicidade.

314. Assinale a opção em que há **ERRO.**
a) ela deu um livro para mim;
b) Pedro jogou bola comigo;
c) pensei muito em ti;
d) ela viajou com nós;
e) meu irmão sabe cuidar de si.

315. Assinale a frase com **ERRO:**
a) para mim, ver o escravo sofrer é ruim;
b) nada de bom há entre mim e o senhor, disse o escravo;
c) antes de o escravo ser chicoteado, ouvia-se grito;
d) os escravos entravam e saía das casas de São Luíz;
e) os escravos guardavam consigo ânsia e mágoas.

316. Assinale a opção em que o verbo <u>lembrar</u> está empregado de maneira inaceitável em relação à norma culta da língua:
a) lembrou-lhe aquela imagem de servidão, aquele espetáculo de extrema miséria;
b) era necessário lembrá-lo da multidão faminta que cambaleava, chorava e dançava ali;
c) lembrou-se, naquele instante, de que só os pretos faziam compras ou andavam no ganho;
d) só me lembrava de ter visto a invasão das casas para encher as banheiras e os potes;
e) queria que lhe lembrasse, ao sair à rua, naquelas tardes entorpecidas pelo calor, das carroças d'água.

317. Assinale o item que apresenta o emprego inadequado de pronome relativo:
a) os moços com quem falamos são estudantes de Direito;
b) eis a terra donde se colhem tão bons frutos;
c) são empresas para as quais aparecem muitos candidatos;
d) mostra-lhe-ei as canetas de que me sirvo;
e) refiro-me a esse aluno, cujo aluno já nos tem causado dissabores.

318. Assinale o item em que se omitiu uma preposição obrigatória:
a) o pretexto era a apresentação dos uniformes que iam estrear no próximo campeonato;
b) o pretexto era a apresentação dos uniformes que haviam comprado;
c) o pretexto era a apresentação dos uniformes de que precisam;
d) o pretexto era a apresentação dos uniformes por que tanto trabalharam;
e) o pretexto era a apresentação dos uniformes que tanto se referiram os cronistas esportivos.

319. Erro de regência verbal:
a) esta autora tem idéias com que todos simpatizamos;
b) eis a ordem de que nos insurgimos;
c) aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava;
d) qual o cargo a que aspiras;
e) há fatos que nunca esquecemos.

320. Regência verbal correta:
a) prefiro mais a cidade que o campo;
b) chegamos finalmente em Santo André;
c) esta é a cidade que mais gosto;
d) assisti ao concerto de que você tanto gostou;
e) ainda não paguei o médico.

321. Marque a frase que contém incorreção quanto à regência verbal:
a) o trabalho a que aludi será publicado no próximo mês;
b) assistiu-se a um grande espetáculo;
c) paguei o médico no tempo previsto;
d) a mudança no projeto implica despesas maiores;
e) apressou-se em desfazer o equívoco.

322. Assinale a opção em que há erro de regência.
a) prefiro a cadelinha a todos os presentes;
b) gosta mais da cadelinha do que todos os presentes;
c) Eduarda não vai esquecer mais do episódio;
d) chamou a garota de dona;
e) vou à rua procurar a cadelinha.

323. Assinale a opção gramaticalmente incorreta:
a) há cerca de vinte dias promete voltar;
b) daqui a pouco ele mudará de idéia;
c) partiu há três dias;
d) não o vejo há dez dias;
e) de hoje há dez dias sairão os resultados.

324. Assinale o certo:
a) chamamo-lo inteligente;
b) chamamo-lo de inteligente;
c) chamamos-lhe inteligente;
d) chamamos-lhe de inteligente;
e) todas as regências acima estão corretas.

325. No caso de você faltar (___) prometido, incorrerá (___) reprovação de todos.
a) pelo – na;
b) ao – a;
c) ao – da;
d) com o – para a;
e) com o – na.

326. Agradeço (_) Vossa Senhoria (_) oportunidade para manifestar minha opinião (_) respeito.
a) a – a – a;
b) à – à – a;
c) à – a – a;
d) a – à – a;
e) à – a – à.

327. Assinale a frase com erro de regência:
a) o deputado presidiu a reunião até o fim;
b) proibimos os alunos de usar os cadernos para fazer a prova;
c) certificamos nossa família de vossa decisão;
d) paguei os operários no sábado;
e) atendemos ao seu desejo.

328. "Peço __ senhora que estude, uma __ uma, as questões submetidas __ aprovação":
a) à - a - à;
b) a - a - à;
c) a - à - à;
d) à - à - à;
e) à - à - a.

329. Há uma opção em que não se atendeu ao emprego da crase. Indique-a:
a) a cem milhas horárias você encontrará um posto à direita, a meia hora daqui;
b) às brutas entrou porta a dentro;
c) responda à sua senhoria com a consideração a que está acostumado;
d) saiu-se à mãe, esta se parece à avó;
e) dispostas a ouvi-la, postaram-se à porta de sua casa.

330. "Dê ciência ___ todos de que não mais se atenderá ___ pedidos que não forem dirigidos ___ diretoria":
a) a - a - a;
b) a - à - a;
c) a - a - à;
d) à - à - a;
e) à - a - a.

331. Marque a frase em que o **"a"** deva ser craseado:
a) ele atacou o adversário a tiro;
b) Maria não foi a aula hoje;
c) João fez uma viagem a Mato Grosso;
d) Conversei com a diretoria do colégio sobre esse assunto;
e) o adversário atacou a cacetadas.

332. " ___ hora prevista, todos se dirigiram ___ sala principal para assistir ___ cerimônia".
a) a - a - a;
b) a - à - a;
c) à - à - à;
d) há - à - à;
e) há – a – a .

333. Assinale a frase em que o **"a"** sublinhado deve receber o acento de crase:
a) obedeça <u>as</u> regras de trânsito;
b) encontraram-se face <u>a</u> face;
c) dirijo-me agora <u>a</u> vossa excelência;
d) é uma campanha digna, <u>a</u> cuja disposição me ponho;
e) peço <u>a</u> você que não deponha o candidato.

334. "Para ganhar mais dinheiro, Manoel passou ___ entregar compras ___ domicilio ___ segundas-feiras".
a) a - a - as;
b) a - a - às;
c) a - à - às;
d) à - a - as;
e) à - à - às.

335. Que expressões completariam as lacunas?
"Não me refiro _____ estava sentada, mas sim _____ pessoa _____ tu também te referias".
a) a que - à - que;
b) aquela que - à - que;
c) àquela que - à - à que;
d) à que - a - à que;
e) à que - à - a que.

336. "Foi obrigado ____ embarcar no trem que saia ____ onze horas, mas mostrou ____ todos seu descontentamento".
a) a - as - à;
b) às - as - a;
c) a - às - a;
d) à - às - a;
e) a - às - à.

337. "A disciplina naquela escola podia ser comparada ___ dos militares, mas nem por isso permitia tranqüilidade ____ professoras".
a) a - a;
b) à - às;
c) a - as;
d) a - às;
e) a - as.

338. Aponte a frase em que o **"a"** ou **"as"** não deve levar sinal indicativo de crase:
a) dirijo-me apressado àquela farmácia;
b) refiro-me àquele rapaz que foi teu colega;
c) àquela hora todos já se tinham recolhido;
d) quero agradecer àquele rapaz as atenções que me dispensou;
e) fui para aquela praça, mas não à encontrei !

339. Na frase: "Tende a satisfazer as exigências do mercado", substituindo-se "satisfazer" por "satisfação", tem-se a forma correta:
a) tende à satisfação as exigências do mercado;
b) tende a satisfação as exigências do mercado;
c) tende a satisfação das exigências do mercado;
d) tende a satisfação às exigências do mercado;
e) tende à satisfação das exigências do mercado.

340. " _____ tarde, diriji-me _____ casa, embora _____ hora todos já estivessem ____ dormir":
a) À - à - àquela - a;
b) A - a - aquela - à;
c) À - a - àquela - a;
d) À - a - aquela - à;
e) À - a - àquela - a.

341. Marque o caso em que não houve erro, quanto a omissão ou presença de crase:
a) veio à toda, quando se pôs a frear, já era tarde;
b) a proposta, à cuja aceitação estamos presos, nem foi estudada;

c) uma à uma, gota à gota, ingeriu todo o conteúdo;
d) perspicácia a toda prova, resposta às pressas, era exigido;
e) a assistência às aulas é de lei.

342. "ainda ____ pouco, eu ____ vi atravessando aquela rua, ali ___ direita":
a) há – a – à;
b) há – a – a;
c) a – a – a;
d) a – à – à;
e) à – a – a .

343. Assinale a frase em que há o uso errado da crase:
a) quando o navio chegou, ele desceu logo à terra;
b) vou à cidade hoje;
c) vou à reunião contigo;
d) pagou tudo à vendedora;
e) chegou tarde à missa.

344. "Descendo ___ rua ___ noite, o marinheiro viu um homem que vinha ___ pé.
a) à – à – à;
b) a – à – à;
c) a – à – a;
d) à – a – a;
e) a – a – a.

CONCORDANCIA: NOMINAL E VERBAL

345. Há concordância inadequada em:
a) clima e terras desconhecidas;
b) clima e terra desconhecidos;
c) terras e clima desconhecidas;
d) terras e clima desconhecido;
e) terras e clima desconhecidos.

346. Há **erro** de concordância na opção:
a) calças e chapéus surradas;
b) poder e força mágica;
c) arreios e sela velhos;
d) rifles e alpercata nova;
e) cangaceiros e capitão temidos.

347. A concordância nominal está correta, **EXCETO** em:
a) o vento agitou as flores lilases da paineira;
b) esperança é necessário para viver;
c) a candidata estava meio nervosa;
d) os filhos são tais qual o pai;
e) as crianças estavam alerta.

348. Assinale a opção que preenche as lacunas:
Vão _____ aos processos várias fotografias.
Paisagens as mais belas _____ .
Ela estava _____ narcotizada.

a) anexas-possíveis - meio;
b) anexas-possível - meio;
c) anexo-possíveis - meia;
d) anexo-possível - meio;
e) anexo-possível - meia.

349. Assinale a opção que preenche as lacunas:
Vai _____ à carta minha fotografia. Essas pessoas cometeram crime de _____ patriotismo. Elas _____ não quiseram colaborar.
a) incluso – leso – mesmo;
b) inclusa – leso – mesmas;
c) inclusa – lesa – mesmas;
d) incluso – leso – mesmas;
e) inclusa – lesa – mesmo.

350. Assinale a opção com erro de construção:
a) vocês próprios entenderão a matéria;
b) há bastantes exemplos nesta lição;
c) ela adora pérola;
d) vocês vieram só ou acompanhados ?
e) nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

351. Assinale a opção com erro de construção:
a) um e outro aluno desistiu de terminar a prova;
b) estas crianças eram as mais espertas possíveis;
c) cerveja pode ser mau para a saúde;
d) a aluna regredia olhos vistos;
e) as literaturas francesa e a inglesa são vastíssimas.

352. Assinale a opção com erro de construção:
a) água é bom para a saúde;
b) achamos estas paisagens as mais belas possível;
c) suas forças definhavam a olhos vistas;
d) é proibido entrada a pessoas estranhas ao serviço;
e) deve ser um bom livro, haja vista as suas edições sucessivas.

353. Assinale a opção com erro de construção:
a) nem um nem outro aluno conseguiram aprovação;
b) não conheço nem uma nem outra hipótese;
c) acredito que um e outro funcionário serão promovidos;
d) é claro que sou seu amigo; hajam vista das minhas declarações;
e) foi acusado de grave crime: lesa-pátria.

354. Assinale a opção com erro de construção:
a) estes alunos são os mais estudiosos possível;
b) sua aplicação ao estudo crescia a olhos vistos;
c) suas blusas rosas eram "chiquérrimas" ;
d) suas virtudes cresciam a olhos vistos;
e) ele não sabe raciocinar, haja vista os argumentos apresentados.

355. Assinale a opção com erro de construção:
a) os filhos são tal qual os pais;
b) julgo inverídicas estas notícias;
c) estas foram as sós palavras que ele disse;
d) colhemos bastantes exemplos neste livro;
e) só alunos são admitidos na reunião.

356. Assinale a opção com erro de construção:
a) as meias verdades são piores que as mentiras;
b) o professor combinou algumas aulas extras;

c) minha irmã tem verdadeira obsessão por vestidos cinza;
d) os raios ultravioleta têm larga aplicação na Medicina;
e) vocês estão só ou acompanhados ?

357. Assinale a opção com erro de construção:
a) ele comprou livros e revistas bastante antigos;
b) os filhos são tais qual a mãe;
c) todos os soldados do quartel estavam alertas;
d) sua opinião é um crime de lesa-inteligência;
e) estudamos profundamente a língua inglesa e a francesa.

358. Assinale a opção com erro de construção:
a) são duas nações todo poderosas;
b) é vedado cópia deste livro;
c) mais trabalho e menas palavras;
d) alguns cientistas dizem que cebola é ótimo para o sangue;
e) a literatura provençal e a portuguesa apresentaram alguns pontos de contato.

359. Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parêntese **NÃO** completa corretamente a lacuna da frase:
a) devem ser bem _____ engenho e habilidades daqueles que integram uma mesma comunidade. (coordenadas) ;
b) os países pobres e os países ricos possuem recursos e necessidades muito _____ ; (diversos);
c) é preciso que Ciência e Tecnologia estejam _____ às aspirações da comunidade; (subordinadas);
d) em muitos países, estão intimamente _____ o fenômeno científico e o social; (ligados);
e) os mecanismos e intenções que determinam a pesquisa nos países ricos são erroneamente _____ , para os países pobres. (transferidos);

360. Assinale a alternativa que apresenta silepse de pessoa.
a) ele foi recompensado e os demais esquecidos;
b) os alunos da Universidade fomos informados que as aulas recomeçarão em março;
c) Vossa Excelência, senhor bispo, é muito generoso;
d) o povo, mesmo considerando os riscos em estar ali, não se afastaram enquanto não chegava o seu líder.

361. Assinale a opção em que há erro de concordância:
a) não eram caras a canetinha e o balãozinho que o camelô vendia;
b) o camelô vendia barato canetas e balões coloridos;
c) o camelô vendia, baratos, os balõezinhos e as canetinhas;
d) os balões e as canetas vendidos pelo camelô eram baratíssimos;
e) os pequeninos balões e canetas, que o camelô vendia, não eram caros.

362. Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas.
Já _____ oito anos, que não _____ as peças de seu diário e _____ pessoas, naquela casa, que não se preocupavam com isso.
a) iam fazer - se consertavam - havia;
b) ia fazer - se consertavam - havia;
c) ia fazer - se consertavam - haviam;
d) ia fazer - consertavam-se - haviam;
e) iam fazer - consertavam-se - havia.

363. Assinale a opção em que há erro de concordância em relação a norma culta da língua:
a) o trabalho do cientista é um dos que mais merece o reconhecimento da sociedade;
b) um grande número de cientistas trabalha em condições precárias;
c) deve existir condições especiais para o trabalho do cientista;
d) valorizem-se os cientistas, oferecendo-lhes condições especiais de trabalho;
e) quer-se criar condições especiais para o trabalho do cientista.

364. Assinale a opção em que o uso do verbo **haver** se faz de acordo com a norma culta da língua.
a) haverão anos sem que o veja novamente;
b) não deveriam haver condições melhores para o Romantismo senão após nossa emancipação política;
c) houveram protestos contra a reforma de Lutero;
d) não poderiam haver alunos mais estudiosos que os desta turma;
e) não se houveram bem aqueles rapazes.

365. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.
a) um dos seus sonhos _____ morrer na terra natal (era / eram);
b) aqui não _____ os sítios onde eu brincava. (existe / existem);
c) uma porção de sabiás _____ na laranjeira; (cantava / cantavam);
d) não _____ em minha terra belezas naturais; (falta / faltam);
e) sou eu que _____ morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero / quer).

366. Assinale a opção que se completa com a segunda forma dos parênteses.
a) Creio que _____ existir pessoas honestas; (deve / devem)
b) amanhã _____ fazer cinco anos que voltaste; (vai / vão)
c) pensamos que _____ muitos pretendentes a este cargo; (haverá / haverão)
d) todos crêem que _____ ocorrer um empate; (pode / podem)
e) pelos meus cálculos _____ fazer três dias que ela não aparece. (vai / vão)

367. Tendo em vista as regras de concordância assinale a única oração em que a forma entre parênteses completa corretamente a lacuna da frase:
a) _____, na verdade, diferentes motivos responsáveis pela nossa dependência tecnológica (existe);
b) é indispensável que se _____ entre pesquisas científicas e aspirações da comunidade uma estreita vinculação (mantenham);
c) a força de certos mecanismos _____ com que as pesquisas nos países pobres girem em torno de interesses dos países ricos (fazem);
d) _____ combinar-se engenho e habilidades dos homens para a resolução dos problemas específicos da comunidade (devem);
e) é preciso que tanto o desenvolvimento científico quanto o tecnológico _____ primeiramente em conta o fator cultural (leve).

368. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais colocadas entre parênteses:
a) não _____ motivos para acreditarmos que o computador constitui séria ameaça contra os direitos individuais (falta / faltam);
b) grande parte das previsões de alguns escritores _____ assumindo feição de realidade no mundo atual (está / estão);
c) o computador certamente _____ profundas modificações na estrutura da sociedade moderna (introduzirá / introduzirão);
d) no futuro, _____ desaparecer certos direitos de que hoje todos os indivíduos compartilham (poderá / poderão);
e) é provável que futuramente _____ sob o controle do computador todos os nossos negócios e a nossa vida privada (fique / fiquem).

369. Em todas as frases a concordância verbal realizada é a única possível, **EXCETO** em:
a) cada um de nós mentiu-lhe estupidamente;
b) quando se acabariam aqueles serviços moles;
c) tinha havido alguns minutos de silêncio;
d) tudo era matéria às curiosidades de Capitu;
e) a causa eram provavelmente os seus projetos.

370. A concordância é facultativa em:
a) quantos de vós estais preparados;
b) "a gente de nossa família trabalha nas plantações";
c) bateram seis horas no relógio da igreja;
d) mais de um dos convidados se cumprimentaram efusivamente;
e) mais de um banhista se afogou nessa praia no ano passado.

371. Observando a concordância nominal dos períodos abaixo, assinale a única alternativa indefensável:
a) será boa toda cautela na resolução desse problema;
b) duas garfadas foram suficientes para fazê-la calar;
c) a senhora é professora? Sou-o !
d) quem a julga sábia só pode ser míope;
e) achei-a, meia estragada !

372. Assinale a opção cujo adjetivo **NÃO** se flexiona como **latino-americano** ("países latino-americanos") :
a) sócio-cultural;
b) histórico-geográfico;
c) herói-cômico;
d) cívico-religioso;
e) vermelho-sangue.

373. Assinale a frase que apresenta, em relação à norma culta da língua, erro de concordância:
a) deu-se às poesias o nome de **PRIMEIROS CANTOS;**
b) grande parte das poesias não têm uniformidade nas estrofes;
c) pode as regras de mera convenção ser menosprezadas;
d) adotaram-se todos os ritmos da metrificação portuguesa;
e) os ritmos utilizados me pareceu quadrarem melhor com o que eu pretendia exprimir.

374. Assinale a opção em que, de acordo com as normas da língua culta, ambas as formas verbais entre parênteses podem ser empregadas:
a) faria alpercatas fortes que um dia (romperia / romperiam) a terra dura das caatingas;
b) (cantava / cantavam) os canários da biqueira, acompanhando a alegria de José Amaro;
c) só (havia / haviam) dois homens no mundo que ele podia ajudar, disse ao aguardenteiro;
d) (trabalharia / trabalhariam) para o capitão, dali por diante, mestre José Amaro e o aguardenteiro;
e) não queria que José Paulino e os outros o (visse / vissem) assim como estava.

375. Assinale a concordância verbal inaceitável em relação à norma culta.
a) Deve haver ainda estrelas no céu;
b) hão de existir outros sistemas planetários;
c) há de haver outros sistemas planetários;
d) podem existir dificuldades intransponíveis;
e) podem haver novos exames.

376. O infinitivo está flexionado corretamente, **EXCETO** em:
a) encontrei seus cartões, amáveis de ler, cheios de ternura;
b) para venceres a disputa, é preciso que treines muito;
c) mandei-os saírem tão logo chegaram;
d) ontem, ninguém os viu chegar;
e) costumamos sair bem cedo.

377. A concordância verbal está correta, **EXCETO** em:
a) as estrelas parecem piscar;
b) tudo isso foram suposições;
c) davam cinco horas quando ele chegou;
d) escutava-se uma ou outra voz sussurrante;

e) fazem dois anos que ele daqui se mudou.

378. Assinale a opção que apresenta **erro** de concordância:
a) palavras e exemplos dignos;
b) palavra e exemplo digno;
c) exemplo e palavra dignos;
d) exemplo e palavra dignas;
e) dignas palavras e exemplos.

379. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) desertos estavam a casa, a vila e o templo;
b) desertos estavam o templo, a casa e a vila;
c) desertas a casa, a vila e o templo;
d) deserto o templo, a casa e a vila;
e) deserta a vila, o templo e a casa.

380. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) anexos vão o recibo e a fatura;
b) anexo vão o recibo e a fatura;
c) anexa vai a fatura e o recibo;
d) anexo vai o recibo e a fatura;
e) anexos vão a fatura e o recibo.

381. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) a própria aluna confessou o erro;
b) eles mesmos trouxeram as sementes;
c) estamos conforme com tua opinião;
d) usava sapatos areia e luvas pérolas;
e) as crianças feriram-se a si mesmas.

382. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) vazios estavam a casa, a vila e o templo;
b) vazios estavam o templo, a casa e a vila;
c) vazias a casa, a vila e o templo;
d) vazio o templo, a casa e a vila;
e) vazia a casa, o templo e a vila.

383. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) anexos vão o bilhete e a carta;
b) anexo vai o bilhete e a carta;
c) anexo vão o bilhete e a carta;
d) anexa vai a carta e o bilhete;
e) anexos vão a carta e o bilhete;

384. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) tempo por mentirosos o réu e seu cúmplice;
b) marido e mulher caminhavam amuados, lado a lado;
c) diante do estranho homem, meninos e meninas ficaram desconfiados;
d) julgamos o aluno e a aluna mentirosos;
e) tenho o aluno e seu companheiro como mentiroso.

385. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) sós, Pedro e Paulo abriram o cofre;
b) só Pedro e Paulo conhecem o segredo do cofre;
c) definitivamente fiquei quites com o serviço militar;
d) a própria diretora afirmou que viria: sim, ela mesma;
e) comprei dois ternos azul-marinho.

386. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) estavam abertos a porta e as janelas;
b) vivemos tormento e martírio contínuo;
c) o rapaz era tal qual a mãe;
d) eu quero mais trabalho e menos palavras;
e) não conheço nem uma nem outra hipótese.

387. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) a sociedade torna-se mais agressiva a olhos vista;
b) estavam as portas meio abertas;
c) estudava a literatura francesa e inglesa;
d) os soldados estavam alertas;
e) as crianças feriram-se a si mesmas.

388. Assinale o **erro** de concordância nominal:
a) um e outro aluno desistiu de terminar a prova;
b) cerveja é bom para a saúde;
c) nesta cidade, há paisagens as mais belas possível;
d) Estados Unidos e Inglaterra são duas nações todo poderosas;
e) estudamos a cultura grega e latina.

389. Assinale a frase em que **não** se permite a concordância variante colocada entre parênteses:
a) entre os animais domésticos, mencione-se o cachorro, o gato, o cavalo, o boi. (mencionem-se);
b) iremos à festa eu, tu e minha irmã; (irei)
c) quantos de nós poderemos atirar a primeira pedra? (poderão)
d) metade das mercadorias importadas estava imprestável; (estavam)
e) qual de vós seguirá o Magistério. (seguireis)

390. Assinale a frase em que **não** se permite a concordância variante colocada entre parênteses:
a) cada um de nós recebeu sua parte; (recebemos)
b) um grupo de alunos se perdeu nas matas da Tijuca; (perderam)
c) muitos de nós conseguiram conquistar o ideal pretendido; (conseguimos)
d) resolvi que iríamos eu e ele; (iria)
e) "obriga-nos a terra e o brio". (obrigam-nos)

391. Assinale a única frase em que há **erro** de concordância verbal:
a) o engenheiro com a mulher e os filhos foram para o interior a fim de construir algumas estradas para o D.N.E.R;
b) eu com minha mulher chegamos ontem de Paquetá;
c) o general com seus soldados defendeu até a morte a posição;
d) o policial e "leão de chácara" foi autuado por desacato;
e) era um "cabeça-dura"; medos, ameaças, castigos, nada o convenceu.

392. Assinale a única frase em que há **erro** de concordância verbal:
a) "dar aula e manter disciplina é dever do professor";
b) o diretor assim como o professor concordaram com a reunião;
c) irei à praia todos os dias enquanto durar as férias e o calor;
d) acredito que o Pedro ou João será eleito Presidente do Grêmio;
e) o ladrão ou ladrões conseguiram fugir sem deixar pista.

393. Assinale a opção com **erro** de construção:
a) será que tudo isso são "fofocas";
b) o que seriam desses meninos se lhes faltassem os pais;
c) que hão de ser estas crianças ao crescerem;
d) que seriam aqueles homens vestidos estranhamente;
e) quem são os faltosos.

394. Assinale a opção com **erro** de construção:
a) Sócrates foi condenado por crime de lesão-moral;
b) os escoteiros estão sempre alerta;
c) a mulher corria meio louca pela rua;
d) a menina ficou toda encabulada com o elogio;
e) os raios infravermelhos não são percebidos pela nossa vista.

395. Assinale a opção com **erro** de construção:
a) o aluno só entra no colégio se estiver quites;
b) estes livros já estão meio usados;
c) é preciso que se liguem os alto-falantes;
d) "estes homens combatiam meios nus ..." (A. Herculano).
e) houve uma reunião na sede do Sindicato de Professores de Ensino Primário e Médio.

396. Observe com atenção a concordância das frases e marque a resposta certa.
1 - Creio que o relógio deu agora mesmo cinco horas.
2 - Ele é um dos que deveriam falar na reunião.
3 - Acabou de dar as quatro horas no relógio da Central.
4 - Os homens parece que tarde ou nunca se emendam.
5 - Não vale a pena falar nas lutas que poderiam haver entre eles.
6 - Cada vez mais precisa-se de trabalhadores especializados.
7 - Havia de existir outras razões tão fortes quanto estas.
8 - Tudo são obstáculos que devem ser vencidos.
9 - Cinco anos vão fazer que esses diplomas foram expedidos.
10 - Uma e outra razões não me convenceram.

a) todas certas;
b) certas as pares.
c) cinco erradas;
d) erradas as ímpares;
e) apenas a 9 está errada.

397. Marque o emprego **incorreto** do verbo **"VER":**
a) eles houveram por bem usar a via férrea;
b) tudo leva a crer que houve feridos no acidente;
c) havia meses que não se falava em futebol;
d) não podem haver dúvidas quanto ao aproveitamento do oleoduto;
e) espero que todos se hajam bem no concurso.

398. Marque o item **incorreto** quanto à concordância verbal:
a) deu quatro horas no relógio da igreja;
b) fez três dias que não o encontro;
c) as estrelas parece brilharem no céu;
d) quer-se mudar os sistemas de transportes;
e) vendem-se relógios nesta loja.

399. Marque o item em que **se** é símbolo de indeterminação do sujeito.
a) transportavam-se grandes quantidades de petróleo;
b) assiste-se ao processo da indústria petrolífera brasileira;
c) não sei se eles virão hoje;
d) foi-se embora sem nos avisar;
e) deixou-se abraçar pelo adversário.

400. Assinale a frase com **erro** de concordância do verbo **SER:**
a) já são horas de dormir, meu filho;
b) neste exato momento, são oito horas;
c) creio que eram nestas horas que eles deviam mostrar seu altruísmo;
d) daqui a São Paulo são 500 quilômetros;
e) eram as Aves-Marias.

401. Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais colocadas entre parênteses.
a) fui eu que mais _____ contra o poder burguês; (lutei / lutou)
b) grande parte do grupo feminista _____ a submissão das mulheres; (legitima / legitimam)
c) futuramente, _____ aparecer movimentos feministas que enfraqueçam o poder burguês (poderá / poderão)
d) _____ que todos os movimento feministas deixem de se submeter aos homens; (convém / convêm)
e) nem o movimento feminista nem o machista _____ legitimam o poder burguês. (deverá / deverão)

402. Tendo em vista as regras de concordância, assinale a única opção em que a forma entre parênteses não completa corretamente a lacuna da frase:
a) ficam _____ o movimento do sangue e as veias; (deslocados)
b) foram _____ as válvulas venosas como pequenas conchas; (definidas)

c) é preciso que sejam _____ os braços e as pernas; (movimentadas)
d) o coração e os pulmões possuem recursos e necessidades _____ ; (diversos)
e) devem ficar _____ naquela posição, com as pernas balançando, os pés, provocando um maior sofrimento; (pendurados)

Tendo em vista as regras de concordância, assinale a única opção em que a forma entre parênteses completa corretamente a lacuna da frase.
a) _____ muitas coisas a se pretender para melhorar o ritmo das batidas do coração; (existe)
b) _____ contrair-se, por exemplo, todos os músculos: (pode)
c) a parede dos vasos sangüíneos _____ muito, porque são contráteis; (dilatam)
d) _____, no entanto, haver muitos recursos quanto ao prolongamento da resistência física; (deve)
e) as alterações de peso _____ problemas sérios. (acarreta)

403. Assinale a opção em que, de acordo com as normas da língua culta, ambas as formas verbais entre parênteses podem ser empregadas:
a) apenas (havia / haviam) três clientes na sala;
b) só queria que o pai e outros se (recuperasse / recuperassem);
c) (ficaria / ficariam), naquele lugar, os membros da delegação e os recepcionistas;
d) (existiria / existiriam) o vigário e padrinho do menino;
e) (faltava / faltavam) somente dez segundos para o início da festa.

404. É provável que _____ vagas na Academia, mas não _____ pessoas interessadas: são muitas as formalidades a _____ cumpridas.
a) hajam - existem - ser;
b) hajam - existe-ser;
c) haja - existem - serem;
d) haja - existe - ser;
e) hajam - existem - serem.

CONCORDÂNCIA

405. Assinale a alternativa onde o verbo haver não admite plural e, por isso, está errado:
a) os soldados se houveram como herói;
b) os condenados houveram o perdão para seus erros;
c) se eles não vierem, eles se haverão comigo;
d) será que haverão vagas no estacionamento?
e) os jogadores já haviam deixado o campo.

406. Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:
a) sou eu que primeiro saio;
b) é cinco horas da tarde;
c) da cidade à praia é dois quilômetros;
d) dois metros de tecidos são pouco para o terno;
e) nenhuma das alternativas anteriores esta correta.

407. Quantas semanas _____ para elas _____ o trabalho?
a) é necessário – terminassem;
b) é necessário – terminar;
c) são necessários – terminarem;
d) são necessárias – terminem;
e) são necessárias – terminarem.

408. No período "Não fui eu que fiz a prova", explica-se a concordância correta na segunda oração porque:
a) o verbo concorda em gênero e número com o sujeito;
b) o verbo concorda em número com o sujeito;
c) o sujeito sendo o relativo **que** o verbo terá o número e a pessoa do antecedente;
d) o relativo sendo sujeito, o verbo concorda com o antecedente em número;
e) o sujeito sendo o relativo **que** o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

409. Leia atentamente "A letra das composições musicais contemporâneas refletem, com nitidez os problemas sociais que o Brasil está enfrentando". O período acima apresenta uma incorreção gramatical, pois há uma falta de concordância entre os termos:
a) problemas e enfrentando;
b) Brasil e está enfrentando;
c) composições e refletem;
d) composições e está enfrentando;
e) letra e refletem.

410. Para que não _____ equívocos quanto ao funcionamento da biblioteca, _____ no quadro mural, além de outros avisos, todos os horários de atendimento.
a) continuassem ocorrer, foi afixado;
b) continuassem a ocorrer, foi afixado;
c) continuasse a ocorrer, foi afixado;
d) continuassem a ocorrer, foram afixados;
e) continuasse a ocorrer foram afixados.

411. Assinale a alternativa que completa as frases:
I - Grande parte dos alunos _____ hoje;
II - Não serão vocês quem _____ o problema;
III - Os Estados Unidos _____ da reunião.
a) faltou – resolverão – participará;
b) faltaram – resolverá – participará;
c) faltaram – resolverá – participarão;
d) faltou – resolverá – participarão;
e) a alternativa "c" e "d" estão corretas.

412. Indique a alternativa correta:
"Fomos nós que o _____ , porque a maioria dos rapazes _____ dar-lhe uma surra. Quais de vós _____ isso também ?"
a) defendemos – queria – faria;
b) defendeu – queriam – faríes;
c) defendemos – queriam – faria;

d) defendeu – queria – fariam;
e) defendemos – queriam – fariam.

413. Indique a alternativa que completa as frases:
I - Não se _____ tais acordos;
II - A família, os amigos, os vizinhos, ninguém _____ ajudá-lo;
III - _____ -se de auxiliares.
a) farão – pode – precisam;
b) fará – podem – precisa;
c) farão – podem – precisa;
d) farão – pode – precisa;
e) n. d. a .

414. Assinale a alternativa cuja lacuna pode ser preenchida com as duas formas verbais que estão sugeridas entre parênteses:
a) a praça, as ruas, as casas, tudo _____ com o temporal (acabou - acabaram);
b) _____ - se casas novas (vende - vendem);
c) à tarde, _____ o advogado e seu cliente (chegou -chegaram);
d) Não se _____ em suas propostas (confiou - confiaram);
e) o médico e sua família _____ (viajou-viajaram).

415. "Tais coisas não se _____ mesmo que _____ a favor dela, seu pai e seus amigos":
a) faz - seja;
b) faz - sejam;
c) fazem - seja;
d) fazem - sejam;
e) as alternativas "c" e"d" estão corretas.

416. É _____ organização para que _____ atividades que _____ para hoje saiam a contento:
a) necessária – as inúmeras – foi programadas;
b) necessário – a inúmera – foi programado;
c) necessário – as inúmeras – foram programadas;
d) necessária – as inúmeras – foi programado;
e) as alternativas "a" e"d" estão corretas.

417. "Vossa Excelência ___ que eu ___ traga o ___ jornal":
a) quer – lhe – vosso;
b) quer – vos – seu;
c) quereis – vos – vosso;
d) quer – lhe – seu;
e) queres – lhe – vosso.

418. Assinale a alternativa com regência correta:
a) prefiro mais a liberdade do que o cativeiro;
b) prefiro mais a liberdade que o cativeiro;
c) prefiro a liberdade ao cativeiro;
d) prefiro a liberdade mais que o cativeiro;
e) n.r.a.

419. Com referência à regência do verbo assistir, todas as alternativas estão corretas, exceto:
a) assistimos ontem um belo filme na televisão;
b) os médicos assistiram os feridos durante a guerra;
c) o técnico assistiu os jogadores no treino;
d) assistiremos amanhã a uma missa de 7º dia;
e) Machado de Assis assistia em Botafogo.

420. A alternativa incorreta de acordo com a gramática culta é:
a) obedeça o regulamento;
b) custa a crer que eles brigaram;
c) aspiro o ar da manhã;
d) prefiro passear a ver televisão;
e) o caçador visou o alvo.

421. Complete a frase abaixo:
"assisti ____ filme que você indicou, pois preferi ir ao cinema _____ ficar em casa".
a) o - do que;
b) o - a;
c) ao - que;
d) ao - a;
e) o - que.

422.
I - "A arma ____ se feriu desapareceu";
II - "Estas são as pessoas ____ lhe falei";
III - "Aqui está o foro _____ me referi";
IV - "Encontrei um amigo de infância _____ nome não me lembrava";
V - "Passamos por uma fazenda _____ se criam búfalos".
a) que - de que - à que - cujo - que onde;
b) com que - que - a que - cujo qual-onde;
c) com que - das quais-a que -de cujo -onde;
d) com o qual - de que -que -do qual - onde;
e) que - cujas - as quais - do cujo - na cuja.

423. "São excelentes técnicos _____ colaboração não podemos prescindir":
a) cuja;
b) de cuja;
c) que a;
d) de que a;
e) dos quais a.

424. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas, _____ o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso _____ os lavradores dispõem para proteger o solo":
a) do qual - com que;
b) de que - que;
c) que - o qual;
d) ao qual - cujos;
e) a que - de que.

425. Eu não _____informei ____ o jogo foi cancelado":
a) o - que;
b) lhe - de que;
c) o - de que;
d) lhe - que;
e) as alternativas "c" e "d" estão corretas.

426. "O candidato, _____ méritos não duvidamos,não se apercebeu _____ seria derrotado".
a) de cujos - de que;

b) cujo os - em que;
c) dos quais - que;
d) cujos seus - que;
e) que seus - em que.

TERMOS DA ORAÇÃO. VALOR SEMÂNTICO DAS CONJUNÇÕES. CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES.

427. Qual a expressão grifada, que **NÃO** funciona como sujeito:
a) "piam perto, na sombra, **as aves agoureiras**";
b) "morre ! morrem-te **às mãos** as pedras desejadas";
c) "hão - de frutificar **as fomes e as vigílias**";
d) "quando, aos beijos do sol, sobrarem **as colheitas**";
e) "dorme de novo **tudo**".

428. Assinale a opção em que a mudança feita acarreta alteração de função sintática:
a) seringueiro, dorme na escureza da floresta;
b) dorme, seringueiro, na escureza da floresta;
c) na escureza, seringueiro, da floresta, dorme;
d) na escureza da floresta, seringueiro dorme;
e) dorme na escureza da floresta, seringueiro.

429. O termo sublinhado exerce a função de objeto indireto, **EXCETO** em:
a) lembrei-lhe a data de aniversário de sua mãe;
b) perdi a cabeça durante a discussão e dei-lhe na cara;
c) devido a problemas de saúde, proibiram-lhe que fumasse;
d) incumbiram-lhe que entregasse a encomenda;
e) com certeza, pagou-lhe com bastante atraso

430. O elemento grifado está corretamente classificado, **EXCETO** em:
a) o filme é impróprio para menores; (complemento nominal)
b) ignoro onde estão seus conhecimentos; (adjunto adverbial de lugar)
c) deve-se ser tolerante com o próximo; (adjunto adnominal)
d) em teu pensamento, serei apenas lembrança; (predicativo do sujeito)
e) há acontecimentos em minha vida de que não gosto. (objeto indireto)

431. Todas as alternativas contêm predicado nominal, **EXCETO** em:
a) a casa, de longe, parecia um monstro;
b) aquele amor deixava-o insensível:
c) ultimamente andava muito nervoso;
d) fique certo: eu não sou você;
e) o tempo está chuvoso, sombrio.

432. Assinale a única frase com predicado nominal:
a) os alunos permaneceram em sala;
b) estavam todos na praça assistindo ao concerto;
c) o tempo parece que vai melhorar;
d) o menino continuou a leitura;
e) infelizmente, o professor continua doente.

433. Assinale a frase com predicado verbal:
a) o colega acusou-o de covarde;
b) gostei do passeio marítimo;
c) o professor entrou preocupado em sala;
d) os amigos ficaram surpresos com sua reação;
e) estavas com saudades de teus irmãos.

434. Assinale a opção com predicado verbo-nominal:
a) os alunos estudiosos normalmente são aprovados;
b) todos ficaram estáticos diante da paisagem;
c) o espetáculo está anunciado há cerca de dois meses;
d) nunca o julgamos de tal atitude;
e) a ciência não é moral nem imoral; é amoral.

435. Assinale a frase com sujeito indeterminado:
a) consertam-se relógios;
b) falaram na sessão todos os oradores inscritos;
c) disseram que o Concurso não será fácil;
d) os beija-flores pairam no ar e sugam o pólen das flores;
e) construíram-se muitas estradas no interior do Brasil.

436. Assinale a única frase com verbo de ligação:
a) continuamos em silêncio durante muito tempo;
b) apesar da chuva, fiquei no meu posto;
c) vivi em Itabira alguns anos;
d) andei longes terras à procura de solução;
e) permanecemos no colégio a manhã inteira.

437. Assinale a opção em que o termo grifado **NÃO** apresenta o valor circunstancial indicado entre parênteses:
a) "ia pelo corredor que o velho José Paulino fizera" (lugar);
b) "no outro dia não voltou mais para trabalhar" (tempo) ;
c) "o mestre estremeceu com a palavra do homem" (instrumento) ;
d) "faria alpercatas fortes para romper a terra dura das caatingas" (fim);
e) "lá para fora José Passarinho cantava baixinho" (modo) .

438. Assinale a opção em que a preposição de manifesta o mesmo valor que apresenta em " (....) e corou da alusão que havia em suas palavras."
a) as crianças sorriam de frio;
b) vieram hoje de Recife;
c) tinha no dedo um anel de ouro;
d) sempre trabalhei de noite;
e) alimentava-se apenas de pão e água.

439. Assinale a opção em que a preposição **de** exprime a mesma idéia que possui em "... a cair de fome."
a) de tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados;

b) de noite todos os gatos são pardos;
c) chegaram hoje cedo de Pernambuco;
d) devemos nutrir o espírito de boas leituras;
e) carregava no bolso um relógio de ouro.

440. Assinale o item em que o verbo deve ir obrigatoriamente para a 3ª pessoa do plural:
a) vive-se bem no Nordeste;
b) necessita-se de datilógrafos;
c) procura-se secretárias estenógrafas;
d) admite-se secretária bilíngüe;
e) dispõe-se de incentivos estrangeiros.

441. Na passagem ". . . um cego que me puxava as orelhas...", o pronome me indica posse (por isso podendo ser analisado como adjunto adnominal). Da mesma forma ocorre com o pronome grifado em:
a) tenho-lhe ódio;
b) escuto-lhe a voz;
c) ela me tratava bem;
d) este é o presente que me deste;
e) não lhe quero mal.

442. Assinale o item em que o elemento sublinhando não é adjunto adverbial:
a) ele sempre agiu comigo às direitas;
b) esta noite haverá jogo no Maracanã;
c) tremiam de frio as pobres crianças;
d) colhemos bastantes exemplos em Castro Alves;
e) as árvores se conhecem pelos frutos.

443. Assinale o item em que o elemento sublinhado não é agente da passiva:
a) Desejaria que os exercícios fossem feitos por todos;
b) eras amado de teus pais:
c) foi oferecido um prêmio ao melhor aluno da turma;
d) a América teria sido descoberta pelos "vikings"?
e) fui reprovado por quem não esperava.

444. Assinale o único item em que o elemento sublinhado não é aposto:
a) só desejo uma coisa que vocês sejam aprovados;
b) nada impedia seus planos: tristeza, dores, sofrimentos;
c) Rui Barbosa, a Águia de Haia, elevou bem alto o nome do Brasil;
d) ele conseguiu ser aprovado, o que alegrou muito a seus pais;
e) entre políticos não se perdoam duas coisas: a neutralidade e a apostasia.

445. Assinale o item em que o elemento sublinhado não é vocativo:
a) "eu, que a pobreza dos meus pobres cantos / dei aos heróis..."(C.Alves);
b) "estavas, linda Inês, posta em sossego . . . " (Camões);
c) "ó tu, que tens de humano o gesto e o peito . . . . " (Camões);
d) "boa noite ! - formosa Consuelo ! . . . " (C. Alves);
e) "Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?"

446. Assinale o item em que o termo sublinhado não é complemento nominal:
a) a invenção da imprensa abriu novos horizontes ao homem;
b) todos estamos confiantes em tua vitória;
c) gorou minha ida à Bahia;
d) algumas tribos foram hostis aos portugueses;
e) a obediência dos cidadãos às leis é um imperativo social.

447. Assinale a opção em que o termo sublinhado desempenha função sintática distinta da dos demais, em relação aos textos:
a) imagens vilíssimas da servidão;
b) espetáculos de extrema miséria;
c) legiões de homens;
d) reverberações de prata polida;
e) as folhas das árvores.

448. Assinale a opção em que as preposições **POR** e **COM** exprimem as mesmas idéias que possuem em: POR displicência, machucou-se COM a faca.
a) por hoje, eu diria com vocês: basta;
b) por mais que estude, não é aprovado com destaque;
c) por caminhos estranhos, andava a maluca com fome;
d) por nosso esforço, conseguimos a aprovação com méritos;
e) por ironia do destino, o policial matou-se com sua arma.

449. Assinale a única opção que não se completa adequadamente com a preposição entre parênteses.
a) O caminho _____ onde vamos é muito; (por)
b) caminharemos _____ o mar; (até)
c) falava-se _____ a reforma eleitoral; (sobre)
d) casa _____ cujo teto morávamos; (sob)
e) o aluno _____ que todos maltratavam era meu amigo. (a)

450. Assinale a alternativa que contém um objeto indireto.
a) o bom filho é obediente aos pais;
b) a festa decepcionou a todos;
c) o bom filho obedece aos pais;
d) os pais são obedecidos pelo bom filho;
e) a obediência aos pais é dever do bom filho.

451. O amor não só traz alegria como também alimenta. Neste período, a conjunção é:
a) subordinativa causal;
b) coordenativa aditiva;
c) coordenativa conclusiva;
d) subordinativa comparativa;
e) conformativa.

452. "O mais certo é não dirigir veículo sem carta de habilitação", a oração sublinhada é reduzida de infinitivo com valor de subordinada:
a) adverbial;

b) coordenada:
c) adjetiva;
d) substantiva;
e) reduzida.

453. Qual dos períodos abaixo não apresenta oração substantiva?
a) pensei estar bem informado;
b) conclui estarmos enganados;
c) prepara-te, para não decepcionares;
d) Paulo era incapaz de cumprir a promessa;
e) é proibido fumar.

454. Assinale a opção em que a troca do termo extraído do trecho abaixo pela forma colocada entre parênteses implicaria sensível alteração de sentido:
"Uma observação mais cuidadosa revela, porém (A), que Ciência e Tecnologia não se comportam como (B) mercadorias, mas (C) como bens culturais: é por isso, talvez, que toda tentativa de transferência de tecnologia fracassa e resulta no (D) que não passa de alguma (E) forma efêmera de prestação de serviço."
a) "porém" / (portanto);
b) "como" / (do mesmo modo que);
c) "mas" / (e sim);
d) "no" / (naquilo);
e) "alguma" / (uma).

455. Numa das frases abaixo, não se encontra exemplo da conjunção anunciada. Assinale-a:
a) subordinativa concessiva -" Conquanto estivesse cansado, concordou em prosseguir";
b) subordinativa condicional - "Digam o que quiserem contanto que não me ofendam";
c) subordinativa temporal - "mal anoiteceu, iniciou-se a festa com grande entusiasmo" ;
d) subordinativa final - "saiu sem que ninguém percebesse" ;
e) subordinativa causal - "como estou doente, não comparecerei".

456. "O destino do réu depende do juiz. O processo está com o juiz". Utilizando-se um só período para reconstruir o que está sendo afirmado, teremos:
a) o processo está com o juiz, embora o réu dependa do seu destino;
b) o processo está com o juiz, de quem depende o destino do réu;
c) o processo está com o juiz, cujo réu depende do seu destino;
d) o processo está com o juiz, a quem depende o destino do réu;
e) o processo está com o juiz, que dependa o destino do réu.

457. Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa existente entre os termos grifados em: "a atividade científica é <u>tão</u> importante <u>quanto</u> qualquer outra atividade econômica":
a) o rapaz era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido;
b) quanto mais estuda, menos aprende;
c) tenho tudo quanto quero;
d) sabia a lição tão bem como eu;
e) todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

458. No período - "Torna-se, portanto, imperativa uma revisão conceitual do modelo presente do processo de desenvolvimento tecnológico <u>de modo a levar em conta o fator cultural como dominante</u>" - a oração grifada traduz:
a) concessão;
b) conseqüência;
c) comparação;
d) condição;
e) proporção.

459. Assinale a opção em que as orações do período enunciado se relacionam por coordenação e subordinação e não apenas por coordenação:
a) no aconchego / do claustro, na paciência e no sossego / trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua;
b) os camelôs ensinam nas ruas os mitos heróicos da meninice e dão aos homens que passam uma lição de infância;
c) entre os camelôs das ruas, uns falam pelos cotovelos e outros, coitados, têm a língua atada;
d) os camelôs vendem canetinhas-tinteiro por quase nada, mas elas jamais escrevem coisa alguma;
e) o camelô dos brinquedos de tostão oferece balõezinhos de cor, mostra bonequinhos jogadores de box, exibe no chão da calçada pererecas verdes.

460. Assinale o item com oração sub. adjetiva explicativa:
a) nem tudo que reluz é ouro;
b) O aluno que estuda é aprovado;
c) meu irmão, que mora em Petrópolis, está doente;
d) meu irmão que mora em Petrópolis está doente;
e) os cachorros que latem não mordem.

461. Assinale a oração em que a substituição da expressão grifada altera sensivelmente o sentido do enunciado:
a) "<u>em lugar de</u> nos conduzirem a desejável autonomia." / em vez de;
b) "eliminando, <u>assim</u>, seus talentos de processo . ..." / com isso;
c) "<u>embora</u> muitos estudiosos defendam que a característica ..." / <u>conquanto</u>;
d) "<u>pois</u> toda preocupação intelectual do homem não deixa de ser... " / logo;
e) "<u>no entanto</u>, por causa da situação de dependência cultural ... " / todavia.

462. No período - "E quanto mais andava mais tinha vontade", ocorre idéia de proporção.
Assinale a opção em que tal idéia **NÃO** ocorre:
a) quanto mais leio este autor menos o entendo;
b) choveu tanto, que não pudemos sair;
c) à medida que corria o ano, o nosso trabalho era maior;
d) quanto menos vontade, mais negligência;
e) quanto mais se lê, mais se aprende.

463. No trecho - "A lua deitava-se pelo mundo. Era um mar de leite por cima das coisas" -, o segundo período estabelece com o primeiro uma relação de:
a) contraste;
b) comparação;
c) condição;
d) explicação;
e) conclusão.

464. No trecho - "Poeta primitivo, canta a natureza na mesma linguagem da natureza" - a expressão grifada corresponde a:
a) mesmo sendo poeta primitivo;
b) até sendo poeta primitivo;
c) além de ser poeta primitivo;
d) antes de ser poeta primitivo;
e) por ser poeta primitivo.

465. Passada a tempestade, recolheu as velas", a oração grifada é reduzida do particípio com valor de:
a) adverbial temporal;
b) adverbial condicional;
c) substantiva apositiva;
d) substantiva predicativa;
e) adverbial causal.

466. "Choveu, portanto haverá boas colheitas".
Em qual das orações abaixo, a conjunção tem o mesmo valor do exemplo acima?
a) saiu, logo que ela entrou;
b) apressa-te, pois o tempo é pouco;
c) vives mentindo; logo, não mereces fé:
d) leve-lhe flores, pois ela aniversaria amanhã;
e) não veio, que estava indisposto.

467. "Estudando sem método, seremos reprovados.", é oração reduzida de gerúndio, com valor de subordinada:
a) final;
b) concessiva:
c) consecutiva;
d) condicional;
e) conformativa.

468.
01. Todos os períodos são compostos por subordinação **EXCETO**:
a) não se preocupe que logo a trarei;
b) dei-lhe sinal que saísse logo;
c) todos sabem que o homem é mortal;
d) ele afirmou que não a vira;
e) é tão feio que assusta.

02. A oração sublinhada está corretamente classificada, **EXCETO** em:
a) "se Madalena me visse assim, com certeza me achava extraordinariamente feio."
(oração subordinada adverbial condicional)
b) "levanto-me, procuro uma vela, que a luz vai apagar-se";
(oração coordenada sindética explicativa)
c) "de longe em longe sento-me fatigado e escrevo uma linha";
(oração coordenada sindética aditiva)
d) "e falando assim, compreendo que perco o tempo";
(oração subordinada substantiva objetiva direta) .
e) "foi este o modo de vida que me inutilizou."
(oração subordinada substantiva predicativa)

469. No seguinte grupo de orações sublinhadas:
1) é bom que você venha;
2) não esqueças que és fiel;
Temos orações subordinadas respectivamente:
a) objetiva direta, subjetiva:
b) subjetiva, objetiva direta:
c) objetiva direta, adverbial temporal:
d) subjetiva, predicativa:
e) predicativa, objetiva direta.

470. Assinale a construção que pode substituir, sem provocar alteração fundamental de sentido, o tempo grifado em "e viu a esperança balançando."
a) que balançou;
b) que teria balançado;
c) que havia de balançar;
d) que tinha balançado;
e) que balançava.

471. A oração "Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo" tem valor:
a) conclusivo;
b) adversativo;
c) concessivo;
d) explicativo;
e) alternativo.

472. Em "Embora ela tivesse sido alta e clara", a oração exprime:
a) causa;
b) condição;
c) concessão;
d) finalidade;
e) conseqüência.

473. Assinale a oração com o sujeito composto.
a) o aluno e a aluna o professor elogiou;
b) todos os homens são mortais;
c) o professor com a família foi lecionar em Brasília;
d) o ladrão e o assassino evadiu-se da prisão;
e) passará o céu e a terra.

474. Assinale a única frase com verbo transitivo direto:
a) nunca fora nada na vida;
b) acusaram o pobre homem de irresponsável;
c) todos respiraram aliviados;
d) todos precisam de Deus;
e) Cristo perdoou o bom ladrão arrependido.

475. A opção em que não se verifica a presença de Predicado Verbo-Nominal é:
a) acusei-o de covarde;
b) a menina encontrou morto o seu namorado;
c) ficavam absorvidos os homens diante de tanta beleza: o recém-nascido;
d) apelidaram o rapaz de boneca;
e) as aves, diante do terrível caçador, gritavam desesperadas.

476. Assinale a opção com Predicado Verbo-Nominal.
a) as autoridades chamam ao momento histórico atual de abertura;
b) gostamos de sua presença aqui;
c) não há dúvidas a respeito da crise econômica do país;
d) após vários anos de Mobral uma pergunta: o analfabetismo diminuiu;
e) uma parte de população protesta contra a pornografia nos meios de comunicação.

477. Ainda a propósito do assunto da questão anterior, assinale o único caso que **não** apresenta, grifado, um complemento nominal:
a) o respeito às leis é dever do cidadão consciente;
b) o surgimento da lua provocou reações românticas;
c) o descobrimento de petróleo animou os brasileiros;
d) o almoço com a namorada foi um sucesso;
e) a representação contra o governador agitou o plenário:

478. O termo grifado está corretamente classificado, **EXCETO** em:
a) minha mãe era temente a Deus; / complemento nominal
b) a afeição crescente era manifestada por atos extraordinários / passiva
c) poucos teriam ânimo de confessar aquele pensamento; /sujeito
d) expus a Capitu a idéia de José Dias; / objeto indireto
e) há poucos que não se ajustam nem combinam./ objeto direto.

479. Assinale o item em que o elemento sublinhado não é adjunto adnominal:
a) a vida é um álbum de retratos;
b) a aluna estava excessivamente nervosa;
c) mais amor menos confiança;
d) quantas aulas ainda teremos até o dia da prova;
e) o aparecimento da Virgem aos pastores em Fátima comoveu o mundo.

480. Marque a opção em que há **erro** de análise:
a) o convite para o cinema supreendeu-a; / complemento nominal.
b) o amor, não o temos como imoral ; adjunto adverbial de modo.
c) o amor, nós o temos como imortal; / objeto indireto pleonástico.
d) a mim não pegam, com essa mentira; / objeto direto preposicionado.
e) a mim não disseram coisas mentirosas. / objeto indireto.

481. Correlacione a segunda coluna de acordo com a primeira tendo em vista as circunstâncias indicadas pelas ações subordinadas:
1) causa;
2) condição;
3) lugar;
4) concessão;
5) conseqüência;
6) modo;
7) tempo.

( ) a verdade não está onde colocamos;
( ) tanta era a sua pureza, que o mal não a tocava;
( ) chegando o momento propício, agiremos juntos;
( ) agiu sem consultar ninguém;
( ) como não estava preparado, não quis fazer a prova;
( ) sem ser propriamente bonita, ainda assim era uma mulher interessante;
( ) sem observar tais cuidados, cometeria muitos erros;

Indique a ordem correta:
a) 1 – 3 – 5 – 6 – 7 – 2 – 4;
b) 2 – 4 – 3 – 7 – 6 – 5 – 1;
c) 6 – 1 – 2 – 7 – 4 – 3 – 5;
d) 3 – 5 – 7 – 6 – 1 – 4 – 2;
e) 3 – 1 – 7 – 6 – 5 – 4 – 2.

482. Assinale o item em que a função não corresponde ao termo sublinhado:
a) comer demais é prejudicial à saúde – complemento nominal
b) jamais me esquecerei de ti – objeto indireto;
c) a vida da cidade é muito agitada – complemento nominal;
d) ele foi cercado de amigos sinceros – agente da passiva;
e) não tens interesse pelos estudos – complemento nominal.

483. Assinale a opção em que a preposição por manifesta o mesmo valor que apresenta em "O acúmulo de sangue (estase) bastará para causar a morte por insuficiência cardíaca ..."
a) ele andava por aí;
b) comunicava-se por mímica;
c) trocou um lápis por uma caneta;
d) lutou por você;
e) chorou por tirar pouca nota.

484. "Quem cola sobre teu corpo consente na tua morte talhada a ferro e fogo nas profundezas do corte que a bala riscou no peito",
Concluímos que:
a) quem-pronome relativo: sujeito; que-pronome relativo: sujeito;
b) quem-pronome relativo: sujeito; que-pronome relativo: objeto direto;
c) quem-pronome indefinido objeto direto de cala; que

pronome indefinido: sujeito de riscou;
d) quem-pronome indefinido sujeito de cala; que-pronome relativo: objeto direto de riscou;
e) quem-pronome indefinido sujeito de cala; que-pronome relativo: sujeito de riscou.

485. Em "A elaboração das questões pelo professor nos deu tranqüilidade". Os termos grifados são:
a) sujeito - objeto direto - agente da passiva - objeto indireto;
b) complemento nominal - agente da passiva - objeto direto - objeto direto;
c) adjunto nominal - agente da passiva - objeto direto - objeto indireto;
d) complemento nominal - agente da passiva - objeto indireto - objeto direto;
e) não há função sintática para o termo tranqüilidade.

486. Assinale a opção em que a preposição **POR** exprime a mesma idéia que possui em: "vivemos por um mundo melhor":
a) estou aqui novamente por te amar:
b) a notícia chegou-me por telegrama:
c) lutamos por um lindo ideal:
d) todos foram acusados por ti:
e) sairemos por São Paulo.

487. Assinale a opção em que o pronome "Os" não desempenha, a mesma função do que em "... os escravos adorando-os e temendo-os".
a) ouviram-nos na dança:
b) escravos, sempre os serão:
c) os escravos os viram no chão:
d) os pretos não os encontravam na rua:
e) quero mostrá-los aos senhores:

488. Assinale o item em que a oração grifada está classificada indevidamente:
a) "naquela noite, o silêncio não deixou Maria dormir"; oração subordinada substantiva adjetiva direta.
b) "eles diziam onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro"; oração subordinada substantiva objetiva direta.
c) "onde o povo parava para pensar a esperança"; oração subordinada adverbial final.
d) "dos chuveiros caíam fios de ovos ou eram cheias de mel as piscinas"; oração principal.
e) "como a casa foi construída se ninguém me pediu dinheiro emprestado"; oração subordinada adverbial condicional.

489. A oração grifada esta corretamente classificada, **EXCETO** em:
a) agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa / oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) tudo quanto possuímos vem desses cem mil réis;/ oração subordinada adjetiva restritiva.
c) Casimiro Lopes pergunta se me falta alguma coisa; / oração subordinada adverbial condicional.
d) via-se muito bem que D. Glória era alcoviteira;/ oração subordinada substantiva subjetiva.
e) a idéia é tão santa que não está mal no santuário; / oração subordinada adverbial consecutiva.

490. Assinale a opção em que o termo grifado **NÃO** apresenta o valor circunstancial indicado entre parênteses:
a) "ah ! quantos homens de juízo não andarão por aí ..." (lugar);
b) "eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum..." (intensidade);
c) "... mais nocivos aos outros, e para produzir maior danos... " (fim);
d) "... declara sem cerimônia ..." (modo);
e) "... antes estar na casa de correção por terem enriquecido com abusos escandalosos e crimes ... " (causa).

Assinale o item que indica corretamente a relação dos elementos sublinhadas dentro dos grupos de **491** a **499.**

491. O técnico berrou tanto, que ficou rouco:
a) causa;
b) conseqüência;
c) modo;
d) finalidade;
e) concessão.

492. No meu quarto, estudo sem que ninguém me atrapalhe.
a) lugar;
b) conseqüência;
c) finalidade;
d) condição;
e) modo.

493. Parece que quanto mais estudo menos sei:
a) proporção;
b) modo;
c) explicação;
d) tempo;
e) alternativa.

494. Ela, sobre ser feia, é néscia e burra:
a) causa;
b) exceção;
c) acréscimo;
d) conclusão;
e) explicação.

495. Ora ria, ora chorava o menino acidentado:
a) adição;
b) intensidade;
c) condição;
d) alternativa;
e) conclusão.

496. Não posso ouvir esta música, que não chore:
a) conseqüência;
b) conformidade;
c) adição;
d) modo;
e) condição.

497. Corre, saveiro, corre, que já brilham as luzes da Bahía.
a) concessão;
b) explicação;
c) modo;
d) causa;
e) condição.

498. Ele pode sair, desde que termine a prova:
a) causa;
b) modo;
c) condição;
d) tempo;
e) meio.

499. Onde me espetam, fico:
a) modo;
b) causa;
c) conseqüência;
d) lugar;
e) meio.

500. Assinale a opção em que se altera sensivelmente o sentido de "Eduarda vai esquecer o episódio. Não pode passar a vida a lamentar a perda de Fofoca".
a) Eduarda vai esquecer o episódio, já que não pode passar a vida a lamentar a perda de Fofoca;
b) Eduarda vai esquecer o episódio, visto que não pode passar a vida a lamentar a perda de Fofoca;
c) como Eduarda vai esquecer o episódio, não pode passar a vida a lamentar a perda de Fofoca;
d) não podendo passar a vida a lamentar a perda de Fofoca, Eduarda vai esquecer o episódio;
e) por não poder passar a vida a lamentar a perda de Fofoca, Eduarda vai esquecer o episódio.

501. No período - "Quanto mais procurava mais sofria" - ocorre idéia de proporção. Assinale a opção em que tal idéia **NÃO** ocorre.
a) quanto mais oferecia gratificação mais havia cooperação;
b) à medida que passavam os dias mais ficava triste;
c) procurou tanto que ficou doente;
d) à proporção que os presentes chegavam mais ficava perplexa;
e) quanto mais oferecia menos cooperação existia.

502. No trecho - "Perdemos tudo. Mas Eduarda . . . perdeu mais do que nós ...", o segundo período estabelece com o primeiro uma relação de:
a) contraste;
b) condição;
c) explicação;
d) conclusão;
e) causa.

503. A oração sublinhada no período "Maltratado pela civilização branca, o índio refugiou-se nos mais distantes pontos do país". Pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:
a) mesmo tendo sido maltratado pela civilização branca;
b) por ter sido maltratado pela civilização branca;
c) apesar de ter sido maltratado pela civilização branca;
d) antes de ser maltratado pela civilização branca;
e) até sendo maltratado pela civilização branca.

504. Assinale a opção em que se altera sensivelmente o sentido de: "Asseveram que estou doido. Sinto-me no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais".
a) asseveram que estou doido, mas sinto-me no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais;
b) embora me sinta no pleno gozo de minhas faculdades mentais, asseveram que estou doido;
c) mesmo que me sinta no pleno gozo de minhas faculdades mentais, asseveram que estou doido;
d) asseveram que estou doido, sinto-me, no entanto, no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais;
e) asseveram que estou doido, enquanto me sinto no pleno e perfeito gozo de minhas faculdades mentais.

505. Assinale a opção em que a palavra como é usada com o mesmo sentido que apresenta em: "Legiões de homens negros como a noite . . ."
a) como estivesse quente, só os pretos saíram à rua;
b) os pretos são tidos como trabalhadores;
c) nada aconteceu como os senhores decidiram sobre os escravos;
d) nunca se soube como não se ouviam os gritos;
e) as folhas das árvores estavam tão imóveis como as estátuas.

ORTOGRAFIA: ACENTUAÇÃO GRÁFICA. EMPREGO DE LETRAS.

506. Assinale a alternativa que contém vocábulos que obedecem à mesma regra de acentuação da palavra **TÊNUE**:
a) agrônomo, índex, fóssil, dispar;
b) boêmia, herói, amáveis, imundice;
c) amêndoa, mágoas, supérfluo, bilíngüe;
d) míope, ímã, médiuns, volúvel;
e) argênteo, viúvo, baía, esferóide.

507. Indique o vocábulo de grafia incorreta:
a) gratuíto;
b) avaro;
c) alibi;
d) rubrica;
e) crisântemo.

508. O grupo em que ambas as palavras devem ser acentuadas é:
a) rubrica - maquinaria;
b) interim - prototipo;
c) gratuito - fuido;
d) totem - item;
e) açai - ruim.

509. Nas séries abaixo, assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pelo mesmo motivo:
a) saí - egoísmo - daí;
b) epitáfio – aliás - inconsolável;
c) anônima - epitáfio - daí;
d) egoísmo - inconsolável - anônima;
e) saí - aliás - egoísmo.

510. Há **erro** (s) de acentuação gráfica em:
a) recém-vindo, decano, refrega;
b) pudico, bímano, gratuito;
c) inaudito, pegada, zênite;
d) ibero, ávaro, levedo;

e) filantropo, opimo, aziago

511. Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) pés / hóspedes;
b) sulfúrea / distância;
c) fosforescência / provém;
d) últimos / terrível;
e) satânico / porém.

512. Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) terás / límpida;
b) necessário / verás;
c) dá-lhes / necessário;
d) incêndio / também;
e) extraordinário / incêndio.

513. O acento gráfico justifica-se apenas por ser diferencial em todas as palavras da seqüência:
a) fósseis, pêlo, saía;
b) pára, pêlo, pera;
c) pôde, caía, país;
d) pólo, apóio, fósseis;
e) pôr, pôde, sábia.

514. Em qual opção há uma palavra que não deve receber acentuação gráfica?
a) index – sobressaiam – biquini;
b) juízes – tramóia – Antonio;
c) humus – ponies – atraí-lo;
d) mas (adj.) – para (v.) – da-lo-ieis;
e) faisca – polens – reporter.

515. Indique se o **QUE**, nas frases abaixo, deve levar acento (1) ou não (2); assinale depois a resposta correta:
( ) está pensando o que;
( ) não tenho nada que fazer;
( ) ele tem um que digno de nota;
( ) que adianta lamentar-se?

a) 1 – 2 – 1 – 1;
b) 1 – 1 – 2 – 2;
c) 2 – 2 – 2 – 1;
d) 1 – 2 – 1 – 2;
e) 2 – 2 – 2 – 2.

516. Guiando-se pelas indicações entre parênteses, assinale o par cuja acentuação está trocada (acento agudo sobre vocábulo átono):
a) pára (verbo) – pára (preposição) ;
b) péla (verbo) – pela (contração) ;
c) pélo (verbo) – pelo (contração) ;
d) péra (prep.) – pera (substantivo) ;
e) póla (subst.) – pola (contração).

517. Assinale a alternativa que contém **erro** de ortografia:
a) detenção;
b) exceção;
c) aborígene;
d) esterilisar;
e) irrequieto;

518. Para completar corretamente as palavras "búss __ la", "aterri __ agem, "catali __ ar", "tre __ eito" e "pu __ ar", você utiliza, respectivamente:
a) o – ss – s -j – x;
b) u – s – z – j – x;
c) o – ss – s – g – ch;
d) u – ss – z – j – x;
e) o – s – s – g – ch.

519. Assinale a alternativa em que ocorre um termo grafado de modo incorreto:
a) úmido - ojeriza - Teresinha;
b) Luís - hélice - pesaroso;
c) albatroz - aéreo - fusível;
d) altivez - tragetória - extremidade;
e) fuzil - concessão - hesitar.

520. As associações que seguem estão corretas, **EXCETO** em:
a) seção = corte; divisão
sessão = reunião;
b) espiar = espreitar
expiar = sofrer pena ou castigo;
c) cinemático = relativo aos estames;
sistemático = relativo ao movimento mecânico;
d) concertar = harmonizar; combinar
consertar = remendar; reparar;
e) incipiente = principiante
insipiente = ignorante.

521. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO**:
a) excessão, essencial, presunção, pretensão, intenção;
b) falange, ginete, herege, monge, gibóia;
c) lojista, gorjeta, majestade, alforje, seje;
d) seção, socegar , Iguaçu, dança, açucena;
e) ânsia, pêssego,cansaço, soçobrar, açúcar.

522. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) engolir, epístola, embora, gôndola, boeiro;
b) cumbuca, engulimos, cutucar, curtume,curinga;
c) camundongo, industão, embutir, cutia, elucubração;
d) funeral, hindustão, bruxulear, cumprido, bulício;
e) orangotango, polir, lúpolo, romeno, sortir.

523. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) muçulmano, supetão, urtiga, concurrência, Manuel;
b) sinusite, tabuleta, urticária, óbulo, légua;
c) averigüe, areento, candeeiro, cardeal,digladiar;
d) aborígene, crânio, discrição, imergir, sinão;
e) despensa, emigrar, terebentina, pexote.

524. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO**:
a) quepe, magoe, previlégio, seringueiro, páreo;
b) elucidar, remedear, irrequieto, obelisco, mimeógrafo;
c) balça, beça, bocal, distensão, açafrão;
d) almoço, açambarcar, caçange, obcessão, dança;
e) segar, sebe, perversão, sipreste, pretensão;

525. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO**:
a) sisudo, sigla,seviciar, sisterna, sílfide;
b) alvíssaras, antisséptico, possessão,obsecação;
c) bexiga, enxarcar, enxoval, caxixe, dervixe;
d) cachola, charrua, michordia, deboche, charque;
e) chafariz, chácara, faxina, pachorra, quícha.

526. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) estranho, pretesto, esquisito, hesitar, esgotar;
b) espontâneo, êxito, êxtase, exaurir, extensão;
c) piche, chuchu, flecha, feixe, charque;
d) graxa, pexinxa, enxergar, muxoxo, caxumba;
e) Bahia, bahiano, hibernal, haste, harmonia.

527. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) camundongo, jabuticaba, burburinho, tábua, mágua;
b) hispânico, hodierno, hemisfério, hexagonal, húmido;
c) atrás, retrós, revés, talvês, através;
d) evangelizar, fiscalizar, catalizar, sintionizar, civilizar;
e) improvisar, hidrolisar, divisar, dialisar, vulcanizar.

528. Em cada série há um erro ortográfico. **EXCETO:**
a) acidez, baixeza, pureza, pequenez, fluidez;
b) cortês, maltês, pedrês, altivês, montês;
c) reizinhos, resinhas, rezinhas, aneizinhos, caracoisinhos;
d) Teresinha, adeusinho, asinha, Luisinho, urubusinho;
e) puseste, quisesse, fizesse, repuzesse, refizesse.

529. Indique a série em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
a) deserção,distorção, ecitado;
b) exceção, recender, prezunção;
c) missanga, cansado, cizão;
d) circuncisão, intercessão, pretensão;
e) cansado, maçom, mormasso.

530. Devem ser grafados com "o" e "u", respectivamente, os seguintes vocábulos:
a) ent __ pimento; táb __ a;
b) ch__visco; ac __ dir;
c) b__bina; búss__la;
d) eng__lir; b__eiro;
e) c__rtiça; trib__.

531. Apenas numa das séries abaixo há **erro** no que se refere às normas de acentuação gráfica em vigor. Assinale a:
a) mandá-lo-ás / miosótis;
b) jóquei / dêem;
c) distribuí-lo / atrás;
d) atraiu / faiscazinha;
e) dividí-lo / abençôo.

532. Assinale a opção em que os vocábulos não obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) pé / júri
b) estátuas / miséria;
c) espetáculo / irônica;
d) Luís / saído;
e) só / atrás

533. Assinale a opção em que todas as palavras obedecem a mesma regra de acentuação gráfica:
a) postônico / difícil / através;
b) tênue / constrói / lívido;
c) série / água / contínuo;
d) hífen / ônibus / éden;
e) papéis / espécie / jóia.

534. Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas graficamente:
a) regua / iberos / atraves;
b) pudico / idolatra / interim;
c) interim / maquinar / bigamo;
d) arquetipo / exodo / omega;
e) rubrica / iberos / pudico.

535. Existem, em português, acentos diferenciais de timbre (som fechado x som aberto) e de intensidade (vocábulos tônicos x vocábulos átonos), sendo o primeiro uma exceção. Aponte a dupla de palavras que registram, pela ordem, exemplos dos dois tipos de acordos:
a) pôde - pêras;
b) póde - pêlo;
c) pôde - pôr;
d) pôr - pólo;
e) côr- côa.

536. As palavras: número, aniversário e mês, são acentuadas em razão das mesmas regras que justificam os acentos, respectivamente em:
a) verídico – mágoa – lá;
b) fósseis – história – côa;
c) beribéri – concórdia – vê;
d) falássemos – tênue – pôr;
e) antevíamos – bônus – só.

537. Tranqüila é palavra que apresenta o trema para assinalar a pronúncia átona do u, exatamente como ocorre em:
a) extinguir;
b) distinguir;
c) inquerito;
d) aquático;
e) equestre.

538. Ainda sobre acentuação gráfica, destaque o item onde todas as palavras estão incorretamente acentuadas:
a) degráu – corôa – talvêz;
b) órgão – ítem – modêlo;
c) fortuito – hífens – tórax;
d) hífen – enjôo – fútil;
e) vírus – camponês – êle.

539. Assinale o vocábulo que, no plural, embora tônico, deixa de ser acentuado:
a) pêlo;
b) pêra;
c) pôla:
d) pólo;
e) pôlo.

540. Numere com (1) as formas verbais do presente do indicativo do verbo **ARGÜIR** que receberem acento agudo, e com (2) às que não o devam receber, assinale depois, abaixo, a resposta correta:
( ) arguo
( ) arguimos
( ) arguis
( ) arguis
( ) argui
( ) arguem

a) 1 – 2 – 1 – 1 – 2 – 1;
b) 2 – 1 – 2 – 2 – 1 – 2;
c) 2 – 1 – 1 – 2 – 2 – 1;
d) 1 – 1 – 2 – 1 – 1 – 2;
e) 2 – 2 – 2 – 1 – 1 – 1.

541. Assinale a série em que há um vocábulo indevidamente acentuado:
a) aí (adv.), baía (golfo), caírem;
b) ensaísta, faísca, fluído (subst.);
c) genuíno, influí (pret. perf.), influímos;
d) influíram, juízes, juízo;
e) país (subs. sing.), países, prejuízo.

542. Assinale a série em que há um vocábulo indevidamente acentuado:
a) proíbem, ruído, ruína;
b) altruísmo, arcaísmo, beduíno;
c) cafeína, caseína, cocaína;
d) egoísmo, gratuíto, heróina;
e) jesuíta, paraíso, proteína.

543. Assinale o item onde há frase com vocábulo indevidamente acentuado (porque tenha ou não circunflexo):
a) seguiu para Lisboa pelo vôo 703 da VARIG;
b) não perdôo a quem me magoa;
c) soam os sinos: Deus vos abençoe;
d) dôo todos os meus bens à minha boa filha;
e) entoem louvores à coroa das virtudes - a paciência.

544. Aponte a frase onde <u>não</u> há erro de acentuação:
a) chamou os para-quedistas e saiu por aí;
b) faltaram vários ítens neste programa;
c) a vida é um conjunto de hífens;
d) vós atrai-lo-íeis a uma cilada;
e) aquele homem pela os poucos pelos que tem.

545. Marque a relação em que todas as palavras se escrevem com **ch** e não com **x:**
a) ___ ampanha / ca __ umba / re ___ eio / en ___ urrada;
b) ca ___ imbo / fa ___ o / ___ afariz / pe ___ a;
c) en ____ ertar / frou ___ o / pu ___ ar / ca ___ o;
d) en ____ oval / ri ___ a / _ u _ u / ___ oro;
e) bu ___ o(planta) / cai ___ eiro / ___ arope.

546. Marque a seqüência em que todas as palavras estão grafadas corretamente:
a) prazeirosamente / pesquisar / ascensão / crescer;
b) ânsia / extremoso / sacerdotiza / obcessão;
c) jeito / magestade / jibóia / gesto;
d) analisar / muçulmano / exceção / esplêndido;
e) expectativa / imprescíndivel / infecção / puzerem.

ORTOGRAFIA:

547. Complete as lacunas com **"X"** ou **"S":**
e __ tender, e __ tensão, e __ tenso, mi __ to, ju __ tapor.
a) s, s, s, x, x;
b) s, s, s, x, s;
c) s, x, x, x, x;
d) s, x, x, s, s;
e) s, x, x, s, s;

548. Assinale o vocábulo em que está incorreto o emprego do "z":
a) natureza;
b) catequizar;
c) rezar;
d) frizar;
e) deslizar.

549. Em um dos casos abaixo, todas as palavras são grafadas com **"s"**, qual?
a) anali __ ar, fregue __ ia, e __ oneração, camur __ a.
b) parali __ ia, ga __ o __ o, fu __ elagem, e __ ílio.
c) an __ ia, e __ pontâneo, ab__ o, repre __ a .
d) e __ tranho, ê __ odo, ân __ ia, e __ umar.
e) fu __ ível, ga __ eteiro, gui __ ado, ca __ amento.

550. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) sarjeta - babaçu - praxe - raposa;
b) caramanchão - córtex - vírus - mixto - caos;
c) ultraje - discussão - mochila - flexa.;
d) enxerto - represa - sossobrar - barbárie;
e) acesso - assessoria - pôde - selvícola.

551. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses:
a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem - imergem) ;
b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão - seção);
c) Já era decorrido um _____ que ela havia partido, (lustre - lustro);
d) O prazo já estava _____ (prescrito - proscrito);
e) O fato passou completamente _____ (desapercebido - despercebido).

552. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:
a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem - imigrem);
b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos - concertos);
c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição; (caçou - cassou);
d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em _____ (flagrante - fragrante);
e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti - incontinente).

553. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:
a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas-taxas);
b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu-emergiu);
c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou-serrou);
d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava-espiava);
e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo-senso).

554. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:
a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego-tráfico);
b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação-descriminação);
c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo-senso);
d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço-russo);
e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu-ascendeu).

555. Em "o prefeito deferiu o requerimento do contribuinte", o termo grifado poderia perfeitamente ser substituído por:
a) apreciou;
b) arquivou;
c) despachou favoravelmente;
d) invalidou;
e) despachou negativamente.

556. As idéias liberais saíram incólumes, ainda que se pensasse que seriam dilapidadas, completamente. Os termos grifados são antônimos, respectivamente de:
a) arrasadas - dilaceradas;
b) intactas - arrasadas;
c) intactas - dilaceradas;
d) depauperadas - prestigiadas;
e) N.R.A.

557. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):
"O _____ (cervo - servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos - cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área - aria);
a) cervo – cartuxos – área;
b) servo – cartuchos – aria;
c) cervo – cartuchos – área;
d) servo – cartuchos – área;
e) servo – cartuchos – aria.

558. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:
É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."
a) segar – buxo – chá;
b) segar – bucho – xá;
c) cegar – buxo – xá;
d) cegar – bucha – chá;
e) segar – bucha – xá.

559. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____ (eminência-iminência) de escapar da prisão:
a) emérito – delatou – iminência;
b) imérito – dilatou – eminência;
c) emérito – dilatou – iminência;
d) imérito – delatou – iminência;
e) emérito – dilatou – eminência.

560. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).
a) extrato – xeque – inserto;
b) estrato – cheque – incerto;
c) extrato – cheque – inserto;
d) estrato – xeque – incerto;
e) extrato – xeque – incerto.

561. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):
"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."
a) mau - mal - mais - mas;
b) mal - mal - mais - mais;
c) mal - mau - mas - mais;
d) mal - mau -mas - mas;
e) mau - mau - mas - mais.

562. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."
a) cônscio – privilégios – extintos;
b) côncio – privilégios – estintos;
c) cônscio – privilégios – estintos;
d) côncio – previlégios – estintos;
e) cônscio – previlégios – extintos.

563. Observe as orações seguintes:
I - Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II - A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III - Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há **erro** na grafia:
a) na I apenas;
b) em duas apenas;
c) na II apenas;
d) na III apenas;
e) em nenhuma.

564. Complete as lacunas com (estada / estadia / onde / aonde):
"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____ de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."
a) aonde – estadia – estada – onde;
b) onde – estada – estadia – aonde;
c) onde – estadia – estada – aonde;
d) aonde – estada – estadia – onde;
e) onde – estadia – estadia – aonde.

565. Leia as frases abaixo:
1 - Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
2 - Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
3 - As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 - _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a seqüência correta de vocábulos para as lacunas existentes:
a) concerto – há – a – cessões – há;
b) conserto – a – há – sessões – há;
c) concerto – a – há – seções – a;
d) concerto – a – há – sessões – há;
e) conserto – há – a – sessões – a .

566. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:
"A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____ com relação ao futuro da vida na terra."
a) espectativa – tensão – exitante;
b) espectativa – tenção – hesitante;
c) expectativa – tensão – hesitante;
d) expectativa – tensão – hezitante;
e) espectativa – tenção – exitante.

567. Complete corretamente as lacunas:
"O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem _____ ;
a) tráfico – infrações – inflijam – concerto;
b) tráfego – infrações – inflijam – conserto;
c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto;
d) tráfego – infrações – infrações – conserto;
e) tráfico – infrações – infrações – concerto.

568. Marque a alternativa correta quanto à grafia:
a) harém – hangar – harpa – haste – hombro;
b) hontem – hebreu – hediendo – hematoma – hemograma;
c) hemorragia – hepatite – herdar – herege – herói;
d) hexágono – hiato – híbrido – húmido – hidrogênio;
e) hiena – higiene – hérnia – herva – hidráulico.

569. Examinando as palavras: viajens - gorjeta - maizena - chícara", conclui-se que:
a) apenas uma está escrita corretamente;
b) apenas duas estão escritas corretamente;
c) três estão escritas corretamente;
d) todas estão escritas corretamente;
e) nenhuma está escrita corretamente.

570. Reescreva, preenchendo as lacunas com (por que / porque / porquê / por quê).
- _____ é que você disse pra ele?
- Pra falar a verdade, eu nem sei bem _____ .
- Não será _____ tem inveja dele?
- Acho que não, até _____ eu nem guardo rancor dele.
- Ora, deve haver um _____ para esse tipo de comportamento. Concorda?
- Pode ser, acho _____ tenho sido imaturo.
a) por que – por quê – por que – porque – porquê – porque;
b) por quê – por que – por quê – por quê – porquê – por que;
c) por que – por que – por que – porque – por quê – porque;
d) porque – porque – porque – porque – por quê – por que;
e) porquê – por quê – por quê – por quê – porquê – porque.

571. Complete as lacunas usando adequadamente (incipiente / insipiente / imergir / emergir / surtir / sortir).
"Alguns comerciantes _____ conseguem _____ no ramo do varejo, exclusivamente por conseguirem _____ melhor os seus estoques; outros porém, talvez por serem _____, acabam por _____ em dívidas impagáveis, que podem _____ efeitos indesejáveis, que podem ir desde um simples prejuízo, até a concordata."
a) incipientes – imergir – sortir – insipientes – emergir – sortir;
b) insipientes – emergir – surtir – incipientes – imergir – sortir;
c) incipientes – emergir – sortir – insipientes – imergir – surtir;
d) insipientes – imergir – surtir – insipientes – emergir – sortir;
e) insipientes – imergir – surtir – incipientes – emergir – sortir.

572. Preencha as lacunas, usando corretamente (expiar / espiar / eminentes / iminentes):
"Na época do arbítrio, era comum a prática de _____ a conduta pessoal de _____ figuras da esquerda resistente; instalavam-se câmaras secretas ou grampos telefônicos, de modo a prender, torturar e quase sempre executar barbaramen-

te os "pseudo-subversivos", como forma de _____ todas as formas de oposição ao regime, que via em tudo, tramas para _____ conspirações.
a) expiar – iminentes – expiar – eminentes;
b) expiar – eminentes – espiar – iminentes;
c) espiar – iminentes – expiar – eminentes;
d) expiar – eminentes – expiar – iminentes;
e) espiar – eminentes – expiar – iminentes.

573. Complete as lacunas,usando corretamente (infringir / inflingir / retificar / ratificar / absolver / absorver):
"A aplicação da pena de morte, como forma de punir aqueles que costumam _____ as leis, não parece ser a melhor forma de _____ a aplicação da penalidade.
Até por que executando-se o condenado, fica impossível _____ uma possível falha judicial que possa ter havido. Agindo dessa forma, só iríamos _____ as falhas irreparáveis, cometidas em outros países, onde a tal pena capital é adotada.
Melhor seria se decidíssemos _____ os erros que os outros já cometeram e deixar o réu com vida, para que os advogados tenham como o _____ caso seja inocente."
a) infringir – infligir – retificar – ratificar – absorver – absolver;
b) infligir – infringir – ratificar – retificar – absorver – absolver;
c) infringir – infligir – retificar – ratificar – absolver – absorver;
d) infligir – infringir – retificar – ratificar – absorver – absolver;
e) infringir – infligir – ratificar – retificar – absolver – absorver.

574. Todas as palavras estão corretamente grafadas em:
a) O agiota agiu rápido: dirigiu-se ao monge e ajoelhou-se.
b) Pedro está rabujento, pois não tinha vajens na tijela.
c) Sinto vertigem quando herejes têm a coragem de se dizerem anjelicais.
d) O vajidos da mejera assustaram o pajem e o pajé.
e) Ele é um cafajeste; além do que, tem um jeito de gibóia.

575. Com _____, não rara _____, ele persegue a fama.
a) tenacidade – obscecado;
b) tenacidade – obcecada;
c) tenascidade – obscecada;
d) tenascidade – obcecada;
e) tenacidade – obsecada.

576. A guerra entre Irã e Iraque recrudesceu neste fim de semana. Faz nos saber que:
a) a guerra aumentou;
b) a guerra diminuiu;
c) a guerra paralisou;
d) a guerra recomeçou;
e) n. d. a.

577. Na expressão "O candidato possuía extraordinária loquacidade", conclui-se que:
a) o candidato falava fluentemente;
b) o candidato era desinibido;
c) o candidato mostrava-se insensato;
d) o candidato demonstrava incrível versatilidade;
e) o candidato demonstrava grande insegurança.

578. Em "a vida é cheia de <u>vicissitudes</u>", o termo grifado é sinônimo de:
a) tristezas;
b) transformações;
c) revezes;
d) artimanhas;
e) traições.

579. Em "o projeto de regularização do funcionalismo, continua a ser procrastinado pelos parlamentares governistas", conclui-se que o tal projeto:
a) continua sendo estudado;
b) continua a ser emendado;
c) continua a ser adiado;
d) continua a ser aguardado;
e) continua a ser sugerido.

ACENTUAÇAO GRÁFICA

580. O conhecimento da classificação dos ditongos é fundamental para a observância das regras de acentuação. Assim assinale a alternativa onde todas as palavras apresentam ditongos crescentes. (Nenhuma das palavras leva acento, nesta questão, mesmo que deva, para não ficar prejudicada a resposta).
a) vaidade - enfeitar - trofeu - calvice;
b) saudade - psiu - teime - mutuo;
c) açoite - gloria - lingua - lençois;
d) espontaneo - lirio - amendoa - assiduo;
e) viveu - estourar - circuito - fieis.

581. Em que seqüência, todas as palavras estão corretamente acentuadas:
a) aziago - refém - xenômano - pudico;
b) gárrulo - estálidos - datilógrafas - impávido;
c) antonimia - alopata - aerólito - alcoolatra;
d) nitrido - ínterim - monólito - polissindeto;
e) antonomasia - gratuito - textil - rubiácea.

582. Indique a alternativa em que uma única palavra não deve ser acentuada graficamente:
a) graudo - nucleo - febril - paraiso - invio;
b) etiope - cadaver - lepido - estrategia - pindaiba;
c) refem - pubere - covado - apoteose - chavena;
d) rutilo - estencil - egide - azafama - bilis;
e) nenhuma das anteriores.

583. A única série de palavras corretamente acentuadas, é:
a) rubi - Luis – querê-la - chuchu;
b) baú - jóvem - partí-la - César;

c) tatú -fácil - através - Nélson;
d) possui -pô-la - Eugênio - bíceps;
e) álbum - inocência - gráu - benção;

584. Aponte o único conjunto em que há **erro** de acentuação:
a) tu tens - ela detém - pô-lo-íamos - hífens;
b) eloqüência - que eu arguasozinho - Bauru;
c) influíram - Sérgio - atraí-lo - dizíamos;
d) pântano - Madagáscar - ibero - rubrica;
e) constrói - véu - flúor - bisturi;

585. Assinale a alternativa em que contém um vocábulo acentuado indevidamente:
a) séssil - fossilífero - massapê;
b) estôrvo - sílex - tórax;
c) indígena - catalético - araxá;
d) irrisório - isopor - isócrono;
e) eqüídeo - qüinqüídio-míngua.

586. Assinale a alternativa em que nenhuma palavra deveria receber acento gráfico:
a) dissídio - adultério - Grajaú;
b) ônix - oxalúrico - inoxidável;
c) baurú - Marapendí - hífens;
d) flácido - híper - súper;
e) ossário - reversível - urânio.

587. Marque a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados em obediência à mesma regra:
a) glossário - presságio - clímax.
b) fogaréu - geléia - estóico;
c) alcatéia - magistério - hendecassílabo;
d) fóssil - pólo - pêlo;
e) dossiê - emissário - fórceps.

588. Na oração "A <u>bênção</u> do criador incidirá sobre os <u>órfãos</u>", a acentuação se justifica aos termos grifados, por:
a) serem ambas oxítonas terminadas por vogal fechada;
b) necessidade de diferenciação de seus homônimos;
c) por serem 2 paroxítonas terminadas em ditongo decrescente;
d) por serem ambas paroxítonas terminadas por vogal tônica;
e) nenhuma das respostas anteriores.

589. Na expressão "o solo do <u>Para</u> é <u>propicio</u> para a cultura do <u>açai</u>", os termos grifados carecem de acento agudo por:
a) 1ª palavra oxítona terminada em "a", 2ª palavra paroxítona terminada em "o", 3ª palavra oxítona terminada em "i".
b) 1ª palavra oxítona terminada em "a", 2ª palavra paroxítona terminada em ditongo decrescente; 3ª palavra oxítona terminada em hiato
c) 1ª palavra homônima de uma preposição; 2ª palavra paroxítona terminada em ditongo crescente; 3ª palavra oxítona terminada em "i".
d) porque todas são oxítonas terminadas em vogal;
e) nenhuma das respostas anteriores.

590. Quanto aos vocábulos "Araguarí" e Bisturí", podemos dizer, em relação à acentuação gráfica:
a) ambas são oxítonas;
b) ambas terminam em vogal;
c) apenas a segunda está corretamente acentuada;
d) apenas a segunda não deve ser acentuada;
e) ambas estão incorretamente acentuadas.

PONTUAÇÃO

591. Assinale a opção em que a supressão das vírgulas alteraria o sentido do anunciado:
a) os países menos desenvolvidos vêm buscando, ultimamente, soluções para seus problemas no acervo cultural dos mais avançados;
b) alguns pesquisadores,que se encontram comprometidos com as culturas dos países avançados, acabam se tornando menos criativos;
c) torna-se, portanto, imperativa uma revisão modelo presente do processo de desenvolvimento tecnológico;
d) a atividade científica, nos países desenvolvidos, é tão natural quanto qualquer outra atividade econômica;
e) por duas razões diferentes podem surgir, da interação de uma comunidade com outra, mecanismos de dependência.

592. Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:
"Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ____ uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.
a) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
b) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula;
c) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
d) pontos vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
e) ponto e vírgula, vírgula, vírgula.

593. Assinale o exemplo em que há emprego incorreto da vírgula:
a) como está chovendo, transferi o passeio;
b) não sabia, por que todos lhe viravam o rosto;
c) ele, caso queira, poderá vir hoje;
d) não sabia, por que não estudou;
e) o livro, comprei-o por conselho do professor.

594. Assinale o trecho sem erro de pontuação:
a) vimos pela presente solicitar de V.Sas., que nos informe a situação econômica da firma em questão;
b) cientificamo-lo de que na marcha do processo de restituição de suas contribuições, verificou-se a ausência da declaração de beneficiários;
c) o Instituto de Previdência do Estado, vem solicitar de V.Sa. o preenchimento da declaração;

d) encaminhamos a V.Sa., para o devido preenchimento, o formulário em anexo;
e) estamos remetendo em anexo, o formulário.

595. Assinale as frases em que as vírgulas estão incorretas:
a) ora ríamos, ora chorávamos;
b) amigos sinceros, já não os tinha;
c) a parede da casa, era branquinha branquinha;
d) Paulo, diga-me o que sabe a respeito do caso;
e) João, o advogado, comprou, ontem, uma casa.

596. Observe:
1) depois de muito pedir ( ) obteve o que desejava;
2) se fosse em outras circunstâncias ( ) teria dado tudo certo;
3) exigiam-me o que eu nunca tivera ( ) uma boa educação;
4) fez primeiramente seus deveres ( ) depois foi brincar;

Assinale a alternativa que preencha mais adequadamente os parênteses:
a) (;) (,) (:) (;);
b) (,) (;) (:) (;);
c) (,) (,) (:) (;);
d) (?) (,) (,) (:);
e) (,) (;) (.) (;).

597. Assinale o item em que as vírgulas estão empregadas corretamente:
I - Foi ao fundo da farmácia, abriu um vidro, fez um pequeno embrulho e entregou ao homem.
II - A sua fisionomia estava serena, o seu aspecto tranqüilo.
III - E o farmacêutico, sentindo-se aliviado do seu gesto, sentira-se feliz diante de suas lembranças.
IV - Quando, vi que não servia, dei às formigas, e nenhuma morreu.
a) I - IV;
b) II - III;
c) II - IV;
d) I - II;
e) I - III.

598. A frase:
"O assunto desta reunião - voltou a afirmar o presidente - é sigiloso".
Qual das alternativas apresenta as possibilidades corretas dentre as numeradas de I a V?
I - O assunto desta reunião (voltou a afirmar o presidente ...) é sigiloso.
II - O assunto desta reunião (voltou a afirmar o presidente) é sigiloso.
III - O assunto desta reunião, voltou a afirmar o presidente, é sigiloso.
V - O assunto desta reunião: voltou a afirmar o presidente: é sigiloso.
a) I, II, III, IV, V;
b) II, IV;
c) I, III, V;
d) I, IV, V;
e) II, IV, V.

599. Em seguida vai um pequeno trecho de Machado de Assis, pontuado de diversos modos. Só uma vez a pontuação estará de acordo com as normas gramaticais. Assinale-a:
a) homem gordo, não faz revolução. O abdômem, é naturalmente amigo da ordem. O estômago pode destruir, um império: mas há de ser antes do jantar;
b) homem gordo não faz revolução. O abdômem é naturalmente amigo da ordem; o estômago pode destruir um império: mas há de ser antes do jantar;
c) homem gordo não faz revolucão, o abdômem é, naturalmente, amigo da ordem. O estômago, pode destruir um império: mas há de ser antes do jantar;
d) homem gordo não faz revolução: o abdômen e naturalmente, amigo da ordem. O estômago pode destruir um império: mas há de ser antes do jantar;
e) homem gordo não faz revolução: o abdômem é naturalmente amigo da ordem. O estômago pode destruir um império mas há de ser, antes do jantar.

600. Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:
"Como amanhã será o nosso grande dia ___ duas coisas serão importantes ___ uma é a tranqüilidade ___ a outra é a observação minunciosa do que esta sendo solicitado".
a) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula;
b) vírgula, vírgula,vírgula;
c) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
d) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula;
e) ponto e vírgula, dois pontos, vírgula.

601. Assinale a série de sinais cujo emprego corresponde, na mesma ordem, aos parênteses indicados no texto:
"Pergunta-se ( ) qual é a idéia principal desse parágrafo ( ) A chegada de reforços ( ) a condecoração ( ) o escândalo da opinião pública ou a renúncia do presidente ( ) Se é a chegada de reforços ( ) que relação há ( ) ou mostrou seu autor haver ( ) entre esse fato e os restantes ( )".
a) , , ? ? ? , , , .
b) : ? , , ? , ___ ___ ?
c) ___ ? , , . ___ ___ ___ .
d) : ? , . ___ , , , ?
e) : . , , ? , , , .

DIVISÃO SILÁBICA

602. Os vocábulos abaixo aparecem separados em sílabas.
Assinale aquele em que a separação **não** obedece às normas do sistema ortográfico vigente:
a) car-re-ga-dos;
b) es-tá-tuas;
c) cam-ba-lei-a;
d) es-pi-ra-is;
e) es-cal-da-vam.

603. Há erro de divisão silábica em uma das séries. Assinale-a:
a) ist-mo, á-gua, pror-ro-gar, trans-a-tlân-ti-co, cai-ais;
b) pneu, nup-ci-al, bi-sa-vô, flu-iu, sub-o-fi-ci-al;

c) ne-crop-si-a, ru-a, sa-is, prai-a, cou-sa;
d) ap-to, de-sá-gua, jói-a, mne-mô-ni-ca, dor;
e) ad-li-ga-ção, sub-lin-gual, a-ven-tu-ra, sa-ir, ca-í-da.

604. A divisão silábica só **não** está correta em:
a) cor-rup-ção;
b) su-bli-nhar;
c) subs-cri-ção;
d) sé-rie;
e) a-ve-ri-güeis.

605. Assinale a única opção em que há, um vocábulo cuja separação silábica não esta feita de acordo com a norma ortográfica vigente:
a) es-cor-re-gou / in-crí-veis;
b) in-fân-cia / cres-ci-a;
c) i-dei-a / lé-guas;
d) des-o-be-de-ceu / cons-tru-í-da;
e) vo-ou / sor-ri-em.

606. Assinale as alternativas em que as palavras "Averiguou", "desiguais" e "Feldspato" encontram-se corretamente divididas em sílabas:
a) A-ve-ri-guou, de-si-gu-ais, Fel-ds-pa-to;
b) A-ve-ri-gu-ou, de-sig-u-ais, Felds-pa-to;
c) A-ve-ri-gu-ou, des-igua-is, Felds-pa-to;
d) A-ve-ri-guou, de-si-guais, Feds-pa-to;
e) A-ve-ri-guou, des-igu-ais, Fel-dsp-a-to.

607. Proceda da mesma forma em relação às palavras "subscrever", "substantivo" e "Amnésia".
a) su-bs-cre-ver, subs-tan-ti-vo, A-mné-si-a;
b) subs-cre-ver, subs-tan-ti-vo, Am-né-sia;
c) su-bs-cre-ver, su-bs-tan-ti-vo, A-m-né-si-a;
d) subs-cre-ver, subs-tan-ti-vo, Amné-si-a;
e) subs-cre-ver, subs-tan-ti-vo, A-mné-sia.

608. Na expressão "A icterícia nada tem a ver com hemodiálise ou disenteria" , as palavras grifadas apresentam-se corretamente divididas em sílabas na alternativa:
a) i-cte-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria;
b) ic-te-rí-ci-a, he-mo-diá-li-se, dis-en-te-ria;
c) i-c-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria;
d) ic-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ri-a;
e) ic-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria.

609. Em "Quaisquer pneumáticos arrebentam, quando expostos a tratamentos adversos". As palavras grifadas estão corretamente divididas, em:
a) qua-is-quer, p-neu-má-ti-cos, ar-re-ben-tam;
b) quais-quer, pneu-má-ti-cos, ar-re-ben-tam;
c) quais-quer, p-neu-má-ti-cos, arre-ben-tam;
d) qua-is-quer, p-neu-má-ti-cos, ar-re-ben-tam;
e) quai-squer, pneu-má-ti-cos, ar-re-ben-tam.

610. Em "o boato da reestruturação da monarquia no país, reeditou a lembrança dos grandes saraus imperiais", assinale a alternativa em que os termos grifados estão corretamente separados:
a) boa-to; re-es-tru-tu-ra-ção, ree-di-tou;
b) bo-a-to, re-es-tru-tu-ra-ção, re-e-di-tou;
c) bo-ato, rees-tru-tu-ra-ção, re-e-di-tou;
d) bo-a-to, rees-tru-tu-ra-ção, re-e-di-tou;
e) boa-to, re-es-tru-tu-ra-ção, ree-di-tou.

611. Assinale o quadro de palavras em que não houve erro na separação de sílabas:
a) in-a-pto, trans-se-pto, des-or-dem;
b) né-ctar, fia-do, cri-an-ça;
c) des-u-nhar, ad-je-ti-va, ve-e-men-ci-a;
d) gi-ras-sóis, mag-nó-lia, a-dá-lia;
e) ins-cien-te, ân-sia, né-scio.

612. Em "enxágüem a memória daquele horrível despautério", assinale a seqüência em que as palavras grifadas se separam corretamente divididas em sílabas:
a) en - xá - güem, hor - rí - vel, des - pau - té - rio;
b) en - xá - gü - em, horr - í - vel, des - pau - té - rio;
c) e - nxá - güem, ho - rrível, des - pa - u - té - rio;
d) en - xá - güem, hor - rrí - vel, des - pau - té - ri - o;
e) en - xá - gü - em, ho - rrí - vel, des - pa - u - té - rio.

613. "O Guaitacá delinqüiu após a idade adulta", assinale a alternativa em que os termos grifados estão acertadamente divididos:
a) Gu - ai - ta - cá, de - lin - qüiu, adul - ta;
b) Guai - ta - cá, de - lin - qüi - u, a - du - l - ta;
c) Guai - ta - cá, del - in - qüi - u, a - dul - ta;
d) Guai - ta - cá, de - lin - qüiu, adul - ta;
e) Gu - ai - ta - cá, del - in - qüiu, adu - l - ta.

614. As palavras "inexcedível", "desobstruiu" e "dispepsia" estão corretamente divididas em:
a) i - nex - ce - dí - vel, de - sobs - tru - iu, dis - pep - si - a;
b) in - ex - ce - dí - vel, des - obs - tru - iu, di - spe - psia;
c) inex - ce - dí - vel, de - so - bs - tru - iu, dis - pep - sai;
d) i - nex - ce - dí - vel, de - so - bs - tru - iu, dis - pep - si - a;
e) i - ne - xce - dí - vel, de - sobs - tru - iu, dis - pep - sai.

615. Indique a alternativa em que as palavras "sussurro","iguaizinhos" e "gnomo", estão corretamente divididas em sílabas:
a) sus - su - rro, igu - ai - zi - nhos, g - no - mo;
b) su - ssu - rro, i - guai - zi - nhos, gno - mo;
c) sus - su - rro, i - guai - zi - nhos, gno - mo;
d) su - ssur - ro, i - gu - ai - zi - nhos, gn - omo;
e) sus - sur - ro, i - guai - zi - nhos, gno - mo.

616. Dadas as palavras "ignóbil", "perspectiva" e "psicodélico" assinale a alternativa em que todas estão corretamente divididas em sílabas:
a) i - gnó - bil, pers - pec - ti - va, psi - co - dé - li - co;
b) ig - nó - bil, per - spec - ti - va, p - si - co - dé - li - co;
c) i - g - nó - bil, pers - pe - cti - va, ps - ico - dé - li - co;
d) ig - nó - bil, pers - pec - ti - va, psi - co - dé - li - co;
e) i - gnó - bil, pers - pec - ti - va, p - si - co - dél - ico.

EMPREGO DE VOCABULÁRIO. VALOR SEMÂNTICO DAS PALAVRAS

617. Assinale a frase em que se completa com o primeiro dos parônimos entre parênteses:
a) casou-se com um juiz _____ ; (eminente, iminente);
b) seu gesto não passou _____ ; (desapercebido, despercebido);
c) tal comportamento _____ o país; (degrega, degrada);
d) em vista dos pulmões estarem em péssimo estado, o médico _____ o uso de cigarros; (prescreveu, proscreveu);
e) no momento da cena, o artista não pode _____ o riso. (sustar, suster)

618. Marque a sentença que apresenta falha de significado; por confusão vocabular:
a) o perigo era iminente;
b) o tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido;
c) foi ratificada a data de chegada do nosso convidado;
d) a discrição de José tem-lhe sido muito útil;
e) se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

619. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Certas transformações _____ passou a nossa arquitetura não teriam ocorrido, _____ houvesse a intervenção de certos fatores como a diferença de clima e de condições de vida.
a) por que/ se não;
b) porquê/ senão;
c) porque/ se não;
d) porque/ senão;
e) por que / senão.

620.
01) Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é sinônima das demais.
a) títere, fantoche, palhaço;
b) vendaval, temporal, ventania;
c) íntegro, intemerato, puro
d) venenoso, venéfico, tóxico;
e) abatido, definhado, enfraquecido.

02) Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o termo grifado da série.
a) sossego: agitação, preocupação;
b) notório: desconhecido, ignoto;
c) negligente: aplicado, diligente;
d) livre: preso, medroso;
e) meritório: indigno, desprezível.

621. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:
a) "o oceano do povo se encapela / encapela-se o oceano do povo;
b) "ruge o clarim tremendo da batalha" / ruge o tremendo clarim da batalha;
c) "águia - talvez as asas te espedacem" / talvez as asas da águia te espedacem;
d) "que a mão dos séculos no futuro talha..." / que no futuro a mão dos séculos talha;
e) "levanta a Deus do cativeiro o grito !" / levanta a Deus o grito do cativeiro.

622. No enunciado - "Nesse caso por não se preservar na comunidade dependende a correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações . . ." -, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido por:
a) apesar de;
b) a fim de;
c) a despeito de;
d) em virtude de;
e) depois de.

623. Assinale a opção em que o verbo **contar** é empregado com o mesmo sentido que apresenta em - "ainda não se podiam contar".
a) comece a contar até dez e depois trate de correr;
b) mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego;
c) ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos;
d) não tenho condições de contar toda a história detalhadamente;
e) contava nunca mais tornar a vê-lo.

624. Assinale a opção em que o elemento **auto** apresenta significação diferente da que tem em autoestima:
a) autodidata;
b) autopeça;
c) auto-suficiente;
d) autobiografia;
e) auto-sugestão.

625. Assinale a opção em que a preposição **por** exprime a mesma idéia que possui em **"Falo por palavras tortas".**
a) reze por todos nós;
b) mandou notícias por telegrama;
c) lutamos por um mesmo ideal;
d) um homem prevenido vale por dois;
e) todos o têm por sábio.

626. Transformados os dois períodos abaixo em um único, assinale a alternativa em que a relação de sentido existente entre os dois foi corretamente expressa:
a) o português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura, uma vez que o preocupavam os da habitação;
b) o português não se poderia preocupar, a princípio com os problemas estéticos da arquitetura, embora o preocupassem de habitação;
c) o português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura, apesar de o preocuparem os de habitação;

d) o português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura, conquanto o preocupassem os de habitação:
e) o português não se poderia preocupar, a princípio, com os problemas estéticos da arquitetura, não obstante o preocuparem os de habitação.

627. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:
a) até hoje não se abriu nenhum _____ quanto ao assunto; (procedente-precedente).
b) se enganos houve, que sejam prontamente _____ ; (ratificados - retificados).
c) os bombeiros andavam às voltas com o _____ perigo; (eminente - iminente).
d) as rosas deixaram uma suave _____ no ar; (flagrância - fragrância).
e) a atitude do aluno _____ o regulamento. (infringiu - inflingiu).

628. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão sublinhada e o advérbio.
a) "talhei de avanço, em minha história" - posteriormente;
b) "não sei contar direito";- corretamente.
c) "mas ele quer saber tudo diverso"; - diferentemente.
d) "miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição"; - pormenorizadamente.
e) "mas principal quero contar é o que eu não sei ser". - fundamentalmente.

629. Assinale a opção em que a troca da expressão grifada pela que está entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:
a) "andou de rota batida uma meia hora" (cerca de);
b) "que o velho José Paulino fizera" (tinha feito);
c) "não vou para o bando dele por causa da minha mãe" (devido a);
d) "era como uma camarinha no meia noite" (que nem);
e) "era um mar de leite por cima das coisas" (sob as).

630. Assinale a opção em que o vocábulo **mais** equivale a "outra vez "ou "de novo":
a) "no outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem;
b) "desceu mais, não queria que o vissem assim como estava" ;
c) "e quanto mais andava mais tinha vontade";
d) "quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto:"
e) "não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho"

631. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:
a) a luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira;
a luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira;
b) no outro dia não voltou mais para trabalhar
no noutro dia não mais voltou para trabalhar;
c) mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino;
mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino;
d) não queria que o vissem assim como estava;
não queria assim que o vissem como estava;
e) não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum.
não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

632. No trecho - "Embora muitos estudiosos defendam que a característica da verdadeira pesquisa científica é a de não estar comprometida senão consigo mesma . . ."- o vocábulo senão pode ser substituído, sem alteração de "- sentido, por:
a) apenas;
b) nem;
c) tão - só;
d) exclusivamente;
e) exceto.

633. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:
a) estou aqui _____ de ajudar os flagelados das enchentes; (afim-a fim).
b) a bandeira está _____ ; (arreada - arriada).
c) serão punidos os que _____ o regulamento. (inflingirem-infringirem).
d) são sempre valiosos os _____ dos mais velhos; (concelhos-conselhos).
e) moro _____ cem metros da praça principal. (a cerca de - acerca de).

634. Assinale a opção em que se altera sensivelmente o sentido de: Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava".
a) desceu mais, já que não queria que o vissem assim como estava;
b) desceu mais, por isso não queria que o vissem assim como estava;
c) como não queria que o vissem assim como estava, desceu mais;
d) por não querer que o vissem assim, desceu mais;
e) não querendo que o vissem assim como estava, desceu mais.

635. Assinale a opção em que se altera sensivelmente o sentido de - "Era trabalho para o bando. Deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma":
a) era trabalho para o bando, porquanto deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda à sua alma;
b) era trabalho para o bando, por conseguinte deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma;
c) era trabalho para o bando; deixou, pois, tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma;
d) como era trabalho para o bando, deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma;

e) porque era trabalho para o bando, deixou tudo de lado para o serviço que fazia com toda a sua alma.

636. Assinalar a alternativa correta quanto ao uso do **porque**:
a) daí porque não aceitar tuas desculpas;
b) saiu por que quis;
c) todo crime tem o seu por que;
d) isso dói e não sei por quê;
e) eis porque não vim.

637. A frase que tem sentido duplo é:
a) o guarda ouviu o barulho da janela;
b) o barulho da janela, ouviu-o o guarda;
c) o guarda ouviu o barulho que era da janela;
d) foi o barulho da janela que o guarda ouviu;
e) o barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

638. Na frase "O fio da idéia cresceu, engrossou e partiu-se" ocorre processo de gradação.
Não há gradação em:
a) o carro arrancou, ganhou velocidade e capotou;
b) o avião decolou, ganhou altura e caiu;
c) o balão inflou, começou a subir e apagou;
d) a inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustou-se;
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

639. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:
a) algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho; / a este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído;
b) são duas estas condições especiais; / estas condições especiais são duas;
c) qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas; / qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares;
d) é isto que permite ao cientista adquirir prestígio social; / isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social;
e) esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos; / pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

640. Na frase - "Esta qualidade intelectual e técnica se traduz, eventualmente, em produtos que podem trazer prestígio, dinheiro e poder" - o termo sublinhado equivale a:
a) acidentalmente;
b) conseqüentemente;
c) materialmente;
d) necessariamente;
e) igualmente.

641. Assinale o único exemplo em que ocorre erradamente **mal** por **mau** ou vice-versa:
a) tudo para ele fazia mau;
b) não há mal que sempre dure;
c) mal me viu, escapou-se;
d) o seu malgrado é visível;
e) isso aconteceu, mau grado meu.

642. Assinale o único exemplo em que ocorre erradamente **mal** por **mau** ou vice-versa:
a) fora um mal súbito;
b) não há mal que sempre dure;
c) mau me quer, bem me quer:
d) isso ocorreu, mau grado meu;
e) mal terminou a revisão, retirou-se.

643. "Este galego é que teve a culpa de tudo".
Assinale a passagem em que há construção semelhante a da frase acima:
a) aquela verdade é que o mentiroso não disse;
b) a verdade é que mentirosos não devem ser poupados;
c) verdade é que nunca chegaremos a um acordo;
d) verdade é que o mentiroso não disse nada;
e) ele disse tudo, mas verdade é que ele não disse.

644. Assinale a opção em que o termo entre parênteses **NÃO** significa fundamentalmente o mesmo que o termo sublinhado:
a) forma efêmera de prestação de serviço (transitória);
b) desejável autonomia tecnológica (independência);
c) interação de uma comunidade com outra (conflito);
d) atrofia da atividade inventiva (redução);
e) percepção de um contemplador inadvertido (desatento).

645. Assinale o item em que a relação expressa pela preposição **não** está corretamente indicada:
a) perecendo à fome (referência);
b) apontando para o açoite (direção);
c) prostrados com as mãos atadas (modo);
d) no chão resvala (lugar);
e) folhas da árvore (posse).

ENCONTROS VOCÁLICOS E CONSONANTAIS:

646. Assinale a alternativa cujos vocábulos contenham os seguintes tipos de encontros vocálicos: tritongo, ditongo nasal decrescente e ditongo oral crescente:
a) veio - cantam - água;
b) averigüei - ninguém - gratuito;
c) verifiquei - mamão - vitória;
d) enxagüem - muito - quase;
e) saguão - quando - oblíquo.

647. Nas palavras "unha", "guerra" e "quilombo":
a) há dígrafo na primeira, mas não há nas seguintes;
b) há dígrafo nas duas primeiras, mas não há na última;
c) não há dígrafo na primeira, mas há nas seguintes;
d) não há dígrafos em nenhuma delas;
e) há cinco dígrafos no total.

648. Na frase "nossa verdadeira imagem não é construída de favores", há:
a) um ditongo oral, um ditongo nasal e um hiato;
b) um ditongo oral, um tritongo e dois hiatos;
c) um ditongo oral e dois ditongos nasais, e um hiato;
d) dois ditongos orais, e dois ditongos nasais;
e) um ditongo oral, dois ditongos nasais e um hiato.

649. Na frase "Aurélio não delinqüiu" temos, respectivamente:
a) ditongo decrescente oral, ditongo crescente oral, ditongo decrescente nasal, dígrafo e tritongo;
b) ditongo decrescente oral, ditongo crescente nasal, ditongo decrescente nasal,hiato e tritongo;
c) ditongo crescente oral, ditongo decrescente nasal, ditongo decrescente nasal, hiato e ditongo decrescente oral;
d) ditongo crescente nasal, ditongo crescente oral, ditongo crescente nasal, dígrafo e tritongo;
e) ditongo crescente oral, ditongo crescente oral, ditongo decrescente oral e ditongo crescente oral.

650. Na frase "o esqueleto quebrou o esquema", temos:
a) três hiatos;
b) dois dígrafos e um ditongo;
c) três dígrafos e um ditongo;
d) um dígrafo e um ditongo;
e) um dígrafo, um ditongo e um hiato.

651. Em "o inquérito sumiu de repente" temos:
a) três dígrafos e um ditongo crescente;
b) dois dígrafos, um ditongo decrescente e um encontro consonantal;
c) três dígrafos e um ditongo decrescente;
d) um dígrafo, dois ditongos decrescentes e um encontro consonantal;
e) um hiato, um dígrafo, um ditongo decrescente e um consonantal.

652. Em "o clube percorreu um caminho espinhoso", temos:
a) 03 encontros consonantais, 04 dígrafos e 01 ditongo;
b) 02 encontros consonantais, 02 ditongos e 04 dígrafos;
c) 03 encontros consonantais, 02 dígrafos e 02 ditongos;
d) 02 encontros consonantais, 04 dígrafos e 02 ditongos;
e) 03 encontros consonantais, 02 ditongos e 04 dígrafos.

653. A palavra "Fluorescência" apresenta; respectivamente:
a) 01 encontro consonantal, 01 ditongo crescente, 01 ditongo crescente, 01 dígrafo;
b) 01 dígrafo, 01 encontro consonantal, 01 ditongo decrescente, 01 ditongo crescente;
c) 01 encontro consonantal, 01 ditongo decrescente, 01 dígrafo, 01 ditongo crescente;
d) 01 encontro consonantal, 01 ditongo crescente, 02 dígrafos; 01 ditongo crescente;
e) 02 encontros consonantais, 01 hiato, 02 ditongos crescentes; 01 ditongo decrescente.

654. A palavra "coincidência" apresenta, respectivamente:
a) 01 dígrafo nasal, 01 dígrafo nasal, 01 ditongo oral;
b) 01 ditongo oral, 01 dígrafo, 01 ditongo oral;
c) 01 ditongo oral, 01 ditongo oral, 01 dígrafo;
d) 01 ditongo nasal, 01 ditongo oral, 01 dígrafo;
e) 01 ditongo oral, 01 dígrafo, 01 dígrafo.

655. A palavra "caraoquê" apresenta respectivamente:
a) 01 hiato, 01 ditongo crescente;
b) 01 hiato, 01 dígrafo;
c) 01 ditongo crescente, 01 ditongo crescente;
d) 01 hiato, 01 hiato;
e) 01 dígrafo, 01 hiato.

656. Aponte o único conjunto onde não há erro de divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, di-gno;
b) cir-cu-ns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no;
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo;
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do;
e) coo-pe-rar, dis-tân-cia; bi-sa-vô.

CONTAGEM DE FONEMAS:

657. As palavras "cambalacho", "carretilha", "circunferência", apresentam, respectivamente:
a) oito, nove e doze fonemas
b) oito, oito e onze fonemas;
c) oito, sete e treze fonemas;
d) sete, oito e doze fonemas;
e) oito, oito e doze fonemas.

658. As palavras "pandemônio", "derreado" e "oxalá" apresentam, respectivamente:
a) nove, sete e cinco fonemas;
b) nove, sete e seis fonemas;
c) oito, seis e cinco fonemas;
d) nove, oito e seis fonemas;
e) oito, oito e cinco fonemas.

659. As palavras "bilíngüe", "derradeiro" e "complexo" apresentam respectivamente:
a) sete, oito e oito fonemas;
b) sete, nove e sete fonemas;
c) oito, oito e oito fonemas;
d) sete, nove e oito fonemas;
e) oito, oito e sete fonemas.

660. Assinale a alternativa em que todos os vocábulos apresentam o mesmo número de fonemas de "carreata":
a) elíptico - sexagenário - retângulo;
b) exagero - girassol - amígdala;
c) ovelheiro - exceder - enxaqueca;
d) miserando - excluso - fantasia;
e) groselha - brinquedo - misantropa.

661. Que alternativa apresenta compostos com o mesmo número de fonemas de "esquisitice"?
a) irresoluto - framboesa - basilicão;
b) gargalhada - supressão - hamburguer;
c) pampulha - onomatopáico - hinduísta;
d) consangüíneo - apropinquar - farisaísmo;
e) heterogênio - sortilégio - ostensório.

662. As palavras "qüinqüênio", "batráquio" e "miscelânea", apresentam respectivamente:
a) nove, nove e nove fonemas;
b) nove, oito e nove fonemas;
c) oito, nove e oito fonemas;
d) oito, oito e nove fonemas;
e) nove, nove e nove fonemas.

663. As palavras "profilaxia", "translineação" e "cavalheiro" apresentam respectivamente:
a) onze, doze e nove fonemas;
b) doze, doze e treze fonemas;
c) doze, onze e doze fonemas;
d) onze, dez e doze fonemas;
e) onze, onze e doze fonemas.

664. As palavras "putrescência", "oscilógrafo" e "vitrescibilidade" apresentam, respectivamente:
a) onze, onze e quinze fonemas;
b) dez, onze e quatorze fonemas;
c) dez, dez e quinze fonemas;
d) onze, onze e quinze fonemas;
e) dez, doze e treze fonemas.

665. As palavras "discussão", "fissilíngüe" e "sanguessuga", têm respectivamente:
a) oito, oito e oito fonemas;
b) oito, oito e nove fonemas;
c) nove, oito e nove fonemas;
d) nove, nove e nove fonemas;
e) oito, nove e oito fonemas.

SINTAXE:

666. Na oração: "Foram chamados às pressas todos os vaqueiros da fazenda vizinha", o núcleo do sujeito é:
a) todos;
b) fazenda;
c) vizinha;
d) vaqueiros;
e) pressas.

667. Assinale a alternativa em que o sujeito está incorretamente classificado:
a) chegaram, de manhã, o mensageiro e o guia (sujeito composto);
b) fala-se muito neste assunto (sujeito indeterminado);
c) vai fazer frio à noite (sujeito inexistente);
d) haverá oportunidade para todos (sujeito inexistente);
e) não existem flores no vaso (sujeito inexistente).

668. Em "Éramos três velhos amigos, na praia quase deserta", o sujeito desta oração é:
a) subentendido;
b) claro, composto e determinado;
c) indeterminado;
d) inexistente;
e) claro, simples e determinado.

669. Marque a oração em que o termo destacado é sujeito:
a) houve <u>muitas brigas</u> no jogo;
b) Ia haver <u>mortes</u>, se a polícia não interviesse;
c) faz <u>dois anos</u> que há bons espetáculos;
d) existem <u>muitas pessoas desonestas</u>;
e) há <u>muitas pessoas desonestas</u>.

670. Indique a única frase que não tem verbo de ligação:
a) o sol estava muito quente;
b) nossa amizade continua firme;
c) suas palavras pareciam sinceras;
d) ele andava triste;
e) ele andava rapidamente.

671. Considere a frase: "Ele <u>andava</u> triste porque não encontrava a companheira", os verbos grifados são respectivamente:
a) transitivo direto - de ligação;
b) de ligação - intransitivo;
c) de ligação - transitivo - indireto;
d) transitivo direto - transitivo indireto;
e) de ligação - transitivo direto.

672. Na praça deserta um homem caminhava - o sujeito é:
a) indeterminado;
b) inexistente;
c) simples;
d) oculto por elipse;
e) composto.

673. Na oração:"Anunciaram grandes novidades" - o sujeito é:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) elíptico;
e) inexistente.

674. "O toque dos sinos ao cair da noite era trazido lá da cidade <u>pelo vento</u>". O termo grifado é:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) complemento nominal;
e) agente da passiva.

675. "Eu andava satisfeito com o mundo e comigo mesmo", o período é:
a) simples;
b) composto por coordenação;
c) composto por subordinação;
d) composto por coordenação e subordinação;
e) composto de duas orações.

676. Na oração "Mestre Reginaldo, o impoluto, é uma sumidade no campo das ciências" - o termo grifado é:
a) adjunto adnominal;
b) vocativo;
c) predicativo;
d) aposto;
e) sujeito simples.

677. Na expressão: "por todos era apedrejado o Luizinho", o termo grifado é:
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) sujeito;
d) complemento nominal;
e) agente da passiva.

678. Dentre as orações abaixo, uma contém complemento nominal. Qual?
a) Meu pensamento é subordinado ao seu.
b) Você não deve faltar ao encontro.
c) Irei à sua casa amanhã.
d) Venho da cidade às três horas.
e) Voltaremos pela rua escura ...

679. Assinale a alternativa em que o termo grifado é adjunto adnominal:
a) Sua falta aos encontros sufocava o nosso amor.
b) Ela é uma fera maluca.
c) Ela é maluca por lambada nacional.
d) Não tenho medo da louca.
e) O amor de Deus é o primeiro mandamento.

680. Em "a linguagem do amor está nos olhos" – os termos grifados são respectivamente:
a) complemento nominal e predicativo do sujeito;
b) adjunto adnominal e predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal e objeto direto;
d) complemento nominal e adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal e adjunto adverbial.

681. "Diga ao povo que fico" é um período:
a) simples;
b) composto por coordenação;
c) composto por subordinação;
d) composto por coordenação e subordinação;
e) composto de três orações.

682. "Saúde e felicidade são as minhas aspirações na vida" – nessa expressão o sujeito é:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) oculto;
e) oração sem sujeito.

683. Na expressão: "Ordem e progresso, esse é o nosso lema" – o sujeito é:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) oculto;
e) inexistente.

684. Já na expressão "O prefeito Odorico nomeou Dirceu Borboleta ajudante de ordens" – as palavras grifadas funcionam como:
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo do sujeito;
d) aposto;
e) predicativo do objeto

685. O verbo de "confio este carro à distinção dos senhores passageiros" é:
a) transitivo direto;
b) transitivo indireto;
c) transitivo direto e indireto;
d) intransitivo;
e) de ligação.

686. Em: "Era inverno e fazia frio" – há duas orações cujos sujeitos são respectivamente:
a) inexistente e indeterminado;
b) indeterminado e inexistente;
c) inexistente e inexistente;
d) indeterminado e indeterminado;
e) N. R. A. porque ambos são compostos.

687. Qual o período simples?
a) Encontrará, talvez, no caminho da vida, asperezas, ingratidões, grosserias, injustiças, brutalidades . . .;
b) Quem sabe se não encontrará inimigos cruéis e "amigos" pérfidos;
c) Dorme, dorme meu anjinho, que a "Mamã" vela por ti . . .;
d) Ela defende-o e protege-o;
e) Faz cinco anos que o procuro.

688. Confiamos no futuro
Desconhecemos as coisas do futuro.
Temos confiança no futuro

- Nas expressões acima, os termos grifados funcionam respectivamente, como:
a) objeto indireto; adjunto adnominal; complemento nominal;
b) objeto indireto; complemento nominal; objeto indireto;
c) objeto indireto; objeto indireto; complemento nominal;
d) objeto direto; adjunto adnominal; objeto indireto;
e) objeto direto; sujeito; complemento nominal.

689. Em: "faz anos que não chove no sertão" – há duas orações com sujeito:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) inexistente;
e) elíptico.

690. Em: "pediram-me papai e mamãe que eu fosse mais audacioso":
a) o sujeito da primeira oração é simples e o da segunda é inexistente;

b) o sujeito da primeira oração é composto e o da segunda, é simples;
c) o sujeito da primeira oração é indeterminado e o da segunda, inexistente;
d) o sujeito da primeira oração é inexistente e o da segunda indeterminado;
e) o sujeito da primeira oração é composto e o da segunda inexistente.

691. Em: "À boca da noite a cata-piolhos rezava baixinho . . ." , o sujeito é:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) inexistente;
e) oculto.

692. Em qual das alternativas o verbo grifado é de ligação?
a) Quando você pára, eu continuo.
b) Amélia continua mulher de verdade.
c) Esta "droga" de relógio não anda.
d) Andei dois quilômetros a pé.
e) Nos primeiros dias aprendi as notas musicais.

693. O predicado é nominal em:
I - Você acha Cristina bonita, mamãe?
II - O mundo podia ser tranqüilo.
III - "Zé Mané" não estava embriagado.
IV - O guarda noturno permanece atento a todos os perigos.
V - Os transeuntes ficaram assustados.
a) I - II - III;
b) II - III;
c) II - IV;
d) III - IV - V - II;
e) I - II - IV.

694. Dentre as orações abaixo, uma tem sujeito indeterminado. Qual?
a) A nossa casa parecia uma arca de Noé.
b) Não iria além de um vice-campeonato.
c) As águas trafegam furiosas.
d) Atropelaram um boi lá na gentil.
e) No lugar só ficou a surpresa.

695. Na oração: "Diziam que ele era igualzinho a meu pai", o sujeito da primeira oração é:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) inexistente;
e) oculto.

696. Dê a função sintática do elemento grifado: "Mestre Cupijó, ouviu-se há dias a sua grande obra".
a) adjunto adnominal;
b) sujeito;
c) vocativo;
d) aposto;
e) objeto direto.

697. Em: "o homem não gosta de reconhecer a inevitabilidade de uma morte natural . . .", a expressão grifada é:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) agente da passiva;
e) sujeito.

698. "Ué, gente: vocês ainda não foram pra sala? !" – o sujeito:
a) simples;
b) composto;
c) indeterminado;
d) inexistente;
e) oculto.

699. Em: "Bebe que é doce, papai" – a palavra grifada funciona como:
a) sujeito;
b) aposto;
c) vocativo;
d) adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal.

700. No período: "O vento é morno, faz carícias, brinca nas árvores e foge para as montanhas." – encontramos:
a) 4 orações coordenadas assindéticas;
b) 4 orações subordinadas substantivas;
c) 4 orações coordenadas sindéticas;
d) 3 orações coordenadas assindéticas e 1 sindética;
e) 3 orações coordenadas assindéticas e 1 subordinada.

701. No período:" Arrumarei uma namorada ou beberei três litros de mel de abelha".
A segunda oração é coordenada sindética:
a) aditiva;
b) adversativa;
c) alternativa;
d) explicativa;
e) conclusiva.

702. Em "o paquerador inveterado teria de correr ou seria estrangulado pelo namorado ciumento" - a segunda oração é coordenada:
a) assindética;
b) sindética aditiva;
c) sindética adversativa;
d) sindética explicativa;
e) sindética alternativa.

703. Na Manchete de Jornal "Motorista vira porco no telégrafo -a palavra motorista funciona, respectivamente, como:
a) sujeito e aposto;
b) núcleo do sujeito e vocativo;
c) sujeito e núcleo do sujeito;
d) sujeito e agente da passiva;
e) N.R.A.

704. Até o Diabo, quando está satisfeito, é boa pessoa.
Quanto mais próxima está a Europa, mais negra é a noite.
A proporção que os alunos entregavam as provas, o professor as ia corrigindo.
As orações grifadas nos períodos acima classificam-se, respectivamente como orações subordinadas:
a) adverbial temporal – adverbial proporcional – adverbial proporcional;

b) adjetiva restritiva – adverbial proporcional – adverbial proporcional;
c) adjetiva restritiva – adverbial temporal – adverbial proporcional;
d) adverbial temporal – adverbial final – adverbial proporcional;
e) adverbial temporal – adverbial final – adverbial proporcional.

705. Considere a frase "Ele andava triste porque não encontrava a companheira" – os verbos grifados são respectivamente:
a) transitivo direto - de ligação;
b) de ligação - intransitivo;
c) de ligação - transitivo indireto;
d) transitivo direto - transitivo indireto;
e) de ligação - transitivo direto.

706. Indique a única alternativa que não apresenta agente da passiva:
a) A casa foi construída por nós.
b) O presidente será eleito pelo povo.
c) Ela será coroada por ti.
d) O avô era querido por todos.
e) Ele foi eleito por acaso.

707. Em: "A terra era povoada de selvagens", o termo grifado é:
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) agente da passiva;
d) complemento nominal;
e) adjunto adverbial.

708. Em: "Dulce considerou calada, por um momento, aquele horrível delírio", os termos grifados são respectivamente:
a) objeto direto – objeto direto;
b) predicativo do sujeito – adjunto adnominal;
c) adjunto adverbial – objeto direto;
d) adjunto adverbial – adjunto adnominal;
e) objeto indireto – objeto direto.

709. Assinale a alternativa correta: "para todos os males, há dois remédios: o tempo e o silêncio", os termos grifados são respectivamente:
a) sujeito – objeto direto;
b) sujeito – aposto;
c) objeto direto – aposto;
d) objeto direto – objeto direto;
e) objeto direto – complemento nominal.

710. "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto – objeto direto;
b) sujeito – objeto direto;
c) objeto direto – sujeito;
d) sujeito – sujeito;
e) objeto direto – objeto indireto.

711. "Recebeu o prêmio o jogador que fez o gol". Nessa frase o sujeito de "fez" ?
a) o prêmio;
b) o jogador;
c) que;
d) o gol;
e) recebeu.

712. Assinale a alternativa correspondente ao período onde há predicativo do sujeito:
a) como o povo anda tristonho !
b) agradou ao chefe o novo funcionário;
c) ele nos garantiu que viria;
d) no Rio não faltam diversões;
e) o aluno ficou sabendo hoje cedo de sua aprovação.

713. Em: "Cravei-lhe os dentes na carne, com toda a força que eu tinha", a palavra "que" tem função morfo-sintática de:
a) pronome relativo – sujeito;
b) conjunção subordinada – conectivo;
c) conjunção subordinada – complemento verbal;
d) pronome relativo – objeto direto;
e) conjunção subordinada – objeto direto.

714. Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal:
a) a curiosidade do homem incentiva-o a pesquisa;
b) a cidade de Londres merece ser conhecida por todos;
c) o respeito ao próximo é dever de todos;
d) o coitado do velho mendigava pela cidade;
e) o receio de errar dificultava o aprendizado das línguas.

715. Amanhã, sábado, não sairei de casa", a palavra grifada, funciona como:
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) agente da passiva;
d) complemento nominal;
e) aposto.

716. "E não se diga que Mário Quintana haja sido insensível às legítimas exigências da poética contemporânea".
O termo grifado desempenha a função de:
a) objeto direto;
b) sujeito;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) objeto indireto.

717. "O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo"
"O sol brilhou um pouquinho pela manhã"
Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:
a) nominal – verbo nominal;
b) verbal – nominal;

c) verbal – verbo-nominal;
d) verbo-nominal – nominal;
e) verbo-nominal – verbal.

718. É exemplo de predicado verbo-nominal:
a) cuspi no chão com um nojo desgraçado;
b) o corpo me doía todo;
c) Estela se sentou na cama assustada;
d) E ele saiu correndo com os pés descalços;
e) Chico Sena morreu.

719. Em: "o professor entrou atrasado"
a) o verbo é intransitivo e o predicado é nominal;
b) o verbo é transitivo direto e o predicado é verbal;
c) o verbo é de ligação e o predicado é nominal;
d) o verbo é intransitivo e o predicado é verbo-nominal;
e) o verbo é transitivo indireto e o predicado é verbal.

720. Na expressão ". . . chamei Armando Nogueira de carioca . . ." encontramos no predicado pela ordem:
a) objeto direto e objeto indireto;
b) objeto direto e predicativo;
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) objeto indireto e predicativo;
e) objeto direto e adjunto adverbial.

721. "Minha terra é pindorama, de Palmares sempre em flor !
a) o predicado é nominal e o verbo é de ligação;
b) o predicado é verbal e o verbo é intransitivo;
c) o predicado é verbal e o verbo é de ligação;
d) o predicado é verbo-nominal e o verbo é transitivo direto e indireto;
e) o predicado é nominal e o verbo é intransitivo.

722. Assinale a frase em que há sujeito inexistente:
a) compram-se jornais velhos;
b) nada se entendeu de suas palavras;
c) chama-se José o sacerdote;
d) choveu muito tomate aqui;
e) é noite.

723. "Em o Brasil foi descoberto <u>pelos portugueses</u>", o termo grifado é:
a) objeto direto;
b) sujeito;
c) agente da passiva;
d) adjunto adverbial;
e) aposto

724. Em "Nunca, respondeu <u>ela</u> abanando a cabeça", o termo grifado é:
a) objeto direto;
b) sujeito;
c) agente da passiva;
d) adjunto adverbial;
e) aposto.

725. "Amo essas montanhas, <u>uma a uma</u>, com exceção apenas do morro do Cantagalo, cujo volume é desagradável e pesado", o termo grifado é:
a) aposto;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjunto adverbial;
e) predicativo do objeto.

726. Em "Meu maior desejo é <u>que ela volte logo</u>", a oração grifada exerce a função sintática de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo;
e) complemento nominal.

727. Assinale a alternativa em que apareça predicado verbo-nominal:
a) a chuva permanecia calma;
b) a tempestade assustou os habitantes da vila;
c) Paulo ficou satisfeito;
d) os meninos saíram do cinema calados;
e) os alunos estavam preocupados.

728. Na oração "Você ficará <u>tuberculoso</u>, de <u>tuberculose</u> morrerá", as palavras grifadas são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa;
b) objeto direto, objeto indireto;
c) predicativo do sujeito, adjunto adverbial;
d) ambas predicativas;
e) n.d.a.

729. Em: "O Presidente corrupto saiu <u>cedo</u>".
a) o verbo é de ligação, e o termo grifado é núcleo do predicado;
b) o verbo é intransitivo e o termo grifado é adjunto adverbial;
c) o verbo é transitivo direto e o termo grifado é objeto direto;
d) o verbo é intransitivo e o termo grifado é objeto indireto;
e) o verbo é de ligação e o termo grifado é objeto indireto.

730. Na oração "a situação continua indefinida":
a) o verbo é de ligação e o predicado é nominal;
b) o verbo é intransitivo e o predicado é verbo-nominal;
c) o verbo é transitivo direto e o predicado é verbal;
d) o verbo é bitransitivo e o predicado é verbo-nominal
e) o verbo é transitivo direto e o predicado é verbal.

QUESTÕES GERAIS

731.
01. Assinale a opção em que há erro na explicação da palavra grifada.
a) <u>heliofobia</u> - horror a luz do sol;
b) <u>rinalgia</u> - dor no nariz;
c) <u>xilografia</u> - arte de gravar em pedra;
d) <u>etnologia</u>.- estudo das raças;
e) <u>misantropia</u> - aversão à sociedade.

02. O prefixo latino da palavra "desanimado" equivale, pelo sentido, ao prefixo grego da palavra:
a) anfíbio;
b) antítese;
c) anarquia;
d) apótata;
e) anacrônico.

732. A correspondência masculino / feminino está correta, **EXCETO** em:
a) o abade era irmão do maestro. / a abadessa era irmã da maestrina;
b) o píton era uma criatura curiosa. / a pitonisa era uma criatura curiosa;
c) o cônjuge era muito devotado ao filho. /a cônjuge era muito devotada à filha;
d) fez do parente um paspalhão; / fez da parenta uma paspalhona;
e) a vítima era surdo-mudo; / a vítima era surda-muda.

733. O verbo haver está empregado corretamente, **EXCETO** em:
a) há muito anos não se via chuva assim;
b) como podia haver tantos erros em tão pequeno texto:
c) se não der certo, quem vai haver-se comigo é você;
d) tempos houveram em que as pessoas eram mais solidárias;
e) havemos de chegar ao objetivo proposto.

734. Em qual das alterações processadas em - porque espero que não serão as últimas - há inadequação no relacionamento dos tempos verbais?
a) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não sejam as últimas;
b) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não hão de ser as últimas;
c) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não tenham sido as últimas;
d) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não fosses as últimas;
e) dei o nome de PRIMEIROS CANTOS às poesias que agora publico, porque espero que não serem as últimas.

735.
1) Acredito que terá, no máximo trinta anos.
2) Gostaria que me telefonasse, se possível.
3) 1944, junho: as tropas aliadas desembarcam na Normandia.
4) Não se preocupe: Deus é Pai.

A seqüência dos empregos dos tempos verbais sublinhados corresponde, respectivamente à opção:
a) polidez; probabilidade; presente durativo; presente histórico;
b) presente durativo; polidez; presente histórico; probabilidade;
c) presente histórico; presente durativo; probabilidade; polidez;
d) probabilidade; presente durativo; polidez; presente histórico;
e) probabilidade: polidez; presente histórico: presente durativo.

736. "A gente à crença antiga se acostuma".
Assinale a oração subordinada que apresente equivalência com o termo grifado no fragmento acima:
a) consta que ela foi responsável pelo tumulto;
b) ofereceu flores a quem não merecia:
c) finalmente se conheceu a verdade:
d) disse ela que à tarefa se costuma facilmente:
e) estamos conscientes de que a coisa não anda bem.

737. Assinale a concordância inaceitável em relação a norma culta.
a) sou eu que pago;
b) sou eu quem pago;
c) somos nós quem paga;
d) sou eu que paga;
e) sou eu quem paga.

738. Assinale o item em que a expressão grifada apresenta função sintática distinta dos demais.
a) não vimos sair o garotinho:
b) agrediram o jovem os torcedores fanáticos:
c) invadia o nosso lar a luz suave da lua;
d) chamaram tolo o pobrezinho:
e) surpreendeu todos nós a sua ousadia.

739. O pronome **SE** que encontramos em "Foram-se os deuses . . ." tem correspondência em:
a) continuou-se triste por muito tempo;
b) morreram-se todos os sonhos;
c) olharam-se comovidos;
d) só se queixa dela;
e) julgavam-se infelizes.

740. Foi corretamente analisado o elemento sublinhado em:
a) denuncia - DMT presente do subjuntivo;
b) produzissem - radical;
c) surgiam - DNP terceira pessoa do plural;
d) permitem - VT de segunda conjugação;
e) completariam – DMT futuro do pretérito.

741. Assinale a concordância condenada:
a) a maior parte dos escritores escrevem mal;
b) senhor diretor, Vossa Senhoria é muito ilustrada;
c) estávamos com o braço direito e a cabeça imóveis;
d) aqui, o ouro e as fazendas de gado são desejadas;
e) um e outro cão lhe desagrada.

742. Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
Quando _____ mais aperfeiçoado, o computador

certamente ____ um eficiente meio de controle de toda a vida social.
a) estivesse / será;
b) estiver / seria;
c) esteja / era;
d) estivesse / era;
e) estiver / será.

743. Assinale a única alternativa em que há erro de concordância verbal:
a) a maioria das pessoas permaneceu no local;
b) os Estados Unidos reatou relações diplomáticas aquele país;
c) mais de um funcionário conseguiu promoção;
d) ele é um dos alunos que mais se aplicam aos estudos;
e) bastam alguns conselhos para ele desistir do intento.

744. Quando V.Sª. ____ o que _____, todos ____ escutam.
a) diz - pensa - vos;
b) dizeis - pensais - vos;
c) diz - pensa - o;
d) dizeis - pensa - vos;
e) diz - pensais-o.

745. Não contém LOCUÇÃO ADJETIVA:
a) só há tristezas na guerra;
b) vede a majestade do mar;
c) admirai a grandeza do Universo;
d) olha a beleza do céu;
e) fala da situação da economia.

746. DISCURSOU DE IMPROVISO.
O termo grifado é LOCUÇÃO: _____
a) adverbial;
b) conjuntiva;
c) expletiva;
d) adjetiva;
e) prepositiva.

747. Marque a alternativa que indica as posições a serem ocupadas pelos pronomes entre parênteses:
1) Não ____ enviar ___ ao ___ tais mercadorias. (ME)
2) Em ___ tratando ___ de neuróticos, esta deve ser a solução. (SE)
3) Já de pé, ____ banhando ____; ouço a campainha. (ME)
4) Não ____ tinhas falado ____ disto. (ME)
5) ___ vais contar _____ o que se passou. (ME)

a) 1, 1, 2, 1, 2;
b) 1, 1, 1, 1, 1;
c) 3, 1, 2, 2, 1;
d) 1, 2, 1, 1, 2;
e) 2, 1, 2, 2, 2.

748. Assinale a opção em que sujeito e predicado têm uma única possibilidade de concordância, sendo incorreta, portanto, a troca da pessoa ou do número do verbo:
a) a maioria deles vinha devagar;
b) o gesto e as palavras comovem-nos;
c) comovem-nos o gesto e as palavras;
d) quais de nós vínhamos mais devagar;
e) quais de nós vinham mais devagar.

749. Indique o item em que todas as formas estão corretas:
I. Florezinhas, animaizinhos, caracteres, cidadãos, juniores.
II. Coraçõezinhos, capitães, cidadões, cônsules, projeteis.
III. Guarda-civis, guarda-chuvas, difíceis, escrivães, cristãos.
IV. Pãozinhos, revólveres, funis, itens, móveis;
V. Júniors, órgãos, cães, tribunais, tabeliães;
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) V.

750. Assinale a alternativa que contém erro no emprego de pronome:
a) as divergências neste Conselho sempre ocorrem entre mim e ti;
b) os homens sempre levaram consigo a esperança da ressurreição;
c) depois desta prova, quero falar consigo, professor;
d) ele, por bem, tiravam-lhe até as calças;
e) as notas promissórias, entregue-mas assinadas com o contrato.

751. Escolha a alternativa que completa adequadamente os espaços abaixo:
Você não vai conosco? _____ ?
.____ ele não veio?
Não descubro o _____ da atitude do meu pai.
Explique _____ .
Não compreendo _____ motivo não vieram ainda.
Não saia, _____ preciso falar-lhe.
a) por quê, por que, porquê por quê, por que, porque;
b) por que, por quê, porque por quê, por quê, porquê
c) por quê, por quê, porque, porquê, por quê, por quê;
d) por que, porquê, por que, porque, por que, por quê;
e) porque, porque, por quê, por que, por que, porque.

752. Assinale a única alternativa em que há erro quanto ao gênero do substantivo:
a) a cal;
b) o telefonema;
c) a dinamite;
d) a eclipse;
e) o champanhe.

753. Apenas uma das seguintes opções apresenta palavra acentuada graficamente pela mesma razão que a palavra côa:
a) pôde;
b) pólo;
c) pólen;
d) vôo;
e) lêem.

754.
01. Assinale o item que **não** possui o mesmo significado dos demais:
a) o Governo poderá, consoante declaração do Ministro, alterar sua política externa;
b) o Governo poderá em face da declaração do Ministro, alterar sua política externa;

c) o Governo poderá, conforme declaração do Ministro, alterar sua política externa;
d) o Governo poderá, segundo declaração do Ministro, alterar sua política externa;
e) o Governo poderá, em conformidade com declaração do Ministro, alterar sua política externa.

02. Assinale a opção em que a mudança de posição do adjetivo sublinhado acarreta necessariamente alteração de sentido:
a) a boa moça saiu do hospital; / a moça saiu boa do hospital;
b) consideramos exeqüível a tua proposta; / consideramos a tua proposta exeqüível;
c) deixem aberto o portão; / deixem o portão aberto:
d) tudo está diferente; / diferente está tudo;
e) cansado, dirigi-me ao trabalho, / dirigi-me cansado ao trabalho.

03. Assinale a sentença cujo sentido difere substancialmente do das demais:
a) o carro derrapou em razão do estado dos pneus;
b) o carro derrapou em decorrência do estado dos pneus;
c) o carro derrapou a despeito do estado dos pneus;
d) o carro derrapou devido ao estado dos pneus;
e) o carro derrapou em conseqüência do estado dos pneus.

755. Cumpre diferenciar as palavras que indicam quantidade ou intensidade. Umas, de natureza adjetiva (modificam substantivo), são analisáveis como adjuntos adnominais; outras de natureza adverbial (modificam verbo ou adjetivo), são adjuntos adverbiais de intensidade. Aponte, nas alíneas abaixo, onde se grife um adjunto adnominal:
a) falava mais alto, para espantar o próprio medo;
b) tinha bastante tempo para pensar;
c) não quero mais você... ;
d) falou-se muito sobre a conjunto econômico;
e) ela é, certamente, a mais lúcida das mulheres.

756. Assinale a frase que não se completa com a palavra entre parênteses:
a) confio na sua _____ para guardar um segredo; (DISCRIÇÃO)
b) os noivos receberam os _____ na igreja; (COMPRIMENTOS)
c) ele achou melhor _____ o prazo de pagamento; (DILATAR)
d) o _____ ficou engarrafado quase duas horas; (TRÁFEGO)
e) atualmente, chegam muitos _____ italianos a São Paulo. (IMIGRANTES)

757. Assinale a opção em que ocorre uma forma verbal **INACEITÁVEL.**
a) o cientista não interveio nos debates;
b) disseram-me que vários cientistas tinham intervindo nos debates;
c) se o cientista se detiver a observar os fatos, chegará a alguma conclusão;
d) os cientistas só serão compreendidos se exporem suas idéias com clareza;
e) os cientistas requerem condições especiais de trabalho.

758. A separação silábica de: cooperar, caieis, tainha, feldspato, é, respectivamente:
a) coo - pe - rar, caí - eis, tai - nha, feld - spa - to;
b) co - o - pe - rar, ca - í - eis, ta - i - nha; felds - pa - to;
c) coo - pe - rar, ca - í - eis, ta - i - nha, fel - dspa - to;
d) coo - pe - rar, ca - í - eis, tai - nha, fel - dspa - to;
e) co - o - pe - rar, caí - eis, tai - nha, feld - spa - to.

759. Assinale a alternativa em que os três vocábulos, têm o **X** pronunciado, respectivamente como nas palavras: êxito, expectativa, remexe:
a) axortar, êxodo, fluxo;
b) exame, expender, bruxa;
c) asfixia,extirpar, fuxico;
d) exótico, nóxio, exonerar;
e) buxo, exegético, paradoxo.

760. Observe o plural dos compostos:
1) os guardas-chuvas estavam quebrados;
2) foram feitos muitos abaixo-assinados;
3) houve rápidos bate-bocas;
4) as obras-primas do autor estavam expostas;
5) os últimos vice-presidentes foram homens desconhecidos;

a) estão corretos 1 e 3;
b) estão corretos 2 e 4;
c) estão corretos 1, 3 e 5;
d) nenhum está correto;
e) todos estão corretos.

761. A _____ a ser desenvolvida visava à _____ de objetivos bastante _____
a) pesquisa - consecução - pretensiosos;
b) pesquisa - consecussão - pretenciosos;
c) pesquisa - consecucão - pretenciosos;
d) pesquiza - consecução - pretenciosos;
e) pesquiza - consecussão - pretenciosos.

762. A série de palavras, acentuadas por serem paroxítonas, e:
a) cútis, álbuns, caísse, cobrá-lo, fúria;
b) geléia, Áurea, indomável, saída, excluído;
c) comprá-lo, fácil, graúdo, raízes, angústia;
d) grátis, cônsul, estéril, hífen, açúcar;
e) César, moído, ímã, júri, estridência;

763. Assinale o item em que todos os vocábulos estão corretamente grafados:
a) delinqüe - argui - chucro;
b) obsecar - dansa - passoca;
c) ascensão - miçanga - misto;
d) xuxu - briza - prazo;
e) guela - páteo - gorjeta.

764. Substituir o vocábulo sublinhado por (1) ESTE, (2) ESSE ou (3) AQUELE (ou os respectivos femininos).

1) Joaquim e Luís são ótimos estudantes; mas Luís sempre consegue o primeiro lugar;
2) Joaquim e Luís são ótimos estudante mas é Joaquim que sempre consegue o primeiro lugar.
3) Tenho uma fruta comigo. Dou-lhe a fruta.
4) Você tem uma laranja consigo: pode me dar a laranja.

a) 1, 2, 1, 2;
b) 1, 2, 1, 3;
c) 1, 3, 1, 2;
d) 2, 1, 1, 2;
e) 3, 1, 2, 1.

765. Assinale a única alternativa em que há **erro** no emprego das formas **SI / CONSIGO**:
a) Pedro, vá ao gabinete porque o chefe quer falar consigo;
b) ele trazia consigo um mapa da região;
c) ela pensava consigo no que iria fazer;
d) queria a vaga para si;
e) dava tudo de si para o êxito da missão.

766. Os superlativos absolutos sintéticos de: comum, soberbo, fiel, miúdo, são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielíssimo, minúsculo;
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo;
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo;
d) comunérrimo, sobérrimo, filíssimo, miudérrimo;
e) comunérrimo, sobérrimo, filíssimo, minutíssimo.

767. Assinale a alternativa na qual todos os pontilhados possam ser preenchidos pela letra **O:**
a) trib __ , mág __ a, búss __ la, p __ eira;
b) tab __ ada, brux __ lear, lég __ a, c __ biçar;
c) eng __ lir, ming __ a; b __ lir, c __ alhada;
d) ab __ lir, b __ urb __ lhar, m __ leque, c __ chilo;
e) ent __ pir, epíst __ la, caç __ ada, g __ l __ dice .

768. Indique a alternativa em que todos os pontilhados devem ser preenchidos com a letra **J :**
a) o __ eriza, cafa __ este, __ ente, gara __ em;
b) gor __ eta, ultra __ e, la __ es, laran __ eira;
c) man __ ericão, __ eito, here __ e, verti __ em;
d) ti __ ela, en __ eitar, ma __ estade, vir __ em;
e) mon __ e, lambu __ em, boba __ em, can __ ica.

769. Em todas as alternativas as palavras têm o **"O"** pronunciado fechado no plural, **EXCETO** em:
a) esposo – pescoço;
b) estojo – bolso;
c) rogo – esforço;
d) gosto – sogro;
e) adorno – almoço.

PROVAS ANTERIORES:

TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL
AGOSTO DE 1992 – 2º GRAU
ÁREA A – RJ

Leia com atenção o texto abaixo para responder às questões **770** a **772.**

De acordo com dados internacionais, o Brasil, que é a oitava economia mundial, apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais, nos quais os índices de saúde têm peso fundamental. Assim, a idéia do Brasil Grande traz embutido também o tamanho de seus problemas sociais e, em especial, os de saúde, afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma profunda reflexão sobre a iniqüidade em que vive a maioria da população.

É bem verdade que a mortalidade infantil baixou nos últimos anos, estando ao redor de setenta óbitos para cada mil crianças nascidas vivas. no entanto, isso não revela as imensas disparidades regionais, onde esses valores variam de vinte e cinco a quase duzentos, aproximando polarmente o país de outros em extremos de desenvolvimento e de atraso.

Em termos de América do Sul, apenas a Bolívia e o Paraguai apresentam valores piores que o Brasil.

... Outro indicador dramático é a esperança de vida ao nascer. Se a chance média de viver de um habitante da região Sul é de sessenta anos, a de um nordestino é de apenas quarenta e cinco.

A par dessas indignas e inaceitáveis diferenças regionais e sociais, outras questões ainda afligem os brasileiros. Sem que as doenças infecciosas tenham saído das primeiras causas de morte, já lhes fazem companhia doenças cardiovasculares, os cânceres e os acidentes. Isto é, além de ser campeão nas chamadas "doenças da pobreza", o Brasil já disputa espaço entre os países com elevados índices de doenças consideradas "do desenvolvimento", da urbanização.

(Eleutério Rodriguez Neto,"O lucro perverso da doença", publicado em HUMANIDADES, nº 15, 87/88)

770. Aponte o item que apresenta afirmação **falsa** em relação ao correto entendimento do texto.
a) Existe uma situação de desigualdade social no Brasil que penaliza a maior parte de sua população.
b) As estatísticas de saúde no Brasil são compatíveis com a posição que o país ocupa, segundo dados internacionais, na economia mundial.
c) A dimensão grandiosa dos problemas brasileiros na área de saúde inibe qualquer sentimento ou atitude de jactância.
d) O adjetivo da expressão "Brasil Grande" é aplicável à mensuração dos problemas de saúde que cabe ao país solucionar.
e) A idéia de que existem "dois Brasis, um desenvolvido e outro subdesenvolvido" encontra comprovação nas taxas de mortalidade infantil encontradas ao longo do país.

771. Nesta questão, propõe-se a substituição de algumas expressões do texto por outras, em que o sentido original fique prejudicado. Aponte a única substituição que prejudica o sentido original do texto.

SUBSTITUIR	POR:
a) esperança de vida (l. 24 e 25)	expectativa de vida
b) hipótese de ufanismo (l. 8 e 9)	perspectiva de orgulho
c) iniqüidade em que vive a maioria da população (l. 10 e 11)	pauperismo em que vive a maior parte dos brasileiros
d) imensas disparidades regionais (l.16)	dessemelhanças gritantes existentes de uma região para outra
e) elevados índices de doenças consideradas "do desenvolvimento" (l. 37, 38 e 39)	alto número de moléstias tidas como "da riquesa"

772. Baseie-se na compreensão do texto para indicar a afirmativa **falsa**.
a) Em "os de saúde" (l. 08), há elipse da palavra problemas.
b) isso (l.15) se refere ao fato de a média da mortalidade infantil estar ao redor de setenta óbitos por cada mil crianças nascidas vivas.
c) A expressão a par (l. 29) é equivalente semanticamente a de par com.
d) O sujeito de afligem (l. 31) é "os brasileiros" (l.31).
e) lhes (l. 33) refere-se a "doenças infecciosas (l. 32).

773. Assinale o único trecho inteiramente **correto**.
a) As regiões de um país funcionam como os jogadores de um time de futebol. Sempre há um que aparece mais; porém, ele não é nada sem os outros.
b) O país está doente e os sinais confirmam que a cada dia: a fome, a miséria, a corrupção estão cada vez mais piores em todos os setores.
c) O Brasil é um país muito grande, não só em extensão territorial mas em diversidade étinico-cultural.
d) O que seria da música brasileira sem Gil, Caetano, Milton Nascimento, e tantos outros grandes compositores espalhados pelo país à fora?
e) A crise política, econômica e social, afeta interesses de desenvolvimento cultural, de forma à variar as conotações e denotações da linguagem falada e escrita.

774. Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência **correta**.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento sócio-econômico desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do Sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

775. Assinale o segmento que apresenta defeito de estruturação sintática.
a) Ligadas ou não ao mundo oficial, as pessoas envolvidas com a cultura têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar na divulgação das produções literárias mais expressivas.
b) Os escritores têm a consciência de um compromisso com a palavra, com a língua e também com o povo a que estão ligados, que procuram entender e cujo destino preocupa a todos.
c) Tem-se visto que os parlamentares mais ativos, devido à própria evidência a que os expõe a sua produção, atraem incumbências paralelas, como presidências de comissões, lideranças e outras.
d) A escolha da profissão, para os jovens, não é um ato simples, o qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas.

e) Os promotores da nossa cultura devem levar a outros povos o Brasil imaginário, elaborado através de seus poetas, dos seus narradores, e sem o qual o país chamado real é quase como se não existisse.

776. Marque o trecho que contém **erro** quanto à sintaxe de concordância.
a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracias uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado pelos chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados , nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de idéias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

777. Assinale a sentença que contém **erro** na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor." (Extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de idéias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

778. Marque o conjunto de palavras que completam da forma mais adequada as lacunas do texto.

Levo – nesta Meca _____ dos seringueiros – vida _____ e fatigante. Foi um _____ esta parada obrigatória, que não sei até quando se prolongará. Mas resigno-me, bem certo de que a minha boa vontade não afrouxará com _____ e confiante na minha abstinência _____ no reagir ao clima.

(Euclides da Cunha).

a) tumultuária; plácida; mau; tampouco; espartana.
b) movimentada, tormentosa; mau; tampouco; mosástica.
c) tumultuária; perturbada; mal; tão pouco; espartana.
d) tumultuada; tranqüila; erro; tampouco; religiosa.
e) deserta; estática; equívoco; tampouco; monástico.

779. Marque o texto onde ocorre **erro** de pontuação.
a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.
b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua européia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses do nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu com adaptações).

TRE / RJ - OPERADOR DE COMPUTAÇÃO
NOVEMBRO DE 1995 – 2º GRAU

Texto

O REINADO DO TERROR

Sérgio Charlab

Tenho pena do *Unabomber*.

Falo do norte-americano - que já matou três pessoas e feriu outras 26 com cartas-bomba em 17 anos de terror - e não desta tosca versão brasileira. No dia 21 de setembro, os jornais *The New York Times e Washington Post* publicaram 35 mil palavras de um enorme manifesto do *Unabomber* (disponível na Internet a partir de **http;// www.paranoia.com/ coe/resources/fc/fc.html)**, chamado "*Industrial Society and Its Future*". A publicação foi *exigência* dele, que assim se comprometeu a pôr fim às suas bombas.

O *Unabomber* condena a sociedade tecnológica. Para entender sua filosofia, é preciso voltar à Inglaterra do Século 19, entre 1811 e 1816, quando artesãos, especialmente em *Nottingham*, se reuniram e destruíram máquinas têxteis, num movimento que ficou conhecido como *Luddite*. Assim, combatiam a então nascente Revolução Industrial. O*s Luddites* temiam que as máquinas fossem substituir seus empregos.

Como você e eu sabemos, eles estavam certos.

(. . .)

Os argumentos do *Unabomber* são os principais existentes hoje contra a Revolução da Informação que estamos vivendo. É o medo de que a tecnologia apagará algo de fundamental da humanidade. Nossa sociedade está se dividindo em duas classes: a dos que têm habilidade com a tecnologia e a dos que não têm. Os primeiros poderiam transformar-se na classe dominante, mas representam apenas 1%. A maioria, portanto, poderá acabar com este 1% antes que seja dominada. E os *Luddites* de hoje poderão ter mais sucesso do que os do passado.

Eu estaria muito assustado com estas reflexões se não acreditasse que é possível sair desse impasse educando os *Luddites*. Temos feito muito pouco para ensinar as novidades tecnológicas. Usamos jargão, escrevemos sobre Informática em cadernos separados dentro dos jornais e publicamos revistas que são colocadas nas bancas lado a lado com outras da mesma área. Segregamos a informação tecnológica.

É hora de ensinar. Do contrário, corremos o risco de ver cada vez mais bombas explodirem por aí.

(Jornal do Brasil - 10/10/95.)

780. Os jornais "*The New York Times*" e *"Washington Post"* aceitaram publicar o manifesto de *Unabomber*, porque queriam:
a) satisfazer a curiosidade de seus leitores.
b) contribuir para a cessação dos ataques dos terroristas.
c) assumir o risco de serem os destinatários de cartas-bomba.
d) continuar a ser os dois jornais mais importantes dos Estados Unidos.
e) atender às pressões do governo americano na sua tentativa de isolar o terrorista.

781. Pelo texto, pode-se concluir que os *Luddites* de hoje caracteriza-se por:
a) serem opositores à Revolução Industrial.
b) terem fracassado, nessa nova luta reacionária.
c) desistirem de lutar contra a Revolução da Informação.
d) temerem a perda de características humanas por causa da tecnologia recente.
e) quererem evitar a divulgação dos recentes progressos tecnológicos nos órgãos da mídia.

782. O "reinado do terror" faz referência:
a) ao medo da violência da sociedade atual.
b) à sociedade do século 19 e às máquinas modernas.
c) à certeza de que outros *Luddites* não surgirão na sociedade.
d) ao medo de bombas e ao receio de que a tecnologia apague fundamentos da humanidade.
e) ao receio sentido por aqueles que não têm habilidade com a tecnologia diante dos que a têm.

783. Pela leitura do texto conclui-se que:
a) o *Unabomber* ficou conhecido como *Luddite*.
b) os artesãos ingleses queriam preservar suas empresas.
c) as máquinas substituíram os empregos dos *Luddites* do passado.
d) os jornais publicaram um manifesto combatendo tendo a Revolução Industrial.
e) os que têm habilidade com a tecnologia são maioria, na sociedade atual.

784. Para o problema dos *Luddites* de hoje, o autor do artigo crê que a solução é:
a) segregação das informações tecnológicas.
b) uso de um jargão próprio para a nova ciência.
c) ensino, para todos, das novidades tecnológicas.
d) combate aos terroristas mais agressivos, como o *Unabomber*.
e) aparecimento, na sociedade, de outras classes em oposição aos *Luddites*.

785. Das frases abaixo, a que apresenta os pronomes empregados corretamente, de acordo com a regência verbal, é:
a) Já recuperei o material de que você aludiu. Veja o romance de que sempre gosto de ler.
b) Já recuperei o material a que você aludiu. Veja o romance de que sempre gosto de ler.
c) Já recuperei o material cujo você aludiu. Veja o romance de que sempre gosto de ler.
d) Já recuperei o material que você aludiu. Veja o romance a que sempre gosto de ler.
e) Já recuperei o material a que você aludiu. Veja o romance que sempre gosto de ler.

786. Nas frases abaixo, os termos sublinhados foram substituídos por um pronome pessoal. A substituição está **incorreta** na seguinte alternativa:
a) Vou buscar o livro. / Vou buscá-lo.
b) Esqueci o dia do seu aniversário. / Esqueci-o.
c) Eles perderam nossos cartões de inscrição. Eles os perderam.
d) Os operários solicitaram aumento ao diretor . / Os operários solicitaram-no aumento.
e) As autoridades vão manter aquele advogado no cargo. / As autoridades vão mantê-lo no cargo.

787. No último parágrafo do texto a forma verbal *explodirem* (L. 28) está no:
a) infinitivo flexionado;
b) futuro do indicativo;
c) futuro do subjuntivo;
d) imperativo afirmativo;
e) presente do indicativo.

788. O pronome sublinhado **se** indica reprocidade de ação na seguinte frase:
a) Necessita-se de pedreiros.
b) O menino se feriu na mão esquerda.
c) Eles se queixaram ao diretor da escola.
d) Alugam-se apartamentos por temporada.
e) As duas senhoras se abraçaram, alegremente.

789. A alternativa que apresenta **erro** quanto à flexão de número é:
a) mal – males.
b) troféu – troféis.
c) cidadão – cidadãos.
d) charlatão – charlatães.
e) transistor – transistores.

790. Há **erro** no uso das vírgulas, segundo os padrões da língua culta, em:
a) Os primeiros obstáculos, apesar de tudo, foram superados.
b) Ele pertence à classe dominante, mas não partilha de sua ideologia.
c) Escrever programas para computadores, é uma atividade complexa.
d) *Unabomber*, terrorista perigoso, sabe utilizar-se bem dos progressos tecnológicos.
e) Os operários combatiam a Revolução Industrial, embora ela já estivesse vitoriosa.

791. No nosso meio, existem alguns que não se intimidam diante das dificuldades que devam existir em nossa vida.

A alternativa que pode substituir, corretamente, os verbos sublinhados, na frase acima, é:
a) há – possa.
b) hão – possa.
c) há – possam.
d) hão – possam.
e) haverem – podem.

792. Das orações abaixo, aquela em que o verbo pode assumir a forma da voz passiva é:
a) Falo do norte-americano.
b) A publicação foi exigência dele.
c) Eu estaria muito assustado com estas reflexões.
d) O *Unabomber* condena a sociedade tecnológica.
e) Os argumentos do *Unabomber* são os principais existentes hoje contra a Revolução da Informação.

793. A concordância nominal das palavras sublinhadas está correta no seguinte período:
a) Ela mesma não sabia se as cópias deveriam ir anexa ou não ao processo.
b) Ela mesmo não sabia se as cópias deveriam ir anexas ou não ao processo.
c) Ela mesmo não sabia se as cópias deveriam ir anexo ou não ao processo.
d) Ela mesma não sabia se as cópias deveriam ir anexas ou não ao processo.
e) Ela mesma não sabia se as cópias deveriam ir anexos ou não ao processo.

794. Há **erro** uso do pronome relativo sublinhado (preposicionado ou não) na seguinte frase:
a) Eis os computadores de cujos programas dependem de técnicos especializados.
b) Existem pessoas a cujos defeitos todos obedecem.
c) A casa onde moras fica num bairro distante
d) Todos já conhecem a pessoa a quem amas.
e) Quem não quer ajudar não precisa vir.

795. "Se você gostar do espetáculo, bate palmas, grita e faz de conta que ninguém o viu".
Em relação ao emprego correto dos verbos no imperativo afirmativo, pode-se afirmar que se deve usá-los do seguinte modo na frase acima:
a) batam – gritam – façam.
b) bata – grite – faça.
c) bate – grite – faça.
d) bata – grite – faze.
e) bata – grita – faz.

796. De acordo com a norma culta, há **erro** de colocação do pronome oblíquo sublinhado em:
a) Não lhe devo nada.
b) Ele não queria que o vissem.
c) Eles podiam contar-me o segredo.
d) Fizeram-no sair da sala, imediatamente.
e) A carta, ele tinha dado-a ao irmão ontem.

797. Seguem a mesma regra de acentuação gráfica todos os vocábulos da seguinte alternativa:
a) é – aí – até.
b) século – assembléia – café.
c) apagará – têxtil – exigência.
d) destruíram – baía – heroísmo.
e) moléculas – máquinas – órfãos.

798. A alternativa que apresenta **erro** quanto ao emprego da letra **"X"**, em todas as palavras, é:
a) exato, exílio, xícara
b) expiar, expoente, têxtil
c) sexteto, auxiliar, explícito
d) mixto, explêndido, excasso
e) explorar, máximo, extremidade

799. A alternativa em que o a (sublinhado) **não** leva acento grave, indicador de crase, é:
a) Nossos amigos franceses foram a Bahia.
b) O roubo das jóias atribuiu-se a empregada.
c) Próximo a janela, Maria aguardava o carteiro.
d) Escreveu a irmã desejando-lhe um Feliz Natal.
e) Quando fomos a São Paulo os nossos ônibus andaram, rapidamente.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU – RJ (TÉCNICO AGRÍCOLA) - 1990 – 2º GRAU

TEXTO: "O Quinze" **Raquel de Queiroz**

"Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

- Mãezinha, cadê a janta?
- Cala a boca, menino! Já vem !
- Vem lá o quê !...

Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado...

Lembrou-se da rede nova, grande e de listras que comprara em Quixadá por conta do vale de Vicente.

Tinha sido para a viagem. Mas antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, com a barriga roncando de fome.

Estavam já na estrada do Castro. E se arrancharam debaixo dum velho pau-branco seco, nu e retorcido, a bem dizer ao tempo, porque aqueles cepos apontados para o céu não tinham nada de abrigo.

O vaqueiro saiu com a rede, resoluto:

- Vou ali naquela bodega, ver se dou um jeito...

Voltou mais tarde, sem a rede, trazendo uma rapadura e um litro de farinha:

- Tá aqui. O homem disse que a rede estava velha, só deu isso, e ainda por cima se fazendo de compadecido...

Faminta, a meninada avançou; e até Mocinha, sempre mais ou menos calada e indiferente, estendeu a mão com avidez.

Contudo, que representava aquilo para tanta gente?

Horas depois, os meninos gemiam:

- Mãe, tou com fome de novo...

- Vai dormir, dianho! Parece que tá espritado! Soca um quarto de rapadura no bucho e ainda fala em fome! Vai dormir!

E Cordulina deu o exemplo, deitando-se com o Duquinha na tipóia muito velha e remendada.

A redinha estalou, gemendo.

Cordulina se ajeitou, macia, e ficou quieta, as pernas de fora, dando ao menino o peito rechupado.

Chico Bento estirou-se no chão. Logo, porém, uma pedra aguda lhe machucou as costelas.

Ele ergueu-se, limpou uma cama na terra, deitou-se de novo.

- Ah! minha rede! Ó chão duro dos diabos! E que fome!

Levantou-se, bebeu um gole na cabaça. A água fria, batendo no estômago limpo, deu-lhe uma pancada dolorosa. E novamente estendido de ilharga, inutilmente procurou dormir.

A rede de Cordulina que tentava um balanço, para enganar o menino – pobrezinho! o peito estava seco como uma sola velha! - gemia, estalando mais, nos rasgões.

E o intestino vazio se enroscava como uma cobra faminta, e em roncos surdos resfolegava furioso: *rum, rum, rum...*

De manhã cedo, Mocinha foi ao Castro, ver se arranjava algum serviço, uma lavagem de roupa, qualquer coisa que lhe desse para ganhar uns vinténs.

Chico Bento também já não estava no rancho. Vagueava à toa, diante das bodegas, à frente das casas, enganando a fome e enganando a lembrança que lhe vinha, constante e impertinente, da meninada chorando, do Duquinha gemendo:

(Tô tum fome! dá tumê!)

Parou. Num quintalejo, um homem tirava o leite a uma vaquinha-magra.

Chico Bento estendeu o olhar faminto para a lata onde o leite subia, branco e fofo como um capucho...

E a mão servil, acostumada à sujeição do trabalho, estendeu-se maquinamente num pedido... mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante.

A vergonha da atitude nova o cobriu todo: o gesto esboçado se retraiu, passadas nervosas o afastaram.

Sentiu a cara ardendo e um engasgo angustioso na garganta.

Mas dentro da sua turbação lhe zunia ainda aos ouvidos:

'Mãe, dá tumê !...'

E o homenzinho ficou, espichando os peitos secos de sua vaca, sem ter a menor idéia daquela miséria que passara tão perto, e fugira, quase correndo..."

(OUEIROZ, Rachel de. O Quinze. 25. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1879. p. 33-5).

800. Chico Bento apalpava os bolsos porque...
a) lembrou-se da rede nova, grande e de listras;
b) ia sair para a viagem;
c) procurava algum dinheiro;
d) queria comprar uma rede nova em Quixadá;
e) nenhuma das alternativas.

801. No texto existem diferenças entre as falas das personagens e do narrador porque:
a) o autor quis mostrar que alguns deles não sabem falar;
b) a fome faz com que eles mudem seu jeito de falar;
c) o autor quis, através da reprodução da fala, dar mais realismo à história;
d) os personagens estavam cansados;
e) nenhuma das alternativas.

802. No texto existem expressões que nos remetem a uma região de seca. Assinale a alternativa em que todas as palavras possuam relação com estiagem:
a) vaquinha magra, miséria, peito seco, fome;
b) rapadura, rede, litro, leite;
c) meninada, fome, dormir, casas;
d) macia, roncos, surdos, vaca;
e) nenhuma das alternativas.

803. São características mais marcantes de Chico Bento:
a) sujeição e preguiça;
b) preguiça e fome;
c) persistência e orgulho;
d) falsidade e dinamismo;
e) nenhuma das alternativas.

804. Assinale a alternativa em que nenhum vocábulo possua hiato:
a) avançou, raiz, lembrou, diabos;
b) zunia, rasgões, deitou, ficou;
c) peitos, parou, estirou, serviu;
d) rainha, retraiu, sujeição, quase;
e) nenhuma das alternativas.

805. Assinale a alternativa em que todos os vocábulos possuam encontro consonantal:
a) isso, homenzinho, turbação;
b) língua, Cordulina, novamente;
c) branco, Castro, sempre;
d) ardendo, arrancharam, trágica;
e) nenhuma das alternativas.

806. Assinale a alternativa em que todos os vocábulos possuam dígrafos:
a) passara, avançou, mocinha, lhe, enroscava;
b) velha, avidez, trazendo, chão, vintém;
c) correndo, que, resoluto, bolsos, nem;
d) vaqueiro, estrada, antes, apalpava, mãe;
e) nenhuma das alternativas.

807. Em que alternativa todos os vocábulos são paroxítonos?
a) condor, Gibraltar, Nobel, ureter;
b) rubrica, recorde, pudico, tulipa;
c) Gibraltar, ruim, novel, condor;
d) obus, primata, libido, edito;
e) nenhuma das alternativas.

808. Assinale a seqüência que preencha corretamente os vocábulos abaixo:
dis__nteria, mim__ógrafo, qui__eram, ascen__ão, né__io,
a) i, i, z, ç, sc;
b) e, e, s, s, sc;
c) i, e, z, s, ss;
d) e, i, z, s, ss;
e) nenhuma das alternativas.

809. Em que alternativa todos os vocábulos estão acentuados corretamente?
a) eles provêm, eles contém;
b) ele intervém, eles sobrevêm;
c) ele contêm, tu conténs;
d) cortá-lo, partí-lo, vendê-lo;
e) nenhuma das alternativas.

810. Assinale a alternativa em que nenhum vocábulo deva ser acentuado:
a) puni-los, bambus, itens, recorde;
b) misantropo, pudico, dispar, flores;
c) levedo, maquinaria, ruim, refem;
d) bimano, aerolito, eletrodo, pleiade;
e) Madagascar, pudico, polipo, austero.

811. Está correta a seguinte abreviatura:
a) 6h30m (Seis horas e trinta minutos);
b) g (gênero);
c) h (hectare);
d) sr. (senhora);
e) nenhuma das alternativas.

812. Em que alternativa a separação silábica está correta?
a) de-lin-qüi-u;
b) cir-cu-i-to;
c) gua-i-ta-cá;
d) tran-sa-tlân-ti-co;
e) nenhuma das alternativas.

813. Assinale a alternativa em que o emprego do hífen esteja correto:
a) ante-véspera, arqui-diocese, sobre-carta;
b) supra-renal, auto-retrato, extra-terreno;
c) pré-nupcial, extra-oficial, infra-som;
d) pseudo-profeta, semi-deus, proto-mártir;
e) nenhuma das alternativas.

814. Assinale a alternativa correta:
a) nas palavras pobretão e rodovia existem vogais de ligação;
b) a palavra jogador é formada por derivação por sufixação;
c) a palavra alistar é formada por derivação sufixal;
d) a palavra bolada é formada por derivação parassintética;
e) nenhuma das alternativas.

815. Estão flexionados corretamente os seguintes vocábulos:
a) pães, mamões, tecelões, abelhas-mestras;
b) cidadões, mamãos, tabeliães, curta-metragens;
c) verões, alemãos, capitãos, obra-primas;
d) vulcãos, falcãos, índices, cachorros-quentes;
e) nenhuma das alternativas.

816. Obedece às normas gramaticais a frase abaixo:
a) Me Informaram sobre o caminho.
b) Ele não se lembrou das flores.
c) Ele não lembrou-se das flores.
d) Esperamos que cuide-se.
e) nenhuma das alternativas.

817. Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal.
a) Não lhe vi no parque.
b) Lembro-me de você.
c) Lembro de você.
d) Júlia aspirava o emprego citado no anúncio.
e) Nenhuma das alternativas.

818. Qual dos períodos obedece às normas gramaticais?
a) Tenho medo que você não volte.
b) Deixe ela fazer as compras sozinha.
c) Faça ela comprar as flores.
d) Não há dúvida de que João virá.
e) Nenhuma das alternativas.

819. Observe o seguinte período:
"Ele voltou cansado, mas estava feliz". No período citado encontramos:
a) sujeito indeterminado;
b) adjunto adverbial de modo;
c) um predicado verbo-nominal;
d) um predicado verbal;
e) nenhuma das alternativas.

TRE / RJ – ATENDENTE JUDICIÁRIO
NOVEMBRO DE 1995 – 2º GRAU

Texto

VELHOS VÍCIOS

Está anunciada para hoje na Câmara a votação de mais uma Lei Eleitoral. Ainda não é a definitiva, mas outra para atender às conveniências do casuísmo político que o autoritarismo exacerbou. Além do retrocesso, o que se prenuncia como disposição de espírito é assustador. Entre outras barbaridades, fala-se em garantir o anonimato dos doadores de dinheiro para a campanha eleitoral. Reconhecimento legal da corrupção, claro. No primeiro semestre, ninguém acreditaria que a representação política se sentisse mal na eficiência que conquistou com a aprovação das emendas constitucionais e se lançasse de volta aos braços da imagem desacreditada. Deve ter sido por distração.

Tudo que se sabe a respeito da Lei Eleitoral é que as melhores intenções perderam-se no percurso legislativo da matéria. A chegada do projeto ao plenário foi precedida de vozes que trombeteiam exatamente o oposto do indispensável para dotar o país de normas moralizadoras cujo coroamento seria a informatização nacional do pleito e da apuração. Compreende-se que os velhos vícios políticos tenham arautos, mas o entranhável é a ausência de desautorizações frontais a essas provocações.

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Carlos Velloso, é de opinião que a nova lei eleitoral, como está, desacredita os políticos. Cita como exemplo deplorável a iniciativa de transferir para os partidos políticos a indicação dos mesários, retirando da Justiça Eleitoral que a exerce há meio século a prerrogativa de compor com cidadãos as mesas de votação. Falar ao mesmo tempo em informatizar eleições e de ferir aos partidos a escolha dos mesários é fazer pouco dos cidadãos e da consciência política brasileira. Indicação de partidos equivale, na comparação do presidente do TSE, a usar cabritos para tomar conta da horta.

Não há justificativa para o retrocesso eleitoral que ameaça, por dentro, a democracia no Brasil; nos últimos anos a Justiça Eleitoral vem estudando o aperfeiçoamento das normas que regulam os pleitos, com o objetivo de reduzir a margem de fraudes de difícil apuração e, sobretudo, com mínima punição. A comissão de juristas e cientistas políticos, com o que de melhor existe no país, preparou um levantamento completo e fez sugestões animadoras. O Congresso recebeu o material e desconversou. Sabe-se agora, às vésperas da votação, que foi em vão: o desejo de oficializar a corrupção tomou conta da cena política.

Fica difícil acreditar que, depois de tudo que se viu na última eleição (no Rio o pleito para deputado estadual e federal foi anulado), seja considerada digna de debate a proposta para que dinheiro grosso circule por baixo da lei, sem que o candidato ou o doador tenham que declarar a quantia e a procedência. Ou seja: a eleição será uma lavagem de dinheiro da contravenção, da sonegação e do narcotráfico. Pior, em nome da democracia, que ficaria em débito.

(Editorial do **Jornal do Brasil**, setembro 1995.)

820. Segundo o texto, o ponto alto da adoção de normas moralizadoras seria:
a) a votação de mais de uma Lei Eleitoral.
b) a informatização das eleições e da apuração.
c) a indicação dos mesários de forma aleatória.
d) a participação efetiva dos partidos na apuração.
e) a aprovação de diversas emendas constitucionais.

821. De acordo com o texto, o "ministro Carlos Velloso" (L. 15) acredita que a nova Lei se caracteriza por:
a) ser nociva à imagem dos políticos.
b) dotar o país de normas moralizadoras.
c) trombetear o oposto do indispensável.
d) atender às conveniências do casuísmo político.
e) extinguir a corrupção ocupada pela cena política.

822. Ao empregar, como crítica, a imagem "usar cabritos para tomar conta da horta" (L. 22), o editorial traduz, na prática, a seguinte idéia:
a) corruptos podem reabilitar-se, desde que incentivados.
b) os políticos precisam entender melhor os problemas eleitorais.
c) os homens mal-educados não podem ser tomados como modelo.
d) os partidos políticos costumam prejudicar o que já está organizado.
e) pessoas desonestas não devem ser escolhidas para guarda de valores.

823. Os avanços e os velhos vícios na Legislação Eleitoral são o tema do texto. A seqüência que evidencia essa dicotomia é:
a) democracia no Brasil / retrocesso eleitoral.
b) eficiência conquistada / imagem desacreditada.
c) normas moralizadoras / desautorizações frontais.
d) respeito à lei eleitoral / oficialização da corrupção.
e) informatização das eleições / deferimento aos partidos da escolha dos mesários.

824. A frase que fecha o primeiro parágrafo do texto tem, de toda evidência, um caráter do tipo:
a) critico e irônico.
b) político e alienado.
c) normativo e ferino.
d) imparcial e reacionário.
e) assustador e jornalístico.

825. A alternativa que apresenta **erro** quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis - júri.
b) bônus - hífen.
c) ânsia - série.
d) raízes - amável.
e) Anhangabaú - bambú.

826. Alguns tempos do modo indicativo podem ser utilizados com valor imperativo. Está neste caso o verbo sublinhado na seguinte alternativa:
a) Não matarás, diz a Bíblia.
b) Faça logo esse serviço!
c) Saiam logo depois do sinal.
d) Prestem atenção ao que foi dito.
e) Não desçam correndo a escada.

827. A frase em que há **erro** quanto ao emprego do pronomes lhe é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

828. Com relação ao adjetivo sublinhado, há **erro** de concordância nominal em:
a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto usadas.
c) Ele comprou mamões e mangas maduras.
d) As listas de preços seguiam anexas a esta carta.
e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

829. A frase que apresenta **erro** quanto à conjugação do verbo é:
a) A Justiça Eleitoral compôs com cidadãos as mesas de votação.
b) A Justiça Eleitoral comporia com cidadãos as mesas de votação.
c) A Justiça Eleitoral compusera com cidadãos as mesas de votação.
d) A Justiça se fará quando a Justiça Eleitoral compor com cidadãos as mesas de votação.
e) A Justiça se fará quando a Justiça Eleitoral compuser com cidadãos as mesas de votação.

830. O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam "pizza" a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

831. A alternativa que **não** apresenta perfeita concordância quanto à conversão da voz ativa para passiva é:
a) Viram-me / Fui visto.
b) Vamos fazer a lição / A lição vai ser feita por nós.
c) Abri o caderno / O caderno tem sido aberto por mim.
d) Devemos preparar tudo / Tudo deve ser preparado por nós.
e) Meu amigo fazia os trabalhos / Os trabalhos eram feitos por meus amigos.

832. O conectivo sublinhado estabelece uma ligação mal feita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
a) Li este livro, mas não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

833. A alternativa correta quanto à conjugação do verbo sublinhado é:
a) A chegada do projeto detive os políticos.
b) Os políticos desaviram-se por causa das emendas.
c) A comissão de juristas antevira as sugestões animadoras.
d) A emenda contêm margem de fraudes de difícil apuração.
e) O ministro solicitou que o Congresso proposse na decisão.

834. Há **erro** de concordância em relação ao verbo sublinhado em:
a) Grande parte dos jovens desaprovou o orador.
b) Fui eu que joguei o jornal para que ele o pegasse.
c) Choviam reclamações de todos os lados do salão.
d) Ficaremos os alunos e eu à espera do sinal combinado.
e) Embora ninguém notasse, haviam vários erros na tradução.

835. A alternativa em que há **erro** no uso da vírgula é:
a) Fui à Faculdade, não o encontrei, porém.
b) Depois falaram, o professor, os pais, os alunos e o diretor.
c) No dia 15 de novembro, feriado nacional, foi proclamada a República.
d) Pelé, Ministro dos Esportes, está preocupado com a violência nos estádios.
e) Chirac, que é Presidente da França, ainda não suspendeu as experiências nucleares.

836. Está correta a forma verbal grifada na seguinte frase:
a) Só poderemos opinar sobre o filme, se o vermos.
b) Os guardas intervieram na luta entre os assistentes.
c) Os policiais mantiam os ladrões sob a mira dos revólveres.
d) Nós passeiávamos diariamente pelas principais praças da cidade.
e) Embora ele seje considerado inteligente raramente faz boas provas.

837. A letra **"i"** está faltando no seguinte vocábulo:
a) istmo
b) leamos
c) passeata
d) caranguejo
e) passeamos

838. Segue a mesma regra de formação do plural de **cidadão** o seguinte substantivo:
a) botão
b) vulcão
c) cristão
d) tabelião
e) escrivão

839. A grafia da palavra sublinhada está **incorreta** em:
a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretensioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios previlégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

TRT – 17ª REGIÃO – ES
AUXILIAR JUDICIÁRIO-1990 (2º GRAU)

840. Assinale a letra em que aparecem sinônimos das palavras sublinhadas na seguinte frase:
Na entrevista, o empresário ratificou as incongruências do depoimento.
a) retificou – coerências;
b) confirmou – improp riedades;
c) rateou – congriedades;
d) reatou – inconveniências;
e) reabilitou – desproporções.

841. Nas frases abaixo, escreva (1) para sentido próprio e (2) para sentido figurado.
( ) As casa são navios que, enquanto mergulhamos no sono, levantam âncora para a travessia da noite.
( ) Em seus primórdios históricos,os meios de comunicação social apresentavam características elitistas.
( ) Nenhum homem pode assumir completamente a sua modernidade, se primeiro não conhece a tradição de seu passado.
( ) A voracidade envenenou a alma dos homens, apertou o mundo num círculo de ódio e os obrigou a entrar a passos de gansos na miséria.
( ) Os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram e ainda passam os homens.

A seqüência correta dos números nos parêntese é:
a) 1, 2, 2, 1, 2
b) 2, 1, 1, 2, 1
c) 2, 2, 2, 1, 1
d) 1, 1, 1, 2, 2
e) 2, 1, 2, 1, 2

842. Assinale a frase que expressa as mesmas idéias apresentadas no trecho abaixo.
Embora o lixo gerado pelo homem ameace engolfá-lo, outras mudanças, menos drásticas mas igualmente perigosas ao ambiente, são provocadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
a) Apesar de o homem estar sujeito a ameaçar o lixo que ele mesmo fabrica, outras mudanças menos decisivas mas igualmente perigosas ao ambiente, são realizadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
b) Porque o homem está empenhado em gerar mais lixo do que o quantitativo atual, outras mudanças, menos fortes mas igualmente perigosas ao ambiente, são ocasionadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
c) Conquanto o homem esteja ameaçado de sufocar-se no lixo que ele próprio produz, outras mudanças, menos violentas mas que oferecem igual perigo ao ambiente, são causadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
d) Ainda que o homem esteja no auge da ameaça contra o lixo, outras mudanças, menos ativas mas igualmente perigosas ao ambiente, são promovidas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.
e) Como o homem encontra-se no apogeu da campanha contra a desintegração do lixo, outras mudanças, menos eficazes mas igualmente perigosas ao ambiente, são desencorajadas pelos esforços de produção de alimentos e exploração de recursos naturais.

843. Assinale as palavras que preenchem, corretamente, as lacunas da seguinte frase:
A tua _____ é sempre um _____ na conquista de novas amizades.
a) indiscreção – impecilho;
b) indiscrição – empecilho;
c) indescrição – empecílio;
d) endiscrição – impercílio;
e) endiscreção – empercilho.

844. Assinale a frase em que as duas palavras sublinhadas apresentam, respectivamente, o seguinte:
- grafia <u>incorreta</u>
- emprego <u>incorreto</u> quanto ao significado.
a) O <u>pretensioso</u> senhor esbanjava <u>vultosas</u> quantias em dólar.
b) Todos sabiam que o <u>reflorescimento</u> do matagal era <u>iminente</u>.
c) <u>Endossou</u> as opiniões do amigo para <u>expiar</u> sua desconsideração.
d) Promover a <u>ascenção</u> a altos cargos é a <u>intensão</u> da nova diretoria.
e) Com <u>exceção</u> dos secretários, todos <u>infringiram</u> as ordens do diretor.

845. Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica.
Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.
a) mui-to / su-sci-tar
b) saú-de / so-cie-da-de
c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de
d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais
e) in-te-res-se / a-tual-men-te

846. Assinale o item no qual os prefixos sublinhados <u>não</u> têm o mesmo <u>sentido</u>.
a) carta <u>a</u>nônima – homem <u>in</u>capaz
b) <u>hemis</u>fério sul – raiz <u>semi</u>morta
c) nuvem <u>diá</u>fana – película <u>trans</u>lúcida
d) rua <u>para</u>lela – autor <u>con</u>temporâneo
e) <u>peri</u>metro urbano – área <u>circun</u>vizinha

847. Nas frases abaixo, escreva (1) para as formas verbais corretas e (2) para as incorretas.
( ) Nós vimos ontem do pantanal.
( ) Vós rides de mim sem motivo.
( ) Mesmo assim tu me respondestes.
( ) Sempre requeiro os meus direitos.
( ) Esteje pronto às vinte e duas horas.

A seqüência correta dos números nos parênteses é.
a) 2, 2, 2, 1, 1
b) 1, 2, 1, 2, 1
c) 2, 1, 2, 1, 2
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 2, 1, 1, 2, 1

848. Assinale a frase que expressa a afirmativa verdadeira sobre os verbos do seguinte texto:
Sabíamos ser alegres, mas não tanto que ofendêssemos os tristes; e em nossa tristeza havia suavidade, porque éramos pacientes e compreensivos. Acreditávamos nos valores do espírito; e neles fundávamos a nossa grandeza é o nosso respeito. Mesmo quando não tínhamos muito, sabíamos partilhar o que tivéssemos.
a) Todos os verbos estão em formas nominais.
b) Todos os verbos estão em tempo do pretérito do indicativo.
c) Há verbos em tempo do pretérito e do presente do indicativo.
d) Há verbos em tempo do pretérito e do presente do subjuntivo.
e) Há verbos em formas nominais e formas flexionadas do tempo pretérito.

849. Assinale a frase em que o pronome possessivo foi usado **<u>incorretamente</u>**.
a) Vossa Senhoria trouxe seu discurso e os documentos indeferidos?
b) Vossa Reverendíssima queira desculpar-me se interrompo vosso trabalho.
c) Voltando ao Vaticano, Sua Santidade falará a fiéis de várias nacionalidades
d) Informamos que Vossa Excelência e seus auxiliares conseguiram muitas adesões.

e) Sua Excelência, o Sr. Ministro da Justiça, considerou a medida inconstitucional.

850. Assinale a opção em que a palavra sublinhada está empregada **incorretamente**.
a) Durma cedo, senão acordará tarde amanhã.
b) Mal começou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que há cinco anos ganhou na loteria.
d) Estava mau informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje a dois meses pedirei novo empréstimo.

851. Assinale a opção que completa, corretamente, as lacunas das seguintes frases:
Neste carro _____ dezesseis latas de tinta.
Poucos dias antes, _____ de três empregados.
Certamente, _____ muitas reclamações na reunião.
Qual de vocês _____ coragem para isto?
a) couberam / precisava-se / haverá / tem;
b) coube / precisava-se / haverão / têm;
c) couberam / precisavam-se / haverão / tem;
d) coube / precisa-se / haverá / têm;
e) couberam / precisavam-se / haverá / têm;

852. Quanto à concordância verbal escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.
( ) Aquele romance foi um dos que mais me agradaram.
( ) Não se ouvia murmúrios no salão de festas.
( ) Se não me engano, faz dois anos hoje que fui contratado.
( ) Durante a reunião, falou o diretor, o secretário e o motorista.
( ) Que seria de nós se não fosse os amigos?

A seqüência correta dos números nos parênteses é
a) 1, 2, 1, 1, 2
b) 1, 2, 2, 2, 1
c) 2, 1, 2, 2, 1
d) 1, 1, 1, 2, 2
e) 2, 2, 2, 1, 1

853. Assinale a oração que apresenta regência nominal **incorreta**.
a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Estava inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

854. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.
( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tentamos convencê-lo que tudo era imaginação.

A seqüência correta dos números nos parênteses é:
a) 1, 1, 1, 2, 2
b) 2, 2, 2, 1, 1
c) 2, 1, 1, 2, 1
d) 1, 2, 2, 1, 2
e) 1, 2, 1, 2, 1

855. Assinale o período em que a oração sublinhada indica a conseqüência do que foi declarado na oração anterior.
a) Compareceram ao encontro, conforme haviam combinado.
b) Esperamos o resultado dos exames, embora nos pareça muito demorado.
c) Falou mais alto, afim de que todos o ouvissem melhor.
d) As casas ficaram alagadas, porque a chuva foi muito intensa.
e) trabalha tanto, que não dispõe de tempo para o lazer.

856. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:
Um homem condenado __ ignorância é alguém ___ quem foi roubada uma parte do seu direito ___ vida.
a) à – a – à
b) a – à – a
c) à – a – a
d) a – à – à
e) a – a – à

857. Assinale a frase em que o acento indicador da crase foi usado **incorretamente**.
a) A obstinação à qual sacrificou a juventude não o persegue mais.
b) Sentavam-se nas pedras do caminho à espera da comitiva do peão.
c) Na imaginação, porém, ele voltava àquele mundo de sonho e fantasia.
d) Depois de refletir, dirigi-me, decididamente, à casa do meu amigo.
e) Tenho certeza de que os documentos não fazem referência à nada do que dizes.

858. Assinale a frase em que faltam vírgulas.
a) Quem sabe se os dois tinham uma receita de felicidade?
b) Seria inútil explicar-lhe que um celeiro de brejo não tem preço.
c) Boa distração a gente sonhar construir castelos arquitetar episódios romances.
d) As pessoas distantes atingiram essa altura desolada em que papel e tinta nada significam.
e) A lembrança dele é grata aos que conheceram os últimos dias de glória dos teatros do interior.

859. Assinale a frase em que a pontuação está **incorreta.**
a) E ficou de olhos abertos, concentrado esperando, que o dia nascesse e seus mortos, partissem.
b) Tomado de surpresa, fico imóvel, e somos como um feliz, ainda que insólido, casal de namorados.
c) O escuro da garagem reteve-as por alguns momentos, até que a vencedora emergiu,vagarosa, arquejante.
d) É bom que um homem, vez por outra, deixe o litoral misterioso e grande, querendo contemplar uma lagoa.

e) Pegou o telefone, deu instruções à companhia, acrescentando com meio desprezo: o que tem mais aqui é livro.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONCEIÇÃO DE MACABU
TÉCNICO AGRÍCOLA / ABRIL DE 1995 – 2º GRAU

Texto
DECADÊNCIA E ESPLENDOR DA ESPÉCIE

Não sei o que terá acontecido com a espécie humana.

Esta ausência de pêlos... Para os outros mamíferos a nossa nudez pode parecer repugnante como, para nós, a nudez dos vermes.

E, depois, a nossa verticalidade é antinatural. Estas mãos pendendo, inúteis, são ridículas como as dos cangurus sentados.

Se fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza e, sem a atual tendência à adiposidade, poderíamos ser quase tão belos como cavalos.

Felizmente, inventou-se a tempo o vestuário, que, pela variedade e beleza (a par de sua utilidade em vista do fatal desabrigo em que ficamos), redime um pouco esta degenerescência.

E acontece que inventamos também o mobiliário, os utensílios: no caso vigente, esta cadeira em que escrevo sentado a esta mesa, à luz artificial desta lâmpada.

E ainda este ato de escrever, isto é, de expressar-me por meio de sinais gráficos, é mais uma prova da nossa artificialidade.

Mas quem foi que disse que eu estou amesquinhando a espécie? Quero apenas significar que, em face das suas miseráveis contingências, o homem criou, além do mundo natural, um mundo artificial, um mundo todo seu, uma segunda natureza, enfim.

O homem, esse mascarado ...

(Mário Quintana. Caderno H, Porto Alegre, Globo, 1977.)

860. A alternativa que mostra o homem como um animal especial é a:
a) "ausência de pêlos" (L. 3), a "nudez" como a "dos vermes" (L. 4)
b) inutilidade das mãos, tal "como as dos cangurus" (L. 9)
c) "variedade e beleza" do vestuário por ele inventado (L. 15)
d) comunicação e expressão "por meio de sinais gráficos" (L. 24)

861. ... "o homem criou, além do seu mundo natural, um mundo artificial, um mundo todo seu, uma segunda natureza, enfim". O que provocou isto foi sua:
a) miserável contingência.
b) antinatural verticalidade.
c) repugnante degenerescência.
d) atual tendência à adiposidade

862. Segundo o texto, a segunda natureza do homem é a:
a) transmissão da cultura;
b) utilidade do mobiliário;
c) variedade do vestuário;
d) invenção dos utensílios.

863. O autor diz: "O homem, esse mascarado ..." A alternativa que sintetiza, no texto, esta colocação é:
a) ..."um mundo artificial, um mundo todo seu ..."
b) "E, depois, a nossa verticalidade é antinatural."
c) ..."escrevo sentado a esta mesa, à luz artificial desta lâmpada."
d) "E, acontece que inventamos também o mobiliário, os utensílios"...

864. A norma culta da língua dá uma classificação para pêlos/pelos. Esta classificação também é aceita para:
a) emigrar / imigrar;
b) apreçar / apressar;
c) despensa / dispensa;
d) cavaleiro / cavalheiro.

865. A acentuação da palavra "degenerescência" (L. 18) segue a mesma regra de acentuação da seguinte palavra:
a) poderíamos;
b) espécie;
c) gráfico;
d) pêlos.

866. "Se fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza ..." (L. 10 e 11)
O período que passa a mesma idéia é:
a) Embora fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza.
b) Para que fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza.
c) Enquanto fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza.
d) Contanto que fôssemos veludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza.

867. "Não sei o que <u>terá acontecido</u> com a espécie humana" (L. 1)
O tempo verbal grifado no período acima expressa o fato como:
a) ordem atenuada;
b) verdade universal;
c) possibilidade no passado;
d) tomado como certo posteriormente.

868. "Não sei o que terá acontecido com a espécie humana" (L. 1)

No período acima a oração grifada tem como sujeito:

a) eu;
b) que;
c) a espécie;
d) com a espécie humana.

869. "E ainda este ato de escrever, isto é, de expressar-me por meio de sinais gráficos, é mais uma prova da nossa artificialidade".

Neste trecho, os termos sublinhados são reconhecidos, respectivamente, como:

a) pronome demonstrativo / pronome demonstrativo / conjunção.
b) pronome possessivo / pronome relativo / conjunção.
c) pronome demonstrativo / pronome pessoal / advérbio.
d) pronome possessivo / pronome pessoal / advérbio.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS

ASSESSOR ADMINISTRATIVO - JUNHO DE 1995 – 2º GRAU

Texto

VOCAÇÕES

Todos diziam que a Leninha, quando crescesse, ia ser médica. Passava horas brincando de médico com as bonecas. Só que, ao contrário de outras crianças, quando largou as bonecas não perdeu a mania. A primeira vez que tocou no rosto do namorado foi para ver se estava com febre. Só na segunda é que foi carinho. Ia porque ia ser médica. Só tinha uma coisa. Não podia ver sangue.

"Mas, Leninha, como é que . . ."

"Deixa, que eu me arranjo."

Não é que ela tivesse nojo de sangue. Desmaiava. Não podia ver carne malpassada. Ou ketchup. Um arranhãozinho era o bastante para derrubá-la. Se o arranhão fosse em outra pessoa ela corria para socorrê-la – era o instinto médico –, mas botava o curativo com o rosto virado.

"Acertei ? Acertei ?"

"Acertou o joelho. Só que é na outra perna !"

Mas fez o vestibular para a medicina, passou e preparou-se para começar o curso.

"E as aulas de Anatomia, Leninha? Os cadáveres ?"

"Deixa que eu me arranjo."

Fez um trato com a Olga, colega desde o secundário. Quando abrissem um cadáver, fecharia os olhos. A Olga descreveria tudo para ela.

"Agora estão tirando o fígado. Tem uma cor meio ..."

"Por favor. Sem detalhes."

Conseguiu fazer todo o curso de medicina sem ver uma gota de sangue. Houve momentos em que precisou explicar os olhos fechados.

"É concentração, professor."

Mas se formou. Hoje é médica, de sucesso. Não na cirurgia, claro. Se bem que chegou a pensar em convidar a Olga para fazerem uma dupla cirúrgica, ela operando com o rosto virado e a Olga dando as coordenadas.

"Mais para à esquerda... Aí. Agora corta !"

Está feliz. Inclusive se casou, pois encontrou uma alma gêmea. Foi num aeroporto. No bar onde foi tomar um cafezinho enquanto esperava a chamada para o embarque puxou conversa com um homem que parecia muito nervoso.

"Algum problema?" – perguntou, pronta para medicá-lo.

"Não" – tentou sorrir o homem. "É o avião..."

"Você tem medo de voar?"

"Pavor. Sempre tive."

"Então por que voa?"

"Na minha profissão é preciso"

"Qual é a sua profissão?"

"Piloto."

Casaram-se uma semana depois.

(Luís Fernando Veríssimo)

870. O par de palavras que serve para caracterizar Leninha é:
a) dedicada / fútil
b) frívola / piedosa
c) violenta / ansiosa
d) ingênua / revoltada
e) consciente / solidária

871. Leninha difere dos outros médicos por **não** possuir:
a) frieza;
b) destreza;
c) inteligência;
d) descontrole;
e) complacência;

872. Apesar dos problemas que Leninha apresentava, pode-se afirmar que, realmente, a medicina era a sua prioridade. Isto pode ser confirmado quando:
a) despreocupa-se com os cadáveres, dizendo que se arranjaria.
b) corre para socorrer uma pessoa apenas arranhada.
c) toca no rosto do namorado para ver se tem febre.
d) sabe que qualquer arranhãozinho a derrubava.
e) pensa em fazer dupla cirúrgica com Olga.

873. Na situação em que Leninha se encontrava, a explicação para os olhos fechados pareceu:
a) inútil, pois o professor já percebera tudo;
b) infrutífera, pois ficaria sem solução o problema;
c) deboche, a fim de se mostrar para Olga e a turma;
d) proveitosa, porque assim deixaria de assistir à aula;
e) revolta, por desconhecer o que estava sendo explicado.

874. "Carne malpassada / /ketchup/ arranhão /cadáveres". Esta série de palavras, em relação à Leninha pode ser traduzida como:
a) temor exagerado;
b) perda da consciência;
c) descontrole emocional;
d) materialização dos temores;
e) valorização dos dados emocionais.

875. Na vida acadêmica de Leninha, o papel de Olga foi ser:
a) simples coadjuvante;
b) apenas porta-voz das ocorrências;
c) de grande importância como orientadora;
d) portadora dos sentidos que a amiga se negava a usar;
e) assessora dos mestres, acrescentando o necessário para ajudá-la.

876. No campo conotativo do comportamento de Leninha, o inaceitável é:
a) o despistamento na aula;
b) a visão da gota de sangue;
c) o encontro do aeroporto;
d) o homem muito nervoso;
e) o trato feito com Olga.

877. Leninha, como médica, **não** deve entender de:
a) pneumonia
b) paraplegia
c) hemofilia
d) filologia
e) epilepsia

878. O texto, com o final feliz de Leninha, prova que, no fundo, a vida dela constituiu-se de:
a) certezas;
b) tristezas;
c) virtudes;
d) dúvidas;
e) angústias.

879. Nas passagens do texto listadas abaixo, a identificação do falante, está correta em:
a) "Mas Leninha, como é que . . ." - (L. 6) - namorado de Leninha.
b) "Acertou o joelho. Só que é na outra perna!" - (L. 12) - Leninha.
c) "Por favor. Sem detalhes" - (L. 19) - professor.
d) "Mais para a esquerda ... Aí. Agora corta!" - (L. 26) – Olga.
e) "Qual é a sua profissão?" - (L 36) - homem do bar, futuro marido de Leninha.

880. O vocábulo um/uma pertence à mesma classe de palavras no seguinte par:
a) Um arranhãozinho (L. 9) / um cafezinho (L. 28);
b) Fez um trato (L. 16) / Só tinha uma coisa (L. 4);
c) uma alma gêmea (L. 27) / uma semana depois (L. 38);
d) um cafezinho (L. 28) / uma semana depois (L. 38);
e) um homem (L. 29) / Só tinha uma coisa (L. 4).

881. Os parônimos abaixo foram empregados corretamente em:
a) Tome acento na sala / Use este assento na palavra
b) Usa de descrição em suas perguntas / Discreva-me sua casa.
c) O fuzível do assassino é importado / Este fuzil não agüenta a carga.
d) É bom imergir logo daí / Vai emergir a uma profundidade pequena.
e) É um motivo justo de um incipiente / Só um insipiente usaria tal argumento.

882. Por causa do uso do cachimbo parecia um aleijado.
A função sintática da palavra sublinhada no período acima é:
a) complemento nominal
b) adjunto adnominal
c) adjunto adverbial
d) objeto indireto
e) sujeito

883. A alternativa em que há erro na análise mórfica do elemento sublinhado é:
a) sentávamos (desinência modo-temporal)
b) partiam (desinência número-pessoal)
c) cafeteira (consoante de ligação)
d) cantos (desinência de número)
e) gasômetro (vogal temática)

884. O emprego da crase é desnecessário em:
a) Seu descuido foi atribuído a fadiga que o acompanha nesta excursão.
b) Era favorável as pesquisas de campo feitas pela universidade.
c) Ficou bom tempo a espera de recursos para sua empresa.
d) Perguntei a Sua Alteza quando abdicaria do trono.
e) Fará um filme a moda de Carlitos.

885. A palavra que **não** apresenta mudança de vogal tônica na formação de seu plural é:
a) osso;
b) tijolo;
c) bolso;
d) posto;
e) miolo.

886. A palavra sublinhada está **incorretamente** usada em:
a) É evidente, sabemos por que ele falou.
b) Deixou o time porquê perdeu o jogo.
c) Decida-se porque o ano vai acabar.
d) Por que razão ela se alegrou tanto?
e) Não me disse o porquê do filme.

887. O mapa-múndi ficará exposto na sala. A palavra que faz o plural da mesma forma que o substantivo composto da frase é:
a) A salve-rainha é sua oração preferida.
b) O banho-maria cozinhará os legumes.
c) Por pouco-caso isto não irá adiante.
d) Este bem-te-vi é de difícil trato.
e) Com guarda-chuva não sairei.

888. A concordância verbal que a norma culta da língua **não** aceita está na seguinte frase:
a) As Minas Gerais geram conflitos.
b) Mais de um político foi escolhido.
c) Deu seis horas no relógio da sala.
d) Faz muitos meses que ela viajou.
e) Fui eu quem sentiu a dúvida.

889. Em: Decidi que não seria justo que o resultado saísse hoje, as orações subordinadas substantivas do período são, respectivamente, classificadas como:
a) completiva nominal / predicativa.
b) objetiva indireta / objetiva direta.
c) subjetiva / completiva nominal.
d) predicativa / objetiva indireta.
e) objetiva direta / subjetiva.

TRE / RJ - AGENTE DE SEGURANÇA JUDICIÁRIA
NOVEMBRO DE 1995 – 2º GRAU

Texto

HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO
(Fragmento)

Stanislaw Ponte Preta

A coisa começou no século XVI, pouco depois que Pedro Álvares Cabral, rapaz que estava fugindo da calmaria, encontrou a confusão, isto é, encontrou o Brasil. Até aí não havia Rio de Janeiro.

Depois em 1512 – segundo o testemunho ocular de Brício de Abreu – rapazes lusitanos que estavam esquiando fora da Barra, descobriram uma baía muito bonita e, distraídos que estavam, não perceberam que era baía. Pensaram que era um rio e, como fosse janeiro, apelidaram a baía de Rio de Janeiro. Eis, portanto, que o Rio já começou errado.

Passaram-se os anos, os portugueses não deram muita bola pra descoberta, e vieram uns franceses intrusos e se alojaram na baía. Foi então que os portugueses abriram os olhos e, ao mesmo tempo, abriram fogo contra o invasor, chefiados por um destemido cavalheiro que atendia pelo nome de Estácio de Sá (onde mais tarde se fundaria a primeira escola de samba, mas isso foi depois). Estácio era sobrinho de Mem de Sá, ex-governador geral e primo de Salvador de Sá, que mais tarde viria a governar a cidade. É interessante notar que, muito tempo depois, quem descer pela Rua Mem de Sá, vai dar na Rua Salvador de Sá que, por sua vez, passa pelo Largo do Estácio, também de Sá.

Quando os comandados de Estácio de Sá iniciaram a batalha contra os franceses, a coisa foi dura e só se resolveu numa derradeira batalha travada na Praia de Uruçumirim. Para vencer tiveram de suar a camisa e é por isso que, mais tarde, a Praia de Uruçumirim ficou sendo a Praia do Flamengo, o

célebre Flamengo que, por tradição, sua a camisa até hoje. Isso aconteceu aí pelo ano de 1567 e estava fundada a cidade do Rio de Janeiro, a mesma que
25 viria a ser, em 1763, capital do vice-reinado, e depois capital da República dos Estados Unidos do Brasil.

A cidade foi construída sobre alagadiços e a brava gente, que a construiu, secou tão bem os alagadiços que até hoje está faltando água. Quando, em 1763, foi considerada capital do vice-reinado, a cidade tinha somente 30
30 mil habitantes natos e mais, naturalmente, o Brício de Abreu, que não nasceu aqui, mas em Paris, de onde veio ainda pequenino no vapor "Provence".

Daí por diante o Rio de Janeiro foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo e ... pimba! estourou. E, como tudo que estoura, abriu buraco pra todo o lado.

890. Segundo o texto, o Rio de Janeiro já "*começou errado*" (L. 8), devido ao seguinte fato:
a) Os franceses não souberam manter a cidade sob seu domínio.
b) Desde o início os portugueses não queriam colonizar o Brasil.
c) Os "rapazes lusitanos" vieram ao país para praticar esportes aquáticos.
d) O nome da cidade se originou de um engano na classificação do acidente geográfico.
e) Pedro Álvares Cabral queria descobrir minas de ouro e prata e não acidentes geográficos.

891. O autor se refere ao cavalheiro Estácio de Sá como:
a) visitante nada corajoso, que combateu os portugueses.
b) fundador da primeira escola de samba com seus comandados.
c) fugitivo, junto aos portugueses, que eram espertos e lutadores.
d) Governador Geral, primo de Mem de Sá e sobrinho de Salvador de Sá.
e) chefe dos portugueses que, suando a camisa, venceram os franceses.

892. A expressão "testemunho ocular" (L. 4), indica o depoimento ou a declaração de alguém que:
a) estudou bastante a História do Brasil.
b) resolveu participar da exploração das terras brasileiras.
c) observou o episódio descrito no texto com os próprios olhos.
d) espreitava as crueldades praticadas pelos invasores estrangeiros.
e) pesquisou tudo o que foi escrito sobre os primeiros portugueses no país.

893. Pela leitura do texto, conclui-se que a cidade do Rio de Janeiro foi fundada quando:
a) os franceses se alojaram na baía.
b) os lusitanos esquiavam fora da Barra, em 1512.
c) a calmaria e a confusão afugentaram Cabral.
d) os portugueses venceram os invasores franceses.
e) os portugueses abriram os olhos para as advertências de Estácio de Sá.

894. De acordo com o texto, o Rio de Janeiro tem "buraco pra todo lado". A razão desse fato é que:
a) a cidade cresceu, cresceu, cresceu e estourou.
b) a água existente nos alagadiços ainda é procurada.
c) a culpa é dos alagados onde a cidade foi construída.
d) a batalha ocorrida na praia de Uruçumirim provocou essa situação.
e) as obras para preparar a fundação da cidade, em 1567, geraram esse problema.

895. Várias relações são estabelecidas no texto, isto é, certas palavras estão associadas a outras de um modo evidente. A relação que o texto **não** comprova é:
a) Salvador de Sá - governo da cidade.
b) Praia do Flamengo - clube Flamengo.
c) Praia de Uruçumirim - Praia do Flamengo.
d) Estácio de Sá - comandante dos franceses.
e) Largo Estácio de Sá - fundação da 1ª escola de samba.

896. No seu sentido figurado, a expressão "suar a camisa" (L. 21) exprime a seguinte idéia:
a) valorizar o trabalho e não o lazer.
b) transpirar muito durante o trabalho.
c) obter algo à custa de grande esforço.
d) criar dificuldades na obtenção de prêmios.
e) enfatizar o valor ético das atividades esportivas.

897. A alternativa que apresenta **erro** quanto à acentuação gráfica, em um dos vocábulos, é:
a) céu - jóia.
b) juíz - país.
c) abençôo - vôo.
d) ótimo - máximo.
e) também - parabéns.

898. A concordância do verbo sublinhado está **incorreta** em:
a) Amanhã eu e você iremos ao Maracanã.
b) O rapaz era um dos que mais reclamavam.
c) Houve muitas dúvidas sobre aquela questão.
d) Falta cinco minutos para o começo da prova.
e) Mais de um candidato tinha chance de obter o emprego.

899. Das frases abaixo, a que apresenta os dois verbos empregados corretamente é:
a) Se ele pôr o curativo, ficará bom.
b) Se eu vir João, entregar-lhe-ei o cheque.
c) Se Pedra ir pela sombra, não ficará suado.
d) Se você manter a palavra, seu filho o respeitará.
e) Se o médico vir hoje ao consultório, entregue os exames.

900. Em relação à flexão verbal, há **erro** na forma sublinhada na seguinte alternativa:
a) Quem quiser poderá concorrer.
b) Eu não poderia fazer mais nada.
c) Se eles forem ao cinema, me chamarão.
d) Até prova em contrário, eles crêm em tudo.
e) Os candidatos trouxeram os documentos necessários para a inscrição.

901. A alternativa que apresenta **erro** em relação à regência verbal é:
a) Filhos, nós amamos-lhes muito.
b) Nós aspiramos a um bom cargo.
c) Eu lhe darei toda minha herança.
d) Faz três anos que não vejo você.
e) Ontem, assistimos a um belo espetáculo.

902. A grafia da palavra sublinhada esta **incorreta** em:
a) O time jogou mal no primeiro tempo.
b) Ele não tem jeito para essa profissão.
c) Temos de analisar a nova política salarial.
d) O pai estava preucupado com a conduta do filho.
e) Hoje não haverá sessão na Assembléia Legislativa.

903. A alternativa que está em desacordo com a norma culta, em relação à concordância nominal, é:
a) As concordâncias verbal e nominal já estão inclusas no programa.
b) A Manchete publicará duas edições extras sobre o carnaval.
c) Não estava registrada na agenda sua viagem.
d) As candidatas chegaram juntas ao trabalho.
e) O professor enviou anexo a pauta final.

904. "Os jogadores da seleção brasileira fizeram um treino tático ontem."
Se na frase acima a palavra ontem for substituída pela expressão na próxima semana, a forma verbal correta será:
a) faria.
b) farão.
c) fazerem.
d) têm feito.
e) tinham feito.

905. A alternativa que apresenta **erro** quanto à conversão da voz ativa para a passiva é:
a) Condenaram-me / Fui condenado.
b) Li o jornal / O jornal tem sido lido por mim.
c) Fizemos as compras / As compras foram feitas por nós.
d) Papai consertou o relógio / O relógio foi consertado por papai.
e) Bernardo já fez os deveres / Os deveres já foram feitos por Bernardo.

906. Há **erro** no emprego do acento grave indicativo da crase no a (sublinhado) da seguinte frase:
a) Nas férias irei à Portugal.
b) O carro se dirigia à Tijuca.
c) Eles só vão à missa aos domingos.
d) Depois fizeram referência à filha do vizinho.
e) Graças à ajuda de todos, ela conseguiu superar a crise.

907. Em relação à colocação do pronome oblíquo, a alternativa correta, segundo a norma culta, é:
a) Colocarei-te na primeira fila.
b) Os alunos não viram-no, ainda.
c) O resultado do exame agradou-me.
d) Ninguém deu-me notícias da operação do João.
e) Quem visitou-me quando eu estava dormindo?

908. Há **erro** na flexão do plural do seguinte substantivo:
a) vulcões
b) revólveres
c) corrimãos
d) toca-discos
e) pés-de-moleques

909. De acordo com as normas de pontuação, a alternativa que apresenta **erro** é:
a) Durante a viagem, dormi o tempo todo.
b) Fui ao banco, mas não pude sacar dinheiro.
c) Fumar, é proibido em qualquer lugar da escola.
d) Verifiquei, então, que não iria concluir o trabalho.
e) Tiradentes, o Mártir da Independência, morreu em 1792.

BANCO CENTRAL DO BRASIL
CARREIRA TÉCNICA

MAIO DE 1994 – 3º GRAU

Texto:

O Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF), com alíquota de 0,25%, já está sendo cobrado novamente. Mesmo os cheques emitidos antes de 1º de janeiro, mas ainda não compensados, estão sujeitos ao IPMF. A Receita espera recolher com o tributo pelo menos US$ 5 bilhões em 1994. Até a economia informal será alcançada pelo imposto, porque o dinheiro acaba entrando na rede bancária.

O Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, quer usar o IPMF para aperfeiçoar o combate à sonegação. Mas reconhece que, por ser uma experiência completamente nova, poderão surgir problemas nas cobranças e no aproveitamento das informações para fechar o cerco aos sonegadores:

- É preciso tempo para identificarmos os problemas na cobrança do Imposto e resolvê-los.

(Adaptado de O Globo, 02/01/1994)

910. Assinale a opção que classifica corretamente cada uma das afirmações acerca do texto como **VERDADEIRA** (V) ou **FALSA** (F):

I - A Receita espere arrecadar um total de US$ 5 bilhões em 1994.
II - Quaisquer cheques descontados depois de 1º de janeiro estão sujeitos ao IPMF.
III - Os cheques emitidos para pagamento de transações informais serão tributados em 0,25%
IV - As pessoas que passaram cheques antes do dia 1º de janeiro receberão uma compensação.
V - O dinheiro que entra na rede bancária é proveniente da economia informal.

a) F – V – V – V – F
b) V – F – F – V – F
c) F – V – V – F – F
d) F – F – F – V – V
e) V – V – V – F – V

911. Qual a afirmação que **NÃO** encerra uma idéia contida no texto?

a) O IPMF foi criado para combater a sonegação.
b) A identificação dos problemas decorrentes da cobrança do IPMF é uma tarefa que demanda tempo.
c) Poderão ocorrer problemas na cobrança do IPMF devido à inexperiência dos funcionários da Receita com este tipo de imposto.
d) O Secretário da Receita Federal acredita que o IPMF ajudará a evitar a sonegação.
e) As informações relativas à cobrança do IPMF serão usadas para a identificação dos sonegadores.

912. Assinale a opção que indica a ordem apropriada para que os períodos abaixo formem um parágrafo coerente.

I - Seguro-desemprego, depósitos em poupança com rendimentos trimestrais e saques do FGTS também estão isentos.
II - O mesmo ocorrerá com os assalariados que ganham até dez salários mínimos.
III - Para facilitar a cobrança, o governo procurou restringir as isenções.
IV - No caso dos aposentados, a Previdência depositará os benefícios com um adicional equivalente ao que será descontado na hora do saque.

a) III - I - II - IV.
b) IV - II - III - I.
c) III - IV - II - I.
d) I - IV - II - III.
e) IV - I - II -III.

913. Assinale a única opção em que **NÃO** há erro de ortografia.

a) A fiscalização do IPMF é um desafio para a Receita, pois os contribuintes ainda não se conscientizaram de que o tributo é inevitável.
b) Osíris Lopes Filho admite que os bancos encontrarão muitas dificuldades.
c) A entidade filantrópica que quizer ter direito à isenção deverá preencher certos requisitos.
d) Nenhuma aplicação financeira receberá concessão especial quanto ao pagamento do Imposto, com exceção da poupança trimestral.
e) Para a Receita Federal, vantagens concedidas a executivos também devem ser tributadas.

914. Selecione a opção cujas palavras preenchem de forma correta as lacunas do parágrafo abaixo.

___ muitos meses do término da cobrança do imposto - em 31 de dezembro de 1994, ainda existem algumas providências ___ serem tomadas. Os técnicos preparam, ___ alguns meses, uma instrução normativa para obrigar as entidades filantrópicas ___ se identificarem junto ___ Receita.

a) Há – à – a – à – à;
b) A – há – há – à – a
c) A – à – há – à – à
d) A – a – há – a – à
e) Há – a – à – a – à

915. Assinale a opção que **NÃO** apresenta erro gramatical:

a) Se houverem muitos endossos em um mesmo cheque, este não será aceito pelos bancos.
b) Caso uma empresa esteje trabalhando com impressão de livros e jornais, ela poderá ter isenção do IPMF
c) Se o Secretário da Receita Federal propor novas medidas de combate à sonegação, elas terão de ser amplamente divulgadas.
d) As empresas também pagarão IPMF, a menos que trabalhem com impressão de livros e jornais.
e) Caso o dinheiro ficar depositado três meses na poupança, haverá um adicional de 0,25%.

916. Indique a afirmação que **NÃO** tem o mesmo sentido das demais:

a) A troca de mercadorias, em vez de compra e venda, pode ser uma solução para evitar o IPMF, já que qualquer pagamento em dinheiro acaba entrando no sistema financeiro.
b) Uma solução para evitar o IPMF pode ser a troca de mercadorias, ao invés de compra e venda, uma vez que qualquer pagamento em dinheiro acaba entrando no sistema financeiro.
c) Uma solução para evitar o IPMF pode ser a troca de mercadorias, em vez de compra e venda, porque qualquer pagamento em dinheiro acaba entrando no sistema financeiro.
d) Como qualquer pagamento em dinheiro acaba entrando no sistema financeiro, a troca de mercadorias, em vez de compra e venda, pode ser uma solução para evitar o IPMF.
e) Desde que qualquer pagamento em dinheiro acabe entrando no sistema financeiro, a troca de mercadorias, em vez de compra e venda, pode ser uma solução para evitar o IPMF.

917. Indique a opção cujas palavras substituem adequadamente as grifadas, tanto em termos de sentido quanto de estilo.

Há uma aplicação financeira que permite ao contribuinte não pagar o IPMF basta ele colocar o seu dinheiro na caderneta de poupança trimestral.

a) Tem – pôr – o seu capital
b) Surgiu – inserir – a sua grana

c) Existe – pôr - o seu capital
d) Tem – botar – o seu investimento
e) Tem – inserir – o seu investimento

918. Indique a única afirmação que apresenta coerência e correção gramatical.
a) Este ano, a Receita Federal, empenhada em combater a sonegação, tem uma boa notícia, diante de tantas cobranças novas e ameaças velhas, para os consumidores que não se furtam a pagar aquilo que devem.
b) O Presidente Itamar Franco assina, ainda esta semana, a nova regulamentação do Imposto de Renda simplifica a vida de todos.
c) Apesar de ainda ter 1042 artigos, a nova regulamentação consolida com bom aproveitamento das contribuições recebidas, as milhares de normas e portarias existente.
d) Tendo sido elaborado em 1980, o último regulamento relativo ao Imposto de Renda é muito antigo, onde está a ponto de ficar obsoleto.
e) A nova regulamentação traz vantagens Porque aproveita 10% das mais de 500 contribuições recebidas nos três meses de audiência pública.

919. Assinale o grupo de palavras que completa adequadamente as lacunas do período,

Os contribuintes aos quais _____ fazer transferências de suas contas para as de outros, devem preferir, nessas oportunidades, contas conjuntas _____ individuais. Tais operações, _____ aludimos aqui, são realizadas através de documento _____ preparação é específica.

a) convêm – que – que – de cuja.
b) convêm – do que – em que – a cuja.
c) convem – do que – que – em cuja.
d) convém – a – que – cuja.
e) convém – a – a que – cuja.

TRE / RJ - ANALISTA DE SUPORTE
NOVEMBRO DE 1995 – 3º GRAU

Texto

VERGONHA

Será que a gente somos corrupto? De nascença? Por natureza? Alguma coisa na água, ou no leite da mãe? Em Paris nos aconselhavam a não dizer que éramos brésiliens, pegava mal. Lá é quase sinônimo de travesti. Devíamos dizer *du Brésil* – para não acabar dizendo "brasileiros, mas no bom sentido". Nos Estados Unidos, o Brasil é o Grande Caloteiro. No cinema americano, é tradicionalmente para o Brasil que vêm os bandidos, pelo menos os que conseguem escapar com a grana. Muito do nosso folclore é baseado no autodesprezo: somos a terra do malandro, do indolente, do encostado. Somos, paradoxalmente, a raça do jeito pra tudo e a raça que não tem jeito mesmo. Existiria, no brasileiro, uma falha estrutural que frustraria todas as tentativas de reformá-lo. Uma maldição mais forte que o remorso, mais forte, até, do que a informatização Os computadores, feitos para evitar o contágio da esperteza humana, da esperteza da caneta e do papel carbono, sucumbiriam à maldição assim que um dedo brasileiro os tocasse Misteriosamente, só pelo convívio. Todas as nossas tentativas de regeneração acabariam na frase terrível, no epíteto fatal: sabe como é brasileiro . . .

Ou então há uma certa faceirice na nossa autocondenação Uma certa gabolice. Não somos menos morais do que outros povos mas gostamos de dizer que somos. Tem algo a ver com o nosso tamanho. Nosso mar de lama não é maior que outros, a extensão da nossa costa é que nos dá delírios de baixeza. Nossa alma amazônica não se satisfaz com pequenas falcatruas, queremos pororocas de sujeira, dilúvios de canalhice. O rombo é de trilhões ! O escândalo da Previdência seria apenas mais uma prova de que não temos jeito mesmo. Mas o escândalo da Previdência é antigo, é um escândalo institucionalizado, é o escândalo do descaso histórico do Estado com o cidadão no Brasil, da classe dominante com a classe ludibriada. Todas as sociedades deste lado do mundo são, de um jeito ou de outro, cleptocracias, construídas pelos mais espertos. Nas que deram certo o proveito deste pioneirismo dos canalhas foi distribuído, nas que continuam dando errado só uma minoria aproveita seus próprios crimes, enquanto convence a maioria de que seu caráter é que a derrota. Resolvida a atual crise no sistema – ou, o que é mais provável, não resolvida a crise mas terminado o barulho – continuará o escândalo maior. Vergonhosas não são as listas de benefícios adulteradas, são as listas que estão certas.

(LUIS FERNANDO VERÍSSIMO – "Comédias da Vida Pública"- p. 240/241.)

920. Segundo o texto, a frase que apresenta (ao contrário das outras) um aspecto aparentemente positivo em relação ao homem brasileiro é:
a) " ... somos a terra do malandro, do indolente, do encostado ... (L. 7)
b) "... Somos, paradoxalmente, a raça do jeito pra tudo ..." (L. 8)
c) "... Os computadores [...] sucumbiriam à maldição assim que um dedo brasileiro os tocasse ..." (L. 11/13)
d) " ... sabe como é brasileiro ..." (L. 14)
e) " ... O escândalo da Previdência seria apenas mais uma prova de que não temos jeito mesmo ..." (L. 20/21)

921. Segundo o texto, a maldição que faz malograr todas as tentativas de recuperação do brasileiro é devida, fundamentalmente:
a) à sua raça inferior
b) a uma falha de sua estrutura
c) ao seu folclórico autodesprezo
d) à esperteza da natureza humana
e) ao convívio com os modernos computadores

922. Veríssimo usa várias imagens (substantivos e/ou adjetivos) que indicam "grande quantidade" ou "exagero". Faz exceção, entretanto, o termo sublinhado, em:
a) "... Nosso mar de lama não é maior que outros ..." (L. 17)
b) "... queremos pororocas de sujeira ..." (L. 19)
c) "... queremos (...) dilúvios de canalhice..." (L.19)
d) "... Nossa alma amazônica não se satisfaz com pequenas falcatruas ... (L. 18/19)
e) "... O rombo é de trilhões ! ..." (L. 20)

923. No texto, os vocábulos "gabolice" (L. 15) e "cleptocracias" (L. 24) podem ser substituídos por:
a) clepsidra / basófias;
b) tolice / clopemanias;
c) baixeza / cleptomanias;
d) modéstia / governos nobres;
e) fanfarronice / governos do roubo.

924. O **erro** grosseiro de concordância da primeira frase do texto pode ter várias interpretações possíveis. Uma delas - já que esse erro seria inadmissível para um escritor como Luis Fernando Veríssimo – é que ele:
a) buscou, descuidadamente, deixar em sua obra um forte exemplo de silepse de número.
b) tentou, eventualmente, criticar alguns dos "mortais" da Academia Brasileira de Letras.
c) procurou, visivelmente, mudar as regras mais banais de concordância verbal.
d) quis, possivelmente, patentear a idéia de corrupção no próprio erro lingüístico.
e) desejou, delicadamente, enfatizar as incoerências da língua portuguesa.

925. Das alternativas abaixo, a que apresenta a forma "por que" – preposição + pronome relativo – empregada corretamente é:
a) Por quê você vai sair ?
b) Ele saiu por que teve necessidade.
c) A causa por que lutamos é inglória.
d) Diga-me o por que desse problema.
e) Preciso ir ao banco por que não tenho dinheiro.

926. Há **erro** no emprego do acento grave indicativo da crase na palavra sublinhada em:
a) Graças à professora, todos sabiam escrever bem.
b) Parece que todos nós vamos à Copacabana.
c) Em seguida, o orador fez alusão àquele pedido.
d) Os funcionários se referiam à decisão do diretor.
e) Não queremos ir àquela reunião do clube.

927. A frase em que a colocação do pronome está de acordo com a tradição gramatical é:
a) Tu não ajudas-me.
b) Não vê-lo-ei mais.
c) Eu amarei-te sempre.
d) Hoje, não te aguardarei.
e) Dada-me a solução poderemos sair.

928. Há **erro** de concordância em relação ao verbo sublinhado na seguinte frase:
a) Quantos de nós saíram desta faculdade?
b) Os Estados Unidos deverão sediar a próxima olimpíada.
c) Apesar de tudo não estavam satisfeitos o procurador e eu.
d) A maioria dos habitantes ficou na cidade durante os feriados.
e) Aquele deputado era um dos que não perdiam nenhuma sessão.

929. A alternativa que apresenta **erro** quanto ao uso do pronome relativo regido ou não de preposição é:
a) Já li o texto de cujas opiniões necessitaste.
b) Conheço as moças a quem você se refere.
c) Apanhei os livros que esqueci na Faculdade.
d) Já redigi a história de cujo enredo extraí a poesia.
e) Você ainda não me falou dos alunos a quem tanto gosta.

930. "Em Paris nos aconselhavam a não dizer que éramos *brésiliens*, pegava mal"
Nesta frase, o verbo sublinhado indica uma indicação que:
a) aconteceu ou não;
b) ocorre habitualmente no passado;
c) é anterior a outra também passada;
d) é posterior à época de que se fala;
e) acontece no momento em que se fala;

931. A alternativa que apresenta **erro** quanto ao emprego do pronome é:
a) Comprei livros para eu os ler
b) Entre eu e você nunca houve discórdia.

c) Em você querer e eu atender, há um limite.
d) Há muita semelhança entre você e nossa filha.
e) Nasceu uma grande amizade entre mim e meus irmãos.

932. O substantivo que só se emprega em um gênero gramatical é:
a) artista;
b) mártir;
c) intérprete;
d) selvagem;
e) testemunha;

933. A alternativa em que todas as palavras são acentuadas por obedecerem à mesma regra é:
a) raízes – baú – baía;
b) você – paletó – aí;
c) Grajaú – saúde – júri;
d) úmido – último – saída;
e) âmago – revólver – protótipo;

934. Das frases abaixo, a que apresenta as duas formas verbais empregadas, corretamente, é:
a) Os juízes não interviram na briga se ele mantivesse a palavra.
b) Os juízes não intervieram na briga se ele mantesse a palavra.
c) Os juízes não interviriam na briga se ele mantivesse a palavra.
d) Os juízes não interviram na briga se ele mantesse a palavra.
e) Os juízes não intervirão na briga se ele manter a palavra.

935. A frase que infringe a regência verbal é:
a) Hoje, já assistimos à missa.
b) Eles hão de passar de ano.
c) Ele não lhe viu na reunião.
d) Todos nós visamos a um bom emprego.
e) Mediante esse concurso, aspiro a um bom emprego.

936. A grafia do vocábulo sublinhado está **incorreta** na seguinte frase:
a) O tribunal pesquisou a vida dos réus.
b) As águas deslizavam mansamente pelo canal.
c) É necessário que os jogadores viajem cedo.
d) A censura é um impecilho à criação artística.
e) O Presidente era a figura mais eminente da reunião.

937. Em relação à concordância verbal, a alternativa que contraria a norma culta da Língua Portuguesa é:
a) Quem eram os convidados?
b) Eram um padre e uma freira.
c) Era uma vez um gato e um rato.
d) Fui eu o primeiro que terminou a prova.
e) Éramos dois perdidos que encontraram o retorno.

938. O conectivo sublinhado estabelece uma relação **inadequada** (coesão mal feita) na seguinte alternativa:
a) Saí da sala quando ouvi o sinal.
b) Embora o time tenha jogado bem, ele venceu.
c) Como estava viajando, deixou de comparecer à reunião.
d) A violência impera na cidade, mas iremos assim mesmo.
e) A estréia da peça foi adiada, foi adiada, pois o ator principal está doente.

939. A oração que admite a passagem para a voz passiva está na seguinte frase:
a) Essa minoria aproveita os próprios crimes.
b) O escândalo maior continuará sempre.
c) Há uma certa faceirice na nossa auto-condenação.
d) Todas as sociedades deste lado do mundo são cleptocracias.
e) No cinema americano, os bandidos vêm sempre para o Brasil.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – (ECONOMISTA) OUTUBRO DE 1989 – 3º GRAU

Texto

Leia o texto abaixo e responda às questões que se seguem:

Embora mais aproximado o português que qualquer colonizador europeu da América do clima e das condições tropicais, foi, ainda assim, uma rude mudança a que ele sofreu transportando-se ao Brasil. (. . .)

O português vinha encontrar na América tropical uma terra de vida aparentemente fácil; na verdade dificílima para quem quisesse aqui organizar qualquer forma permanente ou adiantada de economia e sociedade. Se é certo que nos países de clima quente o homem pode viver sem esforço da abundância de produtos espontâneos, convém, por outro lado, não esquecer que igualmente exuberantes são, nesses países, as formas perniciosas de vida vegetal e animal, inimigas de toda cultura agrícola organizada e de todo trabalho regular e sistemático.

No homem e nas sementes que ele planta, nas casas que edifica, nos animais que cria para seu uso ou subsistência, nos arquivos e bibliotecas que organiza para sua cultura intelectual, nos produtos úteis ou de beleza – em tudo se metem larvas, vermes, insetos, roendo, esfuracando, corrompendo. Semente, fruta, madeira, papel, carne, músculos, vasos linfáticos, intestinos, branco do olho, os dedos dos pés, tudo fica à mercê do inimigo.

Foi dentro de condições físicas assim adversas que se exerceu o esforço civilizador dos portugueses nos trópicos. Tivessem sido aquelas condições as fáceis e doces de que falam os panegiristas da nossa natureza e teriam razão os sociólogos e economistas que, contrastando o difícil triunfo lusitano no Brasil com o rápido e sensacional dos ingleses naquela parte da América de clima estimulante, flora equilibrada, fauna antes auxiliar que inimiga do homem, condições agrológicas e geológicas favoráveis, onde hoje esplende a formidável civilização dos Estados Unidos, concluem pela superioridade do colonizador louro sobre o moreno.

(Gilberto Freyre - "Casa-grande & senzala; Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1981)

940. Em relação ao que se lê no 1º parágrafo do texto, o 2º constitui uma:
a) comparação;
b) concessão;
c) explicação;
d) conseqüência;
e) finalidade.

941. Considerados os dois primeiros parágrafos do texto, verifica-se que o Autor:
a) parte da generalização para a especificação.
b) parte da especificação para a generalização.
c) apresenta especificações em ambos os parágrafos.
d) apresenta generalizações nos dois parágrafos.
e) configura generalizações e especificações nos dois parágrafos.

942. Assinale a informação que o 2º parágrafo **NÃO** contém:
a) Exigia grande esforço, na América tropical, a implantação de uma estrutura social e agrícola ordenada e metódica.
b) O extrativismo espontâneo constitui um meio seguro de subsistência para o homem que vive em regiões quentes.
c) Em países de clima quente, o homem tem de lutar contra condições adversas, representadas principalmente por animais e vegetais nocivos.
d) O português que veio para o Brasil encontrou uma terra fértil e fácil de dominar, na qual, "em se plantando, tudo dá."
e) Diante de uma natureza exuberante, o esforço colonizador do português se defrontou; contudo,com obstáculos decorrentes de facilidades apenas aparentes.

943. No 3º parágrafo, o Autor apresenta:
a) um desenvolvimento exemplificativo dos argumentos dados no parágrafo anterior.
b) as características climáticas, que pendulam entre frio extremo e calor sufocante.
c) uma relação completa dos males causados por vermes e insetos em países de clima tropical.
d) a perplexidade do homem diante de condições favoráveis à colonização da terra.
e) os animais, os vegetais e os seres humanos que constituíram verdadeiros obstáculos à permanência aqui do colonizador português.

944. O Autor assim resume sua argumentação:
a) Segundo os sociólogos e economistas, as condições adversas encontradas pelos portugueses obstaculizaram o rápido desenvolvimento da Colônia.
b) A extraordinária civilização dos Estados Unidos se deveu, primordialmente, à origem saxônica de seus colonizadores, incapazes de explorar a exuberância da natureza.
c) Os portugueses optaram por colonizar um território situado em região tropical, cujo clima, mais ameno, se aproxima do de sua terra de origem.
d) Se as condições encontradas em nossa terra pelos colonizadores portugueses fossem as mesmas oferecidas aos ingleses, não haveria tamanho desequilíbrio entre o progresso norte-americano e o brasileiro.
e) O esforço colonizador dos portugueses foi responsável pelas condições adversas que só uma vasta área tropical poderia proporcionar.

945. Constitui a idéia central do texto, como um todo:
a) A abundância de produtos naturais em países de clima quente.
b) A impassibilidade do homem diante dos caprichos da natureza.
c) A ação destruidora de vermes e insetos.
d) A riqueza inigualável do solo brasileiro.
e) O clima como fator de progresso.

946. "Criança ! Não verás nenhum país como este !
Olha que céu ! que mar ! que rios e que florestas !
A natureza aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinho!"
(Olavo Bilac)

O texto de Gilberto Freyre e os versos de Olavo Bilac vêem o Brasil sob prismas diferentes. Assinale o único ponto em que os dois autores concordam;
a) A importância da criança na construção do futuro do Brasil.
b) A prodigalidade e opulência da natureza brasileira.
c) A natureza brasileira, sempre mãe, nunca madrasta.
d) A natureza brasileira, ora mãe, ora madrasta.
e) A invejável superioridade do Brasil sobre os outros países.

947. Na questão anterior em relação ao Brasil, os versos de Olavo Bilac revelam uma atitude;
a) irônica;
b) pessimista;
c) realista;
d) ambígua;
e) ufanista.

948. Assinale a opção em que a palavra sublinhada **NÃO** pertence à classe gramatical dada entre parênteses:
a) Embora mais aproximado o português ... (conjunção subordinativa)
b) ... foi, ainda assim, uma rude mudança a que ele sofreu. (pronome demonstrativo).
c) ... para quem aqui quisesse organizar qualquer forma permanente ... (pronome indefinido)
d) Foi dentro de condições físicas assim adversas ... (locução conjuntiva)
e) ... condições agrológicas e geológicas favoráveis, onde hoje esplende a formidável civilização ... (pronome relativo)

949. Assinale a opção em que se **ERROU** na classificação do elemento mórfico em destaque:
a) aproximadO – O – desinência de gênero;

b) meteM - M - desinência número-pessoal.
c) difíciL - L - sufixo.
d) TRANSportando - TRANS - prefixo.
e) exercEu - E - vogal temática.

950. Assinale a opção em que houve **ERRO** na classificação da oração sublinhada:
a) Embora a natureza fosse exuberante, havia aqui obstáculos quase intransponíveis. (oração subordinada adverbial concessiva)
b) Larvas se metem nas sementes que os homens plantam. (oração subordinada adjetiva restritiva)
c) O colonizador português tinha certeza de que encontraria terras férteis e clima ameno. (oração subordinada substantiva objetiva indireta)
d) Tivessem sido outras as condições climáticas, o colonizador português se teria equiparado ao inglês. (oração subordinada adverbial condicional)
e) Convém não esquecer as riquezas do Brasil. (oração subordinada substantiva subjetiva)

951. Assinale opção em que houve **ERRO** de pontuação:
a) Eduardo, estuda a tua lição.
b) Estude a sua lição, Eduardo.
c) A lição, Eduardo a estuda.
d) Eduardo, estuda a sua lição.
e) Estuda a tua lição, Eduardo.

952. Assinale a opção em que houve **ERRO** de conjugação verbal:
a) Se ele repor a quantia devida, tudo estará resolvido.
b) Quando eu vir o filme, darei minha opinião.
c) Os candidatos se houveram bem na prova.
d) O rapaz se desaveio com os colegas.
e) Quando refizeres o trabalho, poderás sair.

953. Assinale a opção cuja lacuna se preenche corretamente com a preposição A:
a) Este é o local ____ cujas belezas o povo tanto se orgulha.
b) Este é o local ____ cuja riqueza os historiadores se referem.
c) Este é o local ____ cuja preservação todos concordam.
d) Este é o local ____ cujas praças se realizam concertos sinfônicos.
e) Este é o local ____ cujo tombamento todos lutam.

954. Assinale a opção em que houve **ERRO** de concordância verbal:
a) Cerca de trinta pessoas visitaram a cidade.
b) Freqüentemente, realizam-se festas naquela fazenda.
c) Precisa-se de costureiras com experiência.
d) Tu e ela cantais multo bem.
e) Existia, antigamente, bondes puxados a burro.

955. Assinale a opção em que o A deve receber o acento grave indicativo de crase:
a) Contarei a ela tudo o que ouvi.
b) Um barco a vela cortava o mar tranqüilo.
c) A que tipo de civilização você se refere?
d) Só a partir de então ele concordou conosco.
e) Bernardo se submeteu a ordem da professora.

956. Assinale a opção em que os prefixos se opõem pelo sentido:
a) abjurar / adjunto.
b) ilegal / ateu.
c) circunscrever / perímetro.
d) prefácio / prólogo.
e) introduzir / endovenoso.

957. Assinale a opção em que a colocação do pronome pessoal átono é **INACEITÁVEL** em relação à norma culta:
a) Vê-lo-ei assim que puder.
b) Pretendia dizer-lhe um segredo.
c) Podes-me emprestar um lápis?
d) O povo tinha dado-lhe um voto de confiança.
e) Nunca o vimos tio abatido como agora.

958. Assinale a opção em que a alteração processada na frase "Embora as condições fossem desfavoráveis, o colonizador português não desanimou" altera sensivelmente o seu sentido:
a) Apesar de as condições serem desfavoráveis, o colonizador português não desanimou.
b) Desfavoráveis que fossem as condições, o colonizador português não desanimou.
c) Por serem desfavoráveis as condições, o colonizador português não desanimou.
d) Ainda que as condições fossem desfavoráveis, o colonizador português não desanimou.
e) Mesmo sendo as condições desfavoráveis, o colonizador português não desanimou.

959. Em redação oficial, num ofício, ementa é:
a) a indicação do assunto a ser tratado.
b) a saudação inicial.
c) uma espécie de errata.
d) o desenvolvimento do texto.
e) a confirmação a um ofício interior.

TRE / RJ - TÉCNICO JUDICIÁRIO (ÁREA FIM)
NOVEMBRO DE 1995 – 3º GRAU

Texto
O JOVEM E A DROGA

Vera Malaguti Batista

A economia liberal é a força motriz do desenvolvimento do mercado de drogas legais e ilegais. O consumo delas é regulado pela lei da oferta e da demanda. Mas, além disso, há uma carga ideológica e emocional em torno do assunto, que criou o mito da droga, disseminado pela mídia e acolhida pelo imaginário social, a partir de uma estratégia dos países capitalistas, responsáveis pela demanda por drogas no mercado internacional.

(...)

Na verdade, o problema da droga é econômico e ideológico. Com a transnacionalização da economia, materializam-se novas formas de controle. Foi criado um sistema jurídico-penal com o fim de criminalizar e penalizar determinadas drogas. É curioso observar que se penaliza sobretudo aquelas vindas das economias periféricas (maconha e cocaína produzidas na América Latina) enquanto se permite as ligadas à grande indústria (álcool e anfetaminas).

O sistema neoliberal produz uma visão esquizofrênica das drogas, especialmente a cocaína. Por um lado, estimula a produção e circulação dela; e por outro lado constrói um arsenal jurídico e ideológico de demonização e criminalização desta mercadoria.

Para compreender o impacto da cocaína dos anos 70 em diante, é importante mencionar a crise mundial a partir de 1967 e o modelo recessivo que se segue até 1982, com o aumento de inflação e desemprego gerando uma reestruturação da economia mundial.

A rentável cocaína passa a contar com um sistema de divisão de trabalho. Algumas regiões da América Latina se especializam na produção de folhas, outras na fabricação da pasta e refino, outras na comercialização.

No Rio de Janeiro, que não produz cocaína, a partir dos anos 70 houve o fortalecimento gradual do seu consumo. A disseminação traz como contrapartida a especialização da mão-de-obra das comunidades periféricas na venda ilegal. Começam a aumentar nas delegacias, no juizado de menores, nas unidades de atendimento ao jovem as infrações relacionadas à sua posse, consumo ou venda.

São criados juridicamente dois estereótipos. Aos jovens de classe média que a consomem aplica-se o estereótipo médico, e aos jovens pobres que a comercializam, o estereótipo criminal.

(...)

Num contexto de aprofundamento de uma economia recessiva e de enfraquecimento das políticas sociais básicas, um contingente cada vez maior de jovens pobres vai sendo recrutado a cumprir sua triste sina, seu papel trágico na nova divisão internacional do trabalho. A cocaína - a droga neoliberal, símbolo de êxito e de *status* entre seus consumidores *(yuppies high-tech*, jovens empresários, executivos de bolsa de valores) tem como contrapartida a destruição da juventude pobre das nossas favelas, lançada pela lei de mercado, à criminalização e ao círculo viciado da violência urbana.

(Cadernos do Terceiro Mundo nº 178 - Editora Terceiro Mundo.)

960. De acordo com o texto, do ponto de vista jurídico foram criadas duas matrizes. A primeira para aquele que se serve da droga e a segunda para o que a negocia. Essa dicotomia é, respectivamente:
a) rico / pobre.
b) crime / pena.
c) médico / crime.
d) neoliberal / liberal.
e) consumo / comércio.

961. Segundo a autora, uma das causas de participação dos jovens pobres no mercado ilegal das drogas é:
a) a violência urbana.
b) a economia recessiva.
c) uma busca de "status".
d) a existência de favelas.
e) a ausência de política cultural.

962. Segundo o texto, a reestruturação da economia mundial deve ser levada em conta para:
a) criminalizar e penalizar determinadas drogas.
b) estimular a produção e circulação da cocaína.
c) compreender o impacto da cocaína dos anos 70 em diante.
d) construir um arsenal jurídico e ideológico de demonização da droga.
e) liberar a força motriz do desenvolvimento do mercado de drogas legais e ilegais.

963. No texto, a autora estabelece várias relações de causa e conseqüência. Esta relação (mantida a ordem causa-conseqüência) está presente em:
a) consumo de cocaína – crise mundial.
b) aumento da inflação – novas técnicas de comercialização.
c) criação de novas delegacias – aumento de infrações jurídicas.
d) sistema neoliberal – demonização e criminalização da cocaína.
e) disseminação da cocaína – desenvolvimento da grande indústria.

964. De acordo com o primeiro parágrafo do texto, depreende-se o conceito de que:
a) a economia neoliberal tem como subproduto permanente uma carga ideológica e emocional.
b) o mercado das drogas também está sujeito às regras da lei de oferta e procura.
c) a estratégia dos países capitalistas no combate às drogas foi criada pela mídia.
d) a relação entre o mito da droga e o imaginário das pessoas inexiste.
e) os países subdesenvolvidos são os maiores consumidores de droga.

965. "... que não produz cocaína ..." (L. 24)
No texto, a oração acima, está separada por vírgulas. Esta mesma regra do uso da vírgula foi empregada na seguinte frase:
a) "Meu canto de morte, guerreiros, ouvi !".
b) Este projeto, embora seja bom, não será aprovado.
c) Ela falou com um homem de quarenta anos, bem magro, baixo.
d) "Iracema", cujo autor é José de Alencar, narra o amor infeliz da heroína.
e) "Grande Sertão: Veredas", a obra-prima de Guimarães Rosa, apresenta grandes inovações lingüísticas.

966. O pronome lhe tem valor possessivo na seguinte alternativa:
a) João lhe pediu desculpas.
b) Admiro-lhe a inteligência penetrante.
c) O porteiro entregou-lhe as cartas do inquilino.
d) Depois da ameaça, o funcionário obedeceu-lhe.
e) O chefe deu-lhe instruções precisas sobre o projeto.

967. A frase em que há **erro** quanto à flexão do verbo sublinhado é:
a Eles vêm para que eu meça suas alturas.
b) Ele sempre se precaveu diante dos fatos duvidosos.
c) Eles têm que pagar a multa antes que dêem queixa à polícia.
d) Você há de convir que ele não interviu na resolução do problema.
e) É necessário que você requeira um atestado para justificar suas faltas.

968. A série em que há **erro** de grafia no emprego das letras "j", "x" e" "z" é:
a) monje, xarque, juz.
b) jeito, xale, destreza.
c) jibóia, xarope, atroz.
d) jeca, xodó, prazer.
e) pajé, xícara, abalizado.

969. A frase em que a concordância nominal está **incorreta** é:
a) Sempre digo que nós não estamos só.
b) É meio-dia e meia, disse o professor.
c) A menina estava com sapatos e bolsa escuros.
d) Choveu no quarto embora a janela estivesse meio aberta.
e) Durante meu curso de Direito, pude adquirir bastantes conhecimentos.

970. De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está **incorreta** em:
a) O sucesso, quem não o aspira?
b) Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
c) Os objetivos a que eles visam são torpes.
d) Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
e) Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

971. A alternativa em que a concordância do verbo sublinhado está **incorreta** é:
a) Nem um nem outro candidato a presidente do clube merece crédito.

b) Deveria haver muitas dúvidas em relação àquela pergunta.
c) Mulheres, crianças, soldados, ninguém escapou com vida.
d) Os Estados Unidos são um país bastante desenvolvido.
e) Fazem três anos que aquele corretor faleceu.

972. O verbo sublinhado que está na voz passiva com pronome apassivador (voz passiva sintética) é:
a) O carro ficou cercado pela multidão.
b) O homem se ferira ao descascar a laranja.
c) Elas se odeiam por razões misteriosas.
d) Lavam-se cortinas e tapetes por preços módicos.
e) Todos se queixaram da nova exigência eleitoral.

973. A alternativa em que a forma verbal grifada **não** corresponde à indicação entre parênteses é:
a) Telefone-me para eu saber do resultado. (futuro do subjuntivo)
b) Comprei o jornal para que nós o leiamos. (presente do subjuntivo)
c) Quando viermos do trabalho, passaremos na sua casa. (futuro do subjuntivo)
d) Se você requeresse o processo, poderia ganhar a causa. (imperfeito do subjuntivo)
e) Eu tinha feito todos os exercícios de Português. (pretérito-mais-que-perfeito composto do indicativo)

974. De acordo com a norma culta, há **erro** na colocação do pronome sublinhado na seguinte alternativa:
a) A paz lhes seja concedida.
b) O júri vai entregar-lhe o prêmio amanhã.
c) Não lembrarei-me nunca do que você disse.
d) Eu já tinha lido aqueles livros que me derram.
e) O professor disse-nos que não haveria mais tempo.

975. A frase em que há **erro** no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:
a) Já chegamos à Bahia.
b) O professor falara àquele aluno.
c) Comi bacalhau à Gomes de Sá.
d) É importante obedecer às regras do jogo.
e) Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

976. Há **erro** no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:
a) Os cheques que ele visava eram de outra agência.
b) Os prêmios a que ele aspirava não serão concedidos.
c) São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
d) Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
e) As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

977. A forma imperativa que **não** se relaciona com a pessoa indicada nos parênteses, é:
a) Olhai os lírios do campo. (Vós)
b) Trabalharemos com amor. (Nós)
c) Mostre logo seu dever. (Você)
d) Queiram sentar-se. (Senhores)
e) Sentai-vos. (Vossa Rceverendíssima)

978. A alternativa em que todas as palavras seguem a mesma norma de acentuação é:
a) mídia – régua – lírio.
b) cocaína – cafeína – êxito.
c) países – responsáveis – álbum.
d) heroína – estratégia – estereótipo.
e) periféricas – econômico – rentável.

979. A frase que possui a flexão **errada** do substantivo sublinhado é:
a) Juninho marcou dois gols.
b) Os cristãos tinham tudo em comum.
c) Os escrivães já entregaram as atas.
d) Chegaram cedo os cônsules brasileiros.
e) Reconhecemos as firmas nos tabeliões.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
(ÁREA MÉDICA) – 1995 – 3º GRAU

Texto

A LISTA DO BETINHO

Jurandir Freire Costa

Betinho recebeu dinheiro da contravenção. A notícia explodiu como uma bomba. De um lado, cínicos, delinqüentes, enfim, todo coro de ratos e vermes bate palmas e pede bis. Dia de festa na sarjeta! Do outro lado, surpresa e consternação. Os brasileiros honrados perguntam-se: será que ninguém, neste triste país, escapou impune da lama? É a estes que me dirijo; aos que acreditam num país melhor, mais justo e mais livre. Aos primeiros, aos imorais, Biscaia, Frossard e Bangu I, II, III ... ou quantas existirem. Em dose dupla, de preferência.

Um erro político? Certamente. O próprio Betinho, com a honestidade que lhe é característica, afirmou. Um erro moral? Isto merece discussão. Um ato moralmente errado é aquele que contradiz princípios éticos universalmente válidos para uma dada tradição. Aceitar dinheiro espúrio, vindo do mais baixo banditismo, suspeito inclusive de financiar o tráfico de drogas, é contra nossos princípios morais. Fora do contexto histórico, a sentença é perfeita. Acontece que o dinheiro recebido foi transferido para a ABIA. Isto não é justificativa, pode-se dizer. Ele cedeu à facilidade;

os fins não Justificam os meios! De fato, a afirmação é justa, salvo em casos excepcionais. Mas existem exceções à ética; isto não é casuísmo moral? Replico, não existem exceções à ética; existem decisões que não são reconhecidas de imediato como éticas, dadas as circunstâncias em que são tomadas. Estas circunstâncias são aquelas em que *o fim visado é a preservação da vida ou da mais elementar dignidade da pessoa humana*. Falemos em português claro. Betinho – será preciso gritar! – não recebeu dinheiro para construir casas em Angra dos Reis ou Búzios; para mandar os filhos esquiar em Courchevel, Gstaad ou St. Moritz; para importar BMW ou Mercedes; para ser fotografado em colunas sociais ou para engordar os cofres de Zurique ou Nova York, prevendo o possível estouro da "roubalheira". O dinheiro da contravenção foi usado na ajuda ao tratamento e à prevenção da Aids. Alguém sabe o que é Aids no Brasil? Aids no Brasil não é feita xde Tom Hanks, Antonio Banderas, óperas cantadas por Maria Callas, baladas de Bruce Springsteen, amigos carinhosos e famílias moralmente perfeitas, como em *Filadélfia*. Aids no Brasil é mais feio, sujo e degradante do que a mágica hollywoodiana dos bons sentimentos em busca do Oscar. É uma praga de milhares de "Zés da Silva", portadores de uma doença epidêmica e letal e, em muitos casos, da etiqueta infame e preconceituosa de "homossexualidade", que os condena a morrer à míngua, em meio à indiferença das "boas consciências éticas".

Aids no Brasil quer dizer morte ao relento pela carência de assistência pública ou *pela recusa freqüente da medicina privada em assistir doentes que não dão lucro*. Tem mais, o caso da Aids, da ABIA e do dinheiro recebido pelo Betinho é o retrato mesquinho de uma nação cuja elite apodreceu e arrasta tudo ao redor para o dilema sórdido de "a bolsa ou a vida" ou "sem bolsa nada de vida" !

(...)

("A Ética e o Espelho da Cultura".
Ed. Rocco - 1994 - pág. 98).

980. A menção a Biscaia e Frossard (l. 10), no 1º parágrafo, serve como exemplo de brasileiros que
a) recebem dinheiro da contravenção.
b) combatem o crime organizado através da lei.
c) ficaram surpresos e consternados com a atitude de Betinho.
d) também não escaparam do mar de lama da corrupção.
e) buscam uma solução para a violência por meio da intervenção militar.

981. Segundo o autor, em sua conclusão o ato de Betinho **NÃO** deve ser considerado moralmente **ERRADO** porque:
a) os fins justificam os meios.
b) as exceções à ética constituem um casuísmo moral
c) receber dinheiro de marginais não chega a ferir nossos princípios morais
d) as circunstâncias do seu ato impediram que sua decisão fosse classificada como ética (ou não ética)
e) é um princípio ético, de acordo com a nossa tradição, receber dinheiro da marginalidade para fins beneficentes.

982. Ao mencionar "os cofres de Zurique ou Nova York" (l. 40/41), o autor faz claras referências a todos aqueles que:
a) se homiziam nessas cidades para fugir à ação da justiça.
b) pensam estar, nessas cidades, livres de situações politicamente adversas.
c) escondem seu dinheiro sujo em bancos estrangeiros.
d) admiram os países tipicamente capitalistas do Primeiro Mundo.
e) vêem essas duas cidades como símbolos maiores da nossa civilização ocidental capitalista.

983. O autor caracteriza a AIDS no Brasil de vários modos. **EXCETUA-SE**, por não estar no texto, a característica:
a) Essa doença está, preconceituosamente, ligada à homossexualidade.
b) As pessoas humildes freqüentemente não tem recursos para se tratarem.
c) Os aidéticos, em geral, não dispõem de hospitais públicos aparelhados para o seu tratamento.
d) Os "planos de saúde" (privados), com freqüência, negam assistência médica aos aidéticos.
e) Essa doença tem servido como tema de filmes de denúncia.

984. De acordo com o texto, podemos estabelecer várias correlações. Faz **EXCEÇÃO**, por incoerente e inexistente no texto, a correlação da alternativa:
a) ABIA – comércio de drogas.
b) AIDS - filme hollywoodiano.
c) elite brasileira – fascínio por dinheiro.
d) Bangu I, II, III – delinqüentes.
e) BMW ou Mercedes - símbolos de riqueza.

985. Em relação à regência do verbo **ASSISTIR** a única afirmação **INCORRETA** é:
a) No texto (l. 60) a regência está correta (transitivo direto) porque ele significa *ajudar, socorrer*.
b) No sentido de *presenciar, estar presente* a norma culta determina a regência com a preposição a (transitivo indireto)

c) Embora o uso prescrito pela gramática, na linguagem popular esse verbo, no sentido de *presenciar, estar presente* é transitivo direto, usado sem preposição.
d) Num emprego praticamente em desuso, o verbo é intransitivo, significando *morar, residir.*
e) Houve erro do autor ao empregar no texto (l. 60) o complemento do verbo sem preposição.

986. Um dos empregos da vírgula é separar termos coordenados, isto é, termos que exercem a mesma função sintática. **O ÚNICO** exemplo do uso da vírgula que **NÃO** corresponde a esse caso está na alternativa:
a) "... para mandar os filhos esquiar em Courchevel, Gstaad ou St. Moritz ..." (l. 37/38).
b) "Aids no Brasil não é feita de Tom Hanks, Antonio Banderas, óperas cantadas por Maria Callas ..." (l. 44/45/46).
c) "... ou para engordar os cofres de Zurique ou Nova York, prevendo o possível estouro da 'roubalheira'." (l. 40/41/42).
d) "... o caso da Aids, da ABIA e do dinheiro recebido pelo Betinho ..." (l. 61/62).
e) "... aos que acreditam num pais melhor, mais justo e mais livre", (l. 8/9).

987. Segundo a norma culta, a substituição do termo sublinhado por um pronome está **INCORRETA** (pelo uso ou colocação) na alternativa:
a) Ele não vai aceitar dinheiro espúrio.
Ele não vai aceitá-lo.
b) O deputado recebeu dinheiro da contravenção.
O deputado recebeu-o .
c) Os brasileiros honrados condenam essas acusações.
Os brasileiros honrados condenam-nas.
d) Ele nunca fez tal declaração.
Ele nunca fê-la.
e) A Polícia dava proteção aos traficantes.
A Polícia lhes dava proteção.

988. A alternativa em que **TODAS** as palavras estão grafadas **CORRETAMENTE** é:
a) ascensão – privilégio – hospitalizar – acessível.
b) sinusite – pretenção – ressuscitar – dançar.
c) conciência – discípulo – lascivo – pichar.
d) analizar – deslizamento – cateter – assessor.
e) intertício – coonestar – empecilho – propensão.

989. O termo sublinhado exerce a função de **SUJEITO** em:
a) Isto não é justificativa.
b) Os fins não justificam os meios.
c) O dinheiro foi recebido pelo senador.
d) Aceitar dinheiro espúrio, é contra nossos princípios morais.
e) Não existem exceções à ética.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA, FAZENDA E PLANEJAMENTO
ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE
ABRIL DE 1992 (3º GRAU)

Texto:

"Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus." M. Bakhtin, A Cultural popular na Idade Média e Renascimento, São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987.

990. Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.
a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Nas questões de nº **991** a **994** identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

991. Se bem que a Lei Suprema remeta à (A) lei ordinária estabelecer (B) as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja elastecido (C) no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e privilégios (D) não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade, ou gozo (E) de situações ou "status"especiais.
a) A .
b) B .
c) C.
d) D.
e) E.

992. Certamente é boa política na administração dos imóveis federais evitar permaneçam (A) improdutivos. Todavia, qualquer prática a eles relacionadas (B) deve observar as prescrições legais com o necessário rigor. No caso presente, não se recusa a cessão pela forma encaminhada e não

acolhida até agora. Pode ser efetivada desde que venha ao processo a (C) prova de satisfação dos requisitos e condições necessárias (D) para essa modalidade de cessão. Ate que assim se faça inteirar (E) a proposta, não haverá condições de se opinar favoravelmente.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

993. A Secretaria de Finanças da Prefeitura do Município de são Paulo torna público (A) que, impreterivelmente, no próximo dia 15.10.91, no horário das 9 (nove) às (B) 18 (dezoito) horas, na (C) Av. Senador Queiroz nº 312,10º andar, Assessoria Financeira, acolherá propostas de instituições financeiras interessadas em adquirir Letras Financeiras do Tesouro do Município de São Paulo. A oferta em questão refere-se à (D) Edital nº 07/91. O Edital, em sua íntegra, será fornecido (E) aos interessados na sede da Assessoria Financeira nos dias 11, 14 e 15 de outubro de 1991.

a) A ;
b) B;
c) C;
d) D;
e) E;

994. Abramos ao acaso o Código Civil e levemos (A) um susto, por conta do primeiro funcionário brasileiro, ao qual se impõe, como aos simples cidadãos (B), o conhecimento da lei: Ninguém, diz o texto obrigatório, "se escusa (C) de cumprir a lei, alegando que não a conhece." Soletremos, neste jogo cego e perigoso de mexer em livros, o artigo 674. Lá se diz que são direitos reais, além da propriedade, a enfiteuse, as servidões etc. Na enumeração e nas disposições gerais não se alude (D) nenhum dever, em consonância com tais direitos. Da letra da lei civil concluir-se-á que a propriedade, a enfiteuse e o usufruto (E) não acarretam ou sugerem deveres? Basta um pequeno e sumário curso de cidadania - de cidadania e não de leitura – para se saber que o direito, esse e os outros, importam, pela sua essência, simultaneamente em deveres.

(Raymundo Faoro, com modificações).

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

995. Marque o item que substitui a palavra sublinhada por um sinônimo, sem prejuízo do sentido do enunciado.

No mesmo momento em que a lavoura cafeeira alcança o zênite da sua prosperidade (primeiro decênio do século), uma outra atividade vem quase emparelhar-se a ela no balanço da produção brasileira: a extração da borracha. (Caio Prado Júnior)

a) declínio.
b) aclive.
c) ápice.
d) índice.
e) ocaso.

Nas questões de números **996** a **1003** marque o texto que contém defeito na estruturação sintática.

996.

a) Essa distinção - puramente de grau – decorre de uma maior ou menor valoração dos bens protegidos, razão pela qual um mesmo comportamento pode ensejar uma penalidade de natureza patrimonial, ao lado de outra privativa da liberdade, ou submeter o sujeito ativo a uma única sanção, o que se deve a questões de política legislativa.
b) Nesta análise cabe toda espécie de ilícito, seja civil, seja criminal. Não se aponta, em verdade, uma diferença ontológica entre um e outro. Há em ambos o mesmo fundamento ético: a infração de um dever preexistente e a impugnação do resultado à consciência do agente.
c) No exercício das atribuições que lhes são próprias, o Serviço de Patrimônio da União procede diligentemente por seu Órgão Central e Delegacias regionais, em cada um dos Estados da Federação, sempre com o sentido de defesa dos interesses da Fazenda Nacional.
d) Talvez quanto à conveniência administrativa, não seja essa a melhor solução. Mas aí o problema é outro. A uniformidade de trato da política bancária é desejável e, como tal, constitui solução de conveniência, assunto de política legislativa.
e) A comparação entre os dispositivos estatutários e os da lei regulamentada demonstra nitidamente que o Estatuto se situou estritamente dentro dos limites do poder regulamentar, inexistindo qualquer exorbitância.

997.

a) O nome BCCI não era muito conhecido até poucos meses, mas tornou-se um dos maiores pesadelos para cerca de três milhões de depositantes nos 69 países que o banco tinha agências.
b) Neste patamar, a Taxa Referencial reflete o cenário mais otimista para o comportamento dos preços no mês em curso: o de estabilidade.
c) No acumulado do ano, a evolução do índice de preços do setor atinge 96,61%, segundo dados divulgados pela Associação Brasileira do Vestuário (Abravest).
d) A entidade pretende embargar os portos e entrar com processo junto à Procuradoria-Geral da República, pedindo investigação sobre o que considera concorrência desleal.
e) O expediente de atrasar o pagamento de impostos tem sido usado por muitas empresas como recurso para obter capital de giro sem recorrer aos elevados juros bancários.

998.

a) O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo CREA - SP avisa que expediu guias para pagamento da anuidade de 1991 aos profissionais que se encontram em débito, segundo seus cadastros.

b) O valor da cobrança está de acordo com a Resolução nº 355, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CONFEA publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 14/05/91.
c) O pagamento da anuidade deverá ser feito em Banco, em parcela única até o dia 12/08/91 como consta da guia de pagamento, ou de forma parcelada, com vencimentos nos dias 13/08/91 e 12/09/91.
d) Para pagamento de forma parcelada, o profissional deverá dirigir-se à sede do CREA-SP, situada na Rua Nestor Pestana, nº 87, São Paulo-SP, ou ao Posto de Atendimento de sua cidade.
e) Cumpre-nos alertar que, de acordo com as normas do Banco Central, se for escolhido o pagamento parcelado, incidirão sobre as parcelas pagas em agências bancárias taxa de expediente.

999.
a) Comunico o recebimento do oficio nº 987 D/RJ, por meio do qual Vossa Senhoria solicita a manifestação da Prefeitura a respeito do pedido de aforamento formulado por Fulano de Tal, relativo ao terreno de marinha situado na Ilha do Ipê, na Barra da Tijuca.
b) Esclareço à Vossa Senhoria que o Decreto nº 345, de 3/6/82, definiu as ilhas da Baixada de Jacarepaguá como áreas de preservação ecológica e paisagística.
c) Posteriormente, a Lei nº 241, de 4/8/86, destinou tais ilhas à atividade de lazer, desde que mantida a citada preservação.
d) Assim, a construção existente no terreno é ilegalizável.
e) Informo Vossa Senhoria ainda que se encontra em fase adiantada o estudo de macrodrenagem da Bacia de Jacarepaguá, que definirá os contornos das margens dos lagos e das ilhas, determinando as alterações que forem julgadas necessárias.

1000.
a) Na linguagem comum o vocábulo “infração” significa a “ação de infringir”, portanto, quebramento, violação, transgressão.
b) O Direito, possuindo vocabulário próprio, a palavra sanção é equivoca, possuindo dois sentidos distintos: de um lado, exprime penalidade como coação legal sobre os individuos; de outro, significa a aprovação pela qual a autoridade competente transforma em lei os projetos elaborados pelo órgão legislativo.
c) A palavra “multa”, na linguagem comum, também está intimamente ligada à penalidade; representa a pena pecuniária, portanto uma sanção típica.
d) A multa é uma sanção que decorre de um comportamento em face da regra jurídica, não importando a província jurídica em que se situe tal conduta.
e) O conceito de sanção é genérico, pois se trata de providência inerente às normas jurídicas das mais diversas espécies.

1001.
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

1002.
a) A drástica queda nas vendas e a alta dos custos financeiros obrigaram os empresários e seus executivos a inovar seus métodos administrativos e a recorrer a fórmulas ousadas que, na maioria dos casos, se mostraram eficientes.
b) O baixo índice de insolvência de empresas, diante do aprofundamento da crise de conjutura econômica nos últimos 60 dias, serve também como indicação da agilidade e da capacidade das empresas brasileiras de reagir diante das situações novas.
c) Cada centavo aplicado no processo da produção merece longa reflexão por parte de alguns executivos. A sua eliminação é motivo de comemoração na empresa.
d) A maior batalha é travada contra os custos dos estoques, pois o tempo de permanência das matérias-primas e componentes nos armazéns representam despesas que, no final do processo, consomem o lucro ou ampliam o prejuízo.
e) Quando se mesclam recessão e inflação, o aumento da carga tributária, sobre gerar aumento de custos para aqueles que produzem e pagam tributos, desorganiza ainda mais a economia.

1003.
a) A crise que acompanhou a transição do trabalho industrial, aqui assinalada, pode dar uma idéia pálida das dificuldades que se opõe à abolição da velha ordem familiar por outra, em que as instituições e as relações sociais, fundadas em princípios abstratos tendem a substituir-se aos laços de afeto e de sangue.
b) Ainda hoje persistem, aqui e ali, mesmo nas grandes cidades, algumas dessas famílias “retardatárias”, concentradas em si mesmas e obedientes ao velho ideal que mandava educarem-se os filhos apenas para o círculo doméstico.

c) Mas essas mesmas tendem a desaparecer ante as exigências imperativas das novas condições de vida.
d) Segundo alguns pedagogos e psicólogos de nossos dias, a educação familiar deve ser apenas uma espécie de propedêutica da vida na sociedade, fora da família.
e) E se bem considerarmos as teorias modernas, veremos que elas tendem, cada vez mais, a separar o indivíduo da comunidade doméstica, a libertá-lo, por assim dizer, das "virtudes" familiares. Dir-se-á que essa separação e essa libertação representam as condições primárias e obrigatórias de qualquer adaptação à "vida prática".
(Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações)

1004.
Indique o item onde o trecho sublinhado **não** representa seqüência coerente do trecho que o antecede.
a) O processo da aceleração constante da inflação provocou a hipertrofia do sistema financeiro brasileiro: entre 1970 e 1985, setor ampliou sua participação no PIB de 6,4% para 12,4%.
b) o problema crucial que se coloca para o mercado financeiro é visualizar qual será seu perfil quando o país atingir níveis baixos e estáveis de inflação, de forma tal que a sua estratégia de ajuste possa começar a ser montada com o menor custo.
c) A maior implicação da prática de saques a descoberto sobre as reservas, como forma de financiar gastos, é que os bancos estaduais passaram a ser virtuais emissores de moeda, comprometendo sensivelmente a execução de metas monetárias.
d) A primeira descontinuidade importante no processo de inchaço do setor financeiro ocorreu em 1986, com a queda da taxa de inflação. Neste período, o sistema bancário passou por uma primeira fase de encolhimento, que não trouxe efeitos traumáticos dado o forte crescimento dos demais setores da economia.
e) O reaparecimento do redesconto de créditos privados deverá envolver uma mudança neste conceito. O acesso ao redesconto, presentemente, é sinônimo de graves problemas de liquidez. Portanto, o redesconto é normal em qualquer sistema financeiro com inflação estável e baixa.
(Mendonça, J. R., M.C. Pinotti, e M. C. Barros, com adaptações)

1005.
Assinale a opção correta.
a) Essa medida é aquela que, ainda ontem, nos pediram para implementá-la.
b) Se eu não mais o vir, espero que você saiba convencê-lo de que suas reivindicações nada têm de sensatas.
c) Todas as questões que tinham na prova reduziam-se a algumas poucas excessões.
d) Não o comunicamos antes o ocorrido devido às modificações que foram introduzidas.
e) Não se cogitou de assunto tão delicado que, como se observou, muitos de nós sequer conhecíamos o seu significado.

1006.
Assinale a opção que constitui seqüência lógica e coesa para o texto abaixo e possa aparecer como sua seqüência imediata.

"A escola desempenha a função social de reprodutora da estrutura de classes, mas de tal modo que a discriminação dentro dela não seja percebida como tal, mas como algo natural."
a) Assim, os padrões culturais expressos no vocabulário, nas estruturas das frases e nas maneiras de relacionamento vigentes nas classes dominantes são aceitos, sem questionamentos, como os mais "corretos" e "adequados", pela escola.
b) Logo, podemos concluir que o fracasso dos estudantes oriundos das classes trabalhadoras se deve, primordialmente, à sua própria incapacidade de origem.
c) Portanto, só o acesso dos filhos das classes operárias à escola poderá ocasionar a diminuição das diferenças sociais, em nosso país.
d) Esse o motivo a justificar a distribuição dos estudantes em turmas, de acordo com suas classes sociais de origem.
e) Essa dissimulação da discriminação tem como objetivo, antes de mais nada, proporcionar aos estudantes uma interação mais livre e igualitária.

Nas questões de nº **1007** a **1009** indique o item em que os sinais de pontuação **não** foram corretamente empregados.

1007.
a) No campo dos dissídios coletivos, o fracasso na negociação direta transfere para os juizes dos TRTs e ministros do TST uma responsabilidade gigantesca que, muitas vezes, as próprias diretorias das empresas evitam enfrentar - especialmente as estatais.
b) Não são raros os casos em que os dirigentes fazem o papel de bonzinhos, deixando o desempenho de algoz para o Poder Judiciário. Como reverter este quadro? Como forçar as partes a negociar com todo o empenho? Penso que o "método da oferta final" pode ajudar.
c) Por esse método, o julgador só pode optar por uma das duas propostas finais das partes. Digamos que uma pede 100% de aumento e a outra insiste em conceder apenas 10%. O juiz só poderá escolher 100% ou 10%, ficando impedido de escolher qualquer valor intermediário.
d) Esse é um exemplo pouco realista e aqui usado, simplesmente, para acentuar que a restri-

ção aludida constitui uma poderosíssima pressão para as partes negociarem à exaustão.

e) Ela eleva extraordinariamente, o risco para as partes. Se o juiz decidir pelos 100%, arrasa a empresa; se decidir pelos 10%, arrasa os trabalhadores.

(José Pastore, com adaptações)

1008.

a) Os trabalhadores com datas-base em fevereiro, junho e outubro (Grupo 2) podem receber antecipação bimestral de 18%, e mais o INPC de setembro, 15,62%, o que corresponderia a um aumento total de 36,43% este mês.

b) O saque do Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep), é permitido no caso de aposentadoria, invalidez, transferência para a reserva remunerada, inatividade ou falecimento.

c) Quem vai às compras, para atender necessidades básicas ou satisfazer desejos de consumo, não pode dispensar a pesquisa de preços.

d) Tanto os que têm como os que não têm cruzados retidos e vivem o aperto da estagflação, a recessão combinada com a inflação, estão compulsoriamente obrigados a prestar mais atenção nos atos do Executivo e do Legislativo, direito e dever da cidadania e salva-guarda do bolso.

e) Tributaristas já cansaram de dizer: é preciso estar atento e, mais do que isso, agir.

(Jorge Zappia, com adaptações)

1009.

a) Nem mesmo um Cecil B. DeMille com poderes divinos – e orçamento ilimitado – seria capaz de reunir um elenco tão monumental, complexo, diferenciado e demente quanto o elenco de europeus que “descobriu” e “conquistou” a América.

b) A lista de aventureiros sem escrúpulos, navegantes destemidos, soldados gananciosos, cartógrafos visionários, náufragos abandonados, militares sangüinários, padres sem fé e religiosos devotos, desertores conscientes e traidores contumazes, pilotos virtuosos e líderes com uma missão é virtualmente interminável.

c) Houve gente como o desmiolado Lope de Aguirre, que se finou na busca de uma miragem: o mito do El Dorado.

d) Francisco Pizarro foi o criador de porcos analfabeto que conquistou o Peru e matou o inca Atahualpa no garrote vil, depois de tê-lo feito pagar aquele que talvez tenha sido o maior resgate da história: uma sala repleta de ouro.

e) Menos lembrado é o italiano Pigafetta, o aventureiro e escritor que inventou que a Patagônia era habitada por gigantes, ou Cristóvão de Acuna, o padre que inventou que o Rio Amazonas era patrulhado por guerreiras amazonas, ou o inglês sir Walter Raleigh, que conquistou as Guianas. (E. Bueno, com adapt.)

GABARITO

01. B	02. C	03. B	04. E	05. E
06. B	07. E	08. E	09. D	10. A
11. C	12. C	13. E	14. E	15. A
16. B	17. D	18. A	19. B	20. E
21. E	22. E	23. C	24. A	25. A
26. C	27. B	28. B	29. C	30. C
31. C	32. C	33. E	34. C	35. C
36. C	37. D	38. C	39. C	40. C
41. C	42. C	43. D	44. B	45. B
46. A	47. B	48. B	49. A	50. D
51. D	52. C	53. D	54. B	55. B
56. C	57. D	58. A	59. C	60. A
61. D	62. D	63. A	64. A	65. D
66. E	67. A	68. C	69. A	70. D
71. A	72. B	73. E	74. A	75. E
76. D	77. B	78. E	79. E	80. A
81. E	82. D	83. D	84. A	85. C
86. A	87. E	88. C	89. E	90. C
91. B	92. E	93. C	94. D	95. A
96. E	97. B	98. B	99. E	100. A
101. C	102. C	103. D	104. B	105. A
106. A	107. C	108. A	109. E	110. C
111. B	112. E	113. C	114. E	115. E
116. D	117. B	118. B	119. B	120. D
121. B	122. B	123. B	124. E	125. A
126. B	127. D	128. C	129. A	130. E
131. A	132. E	133. B	134. D	135. B
136. A	137. B	138. B	139. B	140. A

141. C	142. C	143. B	144. A	145. D
146. D	147. A	148. D	149. E	150. A
151. E	152. D	153. D	154. C	155. E
156. C	157. D	158. D	159. C	160. E
161. E	162. A	163. B	164. D	165. D
166. D	167. C	168. B	169. B	170. C
171. E	172. D	173. D	174. C	175. E
176. A	177. A	178. B	179. C	180. B
181. E	182. D	183. C	184. E	185. D
186. C	187. E	188. D	189. C	190. E
191. E	192. B	193. D	194. B	195. A
196. B	197. D	198. D	199. B	200. B
201. D	202. A	203. C	204. A	205. B
206. E	207. E	208. E	209. B	210. E
211. B	212. B	213. B	214. C	215. A
216. E	217. E	218. D	219. B	220. E
221. C	222. B	223. B	224. A	225. B
226. B	227. C	228. B	229. D	230. B
231. B	232. E	233. D	234. B	235. B
236. A	237. A	238. D	239. B	240. E
241. E	242. E	243. B	244. E	245. D
246. C	247. C	248. C	249. D	250. C
251. E	252. C	253. D	254. E	255. D
256. C	257. C	258. E	259. C	260. A
261. A	262. C	263. A	264. D	265. E
266. E	267. D	268. A	269. D	270. C
271. B	272. C	273. E	274. C	275. E
276. B	277. B	278. D	279. D	280. C
281. D	282. E	283. C	284. E	285. A
286. D	287. C	288. C	289. A	290. A

291. D	292. B	293. D	294. B	295. B
296. E	297. D	298. B	299. E	300. C
301. B	302. D	303. C	304. C	305. A
306. B	307. E	308. C	309. D	310. A
311. A	312. A	313. A	314. D	315. D
316. E	317. E	318. E	319. B	320. D
321. C	322. C	323. E	324. E	325. E
326. A	327. D	328. A	329. C	330. C
331. B	332. C	333. A	334. B	335. E
336. C	337. B	338. E	339. E	340. E
341. D	342. A	343. A	344. C	345. C
346. A	347. C	348. A	349. B	350. D
351. E	352. B	353. D	354. C	355. A
356. E	357. C	358. C	359. A	360. B
361. A	362. B	363. C	364. E	365. C
366. A	367. D	368. B	369. E	370. A
371. A	372. E	373. C	374. D	375. E
376. C	377. E	378. D	379. C	380. B
381. D	382. C	383. C	384. E	385. C
386. A	387. D	388. C	389. E	390. A
391. C	392. C	393. B	394. E	395. A
396. C	397. D	398. A	399. B	400. C
401. B	402. C/D	403. D	404. C	405. D
406. A	407. E	408. C	409. E	410. D
411. E	412. E	413. D	414. C	415. C
416. C	417. D	418. C	419. A	420. A
421. D	422. C	423. B	424. E	425. E
426. C	427. B	428. D	429. B	430. C
431. B	432. E	433. B	434. D	435. C
436. A	437. C	438. A	439. A	440. C

441. B	442. D	443. C	444. E	445. A
446. E	447. D	448. E	449. E	450. C
451. B	452. D	453. C	454. A	455. D
456. B	457. D	458. B	459. B	460. C
461. E	462. B	463. D	464. E	465. A
466. C	467. D	468. 1.A/2.E	469. B	470. E
471. B	472. C	473. E	474. B	475. C
476. A	477. B	478. B	479. B	480. C
481. D	482. C	483. E	484. D	485. D
486. C	487. B	488. A	489. C	490. C
491. B	492. D	493. A	494. C	495. D
496. A	497. B	498. C	499. D	500. C
501. C	502. A	503. B	504. E	505. B
506. C	507. A	508. B	509. A	510. D
511. B	512. E	513. B	514. E	515. D
516. D	517. D	518. A	519. D	520. C
521. E	522. C	523. C	524. C	525. E
526. B	527. E	528. A	529. D	530. D
531. E	532. A	533. C	534. D	535. A
536. A	537. E	538. A	539. B	540. E
541. B	542. D	543. B	544. C	545. B
546. D	547. D	548. D	549. C	550. A
551. A	552. A	553. D	554. B	555. C
556. B	557. C	558. A	559. A	560. C
561. C	562. A	563. E	564. B	565. D
566. C	567. D	568. C	569. B	570. A
571. C	572. E	573. A	574. A	575. B
576. A	577. A	578. B	579. C	580. D
581. A	582. A	583. D	584. A	585. B
586. C	587. B	588. C	589. E	590. E

591. B	592. C	593. D	594. D	595. C
596. C	597. E	598. B	599. B	600. C
601. B	602. D	603. A	604. B	605. D
606. D	607. B	608. D	609. B	610. B
611. D	612. A	613. D	614. A	615. E
616. D	617. A	618. B	619. A	620. 1.B/ 2.D
621. C	622. D	623. A	624. B	625. B
626. D	627. E	628. A	629. E	630. A
631. D	632. C	633. E	634. B	635. C
636. D	637. A	638. E	639. A	640. A
641. A	642. C	643. E	644. C	645. A
646. D	647. E	648. E	649. A	650. C
651. C	652. A	653. D	654. A	655. B
656. D	657. E	658. A	659. D	660. B
661. D	662. B	663. A	664. C	665. E
666. D	667. E	668. A	669. D	670. E
671. E	672. C	673. C	674. E	675. A
676. D	677. E	678. A	679. C	680. E
681. C	682. B	683. B	684. E	685. C
686. C	687. A	688. A	689. D	690. B
691. A	692. B	693. D	694. D	695. C
696. C	697. C	698. A	699. C	700. D
701. C	702. E	703. C	704. A	705. E
706. E	707. C	708. C	709. C	710. A
711. C	712. A	713. D	714. C	715. E
716. D	717. E	718. C	719. D	720. B
721. A	722. E	723. C	724. B	725. D
726. D	727. D	728. C	729. B	730. A
731. 1.C/2.C	732. C	733. D	734. E	735. E
736. B	737. D	738. A	739. B	740. E

741. B	742. E	743. B	744. C	745. A
746. A	747. A	748. B	749. A	750. C
751. A	752. D	753. A	754. 1.B/2.A/3.C	755. B
756. B	757. D	758. B	759. B	760. B
761. A	762. D	763. C	764. A	765. A
766. C	767. A	768. B	769. C	770. B
771. C	772. D	773. A	774. E	775. D
776. E	777. E	778. C	779. B	780. B
781. D	782. D	783. C	784. C	785. E
786. D	787. A	788. E	789. B	790. C
791. C	792. D	793. D	794. A	795. B
796. E	797. D	798. D	799. E	800. C
801. C	802. A	803. C	804. C	805. C
806. A	807. B	808. B	809. B	810. A
811. A	812. D	813. C	814. B	815. A
816. B	817. B	818. D	819. C	820. B
821. A	822. E	823. E	824. E	825. E
826. A	827. C	828. B	829. D	830. B
831. NULA	832. D	833. C	834. E	835. B
836. B	837. B	838. C	839. D	840. B
841. B	842. C	843. B	844. D	845. D
846. D	847. C	848. E	849. B	850. D
851. A	852. A	853. B	854. D	855. E
856. A	857. E	858 C	859. A	860. D
861. A	862. A	863. A	864. B	865. B
866. D	867. C	868. B	869. C	870. E
871. A	872. C	873. B	874. D	875. D
876. C	877. D	878. A	879. D	880. A
881. E	882. A	883. E	884. D	885. C
886. B	887. B	888. C	889. E	890. D

891. E	892. C	893. D	894. A	895. D
896. C	897. B	898. D	899. B	900. D
901. A	902. D	903. E	904. B	905. B
906. A	907. C	908. E	909. C	910. C
911. A	912. C	913. D	914. D	915. D
916. E	917. C	918. A	919. E	920. B
921. B	922. E	923. E	924. D	925. C
926. B	927. D	928. C	929. E	930. B
931. B	932. E	933. A	934. C	935. C
936. D	937. NULA	938. B	939. A	940. C
941. A	942. D	943. A	944. D	945. E
946. B	947. E	948. D	949. C	950. C
951. D	952. A	953. B	954. E	955. E
956. A	957. D	958. C	959. A	960. C
961. B	962. C	963. D	964. B	965. D
966. B	967. D	968. A	969. A	970. A
971. E	972. D	973. A	974. C	975. E
976. E	977. E	978. A	979. E	980. B
981. D	982. C	983. E	984. A	985. E
986. C	987. D	988. A	989. E	990. B
991. D	992. B	993. D	994. D	995. C
996. C	997. A	998. E	999. E	1000. B
1001. C	1002. D	1003. A	1004. E	1005. B
1006. A	1007. E	1008. B	1009. C	

Décio Sena

Gramática Aplicada

PARA CONCURSOS

Material complementar com 900 questões

Editora Impetus

Exercícios de Ortografia

Obs.: fizemos modificações nas questões em que havia necessidade de se ajustarem ao Novo Acordo Ortográfico.
Ao trabalhar com questões de acentuação gráfica e de emprego do hífen, portanto, considere apenas os novos dispositivos advindos do Acordo citado.

1. NCE-UFRJ – A opção em que as duas palavras destacadas não são acentuadas segundo a mesma regra de acentuação gráfica é:

A) universitário – adolescência;
B) mínimo – domésticos;
C) país – até;
D) ópera – currículo;
E) negócio – experiência.

2. NCE-UFRJ – Anestesia é uma palavra grafada com s (e não com z) e privilégio é grafada com i (e não com e). A alternativa em que ambas as palavras estão corretas quanto à grafia é:

A) atravez – arrepio;
B) atraz – Pirineus;
C) frisa – irrequieto;
D) análise – crâneo;
E) baroneza – campeão.

3. FGV – Grafou-se corretamente o vocábulo enxugando. Assinale a alternativa em que todas as palavras tenham sido grafadas corretamente:

A) degladiar – obsessão – abscesso – pan-africanismo;
B) desinteria – análise – através – extraoficial;
C) pichar – necessidade – consciência – obsecado;
D) chuchu – jeito – pretensão – suboficial;
E) berinjela – exceção – cacetete – hipersensibilidade.

4. **CESGRANRIO – Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen não deve ser utilizado em:**

- **A** formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
- **B** palavras formadas com o acréscimo de prefixos como anti-, sub-, em que o segundo elemento começa por h;
- **C** palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
- **D** palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por r ou s;
- **E** topônimos iniciados pelos adjetivos grã, grão.

5. **CESGRANRIO – Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação".**

   Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto ei ou oi não o são mais.

   São exemplos dessa mudança as palavras:

- **A** assembleia, aldeia, proteico;
- **B** cadeia, paranoico, introito;
- **C** heroi, boina, epopeico;
- **D** heroico, onomatopeico, plateia;
- **E** jiboia, comboio, papeis.

6. **FGV – As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.**

   Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica:

- **A** Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
- **B** Votamos aquele presidente pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.
- **C** Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
- **D** Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
- **E** O mandado do deputado será suspenso.

7. **FJPF – Observe o emprego do termo sublinhado na frase "Por que há médicos, advogados, professores e engenheiros despreparados, vamos batalhar pelo fechamento dos educandários por onde se formaram?". Sabendo-se que o**

termo em negrito acima tem quatro formas distintas de grafia, pode-se afirmar que há incorreção na frase:

Ⓐ Não se sabe por que os jornalistas tinham baixa formação.
Ⓑ Não se sabe o porquê de os jornalistas terem baixa formação.
Ⓒ Os jornalistas tinham baixa formação por que?
Ⓓ Os jornalistas tinham baixa formação porque não havia cursos especializados.
Ⓔ Os cursos por que passavam os jornalistas eram de curta direção.

8. FJPF – Os pares de palavras abaixo foram organizados tendo como critério as normas de acentuação gráfica. Dos cinco pares, o único em que os acentos gráficos das palavras se justificam por regras distintas é:

Ⓐ vítima – decúbito;
Ⓑ nosocômio – literário;
Ⓒ só – é;
Ⓓ repórter – suíno;
Ⓔ língua – noticiário.

9. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que país:

Ⓐ Bolívia;
Ⓑ gás;
Ⓒ pivô;
Ⓓ comércio;
Ⓔ reconstruí-la.

10. CESGRANRIO – O vocábulo destacado em "uma paralisia das pernas?" é grafado com s. Em qual dos pares abaixo há um vocábulo que, segundo a norma culta, está grafado indevidamente com s?

Ⓐ Análise – gasolina.
Ⓑ Catequisar – arrasar.
Ⓒ Extravasar – atrás.
Ⓓ Poetisa – quis.
Ⓔ Usura – improvisar.

11. CESGRANRIO – São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras:

Ⓐ audácia – prudência – imprescindíveis – equilíbrio;
Ⓑ política – sábia – destrói – ótimo;
Ⓒ catástrofes – histórica – econômica – entretém;
Ⓓ além – ninguém – você – órfão;
Ⓔ três – há – até – só.

12. FCC – "...para entender <u>por que</u> a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora..."

No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

- **A** Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____?
- **B** Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
- **C** Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?
- **D** Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.
- **E** — _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

13. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

- **A** Não constitui uma primasia dos animais a satisfação dos impulsos instintivos: também o homem regozija-se em atender a muitos deles.
- **B** As situações de impunidade infligem sérios danos à organização das sociedades que tenham a pretenção da exemplaridade.
- **C** É difícil atingir uma relação de complementaridade entre a premênsia dos instintos naturais e a força da razão.
- **D** Se é impossível chegarmos à abstensão completa da satisfação dos instintos, devemos, ao menos, procurar constringir seu poder sobre nós.
- **E** A dissuasão dos contraventores se faz pela exemplaridade das sanções, de modo que a cada delito corresponda uma justa punição.

14. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha seguido regra de acentuação distinta das demais:

- **A** países;
- **B** médio;
- **C** cenário;
- **D** áreas;
- **E** prestígio.

15. FJPF – No fragmento "A sociedade não estaria sendo <u>anestesiada</u> ou <u>hipnotizada</u> por uma forma sinistra de <u>conspiração</u> sonora?", os vocábulos em destaque estão grafados corretamente. Dos itens abaixo, aquele que tem os três vocábulos grafados corretamente é:

- **A** agazalhada / amenizada / punição;
- **B** brisa / felizarda / contaminassão;
- **C** analisada / indenizada / acepção;
- **D** hesitar / galvanisada / constipação;
- **E** frisada / preconizada / procição.

16. FGV – Em autossuficiente, optou-se corretamente pelo não uso do hífen. Assinale a alternativa em que não se procedeu corretamente quanto à necessidade ou não de seu emprego:

Ⓐ autobiografia;
Ⓑ superatleta;
Ⓒ antiinflamatório;
Ⓓ pseudocientista;
Ⓔ micro-região.

17. FEPESE – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas corretamente:

Ⓐ ítens – dígrafo – flúor – rubrica – núvem – pêsames – ânsia;
Ⓑ juíz – juízes – têxtil – hífens – cárie – espontâneo – ônus;
Ⓒ seminú – estética – eles veem – elas têm – apêlo – reduzí-lo;
Ⓓ dígito – biquíni – tênue – êxito – hífen – linguística – difícil;
Ⓔ pólen – gráfico – notícias – jóvens – cônscio – oxítona – pajé.

18. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra seja acentuada por seguir regra distinta das demais:

Ⓐ frequência;
Ⓑ notícias;
Ⓒ países;
Ⓓ convênio;
Ⓔ vários.

19. FGV – A palavra êxito recebe acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a:

Ⓐ interim;
Ⓑ rubrica;
Ⓒ recondito;
Ⓓ arquétipo;
Ⓔ lúgubre.

20. FEPESE – Dadas as frases:

1. As reinvindicações apresentadas dizem respeito às modificações do projeto.

2. Senhoras e senhores! É um privilégio poder cumprimentá-los nesta data festiva.

3. Os produtos comprados foram devidamente discriminados na nota fiscal.

Verifica-se que está(ão) correta(s) apenas:

- **A** a frase 2;
- **B** a frase 3;
- **C** as frases 1 e 2;
- **D** as frases 1 e 3;
- **E** as frases 2 e 3.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que saúde:

- **A** indústria;
- **B** licitatória;
- **C** aí;
- **D** até;
- **E** têm.

22. NC-UFPR – Indique a alternativa que não apresenta problema de grafia:

- **A** O acesso a Internet dá aos usuários, em tese, inúmeras possibilidades à ampliar seu conhecimento musical.
- **B** No momento, não a limites para a qualidade dos equipamentos disponíveis para a reprodução musical.
- **C** Esperamos que daqui há 20 anos, a nova geração tenha uma postura diferente frente à audição musical.
- **D** A proporção que crescem as opções tecnológicas, diminui a capacidade individual de apreciação musical.
- **E** O acesso a equipamentos sofisticados não contribui necessariamente para a educação musical.

23. ENCE-RJ – Assinale a opção em que um dos termos apresenta erro de grafia:

- **A** aborígene, dispêndio, invólucro;
- **B** empecilho, irrequieto, prevenido;
- **C** camurça, mordaça, paçoca;
- **D** esquisito, espontâneo, espectador;
- **E** holofote, hipócrita, híbrido.

24. INTELECTUS – Assinale a palavra que não está escrita de forma correta de acordo com a Nova Ortografia:

- **A** além-mar;
- **B** sem-terra;
- **C** para-quedas;
- **D** antirreligioso;
- **E** autoescola.

25. INTELECTUS – Assinale a frase que <u>não</u> está correta de acordo com a Nova Ortografia:

Ⓐ Ela para a bicicleta.
Ⓑ O Pólo Sul é frio.
Ⓒ O cão tem pelo negro.
Ⓓ Ele joga polo.
Ⓔ A pera é uma fruta.

26. IESES – Assinale a alternativa que apresenta <u>erro</u> de ortografia:

Ⓐ Em almoço beneficiente, com a chegada eminente das reivindicações que o gerou, o clima foi tomado por desassossego.
Ⓑ A iluminação daquela sala de cirurgia melhorou com a instalação de lâmpadas fluorescentes.
Ⓒ A expectativa foi atendida, embora nada de espontâneo e esplêndido tenha sido feito.
Ⓓ A exceção à regra foi feita de maneira obsessiva pela equipe de profissionais.

27. FEC – Na última sílaba dos vocábulos "expansão", "exceção" e "discussão" constatam-se três formas distintas de grafia do fonema /sê/, em português. Dos itens abaixo, com vocábulos grafados, respectivamente, com as três formas acima, aquele em que há vocábulo com erro de grafia, de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ propensão – distenção – repressão;
Ⓑ ascensão – absorção – opressão;
Ⓒ extensão – ereção – repercussão;
Ⓓ suspensão – redenção – secessão;
Ⓔ pretensão – assunção – concessão.

28. CESGRANRIO – Em relação às regras de acentuação gráfica, a frase que <u>não</u> apresenta erro é:

Ⓐ Ele não pode vir ontem à reunião porque fraturou o pé.
Ⓑ Encontrei a moeda caida perto do sofá da sala.
Ⓒ Alguém viu, além de mim, o helicóptero que sobrevoava o local?
Ⓓ Em péssimas condições climaticas você resolveu viajar para o exterior.
Ⓔ Aqui so eu é que estou preocupado com a saúde das crianças.

29. CESGRANRIO – A frase em que todas as palavras estão escritas de forma correta, conforme a ortografia da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ Foi um previlégio ser acompanhado pelo advogado do sindicato.
Ⓑ Estão cojitando de fabricar salas acústicas.
Ⓒ A senhora possue algumas horas para tirar a cesta.
Ⓓ O lado de traz segue até à sala de descanso.
Ⓔ Estava hesitante sobre a escolha do bege claro para a mobília.

30. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra indicada não esteja acentuada corretamente:

- **A** bíceps;
- **B** órfã;
- **C** bênção;
- **D** ávaro;
- **E** bávaro.

31. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo regra <u>distinta</u> das demais:

- **A** Amazônia;
- **B** planetária;
- **C** resistência;
- **D** níveis;
- **E** países.

32. NC-UFPR – Em que alternativa a chamada para atrair turistas ao Brasil está correta quanto à grafia?

- **A** Rezerve sua passagem já. O Brasil têm tudo o que você espera.
- **B** Conheção o Brasil. O paraíso é aqui.
- **C** Esperimente as delícias do paraíso vindo ao Brasil.
- **D** Veleje em nossos mares. Você jamais esquecerá.
- **E** O colorido deste pais vai mecher com você. Visite o Brasil.

33. NC-UFPR – Observe a grafia das palavras e assinale a alternativa correta:

- **A** Um acidente em Ímola, a dez anos atrás, provocou a morte de Ayrton Senna.
- **B** Para os brasileiros, não há caso parecido com o de Ayrton Senna. Mesmo daqui há muitos anos, o povo vai lembrar.
- **C** As aspirações há que queria se referir o editor do texto, será alvo de estudo de especialistas daqui há mais algum tempo.
- **D** Uma batida há 300 Km/h contra um muro punha um ponto final na vida de um ídolo.
- **E** Há muito, não se via uma manifestação como a que ocorreu na morte de Ayrton Senna.

34. FEPESE – Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de <u>alguém</u>, <u>inverossímil</u> e <u>caráter</u>, respectivamente:

- **A** armazém – útil – açúcar;
- **B** hífen – também – impossível;
- **C** têm – protéico – éter;
- **D** há – impossível – crítico.

35. FUJB – Seguem-se várias palavras grafadas com a letra X. A opção em que essa letra está empregada erradamente é:

Ⓐ exceção;
Ⓑ máximo;
Ⓒ exílio;
Ⓓ exímio;
Ⓔ mixto.

36. NCE-UFRJ – Cada uma das séries abaixo se inicia com a palavra que abre cada alternativa. As demais se relacionam com ela semanticamente, não havendo erro ortográfico apenas em:

Ⓐ receber – recepção – recebimento;
Ⓑ longe – longinquo – lonjura;
Ⓒ grande – grandeza – engrandescer;
Ⓓ fácil – facílimo – facilmente;
Ⓔ sintonia – sintonizar – sintônico.

37. NCE-UFRJ – As palavras "também", "excluída" e "renováveis", respectivamente, recebem acento pelo mesmo motivo que:

Ⓐ éden – período – ministério;
Ⓑ convêm – conteúdo – anéis;
Ⓒ talismãs – lusíada – petróleo;
Ⓓ freguês – açaí – jóquei;
Ⓔ parabéns – balaústre – deixá-las.

38. NCE-UFRJ – Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

Ⓐ mantegueira – aterrissagem;
Ⓑ cataclismo – adivinhar;
Ⓒ mortadela – meretíssimo;
Ⓓ entitulado – embutido;
Ⓔ prostração – beneficiente.

39. NCE-UFRJ – "Rádio", "família", "música", "publicitário", "médio", "frequência", "mídia". Esses vocábulos do texto têm seu acento tônico justificado pelo seguinte número de regras:

Ⓐ 5;
Ⓑ 4;
Ⓒ 3;
Ⓓ 2;
Ⓔ 1.

40. NCE-UFRJ – O vocábulo chimpanzé também pode ser grafado chipanzé. O vocábulo a seguir que não admite a dupla grafia indicada é:

- **A** bêbado – bêbedo;
- **B** assoviar – assobiar;
- **C** requesito – requisito;
- **D** enfarte – infarto;
- **E** berruga – verruga.

41. NCE-UFRJ – As palavras "responsáveis", "também", "veículos", "intransferível", "há", "código", "publicitária" podem ser agrupadas, segundo as regras de acentuação gráfica, em:

- **A** um só grupo;
- **B** dois grupos;
- **C** três grupos;
- **D** quatro grupos;
- **E** cinco grupos.

42. NCE-UFRJ – Conscientes e fascinantes são vocábulos corretamente grafados com sc. A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** fascismo – descendência;
- **B** adolescência – tescitura;
- **C** piscina – suscitar;
- **D** fluorescente – miscigenação;
- **E** ascético – lascívia.

43. NCE-UFRJ – As formas quisesse e mazelas apresentam para um mesmo fonema – z – duas grafias distintas: "s" e "z". A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** pesquisa;
- **B** paralisia;
- **C** atraso;
- **D** através;
- **E** xadres.

44. NCE-UFRJ – A palavra taxa é escrita com X. A palavra abaixo que não deve ser escrita com X é:

- **A** mexer;
- **B** xícara;
- **C** faixa;
- **D** xuxu;
- **E** coxa.

45. NCE-UFRJ – Brasil é uma palavra escrita com S. a palavra abaixo que está grafada erradamente é:

Ⓐ casar;
Ⓑ gás;
Ⓒ vaso;
Ⓓ gis;
Ⓔ três.

46. FUMARC – Há erro de ortografia em:

Ⓐ Quem delega muito pode ser dispensável na empresa.
Ⓑ Sou bastante exigente comigo mesmo e com os outros.
Ⓒ É preciso muita compreenção no ambiente de trabalho.
Ⓓ Escrevo toda a correspondência expedida no meu setor.

47. IPAD – Os termos que apresentam a mesma justificativa quanto à acentuação gráfica são:

Ⓐ política – indivíduos;
Ⓑ mercadológicas – sintomático;
Ⓒ própria – versão;
Ⓓ automóvel – crédito;
Ⓔ trás – tão.

48. PUC-SP – A alternativa em que nem todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

Ⓐ arcaísmo, mês, frequência, incluí-lo;
Ⓑ hífens, túneis, órgão, sentí-lo;
Ⓒ elétrons, atrás, pára (verbo), trocá-lo;
Ⓓ íris, alguém, sanguíneo, vendê-lo;
Ⓔ apoio (verbo), tórax, armazéns, compô-lo.

49. ITA – Examinando as palavras:

"entitular" – "empecilho" – "prazerosamente" – "mendingo"

Verifica-se que:

Ⓐ apenas uma está escrita corretamente;
Ⓑ apenas duas estão escritas corretamente;
Ⓒ três estão escritas corretamente;
Ⓓ todas estão escritas corretamente;
Ⓔ nenhuma está escrita corretamente.

50. NCE-UFRJ – "Obsceno" é uma palavra grafada com "sc". O item a seguir em que uma das palavras selecionadas está erradamente grafada, exatamente por não possuir este encontro de letras é:

- **A** incandescente – ascensão – suscitar;
- **B** abscesso – irascível – discernir;
- **C** néscio – cônscio – discípulo;
- **D** prescindir – rescisão – transcender;
- **E** piscicultura – interscessão – convalescença.

51. EFOMM – Assinale a única opção em que se cometeu erro no emprego do hífen:

- **A** A criança era mal-criada por ter sido mal criada pelos pais.
- **B** É uma jovem bem-parecida; aliás, é bem parecida com o irmão.
- **C** O malmequer e o bem-me-quer ornamentam nosso jardim.
- **D** O amor-perfeito simboliza o amor perfeito.
- **E** Ele só trabalha meio dia e começa ao meio-dia.

52. NC-PR – Assinale a única alternativa que apresenta erro de ortografia:

- **A** O mal torna um homem mau e prostra-o vencido na vida.
- **B** Uma frustação nem sempre faz mal; às vezes, é um remédio.
- **C** Uma palmada em um adolescente irresponsável pode gerar tensão.
- **D** O xerife botou o charlatão no xadrez.
- **E** Não hesite! Se não for bem-sucedido uma vez, insista até conseguir.

53. EN – Assinale o item em que todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente por serem proparoxítonos:

- **A** interim – prototipo – garrulo – aerólito;
- **B** necropsia – pegada – aziago – antonomásia;
- **C** misantropo – Madagascar – filantropo – boemia;
- **D** biceps – rubrica – heroico – gratuito;
- **E** impudico – ibero – alopata – fortuito.

54. FESP-RJ – A alternativa em que há erro na grafia de uma das palavras é:

- **A** aridez – agonizar – redenção;
- **B** crueza – visualizar – exceção;
- **C** limpeza – hipnotizar – asserção;
- **D** justeza – cartelizar – pretenção;
- **E** pequenez – sintetizar – extinção.

55. EFOMM – O emprego correto do hífen está na opção:

- **A** sub-chefe;
- **B** ante-ontem;
- **C** sub-reino;
- **D** pre-fácio;
- **E** contra-cheque.

56. EFOMM – Devem ser grafados com "o" e "u", respectivamente, os seguintes vocábulos:

Ⓐ ent_pimento – táb_a;
Ⓑ b_bina – búss_la;
Ⓒ ch_visco – ac_dir;
Ⓓ eng_lir – b_eiro;
Ⓔ c_rtiça – trib_.

57. ESAG – A alternativa em que todas as palavras recebem acento com base na mesma regra de acentuação gráfica é:

Ⓐ está, vá, você;
Ⓑ nível, óbvio, sério;
Ⓒ só, nós, têm;
Ⓓ ardósia, últimos, décadas.

58. FUNDEP – A única afirmativa que contém uma palavra cuja acentuação gráfica <u>não</u> segue a mesma regra das demais é:

Ⓐ amêndoas, névoa, ofício;
Ⓑ espécie, paciência, mágoa;
Ⓒ náufrago, náusea, equinócio;
Ⓓ repugnância, espécie, idílio.

59. FURJ – "...porque aí é merecido."

A acentuação do vocábulo "aí" justifica-se pela mesma regra segundo a qual é acentuada a seguinte palavra do texto:

Ⓐ límpido;
Ⓑ bíblicos;
Ⓒ família;
Ⓓ político;
Ⓔ usufruídas.

60. IPAD – Observe, atentamente, os enunciados abaixo:

1. Para conter a violência no trânsito, DETRANS começam a cassar carteiras do mal motorista.

2. O pessimismo tomou conta dos agentes econômicos, que creem que a riqueza do planeta evaporou.

3. Um programa que tem a pretensão de controlar a dieta calcula a composição dos alimentos ingeridos, o seu número de calorias e aponta eventuais excessos, de acordo com as informações de peso e faixa etária de cada pessoa.

Há palavras grafadas incorretamente em:

Ⓐ 1 e 3 apenas;
Ⓑ 2 e 3;
Ⓒ 2 e 3 apenas;
Ⓓ 3 apenas;
Ⓔ 1 apenas.

61. FJPF – "Pesquisa" é um vocábulo escrito com "s". O vocábulo abaixo que está incorretamente escrito porque também deveria ser grafado com "s" é:

Ⓐ certeza;
Ⓑ deslize;
Ⓒ baliza;
Ⓓ azeite;
Ⓔ análize.

62. FCC – A <u>contemporaneidade</u> das ideias não implica <u>rejeição</u> sumária do que já foi <u>ajuisado</u> no passado, pelo contrário: requer a <u>izenção</u> de julgamento que <u>coíbe</u> os preconceitos e permite <u>analisar</u> com <u>descortínio</u> as teorias de nossos <u>antecessores</u>.

É preciso corrigir a grafia de <u>todas</u> as palavras, sublinhadas do período acima, que constam em:

Ⓐ rejeição – ajuisado – analisar;
Ⓑ contemporaneidade – coíbe – descortínio;
Ⓒ ajuisado – izenção – descortínio;
Ⓓ rejeição – coíbe – antecessores;
Ⓔ contemporaneidade – izenção – analisar.

63. FCC – Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

Ⓐ Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
Ⓑ A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
Ⓒ Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
Ⓓ O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
Ⓔ As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados "programas populares".

64. UPENET – Quanto à justificativa para a acentuação das palavras retiradas do texto, destacadas nas alternativas a seguir, é correto afirmar que:

Ⓐ as palavras "fé", "só", "nós" e "há" são exemplos de monossílabos átonos, por isso são acentuadas;
Ⓑ as palavras "retórica", "sólida" e "técnicas" estão acentuadas como exceção à regra geral de que as proparoxítonas não precisam ser acentuadas;

Ⓒ as palavras “débil”, “razoável” e “fácil” são acentuadas como todas as paroxítonas terminadas em “l”;
Ⓓ as palavras “português”, “conclusões” e “canônico” são, respectivamente, oxítona, paroxítona e proparoxítona e, por isso, são acentuadas;
Ⓔ as palavras “argumento”, “contexto” e “vontade” não são acentuadas porque não têm sílaba tônica.

65. CESGRANRIO – Entre as palavras abaixo, assinale a que segue regra de acentuação distinta das demais:

Ⓐ Mário;
Ⓑ contraditório;
Ⓒ indícios;
Ⓓ raízes;
Ⓔ ingênua.

66. FGV – Assinale a única alternativa em que não há erro gráfico:

Ⓐ cochicho, cesareana, obceno;
Ⓑ aterrizar, sujestão, cangica;
Ⓒ beneficiente, rixa, cabelereiro;
Ⓓ sarjeta, disenteria, baliza.

67. PUC-PR – Assinale a alternativa em que a palavra do texto está corretamente acentuada pelo motivo que também está acentuada a palavra <u>área</u>, ou seja, como palavras que podem ser equiparadas, para efeitos de acentuação, às proparoxítonas, por serem “vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes”:

Ⓐ o monossílabo <u>é</u> do exemplo: “é um campo novo”;
Ⓑ o monossílabo <u>é</u> da frase: “é necessário”;
Ⓒ o substantivo <u>saúde</u> da expressão: “área da saúde”;
Ⓓ a palavra <u>necessário</u> da frase: “é necessário tempo”;
Ⓔ a conjunção <u>Porém</u> do exemplo: “Porém, com a revolução introduzida...”.

68. NCE-UFRJ – No uso do hífen na grafia portuguesa, ensina Evanildo Bechara: “Usa-se o hífen nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica” (*Moderna gramática portuguesa*, p. 75). Essa regra <u>não</u> se aplica, portanto, em:

Ⓐ água-marinha;
Ⓑ segunda-feira;
Ⓒ sub-oficial;
Ⓓ amor-perfeito;
Ⓔ para-choque.

69. NCE-UFRJ – Como se pode ver pelo texto, a palavra relógio é grafada com g. Indique o item a seguir em que ocorre um erro de ortografia, decorrente da troca entre g e j:

- **A** vertigem – gorjeta – majestade;
- **B** gorjeio – angelical – jiló;
- **C** jenipapo – jibóia – gengiva;
- **D** jerimum – lisonjeiro – ultraje;
- **E** mejera – desajeitado – lojista.

70. NCE-UFRJ – Ressuscitar é palavra grafada com sc. A palavra a seguir cuja grafia está equivocada exatamente porque não deve ser grafada com essas letras é:

- **A** viscissitude;
- **B** incandescente;
- **C** néscio;
- **D** fluorescente;
- **E** rescisão.

71. FEC – Assinale a alternativa em que os acentos gráficos justificam-se, respectivamente, pelas mesmas regras que dão cabimento aos usados em "acadêmica", "memória" e "fazê-lo":

- **A** íamos, íeis, avô;
- **B** histórica, púlpito, evitá-la;
- **C** endêmica, evidência, fê-lo;
- **D** heróica, régua, rendê-lo;
- **E** íntimo, cárie, nódoa.

72. FEC – No trecho "não oferecem salários compatíveis para atraí-los...", a forma verbal com pronome enclítico recebeu adequadamente o acento gráfico. Entre as frases abaixo, também com formas verbais com pronomes enclíticos e mesoclíticos, a única incorreta quanto à acentuação gráfica é:

- **A** A escolha dos professores far-se-á pelo critério do desempenho em sala de aula.
- **B** O professor chamou o aluno e resolveu distraí-lo, contando-lhe uma história diferente.
- **C** Questionado sobre a prova, o professor comentou que, assim que tiver terminado a correção, devolvê-la-á.
- **D** O diretor responsabilizou o professor e resolveu puní-lo pelos atos de indisciplina dos alunos.
- **E** O bibliotecário reuniu os livros para pô-los na estante.

73. NCE-UFRJ – A palavra juiz, no singular, não leva acento gráfico, mas na sua forma plural, sim. Isso ocorre porque, no plural:

Ⓐ a vogal i passa a ser tônica;
Ⓑ a vogal i, em hiato, fica sozinha na sílaba;
Ⓒ existe possibilidade de ambiguidade;
Ⓓ há necessidade de acento diferencial;
Ⓔ a vogal i passa a semivogal.

74. NCE-UFRJ – Assinale, nos itens a seguir, aquele em que pelo menos um vocábulo tem erro de grafia:

Ⓐ capixaba – através – granjear;
Ⓑ enxergar – primazia – majestade;
Ⓒ flexa – topázio – pagé;
Ⓓ chuchu – gorjeta – dosel;
Ⓔ piche – classicismo – privilégio.

75. NCE-UFRJ – Excesso é vocábulo grafado com XC. O item abaixo em que há erro porque o vocábulo não deveria ser escrito com esse dígrafo é:

Ⓐ excelente;
Ⓑ exceção;
Ⓒ exceder;
Ⓓ excitar;
Ⓔ rexcisão.

76. CONATEC –Assinale a alternativa que apresenta uma palavra grafada com erro:

Ⓐ framboesa – obesa – franqueza – Veneza;
Ⓑ baronesa – beleza – duquesa – princeza;
Ⓒ cruzeiro – azeite – azáfama – vizinho;
Ⓓ exceção – expectativa – faixa – enxergar.

77. CONATEC – Substitua o pontilhado por Ó ou Oh, conforme convier, e assinale a alternativa correta.

1 – ..... meu amigo, ajude-me.

2 – ..... teremos mais chuva!

3 – ..... rapaz, não faça isso!

4 – ..... Deus, onde estás?

5 – ..... quantas homenagens!

Ⓐ Ó – Ó – Ó – Oh! – Oh!
Ⓑ Ó – Oh! – Oh! – Ó – Oh!
Ⓒ Ó – Ó – Oh! – Oh! – Ó.
Ⓓ Ó – Oh! – Ó – Ó – Oh!

78. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o acento gráfico marca o timbre é:

Ⓐ constrói;
Ⓑ construído;
Ⓒ construíram;
Ⓓ construíste;
Ⓔ construísse.

79. COMVEST – Estão corretamente grafadas todas as palavras do item:

Ⓐ conciente – decedente – impecílio;
Ⓑ concessão – impecilho – exceção;
Ⓒ empecilho – privilégio – exceção;
Ⓓ prescindir – pretenção – previlégio;
Ⓔ néscio – previlégio – conceção.

80. FJPF – O par de palavras abaixo que <u>não</u> se acentua pelo mesmo motivo é:

Ⓐ está – é;
Ⓑ até – olhá-la;
Ⓒ névoa – hálito;
Ⓓ espécie – água;
Ⓔ infância – fêmea.

81. CETRO – Observando a grafia e a acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão <u>corretas</u>:

Ⓐ involucro, rúbrica, jiló, pesquiza, chave;
Ⓑ quiz, enjôo, bambú, geito, xeróx;
Ⓒ mecher, lugarzínho, raínha, estrêla, espectorante;
Ⓓ admirar, advinhar, atrazado, atráz, trás;
Ⓔ xícara, exceção, crisântemo, em cima, beneficente.

82. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que deve ser grafada com hífen é:

Ⓐ supracitado;
Ⓑ subrogar;
Ⓒ neolatina;
Ⓓ antinazista;
Ⓔ subumano.

83. COMVEST – Quanto à acentuação gráfica, estão corretas todas as palavras da alternativa:

Ⓐ raízes – saírdes – dividi-lo;
Ⓑ cairdes – rítmo – pitu;
Ⓒ idéia – caju – perdôou;
Ⓓ perdôo – reunía – táxi;
Ⓔ reúne – caíste – possuí-lo.

84. NCE-UFRJ – Em "De onde vêm as palavras", o termo vêm aparece com acento porque:

Ⓐ é necessário mostrar a diferença com a forma da terceira pessoa do singular;
Ⓑ todo monossílabo tônico terminado em "em" leva acento gráfico;
Ⓒ concorda com seu sujeito "as palavras";
Ⓓ é necessário destacar que sua pronúncia é nasal;
Ⓔ para distinguir o verbo "ver" do verbo "vir".

85. NCE-UFRJ – "...e que se agudizou..."; o item abaixo em que um dos verbos está grafado de forma incorreta é:

Ⓐ paralisar, analisar, deslizar;
Ⓑ enraizar, esquematizar, bisar;
Ⓒ catequizar, enfatizar, alisar;
Ⓓ vaporizar, aburguesar, penalizar;
Ⓔ batisar, colonizar, catalisar.

86. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta grafia correta é:

Ⓐ irrequieto;
Ⓑ previlégio;
Ⓒ desinteria;
Ⓓ curtiça;
Ⓔ chícara.

87. NCE-UFRJ – "Obscenamente" é um vocábulo grafado com "sc". O item a seguir em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:

Ⓐ ressuscitar – ascensão – piscina;
Ⓑ adolescente – discente – indescente;
Ⓒ convalescer – crescer – rescindir;
Ⓓ abscesso – florescente – transcender;
Ⓔ renascença – piscicultura – miscelânea.

88. Fundação Euclides da Cunha – No trecho "O 'modelo do limão' proposto por George Akerlof ajuda a compreender por que os governos não estão dispostos a pagar salários de mercado para bons professores", a palavra sublinhada foi escrita com os elementos separados. Sabendo-se que esta palavra também pode ser escrita com os elementos juntos, ora sem acento gráfico, ora com acento gráfico, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

Ⓐ As autoridades sabiam que havia problemas de salário, mas não conseguiam informar por quê.
Ⓑ Poucos conhecem os reais motivos porque no Brasil se remunera tão mal o professor.
Ⓒ É preciso conhecer o porquê de um problema, antes de buscar-se uma solução.

Ⓓ As secretarias de educação não informam por que o salário dos professores é tão baixo.

Ⓔ O salário dos professores é baixo, porque é ineficiente a política de contratação e avaliação de desempenho.

89. NCE-UFRJ – O item em que o par de palavras <u>não</u> está acentuado em função da mesma regra ortográfica é:

Ⓐ própria – advertências;

Ⓑ farmácia – bactéria;

Ⓒ indústria – cálcio;

Ⓓ importância – raízes;

Ⓔ remédio – circunstância.

90. FEC- Leia com atenção as frases abaixo, observando-as do ponto de vista ortográfico.

I. Com exceção da gasolina, todos os outros derivados do petróleo, importantes para a infra-estrutura do país, tiveram reajustes acima da rigidez atual dos preços.

II. A destituição da presidência passou a ser uma obsessão para uma macissa camada de neossócios, interessados na paralisia da alvissareira diretoria.

III. Vários assessores apresentaram-se espontaneamente para a arguição, entendendo o ato não como uma inquisição, mas como autorreflexão, ou autoanálise.

IV. A delinquência progressiva dos excedentes da exclusão constituem ingente atraso gerador de extensa dissensão da sociedade pós-industrial.

Constata-se que, de acordo com as normas ortográficas em vigor:

Ⓐ estão todas corretas;

Ⓑ estão todas corretas;

Ⓒ estão corretas as frases I e IV;

Ⓓ está correta a frase III;

Ⓔ estão corretas as frases III e IV.

91. FEC – Os acentos gráficos usados nas palavras "repórter", "espírito" e "nós" justificam-se pelas mesmas regras de acentuação que justificam os acentos usados, respectivamente, em:

Ⓐ fórceps, lídimo, rapé;

Ⓑ ímpar, íamos, dó;

Ⓒ fênix, álcool, pé;

Ⓓ balaústre, cadáver, rajá;

Ⓔ néctar, polícia, você.

92. ESAG – Assinale a alternativa cujas palavras destacadas estão grafadas de acordo com o sistema ortográfico oficial da Língua Portuguesa:

Ⓐ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓑ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram anciosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓒ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados atravez da imprensa.

Ⓓ Todo elenco do filme da seção de ontem, sem excessão, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

93. FEC – As palavras "três", "itinerário" e "autônomo" são assinaladas com o acento gráfico em face das mesmas regras que justificam o acento, respectivamente, em:

Ⓐ mês, contrário, caído;

Ⓑ pá, íeis, átimo;

Ⓒ lês, temerário, código;

Ⓓ só, mútuo, ímpar;

Ⓔ véu, início, cômodo.

94. ESAG – Aponte a alternativa gramaticalmente errada:

Ⓐ Na palavra "açúcar" há acento gráfico por ser paroxítono terminada em "r".

Ⓑ Em "frutíferas", "século" e "geográfica" há acento gráfico por serem proparoxítonas.

Ⓒ Nas palavras "Já" e "é" o acento gráfico se justifica por serem oxítonas.

Ⓓ Na palavra "destruído" o acento gráfico se justifica por ser hiato com a segunda vogal tônica em "i" tônico.

95. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à ortografia oficial:

Ⓐ Em novembro de 2004, a discução sobre o aquecimento global tornou-se ainda mais acalorada.

Ⓑ O problema é que nações como o Brasil e a China recuzam-se a reduzir emissões de gases poluentes.

Ⓒ Lei aprovada por unanimidade no Senado dos Estados Unidos transfere para jurisdição federal o caso de Terri Schiavo.

Ⓓ Os americanos afirmam que o acordo vai freiar a economia.

Ⓔ O Corinthians venceu o Palmeiras por 2 a 0 numa partida marcada pelo exceço de faltas e pela tenção.

96. FAPEU – Preencha corretamente as lacunas com uma das expressões sugeridas entre parênteses.

I. Camboriú fica ____ uma hora de carro da capital. (há cerca de, a cerca de, acerca de)

II. Esses funcionários estão ____ de carreira. (enfim, em fim)

III. Fulano de Tal, abaixo ____, requer, com base na lei em vigor, uma certidão negativa de multa. (sobrescrito, subscrito)

IV. Veio à Capital ____ estudar e conseguir emprego. (a fim de, afim de)

V. Estamos, então, de acordo, pois minhas sugestões, como se vê, vão ____ tuas. (ao encontro das, de encontro às)

VI. Errei porque fui ____ assessorado. (mau, mal)

A sequência correta, de cima para baixo, é:

A) há cerca de, em fim, subscrito, afim de, de encontro a, mau;
B) a cerca de, em fim, subscrito, a fim de, ao encontro de, mal;
C) a cerca de, enfim, sobrescrito, afim de, ao encontro de, mau;
D) acerca de, em fim, sobrescrito, a fim de, de encontro a, mal.

97. SENASP – Marque a opção que apresenta palavras que não pertencem à mesma regra de acentuação da Língua Portuguesa (os acentos foram omitidos propositalmente):

A) intemperie – vacuo – nodoa – patria;
B) magoa – calvicie – gloria – serio;
C) radio – zenite – pudico – equivoco;
D) relogio – consorcio – divorcio – alivio;
E) reminiscencia – estagio – estadio – colegio.

98. FGV – Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia das palavras:

A) sanguíneo – bávaro – quinquênio – défice;
B) quinquagésimo – cangica – monje – exceção;
C) ascensão – quinquagésimo – pretenção – extender;
D) berinjela – avaro – íbero – atravéz;
E) paralização – análise – jeito – fúcsia.

99. UECE – Do mesmo modo que "insuportável" e "álcool" são obrigatoriamente acentuadas:

A) acordo, itens, porque;
B) economico, paineis, pesquisara;
C) odio, refens, vírus;
D) renuncia, retifica, sabia.

100. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de "porque", "porquê", "por que", "por quê":

Ⓐ Não saiu por que chovia.
Ⓑ Não sei por que brigamos.
Ⓒ Respondi por quê tinha certeza.
Ⓓ Porque você não correu?

101. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta a série de palavras corretamente grafadas:

I. tóxico, consecusão, mecher, herbívoro;

II. rainha, insuportável, uísque, beringela;

III. substituí-lo, baú, enjôo, readimissão;

IV. ágeis, tatuí, expectativa, analisar;

V. compreensão, rejeição, excêntricas, exceção.

Ⓐ I, II e V.
Ⓑ II e IV.
Ⓒ IV e V.
Ⓓ III, IV e V.
Ⓔ II, IV e V.

102. CONATEC – Complete as lacunas com "ç" ou "ss", conforme o caso:

exce__ão, agre__ão, alcoba__a, adere__o, a__etinado, fraca__o, demi__ão, exce__o, decep__ão, assun__ão.

A seguir, assinale a alternativa correta:

Ⓐ ç – ss – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓑ ç – ç – ç – ss – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓒ c – ss – c – ç – c – ss – ç – ç – ç – ss;
Ⓓ ss – ç – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç.

103. NCE-UFRJ – Nos conjuntos a seguir, aquele(s) que apresenta(m) vocábulos acentuados pela mesma razão ortográfica é(são):

I. intrínseca, espetáculo;

II. aí, medíocre;

III. aliás, até.

Ⓐ I – II.
Ⓑ II – III.
Ⓒ I – III.
Ⓓ I.
Ⓔ II.

104. NCE-UFRJ – Muitas palavras do texto levam acento gráfico: óleo, relógio, lâmpada etc. Em que item a seguir ocorre <u>um erro</u> de acentuação gráfica?

Ⓐ Ínterim – procurá-los-á – protótipo.
Ⓑ Para (verbo) – polo (substantivo) – pôr (verbo).
Ⓒ Crisântemo – estratégia – biquíni.
Ⓓ Álbum – périplo – ravióli.
Ⓔ Benção – leucócito – êxtase.

105. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta forma correta é:

Ⓐ poleiro;
Ⓑ impecilho;
Ⓒ lampeão;
Ⓓ mágua;
Ⓔ cortume.

106. FEPESE – Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da oração apresentada.

Bastante ____, respeitaram as ____ adotadas e tiveram sucesso no ____.

Ⓐ disciplinados – estratéjias – dissídio;
Ⓑ diplinados – estratégias – dissídio;
Ⓒ diciplinados – estratégias – discídio;
Ⓓ disciplinados – estratégias – dissídio.

107. FGV – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com "-ção", "-são" e "-ssão":

Ⓐ permissão, conversão;
Ⓑ obtenção, discussão;
Ⓒ exceção, omissão;
Ⓓ consecussão, ascenção.

108. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de <u>porque</u>, <u>porquê</u>, <u>por que</u>, <u>por quê</u>:

Ⓐ Porquê você estava tão alegre?
Ⓑ Estava alegre por que vencera.
Ⓒ Você estava tão alegre por quê?
Ⓓ Por que amava, estava alegre.

109. FCC – Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

Ⓐ Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.
Ⓑ Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

Ⓒ É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

Ⓓ Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

Ⓔ É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados frustrando assim suas legítimas pretenções.

110. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras da seguinte alternativa:

Ⓐ Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

Ⓑ Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

Ⓒ Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

Ⓓ Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

Ⓔ O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

GABARITO

1. C	15. C	29. E	43. E	57. B	71. C	85. E	99. C
2. C	16. E	30. D	44. D	58. C	72. D	86. A	100. B
3. D	17. D	31. E	45. D	59. E	73. B	87. B	101. C
4. D	18. C	32. D	46. C	60. D	74. C	88. B	102. A
5. D	19. B	33. E	47. B	61. E	75. E	89. D	103. C
6. B	20. B	34. A	48. B	62. C	76. B	90. E	104. E
7. C	21. C	35. E	49. B	63. B	77. D	91. C	105. A
8. D	22. E	36. D	50. E	64. C	78. A	92. A	106. D
9. E	23. A	37. D	51. A	65. D	79. C	93. B	107. D
10. B	24. C	38. A	52. B	66. D	80. A	94. C	108. C
11. A	25. B	39. D	53. A	67. D	81. E	95. C	109. E
12. B	26. A	40. C	54. D	68. C	82. B	96. B	110. B
13. E	27. A	41. E	55. C	69. E	83. E	97. C	
14. A	28. C	42. B	56. D	70. A	84. A	98. A	

Exercícios de Classes Gramaticais

1. FUJB – "Se Governo e Sociedade ____ os projetos atuais e se ____ a criar mais programas para a erradicação do trabalho infantil, certamente ____ o resultado que pretendem."

As lacunas da frase podem ser preenchidas, correta e respectivamente, pela seguinte alternativa é:

- **A** mantiverem – dispuserem – obterão;
- **B** manterem – disporem – obterão;
- **C** manterem – disporem – obteram;
- **D** manter – dispor – obterão;
- **E** manter – dispor – obteram.

2. NCE-UFRJ – Em todos os advérbios terminados em "–mente", a seguir transcritos, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, <u>exceto</u> em:

- **A** predominantemente;
- **B** basicamente;
- **C** negativamente;
- **D** diariamente;
- **E** humanamente.

3. CEPERJ – No segmento "Por que o futebol é o esporte mais amado do planeta?", há o emprego de adjetivo no grau superlativo relativo, o que também ocorre no trecho:

- **A** "...que caracterizam um dos mais coletivos entre os esportes..."
- **B** "...os povos amam principalmente o futebol?"
- **C** "...que atrai mais atenção que as Olimpíadas?"
- **D** "...a oportunidade aparece frequentemente, a qualquer momento..."
- **E** "...um tremendo perna de pau e o baixinho..."

4. **FGV – "Da parte do Brasil, a disposição para o diálogo continuava, não eram necessários terceiros presentes na conversa."**

No trecho acima, "terceiros" e "presentes" classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ numeral e adjetivo;
Ⓑ substantivo e adjetivo;
Ⓒ adjetivo e substantivo;
Ⓓ numeral e substantivo;
Ⓔ adjetivo e adjetivo.

5. **FURB – "Do tipo que não sai de casa sem abrir seu kit de maquiagem infantil e passar batom (no momento, favorece o vermelho), Luana (3 anos) fez a mãe ir de loja em loja atrás de um vestidinho <u>preto</u> para seu aniversário."**

A referência a cores do vestuário envolve, muitas vezes, uma combinação de tonalidades expressas por palavras simples ou compostas. Nas frases a seguir, analise a flexão das palavras em destaque:

1. **Os últimos desfiles comprovam que os estilistas deram preferência às cores cítricas, e roupas <u>amarelas-limões</u> foram as que mais receberam vaias.**
2. **As jaquetas <u>cinza</u> e os casacos <u>pretos</u> foram os itens mais aplaudidos.**
3. **As revistas e jornais especializados em moda destacaram os macacões <u>azul-marinho</u>, em oposição às cores vivas.**
4. **Blusas <u>rosa-choque</u> foram moda há décadas e parecem estar novamente em alta.**
5. **E você, o que acha de roupas <u>azuis-piscinas</u> com detalhes <u>roxos-beringelas</u>?**

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 5;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 1 – 2 – 3;
Ⓓ 3 – 4 – 5;
Ⓔ 1 – 3 – 4.

6. **FURB – "O amar traz à construção de uma família a <u>compreensão</u>, o apoio, a confiança, a liberdade. Eu e minha mulher <u>sempre</u> dizemos que a gente 'se suporta' um ao outro, não no sentido de aturar, mas de 'dar suporte' nas diversas circunstâncias de nossa vida. Para que a construção seja sólida, como uma 'casa sobre a rocha', é preciso o interesse e o perdão. Não se trata de uma atitude leviana e comodista. Perdoar, do latim *per donare* (dar para), é dar alguma coisa a <u>quem</u> precisa. Se alguém me ofende, torna-se meu devedor. Quando o perdoo, a dívida fica quitada. A 'matéria-prima' do perdão é o erro do outro. Porque erramos, Deus nos dá seu perdão. Nesse particular, perdoar se subdivide em**

vários atos, <u>como</u> vontade, generosidade e consciência. Na busca da construção das pessoas a partir do contexto familiar, é <u>importante</u> sempre reconstruir(-se).”

As classes gramaticais a que pertencem as palavras destacadas no texto são, respectivamente:

Ⓐ substantivo – adjetivo – pronome pessoal reto – interjeição – adjetivo;
Ⓑ substantivo – advérbio – pronome relativo – conjunção – adjetivo;
Ⓒ adjetivo – advérbio – adjetivo – advérbio – substantivo;
Ⓓ verbo – advérbio – conjunção – advérbio – substantivo;
Ⓔ substantivo – advérbio – pronome interrogativo – conjunção – adjetivo.

7. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo “–mente”. O advérbio do texto em que isso se pode constatar claramente é:

Ⓐ diferentemente;
Ⓑ repetidamente;
Ⓒ geralmente;
Ⓓ principalmente;
Ⓔ indubitavelmente.

8. FJPF – No trecho “Talvez, apenas, na nunca materializada pandemia de Sars, a ‘pneumonia asiática’, que tirou o sono de muita gente em novembro de 2002 <u>e</u> causou menos de 800 mortes”, a conjunção em negrito está empregada com o mesmo valor relacional que na seguinte passagem de Graciliano Ramos:

Ⓐ “Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina.”
Ⓑ “Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.”
Ⓒ “O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria.”
Ⓓ “Aproximei-me na ponta dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim.”
Ⓔ “Saiu da cadeia e tornou-se um cidadão respeitado.”

9. FEPESE – Leia o texto a seguir:

“No lugar <u>em</u> que <u>atualmente</u> está a <u>Catedral</u> foi erguida uma <u>grande</u> cruz”.

As palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ preposição – adjetivo – substantivo – substantivo;
Ⓑ conjunção – adjetivo – adjetivo – substantivo;
Ⓒ conjunção – advérbio – adjetivo – adjetivo;
Ⓓ preposição – verbo – substantivo – adjetivo;
Ⓔ preposição – advérbio – substantivo – adjetivo.

10. FUMARC – O termo que é um pronome relativo, exceto em:

- Ⓐ "Não é uma tese que se defenda..."
- Ⓑ "Os bandidos sabem que não vão ser pegos..."
- Ⓒ "...e para qualquer país que pretenda algum futuro..."
- Ⓓ "... e não pode usufruir os mínimos direitos que pensa possuir."

11. FUNRIO – Observe o fragmento abaixo e assinale a quantidade de pronomes nele existente:

"De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo".

- Ⓐ 1 pronome indefinido, 2 pronomes demonstrativos, 1 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.
- Ⓑ 2 pronomes demonstrativos, 1 pronome pessoal oblíquo e 2 pronome possessivo.
- Ⓒ 2 pronome demonstrativo, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome possessivo.
- Ⓓ 2 pronomes indefinidos, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome demonstrativo.
- Ⓔ 1 pronome indefinido, 1 pronome demonstrativo, 2 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.

12. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo "-mente". O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

- Ⓐ nacionalmente;
- Ⓑ fascinantemente;
- Ⓒ religiosamente;
- Ⓓ internacionalmente;
- Ⓔ ineficazmente.

13. NCE-UFRJ – "...o homem mais rico do mundo...". Nesse segmento ocorre a presença de um adjetivo ("rico") fora de seu grau normal. A frase a seguir que apresenta o mesmo tipo de variação de grau é:

- Ⓐ Gates é mais rico que Warren Buffett.
- Ⓑ Os americanos são o povo mais filantrópico das Américas.
- Ⓒ A filantropia americana ajuda os mais pobres.
- Ⓓ Nem sempre os mais pobres são os mais necessitados.
- Ⓔ Os americanos são mais ricos do que os peruanos.

14. NCE-UFRJ – A frase a seguir que apresenta um numeral ordinal é:

- **A** O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
- **B** Warren decidiu doar 85% de seus bens.
- **C** Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
- **D** Gates é dono de várias obras-primas.
- **E** Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

15. NCE-UFRJ – "Pessoas <u>como</u> Buffett e Gates, <u>portanto</u>, indicam um caminho para supri-la"; a alternativa que mostra dois conectivos capazes de substituir, respectivamente, de forma correta, os elementos sublinhados é:

- **A** feito – assim;
- **B** conforme – logo;
- **C** que nem – porém;
- **D** assim como – todavia;
- **E** tais – pois.

16. FUMARC – "<u>Se</u> não fosse a presença das câmeras de TV, talvez não <u>se</u> configurasse delírio tão delirante."

Os termos sublinhados são, <u>respectivamente</u>:

- **A** conjunção integrante e parte integrante do verbo;
- **B** conjunção condicional e pronome apassivador;
- **C** conjunção condicional e índice de indeterminação do sujeito;
- **D** índice de indeterminação do sujeito e pronome apassivador.

17. NCE-UFRJ – "...o completo bem-estar...". A forma plural desse segmento é:

- **A** "...os completos bem-estares..."
- **B** "...os completos bem-estar..."
- **C** "...os completos bens-estares..."
- **D** "...os completos bens-estar..."
- **E** "...o completo bem-estar..."

18. FURB – "Filmes baseados em livros não são nenhuma novidade. Em 1939, o clássico *E o vento levou* já fazia sucesso com a adaptação para as telonas da obra <u>homônima</u> de Margareth Mitchell. <u>Contudo</u>, as editoras também parecem se beneficiar da situação inversa. Agora, a tendência são os livros inspirados em longas-metragens. Dos 32 filmes indicados ao Oscar deste ano, nove podem ser levados para a cabeceira da cama. A aproximação entre a literatura e o cinema é ainda <u>mais</u> evidente para o público infantil. <u>Dois</u> dos indicados ao Oscar para melhor animação longa-metragem ganharam sua versão em papel. O livro *Up – altas aventuras*, voltado para crianças, traz histórias em quadrinhos, passatempos e jogos. A história *A princesa e o sapo* também recebeu da Disney uma forma

escrita e ilustrada. [...] Cada vez mais as empresas estão lançando produtos relacionados aos filmes. Quem gosta de uma história, acaba comprando também o livro ou um jogo eletrônico."

As palavras destacadas no texto são, respectivamente:

A adjetivo – conjunção – advérbio – numeral – substantivo;
B advérbio – preposição – adjetivo – verbo – substantivo;
C pronome relativo – preposição – numeral – numeral – adjetivo;
D adjetivo – interjeição – advérbio – verbo – adjetivo;
E adjetivo – preposição – advérbio – numeral – substantivo.

19. NCE-UFRJ – "É caro, difícil e arriscado driblar tais dificuldades..." A alternativa abaixo que mostra o adjetivo sublinhado na forma semelhante à do masculino singular apesar da ausência de um substantivo masculino é:

A "...traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano..."
B "...o segundo homem mais rico do mundo..."
C "...o estágio atual do próprio sistema capitalista..."
D "...é bom que se diga..."
E "O coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."

20. NCE-UFRJ – A alternativa em que a palavra mais tem valor distinto do das demais frases é:

A "...o segundo homem mais rico do mundo..."
B "...em sua forma mais avançada..."
C "...mais pessoas doam a projetos sociais..."
D "...o coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."
E "...o cérebro dos governantes fosse mais ventilado."

21. NCE-UFRJ – Transformações é a forma plural de transformação. O plural abaixo que está errado é:

A corações;
B cidadões;
C vilões;
D vulcões;
E certidões.

22. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que é feminina, ao contrário das demais, é:

A mármore;
B telefonema;
C alface;
D guaraná;
E creme.

23. FJPF – Na passagem "Aparecem assim os atos reflexos, as expressões emocionais de prazer, de desprazer, os reflexos adquiridos ou condicionados", as ocorrências do termo "reflexos" expressam, respectivamente, os seguintes valores:

- **A** adjetivo e substantivo;
- **B** adverbial e adjetivo;
- **C** substantivo e adverbial;
- **D** substantivo e adjetivo;
- **E** adjetivo e adverbial.

24. NCE-UFRJ – "...todo mundo diz que fazem bem, mas ele odeia"; os verbos terminados em "–ear" acrescentam um "i" ao radical nas formas rizotônicas. O item abaixo que mostra uma forma errada do verbo passear é:

- **A** passeiemos;
- **B** passeassem;
- **C** passeávamos;
- **D** passeiem;
- **E** passearás.

25. NCE-UFRJ – "Se ele trabalhar, eu também trabalharei!"; a alternativa que tem uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal equivocada é:

- **A** Se ele for, eu também irei.
- **B** Se ele ver, eu também verei.
- **C** Se ele quiser, eu também quererei.
- **D** Se ele requerer, eu também requererei.
- **E** Se ele couber, eu também caberei.

26. FEPESE – "Quando Pedro foi para a fazenda, encontrou seus amigos com suas respectivas amigas."

Na frase, encontramos:

- **A** uma conjunção e uma preposição;
- **B** uma conjunção e duas preposições;
- **C** uma conjunção e três preposições;
- **D** duas conjunções e uma preposição;
- **E** duas conjunções e duas preposições.

27. FUMARC – "Era o que a repórter queria ouvir." O termo destacado é:

- **A** artigo definido;
- **B** pronome demonstrativo;
- **C** pronome pessoal do caso oblíquo;
- **D** pronome indefinido.

28. FJPF – Quanto à classificação dos pronomes destacados, indique a alternativa correta:

Ⓐ Ele é amigo. (pronome pessoal do caso reto)
Ⓑ Pedro é aquele lavrador de quem falei. (pronome de tratamento)
Ⓒ Meu amigo trabalha na lavoura de cana-de-açúcar. (pronome demonstrativo)
Ⓓ Ninguém disse ao Sr. Lobo a verdade sobre a poluição do rio. (pronome relativo)
Ⓔ Maria ofereceu-lhe flores do seu jardim. (pronome indefinido)

29. CESGRANRIO – Indique a opção em que se encontra a única correspondência incorreta quanto às abreviações.

Ⓐ Vossa Excelência – V. Ex.ª.
Ⓑ Vossa Senhoria – V. S.ª.
Ⓒ Vossa Majestade – S. M.ª.
Ⓓ Vossa Santidade – V.S.
Ⓔ Vossa Magnificência – V.Mag.ª.

30. CESGRANRIO – Considere as frases:

I – Ficarei muito satisfeito se, ao envelhecer, me ____espiritualmente jovem.

II – Os economistas ____ soluções para os problemas financeiros.

As formas verbais que preenchem corretamente as frases acima são:

Ⓐ manter – proporam;
Ⓑ mantiver – propuseram;
Ⓒ mantiver – propuserem;
Ⓓ mantesse – propusessem;
Ⓔ mantivesse – proporam.

31. VUNESP – O grau do adjetivo maior em – "...situação de fragilidade ainda maior." – repete-se em:

Ⓐ A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.
Ⓑ As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.
Ⓒ Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.
Ⓓ O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.
Ⓔ O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

32. VUNESP – Assinale a alternativa em que a flexão verbal está corretamente empregada, de acordo com a norma culta:

Ⓐ Os empresários ficarão contentes quando transporem o obstáculo das altas taxas de juros.
Ⓑ A economia dos países sul-americanos se modernizou sem que a estrutura de renda acompanhou as transformações.

Ⓒ Quando se fazer previsões acerca da situação econômica, deve-se ter em mente as indicações do Banco Mundial.
Ⓓ A polícia interviu na greve dos bancários com hostilidade.
Ⓔ Quando o deputado vir o resultado das eleições, ficará exultante.

33. CESGRANRIO – "...quanto mais alta a pena maior a garantia de punição e menor a disposição ao crime."

A locução conjuntiva presente na passagem transcrita classifica-se como:

Ⓐ consecutiva;
Ⓑ causal;
Ⓒ proporcional;
Ⓓ concessiva;
Ⓔ conformativa.

34. FJG – A palavra grifada em "...os hábitos de 400 <u>crianças</u>..." possui, quanto ao gênero, a mesma classificação de:

Ⓐ cobras;
Ⓑ meninas;
Ⓒ testemunhas;
Ⓓ adolescentes.

35. FJG – O numeral ordinal que corresponde ao cardinal expresso em "...200 adolescentes..." é:

Ⓐ vigésimo;
Ⓑ duodécuplo;
Ⓒ ducentésimo;
Ⓓ dois centésimos.

36. FJG – A forma que corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo grifado em "...um desejo que ajudava a <u>prever</u>..." é:

Ⓐ preveem;
Ⓑ previram;
Ⓒ previam;
Ⓓ prevêm.

37. FJG – Na oração grifada "Profissões desaparecem, <u>outras são criadas</u>." ocorre voz passiva.

Passando-se para voz ativa, obtém-se a oração:

Ⓐ ...criam outras.
Ⓑ ...cria-se outras.
Ⓒ ...criam-se outras.
Ⓓ ...elas criam outras.

38. FJG – As palavras grifadas em "O que é carreira de sucesso <u>hoje</u> pode não ser <u>amanhã</u>" classificam-se como:

- **A** conjunções subordinativas temporais;
- **B** preposições essenciais;
- **C** substantivos comuns;
- **D** advérbios de tempo.

39. FJG – A alternativa em que o pronome <u>se</u> tem valor de reciprocidade é:

- **A** "As diferenças de ótica entre eles se enraízam."
- **B** "...onde a ecologia se estruturou como movimento de opinião..."
- **C** "...não se deve apenas militar em defesa dos direitos do homem..."
- **D** "...três projetos, um reformista, um intermediário, outro revolucionário se defrontam..."

40. FJG – O conector que poderia substituir, de forma adequada ao contexto, a vírgula do segmento "comemoração prévia do futebol de domingo, vitória certa" é:

- **A** pois;
- **B** mas;
- **C** logo;
- **D** embora.

41. FJG – Em "os pobres cavalos selvagens destinados a uma fábrica <u>que os transformaria num precioso produto enlatado</u>", a oração em destaque equivale a um:

- **A** substantivo;
- **B** pronome;
- **C** advérbio;
- **D** adjetivo.

42. FJG – O segmento do texto que <u>não</u> apresenta substantivos ou adjetivos com indicação de grau (aumentativo/diminutivo, comparativo/superlativo) é:

- **A** "O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper..."
- **B** "...máquina funcionando com suas rodinhas ensinadas..."
- **C** "Muitos esquecem mas alguns ainda se lembram..."
- **D** "Todos concordam, ele está ótimo, ou quase."

43. FJG – "Desde que o ato de colecionar deixou de ser restrito a reis e aristocratas, há cinco séculos, é difícil dizer o que ainda não virou coleção."

A locução <u>desde que</u> tem nessa frase do texto valor semântico distinto do que apresenta na seguinte alternativa:

Ⓐ Desde que voltou do exterior, passou a colecionar cartões-postais.
Ⓑ Não mais quis colecionar chaveiros desde que atingira a idade adulta.
Ⓒ Desde que não atrapalhe os estudos, o hábito de colecionar objetos é sadio.
Ⓓ Coleciono retratos de personalidades políticas desde que era apenas um menino.

44. FJPF – Há erro de conjugação verbal em:

Ⓐ Nas intervenções, sempre se apunham comentários maliciosos ao meu depoimento.
Ⓑ Trata-se de uma lei que vigiu na Primeira República e hoje revela-se anacrônica.
Ⓒ Encontrou-se ontem com a pessoa que delatara à polícia há dois meses.
Ⓓ Não se pode admitir que o Direito sobresteja o curso dos fatos sociais.
Ⓔ Disse-me ele que eu às vezes pretiro os limites do bom senso.

45. FJPF – A conjunção destacada no período "E <u>como</u> a produção era feita em massa, havia a necessidade de se formar também uma massa de consumidores" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

Ⓐ ainda que;
Ⓑ à proporção que;
Ⓒ visto que;
Ⓓ desde que;
Ⓔ de modo que.

46. FJPF – A conjunção destacada no período "O meu pai tinha um mal no estômago, tão de ruim <u>que</u> não podia andar" introduz oração que exprime sentido de:

Ⓐ condição;
Ⓑ causa;
Ⓒ consequência;
Ⓓ conformidade;
Ⓔ concessão.

47. FJPF – "Pareceu-me que a atenção <u>fora</u> um bom remédio" (6º parágrafo), para que seja conservado o sentido original do texto e o tempo verbal não seja alterado, o verbo destacado só pode ser substituído por:

Ⓐ seja;
Ⓑ foi;
Ⓒ será;
Ⓓ continua sendo;
Ⓔ havia sido.

48. FJPF – A forma verbal destacada na oração "mas as portas <u>mantiveram-se</u> surdas e nada facultativas", derivada do verbo <u>ter</u>, está corretamente flexionada. Nas frases abaixo também foram usadas formas derivadas do verbo <u>ter</u> e uma delas está <u>incorretamente</u> flexionada. Esta última frase é:

Ⓐ É bom que em dia de ponto facultativo cada um se atenha ao próprio descanso.
Ⓑ Se o vigia não o detesse, João Brandão entraria na repartição.
Ⓒ Como não pôde trabalhar, João Brandão se entreteve a decifrar palavras cruzadas.
Ⓓ Se João Brandão não se contiver, o vigia vai agredi-lo.
Ⓔ Os vigias das repartições retêm todos os que querem trabalhar em dia de ponto facultativo.

49. FJPF – O verbo <u>provir</u> está corretamente flexionado no trecho "...eu diria que a surpresa do resultado <u>provém</u> exatamente do fato de que tais argumentos tenham encontrado recepção tão positiva".

A opção em que esse verbo está flexionado <u>equivocadamente</u> é:

Ⓐ Supomos que a surpresa do resultado provenha exatamente desse fato.
Ⓑ Ninguém acreditou que a surpresa do resultado proviesse tão somente desse fato.
Ⓒ Havia outros fatos, dos quais a surpresa do resultado naturalmente provinha.
Ⓓ A surpresa do resultado tinha provindo não daquele, mas de outro fato.
Ⓔ É certo que a surpresa do resultado proveu não de outro, mas daquele fato.

50. ACEPE – Assinale a alternativa que apresenta o plural dos substantivos "consagração", "chão", "impressão", "irmão", "coração" e "balcão":

Ⓐ consagrações, chões, impressões, irmões, corações, balcãos;
Ⓑ consagrações, chãos, impressãos, irmãos, corações, balcãos;
Ⓒ consagrações, chãos, impressões, irmãos, corações, balcões;
Ⓓ consagrações, chões, impressãos, irmões, corações, balcões;
Ⓔ consagrações, chões, impressões, irmãos, corações, balcãos.

51. COMPERVE – "Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do 'não ter o que dizer'."

Morfologicamente, <u>não ter o que dizer</u> é um bloco semântico que se comporta, no fragmento, como:

Ⓐ locução adverbial;
Ⓑ pronome indefinido;
Ⓒ substantivo;
Ⓓ locução prepositiva.

52. CONSULPLAN – Considere os seguintes enunciados:

I. "... como a última luz na varanda."

II. "E comecei a sentir falta das pequenas brigas..."

III. "Ele a considerava como uma verdadeira companheira."

Os termos grifados são, respectivamente:

Ⓐ artigo, pronome, preposição;
Ⓑ preposição, preposição, pronome;
Ⓒ artigo, artigo, pronome;
Ⓓ artigo, preposição, pronome;
Ⓔ pronome, preposição, artigo.

53. CONSULPLAN – "Não tenho botão na camisa..." A palavra sublinhada na frase faz o plural da mesma forma que, exceto:

Ⓐ anão;
Ⓑ caixão;
Ⓒ limão;
Ⓓ zangão;
Ⓔ alemão.

54. ESAF – Indique o período correto:

Ⓐ Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
Ⓑ Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
Ⓒ Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
Ⓓ Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
Ⓔ Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

55. FEC – Na conversão da voz passiva analítica em passiva pronominal, há erro em:

Ⓐ "os aviões a jato eram desconhecidos" / desconheciam- se os aviões a jato.
Ⓑ "os antibióticos não haviam sido descobertos" / não se havia descoberto os antibióticos.
Ⓒ "quando algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações começaram a ser observadas" / quando se começaram a observar algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações.
Ⓓ "a comunidade já vem sendo ouvida, através de plebiscitos" / já se vem ouvindo a comunidade, através de plebiscitos.
Ⓔ "dentro de algum tempo, essa prática será difundida em todo o mundo" / dentro de algum tempo, essa prática se difundirá em todo o mundo.

56. FEC – No texto flexionam-se corretamente os verbos obter e deter, podendo-se dizer que o mesmo ocorre em todas as alternativas abaixo, com exceção de:

- **A** Se todas as nações detivessem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **B** Quando todas as nações obterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **C** Para que todas as nações obtenham o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **D** Menos nações detinham então o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **E** Para todas as nações deterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.

57. FEC – A alternativa em que todos os nomes flexionam-se em número como cidadão é:

- **A** tabelião – cristão – alemão;
- **B** órgão – escrivão – acórdão;
- **C** cristão – acórdão – órgão;
- **D** escrivão – órgão – tabelião;
- **E** cristão – alemão – acórdão.

58. FEC – "...de ter feito e visto o que fiz e vi." A alternativa que apresenta erro na forma verbal de uma estrutura semelhante a esse segmento do texto é:

- **A** "...de ter reavido e tido o que reavi e tive."
- **B** "...de ter dado e aceito o que dei e aceitei."
- **C** "...de ter mantido e previsto o que mantive e previ."
- **D** "...de ter composto e detido o que compus e detive."
- **E** "...de ter produzido e trazido o que produzi e trouxe."

59. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o par de orações não apresenta transformação da voz verbal:

- **A** "O que eu fiz, nenhum bicho jamais faria." / O que foi feito por mim não teria sido feito por nenhum bicho.
- **B** "O poeta espanhol Federico Garcia Lorca [...] ficou assustado com Nova York." / O poeta espanhol Federico Garcia Lorca foi assustado por Nova York.
- **C** "Enquanto os turistas admiram a qualidade da comida nos magníficos restaurantes... / Enquanto a qualidade da comida é admirada pelos turistas nos magníficos restaurantes.
- **D** "Lorca interpela os que se beneficiam com esse sistema..." / Os que se beneficiam com esse sistema são interpelados por Lorca.
- **E** "Lorca acusa os detentores do poder e da riqueza de camuflarem a dura realidade social..." / Os detentores do poder e da riqueza são acusados por Lorca de camuflarem a realidade social.

60. FUMARC – Indique a alternativa em que há erro de flexão do substantivo:

- **A** A famosa peça *Quebra-nozes* foi pela primeira vez interpretada por bailarinos afro-brasileiros.
- **B** Os guardas-civis tiveram que aceitar os salvos-condutos apresentados pelos prisioneiros.
- **C** Nas escolas-modelo há muitos mapas-múndis para orientar os alunos quando são divulgadas notícias de outros países.
- **D** Os redatores-chefes foram unânimes em afirmar que o espetáculo mais bonito foi o propiciado pelas porta-bandeiras.

61. FCC – O plural das palavras mal-estar e meia-democracia é obtido pelo mesmo procedimento que leva ao plural de:

- **A** mal-assombramento e meia-estação;
- **B** mau-olhado e meia-estação;
- **C** mau-olhado e meio-fio;
- **D** maldizente e meio-pesado;
- **E** mal-assombramento e meio-claro.

62. CESGRANRIO – Entre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:

- **A** guarda-chuvas;
- **B** olhos azuis-turquezas;
- **C** escolas-modelos;
- **D** surdo-mudos;
- **E** pores-dos-sóis.

63. CESGRANRIO – Assinale a opção em que os verbos estão flexionados corretamente, de acordo com a norma culta da língua:

- **A** Se ele se dispor a aceitar o convite, ficarei eternamente grato.
- **B** Quando ele compor uma canção, certamente será uma surpresa.
- **C** Irei à cerimônia de casamento somente se ele vir comigo.
- **D** Quando eu vir o carteiro, pedirei a ele para entrar em contato.
- **E** Vou completar a remessa se ele intervir na arrumação.

64. FJPF – A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:

- **A** "...com a roupa mal passada..." – adjetivo.
- **B** "...não dissessem os colegas que era esposa descuidada." – pronome relativo.
- **C** "começou sub-repticiamente a marcar..." – preposição.
- **D** "...um leve afrouxar-se das pálpebras." – verbo.
- **E** "...só muitos meses..." – advérbio.

65. FJPF – O plural mexilhões corresponde à forma singular mexilhão. A alternativa em que um dos vocábulos tem plural em "-ões" erradamente construído é:

Ⓐ anciões – chorões;
Ⓑ limões – correções;
Ⓒ guardiões – aldeões;
Ⓓ vulcões – corrimões;
Ⓔ escrivões – demolições.

66. FCC – A palavra destacada é um pronome em:

Ⓐ "Ir à praia cedo..."
Ⓑ "...tem uma beleza solene..."
Ⓒ "...olha a mãe que o excita..."
Ⓓ "Ela traz pela primeira vez..."
Ⓔ "...talvez sinta que o mar é bom..."

67. FCC – "...que deve ter dois anos."

A forma que não faz parte da conjugação do verbo ter ou de seus compostos é:

Ⓐ detiveram;
Ⓑ absteve;
Ⓒ contém;
Ⓓ manteu;
Ⓔ contêm.

68. FJG – O plural da expressão "obra lítero-musical" é:

Ⓐ obras lítero-musical;
Ⓑ obras líteros-musical;
Ⓒ obras lítero-musicais;
Ⓓ obras líteros-musicais.

69. FCC – Pertencem à mesma categoria gramatical os termos sublinhados na frase:

Ⓐ Daí a necessidade de criar emprego nas pequenas cidades.
Ⓑ A reforma agrária não poderá ser executada de maneira uniforme.
Ⓒ Não se trata, contudo, de "engessar" a população rural no campo.
Ⓓ Ela não será a mesma nas terras férteis.
Ⓔ A reforma agrária contribuirá para reduzir o ritmo da migração campo-cidade.

70. ACEP – Observe o período: "Os mais pudicos, se se pode aplicar a ideia de pudor a quem vive de tal ofício, os mais pudicos contentam-se em não aparecer na primeira pessoa e transferem a um personagem supostamente imaginário aquilo que eles não têm coragem de contar de si próprios".

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta da classificação dos vocábulos destacados.

Ⓐ conjunção integrante, pronome oblíquo recíproco;
Ⓑ conjunção condicional, pronome oblíquo reflexivo;
Ⓒ conjunção integrante, pronome indeterminador do sujeito;
Ⓓ conjunção condicional, pronome do caso reto;
Ⓔ conjunção condicional, pronome indeterminador do sujeito.

71. VUNESP – Assinale a alternativa em que o tempo verbal está corretamente indicado entre parênteses:

Ⓐ No mundo tudo poderia ser apresentado em generosa amplitude. (futuro do pretérito)
Ⓑ Nada lhe parece mais estúpido e mesquinho que o ideal do trabalhador. (imperativo afirmativo)
Ⓒ Se existisse uma ética do trabalho, a da aventura pode desaparecer. (pretérito mais-que-perfeito)
Ⓓ Dois princípios encarnam-*se* nos tipos do aventureiro e do trabalhador. (imperfeito do subjuntivo)
Ⓔ Só uma ética de trabalho dará valor moral positivo ao trabalho. (pretérito perfeito)

72. VUNESP – Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras com o plural correto:

Ⓐ animalzinhos – caridades – cartãos – amores-perfeito – cristães;
Ⓑ questões – salários-família – pastéis – limões – reais;
Ⓒ feijãos – arranhas-céus – ticos-ticos – pés-de-moleques – açúcares;
Ⓓ corres-corres – abaixos-assinados – cidadões – quarta-feiras – padres-nossos;
Ⓔ degrais – ancestrais – cordãos – decretos-lei – tiques-taques.

73. VUNESP – Assinale a alternativa em que o termo que, em destaque, é pronome relativo:

Ⓐ Espero que todos os convidados cheguem logo.
Ⓑ Não sairei de casa hoje desde que haja necessidade.
Ⓒ Leia este bilhete que recebi ontem.
Ⓓ Venha logo a fim de que o problema seja resolvido.
Ⓔ Hoje a partida será mais difícil que a de ontem.

74. VUNESP – Passando-se a oração – "Os calores intensos provocavam as chuvas" – para a voz passiva analítica, obtém-se:

Ⓐ As chuvas eram provocadas pelos calores intensos.
Ⓑ As chuvas são provocadas pelos calores intensos.
Ⓒ As chuvas foram provocadas pelos calores intensos.
Ⓓ Provocam-se chuvas por causa dos calores intensos.
Ⓔ As chuvas provocaram-se por causa dos calores intensos.

75. FJG – O par de palavras que faz o plural da mesma forma que a palavra "oposição" é:

Ⓐ revolução – demão;
Ⓑ tabelião – órfão;
Ⓒ escrivão – cirurgião;
Ⓓ cidadão – guardião;
Ⓔ anfitrião – fração.

76. FGV – Assinale a alternativa na qual "se" tem a mesma classificação morfológica que na frase: "Não sabemos se ela está em casa".

Ⓐ Eles se viraram para a parede.
Ⓑ Diga-nos se eles já chegaram.
Ⓒ Ele falará se você não falar.
Ⓓ Se ela não for, irei eu

77. FUNDATEC – Observe o texto: "As siglas que nomeiam as estradas têm embutidos códigos que explicam que tipo de rodovia cada uma é".

Sobre as três ocorrências da palavra <u>que</u> no texto, afirma-se que:

I. Em todas as ocorrências, é pronome relativo.

II. Apenas em duas ocorrências, é pronome relativo.

III. Apenas em uma ocorrência, é conjunção integrante.

IV. Apenas em uma ocorrência, é pronome relativo.

Quais estão corretas?

Ⓐ Apenas I e II.
Ⓑ Apenas II e III.
Ⓒ Apenas III e IV
Ⓓ Apenas I, II e III.
Ⓔ Apenas II, III e IV.

78. IPDEP – "...como <u>se</u> vê no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), não consta qualquer medida de proteção ambiental..." A palavra <u>se</u>, no trecho destacado acima, está corretamente classificada na opção:

Ⓐ pronome apassivador;
Ⓑ índice de indeterminação do sujeito;
Ⓒ pronome reflexivo;
Ⓓ conjunção integrante.

79. IPDEP – "...o Brasil é hoje o quinto maior emissor de gases do efeito estufa..." Nesta oração, temos um adjetivo que está no grau:

Ⓐ comparativo de superioridade;
Ⓑ superlativo relativo de superioridade;
Ⓒ superlativo absoluto sintético;
Ⓓ superlativo absoluto analítico.

80. NUCEPE – "Com o respeito, vêm os segredos."

Em que outra frase a palavra sublinhada é forma correta do verbo "vir", empregada adequadamente?

- **A** Se eu vir, falamos pessoalmente.
- **B** Eles veem com certeza, pois têm que cumprir a tarefa.
- **C** Quando vínhamos sempre a encontrávamos de bom humor.
- **D** Antônia quis vim o mais rápido possível.
- **E** O exército estava bem preparado: os inimigos que viesse!

81. NUCEPE – Qual das formas verbais não está no indicativo?

- **A** Permaneça.
- **B** Consegue.
- **C** Será Estendida.
- **D** Assegurarão.
- **E** Começaram.

82. UNIFAP – Para marcar a resposta correta tome como base o trecho:

"Aumentar a oferta de vagas no ensino superior e ampliar as políticas de inclusão e assistência estudantil são objetivos que exigem significativo investimento...".

- **A** Os artigos presentes no trecho foram usados para determinar os termos que referem.
- **B** Não há artigos no trecho em destaque.
- **C** No trecho, os artigos predominantes são os indefinidos já que houve necessidade de indeterminar os termos a que se referem.
- **D** O termo "a" está exercendo a função de preposição, portanto não é artigo.
- **E** Na contração "no" não há presença de artigo.

83. UPENET – Observe os termos sublinhados do trecho a seguir:

"O especialista é um homem que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, e por fim acaba sabendo tudo sobre nada". (George Bernard Shaw)

Sobre eles, é CORRETO afirmar:

- **A** "mais" é palavra variável que indica intensidade.
- **B** "menos" se classifica como palavra invariável que exprime ideia de modalidade.
- **C** "tudo" e "nada" se classificam como termos que se referem a algum antecedente.
- **D** "mais" e "menos" se classificam como palavras invariáveis que encerram ideia de intensidade.
- **E** "menos" exprime ideia de temporalidade, e "nada" se refere a algo declarado anteriormente.

84. UPENET – "Não fumo, não bebo e não cheiro. Só minto um pouco." (Tim Maia)

Os verbos do período acima estão conjugados no tempo presente. Se todos eles fossem conjugados no tempo passado, qual das alternativas abaixo não conteria incorreção?

A Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentia um pouco.
B Não fumarei, não bebo e não cheirarei. Só mentirei um pouco.
C Não fumei, não bebesse e não cheirasse. Só mentirá um pouco.
D Não fumara, não bebera e não cheirará. Só mente um pouco.
E Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentirá um pouco.

85. VUNESP – Assinale a alternativa em que há correta equivalência entre as formas verbais simples e compostas no período:

A eu faria o mesmo / tinha feito o mesmo;
B meu cunhado viajara / haveria viajado;
C eu ainda não gostava de cachorro / tinha gostado;
D todos darão palpite / haveriam dado;
E tivera alguma nobreza / tinha tido.

86. VUNESP – A forma de tratamento empregada está correta em:

A Senhor Presidente da República: se Sua Excelência assim o desejar, convocaremos outra reunião.
B Atendendo a despacho de S. Ex.ª, o Meritíssimo Juiz da 2ª Vara Cível desta Comarca, anexamos a certidão ao processo.
C Propusemos a V. S.ª, o Governador, adiamento da audiência com membros do Sindicato.
D De ordem de V. Em.ª, o novo Senhor Ministro, convidamos todos os funcionários para a solenidade de posse da diretoria do Conselho Nacional de Obras.
E Senhor Chefe de Seção: encaminhamos à consideração de Vossa Excelência pedido para entrar em gozo de férias.

87. FGV – Entre os termos sublinhados das alternativas a seguir, um não exerce papel adjetivo. Assinale-o:

A "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
B "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
C "...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital."
D "Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica."
E "O mate gelado corria sem pressa, e os vizinhos, convidados e imprensa se misturavam para ouvir histórias,..."

88. NCE-UFRJ – A opção em que a palavra em destaque tem a mesma classe de palavra de "as" na frase: "Pesquisas canadenses provaram que crianças que estudaram música precocemente têm desenvolvimento intelectual melhor do que as que não tiveram nenhum contato com ela".

- **A** "Já não é de hoje que os cientistas vêm estudando o fenômeno."
- **B** "Em 1999, uma pesquisa feita no Instituto de Psicologia da USP mostrou..."
- **C** "Que o digam aqueles que aprenderam música desde pequenos."
- **D** "A música é capaz de mudar a frequência..."
- **E** "...está diretamente associada à promoção da saúde, ..."

89. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que o termo destacado não é classificado como conjunção é:

- **A** O aluno contou a piada, mas a professora não riu.
- **B** O aluno contou uma caso para a professora rir.
- **C** A professora ensinou corretamente as conjunções e as preposições.
- **D** A professora não queria que ninguém risse.
- **E** Juquinha não sabia se sua piada iria agradar.

90. FGV – Em "Azar, azar, azar. Povo tão bom que nós somos, fomos arranjar, por exemplo, políticos abomináveis, como às vezes nos parecem ser quase todos eles.", a palavra que deve ser classificada como:

- **A** conjunção integrante;
- **B** conjunção subordinativa;
- **C** preposição;
- **D** pronome relativo;
- **E** partícula de realce.

91. CEPERJ – O plural de "radiação ultravioleta" é:

- **A** radiações ultravioleta;
- **B** radiações ultravioletas;
- **C** radiaçãos ultravioleta;
- **D** radiaçãos ultravioletas;
- **E** as radiação ultravioleta.

92. CEPERJ – As abreviaturas dos pronomes de tratamento usados para ministros de Estado e reitores são, respectivamente:

- **A** Exma e V. Mg^{ci}.
- **B** Exª e V. Mag^{a}.
- **C** Exª e V. Em^{a}.
- **D** Exc^{ia} e V. Rvm^{a}.
- **E** Exc^{ia} e V. S^{a}.

93. CEPERJ – Entre as palavras abaixo, aquela que não apresenta plural metafônico, isto é, aquela cujo plural não determina mudança de timbre da vogal tônica é:

- **A** o idoso;
- **B** o acordo;
- **C** o despojo;
- **D** o reforço;
- **E** o forno.

94. CEPERJ – No segmento "...a razão da dependência dos idosos, isto é, o número de pessoas...", a expressão em destaque denota:

Ⓐ adição;
Ⓑ afirmação;
Ⓒ explicação;
Ⓓ conclusão;
Ⓔ retificação.

95. NCE-UFRJ – A frase que <u>não</u> apresenta qualquer tipo de pronome demonstrativo é:

Ⓐ Ela não é a que eu vi na festa.
Ⓑ Não conheço tal livro.
Ⓒ Gosto mais do primeiro do que deste que agora tenho.
Ⓓ Naqueles tempos bíblicos, todos já nasciam velhos.
Ⓔ O que pensas a respeito dele?

96. CEPERJ – "...vêm carregadas de advertências confusas..." O verbo "vir" está <u>incorretamente</u> flexionado na frase:

Ⓐ Vimos aqui agora consultar um dicionário médico.
Ⓑ É importante virmos sempre aqui consultar um dicionário médico.
Ⓒ Pensavam que viéramos aqui para consultar um dicionário médico.
Ⓓ Viemos hoje, nesse momento, consultar um dicionário médico.
Ⓔ Se viermos à biblioteca amanhã, consultaremos um dicionário médico.

97. FJPF – Considerando-se o emprego do pronome sublinhado no trecho "e os mais atentos ganham terreno repetindo <u>consigo</u> mesmos", pode-se afirmar que está gramaticalmente <u>incorreta</u> a frase:

Ⓐ O professor dirigiu-se ao aluno e disse: "Carlos, quero falar consigo".
Ⓑ Reprovado, o aluno pensava consigo como daria a notícia aos pais.
Ⓒ O professor levava consigo para as aulas sempre o mesmo livro.
Ⓓ O universitário portava consigo a carteira de estudante.
Ⓔ Contar consigo mesmo para resolver os problemas era o que convinha ao universitário.

98. UECE – "Liberdade e democracia são, <u>pois</u>, instâncias inevitáveis e assustadoras..."

É correto afirmar-se sobre o vocábulo "pois" que:

Ⓐ é um pronome e equivale à palavra <u>também</u>;
Ⓑ é uma conjunção e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓒ é um pronome e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓓ é uma conjunção e equivale à palavra <u>também</u>.

99. UECE – A forma "traz" é de um verbo irregular, cujo presente do indicativo se escreve trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem. Também está correta a flexão do verbo:

Ⓐ aguar → agôo, agoas, agoa, aguamos, aguais, agoam;
Ⓑ deter → deti, deteste, deteu, detemos, detestes, deteram;
Ⓒ remediar → remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam;
Ⓓ perder → perdo, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

100. NCE-UFPR – "...publicou uma nota na qual revelava..."; "...época na qual a imprensa da Grã-Bretanha..."; a frase em que o segmento "na qual" deveria ser mais adequadamente substituído por "onde" é:

Ⓐ Morava perto de uma pracinha na qual se reunia com os amigos.
Ⓑ O grupo lia a revista na qual todos confiavam.
Ⓒ Leu a notícia na qual estavam presentes os nomes dos amigos.
Ⓓ As folhas nas quais se encontrava a nota estavam rasgadas.
Ⓔ Aquela era a letra de música na qual se cometiam erros grosseiros.

GABARITO

1. A	16. B	31. E	46. C	61. A	76. B	91. A
2. A	17. A	32. E	47. E	62. A	77. B	92. B
3. A	18. A	33. C	48. B	63. D	78. B	93. B
4. B	19. D	34. C	49. E	64. C	79. B	94. C
5. B	20. C	35. C	50. C	65. E	80. C	95. D
6. B	21. B	36. A	51. C	66. C	81. A	96. D
7. B	22. C	37. A	52. D	67. D	82. A	97. A
8. B	23. A	38. D	53. A	68. C	83. D	98. C
9. E	24. A	39. D	54. E	69. A	84. A	99. C
10. B	25. B	40. A	55. B	70. E	85. E	100. A
11. E	26. B	41. D	56. B	71. A	86. B	
12. C	27. B	42. C	57. C	72. B	87. E	
13. B	28. A	43. C	58. A	73. C	88. C	
14. C	29. C	44. B	59. B	74. A	89. B	
15. E	30. B	45. C	60. C	75. E	90. E	

Exercícios de Estrutura do Vocábulo Formação de Palavras

1. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra <u>inadequação</u> entre cognatos é:

Ⓐ terra – aterrorizar;
Ⓑ lei – legalizar;
Ⓒ acordo – acordar;
Ⓓ temor – atemorizar;
Ⓔ homem – humanizar.

2. UECE – A palavra "reajuste" sofreu os seguintes processos de formação:

Ⓐ ajuste → reajustar → ajustar → reajuste;
Ⓑ justo → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓒ ajuste → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓓ justo → reajustar → ajustar → reajuste.

3. Na palavra <u>erradicar</u> há um valor semântico de "movimento para fora". A palavra abaixo em que se repete esse mesmo valor é:

Ⓐ elipse;
Ⓑ êxodo;
Ⓒ embarcar;
Ⓓ ilegal;
Ⓔ discordar.

4. FJPF – Nos itens abaixo, a primeira palavra, formada por derivação prefixal, compõe um par com outra formada pelo mesmo processo. Possuem significação essencialmente distinta os prefixos das palavras pertencentes ao par:

Ⓐ contramão – antitóxico;
Ⓑ predisposição – antevisão;
Ⓒ irrelevante – desconfortável;
Ⓓ extraconjugais – hipotensão;
Ⓔ imposição – intrometer.

5. **FJPF – O vocábulo abaixo que não traz em seu prefixo a ideia de negação é:**

A "...ou pelo descaso com que são administrados..."
B "...a contraposição entre esse tipo de atividade..."
C "...novas áreas de desmatamento..."
D "...interesses os mais díspares..."

6. **FGV – Na palavra anjinho, o sufixo "-inho" pode denotar feição carinhosa. No português do Brasil, é comum que esse sufixo, dependendo do contexto de seu uso, assuma variadas significações.**

Assinale a alternativa em que o uso do sufixo "-inho" ou sua flexão atribui feição depreciativa à palavra:

A O copo está cheiinho.
B Filha, até quando vai aguentar essa vida de professorinha?
C Vem cá, rapidinho.
D Filhinho, faça isso para sua mãezinha.
E Chegue mais perto, meu bichinho.

7. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha o mesmo sentido que o de imigrante:**

A imberbe;
B imergir;
C incréu;
D iníquo;
E inválido.

8. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha valor distinto do de incompetentes:**

A irrespondível;
B agnósticos;
C ateus;
D incorrer;
E inafiançável.

9. **FUMARC – Em todas as alternativas verifica-se o prefixo "in", ou variantes suas, com valor negativo, exceto em:**

A ilícito;
B invalidar;
C incrimina;
D irrealizável.

10. **FUMARC – O prefixo "des-" tem o mesmo valor semântico, exceto em:**

A Por não haver prosseguido em seus estudos, acabou desabilitando-se para o cargo.
B O fechamento da ferrovia desabasteceu de mercadorias muitas cidades do sertão.

Ⓒ As famílias desabrigadas pelas chuvas foram acomodadas num galpão cedido pela prefeitura.
Ⓓ A revelação da testemunha desnuda o esquema da venda ilegal do medicamento.

11. FUNCAP – Em "...externamos nossos sentimentos para vivê-los mais intensamente" e "Os amores silenciosos podem provocar o choro", as palavras destacadas são formadas, respectivamente, a partir de processos de:

Ⓐ derivação sufixal e composição por justaposição;
Ⓑ composição por justaposição e derivação regressiva;
Ⓒ derivação sufixal e derivação regressiva;
Ⓓ derivação regressiva e derivação parassintética;
Ⓔ derivação parassintética e derivação prefixal.

12. COSEAC-UFF – Observando-se o sufixo da palavra em destaque no trecho "Essa comicidade, ainda eficaz, apesar da dicção lusa, pré-modernista, é temperada pela melancolia", pode-se afirmar que, entre as opções abaixo, aquela em que as três palavras foram formadas por sufixos de mesmo valor significativo e gramatical do sufixo da palavra destacada acima é:

Ⓐ civismo – amplitude – sorveteria;
Ⓑ acidez – contumácia – esquecimento;
Ⓒ vadiagem – passeata – brancura;
Ⓓ grandeza – eficácia – doçura;
Ⓔ folhagem – arvoredo – falácia.

13. NCE-UFRJ – Um dos processos mais comuns de formação de palavras em língua portuguesa é o da sufixação ou derivação sufixal; o item em que figura um vocábulo do texto que não exemplifica esse tipo de formação é:

Ⓐ perigosas – consumidores – informação;
Ⓑ recentemente – sociedade – publicidade;
Ⓒ essencial – responsabilidade – intransferível;
Ⓓ brasileiro – publicitária – regulamentação;
Ⓔ crianças – sentimento – situação.

14. NCE-UFRJ – A palavra que não é formada pelo processo de sufixação é:

Ⓐ acadêmica;
Ⓑ especializações;
Ⓒ flexibilidade;
Ⓓ filminhos;
Ⓔ negócio.

15. NCE-UFRJ – O vocábulo abaixo que difere dos demais quanto ao processo de formação é:

- **A** desalmado;
- **B** enriquecer;
- **C** anoitecer;
- **D** amanhecer;
- **E** alvorecer.

16. NCE-UFRJ – Há vários processos para formar novas palavras. A palavra <u>resistência</u> foi formada por:

- **A** derivação prefixal;
- **B** derivação sufixal;
- **C** derivação parassintética;
- **D** derivação regressiva;
- **E** derivação.

17. FJPF – Considerando-se os processos de formação de palavras em português pelo princípio dos constituintes imediatos, pode-se afirmar que há um caso de sufixação no seguinte substantivo:

- **A** anti-reumático;
- **B** sem-terra;
- **C** encontro;
- **D** contrafé;
- **E** bom-mocismo.

18. FJPF – A alternativa que mostra uma palavra que <u>não</u> foi formada por derivação sufixal é:

- **A** libertação – equívoco;
- **B** sofrimentos – individualidade;
- **C** apresamento – marinha;
- **D** restituição – afirmação;
- **E** pavoroso – tenebroso.

19. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra <u>não</u> tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>saturnianos</u>:

- **A** silencioso;
- **B** investigação;
- **C** expurgou;
- **D** definição;
- **E** rochosos.

20. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>empapuçados</u>:

Ⓐ letreiro;
Ⓑ clientela;
Ⓒ embarcou;
Ⓓ desencantar;
Ⓔ romântico.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>infraestrutura</u>:

Ⓐ nova-iorquina;
Ⓑ paraisópolis;
Ⓒ planejando;
Ⓓ sobreviver;
Ⓔ embora.

22. FGV – A palavra <u>emudecendo</u> foi formada pelo processo de:

Ⓐ composição por aglutinação;
Ⓑ derivação prefixal;
Ⓒ derivação parassintética;
Ⓓ derivação sufixal;
Ⓔ derivação imprópria.

23. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada por derivação parassintética:

Ⓐ outonal;
Ⓑ encampando;
Ⓒ babaquice;
Ⓓ mamoeirão;
Ⓔ ideologia.

24. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>entrevejo</u>:

Ⓐ joalheria;
Ⓑ serenidade;
Ⓒ decodifica;
Ⓓ acompanhando;
Ⓔ perfumadas.

25. CESGRANRIO – Relacione as palavras ao seu respectivo processo de formação.

(I) malsão	**(R) derivação sufixal**
(II) incerto	**(S) derivação prefixal**
(III) envelhecer	**(T) derivação parassintética**
(IV) aceitável	

A relação correta é:

- **A** I – R – III – S, IV – T;
- **B** I – S – II – T – III – R;
- **C** I – T – II – S, III – R;
- **D** II – R – III – T – IV – S;
- **E** II – S – III – T – IV – R.

26. CESGRANRIO – As opções abaixo apresentam uma palavra derivada e a sua origem, exceto uma. Indique-a:

- **A** disponibilizar – disponível;
- **B** simulações – simular;
- **C** incidente – acidente;
- **D** potencial – potência;
- **E** ocorrência – ocorrer.

27. EPCAR – Assinale a alternativa em que a correspondência, quanto à formação de palavras, está incorreta:

- **A** televisão – hibridismo;
- **B** hipótese – derivação prefixal;
- **C** descampado – derivação parassintética;
- **D** semideus – composição por aglutinação.

28. EPCAR – Nas alternativas a seguir apresentaram-se palavras cujos elementos mórficos foram analisados incorretamente, exceto em:

- **A** Fazendo = Faz (radical) – e (vogal temática) – ndo (desinência verbal).
- **B** Vice-presidente = Vice (radical) – presid (radical) – ent (sufixo).
- **C** Senadora = Senador (radical) – a (vogal temática).
- **D** Quiser = Quiser (radical).

29. EPCAR – Assinale a alternativa em que a palavra destacada é formada por derivação regressiva:

- **A** Infelizmente, é um dos principais.
- **B** Com as suas velhacarias, deverás tu...
- **C** De que diabo de jogo estás aí a falar?
- **D** Por que razão não vais só? Poupa-me o desgosto de encarar aquele homem.

30. EPCAR –

I. No vocábulo surradíssimo, observa-se a derivação sufixal.

II. Os vocábulos sorriso, arterial e ironizar são formados por sufixos nominais.

III. Patologia é formado por hibridismo.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

Ⓐ I;
Ⓑ I e II;
Ⓒ II e III;
Ⓓ I, II e III.

31. NCE-UFRJ – Assinale a opção em que há erro na identificação do elemento mórfico grifado:

Ⓐ Alunas: desinência de feminino.
Ⓑ Comprar: radical.
Ⓒ Aluguei: vogal temática.
Ⓓ Pareceram: vogal temática.
Ⓔ Influência: desinência de feminino.

32. FUNDEC – O termo grifado no trecho "preocupados com a saúde ambiental do planeta" apresenta sufixo de significado idêntico ao das palavras abaixo relacionadas, exceto ao da palavra:

Ⓐ mensal;
Ⓑ outonal;
Ⓒ conjugal;
Ⓓ laranjal;
Ⓔ campal.

33. FUNDEC – Dos itens abaixo, aquele em que dos três verbos formam-se substantivos com sufixo idêntico ao usado na formação de carregamento é:

Ⓐ punir – lavar – casar;
Ⓑ desconsiderar – enrubescer – desligar;
Ⓒ ajuizar – descomprometer – afastar;
Ⓓ descumprir – irradiar – desobedecer;
Ⓔ agradecer – passear – totalizar.

34. FUNRIO – O vocábulo "pirataria" é formado por meio de derivação sufixal. A palavra que também se formou por derivação sufixal, é:

Ⓐ secretário;
Ⓑ combate;
Ⓒ desarticulação;
Ⓓ devemos;
Ⓔ narcotráfico.

35. FUNRIO – O vocábulo rancorosamente é formado pelo processo de derivação prefixal e sufixal. A palavra a seguir formada pelo mesmo processo é:

- **A** tradicional;
- **B** choupana;
- **C** desigualdade;
- **D** eletricidade.

36. CEPERJ – Quanto à estrutura mórfica do termo, está correta a análise apresentada na alternativa:

- **A** Desgarradas (garra) = tema.
- **B** Choverá (rá) = desinência número-pessoal.
- **C** Levitante = (ante) = sufixo.
- **D** Estrada (a) = desinência nominal de gênero.
- **E** Terra (terra) = radical.

37. FEC – "É intolerável que cerca de um quinto da população adulta do globo seja ainda analfabeta." O prefixo presente no termo sublinhado tem o mesmo valor semântico do prefixo presente em:

- **A** imperfeito;
- **B** injetável;
- **C** invejoso;
- **D** internacional;
- **E** intrometido.

38. CESGRANRIO – O vocábulo que apresenta um processo de formação de palavras diferente dos demais é:

- **A** piazinho;
- **B** chaleira;
- **C** girassol;
- **D** boleadeira;
- **E** brigão.

39. FJPF – Em "Uma língua de espuma avança até o seu pezinho", o vocábulo sublinhado é um diminutivo de valor afetivo. A alternativa que apresenta um diminutivo de valor intensivo é:

- **A** As ondinhas não atemorizavam o menino.
- **B** O cronista andava com passinhos rápidos.
- **C** Ela levou o menino rapidinho para as ondas.
- **D** Ela trazia o seu menininho com muito cuidado.
- **E** A espuminha das ondas batia nos pés do menino.

40. FCC – "É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação." (Celso Cunha, *Gramática do português pontemporâneo*)

Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:

Ⓐ júri, perjúrio e ajuizar;
Ⓑ consideração, constelação e conspiração;
Ⓒ solitário, dissolução e insólito;
Ⓓ vidente, revisor e convincente;
Ⓔ condução, condizente e irredutível.

41. FCC – São da mesma família (ou seja, têm o mesmo radical) as seguintes palavras:

Ⓐ absorver – proteger – requerer;
Ⓑ sabido – sabem – sapiência;
Ⓒ fluxo – migração – Deslocamento;
Ⓓ região – reforma – redução;
Ⓔ rural – agrícola – fundiário.

42. FCC – O prefixo das palavras "injusto" e "inaceitável" tem sentido equivalente ao dos prefixos de:

Ⓐ corroborar e contradizer;
Ⓑ decrescer e descumprir;
Ⓒ desmentir e refazer;
Ⓓ ante-sala e antinomia;
Ⓔ abdicar e refluir.

43. FJG – O valor semântico do prefixo da palavra ilibada é o mesmo que o da palavra:

Ⓐ inundada;
Ⓑ inserida;
Ⓒ ilação;
Ⓓ inócua;
Ⓔ ilustre.

44. FJG – O prefixo da palavra infelicidade corresponde semanticamente ao de:

Ⓐ ilação;
Ⓑ irrupção;
Ⓒ ilícito;
Ⓓ infixo;
Ⓔ insolação.

45. NUCEPE – Observe o período: "Conhecemos o destino do estuprador Gilson, julgado e condenado pela Lei do Crime".

O processo de formação de palavras que dá origem aos termos sublinhados é:

- A derivação por justaposição;
- B derivação prefixal;
- C composição por aglutinação;
- D composição por justaposição;
- E derivação sufixal.

46. UPENET – Marque a única opção abaixo que não conserva o prefixo in – com o mesmo sentido em que este se apresenta na palavra indesejada:

- A ilegal;
- B irrestrito;
- C impermeável;
- D inativo;
- E imigrar.

47. UPENET – Observe o texto: "Era segunda-feira. O dia estava calmo, um silêncio ensurdecedor foi quebrado pelo canto de um beija-flor que parecia olhá-lo da janela. Perdeu a hora para ir ao colégio, espreguiçou-se e embora estivesse sem vontade de sair da cama, conseguiu".

As palavras destacadas são formadas, respectivamente, através dos seguintes processos:

- A aglutinação – justaposição – aglutinação;
- B justaposição – aglutinação – justaposição;
- C justaposição – justaposição – justaposição;
- D aglutinação – aglutinação – aglutinação;
- E justaposição – justaposição – aglutinação.

48. CEPERJ – Apresentam o mesmo prefixo os vocábulos:

- A associar e abusar;
- B cooperação e competição;
- C desleal e denúncia;
- D combater e contradizer.

49. CEPERJ – O par de palavras que exemplifica um processo de formação de palavras diferente daquele encontrado em "consumir/consumo" é:

- A comprar – compra;
- B processar – processo;
- C usar – uso;
- D descartar – descarte;
- E sentir – sentido.

50. CEPERJ – A palavra “envelhecimento” é formada por:

- Ⓐ derivação prefixal;
- Ⓑ derivação sufixal;
- Ⓒ derivação prefixal e sufixal;
- Ⓓ derivação parassintética;
- Ⓔ composição por aglutinação.

GABARITO

1. A	11. C	21. D	31. E	41. C
2. B	12. D	22. C	32. D	42. B
3. B	13. C	23. B	33. C	43. D
4. D	14. E	24. C	34. A	44. C
5. B	15. E	25. E	35. C	45. E
6. B	16. B	26. C	36. D	46. E
7. B	17. E	27. D	37. A	47. E
8. C	18. A	28. A	38. C	48. B
9. C	19. C	29. E	39. C	49. E
10. D	20. C	30. A	40. D	50. D

Exercícios de Regência Nominal e Verbal

1. CESGRANRIO – Observe as frases abaixo, quanto à regência.

I. O brasileiro prefere atualmente samba do que bolero.

II. Tal atitude implicou na sua demissão.

III. Ele sempre obedecia a ordens superiores.

IV. Assistimos emocionados àquele espetáculo de cores.

Estão corretas:

A somente I e IV;
B somente II e III;
C somente II e IV;
D somente III e IV;
E somente I, II e III.

2. ESAF – A regência verbal está correta na frase da opção:

A Eles preferiam mais música do que cinema.
B Antônio, eu lhe vejo amanhã lá no clube.
C O secretário informou ao candidato o resultado da prova.
D A humanidade aspira dias melhores de existência.
E É preciso seguir ao regulamento.

3. NCE-UFRJ – Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:

A Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
B Os técnicos procederam à análise da documentação.
C Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
D Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
E Não lhe desobedecerei jamais.

4. **FCC – "O mundo está <u>sedento</u> por gasolina e diesel especiais..."**

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

- **A** ...notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
- **B** ...de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
- **C** ...no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
- **D** ...as reservas de gás de Bahia Blanca.
- **E** ...resinas termoplásticas para toda a região.

5. **FEC – Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome "o" menos uma, em que o correto seria o emprego do "lhe". Essa frase está na opção:**

- **A** Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
- **B** Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
- **C** Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
- **D** O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
- **E** A empresa que construiu o computador resolveu doá-lo para um museu.

6. **FESP-RJ – O verbo "partir" é classificado como transitivo direto e indireto em:**

- **A** Eu também gostaria de partir amanhã bem cedo.
- **B** Às vezes dá vontade de descer e partir para a briga.
- **C** Curiosamente, o novo viaduto parecia partir a cidade.
- **D** Ele costuma partir todos os seus ganhos entre os familiares.
- **E** Deve-se ter cuidado para não se partir de falsas afirmações.

7. **NCE-UFJR – Observando-se as normas da língua culta, há inadequação no emprego do pronome pessoal oblíquo na frase:**

- **A** Prevenimos-lhe de que os resultados das pesquisas podem variar muito num curto espaço de tempo.
- **B** A nova descoberta, comunicamo-la a Vossa Senhoria, movidos pelo desejo de contribuir para a ciência.
- **C** Avisamos-lhe que suas pesquisas estão aquém das expectativas.
- **D** A equipe de cientistas obedece-lhe naquilo que for importante para as novas descobertas.
- **E** Aos críticos, os cientistas perdoaram-lhes porque, apesar dos erros de análise, a intenção foi boa.

8. NCE-UFRJ – A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:

- **A** A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
- **B** O ideal por que este grupo luta é atingível.
- **C** O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
- **D** A falha que perdoamos não foi grave.
- **E** O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

9. VUNESP – Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

- **A** Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.
- **B** Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.
- **C** Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.
- **D** Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.
- **E** Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

10. CESGRANRIO – Indique a opção em que somente a palavra "cujo" preenche corretamente a lacuna, de acordo com a norma culta:

- **A** O escritor _____ estilo eu não gosto vai lançar duas obras este ano.
- **B** A empresa _____ o nome foi decidido em assembleia vai ser inaugurada amanhã.
- **C** A professora _____ livro foi reeditado trabalhou em uma universidade estrangeira.
- **D** A universidade _____ vestibular meu filho se preparou fica no centro da cidade.
- **E** O rapaz, o _____ pai encontrei, trabalha na minha empresa.

11. FESP-RJ – Se se levar em conta que "<u>regência verbal é a maneira de um verbo relacionar-se com seus complementos</u>", a resposta adequada às exigências da gramática normativa encontra-se na opção:

- **A** O aluno vai na escola e desaprende a argumentar.
- **B** O aluno respeita quem lhe ensina a viver.
- **C** Alunos aspiram a uma escola de melhor qualidade.
- **D** A escola prefere mais alunos passivos do que contestadores.
- **E** A turma assistiu o torneio mundial de vôlei.

12. NCE-UFRJ – Considerando-se as normas de regência da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:

- **A** Não há quem não aspire a um emprego seguro, com bom salário.
- **B** O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
- **C** Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.

Ⓓ A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
Ⓔ O fim desta é informar a V. Sª sobre as novas regras vigentes na instituição.

13. FJG – Há erro de regência em:

Ⓐ Tive certeza que o homem e o almocreve se tornariam amigos depois do incidente.
Ⓑ Custou ao homem entender o que estava acontecendo.
Ⓒ O homem pagou ao almocreve com uma moeda de prata?
Ⓓ Senti medo de que o homem não respeitasse o almocreve.
Ⓔ Sou favorável a que haja entendimento entre o homem e o almocreve.

14. FUNDEC – A mudança na regência verbal acarreta mudança de sentido em todas as alternativas abaixo, <u>exceto</u>:

Ⓐ Os sequestradores contavam o dinheiro do resgate.
Os sequestradores contavam com o dinheiro do resgate.
Ⓑ Esse comentarista vive falando nos políticos mineiros.
Esse comentarista vive falando aos políticos mineiros.
Ⓒ O juiz decidiu-se pelo encerramento da sessão.
O juiz decidiu-se no encerramento da sessão.
Ⓓ Cientificou os repórteres de que a viagem seria cancelada.
Cientificou aos repórteres que a viagem seria cancelada.

15. VUNESP – O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está <u>correto</u> apenas em:

Ⓐ Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.
Ⓑ Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.
Ⓒ Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.
Ⓓ Já se vislumbra o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.
Ⓔ Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.

16. CESGRANRIO – Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se <u>contraria</u> a norma culta da língua:

Ⓐ É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.
Ⓑ O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.
Ⓒ O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.
Ⓓ Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.
Ⓔ Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.

17. FCC – A frase construída de forma inteiramente correta é:

Ⓐ Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
Ⓑ A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
Ⓒ A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
Ⓓ Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
Ⓔ Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

18. FCC – A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescritiva, no que se refere à regência, é:

Ⓐ Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.
Ⓑ Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.
Ⓒ A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.
Ⓓ Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.
Ⓔ Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

19. FESP-RJ – Ninguém _____ pediu nada, nem _____ ajudou, ninguém _____ julgou e nem_____ condenou por isso.

Os pronomes que completam adequadamente as lacunas da frase acima são, respectivamente:

Ⓐ lhe, lhe, o, o;
Ⓑ lhe, o, lhe, o;
Ⓒ o, lhe, o, lhe;
Ⓓ lhe, o, o, o;
Ⓔ o, lhe, o, o.

20. FEC – Sobre a regência do verbo <u>assistir</u> na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:

Ⓐ está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de <u>ser do direito</u>;
Ⓑ é semelhante à regência do verbo <u>amar</u> em frases como "Deve-se amar ao próximo;
Ⓒ admite a construção passiva, que seria "o início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana";

Ⓓ está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil;

Ⓔ é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

21. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ É preferível de que haja menos autoritarismo.

Ⓑ A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

Ⓒ É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.

Ⓓ É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.

Ⓔ Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

22. CESPE-UnB – Verifique o emprego das formas verbais destacadas nos fragmentos de texto abaixo:

I. "A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão."

II. "Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição."

III. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

IV. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

V. "Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos e os conceitos específicos que não possam ser dispensados."

Em relação à regência verbal, é correto afirmar que, nos fragmentos de texto:

Ⓐ "implica" é transitivo indireto;

Ⓑ "obedece" é transitivo direto;

Ⓒ "comunicar" é intransitivo;

Ⓓ "impõe" é transitivo direto;

Ⓔ "precise" é transitivo indireto.

23. NCE-UFRJ – "...que se preocupassem em medir o tempo..."

Na frase, o uso da preposição "em" se deve à regência do verbo "preocupar-se". Qual das frases a seguir é correta quanto à regência verbal, segundo a norma culta?

Ⓐ Entrou e saiu da sala.

Ⓑ O filme foi assistido pelos alunos no tempo de aula.

Ⓒ Uma boa faculdade era aspirada por todos.

Ⓓ O péssimo resultado implicou um novo concurso.

Ⓔ Assistiu e gostou do filme.

24. ESAF – Aponte o trecho correto quanto à regência:

Ⓐ Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

Ⓑ Em muitas cidades pequenas, no interior do país, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

Ⓒ Como é interesse do país de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

Ⓓ A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

Ⓔ No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

25. NCE-UFRJ – Na frase: "...assistindo a um bom Vasco *x* Flamengo...", o verbo "assistir" necessita da preposição "a", adquirindo, assim, o significado de "presenciar", "observar"; caso não houvesse essa preposição, o mesmo verbo teria o sentido de "auxiliar", "ajudar". O verbo a seguir que varia de sentido conforme a sua regência é:

Ⓐ gostar/gostar de;

Ⓑ amar/amar a;

Ⓒ ver/ver a;

Ⓓ aspirar/aspirar a;

Ⓔ observar/observar a.

26. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> de regência, quanto ao verbo sublinhado, em:

Ⓐ Quem ofende, não <u>perdoa</u>.

Ⓑ Não devemos <u>chamá</u>-lo de herói.

Ⓒ É preciso <u>informar</u>-lhes da nova legislação.

Ⓓ O diretor não queria <u>visar</u> aquele documento.

Ⓔ Os candidatos <u>aspiravam</u> a um cargo mais elevado.

27. NCE-UFRJ – Assinale a frase em que há erro no emprego de "o" ou "lhe":

Ⓐ Mandei-o visitar os pais em Petrópolis.

Ⓑ Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis.

Ⓒ Eu lhe felicitarei pela vitória.

Ⓓ Não lhe assiste o direito de protestar.

Ⓔ A verdade é que eu lhe quero muito bem.

28. FESP-RJ – Há <u>erro</u> no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:

Ⓐ Os cheques <u>que</u> ele visava eram de outra agência.

Ⓑ Os prêmios <u>a que</u> ele aspirava não serão concedidos.

Ⓒ São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
Ⓓ Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
Ⓔ As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

29. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está incorreta em:

Ⓐ O sucesso, quem não o aspira?
Ⓑ Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
Ⓒ Os objetivos a que eles visam são torpes.
Ⓓ Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
Ⓔ Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

30. FUNDEC – Assinale a alternativa incorreta com relação à regência verbal:

Ⓐ Informaram-nos de tudo.
Ⓑ Informaram-na sobre tudo.
Ⓒ Informaram-lhes de tudo.
Ⓓ Informaram-me tudo.

31. CESGRANRIO – Analise as frases abaixo, de acordo com a norma culta da língua:

1. Aquele cidadão aspira a convivências amáveis.
2. O magistrado conferiu àqueles infratores pena capital.
3. Preferimos conduzir o povo à conscientização do que à degradação social.
4. O juiz informou-os de sua resolução.
5. Os parlamentares de cujo apoio reivindicamos mantiveram-se fiéis.
6. Quero muito bem a meus companheiros.

As frases totalmente corretas são:

Ⓐ somente 1 e 2;
Ⓑ somente 1, 3 e 6;
Ⓒ somente 2, 3 e 6;
Ⓓ somente 3, 4 e 5;
Ⓔ somente 1, 2, 4 e 6.

32. FJG – "...que a percebe apenas como meio de ascensão social..."

A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?

Ⓐ Não lhe agrada semelhante profecia?
Ⓑ A resposta do professor não o satisfez.
Ⓒ Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
Ⓓ O poeta assistiu-a nas horas amargas.
Ⓔ Eu lhe lembrarei das datas.

33. FJG – "Quem manda e quem obedece?"

O verbo destacado na frase acima aparece em uma frase gramaticalmente mal construída em:

- **A** É bem difícil definir que princípios devem obedecer os jornalistas.
- **B** São poucos os jornalistas a cujas ideias a opinião pública carioca obedece cegamente.
- **C** Julgam-se mais confiáveis os jornalistas que obedecem ao que a lei determina.
- **D** Dentre tantas convicções, os jornalistas acabam obedecendo àquelas que lhes melhor aparentam.

34. FESP-RJ – A alternativa em que se pode condenar a construção que envolve o pronome relativo é:

- **A** Ligue o rádio para ouvir as canções que gosta.
- **B** Não são poucas as pessoas que visitastes.
- **C** O filme a que assistiremos é imperdível.
- **D** O livro que li está esgotado.

35. NCE-UFRJ – Segundo Celso Cunha, o verbo visar – no sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "pretender" – pode construir-se com objeto indireto ou direto: "visando à noite de gala" ou "visando a noite de gala".

A dupla regência verbal é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:

- **A** Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego.
- **B** Vários municípios aderiram à campanha / a campanha.
- **C** Nem todo mundo consegue recorrer à Justiça no Brasil / a Justiça.
- **D** A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade.
- **E** Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar ao estatuto.

36. NCE-UFRJ – Cometeu-se erro de regência verbal na opção:

- **A** O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
- **B** Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
- **C** Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
- **D** Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
- **E** Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de recorrer.

37. NCE-UFRJ – O item que, no que se refere à regência verbal, está em desacordo com a gramática normativa é:

Ⓐ Aproveitamos para lembrá-lo que essa conduta irregular, segundo a legislação trabalhista vigente, pode acarretar demissão por justa causa.
Ⓑ O fim desta é informar-lhe que seu carnê se encontra disponível em nossa filial de Icaraí.
Ⓒ É estranho não o terem avisado de que as inscrições para o concurso estavam abertas.
Ⓓ Os amigos e parentes preveniram-na do risco que corria.
Ⓔ Diante da preocupação dos membros da outra equipe com aspectos que poderiam ter impacto sobre o sistema ecológico da região, respondemos-lhes que estávamos dispostos a rever tais itens.

38. CESGRANRIO – A regência verbal está correta apenas na opção:

Ⓐ Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
Ⓑ A aprovação que aspiram se concretizará, para um número considerável de candidatos.
Ⓒ Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
Ⓓ O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
Ⓔ Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

39. NCE-UFRJ – A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:

Ⓐ Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
Ⓑ Este é um país de cujo clima de euforia cultural alguns se insurgem.
Ⓒ Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
Ⓓ Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
Ⓔ Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

40. IPAD – No que se refere à regência verbal, assinale a alternativa em que as exigências da gramática normativa foram atendidas:

Ⓐ Cristovam Buarque decidiu escrever textos para defender as ideias de que cria.
Ⓑ Em seus textos, fica claro que Buarque não abdica em nenhuma de suas convicções.
Ⓒ O autor prefere expor suas ideias por meio de textos a ter que expô-las oralmente.
Ⓓ O autor não consentiu com a modificação de suas principais ideias sobre a educação.
Ⓔ Ler os textos não implica necessariamente em aceitar as ideias neles expostas.

41. FGV – Em "Você se lembra do rosto dela naquele instante?", obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido:

A Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
B Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
C Os médicos assistiram o paciente.
D Perdoamos-lhes as dívidas.
E Pagaram-lhe bem.

42. FUVEST – Assinale a alternativa correta quanto à regência:

A A peça que assistimos foi muito boa.
B Estes são os livros que precisamos.
C Esse foi um ponto que todos se esqueceram.
D Guimarães Rosa é o escritor que mais aprecio.
E O ideal que aspiramos é conhecido por todos.

43. FAAP-SP – Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspiro à glória". Tal verbo:

A apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
B embora apresente regências diferentes, tem sentido equivalente nas duas orações;
C poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
D apresenta regência e sentido diferente nas duas orações;
E embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, apresenta regência diferente em cada uma delas.

44. FCC – Quanto a amigos, prefiro João ___ Paulo, ___ quem sinto ___ simpatia.

A a – por – menos;
B do que – por – menos;
C a – para – menos;
D do que – com – menos;
E do que – para – menos.

45. FOC-SP – Assinale a frase onde a regência do verbo <u>assistir</u> está errada:

A Assistimos um belo espetáculo de dança a semana passada.
B Não assisti à missa.
C Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
D O técnico assistiu os jogadores.

46. FCMSC-SP – Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

A João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
B Era a vida a chamar pelo falecido.
C Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
D Chamei pelo colega em voz alta.
E Alguns chamam-no de fiscal.

47. UM-SP – Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

A Ele custará muito para me entender.
B Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
C Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
D O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
E Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

48. UFMG – Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:

A Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
B Você chama isto de molecagem, Zé Lins.
C Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
D De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
E Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

49. PUC-RS – Alguns demonstram verdadeira aversão ___ exames, porque nunca se empenharam o suficiente ___ utilização do tempo ___ dispunham para o estudo.

A com – pela – de que;
B por – com – que;
C a – na – que;
D com – na – que;
E a – na – de que.

50. ITA – Assinale a alternativa correta:

A Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
B Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
C Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
D Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
E Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

51. FUVEST-SP – Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

A Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
B Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
C Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
D Só lhes faltou mandar-me embora de casa.
E Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

52. UM-SP – Assinale a alternativa em que a regência do verbo "proceder" está <u>incorreta</u>:

A As observações do rapaz a respeito do desastre não procedem.
B Nélson e Francisco procedem de família nobre.
C O secretário procedeu à leitura da ata da última reunião.
D Daqui em diante, procederei a gravação de minhas fitas de cromo.
E A função desta equipe é proceder contra os maus elementos.

53. UM-SP – Assinale a letra correspondente à alternativa que completa de forma correta as lacunas do período abaixo:

Posso informar ___ irmãos de Paula ___ esses resultados não querem aludir ___ enfermidade da mãe?

A os – de que – a;
B os – que – à;
C aos – que – à;
D aos – de que – a;
E os – que – a.

54. UM-SP – Assinale a oração que contiver uma impropriedade quanto à regência nominal:

A Meu filho, por que você vive tão alheio às minhas ordens?
B Beto é um rapaz ávido de carinho.
C Sua mãe tem sido muito misericordiosa com suas falhas.
D Ela está ansiosa a ver o filho na Universidade.
E Será que você é um rapaz propenso à Engenharia?

55. FGV – Entre as seguintes frases, uma apresenta erro de regência verbal. Indique-a:

A Rogavam-lhe as amigas que não faltasse à reunião.
B Não se esquecerão nunca de rogarem assim à Divina Majestade.
C Rogamos a todos os brasileiros de que sejam os fiscais do governo na luta contra a corrupção.
D Abraçava-se ao filho alvoroçado, rogando-lhe que esperasse em Deus o salvamento da prima.
E Rogava a todos, desesperadamente, que o levassem à terra onde nascera.

56. UM-SP – Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal:

Ⓐ Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
Ⓑ Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
Ⓒ Bernardo moera com alegria um punhado de milho no salão contíguo à cozinha.
Ⓓ Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
Ⓔ Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

57. FGV – Leia atentamente:

"Refiro-me a esta carta e não aquela que recebi ontem".

Na frase acima, a falta de um acento gráfico indica um erro de:

Ⓐ pontuação;
Ⓑ regência nominal;
Ⓒ regência verbal;
Ⓓ concordância nominal;
Ⓔ concordância pronominal.

58. UM-SP – Aponte a alternativa em que a regência do verbo <u>pagar</u> contraria a norma culta:

Ⓐ Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
Ⓑ O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
Ⓒ Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
Ⓓ O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas do meu hábil esforço.
Ⓔ Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

59. PUC-SP – Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas abaixo:

1. O verso ___ se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

2. O verso ___ trata o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

3. O verso ___ o poeta monta seu poema é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

4. O verso ___ o poeta constrói é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

Ⓐ em que – a que – que – de que;
Ⓑ com que – que – com que – de que;
Ⓒ a que – de que – com que – que;
Ⓓ a que – de que – que – de que;
Ⓔ que – de que – com que – que.

60. ESPCEX – Indique a alternativa com defeito de regência:

Ⓐ Mandei-lhes sair cedo de casa.
Ⓑ Mandei-lhes entregar o que haviam recebido indevidamente.
Ⓒ Mandei-os sair cedo de casa.
Ⓓ Mandei-os entregar o que haviam recebido indevidamente.

61. UFES – A série que completa as frases a seguir está na opção:

1. As eleições ____ me refiro mobilizariam todo o povo brasileiro.
2. Os materiais ____ precisamos estão fechados no armário do laboratório.
3. A rua ____ moro está sendo totalmente asfaltada.
4. O dinheiro ____ eu contava pagar a dívida não me foi enviado.
5. O sofrimento ____ passei deixou-me mais forte.

Ⓐ a que – de que – em que – com que – por que;
Ⓑ de que – a que – em que – com que – de que;
Ⓒ com que – a que – a que – por que – em que;
Ⓓ em que – com que – de que – a que – por que;
Ⓔ a que – de que – com que – por que – em que.

62. EPCAR – <u>Não</u> está correta a construção:

Ⓐ Prefiro mais praticar esporte do que ir a cinema.
Ⓑ Com relação ao prêmio, posso cientificá-lo de que não aspiro a ele.
Ⓒ Todos os estimam e querem felicitá-lo.
Ⓓ Aspiro ao oficialato da Força Aérea Brasileira.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos, porque o estimamos.

63. EPCAR – <u>Não</u> está correta a regência verbal na opção:

Ⓐ O mestre não visava aos bons alunos.
Ⓑ Não desobedeças o regulamento.
Ⓒ Nós o cumprimentamos e o cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓓ Alguém lhe informou que há duas semanas não chove.
Ⓔ Posso informá-lo de que assistiremos a um belo espetáculo.

64. EPCAR – Assinale a frase em que a regência <u>não</u> está correta:

Ⓐ Avisamo-lo de que desistimos da viagem.
Ⓑ Ainda não os cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓒ Informaram-lhe de que o amigo o traiu.
Ⓓ Não desobedeçais a vossos pais.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos.

65. EFOMM – Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

Ⓐ Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.
Ⓑ Prefiro mais as morenas às loiras.
Ⓒ O livro que te referes é célebre.
Ⓓ Por que não mais o obedeces?
Ⓔ A situação que aspiras não enobrece.

66. EN – São corretas as regências verbais em:

Ⓐ É um assunto que sempre faço alusão.
Ⓑ Só leio livros que gosto.
Ⓒ Convivo com pessoas em que posso confiar.
Ⓓ Onde vais com tanta pressa?
Ⓔ Prefere mais os autores nacionais do que os estrangeiros.

67. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a parte destacada <u>não</u> atende às regras da norma culta:

Ⓐ Todos apoiam a luta <u>sem a qual não há justiça</u>.
Ⓑ São válidos os motivos <u>dos quais os ambientalistas se interessam</u>.
Ⓒ Não é certo o sacrifício <u>de quem já é discriminado socialmente</u>.
Ⓓ Solidariedade é sentimento <u>de que toda a humanidade precisa</u>.
Ⓔ É justa a causa <u>pela qual luta o poeta Federico Garcia Lorca</u>.

68. FJPF – Há mau uso do pronome relativo em:

Ⓐ Era eu o a quem vinham referindo-se como mau gestor da coisa pública.
Ⓑ Há sociedades de cujos ditames morais pouco tem ciência o mundo contemporâneo.
Ⓒ É nos fatos sociais, onde está a fonte do Direito, que se buscam os preceitos legais.
Ⓓ Nada quanto se diga aqui poderá contribuir para a construção de uma nova ordem social.
Ⓔ As assembleias de parlamentares, às quais presidi em meu mandato, sempre foram frutíferas.

69. FJPF – Na passagem "Atualmente, os *shoppings centers* concorrem com a televisão e o computador", o verbo "concorrer" está empregado corretamente, do ponto de vista da regência. Das frases abaixo, está <u>incorreta</u> quanto à regência verbal a seguinte:

Ⓐ Os clientes só se interessavam por lojas em liquidação.
Ⓑ Pouco a pouco as pessoas iam se familiarizando com os novos hábitos de consumo.

C O shopping esmerava-se por oferecer o melhor para os consumidores.
D Os comerciantes esforçavam-se de encontrar meios para vender as novas mercadorias.
E No shopping, as pessoas entretinham-se com coisas simples.

70. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro no emprego da preposição, exigida por regência nominal ou verbal:

A Ela ficou indiferente a todo o movimento.
B Seu salário foi equivalente ao de seu amigo.
C Referiu-se a acontecimentos recentes.
D Entregou-se a uma vida devassa.
E Informou a todos de que não viria.

71. NCE-UFRJ – Muitos gramáticos condenam o uso de um mesmo complemento referido a verbos de regência diferente, o que ocorre em:

A ...entrar e sair de casa.
B ...contemplar e pintar a paisagem.
C ...ler e memorizar o telefone.
D ...conhecer e admirar a obra do artista.
E ...precisar e gostar de boas companhias.

72. NCE-UFRJ – A alternativa em que não se deve substituir o complemento verbal sublinhado pelo pronome pessoal "lhe" ou "lhes" é:

A A resposta agradou ao repórter.
B Pensou em perdoar ao adversário.
C Agradeceu a todos os presentes.
D Demos aos recém-chegados as boas-vindas.
E O ministro sempre visou a bons resultados.

73. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma frase correta a respeito da regência do verbo morar é:

A João morava, então, na Rua Santa Clara.
B João morava, então, à Rua Santa Clara.
C João morava, então, a Rua Santa Clara.
D João morava, então, em à Rua Santa Clara.
E João morava, então, em a Rua Santa Clara.

74. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma construção equivocada é:

A São locais de que nunca mais nos esquecemos.
B Li, nas férias, os romances de cujos autores falamos.
C Aqui estão as músicas cujos autores aprecio.

Ⓓ Aqui estão as ideias contra cujos autores me insurgi.
Ⓔ Comprei os livros de que tanto gosto de ler.

75. FJPF – "Este descompasso redunda em digressões." Entre as modificações impostas a essa frase do texto, a que resulta em equívoco gramatical é:

Ⓐ Este descompasso ocasiona em digressões.
Ⓑ Este descompasso resulta em digressões.
Ⓒ Este descompasso acarreta digressões.
Ⓓ Este descompasso implica digressões.

76. FJPF – Das alterações feitas na oração adjetiva do trecho "segundo nossa estatística pessoal, a única a que posso me referir", aquela em que há erro flagrante de regência, pelo emprego inadequado do pronome relativo, é:

Ⓐ ...segundo nossa estatística pessoal, a única por cuja base se pode confiar.
Ⓑ ...segundo nossa estatística pessoal, a única para a qual estava voltada a atenção de todos.
Ⓒ ...segundo nossa estatística pessoal, a única de cujos dados se valeram os técnicos.
Ⓓ ...segundo nossa estatística pessoal, a única sobre a qual foi feita uma referência na imprensa.
Ⓔ ...segundo nossa estatística pessoal, a única com cujos dados estão de acordo os técnicos.

77. FJPF – Em "Outra coisa com que Dona Dondon não se conformava", o verbo <u>conformar-se</u> rege a preposição <u>com</u>. Com a substituição do verbo, passa a haver erro evidente de regência na seguinte alternativa:

Ⓐ Outra coisa a que Dona Dondon não se submetia.
Ⓑ Outra coisa contra que Dona Dondon sempre protestava.
Ⓒ Outra coisa de que Dona Dondon normalmente divergia.
Ⓓ Outra coisa em que Dona Dondon vivia contestando.
Ⓔ Outra coisa sobre que Dona Dondon se recusava a falar.

78. FGV – "Mas, na sua lancinante simetria, o modelo adotado tem propriedades estéticas <u>que sugerem um arranjo divino</u>."

Assinale a alternativa em que, alterando-se a oração grifada no trecho acima, <u>não</u> foi mantida adequação à norma culta da língua:

Ⓐ ...a que nos referimos como um arranjo divino;
Ⓑ ...a que aludimos como um arranjo divino;
Ⓒ ...que nos lembramos como um arranjo divino;
Ⓓ ...que lembram um arranjo divino.

79. CESGRANRIO – No quadro abaixo foram parafraseados trechos do texto, utilizando-se pronomes relativos. Indique a opção em que o pronome está usado de acordo com a norma culta da língua:

	Texto	Reescritura
A	"a frase acima era frequentemente citada por meu pai,..."	"a frase acima de que meu pai frequentemente citava..."
B	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, com resultados negativos..."	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, onde os resultados são negativos..."
C	"Os resultados evidenciaram que os jovens tinham reflexos mais rápidos,..."	"Os resultados evidenciaram que os jovens, cujos os reflexos eram mais rápidos,"
D	"Tal exigência retarda a inclusão de milhares de jovens,"	"Tal exigência retarda de que se incluam..."
E	"Como se trata de um problema complexo, seu equacionamento requer uma profunda mudança..."	"Como se trata de um problema complexo cujo equacionamento requer uma profunda mudança..."

80. FEPESE – Assinale a alternativa em que as duas frases estão <u>corretas</u> quanto à regência verbal:

A 1. Os amigos assistiram ao concerto de que você tanto gostou.
2. Esta é a foto a que me referi dias atrás.

B 1. Por ser orgulhoso, preferiu declarar falida a firma do que aceitar qualquer ajuda.
2. Ele agia discretamente sempre visando lucros imediatos.

C 1. Assiste ao trabalhador o direito de férias.
2. Eles lhe proibiram de participar da passeata.

D 1. Naquele ambiente, aspirava-se a um ar carregado.
2. Perdoei-lhe as ofensas dirigidas contra a minha integridade moral e ética.

E 1. Paguei todos os valores devidos
2. Esperava, ansioso, que se procedesse o sorteio

81. FCC – Na frase "Preferimos confiar e acreditar <u>nas coisas</u>...", a expressão sublinhada complementa corretamente, ao mesmo tempo, dois verbos que têm a mesma regência: <u>confiar em</u>, <u>acreditar em</u>. Do mesmo modo está também correta a seguinte construção:

A Preferimos nos desviar e evitar as coisas.
B Preferimos nos contrapor e resistir às coisas.
C Preferimos ignorar e desconfiar das coisas.
D Preferimos subestimar e descuidar das coisas.
E Preferimos não suspeitar e negligenciar as coisas.

82. FCC – Ambos os elementos sublinhados estão empregados de modo correto na frase:

Ⓐ Quando penso em fazer algo de que ninguém tenha ainda experimentado, arrisco-me a colher as desventuras com que me alertaram meus pais.

Ⓑ A autoridade dos pais, pela qual os adolescentes costumam se esquivar, não deve ser imposta aos jovens, cuja a reação tende a ser mais e mais libertária.

Ⓒ Nas sociedades mais antigas, em cujas venerava-se a sabedoria dos ancestrais, não se manifestava qualquer repulsa com os valores tradicionais.

Ⓓ Os pais experientes, a cujas recomendações o adolescente não costuma estar atento, não devem esmorecer diante das reações rebeldes.

Ⓔ A autoridade da experiência, na qual os pais julgam estar imbuídos, costuma mobilizar os filhos em buscar seu próprio caminho.

83. UFSC – Lendo com atenção as proposições abaixo, assinale a opção que preencha, sequencialmente, as lacunas, de forma correta:

I. Este é o livro _____ me referi.

II. As provas _____ faço referência, explicá-las-ei mais tarde.

III. O revólver _____ matou o vizinho foi encontrado no jardim.

IV. Vi ontem, na praia, um amigo de infância, _____ nome não me lembro.

V. Gostamos de rever a casa _____ vivemos nossa infância.

Ⓐ ao qual – das quais – com cujo – do qual – em que;

Ⓑ a que – às quais – com o qual – de cujo – na qual;

Ⓒ que – de que – com que – a que – na qual;

Ⓓ de cujo – as quais – o qual – de que o – em cuja.

84. UFSC – Assinale a opção em que ocorre erro de regência:

Ⓐ Prometeu amar-lhe para sempre.

Ⓑ Atendi-o prontamente na sala contígua ao meu gabinete.

Ⓒ Se aspiras a um cargo, conquista-o com teu esforço.

Ⓓ Aludiram a incidentes de que ninguém mais se lembrava.

85. FCC – A expressão com o que completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ A avaliação do que seja ou não uma discriminação racista é um desses casos polêmicos ___ é difícil haver unanimidade.

Ⓑ A iniciativa de se fotografar os candidatos faz parte de um sistema ___ muita gente já manifestou discordância.

Ⓒ O sistema de cotas raciais, ___ se analisou neste texto, vem dividindo a opinião pública.

Ⓓ O sistema anunciado pela UnB, ___ critério é repelido pela *Folha*, é tido como racista e inconsistente.

Ⓔ A UnB já anunciou seu sistema de identificação racial, ___ nem mesmo alguns interessados na questão chegam a concordar.

86. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ Os vilões de Shakespeare, cujas falas incomodavam o público, por vezes mereciam deste violentos revides.

Ⓑ Intervenções do público ameaçavam comprometer a trama, aonde seus fios eram expostos aos gritos por um espectador mais afoito.

Ⓒ Esta é uma peça cujos os atores optaram por estabelecer um desempenho interativo, contando com o máximo interesse do público.

Ⓓ O temor do autor do texto deve-se à possibilidade que ele venha a ser levado à força ao palco.

Ⓔ Ao tempo de Shakespeare, em cujo as peças eram levadas diante de um grande público, eram comuns as réplicas do auditório.

87. FCC – Na frase "Admite-se uma cesta de bens e serviços à qual todo mundo deveria ter acesso", o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído, sem prejuízo de sentido, por:

Ⓐ ...a que todos deveriam ser acessíveis.

Ⓑ ...para a qual todo mundo estaria disponível.

Ⓒ ...cujo alcance fosse possível a todos.

Ⓓ ...de cuja todos pudessem ter acesso.

Ⓔ ...pela qual todo mundo poderia contar.

88. FUNDEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das sentenças abaixo:

I. O oficial listou os nomes de alguns dos colaboradores ___ donativos sustentavam a instituição.

II. A faculdade, ___ professores se refere o relatório, tem condições físicas adequadas e pode funcionar normalmente.

III. A aludida casa, ___ porão foram encontrados os corpos, pertencia a um industrial finlandês.

Ⓐ por cujos – cujos – sob cujo;

Ⓑ cujos – a cujos – em cujo;

Ⓒ com cujos – a cujos – de cujo;

Ⓓ cujos os – cujos – cujo o.

89. ACCESS – A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está incorreta em:

Ⓐ A empresa recebe os incentivos.
A empresa recebe-os.

Ⓑ O governo deu prioridade às questões ecológicas.
O governo deu prioridade a elas.

Ⓒ Eles destacaram o problema do desemprego.
Eles destacaram-no.

Ⓓ As autoridades do governo não queriam nenhuma discussão.
As autoridades do governo não lhe queriam.

Ⓔ O país não quis realizar políticas compensatórias.
O país não quis realizá-las.

90. ACCESS – A lacuna da frase "Fui visitar o lugar _____ nasci" só pode ser preenchida, corretamente, por:

Ⓐ do qual;
Ⓑ no qual;
Ⓒ o qual;
Ⓓ na qual;
Ⓔ que.

91. ESAF – Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal:

Ⓐ Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
Ⓑ Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
Ⓒ Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
Ⓓ Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
Ⓔ Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

92. ESAF – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência:

Ⓐ Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
Ⓑ O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
Ⓒ Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
Ⓓ O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se "Deus e o Diabo na Terra do Sol".
Ⓔ José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

93. NCE-UFRJ – O pronome <u>lhe</u> está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

Ⓐ O instinto lhe diz ser essa a causa da discórdia.
Ⓑ O cavaleiro estava aborrecido com o camponês, pelo medo que este lhe havia causado.
Ⓒ O patrão respondeu-lhe que podia estar descansada.
Ⓓ Fora ele mesmo quem lhe criara condições para chegar àquele ponto.
Ⓔ Os amigos lhe esperavam para iniciar o passeio.

94. NCE-UFRJ – A frase em que a regência do verbo não está de acordo com a norma gramatical é:

- **A** "A prova de conhecimento será realizada de acordo com o disposto no inciso III do artigo 11, obedecido o seguinte:" (trecho de um regulamento).
- **B** Avisamo-lo de que poderia haver algumas desistências de última hora.
- **C** Eduardo esqueceu os disquetes.
- **D** Informamos-lhe de que o candidato da oposição renunciara à candidatura.
- **E** Os estudantes costumam assistir às defesas de tese.

95. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a que contém erro de regência verbal é:

- **A** Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
- **B** Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
- **C** A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até a demissão por justa causa.
- **D** Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional.
- **E** Procedeu-se à leitura dos autos.

96. FCC – É preciso ___ função de bibliotecário.

Assinale a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente a lacuna da frase:

- **A** desobrigar-lhe a;
- **B** desobrigá-lo da;
- **C** desobrigá-lo à;
- **D** desobrigar-lhe à;
- **E** desobrigar-lhe da.

97. VUNESP – Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo está de acordo com o padrão culto da língua:

- **A** O pai ou responsável adquire o plano e coloca a criança como sua beneficiária. Quando o jovem completar vinte e um anos, transfere-o o plano.
- **B** O Presidente definiu a sua próxima viagem ao exterior e os especialistas que lhe assessoram já preparam a agenda de entrevistas.
- **C** Talvez a grande meta da educação no próximo milênio venha a ser a formação de profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, desenvolvam ideias que os garantam uma visão generalista do mundo.
- **D** Espera-se que os franceses, com toda a diplomacia que lhes é inerente, recebam bem os estrangeiros que assistirão à Copa.
- **E** Ao longo dos últimos anos, o Brasil superou problemas e equívocos que lhe colocavam à margem da modernidade.

98. FUJB – No segmento "...combate a estas nefastas práticas...", a preposição a foi empregada por necessidade de regência do termo "combate". A alternativa abaixo em que a preposição foi empregada de forma incorreta é:

Ⓐ Selecione o trabalho de que mais gosta.
Ⓑ Escolha o filme a que pretende assistir.
Ⓒ Mencione a rua a que reside.
Ⓓ Mostre-me a pesquisa por que se interessou.
Ⓔ Declame a poesia que mais goste de ler.

99. FUJB – Das alterações feitas na redação da frase "...grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram...", aquela em que o emprego do pronome relativo está em desacordo com as normas de regência prescritas na língua culta é:

Ⓐ "...grandes trabalhos e infortúnios que me incomodaram..."
Ⓑ "...grandes trabalhos e infortúnios pelos quais passei..."
Ⓒ "...grandes trabalhos e infortúnios com que convivi..."
Ⓓ "...grandes trabalhos e infortúnios de que nunca esqueci..."
Ⓔ "...grandes trabalhos e infortúnios sobre os quais falei..."

100. FUJB – "O leitor ideal ___ alude o autor deverá dar asas ___ sua imaginação, criando uma obra ___ possa orgulhar-se."

As formas que completam a frase, preenchendo corretamente as lacunas, são:

Ⓐ para que – a – sobre que;
Ⓑ a que – a – com que;
Ⓒ de que – à – que;
Ⓓ para o qual – a – de que;
Ⓔ a que – a – de que.

101. COSEAC-UFF – A alternativa em que a substituição do verbo em destaque no trecho: "...então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se" dá origem a erro de regência verbal é:

Ⓐ ...então sabemos exatamente com o que cada qual pode contar para curar-se.
Ⓑ ...então sabemos exatamente no que cada qual pode se apoiar para curar-se.
Ⓒ ...então sabemos exatamente ao que cada qual deve recorrer para curar-se.
Ⓓ ...então sabemos exatamente pelo que cada qual deve exigir para curar-se.
Ⓔ ...então sabemos exatamente contra o que cada qual deve espernear para curar-se.

102. FUNRIO – Marque a alternativa em que o uso da preposição atende às exigências da norma padrão da língua escrita brasileira:

Ⓐ O estagiário aspirava uma efetivação no cargo em que se exercitava.
Ⓑ Em geral, o trabalhador jamais esquece do seu primeiro patrão.
Ⓒ A família sentou-se na mesa para festejar as festas de fim de ano.

Ⓓ O grupo de trabalho visava ao sucesso da empreitada, pois muito se esforçara para isso.
Ⓔ O sucesso individual implica na total dedicação ao que se pretende atingir.

103. COSEAC-UFF – Das alterações feitas na oração adjetiva do período "Vários elementos vieram à luz cuja importância não pôde ser captada", aquela que contraria norma de regência culta da língua é:

Ⓐ ...em cuja importância todos estavam descrentes.
Ⓑ ...dos quais a importância era tratada como caso definitivo.
Ⓒ ...a respeito de cuja importância houve unanimidade.
Ⓓ ...de cuja importância não se podia duvidar.
Ⓔ ...à importância dos quais não se pôde aferir.

104. COSEAC-UFF – Considerando-se que a regência de um verbo varia de acordo com o contexto em que está empregado, pode-se afirmar que no trecho "...só lhes paga 10% dos primeiros 5.000 livros vendidos", o verbo destacado apresenta regência idêntica à do verbo destacado na frase:

Ⓐ Não obstante os avisos que recebeu, o escritor desobedeceu às regras de mercado.
Ⓑ Na prestação de contas, o editor informou ao escritor que ocorrera um erro de cálculo relativo ao número de livros vendidos.
Ⓒ Embora constituísse uma tecnologia revolucionária, a novidade do *e-book* não agradou a todos.
Ⓓ A humanidade está assistindo à inauguração de uma nova era na área de editoração de livros: o livro eletrônico.
Ⓔ Afogado em seus afazeres, o leitor ainda não teve tempo de desfrutar o mais recente título eletrônico da nova editora.

105. COSEAC-UFF – Leia com atenção as frases a seguir:

I. O especialista encaminhou ____ jovens ____ serviço de psicoterapia.
II. Aqueles adolescentes em tratamento têm obedecido ____ terapeutas.
III. A terapeuta recomendou ____ pais ____ acompanhamento psicológico dos filhos.

Considerando-se as normas da língua culta quanto à regência verbal, pode-se afirmar que, para o correto preenchimento das lacunas acima, têm de ser usadas, respectivamente, as formas da opção:

Ⓐ os – ao / aos / aos – o;
Ⓑ aos – ao / os / a – ao;
Ⓒ os – ao / aos / os – a;
Ⓓ a – o / a / os – ao;
Ⓔ aos – o / a / os – o.

106. COSEAC-UFF – Observe as frases a seguir:

I. A equipe procedeu o recolhimento de histórias para o livro.

II. A falta de água obriga populações inteiras a comprar água por altos preços.

III. Grande parte da população mundial se ressente contra a escassez de água.

Do ponto de vista da regência verbal, considerando-se o emprego recomendado pela norma culta, pode-se afirmar que apenas:

Ⓐ a frase I está correta;
Ⓑ as frases I e II estão corretas;
Ⓒ a frase II está correta;
Ⓓ a frase III está correta;
Ⓔ as frases I e III estão corretas.

107. FUNRIO – A frase que apresenta <u>erro</u> quanto à sintaxe de regência é:

Ⓐ Falta de atenção implica em erros.
Ⓑ Prefiro ler a ver televisão.
Ⓒ Assistimos a uma partida emocionante.
Ⓓ Todos visam a uma vida tranquila.
Ⓔ Perdoou ao filho a desobediência.

108. VUNESP – Assinale a alternativa em que o verbo <u>haver</u> tem a mesma regência que aparece em "Não há nada mais insólito do que um filme sem música: ...".

Ⓐ Hão de existir políticos mais honestos.
Ⓑ Napoleão havia terminado os preparativos para sua coroação.
Ⓒ Há de haver algum emprego para mim.
Ⓓ Os celtas podem haver construído esta muralha.
Ⓔ Os músicos houveram por bem fazer novo ensaio.

109. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à regência nominal das frases:

Ⓐ Seu ponto de vista sobre o projeto é oposto com aquele da diretoria da empresa.
Ⓑ Sempre imbuído de bom humor, Sílvio contagia nosso ambiente de trabalho.
Ⓒ Verdadeiras amizades são inerentes com um ser humano.
Ⓓ As secretárias ficaram descontentes no que aconteceu na reunião.
Ⓔ Todos a veem com reservas, pois ela é perita de fazer comentários maldosos.

110. NCE-UFRJ – A alternativa em que o pronome <u>lhe</u> está mal empregado é:

Ⓐ Só lhe comuniquei de minha decisão ontem.
Ⓑ Não lhe desejo mal.
Ⓒ Deste ator só lhe conhecia a foto.
Ⓓ Vou apresentar-lhe meu amigo.
Ⓔ Atribuímos-lhe uma atitude negativa.

111. FEC – Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

- **A** Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas, quase sempre, depois que...
- **B** Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
- **C** A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
- **D** A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
- **E** A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

112. FEC – O que ocorre com o verbo "esquecer" que admite dupla regência ("nos esquecemos que" / "nos esquecemos de que"), ocorre igualmente com todos os verbos da oração principal das frases seguintes, com exceção apenas daquele que se lê na alternativa:

- **A** O governo insiste que / em que a reforma é urgente.
- **B** Ele consente que / em que se adotem medidas de emergência.
- **C** O prefeito avisou a população que / de que o perigo era iminente.
- **D** Eu penso que / de que o Brasil está no caminho certo.
- **E** Ela só se lembrava que / de que ainda não recebera a pensão.

113. FEC – Verbos como suspeitar ou duvidar, quando complementados por oração, podem reger ou não a preposição de. Assim, por exemplo, "Suspeita-se que [ou de que] uma diarreia intermitente tenha contribuído para os delírios do grande almirante Cristóvão Colombo, que ultimamente deu até para duvidar que [ou de que] o mundo é redondo". O emprego dessa preposição, no entanto, é inaceitável em:

- **A** Penso [de] que o país deve aumentar a oferta de empregos.
- **B** Ela lembrou-me [de] que era uma senhora de sociedade.
- **C** Gostaria [de] que o nomeassem para o cargo.
- **D** Eles me informaram [de] que a operação havia sido um sucesso.
- **E** Devo preveni-lo [de] que não comparecerei à reunião.

114. FEC – Na frase "Se a atividade administrativa se traduz em atos de vontade que não visam a produzir tais efeitos temos um fato administrativo", o verbo visar está corretamente empregado, do ponto de vista da regência. Conhecendo-se a variada regência desse verbo, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

- **A** Não se visa aqui ao enriquecimento sem causa mediante contratos escusos.
- **B** Somente visamos aos canhotos cujos cheques já haviam sido descontados.
- **C** Visava ao reconhecimento público de seu esforço em trabalhar pelo bem comum.

Ⓓ Com esta lei, o Estado visa à implementação de regras mais justas para contratar com o cidadão comum.

Ⓔ Tanto visamos à conquista desse prêmio, que agora nos sentimos recompensados.

115. FUNRIO – Na nomenclatura gramatical, "regência", em sentido amplo, equivale à subordinação em geral. Em sentido restrito, e mais habitual, designa a subordinação peculiar de certas estruturas a palavras que as requerem ou preveem na sua significação ou em seus traços semânticos. (Antenor Nascentes, *Dicionário de regência verbal*, 1998)

Identifique a alternativa que contém uma regência apontada como <u>inadequada</u> segundo as normas da língua padrão:

Ⓐ Trouxemos-lhe alguns lindos docinhos preparados com todo o carinho por tia Anastácia.

Ⓑ Geralmente as pessoas sensatas preferem ficar em casa à noite a sair desacompanhadas.

Ⓒ Os servidores que moram nas ruas citadas pela Defesa Civil devem desocupar suas casas.

Ⓓ Ninguém queria responder pelo expediente da firma naquele fim de semana natalino.

Ⓔ Muitos eleitores custaram a acreditar que ele seria novamente candidato a prefeito de São Paulo.

116. FEC – No trecho "...com perfume de madressilva e de junquilhos...", a regência nominal está de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não se pode afirmar, porém, de uma das alternativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Aquelas pessoas não foram agradáveis ao convívio.

Ⓑ Todos os temas eram incompatíveis aos assuntos abordados.

Ⓒ Paulo será bacharel em Direito.

Ⓓ Pareceram desleais aos primos.

Ⓔ Assemelhava-se a uma colina fértil de vegetação.

117. FEC – Em "Clarissa olha para as páginas da revista, ...", a regência verbal está correta. Assinale a opção em que a regência verbal <u>infringiu</u> as normas gramaticais vigentes:

Ⓐ As propostas sobre que decidimos serão divulgadas amanhã.

Ⓑ São estes os profissionais em que confio.

Ⓒ Não são eles os livros de que mais gosto.

Ⓓ Foi esta a causa porque lutei a vida inteira.

Ⓔ Foram todos eles os cidadãos com que simpatizei.

118. FURB – Complete as lacunas, obedecendo às normas da regência verbal:

1. Ele dizia que a caneta _____ escreveu havia sido do Imperador do Japão.

2. As poesias _____ falei foram escritas pelo poeta que este ano recebeu um prêmio internacional.

3. Não sei mais quem é o autor da frase _____ ele se referiu no discurso que foi tão elogiado por todos os presentes à cerimônia.

4. Finalmente encontrei o nome da rua _____ bairro tu moras.

5. Pretendo ir ainda este ano à cidadezinha _____ nasci.

Assinale a alternativa cujas palavras completam, na sequência, as lacunas:

Ⓐ que – de que – a que – cujo – que;
Ⓑ com que – das quais – a que – em cujo – onde;
Ⓒ com que – que – a que – cujo qual – onde;
Ⓓ com a qual – de que – que – do qual – onde;
Ⓔ que – cujas – as quais – do cujo – na cuja.

119. FURB – "Tem certos dias em que eu penso em minha gente / E sinto assim todo o meu peito se apertar / Porque parece que acontece de repente / Como um desejo <u>de</u> eu viver sem me notar. / [...] E eu que não creio peço a Deus por minha gente / É gente humilde, que vontade <u>de</u> chorar." (Vinícius de Moraes)

Esses versos têm destacadas duas preposições que demonstram o acerto do poeta quanto à regência nominal. Nas alternativas que seguem, nem sempre a regência nominal foi atendida.

Identifique as frases corretas quanto a esse aspecto gramatical:

1. Em todos os momentos ele se mostrava solícito <u>dos</u> que o cercavam.

2. Eram constantes os atos que revelavam o quanto ele era cruel <u>com</u> toda a família.

3. José Firmino foi extremamente simpático <u>com</u> os amigos que tanto o haviam ajudado.

4. Esse equipamento não é compatível <u>com</u> o meu.

5. Herbicidas costumam ser extremamente nocivos <u>nos</u> seres humanos.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 3;
Ⓑ 1 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 3 – 4;
Ⓓ 2 – 4 – 5;
Ⓔ 3 – 4 – 5.

120. CEPERJ – "Quem consegue atrair e dar mais vantagens?" Entre as frases abaixo, a que apresenta regência em desacordo com a norma culta é:

- **A** A competição nos faz conviver e descartar os problemas da modernidade.
- **B** A competição nos faz considerar e viver os problemas da modernidade.
- **C** A competição nos faz imaginar e prever os problemas da modernidade.
- **D** A competição nos faz calcular e resolver os problemas da modernidade.

121. CEPERJ – Entre os segmentos apresentados a seguir, aquele que apresenta regência inadequada segundo o padrão culto da língua é:

- **A** "Essa ideia pode soar paradoxal..."
- **B** "...surgem porque as razões do sucesso..."
- **C** "Não há dúvida de que, ao longo dos séculos..."
- **D** "Em Londres, em 22 de junho, manifestantes..."
- **E** "...que a responsabilidade planetária implica em acabar com as perfurações..."

122. FUNCAP – Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem:

- **A** O autor prefere os amores silenciosos do que os declarados.
- **B** As expressões constatativas simplificam os amores.
- **C** Expressamos nossos sentimentos ao outro com muito entusiasmo.
- **D** O "Eu te amo" extravasa sentimentos.
- **E** O silêncio implica em sentimento.

123. FUNCAP – Todas as regências dos verbos destacados estão corretamente indicadas, exceto:

- **A** "...lança suas folhas além do muro..." (verbo transitivo indireto)
- **B** "...veio um amigo..." (verbo intransitivo)
- **C** "Mas eu tinha razão." (verbo transitivo direto)
- **D** "...declarou desdenhosamente que aquilo era capim." (verbo transitivo direto)
- **E** "...o pé de milho parecia um cavalo..." (verbo de ligação)

124. FUNCAP – Marque a alternativa cujo verbo destacado apresenta a mesma regência que o verbo lembrar empregado no trecho: "Um prato de comida que lembrasse o quintal de um monge medieval levaria meu voto".

- **A** Os pacientes ansiavam por uma alimentação mais saborosa e aprazível.
- **B** Aos que estão enfermos, assiste-lhes o direito de uma alimentação adequada.
- **C** Diante dos vários problemas da saúde, esqueceram-se da importância da alimentação.
- **D** Os médicos se interessavam por pesquisar o uso de alimentos nos tratamentos.
- **E** A alimentação adequada previne doenças e promove recuperação dos pacientes.

125. FUNCAP – O verbo ter em "Um livro tem existência autônoma, boa e má", apresenta, de acordo com a norma culta da língua, a mesma regência que o verbo destacado na alternativa:

Ⓐ O público acabou por se esquecer do artista que nada mais escreveu.
Ⓑ Precisamos desse mesmo ar, que cheira a arte, a literatura!
Ⓒ Ler um livro é viajar por outros mundos sem sair do lugar.
Ⓓ Com esse ritmo de leitura, você não chegará a lugar algum.
Ⓔ Os críticos compareceram à noite de autógrafos daquele poeta.

126. MOURA MELO – Analise as afirmações abaixo acerca da regência dos verbos e aponte a alternativa correta:

I. Eu paguei à conta ao cabeleireiro.

II. Os dois diretores implicam incessantemente com o motorista.

Ⓐ I e II estão corretas.
Ⓑ I e II estão incorretas.
Ⓒ Apenas I está correta, pois a preposição a preposta à palavra "conta" é exigida pela norma culta da língua.
Ⓓ Apenas II está correta, pois o verbo implicar com sentido de ser chato com alguém é transitivo indireto.

127. COPEVE – Qual opção não viola a regência verbal?

Ⓐ Ele usa o aparelho para avisar aos amigos que passará o fim de semana em São Paulo.
Ⓑ A metáfora é o tropo que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade.
Ⓒ A primeira etapa começa em Fernando de Noronha, onde chegam as lagostas.
Ⓓ Há o sentimento de que foi traído por aqueles que confiou.
Ⓔ Cheguei a faltar às aulas e a deixar de estudar matérias que sempre gostei por conta do *stress* com as notas.

128. UPENET – No tocante à regência verbal, observe os verbos sublinhados das afirmativas abaixo:

I. *"...***pessoas do mundo inteiro assistirão aos jogos da Copa do Mundo de Futebol."**

II. *"***...pois atraiu torcedores negros a um esporte considerado de brancos."**

III. "...selecionam 12 cidades-sede para abrigarem os jogos..."

IV. "O outro estádio de Johanesburgo, o Ellis Park, pertence a um time de rugby."

Somente está correto o que se declara na alternativa:

Ⓐ No item I, o verbo não pede complemento regido de preposição.
Ⓑ No item II, o verbo não pede complemento.
Ⓒ No item III, ambos os verbos exigem complementos verbais não regidos de preposição.
Ⓓ No item IV, o verbo exige apenas um complemento e este não vem regido de preposição.
Ⓔ Nos itens I e IV, os verbos não pedem complemento regido de preposição.

129. UPENET – Assinale a alternativa cuja sequência completa corretamente as frases abaixo:

A lei ___ se referiu já foi revogada.

Os cálculos matemáticos ___ se lembraram eram enormes.

O emprego ___ aspiras é extremamente importante.

O conto de Machado ___ gostou foi premiado.

A peça teatral ___ assistimos foi de uma sutileza política fantástica.

Ⓐ que – que – que – que – que
Ⓑ a que – de que – que – que – a que
Ⓒ que – de que – que – de que – que
Ⓓ a que – de que – a que – de que – a que
Ⓔ a que – que – que – que – a que

130. FEC – Na língua culta, a regência do verbo em destaque, no contexto em que está empregado, é facultativa em:

Ⓐ "...nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes <u>sugerirmos</u> roteiros..."
Ⓑ "...forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como <u>associá</u>-las e concatená-las..."
Ⓒ "...acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, <u>fundindo</u>-as em moldes frasais adequados."
Ⓓ "...e porque não tem o que dizer, não lhe <u>bastam</u> as regrinhas gramaticais"
Ⓔ Portanto, é preciso [...] <u>ensiná</u>-lo a criar ou aprovisionar ideias..."

GABARITO

1. D	18. D	35. D	52. D	69. D	86. A	103. E	120. A
2. C	19. D	36. D	53. C	70. E	87. C	104. E	121. E
3. D	20. D	37. A	54. D	71. A	88. B	105. A	122. A
4. A	21. C	38. A	55. C	72. E	89. D	106. C	123. A
5. C	22. C	39. B	56. E	73. A	90. B	107. A	124. E
6. D	23. D	40. C	57. C	74. E	91. C	108. C	125. C
7. A	24. E	41. A	58. E	75. A	92. D	109. B	126. E
8. C	25. D	42. D	59. C	76. A	93. E	110. A	127. B
9. A	26. C	43. D	60. A	77. D	94. D	111. E	128. C
10. C	27. C	44. A	61. A	78. C	95. B	112. D	129. D
11. C	28. E	45. A	62. A	79. E	96. B	113. A	130. E
12. E	29. A	46. C	63. B	80. A	97. D	114. B	
13. A	30. C	47. A	64. C	81. B	98. C	115. E	
14. D	31. E	48. C	65. A	82. D	99. D	116. B	
15. D	32. E	49. E	66. C	83. B	100. E	117. D	
16. C	33. A	50. E	67. B	84. A	101. D	118. B	
17. E	34. A	51. A	68. E	85. E	102. D	119. C	

Exercícios de Emprego do Acento Grave da Crase

1. NCE-UFRJ – "...se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo". A alternativa abaixo que mostra uma <u>incorreção</u> no tocante ao uso do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Nem todos os empresários se dedicam à ajuda do próximo.
- **B** Nas fundações se trabalha de manhã até à noite.
- **C** As empresas nacionais não podem comparar-se às americanas.
- **D** A fortuna foi doada à Fundação Gates.
- **E** O horário de trabalho é de 7h à uma.

2. FJPF – Na oração "que cediam lugar à turma dos 'caxias'" o acento da crase foi empregado corretamente. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase foi empregado de forma <u>incorreta</u> é:

- **A** Graças à uma norma do estatuto, os servidores aproveitam o ponto facultativo.
- **B** Os servidores não comparecem à repartição em dia de feriado.
- **C** Junto à porta da repartição, para espanto de João Brandão, só havia um gato.
- **D** O chefe preferia os caxias à massa de servidores pouco diligentes.
- **E** Aproveitando o feriado e o céu azul, os servidores foram à praia.

3. CESGRANRIO – Solicito ___ secretária do departamento, ___ que antecipadamente agradeço, o envio do relatório final ___ pessoa assinalada. Lembro que daqui ___ poucos meses repetiremos o procedimento, como vem sendo feito ___ muito tempo.

Os vocábulos que preenchem as lacunas, na ordem de sua ocorrência, de acordo com a norma culta da língua, são:

- **A** à – a – à – a – há;
- **B** à – à – a – à – há;
- **C** a – há – a – a – à;
- **D** a – a – à – há – a;
- **E** há – a – a – à – à.

4. FEPESE – Complete a frase abaixo assinalando a alternativa correta:

"Fique ___ vontade e confie ___ mim tudo que tem ___ dizer."

Ⓐ à – a – a.
Ⓑ a – a – a.
Ⓒ à – a – à.
Ⓓ à – à – à.

5. FUMARC – O emprego do sinal de crase é obrigatório, <u>exceto</u> em:

Ⓐ A poluição causa danos à nossa vida no planeta.
Ⓑ O calor é uma ameaça às espécies animais dos polos.
Ⓒ O acordo foi considerado lesivo à economia americana.
Ⓓ Parte do calor do Sol que chega à Terra não volta ao espaço.

6. FEPESE – Analise as sentenças:

1. Refiro-me àquilo que discutíamos ontem.

2. Chegamos à Argentina de madrugada.

3. Ele era insensível à dor.

4. Voltarei, em breve, à terra natal.

5. Voltamos à casa cedo.

Quanto ao acento indicador da crase do "a", assinale a alternativa correta:

Ⓐ As sentenças 1, 2, 3 e 4 estão corretas.
Ⓑ As sentenças 1 e 5 estão corretas.
Ⓒ As sentenças 2, 3 e 5 estão corretas.
Ⓓ Todas estão corretas.
Ⓔ Nenhuma está correta.

7. NCE-UFRJ – A alternativa em que o acento grave indicativo da crase é optativo é:

Ⓐ Entreguei-o à minha mãe.
Ⓑ Entreguei-o àquela mulher.
Ⓒ Entreguei-o à elegante atriz.
Ⓓ Entreguei-o à polícia.
Ⓔ Entreguei-o à mesma funcionária.

8. ESAF – Assinale a frase na qual a palavra sublinhada <u>não</u> deve receber o acento indicativo de crase:

Ⓐ Os apelos <u>a</u> internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
Ⓑ Toda manhã <u>a</u> esta hora, depois de ler os jornais do dia, fico deprimida.
Ⓒ <u>Aquela</u> hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
Ⓓ Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, hoje, são semelhantes <u>as</u> da classe patronal.
Ⓔ Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual <u>a</u> que haviam divulgado no ano anterior.

9. ESAF – Indique a sentença em que <u>não</u> foi empregado adequadamente o acento grave indicador de crase:

Ⓐ Foi o que procurei fazer, na medida do possível e ao longo de vários anos, ouvindo reações à proposta que apresentara.

Ⓑ A hora das frivolidades acabara, a que começava era a do sacrifício austero e diuturno.

Ⓒ Posto que Jorge falasse do coronel nas cartas que escrevia à mãe, não o dava como amigo seu.

Ⓓ Comparava-se ao mar daquela manhã, nem borrascoso nem quieto, mas levemente empolado e crespo, tão prestes a adormecer de todo, como a crescer e arremessar-se à praia.

Ⓔ De Buenos Aires chegara-lhe na véspera, a tarde, a notícia da morte de um irmão, seu último parente.

10. ESAF – Assinale o conjunto de palavras que preenche, com plena correção, os espaços em branco dos textos:

"Ela entrou nos amplos espaços do meu tédio com passos graciosos de dançarina e ficou ___ girar por ali [...]. Pus-me ___ adorá-la como nunca dantes, ___ menina ___ quem dei vida e nunca senti mais forte, doce, secreto o elo que ___ ela me prende." (Vinícius de Morais)

Ⓐ à – à – àquela – à – a

Ⓑ a – a – aquela – à – à

Ⓒ a – a – àquela – a – a

Ⓓ a – à – àquela – a – a

Ⓔ à – a – aquela – a – à

11. FJG – Na frase "trabalhando a todo vapor", a expressão <u>a todo vapor</u> não leva acento indicativo de crase, porque:

Ⓐ <u>vapor</u> é substantivo;

Ⓑ o substantivo vem precedido de adjetivo;

Ⓒ <u>a</u> é preposição;

Ⓓ <u>a</u> é artigo;

Ⓔ <u>a</u> é combinação de artigo com preposição.

12. ESAF – Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo:

"O exame das propostas de reforma fiscal, ___ primeira abordagem, leva ___ conclusão de que ___ carga tributária continuará ___ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas."

Ⓐ à – à – a – a

Ⓑ à – a – à – a

Ⓒ a – a – a – à

Ⓓ a – à – a – a

Ⓔ a – a – à – a

13. FESP-RJ – A alternativa em que ocorre erro na marcação da crase (emprego errado ou omissão do acento grave) é:

Ⓐ Todos à uma me responderam sem referência a individualidades.
Ⓑ Prece a prece entregas a teu Deus a solução dos problemas.
Ⓒ Peço a V.Sª não chegar a conclusões a que jamais cheguei.
Ⓓ Assistimos à touradas com roupas a século XVIII.
Ⓔ Àquele que me ofende darei meu perdão.

14. FJPF – No trecho "Desejável é que o jornalista, a exemplo de outros profissionais, tenha acesso à sua atividade após a conclusão de estudos especializados de caráter superior", o sinal indicador da crase é optativo. O mesmo fato gramatical está presente na frase:

Ⓐ As escolas de jornalismo oferecem à comunidade bons cursos profissionais.
Ⓑ Formara-se jornalista à custa de muito esforço e dedicação.
Ⓒ Não se dedicou à profissão como gostaria durante de anos.
Ⓓ Seguiu até às últimas horas de trabalho as regras da boa prática jornalística.
Ⓔ Sua aversão à formação empírica levou-o a completar o curso de jornalismo.

15. FJPF – No período "Este não obedece à maioria das regras impostas para os que andam sobre quatro rodas" o acento da crase foi empregado corretamente, pois o verbo obedecer rege a preposição a e esta se encontra em crase com o artigo feminino a que determina o substantivo maioria. Observe o emprego do acento da crase nas frases abaixo:

I. O desrespeito à sinalização é uma das transgressões praticadas pelos condutores de motocicletas.

II. O médico fez referência à uma estatística que não podia servir de base a seu raciocínio.

III. No momento do acidente, o motoqueiro estava sem capacete, pois ia à sua empresa para pegá-lo.

IV. É preciso que a sociedade diga não à essa violência desmedida praticada diariamente nas áreas urbanas.

A respeito do emprego do acento da crase nas frases acima, pode-se afirmar que:

Ⓐ em I e II está incorreto, em III está correto, mas é facultativo, e em IV está correto;
Ⓑ em I e III está correto, mas em ambas é facultativo, em II está incorreto e em IV está correto;
Ⓒ em I está correto, em II e IV está incorreto e em III está correto, mas é facultativo;
Ⓓ em I está incorreto, em II e IV está correto, mas em ambas é facultativo, e em III está correto;
Ⓔ em I e IV está correto, em II está incorreto e em III está correto, mas é facultativo.

16. NCE-UFRJ – Observe o fragmento "...não tinha direito à fiança...". A frase abaixo em que o acento grave indicativo da crase está mal colocado é:

- **A** O papagaio estava à distância de 10 metros da gaiola.
- **B** O bicho não tinha direito à água nem a alimento.
- **C** Deve-se à conscientização a diminuição do número de animais em cativeiro.
- **D** Entregou-se à polícia o caçador clandestino.
- **E** Os animais se entregaram à sua sina.

17. FJPF – Na oração "...adequar programas de qualidade à cultura da empresa..." observa-se o correto emprego do acento indicativo da crase. Abaixo foram feitas alterações na redação do trecho transcrito, de modo a não haver ocorrência da crase, dispensando-se o acento. A forma <u>incorreta</u>, porque ocorre a crase, justificando-se o emprego do acento, é:

- **A** "...adequar programas de qualidade a uma cultura empresarial moderna."
- **B** "...adequar programas de qualidade a toda visão empresarial moderna."
- **C** "...adequar programas de qualidade a esta nova situação propícia para as empresas."
- **D** "...adequar programas de qualidade a qualquer rotina empresarial moderna."
- **E** "...adequar programas de qualidade a nova dimensão tecnológica das empresas."

18. ESPCEX – Examine cada uma das frases seguintes, observando o uso do acento indicativo de <u>crase</u>:

I. De segunda à sexta, trabalho das oito às quinze.

II. Devo à minha persistência a promoção conseguida.

III. Não fique aí à toa; dirija-se àquele guichê.

IV. Estão à venda muitos apartamentos, à pequena distância do centro da cidade.

A partir das observações feitas, assinale a afirmativa totalmente válida:

- **A** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e III;
- **B** está inteiramente correto o uso do acento grave em II e III;
- **C** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e IV;
- **D** é obrigatório o uso do acento grave nas ocorrências verificadas em II e III.

19. EFOMM – Marque o item em que está faltando o acento indicativo da crase:

- **A** Augusto, irás a Petrópolis ou a Valença?
- **B** Chegou a casa exausto, após um dia de muito trabalho.
- **C** A reunião começará a uma hora.
- **D** Vendem-se roupas para meninas de 1 a 10 anos de idade.
- **E** E assim, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, vamos cumprindo a missão de que Deus nos encarregou.

20. ESAF – Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: <u>há</u>; <u>à(s)</u>:

Ⓐ ___ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica ___ armas nucleares.

Ⓑ O raio laser se revela ___ altura de um bisturi de alta precisão ___ anos.

Ⓒ ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.

Ⓓ ___ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios da cores aplicadas ___ sete séculos.

Ⓔ Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado ___ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.

21. EPCAR – Não ocorrerá a crase na frase:

Ⓐ Assisti as conferências que se realizaram a tarde.

Ⓑ O historiador fez referências a Joana d'Arc.

Ⓒ Fui a casa de meu avô.

Ⓓ Procedeu-se a apuração dos votos.

Ⓔ Ele já se habituara aquela vida.

22. FJPF – "Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado."

Esse trecho do texto é alterado em cada alternativa abaixo. A nova redação <u>não</u> está correta, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais, transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓑ Ao invés de somarem-se às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓒ Ao invés de se somarem às tentativas de superação das carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓓ Ao invés de se somarem à tentativas de superação de carências educacionais transformam- se em fontes de investimento privado.

23. FJPF – O sinal indicador da crase está mal empregado na frase:

Ⓐ A referência à clonagem de Dolly serve como um alerta no mundo científico.

Ⓑ Às indagações sobre os efeitos da clonagem muitos ainda não podem responder.

Ⓒ As pesquisas sobre clonagem de animais estão sendo revistas uma à uma.

Ⓓ Em resposta às perguntas sobre clonagem humana, disse que o experimento seria ótimo.

Ⓔ O cientista procedeu à análise dos métodos de clonagem animal.

24. PUC-RJ – Assinale a opção em que há erro do emprego do acento grave, indicativo da crase:

Ⓐ Quando iremos à Portugal?
Ⓑ Terminei o trabalho às 11 horas da noite.
Ⓒ Hoje distribuíram balas às crianças do bairro.
Ⓓ Emprestei vários livros à secretária.
Ⓔ Ele não compareceu à reunião de sexta-feira.

25. CESGRANRIO – Indique a opção que preenche adequadamente os espaços abaixo:

"___ muito tempo que as gerações pensam que não podem se entender, principalmente ___ época da juventude, quando visam ___ alcançar metas impossíveis, ___ curto prazo."

Ⓐ Há – a – a – à
Ⓑ Há – à – a – a
Ⓒ A – a – à – há
Ⓓ A – há – à – a
Ⓔ À – há – a – a

26. CESGRANRIO – Assinale a opção em que está correto o uso do acento indicativo da crase:

Ⓐ Atribui-se à Sérgio Buarque uma visão otimista do Brasil.
Ⓑ O autor refere-se, no texto, à uma monumental desigualdade.
Ⓒ O Brasil passou a ser entendido à partir desses estudos.
Ⓓ O povo brasileiro é dado à festas folclóricas.
Ⓔ Muitos universitários recorrem às pesquisas destes dois autores.

27. CESGRANRIO – Assinale a única frase em que o a deve receber acento indicativo de crase:

Ⓐ Dedicava-se a crônica semanal com prazer.
Ⓑ Pegou um lápis e pôs-se a trabalhar.
Ⓒ Leu o texto de ponta a ponta.
Ⓓ A crônica fazia referência a pessoas comuns.
Ⓔ Algumas vezes dirigia-se a seu computador.

28. FUNDEP – "Os sindicatos não se oporiam a mecanismos de punição?"

No período acima, será obrigatório o uso do sinal indicativo da crase, se se substituir a expressão destacada por:

Ⓐ a ameaças de punição;
Ⓑ as ameaças de punição;
Ⓒ a qualquer ameaça de punição;
Ⓓ a uma ameaça de punição.

29. UECE – Como em "...torna-se cada vez mais latente o nível de exclusão daqueles que não tem acesso à rede...", o sinal indicativo de crase está adequadamente empregado em:

- **A** O técnico em administração conheceu o diretor à cuja peça teatral assistiu.
- **B** Preciso conhecer urgentemente à terra dos meus antepassados do interior.
- **C** O técnico em computação se referiu à chave que liga as máquinas.
- **D** A população carente nunca teve acesso à redes de informação.

30. NCE-UFRJ – Dos itens abaixo, o que apresenta erro no emprego do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Trata-se de um relatório referente à dívidas antigas da União.
- **B** Essas medidas obedecem às normas da ABNT.
- **C** Apesar de a norma à qual V.Sª se refere ser facultativa, todos os técnicos de que temos notícias a seguem.
- **D** A plateia assistia entusiasmada à conferência do filósofo.
- **E** Informou-se indevidamente à empresa credora que o valor em questão estaria disponível antes do final do ano.

31. NCE-UFRJ – Quanto ao emprego do acento grave indicativo da crase, a frase correta é:

- **A** Servimo-nos da presente para informar à V.Sª que seu relatório será avalia do até o final do mês de abril.
- **B** Em atendimento as instruções dos senhores membros da Comissão, informamos que a receita não chegou a gerar superávit.
- **C** O presidente submeteu à deliberação do colegiado os assuntos previstos na pauta da reunião.
- **D** São estas as medidas à serem tomadas.
- **E** Fomos autorizados à proceder a emissão de uma cota extra no valor de R$ 65,00 (sessenta e cinco reais) para a cobertura do referido saldo devedor.

32. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as quatro lacunas do trecho a seguir é, respectivamente:

"O fim desta é pedir, mais uma vez, providências no sentido da solução do problema ___ que se refere nossa carta de 13/01/1998, ___ qual Vossas Senhorias não deram ainda qualquer resposta. Essa pendência já se arrasta ___ mais de um mês e, como de hoje ___ três semanas terá início o congresso de que trata aquela carta, findo esse prazo, nossa reivindicação deixará de fazer sentido."

- **A** à – à – há – a
- **B** a – à – há – a
- **C** à – a – há – a
- **D** a – à – a – há
- **E** a – à – há – há

33. FEC – No enunciado "os serviços essenciais à população" é obrigatório o emprego do acento para marcar a crase. Nas alterações do enunciado feitas abaixo dispensa-se o acento por não haver a crase. Numa das alterações, entretanto, pode-se usar o acento por se tratar de um caso de crase facultativa. Esta alteração está na opção:

Ⓐ "os serviços essenciais a essa população."
Ⓑ "os serviços essenciais a toda e qualquer população."
Ⓒ "os serviços essenciais a uma população ansiosa por melhorias."
Ⓓ "os serviços essenciais a quase toda a população."
Ⓔ "os serviços essenciais a nossa população."

34. FEC – Para o preenchimento adequado das lacunas da frase "Um jornal noticiou ____ dois meses que daí ___ três semanas os cidadãos teriam acesso ___ novas tecnologias que ligariam ___ América ___ Europa ___ uma velocidade equivalente ____ da luz" têm de ser usadas as formas que aparecem na opção:

Ⓐ há – a – a – à – a – a – a;
Ⓑ há – a – a – a – à – a – à;
Ⓒ há – há – a – a – à – à – a;
Ⓓ a – há – à – a – à – a – à;
Ⓔ a – a – à – à – a – à – à.

35. ESAF – Indique a opção cujos itens completam corretamente as lacunas do texto abaixo:

"O ingresso dos bancos na era digital não se fez, obviamente, sem grandes e continuados investimentos. Sólida infraestrutura, bom trabalho de orientação, as experiências bem-sucedidas de quem não vê maiores dificuldades na operação eletrônica vão dissipando ___ resistências dos ainda não-digitalizados. Os clientes adaptam-se ___ novas tecnologias de modos muito distintos. ___ segmentos de pessoas maduras, com mais de 60 anos, nos quais a utilização da Internet é maior do que em segmentos jovens, com menos de 30 anos. Procura-se fornecer o maior número de informações aos clientes, ajudando-os ___ superar as primeiras dificuldades e demonstrando que, nos meios eletrônicos, 'o índice de falhas sistêmicas é mínimo'. Embora metade da população economicamente ativa brasileira esteja fora do sistema bancário – e este é um novo território ainda ___ conquistar –, ___ marcha da digitalização para os que já estão dentro do sistema é um caminho que não tem volta."

Ⓐ as – às – Há – a – a – a
Ⓑ as – as – Há – a – a – à
Ⓒ as – às – A – à – à – a
Ⓓ às – às – Há – a – à – a
Ⓔ às – as – A – à – a – a

36. NCE-UFRJ – "...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade." A frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:

Ⓐ As greves são prejudiciais à ordem pública.
Ⓑ A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
Ⓒ Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
Ⓓ Indicaram os assaltantes à polícia.
Ⓔ Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

37. ESAF – Leia o texto e marque a afirmação incorreta:

"A ciência e o processo científico não constituem __1__ única forma de obtenção do conhecimento. Além da experiência cotidiana, constituindo __2__ base cultural, __3__ os saberes reflexivos da filosofia. Apenas o simples processo experimental da ciência não conduz __4__ sabedoria: é necessário submeter os seus resultados __5__ elaboração filosófico-conceitual, __6__ preceitos éticos, para torná-los verdadeiramente humanos."

Ⓐ As lacunas 1 e 2 devem ser preenchidas com a, artigo feminino singular.
Ⓑ Na lacuna 3 é correto colocar há, pois o verbo haver, quando utilizado no sentido de existir, é impessoal.
Ⓒ Duas opções, a e à, podem ser utilizadas indistintamente na lacuna 4, uma vez que conferem sentido idêntico ao período.
Ⓓ Estaria correto preencher a lacuna 5 com à.
Ⓔ A estrutura sintática do período admite que a lacuna 6 seja preenchida com aos.

38. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as cinco lacunas da frase a seguir é:

"Qualquer demora, seja ___ que pretexto for, pode ter graves consequências políticas e institucionais. Tudo que vier ___suceder recairá sobre ___representação política. Aliás, ___ muito tempo que nos referimos ___ questão aqui colocada."

Ⓐ à – a – a – há – à
Ⓑ a – à – a – há – à
Ⓒ a – a – à – a – à
Ⓓ a – a – à – há – à
Ⓔ a – a – a – há – à

39. NCE-UFRJ – Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:

Ⓐ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade,...".

Ⓑ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, [...] que se relacionem com escritos ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade...".

Ⓒ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, da CF) e, ainda:
[...]
realizado em horário e locais que não permitam a frequência à escola." (art. 67, IV, do Estatuto).

Ⓓ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência...".

Ⓔ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos" (art. 406 da Consolidação).

40. NCE-UFRJ – "...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores." Nas duas ocorrências do vocábulo a, só a segunda vem com acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:

Ⓐ só a segunda precede um nome feminino;
Ⓑ só a segunda segue a regência do verbo referir-se;
Ⓒ só no segundo caso ocorre a junção de preposição + artigo;
Ⓓ no primeiro caso, o nome feminino está no plural;
Ⓔ no primeiro caso, só há a ocorrência de artigo definido feminino singular.

41. NCE-UFRJ – "Isso levaria o problema para a esfera federal. O Rio, com seus morros e favelas que são cidadelas à margem do tecido urbano, com seus dramáticos desníveis sociais, oferece..."

Que regra a seguir justifica o emprego do acento grave indicativo da crase na fragmento destacado?

Ⓐ O termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo consequente admite o artigo a.
Ⓑ Nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas.
Ⓒ Nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas.
Ⓓ Nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas.
Ⓔ Nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

42. ESAF – "No que diz respeito ___ taxa de inflação, ainda que os resultados estejam longe da meta (mais de 7% ante ____ meta de 4%), é preciso reconhecer que diante dos acontecimentos de 2001 não se trata de um mau resultado. Todos sabemos que os 'choques de oferta' não se prestam ___ ser controlados facilmente pela manipulação da taxa de juros e que, frequentemente, quando ocorre um choque é melhor encontrar um caminho mais longo para retornar ___ meta do que forçar uma volta rápida com maiores custos em matéria de crescimento."

Aponte a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente as lacunas do texto fornecido:

- **A** à – a – a – à;
- **B** a – à – à – a;
- **C** à – a – à – a;
- **D** a – a – a – a;
- **E** a – a – à – a.

43. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

"Proponho ____ Vossa Senhoria dar, ____ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa."

- **A** a – àqueles – às – a
- **B** à – àqueles – as – a
- **C** a – aqueles – às – à
- **D** a – àqueles – as – à
- **E** à – aqueles – às – à

44. NCE-UFRJ – O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília [...] para assistir à coleta de lixo".

Entre as opções abaixo, porém, este sinal foi <u>incorretamente</u> utilizado em:

- **A** O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
- **B** Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
- **C** A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
- **D** O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "o lixo é vosso".
- **E** Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

45. NCE-UFRJ – Em "...efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...", o acento grave indicativo da crase está presente porque:

- **A** todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;
- **B** <u>à liberdade</u> está servindo de objeto indireto;

Ⓒ marca a contração do demonstrativo a com a preposição a;
Ⓓ marca a união da preposição a que rege o adjetivo anterior com o artigo a;
Ⓔ se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

46. ACCESS – O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – à – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ à – à – a.

47. FESP-RJ – A alternativa em que não se justifica o emprego de crase é:

Ⓐ Referia-se a isto, não à você.
Ⓑ Todos correm às cegas, quando há briga.
Ⓒ Ele fazia uma citação à Machado de Assis.
Ⓓ Às vezes, ele me parece enlevado com isso.

48. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Nesse dia os homens chegaram _____ margem direita do rio.

2. Refiro-me _____ esta senhora e não àquela.

3. Ele não irá mais _____ Brasília.

As lacunas das frases são preenchidas corretamente pelas palavras da alternativa:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – a – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ a – a – à.

49. FESP-RJ – "Como se já não bastassem [...] ataques explícitos à dignidade do menor,..."

A propósito da crase na passagem acima, ela é também obrigatória na seguinte frase:

Ⓐ Dadas as circunstâncias do caso, adiamos a sessão.
Ⓑ O crime é sério, haja vista as condições da vítima.
Ⓒ O réu fazia jus a pena menor que a aplicada pelo juiz.
Ⓓ A eleição do presidente da junta implicará a do vice-presidente.
Ⓔ Esta sentença é semelhante a em que houve unanimidade dos jurados.

50. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Através dessa jovem dou o meu grito de horror ___ vida.

2. Quanto ___ ela, até mesmo de vez em quando comprava uma rosa.

3. A moça ___ vezes comia num botequim um ovo duro.

A alternativa em que as lacunas das frases acima são completadas corretamente (sem mudança da ordem) é:

Ⓐ à – a – as;
Ⓑ à – a – às;
Ⓒ à – à – às;
Ⓓ a – à – às;
Ⓔ a – a – as.

51. FESAG – "A presença de verbos transitivos indiretos que fazem uso da preposição 'a' para estabelecer sua regência pode indicar a existência de crase."

Essa afirmação pode ser verdadeiramente comprovada em:

Ⓐ Registrou aquele conceito de liberdade com aceitação do partido.
Ⓑ Chegamos aquela cidade exatamente às dezoito horas.
Ⓒ Não consigo adaptar-me aquele modo de vida.
Ⓓ Referiu-se àquele conceito de liberdade com muita convicção.

52. FESP-RJ – A frase em que há <u>erro</u> no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:

Ⓐ Já chegamos à Bahia.
Ⓑ O professor falara àquela aluna.
Ⓒ Comi bacalhau à Gomes de Sá.
Ⓓ É importante obedecer às regras do jogo.
Ⓔ Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

53. FESP-RJ – A alternativa que apresenta <u>erro</u> no emprego do acento grave, indicativo de crase, é:

Ⓐ Preciso ir à Copacabana.
Ⓑ Ele chegou à uma e meia.
Ⓒ Seja rápido na sua ida à França.
Ⓓ O professor falará àquele aluno.
Ⓔ Não houve comentário àquela pergunta.

54. NCE-UFRJ – O emprego do acento grave indicativo de crase sobre o <u>a</u> é optativo em:

Ⓐ A lei fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos <u>à</u> sua função social (art. 185, parágrafo único).
Ⓑ A lei garantirá tratamento especial <u>à</u> propriedade produtiva (art. 185, parágrafo único).

Ⓒ O decreto [...] autoriza a União a propor a ação de desapropriação (art. 184, §2º).
Ⓓ Compete à União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social (art. 184).
Ⓔ Títulos resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão (art. 184).

55. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo:

"A história nos mostra que o desenvolvimento econômico europeu, ____ partir das navegações, sempre se fez ____ custa dos territórios ultramarinos. Não foram apenas as matérias-primas, destinadas ao consumo ou ____ produção que o financiaram, mas também o capital propriamente dito, fruto dos lucros e resultado do saqueio da natureza virgem. Hoje, a biotecnologia abre grande perspectiva ___ um país como o Brasil, de ricos bancos genéticos. O nosso território foi dos primeiros ____ ser saqueado em sua riqueza vegetal. É necessário impedir que os produtos da flora e da fauna nos sejam roubados, como roubados fomos no passado. No entanto, o governo está empenhado em aprovar uma proposta de emenda ____ Constituição que facilitará a entrega de nossos recursos biológicos ____ estrangeiros."

Ⓐ a, à, à, a, a, à, a
Ⓑ a, a, à, a, a, a, a
Ⓒ a, à, à, à, a, à, à
Ⓓ à, a, a, à, à, a, a
Ⓔ à, à, a, à, a, à, a

56. FCC – Escolha a opção em que não ocorre a crase:

Ⓐ Chegou a uma hora em ponto e saiu as quatro horas.
Ⓑ Fiz alusão a ela quando me dirigi a Vossa Excelência.
Ⓒ Agia as escondidas quando estava a disposição do chefe.
Ⓓ Foi a Argentina e voltou as pressas.

57. ESAF – "____ disputas provocadas pelo sistema de captação foram muitas, e o rei aceitou o pagamento do imposto numa cota fixa anual de ouro. Caso esta cota não fosse completada, o governador estava autorizado ___ recorrer ___ derrama. Por meio desse tributo eram cobradas importâncias arbitrárias de toda população, até completar ___ taxa fixada.

Foi um período de grande empobrecimento da região das Gerais, apesar de tanto ouro e diamantes, devido ___ tributação excessiva. Em 1789, sob ___ ameaça de nova derrama para cobrir uma dívida de mais de 500 arrobas de ouro, um grupo de revoltosos organizou o movimento revolucionário da Inconfidência Mineira."

Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto acima:

- **A** As – a – à – a – à – a;
- **B** Às – à – a – a – a – a;
- **C** As – a – à – a – à – à;
- **D** Às – à – à – à – a – a;
- **E** As – à – a – à – a – à.

58. VUNESP – "A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso ___ Internet deve acabar na Justiça. ___ paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviço. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que ___ imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar ___ rede.

Assinale a alternativa que, correta e respectivamente, preenche as lacunas do texto:

- **A** a, A, a, à;
- **B** à, A, a, à;
- **C** a, À, à, a;
- **D** à, A, à, à;
- **E** à, À, a, à.

59. FJG – Assinale, entre as frases abaixo, aquela em que o emprego da crase seria indevido:

- **A** Não me refiro as reuniões desse mês.
- **B** Fique a vontade.
- **C** Abrimos as quintas-feiras.
- **D** Remeto a Vossa Senhoria todos os meus recibos.
- **E** Aludimos aquele fato recente.

60. FJG – Na frase: "Das revoltas da polícia africana às usinas de alumínio no Canadá.", observa-se a utilização de sinal indicativo de crase.

A opção em que a utilização deste mesmo sinal é obrigatória é:

- **A** A menina estava atenta a tudo o que se passava.
- **B** Do fato ocorrido as notícias de jornal vai uma grande diferença.
- **C** Temos que medir as consequências do gesto político.
- **D** As novas gerações têm uma grande responsabilidade ambiental.
- **E** O Presidente vai analisar as medidas de segurança.

61. COVEPE – Só uma das alternativas completa, corretamente, o período abaixo. Assinale-a:

"Anuiu ___ reivindicação feita, porque preferiu conservar o emprego ___ entregá-lo ___ que _____ postulavam."

Ⓐ a, a, aqueles, lhe
Ⓑ à, do que, àqueles, o
Ⓒ à, a, àqueles, o
Ⓓ a, à, àqueles, lhe

62. COVEPE – Preencha os claros com a(s), à(s), há, de acordo com o caso:

1. Tais informações são iguais _____ que recebi ontem.

2. Sentei-me _____ máquina para escrever este relatório.

3. _____ meses que estudo para este concurso.

4. Estava _____ porta da casa quando você chegou.

5. Comecei _____ resolver esta prova com muita calma.

De cima para baixo, a sequência no preenchimento dos claros é a seguinte:

Ⓐ as – à – Há – à – a;
Ⓑ às – a – Há – à – a;
Ⓒ às – à – a – há – a;
Ⓓ às – à – Há – à – a;
Ⓔ às – à – Há – a – à.

63. FJG – O acento grave indicativo de crase não se aplica em "A herança maldita vem do Brasil-Colônia e do Império, quando a grande propriedade fundiária se consolidou mediante a exploração do trabalho escravo, um conúbio gerador de atraso e inquietação social".

Pelo mesmo motivo, ele também não é usado em:

Ⓐ Segundo a exigência do leitor.
Ⓑ Andei a cavalo a trote.
Ⓒ Estive a caminhar pelo jardim.
Ⓓ O público assistiu a peças interessantes.
Ⓔ Ela escreve bem a máquina.

64. ANP – Observe os trechos e as afirmações seguintes:

1. "Dizer apenas 'meio' parece ser pouco (são reveladores os adesivos ecológicos, colados nos carros, pedindo 'um ambiente inteiro') e usar apenas 'ambiente' aparentemente levaria a confusões.": não se emprega acento grave indicativo de crase porque não há artigo que se contraia com a preposição.

2. **“Ambas as palavras parecem desgastadas, tanto quanto a realidade física que descrevem: ...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no masculino evidencia que a é preposição.**
3. **“Ambiente deve sugerir, aos seus adeptos, uma proximidade semântica maior...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no feminino permite o emprego do acento grave indicativo de crase.**
4. **“Mas a expressão demonstra também o desejo de reforçar, por meio da redundância, o sentido manifestado como se houvesse um temor de, caso contrário, perder-se a ideia.”: não se emprega acento grave indicativo de crase porque “a ideia” é sujeito, portanto não pode estar regida de preposição.**

Escolha uma das opções abaixo:

Ⓐ 1, 3 e 4 estão corretas;
Ⓑ 1 e 3 estão corretas;
Ⓒ 1, 2 e 3 estão corretas;
Ⓓ 2 e 4 estão corretas.

65. CESGRANRIO – Uma das opções preenche corretamente as lacunas do texto abaixo. Assinale-a:

“Para sobreviver, somos obrigados ___ lutar pelo nosso espaço que ___ muito tempo foi invadido pelo egoísmo e pela violência, para, daqui ___ alguns anos, podermos dizer que realmente vivemos ___ vida.”

Ⓐ a – a – há – a
Ⓑ a – a – há – à
Ⓒ a – há – a – a
Ⓓ à – há – há – a
Ⓔ à – a – há – a

66. CESGRANRIO – Assinale a opção em que se omitiu o acento indicativo de crase:

Ⓐ Comprei o telefone a duras penas.
Ⓑ Demos aquele funcionário a mensagem do fax.
Ⓒ Face a face, ele despediu o funcionário.
Ⓓ Releia a Sua Excelência os fatos ocorridos ontem.
Ⓔ O diretor se referiu a ela com elogios.

67. CESGRANRIO – Ocorre erro do acento indicativo de crase na opção:

Ⓐ À toda hora, chegavam as estudantes aprovadas.
Ⓑ Ficamos à espera do resultado final.
Ⓒ Dirigiu-se àquele mestre com respeito.
Ⓓ Referiu-se atenciosamente às alunas que a haviam homenageado.
Ⓔ Os portões serão fechados pontualmente às sete horas.

68. ESAF – Quanto ao uso da crase, a frase errada é:

Ⓐ Refiro-me à isenção de imposto.
Ⓑ Ao viajar à Europa, cuidado para não ultrapassar a cota.
Ⓒ Tenho dúvidas à respeito de franquia.
Ⓓ Esta mercadoria é atentatória à ordem pública.
Ⓔ Dirigi-me à fiscal de plantão.

69. ESAF – Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido:

Ⓐ Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
Ⓑ À ela não cabe fugir, desaparecer, pois nada fez que a estimagtize.
Ⓒ Athenaíde prefere recolher-se à casa, onde pode despegar-se de sua dor.
Ⓓ A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
Ⓔ Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

70. ESAF – Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto:

Ⓐ Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
Ⓑ Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
Ⓒ Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
Ⓓ Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
Ⓔ O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

71. ESAF – Assinale o enunciado que apresenta erro no uso da crase:

Ⓐ Os missionários dão origem à uma "cultura local" que se inicia pelo contato.
Ⓑ É à curiosidade de entender a alma humana que devo meu amor aos índios.
Ⓒ Sendo necessária à concepção do discurso, a história é dele inseparável.
Ⓓ Este jogo de formações discursivas remete o texto à sua exterioridade.
Ⓔ Assim podemos demonstrar que à contribuição das línguas indígenas se associa uma visão histórica.

72. ESAF – Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos ___ V.Sª que encaminhamos ___ petição anexa ___ Divisão de Fiscalização que está apta ___ prestar ___ informações solicitadas.

Ⓐ a – a – à – a – as
Ⓑ à – a – à – a – às
Ⓒ a – à – a – à – as
Ⓓ à – à – a – à – às
Ⓔ a – a – à – à – as

73. ESAF – Daqui ___ uma semana, conclui-se ___ fase de correção dos testes, e todos os candidatos terão direito ___ revisão de prova que acontecerá ___ 15 horas.

A opção que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

- **A** à – a – à – às;
- **B** a – à – à – as;
- **C** a – à – a – as;
- **D** a – a – à – às;
- **E** à – a – a – às.

74. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Para os desplugados, o Finnegan's Pub, localizado numa badalada esquina da noite paulistana, é um bar como outro qualquer. Luz de penumbra, música aos berros, gente de pé com copos na mão, ele tem uma diferença em relação ___ concorrência: um computador que dá aos seus fregueses acesso ___ Internet. Em torno da máquina aglomeram-se umas cinquenta pessoas todas as noites. É muita gente para um computador só. Mas isso não impede que o bar, que começou ___ oferecer o serviço _____ nove meses, se apresente como o mais antigo cibercafé do Brasil. Não é o único. Há outros cinco bares espalhados por capitais brasileiras e um na cidade mineira de Juiz de Fora. A ideia de criar bares com terminais de computador ligados ___ Internet foi importada do Primeiro Mundo, onde eles começaram ___ surgir ___ de dois anos."

- **A** à – a – a – há – a – a – há cerca
- **B** a – à – à – há – à – a – acerca
- **C** à – à – à – à – a – a – a cerca
- **D** à – à – a – há – à – a – há cerca
- **E** a – a – à – a – à – a – a cerca

75. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas:

"De uma forma mais genérica, ___ que substituir ___ imagem centralizada e que tende ___ uniformidade de indivíduo possuidor de alguns direitos e submetido ___ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social ___ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação ___ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados."

- **A** há – a – à – a – às – a
- **B** à – à – a – à – as – a
- **C** há – à – a – à – às – a
- **D** a – à – à – a – às – a
- **E** a – há – à – a – as – a

76. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Desde a Declaração de Direitos da ONU, em 1948, ___ expressão 'direitos humanos' compreende pelo menos três tipos de direitos: a) os direitos e liberdades civis; b) direito de participação política por meio da escolha de representantes; e, c) direitos econômicos e sociais. Essa última categoria de direitos humanos é ___ mais recente das três citadas e tem como exemplos o direito do trabalho, o direito ___ previdência social, o direito ___ uma renda mínima e o direito ___ educação entre outros."

Ⓐ à – à – a – a – à
Ⓑ a – à – a – à – à
Ⓒ a – a – à – à – a
Ⓓ a – a – à – à – à
Ⓔ a – a – à – a – à

77. CESPE-UnB – Julgue os itens seguintes, com relação ao emprego do sinal indicativo de crase:

1. Nas grandes cidades brasileiras a começar pelas duas maiores, mata-se praticamente como se se tratasse de algo inerente à existência humana.

2. Desde crianças, vemos mortes violentas às dúzias.

3. Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos nossos direitos, dentro em breve não teremos mais direito nenhum, nem mesmo à vida.

O emprego do sinal indicativo de crase encontra a mesma justificativa em:

Ⓐ nos itens 1e 2;
Ⓑ nos itens 2 e 3;
Ⓒ nos itens 1, 2 e 3;
Ⓓ nos itens 1 e 3;
Ⓔ em nenhum dos itens.

78. CESPE-UnB – Marque a opção em que o conjunto de palavras preenche adequadamente as lacunas:

"Para muitas pessoas não habituadas ___ lidar com as questões relativas ___ aplicação da lei penal, ___ agravação das penas é vista como uma forma de reduzir as taxas de criminalidade. Supõe-se que os criminosos se determinam ___ prática de atos antissociais estimulados pela leniência das sanções criminais. E, mais ainda, convencidos de que o quadro geral e amplo da impunidade servirá de manto protetor ___ suas investidas delituosas."

Ⓐ à – à – à – a – às
Ⓑ a – a – à – à – às
Ⓒ a – a – à – à – as
Ⓓ a – à – a – à – às
Ⓔ à – à – a – à – às

79. CESPE–UnB – Reconheça o par em que há emprego facultativo de acento indicador de crase:

- **A** "Às vezes o afinador não ganha isso durante a viagem." / às claras
- **B** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / desobedecer à instrução
- **C** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / atender à sua eleição
- **D** "Em frente à Câmara, agravando pelo som a sensação de calor..." / em relação à votação
- **E** Desconheço a resposta correta.

80. FESP-RJ – A respeito do emprego do acento grave indicativo de crase, assinale a opção correta:

- **A** Em "Estatuto dos Funcionários, art. 240: O dia 28 de outubro será consagrado ao Servidor Público", a pluralização da expressão "Servidor Público" e a supressão do artigo definido masculino singular que a precede implicariam automático emprego do acento grave indicativo de crase.
- **B** Em "Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou; ótimo, porque assim trabalho à vontade.", o emprego do acento grave decorre da regência do verbo trabalhar, que impõe o uso da preposição a, antes do substantivo feminino vontade, que está precedido de artigo definido.
- **C** Em "E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam lugar à turma dos 'caxias'", a seguinte estrutura morfossintática justifica o emprego do acento grave indicativo de crase: expressão regida pela preposição "a", seguida de substantivo feminino antecedido por artigo definido.
- **D** Justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase, em "Nenhum – a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão" pela natureza exclusivamente adverbial da locução utilizada para indicar circunstância de lugar.
- **E** Seria obrigatório o emprego do acento grave indicativo de crase caso o texto "Correu a telefonar de uma confeitaria para a residência do chefe" fosse redigido da seguinte forma: "Correu à uma confeitaria para telefonar à residência do chefe".

81. NCE-UFRJ – O uso do acento grave no a é opcional em:

- **A** "...redução da cultura a sua dimensão mercadológica..."
- **B** "...redução da cultura a uma mercadoria barata..."
- **C** "...redução da cultura a essa imagem formada..."
- **D** "...redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia..."
- **E** "...redução da cultura a que nos vamos acostumando..."

82. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Os juízes federais, ___ três semanas, começaram ___ discutir ___ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa ___ muito atribuída ___ Caixa Econômica Federal."

Ⓐ a, há, a, há, a
Ⓑ a, há, à, a, há
Ⓒ há, a, a, há, a
Ⓓ há, à, a, há, à
Ⓔ há, a, a, há, à

83. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Vale ____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que ____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim ____ acirrada polêmica que se vem travando ____ quatro décadas."

Ⓐ a – à – às – há
Ⓑ a – a – à – a
Ⓒ à – a – a – à
Ⓓ a – a – à – há
Ⓔ à – à – a – há

84. NCE-UFRJ – Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:

Ⓐ Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
Ⓑ Pedi um favor a Júlia.
Ⓒ A rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
Ⓓ Comemorar o "descobrimento" é, no mínimo, reforçar a visão colonialista.
Ⓔ Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

85. NCE-UFRJ – O acento grave da crase foi empregado <u>erroneamente</u> em:

Ⓐ Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
Ⓑ Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
Ⓒ Essas atividades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
Ⓓ Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
Ⓔ A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

86. NCE-UFRJ – A alternativa com <u>erro</u> no emprego do acento indicativo de crase é:

Ⓐ A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
Ⓑ Explicava sua experiência à sua filha.
Ⓒ Deveria explicar sua experiência à essa gente.
Ⓓ Esperou do meio-dia às quatro horas.
Ⓔ Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

87. NCE-UFRJ – Em "...esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados" há um exemplo de crase assinalada pelo sinal grave.

A alternativa em que este sinal foi <u>erradamente</u> utilizado é:

- **A** A equipe deve o êxito da campanha à boa forma de seus atletas.
- **B** O fornecimento de energia elétrica só foi normalizado à 1 hora da madrugada.
- **C** Não posso deixar de assistir à esta parte da novela.
- **D** Os formandos ficarão sentados à nossa direita.
- **E** Os rebeldes foram levados à presença do rei.

88. FEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:

I. O candidato respondeu corretamente ___ maioria das questões.

II. Não assisti ___ primeira parte do filme; mesmo assim entendi bem o enredo.

III. Transcorridos nove meses, deu ___ uma linda menina.

- **A** à, à, à luz
- **B** a, a, a luz a
- **C** a, à, a luz a
- **D** à, a, à luz

89. FGV – Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> no uso do acento indicativo de crase:

- **A** O leitor dedicava-se à leitura de crônicas.
- **B** O cronista dava preferência às crônicas de estilo mais elaborado.
- **C** O cronista produzia seus textos à tardinha.
- **D** O cronista deve estar atento às situações do cotidiano.
- **E** O texto da crônica lembrava-lhe à sua infância.

90. FCC – "O Rio Grande do Norte foi o estado pioneiro ao conceder ___ mulheres a possibilidade de ir ___ urnas, manifestando sua vontade pelo voto, permitido somente ___ homens, no resto do Brasil."

As lacunas da frase apresentada serão corretamente preenchidas por:

- **A** às – às – a;
- **B** às – as – a;
- **C** as – às – a;
- **D** às – às – à;
- **E** as – as – à.

91. CEPERJ – No segmento "...se ligam muito mais aos países ricos do que às <u>realidades brasileiras</u>", o acento indicativo de crase é obrigatório. Da mesma forma, o acento grave é obrigatório, ao se substituir a expressão destacada por:

- **A** "...aquela realidade."
- **B** "...a esta realidade."
- **C** "...a tal realidade."
- **D** "...a nossa realidade."
- **E** "...a uma realidade."

92. FJPF – Com as alterações feitas na redação da parte destacada do trecho "o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo <u>às ações que sente ânimo de praticar</u>", o acento grave indicador da crase só será usado em:

- **A** a ações que sente ânimo de praticar;
- **B** a uma ou outra ação que sente ânimo de praticar;
- **C** a suas próprias ações;
- **D** a própria ação;
- **E** a elas, suas próprias ações.

93. CESGRANRIO – Na expressão "direito à <u>vida</u>", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

- **A** viver dignamente;
- **B** diferentes formas de mídia;
- **C** uma escolha profissional;
- **D** toda assistência médica;
- **E** segurança pública.

94. CESGRANRIO – Assinale a frase com o uso <u>incorreto</u> do acento indicativo de crase:

- **A** Deve ser garantido à todas as pessoas o direito de ir e vir.
- **B** Estamos à procura de bons roteiros de viagem.
- **C** Foi da Itália à Alemanha de avião.
- **D** Viajamos à tarde para São Paulo.
- **E** Às vezes ele caminha no Jardim Botânico.

95. FUMARC – O acento indicador de crase foi corretamente empregado em:

- **A** Estamos viajando em direção à Brasília.
- **B** Deu à luz uma menina forte e saudável.
- **C** Entregou à suas antigas colaboradoras o material.
- **D** O acidente ocorreu à cerca de 2 km da estação central.

96. FUMARC – "Tal fato levar-nos-á <u>a</u> (1) percepção diferenciada da documentação respeitante <u>a</u> (2) essas cartas e certidões, tanto no que se refere <u>a</u> (3) análise de seu conteúdo, quanto no que respeita <u>as</u> (4) estruturas institucionais nas quais se inseriam."

Tendo em conta o trecho acima, assinale a alternativa na qual os casos em que o acento indicador de crase deverá ser empregado estejam corretamente indicados:

- **A** 1 – 2 – 4;
- **B** 1 – 3 – 4;
- **C** 2 – 3;
- **D** 3 – 4.

97. FUMARC – Nas frases a seguir, substituindo-se as palavras sublinhadas pelas dos parênteses, o acento indicador de crase poderá ser empregado:

I. Solicitou a suas amigas um novo encontro. (propôs)

II. O secretário realizou a leitura da ata da reunião anterior. (procedeu)

III. O prefeito não mencionou as obras de canalização. (fez menção)

Ⓐ apenas em I e III;
Ⓑ apenas em II e III;
Ⓒ apenas em um dos casos;
Ⓓ em todos os casos.

98. FUMARC – Considerando os elementos destacados nos dois versos que se seguem, a alternativa em que o uso do acento de crase foi corretamente indicado é:

"Quando o amor bate a porta, tudo é festa.

Quando o amor bate a porta, nada resta." **(Cineas Santos, poeta piauiense)**

Ⓐ à – à
Ⓑ a – à
Ⓒ a – a
Ⓓ à – a

99. CETRO – Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços no período abaixo:

"Quando ___ dez dias comunicou ___ ela que iria ___ França para concluir seu mestrado, pôs-se ___ chorar."

Ⓐ a – a – a – a
Ⓑ há – a – à – a
Ⓒ há – à – à – a
Ⓓ a – à – a – à
Ⓔ há – a – a – à

100. FUNRIO – A palavra sublinhada deve ter acento grave, indicativo da crase, na frase:

Ⓐ Dirijo-me a V.Sª para fazer uma solicitação.
Ⓑ Dirija-se a qualquer pessoa.
Ⓒ Referiu-se aquele ofício.
Ⓓ Vale a pena trabalhar na Secretaria.

101. FEPESE – Nas frases abaixo, assinale a alternativa em que não ocorre crase:

Ⓐ A força de pensar acabou adormecendo.
Ⓑ Cheguei as dez horas.
Ⓒ Os marinheiros já voltaram a terra natal.
Ⓓ Há fatos que eu não revelaria a ninguém.
Ⓔ Ele já se dirigiu a Bahia.

102. COSEAC-UFF – No trecho "mas parece que o óbvio, exatamente por ser óbvio, fica à mercê de se situar num plano secundário", a locução "à mercê de" aparece corretamente grafada com o acento indicativo da crase. Das frases abaixo, aquela em que não ocorre crase na locução, não se justificando, por isso, o emprego do acento indicativo da crase, é:

- **A** À proporção que lia as obras de Monteiro Lobato, mas se encantava com seus personagens.
- **B** As sociedades em que a educação é tratada como prioridade estão quilômetros à frente das outras.
- **C** Na época de Zumbi, os combatentes ficavam cara à cara com os inimigos.
- **D** As obras de construção do monumento a Zumbi foram feitas à custa do Movimento Negro.
- **E** Estar à distância de um contexto histórico-social não justifica análises incorretas de pessoas e fatos.

103. COSEAC-UFF – Nos trechos "...a lançar um livro à venda na Internet..." e "...o mecanismo de difusão de suas obras pouco lhes importa quando comparado à arte da criação...", ocorrem situações de crase devidamente marcadas com o acento. Há situações, entretanto, em que a ocorrência da crase é facultativa, sendo facultativo o emprego do acento. Nos pares de frase abaixo, em ambas ocorrem situações de crase, ou de crase facultativa, que devem ou podem ser marcadas com o acento. O par no qual uma das frases está com a marcação do acento <u>incorreta</u>, pois <u>não</u> ocorre crase, é:

- **A** Os autores retiraram-se do local de lançamento do livro às dez horas. / Sem apoio das editoras, o autor teve de editar a obra à suas expensas.
- **B** Esta é a editora à qual pertence grande parte das obras publicadas como *e-book*. / João Ubaldo irá à Bahia exclusivamente para o lançamento de seu novo livro.
- **C** À custa de muito esforço, digitalizaram todo o acervo da editora. / O escritor referia-se à sua obra com orgulho por ter sido lançada como livro eletrônico.
- **D** A referência àquele novo catálogo de livros eletrônicos trouxe luz à discussão. / Os leitores sentiam-se à vontade para optar ou não pelo *e-book*.
- **E** Ligado às nossas tradições editoriais, o escritor não abria mão de publicar seus livros em papel. / O lançamento do primeiro título eletrônico dedicado à memória dos grandes escritores emocionou a todos.

104. COSEAC-UFF – Das frases abaixo, está correta quanto ao emprego do acento indicativo da crase:

- **A** Oito critérios indicam à dependência de internet, segundo os psicólogos.
- **B** O programa destina-se à orientação dos jovens dependentes de internet.
- **C** Os especialistas recorreram à uma orientação menos conhecida.

Ⓓ O tratamento identifica as condições ambientais à que os dependentes se sujeitam.
Ⓔ Os terapeutas recomendam à todos os jovens que busquem outras formas de relacionamento com o mundo.

105. COSEAC-UFF – Na oração "as doenças relacionadas à água de má qualidade são atualmente a principal causa de mortes", foi empregado corretamente o acento indicativo de crase. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase também está corretamente empregado é:

Ⓐ Foram liberados recursos destinados à minorar os efeitos da seca.
Ⓑ Fomos apresentados à algumas pessoas interessadas no projeto.
Ⓒ Certos povos são obrigados à economizar água.
Ⓓ As empresas foram condenadas à três anos de suspensão das atividades.
Ⓔ O governo emitiu uma circular dirigida à companhia de água e esgoto.

106. FUNRIO – "E se engana quem estiver pensando que os clientes não prestam atenção a esses detalhes." Nesse período, percebe-se que não ocorre acento grave antes do pronome demonstrativo esse. Assinale a alternativa em que há erro no emprego do acento grave:

Ⓐ Vamos à feira.
Ⓑ Falávamos àquela que nos decepcionou.
Ⓒ Os amantes encontravam-se às escondidas.
Ⓓ O homem dirigia-se à qualquer local.
Ⓔ Encontremos nosso professor à uma hora!

107. FUNRIO – Assim como está adequado o emprego de à antes de "livre manifestação", também está inteiramente correto o uso da crase na frase da alternativa:

Ⓐ À meia-noite, chegaram os peregrinos à pé.
Ⓑ Fomos levados às escondidas àquele local.
Ⓒ Pedirei à V. Exa. a anotação desta ocorrência.
Ⓓ Para combater à manipulação, procederemos à revisão à noite.
Ⓔ Oferecemos sanduíches à metro e vendemos à varejo.

108. FUNRIO – "O nome 'Manifesto Antropofágico' recuperava a crença indígena: os índios antropófagos comiam o inimigo, supondo que assim estavam assimilando suas qualidades."

A crença indígena está comentada adiante numa frase totalmente correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase. Assinale-a:

Ⓐ À medida que comiam seus inimigos, os índios assumiam à certeza de seu aprimoramento.
Ⓑ Os antropófagos não comiam seus inimigos à guisa de uma assimilação à esmo.
Ⓒ Supor essa assimilação era, às vezes, tratar seus inimigos à ferro e fogo.
Ⓓ Somente à partir de uma atitude canibal se justificaria o incentivo à antropofagia.
Ⓔ Cabia às tribos propagar que as qualidades dos inimigos seriam assimiladas pela antropofagia.

109. FUNRIO – Marque a alternativa em que a frase está inteiramente adequada no que concerne à pontuação:

Ⓐ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓑ Todos os brasileiros, têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓒ Todos os brasileiros têm, essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓓ Todos os brasileiros têm essa oportunidade, única de mudar para um país melhor.
Ⓔ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para, um país melhor.

110. IPAD – Observe o fragmento a seguir, em relação ao uso de crase: "...é necessário dar um destino à montanha de lixo...".

É correto afirmar que:

Ⓐ o uso da crase é facultativo;
Ⓑ o uso da crase decorre da utilização do verbo <u>ser</u>;
Ⓒ o uso da crase decorre da utilização da locução verbal <u>é necessário</u>;
Ⓓ é um caso de regência nominal, o termo regente destino e o termo regido <u>a montanha</u>;
Ⓔ a locução conjuntiva <u>à montanha</u> torna obrigatório o uso da crase.

111. IPAD – "E bem à vista exibo esta etiqueta..."

A crase ocorre no enunciado acima pelo mesmo motivo que ocorre em:

Ⓐ A etiqueta está à mostra.
Ⓑ Atribuo esta loucura à sede insaciável de consumo.
Ⓒ Nem todos têm acesso à riqueza produzida na sociedade.
Ⓓ Ninguém consegue viver alheio às necessidades fabricadas artificialmente.
Ⓔ À alegria simples do cotidiano contrapõe-se a angústia da acumulação exagerada de bens supérfluos.

112. VUNESP – Assinale a alternativa que preencha respectivamente as lacunas do texto.

Morador de Bruxelas, morto em junho, teria contraído bactéria ___ resistente ___ vacina aplicada, no país asiático, após o acidente e ___ hospitalização.

Ⓐ a – à – à
Ⓑ à – a – à
Ⓒ à – a – a
Ⓓ a – à – a
Ⓔ à – à – a

113. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula:

Ⓐ Os livros, que ele escreveu, permanecem.
Ⓑ Todos durante a festa, se emocionaram.
Ⓒ Nós caros amigos, esperamos recebê-los.
Ⓓ Vinicius, que foi um apreciado poeta, já não vive.
Ⓔ Meu pai, digo meus pais, eram morenos.

114. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto quanto ao emprego ou não do acento indicativo de crase.

Se passamos 70% do tempo no trabalho, devemos levar ___ sério as relações que se constroem nesse ambiente. É importante dar o devido valor ___ cada um que está ___ nossa volta, pois não se encontram verdadeiras amizades ___ toa.

Ⓐ à – a – à – à
Ⓑ à – à – a –a
Ⓒ à – a – à – à
Ⓓ a – a – à – à
Ⓔ a – à – a – à

115. VUNESP Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não do acento indicativo da crase:

Ⓐ Na Europa, as pessoas usavam os óculos as escondidas.
Ⓑ Os monges não mostravam a ninguém como faziam as pedras de leitura.
Ⓒ As pessoas passaram à enxergar melhor depois que foram criados os óculos em formato de V invertido.
Ⓓ Marco Túlio Cícero não se dirigia à seus escravos porque não os enxergava.
Ⓔ As vezes, os problemas de visão não eram revelados para que as pessoas não se aposentassem.

116. FEC – Na passagem: "E vai folheando à toa.", o acento indicativo da crase está corretamente empregado. Assinale a opção a seguir em que o emprego do acento grave em questão seja justificado pelo mesmo motivo que na passagem em estudo:

Ⓐ Permanecem, ainda hoje, à beira da falência.
Ⓑ Presentou-me com uma tela à tinta.
Ⓒ Os viajantes regressaram à Madri de seus antepassados.

Ⓓ Falou à vontade durante a reunião.
Ⓔ À medida que nos aproximávamos, mais exauridos ficávamos.

117. FEC – Observe as frases a seguir:

I. A lei dos zoológico foi promulgada ___ 24 anos, ___ fim de garantir os cuidados com os animais.

II. O descumprimento das normas pode levar ___ uma punição mais severa: o fechamento do zoológico.

III. O Ibama concedeu permissão ___ prefeitura para abrir um novo zoológico.

Para o correto preenchimento das lacunas das frases lidas, têm de ser usados, respectivamente, os termos:

Ⓐ há – a – a – à;
Ⓑ a – à – há – à;
Ⓒ há – a – à – há;
Ⓓ à – há – à – a;
Ⓔ há – a – há – a.

118. FEC – Está <u>incorreto</u>, do ponto de vista do emprego do sinal indicador da crase, o período:

Ⓐ Pode-se prever sua anuência às propostas de publicação dos atos administrativos.
Ⓑ Não caberia sua anuência à uma proposta de publicação dos atos administrativos.
Ⓒ Obtivemos às pressas sua concordância para a publicação dos atos administrativos.
Ⓓ Não se soube informar qual é a autoridade à qual se deve solicitar a publicação dos atos administrativos.
Ⓔ Criou-se uma expectativa quanto à publicação dos atos administrativos.

119. FEC – É facultativo o uso do acento grave no "a" destacado em:

Ⓐ "...pescávamos enchovas na bela ilha da Vitória, <u>a</u> cerca de 15 milhas (ou 26 quilômetros) da costa."
Ⓑ "Divertimo-nos [...] naquele fim de tarde, reservando alguns exemplares para nosso consumo e devolvendo a grande maioria <u>à</u> água."
Ⓒ "O que são trinta exemplares em meio <u>às</u> centenas que talvez passassem pelo local?"
Ⓓ "...nos dias que se passaram <u>à</u> nossa pescaria, soubemos que aquela costeira foi varrida por dezenas de outras embarcações."
Ⓔ "...sua eficiência [...] só aumenta <u>a</u> cada geração de modelos lançados no mercado."

120. FEC – As frases a seguir, retiradas de contos diversos de Lygia Fagundes Telles, apresentam espaços que devem ser preenchidos com a ou à. Preencha- os:

"Assim que acordou, ___ hora do jantar, desandou nos telefonemas, avisando ___ velharia da irmandade que 'o menino estava doente'."

"Saí em seguida, fingindo não ver ___ carinha safada de um dos anões que estava ali por perto."

"Conceição veio interromper ___ conversa para mostrar ___ amiga ___ bolsa que tinha comprado."

A alternativa cujas palavras preenchem, respectiva e corretamente, os espaços é:

A a – à – à – a – a – à;
B à – a – a – a – à – à;
C à – a – à – à – a – à;
D a – à – a – à – à – a;
E à – à – a – a – à – a.

GABARITO

1. E	17. E	33. E	49. E	65. C	81. A	97. D	113. D
2. A	18. B	34. B	50. A	66. B	82. E	98. A	114. D
3. A	19. C	35. A	51. B	67. A	83. D	99. B	115. B
4. A	20. A	36. A	52. E	68. A	84. B	100. C	116. D
5. A	21. B	37. C	53. A	69. A	85. D	101. D	117. A
6. A	22. D	38. E	54. A	70. C	86. C	102. C	118. B
7. A	23. C	39. C	55. A	71. A	87. C	103. A	119. B
8. B	24. A	40. C	56. B	72. A	88. A	104. B	120. E
9. E	25. B	41. C	57. A	73. D	89. E	105. E	
10. C	26. E	42. A	58. A	74. D	90. A	106. D	
11. C	27. A	43. A	59. D	75. A	91. A	107. B	
12. A	28. B	44. C	60. B	76. E	92. D	108. E	
13. D	29. C	45. D	61. C	77. C	93. E	109. A	
14. D	30. A	46. B	62. D	78. D	94. A	110. D	
15. C	31. C	47. A	63. A	79. D	95. B	111. A	
16. B	32. B	48. B	64. A	80. C	96. B	112. D	

Exercícios de Concordância Nominal e Verbal

1. NCE-UFRJ – O item em que a passagem para o plural do segmento inicial traz um erro gramatical é:

- **A** "Não poderia haver reivindicação mais justa..." – Não poderiam haver reivindicações mais justas...
- **B** "Sabiamente, esse conceito evoluiu." – Sabiamente, esses conceitos evoluíram.
- **C** "Cobra-se, agora, o compromisso..." – Cobram-se, agora, os compromissos...
- **D** "...faça como eu, use..." – ...façam como eu, usem...
- **E** "...a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível..." – ...as responsabilidades de pais e professores continuam sendo intransferíveis...

2. FJPF – Há, segundo a norma escrita contemporânea, erro de concordância verbal no seguinte item:

- **A** Dentre os jornalistas, dez por cento pediu demissão do jornal.
- **B** Haveria de haver sérios motivos para que fosse demitido do jornal.
- **C** Ignoram-se os motivos de sua demissão do jornal.
- **D** Mais de um jornalista acusavam-se de deslealdade na redação do jornal.
- **E** Um ou outro jornalista poderiam chegar à chefia da redação.

3. FGV – "Permanente é o país e suas escolhas."

Embora a palavra permanente se refira a país e suas escolhas, a concordância se fez corretamente com o mais próximo. Assinale a alternativa em que tenha havido inadequação à norma culta da língua no que tange às regras de concordância:

- **A** As alegrias da casa era ele.
- **B** Compramos caras blusas e sapatos.
- **C** Ele pediu emprestado os livros com as anotações.
- **D** Cheguei eu e ele para a festa.
- **E** Marcamos ao meio-dia e meia.

4. FEPESE – Assinale a alternativa errada, quanto à concordância:

- **A** Guido foi à CEASA ao meio-dia e meia.
- **B** Vossa Senhoria deseja que o informemos a respeito dos produtos por nós comercializados?
- **C** Neste setor é proibida a entrada de estranhos.
- **D** Faz dezoito anos que moro perto da CEASA.
- **E** Deve ser encaminhado à diretoria, mensalmente, os demonstrativos periódicos dos trabalhos aqui realizados.

5. NC-UFPR – Que alternativa não reescreve a sentença de acordo com a língua padrão escrita, ao ser substituída a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses?

- **A** O secretário tem o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo o próprio veículo. (secretários) / Os secretários têm o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo os próprios veículos.
- **B** Muitas vezes, ele, engenheiro aeronáutico formado pelo ITA, pilota o avião que o transporta. (eles) / Muitas vezes, eles, engenheiros aeronáuticos formados pelo ITA, pilotam os aviões que o transportam.
- **C** Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, à inauguração de uma obra nas proximidades da grande São Paulo. (instalações) / Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, às instalações de obras nas proximidades da grande São Paulo.
- **D** Junto de Rais Lopes estavam assessores, acomodados a seu lado. (um assessor) / Junto de Rais Lopes estava um assessor, acomodado a seu lado.
- **E** Quando o veículo foi parado na entrada do evento, um segurança se aproximou. (os veículos) / Quando os veículos foram parados na entrada do evento, um segurança se aproximou.

6. FUMARC – A concordância verbal está correta, exceto em:

- **A** O diesel e a gasolina aumentou.
- **B** Aumentou a gasolina e o diesel.
- **C** O diesel e a gasolina aumentaram.
- **D** Aumentaram a gasolina e o diesel.

7. NCE-UFRJ – "Gates e Buffett doaram eles ___ ___ recursos para homens e mulheres ___." A alternativa cuja sequência preenche adequadamente as três lacunas desse período é:

- **A** mesmos – bastantes – desabrigados;
- **B** mesmo – bastante – desabrigadas;
- **C** mesmo – bastantes – desabrigados;
- **D** mesmos – bastante – desabrigadas;
- **E** mesmo – bastante – desabrigado.

8. FJPF – No tocante à concordância, há equívoco na redação da seguinte frase:

Ⓐ São desses fatos sociais que se pode extrair maiores ensinamentos no Direito.
Ⓑ Decerto que aos legisladores não cabe inspirar-se obrigatoriamente nos fatos sociais.
Ⓒ Duas horas eram o tempo que me restava para opinar sobre as normas jurídicas referidas.
Ⓓ Impõe-se, pois, ao magistrado tantas questões resolver quantas a ele se oferecerem.
Ⓔ Não devia haver dúvidas quanto à aplicação das normas jurídicas como instrumento de controle social.

9. FJPF – A concordância empregada para o verbo existir na oração "...não existiria a decepção e a desonestidade, tão frequentes..." justifica-se pela seguinte razão:

Ⓐ esse verbo é impessoal, quando usado no sentido de haver;
Ⓑ houve elipse do sujeito, expresso em oração anterior;
Ⓒ a expressão em que se encontra o verbo é própria da linguagem oral;
Ⓓ o sujeito do verbo está indeterminado;
Ⓔ o sujeito do verbo é composto, mas posposto a ele.

10. FGV – "Não encontrou acolhida a hipótese de conservar tudo como estava, pelo recurso de batizar de 'planetas clássicos' os nove planetas tradicionais e fechar as portas da família aos intrusos."

No trecho acima, a palavra acolhida foi flexionada corretamente, para concordar com o termo a que se refere (hipótese).

Assinale a alternativa em que a concordância não se fez segundo a norma culta:

Ⓐ A moça disse: "Obrigada".
Ⓑ Ele pediu emprestado dez reais.
Ⓒ Eles são tais qual o pai.
Ⓓ Eram motivos o mais interessantes possível.
Ⓔ Ela ficou meio atormentada com a notícia.

11. FGV – "Aqui há plantas que dão duas, três safras por ano."

Substituindo-se a forma verbal do trecho acima por outra, só não se respeitou a norma culta em:

Ⓐ Aqui existem plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓑ Aqui deve haver plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓒ Aqui podem existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓓ Aqui há de existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓔ Aqui pode haver plantas que dão duas, três safras por ano.

12. CESGRANRIO – Marque a frase em que a concordância nominal está correta:

Ⓐ Imagens e telefonemas diárias intrigavam os pesquisadores.
Ⓑ A garimpagem é proibido naquela região.
Ⓒ Havia místicos e pesquisadoras interessados no lugar.
Ⓓ Fotos e imagens eram a mesma de sempre.
Ⓔ A cidade crescia rapidamente, a olho vistos.

13. FUJB – "...trabalham 4,3 milhões de crianças e adolescentes." A frase abaixo que apresenta forma correta de concordância nominal ou verbal é:

Ⓐ "...trabalha 1,3 milhões de crianças e adolescentes."
Ⓑ "...trabalha 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓒ "...trabalham 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓓ "...trabalham 2,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓔ "...trabalha 2,3 milhões de crianças e adolescentes."

14. NCE-UFRJ – A frase abaixo com um <u>erro</u> de concordância (nominal ou verbal) é:

Ⓐ No anúncio da ótica, o óculos estava quebrado.
Ⓑ As crianças, por si mesmas, decidiram rabiscar o cartaz.
Ⓒ O anunciante era um dos que deveriam falar naquele congresso.
Ⓓ Nosso melhor guia devem ser a honra e o dever.
Ⓔ O bando de crianças mancharam os cartazes da feira.

15. NCE-UFRJ – "Nosso povo, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, não se identifica com o Estado." A forma <u>inadequada</u> de reproduzir-se esse mesmo período do texto é:

Ⓐ Nosso povo não se identifica com o Estado, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus.
Ⓑ Diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, nosso povo não se identifica com o Estado.
Ⓒ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente do nosso povo, não se identifica com o Estado.
Ⓓ Não só os americanos do Norte, mas também quase todos os europeus, se identificam com o Estado, diferentemente de nosso povo.
Ⓔ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente de nosso povo, se identificam com o Estado.

16. NCE-UFRJ – "Cerca de 75% do total de recursos doados nacionalmente vem de pessoas físicas." A respeito da concordância verbal e nominal presente nesta frase, pode-se verificar que:

Ⓐ a forma verbal concorda com a porcentagem;
Ⓑ o adjetivo "doados" deveria estar no singular, concordando com "total";

C a forma verbal concorda com “recursos”;
D a forma verbal concorda com a porcentagem ou com “total”;
E a forma verbal concorda com “total”.

17. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro de concordância quanto à norma culta é:

A Terminadas as doações, os milionários viajaram.
B A situação das doações foi considerada meia tranquila.
C O rosto dos necessitados era de uma coloração vermelho-escura.
D Dinheiro, equipamentos, nada podia ser dado.
E Ajudaram as fundações empresários e políticos.

18. FJPF – Na oração “Discrepâncias à parte, o fato é que nós, os caminhantes, formamos uma verdadeira tribo”, se o autor optasse por redigi-la sem o pronome nós, do ponto de vista da concordância verbal, considerando-se a norma culta da língua, poder-se-ia afirmar que:

A estaria incorreta, pois o sujeito “os caminhantes” exigiria o verbo na 3ª pessoa do plural;
B estaria correta, constituindo-se um caso de concordância ideológica;
C seria admissível, caso se tratasse de um texto não literário;
D é um caso de concordância praticado na língua clássica, mas em desuso na língua atual;
E para estar correta, o verbo teria de concordar com o sujeito “uma verdadeira tribo”.

19. FJPF – A concordância verbal está em conformidade com a norma preconizada pela gramática em:

A Não existe atualmente no Brasil grandes projetos em curso na área de educação.
B Fazem muitos anos que a educação deixou de ser prioridade entre nós.
C Os projetos que deveria estar em votação no Congresso encontram-se arquivados.
D Antigamente haviam homens que se preocupavam com a educação no país.
E A maioria dos projetos brasileiros pertencem a setores da educação tecnológica.

20. UPENET – Observando o trecho “...a ponto de seus moradores considerarem banal o assassinato de um ser humano...”, conclui-se que o termo sublinhado:

A poderia, neste contexto, também se flexionar no plural;
B concorda, apenas, com o termo “ser’”;
C constitui-se um exemplo da concordância do verbo com o seu sujeito;
D concorda em gênero e número com o nome a que se refere, “assassinato”;
E se manteria no singular, mesmo se o termo ‘assassinato’ se flexionasse no plural.

21. NCE-UFRJ – "Os EUA invadiram o Afeganistão." Segundo o gramático Celso Cunha p. 493, "os nomes de lugar e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo". Nesse caso:

- **A** a regra foi parcialmente respeitada;
- **B** a regra não se aplica ao segmento destacado do texto;
- **C** a autora não obedece à regra da norma culta;
- **D** o segmento do texto mostra outra possibilidade de concordância;
- **E** a autora do texto obedece fielmente à regra gramatical.

22. FJPF – O comentário correto acerca da concordância verbal em "Onde estavam todo aquele ruído, as carreiras pelo corredor, as brigas da velha Sinhazinha?" é:

- **A** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é composto.
- **B** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é indeterminado.
- **C** O verbo poderia estar no singular, porque o sujeito da frase é composto, mas posposto a ele.
- **D** O verbo poderia estar no singular, porque se faz preceder de um advérbio interrogativo.
- **E** Há erro de concordância, pois a frase não tem sujeito.

23. FGV – No trecho "o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem", o verbo foi flexionado corretamente no plural, observando o caso de sujeito composto com núcleos ligados por OU.

Assinale a alternativa em que, no mesmo caso, a flexão do verbo não seria possível:

- **A** Esperávamos que ele ou o irmão viessem nos apanhar.
- **B** Umidade intensa ou ressecamento excessivo não nos fazem bem.
- **C** João Carlos ou Pedro se casariam com Marta.
- **D** O jornal ou a revista podem apresentar detalhadamente a notícia.
- **E** Podem ser entregues o original do documento ou sua cópia.

24. FUMARC – A concordância verbal está correta, <u>exceto</u> em:

- **A** O relógio deu dez horas.
- **B** Na matriz, bateu oito horas.
- **C** O sinal da escola soou treze horas.
- **D** Eram sete horas, hora das orações.

25. FUMARC – <u>Não</u> há erro de concordância nominal apenas em:

- **A** Apesar da pouca experiência, os alunos produziram fotos cuja qualidade nos surpreendeu.

Ⓑ Por um descuido, os juros embutido no preço do equipamento acabaram não sendo computados.
Ⓒ A ema é uma ave grande, de pernas compridas e penas cinzentas, encontradas em nossos pastos.
Ⓓ Depois de muitas idas e vinda e de muita discussão com meu contador, estou finalmente quites com a Receita Federal.

26. NCE-UFRJ – "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura." Sobre os aspectos da concordância nominal e verbal dessa frase, podemos dizer que:

Ⓐ o adjetivo "inviável" concorda com "criatura";
Ⓑ a forma verbal "tornará" concorda com o sujeito posposto;
Ⓒ o pronome "qualquer" é invariável;
Ⓓ o numeral "terceiro" não concorda com o substantivo "planeta";
Ⓔ no plural, "quaisquer criaturas" não modificaria a forma do adjetivo "inviável".

27. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

Ⓐ Os americanos já tinham bastante motivos para mudar de política.
Ⓑ Que houvesse ou não existido opiniões contrárias a Bush não nos importava.
Ⓒ Vossa Excelência, George Bush, sereis recebido com honras na Venezuela.
Ⓓ Surgiu, no meio do processo, duas novas tendências políticas.
Ⓔ Bush e Clinton haviam chegado às mesmas conclusões.

28. UPENET – Assinale a opção que <u>não</u> se adequaria aos parâmetros da norma culta da língua:

Ⓐ "...ainda que possam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓑ "...ainda que possa haver outras definições bem diferentes,..."
Ⓒ "...ainda que hajam outras definições bem diferentes,..."
Ⓓ "...ainda que devam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓔ "...ainda que venha a haver outras definições bem diferentes,..."

29. NCE-UFRJ – "Haverá milhões de pessoas com Aids." A alternativa abaixo em que a substituição da forma do verbo "haver" está gramaticalmente <u>incorreta</u> é:

Ⓐ Deverá haver.
Ⓑ Poderá haver.
Ⓒ Poderá existir.
Ⓓ Existirão.
Ⓔ Deverão existir.

30. FJPF – A frase "Os cientistas acreditam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem" foi modificada, em cada alternativa abaixo, mediante substituição do verbo acreditar. A substituição é gramaticalmente mal sucedida em:

- **A** Os cientistas admitem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **B** Os cientistas creem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **C** Os cientistas inferem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **D** Os cientistas propõe que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **E** Os cientistas julgam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.

31. FJG – Na frase "[...] mas sempre havia um sonho, um projeto ou um desejo [...].", o verbo grifado apresenta o mesmo critério de concordância de:

- **A** "...existiam um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **B** "...existia um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **C** "...houve muitas mudanças no mundo [...]."
- **D** "...haviam mudado o mundo [...]."

32. FGV – "Lá, alunos ajudaram a criar um centro cultural..."

Assinale a alternativa em que, substituindo-se alunos no trecho acima por outra expressão, foi mantida a correção gramatical:

- **A** "Lá, 1,85% ajudaram a criar um centro cultural..."
- **B** "Lá, 0,98% ajudou a criar um centro cultural..."
- **C** "Lá, a maior parte ajudaram a criar um centro cultural..."
- **D** "Lá, tu e teus amigos ajudaram a criar um centro cultural..."
- **E** "Lá, dois terços ajudou a criar um centro cultural..."

33. CESGRANRIO – Na passagem "há apenas cadáveres e ruínas.", substituindo-se o verbo haver pela locução verbal, tem-se:

- **A** pode existir;
- **B** há de haver;
- **C** hão de haver;
- **D** deve existir;
- **E** devem haver.

34. CESGRANRIO – Assinale a frase correta quanto à concordância verbal:

- **A** Não fosse os pesquisadores e os arqueólogos, o passado continuaria desconhecido.
- **B** Se não houverem peixes no rio, a comunidade semeará e colherá.

Ⓒ Nenhuma das pessoas comentaram a respeito da vida dos habitantes.
Ⓓ Um pesquisador ou algum arqueólogo descobriram ali vestígio de outros povos.
Ⓔ A partir do século XIX encontraram-se na região vários sítios arqueológicos.

35. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a concordância segue a norma culta da língua:

Ⓐ Dos dois cientistas consultados, nem um nem outro aceitou o cargo.
Ⓑ Cada um dos jornalistas fizeram uma pergunta ao entrevistado.
Ⓒ Resta ainda muitas dúvidas sobre o cálculo dos juros.
Ⓓ Fazem dois meses que o cientista concedeu uma entrevista.
Ⓔ Os drogados não parecem perceberem o mal que fazem a si mesmos.

36. FEC – Das modificações feitas abaixo na redação da oração "a maioria dos economistas considera necessário que o país caminhe para a faixa de 25%", aquela em que a concordância está <u>incorreta</u>, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ **"...** a maioria dos economistas consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓑ **"...** grande parte dos economistas considera necessária uma nova faixa de investimentos em torno de 25%.**"**
Ⓒ **"...** metade dos economistas consideram necessário novas medidas que levem o país a caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓓ **"...** um entre dez economistas considera que são necessárias ao país as medidas que permitam caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓔ **"...** não só os economistas, mas também os empresários, consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**

37. CEPERJ – "Os psicólogos têm tido <u>bastante</u> trabalho..." A palavra em destaque deve ser flexionada no plural na frase:

Ⓐ Crianças são ___ curiosas em relação aos fatos da vida.
Ⓑ Certas crianças são ___ desenvolvidas para discernirem o certo do errado.
Ⓒ Os pais conseguem ___ resultados ao colocarem limites para seus filhos.
Ⓓ As origens das distorções não são ___ conhecidas.
Ⓔ Todos conhecemos ___ os limites que devem ser impostos.

38. CEPERJ – "Hoje, se algum telejornal não der a notícia, milhares de sites vão furá-lo..." Apresenta concordância <u>incorreta</u> a seguinte frase:

Ⓐ As milhares de matérias que publicamos são interessantes.
Ⓑ Os milhares de sites que visitamos são conhecidos.
Ⓒ Os milhares de provedores que consultamos são estrangeiros.

Ⓓ Os milhares de pessoas que consultam a rede são inteligentes.
Ⓔ Os milhares de usuários da rede são beneficiados.

39. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

40. NC-UFPR – Se, na frase "De todos os processos analisados por este conselho até agora, a materialidade dos fatos atribuídos ao representado é a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada", a expressão "a materialidade dos fatos" for substituída por "os fatos", serão necessários ajustes na concordância nominal e/ou verbal. Aponte a alternativa em que esses ajustes foram feitos corretamente:

Ⓐ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroverso, incontestáveis e indubitavelmente comprovados."
Ⓑ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovado."
Ⓒ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovados."
Ⓓ "...os fatos atribuídos ao representado são a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada."
Ⓔ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutíveis, incontroversos, incontestável e indubitavelmente comprovado."

41. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a frase está de acordo com regras de uso da língua estabelecidas pela gramática normativa:

Ⓐ Houveram vários casos de gripe aviária em países do leste europeu.
Ⓑ Falta poucos dias para o início da copa do mundo de 2006.
Ⓒ Faz tempo que a população não enfrenta verões com temperaturas tão altas.
Ⓓ Fazem anos que líderes mundiais discutem a paz no Oriente Médio.
Ⓔ Há três dias atrás não tinham pessoas interessadas no imóvel.

42. CESGRANRIO – Quando se substitui a expressão destacada em "Existe pelo menos um par de boas razões para isso." por pelo menos duas boas razões, a concordância, conforme a norma culta, será:

- Ⓐ Devem haver.
- Ⓑ Devem existir.
- Ⓒ Pode existir.
- Ⓓ É possível que hajam.
- Ⓔ Provavelmente têm.

43. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à concordância verbal:

- Ⓐ As casas, as ladeiras, tudo ficavam escondido pela neblina.
- Ⓑ Existe na cidade monumentos a preservar.
- Ⓒ Mistério e beleza convive em Ouro Preto.
- Ⓓ Não ocorreu na cidade grandes mudanças.
- Ⓔ Em Vila Rica viveram grandes poetas.

44. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa em que a concordância nominal não é adequada:

- Ⓐ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatória.
- Ⓑ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatórios.
- Ⓒ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção forçadas.
- Ⓓ A temperatura do Sol obrigava a obrigatório cuidado e proteção.
- Ⓔ A temperatura do Sol obrigava a obrigatória proteção e cuidado.

45. NCE-UFRJ – As regras de concordância nominal dizem que o adjetivo posposto a dois substantivos concorda com o mais próximo ou com o plural dos dois. No caso de "água e terra entrelaçadas", a afirmativa correta, entre as que estão abaixo, é:

- Ⓐ o adjetivo também poderia aparecer na forma "entrelaçada";
- Ⓑ a forma "entrelaçados" do adjetivo também estaria correta;
- Ⓒ se anteposto, a única forma possível do adjetivo seria "entrelaçada";
- Ⓓ por coerência lógica, a única forma possível do adjetivo é "entrelaçadas";
- Ⓔ o adjetivo refere-se exclusivamente ao substantivo "água".

46. FJPF – Tomando-se a oração "...incorporou-se a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços..." e efetuando-se alterações em sua redação, pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta, apresenta erro de concordância verbal a seguinte forma:

- Ⓐ Foram incorporadas a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.

B Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, incorporaram-se a qualidade e a excelência.
C A qualidade e a excelência incorporaram-se ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.
D Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços foi incorporada a qualidade e a excelência.
E A qualidade e a excelência, ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, foi incorporada.

47. FJPF – Entre as modificações feitas na frase "Infelizmente, essa é mais uma prova de que os procedimentos atuais de clonagem são ineficazes", a que contém erro de concordância é:

A Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz o método e os procedimentos atuais de clonagem.
B Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz os procedimentos e o método atuais de clonagem.
C Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz tanto o método quanto os procedimentos atuais de clonagem.
D Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes o método e os procedimentos atuais de clonagem.
E Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes os procedimentos e o método atual de clonagem.

48. FJPF – Consideradas as normas da língua padrão, a alternativa de concordância verbal entre parênteses é igualmente correta em:

A "De que lhe valia (valiam) aquele título de usineira, aquela fama de riqueza?"
B "Moradores vinham de muito longe consultar as mulheres e os filhos, que ficavam (ficava) em casa."
C "Muitos chegavam aflitos para que ela desse um jeito às mulheres, que estavam aperreadas sem que pudessem (pudesse) se aliviar dos filhos."
D "Podia se dizer que o povo do seu engenho não passava (passavam) necessidade."
E "Ali por perto moravam (morava) somente os mecânicos da fábrica, gente que vivia mais ou menos."

49. FEPESE – Assinale a alternativa <u>correta</u>:

A Vende-se apartamentos na praia mais bonita da ilha de Santa Catarina.
B Precisam-se de pedreiros para pequenas reformas.
C No futebol, nem sempre se obedecem às normas da CBF.
D Vaiou-se, por longo tempo, os apresentadores.
E Alugam-se casas para a próxima temporada de verão

50. FEPESE – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "ser":

Ⓐ Era duas da tarde quando a notícia foi veiculada.
Ⓑ Tudo foram desconfianças desnecessárias.
Ⓒ Nem tudo na vida é prazeres e ilusões.
Ⓓ Da minha casa até a de meu amigo é cinco quadras.
Ⓔ Isto será sonhos que jamais acontecerão.

51. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

52. NCE-UFRJ – Assinale a frase com erro de concordância da palavra mesmo:

Ⓐ A Portuguesa, mesmo derrotada, não cairá para a segunda divisão.
Ⓑ Ela mesma arrumou toda a casa.
Ⓒ Joana é teimosa mesmo.
Ⓓ As folhas rasgaram-se por si mesmo.
Ⓔ Na mesma praça, no mesmo jardim.

53. FJPF – De acordo com a norma culta do idioma, preencha abaixo os parênteses com C para enunciado correto e E para enunciado errado.

( ) Algumas pessoas preferem mais sol do que dias chuvosos.

( ) Ele informou o resultado a seus amigos.

( ) Fazem já alguns anos que a pesquisa ocorreu.

( ) Haviam muitos pesquisadores no grupo.

A sequência que se obtém, de cima para baixo, é:

Ⓐ E – E – E – C;
Ⓑ E – C – E – C;
Ⓒ C – E – C – E;
Ⓓ C – C – E – E;
Ⓔ E – C – E – E.

54. FJPF – De acordo com a norma culta da língua, há possibilidade de concordância facultativa – verbo no singular ou no plural – na seguinte frase:

A Deve haver (devem haver) muitos apreciadores dessa música.
B Fazia-se (faziam-se) muitas perguntas acerca da poluição sonora.
C Pode existir (podem existir) novas legislações a respeito.
D Mais de um vizinho reclamou (reclamaram) do incômodo barulho.
E Ele foi um dos que se insurgiu (se insurgiram) contra o excesso de ruído.

55. FJPF – Recorre-se à concordância verbal ideológica na seguinte passagem:

A À Prefeitura de Belém cabe coletar o lixo e dar a ele uma destinação final não lesiva aos interesses da sociedade.
B Só assim será possível evitar que ele vá se espalhar pelas ruas, atraindo animais transmissores de doenças.
C Somente assim, também, teremos todos a garantia de que o lixo não vai acabar nos canais.
D Nesse contexto, ocupa o centro das preocupações a questão do lixo urbano.
E A pergunta paira no ar, por enquanto ainda sem resposta satisfatória.

56. FGV – "Só 2,9 se encontravam."

Assinale a alternativa em que, alterando-se o percentual, cometeu-se <u>erro</u> de concordância verbal:

A Só 1,9% se encontrava.
B Só 29% se encontravam.
C Só 1% se encontrava.
D Só 3% se encontravam.
E Só 0,29% se encontravam.

57. FGV – "Como praticamente não <u>existem</u> estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos."

Assinale a alternativa que <u>não</u> poderia substituir o verbo <u>existem</u> no trecho acima, sob pena de se incorrer em inadequação gramatical:

A há de haver;
B hão de existir;
C haverá;
D devem haver;
E houve.

58. CESGRANRIO – Coloque C ou E nos parênteses, conforme esteja certa ou errada a concordância nominal realizada:

( ) Precisamos aceitar os fatos tais quais eles são.

( ) Não admirava nem um nem outro inventos.

( ) Comprou máquina fotográfica e celular moderno.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ C – E – C;
Ⓑ C – E – E;
Ⓒ C – C – C;
Ⓓ E – E – C;
Ⓔ E – C – C.

59. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à justificativa da concordância verbal, segundo a norma culta:

Ⓐ "...mas nem o pátio, nem os corredores, nem as escadas, nada tem o tamanho..." – O verbo está concordando com o sujeito "nada".
Ⓑ "Houve uma época..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "uma época".
Ⓒ "Alguém era grande no meu passado, fica pequeno no meu presente." – O verbo destacado concorda com o sujeito "alguém".
Ⓓ "Talvez seja esta a prova da sua existência:..." – O verbo concorda com o sujeito "esta".
Ⓔ "em que cabia com folga nossa imaginação e inocência..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "que".

60. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a concordância verbal está incorreta:

Ⓐ Felizmente, a supervisora colhe as informações.
Ⓑ Todas as pessoas aprovadas começam a trabalhar.
Ⓒ O grupo de recenseadores recebe instruções.
Ⓓ O candidato a recenseador faz as provas.
Ⓔ Os funcionários do grupo aprende a entrevistar.

61. CESGRANRIO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "fazer":

Ⓐ Vai fazer dez dias que não saio de casa.
Ⓑ Fazem dois meses que as notícias políticas surpreenderam o país.
Ⓒ Uma noite, fazem onze anos, eu estava passeando de carro novo.
Ⓓ Daqui a um mês, vão fazer três anos que a vida deles melhorou muito.
Ⓔ Dia 12 último, fizeram 25 anos de atividades filantrópicas.

62. FEPESE – Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal correta:

Ⓐ Pai e filhos acabou de sair.
Ⓑ Chegou os jogadores e o técnico.
Ⓒ Ainda falta cinco pessoas para o início da reunião.
Ⓓ Todos os condôminos aprovaram a eleição do novo síndico.

63. FEPESE – Marque a alternativa correta quanto à concordância verbal:

- **A** O horário, o clima, o local, nada nos favoreciam.
- **B** A mão de obra e o material subiram de preço.
- **C** Vassouras ficam no Estado do Rio.
- **D** Haverão melhores ocasiões para nos encontrarmos.
- **E** Fazem dois meses que não chove.

64. FEPESE – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à concordância nominal:

- **A** Ele pulou longos capítulos e páginas.
- **B** Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
- **C** O narrador pulou longos páginas e capítulos.
- **D** Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
- **E** Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

65. FEPESE – Observando a concordância verbal e nominal, assinale a alternativa correta:

- **A** Os agricultores estão bastante felizes com a safra deste ano.
- **B** O sr. Lobo foi quem colhemos menas maçãs neste ano.
- **C** Vossa senhoria estais meia cansada.
- **D** A água são necessário para o bom funcionamento do corpo humano.
- **E** Estados Unidos importam as verduras fresca que nós plantamos.

66. NCE-UFRJ – "Trata-se de um mal irreversível." Colocando-se essa frase no plural, sua forma correta é:

- **A** Tratam-se de uns males irreversíveis.
- **B** Tratam-se de males irreversíveis.
- **C** Tratam-se de dois males irreversíveis.
- **D** Trata-se de dois males irreversíveis.
- **E** Trata-se de males irreversíveis.

67. NCE-UFRJ – A alternativa em que o verbo deverá ficar somente no singular, diferentemente dos demais itens, nos quais poderá ir tanto para o singular quanto para o plural, é:

- **A** Ou a depressão ou a doença acabará por matá-lo.
- **B** Ou o romance ou o conto será lido nas férias.
- **C** Ou o presidente ou o diretor chegará antes.
- **D** Ou a minha ou a tua viagem entristece a todos.
- **E** Ou o queijo ou a geleia será do agrado de todos.

68. NCE-UFRJ – Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ São bastante ____ tais ideias e opiniões sobre a ecologia. (difundidas)
Ⓑ Serão ____ tanto os animais quanto os homens. (prejudicados)
Ⓒ Torna-se muito ____ a área e os meios de atuação dos fiscais. (reduzidas)
Ⓓ Podem ser neste ponto ____ a morte dos dinossauros e a atual extinção das espécies. (comparadas)
Ⓔ Ficam ____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrados)

69. NCE-UFRJ – Há erro de concordância na opção:

Ⓐ Baleias e golfinho extintas.
Ⓑ Golfinho e baleia extinta.
Ⓒ Golfinhos e baleia extintos.
Ⓓ Golfinhos e baleia extinta.
Ⓔ Golfinhos e baleias extintos.

70. NCE-UFRJ – Num trecho de Frei Betto, aparecia o seguinte segmento:

"Famílias e escolas deveriam educar os alunos para lidar com perdas."

Se colocássemos a forma verbal "deveriam educar" no início da frase, ela deveria continuar a ser usada exclusivamente no plural. A frase abaixo em que a forma verbal deveria ser usada, obrigatoriamente no singular, é:

Ⓐ Tombaram-se prédios e bibliotecas.
Ⓑ Vieram pesquisadores e curiosos.
Ⓒ Chegaram 1,2% do grupo.
Ⓓ Estiveram presentes o aluno e a aluna.
Ⓔ Analisaram-se os regimes e o sistema.

71. NCE-UFRJ – "Depressão pós-parto ou pobreza costumam ser as justificativas..." Neste caso, a concordância se faz com a forma verbal no plural (costumam) porque o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído tanto a "depressão" como a "pobreza". A frase abaixo em que a forma verbal deve vir no singular é:

Ⓐ A filha ou o filho abandonado devem ter a proteção da lei.
Ⓑ A mãe ou o pai devem ser responsabilizados pelo mal causado aos filhos.
Ⓒ Menino ou menina abandonada devem ser objeto de adoção.
Ⓓ A educação ou a lei devem fazer com que as crianças não sofram.
Ⓔ Minas ou São Paulo devem ser a sede de uma ONG de proteção à criança.

72. FUMARC – A concordância nominal está correta em:

Ⓐ Moto é muito perigosa; por isso os pais devem desestimular seus filhos a usar esse veículo.
Ⓑ Após longas discussões e reiterados pedidos à Justiça, foram quebrados os sigilos telefônico e bancário dos envolvidos.

C No relatório anual relativo a esta Diretoria, as atividades de cada um dos setores que a integram foram discriminados e quantificados.

D Recorrendo a uma técnica fotográfica que utiliza raios infravermelhos, raios ultravioletas ou luz fluorescente, foi possível recuperar a pintura.

73. FUMARC – A concordância está incorreta em:

A Os agricultores necessitam de um sistema educativo que os ajudem a resolver os seus problemas.

B Em face dessas circunstâncias, acredito que já não havia medida que as livrasse da prisão.

C Nos arquivos indicados, não foram encontrados pelo perito quaisquer provas que incriminassem o ex-servidor.

D É possível que exista documentos que comprovem a vigilância política durante a ditadura militar.

74. FUMARC – Trabalho aqui há dois anos. (fazer)

Já não há falantes dessa língua. (existir)

Tendo em vista a flexão verbal, a alternativa em que a substituição do verbo sublinhado pelo dos parênteses nas frases acima está corretamente indicada é:

A faz – existem;

B fazem – existe;

C faz – existe;

D fazem – existem.

75. NC-UFPR – Considere o seguinte conjunto de sentenças:

I. As emissoras de sinal aberto propõem gincanas atrapalhadas ao público. (A TV aberta)

II. A diferença, a julgar pela crise aguda que embrulha o mercado, já constitui um bom cartão de visita. (As diferenças)

III. Havia uma história de dívidas e cortes no orçamento assombrando as TVs abertas. (histórias)

IV. Foi preciso montar uma estrutura que já havia sido testada por profissionais experientes na área. (estruturas)

A substituição da expressão grifada pela que está entre parênteses não altera a flexão de nenhum dos verbos do período:

A em III, apenas;

B em I e III, apenas;

C em II, apenas;

D em II e IV, apenas;

E em I e IV, apenas.

76. NC-UFPR – Suponha que um contribuinte quisesse solicitar providências às autoridades, a quem se dirigiu com a forma "Vossas Excelências". Indique a alternativa em que esse pedido é feito com o uso adequado das formas pronominais:

Ⓐ Quero solicitar-vos que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de vossa responsabilidade.
Ⓑ Quero solicitar-lhes que adotem medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓒ Quero solicitar-lhe que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓓ Quero vos solicitar que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é da responsabilidade de Vossas Excelências.
Ⓔ Quero te solicitar que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de tua responsabilidade.

77. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

78. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a expressão grifada pode ser substituída pela que está entre parênteses sem necessidade de ajustes na concordância verbal e/ou nominal:

Ⓐ <u>O esforço</u> – cerca de dois milhões de mensagens – derrubou o Partido Popular do governo. (As manifestações)
Ⓑ Seriam necessárias <u>muitas gerações de usuários</u> para conseguir mudar a configuração do polegar. (séculos de uso dos celulares)
Ⓒ <u>Os jovens espanhóis e o Partido Socialista</u> mobilizaram a população por meio de mensagens em celulares. (o Partido Socialista)
Ⓓ <u>O fascínio nipônico</u> por esta forma de comunicação é tamanho que muitos jovens têm amigos que nunca viram. (O interesse dos japoneses)
Ⓔ No Japão, <u>a obsessão pelas telemensagens</u> é tamanha que os adolescentes ficaram conhecidos como "tribo do polegar". (o uso de telemensagens)

79. FUMARC – A concordância nominal está correta, exceto em:

- **A** Férias é bom quando se tem dinheiro.
- **B** Com esse calor, cerveja seria ótimo.
- **C** É necessário chuva para salvar as plantações.
- **E** É vedado a entrada de pessoas estranhas ao setor.

80. FUMARC – A concordância verbal está correta em:

- **A** As chamadas calças "cargo" são aquelas cheias de bolsos onde cabem tudo.
- **B** Chegou o resultado dos exames de sangue e também as tomografias da coluna cervical e da mandíbula.
- **C** Muitos homens não se cuidam como deveriam porque a sociedade os ensinam a ser duros e a sofrer silenciosamente.
- **D** Uma cena que se repetiu várias vezes na entrada do teatro foi a de pessoas vestidas a rigor mendigando ingressos a quem quer que lhes parecessem rico e generoso.

81. FJPF – Entre as alternativas abaixo, apresenta erro de concordância verbal:

- **A** Sempre existirão conceitos díspares sobre a tendência e sua manifestação.
- **B** Poderia haver noções acadêmicas sobre a tendência que eu desconhecesse.
- **C** Haverá de haver manifestações mais atuais sobre a tendência em nosso próximo encontro.
- **D** Considerou-se inaceitáveis as recentes propostas científicas sobre as tendências.
- **E** Mais de uma proposta sobre o conceito de tendência é aceita pelos especialistas.

82. FJPF – Complete as lacunas das frases abaixo com os termos entre parênteses, observando a concordância, de acordo com a norma culta da língua.

I. É preciso ter mais paciência e ___ acomodação. (menos)

II. Havia razões ___ para que não se separassem. (bastante)

III. Calma é ___ para um casamento feliz. (necessário)

IV. A esposa estava ___ furiosa com suas atitudes. (meio)

Observando a ordem de cima para baixo, a sequência correta será:

- **A** menos – bastante – necessário – meio;
- **B** menos – bastantes – necessário – meio;
- **C** menas – bastante – necessário – meia;
- **D** menas – bastante – necessária – meia;
- **E** menos – bastantes – necessária – meio.

83. FJPF – "Proibido cantar" A alternativa abaixo em que a concordância com a palavra "proibido" está <u>errada</u> é:

Ⓐ É proibido sair pelos fundos.
Ⓑ É proibido saída pelos fundos.
Ⓒ Está proibido sair pelos fundos.
Ⓓ É proibida a saída pelos fundos.
Ⓔ A saída pelos fundos está proibido.

84. NCE-UFRJ – Num relatório, um pesquisador escreveu o seguinte:

"Mais de um participante do Congresso admitiu que dois milhares de folhas de papel eram mais do que suficientes."

Pode-se afirmar sobre esse segmento que:

Ⓐ ele não apresenta qualquer erro gramatical;
Ⓑ a forma do verbo "admitir" teria que ser usada no plural;
Ⓒ o numeral "dois" deveria ser trocado por "duas";
Ⓓ o adjetivos "suficientes" deveria ser usado no singular;
Ⓔ o verbo "ser" deveria ser usado no singular.

85. NCE-UFRJ – Numa frase como "Cerca de 13% da população brasileira ingressa no nível superior":

Ⓐ a expressão "cerca de" apresenta uma quantidade precisamente determinada;
Ⓑ a forma verbal "ingressa" concorda com "13%";
Ⓒ haveria uma outra possibilidade de concordância verbal;
Ⓓ a ação verbal não é atribuída a nenhum sujeito;
Ⓔ a omissão da locução "cerca de" obrigaria que a forma verbal fosse para o plural.

86. NCE-UFRJ – "...especialmente nas redes federal e estadual de São Paulo." O mesmo tipo de concordância que ocorre entre "redes" e "federal e estadual" repete-se em:

Ⓐ "...primeira e segunda séries."
Ⓑ "...faculdade e escola particulares."
Ⓒ "...aluno e aluna carentes."
Ⓓ "...intenso estudo e trabalho."
Ⓔ "...mês e semana trabalhosa."

87. NCE-UFRJ – Concordância é a harmonia de flexão das palavras de uma frase.

Em relação à concordância nominal, a frase que segue as normas previstas na gramática é:

Ⓐ Muito obrigado, agradeceu ela ao motorista.
Ⓑ Finalmente estou quites com o serviço militar.

Ⓒ Meu amor, estou enviando anexo umas fotos.
Ⓓ Aqueles jovens sós desejavam companhia.
Ⓔ Hoje há menas tarefas de casa, para serem feitas.

88. FJPF – As normas de concordância nominal possibilitam ao falante, ao lado da forma usada no texto, a escolha do adjetivo na forma sugerida em:

Ⓐ "...assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários..." / secundário.
Ⓑ "...terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro." / imoral.
Ⓒ "Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros..." / enaltecidas.
Ⓓ "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos." / audaciosas.
Ⓔ "...não foi fortuita a circunstância de se terem encontrado neste continente..." / fortuito.

89. FJPF – Do ponto de vista da concordância, o verbo sublinhado no período "O universitário brasileiro em geral espera que os aspectos de qualidade dos cursos que <u>fazem</u> dependam dos seus professores" está:

Ⓐ gramaticalmente incorreto;
Ⓑ concordando gramaticalmente com o termo sujeito;
Ⓒ gramaticalmente correto, mas numa forma em desuso;
Ⓓ concordando gramaticalmente com o termo predicativo;
Ⓔ concordando ideologicamente com o termo sujeito.

90. CESGRANRIO – "Os mares parecem guardar a resposta sobre a origem da vida..."

Indique a opção que <u>não</u> reescreve adequadamente a sentença acima, de acordo com a norma culta.

Ⓐ Os mares parece que guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓑ Os mares guardam – parece – a resposta sobre a origem da vida.
Ⓒ Parecem os mares guardarem a resposta sobre a origem da vida.
Ⓓ Parece que os mares guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓔ Que os mares guardam a resposta para a origem da vida parece.

91. Há <u>erro</u> de concordância em:

Ⓐ Pensou-se que faltava algumas pessoas importantes à reunião.
Ⓑ Anexas ao relatório vão as duas vias deste documento.
Ⓒ Podia haver várias divergências no recinto.
Ⓓ Mais de um orador falou sobre desafios.
Ⓔ Faz anos que ele comparece ao debate.

92. FEPESE – Leia atentamente as proposições abaixo:

____ de fiscais eficientes.

José e eu ____ passar no concurso.

Luís saiu de manhã, _____ ainda estava muito frio.

Sabe-se que ____ muitos acidentes naquela época.

____ dez dias que meu irmão partiu para o Canadá.

Espero que Vossa Senhoria ____ a meu pedido.

Assinale a opção que preenche, de forma sequencial e correta, as lacunas.

Ⓐ Precisam-se – querem – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓑ Precisa-se – queremos – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓒ Precisa-se – queremos – onde – houveram – Faz – atenda.
Ⓓ Precisam-se – queremos – onde – houve – Fazem – atendais.
Ⓔ Precisa-se – queremos – quando – houveram – Fazem – atenda.

93. NC-UFPR – Escolha a alternativa em que a sentença foi escrita de acordo com as normas cultas de concordância:

Ⓐ Falta muitas informações para que se possa estabelecer a relação entre o carnaval e o samba.
Ⓑ Começou a surgir, a partir do século 19, ritmos que depois passaram a caracterizar o carnaval brasileiro.
Ⓒ Xingamento, correria e perseguição era as brincadeiras mais comuns dos carnavais dos primeiros tempos.
Ⓓ Quando o carnaval chegou ao Brasil, faziam séculos que ele tinha sido criado.
Ⓔ Havia brincadeiras violentas no carnaval brasileiro dos primeiros tempos.

94. FUMARC – A concordância verbal se faz, corretamente, no singular ou no plural, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Um milhão de torcedores lotou o Mineirão. / Um milhão de torcedores lotaram o Mineirão.
Ⓑ Gabriela era uma das meninas que mais estudava. / Gabriela era uma das meninas que mais estudavam.
Ⓒ Os Estados Unidos não assinou o Tratado de Kioto. / Os Estados Unidos não assinaram o Tratado de Kioto.
Ⓓ A multidão de ecologistas protestou aos quatro cantos. / A multidão de ecologistas protestaram aos quatro cantos.

95. FUMARC – A concordância nominal está <u>correta</u> em:

Ⓐ Uma vez transcorridos, sem manifestação do interessado, o prazo de dez dias que lhe fora concedido para regularizar sua situação, foram tomadas as medidas legais cabíveis.

B Ao contrário do que dizem os boatos veiculados pela imprensa, Sua Excelência anda muito preocupada com a segurança em nossa cidade.

C No último ano, o governo promoveu melhorias diversas, como o reajuste de vencimentos dos servidores, obras de infraestrutura e de saneamento, entre outros.

D Foi realmente necessário a criação de um novo mecanismo de controle de constitucionalidade, a ADC, a fim de reduzir os custos transacionais na implementação da política fiscal.

96. NCE-UFRJ – "Há tantas famílias querendo adotar bebês." A alternativa abaixo que substitui <u>incorretamente</u> a forma do verbo "haver" é:

A Pode haver.

B Deve haver.

C Podem existir.

D Há de haver.

E Deve existir.

97. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

A Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendia fazer.

B Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazer.

C Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendiam fazerem.

D Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazerem.

E Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendia fazer.

98. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal:

A Não havia razões bastantes para que se duvidasse das palavras do réu.

B Não haviam razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

C Não haviam razões bastante para que se duvidassem das palavras do réu.

D Não havia razões bastante para que se duvidasse das palavras do réu.

E Não havia razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

99. DAVES – "A continuidade do sistema de blindagem na economia, com a manutenção dos eixos da estabilização, e a importância da real política de interesses partidários, vital para sustentação da base governamental, estão colaborando para raspar da imagem de Lula a tintura carismática que, até bem pouco, envernizava totalmente seu perfil."

No texto lido, a palavra "vital"

A está empregada no singular para enfatizar a expressão "importância da real política".

B deveria ter sido empregada no plural para concordar em número com a expressão “interesses partidários”.
C está empregada no singular porque se refere à palavra “política” e com ela concorda em número.
D está empregada no singular, desobedecendo à exigência de concordância, para surtir efeito estilístico.
E está empregada no singular por exigência da preposição que a segue imediatamente.

100. NUCEP – Observe a concordância dos verbos nos enunciados seguintes e identifique aquele em que essa concordância se fez conforme as regras da norma padrão:

A No final do século XIX e início do século XX, notável presença de instituições e populações estrangeiras foram observadas na região da fronteira brasileira.
B Segundo informações recentes, a construção de mais três escolas estão nos planos da Secretaria de Educação do Estado.
C Segundo os analistas ambientais do Ibama, a ocupação urbana nas áreas limítrofes da reserva amazônica comprometeram os efeitos ecossistêmicos positivos da área.
D O conhecimento existente sobre as leis brasileiras está disperso e a discussão e a identificação dessa questão devem constituir prioridade nacional.
E A pesquisa sociológica levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese sobre o caráter excessivo da legislação brasileira.

101. COSEAC-UFF – Há exemplo de concordância verbal que, destoando das normas gerais de concordância descritas pela gramática, se realiza com o mesmo propósito expressivo que em: “E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal” na seguinte passagem:

A “Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se.”
B “Podemos modelar nosso corpo e nossa vida, mais que no passado.”
C “Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras.”
D “Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil.”
E “Esse desejo baixo, mínimo (‘só quero parar de sentir dor’) admite que, moralmente, todos paguemos por ele.”

102. COSEAC-UFF – Na oração "Existem soluções e diagnósticos para todos os gostos", a concordância verbal foi feita de acordo com as normas da língua padrão. Dos itens abaixo, aquele em que está incorreto, porque deixou de ser observada norma de concordância, é:

Ⓐ Hão de existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓑ Pode haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓒ Hão de haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓓ Devem existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓔ É provável que haja soluções e diagnósticos para todos os gostos.

103. COSEAC-UFF – Determinado falante, tentando reescrever no plural a frase "Não se trata, ao que parece, de um caso isolado", fica indeciso entre dar-lhe uma das seguintes formas:

I. Não se tratam, ao que parece, de casos isolados.

II. Não se trata, ao que parecem, de casos isolados.

III. Não se tratam, ao que parecem, de casos isolados.

IV. Não se trata, ao que parece, de casos isolados.

De acordo com as normas de concordância da língua, ele deveria escrever:

Ⓐ na forma I;
Ⓑ facultativamente, nas formas I e II;
Ⓒ facultativamente, nas formas II e III;
Ⓓ facultativamente, nas formas III e IV;
Ⓔ na forma IV.

104. COSEAC-UFF – Em muitos contextos, a concordância do verbo com o sujeito da oração pode ser feita de maneira facultativa, observando-se os aspectos gramaticais e estilísticos, como na frase "A maioria dos escritores já aderiu (ou aderiram) à novidade que consiste na publicação de livros eletrônicos".

Entre as frases abaixo, todas com concordância verbal facultativa, a que só admite uma única forma de concordância, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ João Ubaldo foi um dos autores que aceitou sem reservas o livro eletrônico.
Ⓑ Em muitas locadoras da cidade, alugam-se *e-books* dos mais variados autores.
Ⓒ Surgiu, no mercado editorial, mais uma editora e mais dois autores comprometidos com a tecnologia do *e-book* .
Ⓓ Não só o escritor João Ubaldo como também o livreiro Carlos Augusto Lacerda acreditam no sucesso do livro eletrônico.
Ⓔ Grande parte dos autores teve a atitude inovadora de Ubaldo Ribeiro.

105. COSEAC-UFF – A concordância nominal que contraria a norma preconizada por nossas gramáticas encontra-se em:

- **A** ...modelos e comportamento ainda embrionário...
- **B** ...qualidade e poder divino...
- **C** ...elos e redes interativas...
- **D** ...ideais e concepção mais antropocêntricas...
- **E** ...cultura e desenvolvimento ecológicos...

106. COSEAC-UFF – Considerando-se as normas da língua culta, pode-se afirmar que, das frases abaixo, aquela que está correta do ponto de vista da concordância verbal é:

- **A** Os casos de dependência de internet aumenta a cada ano em todo o mundo.
- **B** Os pais, além do jovem, precisa se preocupar com o uso prolongado do computador.
- **C** Nenhum dos adolescentes atendidos tiveram alta ainda.
- **D** Novos grupos de acompanhamento psicoterápico começarão amanhã.
- **E** Cada um dos pacientes apresentaram um perfil de dependência bem distinto.

107. FUNRIO – As frases abaixo reúnem algumas das considerações que o texto apresenta sobre o papel da imprensa na sociedade de hoje, mas, em uma delas, a construção sintática está em desacordo com os padrões formais da língua. Assinale-a:

- **A** Não deveria haver tantas mentiras e manipulações em nome da grande pátria.
- **B** Há corporações cujas pressões econômicas levam muitos veículos a omitir informações.
- **C** Fazem séculos que a liberdade de expressão busca compensar as pressões do Estado.
- **D** A maioria dos jornalistas pode ser acusada de não contar a verdade para seus leitores.
- **E** Os Estados Unidos votaram contra a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas.

108. FUNRIO – Segundo o padrão formal da língua, há desvio de concordância na opção:

- **A** 17,2% dos jovens brasileiro continuam fumando;
- **B** 18,2% deixaram de fumar;
- **C** 18,2% da população brasileira com mais de 15 anos deixaram o cigarro;
- **D** 17,2% continuam fumando;
- **E** 65% de fumantes pensam em parar de fumar.

109. FEC – Na frase "À noite, o mundo é bonito, como se não houvesse desacordos, aflições, ameaças", respeitou-se a sintaxe de concordância do verbo <u>haver</u>. O mesmo verbo, entretanto, está empregado <u>incorretamente</u> na frase:

Ⓐ Tinha confiança no futuro, pois haveria de haver dias melhores.
Ⓑ Muitos erraram; entretanto poucos o hão reconhecido.
Ⓒ Advertiria não só o aluno, como a todos que houvessem de advertir-se.
Ⓓ Os jovens foram condenados sem que houvesse provas convincentes.
Ⓔ Atendemos muitos pedidos, mas inúmeros outros haviam para atender.

110. FEC – Entre as modificações feitas abaixo na frase:

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes", a única gramaticalmente <u>inadmissível</u> é:

Ⓐ Até os doentes parece que estão mais felizes.
Ⓑ Mesmo os doentes parecem serem mais felizes.
Ⓒ Mesmo os doentes parecem que são mais felizes.
Ⓓ Até os doentes parece serem mais felizes.
Ⓔ Mesmo os doentes parecem estar mais felizes.

111. VUNESP – Na frase "Então apareceram os bichos", a concordância verbal está correta. Assinale a alternativa em que há erro de concordância verbal:

Ⓐ Feito o exame da obra, é pedido os documentos.
Ⓑ Já chegaram o presidente e sua comitiva.
Ⓒ Nem eu nem ele o conhecemos.
Ⓓ Poucos de nós conhecemos nossos direitos.
Ⓔ Espero que Vossa Senhoria faça boa viagem.

112. CCV-UFC – Assinale a alternativa cujo verbo grifado admite outra concordância, conforme a norma gramatical:

Ⓐ "...a maioria das pessoas 'tomasse' a ciência como um 'deus.'"
Ⓑ "...muitas ainda acreditam que a Ciência e a Tecnologia provocam..."
Ⓒ "O conhecimento científico e tecnológico, (...), é uma forma que..."
Ⓓ "Ao mesmo tempo em que ultrapassou os seus limites de bondade."
Ⓔ "...a escassa reflexão sobre a forma e o modelo do conhecimento produzido traz algumas consequências negativas..."

113. VUNESP – Leia as frases.

I. Devem fazer muitos anos que os chineses usam pauzinhos para comer.

II. Comer com palitos orientais pode causar artrose, haja visto o número de pessoas com essa doença.

III. A população chinesa está meio preocupada com a artrose causada pelo uso dos pauzinhos.

Quanto à concordância verbal e nominal, apenas:

- **A** I está correta;
- **B** II está correta;
- **C** III está correta;
- **D** I e II estão corretas;
- **E** II e III estão corretas.

114. FEC – A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

- **A** O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
- **B** Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
- **C** Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
- **D** Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
- **E** As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

115. UPENET – Leia os versos abaixo e responda.

"Em Pasárgada tem tudo

[...]

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas" (Manuel Bandeira)

O emprego do verbo ter nos contextos acima é característico da língua popular. Assinale a alternativa em que a substituição desse verbo se faz de acordo com a língua culta:

- **A** Deve haver telefone automático. / Existe prostitutas bonitas.
- **B** Existe telefone automático. / Deve existir prostitutas bonitas.
- **C** Há alcalóide à vontade. / Há prostitutas bonitas.
- **D** Deve haver tudo. / Devem haver prostitutas.
- **E** Existe alcalóide à vontade. / Existe prostitutas bonitas.

116. FEC – A alternativa em que, sem prejuízo das normas de concordância, a forma verbal sugerida pode substituir a forma empregada no texto é:

- **A** "A tripulação se ressente da falta de alimentos frescos." / ressentem.
- **B** "A má conservação dos alimentos é um problema grave." / são.
- **C** "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / disfarçarem.
- **D** "Talvez venham daí as febres e diarreias que atormentam a todos." / atormenta.
- **E** "Essas doenças não só minam o corpo como entorpecem a mente." / entorpece.

117. FEC – De acordo com as regras de concordância, está incorreta a frase:

- **A** Entre os atos praticados, este era um dos que tinham natureza formal.
- **B** Nenhum dos atos praticados eram de cunho formal.
- **C** Os atos formas e materiais, um e outro são fruto da vontade.
- **D** Quanto aos atos formal e material, ambos são fruto da vontade.
- **E** Mais de um ato praticado era de natureza formal.

118. FEC – Quanto à concordância, a frase mal construída é:

- **A** Não foi eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **B** Não fui eu quem me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **C** Não fui eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **D** Não fui eu quem se referiu a esse ato na conferência da semana passada.
- **E** Não foi ele que se referiu a esse ato na conferência da semana passada.

119. FEC – Em: "O relógio da varanda bate dez horas.", encontra-se correta a concordância verbal, o mesmo, porém, não se podendo afirmar de uma das opções a seguir; indique-a:

- **A** Nem um nem outro acatou a decisão.
- **B** Os brasileiros somos esperançosos.
- **C** Mais de um aluno faltou à aula.
- **D** Ele foi um dos que mais trabalhou em prol dos necessitados.
- **E** Vinte por cento dos inscritos confirmou a matrícula.

120. FEC – No trecho: "A noite vai ficando velha...", observa-se a concordância nominal, de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não acontece, entretanto, em um dos itens abaixo. Marque-o:

- **A** Estavam abandonados a empresa, a indústria e o casarão.
- **B** Referia-se à vaidade e orgulho excessivo.
- **C** É necessário a ajuda de todos.
- **D** Havia bastantes motivos para tal desfecho.
- **E** Deveremos todos permanecer alerta e conscientes.

121. FEC – As frases a seguir contêm lacunas no lugar dos verbos.

I. Cada um dos animais ____ receber tratamento adequado às suas necessidades.

II. Não só os ursos, mas também os elefantes daquele zoológico ____ falta de espaço.

III. Todo mês, ____ para o zoológico municipal as aves apreendidas pelo Ibama.

Os verbos que, respectivamente, completam corretamente as lacunas estão em:

- **A** deve – sente – encaminham-se;
- **B** devem – sente – encaminham-se;

Ⓒ deve – sente – encaminham-se;
Ⓓ devem – sentem – encaminha-se;
Ⓔ deve – sentem – encaminham-se.

122. FEC – A alternativa em que a concordância é facultativa, podendo o verbo, conforme indicado, empregar-se na terceira pessoa do singular ou do plural, é a seguinte:

Ⓐ "Há cerca de 50 anos não havia televisores em nossas casas." (haviam).
Ⓑ "...e ninguém tinha ideia sobre o que fazia as estrelas brilharem..." (faziam).
Ⓒ "...os conhecimentos científicos certamente o ajudarão a tomar decisões mais equilibradas." (ajudará).
Ⓓ "...de difundir democraticamente estes conhecimentos e aplicações, fazendo-os chegar a todas as nações e todos os membros de suas comunidades..." (chegarem).
Ⓔ "O grande vulto das descobertas da ciência e das criações de tecnologia e o imenso poder que propiciam às nações..." (propicia).

123. FEC – Ao reescrever-se a voz passiva analítica em passiva pronominal, cometeu-se um <u>erro</u> de concordância verbal na seguinte alternativa:

Ⓐ "...mas essa carga geralmente é consumida nos primeiros dias de viagem..." / ...mas consome-se geralmente essa carga nos primeiros dias de viagem.
Ⓑ "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / Usa-se os temperos fortes para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados.
Ⓒ "As refeições são preparadas num fogão a lenha existente no convés." / Preparam-se as refeições num fogão a linha existente no convés.
Ⓓ "As necessidades são feitas diretamente no mar." / Fazem-se as necessidades diretamente no mar.
Ⓔ "Seu estojo é composto de seis navalhas..." / Compõe-se seu estojo de seis navalhas...

124. FCC – Quanto à concordância verbal, está inteiramente correta a frase:

Ⓐ Devem-se ressaltar, nos meios de comunicação, a constância com que promovem abusos, na exploração da cultura popular.
Ⓑ Nem mesmo um pequeno espaço próprio querem conceder à cultura popular os que a exploram por interesses estritamente econômicos.
Ⓒ Restam das festas, dos ritos e dos artesanatos da cultura popular pouco mais que um resistente núcleo de práticas comunitárias.
Ⓓ Muita gente acredita que se devem imputar aos turistas a responsabilidade por boa parte desses processos de falseamento da cultura popular.
Ⓔ Produzem-se nas pequenas células comunitárias, a despeito das pressões da cultura de massa, lento e seguro dinamismo de cultura popular.

125. FCC – Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

- **A** Sobrevieram à tragédia de 11/9 consequências profundas, como a psicose coletiva a que se renderam muitos cidadãos nova-iorquinos.
- **B** Agregou-se ao cotidiano de Nova York, a despeito das medidas de segurança, sentimentos de medo e desconfiança generalizados.
- **C** Uma certa soberba, característica dos americanos, mesmo depois do atentado de 11/9 não se aplacaram.
- **D** Muitas vezes decorre de uma grande tragédia coletiva, como a de 11/9, sentimentos confusos, como os da humilhação, da revolta e da impotência.
- **E** Sobrevivem até mesmo depois de grandes tragédias a tendência dos homens ao prosaísmo e ao mau gosto, como no uso da expressão *dez de setembro.*

126. CESGRANRIO – Observe o período abaixo:

"<u>Você</u> tem sido um vizinho muito compreensivo, e <u>eu</u> ando meio relapso na criação de meu bicho de estimação."

Substituindo-se as palavras em destaque por seus correspondentes plurais, mantendo-se a norma padrão de concordância, chega-se ao seguinte período:

- **A** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos nas criações de nossos bichos de estimações.
- **B** Vocês têm sido um vizinho muito compreensivo, e nós andamos meio relapso na criação de meus bichos de estimação.
- **C** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **D** Vocês tem sido um vizinho muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **E** Vocês tem sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapso nas criações de meus bichos de estimação.

127. CESGRANRIO – A sentença em que o verbo está corretamente flexionado de acordo com a norma padrão, sem provocar contradição de significado, é:

- **A** O acaso ou a intencionalidade foi a causa da descoberta do Brasil.
- **B** Haviam 60% de possibilidades de o Brasil ter sido descoberto por acaso.
- **C** Eu e vocês acreditam na descoberta casual do nosso país.
- **D** Não gastava a corte tempo com as preocupações que ocupava os historiadores.
- **E** Devem haver mais evidências para a tese de descoberta casual do Brasil.

128. FUNCAP – A concordância está de acordo com a norma padrão, na frase:

- **A** Tratam-se de opiniões diferentes sobre a identidade do pé de milho.
- **B** São opiniões – seja do primeiro amigo ou do segundo – que mantém a dúvida do leitor sobre a identidade do vegetal.

C Há conceitos, no interior do texto, que podem ser interpretados de diferentes formas pelo leitor.
D Detesta-se comparações surrealistas, mas o vegetal parecia um cavalo.
E Secou as pequenas folhas, pareciam que iam morrer.

129. MOURA MELO – Indique a alternativa incorreta acerca da concordância nominal:

A Depois de te esperar por duas horas no restaurante, estamos quites.
B Na confraternização de final de ano, a oitava e a nona série foram muito indisciplinadas.
C Eu já lhe expliquei mais de mil vezes que nem um nem outro alimento é saudável.
D A encomenda dos soldados vão anexas aos uniformes.

130. MOURA MELO – Analise as assertivas abaixo acerca da concordância dos termos:

I. Com o dinheiro da herança, comprou-se dois terrenos.

II. Hoje faz exatamente três semanas que estou grávida.

III. O calote será enorme, haja visto seu saldo bancário.

A I e III estão corretas.
B Apenas II está correta.
C II e III estão corretas.
E Apenas I está correta.

131. FAPIPA – Assinale a alternativa que apresenta erro de concordância.

A "Nove parentes da moça também não apresentavam impressões digitais."
B "Sprecher explica que não só as pontas dos dedos detêm padrões exclusivos para cada humano."
C "A análise dessas marcas permitem conhecer mais sobre a característica das pessoas..."
D "Apenas 4 famílias no mundo foram diagnosticadas com a doença."
E "...a ausência total das marcas na ponta dos dedos não traz maiores problemas..."

132. CESGRANRIO – De acordo com as regras de concordância nominal do uso padrão da Língua Portuguesa, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere.

No trecho a seguir, a flexão dos adjetivos expressos e geradas segue esse uso padrão.

"Nesse novo modelo, os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de contribuições pelos estudantes, geradas por meio de buscas ou de interações com

qualquer parte do mundo ou da História, e expressos nas mais diversas formas midiáticas que fomos, até ontem, capazes de conhecer."

A flexão desses adjetivos pode ser justificada porque eles se referem, respectivamente, a:

Ⓐ conteúdos e contribuições;
Ⓑ conhecimentos e interações;
Ⓒ alunos e contribuições;
Ⓓ conteúdos e interações;
Ⓔ estudantes e contribuições.

133. UPENET – Observe as afirmativas abaixo sobre concordância nominal:

I. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo! Viajou no tempo qual falcão alado. Tornou-se próspero, tão forte e valoroso." – os adjetivos sublinhados neste trecho concordam com o termo "tempo".

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível" – se o termo sublinhado estivesse no plural, estaria correto o trecho: Dentro do bonde, uns anúncios bem visíveis.

III. "Pro passageiro ficar bem informado" – substituindo-se o termo sublinhado por passageiras, estaria correto o trecho: Pras passageiras ficarem bem informadas.

IV. "- Mas que apito tão lindo e demorado!" – se se acrescentasse o termo sineta após apito, estaria correto o trecho: Mas que apito e sineta tão lindas e demoradas.

Somente está correto o que se afirma em:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ II, III e IV;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ II e III.

134. UPENET – "Sei que ainda há muitos descontentes."

A seguir, apresentam-se várias reconstruções da frase, ora com o verbo haver, ora com o existir. Uma construção, entretanto, é inadmissível quanto à concordância. Assinale-a.

Ⓐ Sei que ainda existirão muitos descontentes.
Ⓑ Sei que ainda deverão haver muitos descontentes.
Ⓒ Sei que ainda podem existir muitos descontentes.
Ⓓ Sei que ainda existem muitos descontentes.
Ⓔ Sei que ainda vai haver muitos descontentes.

135. UPENET – Leia o anúncio abaixo:

GERENTES DE LOJA

Requisitos:

***Experiência mínima de 3 anos de gerência.**

***Sexo feminino.**

***Idade entre 30 e 40 anos.**

***Nível superior.**

***Usuária de computador.**

***Salário Excepcional**

Os interessados deverão enviar currículos com foto para rua das Belezas, n. 10, Recife – PE, CEP 51031-420. Recursos Humanos.

Este anúncio apresenta uma inadequação de concordância nominal em:

Ⓐ Os interessados deverão enviar.
Ⓑ Idade entre 30 e 40 anos.
Ⓒ Gerentes de loja.
Ⓓ Nível superior
Ⓔ Experiência mínima de 3 anos em gerência.

136 – ACAFE – Quanto à concordância verbal e nominal, todas as frases estão corretas, <u>exceto</u> a:

Ⓐ Na seleção dos informantes, serão selecionados aqueles que apresentarem um leque maior de conhecimentos sobre o tema.
Ⓑ Finalmente, está sendo discutido os termos da proposta de uso de nossas instalações por pessoas estranhas à repartição.
Ⓒ Para que a ação seja ajuizada, deve haver provas materiais e testemunhais, além de argumentos consistentes.
Ⓓ Há mais ou menos trinta dias, houve aqui duas festas sobre as quais muito ainda vai se falar.
Ⓔ Assim, explicamos que nossa relação com as entidades sindicais impõe certas condições e demandas que dificultam a correta interpretação dos fatos.

137. COPEVE-UFT – Analise os enunciados abaixo quanto ao uso do advérbio:

I. Elas estão meio cansadas.

II. Parece que há menas gente hoje.

III. As crianças parecem meio inquietas.

IV. A menina estava meia triste.

V. Hoje há muito menos gente do que ontem.

De acordo com a linguagem culta, podemos dizer que:

Ⓐ I, III e V estão corretas;
Ⓑ II, IV e V estão erradas;
Ⓒ III, IV e V estão corretas;
Ⓓ todas estão corretas.

138. FEC – Em: "Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação...", observa-se:

Ⓐ erro quanto à norma culta de concordância do português contemporâneo;
Ⓑ concordância exclusiva da norma corrente em Portugal;
Ⓒ concordância ideológica, não concordância com a morfologia do sujeito;
Ⓓ concordância característica do estilo afetado de certos falantes da língua;
Ⓔ uma gralha, ou cochilo de impressão.

139. FEC – Na oração "China, Austrália e partes dos Estados Unidos estão na mira da catástrofe", o sujeito composto leva o verbo para o plural. Das alterações feitas a seguir na redação da oração, apresenta erro de concordância a seguinte:

Ⓐ Os Estados Unidos está na mira da catástrofe.
Ⓑ China e Austrália estão na mira da catástrofe.
Ⓒ Parte da Europa está na mira da catástrofe.
Ⓓ Partes da Europa e Estados Unidos estão na mira da catástrofe.
Ⓔ Não só a China e a Austrália, mas também a Europa e os Estados Unidos estão na mira da catástrofe.

140. FEC – Na passagem "...valores já quase desaparecidos...", destaca-se a concordância nominal, segundo as regras gramaticais vigentes, o que não podemos afirmar de uma das afirmativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Continuavam inabitados a palhoça, a casa e o chalé.
Ⓑ Pareceu-me orgulho e vaidade excessivas.
Ⓒ Buscava fatos o mais elucidativos possível.
Ⓓ Na Suíça, falam-se as línguas francesa, italiana e alemã.
Ⓔ Havia bastantes razões para negarmos o pedido.

141. UPENET – Uma das dificuldades da língua escrita formal é operar a concordância em certos contextos. Considerando a norma culta, assinale a única construção correta em relação à concordância verbal e nominal.

Ⓐ Não cabia mais, na estante, nenhuma das gramáticas que havia comprado.
Ⓑ Sempre lhe tinha causado interesse indagações acerca de construções da linguagem coloquial.
Ⓒ Ficou comprovado, mediante realização de pesquisa, todas as dificuldades dos jovens em relação à língua culta formal.

Ⓓ É da leitura que depende nossos resultados em termos de desempenho na língua escrita.
Ⓔ Vai faltar muitos alunos nas próximas aulas de gramática.

142. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

143. FJP – No tocante à concordância, há má construção gramatical na seguinte alternativa:

Ⓐ As internações por si sós já causam certos distúrbios psicológicos aos pacientes.
Ⓑ Distúrbios e alterações psicológicos são normais em pacientes hospitalares.
Ⓒ Mais de um paciente sofria de ilusões em face de distúrbios mentais
Ⓓ Os médicos consideravam inevitável nos pacientes pequenas alterações psicológicas.
Ⓔ Uma e outra alteração psicológica podem afetar os pacientes hospitalizados.

144. FJPF – Por vezes, é possível utilizar o verbo facultativamente no singular ou no plural, sem ferir o prescrito pela norma culta da língua, como ocorre na frase:

Ⓐ Avisa/Avisam seus netos dos perigos da friagem apenas as avós dedicadas.
Ⓑ Algum de nós já leu/ eram este artigo?
Ⓒ Ventos, sereno, noites frias, nada acarreta/acarretam doenças respiratórias.
Ⓓ A maior parte das pessoas contrai/contraem resfriados nesta época do ano.
Ⓔ Naquela loja, vende-se/vendem-se microscópios de qualidade.

145. CESGRANRIO – Assinale a opção em que há <u>erro</u> de concordância:

Ⓐ Havia muitas informações no mundo que não mereciam a digitalização.
Ⓑ Os Estados Unidos prometem lutar a favor da paz.
Ⓒ Cinquenta *petabytes* contém incrível quantidade de informação.
Ⓓ Seguem anexas as informações sobre o processo da biblioteca.
Ⓔ O projeto está com problemas, haja vista os erros do relatório.

146. FURB – Complete as lacunas do seguinte texto, obedecendo às regras de concordância verbal:

"Que profusão de mosquitos! Mosquitos nas pontas dos dedos, nas solas dos pés, na raiz dos cabelos, – uns espantosos mosquitos que nos ____ a viver debaixo de cortinados, e mesmo assim com pouca segurança, porque as camas de Orissa não ____ colchões, mas apenas cadarços cruzados. (Camas de clima quente, admirável solução para as noites de canícula, mas que ____ todo o serviço dos mosquiteiros, pois desgraçadamente, por onde ____ as brisas, ____ os mosquitos, também)." (Cecília Meireles)

Assinale a alternativa cujos verbos completam corretamente as lacunas:

Ⓐ obriga – tem – prejudicam – entra – entram;
Ⓑ obrigam – têm – prejudicam – entram – entram;
Ⓒ obrigam – tem – prejudica – entra – entra;
Ⓓ obrigam – têm – prejudicam – entram – entra;
Ⓔ obriga – têm – prejudica – entra – entram.

147. CESGRANRIO –Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ Nem sempre são ____ ao conhecimento do público as causas e consequências dos acidentes nucleares. (levadas)
Ⓑ Animais e plantas de determinada região podem ser acidentalmente ____ pela radiação atômica. (contaminados)
Ⓒ Devem ser melhor ____ em nossa terra os recursos hídricos e outras fontes não poluentes de energia. (exploradas)
Ⓓ É preciso que a construção e o funcionamento de usinas nucleares sejam ____ por rigorosas normas de segurança. (controlados)
Ⓔ Ainda não foram precisamente ____ as vantagens e desvantagens da utilização do átomo como fonte de energia. (avaliadas)

148. FESP-RJ – Das sentenças abaixo, aquela em que há <u>erro</u> de concordância nominal é:

Ⓐ Tem sido reconhecida a dedicação valorosa dos índios.
Ⓑ Os índios tiveram reconhecidos o valor de seus esforços.
Ⓒ A dedicação e o esforço dos índios são reconhecidos por todos.
Ⓓ Reconhecida é hoje por todos a dedicação e o esforço dos índios.
Ⓔ São hoje por todos reconhecidos o esforço e a dedicação dos índios.

149. ESAF – A concordância nominal está <u>incorreta</u> no item:

Ⓐ É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas.
Ⓑ Salvo alguns desastres, obtém-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa.

C Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante os treinamentos.
D A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante do pagamento.
E Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

150. FJG – Assinale a alternativa cuja concordância está formulada corretamente.

A Compramos, na feira, biscoitos e abacate maduro.
B Em anexo, segue as provas do aluno.
C No fechamento está incluso os relatórios da presidência.
D No final da festa, o aluno deficiente disse obrigada à professora.
E Quando eu estava namorando, as horas parecia que voava.

GABARITO

1. A	20. D	39. A	58. A	77. A	96. B	115. C	134. B
2. A	21. E	40. C	59. C	78. D	97. E	116. C	135. A
3. C	22. C	41. C	60. E	79. E	98. A	117. B	136. B
4. E	23. C	42. B	61. A	80. B	99. C	118. A	137. A
5. B	24. B	43. E	62. D	81. D	100. D	119. E	138. C
6. A	25. A	44. C	63. B	82. B	101. D	120. C	139. A
7. A	26. E	45. D	64. C	83. E	102. C	121. E	140. B
8. C	27. E	46. E	65. A	84. A	103. E	122. D	141. D
9. E	28. C	47. B	66. B	85. C	104. A	123. B	142. B
10. B	29. C	48. A	67. C	86. A	105. C	124. B	143. D
11. D	30. D	49. D	68. C	87. E	106. D	125. A	144. D
12. C	31. B	50. B	69. A	88. D	107. C	126. A	145. C
13. B	32. B	51. E	70. C	89. B	108. A	127. A	146. B
14. A	33. B	52. D	71. E	90. C	109. E	128. C	147. C
15. C	34. E	53. E	72. B	91. A	110. B	129. D	148. B
16. E	35. A	54. E	73. D	92. B	111. A	130. B	149. C
17. B	36. C	55. C	74. A	93. E	112. A	131. C	150. A
18. B	37. C	56. E	75. A	94. C	113. C	132. A	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. B	114. A	133. E	

Emprego de Pronomes e Sintaxe de Colocação

1. NCE-UFRJ – "Logo que ____, ____ ver que não ____."

As formas abaixo que completam adequadamente as lacunas são:

A os vir – os farei – os queremos seguir;
B os ver – fá-los-ei – queremo-los seguir;
C vê-los – fá-los-ei – queremos segui-los;
D os vir – fá-los-ei – queremos segui-los;
E os ver – far-lhes-ei – quereremos segui-los.

2. NCE-UFRJ – "Não perderei tempo." Nesta frase, se substituirmos "tempo" pelo pronome complemento adequado, teremos a forma correta:

A Não o perderei;
B Não perdê-lo-ei;
C Não perderei-o;
D Não perder-lo-ei;
E Não perdê-lo-ei.

3. FJPF – Reescreveram-se os trechos abaixo, alterando-se apenas a colocação do pronome átono:

I. "Pode-se alegar que se trata propriamente de um direito clássico." / Pode alegar-se que se trata propriamente de um direito clássico.

II. "...o governo não consegue defendê-lo." / ...o governo não o consegue defender.

III. "...ao mesmo tempo que não se cumpre um dever." / ...ao mesmo tempo que não cumpre-se um dever.

IV. "...eis a combinação explosiva que me parece ter levado 60 milhões a votar pelo 'não'." / ...eis a combinação explosiva que parece ter levado-me 60 milhões a votar pelo "não".

Estão de acordo com as normas descritas nas gramáticas as alterações realizadas em:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ II, III e IV;
Ⓔ III e IV.

4. FJPF – Na hipótese de substituição do complemento em destaque pelo pronome átono nas opções abaixo, aquela em que a língua culta rejeita tradicionalmente uma das duas colocações sugeridas para o pronome é:

Ⓐ "Dava as doses para todos os males." // As dava. / Dava-as para todos os males.
Ⓑ "Alguns mandavam de manhã os filhos com garrafas." // Alguns os mandavam. / Alguns mandavam-nos de manhã com garrafas.
Ⓒ "Poderiam vir buscar o leite de manhãzinha." // Poderiam vir buscá-lo. / Podê-lo-iam vir buscar de manhãzinha.
Ⓓ "Um dia falou a Juca para botar um hospital na Bom Jesus." // Um dia lhe falou. / Um dia falou-lhe para botar um hospital na Bom Jesus.
Ⓔ "Deus podia abandonar a proteção que vinha dando a todos os seus. // Deus a podia abandonar / Deus podia abandoná-la.

5. CESGRANRIO – Marque a opção em que a forma pronominal utilizada está incorreta:

Ⓐ É difícil, para mim, praticar certos exercícios físicos.
Ⓑ Ainda existem muitas coisas importantes para eu fazer.
Ⓒ Os chinelos da aposentadoria não são para ti.
Ⓓ Quando a aposentadoria chegou, eu caí em si.
Ⓔ Para tu não teres aborrecimentos, evita o excesso de velocidade.

6. FEPESE – Marque a opção em que a colocação pronominal está correta:

Ⓐ Me conta tudo.
Ⓑ Não disse-lhe nada.
Ⓒ Diga-me toda a verdade.
Ⓓ Contarei-lhe a notícia agora.

7. FUMARC – A colocação pronominal está correta apenas em:

Ⓐ O instrutor havia preparado-os para o exame de direção.
Ⓑ Quem estragou a câmera que encarregue-se de enviá-la para o conserto.
Ⓒ Quando comunicaram-na de que havia vencido, não acreditou.
Ⓓ As inscrições para o concurso se realizarão até a próxima sexta-feira.

8. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o pronome pessoal não está usado de acordo com a norma culta:

Ⓐ Ele trouxe esse presente para mim.
Ⓑ A salada de tomate é para eu comer.
Ⓒ Pedi-lhe licença para sair da sala.
Ⓓ Ele precisava da ajuda dos pais.
Ⓔ Este programa é para mim fazer.

9. FJG – "[...] a mãe iria acompanhá-la para ajudar na mudança..."

Esse trecho de texto é reescrito em cada alternativa abaixo. A nova redação não é bem-sucedida, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ [...] a mãe acompanhá-la-ia para a ajudar na mudança..."
Ⓑ [...] A mãe acompanharia-a para ajudá-la na mudança..."
Ⓒ [...] A mãe a acompanharia para a ajudar na mudança..."
Ⓓ [...] A mãe a acompanharia para ajudá-la na mudança..."

10. FESP-RJ – "Já o mesmo não se pode dizer de um serviço de bondes."

Das alterações feitas na frase acima, aquela em que a colocação do pronome átono sublinhado contraria a norma culta do português contemporâneo do Brasil é:

Ⓐ Já o mesmo não se haveria de dizer de um serviço de bonde.
Ⓑ Já o mesmo não estaria se dizendo de um serviço de bonde.
Ⓒ Já o mesmo não deveria-se dizer de um serviço de bonde.
Ⓓ Já o mesmo não poderia dizer-se de um serviço de bonde.
Ⓔ Já o mesmo não teria se dito de um serviço de bonde.

11. ESAF – Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes:

Ⓐ José, espere-me um pouco; eu quero ir consigo à audiência.
Ⓑ Ele não mim informou da presença do juiz eleitoral na cerimônia.
Ⓒ A mim me parece que a constituição deve ser referendada por um plebiscito.
Ⓓ Lembro-me de ti a todo momento; sinto uma profunda saudade de você.
Ⓔ Já recebi o recado de que aqueles processos são para mim despachar.

12. VUNESP – Indique a única frase correta quanto ao uso e à colocação do pronome:

Ⓐ Sempre quis-lhe como namorada.
Ⓑ Não vá embora sem mim.
Ⓒ Os soldados não obedeceram-lhe às ordens.
Ⓓ Nunca houve desentendimentos entre tu e eu.
Ⓔ Segure a régua para eu.

13. COVEPE – Coloque o pronome no espaço correto.

1. Jamais _____ esqueço _____ de você. (me)

2. O rapaz, _____ levantando _____ fez uma pergunta. (se)

3. _____ devolve _____ o livro que te emprestei. (me)

4. Estou a _____ contar _____ uma coisa importante. (lhe)

5. Gostaria de saber quem _____ contou _____ tal fato. (te)

A colocação adequada, de cima para baixo, é a seguinte:

Ⓐ me esqueço, se levantando, me devolve, contar-lhe, te contou;
Ⓑ esqueço-me, levantando-me, devolve-me, lhe contar, te contou;
Ⓒ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, te contou;
Ⓓ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, contou-te;
Ⓔ esqueço-me, se levantando, me devolve, contar-lhe, contou-te.

14. FUMARC – Observe atentamente a colocação dos pronomes oblíquos átonos nas frases a seguir.

I. Vinham-me acompanhando vários amigos.

II. Devo incomodar-te muito com essas idéias.

III. Deus te ajude nessa nova missão!

A colocação está adequada em:

Ⓐ I e II apenas;
Ⓑ I e III apenas;
Ⓒ II e III apenas;
Ⓓ I, II e II.

15. VUNESP – Considere as informações abaixo para responder à questão:

I. que pedir a eles	→	**que lhes pedir**
II. defender o contribuinte	→	**defendê-lo**
III. o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos	→	**o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir**
IV. "seria obrigado a liquidar a fatura"	→	**seria obrigado a liquidar ela**

Entre as informações acima, aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I e III.

16. FESP-RJ – Marque a opção cuja colocação do pronome sublinhado obedece à norma culta:

- **A** As universidades já têm cursos especiais para alunos da terceira idade que se querem reciclar.
- **B** A diferença para as turmas convencionais é uma só: ninguém submete-se a provas e exames.
- **C** Os meninos nunca deram-se a oportunidade de cantar coisa mais elaborada.
- **D** Se pode correr 100 metros em cinco segundos quando se é um atleta.
- **E** Farão-se as garantias da pesquisa para que os resultados sejam bons.

17. Assinale a alternativa onde o pronome pessoal está empregado corretamente:

- **A** Para mim, viajar de avião é um suplício.
- **B** Este é um problema para mim resolver.
- **C** Entre eu e tu não há mais nada.
- **D** A questão deve ser resolvida por eu e você.

18. O pronome oblíquo destacado pode trocar de posição em relação ao verbo da frase em:

- **A** "Ele choraminga, olha a mãe que o excita, rindo, batendo palmas."
- **B** "Vou seguir caminho, mas me detenho a olhá-la: carregou a criança para junto da espuma."
- **C** "Fala com ele, ergue-o no ar."
- **D** "Assim, com a silhueta cortada junto à luz que se reflete no chão molhado, ..."
- **E** "É apenas uma jovem fêmea que ensina o mar e o mundo à sua cria; transmite-lhe a experiência da espécie ..."

19. FUMARC – Há erro quanto à colocação do pronome oblíquo átono em:

- **A** Em se tratando de medidas dessa natureza, resolvemos renunciar.
- **B** Embora me dissessem o perigo, não acreditei neles.
- **C** Deus acompanhe-te na sua nova jornada!
- **D** A casa para onde se mudaram é excelente.

20. FCC – De acordo com a formalidade da Língua, assinale a alternativa em que está correta a colocação do pronome átono:

- **A** Meu amigo, preciso o prevenir contra as maledicências usuais dessa gente.
- **B** Os satélites têm dado-nos a exata medida da destruição causada pelas queimadas.
- **C** Esqueçamo-nos do mal que nos fizeram, mas não esqueçamo-nos de retribuir o bem que recebemos.
- **D** O político, constrangido, foi desvencilhando-se aos poucos daquela situação vexatória.
- **E** Eu calarei-me somente se me convencerem de que estou errado.

21. NCE-UFRJ – A frase em que não se observou uma recomendação referente à colocação dos pronomes oblíquos átonos é:

- **A** Sempre pareceu-nos que esse projeto não teria êxito.
- **B** Os dois marujos que ficaram no Brasil nunca se tornaram índios.
- **C** Naquele momento, iniciou-se o povoamento do Brasil.
- **D** A consideração com que me trataram foi para mim o ponto alto da reunião.
- **E** Os falantes do português se tornaram maioria no litoral brasileiro.

22. FAPERG – Na oração "Disseram-me que tinha chegado no último paquete", o uso de ênclise se dá porque:

- **A** não se inicia a frase com pronome oblíquo átono;
- **B** o verbo está no infinitivo impessoal;
- **C** se houver partícula atrativa antes da locução verbal, coloca-se o pronome oblíquo antes do auxiliar ou depois do principal;
- **D** o verbo vem precedido de pronome relativo;
- **E** possibilita maior ênfase na expressividade que uma palavra adquire na frase.

23. NCE-UFRJ – "Recordo-me de um bar..." Este mesmo segmento do texto, se colocado na 1ª pessoa do plural, teria como forma verbal correta:

- **A** Recordo-nos;
- **B** Recordamo-nos;
- **C** Recordemo-nos;
- **D** Recordamos-nos;
- **E** Recordemos-nos.

24. FUNCAB – Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo destacado não obedece às normas do português padrão:

- **A** Esses amores silenciosos alcançam-nos todos os dias.
- **B** Disseram-me muito sobre os amores, resta agora a vocês oferecerem-nos à pessoa amada.
- **C** Ele evitava os amores!... Ter-lhe-iam falado de suas dores?
- **D** O que lhe restava era amar silenciosamente.
- **E** Fostes alertado a manter os silêncios amorosos e cumpriste-no com eficácia.

25. ACADEPOL-SP – Marque a alternativa em que aparece um erro de colocação pronominal:

- **A** Sempre vejo-a triste ao cair da tarde, fragilizada pela depressão contínua.
- **B** Eu não lhe disse, mas o chefe mandou oferecer preço na plantação.
- **C** Em meio ao tédio que lhe representara muita humilhação saboreou um momento de alegria.
- **D** Encarava-o rígida, cheia de gravidade, com os olhos súplices de cobrança.

26. FCC – Assinale a alternativa em que os vocábulos propostos preenchem corretamente as lacunas da frase:

"____ as novas condições exigidas pelo programador, antes que outros ____."

- **A** Expusemos-lhes – o fizessem.
- **B** Expusemo-lhes – fizessem-no.
- **C** Expusemos-lhes – fizessem-o.
- **D** Expusemo-lhes – fizessem-lo.
- **E** Expusemo-lhes – o fizessem.

27. COPPE-UFRJ – A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:

- **A** Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
- **B** Abrigaremos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
- **C** Não se poupariam esforços nesse sentido.
- **D** Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta disso.
- **E** "...certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza)

28. ACCESS – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> no uso do pronome pessoal sublinhado em:

- **A** Nada houve entre <u>eu</u> e você.
- **B** Empreste o livro para <u>eu</u> ler.
- **C** É hora de <u>eles</u> voltarem.
- **D** Deixe-<u>os</u> entrar.
- **E** Basta-<u>me</u> a terra.

29. COPPE-UFRJ – Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:

- **A** O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
- **B** No curso de pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
- **C** Nunca enganamo-nos a esse respeito.
- **D** Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
- **E** Caso procurem-me, diga que viajei.

30. ACCESS – Na passagem "De repente, foi assaltada por um adolescente, que a roubou...", o pronome pessoal oblíquo está em posição proclítica.

Segundo a norma culta, esta é a colocação correta, porque:

- **A** a oração é iniciada por palavra interrogativa;
- **B** há uma palavra de valor negativo na frase;
- **C** o verbo não está no futuro do presente;
- **D** a oração é subordinada desenvolvida;
- **E** há um advérbio antes do pronome.

31. EMPASIAL – Indique onde não há erro no emprego do pronome átono, observadas as ligações enclíticas indicadas: tendes + o; põe + o; diria + o; poreis + o:

Ⓐ tendes-lo – põe-lo – diria-lo – poreis-no;
Ⓑ tende-lo – põe-no – di-lo-ia – pô-lo-eis;
Ⓒ tendes-no – põe-no – diria-no – pôr-lo-eis;
Ⓓ tende-no – põe-lo – dir-lo-ia – por-lo-eis;
Ⓔ tende-lo – põe-lo – dir-lo-ia – poreis-lo.

32. EMPASIAL – Onde o pronome está erroneamente empregado?

Ⓐ Fez + o = fê-lo.
Ⓑ Diríamos + o = di-lo-íamos.
Ⓒ Pondes + o + ponde-lo.
Ⓓ Tem + no = tem-no.
Ⓔ Diríeis + o = diríei-lo.

33. VUNESP – Os pronomes pessoais têm emprego de acordo com a língua padrão em:

Ⓐ Rompidos desde as últimas eleições, os velhos caciques esqueceram as diferenças, mandando elas às favas, e reataram a aliança.
Ⓑ Referindo-se a seu rival, a velha raposa da política afirma: "não há acordo possível entre eu e ele".
Ⓒ Quando ela tomar posse, aguardam-se dívidas incontáveis deixadas por seu antecessor.
Ⓓ Especula-se a origem de sua fortuna, falando-se em falcatruas que teriam feito ele enriquecer.
Ⓔ Deixem eu resolver essas diferenças entre os dois, levando-os a um bom acordo.

34. COPPE-UFRJ – Em "...sempre que nos vemos..." e "...volto sempre a ela...", os pronomes pessoais estão empregados segundo as normas do português escrito culto. Entre os exemplos abaixo, o que também está de acordo com essas normas é:

Ⓐ Ela trouxe o livro para mim ler.
Ⓑ Entre eu e você tudo acabou.
Ⓒ Não estou lhe reconhecendo.
Ⓓ Parece que o filme não o agradou.
Ⓔ Estivemos muito próximos, mas não lhe vi o rosto.

35. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

Ⓐ O processo da eleição tem desagradado-me.
Ⓑ Ninguém se lembrou de que o conclave estava previsto para o dia 18.
Ⓒ Os cardeais não deixaram-lhe opção de escolha.
Ⓓ Em tratando-se de eleição, o voto deve ser secreto.
Ⓔ Quem garante-me o sucesso da votação?

36. CESPE-UnB – Assinale a opção em que há erro de colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

- **A** A primeira refere-se aos atuais mecanismos públicos e particulares.
- **B** São os elementos essenciais da vida, os quais não têm-nos dado a desejada segurança.
- **C** Consiste em nossa fraqueza de opormo-nos a uma espécie de movimento neo-feudal.
- **D** A sociedade mostra-se perplexa com seu ajuste à eletrônica.
- **E** O Estado não se mostra apto para encontrar soluções.

37. FCC – Está correto o emprego do pronome sublinhado na frase:

- **A** Se é para <u>mim</u> ir buscar as malas, deixe que eu vou.
- **B** Aquela má notícia deixou <u>ele</u> muito triste.
- **C** Afinal, sua desavença é com eles ou com <u>nós</u>?
- **D** A esta altura, só podemos contar <u>conosco</u> mesmos.
- **E** No caso de <u>eu</u> ir reclamar, você também vai?

38. COPPE-UFRJ – A alternativa em que o deslocamento do pronome oblíquo átono foi efetuado de acordo com as normas do padrão culto escrito do português é:

- **A** "Creio que é somente na década de 40 que se pode considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil." – que pode considerar-se seriamente.
- **B** "Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado, é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e uma amplitude social." – que toda a sociedade reestruture-se.
- **C** "Por isso se faz necessário entender como se articulam no período os diversos ramos da produção e de difusão de massa." – como articulam-se.
- **D** "...a questão que se coloca é conhecermos como ele se estrutura, e em que medida determina parâmetros novos para a problemática da cultura." – a questão que coloca-se.
- **E** "Não nos cabe retomar as análises já realizadas sobre este tema." – Não cabe-nos retomar as análises.

39. ESAF – Indique o período que apresenta colocação pronominal contrária às regras da norma padrão:

- **A** Causou-lhe decepção a reação inesperada da irmã, embora não lhe ficasse querendo mal por isso.
- **B** Ai! Nem me quero lembrar dos dias em que andavam se agredindo sem quê nem porquê!
- **C** Ninguém dirigiu-se ao chefe, em ocasiões como aquela, dando-se ares de tanta importância!

Ⓓ Depois de algum tempo, os amigos se reencontraram, muitos sem nem o terem desejado.
Ⓔ Nunca lhe darei tanto dinheiro, que o faça tornar-se um beberrão.

40. NCE-UFRJ – Considerando o emprego e a colocação dos pronomes, a frase com erro é:

Ⓐ Sem mais para o momento, subscrevemo-nos com elevada consideração.
Ⓑ Em nome da transparência, informamo-lo do ocorrido.
Ⓒ Fi-lo porque foi necessário.
Ⓓ Amamo-vos mais que a nós mesmos.
Ⓔ Comunicamos-lhes que o carregamento chegará quatro horas mais tarde, em virtude de um acidente na linha férrea.

41. CESGRANRIO – Marque a opção <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Seria-nos conveniente assinar o acordo hoje.
Ⓑ Nada se fez por ele.
Ⓒ Vocês podem dizer-me a verdade.
Ⓓ Amanhã, contar-lhe-ei as novidades.
Ⓔ Quando a viu vencer, desmaiou.

42. FUMARC – A colocação pronominal está <u>correta</u> em todas as frases, <u>exceto</u>:

Ⓐ O encontro se realizará sem a presença do famoso conferencista.
Ⓑ Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento contra a violência.
Ⓒ Parece que Maria Rita não vai mais casar-se com Pedro Otávio.
Ⓓ O rapaz declarou que, há uma semana, já havia queixado-se à polícia.

43. COPPE-UFRJ – A alternativa em que é possível alterar a colocação do pronome sem ferir a norma gramatical é:

Ⓐ "Quando <u>se</u> está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓑ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo <u>nos</u> faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓒ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que <u>se</u> está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓓ "Não estou certa de que <u>se</u> trate de um processo, mas suspeito que o tempo, único juiz de coisas dessa natureza, não está nunca do lado de quem tenta driblá-lo."
Ⓔ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que <u>se</u> busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."

44. COMVEST – Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Marque-a:

1. O professor passou uma tarefa para ____ fazer.

2. Não se ponha entre ____ e ele, por favor!

3. Se fores à rua, avisa-nos que iremos ____.

4. Para ____ ganhar dinheiro, é preciso trabalhar.

5. Para ____, ouvir música é maravilhoso.

A mim – tu – consigo – eu – tu
B mim – mim – consigo – mim – eu
C eu – eu – contigo – mim – eu
D tu – eu – conosco – tu – mim
E eu – mim – contigo – eu – mim

45. FUMARC – Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome átono, <u>exceto</u>:

A Maria não vai casar-se outra vez.
B Disseram-me que a jóia era falsa.
C Os presos já tinham rebelado-se outra vez naquele ano.
D Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

46. CESPE-UnB – Assinale a melhor resposta:

O resultado das combinações "pões + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

A pões-lo – reténs-las – dedu-la;
B pões-no – retém-nas – dedu-la;
C pões-lo – retém-las – deduz-la;
D pões-no – retém-las – dedu-la;
E põe-lo – retém-las – dedu-la.

47. CN – Assinale a opção em que só o uso da prôclise é aceito pela norma culta:

A O rio te quer rodar, seu canoeiro.
B Os periquitos te estão chamando, menino.
C A velha rendeira te neutralizará, ó rio.
D Não te obedecer, ó rio, é pecado.
E A professora descobriu que o rio lhe trará problemas.

48. VUNESP – A alternativa em que a frase apresenta um erro de colocação pronominal é:

A É difícil dizer-te o quanto te amo.
B João, expulsa-os já do jardim.
C Jamais me mudarei daqui.

Ⓓ Fiquei olhando o carteiro que aproximava-se.
Ⓔ Devemos dizer-lhe a verdade.

49. FESP-RJ – Entre as frases abaixo, aquela que a norma gramatical rejeita por conter erro na colocação do pronome átono é:

Ⓐ As mãos fá-lo-iam cantar.
Ⓑ O frio me faz pensar em neve.
Ⓒ Uma alegria expande-se no meu peito.
Ⓓ Me parecia que era o milagre da neve.
Ⓔ Nós a conhecemos primeiro nos livros coloridos.

50. VUNESPE – Assinale a alternativa em que o uso da mesóclise é incorreto:

Ⓐ Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
Ⓑ Dir-se-ia que ela tem menos de quarenta anos.
Ⓒ Convencê-lo-ei, se puder.
Ⓓ Dizes-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
Ⓔ Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

51. EM – Em apenas um item a colocação do pronome átono foi feita de forma correta. Assinale-o:

Ⓐ Julguei que chamavam-me para o almoço.
Ⓑ Deus o favoreça e de mim não se esqueça.
Ⓒ Tinha feito-lhe uma pergunta, mas não obtive resposta.
Ⓓ Diria-se que tudo não passou de um engano.
Ⓔ Ninguém admoestá-lo-á na minha frente.

52. CN – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal admita o maior número de variações:

Ⓐ Deem-me coroas de pano.
Ⓑ Que a não esqueçam os amigos.
Ⓒ Que vai se deitar para sempre.
Ⓓ Não me envolvam num lençol.
Ⓔ Bem sabeis que não se casa.

53. EsFAO – A norma culta da língua repudia a colocação do pronome átono, tal como ocorre no item:

Ⓐ Os homens ainda não a esperavam quando ela desabou sobre a cidade.
Ⓑ Que me dera que meus rústicos hinos por ele ouvidos fossem, e por elas aplaudidos.
Ⓒ Eu tinha beijado-lhe as mãos, porque, se não fosse ela, estaria talvez na prisão, por um crime não realizado.

D Certamente, com medo, ela ficara em casa, ou alguém a avisara, pois àquela hora, sua ausência era bem estranha.

E Um grande soluço sacudiu-o desafinado. Ele nem sequer tremeu. Ela também passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

54. EMM – A única oração correta quanto à colocação do pronome átono é:

A Ela não chamou-te.

B Ela avisar-te-á o dia da prova.

C Ela disse que viu-te chegar.

D Ela não te viu.

E Nenhuma das respostas anteriores.

55. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise:

A Jamais alguém diria a verdade (lhe).

B Aqui está o livro que emprestaste (me).

C Bons ventos levem (o).

D Meu amigo, fale a verdade (me).

E Não aborreças (me).

56. FESP-RJ – "Não estou <u>me</u> referindo muito a escrever para jornal."

A frase acima exemplifica um fato frequente no português contemporâneo do Brasil – a posição proclítica do pronome átono (exceto <u>o</u>, <u>a</u>, <u>os</u>, <u>as</u>) em relação ao verbo principal da locução. Embora tal fato já tenha sido defendido desde 1922 por Silva Ramos na miscelânea *Pela Vida Fora*, ainda hoje há quem rejeite essa colocação. Das seguintes passagens de *Clarice Lispector*, todas com a mesma próclise "brasileira", aquela em que a variante de colocação do pronome átono, indicada é direita, <u>contraria</u> a norma culta é:

A "...quem sabe teríamos <u>nos</u> casado." / quem sabe nos teríamos casado.

B "Ah, está <u>se</u> tornando difícil escrever." / Ah, está tornando-se difícil escrever

C "...na certa ele iria, por seu turno, <u>me</u> influenciar."/ na certa ele iria-me, por seu turno, influenciar.

D "esta carta deveria <u>se</u> dirigir ao Presidente da República."/ esta carta dever-<u>se</u>-ia dirigir ao Presidente da República.

E "Só o que se chama de 'amor imorredouro' tinha <u>me</u> interessado." / Só o que se chama de "amor imorredouro" <u>me</u> tinha interessado.

57. ESPCEX – Considere a seguinte passagem: "...para que o medo fosse se aninhando". Do conjunto de afirmações a respeito da colocação do pronome átono, a única alternativa <u>falsa</u> é a letra:

Ⓐ No texto, a colocação obedece rigorosamente à norma gramatical.
Ⓑ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo se fosse aninhando".
Ⓒ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo fosse aninhando-se".
Ⓓ No texto, a colocação é típica da linguagem de conversação brasileira.

58. ESPCEX – Com relação aos respectivos verbos, assinale a posição correta de cada um dos pronomes átonos no texto abaixo:

1 2 4 8

"Aquela que te humilhou / humilhou-te, aqui a tens / tem-la abatida, no mesmo

16 32

lugar onde te ultrajou / ultrajou-te, nas iras de sua paixão.

Assinale a alternativa que indica a soma dos algaritmos dados aos pronomes bem colocados:

Ⓐ 21;
Ⓑ 54;
Ⓒ 61;
Ⓓ 42;
Ⓔ 35.

59. EN- "O arreganhar dos dentes se esbate no bocejo."

Deu-se preferência ao emprego da próclise, em situação na qual também se poderia ter usado a ênclise. Nos itens abaixo, assinale aquele em que a próclise é obrigatória:

Ⓐ A jovem <u>me</u> foi indicada pelo comendador.
Ⓑ Se <u>me</u> convidarem, irei à festa sem pensar duas vezes.
Ⓒ A peça ia-<u>se</u> desenvolvendo com a aprovação da plateia.
Ⓓ O chefe <u>nos</u> disse que e encomenda estava a caminho.
Ⓔ Quero <u>lhe</u> pedir um grande favor.

60. EPCAR – Coloque o pronome átono no devido lugar e aponte a opção em que não se justifica a ênclise:

Ⓐ A mágoa, ____ ferindo ____ no coração, ____ arrefecera ____ o ânimo. (o, lhe)
Ⓑ Espero que o sofrimento não ____ derrube ____. (me)
Ⓒ ____ levantei ____, enquanto todos dormiam. (me)
Ⓓ O jovem chegara-se e Isabel, ____ tomou ____ as mãos. (lhe)
Ⓔ Procure seus colegas e ____ convide ____ para o baile. (os)

61. ESFAO – Leia atentamente as frases abaixo:

A. Os discos que me foram entregues são ótimos.

B. Tudo fez para obedecer-lhe e agradar-lhe.

C. Em se tratando de você, isto é normal.

Observando a posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos em cada uma delas, assinale a alternativa correta:

1. Deve ser proclítico.

2. Deve ser enclítico.

3. Pode ser proclítico.

4. Pode ser enclítico.

Ⓐ A-1 – B-2 – C-2.
Ⓑ A-4 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-4 – B-3 – C-2.
Ⓓ A-1 – B-4 – C-1.
Ⓔ A-1 – B-1 – C-4.

62. UFV-MG – "Às vezes, também a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso [...]."

O pronome <u>se</u> está em próclise porque:

Ⓐ há preferência pela próclise no português do Brasil;
Ⓑ a oração é introduzida por conjunção;
Ⓒ a oração é introduzida por um conectivo subordinativo;
Ⓓ o verbo no pretérito perfeito não admite ênclise;
Ⓔ a oração é optativa.

63. ESPCEX – Há <u>erro</u> de colocação pronominal no(s) período(s):

Ⓐ Agora, conte-me tudo.
Ⓑ Sua cara não vai-se alegrar.
Ⓒ Estava na venda quando o encontraram.
Ⓓ Vivia me incomodando.

64. ESPCEX – Das passagens apresentadas abaixo, constitui um exemplo de correto emprego de norma gramatical de colocação de pronomes átonos o trecho transcrito em:

Ⓐ "Quando partia, o acompanhavam algumas quadras, curveteando a seu lado [...]."
Ⓑ "Estâncias havia em que anunciava-se a chegada de Manuel pelo relincho estridente [...]."

Ⓒ "[...] camaradas saudosos, que vinham apresentar-lhe o focinho, rifando com ciúmes uns dos outros."
Ⓓ "Se acontecesse passarmos à vista da casa de algum amigo, lhe dirigimos um olhar [...]"

65. EFOMM – Assinale o exemplo onde há erro indiscutível na colocação do pronome pessoal átono:

Ⓐ Eles vêm nos ver amanhã.
Ⓑ O acontecimento poderá se reduzir a simples brincadeira.
Ⓒ Vamo-nos encontrar logo mais.
Ⓓ Atribuiriam-se os fatos aos verdadeiros culpados.
Ⓔ O que se não deve dizer.

66. AFA – Observando a posição dos pronomes átonos nas sentenças abaixo:

A. "[...] erguendo os olhos do trabalho em que se aplicava [...]"

B. "[...] mas um homem observava-o à distância, [...]"

C. "[...] sabia que isto era fingido, que Xenofonte detestava-o tanto [...]"

Você dirá, em referência a cada uma delas, que:

1. Pode ser proclítico.

2. Pode ser enclítico.

3. Deve ser proclítico.

4. Deve ser enclítico.

Ⓐ A-3 – B-4 – C-3.
Ⓑ A-2 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-2 – B-3 – C-1.
Ⓓ A-3 – B-1 – C-1.

67. ITA – Assinalar a alternativa correta:

Ⓐ Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓑ Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras.
Ⓒ Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras.
Ⓓ Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓔ Nenhuma das anteriores.

68. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não pode haver próclise:

Ⓐ Não entristeças (te).
Ⓑ Deus favoreça (o).
Ⓒ Espero que faças justiça (me).
Ⓓ Meus amigos, apresentem em posição de sentido (se).
Ⓔ Ninguém faça de rogado (se).

69. EN – Corretamente, o pronome átono aparece colocado em:

Ⓐ Me empresta o teu livro de Matemática?
Ⓑ Ainda que peçam-me, irei à festa.
Ⓒ Desejo me ouças até o fim.
Ⓓ De nada valeu-lhe todo o dinheiro que tinha.
Ⓔ Tudo aborrece-me e nada me agrada.

70. ESPCEX – Na frente de cada frase, existe um número.

Some os números correspondentes às frases em que seria possível dar outra colocação – gramaticalmente correta – ao pronome oblíquo. A resposta da questão será a soma encontrada.

1. Todos se mudariam para lá.
2. Bem, vou-me despedir.
3. Mas não souberam informar-me o que havia sucedido.
4. Fui o primeiro a comunicar-lhe a notícia de sua promoção.
5. Deus nos livre das más línguas.
6. Daqui a algumas horas me hás de entender.

Ⓐ 9.
Ⓑ 13.
Ⓒ 15.
Ⓓ 16.

71. EN – De acordo com a gramática tradicional, só uma frase está correta quanto à colocação do pronome átono. Assinale-a:

Ⓐ Tenho mandado-lhe notícias.
Ⓑ O homem ia-se erguendo.
Ⓒ Me dá o braço.
Ⓓ A juventude vai se preparando para cumprir seu papel na sociedade.
Ⓔ Enquanto não encontrá-lo, não sairei daqui.

72. EN – De forma incorreta, colocou-se o pronome átono em:

Ⓐ Quando acabam-se as férias?
Ⓑ Ficamos todo o tempo a esperá-la.
Ⓒ Não se conquista nada sem muita luta e força de vontade.
Ⓓ Já se pôs o sol por trás daquela enorme montanha.
Ⓔ Deus te proteja, meu filho!

73. EPCAR – Assinale a opção correta quanto ao uso e à colocação do pronome.

Ⓐ "Imagino-te já idosa,
Frondosa toda folhagem,
[...]
Com que faço essa viagem
Pelo reino do teu nome, oh! Flora!" (Gilberto Gil)

Ⓑ "Se lembra da fogueira
Se lembra dos balões
Se lembra dos luares dos sertões
A roupa no varal
[...] (Chico Buarque)

Ⓒ Nunca houve acordo entre eu e ele.

Ⓓ Me dará um cigarro, não é?

74. EPCAR – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal é <u>inadequada</u>:

Ⓐ Entregarei-lhe os resultados no tempo previsto.

Ⓑ Bem se vê que não te preocupas com essas coisas.

Ⓒ Sua atitude é serena, poder-se-ia dizer religiosa, quase ritual.

Ⓓ Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa.

75. COSEAC-UFF – Na frase exclamativa "Que bom, Tia Nastácia, que você existe até hoje e sempre dentro de mim!", o pronome "mim", regido pela preposição "de", está corretamente empregado.

Das frases abaixo, aquela em que, de acordo com a norma culta da língua, há <u>erro</u> no emprego do pronome de 1ª pessoa é:

Ⓐ Entre ela contar histórias e eu ouvir, há enorme distância.

Ⓑ Para mim, ouvir Tia Nastácia contar histórias era muito agradável.

Ⓒ Entre Tia Nastácia e eu sempre houve ótimo relacionamento.

Ⓓ Ela contava as histórias para eu ouvir.

Ⓔ Entre mim e as demais crianças do sítio formou-se profunda amizade.

76. COSEAC-UFF – A troca de posição do pronome é, de acordo com a nossa tradição gramatical, <u>inaceitável</u> na alternativa:

Ⓐ "Acontece que a jovem escolhida para servir de fio condutor do programa personificava a negação viva e radiante de toda a carga de sombra e amargura que o registro clínico de seu cotidiano nos faria esperar dela." / faria-nos.

Ⓑ "Embora tivesse razões de sobra para queixar-se do destino e viver na mais espessa melancolia, ela esbanjava *joie de vivre* por todos os poros." / se queixar.

Ⓒ "Apesar de viver e ganhar a vida em condições precárias, a grande maioria dos brasileiros considera-se feliz e amplamente satisfeita com a vida que leva." / se considera.

Ⓓ "Ao ser indagado sobre a sua felicidade, o entrevistado se defende perante si mesmo da ameaça de dor que uma resposta derrotista traria." / defende-se.

Ⓔ "Ao ser escolhida, entre tantas outras, para 'estrelar' um programa de TV a ser exibido no exterior, a jovem carioca sente-se a eleita dos deuses." / se sente.

77. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que <u>não</u> se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:

Ⓐ "...traz uma reportagem..." = trá-la.
Ⓑ "...doar 85% de sua fortuna..." = doá-los.
Ⓒ "...indicam um caminho..." = indicam-lo.
Ⓓ "...estimula a filantropia..." = estimula-a.
Ⓔ "...fazer filantropia..." – fazê-la.

78. FURB – Assinale as frases em que os pronomes <u>eu</u>, <u>mim</u>, <u>te</u>, <u>ti</u> foram corretamente empregados:

1. Sem eu falar com todos os convidados é impossível garantir a troca do horário da cerimônia.

2. Fica combinado então: esta conversa ficará entre mim e ti.

3. O dinheiro foi suficiente para ti comprar as passagens?

4. A negociação não se fará sem eu e tu.

5. Deu longo prazo para eu poder terminar meu trabalho e entregá-lo sem me prejudicar.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1, 2 e 5;
Ⓑ 1, 2 e 3;
Ⓒ 2, 3 e 4.
Ⓓ 3, 4 e 5;
Ⓔ 2, 4 e 5.

79. FURB – No texto que segue, há espaços que devem ser preenchidos com o pronome oblíquo átono que se encontra nos parênteses. Escolha a posição adequada para cada caso:

"No dia seguinte, como eu estivesse a _____ preparar _____ (me) para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. [...] A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, _____ pousou _____ (me) na testa. _____ sacudi _____ (a), ela foi pousar na vidraça; e, porque eu _____ sacudisse _____ (a) de novo, saiu dali e veio pousar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra [...], tinha um certo ar de escarninho que _____ aborreceu _____ (me) muito."

(MACHADO DE ASSIS, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

A alternativa que contém a forma correta quanto à colocação pronominal é:

Ⓐ me preparar – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓑ preparar-me – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓒ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – a sacudisse – me aborreceu;
Ⓓ me preparar – pousou-me – A sacudi – sacudisse-a – aborreceu-me;
Ⓔ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – sacudisse-a – me aborreceu.

80. COSEAC-UFF – O pronome átono proposto para substituir o termo em destaque é inaceitável, segundo nossas gramáticas, em:

Ⓐ "Zeus aproveitou que sua esposa, Hera, dormia e colocou Apolo para mamar em seu seio." / mamar-lhe no seio.

Ⓑ "Enquanto ele mamava, a deusa acordou e, com raiva, lançou a criança no espaço." / lançou-a no espaço.

Ⓒ "A cultura ecológica tem um desafio imenso nesse sentido: diluir o pavor fóbico que temos pela nossa semelhança quase que completa com todos os animais." / diluir-lhe.

Ⓓ "A própria ciência já admite que outras espécies também criam culturas próprias." / já o admite.

Ⓔ "Recuperaríamos, quem sabe, aquela virtude que Aristóteles tão bem chamava de mediania." / Recuperá-la-íamos.

81. FUNRIO – No período "Arrisco-me a dizer que [...] o executivo necessita de uma relação íntima com a palavra para não acabar dando com os burros n'água", percebe-se que o pronome oblíquo átono está na posição enclítica, respeitando a norma culta quanto aos critérios para a colocação pronominal. Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> na colocação dos pronomes oblíquos átonos nas orações:

Ⓐ Quando me vi, já estava lá.

Ⓑ Quem me dirá o que é certo?

Ⓒ Eu quero-lhe falar.

Ⓓ Bons ventos o tragam!

Ⓔ Sempre recebiam-me de bom humor.

82. VUNESP – Na frase "E cada um se vira...", o autor usou livremente a próclise. Assinale a alternativa em que a colocação está gramaticalmente incorreta:

Ⓐ Esses são sonhos que já foram-se.

Ⓑ Aqui se fala pouco.

Ⓒ Em se tratando de saúde, tudo é urgente.

Ⓓ Ter-lhe-iam concedido aumento?

Ⓔ Devo calar-me ou falar?

83. VUNESP – Assinale a frase correta quanto à colocação pronominal:

Ⓐ O termo que refere-se a um estilo de vida.

Ⓑ Isso refere-se a um estilo de vida.

Ⓒ O termo não refere-se a um estilo de vida.

Ⓓ O termo refere-se a um estilo de vida.

Ⓔ Quando refere-se a um estilo de vida.

84. VUNESP – Na frase – O dinheiro tem controlado as pessoas, e o ser humano não consegue entender as leis desse poderoso instrumento.

Assinale a alternativa em que os pronomes substituem corretamente as expressões em destaque e obedecem às regras de colocação pronominal:

- **A** as tem controlado – lhes entender;
- **B** lhes tem controlado – as entender;
- **C** as tem controlado – entendê-las;
- **D** tem controlado-as – entendê-las;
- **E** lhes tem controlado – entender-lhes.

85. VUNESP – Quanto à colocação pronominal, está correta, conforme a norma culta, a alternativa:

- **A** Se descobriu que o uso excessivo de pauzinhos pode causar artrose.
- **B** No início, os chineses tinham preocupado-se por causa da artrose.
- **C** Ninguém lembrou-se que o fator hereditário também deve ser levado em conta.
- **D** Em tratando-se de artrose, é necessário fortalecer a musculatura das mãos.
- **E** Todos se preveniram a fim de evitar a doença.

86. ESPCEX – Leia as frases abaixo e responda a questão que segue:

I. O gado ia-se finar, até os espinhos secariam.

II. Compadre, eu não lhe quero dizer coisa alguma.

III. As visões do sono tinham dissipado-se.

IV. Nunca convidei-o para sair.

Segundo a norma culta, estão corretas as frases:

- **A** I e II;
- **B** III e IV;
- **C** II e IV;
- **D** II e III;
- **E** I e III.

87. FEC – Na passagem: "Acreditava-se até músico,...", o pronome átono está corretamente colocado e a alternativa em que tal pronome está igualmente bem empregado é:

- **A** Nem me comunicaram os acontecimentos de ontem.
- **B** Tinha emprestado-me o material.
- **C** Quero que comportem-se!
- **D** Jamais emprestar-nos-iam o equipamento.
- **E** Quando encontrou-me, saímos.

88. FEC – Na passagem: "O serão se prolonga.", o pronome átono está corretamente empregado, o mesmo <u>não</u> se podendo afirmar de um dos itens abaixo; marque-o:

Ⓐ Haviam emprestado-lhe os livros.
Ⓑ Ia enviar-lhe as cópias.
Ⓒ Estava enviando-nos o equipamento.
Ⓓ Em se comentando o episódio, tudo se solucionou.
Ⓔ Vou pô-lo a par do assunto.

89. VUNESP – No quadrinho abaixo, observa-se o emprego correto do pronome, quanto à sua colocação na frase. Assinale a alternativa que nomeia essa espécie de colocação e por que ela é obrigatória, nesse contexto.

Ⓐ Próclise, pelo uso de palavra negativa.
Ⓑ Mesóclise, pela utilização de imperativo.
Ⓒ Próclise, pela utilização de gerúndio.
Ⓓ Ênclise, pelo uso de expressão negativa.
Ⓔ Mesóclise, pela presença de perífrase.

90. FEC – No trecho: "...através da sujeira a envolvê-la,..." o pronome átono foi devidamente colocado, porém, a alternativa a seguir em que tal correção <u>não</u> ocorre é:

Ⓐ Não me revelou o segredo.
Ⓑ Quero que me emprestem os livros.
Ⓒ Deus nos proteja!
Ⓓ Tinha vendido-me o carro.
Ⓔ Vou ajudá-lo a sair daí.

91. CETRO – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Observei o aluno que dirigia-se ao pátio.
Ⓑ Quanto me pagará pela tradução do livro?
Ⓒ Ouvindo-o cantarolar reconheci sua voz imediatamente.
Ⓓ Encontrar-me-iam, caso minha presença à reunião fosse imprescindível.
Ⓔ Convém contar-lhe toda a verdade.

92. CETRO – Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto em:

A Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
B Ninguém tratou-me mal durante o evento.
C Se eu pudesse dizer-lhe a verdade, tudo se resolveria.
D No portão de entrada da cidade lia-se, em letras garrafais, numa placa de bronze: "Estranhos, afastem-se!".
E Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

93. FUNRIO – No Brasil, a colocação dos pronomes átonos nas frases recebe um tratamento peculiar ao idioma. A colocação pronominal que atende às exigências da norma padrão do Português brasileiro escrito está reproduzida na alternativa:

A Os prisioneiros que libertaram-se do jugo dos terroristas, até hoje, estão traumatizados.
B Os avanços dos eletrônicos tiveram de se adequar à aquisição dos brasileiros.
C Ele reconhecia ter tratado-se de problemática já conhecida no passado, quando era jovem.
D Os fabricantes de armas não importaram-se com a dificuldade dos países em litígio.
E Quando fala-se a verdade, na maioria das vezes não se merece castigo muito severo.

94. EPCAR – Todas as alternativas abaixo apresentam corretamente uma segunda opção de colocação dos pronomes átonos destacados, exceto:

A "Aquilo que lhe fez lembrar o vômito, também numa folha de jornal [...]."
Aquilo que fez lembrar-lhe o vômito, também numa folha de jornal [...].
B "Vou lhe dizer com toda a franqueza [...]."
Vou dizer-lhe com toda a franqueza [...].
C "Mas já não se falava mais em assalto [...]."
Mas já não falava-se mais em assalto [...].
D "O filho se esquivou com delicadeza, voltando-se para o delegado [...]."
O filho esquivou-se com delicadeza, voltando-se para o delegado [...].

95. COSEAC-UFF – A colocação do pronome átono que se propõe fere as normas de colocação descritas pelas gramáticas da língua em:

A "Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se." / se curar.
B "A sociedade, assim, se responsabiliza por tais tratamentos de saúde." / responsabiliza-se.
C "Esse modelo possivelmente se ampliará para a saúde." / ampliará-se.

D "É difícil separar o que é vaidade, o que é felicidade, e talvez se esmerar em distingui-los indique apenas uma atitude moralista no pior sentido do termo." / esmerar-se.

E "Naquele caso, o custo depende de onde se parte; neste, de aonde se quer chegar." / quer-se.

96. ESAG – Levando em conta o uso culto formal da linguagem, aponte a alternativa <u>incorreta</u>, quanto à colocação dos pronomes átonos:

A Muito me encantam as tartarugas marinhas.

B Embora tenhamos presenciado muitas tragédias, não nos preparamos para algo tão assustador como a do último tsunami.

C Dir-lhe-ei amanhã para onde pretendo viajar.

D Irei lhe mostrar agora fotografias de Andaman e Nicobar, antes do tsunami.

97. ESAG – Assinale a única alternativa em que há <u>erro</u> de colocação pronominal:

A Nunca a tínhamos visto.

B Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.

C Quando ele limpa a casa, ele o faz com extremo cuidado.

D Até lá, muitos já se terão arrependido.

98. CESGRANRIO – Assinale a opção em que, de acordo com a norma culta, o pronome oblíquo está adequadamente empregado:

A Hoje os vidros dos carros não limpam-se sozinhos.

B Os ativistas tinham lembrado-se com pesar de alguns desastres ecológicos.

C Os cientistas deveriam-se ocupar em desenvolver produtos práticos e baratos.

D Em breve as pessoas esquecer-se-ão da época em que os computadores não existiam.

E Se passarão muitos anos até que a nova tecnologia entre em todos os lares brasileiros.

99. UPENET – Observe os termos sublinhados dos itens abaixo:

I. "Ainda não <u>se</u> firmaram outros que já nos possam servir de referência, tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão."

II. "Não temos certeza das oportunidades que <u>nos</u> são oferecidas em cada esquina."

III. "Corre risco de ficar aprisionada nas máquinas e organizações quanto às vezes <u>se</u> sentem os homens que as construíram."

IV. "Nas últimas décadas, quebraram-<u>se</u> padrões estabelecidos durante longo tempo."

Sobre colocação pronominal, assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ no item I, a próclise se justifica pela presença do advérbio de negação;
Ⓑ no item IV, o pronome sublinhado poderia se posicionar antes ou depois do verbo, sem infringir as normas gramaticais;
Ⓒ no item II, o pronome "que" atrai o termo sublinhado;
Ⓓ no item III, o pronome enclítico ao verbo se constituiria um erro gramatical;
Ⓔ no item III, a locução adverbial exige a próclise.

100. FEC – Na frase "O pessoal os treinou a buscar comida", o pronome pessoal oblíquo átono está proclítico ao verbo, mas também poderia estar enclítico: "O pessoal treinou-os a buscar comida". O mesmo pronome também pode assumir as duas posições na frase:

Ⓐ O zoológico cuidará bem dos animais: o treinador ____ alimentará ____ todos os dias de manhã.
Ⓑ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador sempre ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓒ Se o zoológico cuidasse bem dos animais, o treinador ____ alimentaria ____ todos os dias de manhã.
Ⓓ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓔ O zoológico cuida mal dos animais: o treinador não ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.

GABARITO

1. A	16. A	31. A	46. C	61. D	76. A	91. A
2. A	17. A	32. E	47. D	62. C	77. C	92. B
3. A	18. B	33. C	48. D	63. B	78. A	93. B
4. A	19. C	34. E	49. D	64. C	79. C	94. C
5. D	20. D	35. B	50. A	65. D	80. C	95. C
6. C	21. A	36. B	51. B	66. D	81. E	96. D
7. D	22. A	37. D	52. C	67. D	82. A	97. B
8. E	22. B	38. A	53. C	68. D	83. D	98. D
9. B	24. E	39. C	54. B	69. C	84. C	99. B
10. C	25. A	40. D	55. D	70. C	85. E	100. D
11. C	26. A	41. A	56. C	71. B	86. A	
12. B	27. A	42. D	57. A	72. A	87. A	
13. C	28. A	43. B	58. A	73. A	88. A	
14. D	29. D	44. E	59. B	74. A	89. E	
15. B	30. B	45. C	60. B	75. C	90. D	

Exercícios de Análise Sintática

1. **FUNRIO – "Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade."**

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A frase, "Uma flor, o Quincas Borba", não pode ser considerada uma oração (pois não possui verbo); no entanto, ainda assim, permite que se realize uma análise sintática desse segmento. Assim, pode-se afirmar que o trecho em questão é composto de:

- **A** dois vocativos, que aludem aos personagens com os quais o narrador dialoga;
- **B** dois termos adjuntos, dois quais apenas um deles desempenha função adnominal;
- **C** um termo substantivo e de seu aposto de natureza explicativa;
- **D** um adjunto adverbial de pessoa, com o qual se caracteriza o início da narrativa;
- **E** palavras e expressões isoladas que, no presente contexto, funcionam como predicado nominal.

2. **FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)**

Há, no texto, três ocorrências do vocábulo <u>se</u>: "<u>se</u> vai ao longe", "<u>se</u> chega lá" e "não <u>se</u> encontra mais ninguém". Assinale a afirmativa correta sobre as três ocorrências desse vocábulo:

- **A** nas primeira e terceira ocorrências, os vocábulos desempenham a mesma função sintática;
- **B** em uma só das ocorrências o vocábulo sublinhado é classificado como pronome reflexivo;
- **C** só na terceira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> pode ser identificado como pronome apassivador;
- **D** nas três ocorrências o vocábulo <u>se</u> apresenta o mesmo valor semântico;
- **E** só na primeira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> é classificado como índice de indeterminação do sujeito.

3. FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)

Indique a circunstância apontada corretamente:

Ⓐ devagar – circunstância de modo;
Ⓑ lá – circunstância de finalidade;
Ⓒ mais – circunstância de intensidade;
Ⓓ longe – circunstância de tempo;
Ⓔ quando – circunstância de lugar.

4. EMPASIAL – Analise sintaticamente a oração em destaque:

"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

Ⓐ Oração subordinada substantiva completiva nominal.
Ⓑ Oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ Oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
Ⓓ Oração coordenada sindética conclusiva.
Ⓔ Oração coordenada sindética explicativa.

5. NCE-UFRJ – Indique o item em que a classificação sintática do elemento destacado está incorreta:

Ⓐ "Segundo ele, as Forças Armadas existem como instituições para enfrentar duas situações específicas: a agressão externa ou a desordem interna." – aposto.
Ⓑ "E acrescenta: para combater uma agressão externa, as verbas, os equipamentos e o pessoal das Forças Armadas são insuficientes. Para combater a desordem, são demais." – predicativo.
Ⓒ "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso." – adjunto adnominal.
Ⓓ "Devem as Forças Armadas intervir no processo com seu instrumental capaz de intimidar o crime?" – sujeito.
Ⓔ "...nenhuma autoridade local sentiu-se ultrajada pela presença das Forças Armadas ... " – predicativo.

6. NCE-UFRJ – "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso. As tentativas de comprometê-las na luta contra o tráfico,..."

"Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião,..."

Quais as funções sintáticas respectivamente desempenhadas pelos termos destacados nas frases dadas?

Ⓐ Objeto direto – Objeto indireto.
Ⓑ Objeto indireto – Adjunto adnominal.

Ⓒ Objeto indireto – Objeto indireto.
Ⓓ Objeto direto – Objeto direto.
Ⓔ Objeto indireto – Complemento nominal.

7. NCE-UFRJ – "Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência."

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

Ⓐ "...o povo do Rio de Janeiro..." – sujeito.
Ⓑ "...o seu inconformismo..." – objeto direto.
Ⓒ "...do Rio de Janeiro..." – adjunto adverbial de lugar.
Ⓓ "Em silêncio..." – adjunto adverbial de modo.
Ⓔ "...seu..." – adjunto adnominal.

8. NCE-UFRJ – Leia as sentenças a seguir:

1. "...o significado <u>das palavras</u> é depreciado,..."

2. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse <u>de propósito</u>, a sabotagem do idioma..."

3. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem <u>do idioma</u> – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

4. "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o <u>de outras</u>."

5. "Diversas morrem <u>de exaustão</u>."

Que números a seguir indicam termos sintáticos de mesma função, considerando-se as frases acima?

Ⓐ 2 – 5.
Ⓑ 1 – 3.
Ⓒ 3 – 4.
Ⓓ 1 – 4.
Ⓔ 2 – 3.

9. FJG – Leia o fragmento a seguir:

"Invejo o ourives quando escrevo,
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor."

(Olavo Bilac)

Assinale a alternativa que dá a função sintática e a significação correta do sintagma <u>com que</u> do verso 3.

Ⓐ Objeto indireto – Paciente da ação.
Ⓑ Adjunto adverbial – Instrumento.
Ⓒ Adjunto adverbial – Modo.
Ⓓ Objeto indireto – Beneficiário da ação.
Ⓔ Adjunto adverbial – Companhia.

10. FESP-RJ – Das seguintes transformações de passagens do texto, aquela em que o pronome relativo que passa de objeto direto a sujeito é:

Ⓐ "E eu vou ao encontro do que me espera."
E eu vou ao encontro do que sempre esperei.
Ⓑ "Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida."
Não posso perder um minuto do tempo com que é feita minha vida.
Ⓒ "Amar os outros é a única salvação individual que conheço."
Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.
Ⓓ "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever."
Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.
Ⓔ "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar."
Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

A expressão que possui o mesmo valor sintático de "...a vida dos turistas...", que foi usada no primeiro parágrafo, é:

Ⓐ "O período de seca também é bom para mergulho."
Ⓑ "Na alta temporada, os pacotes podem custar o dobro."
Ⓒ "Além de caminhadas e cavalgadas, é possível passear de lancha, fazer a focagem noturna de animais e conhecer a rotina das fazendas locais."
Ⓓ "O Pantanal Norte, aonde se chega via Cuiabá, é o melhor acesso para conhecer o parque nacional e atravessar a rodovia Transpantaneira, rica em animais silvestres."
Ⓔ "No Pantanal Sul, com acesso via Campo Grande, ficam fazendas que têm boa estrutura de passeios e hospedagem."

12. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

O que utilizado acima apresenta valor sintático de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto direto;
Ⓒ objeto indireto;
Ⓓ agente da passiva;
Ⓔ aposto.

13. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

O pronome relativo do período exerce a função sintática de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto indireto;
Ⓒ objeto direto;
Ⓓ predicativo.

14. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

No período dado, só <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ reduzida.

15. FCC – A estrutura sintática da frase "Senti Fidel aliviado" é idêntica à da frase:

Ⓐ Saí da festa desanimado.
Ⓑ Julgo esse menino inteligente.
Ⓒ Dei-lhe o presente contrariado.
Ⓓ Percebi seu equívoco rapidamente.
Ⓔ Acho que você é astuto.

16. ACEP – Em "A dedicação ao trabalho <u>te</u> enche de glória e <u>te</u> faz <u>vencedor</u>.", as palavras sublinhadas são respectivamente:

Ⓐ objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
Ⓑ objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
Ⓒ adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
Ⓓ objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
Ⓔ predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

17. FUNRIO – "Logo após a realização da Semana, alguns artistas fundamentais que dela participaram acabaram voltando para a Europa ou indo para lá pela primeira vez, como Di Cavalcanti. Isso dificultou a continuidade do processo que se iniciara."

Quanto aos dois períodos construídos pelo redator do parágrafo acima, é correto afirmar que:

Ⓐ o segundo período tem a metade das orações do primeiro;
Ⓑ o primeiro tem três orações e o segundo tem duas orações;
Ⓒ apenas o primeiro contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓓ apenas o segundo contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓔ ambos são compostos por orações intercaladas justapostas.

18. FESP-RJ – Em "A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito..."

Ocorre incorreção de análise na alternativa:

Ⓐ que: núcleo de adjunto adverbial;
Ⓑ moro: núcleo de predicado;
Ⓒ própria: predicativo do sujeito;
Ⓓ la: sujeito;
Ⓔ de propósito: adjunto adverbial.

19. FJG – No trecho "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir se o direito, nas leis e decisões jurídicas, usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem.", a oração sublinhada classifica-se, em relação à do verbo discutir e à do verbo realizar, respectivamente, como:

Ⓐ principal e subordinada substantiva predicativa;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta e coordenada;
Ⓒ coordenada e principal;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa e coordenada;
Ⓔ subordinada substantiva objetiva direta e principal.

20. FJG – Em: "...as pessoas estranhas às profissões jurídicas consideram, em regra, a linguagem dos trabalhadores dessa área difícil de entender", o predicado da oração do verbo "considerar" classifica-se da mesma forma que o da oração:

Ⓐ "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir..."
Ⓑ "Ela também depende do que os advogados chamam de 'deduções' e daquilo que os espíritos menos restritivos chamam de imaginação."
Ⓒ "Se o direito [...] usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem."
Ⓓ "...quando se perdem de vista as finalidades essenciais da aplicação da lei, com sacrifício da consciência social na busca do equilíbrio nas relações humanas."
Ⓔ "...hoje a linguagem nem é mais a interface entre o conhecimento e o conhecido..."

21. IPAD – Observe:

I. "Nunca chegará a tempo, por mais depressa que ande."

II. "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me."

III. "Quando meus amigos chegarem, começaremos a festa."

IV. "Embora chova, vou à praia."

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações subordinadas.

Ⓐ No item I – oração subordinada adverbial condicional.
Ⓑ No item II – oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ No item III – oração subordinada adverbial temporal.
Ⓓ No item IV – oração subordinada adverbial concessiva.
Ⓔ Nos itens I e IV – orações subordinadas adverbiais concessivas.

22. IPAD – No verso: "Faz frio. Há bruma. Agosto vai meio."

Ⓐ Todas as orações têm sujeitos indeterminados.
Ⓑ Todas as orações têm sujeitos ocultos.
Ⓒ São todas orações sem sujeito.
Ⓓ Só há sujeito na terceira oração.
Ⓔ Não há sujeito na terceira oração.

23. NCE-UFRJ – "Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade..."

Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima?

Ⓐ campos – palavras
Ⓑ palavras – que
Ⓒ palavras – palavras
Ⓓ indeterminado – recado
Ⓔ indeterminado – palavras

24. FJG – "Nunca é demais <u>recordar a origem de determinadas palavras</u>." A oração em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "O sujeito elegante era o <u>que</u> sabia fazer escolhas acertadas..."
Ⓑ "A etimologia <u>nos</u> ajuda a entender..."
Ⓒ "E então se tornam <u>fonte</u> de mal-entendidos..."
Ⓓ "...averiguando <u>os</u> múltiplos sentidos..."
Ⓔ "Devemos acompanhá-<u>las</u>..."

25. FEPESE – No período "Penso, <u>logo existo</u>" a oração em destaque é:

Ⓐ coordenada sindética aditiva;
Ⓑ coordenada sindética conclusiva;
Ⓒ coordenada sindética alternativa;
Ⓓ coordenada sindética explicativa.

26. FUMARC – No período: "Convém agora acrescentar muitas análises sobre a introdução de uma nova moeda", encontra-se oração:

Ⓐ coordenada;
Ⓑ subordinada adverbial;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva.

27. PUC-MG – "Ficava no quartinho dos fundos e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa que às vezes até se esqueciam da existência dele."

Os termos "sempre", "tanto" e "da existência dele", sublinhados no enunciado, estão corretamente classificados quanto a sua função sintática, respectivamente, em:

Ⓐ objeto direto – adjunto adnominal – objeto indireto;
Ⓑ objeto direto – adjunto adverbial – objeto direto;
Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adverbial – objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial – adjunto adnominal – objeto indireto.

28. ACADEPOL-MG – Assinale a alternativa em que o sujeito seja indeterminado:

Ⓐ Caíram na escada o pai e a filha.
Ⓑ Alguém havia aberto a porta.
Ⓒ Não encontraram o corpo do rapaz afogado.
Ⓓ Esperanças haverá sempre.
Ⓔ Choveu muito ontem à noite.

29. FJG – Leia o texto abaixo:

"Nas folhas incertas do livro da Terra, de bilhões de anos, a leitura se faz quase por acaso: tipos de terrenos, disposição de camadas de solos, graus de umidade, pedaços de paus calcinados por milhões de anos, restos animais – dentes, osso, muitas vezes petrificados. É a difícil leitura dos passos da vida num singular planeta preso a uma estrela de quinta categoria, perdida na periferia de uma entre milhares de galáxias de um universo infinito, inexplicável."

No texto há:

Ⓐ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos àquele, apostos enumerativos;
Ⓑ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos a este, apostos resumitivos;
Ⓒ verbos na voz ativa, com recursos enumerativos;
Ⓓ verbos na voz passiva, com recursos enumerativos;
Ⓔ verbos na voz passiva, com sujeito explicitado sob a forma de substantivo.

30. NCE-UFRJ – "Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande."

O período tem como oração principal:

Ⓐ uma vez que a administração compreenda;
Ⓑ e aceite essa economia mundial;
Ⓒ a sua maneira necessariamente se expande;
Ⓓ de encarar a praça do mercado;
Ⓔ e de planejá-la.

31. FUNRIO – O exemplo em que aparece uma oração sem sujeito, é:

Ⓐ "... há uma linha divisória entre o trabalho formal e informal..."
Ⓑ "No entanto, creditam à prática apenas um 'jeito de ganhar a vida' sem cometer crimes."
Ⓒ "Todos gostariam de trabalhar tendo um patrão..."
Ⓓ "Isso é quase um sonho para muitos."
Ⓔ "São pouquíssimos os que ganham mais de R$300 por mês."

32. FJG – Em: "O jornal é o gráfico dessa vida nervosa complementar, estampando diariamente as oscilações de nossas tristezas universais, nossas pálidas esperanças ecumênicas, nosso medo: somando as parcelas do mundo em nossa mente, divide a nossa mal distraída atenção por todos os continentes.", o núcleo do sujeito da forma verbal assinalada é:

Ⓐ medo;
Ⓑ gráfico;
Ⓒ jornal;
Ⓓ mundo;
Ⓔ vida.

33. NCE-UFRJ – O item cujo termo sublinhado possui valor de paciente e não de agente é:

Ⓐ hábito de consumo;
Ⓑ poder de mídia;
Ⓒ meios de comunicação;
Ⓓ efeito das drogas;
Ⓔ consumo de cocaína.

34. NCE-UFRJ – Termo sublinhado que exerce função sintática diferente dos demais é:

Ⓐ "A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."
Ⓑ "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio,..."
Ⓒ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓓ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓔ "Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional."

35. NCE-UFRJ – "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem do idioma – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

"É como se fosse uma cabala contra a comunicação: o significado das palavras é depreciado, desprezado, trocado, ignorado."

Assinale a afirmativa correta em relação aos termos sintáticos antecedidos pela preposição de nas frases acima:

A Os dois termos exercem a função de adjunto adnominal.
B Os dois termos exercem a função de complemento nominal.
C Os dois termos exercem a função de objeto indireto.
D Só o primeiro termo é complemento nominal.
E Só o segundo termo é objeto indireto.

36. FESP – RJ

"Cariocas são bonitos."

"Cariocas não gostam de dias nublados."

(Adriana Calcanhoto)

Os predicados em destaque classificam-se, respectivamente, em:

A verbal – nominal;
B nominal – verbal;
C verbal – verbo-nominal;
D nominal – verbo-nominal;
E verbo-nominal – nominal.

37. FESP-RJ – Em que frase abaixo a preposição de introduz um complemento nominal e não um adjunto adnominal?

A "É claro que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas, tanto quanto é imperativo minorar, como remédio apropriado, a sofrida tosse do silicótico."
B "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio,..."
C "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro, a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio, e era propriedade de uma companhia inglesa."
D " ... uma vez que, destruindo sua função alertadora e denunciadora, provoca uma cegueira perigosa, que aprofunda a raiz do mal."
E "A fábrica andou de vento em popa, produzindo tonéis e tonéis de xarope, vendido a preço módico, mas não tão modesto que impedisse uma pequena margem de lucro por unidade adquirida. Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável. O abrandamento da grande trovoada brônquica foi transformado em fonte de renda – e de sossego – , permitindo...".

38. EMPASIAL – Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:

Ⓐ Voltaremos cedo para casa.
Ⓑ Ele é um moço de bom coração.
Ⓒ O sol da manhã iluminava a montanha.
Ⓓ Cuidado com esse prato de vidro.
Ⓔ Algumas pessoas andavam pelas ruas.

39. CESPE-UnB – Identifique o período em que ocorre oração subordinada substantiva objetiva direta:

Ⓐ "Central de promessas impossíveis, o horário eleitoral não tem permitido que se explique para que serve um vereador."
Ⓑ "Os vereadores são a base do sistema democrático, e, uma vez eleito, um candidato terá poder de interferir e atuar onde menos se imagina."
Ⓒ "Os vereadores gostam de perder tempo nomeando e renomeando ruas ou distribuindo medalhas e honrarias, mas cuidam de questões fundamentais para o bolso dos cidadãos."
Ⓓ "Assim, são os vereadores que lidam com as construtoras, ansiosas por conseguir uma autorização para erguer prédios em bairros onde só há casas."
Ⓔ "O resultado é que, mesmo com tanto a fazer, as câmaras muitas vezes são tratadas como um poder à sombra do Executivo."

40. NCE-UFRJ – O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:

Ⓐ "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
Ⓑ "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
Ⓒ "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos,..."
Ⓓ "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
Ⓔ "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

41. ANP – Leia o texto abaixo.

"Antes da chegada dos europeus, africanos e asiáticos, o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra. Desde que as frentes pioneiras de colonizadores adentraram o espaço geográfico brasileiro, não levaram em conta a posse, por direito, das terras das numerosas tribos indígenas. Isso se deve ao fato de os colonizadores nunca terem considerado os índios como humanos de pleno direito, mas um entrave a ser removido ou domesticado e disciplinado para o trabalho. Inclusive, o termo tribo, que designa as sociedades indígenas, traz uma certa carga preconceituosa, pois sugere uma pretensiosa

superioridade das nações europeias, e a não existência de civilização entre os ditos povos primitivos. [...] Quando o território do atual Estado de Santa Catarina começou a ser habitado por frentes pioneiras de colonizadores europeus, os moradores nativos utilizavam-se de armas rudimentares para caça, pesca e defesa. Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora e da imprensa. A bússola os trouxe; a pólvora permitiu a violenta conquista e a imprensa registrou os fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade. Munidos dessas armas, os conquistadores encontraram uma terra habitada por um povo atrasado, conforme o olhar que tinham à época (visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

(M. Carmo Ramos Krieger Goulart e Nilson Cesar Fraga. *Vale dos índios, vale dos imigrantes*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000, p. 25-26)

Observe os fragmentos de texto a seguir, para responder à questão:

I. “...o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra.”

II. “Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora, e da imprensa.”

III. “...fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade.”

IV. “...(visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

Aponte a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Em III, “...aqueles momentos da História...” completa o sentido de “traziam”, verbo transitivo direto; é, portanto, um objeto direto.

Ⓑ Em II, a expressão “...da bússola, da pólvora, da imprensa” refere-se a “conhecimento”; é, portanto, um complemento nominal.

Ⓒ Em I, “...pelos índio...” completa o sentido de encontrava, verbo transitivo indireto; é, portanto, um objeto indireto.

Ⓓ Passando a frase II para a voz passiva, o núcleo verbal fica “era trazido”.

42. FEC – No período “Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo.”, a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

Ⓐ tempo e finalidade;

Ⓑ tempo e consequência;

Ⓒ causa e tempo;

Ⓓ causa e consequência;

Ⓔ causa e finalidade.

43. FJPF – A frase em que o pronome lhe tem função distinta dos demais é:

Ⓐ "...colhe o que lhe sonegam..."
Ⓑ "...percebe onde lhe alvejam..."
Ⓒ "...devassa o que lhe ocultam..."
Ⓓ "...enxerga o que lhe malfazem..."
Ⓔ "...o que lhe passa ao perto e ao longe..."

44. CONATEC – Analise cada uma das orações grifadas e classifique-a, quanto à função que exerce no período.

1. Não se sabe se vai dar certo.

2. Perguntaram se estava tudo em ordem.

3. Sou favorável a que o despachem.

4. Não veio porque está adoentado.

5. É bom dormir quando chove.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ subjetiva, objetiva direta, completiva, causal, temporal;
Ⓑ completiva nominal, subjetiva, objetiva direta, causal, temporal;
Ⓒ temporal, completiva nominal, causal, objetiva direta, subjetiva;
Ⓓ causal, objetiva direta, subjetiva, temporal, completiva nominal.

45. NCE-UFRJ – "O *Viva Rio* pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira."

Que item a seguir indica corretamente a função sintática do termo destacado na frase acima?

Ⓐ "...dois minutos de silêncio" – objeto direto.
Ⓑ "...ao meio-dia" – objeto indireto.
Ⓒ "...da próxima sexta-feira" – adjunto adverbial de tempo.
Ⓓ "...pediu [...] sexta-feira" – predicado nominal.
Ⓔ "...de silêncio" – adjunto adverbial de modo.

46. EMPASIAL – Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:

Ⓐ João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
Ⓑ Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
Ⓒ Vendem-se livros. (sujeito)
Ⓓ Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
Ⓔ A ideia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

47. FUNRIO – "Se, em vez de atender prontamente à solicitação, o negociante começar a gaguejar, demonstrar impaciência, o cliente, que já não estava muito inclinado a ceder, termina por não assinar o contrato..."

A classificação da oração em destaque está correta na opção:

- **A** oração subordinada substantiva predicativa;
- **B** oração subordinada adjetiva restritiva;
- **C** oração subordinada substantiva objetiva direta;
- **D** oração subordinada adjetiva explicativa;
- **E** oração coordenada sindética explicativa.

48. FUNRIO Verifica-se um caso de oração sem sujeito em:

- **A** "Já o nascimento de uma menina, na maioria dos casos, não é comemorado."
- **B** "Ninguém se deu ao trabalho de olhar para mim..."
- **C** "Mas nada na aparência externa de Machrihwa, no norte de Shravasti, perto da fronteira com o Nepal, indica esse recorde triste."
- **D** "Estamos impressionados..."
- **E** "E além disso há o próprio custo do casamento..."

49. NCE-UFRJ – No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

- **A** o sujeito de descobrimos é diferente do sujeito de vivemos;
- **B** a expressão é que atua como expressão de realce;
- **C** na doença indica uma ideia circunstancial de lugar;
- **D** que não vivemos sozinhos é complemento do verbo ser;
- **E** não é advérbio de negação ligado a sozinhos.

50. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o vocábulo se desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "...onde quer que se esteja" é:

- **A** "Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
- **B** "Nosso apetite pela liberdade se aburguesou."
- **C** "...e tem o direito de mover-se livremente?"
- **D** "...o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo..."
- **E** "...onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

51. CETRO – O complemento nominal está corretamente destacado no item:

- **A** "...acompanho a caça aos leitores..."
- **B** "...manter um veículo em vida orgânica."
- **C** "...é a porta de entrada dos jovens para a mídia..."
- **D** "...envelhecem e se fadigam das mesmices de cada crise..."
- **E** "...a violência urbana deve ser combatida pelo mutirão de cidadãos..."

52. FJG – Na frase: "É consenso nacional a necessidade de levar a educação formal e não formal a todos os brasileiros." – o sujeito do verbo sublinhado está posposto. Em que caso a seguir também se encontra posposto o sujeito do verbo sublinhado?

Ⓐ "As salas de aulas estão cheias de crianças e jovens que passam boa parte do seu tempo em contacto com mundos diversos..."

Ⓑ "Não há receitas mágicas que respondam e indiquem a fórmula para resolver tais questões."

Ⓒ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados. Isto é, não deveriam ser tomados por aqueles que têm como ideal um processo educacional que..."

Ⓓ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados."

Ⓔ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

53. FJG – "As salas de aula estão cheias de crianças e jovens..."

Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

Ⓐ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

Ⓑ "Assim como o relógio e a máquina a vapor mudaram a vida das pessoas nos séculos XVII e XVIII,..."

Ⓒ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓓ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓔ "...também os modernos instrumentos da comunicação transformam, reorganizam e medeiam os modos de vida e as relações sociais."

54. FJG – Em "Se é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I), "de todos" e "da Nação" são termos que:

Ⓐ determinam o mesmo nome;

Ⓑ exercem funções sintáticas diferentes;

Ⓒ têm função de complementos nominais;

Ⓓ funcionam como advérbios;

Ⓔ funcionam como adjuntos adnominais.

55. FUMARC "Mesmo estando disposto, não foi capaz de organizar o evento para os prefeitos da região."

A oração destacada acima exprime circunstância de:

Ⓐ consequência;
Ⓑ conformidade;
Ⓒ condição;
Ⓓ concessão.

56. FJG – "Já se falava em namoradas."

Assinale o item que apresenta a classificação do sujeito da oração:

Ⓐ sujeito simples;
Ⓑ sujeito oracional;
Ⓒ sujeito indeterminado;
Ⓓ oração sem sujeito;
Ⓔ sujeito composto.

57. FUMARC – "Através de medida provisória, decidiu-se saber que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

No período acima não se encontra:

Ⓐ adjunto adverbial;
Ⓑ adjunto adnominal;
Ⓒ complemento nominal;
Ⓓ objeto indireto;
Ⓔ predicativo do sujeito.

58. NCE-UFRJ – "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras. Diversas morrem de exaustão."

Assinale o item cujo comentário sobre a frase destacada acima esteja correto.

Ⓐ O sujeito da oração é *"palavras"*.
Ⓑ O termo *"de exaustão"* funciona como adjunto adnominal.
Ⓒ O termo *"de exaustão"* funciona como predicativo do sujeito.
Ⓓ O verbo *"morrer"* está empregado como verbo transitivo.
Ⓔ A preposição "de" tem valor nocional de causa.

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: *'o morro'* e a *'rua'*."

Quais os sujeitos das duas orações do período acima?

Ⓐ Quem – dois espaços bem diferenciados.
Ⓑ Indeterminado – inexistente.

Ⓒ Inexistente – dois espaços.
Ⓓ Indeterminado – indeterminado.
Ⓔ Quem – o morro e a rua.

60. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a forma apresentada pode substituir "segurando" no período "Um professor chinês em Yale, segurando a xícara de café, ficava olhando o ponteiro de segundos do relógio da sala de aul.", mantendo o sentido da expressão destacada:

Ⓐ logo que segurava;
Ⓑ enquanto segurava;
Ⓒ quando segurava;
Ⓓ porque segurou;
Ⓔ que segurou.

61. FUNRIO – Os pronomes pessoais são muito versáteis quanto aos valores sintáticos que expressam, em função dos contextos frasais em que se encontrem. Considerando essa reflexão, compare, nos dois fragmentos retirados do texto de Grecco, o emprego dos pronomes pessoais nele presentes e indique a alternativa que contém a indicação correta das funções que eles desempenham nas orações.

I. "...daqueles que nos roubam recursos..."

II. "Lugares-comuns que me incomodam."

Ambos os termos desempenham a função de:

Ⓐ objeto direto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓑ objeto indireto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓒ objeto direto e indireto, respectivamente;
Ⓓ objeto indireto e direto, respectivamente;
Ⓔ adjunto adnominal e complemento nominal.

Nas questões 62 e 63, elaboradas pela eminente banca examinadora da FUMARC, assinale a alternativa em que a circunstância da oração sublinhada esteja corretamente indicada nos parênteses.

62.

Ⓐ Havia tanto material no depósito que novas relações de compra foram adiadas. (consequência)
Ⓑ Mal divulgaram os resultados da pesquisa, os candidatos recuaram. (causa)
Ⓒ À medida que eles me procuram, vou dando as orientações necessárias. (conformidade)
Ⓓ Será aprovado desde que frequente as aulas no colégio. (tempo)

63.

- **A** Assim que retornar ao trabalho, provavelmente serão dispensados. (modo)
- **B** Ainda que me diga algumas verdades, não o escutarei mais. (concessão)
- **C** Para festejar sua recente promoção, convocou seus amigos rapidamente. (proporcionalidade)
- **D** Quanto mais se estuda o assunto, mais os alunos se sentem seguros para o exame. (finalidade)

64. FUMARC – "Perderam o ônibus por estarem atrasados."

No enunciado, a oração subordinada exprime circunstância de:

- **A** conformidade;
- **B** causa;
- **C** consequência;
- **D** condição.

65. SENASP – Leia:

I. "O sábio cala, o mediano fala, o ignorante grita."

II. "Penso, logo existo."

III. "Espere, que quero falar-lhe."

IV. "O invejoso emagrece com a gordura alheia."

V. "O trabalho enobrece o homem mas, depois que o homem se sente nobre, não quer mais trabalhar."

Assinale a correta afirmativa quanto à classificação dos períodos de I a V.

- **A** Apenas I e II exemplificam períodos mistos.
- **B** Apenas I e III exemplificam períodos mistos.
- **C** I, II e III exemplificam períodos coordenados, IV exemplifica período simples e V exemplifica período misto.
- **D** I e IV exemplificam períodos simples, II e V exemplificam períodos compostos por subordinação e III é período misto.
- **E** I, III e V exemplificam períodos mistos, II e IV exemplificam períodos compostos por coordenação assindética.

66. FESP-RJ – Observe a oração: "O poeta considera injustas as condições de vida".

Nela, o predicado tem a mesma classificação que o da seguinte oração:

- **A** "Volto do trabalho, a noite em meio, fatigado de mentiras."
- **B** "...a poesia agora responde a inquérito policial-militar."
- **C** "...eu a compro à vista aos donos do mundo."
- **D** "...e com ele construímos um artefato."

67. UNIFAP – Sobre os termos em destaque na oração "Um dia, todos os computadores do mundo estarão ligados num <u>único e definitivo</u> sistema", é correto afirmar que eles exercem a função de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ predicativo;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ complemento nominal.

68. FUMARC – No texto "Para ver a plantação de dinheiro dos nossos clientes, é preciso flexibilizar negociações", <u>não</u> há exemplo de:

Ⓐ predicado nominal;
Ⓑ predicado verbal;
Ⓒ adjunto adverbial;
Ⓓ objeto direto.

69. NCE-UFRJ – Assinale o comentário adequado sobre o período a seguir: "O homem do campo trabalhava em harmonia com os elementos, como um artesão, durante tanto tempo quanto julgasse necessário".

Ⓐ O termo "em harmonia" corresponde a uma locução adverbial, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓑ O termo "do campo" corresponde a uma locução adjetiva, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓒ O termo "com os elementos" exerce a função de complemento nominal, sendo iniciado por uma preposição de valor predominantemente gramatical.
Ⓓ O termo "como um artesão" corresponde ao segundo termo de uma comparação que tem como ponto comum o ato de trabalhar.
Ⓔ O termo "necessário" corresponde a um adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal de "tempo".

70. NCE-UFRJ – "Não há nada que diferencie tanto a sociedade ocidental de nossos dias das sociedades mais antigas da Europa e do Oriente do que o conceito de tempo."

Quais os sujeitos das duas orações que compõem o período inicial do texto?

Ⓐ Oração sem sujeito – "nada".
Ⓑ Oração sem sujeito – "que".
Ⓒ "Nada" – "que".
Ⓓ "Nada" – "o conceito de tempo".
Ⓔ A oração seguinte – "o conceito de tempo".

71. FUNRIO – Duas placas colocadas na entrada de uma galeria oferecem empregos. Elas dizem:

PRECISAM-SE DE COSTUREIRAS	CONTRATAM-SE COZINHEIROS

Levando em conta o que é recomendado pelo uso prestigiado na linguagem padrão, podemos afirmar que:

A apenas a primeira frase está correta, pois o verbo "precisar" tem sujeito indeterminado;

B as duas frases estão corretas, já que ambas têm sujeito indeterminado e pronome reflexivo;

C apenas a segunda frase está correta, pois o verbo "contratar" concorda com o sujeito "cozinheiros";

D as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do singular;

E as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do plural.

72. FUMARC – Em todas as alternativas, a oração sublinhada tem a mesma função sintática que o termo em destaque na sentença abaixo "Mandei-os entrar", exceto:

A Ainda não sei se conseguiremos fazer a mudança antes do fim de semana.

B Não podia ser verdade que ele tivesse traído seus correligionários.

C Ainda não se sabe se eles conseguirão sobreviver aos ferimentos.

D Muitas vezes, mandar acaba sendo mais difícil do que obedecer.

73. NCE-UFRJ – Observe as duas ocorrências do vocábulo se nas frases a seguir e assinale o item que traz um comentário correto a respeito dessas ocorrências:

1. "...a população menos carente se atira ao trabalho..."

2. "...sem indagar se são adequados aos nossos gostos..."

A Ocorre somente um caso de se indeterminador do sujeito.

B Os dois casos de se têm a mesma função sintática.

C Uma ocorrência de se corresponde à classe das conjunções condicionais.

D Há um caso de se como pronome apassivador.

E Ocorre somente um caso de se pronome pessoal.

74. NCE-UFRJ – Assinale o item em que se indica corretamente o número de frases nas quais os elementos destacados são complementos nominais.

1. "...a sociedade ocidental de nossos dias..."

2. "...do que o conceito de tempo."

3. "...o relógio de sol inútil..."

4. "...dispunham de meios bastantes primitivos..."

5. "...onde o resto de óleo ou cera..."

Ⓐ Cinco.
Ⓑ Quatro.
Ⓒ Três.
Ⓓ Dois.
Ⓔ Um.

75. NCE-UFRJ – "....com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..."; o comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:

Ⓐ a forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário";
Ⓑ o pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte;
Ⓒ "pela indústria" representa o paciente da ação verbal;
Ⓓ o pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos";
Ⓔ o verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

76. FESP-RJ – Leia atentamente as orações:

"Compõe-se <u>a imagem</u> no entremeio de outras duas."

"...ficavam confinados e acessíveis somente <u>a uns poucos privilegiados</u>."

Os termos sublinhados exercem, respectivamente, as seguintes funções sintáticas:

Ⓐ sujeito e objeto indireto;
Ⓑ sujeito e complemento nominal;
Ⓒ objeto direto e adjunto adnominal;
Ⓓ objeto indireto e adjunto adnominal;
Ⓔ objeto direto e complemento nominal.

77. ANP – Com base nos fragmentos de texto abaixo, é correta a função sintática identificada em:

Ⓐ "Não é mero erro ocasional; é clara <u>a tendência de recursos ao "onde"</u> para substituir outros advérbios – o "quando" em particular." – predicativo.
Ⓑ "<u>Curiosamente</u>, teóricos da pós-modernidade já apontaram para a decadência da categoria moderna do tempo e a ascensão da categoria pós-moderna do espaço." – advérbio de modo.
Ⓒ "Agora, na idade pós-moderna, é como se o tempo estivesse, na hipótese mais nobre, sendo abolido ou diminuído, encurralado, desbastado, pulverizado (pelo desenvolvimento de técnicas de locomoção, como no avião); pelo aprimoramento daquelas outras <u>que</u> permitem a superação imaginária das distâncias..." – sujeito
Ⓓ "...estar na rua significa estar num tempo sem começo e sem fim, um tempo que independe do ritmo vital de cada um e que, portanto, é neutro. Tenta-<u>se</u> agarrar o espaço por não mais ser possível viver o tempo, ... " – objeto direto.

78. FJG – "...uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:

- **A** A ciência se considera infalível.
- **B** Ciência e técnica se auxiliam.
- **C** Não se conhece uma só ciência completa.
- **D** Viram-se os resultados da pesquisa.
- **E** Os jovens se abraçaram na passeata.

79. FUMARC – Leia o enunciado a seguir:

"Como se resolve determinado problema quando a crise começa a rondar a empresa em que você trabalha?"

No período dado, não se encontra o seguinte termo da oração:

- **A** adjunto adverbial;
- **B** adjunto adnominal;
- **C** objeto direto;
- **D** predicativo do sujeito.

80. NCE-UFRJ – "...exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

- **A** O termo da administração corresponde a um adjunto adnominal.
- **B** O termo dos problemas sociais corresponde a um objeto indireto.
- **C** Federal, estadual e municipal são apresentados numa ordem crescente de importância.
- **D** O substantivo governos se prende aos adjetivos federal, estadual e municipal.
- **E** O adjetivo profunda se refere aos substantivos mudança e administração.

81. NCE-UFRJ – "Um pai ou uma mãe que fumam..."; "...mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar.". Os pronomes relativos desses dois segmentos do texto exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

- **A** sujeito – sujeito;
- **B** sujeito – objeto direto;
- **C** objeto direto – objeto indireto;
- **D** objeto direto – sujeito;
- **E** objeto indireto – objeto direto.

82. NCE-UFR – "Foi a descoberta de novas terras...". O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:

Ⓐ "As lendas da Grécia..."
Ⓑ "Estudos do fundo do oceano..."
Ⓒ "Nessa ilha, [...] havia uma extensa planície e, numa de suas extremidades, uma montanha solitária..."
Ⓓ "...tendo submergido de um dia para o outro..."
Ⓔ "...a oeste do estreito de Gibraltar..."

83. NCE-UFRJ – "...a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:

Ⓐ enorme quantidade de objetos;
Ⓑ instrumentos de trabalho;
Ⓒ o levantamento de pesos;
Ⓓ sala de aula;
Ⓔ máquina de escrever.

84. FESP-RJ – A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

Ⓐ Duvido de sua capacidade profissional.
Ⓑ Apenas nos víamos em festas rurais.
Ⓒ Ficaria encantado com a novidade.
Ⓓ Achava-se apto para o trabalho.

85. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o elemento destacado apresenta uma função sintática distinta das demais:

Ⓐ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que..."
Ⓑ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, em cores ou preto e branco, sem um botão para desligar."
Ⓒ "Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida."
Ⓓ "Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida."
Ⓔ "Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das oito no cinema."

86. FJG – Em:

"Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão."

(Gilberto Gil)

o sujeito do verbo acessar é:

Ⓐ "um hacker";
Ⓑ "um grupo";
Ⓒ "o chefe da Macmilícia";
Ⓓ "eu";
Ⓔ "rede".

87. FJG – A dupla de frases, em que os termos destacados exercem a mesma função sintática, é:

Ⓐ "Mas é nelas que te vejo pulsando, mundo novo, ainda em estado de soluços e desesperança." / "São todas elas coisas perecíveis e eternas, como o teu riso..."
Ⓑ "São todas elas coisas perecíveis e eternas como o teu riso, a palavra solidária, minha mão aberta, ou este esquecido cheiro de cabelo que volta..." / "Todas as coisas de que falo são de carne como o verão e o salário."
Ⓒ "São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos, greves, denúncias, acidentes de trabalho e de amor. Coisas, de que falam os jornais..." / "Todas as coisas de que falo estão na cidade..."
Ⓓ "São coisas, todas elas, cotidianas,..." / "...ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende sua flama inesperada no coração de maio."
Ⓔ "Todas as coisas de que falo estão na cidade, entre o céu e a terra." / "...às vezes tão rudes, às vezes tão escuras que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade."

88. NCE-UFRJ – "Os processos através dos quais as sociedades do passado minaram a si mesmas, danificando o meio ambiente, dividem-se em oito categorias, cuja importância relativa difere de caso para caso:..." A oração reduzida – "danificando o meio ambiente" – tem valor de:

Ⓐ meio;
Ⓑ causa;
Ⓒ condição;

Ⓓ tempo;
Ⓔ modo.

89. FJG – Em "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente <u>por ser um símbolo do mundo adulto.</u>", o fragmento sublinhado é uma oração reduzida cuja forma desenvolvida adequada é:

Ⓐ embora seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓑ caso seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓒ porquanto é um símbolo do mundo adulto;
Ⓓ mesmo que seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓔ à proporção que seja um símbolo do mundo adulto.

90. CESPE-UNB – No período:

"O resultado é que, quando não estão em sessão, os vereadores são procurados para resolver o problema de um cidadão que não consegue fazer valer junto ao governo um direito líquido e certo – como a internação num hospital, a pavimentação de uma rua ou o acesso a uma linha de ônibus nas proximidades de casa." há:

Ⓐ oito orações;
Ⓑ sete orações;
Ⓒ seis orações;
Ⓓ cinco orações;
Ⓔ quatro orações.

91. ACEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada, sintaticamente, é <u>objeto indireto</u> da oração a que está vinculada.

Ⓐ "Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos, de modo que quando acrescentou em 1832, no fim da vida, <u>alguns capítulos novos</u> ao Fausto, que começara a escrever sessenta anos antes, aplicou lições que aprendeu em sua experiência como uma espécie de 'autoridade monetária'."
Ⓑ "Goethe tinha em mente <u>as primeiras experiências desastrosas</u> com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..."
Ⓒ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, desde então, e diante de centenas <u>de desastres financeiros similares em toda parte</u>, a humanidade..."
Ⓓ "...a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel <u>a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais.</u>"

92. NCE-UFRJ – Qual dos itens a seguir apresenta um predicado de tipo distinto dos demais?

Ⓐ Introduzo na poesia / a palavra diarreia.
Ⓑ Não pela palavra fria / mas pelo que ela semeia.
Ⓒ Quem fala em flor não diz tudo.
Ⓓ Quem fala em dor diz demais.
Ⓔ O poeta se torna mudo / sem as palavras reais.

93. FJG – Analise o elenco de orações abaixo listado:

1. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos.

2. O carioca [...] virou grosseiro e irritadiço.

3. O chofer considera [...] todo pedestre um débil mental.

4. Não cede lugar a nenhuma senhora.

5. Não entrei na conversa.

6. [...] o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro [...]

Entre os predicados das frases destacadas, a menor frequência é tipo:

Ⓐ verbo-nominal e verbal;
Ⓑ verbal;
Ⓒ verbo-nominal;
Ⓓ verbo-nominal e nominal;
Ⓔ nominal.

94. FUNRIO – No fragmento a seguir "...não considero desertor um jogador que, por qualquer motivo, não queira defender a seleção de seu país...", o termo "desertor" desempenha a função de:

Ⓐ predicativo do sujeito;
Ⓑ predicativo do objeto direto;
Ⓒ predicativo do objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial de modo;
Ⓔ adjunto adverbial de causa.

95. FUNRIO – Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nos versos.

I. "Era <u>ele</u> que erguia casas" – pronome pessoal reto, em função de sujeito.

II. "Ele subia com as casas / Que <u>lhe</u> brotavam da mão" – pronome pessoal oblíquo, em função de objeto indireto.

III. "Que a casa que ele fazia" – pronome relativo, em função de objeto direto.

IV. "A casa que ele fazia / Sendo a <u>sua</u> liberdade/ Era a sua escravidão" – pronome possessivo, em função de adjunto adnominal

É correto apenas o que se afirma na alternativa:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I e III;
Ⓒ I, II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I, II e III.

96. FUNRIO – No trecho "...resultou na renúncia do Presidente Richard Nixon, em agosto de 1974...", emprega-se a preposição de (em do= de+o) como um conector entre dois substantivos; nessas condições, o segundo substantivo, então, repete sintaticamente a mesma função que se detecta em:

Ⓐ "Ela é cúmplice de tudo que tem acontecido no país."
Ⓑ "...as pressões econômicas que os veículos sofrem das grandes corporações."
Ⓒ "...quanto ao seu papel de informar."
Ⓓ "Independente das posições político-ideológico-partidárias de cada um."
Ⓔ "Tudo em nome da grande pátria."

97. EMPASIAL – Marque onde há erro na análise sintática do termo em destaque:

Ⓐ Ao pé da cruz, havia uma pequena inscrição. (núcleo do objeto direto)
Ⓑ Ele era muito útil à comunidade. (objeto indireto)
Ⓒ A loja foi assaltada por eles. (agente da passiva)
Ⓓ Ouvi apenas o começo da música. (objeto direto)
Ⓔ Não existem testemunhas do assalto. (sujeito)

98. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os elementos assinalados exercem a mesma função sintática.

Ⓐ "Amigo leitor, você, que se enquadra na categoria dos consumidores ..."
"A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas. Pode estar aguardando você à porta da padaria mais próxima."

Ⓑ "Seguinte: se você consumir, será imediatamente responsável por qualquer aumento de inflação."
"Se você comprar muitas passagens de ônibus ou de metrô, isso se refletirá no consumo das passagens e, aumentando o consumo, aumenta a inflação."

Ⓒ "Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar. Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada."
"Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada. Só que o dinheiro que não valia nada era guardado exatamente por isso, porque não valia nada."

Ⓓ "A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas."
"Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar."

Ⓔ "Aqui, é claro, tudo tinha de ser ao contrário."
"Senão, não tinha graça."

99. FJG – Observe os fragmentos de texto:

1. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

2. "Sai de casa pela manhã, como quem vai para uma briga, mantém para com o colega de bonde, ônibus, ou lotação, uma atitude de 'mentalidade antipática', e, para com o motorista ou cobrador, de 'beligerância em potencial'."

3. "Não cede lugar a nenhuma senhora e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade para apenas comprar um carretel;..."

4. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

5. "Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e esse quase se chocou com um carro particular."

6. "O garçom irrita-se porque o freguês tem a veleidade de lhe pedir alguma coisa,..."

Relacione as colunas, classificando a expressão sublinhada em cada frase, segundo a coluna da esquerda; depois, assinale a sequência correta:

(1) objeto direto	**( )**	**"com propensão ao suicídio."**
(2) objeto indireto	**( )**	**"com o colega de bonde"**
(3) complemento nominal	**( )**	**"Não cede lugar a nenhuma senhora"**
(4) adjunto adverbial	**( )**	**"considera todo colega um "barbeiro"**
(5) adjunto adnominal	**( )**	**"vinha para casa num táxi "**
(6) predicativo	**( )**	**"o freguês tem a veleidade"**

A alternativa que apresenta a sequência correta é:

Ⓐ 2 – 5 – 3 – 6 – 4 – 1;
Ⓑ 3 – 5 – 2 – 6 – 4 – 1;
Ⓒ 3 – 4 – 2 – 6 – 5 – 1;
Ⓓ 3 – 5 – 1 – 6 – 4 – 2;
Ⓔ 4 – 3 – 2 – 1 – 5 – 6.

100. NCE-UFRJ – Que elemento dos fragmentos abaixo, precedido da preposição de, exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

Ⓐ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado. O tom de voz nem sempre é o mesmo usado no 'morro',..."
Ⓑ "...(quem mora lá no morro já vive pertinho do céu)."
Ⓒ "Há pontos em comum entre as duas versões. A percepção de uma cidade cindida em dois é a coincidência mais evidente,..."
Ⓓ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado."
Ⓔ "...as palavras e os gestos são medidos para que traduzam um código distinto do que é utilizado na favela."

101. EMPASIAL – Em : "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Assinale o item que classifica a oração subordinada destacada:

Ⓐ subordinada adverbial causal;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓒ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa;
Ⓔ coordenada sindética explicativa.

102. EMPASIAL – Indique qual o item em que a oração subordinada tem a mesma função do termo destacado em "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Ⓐ "A diferença é que o 'pit-bull' é forte e tem grande resistência à dor."
Ⓑ "...não digo que a vida é bela tampouco me nego a ela: digo sim."
Ⓒ "Quase sempre se convence que não tem o bastante..."
Ⓓ "Você não entende as coisas que eu te digo..."
Ⓔ "Ela entendia muito de fazendas, pois a tia era costureira."

103. ACEP – Assinale a sequência cujos sintagmas postos em negrito se classificam como aposto, oração completiva nominal e predicativo:

Ⓐ " ... a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais." / Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo "controle da base monetária". / Johann Wolfgang von Goethe, [...] conhecia bem os assuntos da economia. Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos,...

Ⓑ "Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo 'controle da base monetária'." / É da natureza dos religiosos do BC enxergar apenas virtude no sacrifício, mas o mundo laico pode entender que, sem prejuízo da nobre missão dos bancos centrais, a decisão sobre a flagelação do organismo econômico deve pertencer aos políticos eleitos. / Cria-se, assim, uma autonomia relativa, dita "operacional", com vista a conciliar a monástica propensão ao martírio, própria das autoridades monetárias, com as necessidades do desenvolvimento.

Ⓒ "Mas, como no Brasil, desde Juscelino, o pendor faustiano para o excesso é imenso, e este é o país do Carnaval, essa conciliação, na prática, é muito difícil." / Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o "lastro" em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, ... / Os juros são altos, e assim permanecerão, muito mais em razão de "fundamentos econômicos" frágeis, temas da esfera dos políticos, que da vilania ou austeridade do BC.

Ⓓ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (o moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..." / a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais. / Tudo era falso como as fantasias de Carnaval e de Mefistófeles.

104. CESPE-UnB – Leia os trechos abaixo:

I. "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador, não conhecia o garoto."

II. "Possivelmente essa incorrigível falsária, a Memória, a pintou."

III. "...a pintou substituindo a verdade nativa, feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul, por alguma caprichosa arquitetura rococó."

A opção correta, quanto à estrutura morfossintática, é:

Ⓐ apenas I contém aposto;
Ⓑ I e II contêm apostos;
Ⓒ I e III contêm apostos;
Ⓓ II e III contêm apostos;
Ⓔ todas as opções contêm apostos.

105. ACEP – "Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa."

Os dois períodos acima são formados por subordinação e em cada um encontra-se uma oração:

Ⓐ subordinada adverbial temporal;
Ⓑ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓓ subordinada adverbial concessiva;
Ⓔ subordinada adverbial causal.

106. COMPERV – "O homem trabalha muito, para que possa sobreviver."

A oração em destaque pode ser classificada como:

Ⓐ subordinada adverbial concessiva;
Ⓑ subordinada adverbial causal;
Ⓒ subordinada adverbial conformativa;
Ⓓ subordinada adverbial final;
Ⓔ subordinada adverbial consecutiva.

107. CONATEC – Indique, entre as orações abaixo, aquela em que ocorre a indeterminação do sujeito.

Ⓐ Alguém bateu à porta.
Ⓑ Ninguém diz que ele é estrangeiro.
Ⓒ Come-se bem naquele restaurante.
Ⓓ Quem falou?

108. FESP-RJ – Dos termos sublinhados nas seguintes passagens do texto, aquele que não funciona como sujeito é:

Ⓐ "...feneceu muito antes que na Europa Latina o molde feudal."
Ⓑ "...o que nos leva ora à solução elegante e proveitosa (para os juristas) da mudança da Constituição."
Ⓒ "...é possível configurar-se, então, a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social."
Ⓓ "Resta saber se não há uma terceira explicação, em termos de atitudes religiosas."
Ⓔ "...o belo arrazoado aquiniano de ser o juro ilegítimo..."

109. FESP-RJ – Em frase como: "Assassinaram o patrulheiro os homens que viajavam na moto.", o mecanismo gramatical responsável pela identificação do sujeito de assassinaram é:

Ⓐ concordância do verbo;
Ⓑ a ordem dos termos na frase;
Ⓒ o fato de o verbo em questão só poder referir-se a seres animados;
Ⓓ o fato de ser o sujeito, por definição, um termo não preposicionado;
Ⓔ a existência, na frase, de oração que funciona como adjunto adnominal de homens.

110. FUNRIO – Observe, com atenção, o período abaixo:

"Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo."

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Nele, é possível perceber que:

I. ocorre um sujeito oracional, ligado ao verbo de ligação "era";

II. "nas festas do Espírito Santo" é um termo adjunto adverbial de lugar;

III. o verbo "fazer", normalmente transitivo direto, está sendo completado por um objeto direto preposicionado;

IV. a palavra "gosto" funciona como núcleo do sujeito simples e claro.

Estão corretas as afirmações:

A) I e II;
B) II e III;
C) I e IV;
D) II e IV;
E) III e IV.

111. ESAG – Assinale a alternativa incorreta, em relação a esta frase:

"A água é considerada pelos capixabas o mais importante elemento da natureza. Depois vêm as florestas, o ar e os animais."

A) A expressão o mais importante elemento da natureza é objeto direto da voz passiva sintética.
B) pelos capixabas é agente da passiva.
C) A água é sujeito da oração.
D) Passando a oração para a voz ativa, obtém-se como núcleo verbal consideram.

112. FUMARC – O termo destacado é complemento nominal em:

A) "[...] são casos claros de roubo."
B) "A cola é roubo de conhecimento."
C) "[...] e quem o dá é cúmplice do roubo."
D) "Professor [...] que não cumpre seu horário de permanência [...]"

113. NCE-UFRJ – "Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião, mas eu vou mais além: é preciso rediscutir o papel das Forças Armadas, coisa que não foi feita na Constituição de 1988."

Assinale o comentário inadequado sobre o texto dado:

A) o termo coisa exerce na frase a função sintática de aposto;
B) o termo Constituição de 1988 exerce a função de agente da ação verbal;
C) a forma verbal foi feita exemplifica a voz passiva analítica ou com auxiliar;

Ⓓ o vocábulo coisa refere-se anaforicamente a um termo anterior;
Ⓔ o termo de 1988 exerce a função sintática de adjunto adnominal.

114. CONATEC – Anteponha aos períodos OI quando houver oração substantiva objetiva indireta e CN se ocorrer oração completiva nominal. A seguir aponte a alternativa com a sequência CORRETA.

1. Fabiano tinha a certeza de que não acabaria tão cedo.

2. O santo exortava o povo a que se mantivesse fiel a Deus.

3. O soldado insistia em que a prisão fosse feita.

4. Deixei-me estar em casa, na esperança de que me chamasse.

5. Sê grato a quem te ensina.

Ⓐ OI – CN – OI – CN – CN.
Ⓑ CN – OI – CN – CN – OI.
Ⓒ CN – OI – OI – CN – CN.
Ⓓ OI – CN – CN – CN – OI.

FUNRIO – Leia o texto e responda às questões 115 e 116.

"Muitos talvez não compreendam que, numa época de cerrado utilitarismo, alguém se demasie em tanto esforço numa advocacia romântica e cavalheiresca, sem visar a um lucro ou a interesse indiretos. Tanto pior para os que não o compreendam. Falham à primeira condição prática, positiva e utilitária da vida, que é o aformoseá-la.

[...]

De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo. Basta-nos. Afeiçoamo-nos, há muito, aos triunfos tranquilos, no meio da multidão sem voz dos nossos livros. Hoje, como ontem, obedecendo à finalidade de um ideal,repelimos, do mesmo passo, o convício e o aplauso, o castigo e a recompensa, o desquerer e a simpatia.

Não combatemos as pretensões peruanas. Denunciamos um erro.

Não defendemos os direitos da Bolívia. Defendemos o Direito."

Fonte: CUNHA, Euclides da. *Peru versus Bolívia*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975, p. 135

115. Na oração "que não o compreendam", o conector desempenha a mesma função sintática que o da opção:

Ⓐ "Quero ver do alto o horizonte, / que foge sempre de mim."
Ⓑ "De novo concentrou a atenção no que a amiga lhe dizia."
Ⓒ "Reduze-me ao pó que fui."
Ⓓ "Deem-me as cigarras que eu ouvi menino."
Ⓔ "Já não se lembra da picardia que me fez?"

116. O termo destacado está classificado incorretamente quanto à sua função sintática em:

Ⓐ "Não combatemos as pretensões peruanas." (peruanas – adjunto adnominal)
Ⓑ "alguém se demasie em tanto esforço." (em tanto esforço – objeto indireto)
Ⓒ "Tanto pior para os que não o compreendam." (para os – complemento nominal)
Ⓓ "De tudo isto nos resultou um prêmio." (nos – objeto direto)
Ⓔ "nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo." (de nosso tempo – adjunto adverbial)

117. IPAD – Leia o período abaixo:

"Percebe-se facilmente que nunca notaram o papel secundário que exerciam naquele governo."

A oração "que exerciam naquele governo" é:

Ⓐ subordinada substantiva objetiva indireta;
Ⓑ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓒ subordinada adverbial consecutiva;
Ⓓ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓔ n.d.a.

118. FUMARC – "Comentavam que a tropa de elite iraquiana, que prometia resistência feroz, foi dizimada em todos os confrontos e que, agora, só falta conquistar a capital."

No período dado, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada adjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva;
Ⓓ subordinada adverbial.

119. FUMARC – "É evidente que, para a violência acabar, a educação é peça fundamental."

No período acima, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ subordinada adjetiva;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adverbial;
Ⓓ reduzida.

120. FUMARC – "Foi inaugurada, <u>na manhã de ontem</u>, a pedido de <u>muitos</u> indivíduos, <u>nova creche</u>."

Os termos destacados estão corretamente analisados, respectivamente, em:

Ⓐ adjunto adnominal – adjunto adnominal – objeto direto;
Ⓑ adjunto adnominal – predicativo – sujeito;

Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adnominal – sujeito;
Ⓓ adjunto adverbial – predicativo – objeto direto.

121. FUMARC – Assinale a alternativa em que a correspondência entre o termo destacado e a sua função sintática está incorreta:

Ⓐ "Ninguém de bom senso contesta a legítima aspiração social a punir bandidos [...]." (sujeito)
Ⓑ "Não é preciso muito esforço para imaginar o que seria [...]." (adjunto adverbial de intensidade)
Ⓒ "Punir quem merece é uma forma de a sociedade defender, sobretudo, o interesse dos mais frágeis [...]." (objeto direto oracional)
Ⓓ "somos obrigados [...] a partilhar idiossincrasias, obsessões ou desatinos que não nos concernem; [...]." (objeto indireto)

122. FUNRIO – Assinale a alternativa em que se classifica corretamente a oração sublinhada:

Ⓐ "Sabe-se que ela tem sido abjeta." (oração subordinada substantiva subjetiva).
Ⓑ "...comparam esse tipo de censura ao que foi feito no caso do Irã..." (oração subordinada substantiva objetiva direta).
Ⓒ "...jornalistas americanos que vêm ao patropi a convite..." (oração subordinada substantiva completiva nominal).
Ⓓ "...sob o argumento de que chocariam as pessoas." (oração subordinada substantiva objetiva indireta).
Ⓔ "...fim para aqueles que desvendaram o caso Watergate." (oração subordinada substantiva apositiva).

123. FUMARC – Em todas as frases seguintes, o termo "que" apresenta a mesma função sintática, exceto em:

Ⓐ "...somos obrigados, querendo ou não, a partilhar idiossincrasias que não nos concernem..."
Ⓑ "Demos a César o que é de César."
Ⓒ "A questão, porém, não é o valor moral 'em si' da privacidade, que pode ser relativizado..."
Ⓓ "Pode-se objetar que o raciocínio é impertinente..."

124. FJG – O pronome que exerce função sintática de objeto direto em:

Ⓐ "De fato, tal ideia traduz, de maneira muito precisa, essa verdadeira dialética entre o que é lembrado com saudade, como maravilhoso, formidável ou poético..."
Ⓑ "Nossa biografia se faz precisamente pela alternância [...] com situações que "guardamos" como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça..."

Ⓒ "...ao lado de tudo [...] trágico e ruim (aquilo que na nossa existência entra como extraordinário, positiva ou negativamente valorizado)..."
Ⓓ "Há, pois, um tempo lembrado, que vira memória e saudade;..."
Ⓔ "Pois o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela saudade,..."

125. FJG – "As verdades filosóficas se contradizem..." O item abaixo em que o <u>se</u> apresenta valor idêntico àquele que possui neste segmento destacado do texto é:

Ⓐ Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.
Ⓑ Os homens modernos esconderam-se da verdade.
Ⓒ Pascal se declarou irracionalista.
Ⓓ A ciência e a fé se digladiam.
Ⓔ As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

126. FUNRIO – "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça..."

Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

Ⓐ Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
Ⓑ Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
Ⓒ Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
Ⓓ Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.
Ⓔ Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.

127. FUNRIO – Escolha a alternativa em que o sujeito da oração está corretamente identificado:

Ⓐ "Não há dúvida..." – sujeito: dúvida.
Ⓑ "...como conta Josué Montello." – sujeito: Josué Montello.
Ⓒ "Falava-se em instalar o Governo da República em cidades serranas do estado do Rio de Janeiro..." – sujeito: o Governo.
Ⓓ "O Senado da República e os meios acadêmicos nunca o permitiram." – sujeito: o.
Ⓔ "Em certa crônica na *Gazeta de Notícia*s, numa fase de altas turbulências, apelou à esperança." – sujeito: certa crônica.

128. FUNRIO – "A Semana de Arte Moderna, na verdade, foi a explosão de ideias inovadoras que aboliam por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão; com esse propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Isso culminou com a incompreensão e com a completa

insatisfação de todos que foram assistir à apresentação do novo movimento. Logo na abertura, Manuel Bandeira, ao recitar seu poema 'Os Sapos', foi desaprovado pela plateia através de muitas vaias e gritos."

Sobre a última frase desse parágrafo, é correto afirmar que "Manuel Bandeira" e "Os Sapos" desempenham sintaticamente:

Ⓐ funções diferentes: apenas "Manuel Bandeira" é aposto;
Ⓑ funções diferentes: apenas "Os Sapos" é um aposto;
Ⓒ funções idênticas: ambos são apostos;
Ⓓ funções idênticas: ambos são vocativos;
Ⓔ funções semelhantes: ambos são termos integrantes.

129. NCE-UFRJ – Em que item a seguir o elemento destacado funciona como complemento e não como adjunto?

Ⓐ "...onde ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos na quadra para ler em conjunto o manifesto do movimento e depois calar."
Ⓑ "Nas igrejas, que o meio-dia seja um momento de oração silenciosa."
Ⓒ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho. Sem buzinas, sem panelaços, e, mesmo, sem palavras de ordem."
Ⓓ "Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar."
Ⓔ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho."

130. COMPERV – No verso "Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu protege."

os termos sublinhados, respectivamente, exercem a função sintática de:

Ⓐ adjunto adnominal – objeto indireto – objeto indireto;
Ⓑ adjunto adverbial – sujeito simples – objeto direto;
Ⓒ objeto indireto – complemento nominal – objeto direto;
Ⓓ aposto – objeto direto – sujeito simples;
Ⓔ adjunto adverbial – objeto direto – sujeito simples.

131. NCE-UFRJ – O item em que o elemento sublinhado representa o agente e não o paciente de um termo anterior é:

Ⓐ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras..."
Ⓑ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras, mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce,..."
Ⓒ "...mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce, foi, sem dúvida, uma grande campanha de afirmação nacional."

Ⓓ "A insistência em manter a presença do Estado numa atividade que precede a transformação do minério de ferro em produtos siderúrgicos é tanto mais incompreensível..."

Ⓔ "O Brasil, que hoje é um dos maiores exportadores mundiais de produtos siderúrgicos e da metalurgia de não ferrosos, decidiu privatizar sua indústria siderúrgica de aços planos há seis meses."

132. FUNDEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada não exerce, na frase em que se insere, a mesma função que nas outras.

Ⓐ "O relevo ainda está sendo moldado pela ação das forças naturais e a crosta está-se acomodando..."

Ⓑ "Os cientistas [...] afirmam que a relação [da mudança] com as atividades desempenhadas pelo homem é inegável."

Ⓒ "Os gases, [...], principalmente pela queima de combustíveis fósseis, permitem que a radiação solar penetre na atmosfera..."

Ⓓ "Uma das consequências inevitáveis do aquecimento provocado pelo efeito estufa é o aumento no nível dos oceanos..."

133. FESP – A função sintática do "que" não é sujeito em:

Ⓐ Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

Ⓑ Diga-me a hora em que ele virá para cá.

Ⓒ Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

Ⓓ Não há mal que sempre castigue.

134. COMPERV – Marque a alternativa cuja oração tem o mesmo valor sintático de: "Desejamos que ele se afaste das más companhias."

Ⓐ Nós objetivamos que sejamos aprovados.

Ⓑ O político necessita de que o apoiemos.

Ⓒ É necessário que se extinga a violência.

Ⓓ O guarda informou-o de que seria multado.

Ⓔ O juiz foi favorável a que o réu se pronunciasse.

135. CONATEC – Numere a segunda coluna de acordo com a primeira e, em seguida, assinale a alternativa que aponta a sequência correta:

(1) partícula apassivadora	**( ) Mandou-se permanecer em silêncio.**
(2) indeterminação de sujeito	**( ) Vaiou-se o espetáculo.**
(3) pronome reflexivo	**( ) Cortou-se com um bisturi.**
(4) parte integrante do verbo	**( ) Vive-se bem no interior.**
(5) sujeito do infinitivo	**( ) Queixou-se de fortes dores.**

Ⓐ 4 – 2 – 1 – 3 – 5.
Ⓑ 5 – 3 – 2 – 1 – 4.
Ⓒ 1 – 2 – 3 – 4 – 5.
Ⓓ 5 – 1 – 3 – 2 – 4.

136. FESP-RJ – Assinale a opção em que há erro de identificação da função do termo sublinhado, indicada entre parênteses.

Ⓐ Seguem-se instruções relativas ao assunto. (objeto direto)
Ⓑ Necessita-se de maiores informações sobre o assunto. (índice de indeterminação do sujeito)
Ⓒ As provas realizar-se-ão em local e data a serem divulgados oportunamente. (partícula apassivadora)
Ⓓ O implicado deixou-se arguir pelo encarregado do inquérito naquele mesmo dia. (sujeito)

137. FESMIP – "Fiquei sabendo, então, que em Veneza há um carnaval famoso."

O termo sublinhado acima exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "...uma cidade de máscaras que se vendem..."
Ⓑ "...estamos pressupondo que ele não é um rosto ..."
Ⓒ "Está dito na palavra 'persona', que vem do latim..."
Ⓓ "O teatro é algo que precisa de um público..."
Ⓔ "...a verdade que não devia ser dita..."

138. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os vocábulos sublinhados nos fragmentos 1 e 2 exercem funções sintáticas diferentes.

Ⓐ 1. "...o ano 2000 seria o prazo final para atingir a meta..."
2. "...os fumantes podiam legalmente permitir-se o seu hábito..."
Ⓑ 1. "A OMS previu que...ainda mataria cerca de 500 milhões de pessoas."
2. Os governos [...] desenvolveram campanhas educacionais sobre os riscos do fumo para a saúde."
Ⓒ 1. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
2. "Os países que aboliram a propaganda de cigarros incentivaram outros a fazer o mesmo."
Ⓓ 1. "A mensagem já se tornara corriqueira."
2. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
Ⓔ 1. "A maior contribuição da América do Norte para a campanha de abandono do fumo relacionava-se à descoberta de formas inovadoras de ataque."
2. "Em suma, realizou-se como que uma arrancada em direção a uma reforma total."

139. ACEP – No fragmento "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." o sintagma "os leitores" analisa-se como:

- A aposto;
- B vocativo;
- C sujeito;
- D objeto direto;
- E objeto indireto.

140. COMPERV – Em "cortou-lhe os cabelos", o pronome lhe exerce a mesma função no item:

- A O lhe é um pronome oblíquo.
- B Alguém já lhe negou ajuda?
- C Sempre lhe disse a verdade.
- D A luz forte lhe afugentou o sono.
- E O dinheiro lhe será muito útil.

141. FESP-RJ – A alternativa em que se faz erroneamente a classificação sintática do termo em negrito é:

- A "...e o que é imenso é eterno..." – sujeito.
- B "Sofia desceu logo, achou Rubião transtornado..." – predicativo.
- C "Eu corri os olhos tudo que em mim havia..." – objeto direto.
- D "Ao longe, descobriu alguns vultos de um e outro lado..." – adjunto adnominal.
- E "Os outros meninos mais idosos detiveram-se a olhar espantados" – adjunto adverbial.

142. FESP-RJ – Faz-se erroneamente a classificação sintática do pronome relativo, na opção:

- A "Mas eu não sei o que sou..." (predicativo).
- B "O abismo que há entre o espírito e o coração." (objeto direto).
- C "O caderno que você desejava que eu trouxesse é caro." (objeto direto).
- D "O peão acabara de selar o cavalo, que puxara para fora da ramada." (objeto direto).
- E "Esclareceu que adiava a aquisição de uma chaleira de que andava muito necessitado." (objeto indireto).

143. MOURA MELO – "Todos já descobriram a chata que ela é."

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

- A adjunto adverbial;
- B objeto direto;
- C objeto indireto;
- D predicativo do sujeito.

144. FESP-RJ – "...a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria."

"...e isso parece claramente espelhar-se na forma por que, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando."

As orações subordinadas em destaque exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

Ⓐ sujeito – adjunto adnominal;
Ⓑ sujeito – adjunto adverbial de causa;
Ⓒ objeto direto – adjunto adverbial de causa;
Ⓓ adjunto adverbial de modo – adjunto adnominal;
Ⓔ adjunto adverbial de modo – adjunto adverbial de causa.

145. FESP-RJ – Assinale a opção em que a função sintática do termo grifado não foi corretamente indicada:

Ⓐ "...tinha que ficar quieto." – predicativo.
Ⓑ "E ainda por cima falavam dobrado..." – adjunto adnominal.
Ⓒ "Se assustava à toa, qualquer barulhinho e já pulava pra um lado." – adjunto adverbial.
Ⓓ "Resolveram então levar o Pavão pro Curso de Linha ..." – objeto direto.
Ⓔ "... pra ver se uma coceirinha que ele estava sentindo já era a tal brotoeja" – sujeito.

146. CESGRANRIO – O vocábulo se tem o mesmo valor sintático da sua ocorrência em "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva." no trecho:

Ⓐ "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva."
Ⓑ "Se fizesse sol, ele ia escalar um pico próximo."
Ⓒ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓓ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓔ "Quanto mais tempo se perde por desorganização ou esperando pelos outros, menos tempo se utiliza produzindo e menos riqueza é gerada."

147. ACEP – No período simples "Logo, uma elite de jovens executivos e de economistas de prestígio agarrou a oportunidade.", os termos sublinhados são:

Ⓐ sujeito composto;
Ⓑ complemento nominal;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ objeto indireto.

148. SENASP – Leia:

"A poesia redime os pecados do mundo e o poeta é o representante desta remissão."

A função sintática dos termos em destaque é, respectivamente:

- A complemento nominal em ambos os casos;
- B adjunto adnominal e complemento nominal;
- C adjunto adverbial e complemento nominal;
- D complemento nominal e adjunto adnominal;
- E predicativo do objeto e complemento nominal.

149. IPAD – Identifique a frase em que não há um complemento nominal:

- A Os ataques ao Iraque foram criticados pelo governo da Rússia.
- B Jamais houve atraso no pagamento dos empregados pelo sindicato.
- C O julgamento de nazistas por tribunais internacionais constitui um pesadelo contemporâneo.
- D Sua preferência por músicas dos "Beatles" merecia ser compartilhada.
- E O movimento do seu corpo acompanhava o som e o ritmo da melodia.

150. ACEP – No fragmento: "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." os grifos exercem na oração a função de:

- A objeto indireto, adjunto adverbial de causa;
- B objeto direto, adjunto adnominal;
- C objeto indireto, agente da passiva;
- D objeto direto, adjunto adverbial de causa;
- E objeto indireto, adjunto adnominal.

GABARITO

1. C	20. B	39. A	58. D	77. C	96. E	115. A	134. A
2. C	21. A	40. D	59. A	78. A	97. B	116. D	135. D
3. A	22. D	41. C	60. B	79. D	98. A	117. E	136. A
4. E	23. B	42. A	61. D	80. D	99. B	118. C	137. B
5. C	24. A	43. E	62. A	81. A	100. A	119. A	138. A
6. A	25. B	44. A	63. B	82. B	101. B	120. C	139. A
7. C	26. D	45. A	64. B	83. C	102. B	121. B	140. D
8. D	27. D	46. D	65. C	84. D	103. A	122. A	141. E
9. C	28. C	47. D	66. A	85. D	104. B	123. D	142. E
10. C	29. A	48. E	67. C	86. D	105. A	124. B	143. D
11. E	30. C	49. B	68. C	87. D	106. D	125. D	144. A
12. A	31. A	50. E	69. D	88. B	107. C	126. E	145. B
13. A	32. C	51. A	70. B	89. C	108. D	127. B	146. E
14. B	33. E	52. D	71. C	90. D	109. A	128. B	147. C
15. B	34. C	53. C	72. A	91. D	110. A	129. A	148. B
16. D	35. D	54. E	73. E	92. E	111. A	130. E	149. E
17. B	36. B	55. D	74. A	93. E	112. B	131. C	150. A
18. D	37. E	56. C	75. B	94. B	113. B	132. C	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. D	114. C	133. B	

Exercícios de Pontuação

1. FUNRIO – Leia o texto a seguir:

Sinais de fumaça

Pesquisa mostra que presença de cigarro em filmes produzidos nos Estados Unidos caiu, mas ainda é forte.

"Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros. Jonathan Polansky, que participou da pesquisa, diz que a situação pouco mudou em filmes voltados para adolescentes. Para o colunista Ruy Castro, nos filmes atuais, "um casal pode fazer sexo explícito em cena e ninguém se chocará. Mas, se acender um cigarro depois, haverá gente na plateia limpando um pigarro imaginário ou esbravejando".

Fonte: ***Folha de S.Paulo***

No fragmento "Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros.", as vírgulas foram colocadas para separar a oração:

- **A** subordinada adverbial concessiva intercalada à principal;
- **B** coordenada, intercalada, introduzida por conector;
- **C** subordinada adverbial, anteposta à principal;
- **D** adjetiva explicativa, introduzida pelo pronome relativo que;
- **E** subordinada adverbial condicional, iniciada pelo conector "embora".

2. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

- **A** Garçom, nós queremos conversar; poderia pedir para baixar um pouco o volume do rádio, por favor?
- **B** Se a maré subir, logo, os turistas ficarão ilhados naquelas pedras e, terão que esperar até amanhã, para voltarem.

Ⓒ Admita, que você nos traiu, ao tomar uma atitude que contrariou inteiramente, nossa decisão da véspera.
Ⓓ Durante a projeção do filme, que você me recomendou as pessoas iam saindo, mostrando assim, seu desagrado e desinteresse pelo final.
Ⓔ Você deve ser condescendente, uma vez que, se não renegociar minha dívida, dificilmente, poderei pagá-la.

3. NCE-UFRJ – A frase em que os sinais de pontuação foram empregados de acordo com as normas em vigor é:

Ⓐ O fim desta é informar a V. Sª, que sua participação, como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓑ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓒ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓓ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓔ O fim desta, é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.

4. ESAF – Marque a lacuna onde não se deve usar vírgula.

Depois do evento de 1999 em Seattle (que inviabilizou a assinatura do acordo multilateral de investimentos)[A] as entidades da sociedade civil começam agora[B] um novo confronto com o capital globalizante. A campanha "Stop the Gats Attack Now"[C] que reúne 430 ONG's e entidades de classe de 53 países[D] é igualmente ambiciosa:impedir o início das negociações finas do Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (AGCS, Gats, em inglês). O acordo prevê a privatização gradual[E] completa e irreversível dos serviços públicos em todo o mundo.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

5. FEC – Entre os trechos do texto abaixo, aquele em que o uso da vírgula <u>não</u> é gramaticalmente obrigatório é:

Ⓐ "Eu tinha de ir à alfândega e, portanto, passar pela Praça Mauá."
Ⓑ "Em Copacabana voltamos a ver o barco, na altura da Cotunduba."
Ⓒ "Antonio Maria contou que uma vez ia num táxi guiado por um chofer português velho, bigodudo, calado, de cara triste."
Ⓓ "O 'Vera Cruz', homem, venha depressa, venha!"
Ⓔ "O casal de portugueses da portaria conversava com o porteiro do lado e o zelador do edifício da frente, todos portugueses."

6. **VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta:**

A) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

B) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.

C) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

D) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.

E) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

7. **NCE-UFRJ- Dos fragmentos abaixo, o único que contém <u>erro</u> de pontuação é:**

A) Em virtude de as despesas ordinárias terem sofrido pequenos reajustes ao longo dos últimos meses e de a receita, não ter sido reajustada, fomos autorizados a aumentar a mensalidade.

B) Sem mais para o momento e à inteira disposição de V. Sª para maiores esclarecimentos, subscrevemo-nos.

C) Com isso, sugerimos a convocação de nova assembleia para a apreciação dos atuais valores, bem como para a fixação de nova quota, se for o caso.

D) A esposa trocava as fraldas do bebê, e o marido lavava os pratos.

E) O presidente mandou lavrar esta ata, que assina juntamente com o secretário que a lavrou.

8. **ACCESS – "A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria."**

O emprego da vírgula antes de <u>mas</u> é justificado pela seguinte regra: usa-se a vírgula para:

A) separar orações intercaladas;

B) isolar aposto explicativo;

Ⓒ separar orações coordenadas sindéticas adversativas;
Ⓓ separar orações subordinadas adjetivas explicativas;
Ⓔ isolar os termos repetidos.

9. FESP-RJ – Fizeram-se modificações na pontuação de algumas passagens do texto. Aquela em que a colocação da vírgula, além de <u>errada</u>, altera o sentido da oração subsequente é:

Ⓐ "Assim deveria terminar o pai-nosso..." / Assim, deveria terminar o pai-nosso...
Ⓑ "Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto que existia até então..." / Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto, que existia até então...
Ⓒ "Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma e condenar outro." / Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma, e condenar outro.
Ⓓ "Por outro lado, já virou paranoia no Brasil a defesa do dito menor de rua." / Por outro lado, já virou paranoia, no Brasil, a defesa do dito menor de rua.
Ⓔ "Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito. Separando os ainda não..." / Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito, separando os ainda não...

10. CESPE-UnB – Indique a opção correta quanto às pontuações alternativas: "O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral."

Ⓐ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓑ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓒ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓓ O domínio que, adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓔ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

11. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Quando a democracia não funciona bem não é raro, que aqui e ali, passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários.

Ⓑ Ao se referir ao Brasil de 1989, o autor está-nos lembrando que, àquela época, a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificável como aventureiro.

Ⓒ Seria interessante saber, em que "certas circunstâncias", um governo autoritário ofereceria vantagens, em relação a um governo democrático.

Ⓓ Assim como, boa parte dos brasileiros, também, o autor do texto julga: que a nossa democracia, poderia funcionar de uma maneira melhor.

Ⓔ Se é verdade, que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária", também é verdade, que só 40%, aceitam bem as privatizações.

12. ESAF – Assinale a opção em que o texto apresenta pontuação correta:

Ⓐ Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.

Ⓑ Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.

Ⓒ Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.

Ⓓ Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.

Ⓔ Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

13. CETRO – Marque o período pontuado de acordo com as normas gramaticais:

Ⓐ Apesar de ser um gentleman, e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓑ Apesar de ser um gentleman e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo, sobre sua vida.

Ⓒ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓓ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade, tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓔ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

14. ESAG – Observe as frases abaixo:

I. "Os homens que pensam que as mulheres nasceram para servi-los devem reformular seu pensamento."

II. "Os graves problemas sociais que atormentam a Europa e o mundo encontram sua origem, em parte, nas manifestações degeneradas do capitalismo."

III. "Os defensores do capitalismo ilimitado tendem a esquecer as coisas boas do comunismo: a luta contra o desemprego, a preocupação com os pobres."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Na frase II, pode haver uma vírgula depois de "Os graves problemas", para destacar essa expressão.

Ⓑ Na frase III, a vírgula pode ser substituída pela conjunção <u>e</u>, sem que o sentido da frase se altere.

Ⓒ Na frase II, as vírgulas isolam uma expressão de caráter explicativo.

Ⓓ Os dois-pontos, na frase III, têm valor explicativo.

15. COSEAC-UFF Em relação ao trecho: "Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil. Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras. Outra é ratearmos o sonho de corpo de cada um", a mudança de pontuação que se propõe é <u>inaceitável</u>, consideradas as normas em vigor, na alternativa:

Ⓐ parênteses no lugar dos travessões;

Ⓑ vírgula antes e após "como contribuintes";

Ⓒ dois-pontos (seguido de minúscula) em vez de ponto após "fica mais difícil";

Ⓓ vírgula após "Uma coisa" e após "Outra";

Ⓔ ponto e vírgula (seguido de minúscula) em vez de ponto após "doenças caras".

16. COSEAC-UFF – As vírgulas empregadas no período "E igualdade, com certeza, só conseguiremos, em sua plenitude, através da Educação, vertente única em que se podem buscar novos horizontes de socialização de bens e de cidadania" justificam-se pelas seguintes razões:

Ⓐ as duas primeiras, para separar vocativo; a terceira e quarta, para separar termo intercalado; e a quinta, para separar aposto;

Ⓑ as quatro primeiras, para separar termos intercalados; a quinta, para separar aposto;

Ⓒ as quatro primeiras, para separar vocativo; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓓ as duas primeiras e a terceira e quarta, para separar aposto; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓔ as duas primeiras, para separar vocativo; as outras três, para separar aposto.

17. COSEAC-UFF – O emprego da vírgula no período "O laticínio compra a produção de leite de mais de 140 agricultores colaboradores, o que tem contribuído para melhorar a renda de produtores não-associados" justifica-se pela mesma norma de pontuação que justifica a(s) vírgula(s) no trecho:

Ⓐ "Sergio Erhardt, filho de Ervino, explica que o aumento da produtividade está relacionado com a capacitação e também com o investimento em tecnologia."
Ⓑ "...e ampliar o banco de gelo, responsável pelo armazenamento da produção."
Ⓒ "Hoje a gente sabe que não pode ter mais de 20% de vacas sem produzir, senão temos algum problema."
Ⓓ "Na propriedade do associado Ervino Erhardt, com a ordenha mecanizada e os tanques resfriadores de 500 litros, eles produzem sozinhos mais que todos os associados no começo."
Ⓔ "Antes da associação, os produtores de leite de Alto Alegre vendiam para uma só empresa."

18. COSEAC-UFF – Tendo em vista as normas em vigor, é inaceitável a proposta de mudança de pontuação indicada na seguinte alternativa:

Ⓐ A concepção cosmocêntrica dos antigos gregos fazia do homem um pequeno microcosmos. – uso de vírgula entre "os antigos gregos" e "fazia".
Ⓑ Apolo, por exemplo, filho de uma mortal com Zeus (o deus maior dos gregos), para se tornar imortal, teria que tomar o leite de uma deusa – substituição dos parênteses por travessões.
Ⓒ Natureza e cultura estavam ainda mais separadas. O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / substituição do ponto por dois pontos (seguido de minúscula).
Ⓓ O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / uso de vírgula entre "o homem" e "um fim em si mesmo".
Ⓔ E. Morin dizia, com razão, que somos culturais por natureza e naturais por cultura / supressão das vírgulas.

19. COSEAC-UFF – Das frases a seguir extraídas do texto, aquela em que é possível acrescentar-se uma vírgula, sem prejuízo do sentido e da correção, é:

Ⓐ "Vamos estimular o uso consciente do computador."
Ⓑ "Ninguém questiona o fato de a internet ter se tornado ferramenta indispensável."

Ⓒ "No mundo digital tudo pode ser reconstruído."
Ⓓ "Fatores como esses poderiam explicar o refúgio na internet."
Ⓔ "O quadro de dependência é caracterizado a partir de oito critérios."

20. FUNRIO – Em "Ela, a mídia, pode e deve se manifestar quanto a suas preferências", as vírgulas servem para:

Ⓐ separar um vocativo;
Ⓑ destacar uma expressão resumitiva;
Ⓒ enfatizar um termo subsequente;
Ⓓ isolar um aposto;
Ⓔ neutralizar um termo antecedente.

21. FUNRIO – "Na obra machadiana, o funcionário público sempre comparece sob a sua mordacidade..."

A alternativa em que o uso da vírgula se justifica pelo mesmo motivo observado no trecho acima é:

Ⓐ "...deixava uma governação de cinquenta anos de respeito à cultura e de uma certa magnanimidade, mas de pouca atenção ao Nordeste do país."
Ⓑ "Quando o Império enfardelou os trapos e a República chegou, é aconselhado a retirar da parede da repartição onde trabalhava o retrato do Imperador."
Ⓒ "O entorno de amigos de Machado estava farto de políticos: Alencar, Francisco Otaviano, Bocaiúva, Joaquim Serra e o maior deles: Joaquim Nabuco."
Ⓓ "Rascunhava despachos antes de pô-los no papel, impugnava contas inadequadas, conteve gastos sem previsão orçamentária."
Ⓔ "...mas Cruls já batia pernas pelo Planalto Central, cuidando dos instantes seminais do que mais tarde viria a ser Brasília."

22. FUNRIO – As vírgulas empregadas no trecho "Para que continuemos a voar um voo de vitória, devemos nos desprender de lembranças, costumes e velhos hábitos que nos causam dor." justificam-se, normativamente, porque:

Ⓐ a primeira separa elementos de mesma função sintática, e a segunda separa termos empregados na ordem inversa;
Ⓑ a primeira separa termos empregados na ordem inversa, e a segunda isola expressões explicativas;
Ⓒ a primeira separa oração adverbial a iniciar o período, e a segunda separa elementos de mesma função sintática;
Ⓓ a primeira indica supressão de palavras, e a segunda isola expressões de cunho explicativo;
Ⓔ a primeira isola elementos de mesma função sintática, e a segunda demarca oração adverbial.

23. VUNESP – Assinale a alternativa correta, quanto à pontuação, conforme a norma culta:

Ⓐ Os óculos, de duas hastes, foram criados, pelo inglês James Ayscough.
Ⓑ O senador romano Marco Túlio Cícero, comprava escravos para lerem para ele.
Ⓒ No ano 1000: apareceram as primeiras lentes feitas, de cristais de quartzo.
Ⓓ Os europeus tinham vergonha, de usar óculos. Pois achavam o adorno feio.
Ⓔ Antigamente, quem tinha problema de visão logo se aposentava.

24. FEC – No trecho: "Sem que Clarissa saiba exatamente por que, seus olhos [...]", a pontuação foi devidamente empregada, o mesmo <u>não</u> se podendo apontar, porém, em um dos itens abaixo. Marque-o:

Ⓐ Os convidados, distraídos com o barulho reinante, nada perceberam.
Ⓑ Minha irmã, ela mesma, resolveu o nosso problema.
Ⓒ Adoro natação; ele, futebol.
Ⓓ "— Queria ver se você é mesmo inteligente!" – retrucou, sabiamente, o professor.
Ⓔ O Presidente da indústria de laticínios e seus derivados, apresentou-nos a proposta.

25. FEC – O único trecho em que a pontuação foi feita adequadamente é:

Ⓐ Os micos-leões-dourados não se extinguiram graças ao trabalho, sério dos zoológicos.
Ⓑ Não só os ursos mas também, os elefantes, sofrem com a falta de espaço no cativeiro.
Ⓒ A dificuldade dos animais é principalmente, a reintegração à natureza.
Ⓓ Diretores de zoológicos brasileiros, consideram importante mantê-los funcionando.
Ⓔ É necessário, acima de tudo, fiscalizar o cumprimento da lei nos zoológicos.

26. FEC – Relacionam-se abaixo alguns sinais de pontuação que poderiam supostamente substituir o travessão usado em "Às vezes, é preciso cortar a carne apodrecida antes que o inchaço cubra os dentes e leve o doente à morte – sem conseguir mastigar, os infelizes definham de fome".

I. vírgula

II. dois-pontos

III. ponto e vírgula

IV. ponto (seguido de letra maiúscula)

Dos sinais de pontuação acima relacionados, o travessão pode ser substituído, sem comprometer a leitura do enunciado:

Ⓐ apenas por I;
Ⓑ por I e II;
Ⓒ por II, III e IV;
Ⓓ por III e IV;
Ⓔ por qualquer dos sinais relacionados.

27. FJG – Observe o texto a seguir:

"Exemplos: às vezes, um cobertor abandonado sobre o leito, uma toalha pendurada são percebidos como figuras humanas. O martelo de percussão é confundido com um instrumento ameaçador."

Esse trecho de texto estaria mais bem pontuado caso se procedesse à seguinte substituição:

Ⓐ do ponto pelo ponto e vírgula após a expressão figuras humanas;
Ⓑ dos dois-pontos pelo travessão após a palavra Exemplos;
Ⓒ dos dois-pontos pela vírgula após a palavra Exemplos;
Ⓓ da vírgula pelo ponto e vírgula após a palavra leito.

28. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a única que não contém erro de pontuação é:

Ⓐ A verba destinada à pesquisa de novos mercados, foi aumentada em quinze por cento.
Ⓑ Lembramos ainda que as gratificações sofrerão no primeiro semestre de 1998, alguns pequenos cortes.
Ⓒ Voltamos a informar que, faltam no seu relatório os dados numéricos.
Ⓓ Convém acrescentar também, que além dos tipos acima descritos, existem ainda o criativo e o explorador.
Ⓔ Vimos, por meio desta, comunicar a V. Sª que fomos autorizados a conceder-lhe o benefício acima referido.

29. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o uso de vírgulas aparece corretamente justificado:

Ⓐ "...atingindo indistintamente vários segmentos da população, ricos e pobres,..." – para indicar a presença de um vocativo.
Ⓑ "...a propaganda comercial também veicula, com a propaganda ideológica, modelos de apresentação pessoal..." – para separar o verbo de seu objeto direto.
Ⓒ "...na véspera do dia das mães, dos namorados, dos pais e do Natal..." – para separar os termos de uma enumeração.
Ⓓ "...vamos assimilando o que deve ser comido no café da manhã, como lavar a roupa, o que beber..." – para separar orações subordinadas de diferentes tipos.
Ⓔ "...com todos trabalhando para, um dia, chegarem lá." – para mostrar o deslocamento sintático do complemento verbal.

30. ESAF – Analise as propostas e assinale a opção que indica alterações corretas para o trecho abaixo:

"É importante mencionar que em 99,99% dos casos em que as autoridades fiscais têm acesso às movimentações bancárias dos contribuintes, e lhes é permitida a tão referenciada quebra do sigilo bancário, são apuradas irregularidades. Entretanto, somente exsurge a lide tributária que exige o contraditório e ampla defesa quando após a formalização do lançamento o contribuinte, inconformado, tempestivamente apresenta impugnação ou defesa contra o ato administrativo por meio do qual se exterioriza a exigência do crédito tributário [...]."

Propostas:

1. **Colocar uma vírgula após o verbo "mencionar".**
2. **Colocar aspas na expressão "quebra do sigilo bancário".**
3. **Separar com duplo travessão a oração "que exige o contraditório e ampla defesa".**
4. **Manter separada por dupla vírgula a expressão "após a formalização do lançamento".**
5. **Colocar entre parênteses o segmento "ou defesa contra o ato administrativo".**

Estão corretas as propostas:

Ⓐ 1, 2 e 4;
Ⓑ 1, 3 e 4;
Ⓒ 1, 4 e 5;
Ⓓ 2, 3 e 5;
Ⓔ 2, 3 e 4.

31. NCE-FCC – Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale, na folha de respostas, a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

Ⓐ Será necessário afirmar que nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar tal obra.
Ⓑ Será necessário afirmar, que nenhum outro seria mais capaz, do que ele, de realizar tal obra.
Ⓒ Será necessário afirmar que, nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar, tal obra.
Ⓓ Será necessário afirmar que, nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.
Ⓔ Será necessário afirmar, que nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.

32. FEC – Das alterações feitas abaixo na pontuação da frase: "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar." está <u>incorreta</u> a que foi feita na opção:

Ⓐ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓑ O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓒ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓓ O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓔ O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

33. VUNESP – Assinale a alternativa em que a pontuação atende aos princípios da norma culta.

Ⓐ Boa parte de seu crescimento, deve-se a sua estratégia de apoio, às micro, pequenas e médias empresas.

Ⓑ Assim como os colegas tentei esclarecer, em meus livros que: o terrorismo é fenômeno antigo, quase tão antigo quanto a humanidade.

Ⓒ A França, com 73 milhões de turistas/ano e a Espanha, com 46 milhões são exemplos de países que investem e faturam, com o turismo.

Ⓓ Outra possibilidade é pedir uma segunda opinião – e pagar por isso – a especialistas inscritos numa lista com a finalidade de prestar serviços de consultoria.

Ⓔ Para muita gente, a época de Natal e Ano Novo só provoca: tristeza – caso dos que vivem, debaixo de um viaduto.

34. NCE-UFRJ – As vírgulas entre colchetes, observadas abaixo, não foram empregadas pelo autor, no texto original. A opção em que uma ou mais vírgulas acrescentadas contrariam uma norma de pontuação é:

Ⓐ "Tornando-se [,] por isso [,] objeto de pressões e censuras."

Ⓑ "Nesse sentido [,] é um espaço democrático, por excelência..."

Ⓒ "Mais tarde [,] boa parte dos críticos [,] reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC..."

Ⓓ "Enfrentou ameaças, hostilidade, censura e truculência [,] mas manteve nas suas reuniões anuais."

Ⓔ "Os problemas do país [,] certamente [,] continuam merecendo toda a atenção da comunidade científica."

35. UECE – A explicação para o emprego das vírgulas está coerente em:

- **A** "Muitos pais, ao se perguntarem por que seus filhos se drogam, não...": destacam uma oração substantiva.
- **B** "A utilização da droga, seja de qual espécie for, é...": evidenciam um aposto.
- **C** "O acúmulo de frustrações, as quais desde a mais tenra infância atormentam uma pessoa, a leva..." : isolam uma oração adjetiva explicativa.
- **D** "É necessário também lembrar que, em certas condições, isso..." : separam termos de mesma função.

36. PUC-MG – Assinale a opção em que haja erro quanto ao emprego da vírgula:

- **A** O comentário é que não saberíamos, quando ele retornaria de viagem.
- **B** Esgotadas as possibilidades de diálogo, abandonamos a reunião.
- **C** Já que não havia mais discussões na sala, preferimos ir embora.
- **D** Não havia dúvida de que, para ir para casa, precisávamos de coragem.

37. NCE-UFRJ – A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2004".

- **A** Separa oração subordinada adjetiva explicativa.
- **B** Separa oração subordinada adverbial consecutiva.
- **C** Separa oração subordinada adjetiva restritiva.
- **D** Separa oração subordinada substantiva apositiva.
- **E** Separa oração coordenada sindética explicativa.

38. FESP-RJ – No trecho "Propor, contudo, a permanência da criança na rua é cega hipocrisia...", empregaram-se as duas vírgulas porque a conjunção, habitualmente no início da oração, aparece intercalada. O trecho onde as duas vírgulas também separam uma expressão intercalada é:

- **A** "...ou as condições de vida que lhe são impostas pelo caótico quadro social, político, ético e econômico da nação."
- **B** "...nem se abranda com leis ou discursos laudatórios dessa lei, mas com vontade política e recursos, muitos recursos."
- **C** "Tais recursos, sabe-se, não estão disponíveis hoje."
- **D** "A rua não é local adequado para morar, e a defesa do menor de rua não pode se transformar na defesa do menor na rua, como querem agora os defensores."
- **E** "Oferecendo-lhe albergue, comida, escola..."

39. CESPE-UnB – Identifique a única opção em que o emprego de vírgulas é facultativo.

- **A** "...decerto a sua figura deveria ter-se cruzado, muitas vezes, com a do menino fardado..."
- **B** "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador..."

Ⓒ "...e em cujos canteiros florejavam espessuras e certas musguentas flores amarelas, e um imenso besouro zoava."
Ⓓ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta..."
Ⓔ "...o bulício vesperal do instante em que, aberta a porta..."

40. VUNESP – A única alternativa que apresenta <u>correta</u> pontuação é:

Ⓐ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓑ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua", que, no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.
Ⓒ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis: esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo, trombadinhas e, viciados em drogas.
Ⓓ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua", que no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓔ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que, muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis; esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos, totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.

41. ESAF – Assinale o item que apresenta pontuação correta:

Ⓐ Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
Ⓑ Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam o pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

C Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

D Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

E Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

42. FGV – Em cada alternativa abaixo, modifica-se uma frase do texto, com ênfase na pontuação. A alteração <u>não</u> é bem sucedida em:

A Se o pedaço de pau sair úmido, é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.
Pode o pedaço de pau sair úmido: é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.

B Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros sem precisar transpor um único arroio.
Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros: sem precisar transpor um único arroio.

C E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos que são os sertanejos.
E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos: os sertanejos.

D Diz-se, por exemplo, dos carajás que, quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.
Diz-se, por exemplo, dos carajás: quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.

43. FJG – "O recurso à palavra pomposa, o palavrão bonito da moda, é sintomático de velha doença brasileira da retórica."

As vírgulas foram usadas no fragmento para:

A desfazer possível má interpretação;

B indicar a elipse de um verbo;

C intercalar o vocativo;

D separar o aposto do termo fundamental;

E assinalar o deslocamento de um termo.

44. FEC – No enunciado "A frequência, quantidade de ondas sonoras que passa em um ponto durante determinada intervalo de tempo, é, em geral medida em hertz...", as vírgulas foram usadas em obediência à mesma regra que justifica o emprego da(s) vírgula(s) em:

Ⓐ "Golfinhos, baleias e algumas espécies de esquilos e pássaros também usam a ecolocalização..."
Ⓑ "Já a intensidade é a quantidade de energia do som, em geral medida em decibéis (dB)."
Ⓒ "Algumas espécies, durante essa operação, podem emitir 200 sinais por segundo..."
Ⓓ "Isso tem uma importante implicação para a ecolocalização, pois ecos de sons de alta frequência podem permitir uma informação mais detalhada sobre um objeto."
Ⓔ "Esse sistema de orientação é encontrado em todas as espécies da subordem Microchiroptera (cerca de 850), um dos dois grandes grupos em que se dividem os morcegos."

45. FEC – Está <u>incorreto</u> o emprego da vírgula na frase:

Ⓐ Você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
Ⓑ O cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
Ⓒ Direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
Ⓓ Os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
Ⓔ Um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

46. NCE-UFRJ – "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

Ⓐ destacam um esclarecimento do autor;
Ⓑ separam o aposto do resto da frase;
Ⓒ mostram uma alteração na ordem direta dos termos;
Ⓓ indicam fala do autor do texto;
Ⓔ separam orações.

47. ESAF – Indique o período com pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ Qualquer que seja a condição observada – seja positiva ou negativa – nas auditorias, constitui ela a premissa básica sobre a qual se fundamenta a descoberta de um fato.
Ⓑ Esse fato, em geral, é uma condição observada por auditores, em casos em que parece possível reduzir os custos ou melhorar os resultados de programas.

Ⓒ "Observar" é usado aqui em sentido amplo, abrangendo não somente o que os auditores veem, mas o que depreendem de debates, análises e outras técnicas.
Ⓓ O planejamento para execução de auditorias operacionais, normalmente começa com a identificação de um fato a ser descoberto.
Ⓔ Assim, esse deve ser o ponto central da elaboração de planos para realização da auditoria e coleta das informações necessárias.

48. NCE-UFRJ – "Há muitas comparações que não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. O que é melhor: gastar 24 milhões de reais fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria que acolhe queixas da população contra barbaridades policiais?"

O item em que o emprego das vírgulas em negrito é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

Ⓐ "Sumiram**,** é verdade**,** as placas estandartes perenes..."
Ⓑ "Publicidade oficial tem sido**,** quase sempre**,** uma maneira..."
Ⓒ "No mais**,** a proibição não pegou."
Ⓓ "...a sanha empreendedora de prefeitos**,** governadores e presidentes."
Ⓔ "Parodiando Dario**,** o Dadá Maravilha**,** goleador histrião..."

49. FESP-RJ – "A favela é um sintoma – grave – da doença brasileira."

Na frase acima, os travessões foram usados para:

Ⓐ evitar a repetição de um termo já mencionado;
Ⓑ explicar, com um sinônimo, o termo anterior;
Ⓒ enfatizar a adjetivação atribuída ao substantivo anterior;
Ⓓ interromper o pensamento, desviando-o para outro assunto;
Ⓔ intercalar uma ideia estranha à que vinha sendo enunciada.

50. FESP-RJ – Nas passagens do texto abaixo estão indicadas vírgulas que o autor poderia ter usado. A alternativa em que seu aparecimento contraria as normas da língua culta é:

Ⓐ "No Brasil, se o hábito não faz o monge, muitas vezes**,** é causa de atraso."
Ⓑ "O medo de modificar costumes inadequados a nossa realidade faz**,** com que permaneçamos estacionados."
Ⓒ "Criou-se**,** entre nós**,** a ideia equivocada de que um homem só está bem vestido quando abafa o corpo."
Ⓓ "Mais lógico seria que**,** ao serem bombardeados nas ruas, nos ônibus, nos trens e nos escritórios por esse calor insuportável**,** os homens reagissem."
Ⓔ "Tenho esperança de que**,** brevemente, sem traumas, recalques ou compromissos com o passado, poderemos**,** finalmente**,** ir para o trabalho em roupa esporte."

51. CESPE-UnB – Todas as assertivas sobre a pontuação dos fragmentos de textos abaixo são corretas, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Assim, Serafim Costa era apenas um nome – a belíssima sonoridade de um estilhaço de mitologia, uma flor aérea que, em vez de pétalas, possuía sílabas." – O travessão usado isola adjunto adnominal de "um nome".

Ⓑ "...a gente via as copas das mangueiras, cajueiros, palmeiras e outras árvores sob as quais alguns cães esperavam, impacientes, que a rotina bocejante do dia se esfarelasse para que eles pudessem latir, na noite raiada de estrelas, como que lembrando a Serafim Costa – que interromperia por meio minuto o seu sono tranquilo e patriarcal – as suas presenças vigilantes." – Os travessões podem ser substituídos por vírgulas.

Ⓒ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O primeiro travessão introduz o discurso direto.

Ⓓ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O segundo travessão inicia o discurso do narrador.

Ⓔ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta que inexplicavelmente não o acompanhou ao túmulo (o que talvez não o fizesse ser de pronto reconhecido no Paraíso), e nós ainda guardando nos ouvidos o bulício vesperal..." – Está certa a substituição, por travessões, dos parênteses usados, mantendo-se a vírgula empregada antes de "e".

52. ESAF – Indique o trecho que apresenta pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

Ⓑ É preciso observar que há mudanças no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

Ⓒ Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

Ⓓ São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

Ⓔ Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

53. ESAF – Identifique no texto o local marcado com um * <u>onde não se pode usar vírgula</u> e marque a letra correspondente.

O processo de desenvolvimento brasileiro no período de pós-guerra* (A) teve como seu elemento dinâmico o processo de substituições* (B) responsável

pela industrialização e modernização do País. Quando* (C) a partir de 1961* (D) foi-se paulatinamente esgotando a possibilidade de substituição maciça de importações* (E) a economia perdeu sua fonte de dinamismo e entrou numa fase de relativa estagnação.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

54. ESAF – Quanto à pontuação, a frase <u>correta</u> é:

Ⓐ Quando trazidos do exterior os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos, a controle especial do Ministério da Agricultura.
Ⓑ Quando, trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓒ Quando trazidos do exterior os vinhos, e seus derivados serão submetidos a controle, especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓓ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓔ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos a controle especial do Ministério da Agricultura.

55. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta frases corretamente pontuadas.

I. O técnico do time, Luís Augusto de Moraes, ficou gripado e, a partir daí, tomou todos os cuidados possíveis, recomendando aos jogadores que se agasalhassem.

II. Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia Prefiro a virtude do medíocre, ao talento do velhaco.

III. Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.

IV. O problema foi exposto; ninguém, entretanto, deu solução.

V. Ele disse tudo ou melhor tudo o que sabia.

Ⓐ I e V.
Ⓑ II e III.
Ⓒ III e IV.
Ⓓ I e IV.
Ⓔ IV e V.

56. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação:

Ⓐ Seguido pelo alcoolismo o tabagismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓑ O tabagismo encabeça, seguido pelo alcoolismo a lista dos fatores de risco.
Ⓒ O tabagismo, seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓓ O tabagismo seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓔ O tabagismo encabeça seguido pelo alcoolismo, a lista dos fatores de risco.

57. FCC – A alteração na pontuação acarreta alteração de sentido em:

I. Quando desembarquei percebi que o dinheiro já não estava comigo.
Quando desembarquei, percebi que o dinheiro já não estava comigo.

II. Felizmente nada de mais grave lhe aconteceu.
Felizmente, nada de mais grave lhe aconteceu.

III. Você acredita de fato que todos esses poemas são bons?
Você acredita, de fato, que todos esses poemas são bons?

IV. Só respeito os argumentos dela que se baseiam em fatos.
Só respeito os argumentos dela, que se baseiam em fatos.

V. Ao partirem já comecei a sentir saudades.
Ao partirem, já comecei a sentir saudades.

Ⓐ I.
Ⓑ II.
Ⓒ III.
Ⓓ IV.
Ⓔ V.

58. SENASP – A pontuação na escrita é a entonação na fala, portanto analise cada uma das opções e assinale a que não justifica a explicação entre parênteses:

Ⓐ As leis brasileiras, explicava o juiz, vão sendo modificadas gradualmente. (oração intercalada precisa de vírgulas)
Ⓑ Casa de ferreiro, espeto de pau. (ideias opostas necessitam separação assindética)
Ⓒ O carnaval, que é festa popular, é bem comemorado no Nordeste. (oração adjetiva explicativa tem que ser separado por vírgulas)
Ⓓ Quer aceitemos, quer não aceitemos, a violência se instalou entre nós. (a vírgula separa orações alternativas)
Ⓔ Já bateu o sino, logo podemos ir à missa. (a vírgula separa oração conclusiva)

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: 'o morro' e 'a rua'. O primeiro é seu território, lugar bem conhecido e onde ele é alguém. Para ele, 'a rua' também é familiar."

Qual a justificativa para o emprego da última vírgula encontrada no texto?

Ⓐ Designar um elemento intercalado.
Ⓑ Sublinhar uma opinião.

Ⓒ Indicar a existência de um aposto.
Ⓓ Dar destaque ao personagem.
Ⓔ Separar elemento antecipado.

60. ACCESS – A vírgula que separa a oração sublinhada em "Os ídolos cumprem um papel importante. São geradores de entusiasmo e alegria. Ayrton Senna foi um semeador de otimismo. O Brasil esquecia suas mazelas, e os nossos domingos se vestiam de verde e amarelo." da oração seguinte se justifica porque esta oração:

Ⓐ tem sujeito diferente;
Ⓑ é oração adverbial;
Ⓒ é coordenada à anterior;
Ⓓ é oração reduzida;
Ⓔ não tem nenhum elemento coordenativo.

61. FESP-RJ – Em várias passagens do texto, é livre o uso de vírgula. A alternativa em que se colocou este sinal de pontuação de modo irregular é:

Ⓐ "Um dia(,) Oscar resolveu levar na camioneta..."
Ⓑ "Na barreira(,) foi interpelado pelo guarda:..."
Ⓒ "Lá em baixo(,) no primeiro andar, um funcionário..."
Ⓓ "No Serviço de Seleção(,) perguntaram ao Oscar..."
Ⓔ "Eu venho(,) com o milho e ela já volta..."

62. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego inadequado de sinal de pontuação:

Ⓐ A rigor, não há incompatibilidade entre neoliberalismo e democracia.
Ⓑ No governo do presidente Reagan, nos EUA, os pobres tornaram-se mais pobres ainda, e 60% do aumento do Produto Nacional Bruto favoreceram os 1% mais ricos.
Ⓒ As condições de vida naquele país deterioraram-se dramaticamente, mas nunca passou pela cabeça do grande astro investir contra a lei ou cercar o Capitólio pelo "marines".
Ⓓ Se as políticas econômicas do socialismo não são garantia para a democracia, do neoliberalismo emerge a devastação da vida das populações pobres, mas nem sempre a ditadura.
Ⓔ Nem Reagan, nem Thatcher, conseguiram pôr abaixo as políticas compensatórias da pobreza.

63. CESPE-UnB – Assinale a opção que não contém erro de pontuação:

Ⓐ O Programa Nacional dos Direitos Humanos determina: que se priorize a seleção, a capacitação e o aperfeiçoamento dos quadros policiais, que se equipem os organismos policiais, que se reveja a legislação sobre compra e

utilização de armas e munições, que se criem e se fortaleçam as corregedorias de polícia, visando limitar abusos e erros em operações de segurança; bem assim indica como fundamental, a revisão da legislação que regula os serviços privados de segurança.

Ⓑ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é urgente uma ampla mobilização da sociedade, no sentido de apoiar a execução de programas de desarmamento da população, e prevenir comportamentos violentos; também é importante estimular programas de cooperação e entrosamento entre policiais civis e militares, e o Ministério Público.

Ⓒ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é imprescindível que sejam asseguradas condições de proteção e dignidade aos policiais e às suas famílias.

Ⓓ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é fundamental isto: que os policiais se identifiquem com a causa dos direitos humanos; que troquem experiências e informações entre as corporações; que multipliquem experiências de policiamento – comunitário e interativo – e finalmente, que a população encontre no policial, segurança e respeito.

Ⓔ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é preciso; que o sentimento de respeito ao outro seja um sentimento de todos, e que todos respeitem as leis.

64. NCE-UFRJ – Em: "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria, seus exploradores – a classe política – e os vícios do modelo centralista de administração pública".

Assinale o comentário correto sobre os sinais de pontuação na frase acima:

Ⓐ O emprego de travessões em lugar das vírgulas, para destacar o aposto, foi utilizado a fim de ser dada mais clareza à frase.

Ⓑ O advérbio "definitivamente" deveria vir obrigatoriamente entre vírgulas já que se trata de um adjunto adverbial deslocado.

Ⓒ O uso da vírgula após "miséria" se deve ao fato de este termo ser seguido de um aposto explicativo.

Ⓓ O uso da única vírgula presente no texto tem caráter optativo.

Ⓔ Não ocorre a vírgula após "expôs" porque jamais pode haver vírgula entre o verbo e seu complemento.

65. ESAF – Assinale a opção em que o texto foi pontuado em <u>desacordo</u> com as normas da língua culta:

Ⓐ A mediação traz um novo conceito à prática do Direito, uma vez que não tem caráter adversarial.

Ⓑ Pode ser utilizada por pessoas físicas, jurídicas e públicas e envolve técnicas de negociação processualizada, em que os interesses e a igualdade entre as partes devem ser amplamente respeitados.

Ⓒ Pelo contrário, opta, pelo diálogo e pelo entendimento entre as partes, mediado por um especialista neutro.

D Se na Justiça comum os litigantes buscam a solução de um terceiro, na mediação a solução está ao alcance das partes, que se dispõem previamente a chegar a um entendimento.

E O conflito é atenuado a partir dessa predisposição em negociar, comum aos dois lados, que anseiam por encontrar acordo satisfatório para todos os envolvidos.

66. DAVES – Seria possível alterar a expressão escrita de enunciados do texto, conforme se apresenta abaixo, sem infringir regras de pontuação, exceto no que diz respeito à proposta da alternativa:

A "A busca de informações exige técnica apurada para seu registro." / A busca de informações, exige técnicas apuradas para o seu registro.

B "Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente." / Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação, e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente.

C "Num caso e noutro a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto." / Num caso e noutro, a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto.

D "Portanto, a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país." / Portanto a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país.

E "Teoricamente, deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional." / Teoricamente deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional.

67. FGV – A alternativa correta quanto à pontuação é:

A O aspirador, que não funciona, é este.

B Alice nossa amiga, parece feliz.

C Creio, porém, que estava adormecido.

D O livro, disse o autor é ilustrado.

68. FEC – Nos itens abaixo, substituiu-se a vírgula por outro sinal de pontuação. A opção em que a substituição não é cabível gramaticalmente é:

A "Pode-se dizer que as batalhas históricas, ou os eventos em geral que envolvem conflitos, são travadas pelo menos duas vezes." / Pode-se dizer que as batalhas históricas – ou os eventos em geral que envolvem conflitos – são travadas pelo menos duas vezes.

B "O combate histórico feriu-se há cem anos, mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)" / O combate histórico feriu-se há cem anos; mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)

Ⓒ "(...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a história da historiografia." / (...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje; em que não se distingue a história da historiografia.

Ⓓ "A batalha de hoje se dá em duas frentes principais, a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais." / A batalha de hoje se dá em duas frentes principais: a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais.

Ⓔ "Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História, como a Revolução Francesa, seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia." / Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História – como a Revolução Francesa – seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia.

69. EMPASIAL – Os períodos abaixo representam diferenças de pontuação. Assinale a opção que corresponde ao período de pontuação correta:

Ⓐ Uns optaram, pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

Ⓑ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul houve quem, preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓒ Uns optaram pelo partido rosa outros pelo azul houve, quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓓ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓔ Uns, optaram pelo partido, rosa outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

70. ESAG – Observe o texto a seguir:

"Certamente não há dado referente ao maremoto do dia 26 de dezembro de 2004 mais impressionante do que as mais de 250 mil vidas humanas perdidas. Mas outro aspecto começa a despertar a atenção da comunidade internacional. Trata-se dos estragos ambientais acarretados pelo efeito devastador das paredes de água de 10 metros que atingiram países do Oceano Índico. 'Manguezais e pântanos costeiros provavelmente foram destruídos', diz o professor da Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lauro Calliari, doutor em Oceania Geológica. 'Esses ambientes são essenciais para o ecossistema, porque servem de berçário para muitas espécies animais nos primeiros estágios de vida', completa o pesquisador.

As imagens de satélite mostram paisagens repletas de cor, antes da chegada das ondas. O azul do mar, a areia branca das praias da Indonésia e o verde dos coqueiros foram rapidamente substituídos por um lamacento quadro marrom.

Os recifes de corais também foram atingidos. 'São ambientes muito sensíveis ao depósito de sedimentos (lama) e detritos orgânicos transportados pela série de ondas gigantes e seu refluxo', afirma Lauro Calliari. Esse acontecimento pode matar colônias inteiras de corais, assim como a exposição ao sol sofrida pelos recifes, quando as águas recuaram para a formação dos tsunamis. Esses ambientes podem levar centenas de anos para ser recuperados e os prejuízos são enormes para a fauna marinha.

No Sri Lanka, um programa de proteção às tartarugas marinhas contava com mais de 20 mil filhotes de cinco espécies em extinção. Restaram apenas 400. Muitas das tartarugas adultas também morreram e algumas foram encontradas em rios distante 5 quilômetros da costa. O mesmo aconteceu com crocodilos arrastados às praias nas ilhas indianas de Andaman e Nicobar. Os répteis passaram a atacar os sobreviventes e a atrapalhar as equipes de resgate."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

- **A** As aspas, nas linhas 5 e 13-15, distinguem a fala do professor do restante do texto.
- **B** A vírgula depois de Sri Lanka (linha 19) marca um adjunto adverbial antecipado.
- **C** As duas primeiras frases do texto (linhas 1 a 3) podem ser unidas por uma vírgula, sem que o sentido do texto se altere.
- **D** Em "O azul do mar, a areia branca das praias" (linha 11) a pontuação está errada, pois não se emprega vírgula no sujeito.

71. FCC – A pontuação está inteiramente correta em:

- **A** Nicolau Maquiavel analisando os problemas dos principados italianos, escreveu em plena Renascença, um tratado sobre os fundamentos das ações políticas.
- **B** Em plena Renascença, Maquiavel, analisando os problemas dos principados italianos, escreveu *O Príncipe*, um verdadeiro tratado de política.
- **C** Quando escreveu *O Príncipe* Maquiavel preocupou-se com os problemas dos principados italianos, resultando uma obra, considerada basilar, para quem se interessa por política.
- **D** Tendo escrito *O Príncipe*, em plena Renascença Maquiavel nos legou sem dúvida, um tratado sobre política cujo valor continua sendo reconhecido em nosso tempo.
- **E** Poucos imaginariam que, aquele tratado sobre política datado da Renascença, teria um valor tal que se manteria vivo, por tantos séculos, e, continuaria atual em plena modernidade.

72. ESAF – Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgulas(s) não altera o sentido da frase:

Ⓐ As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.
Ⓑ Todos os dias, ele sai, tranquilamente, de casa.
Ⓒ O trabalho foi feito, conforme você pediu.
Ⓓ Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.
Ⓔ Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

73. CETRO – Assinale a opção que respeita as normas gramaticais de pontuação:

Ⓐ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓑ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓒ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓓ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓔ O jornalista é sem dúvida um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.

74. CESPE-UnB – Assinale a opção em que não deve ser usada a vírgula ao se anexar a oração transcrita entre parênteses:

Ⓐ O que foi dito não combina com versões apocalípticas de uma invasão militar daquelas favelas (que reúnem mais de dez mil habitantes de vários pontos da cidade).
Ⓑ O Brasil e os outros integrantes do Grupo do Rio consideram que a Declaração de Montevidéu foi fundamental para "amaciar" os franceses (que ameaçavam abandonar as negociações).
Ⓒ A Constituição de 1946 limitava a gratuidade das escolas secundárias e superiores públicas aos alunos (que comprovassem míngua de recursos).
Ⓓ Os monstros mais famosos da unificação europeia assustam tanto quanto "detalhes" como a eleição do Parlamento europeu (que começa a trabalhar em janeiro de 1995).
Ⓔ Segundo a seguradora, o maior crescimento nas reclamações, no Rio, foi em relação aos seguros de vida (que de janeiro a agosto último somaram 150).

75. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

Ⓐ Denis de Rougemont tomou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.

Ⓑ Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização o seu obstáculo supremo, que é a morte.

Ⓒ Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.

Ⓓ Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

Ⓔ Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa.

76. NCE-UFRJ – "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas'."

As vírgulas utilizadas neste segmento têm a mesma explicação que as utilizadas em:

Ⓐ "...venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."

Ⓑ "É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal..."

Ⓒ "E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz?"

Ⓓ "Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos..."

Ⓔ "Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará."

77. FCC – A pontuação desta frase está inteiramente correta:

Ⓐ A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.

Ⓑ De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

Ⓒ A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
Ⓓ As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e mão de obra, simultaneamente, para o capital.
Ⓔ Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

78. FCC – Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos; seja pelas consequências que dele derivaram projetadas em escala mundial.
Ⓑ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico seja pela gravidade, que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências, que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓒ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico – seja pela gravidade que tiveram, em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓓ Há eventos que, como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico, seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓔ Há eventos, que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que, dele, derivaram projetadas em escala mundial.

79. IPAD – Em "Há muito tempo já deixamos para trás a cultura do *ser*. Agora, o que vai se formando é uma cultura um grau acima da tão denunciada cultura do *ser*. Forma-se a cultura do ter o que o outro não tem. Os bens de consumo retiram seu valor de um sentimento de exclusividade: é o cartão de crédito que dá uma identidade especial, sobretudo quando no hotel de Nova York já não pedem o passaporte, mas aqueles cartão superespecial; o automóvel é tanto melhor quanto menos mortais possam comprá-lo; a roupa tem uma grife exclusiva. É bom pensar no que significa a palavra 'exclusiva': ela significa excluir o outro. Na raiz mesma do ato do ato de consumir, dentro desse modelo, há um desejo de excluir o outro."

O uso do ponto-e-vírgula, no texto lido, pode ser justificado em:

Ⓐ separa orações coordenadas assindéticas;
Ⓑ marca a intercalação de expressões;
Ⓒ indica a elipse de uma palavra (verbo);
Ⓓ separa partes de períodos que já apresentam divisões assinaladas por vírgulas;
Ⓔ separa constituintes sintáticos idênticos.

80. DAVES – As vírgulas foram usadas para separar um termo explicativo na alternativa:

- **A** "Numa instituição religiosa como a Ordem Dominicana, há oitocentos anos o fim do mandato de um superior se traduz na demissão compulsória de todos por ele nomeados."
- **B** "Assim, evitam-se o continuísmo, do ponto de vista político, e o carreirismo, do ponto de vista administrativo."
- **C** "Na administração pública brasileira pode-se mapear, em detrimento do decoro, frondosas árvores genealógicas."
- **D** "Hoje, essa 'economia das mercês' explica a presença, no governo federal, de ministros que até ontem lhe faziam acirrada oposição e até o consideravam 'o mais corrupto da história do Brasil."
- **E** "Se nossos desmandos têm origem na colônia, isso não significa que nós, brasileiros, somos irremediavelmente macunaímicos, sem caráter."

81. DAVES – A vírgula está incorretamente empregada no trecho

- **A** "Nos últimos 25 anos, o Brasil tem apresentado alguns sinais importantes de decadência socioeconômica nem sempre considerados pela opinião pública."
- **B** "Não obstante o quadro geral de piora econômica e social, registra-se avanço no enriquecimento de poucas pessoas."
- **C** "Da mesma forma, observa-se que os atuais detentores de riqueza são cada vez menos descendentes de atividades produtivas lícitas, decorrentes da inevitável e aceitável, evolução do trabalho empreendedor."
- **D** "A ganância pelo dinheiro os torna cada vez mais alienados, pois tudo o que possuem tende a se resumir ao dinheiro ou a sua incessante busca, salvo poucos casos especiais."
- **E** "Inversamente à concentração da riqueza, permanece intacto o déficit nos serviços públicos indispensáveis à vida civilizada."

82. FURB – Da frase a seguir foram retiradas as vírgulas:

"Eu por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"

Assinale a alternativa que apresenta a forma correta de pontuação:

- **A** "Eu, por exemplo o capitão do mato, Vinícius de Moraes, poeta, e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta, de Xangô. Saravá!"
- **B** "Eu por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **C** "Eu, por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto, do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **D** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **E** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, na linha direta de Xangô. Saravá!"

83. FURB – Apenas um dos períodos a seguir está corretamente pontuado. Assinale-o:

Ⓐ As pesquisas científicas mostram reiteradamente, que correr faz bem, à saúde.
Ⓑ Correr, como nós já vimos é coisa antiga, mas nos anos 70, virou moda.
Ⓒ A pessoa sente-se bem correndo, e muita gente fala de uma "benéfica dependência" da corrida.
Ⓓ Um outro risco deve ser lembrado, sobretudo no verão: maratonistas, têm mais risco de câncer de pele (corredores, usem chapéu e, protetor solar).
Ⓔ Correr é uma moda diferente das outras, muito boa e, corresponde à valorização da saúde que é, um, dos característicos, de nossa época.

84. FURB – Algumas das frases a seguir apresentam erros de pontuação. Identifique as corretas:

1. Robertinho, também é professor de Física, profissão, que adotou, desde que se formou em nossa Universidade.

2. Ele, sofreu apenas um puxão de orelha, enquanto todos os demais foram suspensos.

3. Assessores parlamentares, são pagos, diga-se de passagem com o nosso dinheiro, para trabalhar, não para distribuir pizza em plenário.

4. Havia, naquele momento, um clima de descontentamento no ar, manifestado apenas nas expressões fechadas da maioria dos presentes àquela cerimônia.

5. Numa plataforma, um grupo nos detém o passo: uma mulher, sentada no chão, conta histórias a umas seis ou sete crianças extasiadas.

Quanto à pontuação, estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 3 – 4;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 4 – 5;
Ⓓ 2 – 5;
Ⓔ 4 – 5.

85. ESAF – Assinale a sequência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados do seguinte fragmento. Ignore a necessidade de letras maiúsculas.

Toda estrutura da nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos (1) é preciso considerar esse fato para compreender exatamente as condições que (2) por via direta ou indireta (3) nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje (4) é efetivamente nas propriedades rústicas que toda vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia (5) as cidades são virtualmente simples dependências delas.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
A	:	,	.	,	-
B	.	,	,	.	:
C	;	-	,	,	.
D	,	-	;	:	;
E	?	:	,	.	.

86. NCE-UFRJ – "O Viva Rio pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira. Quer parar a cidade inteira por um momento – no trânsito, nas calçadas, nas empresas, dentro de casa. Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar. No carro, que desliguem o motor, abram as portas e saiam lentamente, por dois minutos. Nos escritórios, que se afastem das mesas e cheguem nas janelas. Nas empresas, que saiam para a rua."

O que justifica o emprego da última vírgula encontrada no texto?

A Separar um elemento intercalado.
B Indicar a antecipação de um sujeito.
C Marcar a omissão do verbo.
D Assinalar a presença do aposto.
E Destacar o vocativo.

87. NCE-UFRJ – Em: "A solução simplista seria repetir, em maior escala, o exemplo da Eco-92."

Qual a justificativa para o emprego das vírgulas na frase destacada?

A Separar o verbo do objeto direto.
B Destacar o aposto explicativo.
C Indicar que o determinado pela locução está dela afastado.
D Enfatizar a opinião do autor do texto.
E Indicar o deslocamento de um termo sintático.

88. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego <u>inadequado</u> de sinal de pontuação:

A De 1880 a 1980, o Brasil e o Japão foram os países que mais cresceram no mundo.
B Nosso país, que até 1930 podia ser considerado uma grande fazenda de café, transformou-se em 50 anos na oitava economia industrial do Ocidente.
C O modelo de substituição de importações, comandado pelo Estado e financiado basicamente por poupança externa, foi o grande responsável por essa brilhante *performance*.
D Em algum momento da segunda metade da década de 70, o modelo chega ao fim e o país, a partir de 1980 entra "em parafuso", perdendo seu impulso vital.
E Não tivemos competência para formular um novo projeto, que, dentro das mudanças ocorridas no mundo, pudesse garantir-nos continuidade do crescimento.

89. CESPE-UnB – Um dos casos mais frequentes do emprego da vírgula (ou de entrevírgulas, segundo alguns gramáticos) é para marcar a intercalação de um termo ou de uma oração em uma sentença, rompendo, assim, a cadeia da frase inicial.

Assinale a opção em cujo fragmento o emprego das vírgulas <u>não</u> obedece a essa regra:

Ⓐ "De fato, como única verdadeira certeza que temos na vida, a morte é banal, acontece a toda hora e, mais cedo ou mais tarde, chegará para todos."

Ⓑ "Sabemos também que, embora não esteja na lei, a pena de morte, pública e privadamente decretada,..."

Ⓒ "O matador paga fiança, é solto, responde o processo em liberdade e, se eventualmente for condenado, poderá..."

Ⓓ "...e, se eventualmente for condenado, poderá, caso se trate de réu primário, cumprir a pena também em liberdade."

Ⓔ "Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos..."

90. FCC – As frases abaixo foram pontuadas de maneira diferente daquela encontrada no texto. Assinale a alternativa em que a nova pontuação acarretou mudança de sentido na frase original:

Ⓐ O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas também produzir uma convulsão nos valores ideológicos. / O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas, também, produzir uma convulsão nos valores ideológicos.

Ⓑ Se há, de fato, uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida. / Se há de fato uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida.

Ⓒ Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido, em primeiro lugar, a ideologia. / Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido em primeiro lugar a ideologia.

Ⓓ Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street em um bando detestável de imbecis egoístas e empedernidos. / Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis, que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street, em um bando detestável de imbecis e empedernidos.

Ⓔ Como então Thatcher conseguiu assegurar seu poder? / Como, então, Thatcher conseguiu assegurar seu poder?

91. ESAF – Indique a alteração da pontuação original do texto que provoca erro:

A "...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo:..." / ...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se, tristemente, que o saldo é bastante negativo:...

B "A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio." / A promessa de preenchimento, dá lugar ao vazio.

C "Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno." / Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se – ritualiza-se – o drama do retorno.

D "Compreende-se então o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora." / Compreende-se, então, o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora.

E "...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial – da consciência da finitude – é ainda maior, uma vez que a busca do sublime..." / ...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial (da consciência da finitude) é ainda maior, uma vez que a busca do sublime...

92. ESAF – Assinale a opção em que a afirmação a respeito da pontuação adequada para o texto está incorreta.

Para medir o efeito de uma nova tecnologia é preciso avaliar em que medida ela dá mais eficiência aos processos de produção das empresas. A era do vapor deslocou a produção do lar para a fábrica(1) com a eletricidade(2) surge a linha de montagem. Agora(3) com computadores e Internet(4) a possibilidade de as empresas reformularem(5) seus processos é surpreendente(6) da aquisição de insumos à descentralização e à terceirização.

A É correto colocar um sinal de ponto e vírgula em (1).

B Em (2), (3), e (4) é correto colocar vírgulas.

C Pode-se optar por travessões, parênteses ou vírgulas em (3) e (4).

D Em (5) há exigência do uso de vírgula.

E Pode-se colocar vírgula ou travessão em (6).

93. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

A Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.

B Nesse sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.

C Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.

D Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.

E Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamim.

94. FEC – Das alterações feitas na pontuação dos trechos abaixo, a que está em <u>desacordo</u> com as normas em vigor é:

A "Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor." / Já não apita; vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa sob árvores em flor.

B "Uma pequena luz, lá em cima, há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?" / Uma pequena luz lá em cima há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?

C "O gato retardatário que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar." / O gato retardatário, que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar.

D "E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas, anjo sem asas, porém armado." / E as pessoas adormecidas sentem dentro de seus sonhos que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas: anjo sem asas, porém armado.

E "O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios, para os muros e grades, para as janelas e portões." / O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios; para os muros e grades; para as janelas e portões.

95. NCE-UFRJ – "Antes da chamada Lei dos Crimes Ambientais (Lei 9.605, de 1998), quem era flagrado na caça..." Emprega-se a vírgula, nesse caso, para:

A separar o vocativo;

B destacar o aposto;

C indicar inversão da ordem direta;

D evitar ambiguidade;

E ligar orações coordenadas.

96. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Ângela Branco, chefe da Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre da Prefeitura de São Paulo, diz não ser contra os criadouros, mas que não deveria ser estimulada a posse de animais silvestres. 'Isso prejudica o esforço de anos de trabalho de conscientização.' A veterinária ressalta que ao abrandamento da lei deveria corresponder uma fiscalização mais intensa dos criadouros e do comércio para evitar a 'legalização' de animais que são capturados ilegalmente. Ela cita que há muitos casos de adulteração de anilhas, as 'pulseiras' de identificação colocadas nas pernas das aves."

As aspas na palavra "legalização" indicam:

- **A** a necessidade de destacar o termo na frase;
- **B** tratar-se de palavra empregada erradamente;
- **C** a alteração de seu sentido original;
- **D** uma crítica às autoridades por sua deficiência;
- **E** um emprego fora das normas gramaticais.

97. NCE-UFRJ – "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável." O emprego da vírgula nesse caso se justifica porque se trata:

- **A** de um aposto;
- **B** de um vocativo;
- **C** de um termo em ordem inversa;
- **D** de uma necessidade de evitar-se ambiguidade;
- **E** de uma oração antecipada.

98. NC-UFPR – "Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras."

Indique a alternativa em que as duas frases acima foram reunidas em uma única, com pontuação adequada:

- **A** Agora podemos ver: que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa: porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira: tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **B** Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa, porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **C** Agora podemos ver, que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa

língua a definiu de certa maneira – tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓓ Agora, podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa; porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua, a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓔ Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa, porque antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira, tanto assim que o inglês fez uma definição, diferente, e precisou de duas palavras.

99. FUMARC – A alternativa em que a pontuação está correta é:

Ⓐ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo, um recurso que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais em reclamações, nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles, para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓑ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo: um recurso, que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e, especialmente, na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓒ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo – um recurso que tem certa semelhança com a apelação –, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações (nem sempre técnicas), cujos resultados porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓓ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo (um recurso que tem certa semelhança com a apelação), dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

100. FJPF – Em cada alternativa abaixo, reescreve-se uma frase do texto com alteração da pontuação. A nova redação <u>não</u> é gramaticalmente correta em:

Ⓐ Nos anos 1990 os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.
Nos anos 1990, os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.

Ⓑ Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e consequentemente o Universo estava se expandindo.
Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e, consequentemente, o Universo estava se expandindo.

C Essa mudança permitiu a Einstein descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.
Essa mudança permitiu a Einstein, descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.

D Em 1916 o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.
Em 1916, o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.

101. NCE-UFRJ – A nova redação dada aos trechos abaixo apresenta erro de pontuação na alternativa:

A "No céu de janeiro o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno, e no signo de Capricórnio é Lua Nova." / No céu de janeiro, o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno; no signo de Capricórnio, é lua nova.

B "Enquanto isso, aqui na Terra é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes." / Enquanto isso, aqui na Terra, é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes.

C "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo, é uma limitação.

D "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação. Obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação. Criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação. Insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação; obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação; criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação; insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação.

E "O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo. A estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas." / O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo; a estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas.

102. NCE-UFRJ – Observe o uso das vírgulas em: "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:

A "...com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento..."

Ⓑ "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'..."

Ⓒ "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote"' fala exclusivamente à sensibilidade brasileira..."

Ⓓ "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem."

Ⓔ "'Excluído', dirá o leitor, 'tem um sentido diverso'."

103. ESAF – Indique a opção que corresponde a emprego incorreto de sinal de pontuação:

"Uma grande vantagem da moeda estável é que as pessoas físicas podem escolher a forma mais adequada de cuidar do próprio dinheiro num prazo maior",(A) resume o economista Julius Haupt Buchenrode. Esquecer a cultura inflacionária de 80% mensais de 1990 e olhar o futuro além do dia seguinte,(B) faz parte de um aprendizado difícil para muitos. Antes,(C) era preciso aplicar o dinheiro para não perder,(D) tal era a velocidade de corrosão do poder de compra. A estabilidade econômica permitiu que os investidores tivessem uma ideia mais clara não apenas das perdas,(E) mas das possibilidades reais de lucro futuro. Antever com mais precisão o desempenho dos investimentos, no longo prazo, tornou-se instrumento poderoso.

Ⓐ A.

Ⓑ B.

Ⓒ C.

Ⓓ D.

Ⓔ E.

104. ESAF – Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está em <u>desacordo</u> com as normas da língua escrita:

Ⓐ O Imposto Único Federal-IUF, eliminaria 11 tributos federais, e incidiria sobre as movimentações financeiras de forma semelhante à CPMF.

Ⓑ Com uma alíquota de 1,7% no crédito e no débito, totalizando 3,4, o IUF preservaria o atual nível de arrecadação, sem prejuízos aos cofres públicos. Eliminam-se, assim, não só os tributos, mas também um sistema complexo, ineficiente, injusto e incentivador da sonegação.

Ⓒ Ressalta-se que o projeto altera apenas as fontes de arrecadação. As transferências financeiras para os Estados, Municípios e Previdência Social continuarão existindo.

Ⓓ Estados e Municípios ingressariam no novo sistema, ou não, após avaliarem os resultados obtidos pela União. Essa transição gradual visa a implantação segura e confiável do novo sistema tributário.

Ⓔ O IUF traria simplificação ao sistema de impostos da carga tributária com maior justiça social, aliviando a excessiva incidência sobre os assalariados e sobre as empresas organizadas.

105. FCC – O período cuja pontuação está inteiramente correta é:

- **A** Não sendo político, um ator não deveria jamais candidatar-se a qualquer cargo segundo julga a maioria dos eleitores que assim, manifestam seu preconceito.
- **B** Nômades, por um lado, devassos por outros é com tais imputações que se revelam, os preconceitos que, alimentamos em relação aos atores.
- **C** De todas as afirmações feitas no texto a que mais impressionou é a de que somos todos, atores, em virtude do fingimento pelo qual acabamos por regular nosso comportamento no cotidiano.
- **D** Ao se referir ao nosso absenteísmo, está o autor aludindo à nossa inércia, à acomodação política a que nos entregamos, mesmo nos momentos que exigem uma decisiva participação.
- **E** Sendo a democracia, ao mesmo tempo um regime de decisão pessoal, e de representação coletiva, suscita entre os eleitores, uma notável ambivalência na hora de se decidirem.

106. Sê como o sândalo que perfuma o machado que o fere

A alternativa em que a pontuação da sentença acima está correta é:

- **A** Sê, como o sândalo, que perfuma o machado que o fere...
- **B** Sê como o sândalo, que perfuma o machado, que o fere.
- **C** Sê como o sândalo: que perfuma o machado, que o fere!
- **D** Sê como o sândalo, que perfuma o machado que o fere.

107. FJPF – Observe o fragmento textual que se segue:

"A surpresa vem, sobretudo, do eco encontrado pela defesa de um direito civil clássico, a proteção da própria vida. Pesquisa de opinião pública na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 1997, revelou muito baixa consciência de direitos, sobretudo políticos e civis. Do total de entrevistados, 57% não conseguiram mencionar nem um direito sequer. Apenas 2% mencionaram direitos políticos e 12% direitos civis. A situação só melhorava um pouco em relação aos direitos sociais, reconhecidos por 26% dos entrevistados."

A mudança de pontuação <u>inaceitável</u>, do ponto de vista das normas vigentes, é:

- **A** o apagamento das vírgulas que assinalam o destaque fonético dado, no primeiro período, ao termo "sobretudo";
- **B** o uso de dois pontos, em vez de vírgula, ainda no primeiro período, entre "um direito civil clássico" e seu aposto;
- **C** a substituição da vírgula por travessão, no segundo período, entre o nome "direitos" e a especificação que se lhe segue;
- **D** o uso de vírgula, no terceiro período, entre o verbo "mencionar" e seu complemento;
- **E** o emprego de vírgula para assinalar a elipse de uma forma verbal no quarto período.

108. FGV – "Sim, a Bolívia tem direito a toda a sua riqueza e seu patrimônio; seu solo e subsolo são sua soberania. Ela pode – qualquer país pode – mudar suas leis e rever contratos."

No trecho acima, os travessões foram utilizados para introduzir:

Ⓐ um aposto;
Ⓑ uma explicação;
Ⓒ uma explicitação;
Ⓓ uma ressalva;
Ⓔ mudança da pessoa do discurso.

109. FGV – "Quando expurgou Plutão, a UAI não fez ciência: produziu uma definição, entre outras possíveis, com a finalidade de classificar e nomear."

Os dois-pontos, no trecho acima, introduzem uma:

Ⓐ explicação;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ síntese;
Ⓓ exemplificação;
Ⓔ análise.

110. FGV – "Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil."

Assinale a alternativa em que a alteração de pontuação do trecho acima <u>não</u> constitui erro:

Ⓐ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica –, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓑ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica – ou a falta, de educação, continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓒ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real, e não apenas retórica ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓓ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓔ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real – e não apenas retórica – ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

111. CESGRANRIO – Quanto ao uso da vírgula nos trechos abaixo, assinale a opção que apresenta justificativa de emprego <u>incorreta</u>:

Ⓐ "Hoje, essa visão começa a perder força..." – para separar o adjunto adverbial deslocado.
Ⓑ "...essa visão começa a perder força, já que as empresas passaram a ver no potencial humano o diferencial para o negócio." – para separar a oração subordinada da principal.
Ⓒ "afirma Maria Carlota Boabaid, pedagoga e mestra em Administração de Empresas," – para isolar o aposto.

Ⓓ "...pedagoga e mestra em administração de empresas, que atua na área de Gestão de Pessoas." – para separar a oração subordinada adjetiva restritiva.
Ⓔ "É inerente e insumo do ser humano, está presente em todos os lugares..." – para separar orações coordenadas assindéticas.

112. CESGRANRIO – Assinale a opção <u>improcedente</u> quanto à justificativa de emprego da(s) vírgula(s):

Ⓐ "Quando eu era criança, morava na Penha." – separa oração subordinada adverbial deslocada.
Ⓑ "...eu via estrelas, cometas, asteroides:..." – separa termos coordenados.
Ⓒ "Em dia de lua cheia, via..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓓ "Criança, eu pensava: como seria possível aos pescadores velejar tão longe da areia..." – separa vocativo.
Ⓔ "...os pescadores olhavam as estrelas [...], que indicavam o caminho de suas choupanas, na praia." – separa a oração adjetiva de valor explicativo.

113. CESGRANRIO – O emprego da pontuação está correto num dos períodos abaixo. Indique-o:

Ⓐ Os agentes da lei, capturaram os assaltantes.
Ⓑ Permitiu-se que: os ladrões da loja fossem capturados.
Ⓒ Que notícias publicarás, Sílvio?
Ⓓ Os novos líderes ficaram confusos – com a matéria.
Ⓔ Sílvio Ferraz, jornalista experiente revelou o fato.

114. FEPESE – Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

Ⓐ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓑ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓒ Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
Ⓓ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

115. NCE-UFRJ – "No caldo urbano da miséria/sujeira/ignorância". Neste segmento, as barras inclinadas entre os vocábulos substituem, respectivamente:

Ⓐ vírgula / conjunção;
Ⓑ vírgula / vírgula;
Ⓒ conjunção / preposição;
Ⓓ conjunção / conjunção;
Ⓔ preposição / preposição.

116. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Com o desassombro dos que repudiam as meias-verdades, o Dr. Jayme Landmamn põe a mão na ferida ao afirmar, logo na introdução do seu livro, que 'o sistema de saúde que vigora no Brasil está completamente ultrapassado'. Partindo dessa premissa, que é pura constatação de uma realidade contundente, vai o doutor expondo aos olhos dos que de fato querem ver o que está acontecendo no país um vasto painel das causas do impasse a que chegamos no setor da previdência social e da assistência médica."

Ao colocar um trecho entre aspas, o autor pretende:

Ⓐ destacar um segmento mais importante;
Ⓑ mostrar que esse segmento é transcrito do livro comentado;
Ⓒ explicar uma afirmação anterior;
Ⓓ repetir uma verdade dita por todos;
Ⓔ reproduzir um texto que é muito conhecido por todos.

117. NCE-UFRJ – "Em 2000, ano em que foram lançadas as Metas do Milênio, havia ainda no Brasil 16 milhões de indivíduos completamente analfabetos." As vírgulas, nesse segmento do texto, são utilizadas para:

Ⓐ separar orações;
Ⓑ destacar um termo mais importante;
Ⓒ evitar ambiguidade;
Ⓓ inserir uma explicação;
Ⓔ mostrar uma inversão de termos sintáticos.

118. FJPF – A frase "Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens (inclusive migratórias)" pode ser pontuada de diversas outras maneiras, <u>com exceção</u> da seguinte, considerada inaceitável pelas normas de pontuação vigentes:

Ⓐ Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓑ Normalmente, infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓒ Normalmente infecta, aves domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓓ Normalmente infecta aves – domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓔ Normalmente infecta aves (domésticas ou selvagens, inclusive migratórias).

119. FJPF – Sobre as vírgulas empregadas na redação do período "Tudo isso somado à competência, tenacidade, senso de oportunidade, determinação e espírito empreendedor dos nossos empresários fez o setor de transporte se transformar numa atividade de importância econômica e social reconhecida em todo o país", pode-se afirmar que elas têm o emprego justificado pela mesma regra que justifica o emprego da vírgula no seguinte trecho:

Ⓐ "Atualmente verificamos que as empresas brasileiras estão cada vez mais preparadas para a concorrência de mercado, para a economia globalizada e para competição em larga escala."
Ⓑ "Trata-se de um salto extraordinário, fruto de muito incentivo..."
Ⓒ "O empresariado nacional se capacitou e se preparou para vencer no mercado globalizado e obter maiores ganhos de produtividade, o que resultou em uma geração de vencedores pelo mérito e pelo trabalho..."
Ⓓ "O setor foi mais adiante, abrindo as portas do futuro."
Ⓔ "...e que é a razão de existência da pessoa jurídica, além de aperfeiçoar e adequar programas de qualidade à cultura da empresa e a acompanhar a evolução dos tempos e da técnica".

120. FJPF – A alternativa em que o acréscimo, entre colchetes, de vírgula ou vírgulas constitui um erro, de acordo com as normas de pontuação em vigor é:

Ⓐ "Nas formas de vida coletiva[,] podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens."
Ⓑ "Esses dois princípios[,] encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador."
Ⓒ "Seu ideal será colher o fruto[,] sem plantar a árvore."
Ⓓ "Seu campo visual é[,] naturalmente[,] restrito."
Ⓔ "A parte[,] maior que o todo."

121. FGV – "Os olhos empapuçados são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão."

Assinale a alternativa que ofereça pontuação igualmente correta para o trecho acima:

Ⓐ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓑ Os olhos empapuçados, são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓒ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo, se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.
Ⓓ Os olhos empapuçados são os mesmos mas, o cabelo, se foi e a barriga, só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓔ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga, só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.

122. FGV – "O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural."

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção e. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

Ⓐ Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.
Ⓑ Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.
Ⓒ Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.
Ⓓ A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.
Ⓔ A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

123. CESGRANRIO – Assinale a opção que apresenta justificativa <u>incorreta</u> de emprego do(s) sinal(sinais) de pontuação destacado(s):

Ⓐ "...aos 40 ela deve tomar uma difícil decisão**:** nascer de novo." – quebra da sequência das ideias.
Ⓑ "O bico**,** alongado e pontiagudo**,** se curva." – estabelecer uma pausa entre os adjetivos e o substantivo.
Ⓒ "Quando as novas unhas despontam**,** a águia..." – separa oração subordinada adverbial antecipada à principal.
Ⓓ "No noviciado**,** aprendi..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓔ "Primeiro, ousar perder o que envelheceu: o bico**,** as unhas**,** as penas." – separa termos coordenados.

124. CESGRANRIO – Na passagem "E ainda nem mencionei as coisas que realmente foram reduzidas: apartamentos que parecem caixotes, carros compactos, conversas telegráficas, livros de bolso, pequenas salas de cinema, casamentos curtos.", os dois pontos introduzem um(a):

Ⓐ pensamento;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ explicação;
Ⓓ síntese;
Ⓔ justificação.

125. FEPESE – Marque o item correto de acordo com a pontuação:

Ⓐ Os rios, estão poluídos.
Ⓑ Os agricultores colheram, as laranjas.
Ⓒ O sr. Lobo, o sr. Cordeiro e o Prefeito reuniram-se hoje.
Ⓓ Aquele nosso grande amigo, trouxe boas notícias, ontem.
Ⓔ A roça é, um lugar de trabalho alegria e crescimento.

126. FEPESE – Leia o texto que se segue para responder à presente questão:

A primeira expedição enviada oficialmente para explorar nosso país aqui chegou em agosto de 1501, em busca de ouro e especiarias. Dela fazia parte um rico navegador italiano, Américo Vespúcio. A riqueza que ele encontrou, todavia, foi

o pau-brasil, de que os europeus conheciam uma espécie, nativa do Oriente. O pó da casca dessa árvore servia para tingir tecidos de vermelho – cor da moda na Europa de então, devido à expansão de sua indústria têxtil. Assim, para a Coroa o pau-brasil transformou-se em nova fonte de riqueza.

Os índios foram facilmente convencidos a cortar e transportar para os navios duras toras de pau-brasil, em troca de instrumentos que cobiçavam, como machados, facas e anzóis para a pesca. Esse comércio do "pau-de-tinta" tornou-se a primeira fonte de lucro que a nova colônia ofereceu a Portugal.

(Adapt. de *Brasil:* terra à vista! Eduardo Bueno, Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 118-120)

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

A) Na linha 5 o travessão foi empregado como recurso de ênfase.
B) Quando um termo se intercala na ordem direta da frase, quebrando sua sequência natural, deve ficar isolado por vírgulas, como em <u>todavia</u> (linha 3).
C) Em <u>machados, facas</u> (linha 8) a vírgula separa elementos com a mesma função sintática na frase.
D) Na linha 2 a vírgula separa um vocativo (<u>Américo Vespúcio</u>).
E) Na linha 5 a vírgula antecede uma expressão com ideia de causa.

127. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

A) Antes de viajar verifique: se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas, pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia o que dificulta, o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente, para facilitar, o pagamento das contas de luz.
B) Antes de viajar: verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas; pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos. Nesta época do ano muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático, em conta corrente, para facilitar o pagamento das contas de luz.
C) Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso, antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia; o que dificulta o rápido atendimento. Utilize: o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.
D) Antes de viajar, verifique: se as contas de luz, de sua casa de praia, estão pagas (pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos). Nesta época do ano: muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

Ⓔ Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso antes de viajar, você evita aborrecimentos. Nesta época do ano, muitas pessoas solicitam a religação da energia, o que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

128. NC-UFPR – Em que alternativa a sentença está pontuada corretamente?

Ⓐ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓑ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓒ O coração artificial, segundo o médico entrevistado constitui um avanço, para a ciência sempre preocupada em prolongar, a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓓ O coração artificial segundo o médico entrevistado constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada, em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓔ O coração artificial, segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

129. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está correto, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Àquela altura, parecia-nos, que o problema não teria solução.

Ⓑ Em janeiro, consegui o passaporte; só em julho, porém, viajei.

Ⓒ Certos políticos, que têm seu preço, são facilmente corrompíveis.

Ⓓ O colega, de cujo apoio precisávamos, acabou nos abandonando.

130. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está CORRETO em:

Ⓐ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo? A atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓑ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓒ Será em São Paulo, o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido, com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓓ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo, para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo... A atriz foi escalada, para a minissérie que a Globo prepara, sobre Juscelino Kubitschek.

131. FUMARC – Considere as sentenças abaixo:

I. A ferrovia, rentável, foi inteiramente recuperada.

II. Comia só, na lanchonete do hospital, e voltava para o quarto.

A supressão das vírgulas nas sentenças provoca alteração de sentido em:

Ⓐ apenas em I;
Ⓑ apenas em II;
Ⓒ ambas;
Ⓓ nenhuma delas.

132. NCE-UFRJ – A frase abaixo que mostra uma pontuação <u>inadequada</u>, num texto objetivo, é:

Ⓐ Após algum tempo, o organismo combate a infecção.
Ⓑ A infecção, o organismo a combate após algum tempo.
Ⓒ O organismo, após algum tempo, combate a infecção.
Ⓓ O organismo combate, após algum tempo, a infecção.
Ⓔ O organismo combate a infecção, após algum tempo.

133. ESAG – Observe as frases:

I. O homem que é mortal julga-se imortal.

II. Os alunos que fizeram o trabalho terão um ponto.

III. Todos estavam cansados, cansados de dar dó!

IV. Ontem à noite chegaram os meus parentes.

Assinale a afirmativa correta observando a pontuação das frases acima:

Ⓐ está correta apenas III;
Ⓑ estão corretas II e III;
Ⓒ estão corretas I e IV;
Ⓓ estão corretas I, II e III.

134. NCE-UFRJ – "Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade."

No parágrafo do texto aparecem casos de utilização de ponto-e-vírgula; a regra que justifica esse emprego é:

Ⓐ separar blocos de orações que se opõem pelo sentido;
Ⓑ separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já tem elementos separados por vírgula;
Ⓒ indicar ordem inversa de termos;
Ⓓ destacar elementos sumamente importantes no texto;
Ⓔ separar orações coordenadas não unidas por conjunção.

135. FJPF – No texto, para assinalar o término do período, usa-se ponto depois de:

I. No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também em 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. "não é muito melhor." *(após "em último em matemática.")*

II. A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas por escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, professores já ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social. (*após "mas também em prestígio."***)**

III. A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil. (*após "não permite tergiversações."***)**

Sem prejuízo das normas de pontuação em vigor, o sentido dos enunciados torna possível a substituição do referido sinal pelo sinal de dois pontos em:

Ⓐ I, II;
Ⓑ I, III;
Ⓒ II, III;
Ⓓ I, apenas;
Ⓔ todas as hipóteses apresentadas.

136. CESGRANRIO – Um dos empregos da vírgula é a separação de elementos que exercem funções sintáticas diferentes, geralmente com a finalidade de realçá-los, como acontece com os adjuntos adverbiais antecipados na estrutura da oração.

As frases a seguir, extraídas do Texto III, são exemplos desse tipo de uso, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Ao menos, por dois motivos – imagino eu."
Ⓑ "Em primeiro lugar, porque é uma necessidade da vida contemporânea."
Ⓒ "Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas..."
Ⓓ "Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever."
Ⓔ "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio."

137. IDECAN – O emprego do ponto e vírgula em "Alguns meninos correram; outros ficaram a certa distância da janela, olhando, trêmulos, mas apesar de tudo dispostos a enfrentar a catástrofe.", justifica-se por:

- **A** separar orações coordenadas sindéticas;
- **B** indicar que a frase foi interrompida, truncada;
- **C** isolar oração subordinada adjetiva explicativa;
- **D** separar oração subordinada adverbial desenvolvida;
- **E** separar orações coordenadas opostas quanto ao sentido.

138. FUMARC – Observe as informações acerca dos sinais de pontuação:

I. A vírgula, utilizada em "Após a morte do bandeirante, seus companheiros dispersos procuraram se instalar, apossando-se das terras ao redor de onde se encontravam..", é justificada pela circunstância de tempo.

II. O uso das duas vírgulas no trecho: "O povoado, que foi denominado Matozinhos, iniciou-se ao redor da capela do Senhor Bom Jesus," justifica--se pelo aposto.

III. Os termos do texto a seguir: Filhos ilustres ajudaram a criar parte da história, tais como Bento Gonçalves, Caio Martins e Agripa de Vasconcelos, Cavalgadas, Jubileu do Senhor Bom Jesus, congados, folia de reis, enfim, as festas mais típicas do interior mineiro também são acontecimentos na cidade" receberam vírgulas, porque estas, no contexto, separam enumerações.

Marque a alternativa correta:

- **A** apenas as informações I e II estão corretas;
- **B** apenas as informações I e III, estão corretas;
- **C** as informações I, II e III, estão corretas;
- **D** apenas as informações II e III, estão corretas.

139. COPEVE – Na última frase do 2º parágrafo "A mim, não me causava medo nenhum." a vírgula:

- **A** evidencia o objeto indireto pleonástico;
- **B** evidencia o adjunto adnominal deslocado;
- **C** foi utilizada apenas para enfatizar um termo explicativo e acessório: "a mim";
- **D** foi utilizada de forma indevida, já que não se separa o verbo de seu complemento;
- **E** separa termos de mesma função sintática.

140. UPENET – Sobre pontuação, analise os itens abaixo:

I. "Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado!"

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível"

III. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo!"

Assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

Ⓐ No item I, a omissão da vírgula antes do termo ilustre é erro, uma vez que é obrigatória, porque separa vocativo.
Ⓑ No item II, não poderia existir a vírgula após o termo bonde, por separar um adjunto adverbial deslocado, caracterizando, dessa forma, um erro.
Ⓒ No item III, está correto o emprego da vírgula, por separar adjunto adverbial que exprime circunstância de lugar.
Ⓓ Tanto no item I como no item III, as vírgulas estão corretas por separarem adjuntos adverbiais que exprimem circunstância de lugar.
Ⓔ No item I, a vírgula é facultativa, daí não poder ser considerado um erro de pontuação.

141. UPENET – "Sentiu o comportamento de Angélica (1. observou-o (2. viu suas reações diante de cada farda (3. e compreendeu que nada lhe provocava maior emoção que uma farda de marinheiro."

No período, as vírgulas são obrigatórias nos parênteses de número(s):

Ⓐ 1, apenas;
Ⓑ 2, apenas;
Ⓒ 3, apenas;
Ⓓ 1 e 2, apenas;
Ⓔ 1, 2 e 3.

142. UPENET – Assinale a <u>unica</u> alternativa que apresenta o uso da(s) vírgula(s) da mesma forma em que aparece(m) no trecho:

"(...)Oliver Blanchar ataca o que chama de "cultura do desemprego"(,) ou seja(,) a visão pessimista do futuro."

Ⓐ As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.
Ⓑ "Pois, seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que existe."
Ⓒ O homem, que mente, não merece confiança.
Ⓓ A garota, Fernanda, saiu muito cedo.
Ⓔ "O cavalo calou-se, isto é, recolheu o movimento do rabo."

143. ACAFE – Em relação à pontuação, assinale a alternativa correta:

Ⓐ De acordo com a assessoria de imprensa do MP cerca de 40 minutos após a evacuação do prédio, todos os funcionários voltaram ao serviço.
Ⓑ Num desses dias eu estava falando que queria retornar para a internet e ele me falou que tinha um site que ele queria montar mas não tinha tempo era um site de vídeos!
Ⓒ Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as atribuições do Ministério Público vêm se multiplicando, numa evidente prova de confiança do legislador, à qual o MP deverá corresponder com atuação eficiente.

Ⓓ Muitas vezes descendo ou subindo encontrei cardumes, golfinhos, plânctons gigantes.

Ⓔ As entidades monetárias internacionais e não nossos governantes, é que traçam os rumos econômicos e sociais do País.

144. COPESE-UFT – Indique a alternativa em que o uso da vírgula está <u>errado</u>:

I. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

II. Por fim, perdi, a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

III. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me e, como, já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

IV. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e como já era mais de meio-dia, larguei-me, a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

Marque a resposta correta:

Ⓐ apenas I está errada;

Ⓑ apenas III está errada;

Ⓒ II, III e IV estão erradas;

Ⓓ todas estão erradas.

145. CESGRANRIO – Indique a opção em que o emprego da(s) vírgula(s) obedece à norma culta:

Ⓐ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos, é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓑ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne, 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓒ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países e deve estar concluído em 2010.

Ⓓ A mais ambiciosa empreitada, para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓔ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído, em 2010.

146. CEPERJ – A vírgula pode ser substituída por dois-pontos no segmento:

- **A** "Um dos grandes mitos perpetuados sobre a independência do Brasil, na análise do jornalista e escritor Laurentino Gomes..."
- **B** "...é a ideia de que a separação de Portugal foi totalmente pacífica, um grande acordo político entre D. João VI..."
- **C** "– A ideia de que a separação foi pacífica, negociada entre pai e filho..."
- **D** "...data da expulsão das tropas portuguesas de Salvador, em 1823."
- **E** "...a concentração social era enorme, com total concentração de renda."

147. CEPERJ – Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, a afirmativa correta é:

- **A** Faltou uma vírgula depois da expressão "Manda a etiqueta", em "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva...".
- **B** Os dois-pontos foram corretamente empregados em "Quando alguém me oferece algo e recuso, não recusei apenas o objeto: rejeitei um convite à parceria", porque introduzem uma explicação.
- **C** O ponto-e-vírgula poderia ser adequadamente substituído por uma vírgula no trecho "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva a seu companheiro de mesa de sua própria garrafa; este retribui igual quantidade de seu próprio vinho".
- **D** Deveria ter sido empregada uma vírgula depois da expressão "não troco", em "Aquele com quem não troco é aquele contra quem luto."
- **E** O uso do ponto é incorreto no trecho "...porque a troca é o fundamento da vida social, em seu sentido último de relação com outro. E são os rumos desta relação, os fatores que os determinam..."

148. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, é correto afirmar que:

- **A** Deveria ser inserida uma vírgula depois da palavra "político" no segmento "...o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta já que "Richard Watson" é aposto de "cientista político".
- **B** Os parênteses empregados no 1º parágrafo ["Guru de algumas das maiores companhias do planeta – IBM, Coca-Cola, MacDonalds, Nestlé, etc. –, nas quais dá consultoria sobre o que fazer hoje para não se arrepender amanhã, o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta para o perigo de caminharmos em direção a uma sociedade onde as pessoas não conseguirão sequer pensar sozinhas."] poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo semântico ou gramatical ao segmento.
- **C** As vírgulas empregadas para destacar a palavra "agora" no segmento "Já tendo escrito sobre o futuro dos arquivos, do dinheiro e das viagens, agora, ao discorrer sobre o futuro das mentes" poderiam ser retiradas sem prejuízo semântico/gramatical.

D O ponto empregado depois da palavra "agradam" no segmento "...selecionamos só as informações e os amigos que mais nos agradam. Isso não é bom para o pensamento e a sociedade." poderia adequadamente ser substituído por dois-pontos.

E É inadequado o emprego do ponto que antecede a conjunção E no segmento "E conclui: 'Meu temor é que não tenhamos escolha senão nos tornarmos 100% digitais. E que a gente perca a capacidade de pensar profundamente, uma das coisas que nos define como humanos'.", porque não se deve usar ponto antes da conjunção e.

149. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, a afirmativa incorreta é:

A No lugar de ponto, poder-se-ia usar ponto e vírgula no lugar do ponto-final existente em *"Primeiro, haverá um número proporcionalmente muito maior de idosos, [...] que gerou o boom populacional há algumas décadas. Segundo, os idosos vão viver mais, pelas transformações ocorridas na área da medicina e pelo maior acesso à informação. E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes."* e após *"informação"*, no mesmo fragmento de texto.

B Quanto aos dois travessões empregados em *E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes. O que se nota é uma mudança do perfil e a aceleração de uma tendência já observada nos últimos anos."*, caso se omitisse o segundo travessão, o primeiro deveria ser substituído por uma vírgula.

C Uma vírgula vicária poderia ser adequadamente inserida depois da primeira expressão "ou mais", no segmento "*Enquanto isso, entre 2010 e 2020, o número de idosos de 60 a 79 anos aumentará em quase 8 milhões de pessoas, e com 80 anos ou mais em torno de quase 1,5 milhões de pessoas. Aqueles que tinham 60 anos ou mais, que eram 19 milhões de pessoas em 2010, serão mais de 28 milhões em 2020*".

D Poder-se-ia inserir uma vírgula no início do período a seguir, do seguinte modo: *"Entre 2010 e 2020 essas mudanças já se farão sentir".*

E Poder-se-ia empregar duas vírgulas no período: *"Isso se deve ao fato de que uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente provavelmente continuará ainda no mercado de trabalho por 35 a 40 anos".* Assim: *"Isso se deve ao fato de que, uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente, provavelmente continuará...".*

150. CEPERJ – Quanto à pontuação, a afirmativa correta é:

A Considera-se correta a falta de uma vírgula depois da palavra "foi" no segmento "*Onde foi que a minha bagunça começou? Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem*".

B "A vírgula que se usou depois da expressão **'**meio ambiente**'** em **'***Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem***'**." poderia ser retirada sem prejuízo à correção gramatical e à clareza do segmento.

C O uso de dois-pontos é inadequado depois da expressão "muito esquisita" no segmento "*Tenho uma teoria muito esquisita: a gente nasce como nascem as árvores, de sementes*".

D Faltaram vírgulas depois das palavras "pitanga", "manga" e "laranja" na enumeração do segmento "*Semente de pitanga vira pitangueira, caroço de manga vira mangueira, semente de laranja vira laranjeira*".

E Falta uma vírgula antes da palavra "psicólogo" no segmento "*Se fosse hoje, acho que me levariam a um psicólogo que diagnosticaria hiperativismo.*"

GABARITO

1. A	20. D	39. B	58. B	77. D	96. C	115. A	134. B
2. A	21. B	40. B	59. E	78. D	97. C	116. B	135. C
3. C	22. C	41. D	60. A	79. D	98. B	117. D	136. E
4. B	23. E	42. B	61. E	80. E	99. E	118. C	137. E
5. B	24. E	43. D	62. E	81. C	100. C	119. A	138. C
6. C	25. E	44. E	63. C	82. D	101. C	120. B	139. A
7. A	26. C	45. D	64. A	83. C	102. A	121. A	140. A
8. C	27. A	46. C	65. C	84. E	103. B	122. C	141. D
9. B	28. E	47. D	66. A	85. D	104. A	123. A	142. E
10. E	29. C	48. E	67. C	86. C	105. D	124. B	143. C
11. B	30. E	49. C	68. C	87. E	106. B	125. C	144. C
12. E	31. A	50. B	69. D	88. D	107. D	126. D	145. C
13. E	32. D	51. A	70. D	89. E	108. D	127. E	146. B
14. A	33. D	52. E	71. B	90. D	109. A	128. E	147. B
15. D	34. C	53. A	72. B	91. B	110. A	129. A	148. C
16. B	35. C	54. E	73. B	92. D	111. D	130. B	149. E
17. A	36. A	55. D	74. C	93. C	112. D	131. D	150. A
18. A	37. E	56. C	75. C	94. E	113. C	132. B	
19. C	38. C	57. D	76. D	95. C	114. D	133. B	

Décio Sena

Gramática Aplicada

PARA CONCURSOS

Material complementar com 900 questões

Editora Impetus

Exercícios de Ortografia

Obs.: fizemos modificações nas questões em que havia necessidade de se ajustarem ao Novo Acordo Ortográfico.
Ao trabalhar com questões de acentuação gráfica e de emprego do hífen, portanto, considere apenas os novos dispositivos advindos do Acordo citado.

1. NCE-UFRJ – A opção em que as duas palavras destacadas não são acentuadas segundo a mesma regra de acentuação gráfica é:

A) universitário – adolescência;
B) mínimo – domésticos;
C) país – até;
D) ópera – currículo;
E) negócio – experiência.

2. NCE-UFRJ – Anestesia é uma palavra grafada com s (e não com z) e privilégio é grafada com i (e não com e). A alternativa em que ambas as palavras estão corretas quanto à grafia é:

A) atravez – arrepio;
B) atraz – Pirineus;
C) frisa – irrequieto;
D) análise – crâneo;
E) baroneza – campeão.

3. FGV – Grafou-se corretamente o vocábulo enxugando. Assinale a alternativa em que todas as palavras tenham sido grafadas corretamente:

A) degladiar – obsessão – abscesso – pan-africanismo;
B) desinteria – análise – através – extraoficial;
C) pichar – necessidade – consciência – obsecado;
D) chuchu – jeito – pretensão – suboficial;
E) berinjela – exceção – cacetete – hipersensibilidade.

4. **CESGRANRIO – Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen não deve ser utilizado em:**

- **A** formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
- **B** palavras formadas com o acréscimo de prefixos como anti-, sub-, em que o segundo elemento começa por h;
- **C** palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
- **D** palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por r ou s;
- **E** topônimos iniciados pelos adjetivos grã, grão.

5. **CESGRANRIO – Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação".**

   Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto ei ou oi não o são mais.

   São exemplos dessa mudança as palavras:

- **A** assembleia, aldeia, proteico;
- **B** cadeia, paranoico, introito;
- **C** heroi, boina, epopeico;
- **D** heroico, onomatopeico, plateia;
- **E** jiboia, comboio, papeis.

6. **FGV – As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.**

   Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica:

- **A** Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
- **B** Votamos aquele presidente pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.
- **C** Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
- **D** Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
- **E** O mandado do deputado será suspenso.

7. **FJPF – Observe o emprego do termo sublinhado na frase "Por que há médicos, advogados, professores e engenheiros despreparados, vamos batalhar pelo fechamento dos educandários por onde se formaram?". Sabendo-se que o**

termo em negrito acima tem quatro formas distintas de grafia, pode-se afirmar que há incorreção na frase:

Ⓐ Não se sabe por que os jornalistas tinham baixa formação.
Ⓑ Não se sabe o porquê de os jornalistas terem baixa formação.
Ⓒ Os jornalistas tinham baixa formação por que?
Ⓓ Os jornalistas tinham baixa formação porque não havia cursos especializados.
Ⓔ Os cursos por que passavam os jornalistas eram de curta direção.

8. FJPF – Os pares de palavras abaixo foram organizados tendo como critério as normas de acentuação gráfica. Dos cinco pares, o único em que os acentos gráficos das palavras se justificam por regras distintas é:

Ⓐ vítima – decúbito;
Ⓑ nosocômio – literário;
Ⓒ só – é;
Ⓓ repórter – suíno;
Ⓔ língua – noticiário.

9. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que país:

Ⓐ Bolívia;
Ⓑ gás;
Ⓒ pivô;
Ⓓ comércio;
Ⓔ reconstruí-la.

10. CESGRANRIO – O vocábulo destacado em "uma paralisia das pernas?" é grafado com s. Em qual dos pares abaixo há um vocábulo que, segundo a norma culta, está grafado indevidamente com s?

Ⓐ Análise – gasolina.
Ⓑ Catequisar – arrasar.
Ⓒ Extravasar – atrás.
Ⓓ Poetisa – quis.
Ⓔ Usura – improvisar.

11. CESGRANRIO – São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras:

Ⓐ audácia – prudência – imprescindíveis – equilíbrio;
Ⓑ política – sábia – destrói – ótimo;
Ⓒ catástrofes – histórica – econômica – entretém;
Ⓓ além – ninguém – você – órfão;
Ⓔ três – há – até – só.

12. FCC – "...para entender <u>por que</u> a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora..."

No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

- **A** Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____?
- **B** Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
- **C** Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?
- **D** Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.
- **E** — _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

13. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

- **A** Não constitui uma primasia dos animais a satisfação dos impulsos instintivos: também o homem regozija-se em atender a muitos deles.
- **B** As situações de impunidade infligem sérios danos à organização das sociedades que tenham a pretenção da exemplaridade.
- **C** É difícil atingir uma relação de complementaridade entre a premênsia dos instintos naturais e a força da razão.
- **D** Se é impossível chegarmos à abstensão completa da satisfação dos instintos, devemos, ao menos, procurar constringir seu poder sobre nós.
- **E** A dissuasão dos contraventores se faz pela exemplaridade das sanções, de modo que a cada delito corresponda uma justa punição.

14. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha seguido regra de acentuação distinta das demais:

- **A** países;
- **B** médio;
- **C** cenário;
- **D** áreas;
- **E** prestígio.

15. FJPF – No fragmento "A sociedade não estaria sendo <u>anestesiada</u> ou <u>hipnotizada</u> por uma forma sinistra de <u>conspiração</u> sonora?", os vocábulos em destaque estão grafados corretamente. Dos itens abaixo, aquele que tem os três vocábulos grafados corretamente é:

- **A** agazalhada / amenizada / punição;
- **B** brisa / felizarda / contaminassão;
- **C** analisada / indenizada / acepção;
- **D** hesitar / galvanisada / constipação;
- **E** frisada / preconizada / procição.

16. FGV – Em autossuficiente, optou-se corretamente pelo não uso do hífen. Assinale a alternativa em que não se procedeu corretamente quanto à necessidade ou não de seu emprego:

Ⓐ autobiografia;
Ⓑ superatleta;
Ⓒ antiinflamatório;
Ⓓ pseudocientista;
Ⓔ micro-região.

17. FEPESE – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas corretamente:

Ⓐ ítens – dígrafo – flúor – rubrica – núvem – pêsames – ânsia;
Ⓑ juíz – juízes – têxtil – hífens – cárie – espontâneo – ônus;
Ⓒ seminú – estética – eles veem – elas têm – apêlo – reduzí-lo;
Ⓓ dígito – biquíni – tênue – êxito – hífen – linguística – difícil;
Ⓔ pólen – gráfico – notícias – jóvens – cônscio – oxítona – pajé.

18. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra seja acentuada por seguir regra distinta das demais:

Ⓐ frequência;
Ⓑ notícias;
Ⓒ países;
Ⓓ convênio;
Ⓔ vários.

19. FGV – A palavra êxito recebe acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a:

Ⓐ interim;
Ⓑ rubrica;
Ⓒ recondito;
Ⓓ arquétipo;
Ⓔ lúgubre.

20. FEPESE – Dadas as frases:

1. As reinvindicações apresentadas dizem respeito às modificações do projeto.

2. Senhoras e senhores! É um privilégio poder cumprimentá-los nesta data festiva.

3. Os produtos comprados foram devidamente discriminados na nota fiscal.

Verifica-se que está(ão) correta(s) apenas:

- **A** a frase 2;
- **B** a frase 3;
- **C** as frases 1 e 2;
- **D** as frases 1 e 3;
- **E** as frases 2 e 3.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que saúde:

- **A** indústria;
- **B** licitatória;
- **C** aí;
- **D** até;
- **E** têm.

22. NC-UFPR – Indique a alternativa que não apresenta problema de grafia:

- **A** O acesso a Internet dá aos usuários, em tese, inúmeras possibilidades à ampliar seu conhecimento musical.
- **B** No momento, não a limites para a qualidade dos equipamentos disponíveis para a reprodução musical.
- **C** Esperamos que daqui há 20 anos, a nova geração tenha uma postura diferente frente à audição musical.
- **D** A proporção que crescem as opções tecnológicas, diminui a capacidade individual de apreciação musical.
- **E** O acesso a equipamentos sofisticados não contribui necessariamente para a educação musical.

23. ENCE-RJ – Assinale a opção em que um dos termos apresenta erro de grafia:

- **A** aborígene, dispêndio, invólucro;
- **B** empecilho, irrequieto, prevenido;
- **C** camurça, mordaça, paçoca;
- **D** esquisito, espontâneo, espectador;
- **E** holofote, hipócrita, híbrido.

24. INTELECTUS – Assinale a palavra que não está escrita de forma correta de acordo com a Nova Ortografia:

- **A** além-mar;
- **B** sem-terra;
- **C** para-quedas;
- **D** antirreligioso;
- **E** autoescola.

25. INTELECTUS – Assinale a frase que <u>não</u> está correta de acordo com a Nova Ortografia:

Ⓐ Ela para a bicicleta.
Ⓑ O Pólo Sul é frio.
Ⓒ O cão tem pelo negro.
Ⓓ Ele joga polo.
Ⓔ A pera é uma fruta.

26. IESES – Assinale a alternativa que apresenta <u>erro</u> de ortografia:

Ⓐ Em almoço beneficiente, com a chegada eminente das reivindicações que o gerou, o clima foi tomado por desassossego.
Ⓑ A iluminação daquela sala de cirurgia melhorou com a instalação de lâmpadas fluorescentes.
Ⓒ A expectativa foi atendida, embora nada de espontâneo e esplêndido tenha sido feito.
Ⓓ A exceção à regra foi feita de maneira obsessiva pela equipe de profissionais.

27. FEC – Na última sílaba dos vocábulos "expansão", "exceção" e "discussão" constatam-se três formas distintas de grafia do fonema /sê/, em português. Dos itens abaixo, com vocábulos grafados, respectivamente, com as três formas acima, aquele em que há vocábulo com erro de grafia, de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ propensão – distenção – repressão;
Ⓑ ascensão – absorção – opressão;
Ⓒ extensão – ereção – repercussão;
Ⓓ suspensão – redenção – secessão;
Ⓔ pretensão – assunção – concessão.

28. CESGRANRIO – Em relação às regras de acentuação gráfica, a frase que <u>não</u> apresenta erro é:

Ⓐ Ele não pode vir ontem à reunião porque fraturou o pé.
Ⓑ Encontrei a moeda caida perto do sofá da sala.
Ⓒ Alguém viu, além de mim, o helicóptero que sobrevoava o local?
Ⓓ Em péssimas condições climaticas você resolveu viajar para o exterior.
Ⓔ Aqui so eu é que estou preocupado com a saúde das crianças.

29. CESGRANRIO – A frase em que todas as palavras estão escritas de forma correta, conforme a ortografia da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ Foi um previlégio ser acompanhado pelo advogado do sindicato.
Ⓑ Estão cojitando de fabricar salas acústicas.
Ⓒ A senhora possue algumas horas para tirar a cesta.
Ⓓ O lado de traz segue até à sala de descanso.
Ⓔ Estava hesitante sobre a escolha do bege claro para a mobília.

30. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra indicada não esteja acentuada corretamente:

- **A** bíceps;
- **B** órfã;
- **C** bênção;
- **D** ávaro;
- **E** bávaro.

31. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo regra <u>distinta</u> das demais:

- **A** Amazônia;
- **B** planetária;
- **C** resistência;
- **D** níveis;
- **E** países.

32. NC-UFPR – Em que alternativa a chamada para atrair turistas ao Brasil está correta quanto à grafia?

- **A** Rezerve sua passagem já. O Brasil têm tudo o que você espera.
- **B** Conheção o Brasil. O paraíso é aqui.
- **C** Esperimente as delícias do paraíso vindo ao Brasil.
- **D** Veleje em nossos mares. Você jamais esquecerá.
- **E** O colorido deste pais vai mecher com você. Visite o Brasil.

33. NC-UFPR – Observe a grafia das palavras e assinale a alternativa correta:

- **A** Um acidente em Ímola, a dez anos atrás, provocou a morte de Ayrton Senna.
- **B** Para os brasileiros, não há caso parecido com o de Ayrton Senna. Mesmo daqui há muitos anos, o povo vai lembrar.
- **C** As aspirações há que queria se referir o editor do texto, será alvo de estudo de especialistas daqui há mais algum tempo.
- **D** Uma batida há 300 Km/h contra um muro punha um ponto final na vida de um ídolo.
- **E** Há muito, não se via uma manifestação como a que ocorreu na morte de Ayrton Senna.

34. FEPESE – Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de <u>alguém</u>, <u>inverossímil</u> e <u>caráter</u>, respectivamente:

- **A** armazém – útil – açúcar;
- **B** hífen – também – impossível;
- **C** têm – protéico – éter;
- **D** há – impossível – crítico.

35. FUJB – Seguem-se várias palavras grafadas com a letra X. A opção em que essa letra está empregada erradamente é:

Ⓐ exceção;
Ⓑ máximo;
Ⓒ exílio;
Ⓓ exímio;
Ⓔ mixto.

36. NCE-UFRJ – Cada uma das séries abaixo se inicia com a palavra que abre cada alternativa. As demais se relacionam com ela semanticamente, não havendo erro ortográfico apenas em:

Ⓐ receber – recepção – recebimento;
Ⓑ longe – longinquo – lonjura;
Ⓒ grande – grandeza – engrandescer;
Ⓓ fácil – facílimo – facilmente;
Ⓔ sintonia – sintonizar – sintônico.

37. NCE-UFRJ – As palavras "também", "excluída" e "renováveis", respectivamente, recebem acento pelo mesmo motivo que:

Ⓐ éden – período – ministério;
Ⓑ convêm – conteúdo – anéis;
Ⓒ talismãs – lusíada – petróleo;
Ⓓ freguês – açaí – jóquei;
Ⓔ parabéns – balaústre – deixá-las.

38. NCE-UFRJ – Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

Ⓐ mantegueira – aterrissagem;
Ⓑ cataclismo – adivinhar;
Ⓒ mortadela – meretíssimo;
Ⓓ entitulado – embutido;
Ⓔ prostração – beneficiente.

39. NCE-UFRJ – "Rádio", "família", "música", "publicitário", "médio", "frequência", "mídia". Esses vocábulos do texto têm seu acento tônico justificado pelo seguinte número de regras:

Ⓐ 5;
Ⓑ 4;
Ⓒ 3;
Ⓓ 2;
Ⓔ 1.

40. NCE-UFRJ – O vocábulo chimpanzé também pode ser grafado chipanzé. O vocábulo a seguir que não admite a dupla grafia indicada é:

- **A** bêbado – bêbedo;
- **B** assoviar – assobiar;
- **C** requesito – requisito;
- **D** enfarte – infarto;
- **E** berruga – verruga.

41. NCE-UFRJ – As palavras "responsáveis", "também", "veículos", "intransferível", "há", "código", "publicitária" podem ser agrupadas, segundo as regras de acentuação gráfica, em:

- **A** um só grupo;
- **B** dois grupos;
- **C** três grupos;
- **D** quatro grupos;
- **E** cinco grupos.

42. NCE-UFRJ – Conscientes e fascinantes são vocábulos corretamente grafados com sc. A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** fascismo – descendência;
- **B** adolescência – tescitura;
- **C** piscina – suscitar;
- **D** fluorescente – miscigenação;
- **E** ascético – lascívia.

43. NCE-UFRJ – As formas quisesse e mazelas apresentam para um mesmo fonema – z – duas grafias distintas: "s" e "z". A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** pesquisa;
- **B** paralisia;
- **C** atraso;
- **D** através;
- **E** xadres.

44. NCE-UFRJ – A palavra taxa é escrita com X. A palavra abaixo que não deve ser escrita com X é:

- **A** mexer;
- **B** xícara;
- **C** faixa;
- **D** xuxu;
- **E** coxa.

45. NCE-UFRJ – Brasil é uma palavra escrita com S. a palavra abaixo que está grafada erradamente é:

Ⓐ casar;
Ⓑ gás;
Ⓒ vaso;
Ⓓ gis;
Ⓔ três.

46. FUMARC – Há erro de ortografia em:

Ⓐ Quem delega muito pode ser dispensável na empresa.
Ⓑ Sou bastante exigente comigo mesmo e com os outros.
Ⓒ É preciso muita compreenção no ambiente de trabalho.
Ⓓ Escrevo toda a correspondência expedida no meu setor.

47. IPAD – Os termos que apresentam a mesma justificativa quanto à acentuação gráfica são:

Ⓐ política – indivíduos;
Ⓑ mercadológicas – sintomático;
Ⓒ própria – versão;
Ⓓ automóvel – crédito;
Ⓔ trás – tão.

48. PUC-SP – A alternativa em que nem todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

Ⓐ arcaísmo, mês, frequência, incluí-lo;
Ⓑ hífens, túneis, órgão, sentí-lo;
Ⓒ elétrons, atrás, pára (verbo), trocá-lo;
Ⓓ íris, alguém, sanguíneo, vendê-lo;
Ⓔ apoio (verbo), tórax, armazéns, compô-lo.

49. ITA – Examinando as palavras:

"entitular" – "empecilho" – "prazerosamente" – "mendingo"

Verifica-se que:

Ⓐ apenas uma está escrita corretamente;
Ⓑ apenas duas estão escritas corretamente;
Ⓒ três estão escritas corretamente;
Ⓓ todas estão escritas corretamente;
Ⓔ nenhuma está escrita corretamente.

50. NCE-UFRJ – "Obsceno" é uma palavra grafada com "sc". O item a seguir em que uma das palavras selecionadas está erradamente grafada, exatamente por não possuir este encontro de letras é:

- **A** incandescente – ascensão – suscitar;
- **B** abscesso – irascível – discernir;
- **C** néscio – cônscio – discípulo;
- **D** prescindir – rescisão – transcender;
- **E** piscicultura – interscessão – convalescença.

51. EFOMM – Assinale a única opção em que se cometeu erro no emprego do hífen:

- **A** A criança era mal-criada por ter sido mal criada pelos pais.
- **B** É uma jovem bem-parecida; aliás, é bem parecida com o irmão.
- **C** O malmequer e o bem-me-quer ornamentam nosso jardim.
- **D** O amor-perfeito simboliza o amor perfeito.
- **E** Ele só trabalha meio dia e começa ao meio-dia.

52. NC-PR – Assinale a única alternativa que apresenta erro de ortografia:

- **A** O mal torna um homem mau e prostra-o vencido na vida.
- **B** Uma frustação nem sempre faz mal; às vezes, é um remédio.
- **C** Uma palmada em um adolescente irresponsável pode gerar tensão.
- **D** O xerife botou o charlatão no xadrez.
- **E** Não hesite! Se não for bem-sucedido uma vez, insista até conseguir.

53. EN – Assinale o item em que todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente por serem proparoxítonos:

- **A** interim – prototipo – garrulo – aerólito;
- **B** necropsia – pegada – aziago – antonomásia;
- **C** misantropo – Madagascar – filantropo – boemia;
- **D** biceps – rubrica – heroico – gratuito;
- **E** impudico – ibero – alopata – fortuito.

54. FESP-RJ – A alternativa em que há erro na grafia de uma das palavras é:

- **A** aridez – agonizar – redenção;
- **B** crueza – visualizar – exceção;
- **C** limpeza – hipnotizar – asserção;
- **D** justeza – cartelizar – pretenção;
- **E** pequenez – sintetizar – extinção.

55. EFOMM – O emprego correto do hífen está na opção:

- **A** sub-chefe;
- **B** ante-ontem;
- **C** sub-reino;
- **D** pre-fácio;
- **E** contra-cheque.

56. EFOMM – Devem ser grafados com "o" e "u", respectivamente, os seguintes vocábulos:

Ⓐ ent_pimento – táb_a;
Ⓑ b_bina – búss_la;
Ⓒ ch_visco – ac_dir;
Ⓓ eng_lir – b_eiro;
Ⓔ c_rtiça – trib_.

57. ESAG – A alternativa em que todas as palavras recebem acento com base na mesma regra de acentuação gráfica é:

Ⓐ está, vá, você;
Ⓑ nível, óbvio, sério;
Ⓒ só, nós, têm;
Ⓓ ardósia, últimos, décadas.

58. FUNDEP – A única afirmativa que contém uma palavra cuja acentuação gráfica <u>não</u> segue a mesma regra das demais é:

Ⓐ amêndoas, névoa, ofício;
Ⓑ espécie, paciência, mágoa;
Ⓒ náufrago, náusea, equinócio;
Ⓓ repugnância, espécie, idílio.

59. FURJ – "...porque aí é merecido."

A acentuação do vocábulo "aí" justifica-se pela mesma regra segundo a qual é acentuada a seguinte palavra do texto:

Ⓐ límpido;
Ⓑ bíblicos;
Ⓒ família;
Ⓓ político;
Ⓔ usufruídas.

60. IPAD – Observe, atentamente, os enunciados abaixo:

1. Para conter a violência no trânsito, DETRANS começam a cassar carteiras do mal motorista.

2. O pessimismo tomou conta dos agentes econômicos, que creem que a riqueza do planeta evaporou.

3. Um programa que tem a pretensão de controlar a dieta calcula a composição dos alimentos ingeridos, o seu número de calorias e aponta eventuais excessos, de acordo com as informações de peso e faixa etária de cada pessoa.

Há palavras grafadas incorretamente em:

Ⓐ 1 e 3 apenas;
Ⓑ 2 e 3;
Ⓒ 2 e 3 apenas;
Ⓓ 3 apenas;
Ⓔ 1 apenas.

61. FJPF – "Pesquisa" é um vocábulo escrito com "s". O vocábulo abaixo que está incorretamente escrito porque também deveria ser grafado com "s" é:

Ⓐ certeza;
Ⓑ deslize;
Ⓒ baliza;
Ⓓ azeite;
Ⓔ análize.

62. FCC – A <u>contemporaneidade</u> das ideias não implica <u>rejeição</u> sumária do que já foi <u>ajuisado</u> no passado, pelo contrário: requer a <u>izenção</u> de julgamento que <u>coíbe</u> os preconceitos e permite <u>analisar</u> com <u>descortínio</u> as teorias de nossos <u>antecessores</u>.

É preciso corrigir a grafia de <u>todas</u> as palavras, sublinhadas do período acima, que constam em:

Ⓐ rejeição – ajuisado – analisar;
Ⓑ contemporaneidade – coíbe – descortínio;
Ⓒ ajuisado – izenção – descortínio;
Ⓓ rejeição – coíbe – antecessores;
Ⓔ contemporaneidade – izenção – analisar.

63. FCC – Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

Ⓐ Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
Ⓑ A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
Ⓒ Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
Ⓓ O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
Ⓔ As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados "programas populares".

64. UPENET – Quanto à justificativa para a acentuação das palavras retiradas do texto, destacadas nas alternativas a seguir, é correto afirmar que:

Ⓐ as palavras "fé", "só", "nós" e "há" são exemplos de monossílabos átonos, por isso são acentuadas;
Ⓑ as palavras "retórica", "sólida" e "técnicas" estão acentuadas como exceção à regra geral de que as proparoxítonas não precisam ser acentuadas;

Ⓒ as palavras “débil”, “razoável” e “fácil” são acentuadas como todas as paroxítonas terminadas em “l”;
Ⓓ as palavras “português”, “conclusões” e “canônico” são, respectivamente, oxítona, paroxítona e proparoxítona e, por isso, são acentuadas;
Ⓔ as palavras “argumento”, “contexto” e “vontade” não são acentuadas porque não têm sílaba tônica.

65. CESGRANRIO – Entre as palavras abaixo, assinale a que segue regra de acentuação distinta das demais:

Ⓐ Mário;
Ⓑ contraditório;
Ⓒ indícios;
Ⓓ raízes;
Ⓔ ingênua.

66. FGV – Assinale a única alternativa em que não há erro gráfico:

Ⓐ cochicho, cesareana, obceno;
Ⓑ aterrizar, sujestão, cangica;
Ⓒ beneficiente, rixa, cabelereiro;
Ⓓ sarjeta, disenteria, baliza.

67. PUC-PR – Assinale a alternativa em que a palavra do texto está corretamente acentuada pelo motivo que também está acentuada a palavra <u>área</u>, ou seja, como palavras que podem ser equiparadas, para efeitos de acentuação, às proparoxítonas, por serem “vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes”:

Ⓐ o monossílabo <u>é</u> do exemplo: “é um campo novo”;
Ⓑ o monossílabo <u>é</u> da frase: “é necessário”;
Ⓒ o substantivo <u>saúde</u> da expressão: “área da saúde”;
Ⓓ a palavra <u>necessário</u> da frase: “é necessário tempo”;
Ⓔ a conjunção <u>Porém</u> do exemplo: “Porém, com a revolução introduzida...”.

68. NCE-UFRJ – No uso do hífen na grafia portuguesa, ensina Evanildo Bechara: “Usa-se o hífen nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica” (*Moderna gramática portuguesa*, p. 75). Essa regra <u>não</u> se aplica, portanto, em:

Ⓐ água-marinha;
Ⓑ segunda-feira;
Ⓒ sub-oficial;
Ⓓ amor-perfeito;
Ⓔ para-choque.

69. NCE-UFRJ – Como se pode ver pelo texto, a palavra relógio é grafada com g. Indique o item a seguir em que ocorre um erro de ortografia, decorrente da troca entre g e j:

- **A** vertigem – gorjeta – majestade;
- **B** gorjeio – angelical – jiló;
- **C** jenipapo – jibóia – gengiva;
- **D** jerimum – lisonjeiro – ultraje;
- **E** mejera – desajeitado – lojista.

70. NCE-UFRJ – Ressuscitar é palavra grafada com sc. A palavra a seguir cuja grafia está equivocada exatamente porque não deve ser grafada com essas letras é:

- **A** viscissitude;
- **B** incandescente;
- **C** néscio;
- **D** fluorescente;
- **E** rescisão.

71. FEC – Assinale a alternativa em que os acentos gráficos justificam-se, respectivamente, pelas mesmas regras que dão cabimento aos usados em "acadêmica", "memória" e "fazê-lo":

- **A** íamos, íeis, avô;
- **B** histórica, púlpito, evitá-la;
- **C** endêmica, evidência, fê-lo;
- **D** heróica, régua, rendê-lo;
- **E** íntimo, cárie, nódoa.

72. FEC – No trecho "não oferecem salários compatíveis para atraí-los...", a forma verbal com pronome enclítico recebeu adequadamente o acento gráfico. Entre as frases abaixo, também com formas verbais com pronomes enclíticos e mesoclíticos, a única incorreta quanto à acentuação gráfica é:

- **A** A escolha dos professores far-se-á pelo critério do desempenho em sala de aula.
- **B** O professor chamou o aluno e resolveu distraí-lo, contando-lhe uma história diferente.
- **C** Questionado sobre a prova, o professor comentou que, assim que tiver terminado a correção, devolvê-la-á.
- **D** O diretor responsabilizou o professor e resolveu puní-lo pelos atos de indisciplina dos alunos.
- **E** O bibliotecário reuniu os livros para pô-los na estante.

73. NCE-UFRJ – A palavra juiz, no singular, não leva acento gráfico, mas na sua forma plural, sim. Isso ocorre porque, no plural:

Ⓐ a vogal i passa a ser tônica;
Ⓑ a vogal i, em hiato, fica sozinha na sílaba;
Ⓒ existe possibilidade de ambiguidade;
Ⓓ há necessidade de acento diferencial;
Ⓔ a vogal i passa a semivogal.

74. NCE-UFRJ – Assinale, nos itens a seguir, aquele em que pelo menos um vocábulo tem erro de grafia:

Ⓐ capixaba – através – granjear;
Ⓑ enxergar – primazia – majestade;
Ⓒ flexa – topázio – pagé;
Ⓓ chuchu – gorjeta – dosel;
Ⓔ piche – classicismo – privilégio.

75. NCE-UFRJ – Excesso é vocábulo grafado com XC. O item abaixo em que há erro porque o vocábulo não deveria ser escrito com esse dígrafo é:

Ⓐ excelente;
Ⓑ exceção;
Ⓒ exceder;
Ⓓ excitar;
Ⓔ rexcisão.

76. CONATEC –Assinale a alternativa que apresenta uma palavra grafada com erro:

Ⓐ framboesa – obesa – franqueza – Veneza;
Ⓑ baronesa – beleza – duquesa – princeza;
Ⓒ cruzeiro – azeite – azáfama – vizinho;
Ⓓ exceção – expectativa – faixa – enxergar.

77. CONATEC – Substitua o pontilhado por Ó ou Oh, conforme convier, e assinale a alternativa correta.

1 – ..... meu amigo, ajude-me.

2 – ..... teremos mais chuva!

3 – ..... rapaz, não faça isso!

4 – ..... Deus, onde estás?

5 – ..... quantas homenagens!

Ⓐ Ó – Ó – Ó – Oh! – Oh!
Ⓑ Ó – Oh! – Oh! – Ó – Oh!
Ⓒ Ó – Ó – Oh! – Oh! – Ó.
Ⓓ Ó – Oh! – Ó – Ó – Oh!

78. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o acento gráfico marca o timbre é:

Ⓐ constrói;
Ⓑ construído;
Ⓒ construíram;
Ⓓ construíste;
Ⓔ construísse.

79. COMVEST – Estão corretamente grafadas todas as palavras do item:

Ⓐ conciente – decedente – impecílio;
Ⓑ concessão – impecilho – exceção;
Ⓒ empecilho – privilégio – exceção;
Ⓓ prescindir – pretenção – previlégio;
Ⓔ néscio – previlégio – conceção.

80. FJPF – O par de palavras abaixo que <u>não</u> se acentua pelo mesmo motivo é:

Ⓐ está – é;
Ⓑ até – olhá-la;
Ⓒ névoa – hálito;
Ⓓ espécie – água;
Ⓔ infância – fêmea.

81. CETRO – Observando a grafia e a acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão <u>corretas</u>:

Ⓐ involucro, rúbrica, jiló, pesquiza, chave;
Ⓑ quiz, enjôo, bambú, geito, xeróx;
Ⓒ mecher, lugarzínho, raínha, estrêla, espectorante;
Ⓓ admirar, advinhar, atrazado, atráz, trás;
Ⓔ xícara, exceção, crisântemo, em cima, beneficente.

82. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que deve ser grafada com hífen é:

Ⓐ supracitado;
Ⓑ subrogar;
Ⓒ neolatina;
Ⓓ antinazista;
Ⓔ subumano.

83. COMVEST – Quanto à acentuação gráfica, estão corretas todas as palavras da alternativa:

Ⓐ raízes – saírdes – dividi-lo;
Ⓑ cairdes – rítmo – pitu;
Ⓒ idéia – caju – perdôou;
Ⓓ perdôo – reunía – táxi;
Ⓔ reúne – caíste – possuí-lo.

84. NCE-UFRJ – Em "De onde vêm as palavras", o termo vêm aparece com acento porque:

Ⓐ é necessário mostrar a diferença com a forma da terceira pessoa do singular;
Ⓑ todo monossílabo tônico terminado em "em" leva acento gráfico;
Ⓒ concorda com seu sujeito "as palavras";
Ⓓ é necessário destacar que sua pronúncia é nasal;
Ⓔ para distinguir o verbo "ver" do verbo "vir".

85. NCE-UFRJ – "...e que se agudizou..."; o item abaixo em que um dos verbos está grafado de forma incorreta é:

Ⓐ paralisar, analisar, deslizar;
Ⓑ enraizar, esquematizar, bisar;
Ⓒ catequizar, enfatizar, alisar;
Ⓓ vaporizar, aburguesar, penalizar;
Ⓔ batisar, colonizar, catalisar.

86. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta grafia correta é:

Ⓐ irrequieto;
Ⓑ previlégio;
Ⓒ desinteria;
Ⓓ curtiça;
Ⓔ chícara.

87. NCE-UFRJ – "Obscenamente" é um vocábulo grafado com "sc". O item a seguir em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:

Ⓐ ressuscitar – ascensão – piscina;
Ⓑ adolescente – discente – indescente;
Ⓒ convalescer – crescer – rescindir;
Ⓓ abscesso – florescente – transcender;
Ⓔ renascença – piscicultura – miscelânea.

88. Fundação Euclides da Cunha – No trecho "O 'modelo do limão' proposto por George Akerlof ajuda a compreender por que os governos não estão dispostos a pagar salários de mercado para bons professores", a palavra sublinhada foi escrita com os elementos separados. Sabendo-se que esta palavra também pode ser escrita com os elementos juntos, ora sem acento gráfico, ora com acento gráfico, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

Ⓐ As autoridades sabiam que havia problemas de salário, mas não conseguiam informar por quê.
Ⓑ Poucos conhecem os reais motivos porque no Brasil se remunera tão mal o professor.
Ⓒ É preciso conhecer o porquê de um problema, antes de buscar-se uma solução.

Ⓓ As secretarias de educação não informam por que o salário dos professores é tão baixo.

Ⓔ O salário dos professores é baixo, porque é ineficiente a política de contratação e avaliação de desempenho.

89. NCE-UFRJ – O item em que o par de palavras <u>não</u> está acentuado em função da mesma regra ortográfica é:

Ⓐ própria – advertências;

Ⓑ farmácia – bactéria;

Ⓒ indústria – cálcio;

Ⓓ importância – raízes;

Ⓔ remédio – circunstância.

90. FEC- Leia com atenção as frases abaixo, observando-as do ponto de vista ortográfico.

I. Com exceção da gasolina, todos os outros derivados do petróleo, importantes para a infra-estrutura do país, tiveram reajustes acima da rigidez atual dos preços.

II. A destituição da presidência passou a ser uma obsessão para uma macissa camada de neossócios, interessados na paralisia da alvissareira diretoria.

III. Vários assessores apresentaram-se espontaneamente para a arguição, entendendo o ato não como uma inquisição, mas como autorreflexão, ou autoanálise.

IV. A delinquência progressiva dos excedentes da exclusão constituem ingente atraso gerador de extensa dissensão da sociedade pós-industrial.

Constata-se que, de acordo com as normas ortográficas em vigor:

Ⓐ estão todas corretas;

Ⓑ estão todas corretas;

Ⓒ estão corretas as frases I e IV;

Ⓓ está correta a frase III;

Ⓔ estão corretas as frases III e IV.

91. FEC – Os acentos gráficos usados nas palavras "repórter", "espírito" e "nós" justificam-se pelas mesmas regras de acentuação que justificam os acentos usados, respectivamente, em:

Ⓐ fórceps, lídimo, rapé;

Ⓑ ímpar, íamos, dó;

Ⓒ fênix, álcool, pé;

Ⓓ balaústre, cadáver, rajá;

Ⓔ néctar, polícia, você.

92. ESAG – Assinale a alternativa cujas palavras destacadas estão grafadas de acordo com o sistema ortográfico oficial da Língua Portuguesa:

Ⓐ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓑ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram anciosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓒ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados atravez da imprensa.

Ⓓ Todo elenco do filme da seção de ontem, sem excessão, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

93. FEC – As palavras "três", "itinerário" e "autônomo" são assinaladas com o acento gráfico em face das mesmas regras que justificam o acento, respectivamente, em:

Ⓐ mês, contrário, caído;

Ⓑ pá, íeis, átimo;

Ⓒ lês, temerário, código;

Ⓓ só, mútuo, ímpar;

Ⓔ véu, início, cômodo.

94. ESAG – Aponte a alternativa gramaticalmente errada:

Ⓐ Na palavra "açúcar" há acento gráfico por ser paroxítono terminada em "r".

Ⓑ Em "frutíferas", "século" e "geográfica" há acento gráfico por serem proparoxítonas.

Ⓒ Nas palavras "Já" e "é" o acento gráfico se justifica por serem oxítonas.

Ⓓ Na palavra "destruído" o acento gráfico se justifica por ser hiato com a segunda vogal tônica em "i" tônico.

95. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à ortografia oficial:

Ⓐ Em novembro de 2004, a discução sobre o aquecimento global tornou-se ainda mais acalorada.

Ⓑ O problema é que nações como o Brasil e a China recuzam-se a reduzir emissões de gases poluentes.

Ⓒ Lei aprovada por unanimidade no Senado dos Estados Unidos transfere para jurisdição federal o caso de Terri Schiavo.

Ⓓ Os americanos afirmam que o acordo vai freiar a economia.

Ⓔ O Corinthians venceu o Palmeiras por 2 a 0 numa partida marcada pelo exceço de faltas e pela tenção.

96. FAPEU – Preencha corretamente as lacunas com uma das expressões sugeridas entre parênteses.

I. Camboriú fica ____ uma hora de carro da capital. (há cerca de, a cerca de, acerca de)

II. Esses funcionários estão ____ de carreira. (enfim, em fim)

III. Fulano de Tal, abaixo ____, requer, com base na lei em vigor, uma certidão negativa de multa. (sobrescrito, subscrito)

IV. Veio à Capital ____ estudar e conseguir emprego. (a fim de, afim de)

V. Estamos, então, de acordo, pois minhas sugestões, como se vê, vão ____ tuas. (ao encontro das, de encontro às)

VI. Errei porque fui ____ assessorado. (mau, mal)

A sequência correta, de cima para baixo, é:

A) há cerca de, em fim, subscrito, afim de, de encontro a, mau;
B) a cerca de, em fim, subscrito, a fim de, ao encontro de, mal;
C) a cerca de, enfim, sobrescrito, afim de, ao encontro de, mau;
D) acerca de, em fim, sobrescrito, a fim de, de encontro a, mal.

97. SENASP – Marque a opção que apresenta palavras que não pertencem à mesma regra de acentuação da Língua Portuguesa (os acentos foram omitidos propositalmente):

A) intemperie – vacuo – nodoa – patria;
B) magoa – calvicie – gloria – serio;
C) radio – zenite – pudico – equivoco;
D) relogio – consorcio – divorcio – alivio;
E) reminiscencia – estagio – estadio – colegio.

98. FGV – Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia das palavras:

A) sanguíneo – bávaro – quinquênio – défice;
B) quinquagésimo – cangica – monje – exceção;
C) ascensão – quinquagésimo – pretenção – extender;
D) berinjela – avaro – íbero – atravéz;
E) paralização – análise – jeito – fúcsia.

99. UECE – Do mesmo modo que "insuportável" e "álcool" são obrigatoriamente acentuadas:

A) acordo, itens, porque;
B) economico, paineis, pesquisara;
C) odio, refens, vírus;
D) renuncia, retifica, sabia.

100. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de "porque", "porquê", "por que", "por quê":

Ⓐ Não saiu por que chovia.
Ⓑ Não sei por que brigamos.
Ⓒ Respondi por quê tinha certeza.
Ⓓ Porque você não correu?

101. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta a série de palavras corretamente grafadas:

I. tóxico, consecusão, mecher, herbívoro;

II. rainha, insuportável, uísque, beringela;

III. substituí-lo, baú, enjôo, readimissão;

IV. ágeis, tatuí, expectativa, analisar;

V. compreensão, rejeição, excêntricas, exceção.

Ⓐ I, II e V.
Ⓑ II e IV.
Ⓒ IV e V.
Ⓓ III, IV e V.
Ⓔ II, IV e V.

102. CONATEC – Complete as lacunas com "ç" ou "ss", conforme o caso:

exce__ão, agre__ão, alcoba__a, adere__o, a__etinado, fraca__o, demi__ão, exce__o, decep__ão, assun__ão.

A seguir, assinale a alternativa correta:

Ⓐ ç – ss – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓑ ç – ç – ç – ss – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓒ c – ss – c – ç – c – ss – ç – ç – ç – ss;
Ⓓ ss – ç – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç.

103. NCE-UFRJ – Nos conjuntos a seguir, aquele(s) que apresenta(m) vocábulos acentuados pela mesma razão ortográfica é(são):

I. intrínseca, espetáculo;

II. aí, medíocre;

III. aliás, até.

Ⓐ I – II.
Ⓑ II – III.
Ⓒ I – III.
Ⓓ I.
Ⓔ II.

104. NCE-UFRJ – Muitas palavras do texto levam acento gráfico: óleo, relógio, lâmpada etc. Em que item a seguir ocorre <u>um erro</u> de acentuação gráfica?

Ⓐ Ínterim – procurá-los-á – protótipo.
Ⓑ Para (verbo) – polo (substantivo) – pôr (verbo).
Ⓒ Crisântemo – estratégia – biquíni.
Ⓓ Álbum – périplo – ravióli.
Ⓔ Benção – leucócito – êxtase.

105. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta forma correta é:

Ⓐ poleiro;
Ⓑ impecilho;
Ⓒ lampeão;
Ⓓ mágua;
Ⓔ cortume.

106. FEPESE – Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da oração apresentada.

Bastante ____, respeitaram as ____ adotadas e tiveram sucesso no ____.

Ⓐ disciplinados – estratéjias – dissídio;
Ⓑ diplinados – estratégias – dissídio;
Ⓒ diciplinados – estratégias – discídio;
Ⓓ disciplinados – estratégias – dissídio.

107. FGV – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com "-ção", "-são" e "-ssão":

Ⓐ permissão, conversão;
Ⓑ obtenção, discussão;
Ⓒ exceção, omissão;
Ⓓ consecussão, ascenção.

108. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de <u>porque</u>, <u>porquê</u>, <u>por que</u>, <u>por quê</u>:

Ⓐ Porquê você estava tão alegre?
Ⓑ Estava alegre por que vencera.
Ⓒ Você estava tão alegre por quê?
Ⓓ Por que amava, estava alegre.

109. FCC – Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

Ⓐ Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.
Ⓑ Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

Ⓒ É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

Ⓓ Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

Ⓔ É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados frustrando assim suas legítimas pretenções.

110. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras da seguinte alternativa:

Ⓐ Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

Ⓑ Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

Ⓒ Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

Ⓓ Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

Ⓔ O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

GABARITO

1. C	15. C	29. E	43. E	57. B	71. C	85. E	99. C
2. C	16. E	30. D	44. D	58. C	72. D	86. A	100. B
3. D	17. D	31. E	45. D	59. E	73. B	87. B	101. C
4. D	18. C	32. D	46. C	60. D	74. C	88. B	102. A
5. D	19. B	33. E	47. B	61. E	75. E	89. D	103. C
6. B	20. B	34. A	48. B	62. C	76. B	90. E	104. E
7. C	21. C	35. E	49. B	63. B	77. D	91. C	105. A
8. D	22. E	36. D	50. E	64. C	78. A	92. A	106. D
9. E	23. A	37. D	51. A	65. D	79. C	93. B	107. D
10. B	24. C	38. A	52. B	66. D	80. A	94. C	108. C
11. A	25. B	39. D	53. A	67. D	81. E	95. C	109. E
12. B	26. A	40. C	54. D	68. C	82. B	96. B	110. B
13. E	27. A	41. E	55. C	69. E	83. E	97. C	
14. A	28. C	42. B	56. D	70. A	84. A	98. A	

Exercícios de Classes Gramaticais

1. FUJB – "Se Governo e Sociedade ____ os projetos atuais e se ____ a criar mais programas para a erradicação do trabalho infantil, certamente ____ o resultado que pretendem."

As lacunas da frase podem ser preenchidas, correta e respectivamente, pela seguinte alternativa é:

- **A** mantiverem – dispuserem – obterão;
- **B** manterem – disporem – obterão;
- **C** manterem – disporem – obteram;
- **D** manter – dispor – obterão;
- **E** manter – dispor – obteram.

2. NCE-UFRJ – Em todos os advérbios terminados em "–mente", a seguir transcritos, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, <u>exceto</u> em:

- **A** predominantemente;
- **B** basicamente;
- **C** negativamente;
- **D** diariamente;
- **E** humanamente.

3. CEPERJ – No segmento "Por que o futebol é o esporte mais amado do planeta?", há o emprego de adjetivo no grau superlativo relativo, o que também ocorre no trecho:

- **A** "...que caracterizam um dos mais coletivos entre os esportes..."
- **B** "...os povos amam principalmente o futebol?"
- **C** "...que atrai mais atenção que as Olimpíadas?"
- **D** "...a oportunidade aparece frequentemente, a qualquer momento..."
- **E** "...um tremendo perna de pau e o baixinho..."

4. **FGV – "Da parte do Brasil, a disposição para o diálogo continuava, não eram necessários terceiros presentes na conversa."**

No trecho acima, "terceiros" e "presentes" classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ numeral e adjetivo;
Ⓑ substantivo e adjetivo;
Ⓒ adjetivo e substantivo;
Ⓓ numeral e substantivo;
Ⓔ adjetivo e adjetivo.

5. **FURB – "Do tipo que não sai de casa sem abrir seu kit de maquiagem infantil e passar batom (no momento, favorece o vermelho), Luana (3 anos) fez a mãe ir de loja em loja atrás de um vestidinho <u>preto</u> para seu aniversário."**

A referência a cores do vestuário envolve, muitas vezes, uma combinação de tonalidades expressas por palavras simples ou compostas. Nas frases a seguir, analise a flexão das palavras em destaque:

1. **Os últimos desfiles comprovam que os estilistas deram preferência às cores cítricas, e roupas <u>amarelas-limões</u> foram as que mais receberam vaias.**
2. **As jaquetas <u>cinza</u> e os casacos <u>pretos</u> foram os itens mais aplaudidos.**
3. **As revistas e jornais especializados em moda destacaram os macacões <u>azul-marinho</u>, em oposição às cores vivas.**
4. **Blusas <u>rosa-choque</u> foram moda há décadas e parecem estar novamente em alta.**
5. **E você, o que acha de roupas <u>azuis-piscinas</u> com detalhes <u>roxos-beringelas</u>?**

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 5;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 1 – 2 – 3;
Ⓓ 3 – 4 – 5;
Ⓔ 1 – 3 – 4.

6. **FURB – "O amar traz à construção de uma família a <u>compreensão</u>, o apoio, a confiança, a liberdade. Eu e minha mulher <u>sempre</u> dizemos que a gente 'se suporta' um ao outro, não no sentido de aturar, mas de 'dar suporte' nas diversas circunstâncias de nossa vida. Para que a construção seja sólida, como uma 'casa sobre a rocha', é preciso o interesse e o perdão. Não se trata de uma atitude leviana e comodista. Perdoar, do latim *per donare* (dar para), é dar alguma coisa a <u>quem</u> precisa. Se alguém me ofende, torna-se meu devedor. Quando o perdoo, a dívida fica quitada. A 'matéria-prima' do perdão é o erro do outro. Porque erramos, Deus nos dá seu perdão. Nesse particular, perdoar se subdivide em**

vários atos, <u>como</u> vontade, generosidade e consciência. Na busca da construção das pessoas a partir do contexto familiar, é <u>importante</u> sempre reconstruir(-se).”

As classes gramaticais a que pertencem as palavras destacadas no texto são, respectivamente:

Ⓐ substantivo – adjetivo – pronome pessoal reto – interjeição – adjetivo;
Ⓑ substantivo – advérbio – pronome relativo – conjunção – adjetivo;
Ⓒ adjetivo – advérbio – adjetivo – advérbio – substantivo;
Ⓓ verbo – advérbio – conjunção – advérbio – substantivo;
Ⓔ substantivo – advérbio – pronome interrogativo – conjunção – adjetivo.

7. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo “–mente”. O advérbio do texto em que isso se pode constatar claramente é:

Ⓐ diferentemente;
Ⓑ repetidamente;
Ⓒ geralmente;
Ⓓ principalmente;
Ⓔ indubitavelmente.

8. FJPF – No trecho “Talvez, apenas, na nunca materializada pandemia de Sars, a ‘pneumonia asiática’, que tirou o sono de muita gente em novembro de 2002 <u>e</u> causou menos de 800 mortes”, a conjunção em negrito está empregada com o mesmo valor relacional que na seguinte passagem de Graciliano Ramos:

Ⓐ “Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina.”
Ⓑ “Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.”
Ⓒ “O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria.”
Ⓓ “Aproximei-me na ponta dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim.”
Ⓔ “Saiu da cadeia e tornou-se um cidadão respeitado.”

9. FEPESE – Leia o texto a seguir:

“No lugar <u>em</u> que <u>atualmente</u> está a <u>Catedral</u> foi erguida uma <u>grande</u> cruz”.

As palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ preposição – adjetivo – substantivo – substantivo;
Ⓑ conjunção – adjetivo – adjetivo – substantivo;
Ⓒ conjunção – advérbio – adjetivo – adjetivo;
Ⓓ preposição – verbo – substantivo – adjetivo;
Ⓔ preposição – advérbio – substantivo – adjetivo.

10. FUMARC – O termo que é um pronome relativo, exceto em:

- Ⓐ "Não é uma tese que se defenda..."
- Ⓑ "Os bandidos sabem que não vão ser pegos..."
- Ⓒ "...e para qualquer país que pretenda algum futuro..."
- Ⓓ "... e não pode usufruir os mínimos direitos que pensa possuir."

11. FUNRIO – Observe o fragmento abaixo e assinale a quantidade de pronomes nele existente:

"De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo".

- Ⓐ 1 pronome indefinido, 2 pronomes demonstrativos, 1 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.
- Ⓑ 2 pronomes demonstrativos, 1 pronome pessoal oblíquo e 2 pronome possessivo.
- Ⓒ 2 pronome demonstrativo, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome possessivo.
- Ⓓ 2 pronomes indefinidos, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome demonstrativo.
- Ⓔ 1 pronome indefinido, 1 pronome demonstrativo, 2 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.

12. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo "-mente". O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

- Ⓐ nacionalmente;
- Ⓑ fascinantemente;
- Ⓒ religiosamente;
- Ⓓ internacionalmente;
- Ⓔ ineficazmente.

13. NCE-UFRJ – "...o homem mais rico do mundo...". Nesse segmento ocorre a presença de um adjetivo ("rico") fora de seu grau normal. A frase a seguir que apresenta o mesmo tipo de variação de grau é:

- Ⓐ Gates é mais rico que Warren Buffett.
- Ⓑ Os americanos são o povo mais filantrópico das Américas.
- Ⓒ A filantropia americana ajuda os mais pobres.
- Ⓓ Nem sempre os mais pobres são os mais necessitados.
- Ⓔ Os americanos são mais ricos do que os peruanos.

14. NCE-UFRJ – A frase a seguir que apresenta um numeral ordinal é:

- **A** O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
- **B** Warren decidiu doar 85% de seus bens.
- **C** Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
- **D** Gates é dono de várias obras-primas.
- **E** Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

15. NCE-UFRJ – "Pessoas <u>como</u> Buffett e Gates, <u>portanto</u>, indicam um caminho para supri-la"; a alternativa que mostra dois conectivos capazes de substituir, respectivamente, de forma correta, os elementos sublinhados é:

- **A** feito – assim;
- **B** conforme – logo;
- **C** que nem – porém;
- **D** assim como – todavia;
- **E** tais – pois.

16. FUMARC – "<u>Se</u> não fosse a presença das câmeras de TV, talvez não <u>se</u> configurasse delírio tão delirante."

Os termos sublinhados são, <u>respectivamente</u>:

- **A** conjunção integrante e parte integrante do verbo;
- **B** conjunção condicional e pronome apassivador;
- **C** conjunção condicional e índice de indeterminação do sujeito;
- **D** índice de indeterminação do sujeito e pronome apassivador.

17. NCE-UFRJ – "...o completo bem-estar...". A forma plural desse segmento é:

- **A** "...os completos bem-estares..."
- **B** "...os completos bem-estar..."
- **C** "...os completos bens-estares..."
- **D** "...os completos bens-estar..."
- **E** "...o completo bem-estar..."

18. FURB – "Filmes baseados em livros não são nenhuma novidade. Em 1939, o clássico *E o vento levou* já fazia sucesso com a adaptação para as telonas da obra <u>homônima</u> de Margareth Mitchell. <u>Contudo</u>, as editoras também parecem se beneficiar da situação inversa. Agora, a tendência são os livros inspirados em longas-metragens. Dos 32 filmes indicados ao Oscar deste ano, nove podem ser levados para a cabeceira da cama. A aproximação entre a literatura e o cinema é ainda <u>mais</u> evidente para o público infantil. <u>Dois</u> dos indicados ao Oscar para melhor animação longa-metragem ganharam sua versão em papel. O livro *Up – altas aventuras*, voltado para crianças, traz histórias em quadrinhos, passatempos e jogos. A história *A princesa e o sapo* também recebeu da Disney uma forma

escrita e ilustrada. [...] Cada vez mais as empresas estão lançando produtos relacionados aos filmes. Quem gosta de uma história, acaba comprando também o livro ou um jogo eletrônico."

As palavras destacadas no texto são, respectivamente:

A adjetivo – conjunção – advérbio – numeral – substantivo;
B advérbio – preposição – adjetivo – verbo – substantivo;
C pronome relativo – preposição – numeral – numeral – adjetivo;
D adjetivo – interjeição – advérbio – verbo – adjetivo;
E adjetivo – preposição – advérbio – numeral – substantivo.

19. NCE-UFRJ – "É caro, difícil e arriscado driblar tais dificuldades..." A alternativa abaixo que mostra o adjetivo sublinhado na forma semelhante à do masculino singular apesar da ausência de um substantivo masculino é:

A "...traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano..."
B "...o segundo homem mais rico do mundo..."
C "...o estágio atual do próprio sistema capitalista..."
D "...é bom que se diga..."
E "O coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."

20. NCE-UFRJ – A alternativa em que a palavra mais tem valor distinto do das demais frases é:

A "...o segundo homem mais rico do mundo..."
B "...em sua forma mais avançada..."
C "...mais pessoas doam a projetos sociais..."
D "...o coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."
E "...o cérebro dos governantes fosse mais ventilado."

21. NCE-UFRJ – Transformações é a forma plural de transformação. O plural abaixo que está errado é:

A corações;
B cidadões;
C vilões;
D vulcões;
E certidões.

22. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que é feminina, ao contrário das demais, é:

A mármore;
B telefonema;
C alface;
D guaraná;
E creme.

23. FJPF – Na passagem "Aparecem assim os atos reflexos, as expressões emocionais de prazer, de desprazer, os reflexos adquiridos ou condicionados", as ocorrências do termo "reflexos" expressam, respectivamente, os seguintes valores:

- **A** adjetivo e substantivo;
- **B** adverbial e adjetivo;
- **C** substantivo e adverbial;
- **D** substantivo e adjetivo;
- **E** adjetivo e adverbial.

24. NCE-UFRJ – "...todo mundo diz que fazem bem, mas ele odeia"; os verbos terminados em "–ear" acrescentam um "i" ao radical nas formas rizotônicas. O item abaixo que mostra uma forma errada do verbo passear é:

- **A** passeiemos;
- **B** passeassem;
- **C** passeávamos;
- **D** passeiem;
- **E** passearás.

25. NCE-UFRJ – "Se ele trabalhar, eu também trabalharei!"; a alternativa que tem uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal equivocada é:

- **A** Se ele for, eu também irei.
- **B** Se ele ver, eu também verei.
- **C** Se ele quiser, eu também quererei.
- **D** Se ele requerer, eu também requererei.
- **E** Se ele couber, eu também caberei.

26. FEPESE – "Quando Pedro foi para a fazenda, encontrou seus amigos com suas respectivas amigas."

Na frase, encontramos:

- **A** uma conjunção e uma preposição;
- **B** uma conjunção e duas preposições;
- **C** uma conjunção e três preposições;
- **D** duas conjunções e uma preposição;
- **E** duas conjunções e duas preposições.

27. FUMARC – "Era o que a repórter queria ouvir." O termo destacado é:

- **A** artigo definido;
- **B** pronome demonstrativo;
- **C** pronome pessoal do caso oblíquo;
- **D** pronome indefinido.

28. FJPF – Quanto à classificação dos pronomes destacados, indique a alternativa correta:

Ⓐ Ele é amigo. (pronome pessoal do caso reto)
Ⓑ Pedro é aquele lavrador de quem falei. (pronome de tratamento)
Ⓒ Meu amigo trabalha na lavoura de cana-de-açúcar. (pronome demonstrativo)
Ⓓ Ninguém disse ao Sr. Lobo a verdade sobre a poluição do rio. (pronome relativo)
Ⓔ Maria ofereceu-lhe flores do seu jardim. (pronome indefinido)

29. CESGRANRIO – Indique a opção em que se encontra a única correspondência incorreta quanto às abreviações.

Ⓐ Vossa Excelência – V. Ex.ª.
Ⓑ Vossa Senhoria – V. S.ª.
Ⓒ Vossa Majestade – S. M.ª.
Ⓓ Vossa Santidade – V.S.
Ⓔ Vossa Magnificência – V.Mag.ª.

30. CESGRANRIO – Considere as frases:

I – Ficarei muito satisfeito se, ao envelhecer, me ____espiritualmente jovem.

II – Os economistas ____ soluções para os problemas financeiros.

As formas verbais que preenchem corretamente as frases acima são:

Ⓐ manter – proporam;
Ⓑ mantiver – propuseram;
Ⓒ mantiver – propuserem;
Ⓓ mantesse – propusessem;
Ⓔ mantivesse – proporam.

31. VUNESP – O grau do adjetivo maior em – "...situação de fragilidade ainda maior." – repete-se em:

Ⓐ A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.
Ⓑ As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.
Ⓒ Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.
Ⓓ O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.
Ⓔ O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

32. VUNESP – Assinale a alternativa em que a flexão verbal está corretamente empregada, de acordo com a norma culta:

Ⓐ Os empresários ficarão contentes quando transporem o obstáculo das altas taxas de juros.
Ⓑ A economia dos países sul-americanos se modernizou sem que a estrutura de renda acompanhou as transformações.

Ⓒ Quando se fazer previsões acerca da situação econômica, deve-se ter em mente as indicações do Banco Mundial.
Ⓓ A polícia interviu na greve dos bancários com hostilidade.
Ⓔ Quando o deputado vir o resultado das eleições, ficará exultante.

33. CESGRANRIO – "...quanto mais alta a pena maior a garantia de punição e menor a disposição ao crime."

A locução conjuntiva presente na passagem transcrita classifica-se como:

Ⓐ consecutiva;
Ⓑ causal;
Ⓒ proporcional;
Ⓓ concessiva;
Ⓔ conformativa.

34. FJG – A palavra grifada em "...os hábitos de 400 <u>crianças</u>..." possui, quanto ao gênero, a mesma classificação de:

Ⓐ cobras;
Ⓑ meninas;
Ⓒ testemunhas;
Ⓓ adolescentes.

35. FJG – O numeral ordinal que corresponde ao cardinal expresso em "...200 adolescentes..." é:

Ⓐ vigésimo;
Ⓑ duodécuplo;
Ⓒ ducentésimo;
Ⓓ dois centésimos.

36. FJG – A forma que corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo grifado em "...um desejo que ajudava a <u>prever</u>..." é:

Ⓐ preveem;
Ⓑ previram;
Ⓒ previam;
Ⓓ prevêm.

37. FJG – Na oração grifada "Profissões desaparecem, <u>outras são criadas</u>." ocorre voz passiva.

Passando-se para voz ativa, obtém-se a oração:

Ⓐ ...criam outras.
Ⓑ ...cria-se outras.
Ⓒ ...criam-se outras.
Ⓓ ...elas criam outras.

38. FJG – As palavras grifadas em "O que é carreira de sucesso <u>hoje</u> pode não ser <u>amanhã</u>" classificam-se como:

- **A** conjunções subordinativas temporais;
- **B** preposições essenciais;
- **C** substantivos comuns;
- **D** advérbios de tempo.

39. FJG – A alternativa em que o pronome <u>se</u> tem valor de reciprocidade é:

- **A** "As diferenças de ótica entre eles se enraízam."
- **B** "...onde a ecologia se estruturou como movimento de opinião..."
- **C** "...não se deve apenas militar em defesa dos direitos do homem..."
- **D** "...três projetos, um reformista, um intermediário, outro revolucionário se defrontam..."

40. FJG – O conector que poderia substituir, de forma adequada ao contexto, a vírgula do segmento "comemoração prévia do futebol de domingo, vitória certa" é:

- **A** pois;
- **B** mas;
- **C** logo;
- **D** embora.

41. FJG – Em "os pobres cavalos selvagens destinados a uma fábrica <u>que os transformaria num precioso produto enlatado</u>", a oração em destaque equivale a um:

- **A** substantivo;
- **B** pronome;
- **C** advérbio;
- **D** adjetivo.

42. FJG – O segmento do texto que <u>não</u> apresenta substantivos ou adjetivos com indicação de grau (aumentativo/diminutivo, comparativo/superlativo) é:

- **A** "O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper..."
- **B** "...máquina funcionando com suas rodinhas ensinadas..."
- **C** "Muitos esquecem mas alguns ainda se lembram..."
- **D** "Todos concordam, ele está ótimo, ou quase."

43. FJG – "Desde que o ato de colecionar deixou de ser restrito a reis e aristocratas, há cinco séculos, é difícil dizer o que ainda não virou coleção."

A locução <u>desde que</u> tem nessa frase do texto valor semântico distinto do que apresenta na seguinte alternativa:

Ⓐ Desde que voltou do exterior, passou a colecionar cartões-postais.
Ⓑ Não mais quis colecionar chaveiros desde que atingira a idade adulta.
Ⓒ Desde que não atrapalhe os estudos, o hábito de colecionar objetos é sadio.
Ⓓ Coleciono retratos de personalidades políticas desde que era apenas um menino.

44. FJPF – Há erro de conjugação verbal em:

Ⓐ Nas intervenções, sempre se apunham comentários maliciosos ao meu depoimento.
Ⓑ Trata-se de uma lei que vigiu na Primeira República e hoje revela-se anacrônica.
Ⓒ Encontrou-se ontem com a pessoa que delatara à polícia há dois meses.
Ⓓ Não se pode admitir que o Direito sobresteja o curso dos fatos sociais.
Ⓔ Disse-me ele que eu às vezes pretiro os limites do bom senso.

45. FJPF – A conjunção destacada no período "E <u>como</u> a produção era feita em massa, havia a necessidade de se formar também uma massa de consumidores" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

Ⓐ ainda que;
Ⓑ à proporção que;
Ⓒ visto que;
Ⓓ desde que;
Ⓔ de modo que.

46. FJPF – A conjunção destacada no período "O meu pai tinha um mal no estômago, tão de ruim <u>que</u> não podia andar" introduz oração que exprime sentido de:

Ⓐ condição;
Ⓑ causa;
Ⓒ consequência;
Ⓓ conformidade;
Ⓔ concessão.

47. FJPF – "Pareceu-me que a atenção <u>fora</u> um bom remédio" (6º parágrafo), para que seja conservado o sentido original do texto e o tempo verbal não seja alterado, o verbo destacado só pode ser substituído por:

Ⓐ seja;
Ⓑ foi;
Ⓒ será;
Ⓓ continua sendo;
Ⓔ havia sido.

48. FJPF – A forma verbal destacada na oração "mas as portas <u>mantiveram-se</u> surdas e nada facultativas", derivada do verbo <u>ter</u>, está corretamente flexionada. Nas frases abaixo também foram usadas formas derivadas do verbo <u>ter</u> e uma delas está <u>incorretamente</u> flexionada. Esta última frase é:

Ⓐ É bom que em dia de ponto facultativo cada um se atenha ao próprio descanso.
Ⓑ Se o vigia não o detesse, João Brandão entraria na repartição.
Ⓒ Como não pôde trabalhar, João Brandão se entreteve a decifrar palavras cruzadas.
Ⓓ Se João Brandão não se contiver, o vigia vai agredi-lo.
Ⓔ Os vigias das repartições retêm todos os que querem trabalhar em dia de ponto facultativo.

49. FJPF – O verbo <u>provir</u> está corretamente flexionado no trecho "...eu diria que a surpresa do resultado <u>provém</u> exatamente do fato de que tais argumentos tenham encontrado recepção tão positiva".

A opção em que esse verbo está flexionado <u>equivocadamente</u> é:

Ⓐ Supomos que a surpresa do resultado provenha exatamente desse fato.
Ⓑ Ninguém acreditou que a surpresa do resultado proviesse tão somente desse fato.
Ⓒ Havia outros fatos, dos quais a surpresa do resultado naturalmente provinha.
Ⓓ A surpresa do resultado tinha provindo não daquele, mas de outro fato.
Ⓔ É certo que a surpresa do resultado proveu não de outro, mas daquele fato.

50. ACEPE – Assinale a alternativa que apresenta o plural dos substantivos "consagração", "chão", "impressão", "irmão", "coração" e "balcão":

Ⓐ consagrações, chões, impressões, irmões, corações, balcãos;
Ⓑ consagrações, chãos, impressãos, irmãos, corações, balcãos;
Ⓒ consagrações, chãos, impressões, irmãos, corações, balcões;
Ⓓ consagrações, chões, impressãos, irmões, corações, balcões;
Ⓔ consagrações, chões, impressões, irmãos, corações, balcãos.

51. COMPERVE – "Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do 'não ter o que dizer'."

Morfologicamente, <u>não ter o que dizer</u> é um bloco semântico que se comporta, no fragmento, como:

Ⓐ locução adverbial;
Ⓑ pronome indefinido;
Ⓒ substantivo;
Ⓓ locução prepositiva.

52. CONSULPLAN – Considere os seguintes enunciados:

I. "... como a última luz na varanda."

II. "E comecei a sentir falta das pequenas brigas..."

III. "Ele a considerava como uma verdadeira companheira."

Os termos grifados são, respectivamente:

Ⓐ artigo, pronome, preposição;
Ⓑ preposição, preposição, pronome;
Ⓒ artigo, artigo, pronome;
Ⓓ artigo, preposição, pronome;
Ⓔ pronome, preposição, artigo.

53. CONSULPLAN – "Não tenho botão na camisa..." A palavra sublinhada na frase faz o plural da mesma forma que, exceto:

Ⓐ anão;
Ⓑ caixão;
Ⓒ limão;
Ⓓ zangão;
Ⓔ alemão.

54. ESAF – Indique o período correto:

Ⓐ Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
Ⓑ Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
Ⓒ Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
Ⓓ Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
Ⓔ Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

55. FEC – Na conversão da voz passiva analítica em passiva pronominal, há erro em:

Ⓐ "os aviões a jato eram desconhecidos" / desconheciam- se os aviões a jato.
Ⓑ "os antibióticos não haviam sido descobertos" / não se havia descoberto os antibióticos.
Ⓒ "quando algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações começaram a ser observadas" / quando se começaram a observar algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações.
Ⓓ "a comunidade já vem sendo ouvida, através de plebiscitos" / já se vem ouvindo a comunidade, através de plebiscitos.
Ⓔ "dentro de algum tempo, essa prática será difundida em todo o mundo" / dentro de algum tempo, essa prática se difundirá em todo o mundo.

56. FEC – No texto flexionam-se corretamente os verbos obter e deter, podendo-se dizer que o mesmo ocorre em todas as alternativas abaixo, com exceção de:

- **A** Se todas as nações detivessem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **B** Quando todas as nações obterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **C** Para que todas as nações obtenham o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **D** Menos nações detinham então o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **E** Para todas as nações deterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.

57. FEC – A alternativa em que todos os nomes flexionam-se em número como cidadão é:

- **A** tabelião – cristão – alemão;
- **B** órgão – escrivão – acórdão;
- **C** cristão – acórdão – órgão;
- **D** escrivão – órgão – tabelião;
- **E** cristão – alemão – acórdão.

58. FEC – "...de ter feito e visto o que fiz e vi." A alternativa que apresenta erro na forma verbal de uma estrutura semelhante a esse segmento do texto é:

- **A** "...de ter reavido e tido o que reavi e tive."
- **B** "...de ter dado e aceito o que dei e aceitei."
- **C** "...de ter mantido e previsto o que mantive e previ."
- **D** "...de ter composto e detido o que compus e detive."
- **E** "...de ter produzido e trazido o que produzi e trouxe."

59. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o par de orações não apresenta transformação da voz verbal:

- **A** "O que eu fiz, nenhum bicho jamais faria." / O que foi feito por mim não teria sido feito por nenhum bicho.
- **B** "O poeta espanhol Federico Garcia Lorca [...] ficou assustado com Nova York." / O poeta espanhol Federico Garcia Lorca foi assustado por Nova York.
- **C** "Enquanto os turistas admiram a qualidade da comida nos magníficos restaurantes... / Enquanto a qualidade da comida é admirada pelos turistas nos magníficos restaurantes.
- **D** "Lorca interpela os que se beneficiam com esse sistema..." / Os que se beneficiam com esse sistema são interpelados por Lorca.
- **E** "Lorca acusa os detentores do poder e da riqueza de camuflarem a dura realidade social..." / Os detentores do poder e da riqueza são acusados por Lorca de camuflarem a realidade social.

60. FUMARC – Indique a alternativa em que há erro de flexão do substantivo:

- **A** A famosa peça *Quebra-nozes* foi pela primeira vez interpretada por bailarinos afro-brasileiros.
- **B** Os guardas-civis tiveram que aceitar os salvos-condutos apresentados pelos prisioneiros.
- **C** Nas escolas-modelo há muitos mapas-múndis para orientar os alunos quando são divulgadas notícias de outros países.
- **D** Os redatores-chefes foram unânimes em afirmar que o espetáculo mais bonito foi o propiciado pelas porta-bandeiras.

61. FCC – O plural das palavras mal-estar e meia-democracia é obtido pelo mesmo procedimento que leva ao plural de:

- **A** mal-assombramento e meia-estação;
- **B** mau-olhado e meia-estação;
- **C** mau-olhado e meio-fio;
- **D** maldizente e meio-pesado;
- **E** mal-assombramento e meio-claro.

62. CESGRANRIO – Entre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:

- **A** guarda-chuvas;
- **B** olhos azuis-turquezas;
- **C** escolas-modelos;
- **D** surdo-mudos;
- **E** pores-dos-sóis.

63. CESGRANRIO – Assinale a opção em que os verbos estão flexionados corretamente, de acordo com a norma culta da língua:

- **A** Se ele se dispor a aceitar o convite, ficarei eternamente grato.
- **B** Quando ele compor uma canção, certamente será uma surpresa.
- **C** Irei à cerimônia de casamento somente se ele vir comigo.
- **D** Quando eu vir o carteiro, pedirei a ele para entrar em contato.
- **E** Vou completar a remessa se ele intervir na arrumação.

64. FJPF – A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:

- **A** "...com a roupa mal passada..." – adjetivo.
- **B** "...não dissessem os colegas que era esposa descuidada." – pronome relativo.
- **C** "começou sub-repticiamente a marcar..." – preposição.
- **D** "...um leve afrouxar-se das pálpebras." – verbo.
- **E** "...só muitos meses..." – advérbio.

65. FJPF – O plural mexilhões corresponde à forma singular mexilhão. A alternativa em que um dos vocábulos tem plural em "-ões" erradamente construído é:

Ⓐ anciões – chorões;
Ⓑ limões – correções;
Ⓒ guardiões – aldeões;
Ⓓ vulcões – corrimões;
Ⓔ escrivões – demolições.

66. FCC – A palavra destacada é um pronome em:

Ⓐ "Ir à praia cedo..."
Ⓑ "...tem uma beleza solene..."
Ⓒ "...olha a mãe que o excita..."
Ⓓ "Ela traz pela primeira vez..."
Ⓔ "...talvez sinta que o mar é bom..."

67. FCC – "...que deve ter dois anos."

A forma que não faz parte da conjugação do verbo ter ou de seus compostos é:

Ⓐ detiveram;
Ⓑ absteve;
Ⓒ contém;
Ⓓ manteu;
Ⓔ contêm.

68. FJG – O plural da expressão "obra lítero-musical" é:

Ⓐ obras lítero-musical;
Ⓑ obras líteros-musical;
Ⓒ obras lítero-musicais;
Ⓓ obras líteros-musicais.

69. FCC – Pertencem à mesma categoria gramatical os termos sublinhados na frase:

Ⓐ Daí a necessidade de criar emprego nas pequenas cidades.
Ⓑ A reforma agrária não poderá ser executada de maneira uniforme.
Ⓒ Não se trata, contudo, de "engessar" a população rural no campo.
Ⓓ Ela não será a mesma nas terras férteis.
Ⓔ A reforma agrária contribuirá para reduzir o ritmo da migração campo-cidade.

70. ACEP – Observe o período: "Os mais pudicos, se se pode aplicar a ideia de pudor a quem vive de tal ofício, os mais pudicos contentam-se em não aparecer na primeira pessoa e transferem a um personagem supostamente imaginário aquilo que eles não têm coragem de contar de si próprios".

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta da classificação dos vocábulos destacados.

Ⓐ conjunção integrante, pronome oblíquo recíproco;
Ⓑ conjunção condicional, pronome oblíquo reflexivo;
Ⓒ conjunção integrante, pronome indeterminador do sujeito;
Ⓓ conjunção condicional, pronome do caso reto;
Ⓔ conjunção condicional, pronome indeterminador do sujeito.

71. VUNESP – Assinale a alternativa em que o tempo verbal está corretamente indicado entre parênteses:

Ⓐ No mundo tudo poderia ser apresentado em generosa amplitude. (futuro do pretérito)
Ⓑ Nada lhe parece mais estúpido e mesquinho que o ideal do trabalhador. (imperativo afirmativo)
Ⓒ Se existisse uma ética do trabalho, a da aventura pode desaparecer. (pretérito mais-que-perfeito)
Ⓓ Dois princípios encarnam-*se* nos tipos do aventureiro e do trabalhador. (imperfeito do subjuntivo)
Ⓔ Só uma ética de trabalho dará valor moral positivo ao trabalho. (pretérito perfeito)

72. VUNESP – Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras com o plural correto:

Ⓐ animalzinhos – caridades – cartãos – amores-perfeito – cristães;
Ⓑ questões – salários-família – pastéis – limões – reais;
Ⓒ feijãos – arranhas-céus – ticos-ticos – pés-de-moleques – açúcares;
Ⓓ corres-corres – abaixos-assinados – cidadões – quarta-feiras – padres-nossos;
Ⓔ degrais – ancestrais – cordãos – decretos-lei – tiques-taques.

73. VUNESP – Assinale a alternativa em que o termo que, em destaque, é pronome relativo:

Ⓐ Espero que todos os convidados cheguem logo.
Ⓑ Não sairei de casa hoje desde que haja necessidade.
Ⓒ Leia este bilhete que recebi ontem.
Ⓓ Venha logo a fim de que o problema seja resolvido.
Ⓔ Hoje a partida será mais difícil que a de ontem.

74. VUNESP – Passando-se a oração – "Os calores intensos provocavam as chuvas" – para a voz passiva analítica, obtém-se:

Ⓐ As chuvas eram provocadas pelos calores intensos.
Ⓑ As chuvas são provocadas pelos calores intensos.
Ⓒ As chuvas foram provocadas pelos calores intensos.
Ⓓ Provocam-se chuvas por causa dos calores intensos.
Ⓔ As chuvas provocaram-se por causa dos calores intensos.

75. FJG – O par de palavras que faz o plural da mesma forma que a palavra "oposição" é:

Ⓐ revolução – demão;
Ⓑ tabelião – órfão;
Ⓒ escrivão – cirurgião;
Ⓓ cidadão – guardião;
Ⓔ anfitrião – fração.

76. FGV – Assinale a alternativa na qual "se" tem a mesma classificação morfológica que na frase: "Não sabemos se ela está em casa".

Ⓐ Eles se viraram para a parede.
Ⓑ Diga-nos se eles já chegaram.
Ⓒ Ele falará se você não falar.
Ⓓ Se ela não for, irei eu

77. FUNDATEC – Observe o texto: "As siglas que nomeiam as estradas têm embutidos códigos que explicam que tipo de rodovia cada uma é".

Sobre as três ocorrências da palavra <u>que</u> no texto, afirma-se que:

I. Em todas as ocorrências, é pronome relativo.

II. Apenas em duas ocorrências, é pronome relativo.

III. Apenas em uma ocorrência, é conjunção integrante.

IV. Apenas em uma ocorrência, é pronome relativo.

Quais estão corretas?

Ⓐ Apenas I e II.
Ⓑ Apenas II e III.
Ⓒ Apenas III e IV
Ⓓ Apenas I, II e III.
Ⓔ Apenas II, III e IV.

78. IPDEP – "...como <u>se</u> vê no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), não consta qualquer medida de proteção ambiental..." A palavra <u>se</u>, no trecho destacado acima, está corretamente classificada na opção:

Ⓐ pronome apassivador;
Ⓑ índice de indeterminação do sujeito;
Ⓒ pronome reflexivo;
Ⓓ conjunção integrante.

79. IPDEP – "...o Brasil é hoje o quinto maior emissor de gases do efeito estufa..." Nesta oração, temos um adjetivo que está no grau:

Ⓐ comparativo de superioridade;
Ⓑ superlativo relativo de superioridade;
Ⓒ superlativo absoluto sintético;
Ⓓ superlativo absoluto analítico.

80. NUCEPE – "Com o respeito, vêm os segredos."

Em que outra frase a palavra sublinhada é forma correta do verbo "vir", empregada adequadamente?

- **A** Se eu vir, falamos pessoalmente.
- **B** Eles veem com certeza, pois têm que cumprir a tarefa.
- **C** Quando vínhamos sempre a encontrávamos de bom humor.
- **D** Antônia quis vim o mais rápido possível.
- **E** O exército estava bem preparado: os inimigos que viesse!

81. NUCEPE – Qual das formas verbais não está no indicativo?

- **A** Permaneça.
- **B** Consegue.
- **C** Será Estendida.
- **D** Assegurarão.
- **E** Começaram.

82. UNIFAP – Para marcar a resposta correta tome como base o trecho:

"Aumentar a oferta de vagas no ensino superior e ampliar as políticas de inclusão e assistência estudantil são objetivos que exigem significativo investimento...".

- **A** Os artigos presentes no trecho foram usados para determinar os termos que referem.
- **B** Não há artigos no trecho em destaque.
- **C** No trecho, os artigos predominantes são os indefinidos já que houve necessidade de indeterminar os termos a que se referem.
- **D** O termo "a" está exercendo a função de preposição, portanto não é artigo.
- **E** Na contração "no" não há presença de artigo.

83. UPENET – Observe os termos sublinhados do trecho a seguir:

"O especialista é um homem que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, e por fim acaba sabendo tudo sobre nada". (George Bernard Shaw)

Sobre eles, é CORRETO afirmar:

- **A** "mais" é palavra variável que indica intensidade.
- **B** "menos" se classifica como palavra invariável que exprime ideia de modalidade.
- **C** "tudo" e "nada" se classificam como termos que se referem a algum antecedente.
- **D** "mais" e "menos" se classificam como palavras invariáveis que encerram ideia de intensidade.
- **E** "menos" exprime ideia de temporalidade, e "nada" se refere a algo declarado anteriormente.

84. UPENET – "Não fumo, não bebo e não cheiro. Só minto um pouco." (Tim Maia)

Os verbos do período acima estão conjugados no tempo presente. Se todos eles fossem conjugados no tempo passado, qual das alternativas abaixo não conteria incorreção?

A Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentia um pouco.
B Não fumarei, não bebo e não cheirarei. Só mentirei um pouco.
C Não fumei, não bebesse e não cheirasse. Só mentirá um pouco.
D Não fumara, não bebera e não cheirará. Só mente um pouco.
E Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentirá um pouco.

85. VUNESP – Assinale a alternativa em que há correta equivalência entre as formas verbais simples e compostas no período:

A eu faria o mesmo / tinha feito o mesmo;
B meu cunhado viajara / haveria viajado;
C eu ainda não gostava de cachorro / tinha gostado;
D todos darão palpite / haveriam dado;
E tivera alguma nobreza / tinha tido.

86. VUNESP – A forma de tratamento empregada está correta em:

A Senhor Presidente da República: se Sua Excelência assim o desejar, convocaremos outra reunião.
B Atendendo a despacho de S. Ex.ª, o Meritíssimo Juiz da 2ª Vara Cível desta Comarca, anexamos a certidão ao processo.
C Propusemos a V. S.ª, o Governador, adiamento da audiência com membros do Sindicato.
D De ordem de V. Em.ª, o novo Senhor Ministro, convidamos todos os funcionários para a solenidade de posse da diretoria do Conselho Nacional de Obras.
E Senhor Chefe de Seção: encaminhamos à consideração de Vossa Excelência pedido para entrar em gozo de férias.

87. FGV – Entre os termos sublinhados das alternativas a seguir, um não exerce papel adjetivo. Assinale-o:

A "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
B "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
C "...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital."
D "Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica."
E "O mate gelado corria sem pressa, e os vizinhos, convidados e imprensa se misturavam para ouvir histórias,..."

88. NCE-UFRJ – A opção em que a palavra em destaque tem a mesma classe de palavra de "as" na frase: "Pesquisas canadenses provaram que crianças que estudaram música precocemente têm desenvolvimento intelectual melhor do que as que não tiveram nenhum contato com ela".

- **A** "Já não é de hoje que os cientistas vêm estudando o fenômeno."
- **B** "Em 1999, uma pesquisa feita no Instituto de Psicologia da USP mostrou..."
- **C** "Que o digam aqueles que aprenderam música desde pequenos."
- **D** "A música é capaz de mudar a frequência..."
- **E** "...está diretamente associada à promoção da saúde, ..."

89. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que o termo destacado não é classificado como conjunção é:

- **A** O aluno contou a piada, mas a professora não riu.
- **B** O aluno contou uma caso para a professora rir.
- **C** A professora ensinou corretamente as conjunções e as preposições.
- **D** A professora não queria que ninguém risse.
- **E** Juquinha não sabia se sua piada iria agradar.

90. FGV – Em "Azar, azar, azar. Povo tão bom que nós somos, fomos arranjar, por exemplo, políticos abomináveis, como às vezes nos parecem ser quase todos eles.", a palavra que deve ser classificada como:

- **A** conjunção integrante;
- **B** conjunção subordinativa;
- **C** preposição;
- **D** pronome relativo;
- **E** partícula de realce.

91. CEPERJ – O plural de "radiação ultravioleta" é:

- **A** radiações ultravioleta;
- **B** radiações ultravioletas;
- **C** radiaçãos ultravioleta;
- **D** radiaçãos ultravioletas;
- **E** as radiação ultravioleta.

92. CEPERJ – As abreviaturas dos pronomes de tratamento usados para ministros de Estado e reitores são, respectivamente:

- **A** Exma e V. Mg^{ci}.
- **B** Exª e V. Mag^{a}.
- **C** Exª e V. Em^{a}.
- **D** Exc^{ia} e V. Rvm^{a}.
- **E** Exc^{ia} e V. S^{a}.

93. CEPERJ – Entre as palavras abaixo, aquela que não apresenta plural metafônico, isto é, aquela cujo plural não determina mudança de timbre da vogal tônica é:

- **A** o idoso;
- **B** o acordo;
- **C** o despojo;
- **D** o reforço;
- **E** o forno.

94. CEPERJ – No segmento "...a razão da dependência dos idosos, isto é, o número de pessoas...", a expressão em destaque denota:

Ⓐ adição;
Ⓑ afirmação;
Ⓒ explicação;
Ⓓ conclusão;
Ⓔ retificação.

95. NCE-UFRJ – A frase que <u>não</u> apresenta qualquer tipo de pronome demonstrativo é:

Ⓐ Ela não é a que eu vi na festa.
Ⓑ Não conheço tal livro.
Ⓒ Gosto mais do primeiro do que deste que agora tenho.
Ⓓ Naqueles tempos bíblicos, todos já nasciam velhos.
Ⓔ O que pensas a respeito dele?

96. CEPERJ – "...vêm carregadas de advertências confusas..." O verbo "vir" está <u>incorretamente</u> flexionado na frase:

Ⓐ Vimos aqui agora consultar um dicionário médico.
Ⓑ É importante virmos sempre aqui consultar um dicionário médico.
Ⓒ Pensavam que viéramos aqui para consultar um dicionário médico.
Ⓓ Viemos hoje, nesse momento, consultar um dicionário médico.
Ⓔ Se viermos à biblioteca amanhã, consultaremos um dicionário médico.

97. FJPF – Considerando-se o emprego do pronome sublinhado no trecho "e os mais atentos ganham terreno repetindo <u>consigo</u> mesmos", pode-se afirmar que está gramaticalmente <u>incorreta</u> a frase:

Ⓐ O professor dirigiu-se ao aluno e disse: "Carlos, quero falar consigo".
Ⓑ Reprovado, o aluno pensava consigo como daria a notícia aos pais.
Ⓒ O professor levava consigo para as aulas sempre o mesmo livro.
Ⓓ O universitário portava consigo a carteira de estudante.
Ⓔ Contar consigo mesmo para resolver os problemas era o que convinha ao universitário.

98. UECE – "Liberdade e democracia são, <u>pois</u>, instâncias inevitáveis e assustadoras..."

É correto afirmar-se sobre o vocábulo "pois" que:

Ⓐ é um pronome e equivale à palavra <u>também</u>;
Ⓑ é uma conjunção e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓒ é um pronome e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓓ é uma conjunção e equivale à palavra <u>também</u>.

99. UECE – A forma "traz" é de um verbo irregular, cujo presente do indicativo se escreve trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem. Também está correta a flexão do verbo:

Ⓐ aguar → agôo, agoas, agoa, aguamos, aguais, agoam;
Ⓑ deter → deti, deteste, deteu, detemos, detestes, deteram;
Ⓒ remediar → remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam;
Ⓓ perder → perdo, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

100. NCE-UFPR – "...publicou uma nota na qual revelava..."; "...época na qual a imprensa da Grã-Bretanha..."; a frase em que o segmento "na qual" deveria ser mais adequadamente substituído por "onde" é:

Ⓐ Morava perto de uma pracinha na qual se reunia com os amigos.
Ⓑ O grupo lia a revista na qual todos confiavam.
Ⓒ Leu a notícia na qual estavam presentes os nomes dos amigos.
Ⓓ As folhas nas quais se encontrava a nota estavam rasgadas.
Ⓔ Aquela era a letra de música na qual se cometiam erros grosseiros.

GABARITO

1. A	16. B	31. E	46. C	61. A	76. B	91. A
2. A	17. A	32. E	47. E	62. A	77. B	92. B
3. A	18. A	33. C	48. B	63. D	78. B	93. B
4. B	19. D	34. C	49. E	64. C	79. B	94. C
5. B	20. C	35. C	50. C	65. E	80. C	95. D
6. B	21. B	36. A	51. C	66. C	81. A	96. D
7. B	22. C	37. A	52. D	67. D	82. A	97. A
8. B	23. A	38. D	53. A	68. C	83. D	98. C
9. E	24. A	39. D	54. E	69. A	84. A	99. C
10. B	25. B	40. A	55. B	70. E	85. E	100. A
11. E	26. B	41. D	56. B	71. A	86. B	
12. C	27. B	42. C	57. C	72. B	87. E	
13. B	28. A	43. C	58. A	73. C	88. C	
14. C	29. C	44. B	59. B	74. A	89. B	
15. E	30. B	45. C	60. C	75. E	90. E	

Exercícios de Estrutura do Vocábulo Formação de Palavras

1. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra <u>inadequação</u> entre cognatos é:

Ⓐ terra – aterrorizar;
Ⓑ lei – legalizar;
Ⓒ acordo – acordar;
Ⓓ temor – atemorizar;
Ⓔ homem – humanizar.

2. UECE – A palavra "reajuste" sofreu os seguintes processos de formação:

Ⓐ ajuste → reajustar → ajustar → reajuste;
Ⓑ justo → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓒ ajuste → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓓ justo → reajustar → ajustar → reajuste.

3. Na palavra <u>erradicar</u> há um valor semântico de "movimento para fora". A palavra abaixo em que se repete esse mesmo valor é:

Ⓐ elipse;
Ⓑ êxodo;
Ⓒ embarcar;
Ⓓ ilegal;
Ⓔ discordar.

4. FJPF – Nos itens abaixo, a primeira palavra, formada por derivação prefixal, compõe um par com outra formada pelo mesmo processo. Possuem significação essencialmente distinta os prefixos das palavras pertencentes ao par:

Ⓐ contramão – antitóxico;
Ⓑ predisposição – antevisão;
Ⓒ irrelevante – desconfortável;
Ⓓ extraconjugais – hipotensão;
Ⓔ imposição – intrometer.

5. **FJPF – O vocábulo abaixo que não traz em seu prefixo a ideia de negação é:**

A "...ou pelo descaso com que são administrados..."
B "...a contraposição entre esse tipo de atividade..."
C "...novas áreas de desmatamento..."
D "...interesses os mais díspares..."

6. **FGV – Na palavra anjinho, o sufixo "-inho" pode denotar feição carinhosa. No português do Brasil, é comum que esse sufixo, dependendo do contexto de seu uso, assuma variadas significações.**

Assinale a alternativa em que o uso do sufixo "-inho" ou sua flexão atribui feição depreciativa à palavra:

A O copo está cheiinho.
B Filha, até quando vai aguentar essa vida de professorinha?
C Vem cá, rapidinho.
D Filhinho, faça isso para sua mãezinha.
E Chegue mais perto, meu bichinho.

7. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha o mesmo sentido que o de imigrante:**

A imberbe;
B imergir;
C incréu;
D iníquo;
E inválido.

8. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha valor distinto do de incompetentes:**

A irrespondível;
B agnósticos;
C ateus;
D incorrer;
E inafiançável.

9. **FUMARC – Em todas as alternativas verifica-se o prefixo "in", ou variantes suas, com valor negativo, exceto em:**

A ilícito;
B invalidar;
C incrimina;
D irrealizável.

10. **FUMARC – O prefixo "des-" tem o mesmo valor semântico, exceto em:**

A Por não haver prosseguido em seus estudos, acabou desabilitando-se para o cargo.
B O fechamento da ferrovia desabasteceu de mercadorias muitas cidades do sertão.

Ⓒ As famílias desabrigadas pelas chuvas foram acomodadas num galpão cedido pela prefeitura.
Ⓓ A revelação da testemunha desnuda o esquema da venda ilegal do medicamento.

11. FUNCAP – Em "...externamos nossos sentimentos para vivê-los mais intensamente" e "Os amores silenciosos podem provocar o choro", as palavras destacadas são formadas, respectivamente, a partir de processos de:

Ⓐ derivação sufixal e composição por justaposição;
Ⓑ composição por justaposição e derivação regressiva;
Ⓒ derivação sufixal e derivação regressiva;
Ⓓ derivação regressiva e derivação parassintética;
Ⓔ derivação parassintética e derivação prefixal.

12. COSEAC-UFF – Observando-se o sufixo da palavra em destaque no trecho "Essa comicidade, ainda eficaz, apesar da dicção lusa, pré-modernista, é temperada pela melancolia", pode-se afirmar que, entre as opções abaixo, aquela em que as três palavras foram formadas por sufixos de mesmo valor significativo e gramatical do sufixo da palavra destacada acima é:

Ⓐ civismo – amplitude – sorveteria;
Ⓑ acidez – contumácia – esquecimento;
Ⓒ vadiagem – passeata – brancura;
Ⓓ grandeza – eficácia – doçura;
Ⓔ folhagem – arvoredo – falácia.

13. NCE-UFRJ – Um dos processos mais comuns de formação de palavras em língua portuguesa é o da sufixação ou derivação sufixal; o item em que figura um vocábulo do texto que não exemplifica esse tipo de formação é:

Ⓐ perigosas – consumidores – informação;
Ⓑ recentemente – sociedade – publicidade;
Ⓒ essencial – responsabilidade – intransferível;
Ⓓ brasileiro – publicitária – regulamentação;
Ⓔ crianças – sentimento – situação.

14. NCE-UFRJ – A palavra que não é formada pelo processo de sufixação é:

Ⓐ acadêmica;
Ⓑ especializações;
Ⓒ flexibilidade;
Ⓓ filminhos;
Ⓔ negócio.

15. NCE-UFRJ – O vocábulo abaixo que difere dos demais quanto ao processo de formação é:

- **A** desalmado;
- **B** enriquecer;
- **C** anoitecer;
- **D** amanhecer;
- **E** alvorecer.

16. NCE-UFRJ – Há vários processos para formar novas palavras. A palavra <u>resistência</u> foi formada por:

- **A** derivação prefixal;
- **B** derivação sufixal;
- **C** derivação parassintética;
- **D** derivação regressiva;
- **E** derivação.

17. FJPF – Considerando-se os processos de formação de palavras em português pelo princípio dos constituintes imediatos, pode-se afirmar que há um caso de sufixação no seguinte substantivo:

- **A** anti-reumático;
- **B** sem-terra;
- **C** encontro;
- **D** contrafé;
- **E** bom-mocismo.

18. FJPF – A alternativa que mostra uma palavra que <u>não</u> foi formada por derivação sufixal é:

- **A** libertação – equívoco;
- **B** sofrimentos – individualidade;
- **C** apresamento – marinha;
- **D** restituição – afirmação;
- **E** pavoroso – tenebroso.

19. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra <u>não</u> tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>saturnianos</u>:

- **A** silencioso;
- **B** investigação;
- **C** expurgou;
- **D** definição;
- **E** rochosos.

20. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>empapuçados</u>:

Ⓐ letreiro;
Ⓑ clientela;
Ⓒ embarcou;
Ⓓ desencantar;
Ⓔ romântico.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>infraestrutura</u>:

Ⓐ nova-iorquina;
Ⓑ paraisópolis;
Ⓒ planejando;
Ⓓ sobreviver;
Ⓔ embora.

22. FGV – A palavra <u>emudecendo</u> foi formada pelo processo de:

Ⓐ composição por aglutinação;
Ⓑ derivação prefixal;
Ⓒ derivação parassintética;
Ⓓ derivação sufixal;
Ⓔ derivação imprópria.

23. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada por derivação parassintética:

Ⓐ outonal;
Ⓑ encampando;
Ⓒ babaquice;
Ⓓ mamoeirão;
Ⓔ ideologia.

24. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>entrevejo</u>:

Ⓐ joalheria;
Ⓑ serenidade;
Ⓒ decodifica;
Ⓓ acompanhando;
Ⓔ perfumadas.

25. CESGRANRIO – Relacione as palavras ao seu respectivo processo de formação.

(I) malsão	**(R) derivação sufixal**
(II) incerto	**(S) derivação prefixal**
(III) envelhecer	**(T) derivação parassintética**
(IV) aceitável	

A relação correta é:

- **A** I – R – III – S, IV – T;
- **B** I – S – II – T – III – R;
- **C** I – T – II – S, III – R;
- **D** II – R – III – T – IV – S;
- **E** II – S – III – T – IV – R.

26. CESGRANRIO – As opções abaixo apresentam uma palavra derivada e a sua origem, exceto uma. Indique-a:

- **A** disponibilizar – disponível;
- **B** simulações – simular;
- **C** incidente – acidente;
- **D** potencial – potência;
- **E** ocorrência – ocorrer.

27. EPCAR – Assinale a alternativa em que a correspondência, quanto à formação de palavras, está incorreta:

- **A** televisão – hibridismo;
- **B** hipótese – derivação prefixal;
- **C** descampado – derivação parassintética;
- **D** semideus – composição por aglutinação.

28. EPCAR – Nas alternativas a seguir apresentaram-se palavras cujos elementos mórficos foram analisados incorretamente, exceto em:

- **A** Fazendo = Faz (radical) – e (vogal temática) – ndo (desinência verbal).
- **B** Vice-presidente = Vice (radical) – presid (radical) – ent (sufixo).
- **C** Senadora = Senador (radical) – a (vogal temática).
- **D** Quiser = Quiser (radical).

29. EPCAR – Assinale a alternativa em que a palavra destacada é formada por derivação regressiva:

- **A** Infelizmente, é um dos principais.
- **B** Com as suas velhacarias, deverás tu...
- **C** De que diabo de jogo estás aí a falar?
- **D** Por que razão não vais só? Poupa-me o desgosto de encarar aquele homem.

30. EPCAR –

I. No vocábulo surradíssimo, observa-se a derivação sufixal.

II. Os vocábulos sorriso, arterial e ironizar são formados por sufixos nominais.

III. Patologia é formado por hibridismo.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

Ⓐ I;
Ⓑ I e II;
Ⓒ II e III;
Ⓓ I, II e III.

31. NCE-UFRJ – Assinale a opção em que há erro na identificação do elemento mórfico grifado:

Ⓐ Alunas: desinência de feminino.
Ⓑ Comprar: radical.
Ⓒ Aluguei: vogal temática.
Ⓓ Pareceram: vogal temática.
Ⓔ Influência: desinência de feminino.

32. FUNDEC – O termo grifado no trecho "preocupados com a saúde ambiental do planeta" apresenta sufixo de significado idêntico ao das palavras abaixo relacionadas, exceto ao da palavra:

Ⓐ mensal;
Ⓑ outonal;
Ⓒ conjugal;
Ⓓ laranjal;
Ⓔ campal.

33. FUNDEC – Dos itens abaixo, aquele em que dos três verbos formam-se substantivos com sufixo idêntico ao usado na formação de carregamento é:

Ⓐ punir – lavar – casar;
Ⓑ desconsiderar – enrubescer – desligar;
Ⓒ ajuizar – descomprometer – afastar;
Ⓓ descumprir – irradiar – desobedecer;
Ⓔ agradecer – passear – totalizar.

34. FUNRIO – O vocábulo "pirataria" é formado por meio de derivação sufixal. A palavra que também se formou por derivação sufixal, é:

Ⓐ secretário;
Ⓑ combate;
Ⓒ desarticulação;
Ⓓ devemos;
Ⓔ narcotráfico.

35. FUNRIO – O vocábulo rancorosamente é formado pelo processo de derivação prefixal e sufixal. A palavra a seguir formada pelo mesmo processo é:

- **A** tradicional;
- **B** choupana;
- **C** desigualdade;
- **D** eletricidade.

36. CEPERJ – Quanto à estrutura mórfica do termo, está correta a análise apresentada na alternativa:

- **A** Desgarradas (garra) = tema.
- **B** Choverá (rá) = desinência número-pessoal.
- **C** Levitante = (ante) = sufixo.
- **D** Estrada (a) = desinência nominal de gênero.
- **E** Terra (terra) = radical.

37. FEC – "É intolerável que cerca de um quinto da população adulta do globo seja ainda analfabeta." O prefixo presente no termo sublinhado tem o mesmo valor semântico do prefixo presente em:

- **A** imperfeito;
- **B** injetável;
- **C** invejoso;
- **D** internacional;
- **E** intrometido.

38. CESGRANRIO – O vocábulo que apresenta um processo de formação de palavras diferente dos demais é:

- **A** piazinho;
- **B** chaleira;
- **C** girassol;
- **D** boleadeira;
- **E** brigão.

39. FJPF – Em "Uma língua de espuma avança até o seu pezinho", o vocábulo sublinhado é um diminutivo de valor afetivo. A alternativa que apresenta um diminutivo de valor intensivo é:

- **A** As ondinhas não atemorizavam o menino.
- **B** O cronista andava com passinhos rápidos.
- **C** Ela levou o menino rapidinho para as ondas.
- **D** Ela trazia o seu menininho com muito cuidado.
- **E** A espuminha das ondas batia nos pés do menino.

40. FCC – "É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação." (Celso Cunha, *Gramática do português pontemporâneo*)

Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:

Ⓐ júri, perjúrio e ajuizar;
Ⓑ consideração, constelação e conspiração;
Ⓒ solitário, dissolução e insólito;
Ⓓ vidente, revisor e convincente;
Ⓔ condução, condizente e irredutível.

41. FCC – São da mesma família (ou seja, têm o mesmo radical) as seguintes palavras:

Ⓐ absorver – proteger – requerer;
Ⓑ sabido – sabem – sapiência;
Ⓒ fluxo – migração – Deslocamento;
Ⓓ região – reforma – redução;
Ⓔ rural – agrícola – fundiário.

42. FCC – O prefixo das palavras "injusto" e "inaceitável" tem sentido equivalente ao dos prefixos de:

Ⓐ corroborar e contradizer;
Ⓑ decrescer e descumprir;
Ⓒ desmentir e refazer;
Ⓓ ante-sala e antinomia;
Ⓔ abdicar e refluir.

43. FJG – O valor semântico do prefixo da palavra ilibada é o mesmo que o da palavra:

Ⓐ inundada;
Ⓑ inserida;
Ⓒ ilação;
Ⓓ inócua;
Ⓔ ilustre.

44. FJG – O prefixo da palavra infelicidade corresponde semanticamente ao de:

Ⓐ ilação;
Ⓑ irrupção;
Ⓒ ilícito;
Ⓓ infixo;
Ⓔ insolação.

45. NUCEPE – Observe o período: "Conhecemos o destino do estuprador Gilson, julgado e condenado pela Lei do Crime".

O processo de formação de palavras que dá origem aos termos sublinhados é:

- A derivação por justaposição;
- B derivação prefixal;
- C composição por aglutinação;
- D composição por justaposição;
- E derivação sufixal.

46. UPENET – Marque a única opção abaixo que não conserva o prefixo in – com o mesmo sentido em que este se apresenta na palavra indesejada:

- A ilegal;
- B irrestrito;
- C impermeável;
- D inativo;
- E imigrar.

47. UPENET – Observe o texto: "Era segunda-feira. O dia estava calmo, um silêncio ensurdecedor foi quebrado pelo canto de um beija-flor que parecia olhá-lo da janela. Perdeu a hora para ir ao colégio, espreguiçou-se e embora estivesse sem vontade de sair da cama, conseguiu".

As palavras destacadas são formadas, respectivamente, através dos seguintes processos:

- A aglutinação – justaposição – aglutinação;
- B justaposição – aglutinação – justaposição;
- C justaposição – justaposição – justaposição;
- D aglutinação – aglutinação – aglutinação;
- E justaposição – justaposição – aglutinação.

48. CEPERJ – Apresentam o mesmo prefixo os vocábulos:

- A associar e abusar;
- B cooperação e competição;
- C desleal e denúncia;
- D combater e contradizer.

49. CEPERJ – O par de palavras que exemplifica um processo de formação de palavras diferente daquele encontrado em "consumir/consumo" é:

- A comprar – compra;
- B processar – processo;
- C usar – uso;
- D descartar – descarte;
- E sentir – sentido.

50. CEPERJ – A palavra “envelhecimento” é formada por:

- Ⓐ derivação prefixal;
- Ⓑ derivação sufixal;
- Ⓒ derivação prefixal e sufixal;
- Ⓓ derivação parassintética;
- Ⓔ composição por aglutinação.

GABARITO

1. A	11. C	21. D	31. E	41. C
2. B	12. D	22. C	32. D	42. B
3. B	13. C	23. B	33. C	43. D
4. D	14. E	24. C	34. A	44. C
5. B	15. E	25. E	35. C	45. E
6. B	16. B	26. C	36. D	46. E
7. B	17. E	27. D	37. A	47. E
8. C	18. A	28. A	38. C	48. B
9. C	19. C	29. E	39. C	49. E
10. D	20. C	30. A	40. D	50. D

Exercícios de Regência Nominal e Verbal

1. CESGRANRIO – Observe as frases abaixo, quanto à regência.

I. O brasileiro prefere atualmente samba do que bolero.

II. Tal atitude implicou na sua demissão.

III. Ele sempre obedecia a ordens superiores.

IV. Assistimos emocionados àquele espetáculo de cores.

Estão corretas:

A somente I e IV;
B somente II e III;
C somente II e IV;
D somente III e IV;
E somente I, II e III.

2. ESAF – A regência verbal está correta na frase da opção:

A Eles preferiam mais música do que cinema.
B Antônio, eu lhe vejo amanhã lá no clube.
C O secretário informou ao candidato o resultado da prova.
D A humanidade aspira dias melhores de existência.
E É preciso seguir ao regulamento.

3. NCE-UFRJ – Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:

A Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
B Os técnicos procederam à análise da documentação.
C Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
D Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
E Não lhe desobedecerei jamais.

4. **FCC – "O mundo está <u>sedento</u> por gasolina e diesel especiais..."**

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

- **A** ...notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
- **B** ...de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
- **C** ...no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
- **D** ...as reservas de gás de Bahia Blanca.
- **E** ...resinas termoplásticas para toda a região.

5. **FEC – Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome "o" menos uma, em que o correto seria o emprego do "lhe". Essa frase está na opção:**

- **A** Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
- **B** Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
- **C** Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
- **D** O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
- **E** A empresa que construiu o computador resolveu doá-lo para um museu.

6. **FESP-RJ – O verbo "partir" é classificado como transitivo direto e indireto em:**

- **A** Eu também gostaria de partir amanhã bem cedo.
- **B** Às vezes dá vontade de descer e partir para a briga.
- **C** Curiosamente, o novo viaduto parecia partir a cidade.
- **D** Ele costuma partir todos os seus ganhos entre os familiares.
- **E** Deve-se ter cuidado para não se partir de falsas afirmações.

7. **NCE-UFJR – Observando-se as normas da língua culta, há inadequação no emprego do pronome pessoal oblíquo na frase:**

- **A** Prevenimos-lhe de que os resultados das pesquisas podem variar muito num curto espaço de tempo.
- **B** A nova descoberta, comunicamo-la a Vossa Senhoria, movidos pelo desejo de contribuir para a ciência.
- **C** Avisamos-lhe que suas pesquisas estão aquém das expectativas.
- **D** A equipe de cientistas obedece-lhe naquilo que for importante para as novas descobertas.
- **E** Aos críticos, os cientistas perdoaram-lhes porque, apesar dos erros de análise, a intenção foi boa.

8. NCE-UFRJ – A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:

- **A** A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
- **B** O ideal por que este grupo luta é atingível.
- **C** O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
- **D** A falha que perdoamos não foi grave.
- **E** O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

9. VUNESP – Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

- **A** Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.
- **B** Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.
- **C** Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.
- **D** Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.
- **E** Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

10. CESGRANRIO – Indique a opção em que somente a palavra "cujo" preenche corretamente a lacuna, de acordo com a norma culta:

- **A** O escritor _____ estilo eu não gosto vai lançar duas obras este ano.
- **B** A empresa _____ o nome foi decidido em assembleia vai ser inaugurada amanhã.
- **C** A professora _____ livro foi reeditado trabalhou em uma universidade estrangeira.
- **D** A universidade _____ vestibular meu filho se preparou fica no centro da cidade.
- **E** O rapaz, o _____ pai encontrei, trabalha na minha empresa.

11. FESP-RJ – Se se levar em conta que "<u>regência verbal é a maneira de um verbo relacionar-se com seus complementos</u>", a resposta adequada às exigências da gramática normativa encontra-se na opção:

- **A** O aluno vai na escola e desaprende a argumentar.
- **B** O aluno respeita quem lhe ensina a viver.
- **C** Alunos aspiram a uma escola de melhor qualidade.
- **D** A escola prefere mais alunos passivos do que contestadores.
- **E** A turma assistiu o torneio mundial de vôlei.

12. NCE-UFRJ – Considerando-se as normas de regência da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:

- **A** Não há quem não aspire a um emprego seguro, com bom salário.
- **B** O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
- **C** Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.

Ⓓ A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
Ⓔ O fim desta é informar a V. Sª sobre as novas regras vigentes na instituição.

13. FJG – Há erro de regência em:

Ⓐ Tive certeza que o homem e o almocreve se tornariam amigos depois do incidente.
Ⓑ Custou ao homem entender o que estava acontecendo.
Ⓒ O homem pagou ao almocreve com uma moeda de prata?
Ⓓ Senti medo de que o homem não respeitasse o almocreve.
Ⓔ Sou favorável a que haja entendimento entre o homem e o almocreve.

14. FUNDEC – A mudança na regência verbal acarreta mudança de sentido em todas as alternativas abaixo, <u>exceto</u>:

Ⓐ Os sequestradores contavam o dinheiro do resgate.
Os sequestradores contavam com o dinheiro do resgate.
Ⓑ Esse comentarista vive falando nos políticos mineiros.
Esse comentarista vive falando aos políticos mineiros.
Ⓒ O juiz decidiu-se pelo encerramento da sessão.
O juiz decidiu-se no encerramento da sessão.
Ⓓ Cientificou os repórteres de que a viagem seria cancelada.
Cientificou aos repórteres que a viagem seria cancelada.

15. VUNESP – O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está <u>correto</u> apenas em:

Ⓐ Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.
Ⓑ Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.
Ⓒ Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.
Ⓓ Já se vislumbra o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.
Ⓔ Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.

16. CESGRANRIO – Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se <u>contraria</u> a norma culta da língua:

Ⓐ É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.
Ⓑ O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.
Ⓒ O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.
Ⓓ Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.
Ⓔ Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.

17. FCC – A frase construída de forma inteiramente correta é:

Ⓐ Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
Ⓑ A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
Ⓒ A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
Ⓓ Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
Ⓔ Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

18. FCC – A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescritiva, no que se refere à regência, é:

Ⓐ Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.
Ⓑ Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.
Ⓒ A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.
Ⓓ Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.
Ⓔ Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

19. FESP-RJ – Ninguém _____ pediu nada, nem _____ ajudou, ninguém _____ julgou e nem_____ condenou por isso.

Os pronomes que completam adequadamente as lacunas da frase acima são, respectivamente:

Ⓐ lhe, lhe, o, o;
Ⓑ lhe, o, lhe, o;
Ⓒ o, lhe, o, lhe;
Ⓓ lhe, o, o, o;
Ⓔ o, lhe, o, o.

20. FEC – Sobre a regência do verbo <u>assistir</u> na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:

Ⓐ está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de <u>ser do direito</u>;
Ⓑ é semelhante à regência do verbo <u>amar</u> em frases como "Deve-se amar ao próximo;
Ⓒ admite a construção passiva, que seria "o início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana";

Ⓓ está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil;

Ⓔ é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

21. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ É preferível de que haja menos autoritarismo.

Ⓑ A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

Ⓒ É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.

Ⓓ É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.

Ⓔ Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

22. CESPE-UnB – Verifique o emprego das formas verbais destacadas nos fragmentos de texto abaixo:

I. "A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão."

II. "Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição."

III. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

IV. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

V. "Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos e os conceitos específicos que não possam ser dispensados."

Em relação à regência verbal, é correto afirmar que, nos fragmentos de texto:

Ⓐ "implica" é transitivo indireto;

Ⓑ "obedece" é transitivo direto;

Ⓒ "comunicar" é intransitivo;

Ⓓ "impõe" é transitivo direto;

Ⓔ "precise" é transitivo indireto.

23. NCE-UFRJ – "...que se preocupassem em medir o tempo..."

Na frase, o uso da preposição "em" se deve à regência do verbo "preocupar-se". Qual das frases a seguir é correta quanto à regência verbal, segundo a norma culta?

Ⓐ Entrou e saiu da sala.

Ⓑ O filme foi assistido pelos alunos no tempo de aula.

Ⓒ Uma boa faculdade era aspirada por todos.

Ⓓ O péssimo resultado implicou um novo concurso.

Ⓔ Assistiu e gostou do filme.

24. ESAF – Aponte o trecho correto quanto à regência:

Ⓐ Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

Ⓑ Em muitas cidades pequenas, no interior do país, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

Ⓒ Como é interesse do país de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

Ⓓ A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

Ⓔ No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

25. NCE-UFRJ – Na frase: "...assistindo a um bom Vasco *x* Flamengo...", o verbo "assistir" necessita da preposição "a", adquirindo, assim, o significado de "presenciar", "observar"; caso não houvesse essa preposição, o mesmo verbo teria o sentido de "auxiliar", "ajudar". O verbo a seguir que varia de sentido conforme a sua regência é:

Ⓐ gostar/gostar de;

Ⓑ amar/amar a;

Ⓒ ver/ver a;

Ⓓ aspirar/aspirar a;

Ⓔ observar/observar a.

26. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> de regência, quanto ao verbo sublinhado, em:

Ⓐ Quem ofende, não <u>perdoa</u>.

Ⓑ Não devemos <u>chamá</u>-lo de herói.

Ⓒ É preciso <u>informar</u>-lhes da nova legislação.

Ⓓ O diretor não queria <u>visar</u> aquele documento.

Ⓔ Os candidatos <u>aspiravam</u> a um cargo mais elevado.

27. NCE-UFRJ – Assinale a frase em que há erro no emprego de "o" ou "lhe":

Ⓐ Mandei-o visitar os pais em Petrópolis.

Ⓑ Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis.

Ⓒ Eu lhe felicitarei pela vitória.

Ⓓ Não lhe assiste o direito de protestar.

Ⓔ A verdade é que eu lhe quero muito bem.

28. FESP-RJ – Há <u>erro</u> no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:

Ⓐ Os cheques <u>que</u> ele visava eram de outra agência.

Ⓑ Os prêmios <u>a que</u> ele aspirava não serão concedidos.

Ⓒ São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
Ⓓ Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
Ⓔ As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

29. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está incorreta em:

Ⓐ O sucesso, quem não o aspira?
Ⓑ Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
Ⓒ Os objetivos a que eles visam são torpes.
Ⓓ Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
Ⓔ Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

30. FUNDEC – Assinale a alternativa incorreta com relação à regência verbal:

Ⓐ Informaram-nos de tudo.
Ⓑ Informaram-na sobre tudo.
Ⓒ Informaram-lhes de tudo.
Ⓓ Informaram-me tudo.

31. CESGRANRIO – Analise as frases abaixo, de acordo com a norma culta da língua:

1. Aquele cidadão aspira a convivências amáveis.
2. O magistrado conferiu àqueles infratores pena capital.
3. Preferimos conduzir o povo à conscientização do que à degradação social.
4. O juiz informou-os de sua resolução.
5. Os parlamentares de cujo apoio reivindicamos mantiveram-se fiéis.
6. Quero muito bem a meus companheiros.

As frases totalmente corretas são:

Ⓐ somente 1 e 2;
Ⓑ somente 1, 3 e 6;
Ⓒ somente 2, 3 e 6;
Ⓓ somente 3, 4 e 5;
Ⓔ somente 1, 2, 4 e 6.

32. FJG – "...que a percebe apenas como meio de ascensão social..."

A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?

Ⓐ Não lhe agrada semelhante profecia?
Ⓑ A resposta do professor não o satisfez.
Ⓒ Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
Ⓓ O poeta assistiu-a nas horas amargas.
Ⓔ Eu lhe lembrarei das datas.

33. FJG – "Quem manda e quem obedece?"

O verbo destacado na frase acima aparece em uma frase gramaticalmente mal construída em:

- **A** É bem difícil definir que princípios devem obedecer os jornalistas.
- **B** São poucos os jornalistas a cujas ideias a opinião pública carioca obedece cegamente.
- **C** Julgam-se mais confiáveis os jornalistas que obedecem ao que a lei determina.
- **D** Dentre tantas convicções, os jornalistas acabam obedecendo àquelas que lhes melhor aparentam.

34. FESP-RJ – A alternativa em que se pode condenar a construção que envolve o pronome relativo é:

- **A** Ligue o rádio para ouvir as canções que gosta.
- **B** Não são poucas as pessoas que visitastes.
- **C** O filme a que assistiremos é imperdível.
- **D** O livro que li está esgotado.

35. NCE-UFRJ – Segundo Celso Cunha, o verbo visar – no sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "pretender" – pode construir-se com objeto indireto ou direto: "visando à noite de gala" ou "visando a noite de gala".

A dupla regência verbal é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:

- **A** Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego.
- **B** Vários municípios aderiram à campanha / a campanha.
- **C** Nem todo mundo consegue recorrer à Justiça no Brasil / a Justiça.
- **D** A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade.
- **E** Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar ao estatuto.

36. NCE-UFRJ – Cometeu-se erro de regência verbal na opção:

- **A** O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
- **B** Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
- **C** Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
- **D** Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
- **E** Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de recorrer.

37. NCE-UFRJ – O item que, no que se refere à regência verbal, está em desacordo com a gramática normativa é:

Ⓐ Aproveitamos para lembrá-lo que essa conduta irregular, segundo a legislação trabalhista vigente, pode acarretar demissão por justa causa.
Ⓑ O fim desta é informar-lhe que seu carnê se encontra disponível em nossa filial de Icaraí.
Ⓒ É estranho não o terem avisado de que as inscrições para o concurso estavam abertas.
Ⓓ Os amigos e parentes preveniram-na do risco que corria.
Ⓔ Diante da preocupação dos membros da outra equipe com aspectos que poderiam ter impacto sobre o sistema ecológico da região, respondemos-lhes que estávamos dispostos a rever tais itens.

38. CESGRANRIO – A regência verbal está correta apenas na opção:

Ⓐ Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
Ⓑ A aprovação que aspiram se concretizará, para um número considerável de candidatos.
Ⓒ Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
Ⓓ O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
Ⓔ Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

39. NCE-UFRJ – A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:

Ⓐ Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
Ⓑ Este é um país de cujo clima de euforia cultural alguns se insurgem.
Ⓒ Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
Ⓓ Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
Ⓔ Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

40. IPAD – No que se refere à regência verbal, assinale a alternativa em que as exigências da gramática normativa foram atendidas:

Ⓐ Cristovam Buarque decidiu escrever textos para defender as ideias de que cria.
Ⓑ Em seus textos, fica claro que Buarque não abdica em nenhuma de suas convicções.
Ⓒ O autor prefere expor suas ideias por meio de textos a ter que expô-las oralmente.
Ⓓ O autor não consentiu com a modificação de suas principais ideias sobre a educação.
Ⓔ Ler os textos não implica necessariamente em aceitar as ideias neles expostas.

41. FGV – Em "Você se lembra do rosto dela naquele instante?", obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido:

A Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
B Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
C Os médicos assistiram o paciente.
D Perdoamos-lhes as dívidas.
E Pagaram-lhe bem.

42. FUVEST – Assinale a alternativa correta quanto à regência:

A A peça que assistimos foi muito boa.
B Estes são os livros que precisamos.
C Esse foi um ponto que todos se esqueceram.
D Guimarães Rosa é o escritor que mais aprecio.
E O ideal que aspiramos é conhecido por todos.

43. FAAP-SP – Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspiro à glória". Tal verbo:

A apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
B embora apresente regências diferentes, tem sentido equivalente nas duas orações;
C poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
D apresenta regência e sentido diferente nas duas orações;
E embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, apresenta regência diferente em cada uma delas.

44. FCC – Quanto a amigos, prefiro João ___ Paulo, ___ quem sinto ___ simpatia.

A a – por – menos;
B do que – por – menos;
C a – para – menos;
D do que – com – menos;
E do que – para – menos.

45. FOC-SP – Assinale a frase onde a regência do verbo <u>assistir</u> está errada:

A Assistimos um belo espetáculo de dança a semana passada.
B Não assisti à missa.
C Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
D O técnico assistiu os jogadores.

46. FCMSC-SP – Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

A João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
B Era a vida a chamar pelo falecido.
C Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
D Chamei pelo colega em voz alta.
E Alguns chamam-no de fiscal.

47. UM-SP – Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

A Ele custará muito para me entender.
B Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
C Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
D O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
E Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

48. UFMG – Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:

A Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
B Você chama isto de molecagem, Zé Lins.
C Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
D De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
E Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

49. PUC-RS – Alguns demonstram verdadeira aversão ___ exames, porque nunca se empenharam o suficiente ___ utilização do tempo ___ dispunham para o estudo.

A com – pela – de que;
B por – com – que;
C a – na – que;
D com – na – que;
E a – na – de que.

50. ITA – Assinale a alternativa correta:

A Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
B Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
C Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
D Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
E Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

51. FUVEST-SP – Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

A Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
B Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
C Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
D Só lhes faltou mandar-me embora de casa.
E Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

52. UM-SP – Assinale a alternativa em que a regência do verbo "proceder" está <u>incorreta</u>:

A As observações do rapaz a respeito do desastre não procedem.
B Nélson e Francisco procedem de família nobre.
C O secretário procedeu à leitura da ata da última reunião.
D Daqui em diante, procederei a gravação de minhas fitas de cromo.
E A função desta equipe é proceder contra os maus elementos.

53. UM-SP – Assinale a letra correspondente à alternativa que completa de forma correta as lacunas do período abaixo:

Posso informar ___ irmãos de Paula ___ esses resultados não querem aludir ___ enfermidade da mãe?

A os – de que – a;
B os – que – à;
C aos – que – à;
D aos – de que – a;
E os – que – a.

54. UM-SP – Assinale a oração que contiver uma impropriedade quanto à regência nominal:

A Meu filho, por que você vive tão alheio às minhas ordens?
B Beto é um rapaz ávido de carinho.
C Sua mãe tem sido muito misericordiosa com suas falhas.
D Ela está ansiosa a ver o filho na Universidade.
E Será que você é um rapaz propenso à Engenharia?

55. FGV – Entre as seguintes frases, uma apresenta erro de regência verbal. Indique-a:

A Rogavam-lhe as amigas que não faltasse à reunião.
B Não se esquecerão nunca de rogarem assim à Divina Majestade.
C Rogamos a todos os brasileiros de que sejam os fiscais do governo na luta contra a corrupção.
D Abraçava-se ao filho alvoroçado, rogando-lhe que esperasse em Deus o salvamento da prima.
E Rogava a todos, desesperadamente, que o levassem à terra onde nascera.

56. UM-SP – Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal:

Ⓐ Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
Ⓑ Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
Ⓒ Bernardo moera com alegria um punhado de milho no salão contíguo à cozinha.
Ⓓ Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
Ⓔ Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

57. FGV – Leia atentamente:

"Refiro-me a esta carta e não aquela que recebi ontem".

Na frase acima, a falta de um acento gráfico indica um erro de:

Ⓐ pontuação;
Ⓑ regência nominal;
Ⓒ regência verbal;
Ⓓ concordância nominal;
Ⓔ concordância pronominal.

58. UM-SP – Aponte a alternativa em que a regência do verbo <u>pagar</u> contraria a norma culta:

Ⓐ Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
Ⓑ O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
Ⓒ Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
Ⓓ O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas do meu hábil esforço.
Ⓔ Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

59. PUC-SP – Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas abaixo:

1. O verso ___ se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

2. O verso ___ trata o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

3. O verso ___ o poeta monta seu poema é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

4. O verso ___ o poeta constrói é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

Ⓐ em que – a que – que – de que;
Ⓑ com que – que – com que – de que;
Ⓒ a que – de que – com que – que;
Ⓓ a que – de que – que – de que;
Ⓔ que – de que – com que – que.

60. ESPCEX – Indique a alternativa com defeito de regência:

Ⓐ Mandei-lhes sair cedo de casa.
Ⓑ Mandei-lhes entregar o que haviam recebido indevidamente.
Ⓒ Mandei-os sair cedo de casa.
Ⓓ Mandei-os entregar o que haviam recebido indevidamente.

61. UFES – A série que completa as frases a seguir está na opção:

1. As eleições ____ me refiro mobilizariam todo o povo brasileiro.
2. Os materiais ____ precisamos estão fechados no armário do laboratório.
3. A rua ____ moro está sendo totalmente asfaltada.
4. O dinheiro ____ eu contava pagar a dívida não me foi enviado.
5. O sofrimento ____ passei deixou-me mais forte.

Ⓐ a que – de que – em que – com que – por que;
Ⓑ de que – a que – em que – com que – de que;
Ⓒ com que – a que – a que – por que – em que;
Ⓓ em que – com que – de que – a que – por que;
Ⓔ a que – de que – com que – por que – em que.

62. EPCAR – <u>Não</u> está correta a construção:

Ⓐ Prefiro mais praticar esporte do que ir a cinema.
Ⓑ Com relação ao prêmio, posso cientificá-lo de que não aspiro a ele.
Ⓒ Todos os estimam e querem felicitá-lo.
Ⓓ Aspiro ao oficialato da Força Aérea Brasileira.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos, porque o estimamos.

63. EPCAR – <u>Não</u> está correta a regência verbal na opção:

Ⓐ O mestre não visava aos bons alunos.
Ⓑ Não desobedeças o regulamento.
Ⓒ Nós o cumprimentamos e o cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓓ Alguém lhe informou que há duas semanas não chove.
Ⓔ Posso informá-lo de que assistiremos a um belo espetáculo.

64. EPCAR – Assinale a frase em que a regência <u>não</u> está correta:

Ⓐ Avisamo-lo de que desistimos da viagem.
Ⓑ Ainda não os cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓒ Informaram-lhe de que o amigo o traiu.
Ⓓ Não desobedeçais a vossos pais.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos.

65. EFOMM – Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

Ⓐ Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.
Ⓑ Prefiro mais as morenas às loiras.
Ⓒ O livro que te referes é célebre.
Ⓓ Por que não mais o obedeces?
Ⓔ A situação que aspiras não enobrece.

66. EN – São corretas as regências verbais em:

Ⓐ É um assunto que sempre faço alusão.
Ⓑ Só leio livros que gosto.
Ⓒ Convivo com pessoas em que posso confiar.
Ⓓ Onde vais com tanta pressa?
Ⓔ Prefere mais os autores nacionais do que os estrangeiros.

67. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a parte destacada <u>não</u> atende às regras da norma culta:

Ⓐ Todos apoiam a luta <u>sem a qual não há justiça</u>.
Ⓑ São válidos os motivos <u>dos quais os ambientalistas se interessam</u>.
Ⓒ Não é certo o sacrifício <u>de quem já é discriminado socialmente</u>.
Ⓓ Solidariedade é sentimento <u>de que toda a humanidade precisa</u>.
Ⓔ É justa a causa <u>pela qual luta o poeta Federico Garcia Lorca</u>.

68. FJPF – Há mau uso do pronome relativo em:

Ⓐ Era eu o a quem vinham referindo-se como mau gestor da coisa pública.
Ⓑ Há sociedades de cujos ditames morais pouco tem ciência o mundo contemporâneo.
Ⓒ É nos fatos sociais, onde está a fonte do Direito, que se buscam os preceitos legais.
Ⓓ Nada quanto se diga aqui poderá contribuir para a construção de uma nova ordem social.
Ⓔ As assembleias de parlamentares, às quais presidi em meu mandato, sempre foram frutíferas.

69. FJPF – Na passagem "Atualmente, os *shoppings centers* concorrem com a televisão e o computador", o verbo "concorrer" está empregado corretamente, do ponto de vista da regência. Das frases abaixo, está <u>incorreta</u> quanto à regência verbal a seguinte:

Ⓐ Os clientes só se interessavam por lojas em liquidação.
Ⓑ Pouco a pouco as pessoas iam se familiarizando com os novos hábitos de consumo.

C O shopping esmerava-se por oferecer o melhor para os consumidores.
D Os comerciantes esforçavam-se de encontrar meios para vender as novas mercadorias.
E No shopping, as pessoas entretinham-se com coisas simples.

70. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro no emprego da preposição, exigida por regência nominal ou verbal:

A Ela ficou indiferente a todo o movimento.
B Seu salário foi equivalente ao de seu amigo.
C Referiu-se a acontecimentos recentes.
D Entregou-se a uma vida devassa.
E Informou a todos de que não viria.

71. NCE-UFRJ – Muitos gramáticos condenam o uso de um mesmo complemento referido a verbos de regência diferente, o que ocorre em:

A ...entrar e sair de casa.
B ...contemplar e pintar a paisagem.
C ...ler e memorizar o telefone.
D ...conhecer e admirar a obra do artista.
E ...precisar e gostar de boas companhias.

72. NCE-UFRJ – A alternativa em que não se deve substituir o complemento verbal sublinhado pelo pronome pessoal "lhe" ou "lhes" é:

A A resposta agradou ao repórter.
B Pensou em perdoar ao adversário.
C Agradeceu a todos os presentes.
D Demos aos recém-chegados as boas-vindas.
E O ministro sempre visou a bons resultados.

73. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma frase correta a respeito da regência do verbo morar é:

A João morava, então, na Rua Santa Clara.
B João morava, então, à Rua Santa Clara.
C João morava, então, a Rua Santa Clara.
D João morava, então, em à Rua Santa Clara.
E João morava, então, em a Rua Santa Clara.

74. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma construção equivocada é:

A São locais de que nunca mais nos esquecemos.
B Li, nas férias, os romances de cujos autores falamos.
C Aqui estão as músicas cujos autores aprecio.

Ⓓ Aqui estão as ideias contra cujos autores me insurgi.
Ⓔ Comprei os livros de que tanto gosto de ler.

75. FJPF – "Este descompasso redunda em digressões." Entre as modificações impostas a essa frase do texto, a que resulta em equívoco gramatical é:

Ⓐ Este descompasso ocasiona em digressões.
Ⓑ Este descompasso resulta em digressões.
Ⓒ Este descompasso acarreta digressões.
Ⓓ Este descompasso implica digressões.

76. FJPF – Das alterações feitas na oração adjetiva do trecho "segundo nossa estatística pessoal, a única a que posso me referir", aquela em que há erro flagrante de regência, pelo emprego inadequado do pronome relativo, é:

Ⓐ ...segundo nossa estatística pessoal, a única por cuja base se pode confiar.
Ⓑ ...segundo nossa estatística pessoal, a única para a qual estava voltada a atenção de todos.
Ⓒ ...segundo nossa estatística pessoal, a única de cujos dados se valeram os técnicos.
Ⓓ ...segundo nossa estatística pessoal, a única sobre a qual foi feita uma referência na imprensa.
Ⓔ ...segundo nossa estatística pessoal, a única com cujos dados estão de acordo os técnicos.

77. FJPF – Em "Outra coisa com que Dona Dondon não se conformava", o verbo <u>conformar-se</u> rege a preposição <u>com</u>. Com a substituição do verbo, passa a haver erro evidente de regência na seguinte alternativa:

Ⓐ Outra coisa a que Dona Dondon não se submetia.
Ⓑ Outra coisa contra que Dona Dondon sempre protestava.
Ⓒ Outra coisa de que Dona Dondon normalmente divergia.
Ⓓ Outra coisa em que Dona Dondon vivia contestando.
Ⓔ Outra coisa sobre que Dona Dondon se recusava a falar.

78. FGV – "Mas, na sua lancinante simetria, o modelo adotado tem propriedades estéticas <u>que sugerem um arranjo divino</u>."

Assinale a alternativa em que, alterando-se a oração grifada no trecho acima, <u>não</u> foi mantida adequação à norma culta da língua:

Ⓐ ...a que nos referimos como um arranjo divino;
Ⓑ ...a que aludimos como um arranjo divino;
Ⓒ ...que nos lembramos como um arranjo divino;
Ⓓ ...que lembram um arranjo divino.

79. CESGRANRIO – No quadro abaixo foram parafraseados trechos do texto, utilizando-se pronomes relativos. Indique a opção em que o pronome está usado de acordo com a norma culta da língua:

	Texto	Reescritura
A	"a frase acima era frequentemente citada por meu pai,..."	"a frase acima de que meu pai frequentemente citava..."
B	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, com resultados negativos..."	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, onde os resultados são negativos..."
C	"Os resultados evidenciaram que os jovens tinham reflexos mais rápidos,..."	"Os resultados evidenciaram que os jovens, cujos os reflexos eram mais rápidos,"
D	"Tal exigência retarda a inclusão de milhares de jovens,"	"Tal exigência retarda de que se incluam..."
E	"Como se trata de um problema complexo, seu equacionamento requer uma profunda mudança..."	"Como se trata de um problema complexo cujo equacionamento requer uma profunda mudança..."

80. FEPESE – Assinale a alternativa em que as duas frases estão <u>corretas</u> quanto à regência verbal:

A 1. Os amigos assistiram ao concerto de que você tanto gostou.
2. Esta é a foto a que me referi dias atrás.

B 1. Por ser orgulhoso, preferiu declarar falida a firma do que aceitar qualquer ajuda.
2. Ele agia discretamente sempre visando lucros imediatos.

C 1. Assiste ao trabalhador o direito de férias.
2. Eles lhe proibiram de participar da passeata.

D 1. Naquele ambiente, aspirava-se a um ar carregado.
2. Perdoei-lhe as ofensas dirigidas contra a minha integridade moral e ética.

E 1. Paguei todos os valores devidos
2. Esperava, ansioso, que se procedesse o sorteio

81. FCC – Na frase "Preferimos confiar e acreditar <u>nas coisas</u>...", a expressão sublinhada complementa corretamente, ao mesmo tempo, dois verbos que têm a mesma regência: <u>confiar em</u>, <u>acreditar em</u>. Do mesmo modo está também correta a seguinte construção:

A Preferimos nos desviar e evitar as coisas.
B Preferimos nos contrapor e resistir às coisas.
C Preferimos ignorar e desconfiar das coisas.
D Preferimos subestimar e descuidar das coisas.
E Preferimos não suspeitar e negligenciar as coisas.

82. FCC – Ambos os elementos sublinhados estão empregados de modo correto na frase:

Ⓐ Quando penso em fazer algo de que ninguém tenha ainda experimentado, arrisco-me a colher as desventuras com que me alertaram meus pais.

Ⓑ A autoridade dos pais, pela qual os adolescentes costumam se esquivar, não deve ser imposta aos jovens, cuja a reação tende a ser mais e mais libertária.

Ⓒ Nas sociedades mais antigas, em cujas venerava-se a sabedoria dos ancestrais, não se manifestava qualquer repulsa com os valores tradicionais.

Ⓓ Os pais experientes, a cujas recomendações o adolescente não costuma estar atento, não devem esmorecer diante das reações rebeldes.

Ⓔ A autoridade da experiência, na qual os pais julgam estar imbuídos, costuma mobilizar os filhos em buscar seu próprio caminho.

83. UFSC – Lendo com atenção as proposições abaixo, assinale a opção que preencha, sequencialmente, as lacunas, de forma correta:

I. Este é o livro _____ me referi.

II. As provas _____ faço referência, explicá-las-ei mais tarde.

III. O revólver _____ matou o vizinho foi encontrado no jardim.

IV. Vi ontem, na praia, um amigo de infância, _____ nome não me lembro.

V. Gostamos de rever a casa _____ vivemos nossa infância.

Ⓐ ao qual – das quais – com cujo – do qual – em que;

Ⓑ a que – às quais – com o qual – de cujo – na qual;

Ⓒ que – de que – com que – a que – na qual;

Ⓓ de cujo – as quais – o qual – de que o – em cuja.

84. UFSC – Assinale a opção em que ocorre erro de regência:

Ⓐ Prometeu amar-lhe para sempre.

Ⓑ Atendi-o prontamente na sala contígua ao meu gabinete.

Ⓒ Se aspiras a um cargo, conquista-o com teu esforço.

Ⓓ Aludiram a incidentes de que ninguém mais se lembrava.

85. FCC – A expressão com o que completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ A avaliação do que seja ou não uma discriminação racista é um desses casos polêmicos ___ é difícil haver unanimidade.

Ⓑ A iniciativa de se fotografar os candidatos faz parte de um sistema ___ muita gente já manifestou discordância.

Ⓒ O sistema de cotas raciais, ___ se analisou neste texto, vem dividindo a opinião pública.

Ⓓ O sistema anunciado pela UnB, ___ critério é repelido pela *Folha*, é tido como racista e inconsistente.

Ⓔ A UnB já anunciou seu sistema de identificação racial, ___ nem mesmo alguns interessados na questão chegam a concordar.

86. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ Os vilões de Shakespeare, cujas falas incomodavam o público, por vezes mereciam deste violentos revides.

Ⓑ Intervenções do público ameaçavam comprometer a trama, aonde seus fios eram expostos aos gritos por um espectador mais afoito.

Ⓒ Esta é uma peça cujos os atores optaram por estabelecer um desempenho interativo, contando com o máximo interesse do público.

Ⓓ O temor do autor do texto deve-se à possibilidade que ele venha a ser levado à força ao palco.

Ⓔ Ao tempo de Shakespeare, em cujo as peças eram levadas diante de um grande público, eram comuns as réplicas do auditório.

87. FCC – Na frase "Admite-se uma cesta de bens e serviços à qual todo mundo deveria ter acesso", o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído, sem prejuízo de sentido, por:

Ⓐ ...a que todos deveriam ser acessíveis.

Ⓑ ...para a qual todo mundo estaria disponível.

Ⓒ ...cujo alcance fosse possível a todos.

Ⓓ ...de cuja todos pudessem ter acesso.

Ⓔ ...pela qual todo mundo poderia contar.

88. FUNDEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das sentenças abaixo:

I. O oficial listou os nomes de alguns dos colaboradores ___ donativos sustentavam a instituição.

II. A faculdade, ___ professores se refere o relatório, tem condições físicas adequadas e pode funcionar normalmente.

III. A aludida casa, ___ porão foram encontrados os corpos, pertencia a um industrial finlandês.

Ⓐ por cujos – cujos – sob cujo;

Ⓑ cujos – a cujos – em cujo;

Ⓒ com cujos – a cujos – de cujo;

Ⓓ cujos os – cujos – cujo o.

89. ACCESS – A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está incorreta em:

Ⓐ A empresa recebe os incentivos.
A empresa recebe-os.

Ⓑ O governo deu prioridade às questões ecológicas.
O governo deu prioridade a elas.

Ⓒ Eles destacaram o problema do desemprego.
Eles destacaram-no.

Ⓓ As autoridades do governo não queriam nenhuma discussão.
As autoridades do governo não lhe queriam.

Ⓔ O país não quis realizar políticas compensatórias.
O país não quis realizá-las.

90. ACCESS – A lacuna da frase "Fui visitar o lugar _____ nasci" só pode ser preenchida, corretamente, por:

Ⓐ do qual;
Ⓑ no qual;
Ⓒ o qual;
Ⓓ na qual;
Ⓔ que.

91. ESAF – Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal:

Ⓐ Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
Ⓑ Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
Ⓒ Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
Ⓓ Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
Ⓔ Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

92. ESAF – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência:

Ⓐ Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
Ⓑ O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
Ⓒ Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
Ⓓ O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se "Deus e o Diabo na Terra do Sol".
Ⓔ José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

93. NCE-UFRJ – O pronome <u>lhe</u> está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

Ⓐ O instinto lhe diz ser essa a causa da discórdia.
Ⓑ O cavaleiro estava aborrecido com o camponês, pelo medo que este lhe havia causado.
Ⓒ O patrão respondeu-lhe que podia estar descansada.
Ⓓ Fora ele mesmo quem lhe criara condições para chegar àquele ponto.
Ⓔ Os amigos lhe esperavam para iniciar o passeio.

94. NCE-UFRJ – A frase em que a regência do verbo não está de acordo com a norma gramatical é:

- **A** "A prova de conhecimento será realizada de acordo com o disposto no inciso III do artigo 11, obedecido o seguinte:" (trecho de um regulamento).
- **B** Avisamo-lo de que poderia haver algumas desistências de última hora.
- **C** Eduardo esqueceu os disquetes.
- **D** Informamos-lhe de que o candidato da oposição renunciara à candidatura.
- **E** Os estudantes costumam assistir às defesas de tese.

95. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a que contém erro de regência verbal é:

- **A** Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
- **B** Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
- **C** A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até a demissão por justa causa.
- **D** Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional.
- **E** Procedeu-se à leitura dos autos.

96. FCC – É preciso ___ função de bibliotecário.

Assinale a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente a lacuna da frase:

- **A** desobrigar-lhe a;
- **B** desobrigá-lo da;
- **C** desobrigá-lo à;
- **D** desobrigar-lhe à;
- **E** desobrigar-lhe da.

97. VUNESP – Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo está de acordo com o padrão culto da língua:

- **A** O pai ou responsável adquire o plano e coloca a criança como sua beneficiária. Quando o jovem completar vinte e um anos, transfere-o o plano.
- **B** O Presidente definiu a sua próxima viagem ao exterior e os especialistas que lhe assessoram já preparam a agenda de entrevistas.
- **C** Talvez a grande meta da educação no próximo milênio venha a ser a formação de profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, desenvolvam ideias que os garantam uma visão generalista do mundo.
- **D** Espera-se que os franceses, com toda a diplomacia que lhes é inerente, recebam bem os estrangeiros que assistirão à Copa.
- **E** Ao longo dos últimos anos, o Brasil superou problemas e equívocos que lhe colocavam à margem da modernidade.

98. FUJB – No segmento "...combate a estas nefastas práticas...", a preposição a foi empregada por necessidade de regência do termo "combate". A alternativa abaixo em que a preposição foi empregada de forma incorreta é:

Ⓐ Selecione o trabalho de que mais gosta.
Ⓑ Escolha o filme a que pretende assistir.
Ⓒ Mencione a rua a que reside.
Ⓓ Mostre-me a pesquisa por que se interessou.
Ⓔ Declame a poesia que mais goste de ler.

99. FUJB – Das alterações feitas na redação da frase "...grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram...", aquela em que o emprego do pronome relativo está em desacordo com as normas de regência prescritas na língua culta é:

Ⓐ "...grandes trabalhos e infortúnios que me incomodaram..."
Ⓑ "...grandes trabalhos e infortúnios pelos quais passei..."
Ⓒ "...grandes trabalhos e infortúnios com que convivi..."
Ⓓ "...grandes trabalhos e infortúnios de que nunca esqueci..."
Ⓔ "...grandes trabalhos e infortúnios sobre os quais falei..."

100. FUJB – "O leitor ideal ___ alude o autor deverá dar asas ___ sua imaginação, criando uma obra ___ possa orgulhar-se."

As formas que completam a frase, preenchendo corretamente as lacunas, são:

Ⓐ para que – a – sobre que;
Ⓑ a que – a – com que;
Ⓒ de que – à – que;
Ⓓ para o qual – a – de que;
Ⓔ a que – a – de que.

101. COSEAC-UFF – A alternativa em que a substituição do verbo em destaque no trecho: "...então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se" dá origem a erro de regência verbal é:

Ⓐ ...então sabemos exatamente com o que cada qual pode contar para curar-se.
Ⓑ ...então sabemos exatamente no que cada qual pode se apoiar para curar-se.
Ⓒ ...então sabemos exatamente ao que cada qual deve recorrer para curar-se.
Ⓓ ...então sabemos exatamente pelo que cada qual deve exigir para curar-se.
Ⓔ ...então sabemos exatamente contra o que cada qual deve espernear para curar-se.

102. FUNRIO – Marque a alternativa em que o uso da preposição atende às exigências da norma padrão da língua escrita brasileira:

Ⓐ O estagiário aspirava uma efetivação no cargo em que se exercitava.
Ⓑ Em geral, o trabalhador jamais esquece do seu primeiro patrão.
Ⓒ A família sentou-se na mesa para festejar as festas de fim de ano.

Ⓓ O grupo de trabalho visava ao sucesso da empreitada, pois muito se esforçara para isso.
Ⓔ O sucesso individual implica na total dedicação ao que se pretende atingir.

103. COSEAC-UFF – Das alterações feitas na oração adjetiva do período "Vários elementos vieram à luz cuja importância não pôde ser captada", aquela que contraria norma de regência culta da língua é:

Ⓐ ...em cuja importância todos estavam descrentes.
Ⓑ ...dos quais a importância era tratada como caso definitivo.
Ⓒ ...a respeito de cuja importância houve unanimidade.
Ⓓ ...de cuja importância não se podia duvidar.
Ⓔ ...à importância dos quais não se pôde aferir.

104. COSEAC-UFF – Considerando-se que a regência de um verbo varia de acordo com o contexto em que está empregado, pode-se afirmar que no trecho "...só lhes paga 10% dos primeiros 5.000 livros vendidos", o verbo destacado apresenta regência idêntica à do verbo destacado na frase:

Ⓐ Não obstante os avisos que recebeu, o escritor desobedeceu às regras de mercado.
Ⓑ Na prestação de contas, o editor informou ao escritor que ocorrera um erro de cálculo relativo ao número de livros vendidos.
Ⓒ Embora constituísse uma tecnologia revolucionária, a novidade do *e-book* não agradou a todos.
Ⓓ A humanidade está assistindo à inauguração de uma nova era na área de editoração de livros: o livro eletrônico.
Ⓔ Afogado em seus afazeres, o leitor ainda não teve tempo de desfrutar o mais recente título eletrônico da nova editora.

105. COSEAC-UFF – Leia com atenção as frases a seguir:

I. O especialista encaminhou ____ jovens ____ serviço de psicoterapia.
II. Aqueles adolescentes em tratamento têm obedecido ____ terapeutas.
III. A terapeuta recomendou ____ pais ____ acompanhamento psicológico dos filhos.

Considerando-se as normas da língua culta quanto à regência verbal, pode-se afirmar que, para o correto preenchimento das lacunas acima, têm de ser usadas, respectivamente, as formas da opção:

Ⓐ os – ao / aos / aos – o;
Ⓑ aos – ao / os / a – ao;
Ⓒ os – ao / aos / os – a;
Ⓓ a – o / a / os – ao;
Ⓔ aos – o / a / os – o.

106. COSEAC-UFF – Observe as frases a seguir:

I. A equipe procedeu o recolhimento de histórias para o livro.

II. A falta de água obriga populações inteiras a comprar água por altos preços.

III. Grande parte da população mundial se ressente contra a escassez de água.

Do ponto de vista da regência verbal, considerando-se o emprego recomendado pela norma culta, pode-se afirmar que apenas:

Ⓐ a frase I está correta;
Ⓑ as frases I e II estão corretas;
Ⓒ a frase II está correta;
Ⓓ a frase III está correta;
Ⓔ as frases I e III estão corretas.

107. FUNRIO – A frase que apresenta <u>erro</u> quanto à sintaxe de regência é:

Ⓐ Falta de atenção implica em erros.
Ⓑ Prefiro ler a ver televisão.
Ⓒ Assistimos a uma partida emocionante.
Ⓓ Todos visam a uma vida tranquila.
Ⓔ Perdoou ao filho a desobediência.

108. VUNESP – Assinale a alternativa em que o verbo <u>haver</u> tem a mesma regência que aparece em "Não há nada mais insólito do que um filme sem música: ...".

Ⓐ Hão de existir políticos mais honestos.
Ⓑ Napoleão havia terminado os preparativos para sua coroação.
Ⓒ Há de haver algum emprego para mim.
Ⓓ Os celtas podem haver construído esta muralha.
Ⓔ Os músicos houveram por bem fazer novo ensaio.

109. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à regência nominal das frases:

Ⓐ Seu ponto de vista sobre o projeto é oposto com aquele da diretoria da empresa.
Ⓑ Sempre imbuído de bom humor, Sílvio contagia nosso ambiente de trabalho.
Ⓒ Verdadeiras amizades são inerentes com um ser humano.
Ⓓ As secretárias ficaram descontentes no que aconteceu na reunião.
Ⓔ Todos a veem com reservas, pois ela é perita de fazer comentários maldosos.

110. NCE-UFRJ – A alternativa em que o pronome <u>lhe</u> está mal empregado é:

Ⓐ Só lhe comuniquei de minha decisão ontem.
Ⓑ Não lhe desejo mal.
Ⓒ Deste ator só lhe conhecia a foto.
Ⓓ Vou apresentar-lhe meu amigo.
Ⓔ Atribuímos-lhe uma atitude negativa.

111. FEC – Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

- **A** Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas, quase sempre, depois que...
- **B** Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
- **C** A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
- **D** A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
- **E** A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

112. FEC – O que ocorre com o verbo "esquecer" que admite dupla regência ("nos esquecemos que" / "nos esquecemos de que"), ocorre igualmente com todos os verbos da oração principal das frases seguintes, com exceção apenas daquele que se lê na alternativa:

- **A** O governo insiste que / em que a reforma é urgente.
- **B** Ele consente que / em que se adotem medidas de emergência.
- **C** O prefeito avisou a população que / de que o perigo era iminente.
- **D** Eu penso que / de que o Brasil está no caminho certo.
- **E** Ela só se lembrava que / de que ainda não recebera a pensão.

113. FEC – Verbos como suspeitar ou duvidar, quando complementados por oração, podem reger ou não a preposição de. Assim, por exemplo, "Suspeita-se que [ou de que] uma diarreia intermitente tenha contribuído para os delírios do grande almirante Cristóvão Colombo, que ultimamente deu até para duvidar que [ou de que] o mundo é redondo". O emprego dessa preposição, no entanto, é inaceitável em:

- **A** Penso [de] que o país deve aumentar a oferta de empregos.
- **B** Ela lembrou-me [de] que era uma senhora de sociedade.
- **C** Gostaria [de] que o nomeassem para o cargo.
- **D** Eles me informaram [de] que a operação havia sido um sucesso.
- **E** Devo preveni-lo [de] que não comparecerei à reunião.

114. FEC – Na frase "Se a atividade administrativa se traduz em atos de vontade que não visam a produzir tais efeitos temos um fato administrativo", o verbo visar está corretamente empregado, do ponto de vista da regência. Conhecendo-se a variada regência desse verbo, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

- **A** Não se visa aqui ao enriquecimento sem causa mediante contratos escusos.
- **B** Somente visamos aos canhotos cujos cheques já haviam sido descontados.
- **C** Visava ao reconhecimento público de seu esforço em trabalhar pelo bem comum.

Ⓓ Com esta lei, o Estado visa à implementação de regras mais justas para contratar com o cidadão comum.

Ⓔ Tanto visamos à conquista desse prêmio, que agora nos sentimos recompensados.

115. FUNRIO – Na nomenclatura gramatical, "regência", em sentido amplo, equivale à subordinação em geral. Em sentido restrito, e mais habitual, designa a subordinação peculiar de certas estruturas a palavras que as requerem ou preveem na sua significação ou em seus traços semânticos. (Antenor Nascentes, *Dicionário de regência verbal*, 1998)

Identifique a alternativa que contém uma regência apontada como <u>inadequada</u> segundo as normas da língua padrão:

Ⓐ Trouxemos-lhe alguns lindos docinhos preparados com todo o carinho por tia Anastácia.

Ⓑ Geralmente as pessoas sensatas preferem ficar em casa à noite a sair desacompanhadas.

Ⓒ Os servidores que moram nas ruas citadas pela Defesa Civil devem desocupar suas casas.

Ⓓ Ninguém queria responder pelo expediente da firma naquele fim de semana natalino.

Ⓔ Muitos eleitores custaram a acreditar que ele seria novamente candidato a prefeito de São Paulo.

116. FEC – No trecho "...com perfume de madressilva e de junquilhos...", a regência nominal está de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não se pode afirmar, porém, de uma das alternativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Aquelas pessoas não foram agradáveis ao convívio.

Ⓑ Todos os temas eram incompatíveis aos assuntos abordados.

Ⓒ Paulo será bacharel em Direito.

Ⓓ Pareceram desleais aos primos.

Ⓔ Assemelhava-se a uma colina fértil de vegetação.

117. FEC – Em "Clarissa olha para as páginas da revista, ...", a regência verbal está correta. Assinale a opção em que a regência verbal <u>infringiu</u> as normas gramaticais vigentes:

Ⓐ As propostas sobre que decidimos serão divulgadas amanhã.

Ⓑ São estes os profissionais em que confio.

Ⓒ Não são eles os livros de que mais gosto.

Ⓓ Foi esta a causa porque lutei a vida inteira.

Ⓔ Foram todos eles os cidadãos com que simpatizei.

118. FURB – Complete as lacunas, obedecendo às normas da regência verbal:

1. Ele dizia que a caneta _____ escreveu havia sido do Imperador do Japão.

2. As poesias _____ falei foram escritas pelo poeta que este ano recebeu um prêmio internacional.

3. Não sei mais quem é o autor da frase _____ ele se referiu no discurso que foi tão elogiado por todos os presentes à cerimônia.

4. Finalmente encontrei o nome da rua _____ bairro tu moras.

5. Pretendo ir ainda este ano à cidadezinha _____ nasci.

Assinale a alternativa cujas palavras completam, na sequência, as lacunas:

Ⓐ que – de que – a que – cujo – que;
Ⓑ com que – das quais – a que – em cujo – onde;
Ⓒ com que – que – a que – cujo qual – onde;
Ⓓ com a qual – de que – que – do qual – onde;
Ⓔ que – cujas – as quais – do cujo – na cuja.

119. FURB – "Tem certos dias em que eu penso em minha gente / E sinto assim todo o meu peito se apertar / Porque parece que acontece de repente / Como um desejo <u>de</u> eu viver sem me notar. / [...] E eu que não creio peço a Deus por minha gente / É gente humilde, que vontade <u>de</u> chorar." (Vinícius de Moraes)

Esses versos têm destacadas duas preposições que demonstram o acerto do poeta quanto à regência nominal. Nas alternativas que seguem, nem sempre a regência nominal foi atendida.

Identifique as frases corretas quanto a esse aspecto gramatical:

1. Em todos os momentos ele se mostrava solícito <u>dos</u> que o cercavam.

2. Eram constantes os atos que revelavam o quanto ele era cruel <u>com</u> toda a família.

3. José Firmino foi extremamente simpático <u>com</u> os amigos que tanto o haviam ajudado.

4. Esse equipamento não é compatível <u>com</u> o meu.

5. Herbicidas costumam ser extremamente nocivos <u>nos</u> seres humanos.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 3;
Ⓑ 1 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 3 – 4;
Ⓓ 2 – 4 – 5;
Ⓔ 3 – 4 – 5.

120. CEPERJ – "Quem consegue atrair e dar mais vantagens?" Entre as frases abaixo, a que apresenta regência em desacordo com a norma culta é:

- **A** A competição nos faz conviver e descartar os problemas da modernidade.
- **B** A competição nos faz considerar e viver os problemas da modernidade.
- **C** A competição nos faz imaginar e prever os problemas da modernidade.
- **D** A competição nos faz calcular e resolver os problemas da modernidade.

121. CEPERJ – Entre os segmentos apresentados a seguir, aquele que apresenta regência inadequada segundo o padrão culto da língua é:

- **A** "Essa ideia pode soar paradoxal..."
- **B** "...surgem porque as razões do sucesso..."
- **C** "Não há dúvida de que, ao longo dos séculos..."
- **D** "Em Londres, em 22 de junho, manifestantes..."
- **E** "...que a responsabilidade planetária implica em acabar com as perfurações..."

122. FUNCAP – Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem:

- **A** O autor prefere os amores silenciosos do que os declarados.
- **B** As expressões constatativas simplificam os amores.
- **C** Expressamos nossos sentimentos ao outro com muito entusiasmo.
- **D** O "Eu te amo" extravasa sentimentos.
- **E** O silêncio implica em sentimento.

123. FUNCAP – Todas as regências dos verbos destacados estão corretamente indicadas, exceto:

- **A** "...lança suas folhas além do muro..." (verbo transitivo indireto)
- **B** "...veio um amigo..." (verbo intransitivo)
- **C** "Mas eu tinha razão." (verbo transitivo direto)
- **D** "...declarou desdenhosamente que aquilo era capim." (verbo transitivo direto)
- **E** "...o pé de milho parecia um cavalo..." (verbo de ligação)

124. FUNCAP – Marque a alternativa cujo verbo destacado apresenta a mesma regência que o verbo lembrar empregado no trecho: "Um prato de comida que lembrasse o quintal de um monge medieval levaria meu voto".

- **A** Os pacientes ansiavam por uma alimentação mais saborosa e aprazível.
- **B** Aos que estão enfermos, assiste-lhes o direito de uma alimentação adequada.
- **C** Diante dos vários problemas da saúde, esqueceram-se da importância da alimentação.
- **D** Os médicos se interessavam por pesquisar o uso de alimentos nos tratamentos.
- **E** A alimentação adequada previne doenças e promove recuperação dos pacientes.

125. FUNCAP – O verbo ter em "Um livro tem existência autônoma, boa e má", apresenta, de acordo com a norma culta da língua, a mesma regência que o verbo destacado na alternativa:

Ⓐ O público acabou por se esquecer do artista que nada mais escreveu.
Ⓑ Precisamos desse mesmo ar, que cheira a arte, a literatura!
Ⓒ Ler um livro é viajar por outros mundos sem sair do lugar.
Ⓓ Com esse ritmo de leitura, você não chegará a lugar algum.
Ⓔ Os críticos compareceram à noite de autógrafos daquele poeta.

126. MOURA MELO – Analise as afirmações abaixo acerca da regência dos verbos e aponte a alternativa correta:

I. Eu paguei à conta ao cabeleireiro.

II. Os dois diretores implicam incessantemente com o motorista.

Ⓐ I e II estão corretas.
Ⓑ I e II estão incorretas.
Ⓒ Apenas I está correta, pois a preposição a preposta à palavra "conta" é exigida pela norma culta da língua.
Ⓓ Apenas II está correta, pois o verbo implicar com sentido de ser chato com alguém é transitivo indireto.

127. COPEVE – Qual opção não viola a regência verbal?

Ⓐ Ele usa o aparelho para avisar aos amigos que passará o fim de semana em São Paulo.
Ⓑ A metáfora é o tropo que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade.
Ⓒ A primeira etapa começa em Fernando de Noronha, onde chegam as lagostas.
Ⓓ Há o sentimento de que foi traído por aqueles que confiou.
Ⓔ Cheguei a faltar às aulas e a deixar de estudar matérias que sempre gostei por conta do *stress* com as notas.

128. UPENET – No tocante à regência verbal, observe os verbos sublinhados das afirmativas abaixo:

I. *"...***pessoas do mundo inteiro assistirão aos jogos da Copa do Mundo de Futebol."**

II. *"***...pois atraiu torcedores negros a um esporte considerado de brancos."**

III. "...selecionam 12 cidades-sede para abrigarem os jogos..."

IV. "O outro estádio de Johanesburgo, o Ellis Park, pertence a um time de rugby."

Somente está correto o que se declara na alternativa:

Ⓐ No item I, o verbo não pede complemento regido de preposição.
Ⓑ No item II, o verbo não pede complemento.
Ⓒ No item III, ambos os verbos exigem complementos verbais não regidos de preposição.
Ⓓ No item IV, o verbo exige apenas um complemento e este não vem regido de preposição.
Ⓔ Nos itens I e IV, os verbos não pedem complemento regido de preposição.

129. UPENET – Assinale a alternativa cuja sequência completa corretamente as frases abaixo:

A lei ___ se referiu já foi revogada.

Os cálculos matemáticos ___ se lembraram eram enormes.

O emprego ___ aspiras é extremamente importante.

O conto de Machado ___ gostou foi premiado.

A peça teatral ___ assistimos foi de uma sutileza política fantástica.

Ⓐ que – que – que – que – que
Ⓑ a que – de que – que – que – a que
Ⓒ que – de que – que – de que – que
Ⓓ a que – de que – a que – de que – a que
Ⓔ a que – que – que – que – a que

130. FEC – Na língua culta, a regência do verbo em destaque, no contexto em que está empregado, é facultativa em:

Ⓐ "...nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes <u>sugerirmos</u> roteiros..."
Ⓑ "...forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como <u>associá</u>-las e concatená-las..."
Ⓒ "...acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, <u>fundindo</u>-as em moldes frasais adequados."
Ⓓ "...e porque não tem o que dizer, não lhe <u>bastam</u> as regrinhas gramaticais"
Ⓔ Portanto, é preciso [...] <u>ensiná</u>-lo a criar ou aprovisionar ideias..."

GABARITO

1. D	18. D	35. D	52. D	69. D	86. A	103. E	120. A
2. C	19. D	36. D	53. C	70. E	87. C	104. E	121. E
3. D	20. D	37. A	54. D	71. A	88. B	105. A	122. A
4. A	21. C	38. A	55. C	72. E	89. D	106. C	123. A
5. C	22. C	39. B	56. E	73. A	90. B	107. A	124. E
6. D	23. D	40. C	57. C	74. E	91. C	108. C	125. C
7. A	24. E	41. A	58. E	75. A	92. D	109. B	126. E
8. C	25. D	42. D	59. C	76. A	93. E	110. A	127. B
9. A	26. C	43. D	60. A	77. D	94. D	111. E	128. C
10. C	27. C	44. A	61. A	78. C	95. B	112. D	129. D
11. C	28. E	45. A	62. A	79. E	96. B	113. A	130. E
12. E	29. A	46. C	63. B	80. A	97. D	114. B	
13. A	30. C	47. A	64. C	81. B	98. C	115. E	
14. D	31. E	48. C	65. A	82. D	99. D	116. B	
15. D	32. E	49. E	66. C	83. B	100. E	117. D	
16. C	33. A	50. E	67. B	84. A	101. D	118. B	
17. E	34. A	51. A	68. E	85. E	102. D	119. C	

Exercícios de Emprego do Acento Grave da Crase

1. NCE-UFRJ – "...se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo". A alternativa abaixo que mostra uma <u>incorreção</u> no tocante ao uso do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Nem todos os empresários se dedicam à ajuda do próximo.
- **B** Nas fundações se trabalha de manhã até à noite.
- **C** As empresas nacionais não podem comparar-se às americanas.
- **D** A fortuna foi doada à Fundação Gates.
- **E** O horário de trabalho é de 7h à uma.

2. FJPF – Na oração "que cediam lugar à turma dos 'caxias'" o acento da crase foi empregado corretamente. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase foi empregado de forma <u>incorreta</u> é:

- **A** Graças à uma norma do estatuto, os servidores aproveitam o ponto facultativo.
- **B** Os servidores não comparecem à repartição em dia de feriado.
- **C** Junto à porta da repartição, para espanto de João Brandão, só havia um gato.
- **D** O chefe preferia os caxias à massa de servidores pouco diligentes.
- **E** Aproveitando o feriado e o céu azul, os servidores foram à praia.

3. CESGRANRIO – Solicito ___ secretária do departamento, ___ que antecipadamente agradeço, o envio do relatório final ___ pessoa assinalada. Lembro que daqui ___ poucos meses repetiremos o procedimento, como vem sendo feito ___ muito tempo.

Os vocábulos que preenchem as lacunas, na ordem de sua ocorrência, de acordo com a norma culta da língua, são:

- **A** à – a – à – a – há;
- **B** à – à – a – à – há;
- **C** a – há – a – a – à;
- **D** a – a – à – há – a;
- **E** há – a – a – à – à.

4. FEPESE – Complete a frase abaixo assinalando a alternativa correta:

"Fique ___ vontade e confie ___ mim tudo que tem ___ dizer."

Ⓐ à – a – a.
Ⓑ a – a – a.
Ⓒ à – a – à.
Ⓓ à – à – à.

5. FUMARC – O emprego do sinal de crase é obrigatório, <u>exceto</u> em:

Ⓐ A poluição causa danos à nossa vida no planeta.
Ⓑ O calor é uma ameaça às espécies animais dos polos.
Ⓒ O acordo foi considerado lesivo à economia americana.
Ⓓ Parte do calor do Sol que chega à Terra não volta ao espaço.

6. FEPESE – Analise as sentenças:

1. Refiro-me àquilo que discutíamos ontem.

2. Chegamos à Argentina de madrugada.

3. Ele era insensível à dor.

4. Voltarei, em breve, à terra natal.

5. Voltamos à casa cedo.

Quanto ao acento indicador da crase do "a", assinale a alternativa correta:

Ⓐ As sentenças 1, 2, 3 e 4 estão corretas.
Ⓑ As sentenças 1 e 5 estão corretas.
Ⓒ As sentenças 2, 3 e 5 estão corretas.
Ⓓ Todas estão corretas.
Ⓔ Nenhuma está correta.

7. NCE-UFRJ – A alternativa em que o acento grave indicativo da crase é optativo é:

Ⓐ Entreguei-o à minha mãe.
Ⓑ Entreguei-o àquela mulher.
Ⓒ Entreguei-o à elegante atriz.
Ⓓ Entreguei-o à polícia.
Ⓔ Entreguei-o à mesma funcionária.

8. ESAF – Assinale a frase na qual a palavra sublinhada <u>não</u> deve receber o acento indicativo de crase:

Ⓐ Os apelos <u>a</u> internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
Ⓑ Toda manhã <u>a</u> esta hora, depois de ler os jornais do dia, fico deprimida.
Ⓒ <u>Aquela</u> hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
Ⓓ Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, hoje, são semelhantes <u>as</u> da classe patronal.
Ⓔ Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual <u>a</u> que haviam divulgado no ano anterior.

9. ESAF – Indique a sentença em que <u>não</u> foi empregado adequadamente o acento grave indicador de crase:

Ⓐ Foi o que procurei fazer, na medida do possível e ao longo de vários anos, ouvindo reações à proposta que apresentara.

Ⓑ A hora das frivolidades acabara, a que começava era a do sacrifício austero e diuturno.

Ⓒ Posto que Jorge falasse do coronel nas cartas que escrevia à mãe, não o dava como amigo seu.

Ⓓ Comparava-se ao mar daquela manhã, nem borrascoso nem quieto, mas levemente empolado e crespo, tão prestes a adormecer de todo, como a crescer e arremessar-se à praia.

Ⓔ De Buenos Aires chegara-lhe na véspera, a tarde, a notícia da morte de um irmão, seu último parente.

10. ESAF – Assinale o conjunto de palavras que preenche, com plena correção, os espaços em branco dos textos:

"Ela entrou nos amplos espaços do meu tédio com passos graciosos de dançarina e ficou ___ girar por ali [...]. Pus-me ___ adorá-la como nunca dantes, ___ menina ___ quem dei vida e nunca senti mais forte, doce, secreto o elo que ___ ela me prende." (Vinícius de Morais)

Ⓐ à – à – àquela – à – a

Ⓑ a – a – aquela – à – à

Ⓒ a – a – àquela – a – a

Ⓓ a – à – àquela – a – a

Ⓔ à – a – aquela – a – à

11. FJG – Na frase "trabalhando a todo vapor", a expressão <u>a todo vapor</u> não leva acento indicativo de crase, porque:

Ⓐ <u>vapor</u> é substantivo;

Ⓑ o substantivo vem precedido de adjetivo;

Ⓒ <u>a</u> é preposição;

Ⓓ <u>a</u> é artigo;

Ⓔ <u>a</u> é combinação de artigo com preposição.

12. ESAF – Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo:

"O exame das propostas de reforma fiscal, ___ primeira abordagem, leva ___ conclusão de que ___ carga tributária continuará ___ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas."

Ⓐ à – à – a – a

Ⓑ à – a – à – a

Ⓒ a – a – a – à

Ⓓ a – à – a – a

Ⓔ a – a – à – a

13. FESP-RJ – A alternativa em que ocorre erro na marcação da crase (emprego errado ou omissão do acento grave) é:

Ⓐ Todos à uma me responderam sem referência a individualidades.
Ⓑ Prece a prece entregas a teu Deus a solução dos problemas.
Ⓒ Peço a V.Sª não chegar a conclusões a que jamais cheguei.
Ⓓ Assistimos à touradas com roupas a século XVIII.
Ⓔ Àquele que me ofende darei meu perdão.

14. FJPF – No trecho "Desejável é que o jornalista, a exemplo de outros profissionais, tenha acesso à sua atividade após a conclusão de estudos especializados de caráter superior", o sinal indicador da crase é optativo. O mesmo fato gramatical está presente na frase:

Ⓐ As escolas de jornalismo oferecem à comunidade bons cursos profissionais.
Ⓑ Formara-se jornalista à custa de muito esforço e dedicação.
Ⓒ Não se dedicou à profissão como gostaria durante de anos.
Ⓓ Seguiu até às últimas horas de trabalho as regras da boa prática jornalística.
Ⓔ Sua aversão à formação empírica levou-o a completar o curso de jornalismo.

15. FJPF – No período "Este não obedece à maioria das regras impostas para os que andam sobre quatro rodas" o acento da crase foi empregado corretamente, pois o verbo obedecer rege a preposição a e esta se encontra em crase com o artigo feminino a que determina o substantivo maioria. Observe o emprego do acento da crase nas frases abaixo:

I. O desrespeito à sinalização é uma das transgressões praticadas pelos condutores de motocicletas.

II. O médico fez referência à uma estatística que não podia servir de base a seu raciocínio.

III. No momento do acidente, o motoqueiro estava sem capacete, pois ia à sua empresa para pegá-lo.

IV. É preciso que a sociedade diga não à essa violência desmedida praticada diariamente nas áreas urbanas.

A respeito do emprego do acento da crase nas frases acima, pode-se afirmar que:

Ⓐ em I e II está incorreto, em III está correto, mas é facultativo, e em IV está correto;
Ⓑ em I e III está correto, mas em ambas é facultativo, em II está incorreto e em IV está correto;
Ⓒ em I está correto, em II e IV está incorreto e em III está correto, mas é facultativo;
Ⓓ em I está incorreto, em II e IV está correto, mas em ambas é facultativo, e em III está correto;
Ⓔ em I e IV está correto, em II está incorreto e em III está correto, mas é facultativo.

16. NCE-UFRJ – Observe o fragmento "...não tinha direito à fiança...". A frase abaixo em que o acento grave indicativo da crase está mal colocado é:

- **A** O papagaio estava à distância de 10 metros da gaiola.
- **B** O bicho não tinha direito à água nem a alimento.
- **C** Deve-se à conscientização a diminuição do número de animais em cativeiro.
- **D** Entregou-se à polícia o caçador clandestino.
- **E** Os animais se entregaram à sua sina.

17. FJPF – Na oração "...adequar programas de qualidade à cultura da empresa..." observa-se o correto emprego do acento indicativo da crase. Abaixo foram feitas alterações na redação do trecho transcrito, de modo a não haver ocorrência da crase, dispensando-se o acento. A forma <u>incorreta</u>, porque ocorre a crase, justificando-se o emprego do acento, é:

- **A** "...adequar programas de qualidade a uma cultura empresarial moderna."
- **B** "...adequar programas de qualidade a toda visão empresarial moderna."
- **C** "...adequar programas de qualidade a esta nova situação propícia para as empresas."
- **D** "...adequar programas de qualidade a qualquer rotina empresarial moderna."
- **E** "...adequar programas de qualidade a nova dimensão tecnológica das empresas."

18. ESPCEX – Examine cada uma das frases seguintes, observando o uso do acento indicativo de <u>crase</u>:

I. De segunda à sexta, trabalho das oito às quinze.

II. Devo à minha persistência a promoção conseguida.

III. Não fique aí à toa; dirija-se àquele guichê.

IV. Estão à venda muitos apartamentos, à pequena distância do centro da cidade.

A partir das observações feitas, assinale a afirmativa totalmente válida:

- **A** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e III;
- **B** está inteiramente correto o uso do acento grave em II e III;
- **C** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e IV;
- **D** é obrigatório o uso do acento grave nas ocorrências verificadas em II e III.

19. EFOMM – Marque o item em que está faltando o acento indicativo da crase:

- **A** Augusto, irás a Petrópolis ou a Valença?
- **B** Chegou a casa exausto, após um dia de muito trabalho.
- **C** A reunião começará a uma hora.
- **D** Vendem-se roupas para meninas de 1 a 10 anos de idade.
- **E** E assim, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, vamos cumprindo a missão de que Deus nos encarregou.

20. ESAF – Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: <u>há</u>; <u>à(s)</u>:

Ⓐ ___ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica ___ armas nucleares.

Ⓑ O raio laser se revela ___ altura de um bisturi de alta precisão ___ anos.

Ⓒ ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.

Ⓓ ___ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios da cores aplicadas ___ sete séculos.

Ⓔ Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado ___ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.

21. EPCAR – Não ocorrerá a crase na frase:

Ⓐ Assisti as conferências que se realizaram a tarde.

Ⓑ O historiador fez referências a Joana d'Arc.

Ⓒ Fui a casa de meu avô.

Ⓓ Procedeu-se a apuração dos votos.

Ⓔ Ele já se habituara aquela vida.

22. FJPF – "Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado."

Esse trecho do texto é alterado em cada alternativa abaixo. A nova redação <u>não</u> está correta, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais, transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓑ Ao invés de somarem-se às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓒ Ao invés de se somarem às tentativas de superação das carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓓ Ao invés de se somarem à tentativas de superação de carências educacionais transformam- se em fontes de investimento privado.

23. FJPF – O sinal indicador da crase está mal empregado na frase:

Ⓐ A referência à clonagem de Dolly serve como um alerta no mundo científico.

Ⓑ Às indagações sobre os efeitos da clonagem muitos ainda não podem responder.

Ⓒ As pesquisas sobre clonagem de animais estão sendo revistas uma à uma.

Ⓓ Em resposta às perguntas sobre clonagem humana, disse que o experimento seria ótimo.

Ⓔ O cientista procedeu à análise dos métodos de clonagem animal.

24. PUC-RJ – Assinale a opção em que há erro do emprego do acento grave, indicativo da crase:

Ⓐ Quando iremos à Portugal?
Ⓑ Terminei o trabalho às 11 horas da noite.
Ⓒ Hoje distribuíram balas às crianças do bairro.
Ⓓ Emprestei vários livros à secretária.
Ⓔ Ele não compareceu à reunião de sexta-feira.

25. CESGRANRIO – Indique a opção que preenche adequadamente os espaços abaixo:

"___ muito tempo que as gerações pensam que não podem se entender, principalmente ___ época da juventude, quando visam ___ alcançar metas impossíveis, ___ curto prazo."

Ⓐ Há – a – a – à
Ⓑ Há – à – a – a
Ⓒ A – a – à – há
Ⓓ A – há – à – a
Ⓔ À – há – a – a

26. CESGRANRIO – Assinale a opção em que está correto o uso do acento indicativo da crase:

Ⓐ Atribui-se à Sérgio Buarque uma visão otimista do Brasil.
Ⓑ O autor refere-se, no texto, à uma monumental desigualdade.
Ⓒ O Brasil passou a ser entendido à partir desses estudos.
Ⓓ O povo brasileiro é dado à festas folclóricas.
Ⓔ Muitos universitários recorrem às pesquisas destes dois autores.

27. CESGRANRIO – Assinale a única frase em que o a deve receber acento indicativo de crase:

Ⓐ Dedicava-se a crônica semanal com prazer.
Ⓑ Pegou um lápis e pôs-se a trabalhar.
Ⓒ Leu o texto de ponta a ponta.
Ⓓ A crônica fazia referência a pessoas comuns.
Ⓔ Algumas vezes dirigia-se a seu computador.

28. FUNDEP – "Os sindicatos não se oporiam a mecanismos de punição?"

No período acima, será obrigatório o uso do sinal indicativo da crase, se se substituir a expressão destacada por:

Ⓐ a ameaças de punição;
Ⓑ as ameaças de punição;
Ⓒ a qualquer ameaça de punição;
Ⓓ a uma ameaça de punição.

29. UECE – Como em "...torna-se cada vez mais latente o nível de exclusão daqueles que não tem acesso à rede...", o sinal indicativo de crase está adequadamente empregado em:

- **A** O técnico em administração conheceu o diretor à cuja peça teatral assistiu.
- **B** Preciso conhecer urgentemente à terra dos meus antepassados do interior.
- **C** O técnico em computação se referiu à chave que liga as máquinas.
- **D** A população carente nunca teve acesso à redes de informação.

30. NCE-UFRJ – Dos itens abaixo, o que apresenta erro no emprego do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Trata-se de um relatório referente à dívidas antigas da União.
- **B** Essas medidas obedecem às normas da ABNT.
- **C** Apesar de a norma à qual V.Sª se refere ser facultativa, todos os técnicos de que temos notícias a seguem.
- **D** A plateia assistia entusiasmada à conferência do filósofo.
- **E** Informou-se indevidamente à empresa credora que o valor em questão estaria disponível antes do final do ano.

31. NCE-UFRJ – Quanto ao emprego do acento grave indicativo da crase, a frase correta é:

- **A** Servimo-nos da presente para informar à V.Sª que seu relatório será avalia do até o final do mês de abril.
- **B** Em atendimento as instruções dos senhores membros da Comissão, informamos que a receita não chegou a gerar superávit.
- **C** O presidente submeteu à deliberação do colegiado os assuntos previstos na pauta da reunião.
- **D** São estas as medidas à serem tomadas.
- **E** Fomos autorizados à proceder a emissão de uma cota extra no valor de R$ 65,00 (sessenta e cinco reais) para a cobertura do referido saldo devedor.

32. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as quatro lacunas do trecho a seguir é, respectivamente:

"O fim desta é pedir, mais uma vez, providências no sentido da solução do problema ___ que se refere nossa carta de 13/01/1998, ___ qual Vossas Senhorias não deram ainda qualquer resposta. Essa pendência já se arrasta ___ mais de um mês e, como de hoje ___ três semanas terá início o congresso de que trata aquela carta, findo esse prazo, nossa reivindicação deixará de fazer sentido."

- **A** à – à – há – a
- **B** a – à – há – a
- **C** à – a – há – a
- **D** a – à – a – há
- **E** a – à – há – há

33. FEC – No enunciado "os serviços essenciais à população" é obrigatório o emprego do acento para marcar a crase. Nas alterações do enunciado feitas abaixo dispensa-se o acento por não haver a crase. Numa das alterações, entretanto, pode-se usar o acento por se tratar de um caso de crase facultativa. Esta alteração está na opção:

Ⓐ "os serviços essenciais a essa população."
Ⓑ "os serviços essenciais a toda e qualquer população."
Ⓒ "os serviços essenciais a uma população ansiosa por melhorias."
Ⓓ "os serviços essenciais a quase toda a população."
Ⓔ "os serviços essenciais a nossa população."

34. FEC – Para o preenchimento adequado das lacunas da frase "Um jornal noticiou ____ dois meses que daí ___ três semanas os cidadãos teriam acesso ___ novas tecnologias que ligariam ___ América ___ Europa ___ uma velocidade equivalente ____ da luz" têm de ser usadas as formas que aparecem na opção:

Ⓐ há – a – a – à – a – a – a;
Ⓑ há – a – a – a – à – a – à;
Ⓒ há – há – a – a – à – à – a;
Ⓓ a – há – à – a – à – a – à;
Ⓔ a – a – à – à – a – à – à.

35. ESAF – Indique a opção cujos itens completam corretamente as lacunas do texto abaixo:

"O ingresso dos bancos na era digital não se fez, obviamente, sem grandes e continuados investimentos. Sólida infraestrutura, bom trabalho de orientação, as experiências bem-sucedidas de quem não vê maiores dificuldades na operação eletrônica vão dissipando ___ resistências dos ainda não-digitalizados. Os clientes adaptam-se ___ novas tecnologias de modos muito distintos. ___ segmentos de pessoas maduras, com mais de 60 anos, nos quais a utilização da Internet é maior do que em segmentos jovens, com menos de 30 anos. Procura-se fornecer o maior número de informações aos clientes, ajudando-os ___ superar as primeiras dificuldades e demonstrando que, nos meios eletrônicos, 'o índice de falhas sistêmicas é mínimo'. Embora metade da população economicamente ativa brasileira esteja fora do sistema bancário – e este é um novo território ainda ___ conquistar –, ___ marcha da digitalização para os que já estão dentro do sistema é um caminho que não tem volta."

Ⓐ as – às – Há – a – a – a
Ⓑ as – as – Há – a – a – à
Ⓒ as – às – A – à – à – a
Ⓓ às – às – Há – a – à – a
Ⓔ às – as – A – à – a – a

36. NCE-UFRJ – "...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade." A frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:

Ⓐ As greves são prejudiciais à ordem pública.
Ⓑ A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
Ⓒ Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
Ⓓ Indicaram os assaltantes à polícia.
Ⓔ Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

37. ESAF – Leia o texto e marque a afirmação incorreta:

"A ciência e o processo científico não constituem __1__ única forma de obtenção do conhecimento. Além da experiência cotidiana, constituindo __2__ base cultural, __3__ os saberes reflexivos da filosofia. Apenas o simples processo experimental da ciência não conduz __4__ sabedoria: é necessário submeter os seus resultados __5__ elaboração filosófico-conceitual, __6__ preceitos éticos, para torná-los verdadeiramente humanos."

Ⓐ As lacunas 1 e 2 devem ser preenchidas com a, artigo feminino singular.
Ⓑ Na lacuna 3 é correto colocar há, pois o verbo haver, quando utilizado no sentido de existir, é impessoal.
Ⓒ Duas opções, a e à, podem ser utilizadas indistintamente na lacuna 4, uma vez que conferem sentido idêntico ao período.
Ⓓ Estaria correto preencher a lacuna 5 com à.
Ⓔ A estrutura sintática do período admite que a lacuna 6 seja preenchida com aos.

38. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as cinco lacunas da frase a seguir é:

"Qualquer demora, seja ___ que pretexto for, pode ter graves consequências políticas e institucionais. Tudo que vier ___suceder recairá sobre ___representação política. Aliás, ___ muito tempo que nos referimos ___ questão aqui colocada."

Ⓐ à – a – a – há – à
Ⓑ a – à – a – há – à
Ⓒ a – a – à – a – à
Ⓓ a – a – à – há – à
Ⓔ a – a – a – há – à

39. NCE-UFRJ – Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:

Ⓐ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade,...".

Ⓑ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, [...] que se relacionem com escritos ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade...".

Ⓒ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, da CF) e, ainda:
[...]
realizado em horário e locais que não permitam a frequência à escola." (art. 67, IV, do Estatuto).

Ⓓ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência...".

Ⓔ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos" (art. 406 da Consolidação).

40. NCE-UFRJ – "...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores." Nas duas ocorrências do vocábulo a, só a segunda vem com acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:

Ⓐ só a segunda precede um nome feminino;
Ⓑ só a segunda segue a regência do verbo referir-se;
Ⓒ só no segundo caso ocorre a junção de preposição + artigo;
Ⓓ no primeiro caso, o nome feminino está no plural;
Ⓔ no primeiro caso, só há a ocorrência de artigo definido feminino singular.

41. NCE-UFRJ – "Isso levaria o problema para a esfera federal. O Rio, com seus morros e favelas que são cidadelas à margem do tecido urbano, com seus dramáticos desníveis sociais, oferece..."

Que regra a seguir justifica o emprego do acento grave indicativo da crase na fragmento destacado?

Ⓐ O termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo consequente admite o artigo a.
Ⓑ Nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas.
Ⓒ Nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas.
Ⓓ Nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas.
Ⓔ Nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

42. ESAF – "No que diz respeito ___ taxa de inflação, ainda que os resultados estejam longe da meta (mais de 7% ante ____ meta de 4%), é preciso reconhecer que diante dos acontecimentos de 2001 não se trata de um mau resultado. Todos sabemos que os 'choques de oferta' não se prestam ___ ser controlados facilmente pela manipulação da taxa de juros e que, frequentemente, quando ocorre um choque é melhor encontrar um caminho mais longo para retornar ___ meta do que forçar uma volta rápida com maiores custos em matéria de crescimento."

Aponte a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente as lacunas do texto fornecido:

- **A** à – a – a – à;
- **B** a – à – à – a;
- **C** à – a – à – a;
- **D** a – a – a – a;
- **E** a – a – à – a.

43. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

"Proponho ____ Vossa Senhoria dar, ____ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa."

- **A** a – àqueles – às – a
- **B** à – àqueles – as – a
- **C** a – aqueles – às – à
- **D** a – àqueles – as – à
- **E** à – aqueles – às – à

44. NCE-UFRJ – O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília [...] para assistir à coleta de lixo".

Entre as opções abaixo, porém, este sinal foi <u>incorretamente</u> utilizado em:

- **A** O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
- **B** Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
- **C** A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
- **D** O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "o lixo é vosso".
- **E** Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

45. NCE-UFRJ – Em "...efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...", o acento grave indicativo da crase está presente porque:

- **A** todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;
- **B** <u>à liberdade</u> está servindo de objeto indireto;

Ⓒ marca a contração do demonstrativo a com a preposição a;
Ⓓ marca a união da preposição a que rege o adjetivo anterior com o artigo a;
Ⓔ se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

46. ACCESS – O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – à – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ à – à – a.

47. FESP-RJ – A alternativa em que não se justifica o emprego de crase é:

Ⓐ Referia-se a isto, não à você.
Ⓑ Todos correm às cegas, quando há briga.
Ⓒ Ele fazia uma citação à Machado de Assis.
Ⓓ Às vezes, ele me parece enlevado com isso.

48. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Nesse dia os homens chegaram _____ margem direita do rio.

2. Refiro-me _____ esta senhora e não àquela.

3. Ele não irá mais _____ Brasília.

As lacunas das frases são preenchidas corretamente pelas palavras da alternativa:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – a – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ a – a – à.

49. FESP-RJ – "Como se já não bastassem [...] ataques explícitos à dignidade do menor,..."

A propósito da crase na passagem acima, ela é também obrigatória na seguinte frase:

Ⓐ Dadas as circunstâncias do caso, adiamos a sessão.
Ⓑ O crime é sério, haja vista as condições da vítima.
Ⓒ O réu fazia jus a pena menor que a aplicada pelo juiz.
Ⓓ A eleição do presidente da junta implicará a do vice-presidente.
Ⓔ Esta sentença é semelhante a em que houve unanimidade dos jurados.

50. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Através dessa jovem dou o meu grito de horror ___ vida.

2. Quanto ___ ela, até mesmo de vez em quando comprava uma rosa.

3. A moça ___ vezes comia num botequim um ovo duro.

A alternativa em que as lacunas das frases acima são completadas corretamente (sem mudança da ordem) é:

Ⓐ à – a – as;
Ⓑ à – a – às;
Ⓒ à – à – às;
Ⓓ a – à – às;
Ⓔ a – a – as.

51. FESAG – "A presença de verbos transitivos indiretos que fazem uso da preposição 'a' para estabelecer sua regência pode indicar a existência de crase."

Essa afirmação pode ser verdadeiramente comprovada em:

Ⓐ Registrou aquele conceito de liberdade com aceitação do partido.
Ⓑ Chegamos aquela cidade exatamente às dezoito horas.
Ⓒ Não consigo adaptar-me aquele modo de vida.
Ⓓ Referiu-se àquele conceito de liberdade com muita convicção.

52. FESP-RJ – A frase em que há <u>erro</u> no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:

Ⓐ Já chegamos à Bahia.
Ⓑ O professor falara àquela aluna.
Ⓒ Comi bacalhau à Gomes de Sá.
Ⓓ É importante obedecer às regras do jogo.
Ⓔ Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

53. FESP-RJ – A alternativa que apresenta <u>erro</u> no emprego do acento grave, indicativo de crase, é:

Ⓐ Preciso ir à Copacabana.
Ⓑ Ele chegou à uma e meia.
Ⓒ Seja rápido na sua ida à França.
Ⓓ O professor falará àquele aluno.
Ⓔ Não houve comentário àquela pergunta.

54. NCE-UFRJ – O emprego do acento grave indicativo de crase sobre o <u>a</u> é optativo em:

Ⓐ A lei fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos <u>à</u> sua função social (art. 185, parágrafo único).
Ⓑ A lei garantirá tratamento especial <u>à</u> propriedade produtiva (art. 185, parágrafo único).

Ⓒ O decreto [...] autoriza a União a propor a ação de desapropriação (art. 184, §2º).
Ⓓ Compete à União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social (art. 184).
Ⓔ Títulos resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão (art. 184).

55. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo:

"A história nos mostra que o desenvolvimento econômico europeu, ____ partir das navegações, sempre se fez ____ custa dos territórios ultramarinos. Não foram apenas as matérias-primas, destinadas ao consumo ou ____ produção que o financiaram, mas também o capital propriamente dito, fruto dos lucros e resultado do saqueio da natureza virgem. Hoje, a biotecnologia abre grande perspectiva ___ um país como o Brasil, de ricos bancos genéticos. O nosso território foi dos primeiros ____ ser saqueado em sua riqueza vegetal. É necessário impedir que os produtos da flora e da fauna nos sejam roubados, como roubados fomos no passado. No entanto, o governo está empenhado em aprovar uma proposta de emenda ____ Constituição que facilitará a entrega de nossos recursos biológicos ____ estrangeiros."

Ⓐ a, à, à, a, a, à, a
Ⓑ a, a, à, a, a, a, a
Ⓒ a, à, à, à, a, à, à
Ⓓ à, a, a, à, à, a, a
Ⓔ à, à, a, à, a, à, a

56. FCC – Escolha a opção em que não ocorre a crase:

Ⓐ Chegou a uma hora em ponto e saiu as quatro horas.
Ⓑ Fiz alusão a ela quando me dirigi a Vossa Excelência.
Ⓒ Agia as escondidas quando estava a disposição do chefe.
Ⓓ Foi a Argentina e voltou as pressas.

57. ESAF – "____ disputas provocadas pelo sistema de captação foram muitas, e o rei aceitou o pagamento do imposto numa cota fixa anual de ouro. Caso esta cota não fosse completada, o governador estava autorizado ___ recorrer ___ derrama. Por meio desse tributo eram cobradas importâncias arbitrárias de toda população, até completar ___ taxa fixada.

Foi um período de grande empobrecimento da região das Gerais, apesar de tanto ouro e diamantes, devido ___ tributação excessiva. Em 1789, sob ___ ameaça de nova derrama para cobrir uma dívida de mais de 500 arrobas de ouro, um grupo de revoltosos organizou o movimento revolucionário da Inconfidência Mineira."

Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto acima:

- **A** As – a – à – a – à – a;
- **B** Às – à – a – a – a – a;
- **C** As – a – à – a – à – à;
- **D** Às – à – à – à – a – a;
- **E** As – à – a – à – a – à.

58. VUNESP – "A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso ___ Internet deve acabar na Justiça. ___ paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviço. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que ___ imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar ___ rede.

Assinale a alternativa que, correta e respectivamente, preenche as lacunas do texto:

- **A** a, A, a, à;
- **B** à, A, a, à;
- **C** a, À, à, a;
- **D** à, A, à, à;
- **E** à, À, a, à.

59. FJG – Assinale, entre as frases abaixo, aquela em que o emprego da crase seria indevido:

- **A** Não me refiro as reuniões desse mês.
- **B** Fique a vontade.
- **C** Abrimos as quintas-feiras.
- **D** Remeto a Vossa Senhoria todos os meus recibos.
- **E** Aludimos aquele fato recente.

60. FJG – Na frase: "Das revoltas da polícia africana às usinas de alumínio no Canadá.", observa-se a utilização de sinal indicativo de crase.

A opção em que a utilização deste mesmo sinal é obrigatória é:

- **A** A menina estava atenta a tudo o que se passava.
- **B** Do fato ocorrido as notícias de jornal vai uma grande diferença.
- **C** Temos que medir as consequências do gesto político.
- **D** As novas gerações têm uma grande responsabilidade ambiental.
- **E** O Presidente vai analisar as medidas de segurança.

61. COVEPE – Só uma das alternativas completa, corretamente, o período abaixo. Assinale-a:

"Anuiu ___ reivindicação feita, porque preferiu conservar o emprego ___ entregá-lo ___ que _____ postulavam."

Ⓐ a, a, aqueles, lhe
Ⓑ à, do que, àqueles, o
Ⓒ à, a, àqueles, o
Ⓓ a, à, àqueles, lhe

62. COVEPE – Preencha os claros com a(s), à(s), há, de acordo com o caso:

1. Tais informações são iguais _____ que recebi ontem.

2. Sentei-me _____ máquina para escrever este relatório.

3. _____ meses que estudo para este concurso.

4. Estava _____ porta da casa quando você chegou.

5. Comecei _____ resolver esta prova com muita calma.

De cima para baixo, a sequência no preenchimento dos claros é a seguinte:

Ⓐ as – à – Há – à – a;
Ⓑ às – a – Há – à – a;
Ⓒ às – à – a – há – a;
Ⓓ às – à – Há – à – a;
Ⓔ às – à – Há – a – à.

63. FJG – O acento grave indicativo de crase não se aplica em "A herança maldita vem do Brasil-Colônia e do Império, quando a grande propriedade fundiária se consolidou mediante a exploração do trabalho escravo, um conúbio gerador de atraso e inquietação social".

Pelo mesmo motivo, ele também não é usado em:

Ⓐ Segundo a exigência do leitor.
Ⓑ Andei a cavalo a trote.
Ⓒ Estive a caminhar pelo jardim.
Ⓓ O público assistiu a peças interessantes.
Ⓔ Ela escreve bem a máquina.

64. ANP – Observe os trechos e as afirmações seguintes:

1. "Dizer apenas 'meio' parece ser pouco (são reveladores os adesivos ecológicos, colados nos carros, pedindo 'um ambiente inteiro') e usar apenas 'ambiente' aparentemente levaria a confusões.": não se emprega acento grave indicativo de crase porque não há artigo que se contraia com a preposição.

2. **“Ambas as palavras parecem desgastadas, tanto quanto a realidade física que descrevem: ...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no masculino evidencia que a é preposição.**
3. **“Ambiente deve sugerir, aos seus adeptos, uma proximidade semântica maior...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no feminino permite o emprego do acento grave indicativo de crase.**
4. **“Mas a expressão demonstra também o desejo de reforçar, por meio da redundância, o sentido manifestado como se houvesse um temor de, caso contrário, perder-se a ideia.”: não se emprega acento grave indicativo de crase porque “a ideia” é sujeito, portanto não pode estar regida de preposição.**

Escolha uma das opções abaixo:

Ⓐ 1, 3 e 4 estão corretas;
Ⓑ 1 e 3 estão corretas;
Ⓒ 1, 2 e 3 estão corretas;
Ⓓ 2 e 4 estão corretas.

65. CESGRANRIO – Uma das opções preenche corretamente as lacunas do texto abaixo. Assinale-a:

“Para sobreviver, somos obrigados ___ lutar pelo nosso espaço que ___ muito tempo foi invadido pelo egoísmo e pela violência, para, daqui ___ alguns anos, podermos dizer que realmente vivemos ___ vida.”

Ⓐ a – a – há – a
Ⓑ a – a – há – à
Ⓒ a – há – a – a
Ⓓ à – há – há – a
Ⓔ à – a – há – a

66. CESGRANRIO – Assinale a opção em que se omitiu o acento indicativo de crase:

Ⓐ Comprei o telefone a duras penas.
Ⓑ Demos aquele funcionário a mensagem do fax.
Ⓒ Face a face, ele despediu o funcionário.
Ⓓ Releia a Sua Excelência os fatos ocorridos ontem.
Ⓔ O diretor se referiu a ela com elogios.

67. CESGRANRIO – Ocorre erro do acento indicativo de crase na opção:

Ⓐ À toda hora, chegavam as estudantes aprovadas.
Ⓑ Ficamos à espera do resultado final.
Ⓒ Dirigiu-se àquele mestre com respeito.
Ⓓ Referiu-se atenciosamente às alunas que a haviam homenageado.
Ⓔ Os portões serão fechados pontualmente às sete horas.

68. ESAF – Quanto ao uso da crase, a frase errada é:

Ⓐ Refiro-me à isenção de imposto.
Ⓑ Ao viajar à Europa, cuidado para não ultrapassar a cota.
Ⓒ Tenho dúvidas à respeito de franquia.
Ⓓ Esta mercadoria é atentatória à ordem pública.
Ⓔ Dirigi-me à fiscal de plantão.

69. ESAF – Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido:

Ⓐ Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
Ⓑ À ela não cabe fugir, desaparecer, pois nada fez que a estimagtize.
Ⓒ Athenaíde prefere recolher-se à casa, onde pode despegar-se de sua dor.
Ⓓ A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
Ⓔ Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

70. ESAF – Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto:

Ⓐ Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
Ⓑ Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
Ⓒ Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
Ⓓ Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
Ⓔ O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

71. ESAF – Assinale o enunciado que apresenta erro no uso da crase:

Ⓐ Os missionários dão origem à uma "cultura local" que se inicia pelo contato.
Ⓑ É à curiosidade de entender a alma humana que devo meu amor aos índios.
Ⓒ Sendo necessária à concepção do discurso, a história é dele inseparável.
Ⓓ Este jogo de formações discursivas remete o texto à sua exterioridade.
Ⓔ Assim podemos demonstrar que à contribuição das línguas indígenas se associa uma visão histórica.

72. ESAF – Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos ___ V.Sª que encaminhamos ___ petição anexa ___ Divisão de Fiscalização que está apta ___ prestar ___ informações solicitadas.

Ⓐ a – a – à – a – as
Ⓑ à – a – à – a – às
Ⓒ a – à – a – à – as
Ⓓ à – à – a – à – às
Ⓔ a – a – à – à – as

73. ESAF – Daqui ___ uma semana, conclui-se ___ fase de correção dos testes, e todos os candidatos terão direito ___ revisão de prova que acontecerá ___ 15 horas.

A opção que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

- **A** à – a – à – às;
- **B** a – à – à – as;
- **C** a – à – a – as;
- **D** a – a – à – às;
- **E** à – a – a – às.

74. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Para os desplugados, o Finnegan's Pub, localizado numa badalada esquina da noite paulistana, é um bar como outro qualquer. Luz de penumbra, música aos berros, gente de pé com copos na mão, ele tem uma diferença em relação ___ concorrência: um computador que dá aos seus fregueses acesso ___ Internet. Em torno da máquina aglomeram-se umas cinquenta pessoas todas as noites. É muita gente para um computador só. Mas isso não impede que o bar, que começou ___ oferecer o serviço _____ nove meses, se apresente como o mais antigo cibercafé do Brasil. Não é o único. Há outros cinco bares espalhados por capitais brasileiras e um na cidade mineira de Juiz de Fora. A ideia de criar bares com terminais de computador ligados ___ Internet foi importada do Primeiro Mundo, onde eles começaram ___ surgir ___ de dois anos."

- **A** à – a – a – há – a – a – há cerca
- **B** a – à – à – há – à – a – acerca
- **C** à – à – à – à – a – a – a cerca
- **D** à – à – a – há – à – a – há cerca
- **E** a – a – à – a – à – a – a cerca

75. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas:

"De uma forma mais genérica, ___ que substituir ___ imagem centralizada e que tende ___ uniformidade de indivíduo possuidor de alguns direitos e submetido ___ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social ___ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação ___ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados."

- **A** há – a – à – a – às – a
- **B** à – à – a – à – as – a
- **C** há – à – a – à – às – a
- **D** a – à – à – a – às – a
- **E** a – há – à – a – as – a

76. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Desde a Declaração de Direitos da ONU, em 1948, ___ expressão 'direitos humanos' compreende pelo menos três tipos de direitos: a) os direitos e liberdades civis; b) direito de participação política por meio da escolha de representantes; e, c) direitos econômicos e sociais. Essa última categoria de direitos humanos é ___ mais recente das três citadas e tem como exemplos o direito do trabalho, o direito ___ previdência social, o direito ___ uma renda mínima e o direito ___ educação entre outros."

Ⓐ à – à – a – a – à
Ⓑ a – à – a – à – à
Ⓒ a – a – à – à – a
Ⓓ a – a – à – à – à
Ⓔ a – a – à – a – à

77. CESPE-UnB – Julgue os itens seguintes, com relação ao emprego do sinal indicativo de crase:

1. Nas grandes cidades brasileiras a começar pelas duas maiores, mata-se praticamente como se se tratasse de algo inerente à existência humana.

2. Desde crianças, vemos mortes violentas às dúzias.

3. Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos nossos direitos, dentro em breve não teremos mais direito nenhum, nem mesmo à vida.

O emprego do sinal indicativo de crase encontra a mesma justificativa em:

Ⓐ nos itens 1e 2;
Ⓑ nos itens 2 e 3;
Ⓒ nos itens 1, 2 e 3;
Ⓓ nos itens 1 e 3;
Ⓔ em nenhum dos itens.

78. CESPE-UnB – Marque a opção em que o conjunto de palavras preenche adequadamente as lacunas:

"Para muitas pessoas não habituadas ___ lidar com as questões relativas ___ aplicação da lei penal, ___ agravação das penas é vista como uma forma de reduzir as taxas de criminalidade. Supõe-se que os criminosos se determinam ___ prática de atos antissociais estimulados pela leniência das sanções criminais. E, mais ainda, convencidos de que o quadro geral e amplo da impunidade servirá de manto protetor ___ suas investidas delituosas."

Ⓐ à – à – à – a – às
Ⓑ a – a – à – à – às
Ⓒ a – a – à – à – as
Ⓓ a – à – a – à – às
Ⓔ à – à – a – à – às

79. CESPE–UnB – Reconheça o par em que há emprego facultativo de acento indicador de crase:

- **A** "Às vezes o afinador não ganha isso durante a viagem." / às claras
- **B** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / desobedecer à instrução
- **C** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / atender à sua eleição
- **D** "Em frente à Câmara, agravando pelo som a sensação de calor..." / em relação à votação
- **E** Desconheço a resposta correta.

80. FESP-RJ – A respeito do emprego do acento grave indicativo de crase, assinale a opção correta:

- **A** Em "Estatuto dos Funcionários, art. 240: O dia 28 de outubro será consagrado ao Servidor Público", a pluralização da expressão "Servidor Público" e a supressão do artigo definido masculino singular que a precede implicariam automático emprego do acento grave indicativo de crase.
- **B** Em "Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou; ótimo, porque assim trabalho à vontade.", o emprego do acento grave decorre da regência do verbo trabalhar, que impõe o uso da preposição a, antes do substantivo feminino vontade, que está precedido de artigo definido.
- **C** Em "E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam lugar à turma dos 'caxias'", a seguinte estrutura morfossintática justifica o emprego do acento grave indicativo de crase: expressão regida pela preposição "a", seguida de substantivo feminino antecedido por artigo definido.
- **D** Justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase, em "Nenhum – a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão" pela natureza exclusivamente adverbial da locução utilizada para indicar circunstância de lugar.
- **E** Seria obrigatório o emprego do acento grave indicativo de crase caso o texto "Correu a telefonar de uma confeitaria para a residência do chefe" fosse redigido da seguinte forma: "Correu à uma confeitaria para telefonar à residência do chefe".

81. NCE-UFRJ – O uso do acento grave no a é opcional em:

- **A** "...redução da cultura a sua dimensão mercadológica..."
- **B** "...redução da cultura a uma mercadoria barata..."
- **C** "...redução da cultura a essa imagem formada..."
- **D** "...redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia..."
- **E** "...redução da cultura a que nos vamos acostumando..."

82. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Os juízes federais, ___ três semanas, começaram ___ discutir ___ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa ___ muito atribuída ___ Caixa Econômica Federal."

Ⓐ a, há, a, há, a
Ⓑ a, há, à, a, há
Ⓒ há, a, a, há, a
Ⓓ há, à, a, há, à
Ⓔ há, a, a, há, à

83. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Vale ____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que ____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim ____ acirrada polêmica que se vem travando ____ quatro décadas."

Ⓐ a – à – às – há
Ⓑ a – a – à – a
Ⓒ à – a – a – à
Ⓓ a – a – à – há
Ⓔ à – à – a – há

84. NCE-UFRJ – Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:

Ⓐ Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
Ⓑ Pedi um favor a Júlia.
Ⓒ A rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
Ⓓ Comemorar o "descobrimento" é, no mínimo, reforçar a visão colonialista.
Ⓔ Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

85. NCE-UFRJ – O acento grave da crase foi empregado <u>erroneamente</u> em:

Ⓐ Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
Ⓑ Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
Ⓒ Essas atividades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
Ⓓ Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
Ⓔ A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

86. NCE-UFRJ – A alternativa com <u>erro</u> no emprego do acento indicativo de crase é:

Ⓐ A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
Ⓑ Explicava sua experiência à sua filha.
Ⓒ Deveria explicar sua experiência à essa gente.
Ⓓ Esperou do meio-dia às quatro horas.
Ⓔ Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

87. NCE-UFRJ – Em "...esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados" há um exemplo de crase assinalada pelo sinal grave.

A alternativa em que este sinal foi <u>erradamente</u> utilizado é:

- **A** A equipe deve o êxito da campanha à boa forma de seus atletas.
- **B** O fornecimento de energia elétrica só foi normalizado à 1 hora da madrugada.
- **C** Não posso deixar de assistir à esta parte da novela.
- **D** Os formandos ficarão sentados à nossa direita.
- **E** Os rebeldes foram levados à presença do rei.

88. FEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:

I. O candidato respondeu corretamente ___ maioria das questões.

II. Não assisti ___ primeira parte do filme; mesmo assim entendi bem o enredo.

III. Transcorridos nove meses, deu ___ uma linda menina.

- **A** à, à, à luz
- **B** a, a, a luz a
- **C** a, à, a luz a
- **D** à, a, à luz

89. FGV – Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> no uso do acento indicativo de crase:

- **A** O leitor dedicava-se à leitura de crônicas.
- **B** O cronista dava preferência às crônicas de estilo mais elaborado.
- **C** O cronista produzia seus textos à tardinha.
- **D** O cronista deve estar atento às situações do cotidiano.
- **E** O texto da crônica lembrava-lhe à sua infância.

90. FCC – "O Rio Grande do Norte foi o estado pioneiro ao conceder ___ mulheres a possibilidade de ir ___ urnas, manifestando sua vontade pelo voto, permitido somente ___ homens, no resto do Brasil."

As lacunas da frase apresentada serão corretamente preenchidas por:

- **A** às – às – a;
- **B** às – as – a;
- **C** as – às – a;
- **D** às – às – à;
- **E** as – as – à.

91. CEPERJ – No segmento "...se ligam muito mais aos países ricos do que às <u>realidades brasileiras</u>", o acento indicativo de crase é obrigatório. Da mesma forma, o acento grave é obrigatório, ao se substituir a expressão destacada por:

- **A** "...aquela realidade."
- **B** "...a esta realidade."
- **C** "...a tal realidade."
- **D** "...a nossa realidade."
- **E** "...a uma realidade."

92. FJPF – Com as alterações feitas na redação da parte destacada do trecho "o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo <u>às ações que sente ânimo de praticar</u>", o acento grave indicador da crase só será usado em:

- **A** a ações que sente ânimo de praticar;
- **B** a uma ou outra ação que sente ânimo de praticar;
- **C** a suas próprias ações;
- **D** a própria ação;
- **E** a elas, suas próprias ações.

93. CESGRANRIO – Na expressão "direito à <u>vida</u>", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

- **A** viver dignamente;
- **B** diferentes formas de mídia;
- **C** uma escolha profissional;
- **D** toda assistência médica;
- **E** segurança pública.

94. CESGRANRIO – Assinale a frase com o uso <u>incorreto</u> do acento indicativo de crase:

- **A** Deve ser garantido à todas as pessoas o direito de ir e vir.
- **B** Estamos à procura de bons roteiros de viagem.
- **C** Foi da Itália à Alemanha de avião.
- **D** Viajamos à tarde para São Paulo.
- **E** Às vezes ele caminha no Jardim Botânico.

95. FUMARC – O acento indicador de crase foi corretamente empregado em:

- **A** Estamos viajando em direção à Brasília.
- **B** Deu à luz uma menina forte e saudável.
- **C** Entregou à suas antigas colaboradoras o material.
- **D** O acidente ocorreu à cerca de 2 km da estação central.

96. FUMARC – "Tal fato levar-nos-á <u>a</u> (1) percepção diferenciada da documentação respeitante <u>a</u> (2) essas cartas e certidões, tanto no que se refere <u>a</u> (3) análise de seu conteúdo, quanto no que respeita <u>as</u> (4) estruturas institucionais nas quais se inseriam."

Tendo em conta o trecho acima, assinale a alternativa na qual os casos em que o acento indicador de crase deverá ser empregado estejam corretamente indicados:

- **A** 1 – 2 – 4;
- **B** 1 – 3 – 4;
- **C** 2 – 3;
- **D** 3 – 4.

97. FUMARC – Nas frases a seguir, substituindo-se as palavras sublinhadas pelas dos parênteses, o acento indicador de crase poderá ser empregado:

I. Solicitou a suas amigas um novo encontro. (propôs)

II. O secretário realizou a leitura da ata da reunião anterior. (procedeu)

III. O prefeito não mencionou as obras de canalização. (fez menção)

Ⓐ apenas em I e III;
Ⓑ apenas em II e III;
Ⓒ apenas em um dos casos;
Ⓓ em todos os casos.

98. FUMARC – Considerando os elementos destacados nos dois versos que se seguem, a alternativa em que o uso do acento de crase foi corretamente indicado é:

"Quando o amor bate a porta, tudo é festa.

Quando o amor bate a porta, nada resta." **(Cineas Santos, poeta piauiense)**

Ⓐ à – à
Ⓑ a – à
Ⓒ a – a
Ⓓ à – a

99. CETRO – Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços no período abaixo:

"Quando ___ dez dias comunicou ___ ela que iria ___ França para concluir seu mestrado, pôs-se ___ chorar."

Ⓐ a – a – a – a
Ⓑ há – a – à – a
Ⓒ há – à – à – a
Ⓓ a – à – a – à
Ⓔ há – a – a – à

100. FUNRIO – A palavra sublinhada deve ter acento grave, indicativo da crase, na frase:

Ⓐ Dirijo-me a V.Sª para fazer uma solicitação.
Ⓑ Dirija-se a qualquer pessoa.
Ⓒ Referiu-se aquele ofício.
Ⓓ Vale a pena trabalhar na Secretaria.

101. FEPESE – Nas frases abaixo, assinale a alternativa em que não ocorre crase:

Ⓐ A força de pensar acabou adormecendo.
Ⓑ Cheguei as dez horas.
Ⓒ Os marinheiros já voltaram a terra natal.
Ⓓ Há fatos que eu não revelaria a ninguém.
Ⓔ Ele já se dirigiu a Bahia.

102. COSEAC-UFF – No trecho "mas parece que o óbvio, exatamente por ser óbvio, fica à mercê de se situar num plano secundário", a locução "à mercê de" aparece corretamente grafada com o acento indicativo da crase. Das frases abaixo, aquela em que não ocorre crase na locução, não se justificando, por isso, o emprego do acento indicativo da crase, é:

- **A** À proporção que lia as obras de Monteiro Lobato, mas se encantava com seus personagens.
- **B** As sociedades em que a educação é tratada como prioridade estão quilômetros à frente das outras.
- **C** Na época de Zumbi, os combatentes ficavam cara à cara com os inimigos.
- **D** As obras de construção do monumento a Zumbi foram feitas à custa do Movimento Negro.
- **E** Estar à distância de um contexto histórico-social não justifica análises incorretas de pessoas e fatos.

103. COSEAC-UFF – Nos trechos "...a lançar um livro à venda na Internet..." e "...o mecanismo de difusão de suas obras pouco lhes importa quando comparado à arte da criação...", ocorrem situações de crase devidamente marcadas com o acento. Há situações, entretanto, em que a ocorrência da crase é facultativa, sendo facultativo o emprego do acento. Nos pares de frase abaixo, em ambas ocorrem situações de crase, ou de crase facultativa, que devem ou podem ser marcadas com o acento. O par no qual uma das frases está com a marcação do acento <u>incorreta</u>, pois <u>não</u> ocorre crase, é:

- **A** Os autores retiraram-se do local de lançamento do livro às dez horas. / Sem apoio das editoras, o autor teve de editar a obra à suas expensas.
- **B** Esta é a editora à qual pertence grande parte das obras publicadas como *e-book*. / João Ubaldo irá à Bahia exclusivamente para o lançamento de seu novo livro.
- **C** À custa de muito esforço, digitalizaram todo o acervo da editora. / O escritor referia-se à sua obra com orgulho por ter sido lançada como livro eletrônico.
- **D** A referência àquele novo catálogo de livros eletrônicos trouxe luz à discussão. / Os leitores sentiam-se à vontade para optar ou não pelo *e-book*.
- **E** Ligado às nossas tradições editoriais, o escritor não abria mão de publicar seus livros em papel. / O lançamento do primeiro título eletrônico dedicado à memória dos grandes escritores emocionou a todos.

104. COSEAC-UFF – Das frases abaixo, está correta quanto ao emprego do acento indicativo da crase:

- **A** Oito critérios indicam à dependência de internet, segundo os psicólogos.
- **B** O programa destina-se à orientação dos jovens dependentes de internet.
- **C** Os especialistas recorreram à uma orientação menos conhecida.

Ⓓ O tratamento identifica as condições ambientais à que os dependentes se sujeitam.
Ⓔ Os terapeutas recomendam à todos os jovens que busquem outras formas de relacionamento com o mundo.

105. COSEAC-UFF – Na oração "as doenças relacionadas à água de má qualidade são atualmente a principal causa de mortes", foi empregado corretamente o acento indicativo de crase. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase também está corretamente empregado é:

Ⓐ Foram liberados recursos destinados à minorar os efeitos da seca.
Ⓑ Fomos apresentados à algumas pessoas interessadas no projeto.
Ⓒ Certos povos são obrigados à economizar água.
Ⓓ As empresas foram condenadas à três anos de suspensão das atividades.
Ⓔ O governo emitiu uma circular dirigida à companhia de água e esgoto.

106. FUNRIO – "E se engana quem estiver pensando que os clientes não prestam atenção a esses detalhes." Nesse período, percebe-se que não ocorre acento grave antes do pronome demonstrativo esse. Assinale a alternativa em que há erro no emprego do acento grave:

Ⓐ Vamos à feira.
Ⓑ Falávamos àquela que nos decepcionou.
Ⓒ Os amantes encontravam-se às escondidas.
Ⓓ O homem dirigia-se à qualquer local.
Ⓔ Encontremos nosso professor à uma hora!

107. FUNRIO – Assim como está adequado o emprego de à antes de "livre manifestação", também está inteiramente correto o uso da crase na frase da alternativa:

Ⓐ À meia-noite, chegaram os peregrinos à pé.
Ⓑ Fomos levados às escondidas àquele local.
Ⓒ Pedirei à V. Exa. a anotação desta ocorrência.
Ⓓ Para combater à manipulação, procederemos à revisão à noite.
Ⓔ Oferecemos sanduíches à metro e vendemos à varejo.

108. FUNRIO – "O nome 'Manifesto Antropofágico' recuperava a crença indígena: os índios antropófagos comiam o inimigo, supondo que assim estavam assimilando suas qualidades."

A crença indígena está comentada adiante numa frase totalmente correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase. Assinale-a:

Ⓐ À medida que comiam seus inimigos, os índios assumiam à certeza de seu aprimoramento.
Ⓑ Os antropófagos não comiam seus inimigos à guisa de uma assimilação à esmo.
Ⓒ Supor essa assimilação era, às vezes, tratar seus inimigos à ferro e fogo.
Ⓓ Somente à partir de uma atitude canibal se justificaria o incentivo à antropofagia.
Ⓔ Cabia às tribos propagar que as qualidades dos inimigos seriam assimiladas pela antropofagia.

109. FUNRIO – Marque a alternativa em que a frase está inteiramente adequada no que concerne à pontuação:

Ⓐ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓑ Todos os brasileiros, têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓒ Todos os brasileiros têm, essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓓ Todos os brasileiros têm essa oportunidade, única de mudar para um país melhor.
Ⓔ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para, um país melhor.

110. IPAD – Observe o fragmento a seguir, em relação ao uso de crase: "...é necessário dar um destino à montanha de lixo...".

É correto afirmar que:

Ⓐ o uso da crase é facultativo;
Ⓑ o uso da crase decorre da utilização do verbo <u>ser</u>;
Ⓒ o uso da crase decorre da utilização da locução verbal <u>é necessário</u>;
Ⓓ é um caso de regência nominal, o termo regente destino e o termo regido <u>a montanha</u>;
Ⓔ a locução conjuntiva <u>à montanha</u> torna obrigatório o uso da crase.

111. IPAD – "E bem à vista exibo esta etiqueta..."

A crase ocorre no enunciado acima pelo mesmo motivo que ocorre em:

Ⓐ A etiqueta está à mostra.
Ⓑ Atribuo esta loucura à sede insaciável de consumo.
Ⓒ Nem todos têm acesso à riqueza produzida na sociedade.
Ⓓ Ninguém consegue viver alheio às necessidades fabricadas artificialmente.
Ⓔ À alegria simples do cotidiano contrapõe-se a angústia da acumulação exagerada de bens supérfluos.

112. VUNESP – Assinale a alternativa que preencha respectivamente as lacunas do texto.

Morador de Bruxelas, morto em junho, teria contraído bactéria ___ resistente ___ vacina aplicada, no país asiático, após o acidente e ___ hospitalização.

Ⓐ a – à – à
Ⓑ à – a – à
Ⓒ à – a – a
Ⓓ a – à – a
Ⓔ à – à – a

113. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula:

Ⓐ Os livros, que ele escreveu, permanecem.
Ⓑ Todos durante a festa, se emocionaram.
Ⓒ Nós caros amigos, esperamos recebê-los.
Ⓓ Vinicius, que foi um apreciado poeta, já não vive.
Ⓔ Meu pai, digo meus pais, eram morenos.

114. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto quanto ao emprego ou não do acento indicativo de crase.

Se passamos 70% do tempo no trabalho, devemos levar ___ sério as relações que se constroem nesse ambiente. É importante dar o devido valor ___ cada um que está ___ nossa volta, pois não se encontram verdadeiras amizades ___ toa.

Ⓐ à – a – à – à
Ⓑ à – à – a –a
Ⓒ à – a – à – à
Ⓓ a – a – à – à
Ⓔ a – à – a – à

115. VUNESP Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não do acento indicativo da crase:

Ⓐ Na Europa, as pessoas usavam os óculos as escondidas.
Ⓑ Os monges não mostravam a ninguém como faziam as pedras de leitura.
Ⓒ As pessoas passaram à enxergar melhor depois que foram criados os óculos em formato de V invertido.
Ⓓ Marco Túlio Cícero não se dirigia à seus escravos porque não os enxergava.
Ⓔ As vezes, os problemas de visão não eram revelados para que as pessoas não se aposentassem.

116. FEC – Na passagem: "E vai folheando à toa.", o acento indicativo da crase está corretamente empregado. Assinale a opção a seguir em que o emprego do acento grave em questão seja justificado pelo mesmo motivo que na passagem em estudo:

Ⓐ Permanecem, ainda hoje, à beira da falência.
Ⓑ Presentou-me com uma tela à tinta.
Ⓒ Os viajantes regressaram à Madri de seus antepassados.

Ⓓ Falou à vontade durante a reunião.
Ⓔ À medida que nos aproximávamos, mais exauridos ficávamos.

117. FEC – Observe as frases a seguir:

I. A lei dos zoológico foi promulgada ___ 24 anos, ___ fim de garantir os cuidados com os animais.

II. O descumprimento das normas pode levar ___ uma punição mais severa: o fechamento do zoológico.

III. O Ibama concedeu permissão ___ prefeitura para abrir um novo zoológico.

Para o correto preenchimento das lacunas das frases lidas, têm de ser usados, respectivamente, os termos:

Ⓐ há – a – a – à;
Ⓑ a – à – há – à;
Ⓒ há – a – à – há;
Ⓓ à – há – à – a;
Ⓔ há – a – há – a.

118. FEC – Está <u>incorreto</u>, do ponto de vista do emprego do sinal indicador da crase, o período:

Ⓐ Pode-se prever sua anuência às propostas de publicação dos atos administrativos.
Ⓑ Não caberia sua anuência à uma proposta de publicação dos atos administrativos.
Ⓒ Obtivemos às pressas sua concordância para a publicação dos atos administrativos.
Ⓓ Não se soube informar qual é a autoridade à qual se deve solicitar a publicação dos atos administrativos.
Ⓔ Criou-se uma expectativa quanto à publicação dos atos administrativos.

119. FEC – É facultativo o uso do acento grave no "a" destacado em:

Ⓐ "...pescávamos enchovas na bela ilha da Vitória, <u>a</u> cerca de 15 milhas (ou 26 quilômetros) da costa."
Ⓑ "Divertimo-nos [...] naquele fim de tarde, reservando alguns exemplares para nosso consumo e devolvendo a grande maioria <u>à</u> água."
Ⓒ "O que são trinta exemplares em meio <u>às</u> centenas que talvez passassem pelo local?"
Ⓓ "...nos dias que se passaram <u>à</u> nossa pescaria, soubemos que aquela costeira foi varrida por dezenas de outras embarcações."
Ⓔ "...sua eficiência [...] só aumenta <u>a</u> cada geração de modelos lançados no mercado."

120. FEC – As frases a seguir, retiradas de contos diversos de Lygia Fagundes Telles, apresentam espaços que devem ser preenchidos com a ou à. Preencha- os:

"Assim que acordou, ___ hora do jantar, desandou nos telefonemas, avisando ___ velharia da irmandade que 'o menino estava doente'."

"Saí em seguida, fingindo não ver ___ carinha safada de um dos anões que estava ali por perto."

"Conceição veio interromper ___ conversa para mostrar ___ amiga ___ bolsa que tinha comprado."

A alternativa cujas palavras preenchem, respectiva e corretamente, os espaços é:

A a – à – à – a – a – à;
B à – a – a – a – à – à;
C à – a – à – à – a – à;
D a – à – a – à – à – a;
E à – à – a – a – à – a.

GABARITO

1. E	17. E	33. E	49. E	65. C	81. A	97. D	113. D
2. A	18. B	34. B	50. A	66. B	82. E	98. A	114. D
3. A	19. C	35. A	51. B	67. A	83. D	99. B	115. B
4. A	20. A	36. A	52. E	68. A	84. B	100. C	116. D
5. A	21. B	37. C	53. A	69. A	85. D	101. D	117. A
6. A	22. D	38. E	54. A	70. C	86. C	102. C	118. B
7. A	23. C	39. C	55. A	71. A	87. C	103. A	119. B
8. B	24. A	40. C	56. B	72. A	88. A	104. B	120. E
9. E	25. B	41. C	57. A	73. D	89. E	105. E	
10. C	26. E	42. A	58. A	74. D	90. A	106. D	
11. C	27. A	43. A	59. D	75. A	91. A	107. B	
12. A	28. B	44. C	60. B	76. E	92. D	108. E	
13. D	29. C	45. D	61. C	77. C	93. E	109. A	
14. D	30. A	46. B	62. D	78. D	94. A	110. D	
15. C	31. C	47. A	63. A	79. D	95. B	111. A	
16. B	32. B	48. B	64. A	80. C	96. B	112. D	

Exercícios de Concordância Nominal e Verbal

1. NCE-UFRJ – O item em que a passagem para o plural do segmento inicial traz um erro gramatical é:

- **A** "Não poderia haver reivindicação mais justa..." – Não poderiam haver reivindicações mais justas...
- **B** "Sabiamente, esse conceito evoluiu." – Sabiamente, esses conceitos evoluíram.
- **C** "Cobra-se, agora, o compromisso..." – Cobram-se, agora, os compromissos...
- **D** "...faça como eu, use..." – ...façam como eu, usem...
- **E** "...a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível..." – ...as responsabilidades de pais e professores continuam sendo intransferíveis...

2. FJPF – Há, segundo a norma escrita contemporânea, erro de concordância verbal no seguinte item:

- **A** Dentre os jornalistas, dez por cento pediu demissão do jornal.
- **B** Haveria de haver sérios motivos para que fosse demitido do jornal.
- **C** Ignoram-se os motivos de sua demissão do jornal.
- **D** Mais de um jornalista acusavam-se de deslealdade na redação do jornal.
- **E** Um ou outro jornalista poderiam chegar à chefia da redação.

3. FGV – "Permanente é o país e suas escolhas."

Embora a palavra permanente se refira a país e suas escolhas, a concordância se fez corretamente com o mais próximo. Assinale a alternativa em que tenha havido inadequação à norma culta da língua no que tange às regras de concordância:

- **A** As alegrias da casa era ele.
- **B** Compramos caras blusas e sapatos.
- **C** Ele pediu emprestado os livros com as anotações.
- **D** Cheguei eu e ele para a festa.
- **E** Marcamos ao meio-dia e meia.

4. FEPESE – Assinale a alternativa errada, quanto à concordância:

- **A** Guido foi à CEASA ao meio-dia e meia.
- **B** Vossa Senhoria deseja que o informemos a respeito dos produtos por nós comercializados?
- **C** Neste setor é proibida a entrada de estranhos.
- **D** Faz dezoito anos que moro perto da CEASA.
- **E** Deve ser encaminhado à diretoria, mensalmente, os demonstrativos periódicos dos trabalhos aqui realizados.

5. NC-UFPR – Que alternativa não reescreve a sentença de acordo com a língua padrão escrita, ao ser substituída a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses?

- **A** O secretário tem o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo o próprio veículo. (secretários) / Os secretários têm o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo os próprios veículos.
- **B** Muitas vezes, ele, engenheiro aeronáutico formado pelo ITA, pilota o avião que o transporta. (eles) / Muitas vezes, eles, engenheiros aeronáuticos formados pelo ITA, pilotam os aviões que o transportam.
- **C** Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, à inauguração de uma obra nas proximidades da grande São Paulo. (instalações) / Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, às instalações de obras nas proximidades da grande São Paulo.
- **D** Junto de Rais Lopes estavam assessores, acomodados a seu lado. (um assessor) / Junto de Rais Lopes estava um assessor, acomodado a seu lado.
- **E** Quando o veículo foi parado na entrada do evento, um segurança se aproximou. (os veículos) / Quando os veículos foram parados na entrada do evento, um segurança se aproximou.

6. FUMARC – A concordância verbal está correta, exceto em:

- **A** O diesel e a gasolina aumentou.
- **B** Aumentou a gasolina e o diesel.
- **C** O diesel e a gasolina aumentaram.
- **D** Aumentaram a gasolina e o diesel.

7. NCE-UFRJ – "Gates e Buffett doaram eles ___ ___ recursos para homens e mulheres ___." A alternativa cuja sequência preenche adequadamente as três lacunas desse período é:

- **A** mesmos – bastantes – desabrigados;
- **B** mesmo – bastante – desabrigadas;
- **C** mesmo – bastantes – desabrigados;
- **D** mesmos – bastante – desabrigadas;
- **E** mesmo – bastante – desabrigado.

8. FJPF – No tocante à concordância, há equívoco na redação da seguinte frase:

Ⓐ São desses fatos sociais que se pode extrair maiores ensinamentos no Direito.
Ⓑ Decerto que aos legisladores não cabe inspirar-se obrigatoriamente nos fatos sociais.
Ⓒ Duas horas eram o tempo que me restava para opinar sobre as normas jurídicas referidas.
Ⓓ Impõe-se, pois, ao magistrado tantas questões resolver quantas a ele se oferecerem.
Ⓔ Não devia haver dúvidas quanto à aplicação das normas jurídicas como instrumento de controle social.

9. FJPF – A concordância empregada para o verbo existir na oração "...não existiria a decepção e a desonestidade, tão frequentes..." justifica-se pela seguinte razão:

Ⓐ esse verbo é impessoal, quando usado no sentido de haver;
Ⓑ houve elipse do sujeito, expresso em oração anterior;
Ⓒ a expressão em que se encontra o verbo é própria da linguagem oral;
Ⓓ o sujeito do verbo está indeterminado;
Ⓔ o sujeito do verbo é composto, mas posposto a ele.

10. FGV – "Não encontrou acolhida a hipótese de conservar tudo como estava, pelo recurso de batizar de 'planetas clássicos' os nove planetas tradicionais e fechar as portas da família aos intrusos."

No trecho acima, a palavra acolhida foi flexionada corretamente, para concordar com o termo a que se refere (hipótese).

Assinale a alternativa em que a concordância não se fez segundo a norma culta:

Ⓐ A moça disse: "Obrigada".
Ⓑ Ele pediu emprestado dez reais.
Ⓒ Eles são tais qual o pai.
Ⓓ Eram motivos o mais interessantes possível.
Ⓔ Ela ficou meio atormentada com a notícia.

11. FGV – "Aqui há plantas que dão duas, três safras por ano."

Substituindo-se a forma verbal do trecho acima por outra, só não se respeitou a norma culta em:

Ⓐ Aqui existem plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓑ Aqui deve haver plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓒ Aqui podem existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓓ Aqui há de existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓔ Aqui pode haver plantas que dão duas, três safras por ano.

12. CESGRANRIO – Marque a frase em que a concordância nominal está correta:

Ⓐ Imagens e telefonemas diárias intrigavam os pesquisadores.
Ⓑ A garimpagem é proibido naquela região.
Ⓒ Havia místicos e pesquisadoras interessados no lugar.
Ⓓ Fotos e imagens eram a mesma de sempre.
Ⓔ A cidade crescia rapidamente, a olho vistos.

13. FUJB – "...trabalham 4,3 milhões de crianças e adolescentes." A frase abaixo que apresenta forma correta de concordância nominal ou verbal é:

Ⓐ "...trabalha 1,3 milhões de crianças e adolescentes."
Ⓑ "...trabalha 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓒ "...trabalham 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓓ "...trabalham 2,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓔ "...trabalha 2,3 milhões de crianças e adolescentes."

14. NCE-UFRJ – A frase abaixo com um <u>erro</u> de concordância (nominal ou verbal) é:

Ⓐ No anúncio da ótica, o óculos estava quebrado.
Ⓑ As crianças, por si mesmas, decidiram rabiscar o cartaz.
Ⓒ O anunciante era um dos que deveriam falar naquele congresso.
Ⓓ Nosso melhor guia devem ser a honra e o dever.
Ⓔ O bando de crianças mancharam os cartazes da feira.

15. NCE-UFRJ – "Nosso povo, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, não se identifica com o Estado." A forma <u>inadequada</u> de reproduzir-se esse mesmo período do texto é:

Ⓐ Nosso povo não se identifica com o Estado, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus.
Ⓑ Diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, nosso povo não se identifica com o Estado.
Ⓒ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente do nosso povo, não se identifica com o Estado.
Ⓓ Não só os americanos do Norte, mas também quase todos os europeus, se identificam com o Estado, diferentemente de nosso povo.
Ⓔ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente de nosso povo, se identificam com o Estado.

16. NCE-UFRJ – "Cerca de 75% do total de recursos doados nacionalmente vem de pessoas físicas." A respeito da concordância verbal e nominal presente nesta frase, pode-se verificar que:

Ⓐ a forma verbal concorda com a porcentagem;
Ⓑ o adjetivo "doados" deveria estar no singular, concordando com "total";

C a forma verbal concorda com “recursos”;
D a forma verbal concorda com a porcentagem ou com “total”;
E a forma verbal concorda com “total”.

17. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro de concordância quanto à norma culta é:

A Terminadas as doações, os milionários viajaram.
B A situação das doações foi considerada meia tranquila.
C O rosto dos necessitados era de uma coloração vermelho-escura.
D Dinheiro, equipamentos, nada podia ser dado.
E Ajudaram as fundações empresários e políticos.

18. FJPF – Na oração “Discrepâncias à parte, o fato é que nós, os caminhantes, formamos uma verdadeira tribo”, se o autor optasse por redigi-la sem o pronome nós, do ponto de vista da concordância verbal, considerando-se a norma culta da língua, poder-se-ia afirmar que:

A estaria incorreta, pois o sujeito “os caminhantes” exigiria o verbo na 3ª pessoa do plural;
B estaria correta, constituindo-se um caso de concordância ideológica;
C seria admissível, caso se tratasse de um texto não literário;
D é um caso de concordância praticado na língua clássica, mas em desuso na língua atual;
E para estar correta, o verbo teria de concordar com o sujeito “uma verdadeira tribo”.

19. FJPF – A concordância verbal está em conformidade com a norma preconizada pela gramática em:

A Não existe atualmente no Brasil grandes projetos em curso na área de educação.
B Fazem muitos anos que a educação deixou de ser prioridade entre nós.
C Os projetos que deveria estar em votação no Congresso encontram-se arquivados.
D Antigamente haviam homens que se preocupavam com a educação no país.
E A maioria dos projetos brasileiros pertencem a setores da educação tecnológica.

20. UPENET – Observando o trecho “...a ponto de seus moradores considerarem banal o assassinato de um ser humano...”, conclui-se que o termo sublinhado:

A poderia, neste contexto, também se flexionar no plural;
B concorda, apenas, com o termo “ser’”;
C constitui-se um exemplo da concordância do verbo com o seu sujeito;
D concorda em gênero e número com o nome a que se refere, “assassinato”;
E se manteria no singular, mesmo se o termo ‘assassinato’ se flexionasse no plural.

21. NCE-UFRJ – "Os EUA invadiram o Afeganistão." Segundo o gramático Celso Cunha p. 493, "os nomes de lugar e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo". Nesse caso:

- **A** a regra foi parcialmente respeitada;
- **B** a regra não se aplica ao segmento destacado do texto;
- **C** a autora não obedece à regra da norma culta;
- **D** o segmento do texto mostra outra possibilidade de concordância;
- **E** a autora do texto obedece fielmente à regra gramatical.

22. FJPF – O comentário correto acerca da concordância verbal em "Onde estavam todo aquele ruído, as carreiras pelo corredor, as brigas da velha Sinhazinha?" é:

- **A** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é composto.
- **B** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é indeterminado.
- **C** O verbo poderia estar no singular, porque o sujeito da frase é composto, mas posposto a ele.
- **D** O verbo poderia estar no singular, porque se faz preceder de um advérbio interrogativo.
- **E** Há erro de concordância, pois a frase não tem sujeito.

23. FGV – No trecho "o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem", o verbo foi flexionado corretamente no plural, observando o caso de sujeito composto com núcleos ligados por OU.

Assinale a alternativa em que, no mesmo caso, a flexão do verbo não seria possível:

- **A** Esperávamos que ele ou o irmão viessem nos apanhar.
- **B** Umidade intensa ou ressecamento excessivo não nos fazem bem.
- **C** João Carlos ou Pedro se casariam com Marta.
- **D** O jornal ou a revista podem apresentar detalhadamente a notícia.
- **E** Podem ser entregues o original do documento ou sua cópia.

24. FUMARC – A concordância verbal está correta, <u>exceto</u> em:

- **A** O relógio deu dez horas.
- **B** Na matriz, bateu oito horas.
- **C** O sinal da escola soou treze horas.
- **D** Eram sete horas, hora das orações.

25. FUMARC – <u>Não</u> há erro de concordância nominal apenas em:

- **A** Apesar da pouca experiência, os alunos produziram fotos cuja qualidade nos surpreendeu.

Ⓑ Por um descuido, os juros embutido no preço do equipamento acabaram não sendo computados.
Ⓒ A ema é uma ave grande, de pernas compridas e penas cinzentas, encontradas em nossos pastos.
Ⓓ Depois de muitas idas e vinda e de muita discussão com meu contador, estou finalmente quites com a Receita Federal.

26. NCE-UFRJ – "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura." Sobre os aspectos da concordância nominal e verbal dessa frase, podemos dizer que:

Ⓐ o adjetivo "inviável" concorda com "criatura";
Ⓑ a forma verbal "tornará" concorda com o sujeito posposto;
Ⓒ o pronome "qualquer" é invariável;
Ⓓ o numeral "terceiro" não concorda com o substantivo "planeta";
Ⓔ no plural, "quaisquer criaturas" não modificaria a forma do adjetivo "inviável".

27. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

Ⓐ Os americanos já tinham bastante motivos para mudar de política.
Ⓑ Que houvesse ou não existido opiniões contrárias a Bush não nos importava.
Ⓒ Vossa Excelência, George Bush, sereis recebido com honras na Venezuela.
Ⓓ Surgiu, no meio do processo, duas novas tendências políticas.
Ⓔ Bush e Clinton haviam chegado às mesmas conclusões.

28. UPENET – Assinale a opção que <u>não</u> se adequaria aos parâmetros da norma culta da língua:

Ⓐ "...ainda que possam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓑ "...ainda que possa haver outras definições bem diferentes,..."
Ⓒ "...ainda que hajam outras definições bem diferentes,..."
Ⓓ "...ainda que devam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓔ "...ainda que venha a haver outras definições bem diferentes,..."

29. NCE-UFRJ – "Haverá milhões de pessoas com Aids." A alternativa abaixo em que a substituição da forma do verbo "haver" está gramaticalmente <u>incorreta</u> é:

Ⓐ Deverá haver.
Ⓑ Poderá haver.
Ⓒ Poderá existir.
Ⓓ Existirão.
Ⓔ Deverão existir.

30. FJPF – A frase "Os cientistas acreditam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem" foi modificada, em cada alternativa abaixo, mediante substituição do verbo acreditar. A substituição é gramaticalmente mal sucedida em:

- **A** Os cientistas admitem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **B** Os cientistas creem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **C** Os cientistas inferem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **D** Os cientistas propõe que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **E** Os cientistas julgam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.

31. FJG – Na frase "[...] mas sempre havia um sonho, um projeto ou um desejo [...].", o verbo grifado apresenta o mesmo critério de concordância de:

- **A** "...existiam um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **B** "...existia um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **C** "...houve muitas mudanças no mundo [...]."
- **D** "...haviam mudado o mundo [...]."

32. FGV – "Lá, alunos ajudaram a criar um centro cultural..."

Assinale a alternativa em que, substituindo-se alunos no trecho acima por outra expressão, foi mantida a correção gramatical:

- **A** "Lá, 1,85% ajudaram a criar um centro cultural..."
- **B** "Lá, 0,98% ajudou a criar um centro cultural..."
- **C** "Lá, a maior parte ajudaram a criar um centro cultural..."
- **D** "Lá, tu e teus amigos ajudaram a criar um centro cultural..."
- **E** "Lá, dois terços ajudou a criar um centro cultural..."

33. CESGRANRIO – Na passagem "há apenas cadáveres e ruínas.", substituindo-se o verbo haver pela locução verbal, tem-se:

- **A** pode existir;
- **B** há de haver;
- **C** hão de haver;
- **D** deve existir;
- **E** devem haver.

34. CESGRANRIO – Assinale a frase correta quanto à concordância verbal:

- **A** Não fosse os pesquisadores e os arqueólogos, o passado continuaria desconhecido.
- **B** Se não houverem peixes no rio, a comunidade semeará e colherá.

Ⓒ Nenhuma das pessoas comentaram a respeito da vida dos habitantes.
Ⓓ Um pesquisador ou algum arqueólogo descobriram ali vestígio de outros povos.
Ⓔ A partir do século XIX encontraram-se na região vários sítios arqueológicos.

35. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a concordância segue a norma culta da língua:

Ⓐ Dos dois cientistas consultados, nem um nem outro aceitou o cargo.
Ⓑ Cada um dos jornalistas fizeram uma pergunta ao entrevistado.
Ⓒ Resta ainda muitas dúvidas sobre o cálculo dos juros.
Ⓓ Fazem dois meses que o cientista concedeu uma entrevista.
Ⓔ Os drogados não parecem perceberem o mal que fazem a si mesmos.

36. FEC – Das modificações feitas abaixo na redação da oração "a maioria dos economistas considera necessário que o país caminhe para a faixa de 25%", aquela em que a concordância está <u>incorreta</u>, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ **"...** a maioria dos economistas consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓑ **"...** grande parte dos economistas considera necessária uma nova faixa de investimentos em torno de 25%.**"**
Ⓒ **"...** metade dos economistas consideram necessário novas medidas que levem o país a caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓓ **"...** um entre dez economistas considera que são necessárias ao país as medidas que permitam caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓔ **"...** não só os economistas, mas também os empresários, consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**

37. CEPERJ – "Os psicólogos têm tido <u>bastante</u> trabalho..." A palavra em destaque deve ser flexionada no plural na frase:

Ⓐ Crianças são ___ curiosas em relação aos fatos da vida.
Ⓑ Certas crianças são ___ desenvolvidas para discernirem o certo do errado.
Ⓒ Os pais conseguem ___ resultados ao colocarem limites para seus filhos.
Ⓓ As origens das distorções não são ___ conhecidas.
Ⓔ Todos conhecemos ___ os limites que devem ser impostos.

38. CEPERJ – "Hoje, se algum telejornal não der a notícia, milhares de sites vão furá-lo..." Apresenta concordância <u>incorreta</u> a seguinte frase:

Ⓐ As milhares de matérias que publicamos são interessantes.
Ⓑ Os milhares de sites que visitamos são conhecidos.
Ⓒ Os milhares de provedores que consultamos são estrangeiros.

Ⓓ Os milhares de pessoas que consultam a rede são inteligentes.
Ⓔ Os milhares de usuários da rede são beneficiados.

39. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

40. NC-UFPR – Se, na frase "De todos os processos analisados por este conselho até agora, a materialidade dos fatos atribuídos ao representado é a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada", a expressão "a materialidade dos fatos" for substituída por "os fatos", serão necessários ajustes na concordância nominal e/ou verbal. Aponte a alternativa em que esses ajustes foram feitos corretamente:

Ⓐ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroverso, incontestáveis e indubitavelmente comprovados."
Ⓑ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovado."
Ⓒ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovados."
Ⓓ "...os fatos atribuídos ao representado são a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada."
Ⓔ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutíveis, incontroversos, incontestável e indubitavelmente comprovado."

41. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a frase está de acordo com regras de uso da língua estabelecidas pela gramática normativa:

Ⓐ Houveram vários casos de gripe aviária em países do leste europeu.
Ⓑ Falta poucos dias para o início da copa do mundo de 2006.
Ⓒ Faz tempo que a população não enfrenta verões com temperaturas tão altas.
Ⓓ Fazem anos que líderes mundiais discutem a paz no Oriente Médio.
Ⓔ Há três dias atrás não tinham pessoas interessadas no imóvel.

42. CESGRANRIO – Quando se substitui a expressão destacada em "Existe pelo menos um par de boas razões para isso." por pelo menos duas boas razões, a concordância, conforme a norma culta, será:

- Ⓐ Devem haver.
- Ⓑ Devem existir.
- Ⓒ Pode existir.
- Ⓓ É possível que hajam.
- Ⓔ Provavelmente têm.

43. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à concordância verbal:

- Ⓐ As casas, as ladeiras, tudo ficavam escondido pela neblina.
- Ⓑ Existe na cidade monumentos a preservar.
- Ⓒ Mistério e beleza convive em Ouro Preto.
- Ⓓ Não ocorreu na cidade grandes mudanças.
- Ⓔ Em Vila Rica viveram grandes poetas.

44. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa em que a concordância nominal não é adequada:

- Ⓐ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatória.
- Ⓑ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatórios.
- Ⓒ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção forçadas.
- Ⓓ A temperatura do Sol obrigava a obrigatório cuidado e proteção.
- Ⓔ A temperatura do Sol obrigava a obrigatória proteção e cuidado.

45. NCE-UFRJ – As regras de concordância nominal dizem que o adjetivo posposto a dois substantivos concorda com o mais próximo ou com o plural dos dois. No caso de "água e terra entrelaçadas", a afirmativa correta, entre as que estão abaixo, é:

- Ⓐ o adjetivo também poderia aparecer na forma "entrelaçada";
- Ⓑ a forma "entrelaçados" do adjetivo também estaria correta;
- Ⓒ se anteposto, a única forma possível do adjetivo seria "entrelaçada";
- Ⓓ por coerência lógica, a única forma possível do adjetivo é "entrelaçadas";
- Ⓔ o adjetivo refere-se exclusivamente ao substantivo "água".

46. FJPF – Tomando-se a oração "...incorporou-se a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços..." e efetuando-se alterações em sua redação, pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta, apresenta erro de concordância verbal a seguinte forma:

- Ⓐ Foram incorporadas a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.

B Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, incorporaram-se a qualidade e a excelência.
C A qualidade e a excelência incorporaram-se ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.
D Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços foi incorporada a qualidade e a excelência.
E A qualidade e a excelência, ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, foi incorporada.

47. FJPF – Entre as modificações feitas na frase "Infelizmente, essa é mais uma prova de que os procedimentos atuais de clonagem são ineficazes", a que contém erro de concordância é:

A Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz o método e os procedimentos atuais de clonagem.
B Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz os procedimentos e o método atuais de clonagem.
C Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz tanto o método quanto os procedimentos atuais de clonagem.
D Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes o método e os procedimentos atuais de clonagem.
E Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes os procedimentos e o método atual de clonagem.

48. FJPF – Consideradas as normas da língua padrão, a alternativa de concordância verbal entre parênteses é igualmente correta em:

A "De que lhe valia (valiam) aquele título de usineira, aquela fama de riqueza?"
B "Moradores vinham de muito longe consultar as mulheres e os filhos, que ficavam (ficava) em casa."
C "Muitos chegavam aflitos para que ela desse um jeito às mulheres, que estavam aperreadas sem que pudessem (pudesse) se aliviar dos filhos."
D "Podia se dizer que o povo do seu engenho não passava (passavam) necessidade."
E "Ali por perto moravam (morava) somente os mecânicos da fábrica, gente que vivia mais ou menos."

49. FEPESE – Assinale a alternativa <u>correta</u>:

A Vende-se apartamentos na praia mais bonita da ilha de Santa Catarina.
B Precisam-se de pedreiros para pequenas reformas.
C No futebol, nem sempre se obedecem às normas da CBF.
D Vaiou-se, por longo tempo, os apresentadores.
E Alugam-se casas para a próxima temporada de verão

50. FEPESE – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "ser":

Ⓐ Era duas da tarde quando a notícia foi veiculada.
Ⓑ Tudo foram desconfianças desnecessárias.
Ⓒ Nem tudo na vida é prazeres e ilusões.
Ⓓ Da minha casa até a de meu amigo é cinco quadras.
Ⓔ Isto será sonhos que jamais acontecerão.

51. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

52. NCE-UFRJ – Assinale a frase com erro de concordância da palavra mesmo:

Ⓐ A Portuguesa, mesmo derrotada, não cairá para a segunda divisão.
Ⓑ Ela mesma arrumou toda a casa.
Ⓒ Joana é teimosa mesmo.
Ⓓ As folhas rasgaram-se por si mesmo.
Ⓔ Na mesma praça, no mesmo jardim.

53. FJPF – De acordo com a norma culta do idioma, preencha abaixo os parênteses com C para enunciado correto e E para enunciado errado.

( ) Algumas pessoas preferem mais sol do que dias chuvosos.

( ) Ele informou o resultado a seus amigos.

( ) Fazem já alguns anos que a pesquisa ocorreu.

( ) Haviam muitos pesquisadores no grupo.

A sequência que se obtém, de cima para baixo, é:

Ⓐ E – E – E – C;
Ⓑ E – C – E – C;
Ⓒ C – E – C – E;
Ⓓ C – C – E – E;
Ⓔ E – C – E – E.

54. FJPF – De acordo com a norma culta da língua, há possibilidade de concordância facultativa – verbo no singular ou no plural – na seguinte frase:

A Deve haver (devem haver) muitos apreciadores dessa música.
B Fazia-se (faziam-se) muitas perguntas acerca da poluição sonora.
C Pode existir (podem existir) novas legislações a respeito.
D Mais de um vizinho reclamou (reclamaram) do incômodo barulho.
E Ele foi um dos que se insurgiu (se insurgiram) contra o excesso de ruído.

55. FJPF – Recorre-se à concordância verbal ideológica na seguinte passagem:

A À Prefeitura de Belém cabe coletar o lixo e dar a ele uma destinação final não lesiva aos interesses da sociedade.
B Só assim será possível evitar que ele vá se espalhar pelas ruas, atraindo animais transmissores de doenças.
C Somente assim, também, teremos todos a garantia de que o lixo não vai acabar nos canais.
D Nesse contexto, ocupa o centro das preocupações a questão do lixo urbano.
E A pergunta paira no ar, por enquanto ainda sem resposta satisfatória.

56. FGV – "Só 2,9 se encontravam."

Assinale a alternativa em que, alterando-se o percentual, cometeu-se <u>erro</u> de concordância verbal:

A Só 1,9% se encontrava.
B Só 29% se encontravam.
C Só 1% se encontrava.
D Só 3% se encontravam.
E Só 0,29% se encontravam.

57. FGV – "Como praticamente não <u>existem</u> estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos."

Assinale a alternativa que <u>não</u> poderia substituir o verbo <u>existem</u> no trecho acima, sob pena de se incorrer em inadequação gramatical:

A há de haver;
B hão de existir;
C haverá;
D devem haver;
E houve.

58. CESGRANRIO – Coloque C ou E nos parênteses, conforme esteja certa ou errada a concordância nominal realizada:

( ) Precisamos aceitar os fatos tais quais eles são.

( ) Não admirava nem um nem outro inventos.

( ) Comprou máquina fotográfica e celular moderno.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ C – E – C;
Ⓑ C – E – E;
Ⓒ C – C – C;
Ⓓ E – E – C;
Ⓔ E – C – C.

59. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à justificativa da concordância verbal, segundo a norma culta:

Ⓐ "...mas nem o pátio, nem os corredores, nem as escadas, nada tem o tamanho..." – O verbo está concordando com o sujeito "nada".
Ⓑ "Houve uma época..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "uma época".
Ⓒ "Alguém era grande no meu passado, fica pequeno no meu presente." – O verbo destacado concorda com o sujeito "alguém".
Ⓓ "Talvez seja esta a prova da sua existência:..." – O verbo concorda com o sujeito "esta".
Ⓔ "em que cabia com folga nossa imaginação e inocência..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "que".

60. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a concordância verbal está incorreta:

Ⓐ Felizmente, a supervisora colhe as informações.
Ⓑ Todas as pessoas aprovadas começam a trabalhar.
Ⓒ O grupo de recenseadores recebe instruções.
Ⓓ O candidato a recenseador faz as provas.
Ⓔ Os funcionários do grupo aprende a entrevistar.

61. CESGRANRIO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "fazer":

Ⓐ Vai fazer dez dias que não saio de casa.
Ⓑ Fazem dois meses que as notícias políticas surpreenderam o país.
Ⓒ Uma noite, fazem onze anos, eu estava passeando de carro novo.
Ⓓ Daqui a um mês, vão fazer três anos que a vida deles melhorou muito.
Ⓔ Dia 12 último, fizeram 25 anos de atividades filantrópicas.

62. FEPESE – Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal correta:

Ⓐ Pai e filhos acabou de sair.
Ⓑ Chegou os jogadores e o técnico.
Ⓒ Ainda falta cinco pessoas para o início da reunião.
Ⓓ Todos os condôminos aprovaram a eleição do novo síndico.

63. FEPESE – Marque a alternativa correta quanto à concordância verbal:

- **A** O horário, o clima, o local, nada nos favoreciam.
- **B** A mão de obra e o material subiram de preço.
- **C** Vassouras ficam no Estado do Rio.
- **D** Haverão melhores ocasiões para nos encontrarmos.
- **E** Fazem dois meses que não chove.

64. FEPESE – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à concordância nominal:

- **A** Ele pulou longos capítulos e páginas.
- **B** Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
- **C** O narrador pulou longos páginas e capítulos.
- **D** Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
- **E** Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

65. FEPESE – Observando a concordância verbal e nominal, assinale a alternativa correta:

- **A** Os agricultores estão bastante felizes com a safra deste ano.
- **B** O sr. Lobo foi quem colhemos menas maçãs neste ano.
- **C** Vossa senhoria estais meia cansada.
- **D** A água são necessário para o bom funcionamento do corpo humano.
- **E** Estados Unidos importam as verduras fresca que nós plantamos.

66. NCE-UFRJ – "Trata-se de um mal irreversível." Colocando-se essa frase no plural, sua forma correta é:

- **A** Tratam-se de uns males irreversíveis.
- **B** Tratam-se de males irreversíveis.
- **C** Tratam-se de dois males irreversíveis.
- **D** Trata-se de dois males irreversíveis.
- **E** Trata-se de males irreversíveis.

67. NCE-UFRJ – A alternativa em que o verbo deverá ficar somente no singular, diferentemente dos demais itens, nos quais poderá ir tanto para o singular quanto para o plural, é:

- **A** Ou a depressão ou a doença acabará por matá-lo.
- **B** Ou o romance ou o conto será lido nas férias.
- **C** Ou o presidente ou o diretor chegará antes.
- **D** Ou a minha ou a tua viagem entristece a todos.
- **E** Ou o queijo ou a geleia será do agrado de todos.

68. NCE-UFRJ – Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ São bastante ____ tais ideias e opiniões sobre a ecologia. (difundidas)
Ⓑ Serão ____ tanto os animais quanto os homens. (prejudicados)
Ⓒ Torna-se muito ____ a área e os meios de atuação dos fiscais. (reduzidas)
Ⓓ Podem ser neste ponto ____ a morte dos dinossauros e a atual extinção das espécies. (comparadas)
Ⓔ Ficam ____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrados)

69. NCE-UFRJ – Há erro de concordância na opção:

Ⓐ Baleias e golfinho extintas.
Ⓑ Golfinho e baleia extinta.
Ⓒ Golfinhos e baleia extintos.
Ⓓ Golfinhos e baleia extinta.
Ⓔ Golfinhos e baleias extintos.

70. NCE-UFRJ – Num trecho de Frei Betto, aparecia o seguinte segmento:

"Famílias e escolas deveriam educar os alunos para lidar com perdas."

Se colocássemos a forma verbal "deveriam educar" no início da frase, ela deveria continuar a ser usada exclusivamente no plural. A frase abaixo em que a forma verbal deveria ser usada, obrigatoriamente no singular, é:

Ⓐ Tombaram-se prédios e bibliotecas.
Ⓑ Vieram pesquisadores e curiosos.
Ⓒ Chegaram 1,2% do grupo.
Ⓓ Estiveram presentes o aluno e a aluna.
Ⓔ Analisaram-se os regimes e o sistema.

71. NCE-UFRJ – "Depressão pós-parto ou pobreza costumam ser as justificativas..." Neste caso, a concordância se faz com a forma verbal no plural (costumam) porque o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído tanto a "depressão" como a "pobreza". A frase abaixo em que a forma verbal deve vir no singular é:

Ⓐ A filha ou o filho abandonado devem ter a proteção da lei.
Ⓑ A mãe ou o pai devem ser responsabilizados pelo mal causado aos filhos.
Ⓒ Menino ou menina abandonada devem ser objeto de adoção.
Ⓓ A educação ou a lei devem fazer com que as crianças não sofram.
Ⓔ Minas ou São Paulo devem ser a sede de uma ONG de proteção à criança.

72. FUMARC – A concordância nominal está correta em:

Ⓐ Moto é muito perigosa; por isso os pais devem desestimular seus filhos a usar esse veículo.
Ⓑ Após longas discussões e reiterados pedidos à Justiça, foram quebrados os sigilos telefônico e bancário dos envolvidos.

C No relatório anual relativo a esta Diretoria, as atividades de cada um dos setores que a integram foram discriminados e quantificados.

D Recorrendo a uma técnica fotográfica que utiliza raios infravermelhos, raios ultravioletas ou luz fluorescente, foi possível recuperar a pintura.

73. FUMARC – A concordância está incorreta em:

A Os agricultores necessitam de um sistema educativo que os ajudem a resolver os seus problemas.

B Em face dessas circunstâncias, acredito que já não havia medida que as livrasse da prisão.

C Nos arquivos indicados, não foram encontrados pelo perito quaisquer provas que incriminassem o ex-servidor.

D É possível que exista documentos que comprovem a vigilância política durante a ditadura militar.

74. FUMARC – Trabalho aqui há dois anos. (fazer)

Já não há falantes dessa língua. (existir)

Tendo em vista a flexão verbal, a alternativa em que a substituição do verbo sublinhado pelo dos parênteses nas frases acima está corretamente indicada é:

A faz – existem;

B fazem – existe;

C faz – existe;

D fazem – existem.

75. NC-UFPR – Considere o seguinte conjunto de sentenças:

I. As emissoras de sinal aberto propõem gincanas atrapalhadas ao público. (A TV aberta)

II. A diferença, a julgar pela crise aguda que embrulha o mercado, já constitui um bom cartão de visita. (As diferenças)

III. Havia uma história de dívidas e cortes no orçamento assombrando as TVs abertas. (histórias)

IV. Foi preciso montar uma estrutura que já havia sido testada por profissionais experientes na área. (estruturas)

A substituição da expressão grifada pela que está entre parênteses não altera a flexão de nenhum dos verbos do período:

A em III, apenas;

B em I e III, apenas;

C em II, apenas;

D em II e IV, apenas;

E em I e IV, apenas.

76. NC-UFPR – Suponha que um contribuinte quisesse solicitar providências às autoridades, a quem se dirigiu com a forma "Vossas Excelências". Indique a alternativa em que esse pedido é feito com o uso adequado das formas pronominais:

Ⓐ Quero solicitar-vos que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de vossa responsabilidade.
Ⓑ Quero solicitar-lhes que adotem medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓒ Quero solicitar-lhe que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓓ Quero vos solicitar que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é da responsabilidade de Vossas Excelências.
Ⓔ Quero te solicitar que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de tua responsabilidade.

77. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

78. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a expressão grifada pode ser substituída pela que está entre parênteses sem necessidade de ajustes na concordância verbal e/ou nominal:

Ⓐ <u>O esforço</u> – cerca de dois milhões de mensagens – derrubou o Partido Popular do governo. (As manifestações)
Ⓑ Seriam necessárias <u>muitas gerações de usuários</u> para conseguir mudar a configuração do polegar. (séculos de uso dos celulares)
Ⓒ <u>Os jovens espanhóis e o Partido Socialista</u> mobilizaram a população por meio de mensagens em celulares. (o Partido Socialista)
Ⓓ <u>O fascínio nipônico</u> por esta forma de comunicação é tamanho que muitos jovens têm amigos que nunca viram. (O interesse dos japoneses)
Ⓔ No Japão, <u>a obsessão pelas telemensagens</u> é tamanha que os adolescentes ficaram conhecidos como "tribo do polegar". (o uso de telemensagens)

79. FUMARC – A concordância nominal está correta, exceto em:

- **A** Férias é bom quando se tem dinheiro.
- **B** Com esse calor, cerveja seria ótimo.
- **C** É necessário chuva para salvar as plantações.
- **E** É vedado a entrada de pessoas estranhas ao setor.

80. FUMARC – A concordância verbal está correta em:

- **A** As chamadas calças "cargo" são aquelas cheias de bolsos onde cabem tudo.
- **B** Chegou o resultado dos exames de sangue e também as tomografias da coluna cervical e da mandíbula.
- **C** Muitos homens não se cuidam como deveriam porque a sociedade os ensinam a ser duros e a sofrer silenciosamente.
- **D** Uma cena que se repetiu várias vezes na entrada do teatro foi a de pessoas vestidas a rigor mendigando ingressos a quem quer que lhes parecessem rico e generoso.

81. FJPF – Entre as alternativas abaixo, apresenta erro de concordância verbal:

- **A** Sempre existirão conceitos díspares sobre a tendência e sua manifestação.
- **B** Poderia haver noções acadêmicas sobre a tendência que eu desconhecesse.
- **C** Haverá de haver manifestações mais atuais sobre a tendência em nosso próximo encontro.
- **D** Considerou-se inaceitáveis as recentes propostas científicas sobre as tendências.
- **E** Mais de uma proposta sobre o conceito de tendência é aceita pelos especialistas.

82. FJPF – Complete as lacunas das frases abaixo com os termos entre parênteses, observando a concordância, de acordo com a norma culta da língua.

I. É preciso ter mais paciência e ___ acomodação. (menos)

II. Havia razões ___ para que não se separassem. (bastante)

III. Calma é ___ para um casamento feliz. (necessário)

IV. A esposa estava ___ furiosa com suas atitudes. (meio)

Observando a ordem de cima para baixo, a sequência correta será:

- **A** menos – bastante – necessário – meio;
- **B** menos – bastantes – necessário – meio;
- **C** menas – bastante – necessário – meia;
- **D** menas – bastante – necessária – meia;
- **E** menos – bastantes – necessária – meio.

83. FJPF – "Proibido cantar" A alternativa abaixo em que a concordância com a palavra "proibido" está <u>errada</u> é:

Ⓐ É proibido sair pelos fundos.
Ⓑ É proibido saída pelos fundos.
Ⓒ Está proibido sair pelos fundos.
Ⓓ É proibida a saída pelos fundos.
Ⓔ A saída pelos fundos está proibido.

84. NCE-UFRJ – Num relatório, um pesquisador escreveu o seguinte:

"Mais de um participante do Congresso admitiu que dois milhares de folhas de papel eram mais do que suficientes."

Pode-se afirmar sobre esse segmento que:

Ⓐ ele não apresenta qualquer erro gramatical;
Ⓑ a forma do verbo "admitir" teria que ser usada no plural;
Ⓒ o numeral "dois" deveria ser trocado por "duas";
Ⓓ o adjetivos "suficientes" deveria ser usado no singular;
Ⓔ o verbo "ser" deveria ser usado no singular.

85. NCE-UFRJ – Numa frase como "Cerca de 13% da população brasileira ingressa no nível superior":

Ⓐ a expressão "cerca de" apresenta uma quantidade precisamente determinada;
Ⓑ a forma verbal "ingressa" concorda com "13%";
Ⓒ haveria uma outra possibilidade de concordância verbal;
Ⓓ a ação verbal não é atribuída a nenhum sujeito;
Ⓔ a omissão da locução "cerca de" obrigaria que a forma verbal fosse para o plural.

86. NCE-UFRJ – "...especialmente nas redes federal e estadual de São Paulo." O mesmo tipo de concordância que ocorre entre "redes" e "federal e estadual" repete-se em:

Ⓐ "...primeira e segunda séries."
Ⓑ "...faculdade e escola particulares."
Ⓒ "...aluno e aluna carentes."
Ⓓ "...intenso estudo e trabalho."
Ⓔ "...mês e semana trabalhosa."

87. NCE-UFRJ – Concordância é a harmonia de flexão das palavras de uma frase.

Em relação à concordância nominal, a frase que segue as normas previstas na gramática é:

Ⓐ Muito obrigado, agradeceu ela ao motorista.
Ⓑ Finalmente estou quites com o serviço militar.

Ⓒ Meu amor, estou enviando anexo umas fotos.
Ⓓ Aqueles jovens sós desejavam companhia.
Ⓔ Hoje há menas tarefas de casa, para serem feitas.

88. FJPF – As normas de concordância nominal possibilitam ao falante, ao lado da forma usada no texto, a escolha do adjetivo na forma sugerida em:

Ⓐ "...assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários..." / secundário.
Ⓑ "...terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro." / imoral.
Ⓒ "Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros..." / enaltecidas.
Ⓓ "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos." / audaciosas.
Ⓔ "...não foi fortuita a circunstância de se terem encontrado neste continente..." / fortuito.

89. FJPF – Do ponto de vista da concordância, o verbo sublinhado no período "O universitário brasileiro em geral espera que os aspectos de qualidade dos cursos que <u>fazem</u> dependam dos seus professores" está:

Ⓐ gramaticalmente incorreto;
Ⓑ concordando gramaticalmente com o termo sujeito;
Ⓒ gramaticalmente correto, mas numa forma em desuso;
Ⓓ concordando gramaticalmente com o termo predicativo;
Ⓔ concordando ideologicamente com o termo sujeito.

90. CESGRANRIO – "Os mares parecem guardar a resposta sobre a origem da vida..."

Indique a opção que <u>não</u> reescreve adequadamente a sentença acima, de acordo com a norma culta.

Ⓐ Os mares parece que guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓑ Os mares guardam – parece – a resposta sobre a origem da vida.
Ⓒ Parecem os mares guardarem a resposta sobre a origem da vida.
Ⓓ Parece que os mares guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓔ Que os mares guardam a resposta para a origem da vida parece.

91. Há <u>erro</u> de concordância em:

Ⓐ Pensou-se que faltava algumas pessoas importantes à reunião.
Ⓑ Anexas ao relatório vão as duas vias deste documento.
Ⓒ Podia haver várias divergências no recinto.
Ⓓ Mais de um orador falou sobre desafios.
Ⓔ Faz anos que ele comparece ao debate.

92. FEPESE – Leia atentamente as proposições abaixo:

____ de fiscais eficientes.

José e eu ____ passar no concurso.

Luís saiu de manhã, _____ ainda estava muito frio.

Sabe-se que ____ muitos acidentes naquela época.

____ dez dias que meu irmão partiu para o Canadá.

Espero que Vossa Senhoria ____ a meu pedido.

Assinale a opção que preenche, de forma sequencial e correta, as lacunas.

Ⓐ Precisam-se – querem – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓑ Precisa-se – queremos – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓒ Precisa-se – queremos – onde – houveram – Faz – atenda.
Ⓓ Precisam-se – queremos – onde – houve – Fazem – atendais.
Ⓔ Precisa-se – queremos – quando – houveram – Fazem – atenda.

93. NC-UFPR – Escolha a alternativa em que a sentença foi escrita de acordo com as normas cultas de concordância:

Ⓐ Falta muitas informações para que se possa estabelecer a relação entre o carnaval e o samba.
Ⓑ Começou a surgir, a partir do século 19, ritmos que depois passaram a caracterizar o carnaval brasileiro.
Ⓒ Xingamento, correria e perseguição era as brincadeiras mais comuns dos carnavais dos primeiros tempos.
Ⓓ Quando o carnaval chegou ao Brasil, faziam séculos que ele tinha sido criado.
Ⓔ Havia brincadeiras violentas no carnaval brasileiro dos primeiros tempos.

94. FUMARC – A concordância verbal se faz, corretamente, no singular ou no plural, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Um milhão de torcedores lotou o Mineirão. / Um milhão de torcedores lotaram o Mineirão.
Ⓑ Gabriela era uma das meninas que mais estudava. / Gabriela era uma das meninas que mais estudavam.
Ⓒ Os Estados Unidos não assinou o Tratado de Kioto. / Os Estados Unidos não assinaram o Tratado de Kioto.
Ⓓ A multidão de ecologistas protestou aos quatro cantos. / A multidão de ecologistas protestaram aos quatro cantos.

95. FUMARC – A concordância nominal está <u>correta</u> em:

Ⓐ Uma vez transcorridos, sem manifestação do interessado, o prazo de dez dias que lhe fora concedido para regularizar sua situação, foram tomadas as medidas legais cabíveis.

B Ao contrário do que dizem os boatos veiculados pela imprensa, Sua Excelência anda muito preocupada com a segurança em nossa cidade.

C No último ano, o governo promoveu melhorias diversas, como o reajuste de vencimentos dos servidores, obras de infraestrutura e de saneamento, entre outros.

D Foi realmente necessário a criação de um novo mecanismo de controle de constitucionalidade, a ADC, a fim de reduzir os custos transacionais na implementação da política fiscal.

96. NCE-UFRJ – "Há tantas famílias querendo adotar bebês." A alternativa abaixo que substitui <u>incorretamente</u> a forma do verbo "haver" é:

A Pode haver.

B Deve haver.

C Podem existir.

D Há de haver.

E Deve existir.

97. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

A Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendia fazer.

B Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazer.

C Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendiam fazerem.

D Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazerem.

E Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendia fazer.

98. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal:

A Não havia razões bastantes para que se duvidasse das palavras do réu.

B Não haviam razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

C Não haviam razões bastante para que se duvidassem das palavras do réu.

D Não havia razões bastante para que se duvidasse das palavras do réu.

E Não havia razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

99. DAVES – "A continuidade do sistema de blindagem na economia, com a manutenção dos eixos da estabilização, e a importância da real política de interesses partidários, vital para sustentação da base governamental, estão colaborando para raspar da imagem de Lula a tintura carismática que, até bem pouco, envernizava totalmente seu perfil."

No texto lido, a palavra "vital"

A está empregada no singular para enfatizar a expressão "importância da real política".

B deveria ter sido empregada no plural para concordar em número com a expressão “interesses partidários”.
C está empregada no singular porque se refere à palavra “política” e com ela concorda em número.
D está empregada no singular, desobedecendo à exigência de concordância, para surtir efeito estilístico.
E está empregada no singular por exigência da preposição que a segue imediatamente.

100. NUCEP – Observe a concordância dos verbos nos enunciados seguintes e identifique aquele em que essa concordância se fez conforme as regras da norma padrão:

A No final do século XIX e início do século XX, notável presença de instituições e populações estrangeiras foram observadas na região da fronteira brasileira.
B Segundo informações recentes, a construção de mais três escolas estão nos planos da Secretaria de Educação do Estado.
C Segundo os analistas ambientais do Ibama, a ocupação urbana nas áreas limítrofes da reserva amazônica comprometeram os efeitos ecossistêmicos positivos da área.
D O conhecimento existente sobre as leis brasileiras está disperso e a discussão e a identificação dessa questão devem constituir prioridade nacional.
E A pesquisa sociológica levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese sobre o caráter excessivo da legislação brasileira.

101. COSEAC-UFF – Há exemplo de concordância verbal que, destoando das normas gerais de concordância descritas pela gramática, se realiza com o mesmo propósito expressivo que em: “E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal” na seguinte passagem:

A “Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se.”
B “Podemos modelar nosso corpo e nossa vida, mais que no passado.”
C “Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras.”
D “Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil.”
E “Esse desejo baixo, mínimo (‘só quero parar de sentir dor’) admite que, moralmente, todos paguemos por ele.”

102. COSEAC-UFF – Na oração "Existem soluções e diagnósticos para todos os gostos", a concordância verbal foi feita de acordo com as normas da língua padrão. Dos itens abaixo, aquele em que está incorreto, porque deixou de ser observada norma de concordância, é:

Ⓐ Hão de existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓑ Pode haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓒ Hão de haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓓ Devem existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓔ É provável que haja soluções e diagnósticos para todos os gostos.

103. COSEAC-UFF – Determinado falante, tentando reescrever no plural a frase "Não se trata, ao que parece, de um caso isolado", fica indeciso entre dar-lhe uma das seguintes formas:

I. Não se tratam, ao que parece, de casos isolados.

II. Não se trata, ao que parecem, de casos isolados.

III. Não se tratam, ao que parecem, de casos isolados.

IV. Não se trata, ao que parece, de casos isolados.

De acordo com as normas de concordância da língua, ele deveria escrever:

Ⓐ na forma I;
Ⓑ facultativamente, nas formas I e II;
Ⓒ facultativamente, nas formas II e III;
Ⓓ facultativamente, nas formas III e IV;
Ⓔ na forma IV.

104. COSEAC-UFF – Em muitos contextos, a concordância do verbo com o sujeito da oração pode ser feita de maneira facultativa, observando-se os aspectos gramaticais e estilísticos, como na frase "A maioria dos escritores já aderiu (ou aderiram) à novidade que consiste na publicação de livros eletrônicos".

Entre as frases abaixo, todas com concordância verbal facultativa, a que só admite uma única forma de concordância, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ João Ubaldo foi um dos autores que aceitou sem reservas o livro eletrônico.
Ⓑ Em muitas locadoras da cidade, alugam-se *e-books* dos mais variados autores.
Ⓒ Surgiu, no mercado editorial, mais uma editora e mais dois autores comprometidos com a tecnologia do *e-book* .
Ⓓ Não só o escritor João Ubaldo como também o livreiro Carlos Augusto Lacerda acreditam no sucesso do livro eletrônico.
Ⓔ Grande parte dos autores teve a atitude inovadora de Ubaldo Ribeiro.

105. COSEAC-UFF – A concordância nominal que contraria a norma preconizada por nossas gramáticas encontra-se em:

- **A** ...modelos e comportamento ainda embrionário...
- **B** ...qualidade e poder divino...
- **C** ...elos e redes interativas...
- **D** ...ideais e concepção mais antropocêntricas...
- **E** ...cultura e desenvolvimento ecológicos...

106. COSEAC-UFF – Considerando-se as normas da língua culta, pode-se afirmar que, das frases abaixo, aquela que está correta do ponto de vista da concordância verbal é:

- **A** Os casos de dependência de internet aumenta a cada ano em todo o mundo.
- **B** Os pais, além do jovem, precisa se preocupar com o uso prolongado do computador.
- **C** Nenhum dos adolescentes atendidos tiveram alta ainda.
- **D** Novos grupos de acompanhamento psicoterápico começarão amanhã.
- **E** Cada um dos pacientes apresentaram um perfil de dependência bem distinto.

107. FUNRIO – As frases abaixo reúnem algumas das considerações que o texto apresenta sobre o papel da imprensa na sociedade de hoje, mas, em uma delas, a construção sintática está em desacordo com os padrões formais da língua. Assinale-a:

- **A** Não deveria haver tantas mentiras e manipulações em nome da grande pátria.
- **B** Há corporações cujas pressões econômicas levam muitos veículos a omitir informações.
- **C** Fazem séculos que a liberdade de expressão busca compensar as pressões do Estado.
- **D** A maioria dos jornalistas pode ser acusada de não contar a verdade para seus leitores.
- **E** Os Estados Unidos votaram contra a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas.

108. FUNRIO – Segundo o padrão formal da língua, há desvio de concordância na opção:

- **A** 17,2% dos jovens brasileiro continuam fumando;
- **B** 18,2% deixaram de fumar;
- **C** 18,2% da população brasileira com mais de 15 anos deixaram o cigarro;
- **D** 17,2% continuam fumando;
- **E** 65% de fumantes pensam em parar de fumar.

109. FEC – Na frase "À noite, o mundo é bonito, como se não houvesse desacordos, aflições, ameaças", respeitou-se a sintaxe de concordância do verbo <u>haver</u>. O mesmo verbo, entretanto, está empregado <u>incorretamente</u> na frase:

Ⓐ Tinha confiança no futuro, pois haveria de haver dias melhores.
Ⓑ Muitos erraram; entretanto poucos o hão reconhecido.
Ⓒ Advertiria não só o aluno, como a todos que houvessem de advertir-se.
Ⓓ Os jovens foram condenados sem que houvesse provas convincentes.
Ⓔ Atendemos muitos pedidos, mas inúmeros outros haviam para atender.

110. FEC – Entre as modificações feitas abaixo na frase:

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes", a única gramaticalmente <u>inadmissível</u> é:

Ⓐ Até os doentes parece que estão mais felizes.
Ⓑ Mesmo os doentes parecem serem mais felizes.
Ⓒ Mesmo os doentes parecem que são mais felizes.
Ⓓ Até os doentes parece serem mais felizes.
Ⓔ Mesmo os doentes parecem estar mais felizes.

111. VUNESP – Na frase "Então apareceram os bichos", a concordância verbal está correta. Assinale a alternativa em que há erro de concordância verbal:

Ⓐ Feito o exame da obra, é pedido os documentos.
Ⓑ Já chegaram o presidente e sua comitiva.
Ⓒ Nem eu nem ele o conhecemos.
Ⓓ Poucos de nós conhecemos nossos direitos.
Ⓔ Espero que Vossa Senhoria faça boa viagem.

112. CCV-UFC – Assinale a alternativa cujo verbo grifado admite outra concordância, conforme a norma gramatical:

Ⓐ "...a maioria das pessoas 'tomasse' a ciência como um 'deus.'"
Ⓑ "...muitas ainda acreditam que a Ciência e a Tecnologia provocam..."
Ⓒ "O conhecimento científico e tecnológico, (...), é uma forma que..."
Ⓓ "Ao mesmo tempo em que ultrapassou os seus limites de bondade."
Ⓔ "...a escassa reflexão sobre a forma e o modelo do conhecimento produzido traz algumas consequências negativas..."

113. VUNESP – Leia as frases.

I. Devem fazer muitos anos que os chineses usam pauzinhos para comer.

II. Comer com palitos orientais pode causar artrose, haja visto o número de pessoas com essa doença.

III. A população chinesa está meio preocupada com a artrose causada pelo uso dos pauzinhos.

Quanto à concordância verbal e nominal, apenas:

- **A** I está correta;
- **B** II está correta;
- **C** III está correta;
- **D** I e II estão corretas;
- **E** II e III estão corretas.

114. FEC – A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

- **A** O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
- **B** Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
- **C** Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
- **D** Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
- **E** As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

115. UPENET – Leia os versos abaixo e responda.

"Em Pasárgada tem tudo

[...]

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas" (Manuel Bandeira)

O emprego do verbo ter nos contextos acima é característico da língua popular. Assinale a alternativa em que a substituição desse verbo se faz de acordo com a língua culta:

- **A** Deve haver telefone automático. / Existe prostitutas bonitas.
- **B** Existe telefone automático. / Deve existir prostitutas bonitas.
- **C** Há alcalóide à vontade. / Há prostitutas bonitas.
- **D** Deve haver tudo. / Devem haver prostitutas.
- **E** Existe alcalóide à vontade. / Existe prostitutas bonitas.

116. FEC – A alternativa em que, sem prejuízo das normas de concordância, a forma verbal sugerida pode substituir a forma empregada no texto é:

- **A** "A tripulação se ressente da falta de alimentos frescos." / ressentem.
- **B** "A má conservação dos alimentos é um problema grave." / são.
- **C** "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / disfarçarem.
- **D** "Talvez venham daí as febres e diarreias que atormentam a todos." / atormenta.
- **E** "Essas doenças não só minam o corpo como entorpecem a mente." / entorpece.

117. FEC – De acordo com as regras de concordância, está incorreta a frase:

- **A** Entre os atos praticados, este era um dos que tinham natureza formal.
- **B** Nenhum dos atos praticados eram de cunho formal.
- **C** Os atos formas e materiais, um e outro são fruto da vontade.
- **D** Quanto aos atos formal e material, ambos são fruto da vontade.
- **E** Mais de um ato praticado era de natureza formal.

118. FEC – Quanto à concordância, a frase mal construída é:

- **A** Não foi eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **B** Não fui eu quem me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **C** Não fui eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **D** Não fui eu quem se referiu a esse ato na conferência da semana passada.
- **E** Não foi ele que se referiu a esse ato na conferência da semana passada.

119. FEC – Em: "O relógio da varanda bate dez horas.", encontra-se correta a concordância verbal, o mesmo, porém, não se podendo afirmar de uma das opções a seguir; indique-a:

- **A** Nem um nem outro acatou a decisão.
- **B** Os brasileiros somos esperançosos.
- **C** Mais de um aluno faltou à aula.
- **D** Ele foi um dos que mais trabalhou em prol dos necessitados.
- **E** Vinte por cento dos inscritos confirmou a matrícula.

120. FEC – No trecho: "A noite vai ficando velha...", observa-se a concordância nominal, de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não acontece, entretanto, em um dos itens abaixo. Marque-o:

- **A** Estavam abandonados a empresa, a indústria e o casarão.
- **B** Referia-se à vaidade e orgulho excessivo.
- **C** É necessário a ajuda de todos.
- **D** Havia bastantes motivos para tal desfecho.
- **E** Deveremos todos permanecer alerta e conscientes.

121. FEC – As frases a seguir contêm lacunas no lugar dos verbos.

I. Cada um dos animais ____ receber tratamento adequado às suas necessidades.

II. Não só os ursos, mas também os elefantes daquele zoológico ____ falta de espaço.

III. Todo mês, ____ para o zoológico municipal as aves apreendidas pelo Ibama.

Os verbos que, respectivamente, completam corretamente as lacunas estão em:

- **A** deve – sente – encaminham-se;
- **B** devem – sente – encaminham-se;

Ⓒ deve – sente – encaminham-se;
Ⓓ devem – sentem – encaminha-se;
Ⓔ deve – sentem – encaminham-se.

122. FEC – A alternativa em que a concordância é facultativa, podendo o verbo, conforme indicado, empregar-se na terceira pessoa do singular ou do plural, é a seguinte:

Ⓐ "Há cerca de 50 anos não havia televisores em nossas casas." (haviam).
Ⓑ "...e ninguém tinha ideia sobre o que fazia as estrelas brilharem..." (faziam).
Ⓒ "...os conhecimentos científicos certamente o ajudarão a tomar decisões mais equilibradas." (ajudará).
Ⓓ "...de difundir democraticamente estes conhecimentos e aplicações, fazendo-os chegar a todas as nações e todos os membros de suas comunidades..." (chegarem).
Ⓔ "O grande vulto das descobertas da ciência e das criações de tecnologia e o imenso poder que propiciam às nações..." (propicia).

123. FEC – Ao reescrever-se a voz passiva analítica em passiva pronominal, cometeu-se um <u>erro</u> de concordância verbal na seguinte alternativa:

Ⓐ "...mas essa carga geralmente é consumida nos primeiros dias de viagem..." / ...mas consome-se geralmente essa carga nos primeiros dias de viagem.
Ⓑ "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / Usa-se os temperos fortes para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados.
Ⓒ "As refeições são preparadas num fogão a lenha existente no convés." / Preparam-se as refeições num fogão a linha existente no convés.
Ⓓ "As necessidades são feitas diretamente no mar." / Fazem-se as necessidades diretamente no mar.
Ⓔ "Seu estojo é composto de seis navalhas..." / Compõe-se seu estojo de seis navalhas...

124. FCC – Quanto à concordância verbal, está inteiramente correta a frase:

Ⓐ Devem-se ressaltar, nos meios de comunicação, a constância com que promovem abusos, na exploração da cultura popular.
Ⓑ Nem mesmo um pequeno espaço próprio querem conceder à cultura popular os que a exploram por interesses estritamente econômicos.
Ⓒ Restam das festas, dos ritos e dos artesanatos da cultura popular pouco mais que um resistente núcleo de práticas comunitárias.
Ⓓ Muita gente acredita que se devem imputar aos turistas a responsabilidade por boa parte desses processos de falseamento da cultura popular.
Ⓔ Produzem-se nas pequenas células comunitárias, a despeito das pressões da cultura de massa, lento e seguro dinamismo de cultura popular.

125. FCC – Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

- **A** Sobrevieram à tragédia de 11/9 consequências profundas, como a psicose coletiva a que se renderam muitos cidadãos nova-iorquinos.
- **B** Agregou-se ao cotidiano de Nova York, a despeito das medidas de segurança, sentimentos de medo e desconfiança generalizados.
- **C** Uma certa soberba, característica dos americanos, mesmo depois do atentado de 11/9 não se aplacaram.
- **D** Muitas vezes decorre de uma grande tragédia coletiva, como a de 11/9, sentimentos confusos, como os da humilhação, da revolta e da impotência.
- **E** Sobrevivem até mesmo depois de grandes tragédias a tendência dos homens ao prosaísmo e ao mau gosto, como no uso da expressão *dez de setembro.*

126. CESGRANRIO – Observe o período abaixo:

"<u>Você</u> tem sido um vizinho muito compreensivo, e <u>eu</u> ando meio relapso na criação de meu bicho de estimação."

Substituindo-se as palavras em destaque por seus correspondentes plurais, mantendo-se a norma padrão de concordância, chega-se ao seguinte período:

- **A** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos nas criações de nossos bichos de estimações.
- **B** Vocês têm sido um vizinho muito compreensivo, e nós andamos meio relapso na criação de meus bichos de estimação.
- **C** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **D** Vocês tem sido um vizinho muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **E** Vocês tem sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapso nas criações de meus bichos de estimação.

127. CESGRANRIO – A sentença em que o verbo está corretamente flexionado de acordo com a norma padrão, sem provocar contradição de significado, é:

- **A** O acaso ou a intencionalidade foi a causa da descoberta do Brasil.
- **B** Haviam 60% de possibilidades de o Brasil ter sido descoberto por acaso.
- **C** Eu e vocês acreditam na descoberta casual do nosso país.
- **D** Não gastava a corte tempo com as preocupações que ocupava os historiadores.
- **E** Devem haver mais evidências para a tese de descoberta casual do Brasil.

128. FUNCAP – A concordância está de acordo com a norma padrão, na frase:

- **A** Tratam-se de opiniões diferentes sobre a identidade do pé de milho.
- **B** São opiniões – seja do primeiro amigo ou do segundo – que mantém a dúvida do leitor sobre a identidade do vegetal.

C Há conceitos, no interior do texto, que podem ser interpretados de diferentes formas pelo leitor.
D Detesta-se comparações surrealistas, mas o vegetal parecia um cavalo.
E Secou as pequenas folhas, pareciam que iam morrer.

129. MOURA MELO – Indique a alternativa incorreta acerca da concordância nominal:

A Depois de te esperar por duas horas no restaurante, estamos quites.
B Na confraternização de final de ano, a oitava e a nona série foram muito indisciplinadas.
C Eu já lhe expliquei mais de mil vezes que nem um nem outro alimento é saudável.
D A encomenda dos soldados vão anexas aos uniformes.

130. MOURA MELO – Analise as assertivas abaixo acerca da concordância dos termos:

I. Com o dinheiro da herança, comprou-se dois terrenos.

II. Hoje faz exatamente três semanas que estou grávida.

III. O calote será enorme, haja visto seu saldo bancário.

A I e III estão corretas.
B Apenas II está correta.
C II e III estão corretas.
E Apenas I está correta.

131. FAPIPA – Assinale a alternativa que apresenta erro de concordância.

A "Nove parentes da moça também não apresentavam impressões digitais."
B "Sprecher explica que não só as pontas dos dedos detêm padrões exclusivos para cada humano."
C "A análise dessas marcas permitem conhecer mais sobre a característica das pessoas..."
D "Apenas 4 famílias no mundo foram diagnosticadas com a doença."
E "...a ausência total das marcas na ponta dos dedos não traz maiores problemas..."

132. CESGRANRIO – De acordo com as regras de concordância nominal do uso padrão da Língua Portuguesa, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere.

No trecho a seguir, a flexão dos adjetivos expressos e geradas segue esse uso padrão.

"Nesse novo modelo, os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de contribuições pelos estudantes, geradas por meio de buscas ou de interações com

qualquer parte do mundo ou da História, e expressos nas mais diversas formas midiáticas que fomos, até ontem, capazes de conhecer."

A flexão desses adjetivos pode ser justificada porque eles se referem, respectivamente, a:

Ⓐ conteúdos e contribuições;
Ⓑ conhecimentos e interações;
Ⓒ alunos e contribuições;
Ⓓ conteúdos e interações;
Ⓔ estudantes e contribuições.

133. UPENET – Observe as afirmativas abaixo sobre concordância nominal:

I. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo! Viajou no tempo qual falcão alado. Tornou-se próspero, tão forte e valoroso." – os adjetivos sublinhados neste trecho concordam com o termo "tempo".

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível" – se o termo sublinhado estivesse no plural, estaria correto o trecho: Dentro do bonde, uns anúncios bem visíveis.

III. "Pro passageiro ficar bem informado" – substituindo-se o termo sublinhado por passageiras, estaria correto o trecho: Pras passageiras ficarem bem informadas.

IV. "- Mas que apito tão lindo e demorado!" – se se acrescentasse o termo sineta após apito, estaria correto o trecho: Mas que apito e sineta tão lindas e demoradas.

Somente está correto o que se afirma em:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ II, III e IV;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ II e III.

134. UPENET – "Sei que ainda há muitos descontentes."

A seguir, apresentam-se várias reconstruções da frase, ora com o verbo haver, ora com o existir. Uma construção, entretanto, é inadmissível quanto à concordância. Assinale-a.

Ⓐ Sei que ainda existirão muitos descontentes.
Ⓑ Sei que ainda deverão haver muitos descontentes.
Ⓒ Sei que ainda podem existir muitos descontentes.
Ⓓ Sei que ainda existem muitos descontentes.
Ⓔ Sei que ainda vai haver muitos descontentes.

135. UPENET – Leia o anúncio abaixo:

GERENTES DE LOJA

Requisitos:

***Experiência mínima de 3 anos de gerência.**

***Sexo feminino.**

***Idade entre 30 e 40 anos.**

***Nível superior.**

***Usuária de computador.**

***Salário Excepcional**

Os interessados deverão enviar currículos com foto para rua das Belezas, n. 10, Recife – PE, CEP 51031-420. Recursos Humanos.

Este anúncio apresenta uma inadequação de concordância nominal em:

Ⓐ Os interessados deverão enviar.
Ⓑ Idade entre 30 e 40 anos.
Ⓒ Gerentes de loja.
Ⓓ Nível superior
Ⓔ Experiência mínima de 3 anos em gerência.

136 – ACAFE – Quanto à concordância verbal e nominal, todas as frases estão corretas, <u>exceto</u> a:

Ⓐ Na seleção dos informantes, serão selecionados aqueles que apresentarem um leque maior de conhecimentos sobre o tema.
Ⓑ Finalmente, está sendo discutido os termos da proposta de uso de nossas instalações por pessoas estranhas à repartição.
Ⓒ Para que a ação seja ajuizada, deve haver provas materiais e testemunhais, além de argumentos consistentes.
Ⓓ Há mais ou menos trinta dias, houve aqui duas festas sobre as quais muito ainda vai se falar.
Ⓔ Assim, explicamos que nossa relação com as entidades sindicais impõe certas condições e demandas que dificultam a correta interpretação dos fatos.

137. COPEVE-UFT – Analise os enunciados abaixo quanto ao uso do advérbio:

I. Elas estão meio cansadas.

II. Parece que há menas gente hoje.

III. As crianças parecem meio inquietas.

IV. A menina estava meia triste.

V. Hoje há muito menos gente do que ontem.

De acordo com a linguagem culta, podemos dizer que:

Ⓐ I, III e V estão corretas;
Ⓑ II, IV e V estão erradas;
Ⓒ III, IV e V estão corretas;
Ⓓ todas estão corretas.

138. FEC – Em: "Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação...", observa-se:

Ⓐ erro quanto à norma culta de concordância do português contemporâneo;
Ⓑ concordância exclusiva da norma corrente em Portugal;
Ⓒ concordância ideológica, não concordância com a morfologia do sujeito;
Ⓓ concordância característica do estilo afetado de certos falantes da língua;
Ⓔ uma gralha, ou cochilo de impressão.

139. FEC – Na oração "China, Austrália e partes dos Estados Unidos estão na mira da catástrofe", o sujeito composto leva o verbo para o plural. Das alterações feitas a seguir na redação da oração, apresenta erro de concordância a seguinte:

Ⓐ Os Estados Unidos está na mira da catástrofe.
Ⓑ China e Austrália estão na mira da catástrofe.
Ⓒ Parte da Europa está na mira da catástrofe.
Ⓓ Partes da Europa e Estados Unidos estão na mira da catástrofe.
Ⓔ Não só a China e a Austrália, mas também a Europa e os Estados Unidos estão na mira da catástrofe.

140. FEC – Na passagem "...valores já quase desaparecidos...", destaca-se a concordância nominal, segundo as regras gramaticais vigentes, o que não podemos afirmar de uma das afirmativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Continuavam inabitados a palhoça, a casa e o chalé.
Ⓑ Pareceu-me orgulho e vaidade excessivas.
Ⓒ Buscava fatos o mais elucidativos possível.
Ⓓ Na Suíça, falam-se as línguas francesa, italiana e alemã.
Ⓔ Havia bastantes razões para negarmos o pedido.

141. UPENET – Uma das dificuldades da língua escrita formal é operar a concordância em certos contextos. Considerando a norma culta, assinale a única construção correta em relação à concordância verbal e nominal.

Ⓐ Não cabia mais, na estante, nenhuma das gramáticas que havia comprado.
Ⓑ Sempre lhe tinha causado interesse indagações acerca de construções da linguagem coloquial.
Ⓒ Ficou comprovado, mediante realização de pesquisa, todas as dificuldades dos jovens em relação à língua culta formal.

Ⓓ É da leitura que depende nossos resultados em termos de desempenho na língua escrita.
Ⓔ Vai faltar muitos alunos nas próximas aulas de gramática.

142. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

143. FJP – No tocante à concordância, há má construção gramatical na seguinte alternativa:

Ⓐ As internações por si sós já causam certos distúrbios psicológicos aos pacientes.
Ⓑ Distúrbios e alterações psicológicos são normais em pacientes hospitalares.
Ⓒ Mais de um paciente sofria de ilusões em face de distúrbios mentais
Ⓓ Os médicos consideravam inevitável nos pacientes pequenas alterações psicológicas.
Ⓔ Uma e outra alteração psicológica podem afetar os pacientes hospitalizados.

144. FJPF – Por vezes, é possível utilizar o verbo facultativamente no singular ou no plural, sem ferir o prescrito pela norma culta da língua, como ocorre na frase:

Ⓐ Avisa/Avisam seus netos dos perigos da friagem apenas as avós dedicadas.
Ⓑ Algum de nós já leu/ eram este artigo?
Ⓒ Ventos, sereno, noites frias, nada acarreta/acarretam doenças respiratórias.
Ⓓ A maior parte das pessoas contrai/contraem resfriados nesta época do ano.
Ⓔ Naquela loja, vende-se/vendem-se microscópios de qualidade.

145. CESGRANRIO – Assinale a opção em que há <u>erro</u> de concordância:

Ⓐ Havia muitas informações no mundo que não mereciam a digitalização.
Ⓑ Os Estados Unidos prometem lutar a favor da paz.
Ⓒ Cinquenta *petabytes* contém incrível quantidade de informação.
Ⓓ Seguem anexas as informações sobre o processo da biblioteca.
Ⓔ O projeto está com problemas, haja vista os erros do relatório.

146. FURB – Complete as lacunas do seguinte texto, obedecendo às regras de concordância verbal:

"Que profusão de mosquitos! Mosquitos nas pontas dos dedos, nas solas dos pés, na raiz dos cabelos, – uns espantosos mosquitos que nos ____ a viver debaixo de cortinados, e mesmo assim com pouca segurança, porque as camas de Orissa não ____ colchões, mas apenas cadarços cruzados. (Camas de clima quente, admirável solução para as noites de canícula, mas que ____ todo o serviço dos mosquiteiros, pois desgraçadamente, por onde ____ as brisas, ____ os mosquitos, também)." (Cecília Meireles)

Assinale a alternativa cujos verbos completam corretamente as lacunas:

Ⓐ obriga – tem – prejudicam – entra – entram;
Ⓑ obrigam – têm – prejudicam – entram – entram;
Ⓒ obrigam – tem – prejudica – entra – entra;
Ⓓ obrigam – têm – prejudicam – entram – entra;
Ⓔ obriga – têm – prejudica – entra – entram.

147. CESGRANRIO –Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ Nem sempre são ____ ao conhecimento do público as causas e consequências dos acidentes nucleares. (levadas)
Ⓑ Animais e plantas de determinada região podem ser acidentalmente ____ pela radiação atômica. (contaminados)
Ⓒ Devem ser melhor ____ em nossa terra os recursos hídricos e outras fontes não poluentes de energia. (exploradas)
Ⓓ É preciso que a construção e o funcionamento de usinas nucleares sejam ____ por rigorosas normas de segurança. (controlados)
Ⓔ Ainda não foram precisamente ____ as vantagens e desvantagens da utilização do átomo como fonte de energia. (avaliadas)

148. FESP-RJ – Das sentenças abaixo, aquela em que há <u>erro</u> de concordância nominal é:

Ⓐ Tem sido reconhecida a dedicação valorosa dos índios.
Ⓑ Os índios tiveram reconhecidos o valor de seus esforços.
Ⓒ A dedicação e o esforço dos índios são reconhecidos por todos.
Ⓓ Reconhecida é hoje por todos a dedicação e o esforço dos índios.
Ⓔ São hoje por todos reconhecidos o esforço e a dedicação dos índios.

149. ESAF – A concordância nominal está <u>incorreta</u> no item:

Ⓐ É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas.
Ⓑ Salvo alguns desastres, obtém-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa.

C Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante os treinamentos.
D A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante do pagamento.
E Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

150. FJG – Assinale a alternativa cuja concordância está formulada corretamente.

A Compramos, na feira, biscoitos e abacate maduro.
B Em anexo, segue as provas do aluno.
C No fechamento está incluso os relatórios da presidência.
D No final da festa, o aluno deficiente disse obrigada à professora.
E Quando eu estava namorando, as horas parecia que voava.

GABARITO

1. A	20. D	39. A	58. A	77. A	96. B	115. C	134. B
2. A	21. E	40. C	59. C	78. D	97. E	116. C	135. A
3. C	22. C	41. C	60. E	79. E	98. A	117. B	136. B
4. E	23. C	42. B	61. A	80. B	99. C	118. A	137. A
5. B	24. B	43. E	62. D	81. D	100. D	119. E	138. C
6. A	25. A	44. C	63. B	82. B	101. D	120. C	139. A
7. A	26. E	45. D	64. C	83. E	102. C	121. E	140. B
8. C	27. E	46. E	65. A	84. A	103. E	122. D	141. D
9. E	28. C	47. B	66. B	85. C	104. A	123. B	142. B
10. B	29. C	48. A	67. C	86. A	105. C	124. B	143. D
11. D	30. D	49. D	68. C	87. E	106. D	125. A	144. D
12. C	31. B	50. B	69. A	88. D	107. C	126. A	145. C
13. B	32. B	51. E	70. C	89. B	108. A	127. A	146. B
14. A	33. B	52. D	71. E	90. C	109. E	128. C	147. C
15. C	34. E	53. E	72. B	91. A	110. B	129. D	148. B
16. E	35. A	54. E	73. D	92. B	111. A	130. B	149. C
17. B	36. C	55. C	74. A	93. E	112. A	131. C	150. A
18. B	37. C	56. E	75. A	94. C	113. C	132. A	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. B	114. A	133. E	

Emprego de Pronomes e Sintaxe de Colocação

1. NCE-UFRJ – "Logo que ____, ____ ver que não ____."

As formas abaixo que completam adequadamente as lacunas são:

A os vir – os farei – os queremos seguir;
B os ver – fá-los-ei – queremo-los seguir;
C vê-los – fá-los-ei – queremos segui-los;
D os vir – fá-los-ei – queremos segui-los;
E os ver – far-lhes-ei – quereremos segui-los.

2. NCE-UFRJ – "Não perderei tempo." Nesta frase, se substituirmos "tempo" pelo pronome complemento adequado, teremos a forma correta:

A Não o perderei;
B Não perdê-lo-ei;
C Não perderei-o;
D Não perder-lo-ei;
E Não perdê-lo-ei.

3. FJPF – Reescreveram-se os trechos abaixo, alterando-se apenas a colocação do pronome átono:

I. "Pode-se alegar que se trata propriamente de um direito clássico." / Pode alegar-se que se trata propriamente de um direito clássico.

II. "...o governo não consegue defendê-lo." / ...o governo não o consegue defender.

III. "...ao mesmo tempo que não se cumpre um dever." / ...ao mesmo tempo que não cumpre-se um dever.

IV. "...eis a combinação explosiva que me parece ter levado 60 milhões a votar pelo 'não'." / ...eis a combinação explosiva que parece ter levado-me 60 milhões a votar pelo "não".

Estão de acordo com as normas descritas nas gramáticas as alterações realizadas em:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ II, III e IV;
Ⓔ III e IV.

4. FJPF – Na hipótese de substituição do complemento em destaque pelo pronome átono nas opções abaixo, aquela em que a língua culta rejeita tradicionalmente uma das duas colocações sugeridas para o pronome é:

Ⓐ "Dava as doses para todos os males." // As dava. / Dava-as para todos os males.
Ⓑ "Alguns mandavam de manhã os filhos com garrafas." // Alguns os mandavam. / Alguns mandavam-nos de manhã com garrafas.
Ⓒ "Poderiam vir buscar o leite de manhãzinha." // Poderiam vir buscá-lo. / Podê-lo-iam vir buscar de manhãzinha.
Ⓓ "Um dia falou a Juca para botar um hospital na Bom Jesus." // Um dia lhe falou. / Um dia falou-lhe para botar um hospital na Bom Jesus.
Ⓔ "Deus podia abandonar a proteção que vinha dando a todos os seus. // Deus a podia abandonar / Deus podia abandoná-la.

5. CESGRANRIO – Marque a opção em que a forma pronominal utilizada está incorreta:

Ⓐ É difícil, para mim, praticar certos exercícios físicos.
Ⓑ Ainda existem muitas coisas importantes para eu fazer.
Ⓒ Os chinelos da aposentadoria não são para ti.
Ⓓ Quando a aposentadoria chegou, eu caí em si.
Ⓔ Para tu não teres aborrecimentos, evita o excesso de velocidade.

6. FEPESE – Marque a opção em que a colocação pronominal está correta:

Ⓐ Me conta tudo.
Ⓑ Não disse-lhe nada.
Ⓒ Diga-me toda a verdade.
Ⓓ Contarei-lhe a notícia agora.

7. FUMARC – A colocação pronominal está correta apenas em:

Ⓐ O instrutor havia preparado-os para o exame de direção.
Ⓑ Quem estragou a câmera que encarregue-se de enviá-la para o conserto.
Ⓒ Quando comunicaram-na de que havia vencido, não acreditou.
Ⓓ As inscrições para o concurso se realizarão até a próxima sexta-feira.

8. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o pronome pessoal não está usado de acordo com a norma culta:

Ⓐ Ele trouxe esse presente para mim.
Ⓑ A salada de tomate é para eu comer.
Ⓒ Pedi-lhe licença para sair da sala.
Ⓓ Ele precisava da ajuda dos pais.
Ⓔ Este programa é para mim fazer.

9. FJG – "[...] a mãe iria acompanhá-la para ajudar na mudança..."

Esse trecho de texto é reescrito em cada alternativa abaixo. A nova redação não é bem-sucedida, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ [...] a mãe acompanhá-la-ia para a ajudar na mudança..."
Ⓑ [...] A mãe acompanharia-a para ajudá-la na mudança..."
Ⓒ [...] A mãe a acompanharia para a ajudar na mudança..."
Ⓓ [...] A mãe a acompanharia para ajudá-la na mudança..."

10. FESP-RJ – "Já o mesmo não se pode dizer de um serviço de bondes."

Das alterações feitas na frase acima, aquela em que a colocação do pronome átono sublinhado contraria a norma culta do português contemporâneo do Brasil é:

Ⓐ Já o mesmo não se haveria de dizer de um serviço de bonde.
Ⓑ Já o mesmo não estaria se dizendo de um serviço de bonde.
Ⓒ Já o mesmo não deveria-se dizer de um serviço de bonde.
Ⓓ Já o mesmo não poderia dizer-se de um serviço de bonde.
Ⓔ Já o mesmo não teria se dito de um serviço de bonde.

11. ESAF – Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes:

Ⓐ José, espere-me um pouco; eu quero ir consigo à audiência.
Ⓑ Ele não mim informou da presença do juiz eleitoral na cerimônia.
Ⓒ A mim me parece que a constituição deve ser referendada por um plebiscito.
Ⓓ Lembro-me de ti a todo momento; sinto uma profunda saudade de você.
Ⓔ Já recebi o recado de que aqueles processos são para mim despachar.

12. VUNESP – Indique a única frase correta quanto ao uso e à colocação do pronome:

Ⓐ Sempre quis-lhe como namorada.
Ⓑ Não vá embora sem mim.
Ⓒ Os soldados não obedeceram-lhe às ordens.
Ⓓ Nunca houve desentendimentos entre tu e eu.
Ⓔ Segure a régua para eu.

13. COVEPE – Coloque o pronome no espaço correto.

1. Jamais _____ esqueço _____ de você. (me)

2. O rapaz, _____ levantando _____ fez uma pergunta. (se)

3. _____ devolve _____ o livro que te emprestei. (me)

4. Estou a _____ contar _____ uma coisa importante. (lhe)

5. Gostaria de saber quem _____ contou _____ tal fato. (te)

A colocação adequada, de cima para baixo, é a seguinte:

Ⓐ me esqueço, se levantando, me devolve, contar-lhe, te contou;
Ⓑ esqueço-me, levantando-me, devolve-me, lhe contar, te contou;
Ⓒ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, te contou;
Ⓓ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, contou-te;
Ⓔ esqueço-me, se levantando, me devolve, contar-lhe, contou-te.

14. FUMARC – Observe atentamente a colocação dos pronomes oblíquos átonos nas frases a seguir.

I. Vinham-me acompanhando vários amigos.

II. Devo incomodar-te muito com essas idéias.

III. Deus te ajude nessa nova missão!

A colocação está adequada em:

Ⓐ I e II apenas;
Ⓑ I e III apenas;
Ⓒ II e III apenas;
Ⓓ I, II e II.

15. VUNESP – Considere as informações abaixo para responder à questão:

I. que pedir a eles	→	**que lhes pedir**
II. defender o contribuinte	→	**defendê-lo**
III. o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos	→	**o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir**
IV. "seria obrigado a liquidar a fatura"	→	**seria obrigado a liquidar ela**

Entre as informações acima, aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I e III.

16. FESP-RJ – Marque a opção cuja colocação do pronome sublinhado obedece à norma culta:

- **A** As universidades já têm cursos especiais para alunos da terceira idade que se querem reciclar.
- **B** A diferença para as turmas convencionais é uma só: ninguém submete-se a provas e exames.
- **C** Os meninos nunca deram-se a oportunidade de cantar coisa mais elaborada.
- **D** Se pode correr 100 metros em cinco segundos quando se é um atleta.
- **E** Farão-se as garantias da pesquisa para que os resultados sejam bons.

17. Assinale a alternativa onde o pronome pessoal está empregado corretamente:

- **A** Para mim, viajar de avião é um suplício.
- **B** Este é um problema para mim resolver.
- **C** Entre eu e tu não há mais nada.
- **D** A questão deve ser resolvida por eu e você.

18. O pronome oblíquo destacado pode trocar de posição em relação ao verbo da frase em:

- **A** "Ele choraminga, olha a mãe que o excita, rindo, batendo palmas."
- **B** "Vou seguir caminho, mas me detenho a olhá-la: carregou a criança para junto da espuma."
- **C** "Fala com ele, ergue-o no ar."
- **D** "Assim, com a silhueta cortada junto à luz que se reflete no chão molhado, ..."
- **E** "É apenas uma jovem fêmea que ensina o mar e o mundo à sua cria; transmite-lhe a experiência da espécie ..."

19. FUMARC – Há erro quanto à colocação do pronome oblíquo átono em:

- **A** Em se tratando de medidas dessa natureza, resolvemos renunciar.
- **B** Embora me dissessem o perigo, não acreditei neles.
- **C** Deus acompanhe-te na sua nova jornada!
- **D** A casa para onde se mudaram é excelente.

20. FCC – De acordo com a formalidade da Língua, assinale a alternativa em que está correta a colocação do pronome átono:

- **A** Meu amigo, preciso o prevenir contra as maledicências usuais dessa gente.
- **B** Os satélites têm dado-nos a exata medida da destruição causada pelas queimadas.
- **C** Esqueçamo-nos do mal que nos fizeram, mas não esqueçamo-nos de retribuir o bem que recebemos.
- **D** O político, constrangido, foi desvencilhando-se aos poucos daquela situação vexatória.
- **E** Eu calarei-me somente se me convencerem de que estou errado.

21. NCE-UFRJ – A frase em que não se observou uma recomendação referente à colocação dos pronomes oblíquos átonos é:

- **A** Sempre pareceu-nos que esse projeto não teria êxito.
- **B** Os dois marujos que ficaram no Brasil nunca se tornaram índios.
- **C** Naquele momento, iniciou-se o povoamento do Brasil.
- **D** A consideração com que me trataram foi para mim o ponto alto da reunião.
- **E** Os falantes do português se tornaram maioria no litoral brasileiro.

22. FAPERG – Na oração "Disseram-me que tinha chegado no último paquete", o uso de ênclise se dá porque:

- **A** não se inicia a frase com pronome oblíquo átono;
- **B** o verbo está no infinitivo impessoal;
- **C** se houver partícula atrativa antes da locução verbal, coloca-se o pronome oblíquo antes do auxiliar ou depois do principal;
- **D** o verbo vem precedido de pronome relativo;
- **E** possibilita maior ênfase na expressividade que uma palavra adquire na frase.

23. NCE-UFRJ – "Recordo-me de um bar..." Este mesmo segmento do texto, se colocado na 1ª pessoa do plural, teria como forma verbal correta:

- **A** Recordo-nos;
- **B** Recordamo-nos;
- **C** Recordemo-nos;
- **D** Recordamos-nos;
- **E** Recordemos-nos.

24. FUNCAB – Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo destacado não obedece às normas do português padrão:

- **A** Esses amores silenciosos alcançam-nos todos os dias.
- **B** Disseram-me muito sobre os amores, resta agora a vocês oferecerem-nos à pessoa amada.
- **C** Ele evitava os amores!... Ter-lhe-iam falado de suas dores?
- **D** O que lhe restava era amar silenciosamente.
- **E** Fostes alertado a manter os silêncios amorosos e cumpriste-no com eficácia.

25. ACADEPOL-SP – Marque a alternativa em que aparece um erro de colocação pronominal:

- **A** Sempre vejo-a triste ao cair da tarde, fragilizada pela depressão contínua.
- **B** Eu não lhe disse, mas o chefe mandou oferecer preço na plantação.
- **C** Em meio ao tédio que lhe representara muita humilhação saboreou um momento de alegria.
- **D** Encarava-o rígida, cheia de gravidade, com os olhos súplices de cobrança.

26. FCC – Assinale a alternativa em que os vocábulos propostos preenchem corretamente as lacunas da frase:

"____ as novas condições exigidas pelo programador, antes que outros ____."

- **A** Expusemos-lhes – o fizessem.
- **B** Expusemo-lhes – fizessem-no.
- **C** Expusemos-lhes – fizessem-o.
- **D** Expusemo-lhes – fizessem-lo.
- **E** Expusemo-lhes – o fizessem.

27. COPPE-UFRJ – A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:

- **A** Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
- **B** Abrigaremos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
- **C** Não se poupariam esforços nesse sentido.
- **D** Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta disso.
- **E** "...certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza)

28. ACCESS – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> no uso do pronome pessoal sublinhado em:

- **A** Nada houve entre <u>eu</u> e você.
- **B** Empreste o livro para <u>eu</u> ler.
- **C** É hora de <u>eles</u> voltarem.
- **D** Deixe-<u>os</u> entrar.
- **E** Basta-<u>me</u> a terra.

29. COPPE-UFRJ – Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:

- **A** O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
- **B** No curso de pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
- **C** Nunca enganamo-nos a esse respeito.
- **D** Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
- **E** Caso procurem-me, diga que viajei.

30. ACCESS – Na passagem "De repente, foi assaltada por um adolescente, que a roubou...", o pronome pessoal oblíquo está em posição proclítica.

Segundo a norma culta, esta é a colocação correta, porque:

- **A** a oração é iniciada por palavra interrogativa;
- **B** há uma palavra de valor negativo na frase;
- **C** o verbo não está no futuro do presente;
- **D** a oração é subordinada desenvolvida;
- **E** há um advérbio antes do pronome.

31. EMPASIAL – Indique onde não há erro no emprego do pronome átono, observadas as ligações enclíticas indicadas: tendes + o; põe + o; diria + o; poreis + o:

Ⓐ tendes-lo – põe-lo – diria-lo – poreis-no;
Ⓑ tende-lo – põe-no – di-lo-ia – pô-lo-eis;
Ⓒ tendes-no – põe-no – diria-no – pôr-lo-eis;
Ⓓ tende-no – põe-lo – dir-lo-ia – por-lo-eis;
Ⓔ tende-lo – põe-lo – dir-lo-ia – poreis-lo.

32. EMPASIAL – Onde o pronome está erroneamente empregado?

Ⓐ Fez + o = fê-lo.
Ⓑ Diríamos + o = di-lo-íamos.
Ⓒ Pondes + o + ponde-lo.
Ⓓ Tem + no = tem-no.
Ⓔ Diríeis + o = diríei-lo.

33. VUNESP – Os pronomes pessoais têm emprego de acordo com a língua padrão em:

Ⓐ Rompidos desde as últimas eleições, os velhos caciques esqueceram as diferenças, mandando elas às favas, e reataram a aliança.
Ⓑ Referindo-se a seu rival, a velha raposa da política afirma: "não há acordo possível entre eu e ele".
Ⓒ Quando ela tomar posse, aguardam-se dívidas incontáveis deixadas por seu antecessor.
Ⓓ Especula-se a origem de sua fortuna, falando-se em falcatruas que teriam feito ele enriquecer.
Ⓔ Deixem eu resolver essas diferenças entre os dois, levando-os a um bom acordo.

34. COPPE-UFRJ – Em "...sempre que nos vemos..." e "...volto sempre a ela...", os pronomes pessoais estão empregados segundo as normas do português escrito culto. Entre os exemplos abaixo, o que também está de acordo com essas normas é:

Ⓐ Ela trouxe o livro para mim ler.
Ⓑ Entre eu e você tudo acabou.
Ⓒ Não estou lhe reconhecendo.
Ⓓ Parece que o filme não o agradou.
Ⓔ Estivemos muito próximos, mas não lhe vi o rosto.

35. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

Ⓐ O processo da eleição tem desagradado-me.
Ⓑ Ninguém se lembrou de que o conclave estava previsto para o dia 18.
Ⓒ Os cardeais não deixaram-lhe opção de escolha.
Ⓓ Em tratando-se de eleição, o voto deve ser secreto.
Ⓔ Quem garante-me o sucesso da votação?

36. CESPE-UnB – Assinale a opção em que há erro de colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

- **A** A primeira refere-se aos atuais mecanismos públicos e particulares.
- **B** São os elementos essenciais da vida, os quais não têm-nos dado a desejada segurança.
- **C** Consiste em nossa fraqueza de opormo-nos a uma espécie de movimento neo-feudal.
- **D** A sociedade mostra-se perplexa com seu ajuste à eletrônica.
- **E** O Estado não se mostra apto para encontrar soluções.

37. FCC – Está correto o emprego do pronome sublinhado na frase:

- **A** Se é para <u>mim</u> ir buscar as malas, deixe que eu vou.
- **B** Aquela má notícia deixou <u>ele</u> muito triste.
- **C** Afinal, sua desavença é com eles ou com <u>nós</u>?
- **D** A esta altura, só podemos contar <u>conosco</u> mesmos.
- **E** No caso de <u>eu</u> ir reclamar, você também vai?

38. COPPE-UFRJ – A alternativa em que o deslocamento do pronome oblíquo átono foi efetuado de acordo com as normas do padrão culto escrito do português é:

- **A** "Creio que é somente na década de 40 que se pode considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil." – que pode considerar-se seriamente.
- **B** "Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado, é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e uma amplitude social." – que toda a sociedade reestruture-se.
- **C** "Por isso se faz necessário entender como se articulam no período os diversos ramos da produção e de difusão de massa." – como articulam-se.
- **D** "...a questão que se coloca é conhecermos como ele se estrutura, e em que medida determina parâmetros novos para a problemática da cultura." – a questão que coloca-se.
- **E** "Não nos cabe retomar as análises já realizadas sobre este tema." – Não cabe-nos retomar as análises.

39. ESAF – Indique o período que apresenta colocação pronominal contrária às regras da norma padrão:

- **A** Causou-lhe decepção a reação inesperada da irmã, embora não lhe ficasse querendo mal por isso.
- **B** Ai! Nem me quero lembrar dos dias em que andavam se agredindo sem quê nem porquê!
- **C** Ninguém dirigiu-se ao chefe, em ocasiões como aquela, dando-se ares de tanta importância!

Ⓓ Depois de algum tempo, os amigos se reencontraram, muitos sem nem o terem desejado.
Ⓔ Nunca lhe darei tanto dinheiro, que o faça tornar-se um beberrão.

40. NCE-UFRJ – Considerando o emprego e a colocação dos pronomes, a frase com erro é:

Ⓐ Sem mais para o momento, subscrevemo-nos com elevada consideração.
Ⓑ Em nome da transparência, informamo-lo do ocorrido.
Ⓒ Fi-lo porque foi necessário.
Ⓓ Amamo-vos mais que a nós mesmos.
Ⓔ Comunicamos-lhes que o carregamento chegará quatro horas mais tarde, em virtude de um acidente na linha férrea.

41. CESGRANRIO – Marque a opção <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Seria-nos conveniente assinar o acordo hoje.
Ⓑ Nada se fez por ele.
Ⓒ Vocês podem dizer-me a verdade.
Ⓓ Amanhã, contar-lhe-ei as novidades.
Ⓔ Quando a viu vencer, desmaiou.

42. FUMARC – A colocação pronominal está <u>correta</u> em todas as frases, <u>exceto</u>:

Ⓐ O encontro se realizará sem a presença do famoso conferencista.
Ⓑ Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento contra a violência.
Ⓒ Parece que Maria Rita não vai mais casar-se com Pedro Otávio.
Ⓓ O rapaz declarou que, há uma semana, já havia queixado-se à polícia.

43. COPPE-UFRJ – A alternativa em que é possível alterar a colocação do pronome sem ferir a norma gramatical é:

Ⓐ "Quando <u>se</u> está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓑ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo <u>nos</u> faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓒ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que <u>se</u> está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓓ "Não estou certa de que <u>se</u> trate de um processo, mas suspeito que o tempo, único juiz de coisas dessa natureza, não está nunca do lado de quem tenta driblá-lo."
Ⓔ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que <u>se</u> busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."

44. COMVEST – Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Marque-a:

1. O professor passou uma tarefa para ____ fazer.

2. Não se ponha entre ____ e ele, por favor!

3. Se fores à rua, avisa-nos que iremos ____.

4. Para ____ ganhar dinheiro, é preciso trabalhar.

5. Para ____, ouvir música é maravilhoso.

A mim – tu – consigo – eu – tu
B mim – mim – consigo – mim – eu
C eu – eu – contigo – mim – eu
D tu – eu – conosco – tu – mim
E eu – mim – contigo – eu – mim

45. FUMARC – Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome átono, <u>exceto</u>:

A Maria não vai casar-se outra vez.
B Disseram-me que a jóia era falsa.
C Os presos já tinham rebelado-se outra vez naquele ano.
D Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

46. CESPE-UnB – Assinale a melhor resposta:

O resultado das combinações "pões + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

A pões-lo – reténs-las – dedu-la;
B pões-no – retém-nas – dedu-la;
C pões-lo – retém-las – deduz-la;
D pões-no – retém-las – dedu-la;
E põe-lo – retém-las – dedu-la.

47. CN – Assinale a opção em que só o uso da prôclise é aceito pela norma culta:

A O rio te quer rodar, seu canoeiro.
B Os periquitos te estão chamando, menino.
C A velha rendeira te neutralizará, ó rio.
D Não te obedecer, ó rio, é pecado.
E A professora descobriu que o rio lhe trará problemas.

48. VUNESP – A alternativa em que a frase apresenta um erro de colocação pronominal é:

A É difícil dizer-te o quanto te amo.
B João, expulsa-os já do jardim.
C Jamais me mudarei daqui.

Ⓓ Fiquei olhando o carteiro que aproximava-se.
Ⓔ Devemos dizer-lhe a verdade.

49. FESP-RJ – Entre as frases abaixo, aquela que a norma gramatical rejeita por conter erro na colocação do pronome átono é:

Ⓐ As mãos fá-lo-iam cantar.
Ⓑ O frio me faz pensar em neve.
Ⓒ Uma alegria expande-se no meu peito.
Ⓓ Me parecia que era o milagre da neve.
Ⓔ Nós a conhecemos primeiro nos livros coloridos.

50. VUNESPE – Assinale a alternativa em que o uso da mesóclise é incorreto:

Ⓐ Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
Ⓑ Dir-se-ia que ela tem menos de quarenta anos.
Ⓒ Convencê-lo-ei, se puder.
Ⓓ Dizes-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
Ⓔ Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

51. EM – Em apenas um item a colocação do pronome átono foi feita de forma correta. Assinale-o:

Ⓐ Julguei que chamavam-me para o almoço.
Ⓑ Deus o favoreça e de mim não se esqueça.
Ⓒ Tinha feito-lhe uma pergunta, mas não obtive resposta.
Ⓓ Diria-se que tudo não passou de um engano.
Ⓔ Ninguém admoestá-lo-á na minha frente.

52. CN – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal admita o maior número de variações:

Ⓐ Deem-me coroas de pano.
Ⓑ Que a não esqueçam os amigos.
Ⓒ Que vai se deitar para sempre.
Ⓓ Não me envolvam num lençol.
Ⓔ Bem sabeis que não se casa.

53. EsFAO – A norma culta da língua repudia a colocação do pronome átono, tal como ocorre no item:

Ⓐ Os homens ainda não a esperavam quando ela desabou sobre a cidade.
Ⓑ Que me dera que meus rústicos hinos por ele ouvidos fossem, e por elas aplaudidos.
Ⓒ Eu tinha beijado-lhe as mãos, porque, se não fosse ela, estaria talvez na prisão, por um crime não realizado.

D Certamente, com medo, ela ficara em casa, ou alguém a avisara, pois àquela hora, sua ausência era bem estranha.

E Um grande soluço sacudiu-o desafinado. Ele nem sequer tremeu. Ela também passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

54. EMM – A única oração correta quanto à colocação do pronome átono é:

A Ela não chamou-te.

B Ela avisar-te-á o dia da prova.

C Ela disse que viu-te chegar.

D Ela não te viu.

E Nenhuma das respostas anteriores.

55. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise:

A Jamais alguém diria a verdade (lhe).

B Aqui está o livro que emprestaste (me).

C Bons ventos levem (o).

D Meu amigo, fale a verdade (me).

E Não aborreças (me).

56. FESP-RJ – "Não estou <u>me</u> referindo muito a escrever para jornal."

A frase acima exemplifica um fato frequente no português contemporâneo do Brasil – a posição proclítica do pronome átono (exceto <u>o</u>, <u>a</u>, <u>os</u>, <u>as</u>) em relação ao verbo principal da locução. Embora tal fato já tenha sido defendido desde 1922 por Silva Ramos na miscelânea *Pela Vida Fora*, ainda hoje há quem rejeite essa colocação. Das seguintes passagens de *Clarice Lispector*, todas com a mesma próclise "brasileira", aquela em que a variante de colocação do pronome átono, indicada é direita, <u>contraria</u> a norma culta é:

A "...quem sabe teríamos <u>nos</u> casado." / quem sabe nos teríamos casado.

B "Ah, está <u>se</u> tornando difícil escrever." / Ah, está tornando-se difícil escrever

C "...na certa ele iria, por seu turno, <u>me</u> influenciar."/ na certa ele iria-me, por seu turno, influenciar.

D "esta carta deveria <u>se</u> dirigir ao Presidente da República."/ esta carta dever-<u>se</u>-ia dirigir ao Presidente da República.

E "Só o que se chama de 'amor imorredouro' tinha <u>me</u> interessado." / Só o que se chama de "amor imorredouro" <u>me</u> tinha interessado.

57. ESPCEX – Considere a seguinte passagem: "...para que o medo fosse se aninhando". Do conjunto de afirmações a respeito da colocação do pronome átono, a única alternativa <u>falsa</u> é a letra:

Ⓐ No texto, a colocação obedece rigorosamente à norma gramatical.
Ⓑ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo se fosse aninhando".
Ⓒ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo fosse aninhando-se".
Ⓓ No texto, a colocação é típica da linguagem de conversação brasileira.

58. ESPCEX – Com relação aos respectivos verbos, assinale a posição correta de cada um dos pronomes átonos no texto abaixo:

1 2 4 8

"Aquela que te humilhou / humilhou-te, aqui a tens / tem-la abatida, no mesmo

16 32

lugar onde te ultrajou / ultrajou-te, nas iras de sua paixão.

Assinale a alternativa que indica a soma dos algaritmos dados aos pronomes bem colocados:

Ⓐ 21;
Ⓑ 54;
Ⓒ 61;
Ⓓ 42;
Ⓔ 35.

59. EN- "O arreganhar dos dentes se esbate no bocejo."

Deu-se preferência ao emprego da próclise, em situação na qual também se poderia ter usado a ênclise. Nos itens abaixo, assinale aquele em que a próclise é obrigatória:

Ⓐ A jovem <u>me</u> foi indicada pelo comendador.
Ⓑ Se <u>me</u> convidarem, irei à festa sem pensar duas vezes.
Ⓒ A peça ia-<u>se</u> desenvolvendo com a aprovação da plateia.
Ⓓ O chefe <u>nos</u> disse que e encomenda estava a caminho.
Ⓔ Quero <u>lhe</u> pedir um grande favor.

60. EPCAR – Coloque o pronome átono no devido lugar e aponte a opção em que não se justifica a ênclise:

Ⓐ A mágoa, ____ ferindo ____ no coração, ____ arrefecera ____ o ânimo. (o, lhe)
Ⓑ Espero que o sofrimento não ____ derrube ____. (me)
Ⓒ ____ levantei ____, enquanto todos dormiam. (me)
Ⓓ O jovem chegara-se e Isabel, ____ tomou ____ as mãos. (lhe)
Ⓔ Procure seus colegas e ____ convide ____ para o baile. (os)

61. ESFAO – Leia atentamente as frases abaixo:

A. Os discos que me foram entregues são ótimos.

B. Tudo fez para obedecer-lhe e agradar-lhe.

C. Em se tratando de você, isto é normal.

Observando a posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos em cada uma delas, assinale a alternativa correta:

1. Deve ser proclítico.

2. Deve ser enclítico.

3. Pode ser proclítico.

4. Pode ser enclítico.

Ⓐ A-1 – B-2 – C-2.
Ⓑ A-4 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-4 – B-3 – C-2.
Ⓓ A-1 – B-4 – C-1.
Ⓔ A-1 – B-1 – C-4.

62. UFV-MG – "Às vezes, também a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso [...]."

O pronome <u>se</u> está em próclise porque:

Ⓐ há preferência pela próclise no português do Brasil;
Ⓑ a oração é introduzida por conjunção;
Ⓒ a oração é introduzida por um conectivo subordinativo;
Ⓓ o verbo no pretérito perfeito não admite ênclise;
Ⓔ a oração é optativa.

63. ESPCEX – Há <u>erro</u> de colocação pronominal no(s) período(s):

Ⓐ Agora, conte-me tudo.
Ⓑ Sua cara não vai-se alegrar.
Ⓒ Estava na venda quando o encontraram.
Ⓓ Vivia me incomodando.

64. ESPCEX – Das passagens apresentadas abaixo, constitui um exemplo de correto emprego de norma gramatical de colocação de pronomes átonos o trecho transcrito em:

Ⓐ "Quando partia, o acompanhavam algumas quadras, curveteando a seu lado [...]."
Ⓑ "Estâncias havia em que anunciava-se a chegada de Manuel pelo relincho estridente [...]."

Ⓒ "[...] camaradas saudosos, que vinham apresentar-lhe o focinho, rifando com ciúmes uns dos outros."
Ⓓ "Se acontecesse passarmos à vista da casa de algum amigo, lhe dirigimos um olhar [...]"

65. EFOMM – Assinale o exemplo onde há erro indiscutível na colocação do pronome pessoal átono:

Ⓐ Eles vêm nos ver amanhã.
Ⓑ O acontecimento poderá se reduzir a simples brincadeira.
Ⓒ Vamo-nos encontrar logo mais.
Ⓓ Atribuiriam-se os fatos aos verdadeiros culpados.
Ⓔ O que se não deve dizer.

66. AFA – Observando a posição dos pronomes átonos nas sentenças abaixo:

A. "[...] erguendo os olhos do trabalho em que se aplicava [...]"

B. "[...] mas um homem observava-o à distância, [...]"

C. "[...] sabia que isto era fingido, que Xenofonte detestava-o tanto [...]"

Você dirá, em referência a cada uma delas, que:

1. Pode ser proclítico.

2. Pode ser enclítico.

3. Deve ser proclítico.

4. Deve ser enclítico.

Ⓐ A-3 – B-4 – C-3.
Ⓑ A-2 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-2 – B-3 – C-1.
Ⓓ A-3 – B-1 – C-1.

67. ITA – Assinalar a alternativa correta:

Ⓐ Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓑ Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras.
Ⓒ Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras.
Ⓓ Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓔ Nenhuma das anteriores.

68. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não pode haver próclise:

Ⓐ Não entristeças (te).
Ⓑ Deus favoreça (o).
Ⓒ Espero que faças justiça (me).
Ⓓ Meus amigos, apresentem em posição de sentido (se).
Ⓔ Ninguém faça de rogado (se).

69. EN – Corretamente, o pronome átono aparece colocado em:

Ⓐ Me empresta o teu livro de Matemática?
Ⓑ Ainda que peçam-me, irei à festa.
Ⓒ Desejo me ouças até o fim.
Ⓓ De nada valeu-lhe todo o dinheiro que tinha.
Ⓔ Tudo aborrece-me e nada me agrada.

70. ESPCEX – Na frente de cada frase, existe um número.

Some os números correspondentes às frases em que seria possível dar outra colocação – gramaticalmente correta – ao pronome oblíquo. A resposta da questão será a soma encontrada.

1. Todos se mudariam para lá.
2. Bem, vou-me despedir.
3. Mas não souberam informar-me o que havia sucedido.
4. Fui o primeiro a comunicar-lhe a notícia de sua promoção.
5. Deus nos livre das más línguas.
6. Daqui a algumas horas me hás de entender.

Ⓐ 9.
Ⓑ 13.
Ⓒ 15.
Ⓓ 16.

71. EN – De acordo com a gramática tradicional, só uma frase está correta quanto à colocação do pronome átono. Assinale-a:

Ⓐ Tenho mandado-lhe notícias.
Ⓑ O homem ia-se erguendo.
Ⓒ Me dá o braço.
Ⓓ A juventude vai se preparando para cumprir seu papel na sociedade.
Ⓔ Enquanto não encontrá-lo, não sairei daqui.

72. EN – De forma incorreta, colocou-se o pronome átono em:

Ⓐ Quando acabam-se as férias?
Ⓑ Ficamos todo o tempo a esperá-la.
Ⓒ Não se conquista nada sem muita luta e força de vontade.
Ⓓ Já se pôs o sol por trás daquela enorme montanha.
Ⓔ Deus te proteja, meu filho!

73. EPCAR – Assinale a opção correta quanto ao uso e à colocação do pronome.

Ⓐ "Imagino-te já idosa,
Frondosa toda folhagem,
[...]
Com que faço essa viagem
Pelo reino do teu nome, oh! Flora!" (Gilberto Gil)

Ⓑ "Se lembra da fogueira
Se lembra dos balões
Se lembra dos luares dos sertões
A roupa no varal
[...] (Chico Buarque)

Ⓒ Nunca houve acordo entre eu e ele.

Ⓓ Me dará um cigarro, não é?

74. EPCAR – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal é <u>inadequada</u>:

Ⓐ Entregarei-lhe os resultados no tempo previsto.

Ⓑ Bem se vê que não te preocupas com essas coisas.

Ⓒ Sua atitude é serena, poder-se-ia dizer religiosa, quase ritual.

Ⓓ Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa.

75. COSEAC-UFF – Na frase exclamativa "Que bom, Tia Nastácia, que você existe até hoje e sempre dentro de mim!", o pronome "mim", regido pela preposição "de", está corretamente empregado.

Das frases abaixo, aquela em que, de acordo com a norma culta da língua, há <u>erro</u> no emprego do pronome de 1ª pessoa é:

Ⓐ Entre ela contar histórias e eu ouvir, há enorme distância.

Ⓑ Para mim, ouvir Tia Nastácia contar histórias era muito agradável.

Ⓒ Entre Tia Nastácia e eu sempre houve ótimo relacionamento.

Ⓓ Ela contava as histórias para eu ouvir.

Ⓔ Entre mim e as demais crianças do sítio formou-se profunda amizade.

76. COSEAC-UFF – A troca de posição do pronome é, de acordo com a nossa tradição gramatical, <u>inaceitável</u> na alternativa:

Ⓐ "Acontece que a jovem escolhida para servir de fio condutor do programa personificava a negação viva e radiante de toda a carga de sombra e amargura que o registro clínico de seu cotidiano nos faria esperar dela." / faria-nos.

Ⓑ "Embora tivesse razões de sobra para queixar-se do destino e viver na mais espessa melancolia, ela esbanjava *joie de vivre* por todos os poros." / se queixar.

Ⓒ "Apesar de viver e ganhar a vida em condições precárias, a grande maioria dos brasileiros considera-se feliz e amplamente satisfeita com a vida que leva." / se considera.

Ⓓ "Ao ser indagado sobre a sua felicidade, o entrevistado se defende perante si mesmo da ameaça de dor que uma resposta derrotista traria." / defende-se.

Ⓔ "Ao ser escolhida, entre tantas outras, para 'estrelar' um programa de TV a ser exibido no exterior, a jovem carioca sente-se a eleita dos deuses." / se sente.

77. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que <u>não</u> se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:

Ⓐ "...traz uma reportagem..." = trá-la.
Ⓑ "...doar 85% de sua fortuna..." = doá-los.
Ⓒ "...indicam um caminho..." = indicam-lo.
Ⓓ "...estimula a filantropia..." = estimula-a.
Ⓔ "...fazer filantropia..." – fazê-la.

78. FURB – Assinale as frases em que os pronomes <u>eu</u>, <u>mim</u>, <u>te</u>, <u>ti</u> foram corretamente empregados:

1. Sem eu falar com todos os convidados é impossível garantir a troca do horário da cerimônia.

2. Fica combinado então: esta conversa ficará entre mim e ti.

3. O dinheiro foi suficiente para ti comprar as passagens?

4. A negociação não se fará sem eu e tu.

5. Deu longo prazo para eu poder terminar meu trabalho e entregá-lo sem me prejudicar.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1, 2 e 5;
Ⓑ 1, 2 e 3;
Ⓒ 2, 3 e 4.
Ⓓ 3, 4 e 5;
Ⓔ 2, 4 e 5.

79. FURB – No texto que segue, há espaços que devem ser preenchidos com o pronome oblíquo átono que se encontra nos parênteses. Escolha a posição adequada para cada caso:

"No dia seguinte, como eu estivesse a _____ preparar _____ (me) para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. [...] A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, _____ pousou _____ (me) na testa. _____ sacudi _____ (a), ela foi pousar na vidraça; e, porque eu _____ sacudisse _____ (a) de novo, saiu dali e veio pousar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra [...], tinha um certo ar de escarninho que _____ aborreceu _____ (me) muito."

(MACHADO DE ASSIS, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

A alternativa que contém a forma correta quanto à colocação pronominal é:

Ⓐ me preparar – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓑ preparar-me – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓒ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – a sacudisse – me aborreceu;
Ⓓ me preparar – pousou-me – A sacudi – sacudisse-a – aborreceu-me;
Ⓔ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – sacudisse-a – me aborreceu.

80. COSEAC-UFF – O pronome átono proposto para substituir o termo em destaque é inaceitável, segundo nossas gramáticas, em:

Ⓐ "Zeus aproveitou que sua esposa, Hera, dormia e colocou Apolo para mamar em seu seio." / mamar-lhe no seio.

Ⓑ "Enquanto ele mamava, a deusa acordou e, com raiva, lançou a criança no espaço." / lançou-a no espaço.

Ⓒ "A cultura ecológica tem um desafio imenso nesse sentido: diluir o pavor fóbico que temos pela nossa semelhança quase que completa com todos os animais." / diluir-lhe.

Ⓓ "A própria ciência já admite que outras espécies também criam culturas próprias." / já o admite.

Ⓔ "Recuperaríamos, quem sabe, aquela virtude que Aristóteles tão bem chamava de mediania." / Recuperá-la-íamos.

81. FUNRIO – No período "Arrisco-me a dizer que [...] o executivo necessita de uma relação íntima com a palavra para não acabar dando com os burros n'água", percebe-se que o pronome oblíquo átono está na posição enclítica, respeitando a norma culta quanto aos critérios para a colocação pronominal. Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> na colocação dos pronomes oblíquos átonos nas orações:

Ⓐ Quando me vi, já estava lá.

Ⓑ Quem me dirá o que é certo?

Ⓒ Eu quero-lhe falar.

Ⓓ Bons ventos o tragam!

Ⓔ Sempre recebiam-me de bom humor.

82. VUNESP – Na frase "E cada um se vira...", o autor usou livremente a próclise. Assinale a alternativa em que a colocação está gramaticalmente incorreta:

Ⓐ Esses são sonhos que já foram-se.

Ⓑ Aqui se fala pouco.

Ⓒ Em se tratando de saúde, tudo é urgente.

Ⓓ Ter-lhe-iam concedido aumento?

Ⓔ Devo calar-me ou falar?

83. VUNESP – Assinale a frase correta quanto à colocação pronominal:

Ⓐ O termo que refere-se a um estilo de vida.

Ⓑ Isso refere-se a um estilo de vida.

Ⓒ O termo não refere-se a um estilo de vida.

Ⓓ O termo refere-se a um estilo de vida.

Ⓔ Quando refere-se a um estilo de vida.

84. VUNESP – Na frase – O dinheiro tem controlado as pessoas, e o ser humano não consegue entender as leis desse poderoso instrumento.

Assinale a alternativa em que os pronomes substituem corretamente as expressões em destaque e obedecem às regras de colocação pronominal:

- **A** as tem controlado – lhes entender;
- **B** lhes tem controlado – as entender;
- **C** as tem controlado – entendê-las;
- **D** tem controlado-as – entendê-las;
- **E** lhes tem controlado – entender-lhes.

85. VUNESP – Quanto à colocação pronominal, está correta, conforme a norma culta, a alternativa:

- **A** Se descobriu que o uso excessivo de pauzinhos pode causar artrose.
- **B** No início, os chineses tinham preocupado-se por causa da artrose.
- **C** Ninguém lembrou-se que o fator hereditário também deve ser levado em conta.
- **D** Em tratando-se de artrose, é necessário fortalecer a musculatura das mãos.
- **E** Todos se preveniram a fim de evitar a doença.

86. ESPCEX – Leia as frases abaixo e responda a questão que segue:

I. O gado ia-se finar, até os espinhos secariam.

II. Compadre, eu não lhe quero dizer coisa alguma.

III. As visões do sono tinham dissipado-se.

IV. Nunca convidei-o para sair.

Segundo a norma culta, estão corretas as frases:

- **A** I e II;
- **B** III e IV;
- **C** II e IV;
- **D** II e III;
- **E** I e III.

87. FEC – Na passagem: "Acreditava-se até músico,...", o pronome átono está corretamente colocado e a alternativa em que tal pronome está igualmente bem empregado é:

- **A** Nem me comunicaram os acontecimentos de ontem.
- **B** Tinha emprestado-me o material.
- **C** Quero que comportem-se!
- **D** Jamais emprestar-nos-iam o equipamento.
- **E** Quando encontrou-me, saímos.

88. FEC – Na passagem: "O serão se prolonga.", o pronome átono está corretamente empregado, o mesmo <u>não</u> se podendo afirmar de um dos itens abaixo; marque-o:

Ⓐ Haviam emprestado-lhe os livros.
Ⓑ Ia enviar-lhe as cópias.
Ⓒ Estava enviando-nos o equipamento.
Ⓓ Em se comentando o episódio, tudo se solucionou.
Ⓔ Vou pô-lo a par do assunto.

89. VUNESP – No quadrinho abaixo, observa-se o emprego correto do pronome, quanto à sua colocação na frase. Assinale a alternativa que nomeia essa espécie de colocação e por que ela é obrigatória, nesse contexto.

Ⓐ Próclise, pelo uso de palavra negativa.
Ⓑ Mesóclise, pela utilização de imperativo.
Ⓒ Próclise, pela utilização de gerúndio.
Ⓓ Ênclise, pelo uso de expressão negativa.
Ⓔ Mesóclise, pela presença de perífrase.

90. FEC – No trecho: "...através da sujeira a envolvê-la,..." o pronome átono foi devidamente colocado, porém, a alternativa a seguir em que tal correção <u>não</u> ocorre é:

Ⓐ Não me revelou o segredo.
Ⓑ Quero que me emprestem os livros.
Ⓒ Deus nos proteja!
Ⓓ Tinha vendido-me o carro.
Ⓔ Vou ajudá-lo a sair daí.

91. CETRO – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Observei o aluno que dirigia-se ao pátio.
Ⓑ Quanto me pagará pela tradução do livro?
Ⓒ Ouvindo-o cantarolar reconheci sua voz imediatamente.
Ⓓ Encontrar-me-iam, caso minha presença à reunião fosse imprescindível.
Ⓔ Convém contar-lhe toda a verdade.

92. CETRO – Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto em:

A Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
B Ninguém tratou-me mal durante o evento.
C Se eu pudesse dizer-lhe a verdade, tudo se resolveria.
D No portão de entrada da cidade lia-se, em letras garrafais, numa placa de bronze: "Estranhos, afastem-se!".
E Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

93. FUNRIO – No Brasil, a colocação dos pronomes átonos nas frases recebe um tratamento peculiar ao idioma. A colocação pronominal que atende às exigências da norma padrão do Português brasileiro escrito está reproduzida na alternativa:

A Os prisioneiros que libertaram-se do jugo dos terroristas, até hoje, estão traumatizados.
B Os avanços dos eletrônicos tiveram de se adequar à aquisição dos brasileiros.
C Ele reconhecia ter tratado-se de problemática já conhecida no passado, quando era jovem.
D Os fabricantes de armas não importaram-se com a dificuldade dos países em litígio.
E Quando fala-se a verdade, na maioria das vezes não se merece castigo muito severo.

94. EPCAR – Todas as alternativas abaixo apresentam corretamente uma segunda opção de colocação dos pronomes átonos destacados, exceto:

A "Aquilo que lhe fez lembrar o vômito, também numa folha de jornal [...]."
Aquilo que fez lembrar-lhe o vômito, também numa folha de jornal [...].
B "Vou lhe dizer com toda a franqueza [...]."
Vou dizer-lhe com toda a franqueza [...].
C "Mas já não se falava mais em assalto [...]."
Mas já não falava-se mais em assalto [...].
D "O filho se esquivou com delicadeza, voltando-se para o delegado [...]."
O filho esquivou-se com delicadeza, voltando-se para o delegado [...].

95. COSEAC-UFF – A colocação do pronome átono que se propõe fere as normas de colocação descritas pelas gramáticas da língua em:

A "Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se." / se curar.
B "A sociedade, assim, se responsabiliza por tais tratamentos de saúde." / responsabiliza-se.
C "Esse modelo possivelmente se ampliará para a saúde." / ampliará-se.

D "É difícil separar o que é vaidade, o que é felicidade, e talvez se esmerar em distingui-los indique apenas uma atitude moralista no pior sentido do termo." / esmerar-se.

E "Naquele caso, o custo depende de onde se parte; neste, de aonde se quer chegar." / quer-se.

96. ESAG – Levando em conta o uso culto formal da linguagem, aponte a alternativa <u>incorreta</u>, quanto à colocação dos pronomes átonos:

A Muito me encantam as tartarugas marinhas.

B Embora tenhamos presenciado muitas tragédias, não nos preparamos para algo tão assustador como a do último tsunami.

C Dir-lhe-ei amanhã para onde pretendo viajar.

D Irei lhe mostrar agora fotografias de Andaman e Nicobar, antes do tsunami.

97. ESAG – Assinale a única alternativa em que há <u>erro</u> de colocação pronominal:

A Nunca a tínhamos visto.

B Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.

C Quando ele limpa a casa, ele o faz com extremo cuidado.

D Até lá, muitos já se terão arrependido.

98. CESGRANRIO – Assinale a opção em que, de acordo com a norma culta, o pronome oblíquo está adequadamente empregado:

A Hoje os vidros dos carros não limpam-se sozinhos.

B Os ativistas tinham lembrado-se com pesar de alguns desastres ecológicos.

C Os cientistas deveriam-se ocupar em desenvolver produtos práticos e baratos.

D Em breve as pessoas esquecer-se-ão da época em que os computadores não existiam.

E Se passarão muitos anos até que a nova tecnologia entre em todos os lares brasileiros.

99. UPENET – Observe os termos sublinhados dos itens abaixo:

I. "Ainda não <u>se</u> firmaram outros que já nos possam servir de referência, tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão."

II. "Não temos certeza das oportunidades que <u>nos</u> são oferecidas em cada esquina."

III. "Corre risco de ficar aprisionada nas máquinas e organizações quanto às vezes <u>se</u> sentem os homens que as construíram."

IV. "Nas últimas décadas, quebraram-<u>se</u> padrões estabelecidos durante longo tempo."

Sobre colocação pronominal, assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ no item I, a próclise se justifica pela presença do advérbio de negação;
Ⓑ no item IV, o pronome sublinhado poderia se posicionar antes ou depois do verbo, sem infringir as normas gramaticais;
Ⓒ no item II, o pronome "que" atrai o termo sublinhado;
Ⓓ no item III, o pronome enclítico ao verbo se constituiria um erro gramatical;
Ⓔ no item III, a locução adverbial exige a próclise.

100. FEC – Na frase "O pessoal os treinou a buscar comida", o pronome pessoal oblíquo átono está proclítico ao verbo, mas também poderia estar enclítico: "O pessoal treinou-os a buscar comida". O mesmo pronome também pode assumir as duas posições na frase:

Ⓐ O zoológico cuidará bem dos animais: o treinador ____ alimentará ____ todos os dias de manhã.
Ⓑ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador sempre ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓒ Se o zoológico cuidasse bem dos animais, o treinador ____ alimentaria ____ todos os dias de manhã.
Ⓓ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓔ O zoológico cuida mal dos animais: o treinador não ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.

GABARITO

1. A	16. A	31. A	46. C	61. D	76. A	91. A
2. A	17. A	32. E	47. D	62. C	77. C	92. B
3. A	18. B	33. C	48. D	63. B	78. A	93. B
4. A	19. C	34. E	49. D	64. C	79. C	94. C
5. D	20. D	35. B	50. A	65. D	80. C	95. C
6. C	21. A	36. B	51. B	66. D	81. E	96. D
7. D	22. A	37. D	52. C	67. D	82. A	97. B
8. E	22. B	38. A	53. C	68. D	83. D	98. D
9. B	24. E	39. C	54. B	69. C	84. C	99. B
10. C	25. A	40. D	55. D	70. C	85. E	100. D
11. C	26. A	41. A	56. C	71. B	86. A	
12. B	27. A	42. D	57. A	72. A	87. A	
13. C	28. A	43. B	58. A	73. A	88. A	
14. D	29. D	44. E	59. B	74. A	89. E	
15. B	30. B	45. C	60. B	75. C	90. D	

Exercícios de Análise Sintática

1. **FUNRIO – "Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade."**

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A frase, "Uma flor, o Quincas Borba", não pode ser considerada uma oração (pois não possui verbo); no entanto, ainda assim, permite que se realize uma análise sintática desse segmento. Assim, pode-se afirmar que o trecho em questão é composto de:

- **A** dois vocativos, que aludem aos personagens com os quais o narrador dialoga;
- **B** dois termos adjuntos, dois quais apenas um deles desempenha função adnominal;
- **C** um termo substantivo e de seu aposto de natureza explicativa;
- **D** um adjunto adverbial de pessoa, com o qual se caracteriza o início da narrativa;
- **E** palavras e expressões isoladas que, no presente contexto, funcionam como predicado nominal.

2. **FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)**

Há, no texto, três ocorrências do vocábulo <u>se</u>: "<u>se</u> vai ao longe", "<u>se</u> chega lá" e "não <u>se</u> encontra mais ninguém". Assinale a afirmativa correta sobre as três ocorrências desse vocábulo:

- **A** nas primeira e terceira ocorrências, os vocábulos desempenham a mesma função sintática;
- **B** em uma só das ocorrências o vocábulo sublinhado é classificado como pronome reflexivo;
- **C** só na terceira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> pode ser identificado como pronome apassivador;
- **D** nas três ocorrências o vocábulo <u>se</u> apresenta o mesmo valor semântico;
- **E** só na primeira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> é classificado como índice de indeterminação do sujeito.

3. FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)

Indique a circunstância apontada corretamente:

Ⓐ devagar – circunstância de modo;
Ⓑ lá – circunstância de finalidade;
Ⓒ mais – circunstância de intensidade;
Ⓓ longe – circunstância de tempo;
Ⓔ quando – circunstância de lugar.

4. EMPASIAL – Analise sintaticamente a oração em destaque:

"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

Ⓐ Oração subordinada substantiva completiva nominal.
Ⓑ Oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ Oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
Ⓓ Oração coordenada sindética conclusiva.
Ⓔ Oração coordenada sindética explicativa.

5. NCE-UFRJ – Indique o item em que a classificação sintática do elemento destacado está incorreta:

Ⓐ "Segundo ele, as Forças Armadas existem como instituições para enfrentar duas situações específicas: a agressão externa ou a desordem interna." – aposto.
Ⓑ "E acrescenta: para combater uma agressão externa, as verbas, os equipamentos e o pessoal das Forças Armadas são insuficientes. Para combater a desordem, são demais." – predicativo.
Ⓒ "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso." – adjunto adnominal.
Ⓓ "Devem as Forças Armadas intervir no processo com seu instrumental capaz de intimidar o crime?" – sujeito.
Ⓔ "...nenhuma autoridade local sentiu-se ultrajada pela presença das Forças Armadas ... " – predicativo.

6. NCE-UFRJ – "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso. As tentativas de comprometê-las na luta contra o tráfico,..."

"Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião,..."

Quais as funções sintáticas respectivamente desempenhadas pelos termos destacados nas frases dadas?

Ⓐ Objeto direto – Objeto indireto.
Ⓑ Objeto indireto – Adjunto adnominal.

Ⓒ Objeto indireto – Objeto indireto.
Ⓓ Objeto direto – Objeto direto.
Ⓔ Objeto indireto – Complemento nominal.

7. NCE-UFRJ – "Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência."

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

Ⓐ "...o povo do Rio de Janeiro..." – sujeito.
Ⓑ "...o seu inconformismo..." – objeto direto.
Ⓒ "...do Rio de Janeiro..." – adjunto adverbial de lugar.
Ⓓ "Em silêncio..." – adjunto adverbial de modo.
Ⓔ "...seu..." – adjunto adnominal.

8. NCE-UFRJ – Leia as sentenças a seguir:

1. "...o significado <u>das palavras</u> é depreciado,..."

2. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse <u>de propósito</u>, a sabotagem do idioma..."

3. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem <u>do idioma</u> – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

4. "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o <u>de outras</u>."

5. "Diversas morrem <u>de exaustão</u>."

Que números a seguir indicam termos sintáticos de mesma função, considerando-se as frases acima?

Ⓐ 2 – 5.
Ⓑ 1 – 3.
Ⓒ 3 – 4.
Ⓓ 1 – 4.
Ⓔ 2 – 3.

9. FJG – Leia o fragmento a seguir:

"Invejo o ourives quando escrevo,
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor."

(Olavo Bilac)

Assinale a alternativa que dá a função sintática e a significação correta do sintagma <u>com que</u> do verso 3.

Ⓐ Objeto indireto – Paciente da ação.
Ⓑ Adjunto adverbial – Instrumento.
Ⓒ Adjunto adverbial – Modo.
Ⓓ Objeto indireto – Beneficiário da ação.
Ⓔ Adjunto adverbial – Companhia.

10. FESP-RJ – Das seguintes transformações de passagens do texto, aquela em que o pronome relativo que passa de objeto direto a sujeito é:

Ⓐ "E eu vou ao encontro do que me espera."
E eu vou ao encontro do que sempre esperei.
Ⓑ "Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida."
Não posso perder um minuto do tempo com que é feita minha vida.
Ⓒ "Amar os outros é a única salvação individual que conheço."
Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.
Ⓓ "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever."
Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.
Ⓔ "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar."
Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

A expressão que possui o mesmo valor sintático de "...a vida dos turistas...", que foi usada no primeiro parágrafo, é:

Ⓐ "O período de seca também é bom para mergulho."
Ⓑ "Na alta temporada, os pacotes podem custar o dobro."
Ⓒ "Além de caminhadas e cavalgadas, é possível passear de lancha, fazer a focagem noturna de animais e conhecer a rotina das fazendas locais."
Ⓓ "O Pantanal Norte, aonde se chega via Cuiabá, é o melhor acesso para conhecer o parque nacional e atravessar a rodovia Transpantaneira, rica em animais silvestres."
Ⓔ "No Pantanal Sul, com acesso via Campo Grande, ficam fazendas que têm boa estrutura de passeios e hospedagem."

12. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

O que utilizado acima apresenta valor sintático de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto direto;
Ⓒ objeto indireto;
Ⓓ agente da passiva;
Ⓔ aposto.

13. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

O pronome relativo do período exerce a função sintática de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto indireto;
Ⓒ objeto direto;
Ⓓ predicativo.

14. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

No período dado, só <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ reduzida.

15. FCC – A estrutura sintática da frase "Senti Fidel aliviado" é idêntica à da frase:

Ⓐ Saí da festa desanimado.
Ⓑ Julgo esse menino inteligente.
Ⓒ Dei-lhe o presente contrariado.
Ⓓ Percebi seu equívoco rapidamente.
Ⓔ Acho que você é astuto.

16. ACEP – Em "A dedicação ao trabalho <u>te</u> enche de glória e <u>te</u> faz <u>vencedor</u>.", as palavras sublinhadas são respectivamente:

Ⓐ objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
Ⓑ objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
Ⓒ adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
Ⓓ objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
Ⓔ predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

17. FUNRIO – "Logo após a realização da Semana, alguns artistas fundamentais que dela participaram acabaram voltando para a Europa ou indo para lá pela primeira vez, como Di Cavalcanti. Isso dificultou a continuidade do processo que se iniciara."

Quanto aos dois períodos construídos pelo redator do parágrafo acima, é correto afirmar que:

Ⓐ o segundo período tem a metade das orações do primeiro;
Ⓑ o primeiro tem três orações e o segundo tem duas orações;
Ⓒ apenas o primeiro contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓓ apenas o segundo contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓔ ambos são compostos por orações intercaladas justapostas.

18. FESP-RJ – Em "A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito..."

Ocorre incorreção de análise na alternativa:

Ⓐ que: núcleo de adjunto adverbial;
Ⓑ moro: núcleo de predicado;
Ⓒ própria: predicativo do sujeito;
Ⓓ la: sujeito;
Ⓔ de propósito: adjunto adverbial.

19. FJG – No trecho "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir se o direito, nas leis e decisões jurídicas, usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem.", a oração sublinhada classifica-se, em relação à do verbo discutir e à do verbo realizar, respectivamente, como:

Ⓐ principal e subordinada substantiva predicativa;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta e coordenada;
Ⓒ coordenada e principal;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa e coordenada;
Ⓔ subordinada substantiva objetiva direta e principal.

20. FJG – Em: "...as pessoas estranhas às profissões jurídicas consideram, em regra, a linguagem dos trabalhadores dessa área difícil de entender", o predicado da oração do verbo "considerar" classifica-se da mesma forma que o da oração:

Ⓐ "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir..."
Ⓑ "Ela também depende do que os advogados chamam de 'deduções' e daquilo que os espíritos menos restritivos chamam de imaginação."
Ⓒ "Se o direito [...] usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem."
Ⓓ "...quando se perdem de vista as finalidades essenciais da aplicação da lei, com sacrifício da consciência social na busca do equilíbrio nas relações humanas."
Ⓔ "...hoje a linguagem nem é mais a interface entre o conhecimento e o conhecido..."

21. IPAD – Observe:

I. "Nunca chegará a tempo, por mais depressa que ande."

II. "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me."

III. "Quando meus amigos chegarem, começaremos a festa."

IV. "Embora chova, vou à praia."

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações subordinadas.

Ⓐ No item I – oração subordinada adverbial condicional.
Ⓑ No item II – oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ No item III – oração subordinada adverbial temporal.
Ⓓ No item IV – oração subordinada adverbial concessiva.
Ⓔ Nos itens I e IV – orações subordinadas adverbiais concessivas.

22. IPAD – No verso: "Faz frio. Há bruma. Agosto vai meio."

Ⓐ Todas as orações têm sujeitos indeterminados.
Ⓑ Todas as orações têm sujeitos ocultos.
Ⓒ São todas orações sem sujeito.
Ⓓ Só há sujeito na terceira oração.
Ⓔ Não há sujeito na terceira oração.

23. NCE-UFRJ – "Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade..."

Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima?

Ⓐ campos – palavras
Ⓑ palavras – que
Ⓒ palavras – palavras
Ⓓ indeterminado – recado
Ⓔ indeterminado – palavras

24. FJG – "Nunca é demais <u>recordar a origem de determinadas palavras</u>." A oração em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "O sujeito elegante era o <u>que</u> sabia fazer escolhas acertadas..."
Ⓑ "A etimologia <u>nos</u> ajuda a entender..."
Ⓒ "E então se tornam <u>fonte</u> de mal-entendidos..."
Ⓓ "...averiguando <u>os</u> múltiplos sentidos..."
Ⓔ "Devemos acompanhá-<u>las</u>..."

25. FEPESE – No período "Penso, <u>logo existo</u>" a oração em destaque é:

Ⓐ coordenada sindética aditiva;
Ⓑ coordenada sindética conclusiva;
Ⓒ coordenada sindética alternativa;
Ⓓ coordenada sindética explicativa.

26. FUMARC – No período: "Convém agora acrescentar muitas análises sobre a introdução de uma nova moeda", encontra-se oração:

Ⓐ coordenada;
Ⓑ subordinada adverbial;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva.

27. PUC-MG – "Ficava no quartinho dos fundos e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa que às vezes até se esqueciam da existência dele."

Os termos "sempre", "tanto" e "da existência dele", sublinhados no enunciado, estão corretamente classificados quanto a sua função sintática, respectivamente, em:

Ⓐ objeto direto – adjunto adnominal – objeto indireto;
Ⓑ objeto direto – adjunto adverbial – objeto direto;
Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adverbial – objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial – adjunto adnominal – objeto indireto.

28. ACADEPOL-MG – Assinale a alternativa em que o sujeito seja indeterminado:

Ⓐ Caíram na escada o pai e a filha.
Ⓑ Alguém havia aberto a porta.
Ⓒ Não encontraram o corpo do rapaz afogado.
Ⓓ Esperanças haverá sempre.
Ⓔ Choveu muito ontem à noite.

29. FJG – Leia o texto abaixo:

"Nas folhas incertas do livro da Terra, de bilhões de anos, a leitura se faz quase por acaso: tipos de terrenos, disposição de camadas de solos, graus de umidade, pedaços de paus calcinados por milhões de anos, restos animais – dentes, osso, muitas vezes petrificados. É a difícil leitura dos passos da vida num singular planeta preso a uma estrela de quinta categoria, perdida na periferia de uma entre milhares de galáxias de um universo infinito, inexplicável."

No texto há:

Ⓐ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos àquele, apostos enumerativos;
Ⓑ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos a este, apostos resumitivos;
Ⓒ verbos na voz ativa, com recursos enumerativos;
Ⓓ verbos na voz passiva, com recursos enumerativos;
Ⓔ verbos na voz passiva, com sujeito explicitado sob a forma de substantivo.

30. NCE-UFRJ – "Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande."

O período tem como oração principal:

Ⓐ uma vez que a administração compreenda;
Ⓑ e aceite essa economia mundial;
Ⓒ a sua maneira necessariamente se expande;
Ⓓ de encarar a praça do mercado;
Ⓔ e de planejá-la.

31. FUNRIO – O exemplo em que aparece uma oração sem sujeito, é:

Ⓐ "... há uma linha divisória entre o trabalho formal e informal..."
Ⓑ "No entanto, creditam à prática apenas um 'jeito de ganhar a vida' sem cometer crimes."
Ⓒ "Todos gostariam de trabalhar tendo um patrão..."
Ⓓ "Isso é quase um sonho para muitos."
Ⓔ "São pouquíssimos os que ganham mais de R$300 por mês."

32. FJG – Em: "O jornal é o gráfico dessa vida nervosa complementar, estampando diariamente as oscilações de nossas tristezas universais, nossas pálidas esperanças ecumênicas, nosso medo: somando as parcelas do mundo em nossa mente, divide a nossa mal distraída atenção por todos os continentes.", o núcleo do sujeito da forma verbal assinalada é:

Ⓐ medo;
Ⓑ gráfico;
Ⓒ jornal;
Ⓓ mundo;
Ⓔ vida.

33. NCE-UFRJ – O item cujo termo sublinhado possui valor de paciente e não de agente é:

Ⓐ hábito de consumo;
Ⓑ poder de mídia;
Ⓒ meios de comunicação;
Ⓓ efeito das drogas;
Ⓔ consumo de cocaína.

34. NCE-UFRJ – Termo sublinhado que exerce função sintática diferente dos demais é:

Ⓐ "A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."
Ⓑ "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio,..."
Ⓒ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓓ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓔ "Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional."

35. NCE-UFRJ – "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem do idioma – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

"É como se fosse uma cabala contra a comunicação: o significado das palavras é depreciado, desprezado, trocado, ignorado."

Assinale a afirmativa correta em relação aos termos sintáticos antecedidos pela preposição de nas frases acima:

A Os dois termos exercem a função de adjunto adnominal.
B Os dois termos exercem a função de complemento nominal.
C Os dois termos exercem a função de objeto indireto.
D Só o primeiro termo é complemento nominal.
E Só o segundo termo é objeto indireto.

36. FESP – RJ

"Cariocas são bonitos."

"Cariocas não gostam de dias nublados."

(Adriana Calcanhoto)

Os predicados em destaque classificam-se, respectivamente, em:

A verbal – nominal;
B nominal – verbal;
C verbal – verbo-nominal;
D nominal – verbo-nominal;
E verbo-nominal – nominal.

37. FESP-RJ – Em que frase abaixo a preposição de introduz um complemento nominal e não um adjunto adnominal?

A "É claro que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas, tanto quanto é imperativo minorar, como remédio apropriado, a sofrida tosse do silicótico."
B "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio,..."
C "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro, a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio, e era propriedade de uma companhia inglesa."
D " ... uma vez que, destruindo sua função alertadora e denunciadora, provoca uma cegueira perigosa, que aprofunda a raiz do mal."
E "A fábrica andou de vento em popa, produzindo tonéis e tonéis de xarope, vendido a preço módico, mas não tão modesto que impedisse uma pequena margem de lucro por unidade adquirida. Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável. O abrandamento da grande trovoada brônquica foi transformado em fonte de renda – e de sossego – , permitindo...".

38. EMPASIAL – Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:

Ⓐ Voltaremos cedo para casa.
Ⓑ Ele é um moço de bom coração.
Ⓒ O sol da manhã iluminava a montanha.
Ⓓ Cuidado com esse prato de vidro.
Ⓔ Algumas pessoas andavam pelas ruas.

39. CESPE-UnB – Identifique o período em que ocorre oração subordinada substantiva objetiva direta:

Ⓐ "Central de promessas impossíveis, o horário eleitoral não tem permitido que se explique para que serve um vereador."
Ⓑ "Os vereadores são a base do sistema democrático, e, uma vez eleito, um candidato terá poder de interferir e atuar onde menos se imagina."
Ⓒ "Os vereadores gostam de perder tempo nomeando e renomeando ruas ou distribuindo medalhas e honrarias, mas cuidam de questões fundamentais para o bolso dos cidadãos."
Ⓓ "Assim, são os vereadores que lidam com as construtoras, ansiosas por conseguir uma autorização para erguer prédios em bairros onde só há casas."
Ⓔ "O resultado é que, mesmo com tanto a fazer, as câmaras muitas vezes são tratadas como um poder à sombra do Executivo."

40. NCE-UFRJ – O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:

Ⓐ "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
Ⓑ "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
Ⓒ "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos,..."
Ⓓ "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
Ⓔ "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

41. ANP – Leia o texto abaixo.

"Antes da chegada dos europeus, africanos e asiáticos, o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra. Desde que as frentes pioneiras de colonizadores adentraram o espaço geográfico brasileiro, não levaram em conta a posse, por direito, das terras das numerosas tribos indígenas. Isso se deve ao fato de os colonizadores nunca terem considerado os índios como humanos de pleno direito, mas um entrave a ser removido ou domesticado e disciplinado para o trabalho. Inclusive, o termo tribo, que designa as sociedades indígenas, traz uma certa carga preconceituosa, pois sugere uma pretensiosa

superioridade das nações europeias, e a não existência de civilização entre os ditos povos primitivos. [...] Quando o território do atual Estado de Santa Catarina começou a ser habitado por frentes pioneiras de colonizadores europeus, os moradores nativos utilizavam-se de armas rudimentares para caça, pesca e defesa. Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora e da imprensa. A bússola os trouxe; a pólvora permitiu a violenta conquista e a imprensa registrou os fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade. Munidos dessas armas, os conquistadores encontraram uma terra habitada por um povo atrasado, conforme o olhar que tinham à época (visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

(M. Carmo Ramos Krieger Goulart e Nilson Cesar Fraga. *Vale dos índios, vale dos imigrantes*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000, p. 25-26)

Observe os fragmentos de texto a seguir, para responder à questão:

I. “...o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra.”

II. “Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora, e da imprensa.”

III. “...fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade.”

IV. “...(visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

Aponte a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Em III, “...aqueles momentos da História...” completa o sentido de “traziam”, verbo transitivo direto; é, portanto, um objeto direto.

Ⓑ Em II, a expressão “...da bússola, da pólvora, da imprensa” refere-se a “conhecimento”; é, portanto, um complemento nominal.

Ⓒ Em I, “...pelos índio...” completa o sentido de encontrava, verbo transitivo indireto; é, portanto, um objeto indireto.

Ⓓ Passando a frase II para a voz passiva, o núcleo verbal fica “era trazido”.

42. FEC – No período “Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo.”, a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

Ⓐ tempo e finalidade;

Ⓑ tempo e consequência;

Ⓒ causa e tempo;

Ⓓ causa e consequência;

Ⓔ causa e finalidade.

43. FJPF – A frase em que o pronome lhe tem função distinta dos demais é:

Ⓐ "...colhe o que lhe sonegam..."
Ⓑ "...percebe onde lhe alvejam..."
Ⓒ "...devassa o que lhe ocultam..."
Ⓓ "...enxerga o que lhe malfazem..."
Ⓔ "...o que lhe passa ao perto e ao longe..."

44. CONATEC – Analise cada uma das orações grifadas e classifique-a, quanto à função que exerce no período.

1. Não se sabe se vai dar certo.

2. Perguntaram se estava tudo em ordem.

3. Sou favorável a que o despachem.

4. Não veio porque está adoentado.

5. É bom dormir quando chove.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ subjetiva, objetiva direta, completiva, causal, temporal;
Ⓑ completiva nominal, subjetiva, objetiva direta, causal, temporal;
Ⓒ temporal, completiva nominal, causal, objetiva direta, subjetiva;
Ⓓ causal, objetiva direta, subjetiva, temporal, completiva nominal.

45. NCE-UFRJ – "O *Viva Rio* pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira."

Que item a seguir indica corretamente a função sintática do termo destacado na frase acima?

Ⓐ "...dois minutos de silêncio" – objeto direto.
Ⓑ "...ao meio-dia" – objeto indireto.
Ⓒ "...da próxima sexta-feira" – adjunto adverbial de tempo.
Ⓓ "...pediu [...] sexta-feira" – predicado nominal.
Ⓔ "...de silêncio" – adjunto adverbial de modo.

46. EMPASIAL – Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:

Ⓐ João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
Ⓑ Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
Ⓒ Vendem-se livros. (sujeito)
Ⓓ Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
Ⓔ A ideia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

47. FUNRIO – "Se, em vez de atender prontamente à solicitação, o negociante começar a gaguejar, demonstrar impaciência, o cliente, que já não estava muito inclinado a ceder, termina por não assinar o contrato..."

A classificação da oração em destaque está correta na opção:

- **A** oração subordinada substantiva predicativa;
- **B** oração subordinada adjetiva restritiva;
- **C** oração subordinada substantiva objetiva direta;
- **D** oração subordinada adjetiva explicativa;
- **E** oração coordenada sindética explicativa.

48. FUNRIO Verifica-se um caso de oração sem sujeito em:

- **A** "Já o nascimento de uma menina, na maioria dos casos, não é comemorado."
- **B** "Ninguém se deu ao trabalho de olhar para mim..."
- **C** "Mas nada na aparência externa de Machrihwa, no norte de Shravasti, perto da fronteira com o Nepal, indica esse recorde triste."
- **D** "Estamos impressionados..."
- **E** "E além disso há o próprio custo do casamento..."

49. NCE-UFRJ – No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

- **A** o sujeito de descobrimos é diferente do sujeito de vivemos;
- **B** a expressão é que atua como expressão de realce;
- **C** na doença indica uma ideia circunstancial de lugar;
- **D** que não vivemos sozinhos é complemento do verbo ser;
- **E** não é advérbio de negação ligado a sozinhos.

50. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o vocábulo se desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "...onde quer que se esteja" é:

- **A** "Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
- **B** "Nosso apetite pela liberdade se aburguesou."
- **C** "...e tem o direito de mover-se livremente?"
- **D** "...o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo..."
- **E** "...onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

51. CETRO – O complemento nominal está corretamente destacado no item:

- **A** "...acompanho a caça aos leitores..."
- **B** "...manter um veículo em vida orgânica."
- **C** "...é a porta de entrada dos jovens para a mídia..."
- **D** "...envelhecem e se fadigam das mesmices de cada crise..."
- **E** "...a violência urbana deve ser combatida pelo mutirão de cidadãos..."

52. FJG – Na frase: "É consenso nacional a necessidade de levar a educação formal e não formal a todos os brasileiros." – o sujeito do verbo sublinhado está posposto. Em que caso a seguir também se encontra posposto o sujeito do verbo sublinhado?

Ⓐ "As salas de aulas estão cheias de crianças e jovens que passam boa parte do seu tempo em contacto com mundos diversos..."

Ⓑ "Não há receitas mágicas que respondam e indiquem a fórmula para resolver tais questões."

Ⓒ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados. Isto é, não deveriam ser tomados por aqueles que têm como ideal um processo educacional que..."

Ⓓ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados."

Ⓔ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

53. FJG – "As salas de aula estão cheias de crianças e jovens..."

Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

Ⓐ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

Ⓑ "Assim como o relógio e a máquina a vapor mudaram a vida das pessoas nos séculos XVII e XVIII,..."

Ⓒ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓓ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓔ "...também os modernos instrumentos da comunicação transformam, reorganizam e medeiam os modos de vida e as relações sociais."

54. FJG – Em "Se é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I), "de todos" e "da Nação" são termos que:

Ⓐ determinam o mesmo nome;

Ⓑ exercem funções sintáticas diferentes;

Ⓒ têm função de complementos nominais;

Ⓓ funcionam como advérbios;

Ⓔ funcionam como adjuntos adnominais.

55. FUMARC "Mesmo estando disposto, não foi capaz de organizar o evento para os prefeitos da região."

A oração destacada acima exprime circunstância de:

Ⓐ consequência;
Ⓑ conformidade;
Ⓒ condição;
Ⓓ concessão.

56. FJG – "Já se falava em namoradas."

Assinale o item que apresenta a classificação do sujeito da oração:

Ⓐ sujeito simples;
Ⓑ sujeito oracional;
Ⓒ sujeito indeterminado;
Ⓓ oração sem sujeito;
Ⓔ sujeito composto.

57. FUMARC – "Através de medida provisória, decidiu-se saber que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

No período acima não se encontra:

Ⓐ adjunto adverbial;
Ⓑ adjunto adnominal;
Ⓒ complemento nominal;
Ⓓ objeto indireto;
Ⓔ predicativo do sujeito.

58. NCE-UFRJ – "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras. Diversas morrem de exaustão."

Assinale o item cujo comentário sobre a frase destacada acima esteja correto.

Ⓐ O sujeito da oração é *"palavras"*.
Ⓑ O termo *"de exaustão"* funciona como adjunto adnominal.
Ⓒ O termo *"de exaustão"* funciona como predicativo do sujeito.
Ⓓ O verbo *"morrer"* está empregado como verbo transitivo.
Ⓔ A preposição "de" tem valor nocional de causa.

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: *'o morro'* e a *'rua'*."

Quais os sujeitos das duas orações do período acima?

Ⓐ Quem – dois espaços bem diferenciados.
Ⓑ Indeterminado – inexistente.

Ⓒ Inexistente – dois espaços.
Ⓓ Indeterminado – indeterminado.
Ⓔ Quem – o morro e a rua.

60. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a forma apresentada pode substituir "segurando" no período "Um professor chinês em Yale, segurando a xícara de café, ficava olhando o ponteiro de segundos do relógio da sala de aul.", mantendo o sentido da expressão destacada:

Ⓐ logo que segurava;
Ⓑ enquanto segurava;
Ⓒ quando segurava;
Ⓓ porque segurou;
Ⓔ que segurou.

61. FUNRIO – Os pronomes pessoais são muito versáteis quanto aos valores sintáticos que expressam, em função dos contextos frasais em que se encontrem. Considerando essa reflexão, compare, nos dois fragmentos retirados do texto de Grecco, o emprego dos pronomes pessoais nele presentes e indique a alternativa que contém a indicação correta das funções que eles desempenham nas orações.

I. "...daqueles que nos roubam recursos..."

II. "Lugares-comuns que me incomodam."

Ambos os termos desempenham a função de:

Ⓐ objeto direto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓑ objeto indireto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓒ objeto direto e indireto, respectivamente;
Ⓓ objeto indireto e direto, respectivamente;
Ⓔ adjunto adnominal e complemento nominal.

Nas questões 62 e 63, elaboradas pela eminente banca examinadora da FUMARC, assinale a alternativa em que a circunstância da oração sublinhada esteja corretamente indicada nos parênteses.

62.

Ⓐ Havia tanto material no depósito que novas relações de compra foram adiadas. (consequência)
Ⓑ Mal divulgaram os resultados da pesquisa, os candidatos recuaram. (causa)
Ⓒ À medida que eles me procuram, vou dando as orientações necessárias. (conformidade)
Ⓓ Será aprovado desde que frequente as aulas no colégio. (tempo)

63.

- **A** Assim que retornar ao trabalho, provavelmente serão dispensados. (modo)
- **B** Ainda que me diga algumas verdades, não o escutarei mais. (concessão)
- **C** Para festejar sua recente promoção, convocou seus amigos rapidamente. (proporcionalidade)
- **D** Quanto mais se estuda o assunto, mais os alunos se sentem seguros para o exame. (finalidade)

64. FUMARC – "Perderam o ônibus por estarem atrasados."

No enunciado, a oração subordinada exprime circunstância de:

- **A** conformidade;
- **B** causa;
- **C** consequência;
- **D** condição.

65. SENASP – Leia:

I. "O sábio cala, o mediano fala, o ignorante grita."

II. "Penso, logo existo."

III. "Espere, que quero falar-lhe."

IV. "O invejoso emagrece com a gordura alheia."

V. "O trabalho enobrece o homem mas, depois que o homem se sente nobre, não quer mais trabalhar."

Assinale a correta afirmativa quanto à classificação dos períodos de I a V.

- **A** Apenas I e II exemplificam períodos mistos.
- **B** Apenas I e III exemplificam períodos mistos.
- **C** I, II e III exemplificam períodos coordenados, IV exemplifica período simples e V exemplifica período misto.
- **D** I e IV exemplificam períodos simples, II e V exemplificam períodos compostos por subordinação e III é período misto.
- **E** I, III e V exemplificam períodos mistos, II e IV exemplificam períodos compostos por coordenação assindética.

66. FESP-RJ – Observe a oração: "O poeta considera injustas as condições de vida".

Nela, o predicado tem a mesma classificação que o da seguinte oração:

- **A** "Volto do trabalho, a noite em meio, fatigado de mentiras."
- **B** "...a poesia agora responde a inquérito policial-militar."
- **C** "...eu a compro à vista aos donos do mundo."
- **D** "...e com ele construímos um artefato."

67. UNIFAP – Sobre os termos em destaque na oração "Um dia, todos os computadores do mundo estarão ligados num <u>único e definitivo</u> sistema", é correto afirmar que eles exercem a função de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ predicativo;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ complemento nominal.

68. FUMARC – No texto "Para ver a plantação de dinheiro dos nossos clientes, é preciso flexibilizar negociações", <u>não</u> há exemplo de:

Ⓐ predicado nominal;
Ⓑ predicado verbal;
Ⓒ adjunto adverbial;
Ⓓ objeto direto.

69. NCE-UFRJ – Assinale o comentário adequado sobre o período a seguir: "O homem do campo trabalhava em harmonia com os elementos, como um artesão, durante tanto tempo quanto julgasse necessário".

Ⓐ O termo "em harmonia" corresponde a uma locução adverbial, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓑ O termo "do campo" corresponde a uma locução adjetiva, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓒ O termo "com os elementos" exerce a função de complemento nominal, sendo iniciado por uma preposição de valor predominantemente gramatical.
Ⓓ O termo "como um artesão" corresponde ao segundo termo de uma comparação que tem como ponto comum o ato de trabalhar.
Ⓔ O termo "necessário" corresponde a um adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal de "tempo".

70. NCE-UFRJ – "Não há nada que diferencie tanto a sociedade ocidental de nossos dias das sociedades mais antigas da Europa e do Oriente do que o conceito de tempo."

Quais os sujeitos das duas orações que compõem o período inicial do texto?

Ⓐ Oração sem sujeito – "nada".
Ⓑ Oração sem sujeito – "que".
Ⓒ "Nada" – "que".
Ⓓ "Nada" – "o conceito de tempo".
Ⓔ A oração seguinte – "o conceito de tempo".

71. FUNRIO – Duas placas colocadas na entrada de uma galeria oferecem empregos. Elas dizem:

PRECISAM-SE DE COSTUREIRAS	CONTRATAM-SE COZINHEIROS

Levando em conta o que é recomendado pelo uso prestigiado na linguagem padrão, podemos afirmar que:

A apenas a primeira frase está correta, pois o verbo "precisar" tem sujeito indeterminado;

B as duas frases estão corretas, já que ambas têm sujeito indeterminado e pronome reflexivo;

C apenas a segunda frase está correta, pois o verbo "contratar" concorda com o sujeito "cozinheiros";

D as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do singular;

E as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do plural.

72. FUMARC – Em todas as alternativas, a oração sublinhada tem a mesma função sintática que o termo em destaque na sentença abaixo "Mandei-os entrar", exceto:

A Ainda não sei se conseguiremos fazer a mudança antes do fim de semana.

B Não podia ser verdade que ele tivesse traído seus correligionários.

C Ainda não se sabe se eles conseguirão sobreviver aos ferimentos.

D Muitas vezes, mandar acaba sendo mais difícil do que obedecer.

73. NCE-UFRJ – Observe as duas ocorrências do vocábulo se nas frases a seguir e assinale o item que traz um comentário correto a respeito dessas ocorrências:

1. "...a população menos carente se atira ao trabalho..."

2. "...sem indagar se são adequados aos nossos gostos..."

A Ocorre somente um caso de se indeterminador do sujeito.

B Os dois casos de se têm a mesma função sintática.

C Uma ocorrência de se corresponde à classe das conjunções condicionais.

D Há um caso de se como pronome apassivador.

E Ocorre somente um caso de se pronome pessoal.

74. NCE-UFRJ – Assinale o item em que se indica corretamente o número de frases nas quais os elementos destacados são complementos nominais.

1. "...a sociedade ocidental de nossos dias..."

2. "...do que o conceito de tempo."

3. "...o relógio de sol inútil..."

4. "...dispunham de meios bastantes primitivos..."

5. "...onde o resto de óleo ou cera..."

Ⓐ Cinco.
Ⓑ Quatro.
Ⓒ Três.
Ⓓ Dois.
Ⓔ Um.

75. NCE-UFRJ – "....com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..."; o comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:

Ⓐ a forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário";
Ⓑ o pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte;
Ⓒ "pela indústria" representa o paciente da ação verbal;
Ⓓ o pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos";
Ⓔ o verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

76. FESP-RJ – Leia atentamente as orações:

"Compõe-se <u>a imagem</u> no entremeio de outras duas."

"...ficavam confinados e acessíveis somente <u>a uns poucos privilegiados</u>."

Os termos sublinhados exercem, respectivamente, as seguintes funções sintáticas:

Ⓐ sujeito e objeto indireto;
Ⓑ sujeito e complemento nominal;
Ⓒ objeto direto e adjunto adnominal;
Ⓓ objeto indireto e adjunto adnominal;
Ⓔ objeto direto e complemento nominal.

77. ANP – Com base nos fragmentos de texto abaixo, é correta a função sintática identificada em:

Ⓐ "Não é mero erro ocasional; é clara <u>a tendência de recursos ao "onde"</u> para substituir outros advérbios – o "quando" em particular." – predicativo.
Ⓑ "<u>Curiosamente</u>, teóricos da pós-modernidade já apontaram para a decadência da categoria moderna do tempo e a ascensão da categoria pós-moderna do espaço." – advérbio de modo.
Ⓒ "Agora, na idade pós-moderna, é como se o tempo estivesse, na hipótese mais nobre, sendo abolido ou diminuído, encurralado, desbastado, pulverizado (pelo desenvolvimento de técnicas de locomoção, como no avião); pelo aprimoramento daquelas outras <u>que</u> permitem a superação imaginária das distâncias..." – sujeito
Ⓓ "...estar na rua significa estar num tempo sem começo e sem fim, um tempo que independe do ritmo vital de cada um e que, portanto, é neutro. Tenta-<u>se</u> agarrar o espaço por não mais ser possível viver o tempo, ... " – objeto direto.

78. FJG – "...uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:

- **A** A ciência se considera infalível.
- **B** Ciência e técnica se auxiliam.
- **C** Não se conhece uma só ciência completa.
- **D** Viram-se os resultados da pesquisa.
- **E** Os jovens se abraçaram na passeata.

79. FUMARC – Leia o enunciado a seguir:

"Como se resolve determinado problema quando a crise começa a rondar a empresa em que você trabalha?"

No período dado, não se encontra o seguinte termo da oração:

- **A** adjunto adverbial;
- **B** adjunto adnominal;
- **C** objeto direto;
- **D** predicativo do sujeito.

80. NCE-UFRJ – "...exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

- **A** O termo da administração corresponde a um adjunto adnominal.
- **B** O termo dos problemas sociais corresponde a um objeto indireto.
- **C** Federal, estadual e municipal são apresentados numa ordem crescente de importância.
- **D** O substantivo governos se prende aos adjetivos federal, estadual e municipal.
- **E** O adjetivo profunda se refere aos substantivos mudança e administração.

81. NCE-UFRJ – "Um pai ou uma mãe que fumam..."; "...mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar.". Os pronomes relativos desses dois segmentos do texto exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

- **A** sujeito – sujeito;
- **B** sujeito – objeto direto;
- **C** objeto direto – objeto indireto;
- **D** objeto direto – sujeito;
- **E** objeto indireto – objeto direto.

82. NCE-UFR – "Foi a descoberta de novas terras...". O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:

Ⓐ "As lendas da Grécia..."
Ⓑ "Estudos do fundo do oceano..."
Ⓒ "Nessa ilha, [...] havia uma extensa planície e, numa de suas extremidades, uma montanha solitária..."
Ⓓ "...tendo submergido de um dia para o outro..."
Ⓔ "...a oeste do estreito de Gibraltar..."

83. NCE-UFRJ – "...a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:

Ⓐ enorme quantidade de objetos;
Ⓑ instrumentos de trabalho;
Ⓒ o levantamento de pesos;
Ⓓ sala de aula;
Ⓔ máquina de escrever.

84. FESP-RJ – A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

Ⓐ Duvido de sua capacidade profissional.
Ⓑ Apenas nos víamos em festas rurais.
Ⓒ Ficaria encantado com a novidade.
Ⓓ Achava-se apto para o trabalho.

85. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o elemento destacado apresenta uma função sintática distinta das demais:

Ⓐ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que..."
Ⓑ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, em cores ou preto e branco, sem um botão para desligar."
Ⓒ "Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida."
Ⓓ "Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida."
Ⓔ "Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das oito no cinema."

86. FJG – Em:

"Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão."

(Gilberto Gil)

o sujeito do verbo acessar é:

Ⓐ "um hacker";
Ⓑ "um grupo";
Ⓒ "o chefe da Macmilícia";
Ⓓ "eu";
Ⓔ "rede".

87. FJG – A dupla de frases, em que os termos destacados exercem a mesma função sintática, é:

Ⓐ "Mas é nelas que te vejo pulsando, mundo novo, ainda em estado de soluços e desesperança." / "São todas elas coisas perecíveis e eternas, como o teu riso..."
Ⓑ "São todas elas coisas perecíveis e eternas como o teu riso, a palavra solidária, minha mão aberta, ou este esquecido cheiro de cabelo que volta..." / "Todas as coisas de que falo são de carne como o verão e o salário."
Ⓒ "São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos, greves, denúncias, acidentes de trabalho e de amor. Coisas, de que falam os jornais..." / "Todas as coisas de que falo estão na cidade..."
Ⓓ "São coisas, todas elas, cotidianas,..." / "...ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende sua flama inesperada no coração de maio."
Ⓔ "Todas as coisas de que falo estão na cidade, entre o céu e a terra." / "...às vezes tão rudes, às vezes tão escuras que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade."

88. NCE-UFRJ – "Os processos através dos quais as sociedades do passado minaram a si mesmas, danificando o meio ambiente, dividem-se em oito categorias, cuja importância relativa difere de caso para caso:..." A oração reduzida – "danificando o meio ambiente" – tem valor de:

Ⓐ meio;
Ⓑ causa;
Ⓒ condição;

Ⓓ tempo;
Ⓔ modo.

89. FJG – Em "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente <u>por ser um símbolo do mundo adulto.</u>", o fragmento sublinhado é uma oração reduzida cuja forma desenvolvida adequada é:

Ⓐ embora seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓑ caso seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓒ porquanto é um símbolo do mundo adulto;
Ⓓ mesmo que seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓔ à proporção que seja um símbolo do mundo adulto.

90. CESPE-UNB – No período:

"O resultado é que, quando não estão em sessão, os vereadores são procurados para resolver o problema de um cidadão que não consegue fazer valer junto ao governo um direito líquido e certo – como a internação num hospital, a pavimentação de uma rua ou o acesso a uma linha de ônibus nas proximidades de casa." há:

Ⓐ oito orações;
Ⓑ sete orações;
Ⓒ seis orações;
Ⓓ cinco orações;
Ⓔ quatro orações.

91. ACEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada, sintaticamente, é <u>objeto indireto</u> da oração a que está vinculada.

Ⓐ "Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos, de modo que quando acrescentou em 1832, no fim da vida, <u>alguns capítulos novos</u> ao Fausto, que começara a escrever sessenta anos antes, aplicou lições que aprendeu em sua experiência como uma espécie de 'autoridade monetária'."
Ⓑ "Goethe tinha em mente <u>as primeiras experiências desastrosas</u> com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..."
Ⓒ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, desde então, e diante de centenas <u>de desastres financeiros similares em toda parte</u>, a humanidade..."
Ⓓ "...a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel <u>a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais.</u>"

92. NCE-UFRJ – Qual dos itens a seguir apresenta um predicado de tipo distinto dos demais?

Ⓐ Introduzo na poesia / a palavra diarreia.
Ⓑ Não pela palavra fria / mas pelo que ela semeia.
Ⓒ Quem fala em flor não diz tudo.
Ⓓ Quem fala em dor diz demais.
Ⓔ O poeta se torna mudo / sem as palavras reais.

93. FJG – Analise o elenco de orações abaixo listado:

1. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos.

2. O carioca [...] virou grosseiro e irritadiço.

3. O chofer considera [...] todo pedestre um débil mental.

4. Não cede lugar a nenhuma senhora.

5. Não entrei na conversa.

6. [...] o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro [...]

Entre os predicados das frases destacadas, a menor frequência é tipo:

Ⓐ verbo-nominal e verbal;
Ⓑ verbal;
Ⓒ verbo-nominal;
Ⓓ verbo-nominal e nominal;
Ⓔ nominal.

94. FUNRIO – No fragmento a seguir "...não considero desertor um jogador que, por qualquer motivo, não queira defender a seleção de seu país...", o termo "desertor" desempenha a função de:

Ⓐ predicativo do sujeito;
Ⓑ predicativo do objeto direto;
Ⓒ predicativo do objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial de modo;
Ⓔ adjunto adverbial de causa.

95. FUNRIO – Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nos versos.

I. "Era <u>ele</u> que erguia casas" – pronome pessoal reto, em função de sujeito.

II. "Ele subia com as casas / Que <u>lhe</u> brotavam da mão" – pronome pessoal oblíquo, em função de objeto indireto.

III. "Que a casa que ele fazia" – pronome relativo, em função de objeto direto.

IV. "A casa que ele fazia / Sendo a <u>sua</u> liberdade/ Era a sua escravidão" – pronome possessivo, em função de adjunto adnominal

É correto apenas o que se afirma na alternativa:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I e III;
Ⓒ I, II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I, II e III.

96. FUNRIO – No trecho "...resultou na renúncia do Presidente Richard Nixon, em agosto de 1974...", emprega-se a preposição de (em do= de+o) como um conector entre dois substantivos; nessas condições, o segundo substantivo, então, repete sintaticamente a mesma função que se detecta em:

Ⓐ "Ela é cúmplice de tudo que tem acontecido no país."
Ⓑ "...as pressões econômicas que os veículos sofrem das grandes corporações."
Ⓒ "...quanto ao seu papel de informar."
Ⓓ "Independente das posições político-ideológico-partidárias de cada um."
Ⓔ "Tudo em nome da grande pátria."

97. EMPASIAL – Marque onde há erro na análise sintática do termo em destaque:

Ⓐ Ao pé da cruz, havia uma pequena inscrição. (núcleo do objeto direto)
Ⓑ Ele era muito útil à comunidade. (objeto indireto)
Ⓒ A loja foi assaltada por eles. (agente da passiva)
Ⓓ Ouvi apenas o começo da música. (objeto direto)
Ⓔ Não existem testemunhas do assalto. (sujeito)

98. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os elementos assinalados exercem a mesma função sintática.

Ⓐ "Amigo leitor, você, que se enquadra na categoria dos consumidores ..."
"A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas. Pode estar aguardando você à porta da padaria mais próxima."

Ⓑ "Seguinte: se você consumir, será imediatamente responsável por qualquer aumento de inflação."
"Se você comprar muitas passagens de ônibus ou de metrô, isso se refletirá no consumo das passagens e, aumentando o consumo, aumenta a inflação."

Ⓒ "Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar. Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada."
"Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada. Só que o dinheiro que não valia nada era guardado exatamente por isso, porque não valia nada."

Ⓓ "A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas."
"Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar."

Ⓔ "Aqui, é claro, tudo tinha de ser ao contrário."
"Senão, não tinha graça."

99. FJG – Observe os fragmentos de texto:

1. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

2. "Sai de casa pela manhã, como quem vai para uma briga, mantém para com o colega de bonde, ônibus, ou lotação, uma atitude de 'mentalidade antipática', e, para com o motorista ou cobrador, de 'beligerância em potencial'."

3. "Não cede lugar a nenhuma senhora e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade para apenas comprar um carretel;..."

4. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

5. "Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e esse quase se chocou com um carro particular."

6. "O garçom irrita-se porque o freguês tem a veleidade de lhe pedir alguma coisa,..."

Relacione as colunas, classificando a expressão sublinhada em cada frase, segundo a coluna da esquerda; depois, assinale a sequência correta:

(1) objeto direto	**( )**	**"com propensão ao suicídio."**
(2) objeto indireto	**( )**	**"com o colega de bonde"**
(3) complemento nominal	**( )**	**"Não cede lugar a nenhuma senhora"**
(4) adjunto adverbial	**( )**	**"considera todo colega um "barbeiro"**
(5) adjunto adnominal	**( )**	**"vinha para casa num táxi "**
(6) predicativo	**( )**	**"o freguês tem a veleidade"**

A alternativa que apresenta a sequência correta é:

Ⓐ 2 – 5 – 3 – 6 – 4 – 1;
Ⓑ 3 – 5 – 2 – 6 – 4 – 1;
Ⓒ 3 – 4 – 2 – 6 – 5 – 1;
Ⓓ 3 – 5 – 1 – 6 – 4 – 2;
Ⓔ 4 – 3 – 2 – 1 – 5 – 6.

100. NCE-UFRJ – Que elemento dos fragmentos abaixo, precedido da preposição de, exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

Ⓐ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado. O tom de voz nem sempre é o mesmo usado no 'morro',..."
Ⓑ "...(quem mora lá no morro já vive pertinho do céu)."
Ⓒ "Há pontos em comum entre as duas versões. A percepção de uma cidade cindida em dois é a coincidência mais evidente,..."
Ⓓ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado."
Ⓔ "...as palavras e os gestos são medidos para que traduzam um código distinto do que é utilizado na favela."

101. EMPASIAL – Em : "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Assinale o item que classifica a oração subordinada destacada:

Ⓐ subordinada adverbial causal;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓒ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa;
Ⓔ coordenada sindética explicativa.

102. EMPASIAL – Indique qual o item em que a oração subordinada tem a mesma função do termo destacado em "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Ⓐ "A diferença é que o 'pit-bull' é forte e tem grande resistência à dor."
Ⓑ "...não digo que a vida é bela tampouco me nego a ela: digo sim."
Ⓒ "Quase sempre se convence que não tem o bastante..."
Ⓓ "Você não entende as coisas que eu te digo..."
Ⓔ "Ela entendia muito de fazendas, pois a tia era costureira."

103. ACEP – Assinale a sequência cujos sintagmas postos em negrito se classificam como aposto, oração completiva nominal e predicativo:

Ⓐ " ... a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais." / Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo "controle da base monetária". / Johann Wolfgang von Goethe, [...] conhecia bem os assuntos da economia. Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos,...

Ⓑ "Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo 'controle da base monetária'." / É da natureza dos religiosos do BC enxergar apenas virtude no sacrifício, mas o mundo laico pode entender que, sem prejuízo da nobre missão dos bancos centrais, a decisão sobre a flagelação do organismo econômico deve pertencer aos políticos eleitos. / Cria-se, assim, uma autonomia relativa, dita "operacional", com vista a conciliar a monástica propensão ao martírio, própria das autoridades monetárias, com as necessidades do desenvolvimento.

Ⓒ "Mas, como no Brasil, desde Juscelino, o pendor faustiano para o excesso é imenso, e este é o país do Carnaval, essa conciliação, na prática, é muito difícil." / Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o "lastro" em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, ... / Os juros são altos, e assim permanecerão, muito mais em razão de "fundamentos econômicos" frágeis, temas da esfera dos políticos, que da vilania ou austeridade do BC.

Ⓓ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (o moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..." / a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais. / Tudo era falso como as fantasias de Carnaval e de Mefistófeles.

104. CESPE-UnB – Leia os trechos abaixo:

I. "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador, não conhecia o garoto."

II. "Possivelmente essa incorrigível falsária, a Memória, a pintou."

III. "...a pintou substituindo a verdade nativa, feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul, por alguma caprichosa arquitetura rococó."

A opção correta, quanto à estrutura morfossintática, é:

Ⓐ apenas I contém aposto;
Ⓑ I e II contêm apostos;
Ⓒ I e III contêm apostos;
Ⓓ II e III contêm apostos;
Ⓔ todas as opções contêm apostos.

105. ACEP – "Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa."

Os dois períodos acima são formados por subordinação e em cada um encontra-se uma oração:

Ⓐ subordinada adverbial temporal;
Ⓑ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓓ subordinada adverbial concessiva;
Ⓔ subordinada adverbial causal.

106. COMPERV – "O homem trabalha muito, para que possa sobreviver."

A oração em destaque pode ser classificada como:

Ⓐ subordinada adverbial concessiva;
Ⓑ subordinada adverbial causal;
Ⓒ subordinada adverbial conformativa;
Ⓓ subordinada adverbial final;
Ⓔ subordinada adverbial consecutiva.

107. CONATEC – Indique, entre as orações abaixo, aquela em que ocorre a indeterminação do sujeito.

Ⓐ Alguém bateu à porta.
Ⓑ Ninguém diz que ele é estrangeiro.
Ⓒ Come-se bem naquele restaurante.
Ⓓ Quem falou?

108. FESP-RJ – Dos termos sublinhados nas seguintes passagens do texto, aquele que não funciona como sujeito é:

Ⓐ "...feneceu muito antes que na Europa Latina o molde feudal."
Ⓑ "...o que nos leva ora à solução elegante e proveitosa (para os juristas) da mudança da Constituição."
Ⓒ "...é possível configurar-se, então, a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social."
Ⓓ "Resta saber se não há uma terceira explicação, em termos de atitudes religiosas."
Ⓔ "...o belo arrazoado aquiniano de ser o juro ilegítimo..."

109. FESP-RJ – Em frase como: "Assassinaram o patrulheiro os homens que viajavam na moto.", o mecanismo gramatical responsável pela identificação do sujeito de assassinaram é:

Ⓐ concordância do verbo;
Ⓑ a ordem dos termos na frase;
Ⓒ o fato de o verbo em questão só poder referir-se a seres animados;
Ⓓ o fato de ser o sujeito, por definição, um termo não preposicionado;
Ⓔ a existência, na frase, de oração que funciona como adjunto adnominal de homens.

110. FUNRIO – Observe, com atenção, o período abaixo:

"Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo."

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Nele, é possível perceber que:

I. ocorre um sujeito oracional, ligado ao verbo de ligação "era";

II. "nas festas do Espírito Santo" é um termo adjunto adverbial de lugar;

III. o verbo "fazer", normalmente transitivo direto, está sendo completado por um objeto direto preposicionado;

IV. a palavra "gosto" funciona como núcleo do sujeito simples e claro.

Estão corretas as afirmações:

A) I e II;
B) II e III;
C) I e IV;
D) II e IV;
E) III e IV.

111. ESAG – Assinale a alternativa incorreta, em relação a esta frase:

"A água é considerada pelos capixabas o mais importante elemento da natureza. Depois vêm as florestas, o ar e os animais."

A) A expressão o mais importante elemento da natureza é objeto direto da voz passiva sintética.
B) pelos capixabas é agente da passiva.
C) A água é sujeito da oração.
D) Passando a oração para a voz ativa, obtém-se como núcleo verbal consideram.

112. FUMARC – O termo destacado é complemento nominal em:

A) "[...] são casos claros de roubo."
B) "A cola é roubo de conhecimento."
C) "[...] e quem o dá é cúmplice do roubo."
D) "Professor [...] que não cumpre seu horário de permanência [...]"

113. NCE-UFRJ – "Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião, mas eu vou mais além: é preciso rediscutir o papel das Forças Armadas, coisa que não foi feita na Constituição de 1988."

Assinale o comentário inadequado sobre o texto dado:

A) o termo coisa exerce na frase a função sintática de aposto;
B) o termo Constituição de 1988 exerce a função de agente da ação verbal;
C) a forma verbal foi feita exemplifica a voz passiva analítica ou com auxiliar;

Ⓓ o vocábulo coisa refere-se anaforicamente a um termo anterior;
Ⓔ o termo de 1988 exerce a função sintática de adjunto adnominal.

114. CONATEC – Anteponha aos períodos OI quando houver oração substantiva objetiva indireta e CN se ocorrer oração completiva nominal. A seguir aponte a alternativa com a sequência CORRETA.

1. Fabiano tinha a certeza de que não acabaria tão cedo.

2. O santo exortava o povo a que se mantivesse fiel a Deus.

3. O soldado insistia em que a prisão fosse feita.

4. Deixei-me estar em casa, na esperança de que me chamasse.

5. Sê grato a quem te ensina.

Ⓐ OI – CN – OI – CN – CN.
Ⓑ CN – OI – CN – CN – OI.
Ⓒ CN – OI – OI – CN – CN.
Ⓓ OI – CN – CN – CN – OI.

FUNRIO – Leia o texto e responda às questões 115 e 116.

"Muitos talvez não compreendam que, numa época de cerrado utilitarismo, alguém se demasie em tanto esforço numa advocacia romântica e cavalheiresca, sem visar a um lucro ou a interesse indiretos. Tanto pior para os que não o compreendam. Falham à primeira condição prática, positiva e utilitária da vida, que é o aformoseá-la.

[...]

De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo. Basta-nos. Afeiçoamo-nos, há muito, aos triunfos tranquilos, no meio da multidão sem voz dos nossos livros. Hoje, como ontem, obedecendo à finalidade de um ideal,repelimos, do mesmo passo, o convício e o aplauso, o castigo e a recompensa, o desquerer e a simpatia.

Não combatemos as pretensões peruanas. Denunciamos um erro.

Não defendemos os direitos da Bolívia. Defendemos o Direito."

Fonte: CUNHA, Euclides da. *Peru versus Bolívia*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975, p. 135

115. Na oração "que não o compreendam", o conector desempenha a mesma função sintática que o da opção:

Ⓐ "Quero ver do alto o horizonte, / que foge sempre de mim."
Ⓑ "De novo concentrou a atenção no que a amiga lhe dizia."
Ⓒ "Reduze-me ao pó que fui."
Ⓓ "Deem-me as cigarras que eu ouvi menino."
Ⓔ "Já não se lembra da picardia que me fez?"

116. O termo destacado está classificado incorretamente quanto à sua função sintática em:

Ⓐ "Não combatemos as pretensões peruanas." (peruanas – adjunto adnominal)
Ⓑ "alguém se demasie em tanto esforço." (em tanto esforço – objeto indireto)
Ⓒ "Tanto pior para os que não o compreendam." (para os – complemento nominal)
Ⓓ "De tudo isto nos resultou um prêmio." (nos – objeto direto)
Ⓔ "nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo." (de nosso tempo – adjunto adverbial)

117. IPAD – Leia o período abaixo:

"Percebe-se facilmente que nunca notaram o papel secundário que exerciam naquele governo."

A oração "que exerciam naquele governo" é:

Ⓐ subordinada substantiva objetiva indireta;
Ⓑ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓒ subordinada adverbial consecutiva;
Ⓓ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓔ n.d.a.

118. FUMARC – "Comentavam que a tropa de elite iraquiana, que prometia resistência feroz, foi dizimada em todos os confrontos e que, agora, só falta conquistar a capital."

No período dado, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada adjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva;
Ⓓ subordinada adverbial.

119. FUMARC – "É evidente que, para a violência acabar, a educação é peça fundamental."

No período acima, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ subordinada adjetiva;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adverbial;
Ⓓ reduzida.

120. FUMARC – "Foi inaugurada, <u>na manhã de ontem</u>, a pedido de <u>muitos</u> indivíduos, <u>nova creche</u>."

Os termos destacados estão corretamente analisados, respectivamente, em:

Ⓐ adjunto adnominal – adjunto adnominal – objeto direto;
Ⓑ adjunto adnominal – predicativo – sujeito;

Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adnominal – sujeito;
Ⓓ adjunto adverbial – predicativo – objeto direto.

121. FUMARC – Assinale a alternativa em que a correspondência entre o termo destacado e a sua função sintática está incorreta:

Ⓐ "Ninguém de bom senso contesta a legítima aspiração social a punir bandidos [...]." (sujeito)
Ⓑ "Não é preciso muito esforço para imaginar o que seria [...]." (adjunto adverbial de intensidade)
Ⓒ "Punir quem merece é uma forma de a sociedade defender, sobretudo, o interesse dos mais frágeis [...]." (objeto direto oracional)
Ⓓ "somos obrigados [...] a partilhar idiossincrasias, obsessões ou desatinos que não nos concernem; [...]." (objeto indireto)

122. FUNRIO – Assinale a alternativa em que se classifica corretamente a oração sublinhada:

Ⓐ "Sabe-se que ela tem sido abjeta." (oração subordinada substantiva subjetiva).
Ⓑ "...comparam esse tipo de censura ao que foi feito no caso do Irã..." (oração subordinada substantiva objetiva direta).
Ⓒ "...jornalistas americanos que vêm ao patropi a convite..." (oração subordinada substantiva completiva nominal).
Ⓓ "...sob o argumento de que chocariam as pessoas." (oração subordinada substantiva objetiva indireta).
Ⓔ "...fim para aqueles que desvendaram o caso Watergate." (oração subordinada substantiva apositiva).

123. FUMARC – Em todas as frases seguintes, o termo "que" apresenta a mesma função sintática, exceto em:

Ⓐ "...somos obrigados, querendo ou não, a partilhar idiossincrasias que não nos concernem..."
Ⓑ "Demos a César o que é de César."
Ⓒ "A questão, porém, não é o valor moral 'em si' da privacidade, que pode ser relativizado..."
Ⓓ "Pode-se objetar que o raciocínio é impertinente..."

124. FJG – O pronome que exerce função sintática de objeto direto em:

Ⓐ "De fato, tal ideia traduz, de maneira muito precisa, essa verdadeira dialética entre o que é lembrado com saudade, como maravilhoso, formidável ou poético..."
Ⓑ "Nossa biografia se faz precisamente pela alternância [...] com situações que "guardamos" como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça..."

Ⓒ "...ao lado de tudo [...] trágico e ruim (aquilo que na nossa existência entra como extraordinário, positiva ou negativamente valorizado)..."
Ⓓ "Há, pois, um tempo lembrado, que vira memória e saudade;..."
Ⓔ "Pois o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela saudade,..."

125. FJG – "As verdades filosóficas se contradizem..." O item abaixo em que o <u>se</u> apresenta valor idêntico àquele que possui neste segmento destacado do texto é:

Ⓐ Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.
Ⓑ Os homens modernos esconderam-se da verdade.
Ⓒ Pascal se declarou irracionalista.
Ⓓ A ciência e a fé se digladiam.
Ⓔ As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

126. FUNRIO – "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça..."

Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

Ⓐ Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
Ⓑ Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
Ⓒ Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
Ⓓ Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.
Ⓔ Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.

127. FUNRIO – Escolha a alternativa em que o sujeito da oração está corretamente identificado:

Ⓐ "Não há dúvida..." – sujeito: dúvida.
Ⓑ "...como conta Josué Montello." – sujeito: Josué Montello.
Ⓒ "Falava-se em instalar o Governo da República em cidades serranas do estado do Rio de Janeiro..." – sujeito: o Governo.
Ⓓ "O Senado da República e os meios acadêmicos nunca o permitiram." – sujeito: o.
Ⓔ "Em certa crônica na *Gazeta de Notícia*s, numa fase de altas turbulências, apelou à esperança." – sujeito: certa crônica.

128. FUNRIO – "A Semana de Arte Moderna, na verdade, foi a explosão de ideias inovadoras que aboliam por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão; com esse propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Isso culminou com a incompreensão e com a completa

insatisfação de todos que foram assistir à apresentação do novo movimento. Logo na abertura, Manuel Bandeira, ao recitar seu poema 'Os Sapos', foi desaprovado pela plateia através de muitas vaias e gritos."

Sobre a última frase desse parágrafo, é correto afirmar que "Manuel Bandeira" e "Os Sapos" desempenham sintaticamente:

Ⓐ funções diferentes: apenas "Manuel Bandeira" é aposto;
Ⓑ funções diferentes: apenas "Os Sapos" é um aposto;
Ⓒ funções idênticas: ambos são apostos;
Ⓓ funções idênticas: ambos são vocativos;
Ⓔ funções semelhantes: ambos são termos integrantes.

129. NCE-UFRJ – Em que item a seguir o elemento destacado funciona como complemento e não como adjunto?

Ⓐ "...onde ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos na quadra para ler em conjunto o manifesto do movimento e depois calar."
Ⓑ "Nas igrejas, que o meio-dia seja um momento de oração silenciosa."
Ⓒ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho. Sem buzinas, sem panelaços, e, mesmo, sem palavras de ordem."
Ⓓ "Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar."
Ⓔ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho."

130. COMPERV – No verso "Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu protege."

os termos sublinhados, respectivamente, exercem a função sintática de:

Ⓐ adjunto adnominal – objeto indireto – objeto indireto;
Ⓑ adjunto adverbial – sujeito simples – objeto direto;
Ⓒ objeto indireto – complemento nominal – objeto direto;
Ⓓ aposto – objeto direto – sujeito simples;
Ⓔ adjunto adverbial – objeto direto – sujeito simples.

131. NCE-UFRJ – O item em que o elemento sublinhado representa o agente e não o paciente de um termo anterior é:

Ⓐ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras..."
Ⓑ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras, mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce,..."
Ⓒ "...mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce, foi, sem dúvida, uma grande campanha de afirmação nacional."

Ⓓ "A insistência em manter a presença do Estado numa atividade que precede a transformação do minério de ferro em produtos siderúrgicos é tanto mais incompreensível..."

Ⓔ "O Brasil, que hoje é um dos maiores exportadores mundiais de produtos siderúrgicos e da metalurgia de não ferrosos, decidiu privatizar sua indústria siderúrgica de aços planos há seis meses."

132. FUNDEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada não exerce, na frase em que se insere, a mesma função que nas outras.

Ⓐ "O relevo ainda está sendo moldado pela ação das forças naturais e a crosta está-se acomodando..."

Ⓑ "Os cientistas [...] afirmam que a relação [da mudança] com as atividades desempenhadas pelo homem é inegável."

Ⓒ "Os gases, [...], principalmente pela queima de combustíveis fósseis, permitem que a radiação solar penetre na atmosfera..."

Ⓓ "Uma das consequências inevitáveis do aquecimento provocado pelo efeito estufa é o aumento no nível dos oceanos..."

133. FESP – A função sintática do "que" não é sujeito em:

Ⓐ Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

Ⓑ Diga-me a hora em que ele virá para cá.

Ⓒ Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

Ⓓ Não há mal que sempre castigue.

134. COMPERV – Marque a alternativa cuja oração tem o mesmo valor sintático de: "Desejamos que ele se afaste das más companhias."

Ⓐ Nós objetivamos que sejamos aprovados.

Ⓑ O político necessita de que o apoiemos.

Ⓒ É necessário que se extinga a violência.

Ⓓ O guarda informou-o de que seria multado.

Ⓔ O juiz foi favorável a que o réu se pronunciasse.

135. CONATEC – Numere a segunda coluna de acordo com a primeira e, em seguida, assinale a alternativa que aponta a sequência correta:

(1) partícula apassivadora	**( ) Mandou-se permanecer em silêncio.**
(2) indeterminação de sujeito	**( ) Vaiou-se o espetáculo.**
(3) pronome reflexivo	**( ) Cortou-se com um bisturi.**
(4) parte integrante do verbo	**( ) Vive-se bem no interior.**
(5) sujeito do infinitivo	**( ) Queixou-se de fortes dores.**

Ⓐ 4 – 2 – 1 – 3 – 5.
Ⓑ 5 – 3 – 2 – 1 – 4.
Ⓒ 1 – 2 – 3 – 4 – 5.
Ⓓ 5 – 1 – 3 – 2 – 4.

136. FESP-RJ – Assinale a opção em que há erro de identificação da função do termo sublinhado, indicada entre parênteses.

Ⓐ Seguem-se instruções relativas ao assunto. (objeto direto)
Ⓑ Necessita-se de maiores informações sobre o assunto. (índice de indeterminação do sujeito)
Ⓒ As provas realizar-se-ão em local e data a serem divulgados oportunamente. (partícula apassivadora)
Ⓓ O implicado deixou-se arguir pelo encarregado do inquérito naquele mesmo dia. (sujeito)

137. FESMIP – "Fiquei sabendo, então, que em Veneza há um carnaval famoso."

O termo sublinhado acima exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "...uma cidade de máscaras que se vendem..."
Ⓑ "...estamos pressupondo que ele não é um rosto ..."
Ⓒ "Está dito na palavra 'persona', que vem do latim..."
Ⓓ "O teatro é algo que precisa de um público..."
Ⓔ "...a verdade que não devia ser dita..."

138. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os vocábulos sublinhados nos fragmentos 1 e 2 exercem funções sintáticas diferentes.

Ⓐ 1. "...o ano 2000 seria o prazo final para atingir a meta..."
2. "...os fumantes podiam legalmente permitir-se o seu hábito..."
Ⓑ 1. "A OMS previu que...ainda mataria cerca de 500 milhões de pessoas."
2. Os governos [...] desenvolveram campanhas educacionais sobre os riscos do fumo para a saúde."
Ⓒ 1. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
2. "Os países que aboliram a propaganda de cigarros incentivaram outros a fazer o mesmo."
Ⓓ 1. "A mensagem já se tornara corriqueira."
2. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
Ⓔ 1. "A maior contribuição da América do Norte para a campanha de abandono do fumo relacionava-se à descoberta de formas inovadoras de ataque."
2. "Em suma, realizou-se como que uma arrancada em direção a uma reforma total."

139. ACEP – No fragmento "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." o sintagma "os leitores" analisa-se como:

- A aposto;
- B vocativo;
- C sujeito;
- D objeto direto;
- E objeto indireto.

140. COMPERV – Em "cortou-lhe os cabelos", o pronome lhe exerce a mesma função no item:

- A O lhe é um pronome oblíquo.
- B Alguém já lhe negou ajuda?
- C Sempre lhe disse a verdade.
- D A luz forte lhe afugentou o sono.
- E O dinheiro lhe será muito útil.

141. FESP-RJ – A alternativa em que se faz erroneamente a classificação sintática do termo em negrito é:

- A "...e o que é imenso é eterno..." – sujeito.
- B "Sofia desceu logo, achou Rubião transtornado..." – predicativo.
- C "Eu corri os olhos tudo que em mim havia..." – objeto direto.
- D "Ao longe, descobriu alguns vultos de um e outro lado..." – adjunto adnominal.
- E "Os outros meninos mais idosos detiveram-se a olhar espantados" – adjunto adverbial.

142. FESP-RJ – Faz-se erroneamente a classificação sintática do pronome relativo, na opção:

- A "Mas eu não sei o que sou..." (predicativo).
- B "O abismo que há entre o espírito e o coração." (objeto direto).
- C "O caderno que você desejava que eu trouxesse é caro." (objeto direto).
- D "O peão acabara de selar o cavalo, que puxara para fora da ramada." (objeto direto).
- E "Esclareceu que adiava a aquisição de uma chaleira de que andava muito necessitado." (objeto indireto).

143. MOURA MELO – "Todos já descobriram a chata que ela é."

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

- A adjunto adverbial;
- B objeto direto;
- C objeto indireto;
- D predicativo do sujeito.

144. FESP-RJ – "...a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria."

"...e isso parece claramente espelhar-se na forma por que, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando."

As orações subordinadas em destaque exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

Ⓐ sujeito – adjunto adnominal;
Ⓑ sujeito – adjunto adverbial de causa;
Ⓒ objeto direto – adjunto adverbial de causa;
Ⓓ adjunto adverbial de modo – adjunto adnominal;
Ⓔ adjunto adverbial de modo – adjunto adverbial de causa.

145. FESP-RJ – Assinale a opção em que a função sintática do termo grifado não foi corretamente indicada:

Ⓐ "...tinha que ficar quieto." – predicativo.
Ⓑ "E ainda por cima falavam dobrado..." – adjunto adnominal.
Ⓒ "Se assustava à toa, qualquer barulhinho e já pulava pra um lado." – adjunto adverbial.
Ⓓ "Resolveram então levar o Pavão pro Curso de Linha ..." – objeto direto.
Ⓔ "... pra ver se uma coceirinha que ele estava sentindo já era a tal brotoeja" – sujeito.

146. CESGRANRIO – O vocábulo se tem o mesmo valor sintático da sua ocorrência em "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva." no trecho:

Ⓐ "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva."
Ⓑ "Se fizesse sol, ele ia escalar um pico próximo."
Ⓒ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓓ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓔ "Quanto mais tempo se perde por desorganização ou esperando pelos outros, menos tempo se utiliza produzindo e menos riqueza é gerada."

147. ACEP – No período simples "Logo, uma elite de jovens executivos e de economistas de prestígio agarrou a oportunidade.", os termos sublinhados são:

Ⓐ sujeito composto;
Ⓑ complemento nominal;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ objeto indireto.

148. SENASP – Leia:

"A poesia redime os pecados do mundo e o poeta é o representante desta remissão."

A função sintática dos termos em destaque é, respectivamente:

- A complemento nominal em ambos os casos;
- B adjunto adnominal e complemento nominal;
- C adjunto adverbial e complemento nominal;
- D complemento nominal e adjunto adnominal;
- E predicativo do objeto e complemento nominal.

149. IPAD – Identifique a frase em que não há um complemento nominal:

- A Os ataques ao Iraque foram criticados pelo governo da Rússia.
- B Jamais houve atraso no pagamento dos empregados pelo sindicato.
- C O julgamento de nazistas por tribunais internacionais constitui um pesadelo contemporâneo.
- D Sua preferência por músicas dos "Beatles" merecia ser compartilhada.
- E O movimento do seu corpo acompanhava o som e o ritmo da melodia.

150. ACEP – No fragmento: "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." os grifos exercem na oração a função de:

- A objeto indireto, adjunto adverbial de causa;
- B objeto direto, adjunto adnominal;
- C objeto indireto, agente da passiva;
- D objeto direto, adjunto adverbial de causa;
- E objeto indireto, adjunto adnominal.

GABARITO

1. C	20. B	39. A	58. D	77. C	96. E	115. A	134. A
2. C	21. A	40. D	59. A	78. A	97. B	116. D	135. D
3. A	22. D	41. C	60. B	79. D	98. A	117. E	136. A
4. E	23. B	42. A	61. D	80. D	99. B	118. C	137. B
5. C	24. A	43. E	62. A	81. A	100. A	119. A	138. A
6. A	25. B	44. A	63. B	82. B	101. B	120. C	139. A
7. C	26. D	45. A	64. B	83. C	102. B	121. B	140. D
8. D	27. D	46. D	65. C	84. D	103. A	122. A	141. E
9. C	28. C	47. D	66. A	85. D	104. B	123. D	142. E
10. C	29. A	48. E	67. C	86. D	105. A	124. B	143. D
11. E	30. C	49. B	68. C	87. D	106. D	125. D	144. A
12. A	31. A	50. E	69. D	88. B	107. C	126. E	145. B
13. A	32. C	51. A	70. B	89. C	108. D	127. B	146. E
14. B	33. E	52. D	71. C	90. D	109. A	128. B	147. C
15. B	34. C	53. C	72. A	91. D	110. A	129. A	148. B
16. D	35. D	54. E	73. E	92. E	111. A	130. E	149. E
17. B	36. B	55. D	74. A	93. E	112. B	131. C	150. A
18. D	37. E	56. C	75. B	94. B	113. B	132. C	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. D	114. C	133. B	

Exercícios de Pontuação

1. FUNRIO – Leia o texto a seguir:

Sinais de fumaça

Pesquisa mostra que presença de cigarro em filmes produzidos nos Estados Unidos caiu, mas ainda é forte.

"Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros. Jonathan Polansky, que participou da pesquisa, diz que a situação pouco mudou em filmes voltados para adolescentes. Para o colunista Ruy Castro, nos filmes atuais, "um casal pode fazer sexo explícito em cena e ninguém se chocará. Mas, se acender um cigarro depois, haverá gente na plateia limpando um pigarro imaginário ou esbravejando".

Fonte: ***Folha de S.Paulo***

No fragmento "Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros.", as vírgulas foram colocadas para separar a oração:

- **A** subordinada adverbial concessiva intercalada à principal;
- **B** coordenada, intercalada, introduzida por conector;
- **C** subordinada adverbial, anteposta à principal;
- **D** adjetiva explicativa, introduzida pelo pronome relativo que;
- **E** subordinada adverbial condicional, iniciada pelo conector "embora".

2. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

- **A** Garçom, nós queremos conversar; poderia pedir para baixar um pouco o volume do rádio, por favor?
- **B** Se a maré subir, logo, os turistas ficarão ilhados naquelas pedras e, terão que esperar até amanhã, para voltarem.

Ⓒ Admita, que você nos traiu, ao tomar uma atitude que contrariou inteiramente, nossa decisão da véspera.
Ⓓ Durante a projeção do filme, que você me recomendou as pessoas iam saindo, mostrando assim, seu desagrado e desinteresse pelo final.
Ⓔ Você deve ser condescendente, uma vez que, se não renegociar minha dívida, dificilmente, poderei pagá-la.

3. NCE-UFRJ – A frase em que os sinais de pontuação foram empregados de acordo com as normas em vigor é:

Ⓐ O fim desta é informar a V. Sª, que sua participação, como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓑ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓒ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓓ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓔ O fim desta, é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.

4. ESAF – Marque a lacuna onde não se deve usar vírgula.

Depois do evento de 1999 em Seattle (que inviabilizou a assinatura do acordo multilateral de investimentos)[A] as entidades da sociedade civil começam agora[B] um novo confronto com o capital globalizante. A campanha "Stop the Gats Attack Now"[C] que reúne 430 ONG's e entidades de classe de 53 países[D] é igualmente ambiciosa:impedir o início das negociações finas do Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (AGCS, Gats, em inglês). O acordo prevê a privatização gradual[E] completa e irreversível dos serviços públicos em todo o mundo.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

5. FEC – Entre os trechos do texto abaixo, aquele em que o uso da vírgula <u>não</u> é gramaticalmente obrigatório é:

Ⓐ "Eu tinha de ir à alfândega e, portanto, passar pela Praça Mauá."
Ⓑ "Em Copacabana voltamos a ver o barco, na altura da Cotunduba."
Ⓒ "Antonio Maria contou que uma vez ia num táxi guiado por um chofer português velho, bigodudo, calado, de cara triste."
Ⓓ "O 'Vera Cruz', homem, venha depressa, venha!"
Ⓔ "O casal de portugueses da portaria conversava com o porteiro do lado e o zelador do edifício da frente, todos portugueses."

6. **VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta:**

A) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

B) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.

C) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

D) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.

E) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

7. **NCE-UFRJ- Dos fragmentos abaixo, o único que contém <u>erro</u> de pontuação é:**

A) Em virtude de as despesas ordinárias terem sofrido pequenos reajustes ao longo dos últimos meses e de a receita, não ter sido reajustada, fomos autorizados a aumentar a mensalidade.

B) Sem mais para o momento e à inteira disposição de V. Sª para maiores esclarecimentos, subscrevemo-nos.

C) Com isso, sugerimos a convocação de nova assembleia para a apreciação dos atuais valores, bem como para a fixação de nova quota, se for o caso.

D) A esposa trocava as fraldas do bebê, e o marido lavava os pratos.

E) O presidente mandou lavrar esta ata, que assina juntamente com o secretário que a lavrou.

8. **ACCESS – "A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria."**

O emprego da vírgula antes de <u>mas</u> é justificado pela seguinte regra: usa-se a vírgula para:

A) separar orações intercaladas;

B) isolar aposto explicativo;

Ⓒ separar orações coordenadas sindéticas adversativas;
Ⓓ separar orações subordinadas adjetivas explicativas;
Ⓔ isolar os termos repetidos.

9. FESP-RJ – Fizeram-se modificações na pontuação de algumas passagens do texto. Aquela em que a colocação da vírgula, além de <u>errada</u>, altera o sentido da oração subsequente é:

Ⓐ "Assim deveria terminar o pai-nosso..." / Assim, deveria terminar o pai-nosso...
Ⓑ "Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto que existia até então..." / Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto, que existia até então...
Ⓒ "Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma e condenar outro." / Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma, e condenar outro.
Ⓓ "Por outro lado, já virou paranoia no Brasil a defesa do dito menor de rua." / Por outro lado, já virou paranoia, no Brasil, a defesa do dito menor de rua.
Ⓔ "Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito. Separando os ainda não..." / Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito, separando os ainda não...

10. CESPE-UnB – Indique a opção correta quanto às pontuações alternativas: "O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral."

Ⓐ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓑ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓒ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓓ O domínio que, adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓔ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

11. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Quando a democracia não funciona bem não é raro, que aqui e ali, passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários.

Ⓑ Ao se referir ao Brasil de 1989, o autor está-nos lembrando que, àquela época, a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificável como aventureiro.

Ⓒ Seria interessante saber, em que "certas circunstâncias", um governo autoritário ofereceria vantagens, em relação a um governo democrático.

Ⓓ Assim como, boa parte dos brasileiros, também, o autor do texto julga: que a nossa democracia, poderia funcionar de uma maneira melhor.

Ⓔ Se é verdade, que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária", também é verdade, que só 40%, aceitam bem as privatizações.

12. ESAF – Assinale a opção em que o texto apresenta pontuação correta:

Ⓐ Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.

Ⓑ Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.

Ⓒ Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.

Ⓓ Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.

Ⓔ Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

13. CETRO – Marque o período pontuado de acordo com as normas gramaticais:

Ⓐ Apesar de ser um gentleman, e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓑ Apesar de ser um gentleman e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo, sobre sua vida.

Ⓒ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓓ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade, tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓔ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

14. ESAG – Observe as frases abaixo:

I. "Os homens que pensam que as mulheres nasceram para servi-los devem reformular seu pensamento."

II. "Os graves problemas sociais que atormentam a Europa e o mundo encontram sua origem, em parte, nas manifestações degeneradas do capitalismo."

III. "Os defensores do capitalismo ilimitado tendem a esquecer as coisas boas do comunismo: a luta contra o desemprego, a preocupação com os pobres."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Na frase II, pode haver uma vírgula depois de "Os graves problemas", para destacar essa expressão.

Ⓑ Na frase III, a vírgula pode ser substituída pela conjunção <u>e</u>, sem que o sentido da frase se altere.

Ⓒ Na frase II, as vírgulas isolam uma expressão de caráter explicativo.

Ⓓ Os dois-pontos, na frase III, têm valor explicativo.

15. COSEAC-UFF Em relação ao trecho: "Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil. Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras. Outra é ratearmos o sonho de corpo de cada um", a mudança de pontuação que se propõe é <u>inaceitável</u>, consideradas as normas em vigor, na alternativa:

Ⓐ parênteses no lugar dos travessões;

Ⓑ vírgula antes e após "como contribuintes";

Ⓒ dois-pontos (seguido de minúscula) em vez de ponto após "fica mais difícil";

Ⓓ vírgula após "Uma coisa" e após "Outra";

Ⓔ ponto e vírgula (seguido de minúscula) em vez de ponto após "doenças caras".

16. COSEAC-UFF – As vírgulas empregadas no período "E igualdade, com certeza, só conseguiremos, em sua plenitude, através da Educação, vertente única em que se podem buscar novos horizontes de socialização de bens e de cidadania" justificam-se pelas seguintes razões:

Ⓐ as duas primeiras, para separar vocativo; a terceira e quarta, para separar termo intercalado; e a quinta, para separar aposto;

Ⓑ as quatro primeiras, para separar termos intercalados; a quinta, para separar aposto;

Ⓒ as quatro primeiras, para separar vocativo; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓓ as duas primeiras e a terceira e quarta, para separar aposto; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓔ as duas primeiras, para separar vocativo; as outras três, para separar aposto.

17. COSEAC-UFF – O emprego da vírgula no período "O laticínio compra a produção de leite de mais de 140 agricultores colaboradores, o que tem contribuído para melhorar a renda de produtores não-associados" justifica-se pela mesma norma de pontuação que justifica a(s) vírgula(s) no trecho:

Ⓐ "Sergio Erhardt, filho de Ervino, explica que o aumento da produtividade está relacionado com a capacitação e também com o investimento em tecnologia."
Ⓑ "...e ampliar o banco de gelo, responsável pelo armazenamento da produção."
Ⓒ "Hoje a gente sabe que não pode ter mais de 20% de vacas sem produzir, senão temos algum problema."
Ⓓ "Na propriedade do associado Ervino Erhardt, com a ordenha mecanizada e os tanques resfriadores de 500 litros, eles produzem sozinhos mais que todos os associados no começo."
Ⓔ "Antes da associação, os produtores de leite de Alto Alegre vendiam para uma só empresa."

18. COSEAC-UFF – Tendo em vista as normas em vigor, é inaceitável a proposta de mudança de pontuação indicada na seguinte alternativa:

Ⓐ A concepção cosmocêntrica dos antigos gregos fazia do homem um pequeno microcosmos. – uso de vírgula entre "os antigos gregos" e "fazia".
Ⓑ Apolo, por exemplo, filho de uma mortal com Zeus (o deus maior dos gregos), para se tornar imortal, teria que tomar o leite de uma deusa – substituição dos parênteses por travessões.
Ⓒ Natureza e cultura estavam ainda mais separadas. O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / substituição do ponto por dois pontos (seguido de minúscula).
Ⓓ O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / uso de vírgula entre "o homem" e "um fim em si mesmo".
Ⓔ E. Morin dizia, com razão, que somos culturais por natureza e naturais por cultura / supressão das vírgulas.

19. COSEAC-UFF – Das frases a seguir extraídas do texto, aquela em que é possível acrescentar-se uma vírgula, sem prejuízo do sentido e da correção, é:

Ⓐ "Vamos estimular o uso consciente do computador."
Ⓑ "Ninguém questiona o fato de a internet ter se tornado ferramenta indispensável."

Ⓒ "No mundo digital tudo pode ser reconstruído."
Ⓓ "Fatores como esses poderiam explicar o refúgio na internet."
Ⓔ "O quadro de dependência é caracterizado a partir de oito critérios."

20. FUNRIO – Em "Ela, a mídia, pode e deve se manifestar quanto a suas preferências", as vírgulas servem para:

Ⓐ separar um vocativo;
Ⓑ destacar uma expressão resumitiva;
Ⓒ enfatizar um termo subsequente;
Ⓓ isolar um aposto;
Ⓔ neutralizar um termo antecedente.

21. FUNRIO – "Na obra machadiana, o funcionário público sempre comparece sob a sua mordacidade..."

A alternativa em que o uso da vírgula se justifica pelo mesmo motivo observado no trecho acima é:

Ⓐ "...deixava uma governação de cinquenta anos de respeito à cultura e de uma certa magnanimidade, mas de pouca atenção ao Nordeste do país."
Ⓑ "Quando o Império enfardelou os trapos e a República chegou, é aconselhado a retirar da parede da repartição onde trabalhava o retrato do Imperador."
Ⓒ "O entorno de amigos de Machado estava farto de políticos: Alencar, Francisco Otaviano, Bocaiúva, Joaquim Serra e o maior deles: Joaquim Nabuco."
Ⓓ "Rascunhava despachos antes de pô-los no papel, impugnava contas inadequadas, conteve gastos sem previsão orçamentária."
Ⓔ "...mas Cruls já batia pernas pelo Planalto Central, cuidando dos instantes seminais do que mais tarde viria a ser Brasília."

22. FUNRIO – As vírgulas empregadas no trecho "Para que continuemos a voar um voo de vitória, devemos nos desprender de lembranças, costumes e velhos hábitos que nos causam dor." justificam-se, normativamente, porque:

Ⓐ a primeira separa elementos de mesma função sintática, e a segunda separa termos empregados na ordem inversa;
Ⓑ a primeira separa termos empregados na ordem inversa, e a segunda isola expressões explicativas;
Ⓒ a primeira separa oração adverbial a iniciar o período, e a segunda separa elementos de mesma função sintática;
Ⓓ a primeira indica supressão de palavras, e a segunda isola expressões de cunho explicativo;
Ⓔ a primeira isola elementos de mesma função sintática, e a segunda demarca oração adverbial.

23. VUNESP – Assinale a alternativa correta, quanto à pontuação, conforme a norma culta:

Ⓐ Os óculos, de duas hastes, foram criados, pelo inglês James Ayscough.
Ⓑ O senador romano Marco Túlio Cícero, comprava escravos para lerem para ele.
Ⓒ No ano 1000: apareceram as primeiras lentes feitas, de cristais de quartzo.
Ⓓ Os europeus tinham vergonha, de usar óculos. Pois achavam o adorno feio.
Ⓔ Antigamente, quem tinha problema de visão logo se aposentava.

24. FEC – No trecho: "Sem que Clarissa saiba exatamente por que, seus olhos [...]", a pontuação foi devidamente empregada, o mesmo <u>não</u> se podendo apontar, porém, em um dos itens abaixo. Marque-o:

Ⓐ Os convidados, distraídos com o barulho reinante, nada perceberam.
Ⓑ Minha irmã, ela mesma, resolveu o nosso problema.
Ⓒ Adoro natação; ele, futebol.
Ⓓ "— Queria ver se você é mesmo inteligente!" – retrucou, sabiamente, o professor.
Ⓔ O Presidente da indústria de laticínios e seus derivados, apresentou-nos a proposta.

25. FEC – O único trecho em que a pontuação foi feita adequadamente é:

Ⓐ Os micos-leões-dourados não se extinguiram graças ao trabalho, sério dos zoológicos.
Ⓑ Não só os ursos mas também, os elefantes, sofrem com a falta de espaço no cativeiro.
Ⓒ A dificuldade dos animais é principalmente, a reintegração à natureza.
Ⓓ Diretores de zoológicos brasileiros, consideram importante mantê-los funcionando.
Ⓔ É necessário, acima de tudo, fiscalizar o cumprimento da lei nos zoológicos.

26. FEC – Relacionam-se abaixo alguns sinais de pontuação que poderiam supostamente substituir o travessão usado em "Às vezes, é preciso cortar a carne apodrecida antes que o inchaço cubra os dentes e leve o doente à morte – sem conseguir mastigar, os infelizes definham de fome".

I. vírgula

II. dois-pontos

III. ponto e vírgula

IV. ponto (seguido de letra maiúscula)

Dos sinais de pontuação acima relacionados, o travessão pode ser substituído, sem comprometer a leitura do enunciado:

Ⓐ apenas por I;
Ⓑ por I e II;
Ⓒ por II, III e IV;
Ⓓ por III e IV;
Ⓔ por qualquer dos sinais relacionados.

27. FJG – Observe o texto a seguir:

"Exemplos: às vezes, um cobertor abandonado sobre o leito, uma toalha pendurada são percebidos como figuras humanas. O martelo de percussão é confundido com um instrumento ameaçador."

Esse trecho de texto estaria mais bem pontuado caso se procedesse à seguinte substituição:

Ⓐ do ponto pelo ponto e vírgula após a expressão figuras humanas;
Ⓑ dos dois-pontos pelo travessão após a palavra Exemplos;
Ⓒ dos dois-pontos pela vírgula após a palavra Exemplos;
Ⓓ da vírgula pelo ponto e vírgula após a palavra leito.

28. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a única que não contém erro de pontuação é:

Ⓐ A verba destinada à pesquisa de novos mercados, foi aumentada em quinze por cento.
Ⓑ Lembramos ainda que as gratificações sofrerão no primeiro semestre de 1998, alguns pequenos cortes.
Ⓒ Voltamos a informar que, faltam no seu relatório os dados numéricos.
Ⓓ Convém acrescentar também, que além dos tipos acima descritos, existem ainda o criativo e o explorador.
Ⓔ Vimos, por meio desta, comunicar a V. Sª que fomos autorizados a conceder-lhe o benefício acima referido.

29. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o uso de vírgulas aparece corretamente justificado:

Ⓐ "...atingindo indistintamente vários segmentos da população, ricos e pobres,..." – para indicar a presença de um vocativo.
Ⓑ "...a propaganda comercial também veicula, com a propaganda ideológica, modelos de apresentação pessoal..." – para separar o verbo de seu objeto direto.
Ⓒ "...na véspera do dia das mães, dos namorados, dos pais e do Natal..." – para separar os termos de uma enumeração.
Ⓓ "...vamos assimilando o que deve ser comido no café da manhã, como lavar a roupa, o que beber..." – para separar orações subordinadas de diferentes tipos.
Ⓔ "...com todos trabalhando para, um dia, chegarem lá." – para mostrar o deslocamento sintático do complemento verbal.

30. ESAF – Analise as propostas e assinale a opção que indica alterações corretas para o trecho abaixo:

"É importante mencionar que em 99,99% dos casos em que as autoridades fiscais têm acesso às movimentações bancárias dos contribuintes, e lhes é permitida a tão referenciada quebra do sigilo bancário, são apuradas irregularidades. Entretanto, somente exsurge a lide tributária que exige o contraditório e ampla defesa quando após a formalização do lançamento o contribuinte, inconformado, tempestivamente apresenta impugnação ou defesa contra o ato administrativo por meio do qual se exterioriza a exigência do crédito tributário [...]."

Propostas:

1. **Colocar uma vírgula após o verbo "mencionar".**
2. **Colocar aspas na expressão "quebra do sigilo bancário".**
3. **Separar com duplo travessão a oração "que exige o contraditório e ampla defesa".**
4. **Manter separada por dupla vírgula a expressão "após a formalização do lançamento".**
5. **Colocar entre parênteses o segmento "ou defesa contra o ato administrativo".**

Estão corretas as propostas:

Ⓐ 1, 2 e 4;
Ⓑ 1, 3 e 4;
Ⓒ 1, 4 e 5;
Ⓓ 2, 3 e 5;
Ⓔ 2, 3 e 4.

31. NCE-FCC – Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale, na folha de respostas, a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

Ⓐ Será necessário afirmar que nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar tal obra.
Ⓑ Será necessário afirmar, que nenhum outro seria mais capaz, do que ele, de realizar tal obra.
Ⓒ Será necessário afirmar que, nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar, tal obra.
Ⓓ Será necessário afirmar que, nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.
Ⓔ Será necessário afirmar, que nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.

32. FEC – Das alterações feitas abaixo na pontuação da frase: "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar." está <u>incorreta</u> a que foi feita na opção:

Ⓐ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓑ O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓒ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓓ O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓔ O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

33. VUNESP – Assinale a alternativa em que a pontuação atende aos princípios da norma culta.

Ⓐ Boa parte de seu crescimento, deve-se a sua estratégia de apoio, às micro, pequenas e médias empresas.

Ⓑ Assim como os colegas tentei esclarecer, em meus livros que: o terrorismo é fenômeno antigo, quase tão antigo quanto a humanidade.

Ⓒ A França, com 73 milhões de turistas/ano e a Espanha, com 46 milhões são exemplos de países que investem e faturam, com o turismo.

Ⓓ Outra possibilidade é pedir uma segunda opinião – e pagar por isso – a especialistas inscritos numa lista com a finalidade de prestar serviços de consultoria.

Ⓔ Para muita gente, a época de Natal e Ano Novo só provoca: tristeza – caso dos que vivem, debaixo de um viaduto.

34. NCE-UFRJ – As vírgulas entre colchetes, observadas abaixo, não foram empregadas pelo autor, no texto original. A opção em que uma ou mais vírgulas acrescentadas contrariam uma norma de pontuação é:

Ⓐ "Tornando-se [,] por isso [,] objeto de pressões e censuras."

Ⓑ "Nesse sentido [,] é um espaço democrático, por excelência..."

Ⓒ "Mais tarde [,] boa parte dos críticos [,] reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC..."

Ⓓ "Enfrentou ameaças, hostilidade, censura e truculência [,] mas manteve nas suas reuniões anuais."

Ⓔ "Os problemas do país [,] certamente [,] continuam merecendo toda a atenção da comunidade científica."

35. UECE – A explicação para o emprego das vírgulas está coerente em:

- **A** "Muitos pais, ao se perguntarem por que seus filhos se drogam, não...": destacam uma oração substantiva.
- **B** "A utilização da droga, seja de qual espécie for, é...": evidenciam um aposto.
- **C** "O acúmulo de frustrações, as quais desde a mais tenra infância atormentam uma pessoa, a leva..." : isolam uma oração adjetiva explicativa.
- **D** "É necessário também lembrar que, em certas condições, isso..." : separam termos de mesma função.

36. PUC-MG – Assinale a opção em que haja erro quanto ao emprego da vírgula:

- **A** O comentário é que não saberíamos, quando ele retornaria de viagem.
- **B** Esgotadas as possibilidades de diálogo, abandonamos a reunião.
- **C** Já que não havia mais discussões na sala, preferimos ir embora.
- **D** Não havia dúvida de que, para ir para casa, precisávamos de coragem.

37. NCE-UFRJ – A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2004".

- **A** Separa oração subordinada adjetiva explicativa.
- **B** Separa oração subordinada adverbial consecutiva.
- **C** Separa oração subordinada adjetiva restritiva.
- **D** Separa oração subordinada substantiva apositiva.
- **E** Separa oração coordenada sindética explicativa.

38. FESP-RJ – No trecho "Propor, contudo, a permanência da criança na rua é cega hipocrisia...", empregaram-se as duas vírgulas porque a conjunção, habitualmente no início da oração, aparece intercalada. O trecho onde as duas vírgulas também separam uma expressão intercalada é:

- **A** "...ou as condições de vida que lhe são impostas pelo caótico quadro social, político, ético e econômico da nação."
- **B** "...nem se abranda com leis ou discursos laudatórios dessa lei, mas com vontade política e recursos, muitos recursos."
- **C** "Tais recursos, sabe-se, não estão disponíveis hoje."
- **D** "A rua não é local adequado para morar, e a defesa do menor de rua não pode se transformar na defesa do menor na rua, como querem agora os defensores."
- **E** "Oferecendo-lhe albergue, comida, escola..."

39. CESPE-UnB – Identifique a única opção em que o emprego de vírgulas é facultativo.

- **A** "...decerto a sua figura deveria ter-se cruzado, muitas vezes, com a do menino fardado..."
- **B** "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador..."

Ⓒ "...e em cujos canteiros florejavam espessuras e certas musguentas flores amarelas, e um imenso besouro zoava."
Ⓓ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta..."
Ⓔ "...o bulício vesperal do instante em que, aberta a porta..."

40. VUNESP – A única alternativa que apresenta <u>correta</u> pontuação é:

Ⓐ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓑ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua", que, no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.
Ⓒ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis: esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo, trombadinhas e, viciados em drogas.
Ⓓ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua", que no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓔ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que, muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis; esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos, totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.

41. ESAF – Assinale o item que apresenta pontuação correta:

Ⓐ Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
Ⓑ Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam o pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

C Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

D Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

E Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

42. FGV – Em cada alternativa abaixo, modifica-se uma frase do texto, com ênfase na pontuação. A alteração <u>não</u> é bem sucedida em:

A Se o pedaço de pau sair úmido, é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.
Pode o pedaço de pau sair úmido: é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.

B Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros sem precisar transpor um único arroio.
Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros: sem precisar transpor um único arroio.

C E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos que são os sertanejos.
E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos: os sertanejos.

D Diz-se, por exemplo, dos carajás que, quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.
Diz-se, por exemplo, dos carajás: quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.

43. FJG – "O recurso à palavra pomposa, o palavrão bonito da moda, é sintomático de velha doença brasileira da retórica."

As vírgulas foram usadas no fragmento para:

A desfazer possível má interpretação;

B indicar a elipse de um verbo;

C intercalar o vocativo;

D separar o aposto do termo fundamental;

E assinalar o deslocamento de um termo.

44. FEC – No enunciado "A frequência, quantidade de ondas sonoras que passa em um ponto durante determinada intervalo de tempo, é, em geral medida em hertz...", as vírgulas foram usadas em obediência à mesma regra que justifica o emprego da(s) vírgula(s) em:

Ⓐ "Golfinhos, baleias e algumas espécies de esquilos e pássaros também usam a ecolocalização..."
Ⓑ "Já a intensidade é a quantidade de energia do som, em geral medida em decibéis (dB)."
Ⓒ "Algumas espécies, durante essa operação, podem emitir 200 sinais por segundo..."
Ⓓ "Isso tem uma importante implicação para a ecolocalização, pois ecos de sons de alta frequência podem permitir uma informação mais detalhada sobre um objeto."
Ⓔ "Esse sistema de orientação é encontrado em todas as espécies da subordem Microchiroptera (cerca de 850), um dos dois grandes grupos em que se dividem os morcegos."

45. FEC – Está <u>incorreto</u> o emprego da vírgula na frase:

Ⓐ Você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
Ⓑ O cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
Ⓒ Direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
Ⓓ Os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
Ⓔ Um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

46. NCE-UFRJ – "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

Ⓐ destacam um esclarecimento do autor;
Ⓑ separam o aposto do resto da frase;
Ⓒ mostram uma alteração na ordem direta dos termos;
Ⓓ indicam fala do autor do texto;
Ⓔ separam orações.

47. ESAF – Indique o período com pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ Qualquer que seja a condição observada – seja positiva ou negativa – nas auditorias, constitui ela a premissa básica sobre a qual se fundamenta a descoberta de um fato.
Ⓑ Esse fato, em geral, é uma condição observada por auditores, em casos em que parece possível reduzir os custos ou melhorar os resultados de programas.

Ⓒ "Observar" é usado aqui em sentido amplo, abrangendo não somente o que os auditores veem, mas o que depreendem de debates, análises e outras técnicas.
Ⓓ O planejamento para execução de auditorias operacionais, normalmente começa com a identificação de um fato a ser descoberto.
Ⓔ Assim, esse deve ser o ponto central da elaboração de planos para realização da auditoria e coleta das informações necessárias.

48. NCE-UFRJ – "Há muitas comparações que não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. O que é melhor: gastar 24 milhões de reais fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria que acolhe queixas da população contra barbaridades policiais?"

O item em que o emprego das vírgulas em negrito é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

Ⓐ "Sumiram**,** é verdade**,** as placas estandartes perenes..."
Ⓑ "Publicidade oficial tem sido**,** quase sempre**,** uma maneira..."
Ⓒ "No mais**,** a proibição não pegou."
Ⓓ "...a sanha empreendedora de prefeitos**,** governadores e presidentes."
Ⓔ "Parodiando Dario**,** o Dadá Maravilha**,** goleador histrião..."

49. FESP-RJ – "A favela é um sintoma – grave – da doença brasileira."

Na frase acima, os travessões foram usados para:

Ⓐ evitar a repetição de um termo já mencionado;
Ⓑ explicar, com um sinônimo, o termo anterior;
Ⓒ enfatizar a adjetivação atribuída ao substantivo anterior;
Ⓓ interromper o pensamento, desviando-o para outro assunto;
Ⓔ intercalar uma ideia estranha à que vinha sendo enunciada.

50. FESP-RJ – Nas passagens do texto abaixo estão indicadas vírgulas que o autor poderia ter usado. A alternativa em que seu aparecimento contraria as normas da língua culta é:

Ⓐ "No Brasil, se o hábito não faz o monge, muitas vezes**,** é causa de atraso."
Ⓑ "O medo de modificar costumes inadequados a nossa realidade faz**,** com que permaneçamos estacionados."
Ⓒ "Criou-se**,** entre nós**,** a ideia equivocada de que um homem só está bem vestido quando abafa o corpo."
Ⓓ "Mais lógico seria que**,** ao serem bombardeados nas ruas, nos ônibus, nos trens e nos escritórios por esse calor insuportável**,** os homens reagissem."
Ⓔ "Tenho esperança de que**,** brevemente, sem traumas, recalques ou compromissos com o passado, poderemos**,** finalmente**,** ir para o trabalho em roupa esporte."

51. CESPE-UnB – Todas as assertivas sobre a pontuação dos fragmentos de textos abaixo são corretas, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Assim, Serafim Costa era apenas um nome – a belíssima sonoridade de um estilhaço de mitologia, uma flor aérea que, em vez de pétalas, possuía sílabas." – O travessão usado isola adjunto adnominal de "um nome".

Ⓑ "...a gente via as copas das mangueiras, cajueiros, palmeiras e outras árvores sob as quais alguns cães esperavam, impacientes, que a rotina bocejante do dia se esfarelasse para que eles pudessem latir, na noite raiada de estrelas, como que lembrando a Serafim Costa – que interromperia por meio minuto o seu sono tranquilo e patriarcal – as suas presenças vigilantes." – Os travessões podem ser substituídos por vírgulas.

Ⓒ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O primeiro travessão introduz o discurso direto.

Ⓓ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O segundo travessão inicia o discurso do narrador.

Ⓔ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta que inexplicavelmente não o acompanhou ao túmulo (o que talvez não o fizesse ser de pronto reconhecido no Paraíso), e nós ainda guardando nos ouvidos o bulício vesperal..." – Está certa a substituição, por travessões, dos parênteses usados, mantendo-se a vírgula empregada antes de "e".

52. ESAF – Indique o trecho que apresenta pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

Ⓑ É preciso observar que há mudanças no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

Ⓒ Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

Ⓓ São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

Ⓔ Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

53. ESAF – Identifique no texto o local marcado com um * <u>onde não se pode usar vírgula</u> e marque a letra correspondente.

O processo de desenvolvimento brasileiro no período de pós-guerra* (A) teve como seu elemento dinâmico o processo de substituições* (B) responsável

pela industrialização e modernização do País. Quando* (C) a partir de 1961* (D) foi-se paulatinamente esgotando a possibilidade de substituição maciça de importações* (E) a economia perdeu sua fonte de dinamismo e entrou numa fase de relativa estagnação.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

54. ESAF – Quanto à pontuação, a frase <u>correta</u> é:

Ⓐ Quando trazidos do exterior os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos, a controle especial do Ministério da Agricultura.
Ⓑ Quando, trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓒ Quando trazidos do exterior os vinhos, e seus derivados serão submetidos a controle, especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓓ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓔ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos a controle especial do Ministério da Agricultura.

55. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta frases corretamente pontuadas.

I. O técnico do time, Luís Augusto de Moraes, ficou gripado e, a partir daí, tomou todos os cuidados possíveis, recomendando aos jogadores que se agasalhassem.

II. Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia Prefiro a virtude do medíocre, ao talento do velhaco.

III. Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.

IV. O problema foi exposto; ninguém, entretanto, deu solução.

V. Ele disse tudo ou melhor tudo o que sabia.

Ⓐ I e V.
Ⓑ II e III.
Ⓒ III e IV.
Ⓓ I e IV.
Ⓔ IV e V.

56. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação:

Ⓐ Seguido pelo alcoolismo o tabagismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓑ O tabagismo encabeça, seguido pelo alcoolismo a lista dos fatores de risco.
Ⓒ O tabagismo, seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓓ O tabagismo seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓔ O tabagismo encabeça seguido pelo alcoolismo, a lista dos fatores de risco.

57. FCC – A alteração na pontuação acarreta alteração de sentido em:

I. Quando desembarquei percebi que o dinheiro já não estava comigo.
Quando desembarquei, percebi que o dinheiro já não estava comigo.

II. Felizmente nada de mais grave lhe aconteceu.
Felizmente, nada de mais grave lhe aconteceu.

III. Você acredita de fato que todos esses poemas são bons?
Você acredita, de fato, que todos esses poemas são bons?

IV. Só respeito os argumentos dela que se baseiam em fatos.
Só respeito os argumentos dela, que se baseiam em fatos.

V. Ao partirem já comecei a sentir saudades.
Ao partirem, já comecei a sentir saudades.

Ⓐ I.
Ⓑ II.
Ⓒ III.
Ⓓ IV.
Ⓔ V.

58. SENASP – A pontuação na escrita é a entonação na fala, portanto analise cada uma das opções e assinale a que não justifica a explicação entre parênteses:

Ⓐ As leis brasileiras, explicava o juiz, vão sendo modificadas gradualmente. (oração intercalada precisa de vírgulas)
Ⓑ Casa de ferreiro, espeto de pau. (ideias opostas necessitam separação assindética)
Ⓒ O carnaval, que é festa popular, é bem comemorado no Nordeste. (oração adjetiva explicativa tem que ser separado por vírgulas)
Ⓓ Quer aceitemos, quer não aceitemos, a violência se instalou entre nós. (a vírgula separa orações alternativas)
Ⓔ Já bateu o sino, logo podemos ir à missa. (a vírgula separa oração conclusiva)

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: 'o morro' e 'a rua'. O primeiro é seu território, lugar bem conhecido e onde ele é alguém. Para ele, 'a rua' também é familiar."

Qual a justificativa para o emprego da última vírgula encontrada no texto?

Ⓐ Designar um elemento intercalado.
Ⓑ Sublinhar uma opinião.

Ⓒ Indicar a existência de um aposto.
Ⓓ Dar destaque ao personagem.
Ⓔ Separar elemento antecipado.

60. ACCESS – A vírgula que separa a oração sublinhada em "Os ídolos cumprem um papel importante. São geradores de entusiasmo e alegria. Ayrton Senna foi um semeador de otimismo. O Brasil esquecia suas mazelas, e os nossos domingos se vestiam de verde e amarelo." da oração seguinte se justifica porque esta oração:

Ⓐ tem sujeito diferente;
Ⓑ é oração adverbial;
Ⓒ é coordenada à anterior;
Ⓓ é oração reduzida;
Ⓔ não tem nenhum elemento coordenativo.

61. FESP-RJ – Em várias passagens do texto, é livre o uso de vírgula. A alternativa em que se colocou este sinal de pontuação de modo irregular é:

Ⓐ "Um dia(,) Oscar resolveu levar na camioneta..."
Ⓑ "Na barreira(,) foi interpelado pelo guarda:..."
Ⓒ "Lá em baixo(,) no primeiro andar, um funcionário..."
Ⓓ "No Serviço de Seleção(,) perguntaram ao Oscar..."
Ⓔ "Eu venho(,) com o milho e ela já volta..."

62. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego inadequado de sinal de pontuação:

Ⓐ A rigor, não há incompatibilidade entre neoliberalismo e democracia.
Ⓑ No governo do presidente Reagan, nos EUA, os pobres tornaram-se mais pobres ainda, e 60% do aumento do Produto Nacional Bruto favoreceram os 1% mais ricos.
Ⓒ As condições de vida naquele país deterioraram-se dramaticamente, mas nunca passou pela cabeça do grande astro investir contra a lei ou cercar o Capitólio pelo "marines".
Ⓓ Se as políticas econômicas do socialismo não são garantia para a democracia, do neoliberalismo emerge a devastação da vida das populações pobres, mas nem sempre a ditadura.
Ⓔ Nem Reagan, nem Thatcher, conseguiram pôr abaixo as políticas compensatórias da pobreza.

63. CESPE-UnB – Assinale a opção que não contém erro de pontuação:

Ⓐ O Programa Nacional dos Direitos Humanos determina: que se priorize a seleção, a capacitação e o aperfeiçoamento dos quadros policiais, que se equipem os organismos policiais, que se reveja a legislação sobre compra e

utilização de armas e munições, que se criem e se fortaleçam as corregedorias de polícia, visando limitar abusos e erros em operações de segurança; bem assim indica como fundamental, a revisão da legislação que regula os serviços privados de segurança.

Ⓑ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é urgente uma ampla mobilização da sociedade, no sentido de apoiar a execução de programas de desarmamento da população, e prevenir comportamentos violentos; também é importante estimular programas de cooperação e entrosamento entre policiais civis e militares, e o Ministério Público.

Ⓒ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é imprescindível que sejam asseguradas condições de proteção e dignidade aos policiais e às suas famílias.

Ⓓ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é fundamental isto: que os policiais se identifiquem com a causa dos direitos humanos; que troquem experiências e informações entre as corporações; que multipliquem experiências de policiamento – comunitário e interativo – e finalmente, que a população encontre no policial, segurança e respeito.

Ⓔ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é preciso; que o sentimento de respeito ao outro seja um sentimento de todos, e que todos respeitem as leis.

64. NCE-UFRJ – Em: "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria, seus exploradores – a classe política – e os vícios do modelo centralista de administração pública".

Assinale o comentário correto sobre os sinais de pontuação na frase acima:

Ⓐ O emprego de travessões em lugar das vírgulas, para destacar o aposto, foi utilizado a fim de ser dada mais clareza à frase.

Ⓑ O advérbio "definitivamente" deveria vir obrigatoriamente entre vírgulas já que se trata de um adjunto adverbial deslocado.

Ⓒ O uso da vírgula após "miséria" se deve ao fato de este termo ser seguido de um aposto explicativo.

Ⓓ O uso da única vírgula presente no texto tem caráter optativo.

Ⓔ Não ocorre a vírgula após "expôs" porque jamais pode haver vírgula entre o verbo e seu complemento.

65. ESAF – Assinale a opção em que o texto foi pontuado em <u>desacordo</u> com as normas da língua culta:

Ⓐ A mediação traz um novo conceito à prática do Direito, uma vez que não tem caráter adversarial.

Ⓑ Pode ser utilizada por pessoas físicas, jurídicas e públicas e envolve técnicas de negociação processualizada, em que os interesses e a igualdade entre as partes devem ser amplamente respeitados.

Ⓒ Pelo contrário, opta, pelo diálogo e pelo entendimento entre as partes, mediado por um especialista neutro.

D Se na Justiça comum os litigantes buscam a solução de um terceiro, na mediação a solução está ao alcance das partes, que se dispõem previamente a chegar a um entendimento.

E O conflito é atenuado a partir dessa predisposição em negociar, comum aos dois lados, que anseiam por encontrar acordo satisfatório para todos os envolvidos.

66. DAVES – Seria possível alterar a expressão escrita de enunciados do texto, conforme se apresenta abaixo, sem infringir regras de pontuação, exceto no que diz respeito à proposta da alternativa:

A "A busca de informações exige técnica apurada para seu registro." / A busca de informações, exige técnicas apuradas para o seu registro.

B "Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente." / Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação, e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente.

C "Num caso e noutro a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto." / Num caso e noutro, a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto.

D "Portanto, a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país." / Portanto a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país.

E "Teoricamente, deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional." / Teoricamente deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional.

67. FGV – A alternativa correta quanto à pontuação é:

A O aspirador, que não funciona, é este.

B Alice nossa amiga, parece feliz.

C Creio, porém, que estava adormecido.

D O livro, disse o autor é ilustrado.

68. FEC – Nos itens abaixo, substituiu-se a vírgula por outro sinal de pontuação. A opção em que a substituição não é cabível gramaticalmente é:

A "Pode-se dizer que as batalhas históricas, ou os eventos em geral que envolvem conflitos, são travadas pelo menos duas vezes." / Pode-se dizer que as batalhas históricas – ou os eventos em geral que envolvem conflitos – são travadas pelo menos duas vezes.

B "O combate histórico feriu-se há cem anos, mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)" / O combate histórico feriu-se há cem anos; mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)

Ⓒ "(...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a história da historiografia." / (...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje; em que não se distingue a história da historiografia.

Ⓓ "A batalha de hoje se dá em duas frentes principais, a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais." / A batalha de hoje se dá em duas frentes principais: a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais.

Ⓔ "Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História, como a Revolução Francesa, seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia." / Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História – como a Revolução Francesa – seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia.

69. EMPASIAL – Os períodos abaixo representam diferenças de pontuação. Assinale a opção que corresponde ao período de pontuação correta:

Ⓐ Uns optaram, pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

Ⓑ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul houve quem, preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓒ Uns optaram pelo partido rosa outros pelo azul houve, quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓓ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓔ Uns, optaram pelo partido, rosa outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

70. ESAG – Observe o texto a seguir:

"Certamente não há dado referente ao maremoto do dia 26 de dezembro de 2004 mais impressionante do que as mais de 250 mil vidas humanas perdidas. Mas outro aspecto começa a despertar a atenção da comunidade internacional. Trata-se dos estragos ambientais acarretados pelo efeito devastador das paredes de água de 10 metros que atingiram países do Oceano Índico. 'Manguezais e pântanos costeiros provavelmente foram destruídos', diz o professor da Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lauro Calliari, doutor em Oceania Geológica. 'Esses ambientes são essenciais para o ecossistema, porque servem de berçário para muitas espécies animais nos primeiros estágios de vida', completa o pesquisador.

As imagens de satélite mostram paisagens repletas de cor, antes da chegada das ondas. O azul do mar, a areia branca das praias da Indonésia e o verde dos coqueiros foram rapidamente substituídos por um lamacento quadro marrom.

Os recifes de corais também foram atingidos. 'São ambientes muito sensíveis ao depósito de sedimentos (lama) e detritos orgânicos transportados pela série de ondas gigantes e seu refluxo', afirma Lauro Calliari. Esse acontecimento pode matar colônias inteiras de corais, assim como a exposição ao sol sofrida pelos recifes, quando as águas recuaram para a formação dos tsunamis. Esses ambientes podem levar centenas de anos para ser recuperados e os prejuízos são enormes para a fauna marinha.

No Sri Lanka, um programa de proteção às tartarugas marinhas contava com mais de 20 mil filhotes de cinco espécies em extinção. Restaram apenas 400. Muitas das tartarugas adultas também morreram e algumas foram encontradas em rios distante 5 quilômetros da costa. O mesmo aconteceu com crocodilos arrastados às praias nas ilhas indianas de Andaman e Nicobar. Os répteis passaram a atacar os sobreviventes e a atrapalhar as equipes de resgate."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

- **A** As aspas, nas linhas 5 e 13-15, distinguem a fala do professor do restante do texto.
- **B** A vírgula depois de Sri Lanka (linha 19) marca um adjunto adverbial antecipado.
- **C** As duas primeiras frases do texto (linhas 1 a 3) podem ser unidas por uma vírgula, sem que o sentido do texto se altere.
- **D** Em "O azul do mar, a areia branca das praias" (linha 11) a pontuação está errada, pois não se emprega vírgula no sujeito.

71. FCC – A pontuação está inteiramente correta em:

- **A** Nicolau Maquiavel analisando os problemas dos principados italianos, escreveu em plena Renascença, um tratado sobre os fundamentos das ações políticas.
- **B** Em plena Renascença, Maquiavel, analisando os problemas dos principados italianos, escreveu *O Príncipe*, um verdadeiro tratado de política.
- **C** Quando escreveu *O Príncipe* Maquiavel preocupou-se com os problemas dos principados italianos, resultando uma obra, considerada basilar, para quem se interessa por política.
- **D** Tendo escrito *O Príncipe*, em plena Renascença Maquiavel nos legou sem dúvida, um tratado sobre política cujo valor continua sendo reconhecido em nosso tempo.
- **E** Poucos imaginariam que, aquele tratado sobre política datado da Renascença, teria um valor tal que se manteria vivo, por tantos séculos, e, continuaria atual em plena modernidade.

72. ESAF – Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgulas(s) não altera o sentido da frase:

Ⓐ As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.
Ⓑ Todos os dias, ele sai, tranquilamente, de casa.
Ⓒ O trabalho foi feito, conforme você pediu.
Ⓓ Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.
Ⓔ Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

73. CETRO – Assinale a opção que respeita as normas gramaticais de pontuação:

Ⓐ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓑ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓒ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓓ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓔ O jornalista é sem dúvida um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.

74. CESPE-UnB – Assinale a opção em que não deve ser usada a vírgula ao se anexar a oração transcrita entre parênteses:

Ⓐ O que foi dito não combina com versões apocalípticas de uma invasão militar daquelas favelas (que reúnem mais de dez mil habitantes de vários pontos da cidade).
Ⓑ O Brasil e os outros integrantes do Grupo do Rio consideram que a Declaração de Montevidéu foi fundamental para "amaciar" os franceses (que ameaçavam abandonar as negociações).
Ⓒ A Constituição de 1946 limitava a gratuidade das escolas secundárias e superiores públicas aos alunos (que comprovassem míngua de recursos).
Ⓓ Os monstros mais famosos da unificação europeia assustam tanto quanto "detalhes" como a eleição do Parlamento europeu (que começa a trabalhar em janeiro de 1995).
Ⓔ Segundo a seguradora, o maior crescimento nas reclamações, no Rio, foi em relação aos seguros de vida (que de janeiro a agosto último somaram 150).

75. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

Ⓐ Denis de Rougemont tomou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.

Ⓑ Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização o seu obstáculo supremo, que é a morte.

Ⓒ Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.

Ⓓ Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

Ⓔ Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa.

76. NCE-UFRJ – "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas'."

As vírgulas utilizadas neste segmento têm a mesma explicação que as utilizadas em:

Ⓐ "...venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."

Ⓑ "É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal..."

Ⓒ "E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz?"

Ⓓ "Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos..."

Ⓔ "Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará."

77. FCC – A pontuação desta frase está inteiramente correta:

Ⓐ A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.

Ⓑ De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

Ⓒ A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
Ⓓ As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e mão de obra, simultaneamente, para o capital.
Ⓔ Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

78. FCC – Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos; seja pelas consequências que dele derivaram projetadas em escala mundial.
Ⓑ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico seja pela gravidade, que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências, que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓒ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico – seja pela gravidade que tiveram, em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓓ Há eventos que, como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico, seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓔ Há eventos, que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que, dele, derivaram projetadas em escala mundial.

79. IPAD – Em "Há muito tempo já deixamos para trás a cultura do *ser*. Agora, o que vai se formando é uma cultura um grau acima da tão denunciada cultura do *ser*. Forma-se a cultura do ter o que o outro não tem. Os bens de consumo retiram seu valor de um sentimento de exclusividade: é o cartão de crédito que dá uma identidade especial, sobretudo quando no hotel de Nova York já não pedem o passaporte, mas aqueles cartão superespecial; o automóvel é tanto melhor quanto menos mortais possam comprá-lo; a roupa tem uma grife exclusiva. É bom pensar no que significa a palavra 'exclusiva': ela significa excluir o outro. Na raiz mesma do ato do ato de consumir, dentro desse modelo, há um desejo de excluir o outro."

O uso do ponto-e-vírgula, no texto lido, pode ser justificado em:

Ⓐ separa orações coordenadas assindéticas;
Ⓑ marca a intercalação de expressões;
Ⓒ indica a elipse de uma palavra (verbo);
Ⓓ separa partes de períodos que já apresentam divisões assinaladas por vírgulas;
Ⓔ separa constituintes sintáticos idênticos.

80. DAVES – As vírgulas foram usadas para separar um termo explicativo na alternativa:

- **A** "Numa instituição religiosa como a Ordem Dominicana, há oitocentos anos o fim do mandato de um superior se traduz na demissão compulsória de todos por ele nomeados."
- **B** "Assim, evitam-se o continuísmo, do ponto de vista político, e o carreirismo, do ponto de vista administrativo."
- **C** "Na administração pública brasileira pode-se mapear, em detrimento do decoro, frondosas árvores genealógicas."
- **D** "Hoje, essa 'economia das mercês' explica a presença, no governo federal, de ministros que até ontem lhe faziam acirrada oposição e até o consideravam 'o mais corrupto da história do Brasil."
- **E** "Se nossos desmandos têm origem na colônia, isso não significa que nós, brasileiros, somos irremediavelmente macunaímicos, sem caráter."

81. DAVES – A vírgula está incorretamente empregada no trecho

- **A** "Nos últimos 25 anos, o Brasil tem apresentado alguns sinais importantes de decadência socioeconômica nem sempre considerados pela opinião pública."
- **B** "Não obstante o quadro geral de piora econômica e social, registra-se avanço no enriquecimento de poucas pessoas."
- **C** "Da mesma forma, observa-se que os atuais detentores de riqueza são cada vez menos descendentes de atividades produtivas lícitas, decorrentes da inevitável e aceitável, evolução do trabalho empreendedor."
- **D** "A ganância pelo dinheiro os torna cada vez mais alienados, pois tudo o que possuem tende a se resumir ao dinheiro ou a sua incessante busca, salvo poucos casos especiais."
- **E** "Inversamente à concentração da riqueza, permanece intacto o déficit nos serviços públicos indispensáveis à vida civilizada."

82. FURB – Da frase a seguir foram retiradas as vírgulas:

"Eu por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"

Assinale a alternativa que apresenta a forma correta de pontuação:

- **A** "Eu, por exemplo o capitão do mato, Vinícius de Moraes, poeta, e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta, de Xangô. Saravá!"
- **B** "Eu por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **C** "Eu, por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto, do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **D** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **E** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, na linha direta de Xangô. Saravá!"

83. FURB – Apenas um dos períodos a seguir está corretamente pontuado. Assinale-o:

Ⓐ As pesquisas científicas mostram reiteradamente, que correr faz bem, à saúde.
Ⓑ Correr, como nós já vimos é coisa antiga, mas nos anos 70, virou moda.
Ⓒ A pessoa sente-se bem correndo, e muita gente fala de uma "benéfica dependência" da corrida.
Ⓓ Um outro risco deve ser lembrado, sobretudo no verão: maratonistas, têm mais risco de câncer de pele (corredores, usem chapéu e, protetor solar).
Ⓔ Correr é uma moda diferente das outras, muito boa e, corresponde à valorização da saúde que é, um, dos característicos, de nossa época.

84. FURB – Algumas das frases a seguir apresentam erros de pontuação. Identifique as corretas:

1. Robertinho, também é professor de Física, profissão, que adotou, desde que se formou em nossa Universidade.

2. Ele, sofreu apenas um puxão de orelha, enquanto todos os demais foram suspensos.

3. Assessores parlamentares, são pagos, diga-se de passagem com o nosso dinheiro, para trabalhar, não para distribuir pizza em plenário.

4. Havia, naquele momento, um clima de descontentamento no ar, manifestado apenas nas expressões fechadas da maioria dos presentes àquela cerimônia.

5. Numa plataforma, um grupo nos detém o passo: uma mulher, sentada no chão, conta histórias a umas seis ou sete crianças extasiadas.

Quanto à pontuação, estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 3 – 4;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 4 – 5;
Ⓓ 2 – 5;
Ⓔ 4 – 5.

85. ESAF – Assinale a sequência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados do seguinte fragmento. Ignore a necessidade de letras maiúsculas.

Toda estrutura da nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos (1) é preciso considerar esse fato para compreender exatamente as condições que (2) por via direta ou indireta (3) nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje (4) é efetivamente nas propriedades rústicas que toda vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia (5) as cidades são virtualmente simples dependências delas.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
A	:	,	.	,	-
B	.	,	,	.	:
C	;	-	,	,	.
D	,	-	;	:	;
E	?	:	,	.	.

86. NCE-UFRJ – "O Viva Rio pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira. Quer parar a cidade inteira por um momento – no trânsito, nas calçadas, nas empresas, dentro de casa. Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar. No carro, que desliguem o motor, abram as portas e saiam lentamente, por dois minutos. Nos escritórios, que se afastem das mesas e cheguem nas janelas. Nas empresas, que saiam para a rua."

O que justifica o emprego da última vírgula encontrada no texto?

A Separar um elemento intercalado.
B Indicar a antecipação de um sujeito.
C Marcar a omissão do verbo.
D Assinalar a presença do aposto.
E Destacar o vocativo.

87. NCE-UFRJ – Em: "A solução simplista seria repetir, em maior escala, o exemplo da Eco-92."

Qual a justificativa para o emprego das vírgulas na frase destacada?

A Separar o verbo do objeto direto.
B Destacar o aposto explicativo.
C Indicar que o determinado pela locução está dela afastado.
D Enfatizar a opinião do autor do texto.
E Indicar o deslocamento de um termo sintático.

88. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego <u>inadequado</u> de sinal de pontuação:

A De 1880 a 1980, o Brasil e o Japão foram os países que mais cresceram no mundo.
B Nosso país, que até 1930 podia ser considerado uma grande fazenda de café, transformou-se em 50 anos na oitava economia industrial do Ocidente.
C O modelo de substituição de importações, comandado pelo Estado e financiado basicamente por poupança externa, foi o grande responsável por essa brilhante *performance*.
D Em algum momento da segunda metade da década de 70, o modelo chega ao fim e o país, a partir de 1980 entra "em parafuso", perdendo seu impulso vital.
E Não tivemos competência para formular um novo projeto, que, dentro das mudanças ocorridas no mundo, pudesse garantir-nos continuidade do crescimento.

89. CESPE-UnB – Um dos casos mais frequentes do emprego da vírgula (ou de entrevírgulas, segundo alguns gramáticos) é para marcar a intercalação de um termo ou de uma oração em uma sentença, rompendo, assim, a cadeia da frase inicial.

Assinale a opção em cujo fragmento o emprego das vírgulas <u>não</u> obedece a essa regra:

Ⓐ "De fato, como única verdadeira certeza que temos na vida, a morte é banal, acontece a toda hora e, mais cedo ou mais tarde, chegará para todos."

Ⓑ "Sabemos também que, embora não esteja na lei, a pena de morte, pública e privadamente decretada,..."

Ⓒ "O matador paga fiança, é solto, responde o processo em liberdade e, se eventualmente for condenado, poderá..."

Ⓓ "...e, se eventualmente for condenado, poderá, caso se trate de réu primário, cumprir a pena também em liberdade."

Ⓔ "Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos..."

90. FCC – As frases abaixo foram pontuadas de maneira diferente daquela encontrada no texto. Assinale a alternativa em que a nova pontuação acarretou mudança de sentido na frase original:

Ⓐ O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas também produzir uma convulsão nos valores ideológicos. / O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas, também, produzir uma convulsão nos valores ideológicos.

Ⓑ Se há, de fato, uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida. / Se há de fato uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida.

Ⓒ Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido, em primeiro lugar, a ideologia. / Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido em primeiro lugar a ideologia.

Ⓓ Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street em um bando detestável de imbecis egoístas e empedernidos. / Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis, que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street, em um bando detestável de imbecis e empedernidos.

Ⓔ Como então Thatcher conseguiu assegurar seu poder? / Como, então, Thatcher conseguiu assegurar seu poder?

91. ESAF – Indique a alteração da pontuação original do texto que provoca erro:

A "...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo:..." / ...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se, tristemente, que o saldo é bastante negativo:...

B "A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio." / A promessa de preenchimento, dá lugar ao vazio.

C "Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno." / Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se – ritualiza-se – o drama do retorno.

D "Compreende-se então o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora." / Compreende-se, então, o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora.

E "...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial – da consciência da finitude – é ainda maior, uma vez que a busca do sublime..." / ...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial (da consciência da finitude) é ainda maior, uma vez que a busca do sublime...

92. ESAF – Assinale a opção em que a afirmação a respeito da pontuação adequada para o texto está incorreta.

Para medir o efeito de uma nova tecnologia é preciso avaliar em que medida ela dá mais eficiência aos processos de produção das empresas. A era do vapor deslocou a produção do lar para a fábrica(1) com a eletricidade(2) surge a linha de montagem. Agora(3) com computadores e Internet(4) a possibilidade de as empresas reformularem(5) seus processos é surpreendente(6) da aquisição de insumos à descentralização e à terceirização.

A É correto colocar um sinal de ponto e vírgula em (1).

B Em (2), (3), e (4) é correto colocar vírgulas.

C Pode-se optar por travessões, parênteses ou vírgulas em (3) e (4).

D Em (5) há exigência do uso de vírgula.

E Pode-se colocar vírgula ou travessão em (6).

93. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

A Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.

B Nesse sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.

C Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.

D Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.

E Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamim.

94. FEC – Das alterações feitas na pontuação dos trechos abaixo, a que está em <u>desacordo</u> com as normas em vigor é:

A "Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor." / Já não apita; vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa sob árvores em flor.

B "Uma pequena luz, lá em cima, há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?" / Uma pequena luz lá em cima há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?

C "O gato retardatário que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar." / O gato retardatário, que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar.

D "E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas, anjo sem asas, porém armado." / E as pessoas adormecidas sentem dentro de seus sonhos que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas: anjo sem asas, porém armado.

E "O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios, para os muros e grades, para as janelas e portões." / O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios; para os muros e grades; para as janelas e portões.

95. NCE-UFRJ – "Antes da chamada Lei dos Crimes Ambientais (Lei 9.605, de 1998), quem era flagrado na caça..." Emprega-se a vírgula, nesse caso, para:

A separar o vocativo;

B destacar o aposto;

C indicar inversão da ordem direta;

D evitar ambiguidade;

E ligar orações coordenadas.

96. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Ângela Branco, chefe da Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre da Prefeitura de São Paulo, diz não ser contra os criadouros, mas que não deveria ser estimulada a posse de animais silvestres. 'Isso prejudica o esforço de anos de trabalho de conscientização.' A veterinária ressalta que ao abrandamento da lei deveria corresponder uma fiscalização mais intensa dos criadouros e do comércio para evitar a 'legalização' de animais que são capturados ilegalmente. Ela cita que há muitos casos de adulteração de anilhas, as 'pulseiras' de identificação colocadas nas pernas das aves."

As aspas na palavra "legalização" indicam:

- **A** a necessidade de destacar o termo na frase;
- **B** tratar-se de palavra empregada erradamente;
- **C** a alteração de seu sentido original;
- **D** uma crítica às autoridades por sua deficiência;
- **E** um emprego fora das normas gramaticais.

97. NCE-UFRJ – "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável." O emprego da vírgula nesse caso se justifica porque se trata:

- **A** de um aposto;
- **B** de um vocativo;
- **C** de um termo em ordem inversa;
- **D** de uma necessidade de evitar-se ambiguidade;
- **E** de uma oração antecipada.

98. NC-UFPR – "Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras."

Indique a alternativa em que as duas frases acima foram reunidas em uma única, com pontuação adequada:

- **A** Agora podemos ver: que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa: porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira: tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **B** Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa, porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **C** Agora podemos ver, que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa

língua a definiu de certa maneira – tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓓ Agora, podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa; porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua, a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓔ Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa, porque antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira, tanto assim que o inglês fez uma definição, diferente, e precisou de duas palavras.

99. FUMARC – A alternativa em que a pontuação está correta é:

Ⓐ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo, um recurso que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais em reclamações, nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles, para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓑ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo: um recurso, que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e, especialmente, na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓒ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo – um recurso que tem certa semelhança com a apelação –, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações (nem sempre técnicas), cujos resultados porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓓ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo (um recurso que tem certa semelhança com a apelação), dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

100. FJPF – Em cada alternativa abaixo, reescreve-se uma frase do texto com alteração da pontuação. A nova redação <u>não</u> é gramaticalmente correta em:

Ⓐ Nos anos 1990 os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.
Nos anos 1990, os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.

Ⓑ Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e consequentemente o Universo estava se expandindo.
Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e, consequentemente, o Universo estava se expandindo.

C Essa mudança permitiu a Einstein descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.
Essa mudança permitiu a Einstein, descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.

D Em 1916 o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.
Em 1916, o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.

101. NCE-UFRJ – A nova redação dada aos trechos abaixo apresenta erro de pontuação na alternativa:

A "No céu de janeiro o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno, e no signo de Capricórnio é Lua Nova." / No céu de janeiro, o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno; no signo de Capricórnio, é lua nova.

B "Enquanto isso, aqui na Terra é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes." / Enquanto isso, aqui na Terra, é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes.

C "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo, é uma limitação.

D "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação. Obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação. Criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação. Insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação; obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação; criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação; insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação.

E "O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo. A estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas." / O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo; a estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas.

102. NCE-UFRJ – Observe o uso das vírgulas em: "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:

A "...com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento..."

Ⓑ "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'..."

Ⓒ "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote"' fala exclusivamente à sensibilidade brasileira..."

Ⓓ "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem."

Ⓔ "'Excluído', dirá o leitor, 'tem um sentido diverso'."

103. ESAF – Indique a opção que corresponde a emprego incorreto de sinal de pontuação:

"Uma grande vantagem da moeda estável é que as pessoas físicas podem escolher a forma mais adequada de cuidar do próprio dinheiro num prazo maior",(A) resume o economista Julius Haupt Buchenrode. Esquecer a cultura inflacionária de 80% mensais de 1990 e olhar o futuro além do dia seguinte,(B) faz parte de um aprendizado difícil para muitos. Antes,(C) era preciso aplicar o dinheiro para não perder,(D) tal era a velocidade de corrosão do poder de compra. A estabilidade econômica permitiu que os investidores tivessem uma ideia mais clara não apenas das perdas,(E) mas das possibilidades reais de lucro futuro. Antever com mais precisão o desempenho dos investimentos, no longo prazo, tornou-se instrumento poderoso.

Ⓐ A.

Ⓑ B.

Ⓒ C.

Ⓓ D.

Ⓔ E.

104. ESAF – Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está em <u>desacordo</u> com as normas da língua escrita:

Ⓐ O Imposto Único Federal-IUF, eliminaria 11 tributos federais, e incidiria sobre as movimentações financeiras de forma semelhante à CPMF.

Ⓑ Com uma alíquota de 1,7% no crédito e no débito, totalizando 3,4, o IUF preservaria o atual nível de arrecadação, sem prejuízos aos cofres públicos. Eliminam-se, assim, não só os tributos, mas também um sistema complexo, ineficiente, injusto e incentivador da sonegação.

Ⓒ Ressalta-se que o projeto altera apenas as fontes de arrecadação. As transferências financeiras para os Estados, Municípios e Previdência Social continuarão existindo.

Ⓓ Estados e Municípios ingressariam no novo sistema, ou não, após avaliarem os resultados obtidos pela União. Essa transição gradual visa a implantação segura e confiável do novo sistema tributário.

Ⓔ O IUF traria simplificação ao sistema de impostos da carga tributária com maior justiça social, aliviando a excessiva incidência sobre os assalariados e sobre as empresas organizadas.

105. FCC – O período cuja pontuação está inteiramente correta é:

- **A** Não sendo político, um ator não deveria jamais candidatar-se a qualquer cargo segundo julga a maioria dos eleitores que assim, manifestam seu preconceito.
- **B** Nômades, por um lado, devassos por outros é com tais imputações que se revelam, os preconceitos que, alimentamos em relação aos atores.
- **C** De todas as afirmações feitas no texto a que mais impressionou é a de que somos todos, atores, em virtude do fingimento pelo qual acabamos por regular nosso comportamento no cotidiano.
- **D** Ao se referir ao nosso absenteísmo, está o autor aludindo à nossa inércia, à acomodação política a que nos entregamos, mesmo nos momentos que exigem uma decisiva participação.
- **E** Sendo a democracia, ao mesmo tempo um regime de decisão pessoal, e de representação coletiva, suscita entre os eleitores, uma notável ambivalência na hora de se decidirem.

106. Sê como o sândalo que perfuma o machado que o fere

A alternativa em que a pontuação da sentença acima está correta é:

- **A** Sê, como o sândalo, que perfuma o machado que o fere...
- **B** Sê como o sândalo, que perfuma o machado, que o fere.
- **C** Sê como o sândalo: que perfuma o machado, que o fere!
- **D** Sê como o sândalo, que perfuma o machado que o fere.

107. FJPF – Observe o fragmento textual que se segue:

"A surpresa vem, sobretudo, do eco encontrado pela defesa de um direito civil clássico, a proteção da própria vida. Pesquisa de opinião pública na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 1997, revelou muito baixa consciência de direitos, sobretudo políticos e civis. Do total de entrevistados, 57% não conseguiram mencionar nem um direito sequer. Apenas 2% mencionaram direitos políticos e 12% direitos civis. A situação só melhorava um pouco em relação aos direitos sociais, reconhecidos por 26% dos entrevistados."

A mudança de pontuação <u>inaceitável</u>, do ponto de vista das normas vigentes, é:

- **A** o apagamento das vírgulas que assinalam o destaque fonético dado, no primeiro período, ao termo "sobretudo";
- **B** o uso de dois pontos, em vez de vírgula, ainda no primeiro período, entre "um direito civil clássico" e seu aposto;
- **C** a substituição da vírgula por travessão, no segundo período, entre o nome "direitos" e a especificação que se lhe segue;
- **D** o uso de vírgula, no terceiro período, entre o verbo "mencionar" e seu complemento;
- **E** o emprego de vírgula para assinalar a elipse de uma forma verbal no quarto período.

108. FGV – "Sim, a Bolívia tem direito a toda a sua riqueza e seu patrimônio; seu solo e subsolo são sua soberania. Ela pode – qualquer país pode – mudar suas leis e rever contratos."

No trecho acima, os travessões foram utilizados para introduzir:

Ⓐ um aposto;
Ⓑ uma explicação;
Ⓒ uma explicitação;
Ⓓ uma ressalva;
Ⓔ mudança da pessoa do discurso.

109. FGV – "Quando expurgou Plutão, a UAI não fez ciência: produziu uma definição, entre outras possíveis, com a finalidade de classificar e nomear."

Os dois-pontos, no trecho acima, introduzem uma:

Ⓐ explicação;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ síntese;
Ⓓ exemplificação;
Ⓔ análise.

110. FGV – "Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil."

Assinale a alternativa em que a alteração de pontuação do trecho acima <u>não</u> constitui erro:

Ⓐ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica –, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓑ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica – ou a falta, de educação, continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓒ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real, e não apenas retórica ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓓ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓔ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real – e não apenas retórica – ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

111. CESGRANRIO – Quanto ao uso da vírgula nos trechos abaixo, assinale a opção que apresenta justificativa de emprego <u>incorreta</u>:

Ⓐ "Hoje, essa visão começa a perder força..." – para separar o adjunto adverbial deslocado.
Ⓑ "...essa visão começa a perder força, já que as empresas passaram a ver no potencial humano o diferencial para o negócio." – para separar a oração subordinada da principal.
Ⓒ "afirma Maria Carlota Boabaid, pedagoga e mestra em Administração de Empresas," – para isolar o aposto.

Ⓓ "...pedagoga e mestra em administração de empresas, que atua na área de Gestão de Pessoas." – para separar a oração subordinada adjetiva restritiva.
Ⓔ "É inerente e insumo do ser humano, está presente em todos os lugares..." – para separar orações coordenadas assindéticas.

112. CESGRANRIO – Assinale a opção <u>improcedente</u> quanto à justificativa de emprego da(s) vírgula(s):

Ⓐ "Quando eu era criança, morava na Penha." – separa oração subordinada adverbial deslocada.
Ⓑ "...eu via estrelas, cometas, asteroides:..." – separa termos coordenados.
Ⓒ "Em dia de lua cheia, via..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓓ "Criança, eu pensava: como seria possível aos pescadores velejar tão longe da areia..." – separa vocativo.
Ⓔ "...os pescadores olhavam as estrelas [...], que indicavam o caminho de suas choupanas, na praia." – separa a oração adjetiva de valor explicativo.

113. CESGRANRIO – O emprego da pontuação está correto num dos períodos abaixo. Indique-o:

Ⓐ Os agentes da lei, capturaram os assaltantes.
Ⓑ Permitiu-se que: os ladrões da loja fossem capturados.
Ⓒ Que notícias publicarás, Sílvio?
Ⓓ Os novos líderes ficaram confusos – com a matéria.
Ⓔ Sílvio Ferraz, jornalista experiente revelou o fato.

114. FEPESE – Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

Ⓐ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓑ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓒ Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
Ⓓ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

115. NCE-UFRJ – "No caldo urbano da miséria/sujeira/ignorância". Neste segmento, as barras inclinadas entre os vocábulos substituem, respectivamente:

Ⓐ vírgula / conjunção;
Ⓑ vírgula / vírgula;
Ⓒ conjunção / preposição;
Ⓓ conjunção / conjunção;
Ⓔ preposição / preposição.

116. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Com o desassombro dos que repudiam as meias-verdades, o Dr. Jayme Landmamn põe a mão na ferida ao afirmar, logo na introdução do seu livro, que 'o sistema de saúde que vigora no Brasil está completamente ultrapassado'. Partindo dessa premissa, que é pura constatação de uma realidade contundente, vai o doutor expondo aos olhos dos que de fato querem ver o que está acontecendo no país um vasto painel das causas do impasse a que chegamos no setor da previdência social e da assistência médica."

Ao colocar um trecho entre aspas, o autor pretende:

Ⓐ destacar um segmento mais importante;
Ⓑ mostrar que esse segmento é transcrito do livro comentado;
Ⓒ explicar uma afirmação anterior;
Ⓓ repetir uma verdade dita por todos;
Ⓔ reproduzir um texto que é muito conhecido por todos.

117. NCE-UFRJ – "Em 2000, ano em que foram lançadas as Metas do Milênio, havia ainda no Brasil 16 milhões de indivíduos completamente analfabetos." As vírgulas, nesse segmento do texto, são utilizadas para:

Ⓐ separar orações;
Ⓑ destacar um termo mais importante;
Ⓒ evitar ambiguidade;
Ⓓ inserir uma explicação;
Ⓔ mostrar uma inversão de termos sintáticos.

118. FJPF – A frase "Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens (inclusive migratórias)" pode ser pontuada de diversas outras maneiras, <u>com exceção</u> da seguinte, considerada inaceitável pelas normas de pontuação vigentes:

Ⓐ Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓑ Normalmente, infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓒ Normalmente infecta, aves domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓓ Normalmente infecta aves – domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓔ Normalmente infecta aves (domésticas ou selvagens, inclusive migratórias).

119. FJPF – Sobre as vírgulas empregadas na redação do período "Tudo isso somado à competência, tenacidade, senso de oportunidade, determinação e espírito empreendedor dos nossos empresários fez o setor de transporte se transformar numa atividade de importância econômica e social reconhecida em todo o país", pode-se afirmar que elas têm o emprego justificado pela mesma regra que justifica o emprego da vírgula no seguinte trecho:

Ⓐ "Atualmente verificamos que as empresas brasileiras estão cada vez mais preparadas para a concorrência de mercado, para a economia globalizada e para competição em larga escala."
Ⓑ "Trata-se de um salto extraordinário, fruto de muito incentivo..."
Ⓒ "O empresariado nacional se capacitou e se preparou para vencer no mercado globalizado e obter maiores ganhos de produtividade, o que resultou em uma geração de vencedores pelo mérito e pelo trabalho..."
Ⓓ "O setor foi mais adiante, abrindo as portas do futuro."
Ⓔ "...e que é a razão de existência da pessoa jurídica, além de aperfeiçoar e adequar programas de qualidade à cultura da empresa e a acompanhar a evolução dos tempos e da técnica".

120. FJPF – A alternativa em que o acréscimo, entre colchetes, de vírgula ou vírgulas constitui um erro, de acordo com as normas de pontuação em vigor é:

Ⓐ "Nas formas de vida coletiva[,] podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens."
Ⓑ "Esses dois princípios[,] encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador."
Ⓒ "Seu ideal será colher o fruto[,] sem plantar a árvore."
Ⓓ "Seu campo visual é[,] naturalmente[,] restrito."
Ⓔ "A parte[,] maior que o todo."

121. FGV – "Os olhos empapuçados são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão."

Assinale a alternativa que ofereça pontuação igualmente correta para o trecho acima:

Ⓐ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓑ Os olhos empapuçados, são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓒ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo, se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.
Ⓓ Os olhos empapuçados são os mesmos mas, o cabelo, se foi e a barriga, só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓔ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga, só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.

122. FGV – "O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural."

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção e. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

Ⓐ Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.
Ⓑ Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.
Ⓒ Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.
Ⓓ A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.
Ⓔ A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

123. CESGRANRIO – Assinale a opção que apresenta justificativa <u>incorreta</u> de emprego do(s) sinal(sinais) de pontuação destacado(s):

Ⓐ "...aos 40 ela deve tomar uma difícil decisão**:** nascer de novo." – quebra da sequência das ideias.
Ⓑ "O bico**,** alongado e pontiagudo**,** se curva." – estabelecer uma pausa entre os adjetivos e o substantivo.
Ⓒ "Quando as novas unhas despontam**,** a águia..." – separa oração subordinada adverbial antecipada à principal.
Ⓓ "No noviciado**,** aprendi..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓔ "Primeiro, ousar perder o que envelheceu: o bico**,** as unhas**,** as penas." – separa termos coordenados.

124. CESGRANRIO – Na passagem "E ainda nem mencionei as coisas que realmente foram reduzidas: apartamentos que parecem caixotes, carros compactos, conversas telegráficas, livros de bolso, pequenas salas de cinema, casamentos curtos.", os dois pontos introduzem um(a):

Ⓐ pensamento;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ explicação;
Ⓓ síntese;
Ⓔ justificação.

125. FEPESE – Marque o item correto de acordo com a pontuação:

Ⓐ Os rios, estão poluídos.
Ⓑ Os agricultores colheram, as laranjas.
Ⓒ O sr. Lobo, o sr. Cordeiro e o Prefeito reuniram-se hoje.
Ⓓ Aquele nosso grande amigo, trouxe boas notícias, ontem.
Ⓔ A roça é, um lugar de trabalho alegria e crescimento.

126. FEPESE – Leia o texto que se segue para responder à presente questão:

A primeira expedição enviada oficialmente para explorar nosso país aqui chegou em agosto de 1501, em busca de ouro e especiarias. Dela fazia parte um rico navegador italiano, Américo Vespúcio. A riqueza que ele encontrou, todavia, foi

o pau-brasil, de que os europeus conheciam uma espécie, nativa do Oriente. O pó da casca dessa árvore servia para tingir tecidos de vermelho – cor da moda na Europa de então, devido à expansão de sua indústria têxtil. Assim, para a Coroa o pau-brasil transformou-se em nova fonte de riqueza.

Os índios foram facilmente convencidos a cortar e transportar para os navios duras toras de pau-brasil, em troca de instrumentos que cobiçavam, como machados, facas e anzóis para a pesca. Esse comércio do "pau-de-tinta" tornou-se a primeira fonte de lucro que a nova colônia ofereceu a Portugal.

(Adapt. de *Brasil:* terra à vista! Eduardo Bueno, Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 118-120)

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

A) Na linha 5 o travessão foi empregado como recurso de ênfase.
B) Quando um termo se intercala na ordem direta da frase, quebrando sua sequência natural, deve ficar isolado por vírgulas, como em <u>todavia</u> (linha 3).
C) Em <u>machados, facas</u> (linha 8) a vírgula separa elementos com a mesma função sintática na frase.
D) Na linha 2 a vírgula separa um vocativo (<u>Américo Vespúcio</u>).
E) Na linha 5 a vírgula antecede uma expressão com ideia de causa.

127. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

A) Antes de viajar verifique: se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas, pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia o que dificulta, o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente, para facilitar, o pagamento das contas de luz.
B) Antes de viajar: verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas; pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos. Nesta época do ano muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático, em conta corrente, para facilitar o pagamento das contas de luz.
C) Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso, antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia; o que dificulta o rápido atendimento. Utilize: o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.
D) Antes de viajar, verifique: se as contas de luz, de sua casa de praia, estão pagas (pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos). Nesta época do ano: muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

Ⓔ Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso antes de viajar, você evita aborrecimentos. Nesta época do ano, muitas pessoas solicitam a religação da energia, o que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

128. NC-UFPR – Em que alternativa a sentença está pontuada corretamente?

Ⓐ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓑ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓒ O coração artificial, segundo o médico entrevistado constitui um avanço, para a ciência sempre preocupada em prolongar, a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓓ O coração artificial segundo o médico entrevistado constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada, em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓔ O coração artificial, segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

129. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está correto, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Àquela altura, parecia-nos, que o problema não teria solução.

Ⓑ Em janeiro, consegui o passaporte; só em julho, porém, viajei.

Ⓒ Certos políticos, que têm seu preço, são facilmente corrompíveis.

Ⓓ O colega, de cujo apoio precisávamos, acabou nos abandonando.

130. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está CORRETO em:

Ⓐ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo? A atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓑ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓒ Será em São Paulo, o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido, com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓓ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo, para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo... A atriz foi escalada, para a minissérie que a Globo prepara, sobre Juscelino Kubitschek.

131. FUMARC – Considere as sentenças abaixo:

I. A ferrovia, rentável, foi inteiramente recuperada.

II. Comia só, na lanchonete do hospital, e voltava para o quarto.

A supressão das vírgulas nas sentenças provoca alteração de sentido em:

Ⓐ apenas em I;
Ⓑ apenas em II;
Ⓒ ambas;
Ⓓ nenhuma delas.

132. NCE-UFRJ – A frase abaixo que mostra uma pontuação <u>inadequada</u>, num texto objetivo, é:

Ⓐ Após algum tempo, o organismo combate a infecção.
Ⓑ A infecção, o organismo a combate após algum tempo.
Ⓒ O organismo, após algum tempo, combate a infecção.
Ⓓ O organismo combate, após algum tempo, a infecção.
Ⓔ O organismo combate a infecção, após algum tempo.

133. ESAG – Observe as frases:

I. O homem que é mortal julga-se imortal.

II. Os alunos que fizeram o trabalho terão um ponto.

III. Todos estavam cansados, cansados de dar dó!

IV. Ontem à noite chegaram os meus parentes.

Assinale a afirmativa correta observando a pontuação das frases acima:

Ⓐ está correta apenas III;
Ⓑ estão corretas II e III;
Ⓒ estão corretas I e IV;
Ⓓ estão corretas I, II e III.

134. NCE-UFRJ – "Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade."

No parágrafo do texto aparecem casos de utilização de ponto-e-vírgula; a regra que justifica esse emprego é:

Ⓐ separar blocos de orações que se opõem pelo sentido;
Ⓑ separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já tem elementos separados por vírgula;
Ⓒ indicar ordem inversa de termos;
Ⓓ destacar elementos sumamente importantes no texto;
Ⓔ separar orações coordenadas não unidas por conjunção.

135. FJPF – No texto, para assinalar o término do período, usa-se ponto depois de:

I. No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também em 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. "não é muito melhor." *(após "em último em matemática.")*

II. A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas por escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, professores já ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social. (*após "mas também em prestígio."***)**

III. A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil. (*após "não permite tergiversações."***)**

Sem prejuízo das normas de pontuação em vigor, o sentido dos enunciados torna possível a substituição do referido sinal pelo sinal de dois pontos em:

Ⓐ I, II;
Ⓑ I, III;
Ⓒ II, III;
Ⓓ I, apenas;
Ⓔ todas as hipóteses apresentadas.

136. CESGRANRIO – Um dos empregos da vírgula é a separação de elementos que exercem funções sintáticas diferentes, geralmente com a finalidade de realçá-los, como acontece com os adjuntos adverbiais antecipados na estrutura da oração.

As frases a seguir, extraídas do Texto III, são exemplos desse tipo de uso, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Ao menos, por dois motivos – imagino eu."
Ⓑ "Em primeiro lugar, porque é uma necessidade da vida contemporânea."
Ⓒ "Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas..."
Ⓓ "Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever."
Ⓔ "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio."

137. IDECAN – O emprego do ponto e vírgula em "Alguns meninos correram; outros ficaram a certa distância da janela, olhando, trêmulos, mas apesar de tudo dispostos a enfrentar a catástrofe.", justifica-se por:

- **A** separar orações coordenadas sindéticas;
- **B** indicar que a frase foi interrompida, truncada;
- **C** isolar oração subordinada adjetiva explicativa;
- **D** separar oração subordinada adverbial desenvolvida;
- **E** separar orações coordenadas opostas quanto ao sentido.

138. FUMARC – Observe as informações acerca dos sinais de pontuação:

I. A vírgula, utilizada em "Após a morte do bandeirante, seus companheiros dispersos procuraram se instalar, apossando-se das terras ao redor de onde se encontravam..", é justificada pela circunstância de tempo.

II. O uso das duas vírgulas no trecho: "O povoado, que foi denominado Matozinhos, iniciou-se ao redor da capela do Senhor Bom Jesus," justifica--se pelo aposto.

III. Os termos do texto a seguir: Filhos ilustres ajudaram a criar parte da história, tais como Bento Gonçalves, Caio Martins e Agripa de Vasconcelos, Cavalgadas, Jubileu do Senhor Bom Jesus, congados, folia de reis, enfim, as festas mais típicas do interior mineiro também são acontecimentos na cidade" receberam vírgulas, porque estas, no contexto, separam enumerações.

Marque a alternativa correta:

- **A** apenas as informações I e II estão corretas;
- **B** apenas as informações I e III, estão corretas;
- **C** as informações I, II e III, estão corretas;
- **D** apenas as informações II e III, estão corretas.

139. COPEVE – Na última frase do 2º parágrafo "A mim, não me causava medo nenhum." a vírgula:

- **A** evidencia o objeto indireto pleonástico;
- **B** evidencia o adjunto adnominal deslocado;
- **C** foi utilizada apenas para enfatizar um termo explicativo e acessório: "a mim";
- **D** foi utilizada de forma indevida, já que não se separa o verbo de seu complemento;
- **E** separa termos de mesma função sintática.

140. UPENET – Sobre pontuação, analise os itens abaixo:

I. "Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado!"

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível"

III. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo!"

Assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

Ⓐ No item I, a omissão da vírgula antes do termo ilustre é erro, uma vez que é obrigatória, porque separa vocativo.
Ⓑ No item II, não poderia existir a vírgula após o termo bonde, por separar um adjunto adverbial deslocado, caracterizando, dessa forma, um erro.
Ⓒ No item III, está correto o emprego da vírgula, por separar adjunto adverbial que exprime circunstância de lugar.
Ⓓ Tanto no item I como no item III, as vírgulas estão corretas por separarem adjuntos adverbiais que exprimem circunstância de lugar.
Ⓔ No item I, a vírgula é facultativa, daí não poder ser considerado um erro de pontuação.

141. UPENET – "Sentiu o comportamento de Angélica (1. observou-o (2. viu suas reações diante de cada farda (3. e compreendeu que nada lhe provocava maior emoção que uma farda de marinheiro."

No período, as vírgulas são obrigatórias nos parênteses de número(s):

Ⓐ 1, apenas;
Ⓑ 2, apenas;
Ⓒ 3, apenas;
Ⓓ 1 e 2, apenas;
Ⓔ 1, 2 e 3.

142. UPENET – Assinale a <u>unica</u> alternativa que apresenta o uso da(s) vírgula(s) da mesma forma em que aparece(m) no trecho:

"(...)Oliver Blanchar ataca o que chama de "cultura do desemprego"(,) ou seja(,) a visão pessimista do futuro."

Ⓐ As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.
Ⓑ "Pois, seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que existe."
Ⓒ O homem, que mente, não merece confiança.
Ⓓ A garota, Fernanda, saiu muito cedo.
Ⓔ "O cavalo calou-se, isto é, recolheu o movimento do rabo."

143. ACAFE – Em relação à pontuação, assinale a alternativa correta:

Ⓐ De acordo com a assessoria de imprensa do MP cerca de 40 minutos após a evacuação do prédio, todos os funcionários voltaram ao serviço.
Ⓑ Num desses dias eu estava falando que queria retornar para a internet e ele me falou que tinha um site que ele queria montar mas não tinha tempo era um site de vídeos!
Ⓒ Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as atribuições do Ministério Público vêm se multiplicando, numa evidente prova de confiança do legislador, à qual o MP deverá corresponder com atuação eficiente.

Ⓓ Muitas vezes descendo ou subindo encontrei cardumes, golfinhos, plânctons gigantes.

Ⓔ As entidades monetárias internacionais e não nossos governantes, é que traçam os rumos econômicos e sociais do País.

144. COPESE-UFT – Indique a alternativa em que o uso da vírgula está <u>errado</u>:

I. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

II. Por fim, perdi, a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

III. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me e, como, já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

IV. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e como já era mais de meio-dia, larguei-me, a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

Marque a resposta correta:

Ⓐ apenas I está errada;

Ⓑ apenas III está errada;

Ⓒ II, III e IV estão erradas;

Ⓓ todas estão erradas.

145. CESGRANRIO – Indique a opção em que o emprego da(s) vírgula(s) obedece à norma culta:

Ⓐ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos, é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓑ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne, 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓒ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países e deve estar concluído em 2010.

Ⓓ A mais ambiciosa empreitada, para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓔ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído, em 2010.

146. CEPERJ – A vírgula pode ser substituída por dois-pontos no segmento:

- **A** "Um dos grandes mitos perpetuados sobre a independência do Brasil, na análise do jornalista e escritor Laurentino Gomes..."
- **B** "...é a ideia de que a separação de Portugal foi totalmente pacífica, um grande acordo político entre D. João VI..."
- **C** "– A ideia de que a separação foi pacífica, negociada entre pai e filho..."
- **D** "...data da expulsão das tropas portuguesas de Salvador, em 1823."
- **E** "...a concentração social era enorme, com total concentração de renda."

147. CEPERJ – Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, a afirmativa correta é:

- **A** Faltou uma vírgula depois da expressão "Manda a etiqueta", em "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva...".
- **B** Os dois-pontos foram corretamente empregados em "Quando alguém me oferece algo e recuso, não recusei apenas o objeto: rejeitei um convite à parceria", porque introduzem uma explicação.
- **C** O ponto-e-vírgula poderia ser adequadamente substituído por uma vírgula no trecho "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva a seu companheiro de mesa de sua própria garrafa; este retribui igual quantidade de seu próprio vinho".
- **D** Deveria ter sido empregada uma vírgula depois da expressão "não troco", em "Aquele com quem não troco é aquele contra quem luto."
- **E** O uso do ponto é incorreto no trecho "...porque a troca é o fundamento da vida social, em seu sentido último de relação com outro. E são os rumos desta relação, os fatores que os determinam..."

148. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, é correto afirmar que:

- **A** Deveria ser inserida uma vírgula depois da palavra "político" no segmento "...o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta já que "Richard Watson" é aposto de "cientista político".
- **B** Os parênteses empregados no 1º parágrafo ["Guru de algumas das maiores companhias do planeta – IBM, Coca-Cola, MacDonalds, Nestlé, etc. –, nas quais dá consultoria sobre o que fazer hoje para não se arrepender amanhã, o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta para o perigo de caminharmos em direção a uma sociedade onde as pessoas não conseguirão sequer pensar sozinhas."] poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo semântico ou gramatical ao segmento.
- **C** As vírgulas empregadas para destacar a palavra "agora" no segmento "Já tendo escrito sobre o futuro dos arquivos, do dinheiro e das viagens, agora, ao discorrer sobre o futuro das mentes" poderiam ser retiradas sem prejuízo semântico/gramatical.

D O ponto empregado depois da palavra "agradam" no segmento "...selecionamos só as informações e os amigos que mais nos agradam. Isso não é bom para o pensamento e a sociedade." poderia adequadamente ser substituído por dois-pontos.

E É inadequado o emprego do ponto que antecede a conjunção E no segmento "E conclui: 'Meu temor é que não tenhamos escolha senão nos tornarmos 100% digitais. E que a gente perca a capacidade de pensar profundamente, uma das coisas que nos define como humanos'.", porque não se deve usar ponto antes da conjunção e.

149. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, a afirmativa incorreta é:

A No lugar de ponto, poder-se-ia usar ponto e vírgula no lugar do ponto-final existente em *"Primeiro, haverá um número proporcionalmente muito maior de idosos, [...] que gerou o boom populacional há algumas décadas. Segundo, os idosos vão viver mais, pelas transformações ocorridas na área da medicina e pelo maior acesso à informação. E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes."* e após *"informação"*, no mesmo fragmento de texto.

B Quanto aos dois travessões empregados em *E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes. O que se nota é uma mudança do perfil e a aceleração de uma tendência já observada nos últimos anos."*, caso se omitisse o segundo travessão, o primeiro deveria ser substituído por uma vírgula.

C Uma vírgula vicária poderia ser adequadamente inserida depois da primeira expressão "ou mais", no segmento "*Enquanto isso, entre 2010 e 2020, o número de idosos de 60 a 79 anos aumentará em quase 8 milhões de pessoas, e com 80 anos ou mais em torno de quase 1,5 milhões de pessoas. Aqueles que tinham 60 anos ou mais, que eram 19 milhões de pessoas em 2010, serão mais de 28 milhões em 2020*".

D Poder-se-ia inserir uma vírgula no início do período a seguir, do seguinte modo: *"Entre 2010 e 2020 essas mudanças já se farão sentir".*

E Poder-se-ia empregar duas vírgulas no período: *"Isso se deve ao fato de que uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente provavelmente continuará ainda no mercado de trabalho por 35 a 40 anos".* Assim: *"Isso se deve ao fato de que, uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente, provavelmente continuará...".*

150. CEPERJ – Quanto à pontuação, a afirmativa correta é:

A Considera-se correta a falta de uma vírgula depois da palavra "foi" no segmento "*Onde foi que a minha bagunça começou? Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem*".

B "A vírgula que se usou depois da expressão **'**meio ambiente**'** em **'***Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem***'**." poderia ser retirada sem prejuízo à correção gramatical e à clareza do segmento.

C O uso de dois-pontos é inadequado depois da expressão "muito esquisita" no segmento "*Tenho uma teoria muito esquisita: a gente nasce como nascem as árvores, de sementes*".

D Faltaram vírgulas depois das palavras "pitanga", "manga" e "laranja" na enumeração do segmento "*Semente de pitanga vira pitangueira, caroço de manga vira mangueira, semente de laranja vira laranjeira*".

E Falta uma vírgula antes da palavra "psicólogo" no segmento "*Se fosse hoje, acho que me levariam a um psicólogo que diagnosticaria hiperativismo.*"

GABARITO

1. A	20. D	39. B	58. B	77. D	96. C	115. A	134. B
2. A	21. B	40. B	59. E	78. D	97. C	116. B	135. C
3. C	22. C	41. D	60. A	79. D	98. B	117. D	136. E
4. B	23. E	42. B	61. E	80. E	99. E	118. C	137. E
5. B	24. E	43. D	62. E	81. C	100. C	119. A	138. C
6. C	25. E	44. E	63. C	82. D	101. C	120. B	139. A
7. A	26. C	45. D	64. A	83. C	102. A	121. A	140. A
8. C	27. A	46. C	65. C	84. E	103. B	122. C	141. D
9. B	28. E	47. D	66. A	85. D	104. A	123. A	142. E
10. E	29. C	48. E	67. C	86. C	105. D	124. B	143. C
11. B	30. E	49. C	68. C	87. E	106. B	125. C	144. C
12. E	31. A	50. B	69. D	88. D	107. D	126. D	145. C
13. E	32. D	51. A	70. D	89. E	108. D	127. E	146. B
14. A	33. D	52. E	71. B	90. D	109. A	128. E	147. B
15. D	34. C	53. A	72. B	91. B	110. A	129. A	148. C
16. B	35. C	54. E	73. B	92. D	111. D	130. B	149. E
17. A	36. A	55. D	74. C	93. C	112. D	131. D	150. A
18. A	37. E	56. C	75. C	94. E	113. C	132. B	
19. C	38. C	57. D	76. D	95. C	114. D	133. B	

Décio Sena

Gramática Aplicada

PARA CONCURSOS

Material complementar com 900 questões

Editora Impetus

Exercícios de Ortografia

Obs.: fizemos modificações nas questões em que havia necessidade de se ajustarem ao Novo Acordo Ortográfico.
Ao trabalhar com questões de acentuação gráfica e de emprego do hífen, portanto, considere apenas os novos dispositivos advindos do Acordo citado.

1. NCE-UFRJ – A opção em que as duas palavras destacadas não são acentuadas segundo a mesma regra de acentuação gráfica é:

A) universitário – adolescência;
B) mínimo – domésticos;
C) país – até;
D) ópera – currículo;
E) negócio – experiência.

2. NCE-UFRJ – Anestesia é uma palavra grafada com s (e não com z) e privilégio é grafada com i (e não com e). A alternativa em que ambas as palavras estão corretas quanto à grafia é:

A) atravez – arrepio;
B) atraz – Pirineus;
C) frisa – irrequieto;
D) análise – crâneo;
E) baroneza – campeão.

3. FGV – Grafou-se corretamente o vocábulo enxugando. Assinale a alternativa em que todas as palavras tenham sido grafadas corretamente:

A) degladiar – obsessão – abscesso – pan-africanismo;
B) desinteria – análise – através – extraoficial;
C) pichar – necessidade – consciência – obsecado;
D) chuchu – jeito – pretensão – suboficial;
E) berinjela – exceção – cacetete – hipersensibilidade.

4. **CESGRANRIO – Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen não deve ser utilizado em:**

- **A** formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
- **B** palavras formadas com o acréscimo de prefixos como anti-, sub-, em que o segundo elemento começa por h;
- **C** palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
- **D** palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por r ou s;
- **E** topônimos iniciados pelos adjetivos grã, grão.

5. **CESGRANRIO – Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação".**

   Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto ei ou oi não o são mais.

   São exemplos dessa mudança as palavras:

- **A** assembleia, aldeia, proteico;
- **B** cadeia, paranoico, introito;
- **C** heroi, boina, epopeico;
- **D** heroico, onomatopeico, plateia;
- **E** jiboia, comboio, papeis.

6. **FGV – As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.**

   Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica:

- **A** Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
- **B** Votamos aquele presidente pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.
- **C** Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
- **D** Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
- **E** O mandado do deputado será suspenso.

7. **FJPF – Observe o emprego do termo sublinhado na frase "Por que há médicos, advogados, professores e engenheiros despreparados, vamos batalhar pelo fechamento dos educandários por onde se formaram?". Sabendo-se que o**

termo em negrito acima tem quatro formas distintas de grafia, pode-se afirmar que há incorreção na frase:

Ⓐ Não se sabe por que os jornalistas tinham baixa formação.
Ⓑ Não se sabe o porquê de os jornalistas terem baixa formação.
Ⓒ Os jornalistas tinham baixa formação por que?
Ⓓ Os jornalistas tinham baixa formação porque não havia cursos especializados.
Ⓔ Os cursos por que passavam os jornalistas eram de curta direção.

8. FJPF – Os pares de palavras abaixo foram organizados tendo como critério as normas de acentuação gráfica. Dos cinco pares, o único em que os acentos gráficos das palavras se justificam por regras distintas é:

Ⓐ vítima – decúbito;
Ⓑ nosocômio – literário;
Ⓒ só – é;
Ⓓ repórter – suíno;
Ⓔ língua – noticiário.

9. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que país:

Ⓐ Bolívia;
Ⓑ gás;
Ⓒ pivô;
Ⓓ comércio;
Ⓔ reconstruí-la.

10. CESGRANRIO – O vocábulo destacado em "uma paralisia das pernas?" é grafado com s. Em qual dos pares abaixo há um vocábulo que, segundo a norma culta, está grafado indevidamente com s?

Ⓐ Análise – gasolina.
Ⓑ Catequisar – arrasar.
Ⓒ Extravasar – atrás.
Ⓓ Poetisa – quis.
Ⓔ Usura – improvisar.

11. CESGRANRIO – São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras:

Ⓐ audácia – prudência – imprescindíveis – equilíbrio;
Ⓑ política – sábia – destrói – ótimo;
Ⓒ catástrofes – histórica – econômica – entretém;
Ⓓ além – ninguém – você – órfão;
Ⓔ três – há – até – só.

12. FCC – "...para entender <u>por que</u> a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora..."

No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

- **A** Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____?
- **B** Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
- **C** Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?
- **D** Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.
- **E** — _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

13. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

- **A** Não constitui uma primasia dos animais a satisfação dos impulsos instintivos: também o homem regozija-se em atender a muitos deles.
- **B** As situações de impunidade infligem sérios danos à organização das sociedades que tenham a pretenção da exemplaridade.
- **C** É difícil atingir uma relação de complementaridade entre a premênsia dos instintos naturais e a força da razão.
- **D** Se é impossível chegarmos à abstensão completa da satisfação dos instintos, devemos, ao menos, procurar constringir seu poder sobre nós.
- **E** A dissuasão dos contraventores se faz pela exemplaridade das sanções, de modo que a cada delito corresponda uma justa punição.

14. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha seguido regra de acentuação distinta das demais:

- **A** países;
- **B** médio;
- **C** cenário;
- **D** áreas;
- **E** prestígio.

15. FJPF – No fragmento "A sociedade não estaria sendo <u>anestesiada</u> ou <u>hipnotizada</u> por uma forma sinistra de <u>conspiração</u> sonora?", os vocábulos em destaque estão grafados corretamente. Dos itens abaixo, aquele que tem os três vocábulos grafados corretamente é:

- **A** agazalhada / amenizada / punição;
- **B** brisa / felizarda / contaminassão;
- **C** analisada / indenizada / acepção;
- **D** hesitar / galvanisada / constipação;
- **E** frisada / preconizada / procição.

16. FGV – Em autossuficiente, optou-se corretamente pelo não uso do hífen. Assinale a alternativa em que não se procedeu corretamente quanto à necessidade ou não de seu emprego:

Ⓐ autobiografia;
Ⓑ superatleta;
Ⓒ antiinflamatório;
Ⓓ pseudocientista;
Ⓔ micro-região.

17. FEPESE – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas corretamente:

Ⓐ ítens – dígrafo – flúor – rubrica – núvem – pêsames – ânsia;
Ⓑ juíz – juízes – têxtil – hífens – cárie – espontâneo – ônus;
Ⓒ seminú – estética – eles veem – elas têm – apêlo – reduzí-lo;
Ⓓ dígito – biquíni – tênue – êxito – hífen – linguística – difícil;
Ⓔ pólen – gráfico – notícias – jóvens – cônscio – oxítona – pajé.

18. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra seja acentuada por seguir regra distinta das demais:

Ⓐ frequência;
Ⓑ notícias;
Ⓒ países;
Ⓓ convênio;
Ⓔ vários.

19. FGV – A palavra êxito recebe acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a:

Ⓐ interim;
Ⓑ rubrica;
Ⓒ recondito;
Ⓓ arquétipo;
Ⓔ lúgubre.

20. FEPESE – Dadas as frases:

1. As reinvindicações apresentadas dizem respeito às modificações do projeto.

2. Senhoras e senhores! É um privilégio poder cumprimentá-los nesta data festiva.

3. Os produtos comprados foram devidamente discriminados na nota fiscal.

Verifica-se que está(ão) correta(s) apenas:

- **A** a frase 2;
- **B** a frase 3;
- **C** as frases 1 e 2;
- **D** as frases 1 e 3;
- **E** as frases 2 e 3.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que saúde:

- **A** indústria;
- **B** licitatória;
- **C** aí;
- **D** até;
- **E** têm.

22. NC-UFPR – Indique a alternativa que não apresenta problema de grafia:

- **A** O acesso a Internet dá aos usuários, em tese, inúmeras possibilidades à ampliar seu conhecimento musical.
- **B** No momento, não a limites para a qualidade dos equipamentos disponíveis para a reprodução musical.
- **C** Esperamos que daqui há 20 anos, a nova geração tenha uma postura diferente frente à audição musical.
- **D** A proporção que crescem as opções tecnológicas, diminui a capacidade individual de apreciação musical.
- **E** O acesso a equipamentos sofisticados não contribui necessariamente para a educação musical.

23. ENCE-RJ – Assinale a opção em que um dos termos apresenta erro de grafia:

- **A** aborígene, dispêndio, invólucro;
- **B** empecilho, irrequieto, prevenido;
- **C** camurça, mordaça, paçoca;
- **D** esquisito, espontâneo, espectador;
- **E** holofote, hipócrita, híbrido.

24. INTELECTUS – Assinale a palavra que não está escrita de forma correta de acordo com a Nova Ortografia:

- **A** além-mar;
- **B** sem-terra;
- **C** para-quedas;
- **D** antirreligioso;
- **E** autoescola.

25. INTELECTUS – Assinale a frase que <u>não</u> está correta de acordo com a Nova Ortografia:

Ⓐ Ela para a bicicleta.
Ⓑ O Pólo Sul é frio.
Ⓒ O cão tem pelo negro.
Ⓓ Ele joga polo.
Ⓔ A pera é uma fruta.

26. IESES – Assinale a alternativa que apresenta <u>erro</u> de ortografia:

Ⓐ Em almoço beneficiente, com a chegada eminente das reivindicações que o gerou, o clima foi tomado por desassossego.
Ⓑ A iluminação daquela sala de cirurgia melhorou com a instalação de lâmpadas fluorescentes.
Ⓒ A expectativa foi atendida, embora nada de espontâneo e esplêndido tenha sido feito.
Ⓓ A exceção à regra foi feita de maneira obsessiva pela equipe de profissionais.

27. FEC – Na última sílaba dos vocábulos "expansão", "exceção" e "discussão" constatam-se três formas distintas de grafia do fonema /sê/, em português. Dos itens abaixo, com vocábulos grafados, respectivamente, com as três formas acima, aquele em que há vocábulo com erro de grafia, de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ propensão – distenção – repressão;
Ⓑ ascensão – absorção – opressão;
Ⓒ extensão – ereção – repercussão;
Ⓓ suspensão – redenção – secessão;
Ⓔ pretensão – assunção – concessão.

28. CESGRANRIO – Em relação às regras de acentuação gráfica, a frase que <u>não</u> apresenta erro é:

Ⓐ Ele não pode vir ontem à reunião porque fraturou o pé.
Ⓑ Encontrei a moeda caida perto do sofá da sala.
Ⓒ Alguém viu, além de mim, o helicóptero que sobrevoava o local?
Ⓓ Em péssimas condições climaticas você resolveu viajar para o exterior.
Ⓔ Aqui so eu é que estou preocupado com a saúde das crianças.

29. CESGRANRIO – A frase em que todas as palavras estão escritas de forma correta, conforme a ortografia da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ Foi um previlégio ser acompanhado pelo advogado do sindicato.
Ⓑ Estão cojitando de fabricar salas acústicas.
Ⓒ A senhora possue algumas horas para tirar a cesta.
Ⓓ O lado de traz segue até à sala de descanso.
Ⓔ Estava hesitante sobre a escolha do bege claro para a mobília.

30. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra indicada não esteja acentuada corretamente:

- **A** bíceps;
- **B** órfã;
- **C** bênção;
- **D** ávaro;
- **E** bávaro.

31. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo regra <u>distinta</u> das demais:

- **A** Amazônia;
- **B** planetária;
- **C** resistência;
- **D** níveis;
- **E** países.

32. NC-UFPR – Em que alternativa a chamada para atrair turistas ao Brasil está correta quanto à grafia?

- **A** Rezerve sua passagem já. O Brasil têm tudo o que você espera.
- **B** Conheção o Brasil. O paraíso é aqui.
- **C** Esperimente as delícias do paraíso vindo ao Brasil.
- **D** Veleje em nossos mares. Você jamais esquecerá.
- **E** O colorido deste pais vai mecher com você. Visite o Brasil.

33. NC-UFPR – Observe a grafia das palavras e assinale a alternativa correta:

- **A** Um acidente em Ímola, a dez anos atrás, provocou a morte de Ayrton Senna.
- **B** Para os brasileiros, não há caso parecido com o de Ayrton Senna. Mesmo daqui há muitos anos, o povo vai lembrar.
- **C** As aspirações há que queria se referir o editor do texto, será alvo de estudo de especialistas daqui há mais algum tempo.
- **D** Uma batida há 300 Km/h contra um muro punha um ponto final na vida de um ídolo.
- **E** Há muito, não se via uma manifestação como a que ocorreu na morte de Ayrton Senna.

34. FEPESE – Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de <u>alguém</u>, <u>inverossímil</u> e <u>caráter</u>, respectivamente:

- **A** armazém – útil – açúcar;
- **B** hífen – também – impossível;
- **C** têm – protéico – éter;
- **D** há – impossível – crítico.

35. FUJB – Seguem-se várias palavras grafadas com a letra X. A opção em que essa letra está empregada erradamente é:

Ⓐ exceção;
Ⓑ máximo;
Ⓒ exílio;
Ⓓ exímio;
Ⓔ mixto.

36. NCE-UFRJ – Cada uma das séries abaixo se inicia com a palavra que abre cada alternativa. As demais se relacionam com ela semanticamente, não havendo erro ortográfico apenas em:

Ⓐ receber – recepção – recebimento;
Ⓑ longe – longinquo – lonjura;
Ⓒ grande – grandeza – engrandescer;
Ⓓ fácil – facílimo – facilmente;
Ⓔ sintonia – sintonizar – sintônico.

37. NCE-UFRJ – As palavras "também", "excluída" e "renováveis", respectivamente, recebem acento pelo mesmo motivo que:

Ⓐ éden – período – ministério;
Ⓑ convêm – conteúdo – anéis;
Ⓒ talismãs – lusíada – petróleo;
Ⓓ freguês – açaí – jóquei;
Ⓔ parabéns – balaústre – deixá-las.

38. NCE-UFRJ – Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

Ⓐ mantegueira – aterrissagem;
Ⓑ cataclismo – adivinhar;
Ⓒ mortadela – meretíssimo;
Ⓓ entitulado – embutido;
Ⓔ prostração – beneficiente.

39. NCE-UFRJ – "Rádio", "família", "música", "publicitário", "médio", "frequência", "mídia". Esses vocábulos do texto têm seu acento tônico justificado pelo seguinte número de regras:

Ⓐ 5;
Ⓑ 4;
Ⓒ 3;
Ⓓ 2;
Ⓔ 1.

40. NCE-UFRJ – O vocábulo chimpanzé também pode ser grafado chipanzé. O vocábulo a seguir que não admite a dupla grafia indicada é:

- **A** bêbado – bêbedo;
- **B** assoviar – assobiar;
- **C** requesito – requisito;
- **D** enfarte – infarto;
- **E** berruga – verruga.

41. NCE-UFRJ – As palavras "responsáveis", "também", "veículos", "intransferível", "há", "código", "publicitária" podem ser agrupadas, segundo as regras de acentuação gráfica, em:

- **A** um só grupo;
- **B** dois grupos;
- **C** três grupos;
- **D** quatro grupos;
- **E** cinco grupos.

42. NCE-UFRJ – Conscientes e fascinantes são vocábulos corretamente grafados com sc. A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** fascismo – descendência;
- **B** adolescência – tescitura;
- **C** piscina – suscitar;
- **D** fluorescente – miscigenação;
- **E** ascético – lascívia.

43. NCE-UFRJ – As formas quisesse e mazelas apresentam para um mesmo fonema – z – duas grafias distintas: "s" e "z". A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** pesquisa;
- **B** paralisia;
- **C** atraso;
- **D** através;
- **E** xadres.

44. NCE-UFRJ – A palavra taxa é escrita com X. A palavra abaixo que não deve ser escrita com X é:

- **A** mexer;
- **B** xícara;
- **C** faixa;
- **D** xuxu;
- **E** coxa.

45. NCE-UFRJ – Brasil é uma palavra escrita com S. a palavra abaixo que está grafada erradamente é:

Ⓐ casar;
Ⓑ gás;
Ⓒ vaso;
Ⓓ gis;
Ⓔ três.

46. FUMARC – Há erro de ortografia em:

Ⓐ Quem delega muito pode ser dispensável na empresa.
Ⓑ Sou bastante exigente comigo mesmo e com os outros.
Ⓒ É preciso muita compreenção no ambiente de trabalho.
Ⓓ Escrevo toda a correspondência expedida no meu setor.

47. IPAD – Os termos que apresentam a mesma justificativa quanto à acentuação gráfica são:

Ⓐ política – indivíduos;
Ⓑ mercadológicas – sintomático;
Ⓒ própria – versão;
Ⓓ automóvel – crédito;
Ⓔ trás – tão.

48. PUC-SP – A alternativa em que nem todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

Ⓐ arcaísmo, mês, frequência, incluí-lo;
Ⓑ hífens, túneis, órgão, sentí-lo;
Ⓒ elétrons, atrás, pára (verbo), trocá-lo;
Ⓓ íris, alguém, sanguíneo, vendê-lo;
Ⓔ apoio (verbo), tórax, armazéns, compô-lo.

49. ITA – Examinando as palavras:

"entitular" – "empecilho" – "prazerosamente" – "mendingo"

Verifica-se que:

Ⓐ apenas uma está escrita corretamente;
Ⓑ apenas duas estão escritas corretamente;
Ⓒ três estão escritas corretamente;
Ⓓ todas estão escritas corretamente;
Ⓔ nenhuma está escrita corretamente.

50. NCE-UFRJ – "Obsceno" é uma palavra grafada com "sc". O item a seguir em que uma das palavras selecionadas está erradamente grafada, exatamente por não possuir este encontro de letras é:

- **A** incandescente – ascensão – suscitar;
- **B** abscesso – irascível – discernir;
- **C** néscio – cônscio – discípulo;
- **D** prescindir – rescisão – transcender;
- **E** piscicultura – interscessão – convalescença.

51. EFOMM – Assinale a única opção em que se cometeu erro no emprego do hífen:

- **A** A criança era mal-criada por ter sido mal criada pelos pais.
- **B** É uma jovem bem-parecida; aliás, é bem parecida com o irmão.
- **C** O malmequer e o bem-me-quer ornamentam nosso jardim.
- **D** O amor-perfeito simboliza o amor perfeito.
- **E** Ele só trabalha meio dia e começa ao meio-dia.

52. NC-PR – Assinale a única alternativa que apresenta erro de ortografia:

- **A** O mal torna um homem mau e prostra-o vencido na vida.
- **B** Uma frustação nem sempre faz mal; às vezes, é um remédio.
- **C** Uma palmada em um adolescente irresponsável pode gerar tensão.
- **D** O xerife botou o charlatão no xadrez.
- **E** Não hesite! Se não for bem-sucedido uma vez, insista até conseguir.

53. EN – Assinale o item em que todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente por serem proparoxítonos:

- **A** interim – prototipo – garrulo – aerólito;
- **B** necropsia – pegada – aziago – antonomásia;
- **C** misantropo – Madagascar – filantropo – boemia;
- **D** biceps – rubrica – heroico – gratuito;
- **E** impudico – ibero – alopata – fortuito.

54. FESP-RJ – A alternativa em que há erro na grafia de uma das palavras é:

- **A** aridez – agonizar – redenção;
- **B** crueza – visualizar – exceção;
- **C** limpeza – hipnotizar – asserção;
- **D** justeza – cartelizar – pretenção;
- **E** pequenez – sintetizar – extinção.

55. EFOMM – O emprego correto do hífen está na opção:

- **A** sub-chefe;
- **B** ante-ontem;
- **C** sub-reino;
- **D** pre-fácio;
- **E** contra-cheque.

56. EFOMM – Devem ser grafados com "o" e "u", respectivamente, os seguintes vocábulos:

Ⓐ ent_pimento – táb_a;
Ⓑ b_bina – búss_la;
Ⓒ ch_visco – ac_dir;
Ⓓ eng_lir – b_eiro;
Ⓔ c_rtiça – trib_.

57. ESAG – A alternativa em que todas as palavras recebem acento com base na mesma regra de acentuação gráfica é:

Ⓐ está, vá, você;
Ⓑ nível, óbvio, sério;
Ⓒ só, nós, têm;
Ⓓ ardósia, últimos, décadas.

58. FUNDEP – A única afirmativa que contém uma palavra cuja acentuação gráfica <u>não</u> segue a mesma regra das demais é:

Ⓐ amêndoas, névoa, ofício;
Ⓑ espécie, paciência, mágoa;
Ⓒ náufrago, náusea, equinócio;
Ⓓ repugnância, espécie, idílio.

59. FURJ – "...porque aí é merecido."

A acentuação do vocábulo "aí" justifica-se pela mesma regra segundo a qual é acentuada a seguinte palavra do texto:

Ⓐ límpido;
Ⓑ bíblicos;
Ⓒ família;
Ⓓ político;
Ⓔ usufruídas.

60. IPAD – Observe, atentamente, os enunciados abaixo:

1. Para conter a violência no trânsito, DETRANS começam a cassar carteiras do mal motorista.

2. O pessimismo tomou conta dos agentes econômicos, que creem que a riqueza do planeta evaporou.

3. Um programa que tem a pretensão de controlar a dieta calcula a composição dos alimentos ingeridos, o seu número de calorias e aponta eventuais excessos, de acordo com as informações de peso e faixa etária de cada pessoa.

Há palavras grafadas incorretamente em:

Ⓐ 1 e 3 apenas;
Ⓑ 2 e 3;
Ⓒ 2 e 3 apenas;
Ⓓ 3 apenas;
Ⓔ 1 apenas.

61. FJPF – "Pesquisa" é um vocábulo escrito com "s". O vocábulo abaixo que está incorretamente escrito porque também deveria ser grafado com "s" é:

Ⓐ certeza;
Ⓑ deslize;
Ⓒ baliza;
Ⓓ azeite;
Ⓔ análize.

62. FCC – A <u>contemporaneidade</u> das ideias não implica <u>rejeição</u> sumária do que já foi <u>ajuisado</u> no passado, pelo contrário: requer a <u>izenção</u> de julgamento que <u>coíbe</u> os preconceitos e permite <u>analisar</u> com <u>descortínio</u> as teorias de nossos <u>antecessores</u>.

É preciso corrigir a grafia de <u>todas</u> as palavras, sublinhadas do período acima, que constam em:

Ⓐ rejeição – ajuisado – analisar;
Ⓑ contemporaneidade – coíbe – descortínio;
Ⓒ ajuisado – izenção – descortínio;
Ⓓ rejeição – coíbe – antecessores;
Ⓔ contemporaneidade – izenção – analisar.

63. FCC – Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

Ⓐ Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
Ⓑ A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
Ⓒ Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
Ⓓ O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
Ⓔ As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados "programas populares".

64. UPENET – Quanto à justificativa para a acentuação das palavras retiradas do texto, destacadas nas alternativas a seguir, é correto afirmar que:

Ⓐ as palavras "fé", "só", "nós" e "há" são exemplos de monossílabos átonos, por isso são acentuadas;
Ⓑ as palavras "retórica", "sólida" e "técnicas" estão acentuadas como exceção à regra geral de que as proparoxítonas não precisam ser acentuadas;

Ⓒ as palavras “débil”, “razoável” e “fácil” são acentuadas como todas as paroxítonas terminadas em “l”;
Ⓓ as palavras “português”, “conclusões” e “canônico” são, respectivamente, oxítona, paroxítona e proparoxítona e, por isso, são acentuadas;
Ⓔ as palavras “argumento”, “contexto” e “vontade” não são acentuadas porque não têm sílaba tônica.

65. CESGRANRIO – Entre as palavras abaixo, assinale a que segue regra de acentuação distinta das demais:

Ⓐ Mário;
Ⓑ contraditório;
Ⓒ indícios;
Ⓓ raízes;
Ⓔ ingênua.

66. FGV – Assinale a única alternativa em que não há erro gráfico:

Ⓐ cochicho, cesareana, obceno;
Ⓑ aterrizar, sujestão, cangica;
Ⓒ beneficiente, rixa, cabelereiro;
Ⓓ sarjeta, disenteria, baliza.

67. PUC-PR – Assinale a alternativa em que a palavra do texto está corretamente acentuada pelo motivo que também está acentuada a palavra <u>área</u>, ou seja, como palavras que podem ser equiparadas, para efeitos de acentuação, às proparoxítonas, por serem “vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes”:

Ⓐ o monossílabo <u>é</u> do exemplo: “é um campo novo”;
Ⓑ o monossílabo <u>é</u> da frase: “é necessário”;
Ⓒ o substantivo <u>saúde</u> da expressão: “área da saúde”;
Ⓓ a palavra <u>necessário</u> da frase: “é necessário tempo”;
Ⓔ a conjunção <u>Porém</u> do exemplo: “Porém, com a revolução introduzida...”.

68. NCE-UFRJ – No uso do hífen na grafia portuguesa, ensina Evanildo Bechara: “Usa-se o hífen nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica” (*Moderna gramática portuguesa*, p. 75). Essa regra <u>não</u> se aplica, portanto, em:

Ⓐ água-marinha;
Ⓑ segunda-feira;
Ⓒ sub-oficial;
Ⓓ amor-perfeito;
Ⓔ para-choque.

69. NCE-UFRJ – Como se pode ver pelo texto, a palavra relógio é grafada com g. Indique o item a seguir em que ocorre um erro de ortografia, decorrente da troca entre g e j:

- **A** vertigem – gorjeta – majestade;
- **B** gorjeio – angelical – jiló;
- **C** jenipapo – jibóia – gengiva;
- **D** jerimum – lisonjeiro – ultraje;
- **E** mejera – desajeitado – lojista.

70. NCE-UFRJ – Ressuscitar é palavra grafada com sc. A palavra a seguir cuja grafia está equivocada exatamente porque não deve ser grafada com essas letras é:

- **A** viscissitude;
- **B** incandescente;
- **C** néscio;
- **D** fluorescente;
- **E** rescisão.

71. FEC – Assinale a alternativa em que os acentos gráficos justificam-se, respectivamente, pelas mesmas regras que dão cabimento aos usados em "acadêmica", "memória" e "fazê-lo":

- **A** íamos, íeis, avô;
- **B** histórica, púlpito, evitá-la;
- **C** endêmica, evidência, fê-lo;
- **D** heróica, régua, rendê-lo;
- **E** íntimo, cárie, nódoa.

72. FEC – No trecho "não oferecem salários compatíveis para atraí-los...", a forma verbal com pronome enclítico recebeu adequadamente o acento gráfico. Entre as frases abaixo, também com formas verbais com pronomes enclíticos e mesoclíticos, a única incorreta quanto à acentuação gráfica é:

- **A** A escolha dos professores far-se-á pelo critério do desempenho em sala de aula.
- **B** O professor chamou o aluno e resolveu distraí-lo, contando-lhe uma história diferente.
- **C** Questionado sobre a prova, o professor comentou que, assim que tiver terminado a correção, devolvê-la-á.
- **D** O diretor responsabilizou o professor e resolveu puní-lo pelos atos de indisciplina dos alunos.
- **E** O bibliotecário reuniu os livros para pô-los na estante.

73. NCE-UFRJ – A palavra juiz, no singular, não leva acento gráfico, mas na sua forma plural, sim. Isso ocorre porque, no plural:

Ⓐ a vogal i passa a ser tônica;
Ⓑ a vogal i, em hiato, fica sozinha na sílaba;
Ⓒ existe possibilidade de ambiguidade;
Ⓓ há necessidade de acento diferencial;
Ⓔ a vogal i passa a semivogal.

74. NCE-UFRJ – Assinale, nos itens a seguir, aquele em que pelo menos um vocábulo tem erro de grafia:

Ⓐ capixaba – através – granjear;
Ⓑ enxergar – primazia – majestade;
Ⓒ flexa – topázio – pagé;
Ⓓ chuchu – gorjeta – dosel;
Ⓔ piche – classicismo – privilégio.

75. NCE-UFRJ – Excesso é vocábulo grafado com XC. O item abaixo em que há erro porque o vocábulo não deveria ser escrito com esse dígrafo é:

Ⓐ excelente;
Ⓑ exceção;
Ⓒ exceder;
Ⓓ excitar;
Ⓔ rexcisão.

76. CONATEC –Assinale a alternativa que apresenta uma palavra grafada com erro:

Ⓐ framboesa – obesa – franqueza – Veneza;
Ⓑ baronesa – beleza – duquesa – princeza;
Ⓒ cruzeiro – azeite – azáfama – vizinho;
Ⓓ exceção – expectativa – faixa – enxergar.

77. CONATEC – Substitua o pontilhado por Ó ou Oh, conforme convier, e assinale a alternativa correta.

1 – ..... meu amigo, ajude-me.

2 – ..... teremos mais chuva!

3 – ..... rapaz, não faça isso!

4 – ..... Deus, onde estás?

5 – ..... quantas homenagens!

Ⓐ Ó – Ó – Ó – Oh! – Oh!
Ⓑ Ó – Oh! – Oh! – Ó – Oh!
Ⓒ Ó – Ó – Oh! – Oh! – Ó.
Ⓓ Ó – Oh! – Ó – Ó – Oh!

78. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o acento gráfico marca o timbre é:

Ⓐ constrói;
Ⓑ construído;
Ⓒ construíram;
Ⓓ construíste;
Ⓔ construísse.

79. COMVEST – Estão corretamente grafadas todas as palavras do item:

Ⓐ conciente – decedente – impecílio;
Ⓑ concessão – impecilho – exceção;
Ⓒ empecilho – privilégio – exceção;
Ⓓ prescindir – pretenção – previlégio;
Ⓔ néscio – previlégio – conceção.

80. FJPF – O par de palavras abaixo que <u>não</u> se acentua pelo mesmo motivo é:

Ⓐ está – é;
Ⓑ até – olhá-la;
Ⓒ névoa – hálito;
Ⓓ espécie – água;
Ⓔ infância – fêmea.

81. CETRO – Observando a grafia e a acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão <u>corretas</u>:

Ⓐ involucro, rúbrica, jiló, pesquiza, chave;
Ⓑ quiz, enjôo, bambú, geito, xeróx;
Ⓒ mecher, lugarzínho, raínha, estrêla, espectorante;
Ⓓ admirar, advinhar, atrazado, atráz, trás;
Ⓔ xícara, exceção, crisântemo, em cima, beneficente.

82. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que deve ser grafada com hífen é:

Ⓐ supracitado;
Ⓑ subrogar;
Ⓒ neolatina;
Ⓓ antinazista;
Ⓔ subumano.

83. COMVEST – Quanto à acentuação gráfica, estão corretas todas as palavras da alternativa:

Ⓐ raízes – saírdes – dividi-lo;
Ⓑ cairdes – rítmo – pitu;
Ⓒ idéia – caju – perdôou;
Ⓓ perdôo – reunía – táxi;
Ⓔ reúne – caíste – possuí-lo.

84. NCE-UFRJ – Em "De onde vêm as palavras", o termo vêm aparece com acento porque:

Ⓐ é necessário mostrar a diferença com a forma da terceira pessoa do singular;
Ⓑ todo monossílabo tônico terminado em "em" leva acento gráfico;
Ⓒ concorda com seu sujeito "as palavras";
Ⓓ é necessário destacar que sua pronúncia é nasal;
Ⓔ para distinguir o verbo "ver" do verbo "vir".

85. NCE-UFRJ – "...e que se agudizou..."; o item abaixo em que um dos verbos está grafado de forma incorreta é:

Ⓐ paralisar, analisar, deslizar;
Ⓑ enraizar, esquematizar, bisar;
Ⓒ catequizar, enfatizar, alisar;
Ⓓ vaporizar, aburguesar, penalizar;
Ⓔ batisar, colonizar, catalisar.

86. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta grafia correta é:

Ⓐ irrequieto;
Ⓑ previlégio;
Ⓒ desinteria;
Ⓓ curtiça;
Ⓔ chícara.

87. NCE-UFRJ – "Obscenamente" é um vocábulo grafado com "sc". O item a seguir em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:

Ⓐ ressuscitar – ascensão – piscina;
Ⓑ adolescente – discente – indescente;
Ⓒ convalescer – crescer – rescindir;
Ⓓ abscesso – florescente – transcender;
Ⓔ renascença – piscicultura – miscelânea.

88. Fundação Euclides da Cunha – No trecho "O 'modelo do limão' proposto por George Akerlof ajuda a compreender por que os governos não estão dispostos a pagar salários de mercado para bons professores", a palavra sublinhada foi escrita com os elementos separados. Sabendo-se que esta palavra também pode ser escrita com os elementos juntos, ora sem acento gráfico, ora com acento gráfico, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

Ⓐ As autoridades sabiam que havia problemas de salário, mas não conseguiam informar por quê.
Ⓑ Poucos conhecem os reais motivos porque no Brasil se remunera tão mal o professor.
Ⓒ É preciso conhecer o porquê de um problema, antes de buscar-se uma solução.

Ⓓ As secretarias de educação não informam por que o salário dos professores é tão baixo.

Ⓔ O salário dos professores é baixo, porque é ineficiente a política de contratação e avaliação de desempenho.

89. NCE-UFRJ – O item em que o par de palavras <u>não</u> está acentuado em função da mesma regra ortográfica é:

Ⓐ própria – advertências;

Ⓑ farmácia – bactéria;

Ⓒ indústria – cálcio;

Ⓓ importância – raízes;

Ⓔ remédio – circunstância.

90. FEC- Leia com atenção as frases abaixo, observando-as do ponto de vista ortográfico.

I. Com exceção da gasolina, todos os outros derivados do petróleo, importantes para a infra-estrutura do país, tiveram reajustes acima da rigidez atual dos preços.

II. A destituição da presidência passou a ser uma obsessão para uma macissa camada de neossócios, interessados na paralisia da alvissareira diretoria.

III. Vários assessores apresentaram-se espontaneamente para a arguição, entendendo o ato não como uma inquisição, mas como autorreflexão, ou autoanálise.

IV. A delinquência progressiva dos excedentes da exclusão constituem ingente atraso gerador de extensa dissensão da sociedade pós-industrial.

Constata-se que, de acordo com as normas ortográficas em vigor:

Ⓐ estão todas corretas;

Ⓑ estão todas corretas;

Ⓒ estão corretas as frases I e IV;

Ⓓ está correta a frase III;

Ⓔ estão corretas as frases III e IV.

91. FEC – Os acentos gráficos usados nas palavras "repórter", "espírito" e "nós" justificam-se pelas mesmas regras de acentuação que justificam os acentos usados, respectivamente, em:

Ⓐ fórceps, lídimo, rapé;

Ⓑ ímpar, íamos, dó;

Ⓒ fênix, álcool, pé;

Ⓓ balaústre, cadáver, rajá;

Ⓔ néctar, polícia, você.

92. ESAG – Assinale a alternativa cujas palavras destacadas estão grafadas de acordo com o sistema ortográfico oficial da Língua Portuguesa:

Ⓐ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓑ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram anciosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓒ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados atravez da imprensa.

Ⓓ Todo elenco do filme da seção de ontem, sem excessão, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

93. FEC – As palavras "três", "itinerário" e "autônomo" são assinaladas com o acento gráfico em face das mesmas regras que justificam o acento, respectivamente, em:

Ⓐ mês, contrário, caído;

Ⓑ pá, íeis, átimo;

Ⓒ lês, temerário, código;

Ⓓ só, mútuo, ímpar;

Ⓔ véu, início, cômodo.

94. ESAG – Aponte a alternativa gramaticalmente errada:

Ⓐ Na palavra "açúcar" há acento gráfico por ser paroxítono terminada em "r".

Ⓑ Em "frutíferas", "século" e "geográfica" há acento gráfico por serem proparoxítonas.

Ⓒ Nas palavras "Já" e "é" o acento gráfico se justifica por serem oxítonas.

Ⓓ Na palavra "destruído" o acento gráfico se justifica por ser hiato com a segunda vogal tônica em "i" tônico.

95. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à ortografia oficial:

Ⓐ Em novembro de 2004, a discução sobre o aquecimento global tornou-se ainda mais acalorada.

Ⓑ O problema é que nações como o Brasil e a China recuzam-se a reduzir emissões de gases poluentes.

Ⓒ Lei aprovada por unanimidade no Senado dos Estados Unidos transfere para jurisdição federal o caso de Terri Schiavo.

Ⓓ Os americanos afirmam que o acordo vai freiar a economia.

Ⓔ O Corinthians venceu o Palmeiras por 2 a 0 numa partida marcada pelo exceço de faltas e pela tenção.

96. FAPEU – Preencha corretamente as lacunas com uma das expressões sugeridas entre parênteses.

I. Camboriú fica ____ uma hora de carro da capital. (há cerca de, a cerca de, acerca de)

II. Esses funcionários estão ____ de carreira. (enfim, em fim)

III. Fulano de Tal, abaixo ____, requer, com base na lei em vigor, uma certidão negativa de multa. (sobrescrito, subscrito)

IV. Veio à Capital ____ estudar e conseguir emprego. (a fim de, afim de)

V. Estamos, então, de acordo, pois minhas sugestões, como se vê, vão ____ tuas. (ao encontro das, de encontro às)

VI. Errei porque fui ____ assessorado. (mau, mal)

A sequência correta, de cima para baixo, é:

A) há cerca de, em fim, subscrito, afim de, de encontro a, mau;
B) a cerca de, em fim, subscrito, a fim de, ao encontro de, mal;
C) a cerca de, enfim, sobrescrito, afim de, ao encontro de, mau;
D) acerca de, em fim, sobrescrito, a fim de, de encontro a, mal.

97. SENASP – Marque a opção que apresenta palavras que não pertencem à mesma regra de acentuação da Língua Portuguesa (os acentos foram omitidos propositalmente):

A) intemperie – vacuo – nodoa – patria;
B) magoa – calvicie – gloria – serio;
C) radio – zenite – pudico – equivoco;
D) relogio – consorcio – divorcio – alivio;
E) reminiscencia – estagio – estadio – colegio.

98. FGV – Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia das palavras:

A) sanguíneo – bávaro – quinquênio – défice;
B) quinquagésimo – cangica – monje – exceção;
C) ascensão – quinquagésimo – pretenção – extender;
D) berinjela – avaro – íbero – atravéz;
E) paralização – análise – jeito – fúcsia.

99. UECE – Do mesmo modo que "insuportável" e "álcool" são obrigatoriamente acentuadas:

A) acordo, itens, porque;
B) economico, paineis, pesquisara;
C) odio, refens, vírus;
D) renuncia, retifica, sabia.

100. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de "porque", "porquê", "por que", "por quê":

Ⓐ Não saiu por que chovia.
Ⓑ Não sei por que brigamos.
Ⓒ Respondi por quê tinha certeza.
Ⓓ Porque você não correu?

101. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta a série de palavras corretamente grafadas:

I. tóxico, consecusão, mecher, herbívoro;

II. rainha, insuportável, uísque, beringela;

III. substituí-lo, baú, enjôo, readimissão;

IV. ágeis, tatuí, expectativa, analisar;

V. compreensão, rejeição, excêntricas, exceção.

Ⓐ I, II e V.
Ⓑ II e IV.
Ⓒ IV e V.
Ⓓ III, IV e V.
Ⓔ II, IV e V.

102. CONATEC – Complete as lacunas com "ç" ou "ss", conforme o caso:

exce__ão, agre__ão, alcoba__a, adere__o, a__etinado, fraca__o, demi__ão, exce__o, decep__ão, assun__ão.

A seguir, assinale a alternativa correta:

Ⓐ ç – ss – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓑ ç – ç – ç – ss – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓒ c – ss – c – ç – c – ss – ç – ç – ç – ss;
Ⓓ ss – ç – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç.

103. NCE-UFRJ – Nos conjuntos a seguir, aquele(s) que apresenta(m) vocábulos acentuados pela mesma razão ortográfica é(são):

I. intrínseca, espetáculo;

II. aí, medíocre;

III. aliás, até.

Ⓐ I – II.
Ⓑ II – III.
Ⓒ I – III.
Ⓓ I.
Ⓔ II.

104. NCE-UFRJ – Muitas palavras do texto levam acento gráfico: óleo, relógio, lâmpada etc. Em que item a seguir ocorre <u>um erro</u> de acentuação gráfica?

Ⓐ Ínterim – procurá-los-á – protótipo.
Ⓑ Para (verbo) – polo (substantivo) – pôr (verbo).
Ⓒ Crisântemo – estratégia – biquíni.
Ⓓ Álbum – périplo – ravióli.
Ⓔ Benção – leucócito – êxtase.

105. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta forma correta é:

Ⓐ poleiro;
Ⓑ impecilho;
Ⓒ lampeão;
Ⓓ mágua;
Ⓔ cortume.

106. FEPESE – Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da oração apresentada.

Bastante ____, respeitaram as ____ adotadas e tiveram sucesso no ____.

Ⓐ disciplinados – estratéjias – dissídio;
Ⓑ diplinados – estratégias – dissídio;
Ⓒ diciplinados – estratégias – discídio;
Ⓓ disciplinados – estratégias – dissídio.

107. FGV – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com "-ção", "-são" e "-ssão":

Ⓐ permissão, conversão;
Ⓑ obtenção, discussão;
Ⓒ exceção, omissão;
Ⓓ consecussão, ascenção.

108. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de <u>porque</u>, <u>porquê</u>, <u>por que</u>, <u>por quê</u>:

Ⓐ Porquê você estava tão alegre?
Ⓑ Estava alegre por que vencera.
Ⓒ Você estava tão alegre por quê?
Ⓓ Por que amava, estava alegre.

109. FCC – Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

Ⓐ Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.
Ⓑ Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

Ⓒ É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

Ⓓ Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

Ⓔ É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados frustrando assim suas legítimas pretenções.

110. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras da seguinte alternativa:

Ⓐ Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

Ⓑ Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

Ⓒ Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

Ⓓ Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

Ⓔ O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

GABARITO

1. C	15. C	29. E	43. E	57. B	71. C	85. E	99. C
2. C	16. E	30. D	44. D	58. C	72. D	86. A	100. B
3. D	17. D	31. E	45. D	59. E	73. B	87. B	101. C
4. D	18. C	32. D	46. C	60. D	74. C	88. B	102. A
5. D	19. B	33. E	47. B	61. E	75. E	89. D	103. C
6. B	20. B	34. A	48. B	62. C	76. B	90. E	104. E
7. C	21. C	35. E	49. B	63. B	77. D	91. C	105. A
8. D	22. E	36. D	50. E	64. C	78. A	92. A	106. D
9. E	23. A	37. D	51. A	65. D	79. C	93. B	107. D
10. B	24. C	38. A	52. B	66. D	80. A	94. C	108. C
11. A	25. B	39. D	53. A	67. D	81. E	95. C	109. E
12. B	26. A	40. C	54. D	68. C	82. B	96. B	110. B
13. E	27. A	41. E	55. C	69. E	83. E	97. C	
14. A	28. C	42. B	56. D	70. A	84. A	98. A	

Exercícios de Classes Gramaticais

1. FUJB – "Se Governo e Sociedade ____ os projetos atuais e se ____ a criar mais programas para a erradicação do trabalho infantil, certamente ____ o resultado que pretendem."

As lacunas da frase podem ser preenchidas, correta e respectivamente, pela seguinte alternativa é:

- **A** mantiverem – dispuserem – obterão;
- **B** manterem – disporem – obterão;
- **C** manterem – disporem – obteram;
- **D** manter – dispor – obterão;
- **E** manter – dispor – obteram.

2. NCE-UFRJ – Em todos os advérbios terminados em "–mente", a seguir transcritos, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, <u>exceto</u> em:

- **A** predominantemente;
- **B** basicamente;
- **C** negativamente;
- **D** diariamente;
- **E** humanamente.

3. CEPERJ – No segmento "Por que o futebol é o esporte mais amado do planeta?", há o emprego de adjetivo no grau superlativo relativo, o que também ocorre no trecho:

- **A** "...que caracterizam um dos mais coletivos entre os esportes..."
- **B** "...os povos amam principalmente o futebol?"
- **C** "...que atrai mais atenção que as Olimpíadas?"
- **D** "...a oportunidade aparece frequentemente, a qualquer momento..."
- **E** "...um tremendo perna de pau e o baixinho..."

4. **FGV – "Da parte do Brasil, a disposição para o diálogo continuava, não eram necessários terceiros presentes na conversa."**

No trecho acima, "terceiros" e "presentes" classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ numeral e adjetivo;
Ⓑ substantivo e adjetivo;
Ⓒ adjetivo e substantivo;
Ⓓ numeral e substantivo;
Ⓔ adjetivo e adjetivo.

5. **FURB – "Do tipo que não sai de casa sem abrir seu kit de maquiagem infantil e passar batom (no momento, favorece o vermelho), Luana (3 anos) fez a mãe ir de loja em loja atrás de um vestidinho <u>preto</u> para seu aniversário."**

A referência a cores do vestuário envolve, muitas vezes, uma combinação de tonalidades expressas por palavras simples ou compostas. Nas frases a seguir, analise a flexão das palavras em destaque:

1. **Os últimos desfiles comprovam que os estilistas deram preferência às cores cítricas, e roupas <u>amarelas-limões</u> foram as que mais receberam vaias.**
2. **As jaquetas <u>cinza</u> e os casacos <u>pretos</u> foram os itens mais aplaudidos.**
3. **As revistas e jornais especializados em moda destacaram os macacões <u>azul-marinho</u>, em oposição às cores vivas.**
4. **Blusas <u>rosa-choque</u> foram moda há décadas e parecem estar novamente em alta.**
5. **E você, o que acha de roupas <u>azuis-piscinas</u> com detalhes <u>roxos-beringelas</u>?**

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 5;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 1 – 2 – 3;
Ⓓ 3 – 4 – 5;
Ⓔ 1 – 3 – 4.

6. **FURB – "O amar traz à construção de uma família a <u>compreensão</u>, o apoio, a confiança, a liberdade. Eu e minha mulher <u>sempre</u> dizemos que a gente 'se suporta' um ao outro, não no sentido de aturar, mas de 'dar suporte' nas diversas circunstâncias de nossa vida. Para que a construção seja sólida, como uma 'casa sobre a rocha', é preciso o interesse e o perdão. Não se trata de uma atitude leviana e comodista. Perdoar, do latim *per donare* (dar para), é dar alguma coisa a <u>quem</u> precisa. Se alguém me ofende, torna-se meu devedor. Quando o perdoo, a dívida fica quitada. A 'matéria-prima' do perdão é o erro do outro. Porque erramos, Deus nos dá seu perdão. Nesse particular, perdoar se subdivide em**

vários atos, <u>como</u> vontade, generosidade e consciência. Na busca da construção das pessoas a partir do contexto familiar, é <u>importante</u> sempre reconstruir(-se).”

As classes gramaticais a que pertencem as palavras destacadas no texto são, respectivamente:

Ⓐ substantivo – adjetivo – pronome pessoal reto – interjeição – adjetivo;
Ⓑ substantivo – advérbio – pronome relativo – conjunção – adjetivo;
Ⓒ adjetivo – advérbio – adjetivo – advérbio – substantivo;
Ⓓ verbo – advérbio – conjunção – advérbio – substantivo;
Ⓔ substantivo – advérbio – pronome interrogativo – conjunção – adjetivo.

7. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo “–mente”. O advérbio do texto em que isso se pode constatar claramente é:

Ⓐ diferentemente;
Ⓑ repetidamente;
Ⓒ geralmente;
Ⓓ principalmente;
Ⓔ indubitavelmente.

8. FJPF – No trecho “Talvez, apenas, na nunca materializada pandemia de Sars, a ‘pneumonia asiática’, que tirou o sono de muita gente em novembro de 2002 <u>e</u> causou menos de 800 mortes”, a conjunção em negrito está empregada com o mesmo valor relacional que na seguinte passagem de Graciliano Ramos:

Ⓐ “Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina.”
Ⓑ “Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.”
Ⓒ “O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria.”
Ⓓ “Aproximei-me na ponta dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim.”
Ⓔ “Saiu da cadeia e tornou-se um cidadão respeitado.”

9. FEPESE – Leia o texto a seguir:

“No lugar <u>em</u> que <u>atualmente</u> está a <u>Catedral</u> foi erguida uma <u>grande</u> cruz”.

As palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ preposição – adjetivo – substantivo – substantivo;
Ⓑ conjunção – adjetivo – adjetivo – substantivo;
Ⓒ conjunção – advérbio – adjetivo – adjetivo;
Ⓓ preposição – verbo – substantivo – adjetivo;
Ⓔ preposição – advérbio – substantivo – adjetivo.

10. FUMARC – O termo que é um pronome relativo, exceto em:

- Ⓐ "Não é uma tese que se defenda..."
- Ⓑ "Os bandidos sabem que não vão ser pegos..."
- Ⓒ "...e para qualquer país que pretenda algum futuro..."
- Ⓓ "... e não pode usufruir os mínimos direitos que pensa possuir."

11. FUNRIO – Observe o fragmento abaixo e assinale a quantidade de pronomes nele existente:

"De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo".

- Ⓐ 1 pronome indefinido, 2 pronomes demonstrativos, 1 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.
- Ⓑ 2 pronomes demonstrativos, 1 pronome pessoal oblíquo e 2 pronome possessivo.
- Ⓒ 2 pronome demonstrativo, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome possessivo.
- Ⓓ 2 pronomes indefinidos, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome demonstrativo.
- Ⓔ 1 pronome indefinido, 1 pronome demonstrativo, 2 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.

12. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo "-mente". O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

- Ⓐ nacionalmente;
- Ⓑ fascinantemente;
- Ⓒ religiosamente;
- Ⓓ internacionalmente;
- Ⓔ ineficazmente.

13. NCE-UFRJ – "...o homem mais rico do mundo...". Nesse segmento ocorre a presença de um adjetivo ("rico") fora de seu grau normal. A frase a seguir que apresenta o mesmo tipo de variação de grau é:

- Ⓐ Gates é mais rico que Warren Buffett.
- Ⓑ Os americanos são o povo mais filantrópico das Américas.
- Ⓒ A filantropia americana ajuda os mais pobres.
- Ⓓ Nem sempre os mais pobres são os mais necessitados.
- Ⓔ Os americanos são mais ricos do que os peruanos.

14. NCE-UFRJ – A frase a seguir que apresenta um numeral ordinal é:

- **A** O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
- **B** Warren decidiu doar 85% de seus bens.
- **C** Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
- **D** Gates é dono de várias obras-primas.
- **E** Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

15. NCE-UFRJ – "Pessoas <u>como</u> Buffett e Gates, <u>portanto</u>, indicam um caminho para supri-la"; a alternativa que mostra dois conectivos capazes de substituir, respectivamente, de forma correta, os elementos sublinhados é:

- **A** feito – assim;
- **B** conforme – logo;
- **C** que nem – porém;
- **D** assim como – todavia;
- **E** tais – pois.

16. FUMARC – "<u>Se</u> não fosse a presença das câmeras de TV, talvez não <u>se</u> configurasse delírio tão delirante."

Os termos sublinhados são, <u>respectivamente</u>:

- **A** conjunção integrante e parte integrante do verbo;
- **B** conjunção condicional e pronome apassivador;
- **C** conjunção condicional e índice de indeterminação do sujeito;
- **D** índice de indeterminação do sujeito e pronome apassivador.

17. NCE-UFRJ – "...o completo bem-estar...". A forma plural desse segmento é:

- **A** "...os completos bem-estares..."
- **B** "...os completos bem-estar..."
- **C** "...os completos bens-estares..."
- **D** "...os completos bens-estar..."
- **E** "...o completo bem-estar..."

18. FURB – "Filmes baseados em livros não são nenhuma novidade. Em 1939, o clássico *E o vento levou* já fazia sucesso com a adaptação para as telonas da obra <u>homônima</u> de Margareth Mitchell. <u>Contudo</u>, as editoras também parecem se beneficiar da situação inversa. Agora, a tendência são os livros inspirados em longas-metragens. Dos 32 filmes indicados ao Oscar deste ano, nove podem ser levados para a cabeceira da cama. A aproximação entre a literatura e o cinema é ainda <u>mais</u> evidente para o público infantil. <u>Dois</u> dos indicados ao Oscar para melhor animação longa-metragem ganharam sua versão em papel. O livro *Up – altas aventuras*, voltado para crianças, traz histórias em quadrinhos, passatempos e jogos. A história *A princesa e o sapo* também recebeu da Disney uma forma

escrita e ilustrada. [...] Cada vez mais as empresas estão lançando produtos relacionados aos filmes. Quem gosta de uma história, acaba comprando também o livro ou um jogo eletrônico."

As palavras destacadas no texto são, respectivamente:

A adjetivo – conjunção – advérbio – numeral – substantivo;
B advérbio – preposição – adjetivo – verbo – substantivo;
C pronome relativo – preposição – numeral – numeral – adjetivo;
D adjetivo – interjeição – advérbio – verbo – adjetivo;
E adjetivo – preposição – advérbio – numeral – substantivo.

19. NCE-UFRJ – "É caro, difícil e arriscado driblar tais dificuldades..." A alternativa abaixo que mostra o adjetivo sublinhado na forma semelhante à do masculino singular apesar da ausência de um substantivo masculino é:

A "...traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano..."
B "...o segundo homem mais rico do mundo..."
C "...o estágio atual do próprio sistema capitalista..."
D "...é bom que se diga..."
E "O coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."

20. NCE-UFRJ – A alternativa em que a palavra mais tem valor distinto do das demais frases é:

A "...o segundo homem mais rico do mundo..."
B "...em sua forma mais avançada..."
C "...mais pessoas doam a projetos sociais..."
D "...o coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."
E "...o cérebro dos governantes fosse mais ventilado."

21. NCE-UFRJ – Transformações é a forma plural de transformação. O plural abaixo que está errado é:

A corações;
B cidadões;
C vilões;
D vulcões;
E certidões.

22. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que é feminina, ao contrário das demais, é:

A mármore;
B telefonema;
C alface;
D guaraná;
E creme.

23. FJPF – Na passagem "Aparecem assim os atos reflexos, as expressões emocionais de prazer, de desprazer, os reflexos adquiridos ou condicionados", as ocorrências do termo "reflexos" expressam, respectivamente, os seguintes valores:

- **A** adjetivo e substantivo;
- **B** adverbial e adjetivo;
- **C** substantivo e adverbial;
- **D** substantivo e adjetivo;
- **E** adjetivo e adverbial.

24. NCE-UFRJ – "...todo mundo diz que fazem bem, mas ele odeia"; os verbos terminados em "–ear" acrescentam um "i" ao radical nas formas rizotônicas. O item abaixo que mostra uma forma errada do verbo passear é:

- **A** passeiemos;
- **B** passeassem;
- **C** passeávamos;
- **D** passeiem;
- **E** passearás.

25. NCE-UFRJ – "Se ele trabalhar, eu também trabalharei!"; a alternativa que tem uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal equivocada é:

- **A** Se ele for, eu também irei.
- **B** Se ele ver, eu também verei.
- **C** Se ele quiser, eu também quererei.
- **D** Se ele requerer, eu também requererei.
- **E** Se ele couber, eu também caberei.

26. FEPESE – "Quando Pedro foi para a fazenda, encontrou seus amigos com suas respectivas amigas."

Na frase, encontramos:

- **A** uma conjunção e uma preposição;
- **B** uma conjunção e duas preposições;
- **C** uma conjunção e três preposições;
- **D** duas conjunções e uma preposição;
- **E** duas conjunções e duas preposições.

27. FUMARC – "Era o que a repórter queria ouvir." O termo destacado é:

- **A** artigo definido;
- **B** pronome demonstrativo;
- **C** pronome pessoal do caso oblíquo;
- **D** pronome indefinido.

28. FJPF – Quanto à classificação dos pronomes destacados, indique a alternativa correta:

Ⓐ Ele é amigo. (pronome pessoal do caso reto)
Ⓑ Pedro é aquele lavrador de quem falei. (pronome de tratamento)
Ⓒ Meu amigo trabalha na lavoura de cana-de-açúcar. (pronome demonstrativo)
Ⓓ Ninguém disse ao Sr. Lobo a verdade sobre a poluição do rio. (pronome relativo)
Ⓔ Maria ofereceu-lhe flores do seu jardim. (pronome indefinido)

29. CESGRANRIO – Indique a opção em que se encontra a única correspondência incorreta quanto às abreviações.

Ⓐ Vossa Excelência – V. Ex.ª.
Ⓑ Vossa Senhoria – V. S.ª.
Ⓒ Vossa Majestade – S. M.ª.
Ⓓ Vossa Santidade – V.S.
Ⓔ Vossa Magnificência – V.Mag.ª.

30. CESGRANRIO – Considere as frases:

I – Ficarei muito satisfeito se, ao envelhecer, me ____espiritualmente jovem.

II – Os economistas ____ soluções para os problemas financeiros.

As formas verbais que preenchem corretamente as frases acima são:

Ⓐ manter – proporam;
Ⓑ mantiver – propuseram;
Ⓒ mantiver – propuserem;
Ⓓ mantesse – propusessem;
Ⓔ mantivesse – proporam.

31. VUNESP – O grau do adjetivo maior em – "...situação de fragilidade ainda maior." – repete-se em:

Ⓐ A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.
Ⓑ As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.
Ⓒ Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.
Ⓓ O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.
Ⓔ O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

32. VUNESP – Assinale a alternativa em que a flexão verbal está corretamente empregada, de acordo com a norma culta:

Ⓐ Os empresários ficarão contentes quando transporem o obstáculo das altas taxas de juros.
Ⓑ A economia dos países sul-americanos se modernizou sem que a estrutura de renda acompanhou as transformações.

Ⓒ Quando se fazer previsões acerca da situação econômica, deve-se ter em mente as indicações do Banco Mundial.
Ⓓ A polícia interviu na greve dos bancários com hostilidade.
Ⓔ Quando o deputado vir o resultado das eleições, ficará exultante.

33. CESGRANRIO – "...quanto mais alta a pena maior a garantia de punição e menor a disposição ao crime."

A locução conjuntiva presente na passagem transcrita classifica-se como:

Ⓐ consecutiva;
Ⓑ causal;
Ⓒ proporcional;
Ⓓ concessiva;
Ⓔ conformativa.

34. FJG – A palavra grifada em "...os hábitos de 400 <u>crianças</u>..." possui, quanto ao gênero, a mesma classificação de:

Ⓐ cobras;
Ⓑ meninas;
Ⓒ testemunhas;
Ⓓ adolescentes.

35. FJG – O numeral ordinal que corresponde ao cardinal expresso em "...200 adolescentes..." é:

Ⓐ vigésimo;
Ⓑ duodécuplo;
Ⓒ ducentésimo;
Ⓓ dois centésimos.

36. FJG – A forma que corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo grifado em "...um desejo que ajudava a <u>prever</u>..." é:

Ⓐ preveem;
Ⓑ previram;
Ⓒ previam;
Ⓓ prevêm.

37. FJG – Na oração grifada "Profissões desaparecem, <u>outras são criadas</u>." ocorre voz passiva.

Passando-se para voz ativa, obtém-se a oração:

Ⓐ ...criam outras.
Ⓑ ...cria-se outras.
Ⓒ ...criam-se outras.
Ⓓ ...elas criam outras.

38. FJG – As palavras grifadas em "O que é carreira de sucesso <u>hoje</u> pode não ser <u>amanhã</u>" classificam-se como:

- **A** conjunções subordinativas temporais;
- **B** preposições essenciais;
- **C** substantivos comuns;
- **D** advérbios de tempo.

39. FJG – A alternativa em que o pronome <u>se</u> tem valor de reciprocidade é:

- **A** "As diferenças de ótica entre eles se enraízam."
- **B** "...onde a ecologia se estruturou como movimento de opinião..."
- **C** "...não se deve apenas militar em defesa dos direitos do homem..."
- **D** "...três projetos, um reformista, um intermediário, outro revolucionário se defrontam..."

40. FJG – O conector que poderia substituir, de forma adequada ao contexto, a vírgula do segmento "comemoração prévia do futebol de domingo, vitória certa" é:

- **A** pois;
- **B** mas;
- **C** logo;
- **D** embora.

41. FJG – Em "os pobres cavalos selvagens destinados a uma fábrica <u>que os transformaria num precioso produto enlatado</u>", a oração em destaque equivale a um:

- **A** substantivo;
- **B** pronome;
- **C** advérbio;
- **D** adjetivo.

42. FJG – O segmento do texto que <u>não</u> apresenta substantivos ou adjetivos com indicação de grau (aumentativo/diminutivo, comparativo/superlativo) é:

- **A** "O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper..."
- **B** "...máquina funcionando com suas rodinhas ensinadas..."
- **C** "Muitos esquecem mas alguns ainda se lembram..."
- **D** "Todos concordam, ele está ótimo, ou quase."

43. FJG – "Desde que o ato de colecionar deixou de ser restrito a reis e aristocratas, há cinco séculos, é difícil dizer o que ainda não virou coleção."

A locução <u>desde que</u> tem nessa frase do texto valor semântico distinto do que apresenta na seguinte alternativa:

Ⓐ Desde que voltou do exterior, passou a colecionar cartões-postais.
Ⓑ Não mais quis colecionar chaveiros desde que atingira a idade adulta.
Ⓒ Desde que não atrapalhe os estudos, o hábito de colecionar objetos é sadio.
Ⓓ Coleciono retratos de personalidades políticas desde que era apenas um menino.

44. FJPF – Há erro de conjugação verbal em:

Ⓐ Nas intervenções, sempre se apunham comentários maliciosos ao meu depoimento.
Ⓑ Trata-se de uma lei que vigiu na Primeira República e hoje revela-se anacrônica.
Ⓒ Encontrou-se ontem com a pessoa que delatara à polícia há dois meses.
Ⓓ Não se pode admitir que o Direito sobresteja o curso dos fatos sociais.
Ⓔ Disse-me ele que eu às vezes pretiro os limites do bom senso.

45. FJPF – A conjunção destacada no período "E <u>como</u> a produção era feita em massa, havia a necessidade de se formar também uma massa de consumidores" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

Ⓐ ainda que;
Ⓑ à proporção que;
Ⓒ visto que;
Ⓓ desde que;
Ⓔ de modo que.

46. FJPF – A conjunção destacada no período "O meu pai tinha um mal no estômago, tão de ruim <u>que</u> não podia andar" introduz oração que exprime sentido de:

Ⓐ condição;
Ⓑ causa;
Ⓒ consequência;
Ⓓ conformidade;
Ⓔ concessão.

47. FJPF – "Pareceu-me que a atenção <u>fora</u> um bom remédio" (6º parágrafo), para que seja conservado o sentido original do texto e o tempo verbal não seja alterado, o verbo destacado só pode ser substituído por:

Ⓐ seja;
Ⓑ foi;
Ⓒ será;
Ⓓ continua sendo;
Ⓔ havia sido.

48. FJPF – A forma verbal destacada na oração "mas as portas <u>mantiveram-se</u> surdas e nada facultativas", derivada do verbo <u>ter</u>, está corretamente flexionada. Nas frases abaixo também foram usadas formas derivadas do verbo <u>ter</u> e uma delas está <u>incorretamente</u> flexionada. Esta última frase é:

Ⓐ É bom que em dia de ponto facultativo cada um se atenha ao próprio descanso.
Ⓑ Se o vigia não o detesse, João Brandão entraria na repartição.
Ⓒ Como não pôde trabalhar, João Brandão se entreteve a decifrar palavras cruzadas.
Ⓓ Se João Brandão não se contiver, o vigia vai agredi-lo.
Ⓔ Os vigias das repartições retêm todos os que querem trabalhar em dia de ponto facultativo.

49. FJPF – O verbo <u>provir</u> está corretamente flexionado no trecho "...eu diria que a surpresa do resultado <u>provém</u> exatamente do fato de que tais argumentos tenham encontrado recepção tão positiva".

A opção em que esse verbo está flexionado <u>equivocadamente</u> é:

Ⓐ Supomos que a surpresa do resultado provenha exatamente desse fato.
Ⓑ Ninguém acreditou que a surpresa do resultado proviesse tão somente desse fato.
Ⓒ Havia outros fatos, dos quais a surpresa do resultado naturalmente provinha.
Ⓓ A surpresa do resultado tinha provindo não daquele, mas de outro fato.
Ⓔ É certo que a surpresa do resultado proveu não de outro, mas daquele fato.

50. ACEPE – Assinale a alternativa que apresenta o plural dos substantivos "consagração", "chão", "impressão", "irmão", "coração" e "balcão":

Ⓐ consagrações, chões, impressões, irmões, corações, balcãos;
Ⓑ consagrações, chãos, impressãos, irmãos, corações, balcãos;
Ⓒ consagrações, chãos, impressões, irmãos, corações, balcões;
Ⓓ consagrações, chões, impressãos, irmões, corações, balcões;
Ⓔ consagrações, chões, impressões, irmãos, corações, balcãos.

51. COMPERVE – "Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do 'não ter o que dizer'."

Morfologicamente, <u>não ter o que dizer</u> é um bloco semântico que se comporta, no fragmento, como:

Ⓐ locução adverbial;
Ⓑ pronome indefinido;
Ⓒ substantivo;
Ⓓ locução prepositiva.

52. CONSULPLAN – Considere os seguintes enunciados:

I. "... como a última luz na varanda."

II. "E comecei a sentir falta das pequenas brigas..."

III. "Ele a considerava como uma verdadeira companheira."

Os termos grifados são, respectivamente:

Ⓐ artigo, pronome, preposição;
Ⓑ preposição, preposição, pronome;
Ⓒ artigo, artigo, pronome;
Ⓓ artigo, preposição, pronome;
Ⓔ pronome, preposição, artigo.

53. CONSULPLAN – "Não tenho botão na camisa..." A palavra sublinhada na frase faz o plural da mesma forma que, exceto:

Ⓐ anão;
Ⓑ caixão;
Ⓒ limão;
Ⓓ zangão;
Ⓔ alemão.

54. ESAF – Indique o período correto:

Ⓐ Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
Ⓑ Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
Ⓒ Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
Ⓓ Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
Ⓔ Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

55. FEC – Na conversão da voz passiva analítica em passiva pronominal, há erro em:

Ⓐ "os aviões a jato eram desconhecidos" / desconheciam- se os aviões a jato.
Ⓑ "os antibióticos não haviam sido descobertos" / não se havia descoberto os antibióticos.
Ⓒ "quando algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações começaram a ser observadas" / quando se começaram a observar algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações.
Ⓓ "a comunidade já vem sendo ouvida, através de plebiscitos" / já se vem ouvindo a comunidade, através de plebiscitos.
Ⓔ "dentro de algum tempo, essa prática será difundida em todo o mundo" / dentro de algum tempo, essa prática se difundirá em todo o mundo.

56. FEC – No texto flexionam-se corretamente os verbos obter e deter, podendo-se dizer que o mesmo ocorre em todas as alternativas abaixo, com exceção de:

- **A** Se todas as nações detivessem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **B** Quando todas as nações obterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **C** Para que todas as nações obtenham o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **D** Menos nações detinham então o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **E** Para todas as nações deterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.

57. FEC – A alternativa em que todos os nomes flexionam-se em número como cidadão é:

- **A** tabelião – cristão – alemão;
- **B** órgão – escrivão – acórdão;
- **C** cristão – acórdão – órgão;
- **D** escrivão – órgão – tabelião;
- **E** cristão – alemão – acórdão.

58. FEC – "...de ter feito e visto o que fiz e vi." A alternativa que apresenta erro na forma verbal de uma estrutura semelhante a esse segmento do texto é:

- **A** "...de ter reavido e tido o que reavi e tive."
- **B** "...de ter dado e aceito o que dei e aceitei."
- **C** "...de ter mantido e previsto o que mantive e previ."
- **D** "...de ter composto e detido o que compus e detive."
- **E** "...de ter produzido e trazido o que produzi e trouxe."

59. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o par de orações não apresenta transformação da voz verbal:

- **A** "O que eu fiz, nenhum bicho jamais faria." / O que foi feito por mim não teria sido feito por nenhum bicho.
- **B** "O poeta espanhol Federico Garcia Lorca [...] ficou assustado com Nova York." / O poeta espanhol Federico Garcia Lorca foi assustado por Nova York.
- **C** "Enquanto os turistas admiram a qualidade da comida nos magníficos restaurantes... / Enquanto a qualidade da comida é admirada pelos turistas nos magníficos restaurantes.
- **D** "Lorca interpela os que se beneficiam com esse sistema..." / Os que se beneficiam com esse sistema são interpelados por Lorca.
- **E** "Lorca acusa os detentores do poder e da riqueza de camuflarem a dura realidade social..." / Os detentores do poder e da riqueza são acusados por Lorca de camuflarem a realidade social.

60. FUMARC – Indique a alternativa em que há erro de flexão do substantivo:

- **A** A famosa peça *Quebra-nozes* foi pela primeira vez interpretada por bailarinos afro-brasileiros.
- **B** Os guardas-civis tiveram que aceitar os salvos-condutos apresentados pelos prisioneiros.
- **C** Nas escolas-modelo há muitos mapas-múndis para orientar os alunos quando são divulgadas notícias de outros países.
- **D** Os redatores-chefes foram unânimes em afirmar que o espetáculo mais bonito foi o propiciado pelas porta-bandeiras.

61. FCC – O plural das palavras mal-estar e meia-democracia é obtido pelo mesmo procedimento que leva ao plural de:

- **A** mal-assombramento e meia-estação;
- **B** mau-olhado e meia-estação;
- **C** mau-olhado e meio-fio;
- **D** maldizente e meio-pesado;
- **E** mal-assombramento e meio-claro.

62. CESGRANRIO – Entre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:

- **A** guarda-chuvas;
- **B** olhos azuis-turquezas;
- **C** escolas-modelos;
- **D** surdo-mudos;
- **E** pores-dos-sóis.

63. CESGRANRIO – Assinale a opção em que os verbos estão flexionados corretamente, de acordo com a norma culta da língua:

- **A** Se ele se dispor a aceitar o convite, ficarei eternamente grato.
- **B** Quando ele compor uma canção, certamente será uma surpresa.
- **C** Irei à cerimônia de casamento somente se ele vir comigo.
- **D** Quando eu vir o carteiro, pedirei a ele para entrar em contato.
- **E** Vou completar a remessa se ele intervir na arrumação.

64. FJPF – A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:

- **A** "...com a roupa mal passada..." – adjetivo.
- **B** "...não dissessem os colegas que era esposa descuidada." – pronome relativo.
- **C** "começou sub-repticiamente a marcar..." – preposição.
- **D** "...um leve afrouxar-se das pálpebras." – verbo.
- **E** "...só muitos meses..." – advérbio.

65. FJPF – O plural mexilhões corresponde à forma singular mexilhão. A alternativa em que um dos vocábulos tem plural em "-ões" erradamente construído é:

Ⓐ anciões – chorões;
Ⓑ limões – correções;
Ⓒ guardiões – aldeões;
Ⓓ vulcões – corrimões;
Ⓔ escrivões – demolições.

66. FCC – A palavra destacada é um pronome em:

Ⓐ "Ir à praia cedo..."
Ⓑ "...tem uma beleza solene..."
Ⓒ "...olha a mãe que o excita..."
Ⓓ "Ela traz pela primeira vez..."
Ⓔ "...talvez sinta que o mar é bom..."

67. FCC – "...que deve ter dois anos."

A forma que não faz parte da conjugação do verbo ter ou de seus compostos é:

Ⓐ detiveram;
Ⓑ absteve;
Ⓒ contém;
Ⓓ manteu;
Ⓔ contêm.

68. FJG – O plural da expressão "obra lítero-musical" é:

Ⓐ obras lítero-musical;
Ⓑ obras líteros-musical;
Ⓒ obras lítero-musicais;
Ⓓ obras líteros-musicais.

69. FCC – Pertencem à mesma categoria gramatical os termos sublinhados na frase:

Ⓐ Daí a necessidade de criar emprego nas pequenas cidades.
Ⓑ A reforma agrária não poderá ser executada de maneira uniforme.
Ⓒ Não se trata, contudo, de "engessar" a população rural no campo.
Ⓓ Ela não será a mesma nas terras férteis.
Ⓔ A reforma agrária contribuirá para reduzir o ritmo da migração campo-cidade.

70. ACEP – Observe o período: "Os mais pudicos, se se pode aplicar a ideia de pudor a quem vive de tal ofício, os mais pudicos contentam-se em não aparecer na primeira pessoa e transferem a um personagem supostamente imaginário aquilo que eles não têm coragem de contar de si próprios".

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta da classificação dos vocábulos destacados.

Ⓐ conjunção integrante, pronome oblíquo recíproco;
Ⓑ conjunção condicional, pronome oblíquo reflexivo;
Ⓒ conjunção integrante, pronome indeterminador do sujeito;
Ⓓ conjunção condicional, pronome do caso reto;
Ⓔ conjunção condicional, pronome indeterminador do sujeito.

71. VUNESP – Assinale a alternativa em que o tempo verbal está corretamente indicado entre parênteses:

Ⓐ No mundo tudo poderia ser apresentado em generosa amplitude. (futuro do pretérito)
Ⓑ Nada lhe parece mais estúpido e mesquinho que o ideal do trabalhador. (imperativo afirmativo)
Ⓒ Se existisse uma ética do trabalho, a da aventura pode desaparecer. (pretérito mais-que-perfeito)
Ⓓ Dois princípios encarnam-*se* nos tipos do aventureiro e do trabalhador. (imperfeito do subjuntivo)
Ⓔ Só uma ética de trabalho dará valor moral positivo ao trabalho. (pretérito perfeito)

72. VUNESP – Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras com o plural correto:

Ⓐ animalzinhos – caridades – cartãos – amores-perfeito – cristães;
Ⓑ questões – salários-família – pastéis – limões – reais;
Ⓒ feijãos – arranhas-céus – ticos-ticos – pés-de-moleques – açúcares;
Ⓓ corres-corres – abaixos-assinados – cidadões – quarta-feiras – padres-nossos;
Ⓔ degrais – ancestrais – cordãos – decretos-lei – tiques-taques.

73. VUNESP – Assinale a alternativa em que o termo que, em destaque, é pronome relativo:

Ⓐ Espero que todos os convidados cheguem logo.
Ⓑ Não sairei de casa hoje desde que haja necessidade.
Ⓒ Leia este bilhete que recebi ontem.
Ⓓ Venha logo a fim de que o problema seja resolvido.
Ⓔ Hoje a partida será mais difícil que a de ontem.

74. VUNESP – Passando-se a oração – "Os calores intensos provocavam as chuvas" – para a voz passiva analítica, obtém-se:

Ⓐ As chuvas eram provocadas pelos calores intensos.
Ⓑ As chuvas são provocadas pelos calores intensos.
Ⓒ As chuvas foram provocadas pelos calores intensos.
Ⓓ Provocam-se chuvas por causa dos calores intensos.
Ⓔ As chuvas provocaram-se por causa dos calores intensos.

75. FJG – O par de palavras que faz o plural da mesma forma que a palavra "oposição" é:

Ⓐ revolução – demão;
Ⓑ tabelião – órfão;
Ⓒ escrivão – cirurgião;
Ⓓ cidadão – guardião;
Ⓔ anfitrião – fração.

76. FGV – Assinale a alternativa na qual "se" tem a mesma classificação morfológica que na frase: "Não sabemos se ela está em casa".

Ⓐ Eles se viraram para a parede.
Ⓑ Diga-nos se eles já chegaram.
Ⓒ Ele falará se você não falar.
Ⓓ Se ela não for, irei eu

77. FUNDATEC – Observe o texto: "As siglas que nomeiam as estradas têm embutidos códigos que explicam que tipo de rodovia cada uma é".

Sobre as três ocorrências da palavra <u>que</u> no texto, afirma-se que:

I. Em todas as ocorrências, é pronome relativo.

II. Apenas em duas ocorrências, é pronome relativo.

III. Apenas em uma ocorrência, é conjunção integrante.

IV. Apenas em uma ocorrência, é pronome relativo.

Quais estão corretas?

Ⓐ Apenas I e II.
Ⓑ Apenas II e III.
Ⓒ Apenas III e IV
Ⓓ Apenas I, II e III.
Ⓔ Apenas II, III e IV.

78. IPDEP – "...como <u>se</u> vê no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), não consta qualquer medida de proteção ambiental..." A palavra <u>se</u>, no trecho destacado acima, está corretamente classificada na opção:

Ⓐ pronome apassivador;
Ⓑ índice de indeterminação do sujeito;
Ⓒ pronome reflexivo;
Ⓓ conjunção integrante.

79. IPDEP – "...o Brasil é hoje o quinto maior emissor de gases do efeito estufa..." Nesta oração, temos um adjetivo que está no grau:

Ⓐ comparativo de superioridade;
Ⓑ superlativo relativo de superioridade;
Ⓒ superlativo absoluto sintético;
Ⓓ superlativo absoluto analítico.

80. NUCEPE – "Com o respeito, vêm os segredos."

Em que outra frase a palavra sublinhada é forma correta do verbo "vir", empregada adequadamente?

- **A** Se eu vir, falamos pessoalmente.
- **B** Eles veem com certeza, pois têm que cumprir a tarefa.
- **C** Quando vínhamos sempre a encontrávamos de bom humor.
- **D** Antônia quis vim o mais rápido possível.
- **E** O exército estava bem preparado: os inimigos que viesse!

81. NUCEPE – Qual das formas verbais não está no indicativo?

- **A** Permaneça.
- **B** Consegue.
- **C** Será Estendida.
- **D** Assegurarão.
- **E** Começaram.

82. UNIFAP – Para marcar a resposta correta tome como base o trecho:

"Aumentar a oferta de vagas no ensino superior e ampliar as políticas de inclusão e assistência estudantil são objetivos que exigem significativo investimento...".

- **A** Os artigos presentes no trecho foram usados para determinar os termos que referem.
- **B** Não há artigos no trecho em destaque.
- **C** No trecho, os artigos predominantes são os indefinidos já que houve necessidade de indeterminar os termos a que se referem.
- **D** O termo "a" está exercendo a função de preposição, portanto não é artigo.
- **E** Na contração "no" não há presença de artigo.

83. UPENET – Observe os termos sublinhados do trecho a seguir:

"O especialista é um homem que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, e por fim acaba sabendo tudo sobre nada". (George Bernard Shaw)

Sobre eles, é CORRETO afirmar:

- **A** "mais" é palavra variável que indica intensidade.
- **B** "menos" se classifica como palavra invariável que exprime ideia de modalidade.
- **C** "tudo" e "nada" se classificam como termos que se referem a algum antecedente.
- **D** "mais" e "menos" se classificam como palavras invariáveis que encerram ideia de intensidade.
- **E** "menos" exprime ideia de temporalidade, e "nada" se refere a algo declarado anteriormente.

84. UPENET – "Não fumo, não bebo e não cheiro. Só minto um pouco." (Tim Maia)

Os verbos do período acima estão conjugados no tempo presente. Se todos eles fossem conjugados no tempo passado, qual das alternativas abaixo não conteria incorreção?

A Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentia um pouco.
B Não fumarei, não bebo e não cheirarei. Só mentirei um pouco.
C Não fumei, não bebesse e não cheirasse. Só mentirá um pouco.
D Não fumara, não bebera e não cheirará. Só mente um pouco.
E Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentirá um pouco.

85. VUNESP – Assinale a alternativa em que há correta equivalência entre as formas verbais simples e compostas no período:

A eu faria o mesmo / tinha feito o mesmo;
B meu cunhado viajara / haveria viajado;
C eu ainda não gostava de cachorro / tinha gostado;
D todos darão palpite / haveriam dado;
E tivera alguma nobreza / tinha tido.

86. VUNESP – A forma de tratamento empregada está correta em:

A Senhor Presidente da República: se Sua Excelência assim o desejar, convocaremos outra reunião.
B Atendendo a despacho de S. Ex.ª, o Meritíssimo Juiz da 2ª Vara Cível desta Comarca, anexamos a certidão ao processo.
C Propusemos a V. S.ª, o Governador, adiamento da audiência com membros do Sindicato.
D De ordem de V. Em.ª, o novo Senhor Ministro, convidamos todos os funcionários para a solenidade de posse da diretoria do Conselho Nacional de Obras.
E Senhor Chefe de Seção: encaminhamos à consideração de Vossa Excelência pedido para entrar em gozo de férias.

87. FGV – Entre os termos sublinhados das alternativas a seguir, um não exerce papel adjetivo. Assinale-o:

A "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
B "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
C "...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital."
D "Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica."
E "O mate gelado corria sem pressa, e os vizinhos, convidados e imprensa se misturavam para ouvir histórias,..."

88. NCE-UFRJ – A opção em que a palavra em destaque tem a mesma classe de palavra de "as" na frase: "Pesquisas canadenses provaram que crianças que estudaram música precocemente têm desenvolvimento intelectual melhor do que as que não tiveram nenhum contato com ela".

- **A** "Já não é de hoje que os cientistas vêm estudando o fenômeno."
- **B** "Em 1999, uma pesquisa feita no Instituto de Psicologia da USP mostrou..."
- **C** "Que o digam aqueles que aprenderam música desde pequenos."
- **D** "A música é capaz de mudar a frequência..."
- **E** "...está diretamente associada à promoção da saúde, ..."

89. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que o termo destacado não é classificado como conjunção é:

- **A** O aluno contou a piada, mas a professora não riu.
- **B** O aluno contou uma caso para a professora rir.
- **C** A professora ensinou corretamente as conjunções e as preposições.
- **D** A professora não queria que ninguém risse.
- **E** Juquinha não sabia se sua piada iria agradar.

90. FGV – Em "Azar, azar, azar. Povo tão bom que nós somos, fomos arranjar, por exemplo, políticos abomináveis, como às vezes nos parecem ser quase todos eles.", a palavra que deve ser classificada como:

- **A** conjunção integrante;
- **B** conjunção subordinativa;
- **C** preposição;
- **D** pronome relativo;
- **E** partícula de realce.

91. CEPERJ – O plural de "radiação ultravioleta" é:

- **A** radiações ultravioleta;
- **B** radiações ultravioletas;
- **C** radiaçãos ultravioleta;
- **D** radiaçãos ultravioletas;
- **E** as radiação ultravioleta.

92. CEPERJ – As abreviaturas dos pronomes de tratamento usados para ministros de Estado e reitores são, respectivamente:

- **A** Exma e V. Mg^{ci}.
- **B** Exª e V. Mag^{a}.
- **C** Exª e V. Em^{a}.
- **D** Exc^{ia} e V. Rvm^{a}.
- **E** Exc^{ia} e V. S^{a}.

93. CEPERJ – Entre as palavras abaixo, aquela que não apresenta plural metafônico, isto é, aquela cujo plural não determina mudança de timbre da vogal tônica é:

- **A** o idoso;
- **B** o acordo;
- **C** o despojo;
- **D** o reforço;
- **E** o forno.

94. CEPERJ – No segmento "...a razão da dependência dos idosos, isto é, o número de pessoas...", a expressão em destaque denota:

Ⓐ adição;
Ⓑ afirmação;
Ⓒ explicação;
Ⓓ conclusão;
Ⓔ retificação.

95. NCE-UFRJ – A frase que <u>não</u> apresenta qualquer tipo de pronome demonstrativo é:

Ⓐ Ela não é a que eu vi na festa.
Ⓑ Não conheço tal livro.
Ⓒ Gosto mais do primeiro do que deste que agora tenho.
Ⓓ Naqueles tempos bíblicos, todos já nasciam velhos.
Ⓔ O que pensas a respeito dele?

96. CEPERJ – "...vêm carregadas de advertências confusas..." O verbo "vir" está <u>incorretamente</u> flexionado na frase:

Ⓐ Vimos aqui agora consultar um dicionário médico.
Ⓑ É importante virmos sempre aqui consultar um dicionário médico.
Ⓒ Pensavam que viéramos aqui para consultar um dicionário médico.
Ⓓ Viemos hoje, nesse momento, consultar um dicionário médico.
Ⓔ Se viermos à biblioteca amanhã, consultaremos um dicionário médico.

97. FJPF – Considerando-se o emprego do pronome sublinhado no trecho "e os mais atentos ganham terreno repetindo <u>consigo</u> mesmos", pode-se afirmar que está gramaticalmente <u>incorreta</u> a frase:

Ⓐ O professor dirigiu-se ao aluno e disse: "Carlos, quero falar consigo".
Ⓑ Reprovado, o aluno pensava consigo como daria a notícia aos pais.
Ⓒ O professor levava consigo para as aulas sempre o mesmo livro.
Ⓓ O universitário portava consigo a carteira de estudante.
Ⓔ Contar consigo mesmo para resolver os problemas era o que convinha ao universitário.

98. UECE – "Liberdade e democracia são, <u>pois</u>, instâncias inevitáveis e assustadoras..."

É correto afirmar-se sobre o vocábulo "pois" que:

Ⓐ é um pronome e equivale à palavra <u>também</u>;
Ⓑ é uma conjunção e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓒ é um pronome e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓓ é uma conjunção e equivale à palavra <u>também</u>.

99. UECE – A forma "traz" é de um verbo irregular, cujo presente do indicativo se escreve trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem. Também está correta a flexão do verbo:

Ⓐ aguar → agôo, agoas, agoa, aguamos, aguais, agoam;
Ⓑ deter → deti, deteste, deteu, detemos, detestes, deteram;
Ⓒ remediar → remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam;
Ⓓ perder → perdo, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

100. NCE-UFPR – "...publicou uma nota na qual revelava..."; "...época na qual a imprensa da Grã-Bretanha..."; a frase em que o segmento "na qual" deveria ser mais adequadamente substituído por "onde" é:

Ⓐ Morava perto de uma pracinha na qual se reunia com os amigos.
Ⓑ O grupo lia a revista na qual todos confiavam.
Ⓒ Leu a notícia na qual estavam presentes os nomes dos amigos.
Ⓓ As folhas nas quais se encontrava a nota estavam rasgadas.
Ⓔ Aquela era a letra de música na qual se cometiam erros grosseiros.

GABARITO

1. A	16. B	31. E	46. C	61. A	76. B	91. A
2. A	17. A	32. E	47. E	62. A	77. B	92. B
3. A	18. A	33. C	48. B	63. D	78. B	93. B
4. B	19. D	34. C	49. E	64. C	79. B	94. C
5. B	20. C	35. C	50. C	65. E	80. C	95. D
6. B	21. B	36. A	51. C	66. C	81. A	96. D
7. B	22. C	37. A	52. D	67. D	82. A	97. A
8. B	23. A	38. D	53. A	68. C	83. D	98. C
9. E	24. A	39. D	54. E	69. A	84. A	99. C
10. B	25. B	40. A	55. B	70. E	85. E	100. A
11. E	26. B	41. D	56. B	71. A	86. B	
12. C	27. B	42. C	57. C	72. B	87. E	
13. B	28. A	43. C	58. A	73. C	88. C	
14. C	29. C	44. B	59. B	74. A	89. B	
15. E	30. B	45. C	60. C	75. E	90. E	

Exercícios de Estrutura do Vocábulo Formação de Palavras

1. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra <u>inadequação</u> entre cognatos é:

Ⓐ terra – aterrorizar;
Ⓑ lei – legalizar;
Ⓒ acordo – acordar;
Ⓓ temor – atemorizar;
Ⓔ homem – humanizar.

2. UECE – A palavra "reajuste" sofreu os seguintes processos de formação:

Ⓐ ajuste → reajustar → ajustar → reajuste;
Ⓑ justo → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓒ ajuste → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓓ justo → reajustar → ajustar → reajuste.

3. Na palavra <u>erradicar</u> há um valor semântico de "movimento para fora". A palavra abaixo em que se repete esse mesmo valor é:

Ⓐ elipse;
Ⓑ êxodo;
Ⓒ embarcar;
Ⓓ ilegal;
Ⓔ discordar.

4. FJPF – Nos itens abaixo, a primeira palavra, formada por derivação prefixal, compõe um par com outra formada pelo mesmo processo. Possuem significação essencialmente distinta os prefixos das palavras pertencentes ao par:

Ⓐ contramão – antitóxico;
Ⓑ predisposição – antevisão;
Ⓒ irrelevante – desconfortável;
Ⓓ extraconjugais – hipotensão;
Ⓔ imposição – intrometer.

5. **FJPF – O vocábulo abaixo que não traz em seu prefixo a ideia de negação é:**

A "...ou pelo descaso com que são administrados..."
B "...a contraposição entre esse tipo de atividade..."
C "...novas áreas de desmatamento..."
D "...interesses os mais díspares..."

6. **FGV – Na palavra anjinho, o sufixo "-inho" pode denotar feição carinhosa. No português do Brasil, é comum que esse sufixo, dependendo do contexto de seu uso, assuma variadas significações.**

Assinale a alternativa em que o uso do sufixo "-inho" ou sua flexão atribui feição depreciativa à palavra:

A O copo está cheiinho.
B Filha, até quando vai aguentar essa vida de professorinha?
C Vem cá, rapidinho.
D Filhinho, faça isso para sua mãezinha.
E Chegue mais perto, meu bichinho.

7. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha o mesmo sentido que o de imigrante:**

A imberbe;
B imergir;
C incréu;
D iníquo;
E inválido.

8. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha valor distinto do de incompetentes:**

A irrespondível;
B agnósticos;
C ateus;
D incorrer;
E inafiançável.

9. **FUMARC – Em todas as alternativas verifica-se o prefixo "in", ou variantes suas, com valor negativo, exceto em:**

A ilícito;
B invalidar;
C incrimina;
D irrealizável.

10. **FUMARC – O prefixo "des-" tem o mesmo valor semântico, exceto em:**

A Por não haver prosseguido em seus estudos, acabou desabilitando-se para o cargo.
B O fechamento da ferrovia desabasteceu de mercadorias muitas cidades do sertão.

Ⓒ As famílias desabrigadas pelas chuvas foram acomodadas num galpão cedido pela prefeitura.
Ⓓ A revelação da testemunha desnuda o esquema da venda ilegal do medicamento.

11. FUNCAP – Em "...externamos nossos sentimentos para vivê-los mais intensamente" e "Os amores silenciosos podem provocar o choro", as palavras destacadas são formadas, respectivamente, a partir de processos de:

Ⓐ derivação sufixal e composição por justaposição;
Ⓑ composição por justaposição e derivação regressiva;
Ⓒ derivação sufixal e derivação regressiva;
Ⓓ derivação regressiva e derivação parassintética;
Ⓔ derivação parassintética e derivação prefixal.

12. COSEAC-UFF – Observando-se o sufixo da palavra em destaque no trecho "Essa comicidade, ainda eficaz, apesar da dicção lusa, pré-modernista, é temperada pela melancolia", pode-se afirmar que, entre as opções abaixo, aquela em que as três palavras foram formadas por sufixos de mesmo valor significativo e gramatical do sufixo da palavra destacada acima é:

Ⓐ civismo – amplitude – sorveteria;
Ⓑ acidez – contumácia – esquecimento;
Ⓒ vadiagem – passeata – brancura;
Ⓓ grandeza – eficácia – doçura;
Ⓔ folhagem – arvoredo – falácia.

13. NCE-UFRJ – Um dos processos mais comuns de formação de palavras em língua portuguesa é o da sufixação ou derivação sufixal; o item em que figura um vocábulo do texto que não exemplifica esse tipo de formação é:

Ⓐ perigosas – consumidores – informação;
Ⓑ recentemente – sociedade – publicidade;
Ⓒ essencial – responsabilidade – intransferível;
Ⓓ brasileiro – publicitária – regulamentação;
Ⓔ crianças – sentimento – situação.

14. NCE-UFRJ – A palavra que não é formada pelo processo de sufixação é:

Ⓐ acadêmica;
Ⓑ especializações;
Ⓒ flexibilidade;
Ⓓ filminhos;
Ⓔ negócio.

15. NCE-UFRJ – O vocábulo abaixo que difere dos demais quanto ao processo de formação é:

- **A** desalmado;
- **B** enriquecer;
- **C** anoitecer;
- **D** amanhecer;
- **E** alvorecer.

16. NCE-UFRJ – Há vários processos para formar novas palavras. A palavra <u>resistência</u> foi formada por:

- **A** derivação prefixal;
- **B** derivação sufixal;
- **C** derivação parassintética;
- **D** derivação regressiva;
- **E** derivação.

17. FJPF – Considerando-se os processos de formação de palavras em português pelo princípio dos constituintes imediatos, pode-se afirmar que há um caso de sufixação no seguinte substantivo:

- **A** anti-reumático;
- **B** sem-terra;
- **C** encontro;
- **D** contrafé;
- **E** bom-mocismo.

18. FJPF – A alternativa que mostra uma palavra que <u>não</u> foi formada por derivação sufixal é:

- **A** libertação – equívoco;
- **B** sofrimentos – individualidade;
- **C** apresamento – marinha;
- **D** restituição – afirmação;
- **E** pavoroso – tenebroso.

19. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra <u>não</u> tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>saturnianos</u>:

- **A** silencioso;
- **B** investigação;
- **C** expurgou;
- **D** definição;
- **E** rochosos.

20. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>empapuçados</u>:

Ⓐ letreiro;
Ⓑ clientela;
Ⓒ embarcou;
Ⓓ desencantar;
Ⓔ romântico.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>infraestrutura</u>:

Ⓐ nova-iorquina;
Ⓑ paraisópolis;
Ⓒ planejando;
Ⓓ sobreviver;
Ⓔ embora.

22. FGV – A palavra <u>emudecendo</u> foi formada pelo processo de:

Ⓐ composição por aglutinação;
Ⓑ derivação prefixal;
Ⓒ derivação parassintética;
Ⓓ derivação sufixal;
Ⓔ derivação imprópria.

23. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada por derivação parassintética:

Ⓐ outonal;
Ⓑ encampando;
Ⓒ babaquice;
Ⓓ mamoeirão;
Ⓔ ideologia.

24. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>entrevejo</u>:

Ⓐ joalheria;
Ⓑ serenidade;
Ⓒ decodifica;
Ⓓ acompanhando;
Ⓔ perfumadas.

25. CESGRANRIO – Relacione as palavras ao seu respectivo processo de formação.

(I) malsão	**(R) derivação sufixal**
(II) incerto	**(S) derivação prefixal**
(III) envelhecer	**(T) derivação parassintética**
(IV) aceitável	

A relação correta é:

- **A** I – R – III – S, IV – T;
- **B** I – S – II – T – III – R;
- **C** I – T – II – S, III – R;
- **D** II – R – III – T – IV – S;
- **E** II – S – III – T – IV – R.

26. CESGRANRIO – As opções abaixo apresentam uma palavra derivada e a sua origem, exceto uma. Indique-a:

- **A** disponibilizar – disponível;
- **B** simulações – simular;
- **C** incidente – acidente;
- **D** potencial – potência;
- **E** ocorrência – ocorrer.

27. EPCAR – Assinale a alternativa em que a correspondência, quanto à formação de palavras, está incorreta:

- **A** televisão – hibridismo;
- **B** hipótese – derivação prefixal;
- **C** descampado – derivação parassintética;
- **D** semideus – composição por aglutinação.

28. EPCAR – Nas alternativas a seguir apresentaram-se palavras cujos elementos mórficos foram analisados incorretamente, exceto em:

- **A** Fazendo = Faz (radical) – e (vogal temática) – ndo (desinência verbal).
- **B** Vice-presidente = Vice (radical) – presid (radical) – ent (sufixo).
- **C** Senadora = Senador (radical) – a (vogal temática).
- **D** Quiser = Quiser (radical).

29. EPCAR – Assinale a alternativa em que a palavra destacada é formada por derivação regressiva:

- **A** Infelizmente, é um dos principais.
- **B** Com as suas velhacarias, deverás tu...
- **C** De que diabo de jogo estás aí a falar?
- **D** Por que razão não vais só? Poupa-me o desgosto de encarar aquele homem.

30. EPCAR –

I. No vocábulo surradíssimo, observa-se a derivação sufixal.

II. Os vocábulos sorriso, arterial e ironizar são formados por sufixos nominais.

III. Patologia é formado por hibridismo.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

Ⓐ I;
Ⓑ I e II;
Ⓒ II e III;
Ⓓ I, II e III.

31. NCE-UFRJ – Assinale a opção em que há erro na identificação do elemento mórfico grifado:

Ⓐ Alunas: desinência de feminino.
Ⓑ Comprar: radical.
Ⓒ Aluguei: vogal temática.
Ⓓ Pareceram: vogal temática.
Ⓔ Influência: desinência de feminino.

32. FUNDEC – O termo grifado no trecho "preocupados com a saúde ambiental do planeta" apresenta sufixo de significado idêntico ao das palavras abaixo relacionadas, exceto ao da palavra:

Ⓐ mensal;
Ⓑ outonal;
Ⓒ conjugal;
Ⓓ laranjal;
Ⓔ campal.

33. FUNDEC – Dos itens abaixo, aquele em que dos três verbos formam-se substantivos com sufixo idêntico ao usado na formação de carregamento é:

Ⓐ punir – lavar – casar;
Ⓑ desconsiderar – enrubescer – desligar;
Ⓒ ajuizar – descomprometer – afastar;
Ⓓ descumprir – irradiar – desobedecer;
Ⓔ agradecer – passear – totalizar.

34. FUNRIO – O vocábulo "pirataria" é formado por meio de derivação sufixal. A palavra que também se formou por derivação sufixal, é:

Ⓐ secretário;
Ⓑ combate;
Ⓒ desarticulação;
Ⓓ devemos;
Ⓔ narcotráfico.

35. FUNRIO – O vocábulo rancorosamente é formado pelo processo de derivação prefixal e sufixal. A palavra a seguir formada pelo mesmo processo é:

- **A** tradicional;
- **B** choupana;
- **C** desigualdade;
- **D** eletricidade.

36. CEPERJ – Quanto à estrutura mórfica do termo, está correta a análise apresentada na alternativa:

- **A** Desgarradas (garra) = tema.
- **B** Choverá (rá) = desinência número-pessoal.
- **C** Levitante = (ante) = sufixo.
- **D** Estrada (a) = desinência nominal de gênero.
- **E** Terra (terra) = radical.

37. FEC – "É intolerável que cerca de um quinto da população adulta do globo seja ainda analfabeta." O prefixo presente no termo sublinhado tem o mesmo valor semântico do prefixo presente em:

- **A** imperfeito;
- **B** injetável;
- **C** invejoso;
- **D** internacional;
- **E** intrometido.

38. CESGRANRIO – O vocábulo que apresenta um processo de formação de palavras diferente dos demais é:

- **A** piazinho;
- **B** chaleira;
- **C** girassol;
- **D** boleadeira;
- **E** brigão.

39. FJPF – Em "Uma língua de espuma avança até o seu pezinho", o vocábulo sublinhado é um diminutivo de valor afetivo. A alternativa que apresenta um diminutivo de valor intensivo é:

- **A** As ondinhas não atemorizavam o menino.
- **B** O cronista andava com passinhos rápidos.
- **C** Ela levou o menino rapidinho para as ondas.
- **D** Ela trazia o seu menininho com muito cuidado.
- **E** A espuminha das ondas batia nos pés do menino.

40. FCC – "É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação." (Celso Cunha, *Gramática do português pontemporâneo*)

Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:

Ⓐ júri, perjúrio e ajuizar;
Ⓑ consideração, constelação e conspiração;
Ⓒ solitário, dissolução e insólito;
Ⓓ vidente, revisor e convincente;
Ⓔ condução, condizente e irredutível.

41. FCC – São da mesma família (ou seja, têm o mesmo radical) as seguintes palavras:

Ⓐ absorver – proteger – requerer;
Ⓑ sabido – sabem – sapiência;
Ⓒ fluxo – migração – Deslocamento;
Ⓓ região – reforma – redução;
Ⓔ rural – agrícola – fundiário.

42. FCC – O prefixo das palavras "injusto" e "inaceitável" tem sentido equivalente ao dos prefixos de:

Ⓐ corroborar e contradizer;
Ⓑ decrescer e descumprir;
Ⓒ desmentir e refazer;
Ⓓ ante-sala e antinomia;
Ⓔ abdicar e refluir.

43. FJG – O valor semântico do prefixo da palavra ilibada é o mesmo que o da palavra:

Ⓐ inundada;
Ⓑ inserida;
Ⓒ ilação;
Ⓓ inócua;
Ⓔ ilustre.

44. FJG – O prefixo da palavra infelicidade corresponde semanticamente ao de:

Ⓐ ilação;
Ⓑ irrupção;
Ⓒ ilícito;
Ⓓ infixo;
Ⓔ insolação.

45. NUCEPE – Observe o período: "Conhecemos o destino do estuprador Gilson, julgado e condenado pela Lei do Crime".

O processo de formação de palavras que dá origem aos termos sublinhados é:

- A derivação por justaposição;
- B derivação prefixal;
- C composição por aglutinação;
- D composição por justaposição;
- E derivação sufixal.

46. UPENET – Marque a única opção abaixo que não conserva o prefixo in – com o mesmo sentido em que este se apresenta na palavra indesejada:

- A ilegal;
- B irrestrito;
- C impermeável;
- D inativo;
- E imigrar.

47. UPENET – Observe o texto: "Era segunda-feira. O dia estava calmo, um silêncio ensurdecedor foi quebrado pelo canto de um beija-flor que parecia olhá-lo da janela. Perdeu a hora para ir ao colégio, espreguiçou-se e embora estivesse sem vontade de sair da cama, conseguiu".

As palavras destacadas são formadas, respectivamente, através dos seguintes processos:

- A aglutinação – justaposição – aglutinação;
- B justaposição – aglutinação – justaposição;
- C justaposição – justaposição – justaposição;
- D aglutinação – aglutinação – aglutinação;
- E justaposição – justaposição – aglutinação.

48. CEPERJ – Apresentam o mesmo prefixo os vocábulos:

- A associar e abusar;
- B cooperação e competição;
- C desleal e denúncia;
- D combater e contradizer.

49. CEPERJ – O par de palavras que exemplifica um processo de formação de palavras diferente daquele encontrado em "consumir/consumo" é:

- A comprar – compra;
- B processar – processo;
- C usar – uso;
- D descartar – descarte;
- E sentir – sentido.

50. CEPERJ – A palavra “envelhecimento” é formada por:

- Ⓐ derivação prefixal;
- Ⓑ derivação sufixal;
- Ⓒ derivação prefixal e sufixal;
- Ⓓ derivação parassintética;
- Ⓔ composição por aglutinação.

GABARITO

1. A	11. C	21. D	31. E	41. C
2. B	12. D	22. C	32. D	42. B
3. B	13. C	23. B	33. C	43. D
4. D	14. E	24. C	34. A	44. C
5. B	15. E	25. E	35. C	45. E
6. B	16. B	26. C	36. D	46. E
7. B	17. E	27. D	37. A	47. E
8. C	18. A	28. A	38. C	48. B
9. C	19. C	29. E	39. C	49. E
10. D	20. C	30. A	40. D	50. D

Exercícios de Regência Nominal e Verbal

1. CESGRANRIO – Observe as frases abaixo, quanto à regência.

I. O brasileiro prefere atualmente samba do que bolero.

II. Tal atitude implicou na sua demissão.

III. Ele sempre obedecia a ordens superiores.

IV. Assistimos emocionados àquele espetáculo de cores.

Estão corretas:

A somente I e IV;
B somente II e III;
C somente II e IV;
D somente III e IV;
E somente I, II e III.

2. ESAF – A regência verbal está correta na frase da opção:

A Eles preferiam mais música do que cinema.
B Antônio, eu lhe vejo amanhã lá no clube.
C O secretário informou ao candidato o resultado da prova.
D A humanidade aspira dias melhores de existência.
E É preciso seguir ao regulamento.

3. NCE-UFRJ – Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:

A Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
B Os técnicos procederam à análise da documentação.
C Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
D Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
E Não lhe desobedecerei jamais.

4. **FCC – "O mundo está <u>sedento</u> por gasolina e diesel especiais..."**

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

- **A** ...notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
- **B** ...de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
- **C** ...no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
- **D** ...as reservas de gás de Bahia Blanca.
- **E** ...resinas termoplásticas para toda a região.

5. **FEC – Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome "o" menos uma, em que o correto seria o emprego do "lhe". Essa frase está na opção:**

- **A** Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
- **B** Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
- **C** Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
- **D** O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
- **E** A empresa que construiu o computador resolveu doá-lo para um museu.

6. **FESP-RJ – O verbo "partir" é classificado como transitivo direto e indireto em:**

- **A** Eu também gostaria de partir amanhã bem cedo.
- **B** Às vezes dá vontade de descer e partir para a briga.
- **C** Curiosamente, o novo viaduto parecia partir a cidade.
- **D** Ele costuma partir todos os seus ganhos entre os familiares.
- **E** Deve-se ter cuidado para não se partir de falsas afirmações.

7. **NCE-UFJR – Observando-se as normas da língua culta, há inadequação no emprego do pronome pessoal oblíquo na frase:**

- **A** Prevenimos-lhe de que os resultados das pesquisas podem variar muito num curto espaço de tempo.
- **B** A nova descoberta, comunicamo-la a Vossa Senhoria, movidos pelo desejo de contribuir para a ciência.
- **C** Avisamos-lhe que suas pesquisas estão aquém das expectativas.
- **D** A equipe de cientistas obedece-lhe naquilo que for importante para as novas descobertas.
- **E** Aos críticos, os cientistas perdoaram-lhes porque, apesar dos erros de análise, a intenção foi boa.

8. NCE-UFRJ – A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:

- **A** A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
- **B** O ideal por que este grupo luta é atingível.
- **C** O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
- **D** A falha que perdoamos não foi grave.
- **E** O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

9. VUNESP – Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

- **A** Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.
- **B** Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.
- **C** Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.
- **D** Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.
- **E** Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

10. CESGRANRIO – Indique a opção em que somente a palavra "cujo" preenche corretamente a lacuna, de acordo com a norma culta:

- **A** O escritor _____ estilo eu não gosto vai lançar duas obras este ano.
- **B** A empresa _____ o nome foi decidido em assembleia vai ser inaugurada amanhã.
- **C** A professora _____ livro foi reeditado trabalhou em uma universidade estrangeira.
- **D** A universidade _____ vestibular meu filho se preparou fica no centro da cidade.
- **E** O rapaz, o _____ pai encontrei, trabalha na minha empresa.

11. FESP-RJ – Se se levar em conta que "<u>regência verbal é a maneira de um verbo relacionar-se com seus complementos</u>", a resposta adequada às exigências da gramática normativa encontra-se na opção:

- **A** O aluno vai na escola e desaprende a argumentar.
- **B** O aluno respeita quem lhe ensina a viver.
- **C** Alunos aspiram a uma escola de melhor qualidade.
- **D** A escola prefere mais alunos passivos do que contestadores.
- **E** A turma assistiu o torneio mundial de vôlei.

12. NCE-UFRJ – Considerando-se as normas de regência da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:

- **A** Não há quem não aspire a um emprego seguro, com bom salário.
- **B** O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
- **C** Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.

Ⓓ A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
Ⓔ O fim desta é informar a V. Sª sobre as novas regras vigentes na instituição.

13. FJG – Há erro de regência em:

Ⓐ Tive certeza que o homem e o almocreve se tornariam amigos depois do incidente.
Ⓑ Custou ao homem entender o que estava acontecendo.
Ⓒ O homem pagou ao almocreve com uma moeda de prata?
Ⓓ Senti medo de que o homem não respeitasse o almocreve.
Ⓔ Sou favorável a que haja entendimento entre o homem e o almocreve.

14. FUNDEC – A mudança na regência verbal acarreta mudança de sentido em todas as alternativas abaixo, <u>exceto</u>:

Ⓐ Os sequestradores contavam o dinheiro do resgate.
Os sequestradores contavam com o dinheiro do resgate.
Ⓑ Esse comentarista vive falando nos políticos mineiros.
Esse comentarista vive falando aos políticos mineiros.
Ⓒ O juiz decidiu-se pelo encerramento da sessão.
O juiz decidiu-se no encerramento da sessão.
Ⓓ Cientificou os repórteres de que a viagem seria cancelada.
Cientificou aos repórteres que a viagem seria cancelada.

15. VUNESP – O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está <u>correto</u> apenas em:

Ⓐ Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.
Ⓑ Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.
Ⓒ Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.
Ⓓ Já se vislumbra o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.
Ⓔ Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.

16. CESGRANRIO – Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se <u>contraria</u> a norma culta da língua:

Ⓐ É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.
Ⓑ O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.
Ⓒ O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.
Ⓓ Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.
Ⓔ Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.

17. FCC – A frase construída de forma inteiramente correta é:

Ⓐ Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
Ⓑ A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
Ⓒ A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
Ⓓ Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
Ⓔ Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

18. FCC – A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescritiva, no que se refere à regência, é:

Ⓐ Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.
Ⓑ Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.
Ⓒ A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.
Ⓓ Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.
Ⓔ Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

19. FESP-RJ – Ninguém _____ pediu nada, nem _____ ajudou, ninguém _____ julgou e nem_____ condenou por isso.

Os pronomes que completam adequadamente as lacunas da frase acima são, respectivamente:

Ⓐ lhe, lhe, o, o;
Ⓑ lhe, o, lhe, o;
Ⓒ o, lhe, o, lhe;
Ⓓ lhe, o, o, o;
Ⓔ o, lhe, o, o.

20. FEC – Sobre a regência do verbo <u>assistir</u> na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:

Ⓐ está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de <u>ser do direito</u>;
Ⓑ é semelhante à regência do verbo <u>amar</u> em frases como "Deve-se amar ao próximo;
Ⓒ admite a construção passiva, que seria "o início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana";

Ⓓ está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil;

Ⓔ é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

21. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ É preferível de que haja menos autoritarismo.

Ⓑ A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

Ⓒ É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.

Ⓓ É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.

Ⓔ Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

22. CESPE-UnB – Verifique o emprego das formas verbais destacadas nos fragmentos de texto abaixo:

I. "A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão."

II. "Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição."

III. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

IV. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

V. "Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos e os conceitos específicos que não possam ser dispensados."

Em relação à regência verbal, é correto afirmar que, nos fragmentos de texto:

Ⓐ "implica" é transitivo indireto;

Ⓑ "obedece" é transitivo direto;

Ⓒ "comunicar" é intransitivo;

Ⓓ "impõe" é transitivo direto;

Ⓔ "precise" é transitivo indireto.

23. NCE-UFRJ – "...que se preocupassem em medir o tempo..."

Na frase, o uso da preposição "em" se deve à regência do verbo "preocupar-se". Qual das frases a seguir é correta quanto à regência verbal, segundo a norma culta?

Ⓐ Entrou e saiu da sala.

Ⓑ O filme foi assistido pelos alunos no tempo de aula.

Ⓒ Uma boa faculdade era aspirada por todos.

Ⓓ O péssimo resultado implicou um novo concurso.

Ⓔ Assistiu e gostou do filme.

24. ESAF – Aponte o trecho correto quanto à regência:

Ⓐ Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

Ⓑ Em muitas cidades pequenas, no interior do país, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

Ⓒ Como é interesse do país de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

Ⓓ A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

Ⓔ No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

25. NCE-UFRJ – Na frase: "...assistindo a um bom Vasco *x* Flamengo...", o verbo "assistir" necessita da preposição "a", adquirindo, assim, o significado de "presenciar", "observar"; caso não houvesse essa preposição, o mesmo verbo teria o sentido de "auxiliar", "ajudar". O verbo a seguir que varia de sentido conforme a sua regência é:

Ⓐ gostar/gostar de;

Ⓑ amar/amar a;

Ⓒ ver/ver a;

Ⓓ aspirar/aspirar a;

Ⓔ observar/observar a.

26. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> de regência, quanto ao verbo sublinhado, em:

Ⓐ Quem ofende, não <u>perdoa</u>.

Ⓑ Não devemos <u>chamá</u>-lo de herói.

Ⓒ É preciso <u>informar</u>-lhes da nova legislação.

Ⓓ O diretor não queria <u>visar</u> aquele documento.

Ⓔ Os candidatos <u>aspiravam</u> a um cargo mais elevado.

27. NCE-UFRJ – Assinale a frase em que há erro no emprego de "o" ou "lhe":

Ⓐ Mandei-o visitar os pais em Petrópolis.

Ⓑ Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis.

Ⓒ Eu lhe felicitarei pela vitória.

Ⓓ Não lhe assiste o direito de protestar.

Ⓔ A verdade é que eu lhe quero muito bem.

28. FESP-RJ – Há <u>erro</u> no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:

Ⓐ Os cheques <u>que</u> ele visava eram de outra agência.

Ⓑ Os prêmios <u>a que</u> ele aspirava não serão concedidos.

Ⓒ São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
Ⓓ Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
Ⓔ As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

29. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está incorreta em:

Ⓐ O sucesso, quem não o aspira?
Ⓑ Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
Ⓒ Os objetivos a que eles visam são torpes.
Ⓓ Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
Ⓔ Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

30. FUNDEC – Assinale a alternativa incorreta com relação à regência verbal:

Ⓐ Informaram-nos de tudo.
Ⓑ Informaram-na sobre tudo.
Ⓒ Informaram-lhes de tudo.
Ⓓ Informaram-me tudo.

31. CESGRANRIO – Analise as frases abaixo, de acordo com a norma culta da língua:

1. Aquele cidadão aspira a convivências amáveis.
2. O magistrado conferiu àqueles infratores pena capital.
3. Preferimos conduzir o povo à conscientização do que à degradação social.
4. O juiz informou-os de sua resolução.
5. Os parlamentares de cujo apoio reivindicamos mantiveram-se fiéis.
6. Quero muito bem a meus companheiros.

As frases totalmente corretas são:

Ⓐ somente 1 e 2;
Ⓑ somente 1, 3 e 6;
Ⓒ somente 2, 3 e 6;
Ⓓ somente 3, 4 e 5;
Ⓔ somente 1, 2, 4 e 6.

32. FJG – "...que a percebe apenas como meio de ascensão social..."

A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?

Ⓐ Não lhe agrada semelhante profecia?
Ⓑ A resposta do professor não o satisfez.
Ⓒ Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
Ⓓ O poeta assistiu-a nas horas amargas.
Ⓔ Eu lhe lembrarei das datas.

33. FJG – "Quem manda e quem obedece?"

O verbo destacado na frase acima aparece em uma frase gramaticalmente mal construída em:

- **A** É bem difícil definir que princípios devem obedecer os jornalistas.
- **B** São poucos os jornalistas a cujas ideias a opinião pública carioca obedece cegamente.
- **C** Julgam-se mais confiáveis os jornalistas que obedecem ao que a lei determina.
- **D** Dentre tantas convicções, os jornalistas acabam obedecendo àquelas que lhes melhor aparentam.

34. FESP-RJ – A alternativa em que se pode condenar a construção que envolve o pronome relativo é:

- **A** Ligue o rádio para ouvir as canções que gosta.
- **B** Não são poucas as pessoas que visitastes.
- **C** O filme a que assistiremos é imperdível.
- **D** O livro que li está esgotado.

35. NCE-UFRJ – Segundo Celso Cunha, o verbo visar – no sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "pretender" – pode construir-se com objeto indireto ou direto: "visando à noite de gala" ou "visando a noite de gala".

A dupla regência verbal é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:

- **A** Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego.
- **B** Vários municípios aderiram à campanha / a campanha.
- **C** Nem todo mundo consegue recorrer à Justiça no Brasil / a Justiça.
- **D** A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade.
- **E** Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar ao estatuto.

36. NCE-UFRJ – Cometeu-se erro de regência verbal na opção:

- **A** O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
- **B** Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
- **C** Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
- **D** Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
- **E** Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de recorrer.

37. NCE-UFRJ – O item que, no que se refere à regência verbal, está em desacordo com a gramática normativa é:

Ⓐ Aproveitamos para lembrá-lo que essa conduta irregular, segundo a legislação trabalhista vigente, pode acarretar demissão por justa causa.
Ⓑ O fim desta é informar-lhe que seu carnê se encontra disponível em nossa filial de Icaraí.
Ⓒ É estranho não o terem avisado de que as inscrições para o concurso estavam abertas.
Ⓓ Os amigos e parentes preveniram-na do risco que corria.
Ⓔ Diante da preocupação dos membros da outra equipe com aspectos que poderiam ter impacto sobre o sistema ecológico da região, respondemos-lhes que estávamos dispostos a rever tais itens.

38. CESGRANRIO – A regência verbal está correta apenas na opção:

Ⓐ Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
Ⓑ A aprovação que aspiram se concretizará, para um número considerável de candidatos.
Ⓒ Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
Ⓓ O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
Ⓔ Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

39. NCE-UFRJ – A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:

Ⓐ Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
Ⓑ Este é um país de cujo clima de euforia cultural alguns se insurgem.
Ⓒ Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
Ⓓ Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
Ⓔ Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

40. IPAD – No que se refere à regência verbal, assinale a alternativa em que as exigências da gramática normativa foram atendidas:

Ⓐ Cristovam Buarque decidiu escrever textos para defender as ideias de que cria.
Ⓑ Em seus textos, fica claro que Buarque não abdica em nenhuma de suas convicções.
Ⓒ O autor prefere expor suas ideias por meio de textos a ter que expô-las oralmente.
Ⓓ O autor não consentiu com a modificação de suas principais ideias sobre a educação.
Ⓔ Ler os textos não implica necessariamente em aceitar as ideias neles expostas.

41. FGV – Em "Você se lembra do rosto dela naquele instante?", obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido:

A Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
B Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
C Os médicos assistiram o paciente.
D Perdoamos-lhes as dívidas.
E Pagaram-lhe bem.

42. FUVEST – Assinale a alternativa correta quanto à regência:

A A peça que assistimos foi muito boa.
B Estes são os livros que precisamos.
C Esse foi um ponto que todos se esqueceram.
D Guimarães Rosa é o escritor que mais aprecio.
E O ideal que aspiramos é conhecido por todos.

43. FAAP-SP – Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspiro à glória". Tal verbo:

A apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
B embora apresente regências diferentes, tem sentido equivalente nas duas orações;
C poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
D apresenta regência e sentido diferente nas duas orações;
E embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, apresenta regência diferente em cada uma delas.

44. FCC – Quanto a amigos, prefiro João ___ Paulo, ___ quem sinto ___ simpatia.

A a – por – menos;
B do que – por – menos;
C a – para – menos;
D do que – com – menos;
E do que – para – menos.

45. FOC-SP – Assinale a frase onde a regência do verbo <u>assistir</u> está errada:

A Assistimos um belo espetáculo de dança a semana passada.
B Não assisti à missa.
C Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
D O técnico assistiu os jogadores.

46. FCMSC-SP – Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

A João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
B Era a vida a chamar pelo falecido.
C Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
D Chamei pelo colega em voz alta.
E Alguns chamam-no de fiscal.

47. UM-SP – Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

A Ele custará muito para me entender.
B Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
C Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
D O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
E Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

48. UFMG – Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:

A Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
B Você chama isto de molecagem, Zé Lins.
C Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
D De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
E Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

49. PUC-RS – Alguns demonstram verdadeira aversão ___ exames, porque nunca se empenharam o suficiente ___ utilização do tempo ___ dispunham para o estudo.

A com – pela – de que;
B por – com – que;
C a – na – que;
D com – na – que;
E a – na – de que.

50. ITA – Assinale a alternativa correta:

A Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
B Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
C Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
D Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
E Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

51. FUVEST-SP – Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

A Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
B Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
C Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
D Só lhes faltou mandar-me embora de casa.
E Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

52. UM-SP – Assinale a alternativa em que a regência do verbo "proceder" está <u>incorreta</u>:

A As observações do rapaz a respeito do desastre não procedem.
B Nélson e Francisco procedem de família nobre.
C O secretário procedeu à leitura da ata da última reunião.
D Daqui em diante, procederei a gravação de minhas fitas de cromo.
E A função desta equipe é proceder contra os maus elementos.

53. UM-SP – Assinale a letra correspondente à alternativa que completa de forma correta as lacunas do período abaixo:

Posso informar ___ irmãos de Paula ___ esses resultados não querem aludir ___ enfermidade da mãe?

A os – de que – a;
B os – que – à;
C aos – que – à;
D aos – de que – a;
E os – que – a.

54. UM-SP – Assinale a oração que contiver uma impropriedade quanto à regência nominal:

A Meu filho, por que você vive tão alheio às minhas ordens?
B Beto é um rapaz ávido de carinho.
C Sua mãe tem sido muito misericordiosa com suas falhas.
D Ela está ansiosa a ver o filho na Universidade.
E Será que você é um rapaz propenso à Engenharia?

55. FGV – Entre as seguintes frases, uma apresenta erro de regência verbal. Indique-a:

A Rogavam-lhe as amigas que não faltasse à reunião.
B Não se esquecerão nunca de rogarem assim à Divina Majestade.
C Rogamos a todos os brasileiros de que sejam os fiscais do governo na luta contra a corrupção.
D Abraçava-se ao filho alvoroçado, rogando-lhe que esperasse em Deus o salvamento da prima.
E Rogava a todos, desesperadamente, que o levassem à terra onde nascera.

56. UM-SP – Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal:

Ⓐ Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
Ⓑ Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
Ⓒ Bernardo moera com alegria um punhado de milho no salão contíguo à cozinha.
Ⓓ Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
Ⓔ Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

57. FGV – Leia atentamente:

"Refiro-me a esta carta e não aquela que recebi ontem".

Na frase acima, a falta de um acento gráfico indica um erro de:

Ⓐ pontuação;
Ⓑ regência nominal;
Ⓒ regência verbal;
Ⓓ concordância nominal;
Ⓔ concordância pronominal.

58. UM-SP – Aponte a alternativa em que a regência do verbo <u>pagar</u> contraria a norma culta:

Ⓐ Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
Ⓑ O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
Ⓒ Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
Ⓓ O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas do meu hábil esforço.
Ⓔ Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

59. PUC-SP – Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas abaixo:

1. O verso ___ se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

2. O verso ___ trata o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

3. O verso ___ o poeta monta seu poema é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

4. O verso ___ o poeta constrói é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

Ⓐ em que – a que – que – de que;
Ⓑ com que – que – com que – de que;
Ⓒ a que – de que – com que – que;
Ⓓ a que – de que – que – de que;
Ⓔ que – de que – com que – que.

60. ESPCEX – Indique a alternativa com defeito de regência:

Ⓐ Mandei-lhes sair cedo de casa.
Ⓑ Mandei-lhes entregar o que haviam recebido indevidamente.
Ⓒ Mandei-os sair cedo de casa.
Ⓓ Mandei-os entregar o que haviam recebido indevidamente.

61. UFES – A série que completa as frases a seguir está na opção:

1. As eleições ____ me refiro mobilizariam todo o povo brasileiro.
2. Os materiais ____ precisamos estão fechados no armário do laboratório.
3. A rua ____ moro está sendo totalmente asfaltada.
4. O dinheiro ____ eu contava pagar a dívida não me foi enviado.
5. O sofrimento ____ passei deixou-me mais forte.

Ⓐ a que – de que – em que – com que – por que;
Ⓑ de que – a que – em que – com que – de que;
Ⓒ com que – a que – a que – por que – em que;
Ⓓ em que – com que – de que – a que – por que;
Ⓔ a que – de que – com que – por que – em que.

62. EPCAR – <u>Não</u> está correta a construção:

Ⓐ Prefiro mais praticar esporte do que ir a cinema.
Ⓑ Com relação ao prêmio, posso cientificá-lo de que não aspiro a ele.
Ⓒ Todos os estimam e querem felicitá-lo.
Ⓓ Aspiro ao oficialato da Força Aérea Brasileira.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos, porque o estimamos.

63. EPCAR – <u>Não</u> está correta a regência verbal na opção:

Ⓐ O mestre não visava aos bons alunos.
Ⓑ Não desobedeças o regulamento.
Ⓒ Nós o cumprimentamos e o cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓓ Alguém lhe informou que há duas semanas não chove.
Ⓔ Posso informá-lo de que assistiremos a um belo espetáculo.

64. EPCAR – Assinale a frase em que a regência <u>não</u> está correta:

Ⓐ Avisamo-lo de que desistimos da viagem.
Ⓑ Ainda não os cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓒ Informaram-lhe de que o amigo o traiu.
Ⓓ Não desobedeçais a vossos pais.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos.

65. EFOMM – Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

Ⓐ Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.
Ⓑ Prefiro mais as morenas às loiras.
Ⓒ O livro que te referes é célebre.
Ⓓ Por que não mais o obedeces?
Ⓔ A situação que aspiras não enobrece.

66. EN – São corretas as regências verbais em:

Ⓐ É um assunto que sempre faço alusão.
Ⓑ Só leio livros que gosto.
Ⓒ Convivo com pessoas em que posso confiar.
Ⓓ Onde vais com tanta pressa?
Ⓔ Prefere mais os autores nacionais do que os estrangeiros.

67. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a parte destacada <u>não</u> atende às regras da norma culta:

Ⓐ Todos apoiam a luta <u>sem a qual não há justiça</u>.
Ⓑ São válidos os motivos <u>dos quais os ambientalistas se interessam</u>.
Ⓒ Não é certo o sacrifício <u>de quem já é discriminado socialmente</u>.
Ⓓ Solidariedade é sentimento <u>de que toda a humanidade precisa</u>.
Ⓔ É justa a causa <u>pela qual luta o poeta Federico Garcia Lorca</u>.

68. FJPF – Há mau uso do pronome relativo em:

Ⓐ Era eu o a quem vinham referindo-se como mau gestor da coisa pública.
Ⓑ Há sociedades de cujos ditames morais pouco tem ciência o mundo contemporâneo.
Ⓒ É nos fatos sociais, onde está a fonte do Direito, que se buscam os preceitos legais.
Ⓓ Nada quanto se diga aqui poderá contribuir para a construção de uma nova ordem social.
Ⓔ As assembleias de parlamentares, às quais presidi em meu mandato, sempre foram frutíferas.

69. FJPF – Na passagem "Atualmente, os *shoppings centers* concorrem com a televisão e o computador", o verbo "concorrer" está empregado corretamente, do ponto de vista da regência. Das frases abaixo, está <u>incorreta</u> quanto à regência verbal a seguinte:

Ⓐ Os clientes só se interessavam por lojas em liquidação.
Ⓑ Pouco a pouco as pessoas iam se familiarizando com os novos hábitos de consumo.

C O shopping esmerava-se por oferecer o melhor para os consumidores.
D Os comerciantes esforçavam-se de encontrar meios para vender as novas mercadorias.
E No shopping, as pessoas entretinham-se com coisas simples.

70. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro no emprego da preposição, exigida por regência nominal ou verbal:

A Ela ficou indiferente a todo o movimento.
B Seu salário foi equivalente ao de seu amigo.
C Referiu-se a acontecimentos recentes.
D Entregou-se a uma vida devassa.
E Informou a todos de que não viria.

71. NCE-UFRJ – Muitos gramáticos condenam o uso de um mesmo complemento referido a verbos de regência diferente, o que ocorre em:

A ...entrar e sair de casa.
B ...contemplar e pintar a paisagem.
C ...ler e memorizar o telefone.
D ...conhecer e admirar a obra do artista.
E ...precisar e gostar de boas companhias.

72. NCE-UFRJ – A alternativa em que não se deve substituir o complemento verbal sublinhado pelo pronome pessoal "lhe" ou "lhes" é:

A A resposta agradou ao repórter.
B Pensou em perdoar ao adversário.
C Agradeceu a todos os presentes.
D Demos aos recém-chegados as boas-vindas.
E O ministro sempre visou a bons resultados.

73. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma frase correta a respeito da regência do verbo morar é:

A João morava, então, na Rua Santa Clara.
B João morava, então, à Rua Santa Clara.
C João morava, então, a Rua Santa Clara.
D João morava, então, em à Rua Santa Clara.
E João morava, então, em a Rua Santa Clara.

74. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma construção equivocada é:

A São locais de que nunca mais nos esquecemos.
B Li, nas férias, os romances de cujos autores falamos.
C Aqui estão as músicas cujos autores aprecio.

Ⓓ Aqui estão as ideias contra cujos autores me insurgi.
Ⓔ Comprei os livros de que tanto gosto de ler.

75. FJPF – "Este descompasso redunda em digressões." Entre as modificações impostas a essa frase do texto, a que resulta em equívoco gramatical é:

Ⓐ Este descompasso ocasiona em digressões.
Ⓑ Este descompasso resulta em digressões.
Ⓒ Este descompasso acarreta digressões.
Ⓓ Este descompasso implica digressões.

76. FJPF – Das alterações feitas na oração adjetiva do trecho "segundo nossa estatística pessoal, a única a que posso me referir", aquela em que há erro flagrante de regência, pelo emprego inadequado do pronome relativo, é:

Ⓐ ...segundo nossa estatística pessoal, a única por cuja base se pode confiar.
Ⓑ ...segundo nossa estatística pessoal, a única para a qual estava voltada a atenção de todos.
Ⓒ ...segundo nossa estatística pessoal, a única de cujos dados se valeram os técnicos.
Ⓓ ...segundo nossa estatística pessoal, a única sobre a qual foi feita uma referência na imprensa.
Ⓔ ...segundo nossa estatística pessoal, a única com cujos dados estão de acordo os técnicos.

77. FJPF – Em "Outra coisa com que Dona Dondon não se conformava", o verbo <u>conformar-se</u> rege a preposição <u>com</u>. Com a substituição do verbo, passa a haver erro evidente de regência na seguinte alternativa:

Ⓐ Outra coisa a que Dona Dondon não se submetia.
Ⓑ Outra coisa contra que Dona Dondon sempre protestava.
Ⓒ Outra coisa de que Dona Dondon normalmente divergia.
Ⓓ Outra coisa em que Dona Dondon vivia contestando.
Ⓔ Outra coisa sobre que Dona Dondon se recusava a falar.

78. FGV – "Mas, na sua lancinante simetria, o modelo adotado tem propriedades estéticas <u>que sugerem um arranjo divino</u>."

Assinale a alternativa em que, alterando-se a oração grifada no trecho acima, <u>não</u> foi mantida adequação à norma culta da língua:

Ⓐ ...a que nos referimos como um arranjo divino;
Ⓑ ...a que aludimos como um arranjo divino;
Ⓒ ...que nos lembramos como um arranjo divino;
Ⓓ ...que lembram um arranjo divino.

79. CESGRANRIO – No quadro abaixo foram parafraseados trechos do texto, utilizando-se pronomes relativos. Indique a opção em que o pronome está usado de acordo com a norma culta da língua:

	Texto	Reescritura
A	"a frase acima era frequentemente citada por meu pai,..."	"a frase acima de que meu pai frequentemente citava..."
B	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, com resultados negativos..."	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, onde os resultados são negativos..."
C	"Os resultados evidenciaram que os jovens tinham reflexos mais rápidos,..."	"Os resultados evidenciaram que os jovens, cujos os reflexos eram mais rápidos,"
D	"Tal exigência retarda a inclusão de milhares de jovens,"	"Tal exigência retarda de que se incluam..."
E	"Como se trata de um problema complexo, seu equacionamento requer uma profunda mudança..."	"Como se trata de um problema complexo cujo equacionamento requer uma profunda mudança..."

80. FEPESE – Assinale a alternativa em que as duas frases estão <u>corretas</u> quanto à regência verbal:

A 1. Os amigos assistiram ao concerto de que você tanto gostou.
2. Esta é a foto a que me referi dias atrás.

B 1. Por ser orgulhoso, preferiu declarar falida a firma do que aceitar qualquer ajuda.
2. Ele agia discretamente sempre visando lucros imediatos.

C 1. Assiste ao trabalhador o direito de férias.
2. Eles lhe proibiram de participar da passeata.

D 1. Naquele ambiente, aspirava-se a um ar carregado.
2. Perdoei-lhe as ofensas dirigidas contra a minha integridade moral e ética.

E 1. Paguei todos os valores devidos
2. Esperava, ansioso, que se procedesse o sorteio

81. FCC – Na frase "Preferimos confiar e acreditar <u>nas coisas</u>...", a expressão sublinhada complementa corretamente, ao mesmo tempo, dois verbos que têm a mesma regência: <u>confiar em</u>, <u>acreditar em</u>. Do mesmo modo está também correta a seguinte construção:

A Preferimos nos desviar e evitar as coisas.
B Preferimos nos contrapor e resistir às coisas.
C Preferimos ignorar e desconfiar das coisas.
D Preferimos subestimar e descuidar das coisas.
E Preferimos não suspeitar e negligenciar as coisas.

82. FCC – Ambos os elementos sublinhados estão empregados de modo correto na frase:

Ⓐ Quando penso em fazer algo de que ninguém tenha ainda experimentado, arrisco-me a colher as desventuras com que me alertaram meus pais.

Ⓑ A autoridade dos pais, pela qual os adolescentes costumam se esquivar, não deve ser imposta aos jovens, cuja a reação tende a ser mais e mais libertária.

Ⓒ Nas sociedades mais antigas, em cujas venerava-se a sabedoria dos ancestrais, não se manifestava qualquer repulsa com os valores tradicionais.

Ⓓ Os pais experientes, a cujas recomendações o adolescente não costuma estar atento, não devem esmorecer diante das reações rebeldes.

Ⓔ A autoridade da experiência, na qual os pais julgam estar imbuídos, costuma mobilizar os filhos em buscar seu próprio caminho.

83. UFSC – Lendo com atenção as proposições abaixo, assinale a opção que preencha, sequencialmente, as lacunas, de forma correta:

I. Este é o livro _____ me referi.

II. As provas _____ faço referência, explicá-las-ei mais tarde.

III. O revólver _____ matou o vizinho foi encontrado no jardim.

IV. Vi ontem, na praia, um amigo de infância, _____ nome não me lembro.

V. Gostamos de rever a casa _____ vivemos nossa infância.

Ⓐ ao qual – das quais – com cujo – do qual – em que;

Ⓑ a que – às quais – com o qual – de cujo – na qual;

Ⓒ que – de que – com que – a que – na qual;

Ⓓ de cujo – as quais – o qual – de que o – em cuja.

84. UFSC – Assinale a opção em que ocorre erro de regência:

Ⓐ Prometeu amar-lhe para sempre.

Ⓑ Atendi-o prontamente na sala contígua ao meu gabinete.

Ⓒ Se aspiras a um cargo, conquista-o com teu esforço.

Ⓓ Aludiram a incidentes de que ninguém mais se lembrava.

85. FCC – A expressão com o que completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ A avaliação do que seja ou não uma discriminação racista é um desses casos polêmicos ___ é difícil haver unanimidade.

Ⓑ A iniciativa de se fotografar os candidatos faz parte de um sistema ___ muita gente já manifestou discordância.

Ⓒ O sistema de cotas raciais, ___ se analisou neste texto, vem dividindo a opinião pública.

Ⓓ O sistema anunciado pela UnB, ___ critério é repelido pela *Folha*, é tido como racista e inconsistente.

Ⓔ A UnB já anunciou seu sistema de identificação racial, ___ nem mesmo alguns interessados na questão chegam a concordar.

86. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ Os vilões de Shakespeare, cujas falas incomodavam o público, por vezes mereciam deste violentos revides.

Ⓑ Intervenções do público ameaçavam comprometer a trama, aonde seus fios eram expostos aos gritos por um espectador mais afoito.

Ⓒ Esta é uma peça cujos os atores optaram por estabelecer um desempenho interativo, contando com o máximo interesse do público.

Ⓓ O temor do autor do texto deve-se à possibilidade que ele venha a ser levado à força ao palco.

Ⓔ Ao tempo de Shakespeare, em cujo as peças eram levadas diante de um grande público, eram comuns as réplicas do auditório.

87. FCC – Na frase "Admite-se uma cesta de bens e serviços à qual todo mundo deveria ter acesso", o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído, sem prejuízo de sentido, por:

Ⓐ ...a que todos deveriam ser acessíveis.

Ⓑ ...para a qual todo mundo estaria disponível.

Ⓒ ...cujo alcance fosse possível a todos.

Ⓓ ...de cuja todos pudessem ter acesso.

Ⓔ ...pela qual todo mundo poderia contar.

88. FUNDEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das sentenças abaixo:

I. O oficial listou os nomes de alguns dos colaboradores ___ donativos sustentavam a instituição.

II. A faculdade, ___ professores se refere o relatório, tem condições físicas adequadas e pode funcionar normalmente.

III. A aludida casa, ___ porão foram encontrados os corpos, pertencia a um industrial finlandês.

Ⓐ por cujos – cujos – sob cujo;

Ⓑ cujos – a cujos – em cujo;

Ⓒ com cujos – a cujos – de cujo;

Ⓓ cujos os – cujos – cujo o.

89. ACCESS – A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está incorreta em:

Ⓐ A empresa recebe os incentivos.
A empresa recebe-os.

Ⓑ O governo deu prioridade às questões ecológicas.
O governo deu prioridade a elas.

Ⓒ Eles destacaram o problema do desemprego.
Eles destacaram-no.

Ⓓ As autoridades do governo não queriam nenhuma discussão.
As autoridades do governo não lhe queriam.

Ⓔ O país não quis realizar políticas compensatórias.
O país não quis realizá-las.

90. ACCESS – A lacuna da frase "Fui visitar o lugar _____ nasci" só pode ser preenchida, corretamente, por:

Ⓐ do qual;
Ⓑ no qual;
Ⓒ o qual;
Ⓓ na qual;
Ⓔ que.

91. ESAF – Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal:

Ⓐ Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
Ⓑ Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
Ⓒ Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
Ⓓ Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
Ⓔ Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

92. ESAF – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência:

Ⓐ Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
Ⓑ O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
Ⓒ Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
Ⓓ O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se "Deus e o Diabo na Terra do Sol".
Ⓔ José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

93. NCE-UFRJ – O pronome <u>lhe</u> está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

Ⓐ O instinto lhe diz ser essa a causa da discórdia.
Ⓑ O cavaleiro estava aborrecido com o camponês, pelo medo que este lhe havia causado.
Ⓒ O patrão respondeu-lhe que podia estar descansada.
Ⓓ Fora ele mesmo quem lhe criara condições para chegar àquele ponto.
Ⓔ Os amigos lhe esperavam para iniciar o passeio.

94. NCE-UFRJ – A frase em que a regência do verbo não está de acordo com a norma gramatical é:

- **A** "A prova de conhecimento será realizada de acordo com o disposto no inciso III do artigo 11, obedecido o seguinte:" (trecho de um regulamento).
- **B** Avisamo-lo de que poderia haver algumas desistências de última hora.
- **C** Eduardo esqueceu os disquetes.
- **D** Informamos-lhe de que o candidato da oposição renunciara à candidatura.
- **E** Os estudantes costumam assistir às defesas de tese.

95. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a que contém erro de regência verbal é:

- **A** Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
- **B** Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
- **C** A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até a demissão por justa causa.
- **D** Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional.
- **E** Procedeu-se à leitura dos autos.

96. FCC – É preciso ___ função de bibliotecário.

Assinale a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente a lacuna da frase:

- **A** desobrigar-lhe a;
- **B** desobrigá-lo da;
- **C** desobrigá-lo à;
- **D** desobrigar-lhe à;
- **E** desobrigar-lhe da.

97. VUNESP – Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo está de acordo com o padrão culto da língua:

- **A** O pai ou responsável adquire o plano e coloca a criança como sua beneficiária. Quando o jovem completar vinte e um anos, transfere-o o plano.
- **B** O Presidente definiu a sua próxima viagem ao exterior e os especialistas que lhe assessoram já preparam a agenda de entrevistas.
- **C** Talvez a grande meta da educação no próximo milênio venha a ser a formação de profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, desenvolvam ideias que os garantam uma visão generalista do mundo.
- **D** Espera-se que os franceses, com toda a diplomacia que lhes é inerente, recebam bem os estrangeiros que assistirão à Copa.
- **E** Ao longo dos últimos anos, o Brasil superou problemas e equívocos que lhe colocavam à margem da modernidade.

98. FUJB – No segmento "...combate a estas nefastas práticas...", a preposição a foi empregada por necessidade de regência do termo "combate". A alternativa abaixo em que a preposição foi empregada de forma incorreta é:

Ⓐ Selecione o trabalho de que mais gosta.
Ⓑ Escolha o filme a que pretende assistir.
Ⓒ Mencione a rua a que reside.
Ⓓ Mostre-me a pesquisa por que se interessou.
Ⓔ Declame a poesia que mais goste de ler.

99. FUJB – Das alterações feitas na redação da frase "...grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram...", aquela em que o emprego do pronome relativo está em desacordo com as normas de regência prescritas na língua culta é:

Ⓐ "...grandes trabalhos e infortúnios que me incomodaram..."
Ⓑ "...grandes trabalhos e infortúnios pelos quais passei..."
Ⓒ "...grandes trabalhos e infortúnios com que convivi..."
Ⓓ "...grandes trabalhos e infortúnios de que nunca esqueci..."
Ⓔ "...grandes trabalhos e infortúnios sobre os quais falei..."

100. FUJB – "O leitor ideal ___ alude o autor deverá dar asas ___ sua imaginação, criando uma obra ___ possa orgulhar-se."

As formas que completam a frase, preenchendo corretamente as lacunas, são:

Ⓐ para que – a – sobre que;
Ⓑ a que – a – com que;
Ⓒ de que – à – que;
Ⓓ para o qual – a – de que;
Ⓔ a que – a – de que.

101. COSEAC-UFF – A alternativa em que a substituição do verbo em destaque no trecho: "...então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se" dá origem a erro de regência verbal é:

Ⓐ ...então sabemos exatamente com o que cada qual pode contar para curar-se.
Ⓑ ...então sabemos exatamente no que cada qual pode se apoiar para curar-se.
Ⓒ ...então sabemos exatamente ao que cada qual deve recorrer para curar-se.
Ⓓ ...então sabemos exatamente pelo que cada qual deve exigir para curar-se.
Ⓔ ...então sabemos exatamente contra o que cada qual deve espernear para curar-se.

102. FUNRIO – Marque a alternativa em que o uso da preposição atende às exigências da norma padrão da língua escrita brasileira:

Ⓐ O estagiário aspirava uma efetivação no cargo em que se exercitava.
Ⓑ Em geral, o trabalhador jamais esquece do seu primeiro patrão.
Ⓒ A família sentou-se na mesa para festejar as festas de fim de ano.

Ⓓ O grupo de trabalho visava ao sucesso da empreitada, pois muito se esforçara para isso.
Ⓔ O sucesso individual implica na total dedicação ao que se pretende atingir.

103. COSEAC-UFF – Das alterações feitas na oração adjetiva do período "Vários elementos vieram à luz cuja importância não pôde ser captada", aquela que contraria norma de regência culta da língua é:

Ⓐ ...em cuja importância todos estavam descrentes.
Ⓑ ...dos quais a importância era tratada como caso definitivo.
Ⓒ ...a respeito de cuja importância houve unanimidade.
Ⓓ ...de cuja importância não se podia duvidar.
Ⓔ ...à importância dos quais não se pôde aferir.

104. COSEAC-UFF – Considerando-se que a regência de um verbo varia de acordo com o contexto em que está empregado, pode-se afirmar que no trecho "...só lhes paga 10% dos primeiros 5.000 livros vendidos", o verbo destacado apresenta regência idêntica à do verbo destacado na frase:

Ⓐ Não obstante os avisos que recebeu, o escritor desobedeceu às regras de mercado.
Ⓑ Na prestação de contas, o editor informou ao escritor que ocorrera um erro de cálculo relativo ao número de livros vendidos.
Ⓒ Embora constituísse uma tecnologia revolucionária, a novidade do *e-book* não agradou a todos.
Ⓓ A humanidade está assistindo à inauguração de uma nova era na área de editoração de livros: o livro eletrônico.
Ⓔ Afogado em seus afazeres, o leitor ainda não teve tempo de desfrutar o mais recente título eletrônico da nova editora.

105. COSEAC-UFF – Leia com atenção as frases a seguir:

I. O especialista encaminhou ____ jovens ____ serviço de psicoterapia.
II. Aqueles adolescentes em tratamento têm obedecido ____ terapeutas.
III. A terapeuta recomendou ____ pais ____ acompanhamento psicológico dos filhos.

Considerando-se as normas da língua culta quanto à regência verbal, pode-se afirmar que, para o correto preenchimento das lacunas acima, têm de ser usadas, respectivamente, as formas da opção:

Ⓐ os – ao / aos / aos – o;
Ⓑ aos – ao / os / a – ao;
Ⓒ os – ao / aos / os – a;
Ⓓ a – o / a / os – ao;
Ⓔ aos – o / a / os – o.

106. COSEAC-UFF – Observe as frases a seguir:

I. A equipe procedeu o recolhimento de histórias para o livro.

II. A falta de água obriga populações inteiras a comprar água por altos preços.

III. Grande parte da população mundial se ressente contra a escassez de água.

Do ponto de vista da regência verbal, considerando-se o emprego recomendado pela norma culta, pode-se afirmar que apenas:

Ⓐ a frase I está correta;
Ⓑ as frases I e II estão corretas;
Ⓒ a frase II está correta;
Ⓓ a frase III está correta;
Ⓔ as frases I e III estão corretas.

107. FUNRIO – A frase que apresenta <u>erro</u> quanto à sintaxe de regência é:

Ⓐ Falta de atenção implica em erros.
Ⓑ Prefiro ler a ver televisão.
Ⓒ Assistimos a uma partida emocionante.
Ⓓ Todos visam a uma vida tranquila.
Ⓔ Perdoou ao filho a desobediência.

108. VUNESP – Assinale a alternativa em que o verbo <u>haver</u> tem a mesma regência que aparece em "Não há nada mais insólito do que um filme sem música: ...".

Ⓐ Hão de existir políticos mais honestos.
Ⓑ Napoleão havia terminado os preparativos para sua coroação.
Ⓒ Há de haver algum emprego para mim.
Ⓓ Os celtas podem haver construído esta muralha.
Ⓔ Os músicos houveram por bem fazer novo ensaio.

109. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à regência nominal das frases:

Ⓐ Seu ponto de vista sobre o projeto é oposto com aquele da diretoria da empresa.
Ⓑ Sempre imbuído de bom humor, Sílvio contagia nosso ambiente de trabalho.
Ⓒ Verdadeiras amizades são inerentes com um ser humano.
Ⓓ As secretárias ficaram descontentes no que aconteceu na reunião.
Ⓔ Todos a veem com reservas, pois ela é perita de fazer comentários maldosos.

110. NCE-UFRJ – A alternativa em que o pronome <u>lhe</u> está mal empregado é:

Ⓐ Só lhe comuniquei de minha decisão ontem.
Ⓑ Não lhe desejo mal.
Ⓒ Deste ator só lhe conhecia a foto.
Ⓓ Vou apresentar-lhe meu amigo.
Ⓔ Atribuímos-lhe uma atitude negativa.

111. FEC – Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

- **A** Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas, quase sempre, depois que...
- **B** Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
- **C** A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
- **D** A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
- **E** A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

112. FEC – O que ocorre com o verbo "esquecer" que admite dupla regência ("nos esquecemos que" / "nos esquecemos de que"), ocorre igualmente com todos os verbos da oração principal das frases seguintes, com exceção apenas daquele que se lê na alternativa:

- **A** O governo insiste que / em que a reforma é urgente.
- **B** Ele consente que / em que se adotem medidas de emergência.
- **C** O prefeito avisou a população que / de que o perigo era iminente.
- **D** Eu penso que / de que o Brasil está no caminho certo.
- **E** Ela só se lembrava que / de que ainda não recebera a pensão.

113. FEC – Verbos como suspeitar ou duvidar, quando complementados por oração, podem reger ou não a preposição de. Assim, por exemplo, "Suspeita-se que [ou de que] uma diarreia intermitente tenha contribuído para os delírios do grande almirante Cristóvão Colombo, que ultimamente deu até para duvidar que [ou de que] o mundo é redondo". O emprego dessa preposição, no entanto, é inaceitável em:

- **A** Penso [de] que o país deve aumentar a oferta de empregos.
- **B** Ela lembrou-me [de] que era uma senhora de sociedade.
- **C** Gostaria [de] que o nomeassem para o cargo.
- **D** Eles me informaram [de] que a operação havia sido um sucesso.
- **E** Devo preveni-lo [de] que não comparecerei à reunião.

114. FEC – Na frase "Se a atividade administrativa se traduz em atos de vontade que não visam a produzir tais efeitos temos um fato administrativo", o verbo visar está corretamente empregado, do ponto de vista da regência. Conhecendo-se a variada regência desse verbo, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

- **A** Não se visa aqui ao enriquecimento sem causa mediante contratos escusos.
- **B** Somente visamos aos canhotos cujos cheques já haviam sido descontados.
- **C** Visava ao reconhecimento público de seu esforço em trabalhar pelo bem comum.

Ⓓ Com esta lei, o Estado visa à implementação de regras mais justas para contratar com o cidadão comum.

Ⓔ Tanto visamos à conquista desse prêmio, que agora nos sentimos recompensados.

115. FUNRIO – Na nomenclatura gramatical, "regência", em sentido amplo, equivale à subordinação em geral. Em sentido restrito, e mais habitual, designa a subordinação peculiar de certas estruturas a palavras que as requerem ou preveem na sua significação ou em seus traços semânticos. (Antenor Nascentes, *Dicionário de regência verbal*, 1998)

Identifique a alternativa que contém uma regência apontada como <u>inadequada</u> segundo as normas da língua padrão:

Ⓐ Trouxemos-lhe alguns lindos docinhos preparados com todo o carinho por tia Anastácia.

Ⓑ Geralmente as pessoas sensatas preferem ficar em casa à noite a sair desacompanhadas.

Ⓒ Os servidores que moram nas ruas citadas pela Defesa Civil devem desocupar suas casas.

Ⓓ Ninguém queria responder pelo expediente da firma naquele fim de semana natalino.

Ⓔ Muitos eleitores custaram a acreditar que ele seria novamente candidato a prefeito de São Paulo.

116. FEC – No trecho "...com perfume de madressilva e de junquilhos...", a regência nominal está de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não se pode afirmar, porém, de uma das alternativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Aquelas pessoas não foram agradáveis ao convívio.

Ⓑ Todos os temas eram incompatíveis aos assuntos abordados.

Ⓒ Paulo será bacharel em Direito.

Ⓓ Pareceram desleais aos primos.

Ⓔ Assemelhava-se a uma colina fértil de vegetação.

117. FEC – Em "Clarissa olha para as páginas da revista, ...", a regência verbal está correta. Assinale a opção em que a regência verbal <u>infringiu</u> as normas gramaticais vigentes:

Ⓐ As propostas sobre que decidimos serão divulgadas amanhã.

Ⓑ São estes os profissionais em que confio.

Ⓒ Não são eles os livros de que mais gosto.

Ⓓ Foi esta a causa porque lutei a vida inteira.

Ⓔ Foram todos eles os cidadãos com que simpatizei.

118. FURB – Complete as lacunas, obedecendo às normas da regência verbal:

1. Ele dizia que a caneta _____ escreveu havia sido do Imperador do Japão.

2. As poesias _____ falei foram escritas pelo poeta que este ano recebeu um prêmio internacional.

3. Não sei mais quem é o autor da frase _____ ele se referiu no discurso que foi tão elogiado por todos os presentes à cerimônia.

4. Finalmente encontrei o nome da rua _____ bairro tu moras.

5. Pretendo ir ainda este ano à cidadezinha _____ nasci.

Assinale a alternativa cujas palavras completam, na sequência, as lacunas:

Ⓐ que – de que – a que – cujo – que;
Ⓑ com que – das quais – a que – em cujo – onde;
Ⓒ com que – que – a que – cujo qual – onde;
Ⓓ com a qual – de que – que – do qual – onde;
Ⓔ que – cujas – as quais – do cujo – na cuja.

119. FURB – "Tem certos dias em que eu penso em minha gente / E sinto assim todo o meu peito se apertar / Porque parece que acontece de repente / Como um desejo <u>de</u> eu viver sem me notar. / [...] E eu que não creio peço a Deus por minha gente / É gente humilde, que vontade <u>de</u> chorar." (Vinícius de Moraes)

Esses versos têm destacadas duas preposições que demonstram o acerto do poeta quanto à regência nominal. Nas alternativas que seguem, nem sempre a regência nominal foi atendida.

Identifique as frases corretas quanto a esse aspecto gramatical:

1. Em todos os momentos ele se mostrava solícito <u>dos</u> que o cercavam.

2. Eram constantes os atos que revelavam o quanto ele era cruel <u>com</u> toda a família.

3. José Firmino foi extremamente simpático <u>com</u> os amigos que tanto o haviam ajudado.

4. Esse equipamento não é compatível <u>com</u> o meu.

5. Herbicidas costumam ser extremamente nocivos <u>nos</u> seres humanos.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 3;
Ⓑ 1 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 3 – 4;
Ⓓ 2 – 4 – 5;
Ⓔ 3 – 4 – 5.

120. CEPERJ – "Quem consegue atrair e dar mais vantagens?" Entre as frases abaixo, a que apresenta regência em desacordo com a norma culta é:

- **A** A competição nos faz conviver e descartar os problemas da modernidade.
- **B** A competição nos faz considerar e viver os problemas da modernidade.
- **C** A competição nos faz imaginar e prever os problemas da modernidade.
- **D** A competição nos faz calcular e resolver os problemas da modernidade.

121. CEPERJ – Entre os segmentos apresentados a seguir, aquele que apresenta regência inadequada segundo o padrão culto da língua é:

- **A** "Essa ideia pode soar paradoxal..."
- **B** "...surgem porque as razões do sucesso..."
- **C** "Não há dúvida de que, ao longo dos séculos..."
- **D** "Em Londres, em 22 de junho, manifestantes..."
- **E** "...que a responsabilidade planetária implica em acabar com as perfurações..."

122. FUNCAP – Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem:

- **A** O autor prefere os amores silenciosos do que os declarados.
- **B** As expressões constatativas simplificam os amores.
- **C** Expressamos nossos sentimentos ao outro com muito entusiasmo.
- **D** O "Eu te amo" extravasa sentimentos.
- **E** O silêncio implica em sentimento.

123. FUNCAP – Todas as regências dos verbos destacados estão corretamente indicadas, exceto:

- **A** "...lança suas folhas além do muro..." (verbo transitivo indireto)
- **B** "...veio um amigo..." (verbo intransitivo)
- **C** "Mas eu tinha razão." (verbo transitivo direto)
- **D** "...declarou desdenhosamente que aquilo era capim." (verbo transitivo direto)
- **E** "...o pé de milho parecia um cavalo..." (verbo de ligação)

124. FUNCAP – Marque a alternativa cujo verbo destacado apresenta a mesma regência que o verbo lembrar empregado no trecho: "Um prato de comida que lembrasse o quintal de um monge medieval levaria meu voto".

- **A** Os pacientes ansiavam por uma alimentação mais saborosa e aprazível.
- **B** Aos que estão enfermos, assiste-lhes o direito de uma alimentação adequada.
- **C** Diante dos vários problemas da saúde, esqueceram-se da importância da alimentação.
- **D** Os médicos se interessavam por pesquisar o uso de alimentos nos tratamentos.
- **E** A alimentação adequada previne doenças e promove recuperação dos pacientes.

125. FUNCAP – O verbo ter em "Um livro tem existência autônoma, boa e má", apresenta, de acordo com a norma culta da língua, a mesma regência que o verbo destacado na alternativa:

Ⓐ O público acabou por se esquecer do artista que nada mais escreveu.
Ⓑ Precisamos desse mesmo ar, que cheira a arte, a literatura!
Ⓒ Ler um livro é viajar por outros mundos sem sair do lugar.
Ⓓ Com esse ritmo de leitura, você não chegará a lugar algum.
Ⓔ Os críticos compareceram à noite de autógrafos daquele poeta.

126. MOURA MELO – Analise as afirmações abaixo acerca da regência dos verbos e aponte a alternativa correta:

I. Eu paguei à conta ao cabeleireiro.

II. Os dois diretores implicam incessantemente com o motorista.

Ⓐ I e II estão corretas.
Ⓑ I e II estão incorretas.
Ⓒ Apenas I está correta, pois a preposição a preposta à palavra "conta" é exigida pela norma culta da língua.
Ⓓ Apenas II está correta, pois o verbo implicar com sentido de ser chato com alguém é transitivo indireto.

127. COPEVE – Qual opção não viola a regência verbal?

Ⓐ Ele usa o aparelho para avisar aos amigos que passará o fim de semana em São Paulo.
Ⓑ A metáfora é o tropo que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade.
Ⓒ A primeira etapa começa em Fernando de Noronha, onde chegam as lagostas.
Ⓓ Há o sentimento de que foi traído por aqueles que confiou.
Ⓔ Cheguei a faltar às aulas e a deixar de estudar matérias que sempre gostei por conta do *stress* com as notas.

128. UPENET – No tocante à regência verbal, observe os verbos sublinhados das afirmativas abaixo:

I. *"...***pessoas do mundo inteiro assistirão aos jogos da Copa do Mundo de Futebol."**

II. *"***...pois atraiu torcedores negros a um esporte considerado de brancos."**

III. "...selecionam 12 cidades-sede para abrigarem os jogos..."

IV. "O outro estádio de Johanesburgo, o Ellis Park, pertence a um time de rugby."

Somente está correto o que se declara na alternativa:

Ⓐ No item I, o verbo não pede complemento regido de preposição.
Ⓑ No item II, o verbo não pede complemento.
Ⓒ No item III, ambos os verbos exigem complementos verbais não regidos de preposição.
Ⓓ No item IV, o verbo exige apenas um complemento e este não vem regido de preposição.
Ⓔ Nos itens I e IV, os verbos não pedem complemento regido de preposição.

129. UPENET – Assinale a alternativa cuja sequência completa corretamente as frases abaixo:

A lei ___ se referiu já foi revogada.

Os cálculos matemáticos ___ se lembraram eram enormes.

O emprego ___ aspiras é extremamente importante.

O conto de Machado ___ gostou foi premiado.

A peça teatral ___ assistimos foi de uma sutileza política fantástica.

Ⓐ que – que – que – que – que
Ⓑ a que – de que – que – que – a que
Ⓒ que – de que – que – de que – que
Ⓓ a que – de que – a que – de que – a que
Ⓔ a que – que – que – que – a que

130. FEC – Na língua culta, a regência do verbo em destaque, no contexto em que está empregado, é facultativa em:

Ⓐ "...nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes <u>sugerirmos</u> roteiros..."
Ⓑ "...forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como <u>associá</u>-las e concatená-las..."
Ⓒ "...acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, <u>fundindo</u>-as em moldes frasais adequados."
Ⓓ "...e porque não tem o que dizer, não lhe <u>bastam</u> as regrinhas gramaticais"
Ⓔ Portanto, é preciso [...] <u>ensiná</u>-lo a criar ou aprovisionar ideias..."

GABARITO

1. D	18. D	35. D	52. D	69. D	86. A	103. E	120. A
2. C	19. D	36. D	53. C	70. E	87. C	104. E	121. E
3. D	20. D	37. A	54. D	71. A	88. B	105. A	122. A
4. A	21. C	38. A	55. C	72. E	89. D	106. C	123. A
5. C	22. C	39. B	56. E	73. A	90. B	107. A	124. E
6. D	23. D	40. C	57. C	74. E	91. C	108. C	125. C
7. A	24. E	41. A	58. E	75. A	92. D	109. B	126. E
8. C	25. D	42. D	59. C	76. A	93. E	110. A	127. B
9. A	26. C	43. D	60. A	77. D	94. D	111. E	128. C
10. C	27. C	44. A	61. A	78. C	95. B	112. D	129. D
11. C	28. E	45. A	62. A	79. E	96. B	113. A	130. E
12. E	29. A	46. C	63. B	80. A	97. D	114. B	
13. A	30. C	47. A	64. C	81. B	98. C	115. E	
14. D	31. E	48. C	65. A	82. D	99. D	116. B	
15. D	32. E	49. E	66. C	83. B	100. E	117. D	
16. C	33. A	50. E	67. B	84. A	101. D	118. B	
17. E	34. A	51. A	68. E	85. E	102. D	119. C	

Exercícios de Emprego do Acento Grave da Crase

1. NCE-UFRJ – "...se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo". A alternativa abaixo que mostra uma <u>incorreção</u> no tocante ao uso do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Nem todos os empresários se dedicam à ajuda do próximo.
- **B** Nas fundações se trabalha de manhã até à noite.
- **C** As empresas nacionais não podem comparar-se às americanas.
- **D** A fortuna foi doada à Fundação Gates.
- **E** O horário de trabalho é de 7h à uma.

2. FJPF – Na oração "que cediam lugar à turma dos 'caxias'" o acento da crase foi empregado corretamente. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase foi empregado de forma <u>incorreta</u> é:

- **A** Graças à uma norma do estatuto, os servidores aproveitam o ponto facultativo.
- **B** Os servidores não comparecem à repartição em dia de feriado.
- **C** Junto à porta da repartição, para espanto de João Brandão, só havia um gato.
- **D** O chefe preferia os caxias à massa de servidores pouco diligentes.
- **E** Aproveitando o feriado e o céu azul, os servidores foram à praia.

3. CESGRANRIO – Solicito ___ secretária do departamento, ___ que antecipadamente agradeço, o envio do relatório final ___ pessoa assinalada. Lembro que daqui ___ poucos meses repetiremos o procedimento, como vem sendo feito ___ muito tempo.

Os vocábulos que preenchem as lacunas, na ordem de sua ocorrência, de acordo com a norma culta da língua, são:

- **A** à – a – à – a – há;
- **B** à – à – a – à – há;
- **C** a – há – a – a – à;
- **D** a – a – à – há – a;
- **E** há – a – a – à – à.

4. FEPESE – Complete a frase abaixo assinalando a alternativa correta:

"Fique ___ vontade e confie ___ mim tudo que tem ___ dizer."

Ⓐ à – a – a.
Ⓑ a – a – a.
Ⓒ à – a – à.
Ⓓ à – à – à.

5. FUMARC – O emprego do sinal de crase é obrigatório, <u>exceto</u> em:

Ⓐ A poluição causa danos à nossa vida no planeta.
Ⓑ O calor é uma ameaça às espécies animais dos polos.
Ⓒ O acordo foi considerado lesivo à economia americana.
Ⓓ Parte do calor do Sol que chega à Terra não volta ao espaço.

6. FEPESE – Analise as sentenças:

1. Refiro-me àquilo que discutíamos ontem.

2. Chegamos à Argentina de madrugada.

3. Ele era insensível à dor.

4. Voltarei, em breve, à terra natal.

5. Voltamos à casa cedo.

Quanto ao acento indicador da crase do "a", assinale a alternativa correta:

Ⓐ As sentenças 1, 2, 3 e 4 estão corretas.
Ⓑ As sentenças 1 e 5 estão corretas.
Ⓒ As sentenças 2, 3 e 5 estão corretas.
Ⓓ Todas estão corretas.
Ⓔ Nenhuma está correta.

7. NCE-UFRJ – A alternativa em que o acento grave indicativo da crase é optativo é:

Ⓐ Entreguei-o à minha mãe.
Ⓑ Entreguei-o àquela mulher.
Ⓒ Entreguei-o à elegante atriz.
Ⓓ Entreguei-o à polícia.
Ⓔ Entreguei-o à mesma funcionária.

8. ESAF – Assinale a frase na qual a palavra sublinhada <u>não</u> deve receber o acento indicativo de crase:

Ⓐ Os apelos <u>a</u> internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
Ⓑ Toda manhã <u>a</u> esta hora, depois de ler os jornais do dia, fico deprimida.
Ⓒ <u>Aquela</u> hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
Ⓓ Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, hoje, são semelhantes <u>as</u> da classe patronal.
Ⓔ Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual <u>a</u> que haviam divulgado no ano anterior.

9. ESAF – Indique a sentença em que <u>não</u> foi empregado adequadamente o acento grave indicador de crase:

Ⓐ Foi o que procurei fazer, na medida do possível e ao longo de vários anos, ouvindo reações à proposta que apresentara.

Ⓑ A hora das frivolidades acabara, a que começava era a do sacrifício austero e diuturno.

Ⓒ Posto que Jorge falasse do coronel nas cartas que escrevia à mãe, não o dava como amigo seu.

Ⓓ Comparava-se ao mar daquela manhã, nem borrascoso nem quieto, mas levemente empolado e crespo, tão prestes a adormecer de todo, como a crescer e arremessar-se à praia.

Ⓔ De Buenos Aires chegara-lhe na véspera, a tarde, a notícia da morte de um irmão, seu último parente.

10. ESAF – Assinale o conjunto de palavras que preenche, com plena correção, os espaços em branco dos textos:

"Ela entrou nos amplos espaços do meu tédio com passos graciosos de dançarina e ficou ___ girar por ali [...]. Pus-me ___ adorá-la como nunca dantes, ___ menina ___ quem dei vida e nunca senti mais forte, doce, secreto o elo que ___ ela me prende." (Vinícius de Morais)

Ⓐ à – à – àquela – à – a

Ⓑ a – a – aquela – à – à

Ⓒ a – a – àquela – a – a

Ⓓ a – à – àquela – a – a

Ⓔ à – a – aquela – a – à

11. FJG – Na frase "trabalhando a todo vapor", a expressão <u>a todo vapor</u> não leva acento indicativo de crase, porque:

Ⓐ <u>vapor</u> é substantivo;

Ⓑ o substantivo vem precedido de adjetivo;

Ⓒ <u>a</u> é preposição;

Ⓓ <u>a</u> é artigo;

Ⓔ <u>a</u> é combinação de artigo com preposição.

12. ESAF – Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo:

"O exame das propostas de reforma fiscal, ___ primeira abordagem, leva ___ conclusão de que ___ carga tributária continuará ___ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas."

Ⓐ à – à – a – a

Ⓑ à – a – à – a

Ⓒ a – a – a – à

Ⓓ a – à – a – a

Ⓔ a – a – à – a

13. FESP-RJ – A alternativa em que ocorre erro na marcação da crase (emprego errado ou omissão do acento grave) é:

Ⓐ Todos à uma me responderam sem referência a individualidades.
Ⓑ Prece a prece entregas a teu Deus a solução dos problemas.
Ⓒ Peço a V.Sª não chegar a conclusões a que jamais cheguei.
Ⓓ Assistimos à touradas com roupas a século XVIII.
Ⓔ Àquele que me ofende darei meu perdão.

14. FJPF – No trecho "Desejável é que o jornalista, a exemplo de outros profissionais, tenha acesso à sua atividade após a conclusão de estudos especializados de caráter superior", o sinal indicador da crase é optativo. O mesmo fato gramatical está presente na frase:

Ⓐ As escolas de jornalismo oferecem à comunidade bons cursos profissionais.
Ⓑ Formara-se jornalista à custa de muito esforço e dedicação.
Ⓒ Não se dedicou à profissão como gostaria durante de anos.
Ⓓ Seguiu até às últimas horas de trabalho as regras da boa prática jornalística.
Ⓔ Sua aversão à formação empírica levou-o a completar o curso de jornalismo.

15. FJPF – No período "Este não obedece à maioria das regras impostas para os que andam sobre quatro rodas" o acento da crase foi empregado corretamente, pois o verbo obedecer rege a preposição a e esta se encontra em crase com o artigo feminino a que determina o substantivo maioria. Observe o emprego do acento da crase nas frases abaixo:

I. O desrespeito à sinalização é uma das transgressões praticadas pelos condutores de motocicletas.

II. O médico fez referência à uma estatística que não podia servir de base a seu raciocínio.

III. No momento do acidente, o motoqueiro estava sem capacete, pois ia à sua empresa para pegá-lo.

IV. É preciso que a sociedade diga não à essa violência desmedida praticada diariamente nas áreas urbanas.

A respeito do emprego do acento da crase nas frases acima, pode-se afirmar que:

Ⓐ em I e II está incorreto, em III está correto, mas é facultativo, e em IV está correto;
Ⓑ em I e III está correto, mas em ambas é facultativo, em II está incorreto e em IV está correto;
Ⓒ em I está correto, em II e IV está incorreto e em III está correto, mas é facultativo;
Ⓓ em I está incorreto, em II e IV está correto, mas em ambas é facultativo, e em III está correto;
Ⓔ em I e IV está correto, em II está incorreto e em III está correto, mas é facultativo.

16. NCE-UFRJ – Observe o fragmento "...não tinha direito à fiança...". A frase abaixo em que o acento grave indicativo da crase está mal colocado é:

- **A** O papagaio estava à distância de 10 metros da gaiola.
- **B** O bicho não tinha direito à água nem a alimento.
- **C** Deve-se à conscientização a diminuição do número de animais em cativeiro.
- **D** Entregou-se à polícia o caçador clandestino.
- **E** Os animais se entregaram à sua sina.

17. FJPF – Na oração "...adequar programas de qualidade à cultura da empresa..." observa-se o correto emprego do acento indicativo da crase. Abaixo foram feitas alterações na redação do trecho transcrito, de modo a não haver ocorrência da crase, dispensando-se o acento. A forma <u>incorreta</u>, porque ocorre a crase, justificando-se o emprego do acento, é:

- **A** "...adequar programas de qualidade a uma cultura empresarial moderna."
- **B** "...adequar programas de qualidade a toda visão empresarial moderna."
- **C** "...adequar programas de qualidade a esta nova situação propícia para as empresas."
- **D** "...adequar programas de qualidade a qualquer rotina empresarial moderna."
- **E** "...adequar programas de qualidade a nova dimensão tecnológica das empresas."

18. ESPCEX – Examine cada uma das frases seguintes, observando o uso do acento indicativo de <u>crase</u>:

I. De segunda à sexta, trabalho das oito às quinze.

II. Devo à minha persistência a promoção conseguida.

III. Não fique aí à toa; dirija-se àquele guichê.

IV. Estão à venda muitos apartamentos, à pequena distância do centro da cidade.

A partir das observações feitas, assinale a afirmativa totalmente válida:

- **A** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e III;
- **B** está inteiramente correto o uso do acento grave em II e III;
- **C** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e IV;
- **D** é obrigatório o uso do acento grave nas ocorrências verificadas em II e III.

19. EFOMM – Marque o item em que está faltando o acento indicativo da crase:

- **A** Augusto, irás a Petrópolis ou a Valença?
- **B** Chegou a casa exausto, após um dia de muito trabalho.
- **C** A reunião começará a uma hora.
- **D** Vendem-se roupas para meninas de 1 a 10 anos de idade.
- **E** E assim, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, vamos cumprindo a missão de que Deus nos encarregou.

20. ESAF – Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: <u>há</u>; <u>à(s)</u>:

Ⓐ ___ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica ___ armas nucleares.

Ⓑ O raio laser se revela ___ altura de um bisturi de alta precisão ___ anos.

Ⓒ ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.

Ⓓ ___ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios da cores aplicadas ___ sete séculos.

Ⓔ Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado ___ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.

21. EPCAR – Não ocorrerá a crase na frase:

Ⓐ Assisti as conferências que se realizaram a tarde.

Ⓑ O historiador fez referências a Joana d'Arc.

Ⓒ Fui a casa de meu avô.

Ⓓ Procedeu-se a apuração dos votos.

Ⓔ Ele já se habituara aquela vida.

22. FJPF – "Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado."

Esse trecho do texto é alterado em cada alternativa abaixo. A nova redação <u>não</u> está correta, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais, transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓑ Ao invés de somarem-se às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓒ Ao invés de se somarem às tentativas de superação das carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓓ Ao invés de se somarem à tentativas de superação de carências educacionais transformam- se em fontes de investimento privado.

23. FJPF – O sinal indicador da crase está mal empregado na frase:

Ⓐ A referência à clonagem de Dolly serve como um alerta no mundo científico.

Ⓑ Às indagações sobre os efeitos da clonagem muitos ainda não podem responder.

Ⓒ As pesquisas sobre clonagem de animais estão sendo revistas uma à uma.

Ⓓ Em resposta às perguntas sobre clonagem humana, disse que o experimento seria ótimo.

Ⓔ O cientista procedeu à análise dos métodos de clonagem animal.

24. PUC-RJ – Assinale a opção em que há erro do emprego do acento grave, indicativo da crase:

Ⓐ Quando iremos à Portugal?
Ⓑ Terminei o trabalho às 11 horas da noite.
Ⓒ Hoje distribuíram balas às crianças do bairro.
Ⓓ Emprestei vários livros à secretária.
Ⓔ Ele não compareceu à reunião de sexta-feira.

25. CESGRANRIO – Indique a opção que preenche adequadamente os espaços abaixo:

"___ muito tempo que as gerações pensam que não podem se entender, principalmente ___ época da juventude, quando visam ___ alcançar metas impossíveis, ___ curto prazo."

Ⓐ Há – a – a – à
Ⓑ Há – à – a – a
Ⓒ A – a – à – há
Ⓓ A – há – à – a
Ⓔ À – há – a – a

26. CESGRANRIO – Assinale a opção em que está correto o uso do acento indicativo da crase:

Ⓐ Atribui-se à Sérgio Buarque uma visão otimista do Brasil.
Ⓑ O autor refere-se, no texto, à uma monumental desigualdade.
Ⓒ O Brasil passou a ser entendido à partir desses estudos.
Ⓓ O povo brasileiro é dado à festas folclóricas.
Ⓔ Muitos universitários recorrem às pesquisas destes dois autores.

27. CESGRANRIO – Assinale a única frase em que o a deve receber acento indicativo de crase:

Ⓐ Dedicava-se a crônica semanal com prazer.
Ⓑ Pegou um lápis e pôs-se a trabalhar.
Ⓒ Leu o texto de ponta a ponta.
Ⓓ A crônica fazia referência a pessoas comuns.
Ⓔ Algumas vezes dirigia-se a seu computador.

28. FUNDEP – "Os sindicatos não se oporiam a mecanismos de punição?"

No período acima, será obrigatório o uso do sinal indicativo da crase, se se substituir a expressão destacada por:

Ⓐ a ameaças de punição;
Ⓑ as ameaças de punição;
Ⓒ a qualquer ameaça de punição;
Ⓓ a uma ameaça de punição.

29. UECE – Como em "...torna-se cada vez mais latente o nível de exclusão daqueles que não tem acesso à rede...", o sinal indicativo de crase está adequadamente empregado em:

- **A** O técnico em administração conheceu o diretor à cuja peça teatral assistiu.
- **B** Preciso conhecer urgentemente à terra dos meus antepassados do interior.
- **C** O técnico em computação se referiu à chave que liga as máquinas.
- **D** A população carente nunca teve acesso à redes de informação.

30. NCE-UFRJ – Dos itens abaixo, o que apresenta erro no emprego do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Trata-se de um relatório referente à dívidas antigas da União.
- **B** Essas medidas obedecem às normas da ABNT.
- **C** Apesar de a norma à qual V.Sª se refere ser facultativa, todos os técnicos de que temos notícias a seguem.
- **D** A plateia assistia entusiasmada à conferência do filósofo.
- **E** Informou-se indevidamente à empresa credora que o valor em questão estaria disponível antes do final do ano.

31. NCE-UFRJ – Quanto ao emprego do acento grave indicativo da crase, a frase correta é:

- **A** Servimo-nos da presente para informar à V.Sª que seu relatório será avalia do até o final do mês de abril.
- **B** Em atendimento as instruções dos senhores membros da Comissão, informamos que a receita não chegou a gerar superávit.
- **C** O presidente submeteu à deliberação do colegiado os assuntos previstos na pauta da reunião.
- **D** São estas as medidas à serem tomadas.
- **E** Fomos autorizados à proceder a emissão de uma cota extra no valor de R$ 65,00 (sessenta e cinco reais) para a cobertura do referido saldo devedor.

32. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as quatro lacunas do trecho a seguir é, respectivamente:

"O fim desta é pedir, mais uma vez, providências no sentido da solução do problema ___ que se refere nossa carta de 13/01/1998, ___ qual Vossas Senhorias não deram ainda qualquer resposta. Essa pendência já se arrasta ___ mais de um mês e, como de hoje ___ três semanas terá início o congresso de que trata aquela carta, findo esse prazo, nossa reivindicação deixará de fazer sentido."

- **A** à – à – há – a
- **B** a – à – há – a
- **C** à – a – há – a
- **D** a – à – a – há
- **E** a – à – há – há

33. FEC – No enunciado "os serviços essenciais à população" é obrigatório o emprego do acento para marcar a crase. Nas alterações do enunciado feitas abaixo dispensa-se o acento por não haver a crase. Numa das alterações, entretanto, pode-se usar o acento por se tratar de um caso de crase facultativa. Esta alteração está na opção:

Ⓐ "os serviços essenciais a essa população."
Ⓑ "os serviços essenciais a toda e qualquer população."
Ⓒ "os serviços essenciais a uma população ansiosa por melhorias."
Ⓓ "os serviços essenciais a quase toda a população."
Ⓔ "os serviços essenciais a nossa população."

34. FEC – Para o preenchimento adequado das lacunas da frase "Um jornal noticiou ____ dois meses que daí ___ três semanas os cidadãos teriam acesso ___ novas tecnologias que ligariam ___ América ___ Europa ___ uma velocidade equivalente ____ da luz" têm de ser usadas as formas que aparecem na opção:

Ⓐ há – a – a – à – a – a – a;
Ⓑ há – a – a – a – à – a – à;
Ⓒ há – há – a – a – à – à – a;
Ⓓ a – há – à – a – à – a – à;
Ⓔ a – a – à – à – a – à – à.

35. ESAF – Indique a opção cujos itens completam corretamente as lacunas do texto abaixo:

"O ingresso dos bancos na era digital não se fez, obviamente, sem grandes e continuados investimentos. Sólida infraestrutura, bom trabalho de orientação, as experiências bem-sucedidas de quem não vê maiores dificuldades na operação eletrônica vão dissipando ___ resistências dos ainda não-digitalizados. Os clientes adaptam-se ___ novas tecnologias de modos muito distintos. ___ segmentos de pessoas maduras, com mais de 60 anos, nos quais a utilização da Internet é maior do que em segmentos jovens, com menos de 30 anos. Procura-se fornecer o maior número de informações aos clientes, ajudando-os ___ superar as primeiras dificuldades e demonstrando que, nos meios eletrônicos, 'o índice de falhas sistêmicas é mínimo'. Embora metade da população economicamente ativa brasileira esteja fora do sistema bancário – e este é um novo território ainda ___ conquistar –, ___ marcha da digitalização para os que já estão dentro do sistema é um caminho que não tem volta."

Ⓐ as – às – Há – a – a – a
Ⓑ as – as – Há – a – a – à
Ⓒ as – às – A – à – à – a
Ⓓ às – às – Há – a – à – a
Ⓔ às – as – A – à – a – a

36. NCE-UFRJ – "...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade." A frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:

Ⓐ As greves são prejudiciais à ordem pública.
Ⓑ A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
Ⓒ Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
Ⓓ Indicaram os assaltantes à polícia.
Ⓔ Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

37. ESAF – Leia o texto e marque a afirmação incorreta:

"A ciência e o processo científico não constituem __1__ única forma de obtenção do conhecimento. Além da experiência cotidiana, constituindo __2__ base cultural, __3__ os saberes reflexivos da filosofia. Apenas o simples processo experimental da ciência não conduz __4__ sabedoria: é necessário submeter os seus resultados __5__ elaboração filosófico-conceitual, __6__ preceitos éticos, para torná-los verdadeiramente humanos."

Ⓐ As lacunas 1 e 2 devem ser preenchidas com a, artigo feminino singular.
Ⓑ Na lacuna 3 é correto colocar há, pois o verbo haver, quando utilizado no sentido de existir, é impessoal.
Ⓒ Duas opções, a e à, podem ser utilizadas indistintamente na lacuna 4, uma vez que conferem sentido idêntico ao período.
Ⓓ Estaria correto preencher a lacuna 5 com à.
Ⓔ A estrutura sintática do período admite que a lacuna 6 seja preenchida com aos.

38. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as cinco lacunas da frase a seguir é:

"Qualquer demora, seja ___ que pretexto for, pode ter graves consequências políticas e institucionais. Tudo que vier ___suceder recairá sobre ___representação política. Aliás, ___ muito tempo que nos referimos ___ questão aqui colocada."

Ⓐ à – a – a – há – à
Ⓑ a – à – a – há – à
Ⓒ a – a – à – a – à
Ⓓ a – a – à – há – à
Ⓔ a – a – a – há – à

39. NCE-UFRJ – Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:

Ⓐ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade,...".

Ⓑ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, [...] que se relacionem com escritos ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade...".

Ⓒ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, da CF) e, ainda:
[...]
realizado em horário e locais que não permitam a frequência à escola." (art. 67, IV, do Estatuto).

Ⓓ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência...".

Ⓔ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos" (art. 406 da Consolidação).

40. NCE-UFRJ – "...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores." Nas duas ocorrências do vocábulo a, só a segunda vem com acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:

Ⓐ só a segunda precede um nome feminino;
Ⓑ só a segunda segue a regência do verbo referir-se;
Ⓒ só no segundo caso ocorre a junção de preposição + artigo;
Ⓓ no primeiro caso, o nome feminino está no plural;
Ⓔ no primeiro caso, só há a ocorrência de artigo definido feminino singular.

41. NCE-UFRJ – "Isso levaria o problema para a esfera federal. O Rio, com seus morros e favelas que são cidadelas à margem do tecido urbano, com seus dramáticos desníveis sociais, oferece..."

Que regra a seguir justifica o emprego do acento grave indicativo da crase na fragmento destacado?

Ⓐ O termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo consequente admite o artigo a.
Ⓑ Nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas.
Ⓒ Nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas.
Ⓓ Nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas.
Ⓔ Nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

42. ESAF – "No que diz respeito ___ taxa de inflação, ainda que os resultados estejam longe da meta (mais de 7% ante ____ meta de 4%), é preciso reconhecer que diante dos acontecimentos de 2001 não se trata de um mau resultado. Todos sabemos que os 'choques de oferta' não se prestam ___ ser controlados facilmente pela manipulação da taxa de juros e que, frequentemente, quando ocorre um choque é melhor encontrar um caminho mais longo para retornar ___ meta do que forçar uma volta rápida com maiores custos em matéria de crescimento."

Aponte a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente as lacunas do texto fornecido:

- **A** à – a – a – à;
- **B** a – à – à – a;
- **C** à – a – à – a;
- **D** a – a – a – a;
- **E** a – a – à – a.

43. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

"Proponho ____ Vossa Senhoria dar, ____ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa."

- **A** a – àqueles – às – a
- **B** à – àqueles – as – a
- **C** a – aqueles – às – à
- **D** a – àqueles – as – à
- **E** à – aqueles – às – à

44. NCE-UFRJ – O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília [...] para assistir à coleta de lixo".

Entre as opções abaixo, porém, este sinal foi <u>incorretamente</u> utilizado em:

- **A** O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
- **B** Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
- **C** A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
- **D** O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "o lixo é vosso".
- **E** Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

45. NCE-UFRJ – Em "...efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...", o acento grave indicativo da crase está presente porque:

- **A** todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;
- **B** <u>à liberdade</u> está servindo de objeto indireto;

Ⓒ marca a contração do demonstrativo a com a preposição a;
Ⓓ marca a união da preposição a que rege o adjetivo anterior com o artigo a;
Ⓔ se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

46. ACCESS – O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – à – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ à – à – a.

47. FESP-RJ – A alternativa em que não se justifica o emprego de crase é:

Ⓐ Referia-se a isto, não à você.
Ⓑ Todos correm às cegas, quando há briga.
Ⓒ Ele fazia uma citação à Machado de Assis.
Ⓓ Às vezes, ele me parece enlevado com isso.

48. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Nesse dia os homens chegaram _____ margem direita do rio.

2. Refiro-me _____ esta senhora e não àquela.

3. Ele não irá mais _____ Brasília.

As lacunas das frases são preenchidas corretamente pelas palavras da alternativa:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – a – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ a – a – à.

49. FESP-RJ – "Como se já não bastassem [...] ataques explícitos à dignidade do menor,..."

A propósito da crase na passagem acima, ela é também obrigatória na seguinte frase:

Ⓐ Dadas as circunstâncias do caso, adiamos a sessão.
Ⓑ O crime é sério, haja vista as condições da vítima.
Ⓒ O réu fazia jus a pena menor que a aplicada pelo juiz.
Ⓓ A eleição do presidente da junta implicará a do vice-presidente.
Ⓔ Esta sentença é semelhante a em que houve unanimidade dos jurados.

50. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Através dessa jovem dou o meu grito de horror ___ vida.

2. Quanto ___ ela, até mesmo de vez em quando comprava uma rosa.

3. A moça ___ vezes comia num botequim um ovo duro.

A alternativa em que as lacunas das frases acima são completadas corretamente (sem mudança da ordem) é:

Ⓐ à – a – as;
Ⓑ à – a – às;
Ⓒ à – à – às;
Ⓓ a – à – às;
Ⓔ a – a – as.

51. FESAG – "A presença de verbos transitivos indiretos que fazem uso da preposição 'a' para estabelecer sua regência pode indicar a existência de crase."

Essa afirmação pode ser verdadeiramente comprovada em:

Ⓐ Registrou aquele conceito de liberdade com aceitação do partido.
Ⓑ Chegamos aquela cidade exatamente às dezoito horas.
Ⓒ Não consigo adaptar-me aquele modo de vida.
Ⓓ Referiu-se àquele conceito de liberdade com muita convicção.

52. FESP-RJ – A frase em que há <u>erro</u> no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:

Ⓐ Já chegamos à Bahia.
Ⓑ O professor falara àquela aluna.
Ⓒ Comi bacalhau à Gomes de Sá.
Ⓓ É importante obedecer às regras do jogo.
Ⓔ Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

53. FESP-RJ – A alternativa que apresenta <u>erro</u> no emprego do acento grave, indicativo de crase, é:

Ⓐ Preciso ir à Copacabana.
Ⓑ Ele chegou à uma e meia.
Ⓒ Seja rápido na sua ida à França.
Ⓓ O professor falará àquele aluno.
Ⓔ Não houve comentário àquela pergunta.

54. NCE-UFRJ – O emprego do acento grave indicativo de crase sobre o <u>a</u> é optativo em:

Ⓐ A lei fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos <u>à</u> sua função social (art. 185, parágrafo único).
Ⓑ A lei garantirá tratamento especial <u>à</u> propriedade produtiva (art. 185, parágrafo único).

Ⓒ O decreto [...] autoriza a União a propor a ação de desapropriação (art. 184, §2º).
Ⓓ Compete à União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social (art. 184).
Ⓔ Títulos resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão (art. 184).

55. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo:

"A história nos mostra que o desenvolvimento econômico europeu, ____ partir das navegações, sempre se fez ____ custa dos territórios ultramarinos. Não foram apenas as matérias-primas, destinadas ao consumo ou ____ produção que o financiaram, mas também o capital propriamente dito, fruto dos lucros e resultado do saqueio da natureza virgem. Hoje, a biotecnologia abre grande perspectiva ___ um país como o Brasil, de ricos bancos genéticos. O nosso território foi dos primeiros ____ ser saqueado em sua riqueza vegetal. É necessário impedir que os produtos da flora e da fauna nos sejam roubados, como roubados fomos no passado. No entanto, o governo está empenhado em aprovar uma proposta de emenda ____ Constituição que facilitará a entrega de nossos recursos biológicos ____ estrangeiros."

Ⓐ a, à, à, a, a, à, a
Ⓑ a, a, à, a, a, a, a
Ⓒ a, à, à, à, a, à, à
Ⓓ à, a, a, à, à, a, a
Ⓔ à, à, a, à, a, à, a

56. FCC – Escolha a opção em que não ocorre a crase:

Ⓐ Chegou a uma hora em ponto e saiu as quatro horas.
Ⓑ Fiz alusão a ela quando me dirigi a Vossa Excelência.
Ⓒ Agia as escondidas quando estava a disposição do chefe.
Ⓓ Foi a Argentina e voltou as pressas.

57. ESAF – "____ disputas provocadas pelo sistema de captação foram muitas, e o rei aceitou o pagamento do imposto numa cota fixa anual de ouro. Caso esta cota não fosse completada, o governador estava autorizado ___ recorrer ___ derrama. Por meio desse tributo eram cobradas importâncias arbitrárias de toda população, até completar ___ taxa fixada.

Foi um período de grande empobrecimento da região das Gerais, apesar de tanto ouro e diamantes, devido ___ tributação excessiva. Em 1789, sob ___ ameaça de nova derrama para cobrir uma dívida de mais de 500 arrobas de ouro, um grupo de revoltosos organizou o movimento revolucionário da Inconfidência Mineira."

Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto acima:

- **A** As – a – à – a – à – a;
- **B** Às – à – a – a – a – a;
- **C** As – a – à – a – à – à;
- **D** Às – à – à – à – a – a;
- **E** As – à – a – à – a – à.

58. VUNESP – "A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso ___ Internet deve acabar na Justiça. ___ paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviço. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que ___ imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar ___ rede.

Assinale a alternativa que, correta e respectivamente, preenche as lacunas do texto:

- **A** a, A, a, à;
- **B** à, A, a, à;
- **C** a, À, à, a;
- **D** à, A, à, à;
- **E** à, À, a, à.

59. FJG – Assinale, entre as frases abaixo, aquela em que o emprego da crase seria indevido:

- **A** Não me refiro as reuniões desse mês.
- **B** Fique a vontade.
- **C** Abrimos as quintas-feiras.
- **D** Remeto a Vossa Senhoria todos os meus recibos.
- **E** Aludimos aquele fato recente.

60. FJG – Na frase: "Das revoltas da polícia africana às usinas de alumínio no Canadá.", observa-se a utilização de sinal indicativo de crase.

A opção em que a utilização deste mesmo sinal é obrigatória é:

- **A** A menina estava atenta a tudo o que se passava.
- **B** Do fato ocorrido as notícias de jornal vai uma grande diferença.
- **C** Temos que medir as consequências do gesto político.
- **D** As novas gerações têm uma grande responsabilidade ambiental.
- **E** O Presidente vai analisar as medidas de segurança.

61. COVEPE – Só uma das alternativas completa, corretamente, o período abaixo. Assinale-a:

"Anuiu ___ reivindicação feita, porque preferiu conservar o emprego ___ entregá-lo ___ que _____ postulavam."

Ⓐ a, a, aqueles, lhe
Ⓑ à, do que, àqueles, o
Ⓒ à, a, àqueles, o
Ⓓ a, à, àqueles, lhe

62. COVEPE – Preencha os claros com a(s), à(s), há, de acordo com o caso:

1. Tais informações são iguais _____ que recebi ontem.

2. Sentei-me _____ máquina para escrever este relatório.

3. _____ meses que estudo para este concurso.

4. Estava _____ porta da casa quando você chegou.

5. Comecei _____ resolver esta prova com muita calma.

De cima para baixo, a sequência no preenchimento dos claros é a seguinte:

Ⓐ as – à – Há – à – a;
Ⓑ às – a – Há – à – a;
Ⓒ às – à – a – há – a;
Ⓓ às – à – Há – à – a;
Ⓔ às – à – Há – a – à.

63. FJG – O acento grave indicativo de crase não se aplica em "A herança maldita vem do Brasil-Colônia e do Império, quando a grande propriedade fundiária se consolidou mediante a exploração do trabalho escravo, um conúbio gerador de atraso e inquietação social".

Pelo mesmo motivo, ele também não é usado em:

Ⓐ Segundo a exigência do leitor.
Ⓑ Andei a cavalo a trote.
Ⓒ Estive a caminhar pelo jardim.
Ⓓ O público assistiu a peças interessantes.
Ⓔ Ela escreve bem a máquina.

64. ANP – Observe os trechos e as afirmações seguintes:

1. "Dizer apenas 'meio' parece ser pouco (são reveladores os adesivos ecológicos, colados nos carros, pedindo 'um ambiente inteiro') e usar apenas 'ambiente' aparentemente levaria a confusões.": não se emprega acento grave indicativo de crase porque não há artigo que se contraia com a preposição.

2. **“Ambas as palavras parecem desgastadas, tanto quanto a realidade física que descrevem: ...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no masculino evidencia que a é preposição.**
3. **“Ambiente deve sugerir, aos seus adeptos, uma proximidade semântica maior...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no feminino permite o emprego do acento grave indicativo de crase.**
4. **“Mas a expressão demonstra também o desejo de reforçar, por meio da redundância, o sentido manifestado como se houvesse um temor de, caso contrário, perder-se a ideia.”: não se emprega acento grave indicativo de crase porque “a ideia” é sujeito, portanto não pode estar regida de preposição.**

Escolha uma das opções abaixo:

Ⓐ 1, 3 e 4 estão corretas;
Ⓑ 1 e 3 estão corretas;
Ⓒ 1, 2 e 3 estão corretas;
Ⓓ 2 e 4 estão corretas.

65. CESGRANRIO – Uma das opções preenche corretamente as lacunas do texto abaixo. Assinale-a:

“Para sobreviver, somos obrigados ___ lutar pelo nosso espaço que ___ muito tempo foi invadido pelo egoísmo e pela violência, para, daqui ___ alguns anos, podermos dizer que realmente vivemos ___ vida.”

Ⓐ a – a – há – a
Ⓑ a – a – há – à
Ⓒ a – há – a – a
Ⓓ à – há – há – a
Ⓔ à – a – há – a

66. CESGRANRIO – Assinale a opção em que se omitiu o acento indicativo de crase:

Ⓐ Comprei o telefone a duras penas.
Ⓑ Demos aquele funcionário a mensagem do fax.
Ⓒ Face a face, ele despediu o funcionário.
Ⓓ Releia a Sua Excelência os fatos ocorridos ontem.
Ⓔ O diretor se referiu a ela com elogios.

67. CESGRANRIO – Ocorre erro do acento indicativo de crase na opção:

Ⓐ À toda hora, chegavam as estudantes aprovadas.
Ⓑ Ficamos à espera do resultado final.
Ⓒ Dirigiu-se àquele mestre com respeito.
Ⓓ Referiu-se atenciosamente às alunas que a haviam homenageado.
Ⓔ Os portões serão fechados pontualmente às sete horas.

68. ESAF – Quanto ao uso da crase, a frase errada é:

Ⓐ Refiro-me à isenção de imposto.
Ⓑ Ao viajar à Europa, cuidado para não ultrapassar a cota.
Ⓒ Tenho dúvidas à respeito de franquia.
Ⓓ Esta mercadoria é atentatória à ordem pública.
Ⓔ Dirigi-me à fiscal de plantão.

69. ESAF – Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido:

Ⓐ Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
Ⓑ À ela não cabe fugir, desaparecer, pois nada fez que a estimagtize.
Ⓒ Athenaíde prefere recolher-se à casa, onde pode despegar-se de sua dor.
Ⓓ A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
Ⓔ Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

70. ESAF – Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto:

Ⓐ Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
Ⓑ Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
Ⓒ Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
Ⓓ Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
Ⓔ O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

71. ESAF – Assinale o enunciado que apresenta erro no uso da crase:

Ⓐ Os missionários dão origem à uma "cultura local" que se inicia pelo contato.
Ⓑ É à curiosidade de entender a alma humana que devo meu amor aos índios.
Ⓒ Sendo necessária à concepção do discurso, a história é dele inseparável.
Ⓓ Este jogo de formações discursivas remete o texto à sua exterioridade.
Ⓔ Assim podemos demonstrar que à contribuição das línguas indígenas se associa uma visão histórica.

72. ESAF – Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos ___ V.Sª que encaminhamos ___ petição anexa ___ Divisão de Fiscalização que está apta ___ prestar ___ informações solicitadas.

Ⓐ a – a – à – a – as
Ⓑ à – a – à – a – às
Ⓒ a – à – a – à – as
Ⓓ à – à – a – à – às
Ⓔ a – a – à – à – as

73. ESAF – Daqui ___ uma semana, conclui-se ___ fase de correção dos testes, e todos os candidatos terão direito ___ revisão de prova que acontecerá ___ 15 horas.

A opção que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

- **A** à – a – à – às;
- **B** a – à – à – as;
- **C** a – à – a – as;
- **D** a – a – à – às;
- **E** à – a – a – às.

74. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Para os desplugados, o Finnegan's Pub, localizado numa badalada esquina da noite paulistana, é um bar como outro qualquer. Luz de penumbra, música aos berros, gente de pé com copos na mão, ele tem uma diferença em relação ___ concorrência: um computador que dá aos seus fregueses acesso ___ Internet. Em torno da máquina aglomeram-se umas cinquenta pessoas todas as noites. É muita gente para um computador só. Mas isso não impede que o bar, que começou ___ oferecer o serviço _____ nove meses, se apresente como o mais antigo cibercafé do Brasil. Não é o único. Há outros cinco bares espalhados por capitais brasileiras e um na cidade mineira de Juiz de Fora. A ideia de criar bares com terminais de computador ligados ___ Internet foi importada do Primeiro Mundo, onde eles começaram ___ surgir ___ de dois anos."

- **A** à – a – a – há – a – a – há cerca
- **B** a – à – à – há – à – a – acerca
- **C** à – à – à – à – a – a – a cerca
- **D** à – à – a – há – à – a – há cerca
- **E** a – a – à – a – à – a – a cerca

75. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas:

"De uma forma mais genérica, ___ que substituir ___ imagem centralizada e que tende ___ uniformidade de indivíduo possuidor de alguns direitos e submetido ___ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social ___ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação ___ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados."

- **A** há – a – à – a – às – a
- **B** à – à – a – à – as – a
- **C** há – à – a – à – às – a
- **D** a – à – à – a – às – a
- **E** a – há – à – a – as – a

76. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Desde a Declaração de Direitos da ONU, em 1948, ___ expressão 'direitos humanos' compreende pelo menos três tipos de direitos: a) os direitos e liberdades civis; b) direito de participação política por meio da escolha de representantes; e, c) direitos econômicos e sociais. Essa última categoria de direitos humanos é ___ mais recente das três citadas e tem como exemplos o direito do trabalho, o direito ___ previdência social, o direito ___ uma renda mínima e o direito ___ educação entre outros."

Ⓐ à – à – a – a – à
Ⓑ a – à – a – à – à
Ⓒ a – a – à – à – a
Ⓓ a – a – à – à – à
Ⓔ a – a – à – a – à

77. CESPE-UnB – Julgue os itens seguintes, com relação ao emprego do sinal indicativo de crase:

1. Nas grandes cidades brasileiras a começar pelas duas maiores, mata-se praticamente como se se tratasse de algo inerente à existência humana.

2. Desde crianças, vemos mortes violentas às dúzias.

3. Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos nossos direitos, dentro em breve não teremos mais direito nenhum, nem mesmo à vida.

O emprego do sinal indicativo de crase encontra a mesma justificativa em:

Ⓐ nos itens 1e 2;
Ⓑ nos itens 2 e 3;
Ⓒ nos itens 1, 2 e 3;
Ⓓ nos itens 1 e 3;
Ⓔ em nenhum dos itens.

78. CESPE-UnB – Marque a opção em que o conjunto de palavras preenche adequadamente as lacunas:

"Para muitas pessoas não habituadas ___ lidar com as questões relativas ___ aplicação da lei penal, ___ agravação das penas é vista como uma forma de reduzir as taxas de criminalidade. Supõe-se que os criminosos se determinam ___ prática de atos antissociais estimulados pela leniência das sanções criminais. E, mais ainda, convencidos de que o quadro geral e amplo da impunidade servirá de manto protetor ___ suas investidas delituosas."

Ⓐ à – à – à – a – às
Ⓑ a – a – à – à – às
Ⓒ a – a – à – à – as
Ⓓ a – à – a – à – às
Ⓔ à – à – a – à – às

79. CESPE–UnB – Reconheça o par em que há emprego facultativo de acento indicador de crase:

- **A** "Às vezes o afinador não ganha isso durante a viagem." / às claras
- **B** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / desobedecer à instrução
- **C** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / atender à sua eleição
- **D** "Em frente à Câmara, agravando pelo som a sensação de calor..." / em relação à votação
- **E** Desconheço a resposta correta.

80. FESP-RJ – A respeito do emprego do acento grave indicativo de crase, assinale a opção correta:

- **A** Em "Estatuto dos Funcionários, art. 240: O dia 28 de outubro será consagrado ao Servidor Público", a pluralização da expressão "Servidor Público" e a supressão do artigo definido masculino singular que a precede implicariam automático emprego do acento grave indicativo de crase.
- **B** Em "Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou; ótimo, porque assim trabalho à vontade.", o emprego do acento grave decorre da regência do verbo trabalhar, que impõe o uso da preposição a, antes do substantivo feminino vontade, que está precedido de artigo definido.
- **C** Em "E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam lugar à turma dos 'caxias'", a seguinte estrutura morfossintática justifica o emprego do acento grave indicativo de crase: expressão regida pela preposição "a", seguida de substantivo feminino antecedido por artigo definido.
- **D** Justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase, em "Nenhum – a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão" pela natureza exclusivamente adverbial da locução utilizada para indicar circunstância de lugar.
- **E** Seria obrigatório o emprego do acento grave indicativo de crase caso o texto "Correu a telefonar de uma confeitaria para a residência do chefe" fosse redigido da seguinte forma: "Correu à uma confeitaria para telefonar à residência do chefe".

81. NCE-UFRJ – O uso do acento grave no a é opcional em:

- **A** "...redução da cultura a sua dimensão mercadológica..."
- **B** "...redução da cultura a uma mercadoria barata..."
- **C** "...redução da cultura a essa imagem formada..."
- **D** "...redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia..."
- **E** "...redução da cultura a que nos vamos acostumando..."

82. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Os juízes federais, ___ três semanas, começaram ___ discutir ___ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa ___ muito atribuída ___ Caixa Econômica Federal."

Ⓐ a, há, a, há, a
Ⓑ a, há, à, a, há
Ⓒ há, a, a, há, a
Ⓓ há, à, a, há, à
Ⓔ há, a, a, há, à

83. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Vale ____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que ____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim ____ acirrada polêmica que se vem travando ____ quatro décadas."

Ⓐ a – à – às – há
Ⓑ a – a – à – a
Ⓒ à – a – a – à
Ⓓ a – a – à – há
Ⓔ à – à – a – há

84. NCE-UFRJ – Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:

Ⓐ Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
Ⓑ Pedi um favor a Júlia.
Ⓒ A rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
Ⓓ Comemorar o "descobrimento" é, no mínimo, reforçar a visão colonialista.
Ⓔ Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

85. NCE-UFRJ – O acento grave da crase foi empregado <u>erroneamente</u> em:

Ⓐ Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
Ⓑ Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
Ⓒ Essas atividades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
Ⓓ Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
Ⓔ A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

86. NCE-UFRJ – A alternativa com <u>erro</u> no emprego do acento indicativo de crase é:

Ⓐ A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
Ⓑ Explicava sua experiência à sua filha.
Ⓒ Deveria explicar sua experiência à essa gente.
Ⓓ Esperou do meio-dia às quatro horas.
Ⓔ Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

87. NCE-UFRJ – Em "...esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados" há um exemplo de crase assinalada pelo sinal grave.

A alternativa em que este sinal foi <u>erradamente</u> utilizado é:

- **A** A equipe deve o êxito da campanha à boa forma de seus atletas.
- **B** O fornecimento de energia elétrica só foi normalizado à 1 hora da madrugada.
- **C** Não posso deixar de assistir à esta parte da novela.
- **D** Os formandos ficarão sentados à nossa direita.
- **E** Os rebeldes foram levados à presença do rei.

88. FEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:

I. O candidato respondeu corretamente ___ maioria das questões.

II. Não assisti ___ primeira parte do filme; mesmo assim entendi bem o enredo.

III. Transcorridos nove meses, deu ___ uma linda menina.

- **A** à, à, à luz
- **B** a, a, a luz a
- **C** a, à, a luz a
- **D** à, a, à luz

89. FGV – Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> no uso do acento indicativo de crase:

- **A** O leitor dedicava-se à leitura de crônicas.
- **B** O cronista dava preferência às crônicas de estilo mais elaborado.
- **C** O cronista produzia seus textos à tardinha.
- **D** O cronista deve estar atento às situações do cotidiano.
- **E** O texto da crônica lembrava-lhe à sua infância.

90. FCC – "O Rio Grande do Norte foi o estado pioneiro ao conceder ___ mulheres a possibilidade de ir ___ urnas, manifestando sua vontade pelo voto, permitido somente ___ homens, no resto do Brasil."

As lacunas da frase apresentada serão corretamente preenchidas por:

- **A** às – às – a;
- **B** às – as – a;
- **C** as – às – a;
- **D** às – às – à;
- **E** as – as – à.

91. CEPERJ – No segmento "...se ligam muito mais aos países ricos do que às <u>realidades brasileiras</u>", o acento indicativo de crase é obrigatório. Da mesma forma, o acento grave é obrigatório, ao se substituir a expressão destacada por:

- **A** "...aquela realidade."
- **B** "...a esta realidade."
- **C** "...a tal realidade."
- **D** "...a nossa realidade."
- **E** "...a uma realidade."

92. FJPF – Com as alterações feitas na redação da parte destacada do trecho "o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo <u>às ações que sente ânimo de praticar</u>", o acento grave indicador da crase só será usado em:

- **A** a ações que sente ânimo de praticar;
- **B** a uma ou outra ação que sente ânimo de praticar;
- **C** a suas próprias ações;
- **D** a própria ação;
- **E** a elas, suas próprias ações.

93. CESGRANRIO – Na expressão "direito à <u>vida</u>", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

- **A** viver dignamente;
- **B** diferentes formas de mídia;
- **C** uma escolha profissional;
- **D** toda assistência médica;
- **E** segurança pública.

94. CESGRANRIO – Assinale a frase com o uso <u>incorreto</u> do acento indicativo de crase:

- **A** Deve ser garantido à todas as pessoas o direito de ir e vir.
- **B** Estamos à procura de bons roteiros de viagem.
- **C** Foi da Itália à Alemanha de avião.
- **D** Viajamos à tarde para São Paulo.
- **E** Às vezes ele caminha no Jardim Botânico.

95. FUMARC – O acento indicador de crase foi corretamente empregado em:

- **A** Estamos viajando em direção à Brasília.
- **B** Deu à luz uma menina forte e saudável.
- **C** Entregou à suas antigas colaboradoras o material.
- **D** O acidente ocorreu à cerca de 2 km da estação central.

96. FUMARC – "Tal fato levar-nos-á <u>a</u> (1) percepção diferenciada da documentação respeitante <u>a</u> (2) essas cartas e certidões, tanto no que se refere <u>a</u> (3) análise de seu conteúdo, quanto no que respeita <u>as</u> (4) estruturas institucionais nas quais se inseriam."

Tendo em conta o trecho acima, assinale a alternativa na qual os casos em que o acento indicador de crase deverá ser empregado estejam corretamente indicados:

- **A** 1 – 2 – 4;
- **B** 1 – 3 – 4;
- **C** 2 – 3;
- **D** 3 – 4.

97. FUMARC – Nas frases a seguir, substituindo-se as palavras sublinhadas pelas dos parênteses, o acento indicador de crase poderá ser empregado:

I. Solicitou a suas amigas um novo encontro. (propôs)

II. O secretário realizou a leitura da ata da reunião anterior. (procedeu)

III. O prefeito não mencionou as obras de canalização. (fez menção)

Ⓐ apenas em I e III;
Ⓑ apenas em II e III;
Ⓒ apenas em um dos casos;
Ⓓ em todos os casos.

98. FUMARC – Considerando os elementos destacados nos dois versos que se seguem, a alternativa em que o uso do acento de crase foi corretamente indicado é:

"Quando o amor bate a porta, tudo é festa.

Quando o amor bate a porta, nada resta." **(Cineas Santos, poeta piauiense)**

Ⓐ à – à
Ⓑ a – à
Ⓒ a – a
Ⓓ à – a

99. CETRO – Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços no período abaixo:

"Quando ___ dez dias comunicou ___ ela que iria ___ França para concluir seu mestrado, pôs-se ___ chorar."

Ⓐ a – a – a – a
Ⓑ há – a – à – a
Ⓒ há – à – à – a
Ⓓ a – à – a – à
Ⓔ há – a – a – à

100. FUNRIO – A palavra sublinhada deve ter acento grave, indicativo da crase, na frase:

Ⓐ Dirijo-me a V.Sª para fazer uma solicitação.
Ⓑ Dirija-se a qualquer pessoa.
Ⓒ Referiu-se aquele ofício.
Ⓓ Vale a pena trabalhar na Secretaria.

101. FEPESE – Nas frases abaixo, assinale a alternativa em que não ocorre crase:

Ⓐ A força de pensar acabou adormecendo.
Ⓑ Cheguei as dez horas.
Ⓒ Os marinheiros já voltaram a terra natal.
Ⓓ Há fatos que eu não revelaria a ninguém.
Ⓔ Ele já se dirigiu a Bahia.

102. COSEAC-UFF – No trecho "mas parece que o óbvio, exatamente por ser óbvio, fica à mercê de se situar num plano secundário", a locução "à mercê de" aparece corretamente grafada com o acento indicativo da crase. Das frases abaixo, aquela em que não ocorre crase na locução, não se justificando, por isso, o emprego do acento indicativo da crase, é:

- **A** À proporção que lia as obras de Monteiro Lobato, mas se encantava com seus personagens.
- **B** As sociedades em que a educação é tratada como prioridade estão quilômetros à frente das outras.
- **C** Na época de Zumbi, os combatentes ficavam cara à cara com os inimigos.
- **D** As obras de construção do monumento a Zumbi foram feitas à custa do Movimento Negro.
- **E** Estar à distância de um contexto histórico-social não justifica análises incorretas de pessoas e fatos.

103. COSEAC-UFF – Nos trechos "...a lançar um livro à venda na Internet..." e "...o mecanismo de difusão de suas obras pouco lhes importa quando comparado à arte da criação...", ocorrem situações de crase devidamente marcadas com o acento. Há situações, entretanto, em que a ocorrência da crase é facultativa, sendo facultativo o emprego do acento. Nos pares de frase abaixo, em ambas ocorrem situações de crase, ou de crase facultativa, que devem ou podem ser marcadas com o acento. O par no qual uma das frases está com a marcação do acento <u>incorreta</u>, pois <u>não</u> ocorre crase, é:

- **A** Os autores retiraram-se do local de lançamento do livro às dez horas. / Sem apoio das editoras, o autor teve de editar a obra à suas expensas.
- **B** Esta é a editora à qual pertence grande parte das obras publicadas como *e-book*. / João Ubaldo irá à Bahia exclusivamente para o lançamento de seu novo livro.
- **C** À custa de muito esforço, digitalizaram todo o acervo da editora. / O escritor referia-se à sua obra com orgulho por ter sido lançada como livro eletrônico.
- **D** A referência àquele novo catálogo de livros eletrônicos trouxe luz à discussão. / Os leitores sentiam-se à vontade para optar ou não pelo *e-book*.
- **E** Ligado às nossas tradições editoriais, o escritor não abria mão de publicar seus livros em papel. / O lançamento do primeiro título eletrônico dedicado à memória dos grandes escritores emocionou a todos.

104. COSEAC-UFF – Das frases abaixo, está correta quanto ao emprego do acento indicativo da crase:

- **A** Oito critérios indicam à dependência de internet, segundo os psicólogos.
- **B** O programa destina-se à orientação dos jovens dependentes de internet.
- **C** Os especialistas recorreram à uma orientação menos conhecida.

Ⓓ O tratamento identifica as condições ambientais à que os dependentes se sujeitam.
Ⓔ Os terapeutas recomendam à todos os jovens que busquem outras formas de relacionamento com o mundo.

105. COSEAC-UFF – Na oração "as doenças relacionadas à água de má qualidade são atualmente a principal causa de mortes", foi empregado corretamente o acento indicativo de crase. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase também está corretamente empregado é:

Ⓐ Foram liberados recursos destinados à minorar os efeitos da seca.
Ⓑ Fomos apresentados à algumas pessoas interessadas no projeto.
Ⓒ Certos povos são obrigados à economizar água.
Ⓓ As empresas foram condenadas à três anos de suspensão das atividades.
Ⓔ O governo emitiu uma circular dirigida à companhia de água e esgoto.

106. FUNRIO – "E se engana quem estiver pensando que os clientes não prestam atenção a esses detalhes." Nesse período, percebe-se que não ocorre acento grave antes do pronome demonstrativo esse. Assinale a alternativa em que há erro no emprego do acento grave:

Ⓐ Vamos à feira.
Ⓑ Falávamos àquela que nos decepcionou.
Ⓒ Os amantes encontravam-se às escondidas.
Ⓓ O homem dirigia-se à qualquer local.
Ⓔ Encontremos nosso professor à uma hora!

107. FUNRIO – Assim como está adequado o emprego de à antes de "livre manifestação", também está inteiramente correto o uso da crase na frase da alternativa:

Ⓐ À meia-noite, chegaram os peregrinos à pé.
Ⓑ Fomos levados às escondidas àquele local.
Ⓒ Pedirei à V. Exa. a anotação desta ocorrência.
Ⓓ Para combater à manipulação, procederemos à revisão à noite.
Ⓔ Oferecemos sanduíches à metro e vendemos à varejo.

108. FUNRIO – "O nome 'Manifesto Antropofágico' recuperava a crença indígena: os índios antropófagos comiam o inimigo, supondo que assim estavam assimilando suas qualidades."

A crença indígena está comentada adiante numa frase totalmente correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase. Assinale-a:

Ⓐ À medida que comiam seus inimigos, os índios assumiam à certeza de seu aprimoramento.
Ⓑ Os antropófagos não comiam seus inimigos à guisa de uma assimilação à esmo.
Ⓒ Supor essa assimilação era, às vezes, tratar seus inimigos à ferro e fogo.
Ⓓ Somente à partir de uma atitude canibal se justificaria o incentivo à antropofagia.
Ⓔ Cabia às tribos propagar que as qualidades dos inimigos seriam assimiladas pela antropofagia.

109. FUNRIO – Marque a alternativa em que a frase está inteiramente adequada no que concerne à pontuação:

Ⓐ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓑ Todos os brasileiros, têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓒ Todos os brasileiros têm, essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓓ Todos os brasileiros têm essa oportunidade, única de mudar para um país melhor.
Ⓔ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para, um país melhor.

110. IPAD – Observe o fragmento a seguir, em relação ao uso de crase: "...é necessário dar um destino à montanha de lixo...".

É correto afirmar que:

Ⓐ o uso da crase é facultativo;
Ⓑ o uso da crase decorre da utilização do verbo <u>ser</u>;
Ⓒ o uso da crase decorre da utilização da locução verbal <u>é necessário</u>;
Ⓓ é um caso de regência nominal, o termo regente destino e o termo regido <u>a montanha</u>;
Ⓔ a locução conjuntiva <u>à montanha</u> torna obrigatório o uso da crase.

111. IPAD – "E bem à vista exibo esta etiqueta..."

A crase ocorre no enunciado acima pelo mesmo motivo que ocorre em:

Ⓐ A etiqueta está à mostra.
Ⓑ Atribuo esta loucura à sede insaciável de consumo.
Ⓒ Nem todos têm acesso à riqueza produzida na sociedade.
Ⓓ Ninguém consegue viver alheio às necessidades fabricadas artificialmente.
Ⓔ À alegria simples do cotidiano contrapõe-se a angústia da acumulação exagerada de bens supérfluos.

112. VUNESP – Assinale a alternativa que preencha respectivamente as lacunas do texto.

Morador de Bruxelas, morto em junho, teria contraído bactéria ___ resistente ___ vacina aplicada, no país asiático, após o acidente e ___ hospitalização.

Ⓐ a – à – à
Ⓑ à – a – à
Ⓒ à – a – a
Ⓓ a – à – a
Ⓔ à – à – a

113. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula:

Ⓐ Os livros, que ele escreveu, permanecem.
Ⓑ Todos durante a festa, se emocionaram.
Ⓒ Nós caros amigos, esperamos recebê-los.
Ⓓ Vinicius, que foi um apreciado poeta, já não vive.
Ⓔ Meu pai, digo meus pais, eram morenos.

114. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto quanto ao emprego ou não do acento indicativo de crase.

Se passamos 70% do tempo no trabalho, devemos levar ___ sério as relações que se constroem nesse ambiente. É importante dar o devido valor ___ cada um que está ___ nossa volta, pois não se encontram verdadeiras amizades ___ toa.

Ⓐ à – a – à – à
Ⓑ à – à – a –a
Ⓒ à – a – à – à
Ⓓ a – a – à – à
Ⓔ a – à – a – à

115. VUNESP Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não do acento indicativo da crase:

Ⓐ Na Europa, as pessoas usavam os óculos as escondidas.
Ⓑ Os monges não mostravam a ninguém como faziam as pedras de leitura.
Ⓒ As pessoas passaram à enxergar melhor depois que foram criados os óculos em formato de V invertido.
Ⓓ Marco Túlio Cícero não se dirigia à seus escravos porque não os enxergava.
Ⓔ As vezes, os problemas de visão não eram revelados para que as pessoas não se aposentassem.

116. FEC – Na passagem: "E vai folheando à toa.", o acento indicativo da crase está corretamente empregado. Assinale a opção a seguir em que o emprego do acento grave em questão seja justificado pelo mesmo motivo que na passagem em estudo:

Ⓐ Permanecem, ainda hoje, à beira da falência.
Ⓑ Presentou-me com uma tela à tinta.
Ⓒ Os viajantes regressaram à Madri de seus antepassados.

Ⓓ Falou à vontade durante a reunião.
Ⓔ À medida que nos aproximávamos, mais exauridos ficávamos.

117. FEC – Observe as frases a seguir:

I. A lei dos zoológico foi promulgada ___ 24 anos, ___ fim de garantir os cuidados com os animais.

II. O descumprimento das normas pode levar ___ uma punição mais severa: o fechamento do zoológico.

III. O Ibama concedeu permissão ___ prefeitura para abrir um novo zoológico.

Para o correto preenchimento das lacunas das frases lidas, têm de ser usados, respectivamente, os termos:

Ⓐ há – a – a – à;
Ⓑ a – à – há – à;
Ⓒ há – a – à – há;
Ⓓ à – há – à – a;
Ⓔ há – a – há – a.

118. FEC – Está <u>incorreto</u>, do ponto de vista do emprego do sinal indicador da crase, o período:

Ⓐ Pode-se prever sua anuência às propostas de publicação dos atos administrativos.
Ⓑ Não caberia sua anuência à uma proposta de publicação dos atos administrativos.
Ⓒ Obtivemos às pressas sua concordância para a publicação dos atos administrativos.
Ⓓ Não se soube informar qual é a autoridade à qual se deve solicitar a publicação dos atos administrativos.
Ⓔ Criou-se uma expectativa quanto à publicação dos atos administrativos.

119. FEC – É facultativo o uso do acento grave no "a" destacado em:

Ⓐ "...pescávamos enchovas na bela ilha da Vitória, <u>a</u> cerca de 15 milhas (ou 26 quilômetros) da costa."
Ⓑ "Divertimo-nos [...] naquele fim de tarde, reservando alguns exemplares para nosso consumo e devolvendo a grande maioria <u>à</u> água."
Ⓒ "O que são trinta exemplares em meio <u>às</u> centenas que talvez passassem pelo local?"
Ⓓ "...nos dias que se passaram <u>à</u> nossa pescaria, soubemos que aquela costeira foi varrida por dezenas de outras embarcações."
Ⓔ "...sua eficiência [...] só aumenta <u>a</u> cada geração de modelos lançados no mercado."

120. FEC – As frases a seguir, retiradas de contos diversos de Lygia Fagundes Telles, apresentam espaços que devem ser preenchidos com a ou à. Preencha- os:

"Assim que acordou, ___ hora do jantar, desandou nos telefonemas, avisando ___ velharia da irmandade que 'o menino estava doente'."

"Saí em seguida, fingindo não ver ___ carinha safada de um dos anões que estava ali por perto."

"Conceição veio interromper ___ conversa para mostrar ___ amiga ___ bolsa que tinha comprado."

A alternativa cujas palavras preenchem, respectiva e corretamente, os espaços é:

A a – à – à – a – a – à;
B à – a – a – a – à – à;
C à – a – à – à – a – à;
D a – à – a – à – à – a;
E à – à – a – a – à – a.

GABARITO

1. E	17. E	33. E	49. E	65. C	81. A	97. D	113. D
2. A	18. B	34. B	50. A	66. B	82. E	98. A	114. D
3. A	19. C	35. A	51. B	67. A	83. D	99. B	115. B
4. A	20. A	36. A	52. E	68. A	84. B	100. C	116. D
5. A	21. B	37. C	53. A	69. A	85. D	101. D	117. A
6. A	22. D	38. E	54. A	70. C	86. C	102. C	118. B
7. A	23. C	39. C	55. A	71. A	87. C	103. A	119. B
8. B	24. A	40. C	56. B	72. A	88. A	104. B	120. E
9. E	25. B	41. C	57. A	73. D	89. E	105. E	
10. C	26. E	42. A	58. A	74. D	90. A	106. D	
11. C	27. A	43. A	59. D	75. A	91. A	107. B	
12. A	28. B	44. C	60. B	76. E	92. D	108. E	
13. D	29. C	45. D	61. C	77. C	93. E	109. A	
14. D	30. A	46. B	62. D	78. D	94. A	110. D	
15. C	31. C	47. A	63. A	79. D	95. B	111. A	
16. B	32. B	48. B	64. A	80. C	96. B	112. D	

Exercícios de Concordância Nominal e Verbal

1. NCE-UFRJ – O item em que a passagem para o plural do segmento inicial traz um erro gramatical é:

- **A** "Não poderia haver reivindicação mais justa..." – Não poderiam haver reivindicações mais justas...
- **B** "Sabiamente, esse conceito evoluiu." – Sabiamente, esses conceitos evoluíram.
- **C** "Cobra-se, agora, o compromisso..." – Cobram-se, agora, os compromissos...
- **D** "...faça como eu, use..." – ...façam como eu, usem...
- **E** "...a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível..." – ...as responsabilidades de pais e professores continuam sendo intransferíveis...

2. FJPF – Há, segundo a norma escrita contemporânea, erro de concordância verbal no seguinte item:

- **A** Dentre os jornalistas, dez por cento pediu demissão do jornal.
- **B** Haveria de haver sérios motivos para que fosse demitido do jornal.
- **C** Ignoram-se os motivos de sua demissão do jornal.
- **D** Mais de um jornalista acusavam-se de deslealdade na redação do jornal.
- **E** Um ou outro jornalista poderiam chegar à chefia da redação.

3. FGV – "Permanente é o país e suas escolhas."

Embora a palavra permanente se refira a país e suas escolhas, a concordância se fez corretamente com o mais próximo. Assinale a alternativa em que tenha havido inadequação à norma culta da língua no que tange às regras de concordância:

- **A** As alegrias da casa era ele.
- **B** Compramos caras blusas e sapatos.
- **C** Ele pediu emprestado os livros com as anotações.
- **D** Cheguei eu e ele para a festa.
- **E** Marcamos ao meio-dia e meia.

4. FEPESE – Assinale a alternativa errada, quanto à concordância:

- **A** Guido foi à CEASA ao meio-dia e meia.
- **B** Vossa Senhoria deseja que o informemos a respeito dos produtos por nós comercializados?
- **C** Neste setor é proibida a entrada de estranhos.
- **D** Faz dezoito anos que moro perto da CEASA.
- **E** Deve ser encaminhado à diretoria, mensalmente, os demonstrativos periódicos dos trabalhos aqui realizados.

5. NC-UFPR – Que alternativa não reescreve a sentença de acordo com a língua padrão escrita, ao ser substituída a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses?

- **A** O secretário tem o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo o próprio veículo. (secretários) / Os secretários têm o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo os próprios veículos.
- **B** Muitas vezes, ele, engenheiro aeronáutico formado pelo ITA, pilota o avião que o transporta. (eles) / Muitas vezes, eles, engenheiros aeronáuticos formados pelo ITA, pilotam os aviões que o transportam.
- **C** Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, à inauguração de uma obra nas proximidades da grande São Paulo. (instalações) / Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, às instalações de obras nas proximidades da grande São Paulo.
- **D** Junto de Rais Lopes estavam assessores, acomodados a seu lado. (um assessor) / Junto de Rais Lopes estava um assessor, acomodado a seu lado.
- **E** Quando o veículo foi parado na entrada do evento, um segurança se aproximou. (os veículos) / Quando os veículos foram parados na entrada do evento, um segurança se aproximou.

6. FUMARC – A concordância verbal está correta, exceto em:

- **A** O diesel e a gasolina aumentou.
- **B** Aumentou a gasolina e o diesel.
- **C** O diesel e a gasolina aumentaram.
- **D** Aumentaram a gasolina e o diesel.

7. NCE-UFRJ – "Gates e Buffett doaram eles ___ ___ recursos para homens e mulheres ___." A alternativa cuja sequência preenche adequadamente as três lacunas desse período é:

- **A** mesmos – bastantes – desabrigados;
- **B** mesmo – bastante – desabrigadas;
- **C** mesmo – bastantes – desabrigados;
- **D** mesmos – bastante – desabrigadas;
- **E** mesmo – bastante – desabrigado.

8. FJPF – No tocante à concordância, há equívoco na redação da seguinte frase:

Ⓐ São desses fatos sociais que se pode extrair maiores ensinamentos no Direito.
Ⓑ Decerto que aos legisladores não cabe inspirar-se obrigatoriamente nos fatos sociais.
Ⓒ Duas horas eram o tempo que me restava para opinar sobre as normas jurídicas referidas.
Ⓓ Impõe-se, pois, ao magistrado tantas questões resolver quantas a ele se oferecerem.
Ⓔ Não devia haver dúvidas quanto à aplicação das normas jurídicas como instrumento de controle social.

9. FJPF – A concordância empregada para o verbo existir na oração "...não existiria a decepção e a desonestidade, tão frequentes..." justifica-se pela seguinte razão:

Ⓐ esse verbo é impessoal, quando usado no sentido de haver;
Ⓑ houve elipse do sujeito, expresso em oração anterior;
Ⓒ a expressão em que se encontra o verbo é própria da linguagem oral;
Ⓓ o sujeito do verbo está indeterminado;
Ⓔ o sujeito do verbo é composto, mas posposto a ele.

10. FGV – "Não encontrou acolhida a hipótese de conservar tudo como estava, pelo recurso de batizar de 'planetas clássicos' os nove planetas tradicionais e fechar as portas da família aos intrusos."

No trecho acima, a palavra acolhida foi flexionada corretamente, para concordar com o termo a que se refere (hipótese).

Assinale a alternativa em que a concordância não se fez segundo a norma culta:

Ⓐ A moça disse: "Obrigada".
Ⓑ Ele pediu emprestado dez reais.
Ⓒ Eles são tais qual o pai.
Ⓓ Eram motivos o mais interessantes possível.
Ⓔ Ela ficou meio atormentada com a notícia.

11. FGV – "Aqui há plantas que dão duas, três safras por ano."

Substituindo-se a forma verbal do trecho acima por outra, só não se respeitou a norma culta em:

Ⓐ Aqui existem plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓑ Aqui deve haver plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓒ Aqui podem existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓓ Aqui há de existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓔ Aqui pode haver plantas que dão duas, três safras por ano.

12. CESGRANRIO – Marque a frase em que a concordância nominal está correta:

Ⓐ Imagens e telefonemas diárias intrigavam os pesquisadores.
Ⓑ A garimpagem é proibido naquela região.
Ⓒ Havia místicos e pesquisadoras interessados no lugar.
Ⓓ Fotos e imagens eram a mesma de sempre.
Ⓔ A cidade crescia rapidamente, a olho vistos.

13. FUJB – "...trabalham 4,3 milhões de crianças e adolescentes." A frase abaixo que apresenta forma correta de concordância nominal ou verbal é:

Ⓐ "...trabalha 1,3 milhões de crianças e adolescentes."
Ⓑ "...trabalha 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓒ "...trabalham 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓓ "...trabalham 2,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓔ "...trabalha 2,3 milhões de crianças e adolescentes."

14. NCE-UFRJ – A frase abaixo com um <u>erro</u> de concordância (nominal ou verbal) é:

Ⓐ No anúncio da ótica, o óculos estava quebrado.
Ⓑ As crianças, por si mesmas, decidiram rabiscar o cartaz.
Ⓒ O anunciante era um dos que deveriam falar naquele congresso.
Ⓓ Nosso melhor guia devem ser a honra e o dever.
Ⓔ O bando de crianças mancharam os cartazes da feira.

15. NCE-UFRJ – "Nosso povo, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, não se identifica com o Estado." A forma <u>inadequada</u> de reproduzir-se esse mesmo período do texto é:

Ⓐ Nosso povo não se identifica com o Estado, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus.
Ⓑ Diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, nosso povo não se identifica com o Estado.
Ⓒ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente do nosso povo, não se identifica com o Estado.
Ⓓ Não só os americanos do Norte, mas também quase todos os europeus, se identificam com o Estado, diferentemente de nosso povo.
Ⓔ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente de nosso povo, se identificam com o Estado.

16. NCE-UFRJ – "Cerca de 75% do total de recursos doados nacionalmente vem de pessoas físicas." A respeito da concordância verbal e nominal presente nesta frase, pode-se verificar que:

Ⓐ a forma verbal concorda com a porcentagem;
Ⓑ o adjetivo "doados" deveria estar no singular, concordando com "total";

C a forma verbal concorda com “recursos”;
D a forma verbal concorda com a porcentagem ou com “total”;
E a forma verbal concorda com “total”.

17. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro de concordância quanto à norma culta é:

A Terminadas as doações, os milionários viajaram.
B A situação das doações foi considerada meia tranquila.
C O rosto dos necessitados era de uma coloração vermelho-escura.
D Dinheiro, equipamentos, nada podia ser dado.
E Ajudaram as fundações empresários e políticos.

18. FJPF – Na oração “Discrepâncias à parte, o fato é que nós, os caminhantes, formamos uma verdadeira tribo”, se o autor optasse por redigi-la sem o pronome nós, do ponto de vista da concordância verbal, considerando-se a norma culta da língua, poder-se-ia afirmar que:

A estaria incorreta, pois o sujeito “os caminhantes” exigiria o verbo na 3ª pessoa do plural;
B estaria correta, constituindo-se um caso de concordância ideológica;
C seria admissível, caso se tratasse de um texto não literário;
D é um caso de concordância praticado na língua clássica, mas em desuso na língua atual;
E para estar correta, o verbo teria de concordar com o sujeito “uma verdadeira tribo”.

19. FJPF – A concordância verbal está em conformidade com a norma preconizada pela gramática em:

A Não existe atualmente no Brasil grandes projetos em curso na área de educação.
B Fazem muitos anos que a educação deixou de ser prioridade entre nós.
C Os projetos que deveria estar em votação no Congresso encontram-se arquivados.
D Antigamente haviam homens que se preocupavam com a educação no país.
E A maioria dos projetos brasileiros pertencem a setores da educação tecnológica.

20. UPENET – Observando o trecho “...a ponto de seus moradores considerarem banal o assassinato de um ser humano...”, conclui-se que o termo sublinhado:

A poderia, neste contexto, também se flexionar no plural;
B concorda, apenas, com o termo “ser’”;
C constitui-se um exemplo da concordância do verbo com o seu sujeito;
D concorda em gênero e número com o nome a que se refere, “assassinato”;
E se manteria no singular, mesmo se o termo ‘assassinato’ se flexionasse no plural.

21. NCE-UFRJ – "Os EUA invadiram o Afeganistão." Segundo o gramático Celso Cunha p. 493, "os nomes de lugar e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo". Nesse caso:

- **A** a regra foi parcialmente respeitada;
- **B** a regra não se aplica ao segmento destacado do texto;
- **C** a autora não obedece à regra da norma culta;
- **D** o segmento do texto mostra outra possibilidade de concordância;
- **E** a autora do texto obedece fielmente à regra gramatical.

22. FJPF – O comentário correto acerca da concordância verbal em "Onde estavam todo aquele ruído, as carreiras pelo corredor, as brigas da velha Sinhazinha?" é:

- **A** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é composto.
- **B** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é indeterminado.
- **C** O verbo poderia estar no singular, porque o sujeito da frase é composto, mas posposto a ele.
- **D** O verbo poderia estar no singular, porque se faz preceder de um advérbio interrogativo.
- **E** Há erro de concordância, pois a frase não tem sujeito.

23. FGV – No trecho "o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem", o verbo foi flexionado corretamente no plural, observando o caso de sujeito composto com núcleos ligados por OU.

Assinale a alternativa em que, no mesmo caso, a flexão do verbo não seria possível:

- **A** Esperávamos que ele ou o irmão viessem nos apanhar.
- **B** Umidade intensa ou ressecamento excessivo não nos fazem bem.
- **C** João Carlos ou Pedro se casariam com Marta.
- **D** O jornal ou a revista podem apresentar detalhadamente a notícia.
- **E** Podem ser entregues o original do documento ou sua cópia.

24. FUMARC – A concordância verbal está correta, <u>exceto</u> em:

- **A** O relógio deu dez horas.
- **B** Na matriz, bateu oito horas.
- **C** O sinal da escola soou treze horas.
- **D** Eram sete horas, hora das orações.

25. FUMARC – <u>Não</u> há erro de concordância nominal apenas em:

- **A** Apesar da pouca experiência, os alunos produziram fotos cuja qualidade nos surpreendeu.

Ⓑ Por um descuido, os juros embutido no preço do equipamento acabaram não sendo computados.
Ⓒ A ema é uma ave grande, de pernas compridas e penas cinzentas, encontradas em nossos pastos.
Ⓓ Depois de muitas idas e vinda e de muita discussão com meu contador, estou finalmente quites com a Receita Federal.

26. NCE-UFRJ – "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura." Sobre os aspectos da concordância nominal e verbal dessa frase, podemos dizer que:

Ⓐ o adjetivo "inviável" concorda com "criatura";
Ⓑ a forma verbal "tornará" concorda com o sujeito posposto;
Ⓒ o pronome "qualquer" é invariável;
Ⓓ o numeral "terceiro" não concorda com o substantivo "planeta";
Ⓔ no plural, "quaisquer criaturas" não modificaria a forma do adjetivo "inviável".

27. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

Ⓐ Os americanos já tinham bastante motivos para mudar de política.
Ⓑ Que houvesse ou não existido opiniões contrárias a Bush não nos importava.
Ⓒ Vossa Excelência, George Bush, sereis recebido com honras na Venezuela.
Ⓓ Surgiu, no meio do processo, duas novas tendências políticas.
Ⓔ Bush e Clinton haviam chegado às mesmas conclusões.

28. UPENET – Assinale a opção que <u>não</u> se adequaria aos parâmetros da norma culta da língua:

Ⓐ "...ainda que possam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓑ "...ainda que possa haver outras definições bem diferentes,..."
Ⓒ "...ainda que hajam outras definições bem diferentes,..."
Ⓓ "...ainda que devam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓔ "...ainda que venha a haver outras definições bem diferentes,..."

29. NCE-UFRJ – "Haverá milhões de pessoas com Aids." A alternativa abaixo em que a substituição da forma do verbo "haver" está gramaticalmente <u>incorreta</u> é:

Ⓐ Deverá haver.
Ⓑ Poderá haver.
Ⓒ Poderá existir.
Ⓓ Existirão.
Ⓔ Deverão existir.

30. FJPF – A frase "Os cientistas acreditam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem" foi modificada, em cada alternativa abaixo, mediante substituição do verbo acreditar. A substituição é gramaticalmente mal sucedida em:

- **A** Os cientistas admitem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **B** Os cientistas creem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **C** Os cientistas inferem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **D** Os cientistas propõe que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **E** Os cientistas julgam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.

31. FJG – Na frase "[...] mas sempre havia um sonho, um projeto ou um desejo [...].", o verbo grifado apresenta o mesmo critério de concordância de:

- **A** "...existiam um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **B** "...existia um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **C** "...houve muitas mudanças no mundo [...]."
- **D** "...haviam mudado o mundo [...]."

32. FGV – "Lá, alunos ajudaram a criar um centro cultural..."

Assinale a alternativa em que, substituindo-se alunos no trecho acima por outra expressão, foi mantida a correção gramatical:

- **A** "Lá, 1,85% ajudaram a criar um centro cultural..."
- **B** "Lá, 0,98% ajudou a criar um centro cultural..."
- **C** "Lá, a maior parte ajudaram a criar um centro cultural..."
- **D** "Lá, tu e teus amigos ajudaram a criar um centro cultural..."
- **E** "Lá, dois terços ajudou a criar um centro cultural..."

33. CESGRANRIO – Na passagem "há apenas cadáveres e ruínas.", substituindo-se o verbo haver pela locução verbal, tem-se:

- **A** pode existir;
- **B** há de haver;
- **C** hão de haver;
- **D** deve existir;
- **E** devem haver.

34. CESGRANRIO – Assinale a frase correta quanto à concordância verbal:

- **A** Não fosse os pesquisadores e os arqueólogos, o passado continuaria desconhecido.
- **B** Se não houverem peixes no rio, a comunidade semeará e colherá.

Ⓒ Nenhuma das pessoas comentaram a respeito da vida dos habitantes.
Ⓓ Um pesquisador ou algum arqueólogo descobriram ali vestígio de outros povos.
Ⓔ A partir do século XIX encontraram-se na região vários sítios arqueológicos.

35. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a concordância segue a norma culta da língua:

Ⓐ Dos dois cientistas consultados, nem um nem outro aceitou o cargo.
Ⓑ Cada um dos jornalistas fizeram uma pergunta ao entrevistado.
Ⓒ Resta ainda muitas dúvidas sobre o cálculo dos juros.
Ⓓ Fazem dois meses que o cientista concedeu uma entrevista.
Ⓔ Os drogados não parecem perceberem o mal que fazem a si mesmos.

36. FEC – Das modificações feitas abaixo na redação da oração "a maioria dos economistas considera necessário que o país caminhe para a faixa de 25%", aquela em que a concordância está <u>incorreta</u>, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ **"...** a maioria dos economistas consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓑ **"...** grande parte dos economistas considera necessária uma nova faixa de investimentos em torno de 25%.**"**
Ⓒ **"...** metade dos economistas consideram necessário novas medidas que levem o país a caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓓ **"...** um entre dez economistas considera que são necessárias ao país as medidas que permitam caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓔ **"...** não só os economistas, mas também os empresários, consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**

37. CEPERJ – "Os psicólogos têm tido <u>bastante</u> trabalho..." A palavra em destaque deve ser flexionada no plural na frase:

Ⓐ Crianças são ___ curiosas em relação aos fatos da vida.
Ⓑ Certas crianças são ___ desenvolvidas para discernirem o certo do errado.
Ⓒ Os pais conseguem ___ resultados ao colocarem limites para seus filhos.
Ⓓ As origens das distorções não são ___ conhecidas.
Ⓔ Todos conhecemos ___ os limites que devem ser impostos.

38. CEPERJ – "Hoje, se algum telejornal não der a notícia, milhares de sites vão furá-lo..." Apresenta concordância <u>incorreta</u> a seguinte frase:

Ⓐ As milhares de matérias que publicamos são interessantes.
Ⓑ Os milhares de sites que visitamos são conhecidos.
Ⓒ Os milhares de provedores que consultamos são estrangeiros.

Ⓓ Os milhares de pessoas que consultam a rede são inteligentes.
Ⓔ Os milhares de usuários da rede são beneficiados.

39. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

40. NC-UFPR – Se, na frase "De todos os processos analisados por este conselho até agora, a materialidade dos fatos atribuídos ao representado é a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada", a expressão "a materialidade dos fatos" for substituída por "os fatos", serão necessários ajustes na concordância nominal e/ou verbal. Aponte a alternativa em que esses ajustes foram feitos corretamente:

Ⓐ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroverso, incontestáveis e indubitavelmente comprovados."
Ⓑ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovado."
Ⓒ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovados."
Ⓓ "...os fatos atribuídos ao representado são a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada."
Ⓔ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutíveis, incontroversos, incontestável e indubitavelmente comprovado."

41. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a frase está de acordo com regras de uso da língua estabelecidas pela gramática normativa:

Ⓐ Houveram vários casos de gripe aviária em países do leste europeu.
Ⓑ Falta poucos dias para o início da copa do mundo de 2006.
Ⓒ Faz tempo que a população não enfrenta verões com temperaturas tão altas.
Ⓓ Fazem anos que líderes mundiais discutem a paz no Oriente Médio.
Ⓔ Há três dias atrás não tinham pessoas interessadas no imóvel.

42. CESGRANRIO – Quando se substitui a expressão destacada em "Existe pelo menos um par de boas razões para isso." por pelo menos duas boas razões, a concordância, conforme a norma culta, será:

- Ⓐ Devem haver.
- Ⓑ Devem existir.
- Ⓒ Pode existir.
- Ⓓ É possível que hajam.
- Ⓔ Provavelmente têm.

43. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à concordância verbal:

- Ⓐ As casas, as ladeiras, tudo ficavam escondido pela neblina.
- Ⓑ Existe na cidade monumentos a preservar.
- Ⓒ Mistério e beleza convive em Ouro Preto.
- Ⓓ Não ocorreu na cidade grandes mudanças.
- Ⓔ Em Vila Rica viveram grandes poetas.

44. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa em que a concordância nominal não é adequada:

- Ⓐ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatória.
- Ⓑ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatórios.
- Ⓒ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção forçadas.
- Ⓓ A temperatura do Sol obrigava a obrigatório cuidado e proteção.
- Ⓔ A temperatura do Sol obrigava a obrigatória proteção e cuidado.

45. NCE-UFRJ – As regras de concordância nominal dizem que o adjetivo posposto a dois substantivos concorda com o mais próximo ou com o plural dos dois. No caso de "água e terra entrelaçadas", a afirmativa correta, entre as que estão abaixo, é:

- Ⓐ o adjetivo também poderia aparecer na forma "entrelaçada";
- Ⓑ a forma "entrelaçados" do adjetivo também estaria correta;
- Ⓒ se anteposto, a única forma possível do adjetivo seria "entrelaçada";
- Ⓓ por coerência lógica, a única forma possível do adjetivo é "entrelaçadas";
- Ⓔ o adjetivo refere-se exclusivamente ao substantivo "água".

46. FJPF – Tomando-se a oração "...incorporou-se a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços..." e efetuando-se alterações em sua redação, pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta, apresenta erro de concordância verbal a seguinte forma:

- Ⓐ Foram incorporadas a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.

B Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, incorporaram-se a qualidade e a excelência.
C A qualidade e a excelência incorporaram-se ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.
D Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços foi incorporada a qualidade e a excelência.
E A qualidade e a excelência, ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, foi incorporada.

47. FJPF – Entre as modificações feitas na frase "Infelizmente, essa é mais uma prova de que os procedimentos atuais de clonagem são ineficazes", a que contém erro de concordância é:

A Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz o método e os procedimentos atuais de clonagem.
B Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz os procedimentos e o método atuais de clonagem.
C Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz tanto o método quanto os procedimentos atuais de clonagem.
D Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes o método e os procedimentos atuais de clonagem.
E Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes os procedimentos e o método atual de clonagem.

48. FJPF – Consideradas as normas da língua padrão, a alternativa de concordância verbal entre parênteses é igualmente correta em:

A "De que lhe valia (valiam) aquele título de usineira, aquela fama de riqueza?"
B "Moradores vinham de muito longe consultar as mulheres e os filhos, que ficavam (ficava) em casa."
C "Muitos chegavam aflitos para que ela desse um jeito às mulheres, que estavam aperreadas sem que pudessem (pudesse) se aliviar dos filhos."
D "Podia se dizer que o povo do seu engenho não passava (passavam) necessidade."
E "Ali por perto moravam (morava) somente os mecânicos da fábrica, gente que vivia mais ou menos."

49. FEPESE – Assinale a alternativa <u>correta</u>:

A Vende-se apartamentos na praia mais bonita da ilha de Santa Catarina.
B Precisam-se de pedreiros para pequenas reformas.
C No futebol, nem sempre se obedecem às normas da CBF.
D Vaiou-se, por longo tempo, os apresentadores.
E Alugam-se casas para a próxima temporada de verão

50. FEPESE – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "ser":

Ⓐ Era duas da tarde quando a notícia foi veiculada.
Ⓑ Tudo foram desconfianças desnecessárias.
Ⓒ Nem tudo na vida é prazeres e ilusões.
Ⓓ Da minha casa até a de meu amigo é cinco quadras.
Ⓔ Isto será sonhos que jamais acontecerão.

51. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

52. NCE-UFRJ – Assinale a frase com erro de concordância da palavra mesmo:

Ⓐ A Portuguesa, mesmo derrotada, não cairá para a segunda divisão.
Ⓑ Ela mesma arrumou toda a casa.
Ⓒ Joana é teimosa mesmo.
Ⓓ As folhas rasgaram-se por si mesmo.
Ⓔ Na mesma praça, no mesmo jardim.

53. FJPF – De acordo com a norma culta do idioma, preencha abaixo os parênteses com C para enunciado correto e E para enunciado errado.

( ) Algumas pessoas preferem mais sol do que dias chuvosos.

( ) Ele informou o resultado a seus amigos.

( ) Fazem já alguns anos que a pesquisa ocorreu.

( ) Haviam muitos pesquisadores no grupo.

A sequência que se obtém, de cima para baixo, é:

Ⓐ E – E – E – C;
Ⓑ E – C – E – C;
Ⓒ C – E – C – E;
Ⓓ C – C – E – E;
Ⓔ E – C – E – E.

54. FJPF – De acordo com a norma culta da língua, há possibilidade de concordância facultativa – verbo no singular ou no plural – na seguinte frase:

A Deve haver (devem haver) muitos apreciadores dessa música.
B Fazia-se (faziam-se) muitas perguntas acerca da poluição sonora.
C Pode existir (podem existir) novas legislações a respeito.
D Mais de um vizinho reclamou (reclamaram) do incômodo barulho.
E Ele foi um dos que se insurgiu (se insurgiram) contra o excesso de ruído.

55. FJPF – Recorre-se à concordância verbal ideológica na seguinte passagem:

A À Prefeitura de Belém cabe coletar o lixo e dar a ele uma destinação final não lesiva aos interesses da sociedade.
B Só assim será possível evitar que ele vá se espalhar pelas ruas, atraindo animais transmissores de doenças.
C Somente assim, também, teremos todos a garantia de que o lixo não vai acabar nos canais.
D Nesse contexto, ocupa o centro das preocupações a questão do lixo urbano.
E A pergunta paira no ar, por enquanto ainda sem resposta satisfatória.

56. FGV – "Só 2,9 se encontravam."

Assinale a alternativa em que, alterando-se o percentual, cometeu-se <u>erro</u> de concordância verbal:

A Só 1,9% se encontrava.
B Só 29% se encontravam.
C Só 1% se encontrava.
D Só 3% se encontravam.
E Só 0,29% se encontravam.

57. FGV – "Como praticamente não <u>existem</u> estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos."

Assinale a alternativa que <u>não</u> poderia substituir o verbo <u>existem</u> no trecho acima, sob pena de se incorrer em inadequação gramatical:

A há de haver;
B hão de existir;
C haverá;
D devem haver;
E houve.

58. CESGRANRIO – Coloque C ou E nos parênteses, conforme esteja certa ou errada a concordância nominal realizada:

( ) Precisamos aceitar os fatos tais quais eles são.

( ) Não admirava nem um nem outro inventos.

( ) Comprou máquina fotográfica e celular moderno.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ C – E – C;
Ⓑ C – E – E;
Ⓒ C – C – C;
Ⓓ E – E – C;
Ⓔ E – C – C.

59. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à justificativa da concordância verbal, segundo a norma culta:

Ⓐ "...mas nem o pátio, nem os corredores, nem as escadas, nada tem o tamanho..." – O verbo está concordando com o sujeito "nada".
Ⓑ "Houve uma época..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "uma época".
Ⓒ "Alguém era grande no meu passado, fica pequeno no meu presente." – O verbo destacado concorda com o sujeito "alguém".
Ⓓ "Talvez seja esta a prova da sua existência:..." – O verbo concorda com o sujeito "esta".
Ⓔ "em que cabia com folga nossa imaginação e inocência..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "que".

60. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a concordância verbal está incorreta:

Ⓐ Felizmente, a supervisora colhe as informações.
Ⓑ Todas as pessoas aprovadas começam a trabalhar.
Ⓒ O grupo de recenseadores recebe instruções.
Ⓓ O candidato a recenseador faz as provas.
Ⓔ Os funcionários do grupo aprende a entrevistar.

61. CESGRANRIO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "fazer":

Ⓐ Vai fazer dez dias que não saio de casa.
Ⓑ Fazem dois meses que as notícias políticas surpreenderam o país.
Ⓒ Uma noite, fazem onze anos, eu estava passeando de carro novo.
Ⓓ Daqui a um mês, vão fazer três anos que a vida deles melhorou muito.
Ⓔ Dia 12 último, fizeram 25 anos de atividades filantrópicas.

62. FEPESE – Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal correta:

Ⓐ Pai e filhos acabou de sair.
Ⓑ Chegou os jogadores e o técnico.
Ⓒ Ainda falta cinco pessoas para o início da reunião.
Ⓓ Todos os condôminos aprovaram a eleição do novo síndico.

63. FEPESE – Marque a alternativa correta quanto à concordância verbal:

- **A** O horário, o clima, o local, nada nos favoreciam.
- **B** A mão de obra e o material subiram de preço.
- **C** Vassouras ficam no Estado do Rio.
- **D** Haverão melhores ocasiões para nos encontrarmos.
- **E** Fazem dois meses que não chove.

64. FEPESE – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à concordância nominal:

- **A** Ele pulou longos capítulos e páginas.
- **B** Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
- **C** O narrador pulou longos páginas e capítulos.
- **D** Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
- **E** Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

65. FEPESE – Observando a concordância verbal e nominal, assinale a alternativa correta:

- **A** Os agricultores estão bastante felizes com a safra deste ano.
- **B** O sr. Lobo foi quem colhemos menas maçãs neste ano.
- **C** Vossa senhoria estais meia cansada.
- **D** A água são necessário para o bom funcionamento do corpo humano.
- **E** Estados Unidos importam as verduras fresca que nós plantamos.

66. NCE-UFRJ – "Trata-se de um mal irreversível." Colocando-se essa frase no plural, sua forma correta é:

- **A** Tratam-se de uns males irreversíveis.
- **B** Tratam-se de males irreversíveis.
- **C** Tratam-se de dois males irreversíveis.
- **D** Trata-se de dois males irreversíveis.
- **E** Trata-se de males irreversíveis.

67. NCE-UFRJ – A alternativa em que o verbo deverá ficar somente no singular, diferentemente dos demais itens, nos quais poderá ir tanto para o singular quanto para o plural, é:

- **A** Ou a depressão ou a doença acabará por matá-lo.
- **B** Ou o romance ou o conto será lido nas férias.
- **C** Ou o presidente ou o diretor chegará antes.
- **D** Ou a minha ou a tua viagem entristece a todos.
- **E** Ou o queijo ou a geleia será do agrado de todos.

68. NCE-UFRJ – Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ São bastante ____ tais ideias e opiniões sobre a ecologia. (difundidas)
Ⓑ Serão ____ tanto os animais quanto os homens. (prejudicados)
Ⓒ Torna-se muito ____ a área e os meios de atuação dos fiscais. (reduzidas)
Ⓓ Podem ser neste ponto ____ a morte dos dinossauros e a atual extinção das espécies. (comparadas)
Ⓔ Ficam ____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrados)

69. NCE-UFRJ – Há erro de concordância na opção:

Ⓐ Baleias e golfinho extintas.
Ⓑ Golfinho e baleia extinta.
Ⓒ Golfinhos e baleia extintos.
Ⓓ Golfinhos e baleia extinta.
Ⓔ Golfinhos e baleias extintos.

70. NCE-UFRJ – Num trecho de Frei Betto, aparecia o seguinte segmento:

"Famílias e escolas deveriam educar os alunos para lidar com perdas."

Se colocássemos a forma verbal "deveriam educar" no início da frase, ela deveria continuar a ser usada exclusivamente no plural. A frase abaixo em que a forma verbal deveria ser usada, obrigatoriamente no singular, é:

Ⓐ Tombaram-se prédios e bibliotecas.
Ⓑ Vieram pesquisadores e curiosos.
Ⓒ Chegaram 1,2% do grupo.
Ⓓ Estiveram presentes o aluno e a aluna.
Ⓔ Analisaram-se os regimes e o sistema.

71. NCE-UFRJ – "Depressão pós-parto ou pobreza costumam ser as justificativas..." Neste caso, a concordância se faz com a forma verbal no plural (costumam) porque o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído tanto a "depressão" como a "pobreza". A frase abaixo em que a forma verbal deve vir no singular é:

Ⓐ A filha ou o filho abandonado devem ter a proteção da lei.
Ⓑ A mãe ou o pai devem ser responsabilizados pelo mal causado aos filhos.
Ⓒ Menino ou menina abandonada devem ser objeto de adoção.
Ⓓ A educação ou a lei devem fazer com que as crianças não sofram.
Ⓔ Minas ou São Paulo devem ser a sede de uma ONG de proteção à criança.

72. FUMARC – A concordância nominal está correta em:

Ⓐ Moto é muito perigosa; por isso os pais devem desestimular seus filhos a usar esse veículo.
Ⓑ Após longas discussões e reiterados pedidos à Justiça, foram quebrados os sigilos telefônico e bancário dos envolvidos.

C No relatório anual relativo a esta Diretoria, as atividades de cada um dos setores que a integram foram discriminados e quantificados.

D Recorrendo a uma técnica fotográfica que utiliza raios infravermelhos, raios ultravioletas ou luz fluorescente, foi possível recuperar a pintura.

73. FUMARC – A concordância está incorreta em:

A Os agricultores necessitam de um sistema educativo que os ajudem a resolver os seus problemas.

B Em face dessas circunstâncias, acredito que já não havia medida que as livrasse da prisão.

C Nos arquivos indicados, não foram encontrados pelo perito quaisquer provas que incriminassem o ex-servidor.

D É possível que exista documentos que comprovem a vigilância política durante a ditadura militar.

74. FUMARC – Trabalho aqui há dois anos. (fazer)

Já não há falantes dessa língua. (existir)

Tendo em vista a flexão verbal, a alternativa em que a substituição do verbo sublinhado pelo dos parênteses nas frases acima está corretamente indicada é:

A faz – existem;

B fazem – existe;

C faz – existe;

D fazem – existem.

75. NC-UFPR – Considere o seguinte conjunto de sentenças:

I. As emissoras de sinal aberto propõem gincanas atrapalhadas ao público. (A TV aberta)

II. A diferença, a julgar pela crise aguda que embrulha o mercado, já constitui um bom cartão de visita. (As diferenças)

III. Havia uma história de dívidas e cortes no orçamento assombrando as TVs abertas. (histórias)

IV. Foi preciso montar uma estrutura que já havia sido testada por profissionais experientes na área. (estruturas)

A substituição da expressão grifada pela que está entre parênteses não altera a flexão de nenhum dos verbos do período:

A em III, apenas;

B em I e III, apenas;

C em II, apenas;

D em II e IV, apenas;

E em I e IV, apenas.

76. NC-UFPR – Suponha que um contribuinte quisesse solicitar providências às autoridades, a quem se dirigiu com a forma "Vossas Excelências". Indique a alternativa em que esse pedido é feito com o uso adequado das formas pronominais:

Ⓐ Quero solicitar-vos que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de vossa responsabilidade.
Ⓑ Quero solicitar-lhes que adotem medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓒ Quero solicitar-lhe que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓓ Quero vos solicitar que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é da responsabilidade de Vossas Excelências.
Ⓔ Quero te solicitar que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de tua responsabilidade.

77. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

78. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a expressão grifada pode ser substituída pela que está entre parênteses sem necessidade de ajustes na concordância verbal e/ou nominal:

Ⓐ <u>O esforço</u> – cerca de dois milhões de mensagens – derrubou o Partido Popular do governo. (As manifestações)
Ⓑ Seriam necessárias <u>muitas gerações de usuários</u> para conseguir mudar a configuração do polegar. (séculos de uso dos celulares)
Ⓒ <u>Os jovens espanhóis e o Partido Socialista</u> mobilizaram a população por meio de mensagens em celulares. (o Partido Socialista)
Ⓓ <u>O fascínio nipônico</u> por esta forma de comunicação é tamanho que muitos jovens têm amigos que nunca viram. (O interesse dos japoneses)
Ⓔ No Japão, <u>a obsessão pelas telemensagens</u> é tamanha que os adolescentes ficaram conhecidos como "tribo do polegar". (o uso de telemensagens)

79. FUMARC – A concordância nominal está correta, exceto em:

- **A** Férias é bom quando se tem dinheiro.
- **B** Com esse calor, cerveja seria ótimo.
- **C** É necessário chuva para salvar as plantações.
- **E** É vedado a entrada de pessoas estranhas ao setor.

80. FUMARC – A concordância verbal está correta em:

- **A** As chamadas calças "cargo" são aquelas cheias de bolsos onde cabem tudo.
- **B** Chegou o resultado dos exames de sangue e também as tomografias da coluna cervical e da mandíbula.
- **C** Muitos homens não se cuidam como deveriam porque a sociedade os ensinam a ser duros e a sofrer silenciosamente.
- **D** Uma cena que se repetiu várias vezes na entrada do teatro foi a de pessoas vestidas a rigor mendigando ingressos a quem quer que lhes parecessem rico e generoso.

81. FJPF – Entre as alternativas abaixo, apresenta erro de concordância verbal:

- **A** Sempre existirão conceitos díspares sobre a tendência e sua manifestação.
- **B** Poderia haver noções acadêmicas sobre a tendência que eu desconhecesse.
- **C** Haverá de haver manifestações mais atuais sobre a tendência em nosso próximo encontro.
- **D** Considerou-se inaceitáveis as recentes propostas científicas sobre as tendências.
- **E** Mais de uma proposta sobre o conceito de tendência é aceita pelos especialistas.

82. FJPF – Complete as lacunas das frases abaixo com os termos entre parênteses, observando a concordância, de acordo com a norma culta da língua.

I. É preciso ter mais paciência e ___ acomodação. (menos)

II. Havia razões ___ para que não se separassem. (bastante)

III. Calma é ___ para um casamento feliz. (necessário)

IV. A esposa estava ___ furiosa com suas atitudes. (meio)

Observando a ordem de cima para baixo, a sequência correta será:

- **A** menos – bastante – necessário – meio;
- **B** menos – bastantes – necessário – meio;
- **C** menas – bastante – necessário – meia;
- **D** menas – bastante – necessária – meia;
- **E** menos – bastantes – necessária – meio.

83. FJPF – "Proibido cantar" A alternativa abaixo em que a concordância com a palavra "proibido" está <u>errada</u> é:

Ⓐ É proibido sair pelos fundos.
Ⓑ É proibido saída pelos fundos.
Ⓒ Está proibido sair pelos fundos.
Ⓓ É proibida a saída pelos fundos.
Ⓔ A saída pelos fundos está proibido.

84. NCE-UFRJ – Num relatório, um pesquisador escreveu o seguinte:

"Mais de um participante do Congresso admitiu que dois milhares de folhas de papel eram mais do que suficientes."

Pode-se afirmar sobre esse segmento que:

Ⓐ ele não apresenta qualquer erro gramatical;
Ⓑ a forma do verbo "admitir" teria que ser usada no plural;
Ⓒ o numeral "dois" deveria ser trocado por "duas";
Ⓓ o adjetivos "suficientes" deveria ser usado no singular;
Ⓔ o verbo "ser" deveria ser usado no singular.

85. NCE-UFRJ – Numa frase como "Cerca de 13% da população brasileira ingressa no nível superior":

Ⓐ a expressão "cerca de" apresenta uma quantidade precisamente determinada;
Ⓑ a forma verbal "ingressa" concorda com "13%";
Ⓒ haveria uma outra possibilidade de concordância verbal;
Ⓓ a ação verbal não é atribuída a nenhum sujeito;
Ⓔ a omissão da locução "cerca de" obrigaria que a forma verbal fosse para o plural.

86. NCE-UFRJ – "...especialmente nas redes federal e estadual de São Paulo." O mesmo tipo de concordância que ocorre entre "redes" e "federal e estadual" repete-se em:

Ⓐ "...primeira e segunda séries."
Ⓑ "...faculdade e escola particulares."
Ⓒ "...aluno e aluna carentes."
Ⓓ "...intenso estudo e trabalho."
Ⓔ "...mês e semana trabalhosa."

87. NCE-UFRJ – Concordância é a harmonia de flexão das palavras de uma frase.

Em relação à concordância nominal, a frase que segue as normas previstas na gramática é:

Ⓐ Muito obrigado, agradeceu ela ao motorista.
Ⓑ Finalmente estou quites com o serviço militar.

Ⓒ Meu amor, estou enviando anexo umas fotos.
Ⓓ Aqueles jovens sós desejavam companhia.
Ⓔ Hoje há menas tarefas de casa, para serem feitas.

88. FJPF – As normas de concordância nominal possibilitam ao falante, ao lado da forma usada no texto, a escolha do adjetivo na forma sugerida em:

Ⓐ "...assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários..." / secundário.
Ⓑ "...terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro." / imoral.
Ⓒ "Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros..." / enaltecidas.
Ⓓ "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos." / audaciosas.
Ⓔ "...não foi fortuita a circunstância de se terem encontrado neste continente..." / fortuito.

89. FJPF – Do ponto de vista da concordância, o verbo sublinhado no período "O universitário brasileiro em geral espera que os aspectos de qualidade dos cursos que <u>fazem</u> dependam dos seus professores" está:

Ⓐ gramaticalmente incorreto;
Ⓑ concordando gramaticalmente com o termo sujeito;
Ⓒ gramaticalmente correto, mas numa forma em desuso;
Ⓓ concordando gramaticalmente com o termo predicativo;
Ⓔ concordando ideologicamente com o termo sujeito.

90. CESGRANRIO – "Os mares parecem guardar a resposta sobre a origem da vida..."

Indique a opção que <u>não</u> reescreve adequadamente a sentença acima, de acordo com a norma culta.

Ⓐ Os mares parece que guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓑ Os mares guardam – parece – a resposta sobre a origem da vida.
Ⓒ Parecem os mares guardarem a resposta sobre a origem da vida.
Ⓓ Parece que os mares guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓔ Que os mares guardam a resposta para a origem da vida parece.

91. Há <u>erro</u> de concordância em:

Ⓐ Pensou-se que faltava algumas pessoas importantes à reunião.
Ⓑ Anexas ao relatório vão as duas vias deste documento.
Ⓒ Podia haver várias divergências no recinto.
Ⓓ Mais de um orador falou sobre desafios.
Ⓔ Faz anos que ele comparece ao debate.

92. FEPESE – Leia atentamente as proposições abaixo:

____ de fiscais eficientes.

José e eu ____ passar no concurso.

Luís saiu de manhã, _____ ainda estava muito frio.

Sabe-se que ____ muitos acidentes naquela época.

____ dez dias que meu irmão partiu para o Canadá.

Espero que Vossa Senhoria ____ a meu pedido.

Assinale a opção que preenche, de forma sequencial e correta, as lacunas.

Ⓐ Precisam-se – querem – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓑ Precisa-se – queremos – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓒ Precisa-se – queremos – onde – houveram – Faz – atenda.
Ⓓ Precisam-se – queremos – onde – houve – Fazem – atendais.
Ⓔ Precisa-se – queremos – quando – houveram – Fazem – atenda.

93. NC-UFPR – Escolha a alternativa em que a sentença foi escrita de acordo com as normas cultas de concordância:

Ⓐ Falta muitas informações para que se possa estabelecer a relação entre o carnaval e o samba.
Ⓑ Começou a surgir, a partir do século 19, ritmos que depois passaram a caracterizar o carnaval brasileiro.
Ⓒ Xingamento, correria e perseguição era as brincadeiras mais comuns dos carnavais dos primeiros tempos.
Ⓓ Quando o carnaval chegou ao Brasil, faziam séculos que ele tinha sido criado.
Ⓔ Havia brincadeiras violentas no carnaval brasileiro dos primeiros tempos.

94. FUMARC – A concordância verbal se faz, corretamente, no singular ou no plural, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Um milhão de torcedores lotou o Mineirão. / Um milhão de torcedores lotaram o Mineirão.
Ⓑ Gabriela era uma das meninas que mais estudava. / Gabriela era uma das meninas que mais estudavam.
Ⓒ Os Estados Unidos não assinou o Tratado de Kioto. / Os Estados Unidos não assinaram o Tratado de Kioto.
Ⓓ A multidão de ecologistas protestou aos quatro cantos. / A multidão de ecologistas protestaram aos quatro cantos.

95. FUMARC – A concordância nominal está <u>correta</u> em:

Ⓐ Uma vez transcorridos, sem manifestação do interessado, o prazo de dez dias que lhe fora concedido para regularizar sua situação, foram tomadas as medidas legais cabíveis.

B Ao contrário do que dizem os boatos veiculados pela imprensa, Sua Excelência anda muito preocupada com a segurança em nossa cidade.

C No último ano, o governo promoveu melhorias diversas, como o reajuste de vencimentos dos servidores, obras de infraestrutura e de saneamento, entre outros.

D Foi realmente necessário a criação de um novo mecanismo de controle de constitucionalidade, a ADC, a fim de reduzir os custos transacionais na implementação da política fiscal.

96. NCE-UFRJ – "Há tantas famílias querendo adotar bebês." A alternativa abaixo que substitui <u>incorretamente</u> a forma do verbo "haver" é:

A Pode haver.

B Deve haver.

C Podem existir.

D Há de haver.

E Deve existir.

97. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

A Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendia fazer.

B Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazer.

C Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendiam fazerem.

D Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazerem.

E Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendia fazer.

98. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal:

A Não havia razões bastantes para que se duvidasse das palavras do réu.

B Não haviam razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

C Não haviam razões bastante para que se duvidassem das palavras do réu.

D Não havia razões bastante para que se duvidasse das palavras do réu.

E Não havia razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

99. DAVES – "A continuidade do sistema de blindagem na economia, com a manutenção dos eixos da estabilização, e a importância da real política de interesses partidários, vital para sustentação da base governamental, estão colaborando para raspar da imagem de Lula a tintura carismática que, até bem pouco, envernizava totalmente seu perfil."

No texto lido, a palavra "vital"

A está empregada no singular para enfatizar a expressão "importância da real política".

B deveria ter sido empregada no plural para concordar em número com a expressão “interesses partidários”.
C está empregada no singular porque se refere à palavra “política” e com ela concorda em número.
D está empregada no singular, desobedecendo à exigência de concordância, para surtir efeito estilístico.
E está empregada no singular por exigência da preposição que a segue imediatamente.

100. NUCEP – Observe a concordância dos verbos nos enunciados seguintes e identifique aquele em que essa concordância se fez conforme as regras da norma padrão:

A No final do século XIX e início do século XX, notável presença de instituições e populações estrangeiras foram observadas na região da fronteira brasileira.
B Segundo informações recentes, a construção de mais três escolas estão nos planos da Secretaria de Educação do Estado.
C Segundo os analistas ambientais do Ibama, a ocupação urbana nas áreas limítrofes da reserva amazônica comprometeram os efeitos ecossistêmicos positivos da área.
D O conhecimento existente sobre as leis brasileiras está disperso e a discussão e a identificação dessa questão devem constituir prioridade nacional.
E A pesquisa sociológica levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese sobre o caráter excessivo da legislação brasileira.

101. COSEAC-UFF – Há exemplo de concordância verbal que, destoando das normas gerais de concordância descritas pela gramática, se realiza com o mesmo propósito expressivo que em: “E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal” na seguinte passagem:

A “Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se.”
B “Podemos modelar nosso corpo e nossa vida, mais que no passado.”
C “Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras.”
D “Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil.”
E “Esse desejo baixo, mínimo (‘só quero parar de sentir dor’) admite que, moralmente, todos paguemos por ele.”

102. COSEAC-UFF – Na oração "Existem soluções e diagnósticos para todos os gostos", a concordância verbal foi feita de acordo com as normas da língua padrão. Dos itens abaixo, aquele em que está incorreto, porque deixou de ser observada norma de concordância, é:

Ⓐ Hão de existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓑ Pode haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓒ Hão de haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓓ Devem existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓔ É provável que haja soluções e diagnósticos para todos os gostos.

103. COSEAC-UFF – Determinado falante, tentando reescrever no plural a frase "Não se trata, ao que parece, de um caso isolado", fica indeciso entre dar-lhe uma das seguintes formas:

I. Não se tratam, ao que parece, de casos isolados.

II. Não se trata, ao que parecem, de casos isolados.

III. Não se tratam, ao que parecem, de casos isolados.

IV. Não se trata, ao que parece, de casos isolados.

De acordo com as normas de concordância da língua, ele deveria escrever:

Ⓐ na forma I;
Ⓑ facultativamente, nas formas I e II;
Ⓒ facultativamente, nas formas II e III;
Ⓓ facultativamente, nas formas III e IV;
Ⓔ na forma IV.

104. COSEAC-UFF – Em muitos contextos, a concordância do verbo com o sujeito da oração pode ser feita de maneira facultativa, observando-se os aspectos gramaticais e estilísticos, como na frase "A maioria dos escritores já aderiu (ou aderiram) à novidade que consiste na publicação de livros eletrônicos".

Entre as frases abaixo, todas com concordância verbal facultativa, a que só admite uma única forma de concordância, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ João Ubaldo foi um dos autores que aceitou sem reservas o livro eletrônico.
Ⓑ Em muitas locadoras da cidade, alugam-se *e-books* dos mais variados autores.
Ⓒ Surgiu, no mercado editorial, mais uma editora e mais dois autores comprometidos com a tecnologia do *e-book* .
Ⓓ Não só o escritor João Ubaldo como também o livreiro Carlos Augusto Lacerda acreditam no sucesso do livro eletrônico.
Ⓔ Grande parte dos autores teve a atitude inovadora de Ubaldo Ribeiro.

105. COSEAC-UFF – A concordância nominal que contraria a norma preconizada por nossas gramáticas encontra-se em:

- **A** ...modelos e comportamento ainda embrionário...
- **B** ...qualidade e poder divino...
- **C** ...elos e redes interativas...
- **D** ...ideais e concepção mais antropocêntricas...
- **E** ...cultura e desenvolvimento ecológicos...

106. COSEAC-UFF – Considerando-se as normas da língua culta, pode-se afirmar que, das frases abaixo, aquela que está correta do ponto de vista da concordância verbal é:

- **A** Os casos de dependência de internet aumenta a cada ano em todo o mundo.
- **B** Os pais, além do jovem, precisa se preocupar com o uso prolongado do computador.
- **C** Nenhum dos adolescentes atendidos tiveram alta ainda.
- **D** Novos grupos de acompanhamento psicoterápico começarão amanhã.
- **E** Cada um dos pacientes apresentaram um perfil de dependência bem distinto.

107. FUNRIO – As frases abaixo reúnem algumas das considerações que o texto apresenta sobre o papel da imprensa na sociedade de hoje, mas, em uma delas, a construção sintática está em desacordo com os padrões formais da língua. Assinale-a:

- **A** Não deveria haver tantas mentiras e manipulações em nome da grande pátria.
- **B** Há corporações cujas pressões econômicas levam muitos veículos a omitir informações.
- **C** Fazem séculos que a liberdade de expressão busca compensar as pressões do Estado.
- **D** A maioria dos jornalistas pode ser acusada de não contar a verdade para seus leitores.
- **E** Os Estados Unidos votaram contra a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas.

108. FUNRIO – Segundo o padrão formal da língua, há desvio de concordância na opção:

- **A** 17,2% dos jovens brasileiro continuam fumando;
- **B** 18,2% deixaram de fumar;
- **C** 18,2% da população brasileira com mais de 15 anos deixaram o cigarro;
- **D** 17,2% continuam fumando;
- **E** 65% de fumantes pensam em parar de fumar.

109. FEC – Na frase "À noite, o mundo é bonito, como se não houvesse desacordos, aflições, ameaças", respeitou-se a sintaxe de concordância do verbo <u>haver</u>. O mesmo verbo, entretanto, está empregado <u>incorretamente</u> na frase:

Ⓐ Tinha confiança no futuro, pois haveria de haver dias melhores.
Ⓑ Muitos erraram; entretanto poucos o hão reconhecido.
Ⓒ Advertiria não só o aluno, como a todos que houvessem de advertir-se.
Ⓓ Os jovens foram condenados sem que houvesse provas convincentes.
Ⓔ Atendemos muitos pedidos, mas inúmeros outros haviam para atender.

110. FEC – Entre as modificações feitas abaixo na frase:

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes", a única gramaticalmente <u>inadmissível</u> é:

Ⓐ Até os doentes parece que estão mais felizes.
Ⓑ Mesmo os doentes parecem serem mais felizes.
Ⓒ Mesmo os doentes parecem que são mais felizes.
Ⓓ Até os doentes parece serem mais felizes.
Ⓔ Mesmo os doentes parecem estar mais felizes.

111. VUNESP – Na frase "Então apareceram os bichos", a concordância verbal está correta. Assinale a alternativa em que há erro de concordância verbal:

Ⓐ Feito o exame da obra, é pedido os documentos.
Ⓑ Já chegaram o presidente e sua comitiva.
Ⓒ Nem eu nem ele o conhecemos.
Ⓓ Poucos de nós conhecemos nossos direitos.
Ⓔ Espero que Vossa Senhoria faça boa viagem.

112. CCV-UFC – Assinale a alternativa cujo verbo grifado admite outra concordância, conforme a norma gramatical:

Ⓐ "...a maioria das pessoas 'tomasse' a ciência como um 'deus.'"
Ⓑ "...muitas ainda acreditam que a Ciência e a Tecnologia provocam..."
Ⓒ "O conhecimento científico e tecnológico, (...), é uma forma que..."
Ⓓ "Ao mesmo tempo em que ultrapassou os seus limites de bondade."
Ⓔ "...a escassa reflexão sobre a forma e o modelo do conhecimento produzido traz algumas consequências negativas..."

113. VUNESP – Leia as frases.

I. Devem fazer muitos anos que os chineses usam pauzinhos para comer.

II. Comer com palitos orientais pode causar artrose, haja visto o número de pessoas com essa doença.

III. A população chinesa está meio preocupada com a artrose causada pelo uso dos pauzinhos.

Quanto à concordância verbal e nominal, apenas:

- **A** I está correta;
- **B** II está correta;
- **C** III está correta;
- **D** I e II estão corretas;
- **E** II e III estão corretas.

114. FEC – A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

- **A** O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
- **B** Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
- **C** Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
- **D** Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
- **E** As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

115. UPENET – Leia os versos abaixo e responda.

"Em Pasárgada tem tudo

[...]

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas" (Manuel Bandeira)

O emprego do verbo ter nos contextos acima é característico da língua popular. Assinale a alternativa em que a substituição desse verbo se faz de acordo com a língua culta:

- **A** Deve haver telefone automático. / Existe prostitutas bonitas.
- **B** Existe telefone automático. / Deve existir prostitutas bonitas.
- **C** Há alcalóide à vontade. / Há prostitutas bonitas.
- **D** Deve haver tudo. / Devem haver prostitutas.
- **E** Existe alcalóide à vontade. / Existe prostitutas bonitas.

116. FEC – A alternativa em que, sem prejuízo das normas de concordância, a forma verbal sugerida pode substituir a forma empregada no texto é:

- **A** "A tripulação se ressente da falta de alimentos frescos." / ressentem.
- **B** "A má conservação dos alimentos é um problema grave." / são.
- **C** "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / disfarçarem.
- **D** "Talvez venham daí as febres e diarreias que atormentam a todos." / atormenta.
- **E** "Essas doenças não só minam o corpo como entorpecem a mente." / entorpece.

117. FEC – De acordo com as regras de concordância, está incorreta a frase:

- **A** Entre os atos praticados, este era um dos que tinham natureza formal.
- **B** Nenhum dos atos praticados eram de cunho formal.
- **C** Os atos formas e materiais, um e outro são fruto da vontade.
- **D** Quanto aos atos formal e material, ambos são fruto da vontade.
- **E** Mais de um ato praticado era de natureza formal.

118. FEC – Quanto à concordância, a frase mal construída é:

- **A** Não foi eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **B** Não fui eu quem me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **C** Não fui eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **D** Não fui eu quem se referiu a esse ato na conferência da semana passada.
- **E** Não foi ele que se referiu a esse ato na conferência da semana passada.

119. FEC – Em: "O relógio da varanda bate dez horas.", encontra-se correta a concordância verbal, o mesmo, porém, não se podendo afirmar de uma das opções a seguir; indique-a:

- **A** Nem um nem outro acatou a decisão.
- **B** Os brasileiros somos esperançosos.
- **C** Mais de um aluno faltou à aula.
- **D** Ele foi um dos que mais trabalhou em prol dos necessitados.
- **E** Vinte por cento dos inscritos confirmou a matrícula.

120. FEC – No trecho: "A noite vai ficando velha...", observa-se a concordância nominal, de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não acontece, entretanto, em um dos itens abaixo. Marque-o:

- **A** Estavam abandonados a empresa, a indústria e o casarão.
- **B** Referia-se à vaidade e orgulho excessivo.
- **C** É necessário a ajuda de todos.
- **D** Havia bastantes motivos para tal desfecho.
- **E** Deveremos todos permanecer alerta e conscientes.

121. FEC – As frases a seguir contêm lacunas no lugar dos verbos.

I. Cada um dos animais ____ receber tratamento adequado às suas necessidades.

II. Não só os ursos, mas também os elefantes daquele zoológico ____ falta de espaço.

III. Todo mês, ____ para o zoológico municipal as aves apreendidas pelo Ibama.

Os verbos que, respectivamente, completam corretamente as lacunas estão em:

- **A** deve – sente – encaminham-se;
- **B** devem – sente – encaminham-se;

Ⓒ deve – sente – encaminham-se;
Ⓓ devem – sentem – encaminha-se;
Ⓔ deve – sentem – encaminham-se.

122. FEC – A alternativa em que a concordância é facultativa, podendo o verbo, conforme indicado, empregar-se na terceira pessoa do singular ou do plural, é a seguinte:

Ⓐ "Há cerca de 50 anos não havia televisores em nossas casas." (haviam).
Ⓑ "...e ninguém tinha ideia sobre o que fazia as estrelas brilharem..." (faziam).
Ⓒ "...os conhecimentos científicos certamente o ajudarão a tomar decisões mais equilibradas." (ajudará).
Ⓓ "...de difundir democraticamente estes conhecimentos e aplicações, fazendo-os chegar a todas as nações e todos os membros de suas comunidades..." (chegarem).
Ⓔ "O grande vulto das descobertas da ciência e das criações de tecnologia e o imenso poder que propiciam às nações..." (propicia).

123. FEC – Ao reescrever-se a voz passiva analítica em passiva pronominal, cometeu-se um <u>erro</u> de concordância verbal na seguinte alternativa:

Ⓐ "...mas essa carga geralmente é consumida nos primeiros dias de viagem..." / ...mas consome-se geralmente essa carga nos primeiros dias de viagem.
Ⓑ "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / Usa-se os temperos fortes para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados.
Ⓒ "As refeições são preparadas num fogão a lenha existente no convés." / Preparam-se as refeições num fogão a linha existente no convés.
Ⓓ "As necessidades são feitas diretamente no mar." / Fazem-se as necessidades diretamente no mar.
Ⓔ "Seu estojo é composto de seis navalhas..." / Compõe-se seu estojo de seis navalhas...

124. FCC – Quanto à concordância verbal, está inteiramente correta a frase:

Ⓐ Devem-se ressaltar, nos meios de comunicação, a constância com que promovem abusos, na exploração da cultura popular.
Ⓑ Nem mesmo um pequeno espaço próprio querem conceder à cultura popular os que a exploram por interesses estritamente econômicos.
Ⓒ Restam das festas, dos ritos e dos artesanatos da cultura popular pouco mais que um resistente núcleo de práticas comunitárias.
Ⓓ Muita gente acredita que se devem imputar aos turistas a responsabilidade por boa parte desses processos de falseamento da cultura popular.
Ⓔ Produzem-se nas pequenas células comunitárias, a despeito das pressões da cultura de massa, lento e seguro dinamismo de cultura popular.

125. FCC – Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

- **A** Sobrevieram à tragédia de 11/9 consequências profundas, como a psicose coletiva a que se renderam muitos cidadãos nova-iorquinos.
- **B** Agregou-se ao cotidiano de Nova York, a despeito das medidas de segurança, sentimentos de medo e desconfiança generalizados.
- **C** Uma certa soberba, característica dos americanos, mesmo depois do atentado de 11/9 não se aplacaram.
- **D** Muitas vezes decorre de uma grande tragédia coletiva, como a de 11/9, sentimentos confusos, como os da humilhação, da revolta e da impotência.
- **E** Sobrevivem até mesmo depois de grandes tragédias a tendência dos homens ao prosaísmo e ao mau gosto, como no uso da expressão *dez de setembro.*

126. CESGRANRIO – Observe o período abaixo:

"<u>Você</u> tem sido um vizinho muito compreensivo, e <u>eu</u> ando meio relapso na criação de meu bicho de estimação."

Substituindo-se as palavras em destaque por seus correspondentes plurais, mantendo-se a norma padrão de concordância, chega-se ao seguinte período:

- **A** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos nas criações de nossos bichos de estimações.
- **B** Vocês têm sido um vizinho muito compreensivo, e nós andamos meio relapso na criação de meus bichos de estimação.
- **C** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **D** Vocês tem sido um vizinho muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **E** Vocês tem sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapso nas criações de meus bichos de estimação.

127. CESGRANRIO – A sentença em que o verbo está corretamente flexionado de acordo com a norma padrão, sem provocar contradição de significado, é:

- **A** O acaso ou a intencionalidade foi a causa da descoberta do Brasil.
- **B** Haviam 60% de possibilidades de o Brasil ter sido descoberto por acaso.
- **C** Eu e vocês acreditam na descoberta casual do nosso país.
- **D** Não gastava a corte tempo com as preocupações que ocupava os historiadores.
- **E** Devem haver mais evidências para a tese de descoberta casual do Brasil.

128. FUNCAP – A concordância está de acordo com a norma padrão, na frase:

- **A** Tratam-se de opiniões diferentes sobre a identidade do pé de milho.
- **B** São opiniões – seja do primeiro amigo ou do segundo – que mantém a dúvida do leitor sobre a identidade do vegetal.

C Há conceitos, no interior do texto, que podem ser interpretados de diferentes formas pelo leitor.
D Detesta-se comparações surrealistas, mas o vegetal parecia um cavalo.
E Secou as pequenas folhas, pareciam que iam morrer.

129. MOURA MELO – Indique a alternativa incorreta acerca da concordância nominal:

A Depois de te esperar por duas horas no restaurante, estamos quites.
B Na confraternização de final de ano, a oitava e a nona série foram muito indisciplinadas.
C Eu já lhe expliquei mais de mil vezes que nem um nem outro alimento é saudável.
D A encomenda dos soldados vão anexas aos uniformes.

130. MOURA MELO – Analise as assertivas abaixo acerca da concordância dos termos:

I. Com o dinheiro da herança, comprou-se dois terrenos.

II. Hoje faz exatamente três semanas que estou grávida.

III. O calote será enorme, haja visto seu saldo bancário.

A I e III estão corretas.
B Apenas II está correta.
C II e III estão corretas.
E Apenas I está correta.

131. FAPIPA – Assinale a alternativa que apresenta erro de concordância.

A "Nove parentes da moça também não apresentavam impressões digitais."
B "Sprecher explica que não só as pontas dos dedos detêm padrões exclusivos para cada humano."
C "A análise dessas marcas permitem conhecer mais sobre a característica das pessoas..."
D "Apenas 4 famílias no mundo foram diagnosticadas com a doença."
E "...a ausência total das marcas na ponta dos dedos não traz maiores problemas..."

132. CESGRANRIO – De acordo com as regras de concordância nominal do uso padrão da Língua Portuguesa, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere.

No trecho a seguir, a flexão dos adjetivos expressos e geradas segue esse uso padrão.

"Nesse novo modelo, os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de contribuições pelos estudantes, geradas por meio de buscas ou de interações com

qualquer parte do mundo ou da História, e expressos nas mais diversas formas midiáticas que fomos, até ontem, capazes de conhecer."

A flexão desses adjetivos pode ser justificada porque eles se referem, respectivamente, a:

Ⓐ conteúdos e contribuições;
Ⓑ conhecimentos e interações;
Ⓒ alunos e contribuições;
Ⓓ conteúdos e interações;
Ⓔ estudantes e contribuições.

133. UPENET – Observe as afirmativas abaixo sobre concordância nominal:

I. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo! Viajou no tempo qual falcão alado. Tornou-se próspero, tão forte e valoroso." – os adjetivos sublinhados neste trecho concordam com o termo "tempo".

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível" – se o termo sublinhado estivesse no plural, estaria correto o trecho: Dentro do bonde, uns anúncios bem visíveis.

III. "Pro passageiro ficar bem informado" – substituindo-se o termo sublinhado por passageiras, estaria correto o trecho: Pras passageiras ficarem bem informadas.

IV. "- Mas que apito tão lindo e demorado!" – se se acrescentasse o termo sineta após apito, estaria correto o trecho: Mas que apito e sineta tão lindas e demoradas.

Somente está correto o que se afirma em:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ II, III e IV;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ II e III.

134. UPENET – "Sei que ainda há muitos descontentes."

A seguir, apresentam-se várias reconstruções da frase, ora com o verbo haver, ora com o existir. Uma construção, entretanto, é inadmissível quanto à concordância. Assinale-a.

Ⓐ Sei que ainda existirão muitos descontentes.
Ⓑ Sei que ainda deverão haver muitos descontentes.
Ⓒ Sei que ainda podem existir muitos descontentes.
Ⓓ Sei que ainda existem muitos descontentes.
Ⓔ Sei que ainda vai haver muitos descontentes.

135. UPENET – Leia o anúncio abaixo:

GERENTES DE LOJA

Requisitos:

***Experiência mínima de 3 anos de gerência.**

***Sexo feminino.**

***Idade entre 30 e 40 anos.**

***Nível superior.**

***Usuária de computador.**

***Salário Excepcional**

Os interessados deverão enviar currículos com foto para rua das Belezas, n. 10, Recife – PE, CEP 51031-420. Recursos Humanos.

Este anúncio apresenta uma inadequação de concordância nominal em:

Ⓐ Os interessados deverão enviar.
Ⓑ Idade entre 30 e 40 anos.
Ⓒ Gerentes de loja.
Ⓓ Nível superior
Ⓔ Experiência mínima de 3 anos em gerência.

136 – ACAFE – Quanto à concordância verbal e nominal, todas as frases estão corretas, <u>exceto</u> a:

Ⓐ Na seleção dos informantes, serão selecionados aqueles que apresentarem um leque maior de conhecimentos sobre o tema.
Ⓑ Finalmente, está sendo discutido os termos da proposta de uso de nossas instalações por pessoas estranhas à repartição.
Ⓒ Para que a ação seja ajuizada, deve haver provas materiais e testemunhais, além de argumentos consistentes.
Ⓓ Há mais ou menos trinta dias, houve aqui duas festas sobre as quais muito ainda vai se falar.
Ⓔ Assim, explicamos que nossa relação com as entidades sindicais impõe certas condições e demandas que dificultam a correta interpretação dos fatos.

137. COPEVE-UFT – Analise os enunciados abaixo quanto ao uso do advérbio:

I. Elas estão meio cansadas.

II. Parece que há menas gente hoje.

III. As crianças parecem meio inquietas.

IV. A menina estava meia triste.

V. Hoje há muito menos gente do que ontem.

De acordo com a linguagem culta, podemos dizer que:

Ⓐ I, III e V estão corretas;
Ⓑ II, IV e V estão erradas;
Ⓒ III, IV e V estão corretas;
Ⓓ todas estão corretas.

138. FEC – Em: "Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação...", observa-se:

Ⓐ erro quanto à norma culta de concordância do português contemporâneo;
Ⓑ concordância exclusiva da norma corrente em Portugal;
Ⓒ concordância ideológica, não concordância com a morfologia do sujeito;
Ⓓ concordância característica do estilo afetado de certos falantes da língua;
Ⓔ uma gralha, ou cochilo de impressão.

139. FEC – Na oração "China, Austrália e partes dos Estados Unidos estão na mira da catástrofe", o sujeito composto leva o verbo para o plural. Das alterações feitas a seguir na redação da oração, apresenta erro de concordância a seguinte:

Ⓐ Os Estados Unidos está na mira da catástrofe.
Ⓑ China e Austrália estão na mira da catástrofe.
Ⓒ Parte da Europa está na mira da catástrofe.
Ⓓ Partes da Europa e Estados Unidos estão na mira da catástrofe.
Ⓔ Não só a China e a Austrália, mas também a Europa e os Estados Unidos estão na mira da catástrofe.

140. FEC – Na passagem "...valores já quase desaparecidos...", destaca-se a concordância nominal, segundo as regras gramaticais vigentes, o que não podemos afirmar de uma das afirmativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Continuavam inabitados a palhoça, a casa e o chalé.
Ⓑ Pareceu-me orgulho e vaidade excessivas.
Ⓒ Buscava fatos o mais elucidativos possível.
Ⓓ Na Suíça, falam-se as línguas francesa, italiana e alemã.
Ⓔ Havia bastantes razões para negarmos o pedido.

141. UPENET – Uma das dificuldades da língua escrita formal é operar a concordância em certos contextos. Considerando a norma culta, assinale a única construção correta em relação à concordância verbal e nominal.

Ⓐ Não cabia mais, na estante, nenhuma das gramáticas que havia comprado.
Ⓑ Sempre lhe tinha causado interesse indagações acerca de construções da linguagem coloquial.
Ⓒ Ficou comprovado, mediante realização de pesquisa, todas as dificuldades dos jovens em relação à língua culta formal.

Ⓓ É da leitura que depende nossos resultados em termos de desempenho na língua escrita.
Ⓔ Vai faltar muitos alunos nas próximas aulas de gramática.

142. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

143. FJP – No tocante à concordância, há má construção gramatical na seguinte alternativa:

Ⓐ As internações por si sós já causam certos distúrbios psicológicos aos pacientes.
Ⓑ Distúrbios e alterações psicológicos são normais em pacientes hospitalares.
Ⓒ Mais de um paciente sofria de ilusões em face de distúrbios mentais
Ⓓ Os médicos consideravam inevitável nos pacientes pequenas alterações psicológicas.
Ⓔ Uma e outra alteração psicológica podem afetar os pacientes hospitalizados.

144. FJPF – Por vezes, é possível utilizar o verbo facultativamente no singular ou no plural, sem ferir o prescrito pela norma culta da língua, como ocorre na frase:

Ⓐ Avisa/Avisam seus netos dos perigos da friagem apenas as avós dedicadas.
Ⓑ Algum de nós já leu/ eram este artigo?
Ⓒ Ventos, sereno, noites frias, nada acarreta/acarretam doenças respiratórias.
Ⓓ A maior parte das pessoas contrai/contraem resfriados nesta época do ano.
Ⓔ Naquela loja, vende-se/vendem-se microscópios de qualidade.

145. CESGRANRIO – Assinale a opção em que há <u>erro</u> de concordância:

Ⓐ Havia muitas informações no mundo que não mereciam a digitalização.
Ⓑ Os Estados Unidos prometem lutar a favor da paz.
Ⓒ Cinquenta *petabytes* contém incrível quantidade de informação.
Ⓓ Seguem anexas as informações sobre o processo da biblioteca.
Ⓔ O projeto está com problemas, haja vista os erros do relatório.

146. FURB – Complete as lacunas do seguinte texto, obedecendo às regras de concordância verbal:

"Que profusão de mosquitos! Mosquitos nas pontas dos dedos, nas solas dos pés, na raiz dos cabelos, – uns espantosos mosquitos que nos ____ a viver debaixo de cortinados, e mesmo assim com pouca segurança, porque as camas de Orissa não ____ colchões, mas apenas cadarços cruzados. (Camas de clima quente, admirável solução para as noites de canícula, mas que ____ todo o serviço dos mosquiteiros, pois desgraçadamente, por onde ____ as brisas, ____ os mosquitos, também)." (Cecília Meireles)

Assinale a alternativa cujos verbos completam corretamente as lacunas:

Ⓐ obriga – tem – prejudicam – entra – entram;
Ⓑ obrigam – têm – prejudicam – entram – entram;
Ⓒ obrigam – tem – prejudica – entra – entra;
Ⓓ obrigam – têm – prejudicam – entram – entra;
Ⓔ obriga – têm – prejudica – entra – entram.

147. CESGRANRIO –Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ Nem sempre são ____ ao conhecimento do público as causas e consequências dos acidentes nucleares. (levadas)
Ⓑ Animais e plantas de determinada região podem ser acidentalmente ____ pela radiação atômica. (contaminados)
Ⓒ Devem ser melhor ____ em nossa terra os recursos hídricos e outras fontes não poluentes de energia. (exploradas)
Ⓓ É preciso que a construção e o funcionamento de usinas nucleares sejam ____ por rigorosas normas de segurança. (controlados)
Ⓔ Ainda não foram precisamente ____ as vantagens e desvantagens da utilização do átomo como fonte de energia. (avaliadas)

148. FESP-RJ – Das sentenças abaixo, aquela em que há <u>erro</u> de concordância nominal é:

Ⓐ Tem sido reconhecida a dedicação valorosa dos índios.
Ⓑ Os índios tiveram reconhecidos o valor de seus esforços.
Ⓒ A dedicação e o esforço dos índios são reconhecidos por todos.
Ⓓ Reconhecida é hoje por todos a dedicação e o esforço dos índios.
Ⓔ São hoje por todos reconhecidos o esforço e a dedicação dos índios.

149. ESAF – A concordância nominal está <u>incorreta</u> no item:

Ⓐ É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas.
Ⓑ Salvo alguns desastres, obtém-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa.

C Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante os treinamentos.
D A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante do pagamento.
E Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

150. FJG – Assinale a alternativa cuja concordância está formulada corretamente.

A Compramos, na feira, biscoitos e abacate maduro.
B Em anexo, segue as provas do aluno.
C No fechamento está incluso os relatórios da presidência.
D No final da festa, o aluno deficiente disse obrigada à professora.
E Quando eu estava namorando, as horas parecia que voava.

GABARITO

1. A	20. D	39. A	58. A	77. A	96. B	115. C	134. B
2. A	21. E	40. C	59. C	78. D	97. E	116. C	135. A
3. C	22. C	41. C	60. E	79. E	98. A	117. B	136. B
4. E	23. C	42. B	61. A	80. B	99. C	118. A	137. A
5. B	24. B	43. E	62. D	81. D	100. D	119. E	138. C
6. A	25. A	44. C	63. B	82. B	101. D	120. C	139. A
7. A	26. E	45. D	64. C	83. E	102. C	121. E	140. B
8. C	27. E	46. E	65. A	84. A	103. E	122. D	141. D
9. E	28. C	47. B	66. B	85. C	104. A	123. B	142. B
10. B	29. C	48. A	67. C	86. A	105. C	124. B	143. D
11. D	30. D	49. D	68. C	87. E	106. D	125. A	144. D
12. C	31. B	50. B	69. A	88. D	107. C	126. A	145. C
13. B	32. B	51. E	70. C	89. B	108. A	127. A	146. B
14. A	33. B	52. D	71. E	90. C	109. E	128. C	147. C
15. C	34. E	53. E	72. B	91. A	110. B	129. D	148. B
16. E	35. A	54. E	73. D	92. B	111. A	130. B	149. C
17. B	36. C	55. C	74. A	93. E	112. A	131. C	150. A
18. B	37. C	56. E	75. A	94. C	113. C	132. A	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. B	114. A	133. E	

Emprego de Pronomes e Sintaxe de Colocação

1. NCE-UFRJ – "Logo que ____, ____ ver que não ____."

As formas abaixo que completam adequadamente as lacunas são:

A os vir – os farei – os queremos seguir;
B os ver – fá-los-ei – queremo-los seguir;
C vê-los – fá-los-ei – queremos segui-los;
D os vir – fá-los-ei – queremos segui-los;
E os ver – far-lhes-ei – quereremos segui-los.

2. NCE-UFRJ – "Não perderei tempo." Nesta frase, se substituirmos "tempo" pelo pronome complemento adequado, teremos a forma correta:

A Não o perderei;
B Não perdê-lo-ei;
C Não perderei-o;
D Não perder-lo-ei;
E Não perdê-lo-ei.

3. FJPF – Reescreveram-se os trechos abaixo, alterando-se apenas a colocação do pronome átono:

I. "Pode-se alegar que se trata propriamente de um direito clássico." / Pode alegar-se que se trata propriamente de um direito clássico.

II. "...o governo não consegue defendê-lo." / ...o governo não o consegue defender.

III. "...ao mesmo tempo que não se cumpre um dever." / ...ao mesmo tempo que não cumpre-se um dever.

IV. "...eis a combinação explosiva que me parece ter levado 60 milhões a votar pelo 'não'." / ...eis a combinação explosiva que parece ter levado-me 60 milhões a votar pelo "não".

Estão de acordo com as normas descritas nas gramáticas as alterações realizadas em:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ II, III e IV;
Ⓔ III e IV.

4. FJPF – Na hipótese de substituição do complemento em destaque pelo pronome átono nas opções abaixo, aquela em que a língua culta rejeita tradicionalmente uma das duas colocações sugeridas para o pronome é:

Ⓐ "Dava as doses para todos os males." // As dava. / Dava-as para todos os males.
Ⓑ "Alguns mandavam de manhã os filhos com garrafas." // Alguns os mandavam. / Alguns mandavam-nos de manhã com garrafas.
Ⓒ "Poderiam vir buscar o leite de manhãzinha." // Poderiam vir buscá-lo. / Podê-lo-iam vir buscar de manhãzinha.
Ⓓ "Um dia falou a Juca para botar um hospital na Bom Jesus." // Um dia lhe falou. / Um dia falou-lhe para botar um hospital na Bom Jesus.
Ⓔ "Deus podia abandonar a proteção que vinha dando a todos os seus. // Deus a podia abandonar / Deus podia abandoná-la.

5. CESGRANRIO – Marque a opção em que a forma pronominal utilizada está incorreta:

Ⓐ É difícil, para mim, praticar certos exercícios físicos.
Ⓑ Ainda existem muitas coisas importantes para eu fazer.
Ⓒ Os chinelos da aposentadoria não são para ti.
Ⓓ Quando a aposentadoria chegou, eu caí em si.
Ⓔ Para tu não teres aborrecimentos, evita o excesso de velocidade.

6. FEPESE – Marque a opção em que a colocação pronominal está correta:

Ⓐ Me conta tudo.
Ⓑ Não disse-lhe nada.
Ⓒ Diga-me toda a verdade.
Ⓓ Contarei-lhe a notícia agora.

7. FUMARC – A colocação pronominal está correta apenas em:

Ⓐ O instrutor havia preparado-os para o exame de direção.
Ⓑ Quem estragou a câmera que encarregue-se de enviá-la para o conserto.
Ⓒ Quando comunicaram-na de que havia vencido, não acreditou.
Ⓓ As inscrições para o concurso se realizarão até a próxima sexta-feira.

8. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o pronome pessoal não está usado de acordo com a norma culta:

Ⓐ Ele trouxe esse presente para mim.
Ⓑ A salada de tomate é para eu comer.
Ⓒ Pedi-lhe licença para sair da sala.
Ⓓ Ele precisava da ajuda dos pais.
Ⓔ Este programa é para mim fazer.

9. FJG – "[...] a mãe iria acompanhá-la para ajudar na mudança..."

Esse trecho de texto é reescrito em cada alternativa abaixo. A nova redação não é bem-sucedida, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ [...] a mãe acompanhá-la-ia para a ajudar na mudança..."
Ⓑ [...] A mãe acompanharia-a para ajudá-la na mudança..."
Ⓒ [...] A mãe a acompanharia para a ajudar na mudança..."
Ⓓ [...] A mãe a acompanharia para ajudá-la na mudança..."

10. FESP-RJ – "Já o mesmo não se pode dizer de um serviço de bondes."

Das alterações feitas na frase acima, aquela em que a colocação do pronome átono sublinhado contraria a norma culta do português contemporâneo do Brasil é:

Ⓐ Já o mesmo não se haveria de dizer de um serviço de bonde.
Ⓑ Já o mesmo não estaria se dizendo de um serviço de bonde.
Ⓒ Já o mesmo não deveria-se dizer de um serviço de bonde.
Ⓓ Já o mesmo não poderia dizer-se de um serviço de bonde.
Ⓔ Já o mesmo não teria se dito de um serviço de bonde.

11. ESAF – Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes:

Ⓐ José, espere-me um pouco; eu quero ir consigo à audiência.
Ⓑ Ele não mim informou da presença do juiz eleitoral na cerimônia.
Ⓒ A mim me parece que a constituição deve ser referendada por um plebiscito.
Ⓓ Lembro-me de ti a todo momento; sinto uma profunda saudade de você.
Ⓔ Já recebi o recado de que aqueles processos são para mim despachar.

12. VUNESP – Indique a única frase correta quanto ao uso e à colocação do pronome:

Ⓐ Sempre quis-lhe como namorada.
Ⓑ Não vá embora sem mim.
Ⓒ Os soldados não obedeceram-lhe às ordens.
Ⓓ Nunca houve desentendimentos entre tu e eu.
Ⓔ Segure a régua para eu.

13. COVEPE – Coloque o pronome no espaço correto.

1. Jamais _____ esqueço _____ de você. (me)

2. O rapaz, _____ levantando _____ fez uma pergunta. (se)

3. _____ devolve _____ o livro que te emprestei. (me)

4. Estou a _____ contar _____ uma coisa importante. (lhe)

5. Gostaria de saber quem _____ contou _____ tal fato. (te)

A colocação adequada, de cima para baixo, é a seguinte:

Ⓐ me esqueço, se levantando, me devolve, contar-lhe, te contou;
Ⓑ esqueço-me, levantando-me, devolve-me, lhe contar, te contou;
Ⓒ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, te contou;
Ⓓ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, contou-te;
Ⓔ esqueço-me, se levantando, me devolve, contar-lhe, contou-te.

14. FUMARC – Observe atentamente a colocação dos pronomes oblíquos átonos nas frases a seguir.

I. Vinham-me acompanhando vários amigos.

II. Devo incomodar-te muito com essas idéias.

III. Deus te ajude nessa nova missão!

A colocação está adequada em:

Ⓐ I e II apenas;
Ⓑ I e III apenas;
Ⓒ II e III apenas;
Ⓓ I, II e II.

15. VUNESP – Considere as informações abaixo para responder à questão:

I. que pedir a eles	→	**que lhes pedir**
II. defender o contribuinte	→	**defendê-lo**
III. o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos	→	**o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir**
IV. "seria obrigado a liquidar a fatura"	→	**seria obrigado a liquidar ela**

Entre as informações acima, aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I e III.

16. FESP-RJ – Marque a opção cuja colocação do pronome sublinhado obedece à norma culta:

- **A** As universidades já têm cursos especiais para alunos da terceira idade que se querem reciclar.
- **B** A diferença para as turmas convencionais é uma só: ninguém submete-se a provas e exames.
- **C** Os meninos nunca deram-se a oportunidade de cantar coisa mais elaborada.
- **D** Se pode correr 100 metros em cinco segundos quando se é um atleta.
- **E** Farão-se as garantias da pesquisa para que os resultados sejam bons.

17. Assinale a alternativa onde o pronome pessoal está empregado corretamente:

- **A** Para mim, viajar de avião é um suplício.
- **B** Este é um problema para mim resolver.
- **C** Entre eu e tu não há mais nada.
- **D** A questão deve ser resolvida por eu e você.

18. O pronome oblíquo destacado pode trocar de posição em relação ao verbo da frase em:

- **A** "Ele choraminga, olha a mãe que o excita, rindo, batendo palmas."
- **B** "Vou seguir caminho, mas me detenho a olhá-la: carregou a criança para junto da espuma."
- **C** "Fala com ele, ergue-o no ar."
- **D** "Assim, com a silhueta cortada junto à luz que se reflete no chão molhado, ..."
- **E** "É apenas uma jovem fêmea que ensina o mar e o mundo à sua cria; transmite-lhe a experiência da espécie ..."

19. FUMARC – Há erro quanto à colocação do pronome oblíquo átono em:

- **A** Em se tratando de medidas dessa natureza, resolvemos renunciar.
- **B** Embora me dissessem o perigo, não acreditei neles.
- **C** Deus acompanhe-te na sua nova jornada!
- **D** A casa para onde se mudaram é excelente.

20. FCC – De acordo com a formalidade da Língua, assinale a alternativa em que está correta a colocação do pronome átono:

- **A** Meu amigo, preciso o prevenir contra as maledicências usuais dessa gente.
- **B** Os satélites têm dado-nos a exata medida da destruição causada pelas queimadas.
- **C** Esqueçamo-nos do mal que nos fizeram, mas não esqueçamo-nos de retribuir o bem que recebemos.
- **D** O político, constrangido, foi desvencilhando-se aos poucos daquela situação vexatória.
- **E** Eu calarei-me somente se me convencerem de que estou errado.

21. NCE-UFRJ – A frase em que não se observou uma recomendação referente à colocação dos pronomes oblíquos átonos é:

- **A** Sempre pareceu-nos que esse projeto não teria êxito.
- **B** Os dois marujos que ficaram no Brasil nunca se tornaram índios.
- **C** Naquele momento, iniciou-se o povoamento do Brasil.
- **D** A consideração com que me trataram foi para mim o ponto alto da reunião.
- **E** Os falantes do português se tornaram maioria no litoral brasileiro.

22. FAPERG – Na oração "Disseram-me que tinha chegado no último paquete", o uso de ênclise se dá porque:

- **A** não se inicia a frase com pronome oblíquo átono;
- **B** o verbo está no infinitivo impessoal;
- **C** se houver partícula atrativa antes da locução verbal, coloca-se o pronome oblíquo antes do auxiliar ou depois do principal;
- **D** o verbo vem precedido de pronome relativo;
- **E** possibilita maior ênfase na expressividade que uma palavra adquire na frase.

23. NCE-UFRJ – "Recordo-me de um bar..." Este mesmo segmento do texto, se colocado na 1ª pessoa do plural, teria como forma verbal correta:

- **A** Recordo-nos;
- **B** Recordamo-nos;
- **C** Recordemo-nos;
- **D** Recordamos-nos;
- **E** Recordemos-nos.

24. FUNCAB – Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo destacado não obedece às normas do português padrão:

- **A** Esses amores silenciosos alcançam-nos todos os dias.
- **B** Disseram-me muito sobre os amores, resta agora a vocês oferecerem-nos à pessoa amada.
- **C** Ele evitava os amores!... Ter-lhe-iam falado de suas dores?
- **D** O que lhe restava era amar silenciosamente.
- **E** Fostes alertado a manter os silêncios amorosos e cumpriste-no com eficácia.

25. ACADEPOL-SP – Marque a alternativa em que aparece um erro de colocação pronominal:

- **A** Sempre vejo-a triste ao cair da tarde, fragilizada pela depressão contínua.
- **B** Eu não lhe disse, mas o chefe mandou oferecer preço na plantação.
- **C** Em meio ao tédio que lhe representara muita humilhação saboreou um momento de alegria.
- **D** Encarava-o rígida, cheia de gravidade, com os olhos súplices de cobrança.

26. FCC – Assinale a alternativa em que os vocábulos propostos preenchem corretamente as lacunas da frase:

"____ as novas condições exigidas pelo programador, antes que outros ____."

- **A** Expusemos-lhes – o fizessem.
- **B** Expusemo-lhes – fizessem-no.
- **C** Expusemos-lhes – fizessem-o.
- **D** Expusemo-lhes – fizessem-lo.
- **E** Expusemo-lhes – o fizessem.

27. COPPE-UFRJ – A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:

- **A** Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
- **B** Abrigaremos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
- **C** Não se poupariam esforços nesse sentido.
- **D** Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta disso.
- **E** "...certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza)

28. ACCESS – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> no uso do pronome pessoal sublinhado em:

- **A** Nada houve entre <u>eu</u> e você.
- **B** Empreste o livro para <u>eu</u> ler.
- **C** É hora de <u>eles</u> voltarem.
- **D** Deixe-<u>os</u> entrar.
- **E** Basta-<u>me</u> a terra.

29. COPPE-UFRJ – Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:

- **A** O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
- **B** No curso de pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
- **C** Nunca enganamo-nos a esse respeito.
- **D** Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
- **E** Caso procurem-me, diga que viajei.

30. ACCESS – Na passagem "De repente, foi assaltada por um adolescente, que a roubou...", o pronome pessoal oblíquo está em posição proclítica.

Segundo a norma culta, esta é a colocação correta, porque:

- **A** a oração é iniciada por palavra interrogativa;
- **B** há uma palavra de valor negativo na frase;
- **C** o verbo não está no futuro do presente;
- **D** a oração é subordinada desenvolvida;
- **E** há um advérbio antes do pronome.

31. EMPASIAL – Indique onde não há erro no emprego do pronome átono, observadas as ligações enclíticas indicadas: tendes + o; põe + o; diria + o; poreis + o:

Ⓐ tendes-lo – põe-lo – diria-lo – poreis-no;
Ⓑ tende-lo – põe-no – di-lo-ia – pô-lo-eis;
Ⓒ tendes-no – põe-no – diria-no – pôr-lo-eis;
Ⓓ tende-no – põe-lo – dir-lo-ia – por-lo-eis;
Ⓔ tende-lo – põe-lo – dir-lo-ia – poreis-lo.

32. EMPASIAL – Onde o pronome está erroneamente empregado?

Ⓐ Fez + o = fê-lo.
Ⓑ Diríamos + o = di-lo-íamos.
Ⓒ Pondes + o + ponde-lo.
Ⓓ Tem + no = tem-no.
Ⓔ Diríeis + o = diríei-lo.

33. VUNESP – Os pronomes pessoais têm emprego de acordo com a língua padrão em:

Ⓐ Rompidos desde as últimas eleições, os velhos caciques esqueceram as diferenças, mandando elas às favas, e reataram a aliança.
Ⓑ Referindo-se a seu rival, a velha raposa da política afirma: "não há acordo possível entre eu e ele".
Ⓒ Quando ela tomar posse, aguardam-se dívidas incontáveis deixadas por seu antecessor.
Ⓓ Especula-se a origem de sua fortuna, falando-se em falcatruas que teriam feito ele enriquecer.
Ⓔ Deixem eu resolver essas diferenças entre os dois, levando-os a um bom acordo.

34. COPPE-UFRJ – Em "...sempre que nos vemos..." e "...volto sempre a ela...", os pronomes pessoais estão empregados segundo as normas do português escrito culto. Entre os exemplos abaixo, o que também está de acordo com essas normas é:

Ⓐ Ela trouxe o livro para mim ler.
Ⓑ Entre eu e você tudo acabou.
Ⓒ Não estou lhe reconhecendo.
Ⓓ Parece que o filme não o agradou.
Ⓔ Estivemos muito próximos, mas não lhe vi o rosto.

35. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

Ⓐ O processo da eleição tem desagradado-me.
Ⓑ Ninguém se lembrou de que o conclave estava previsto para o dia 18.
Ⓒ Os cardeais não deixaram-lhe opção de escolha.
Ⓓ Em tratando-se de eleição, o voto deve ser secreto.
Ⓔ Quem garante-me o sucesso da votação?

36. CESPE-UnB – Assinale a opção em que há erro de colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

- **A** A primeira refere-se aos atuais mecanismos públicos e particulares.
- **B** São os elementos essenciais da vida, os quais não têm-nos dado a desejada segurança.
- **C** Consiste em nossa fraqueza de opormo-nos a uma espécie de movimento neo-feudal.
- **D** A sociedade mostra-se perplexa com seu ajuste à eletrônica.
- **E** O Estado não se mostra apto para encontrar soluções.

37. FCC – Está correto o emprego do pronome sublinhado na frase:

- **A** Se é para <u>mim</u> ir buscar as malas, deixe que eu vou.
- **B** Aquela má notícia deixou <u>ele</u> muito triste.
- **C** Afinal, sua desavença é com eles ou com <u>nós</u>?
- **D** A esta altura, só podemos contar <u>conosco</u> mesmos.
- **E** No caso de <u>eu</u> ir reclamar, você também vai?

38. COPPE-UFRJ – A alternativa em que o deslocamento do pronome oblíquo átono foi efetuado de acordo com as normas do padrão culto escrito do português é:

- **A** "Creio que é somente na década de 40 que se pode considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil." – que pode considerar-se seriamente.
- **B** "Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado, é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e uma amplitude social." – que toda a sociedade reestruture-se.
- **C** "Por isso se faz necessário entender como se articulam no período os diversos ramos da produção e de difusão de massa." – como articulam-se.
- **D** "...a questão que se coloca é conhecermos como ele se estrutura, e em que medida determina parâmetros novos para a problemática da cultura." – a questão que coloca-se.
- **E** "Não nos cabe retomar as análises já realizadas sobre este tema." – Não cabe-nos retomar as análises.

39. ESAF – Indique o período que apresenta colocação pronominal contrária às regras da norma padrão:

- **A** Causou-lhe decepção a reação inesperada da irmã, embora não lhe ficasse querendo mal por isso.
- **B** Ai! Nem me quero lembrar dos dias em que andavam se agredindo sem quê nem porquê!
- **C** Ninguém dirigiu-se ao chefe, em ocasiões como aquela, dando-se ares de tanta importância!

Ⓓ Depois de algum tempo, os amigos se reencontraram, muitos sem nem o terem desejado.
Ⓔ Nunca lhe darei tanto dinheiro, que o faça tornar-se um beberrão.

40. NCE-UFRJ – Considerando o emprego e a colocação dos pronomes, a frase com erro é:

Ⓐ Sem mais para o momento, subscrevemo-nos com elevada consideração.
Ⓑ Em nome da transparência, informamo-lo do ocorrido.
Ⓒ Fi-lo porque foi necessário.
Ⓓ Amamo-vos mais que a nós mesmos.
Ⓔ Comunicamos-lhes que o carregamento chegará quatro horas mais tarde, em virtude de um acidente na linha férrea.

41. CESGRANRIO – Marque a opção <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Seria-nos conveniente assinar o acordo hoje.
Ⓑ Nada se fez por ele.
Ⓒ Vocês podem dizer-me a verdade.
Ⓓ Amanhã, contar-lhe-ei as novidades.
Ⓔ Quando a viu vencer, desmaiou.

42. FUMARC – A colocação pronominal está <u>correta</u> em todas as frases, <u>exceto</u>:

Ⓐ O encontro se realizará sem a presença do famoso conferencista.
Ⓑ Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento contra a violência.
Ⓒ Parece que Maria Rita não vai mais casar-se com Pedro Otávio.
Ⓓ O rapaz declarou que, há uma semana, já havia queixado-se à polícia.

43. COPPE-UFRJ – A alternativa em que é possível alterar a colocação do pronome sem ferir a norma gramatical é:

Ⓐ "Quando <u>se</u> está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓑ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo <u>nos</u> faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓒ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que <u>se</u> está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓓ "Não estou certa de que <u>se</u> trate de um processo, mas suspeito que o tempo, único juiz de coisas dessa natureza, não está nunca do lado de quem tenta driblá-lo."
Ⓔ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que <u>se</u> busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."

44. COMVEST – Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Marque-a:

1. O professor passou uma tarefa para ____ fazer.

2. Não se ponha entre ____ e ele, por favor!

3. Se fores à rua, avisa-nos que iremos ____.

4. Para ____ ganhar dinheiro, é preciso trabalhar.

5. Para ____, ouvir música é maravilhoso.

A mim – tu – consigo – eu – tu
B mim – mim – consigo – mim – eu
C eu – eu – contigo – mim – eu
D tu – eu – conosco – tu – mim
E eu – mim – contigo – eu – mim

45. FUMARC – Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome átono, <u>exceto</u>:

A Maria não vai casar-se outra vez.
B Disseram-me que a jóia era falsa.
C Os presos já tinham rebelado-se outra vez naquele ano.
D Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

46. CESPE-UnB – Assinale a melhor resposta:

O resultado das combinações "pões + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

A pões-lo – reténs-las – dedu-la;
B pões-no – retém-nas – dedu-la;
C pões-lo – retém-las – deduz-la;
D pões-no – retém-las – dedu-la;
E põe-lo – retém-las – dedu-la.

47. CN – Assinale a opção em que só o uso da prôclise é aceito pela norma culta:

A O rio te quer rodar, seu canoeiro.
B Os periquitos te estão chamando, menino.
C A velha rendeira te neutralizará, ó rio.
D Não te obedecer, ó rio, é pecado.
E A professora descobriu que o rio lhe trará problemas.

48. VUNESP – A alternativa em que a frase apresenta um erro de colocação pronominal é:

A É difícil dizer-te o quanto te amo.
B João, expulsa-os já do jardim.
C Jamais me mudarei daqui.

Ⓓ Fiquei olhando o carteiro que aproximava-se.
Ⓔ Devemos dizer-lhe a verdade.

49. FESP-RJ – Entre as frases abaixo, aquela que a norma gramatical rejeita por conter erro na colocação do pronome átono é:

Ⓐ As mãos fá-lo-iam cantar.
Ⓑ O frio me faz pensar em neve.
Ⓒ Uma alegria expande-se no meu peito.
Ⓓ Me parecia que era o milagre da neve.
Ⓔ Nós a conhecemos primeiro nos livros coloridos.

50. VUNESPE – Assinale a alternativa em que o uso da mesóclise é incorreto:

Ⓐ Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
Ⓑ Dir-se-ia que ela tem menos de quarenta anos.
Ⓒ Convencê-lo-ei, se puder.
Ⓓ Dizes-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
Ⓔ Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

51. EM – Em apenas um item a colocação do pronome átono foi feita de forma correta. Assinale-o:

Ⓐ Julguei que chamavam-me para o almoço.
Ⓑ Deus o favoreça e de mim não se esqueça.
Ⓒ Tinha feito-lhe uma pergunta, mas não obtive resposta.
Ⓓ Diria-se que tudo não passou de um engano.
Ⓔ Ninguém admoestá-lo-á na minha frente.

52. CN – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal admita o maior número de variações:

Ⓐ Deem-me coroas de pano.
Ⓑ Que a não esqueçam os amigos.
Ⓒ Que vai se deitar para sempre.
Ⓓ Não me envolvam num lençol.
Ⓔ Bem sabeis que não se casa.

53. EsFAO – A norma culta da língua repudia a colocação do pronome átono, tal como ocorre no item:

Ⓐ Os homens ainda não a esperavam quando ela desabou sobre a cidade.
Ⓑ Que me dera que meus rústicos hinos por ele ouvidos fossem, e por elas aplaudidos.
Ⓒ Eu tinha beijado-lhe as mãos, porque, se não fosse ela, estaria talvez na prisão, por um crime não realizado.

D Certamente, com medo, ela ficara em casa, ou alguém a avisara, pois àquela hora, sua ausência era bem estranha.

E Um grande soluço sacudiu-o desafinado. Ele nem sequer tremeu. Ela também passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

54. EMM – A única oração correta quanto à colocação do pronome átono é:

A Ela não chamou-te.

B Ela avisar-te-á o dia da prova.

C Ela disse que viu-te chegar.

D Ela não te viu.

E Nenhuma das respostas anteriores.

55. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise:

A Jamais alguém diria a verdade (lhe).

B Aqui está o livro que emprestaste (me).

C Bons ventos levem (o).

D Meu amigo, fale a verdade (me).

E Não aborreças (me).

56. FESP-RJ – "Não estou <u>me</u> referindo muito a escrever para jornal."

A frase acima exemplifica um fato frequente no português contemporâneo do Brasil – a posição proclítica do pronome átono (exceto <u>o</u>, <u>a</u>, <u>os</u>, <u>as</u>) em relação ao verbo principal da locução. Embora tal fato já tenha sido defendido desde 1922 por Silva Ramos na miscelânea *Pela Vida Fora*, ainda hoje há quem rejeite essa colocação. Das seguintes passagens de *Clarice Lispector*, todas com a mesma próclise "brasileira", aquela em que a variante de colocação do pronome átono, indicada é direita, <u>contraria</u> a norma culta é:

A "...quem sabe teríamos <u>nos</u> casado." / quem sabe nos teríamos casado.

B "Ah, está <u>se</u> tornando difícil escrever." / Ah, está tornando-se difícil escrever

C "...na certa ele iria, por seu turno, <u>me</u> influenciar."/ na certa ele iria-me, por seu turno, influenciar.

D "esta carta deveria <u>se</u> dirigir ao Presidente da República."/ esta carta dever-<u>se</u>-ia dirigir ao Presidente da República.

E "Só o que se chama de 'amor imorredouro' tinha <u>me</u> interessado." / Só o que se chama de "amor imorredouro" <u>me</u> tinha interessado.

57. ESPCEX – Considere a seguinte passagem: "...para que o medo fosse se aninhando". Do conjunto de afirmações a respeito da colocação do pronome átono, a única alternativa <u>falsa</u> é a letra:

Ⓐ No texto, a colocação obedece rigorosamente à norma gramatical.
Ⓑ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo se fosse aninhando".
Ⓒ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo fosse aninhando-se".
Ⓓ No texto, a colocação é típica da linguagem de conversação brasileira.

58. ESPCEX – Com relação aos respectivos verbos, assinale a posição correta de cada um dos pronomes átonos no texto abaixo:

1 2 4 8

"Aquela que te humilhou / humilhou-te, aqui a tens / tem-la abatida, no mesmo

16 32

lugar onde te ultrajou / ultrajou-te, nas iras de sua paixão.

Assinale a alternativa que indica a soma dos algaritmos dados aos pronomes bem colocados:

Ⓐ 21;
Ⓑ 54;
Ⓒ 61;
Ⓓ 42;
Ⓔ 35.

59. EN- "O arreganhar dos dentes se esbate no bocejo."

Deu-se preferência ao emprego da próclise, em situação na qual também se poderia ter usado a ênclise. Nos itens abaixo, assinale aquele em que a próclise é obrigatória:

Ⓐ A jovem <u>me</u> foi indicada pelo comendador.
Ⓑ Se <u>me</u> convidarem, irei à festa sem pensar duas vezes.
Ⓒ A peça ia-<u>se</u> desenvolvendo com a aprovação da plateia.
Ⓓ O chefe <u>nos</u> disse que e encomenda estava a caminho.
Ⓔ Quero <u>lhe</u> pedir um grande favor.

60. EPCAR – Coloque o pronome átono no devido lugar e aponte a opção em que não se justifica a ênclise:

Ⓐ A mágoa, ____ ferindo ____ no coração, ____ arrefecera ____ o ânimo. (o, lhe)
Ⓑ Espero que o sofrimento não ____ derrube ____. (me)
Ⓒ ____ levantei ____, enquanto todos dormiam. (me)
Ⓓ O jovem chegara-se e Isabel, ____ tomou ____ as mãos. (lhe)
Ⓔ Procure seus colegas e ____ convide ____ para o baile. (os)

61. ESFAO – Leia atentamente as frases abaixo:

A. Os discos que me foram entregues são ótimos.

B. Tudo fez para obedecer-lhe e agradar-lhe.

C. Em se tratando de você, isto é normal.

Observando a posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos em cada uma delas, assinale a alternativa correta:

1. Deve ser proclítico.

2. Deve ser enclítico.

3. Pode ser proclítico.

4. Pode ser enclítico.

Ⓐ A-1 – B-2 – C-2.
Ⓑ A-4 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-4 – B-3 – C-2.
Ⓓ A-1 – B-4 – C-1.
Ⓔ A-1 – B-1 – C-4.

62. UFV-MG – "Às vezes, também a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso [...]."

O pronome <u>se</u> está em próclise porque:

Ⓐ há preferência pela próclise no português do Brasil;
Ⓑ a oração é introduzida por conjunção;
Ⓒ a oração é introduzida por um conectivo subordinativo;
Ⓓ o verbo no pretérito perfeito não admite ênclise;
Ⓔ a oração é optativa.

63. ESPCEX – Há <u>erro</u> de colocação pronominal no(s) período(s):

Ⓐ Agora, conte-me tudo.
Ⓑ Sua cara não vai-se alegrar.
Ⓒ Estava na venda quando o encontraram.
Ⓓ Vivia me incomodando.

64. ESPCEX – Das passagens apresentadas abaixo, constitui um exemplo de correto emprego de norma gramatical de colocação de pronomes átonos o trecho transcrito em:

Ⓐ "Quando partia, o acompanhavam algumas quadras, curveteando a seu lado [...]."
Ⓑ "Estâncias havia em que anunciava-se a chegada de Manuel pelo relincho estridente [...]."

Ⓒ "[...] camaradas saudosos, que vinham apresentar-lhe o focinho, rifando com ciúmes uns dos outros."
Ⓓ "Se acontecesse passarmos à vista da casa de algum amigo, lhe dirigimos um olhar [...]"

65. EFOMM – Assinale o exemplo onde há erro indiscutível na colocação do pronome pessoal átono:

Ⓐ Eles vêm nos ver amanhã.
Ⓑ O acontecimento poderá se reduzir a simples brincadeira.
Ⓒ Vamo-nos encontrar logo mais.
Ⓓ Atribuiriam-se os fatos aos verdadeiros culpados.
Ⓔ O que se não deve dizer.

66. AFA – Observando a posição dos pronomes átonos nas sentenças abaixo:

A. "[...] erguendo os olhos do trabalho em que se aplicava [...]"

B. "[...] mas um homem observava-o à distância, [...]"

C. "[...] sabia que isto era fingido, que Xenofonte detestava-o tanto [...]"

Você dirá, em referência a cada uma delas, que:

1. Pode ser proclítico.

2. Pode ser enclítico.

3. Deve ser proclítico.

4. Deve ser enclítico.

Ⓐ A-3 – B-4 – C-3.
Ⓑ A-2 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-2 – B-3 – C-1.
Ⓓ A-3 – B-1 – C-1.

67. ITA – Assinalar a alternativa correta:

Ⓐ Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓑ Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras.
Ⓒ Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras.
Ⓓ Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓔ Nenhuma das anteriores.

68. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não pode haver próclise:

Ⓐ Não entristeças (te).
Ⓑ Deus favoreça (o).
Ⓒ Espero que faças justiça (me).
Ⓓ Meus amigos, apresentem em posição de sentido (se).
Ⓔ Ninguém faça de rogado (se).

69. EN – Corretamente, o pronome átono aparece colocado em:

Ⓐ Me empresta o teu livro de Matemática?
Ⓑ Ainda que peçam-me, irei à festa.
Ⓒ Desejo me ouças até o fim.
Ⓓ De nada valeu-lhe todo o dinheiro que tinha.
Ⓔ Tudo aborrece-me e nada me agrada.

70. ESPCEX – Na frente de cada frase, existe um número.

Some os números correspondentes às frases em que seria possível dar outra colocação – gramaticalmente correta – ao pronome oblíquo. A resposta da questão será a soma encontrada.

1. Todos se mudariam para lá.
2. Bem, vou-me despedir.
3. Mas não souberam informar-me o que havia sucedido.
4. Fui o primeiro a comunicar-lhe a notícia de sua promoção.
5. Deus nos livre das más línguas.
6. Daqui a algumas horas me hás de entender.

Ⓐ 9.
Ⓑ 13.
Ⓒ 15.
Ⓓ 16.

71. EN – De acordo com a gramática tradicional, só uma frase está correta quanto à colocação do pronome átono. Assinale-a:

Ⓐ Tenho mandado-lhe notícias.
Ⓑ O homem ia-se erguendo.
Ⓒ Me dá o braço.
Ⓓ A juventude vai se preparando para cumprir seu papel na sociedade.
Ⓔ Enquanto não encontrá-lo, não sairei daqui.

72. EN – De forma incorreta, colocou-se o pronome átono em:

Ⓐ Quando acabam-se as férias?
Ⓑ Ficamos todo o tempo a esperá-la.
Ⓒ Não se conquista nada sem muita luta e força de vontade.
Ⓓ Já se pôs o sol por trás daquela enorme montanha.
Ⓔ Deus te proteja, meu filho!

73. EPCAR – Assinale a opção correta quanto ao uso e à colocação do pronome.

Ⓐ "Imagino-te já idosa,
Frondosa toda folhagem,
[...]
Com que faço essa viagem
Pelo reino do teu nome, oh! Flora!" (Gilberto Gil)

Ⓑ "Se lembra da fogueira
Se lembra dos balões
Se lembra dos luares dos sertões
A roupa no varal
[...] (Chico Buarque)

Ⓒ Nunca houve acordo entre eu e ele.

Ⓓ Me dará um cigarro, não é?

74. EPCAR – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal é <u>inadequada</u>:

Ⓐ Entregarei-lhe os resultados no tempo previsto.

Ⓑ Bem se vê que não te preocupas com essas coisas.

Ⓒ Sua atitude é serena, poder-se-ia dizer religiosa, quase ritual.

Ⓓ Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa.

75. COSEAC-UFF – Na frase exclamativa "Que bom, Tia Nastácia, que você existe até hoje e sempre dentro de mim!", o pronome "mim", regido pela preposição "de", está corretamente empregado.

Das frases abaixo, aquela em que, de acordo com a norma culta da língua, há <u>erro</u> no emprego do pronome de 1ª pessoa é:

Ⓐ Entre ela contar histórias e eu ouvir, há enorme distância.

Ⓑ Para mim, ouvir Tia Nastácia contar histórias era muito agradável.

Ⓒ Entre Tia Nastácia e eu sempre houve ótimo relacionamento.

Ⓓ Ela contava as histórias para eu ouvir.

Ⓔ Entre mim e as demais crianças do sítio formou-se profunda amizade.

76. COSEAC-UFF – A troca de posição do pronome é, de acordo com a nossa tradição gramatical, <u>inaceitável</u> na alternativa:

Ⓐ "Acontece que a jovem escolhida para servir de fio condutor do programa personificava a negação viva e radiante de toda a carga de sombra e amargura que o registro clínico de seu cotidiano nos faria esperar dela." / faria-nos.

Ⓑ "Embora tivesse razões de sobra para queixar-se do destino e viver na mais espessa melancolia, ela esbanjava *joie de vivre* por todos os poros." / se queixar.

Ⓒ "Apesar de viver e ganhar a vida em condições precárias, a grande maioria dos brasileiros considera-se feliz e amplamente satisfeita com a vida que leva." / se considera.

Ⓓ "Ao ser indagado sobre a sua felicidade, o entrevistado se defende perante si mesmo da ameaça de dor que uma resposta derrotista traria." / defende-se.

Ⓔ "Ao ser escolhida, entre tantas outras, para 'estrelar' um programa de TV a ser exibido no exterior, a jovem carioca sente-se a eleita dos deuses." / se sente.

77. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que <u>não</u> se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:

Ⓐ "...traz uma reportagem..." = trá-la.
Ⓑ "...doar 85% de sua fortuna..." = doá-los.
Ⓒ "...indicam um caminho..." = indicam-lo.
Ⓓ "...estimula a filantropia..." = estimula-a.
Ⓔ "...fazer filantropia..." – fazê-la.

78. FURB – Assinale as frases em que os pronomes <u>eu</u>, <u>mim</u>, <u>te</u>, <u>ti</u> foram corretamente empregados:

1. Sem eu falar com todos os convidados é impossível garantir a troca do horário da cerimônia.

2. Fica combinado então: esta conversa ficará entre mim e ti.

3. O dinheiro foi suficiente para ti comprar as passagens?

4. A negociação não se fará sem eu e tu.

5. Deu longo prazo para eu poder terminar meu trabalho e entregá-lo sem me prejudicar.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1, 2 e 5;
Ⓑ 1, 2 e 3;
Ⓒ 2, 3 e 4.
Ⓓ 3, 4 e 5;
Ⓔ 2, 4 e 5.

79. FURB – No texto que segue, há espaços que devem ser preenchidos com o pronome oblíquo átono que se encontra nos parênteses. Escolha a posição adequada para cada caso:

"No dia seguinte, como eu estivesse a _____ preparar _____ (me) para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. [...] A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, _____ pousou _____ (me) na testa. _____ sacudi _____ (a), ela foi pousar na vidraça; e, porque eu _____ sacudisse _____ (a) de novo, saiu dali e veio pousar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra [...], tinha um certo ar de escarninho que _____ aborreceu _____ (me) muito."

(MACHADO DE ASSIS, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

A alternativa que contém a forma correta quanto à colocação pronominal é:

Ⓐ me preparar – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓑ preparar-me – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓒ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – a sacudisse – me aborreceu;
Ⓓ me preparar – pousou-me – A sacudi – sacudisse-a – aborreceu-me;
Ⓔ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – sacudisse-a – me aborreceu.

80. COSEAC-UFF – O pronome átono proposto para substituir o termo em destaque é inaceitável, segundo nossas gramáticas, em:

Ⓐ "Zeus aproveitou que sua esposa, Hera, dormia e colocou Apolo para mamar em seu seio." / mamar-lhe no seio.

Ⓑ "Enquanto ele mamava, a deusa acordou e, com raiva, lançou a criança no espaço." / lançou-a no espaço.

Ⓒ "A cultura ecológica tem um desafio imenso nesse sentido: diluir o pavor fóbico que temos pela nossa semelhança quase que completa com todos os animais." / diluir-lhe.

Ⓓ "A própria ciência já admite que outras espécies também criam culturas próprias." / já o admite.

Ⓔ "Recuperaríamos, quem sabe, aquela virtude que Aristóteles tão bem chamava de mediania." / Recuperá-la-íamos.

81. FUNRIO – No período "Arrisco-me a dizer que [...] o executivo necessita de uma relação íntima com a palavra para não acabar dando com os burros n'água", percebe-se que o pronome oblíquo átono está na posição enclítica, respeitando a norma culta quanto aos critérios para a colocação pronominal. Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> na colocação dos pronomes oblíquos átonos nas orações:

Ⓐ Quando me vi, já estava lá.

Ⓑ Quem me dirá o que é certo?

Ⓒ Eu quero-lhe falar.

Ⓓ Bons ventos o tragam!

Ⓔ Sempre recebiam-me de bom humor.

82. VUNESP – Na frase "E cada um se vira...", o autor usou livremente a próclise. Assinale a alternativa em que a colocação está gramaticalmente incorreta:

Ⓐ Esses são sonhos que já foram-se.

Ⓑ Aqui se fala pouco.

Ⓒ Em se tratando de saúde, tudo é urgente.

Ⓓ Ter-lhe-iam concedido aumento?

Ⓔ Devo calar-me ou falar?

83. VUNESP – Assinale a frase correta quanto à colocação pronominal:

Ⓐ O termo que refere-se a um estilo de vida.

Ⓑ Isso refere-se a um estilo de vida.

Ⓒ O termo não refere-se a um estilo de vida.

Ⓓ O termo refere-se a um estilo de vida.

Ⓔ Quando refere-se a um estilo de vida.

84. VUNESP – Na frase – O dinheiro tem controlado as pessoas, e o ser humano não consegue entender as leis desse poderoso instrumento.

Assinale a alternativa em que os pronomes substituem corretamente as expressões em destaque e obedecem às regras de colocação pronominal:

- **A** as tem controlado – lhes entender;
- **B** lhes tem controlado – as entender;
- **C** as tem controlado – entendê-las;
- **D** tem controlado-as – entendê-las;
- **E** lhes tem controlado – entender-lhes.

85. VUNESP – Quanto à colocação pronominal, está correta, conforme a norma culta, a alternativa:

- **A** Se descobriu que o uso excessivo de pauzinhos pode causar artrose.
- **B** No início, os chineses tinham preocupado-se por causa da artrose.
- **C** Ninguém lembrou-se que o fator hereditário também deve ser levado em conta.
- **D** Em tratando-se de artrose, é necessário fortalecer a musculatura das mãos.
- **E** Todos se preveniram a fim de evitar a doença.

86. ESPCEX – Leia as frases abaixo e responda a questão que segue:

I. O gado ia-se finar, até os espinhos secariam.

II. Compadre, eu não lhe quero dizer coisa alguma.

III. As visões do sono tinham dissipado-se.

IV. Nunca convidei-o para sair.

Segundo a norma culta, estão corretas as frases:

- **A** I e II;
- **B** III e IV;
- **C** II e IV;
- **D** II e III;
- **E** I e III.

87. FEC – Na passagem: "Acreditava-se até músico,...", o pronome átono está corretamente colocado e a alternativa em que tal pronome está igualmente bem empregado é:

- **A** Nem me comunicaram os acontecimentos de ontem.
- **B** Tinha emprestado-me o material.
- **C** Quero que comportem-se!
- **D** Jamais emprestar-nos-iam o equipamento.
- **E** Quando encontrou-me, saímos.

88. FEC – Na passagem: "O serão se prolonga.", o pronome átono está corretamente empregado, o mesmo <u>não</u> se podendo afirmar de um dos itens abaixo; marque-o:

Ⓐ Haviam emprestado-lhe os livros.
Ⓑ Ia enviar-lhe as cópias.
Ⓒ Estava enviando-nos o equipamento.
Ⓓ Em se comentando o episódio, tudo se solucionou.
Ⓔ Vou pô-lo a par do assunto.

89. VUNESP – No quadrinho abaixo, observa-se o emprego correto do pronome, quanto à sua colocação na frase. Assinale a alternativa que nomeia essa espécie de colocação e por que ela é obrigatória, nesse contexto.

Ⓐ Próclise, pelo uso de palavra negativa.
Ⓑ Mesóclise, pela utilização de imperativo.
Ⓒ Próclise, pela utilização de gerúndio.
Ⓓ Ênclise, pelo uso de expressão negativa.
Ⓔ Mesóclise, pela presença de perífrase.

90. FEC – No trecho: "...através da sujeira a envolvê-la,..." o pronome átono foi devidamente colocado, porém, a alternativa a seguir em que tal correção <u>não</u> ocorre é:

Ⓐ Não me revelou o segredo.
Ⓑ Quero que me emprestem os livros.
Ⓒ Deus nos proteja!
Ⓓ Tinha vendido-me o carro.
Ⓔ Vou ajudá-lo a sair daí.

91. CETRO – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Observei o aluno que dirigia-se ao pátio.
Ⓑ Quanto me pagará pela tradução do livro?
Ⓒ Ouvindo-o cantarolar reconheci sua voz imediatamente.
Ⓓ Encontrar-me-iam, caso minha presença à reunião fosse imprescindível.
Ⓔ Convém contar-lhe toda a verdade.

92. CETRO – Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto em:

A Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
B Ninguém tratou-me mal durante o evento.
C Se eu pudesse dizer-lhe a verdade, tudo se resolveria.
D No portão de entrada da cidade lia-se, em letras garrafais, numa placa de bronze: "Estranhos, afastem-se!".
E Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

93. FUNRIO – No Brasil, a colocação dos pronomes átonos nas frases recebe um tratamento peculiar ao idioma. A colocação pronominal que atende às exigências da norma padrão do Português brasileiro escrito está reproduzida na alternativa:

A Os prisioneiros que libertaram-se do jugo dos terroristas, até hoje, estão traumatizados.
B Os avanços dos eletrônicos tiveram de se adequar à aquisição dos brasileiros.
C Ele reconhecia ter tratado-se de problemática já conhecida no passado, quando era jovem.
D Os fabricantes de armas não importaram-se com a dificuldade dos países em litígio.
E Quando fala-se a verdade, na maioria das vezes não se merece castigo muito severo.

94. EPCAR – Todas as alternativas abaixo apresentam corretamente uma segunda opção de colocação dos pronomes átonos destacados, exceto:

A "Aquilo que lhe fez lembrar o vômito, também numa folha de jornal [...]."
Aquilo que fez lembrar-lhe o vômito, também numa folha de jornal [...].
B "Vou lhe dizer com toda a franqueza [...]."
Vou dizer-lhe com toda a franqueza [...].
C "Mas já não se falava mais em assalto [...]."
Mas já não falava-se mais em assalto [...].
D "O filho se esquivou com delicadeza, voltando-se para o delegado [...]."
O filho esquivou-se com delicadeza, voltando-se para o delegado [...].

95. COSEAC-UFF – A colocação do pronome átono que se propõe fere as normas de colocação descritas pelas gramáticas da língua em:

A "Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se." / se curar.
B "A sociedade, assim, se responsabiliza por tais tratamentos de saúde." / responsabiliza-se.
C "Esse modelo possivelmente se ampliará para a saúde." / ampliará-se.

D "É difícil separar o que é vaidade, o que é felicidade, e talvez se esmerar em distingui-los indique apenas uma atitude moralista no pior sentido do termo." / esmerar-se.

E "Naquele caso, o custo depende de onde se parte; neste, de aonde se quer chegar." / quer-se.

96. ESAG – Levando em conta o uso culto formal da linguagem, aponte a alternativa <u>incorreta</u>, quanto à colocação dos pronomes átonos:

A Muito me encantam as tartarugas marinhas.

B Embora tenhamos presenciado muitas tragédias, não nos preparamos para algo tão assustador como a do último tsunami.

C Dir-lhe-ei amanhã para onde pretendo viajar.

D Irei lhe mostrar agora fotografias de Andaman e Nicobar, antes do tsunami.

97. ESAG – Assinale a única alternativa em que há <u>erro</u> de colocação pronominal:

A Nunca a tínhamos visto.

B Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.

C Quando ele limpa a casa, ele o faz com extremo cuidado.

D Até lá, muitos já se terão arrependido.

98. CESGRANRIO – Assinale a opção em que, de acordo com a norma culta, o pronome oblíquo está adequadamente empregado:

A Hoje os vidros dos carros não limpam-se sozinhos.

B Os ativistas tinham lembrado-se com pesar de alguns desastres ecológicos.

C Os cientistas deveriam-se ocupar em desenvolver produtos práticos e baratos.

D Em breve as pessoas esquecer-se-ão da época em que os computadores não existiam.

E Se passarão muitos anos até que a nova tecnologia entre em todos os lares brasileiros.

99. UPENET – Observe os termos sublinhados dos itens abaixo:

I. "Ainda não <u>se</u> firmaram outros que já nos possam servir de referência, tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão."

II. "Não temos certeza das oportunidades que <u>nos</u> são oferecidas em cada esquina."

III. "Corre risco de ficar aprisionada nas máquinas e organizações quanto às vezes <u>se</u> sentem os homens que as construíram."

IV. "Nas últimas décadas, quebraram-<u>se</u> padrões estabelecidos durante longo tempo."

Sobre colocação pronominal, assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ no item I, a próclise se justifica pela presença do advérbio de negação;
Ⓑ no item IV, o pronome sublinhado poderia se posicionar antes ou depois do verbo, sem infringir as normas gramaticais;
Ⓒ no item II, o pronome "que" atrai o termo sublinhado;
Ⓓ no item III, o pronome enclítico ao verbo se constituiria um erro gramatical;
Ⓔ no item III, a locução adverbial exige a próclise.

100. FEC – Na frase "O pessoal os treinou a buscar comida", o pronome pessoal oblíquo átono está proclítico ao verbo, mas também poderia estar enclítico: "O pessoal treinou-os a buscar comida". O mesmo pronome também pode assumir as duas posições na frase:

Ⓐ O zoológico cuidará bem dos animais: o treinador ____ alimentará ____ todos os dias de manhã.
Ⓑ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador sempre ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓒ Se o zoológico cuidasse bem dos animais, o treinador ____ alimentaria ____ todos os dias de manhã.
Ⓓ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓔ O zoológico cuida mal dos animais: o treinador não ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.

GABARITO

1. A	16. A	31. A	46. C	61. D	76. A	91. A
2. A	17. A	32. E	47. D	62. C	77. C	92. B
3. A	18. B	33. C	48. D	63. B	78. A	93. B
4. A	19. C	34. E	49. D	64. C	79. C	94. C
5. D	20. D	35. B	50. A	65. D	80. C	95. C
6. C	21. A	36. B	51. B	66. D	81. E	96. D
7. D	22. A	37. D	52. C	67. D	82. A	97. B
8. E	22. B	38. A	53. C	68. D	83. D	98. D
9. B	24. E	39. C	54. B	69. C	84. C	99. B
10. C	25. A	40. D	55. D	70. C	85. E	100. D
11. C	26. A	41. A	56. C	71. B	86. A	
12. B	27. A	42. D	57. A	72. A	87. A	
13. C	28. A	43. B	58. A	73. A	88. A	
14. D	29. D	44. E	59. B	74. A	89. E	
15. B	30. B	45. C	60. B	75. C	90. D	

Exercícios de Análise Sintática

1. **FUNRIO – "Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade."**

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A frase, "Uma flor, o Quincas Borba", não pode ser considerada uma oração (pois não possui verbo); no entanto, ainda assim, permite que se realize uma análise sintática desse segmento. Assim, pode-se afirmar que o trecho em questão é composto de:

- **A** dois vocativos, que aludem aos personagens com os quais o narrador dialoga;
- **B** dois termos adjuntos, dois quais apenas um deles desempenha função adnominal;
- **C** um termo substantivo e de seu aposto de natureza explicativa;
- **D** um adjunto adverbial de pessoa, com o qual se caracteriza o início da narrativa;
- **E** palavras e expressões isoladas que, no presente contexto, funcionam como predicado nominal.

2. **FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)**

Há, no texto, três ocorrências do vocábulo <u>se</u>: "<u>se</u> vai ao longe", "<u>se</u> chega lá" e "não <u>se</u> encontra mais ninguém". Assinale a afirmativa correta sobre as três ocorrências desse vocábulo:

- **A** nas primeira e terceira ocorrências, os vocábulos desempenham a mesma função sintática;
- **B** em uma só das ocorrências o vocábulo sublinhado é classificado como pronome reflexivo;
- **C** só na terceira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> pode ser identificado como pronome apassivador;
- **D** nas três ocorrências o vocábulo <u>se</u> apresenta o mesmo valor semântico;
- **E** só na primeira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> é classificado como índice de indeterminação do sujeito.

3. FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)

Indique a circunstância apontada corretamente:

Ⓐ devagar – circunstância de modo;
Ⓑ lá – circunstância de finalidade;
Ⓒ mais – circunstância de intensidade;
Ⓓ longe – circunstância de tempo;
Ⓔ quando – circunstância de lugar.

4. EMPASIAL – Analise sintaticamente a oração em destaque:

"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

Ⓐ Oração subordinada substantiva completiva nominal.
Ⓑ Oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ Oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
Ⓓ Oração coordenada sindética conclusiva.
Ⓔ Oração coordenada sindética explicativa.

5. NCE-UFRJ – Indique o item em que a classificação sintática do elemento destacado está incorreta:

Ⓐ "Segundo ele, as Forças Armadas existem como instituições para enfrentar duas situações específicas: a agressão externa ou a desordem interna." – aposto.
Ⓑ "E acrescenta: para combater uma agressão externa, as verbas, os equipamentos e o pessoal das Forças Armadas são insuficientes. Para combater a desordem, são demais." – predicativo.
Ⓒ "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso." – adjunto adnominal.
Ⓓ "Devem as Forças Armadas intervir no processo com seu instrumental capaz de intimidar o crime?" – sujeito.
Ⓔ "...nenhuma autoridade local sentiu-se ultrajada pela presença das Forças Armadas ... " – predicativo.

6. NCE-UFRJ – "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso. As tentativas de comprometê-las na luta contra o tráfico,..."

"Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião,..."

Quais as funções sintáticas respectivamente desempenhadas pelos termos destacados nas frases dadas?

Ⓐ Objeto direto – Objeto indireto.
Ⓑ Objeto indireto – Adjunto adnominal.

Ⓒ Objeto indireto – Objeto indireto.
Ⓓ Objeto direto – Objeto direto.
Ⓔ Objeto indireto – Complemento nominal.

7. NCE-UFRJ – "Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência."

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

Ⓐ "...o povo do Rio de Janeiro..." – sujeito.
Ⓑ "...o seu inconformismo..." – objeto direto.
Ⓒ "...do Rio de Janeiro..." – adjunto adverbial de lugar.
Ⓓ "Em silêncio..." – adjunto adverbial de modo.
Ⓔ "...seu..." – adjunto adnominal.

8. NCE-UFRJ – Leia as sentenças a seguir:

1. "...o significado <u>das palavras</u> é depreciado,..."

2. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse <u>de propósito</u>, a sabotagem do idioma..."

3. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem <u>do idioma</u> – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

4. "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o <u>de outras</u>."

5. "Diversas morrem <u>de exaustão</u>."

Que números a seguir indicam termos sintáticos de mesma função, considerando-se as frases acima?

Ⓐ 2 – 5.
Ⓑ 1 – 3.
Ⓒ 3 – 4.
Ⓓ 1 – 4.
Ⓔ 2 – 3.

9. FJG – Leia o fragmento a seguir:

"Invejo o ourives quando escrevo,
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor."

(Olavo Bilac)

Assinale a alternativa que dá a função sintática e a significação correta do sintagma <u>com que</u> do verso 3.

Ⓐ Objeto indireto – Paciente da ação.
Ⓑ Adjunto adverbial – Instrumento.
Ⓒ Adjunto adverbial – Modo.
Ⓓ Objeto indireto – Beneficiário da ação.
Ⓔ Adjunto adverbial – Companhia.

10. FESP-RJ – Das seguintes transformações de passagens do texto, aquela em que o pronome relativo que passa de objeto direto a sujeito é:

Ⓐ "E eu vou ao encontro do que me espera."
E eu vou ao encontro do que sempre esperei.
Ⓑ "Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida."
Não posso perder um minuto do tempo com que é feita minha vida.
Ⓒ "Amar os outros é a única salvação individual que conheço."
Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.
Ⓓ "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever."
Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.
Ⓔ "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar."
Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

A expressão que possui o mesmo valor sintático de "...a vida dos turistas...", que foi usada no primeiro parágrafo, é:

Ⓐ "O período de seca também é bom para mergulho."
Ⓑ "Na alta temporada, os pacotes podem custar o dobro."
Ⓒ "Além de caminhadas e cavalgadas, é possível passear de lancha, fazer a focagem noturna de animais e conhecer a rotina das fazendas locais."
Ⓓ "O Pantanal Norte, aonde se chega via Cuiabá, é o melhor acesso para conhecer o parque nacional e atravessar a rodovia Transpantaneira, rica em animais silvestres."
Ⓔ "No Pantanal Sul, com acesso via Campo Grande, ficam fazendas que têm boa estrutura de passeios e hospedagem."

12. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

O que utilizado acima apresenta valor sintático de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto direto;
Ⓒ objeto indireto;
Ⓓ agente da passiva;
Ⓔ aposto.

13. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

O pronome relativo do período exerce a função sintática de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto indireto;
Ⓒ objeto direto;
Ⓓ predicativo.

14. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

No período dado, só <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ reduzida.

15. FCC – A estrutura sintática da frase "Senti Fidel aliviado" é idêntica à da frase:

Ⓐ Saí da festa desanimado.
Ⓑ Julgo esse menino inteligente.
Ⓒ Dei-lhe o presente contrariado.
Ⓓ Percebi seu equívoco rapidamente.
Ⓔ Acho que você é astuto.

16. ACEP – Em "A dedicação ao trabalho <u>te</u> enche de glória e <u>te</u> faz <u>vencedor</u>.", as palavras sublinhadas são respectivamente:

Ⓐ objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
Ⓑ objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
Ⓒ adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
Ⓓ objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
Ⓔ predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

17. FUNRIO – "Logo após a realização da Semana, alguns artistas fundamentais que dela participaram acabaram voltando para a Europa ou indo para lá pela primeira vez, como Di Cavalcanti. Isso dificultou a continuidade do processo que se iniciara."

Quanto aos dois períodos construídos pelo redator do parágrafo acima, é correto afirmar que:

Ⓐ o segundo período tem a metade das orações do primeiro;
Ⓑ o primeiro tem três orações e o segundo tem duas orações;
Ⓒ apenas o primeiro contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓓ apenas o segundo contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓔ ambos são compostos por orações intercaladas justapostas.

18. FESP-RJ – Em "A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito..."

Ocorre incorreção de análise na alternativa:

Ⓐ que: núcleo de adjunto adverbial;
Ⓑ moro: núcleo de predicado;
Ⓒ própria: predicativo do sujeito;
Ⓓ la: sujeito;
Ⓔ de propósito: adjunto adverbial.

19. FJG – No trecho "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir se o direito, nas leis e decisões jurídicas, usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem.", a oração sublinhada classifica-se, em relação à do verbo discutir e à do verbo realizar, respectivamente, como:

Ⓐ principal e subordinada substantiva predicativa;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta e coordenada;
Ⓒ coordenada e principal;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa e coordenada;
Ⓔ subordinada substantiva objetiva direta e principal.

20. FJG – Em: "...as pessoas estranhas às profissões jurídicas consideram, em regra, a linguagem dos trabalhadores dessa área difícil de entender", o predicado da oração do verbo "considerar" classifica-se da mesma forma que o da oração:

Ⓐ "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir..."
Ⓑ "Ela também depende do que os advogados chamam de 'deduções' e daquilo que os espíritos menos restritivos chamam de imaginação."
Ⓒ "Se o direito [...] usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem."
Ⓓ "...quando se perdem de vista as finalidades essenciais da aplicação da lei, com sacrifício da consciência social na busca do equilíbrio nas relações humanas."
Ⓔ "...hoje a linguagem nem é mais a interface entre o conhecimento e o conhecido..."

21. IPAD – Observe:

I. "Nunca chegará a tempo, por mais depressa que ande."

II. "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me."

III. "Quando meus amigos chegarem, começaremos a festa."

IV. "Embora chova, vou à praia."

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações subordinadas.

Ⓐ No item I – oração subordinada adverbial condicional.
Ⓑ No item II – oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ No item III – oração subordinada adverbial temporal.
Ⓓ No item IV – oração subordinada adverbial concessiva.
Ⓔ Nos itens I e IV – orações subordinadas adverbiais concessivas.

22. IPAD – No verso: "Faz frio. Há bruma. Agosto vai meio."

Ⓐ Todas as orações têm sujeitos indeterminados.
Ⓑ Todas as orações têm sujeitos ocultos.
Ⓒ São todas orações sem sujeito.
Ⓓ Só há sujeito na terceira oração.
Ⓔ Não há sujeito na terceira oração.

23. NCE-UFRJ – "Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade..."

Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima?

Ⓐ campos – palavras
Ⓑ palavras – que
Ⓒ palavras – palavras
Ⓓ indeterminado – recado
Ⓔ indeterminado – palavras

24. FJG – "Nunca é demais <u>recordar a origem de determinadas palavras</u>." A oração em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "O sujeito elegante era o <u>que</u> sabia fazer escolhas acertadas..."
Ⓑ "A etimologia <u>nos</u> ajuda a entender..."
Ⓒ "E então se tornam <u>fonte</u> de mal-entendidos..."
Ⓓ "...averiguando <u>os</u> múltiplos sentidos..."
Ⓔ "Devemos acompanhá-<u>las</u>..."

25. FEPESE – No período "Penso, <u>logo existo</u>" a oração em destaque é:

Ⓐ coordenada sindética aditiva;
Ⓑ coordenada sindética conclusiva;
Ⓒ coordenada sindética alternativa;
Ⓓ coordenada sindética explicativa.

26. FUMARC – No período: "Convém agora acrescentar muitas análises sobre a introdução de uma nova moeda", encontra-se oração:

Ⓐ coordenada;
Ⓑ subordinada adverbial;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva.

27. PUC-MG – "Ficava no quartinho dos fundos e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa que às vezes até se esqueciam da existência dele."

Os termos "sempre", "tanto" e "da existência dele", sublinhados no enunciado, estão corretamente classificados quanto a sua função sintática, respectivamente, em:

Ⓐ objeto direto – adjunto adnominal – objeto indireto;
Ⓑ objeto direto – adjunto adverbial – objeto direto;
Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adverbial – objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial – adjunto adnominal – objeto indireto.

28. ACADEPOL-MG – Assinale a alternativa em que o sujeito seja indeterminado:

Ⓐ Caíram na escada o pai e a filha.
Ⓑ Alguém havia aberto a porta.
Ⓒ Não encontraram o corpo do rapaz afogado.
Ⓓ Esperanças haverá sempre.
Ⓔ Choveu muito ontem à noite.

29. FJG – Leia o texto abaixo:

"Nas folhas incertas do livro da Terra, de bilhões de anos, a leitura se faz quase por acaso: tipos de terrenos, disposição de camadas de solos, graus de umidade, pedaços de paus calcinados por milhões de anos, restos animais – dentes, osso, muitas vezes petrificados. É a difícil leitura dos passos da vida num singular planeta preso a uma estrela de quinta categoria, perdida na periferia de uma entre milhares de galáxias de um universo infinito, inexplicável."

No texto há:

Ⓐ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos àquele, apostos enumerativos;
Ⓑ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos a este, apostos resumitivos;
Ⓒ verbos na voz ativa, com recursos enumerativos;
Ⓓ verbos na voz passiva, com recursos enumerativos;
Ⓔ verbos na voz passiva, com sujeito explicitado sob a forma de substantivo.

30. NCE-UFRJ – "Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande."

O período tem como oração principal:

Ⓐ uma vez que a administração compreenda;
Ⓑ e aceite essa economia mundial;
Ⓒ a sua maneira necessariamente se expande;
Ⓓ de encarar a praça do mercado;
Ⓔ e de planejá-la.

31. FUNRIO – O exemplo em que aparece uma oração sem sujeito, é:

Ⓐ "... há uma linha divisória entre o trabalho formal e informal..."
Ⓑ "No entanto, creditam à prática apenas um 'jeito de ganhar a vida' sem cometer crimes."
Ⓒ "Todos gostariam de trabalhar tendo um patrão..."
Ⓓ "Isso é quase um sonho para muitos."
Ⓔ "São pouquíssimos os que ganham mais de R$300 por mês."

32. FJG – Em: "O jornal é o gráfico dessa vida nervosa complementar, estampando diariamente as oscilações de nossas tristezas universais, nossas pálidas esperanças ecumênicas, nosso medo: somando as parcelas do mundo em nossa mente, divide a nossa mal distraída atenção por todos os continentes.", o núcleo do sujeito da forma verbal assinalada é:

Ⓐ medo;
Ⓑ gráfico;
Ⓒ jornal;
Ⓓ mundo;
Ⓔ vida.

33. NCE-UFRJ – O item cujo termo sublinhado possui valor de paciente e não de agente é:

Ⓐ hábito de consumo;
Ⓑ poder de mídia;
Ⓒ meios de comunicação;
Ⓓ efeito das drogas;
Ⓔ consumo de cocaína.

34. NCE-UFRJ – Termo sublinhado que exerce função sintática diferente dos demais é:

Ⓐ "A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."
Ⓑ "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio,..."
Ⓒ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓓ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓔ "Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional."

35. NCE-UFRJ – "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem do idioma – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

"É como se fosse uma cabala contra a comunicação: o significado das palavras é depreciado, desprezado, trocado, ignorado."

Assinale a afirmativa correta em relação aos termos sintáticos antecedidos pela preposição de nas frases acima:

A Os dois termos exercem a função de adjunto adnominal.
B Os dois termos exercem a função de complemento nominal.
C Os dois termos exercem a função de objeto indireto.
D Só o primeiro termo é complemento nominal.
E Só o segundo termo é objeto indireto.

36. FESP – RJ

"Cariocas são bonitos."

"Cariocas não gostam de dias nublados."

(Adriana Calcanhoto)

Os predicados em destaque classificam-se, respectivamente, em:

A verbal – nominal;
B nominal – verbal;
C verbal – verbo-nominal;
D nominal – verbo-nominal;
E verbo-nominal – nominal.

37. FESP-RJ – Em que frase abaixo a preposição de introduz um complemento nominal e não um adjunto adnominal?

A "É claro que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas, tanto quanto é imperativo minorar, como remédio apropriado, a sofrida tosse do silicótico."
B "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio,..."
C "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro, a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio, e era propriedade de uma companhia inglesa."
D " ... uma vez que, destruindo sua função alertadora e denunciadora, provoca uma cegueira perigosa, que aprofunda a raiz do mal."
E "A fábrica andou de vento em popa, produzindo tonéis e tonéis de xarope, vendido a preço módico, mas não tão modesto que impedisse uma pequena margem de lucro por unidade adquirida. Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável. O abrandamento da grande trovoada brônquica foi transformado em fonte de renda – e de sossego – , permitindo...".

38. EMPASIAL – Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:

Ⓐ Voltaremos cedo para casa.
Ⓑ Ele é um moço de bom coração.
Ⓒ O sol da manhã iluminava a montanha.
Ⓓ Cuidado com esse prato de vidro.
Ⓔ Algumas pessoas andavam pelas ruas.

39. CESPE-UnB – Identifique o período em que ocorre oração subordinada substantiva objetiva direta:

Ⓐ "Central de promessas impossíveis, o horário eleitoral não tem permitido que se explique para que serve um vereador."
Ⓑ "Os vereadores são a base do sistema democrático, e, uma vez eleito, um candidato terá poder de interferir e atuar onde menos se imagina."
Ⓒ "Os vereadores gostam de perder tempo nomeando e renomeando ruas ou distribuindo medalhas e honrarias, mas cuidam de questões fundamentais para o bolso dos cidadãos."
Ⓓ "Assim, são os vereadores que lidam com as construtoras, ansiosas por conseguir uma autorização para erguer prédios em bairros onde só há casas."
Ⓔ "O resultado é que, mesmo com tanto a fazer, as câmaras muitas vezes são tratadas como um poder à sombra do Executivo."

40. NCE-UFRJ – O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:

Ⓐ "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
Ⓑ "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
Ⓒ "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos,..."
Ⓓ "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
Ⓔ "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

41. ANP – Leia o texto abaixo.

"Antes da chegada dos europeus, africanos e asiáticos, o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra. Desde que as frentes pioneiras de colonizadores adentraram o espaço geográfico brasileiro, não levaram em conta a posse, por direito, das terras das numerosas tribos indígenas. Isso se deve ao fato de os colonizadores nunca terem considerado os índios como humanos de pleno direito, mas um entrave a ser removido ou domesticado e disciplinado para o trabalho. Inclusive, o termo tribo, que designa as sociedades indígenas, traz uma certa carga preconceituosa, pois sugere uma pretensiosa

superioridade das nações europeias, e a não existência de civilização entre os ditos povos primitivos. [...] Quando o território do atual Estado de Santa Catarina começou a ser habitado por frentes pioneiras de colonizadores europeus, os moradores nativos utilizavam-se de armas rudimentares para caça, pesca e defesa. Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora e da imprensa. A bússola os trouxe; a pólvora permitiu a violenta conquista e a imprensa registrou os fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade. Munidos dessas armas, os conquistadores encontraram uma terra habitada por um povo atrasado, conforme o olhar que tinham à época (visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

(M. Carmo Ramos Krieger Goulart e Nilson Cesar Fraga. *Vale dos índios, vale dos imigrantes*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000, p. 25-26)

Observe os fragmentos de texto a seguir, para responder à questão:

I. “...o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra.”

II. “Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora, e da imprensa.”

III. “...fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade.”

IV. “...(visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

Aponte a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Em III, “...aqueles momentos da História...” completa o sentido de “traziam”, verbo transitivo direto; é, portanto, um objeto direto.

Ⓑ Em II, a expressão “...da bússola, da pólvora, da imprensa” refere-se a “conhecimento”; é, portanto, um complemento nominal.

Ⓒ Em I, “...pelos índio...” completa o sentido de encontrava, verbo transitivo indireto; é, portanto, um objeto indireto.

Ⓓ Passando a frase II para a voz passiva, o núcleo verbal fica “era trazido”.

42. FEC – No período “Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo.”, a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

Ⓐ tempo e finalidade;

Ⓑ tempo e consequência;

Ⓒ causa e tempo;

Ⓓ causa e consequência;

Ⓔ causa e finalidade.

43. FJPF – A frase em que o pronome lhe tem função distinta dos demais é:

Ⓐ "...colhe o que lhe sonegam..."
Ⓑ "...percebe onde lhe alvejam..."
Ⓒ "...devassa o que lhe ocultam..."
Ⓓ "...enxerga o que lhe malfazem..."
Ⓔ "...o que lhe passa ao perto e ao longe..."

44. CONATEC – Analise cada uma das orações grifadas e classifique-a, quanto à função que exerce no período.

1. Não se sabe se vai dar certo.

2. Perguntaram se estava tudo em ordem.

3. Sou favorável a que o despachem.

4. Não veio porque está adoentado.

5. É bom dormir quando chove.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ subjetiva, objetiva direta, completiva, causal, temporal;
Ⓑ completiva nominal, subjetiva, objetiva direta, causal, temporal;
Ⓒ temporal, completiva nominal, causal, objetiva direta, subjetiva;
Ⓓ causal, objetiva direta, subjetiva, temporal, completiva nominal.

45. NCE-UFRJ – "O *Viva Rio* pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira."

Que item a seguir indica corretamente a função sintática do termo destacado na frase acima?

Ⓐ "...dois minutos de silêncio" – objeto direto.
Ⓑ "...ao meio-dia" – objeto indireto.
Ⓒ "...da próxima sexta-feira" – adjunto adverbial de tempo.
Ⓓ "...pediu [...] sexta-feira" – predicado nominal.
Ⓔ "...de silêncio" – adjunto adverbial de modo.

46. EMPASIAL – Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:

Ⓐ João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
Ⓑ Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
Ⓒ Vendem-se livros. (sujeito)
Ⓓ Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
Ⓔ A ideia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

47. FUNRIO – "Se, em vez de atender prontamente à solicitação, o negociante começar a gaguejar, demonstrar impaciência, o cliente, que já não estava muito inclinado a ceder, termina por não assinar o contrato..."

A classificação da oração em destaque está correta na opção:

- **A** oração subordinada substantiva predicativa;
- **B** oração subordinada adjetiva restritiva;
- **C** oração subordinada substantiva objetiva direta;
- **D** oração subordinada adjetiva explicativa;
- **E** oração coordenada sindética explicativa.

48. FUNRIO Verifica-se um caso de oração sem sujeito em:

- **A** "Já o nascimento de uma menina, na maioria dos casos, não é comemorado."
- **B** "Ninguém se deu ao trabalho de olhar para mim..."
- **C** "Mas nada na aparência externa de Machrihwa, no norte de Shravasti, perto da fronteira com o Nepal, indica esse recorde triste."
- **D** "Estamos impressionados..."
- **E** "E além disso há o próprio custo do casamento..."

49. NCE-UFRJ – No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

- **A** o sujeito de descobrimos é diferente do sujeito de vivemos;
- **B** a expressão é que atua como expressão de realce;
- **C** na doença indica uma ideia circunstancial de lugar;
- **D** que não vivemos sozinhos é complemento do verbo ser;
- **E** não é advérbio de negação ligado a sozinhos.

50. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o vocábulo se desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "...onde quer que se esteja" é:

- **A** "Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
- **B** "Nosso apetite pela liberdade se aburguesou."
- **C** "...e tem o direito de mover-se livremente?"
- **D** "...o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo..."
- **E** "...onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

51. CETRO – O complemento nominal está corretamente destacado no item:

- **A** "...acompanho a caça aos leitores..."
- **B** "...manter um veículo em vida orgânica."
- **C** "...é a porta de entrada dos jovens para a mídia..."
- **D** "...envelhecem e se fadigam das mesmices de cada crise..."
- **E** "...a violência urbana deve ser combatida pelo mutirão de cidadãos..."

52. FJG – Na frase: "É consenso nacional a necessidade de levar a educação formal e não formal a todos os brasileiros." – o sujeito do verbo sublinhado está posposto. Em que caso a seguir também se encontra posposto o sujeito do verbo sublinhado?

Ⓐ "As salas de aulas estão cheias de crianças e jovens que passam boa parte do seu tempo em contacto com mundos diversos..."

Ⓑ "Não há receitas mágicas que respondam e indiquem a fórmula para resolver tais questões."

Ⓒ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados. Isto é, não deveriam ser tomados por aqueles que têm como ideal um processo educacional que..."

Ⓓ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados."

Ⓔ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

53. FJG – "As salas de aula estão cheias de crianças e jovens..."

Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

Ⓐ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

Ⓑ "Assim como o relógio e a máquina a vapor mudaram a vida das pessoas nos séculos XVII e XVIII,..."

Ⓒ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓓ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓔ "...também os modernos instrumentos da comunicação transformam, reorganizam e medeiam os modos de vida e as relações sociais."

54. FJG – Em "Se é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I), "de todos" e "da Nação" são termos que:

Ⓐ determinam o mesmo nome;

Ⓑ exercem funções sintáticas diferentes;

Ⓒ têm função de complementos nominais;

Ⓓ funcionam como advérbios;

Ⓔ funcionam como adjuntos adnominais.

55. FUMARC "Mesmo estando disposto, não foi capaz de organizar o evento para os prefeitos da região."

A oração destacada acima exprime circunstância de:

Ⓐ consequência;
Ⓑ conformidade;
Ⓒ condição;
Ⓓ concessão.

56. FJG – "Já se falava em namoradas."

Assinale o item que apresenta a classificação do sujeito da oração:

Ⓐ sujeito simples;
Ⓑ sujeito oracional;
Ⓒ sujeito indeterminado;
Ⓓ oração sem sujeito;
Ⓔ sujeito composto.

57. FUMARC – "Através de medida provisória, decidiu-se saber que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

No período acima não se encontra:

Ⓐ adjunto adverbial;
Ⓑ adjunto adnominal;
Ⓒ complemento nominal;
Ⓓ objeto indireto;
Ⓔ predicativo do sujeito.

58. NCE-UFRJ – "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras. Diversas morrem de exaustão."

Assinale o item cujo comentário sobre a frase destacada acima esteja correto.

Ⓐ O sujeito da oração é *"palavras"*.
Ⓑ O termo *"de exaustão"* funciona como adjunto adnominal.
Ⓒ O termo *"de exaustão"* funciona como predicativo do sujeito.
Ⓓ O verbo *"morrer"* está empregado como verbo transitivo.
Ⓔ A preposição "de" tem valor nocional de causa.

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: *'o morro'* e a *'rua'*."

Quais os sujeitos das duas orações do período acima?

Ⓐ Quem – dois espaços bem diferenciados.
Ⓑ Indeterminado – inexistente.

Ⓒ Inexistente – dois espaços.
Ⓓ Indeterminado – indeterminado.
Ⓔ Quem – o morro e a rua.

60. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a forma apresentada pode substituir "segurando" no período "Um professor chinês em Yale, segurando a xícara de café, ficava olhando o ponteiro de segundos do relógio da sala de aul.", mantendo o sentido da expressão destacada:

Ⓐ logo que segurava;
Ⓑ enquanto segurava;
Ⓒ quando segurava;
Ⓓ porque segurou;
Ⓔ que segurou.

61. FUNRIO – Os pronomes pessoais são muito versáteis quanto aos valores sintáticos que expressam, em função dos contextos frasais em que se encontrem. Considerando essa reflexão, compare, nos dois fragmentos retirados do texto de Grecco, o emprego dos pronomes pessoais nele presentes e indique a alternativa que contém a indicação correta das funções que eles desempenham nas orações.

I. "...daqueles que nos roubam recursos..."

II. "Lugares-comuns que me incomodam."

Ambos os termos desempenham a função de:

Ⓐ objeto direto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓑ objeto indireto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓒ objeto direto e indireto, respectivamente;
Ⓓ objeto indireto e direto, respectivamente;
Ⓔ adjunto adnominal e complemento nominal.

Nas questões 62 e 63, elaboradas pela eminente banca examinadora da FUMARC, assinale a alternativa em que a circunstância da oração sublinhada esteja corretamente indicada nos parênteses.

62.

Ⓐ Havia tanto material no depósito que novas relações de compra foram adiadas. (consequência)
Ⓑ Mal divulgaram os resultados da pesquisa, os candidatos recuaram. (causa)
Ⓒ À medida que eles me procuram, vou dando as orientações necessárias. (conformidade)
Ⓓ Será aprovado desde que frequente as aulas no colégio. (tempo)

63.

- **A** Assim que retornar ao trabalho, provavelmente serão dispensados. (modo)
- **B** Ainda que me diga algumas verdades, não o escutarei mais. (concessão)
- **C** Para festejar sua recente promoção, convocou seus amigos rapidamente. (proporcionalidade)
- **D** Quanto mais se estuda o assunto, mais os alunos se sentem seguros para o exame. (finalidade)

64. FUMARC – "Perderam o ônibus por estarem atrasados."

No enunciado, a oração subordinada exprime circunstância de:

- **A** conformidade;
- **B** causa;
- **C** consequência;
- **D** condição.

65. SENASP – Leia:

I. "O sábio cala, o mediano fala, o ignorante grita."

II. "Penso, logo existo."

III. "Espere, que quero falar-lhe."

IV. "O invejoso emagrece com a gordura alheia."

V. "O trabalho enobrece o homem mas, depois que o homem se sente nobre, não quer mais trabalhar."

Assinale a correta afirmativa quanto à classificação dos períodos de I a V.

- **A** Apenas I e II exemplificam períodos mistos.
- **B** Apenas I e III exemplificam períodos mistos.
- **C** I, II e III exemplificam períodos coordenados, IV exemplifica período simples e V exemplifica período misto.
- **D** I e IV exemplificam períodos simples, II e V exemplificam períodos compostos por subordinação e III é período misto.
- **E** I, III e V exemplificam períodos mistos, II e IV exemplificam períodos compostos por coordenação assindética.

66. FESP-RJ – Observe a oração: "O poeta considera injustas as condições de vida".

Nela, o predicado tem a mesma classificação que o da seguinte oração:

- **A** "Volto do trabalho, a noite em meio, fatigado de mentiras."
- **B** "...a poesia agora responde a inquérito policial-militar."
- **C** "...eu a compro à vista aos donos do mundo."
- **D** "...e com ele construímos um artefato."

67. UNIFAP – Sobre os termos em destaque na oração "Um dia, todos os computadores do mundo estarão ligados num <u>único e definitivo</u> sistema", é correto afirmar que eles exercem a função de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ predicativo;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ complemento nominal.

68. FUMARC – No texto "Para ver a plantação de dinheiro dos nossos clientes, é preciso flexibilizar negociações", <u>não</u> há exemplo de:

Ⓐ predicado nominal;
Ⓑ predicado verbal;
Ⓒ adjunto adverbial;
Ⓓ objeto direto.

69. NCE-UFRJ – Assinale o comentário adequado sobre o período a seguir: "O homem do campo trabalhava em harmonia com os elementos, como um artesão, durante tanto tempo quanto julgasse necessário".

Ⓐ O termo "em harmonia" corresponde a uma locução adverbial, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓑ O termo "do campo" corresponde a uma locução adjetiva, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓒ O termo "com os elementos" exerce a função de complemento nominal, sendo iniciado por uma preposição de valor predominantemente gramatical.
Ⓓ O termo "como um artesão" corresponde ao segundo termo de uma comparação que tem como ponto comum o ato de trabalhar.
Ⓔ O termo "necessário" corresponde a um adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal de "tempo".

70. NCE-UFRJ – "Não há nada que diferencie tanto a sociedade ocidental de nossos dias das sociedades mais antigas da Europa e do Oriente do que o conceito de tempo."

Quais os sujeitos das duas orações que compõem o período inicial do texto?

Ⓐ Oração sem sujeito – "nada".
Ⓑ Oração sem sujeito – "que".
Ⓒ "Nada" – "que".
Ⓓ "Nada" – "o conceito de tempo".
Ⓔ A oração seguinte – "o conceito de tempo".

71. FUNRIO – Duas placas colocadas na entrada de uma galeria oferecem empregos. Elas dizem:

PRECISAM-SE DE COSTUREIRAS	CONTRATAM-SE COZINHEIROS

Levando em conta o que é recomendado pelo uso prestigiado na linguagem padrão, podemos afirmar que:

A apenas a primeira frase está correta, pois o verbo "precisar" tem sujeito indeterminado;

B as duas frases estão corretas, já que ambas têm sujeito indeterminado e pronome reflexivo;

C apenas a segunda frase está correta, pois o verbo "contratar" concorda com o sujeito "cozinheiros";

D as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do singular;

E as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do plural.

72. FUMARC – Em todas as alternativas, a oração sublinhada tem a mesma função sintática que o termo em destaque na sentença abaixo "Mandei-os entrar", exceto:

A Ainda não sei se conseguiremos fazer a mudança antes do fim de semana.

B Não podia ser verdade que ele tivesse traído seus correligionários.

C Ainda não se sabe se eles conseguirão sobreviver aos ferimentos.

D Muitas vezes, mandar acaba sendo mais difícil do que obedecer.

73. NCE-UFRJ – Observe as duas ocorrências do vocábulo se nas frases a seguir e assinale o item que traz um comentário correto a respeito dessas ocorrências:

1. "...a população menos carente se atira ao trabalho..."

2. "...sem indagar se são adequados aos nossos gostos..."

A Ocorre somente um caso de se indeterminador do sujeito.

B Os dois casos de se têm a mesma função sintática.

C Uma ocorrência de se corresponde à classe das conjunções condicionais.

D Há um caso de se como pronome apassivador.

E Ocorre somente um caso de se pronome pessoal.

74. NCE-UFRJ – Assinale o item em que se indica corretamente o número de frases nas quais os elementos destacados são complementos nominais.

1. "...a sociedade ocidental de nossos dias..."

2. "...do que o conceito de tempo."

3. "...o relógio de sol inútil..."

4. "...dispunham de meios bastantes primitivos..."

5. "...onde o resto de óleo ou cera..."

Ⓐ Cinco.
Ⓑ Quatro.
Ⓒ Três.
Ⓓ Dois.
Ⓔ Um.

75. NCE-UFRJ – "....com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..."; o comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:

Ⓐ a forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário";
Ⓑ o pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte;
Ⓒ "pela indústria" representa o paciente da ação verbal;
Ⓓ o pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos";
Ⓔ o verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

76. FESP-RJ – Leia atentamente as orações:

"Compõe-se <u>a imagem</u> no entremeio de outras duas."

"...ficavam confinados e acessíveis somente <u>a uns poucos privilegiados</u>."

Os termos sublinhados exercem, respectivamente, as seguintes funções sintáticas:

Ⓐ sujeito e objeto indireto;
Ⓑ sujeito e complemento nominal;
Ⓒ objeto direto e adjunto adnominal;
Ⓓ objeto indireto e adjunto adnominal;
Ⓔ objeto direto e complemento nominal.

77. ANP – Com base nos fragmentos de texto abaixo, é correta a função sintática identificada em:

Ⓐ "Não é mero erro ocasional; é clara <u>a tendência de recursos ao "onde"</u> para substituir outros advérbios – o "quando" em particular." – predicativo.
Ⓑ "<u>Curiosamente</u>, teóricos da pós-modernidade já apontaram para a decadência da categoria moderna do tempo e a ascensão da categoria pós-moderna do espaço." – advérbio de modo.
Ⓒ "Agora, na idade pós-moderna, é como se o tempo estivesse, na hipótese mais nobre, sendo abolido ou diminuído, encurralado, desbastado, pulverizado (pelo desenvolvimento de técnicas de locomoção, como no avião); pelo aprimoramento daquelas outras <u>que</u> permitem a superação imaginária das distâncias..." – sujeito
Ⓓ "...estar na rua significa estar num tempo sem começo e sem fim, um tempo que independe do ritmo vital de cada um e que, portanto, é neutro. Tenta-<u>se</u> agarrar o espaço por não mais ser possível viver o tempo, ... " – objeto direto.

78. FJG – "...uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:

- **A** A ciência se considera infalível.
- **B** Ciência e técnica se auxiliam.
- **C** Não se conhece uma só ciência completa.
- **D** Viram-se os resultados da pesquisa.
- **E** Os jovens se abraçaram na passeata.

79. FUMARC – Leia o enunciado a seguir:

"Como se resolve determinado problema quando a crise começa a rondar a empresa em que você trabalha?"

No período dado, não se encontra o seguinte termo da oração:

- **A** adjunto adverbial;
- **B** adjunto adnominal;
- **C** objeto direto;
- **D** predicativo do sujeito.

80. NCE-UFRJ – "...exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

- **A** O termo da administração corresponde a um adjunto adnominal.
- **B** O termo dos problemas sociais corresponde a um objeto indireto.
- **C** Federal, estadual e municipal são apresentados numa ordem crescente de importância.
- **D** O substantivo governos se prende aos adjetivos federal, estadual e municipal.
- **E** O adjetivo profunda se refere aos substantivos mudança e administração.

81. NCE-UFRJ – "Um pai ou uma mãe que fumam..."; "...mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar.". Os pronomes relativos desses dois segmentos do texto exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

- **A** sujeito – sujeito;
- **B** sujeito – objeto direto;
- **C** objeto direto – objeto indireto;
- **D** objeto direto – sujeito;
- **E** objeto indireto – objeto direto.

82. NCE-UFR – "Foi a descoberta de novas terras...". O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:

Ⓐ "As lendas da Grécia..."
Ⓑ "Estudos do fundo do oceano..."
Ⓒ "Nessa ilha, [...] havia uma extensa planície e, numa de suas extremidades, uma montanha solitária..."
Ⓓ "...tendo submergido de um dia para o outro..."
Ⓔ "...a oeste do estreito de Gibraltar..."

83. NCE-UFRJ – "...a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:

Ⓐ enorme quantidade de objetos;
Ⓑ instrumentos de trabalho;
Ⓒ o levantamento de pesos;
Ⓓ sala de aula;
Ⓔ máquina de escrever.

84. FESP-RJ – A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

Ⓐ Duvido de sua capacidade profissional.
Ⓑ Apenas nos víamos em festas rurais.
Ⓒ Ficaria encantado com a novidade.
Ⓓ Achava-se apto para o trabalho.

85. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o elemento destacado apresenta uma função sintática distinta das demais:

Ⓐ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que..."
Ⓑ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, em cores ou preto e branco, sem um botão para desligar."
Ⓒ "Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida."
Ⓓ "Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida."
Ⓔ "Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das oito no cinema."

86. FJG – Em:

"Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão."

(Gilberto Gil)

o sujeito do verbo acessar é:

Ⓐ "um hacker";
Ⓑ "um grupo";
Ⓒ "o chefe da Macmilícia";
Ⓓ "eu";
Ⓔ "rede".

87. FJG – A dupla de frases, em que os termos destacados exercem a mesma função sintática, é:

Ⓐ "Mas é nelas que te vejo pulsando, mundo novo, ainda em estado de soluços e desesperança." / "São todas elas coisas perecíveis e eternas, como o teu riso..."
Ⓑ "São todas elas coisas perecíveis e eternas como o teu riso, a palavra solidária, minha mão aberta, ou este esquecido cheiro de cabelo que volta..." / "Todas as coisas de que falo são de carne como o verão e o salário."
Ⓒ "São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos, greves, denúncias, acidentes de trabalho e de amor. Coisas, de que falam os jornais..." / "Todas as coisas de que falo estão na cidade..."
Ⓓ "São coisas, todas elas, cotidianas,..." / "...ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende sua flama inesperada no coração de maio."
Ⓔ "Todas as coisas de que falo estão na cidade, entre o céu e a terra." / "...às vezes tão rudes, às vezes tão escuras que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade."

88. NCE-UFRJ – "Os processos através dos quais as sociedades do passado minaram a si mesmas, danificando o meio ambiente, dividem-se em oito categorias, cuja importância relativa difere de caso para caso:..." A oração reduzida – "danificando o meio ambiente" – tem valor de:

Ⓐ meio;
Ⓑ causa;
Ⓒ condição;

Ⓓ tempo;
Ⓔ modo.

89. FJG – Em "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente <u>por ser um símbolo do mundo adulto.</u>", o fragmento sublinhado é uma oração reduzida cuja forma desenvolvida adequada é:

Ⓐ embora seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓑ caso seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓒ porquanto é um símbolo do mundo adulto;
Ⓓ mesmo que seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓔ à proporção que seja um símbolo do mundo adulto.

90. CESPE-UNB – No período:

"O resultado é que, quando não estão em sessão, os vereadores são procurados para resolver o problema de um cidadão que não consegue fazer valer junto ao governo um direito líquido e certo – como a internação num hospital, a pavimentação de uma rua ou o acesso a uma linha de ônibus nas proximidades de casa." há:

Ⓐ oito orações;
Ⓑ sete orações;
Ⓒ seis orações;
Ⓓ cinco orações;
Ⓔ quatro orações.

91. ACEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada, sintaticamente, é <u>objeto indireto</u> da oração a que está vinculada.

Ⓐ "Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos, de modo que quando acrescentou em 1832, no fim da vida, <u>alguns capítulos novos</u> ao Fausto, que começara a escrever sessenta anos antes, aplicou lições que aprendeu em sua experiência como uma espécie de 'autoridade monetária'."
Ⓑ "Goethe tinha em mente <u>as primeiras experiências desastrosas</u> com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..."
Ⓒ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, desde então, e diante de centenas <u>de desastres financeiros similares em toda parte</u>, a humanidade..."
Ⓓ "...a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel <u>a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais.</u>"

92. NCE-UFRJ – Qual dos itens a seguir apresenta um predicado de tipo distinto dos demais?

Ⓐ Introduzo na poesia / a palavra diarreia.
Ⓑ Não pela palavra fria / mas pelo que ela semeia.
Ⓒ Quem fala em flor não diz tudo.
Ⓓ Quem fala em dor diz demais.
Ⓔ O poeta se torna mudo / sem as palavras reais.

93. FJG – Analise o elenco de orações abaixo listado:

1. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos.

2. O carioca [...] virou grosseiro e irritadiço.

3. O chofer considera [...] todo pedestre um débil mental.

4. Não cede lugar a nenhuma senhora.

5. Não entrei na conversa.

6. [...] o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro [...]

Entre os predicados das frases destacadas, a menor frequência é tipo:

Ⓐ verbo-nominal e verbal;
Ⓑ verbal;
Ⓒ verbo-nominal;
Ⓓ verbo-nominal e nominal;
Ⓔ nominal.

94. FUNRIO – No fragmento a seguir "...não considero desertor um jogador que, por qualquer motivo, não queira defender a seleção de seu país...", o termo "desertor" desempenha a função de:

Ⓐ predicativo do sujeito;
Ⓑ predicativo do objeto direto;
Ⓒ predicativo do objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial de modo;
Ⓔ adjunto adverbial de causa.

95. FUNRIO – Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nos versos.

I. "Era <u>ele</u> que erguia casas" – pronome pessoal reto, em função de sujeito.

II. "Ele subia com as casas / Que <u>lhe</u> brotavam da mão" – pronome pessoal oblíquo, em função de objeto indireto.

III. "Que a casa que ele fazia" – pronome relativo, em função de objeto direto.

IV. "A casa que ele fazia / Sendo a <u>sua</u> liberdade/ Era a sua escravidão" – pronome possessivo, em função de adjunto adnominal

É correto apenas o que se afirma na alternativa:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I e III;
Ⓒ I, II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I, II e III.

96. FUNRIO – No trecho "...resultou na renúncia do Presidente Richard Nixon, em agosto de 1974...", emprega-se a preposição de (em do= de+o) como um conector entre dois substantivos; nessas condições, o segundo substantivo, então, repete sintaticamente a mesma função que se detecta em:

Ⓐ "Ela é cúmplice de tudo que tem acontecido no país."
Ⓑ "...as pressões econômicas que os veículos sofrem das grandes corporações."
Ⓒ "...quanto ao seu papel de informar."
Ⓓ "Independente das posições político-ideológico-partidárias de cada um."
Ⓔ "Tudo em nome da grande pátria."

97. EMPASIAL – Marque onde há erro na análise sintática do termo em destaque:

Ⓐ Ao pé da cruz, havia uma pequena inscrição. (núcleo do objeto direto)
Ⓑ Ele era muito útil à comunidade. (objeto indireto)
Ⓒ A loja foi assaltada por eles. (agente da passiva)
Ⓓ Ouvi apenas o começo da música. (objeto direto)
Ⓔ Não existem testemunhas do assalto. (sujeito)

98. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os elementos assinalados exercem a mesma função sintática.

Ⓐ "Amigo leitor, você, que se enquadra na categoria dos consumidores ..."
"A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas. Pode estar aguardando você à porta da padaria mais próxima."

Ⓑ "Seguinte: se você consumir, será imediatamente responsável por qualquer aumento de inflação."
"Se você comprar muitas passagens de ônibus ou de metrô, isso se refletirá no consumo das passagens e, aumentando o consumo, aumenta a inflação."

Ⓒ "Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar. Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada."
"Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada. Só que o dinheiro que não valia nada era guardado exatamente por isso, porque não valia nada."

Ⓓ "A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas."
"Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar."

Ⓔ "Aqui, é claro, tudo tinha de ser ao contrário."
"Senão, não tinha graça."

99. FJG – Observe os fragmentos de texto:

1. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

2. "Sai de casa pela manhã, como quem vai para uma briga, mantém para com o colega de bonde, ônibus, ou lotação, uma atitude de 'mentalidade antipática', e, para com o motorista ou cobrador, de 'beligerância em potencial'."

3. "Não cede lugar a nenhuma senhora e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade para apenas comprar um carretel;..."

4. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

5. "Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e esse quase se chocou com um carro particular."

6. "O garçom irrita-se porque o freguês tem a veleidade de lhe pedir alguma coisa,..."

Relacione as colunas, classificando a expressão sublinhada em cada frase, segundo a coluna da esquerda; depois, assinale a sequência correta:

(1) objeto direto	**( )**	**"com propensão ao suicídio."**
(2) objeto indireto	**( )**	**"com o colega de bonde"**
(3) complemento nominal	**( )**	**"Não cede lugar a nenhuma senhora"**
(4) adjunto adverbial	**( )**	**"considera todo colega um "barbeiro"**
(5) adjunto adnominal	**( )**	**"vinha para casa num táxi "**
(6) predicativo	**( )**	**"o freguês tem a veleidade"**

A alternativa que apresenta a sequência correta é:

Ⓐ 2 – 5 – 3 – 6 – 4 – 1;
Ⓑ 3 – 5 – 2 – 6 – 4 – 1;
Ⓒ 3 – 4 – 2 – 6 – 5 – 1;
Ⓓ 3 – 5 – 1 – 6 – 4 – 2;
Ⓔ 4 – 3 – 2 – 1 – 5 – 6.

100. NCE-UFRJ – Que elemento dos fragmentos abaixo, precedido da preposição de, exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

Ⓐ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado. O tom de voz nem sempre é o mesmo usado no 'morro',..."
Ⓑ "...(quem mora lá no morro já vive pertinho do céu)."
Ⓒ "Há pontos em comum entre as duas versões. A percepção de uma cidade cindida em dois é a coincidência mais evidente,..."
Ⓓ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado."
Ⓔ "...as palavras e os gestos são medidos para que traduzam um código distinto do que é utilizado na favela."

101. EMPASIAL – Em : "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Assinale o item que classifica a oração subordinada destacada:

Ⓐ subordinada adverbial causal;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓒ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa;
Ⓔ coordenada sindética explicativa.

102. EMPASIAL – Indique qual o item em que a oração subordinada tem a mesma função do termo destacado em "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Ⓐ "A diferença é que o 'pit-bull' é forte e tem grande resistência à dor."
Ⓑ "...não digo que a vida é bela tampouco me nego a ela: digo sim."
Ⓒ "Quase sempre se convence que não tem o bastante..."
Ⓓ "Você não entende as coisas que eu te digo..."
Ⓔ "Ela entendia muito de fazendas, pois a tia era costureira."

103. ACEP – Assinale a sequência cujos sintagmas postos em negrito se classificam como aposto, oração completiva nominal e predicativo:

Ⓐ " ... a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais." / Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo "controle da base monetária". / Johann Wolfgang von Goethe, [...] conhecia bem os assuntos da economia. Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos,...

Ⓑ "Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo 'controle da base monetária'." / É da natureza dos religiosos do BC enxergar apenas virtude no sacrifício, mas o mundo laico pode entender que, sem prejuízo da nobre missão dos bancos centrais, a decisão sobre a flagelação do organismo econômico deve pertencer aos políticos eleitos. / Cria-se, assim, uma autonomia relativa, dita "operacional", com vista a conciliar a monástica propensão ao martírio, própria das autoridades monetárias, com as necessidades do desenvolvimento.

Ⓒ "Mas, como no Brasil, desde Juscelino, o pendor faustiano para o excesso é imenso, e este é o país do Carnaval, essa conciliação, na prática, é muito difícil." / Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o "lastro" em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, ... / Os juros são altos, e assim permanecerão, muito mais em razão de "fundamentos econômicos" frágeis, temas da esfera dos políticos, que da vilania ou austeridade do BC.

Ⓓ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (o moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..." / a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais. / Tudo era falso como as fantasias de Carnaval e de Mefistófeles.

104. CESPE-UnB – Leia os trechos abaixo:

I. "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador, não conhecia o garoto."

II. "Possivelmente essa incorrigível falsária, a Memória, a pintou."

III. "...a pintou substituindo a verdade nativa, feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul, por alguma caprichosa arquitetura rococó."

A opção correta, quanto à estrutura morfossintática, é:

Ⓐ apenas I contém aposto;
Ⓑ I e II contêm apostos;
Ⓒ I e III contêm apostos;
Ⓓ II e III contêm apostos;
Ⓔ todas as opções contêm apostos.

105. ACEP – "Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa."

Os dois períodos acima são formados por subordinação e em cada um encontra-se uma oração:

Ⓐ subordinada adverbial temporal;
Ⓑ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓓ subordinada adverbial concessiva;
Ⓔ subordinada adverbial causal.

106. COMPERV – "O homem trabalha muito, para que possa sobreviver."

A oração em destaque pode ser classificada como:

Ⓐ subordinada adverbial concessiva;
Ⓑ subordinada adverbial causal;
Ⓒ subordinada adverbial conformativa;
Ⓓ subordinada adverbial final;
Ⓔ subordinada adverbial consecutiva.

107. CONATEC – Indique, entre as orações abaixo, aquela em que ocorre a indeterminação do sujeito.

Ⓐ Alguém bateu à porta.
Ⓑ Ninguém diz que ele é estrangeiro.
Ⓒ Come-se bem naquele restaurante.
Ⓓ Quem falou?

108. FESP-RJ – Dos termos sublinhados nas seguintes passagens do texto, aquele que não funciona como sujeito é:

Ⓐ "...feneceu muito antes que na Europa Latina o molde feudal."
Ⓑ "...o que nos leva ora à solução elegante e proveitosa (para os juristas) da mudança da Constituição."
Ⓒ "...é possível configurar-se, então, a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social."
Ⓓ "Resta saber se não há uma terceira explicação, em termos de atitudes religiosas."
Ⓔ "...o belo arrazoado aquiniano de ser o juro ilegítimo..."

109. FESP-RJ – Em frase como: "Assassinaram o patrulheiro os homens que viajavam na moto.", o mecanismo gramatical responsável pela identificação do sujeito de assassinaram é:

Ⓐ concordância do verbo;
Ⓑ a ordem dos termos na frase;
Ⓒ o fato de o verbo em questão só poder referir-se a seres animados;
Ⓓ o fato de ser o sujeito, por definição, um termo não preposicionado;
Ⓔ a existência, na frase, de oração que funciona como adjunto adnominal de homens.

110. FUNRIO – Observe, com atenção, o período abaixo:

"Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo."

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Nele, é possível perceber que:

I. ocorre um sujeito oracional, ligado ao verbo de ligação "era";

II. "nas festas do Espírito Santo" é um termo adjunto adverbial de lugar;

III. o verbo "fazer", normalmente transitivo direto, está sendo completado por um objeto direto preposicionado;

IV. a palavra "gosto" funciona como núcleo do sujeito simples e claro.

Estão corretas as afirmações:

A) I e II;
B) II e III;
C) I e IV;
D) II e IV;
E) III e IV.

111. ESAG – Assinale a alternativa incorreta, em relação a esta frase:

"A água é considerada pelos capixabas o mais importante elemento da natureza. Depois vêm as florestas, o ar e os animais."

A) A expressão o mais importante elemento da natureza é objeto direto da voz passiva sintética.
B) pelos capixabas é agente da passiva.
C) A água é sujeito da oração.
D) Passando a oração para a voz ativa, obtém-se como núcleo verbal consideram.

112. FUMARC – O termo destacado é complemento nominal em:

A) "[...] são casos claros de roubo."
B) "A cola é roubo de conhecimento."
C) "[...] e quem o dá é cúmplice do roubo."
D) "Professor [...] que não cumpre seu horário de permanência [...]"

113. NCE-UFRJ – "Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião, mas eu vou mais além: é preciso rediscutir o papel das Forças Armadas, coisa que não foi feita na Constituição de 1988."

Assinale o comentário inadequado sobre o texto dado:

A) o termo coisa exerce na frase a função sintática de aposto;
B) o termo Constituição de 1988 exerce a função de agente da ação verbal;
C) a forma verbal foi feita exemplifica a voz passiva analítica ou com auxiliar;

Ⓓ o vocábulo coisa refere-se anaforicamente a um termo anterior;
Ⓔ o termo de 1988 exerce a função sintática de adjunto adnominal.

114. CONATEC – Anteponha aos períodos OI quando houver oração substantiva objetiva indireta e CN se ocorrer oração completiva nominal. A seguir aponte a alternativa com a sequência CORRETA.

1. Fabiano tinha a certeza de que não acabaria tão cedo.

2. O santo exortava o povo a que se mantivesse fiel a Deus.

3. O soldado insistia em que a prisão fosse feita.

4. Deixei-me estar em casa, na esperança de que me chamasse.

5. Sê grato a quem te ensina.

Ⓐ OI – CN – OI – CN – CN.
Ⓑ CN – OI – CN – CN – OI.
Ⓒ CN – OI – OI – CN – CN.
Ⓓ OI – CN – CN – CN – OI.

FUNRIO – Leia o texto e responda às questões 115 e 116.

"Muitos talvez não compreendam que, numa época de cerrado utilitarismo, alguém se demasie em tanto esforço numa advocacia romântica e cavalheiresca, sem visar a um lucro ou a interesse indiretos. Tanto pior para os que não o compreendam. Falham à primeira condição prática, positiva e utilitária da vida, que é o aformoseá-la.

[...]

De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo. Basta-nos. Afeiçoamo-nos, há muito, aos triunfos tranquilos, no meio da multidão sem voz dos nossos livros. Hoje, como ontem, obedecendo à finalidade de um ideal,repelimos, do mesmo passo, o convício e o aplauso, o castigo e a recompensa, o desquerer e a simpatia.

Não combatemos as pretensões peruanas. Denunciamos um erro.

Não defendemos os direitos da Bolívia. Defendemos o Direito."

Fonte: CUNHA, Euclides da. *Peru versus Bolívia*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975, p. 135

115. Na oração "que não o compreendam", o conector desempenha a mesma função sintática que o da opção:

Ⓐ "Quero ver do alto o horizonte, / que foge sempre de mim."
Ⓑ "De novo concentrou a atenção no que a amiga lhe dizia."
Ⓒ "Reduze-me ao pó que fui."
Ⓓ "Deem-me as cigarras que eu ouvi menino."
Ⓔ "Já não se lembra da picardia que me fez?"

116. O termo destacado está classificado incorretamente quanto à sua função sintática em:

Ⓐ "Não combatemos as pretensões peruanas." (peruanas – adjunto adnominal)
Ⓑ "alguém se demasie em tanto esforço." (em tanto esforço – objeto indireto)
Ⓒ "Tanto pior para os que não o compreendam." (para os – complemento nominal)
Ⓓ "De tudo isto nos resultou um prêmio." (nos – objeto direto)
Ⓔ "nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo." (de nosso tempo – adjunto adverbial)

117. IPAD – Leia o período abaixo:

"Percebe-se facilmente que nunca notaram o papel secundário que exerciam naquele governo."

A oração "que exerciam naquele governo" é:

Ⓐ subordinada substantiva objetiva indireta;
Ⓑ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓒ subordinada adverbial consecutiva;
Ⓓ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓔ n.d.a.

118. FUMARC – "Comentavam que a tropa de elite iraquiana, que prometia resistência feroz, foi dizimada em todos os confrontos e que, agora, só falta conquistar a capital."

No período dado, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada adjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva;
Ⓓ subordinada adverbial.

119. FUMARC – "É evidente que, para a violência acabar, a educação é peça fundamental."

No período acima, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ subordinada adjetiva;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adverbial;
Ⓓ reduzida.

120. FUMARC – "Foi inaugurada, <u>na manhã de ontem</u>, a pedido de <u>muitos</u> indivíduos, <u>nova creche</u>."

Os termos destacados estão corretamente analisados, respectivamente, em:

Ⓐ adjunto adnominal – adjunto adnominal – objeto direto;
Ⓑ adjunto adnominal – predicativo – sujeito;

Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adnominal – sujeito;
Ⓓ adjunto adverbial – predicativo – objeto direto.

121. FUMARC – Assinale a alternativa em que a correspondência entre o termo destacado e a sua função sintática está incorreta:

Ⓐ "Ninguém de bom senso contesta a legítima aspiração social a punir bandidos [...]." (sujeito)
Ⓑ "Não é preciso muito esforço para imaginar o que seria [...]." (adjunto adverbial de intensidade)
Ⓒ "Punir quem merece é uma forma de a sociedade defender, sobretudo, o interesse dos mais frágeis [...]." (objeto direto oracional)
Ⓓ "somos obrigados [...] a partilhar idiossincrasias, obsessões ou desatinos que não nos concernem; [...]." (objeto indireto)

122. FUNRIO – Assinale a alternativa em que se classifica corretamente a oração sublinhada:

Ⓐ "Sabe-se que ela tem sido abjeta." (oração subordinada substantiva subjetiva).
Ⓑ "...comparam esse tipo de censura ao que foi feito no caso do Irã..." (oração subordinada substantiva objetiva direta).
Ⓒ "...jornalistas americanos que vêm ao patropi a convite..." (oração subordinada substantiva completiva nominal).
Ⓓ "...sob o argumento de que chocariam as pessoas." (oração subordinada substantiva objetiva indireta).
Ⓔ "...fim para aqueles que desvendaram o caso Watergate." (oração subordinada substantiva apositiva).

123. FUMARC – Em todas as frases seguintes, o termo "que" apresenta a mesma função sintática, exceto em:

Ⓐ "...somos obrigados, querendo ou não, a partilhar idiossincrasias que não nos concernem..."
Ⓑ "Demos a César o que é de César."
Ⓒ "A questão, porém, não é o valor moral 'em si' da privacidade, que pode ser relativizado..."
Ⓓ "Pode-se objetar que o raciocínio é impertinente..."

124. FJG – O pronome que exerce função sintática de objeto direto em:

Ⓐ "De fato, tal ideia traduz, de maneira muito precisa, essa verdadeira dialética entre o que é lembrado com saudade, como maravilhoso, formidável ou poético..."
Ⓑ "Nossa biografia se faz precisamente pela alternância [...] com situações que "guardamos" como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça..."

Ⓒ "...ao lado de tudo [...] trágico e ruim (aquilo que na nossa existência entra como extraordinário, positiva ou negativamente valorizado)..."
Ⓓ "Há, pois, um tempo lembrado, que vira memória e saudade;..."
Ⓔ "Pois o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela saudade,..."

125. FJG – "As verdades filosóficas se contradizem..." O item abaixo em que o <u>se</u> apresenta valor idêntico àquele que possui neste segmento destacado do texto é:

Ⓐ Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.
Ⓑ Os homens modernos esconderam-se da verdade.
Ⓒ Pascal se declarou irracionalista.
Ⓓ A ciência e a fé se digladiam.
Ⓔ As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

126. FUNRIO – "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça..."

Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

Ⓐ Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
Ⓑ Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
Ⓒ Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
Ⓓ Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.
Ⓔ Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.

127. FUNRIO – Escolha a alternativa em que o sujeito da oração está corretamente identificado:

Ⓐ "Não há dúvida..." – sujeito: dúvida.
Ⓑ "...como conta Josué Montello." – sujeito: Josué Montello.
Ⓒ "Falava-se em instalar o Governo da República em cidades serranas do estado do Rio de Janeiro..." – sujeito: o Governo.
Ⓓ "O Senado da República e os meios acadêmicos nunca o permitiram." – sujeito: o.
Ⓔ "Em certa crônica na *Gazeta de Notícia*s, numa fase de altas turbulências, apelou à esperança." – sujeito: certa crônica.

128. FUNRIO – "A Semana de Arte Moderna, na verdade, foi a explosão de ideias inovadoras que aboliam por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão; com esse propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Isso culminou com a incompreensão e com a completa

insatisfação de todos que foram assistir à apresentação do novo movimento. Logo na abertura, Manuel Bandeira, ao recitar seu poema 'Os Sapos', foi desaprovado pela plateia através de muitas vaias e gritos."

Sobre a última frase desse parágrafo, é correto afirmar que "Manuel Bandeira" e "Os Sapos" desempenham sintaticamente:

Ⓐ funções diferentes: apenas "Manuel Bandeira" é aposto;
Ⓑ funções diferentes: apenas "Os Sapos" é um aposto;
Ⓒ funções idênticas: ambos são apostos;
Ⓓ funções idênticas: ambos são vocativos;
Ⓔ funções semelhantes: ambos são termos integrantes.

129. NCE-UFRJ – Em que item a seguir o elemento destacado funciona como complemento e não como adjunto?

Ⓐ "...onde ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos na quadra para ler em conjunto o manifesto do movimento e depois calar."
Ⓑ "Nas igrejas, que o meio-dia seja um momento de oração silenciosa."
Ⓒ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho. Sem buzinas, sem panelaços, e, mesmo, sem palavras de ordem."
Ⓓ "Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar."
Ⓔ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho."

130. COMPERV – No verso "Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu protege."

os termos sublinhados, respectivamente, exercem a função sintática de:

Ⓐ adjunto adnominal – objeto indireto – objeto indireto;
Ⓑ adjunto adverbial – sujeito simples – objeto direto;
Ⓒ objeto indireto – complemento nominal – objeto direto;
Ⓓ aposto – objeto direto – sujeito simples;
Ⓔ adjunto adverbial – objeto direto – sujeito simples.

131. NCE-UFRJ – O item em que o elemento sublinhado representa o agente e não o paciente de um termo anterior é:

Ⓐ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras..."
Ⓑ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras, mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce,..."
Ⓒ "...mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce, foi, sem dúvida, uma grande campanha de afirmação nacional."

Ⓓ "A insistência em manter a presença do Estado numa atividade que precede a transformação do minério de ferro em produtos siderúrgicos é tanto mais incompreensível..."

Ⓔ "O Brasil, que hoje é um dos maiores exportadores mundiais de produtos siderúrgicos e da metalurgia de não ferrosos, decidiu privatizar sua indústria siderúrgica de aços planos há seis meses."

132. FUNDEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada não exerce, na frase em que se insere, a mesma função que nas outras.

Ⓐ "O relevo ainda está sendo moldado pela ação das forças naturais e a crosta está-se acomodando..."

Ⓑ "Os cientistas [...] afirmam que a relação [da mudança] com as atividades desempenhadas pelo homem é inegável."

Ⓒ "Os gases, [...], principalmente pela queima de combustíveis fósseis, permitem que a radiação solar penetre na atmosfera..."

Ⓓ "Uma das consequências inevitáveis do aquecimento provocado pelo efeito estufa é o aumento no nível dos oceanos..."

133. FESP – A função sintática do "que" não é sujeito em:

Ⓐ Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

Ⓑ Diga-me a hora em que ele virá para cá.

Ⓒ Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

Ⓓ Não há mal que sempre castigue.

134. COMPERV – Marque a alternativa cuja oração tem o mesmo valor sintático de: "Desejamos que ele se afaste das más companhias."

Ⓐ Nós objetivamos que sejamos aprovados.

Ⓑ O político necessita de que o apoiemos.

Ⓒ É necessário que se extinga a violência.

Ⓓ O guarda informou-o de que seria multado.

Ⓔ O juiz foi favorável a que o réu se pronunciasse.

135. CONATEC – Numere a segunda coluna de acordo com a primeira e, em seguida, assinale a alternativa que aponta a sequência correta:

(1) partícula apassivadora	**( ) Mandou-se permanecer em silêncio.**
(2) indeterminação de sujeito	**( ) Vaiou-se o espetáculo.**
(3) pronome reflexivo	**( ) Cortou-se com um bisturi.**
(4) parte integrante do verbo	**( ) Vive-se bem no interior.**
(5) sujeito do infinitivo	**( ) Queixou-se de fortes dores.**

Ⓐ 4 – 2 – 1 – 3 – 5.
Ⓑ 5 – 3 – 2 – 1 – 4.
Ⓒ 1 – 2 – 3 – 4 – 5.
Ⓓ 5 – 1 – 3 – 2 – 4.

136. FESP-RJ – Assinale a opção em que há erro de identificação da função do termo sublinhado, indicada entre parênteses.

Ⓐ Seguem-se instruções relativas ao assunto. (objeto direto)
Ⓑ Necessita-se de maiores informações sobre o assunto. (índice de indeterminação do sujeito)
Ⓒ As provas realizar-se-ão em local e data a serem divulgados oportunamente. (partícula apassivadora)
Ⓓ O implicado deixou-se arguir pelo encarregado do inquérito naquele mesmo dia. (sujeito)

137. FESMIP – "Fiquei sabendo, então, que em Veneza há um carnaval famoso."

O termo sublinhado acima exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "...uma cidade de máscaras que se vendem..."
Ⓑ "...estamos pressupondo que ele não é um rosto ..."
Ⓒ "Está dito na palavra 'persona', que vem do latim..."
Ⓓ "O teatro é algo que precisa de um público..."
Ⓔ "...a verdade que não devia ser dita..."

138. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os vocábulos sublinhados nos fragmentos 1 e 2 exercem funções sintáticas diferentes.

Ⓐ 1. "...o ano 2000 seria o prazo final para atingir a meta..."
2. "...os fumantes podiam legalmente permitir-se o seu hábito..."
Ⓑ 1. "A OMS previu que...ainda mataria cerca de 500 milhões de pessoas."
2. Os governos [...] desenvolveram campanhas educacionais sobre os riscos do fumo para a saúde."
Ⓒ 1. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
2. "Os países que aboliram a propaganda de cigarros incentivaram outros a fazer o mesmo."
Ⓓ 1. "A mensagem já se tornara corriqueira."
2. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
Ⓔ 1. "A maior contribuição da América do Norte para a campanha de abandono do fumo relacionava-se à descoberta de formas inovadoras de ataque."
2. "Em suma, realizou-se como que uma arrancada em direção a uma reforma total."

139. ACEP – No fragmento "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." o sintagma "os leitores" analisa-se como:

- A aposto;
- B vocativo;
- C sujeito;
- D objeto direto;
- E objeto indireto.

140. COMPERV – Em "cortou-lhe os cabelos", o pronome lhe exerce a mesma função no item:

- A O lhe é um pronome oblíquo.
- B Alguém já lhe negou ajuda?
- C Sempre lhe disse a verdade.
- D A luz forte lhe afugentou o sono.
- E O dinheiro lhe será muito útil.

141. FESP-RJ – A alternativa em que se faz erroneamente a classificação sintática do termo em negrito é:

- A "...e o que é imenso é eterno..." – sujeito.
- B "Sofia desceu logo, achou Rubião transtornado..." – predicativo.
- C "Eu corri os olhos tudo que em mim havia..." – objeto direto.
- D "Ao longe, descobriu alguns vultos de um e outro lado..." – adjunto adnominal.
- E "Os outros meninos mais idosos detiveram-se a olhar espantados" – adjunto adverbial.

142. FESP-RJ – Faz-se erroneamente a classificação sintática do pronome relativo, na opção:

- A "Mas eu não sei o que sou..." (predicativo).
- B "O abismo que há entre o espírito e o coração." (objeto direto).
- C "O caderno que você desejava que eu trouxesse é caro." (objeto direto).
- D "O peão acabara de selar o cavalo, que puxara para fora da ramada." (objeto direto).
- E "Esclareceu que adiava a aquisição de uma chaleira de que andava muito necessitado." (objeto indireto).

143. MOURA MELO – "Todos já descobriram a chata que ela é."

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

- A adjunto adverbial;
- B objeto direto;
- C objeto indireto;
- D predicativo do sujeito.

144. FESP-RJ – "...a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria."

"...e isso parece claramente espelhar-se na forma por que, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando."

As orações subordinadas em destaque exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

Ⓐ sujeito – adjunto adnominal;
Ⓑ sujeito – adjunto adverbial de causa;
Ⓒ objeto direto – adjunto adverbial de causa;
Ⓓ adjunto adverbial de modo – adjunto adnominal;
Ⓔ adjunto adverbial de modo – adjunto adverbial de causa.

145. FESP-RJ – Assinale a opção em que a função sintática do termo grifado não foi corretamente indicada:

Ⓐ "...tinha que ficar quieto." – predicativo.
Ⓑ "E ainda por cima falavam dobrado..." – adjunto adnominal.
Ⓒ "Se assustava à toa, qualquer barulhinho e já pulava pra um lado." – adjunto adverbial.
Ⓓ "Resolveram então levar o Pavão pro Curso de Linha ..." – objeto direto.
Ⓔ "... pra ver se uma coceirinha que ele estava sentindo já era a tal brotoeja" – sujeito.

146. CESGRANRIO – O vocábulo se tem o mesmo valor sintático da sua ocorrência em "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva." no trecho:

Ⓐ "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva."
Ⓑ "Se fizesse sol, ele ia escalar um pico próximo."
Ⓒ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓓ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓔ "Quanto mais tempo se perde por desorganização ou esperando pelos outros, menos tempo se utiliza produzindo e menos riqueza é gerada."

147. ACEP – No período simples "Logo, uma elite de jovens executivos e de economistas de prestígio agarrou a oportunidade.", os termos sublinhados são:

Ⓐ sujeito composto;
Ⓑ complemento nominal;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ objeto indireto.

148. SENASP – Leia:

"A poesia redime os pecados do mundo e o poeta é o representante desta remissão."

A função sintática dos termos em destaque é, respectivamente:

- A complemento nominal em ambos os casos;
- B adjunto adnominal e complemento nominal;
- C adjunto adverbial e complemento nominal;
- D complemento nominal e adjunto adnominal;
- E predicativo do objeto e complemento nominal.

149. IPAD – Identifique a frase em que não há um complemento nominal:

- A Os ataques ao Iraque foram criticados pelo governo da Rússia.
- B Jamais houve atraso no pagamento dos empregados pelo sindicato.
- C O julgamento de nazistas por tribunais internacionais constitui um pesadelo contemporâneo.
- D Sua preferência por músicas dos "Beatles" merecia ser compartilhada.
- E O movimento do seu corpo acompanhava o som e o ritmo da melodia.

150. ACEP – No fragmento: "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." os grifos exercem na oração a função de:

- A objeto indireto, adjunto adverbial de causa;
- B objeto direto, adjunto adnominal;
- C objeto indireto, agente da passiva;
- D objeto direto, adjunto adverbial de causa;
- E objeto indireto, adjunto adnominal.

GABARITO

1. C	20. B	39. A	58. D	77. C	96. E	115. A	134. A
2. C	21. A	40. D	59. A	78. A	97. B	116. D	135. D
3. A	22. D	41. C	60. B	79. D	98. A	117. E	136. A
4. E	23. B	42. A	61. D	80. D	99. B	118. C	137. B
5. C	24. A	43. E	62. A	81. A	100. A	119. A	138. A
6. A	25. B	44. A	63. B	82. B	101. B	120. C	139. A
7. C	26. D	45. A	64. B	83. C	102. B	121. B	140. D
8. D	27. D	46. D	65. C	84. D	103. A	122. A	141. E
9. C	28. C	47. D	66. A	85. D	104. B	123. D	142. E
10. C	29. A	48. E	67. C	86. D	105. A	124. B	143. D
11. E	30. C	49. B	68. C	87. D	106. D	125. D	144. A
12. A	31. A	50. E	69. D	88. B	107. C	126. E	145. B
13. A	32. C	51. A	70. B	89. C	108. D	127. B	146. E
14. B	33. E	52. D	71. C	90. D	109. A	128. B	147. C
15. B	34. C	53. C	72. A	91. D	110. A	129. A	148. B
16. D	35. D	54. E	73. E	92. E	111. A	130. E	149. E
17. B	36. B	55. D	74. A	93. E	112. B	131. C	150. A
18. D	37. E	56. C	75. B	94. B	113. B	132. C	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. D	114. C	133. B	

Exercícios de Pontuação

1. FUNRIO – Leia o texto a seguir:

Sinais de fumaça

Pesquisa mostra que presença de cigarro em filmes produzidos nos Estados Unidos caiu, mas ainda é forte.

"Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros. Jonathan Polansky, que participou da pesquisa, diz que a situação pouco mudou em filmes voltados para adolescentes. Para o colunista Ruy Castro, nos filmes atuais, "um casal pode fazer sexo explícito em cena e ninguém se chocará. Mas, se acender um cigarro depois, haverá gente na plateia limpando um pigarro imaginário ou esbravejando".

Fonte: ***Folha de S.Paulo***

No fragmento "Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros.", as vírgulas foram colocadas para separar a oração:

- **A** subordinada adverbial concessiva intercalada à principal;
- **B** coordenada, intercalada, introduzida por conector;
- **C** subordinada adverbial, anteposta à principal;
- **D** adjetiva explicativa, introduzida pelo pronome relativo que;
- **E** subordinada adverbial condicional, iniciada pelo conector "embora".

2. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

- **A** Garçom, nós queremos conversar; poderia pedir para baixar um pouco o volume do rádio, por favor?
- **B** Se a maré subir, logo, os turistas ficarão ilhados naquelas pedras e, terão que esperar até amanhã, para voltarem.

Ⓒ Admita, que você nos traiu, ao tomar uma atitude que contrariou inteiramente, nossa decisão da véspera.
Ⓓ Durante a projeção do filme, que você me recomendou as pessoas iam saindo, mostrando assim, seu desagrado e desinteresse pelo final.
Ⓔ Você deve ser condescendente, uma vez que, se não renegociar minha dívida, dificilmente, poderei pagá-la.

3. NCE-UFRJ – A frase em que os sinais de pontuação foram empregados de acordo com as normas em vigor é:

Ⓐ O fim desta é informar a V. Sª, que sua participação, como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓑ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓒ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓓ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓔ O fim desta, é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.

4. ESAF – Marque a lacuna onde não se deve usar vírgula.

Depois do evento de 1999 em Seattle (que inviabilizou a assinatura do acordo multilateral de investimentos)[A] as entidades da sociedade civil começam agora[B] um novo confronto com o capital globalizante. A campanha "Stop the Gats Attack Now"[C] que reúne 430 ONG's e entidades de classe de 53 países[D] é igualmente ambiciosa:impedir o início das negociações finas do Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (AGCS, Gats, em inglês). O acordo prevê a privatização gradual[E] completa e irreversível dos serviços públicos em todo o mundo.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

5. FEC – Entre os trechos do texto abaixo, aquele em que o uso da vírgula <u>não</u> é gramaticalmente obrigatório é:

Ⓐ "Eu tinha de ir à alfândega e, portanto, passar pela Praça Mauá."
Ⓑ "Em Copacabana voltamos a ver o barco, na altura da Cotunduba."
Ⓒ "Antonio Maria contou que uma vez ia num táxi guiado por um chofer português velho, bigodudo, calado, de cara triste."
Ⓓ "O 'Vera Cruz', homem, venha depressa, venha!"
Ⓔ "O casal de portugueses da portaria conversava com o porteiro do lado e o zelador do edifício da frente, todos portugueses."

6. **VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta:**

A) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

B) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.

C) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

D) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.

E) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

7. **NCE-UFRJ- Dos fragmentos abaixo, o único que contém <u>erro</u> de pontuação é:**

A) Em virtude de as despesas ordinárias terem sofrido pequenos reajustes ao longo dos últimos meses e de a receita, não ter sido reajustada, fomos autorizados a aumentar a mensalidade.

B) Sem mais para o momento e à inteira disposição de V. Sª para maiores esclarecimentos, subscrevemo-nos.

C) Com isso, sugerimos a convocação de nova assembleia para a apreciação dos atuais valores, bem como para a fixação de nova quota, se for o caso.

D) A esposa trocava as fraldas do bebê, e o marido lavava os pratos.

E) O presidente mandou lavrar esta ata, que assina juntamente com o secretário que a lavrou.

8. **ACCESS – "A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria."**

O emprego da vírgula antes de <u>mas</u> é justificado pela seguinte regra: usa-se a vírgula para:

A) separar orações intercaladas;

B) isolar aposto explicativo;

Ⓒ separar orações coordenadas sindéticas adversativas;
Ⓓ separar orações subordinadas adjetivas explicativas;
Ⓔ isolar os termos repetidos.

9. FESP-RJ – Fizeram-se modificações na pontuação de algumas passagens do texto. Aquela em que a colocação da vírgula, além de <u>errada</u>, altera o sentido da oração subsequente é:

Ⓐ "Assim deveria terminar o pai-nosso..." / Assim, deveria terminar o pai-nosso...
Ⓑ "Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto que existia até então..." / Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto, que existia até então...
Ⓒ "Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma e condenar outro." / Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma, e condenar outro.
Ⓓ "Por outro lado, já virou paranoia no Brasil a defesa do dito menor de rua." / Por outro lado, já virou paranoia, no Brasil, a defesa do dito menor de rua.
Ⓔ "Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito. Separando os ainda não..." / Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito, separando os ainda não...

10. CESPE-UnB – Indique a opção correta quanto às pontuações alternativas: "O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral."

Ⓐ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓑ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓒ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓓ O domínio que, adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓔ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

11. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Quando a democracia não funciona bem não é raro, que aqui e ali, passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários.

Ⓑ Ao se referir ao Brasil de 1989, o autor está-nos lembrando que, àquela época, a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificável como aventureiro.

Ⓒ Seria interessante saber, em que "certas circunstâncias", um governo autoritário ofereceria vantagens, em relação a um governo democrático.

Ⓓ Assim como, boa parte dos brasileiros, também, o autor do texto julga: que a nossa democracia, poderia funcionar de uma maneira melhor.

Ⓔ Se é verdade, que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária", também é verdade, que só 40%, aceitam bem as privatizações.

12. ESAF – Assinale a opção em que o texto apresenta pontuação correta:

Ⓐ Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.

Ⓑ Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.

Ⓒ Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.

Ⓓ Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.

Ⓔ Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

13. CETRO – Marque o período pontuado de acordo com as normas gramaticais:

Ⓐ Apesar de ser um gentleman, e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓑ Apesar de ser um gentleman e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo, sobre sua vida.

Ⓒ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓓ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade, tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓔ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

14. ESAG – Observe as frases abaixo:

I. "Os homens que pensam que as mulheres nasceram para servi-los devem reformular seu pensamento."

II. "Os graves problemas sociais que atormentam a Europa e o mundo encontram sua origem, em parte, nas manifestações degeneradas do capitalismo."

III. "Os defensores do capitalismo ilimitado tendem a esquecer as coisas boas do comunismo: a luta contra o desemprego, a preocupação com os pobres."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Na frase II, pode haver uma vírgula depois de "Os graves problemas", para destacar essa expressão.

Ⓑ Na frase III, a vírgula pode ser substituída pela conjunção <u>e</u>, sem que o sentido da frase se altere.

Ⓒ Na frase II, as vírgulas isolam uma expressão de caráter explicativo.

Ⓓ Os dois-pontos, na frase III, têm valor explicativo.

15. COSEAC-UFF Em relação ao trecho: "Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil. Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras. Outra é ratearmos o sonho de corpo de cada um", a mudança de pontuação que se propõe é <u>inaceitável</u>, consideradas as normas em vigor, na alternativa:

Ⓐ parênteses no lugar dos travessões;

Ⓑ vírgula antes e após "como contribuintes";

Ⓒ dois-pontos (seguido de minúscula) em vez de ponto após "fica mais difícil";

Ⓓ vírgula após "Uma coisa" e após "Outra";

Ⓔ ponto e vírgula (seguido de minúscula) em vez de ponto após "doenças caras".

16. COSEAC-UFF – As vírgulas empregadas no período "E igualdade, com certeza, só conseguiremos, em sua plenitude, através da Educação, vertente única em que se podem buscar novos horizontes de socialização de bens e de cidadania" justificam-se pelas seguintes razões:

Ⓐ as duas primeiras, para separar vocativo; a terceira e quarta, para separar termo intercalado; e a quinta, para separar aposto;

Ⓑ as quatro primeiras, para separar termos intercalados; a quinta, para separar aposto;

Ⓒ as quatro primeiras, para separar vocativo; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓓ as duas primeiras e a terceira e quarta, para separar aposto; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓔ as duas primeiras, para separar vocativo; as outras três, para separar aposto.

17. COSEAC-UFF – O emprego da vírgula no período "O laticínio compra a produção de leite de mais de 140 agricultores colaboradores, o que tem contribuído para melhorar a renda de produtores não-associados" justifica-se pela mesma norma de pontuação que justifica a(s) vírgula(s) no trecho:

Ⓐ "Sergio Erhardt, filho de Ervino, explica que o aumento da produtividade está relacionado com a capacitação e também com o investimento em tecnologia."
Ⓑ "...e ampliar o banco de gelo, responsável pelo armazenamento da produção."
Ⓒ "Hoje a gente sabe que não pode ter mais de 20% de vacas sem produzir, senão temos algum problema."
Ⓓ "Na propriedade do associado Ervino Erhardt, com a ordenha mecanizada e os tanques resfriadores de 500 litros, eles produzem sozinhos mais que todos os associados no começo."
Ⓔ "Antes da associação, os produtores de leite de Alto Alegre vendiam para uma só empresa."

18. COSEAC-UFF – Tendo em vista as normas em vigor, é inaceitável a proposta de mudança de pontuação indicada na seguinte alternativa:

Ⓐ A concepção cosmocêntrica dos antigos gregos fazia do homem um pequeno microcosmos. – uso de vírgula entre "os antigos gregos" e "fazia".
Ⓑ Apolo, por exemplo, filho de uma mortal com Zeus (o deus maior dos gregos), para se tornar imortal, teria que tomar o leite de uma deusa – substituição dos parênteses por travessões.
Ⓒ Natureza e cultura estavam ainda mais separadas. O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / substituição do ponto por dois pontos (seguido de minúscula).
Ⓓ O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / uso de vírgula entre "o homem" e "um fim em si mesmo".
Ⓔ E. Morin dizia, com razão, que somos culturais por natureza e naturais por cultura / supressão das vírgulas.

19. COSEAC-UFF – Das frases a seguir extraídas do texto, aquela em que é possível acrescentar-se uma vírgula, sem prejuízo do sentido e da correção, é:

Ⓐ "Vamos estimular o uso consciente do computador."
Ⓑ "Ninguém questiona o fato de a internet ter se tornado ferramenta indispensável."

Ⓒ "No mundo digital tudo pode ser reconstruído."
Ⓓ "Fatores como esses poderiam explicar o refúgio na internet."
Ⓔ "O quadro de dependência é caracterizado a partir de oito critérios."

20. FUNRIO – Em "Ela, a mídia, pode e deve se manifestar quanto a suas preferências", as vírgulas servem para:

Ⓐ separar um vocativo;
Ⓑ destacar uma expressão resumitiva;
Ⓒ enfatizar um termo subsequente;
Ⓓ isolar um aposto;
Ⓔ neutralizar um termo antecedente.

21. FUNRIO – "Na obra machadiana, o funcionário público sempre comparece sob a sua mordacidade..."

A alternativa em que o uso da vírgula se justifica pelo mesmo motivo observado no trecho acima é:

Ⓐ "...deixava uma governação de cinquenta anos de respeito à cultura e de uma certa magnanimidade, mas de pouca atenção ao Nordeste do país."
Ⓑ "Quando o Império enfardelou os trapos e a República chegou, é aconselhado a retirar da parede da repartição onde trabalhava o retrato do Imperador."
Ⓒ "O entorno de amigos de Machado estava farto de políticos: Alencar, Francisco Otaviano, Bocaiúva, Joaquim Serra e o maior deles: Joaquim Nabuco."
Ⓓ "Rascunhava despachos antes de pô-los no papel, impugnava contas inadequadas, conteve gastos sem previsão orçamentária."
Ⓔ "...mas Cruls já batia pernas pelo Planalto Central, cuidando dos instantes seminais do que mais tarde viria a ser Brasília."

22. FUNRIO – As vírgulas empregadas no trecho "Para que continuemos a voar um voo de vitória, devemos nos desprender de lembranças, costumes e velhos hábitos que nos causam dor." justificam-se, normativamente, porque:

Ⓐ a primeira separa elementos de mesma função sintática, e a segunda separa termos empregados na ordem inversa;
Ⓑ a primeira separa termos empregados na ordem inversa, e a segunda isola expressões explicativas;
Ⓒ a primeira separa oração adverbial a iniciar o período, e a segunda separa elementos de mesma função sintática;
Ⓓ a primeira indica supressão de palavras, e a segunda isola expressões de cunho explicativo;
Ⓔ a primeira isola elementos de mesma função sintática, e a segunda demarca oração adverbial.

23. VUNESP – Assinale a alternativa correta, quanto à pontuação, conforme a norma culta:

Ⓐ Os óculos, de duas hastes, foram criados, pelo inglês James Ayscough.
Ⓑ O senador romano Marco Túlio Cícero, comprava escravos para lerem para ele.
Ⓒ No ano 1000: apareceram as primeiras lentes feitas, de cristais de quartzo.
Ⓓ Os europeus tinham vergonha, de usar óculos. Pois achavam o adorno feio.
Ⓔ Antigamente, quem tinha problema de visão logo se aposentava.

24. FEC – No trecho: "Sem que Clarissa saiba exatamente por que, seus olhos [...]", a pontuação foi devidamente empregada, o mesmo <u>não</u> se podendo apontar, porém, em um dos itens abaixo. Marque-o:

Ⓐ Os convidados, distraídos com o barulho reinante, nada perceberam.
Ⓑ Minha irmã, ela mesma, resolveu o nosso problema.
Ⓒ Adoro natação; ele, futebol.
Ⓓ "— Queria ver se você é mesmo inteligente!" – retrucou, sabiamente, o professor.
Ⓔ O Presidente da indústria de laticínios e seus derivados, apresentou-nos a proposta.

25. FEC – O único trecho em que a pontuação foi feita adequadamente é:

Ⓐ Os micos-leões-dourados não se extinguiram graças ao trabalho, sério dos zoológicos.
Ⓑ Não só os ursos mas também, os elefantes, sofrem com a falta de espaço no cativeiro.
Ⓒ A dificuldade dos animais é principalmente, a reintegração à natureza.
Ⓓ Diretores de zoológicos brasileiros, consideram importante mantê-los funcionando.
Ⓔ É necessário, acima de tudo, fiscalizar o cumprimento da lei nos zoológicos.

26. FEC – Relacionam-se abaixo alguns sinais de pontuação que poderiam supostamente substituir o travessão usado em "Às vezes, é preciso cortar a carne apodrecida antes que o inchaço cubra os dentes e leve o doente à morte – sem conseguir mastigar, os infelizes definham de fome".

I. vírgula

II. dois-pontos

III. ponto e vírgula

IV. ponto (seguido de letra maiúscula)

Dos sinais de pontuação acima relacionados, o travessão pode ser substituído, sem comprometer a leitura do enunciado:

Ⓐ apenas por I;
Ⓑ por I e II;
Ⓒ por II, III e IV;
Ⓓ por III e IV;
Ⓔ por qualquer dos sinais relacionados.

27. FJG – Observe o texto a seguir:

"Exemplos: às vezes, um cobertor abandonado sobre o leito, uma toalha pendurada são percebidos como figuras humanas. O martelo de percussão é confundido com um instrumento ameaçador."

Esse trecho de texto estaria mais bem pontuado caso se procedesse à seguinte substituição:

Ⓐ do ponto pelo ponto e vírgula após a expressão figuras humanas;
Ⓑ dos dois-pontos pelo travessão após a palavra Exemplos;
Ⓒ dos dois-pontos pela vírgula após a palavra Exemplos;
Ⓓ da vírgula pelo ponto e vírgula após a palavra leito.

28. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a única que não contém erro de pontuação é:

Ⓐ A verba destinada à pesquisa de novos mercados, foi aumentada em quinze por cento.
Ⓑ Lembramos ainda que as gratificações sofrerão no primeiro semestre de 1998, alguns pequenos cortes.
Ⓒ Voltamos a informar que, faltam no seu relatório os dados numéricos.
Ⓓ Convém acrescentar também, que além dos tipos acima descritos, existem ainda o criativo e o explorador.
Ⓔ Vimos, por meio desta, comunicar a V. Sª que fomos autorizados a conceder-lhe o benefício acima referido.

29. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o uso de vírgulas aparece corretamente justificado:

Ⓐ "...atingindo indistintamente vários segmentos da população, ricos e pobres,..." – para indicar a presença de um vocativo.
Ⓑ "...a propaganda comercial também veicula, com a propaganda ideológica, modelos de apresentação pessoal..." – para separar o verbo de seu objeto direto.
Ⓒ "...na véspera do dia das mães, dos namorados, dos pais e do Natal..." – para separar os termos de uma enumeração.
Ⓓ "...vamos assimilando o que deve ser comido no café da manhã, como lavar a roupa, o que beber..." – para separar orações subordinadas de diferentes tipos.
Ⓔ "...com todos trabalhando para, um dia, chegarem lá." – para mostrar o deslocamento sintático do complemento verbal.

30. ESAF – Analise as propostas e assinale a opção que indica alterações corretas para o trecho abaixo:

"É importante mencionar que em 99,99% dos casos em que as autoridades fiscais têm acesso às movimentações bancárias dos contribuintes, e lhes é permitida a tão referenciada quebra do sigilo bancário, são apuradas irregularidades. Entretanto, somente exsurge a lide tributária que exige o contraditório e ampla defesa quando após a formalização do lançamento o contribuinte, inconformado, tempestivamente apresenta impugnação ou defesa contra o ato administrativo por meio do qual se exterioriza a exigência do crédito tributário [...]."

Propostas:

1. **Colocar uma vírgula após o verbo "mencionar".**
2. **Colocar aspas na expressão "quebra do sigilo bancário".**
3. **Separar com duplo travessão a oração "que exige o contraditório e ampla defesa".**
4. **Manter separada por dupla vírgula a expressão "após a formalização do lançamento".**
5. **Colocar entre parênteses o segmento "ou defesa contra o ato administrativo".**

Estão corretas as propostas:

Ⓐ 1, 2 e 4;
Ⓑ 1, 3 e 4;
Ⓒ 1, 4 e 5;
Ⓓ 2, 3 e 5;
Ⓔ 2, 3 e 4.

31. NCE-FCC – Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale, na folha de respostas, a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

Ⓐ Será necessário afirmar que nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar tal obra.
Ⓑ Será necessário afirmar, que nenhum outro seria mais capaz, do que ele, de realizar tal obra.
Ⓒ Será necessário afirmar que, nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar, tal obra.
Ⓓ Será necessário afirmar que, nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.
Ⓔ Será necessário afirmar, que nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.

32. FEC – Das alterações feitas abaixo na pontuação da frase: "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar." está <u>incorreta</u> a que foi feita na opção:

Ⓐ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓑ O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓒ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓓ O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓔ O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

33. VUNESP – Assinale a alternativa em que a pontuação atende aos princípios da norma culta.

Ⓐ Boa parte de seu crescimento, deve-se a sua estratégia de apoio, às micro, pequenas e médias empresas.

Ⓑ Assim como os colegas tentei esclarecer, em meus livros que: o terrorismo é fenômeno antigo, quase tão antigo quanto a humanidade.

Ⓒ A França, com 73 milhões de turistas/ano e a Espanha, com 46 milhões são exemplos de países que investem e faturam, com o turismo.

Ⓓ Outra possibilidade é pedir uma segunda opinião – e pagar por isso – a especialistas inscritos numa lista com a finalidade de prestar serviços de consultoria.

Ⓔ Para muita gente, a época de Natal e Ano Novo só provoca: tristeza – caso dos que vivem, debaixo de um viaduto.

34. NCE-UFRJ – As vírgulas entre colchetes, observadas abaixo, não foram empregadas pelo autor, no texto original. A opção em que uma ou mais vírgulas acrescentadas contrariam uma norma de pontuação é:

Ⓐ "Tornando-se [,] por isso [,] objeto de pressões e censuras."

Ⓑ "Nesse sentido [,] é um espaço democrático, por excelência..."

Ⓒ "Mais tarde [,] boa parte dos críticos [,] reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC..."

Ⓓ "Enfrentou ameaças, hostilidade, censura e truculência [,] mas manteve nas suas reuniões anuais."

Ⓔ "Os problemas do país [,] certamente [,] continuam merecendo toda a atenção da comunidade científica."

35. UECE – A explicação para o emprego das vírgulas está coerente em:

- **A** "Muitos pais, ao se perguntarem por que seus filhos se drogam, não...": destacam uma oração substantiva.
- **B** "A utilização da droga, seja de qual espécie for, é...": evidenciam um aposto.
- **C** "O acúmulo de frustrações, as quais desde a mais tenra infância atormentam uma pessoa, a leva..." : isolam uma oração adjetiva explicativa.
- **D** "É necessário também lembrar que, em certas condições, isso..." : separam termos de mesma função.

36. PUC-MG – Assinale a opção em que haja erro quanto ao emprego da vírgula:

- **A** O comentário é que não saberíamos, quando ele retornaria de viagem.
- **B** Esgotadas as possibilidades de diálogo, abandonamos a reunião.
- **C** Já que não havia mais discussões na sala, preferimos ir embora.
- **D** Não havia dúvida de que, para ir para casa, precisávamos de coragem.

37. NCE-UFRJ – A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2004".

- **A** Separa oração subordinada adjetiva explicativa.
- **B** Separa oração subordinada adverbial consecutiva.
- **C** Separa oração subordinada adjetiva restritiva.
- **D** Separa oração subordinada substantiva apositiva.
- **E** Separa oração coordenada sindética explicativa.

38. FESP-RJ – No trecho "Propor, contudo, a permanência da criança na rua é cega hipocrisia...", empregaram-se as duas vírgulas porque a conjunção, habitualmente no início da oração, aparece intercalada. O trecho onde as duas vírgulas também separam uma expressão intercalada é:

- **A** "...ou as condições de vida que lhe são impostas pelo caótico quadro social, político, ético e econômico da nação."
- **B** "...nem se abranda com leis ou discursos laudatórios dessa lei, mas com vontade política e recursos, muitos recursos."
- **C** "Tais recursos, sabe-se, não estão disponíveis hoje."
- **D** "A rua não é local adequado para morar, e a defesa do menor de rua não pode se transformar na defesa do menor na rua, como querem agora os defensores."
- **E** "Oferecendo-lhe albergue, comida, escola..."

39. CESPE-UnB – Identifique a única opção em que o emprego de vírgulas é facultativo.

- **A** "...decerto a sua figura deveria ter-se cruzado, muitas vezes, com a do menino fardado..."
- **B** "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador..."

Ⓒ "...e em cujos canteiros florejavam espessuras e certas musguentas flores amarelas, e um imenso besouro zoava."
Ⓓ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta..."
Ⓔ "...o bulício vesperal do instante em que, aberta a porta..."

40. VUNESP – A única alternativa que apresenta <u>correta</u> pontuação é:

Ⓐ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓑ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua", que, no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.
Ⓒ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis: esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo, trombadinhas e, viciados em drogas.
Ⓓ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua", que no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓔ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que, muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis; esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos, totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.

41. ESAF – Assinale o item que apresenta pontuação correta:

Ⓐ Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
Ⓑ Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam o pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

C Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

D Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

E Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

42. FGV – Em cada alternativa abaixo, modifica-se uma frase do texto, com ênfase na pontuação. A alteração <u>não</u> é bem sucedida em:

A Se o pedaço de pau sair úmido, é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.
Pode o pedaço de pau sair úmido: é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.

B Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros sem precisar transpor um único arroio.
Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros: sem precisar transpor um único arroio.

C E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos que são os sertanejos.
E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos: os sertanejos.

D Diz-se, por exemplo, dos carajás que, quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.
Diz-se, por exemplo, dos carajás: quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.

43. FJG – "O recurso à palavra pomposa, o palavrão bonito da moda, é sintomático de velha doença brasileira da retórica."

As vírgulas foram usadas no fragmento para:

A desfazer possível má interpretação;

B indicar a elipse de um verbo;

C intercalar o vocativo;

D separar o aposto do termo fundamental;

E assinalar o deslocamento de um termo.

44. FEC – No enunciado "A frequência, quantidade de ondas sonoras que passa em um ponto durante determinada intervalo de tempo, é, em geral medida em hertz...", as vírgulas foram usadas em obediência à mesma regra que justifica o emprego da(s) vírgula(s) em:

Ⓐ "Golfinhos, baleias e algumas espécies de esquilos e pássaros também usam a ecolocalização..."
Ⓑ "Já a intensidade é a quantidade de energia do som, em geral medida em decibéis (dB)."
Ⓒ "Algumas espécies, durante essa operação, podem emitir 200 sinais por segundo..."
Ⓓ "Isso tem uma importante implicação para a ecolocalização, pois ecos de sons de alta frequência podem permitir uma informação mais detalhada sobre um objeto."
Ⓔ "Esse sistema de orientação é encontrado em todas as espécies da subordem Microchiroptera (cerca de 850), um dos dois grandes grupos em que se dividem os morcegos."

45. FEC – Está <u>incorreto</u> o emprego da vírgula na frase:

Ⓐ Você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
Ⓑ O cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
Ⓒ Direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
Ⓓ Os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
Ⓔ Um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

46. NCE-UFRJ – "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

Ⓐ destacam um esclarecimento do autor;
Ⓑ separam o aposto do resto da frase;
Ⓒ mostram uma alteração na ordem direta dos termos;
Ⓓ indicam fala do autor do texto;
Ⓔ separam orações.

47. ESAF – Indique o período com pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ Qualquer que seja a condição observada – seja positiva ou negativa – nas auditorias, constitui ela a premissa básica sobre a qual se fundamenta a descoberta de um fato.
Ⓑ Esse fato, em geral, é uma condição observada por auditores, em casos em que parece possível reduzir os custos ou melhorar os resultados de programas.

Ⓒ "Observar" é usado aqui em sentido amplo, abrangendo não somente o que os auditores veem, mas o que depreendem de debates, análises e outras técnicas.
Ⓓ O planejamento para execução de auditorias operacionais, normalmente começa com a identificação de um fato a ser descoberto.
Ⓔ Assim, esse deve ser o ponto central da elaboração de planos para realização da auditoria e coleta das informações necessárias.

48. NCE-UFRJ – "Há muitas comparações que não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. O que é melhor: gastar 24 milhões de reais fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria que acolhe queixas da população contra barbaridades policiais?"

O item em que o emprego das vírgulas em negrito é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

Ⓐ "Sumiram**,** é verdade**,** as placas estandartes perenes..."
Ⓑ "Publicidade oficial tem sido**,** quase sempre**,** uma maneira..."
Ⓒ "No mais**,** a proibição não pegou."
Ⓓ "...a sanha empreendedora de prefeitos**,** governadores e presidentes."
Ⓔ "Parodiando Dario**,** o Dadá Maravilha**,** goleador histrião..."

49. FESP-RJ – "A favela é um sintoma – grave – da doença brasileira."

Na frase acima, os travessões foram usados para:

Ⓐ evitar a repetição de um termo já mencionado;
Ⓑ explicar, com um sinônimo, o termo anterior;
Ⓒ enfatizar a adjetivação atribuída ao substantivo anterior;
Ⓓ interromper o pensamento, desviando-o para outro assunto;
Ⓔ intercalar uma ideia estranha à que vinha sendo enunciada.

50. FESP-RJ – Nas passagens do texto abaixo estão indicadas vírgulas que o autor poderia ter usado. A alternativa em que seu aparecimento contraria as normas da língua culta é:

Ⓐ "No Brasil, se o hábito não faz o monge, muitas vezes**,** é causa de atraso."
Ⓑ "O medo de modificar costumes inadequados a nossa realidade faz**,** com que permaneçamos estacionados."
Ⓒ "Criou-se**,** entre nós**,** a ideia equivocada de que um homem só está bem vestido quando abafa o corpo."
Ⓓ "Mais lógico seria que**,** ao serem bombardeados nas ruas, nos ônibus, nos trens e nos escritórios por esse calor insuportável**,** os homens reagissem."
Ⓔ "Tenho esperança de que**,** brevemente, sem traumas, recalques ou compromissos com o passado, poderemos**,** finalmente**,** ir para o trabalho em roupa esporte."

51. CESPE-UnB – Todas as assertivas sobre a pontuação dos fragmentos de textos abaixo são corretas, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Assim, Serafim Costa era apenas um nome – a belíssima sonoridade de um estilhaço de mitologia, uma flor aérea que, em vez de pétalas, possuía sílabas." – O travessão usado isola adjunto adnominal de "um nome".

Ⓑ "...a gente via as copas das mangueiras, cajueiros, palmeiras e outras árvores sob as quais alguns cães esperavam, impacientes, que a rotina bocejante do dia se esfarelasse para que eles pudessem latir, na noite raiada de estrelas, como que lembrando a Serafim Costa – que interromperia por meio minuto o seu sono tranquilo e patriarcal – as suas presenças vigilantes." – Os travessões podem ser substituídos por vírgulas.

Ⓒ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O primeiro travessão introduz o discurso direto.

Ⓓ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O segundo travessão inicia o discurso do narrador.

Ⓔ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta que inexplicavelmente não o acompanhou ao túmulo (o que talvez não o fizesse ser de pronto reconhecido no Paraíso), e nós ainda guardando nos ouvidos o bulício vesperal..." – Está certa a substituição, por travessões, dos parênteses usados, mantendo-se a vírgula empregada antes de "e".

52. ESAF – Indique o trecho que apresenta pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

Ⓑ É preciso observar que há mudanças no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

Ⓒ Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

Ⓓ São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

Ⓔ Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

53. ESAF – Identifique no texto o local marcado com um * <u>onde não se pode usar vírgula</u> e marque a letra correspondente.

O processo de desenvolvimento brasileiro no período de pós-guerra* (A) teve como seu elemento dinâmico o processo de substituições* (B) responsável

pela industrialização e modernização do País. Quando* (C) a partir de 1961* (D) foi-se paulatinamente esgotando a possibilidade de substituição maciça de importações* (E) a economia perdeu sua fonte de dinamismo e entrou numa fase de relativa estagnação.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

54. ESAF – Quanto à pontuação, a frase <u>correta</u> é:

Ⓐ Quando trazidos do exterior os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos, a controle especial do Ministério da Agricultura.
Ⓑ Quando, trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓒ Quando trazidos do exterior os vinhos, e seus derivados serão submetidos a controle, especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓓ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓔ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos a controle especial do Ministério da Agricultura.

55. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta frases corretamente pontuadas.

I. O técnico do time, Luís Augusto de Moraes, ficou gripado e, a partir daí, tomou todos os cuidados possíveis, recomendando aos jogadores que se agasalhassem.

II. Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia Prefiro a virtude do medíocre, ao talento do velhaco.

III. Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.

IV. O problema foi exposto; ninguém, entretanto, deu solução.

V. Ele disse tudo ou melhor tudo o que sabia.

Ⓐ I e V.
Ⓑ II e III.
Ⓒ III e IV.
Ⓓ I e IV.
Ⓔ IV e V.

56. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação:

Ⓐ Seguido pelo alcoolismo o tabagismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓑ O tabagismo encabeça, seguido pelo alcoolismo a lista dos fatores de risco.
Ⓒ O tabagismo, seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓓ O tabagismo seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓔ O tabagismo encabeça seguido pelo alcoolismo, a lista dos fatores de risco.

57. FCC – A alteração na pontuação acarreta alteração de sentido em:

I. Quando desembarquei percebi que o dinheiro já não estava comigo.
Quando desembarquei, percebi que o dinheiro já não estava comigo.

II. Felizmente nada de mais grave lhe aconteceu.
Felizmente, nada de mais grave lhe aconteceu.

III. Você acredita de fato que todos esses poemas são bons?
Você acredita, de fato, que todos esses poemas são bons?

IV. Só respeito os argumentos dela que se baseiam em fatos.
Só respeito os argumentos dela, que se baseiam em fatos.

V. Ao partirem já comecei a sentir saudades.
Ao partirem, já comecei a sentir saudades.

Ⓐ I.
Ⓑ II.
Ⓒ III.
Ⓓ IV.
Ⓔ V.

58. SENASP – A pontuação na escrita é a entonação na fala, portanto analise cada uma das opções e assinale a que não justifica a explicação entre parênteses:

Ⓐ As leis brasileiras, explicava o juiz, vão sendo modificadas gradualmente. (oração intercalada precisa de vírgulas)
Ⓑ Casa de ferreiro, espeto de pau. (ideias opostas necessitam separação assindética)
Ⓒ O carnaval, que é festa popular, é bem comemorado no Nordeste. (oração adjetiva explicativa tem que ser separado por vírgulas)
Ⓓ Quer aceitemos, quer não aceitemos, a violência se instalou entre nós. (a vírgula separa orações alternativas)
Ⓔ Já bateu o sino, logo podemos ir à missa. (a vírgula separa oração conclusiva)

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: 'o morro' e 'a rua'. O primeiro é seu território, lugar bem conhecido e onde ele é alguém. Para ele, 'a rua' também é familiar."

Qual a justificativa para o emprego da última vírgula encontrada no texto?

Ⓐ Designar um elemento intercalado.
Ⓑ Sublinhar uma opinião.

Ⓒ Indicar a existência de um aposto.
Ⓓ Dar destaque ao personagem.
Ⓔ Separar elemento antecipado.

60. ACCESS – A vírgula que separa a oração sublinhada em "Os ídolos cumprem um papel importante. São geradores de entusiasmo e alegria. Ayrton Senna foi um semeador de otimismo. O Brasil esquecia suas mazelas, e os nossos domingos se vestiam de verde e amarelo." da oração seguinte se justifica porque esta oração:

Ⓐ tem sujeito diferente;
Ⓑ é oração adverbial;
Ⓒ é coordenada à anterior;
Ⓓ é oração reduzida;
Ⓔ não tem nenhum elemento coordenativo.

61. FESP-RJ – Em várias passagens do texto, é livre o uso de vírgula. A alternativa em que se colocou este sinal de pontuação de modo irregular é:

Ⓐ "Um dia(,) Oscar resolveu levar na camioneta..."
Ⓑ "Na barreira(,) foi interpelado pelo guarda:..."
Ⓒ "Lá em baixo(,) no primeiro andar, um funcionário..."
Ⓓ "No Serviço de Seleção(,) perguntaram ao Oscar..."
Ⓔ "Eu venho(,) com o milho e ela já volta..."

62. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego inadequado de sinal de pontuação:

Ⓐ A rigor, não há incompatibilidade entre neoliberalismo e democracia.
Ⓑ No governo do presidente Reagan, nos EUA, os pobres tornaram-se mais pobres ainda, e 60% do aumento do Produto Nacional Bruto favoreceram os 1% mais ricos.
Ⓒ As condições de vida naquele país deterioraram-se dramaticamente, mas nunca passou pela cabeça do grande astro investir contra a lei ou cercar o Capitólio pelo "marines".
Ⓓ Se as políticas econômicas do socialismo não são garantia para a democracia, do neoliberalismo emerge a devastação da vida das populações pobres, mas nem sempre a ditadura.
Ⓔ Nem Reagan, nem Thatcher, conseguiram pôr abaixo as políticas compensatórias da pobreza.

63. CESPE-UnB – Assinale a opção que não contém erro de pontuação:

Ⓐ O Programa Nacional dos Direitos Humanos determina: que se priorize a seleção, a capacitação e o aperfeiçoamento dos quadros policiais, que se equipem os organismos policiais, que se reveja a legislação sobre compra e

utilização de armas e munições, que se criem e se fortaleçam as corregedorias de polícia, visando limitar abusos e erros em operações de segurança; bem assim indica como fundamental, a revisão da legislação que regula os serviços privados de segurança.

Ⓑ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é urgente uma ampla mobilização da sociedade, no sentido de apoiar a execução de programas de desarmamento da população, e prevenir comportamentos violentos; também é importante estimular programas de cooperação e entrosamento entre policiais civis e militares, e o Ministério Público.

Ⓒ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é imprescindível que sejam asseguradas condições de proteção e dignidade aos policiais e às suas famílias.

Ⓓ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é fundamental isto: que os policiais se identifiquem com a causa dos direitos humanos; que troquem experiências e informações entre as corporações; que multipliquem experiências de policiamento – comunitário e interativo – e finalmente, que a população encontre no policial, segurança e respeito.

Ⓔ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é preciso; que o sentimento de respeito ao outro seja um sentimento de todos, e que todos respeitem as leis.

64. NCE-UFRJ – Em: "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria, seus exploradores – a classe política – e os vícios do modelo centralista de administração pública".

Assinale o comentário correto sobre os sinais de pontuação na frase acima:

Ⓐ O emprego de travessões em lugar das vírgulas, para destacar o aposto, foi utilizado a fim de ser dada mais clareza à frase.

Ⓑ O advérbio "definitivamente" deveria vir obrigatoriamente entre vírgulas já que se trata de um adjunto adverbial deslocado.

Ⓒ O uso da vírgula após "miséria" se deve ao fato de este termo ser seguido de um aposto explicativo.

Ⓓ O uso da única vírgula presente no texto tem caráter optativo.

Ⓔ Não ocorre a vírgula após "expôs" porque jamais pode haver vírgula entre o verbo e seu complemento.

65. ESAF – Assinale a opção em que o texto foi pontuado em <u>desacordo</u> com as normas da língua culta:

Ⓐ A mediação traz um novo conceito à prática do Direito, uma vez que não tem caráter adversarial.

Ⓑ Pode ser utilizada por pessoas físicas, jurídicas e públicas e envolve técnicas de negociação processualizada, em que os interesses e a igualdade entre as partes devem ser amplamente respeitados.

Ⓒ Pelo contrário, opta, pelo diálogo e pelo entendimento entre as partes, mediado por um especialista neutro.

D Se na Justiça comum os litigantes buscam a solução de um terceiro, na mediação a solução está ao alcance das partes, que se dispõem previamente a chegar a um entendimento.

E O conflito é atenuado a partir dessa predisposição em negociar, comum aos dois lados, que anseiam por encontrar acordo satisfatório para todos os envolvidos.

66. DAVES – Seria possível alterar a expressão escrita de enunciados do texto, conforme se apresenta abaixo, sem infringir regras de pontuação, exceto no que diz respeito à proposta da alternativa:

A "A busca de informações exige técnica apurada para seu registro." / A busca de informações, exige técnicas apuradas para o seu registro.

B "Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente." / Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação, e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente.

C "Num caso e noutro a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto." / Num caso e noutro, a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto.

D "Portanto, a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país." / Portanto a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país.

E "Teoricamente, deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional." / Teoricamente deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional.

67. FGV – A alternativa correta quanto à pontuação é:

A O aspirador, que não funciona, é este.

B Alice nossa amiga, parece feliz.

C Creio, porém, que estava adormecido.

D O livro, disse o autor é ilustrado.

68. FEC – Nos itens abaixo, substituiu-se a vírgula por outro sinal de pontuação. A opção em que a substituição não é cabível gramaticalmente é:

A "Pode-se dizer que as batalhas históricas, ou os eventos em geral que envolvem conflitos, são travadas pelo menos duas vezes." / Pode-se dizer que as batalhas históricas – ou os eventos em geral que envolvem conflitos – são travadas pelo menos duas vezes.

B "O combate histórico feriu-se há cem anos, mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)" / O combate histórico feriu-se há cem anos; mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)

Ⓒ "(...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a história da historiografia." / (...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje; em que não se distingue a história da historiografia.

Ⓓ "A batalha de hoje se dá em duas frentes principais, a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais." / A batalha de hoje se dá em duas frentes principais: a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais.

Ⓔ "Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História, como a Revolução Francesa, seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia." / Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História – como a Revolução Francesa – seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia.

69. EMPASIAL – Os períodos abaixo representam diferenças de pontuação. Assinale a opção que corresponde ao período de pontuação correta:

Ⓐ Uns optaram, pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

Ⓑ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul houve quem, preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓒ Uns optaram pelo partido rosa outros pelo azul houve, quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓓ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓔ Uns, optaram pelo partido, rosa outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

70. ESAG – Observe o texto a seguir:

"Certamente não há dado referente ao maremoto do dia 26 de dezembro de 2004 mais impressionante do que as mais de 250 mil vidas humanas perdidas. Mas outro aspecto começa a despertar a atenção da comunidade internacional. Trata-se dos estragos ambientais acarretados pelo efeito devastador das paredes de água de 10 metros que atingiram países do Oceano Índico. 'Manguezais e pântanos costeiros provavelmente foram destruídos', diz o professor da Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lauro Calliari, doutor em Oceania Geológica. 'Esses ambientes são essenciais para o ecossistema, porque servem de berçário para muitas espécies animais nos primeiros estágios de vida', completa o pesquisador.

As imagens de satélite mostram paisagens repletas de cor, antes da chegada das ondas. O azul do mar, a areia branca das praias da Indonésia e o verde dos coqueiros foram rapidamente substituídos por um lamacento quadro marrom.

Os recifes de corais também foram atingidos. 'São ambientes muito sensíveis ao depósito de sedimentos (lama) e detritos orgânicos transportados pela série de ondas gigantes e seu refluxo', afirma Lauro Calliari. Esse acontecimento pode matar colônias inteiras de corais, assim como a exposição ao sol sofrida pelos recifes, quando as águas recuaram para a formação dos tsunamis. Esses ambientes podem levar centenas de anos para ser recuperados e os prejuízos são enormes para a fauna marinha.

No Sri Lanka, um programa de proteção às tartarugas marinhas contava com mais de 20 mil filhotes de cinco espécies em extinção. Restaram apenas 400. Muitas das tartarugas adultas também morreram e algumas foram encontradas em rios distante 5 quilômetros da costa. O mesmo aconteceu com crocodilos arrastados às praias nas ilhas indianas de Andaman e Nicobar. Os répteis passaram a atacar os sobreviventes e a atrapalhar as equipes de resgate."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

- **A** As aspas, nas linhas 5 e 13-15, distinguem a fala do professor do restante do texto.
- **B** A vírgula depois de Sri Lanka (linha 19) marca um adjunto adverbial antecipado.
- **C** As duas primeiras frases do texto (linhas 1 a 3) podem ser unidas por uma vírgula, sem que o sentido do texto se altere.
- **D** Em "O azul do mar, a areia branca das praias" (linha 11) a pontuação está errada, pois não se emprega vírgula no sujeito.

71. FCC – A pontuação está inteiramente correta em:

- **A** Nicolau Maquiavel analisando os problemas dos principados italianos, escreveu em plena Renascença, um tratado sobre os fundamentos das ações políticas.
- **B** Em plena Renascença, Maquiavel, analisando os problemas dos principados italianos, escreveu *O Príncipe*, um verdadeiro tratado de política.
- **C** Quando escreveu *O Príncipe* Maquiavel preocupou-se com os problemas dos principados italianos, resultando uma obra, considerada basilar, para quem se interessa por política.
- **D** Tendo escrito *O Príncipe*, em plena Renascença Maquiavel nos legou sem dúvida, um tratado sobre política cujo valor continua sendo reconhecido em nosso tempo.
- **E** Poucos imaginariam que, aquele tratado sobre política datado da Renascença, teria um valor tal que se manteria vivo, por tantos séculos, e, continuaria atual em plena modernidade.

72. ESAF – Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgulas(s) não altera o sentido da frase:

Ⓐ As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.
Ⓑ Todos os dias, ele sai, tranquilamente, de casa.
Ⓒ O trabalho foi feito, conforme você pediu.
Ⓓ Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.
Ⓔ Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

73. CETRO – Assinale a opção que respeita as normas gramaticais de pontuação:

Ⓐ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓑ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓒ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓓ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓔ O jornalista é sem dúvida um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.

74. CESPE-UnB – Assinale a opção em que não deve ser usada a vírgula ao se anexar a oração transcrita entre parênteses:

Ⓐ O que foi dito não combina com versões apocalípticas de uma invasão militar daquelas favelas (que reúnem mais de dez mil habitantes de vários pontos da cidade).
Ⓑ O Brasil e os outros integrantes do Grupo do Rio consideram que a Declaração de Montevidéu foi fundamental para "amaciar" os franceses (que ameaçavam abandonar as negociações).
Ⓒ A Constituição de 1946 limitava a gratuidade das escolas secundárias e superiores públicas aos alunos (que comprovassem míngua de recursos).
Ⓓ Os monstros mais famosos da unificação europeia assustam tanto quanto "detalhes" como a eleição do Parlamento europeu (que começa a trabalhar em janeiro de 1995).
Ⓔ Segundo a seguradora, o maior crescimento nas reclamações, no Rio, foi em relação aos seguros de vida (que de janeiro a agosto último somaram 150).

75. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

Ⓐ Denis de Rougemont tomou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.

Ⓑ Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização o seu obstáculo supremo, que é a morte.

Ⓒ Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.

Ⓓ Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

Ⓔ Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa.

76. NCE-UFRJ – "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas'."

As vírgulas utilizadas neste segmento têm a mesma explicação que as utilizadas em:

Ⓐ "...venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."

Ⓑ "É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal..."

Ⓒ "E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz?"

Ⓓ "Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos..."

Ⓔ "Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará."

77. FCC – A pontuação desta frase está inteiramente correta:

Ⓐ A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.

Ⓑ De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

Ⓒ A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
Ⓓ As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e mão de obra, simultaneamente, para o capital.
Ⓔ Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

78. FCC – Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos; seja pelas consequências que dele derivaram projetadas em escala mundial.
Ⓑ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico seja pela gravidade, que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências, que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓒ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico – seja pela gravidade que tiveram, em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓓ Há eventos que, como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico, seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓔ Há eventos, que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que, dele, derivaram projetadas em escala mundial.

79. IPAD – Em "Há muito tempo já deixamos para trás a cultura do *ser*. Agora, o que vai se formando é uma cultura um grau acima da tão denunciada cultura do *ser*. Forma-se a cultura do ter o que o outro não tem. Os bens de consumo retiram seu valor de um sentimento de exclusividade: é o cartão de crédito que dá uma identidade especial, sobretudo quando no hotel de Nova York já não pedem o passaporte, mas aqueles cartão superespecial; o automóvel é tanto melhor quanto menos mortais possam comprá-lo; a roupa tem uma grife exclusiva. É bom pensar no que significa a palavra 'exclusiva': ela significa excluir o outro. Na raiz mesma do ato do ato de consumir, dentro desse modelo, há um desejo de excluir o outro."

O uso do ponto-e-vírgula, no texto lido, pode ser justificado em:

Ⓐ separa orações coordenadas assindéticas;
Ⓑ marca a intercalação de expressões;
Ⓒ indica a elipse de uma palavra (verbo);
Ⓓ separa partes de períodos que já apresentam divisões assinaladas por vírgulas;
Ⓔ separa constituintes sintáticos idênticos.

80. DAVES – As vírgulas foram usadas para separar um termo explicativo na alternativa:

- **A** "Numa instituição religiosa como a Ordem Dominicana, há oitocentos anos o fim do mandato de um superior se traduz na demissão compulsória de todos por ele nomeados."
- **B** "Assim, evitam-se o continuísmo, do ponto de vista político, e o carreirismo, do ponto de vista administrativo."
- **C** "Na administração pública brasileira pode-se mapear, em detrimento do decoro, frondosas árvores genealógicas."
- **D** "Hoje, essa 'economia das mercês' explica a presença, no governo federal, de ministros que até ontem lhe faziam acirrada oposição e até o consideravam 'o mais corrupto da história do Brasil."
- **E** "Se nossos desmandos têm origem na colônia, isso não significa que nós, brasileiros, somos irremediavelmente macunaímicos, sem caráter."

81. DAVES – A vírgula está incorretamente empregada no trecho

- **A** "Nos últimos 25 anos, o Brasil tem apresentado alguns sinais importantes de decadência socioeconômica nem sempre considerados pela opinião pública."
- **B** "Não obstante o quadro geral de piora econômica e social, registra-se avanço no enriquecimento de poucas pessoas."
- **C** "Da mesma forma, observa-se que os atuais detentores de riqueza são cada vez menos descendentes de atividades produtivas lícitas, decorrentes da inevitável e aceitável, evolução do trabalho empreendedor."
- **D** "A ganância pelo dinheiro os torna cada vez mais alienados, pois tudo o que possuem tende a se resumir ao dinheiro ou a sua incessante busca, salvo poucos casos especiais."
- **E** "Inversamente à concentração da riqueza, permanece intacto o déficit nos serviços públicos indispensáveis à vida civilizada."

82. FURB – Da frase a seguir foram retiradas as vírgulas:

"Eu por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"

Assinale a alternativa que apresenta a forma correta de pontuação:

- **A** "Eu, por exemplo o capitão do mato, Vinícius de Moraes, poeta, e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta, de Xangô. Saravá!"
- **B** "Eu por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **C** "Eu, por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto, do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **D** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **E** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, na linha direta de Xangô. Saravá!"

83. FURB – Apenas um dos períodos a seguir está corretamente pontuado. Assinale-o:

Ⓐ As pesquisas científicas mostram reiteradamente, que correr faz bem, à saúde.
Ⓑ Correr, como nós já vimos é coisa antiga, mas nos anos 70, virou moda.
Ⓒ A pessoa sente-se bem correndo, e muita gente fala de uma "benéfica dependência" da corrida.
Ⓓ Um outro risco deve ser lembrado, sobretudo no verão: maratonistas, têm mais risco de câncer de pele (corredores, usem chapéu e, protetor solar).
Ⓔ Correr é uma moda diferente das outras, muito boa e, corresponde à valorização da saúde que é, um, dos característicos, de nossa época.

84. FURB – Algumas das frases a seguir apresentam erros de pontuação. Identifique as corretas:

1. Robertinho, também é professor de Física, profissão, que adotou, desde que se formou em nossa Universidade.

2. Ele, sofreu apenas um puxão de orelha, enquanto todos os demais foram suspensos.

3. Assessores parlamentares, são pagos, diga-se de passagem com o nosso dinheiro, para trabalhar, não para distribuir pizza em plenário.

4. Havia, naquele momento, um clima de descontentamento no ar, manifestado apenas nas expressões fechadas da maioria dos presentes àquela cerimônia.

5. Numa plataforma, um grupo nos detém o passo: uma mulher, sentada no chão, conta histórias a umas seis ou sete crianças extasiadas.

Quanto à pontuação, estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 3 – 4;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 4 – 5;
Ⓓ 2 – 5;
Ⓔ 4 – 5.

85. ESAF – Assinale a sequência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados do seguinte fragmento. Ignore a necessidade de letras maiúsculas.

Toda estrutura da nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos (1) é preciso considerar esse fato para compreender exatamente as condições que (2) por via direta ou indireta (3) nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje (4) é efetivamente nas propriedades rústicas que toda vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia (5) as cidades são virtualmente simples dependências delas.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
A	:	,	.	,	-
B	.	,	,	.	:
C	;	-	,	,	.
D	,	-	;	:	;
E	?	:	,	.	.

86. NCE-UFRJ – "O Viva Rio pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira. Quer parar a cidade inteira por um momento – no trânsito, nas calçadas, nas empresas, dentro de casa. Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar. No carro, que desliguem o motor, abram as portas e saiam lentamente, por dois minutos. Nos escritórios, que se afastem das mesas e cheguem nas janelas. Nas empresas, que saiam para a rua."

O que justifica o emprego da última vírgula encontrada no texto?

A Separar um elemento intercalado.
B Indicar a antecipação de um sujeito.
C Marcar a omissão do verbo.
D Assinalar a presença do aposto.
E Destacar o vocativo.

87. NCE-UFRJ – Em: "A solução simplista seria repetir, em maior escala, o exemplo da Eco-92."

Qual a justificativa para o emprego das vírgulas na frase destacada?

A Separar o verbo do objeto direto.
B Destacar o aposto explicativo.
C Indicar que o determinado pela locução está dela afastado.
D Enfatizar a opinião do autor do texto.
E Indicar o deslocamento de um termo sintático.

88. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego <u>inadequado</u> de sinal de pontuação:

A De 1880 a 1980, o Brasil e o Japão foram os países que mais cresceram no mundo.
B Nosso país, que até 1930 podia ser considerado uma grande fazenda de café, transformou-se em 50 anos na oitava economia industrial do Ocidente.
C O modelo de substituição de importações, comandado pelo Estado e financiado basicamente por poupança externa, foi o grande responsável por essa brilhante *performance*.
D Em algum momento da segunda metade da década de 70, o modelo chega ao fim e o país, a partir de 1980 entra "em parafuso", perdendo seu impulso vital.
E Não tivemos competência para formular um novo projeto, que, dentro das mudanças ocorridas no mundo, pudesse garantir-nos continuidade do crescimento.

89. CESPE-UnB – Um dos casos mais frequentes do emprego da vírgula (ou de entrevírgulas, segundo alguns gramáticos) é para marcar a intercalação de um termo ou de uma oração em uma sentença, rompendo, assim, a cadeia da frase inicial.

Assinale a opção em cujo fragmento o emprego das vírgulas <u>não</u> obedece a essa regra:

Ⓐ "De fato, como única verdadeira certeza que temos na vida, a morte é banal, acontece a toda hora e, mais cedo ou mais tarde, chegará para todos."

Ⓑ "Sabemos também que, embora não esteja na lei, a pena de morte, pública e privadamente decretada,..."

Ⓒ "O matador paga fiança, é solto, responde o processo em liberdade e, se eventualmente for condenado, poderá..."

Ⓓ "...e, se eventualmente for condenado, poderá, caso se trate de réu primário, cumprir a pena também em liberdade."

Ⓔ "Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos..."

90. FCC – As frases abaixo foram pontuadas de maneira diferente daquela encontrada no texto. Assinale a alternativa em que a nova pontuação acarretou mudança de sentido na frase original:

Ⓐ O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas também produzir uma convulsão nos valores ideológicos. / O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas, também, produzir uma convulsão nos valores ideológicos.

Ⓑ Se há, de fato, uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida. / Se há de fato uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida.

Ⓒ Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido, em primeiro lugar, a ideologia. / Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido em primeiro lugar a ideologia.

Ⓓ Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street em um bando detestável de imbecis egoístas e empedernidos. / Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis, que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street, em um bando detestável de imbecis e empedernidos.

Ⓔ Como então Thatcher conseguiu assegurar seu poder? / Como, então, Thatcher conseguiu assegurar seu poder?

91. ESAF – Indique a alteração da pontuação original do texto que provoca erro:

A "...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo:..." / ...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se, tristemente, que o saldo é bastante negativo:...

B "A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio." / A promessa de preenchimento, dá lugar ao vazio.

C "Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno." / Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se – ritualiza-se – o drama do retorno.

D "Compreende-se então o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora." / Compreende-se, então, o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora.

E "...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial – da consciência da finitude – é ainda maior, uma vez que a busca do sublime..." / ...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial (da consciência da finitude) é ainda maior, uma vez que a busca do sublime...

92. ESAF – Assinale a opção em que a afirmação a respeito da pontuação adequada para o texto está incorreta.

Para medir o efeito de uma nova tecnologia é preciso avaliar em que medida ela dá mais eficiência aos processos de produção das empresas. A era do vapor deslocou a produção do lar para a fábrica(1) com a eletricidade(2) surge a linha de montagem. Agora(3) com computadores e Internet(4) a possibilidade de as empresas reformularem(5) seus processos é surpreendente(6) da aquisição de insumos à descentralização e à terceirização.

A É correto colocar um sinal de ponto e vírgula em (1).

B Em (2), (3), e (4) é correto colocar vírgulas.

C Pode-se optar por travessões, parênteses ou vírgulas em (3) e (4).

D Em (5) há exigência do uso de vírgula.

E Pode-se colocar vírgula ou travessão em (6).

93. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

A Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.

B Nesse sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.

C Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.

D Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.

E Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamim.

94. FEC – Das alterações feitas na pontuação dos trechos abaixo, a que está em <u>desacordo</u> com as normas em vigor é:

A "Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor." / Já não apita; vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa sob árvores em flor.

B "Uma pequena luz, lá em cima, há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?" / Uma pequena luz lá em cima há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?

C "O gato retardatário que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar." / O gato retardatário, que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar.

D "E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas, anjo sem asas, porém armado." / E as pessoas adormecidas sentem dentro de seus sonhos que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas: anjo sem asas, porém armado.

E "O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios, para os muros e grades, para as janelas e portões." / O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios; para os muros e grades; para as janelas e portões.

95. NCE-UFRJ – "Antes da chamada Lei dos Crimes Ambientais (Lei 9.605, de 1998), quem era flagrado na caça..." Emprega-se a vírgula, nesse caso, para:

A separar o vocativo;

B destacar o aposto;

C indicar inversão da ordem direta;

D evitar ambiguidade;

E ligar orações coordenadas.

96. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Ângela Branco, chefe da Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre da Prefeitura de São Paulo, diz não ser contra os criadouros, mas que não deveria ser estimulada a posse de animais silvestres. 'Isso prejudica o esforço de anos de trabalho de conscientização.' A veterinária ressalta que ao abrandamento da lei deveria corresponder uma fiscalização mais intensa dos criadouros e do comércio para evitar a 'legalização' de animais que são capturados ilegalmente. Ela cita que há muitos casos de adulteração de anilhas, as 'pulseiras' de identificação colocadas nas pernas das aves."

As aspas na palavra "legalização" indicam:

- **A** a necessidade de destacar o termo na frase;
- **B** tratar-se de palavra empregada erradamente;
- **C** a alteração de seu sentido original;
- **D** uma crítica às autoridades por sua deficiência;
- **E** um emprego fora das normas gramaticais.

97. NCE-UFRJ – "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável." O emprego da vírgula nesse caso se justifica porque se trata:

- **A** de um aposto;
- **B** de um vocativo;
- **C** de um termo em ordem inversa;
- **D** de uma necessidade de evitar-se ambiguidade;
- **E** de uma oração antecipada.

98. NC-UFPR – "Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras."

Indique a alternativa em que as duas frases acima foram reunidas em uma única, com pontuação adequada:

- **A** Agora podemos ver: que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa: porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira: tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **B** Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa, porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **C** Agora podemos ver, que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa

língua a definiu de certa maneira – tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓓ Agora, podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa; porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua, a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓔ Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa, porque antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira, tanto assim que o inglês fez uma definição, diferente, e precisou de duas palavras.

99. FUMARC – A alternativa em que a pontuação está correta é:

Ⓐ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo, um recurso que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais em reclamações, nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles, para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓑ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo: um recurso, que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e, especialmente, na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓒ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo – um recurso que tem certa semelhança com a apelação –, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações (nem sempre técnicas), cujos resultados porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓓ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo (um recurso que tem certa semelhança com a apelação), dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

100. FJPF – Em cada alternativa abaixo, reescreve-se uma frase do texto com alteração da pontuação. A nova redação <u>não</u> é gramaticalmente correta em:

Ⓐ Nos anos 1990 os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.
Nos anos 1990, os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.

Ⓑ Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e consequentemente o Universo estava se expandindo.
Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e, consequentemente, o Universo estava se expandindo.

C Essa mudança permitiu a Einstein descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.
Essa mudança permitiu a Einstein, descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.

D Em 1916 o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.
Em 1916, o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.

101. NCE-UFRJ – A nova redação dada aos trechos abaixo apresenta erro de pontuação na alternativa:

A "No céu de janeiro o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno, e no signo de Capricórnio é Lua Nova." / No céu de janeiro, o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno; no signo de Capricórnio, é lua nova.

B "Enquanto isso, aqui na Terra é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes." / Enquanto isso, aqui na Terra, é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes.

C "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo, é uma limitação.

D "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação. Obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação. Criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação. Insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação; obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação; criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação; insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação.

E "O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo. A estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas." / O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo; a estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas.

102. NCE-UFRJ – Observe o uso das vírgulas em: "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:

A "...com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento..."

Ⓑ "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'..."

Ⓒ "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote"' fala exclusivamente à sensibilidade brasileira..."

Ⓓ "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem."

Ⓔ "'Excluído', dirá o leitor, 'tem um sentido diverso'."

103. ESAF – Indique a opção que corresponde a emprego incorreto de sinal de pontuação:

"Uma grande vantagem da moeda estável é que as pessoas físicas podem escolher a forma mais adequada de cuidar do próprio dinheiro num prazo maior",(A) resume o economista Julius Haupt Buchenrode. Esquecer a cultura inflacionária de 80% mensais de 1990 e olhar o futuro além do dia seguinte,(B) faz parte de um aprendizado difícil para muitos. Antes,(C) era preciso aplicar o dinheiro para não perder,(D) tal era a velocidade de corrosão do poder de compra. A estabilidade econômica permitiu que os investidores tivessem uma ideia mais clara não apenas das perdas,(E) mas das possibilidades reais de lucro futuro. Antever com mais precisão o desempenho dos investimentos, no longo prazo, tornou-se instrumento poderoso.

Ⓐ A.

Ⓑ B.

Ⓒ C.

Ⓓ D.

Ⓔ E.

104. ESAF – Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está em <u>desacordo</u> com as normas da língua escrita:

Ⓐ O Imposto Único Federal-IUF, eliminaria 11 tributos federais, e incidiria sobre as movimentações financeiras de forma semelhante à CPMF.

Ⓑ Com uma alíquota de 1,7% no crédito e no débito, totalizando 3,4, o IUF preservaria o atual nível de arrecadação, sem prejuízos aos cofres públicos. Eliminam-se, assim, não só os tributos, mas também um sistema complexo, ineficiente, injusto e incentivador da sonegação.

Ⓒ Ressalta-se que o projeto altera apenas as fontes de arrecadação. As transferências financeiras para os Estados, Municípios e Previdência Social continuarão existindo.

Ⓓ Estados e Municípios ingressariam no novo sistema, ou não, após avaliarem os resultados obtidos pela União. Essa transição gradual visa a implantação segura e confiável do novo sistema tributário.

Ⓔ O IUF traria simplificação ao sistema de impostos da carga tributária com maior justiça social, aliviando a excessiva incidência sobre os assalariados e sobre as empresas organizadas.

105. FCC – O período cuja pontuação está inteiramente correta é:

- **A** Não sendo político, um ator não deveria jamais candidatar-se a qualquer cargo segundo julga a maioria dos eleitores que assim, manifestam seu preconceito.
- **B** Nômades, por um lado, devassos por outros é com tais imputações que se revelam, os preconceitos que, alimentamos em relação aos atores.
- **C** De todas as afirmações feitas no texto a que mais impressionou é a de que somos todos, atores, em virtude do fingimento pelo qual acabamos por regular nosso comportamento no cotidiano.
- **D** Ao se referir ao nosso absenteísmo, está o autor aludindo à nossa inércia, à acomodação política a que nos entregamos, mesmo nos momentos que exigem uma decisiva participação.
- **E** Sendo a democracia, ao mesmo tempo um regime de decisão pessoal, e de representação coletiva, suscita entre os eleitores, uma notável ambivalência na hora de se decidirem.

106. Sê como o sândalo que perfuma o machado que o fere

A alternativa em que a pontuação da sentença acima está correta é:

- **A** Sê, como o sândalo, que perfuma o machado que o fere...
- **B** Sê como o sândalo, que perfuma o machado, que o fere.
- **C** Sê como o sândalo: que perfuma o machado, que o fere!
- **D** Sê como o sândalo, que perfuma o machado que o fere.

107. FJPF – Observe o fragmento textual que se segue:

"A surpresa vem, sobretudo, do eco encontrado pela defesa de um direito civil clássico, a proteção da própria vida. Pesquisa de opinião pública na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 1997, revelou muito baixa consciência de direitos, sobretudo políticos e civis. Do total de entrevistados, 57% não conseguiram mencionar nem um direito sequer. Apenas 2% mencionaram direitos políticos e 12% direitos civis. A situação só melhorava um pouco em relação aos direitos sociais, reconhecidos por 26% dos entrevistados."

A mudança de pontuação <u>inaceitável</u>, do ponto de vista das normas vigentes, é:

- **A** o apagamento das vírgulas que assinalam o destaque fonético dado, no primeiro período, ao termo "sobretudo";
- **B** o uso de dois pontos, em vez de vírgula, ainda no primeiro período, entre "um direito civil clássico" e seu aposto;
- **C** a substituição da vírgula por travessão, no segundo período, entre o nome "direitos" e a especificação que se lhe segue;
- **D** o uso de vírgula, no terceiro período, entre o verbo "mencionar" e seu complemento;
- **E** o emprego de vírgula para assinalar a elipse de uma forma verbal no quarto período.

108. FGV – "Sim, a Bolívia tem direito a toda a sua riqueza e seu patrimônio; seu solo e subsolo são sua soberania. Ela pode – qualquer país pode – mudar suas leis e rever contratos."

No trecho acima, os travessões foram utilizados para introduzir:

Ⓐ um aposto;
Ⓑ uma explicação;
Ⓒ uma explicitação;
Ⓓ uma ressalva;
Ⓔ mudança da pessoa do discurso.

109. FGV – "Quando expurgou Plutão, a UAI não fez ciência: produziu uma definição, entre outras possíveis, com a finalidade de classificar e nomear."

Os dois-pontos, no trecho acima, introduzem uma:

Ⓐ explicação;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ síntese;
Ⓓ exemplificação;
Ⓔ análise.

110. FGV – "Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil."

Assinale a alternativa em que a alteração de pontuação do trecho acima <u>não</u> constitui erro:

Ⓐ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica –, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓑ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica – ou a falta, de educação, continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓒ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real, e não apenas retórica ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓓ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓔ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real – e não apenas retórica – ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

111. CESGRANRIO – Quanto ao uso da vírgula nos trechos abaixo, assinale a opção que apresenta justificativa de emprego <u>incorreta</u>:

Ⓐ "Hoje, essa visão começa a perder força..." – para separar o adjunto adverbial deslocado.
Ⓑ "...essa visão começa a perder força, já que as empresas passaram a ver no potencial humano o diferencial para o negócio." – para separar a oração subordinada da principal.
Ⓒ "afirma Maria Carlota Boabaid, pedagoga e mestra em Administração de Empresas," – para isolar o aposto.

Ⓓ "...pedagoga e mestra em administração de empresas, que atua na área de Gestão de Pessoas." – para separar a oração subordinada adjetiva restritiva.
Ⓔ "É inerente e insumo do ser humano, está presente em todos os lugares..." – para separar orações coordenadas assindéticas.

112. CESGRANRIO – Assinale a opção <u>improcedente</u> quanto à justificativa de emprego da(s) vírgula(s):

Ⓐ "Quando eu era criança, morava na Penha." – separa oração subordinada adverbial deslocada.
Ⓑ "...eu via estrelas, cometas, asteroides:..." – separa termos coordenados.
Ⓒ "Em dia de lua cheia, via..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓓ "Criança, eu pensava: como seria possível aos pescadores velejar tão longe da areia..." – separa vocativo.
Ⓔ "...os pescadores olhavam as estrelas [...], que indicavam o caminho de suas choupanas, na praia." – separa a oração adjetiva de valor explicativo.

113. CESGRANRIO – O emprego da pontuação está correto num dos períodos abaixo. Indique-o:

Ⓐ Os agentes da lei, capturaram os assaltantes.
Ⓑ Permitiu-se que: os ladrões da loja fossem capturados.
Ⓒ Que notícias publicarás, Sílvio?
Ⓓ Os novos líderes ficaram confusos – com a matéria.
Ⓔ Sílvio Ferraz, jornalista experiente revelou o fato.

114. FEPESE – Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

Ⓐ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓑ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓒ Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
Ⓓ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

115. NCE-UFRJ – "No caldo urbano da miséria/sujeira/ignorância". Neste segmento, as barras inclinadas entre os vocábulos substituem, respectivamente:

Ⓐ vírgula / conjunção;
Ⓑ vírgula / vírgula;
Ⓒ conjunção / preposição;
Ⓓ conjunção / conjunção;
Ⓔ preposição / preposição.

116. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Com o desassombro dos que repudiam as meias-verdades, o Dr. Jayme Landmamn põe a mão na ferida ao afirmar, logo na introdução do seu livro, que 'o sistema de saúde que vigora no Brasil está completamente ultrapassado'. Partindo dessa premissa, que é pura constatação de uma realidade contundente, vai o doutor expondo aos olhos dos que de fato querem ver o que está acontecendo no país um vasto painel das causas do impasse a que chegamos no setor da previdência social e da assistência médica."

Ao colocar um trecho entre aspas, o autor pretende:

Ⓐ destacar um segmento mais importante;
Ⓑ mostrar que esse segmento é transcrito do livro comentado;
Ⓒ explicar uma afirmação anterior;
Ⓓ repetir uma verdade dita por todos;
Ⓔ reproduzir um texto que é muito conhecido por todos.

117. NCE-UFRJ – "Em 2000, ano em que foram lançadas as Metas do Milênio, havia ainda no Brasil 16 milhões de indivíduos completamente analfabetos." As vírgulas, nesse segmento do texto, são utilizadas para:

Ⓐ separar orações;
Ⓑ destacar um termo mais importante;
Ⓒ evitar ambiguidade;
Ⓓ inserir uma explicação;
Ⓔ mostrar uma inversão de termos sintáticos.

118. FJPF – A frase "Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens (inclusive migratórias)" pode ser pontuada de diversas outras maneiras, <u>com exceção</u> da seguinte, considerada inaceitável pelas normas de pontuação vigentes:

Ⓐ Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓑ Normalmente, infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓒ Normalmente infecta, aves domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓓ Normalmente infecta aves – domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓔ Normalmente infecta aves (domésticas ou selvagens, inclusive migratórias).

119. FJPF – Sobre as vírgulas empregadas na redação do período "Tudo isso somado à competência, tenacidade, senso de oportunidade, determinação e espírito empreendedor dos nossos empresários fez o setor de transporte se transformar numa atividade de importância econômica e social reconhecida em todo o país", pode-se afirmar que elas têm o emprego justificado pela mesma regra que justifica o emprego da vírgula no seguinte trecho:

Ⓐ "Atualmente verificamos que as empresas brasileiras estão cada vez mais preparadas para a concorrência de mercado, para a economia globalizada e para competição em larga escala."
Ⓑ "Trata-se de um salto extraordinário, fruto de muito incentivo..."
Ⓒ "O empresariado nacional se capacitou e se preparou para vencer no mercado globalizado e obter maiores ganhos de produtividade, o que resultou em uma geração de vencedores pelo mérito e pelo trabalho..."
Ⓓ "O setor foi mais adiante, abrindo as portas do futuro."
Ⓔ "...e que é a razão de existência da pessoa jurídica, além de aperfeiçoar e adequar programas de qualidade à cultura da empresa e a acompanhar a evolução dos tempos e da técnica".

120. FJPF – A alternativa em que o acréscimo, entre colchetes, de vírgula ou vírgulas constitui um erro, de acordo com as normas de pontuação em vigor é:

Ⓐ "Nas formas de vida coletiva[,] podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens."
Ⓑ "Esses dois princípios[,] encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador."
Ⓒ "Seu ideal será colher o fruto[,] sem plantar a árvore."
Ⓓ "Seu campo visual é[,] naturalmente[,] restrito."
Ⓔ "A parte[,] maior que o todo."

121. FGV – "Os olhos empapuçados são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão."

Assinale a alternativa que ofereça pontuação igualmente correta para o trecho acima:

Ⓐ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓑ Os olhos empapuçados, são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓒ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo, se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.
Ⓓ Os olhos empapuçados são os mesmos mas, o cabelo, se foi e a barriga, só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓔ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga, só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.

122. FGV – "O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural."

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção e. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

Ⓐ Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.
Ⓑ Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.
Ⓒ Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.
Ⓓ A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.
Ⓔ A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

123. CESGRANRIO – Assinale a opção que apresenta justificativa <u>incorreta</u> de emprego do(s) sinal(sinais) de pontuação destacado(s):

Ⓐ "...aos 40 ela deve tomar uma difícil decisão**:** nascer de novo." – quebra da sequência das ideias.
Ⓑ "O bico**,** alongado e pontiagudo**,** se curva." – estabelecer uma pausa entre os adjetivos e o substantivo.
Ⓒ "Quando as novas unhas despontam**,** a águia..." – separa oração subordinada adverbial antecipada à principal.
Ⓓ "No noviciado**,** aprendi..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓔ "Primeiro, ousar perder o que envelheceu: o bico**,** as unhas**,** as penas." – separa termos coordenados.

124. CESGRANRIO – Na passagem "E ainda nem mencionei as coisas que realmente foram reduzidas: apartamentos que parecem caixotes, carros compactos, conversas telegráficas, livros de bolso, pequenas salas de cinema, casamentos curtos.", os dois pontos introduzem um(a):

Ⓐ pensamento;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ explicação;
Ⓓ síntese;
Ⓔ justificação.

125. FEPESE – Marque o item correto de acordo com a pontuação:

Ⓐ Os rios, estão poluídos.
Ⓑ Os agricultores colheram, as laranjas.
Ⓒ O sr. Lobo, o sr. Cordeiro e o Prefeito reuniram-se hoje.
Ⓓ Aquele nosso grande amigo, trouxe boas notícias, ontem.
Ⓔ A roça é, um lugar de trabalho alegria e crescimento.

126. FEPESE – Leia o texto que se segue para responder à presente questão:

A primeira expedição enviada oficialmente para explorar nosso país aqui chegou em agosto de 1501, em busca de ouro e especiarias. Dela fazia parte um rico navegador italiano, Américo Vespúcio. A riqueza que ele encontrou, todavia, foi

o pau-brasil, de que os europeus conheciam uma espécie, nativa do Oriente. O pó da casca dessa árvore servia para tingir tecidos de vermelho – cor da moda na Europa de então, devido à expansão de sua indústria têxtil. Assim, para a Coroa o pau-brasil transformou-se em nova fonte de riqueza.

Os índios foram facilmente convencidos a cortar e transportar para os navios duras toras de pau-brasil, em troca de instrumentos que cobiçavam, como machados, facas e anzóis para a pesca. Esse comércio do "pau-de-tinta" tornou-se a primeira fonte de lucro que a nova colônia ofereceu a Portugal.

(Adapt. de *Brasil:* terra à vista! Eduardo Bueno, Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 118-120)

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

A) Na linha 5 o travessão foi empregado como recurso de ênfase.
B) Quando um termo se intercala na ordem direta da frase, quebrando sua sequência natural, deve ficar isolado por vírgulas, como em <u>todavia</u> (linha 3).
C) Em <u>machados, facas</u> (linha 8) a vírgula separa elementos com a mesma função sintática na frase.
D) Na linha 2 a vírgula separa um vocativo (<u>Américo Vespúcio</u>).
E) Na linha 5 a vírgula antecede uma expressão com ideia de causa.

127. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

A) Antes de viajar verifique: se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas, pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia o que dificulta, o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente, para facilitar, o pagamento das contas de luz.
B) Antes de viajar: verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas; pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos. Nesta época do ano muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático, em conta corrente, para facilitar o pagamento das contas de luz.
C) Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso, antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia; o que dificulta o rápido atendimento. Utilize: o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.
D) Antes de viajar, verifique: se as contas de luz, de sua casa de praia, estão pagas (pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos). Nesta época do ano: muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

Ⓔ Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso antes de viajar, você evita aborrecimentos. Nesta época do ano, muitas pessoas solicitam a religação da energia, o que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

128. NC-UFPR – Em que alternativa a sentença está pontuada corretamente?

Ⓐ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓑ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓒ O coração artificial, segundo o médico entrevistado constitui um avanço, para a ciência sempre preocupada em prolongar, a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓓ O coração artificial segundo o médico entrevistado constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada, em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓔ O coração artificial, segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

129. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está correto, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Àquela altura, parecia-nos, que o problema não teria solução.

Ⓑ Em janeiro, consegui o passaporte; só em julho, porém, viajei.

Ⓒ Certos políticos, que têm seu preço, são facilmente corrompíveis.

Ⓓ O colega, de cujo apoio precisávamos, acabou nos abandonando.

130. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está CORRETO em:

Ⓐ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo? A atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓑ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓒ Será em São Paulo, o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido, com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓓ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo, para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo... A atriz foi escalada, para a minissérie que a Globo prepara, sobre Juscelino Kubitschek.

131. FUMARC – Considere as sentenças abaixo:

I. A ferrovia, rentável, foi inteiramente recuperada.

II. Comia só, na lanchonete do hospital, e voltava para o quarto.

A supressão das vírgulas nas sentenças provoca alteração de sentido em:

Ⓐ apenas em I;
Ⓑ apenas em II;
Ⓒ ambas;
Ⓓ nenhuma delas.

132. NCE-UFRJ – A frase abaixo que mostra uma pontuação <u>inadequada</u>, num texto objetivo, é:

Ⓐ Após algum tempo, o organismo combate a infecção.
Ⓑ A infecção, o organismo a combate após algum tempo.
Ⓒ O organismo, após algum tempo, combate a infecção.
Ⓓ O organismo combate, após algum tempo, a infecção.
Ⓔ O organismo combate a infecção, após algum tempo.

133. ESAG – Observe as frases:

I. O homem que é mortal julga-se imortal.

II. Os alunos que fizeram o trabalho terão um ponto.

III. Todos estavam cansados, cansados de dar dó!

IV. Ontem à noite chegaram os meus parentes.

Assinale a afirmativa correta observando a pontuação das frases acima:

Ⓐ está correta apenas III;
Ⓑ estão corretas II e III;
Ⓒ estão corretas I e IV;
Ⓓ estão corretas I, II e III.

134. NCE-UFRJ – "Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade."

No parágrafo do texto aparecem casos de utilização de ponto-e-vírgula; a regra que justifica esse emprego é:

Ⓐ separar blocos de orações que se opõem pelo sentido;
Ⓑ separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já tem elementos separados por vírgula;
Ⓒ indicar ordem inversa de termos;
Ⓓ destacar elementos sumamente importantes no texto;
Ⓔ separar orações coordenadas não unidas por conjunção.

135. FJPF – No texto, para assinalar o término do período, usa-se ponto depois de:

I. No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também em 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. "não é muito melhor." *(após "em último em matemática.")*

II. A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas por escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, professores já ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social. (*após "mas também em prestígio."***)**

III. A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil. (*após "não permite tergiversações."***)**

Sem prejuízo das normas de pontuação em vigor, o sentido dos enunciados torna possível a substituição do referido sinal pelo sinal de dois pontos em:

Ⓐ I, II;
Ⓑ I, III;
Ⓒ II, III;
Ⓓ I, apenas;
Ⓔ todas as hipóteses apresentadas.

136. CESGRANRIO – Um dos empregos da vírgula é a separação de elementos que exercem funções sintáticas diferentes, geralmente com a finalidade de realçá-los, como acontece com os adjuntos adverbiais antecipados na estrutura da oração.

As frases a seguir, extraídas do Texto III, são exemplos desse tipo de uso, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Ao menos, por dois motivos – imagino eu."
Ⓑ "Em primeiro lugar, porque é uma necessidade da vida contemporânea."
Ⓒ "Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas..."
Ⓓ "Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever."
Ⓔ "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio."

137. IDECAN – O emprego do ponto e vírgula em "Alguns meninos correram; outros ficaram a certa distância da janela, olhando, trêmulos, mas apesar de tudo dispostos a enfrentar a catástrofe.", justifica-se por:

- **A** separar orações coordenadas sindéticas;
- **B** indicar que a frase foi interrompida, truncada;
- **C** isolar oração subordinada adjetiva explicativa;
- **D** separar oração subordinada adverbial desenvolvida;
- **E** separar orações coordenadas opostas quanto ao sentido.

138. FUMARC – Observe as informações acerca dos sinais de pontuação:

I. A vírgula, utilizada em "Após a morte do bandeirante, seus companheiros dispersos procuraram se instalar, apossando-se das terras ao redor de onde se encontravam..", é justificada pela circunstância de tempo.

II. O uso das duas vírgulas no trecho: "O povoado, que foi denominado Matozinhos, iniciou-se ao redor da capela do Senhor Bom Jesus," justifica--se pelo aposto.

III. Os termos do texto a seguir: Filhos ilustres ajudaram a criar parte da história, tais como Bento Gonçalves, Caio Martins e Agripa de Vasconcelos, Cavalgadas, Jubileu do Senhor Bom Jesus, congados, folia de reis, enfim, as festas mais típicas do interior mineiro também são acontecimentos na cidade" receberam vírgulas, porque estas, no contexto, separam enumerações.

Marque a alternativa correta:

- **A** apenas as informações I e II estão corretas;
- **B** apenas as informações I e III, estão corretas;
- **C** as informações I, II e III, estão corretas;
- **D** apenas as informações II e III, estão corretas.

139. COPEVE – Na última frase do 2º parágrafo "A mim, não me causava medo nenhum." a vírgula:

- **A** evidencia o objeto indireto pleonástico;
- **B** evidencia o adjunto adnominal deslocado;
- **C** foi utilizada apenas para enfatizar um termo explicativo e acessório: "a mim";
- **D** foi utilizada de forma indevida, já que não se separa o verbo de seu complemento;
- **E** separa termos de mesma função sintática.

140. UPENET – Sobre pontuação, analise os itens abaixo:

I. "Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado!"

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível"

III. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo!"

Assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

Ⓐ No item I, a omissão da vírgula antes do termo ilustre é erro, uma vez que é obrigatória, porque separa vocativo.
Ⓑ No item II, não poderia existir a vírgula após o termo bonde, por separar um adjunto adverbial deslocado, caracterizando, dessa forma, um erro.
Ⓒ No item III, está correto o emprego da vírgula, por separar adjunto adverbial que exprime circunstância de lugar.
Ⓓ Tanto no item I como no item III, as vírgulas estão corretas por separarem adjuntos adverbiais que exprimem circunstância de lugar.
Ⓔ No item I, a vírgula é facultativa, daí não poder ser considerado um erro de pontuação.

141. UPENET – "Sentiu o comportamento de Angélica (1. observou-o (2. viu suas reações diante de cada farda (3. e compreendeu que nada lhe provocava maior emoção que uma farda de marinheiro."

No período, as vírgulas são obrigatórias nos parênteses de número(s):

Ⓐ 1, apenas;
Ⓑ 2, apenas;
Ⓒ 3, apenas;
Ⓓ 1 e 2, apenas;
Ⓔ 1, 2 e 3.

142. UPENET – Assinale a <u>unica</u> alternativa que apresenta o uso da(s) vírgula(s) da mesma forma em que aparece(m) no trecho:

"(...)Oliver Blanchar ataca o que chama de "cultura do desemprego"(,) ou seja(,) a visão pessimista do futuro."

Ⓐ As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.
Ⓑ "Pois, seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que existe."
Ⓒ O homem, que mente, não merece confiança.
Ⓓ A garota, Fernanda, saiu muito cedo.
Ⓔ "O cavalo calou-se, isto é, recolheu o movimento do rabo."

143. ACAFE – Em relação à pontuação, assinale a alternativa correta:

Ⓐ De acordo com a assessoria de imprensa do MP cerca de 40 minutos após a evacuação do prédio, todos os funcionários voltaram ao serviço.
Ⓑ Num desses dias eu estava falando que queria retornar para a internet e ele me falou que tinha um site que ele queria montar mas não tinha tempo era um site de vídeos!
Ⓒ Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as atribuições do Ministério Público vêm se multiplicando, numa evidente prova de confiança do legislador, à qual o MP deverá corresponder com atuação eficiente.

Ⓓ Muitas vezes descendo ou subindo encontrei cardumes, golfinhos, plânctons gigantes.

Ⓔ As entidades monetárias internacionais e não nossos governantes, é que traçam os rumos econômicos e sociais do País.

144. COPESE-UFT – Indique a alternativa em que o uso da vírgula está <u>errado</u>:

I. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

II. Por fim, perdi, a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

III. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me e, como, já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

IV. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e como já era mais de meio-dia, larguei-me, a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

Marque a resposta correta:

Ⓐ apenas I está errada;

Ⓑ apenas III está errada;

Ⓒ II, III e IV estão erradas;

Ⓓ todas estão erradas.

145. CESGRANRIO – Indique a opção em que o emprego da(s) vírgula(s) obedece à norma culta:

Ⓐ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos, é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓑ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne, 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓒ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países e deve estar concluído em 2010.

Ⓓ A mais ambiciosa empreitada, para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓔ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído, em 2010.

146. CEPERJ – A vírgula pode ser substituída por dois-pontos no segmento:

- **A** "Um dos grandes mitos perpetuados sobre a independência do Brasil, na análise do jornalista e escritor Laurentino Gomes..."
- **B** "...é a ideia de que a separação de Portugal foi totalmente pacífica, um grande acordo político entre D. João VI..."
- **C** "– A ideia de que a separação foi pacífica, negociada entre pai e filho..."
- **D** "...data da expulsão das tropas portuguesas de Salvador, em 1823."
- **E** "...a concentração social era enorme, com total concentração de renda."

147. CEPERJ – Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, a afirmativa correta é:

- **A** Faltou uma vírgula depois da expressão "Manda a etiqueta", em "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva...".
- **B** Os dois-pontos foram corretamente empregados em "Quando alguém me oferece algo e recuso, não recusei apenas o objeto: rejeitei um convite à parceria", porque introduzem uma explicação.
- **C** O ponto-e-vírgula poderia ser adequadamente substituído por uma vírgula no trecho "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva a seu companheiro de mesa de sua própria garrafa; este retribui igual quantidade de seu próprio vinho".
- **D** Deveria ter sido empregada uma vírgula depois da expressão "não troco", em "Aquele com quem não troco é aquele contra quem luto."
- **E** O uso do ponto é incorreto no trecho "...porque a troca é o fundamento da vida social, em seu sentido último de relação com outro. E são os rumos desta relação, os fatores que os determinam..."

148. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, é correto afirmar que:

- **A** Deveria ser inserida uma vírgula depois da palavra "político" no segmento "...o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta já que "Richard Watson" é aposto de "cientista político".
- **B** Os parênteses empregados no 1º parágrafo ["Guru de algumas das maiores companhias do planeta – IBM, Coca-Cola, MacDonalds, Nestlé, etc. –, nas quais dá consultoria sobre o que fazer hoje para não se arrepender amanhã, o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta para o perigo de caminharmos em direção a uma sociedade onde as pessoas não conseguirão sequer pensar sozinhas."] poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo semântico ou gramatical ao segmento.
- **C** As vírgulas empregadas para destacar a palavra "agora" no segmento "Já tendo escrito sobre o futuro dos arquivos, do dinheiro e das viagens, agora, ao discorrer sobre o futuro das mentes" poderiam ser retiradas sem prejuízo semântico/gramatical.

D O ponto empregado depois da palavra "agradam" no segmento "...selecionamos só as informações e os amigos que mais nos agradam. Isso não é bom para o pensamento e a sociedade." poderia adequadamente ser substituído por dois-pontos.

E É inadequado o emprego do ponto que antecede a conjunção E no segmento "E conclui: 'Meu temor é que não tenhamos escolha senão nos tornarmos 100% digitais. E que a gente perca a capacidade de pensar profundamente, uma das coisas que nos define como humanos'.", porque não se deve usar ponto antes da conjunção e.

149. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, a afirmativa incorreta é:

A No lugar de ponto, poder-se-ia usar ponto e vírgula no lugar do ponto-final existente em *"Primeiro, haverá um número proporcionalmente muito maior de idosos, [...] que gerou o boom populacional há algumas décadas. Segundo, os idosos vão viver mais, pelas transformações ocorridas na área da medicina e pelo maior acesso à informação. E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes."* e após *"informação"*, no mesmo fragmento de texto.

B Quanto aos dois travessões empregados em *E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes. O que se nota é uma mudança do perfil e a aceleração de uma tendência já observada nos últimos anos."*, caso se omitisse o segundo travessão, o primeiro deveria ser substituído por uma vírgula.

C Uma vírgula vicária poderia ser adequadamente inserida depois da primeira expressão "ou mais", no segmento "*Enquanto isso, entre 2010 e 2020, o número de idosos de 60 a 79 anos aumentará em quase 8 milhões de pessoas, e com 80 anos ou mais em torno de quase 1,5 milhões de pessoas. Aqueles que tinham 60 anos ou mais, que eram 19 milhões de pessoas em 2010, serão mais de 28 milhões em 2020*".

D Poder-se-ia inserir uma vírgula no início do período a seguir, do seguinte modo: *"Entre 2010 e 2020 essas mudanças já se farão sentir".*

E Poder-se-ia empregar duas vírgulas no período: *"Isso se deve ao fato de que uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente provavelmente continuará ainda no mercado de trabalho por 35 a 40 anos".* Assim: *"Isso se deve ao fato de que, uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente, provavelmente continuará...".*

150. CEPERJ – Quanto à pontuação, a afirmativa correta é:

A Considera-se correta a falta de uma vírgula depois da palavra "foi" no segmento "*Onde foi que a minha bagunça começou? Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem*".

B "A vírgula que se usou depois da expressão **'**meio ambiente**'** em **'***Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem***'**." poderia ser retirada sem prejuízo à correção gramatical e à clareza do segmento.

C O uso de dois-pontos é inadequado depois da expressão "muito esquisita" no segmento "*Tenho uma teoria muito esquisita: a gente nasce como nascem as árvores, de sementes*".

D Faltaram vírgulas depois das palavras "pitanga", "manga" e "laranja" na enumeração do segmento "*Semente de pitanga vira pitangueira, caroço de manga vira mangueira, semente de laranja vira laranjeira*".

E Falta uma vírgula antes da palavra "psicólogo" no segmento "*Se fosse hoje, acho que me levariam a um psicólogo que diagnosticaria hiperativismo.*"

GABARITO

1. A	20. D	39. B	58. B	77. D	96. C	115. A	134. B
2. A	21. B	40. B	59. E	78. D	97. C	116. B	135. C
3. C	22. C	41. D	60. A	79. D	98. B	117. D	136. E
4. B	23. E	42. B	61. E	80. E	99. E	118. C	137. E
5. B	24. E	43. D	62. E	81. C	100. C	119. A	138. C
6. C	25. E	44. E	63. C	82. D	101. C	120. B	139. A
7. A	26. C	45. D	64. A	83. C	102. A	121. A	140. A
8. C	27. A	46. C	65. C	84. E	103. B	122. C	141. D
9. B	28. E	47. D	66. A	85. D	104. A	123. A	142. E
10. E	29. C	48. E	67. C	86. C	105. D	124. B	143. C
11. B	30. E	49. C	68. C	87. E	106. B	125. C	144. C
12. E	31. A	50. B	69. D	88. D	107. D	126. D	145. C
13. E	32. D	51. A	70. D	89. E	108. D	127. E	146. B
14. A	33. D	52. E	71. B	90. D	109. A	128. E	147. B
15. D	34. C	53. A	72. B	91. B	110. A	129. A	148. C
16. B	35. C	54. E	73. B	92. D	111. D	130. B	149. E
17. A	36. A	55. D	74. C	93. C	112. D	131. D	150. A
18. A	37. E	56. C	75. C	94. E	113. C	132. B	
19. C	38. C	57. D	76. D	95. C	114. D	133. B	

Décio Sena

Gramática Aplicada

PARA CONCURSOS

Material complementar com 900 questões

Editora Impetus

Exercícios de Ortografia

Obs.: fizemos modificações nas questões em que havia necessidade de se ajustarem ao Novo Acordo Ortográfico.
Ao trabalhar com questões de acentuação gráfica e de emprego do hífen, portanto, considere apenas os novos dispositivos advindos do Acordo citado.

1. NCE-UFRJ – A opção em que as duas palavras destacadas não são acentuadas segundo a mesma regra de acentuação gráfica é:

A) universitário – adolescência;
B) mínimo – domésticos;
C) país – até;
D) ópera – currículo;
E) negócio – experiência.

2. NCE-UFRJ – Anestesia é uma palavra grafada com s (e não com z) e privilégio é grafada com i (e não com e). A alternativa em que ambas as palavras estão corretas quanto à grafia é:

A) atravez – arrepio;
B) atraz – Pirineus;
C) frisa – irrequieto;
D) análise – crâneo;
E) baroneza – campeão.

3. FGV – Grafou-se corretamente o vocábulo enxugando. Assinale a alternativa em que todas as palavras tenham sido grafadas corretamente:

A) degladiar – obsessão – abscesso – pan-africanismo;
B) desinteria – análise – através – extraoficial;
C) pichar – necessidade – consciência – obsecado;
D) chuchu – jeito – pretensão – suboficial;
E) berinjela – exceção – cacetete – hipersensibilidade.

4. **CESGRANRIO – Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen não deve ser utilizado em:**

- **A** formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
- **B** palavras formadas com o acréscimo de prefixos como anti-, sub-, em que o segundo elemento começa por h;
- **C** palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
- **D** palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por r ou s;
- **E** topônimos iniciados pelos adjetivos grã, grão.

5. **CESGRANRIO – Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação".**

   Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto ei ou oi não o são mais.

   São exemplos dessa mudança as palavras:

- **A** assembleia, aldeia, proteico;
- **B** cadeia, paranoico, introito;
- **C** heroi, boina, epopeico;
- **D** heroico, onomatopeico, plateia;
- **E** jiboia, comboio, papeis.

6. **FGV – As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.**

   Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica:

- **A** Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
- **B** Votamos aquele presidente pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.
- **C** Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
- **D** Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
- **E** O mandado do deputado será suspenso.

7. **FJPF – Observe o emprego do termo sublinhado na frase "Por que há médicos, advogados, professores e engenheiros despreparados, vamos batalhar pelo fechamento dos educandários por onde se formaram?". Sabendo-se que o**

termo em negrito acima tem quatro formas distintas de grafia, pode-se afirmar que há incorreção na frase:

Ⓐ Não se sabe por que os jornalistas tinham baixa formação.
Ⓑ Não se sabe o porquê de os jornalistas terem baixa formação.
Ⓒ Os jornalistas tinham baixa formação por que?
Ⓓ Os jornalistas tinham baixa formação porque não havia cursos especializados.
Ⓔ Os cursos por que passavam os jornalistas eram de curta direção.

8. FJPF – Os pares de palavras abaixo foram organizados tendo como critério as normas de acentuação gráfica. Dos cinco pares, o único em que os acentos gráficos das palavras se justificam por regras distintas é:

Ⓐ vítima – decúbito;
Ⓑ nosocômio – literário;
Ⓒ só – é;
Ⓓ repórter – suíno;
Ⓔ língua – noticiário.

9. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que país:

Ⓐ Bolívia;
Ⓑ gás;
Ⓒ pivô;
Ⓓ comércio;
Ⓔ reconstruí-la.

10. CESGRANRIO – O vocábulo destacado em "uma paralisia das pernas?" é grafado com s. Em qual dos pares abaixo há um vocábulo que, segundo a norma culta, está grafado indevidamente com s?

Ⓐ Análise – gasolina.
Ⓑ Catequisar – arrasar.
Ⓒ Extravasar – atrás.
Ⓓ Poetisa – quis.
Ⓔ Usura – improvisar.

11. CESGRANRIO – São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras:

Ⓐ audácia – prudência – imprescindíveis – equilíbrio;
Ⓑ política – sábia – destrói – ótimo;
Ⓒ catástrofes – histórica – econômica – entretém;
Ⓓ além – ninguém – você – órfão;
Ⓔ três – há – até – só.

12. FCC – "...para entender <u>por que</u> a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora..."

No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

- **A** Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____?
- **B** Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
- **C** Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?
- **D** Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.
- **E** — _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

13. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

- **A** Não constitui uma primasia dos animais a satisfação dos impulsos instintivos: também o homem regozija-se em atender a muitos deles.
- **B** As situações de impunidade infligem sérios danos à organização das sociedades que tenham a pretenção da exemplaridade.
- **C** É difícil atingir uma relação de complementaridade entre a premênsia dos instintos naturais e a força da razão.
- **D** Se é impossível chegarmos à abstensão completa da satisfação dos instintos, devemos, ao menos, procurar constringir seu poder sobre nós.
- **E** A dissuasão dos contraventores se faz pela exemplaridade das sanções, de modo que a cada delito corresponda uma justa punição.

14. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha seguido regra de acentuação distinta das demais:

- **A** países;
- **B** médio;
- **C** cenário;
- **D** áreas;
- **E** prestígio.

15. FJPF – No fragmento "A sociedade não estaria sendo <u>anestesiada</u> ou <u>hipnotizada</u> por uma forma sinistra de <u>conspiração</u> sonora?", os vocábulos em destaque estão grafados corretamente. Dos itens abaixo, aquele que tem os três vocábulos grafados corretamente é:

- **A** agazalhada / amenizada / punição;
- **B** brisa / felizarda / contaminassão;
- **C** analisada / indenizada / acepção;
- **D** hesitar / galvanisada / constipação;
- **E** frisada / preconizada / procição.

16. FGV – Em autossuficiente, optou-se corretamente pelo não uso do hífen. Assinale a alternativa em que não se procedeu corretamente quanto à necessidade ou não de seu emprego:

Ⓐ autobiografia;
Ⓑ superatleta;
Ⓒ antiinflamatório;
Ⓓ pseudocientista;
Ⓔ micro-região.

17. FEPESE – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas corretamente:

Ⓐ ítens – dígrafo – flúor – rubrica – núvem – pêsames – ânsia;
Ⓑ juíz – juízes – têxtil – hífens – cárie – espontâneo – ônus;
Ⓒ seminú – estética – eles veem – elas têm – apêlo – reduzí-lo;
Ⓓ dígito – biquíni – tênue – êxito – hífen – linguística – difícil;
Ⓔ pólen – gráfico – notícias – jóvens – cônscio – oxítona – pajé.

18. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra seja acentuada por seguir regra distinta das demais:

Ⓐ frequência;
Ⓑ notícias;
Ⓒ países;
Ⓓ convênio;
Ⓔ vários.

19. FGV – A palavra êxito recebe acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a:

Ⓐ interim;
Ⓑ rubrica;
Ⓒ recondito;
Ⓓ arquétipo;
Ⓔ lúgubre.

20. FEPESE – Dadas as frases:

1. As reinvindicações apresentadas dizem respeito às modificações do projeto.

2. Senhoras e senhores! É um privilégio poder cumprimentá-los nesta data festiva.

3. Os produtos comprados foram devidamente discriminados na nota fiscal.

Verifica-se que está(ão) correta(s) apenas:

- **A** a frase 2;
- **B** a frase 3;
- **C** as frases 1 e 2;
- **D** as frases 1 e 3;
- **E** as frases 2 e 3.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que saúde:

- **A** indústria;
- **B** licitatória;
- **C** aí;
- **D** até;
- **E** têm.

22. NC-UFPR – Indique a alternativa que não apresenta problema de grafia:

- **A** O acesso a Internet dá aos usuários, em tese, inúmeras possibilidades à ampliar seu conhecimento musical.
- **B** No momento, não a limites para a qualidade dos equipamentos disponíveis para a reprodução musical.
- **C** Esperamos que daqui há 20 anos, a nova geração tenha uma postura diferente frente à audição musical.
- **D** A proporção que crescem as opções tecnológicas, diminui a capacidade individual de apreciação musical.
- **E** O acesso a equipamentos sofisticados não contribui necessariamente para a educação musical.

23. ENCE-RJ – Assinale a opção em que um dos termos apresenta erro de grafia:

- **A** aborígene, dispêndio, invólucro;
- **B** empecilho, irrequieto, prevenido;
- **C** camurça, mordaça, paçoca;
- **D** esquisito, espontâneo, espectador;
- **E** holofote, hipócrita, híbrido.

24. INTELECTUS – Assinale a palavra que não está escrita de forma correta de acordo com a Nova Ortografia:

- **A** além-mar;
- **B** sem-terra;
- **C** para-quedas;
- **D** antirreligioso;
- **E** autoescola.

25. INTELECTUS – Assinale a frase que <u>não</u> está correta de acordo com a Nova Ortografia:

Ⓐ Ela para a bicicleta.
Ⓑ O Pólo Sul é frio.
Ⓒ O cão tem pelo negro.
Ⓓ Ele joga polo.
Ⓔ A pera é uma fruta.

26. IESES – Assinale a alternativa que apresenta <u>erro</u> de ortografia:

Ⓐ Em almoço beneficiente, com a chegada eminente das reivindicações que o gerou, o clima foi tomado por desassossego.
Ⓑ A iluminação daquela sala de cirurgia melhorou com a instalação de lâmpadas fluorescentes.
Ⓒ A expectativa foi atendida, embora nada de espontâneo e esplêndido tenha sido feito.
Ⓓ A exceção à regra foi feita de maneira obsessiva pela equipe de profissionais.

27. FEC – Na última sílaba dos vocábulos "expansão", "exceção" e "discussão" constatam-se três formas distintas de grafia do fonema /sê/, em português. Dos itens abaixo, com vocábulos grafados, respectivamente, com as três formas acima, aquele em que há vocábulo com erro de grafia, de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ propensão – distenção – repressão;
Ⓑ ascensão – absorção – opressão;
Ⓒ extensão – ereção – repercussão;
Ⓓ suspensão – redenção – secessão;
Ⓔ pretensão – assunção – concessão.

28. CESGRANRIO – Em relação às regras de acentuação gráfica, a frase que <u>não</u> apresenta erro é:

Ⓐ Ele não pode vir ontem à reunião porque fraturou o pé.
Ⓑ Encontrei a moeda caida perto do sofá da sala.
Ⓒ Alguém viu, além de mim, o helicóptero que sobrevoava o local?
Ⓓ Em péssimas condições climaticas você resolveu viajar para o exterior.
Ⓔ Aqui so eu é que estou preocupado com a saúde das crianças.

29. CESGRANRIO – A frase em que todas as palavras estão escritas de forma correta, conforme a ortografia da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ Foi um previlégio ser acompanhado pelo advogado do sindicato.
Ⓑ Estão cojitando de fabricar salas acústicas.
Ⓒ A senhora possue algumas horas para tirar a cesta.
Ⓓ O lado de traz segue até à sala de descanso.
Ⓔ Estava hesitante sobre a escolha do bege claro para a mobília.

30. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra indicada não esteja acentuada corretamente:

- **A** bíceps;
- **B** órfã;
- **C** bênção;
- **D** ávaro;
- **E** bávaro.

31. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo regra <u>distinta</u> das demais:

- **A** Amazônia;
- **B** planetária;
- **C** resistência;
- **D** níveis;
- **E** países.

32. NC-UFPR – Em que alternativa a chamada para atrair turistas ao Brasil está correta quanto à grafia?

- **A** Rezerve sua passagem já. O Brasil têm tudo o que você espera.
- **B** Conheção o Brasil. O paraíso é aqui.
- **C** Esperimente as delícias do paraíso vindo ao Brasil.
- **D** Veleje em nossos mares. Você jamais esquecerá.
- **E** O colorido deste pais vai mecher com você. Visite o Brasil.

33. NC-UFPR – Observe a grafia das palavras e assinale a alternativa correta:

- **A** Um acidente em Ímola, a dez anos atrás, provocou a morte de Ayrton Senna.
- **B** Para os brasileiros, não há caso parecido com o de Ayrton Senna. Mesmo daqui há muitos anos, o povo vai lembrar.
- **C** As aspirações há que queria se referir o editor do texto, será alvo de estudo de especialistas daqui há mais algum tempo.
- **D** Uma batida há 300 Km/h contra um muro punha um ponto final na vida de um ídolo.
- **E** Há muito, não se via uma manifestação como a que ocorreu na morte de Ayrton Senna.

34. FEPESE – Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de <u>alguém</u>, <u>inverossímil</u> e <u>caráter</u>, respectivamente:

- **A** armazém – útil – açúcar;
- **B** hífen – também – impossível;
- **C** têm – protéico – éter;
- **D** há – impossível – crítico.

35. FUJB – Seguem-se várias palavras grafadas com a letra X. A opção em que essa letra está empregada erradamente é:

Ⓐ exceção;
Ⓑ máximo;
Ⓒ exílio;
Ⓓ exímio;
Ⓔ mixto.

36. NCE-UFRJ – Cada uma das séries abaixo se inicia com a palavra que abre cada alternativa. As demais se relacionam com ela semanticamente, não havendo erro ortográfico apenas em:

Ⓐ receber – recepção – recebimento;
Ⓑ longe – longinquo – lonjura;
Ⓒ grande – grandeza – engrandescer;
Ⓓ fácil – facílimo – facilmente;
Ⓔ sintonia – sintonizar – sintônico.

37. NCE-UFRJ – As palavras "também", "excluída" e "renováveis", respectivamente, recebem acento pelo mesmo motivo que:

Ⓐ éden – período – ministério;
Ⓑ convêm – conteúdo – anéis;
Ⓒ talismãs – lusíada – petróleo;
Ⓓ freguês – açaí – jóquei;
Ⓔ parabéns – balaústre – deixá-las.

38. NCE-UFRJ – Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

Ⓐ mantegueira – aterrissagem;
Ⓑ cataclismo – adivinhar;
Ⓒ mortadela – meretíssimo;
Ⓓ entitulado – embutido;
Ⓔ prostração – beneficiente.

39. NCE-UFRJ – "Rádio", "família", "música", "publicitário", "médio", "frequência", "mídia". Esses vocábulos do texto têm seu acento tônico justificado pelo seguinte número de regras:

Ⓐ 5;
Ⓑ 4;
Ⓒ 3;
Ⓓ 2;
Ⓔ 1.

40. NCE-UFRJ – O vocábulo chimpanzé também pode ser grafado chipanzé. O vocábulo a seguir que não admite a dupla grafia indicada é:

- **A** bêbado – bêbedo;
- **B** assoviar – assobiar;
- **C** requesito – requisito;
- **D** enfarte – infarto;
- **E** berruga – verruga.

41. NCE-UFRJ – As palavras "responsáveis", "também", "veículos", "intransferível", "há", "código", "publicitária" podem ser agrupadas, segundo as regras de acentuação gráfica, em:

- **A** um só grupo;
- **B** dois grupos;
- **C** três grupos;
- **D** quatro grupos;
- **E** cinco grupos.

42. NCE-UFRJ – Conscientes e fascinantes são vocábulos corretamente grafados com sc. A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** fascismo – descendência;
- **B** adolescência – tescitura;
- **C** piscina – suscitar;
- **D** fluorescente – miscigenação;
- **E** ascético – lascívia.

43. NCE-UFRJ – As formas quisesse e mazelas apresentam para um mesmo fonema – z – duas grafias distintas: "s" e "z". A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** pesquisa;
- **B** paralisia;
- **C** atraso;
- **D** através;
- **E** xadres.

44. NCE-UFRJ – A palavra taxa é escrita com X. A palavra abaixo que não deve ser escrita com X é:

- **A** mexer;
- **B** xícara;
- **C** faixa;
- **D** xuxu;
- **E** coxa.

45. NCE-UFRJ – Brasil é uma palavra escrita com S. a palavra abaixo que está grafada erradamente é:

Ⓐ casar;
Ⓑ gás;
Ⓒ vaso;
Ⓓ gis;
Ⓔ três.

46. FUMARC – Há erro de ortografia em:

Ⓐ Quem delega muito pode ser dispensável na empresa.
Ⓑ Sou bastante exigente comigo mesmo e com os outros.
Ⓒ É preciso muita compreenção no ambiente de trabalho.
Ⓓ Escrevo toda a correspondência expedida no meu setor.

47. IPAD – Os termos que apresentam a mesma justificativa quanto à acentuação gráfica são:

Ⓐ política – indivíduos;
Ⓑ mercadológicas – sintomático;
Ⓒ própria – versão;
Ⓓ automóvel – crédito;
Ⓔ trás – tão.

48. PUC-SP – A alternativa em que nem todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

Ⓐ arcaísmo, mês, frequência, incluí-lo;
Ⓑ hífens, túneis, órgão, sentí-lo;
Ⓒ elétrons, atrás, pára (verbo), trocá-lo;
Ⓓ íris, alguém, sanguíneo, vendê-lo;
Ⓔ apoio (verbo), tórax, armazéns, compô-lo.

49. ITA – Examinando as palavras:

"entitular" – "empecilho" – "prazerosamente" – "mendingo"

Verifica-se que:

Ⓐ apenas uma está escrita corretamente;
Ⓑ apenas duas estão escritas corretamente;
Ⓒ três estão escritas corretamente;
Ⓓ todas estão escritas corretamente;
Ⓔ nenhuma está escrita corretamente.

50. NCE-UFRJ – "Obsceno" é uma palavra grafada com "sc". O item a seguir em que uma das palavras selecionadas está erradamente grafada, exatamente por não possuir este encontro de letras é:

- **A** incandescente – ascensão – suscitar;
- **B** abscesso – irascível – discernir;
- **C** néscio – cônscio – discípulo;
- **D** prescindir – rescisão – transcender;
- **E** piscicultura – interscessão – convalescença.

51. EFOMM – Assinale a única opção em que se cometeu erro no emprego do hífen:

- **A** A criança era mal-criada por ter sido mal criada pelos pais.
- **B** É uma jovem bem-parecida; aliás, é bem parecida com o irmão.
- **C** O malmequer e o bem-me-quer ornamentam nosso jardim.
- **D** O amor-perfeito simboliza o amor perfeito.
- **E** Ele só trabalha meio dia e começa ao meio-dia.

52. NC-PR – Assinale a única alternativa que apresenta erro de ortografia:

- **A** O mal torna um homem mau e prostra-o vencido na vida.
- **B** Uma frustação nem sempre faz mal; às vezes, é um remédio.
- **C** Uma palmada em um adolescente irresponsável pode gerar tensão.
- **D** O xerife botou o charlatão no xadrez.
- **E** Não hesite! Se não for bem-sucedido uma vez, insista até conseguir.

53. EN – Assinale o item em que todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente por serem proparoxítonos:

- **A** interim – prototipo – garrulo – aerólito;
- **B** necropsia – pegada – aziago – antonomásia;
- **C** misantropo – Madagascar – filantropo – boemia;
- **D** biceps – rubrica – heroico – gratuito;
- **E** impudico – ibero – alopata – fortuito.

54. FESP-RJ – A alternativa em que há erro na grafia de uma das palavras é:

- **A** aridez – agonizar – redenção;
- **B** crueza – visualizar – exceção;
- **C** limpeza – hipnotizar – asserção;
- **D** justeza – cartelizar – pretenção;
- **E** pequenez – sintetizar – extinção.

55. EFOMM – O emprego correto do hífen está na opção:

- **A** sub-chefe;
- **B** ante-ontem;
- **C** sub-reino;
- **D** pre-fácio;
- **E** contra-cheque.

56. EFOMM – Devem ser grafados com "o" e "u", respectivamente, os seguintes vocábulos:

Ⓐ ent_pimento – táb_a;
Ⓑ b_bina – búss_la;
Ⓒ ch_visco – ac_dir;
Ⓓ eng_lir – b_eiro;
Ⓔ c_rtiça – trib_.

57. ESAG – A alternativa em que todas as palavras recebem acento com base na mesma regra de acentuação gráfica é:

Ⓐ está, vá, você;
Ⓑ nível, óbvio, sério;
Ⓒ só, nós, têm;
Ⓓ ardósia, últimos, décadas.

58. FUNDEP – A única afirmativa que contém uma palavra cuja acentuação gráfica <u>não</u> segue a mesma regra das demais é:

Ⓐ amêndoas, névoa, ofício;
Ⓑ espécie, paciência, mágoa;
Ⓒ náufrago, náusea, equinócio;
Ⓓ repugnância, espécie, idílio.

59. FURJ – "...porque aí é merecido."

A acentuação do vocábulo "aí" justifica-se pela mesma regra segundo a qual é acentuada a seguinte palavra do texto:

Ⓐ límpido;
Ⓑ bíblicos;
Ⓒ família;
Ⓓ político;
Ⓔ usufruídas.

60. IPAD – Observe, atentamente, os enunciados abaixo:

1. Para conter a violência no trânsito, DETRANS começam a cassar carteiras do mal motorista.

2. O pessimismo tomou conta dos agentes econômicos, que creem que a riqueza do planeta evaporou.

3. Um programa que tem a pretensão de controlar a dieta calcula a composição dos alimentos ingeridos, o seu número de calorias e aponta eventuais excessos, de acordo com as informações de peso e faixa etária de cada pessoa.

Há palavras grafadas incorretamente em:

Ⓐ 1 e 3 apenas;
Ⓑ 2 e 3;
Ⓒ 2 e 3 apenas;
Ⓓ 3 apenas;
Ⓔ 1 apenas.

61. FJPF – "Pesquisa" é um vocábulo escrito com "s". O vocábulo abaixo que está incorretamente escrito porque também deveria ser grafado com "s" é:

Ⓐ certeza;
Ⓑ deslize;
Ⓒ baliza;
Ⓓ azeite;
Ⓔ análize.

62. FCC – A <u>contemporaneidade</u> das ideias não implica <u>rejeição</u> sumária do que já foi <u>ajuisado</u> no passado, pelo contrário: requer a <u>izenção</u> de julgamento que <u>coíbe</u> os preconceitos e permite <u>analisar</u> com <u>descortínio</u> as teorias de nossos <u>antecessores</u>.

É preciso corrigir a grafia de <u>todas</u> as palavras, sublinhadas do período acima, que constam em:

Ⓐ rejeição – ajuisado – analisar;
Ⓑ contemporaneidade – coíbe – descortínio;
Ⓒ ajuisado – izenção – descortínio;
Ⓓ rejeição – coíbe – antecessores;
Ⓔ contemporaneidade – izenção – analisar.

63. FCC – Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

Ⓐ Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
Ⓑ A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
Ⓒ Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
Ⓓ O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
Ⓔ As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados "programas populares".

64. UPENET – Quanto à justificativa para a acentuação das palavras retiradas do texto, destacadas nas alternativas a seguir, é correto afirmar que:

Ⓐ as palavras "fé", "só", "nós" e "há" são exemplos de monossílabos átonos, por isso são acentuadas;
Ⓑ as palavras "retórica", "sólida" e "técnicas" estão acentuadas como exceção à regra geral de que as proparoxítonas não precisam ser acentuadas;

Ⓒ as palavras “débil”, “razoável” e “fácil” são acentuadas como todas as paroxítonas terminadas em “l”;
Ⓓ as palavras “português”, “conclusões” e “canônico” são, respectivamente, oxítona, paroxítona e proparoxítona e, por isso, são acentuadas;
Ⓔ as palavras “argumento”, “contexto” e “vontade” não são acentuadas porque não têm sílaba tônica.

65. CESGRANRIO – Entre as palavras abaixo, assinale a que segue regra de acentuação distinta das demais:

Ⓐ Mário;
Ⓑ contraditório;
Ⓒ indícios;
Ⓓ raízes;
Ⓔ ingênua.

66. FGV – Assinale a única alternativa em que não há erro gráfico:

Ⓐ cochicho, cesareana, obceno;
Ⓑ aterrizar, sujestão, cangica;
Ⓒ beneficiente, rixa, cabelereiro;
Ⓓ sarjeta, disenteria, baliza.

67. PUC-PR – Assinale a alternativa em que a palavra do texto está corretamente acentuada pelo motivo que também está acentuada a palavra <u>área</u>, ou seja, como palavras que podem ser equiparadas, para efeitos de acentuação, às proparoxítonas, por serem “vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes”:

Ⓐ o monossílabo <u>é</u> do exemplo: “é um campo novo”;
Ⓑ o monossílabo <u>é</u> da frase: “é necessário”;
Ⓒ o substantivo <u>saúde</u> da expressão: “área da saúde”;
Ⓓ a palavra <u>necessário</u> da frase: “é necessário tempo”;
Ⓔ a conjunção <u>Porém</u> do exemplo: “Porém, com a revolução introduzida...”.

68. NCE-UFRJ – No uso do hífen na grafia portuguesa, ensina Evanildo Bechara: “Usa-se o hífen nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica” (*Moderna gramática portuguesa*, p. 75). Essa regra <u>não</u> se aplica, portanto, em:

Ⓐ água-marinha;
Ⓑ segunda-feira;
Ⓒ sub-oficial;
Ⓓ amor-perfeito;
Ⓔ para-choque.

69. NCE-UFRJ – Como se pode ver pelo texto, a palavra relógio é grafada com g. Indique o item a seguir em que ocorre um erro de ortografia, decorrente da troca entre g e j:

- **A** vertigem – gorjeta – majestade;
- **B** gorjeio – angelical – jiló;
- **C** jenipapo – jibóia – gengiva;
- **D** jerimum – lisonjeiro – ultraje;
- **E** mejera – desajeitado – lojista.

70. NCE-UFRJ – Ressuscitar é palavra grafada com sc. A palavra a seguir cuja grafia está equivocada exatamente porque não deve ser grafada com essas letras é:

- **A** viscissitude;
- **B** incandescente;
- **C** néscio;
- **D** fluorescente;
- **E** rescisão.

71. FEC – Assinale a alternativa em que os acentos gráficos justificam-se, respectivamente, pelas mesmas regras que dão cabimento aos usados em "acadêmica", "memória" e "fazê-lo":

- **A** íamos, íeis, avô;
- **B** histórica, púlpito, evitá-la;
- **C** endêmica, evidência, fê-lo;
- **D** heróica, régua, rendê-lo;
- **E** íntimo, cárie, nódoa.

72. FEC – No trecho "não oferecem salários compatíveis para atraí-los...", a forma verbal com pronome enclítico recebeu adequadamente o acento gráfico. Entre as frases abaixo, também com formas verbais com pronomes enclíticos e mesoclíticos, a única incorreta quanto à acentuação gráfica é:

- **A** A escolha dos professores far-se-á pelo critério do desempenho em sala de aula.
- **B** O professor chamou o aluno e resolveu distraí-lo, contando-lhe uma história diferente.
- **C** Questionado sobre a prova, o professor comentou que, assim que tiver terminado a correção, devolvê-la-á.
- **D** O diretor responsabilizou o professor e resolveu puní-lo pelos atos de indisciplina dos alunos.
- **E** O bibliotecário reuniu os livros para pô-los na estante.

73. NCE-UFRJ – A palavra juiz, no singular, não leva acento gráfico, mas na sua forma plural, sim. Isso ocorre porque, no plural:

Ⓐ a vogal i passa a ser tônica;
Ⓑ a vogal i, em hiato, fica sozinha na sílaba;
Ⓒ existe possibilidade de ambiguidade;
Ⓓ há necessidade de acento diferencial;
Ⓔ a vogal i passa a semivogal.

74. NCE-UFRJ – Assinale, nos itens a seguir, aquele em que pelo menos um vocábulo tem erro de grafia:

Ⓐ capixaba – através – granjear;
Ⓑ enxergar – primazia – majestade;
Ⓒ flexa – topázio – pagé;
Ⓓ chuchu – gorjeta – dosel;
Ⓔ piche – classicismo – privilégio.

75. NCE-UFRJ – Excesso é vocábulo grafado com XC. O item abaixo em que há erro porque o vocábulo não deveria ser escrito com esse dígrafo é:

Ⓐ excelente;
Ⓑ exceção;
Ⓒ exceder;
Ⓓ excitar;
Ⓔ rexcisão.

76. CONATEC –Assinale a alternativa que apresenta uma palavra grafada com erro:

Ⓐ framboesa – obesa – franqueza – Veneza;
Ⓑ baronesa – beleza – duquesa – princeza;
Ⓒ cruzeiro – azeite – azáfama – vizinho;
Ⓓ exceção – expectativa – faixa – enxergar.

77. CONATEC – Substitua o pontilhado por Ó ou Oh, conforme convier, e assinale a alternativa correta.

1 – ..... meu amigo, ajude-me.

2 – ..... teremos mais chuva!

3 – ..... rapaz, não faça isso!

4 – ..... Deus, onde estás?

5 – ..... quantas homenagens!

Ⓐ Ó – Ó – Ó – Oh! – Oh!
Ⓑ Ó – Oh! – Oh! – Ó – Oh!
Ⓒ Ó – Ó – Oh! – Oh! – Ó.
Ⓓ Ó – Oh! – Ó – Ó – Oh!

78. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o acento gráfico marca o timbre é:

Ⓐ constrói;
Ⓑ construído;
Ⓒ construíram;
Ⓓ construíste;
Ⓔ construísse.

79. COMVEST – Estão corretamente grafadas todas as palavras do item:

Ⓐ conciente – decedente – impecílio;
Ⓑ concessão – impecilho – exceção;
Ⓒ empecilho – privilégio – exceção;
Ⓓ prescindir – pretenção – previlégio;
Ⓔ néscio – previlégio – conceção.

80. FJPF – O par de palavras abaixo que <u>não</u> se acentua pelo mesmo motivo é:

Ⓐ está – é;
Ⓑ até – olhá-la;
Ⓒ névoa – hálito;
Ⓓ espécie – água;
Ⓔ infância – fêmea.

81. CETRO – Observando a grafia e a acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão <u>corretas</u>:

Ⓐ involucro, rúbrica, jiló, pesquiza, chave;
Ⓑ quiz, enjôo, bambú, geito, xeróx;
Ⓒ mecher, lugarzínho, raínha, estrêla, espectorante;
Ⓓ admirar, advinhar, atrazado, atráz, trás;
Ⓔ xícara, exceção, crisântemo, em cima, beneficente.

82. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que deve ser grafada com hífen é:

Ⓐ supracitado;
Ⓑ subrogar;
Ⓒ neolatina;
Ⓓ antinazista;
Ⓔ subumano.

83. COMVEST – Quanto à acentuação gráfica, estão corretas todas as palavras da alternativa:

Ⓐ raízes – saírdes – dividi-lo;
Ⓑ cairdes – rítmo – pitu;
Ⓒ idéia – caju – perdôou;
Ⓓ perdôo – reunía – táxi;
Ⓔ reúne – caíste – possuí-lo.

84. NCE-UFRJ – Em "De onde vêm as palavras", o termo vêm aparece com acento porque:

Ⓐ é necessário mostrar a diferença com a forma da terceira pessoa do singular;
Ⓑ todo monossílabo tônico terminado em "em" leva acento gráfico;
Ⓒ concorda com seu sujeito "as palavras";
Ⓓ é necessário destacar que sua pronúncia é nasal;
Ⓔ para distinguir o verbo "ver" do verbo "vir".

85. NCE-UFRJ – "...e que se agudizou..."; o item abaixo em que um dos verbos está grafado de forma incorreta é:

Ⓐ paralisar, analisar, deslizar;
Ⓑ enraizar, esquematizar, bisar;
Ⓒ catequizar, enfatizar, alisar;
Ⓓ vaporizar, aburguesar, penalizar;
Ⓔ batisar, colonizar, catalisar.

86. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta grafia correta é:

Ⓐ irrequieto;
Ⓑ previlégio;
Ⓒ desinteria;
Ⓓ curtiça;
Ⓔ chícara.

87. NCE-UFRJ – "Obscenamente" é um vocábulo grafado com "sc". O item a seguir em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:

Ⓐ ressuscitar – ascensão – piscina;
Ⓑ adolescente – discente – indescente;
Ⓒ convalescer – crescer – rescindir;
Ⓓ abscesso – florescente – transcender;
Ⓔ renascença – piscicultura – miscelânea.

88. Fundação Euclides da Cunha – No trecho "O 'modelo do limão' proposto por George Akerlof ajuda a compreender por que os governos não estão dispostos a pagar salários de mercado para bons professores", a palavra sublinhada foi escrita com os elementos separados. Sabendo-se que esta palavra também pode ser escrita com os elementos juntos, ora sem acento gráfico, ora com acento gráfico, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

Ⓐ As autoridades sabiam que havia problemas de salário, mas não conseguiam informar por quê.
Ⓑ Poucos conhecem os reais motivos porque no Brasil se remunera tão mal o professor.
Ⓒ É preciso conhecer o porquê de um problema, antes de buscar-se uma solução.

Ⓓ As secretarias de educação não informam por que o salário dos professores é tão baixo.

Ⓔ O salário dos professores é baixo, porque é ineficiente a política de contratação e avaliação de desempenho.

89. NCE-UFRJ – O item em que o par de palavras <u>não</u> está acentuado em função da mesma regra ortográfica é:

Ⓐ própria – advertências;

Ⓑ farmácia – bactéria;

Ⓒ indústria – cálcio;

Ⓓ importância – raízes;

Ⓔ remédio – circunstância.

90. FEC- Leia com atenção as frases abaixo, observando-as do ponto de vista ortográfico.

I. Com exceção da gasolina, todos os outros derivados do petróleo, importantes para a infra-estrutura do país, tiveram reajustes acima da rigidez atual dos preços.

II. A destituição da presidência passou a ser uma obsessão para uma macissa camada de neossócios, interessados na paralisia da alvissareira diretoria.

III. Vários assessores apresentaram-se espontaneamente para a arguição, entendendo o ato não como uma inquisição, mas como autorreflexão, ou autoanálise.

IV. A delinquência progressiva dos excedentes da exclusão constituem ingente atraso gerador de extensa dissensão da sociedade pós-industrial.

Constata-se que, de acordo com as normas ortográficas em vigor:

Ⓐ estão todas corretas;

Ⓑ estão todas corretas;

Ⓒ estão corretas as frases I e IV;

Ⓓ está correta a frase III;

Ⓔ estão corretas as frases III e IV.

91. FEC – Os acentos gráficos usados nas palavras "repórter", "espírito" e "nós" justificam-se pelas mesmas regras de acentuação que justificam os acentos usados, respectivamente, em:

Ⓐ fórceps, lídimo, rapé;

Ⓑ ímpar, íamos, dó;

Ⓒ fênix, álcool, pé;

Ⓓ balaústre, cadáver, rajá;

Ⓔ néctar, polícia, você.

92. ESAG – Assinale a alternativa cujas palavras destacadas estão grafadas de acordo com o sistema ortográfico oficial da Língua Portuguesa:

Ⓐ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓑ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram anciosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓒ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados atravez da imprensa.

Ⓓ Todo elenco do filme da seção de ontem, sem excessão, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

93. FEC – As palavras "três", "itinerário" e "autônomo" são assinaladas com o acento gráfico em face das mesmas regras que justificam o acento, respectivamente, em:

Ⓐ mês, contrário, caído;

Ⓑ pá, íeis, átimo;

Ⓒ lês, temerário, código;

Ⓓ só, mútuo, ímpar;

Ⓔ véu, início, cômodo.

94. ESAG – Aponte a alternativa gramaticalmente errada:

Ⓐ Na palavra "açúcar" há acento gráfico por ser paroxítono terminada em "r".

Ⓑ Em "frutíferas", "século" e "geográfica" há acento gráfico por serem proparoxítonas.

Ⓒ Nas palavras "Já" e "é" o acento gráfico se justifica por serem oxítonas.

Ⓓ Na palavra "destruído" o acento gráfico se justifica por ser hiato com a segunda vogal tônica em "i" tônico.

95. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à ortografia oficial:

Ⓐ Em novembro de 2004, a discução sobre o aquecimento global tornou-se ainda mais acalorada.

Ⓑ O problema é que nações como o Brasil e a China recuzam-se a reduzir emissões de gases poluentes.

Ⓒ Lei aprovada por unanimidade no Senado dos Estados Unidos transfere para jurisdição federal o caso de Terri Schiavo.

Ⓓ Os americanos afirmam que o acordo vai freiar a economia.

Ⓔ O Corinthians venceu o Palmeiras por 2 a 0 numa partida marcada pelo exceço de faltas e pela tenção.

96. FAPEU – Preencha corretamente as lacunas com uma das expressões sugeridas entre parênteses.

I. Camboriú fica ____ uma hora de carro da capital. (há cerca de, a cerca de, acerca de)

II. Esses funcionários estão ____ de carreira. (enfim, em fim)

III. Fulano de Tal, abaixo ____, requer, com base na lei em vigor, uma certidão negativa de multa. (sobrescrito, subscrito)

IV. Veio à Capital ____ estudar e conseguir emprego. (a fim de, afim de)

V. Estamos, então, de acordo, pois minhas sugestões, como se vê, vão ____ tuas. (ao encontro das, de encontro às)

VI. Errei porque fui ____ assessorado. (mau, mal)

A sequência correta, de cima para baixo, é:

A) há cerca de, em fim, subscrito, afim de, de encontro a, mau;
B) a cerca de, em fim, subscrito, a fim de, ao encontro de, mal;
C) a cerca de, enfim, sobrescrito, afim de, ao encontro de, mau;
D) acerca de, em fim, sobrescrito, a fim de, de encontro a, mal.

97. SENASP – Marque a opção que apresenta palavras que não pertencem à mesma regra de acentuação da Língua Portuguesa (os acentos foram omitidos propositalmente):

A) intemperie – vacuo – nodoa – patria;
B) magoa – calvicie – gloria – serio;
C) radio – zenite – pudico – equivoco;
D) relogio – consorcio – divorcio – alivio;
E) reminiscencia – estagio – estadio – colegio.

98. FGV – Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia das palavras:

A) sanguíneo – bávaro – quinquênio – défice;
B) quinquagésimo – cangica – monje – exceção;
C) ascensão – quinquagésimo – pretenção – extender;
D) berinjela – avaro – íbero – atravéz;
E) paralização – análise – jeito – fúcsia.

99. UECE – Do mesmo modo que "insuportável" e "álcool" são obrigatoriamente acentuadas:

A) acordo, itens, porque;
B) economico, paineis, pesquisara;
C) odio, refens, vírus;
D) renuncia, retifica, sabia.

100. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de "porque", "porquê", "por que", "por quê":

Ⓐ Não saiu por que chovia.
Ⓑ Não sei por que brigamos.
Ⓒ Respondi por quê tinha certeza.
Ⓓ Porque você não correu?

101. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta a série de palavras corretamente grafadas:

I. tóxico, consecusão, mecher, herbívoro;

II. rainha, insuportável, uísque, beringela;

III. substituí-lo, baú, enjôo, readimissão;

IV. ágeis, tatuí, expectativa, analisar;

V. compreensão, rejeição, excêntricas, exceção.

Ⓐ I, II e V.
Ⓑ II e IV.
Ⓒ IV e V.
Ⓓ III, IV e V.
Ⓔ II, IV e V.

102. CONATEC – Complete as lacunas com "ç" ou "ss", conforme o caso:

exce__ão, agre__ão, alcoba__a, adere__o, a__etinado, fraca__o, demi__ão, exce__o, decep__ão, assun__ão.

A seguir, assinale a alternativa correta:

Ⓐ ç – ss – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓑ ç – ç – ç – ss – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓒ c – ss – c – ç – c – ss – ç – ç – ç – ss;
Ⓓ ss – ç – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç.

103. NCE-UFRJ – Nos conjuntos a seguir, aquele(s) que apresenta(m) vocábulos acentuados pela mesma razão ortográfica é(são):

I. intrínseca, espetáculo;

II. aí, medíocre;

III. aliás, até.

Ⓐ I – II.
Ⓑ II – III.
Ⓒ I – III.
Ⓓ I.
Ⓔ II.

104. NCE-UFRJ – Muitas palavras do texto levam acento gráfico: óleo, relógio, lâmpada etc. Em que item a seguir ocorre <u>um erro</u> de acentuação gráfica?

Ⓐ Ínterim – procurá-los-á – protótipo.
Ⓑ Para (verbo) – polo (substantivo) – pôr (verbo).
Ⓒ Crisântemo – estratégia – biquíni.
Ⓓ Álbum – périplo – ravióli.
Ⓔ Benção – leucócito – êxtase.

105. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta forma correta é:

Ⓐ poleiro;
Ⓑ impecilho;
Ⓒ lampeão;
Ⓓ mágua;
Ⓔ cortume.

106. FEPESE – Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da oração apresentada.

Bastante ____, respeitaram as ____ adotadas e tiveram sucesso no ____.

Ⓐ disciplinados – estratéjias – dissídio;
Ⓑ diplinados – estratégias – dissídio;
Ⓒ diciplinados – estratégias – discídio;
Ⓓ disciplinados – estratégias – dissídio.

107. FGV – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com "-ção", "-são" e "-ssão":

Ⓐ permissão, conversão;
Ⓑ obtenção, discussão;
Ⓒ exceção, omissão;
Ⓓ consecussão, ascenção.

108. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de <u>porque</u>, <u>porquê</u>, <u>por que</u>, <u>por quê</u>:

Ⓐ Porquê você estava tão alegre?
Ⓑ Estava alegre por que vencera.
Ⓒ Você estava tão alegre por quê?
Ⓓ Por que amava, estava alegre.

109. FCC – Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

Ⓐ Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.
Ⓑ Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

Ⓒ É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

Ⓓ Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

Ⓔ É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados frustrando assim suas legítimas pretenções.

110. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras da seguinte alternativa:

Ⓐ Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

Ⓑ Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

Ⓒ Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

Ⓓ Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

Ⓔ O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

GABARITO

1. C	15. C	29. E	43. E	57. B	71. C	85. E	99. C
2. C	16. E	30. D	44. D	58. C	72. D	86. A	100. B
3. D	17. D	31. E	45. D	59. E	73. B	87. B	101. C
4. D	18. C	32. D	46. C	60. D	74. C	88. B	102. A
5. D	19. B	33. E	47. B	61. E	75. E	89. D	103. C
6. B	20. B	34. A	48. B	62. C	76. B	90. E	104. E
7. C	21. C	35. E	49. B	63. B	77. D	91. C	105. A
8. D	22. E	36. D	50. E	64. C	78. A	92. A	106. D
9. E	23. A	37. D	51. A	65. D	79. C	93. B	107. D
10. B	24. C	38. A	52. B	66. D	80. A	94. C	108. C
11. A	25. B	39. D	53. A	67. D	81. E	95. C	109. E
12. B	26. A	40. C	54. D	68. C	82. B	96. B	110. B
13. E	27. A	41. E	55. C	69. E	83. E	97. C	
14. A	28. C	42. B	56. D	70. A	84. A	98. A	

Exercícios de Classes Gramaticais

1. FUJB – "Se Governo e Sociedade ____ os projetos atuais e se ____ a criar mais programas para a erradicação do trabalho infantil, certamente ____ o resultado que pretendem."

As lacunas da frase podem ser preenchidas, correta e respectivamente, pela seguinte alternativa é:

- **A** mantiverem – dispuserem – obterão;
- **B** manterem – disporem – obterão;
- **C** manterem – disporem – obteram;
- **D** manter – dispor – obterão;
- **E** manter – dispor – obteram.

2. NCE-UFRJ – Em todos os advérbios terminados em "–mente", a seguir transcritos, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, <u>exceto</u> em:

- **A** predominantemente;
- **B** basicamente;
- **C** negativamente;
- **D** diariamente;
- **E** humanamente.

3. CEPERJ – No segmento "Por que o futebol é o esporte mais amado do planeta?", há o emprego de adjetivo no grau superlativo relativo, o que também ocorre no trecho:

- **A** "...que caracterizam um dos mais coletivos entre os esportes..."
- **B** "...os povos amam principalmente o futebol?"
- **C** "...que atrai mais atenção que as Olimpíadas?"
- **D** "...a oportunidade aparece frequentemente, a qualquer momento..."
- **E** "...um tremendo perna de pau e o baixinho..."

4. **FGV – "Da parte do Brasil, a disposição para o diálogo continuava, não eram necessários terceiros presentes na conversa."**

No trecho acima, "terceiros" e "presentes" classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ numeral e adjetivo;
Ⓑ substantivo e adjetivo;
Ⓒ adjetivo e substantivo;
Ⓓ numeral e substantivo;
Ⓔ adjetivo e adjetivo.

5. **FURB – "Do tipo que não sai de casa sem abrir seu kit de maquiagem infantil e passar batom (no momento, favorece o vermelho), Luana (3 anos) fez a mãe ir de loja em loja atrás de um vestidinho <u>preto</u> para seu aniversário."**

A referência a cores do vestuário envolve, muitas vezes, uma combinação de tonalidades expressas por palavras simples ou compostas. Nas frases a seguir, analise a flexão das palavras em destaque:

1. **Os últimos desfiles comprovam que os estilistas deram preferência às cores cítricas, e roupas <u>amarelas-limões</u> foram as que mais receberam vaias.**
2. **As jaquetas <u>cinza</u> e os casacos <u>pretos</u> foram os itens mais aplaudidos.**
3. **As revistas e jornais especializados em moda destacaram os macacões <u>azul-marinho</u>, em oposição às cores vivas.**
4. **Blusas <u>rosa-choque</u> foram moda há décadas e parecem estar novamente em alta.**
5. **E você, o que acha de roupas <u>azuis-piscinas</u> com detalhes <u>roxos-beringelas</u>?**

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 5;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 1 – 2 – 3;
Ⓓ 3 – 4 – 5;
Ⓔ 1 – 3 – 4.

6. **FURB – "O amar traz à construção de uma família a <u>compreensão</u>, o apoio, a confiança, a liberdade. Eu e minha mulher <u>sempre</u> dizemos que a gente 'se suporta' um ao outro, não no sentido de aturar, mas de 'dar suporte' nas diversas circunstâncias de nossa vida. Para que a construção seja sólida, como uma 'casa sobre a rocha', é preciso o interesse e o perdão. Não se trata de uma atitude leviana e comodista. Perdoar, do latim *per donare* (dar para), é dar alguma coisa a <u>quem</u> precisa. Se alguém me ofende, torna-se meu devedor. Quando o perdoo, a dívida fica quitada. A 'matéria-prima' do perdão é o erro do outro. Porque erramos, Deus nos dá seu perdão. Nesse particular, perdoar se subdivide em**

vários atos, <u>como</u> vontade, generosidade e consciência. Na busca da construção das pessoas a partir do contexto familiar, é <u>importante</u> sempre reconstruir(-se).”

As classes gramaticais a que pertencem as palavras destacadas no texto são, respectivamente:

Ⓐ substantivo – adjetivo – pronome pessoal reto – interjeição – adjetivo;
Ⓑ substantivo – advérbio – pronome relativo – conjunção – adjetivo;
Ⓒ adjetivo – advérbio – adjetivo – advérbio – substantivo;
Ⓓ verbo – advérbio – conjunção – advérbio – substantivo;
Ⓔ substantivo – advérbio – pronome interrogativo – conjunção – adjetivo.

7. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo “–mente”. O advérbio do texto em que isso se pode constatar claramente é:

Ⓐ diferentemente;
Ⓑ repetidamente;
Ⓒ geralmente;
Ⓓ principalmente;
Ⓔ indubitavelmente.

8. FJPF – No trecho “Talvez, apenas, na nunca materializada pandemia de Sars, a ‘pneumonia asiática’, que tirou o sono de muita gente em novembro de 2002 <u>e</u> causou menos de 800 mortes”, a conjunção em negrito está empregada com o mesmo valor relacional que na seguinte passagem de Graciliano Ramos:

Ⓐ “Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina.”
Ⓑ “Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.”
Ⓒ “O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria.”
Ⓓ “Aproximei-me na ponta dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim.”
Ⓔ “Saiu da cadeia e tornou-se um cidadão respeitado.”

9. FEPESE – Leia o texto a seguir:

“No lugar <u>em</u> que <u>atualmente</u> está a <u>Catedral</u> foi erguida uma <u>grande</u> cruz”.

As palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ preposição – adjetivo – substantivo – substantivo;
Ⓑ conjunção – adjetivo – adjetivo – substantivo;
Ⓒ conjunção – advérbio – adjetivo – adjetivo;
Ⓓ preposição – verbo – substantivo – adjetivo;
Ⓔ preposição – advérbio – substantivo – adjetivo.

10. FUMARC – O termo que é um pronome relativo, exceto em:

- Ⓐ "Não é uma tese que se defenda..."
- Ⓑ "Os bandidos sabem que não vão ser pegos..."
- Ⓒ "...e para qualquer país que pretenda algum futuro..."
- Ⓓ "... e não pode usufruir os mínimos direitos que pensa possuir."

11. FUNRIO – Observe o fragmento abaixo e assinale a quantidade de pronomes nele existente:

"De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo".

- Ⓐ 1 pronome indefinido, 2 pronomes demonstrativos, 1 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.
- Ⓑ 2 pronomes demonstrativos, 1 pronome pessoal oblíquo e 2 pronome possessivo.
- Ⓒ 2 pronome demonstrativo, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome possessivo.
- Ⓓ 2 pronomes indefinidos, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome demonstrativo.
- Ⓔ 1 pronome indefinido, 1 pronome demonstrativo, 2 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.

12. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo "-mente". O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

- Ⓐ nacionalmente;
- Ⓑ fascinantemente;
- Ⓒ religiosamente;
- Ⓓ internacionalmente;
- Ⓔ ineficazmente.

13. NCE-UFRJ – "...o homem mais rico do mundo...". Nesse segmento ocorre a presença de um adjetivo ("rico") fora de seu grau normal. A frase a seguir que apresenta o mesmo tipo de variação de grau é:

- Ⓐ Gates é mais rico que Warren Buffett.
- Ⓑ Os americanos são o povo mais filantrópico das Américas.
- Ⓒ A filantropia americana ajuda os mais pobres.
- Ⓓ Nem sempre os mais pobres são os mais necessitados.
- Ⓔ Os americanos são mais ricos do que os peruanos.

14. NCE-UFRJ – A frase a seguir que apresenta um numeral ordinal é:

- **A** O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
- **B** Warren decidiu doar 85% de seus bens.
- **C** Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
- **D** Gates é dono de várias obras-primas.
- **E** Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

15. NCE-UFRJ – "Pessoas <u>como</u> Buffett e Gates, <u>portanto</u>, indicam um caminho para supri-la"; a alternativa que mostra dois conectivos capazes de substituir, respectivamente, de forma correta, os elementos sublinhados é:

- **A** feito – assim;
- **B** conforme – logo;
- **C** que nem – porém;
- **D** assim como – todavia;
- **E** tais – pois.

16. FUMARC – "<u>Se</u> não fosse a presença das câmeras de TV, talvez não <u>se</u> configurasse delírio tão delirante."

Os termos sublinhados são, <u>respectivamente</u>:

- **A** conjunção integrante e parte integrante do verbo;
- **B** conjunção condicional e pronome apassivador;
- **C** conjunção condicional e índice de indeterminação do sujeito;
- **D** índice de indeterminação do sujeito e pronome apassivador.

17. NCE-UFRJ – "...o completo bem-estar...". A forma plural desse segmento é:

- **A** "...os completos bem-estares..."
- **B** "...os completos bem-estar..."
- **C** "...os completos bens-estares..."
- **D** "...os completos bens-estar..."
- **E** "...o completo bem-estar..."

18. FURB – "Filmes baseados em livros não são nenhuma novidade. Em 1939, o clássico *E o vento levou* já fazia sucesso com a adaptação para as telonas da obra <u>homônima</u> de Margareth Mitchell. <u>Contudo</u>, as editoras também parecem se beneficiar da situação inversa. Agora, a tendência são os livros inspirados em longas-metragens. Dos 32 filmes indicados ao Oscar deste ano, nove podem ser levados para a cabeceira da cama. A aproximação entre a literatura e o cinema é ainda <u>mais</u> evidente para o público infantil. <u>Dois</u> dos indicados ao Oscar para melhor animação longa-metragem ganharam sua versão em papel. O livro *Up – altas aventuras*, voltado para crianças, traz histórias em quadrinhos, passatempos e jogos. A história *A princesa e o sapo* também recebeu da Disney uma forma

escrita e ilustrada. [...] Cada vez mais as empresas estão lançando produtos relacionados aos filmes. Quem gosta de uma história, acaba comprando também o livro ou um jogo eletrônico."

As palavras destacadas no texto são, respectivamente:

A adjetivo – conjunção – advérbio – numeral – substantivo;
B advérbio – preposição – adjetivo – verbo – substantivo;
C pronome relativo – preposição – numeral – numeral – adjetivo;
D adjetivo – interjeição – advérbio – verbo – adjetivo;
E adjetivo – preposição – advérbio – numeral – substantivo.

19. NCE-UFRJ – "É caro, difícil e arriscado driblar tais dificuldades..." A alternativa abaixo que mostra o adjetivo sublinhado na forma semelhante à do masculino singular apesar da ausência de um substantivo masculino é:

A "...traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano..."
B "...o segundo homem mais rico do mundo..."
C "...o estágio atual do próprio sistema capitalista..."
D "...é bom que se diga..."
E "O coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."

20. NCE-UFRJ – A alternativa em que a palavra mais tem valor distinto do das demais frases é:

A "...o segundo homem mais rico do mundo..."
B "...em sua forma mais avançada..."
C "...mais pessoas doam a projetos sociais..."
D "...o coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."
E "...o cérebro dos governantes fosse mais ventilado."

21. NCE-UFRJ – Transformações é a forma plural de transformação. O plural abaixo que está errado é:

A corações;
B cidadões;
C vilões;
D vulcões;
E certidões.

22. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que é feminina, ao contrário das demais, é:

A mármore;
B telefonema;
C alface;
D guaraná;
E creme.

23. FJPF – Na passagem "Aparecem assim os atos reflexos, as expressões emocionais de prazer, de desprazer, os reflexos adquiridos ou condicionados", as ocorrências do termo "reflexos" expressam, respectivamente, os seguintes valores:

- **A** adjetivo e substantivo;
- **B** adverbial e adjetivo;
- **C** substantivo e adverbial;
- **D** substantivo e adjetivo;
- **E** adjetivo e adverbial.

24. NCE-UFRJ – "...todo mundo diz que fazem bem, mas ele odeia"; os verbos terminados em "–ear" acrescentam um "i" ao radical nas formas rizotônicas. O item abaixo que mostra uma forma errada do verbo passear é:

- **A** passeiemos;
- **B** passeassem;
- **C** passeávamos;
- **D** passeiem;
- **E** passearás.

25. NCE-UFRJ – "Se ele trabalhar, eu também trabalharei!"; a alternativa que tem uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal equivocada é:

- **A** Se ele for, eu também irei.
- **B** Se ele ver, eu também verei.
- **C** Se ele quiser, eu também quererei.
- **D** Se ele requerer, eu também requererei.
- **E** Se ele couber, eu também caberei.

26. FEPESE – "Quando Pedro foi para a fazenda, encontrou seus amigos com suas respectivas amigas."

Na frase, encontramos:

- **A** uma conjunção e uma preposição;
- **B** uma conjunção e duas preposições;
- **C** uma conjunção e três preposições;
- **D** duas conjunções e uma preposição;
- **E** duas conjunções e duas preposições.

27. FUMARC – "Era o que a repórter queria ouvir." O termo destacado é:

- **A** artigo definido;
- **B** pronome demonstrativo;
- **C** pronome pessoal do caso oblíquo;
- **D** pronome indefinido.

28. FJPF – Quanto à classificação dos pronomes destacados, indique a alternativa correta:

Ⓐ Ele é amigo. (pronome pessoal do caso reto)
Ⓑ Pedro é aquele lavrador de quem falei. (pronome de tratamento)
Ⓒ Meu amigo trabalha na lavoura de cana-de-açúcar. (pronome demonstrativo)
Ⓓ Ninguém disse ao Sr. Lobo a verdade sobre a poluição do rio. (pronome relativo)
Ⓔ Maria ofereceu-lhe flores do seu jardim. (pronome indefinido)

29. CESGRANRIO – Indique a opção em que se encontra a única correspondência incorreta quanto às abreviações.

Ⓐ Vossa Excelência – V. Ex.ª.
Ⓑ Vossa Senhoria – V. S.ª.
Ⓒ Vossa Majestade – S. M.ª.
Ⓓ Vossa Santidade – V.S.
Ⓔ Vossa Magnificência – V.Mag.ª.

30. CESGRANRIO – Considere as frases:

I – Ficarei muito satisfeito se, ao envelhecer, me ____espiritualmente jovem.

II – Os economistas ____ soluções para os problemas financeiros.

As formas verbais que preenchem corretamente as frases acima são:

Ⓐ manter – proporam;
Ⓑ mantiver – propuseram;
Ⓒ mantiver – propuserem;
Ⓓ mantesse – propusessem;
Ⓔ mantivesse – proporam.

31. VUNESP – O grau do adjetivo maior em – "...situação de fragilidade ainda maior." – repete-se em:

Ⓐ A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.
Ⓑ As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.
Ⓒ Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.
Ⓓ O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.
Ⓔ O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

32. VUNESP – Assinale a alternativa em que a flexão verbal está corretamente empregada, de acordo com a norma culta:

Ⓐ Os empresários ficarão contentes quando transporem o obstáculo das altas taxas de juros.
Ⓑ A economia dos países sul-americanos se modernizou sem que a estrutura de renda acompanhou as transformações.

Ⓒ Quando se fazer previsões acerca da situação econômica, deve-se ter em mente as indicações do Banco Mundial.
Ⓓ A polícia interviu na greve dos bancários com hostilidade.
Ⓔ Quando o deputado vir o resultado das eleições, ficará exultante.

33. CESGRANRIO – "...quanto mais alta a pena maior a garantia de punição e menor a disposição ao crime."

A locução conjuntiva presente na passagem transcrita classifica-se como:

Ⓐ consecutiva;
Ⓑ causal;
Ⓒ proporcional;
Ⓓ concessiva;
Ⓔ conformativa.

34. FJG – A palavra grifada em "...os hábitos de 400 <u>crianças</u>..." possui, quanto ao gênero, a mesma classificação de:

Ⓐ cobras;
Ⓑ meninas;
Ⓒ testemunhas;
Ⓓ adolescentes.

35. FJG – O numeral ordinal que corresponde ao cardinal expresso em "...200 adolescentes..." é:

Ⓐ vigésimo;
Ⓑ duodécuplo;
Ⓒ ducentésimo;
Ⓓ dois centésimos.

36. FJG – A forma que corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo grifado em "...um desejo que ajudava a <u>prever</u>..." é:

Ⓐ preveem;
Ⓑ previram;
Ⓒ previam;
Ⓓ prevêm.

37. FJG – Na oração grifada "Profissões desaparecem, <u>outras são criadas</u>." ocorre voz passiva.

Passando-se para voz ativa, obtém-se a oração:

Ⓐ ...criam outras.
Ⓑ ...cria-se outras.
Ⓒ ...criam-se outras.
Ⓓ ...elas criam outras.

38. FJG – As palavras grifadas em "O que é carreira de sucesso <u>hoje</u> pode não ser <u>amanhã</u>" classificam-se como:

- **A** conjunções subordinativas temporais;
- **B** preposições essenciais;
- **C** substantivos comuns;
- **D** advérbios de tempo.

39. FJG – A alternativa em que o pronome <u>se</u> tem valor de reciprocidade é:

- **A** "As diferenças de ótica entre eles se enraízam."
- **B** "...onde a ecologia se estruturou como movimento de opinião..."
- **C** "...não se deve apenas militar em defesa dos direitos do homem..."
- **D** "...três projetos, um reformista, um intermediário, outro revolucionário se defrontam..."

40. FJG – O conector que poderia substituir, de forma adequada ao contexto, a vírgula do segmento "comemoração prévia do futebol de domingo, vitória certa" é:

- **A** pois;
- **B** mas;
- **C** logo;
- **D** embora.

41. FJG – Em "os pobres cavalos selvagens destinados a uma fábrica <u>que os transformaria num precioso produto enlatado</u>", a oração em destaque equivale a um:

- **A** substantivo;
- **B** pronome;
- **C** advérbio;
- **D** adjetivo.

42. FJG – O segmento do texto que <u>não</u> apresenta substantivos ou adjetivos com indicação de grau (aumentativo/diminutivo, comparativo/superlativo) é:

- **A** "O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper..."
- **B** "...máquina funcionando com suas rodinhas ensinadas..."
- **C** "Muitos esquecem mas alguns ainda se lembram..."
- **D** "Todos concordam, ele está ótimo, ou quase."

43. FJG – "Desde que o ato de colecionar deixou de ser restrito a reis e aristocratas, há cinco séculos, é difícil dizer o que ainda não virou coleção."

A locução <u>desde que</u> tem nessa frase do texto valor semântico distinto do que apresenta na seguinte alternativa:

Ⓐ Desde que voltou do exterior, passou a colecionar cartões-postais.
Ⓑ Não mais quis colecionar chaveiros desde que atingira a idade adulta.
Ⓒ Desde que não atrapalhe os estudos, o hábito de colecionar objetos é sadio.
Ⓓ Coleciono retratos de personalidades políticas desde que era apenas um menino.

44. FJPF – Há erro de conjugação verbal em:

Ⓐ Nas intervenções, sempre se apunham comentários maliciosos ao meu depoimento.
Ⓑ Trata-se de uma lei que vigiu na Primeira República e hoje revela-se anacrônica.
Ⓒ Encontrou-se ontem com a pessoa que delatara à polícia há dois meses.
Ⓓ Não se pode admitir que o Direito sobresteja o curso dos fatos sociais.
Ⓔ Disse-me ele que eu às vezes pretiro os limites do bom senso.

45. FJPF – A conjunção destacada no período "E <u>como</u> a produção era feita em massa, havia a necessidade de se formar também uma massa de consumidores" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

Ⓐ ainda que;
Ⓑ à proporção que;
Ⓒ visto que;
Ⓓ desde que;
Ⓔ de modo que.

46. FJPF – A conjunção destacada no período "O meu pai tinha um mal no estômago, tão de ruim <u>que</u> não podia andar" introduz oração que exprime sentido de:

Ⓐ condição;
Ⓑ causa;
Ⓒ consequência;
Ⓓ conformidade;
Ⓔ concessão.

47. FJPF – "Pareceu-me que a atenção <u>fora</u> um bom remédio" (6º parágrafo), para que seja conservado o sentido original do texto e o tempo verbal não seja alterado, o verbo destacado só pode ser substituído por:

Ⓐ seja;
Ⓑ foi;
Ⓒ será;
Ⓓ continua sendo;
Ⓔ havia sido.

48. FJPF – A forma verbal destacada na oração "mas as portas <u>mantiveram-se</u> surdas e nada facultativas", derivada do verbo <u>ter</u>, está corretamente flexionada. Nas frases abaixo também foram usadas formas derivadas do verbo <u>ter</u> e uma delas está <u>incorretamente</u> flexionada. Esta última frase é:

Ⓐ É bom que em dia de ponto facultativo cada um se atenha ao próprio descanso.
Ⓑ Se o vigia não o detesse, João Brandão entraria na repartição.
Ⓒ Como não pôde trabalhar, João Brandão se entreteve a decifrar palavras cruzadas.
Ⓓ Se João Brandão não se contiver, o vigia vai agredi-lo.
Ⓔ Os vigias das repartições retêm todos os que querem trabalhar em dia de ponto facultativo.

49. FJPF – O verbo <u>provir</u> está corretamente flexionado no trecho "...eu diria que a surpresa do resultado <u>provém</u> exatamente do fato de que tais argumentos tenham encontrado recepção tão positiva".

A opção em que esse verbo está flexionado <u>equivocadamente</u> é:

Ⓐ Supomos que a surpresa do resultado provenha exatamente desse fato.
Ⓑ Ninguém acreditou que a surpresa do resultado proviesse tão somente desse fato.
Ⓒ Havia outros fatos, dos quais a surpresa do resultado naturalmente provinha.
Ⓓ A surpresa do resultado tinha provindo não daquele, mas de outro fato.
Ⓔ É certo que a surpresa do resultado proveu não de outro, mas daquele fato.

50. ACEPE – Assinale a alternativa que apresenta o plural dos substantivos "consagração", "chão", "impressão", "irmão", "coração" e "balcão":

Ⓐ consagrações, chões, impressões, irmões, corações, balcãos;
Ⓑ consagrações, chãos, impressãos, irmãos, corações, balcãos;
Ⓒ consagrações, chãos, impressões, irmãos, corações, balcões;
Ⓓ consagrações, chões, impressãos, irmões, corações, balcões;
Ⓔ consagrações, chões, impressões, irmãos, corações, balcãos.

51. COMPERVE – "Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do 'não ter o que dizer'."

Morfologicamente, <u>não ter o que dizer</u> é um bloco semântico que se comporta, no fragmento, como:

Ⓐ locução adverbial;
Ⓑ pronome indefinido;
Ⓒ substantivo;
Ⓓ locução prepositiva.

52. CONSULPLAN – Considere os seguintes enunciados:

I. "... como a última luz na varanda."

II. "E comecei a sentir falta das pequenas brigas..."

III. "Ele a considerava como uma verdadeira companheira."

Os termos grifados são, respectivamente:

Ⓐ artigo, pronome, preposição;
Ⓑ preposição, preposição, pronome;
Ⓒ artigo, artigo, pronome;
Ⓓ artigo, preposição, pronome;
Ⓔ pronome, preposição, artigo.

53. CONSULPLAN – "Não tenho botão na camisa..." A palavra sublinhada na frase faz o plural da mesma forma que, exceto:

Ⓐ anão;
Ⓑ caixão;
Ⓒ limão;
Ⓓ zangão;
Ⓔ alemão.

54. ESAF – Indique o período correto:

Ⓐ Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
Ⓑ Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
Ⓒ Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
Ⓓ Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
Ⓔ Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

55. FEC – Na conversão da voz passiva analítica em passiva pronominal, há erro em:

Ⓐ "os aviões a jato eram desconhecidos" / desconheciam- se os aviões a jato.
Ⓑ "os antibióticos não haviam sido descobertos" / não se havia descoberto os antibióticos.
Ⓒ "quando algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações começaram a ser observadas" / quando se começaram a observar algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações.
Ⓓ "a comunidade já vem sendo ouvida, através de plebiscitos" / já se vem ouvindo a comunidade, através de plebiscitos.
Ⓔ "dentro de algum tempo, essa prática será difundida em todo o mundo" / dentro de algum tempo, essa prática se difundirá em todo o mundo.

56. FEC – No texto flexionam-se corretamente os verbos obter e deter, podendo-se dizer que o mesmo ocorre em todas as alternativas abaixo, com exceção de:

- **A** Se todas as nações detivessem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **B** Quando todas as nações obterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **C** Para que todas as nações obtenham o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **D** Menos nações detinham então o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **E** Para todas as nações deterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.

57. FEC – A alternativa em que todos os nomes flexionam-se em número como cidadão é:

- **A** tabelião – cristão – alemão;
- **B** órgão – escrivão – acórdão;
- **C** cristão – acórdão – órgão;
- **D** escrivão – órgão – tabelião;
- **E** cristão – alemão – acórdão.

58. FEC – "...de ter feito e visto o que fiz e vi." A alternativa que apresenta erro na forma verbal de uma estrutura semelhante a esse segmento do texto é:

- **A** "...de ter reavido e tido o que reavi e tive."
- **B** "...de ter dado e aceito o que dei e aceitei."
- **C** "...de ter mantido e previsto o que mantive e previ."
- **D** "...de ter composto e detido o que compus e detive."
- **E** "...de ter produzido e trazido o que produzi e trouxe."

59. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o par de orações não apresenta transformação da voz verbal:

- **A** "O que eu fiz, nenhum bicho jamais faria." / O que foi feito por mim não teria sido feito por nenhum bicho.
- **B** "O poeta espanhol Federico Garcia Lorca [...] ficou assustado com Nova York." / O poeta espanhol Federico Garcia Lorca foi assustado por Nova York.
- **C** "Enquanto os turistas admiram a qualidade da comida nos magníficos restaurantes... / Enquanto a qualidade da comida é admirada pelos turistas nos magníficos restaurantes.
- **D** "Lorca interpela os que se beneficiam com esse sistema..." / Os que se beneficiam com esse sistema são interpelados por Lorca.
- **E** "Lorca acusa os detentores do poder e da riqueza de camuflarem a dura realidade social..." / Os detentores do poder e da riqueza são acusados por Lorca de camuflarem a realidade social.

60. FUMARC – Indique a alternativa em que há erro de flexão do substantivo:

- **A** A famosa peça *Quebra-nozes* foi pela primeira vez interpretada por bailarinos afro-brasileiros.
- **B** Os guardas-civis tiveram que aceitar os salvos-condutos apresentados pelos prisioneiros.
- **C** Nas escolas-modelo há muitos mapas-múndis para orientar os alunos quando são divulgadas notícias de outros países.
- **D** Os redatores-chefes foram unânimes em afirmar que o espetáculo mais bonito foi o propiciado pelas porta-bandeiras.

61. FCC – O plural das palavras mal-estar e meia-democracia é obtido pelo mesmo procedimento que leva ao plural de:

- **A** mal-assombramento e meia-estação;
- **B** mau-olhado e meia-estação;
- **C** mau-olhado e meio-fio;
- **D** maldizente e meio-pesado;
- **E** mal-assombramento e meio-claro.

62. CESGRANRIO – Entre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:

- **A** guarda-chuvas;
- **B** olhos azuis-turquezas;
- **C** escolas-modelos;
- **D** surdo-mudos;
- **E** pores-dos-sóis.

63. CESGRANRIO – Assinale a opção em que os verbos estão flexionados corretamente, de acordo com a norma culta da língua:

- **A** Se ele se dispor a aceitar o convite, ficarei eternamente grato.
- **B** Quando ele compor uma canção, certamente será uma surpresa.
- **C** Irei à cerimônia de casamento somente se ele vir comigo.
- **D** Quando eu vir o carteiro, pedirei a ele para entrar em contato.
- **E** Vou completar a remessa se ele intervir na arrumação.

64. FJPF – A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:

- **A** "...com a roupa mal passada..." – adjetivo.
- **B** "...não dissessem os colegas que era esposa descuidada." – pronome relativo.
- **C** "começou sub-repticiamente a marcar..." – preposição.
- **D** "...um leve afrouxar-se das pálpebras." – verbo.
- **E** "...só muitos meses..." – advérbio.

65. FJPF – O plural mexilhões corresponde à forma singular mexilhão. A alternativa em que um dos vocábulos tem plural em "-ões" erradamente construído é:

Ⓐ anciões – chorões;
Ⓑ limões – correções;
Ⓒ guardiões – aldeões;
Ⓓ vulcões – corrimões;
Ⓔ escrivões – demolições.

66. FCC – A palavra destacada é um pronome em:

Ⓐ "Ir à praia cedo..."
Ⓑ "...tem uma beleza solene..."
Ⓒ "...olha a mãe que o excita..."
Ⓓ "Ela traz pela primeira vez..."
Ⓔ "...talvez sinta que o mar é bom..."

67. FCC – "...que deve ter dois anos."

A forma que não faz parte da conjugação do verbo ter ou de seus compostos é:

Ⓐ detiveram;
Ⓑ absteve;
Ⓒ contém;
Ⓓ manteu;
Ⓔ contêm.

68. FJG – O plural da expressão "obra lítero-musical" é:

Ⓐ obras lítero-musical;
Ⓑ obras líteros-musical;
Ⓒ obras lítero-musicais;
Ⓓ obras líteros-musicais.

69. FCC – Pertencem à mesma categoria gramatical os termos sublinhados na frase:

Ⓐ Daí a necessidade de criar emprego nas pequenas cidades.
Ⓑ A reforma agrária não poderá ser executada de maneira uniforme.
Ⓒ Não se trata, contudo, de "engessar" a população rural no campo.
Ⓓ Ela não será a mesma nas terras férteis.
Ⓔ A reforma agrária contribuirá para reduzir o ritmo da migração campo-cidade.

70. ACEP – Observe o período: "Os mais pudicos, se se pode aplicar a ideia de pudor a quem vive de tal ofício, os mais pudicos contentam-se em não aparecer na primeira pessoa e transferem a um personagem supostamente imaginário aquilo que eles não têm coragem de contar de si próprios".

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta da classificação dos vocábulos destacados.

Ⓐ conjunção integrante, pronome oblíquo recíproco;
Ⓑ conjunção condicional, pronome oblíquo reflexivo;
Ⓒ conjunção integrante, pronome indeterminador do sujeito;
Ⓓ conjunção condicional, pronome do caso reto;
Ⓔ conjunção condicional, pronome indeterminador do sujeito.

71. VUNESP – Assinale a alternativa em que o tempo verbal está corretamente indicado entre parênteses:

Ⓐ No mundo tudo poderia ser apresentado em generosa amplitude. (futuro do pretérito)
Ⓑ Nada lhe parece mais estúpido e mesquinho que o ideal do trabalhador. (imperativo afirmativo)
Ⓒ Se existisse uma ética do trabalho, a da aventura pode desaparecer. (pretérito mais-que-perfeito)
Ⓓ Dois princípios encarnam-*se* nos tipos do aventureiro e do trabalhador. (imperfeito do subjuntivo)
Ⓔ Só uma ética de trabalho dará valor moral positivo ao trabalho. (pretérito perfeito)

72. VUNESP – Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras com o plural correto:

Ⓐ animalzinhos – caridades – cartãos – amores-perfeito – cristães;
Ⓑ questões – salários-família – pastéis – limões – reais;
Ⓒ feijãos – arranhas-céus – ticos-ticos – pés-de-moleques – açúcares;
Ⓓ corres-corres – abaixos-assinados – cidadões – quarta-feiras – padres-nossos;
Ⓔ degrais – ancestrais – cordãos – decretos-lei – tiques-taques.

73. VUNESP – Assinale a alternativa em que o termo que, em destaque, é pronome relativo:

Ⓐ Espero que todos os convidados cheguem logo.
Ⓑ Não sairei de casa hoje desde que haja necessidade.
Ⓒ Leia este bilhete que recebi ontem.
Ⓓ Venha logo a fim de que o problema seja resolvido.
Ⓔ Hoje a partida será mais difícil que a de ontem.

74. VUNESP – Passando-se a oração – "Os calores intensos provocavam as chuvas" – para a voz passiva analítica, obtém-se:

Ⓐ As chuvas eram provocadas pelos calores intensos.
Ⓑ As chuvas são provocadas pelos calores intensos.
Ⓒ As chuvas foram provocadas pelos calores intensos.
Ⓓ Provocam-se chuvas por causa dos calores intensos.
Ⓔ As chuvas provocaram-se por causa dos calores intensos.

75. FJG – O par de palavras que faz o plural da mesma forma que a palavra "oposição" é:

Ⓐ revolução – demão;
Ⓑ tabelião – órfão;
Ⓒ escrivão – cirurgião;
Ⓓ cidadão – guardião;
Ⓔ anfitrião – fração.

76. FGV – Assinale a alternativa na qual "se" tem a mesma classificação morfológica que na frase: "Não sabemos se ela está em casa".

Ⓐ Eles se viraram para a parede.
Ⓑ Diga-nos se eles já chegaram.
Ⓒ Ele falará se você não falar.
Ⓓ Se ela não for, irei eu

77. FUNDATEC – Observe o texto: "As siglas que nomeiam as estradas têm embutidos códigos que explicam que tipo de rodovia cada uma é".

Sobre as três ocorrências da palavra <u>que</u> no texto, afirma-se que:

I. Em todas as ocorrências, é pronome relativo.

II. Apenas em duas ocorrências, é pronome relativo.

III. Apenas em uma ocorrência, é conjunção integrante.

IV. Apenas em uma ocorrência, é pronome relativo.

Quais estão corretas?

Ⓐ Apenas I e II.
Ⓑ Apenas II e III.
Ⓒ Apenas III e IV
Ⓓ Apenas I, II e III.
Ⓔ Apenas II, III e IV.

78. IPDEP – "...como <u>se</u> vê no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), não consta qualquer medida de proteção ambiental..." A palavra <u>se</u>, no trecho destacado acima, está corretamente classificada na opção:

Ⓐ pronome apassivador;
Ⓑ índice de indeterminação do sujeito;
Ⓒ pronome reflexivo;
Ⓓ conjunção integrante.

79. IPDEP – "...o Brasil é hoje o quinto maior emissor de gases do efeito estufa..." Nesta oração, temos um adjetivo que está no grau:

Ⓐ comparativo de superioridade;
Ⓑ superlativo relativo de superioridade;
Ⓒ superlativo absoluto sintético;
Ⓓ superlativo absoluto analítico.

80. NUCEPE – "Com o respeito, vêm os segredos."

Em que outra frase a palavra sublinhada é forma correta do verbo "vir", empregada adequadamente?

- **A** Se eu vir, falamos pessoalmente.
- **B** Eles veem com certeza, pois têm que cumprir a tarefa.
- **C** Quando vínhamos sempre a encontrávamos de bom humor.
- **D** Antônia quis vim o mais rápido possível.
- **E** O exército estava bem preparado: os inimigos que viesse!

81. NUCEPE – Qual das formas verbais não está no indicativo?

- **A** Permaneça.
- **B** Consegue.
- **C** Será Estendida.
- **D** Assegurarão.
- **E** Começaram.

82. UNIFAP – Para marcar a resposta correta tome como base o trecho:

"Aumentar a oferta de vagas no ensino superior e ampliar as políticas de inclusão e assistência estudantil são objetivos que exigem significativo investimento...".

- **A** Os artigos presentes no trecho foram usados para determinar os termos que referem.
- **B** Não há artigos no trecho em destaque.
- **C** No trecho, os artigos predominantes são os indefinidos já que houve necessidade de indeterminar os termos a que se referem.
- **D** O termo "a" está exercendo a função de preposição, portanto não é artigo.
- **E** Na contração "no" não há presença de artigo.

83. UPENET – Observe os termos sublinhados do trecho a seguir:

"O especialista é um homem que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, e por fim acaba sabendo tudo sobre nada". (George Bernard Shaw)

Sobre eles, é CORRETO afirmar:

- **A** "mais" é palavra variável que indica intensidade.
- **B** "menos" se classifica como palavra invariável que exprime ideia de modalidade.
- **C** "tudo" e "nada" se classificam como termos que se referem a algum antecedente.
- **D** "mais" e "menos" se classificam como palavras invariáveis que encerram ideia de intensidade.
- **E** "menos" exprime ideia de temporalidade, e "nada" se refere a algo declarado anteriormente.

84. UPENET – "Não fumo, não bebo e não cheiro. Só minto um pouco." (Tim Maia)

Os verbos do período acima estão conjugados no tempo presente. Se todos eles fossem conjugados no tempo passado, qual das alternativas abaixo não conteria incorreção?

A Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentia um pouco.
B Não fumarei, não bebo e não cheirarei. Só mentirei um pouco.
C Não fumei, não bebesse e não cheirasse. Só mentirá um pouco.
D Não fumara, não bebera e não cheirará. Só mente um pouco.
E Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentirá um pouco.

85. VUNESP – Assinale a alternativa em que há correta equivalência entre as formas verbais simples e compostas no período:

A eu faria o mesmo / tinha feito o mesmo;
B meu cunhado viajara / haveria viajado;
C eu ainda não gostava de cachorro / tinha gostado;
D todos darão palpite / haveriam dado;
E tivera alguma nobreza / tinha tido.

86. VUNESP – A forma de tratamento empregada está correta em:

A Senhor Presidente da República: se Sua Excelência assim o desejar, convocaremos outra reunião.
B Atendendo a despacho de S. Ex.ª, o Meritíssimo Juiz da 2ª Vara Cível desta Comarca, anexamos a certidão ao processo.
C Propusemos a V. S.ª, o Governador, adiamento da audiência com membros do Sindicato.
D De ordem de V. Em.ª, o novo Senhor Ministro, convidamos todos os funcionários para a solenidade de posse da diretoria do Conselho Nacional de Obras.
E Senhor Chefe de Seção: encaminhamos à consideração de Vossa Excelência pedido para entrar em gozo de férias.

87. FGV – Entre os termos sublinhados das alternativas a seguir, um não exerce papel adjetivo. Assinale-o:

A "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
B "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
C "...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital."
D "Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica."
E "O mate gelado corria sem pressa, e os vizinhos, convidados e imprensa se misturavam para ouvir histórias,..."

88. NCE-UFRJ – A opção em que a palavra em destaque tem a mesma classe de palavra de "as" na frase: "Pesquisas canadenses provaram que crianças que estudaram música precocemente têm desenvolvimento intelectual melhor do que as que não tiveram nenhum contato com ela".

- **A** "Já não é de hoje que os cientistas vêm estudando o fenômeno."
- **B** "Em 1999, uma pesquisa feita no Instituto de Psicologia da USP mostrou..."
- **C** "Que o digam aqueles que aprenderam música desde pequenos."
- **D** "A música é capaz de mudar a frequência..."
- **E** "...está diretamente associada à promoção da saúde, ..."

89. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que o termo destacado não é classificado como conjunção é:

- **A** O aluno contou a piada, mas a professora não riu.
- **B** O aluno contou uma caso para a professora rir.
- **C** A professora ensinou corretamente as conjunções e as preposições.
- **D** A professora não queria que ninguém risse.
- **E** Juquinha não sabia se sua piada iria agradar.

90. FGV – Em "Azar, azar, azar. Povo tão bom que nós somos, fomos arranjar, por exemplo, políticos abomináveis, como às vezes nos parecem ser quase todos eles.", a palavra que deve ser classificada como:

- **A** conjunção integrante;
- **B** conjunção subordinativa;
- **C** preposição;
- **D** pronome relativo;
- **E** partícula de realce.

91. CEPERJ – O plural de "radiação ultravioleta" é:

- **A** radiações ultravioleta;
- **B** radiações ultravioletas;
- **C** radiaçãos ultravioleta;
- **D** radiaçãos ultravioletas;
- **E** as radiação ultravioleta.

92. CEPERJ – As abreviaturas dos pronomes de tratamento usados para ministros de Estado e reitores são, respectivamente:

- **A** Exma e V. Mg^{ci}.
- **B** Exª e V. Mag^{a}.
- **C** Exª e V. Em^{a}.
- **D** Exc^{ia} e V. Rvm^{a}.
- **E** Exc^{ia} e V. S^{a}.

93. CEPERJ – Entre as palavras abaixo, aquela que não apresenta plural metafônico, isto é, aquela cujo plural não determina mudança de timbre da vogal tônica é:

- **A** o idoso;
- **B** o acordo;
- **C** o despojo;
- **D** o reforço;
- **E** o forno.

94. CEPERJ – No segmento "...a razão da dependência dos idosos, isto é, o número de pessoas...", a expressão em destaque denota:

Ⓐ adição;
Ⓑ afirmação;
Ⓒ explicação;
Ⓓ conclusão;
Ⓔ retificação.

95. NCE-UFRJ – A frase que <u>não</u> apresenta qualquer tipo de pronome demonstrativo é:

Ⓐ Ela não é a que eu vi na festa.
Ⓑ Não conheço tal livro.
Ⓒ Gosto mais do primeiro do que deste que agora tenho.
Ⓓ Naqueles tempos bíblicos, todos já nasciam velhos.
Ⓔ O que pensas a respeito dele?

96. CEPERJ – "...vêm carregadas de advertências confusas..." O verbo "vir" está <u>incorretamente</u> flexionado na frase:

Ⓐ Vimos aqui agora consultar um dicionário médico.
Ⓑ É importante virmos sempre aqui consultar um dicionário médico.
Ⓒ Pensavam que viéramos aqui para consultar um dicionário médico.
Ⓓ Viemos hoje, nesse momento, consultar um dicionário médico.
Ⓔ Se viermos à biblioteca amanhã, consultaremos um dicionário médico.

97. FJPF – Considerando-se o emprego do pronome sublinhado no trecho "e os mais atentos ganham terreno repetindo <u>consigo</u> mesmos", pode-se afirmar que está gramaticalmente <u>incorreta</u> a frase:

Ⓐ O professor dirigiu-se ao aluno e disse: "Carlos, quero falar consigo".
Ⓑ Reprovado, o aluno pensava consigo como daria a notícia aos pais.
Ⓒ O professor levava consigo para as aulas sempre o mesmo livro.
Ⓓ O universitário portava consigo a carteira de estudante.
Ⓔ Contar consigo mesmo para resolver os problemas era o que convinha ao universitário.

98. UECE – "Liberdade e democracia são, <u>pois</u>, instâncias inevitáveis e assustadoras..."

É correto afirmar-se sobre o vocábulo "pois" que:

Ⓐ é um pronome e equivale à palavra <u>também</u>;
Ⓑ é uma conjunção e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓒ é um pronome e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓓ é uma conjunção e equivale à palavra <u>também</u>.

99. UECE – A forma "traz" é de um verbo irregular, cujo presente do indicativo se escreve trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem. Também está correta a flexão do verbo:

Ⓐ aguar → agôo, agoas, agoa, aguamos, aguais, agoam;
Ⓑ deter → deti, deteste, deteu, detemos, detestes, deteram;
Ⓒ remediar → remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam;
Ⓓ perder → perdo, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

100. NCE-UFPR – "...publicou uma nota na qual revelava..."; "...época na qual a imprensa da Grã-Bretanha..."; a frase em que o segmento "na qual" deveria ser mais adequadamente substituído por "onde" é:

Ⓐ Morava perto de uma pracinha na qual se reunia com os amigos.
Ⓑ O grupo lia a revista na qual todos confiavam.
Ⓒ Leu a notícia na qual estavam presentes os nomes dos amigos.
Ⓓ As folhas nas quais se encontrava a nota estavam rasgadas.
Ⓔ Aquela era a letra de música na qual se cometiam erros grosseiros.

GABARITO

1. A	16. B	31. E	46. C	61. A	76. B	91. A
2. A	17. A	32. E	47. E	62. A	77. B	92. B
3. A	18. A	33. C	48. B	63. D	78. B	93. B
4. B	19. D	34. C	49. E	64. C	79. B	94. C
5. B	20. C	35. C	50. C	65. E	80. C	95. D
6. B	21. B	36. A	51. C	66. C	81. A	96. D
7. B	22. C	37. A	52. D	67. D	82. A	97. A
8. B	23. A	38. D	53. A	68. C	83. D	98. C
9. E	24. A	39. D	54. E	69. A	84. A	99. C
10. B	25. B	40. A	55. B	70. E	85. E	100. A
11. E	26. B	41. D	56. B	71. A	86. B	
12. C	27. B	42. C	57. C	72. B	87. E	
13. B	28. A	43. C	58. A	73. C	88. C	
14. C	29. C	44. B	59. B	74. A	89. B	
15. E	30. B	45. C	60. C	75. E	90. E	

Exercícios de Estrutura do Vocábulo Formação de Palavras

1. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra <u>inadequação</u> entre cognatos é:

Ⓐ terra – aterrorizar;
Ⓑ lei – legalizar;
Ⓒ acordo – acordar;
Ⓓ temor – atemorizar;
Ⓔ homem – humanizar.

2. UECE – A palavra "reajuste" sofreu os seguintes processos de formação:

Ⓐ ajuste → reajustar → ajustar → reajuste;
Ⓑ justo → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓒ ajuste → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓓ justo → reajustar → ajustar → reajuste.

3. Na palavra <u>erradicar</u> há um valor semântico de "movimento para fora". A palavra abaixo em que se repete esse mesmo valor é:

Ⓐ elipse;
Ⓑ êxodo;
Ⓒ embarcar;
Ⓓ ilegal;
Ⓔ discordar.

4. FJPF – Nos itens abaixo, a primeira palavra, formada por derivação prefixal, compõe um par com outra formada pelo mesmo processo. Possuem significação essencialmente distinta os prefixos das palavras pertencentes ao par:

Ⓐ contramão – antitóxico;
Ⓑ predisposição – antevisão;
Ⓒ irrelevante – desconfortável;
Ⓓ extraconjugais – hipotensão;
Ⓔ imposição – intrometer.

5. **FJPF – O vocábulo abaixo que não traz em seu prefixo a ideia de negação é:**

A "...ou pelo descaso com que são administrados..."
B "...a contraposição entre esse tipo de atividade..."
C "...novas áreas de desmatamento..."
D "...interesses os mais díspares..."

6. **FGV – Na palavra anjinho, o sufixo "-inho" pode denotar feição carinhosa. No português do Brasil, é comum que esse sufixo, dependendo do contexto de seu uso, assuma variadas significações.**

Assinale a alternativa em que o uso do sufixo "-inho" ou sua flexão atribui feição depreciativa à palavra:

A O copo está cheiinho.
B Filha, até quando vai aguentar essa vida de professorinha?
C Vem cá, rapidinho.
D Filhinho, faça isso para sua mãezinha.
E Chegue mais perto, meu bichinho.

7. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha o mesmo sentido que o de imigrante:**

A imberbe;
B imergir;
C incréu;
D iníquo;
E inválido.

8. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha valor distinto do de incompetentes:**

A irrespondível;
B agnósticos;
C ateus;
D incorrer;
E inafiançável.

9. **FUMARC – Em todas as alternativas verifica-se o prefixo "in", ou variantes suas, com valor negativo, exceto em:**

A ilícito;
B invalidar;
C incrimina;
D irrealizável.

10. **FUMARC – O prefixo "des-" tem o mesmo valor semântico, exceto em:**

A Por não haver prosseguido em seus estudos, acabou desabilitando-se para o cargo.
B O fechamento da ferrovia desabasteceu de mercadorias muitas cidades do sertão.

Ⓒ As famílias desabrigadas pelas chuvas foram acomodadas num galpão cedido pela prefeitura.
Ⓓ A revelação da testemunha desnuda o esquema da venda ilegal do medicamento.

11. FUNCAP – Em "...externamos nossos sentimentos para vivê-los mais intensamente" e "Os amores silenciosos podem provocar o choro", as palavras destacadas são formadas, respectivamente, a partir de processos de:

Ⓐ derivação sufixal e composição por justaposição;
Ⓑ composição por justaposição e derivação regressiva;
Ⓒ derivação sufixal e derivação regressiva;
Ⓓ derivação regressiva e derivação parassintética;
Ⓔ derivação parassintética e derivação prefixal.

12. COSEAC-UFF – Observando-se o sufixo da palavra em destaque no trecho "Essa comicidade, ainda eficaz, apesar da dicção lusa, pré-modernista, é temperada pela melancolia", pode-se afirmar que, entre as opções abaixo, aquela em que as três palavras foram formadas por sufixos de mesmo valor significativo e gramatical do sufixo da palavra destacada acima é:

Ⓐ civismo – amplitude – sorveteria;
Ⓑ acidez – contumácia – esquecimento;
Ⓒ vadiagem – passeata – brancura;
Ⓓ grandeza – eficácia – doçura;
Ⓔ folhagem – arvoredo – falácia.

13. NCE-UFRJ – Um dos processos mais comuns de formação de palavras em língua portuguesa é o da sufixação ou derivação sufixal; o item em que figura um vocábulo do texto que não exemplifica esse tipo de formação é:

Ⓐ perigosas – consumidores – informação;
Ⓑ recentemente – sociedade – publicidade;
Ⓒ essencial – responsabilidade – intransferível;
Ⓓ brasileiro – publicitária – regulamentação;
Ⓔ crianças – sentimento – situação.

14. NCE-UFRJ – A palavra que não é formada pelo processo de sufixação é:

Ⓐ acadêmica;
Ⓑ especializações;
Ⓒ flexibilidade;
Ⓓ filminhos;
Ⓔ negócio.

15. NCE-UFRJ – O vocábulo abaixo que difere dos demais quanto ao processo de formação é:

- **A** desalmado;
- **B** enriquecer;
- **C** anoitecer;
- **D** amanhecer;
- **E** alvorecer.

16. NCE-UFRJ – Há vários processos para formar novas palavras. A palavra <u>resistência</u> foi formada por:

- **A** derivação prefixal;
- **B** derivação sufixal;
- **C** derivação parassintética;
- **D** derivação regressiva;
- **E** derivação.

17. FJPF – Considerando-se os processos de formação de palavras em português pelo princípio dos constituintes imediatos, pode-se afirmar que há um caso de sufixação no seguinte substantivo:

- **A** anti-reumático;
- **B** sem-terra;
- **C** encontro;
- **D** contrafé;
- **E** bom-mocismo.

18. FJPF – A alternativa que mostra uma palavra que <u>não</u> foi formada por derivação sufixal é:

- **A** libertação – equívoco;
- **B** sofrimentos – individualidade;
- **C** apresamento – marinha;
- **D** restituição – afirmação;
- **E** pavoroso – tenebroso.

19. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra <u>não</u> tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>saturnianos</u>:

- **A** silencioso;
- **B** investigação;
- **C** expurgou;
- **D** definição;
- **E** rochosos.

20. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>empapuçados</u>:

Ⓐ letreiro;
Ⓑ clientela;
Ⓒ embarcou;
Ⓓ desencantar;
Ⓔ romântico.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>infraestrutura</u>:

Ⓐ nova-iorquina;
Ⓑ paraisópolis;
Ⓒ planejando;
Ⓓ sobreviver;
Ⓔ embora.

22. FGV – A palavra <u>emudecendo</u> foi formada pelo processo de:

Ⓐ composição por aglutinação;
Ⓑ derivação prefixal;
Ⓒ derivação parassintética;
Ⓓ derivação sufixal;
Ⓔ derivação imprópria.

23. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada por derivação parassintética:

Ⓐ outonal;
Ⓑ encampando;
Ⓒ babaquice;
Ⓓ mamoeirão;
Ⓔ ideologia.

24. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>entrevejo</u>:

Ⓐ joalheria;
Ⓑ serenidade;
Ⓒ decodifica;
Ⓓ acompanhando;
Ⓔ perfumadas.

25. CESGRANRIO – Relacione as palavras ao seu respectivo processo de formação.

(I) malsão	**(R) derivação sufixal**
(II) incerto	**(S) derivação prefixal**
(III) envelhecer	**(T) derivação parassintética**
(IV) aceitável	

A relação correta é:

- **A** I – R – III – S, IV – T;
- **B** I – S – II – T – III – R;
- **C** I – T – II – S, III – R;
- **D** II – R – III – T – IV – S;
- **E** II – S – III – T – IV – R.

26. CESGRANRIO – As opções abaixo apresentam uma palavra derivada e a sua origem, exceto uma. Indique-a:

- **A** disponibilizar – disponível;
- **B** simulações – simular;
- **C** incidente – acidente;
- **D** potencial – potência;
- **E** ocorrência – ocorrer.

27. EPCAR – Assinale a alternativa em que a correspondência, quanto à formação de palavras, está incorreta:

- **A** televisão – hibridismo;
- **B** hipótese – derivação prefixal;
- **C** descampado – derivação parassintética;
- **D** semideus – composição por aglutinação.

28. EPCAR – Nas alternativas a seguir apresentaram-se palavras cujos elementos mórficos foram analisados incorretamente, exceto em:

- **A** Fazendo = Faz (radical) – e (vogal temática) – ndo (desinência verbal).
- **B** Vice-presidente = Vice (radical) – presid (radical) – ent (sufixo).
- **C** Senadora = Senador (radical) – a (vogal temática).
- **D** Quiser = Quiser (radical).

29. EPCAR – Assinale a alternativa em que a palavra destacada é formada por derivação regressiva:

- **A** Infelizmente, é um dos principais.
- **B** Com as suas velhacarias, deverás tu...
- **C** De que diabo de jogo estás aí a falar?
- **D** Por que razão não vais só? Poupa-me o desgosto de encarar aquele homem.

30. EPCAR –

I. No vocábulo surradíssimo, observa-se a derivação sufixal.

II. Os vocábulos sorriso, arterial e ironizar são formados por sufixos nominais.

III. Patologia é formado por hibridismo.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

Ⓐ I;
Ⓑ I e II;
Ⓒ II e III;
Ⓓ I, II e III.

31. NCE-UFRJ – Assinale a opção em que há erro na identificação do elemento mórfico grifado:

Ⓐ Alunas: desinência de feminino.
Ⓑ Comprar: radical.
Ⓒ Aluguei: vogal temática.
Ⓓ Pareceram: vogal temática.
Ⓔ Influência: desinência de feminino.

32. FUNDEC – O termo grifado no trecho "preocupados com a saúde ambiental do planeta" apresenta sufixo de significado idêntico ao das palavras abaixo relacionadas, exceto ao da palavra:

Ⓐ mensal;
Ⓑ outonal;
Ⓒ conjugal;
Ⓓ laranjal;
Ⓔ campal.

33. FUNDEC – Dos itens abaixo, aquele em que dos três verbos formam-se substantivos com sufixo idêntico ao usado na formação de carregamento é:

Ⓐ punir – lavar – casar;
Ⓑ desconsiderar – enrubescer – desligar;
Ⓒ ajuizar – descomprometer – afastar;
Ⓓ descumprir – irradiar – desobedecer;
Ⓔ agradecer – passear – totalizar.

34. FUNRIO – O vocábulo "pirataria" é formado por meio de derivação sufixal. A palavra que também se formou por derivação sufixal, é:

Ⓐ secretário;
Ⓑ combate;
Ⓒ desarticulação;
Ⓓ devemos;
Ⓔ narcotráfico.

35. FUNRIO – O vocábulo rancorosamente é formado pelo processo de derivação prefixal e sufixal. A palavra a seguir formada pelo mesmo processo é:

- **A** tradicional;
- **B** choupana;
- **C** desigualdade;
- **D** eletricidade.

36. CEPERJ – Quanto à estrutura mórfica do termo, está correta a análise apresentada na alternativa:

- **A** Desgarradas (garra) = tema.
- **B** Choverá (rá) = desinência número-pessoal.
- **C** Levitante = (ante) = sufixo.
- **D** Estrada (a) = desinência nominal de gênero.
- **E** Terra (terra) = radical.

37. FEC – "É intolerável que cerca de um quinto da população adulta do globo seja ainda analfabeta." O prefixo presente no termo sublinhado tem o mesmo valor semântico do prefixo presente em:

- **A** imperfeito;
- **B** injetável;
- **C** invejoso;
- **D** internacional;
- **E** intrometido.

38. CESGRANRIO – O vocábulo que apresenta um processo de formação de palavras diferente dos demais é:

- **A** piazinho;
- **B** chaleira;
- **C** girassol;
- **D** boleadeira;
- **E** brigão.

39. FJPF – Em "Uma língua de espuma avança até o seu pezinho", o vocábulo sublinhado é um diminutivo de valor afetivo. A alternativa que apresenta um diminutivo de valor intensivo é:

- **A** As ondinhas não atemorizavam o menino.
- **B** O cronista andava com passinhos rápidos.
- **C** Ela levou o menino rapidinho para as ondas.
- **D** Ela trazia o seu menininho com muito cuidado.
- **E** A espuminha das ondas batia nos pés do menino.

40. FCC – "É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação." (Celso Cunha, *Gramática do português pontemporâneo*)

Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:

Ⓐ júri, perjúrio e ajuizar;
Ⓑ consideração, constelação e conspiração;
Ⓒ solitário, dissolução e insólito;
Ⓓ vidente, revisor e convincente;
Ⓔ condução, condizente e irredutível.

41. FCC – São da mesma família (ou seja, têm o mesmo radical) as seguintes palavras:

Ⓐ absorver – proteger – requerer;
Ⓑ sabido – sabem – sapiência;
Ⓒ fluxo – migração – Deslocamento;
Ⓓ região – reforma – redução;
Ⓔ rural – agrícola – fundiário.

42. FCC – O prefixo das palavras "injusto" e "inaceitável" tem sentido equivalente ao dos prefixos de:

Ⓐ corroborar e contradizer;
Ⓑ decrescer e descumprir;
Ⓒ desmentir e refazer;
Ⓓ ante-sala e antinomia;
Ⓔ abdicar e refluir.

43. FJG – O valor semântico do prefixo da palavra ilibada é o mesmo que o da palavra:

Ⓐ inundada;
Ⓑ inserida;
Ⓒ ilação;
Ⓓ inócua;
Ⓔ ilustre.

44. FJG – O prefixo da palavra infelicidade corresponde semanticamente ao de:

Ⓐ ilação;
Ⓑ irrupção;
Ⓒ ilícito;
Ⓓ infixo;
Ⓔ insolação.

45. NUCEPE – Observe o período: "Conhecemos o destino do estuprador Gilson, julgado e condenado pela Lei do Crime".

O processo de formação de palavras que dá origem aos termos sublinhados é:

- A derivação por justaposição;
- B derivação prefixal;
- C composição por aglutinação;
- D composição por justaposição;
- E derivação sufixal.

46. UPENET – Marque a única opção abaixo que não conserva o prefixo in – com o mesmo sentido em que este se apresenta na palavra indesejada:

- A ilegal;
- B irrestrito;
- C impermeável;
- D inativo;
- E imigrar.

47. UPENET – Observe o texto: "Era segunda-feira. O dia estava calmo, um silêncio ensurdecedor foi quebrado pelo canto de um beija-flor que parecia olhá-lo da janela. Perdeu a hora para ir ao colégio, espreguiçou-se e embora estivesse sem vontade de sair da cama, conseguiu".

As palavras destacadas são formadas, respectivamente, através dos seguintes processos:

- A aglutinação – justaposição – aglutinação;
- B justaposição – aglutinação – justaposição;
- C justaposição – justaposição – justaposição;
- D aglutinação – aglutinação – aglutinação;
- E justaposição – justaposição – aglutinação.

48. CEPERJ – Apresentam o mesmo prefixo os vocábulos:

- A associar e abusar;
- B cooperação e competição;
- C desleal e denúncia;
- D combater e contradizer.

49. CEPERJ – O par de palavras que exemplifica um processo de formação de palavras diferente daquele encontrado em "consumir/consumo" é:

- A comprar – compra;
- B processar – processo;
- C usar – uso;
- D descartar – descarte;
- E sentir – sentido.

50. CEPERJ – A palavra “envelhecimento” é formada por:

- Ⓐ derivação prefixal;
- Ⓑ derivação sufixal;
- Ⓒ derivação prefixal e sufixal;
- Ⓓ derivação parassintética;
- Ⓔ composição por aglutinação.

GABARITO

1. A	11. C	21. D	31. E	41. C
2. B	12. D	22. C	32. D	42. B
3. B	13. C	23. B	33. C	43. D
4. D	14. E	24. C	34. A	44. C
5. B	15. E	25. E	35. C	45. E
6. B	16. B	26. C	36. D	46. E
7. B	17. E	27. D	37. A	47. E
8. C	18. A	28. A	38. C	48. B
9. C	19. C	29. E	39. C	49. E
10. D	20. C	30. A	40. D	50. D

Exercícios de Regência Nominal e Verbal

1. CESGRANRIO – Observe as frases abaixo, quanto à regência.

I. O brasileiro prefere atualmente samba do que bolero.

II. Tal atitude implicou na sua demissão.

III. Ele sempre obedecia a ordens superiores.

IV. Assistimos emocionados àquele espetáculo de cores.

Estão corretas:

A somente I e IV;
B somente II e III;
C somente II e IV;
D somente III e IV;
E somente I, II e III.

2. ESAF – A regência verbal está correta na frase da opção:

A Eles preferiam mais música do que cinema.
B Antônio, eu lhe vejo amanhã lá no clube.
C O secretário informou ao candidato o resultado da prova.
D A humanidade aspira dias melhores de existência.
E É preciso seguir ao regulamento.

3. NCE-UFRJ – Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:

A Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
B Os técnicos procederam à análise da documentação.
C Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
D Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
E Não lhe desobedecerei jamais.

4. **FCC – "O mundo está <u>sedento</u> por gasolina e diesel especiais..."**

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

- **A** ...notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
- **B** ...de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
- **C** ...no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
- **D** ...as reservas de gás de Bahia Blanca.
- **E** ...resinas termoplásticas para toda a região.

5. **FEC – Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome "o" menos uma, em que o correto seria o emprego do "lhe". Essa frase está na opção:**

- **A** Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
- **B** Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
- **C** Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
- **D** O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
- **E** A empresa que construiu o computador resolveu doá-lo para um museu.

6. **FESP-RJ – O verbo "partir" é classificado como transitivo direto e indireto em:**

- **A** Eu também gostaria de partir amanhã bem cedo.
- **B** Às vezes dá vontade de descer e partir para a briga.
- **C** Curiosamente, o novo viaduto parecia partir a cidade.
- **D** Ele costuma partir todos os seus ganhos entre os familiares.
- **E** Deve-se ter cuidado para não se partir de falsas afirmações.

7. **NCE-UFJR – Observando-se as normas da língua culta, há inadequação no emprego do pronome pessoal oblíquo na frase:**

- **A** Prevenimos-lhe de que os resultados das pesquisas podem variar muito num curto espaço de tempo.
- **B** A nova descoberta, comunicamo-la a Vossa Senhoria, movidos pelo desejo de contribuir para a ciência.
- **C** Avisamos-lhe que suas pesquisas estão aquém das expectativas.
- **D** A equipe de cientistas obedece-lhe naquilo que for importante para as novas descobertas.
- **E** Aos críticos, os cientistas perdoaram-lhes porque, apesar dos erros de análise, a intenção foi boa.

8. NCE-UFRJ – A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:

- **A** A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
- **B** O ideal por que este grupo luta é atingível.
- **C** O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
- **D** A falha que perdoamos não foi grave.
- **E** O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

9. VUNESP – Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

- **A** Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.
- **B** Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.
- **C** Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.
- **D** Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.
- **E** Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

10. CESGRANRIO – Indique a opção em que somente a palavra "cujo" preenche corretamente a lacuna, de acordo com a norma culta:

- **A** O escritor _____ estilo eu não gosto vai lançar duas obras este ano.
- **B** A empresa _____ o nome foi decidido em assembleia vai ser inaugurada amanhã.
- **C** A professora _____ livro foi reeditado trabalhou em uma universidade estrangeira.
- **D** A universidade _____ vestibular meu filho se preparou fica no centro da cidade.
- **E** O rapaz, o _____ pai encontrei, trabalha na minha empresa.

11. FESP-RJ – Se se levar em conta que "<u>regência verbal é a maneira de um verbo relacionar-se com seus complementos</u>", a resposta adequada às exigências da gramática normativa encontra-se na opção:

- **A** O aluno vai na escola e desaprende a argumentar.
- **B** O aluno respeita quem lhe ensina a viver.
- **C** Alunos aspiram a uma escola de melhor qualidade.
- **D** A escola prefere mais alunos passivos do que contestadores.
- **E** A turma assistiu o torneio mundial de vôlei.

12. NCE-UFRJ – Considerando-se as normas de regência da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:

- **A** Não há quem não aspire a um emprego seguro, com bom salário.
- **B** O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
- **C** Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.

Ⓓ A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
Ⓔ O fim desta é informar a V. Sª sobre as novas regras vigentes na instituição.

13. FJG – Há erro de regência em:

Ⓐ Tive certeza que o homem e o almocreve se tornariam amigos depois do incidente.
Ⓑ Custou ao homem entender o que estava acontecendo.
Ⓒ O homem pagou ao almocreve com uma moeda de prata?
Ⓓ Senti medo de que o homem não respeitasse o almocreve.
Ⓔ Sou favorável a que haja entendimento entre o homem e o almocreve.

14. FUNDEC – A mudança na regência verbal acarreta mudança de sentido em todas as alternativas abaixo, <u>exceto</u>:

Ⓐ Os sequestradores contavam o dinheiro do resgate.
Os sequestradores contavam com o dinheiro do resgate.
Ⓑ Esse comentarista vive falando nos políticos mineiros.
Esse comentarista vive falando aos políticos mineiros.
Ⓒ O juiz decidiu-se pelo encerramento da sessão.
O juiz decidiu-se no encerramento da sessão.
Ⓓ Cientificou os repórteres de que a viagem seria cancelada.
Cientificou aos repórteres que a viagem seria cancelada.

15. VUNESP – O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está <u>correto</u> apenas em:

Ⓐ Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.
Ⓑ Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.
Ⓒ Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.
Ⓓ Já se vislumbra o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.
Ⓔ Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.

16. CESGRANRIO – Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se <u>contraria</u> a norma culta da língua:

Ⓐ É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.
Ⓑ O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.
Ⓒ O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.
Ⓓ Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.
Ⓔ Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.

17. FCC – A frase construída de forma inteiramente correta é:

Ⓐ Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
Ⓑ A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
Ⓒ A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
Ⓓ Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
Ⓔ Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

18. FCC – A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescritiva, no que se refere à regência, é:

Ⓐ Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.
Ⓑ Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.
Ⓒ A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.
Ⓓ Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.
Ⓔ Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

19. FESP-RJ – Ninguém _____ pediu nada, nem _____ ajudou, ninguém _____ julgou e nem_____ condenou por isso.

Os pronomes que completam adequadamente as lacunas da frase acima são, respectivamente:

Ⓐ lhe, lhe, o, o;
Ⓑ lhe, o, lhe, o;
Ⓒ o, lhe, o, lhe;
Ⓓ lhe, o, o, o;
Ⓔ o, lhe, o, o.

20. FEC – Sobre a regência do verbo <u>assistir</u> na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:

Ⓐ está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de <u>ser do direito</u>;
Ⓑ é semelhante à regência do verbo <u>amar</u> em frases como "Deve-se amar ao próximo;
Ⓒ admite a construção passiva, que seria "o início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana";

Ⓓ está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil;

Ⓔ é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

21. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ É preferível de que haja menos autoritarismo.

Ⓑ A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

Ⓒ É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.

Ⓓ É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.

Ⓔ Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

22. CESPE-UnB – Verifique o emprego das formas verbais destacadas nos fragmentos de texto abaixo:

I. "A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão."

II. "Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição."

III. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

IV. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

V. "Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos e os conceitos específicos que não possam ser dispensados."

Em relação à regência verbal, é correto afirmar que, nos fragmentos de texto:

Ⓐ "implica" é transitivo indireto;

Ⓑ "obedece" é transitivo direto;

Ⓒ "comunicar" é intransitivo;

Ⓓ "impõe" é transitivo direto;

Ⓔ "precise" é transitivo indireto.

23. NCE-UFRJ – "...que se preocupassem em medir o tempo..."

Na frase, o uso da preposição "em" se deve à regência do verbo "preocupar-se". Qual das frases a seguir é correta quanto à regência verbal, segundo a norma culta?

Ⓐ Entrou e saiu da sala.

Ⓑ O filme foi assistido pelos alunos no tempo de aula.

Ⓒ Uma boa faculdade era aspirada por todos.

Ⓓ O péssimo resultado implicou um novo concurso.

Ⓔ Assistiu e gostou do filme.

24. ESAF – Aponte o trecho correto quanto à regência:

Ⓐ Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

Ⓑ Em muitas cidades pequenas, no interior do país, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

Ⓒ Como é interesse do país de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

Ⓓ A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

Ⓔ No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

25. NCE-UFRJ – Na frase: "...assistindo a um bom Vasco *x* Flamengo...", o verbo "assistir" necessita da preposição "a", adquirindo, assim, o significado de "presenciar", "observar"; caso não houvesse essa preposição, o mesmo verbo teria o sentido de "auxiliar", "ajudar". O verbo a seguir que varia de sentido conforme a sua regência é:

Ⓐ gostar/gostar de;

Ⓑ amar/amar a;

Ⓒ ver/ver a;

Ⓓ aspirar/aspirar a;

Ⓔ observar/observar a.

26. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> de regência, quanto ao verbo sublinhado, em:

Ⓐ Quem ofende, não <u>perdoa</u>.

Ⓑ Não devemos <u>chamá</u>-lo de herói.

Ⓒ É preciso <u>informar</u>-lhes da nova legislação.

Ⓓ O diretor não queria <u>visar</u> aquele documento.

Ⓔ Os candidatos <u>aspiravam</u> a um cargo mais elevado.

27. NCE-UFRJ – Assinale a frase em que há erro no emprego de "o" ou "lhe":

Ⓐ Mandei-o visitar os pais em Petrópolis.

Ⓑ Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis.

Ⓒ Eu lhe felicitarei pela vitória.

Ⓓ Não lhe assiste o direito de protestar.

Ⓔ A verdade é que eu lhe quero muito bem.

28. FESP-RJ – Há <u>erro</u> no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:

Ⓐ Os cheques <u>que</u> ele visava eram de outra agência.

Ⓑ Os prêmios <u>a que</u> ele aspirava não serão concedidos.

Ⓒ São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
Ⓓ Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
Ⓔ As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

29. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está incorreta em:

Ⓐ O sucesso, quem não o aspira?
Ⓑ Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
Ⓒ Os objetivos a que eles visam são torpes.
Ⓓ Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
Ⓔ Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

30. FUNDEC – Assinale a alternativa incorreta com relação à regência verbal:

Ⓐ Informaram-nos de tudo.
Ⓑ Informaram-na sobre tudo.
Ⓒ Informaram-lhes de tudo.
Ⓓ Informaram-me tudo.

31. CESGRANRIO – Analise as frases abaixo, de acordo com a norma culta da língua:

1. Aquele cidadão aspira a convivências amáveis.
2. O magistrado conferiu àqueles infratores pena capital.
3. Preferimos conduzir o povo à conscientização do que à degradação social.
4. O juiz informou-os de sua resolução.
5. Os parlamentares de cujo apoio reivindicamos mantiveram-se fiéis.
6. Quero muito bem a meus companheiros.

As frases totalmente corretas são:

Ⓐ somente 1 e 2;
Ⓑ somente 1, 3 e 6;
Ⓒ somente 2, 3 e 6;
Ⓓ somente 3, 4 e 5;
Ⓔ somente 1, 2, 4 e 6.

32. FJG – "...que a percebe apenas como meio de ascensão social..."

A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?

Ⓐ Não lhe agrada semelhante profecia?
Ⓑ A resposta do professor não o satisfez.
Ⓒ Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
Ⓓ O poeta assistiu-a nas horas amargas.
Ⓔ Eu lhe lembrarei das datas.

33. FJG – "Quem manda e quem obedece?"

O verbo destacado na frase acima aparece em uma frase gramaticalmente mal construída em:

- **A** É bem difícil definir que princípios devem obedecer os jornalistas.
- **B** São poucos os jornalistas a cujas ideias a opinião pública carioca obedece cegamente.
- **C** Julgam-se mais confiáveis os jornalistas que obedecem ao que a lei determina.
- **D** Dentre tantas convicções, os jornalistas acabam obedecendo àquelas que lhes melhor aparentam.

34. FESP-RJ – A alternativa em que se pode condenar a construção que envolve o pronome relativo é:

- **A** Ligue o rádio para ouvir as canções que gosta.
- **B** Não são poucas as pessoas que visitastes.
- **C** O filme a que assistiremos é imperdível.
- **D** O livro que li está esgotado.

35. NCE-UFRJ – Segundo Celso Cunha, o verbo visar – no sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "pretender" – pode construir-se com objeto indireto ou direto: "visando à noite de gala" ou "visando a noite de gala".

A dupla regência verbal é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:

- **A** Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego.
- **B** Vários municípios aderiram à campanha / a campanha.
- **C** Nem todo mundo consegue recorrer à Justiça no Brasil / a Justiça.
- **D** A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade.
- **E** Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar ao estatuto.

36. NCE-UFRJ – Cometeu-se erro de regência verbal na opção:

- **A** O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
- **B** Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
- **C** Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
- **D** Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
- **E** Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de recorrer.

37. NCE-UFRJ – O item que, no que se refere à regência verbal, está em desacordo com a gramática normativa é:

Ⓐ Aproveitamos para lembrá-lo que essa conduta irregular, segundo a legislação trabalhista vigente, pode acarretar demissão por justa causa.
Ⓑ O fim desta é informar-lhe que seu carnê se encontra disponível em nossa filial de Icaraí.
Ⓒ É estranho não o terem avisado de que as inscrições para o concurso estavam abertas.
Ⓓ Os amigos e parentes preveniram-na do risco que corria.
Ⓔ Diante da preocupação dos membros da outra equipe com aspectos que poderiam ter impacto sobre o sistema ecológico da região, respondemos-lhes que estávamos dispostos a rever tais itens.

38. CESGRANRIO – A regência verbal está correta apenas na opção:

Ⓐ Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
Ⓑ A aprovação que aspiram se concretizará, para um número considerável de candidatos.
Ⓒ Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
Ⓓ O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
Ⓔ Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

39. NCE-UFRJ – A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:

Ⓐ Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
Ⓑ Este é um país de cujo clima de euforia cultural alguns se insurgem.
Ⓒ Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
Ⓓ Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
Ⓔ Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

40. IPAD – No que se refere à regência verbal, assinale a alternativa em que as exigências da gramática normativa foram atendidas:

Ⓐ Cristovam Buarque decidiu escrever textos para defender as ideias de que cria.
Ⓑ Em seus textos, fica claro que Buarque não abdica em nenhuma de suas convicções.
Ⓒ O autor prefere expor suas ideias por meio de textos a ter que expô-las oralmente.
Ⓓ O autor não consentiu com a modificação de suas principais ideias sobre a educação.
Ⓔ Ler os textos não implica necessariamente em aceitar as ideias neles expostas.

41. FGV – Em "Você se lembra do rosto dela naquele instante?", obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido:

A Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
B Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
C Os médicos assistiram o paciente.
D Perdoamos-lhes as dívidas.
E Pagaram-lhe bem.

42. FUVEST – Assinale a alternativa correta quanto à regência:

A A peça que assistimos foi muito boa.
B Estes são os livros que precisamos.
C Esse foi um ponto que todos se esqueceram.
D Guimarães Rosa é o escritor que mais aprecio.
E O ideal que aspiramos é conhecido por todos.

43. FAAP-SP – Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspiro à glória". Tal verbo:

A apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
B embora apresente regências diferentes, tem sentido equivalente nas duas orações;
C poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
D apresenta regência e sentido diferente nas duas orações;
E embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, apresenta regência diferente em cada uma delas.

44. FCC – Quanto a amigos, prefiro João ___ Paulo, ___ quem sinto ___ simpatia.

A a – por – menos;
B do que – por – menos;
C a – para – menos;
D do que – com – menos;
E do que – para – menos.

45. FOC-SP – Assinale a frase onde a regência do verbo <u>assistir</u> está errada:

A Assistimos um belo espetáculo de dança a semana passada.
B Não assisti à missa.
C Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
D O técnico assistiu os jogadores.

46. FCMSC-SP – Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

A João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
B Era a vida a chamar pelo falecido.
C Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
D Chamei pelo colega em voz alta.
E Alguns chamam-no de fiscal.

47. UM-SP – Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

A Ele custará muito para me entender.
B Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
C Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
D O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
E Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

48. UFMG – Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:

A Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
B Você chama isto de molecagem, Zé Lins.
C Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
D De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
E Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

49. PUC-RS – Alguns demonstram verdadeira aversão ___ exames, porque nunca se empenharam o suficiente ___ utilização do tempo ___ dispunham para o estudo.

A com – pela – de que;
B por – com – que;
C a – na – que;
D com – na – que;
E a – na – de que.

50. ITA – Assinale a alternativa correta:

A Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
B Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
C Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
D Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
E Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

51. FUVEST-SP – Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

A Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
B Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
C Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
D Só lhes faltou mandar-me embora de casa.
E Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

52. UM-SP – Assinale a alternativa em que a regência do verbo "proceder" está <u>incorreta</u>:

A As observações do rapaz a respeito do desastre não procedem.
B Nélson e Francisco procedem de família nobre.
C O secretário procedeu à leitura da ata da última reunião.
D Daqui em diante, procederei a gravação de minhas fitas de cromo.
E A função desta equipe é proceder contra os maus elementos.

53. UM-SP – Assinale a letra correspondente à alternativa que completa de forma correta as lacunas do período abaixo:

Posso informar ___ irmãos de Paula ___ esses resultados não querem aludir ___ enfermidade da mãe?

A os – de que – a;
B os – que – à;
C aos – que – à;
D aos – de que – a;
E os – que – a.

54. UM-SP – Assinale a oração que contiver uma impropriedade quanto à regência nominal:

A Meu filho, por que você vive tão alheio às minhas ordens?
B Beto é um rapaz ávido de carinho.
C Sua mãe tem sido muito misericordiosa com suas falhas.
D Ela está ansiosa a ver o filho na Universidade.
E Será que você é um rapaz propenso à Engenharia?

55. FGV – Entre as seguintes frases, uma apresenta erro de regência verbal. Indique-a:

A Rogavam-lhe as amigas que não faltasse à reunião.
B Não se esquecerão nunca de rogarem assim à Divina Majestade.
C Rogamos a todos os brasileiros de que sejam os fiscais do governo na luta contra a corrupção.
D Abraçava-se ao filho alvoroçado, rogando-lhe que esperasse em Deus o salvamento da prima.
E Rogava a todos, desesperadamente, que o levassem à terra onde nascera.

56. UM-SP – Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal:

Ⓐ Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
Ⓑ Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
Ⓒ Bernardo moera com alegria um punhado de milho no salão contíguo à cozinha.
Ⓓ Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
Ⓔ Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

57. FGV – Leia atentamente:

"Refiro-me a esta carta e não aquela que recebi ontem".

Na frase acima, a falta de um acento gráfico indica um erro de:

Ⓐ pontuação;
Ⓑ regência nominal;
Ⓒ regência verbal;
Ⓓ concordância nominal;
Ⓔ concordância pronominal.

58. UM-SP – Aponte a alternativa em que a regência do verbo <u>pagar</u> contraria a norma culta:

Ⓐ Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
Ⓑ O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
Ⓒ Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
Ⓓ O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas do meu hábil esforço.
Ⓔ Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

59. PUC-SP – Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas abaixo:

1. O verso ___ se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

2. O verso ___ trata o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

3. O verso ___ o poeta monta seu poema é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

4. O verso ___ o poeta constrói é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

Ⓐ em que – a que – que – de que;
Ⓑ com que – que – com que – de que;
Ⓒ a que – de que – com que – que;
Ⓓ a que – de que – que – de que;
Ⓔ que – de que – com que – que.

60. ESPCEX – Indique a alternativa com defeito de regência:

Ⓐ Mandei-lhes sair cedo de casa.
Ⓑ Mandei-lhes entregar o que haviam recebido indevidamente.
Ⓒ Mandei-os sair cedo de casa.
Ⓓ Mandei-os entregar o que haviam recebido indevidamente.

61. UFES – A série que completa as frases a seguir está na opção:

1. As eleições ____ me refiro mobilizariam todo o povo brasileiro.
2. Os materiais ____ precisamos estão fechados no armário do laboratório.
3. A rua ____ moro está sendo totalmente asfaltada.
4. O dinheiro ____ eu contava pagar a dívida não me foi enviado.
5. O sofrimento ____ passei deixou-me mais forte.

Ⓐ a que – de que – em que – com que – por que;
Ⓑ de que – a que – em que – com que – de que;
Ⓒ com que – a que – a que – por que – em que;
Ⓓ em que – com que – de que – a que – por que;
Ⓔ a que – de que – com que – por que – em que.

62. EPCAR – <u>Não</u> está correta a construção:

Ⓐ Prefiro mais praticar esporte do que ir a cinema.
Ⓑ Com relação ao prêmio, posso cientificá-lo de que não aspiro a ele.
Ⓒ Todos os estimam e querem felicitá-lo.
Ⓓ Aspiro ao oficialato da Força Aérea Brasileira.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos, porque o estimamos.

63. EPCAR – <u>Não</u> está correta a regência verbal na opção:

Ⓐ O mestre não visava aos bons alunos.
Ⓑ Não desobedeças o regulamento.
Ⓒ Nós o cumprimentamos e o cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓓ Alguém lhe informou que há duas semanas não chove.
Ⓔ Posso informá-lo de que assistiremos a um belo espetáculo.

64. EPCAR – Assinale a frase em que a regência <u>não</u> está correta:

Ⓐ Avisamo-lo de que desistimos da viagem.
Ⓑ Ainda não os cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓒ Informaram-lhe de que o amigo o traiu.
Ⓓ Não desobedeçais a vossos pais.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos.

65. EFOMM – Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

Ⓐ Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.
Ⓑ Prefiro mais as morenas às loiras.
Ⓒ O livro que te referes é célebre.
Ⓓ Por que não mais o obedeces?
Ⓔ A situação que aspiras não enobrece.

66. EN – São corretas as regências verbais em:

Ⓐ É um assunto que sempre faço alusão.
Ⓑ Só leio livros que gosto.
Ⓒ Convivo com pessoas em que posso confiar.
Ⓓ Onde vais com tanta pressa?
Ⓔ Prefere mais os autores nacionais do que os estrangeiros.

67. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a parte destacada <u>não</u> atende às regras da norma culta:

Ⓐ Todos apoiam a luta <u>sem a qual não há justiça</u>.
Ⓑ São válidos os motivos <u>dos quais os ambientalistas se interessam</u>.
Ⓒ Não é certo o sacrifício <u>de quem já é discriminado socialmente</u>.
Ⓓ Solidariedade é sentimento <u>de que toda a humanidade precisa</u>.
Ⓔ É justa a causa <u>pela qual luta o poeta Federico Garcia Lorca</u>.

68. FJPF – Há mau uso do pronome relativo em:

Ⓐ Era eu o a quem vinham referindo-se como mau gestor da coisa pública.
Ⓑ Há sociedades de cujos ditames morais pouco tem ciência o mundo contemporâneo.
Ⓒ É nos fatos sociais, onde está a fonte do Direito, que se buscam os preceitos legais.
Ⓓ Nada quanto se diga aqui poderá contribuir para a construção de uma nova ordem social.
Ⓔ As assembleias de parlamentares, às quais presidi em meu mandato, sempre foram frutíferas.

69. FJPF – Na passagem "Atualmente, os *shoppings centers* concorrem com a televisão e o computador", o verbo "concorrer" está empregado corretamente, do ponto de vista da regência. Das frases abaixo, está <u>incorreta</u> quanto à regência verbal a seguinte:

Ⓐ Os clientes só se interessavam por lojas em liquidação.
Ⓑ Pouco a pouco as pessoas iam se familiarizando com os novos hábitos de consumo.

C O shopping esmerava-se por oferecer o melhor para os consumidores.
D Os comerciantes esforçavam-se de encontrar meios para vender as novas mercadorias.
E No shopping, as pessoas entretinham-se com coisas simples.

70. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro no emprego da preposição, exigida por regência nominal ou verbal:

A Ela ficou indiferente a todo o movimento.
B Seu salário foi equivalente ao de seu amigo.
C Referiu-se a acontecimentos recentes.
D Entregou-se a uma vida devassa.
E Informou a todos de que não viria.

71. NCE-UFRJ – Muitos gramáticos condenam o uso de um mesmo complemento referido a verbos de regência diferente, o que ocorre em:

A ...entrar e sair de casa.
B ...contemplar e pintar a paisagem.
C ...ler e memorizar o telefone.
D ...conhecer e admirar a obra do artista.
E ...precisar e gostar de boas companhias.

72. NCE-UFRJ – A alternativa em que não se deve substituir o complemento verbal sublinhado pelo pronome pessoal "lhe" ou "lhes" é:

A A resposta agradou ao repórter.
B Pensou em perdoar ao adversário.
C Agradeceu a todos os presentes.
D Demos aos recém-chegados as boas-vindas.
E O ministro sempre visou a bons resultados.

73. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma frase correta a respeito da regência do verbo morar é:

A João morava, então, na Rua Santa Clara.
B João morava, então, à Rua Santa Clara.
C João morava, então, a Rua Santa Clara.
D João morava, então, em à Rua Santa Clara.
E João morava, então, em a Rua Santa Clara.

74. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma construção equivocada é:

A São locais de que nunca mais nos esquecemos.
B Li, nas férias, os romances de cujos autores falamos.
C Aqui estão as músicas cujos autores aprecio.

Ⓓ Aqui estão as ideias contra cujos autores me insurgi.
Ⓔ Comprei os livros de que tanto gosto de ler.

75. FJPF – "Este descompasso redunda em digressões." Entre as modificações impostas a essa frase do texto, a que resulta em equívoco gramatical é:

Ⓐ Este descompasso ocasiona em digressões.
Ⓑ Este descompasso resulta em digressões.
Ⓒ Este descompasso acarreta digressões.
Ⓓ Este descompasso implica digressões.

76. FJPF – Das alterações feitas na oração adjetiva do trecho "segundo nossa estatística pessoal, a única a que posso me referir", aquela em que há erro flagrante de regência, pelo emprego inadequado do pronome relativo, é:

Ⓐ ...segundo nossa estatística pessoal, a única por cuja base se pode confiar.
Ⓑ ...segundo nossa estatística pessoal, a única para a qual estava voltada a atenção de todos.
Ⓒ ...segundo nossa estatística pessoal, a única de cujos dados se valeram os técnicos.
Ⓓ ...segundo nossa estatística pessoal, a única sobre a qual foi feita uma referência na imprensa.
Ⓔ ...segundo nossa estatística pessoal, a única com cujos dados estão de acordo os técnicos.

77. FJPF – Em "Outra coisa com que Dona Dondon não se conformava", o verbo <u>conformar-se</u> rege a preposição <u>com</u>. Com a substituição do verbo, passa a haver erro evidente de regência na seguinte alternativa:

Ⓐ Outra coisa a que Dona Dondon não se submetia.
Ⓑ Outra coisa contra que Dona Dondon sempre protestava.
Ⓒ Outra coisa de que Dona Dondon normalmente divergia.
Ⓓ Outra coisa em que Dona Dondon vivia contestando.
Ⓔ Outra coisa sobre que Dona Dondon se recusava a falar.

78. FGV – "Mas, na sua lancinante simetria, o modelo adotado tem propriedades estéticas <u>que sugerem um arranjo divino</u>."

Assinale a alternativa em que, alterando-se a oração grifada no trecho acima, <u>não</u> foi mantida adequação à norma culta da língua:

Ⓐ ...a que nos referimos como um arranjo divino;
Ⓑ ...a que aludimos como um arranjo divino;
Ⓒ ...que nos lembramos como um arranjo divino;
Ⓓ ...que lembram um arranjo divino.

79. CESGRANRIO – No quadro abaixo foram parafraseados trechos do texto, utilizando-se pronomes relativos. Indique a opção em que o pronome está usado de acordo com a norma culta da língua:

	Texto	Reescritura
A	"a frase acima era frequentemente citada por meu pai,..."	"a frase acima de que meu pai frequentemente citava..."
B	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, com resultados negativos..."	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, onde os resultados são negativos..."
C	"Os resultados evidenciaram que os jovens tinham reflexos mais rápidos,..."	"Os resultados evidenciaram que os jovens, cujos os reflexos eram mais rápidos,"
D	"Tal exigência retarda a inclusão de milhares de jovens,"	"Tal exigência retarda de que se incluam..."
E	"Como se trata de um problema complexo, seu equacionamento requer uma profunda mudança..."	"Como se trata de um problema complexo cujo equacionamento requer uma profunda mudança..."

80. FEPESE – Assinale a alternativa em que as duas frases estão <u>corretas</u> quanto à regência verbal:

A 1. Os amigos assistiram ao concerto de que você tanto gostou.
2. Esta é a foto a que me referi dias atrás.

B 1. Por ser orgulhoso, preferiu declarar falida a firma do que aceitar qualquer ajuda.
2. Ele agia discretamente sempre visando lucros imediatos.

C 1. Assiste ao trabalhador o direito de férias.
2. Eles lhe proibiram de participar da passeata.

D 1. Naquele ambiente, aspirava-se a um ar carregado.
2. Perdoei-lhe as ofensas dirigidas contra a minha integridade moral e ética.

E 1. Paguei todos os valores devidos
2. Esperava, ansioso, que se procedesse o sorteio

81. FCC – Na frase "Preferimos confiar e acreditar <u>nas coisas</u>...", a expressão sublinhada complementa corretamente, ao mesmo tempo, dois verbos que têm a mesma regência: <u>confiar em</u>, <u>acreditar em</u>. Do mesmo modo está também correta a seguinte construção:

A Preferimos nos desviar e evitar as coisas.
B Preferimos nos contrapor e resistir às coisas.
C Preferimos ignorar e desconfiar das coisas.
D Preferimos subestimar e descuidar das coisas.
E Preferimos não suspeitar e negligenciar as coisas.

82. FCC – Ambos os elementos sublinhados estão empregados de modo correto na frase:

Ⓐ Quando penso em fazer algo de que ninguém tenha ainda experimentado, arrisco-me a colher as desventuras com que me alertaram meus pais.

Ⓑ A autoridade dos pais, pela qual os adolescentes costumam se esquivar, não deve ser imposta aos jovens, cuja a reação tende a ser mais e mais libertária.

Ⓒ Nas sociedades mais antigas, em cujas venerava-se a sabedoria dos ancestrais, não se manifestava qualquer repulsa com os valores tradicionais.

Ⓓ Os pais experientes, a cujas recomendações o adolescente não costuma estar atento, não devem esmorecer diante das reações rebeldes.

Ⓔ A autoridade da experiência, na qual os pais julgam estar imbuídos, costuma mobilizar os filhos em buscar seu próprio caminho.

83. UFSC – Lendo com atenção as proposições abaixo, assinale a opção que preencha, sequencialmente, as lacunas, de forma correta:

I. Este é o livro _____ me referi.

II. As provas _____ faço referência, explicá-las-ei mais tarde.

III. O revólver _____ matou o vizinho foi encontrado no jardim.

IV. Vi ontem, na praia, um amigo de infância, _____ nome não me lembro.

V. Gostamos de rever a casa _____ vivemos nossa infância.

Ⓐ ao qual – das quais – com cujo – do qual – em que;

Ⓑ a que – às quais – com o qual – de cujo – na qual;

Ⓒ que – de que – com que – a que – na qual;

Ⓓ de cujo – as quais – o qual – de que o – em cuja.

84. UFSC – Assinale a opção em que ocorre erro de regência:

Ⓐ Prometeu amar-lhe para sempre.

Ⓑ Atendi-o prontamente na sala contígua ao meu gabinete.

Ⓒ Se aspiras a um cargo, conquista-o com teu esforço.

Ⓓ Aludiram a incidentes de que ninguém mais se lembrava.

85. FCC – A expressão com o que completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ A avaliação do que seja ou não uma discriminação racista é um desses casos polêmicos ___ é difícil haver unanimidade.

Ⓑ A iniciativa de se fotografar os candidatos faz parte de um sistema ___ muita gente já manifestou discordância.

Ⓒ O sistema de cotas raciais, ___ se analisou neste texto, vem dividindo a opinião pública.

Ⓓ O sistema anunciado pela UnB, ___ critério é repelido pela *Folha*, é tido como racista e inconsistente.

Ⓔ A UnB já anunciou seu sistema de identificação racial, ___ nem mesmo alguns interessados na questão chegam a concordar.

86. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ Os vilões de Shakespeare, cujas falas incomodavam o público, por vezes mereciam deste violentos revides.

Ⓑ Intervenções do público ameaçavam comprometer a trama, aonde seus fios eram expostos aos gritos por um espectador mais afoito.

Ⓒ Esta é uma peça cujos os atores optaram por estabelecer um desempenho interativo, contando com o máximo interesse do público.

Ⓓ O temor do autor do texto deve-se à possibilidade que ele venha a ser levado à força ao palco.

Ⓔ Ao tempo de Shakespeare, em cujo as peças eram levadas diante de um grande público, eram comuns as réplicas do auditório.

87. FCC – Na frase "Admite-se uma cesta de bens e serviços à qual todo mundo deveria ter acesso", o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído, sem prejuízo de sentido, por:

Ⓐ ...a que todos deveriam ser acessíveis.

Ⓑ ...para a qual todo mundo estaria disponível.

Ⓒ ...cujo alcance fosse possível a todos.

Ⓓ ...de cuja todos pudessem ter acesso.

Ⓔ ...pela qual todo mundo poderia contar.

88. FUNDEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das sentenças abaixo:

I. O oficial listou os nomes de alguns dos colaboradores ___ donativos sustentavam a instituição.

II. A faculdade, ___ professores se refere o relatório, tem condições físicas adequadas e pode funcionar normalmente.

III. A aludida casa, ___ porão foram encontrados os corpos, pertencia a um industrial finlandês.

Ⓐ por cujos – cujos – sob cujo;

Ⓑ cujos – a cujos – em cujo;

Ⓒ com cujos – a cujos – de cujo;

Ⓓ cujos os – cujos – cujo o.

89. ACCESS – A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está incorreta em:

Ⓐ A empresa recebe os incentivos.
A empresa recebe-os.

Ⓑ O governo deu prioridade às questões ecológicas.
O governo deu prioridade a elas.

Ⓒ Eles destacaram o problema do desemprego.
Eles destacaram-no.

Ⓓ As autoridades do governo não queriam nenhuma discussão.
As autoridades do governo não lhe queriam.

Ⓔ O país não quis realizar políticas compensatórias.
O país não quis realizá-las.

90. ACCESS – A lacuna da frase "Fui visitar o lugar _____ nasci" só pode ser preenchida, corretamente, por:

Ⓐ do qual;
Ⓑ no qual;
Ⓒ o qual;
Ⓓ na qual;
Ⓔ que.

91. ESAF – Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal:

Ⓐ Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
Ⓑ Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
Ⓒ Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
Ⓓ Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
Ⓔ Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

92. ESAF – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência:

Ⓐ Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
Ⓑ O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
Ⓒ Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
Ⓓ O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se "Deus e o Diabo na Terra do Sol".
Ⓔ José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

93. NCE-UFRJ – O pronome <u>lhe</u> está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

Ⓐ O instinto lhe diz ser essa a causa da discórdia.
Ⓑ O cavaleiro estava aborrecido com o camponês, pelo medo que este lhe havia causado.
Ⓒ O patrão respondeu-lhe que podia estar descansada.
Ⓓ Fora ele mesmo quem lhe criara condições para chegar àquele ponto.
Ⓔ Os amigos lhe esperavam para iniciar o passeio.

94. NCE-UFRJ – A frase em que a regência do verbo não está de acordo com a norma gramatical é:

- **A** "A prova de conhecimento será realizada de acordo com o disposto no inciso III do artigo 11, obedecido o seguinte:" (trecho de um regulamento).
- **B** Avisamo-lo de que poderia haver algumas desistências de última hora.
- **C** Eduardo esqueceu os disquetes.
- **D** Informamos-lhe de que o candidato da oposição renunciara à candidatura.
- **E** Os estudantes costumam assistir às defesas de tese.

95. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a que contém erro de regência verbal é:

- **A** Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
- **B** Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
- **C** A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até a demissão por justa causa.
- **D** Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional.
- **E** Procedeu-se à leitura dos autos.

96. FCC – É preciso ___ função de bibliotecário.

Assinale a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente a lacuna da frase:

- **A** desobrigar-lhe a;
- **B** desobrigá-lo da;
- **C** desobrigá-lo à;
- **D** desobrigar-lhe à;
- **E** desobrigar-lhe da.

97. VUNESP – Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo está de acordo com o padrão culto da língua:

- **A** O pai ou responsável adquire o plano e coloca a criança como sua beneficiária. Quando o jovem completar vinte e um anos, transfere-o o plano.
- **B** O Presidente definiu a sua próxima viagem ao exterior e os especialistas que lhe assessoram já preparam a agenda de entrevistas.
- **C** Talvez a grande meta da educação no próximo milênio venha a ser a formação de profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, desenvolvam ideias que os garantam uma visão generalista do mundo.
- **D** Espera-se que os franceses, com toda a diplomacia que lhes é inerente, recebam bem os estrangeiros que assistirão à Copa.
- **E** Ao longo dos últimos anos, o Brasil superou problemas e equívocos que lhe colocavam à margem da modernidade.

98. FUJB – No segmento "...combate a estas nefastas práticas...", a preposição a foi empregada por necessidade de regência do termo "combate". A alternativa abaixo em que a preposição foi empregada de forma incorreta é:

Ⓐ Selecione o trabalho de que mais gosta.
Ⓑ Escolha o filme a que pretende assistir.
Ⓒ Mencione a rua a que reside.
Ⓓ Mostre-me a pesquisa por que se interessou.
Ⓔ Declame a poesia que mais goste de ler.

99. FUJB – Das alterações feitas na redação da frase "...grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram...", aquela em que o emprego do pronome relativo está em desacordo com as normas de regência prescritas na língua culta é:

Ⓐ "...grandes trabalhos e infortúnios que me incomodaram..."
Ⓑ "...grandes trabalhos e infortúnios pelos quais passei..."
Ⓒ "...grandes trabalhos e infortúnios com que convivi..."
Ⓓ "...grandes trabalhos e infortúnios de que nunca esqueci..."
Ⓔ "...grandes trabalhos e infortúnios sobre os quais falei..."

100. FUJB – "O leitor ideal ___ alude o autor deverá dar asas ___ sua imaginação, criando uma obra ___ possa orgulhar-se."

As formas que completam a frase, preenchendo corretamente as lacunas, são:

Ⓐ para que – a – sobre que;
Ⓑ a que – a – com que;
Ⓒ de que – à – que;
Ⓓ para o qual – a – de que;
Ⓔ a que – a – de que.

101. COSEAC-UFF – A alternativa em que a substituição do verbo em destaque no trecho: "...então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se" dá origem a erro de regência verbal é:

Ⓐ ...então sabemos exatamente com o que cada qual pode contar para curar-se.
Ⓑ ...então sabemos exatamente no que cada qual pode se apoiar para curar-se.
Ⓒ ...então sabemos exatamente ao que cada qual deve recorrer para curar-se.
Ⓓ ...então sabemos exatamente pelo que cada qual deve exigir para curar-se.
Ⓔ ...então sabemos exatamente contra o que cada qual deve espernear para curar-se.

102. FUNRIO – Marque a alternativa em que o uso da preposição atende às exigências da norma padrão da língua escrita brasileira:

Ⓐ O estagiário aspirava uma efetivação no cargo em que se exercitava.
Ⓑ Em geral, o trabalhador jamais esquece do seu primeiro patrão.
Ⓒ A família sentou-se na mesa para festejar as festas de fim de ano.

Ⓓ O grupo de trabalho visava ao sucesso da empreitada, pois muito se esforçara para isso.
Ⓔ O sucesso individual implica na total dedicação ao que se pretende atingir.

103. COSEAC-UFF – Das alterações feitas na oração adjetiva do período "Vários elementos vieram à luz cuja importância não pôde ser captada", aquela que contraria norma de regência culta da língua é:

Ⓐ ...em cuja importância todos estavam descrentes.
Ⓑ ...dos quais a importância era tratada como caso definitivo.
Ⓒ ...a respeito de cuja importância houve unanimidade.
Ⓓ ...de cuja importância não se podia duvidar.
Ⓔ ...à importância dos quais não se pôde aferir.

104. COSEAC-UFF – Considerando-se que a regência de um verbo varia de acordo com o contexto em que está empregado, pode-se afirmar que no trecho "...só lhes paga 10% dos primeiros 5.000 livros vendidos", o verbo destacado apresenta regência idêntica à do verbo destacado na frase:

Ⓐ Não obstante os avisos que recebeu, o escritor desobedeceu às regras de mercado.
Ⓑ Na prestação de contas, o editor informou ao escritor que ocorrera um erro de cálculo relativo ao número de livros vendidos.
Ⓒ Embora constituísse uma tecnologia revolucionária, a novidade do *e-book* não agradou a todos.
Ⓓ A humanidade está assistindo à inauguração de uma nova era na área de editoração de livros: o livro eletrônico.
Ⓔ Afogado em seus afazeres, o leitor ainda não teve tempo de desfrutar o mais recente título eletrônico da nova editora.

105. COSEAC-UFF – Leia com atenção as frases a seguir:

I. O especialista encaminhou ____ jovens ____ serviço de psicoterapia.
II. Aqueles adolescentes em tratamento têm obedecido ____ terapeutas.
III. A terapeuta recomendou ____ pais ____ acompanhamento psicológico dos filhos.

Considerando-se as normas da língua culta quanto à regência verbal, pode-se afirmar que, para o correto preenchimento das lacunas acima, têm de ser usadas, respectivamente, as formas da opção:

Ⓐ os – ao / aos / aos – o;
Ⓑ aos – ao / os / a – ao;
Ⓒ os – ao / aos / os – a;
Ⓓ a – o / a / os – ao;
Ⓔ aos – o / a / os – o.

106. COSEAC-UFF – Observe as frases a seguir:

I. A equipe procedeu o recolhimento de histórias para o livro.

II. A falta de água obriga populações inteiras a comprar água por altos preços.

III. Grande parte da população mundial se ressente contra a escassez de água.

Do ponto de vista da regência verbal, considerando-se o emprego recomendado pela norma culta, pode-se afirmar que apenas:

Ⓐ a frase I está correta;
Ⓑ as frases I e II estão corretas;
Ⓒ a frase II está correta;
Ⓓ a frase III está correta;
Ⓔ as frases I e III estão corretas.

107. FUNRIO – A frase que apresenta <u>erro</u> quanto à sintaxe de regência é:

Ⓐ Falta de atenção implica em erros.
Ⓑ Prefiro ler a ver televisão.
Ⓒ Assistimos a uma partida emocionante.
Ⓓ Todos visam a uma vida tranquila.
Ⓔ Perdoou ao filho a desobediência.

108. VUNESP – Assinale a alternativa em que o verbo <u>haver</u> tem a mesma regência que aparece em "Não há nada mais insólito do que um filme sem música: ...".

Ⓐ Hão de existir políticos mais honestos.
Ⓑ Napoleão havia terminado os preparativos para sua coroação.
Ⓒ Há de haver algum emprego para mim.
Ⓓ Os celtas podem haver construído esta muralha.
Ⓔ Os músicos houveram por bem fazer novo ensaio.

109. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à regência nominal das frases:

Ⓐ Seu ponto de vista sobre o projeto é oposto com aquele da diretoria da empresa.
Ⓑ Sempre imbuído de bom humor, Sílvio contagia nosso ambiente de trabalho.
Ⓒ Verdadeiras amizades são inerentes com um ser humano.
Ⓓ As secretárias ficaram descontentes no que aconteceu na reunião.
Ⓔ Todos a veem com reservas, pois ela é perita de fazer comentários maldosos.

110. NCE-UFRJ – A alternativa em que o pronome <u>lhe</u> está mal empregado é:

Ⓐ Só lhe comuniquei de minha decisão ontem.
Ⓑ Não lhe desejo mal.
Ⓒ Deste ator só lhe conhecia a foto.
Ⓓ Vou apresentar-lhe meu amigo.
Ⓔ Atribuímos-lhe uma atitude negativa.

111. FEC – Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

- **A** Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas, quase sempre, depois que...
- **B** Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
- **C** A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
- **D** A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
- **E** A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

112. FEC – O que ocorre com o verbo "esquecer" que admite dupla regência ("nos esquecemos que" / "nos esquecemos de que"), ocorre igualmente com todos os verbos da oração principal das frases seguintes, com exceção apenas daquele que se lê na alternativa:

- **A** O governo insiste que / em que a reforma é urgente.
- **B** Ele consente que / em que se adotem medidas de emergência.
- **C** O prefeito avisou a população que / de que o perigo era iminente.
- **D** Eu penso que / de que o Brasil está no caminho certo.
- **E** Ela só se lembrava que / de que ainda não recebera a pensão.

113. FEC – Verbos como suspeitar ou duvidar, quando complementados por oração, podem reger ou não a preposição de. Assim, por exemplo, "Suspeita-se que [ou de que] uma diarreia intermitente tenha contribuído para os delírios do grande almirante Cristóvão Colombo, que ultimamente deu até para duvidar que [ou de que] o mundo é redondo". O emprego dessa preposição, no entanto, é inaceitável em:

- **A** Penso [de] que o país deve aumentar a oferta de empregos.
- **B** Ela lembrou-me [de] que era uma senhora de sociedade.
- **C** Gostaria [de] que o nomeassem para o cargo.
- **D** Eles me informaram [de] que a operação havia sido um sucesso.
- **E** Devo preveni-lo [de] que não comparecerei à reunião.

114. FEC – Na frase "Se a atividade administrativa se traduz em atos de vontade que não visam a produzir tais efeitos temos um fato administrativo", o verbo visar está corretamente empregado, do ponto de vista da regência. Conhecendo-se a variada regência desse verbo, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

- **A** Não se visa aqui ao enriquecimento sem causa mediante contratos escusos.
- **B** Somente visamos aos canhotos cujos cheques já haviam sido descontados.
- **C** Visava ao reconhecimento público de seu esforço em trabalhar pelo bem comum.

Ⓓ Com esta lei, o Estado visa à implementação de regras mais justas para contratar com o cidadão comum.

Ⓔ Tanto visamos à conquista desse prêmio, que agora nos sentimos recompensados.

115. FUNRIO – Na nomenclatura gramatical, "regência", em sentido amplo, equivale à subordinação em geral. Em sentido restrito, e mais habitual, designa a subordinação peculiar de certas estruturas a palavras que as requerem ou preveem na sua significação ou em seus traços semânticos. (Antenor Nascentes, *Dicionário de regência verbal*, 1998)

Identifique a alternativa que contém uma regência apontada como <u>inadequada</u> segundo as normas da língua padrão:

Ⓐ Trouxemos-lhe alguns lindos docinhos preparados com todo o carinho por tia Anastácia.

Ⓑ Geralmente as pessoas sensatas preferem ficar em casa à noite a sair desacompanhadas.

Ⓒ Os servidores que moram nas ruas citadas pela Defesa Civil devem desocupar suas casas.

Ⓓ Ninguém queria responder pelo expediente da firma naquele fim de semana natalino.

Ⓔ Muitos eleitores custaram a acreditar que ele seria novamente candidato a prefeito de São Paulo.

116. FEC – No trecho "...com perfume de madressilva e de junquilhos...", a regência nominal está de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não se pode afirmar, porém, de uma das alternativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Aquelas pessoas não foram agradáveis ao convívio.

Ⓑ Todos os temas eram incompatíveis aos assuntos abordados.

Ⓒ Paulo será bacharel em Direito.

Ⓓ Pareceram desleais aos primos.

Ⓔ Assemelhava-se a uma colina fértil de vegetação.

117. FEC – Em "Clarissa olha para as páginas da revista, ...", a regência verbal está correta. Assinale a opção em que a regência verbal <u>infringiu</u> as normas gramaticais vigentes:

Ⓐ As propostas sobre que decidimos serão divulgadas amanhã.

Ⓑ São estes os profissionais em que confio.

Ⓒ Não são eles os livros de que mais gosto.

Ⓓ Foi esta a causa porque lutei a vida inteira.

Ⓔ Foram todos eles os cidadãos com que simpatizei.

118. FURB – Complete as lacunas, obedecendo às normas da regência verbal:

1. Ele dizia que a caneta _____ escreveu havia sido do Imperador do Japão.

2. As poesias _____ falei foram escritas pelo poeta que este ano recebeu um prêmio internacional.

3. Não sei mais quem é o autor da frase _____ ele se referiu no discurso que foi tão elogiado por todos os presentes à cerimônia.

4. Finalmente encontrei o nome da rua _____ bairro tu moras.

5. Pretendo ir ainda este ano à cidadezinha _____ nasci.

Assinale a alternativa cujas palavras completam, na sequência, as lacunas:

Ⓐ que – de que – a que – cujo – que;
Ⓑ com que – das quais – a que – em cujo – onde;
Ⓒ com que – que – a que – cujo qual – onde;
Ⓓ com a qual – de que – que – do qual – onde;
Ⓔ que – cujas – as quais – do cujo – na cuja.

119. FURB – "Tem certos dias em que eu penso em minha gente / E sinto assim todo o meu peito se apertar / Porque parece que acontece de repente / Como um desejo <u>de</u> eu viver sem me notar. / [...] E eu que não creio peço a Deus por minha gente / É gente humilde, que vontade <u>de</u> chorar." (Vinícius de Moraes)

Esses versos têm destacadas duas preposições que demonstram o acerto do poeta quanto à regência nominal. Nas alternativas que seguem, nem sempre a regência nominal foi atendida.

Identifique as frases corretas quanto a esse aspecto gramatical:

1. Em todos os momentos ele se mostrava solícito <u>dos</u> que o cercavam.

2. Eram constantes os atos que revelavam o quanto ele era cruel <u>com</u> toda a família.

3. José Firmino foi extremamente simpático <u>com</u> os amigos que tanto o haviam ajudado.

4. Esse equipamento não é compatível <u>com</u> o meu.

5. Herbicidas costumam ser extremamente nocivos <u>nos</u> seres humanos.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 3;
Ⓑ 1 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 3 – 4;
Ⓓ 2 – 4 – 5;
Ⓔ 3 – 4 – 5.

120. CEPERJ – "Quem consegue atrair e dar mais vantagens?" Entre as frases abaixo, a que apresenta regência em desacordo com a norma culta é:

- **A** A competição nos faz conviver e descartar os problemas da modernidade.
- **B** A competição nos faz considerar e viver os problemas da modernidade.
- **C** A competição nos faz imaginar e prever os problemas da modernidade.
- **D** A competição nos faz calcular e resolver os problemas da modernidade.

121. CEPERJ – Entre os segmentos apresentados a seguir, aquele que apresenta regência inadequada segundo o padrão culto da língua é:

- **A** "Essa ideia pode soar paradoxal..."
- **B** "...surgem porque as razões do sucesso..."
- **C** "Não há dúvida de que, ao longo dos séculos..."
- **D** "Em Londres, em 22 de junho, manifestantes..."
- **E** "...que a responsabilidade planetária implica em acabar com as perfurações..."

122. FUNCAP – Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem:

- **A** O autor prefere os amores silenciosos do que os declarados.
- **B** As expressões constatativas simplificam os amores.
- **C** Expressamos nossos sentimentos ao outro com muito entusiasmo.
- **D** O "Eu te amo" extravasa sentimentos.
- **E** O silêncio implica em sentimento.

123. FUNCAP – Todas as regências dos verbos destacados estão corretamente indicadas, exceto:

- **A** "...lança suas folhas além do muro..." (verbo transitivo indireto)
- **B** "...veio um amigo..." (verbo intransitivo)
- **C** "Mas eu tinha razão." (verbo transitivo direto)
- **D** "...declarou desdenhosamente que aquilo era capim." (verbo transitivo direto)
- **E** "...o pé de milho parecia um cavalo..." (verbo de ligação)

124. FUNCAP – Marque a alternativa cujo verbo destacado apresenta a mesma regência que o verbo lembrar empregado no trecho: "Um prato de comida que lembrasse o quintal de um monge medieval levaria meu voto".

- **A** Os pacientes ansiavam por uma alimentação mais saborosa e aprazível.
- **B** Aos que estão enfermos, assiste-lhes o direito de uma alimentação adequada.
- **C** Diante dos vários problemas da saúde, esqueceram-se da importância da alimentação.
- **D** Os médicos se interessavam por pesquisar o uso de alimentos nos tratamentos.
- **E** A alimentação adequada previne doenças e promove recuperação dos pacientes.

125. FUNCAP – O verbo ter em "Um livro tem existência autônoma, boa e má", apresenta, de acordo com a norma culta da língua, a mesma regência que o verbo destacado na alternativa:

Ⓐ O público acabou por se esquecer do artista que nada mais escreveu.
Ⓑ Precisamos desse mesmo ar, que cheira a arte, a literatura!
Ⓒ Ler um livro é viajar por outros mundos sem sair do lugar.
Ⓓ Com esse ritmo de leitura, você não chegará a lugar algum.
Ⓔ Os críticos compareceram à noite de autógrafos daquele poeta.

126. MOURA MELO – Analise as afirmações abaixo acerca da regência dos verbos e aponte a alternativa correta:

I. Eu paguei à conta ao cabeleireiro.

II. Os dois diretores implicam incessantemente com o motorista.

Ⓐ I e II estão corretas.
Ⓑ I e II estão incorretas.
Ⓒ Apenas I está correta, pois a preposição a preposta à palavra "conta" é exigida pela norma culta da língua.
Ⓓ Apenas II está correta, pois o verbo implicar com sentido de ser chato com alguém é transitivo indireto.

127. COPEVE – Qual opção não viola a regência verbal?

Ⓐ Ele usa o aparelho para avisar aos amigos que passará o fim de semana em São Paulo.
Ⓑ A metáfora é o tropo que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade.
Ⓒ A primeira etapa começa em Fernando de Noronha, onde chegam as lagostas.
Ⓓ Há o sentimento de que foi traído por aqueles que confiou.
Ⓔ Cheguei a faltar às aulas e a deixar de estudar matérias que sempre gostei por conta do *stress* com as notas.

128. UPENET – No tocante à regência verbal, observe os verbos sublinhados das afirmativas abaixo:

I. *"...***pessoas do mundo inteiro assistirão aos jogos da Copa do Mundo de Futebol."**

II. *"***...pois atraiu torcedores negros a um esporte considerado de brancos."**

III. "...selecionam 12 cidades-sede para abrigarem os jogos..."

IV. "O outro estádio de Johanesburgo, o Ellis Park, pertence a um time de rugby."

Somente está correto o que se declara na alternativa:

Ⓐ No item I, o verbo não pede complemento regido de preposição.
Ⓑ No item II, o verbo não pede complemento.
Ⓒ No item III, ambos os verbos exigem complementos verbais não regidos de preposição.
Ⓓ No item IV, o verbo exige apenas um complemento e este não vem regido de preposição.
Ⓔ Nos itens I e IV, os verbos não pedem complemento regido de preposição.

129. UPENET – Assinale a alternativa cuja sequência completa corretamente as frases abaixo:

A lei ___ se referiu já foi revogada.

Os cálculos matemáticos ___ se lembraram eram enormes.

O emprego ___ aspiras é extremamente importante.

O conto de Machado ___ gostou foi premiado.

A peça teatral ___ assistimos foi de uma sutileza política fantástica.

Ⓐ que – que – que – que – que
Ⓑ a que – de que – que – que – a que
Ⓒ que – de que – que – de que – que
Ⓓ a que – de que – a que – de que – a que
Ⓔ a que – que – que – que – a que

130. FEC – Na língua culta, a regência do verbo em destaque, no contexto em que está empregado, é facultativa em:

Ⓐ "...nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes <u>sugerirmos</u> roteiros..."
Ⓑ "...forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como <u>associá</u>-las e concatená-las..."
Ⓒ "...acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, <u>fundindo</u>-as em moldes frasais adequados."
Ⓓ "...e porque não tem o que dizer, não lhe <u>bastam</u> as regrinhas gramaticais"
Ⓔ Portanto, é preciso [...] <u>ensiná</u>-lo a criar ou aprovisionar ideias..."

GABARITO

1. D	18. D	35. D	52. D	69. D	86. A	103. E	120. A
2. C	19. D	36. D	53. C	70. E	87. C	104. E	121. E
3. D	20. D	37. A	54. D	71. A	88. B	105. A	122. A
4. A	21. C	38. A	55. C	72. E	89. D	106. C	123. A
5. C	22. C	39. B	56. E	73. A	90. B	107. A	124. E
6. D	23. D	40. C	57. C	74. E	91. C	108. C	125. C
7. A	24. E	41. A	58. E	75. A	92. D	109. B	126. E
8. C	25. D	42. D	59. C	76. A	93. E	110. A	127. B
9. A	26. C	43. D	60. A	77. D	94. D	111. E	128. C
10. C	27. C	44. A	61. A	78. C	95. B	112. D	129. D
11. C	28. E	45. A	62. A	79. E	96. B	113. A	130. E
12. E	29. A	46. C	63. B	80. A	97. D	114. B	
13. A	30. C	47. A	64. C	81. B	98. C	115. E	
14. D	31. E	48. C	65. A	82. D	99. D	116. B	
15. D	32. E	49. E	66. C	83. B	100. E	117. D	
16. C	33. A	50. E	67. B	84. A	101. D	118. B	
17. E	34. A	51. A	68. E	85. E	102. D	119. C	

Exercícios de Emprego do Acento Grave da Crase

1. NCE-UFRJ – "...se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo". A alternativa abaixo que mostra uma <u>incorreção</u> no tocante ao uso do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Nem todos os empresários se dedicam à ajuda do próximo.
- **B** Nas fundações se trabalha de manhã até à noite.
- **C** As empresas nacionais não podem comparar-se às americanas.
- **D** A fortuna foi doada à Fundação Gates.
- **E** O horário de trabalho é de 7h à uma.

2. FJPF – Na oração "que cediam lugar à turma dos 'caxias'" o acento da crase foi empregado corretamente. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase foi empregado de forma <u>incorreta</u> é:

- **A** Graças à uma norma do estatuto, os servidores aproveitam o ponto facultativo.
- **B** Os servidores não comparecem à repartição em dia de feriado.
- **C** Junto à porta da repartição, para espanto de João Brandão, só havia um gato.
- **D** O chefe preferia os caxias à massa de servidores pouco diligentes.
- **E** Aproveitando o feriado e o céu azul, os servidores foram à praia.

3. CESGRANRIO – Solicito ___ secretária do departamento, ___ que antecipadamente agradeço, o envio do relatório final ___ pessoa assinalada. Lembro que daqui ___ poucos meses repetiremos o procedimento, como vem sendo feito ___ muito tempo.

Os vocábulos que preenchem as lacunas, na ordem de sua ocorrência, de acordo com a norma culta da língua, são:

- **A** à – a – à – a – há;
- **B** à – à – a – à – há;
- **C** a – há – a – a – à;
- **D** a – a – à – há – a;
- **E** há – a – a – à – à.

4. FEPESE – Complete a frase abaixo assinalando a alternativa correta:

"Fique ___ vontade e confie ___ mim tudo que tem ___ dizer."

Ⓐ à – a – a.
Ⓑ a – a – a.
Ⓒ à – a – à.
Ⓓ à – à – à.

5. FUMARC – O emprego do sinal de crase é obrigatório, <u>exceto</u> em:

Ⓐ A poluição causa danos à nossa vida no planeta.
Ⓑ O calor é uma ameaça às espécies animais dos polos.
Ⓒ O acordo foi considerado lesivo à economia americana.
Ⓓ Parte do calor do Sol que chega à Terra não volta ao espaço.

6. FEPESE – Analise as sentenças:

1. Refiro-me àquilo que discutíamos ontem.

2. Chegamos à Argentina de madrugada.

3. Ele era insensível à dor.

4. Voltarei, em breve, à terra natal.

5. Voltamos à casa cedo.

Quanto ao acento indicador da crase do "a", assinale a alternativa correta:

Ⓐ As sentenças 1, 2, 3 e 4 estão corretas.
Ⓑ As sentenças 1 e 5 estão corretas.
Ⓒ As sentenças 2, 3 e 5 estão corretas.
Ⓓ Todas estão corretas.
Ⓔ Nenhuma está correta.

7. NCE-UFRJ – A alternativa em que o acento grave indicativo da crase é optativo é:

Ⓐ Entreguei-o à minha mãe.
Ⓑ Entreguei-o àquela mulher.
Ⓒ Entreguei-o à elegante atriz.
Ⓓ Entreguei-o à polícia.
Ⓔ Entreguei-o à mesma funcionária.

8. ESAF – Assinale a frase na qual a palavra sublinhada <u>não</u> deve receber o acento indicativo de crase:

Ⓐ Os apelos <u>a</u> internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
Ⓑ Toda manhã <u>a</u> esta hora, depois de ler os jornais do dia, fico deprimida.
Ⓒ <u>Aquela</u> hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
Ⓓ Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, hoje, são semelhantes <u>as</u> da classe patronal.
Ⓔ Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual <u>a</u> que haviam divulgado no ano anterior.

9. ESAF – Indique a sentença em que <u>não</u> foi empregado adequadamente o acento grave indicador de crase:

Ⓐ Foi o que procurei fazer, na medida do possível e ao longo de vários anos, ouvindo reações à proposta que apresentara.

Ⓑ A hora das frivolidades acabara, a que começava era a do sacrifício austero e diuturno.

Ⓒ Posto que Jorge falasse do coronel nas cartas que escrevia à mãe, não o dava como amigo seu.

Ⓓ Comparava-se ao mar daquela manhã, nem borrascoso nem quieto, mas levemente empolado e crespo, tão prestes a adormecer de todo, como a crescer e arremessar-se à praia.

Ⓔ De Buenos Aires chegara-lhe na véspera, a tarde, a notícia da morte de um irmão, seu último parente.

10. ESAF – Assinale o conjunto de palavras que preenche, com plena correção, os espaços em branco dos textos:

"Ela entrou nos amplos espaços do meu tédio com passos graciosos de dançarina e ficou ___ girar por ali [...]. Pus-me ___ adorá-la como nunca dantes, ___ menina ___ quem dei vida e nunca senti mais forte, doce, secreto o elo que ___ ela me prende." (Vinícius de Morais)

Ⓐ à – à – àquela – à – a

Ⓑ a – a – aquela – à – à

Ⓒ a – a – àquela – a – a

Ⓓ a – à – àquela – a – a

Ⓔ à – a – aquela – a – à

11. FJG – Na frase "trabalhando a todo vapor", a expressão <u>a todo vapor</u> não leva acento indicativo de crase, porque:

Ⓐ <u>vapor</u> é substantivo;

Ⓑ o substantivo vem precedido de adjetivo;

Ⓒ <u>a</u> é preposição;

Ⓓ <u>a</u> é artigo;

Ⓔ <u>a</u> é combinação de artigo com preposição.

12. ESAF – Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo:

"O exame das propostas de reforma fiscal, ___ primeira abordagem, leva ___ conclusão de que ___ carga tributária continuará ___ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas."

Ⓐ à – à – a – a

Ⓑ à – a – à – a

Ⓒ a – a – a – à

Ⓓ a – à – a – a

Ⓔ a – a – à – a

13. FESP-RJ – A alternativa em que ocorre erro na marcação da crase (emprego errado ou omissão do acento grave) é:

Ⓐ Todos à uma me responderam sem referência a individualidades.
Ⓑ Prece a prece entregas a teu Deus a solução dos problemas.
Ⓒ Peço a V.Sª não chegar a conclusões a que jamais cheguei.
Ⓓ Assistimos à touradas com roupas a século XVIII.
Ⓔ Àquele que me ofende darei meu perdão.

14. FJPF – No trecho "Desejável é que o jornalista, a exemplo de outros profissionais, tenha acesso à sua atividade após a conclusão de estudos especializados de caráter superior", o sinal indicador da crase é optativo. O mesmo fato gramatical está presente na frase:

Ⓐ As escolas de jornalismo oferecem à comunidade bons cursos profissionais.
Ⓑ Formara-se jornalista à custa de muito esforço e dedicação.
Ⓒ Não se dedicou à profissão como gostaria durante de anos.
Ⓓ Seguiu até às últimas horas de trabalho as regras da boa prática jornalística.
Ⓔ Sua aversão à formação empírica levou-o a completar o curso de jornalismo.

15. FJPF – No período "Este não obedece à maioria das regras impostas para os que andam sobre quatro rodas" o acento da crase foi empregado corretamente, pois o verbo obedecer rege a preposição a e esta se encontra em crase com o artigo feminino a que determina o substantivo maioria. Observe o emprego do acento da crase nas frases abaixo:

I. O desrespeito à sinalização é uma das transgressões praticadas pelos condutores de motocicletas.

II. O médico fez referência à uma estatística que não podia servir de base a seu raciocínio.

III. No momento do acidente, o motoqueiro estava sem capacete, pois ia à sua empresa para pegá-lo.

IV. É preciso que a sociedade diga não à essa violência desmedida praticada diariamente nas áreas urbanas.

A respeito do emprego do acento da crase nas frases acima, pode-se afirmar que:

Ⓐ em I e II está incorreto, em III está correto, mas é facultativo, e em IV está correto;
Ⓑ em I e III está correto, mas em ambas é facultativo, em II está incorreto e em IV está correto;
Ⓒ em I está correto, em II e IV está incorreto e em III está correto, mas é facultativo;
Ⓓ em I está incorreto, em II e IV está correto, mas em ambas é facultativo, e em III está correto;
Ⓔ em I e IV está correto, em II está incorreto e em III está correto, mas é facultativo.

16. NCE-UFRJ – Observe o fragmento "...não tinha direito à fiança...". A frase abaixo em que o acento grave indicativo da crase está mal colocado é:

- **A** O papagaio estava à distância de 10 metros da gaiola.
- **B** O bicho não tinha direito à água nem a alimento.
- **C** Deve-se à conscientização a diminuição do número de animais em cativeiro.
- **D** Entregou-se à polícia o caçador clandestino.
- **E** Os animais se entregaram à sua sina.

17. FJPF – Na oração "...adequar programas de qualidade à cultura da empresa..." observa-se o correto emprego do acento indicativo da crase. Abaixo foram feitas alterações na redação do trecho transcrito, de modo a não haver ocorrência da crase, dispensando-se o acento. A forma <u>incorreta</u>, porque ocorre a crase, justificando-se o emprego do acento, é:

- **A** "...adequar programas de qualidade a uma cultura empresarial moderna."
- **B** "...adequar programas de qualidade a toda visão empresarial moderna."
- **C** "...adequar programas de qualidade a esta nova situação propícia para as empresas."
- **D** "...adequar programas de qualidade a qualquer rotina empresarial moderna."
- **E** "...adequar programas de qualidade a nova dimensão tecnológica das empresas."

18. ESPCEX – Examine cada uma das frases seguintes, observando o uso do acento indicativo de <u>crase</u>:

I. De segunda à sexta, trabalho das oito às quinze.

II. Devo à minha persistência a promoção conseguida.

III. Não fique aí à toa; dirija-se àquele guichê.

IV. Estão à venda muitos apartamentos, à pequena distância do centro da cidade.

A partir das observações feitas, assinale a afirmativa totalmente válida:

- **A** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e III;
- **B** está inteiramente correto o uso do acento grave em II e III;
- **C** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e IV;
- **D** é obrigatório o uso do acento grave nas ocorrências verificadas em II e III.

19. EFOMM – Marque o item em que está faltando o acento indicativo da crase:

- **A** Augusto, irás a Petrópolis ou a Valença?
- **B** Chegou a casa exausto, após um dia de muito trabalho.
- **C** A reunião começará a uma hora.
- **D** Vendem-se roupas para meninas de 1 a 10 anos de idade.
- **E** E assim, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, vamos cumprindo a missão de que Deus nos encarregou.

20. ESAF – Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: <u>há</u>; <u>à(s)</u>:

Ⓐ ___ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica ___ armas nucleares.

Ⓑ O raio laser se revela ___ altura de um bisturi de alta precisão ___ anos.

Ⓒ ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.

Ⓓ ___ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios da cores aplicadas ___ sete séculos.

Ⓔ Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado ___ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.

21. EPCAR – Não ocorrerá a crase na frase:

Ⓐ Assisti as conferências que se realizaram a tarde.

Ⓑ O historiador fez referências a Joana d'Arc.

Ⓒ Fui a casa de meu avô.

Ⓓ Procedeu-se a apuração dos votos.

Ⓔ Ele já se habituara aquela vida.

22. FJPF – "Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado."

Esse trecho do texto é alterado em cada alternativa abaixo. A nova redação <u>não</u> está correta, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais, transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓑ Ao invés de somarem-se às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓒ Ao invés de se somarem às tentativas de superação das carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓓ Ao invés de se somarem à tentativas de superação de carências educacionais transformam- se em fontes de investimento privado.

23. FJPF – O sinal indicador da crase está mal empregado na frase:

Ⓐ A referência à clonagem de Dolly serve como um alerta no mundo científico.

Ⓑ Às indagações sobre os efeitos da clonagem muitos ainda não podem responder.

Ⓒ As pesquisas sobre clonagem de animais estão sendo revistas uma à uma.

Ⓓ Em resposta às perguntas sobre clonagem humana, disse que o experimento seria ótimo.

Ⓔ O cientista procedeu à análise dos métodos de clonagem animal.

24. PUC-RJ – Assinale a opção em que há erro do emprego do acento grave, indicativo da crase:

Ⓐ Quando iremos à Portugal?
Ⓑ Terminei o trabalho às 11 horas da noite.
Ⓒ Hoje distribuíram balas às crianças do bairro.
Ⓓ Emprestei vários livros à secretária.
Ⓔ Ele não compareceu à reunião de sexta-feira.

25. CESGRANRIO – Indique a opção que preenche adequadamente os espaços abaixo:

"___ muito tempo que as gerações pensam que não podem se entender, principalmente ___ época da juventude, quando visam ___ alcançar metas impossíveis, ___ curto prazo."

Ⓐ Há – a – a – à
Ⓑ Há – à – a – a
Ⓒ A – a – à – há
Ⓓ A – há – à – a
Ⓔ À – há – a – a

26. CESGRANRIO – Assinale a opção em que está correto o uso do acento indicativo da crase:

Ⓐ Atribui-se à Sérgio Buarque uma visão otimista do Brasil.
Ⓑ O autor refere-se, no texto, à uma monumental desigualdade.
Ⓒ O Brasil passou a ser entendido à partir desses estudos.
Ⓓ O povo brasileiro é dado à festas folclóricas.
Ⓔ Muitos universitários recorrem às pesquisas destes dois autores.

27. CESGRANRIO – Assinale a única frase em que o a deve receber acento indicativo de crase:

Ⓐ Dedicava-se a crônica semanal com prazer.
Ⓑ Pegou um lápis e pôs-se a trabalhar.
Ⓒ Leu o texto de ponta a ponta.
Ⓓ A crônica fazia referência a pessoas comuns.
Ⓔ Algumas vezes dirigia-se a seu computador.

28. FUNDEP – "Os sindicatos não se oporiam a mecanismos de punição?"

No período acima, será obrigatório o uso do sinal indicativo da crase, se se substituir a expressão destacada por:

Ⓐ a ameaças de punição;
Ⓑ as ameaças de punição;
Ⓒ a qualquer ameaça de punição;
Ⓓ a uma ameaça de punição.

29. UECE – Como em "...torna-se cada vez mais latente o nível de exclusão daqueles que não tem acesso à rede...", o sinal indicativo de crase está adequadamente empregado em:

- **A** O técnico em administração conheceu o diretor à cuja peça teatral assistiu.
- **B** Preciso conhecer urgentemente à terra dos meus antepassados do interior.
- **C** O técnico em computação se referiu à chave que liga as máquinas.
- **D** A população carente nunca teve acesso à redes de informação.

30. NCE-UFRJ – Dos itens abaixo, o que apresenta erro no emprego do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Trata-se de um relatório referente à dívidas antigas da União.
- **B** Essas medidas obedecem às normas da ABNT.
- **C** Apesar de a norma à qual V.Sª se refere ser facultativa, todos os técnicos de que temos notícias a seguem.
- **D** A plateia assistia entusiasmada à conferência do filósofo.
- **E** Informou-se indevidamente à empresa credora que o valor em questão estaria disponível antes do final do ano.

31. NCE-UFRJ – Quanto ao emprego do acento grave indicativo da crase, a frase correta é:

- **A** Servimo-nos da presente para informar à V.Sª que seu relatório será avalia do até o final do mês de abril.
- **B** Em atendimento as instruções dos senhores membros da Comissão, informamos que a receita não chegou a gerar superávit.
- **C** O presidente submeteu à deliberação do colegiado os assuntos previstos na pauta da reunião.
- **D** São estas as medidas à serem tomadas.
- **E** Fomos autorizados à proceder a emissão de uma cota extra no valor de R$ 65,00 (sessenta e cinco reais) para a cobertura do referido saldo devedor.

32. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as quatro lacunas do trecho a seguir é, respectivamente:

"O fim desta é pedir, mais uma vez, providências no sentido da solução do problema ___ que se refere nossa carta de 13/01/1998, ___ qual Vossas Senhorias não deram ainda qualquer resposta. Essa pendência já se arrasta ___ mais de um mês e, como de hoje ___ três semanas terá início o congresso de que trata aquela carta, findo esse prazo, nossa reivindicação deixará de fazer sentido."

- **A** à – à – há – a
- **B** a – à – há – a
- **C** à – a – há – a
- **D** a – à – a – há
- **E** a – à – há – há

33. FEC – No enunciado "os serviços essenciais à população" é obrigatório o emprego do acento para marcar a crase. Nas alterações do enunciado feitas abaixo dispensa-se o acento por não haver a crase. Numa das alterações, entretanto, pode-se usar o acento por se tratar de um caso de crase facultativa. Esta alteração está na opção:

Ⓐ "os serviços essenciais a essa população."
Ⓑ "os serviços essenciais a toda e qualquer população."
Ⓒ "os serviços essenciais a uma população ansiosa por melhorias."
Ⓓ "os serviços essenciais a quase toda a população."
Ⓔ "os serviços essenciais a nossa população."

34. FEC – Para o preenchimento adequado das lacunas da frase "Um jornal noticiou ____ dois meses que daí ___ três semanas os cidadãos teriam acesso ___ novas tecnologias que ligariam ___ América ___ Europa ___ uma velocidade equivalente ____ da luz" têm de ser usadas as formas que aparecem na opção:

Ⓐ há – a – a – à – a – a – a;
Ⓑ há – a – a – a – à – a – à;
Ⓒ há – há – a – a – à – à – a;
Ⓓ a – há – à – a – à – a – à;
Ⓔ a – a – à – à – a – à – à.

35. ESAF – Indique a opção cujos itens completam corretamente as lacunas do texto abaixo:

"O ingresso dos bancos na era digital não se fez, obviamente, sem grandes e continuados investimentos. Sólida infraestrutura, bom trabalho de orientação, as experiências bem-sucedidas de quem não vê maiores dificuldades na operação eletrônica vão dissipando ___ resistências dos ainda não-digitalizados. Os clientes adaptam-se ___ novas tecnologias de modos muito distintos. ___ segmentos de pessoas maduras, com mais de 60 anos, nos quais a utilização da Internet é maior do que em segmentos jovens, com menos de 30 anos. Procura-se fornecer o maior número de informações aos clientes, ajudando-os ___ superar as primeiras dificuldades e demonstrando que, nos meios eletrônicos, 'o índice de falhas sistêmicas é mínimo'. Embora metade da população economicamente ativa brasileira esteja fora do sistema bancário – e este é um novo território ainda ___ conquistar –, ___ marcha da digitalização para os que já estão dentro do sistema é um caminho que não tem volta."

Ⓐ as – às – Há – a – a – a
Ⓑ as – as – Há – a – a – à
Ⓒ as – às – A – à – à – a
Ⓓ às – às – Há – a – à – a
Ⓔ às – as – A – à – a – a

36. NCE-UFRJ – "...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade." A frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:

Ⓐ As greves são prejudiciais à ordem pública.
Ⓑ A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
Ⓒ Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
Ⓓ Indicaram os assaltantes à polícia.
Ⓔ Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

37. ESAF – Leia o texto e marque a afirmação incorreta:

"A ciência e o processo científico não constituem __1__ única forma de obtenção do conhecimento. Além da experiência cotidiana, constituindo __2__ base cultural, __3__ os saberes reflexivos da filosofia. Apenas o simples processo experimental da ciência não conduz __4__ sabedoria: é necessário submeter os seus resultados __5__ elaboração filosófico-conceitual, __6__ preceitos éticos, para torná-los verdadeiramente humanos."

Ⓐ As lacunas 1 e 2 devem ser preenchidas com a, artigo feminino singular.
Ⓑ Na lacuna 3 é correto colocar há, pois o verbo haver, quando utilizado no sentido de existir, é impessoal.
Ⓒ Duas opções, a e à, podem ser utilizadas indistintamente na lacuna 4, uma vez que conferem sentido idêntico ao período.
Ⓓ Estaria correto preencher a lacuna 5 com à.
Ⓔ A estrutura sintática do período admite que a lacuna 6 seja preenchida com aos.

38. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as cinco lacunas da frase a seguir é:

"Qualquer demora, seja ___ que pretexto for, pode ter graves consequências políticas e institucionais. Tudo que vier ___suceder recairá sobre ___representação política. Aliás, ___ muito tempo que nos referimos ___ questão aqui colocada."

Ⓐ à – a – a – há – à
Ⓑ a – à – a – há – à
Ⓒ a – a – à – a – à
Ⓓ a – a – à – há – à
Ⓔ a – a – a – há – à

39. NCE-UFRJ – Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:

Ⓐ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade,...".

Ⓑ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, [...] que se relacionem com escritos ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade...".

Ⓒ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, da CF) e, ainda:
[...]
realizado em horário e locais que não permitam a frequência à escola." (art. 67, IV, do Estatuto).

Ⓓ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência...".

Ⓔ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos" (art. 406 da Consolidação).

40. NCE-UFRJ – "...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores." Nas duas ocorrências do vocábulo a, só a segunda vem com acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:

Ⓐ só a segunda precede um nome feminino;
Ⓑ só a segunda segue a regência do verbo referir-se;
Ⓒ só no segundo caso ocorre a junção de preposição + artigo;
Ⓓ no primeiro caso, o nome feminino está no plural;
Ⓔ no primeiro caso, só há a ocorrência de artigo definido feminino singular.

41. NCE-UFRJ – "Isso levaria o problema para a esfera federal. O Rio, com seus morros e favelas que são cidadelas à margem do tecido urbano, com seus dramáticos desníveis sociais, oferece..."

Que regra a seguir justifica o emprego do acento grave indicativo da crase na fragmento destacado?

Ⓐ O termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo consequente admite o artigo a.
Ⓑ Nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas.
Ⓒ Nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas.
Ⓓ Nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas.
Ⓔ Nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

42. ESAF – "No que diz respeito ___ taxa de inflação, ainda que os resultados estejam longe da meta (mais de 7% ante ____ meta de 4%), é preciso reconhecer que diante dos acontecimentos de 2001 não se trata de um mau resultado. Todos sabemos que os 'choques de oferta' não se prestam ___ ser controlados facilmente pela manipulação da taxa de juros e que, frequentemente, quando ocorre um choque é melhor encontrar um caminho mais longo para retornar ___ meta do que forçar uma volta rápida com maiores custos em matéria de crescimento."

Aponte a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente as lacunas do texto fornecido:

- **A** à – a – a – à;
- **B** a – à – à – a;
- **C** à – a – à – a;
- **D** a – a – a – a;
- **E** a – a – à – a.

43. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

"Proponho ____ Vossa Senhoria dar, ____ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa."

- **A** a – àqueles – às – a
- **B** à – àqueles – as – a
- **C** a – aqueles – às – à
- **D** a – àqueles – as – à
- **E** à – aqueles – às – à

44. NCE-UFRJ – O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília [...] para assistir à coleta de lixo".

Entre as opções abaixo, porém, este sinal foi <u>incorretamente</u> utilizado em:

- **A** O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
- **B** Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
- **C** A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
- **D** O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "o lixo é vosso".
- **E** Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

45. NCE-UFRJ – Em "...efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...", o acento grave indicativo da crase está presente porque:

- **A** todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;
- **B** <u>à liberdade</u> está servindo de objeto indireto;

Ⓒ marca a contração do demonstrativo a com a preposição a;
Ⓓ marca a união da preposição a que rege o adjetivo anterior com o artigo a;
Ⓔ se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

46. ACCESS – O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – à – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ à – à – a.

47. FESP-RJ – A alternativa em que não se justifica o emprego de crase é:

Ⓐ Referia-se a isto, não à você.
Ⓑ Todos correm às cegas, quando há briga.
Ⓒ Ele fazia uma citação à Machado de Assis.
Ⓓ Às vezes, ele me parece enlevado com isso.

48. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Nesse dia os homens chegaram _____ margem direita do rio.

2. Refiro-me _____ esta senhora e não àquela.

3. Ele não irá mais _____ Brasília.

As lacunas das frases são preenchidas corretamente pelas palavras da alternativa:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – a – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ a – a – à.

49. FESP-RJ – "Como se já não bastassem [...] ataques explícitos à dignidade do menor,..."

A propósito da crase na passagem acima, ela é também obrigatória na seguinte frase:

Ⓐ Dadas as circunstâncias do caso, adiamos a sessão.
Ⓑ O crime é sério, haja vista as condições da vítima.
Ⓒ O réu fazia jus a pena menor que a aplicada pelo juiz.
Ⓓ A eleição do presidente da junta implicará a do vice-presidente.
Ⓔ Esta sentença é semelhante a em que houve unanimidade dos jurados.

50. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Através dessa jovem dou o meu grito de horror ___ vida.

2. Quanto ___ ela, até mesmo de vez em quando comprava uma rosa.

3. A moça ___ vezes comia num botequim um ovo duro.

A alternativa em que as lacunas das frases acima são completadas corretamente (sem mudança da ordem) é:

Ⓐ à – a – as;
Ⓑ à – a – às;
Ⓒ à – à – às;
Ⓓ a – à – às;
Ⓔ a – a – as.

51. FESAG – "A presença de verbos transitivos indiretos que fazem uso da preposição 'a' para estabelecer sua regência pode indicar a existência de crase."

Essa afirmação pode ser verdadeiramente comprovada em:

Ⓐ Registrou aquele conceito de liberdade com aceitação do partido.
Ⓑ Chegamos aquela cidade exatamente às dezoito horas.
Ⓒ Não consigo adaptar-me aquele modo de vida.
Ⓓ Referiu-se àquele conceito de liberdade com muita convicção.

52. FESP-RJ – A frase em que há <u>erro</u> no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:

Ⓐ Já chegamos à Bahia.
Ⓑ O professor falara àquela aluna.
Ⓒ Comi bacalhau à Gomes de Sá.
Ⓓ É importante obedecer às regras do jogo.
Ⓔ Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

53. FESP-RJ – A alternativa que apresenta <u>erro</u> no emprego do acento grave, indicativo de crase, é:

Ⓐ Preciso ir à Copacabana.
Ⓑ Ele chegou à uma e meia.
Ⓒ Seja rápido na sua ida à França.
Ⓓ O professor falará àquele aluno.
Ⓔ Não houve comentário àquela pergunta.

54. NCE-UFRJ – O emprego do acento grave indicativo de crase sobre o <u>a</u> é optativo em:

Ⓐ A lei fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos <u>à</u> sua função social (art. 185, parágrafo único).
Ⓑ A lei garantirá tratamento especial <u>à</u> propriedade produtiva (art. 185, parágrafo único).

Ⓒ O decreto [...] autoriza a União a propor a ação de desapropriação (art. 184, §2º).
Ⓓ Compete à União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social (art. 184).
Ⓔ Títulos resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão (art. 184).

55. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo:

"A história nos mostra que o desenvolvimento econômico europeu, ____ partir das navegações, sempre se fez ____ custa dos territórios ultramarinos. Não foram apenas as matérias-primas, destinadas ao consumo ou ____ produção que o financiaram, mas também o capital propriamente dito, fruto dos lucros e resultado do saqueio da natureza virgem. Hoje, a biotecnologia abre grande perspectiva ___ um país como o Brasil, de ricos bancos genéticos. O nosso território foi dos primeiros ____ ser saqueado em sua riqueza vegetal. É necessário impedir que os produtos da flora e da fauna nos sejam roubados, como roubados fomos no passado. No entanto, o governo está empenhado em aprovar uma proposta de emenda ____ Constituição que facilitará a entrega de nossos recursos biológicos ____ estrangeiros."

Ⓐ a, à, à, a, a, à, a
Ⓑ a, a, à, a, a, a, a
Ⓒ a, à, à, à, a, à, à
Ⓓ à, a, a, à, à, a, a
Ⓔ à, à, a, à, a, à, a

56. FCC – Escolha a opção em que não ocorre a crase:

Ⓐ Chegou a uma hora em ponto e saiu as quatro horas.
Ⓑ Fiz alusão a ela quando me dirigi a Vossa Excelência.
Ⓒ Agia as escondidas quando estava a disposição do chefe.
Ⓓ Foi a Argentina e voltou as pressas.

57. ESAF – "____ disputas provocadas pelo sistema de captação foram muitas, e o rei aceitou o pagamento do imposto numa cota fixa anual de ouro. Caso esta cota não fosse completada, o governador estava autorizado ___ recorrer ___ derrama. Por meio desse tributo eram cobradas importâncias arbitrárias de toda população, até completar ___ taxa fixada.

Foi um período de grande empobrecimento da região das Gerais, apesar de tanto ouro e diamantes, devido ___ tributação excessiva. Em 1789, sob ___ ameaça de nova derrama para cobrir uma dívida de mais de 500 arrobas de ouro, um grupo de revoltosos organizou o movimento revolucionário da Inconfidência Mineira."

Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto acima:

- **A** As – a – à – a – à – a;
- **B** Às – à – a – a – a – a;
- **C** As – a – à – a – à – à;
- **D** Às – à – à – à – a – a;
- **E** As – à – a – à – a – à.

58. VUNESP – "A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso ___ Internet deve acabar na Justiça. ___ paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviço. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que ___ imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar ___ rede.

Assinale a alternativa que, correta e respectivamente, preenche as lacunas do texto:

- **A** a, A, a, à;
- **B** à, A, a, à;
- **C** a, À, à, a;
- **D** à, A, à, à;
- **E** à, À, a, à.

59. FJG – Assinale, entre as frases abaixo, aquela em que o emprego da crase seria indevido:

- **A** Não me refiro as reuniões desse mês.
- **B** Fique a vontade.
- **C** Abrimos as quintas-feiras.
- **D** Remeto a Vossa Senhoria todos os meus recibos.
- **E** Aludimos aquele fato recente.

60. FJG – Na frase: "Das revoltas da polícia africana às usinas de alumínio no Canadá.", observa-se a utilização de sinal indicativo de crase.

A opção em que a utilização deste mesmo sinal é obrigatória é:

- **A** A menina estava atenta a tudo o que se passava.
- **B** Do fato ocorrido as notícias de jornal vai uma grande diferença.
- **C** Temos que medir as consequências do gesto político.
- **D** As novas gerações têm uma grande responsabilidade ambiental.
- **E** O Presidente vai analisar as medidas de segurança.

61. COVEPE – Só uma das alternativas completa, corretamente, o período abaixo. Assinale-a:

"Anuiu ___ reivindicação feita, porque preferiu conservar o emprego ___ entregá-lo ___ que _____ postulavam."

Ⓐ a, a, aqueles, lhe
Ⓑ à, do que, àqueles, o
Ⓒ à, a, àqueles, o
Ⓓ a, à, àqueles, lhe

62. COVEPE – Preencha os claros com a(s), à(s), há, de acordo com o caso:

1. Tais informações são iguais _____ que recebi ontem.

2. Sentei-me _____ máquina para escrever este relatório.

3. _____ meses que estudo para este concurso.

4. Estava _____ porta da casa quando você chegou.

5. Comecei _____ resolver esta prova com muita calma.

De cima para baixo, a sequência no preenchimento dos claros é a seguinte:

Ⓐ as – à – Há – à – a;
Ⓑ às – a – Há – à – a;
Ⓒ às – à – a – há – a;
Ⓓ às – à – Há – à – a;
Ⓔ às – à – Há – a – à.

63. FJG – O acento grave indicativo de crase não se aplica em "A herança maldita vem do Brasil-Colônia e do Império, quando a grande propriedade fundiária se consolidou mediante a exploração do trabalho escravo, um conúbio gerador de atraso e inquietação social".

Pelo mesmo motivo, ele também não é usado em:

Ⓐ Segundo a exigência do leitor.
Ⓑ Andei a cavalo a trote.
Ⓒ Estive a caminhar pelo jardim.
Ⓓ O público assistiu a peças interessantes.
Ⓔ Ela escreve bem a máquina.

64. ANP – Observe os trechos e as afirmações seguintes:

1. "Dizer apenas 'meio' parece ser pouco (são reveladores os adesivos ecológicos, colados nos carros, pedindo 'um ambiente inteiro') e usar apenas 'ambiente' aparentemente levaria a confusões.": não se emprega acento grave indicativo de crase porque não há artigo que se contraia com a preposição.

2. **“Ambas as palavras parecem desgastadas, tanto quanto a realidade física que descrevem: ...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no masculino evidencia que a é preposição.**
3. **“Ambiente deve sugerir, aos seus adeptos, uma proximidade semântica maior...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no feminino permite o emprego do acento grave indicativo de crase.**
4. **“Mas a expressão demonstra também o desejo de reforçar, por meio da redundância, o sentido manifestado como se houvesse um temor de, caso contrário, perder-se a ideia.”: não se emprega acento grave indicativo de crase porque “a ideia” é sujeito, portanto não pode estar regida de preposição.**

Escolha uma das opções abaixo:

Ⓐ 1, 3 e 4 estão corretas;
Ⓑ 1 e 3 estão corretas;
Ⓒ 1, 2 e 3 estão corretas;
Ⓓ 2 e 4 estão corretas.

65. CESGRANRIO – Uma das opções preenche corretamente as lacunas do texto abaixo. Assinale-a:

“Para sobreviver, somos obrigados ___ lutar pelo nosso espaço que ___ muito tempo foi invadido pelo egoísmo e pela violência, para, daqui ___ alguns anos, podermos dizer que realmente vivemos ___ vida.”

Ⓐ a – a – há – a
Ⓑ a – a – há – à
Ⓒ a – há – a – a
Ⓓ à – há – há – a
Ⓔ à – a – há – a

66. CESGRANRIO – Assinale a opção em que se omitiu o acento indicativo de crase:

Ⓐ Comprei o telefone a duras penas.
Ⓑ Demos aquele funcionário a mensagem do fax.
Ⓒ Face a face, ele despediu o funcionário.
Ⓓ Releia a Sua Excelência os fatos ocorridos ontem.
Ⓔ O diretor se referiu a ela com elogios.

67. CESGRANRIO – Ocorre erro do acento indicativo de crase na opção:

Ⓐ À toda hora, chegavam as estudantes aprovadas.
Ⓑ Ficamos à espera do resultado final.
Ⓒ Dirigiu-se àquele mestre com respeito.
Ⓓ Referiu-se atenciosamente às alunas que a haviam homenageado.
Ⓔ Os portões serão fechados pontualmente às sete horas.

68. ESAF – Quanto ao uso da crase, a frase errada é:

Ⓐ Refiro-me à isenção de imposto.
Ⓑ Ao viajar à Europa, cuidado para não ultrapassar a cota.
Ⓒ Tenho dúvidas à respeito de franquia.
Ⓓ Esta mercadoria é atentatória à ordem pública.
Ⓔ Dirigi-me à fiscal de plantão.

69. ESAF – Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido:

Ⓐ Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
Ⓑ À ela não cabe fugir, desaparecer, pois nada fez que a estimagtize.
Ⓒ Athenaíde prefere recolher-se à casa, onde pode despegar-se de sua dor.
Ⓓ A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
Ⓔ Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

70. ESAF – Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto:

Ⓐ Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
Ⓑ Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
Ⓒ Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
Ⓓ Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
Ⓔ O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

71. ESAF – Assinale o enunciado que apresenta erro no uso da crase:

Ⓐ Os missionários dão origem à uma "cultura local" que se inicia pelo contato.
Ⓑ É à curiosidade de entender a alma humana que devo meu amor aos índios.
Ⓒ Sendo necessária à concepção do discurso, a história é dele inseparável.
Ⓓ Este jogo de formações discursivas remete o texto à sua exterioridade.
Ⓔ Assim podemos demonstrar que à contribuição das línguas indígenas se associa uma visão histórica.

72. ESAF – Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos ___ V.Sª que encaminhamos ___ petição anexa ___ Divisão de Fiscalização que está apta ___ prestar ___ informações solicitadas.

Ⓐ a – a – à – a – as
Ⓑ à – a – à – a – às
Ⓒ a – à – a – à – as
Ⓓ à – à – a – à – às
Ⓔ a – a – à – à – as

73. ESAF – Daqui ___ uma semana, conclui-se ___ fase de correção dos testes, e todos os candidatos terão direito ___ revisão de prova que acontecerá ___ 15 horas.

A opção que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

- **A** à – a – à – às;
- **B** a – à – à – as;
- **C** a – à – a – as;
- **D** a – a – à – às;
- **E** à – a – a – às.

74. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Para os desplugados, o Finnegan's Pub, localizado numa badalada esquina da noite paulistana, é um bar como outro qualquer. Luz de penumbra, música aos berros, gente de pé com copos na mão, ele tem uma diferença em relação ___ concorrência: um computador que dá aos seus fregueses acesso ___ Internet. Em torno da máquina aglomeram-se umas cinquenta pessoas todas as noites. É muita gente para um computador só. Mas isso não impede que o bar, que começou ___ oferecer o serviço _____ nove meses, se apresente como o mais antigo cibercafé do Brasil. Não é o único. Há outros cinco bares espalhados por capitais brasileiras e um na cidade mineira de Juiz de Fora. A ideia de criar bares com terminais de computador ligados ___ Internet foi importada do Primeiro Mundo, onde eles começaram ___ surgir ___ de dois anos."

- **A** à – a – a – há – a – a – há cerca
- **B** a – à – à – há – à – a – acerca
- **C** à – à – à – à – a – a – a cerca
- **D** à – à – a – há – à – a – há cerca
- **E** a – a – à – a – à – a – a cerca

75. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas:

"De uma forma mais genérica, ___ que substituir ___ imagem centralizada e que tende ___ uniformidade de indivíduo possuidor de alguns direitos e submetido ___ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social ___ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação ___ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados."

- **A** há – a – à – a – às – a
- **B** à – à – a – à – as – a
- **C** há – à – a – à – às – a
- **D** a – à – à – a – às – a
- **E** a – há – à – a – as – a

76. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Desde a Declaração de Direitos da ONU, em 1948, ___ expressão 'direitos humanos' compreende pelo menos três tipos de direitos: a) os direitos e liberdades civis; b) direito de participação política por meio da escolha de representantes; e, c) direitos econômicos e sociais. Essa última categoria de direitos humanos é ___ mais recente das três citadas e tem como exemplos o direito do trabalho, o direito ___ previdência social, o direito ___ uma renda mínima e o direito ___ educação entre outros."

Ⓐ à – à – a – a – à
Ⓑ a – à – a – à – à
Ⓒ a – a – à – à – a
Ⓓ a – a – à – à – à
Ⓔ a – a – à – a – à

77. CESPE-UnB – Julgue os itens seguintes, com relação ao emprego do sinal indicativo de crase:

1. Nas grandes cidades brasileiras a começar pelas duas maiores, mata-se praticamente como se se tratasse de algo inerente à existência humana.

2. Desde crianças, vemos mortes violentas às dúzias.

3. Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos nossos direitos, dentro em breve não teremos mais direito nenhum, nem mesmo à vida.

O emprego do sinal indicativo de crase encontra a mesma justificativa em:

Ⓐ nos itens 1e 2;
Ⓑ nos itens 2 e 3;
Ⓒ nos itens 1, 2 e 3;
Ⓓ nos itens 1 e 3;
Ⓔ em nenhum dos itens.

78. CESPE-UnB – Marque a opção em que o conjunto de palavras preenche adequadamente as lacunas:

"Para muitas pessoas não habituadas ___ lidar com as questões relativas ___ aplicação da lei penal, ___ agravação das penas é vista como uma forma de reduzir as taxas de criminalidade. Supõe-se que os criminosos se determinam ___ prática de atos antissociais estimulados pela leniência das sanções criminais. E, mais ainda, convencidos de que o quadro geral e amplo da impunidade servirá de manto protetor ___ suas investidas delituosas."

Ⓐ à – à – à – a – às
Ⓑ a – a – à – à – às
Ⓒ a – a – à – à – as
Ⓓ a – à – a – à – às
Ⓔ à – à – a – à – às

79. CESPE–UnB – Reconheça o par em que há emprego facultativo de acento indicador de crase:

- **A** "Às vezes o afinador não ganha isso durante a viagem." / às claras
- **B** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / desobedecer à instrução
- **C** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / atender à sua eleição
- **D** "Em frente à Câmara, agravando pelo som a sensação de calor..." / em relação à votação
- **E** Desconheço a resposta correta.

80. FESP-RJ – A respeito do emprego do acento grave indicativo de crase, assinale a opção correta:

- **A** Em "Estatuto dos Funcionários, art. 240: O dia 28 de outubro será consagrado ao Servidor Público", a pluralização da expressão "Servidor Público" e a supressão do artigo definido masculino singular que a precede implicariam automático emprego do acento grave indicativo de crase.
- **B** Em "Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou; ótimo, porque assim trabalho à vontade.", o emprego do acento grave decorre da regência do verbo trabalhar, que impõe o uso da preposição a, antes do substantivo feminino vontade, que está precedido de artigo definido.
- **C** Em "E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam lugar à turma dos 'caxias'", a seguinte estrutura morfossintática justifica o emprego do acento grave indicativo de crase: expressão regida pela preposição "a", seguida de substantivo feminino antecedido por artigo definido.
- **D** Justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase, em "Nenhum – a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão" pela natureza exclusivamente adverbial da locução utilizada para indicar circunstância de lugar.
- **E** Seria obrigatório o emprego do acento grave indicativo de crase caso o texto "Correu a telefonar de uma confeitaria para a residência do chefe" fosse redigido da seguinte forma: "Correu à uma confeitaria para telefonar à residência do chefe".

81. NCE-UFRJ – O uso do acento grave no a é opcional em:

- **A** "...redução da cultura a sua dimensão mercadológica..."
- **B** "...redução da cultura a uma mercadoria barata..."
- **C** "...redução da cultura a essa imagem formada..."
- **D** "...redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia..."
- **E** "...redução da cultura a que nos vamos acostumando..."

82. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Os juízes federais, ___ três semanas, começaram ___ discutir ___ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa ___ muito atribuída ___ Caixa Econômica Federal."

Ⓐ a, há, a, há, a
Ⓑ a, há, à, a, há
Ⓒ há, a, a, há, a
Ⓓ há, à, a, há, à
Ⓔ há, a, a, há, à

83. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Vale ____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que ____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim ____ acirrada polêmica que se vem travando ____ quatro décadas."

Ⓐ a – à – às – há
Ⓑ a – a – à – a
Ⓒ à – a – a – à
Ⓓ a – a – à – há
Ⓔ à – à – a – há

84. NCE-UFRJ – Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:

Ⓐ Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
Ⓑ Pedi um favor a Júlia.
Ⓒ A rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
Ⓓ Comemorar o "descobrimento" é, no mínimo, reforçar a visão colonialista.
Ⓔ Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

85. NCE-UFRJ – O acento grave da crase foi empregado <u>erroneamente</u> em:

Ⓐ Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
Ⓑ Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
Ⓒ Essas atividades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
Ⓓ Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
Ⓔ A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

86. NCE-UFRJ – A alternativa com <u>erro</u> no emprego do acento indicativo de crase é:

Ⓐ A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
Ⓑ Explicava sua experiência à sua filha.
Ⓒ Deveria explicar sua experiência à essa gente.
Ⓓ Esperou do meio-dia às quatro horas.
Ⓔ Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

87. NCE-UFRJ – Em "...esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados" há um exemplo de crase assinalada pelo sinal grave.

A alternativa em que este sinal foi <u>erradamente</u> utilizado é:

- **A** A equipe deve o êxito da campanha à boa forma de seus atletas.
- **B** O fornecimento de energia elétrica só foi normalizado à 1 hora da madrugada.
- **C** Não posso deixar de assistir à esta parte da novela.
- **D** Os formandos ficarão sentados à nossa direita.
- **E** Os rebeldes foram levados à presença do rei.

88. FEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:

I. O candidato respondeu corretamente ___ maioria das questões.

II. Não assisti ___ primeira parte do filme; mesmo assim entendi bem o enredo.

III. Transcorridos nove meses, deu ___ uma linda menina.

- **A** à, à, à luz
- **B** a, a, a luz a
- **C** a, à, a luz a
- **D** à, a, à luz

89. FGV – Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> no uso do acento indicativo de crase:

- **A** O leitor dedicava-se à leitura de crônicas.
- **B** O cronista dava preferência às crônicas de estilo mais elaborado.
- **C** O cronista produzia seus textos à tardinha.
- **D** O cronista deve estar atento às situações do cotidiano.
- **E** O texto da crônica lembrava-lhe à sua infância.

90. FCC – "O Rio Grande do Norte foi o estado pioneiro ao conceder ___ mulheres a possibilidade de ir ___ urnas, manifestando sua vontade pelo voto, permitido somente ___ homens, no resto do Brasil."

As lacunas da frase apresentada serão corretamente preenchidas por:

- **A** às – às – a;
- **B** às – as – a;
- **C** as – às – a;
- **D** às – às – à;
- **E** as – as – à.

91. CEPERJ – No segmento "...se ligam muito mais aos países ricos do que às <u>realidades brasileiras</u>", o acento indicativo de crase é obrigatório. Da mesma forma, o acento grave é obrigatório, ao se substituir a expressão destacada por:

- **A** "...aquela realidade."
- **B** "...a esta realidade."
- **C** "...a tal realidade."
- **D** "...a nossa realidade."
- **E** "...a uma realidade."

92. FJPF – Com as alterações feitas na redação da parte destacada do trecho "o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo <u>às ações que sente ânimo de praticar</u>", o acento grave indicador da crase só será usado em:

- **A** a ações que sente ânimo de praticar;
- **B** a uma ou outra ação que sente ânimo de praticar;
- **C** a suas próprias ações;
- **D** a própria ação;
- **E** a elas, suas próprias ações.

93. CESGRANRIO – Na expressão "direito à <u>vida</u>", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

- **A** viver dignamente;
- **B** diferentes formas de mídia;
- **C** uma escolha profissional;
- **D** toda assistência médica;
- **E** segurança pública.

94. CESGRANRIO – Assinale a frase com o uso <u>incorreto</u> do acento indicativo de crase:

- **A** Deve ser garantido à todas as pessoas o direito de ir e vir.
- **B** Estamos à procura de bons roteiros de viagem.
- **C** Foi da Itália à Alemanha de avião.
- **D** Viajamos à tarde para São Paulo.
- **E** Às vezes ele caminha no Jardim Botânico.

95. FUMARC – O acento indicador de crase foi corretamente empregado em:

- **A** Estamos viajando em direção à Brasília.
- **B** Deu à luz uma menina forte e saudável.
- **C** Entregou à suas antigas colaboradoras o material.
- **D** O acidente ocorreu à cerca de 2 km da estação central.

96. FUMARC – "Tal fato levar-nos-á <u>a</u> (1) percepção diferenciada da documentação respeitante <u>a</u> (2) essas cartas e certidões, tanto no que se refere <u>a</u> (3) análise de seu conteúdo, quanto no que respeita <u>as</u> (4) estruturas institucionais nas quais se inseriam."

Tendo em conta o trecho acima, assinale a alternativa na qual os casos em que o acento indicador de crase deverá ser empregado estejam corretamente indicados:

- **A** 1 – 2 – 4;
- **B** 1 – 3 – 4;
- **C** 2 – 3;
- **D** 3 – 4.

97. FUMARC – Nas frases a seguir, substituindo-se as palavras sublinhadas pelas dos parênteses, o acento indicador de crase poderá ser empregado:

I. Solicitou a suas amigas um novo encontro. (propôs)

II. O secretário realizou a leitura da ata da reunião anterior. (procedeu)

III. O prefeito não mencionou as obras de canalização. (fez menção)

Ⓐ apenas em I e III;
Ⓑ apenas em II e III;
Ⓒ apenas em um dos casos;
Ⓓ em todos os casos.

98. FUMARC – Considerando os elementos destacados nos dois versos que se seguem, a alternativa em que o uso do acento de crase foi corretamente indicado é:

"Quando o amor bate a porta, tudo é festa.

Quando o amor bate a porta, nada resta." **(Cineas Santos, poeta piauiense)**

Ⓐ à – à
Ⓑ a – à
Ⓒ a – a
Ⓓ à – a

99. CETRO – Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços no período abaixo:

"Quando ___ dez dias comunicou ___ ela que iria ___ França para concluir seu mestrado, pôs-se ___ chorar."

Ⓐ a – a – a – a
Ⓑ há – a – à – a
Ⓒ há – à – à – a
Ⓓ a – à – a – à
Ⓔ há – a – a – à

100. FUNRIO – A palavra sublinhada deve ter acento grave, indicativo da crase, na frase:

Ⓐ Dirijo-me a V.Sª para fazer uma solicitação.
Ⓑ Dirija-se a qualquer pessoa.
Ⓒ Referiu-se aquele ofício.
Ⓓ Vale a pena trabalhar na Secretaria.

101. FEPESE – Nas frases abaixo, assinale a alternativa em que não ocorre crase:

Ⓐ A força de pensar acabou adormecendo.
Ⓑ Cheguei as dez horas.
Ⓒ Os marinheiros já voltaram a terra natal.
Ⓓ Há fatos que eu não revelaria a ninguém.
Ⓔ Ele já se dirigiu a Bahia.

102. COSEAC-UFF – No trecho "mas parece que o óbvio, exatamente por ser óbvio, fica à mercê de se situar num plano secundário", a locução "à mercê de" aparece corretamente grafada com o acento indicativo da crase. Das frases abaixo, aquela em que não ocorre crase na locução, não se justificando, por isso, o emprego do acento indicativo da crase, é:

- **A** À proporção que lia as obras de Monteiro Lobato, mas se encantava com seus personagens.
- **B** As sociedades em que a educação é tratada como prioridade estão quilômetros à frente das outras.
- **C** Na época de Zumbi, os combatentes ficavam cara à cara com os inimigos.
- **D** As obras de construção do monumento a Zumbi foram feitas à custa do Movimento Negro.
- **E** Estar à distância de um contexto histórico-social não justifica análises incorretas de pessoas e fatos.

103. COSEAC-UFF – Nos trechos "...a lançar um livro à venda na Internet..." e "...o mecanismo de difusão de suas obras pouco lhes importa quando comparado à arte da criação...", ocorrem situações de crase devidamente marcadas com o acento. Há situações, entretanto, em que a ocorrência da crase é facultativa, sendo facultativo o emprego do acento. Nos pares de frase abaixo, em ambas ocorrem situações de crase, ou de crase facultativa, que devem ou podem ser marcadas com o acento. O par no qual uma das frases está com a marcação do acento <u>incorreta</u>, pois <u>não</u> ocorre crase, é:

- **A** Os autores retiraram-se do local de lançamento do livro às dez horas. / Sem apoio das editoras, o autor teve de editar a obra à suas expensas.
- **B** Esta é a editora à qual pertence grande parte das obras publicadas como *e-book*. / João Ubaldo irá à Bahia exclusivamente para o lançamento de seu novo livro.
- **C** À custa de muito esforço, digitalizaram todo o acervo da editora. / O escritor referia-se à sua obra com orgulho por ter sido lançada como livro eletrônico.
- **D** A referência àquele novo catálogo de livros eletrônicos trouxe luz à discussão. / Os leitores sentiam-se à vontade para optar ou não pelo *e-book*.
- **E** Ligado às nossas tradições editoriais, o escritor não abria mão de publicar seus livros em papel. / O lançamento do primeiro título eletrônico dedicado à memória dos grandes escritores emocionou a todos.

104. COSEAC-UFF – Das frases abaixo, está correta quanto ao emprego do acento indicativo da crase:

- **A** Oito critérios indicam à dependência de internet, segundo os psicólogos.
- **B** O programa destina-se à orientação dos jovens dependentes de internet.
- **C** Os especialistas recorreram à uma orientação menos conhecida.

Ⓓ O tratamento identifica as condições ambientais à que os dependentes se sujeitam.
Ⓔ Os terapeutas recomendam à todos os jovens que busquem outras formas de relacionamento com o mundo.

105. COSEAC-UFF – Na oração "as doenças relacionadas à água de má qualidade são atualmente a principal causa de mortes", foi empregado corretamente o acento indicativo de crase. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase também está corretamente empregado é:

Ⓐ Foram liberados recursos destinados à minorar os efeitos da seca.
Ⓑ Fomos apresentados à algumas pessoas interessadas no projeto.
Ⓒ Certos povos são obrigados à economizar água.
Ⓓ As empresas foram condenadas à três anos de suspensão das atividades.
Ⓔ O governo emitiu uma circular dirigida à companhia de água e esgoto.

106. FUNRIO – "E se engana quem estiver pensando que os clientes não prestam atenção a esses detalhes." Nesse período, percebe-se que não ocorre acento grave antes do pronome demonstrativo esse. Assinale a alternativa em que há erro no emprego do acento grave:

Ⓐ Vamos à feira.
Ⓑ Falávamos àquela que nos decepcionou.
Ⓒ Os amantes encontravam-se às escondidas.
Ⓓ O homem dirigia-se à qualquer local.
Ⓔ Encontremos nosso professor à uma hora!

107. FUNRIO – Assim como está adequado o emprego de à antes de "livre manifestação", também está inteiramente correto o uso da crase na frase da alternativa:

Ⓐ À meia-noite, chegaram os peregrinos à pé.
Ⓑ Fomos levados às escondidas àquele local.
Ⓒ Pedirei à V. Exa. a anotação desta ocorrência.
Ⓓ Para combater à manipulação, procederemos à revisão à noite.
Ⓔ Oferecemos sanduíches à metro e vendemos à varejo.

108. FUNRIO – "O nome 'Manifesto Antropofágico' recuperava a crença indígena: os índios antropófagos comiam o inimigo, supondo que assim estavam assimilando suas qualidades."

A crença indígena está comentada adiante numa frase totalmente correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase. Assinale-a:

Ⓐ À medida que comiam seus inimigos, os índios assumiam à certeza de seu aprimoramento.
Ⓑ Os antropófagos não comiam seus inimigos à guisa de uma assimilação à esmo.
Ⓒ Supor essa assimilação era, às vezes, tratar seus inimigos à ferro e fogo.
Ⓓ Somente à partir de uma atitude canibal se justificaria o incentivo à antropofagia.
Ⓔ Cabia às tribos propagar que as qualidades dos inimigos seriam assimiladas pela antropofagia.

109. FUNRIO – Marque a alternativa em que a frase está inteiramente adequada no que concerne à pontuação:

Ⓐ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓑ Todos os brasileiros, têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓒ Todos os brasileiros têm, essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓓ Todos os brasileiros têm essa oportunidade, única de mudar para um país melhor.
Ⓔ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para, um país melhor.

110. IPAD – Observe o fragmento a seguir, em relação ao uso de crase: "...é necessário dar um destino à montanha de lixo...".

É correto afirmar que:

Ⓐ o uso da crase é facultativo;
Ⓑ o uso da crase decorre da utilização do verbo <u>ser</u>;
Ⓒ o uso da crase decorre da utilização da locução verbal <u>é necessário</u>;
Ⓓ é um caso de regência nominal, o termo regente destino e o termo regido <u>a montanha</u>;
Ⓔ a locução conjuntiva <u>à montanha</u> torna obrigatório o uso da crase.

111. IPAD – "E bem à vista exibo esta etiqueta..."

A crase ocorre no enunciado acima pelo mesmo motivo que ocorre em:

Ⓐ A etiqueta está à mostra.
Ⓑ Atribuo esta loucura à sede insaciável de consumo.
Ⓒ Nem todos têm acesso à riqueza produzida na sociedade.
Ⓓ Ninguém consegue viver alheio às necessidades fabricadas artificialmente.
Ⓔ À alegria simples do cotidiano contrapõe-se a angústia da acumulação exagerada de bens supérfluos.

112. VUNESP – Assinale a alternativa que preencha respectivamente as lacunas do texto.

Morador de Bruxelas, morto em junho, teria contraído bactéria ___ resistente ___ vacina aplicada, no país asiático, após o acidente e ___ hospitalização.

Ⓐ a – à – à
Ⓑ à – a – à
Ⓒ à – a – a
Ⓓ a – à – a
Ⓔ à – à – a

113. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula:

Ⓐ Os livros, que ele escreveu, permanecem.
Ⓑ Todos durante a festa, se emocionaram.
Ⓒ Nós caros amigos, esperamos recebê-los.
Ⓓ Vinicius, que foi um apreciado poeta, já não vive.
Ⓔ Meu pai, digo meus pais, eram morenos.

114. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto quanto ao emprego ou não do acento indicativo de crase.

Se passamos 70% do tempo no trabalho, devemos levar ___ sério as relações que se constroem nesse ambiente. É importante dar o devido valor ___ cada um que está ___ nossa volta, pois não se encontram verdadeiras amizades ___ toa.

Ⓐ à – a – à – à
Ⓑ à – à – a –a
Ⓒ à – a – à – à
Ⓓ a – a – à – à
Ⓔ a – à – a – à

115. VUNESP Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não do acento indicativo da crase:

Ⓐ Na Europa, as pessoas usavam os óculos as escondidas.
Ⓑ Os monges não mostravam a ninguém como faziam as pedras de leitura.
Ⓒ As pessoas passaram à enxergar melhor depois que foram criados os óculos em formato de V invertido.
Ⓓ Marco Túlio Cícero não se dirigia à seus escravos porque não os enxergava.
Ⓔ As vezes, os problemas de visão não eram revelados para que as pessoas não se aposentassem.

116. FEC – Na passagem: "E vai folheando à toa.", o acento indicativo da crase está corretamente empregado. Assinale a opção a seguir em que o emprego do acento grave em questão seja justificado pelo mesmo motivo que na passagem em estudo:

Ⓐ Permanecem, ainda hoje, à beira da falência.
Ⓑ Presentou-me com uma tela à tinta.
Ⓒ Os viajantes regressaram à Madri de seus antepassados.

Ⓓ Falou à vontade durante a reunião.
Ⓔ À medida que nos aproximávamos, mais exauridos ficávamos.

117. FEC – Observe as frases a seguir:

I. A lei dos zoológico foi promulgada ___ 24 anos, ___ fim de garantir os cuidados com os animais.

II. O descumprimento das normas pode levar ___ uma punição mais severa: o fechamento do zoológico.

III. O Ibama concedeu permissão ___ prefeitura para abrir um novo zoológico.

Para o correto preenchimento das lacunas das frases lidas, têm de ser usados, respectivamente, os termos:

Ⓐ há – a – a – à;
Ⓑ a – à – há – à;
Ⓒ há – a – à – há;
Ⓓ à – há – à – a;
Ⓔ há – a – há – a.

118. FEC – Está <u>incorreto</u>, do ponto de vista do emprego do sinal indicador da crase, o período:

Ⓐ Pode-se prever sua anuência às propostas de publicação dos atos administrativos.
Ⓑ Não caberia sua anuência à uma proposta de publicação dos atos administrativos.
Ⓒ Obtivemos às pressas sua concordância para a publicação dos atos administrativos.
Ⓓ Não se soube informar qual é a autoridade à qual se deve solicitar a publicação dos atos administrativos.
Ⓔ Criou-se uma expectativa quanto à publicação dos atos administrativos.

119. FEC – É facultativo o uso do acento grave no "a" destacado em:

Ⓐ "...pescávamos enchovas na bela ilha da Vitória, <u>a</u> cerca de 15 milhas (ou 26 quilômetros) da costa."
Ⓑ "Divertimo-nos [...] naquele fim de tarde, reservando alguns exemplares para nosso consumo e devolvendo a grande maioria <u>à</u> água."
Ⓒ "O que são trinta exemplares em meio <u>às</u> centenas que talvez passassem pelo local?"
Ⓓ "...nos dias que se passaram <u>à</u> nossa pescaria, soubemos que aquela costeira foi varrida por dezenas de outras embarcações."
Ⓔ "...sua eficiência [...] só aumenta <u>a</u> cada geração de modelos lançados no mercado."

120. FEC – As frases a seguir, retiradas de contos diversos de Lygia Fagundes Telles, apresentam espaços que devem ser preenchidos com a ou à. Preencha- os:

"Assim que acordou, ___ hora do jantar, desandou nos telefonemas, avisando ___ velharia da irmandade que 'o menino estava doente'."

"Saí em seguida, fingindo não ver ___ carinha safada de um dos anões que estava ali por perto."

"Conceição veio interromper ___ conversa para mostrar ___ amiga ___ bolsa que tinha comprado."

A alternativa cujas palavras preenchem, respectiva e corretamente, os espaços é:

A a – à – à – a – a – à;
B à – a – a – a – à – à;
C à – a – à – à – a – à;
D a – à – a – à – à – a;
E à – à – a – a – à – a.

GABARITO

1. E	17. E	33. E	49. E	65. C	81. A	97. D	113. D
2. A	18. B	34. B	50. A	66. B	82. E	98. A	114. D
3. A	19. C	35. A	51. B	67. A	83. D	99. B	115. B
4. A	20. A	36. A	52. E	68. A	84. B	100. C	116. D
5. A	21. B	37. C	53. A	69. A	85. D	101. D	117. A
6. A	22. D	38. E	54. A	70. C	86. C	102. C	118. B
7. A	23. C	39. C	55. A	71. A	87. C	103. A	119. B
8. B	24. A	40. C	56. B	72. A	88. A	104. B	120. E
9. E	25. B	41. C	57. A	73. D	89. E	105. E	
10. C	26. E	42. A	58. A	74. D	90. A	106. D	
11. C	27. A	43. A	59. D	75. A	91. A	107. B	
12. A	28. B	44. C	60. B	76. E	92. D	108. E	
13. D	29. C	45. D	61. C	77. C	93. E	109. A	
14. D	30. A	46. B	62. D	78. D	94. A	110. D	
15. C	31. C	47. A	63. A	79. D	95. B	111. A	
16. B	32. B	48. B	64. A	80. C	96. B	112. D	

Exercícios de Concordância Nominal e Verbal

1. NCE-UFRJ – O item em que a passagem para o plural do segmento inicial traz um erro gramatical é:

- **A** "Não poderia haver reivindicação mais justa..." – Não poderiam haver reivindicações mais justas...
- **B** "Sabiamente, esse conceito evoluiu." – Sabiamente, esses conceitos evoluíram.
- **C** "Cobra-se, agora, o compromisso..." – Cobram-se, agora, os compromissos...
- **D** "...faça como eu, use..." – ...façam como eu, usem...
- **E** "...a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível..." – ...as responsabilidades de pais e professores continuam sendo intransferíveis...

2. FJPF – Há, segundo a norma escrita contemporânea, erro de concordância verbal no seguinte item:

- **A** Dentre os jornalistas, dez por cento pediu demissão do jornal.
- **B** Haveria de haver sérios motivos para que fosse demitido do jornal.
- **C** Ignoram-se os motivos de sua demissão do jornal.
- **D** Mais de um jornalista acusavam-se de deslealdade na redação do jornal.
- **E** Um ou outro jornalista poderiam chegar à chefia da redação.

3. FGV – "Permanente é o país e suas escolhas."

Embora a palavra permanente se refira a país e suas escolhas, a concordância se fez corretamente com o mais próximo. Assinale a alternativa em que tenha havido inadequação à norma culta da língua no que tange às regras de concordância:

- **A** As alegrias da casa era ele.
- **B** Compramos caras blusas e sapatos.
- **C** Ele pediu emprestado os livros com as anotações.
- **D** Cheguei eu e ele para a festa.
- **E** Marcamos ao meio-dia e meia.

4. FEPESE – Assinale a alternativa errada, quanto à concordância:

- **A** Guido foi à CEASA ao meio-dia e meia.
- **B** Vossa Senhoria deseja que o informemos a respeito dos produtos por nós comercializados?
- **C** Neste setor é proibida a entrada de estranhos.
- **D** Faz dezoito anos que moro perto da CEASA.
- **E** Deve ser encaminhado à diretoria, mensalmente, os demonstrativos periódicos dos trabalhos aqui realizados.

5. NC-UFPR – Que alternativa não reescreve a sentença de acordo com a língua padrão escrita, ao ser substituída a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses?

- **A** O secretário tem o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo o próprio veículo. (secretários) / Os secretários têm o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo os próprios veículos.
- **B** Muitas vezes, ele, engenheiro aeronáutico formado pelo ITA, pilota o avião que o transporta. (eles) / Muitas vezes, eles, engenheiros aeronáuticos formados pelo ITA, pilotam os aviões que o transportam.
- **C** Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, à inauguração de uma obra nas proximidades da grande São Paulo. (instalações) / Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, às instalações de obras nas proximidades da grande São Paulo.
- **D** Junto de Rais Lopes estavam assessores, acomodados a seu lado. (um assessor) / Junto de Rais Lopes estava um assessor, acomodado a seu lado.
- **E** Quando o veículo foi parado na entrada do evento, um segurança se aproximou. (os veículos) / Quando os veículos foram parados na entrada do evento, um segurança se aproximou.

6. FUMARC – A concordância verbal está correta, exceto em:

- **A** O diesel e a gasolina aumentou.
- **B** Aumentou a gasolina e o diesel.
- **C** O diesel e a gasolina aumentaram.
- **D** Aumentaram a gasolina e o diesel.

7. NCE-UFRJ – "Gates e Buffett doaram eles ___ ___ recursos para homens e mulheres ___." A alternativa cuja sequência preenche adequadamente as três lacunas desse período é:

- **A** mesmos – bastantes – desabrigados;
- **B** mesmo – bastante – desabrigadas;
- **C** mesmo – bastantes – desabrigados;
- **D** mesmos – bastante – desabrigadas;
- **E** mesmo – bastante – desabrigado.

8. FJPF – No tocante à concordância, há equívoco na redação da seguinte frase:

Ⓐ São desses fatos sociais que se pode extrair maiores ensinamentos no Direito.
Ⓑ Decerto que aos legisladores não cabe inspirar-se obrigatoriamente nos fatos sociais.
Ⓒ Duas horas eram o tempo que me restava para opinar sobre as normas jurídicas referidas.
Ⓓ Impõe-se, pois, ao magistrado tantas questões resolver quantas a ele se oferecerem.
Ⓔ Não devia haver dúvidas quanto à aplicação das normas jurídicas como instrumento de controle social.

9. FJPF – A concordância empregada para o verbo existir na oração "...não existiria a decepção e a desonestidade, tão frequentes..." justifica-se pela seguinte razão:

Ⓐ esse verbo é impessoal, quando usado no sentido de haver;
Ⓑ houve elipse do sujeito, expresso em oração anterior;
Ⓒ a expressão em que se encontra o verbo é própria da linguagem oral;
Ⓓ o sujeito do verbo está indeterminado;
Ⓔ o sujeito do verbo é composto, mas posposto a ele.

10. FGV – "Não encontrou acolhida a hipótese de conservar tudo como estava, pelo recurso de batizar de 'planetas clássicos' os nove planetas tradicionais e fechar as portas da família aos intrusos."

No trecho acima, a palavra acolhida foi flexionada corretamente, para concordar com o termo a que se refere (hipótese).

Assinale a alternativa em que a concordância não se fez segundo a norma culta:

Ⓐ A moça disse: "Obrigada".
Ⓑ Ele pediu emprestado dez reais.
Ⓒ Eles são tais qual o pai.
Ⓓ Eram motivos o mais interessantes possível.
Ⓔ Ela ficou meio atormentada com a notícia.

11. FGV – "Aqui há plantas que dão duas, três safras por ano."

Substituindo-se a forma verbal do trecho acima por outra, só não se respeitou a norma culta em:

Ⓐ Aqui existem plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓑ Aqui deve haver plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓒ Aqui podem existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓓ Aqui há de existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓔ Aqui pode haver plantas que dão duas, três safras por ano.

12. CESGRANRIO – Marque a frase em que a concordância nominal está correta:

Ⓐ Imagens e telefonemas diárias intrigavam os pesquisadores.
Ⓑ A garimpagem é proibido naquela região.
Ⓒ Havia místicos e pesquisadoras interessados no lugar.
Ⓓ Fotos e imagens eram a mesma de sempre.
Ⓔ A cidade crescia rapidamente, a olho vistos.

13. FUJB – "...trabalham 4,3 milhões de crianças e adolescentes." A frase abaixo que apresenta forma correta de concordância nominal ou verbal é:

Ⓐ "...trabalha 1,3 milhões de crianças e adolescentes."
Ⓑ "...trabalha 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓒ "...trabalham 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓓ "...trabalham 2,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓔ "...trabalha 2,3 milhões de crianças e adolescentes."

14. NCE-UFRJ – A frase abaixo com um <u>erro</u> de concordância (nominal ou verbal) é:

Ⓐ No anúncio da ótica, o óculos estava quebrado.
Ⓑ As crianças, por si mesmas, decidiram rabiscar o cartaz.
Ⓒ O anunciante era um dos que deveriam falar naquele congresso.
Ⓓ Nosso melhor guia devem ser a honra e o dever.
Ⓔ O bando de crianças mancharam os cartazes da feira.

15. NCE-UFRJ – "Nosso povo, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, não se identifica com o Estado." A forma <u>inadequada</u> de reproduzir-se esse mesmo período do texto é:

Ⓐ Nosso povo não se identifica com o Estado, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus.
Ⓑ Diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, nosso povo não se identifica com o Estado.
Ⓒ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente do nosso povo, não se identifica com o Estado.
Ⓓ Não só os americanos do Norte, mas também quase todos os europeus, se identificam com o Estado, diferentemente de nosso povo.
Ⓔ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente de nosso povo, se identificam com o Estado.

16. NCE-UFRJ – "Cerca de 75% do total de recursos doados nacionalmente vem de pessoas físicas." A respeito da concordância verbal e nominal presente nesta frase, pode-se verificar que:

Ⓐ a forma verbal concorda com a porcentagem;
Ⓑ o adjetivo "doados" deveria estar no singular, concordando com "total";

C a forma verbal concorda com “recursos”;
D a forma verbal concorda com a porcentagem ou com “total”;
E a forma verbal concorda com “total”.

17. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro de concordância quanto à norma culta é:

A Terminadas as doações, os milionários viajaram.
B A situação das doações foi considerada meia tranquila.
C O rosto dos necessitados era de uma coloração vermelho-escura.
D Dinheiro, equipamentos, nada podia ser dado.
E Ajudaram as fundações empresários e políticos.

18. FJPF – Na oração “Discrepâncias à parte, o fato é que nós, os caminhantes, formamos uma verdadeira tribo”, se o autor optasse por redigi-la sem o pronome nós, do ponto de vista da concordância verbal, considerando-se a norma culta da língua, poder-se-ia afirmar que:

A estaria incorreta, pois o sujeito “os caminhantes” exigiria o verbo na 3ª pessoa do plural;
B estaria correta, constituindo-se um caso de concordância ideológica;
C seria admissível, caso se tratasse de um texto não literário;
D é um caso de concordância praticado na língua clássica, mas em desuso na língua atual;
E para estar correta, o verbo teria de concordar com o sujeito “uma verdadeira tribo”.

19. FJPF – A concordância verbal está em conformidade com a norma preconizada pela gramática em:

A Não existe atualmente no Brasil grandes projetos em curso na área de educação.
B Fazem muitos anos que a educação deixou de ser prioridade entre nós.
C Os projetos que deveria estar em votação no Congresso encontram-se arquivados.
D Antigamente haviam homens que se preocupavam com a educação no país.
E A maioria dos projetos brasileiros pertencem a setores da educação tecnológica.

20. UPENET – Observando o trecho “...a ponto de seus moradores considerarem banal o assassinato de um ser humano...”, conclui-se que o termo sublinhado:

A poderia, neste contexto, também se flexionar no plural;
B concorda, apenas, com o termo “ser’”;
C constitui-se um exemplo da concordância do verbo com o seu sujeito;
D concorda em gênero e número com o nome a que se refere, “assassinato”;
E se manteria no singular, mesmo se o termo ‘assassinato’ se flexionasse no plural.

21. NCE-UFRJ – "Os EUA invadiram o Afeganistão." Segundo o gramático Celso Cunha p. 493, "os nomes de lugar e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo". Nesse caso:

- **A** a regra foi parcialmente respeitada;
- **B** a regra não se aplica ao segmento destacado do texto;
- **C** a autora não obedece à regra da norma culta;
- **D** o segmento do texto mostra outra possibilidade de concordância;
- **E** a autora do texto obedece fielmente à regra gramatical.

22. FJPF – O comentário correto acerca da concordância verbal em "Onde estavam todo aquele ruído, as carreiras pelo corredor, as brigas da velha Sinhazinha?" é:

- **A** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é composto.
- **B** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é indeterminado.
- **C** O verbo poderia estar no singular, porque o sujeito da frase é composto, mas posposto a ele.
- **D** O verbo poderia estar no singular, porque se faz preceder de um advérbio interrogativo.
- **E** Há erro de concordância, pois a frase não tem sujeito.

23. FGV – No trecho "o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem", o verbo foi flexionado corretamente no plural, observando o caso de sujeito composto com núcleos ligados por OU.

Assinale a alternativa em que, no mesmo caso, a flexão do verbo não seria possível:

- **A** Esperávamos que ele ou o irmão viessem nos apanhar.
- **B** Umidade intensa ou ressecamento excessivo não nos fazem bem.
- **C** João Carlos ou Pedro se casariam com Marta.
- **D** O jornal ou a revista podem apresentar detalhadamente a notícia.
- **E** Podem ser entregues o original do documento ou sua cópia.

24. FUMARC – A concordância verbal está correta, <u>exceto</u> em:

- **A** O relógio deu dez horas.
- **B** Na matriz, bateu oito horas.
- **C** O sinal da escola soou treze horas.
- **D** Eram sete horas, hora das orações.

25. FUMARC – <u>Não</u> há erro de concordância nominal apenas em:

- **A** Apesar da pouca experiência, os alunos produziram fotos cuja qualidade nos surpreendeu.

Ⓑ Por um descuido, os juros embutido no preço do equipamento acabaram não sendo computados.
Ⓒ A ema é uma ave grande, de pernas compridas e penas cinzentas, encontradas em nossos pastos.
Ⓓ Depois de muitas idas e vinda e de muita discussão com meu contador, estou finalmente quites com a Receita Federal.

26. NCE-UFRJ – "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura." Sobre os aspectos da concordância nominal e verbal dessa frase, podemos dizer que:

Ⓐ o adjetivo "inviável" concorda com "criatura";
Ⓑ a forma verbal "tornará" concorda com o sujeito posposto;
Ⓒ o pronome "qualquer" é invariável;
Ⓓ o numeral "terceiro" não concorda com o substantivo "planeta";
Ⓔ no plural, "quaisquer criaturas" não modificaria a forma do adjetivo "inviável".

27. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

Ⓐ Os americanos já tinham bastante motivos para mudar de política.
Ⓑ Que houvesse ou não existido opiniões contrárias a Bush não nos importava.
Ⓒ Vossa Excelência, George Bush, sereis recebido com honras na Venezuela.
Ⓓ Surgiu, no meio do processo, duas novas tendências políticas.
Ⓔ Bush e Clinton haviam chegado às mesmas conclusões.

28. UPENET – Assinale a opção que <u>não</u> se adequaria aos parâmetros da norma culta da língua:

Ⓐ "...ainda que possam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓑ "...ainda que possa haver outras definições bem diferentes,..."
Ⓒ "...ainda que hajam outras definições bem diferentes,..."
Ⓓ "...ainda que devam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓔ "...ainda que venha a haver outras definições bem diferentes,..."

29. NCE-UFRJ – "Haverá milhões de pessoas com Aids." A alternativa abaixo em que a substituição da forma do verbo "haver" está gramaticalmente <u>incorreta</u> é:

Ⓐ Deverá haver.
Ⓑ Poderá haver.
Ⓒ Poderá existir.
Ⓓ Existirão.
Ⓔ Deverão existir.

30. FJPF – A frase "Os cientistas acreditam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem" foi modificada, em cada alternativa abaixo, mediante substituição do verbo acreditar. A substituição é gramaticalmente mal sucedida em:

- **A** Os cientistas admitem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **B** Os cientistas creem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **C** Os cientistas inferem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **D** Os cientistas propõe que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **E** Os cientistas julgam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.

31. FJG – Na frase "[...] mas sempre havia um sonho, um projeto ou um desejo [...].", o verbo grifado apresenta o mesmo critério de concordância de:

- **A** "...existiam um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **B** "...existia um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **C** "...houve muitas mudanças no mundo [...]."
- **D** "...haviam mudado o mundo [...]."

32. FGV – "Lá, alunos ajudaram a criar um centro cultural..."

Assinale a alternativa em que, substituindo-se alunos no trecho acima por outra expressão, foi mantida a correção gramatical:

- **A** "Lá, 1,85% ajudaram a criar um centro cultural..."
- **B** "Lá, 0,98% ajudou a criar um centro cultural..."
- **C** "Lá, a maior parte ajudaram a criar um centro cultural..."
- **D** "Lá, tu e teus amigos ajudaram a criar um centro cultural..."
- **E** "Lá, dois terços ajudou a criar um centro cultural..."

33. CESGRANRIO – Na passagem "há apenas cadáveres e ruínas.", substituindo-se o verbo haver pela locução verbal, tem-se:

- **A** pode existir;
- **B** há de haver;
- **C** hão de haver;
- **D** deve existir;
- **E** devem haver.

34. CESGRANRIO – Assinale a frase correta quanto à concordância verbal:

- **A** Não fosse os pesquisadores e os arqueólogos, o passado continuaria desconhecido.
- **B** Se não houverem peixes no rio, a comunidade semeará e colherá.

Ⓒ Nenhuma das pessoas comentaram a respeito da vida dos habitantes.
Ⓓ Um pesquisador ou algum arqueólogo descobriram ali vestígio de outros povos.
Ⓔ A partir do século XIX encontraram-se na região vários sítios arqueológicos.

35. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a concordância segue a norma culta da língua:

Ⓐ Dos dois cientistas consultados, nem um nem outro aceitou o cargo.
Ⓑ Cada um dos jornalistas fizeram uma pergunta ao entrevistado.
Ⓒ Resta ainda muitas dúvidas sobre o cálculo dos juros.
Ⓓ Fazem dois meses que o cientista concedeu uma entrevista.
Ⓔ Os drogados não parecem perceberem o mal que fazem a si mesmos.

36. FEC – Das modificações feitas abaixo na redação da oração "a maioria dos economistas considera necessário que o país caminhe para a faixa de 25%", aquela em que a concordância está <u>incorreta</u>, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ **"...** a maioria dos economistas consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓑ **"...** grande parte dos economistas considera necessária uma nova faixa de investimentos em torno de 25%.**"**
Ⓒ **"...** metade dos economistas consideram necessário novas medidas que levem o país a caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓓ **"...** um entre dez economistas considera que são necessárias ao país as medidas que permitam caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓔ **"...** não só os economistas, mas também os empresários, consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**

37. CEPERJ – "Os psicólogos têm tido <u>bastante</u> trabalho..." A palavra em destaque deve ser flexionada no plural na frase:

Ⓐ Crianças são ___ curiosas em relação aos fatos da vida.
Ⓑ Certas crianças são ___ desenvolvidas para discernirem o certo do errado.
Ⓒ Os pais conseguem ___ resultados ao colocarem limites para seus filhos.
Ⓓ As origens das distorções não são ___ conhecidas.
Ⓔ Todos conhecemos ___ os limites que devem ser impostos.

38. CEPERJ – "Hoje, se algum telejornal não der a notícia, milhares de sites vão furá-lo..." Apresenta concordância <u>incorreta</u> a seguinte frase:

Ⓐ As milhares de matérias que publicamos são interessantes.
Ⓑ Os milhares de sites que visitamos são conhecidos.
Ⓒ Os milhares de provedores que consultamos são estrangeiros.

Ⓓ Os milhares de pessoas que consultam a rede são inteligentes.
Ⓔ Os milhares de usuários da rede são beneficiados.

39. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

40. NC-UFPR – Se, na frase "De todos os processos analisados por este conselho até agora, a materialidade dos fatos atribuídos ao representado é a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada", a expressão "a materialidade dos fatos" for substituída por "os fatos", serão necessários ajustes na concordância nominal e/ou verbal. Aponte a alternativa em que esses ajustes foram feitos corretamente:

Ⓐ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroverso, incontestáveis e indubitavelmente comprovados."
Ⓑ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovado."
Ⓒ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovados."
Ⓓ "...os fatos atribuídos ao representado são a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada."
Ⓔ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutíveis, incontroversos, incontestável e indubitavelmente comprovado."

41. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a frase está de acordo com regras de uso da língua estabelecidas pela gramática normativa:

Ⓐ Houveram vários casos de gripe aviária em países do leste europeu.
Ⓑ Falta poucos dias para o início da copa do mundo de 2006.
Ⓒ Faz tempo que a população não enfrenta verões com temperaturas tão altas.
Ⓓ Fazem anos que líderes mundiais discutem a paz no Oriente Médio.
Ⓔ Há três dias atrás não tinham pessoas interessadas no imóvel.

42. CESGRANRIO – Quando se substitui a expressão destacada em "Existe pelo menos um par de boas razões para isso." por pelo menos duas boas razões, a concordância, conforme a norma culta, será:

- Ⓐ Devem haver.
- Ⓑ Devem existir.
- Ⓒ Pode existir.
- Ⓓ É possível que hajam.
- Ⓔ Provavelmente têm.

43. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à concordância verbal:

- Ⓐ As casas, as ladeiras, tudo ficavam escondido pela neblina.
- Ⓑ Existe na cidade monumentos a preservar.
- Ⓒ Mistério e beleza convive em Ouro Preto.
- Ⓓ Não ocorreu na cidade grandes mudanças.
- Ⓔ Em Vila Rica viveram grandes poetas.

44. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa em que a concordância nominal não é adequada:

- Ⓐ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatória.
- Ⓑ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatórios.
- Ⓒ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção forçadas.
- Ⓓ A temperatura do Sol obrigava a obrigatório cuidado e proteção.
- Ⓔ A temperatura do Sol obrigava a obrigatória proteção e cuidado.

45. NCE-UFRJ – As regras de concordância nominal dizem que o adjetivo posposto a dois substantivos concorda com o mais próximo ou com o plural dos dois. No caso de "água e terra entrelaçadas", a afirmativa correta, entre as que estão abaixo, é:

- Ⓐ o adjetivo também poderia aparecer na forma "entrelaçada";
- Ⓑ a forma "entrelaçados" do adjetivo também estaria correta;
- Ⓒ se anteposto, a única forma possível do adjetivo seria "entrelaçada";
- Ⓓ por coerência lógica, a única forma possível do adjetivo é "entrelaçadas";
- Ⓔ o adjetivo refere-se exclusivamente ao substantivo "água".

46. FJPF – Tomando-se a oração "...incorporou-se a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços..." e efetuando-se alterações em sua redação, pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta, apresenta erro de concordância verbal a seguinte forma:

- Ⓐ Foram incorporadas a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.

B Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, incorporaram-se a qualidade e a excelência.
C A qualidade e a excelência incorporaram-se ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.
D Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços foi incorporada a qualidade e a excelência.
E A qualidade e a excelência, ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, foi incorporada.

47. FJPF – Entre as modificações feitas na frase "Infelizmente, essa é mais uma prova de que os procedimentos atuais de clonagem são ineficazes", a que contém erro de concordância é:

A Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz o método e os procedimentos atuais de clonagem.
B Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz os procedimentos e o método atuais de clonagem.
C Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz tanto o método quanto os procedimentos atuais de clonagem.
D Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes o método e os procedimentos atuais de clonagem.
E Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes os procedimentos e o método atual de clonagem.

48. FJPF – Consideradas as normas da língua padrão, a alternativa de concordância verbal entre parênteses é igualmente correta em:

A "De que lhe valia (valiam) aquele título de usineira, aquela fama de riqueza?"
B "Moradores vinham de muito longe consultar as mulheres e os filhos, que ficavam (ficava) em casa."
C "Muitos chegavam aflitos para que ela desse um jeito às mulheres, que estavam aperreadas sem que pudessem (pudesse) se aliviar dos filhos."
D "Podia se dizer que o povo do seu engenho não passava (passavam) necessidade."
E "Ali por perto moravam (morava) somente os mecânicos da fábrica, gente que vivia mais ou menos."

49. FEPESE – Assinale a alternativa <u>correta</u>:

A Vende-se apartamentos na praia mais bonita da ilha de Santa Catarina.
B Precisam-se de pedreiros para pequenas reformas.
C No futebol, nem sempre se obedecem às normas da CBF.
D Vaiou-se, por longo tempo, os apresentadores.
E Alugam-se casas para a próxima temporada de verão

50. FEPESE – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "ser":

Ⓐ Era duas da tarde quando a notícia foi veiculada.
Ⓑ Tudo foram desconfianças desnecessárias.
Ⓒ Nem tudo na vida é prazeres e ilusões.
Ⓓ Da minha casa até a de meu amigo é cinco quadras.
Ⓔ Isto será sonhos que jamais acontecerão.

51. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

52. NCE-UFRJ – Assinale a frase com erro de concordância da palavra mesmo:

Ⓐ A Portuguesa, mesmo derrotada, não cairá para a segunda divisão.
Ⓑ Ela mesma arrumou toda a casa.
Ⓒ Joana é teimosa mesmo.
Ⓓ As folhas rasgaram-se por si mesmo.
Ⓔ Na mesma praça, no mesmo jardim.

53. FJPF – De acordo com a norma culta do idioma, preencha abaixo os parênteses com C para enunciado correto e E para enunciado errado.

( ) Algumas pessoas preferem mais sol do que dias chuvosos.

( ) Ele informou o resultado a seus amigos.

( ) Fazem já alguns anos que a pesquisa ocorreu.

( ) Haviam muitos pesquisadores no grupo.

A sequência que se obtém, de cima para baixo, é:

Ⓐ E – E – E – C;
Ⓑ E – C – E – C;
Ⓒ C – E – C – E;
Ⓓ C – C – E – E;
Ⓔ E – C – E – E.

54. FJPF – De acordo com a norma culta da língua, há possibilidade de concordância facultativa – verbo no singular ou no plural – na seguinte frase:

A Deve haver (devem haver) muitos apreciadores dessa música.
B Fazia-se (faziam-se) muitas perguntas acerca da poluição sonora.
C Pode existir (podem existir) novas legislações a respeito.
D Mais de um vizinho reclamou (reclamaram) do incômodo barulho.
E Ele foi um dos que se insurgiu (se insurgiram) contra o excesso de ruído.

55. FJPF – Recorre-se à concordância verbal ideológica na seguinte passagem:

A À Prefeitura de Belém cabe coletar o lixo e dar a ele uma destinação final não lesiva aos interesses da sociedade.
B Só assim será possível evitar que ele vá se espalhar pelas ruas, atraindo animais transmissores de doenças.
C Somente assim, também, teremos todos a garantia de que o lixo não vai acabar nos canais.
D Nesse contexto, ocupa o centro das preocupações a questão do lixo urbano.
E A pergunta paira no ar, por enquanto ainda sem resposta satisfatória.

56. FGV – "Só 2,9 se encontravam."

Assinale a alternativa em que, alterando-se o percentual, cometeu-se <u>erro</u> de concordância verbal:

A Só 1,9% se encontrava.
B Só 29% se encontravam.
C Só 1% se encontrava.
D Só 3% se encontravam.
E Só 0,29% se encontravam.

57. FGV – "Como praticamente não <u>existem</u> estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos."

Assinale a alternativa que <u>não</u> poderia substituir o verbo <u>existem</u> no trecho acima, sob pena de se incorrer em inadequação gramatical:

A há de haver;
B hão de existir;
C haverá;
D devem haver;
E houve.

58. CESGRANRIO – Coloque C ou E nos parênteses, conforme esteja certa ou errada a concordância nominal realizada:

( ) Precisamos aceitar os fatos tais quais eles são.

( ) Não admirava nem um nem outro inventos.

( ) Comprou máquina fotográfica e celular moderno.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ C – E – C;
Ⓑ C – E – E;
Ⓒ C – C – C;
Ⓓ E – E – C;
Ⓔ E – C – C.

59. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à justificativa da concordância verbal, segundo a norma culta:

Ⓐ "...mas nem o pátio, nem os corredores, nem as escadas, nada tem o tamanho..." – O verbo está concordando com o sujeito "nada".
Ⓑ "Houve uma época..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "uma época".
Ⓒ "Alguém era grande no meu passado, fica pequeno no meu presente." – O verbo destacado concorda com o sujeito "alguém".
Ⓓ "Talvez seja esta a prova da sua existência:..." – O verbo concorda com o sujeito "esta".
Ⓔ "em que cabia com folga nossa imaginação e inocência..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "que".

60. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a concordância verbal está incorreta:

Ⓐ Felizmente, a supervisora colhe as informações.
Ⓑ Todas as pessoas aprovadas começam a trabalhar.
Ⓒ O grupo de recenseadores recebe instruções.
Ⓓ O candidato a recenseador faz as provas.
Ⓔ Os funcionários do grupo aprende a entrevistar.

61. CESGRANRIO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "fazer":

Ⓐ Vai fazer dez dias que não saio de casa.
Ⓑ Fazem dois meses que as notícias políticas surpreenderam o país.
Ⓒ Uma noite, fazem onze anos, eu estava passeando de carro novo.
Ⓓ Daqui a um mês, vão fazer três anos que a vida deles melhorou muito.
Ⓔ Dia 12 último, fizeram 25 anos de atividades filantrópicas.

62. FEPESE – Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal correta:

Ⓐ Pai e filhos acabou de sair.
Ⓑ Chegou os jogadores e o técnico.
Ⓒ Ainda falta cinco pessoas para o início da reunião.
Ⓓ Todos os condôminos aprovaram a eleição do novo síndico.

63. FEPESE – Marque a alternativa correta quanto à concordância verbal:

- **A** O horário, o clima, o local, nada nos favoreciam.
- **B** A mão de obra e o material subiram de preço.
- **C** Vassouras ficam no Estado do Rio.
- **D** Haverão melhores ocasiões para nos encontrarmos.
- **E** Fazem dois meses que não chove.

64. FEPESE – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à concordância nominal:

- **A** Ele pulou longos capítulos e páginas.
- **B** Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
- **C** O narrador pulou longos páginas e capítulos.
- **D** Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
- **E** Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

65. FEPESE – Observando a concordância verbal e nominal, assinale a alternativa correta:

- **A** Os agricultores estão bastante felizes com a safra deste ano.
- **B** O sr. Lobo foi quem colhemos menas maçãs neste ano.
- **C** Vossa senhoria estais meia cansada.
- **D** A água são necessário para o bom funcionamento do corpo humano.
- **E** Estados Unidos importam as verduras fresca que nós plantamos.

66. NCE-UFRJ – "Trata-se de um mal irreversível." Colocando-se essa frase no plural, sua forma correta é:

- **A** Tratam-se de uns males irreversíveis.
- **B** Tratam-se de males irreversíveis.
- **C** Tratam-se de dois males irreversíveis.
- **D** Trata-se de dois males irreversíveis.
- **E** Trata-se de males irreversíveis.

67. NCE-UFRJ – A alternativa em que o verbo deverá ficar somente no singular, diferentemente dos demais itens, nos quais poderá ir tanto para o singular quanto para o plural, é:

- **A** Ou a depressão ou a doença acabará por matá-lo.
- **B** Ou o romance ou o conto será lido nas férias.
- **C** Ou o presidente ou o diretor chegará antes.
- **D** Ou a minha ou a tua viagem entristece a todos.
- **E** Ou o queijo ou a geleia será do agrado de todos.

68. NCE-UFRJ – Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ São bastante ____ tais ideias e opiniões sobre a ecologia. (difundidas)
Ⓑ Serão ____ tanto os animais quanto os homens. (prejudicados)
Ⓒ Torna-se muito ____ a área e os meios de atuação dos fiscais. (reduzidas)
Ⓓ Podem ser neste ponto ____ a morte dos dinossauros e a atual extinção das espécies. (comparadas)
Ⓔ Ficam ____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrados)

69. NCE-UFRJ – Há erro de concordância na opção:

Ⓐ Baleias e golfinho extintas.
Ⓑ Golfinho e baleia extinta.
Ⓒ Golfinhos e baleia extintos.
Ⓓ Golfinhos e baleia extinta.
Ⓔ Golfinhos e baleias extintos.

70. NCE-UFRJ – Num trecho de Frei Betto, aparecia o seguinte segmento:

"Famílias e escolas deveriam educar os alunos para lidar com perdas."

Se colocássemos a forma verbal "deveriam educar" no início da frase, ela deveria continuar a ser usada exclusivamente no plural. A frase abaixo em que a forma verbal deveria ser usada, obrigatoriamente no singular, é:

Ⓐ Tombaram-se prédios e bibliotecas.
Ⓑ Vieram pesquisadores e curiosos.
Ⓒ Chegaram 1,2% do grupo.
Ⓓ Estiveram presentes o aluno e a aluna.
Ⓔ Analisaram-se os regimes e o sistema.

71. NCE-UFRJ – "Depressão pós-parto ou pobreza costumam ser as justificativas..." Neste caso, a concordância se faz com a forma verbal no plural (costumam) porque o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído tanto a "depressão" como a "pobreza". A frase abaixo em que a forma verbal deve vir no singular é:

Ⓐ A filha ou o filho abandonado devem ter a proteção da lei.
Ⓑ A mãe ou o pai devem ser responsabilizados pelo mal causado aos filhos.
Ⓒ Menino ou menina abandonada devem ser objeto de adoção.
Ⓓ A educação ou a lei devem fazer com que as crianças não sofram.
Ⓔ Minas ou São Paulo devem ser a sede de uma ONG de proteção à criança.

72. FUMARC – A concordância nominal está correta em:

Ⓐ Moto é muito perigosa; por isso os pais devem desestimular seus filhos a usar esse veículo.
Ⓑ Após longas discussões e reiterados pedidos à Justiça, foram quebrados os sigilos telefônico e bancário dos envolvidos.

C No relatório anual relativo a esta Diretoria, as atividades de cada um dos setores que a integram foram discriminados e quantificados.

D Recorrendo a uma técnica fotográfica que utiliza raios infravermelhos, raios ultravioletas ou luz fluorescente, foi possível recuperar a pintura.

73. FUMARC – A concordância está incorreta em:

A Os agricultores necessitam de um sistema educativo que os ajudem a resolver os seus problemas.

B Em face dessas circunstâncias, acredito que já não havia medida que as livrasse da prisão.

C Nos arquivos indicados, não foram encontrados pelo perito quaisquer provas que incriminassem o ex-servidor.

D É possível que exista documentos que comprovem a vigilância política durante a ditadura militar.

74. FUMARC – Trabalho aqui há dois anos. (fazer)

Já não há falantes dessa língua. (existir)

Tendo em vista a flexão verbal, a alternativa em que a substituição do verbo sublinhado pelo dos parênteses nas frases acima está corretamente indicada é:

A faz – existem;

B fazem – existe;

C faz – existe;

D fazem – existem.

75. NC-UFPR – Considere o seguinte conjunto de sentenças:

I. As emissoras de sinal aberto propõem gincanas atrapalhadas ao público. (A TV aberta)

II. A diferença, a julgar pela crise aguda que embrulha o mercado, já constitui um bom cartão de visita. (As diferenças)

III. Havia uma história de dívidas e cortes no orçamento assombrando as TVs abertas. (histórias)

IV. Foi preciso montar uma estrutura que já havia sido testada por profissionais experientes na área. (estruturas)

A substituição da expressão grifada pela que está entre parênteses não altera a flexão de nenhum dos verbos do período:

A em III, apenas;

B em I e III, apenas;

C em II, apenas;

D em II e IV, apenas;

E em I e IV, apenas.

76. NC-UFPR – Suponha que um contribuinte quisesse solicitar providências às autoridades, a quem se dirigiu com a forma "Vossas Excelências". Indique a alternativa em que esse pedido é feito com o uso adequado das formas pronominais:

Ⓐ Quero solicitar-vos que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de vossa responsabilidade.
Ⓑ Quero solicitar-lhes que adotem medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓒ Quero solicitar-lhe que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓓ Quero vos solicitar que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é da responsabilidade de Vossas Excelências.
Ⓔ Quero te solicitar que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de tua responsabilidade.

77. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

78. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a expressão grifada pode ser substituída pela que está entre parênteses sem necessidade de ajustes na concordância verbal e/ou nominal:

Ⓐ <u>O esforço</u> – cerca de dois milhões de mensagens – derrubou o Partido Popular do governo. (As manifestações)
Ⓑ Seriam necessárias <u>muitas gerações de usuários</u> para conseguir mudar a configuração do polegar. (séculos de uso dos celulares)
Ⓒ <u>Os jovens espanhóis e o Partido Socialista</u> mobilizaram a população por meio de mensagens em celulares. (o Partido Socialista)
Ⓓ <u>O fascínio nipônico</u> por esta forma de comunicação é tamanho que muitos jovens têm amigos que nunca viram. (O interesse dos japoneses)
Ⓔ No Japão, <u>a obsessão pelas telemensagens</u> é tamanha que os adolescentes ficaram conhecidos como "tribo do polegar". (o uso de telemensagens)

79. FUMARC – A concordância nominal está correta, exceto em:

- **A** Férias é bom quando se tem dinheiro.
- **B** Com esse calor, cerveja seria ótimo.
- **C** É necessário chuva para salvar as plantações.
- **E** É vedado a entrada de pessoas estranhas ao setor.

80. FUMARC – A concordância verbal está correta em:

- **A** As chamadas calças "cargo" são aquelas cheias de bolsos onde cabem tudo.
- **B** Chegou o resultado dos exames de sangue e também as tomografias da coluna cervical e da mandíbula.
- **C** Muitos homens não se cuidam como deveriam porque a sociedade os ensinam a ser duros e a sofrer silenciosamente.
- **D** Uma cena que se repetiu várias vezes na entrada do teatro foi a de pessoas vestidas a rigor mendigando ingressos a quem quer que lhes parecessem rico e generoso.

81. FJPF – Entre as alternativas abaixo, apresenta erro de concordância verbal:

- **A** Sempre existirão conceitos díspares sobre a tendência e sua manifestação.
- **B** Poderia haver noções acadêmicas sobre a tendência que eu desconhecesse.
- **C** Haverá de haver manifestações mais atuais sobre a tendência em nosso próximo encontro.
- **D** Considerou-se inaceitáveis as recentes propostas científicas sobre as tendências.
- **E** Mais de uma proposta sobre o conceito de tendência é aceita pelos especialistas.

82. FJPF – Complete as lacunas das frases abaixo com os termos entre parênteses, observando a concordância, de acordo com a norma culta da língua.

I. É preciso ter mais paciência e ___ acomodação. (menos)

II. Havia razões ___ para que não se separassem. (bastante)

III. Calma é ___ para um casamento feliz. (necessário)

IV. A esposa estava ___ furiosa com suas atitudes. (meio)

Observando a ordem de cima para baixo, a sequência correta será:

- **A** menos – bastante – necessário – meio;
- **B** menos – bastantes – necessário – meio;
- **C** menas – bastante – necessário – meia;
- **D** menas – bastante – necessária – meia;
- **E** menos – bastantes – necessária – meio.

83. FJPF – "Proibido cantar" A alternativa abaixo em que a concordância com a palavra "proibido" está <u>errada</u> é:

Ⓐ É proibido sair pelos fundos.
Ⓑ É proibido saída pelos fundos.
Ⓒ Está proibido sair pelos fundos.
Ⓓ É proibida a saída pelos fundos.
Ⓔ A saída pelos fundos está proibido.

84. NCE-UFRJ – Num relatório, um pesquisador escreveu o seguinte:

"Mais de um participante do Congresso admitiu que dois milhares de folhas de papel eram mais do que suficientes."

Pode-se afirmar sobre esse segmento que:

Ⓐ ele não apresenta qualquer erro gramatical;
Ⓑ a forma do verbo "admitir" teria que ser usada no plural;
Ⓒ o numeral "dois" deveria ser trocado por "duas";
Ⓓ o adjetivos "suficientes" deveria ser usado no singular;
Ⓔ o verbo "ser" deveria ser usado no singular.

85. NCE-UFRJ – Numa frase como "Cerca de 13% da população brasileira ingressa no nível superior":

Ⓐ a expressão "cerca de" apresenta uma quantidade precisamente determinada;
Ⓑ a forma verbal "ingressa" concorda com "13%";
Ⓒ haveria uma outra possibilidade de concordância verbal;
Ⓓ a ação verbal não é atribuída a nenhum sujeito;
Ⓔ a omissão da locução "cerca de" obrigaria que a forma verbal fosse para o plural.

86. NCE-UFRJ – "...especialmente nas redes federal e estadual de São Paulo." O mesmo tipo de concordância que ocorre entre "redes" e "federal e estadual" repete-se em:

Ⓐ "...primeira e segunda séries."
Ⓑ "...faculdade e escola particulares."
Ⓒ "...aluno e aluna carentes."
Ⓓ "...intenso estudo e trabalho."
Ⓔ "...mês e semana trabalhosa."

87. NCE-UFRJ – Concordância é a harmonia de flexão das palavras de uma frase.

Em relação à concordância nominal, a frase que segue as normas previstas na gramática é:

Ⓐ Muito obrigado, agradeceu ela ao motorista.
Ⓑ Finalmente estou quites com o serviço militar.

Ⓒ Meu amor, estou enviando anexo umas fotos.
Ⓓ Aqueles jovens sós desejavam companhia.
Ⓔ Hoje há menas tarefas de casa, para serem feitas.

88. FJPF – As normas de concordância nominal possibilitam ao falante, ao lado da forma usada no texto, a escolha do adjetivo na forma sugerida em:

Ⓐ "...assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários..." / secundário.
Ⓑ "...terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro." / imoral.
Ⓒ "Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros..." / enaltecidas.
Ⓓ "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos." / audaciosas.
Ⓔ "...não foi fortuita a circunstância de se terem encontrado neste continente..." / fortuito.

89. FJPF – Do ponto de vista da concordância, o verbo sublinhado no período "O universitário brasileiro em geral espera que os aspectos de qualidade dos cursos que <u>fazem</u> dependam dos seus professores" está:

Ⓐ gramaticalmente incorreto;
Ⓑ concordando gramaticalmente com o termo sujeito;
Ⓒ gramaticalmente correto, mas numa forma em desuso;
Ⓓ concordando gramaticalmente com o termo predicativo;
Ⓔ concordando ideologicamente com o termo sujeito.

90. CESGRANRIO – "Os mares parecem guardar a resposta sobre a origem da vida..."

Indique a opção que <u>não</u> reescreve adequadamente a sentença acima, de acordo com a norma culta.

Ⓐ Os mares parece que guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓑ Os mares guardam – parece – a resposta sobre a origem da vida.
Ⓒ Parecem os mares guardarem a resposta sobre a origem da vida.
Ⓓ Parece que os mares guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓔ Que os mares guardam a resposta para a origem da vida parece.

91. Há <u>erro</u> de concordância em:

Ⓐ Pensou-se que faltava algumas pessoas importantes à reunião.
Ⓑ Anexas ao relatório vão as duas vias deste documento.
Ⓒ Podia haver várias divergências no recinto.
Ⓓ Mais de um orador falou sobre desafios.
Ⓔ Faz anos que ele comparece ao debate.

92. FEPESE – Leia atentamente as proposições abaixo:

____ de fiscais eficientes.

José e eu ____ passar no concurso.

Luís saiu de manhã, _____ ainda estava muito frio.

Sabe-se que ____ muitos acidentes naquela época.

____ dez dias que meu irmão partiu para o Canadá.

Espero que Vossa Senhoria ____ a meu pedido.

Assinale a opção que preenche, de forma sequencial e correta, as lacunas.

Ⓐ Precisam-se – querem – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓑ Precisa-se – queremos – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓒ Precisa-se – queremos – onde – houveram – Faz – atenda.
Ⓓ Precisam-se – queremos – onde – houve – Fazem – atendais.
Ⓔ Precisa-se – queremos – quando – houveram – Fazem – atenda.

93. NC-UFPR – Escolha a alternativa em que a sentença foi escrita de acordo com as normas cultas de concordância:

Ⓐ Falta muitas informações para que se possa estabelecer a relação entre o carnaval e o samba.
Ⓑ Começou a surgir, a partir do século 19, ritmos que depois passaram a caracterizar o carnaval brasileiro.
Ⓒ Xingamento, correria e perseguição era as brincadeiras mais comuns dos carnavais dos primeiros tempos.
Ⓓ Quando o carnaval chegou ao Brasil, faziam séculos que ele tinha sido criado.
Ⓔ Havia brincadeiras violentas no carnaval brasileiro dos primeiros tempos.

94. FUMARC – A concordância verbal se faz, corretamente, no singular ou no plural, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Um milhão de torcedores lotou o Mineirão. / Um milhão de torcedores lotaram o Mineirão.
Ⓑ Gabriela era uma das meninas que mais estudava. / Gabriela era uma das meninas que mais estudavam.
Ⓒ Os Estados Unidos não assinou o Tratado de Kioto. / Os Estados Unidos não assinaram o Tratado de Kioto.
Ⓓ A multidão de ecologistas protestou aos quatro cantos. / A multidão de ecologistas protestaram aos quatro cantos.

95. FUMARC – A concordância nominal está <u>correta</u> em:

Ⓐ Uma vez transcorridos, sem manifestação do interessado, o prazo de dez dias que lhe fora concedido para regularizar sua situação, foram tomadas as medidas legais cabíveis.

B Ao contrário do que dizem os boatos veiculados pela imprensa, Sua Excelência anda muito preocupada com a segurança em nossa cidade.

C No último ano, o governo promoveu melhorias diversas, como o reajuste de vencimentos dos servidores, obras de infraestrutura e de saneamento, entre outros.

D Foi realmente necessário a criação de um novo mecanismo de controle de constitucionalidade, a ADC, a fim de reduzir os custos transacionais na implementação da política fiscal.

96. NCE-UFRJ – "Há tantas famílias querendo adotar bebês." A alternativa abaixo que substitui <u>incorretamente</u> a forma do verbo "haver" é:

A Pode haver.

B Deve haver.

C Podem existir.

D Há de haver.

E Deve existir.

97. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

A Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendia fazer.

B Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazer.

C Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendiam fazerem.

D Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazerem.

E Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendia fazer.

98. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal:

A Não havia razões bastantes para que se duvidasse das palavras do réu.

B Não haviam razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

C Não haviam razões bastante para que se duvidassem das palavras do réu.

D Não havia razões bastante para que se duvidasse das palavras do réu.

E Não havia razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

99. DAVES – "A continuidade do sistema de blindagem na economia, com a manutenção dos eixos da estabilização, e a importância da real política de interesses partidários, vital para sustentação da base governamental, estão colaborando para raspar da imagem de Lula a tintura carismática que, até bem pouco, envernizava totalmente seu perfil."

No texto lido, a palavra "vital"

A está empregada no singular para enfatizar a expressão "importância da real política".

B deveria ter sido empregada no plural para concordar em número com a expressão “interesses partidários”.
C está empregada no singular porque se refere à palavra “política” e com ela concorda em número.
D está empregada no singular, desobedecendo à exigência de concordância, para surtir efeito estilístico.
E está empregada no singular por exigência da preposição que a segue imediatamente.

100. NUCEP – Observe a concordância dos verbos nos enunciados seguintes e identifique aquele em que essa concordância se fez conforme as regras da norma padrão:

A No final do século XIX e início do século XX, notável presença de instituições e populações estrangeiras foram observadas na região da fronteira brasileira.
B Segundo informações recentes, a construção de mais três escolas estão nos planos da Secretaria de Educação do Estado.
C Segundo os analistas ambientais do Ibama, a ocupação urbana nas áreas limítrofes da reserva amazônica comprometeram os efeitos ecossistêmicos positivos da área.
D O conhecimento existente sobre as leis brasileiras está disperso e a discussão e a identificação dessa questão devem constituir prioridade nacional.
E A pesquisa sociológica levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese sobre o caráter excessivo da legislação brasileira.

101. COSEAC-UFF – Há exemplo de concordância verbal que, destoando das normas gerais de concordância descritas pela gramática, se realiza com o mesmo propósito expressivo que em: “E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal” na seguinte passagem:

A “Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se.”
B “Podemos modelar nosso corpo e nossa vida, mais que no passado.”
C “Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras.”
D “Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil.”
E “Esse desejo baixo, mínimo (‘só quero parar de sentir dor’) admite que, moralmente, todos paguemos por ele.”

102. COSEAC-UFF – Na oração "Existem soluções e diagnósticos para todos os gostos", a concordância verbal foi feita de acordo com as normas da língua padrão. Dos itens abaixo, aquele em que está incorreto, porque deixou de ser observada norma de concordância, é:

Ⓐ Hão de existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓑ Pode haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓒ Hão de haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓓ Devem existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓔ É provável que haja soluções e diagnósticos para todos os gostos.

103. COSEAC-UFF – Determinado falante, tentando reescrever no plural a frase "Não se trata, ao que parece, de um caso isolado", fica indeciso entre dar-lhe uma das seguintes formas:

I. Não se tratam, ao que parece, de casos isolados.

II. Não se trata, ao que parecem, de casos isolados.

III. Não se tratam, ao que parecem, de casos isolados.

IV. Não se trata, ao que parece, de casos isolados.

De acordo com as normas de concordância da língua, ele deveria escrever:

Ⓐ na forma I;
Ⓑ facultativamente, nas formas I e II;
Ⓒ facultativamente, nas formas II e III;
Ⓓ facultativamente, nas formas III e IV;
Ⓔ na forma IV.

104. COSEAC-UFF – Em muitos contextos, a concordância do verbo com o sujeito da oração pode ser feita de maneira facultativa, observando-se os aspectos gramaticais e estilísticos, como na frase "A maioria dos escritores já aderiu (ou aderiram) à novidade que consiste na publicação de livros eletrônicos".

Entre as frases abaixo, todas com concordância verbal facultativa, a que só admite uma única forma de concordância, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ João Ubaldo foi um dos autores que aceitou sem reservas o livro eletrônico.
Ⓑ Em muitas locadoras da cidade, alugam-se *e-books* dos mais variados autores.
Ⓒ Surgiu, no mercado editorial, mais uma editora e mais dois autores comprometidos com a tecnologia do *e-book* .
Ⓓ Não só o escritor João Ubaldo como também o livreiro Carlos Augusto Lacerda acreditam no sucesso do livro eletrônico.
Ⓔ Grande parte dos autores teve a atitude inovadora de Ubaldo Ribeiro.

105. COSEAC-UFF – A concordância nominal que contraria a norma preconizada por nossas gramáticas encontra-se em:

- **A** ...modelos e comportamento ainda embrionário...
- **B** ...qualidade e poder divino...
- **C** ...elos e redes interativas...
- **D** ...ideais e concepção mais antropocêntricas...
- **E** ...cultura e desenvolvimento ecológicos...

106. COSEAC-UFF – Considerando-se as normas da língua culta, pode-se afirmar que, das frases abaixo, aquela que está correta do ponto de vista da concordância verbal é:

- **A** Os casos de dependência de internet aumenta a cada ano em todo o mundo.
- **B** Os pais, além do jovem, precisa se preocupar com o uso prolongado do computador.
- **C** Nenhum dos adolescentes atendidos tiveram alta ainda.
- **D** Novos grupos de acompanhamento psicoterápico começarão amanhã.
- **E** Cada um dos pacientes apresentaram um perfil de dependência bem distinto.

107. FUNRIO – As frases abaixo reúnem algumas das considerações que o texto apresenta sobre o papel da imprensa na sociedade de hoje, mas, em uma delas, a construção sintática está em desacordo com os padrões formais da língua. Assinale-a:

- **A** Não deveria haver tantas mentiras e manipulações em nome da grande pátria.
- **B** Há corporações cujas pressões econômicas levam muitos veículos a omitir informações.
- **C** Fazem séculos que a liberdade de expressão busca compensar as pressões do Estado.
- **D** A maioria dos jornalistas pode ser acusada de não contar a verdade para seus leitores.
- **E** Os Estados Unidos votaram contra a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas.

108. FUNRIO – Segundo o padrão formal da língua, há desvio de concordância na opção:

- **A** 17,2% dos jovens brasileiro continuam fumando;
- **B** 18,2% deixaram de fumar;
- **C** 18,2% da população brasileira com mais de 15 anos deixaram o cigarro;
- **D** 17,2% continuam fumando;
- **E** 65% de fumantes pensam em parar de fumar.

109. FEC – Na frase "À noite, o mundo é bonito, como se não houvesse desacordos, aflições, ameaças", respeitou-se a sintaxe de concordância do verbo <u>haver</u>. O mesmo verbo, entretanto, está empregado <u>incorretamente</u> na frase:

Ⓐ Tinha confiança no futuro, pois haveria de haver dias melhores.
Ⓑ Muitos erraram; entretanto poucos o hão reconhecido.
Ⓒ Advertiria não só o aluno, como a todos que houvessem de advertir-se.
Ⓓ Os jovens foram condenados sem que houvesse provas convincentes.
Ⓔ Atendemos muitos pedidos, mas inúmeros outros haviam para atender.

110. FEC – Entre as modificações feitas abaixo na frase:

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes", a única gramaticalmente <u>inadmissível</u> é:

Ⓐ Até os doentes parece que estão mais felizes.
Ⓑ Mesmo os doentes parecem serem mais felizes.
Ⓒ Mesmo os doentes parecem que são mais felizes.
Ⓓ Até os doentes parece serem mais felizes.
Ⓔ Mesmo os doentes parecem estar mais felizes.

111. VUNESP – Na frase "Então apareceram os bichos", a concordância verbal está correta. Assinale a alternativa em que há erro de concordância verbal:

Ⓐ Feito o exame da obra, é pedido os documentos.
Ⓑ Já chegaram o presidente e sua comitiva.
Ⓒ Nem eu nem ele o conhecemos.
Ⓓ Poucos de nós conhecemos nossos direitos.
Ⓔ Espero que Vossa Senhoria faça boa viagem.

112. CCV-UFC – Assinale a alternativa cujo verbo grifado admite outra concordância, conforme a norma gramatical:

Ⓐ "...a maioria das pessoas 'tomasse' a ciência como um 'deus.'"
Ⓑ "...muitas ainda acreditam que a Ciência e a Tecnologia provocam..."
Ⓒ "O conhecimento científico e tecnológico, (...), é uma forma que..."
Ⓓ "Ao mesmo tempo em que ultrapassou os seus limites de bondade."
Ⓔ "...a escassa reflexão sobre a forma e o modelo do conhecimento produzido traz algumas consequências negativas..."

113. VUNESP – Leia as frases.

I. Devem fazer muitos anos que os chineses usam pauzinhos para comer.

II. Comer com palitos orientais pode causar artrose, haja visto o número de pessoas com essa doença.

III. A população chinesa está meio preocupada com a artrose causada pelo uso dos pauzinhos.

Quanto à concordância verbal e nominal, apenas:

- **A** I está correta;
- **B** II está correta;
- **C** III está correta;
- **D** I e II estão corretas;
- **E** II e III estão corretas.

114. FEC – A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

- **A** O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
- **B** Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
- **C** Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
- **D** Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
- **E** As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

115. UPENET – Leia os versos abaixo e responda.

"Em Pasárgada tem tudo

[...]

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas" (Manuel Bandeira)

O emprego do verbo ter nos contextos acima é característico da língua popular. Assinale a alternativa em que a substituição desse verbo se faz de acordo com a língua culta:

- **A** Deve haver telefone automático. / Existe prostitutas bonitas.
- **B** Existe telefone automático. / Deve existir prostitutas bonitas.
- **C** Há alcalóide à vontade. / Há prostitutas bonitas.
- **D** Deve haver tudo. / Devem haver prostitutas.
- **E** Existe alcalóide à vontade. / Existe prostitutas bonitas.

116. FEC – A alternativa em que, sem prejuízo das normas de concordância, a forma verbal sugerida pode substituir a forma empregada no texto é:

- **A** "A tripulação se ressente da falta de alimentos frescos." / ressentem.
- **B** "A má conservação dos alimentos é um problema grave." / são.
- **C** "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / disfarçarem.
- **D** "Talvez venham daí as febres e diarreias que atormentam a todos." / atormenta.
- **E** "Essas doenças não só minam o corpo como entorpecem a mente." / entorpece.

117. FEC – De acordo com as regras de concordância, está incorreta a frase:

- **A** Entre os atos praticados, este era um dos que tinham natureza formal.
- **B** Nenhum dos atos praticados eram de cunho formal.
- **C** Os atos formas e materiais, um e outro são fruto da vontade.
- **D** Quanto aos atos formal e material, ambos são fruto da vontade.
- **E** Mais de um ato praticado era de natureza formal.

118. FEC – Quanto à concordância, a frase mal construída é:

- **A** Não foi eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **B** Não fui eu quem me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **C** Não fui eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **D** Não fui eu quem se referiu a esse ato na conferência da semana passada.
- **E** Não foi ele que se referiu a esse ato na conferência da semana passada.

119. FEC – Em: "O relógio da varanda bate dez horas.", encontra-se correta a concordância verbal, o mesmo, porém, não se podendo afirmar de uma das opções a seguir; indique-a:

- **A** Nem um nem outro acatou a decisão.
- **B** Os brasileiros somos esperançosos.
- **C** Mais de um aluno faltou à aula.
- **D** Ele foi um dos que mais trabalhou em prol dos necessitados.
- **E** Vinte por cento dos inscritos confirmou a matrícula.

120. FEC – No trecho: "A noite vai ficando velha...", observa-se a concordância nominal, de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não acontece, entretanto, em um dos itens abaixo. Marque-o:

- **A** Estavam abandonados a empresa, a indústria e o casarão.
- **B** Referia-se à vaidade e orgulho excessivo.
- **C** É necessário a ajuda de todos.
- **D** Havia bastantes motivos para tal desfecho.
- **E** Deveremos todos permanecer alerta e conscientes.

121. FEC – As frases a seguir contêm lacunas no lugar dos verbos.

I. Cada um dos animais ____ receber tratamento adequado às suas necessidades.

II. Não só os ursos, mas também os elefantes daquele zoológico ____ falta de espaço.

III. Todo mês, ____ para o zoológico municipal as aves apreendidas pelo Ibama.

Os verbos que, respectivamente, completam corretamente as lacunas estão em:

- **A** deve – sente – encaminham-se;
- **B** devem – sente – encaminham-se;

Ⓒ deve – sente – encaminham-se;
Ⓓ devem – sentem – encaminha-se;
Ⓔ deve – sentem – encaminham-se.

122. FEC – A alternativa em que a concordância é facultativa, podendo o verbo, conforme indicado, empregar-se na terceira pessoa do singular ou do plural, é a seguinte:

Ⓐ "Há cerca de 50 anos não havia televisores em nossas casas." (haviam).
Ⓑ "...e ninguém tinha ideia sobre o que fazia as estrelas brilharem..." (faziam).
Ⓒ "...os conhecimentos científicos certamente o ajudarão a tomar decisões mais equilibradas." (ajudará).
Ⓓ "...de difundir democraticamente estes conhecimentos e aplicações, fazendo-os chegar a todas as nações e todos os membros de suas comunidades..." (chegarem).
Ⓔ "O grande vulto das descobertas da ciência e das criações de tecnologia e o imenso poder que propiciam às nações..." (propicia).

123. FEC – Ao reescrever-se a voz passiva analítica em passiva pronominal, cometeu-se um <u>erro</u> de concordância verbal na seguinte alternativa:

Ⓐ "...mas essa carga geralmente é consumida nos primeiros dias de viagem..." / ...mas consome-se geralmente essa carga nos primeiros dias de viagem.
Ⓑ "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / Usa-se os temperos fortes para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados.
Ⓒ "As refeições são preparadas num fogão a lenha existente no convés." / Preparam-se as refeições num fogão a linha existente no convés.
Ⓓ "As necessidades são feitas diretamente no mar." / Fazem-se as necessidades diretamente no mar.
Ⓔ "Seu estojo é composto de seis navalhas..." / Compõe-se seu estojo de seis navalhas...

124. FCC – Quanto à concordância verbal, está inteiramente correta a frase:

Ⓐ Devem-se ressaltar, nos meios de comunicação, a constância com que promovem abusos, na exploração da cultura popular.
Ⓑ Nem mesmo um pequeno espaço próprio querem conceder à cultura popular os que a exploram por interesses estritamente econômicos.
Ⓒ Restam das festas, dos ritos e dos artesanatos da cultura popular pouco mais que um resistente núcleo de práticas comunitárias.
Ⓓ Muita gente acredita que se devem imputar aos turistas a responsabilidade por boa parte desses processos de falseamento da cultura popular.
Ⓔ Produzem-se nas pequenas células comunitárias, a despeito das pressões da cultura de massa, lento e seguro dinamismo de cultura popular.

125. FCC – Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

- **A** Sobrevieram à tragédia de 11/9 consequências profundas, como a psicose coletiva a que se renderam muitos cidadãos nova-iorquinos.
- **B** Agregou-se ao cotidiano de Nova York, a despeito das medidas de segurança, sentimentos de medo e desconfiança generalizados.
- **C** Uma certa soberba, característica dos americanos, mesmo depois do atentado de 11/9 não se aplacaram.
- **D** Muitas vezes decorre de uma grande tragédia coletiva, como a de 11/9, sentimentos confusos, como os da humilhação, da revolta e da impotência.
- **E** Sobrevivem até mesmo depois de grandes tragédias a tendência dos homens ao prosaísmo e ao mau gosto, como no uso da expressão *dez de setembro.*

126. CESGRANRIO – Observe o período abaixo:

"<u>Você</u> tem sido um vizinho muito compreensivo, e <u>eu</u> ando meio relapso na criação de meu bicho de estimação."

Substituindo-se as palavras em destaque por seus correspondentes plurais, mantendo-se a norma padrão de concordância, chega-se ao seguinte período:

- **A** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos nas criações de nossos bichos de estimações.
- **B** Vocês têm sido um vizinho muito compreensivo, e nós andamos meio relapso na criação de meus bichos de estimação.
- **C** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **D** Vocês tem sido um vizinho muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **E** Vocês tem sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapso nas criações de meus bichos de estimação.

127. CESGRANRIO – A sentença em que o verbo está corretamente flexionado de acordo com a norma padrão, sem provocar contradição de significado, é:

- **A** O acaso ou a intencionalidade foi a causa da descoberta do Brasil.
- **B** Haviam 60% de possibilidades de o Brasil ter sido descoberto por acaso.
- **C** Eu e vocês acreditam na descoberta casual do nosso país.
- **D** Não gastava a corte tempo com as preocupações que ocupava os historiadores.
- **E** Devem haver mais evidências para a tese de descoberta casual do Brasil.

128. FUNCAP – A concordância está de acordo com a norma padrão, na frase:

- **A** Tratam-se de opiniões diferentes sobre a identidade do pé de milho.
- **B** São opiniões – seja do primeiro amigo ou do segundo – que mantém a dúvida do leitor sobre a identidade do vegetal.

C Há conceitos, no interior do texto, que podem ser interpretados de diferentes formas pelo leitor.
D Detesta-se comparações surrealistas, mas o vegetal parecia um cavalo.
E Secou as pequenas folhas, pareciam que iam morrer.

129. MOURA MELO – Indique a alternativa incorreta acerca da concordância nominal:

A Depois de te esperar por duas horas no restaurante, estamos quites.
B Na confraternização de final de ano, a oitava e a nona série foram muito indisciplinadas.
C Eu já lhe expliquei mais de mil vezes que nem um nem outro alimento é saudável.
D A encomenda dos soldados vão anexas aos uniformes.

130. MOURA MELO – Analise as assertivas abaixo acerca da concordância dos termos:

I. Com o dinheiro da herança, comprou-se dois terrenos.

II. Hoje faz exatamente três semanas que estou grávida.

III. O calote será enorme, haja visto seu saldo bancário.

A I e III estão corretas.
B Apenas II está correta.
C II e III estão corretas.
E Apenas I está correta.

131. FAPIPA – Assinale a alternativa que apresenta erro de concordância.

A "Nove parentes da moça também não apresentavam impressões digitais."
B "Sprecher explica que não só as pontas dos dedos detêm padrões exclusivos para cada humano."
C "A análise dessas marcas permitem conhecer mais sobre a característica das pessoas..."
D "Apenas 4 famílias no mundo foram diagnosticadas com a doença."
E "...a ausência total das marcas na ponta dos dedos não traz maiores problemas..."

132. CESGRANRIO – De acordo com as regras de concordância nominal do uso padrão da Língua Portuguesa, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere.

No trecho a seguir, a flexão dos adjetivos expressos e geradas segue esse uso padrão.

"Nesse novo modelo, os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de contribuições pelos estudantes, geradas por meio de buscas ou de interações com

qualquer parte do mundo ou da História, e expressos nas mais diversas formas midiáticas que fomos, até ontem, capazes de conhecer."

A flexão desses adjetivos pode ser justificada porque eles se referem, respectivamente, a:

Ⓐ conteúdos e contribuições;
Ⓑ conhecimentos e interações;
Ⓒ alunos e contribuições;
Ⓓ conteúdos e interações;
Ⓔ estudantes e contribuições.

133. UPENET – Observe as afirmativas abaixo sobre concordância nominal:

I. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo! Viajou no tempo qual falcão alado. Tornou-se próspero, tão forte e valoroso." – os adjetivos sublinhados neste trecho concordam com o termo "tempo".

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível" – se o termo sublinhado estivesse no plural, estaria correto o trecho: Dentro do bonde, uns anúncios bem visíveis.

III. "Pro passageiro ficar bem informado" – substituindo-se o termo sublinhado por passageiras, estaria correto o trecho: Pras passageiras ficarem bem informadas.

IV. "- Mas que apito tão lindo e demorado!" – se se acrescentasse o termo sineta após apito, estaria correto o trecho: Mas que apito e sineta tão lindas e demoradas.

Somente está correto o que se afirma em:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ II, III e IV;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ II e III.

134. UPENET – "Sei que ainda há muitos descontentes."

A seguir, apresentam-se várias reconstruções da frase, ora com o verbo haver, ora com o existir. Uma construção, entretanto, é inadmissível quanto à concordância. Assinale-a.

Ⓐ Sei que ainda existirão muitos descontentes.
Ⓑ Sei que ainda deverão haver muitos descontentes.
Ⓒ Sei que ainda podem existir muitos descontentes.
Ⓓ Sei que ainda existem muitos descontentes.
Ⓔ Sei que ainda vai haver muitos descontentes.

135. UPENET – Leia o anúncio abaixo:

GERENTES DE LOJA

Requisitos:

***Experiência mínima de 3 anos de gerência.**

***Sexo feminino.**

***Idade entre 30 e 40 anos.**

***Nível superior.**

***Usuária de computador.**

***Salário Excepcional**

Os interessados deverão enviar currículos com foto para rua das Belezas, n. 10, Recife – PE, CEP 51031-420. Recursos Humanos.

Este anúncio apresenta uma inadequação de concordância nominal em:

Ⓐ Os interessados deverão enviar.
Ⓑ Idade entre 30 e 40 anos.
Ⓒ Gerentes de loja.
Ⓓ Nível superior
Ⓔ Experiência mínima de 3 anos em gerência.

136 – ACAFE – Quanto à concordância verbal e nominal, todas as frases estão corretas, <u>exceto</u> a:

Ⓐ Na seleção dos informantes, serão selecionados aqueles que apresentarem um leque maior de conhecimentos sobre o tema.
Ⓑ Finalmente, está sendo discutido os termos da proposta de uso de nossas instalações por pessoas estranhas à repartição.
Ⓒ Para que a ação seja ajuizada, deve haver provas materiais e testemunhais, além de argumentos consistentes.
Ⓓ Há mais ou menos trinta dias, houve aqui duas festas sobre as quais muito ainda vai se falar.
Ⓔ Assim, explicamos que nossa relação com as entidades sindicais impõe certas condições e demandas que dificultam a correta interpretação dos fatos.

137. COPEVE-UFT – Analise os enunciados abaixo quanto ao uso do advérbio:

I. Elas estão meio cansadas.

II. Parece que há menas gente hoje.

III. As crianças parecem meio inquietas.

IV. A menina estava meia triste.

V. Hoje há muito menos gente do que ontem.

De acordo com a linguagem culta, podemos dizer que:

Ⓐ I, III e V estão corretas;
Ⓑ II, IV e V estão erradas;
Ⓒ III, IV e V estão corretas;
Ⓓ todas estão corretas.

138. FEC – Em: "Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação...", observa-se:

Ⓐ erro quanto à norma culta de concordância do português contemporâneo;
Ⓑ concordância exclusiva da norma corrente em Portugal;
Ⓒ concordância ideológica, não concordância com a morfologia do sujeito;
Ⓓ concordância característica do estilo afetado de certos falantes da língua;
Ⓔ uma gralha, ou cochilo de impressão.

139. FEC – Na oração "China, Austrália e partes dos Estados Unidos estão na mira da catástrofe", o sujeito composto leva o verbo para o plural. Das alterações feitas a seguir na redação da oração, apresenta erro de concordância a seguinte:

Ⓐ Os Estados Unidos está na mira da catástrofe.
Ⓑ China e Austrália estão na mira da catástrofe.
Ⓒ Parte da Europa está na mira da catástrofe.
Ⓓ Partes da Europa e Estados Unidos estão na mira da catástrofe.
Ⓔ Não só a China e a Austrália, mas também a Europa e os Estados Unidos estão na mira da catástrofe.

140. FEC – Na passagem "...valores já quase desaparecidos...", destaca-se a concordância nominal, segundo as regras gramaticais vigentes, o que não podemos afirmar de uma das afirmativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Continuavam inabitados a palhoça, a casa e o chalé.
Ⓑ Pareceu-me orgulho e vaidade excessivas.
Ⓒ Buscava fatos o mais elucidativos possível.
Ⓓ Na Suíça, falam-se as línguas francesa, italiana e alemã.
Ⓔ Havia bastantes razões para negarmos o pedido.

141. UPENET – Uma das dificuldades da língua escrita formal é operar a concordância em certos contextos. Considerando a norma culta, assinale a única construção correta em relação à concordância verbal e nominal.

Ⓐ Não cabia mais, na estante, nenhuma das gramáticas que havia comprado.
Ⓑ Sempre lhe tinha causado interesse indagações acerca de construções da linguagem coloquial.
Ⓒ Ficou comprovado, mediante realização de pesquisa, todas as dificuldades dos jovens em relação à língua culta formal.

Ⓓ É da leitura que depende nossos resultados em termos de desempenho na língua escrita.
Ⓔ Vai faltar muitos alunos nas próximas aulas de gramática.

142. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

143. FJP – No tocante à concordância, há má construção gramatical na seguinte alternativa:

Ⓐ As internações por si sós já causam certos distúrbios psicológicos aos pacientes.
Ⓑ Distúrbios e alterações psicológicos são normais em pacientes hospitalares.
Ⓒ Mais de um paciente sofria de ilusões em face de distúrbios mentais
Ⓓ Os médicos consideravam inevitável nos pacientes pequenas alterações psicológicas.
Ⓔ Uma e outra alteração psicológica podem afetar os pacientes hospitalizados.

144. FJPF – Por vezes, é possível utilizar o verbo facultativamente no singular ou no plural, sem ferir o prescrito pela norma culta da língua, como ocorre na frase:

Ⓐ Avisa/Avisam seus netos dos perigos da friagem apenas as avós dedicadas.
Ⓑ Algum de nós já leu/ eram este artigo?
Ⓒ Ventos, sereno, noites frias, nada acarreta/acarretam doenças respiratórias.
Ⓓ A maior parte das pessoas contrai/contraem resfriados nesta época do ano.
Ⓔ Naquela loja, vende-se/vendem-se microscópios de qualidade.

145. CESGRANRIO – Assinale a opção em que há <u>erro</u> de concordância:

Ⓐ Havia muitas informações no mundo que não mereciam a digitalização.
Ⓑ Os Estados Unidos prometem lutar a favor da paz.
Ⓒ Cinquenta *petabytes* contém incrível quantidade de informação.
Ⓓ Seguem anexas as informações sobre o processo da biblioteca.
Ⓔ O projeto está com problemas, haja vista os erros do relatório.

146. FURB – Complete as lacunas do seguinte texto, obedecendo às regras de concordância verbal:

"Que profusão de mosquitos! Mosquitos nas pontas dos dedos, nas solas dos pés, na raiz dos cabelos, – uns espantosos mosquitos que nos ____ a viver debaixo de cortinados, e mesmo assim com pouca segurança, porque as camas de Orissa não ____ colchões, mas apenas cadarços cruzados. (Camas de clima quente, admirável solução para as noites de canícula, mas que ____ todo o serviço dos mosquiteiros, pois desgraçadamente, por onde ____ as brisas, ____ os mosquitos, também)." (Cecília Meireles)

Assinale a alternativa cujos verbos completam corretamente as lacunas:

Ⓐ obriga – tem – prejudicam – entra – entram;
Ⓑ obrigam – têm – prejudicam – entram – entram;
Ⓒ obrigam – tem – prejudica – entra – entra;
Ⓓ obrigam – têm – prejudicam – entram – entra;
Ⓔ obriga – têm – prejudica – entra – entram.

147. CESGRANRIO –Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ Nem sempre são ____ ao conhecimento do público as causas e consequências dos acidentes nucleares. (levadas)
Ⓑ Animais e plantas de determinada região podem ser acidentalmente ____ pela radiação atômica. (contaminados)
Ⓒ Devem ser melhor ____ em nossa terra os recursos hídricos e outras fontes não poluentes de energia. (exploradas)
Ⓓ É preciso que a construção e o funcionamento de usinas nucleares sejam ____ por rigorosas normas de segurança. (controlados)
Ⓔ Ainda não foram precisamente ____ as vantagens e desvantagens da utilização do átomo como fonte de energia. (avaliadas)

148. FESP-RJ – Das sentenças abaixo, aquela em que há <u>erro</u> de concordância nominal é:

Ⓐ Tem sido reconhecida a dedicação valorosa dos índios.
Ⓑ Os índios tiveram reconhecidos o valor de seus esforços.
Ⓒ A dedicação e o esforço dos índios são reconhecidos por todos.
Ⓓ Reconhecida é hoje por todos a dedicação e o esforço dos índios.
Ⓔ São hoje por todos reconhecidos o esforço e a dedicação dos índios.

149. ESAF – A concordância nominal está <u>incorreta</u> no item:

Ⓐ É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas.
Ⓑ Salvo alguns desastres, obtém-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa.

C Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante os treinamentos.
D A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante do pagamento.
E Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

150. FJG – Assinale a alternativa cuja concordância está formulada corretamente.

A Compramos, na feira, biscoitos e abacate maduro.
B Em anexo, segue as provas do aluno.
C No fechamento está incluso os relatórios da presidência.
D No final da festa, o aluno deficiente disse obrigada à professora.
E Quando eu estava namorando, as horas parecia que voava.

GABARITO

1. A	20. D	39. A	58. A	77. A	96. B	115. C	134. B
2. A	21. E	40. C	59. C	78. D	97. E	116. C	135. A
3. C	22. C	41. C	60. E	79. E	98. A	117. B	136. B
4. E	23. C	42. B	61. A	80. B	99. C	118. A	137. A
5. B	24. B	43. E	62. D	81. D	100. D	119. E	138. C
6. A	25. A	44. C	63. B	82. B	101. D	120. C	139. A
7. A	26. E	45. D	64. C	83. E	102. C	121. E	140. B
8. C	27. E	46. E	65. A	84. A	103. E	122. D	141. D
9. E	28. C	47. B	66. B	85. C	104. A	123. B	142. B
10. B	29. C	48. A	67. C	86. A	105. C	124. B	143. D
11. D	30. D	49. D	68. C	87. E	106. D	125. A	144. D
12. C	31. B	50. B	69. A	88. D	107. C	126. A	145. C
13. B	32. B	51. E	70. C	89. B	108. A	127. A	146. B
14. A	33. B	52. D	71. E	90. C	109. E	128. C	147. C
15. C	34. E	53. E	72. B	91. A	110. B	129. D	148. B
16. E	35. A	54. E	73. D	92. B	111. A	130. B	149. C
17. B	36. C	55. C	74. A	93. E	112. A	131. C	150. A
18. B	37. C	56. E	75. A	94. C	113. C	132. A	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. B	114. A	133. E	

Emprego de Pronomes e Sintaxe de Colocação

1. NCE-UFRJ – "Logo que ____, ____ ver que não ____."

As formas abaixo que completam adequadamente as lacunas são:

A os vir – os farei – os queremos seguir;
B os ver – fá-los-ei – queremo-los seguir;
C vê-los – fá-los-ei – queremos segui-los;
D os vir – fá-los-ei – queremos segui-los;
E os ver – far-lhes-ei – quereremos segui-los.

2. NCE-UFRJ – "Não perderei tempo." Nesta frase, se substituirmos "tempo" pelo pronome complemento adequado, teremos a forma correta:

A Não o perderei;
B Não perdê-lo-ei;
C Não perderei-o;
D Não perder-lo-ei;
E Não perdê-lo-ei.

3. FJPF – Reescreveram-se os trechos abaixo, alterando-se apenas a colocação do pronome átono:

I. "Pode-se alegar que se trata propriamente de um direito clássico." / Pode alegar-se que se trata propriamente de um direito clássico.

II. "...o governo não consegue defendê-lo." / ...o governo não o consegue defender.

III. "...ao mesmo tempo que não se cumpre um dever." / ...ao mesmo tempo que não cumpre-se um dever.

IV. "...eis a combinação explosiva que me parece ter levado 60 milhões a votar pelo 'não'." / ...eis a combinação explosiva que parece ter levado-me 60 milhões a votar pelo "não".

Estão de acordo com as normas descritas nas gramáticas as alterações realizadas em:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ II, III e IV;
Ⓔ III e IV.

4. FJPF – Na hipótese de substituição do complemento em destaque pelo pronome átono nas opções abaixo, aquela em que a língua culta rejeita tradicionalmente uma das duas colocações sugeridas para o pronome é:

Ⓐ "Dava as doses para todos os males." // As dava. / Dava-as para todos os males.
Ⓑ "Alguns mandavam de manhã os filhos com garrafas." // Alguns os mandavam. / Alguns mandavam-nos de manhã com garrafas.
Ⓒ "Poderiam vir buscar o leite de manhãzinha." // Poderiam vir buscá-lo. / Podê-lo-iam vir buscar de manhãzinha.
Ⓓ "Um dia falou a Juca para botar um hospital na Bom Jesus." // Um dia lhe falou. / Um dia falou-lhe para botar um hospital na Bom Jesus.
Ⓔ "Deus podia abandonar a proteção que vinha dando a todos os seus. // Deus a podia abandonar / Deus podia abandoná-la.

5. CESGRANRIO – Marque a opção em que a forma pronominal utilizada está incorreta:

Ⓐ É difícil, para mim, praticar certos exercícios físicos.
Ⓑ Ainda existem muitas coisas importantes para eu fazer.
Ⓒ Os chinelos da aposentadoria não são para ti.
Ⓓ Quando a aposentadoria chegou, eu caí em si.
Ⓔ Para tu não teres aborrecimentos, evita o excesso de velocidade.

6. FEPESE – Marque a opção em que a colocação pronominal está correta:

Ⓐ Me conta tudo.
Ⓑ Não disse-lhe nada.
Ⓒ Diga-me toda a verdade.
Ⓓ Contarei-lhe a notícia agora.

7. FUMARC – A colocação pronominal está correta apenas em:

Ⓐ O instrutor havia preparado-os para o exame de direção.
Ⓑ Quem estragou a câmera que encarregue-se de enviá-la para o conserto.
Ⓒ Quando comunicaram-na de que havia vencido, não acreditou.
Ⓓ As inscrições para o concurso se realizarão até a próxima sexta-feira.

8. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o pronome pessoal não está usado de acordo com a norma culta:

Ⓐ Ele trouxe esse presente para mim.
Ⓑ A salada de tomate é para eu comer.
Ⓒ Pedi-lhe licença para sair da sala.
Ⓓ Ele precisava da ajuda dos pais.
Ⓔ Este programa é para mim fazer.

9. FJG – "[...] a mãe iria acompanhá-la para ajudar na mudança..."

Esse trecho de texto é reescrito em cada alternativa abaixo. A nova redação não é bem-sucedida, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ [...] a mãe acompanhá-la-ia para a ajudar na mudança..."
Ⓑ [...] A mãe acompanharia-a para ajudá-la na mudança..."
Ⓒ [...] A mãe a acompanharia para a ajudar na mudança..."
Ⓓ [...] A mãe a acompanharia para ajudá-la na mudança..."

10. FESP-RJ – "Já o mesmo não se pode dizer de um serviço de bondes."

Das alterações feitas na frase acima, aquela em que a colocação do pronome átono sublinhado contraria a norma culta do português contemporâneo do Brasil é:

Ⓐ Já o mesmo não se haveria de dizer de um serviço de bonde.
Ⓑ Já o mesmo não estaria se dizendo de um serviço de bonde.
Ⓒ Já o mesmo não deveria-se dizer de um serviço de bonde.
Ⓓ Já o mesmo não poderia dizer-se de um serviço de bonde.
Ⓔ Já o mesmo não teria se dito de um serviço de bonde.

11. ESAF – Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes:

Ⓐ José, espere-me um pouco; eu quero ir consigo à audiência.
Ⓑ Ele não mim informou da presença do juiz eleitoral na cerimônia.
Ⓒ A mim me parece que a constituição deve ser referendada por um plebiscito.
Ⓓ Lembro-me de ti a todo momento; sinto uma profunda saudade de você.
Ⓔ Já recebi o recado de que aqueles processos são para mim despachar.

12. VUNESP – Indique a única frase correta quanto ao uso e à colocação do pronome:

Ⓐ Sempre quis-lhe como namorada.
Ⓑ Não vá embora sem mim.
Ⓒ Os soldados não obedeceram-lhe às ordens.
Ⓓ Nunca houve desentendimentos entre tu e eu.
Ⓔ Segure a régua para eu.

13. COVEPE – Coloque o pronome no espaço correto.

1. Jamais _____ esqueço _____ de você. (me)

2. O rapaz, _____ levantando _____ fez uma pergunta. (se)

3. _____ devolve _____ o livro que te emprestei. (me)

4. Estou a _____ contar _____ uma coisa importante. (lhe)

5. Gostaria de saber quem _____ contou _____ tal fato. (te)

A colocação adequada, de cima para baixo, é a seguinte:

Ⓐ me esqueço, se levantando, me devolve, contar-lhe, te contou;
Ⓑ esqueço-me, levantando-me, devolve-me, lhe contar, te contou;
Ⓒ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, te contou;
Ⓓ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, contou-te;
Ⓔ esqueço-me, se levantando, me devolve, contar-lhe, contou-te.

14. FUMARC – Observe atentamente a colocação dos pronomes oblíquos átonos nas frases a seguir.

I. Vinham-me acompanhando vários amigos.

II. Devo incomodar-te muito com essas idéias.

III. Deus te ajude nessa nova missão!

A colocação está adequada em:

Ⓐ I e II apenas;
Ⓑ I e III apenas;
Ⓒ II e III apenas;
Ⓓ I, II e II.

15. VUNESP – Considere as informações abaixo para responder à questão:

I. que pedir a eles	→	**que lhes pedir**
II. defender o contribuinte	→	**defendê-lo**
III. o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos	→	**o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir**
IV. "seria obrigado a liquidar a fatura"	→	**seria obrigado a liquidar ela**

Entre as informações acima, aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I e III.

16. FESP-RJ – Marque a opção cuja colocação do pronome sublinhado obedece à norma culta:

- **A** As universidades já têm cursos especiais para alunos da terceira idade que se querem reciclar.
- **B** A diferença para as turmas convencionais é uma só: ninguém submete-se a provas e exames.
- **C** Os meninos nunca deram-se a oportunidade de cantar coisa mais elaborada.
- **D** Se pode correr 100 metros em cinco segundos quando se é um atleta.
- **E** Farão-se as garantias da pesquisa para que os resultados sejam bons.

17. Assinale a alternativa onde o pronome pessoal está empregado corretamente:

- **A** Para mim, viajar de avião é um suplício.
- **B** Este é um problema para mim resolver.
- **C** Entre eu e tu não há mais nada.
- **D** A questão deve ser resolvida por eu e você.

18. O pronome oblíquo destacado pode trocar de posição em relação ao verbo da frase em:

- **A** "Ele choraminga, olha a mãe que o excita, rindo, batendo palmas."
- **B** "Vou seguir caminho, mas me detenho a olhá-la: carregou a criança para junto da espuma."
- **C** "Fala com ele, ergue-o no ar."
- **D** "Assim, com a silhueta cortada junto à luz que se reflete no chão molhado, ..."
- **E** "É apenas uma jovem fêmea que ensina o mar e o mundo à sua cria; transmite-lhe a experiência da espécie ..."

19. FUMARC – Há erro quanto à colocação do pronome oblíquo átono em:

- **A** Em se tratando de medidas dessa natureza, resolvemos renunciar.
- **B** Embora me dissessem o perigo, não acreditei neles.
- **C** Deus acompanhe-te na sua nova jornada!
- **D** A casa para onde se mudaram é excelente.

20. FCC – De acordo com a formalidade da Língua, assinale a alternativa em que está correta a colocação do pronome átono:

- **A** Meu amigo, preciso o prevenir contra as maledicências usuais dessa gente.
- **B** Os satélites têm dado-nos a exata medida da destruição causada pelas queimadas.
- **C** Esqueçamo-nos do mal que nos fizeram, mas não esqueçamo-nos de retribuir o bem que recebemos.
- **D** O político, constrangido, foi desvencilhando-se aos poucos daquela situação vexatória.
- **E** Eu calarei-me somente se me convencerem de que estou errado.

21. NCE-UFRJ – A frase em que não se observou uma recomendação referente à colocação dos pronomes oblíquos átonos é:

- **A** Sempre pareceu-nos que esse projeto não teria êxito.
- **B** Os dois marujos que ficaram no Brasil nunca se tornaram índios.
- **C** Naquele momento, iniciou-se o povoamento do Brasil.
- **D** A consideração com que me trataram foi para mim o ponto alto da reunião.
- **E** Os falantes do português se tornaram maioria no litoral brasileiro.

22. FAPERG – Na oração "Disseram-me que tinha chegado no último paquete", o uso de ênclise se dá porque:

- **A** não se inicia a frase com pronome oblíquo átono;
- **B** o verbo está no infinitivo impessoal;
- **C** se houver partícula atrativa antes da locução verbal, coloca-se o pronome oblíquo antes do auxiliar ou depois do principal;
- **D** o verbo vem precedido de pronome relativo;
- **E** possibilita maior ênfase na expressividade que uma palavra adquire na frase.

23. NCE-UFRJ – "Recordo-me de um bar..." Este mesmo segmento do texto, se colocado na 1ª pessoa do plural, teria como forma verbal correta:

- **A** Recordo-nos;
- **B** Recordamo-nos;
- **C** Recordemo-nos;
- **D** Recordamos-nos;
- **E** Recordemos-nos.

24. FUNCAB – Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo destacado não obedece às normas do português padrão:

- **A** Esses amores silenciosos alcançam-nos todos os dias.
- **B** Disseram-me muito sobre os amores, resta agora a vocês oferecerem-nos à pessoa amada.
- **C** Ele evitava os amores!... Ter-lhe-iam falado de suas dores?
- **D** O que lhe restava era amar silenciosamente.
- **E** Fostes alertado a manter os silêncios amorosos e cumpriste-no com eficácia.

25. ACADEPOL-SP – Marque a alternativa em que aparece um erro de colocação pronominal:

- **A** Sempre vejo-a triste ao cair da tarde, fragilizada pela depressão contínua.
- **B** Eu não lhe disse, mas o chefe mandou oferecer preço na plantação.
- **C** Em meio ao tédio que lhe representara muita humilhação saboreou um momento de alegria.
- **D** Encarava-o rígida, cheia de gravidade, com os olhos súplices de cobrança.

26. FCC – Assinale a alternativa em que os vocábulos propostos preenchem corretamente as lacunas da frase:

"____ as novas condições exigidas pelo programador, antes que outros ____."

- **A** Expusemos-lhes – o fizessem.
- **B** Expusemo-lhes – fizessem-no.
- **C** Expusemos-lhes – fizessem-o.
- **D** Expusemo-lhes – fizessem-lo.
- **E** Expusemo-lhes – o fizessem.

27. COPPE-UFRJ – A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:

- **A** Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
- **B** Abrigaremos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
- **C** Não se poupariam esforços nesse sentido.
- **D** Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta disso.
- **E** "...certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza)

28. ACCESS – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> no uso do pronome pessoal sublinhado em:

- **A** Nada houve entre <u>eu</u> e você.
- **B** Empreste o livro para <u>eu</u> ler.
- **C** É hora de <u>eles</u> voltarem.
- **D** Deixe-<u>os</u> entrar.
- **E** Basta-<u>me</u> a terra.

29. COPPE-UFRJ – Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:

- **A** O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
- **B** No curso de pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
- **C** Nunca enganamo-nos a esse respeito.
- **D** Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
- **E** Caso procurem-me, diga que viajei.

30. ACCESS – Na passagem "De repente, foi assaltada por um adolescente, que a roubou...", o pronome pessoal oblíquo está em posição proclítica.

Segundo a norma culta, esta é a colocação correta, porque:

- **A** a oração é iniciada por palavra interrogativa;
- **B** há uma palavra de valor negativo na frase;
- **C** o verbo não está no futuro do presente;
- **D** a oração é subordinada desenvolvida;
- **E** há um advérbio antes do pronome.

31. EMPASIAL – Indique onde não há erro no emprego do pronome átono, observadas as ligações enclíticas indicadas: tendes + o; põe + o; diria + o; poreis + o:

Ⓐ tendes-lo – põe-lo – diria-lo – poreis-no;
Ⓑ tende-lo – põe-no – di-lo-ia – pô-lo-eis;
Ⓒ tendes-no – põe-no – diria-no – pôr-lo-eis;
Ⓓ tende-no – põe-lo – dir-lo-ia – por-lo-eis;
Ⓔ tende-lo – põe-lo – dir-lo-ia – poreis-lo.

32. EMPASIAL – Onde o pronome está erroneamente empregado?

Ⓐ Fez + o = fê-lo.
Ⓑ Diríamos + o = di-lo-íamos.
Ⓒ Pondes + o + ponde-lo.
Ⓓ Tem + no = tem-no.
Ⓔ Diríeis + o = diríei-lo.

33. VUNESP – Os pronomes pessoais têm emprego de acordo com a língua padrão em:

Ⓐ Rompidos desde as últimas eleições, os velhos caciques esqueceram as diferenças, mandando elas às favas, e reataram a aliança.
Ⓑ Referindo-se a seu rival, a velha raposa da política afirma: "não há acordo possível entre eu e ele".
Ⓒ Quando ela tomar posse, aguardam-se dívidas incontáveis deixadas por seu antecessor.
Ⓓ Especula-se a origem de sua fortuna, falando-se em falcatruas que teriam feito ele enriquecer.
Ⓔ Deixem eu resolver essas diferenças entre os dois, levando-os a um bom acordo.

34. COPPE-UFRJ – Em "...sempre que nos vemos..." e "...volto sempre a ela...", os pronomes pessoais estão empregados segundo as normas do português escrito culto. Entre os exemplos abaixo, o que também está de acordo com essas normas é:

Ⓐ Ela trouxe o livro para mim ler.
Ⓑ Entre eu e você tudo acabou.
Ⓒ Não estou lhe reconhecendo.
Ⓓ Parece que o filme não o agradou.
Ⓔ Estivemos muito próximos, mas não lhe vi o rosto.

35. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

Ⓐ O processo da eleição tem desagradado-me.
Ⓑ Ninguém se lembrou de que o conclave estava previsto para o dia 18.
Ⓒ Os cardeais não deixaram-lhe opção de escolha.
Ⓓ Em tratando-se de eleição, o voto deve ser secreto.
Ⓔ Quem garante-me o sucesso da votação?

36. CESPE-UnB – Assinale a opção em que há erro de colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

- **A** A primeira refere-se aos atuais mecanismos públicos e particulares.
- **B** São os elementos essenciais da vida, os quais não têm-nos dado a desejada segurança.
- **C** Consiste em nossa fraqueza de opormo-nos a uma espécie de movimento neo-feudal.
- **D** A sociedade mostra-se perplexa com seu ajuste à eletrônica.
- **E** O Estado não se mostra apto para encontrar soluções.

37. FCC – Está correto o emprego do pronome sublinhado na frase:

- **A** Se é para <u>mim</u> ir buscar as malas, deixe que eu vou.
- **B** Aquela má notícia deixou <u>ele</u> muito triste.
- **C** Afinal, sua desavença é com eles ou com <u>nós</u>?
- **D** A esta altura, só podemos contar <u>conosco</u> mesmos.
- **E** No caso de <u>eu</u> ir reclamar, você também vai?

38. COPPE-UFRJ – A alternativa em que o deslocamento do pronome oblíquo átono foi efetuado de acordo com as normas do padrão culto escrito do português é:

- **A** "Creio que é somente na década de 40 que se pode considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil." – que pode considerar-se seriamente.
- **B** "Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado, é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e uma amplitude social." – que toda a sociedade reestruture-se.
- **C** "Por isso se faz necessário entender como se articulam no período os diversos ramos da produção e de difusão de massa." – como articulam-se.
- **D** "...a questão que se coloca é conhecermos como ele se estrutura, e em que medida determina parâmetros novos para a problemática da cultura." – a questão que coloca-se.
- **E** "Não nos cabe retomar as análises já realizadas sobre este tema." – Não cabe-nos retomar as análises.

39. ESAF – Indique o período que apresenta colocação pronominal contrária às regras da norma padrão:

- **A** Causou-lhe decepção a reação inesperada da irmã, embora não lhe ficasse querendo mal por isso.
- **B** Ai! Nem me quero lembrar dos dias em que andavam se agredindo sem quê nem porquê!
- **C** Ninguém dirigiu-se ao chefe, em ocasiões como aquela, dando-se ares de tanta importância!

Ⓓ Depois de algum tempo, os amigos se reencontraram, muitos sem nem o terem desejado.
Ⓔ Nunca lhe darei tanto dinheiro, que o faça tornar-se um beberrão.

40. NCE-UFRJ – Considerando o emprego e a colocação dos pronomes, a frase com erro é:

Ⓐ Sem mais para o momento, subscrevemo-nos com elevada consideração.
Ⓑ Em nome da transparência, informamo-lo do ocorrido.
Ⓒ Fi-lo porque foi necessário.
Ⓓ Amamo-vos mais que a nós mesmos.
Ⓔ Comunicamos-lhes que o carregamento chegará quatro horas mais tarde, em virtude de um acidente na linha férrea.

41. CESGRANRIO – Marque a opção <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Seria-nos conveniente assinar o acordo hoje.
Ⓑ Nada se fez por ele.
Ⓒ Vocês podem dizer-me a verdade.
Ⓓ Amanhã, contar-lhe-ei as novidades.
Ⓔ Quando a viu vencer, desmaiou.

42. FUMARC – A colocação pronominal está <u>correta</u> em todas as frases, <u>exceto</u>:

Ⓐ O encontro se realizará sem a presença do famoso conferencista.
Ⓑ Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento contra a violência.
Ⓒ Parece que Maria Rita não vai mais casar-se com Pedro Otávio.
Ⓓ O rapaz declarou que, há uma semana, já havia queixado-se à polícia.

43. COPPE-UFRJ – A alternativa em que é possível alterar a colocação do pronome sem ferir a norma gramatical é:

Ⓐ "Quando <u>se</u> está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓑ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo <u>nos</u> faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓒ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que <u>se</u> está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓓ "Não estou certa de que <u>se</u> trate de um processo, mas suspeito que o tempo, único juiz de coisas dessa natureza, não está nunca do lado de quem tenta driblá-lo."
Ⓔ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que <u>se</u> busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."

44. COMVEST – Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Marque-a:

1. O professor passou uma tarefa para ____ fazer.

2. Não se ponha entre ____ e ele, por favor!

3. Se fores à rua, avisa-nos que iremos ____.

4. Para ____ ganhar dinheiro, é preciso trabalhar.

5. Para ____, ouvir música é maravilhoso.

A mim – tu – consigo – eu – tu
B mim – mim – consigo – mim – eu
C eu – eu – contigo – mim – eu
D tu – eu – conosco – tu – mim
E eu – mim – contigo – eu – mim

45. FUMARC – Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome átono, <u>exceto</u>:

A Maria não vai casar-se outra vez.
B Disseram-me que a jóia era falsa.
C Os presos já tinham rebelado-se outra vez naquele ano.
D Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

46. CESPE-UnB – Assinale a melhor resposta:

O resultado das combinações "pões + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

A pões-lo – reténs-las – dedu-la;
B pões-no – retém-nas – dedu-la;
C pões-lo – retém-las – deduz-la;
D pões-no – retém-las – dedu-la;
E põe-lo – retém-las – dedu-la.

47. CN – Assinale a opção em que só o uso da prôclise é aceito pela norma culta:

A O rio te quer rodar, seu canoeiro.
B Os periquitos te estão chamando, menino.
C A velha rendeira te neutralizará, ó rio.
D Não te obedecer, ó rio, é pecado.
E A professora descobriu que o rio lhe trará problemas.

48. VUNESP – A alternativa em que a frase apresenta um erro de colocação pronominal é:

A É difícil dizer-te o quanto te amo.
B João, expulsa-os já do jardim.
C Jamais me mudarei daqui.

Ⓓ Fiquei olhando o carteiro que aproximava-se.
Ⓔ Devemos dizer-lhe a verdade.

49. FESP-RJ – Entre as frases abaixo, aquela que a norma gramatical rejeita por conter erro na colocação do pronome átono é:

Ⓐ As mãos fá-lo-iam cantar.
Ⓑ O frio me faz pensar em neve.
Ⓒ Uma alegria expande-se no meu peito.
Ⓓ Me parecia que era o milagre da neve.
Ⓔ Nós a conhecemos primeiro nos livros coloridos.

50. VUNESPE – Assinale a alternativa em que o uso da mesóclise é incorreto:

Ⓐ Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
Ⓑ Dir-se-ia que ela tem menos de quarenta anos.
Ⓒ Convencê-lo-ei, se puder.
Ⓓ Dizes-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
Ⓔ Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

51. EM – Em apenas um item a colocação do pronome átono foi feita de forma correta. Assinale-o:

Ⓐ Julguei que chamavam-me para o almoço.
Ⓑ Deus o favoreça e de mim não se esqueça.
Ⓒ Tinha feito-lhe uma pergunta, mas não obtive resposta.
Ⓓ Diria-se que tudo não passou de um engano.
Ⓔ Ninguém admoestá-lo-á na minha frente.

52. CN – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal admita o maior número de variações:

Ⓐ Deem-me coroas de pano.
Ⓑ Que a não esqueçam os amigos.
Ⓒ Que vai se deitar para sempre.
Ⓓ Não me envolvam num lençol.
Ⓔ Bem sabeis que não se casa.

53. EsFAO – A norma culta da língua repudia a colocação do pronome átono, tal como ocorre no item:

Ⓐ Os homens ainda não a esperavam quando ela desabou sobre a cidade.
Ⓑ Que me dera que meus rústicos hinos por ele ouvidos fossem, e por elas aplaudidos.
Ⓒ Eu tinha beijado-lhe as mãos, porque, se não fosse ela, estaria talvez na prisão, por um crime não realizado.

D Certamente, com medo, ela ficara em casa, ou alguém a avisara, pois àquela hora, sua ausência era bem estranha.

E Um grande soluço sacudiu-o desafinado. Ele nem sequer tremeu. Ela também passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

54. EMM – A única oração correta quanto à colocação do pronome átono é:

A Ela não chamou-te.

B Ela avisar-te-á o dia da prova.

C Ela disse que viu-te chegar.

D Ela não te viu.

E Nenhuma das respostas anteriores.

55. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise:

A Jamais alguém diria a verdade (lhe).

B Aqui está o livro que emprestaste (me).

C Bons ventos levem (o).

D Meu amigo, fale a verdade (me).

E Não aborreças (me).

56. FESP-RJ – "Não estou <u>me</u> referindo muito a escrever para jornal."

A frase acima exemplifica um fato frequente no português contemporâneo do Brasil – a posição proclítica do pronome átono (exceto <u>o</u>, <u>a</u>, <u>os</u>, <u>as</u>) em relação ao verbo principal da locução. Embora tal fato já tenha sido defendido desde 1922 por Silva Ramos na miscelânea *Pela Vida Fora*, ainda hoje há quem rejeite essa colocação. Das seguintes passagens de *Clarice Lispector*, todas com a mesma próclise "brasileira", aquela em que a variante de colocação do pronome átono, indicada é direita, <u>contraria</u> a norma culta é:

A "...quem sabe teríamos <u>nos</u> casado." / quem sabe nos teríamos casado.

B "Ah, está <u>se</u> tornando difícil escrever." / Ah, está tornando-se difícil escrever

C "...na certa ele iria, por seu turno, <u>me</u> influenciar."/ na certa ele iria-me, por seu turno, influenciar.

D "esta carta deveria <u>se</u> dirigir ao Presidente da República."/ esta carta dever-<u>se</u>-ia dirigir ao Presidente da República.

E "Só o que se chama de 'amor imorredouro' tinha <u>me</u> interessado." / Só o que se chama de "amor imorredouro" <u>me</u> tinha interessado.

57. ESPCEX – Considere a seguinte passagem: "...para que o medo fosse se aninhando". Do conjunto de afirmações a respeito da colocação do pronome átono, a única alternativa <u>falsa</u> é a letra:

Ⓐ No texto, a colocação obedece rigorosamente à norma gramatical.
Ⓑ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo se fosse aninhando".
Ⓒ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo fosse aninhando-se".
Ⓓ No texto, a colocação é típica da linguagem de conversação brasileira.

58. ESPCEX – Com relação aos respectivos verbos, assinale a posição correta de cada um dos pronomes átonos no texto abaixo:

1 2 4 8

"Aquela que te humilhou / humilhou-te, aqui a tens / tem-la abatida, no mesmo

16 32

lugar onde te ultrajou / ultrajou-te, nas iras de sua paixão.

Assinale a alternativa que indica a soma dos algaritmos dados aos pronomes bem colocados:

Ⓐ 21;
Ⓑ 54;
Ⓒ 61;
Ⓓ 42;
Ⓔ 35.

59. EN- "O arreganhar dos dentes se esbate no bocejo."

Deu-se preferência ao emprego da próclise, em situação na qual também se poderia ter usado a ênclise. Nos itens abaixo, assinale aquele em que a próclise é obrigatória:

Ⓐ A jovem <u>me</u> foi indicada pelo comendador.
Ⓑ Se <u>me</u> convidarem, irei à festa sem pensar duas vezes.
Ⓒ A peça ia-<u>se</u> desenvolvendo com a aprovação da plateia.
Ⓓ O chefe <u>nos</u> disse que e encomenda estava a caminho.
Ⓔ Quero <u>lhe</u> pedir um grande favor.

60. EPCAR – Coloque o pronome átono no devido lugar e aponte a opção em que não se justifica a ênclise:

Ⓐ A mágoa, ____ ferindo ____ no coração, ____ arrefecera ____ o ânimo. (o, lhe)
Ⓑ Espero que o sofrimento não ____ derrube ____. (me)
Ⓒ ____ levantei ____, enquanto todos dormiam. (me)
Ⓓ O jovem chegara-se e Isabel, ____ tomou ____ as mãos. (lhe)
Ⓔ Procure seus colegas e ____ convide ____ para o baile. (os)

61. ESFAO – Leia atentamente as frases abaixo:

A. Os discos que me foram entregues são ótimos.

B. Tudo fez para obedecer-lhe e agradar-lhe.

C. Em se tratando de você, isto é normal.

Observando a posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos em cada uma delas, assinale a alternativa correta:

1. Deve ser proclítico.

2. Deve ser enclítico.

3. Pode ser proclítico.

4. Pode ser enclítico.

Ⓐ A-1 – B-2 – C-2.
Ⓑ A-4 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-4 – B-3 – C-2.
Ⓓ A-1 – B-4 – C-1.
Ⓔ A-1 – B-1 – C-4.

62. UFV-MG – "Às vezes, também a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso [...]."

O pronome <u>se</u> está em próclise porque:

Ⓐ há preferência pela próclise no português do Brasil;
Ⓑ a oração é introduzida por conjunção;
Ⓒ a oração é introduzida por um conectivo subordinativo;
Ⓓ o verbo no pretérito perfeito não admite ênclise;
Ⓔ a oração é optativa.

63. ESPCEX – Há <u>erro</u> de colocação pronominal no(s) período(s):

Ⓐ Agora, conte-me tudo.
Ⓑ Sua cara não vai-se alegrar.
Ⓒ Estava na venda quando o encontraram.
Ⓓ Vivia me incomodando.

64. ESPCEX – Das passagens apresentadas abaixo, constitui um exemplo de correto emprego de norma gramatical de colocação de pronomes átonos o trecho transcrito em:

Ⓐ "Quando partia, o acompanhavam algumas quadras, curveteando a seu lado [...]."
Ⓑ "Estâncias havia em que anunciava-se a chegada de Manuel pelo relincho estridente [...]."

Ⓒ "[...] camaradas saudosos, que vinham apresentar-lhe o focinho, rifando com ciúmes uns dos outros."
Ⓓ "Se acontecesse passarmos à vista da casa de algum amigo, lhe dirigimos um olhar [...]"

65. EFOMM – Assinale o exemplo onde há erro indiscutível na colocação do pronome pessoal átono:

Ⓐ Eles vêm nos ver amanhã.
Ⓑ O acontecimento poderá se reduzir a simples brincadeira.
Ⓒ Vamo-nos encontrar logo mais.
Ⓓ Atribuiriam-se os fatos aos verdadeiros culpados.
Ⓔ O que se não deve dizer.

66. AFA – Observando a posição dos pronomes átonos nas sentenças abaixo:

A. "[...] erguendo os olhos do trabalho em que se aplicava [...]"

B. "[...] mas um homem observava-o à distância, [...]"

C. "[...] sabia que isto era fingido, que Xenofonte detestava-o tanto [...]"

Você dirá, em referência a cada uma delas, que:

1. Pode ser proclítico.

2. Pode ser enclítico.

3. Deve ser proclítico.

4. Deve ser enclítico.

Ⓐ A-3 – B-4 – C-3.
Ⓑ A-2 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-2 – B-3 – C-1.
Ⓓ A-3 – B-1 – C-1.

67. ITA – Assinalar a alternativa correta:

Ⓐ Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓑ Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras.
Ⓒ Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras.
Ⓓ Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓔ Nenhuma das anteriores.

68. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não pode haver próclise:

Ⓐ Não entristeças (te).
Ⓑ Deus favoreça (o).
Ⓒ Espero que faças justiça (me).
Ⓓ Meus amigos, apresentem em posição de sentido (se).
Ⓔ Ninguém faça de rogado (se).

69. EN – Corretamente, o pronome átono aparece colocado em:

Ⓐ Me empresta o teu livro de Matemática?
Ⓑ Ainda que peçam-me, irei à festa.
Ⓒ Desejo me ouças até o fim.
Ⓓ De nada valeu-lhe todo o dinheiro que tinha.
Ⓔ Tudo aborrece-me e nada me agrada.

70. ESPCEX – Na frente de cada frase, existe um número.

Some os números correspondentes às frases em que seria possível dar outra colocação – gramaticalmente correta – ao pronome oblíquo. A resposta da questão será a soma encontrada.

1. Todos se mudariam para lá.
2. Bem, vou-me despedir.
3. Mas não souberam informar-me o que havia sucedido.
4. Fui o primeiro a comunicar-lhe a notícia de sua promoção.
5. Deus nos livre das más línguas.
6. Daqui a algumas horas me hás de entender.

Ⓐ 9.
Ⓑ 13.
Ⓒ 15.
Ⓓ 16.

71. EN – De acordo com a gramática tradicional, só uma frase está correta quanto à colocação do pronome átono. Assinale-a:

Ⓐ Tenho mandado-lhe notícias.
Ⓑ O homem ia-se erguendo.
Ⓒ Me dá o braço.
Ⓓ A juventude vai se preparando para cumprir seu papel na sociedade.
Ⓔ Enquanto não encontrá-lo, não sairei daqui.

72. EN – De forma incorreta, colocou-se o pronome átono em:

Ⓐ Quando acabam-se as férias?
Ⓑ Ficamos todo o tempo a esperá-la.
Ⓒ Não se conquista nada sem muita luta e força de vontade.
Ⓓ Já se pôs o sol por trás daquela enorme montanha.
Ⓔ Deus te proteja, meu filho!

73. EPCAR – Assinale a opção correta quanto ao uso e à colocação do pronome.

Ⓐ "Imagino-te já idosa,
Frondosa toda folhagem,
[...]
Com que faço essa viagem
Pelo reino do teu nome, oh! Flora!" (Gilberto Gil)

Ⓑ "Se lembra da fogueira
Se lembra dos balões
Se lembra dos luares dos sertões
A roupa no varal
[...] (Chico Buarque)

Ⓒ Nunca houve acordo entre eu e ele.

Ⓓ Me dará um cigarro, não é?

74. EPCAR – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal é <u>inadequada</u>:

Ⓐ Entregarei-lhe os resultados no tempo previsto.

Ⓑ Bem se vê que não te preocupas com essas coisas.

Ⓒ Sua atitude é serena, poder-se-ia dizer religiosa, quase ritual.

Ⓓ Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa.

75. COSEAC-UFF – Na frase exclamativa "Que bom, Tia Nastácia, que você existe até hoje e sempre dentro de mim!", o pronome "mim", regido pela preposição "de", está corretamente empregado.

Das frases abaixo, aquela em que, de acordo com a norma culta da língua, há <u>erro</u> no emprego do pronome de 1ª pessoa é:

Ⓐ Entre ela contar histórias e eu ouvir, há enorme distância.

Ⓑ Para mim, ouvir Tia Nastácia contar histórias era muito agradável.

Ⓒ Entre Tia Nastácia e eu sempre houve ótimo relacionamento.

Ⓓ Ela contava as histórias para eu ouvir.

Ⓔ Entre mim e as demais crianças do sítio formou-se profunda amizade.

76. COSEAC-UFF – A troca de posição do pronome é, de acordo com a nossa tradição gramatical, <u>inaceitável</u> na alternativa:

Ⓐ "Acontece que a jovem escolhida para servir de fio condutor do programa personificava a negação viva e radiante de toda a carga de sombra e amargura que o registro clínico de seu cotidiano nos faria esperar dela." / faria-nos.

Ⓑ "Embora tivesse razões de sobra para queixar-se do destino e viver na mais espessa melancolia, ela esbanjava *joie de vivre* por todos os poros." / se queixar.

Ⓒ "Apesar de viver e ganhar a vida em condições precárias, a grande maioria dos brasileiros considera-se feliz e amplamente satisfeita com a vida que leva." / se considera.

Ⓓ "Ao ser indagado sobre a sua felicidade, o entrevistado se defende perante si mesmo da ameaça de dor que uma resposta derrotista traria." / defende-se.

Ⓔ "Ao ser escolhida, entre tantas outras, para 'estrelar' um programa de TV a ser exibido no exterior, a jovem carioca sente-se a eleita dos deuses." / se sente.

77. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que <u>não</u> se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:

Ⓐ "...traz uma reportagem..." = trá-la.
Ⓑ "...doar 85% de sua fortuna..." = doá-los.
Ⓒ "...indicam um caminho..." = indicam-lo.
Ⓓ "...estimula a filantropia..." = estimula-a.
Ⓔ "...fazer filantropia..." – fazê-la.

78. FURB – Assinale as frases em que os pronomes <u>eu</u>, <u>mim</u>, <u>te</u>, <u>ti</u> foram corretamente empregados:

1. Sem eu falar com todos os convidados é impossível garantir a troca do horário da cerimônia.

2. Fica combinado então: esta conversa ficará entre mim e ti.

3. O dinheiro foi suficiente para ti comprar as passagens?

4. A negociação não se fará sem eu e tu.

5. Deu longo prazo para eu poder terminar meu trabalho e entregá-lo sem me prejudicar.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1, 2 e 5;
Ⓑ 1, 2 e 3;
Ⓒ 2, 3 e 4.
Ⓓ 3, 4 e 5;
Ⓔ 2, 4 e 5.

79. FURB – No texto que segue, há espaços que devem ser preenchidos com o pronome oblíquo átono que se encontra nos parênteses. Escolha a posição adequada para cada caso:

"No dia seguinte, como eu estivesse a _____ preparar _____ (me) para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. [...] A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, _____ pousou _____ (me) na testa. _____ sacudi _____ (a), ela foi pousar na vidraça; e, porque eu _____ sacudisse _____ (a) de novo, saiu dali e veio pousar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra [...], tinha um certo ar de escarninho que _____ aborreceu _____ (me) muito."

(MACHADO DE ASSIS, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

A alternativa que contém a forma correta quanto à colocação pronominal é:

Ⓐ me preparar – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓑ preparar-me – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓒ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – a sacudisse – me aborreceu;
Ⓓ me preparar – pousou-me – A sacudi – sacudisse-a – aborreceu-me;
Ⓔ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – sacudisse-a – me aborreceu.

80. COSEAC-UFF – O pronome átono proposto para substituir o termo em destaque é inaceitável, segundo nossas gramáticas, em:

Ⓐ "Zeus aproveitou que sua esposa, Hera, dormia e colocou Apolo para mamar em seu seio." / mamar-lhe no seio.

Ⓑ "Enquanto ele mamava, a deusa acordou e, com raiva, lançou a criança no espaço." / lançou-a no espaço.

Ⓒ "A cultura ecológica tem um desafio imenso nesse sentido: diluir o pavor fóbico que temos pela nossa semelhança quase que completa com todos os animais." / diluir-lhe.

Ⓓ "A própria ciência já admite que outras espécies também criam culturas próprias." / já o admite.

Ⓔ "Recuperaríamos, quem sabe, aquela virtude que Aristóteles tão bem chamava de mediania." / Recuperá-la-íamos.

81. FUNRIO – No período "Arrisco-me a dizer que [...] o executivo necessita de uma relação íntima com a palavra para não acabar dando com os burros n'água", percebe-se que o pronome oblíquo átono está na posição enclítica, respeitando a norma culta quanto aos critérios para a colocação pronominal. Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> na colocação dos pronomes oblíquos átonos nas orações:

Ⓐ Quando me vi, já estava lá.

Ⓑ Quem me dirá o que é certo?

Ⓒ Eu quero-lhe falar.

Ⓓ Bons ventos o tragam!

Ⓔ Sempre recebiam-me de bom humor.

82. VUNESP – Na frase "E cada um se vira...", o autor usou livremente a próclise. Assinale a alternativa em que a colocação está gramaticalmente incorreta:

Ⓐ Esses são sonhos que já foram-se.

Ⓑ Aqui se fala pouco.

Ⓒ Em se tratando de saúde, tudo é urgente.

Ⓓ Ter-lhe-iam concedido aumento?

Ⓔ Devo calar-me ou falar?

83. VUNESP – Assinale a frase correta quanto à colocação pronominal:

Ⓐ O termo que refere-se a um estilo de vida.

Ⓑ Isso refere-se a um estilo de vida.

Ⓒ O termo não refere-se a um estilo de vida.

Ⓓ O termo refere-se a um estilo de vida.

Ⓔ Quando refere-se a um estilo de vida.

84. VUNESP – Na frase – O dinheiro tem controlado as pessoas, e o ser humano não consegue entender as leis desse poderoso instrumento.

Assinale a alternativa em que os pronomes substituem corretamente as expressões em destaque e obedecem às regras de colocação pronominal:

- **A** as tem controlado – lhes entender;
- **B** lhes tem controlado – as entender;
- **C** as tem controlado – entendê-las;
- **D** tem controlado-as – entendê-las;
- **E** lhes tem controlado – entender-lhes.

85. VUNESP – Quanto à colocação pronominal, está correta, conforme a norma culta, a alternativa:

- **A** Se descobriu que o uso excessivo de pauzinhos pode causar artrose.
- **B** No início, os chineses tinham preocupado-se por causa da artrose.
- **C** Ninguém lembrou-se que o fator hereditário também deve ser levado em conta.
- **D** Em tratando-se de artrose, é necessário fortalecer a musculatura das mãos.
- **E** Todos se preveniram a fim de evitar a doença.

86. ESPCEX – Leia as frases abaixo e responda a questão que segue:

I. O gado ia-se finar, até os espinhos secariam.

II. Compadre, eu não lhe quero dizer coisa alguma.

III. As visões do sono tinham dissipado-se.

IV. Nunca convidei-o para sair.

Segundo a norma culta, estão corretas as frases:

- **A** I e II;
- **B** III e IV;
- **C** II e IV;
- **D** II e III;
- **E** I e III.

87. FEC – Na passagem: "Acreditava-se até músico,...", o pronome átono está corretamente colocado e a alternativa em que tal pronome está igualmente bem empregado é:

- **A** Nem me comunicaram os acontecimentos de ontem.
- **B** Tinha emprestado-me o material.
- **C** Quero que comportem-se!
- **D** Jamais emprestar-nos-iam o equipamento.
- **E** Quando encontrou-me, saímos.

88. FEC – Na passagem: "O serão se prolonga.", o pronome átono está corretamente empregado, o mesmo <u>não</u> se podendo afirmar de um dos itens abaixo; marque-o:

Ⓐ Haviam emprestado-lhe os livros.
Ⓑ Ia enviar-lhe as cópias.
Ⓒ Estava enviando-nos o equipamento.
Ⓓ Em se comentando o episódio, tudo se solucionou.
Ⓔ Vou pô-lo a par do assunto.

89. VUNESP – No quadrinho abaixo, observa-se o emprego correto do pronome, quanto à sua colocação na frase. Assinale a alternativa que nomeia essa espécie de colocação e por que ela é obrigatória, nesse contexto.

Ⓐ Próclise, pelo uso de palavra negativa.
Ⓑ Mesóclise, pela utilização de imperativo.
Ⓒ Próclise, pela utilização de gerúndio.
Ⓓ Ênclise, pelo uso de expressão negativa.
Ⓔ Mesóclise, pela presença de perífrase.

90. FEC – No trecho: "...através da sujeira a envolvê-la,..." o pronome átono foi devidamente colocado, porém, a alternativa a seguir em que tal correção <u>não</u> ocorre é:

Ⓐ Não me revelou o segredo.
Ⓑ Quero que me emprestem os livros.
Ⓒ Deus nos proteja!
Ⓓ Tinha vendido-me o carro.
Ⓔ Vou ajudá-lo a sair daí.

91. CETRO – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Observei o aluno que dirigia-se ao pátio.
Ⓑ Quanto me pagará pela tradução do livro?
Ⓒ Ouvindo-o cantarolar reconheci sua voz imediatamente.
Ⓓ Encontrar-me-iam, caso minha presença à reunião fosse imprescindível.
Ⓔ Convém contar-lhe toda a verdade.

92. CETRO – Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto em:

A Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
B Ninguém tratou-me mal durante o evento.
C Se eu pudesse dizer-lhe a verdade, tudo se resolveria.
D No portão de entrada da cidade lia-se, em letras garrafais, numa placa de bronze: "Estranhos, afastem-se!".
E Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

93. FUNRIO – No Brasil, a colocação dos pronomes átonos nas frases recebe um tratamento peculiar ao idioma. A colocação pronominal que atende às exigências da norma padrão do Português brasileiro escrito está reproduzida na alternativa:

A Os prisioneiros que libertaram-se do jugo dos terroristas, até hoje, estão traumatizados.
B Os avanços dos eletrônicos tiveram de se adequar à aquisição dos brasileiros.
C Ele reconhecia ter tratado-se de problemática já conhecida no passado, quando era jovem.
D Os fabricantes de armas não importaram-se com a dificuldade dos países em litígio.
E Quando fala-se a verdade, na maioria das vezes não se merece castigo muito severo.

94. EPCAR – Todas as alternativas abaixo apresentam corretamente uma segunda opção de colocação dos pronomes átonos destacados, exceto:

A "Aquilo que lhe fez lembrar o vômito, também numa folha de jornal [...]."
Aquilo que fez lembrar-lhe o vômito, também numa folha de jornal [...].
B "Vou lhe dizer com toda a franqueza [...]."
Vou dizer-lhe com toda a franqueza [...].
C "Mas já não se falava mais em assalto [...]."
Mas já não falava-se mais em assalto [...].
D "O filho se esquivou com delicadeza, voltando-se para o delegado [...]."
O filho esquivou-se com delicadeza, voltando-se para o delegado [...].

95. COSEAC-UFF – A colocação do pronome átono que se propõe fere as normas de colocação descritas pelas gramáticas da língua em:

A "Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se." / se curar.
B "A sociedade, assim, se responsabiliza por tais tratamentos de saúde." / responsabiliza-se.
C "Esse modelo possivelmente se ampliará para a saúde." / ampliará-se.

D "É difícil separar o que é vaidade, o que é felicidade, e talvez se esmerar em distingui-los indique apenas uma atitude moralista no pior sentido do termo." / esmerar-se.

E "Naquele caso, o custo depende de onde se parte; neste, de aonde se quer chegar." / quer-se.

96. ESAG – Levando em conta o uso culto formal da linguagem, aponte a alternativa <u>incorreta</u>, quanto à colocação dos pronomes átonos:

A Muito me encantam as tartarugas marinhas.

B Embora tenhamos presenciado muitas tragédias, não nos preparamos para algo tão assustador como a do último tsunami.

C Dir-lhe-ei amanhã para onde pretendo viajar.

D Irei lhe mostrar agora fotografias de Andaman e Nicobar, antes do tsunami.

97. ESAG – Assinale a única alternativa em que há <u>erro</u> de colocação pronominal:

A Nunca a tínhamos visto.

B Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.

C Quando ele limpa a casa, ele o faz com extremo cuidado.

D Até lá, muitos já se terão arrependido.

98. CESGRANRIO – Assinale a opção em que, de acordo com a norma culta, o pronome oblíquo está adequadamente empregado:

A Hoje os vidros dos carros não limpam-se sozinhos.

B Os ativistas tinham lembrado-se com pesar de alguns desastres ecológicos.

C Os cientistas deveriam-se ocupar em desenvolver produtos práticos e baratos.

D Em breve as pessoas esquecer-se-ão da época em que os computadores não existiam.

E Se passarão muitos anos até que a nova tecnologia entre em todos os lares brasileiros.

99. UPENET – Observe os termos sublinhados dos itens abaixo:

I. "Ainda não <u>se</u> firmaram outros que já nos possam servir de referência, tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão."

II. "Não temos certeza das oportunidades que <u>nos</u> são oferecidas em cada esquina."

III. "Corre risco de ficar aprisionada nas máquinas e organizações quanto às vezes <u>se</u> sentem os homens que as construíram."

IV. "Nas últimas décadas, quebraram-<u>se</u> padrões estabelecidos durante longo tempo."

Sobre colocação pronominal, assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ no item I, a próclise se justifica pela presença do advérbio de negação;
Ⓑ no item IV, o pronome sublinhado poderia se posicionar antes ou depois do verbo, sem infringir as normas gramaticais;
Ⓒ no item II, o pronome "que" atrai o termo sublinhado;
Ⓓ no item III, o pronome enclítico ao verbo se constituiria um erro gramatical;
Ⓔ no item III, a locução adverbial exige a próclise.

100. FEC – Na frase "O pessoal os treinou a buscar comida", o pronome pessoal oblíquo átono está proclítico ao verbo, mas também poderia estar enclítico: "O pessoal treinou-os a buscar comida". O mesmo pronome também pode assumir as duas posições na frase:

Ⓐ O zoológico cuidará bem dos animais: o treinador ____ alimentará ____ todos os dias de manhã.
Ⓑ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador sempre ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓒ Se o zoológico cuidasse bem dos animais, o treinador ____ alimentaria ____ todos os dias de manhã.
Ⓓ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓔ O zoológico cuida mal dos animais: o treinador não ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.

GABARITO

1. A	16. A	31. A	46. C	61. D	76. A	91. A
2. A	17. A	32. E	47. D	62. C	77. C	92. B
3. A	18. B	33. C	48. D	63. B	78. A	93. B
4. A	19. C	34. E	49. D	64. C	79. C	94. C
5. D	20. D	35. B	50. A	65. D	80. C	95. C
6. C	21. A	36. B	51. B	66. D	81. E	96. D
7. D	22. A	37. D	52. C	67. D	82. A	97. B
8. E	22. B	38. A	53. C	68. D	83. D	98. D
9. B	24. E	39. C	54. B	69. C	84. C	99. B
10. C	25. A	40. D	55. D	70. C	85. E	100. D
11. C	26. A	41. A	56. C	71. B	86. A	
12. B	27. A	42. D	57. A	72. A	87. A	
13. C	28. A	43. B	58. A	73. A	88. A	
14. D	29. D	44. E	59. B	74. A	89. E	
15. B	30. B	45. C	60. B	75. C	90. D	

Exercícios de Análise Sintática

1. **FUNRIO – "Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade."**

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A frase, "Uma flor, o Quincas Borba", não pode ser considerada uma oração (pois não possui verbo); no entanto, ainda assim, permite que se realize uma análise sintática desse segmento. Assim, pode-se afirmar que o trecho em questão é composto de:

- **A** dois vocativos, que aludem aos personagens com os quais o narrador dialoga;
- **B** dois termos adjuntos, dois quais apenas um deles desempenha função adnominal;
- **C** um termo substantivo e de seu aposto de natureza explicativa;
- **D** um adjunto adverbial de pessoa, com o qual se caracteriza o início da narrativa;
- **E** palavras e expressões isoladas que, no presente contexto, funcionam como predicado nominal.

2. **FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)**

Há, no texto, três ocorrências do vocábulo <u>se</u>: "<u>se</u> vai ao longe", "<u>se</u> chega lá" e "não <u>se</u> encontra mais ninguém". Assinale a afirmativa correta sobre as três ocorrências desse vocábulo:

- **A** nas primeira e terceira ocorrências, os vocábulos desempenham a mesma função sintática;
- **B** em uma só das ocorrências o vocábulo sublinhado é classificado como pronome reflexivo;
- **C** só na terceira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> pode ser identificado como pronome apassivador;
- **D** nas três ocorrências o vocábulo <u>se</u> apresenta o mesmo valor semântico;
- **E** só na primeira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> é classificado como índice de indeterminação do sujeito.

3. FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)

Indique a circunstância apontada corretamente:

Ⓐ devagar – circunstância de modo;
Ⓑ lá – circunstância de finalidade;
Ⓒ mais – circunstância de intensidade;
Ⓓ longe – circunstância de tempo;
Ⓔ quando – circunstância de lugar.

4. EMPASIAL – Analise sintaticamente a oração em destaque:

"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

Ⓐ Oração subordinada substantiva completiva nominal.
Ⓑ Oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ Oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
Ⓓ Oração coordenada sindética conclusiva.
Ⓔ Oração coordenada sindética explicativa.

5. NCE-UFRJ – Indique o item em que a classificação sintática do elemento destacado está incorreta:

Ⓐ "Segundo ele, as Forças Armadas existem como instituições para enfrentar duas situações específicas: a agressão externa ou a desordem interna." – aposto.
Ⓑ "E acrescenta: para combater uma agressão externa, as verbas, os equipamentos e o pessoal das Forças Armadas são insuficientes. Para combater a desordem, são demais." – predicativo.
Ⓒ "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso." – adjunto adnominal.
Ⓓ "Devem as Forças Armadas intervir no processo com seu instrumental capaz de intimidar o crime?" – sujeito.
Ⓔ "...nenhuma autoridade local sentiu-se ultrajada pela presença das Forças Armadas ... " – predicativo.

6. NCE-UFRJ – "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso. As tentativas de comprometê-las na luta contra o tráfico,..."

"Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião,..."

Quais as funções sintáticas respectivamente desempenhadas pelos termos destacados nas frases dadas?

Ⓐ Objeto direto – Objeto indireto.
Ⓑ Objeto indireto – Adjunto adnominal.

Ⓒ Objeto indireto – Objeto indireto.
Ⓓ Objeto direto – Objeto direto.
Ⓔ Objeto indireto – Complemento nominal.

7. NCE-UFRJ – "Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência."

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

Ⓐ "...o povo do Rio de Janeiro..." – sujeito.
Ⓑ "...o seu inconformismo..." – objeto direto.
Ⓒ "...do Rio de Janeiro..." – adjunto adverbial de lugar.
Ⓓ "Em silêncio..." – adjunto adverbial de modo.
Ⓔ "...seu..." – adjunto adnominal.

8. NCE-UFRJ – Leia as sentenças a seguir:

1. "...o significado <u>das palavras</u> é depreciado,..."

2. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse <u>de propósito</u>, a sabotagem do idioma..."

3. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem <u>do idioma</u> – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

4. "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o <u>de outras</u>."

5. "Diversas morrem <u>de exaustão</u>."

Que números a seguir indicam termos sintáticos de mesma função, considerando-se as frases acima?

Ⓐ 2 – 5.
Ⓑ 1 – 3.
Ⓒ 3 – 4.
Ⓓ 1 – 4.
Ⓔ 2 – 3.

9. FJG – Leia o fragmento a seguir:

"Invejo o ourives quando escrevo,
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor."

(Olavo Bilac)

Assinale a alternativa que dá a função sintática e a significação correta do sintagma <u>com que</u> do verso 3.

Ⓐ Objeto indireto – Paciente da ação.
Ⓑ Adjunto adverbial – Instrumento.
Ⓒ Adjunto adverbial – Modo.
Ⓓ Objeto indireto – Beneficiário da ação.
Ⓔ Adjunto adverbial – Companhia.

10. FESP-RJ – Das seguintes transformações de passagens do texto, aquela em que o pronome relativo que passa de objeto direto a sujeito é:

Ⓐ "E eu vou ao encontro do que me espera."
E eu vou ao encontro do que sempre esperei.
Ⓑ "Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida."
Não posso perder um minuto do tempo com que é feita minha vida.
Ⓒ "Amar os outros é a única salvação individual que conheço."
Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.
Ⓓ "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever."
Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.
Ⓔ "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar."
Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

A expressão que possui o mesmo valor sintático de "...a vida dos turistas...", que foi usada no primeiro parágrafo, é:

Ⓐ "O período de seca também é bom para mergulho."
Ⓑ "Na alta temporada, os pacotes podem custar o dobro."
Ⓒ "Além de caminhadas e cavalgadas, é possível passear de lancha, fazer a focagem noturna de animais e conhecer a rotina das fazendas locais."
Ⓓ "O Pantanal Norte, aonde se chega via Cuiabá, é o melhor acesso para conhecer o parque nacional e atravessar a rodovia Transpantaneira, rica em animais silvestres."
Ⓔ "No Pantanal Sul, com acesso via Campo Grande, ficam fazendas que têm boa estrutura de passeios e hospedagem."

12. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

O que utilizado acima apresenta valor sintático de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto direto;
Ⓒ objeto indireto;
Ⓓ agente da passiva;
Ⓔ aposto.

13. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

O pronome relativo do período exerce a função sintática de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto indireto;
Ⓒ objeto direto;
Ⓓ predicativo.

14. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

No período dado, só <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ reduzida.

15. FCC – A estrutura sintática da frase "Senti Fidel aliviado" é idêntica à da frase:

Ⓐ Saí da festa desanimado.
Ⓑ Julgo esse menino inteligente.
Ⓒ Dei-lhe o presente contrariado.
Ⓓ Percebi seu equívoco rapidamente.
Ⓔ Acho que você é astuto.

16. ACEP – Em "A dedicação ao trabalho <u>te</u> enche de glória e <u>te</u> faz <u>vencedor</u>.", as palavras sublinhadas são respectivamente:

Ⓐ objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
Ⓑ objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
Ⓒ adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
Ⓓ objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
Ⓔ predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

17. FUNRIO – "Logo após a realização da Semana, alguns artistas fundamentais que dela participaram acabaram voltando para a Europa ou indo para lá pela primeira vez, como Di Cavalcanti. Isso dificultou a continuidade do processo que se iniciara."

Quanto aos dois períodos construídos pelo redator do parágrafo acima, é correto afirmar que:

Ⓐ o segundo período tem a metade das orações do primeiro;
Ⓑ o primeiro tem três orações e o segundo tem duas orações;
Ⓒ apenas o primeiro contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓓ apenas o segundo contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓔ ambos são compostos por orações intercaladas justapostas.

18. FESP-RJ – Em "A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito..."

Ocorre incorreção de análise na alternativa:

Ⓐ que: núcleo de adjunto adverbial;
Ⓑ moro: núcleo de predicado;
Ⓒ própria: predicativo do sujeito;
Ⓓ la: sujeito;
Ⓔ de propósito: adjunto adverbial.

19. FJG – No trecho "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir se o direito, nas leis e decisões jurídicas, usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem.", a oração sublinhada classifica-se, em relação à do verbo discutir e à do verbo realizar, respectivamente, como:

Ⓐ principal e subordinada substantiva predicativa;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta e coordenada;
Ⓒ coordenada e principal;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa e coordenada;
Ⓔ subordinada substantiva objetiva direta e principal.

20. FJG – Em: "...as pessoas estranhas às profissões jurídicas consideram, em regra, a linguagem dos trabalhadores dessa área difícil de entender", o predicado da oração do verbo "considerar" classifica-se da mesma forma que o da oração:

Ⓐ "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir..."
Ⓑ "Ela também depende do que os advogados chamam de 'deduções' e daquilo que os espíritos menos restritivos chamam de imaginação."
Ⓒ "Se o direito [...] usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem."
Ⓓ "...quando se perdem de vista as finalidades essenciais da aplicação da lei, com sacrifício da consciência social na busca do equilíbrio nas relações humanas."
Ⓔ "...hoje a linguagem nem é mais a interface entre o conhecimento e o conhecido..."

21. IPAD – Observe:

I. "Nunca chegará a tempo, por mais depressa que ande."

II. "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me."

III. "Quando meus amigos chegarem, começaremos a festa."

IV. "Embora chova, vou à praia."

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações subordinadas.

Ⓐ No item I – oração subordinada adverbial condicional.
Ⓑ No item II – oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ No item III – oração subordinada adverbial temporal.
Ⓓ No item IV – oração subordinada adverbial concessiva.
Ⓔ Nos itens I e IV – orações subordinadas adverbiais concessivas.

22. IPAD – No verso: "Faz frio. Há bruma. Agosto vai meio."

Ⓐ Todas as orações têm sujeitos indeterminados.
Ⓑ Todas as orações têm sujeitos ocultos.
Ⓒ São todas orações sem sujeito.
Ⓓ Só há sujeito na terceira oração.
Ⓔ Não há sujeito na terceira oração.

23. NCE-UFRJ – "Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade..."

Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima?

Ⓐ campos – palavras
Ⓑ palavras – que
Ⓒ palavras – palavras
Ⓓ indeterminado – recado
Ⓔ indeterminado – palavras

24. FJG – "Nunca é demais <u>recordar a origem de determinadas palavras</u>." A oração em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "O sujeito elegante era o <u>que</u> sabia fazer escolhas acertadas..."
Ⓑ "A etimologia <u>nos</u> ajuda a entender..."
Ⓒ "E então se tornam <u>fonte</u> de mal-entendidos..."
Ⓓ "...averiguando <u>os</u> múltiplos sentidos..."
Ⓔ "Devemos acompanhá-<u>las</u>..."

25. FEPESE – No período "Penso, <u>logo existo</u>" a oração em destaque é:

Ⓐ coordenada sindética aditiva;
Ⓑ coordenada sindética conclusiva;
Ⓒ coordenada sindética alternativa;
Ⓓ coordenada sindética explicativa.

26. FUMARC – No período: "Convém agora acrescentar muitas análises sobre a introdução de uma nova moeda", encontra-se oração:

Ⓐ coordenada;
Ⓑ subordinada adverbial;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva.

27. PUC-MG – "Ficava no quartinho dos fundos e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa que às vezes até se esqueciam da existência dele."

Os termos "sempre", "tanto" e "da existência dele", sublinhados no enunciado, estão corretamente classificados quanto a sua função sintática, respectivamente, em:

Ⓐ objeto direto – adjunto adnominal – objeto indireto;
Ⓑ objeto direto – adjunto adverbial – objeto direto;
Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adverbial – objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial – adjunto adnominal – objeto indireto.

28. ACADEPOL-MG – Assinale a alternativa em que o sujeito seja indeterminado:

Ⓐ Caíram na escada o pai e a filha.
Ⓑ Alguém havia aberto a porta.
Ⓒ Não encontraram o corpo do rapaz afogado.
Ⓓ Esperanças haverá sempre.
Ⓔ Choveu muito ontem à noite.

29. FJG – Leia o texto abaixo:

"Nas folhas incertas do livro da Terra, de bilhões de anos, a leitura se faz quase por acaso: tipos de terrenos, disposição de camadas de solos, graus de umidade, pedaços de paus calcinados por milhões de anos, restos animais – dentes, osso, muitas vezes petrificados. É a difícil leitura dos passos da vida num singular planeta preso a uma estrela de quinta categoria, perdida na periferia de uma entre milhares de galáxias de um universo infinito, inexplicável."

No texto há:

Ⓐ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos àquele, apostos enumerativos;
Ⓑ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos a este, apostos resumitivos;
Ⓒ verbos na voz ativa, com recursos enumerativos;
Ⓓ verbos na voz passiva, com recursos enumerativos;
Ⓔ verbos na voz passiva, com sujeito explicitado sob a forma de substantivo.

30. NCE-UFRJ – "Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande."

O período tem como oração principal:

Ⓐ uma vez que a administração compreenda;
Ⓑ e aceite essa economia mundial;
Ⓒ a sua maneira necessariamente se expande;
Ⓓ de encarar a praça do mercado;
Ⓔ e de planejá-la.

31. FUNRIO – O exemplo em que aparece uma oração sem sujeito, é:

Ⓐ "... há uma linha divisória entre o trabalho formal e informal..."
Ⓑ "No entanto, creditam à prática apenas um 'jeito de ganhar a vida' sem cometer crimes."
Ⓒ "Todos gostariam de trabalhar tendo um patrão..."
Ⓓ "Isso é quase um sonho para muitos."
Ⓔ "São pouquíssimos os que ganham mais de R$300 por mês."

32. FJG – Em: "O jornal é o gráfico dessa vida nervosa complementar, estampando diariamente as oscilações de nossas tristezas universais, nossas pálidas esperanças ecumênicas, nosso medo: somando as parcelas do mundo em nossa mente, divide a nossa mal distraída atenção por todos os continentes.", o núcleo do sujeito da forma verbal assinalada é:

Ⓐ medo;
Ⓑ gráfico;
Ⓒ jornal;
Ⓓ mundo;
Ⓔ vida.

33. NCE-UFRJ – O item cujo termo sublinhado possui valor de paciente e não de agente é:

Ⓐ hábito de consumo;
Ⓑ poder de mídia;
Ⓒ meios de comunicação;
Ⓓ efeito das drogas;
Ⓔ consumo de cocaína.

34. NCE-UFRJ – Termo sublinhado que exerce função sintática diferente dos demais é:

Ⓐ "A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."
Ⓑ "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio,..."
Ⓒ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓓ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓔ "Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional."

35. NCE-UFRJ – "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem do idioma – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

"É como se fosse uma cabala contra a comunicação: o significado das palavras é depreciado, desprezado, trocado, ignorado."

Assinale a afirmativa correta em relação aos termos sintáticos antecedidos pela preposição de nas frases acima:

A Os dois termos exercem a função de adjunto adnominal.
B Os dois termos exercem a função de complemento nominal.
C Os dois termos exercem a função de objeto indireto.
D Só o primeiro termo é complemento nominal.
E Só o segundo termo é objeto indireto.

36. FESP – RJ

"Cariocas são bonitos."

"Cariocas não gostam de dias nublados."

(Adriana Calcanhoto)

Os predicados em destaque classificam-se, respectivamente, em:

A verbal – nominal;
B nominal – verbal;
C verbal – verbo-nominal;
D nominal – verbo-nominal;
E verbo-nominal – nominal.

37. FESP-RJ – Em que frase abaixo a preposição de introduz um complemento nominal e não um adjunto adnominal?

A "É claro que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas, tanto quanto é imperativo minorar, como remédio apropriado, a sofrida tosse do silicótico."
B "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio,..."
C "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro, a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio, e era propriedade de uma companhia inglesa."
D " ... uma vez que, destruindo sua função alertadora e denunciadora, provoca uma cegueira perigosa, que aprofunda a raiz do mal."
E "A fábrica andou de vento em popa, produzindo tonéis e tonéis de xarope, vendido a preço módico, mas não tão modesto que impedisse uma pequena margem de lucro por unidade adquirida. Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável. O abrandamento da grande trovoada brônquica foi transformado em fonte de renda – e de sossego – , permitindo...".

38. EMPASIAL – Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:

Ⓐ Voltaremos cedo para casa.
Ⓑ Ele é um moço de bom coração.
Ⓒ O sol da manhã iluminava a montanha.
Ⓓ Cuidado com esse prato de vidro.
Ⓔ Algumas pessoas andavam pelas ruas.

39. CESPE-UnB – Identifique o período em que ocorre oração subordinada substantiva objetiva direta:

Ⓐ "Central de promessas impossíveis, o horário eleitoral não tem permitido que se explique para que serve um vereador."
Ⓑ "Os vereadores são a base do sistema democrático, e, uma vez eleito, um candidato terá poder de interferir e atuar onde menos se imagina."
Ⓒ "Os vereadores gostam de perder tempo nomeando e renomeando ruas ou distribuindo medalhas e honrarias, mas cuidam de questões fundamentais para o bolso dos cidadãos."
Ⓓ "Assim, são os vereadores que lidam com as construtoras, ansiosas por conseguir uma autorização para erguer prédios em bairros onde só há casas."
Ⓔ "O resultado é que, mesmo com tanto a fazer, as câmaras muitas vezes são tratadas como um poder à sombra do Executivo."

40. NCE-UFRJ – O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:

Ⓐ "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
Ⓑ "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
Ⓒ "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos,..."
Ⓓ "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
Ⓔ "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

41. ANP – Leia o texto abaixo.

"Antes da chegada dos europeus, africanos e asiáticos, o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra. Desde que as frentes pioneiras de colonizadores adentraram o espaço geográfico brasileiro, não levaram em conta a posse, por direito, das terras das numerosas tribos indígenas. Isso se deve ao fato de os colonizadores nunca terem considerado os índios como humanos de pleno direito, mas um entrave a ser removido ou domesticado e disciplinado para o trabalho. Inclusive, o termo tribo, que designa as sociedades indígenas, traz uma certa carga preconceituosa, pois sugere uma pretensiosa

superioridade das nações europeias, e a não existência de civilização entre os ditos povos primitivos. [...] Quando o território do atual Estado de Santa Catarina começou a ser habitado por frentes pioneiras de colonizadores europeus, os moradores nativos utilizavam-se de armas rudimentares para caça, pesca e defesa. Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora e da imprensa. A bússola os trouxe; a pólvora permitiu a violenta conquista e a imprensa registrou os fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade. Munidos dessas armas, os conquistadores encontraram uma terra habitada por um povo atrasado, conforme o olhar que tinham à época (visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

(M. Carmo Ramos Krieger Goulart e Nilson Cesar Fraga. *Vale dos índios, vale dos imigrantes*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000, p. 25-26)

Observe os fragmentos de texto a seguir, para responder à questão:

I. “...o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra.”

II. “Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora, e da imprensa.”

III. “...fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade.”

IV. “...(visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

Aponte a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Em III, “...aqueles momentos da História...” completa o sentido de “traziam”, verbo transitivo direto; é, portanto, um objeto direto.

Ⓑ Em II, a expressão “...da bússola, da pólvora, da imprensa” refere-se a “conhecimento”; é, portanto, um complemento nominal.

Ⓒ Em I, “...pelos índio...” completa o sentido de encontrava, verbo transitivo indireto; é, portanto, um objeto indireto.

Ⓓ Passando a frase II para a voz passiva, o núcleo verbal fica “era trazido”.

42. FEC – No período “Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo.”, a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

Ⓐ tempo e finalidade;

Ⓑ tempo e consequência;

Ⓒ causa e tempo;

Ⓓ causa e consequência;

Ⓔ causa e finalidade.

43. FJPF – A frase em que o pronome lhe tem função distinta dos demais é:

Ⓐ "...colhe o que lhe sonegam..."
Ⓑ "...percebe onde lhe alvejam..."
Ⓒ "...devassa o que lhe ocultam..."
Ⓓ "...enxerga o que lhe malfazem..."
Ⓔ "...o que lhe passa ao perto e ao longe..."

44. CONATEC – Analise cada uma das orações grifadas e classifique-a, quanto à função que exerce no período.

1. Não se sabe se vai dar certo.

2. Perguntaram se estava tudo em ordem.

3. Sou favorável a que o despachem.

4. Não veio porque está adoentado.

5. É bom dormir quando chove.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ subjetiva, objetiva direta, completiva, causal, temporal;
Ⓑ completiva nominal, subjetiva, objetiva direta, causal, temporal;
Ⓒ temporal, completiva nominal, causal, objetiva direta, subjetiva;
Ⓓ causal, objetiva direta, subjetiva, temporal, completiva nominal.

45. NCE-UFRJ – "O *Viva Rio* pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira."

Que item a seguir indica corretamente a função sintática do termo destacado na frase acima?

Ⓐ "...dois minutos de silêncio" – objeto direto.
Ⓑ "...ao meio-dia" – objeto indireto.
Ⓒ "...da próxima sexta-feira" – adjunto adverbial de tempo.
Ⓓ "...pediu [...] sexta-feira" – predicado nominal.
Ⓔ "...de silêncio" – adjunto adverbial de modo.

46. EMPASIAL – Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:

Ⓐ João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
Ⓑ Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
Ⓒ Vendem-se livros. (sujeito)
Ⓓ Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
Ⓔ A ideia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

47. FUNRIO – "Se, em vez de atender prontamente à solicitação, o negociante começar a gaguejar, demonstrar impaciência, o cliente, que já não estava muito inclinado a ceder, termina por não assinar o contrato..."

A classificação da oração em destaque está correta na opção:

- **A** oração subordinada substantiva predicativa;
- **B** oração subordinada adjetiva restritiva;
- **C** oração subordinada substantiva objetiva direta;
- **D** oração subordinada adjetiva explicativa;
- **E** oração coordenada sindética explicativa.

48. FUNRIO Verifica-se um caso de oração sem sujeito em:

- **A** "Já o nascimento de uma menina, na maioria dos casos, não é comemorado."
- **B** "Ninguém se deu ao trabalho de olhar para mim..."
- **C** "Mas nada na aparência externa de Machrihwa, no norte de Shravasti, perto da fronteira com o Nepal, indica esse recorde triste."
- **D** "Estamos impressionados..."
- **E** "E além disso há o próprio custo do casamento..."

49. NCE-UFRJ – No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

- **A** o sujeito de descobrimos é diferente do sujeito de vivemos;
- **B** a expressão é que atua como expressão de realce;
- **C** na doença indica uma ideia circunstancial de lugar;
- **D** que não vivemos sozinhos é complemento do verbo ser;
- **E** não é advérbio de negação ligado a sozinhos.

50. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o vocábulo se desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "...onde quer que se esteja" é:

- **A** "Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
- **B** "Nosso apetite pela liberdade se aburguesou."
- **C** "...e tem o direito de mover-se livremente?"
- **D** "...o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo..."
- **E** "...onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

51. CETRO – O complemento nominal está corretamente destacado no item:

- **A** "...acompanho a caça aos leitores..."
- **B** "...manter um veículo em vida orgânica."
- **C** "...é a porta de entrada dos jovens para a mídia..."
- **D** "...envelhecem e se fadigam das mesmices de cada crise..."
- **E** "...a violência urbana deve ser combatida pelo mutirão de cidadãos..."

52. FJG – Na frase: "É consenso nacional a necessidade de levar a educação formal e não formal a todos os brasileiros." – o sujeito do verbo sublinhado está posposto. Em que caso a seguir também se encontra posposto o sujeito do verbo sublinhado?

Ⓐ "As salas de aulas estão cheias de crianças e jovens que passam boa parte do seu tempo em contacto com mundos diversos..."

Ⓑ "Não há receitas mágicas que respondam e indiquem a fórmula para resolver tais questões."

Ⓒ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados. Isto é, não deveriam ser tomados por aqueles que têm como ideal um processo educacional que..."

Ⓓ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados."

Ⓔ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

53. FJG – "As salas de aula estão cheias de crianças e jovens..."

Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

Ⓐ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

Ⓑ "Assim como o relógio e a máquina a vapor mudaram a vida das pessoas nos séculos XVII e XVIII,..."

Ⓒ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓓ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓔ "...também os modernos instrumentos da comunicação transformam, reorganizam e medeiam os modos de vida e as relações sociais."

54. FJG – Em "Se é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I), "de todos" e "da Nação" são termos que:

Ⓐ determinam o mesmo nome;

Ⓑ exercem funções sintáticas diferentes;

Ⓒ têm função de complementos nominais;

Ⓓ funcionam como advérbios;

Ⓔ funcionam como adjuntos adnominais.

55. FUMARC "Mesmo estando disposto, não foi capaz de organizar o evento para os prefeitos da região."

A oração destacada acima exprime circunstância de:

Ⓐ consequência;
Ⓑ conformidade;
Ⓒ condição;
Ⓓ concessão.

56. FJG – "Já se falava em namoradas."

Assinale o item que apresenta a classificação do sujeito da oração:

Ⓐ sujeito simples;
Ⓑ sujeito oracional;
Ⓒ sujeito indeterminado;
Ⓓ oração sem sujeito;
Ⓔ sujeito composto.

57. FUMARC – "Através de medida provisória, decidiu-se saber que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

No período acima não se encontra:

Ⓐ adjunto adverbial;
Ⓑ adjunto adnominal;
Ⓒ complemento nominal;
Ⓓ objeto indireto;
Ⓔ predicativo do sujeito.

58. NCE-UFRJ – "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras. Diversas morrem de exaustão."

Assinale o item cujo comentário sobre a frase destacada acima esteja correto.

Ⓐ O sujeito da oração é *"palavras"*.
Ⓑ O termo *"de exaustão"* funciona como adjunto adnominal.
Ⓒ O termo *"de exaustão"* funciona como predicativo do sujeito.
Ⓓ O verbo *"morrer"* está empregado como verbo transitivo.
Ⓔ A preposição "de" tem valor nocional de causa.

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: *'o morro'* e a *'rua'*."

Quais os sujeitos das duas orações do período acima?

Ⓐ Quem – dois espaços bem diferenciados.
Ⓑ Indeterminado – inexistente.

Ⓒ Inexistente – dois espaços.
Ⓓ Indeterminado – indeterminado.
Ⓔ Quem – o morro e a rua.

60. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a forma apresentada pode substituir "segurando" no período "Um professor chinês em Yale, segurando a xícara de café, ficava olhando o ponteiro de segundos do relógio da sala de aul.", mantendo o sentido da expressão destacada:

Ⓐ logo que segurava;
Ⓑ enquanto segurava;
Ⓒ quando segurava;
Ⓓ porque segurou;
Ⓔ que segurou.

61. FUNRIO – Os pronomes pessoais são muito versáteis quanto aos valores sintáticos que expressam, em função dos contextos frasais em que se encontrem. Considerando essa reflexão, compare, nos dois fragmentos retirados do texto de Grecco, o emprego dos pronomes pessoais nele presentes e indique a alternativa que contém a indicação correta das funções que eles desempenham nas orações.

I. "...daqueles que nos roubam recursos..."

II. "Lugares-comuns que me incomodam."

Ambos os termos desempenham a função de:

Ⓐ objeto direto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓑ objeto indireto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓒ objeto direto e indireto, respectivamente;
Ⓓ objeto indireto e direto, respectivamente;
Ⓔ adjunto adnominal e complemento nominal.

Nas questões 62 e 63, elaboradas pela eminente banca examinadora da FUMARC, assinale a alternativa em que a circunstância da oração sublinhada esteja corretamente indicada nos parênteses.

62.

Ⓐ Havia tanto material no depósito que novas relações de compra foram adiadas. (consequência)
Ⓑ Mal divulgaram os resultados da pesquisa, os candidatos recuaram. (causa)
Ⓒ À medida que eles me procuram, vou dando as orientações necessárias. (conformidade)
Ⓓ Será aprovado desde que frequente as aulas no colégio. (tempo)

63.

- **A** Assim que retornar ao trabalho, provavelmente serão dispensados. (modo)
- **B** Ainda que me diga algumas verdades, não o escutarei mais. (concessão)
- **C** Para festejar sua recente promoção, convocou seus amigos rapidamente. (proporcionalidade)
- **D** Quanto mais se estuda o assunto, mais os alunos se sentem seguros para o exame. (finalidade)

64. FUMARC – "Perderam o ônibus por estarem atrasados."

No enunciado, a oração subordinada exprime circunstância de:

- **A** conformidade;
- **B** causa;
- **C** consequência;
- **D** condição.

65. SENASP – Leia:

I. "O sábio cala, o mediano fala, o ignorante grita."

II. "Penso, logo existo."

III. "Espere, que quero falar-lhe."

IV. "O invejoso emagrece com a gordura alheia."

V. "O trabalho enobrece o homem mas, depois que o homem se sente nobre, não quer mais trabalhar."

Assinale a correta afirmativa quanto à classificação dos períodos de I a V.

- **A** Apenas I e II exemplificam períodos mistos.
- **B** Apenas I e III exemplificam períodos mistos.
- **C** I, II e III exemplificam períodos coordenados, IV exemplifica período simples e V exemplifica período misto.
- **D** I e IV exemplificam períodos simples, II e V exemplificam períodos compostos por subordinação e III é período misto.
- **E** I, III e V exemplificam períodos mistos, II e IV exemplificam períodos compostos por coordenação assindética.

66. FESP-RJ – Observe a oração: "O poeta considera injustas as condições de vida".

Nela, o predicado tem a mesma classificação que o da seguinte oração:

- **A** "Volto do trabalho, a noite em meio, fatigado de mentiras."
- **B** "...a poesia agora responde a inquérito policial-militar."
- **C** "...eu a compro à vista aos donos do mundo."
- **D** "...e com ele construímos um artefato."

67. UNIFAP – Sobre os termos em destaque na oração "Um dia, todos os computadores do mundo estarão ligados num <u>único e definitivo</u> sistema", é correto afirmar que eles exercem a função de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ predicativo;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ complemento nominal.

68. FUMARC – No texto "Para ver a plantação de dinheiro dos nossos clientes, é preciso flexibilizar negociações", <u>não</u> há exemplo de:

Ⓐ predicado nominal;
Ⓑ predicado verbal;
Ⓒ adjunto adverbial;
Ⓓ objeto direto.

69. NCE-UFRJ – Assinale o comentário adequado sobre o período a seguir: "O homem do campo trabalhava em harmonia com os elementos, como um artesão, durante tanto tempo quanto julgasse necessário".

Ⓐ O termo "em harmonia" corresponde a uma locução adverbial, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓑ O termo "do campo" corresponde a uma locução adjetiva, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓒ O termo "com os elementos" exerce a função de complemento nominal, sendo iniciado por uma preposição de valor predominantemente gramatical.
Ⓓ O termo "como um artesão" corresponde ao segundo termo de uma comparação que tem como ponto comum o ato de trabalhar.
Ⓔ O termo "necessário" corresponde a um adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal de "tempo".

70. NCE-UFRJ – "Não há nada que diferencie tanto a sociedade ocidental de nossos dias das sociedades mais antigas da Europa e do Oriente do que o conceito de tempo."

Quais os sujeitos das duas orações que compõem o período inicial do texto?

Ⓐ Oração sem sujeito – "nada".
Ⓑ Oração sem sujeito – "que".
Ⓒ "Nada" – "que".
Ⓓ "Nada" – "o conceito de tempo".
Ⓔ A oração seguinte – "o conceito de tempo".

71. FUNRIO – Duas placas colocadas na entrada de uma galeria oferecem empregos. Elas dizem:

PRECISAM-SE DE COSTUREIRAS	CONTRATAM-SE COZINHEIROS

Levando em conta o que é recomendado pelo uso prestigiado na linguagem padrão, podemos afirmar que:

A apenas a primeira frase está correta, pois o verbo "precisar" tem sujeito indeterminado;

B as duas frases estão corretas, já que ambas têm sujeito indeterminado e pronome reflexivo;

C apenas a segunda frase está correta, pois o verbo "contratar" concorda com o sujeito "cozinheiros";

D as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do singular;

E as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do plural.

72. FUMARC – Em todas as alternativas, a oração sublinhada tem a mesma função sintática que o termo em destaque na sentença abaixo "Mandei-os entrar", exceto:

A Ainda não sei se conseguiremos fazer a mudança antes do fim de semana.

B Não podia ser verdade que ele tivesse traído seus correligionários.

C Ainda não se sabe se eles conseguirão sobreviver aos ferimentos.

D Muitas vezes, mandar acaba sendo mais difícil do que obedecer.

73. NCE-UFRJ – Observe as duas ocorrências do vocábulo se nas frases a seguir e assinale o item que traz um comentário correto a respeito dessas ocorrências:

1. "...a população menos carente se atira ao trabalho..."

2. "...sem indagar se são adequados aos nossos gostos..."

A Ocorre somente um caso de se indeterminador do sujeito.

B Os dois casos de se têm a mesma função sintática.

C Uma ocorrência de se corresponde à classe das conjunções condicionais.

D Há um caso de se como pronome apassivador.

E Ocorre somente um caso de se pronome pessoal.

74. NCE-UFRJ – Assinale o item em que se indica corretamente o número de frases nas quais os elementos destacados são complementos nominais.

1. "...a sociedade ocidental de nossos dias..."

2. "...do que o conceito de tempo."

3. "...o relógio de sol inútil..."

4. "...dispunham de meios bastantes primitivos..."

5. "...onde o resto de óleo ou cera..."

Ⓐ Cinco.
Ⓑ Quatro.
Ⓒ Três.
Ⓓ Dois.
Ⓔ Um.

75. NCE-UFRJ – "....com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..."; o comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:

Ⓐ a forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário";
Ⓑ o pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte;
Ⓒ "pela indústria" representa o paciente da ação verbal;
Ⓓ o pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos";
Ⓔ o verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

76. FESP-RJ – Leia atentamente as orações:

"Compõe-se <u>a imagem</u> no entremeio de outras duas."

"...ficavam confinados e acessíveis somente <u>a uns poucos privilegiados</u>."

Os termos sublinhados exercem, respectivamente, as seguintes funções sintáticas:

Ⓐ sujeito e objeto indireto;
Ⓑ sujeito e complemento nominal;
Ⓒ objeto direto e adjunto adnominal;
Ⓓ objeto indireto e adjunto adnominal;
Ⓔ objeto direto e complemento nominal.

77. ANP – Com base nos fragmentos de texto abaixo, é correta a função sintática identificada em:

Ⓐ "Não é mero erro ocasional; é clara <u>a tendência de recursos ao "onde"</u> para substituir outros advérbios – o "quando" em particular." – predicativo.
Ⓑ "<u>Curiosamente</u>, teóricos da pós-modernidade já apontaram para a decadência da categoria moderna do tempo e a ascensão da categoria pós-moderna do espaço." – advérbio de modo.
Ⓒ "Agora, na idade pós-moderna, é como se o tempo estivesse, na hipótese mais nobre, sendo abolido ou diminuído, encurralado, desbastado, pulverizado (pelo desenvolvimento de técnicas de locomoção, como no avião); pelo aprimoramento daquelas outras <u>que</u> permitem a superação imaginária das distâncias..." – sujeito
Ⓓ "...estar na rua significa estar num tempo sem começo e sem fim, um tempo que independe do ritmo vital de cada um e que, portanto, é neutro. Tenta-<u>se</u> agarrar o espaço por não mais ser possível viver o tempo, ... " – objeto direto.

78. FJG – "...uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:

- **A** A ciência se considera infalível.
- **B** Ciência e técnica se auxiliam.
- **C** Não se conhece uma só ciência completa.
- **D** Viram-se os resultados da pesquisa.
- **E** Os jovens se abraçaram na passeata.

79. FUMARC – Leia o enunciado a seguir:

"Como se resolve determinado problema quando a crise começa a rondar a empresa em que você trabalha?"

No período dado, não se encontra o seguinte termo da oração:

- **A** adjunto adverbial;
- **B** adjunto adnominal;
- **C** objeto direto;
- **D** predicativo do sujeito.

80. NCE-UFRJ – "...exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

- **A** O termo da administração corresponde a um adjunto adnominal.
- **B** O termo dos problemas sociais corresponde a um objeto indireto.
- **C** Federal, estadual e municipal são apresentados numa ordem crescente de importância.
- **D** O substantivo governos se prende aos adjetivos federal, estadual e municipal.
- **E** O adjetivo profunda se refere aos substantivos mudança e administração.

81. NCE-UFRJ – "Um pai ou uma mãe que fumam..."; "...mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar.". Os pronomes relativos desses dois segmentos do texto exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

- **A** sujeito – sujeito;
- **B** sujeito – objeto direto;
- **C** objeto direto – objeto indireto;
- **D** objeto direto – sujeito;
- **E** objeto indireto – objeto direto.

82. NCE-UFR – "Foi a descoberta de novas terras...". O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:

Ⓐ "As lendas da Grécia..."
Ⓑ "Estudos do fundo do oceano..."
Ⓒ "Nessa ilha, [...] havia uma extensa planície e, numa de suas extremidades, uma montanha solitária..."
Ⓓ "...tendo submergido de um dia para o outro..."
Ⓔ "...a oeste do estreito de Gibraltar..."

83. NCE-UFRJ – "...a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:

Ⓐ enorme quantidade de objetos;
Ⓑ instrumentos de trabalho;
Ⓒ o levantamento de pesos;
Ⓓ sala de aula;
Ⓔ máquina de escrever.

84. FESP-RJ – A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

Ⓐ Duvido de sua capacidade profissional.
Ⓑ Apenas nos víamos em festas rurais.
Ⓒ Ficaria encantado com a novidade.
Ⓓ Achava-se apto para o trabalho.

85. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o elemento destacado apresenta uma função sintática distinta das demais:

Ⓐ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que..."
Ⓑ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, em cores ou preto e branco, sem um botão para desligar."
Ⓒ "Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida."
Ⓓ "Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida."
Ⓔ "Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das oito no cinema."

86. FJG – Em:

"Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão."

(Gilberto Gil)

o sujeito do verbo acessar é:

Ⓐ "um hacker";
Ⓑ "um grupo";
Ⓒ "o chefe da Macmilícia";
Ⓓ "eu";
Ⓔ "rede".

87. FJG – A dupla de frases, em que os termos destacados exercem a mesma função sintática, é:

Ⓐ "Mas é nelas que te vejo pulsando, mundo novo, ainda em estado de soluços e desesperança." / "São todas elas coisas perecíveis e eternas, como o teu riso..."
Ⓑ "São todas elas coisas perecíveis e eternas como o teu riso, a palavra solidária, minha mão aberta, ou este esquecido cheiro de cabelo que volta..." / "Todas as coisas de que falo são de carne como o verão e o salário."
Ⓒ "São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos, greves, denúncias, acidentes de trabalho e de amor. Coisas, de que falam os jornais..." / "Todas as coisas de que falo estão na cidade..."
Ⓓ "São coisas, todas elas, cotidianas,..." / "...ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende sua flama inesperada no coração de maio."
Ⓔ "Todas as coisas de que falo estão na cidade, entre o céu e a terra." / "...às vezes tão rudes, às vezes tão escuras que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade."

88. NCE-UFRJ – "Os processos através dos quais as sociedades do passado minaram a si mesmas, danificando o meio ambiente, dividem-se em oito categorias, cuja importância relativa difere de caso para caso:..." A oração reduzida – "danificando o meio ambiente" – tem valor de:

Ⓐ meio;
Ⓑ causa;
Ⓒ condição;

Ⓓ tempo;
Ⓔ modo.

89. FJG – Em "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente <u>por ser um símbolo do mundo adulto.</u>", o fragmento sublinhado é uma oração reduzida cuja forma desenvolvida adequada é:

Ⓐ embora seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓑ caso seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓒ porquanto é um símbolo do mundo adulto;
Ⓓ mesmo que seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓔ à proporção que seja um símbolo do mundo adulto.

90. CESPE-UNB – No período:

"O resultado é que, quando não estão em sessão, os vereadores são procurados para resolver o problema de um cidadão que não consegue fazer valer junto ao governo um direito líquido e certo – como a internação num hospital, a pavimentação de uma rua ou o acesso a uma linha de ônibus nas proximidades de casa." há:

Ⓐ oito orações;
Ⓑ sete orações;
Ⓒ seis orações;
Ⓓ cinco orações;
Ⓔ quatro orações.

91. ACEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada, sintaticamente, é <u>objeto indireto</u> da oração a que está vinculada.

Ⓐ "Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos, de modo que quando acrescentou em 1832, no fim da vida, <u>alguns capítulos novos</u> ao Fausto, que começara a escrever sessenta anos antes, aplicou lições que aprendeu em sua experiência como uma espécie de 'autoridade monetária'."
Ⓑ "Goethe tinha em mente <u>as primeiras experiências desastrosas</u> com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..."
Ⓒ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, desde então, e diante de centenas <u>de desastres financeiros similares em toda parte</u>, a humanidade..."
Ⓓ "...a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel <u>a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais.</u>"

92. NCE-UFRJ – Qual dos itens a seguir apresenta um predicado de tipo distinto dos demais?

Ⓐ Introduzo na poesia / a palavra diarreia.
Ⓑ Não pela palavra fria / mas pelo que ela semeia.
Ⓒ Quem fala em flor não diz tudo.
Ⓓ Quem fala em dor diz demais.
Ⓔ O poeta se torna mudo / sem as palavras reais.

93. FJG – Analise o elenco de orações abaixo listado:

1. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos.

2. O carioca [...] virou grosseiro e irritadiço.

3. O chofer considera [...] todo pedestre um débil mental.

4. Não cede lugar a nenhuma senhora.

5. Não entrei na conversa.

6. [...] o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro [...]

Entre os predicados das frases destacadas, a menor frequência é tipo:

Ⓐ verbo-nominal e verbal;
Ⓑ verbal;
Ⓒ verbo-nominal;
Ⓓ verbo-nominal e nominal;
Ⓔ nominal.

94. FUNRIO – No fragmento a seguir "...não considero desertor um jogador que, por qualquer motivo, não queira defender a seleção de seu país...", o termo "desertor" desempenha a função de:

Ⓐ predicativo do sujeito;
Ⓑ predicativo do objeto direto;
Ⓒ predicativo do objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial de modo;
Ⓔ adjunto adverbial de causa.

95. FUNRIO – Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nos versos.

I. "Era <u>ele</u> que erguia casas" – pronome pessoal reto, em função de sujeito.

II. "Ele subia com as casas / Que <u>lhe</u> brotavam da mão" – pronome pessoal oblíquo, em função de objeto indireto.

III. "Que a casa que ele fazia" – pronome relativo, em função de objeto direto.

IV. "A casa que ele fazia / Sendo a <u>sua</u> liberdade/ Era a sua escravidão" – pronome possessivo, em função de adjunto adnominal

É correto apenas o que se afirma na alternativa:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I e III;
Ⓒ I, II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I, II e III.

96. FUNRIO – No trecho "...resultou na renúncia do Presidente Richard Nixon, em agosto de 1974...", emprega-se a preposição de (em do= de+o) como um conector entre dois substantivos; nessas condições, o segundo substantivo, então, repete sintaticamente a mesma função que se detecta em:

Ⓐ "Ela é cúmplice de tudo que tem acontecido no país."
Ⓑ "...as pressões econômicas que os veículos sofrem das grandes corporações."
Ⓒ "...quanto ao seu papel de informar."
Ⓓ "Independente das posições político-ideológico-partidárias de cada um."
Ⓔ "Tudo em nome da grande pátria."

97. EMPASIAL – Marque onde há erro na análise sintática do termo em destaque:

Ⓐ Ao pé da cruz, havia uma pequena inscrição. (núcleo do objeto direto)
Ⓑ Ele era muito útil à comunidade. (objeto indireto)
Ⓒ A loja foi assaltada por eles. (agente da passiva)
Ⓓ Ouvi apenas o começo da música. (objeto direto)
Ⓔ Não existem testemunhas do assalto. (sujeito)

98. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os elementos assinalados exercem a mesma função sintática.

Ⓐ "Amigo leitor, você, que se enquadra na categoria dos consumidores ..."
"A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas. Pode estar aguardando você à porta da padaria mais próxima."

Ⓑ "Seguinte: se você consumir, será imediatamente responsável por qualquer aumento de inflação."
"Se você comprar muitas passagens de ônibus ou de metrô, isso se refletirá no consumo das passagens e, aumentando o consumo, aumenta a inflação."

Ⓒ "Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar. Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada."
"Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada. Só que o dinheiro que não valia nada era guardado exatamente por isso, porque não valia nada."

Ⓓ "A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas."
"Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar."

Ⓔ "Aqui, é claro, tudo tinha de ser ao contrário."
"Senão, não tinha graça."

99. FJG – Observe os fragmentos de texto:

1. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

2. "Sai de casa pela manhã, como quem vai para uma briga, mantém para com o colega de bonde, ônibus, ou lotação, uma atitude de 'mentalidade antipática', e, para com o motorista ou cobrador, de 'beligerância em potencial'."

3. "Não cede lugar a nenhuma senhora e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade para apenas comprar um carretel;..."

4. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

5. "Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e esse quase se chocou com um carro particular."

6. "O garçom irrita-se porque o freguês tem a veleidade de lhe pedir alguma coisa,..."

Relacione as colunas, classificando a expressão sublinhada em cada frase, segundo a coluna da esquerda; depois, assinale a sequência correta:

(1) objeto direto	**( )**	**"com propensão ao suicídio."**
(2) objeto indireto	**( )**	**"com o colega de bonde"**
(3) complemento nominal	**( )**	**"Não cede lugar a nenhuma senhora"**
(4) adjunto adverbial	**( )**	**"considera todo colega um "barbeiro"**
(5) adjunto adnominal	**( )**	**"vinha para casa num táxi "**
(6) predicativo	**( )**	**"o freguês tem a veleidade"**

A alternativa que apresenta a sequência correta é:

Ⓐ 2 – 5 – 3 – 6 – 4 – 1;
Ⓑ 3 – 5 – 2 – 6 – 4 – 1;
Ⓒ 3 – 4 – 2 – 6 – 5 – 1;
Ⓓ 3 – 5 – 1 – 6 – 4 – 2;
Ⓔ 4 – 3 – 2 – 1 – 5 – 6.

100. NCE-UFRJ – Que elemento dos fragmentos abaixo, precedido da preposição de, exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

Ⓐ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado. O tom de voz nem sempre é o mesmo usado no 'morro',..."
Ⓑ "...(quem mora lá no morro já vive pertinho do céu)."
Ⓒ "Há pontos em comum entre as duas versões. A percepção de uma cidade cindida em dois é a coincidência mais evidente,..."
Ⓓ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado."
Ⓔ "...as palavras e os gestos são medidos para que traduzam um código distinto do que é utilizado na favela."

101. EMPASIAL – Em : "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Assinale o item que classifica a oração subordinada destacada:

Ⓐ subordinada adverbial causal;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓒ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa;
Ⓔ coordenada sindética explicativa.

102. EMPASIAL – Indique qual o item em que a oração subordinada tem a mesma função do termo destacado em "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Ⓐ "A diferença é que o 'pit-bull' é forte e tem grande resistência à dor."
Ⓑ "...não digo que a vida é bela tampouco me nego a ela: digo sim."
Ⓒ "Quase sempre se convence que não tem o bastante..."
Ⓓ "Você não entende as coisas que eu te digo..."
Ⓔ "Ela entendia muito de fazendas, pois a tia era costureira."

103. ACEP – Assinale a sequência cujos sintagmas postos em negrito se classificam como aposto, oração completiva nominal e predicativo:

Ⓐ " ... a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais." / Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo "controle da base monetária". / Johann Wolfgang von Goethe, [...] conhecia bem os assuntos da economia. Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos,...

Ⓑ "Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo 'controle da base monetária'." / É da natureza dos religiosos do BC enxergar apenas virtude no sacrifício, mas o mundo laico pode entender que, sem prejuízo da nobre missão dos bancos centrais, a decisão sobre a flagelação do organismo econômico deve pertencer aos políticos eleitos. / Cria-se, assim, uma autonomia relativa, dita "operacional", com vista a conciliar a monástica propensão ao martírio, própria das autoridades monetárias, com as necessidades do desenvolvimento.

Ⓒ "Mas, como no Brasil, desde Juscelino, o pendor faustiano para o excesso é imenso, e este é o país do Carnaval, essa conciliação, na prática, é muito difícil." / Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o "lastro" em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, ... / Os juros são altos, e assim permanecerão, muito mais em razão de "fundamentos econômicos" frágeis, temas da esfera dos políticos, que da vilania ou austeridade do BC.

Ⓓ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (o moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..." / a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais. / Tudo era falso como as fantasias de Carnaval e de Mefistófeles.

104. CESPE-UnB – Leia os trechos abaixo:

I. "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador, não conhecia o garoto."

II. "Possivelmente essa incorrigível falsária, a Memória, a pintou."

III. "...a pintou substituindo a verdade nativa, feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul, por alguma caprichosa arquitetura rococó."

A opção correta, quanto à estrutura morfossintática, é:

Ⓐ apenas I contém aposto;
Ⓑ I e II contêm apostos;
Ⓒ I e III contêm apostos;
Ⓓ II e III contêm apostos;
Ⓔ todas as opções contêm apostos.

105. ACEP – "Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa."

Os dois períodos acima são formados por subordinação e em cada um encontra-se uma oração:

Ⓐ subordinada adverbial temporal;
Ⓑ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓓ subordinada adverbial concessiva;
Ⓔ subordinada adverbial causal.

106. COMPERV – "O homem trabalha muito, para que possa sobreviver."

A oração em destaque pode ser classificada como:

Ⓐ subordinada adverbial concessiva;
Ⓑ subordinada adverbial causal;
Ⓒ subordinada adverbial conformativa;
Ⓓ subordinada adverbial final;
Ⓔ subordinada adverbial consecutiva.

107. CONATEC – Indique, entre as orações abaixo, aquela em que ocorre a indeterminação do sujeito.

Ⓐ Alguém bateu à porta.
Ⓑ Ninguém diz que ele é estrangeiro.
Ⓒ Come-se bem naquele restaurante.
Ⓓ Quem falou?

108. FESP-RJ – Dos termos sublinhados nas seguintes passagens do texto, aquele que não funciona como sujeito é:

Ⓐ "...feneceu muito antes que na Europa Latina o molde feudal."
Ⓑ "...o que nos leva ora à solução elegante e proveitosa (para os juristas) da mudança da Constituição."
Ⓒ "...é possível configurar-se, então, a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social."
Ⓓ "Resta saber se não há uma terceira explicação, em termos de atitudes religiosas."
Ⓔ "...o belo arrazoado aquiniano de ser o juro ilegítimo..."

109. FESP-RJ – Em frase como: "Assassinaram o patrulheiro os homens que viajavam na moto.", o mecanismo gramatical responsável pela identificação do sujeito de assassinaram é:

Ⓐ concordância do verbo;
Ⓑ a ordem dos termos na frase;
Ⓒ o fato de o verbo em questão só poder referir-se a seres animados;
Ⓓ o fato de ser o sujeito, por definição, um termo não preposicionado;
Ⓔ a existência, na frase, de oração que funciona como adjunto adnominal de homens.

110. FUNRIO – Observe, com atenção, o período abaixo:

"Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo."

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Nele, é possível perceber que:

I. ocorre um sujeito oracional, ligado ao verbo de ligação "era";

II. "nas festas do Espírito Santo" é um termo adjunto adverbial de lugar;

III. o verbo "fazer", normalmente transitivo direto, está sendo completado por um objeto direto preposicionado;

IV. a palavra "gosto" funciona como núcleo do sujeito simples e claro.

Estão corretas as afirmações:

A) I e II;
B) II e III;
C) I e IV;
D) II e IV;
E) III e IV.

111. ESAG – Assinale a alternativa incorreta, em relação a esta frase:

"A água é considerada pelos capixabas o mais importante elemento da natureza. Depois vêm as florestas, o ar e os animais."

A) A expressão o mais importante elemento da natureza é objeto direto da voz passiva sintética.
B) pelos capixabas é agente da passiva.
C) A água é sujeito da oração.
D) Passando a oração para a voz ativa, obtém-se como núcleo verbal consideram.

112. FUMARC – O termo destacado é complemento nominal em:

A) "[...] são casos claros de roubo."
B) "A cola é roubo de conhecimento."
C) "[...] e quem o dá é cúmplice do roubo."
D) "Professor [...] que não cumpre seu horário de permanência [...]"

113. NCE-UFRJ – "Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião, mas eu vou mais além: é preciso rediscutir o papel das Forças Armadas, coisa que não foi feita na Constituição de 1988."

Assinale o comentário inadequado sobre o texto dado:

A) o termo coisa exerce na frase a função sintática de aposto;
B) o termo Constituição de 1988 exerce a função de agente da ação verbal;
C) a forma verbal foi feita exemplifica a voz passiva analítica ou com auxiliar;

Ⓓ o vocábulo coisa refere-se anaforicamente a um termo anterior;
Ⓔ o termo de 1988 exerce a função sintática de adjunto adnominal.

114. CONATEC – Anteponha aos períodos OI quando houver oração substantiva objetiva indireta e CN se ocorrer oração completiva nominal. A seguir aponte a alternativa com a sequência CORRETA.

1. Fabiano tinha a certeza de que não acabaria tão cedo.

2. O santo exortava o povo a que se mantivesse fiel a Deus.

3. O soldado insistia em que a prisão fosse feita.

4. Deixei-me estar em casa, na esperança de que me chamasse.

5. Sê grato a quem te ensina.

Ⓐ OI – CN – OI – CN – CN.
Ⓑ CN – OI – CN – CN – OI.
Ⓒ CN – OI – OI – CN – CN.
Ⓓ OI – CN – CN – CN – OI.

FUNRIO – Leia o texto e responda às questões 115 e 116.

"Muitos talvez não compreendam que, numa época de cerrado utilitarismo, alguém se demasie em tanto esforço numa advocacia romântica e cavalheiresca, sem visar a um lucro ou a interesse indiretos. Tanto pior para os que não o compreendam. Falham à primeira condição prática, positiva e utilitária da vida, que é o aformoseá-la.

[...]

De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo. Basta-nos. Afeiçoamo-nos, há muito, aos triunfos tranquilos, no meio da multidão sem voz dos nossos livros. Hoje, como ontem, obedecendo à finalidade de um ideal,repelimos, do mesmo passo, o convício e o aplauso, o castigo e a recompensa, o desquerer e a simpatia.

Não combatemos as pretensões peruanas. Denunciamos um erro.

Não defendemos os direitos da Bolívia. Defendemos o Direito."

Fonte: CUNHA, Euclides da. *Peru versus Bolívia*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975, p. 135

115. Na oração "que não o compreendam", o conector desempenha a mesma função sintática que o da opção:

Ⓐ "Quero ver do alto o horizonte, / que foge sempre de mim."
Ⓑ "De novo concentrou a atenção no que a amiga lhe dizia."
Ⓒ "Reduze-me ao pó que fui."
Ⓓ "Deem-me as cigarras que eu ouvi menino."
Ⓔ "Já não se lembra da picardia que me fez?"

116. O termo destacado está classificado incorretamente quanto à sua função sintática em:

Ⓐ "Não combatemos as pretensões peruanas." (peruanas – adjunto adnominal)
Ⓑ "alguém se demasie em tanto esforço." (em tanto esforço – objeto indireto)
Ⓒ "Tanto pior para os que não o compreendam." (para os – complemento nominal)
Ⓓ "De tudo isto nos resultou um prêmio." (nos – objeto direto)
Ⓔ "nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo." (de nosso tempo – adjunto adverbial)

117. IPAD – Leia o período abaixo:

"Percebe-se facilmente que nunca notaram o papel secundário que exerciam naquele governo."

A oração "que exerciam naquele governo" é:

Ⓐ subordinada substantiva objetiva indireta;
Ⓑ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓒ subordinada adverbial consecutiva;
Ⓓ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓔ n.d.a.

118. FUMARC – "Comentavam que a tropa de elite iraquiana, que prometia resistência feroz, foi dizimada em todos os confrontos e que, agora, só falta conquistar a capital."

No período dado, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada adjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva;
Ⓓ subordinada adverbial.

119. FUMARC – "É evidente que, para a violência acabar, a educação é peça fundamental."

No período acima, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ subordinada adjetiva;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adverbial;
Ⓓ reduzida.

120. FUMARC – "Foi inaugurada, <u>na manhã de ontem</u>, a pedido de <u>muitos</u> indivíduos, <u>nova creche</u>."

Os termos destacados estão corretamente analisados, respectivamente, em:

Ⓐ adjunto adnominal – adjunto adnominal – objeto direto;
Ⓑ adjunto adnominal – predicativo – sujeito;

Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adnominal – sujeito;
Ⓓ adjunto adverbial – predicativo – objeto direto.

121. FUMARC – Assinale a alternativa em que a correspondência entre o termo destacado e a sua função sintática está incorreta:

Ⓐ "Ninguém de bom senso contesta a legítima aspiração social a punir bandidos [...]." (sujeito)
Ⓑ "Não é preciso muito esforço para imaginar o que seria [...]." (adjunto adverbial de intensidade)
Ⓒ "Punir quem merece é uma forma de a sociedade defender, sobretudo, o interesse dos mais frágeis [...]." (objeto direto oracional)
Ⓓ "somos obrigados [...] a partilhar idiossincrasias, obsessões ou desatinos que não nos concernem; [...]." (objeto indireto)

122. FUNRIO – Assinale a alternativa em que se classifica corretamente a oração sublinhada:

Ⓐ "Sabe-se que ela tem sido abjeta." (oração subordinada substantiva subjetiva).
Ⓑ "...comparam esse tipo de censura ao que foi feito no caso do Irã..." (oração subordinada substantiva objetiva direta).
Ⓒ "...jornalistas americanos que vêm ao patropi a convite..." (oração subordinada substantiva completiva nominal).
Ⓓ "...sob o argumento de que chocariam as pessoas." (oração subordinada substantiva objetiva indireta).
Ⓔ "...fim para aqueles que desvendaram o caso Watergate." (oração subordinada substantiva apositiva).

123. FUMARC – Em todas as frases seguintes, o termo "que" apresenta a mesma função sintática, exceto em:

Ⓐ "...somos obrigados, querendo ou não, a partilhar idiossincrasias que não nos concernem..."
Ⓑ "Demos a César o que é de César."
Ⓒ "A questão, porém, não é o valor moral 'em si' da privacidade, que pode ser relativizado..."
Ⓓ "Pode-se objetar que o raciocínio é impertinente..."

124. FJG – O pronome que exerce função sintática de objeto direto em:

Ⓐ "De fato, tal ideia traduz, de maneira muito precisa, essa verdadeira dialética entre o que é lembrado com saudade, como maravilhoso, formidável ou poético..."
Ⓑ "Nossa biografia se faz precisamente pela alternância [...] com situações que "guardamos" como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça..."

Ⓒ "...ao lado de tudo [...] trágico e ruim (aquilo que na nossa existência entra como extraordinário, positiva ou negativamente valorizado)..."
Ⓓ "Há, pois, um tempo lembrado, que vira memória e saudade;..."
Ⓔ "Pois o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela saudade,..."

125. FJG – "As verdades filosóficas se contradizem..." O item abaixo em que o <u>se</u> apresenta valor idêntico àquele que possui neste segmento destacado do texto é:

Ⓐ Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.
Ⓑ Os homens modernos esconderam-se da verdade.
Ⓒ Pascal se declarou irracionalista.
Ⓓ A ciência e a fé se digladiam.
Ⓔ As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

126. FUNRIO – "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça..."

Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

Ⓐ Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
Ⓑ Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
Ⓒ Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
Ⓓ Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.
Ⓔ Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.

127. FUNRIO – Escolha a alternativa em que o sujeito da oração está corretamente identificado:

Ⓐ "Não há dúvida..." – sujeito: dúvida.
Ⓑ "...como conta Josué Montello." – sujeito: Josué Montello.
Ⓒ "Falava-se em instalar o Governo da República em cidades serranas do estado do Rio de Janeiro..." – sujeito: o Governo.
Ⓓ "O Senado da República e os meios acadêmicos nunca o permitiram." – sujeito: o.
Ⓔ "Em certa crônica na *Gazeta de Notícia*s, numa fase de altas turbulências, apelou à esperança." – sujeito: certa crônica.

128. FUNRIO – "A Semana de Arte Moderna, na verdade, foi a explosão de ideias inovadoras que aboliam por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão; com esse propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Isso culminou com a incompreensão e com a completa

insatisfação de todos que foram assistir à apresentação do novo movimento. Logo na abertura, Manuel Bandeira, ao recitar seu poema 'Os Sapos', foi desaprovado pela plateia através de muitas vaias e gritos."

Sobre a última frase desse parágrafo, é correto afirmar que "Manuel Bandeira" e "Os Sapos" desempenham sintaticamente:

Ⓐ funções diferentes: apenas "Manuel Bandeira" é aposto;
Ⓑ funções diferentes: apenas "Os Sapos" é um aposto;
Ⓒ funções idênticas: ambos são apostos;
Ⓓ funções idênticas: ambos são vocativos;
Ⓔ funções semelhantes: ambos são termos integrantes.

129. NCE-UFRJ – Em que item a seguir o elemento destacado funciona como complemento e não como adjunto?

Ⓐ "...onde ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos na quadra para ler em conjunto o manifesto do movimento e depois calar."
Ⓑ "Nas igrejas, que o meio-dia seja um momento de oração silenciosa."
Ⓒ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho. Sem buzinas, sem panelaços, e, mesmo, sem palavras de ordem."
Ⓓ "Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar."
Ⓔ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho."

130. COMPERV – No verso "Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu protege."

os termos sublinhados, respectivamente, exercem a função sintática de:

Ⓐ adjunto adnominal – objeto indireto – objeto indireto;
Ⓑ adjunto adverbial – sujeito simples – objeto direto;
Ⓒ objeto indireto – complemento nominal – objeto direto;
Ⓓ aposto – objeto direto – sujeito simples;
Ⓔ adjunto adverbial – objeto direto – sujeito simples.

131. NCE-UFRJ – O item em que o elemento sublinhado representa o agente e não o paciente de um termo anterior é:

Ⓐ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras..."
Ⓑ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras, mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce,..."
Ⓒ "...mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce, foi, sem dúvida, uma grande campanha de afirmação nacional."

Ⓓ "A insistência em manter a presença do Estado numa atividade que precede a transformação do minério de ferro em produtos siderúrgicos é tanto mais incompreensível..."

Ⓔ "O Brasil, que hoje é um dos maiores exportadores mundiais de produtos siderúrgicos e da metalurgia de não ferrosos, decidiu privatizar sua indústria siderúrgica de aços planos há seis meses."

132. FUNDEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada não exerce, na frase em que se insere, a mesma função que nas outras.

Ⓐ "O relevo ainda está sendo moldado pela ação das forças naturais e a crosta está-se acomodando..."

Ⓑ "Os cientistas [...] afirmam que a relação [da mudança] com as atividades desempenhadas pelo homem é inegável."

Ⓒ "Os gases, [...], principalmente pela queima de combustíveis fósseis, permitem que a radiação solar penetre na atmosfera..."

Ⓓ "Uma das consequências inevitáveis do aquecimento provocado pelo efeito estufa é o aumento no nível dos oceanos..."

133. FESP – A função sintática do "que" não é sujeito em:

Ⓐ Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

Ⓑ Diga-me a hora em que ele virá para cá.

Ⓒ Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

Ⓓ Não há mal que sempre castigue.

134. COMPERV – Marque a alternativa cuja oração tem o mesmo valor sintático de: "Desejamos que ele se afaste das más companhias."

Ⓐ Nós objetivamos que sejamos aprovados.

Ⓑ O político necessita de que o apoiemos.

Ⓒ É necessário que se extinga a violência.

Ⓓ O guarda informou-o de que seria multado.

Ⓔ O juiz foi favorável a que o réu se pronunciasse.

135. CONATEC – Numere a segunda coluna de acordo com a primeira e, em seguida, assinale a alternativa que aponta a sequência correta:

(1) partícula apassivadora	**( ) Mandou-se permanecer em silêncio.**
(2) indeterminação de sujeito	**( ) Vaiou-se o espetáculo.**
(3) pronome reflexivo	**( ) Cortou-se com um bisturi.**
(4) parte integrante do verbo	**( ) Vive-se bem no interior.**
(5) sujeito do infinitivo	**( ) Queixou-se de fortes dores.**

Ⓐ 4 – 2 – 1 – 3 – 5.
Ⓑ 5 – 3 – 2 – 1 – 4.
Ⓒ 1 – 2 – 3 – 4 – 5.
Ⓓ 5 – 1 – 3 – 2 – 4.

136. FESP-RJ – Assinale a opção em que há erro de identificação da função do termo sublinhado, indicada entre parênteses.

Ⓐ Seguem-se instruções relativas ao assunto. (objeto direto)
Ⓑ Necessita-se de maiores informações sobre o assunto. (índice de indeterminação do sujeito)
Ⓒ As provas realizar-se-ão em local e data a serem divulgados oportunamente. (partícula apassivadora)
Ⓓ O implicado deixou-se arguir pelo encarregado do inquérito naquele mesmo dia. (sujeito)

137. FESMIP – "Fiquei sabendo, então, que em Veneza há um carnaval famoso."

O termo sublinhado acima exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "...uma cidade de máscaras que se vendem..."
Ⓑ "...estamos pressupondo que ele não é um rosto ..."
Ⓒ "Está dito na palavra 'persona', que vem do latim..."
Ⓓ "O teatro é algo que precisa de um público..."
Ⓔ "...a verdade que não devia ser dita..."

138. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os vocábulos sublinhados nos fragmentos 1 e 2 exercem funções sintáticas diferentes.

Ⓐ 1. "...o ano 2000 seria o prazo final para atingir a meta..."
2. "...os fumantes podiam legalmente permitir-se o seu hábito..."
Ⓑ 1. "A OMS previu que...ainda mataria cerca de 500 milhões de pessoas."
2. Os governos [...] desenvolveram campanhas educacionais sobre os riscos do fumo para a saúde."
Ⓒ 1. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
2. "Os países que aboliram a propaganda de cigarros incentivaram outros a fazer o mesmo."
Ⓓ 1. "A mensagem já se tornara corriqueira."
2. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
Ⓔ 1. "A maior contribuição da América do Norte para a campanha de abandono do fumo relacionava-se à descoberta de formas inovadoras de ataque."
2. "Em suma, realizou-se como que uma arrancada em direção a uma reforma total."

139. ACEP – No fragmento "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." o sintagma "os leitores" analisa-se como:

- A aposto;
- B vocativo;
- C sujeito;
- D objeto direto;
- E objeto indireto.

140. COMPERV – Em "cortou-lhe os cabelos", o pronome lhe exerce a mesma função no item:

- A O lhe é um pronome oblíquo.
- B Alguém já lhe negou ajuda?
- C Sempre lhe disse a verdade.
- D A luz forte lhe afugentou o sono.
- E O dinheiro lhe será muito útil.

141. FESP-RJ – A alternativa em que se faz erroneamente a classificação sintática do termo em negrito é:

- A "...e o que é imenso é eterno..." – sujeito.
- B "Sofia desceu logo, achou Rubião transtornado..." – predicativo.
- C "Eu corri os olhos tudo que em mim havia..." – objeto direto.
- D "Ao longe, descobriu alguns vultos de um e outro lado..." – adjunto adnominal.
- E "Os outros meninos mais idosos detiveram-se a olhar espantados" – adjunto adverbial.

142. FESP-RJ – Faz-se erroneamente a classificação sintática do pronome relativo, na opção:

- A "Mas eu não sei o que sou..." (predicativo).
- B "O abismo que há entre o espírito e o coração." (objeto direto).
- C "O caderno que você desejava que eu trouxesse é caro." (objeto direto).
- D "O peão acabara de selar o cavalo, que puxara para fora da ramada." (objeto direto).
- E "Esclareceu que adiava a aquisição de uma chaleira de que andava muito necessitado." (objeto indireto).

143. MOURA MELO – "Todos já descobriram a chata que ela é."

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

- A adjunto adverbial;
- B objeto direto;
- C objeto indireto;
- D predicativo do sujeito.

144. FESP-RJ – "...a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria."

"...e isso parece claramente espelhar-se na forma por que, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando."

As orações subordinadas em destaque exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

Ⓐ sujeito – adjunto adnominal;
Ⓑ sujeito – adjunto adverbial de causa;
Ⓒ objeto direto – adjunto adverbial de causa;
Ⓓ adjunto adverbial de modo – adjunto adnominal;
Ⓔ adjunto adverbial de modo – adjunto adverbial de causa.

145. FESP-RJ – Assinale a opção em que a função sintática do termo grifado não foi corretamente indicada:

Ⓐ "...tinha que ficar quieto." – predicativo.
Ⓑ "E ainda por cima falavam dobrado..." – adjunto adnominal.
Ⓒ "Se assustava à toa, qualquer barulhinho e já pulava pra um lado." – adjunto adverbial.
Ⓓ "Resolveram então levar o Pavão pro Curso de Linha ..." – objeto direto.
Ⓔ "... pra ver se uma coceirinha que ele estava sentindo já era a tal brotoeja" – sujeito.

146. CESGRANRIO – O vocábulo se tem o mesmo valor sintático da sua ocorrência em "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva." no trecho:

Ⓐ "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva."
Ⓑ "Se fizesse sol, ele ia escalar um pico próximo."
Ⓒ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓓ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓔ "Quanto mais tempo se perde por desorganização ou esperando pelos outros, menos tempo se utiliza produzindo e menos riqueza é gerada."

147. ACEP – No período simples "Logo, uma elite de jovens executivos e de economistas de prestígio agarrou a oportunidade.", os termos sublinhados são:

Ⓐ sujeito composto;
Ⓑ complemento nominal;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ objeto indireto.

148. SENASP – Leia:

"A poesia redime os pecados do mundo e o poeta é o representante desta remissão."

A função sintática dos termos em destaque é, respectivamente:

- A complemento nominal em ambos os casos;
- B adjunto adnominal e complemento nominal;
- C adjunto adverbial e complemento nominal;
- D complemento nominal e adjunto adnominal;
- E predicativo do objeto e complemento nominal.

149. IPAD – Identifique a frase em que não há um complemento nominal:

- A Os ataques ao Iraque foram criticados pelo governo da Rússia.
- B Jamais houve atraso no pagamento dos empregados pelo sindicato.
- C O julgamento de nazistas por tribunais internacionais constitui um pesadelo contemporâneo.
- D Sua preferência por músicas dos "Beatles" merecia ser compartilhada.
- E O movimento do seu corpo acompanhava o som e o ritmo da melodia.

150. ACEP – No fragmento: "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." os grifos exercem na oração a função de:

- A objeto indireto, adjunto adverbial de causa;
- B objeto direto, adjunto adnominal;
- C objeto indireto, agente da passiva;
- D objeto direto, adjunto adverbial de causa;
- E objeto indireto, adjunto adnominal.

GABARITO

1. C	20. B	39. A	58. D	77. C	96. E	115. A	134. A
2. C	21. A	40. D	59. A	78. A	97. B	116. D	135. D
3. A	22. D	41. C	60. B	79. D	98. A	117. E	136. A
4. E	23. B	42. A	61. D	80. D	99. B	118. C	137. B
5. C	24. A	43. E	62. A	81. A	100. A	119. A	138. A
6. A	25. B	44. A	63. B	82. B	101. B	120. C	139. A
7. C	26. D	45. A	64. B	83. C	102. B	121. B	140. D
8. D	27. D	46. D	65. C	84. D	103. A	122. A	141. E
9. C	28. C	47. D	66. A	85. D	104. B	123. D	142. E
10. C	29. A	48. E	67. C	86. D	105. A	124. B	143. D
11. E	30. C	49. B	68. C	87. D	106. D	125. D	144. A
12. A	31. A	50. E	69. D	88. B	107. C	126. E	145. B
13. A	32. C	51. A	70. B	89. C	108. D	127. B	146. E
14. B	33. E	52. D	71. C	90. D	109. A	128. B	147. C
15. B	34. C	53. C	72. A	91. D	110. A	129. A	148. B
16. D	35. D	54. E	73. E	92. E	111. A	130. E	149. E
17. B	36. B	55. D	74. A	93. E	112. B	131. C	150. A
18. D	37. E	56. C	75. B	94. B	113. B	132. C	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. D	114. C	133. B	

Exercícios de Pontuação

1. FUNRIO – Leia o texto a seguir:

Sinais de fumaça

Pesquisa mostra que presença de cigarro em filmes produzidos nos Estados Unidos caiu, mas ainda é forte.

"Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros. Jonathan Polansky, que participou da pesquisa, diz que a situação pouco mudou em filmes voltados para adolescentes. Para o colunista Ruy Castro, nos filmes atuais, "um casal pode fazer sexo explícito em cena e ninguém se chocará. Mas, se acender um cigarro depois, haverá gente na plateia limpando um pigarro imaginário ou esbravejando".

Fonte: ***Folha de S.Paulo***

No fragmento "Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros.", as vírgulas foram colocadas para separar a oração:

- **A** subordinada adverbial concessiva intercalada à principal;
- **B** coordenada, intercalada, introduzida por conector;
- **C** subordinada adverbial, anteposta à principal;
- **D** adjetiva explicativa, introduzida pelo pronome relativo que;
- **E** subordinada adverbial condicional, iniciada pelo conector "embora".

2. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

- **A** Garçom, nós queremos conversar; poderia pedir para baixar um pouco o volume do rádio, por favor?
- **B** Se a maré subir, logo, os turistas ficarão ilhados naquelas pedras e, terão que esperar até amanhã, para voltarem.

Ⓒ Admita, que você nos traiu, ao tomar uma atitude que contrariou inteiramente, nossa decisão da véspera.
Ⓓ Durante a projeção do filme, que você me recomendou as pessoas iam saindo, mostrando assim, seu desagrado e desinteresse pelo final.
Ⓔ Você deve ser condescendente, uma vez que, se não renegociar minha dívida, dificilmente, poderei pagá-la.

3. NCE-UFRJ – A frase em que os sinais de pontuação foram empregados de acordo com as normas em vigor é:

Ⓐ O fim desta é informar a V. Sª, que sua participação, como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓑ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓒ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓓ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓔ O fim desta, é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.

4. ESAF – Marque a lacuna onde não se deve usar vírgula.

Depois do evento de 1999 em Seattle (que inviabilizou a assinatura do acordo multilateral de investimentos)[A] as entidades da sociedade civil começam agora[B] um novo confronto com o capital globalizante. A campanha "Stop the Gats Attack Now"[C] que reúne 430 ONG's e entidades de classe de 53 países[D] é igualmente ambiciosa:impedir o início das negociações finas do Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (AGCS, Gats, em inglês). O acordo prevê a privatização gradual[E] completa e irreversível dos serviços públicos em todo o mundo.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

5. FEC – Entre os trechos do texto abaixo, aquele em que o uso da vírgula <u>não</u> é gramaticalmente obrigatório é:

Ⓐ "Eu tinha de ir à alfândega e, portanto, passar pela Praça Mauá."
Ⓑ "Em Copacabana voltamos a ver o barco, na altura da Cotunduba."
Ⓒ "Antonio Maria contou que uma vez ia num táxi guiado por um chofer português velho, bigodudo, calado, de cara triste."
Ⓓ "O 'Vera Cruz', homem, venha depressa, venha!"
Ⓔ "O casal de portugueses da portaria conversava com o porteiro do lado e o zelador do edifício da frente, todos portugueses."

6. **VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta:**

A) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

B) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.

C) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

D) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.

E) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

7. **NCE-UFRJ- Dos fragmentos abaixo, o único que contém <u>erro</u> de pontuação é:**

A) Em virtude de as despesas ordinárias terem sofrido pequenos reajustes ao longo dos últimos meses e de a receita, não ter sido reajustada, fomos autorizados a aumentar a mensalidade.

B) Sem mais para o momento e à inteira disposição de V. Sª para maiores esclarecimentos, subscrevemo-nos.

C) Com isso, sugerimos a convocação de nova assembleia para a apreciação dos atuais valores, bem como para a fixação de nova quota, se for o caso.

D) A esposa trocava as fraldas do bebê, e o marido lavava os pratos.

E) O presidente mandou lavrar esta ata, que assina juntamente com o secretário que a lavrou.

8. **ACCESS – "A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria."**

O emprego da vírgula antes de <u>mas</u> é justificado pela seguinte regra: usa-se a vírgula para:

A) separar orações intercaladas;

B) isolar aposto explicativo;

Ⓒ separar orações coordenadas sindéticas adversativas;
Ⓓ separar orações subordinadas adjetivas explicativas;
Ⓔ isolar os termos repetidos.

9. FESP-RJ – Fizeram-se modificações na pontuação de algumas passagens do texto. Aquela em que a colocação da vírgula, além de <u>errada</u>, altera o sentido da oração subsequente é:

Ⓐ "Assim deveria terminar o pai-nosso..." / Assim, deveria terminar o pai-nosso...
Ⓑ "Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto que existia até então..." / Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto, que existia até então...
Ⓒ "Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma e condenar outro." / Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma, e condenar outro.
Ⓓ "Por outro lado, já virou paranoia no Brasil a defesa do dito menor de rua." / Por outro lado, já virou paranoia, no Brasil, a defesa do dito menor de rua.
Ⓔ "Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito. Separando os ainda não..." / Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito, separando os ainda não...

10. CESPE-UnB – Indique a opção correta quanto às pontuações alternativas: "O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral."

Ⓐ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓑ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓒ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓓ O domínio que, adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓔ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

11. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Quando a democracia não funciona bem não é raro, que aqui e ali, passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários.

Ⓑ Ao se referir ao Brasil de 1989, o autor está-nos lembrando que, àquela época, a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificável como aventureiro.

Ⓒ Seria interessante saber, em que "certas circunstâncias", um governo autoritário ofereceria vantagens, em relação a um governo democrático.

Ⓓ Assim como, boa parte dos brasileiros, também, o autor do texto julga: que a nossa democracia, poderia funcionar de uma maneira melhor.

Ⓔ Se é verdade, que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária", também é verdade, que só 40%, aceitam bem as privatizações.

12. ESAF – Assinale a opção em que o texto apresenta pontuação correta:

Ⓐ Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.

Ⓑ Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.

Ⓒ Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.

Ⓓ Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.

Ⓔ Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

13. CETRO – Marque o período pontuado de acordo com as normas gramaticais:

Ⓐ Apesar de ser um gentleman, e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓑ Apesar de ser um gentleman e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo, sobre sua vida.

Ⓒ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓓ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade, tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓔ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

14. ESAG – Observe as frases abaixo:

I. "Os homens que pensam que as mulheres nasceram para servi-los devem reformular seu pensamento."

II. "Os graves problemas sociais que atormentam a Europa e o mundo encontram sua origem, em parte, nas manifestações degeneradas do capitalismo."

III. "Os defensores do capitalismo ilimitado tendem a esquecer as coisas boas do comunismo: a luta contra o desemprego, a preocupação com os pobres."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Na frase II, pode haver uma vírgula depois de "Os graves problemas", para destacar essa expressão.

Ⓑ Na frase III, a vírgula pode ser substituída pela conjunção <u>e</u>, sem que o sentido da frase se altere.

Ⓒ Na frase II, as vírgulas isolam uma expressão de caráter explicativo.

Ⓓ Os dois-pontos, na frase III, têm valor explicativo.

15. COSEAC-UFF Em relação ao trecho: "Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil. Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras. Outra é ratearmos o sonho de corpo de cada um", a mudança de pontuação que se propõe é <u>inaceitável</u>, consideradas as normas em vigor, na alternativa:

Ⓐ parênteses no lugar dos travessões;

Ⓑ vírgula antes e após "como contribuintes";

Ⓒ dois-pontos (seguido de minúscula) em vez de ponto após "fica mais difícil";

Ⓓ vírgula após "Uma coisa" e após "Outra";

Ⓔ ponto e vírgula (seguido de minúscula) em vez de ponto após "doenças caras".

16. COSEAC-UFF – As vírgulas empregadas no período "E igualdade, com certeza, só conseguiremos, em sua plenitude, através da Educação, vertente única em que se podem buscar novos horizontes de socialização de bens e de cidadania" justificam-se pelas seguintes razões:

Ⓐ as duas primeiras, para separar vocativo; a terceira e quarta, para separar termo intercalado; e a quinta, para separar aposto;

Ⓑ as quatro primeiras, para separar termos intercalados; a quinta, para separar aposto;

Ⓒ as quatro primeiras, para separar vocativo; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓓ as duas primeiras e a terceira e quarta, para separar aposto; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓔ as duas primeiras, para separar vocativo; as outras três, para separar aposto.

17. COSEAC-UFF – O emprego da vírgula no período "O laticínio compra a produção de leite de mais de 140 agricultores colaboradores, o que tem contribuído para melhorar a renda de produtores não-associados" justifica-se pela mesma norma de pontuação que justifica a(s) vírgula(s) no trecho:

Ⓐ "Sergio Erhardt, filho de Ervino, explica que o aumento da produtividade está relacionado com a capacitação e também com o investimento em tecnologia."
Ⓑ "...e ampliar o banco de gelo, responsável pelo armazenamento da produção."
Ⓒ "Hoje a gente sabe que não pode ter mais de 20% de vacas sem produzir, senão temos algum problema."
Ⓓ "Na propriedade do associado Ervino Erhardt, com a ordenha mecanizada e os tanques resfriadores de 500 litros, eles produzem sozinhos mais que todos os associados no começo."
Ⓔ "Antes da associação, os produtores de leite de Alto Alegre vendiam para uma só empresa."

18. COSEAC-UFF – Tendo em vista as normas em vigor, é inaceitável a proposta de mudança de pontuação indicada na seguinte alternativa:

Ⓐ A concepção cosmocêntrica dos antigos gregos fazia do homem um pequeno microcosmos. – uso de vírgula entre "os antigos gregos" e "fazia".
Ⓑ Apolo, por exemplo, filho de uma mortal com Zeus (o deus maior dos gregos), para se tornar imortal, teria que tomar o leite de uma deusa – substituição dos parênteses por travessões.
Ⓒ Natureza e cultura estavam ainda mais separadas. O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / substituição do ponto por dois pontos (seguido de minúscula).
Ⓓ O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / uso de vírgula entre "o homem" e "um fim em si mesmo".
Ⓔ E. Morin dizia, com razão, que somos culturais por natureza e naturais por cultura / supressão das vírgulas.

19. COSEAC-UFF – Das frases a seguir extraídas do texto, aquela em que é possível acrescentar-se uma vírgula, sem prejuízo do sentido e da correção, é:

Ⓐ "Vamos estimular o uso consciente do computador."
Ⓑ "Ninguém questiona o fato de a internet ter se tornado ferramenta indispensável."

Ⓒ "No mundo digital tudo pode ser reconstruído."
Ⓓ "Fatores como esses poderiam explicar o refúgio na internet."
Ⓔ "O quadro de dependência é caracterizado a partir de oito critérios."

20. FUNRIO – Em "Ela, a mídia, pode e deve se manifestar quanto a suas preferências", as vírgulas servem para:

Ⓐ separar um vocativo;
Ⓑ destacar uma expressão resumitiva;
Ⓒ enfatizar um termo subsequente;
Ⓓ isolar um aposto;
Ⓔ neutralizar um termo antecedente.

21. FUNRIO – "Na obra machadiana, o funcionário público sempre comparece sob a sua mordacidade..."

A alternativa em que o uso da vírgula se justifica pelo mesmo motivo observado no trecho acima é:

Ⓐ "...deixava uma governação de cinquenta anos de respeito à cultura e de uma certa magnanimidade, mas de pouca atenção ao Nordeste do país."
Ⓑ "Quando o Império enfardelou os trapos e a República chegou, é aconselhado a retirar da parede da repartição onde trabalhava o retrato do Imperador."
Ⓒ "O entorno de amigos de Machado estava farto de políticos: Alencar, Francisco Otaviano, Bocaiúva, Joaquim Serra e o maior deles: Joaquim Nabuco."
Ⓓ "Rascunhava despachos antes de pô-los no papel, impugnava contas inadequadas, conteve gastos sem previsão orçamentária."
Ⓔ "...mas Cruls já batia pernas pelo Planalto Central, cuidando dos instantes seminais do que mais tarde viria a ser Brasília."

22. FUNRIO – As vírgulas empregadas no trecho "Para que continuemos a voar um voo de vitória, devemos nos desprender de lembranças, costumes e velhos hábitos que nos causam dor." justificam-se, normativamente, porque:

Ⓐ a primeira separa elementos de mesma função sintática, e a segunda separa termos empregados na ordem inversa;
Ⓑ a primeira separa termos empregados na ordem inversa, e a segunda isola expressões explicativas;
Ⓒ a primeira separa oração adverbial a iniciar o período, e a segunda separa elementos de mesma função sintática;
Ⓓ a primeira indica supressão de palavras, e a segunda isola expressões de cunho explicativo;
Ⓔ a primeira isola elementos de mesma função sintática, e a segunda demarca oração adverbial.

23. VUNESP – Assinale a alternativa correta, quanto à pontuação, conforme a norma culta:

Ⓐ Os óculos, de duas hastes, foram criados, pelo inglês James Ayscough.
Ⓑ O senador romano Marco Túlio Cícero, comprava escravos para lerem para ele.
Ⓒ No ano 1000: apareceram as primeiras lentes feitas, de cristais de quartzo.
Ⓓ Os europeus tinham vergonha, de usar óculos. Pois achavam o adorno feio.
Ⓔ Antigamente, quem tinha problema de visão logo se aposentava.

24. FEC – No trecho: "Sem que Clarissa saiba exatamente por que, seus olhos [...]", a pontuação foi devidamente empregada, o mesmo <u>não</u> se podendo apontar, porém, em um dos itens abaixo. Marque-o:

Ⓐ Os convidados, distraídos com o barulho reinante, nada perceberam.
Ⓑ Minha irmã, ela mesma, resolveu o nosso problema.
Ⓒ Adoro natação; ele, futebol.
Ⓓ "— Queria ver se você é mesmo inteligente!" – retrucou, sabiamente, o professor.
Ⓔ O Presidente da indústria de laticínios e seus derivados, apresentou-nos a proposta.

25. FEC – O único trecho em que a pontuação foi feita adequadamente é:

Ⓐ Os micos-leões-dourados não se extinguiram graças ao trabalho, sério dos zoológicos.
Ⓑ Não só os ursos mas também, os elefantes, sofrem com a falta de espaço no cativeiro.
Ⓒ A dificuldade dos animais é principalmente, a reintegração à natureza.
Ⓓ Diretores de zoológicos brasileiros, consideram importante mantê-los funcionando.
Ⓔ É necessário, acima de tudo, fiscalizar o cumprimento da lei nos zoológicos.

26. FEC – Relacionam-se abaixo alguns sinais de pontuação que poderiam supostamente substituir o travessão usado em "Às vezes, é preciso cortar a carne apodrecida antes que o inchaço cubra os dentes e leve o doente à morte – sem conseguir mastigar, os infelizes definham de fome".

I. vírgula

II. dois-pontos

III. ponto e vírgula

IV. ponto (seguido de letra maiúscula)

Dos sinais de pontuação acima relacionados, o travessão pode ser substituído, sem comprometer a leitura do enunciado:

Ⓐ apenas por I;
Ⓑ por I e II;
Ⓒ por II, III e IV;
Ⓓ por III e IV;
Ⓔ por qualquer dos sinais relacionados.

27. FJG – Observe o texto a seguir:

"Exemplos: às vezes, um cobertor abandonado sobre o leito, uma toalha pendurada são percebidos como figuras humanas. O martelo de percussão é confundido com um instrumento ameaçador."

Esse trecho de texto estaria mais bem pontuado caso se procedesse à seguinte substituição:

Ⓐ do ponto pelo ponto e vírgula após a expressão figuras humanas;
Ⓑ dos dois-pontos pelo travessão após a palavra Exemplos;
Ⓒ dos dois-pontos pela vírgula após a palavra Exemplos;
Ⓓ da vírgula pelo ponto e vírgula após a palavra leito.

28. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a única que não contém erro de pontuação é:

Ⓐ A verba destinada à pesquisa de novos mercados, foi aumentada em quinze por cento.
Ⓑ Lembramos ainda que as gratificações sofrerão no primeiro semestre de 1998, alguns pequenos cortes.
Ⓒ Voltamos a informar que, faltam no seu relatório os dados numéricos.
Ⓓ Convém acrescentar também, que além dos tipos acima descritos, existem ainda o criativo e o explorador.
Ⓔ Vimos, por meio desta, comunicar a V. Sª que fomos autorizados a conceder-lhe o benefício acima referido.

29. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o uso de vírgulas aparece corretamente justificado:

Ⓐ "...atingindo indistintamente vários segmentos da população, ricos e pobres,..." – para indicar a presença de um vocativo.
Ⓑ "...a propaganda comercial também veicula, com a propaganda ideológica, modelos de apresentação pessoal..." – para separar o verbo de seu objeto direto.
Ⓒ "...na véspera do dia das mães, dos namorados, dos pais e do Natal..." – para separar os termos de uma enumeração.
Ⓓ "...vamos assimilando o que deve ser comido no café da manhã, como lavar a roupa, o que beber..." – para separar orações subordinadas de diferentes tipos.
Ⓔ "...com todos trabalhando para, um dia, chegarem lá." – para mostrar o deslocamento sintático do complemento verbal.

30. ESAF – Analise as propostas e assinale a opção que indica alterações corretas para o trecho abaixo:

"É importante mencionar que em 99,99% dos casos em que as autoridades fiscais têm acesso às movimentações bancárias dos contribuintes, e lhes é permitida a tão referenciada quebra do sigilo bancário, são apuradas irregularidades. Entretanto, somente exsurge a lide tributária que exige o contraditório e ampla defesa quando após a formalização do lançamento o contribuinte, inconformado, tempestivamente apresenta impugnação ou defesa contra o ato administrativo por meio do qual se exterioriza a exigência do crédito tributário [...]."

Propostas:

1. **Colocar uma vírgula após o verbo "mencionar".**
2. **Colocar aspas na expressão "quebra do sigilo bancário".**
3. **Separar com duplo travessão a oração "que exige o contraditório e ampla defesa".**
4. **Manter separada por dupla vírgula a expressão "após a formalização do lançamento".**
5. **Colocar entre parênteses o segmento "ou defesa contra o ato administrativo".**

Estão corretas as propostas:

Ⓐ 1, 2 e 4;
Ⓑ 1, 3 e 4;
Ⓒ 1, 4 e 5;
Ⓓ 2, 3 e 5;
Ⓔ 2, 3 e 4.

31. NCE-FCC – Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale, na folha de respostas, a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

Ⓐ Será necessário afirmar que nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar tal obra.
Ⓑ Será necessário afirmar, que nenhum outro seria mais capaz, do que ele, de realizar tal obra.
Ⓒ Será necessário afirmar que, nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar, tal obra.
Ⓓ Será necessário afirmar que, nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.
Ⓔ Será necessário afirmar, que nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.

32. FEC – Das alterações feitas abaixo na pontuação da frase: "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar." está <u>incorreta</u> a que foi feita na opção:

Ⓐ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓑ O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓒ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓓ O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓔ O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

33. VUNESP – Assinale a alternativa em que a pontuação atende aos princípios da norma culta.

Ⓐ Boa parte de seu crescimento, deve-se a sua estratégia de apoio, às micro, pequenas e médias empresas.

Ⓑ Assim como os colegas tentei esclarecer, em meus livros que: o terrorismo é fenômeno antigo, quase tão antigo quanto a humanidade.

Ⓒ A França, com 73 milhões de turistas/ano e a Espanha, com 46 milhões são exemplos de países que investem e faturam, com o turismo.

Ⓓ Outra possibilidade é pedir uma segunda opinião – e pagar por isso – a especialistas inscritos numa lista com a finalidade de prestar serviços de consultoria.

Ⓔ Para muita gente, a época de Natal e Ano Novo só provoca: tristeza – caso dos que vivem, debaixo de um viaduto.

34. NCE-UFRJ – As vírgulas entre colchetes, observadas abaixo, não foram empregadas pelo autor, no texto original. A opção em que uma ou mais vírgulas acrescentadas contrariam uma norma de pontuação é:

Ⓐ "Tornando-se [,] por isso [,] objeto de pressões e censuras."

Ⓑ "Nesse sentido [,] é um espaço democrático, por excelência..."

Ⓒ "Mais tarde [,] boa parte dos críticos [,] reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC..."

Ⓓ "Enfrentou ameaças, hostilidade, censura e truculência [,] mas manteve nas suas reuniões anuais."

Ⓔ "Os problemas do país [,] certamente [,] continuam merecendo toda a atenção da comunidade científica."

35. UECE – A explicação para o emprego das vírgulas está coerente em:

- **A** "Muitos pais, ao se perguntarem por que seus filhos se drogam, não...": destacam uma oração substantiva.
- **B** "A utilização da droga, seja de qual espécie for, é...": evidenciam um aposto.
- **C** "O acúmulo de frustrações, as quais desde a mais tenra infância atormentam uma pessoa, a leva..." : isolam uma oração adjetiva explicativa.
- **D** "É necessário também lembrar que, em certas condições, isso..." : separam termos de mesma função.

36. PUC-MG – Assinale a opção em que haja erro quanto ao emprego da vírgula:

- **A** O comentário é que não saberíamos, quando ele retornaria de viagem.
- **B** Esgotadas as possibilidades de diálogo, abandonamos a reunião.
- **C** Já que não havia mais discussões na sala, preferimos ir embora.
- **D** Não havia dúvida de que, para ir para casa, precisávamos de coragem.

37. NCE-UFRJ – A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2004".

- **A** Separa oração subordinada adjetiva explicativa.
- **B** Separa oração subordinada adverbial consecutiva.
- **C** Separa oração subordinada adjetiva restritiva.
- **D** Separa oração subordinada substantiva apositiva.
- **E** Separa oração coordenada sindética explicativa.

38. FESP-RJ – No trecho "Propor, contudo, a permanência da criança na rua é cega hipocrisia...", empregaram-se as duas vírgulas porque a conjunção, habitualmente no início da oração, aparece intercalada. O trecho onde as duas vírgulas também separam uma expressão intercalada é:

- **A** "...ou as condições de vida que lhe são impostas pelo caótico quadro social, político, ético e econômico da nação."
- **B** "...nem se abranda com leis ou discursos laudatórios dessa lei, mas com vontade política e recursos, muitos recursos."
- **C** "Tais recursos, sabe-se, não estão disponíveis hoje."
- **D** "A rua não é local adequado para morar, e a defesa do menor de rua não pode se transformar na defesa do menor na rua, como querem agora os defensores."
- **E** "Oferecendo-lhe albergue, comida, escola..."

39. CESPE-UnB – Identifique a única opção em que o emprego de vírgulas é facultativo.

- **A** "...decerto a sua figura deveria ter-se cruzado, muitas vezes, com a do menino fardado..."
- **B** "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador..."

Ⓒ "...e em cujos canteiros florejavam espessuras e certas musguentas flores amarelas, e um imenso besouro zoava."
Ⓓ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta..."
Ⓔ "...o bulício vesperal do instante em que, aberta a porta..."

40. VUNESP – A única alternativa que apresenta <u>correta</u> pontuação é:

Ⓐ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓑ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua", que, no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.
Ⓒ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis: esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo, trombadinhas e, viciados em drogas.
Ⓓ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua", que no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓔ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que, muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis; esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos, totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.

41. ESAF – Assinale o item que apresenta pontuação correta:

Ⓐ Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
Ⓑ Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam o pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

C Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

D Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

E Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

42. FGV – Em cada alternativa abaixo, modifica-se uma frase do texto, com ênfase na pontuação. A alteração <u>não</u> é bem sucedida em:

A Se o pedaço de pau sair úmido, é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.
Pode o pedaço de pau sair úmido: é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.

B Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros sem precisar transpor um único arroio.
Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros: sem precisar transpor um único arroio.

C E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos que são os sertanejos.
E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos: os sertanejos.

D Diz-se, por exemplo, dos carajás que, quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.
Diz-se, por exemplo, dos carajás: quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.

43. FJG – "O recurso à palavra pomposa, o palavrão bonito da moda, é sintomático de velha doença brasileira da retórica."

As vírgulas foram usadas no fragmento para:

A desfazer possível má interpretação;

B indicar a elipse de um verbo;

C intercalar o vocativo;

D separar o aposto do termo fundamental;

E assinalar o deslocamento de um termo.

44. FEC – No enunciado "A frequência, quantidade de ondas sonoras que passa em um ponto durante determinada intervalo de tempo, é, em geral medida em hertz...", as vírgulas foram usadas em obediência à mesma regra que justifica o emprego da(s) vírgula(s) em:

Ⓐ "Golfinhos, baleias e algumas espécies de esquilos e pássaros também usam a ecolocalização..."
Ⓑ "Já a intensidade é a quantidade de energia do som, em geral medida em decibéis (dB)."
Ⓒ "Algumas espécies, durante essa operação, podem emitir 200 sinais por segundo..."
Ⓓ "Isso tem uma importante implicação para a ecolocalização, pois ecos de sons de alta frequência podem permitir uma informação mais detalhada sobre um objeto."
Ⓔ "Esse sistema de orientação é encontrado em todas as espécies da subordem Microchiroptera (cerca de 850), um dos dois grandes grupos em que se dividem os morcegos."

45. FEC – Está <u>incorreto</u> o emprego da vírgula na frase:

Ⓐ Você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
Ⓑ O cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
Ⓒ Direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
Ⓓ Os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
Ⓔ Um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

46. NCE-UFRJ – "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

Ⓐ destacam um esclarecimento do autor;
Ⓑ separam o aposto do resto da frase;
Ⓒ mostram uma alteração na ordem direta dos termos;
Ⓓ indicam fala do autor do texto;
Ⓔ separam orações.

47. ESAF – Indique o período com pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ Qualquer que seja a condição observada – seja positiva ou negativa – nas auditorias, constitui ela a premissa básica sobre a qual se fundamenta a descoberta de um fato.
Ⓑ Esse fato, em geral, é uma condição observada por auditores, em casos em que parece possível reduzir os custos ou melhorar os resultados de programas.

Ⓒ "Observar" é usado aqui em sentido amplo, abrangendo não somente o que os auditores veem, mas o que depreendem de debates, análises e outras técnicas.
Ⓓ O planejamento para execução de auditorias operacionais, normalmente começa com a identificação de um fato a ser descoberto.
Ⓔ Assim, esse deve ser o ponto central da elaboração de planos para realização da auditoria e coleta das informações necessárias.

48. NCE-UFRJ – "Há muitas comparações que não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. O que é melhor: gastar 24 milhões de reais fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria que acolhe queixas da população contra barbaridades policiais?"

O item em que o emprego das vírgulas em negrito é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

Ⓐ "Sumiram**,** é verdade**,** as placas estandartes perenes..."
Ⓑ "Publicidade oficial tem sido**,** quase sempre**,** uma maneira..."
Ⓒ "No mais**,** a proibição não pegou."
Ⓓ "...a sanha empreendedora de prefeitos**,** governadores e presidentes."
Ⓔ "Parodiando Dario**,** o Dadá Maravilha**,** goleador histrião..."

49. FESP-RJ – "A favela é um sintoma – grave – da doença brasileira."

Na frase acima, os travessões foram usados para:

Ⓐ evitar a repetição de um termo já mencionado;
Ⓑ explicar, com um sinônimo, o termo anterior;
Ⓒ enfatizar a adjetivação atribuída ao substantivo anterior;
Ⓓ interromper o pensamento, desviando-o para outro assunto;
Ⓔ intercalar uma ideia estranha à que vinha sendo enunciada.

50. FESP-RJ – Nas passagens do texto abaixo estão indicadas vírgulas que o autor poderia ter usado. A alternativa em que seu aparecimento contraria as normas da língua culta é:

Ⓐ "No Brasil, se o hábito não faz o monge, muitas vezes**,** é causa de atraso."
Ⓑ "O medo de modificar costumes inadequados a nossa realidade faz**,** com que permaneçamos estacionados."
Ⓒ "Criou-se**,** entre nós**,** a ideia equivocada de que um homem só está bem vestido quando abafa o corpo."
Ⓓ "Mais lógico seria que**,** ao serem bombardeados nas ruas, nos ônibus, nos trens e nos escritórios por esse calor insuportável**,** os homens reagissem."
Ⓔ "Tenho esperança de que**,** brevemente, sem traumas, recalques ou compromissos com o passado, poderemos**,** finalmente**,** ir para o trabalho em roupa esporte."

51. CESPE-UnB – Todas as assertivas sobre a pontuação dos fragmentos de textos abaixo são corretas, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Assim, Serafim Costa era apenas um nome – a belíssima sonoridade de um estilhaço de mitologia, uma flor aérea que, em vez de pétalas, possuía sílabas." – O travessão usado isola adjunto adnominal de "um nome".

Ⓑ "...a gente via as copas das mangueiras, cajueiros, palmeiras e outras árvores sob as quais alguns cães esperavam, impacientes, que a rotina bocejante do dia se esfarelasse para que eles pudessem latir, na noite raiada de estrelas, como que lembrando a Serafim Costa – que interromperia por meio minuto o seu sono tranquilo e patriarcal – as suas presenças vigilantes." – Os travessões podem ser substituídos por vírgulas.

Ⓒ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O primeiro travessão introduz o discurso direto.

Ⓓ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O segundo travessão inicia o discurso do narrador.

Ⓔ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta que inexplicavelmente não o acompanhou ao túmulo (o que talvez não o fizesse ser de pronto reconhecido no Paraíso), e nós ainda guardando nos ouvidos o bulício vesperal..." – Está certa a substituição, por travessões, dos parênteses usados, mantendo-se a vírgula empregada antes de "e".

52. ESAF – Indique o trecho que apresenta pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

Ⓑ É preciso observar que há mudanças no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

Ⓒ Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

Ⓓ São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

Ⓔ Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

53. ESAF – Identifique no texto o local marcado com um * <u>onde não se pode usar vírgula</u> e marque a letra correspondente.

O processo de desenvolvimento brasileiro no período de pós-guerra* (A) teve como seu elemento dinâmico o processo de substituições* (B) responsável

pela industrialização e modernização do País. Quando* (C) a partir de 1961* (D) foi-se paulatinamente esgotando a possibilidade de substituição maciça de importações* (E) a economia perdeu sua fonte de dinamismo e entrou numa fase de relativa estagnação.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

54. ESAF – Quanto à pontuação, a frase <u>correta</u> é:

Ⓐ Quando trazidos do exterior os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos, a controle especial do Ministério da Agricultura.
Ⓑ Quando, trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓒ Quando trazidos do exterior os vinhos, e seus derivados serão submetidos a controle, especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓓ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓔ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos a controle especial do Ministério da Agricultura.

55. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta frases corretamente pontuadas.

I. O técnico do time, Luís Augusto de Moraes, ficou gripado e, a partir daí, tomou todos os cuidados possíveis, recomendando aos jogadores que se agasalhassem.

II. Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia Prefiro a virtude do medíocre, ao talento do velhaco.

III. Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.

IV. O problema foi exposto; ninguém, entretanto, deu solução.

V. Ele disse tudo ou melhor tudo o que sabia.

Ⓐ I e V.
Ⓑ II e III.
Ⓒ III e IV.
Ⓓ I e IV.
Ⓔ IV e V.

56. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação:

Ⓐ Seguido pelo alcoolismo o tabagismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓑ O tabagismo encabeça, seguido pelo alcoolismo a lista dos fatores de risco.
Ⓒ O tabagismo, seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓓ O tabagismo seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓔ O tabagismo encabeça seguido pelo alcoolismo, a lista dos fatores de risco.

57. FCC – A alteração na pontuação acarreta alteração de sentido em:

I. Quando desembarquei percebi que o dinheiro já não estava comigo.
Quando desembarquei, percebi que o dinheiro já não estava comigo.

II. Felizmente nada de mais grave lhe aconteceu.
Felizmente, nada de mais grave lhe aconteceu.

III. Você acredita de fato que todos esses poemas são bons?
Você acredita, de fato, que todos esses poemas são bons?

IV. Só respeito os argumentos dela que se baseiam em fatos.
Só respeito os argumentos dela, que se baseiam em fatos.

V. Ao partirem já comecei a sentir saudades.
Ao partirem, já comecei a sentir saudades.

Ⓐ I.
Ⓑ II.
Ⓒ III.
Ⓓ IV.
Ⓔ V.

58. SENASP – A pontuação na escrita é a entonação na fala, portanto analise cada uma das opções e assinale a que não justifica a explicação entre parênteses:

Ⓐ As leis brasileiras, explicava o juiz, vão sendo modificadas gradualmente. (oração intercalada precisa de vírgulas)
Ⓑ Casa de ferreiro, espeto de pau. (ideias opostas necessitam separação assindética)
Ⓒ O carnaval, que é festa popular, é bem comemorado no Nordeste. (oração adjetiva explicativa tem que ser separado por vírgulas)
Ⓓ Quer aceitemos, quer não aceitemos, a violência se instalou entre nós. (a vírgula separa orações alternativas)
Ⓔ Já bateu o sino, logo podemos ir à missa. (a vírgula separa oração conclusiva)

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: 'o morro' e 'a rua'. O primeiro é seu território, lugar bem conhecido e onde ele é alguém. Para ele, 'a rua' também é familiar."

Qual a justificativa para o emprego da última vírgula encontrada no texto?

Ⓐ Designar um elemento intercalado.
Ⓑ Sublinhar uma opinião.

Ⓒ Indicar a existência de um aposto.
Ⓓ Dar destaque ao personagem.
Ⓔ Separar elemento antecipado.

60. ACCESS – A vírgula que separa a oração sublinhada em "Os ídolos cumprem um papel importante. São geradores de entusiasmo e alegria. Ayrton Senna foi um semeador de otimismo. O Brasil esquecia suas mazelas, e os nossos domingos se vestiam de verde e amarelo." da oração seguinte se justifica porque esta oração:

Ⓐ tem sujeito diferente;
Ⓑ é oração adverbial;
Ⓒ é coordenada à anterior;
Ⓓ é oração reduzida;
Ⓔ não tem nenhum elemento coordenativo.

61. FESP-RJ – Em várias passagens do texto, é livre o uso de vírgula. A alternativa em que se colocou este sinal de pontuação de modo irregular é:

Ⓐ "Um dia(,) Oscar resolveu levar na camioneta..."
Ⓑ "Na barreira(,) foi interpelado pelo guarda:..."
Ⓒ "Lá em baixo(,) no primeiro andar, um funcionário..."
Ⓓ "No Serviço de Seleção(,) perguntaram ao Oscar..."
Ⓔ "Eu venho(,) com o milho e ela já volta..."

62. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego inadequado de sinal de pontuação:

Ⓐ A rigor, não há incompatibilidade entre neoliberalismo e democracia.
Ⓑ No governo do presidente Reagan, nos EUA, os pobres tornaram-se mais pobres ainda, e 60% do aumento do Produto Nacional Bruto favoreceram os 1% mais ricos.
Ⓒ As condições de vida naquele país deterioraram-se dramaticamente, mas nunca passou pela cabeça do grande astro investir contra a lei ou cercar o Capitólio pelo "marines".
Ⓓ Se as políticas econômicas do socialismo não são garantia para a democracia, do neoliberalismo emerge a devastação da vida das populações pobres, mas nem sempre a ditadura.
Ⓔ Nem Reagan, nem Thatcher, conseguiram pôr abaixo as políticas compensatórias da pobreza.

63. CESPE-UnB – Assinale a opção que não contém erro de pontuação:

Ⓐ O Programa Nacional dos Direitos Humanos determina: que se priorize a seleção, a capacitação e o aperfeiçoamento dos quadros policiais, que se equipem os organismos policiais, que se reveja a legislação sobre compra e

utilização de armas e munições, que se criem e se fortaleçam as corregedorias de polícia, visando limitar abusos e erros em operações de segurança; bem assim indica como fundamental, a revisão da legislação que regula os serviços privados de segurança.

Ⓑ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é urgente uma ampla mobilização da sociedade, no sentido de apoiar a execução de programas de desarmamento da população, e prevenir comportamentos violentos; também é importante estimular programas de cooperação e entrosamento entre policiais civis e militares, e o Ministério Público.

Ⓒ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é imprescindível que sejam asseguradas condições de proteção e dignidade aos policiais e às suas famílias.

Ⓓ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é fundamental isto: que os policiais se identifiquem com a causa dos direitos humanos; que troquem experiências e informações entre as corporações; que multipliquem experiências de policiamento – comunitário e interativo – e finalmente, que a população encontre no policial, segurança e respeito.

Ⓔ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é preciso; que o sentimento de respeito ao outro seja um sentimento de todos, e que todos respeitem as leis.

64. NCE-UFRJ – Em: "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria, seus exploradores – a classe política – e os vícios do modelo centralista de administração pública".

Assinale o comentário correto sobre os sinais de pontuação na frase acima:

Ⓐ O emprego de travessões em lugar das vírgulas, para destacar o aposto, foi utilizado a fim de ser dada mais clareza à frase.

Ⓑ O advérbio "definitivamente" deveria vir obrigatoriamente entre vírgulas já que se trata de um adjunto adverbial deslocado.

Ⓒ O uso da vírgula após "miséria" se deve ao fato de este termo ser seguido de um aposto explicativo.

Ⓓ O uso da única vírgula presente no texto tem caráter optativo.

Ⓔ Não ocorre a vírgula após "expôs" porque jamais pode haver vírgula entre o verbo e seu complemento.

65. ESAF – Assinale a opção em que o texto foi pontuado em <u>desacordo</u> com as normas da língua culta:

Ⓐ A mediação traz um novo conceito à prática do Direito, uma vez que não tem caráter adversarial.

Ⓑ Pode ser utilizada por pessoas físicas, jurídicas e públicas e envolve técnicas de negociação processualizada, em que os interesses e a igualdade entre as partes devem ser amplamente respeitados.

Ⓒ Pelo contrário, opta, pelo diálogo e pelo entendimento entre as partes, mediado por um especialista neutro.

D Se na Justiça comum os litigantes buscam a solução de um terceiro, na mediação a solução está ao alcance das partes, que se dispõem previamente a chegar a um entendimento.

E O conflito é atenuado a partir dessa predisposição em negociar, comum aos dois lados, que anseiam por encontrar acordo satisfatório para todos os envolvidos.

66. DAVES – Seria possível alterar a expressão escrita de enunciados do texto, conforme se apresenta abaixo, sem infringir regras de pontuação, exceto no que diz respeito à proposta da alternativa:

A "A busca de informações exige técnica apurada para seu registro." / A busca de informações, exige técnicas apuradas para o seu registro.

B "Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente." / Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação, e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente.

C "Num caso e noutro a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto." / Num caso e noutro, a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto.

D "Portanto, a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país." / Portanto a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país.

E "Teoricamente, deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional." / Teoricamente deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional.

67. FGV – A alternativa correta quanto à pontuação é:

A O aspirador, que não funciona, é este.

B Alice nossa amiga, parece feliz.

C Creio, porém, que estava adormecido.

D O livro, disse o autor é ilustrado.

68. FEC – Nos itens abaixo, substituiu-se a vírgula por outro sinal de pontuação. A opção em que a substituição não é cabível gramaticalmente é:

A "Pode-se dizer que as batalhas históricas, ou os eventos em geral que envolvem conflitos, são travadas pelo menos duas vezes." / Pode-se dizer que as batalhas históricas – ou os eventos em geral que envolvem conflitos – são travadas pelo menos duas vezes.

B "O combate histórico feriu-se há cem anos, mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)" / O combate histórico feriu-se há cem anos; mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)

Ⓒ "(...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a história da historiografia." / (...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje; em que não se distingue a história da historiografia.

Ⓓ "A batalha de hoje se dá em duas frentes principais, a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais." / A batalha de hoje se dá em duas frentes principais: a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais.

Ⓔ "Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História, como a Revolução Francesa, seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia." / Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História – como a Revolução Francesa – seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia.

69. EMPASIAL – Os períodos abaixo representam diferenças de pontuação. Assinale a opção que corresponde ao período de pontuação correta:

Ⓐ Uns optaram, pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

Ⓑ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul houve quem, preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓒ Uns optaram pelo partido rosa outros pelo azul houve, quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓓ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓔ Uns, optaram pelo partido, rosa outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

70. ESAG – Observe o texto a seguir:

"Certamente não há dado referente ao maremoto do dia 26 de dezembro de 2004 mais impressionante do que as mais de 250 mil vidas humanas perdidas. Mas outro aspecto começa a despertar a atenção da comunidade internacional. Trata-se dos estragos ambientais acarretados pelo efeito devastador das paredes de água de 10 metros que atingiram países do Oceano Índico. 'Manguezais e pântanos costeiros provavelmente foram destruídos', diz o professor da Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lauro Calliari, doutor em Oceania Geológica. 'Esses ambientes são essenciais para o ecossistema, porque servem de berçário para muitas espécies animais nos primeiros estágios de vida', completa o pesquisador.

As imagens de satélite mostram paisagens repletas de cor, antes da chegada das ondas. O azul do mar, a areia branca das praias da Indonésia e o verde dos coqueiros foram rapidamente substituídos por um lamacento quadro marrom.

Os recifes de corais também foram atingidos. 'São ambientes muito sensíveis ao depósito de sedimentos (lama) e detritos orgânicos transportados pela série de ondas gigantes e seu refluxo', afirma Lauro Calliari. Esse acontecimento pode matar colônias inteiras de corais, assim como a exposição ao sol sofrida pelos recifes, quando as águas recuaram para a formação dos tsunamis. Esses ambientes podem levar centenas de anos para ser recuperados e os prejuízos são enormes para a fauna marinha.

No Sri Lanka, um programa de proteção às tartarugas marinhas contava com mais de 20 mil filhotes de cinco espécies em extinção. Restaram apenas 400. Muitas das tartarugas adultas também morreram e algumas foram encontradas em rios distante 5 quilômetros da costa. O mesmo aconteceu com crocodilos arrastados às praias nas ilhas indianas de Andaman e Nicobar. Os répteis passaram a atacar os sobreviventes e a atrapalhar as equipes de resgate."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

- **A** As aspas, nas linhas 5 e 13-15, distinguem a fala do professor do restante do texto.
- **B** A vírgula depois de Sri Lanka (linha 19) marca um adjunto adverbial antecipado.
- **C** As duas primeiras frases do texto (linhas 1 a 3) podem ser unidas por uma vírgula, sem que o sentido do texto se altere.
- **D** Em "O azul do mar, a areia branca das praias" (linha 11) a pontuação está errada, pois não se emprega vírgula no sujeito.

71. FCC – A pontuação está inteiramente correta em:

- **A** Nicolau Maquiavel analisando os problemas dos principados italianos, escreveu em plena Renascença, um tratado sobre os fundamentos das ações políticas.
- **B** Em plena Renascença, Maquiavel, analisando os problemas dos principados italianos, escreveu *O Príncipe*, um verdadeiro tratado de política.
- **C** Quando escreveu *O Príncipe* Maquiavel preocupou-se com os problemas dos principados italianos, resultando uma obra, considerada basilar, para quem se interessa por política.
- **D** Tendo escrito *O Príncipe*, em plena Renascença Maquiavel nos legou sem dúvida, um tratado sobre política cujo valor continua sendo reconhecido em nosso tempo.
- **E** Poucos imaginariam que, aquele tratado sobre política datado da Renascença, teria um valor tal que se manteria vivo, por tantos séculos, e, continuaria atual em plena modernidade.

72. ESAF – Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgulas(s) não altera o sentido da frase:

Ⓐ As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.
Ⓑ Todos os dias, ele sai, tranquilamente, de casa.
Ⓒ O trabalho foi feito, conforme você pediu.
Ⓓ Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.
Ⓔ Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

73. CETRO – Assinale a opção que respeita as normas gramaticais de pontuação:

Ⓐ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓑ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓒ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓓ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓔ O jornalista é sem dúvida um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.

74. CESPE-UnB – Assinale a opção em que não deve ser usada a vírgula ao se anexar a oração transcrita entre parênteses:

Ⓐ O que foi dito não combina com versões apocalípticas de uma invasão militar daquelas favelas (que reúnem mais de dez mil habitantes de vários pontos da cidade).
Ⓑ O Brasil e os outros integrantes do Grupo do Rio consideram que a Declaração de Montevidéu foi fundamental para "amaciar" os franceses (que ameaçavam abandonar as negociações).
Ⓒ A Constituição de 1946 limitava a gratuidade das escolas secundárias e superiores públicas aos alunos (que comprovassem míngua de recursos).
Ⓓ Os monstros mais famosos da unificação europeia assustam tanto quanto "detalhes" como a eleição do Parlamento europeu (que começa a trabalhar em janeiro de 1995).
Ⓔ Segundo a seguradora, o maior crescimento nas reclamações, no Rio, foi em relação aos seguros de vida (que de janeiro a agosto último somaram 150).

75. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

Ⓐ Denis de Rougemont tomou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.

Ⓑ Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização o seu obstáculo supremo, que é a morte.

Ⓒ Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.

Ⓓ Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

Ⓔ Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa.

76. NCE-UFRJ – "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas'."

As vírgulas utilizadas neste segmento têm a mesma explicação que as utilizadas em:

Ⓐ "...venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."

Ⓑ "É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal..."

Ⓒ "E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz?"

Ⓓ "Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos..."

Ⓔ "Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará."

77. FCC – A pontuação desta frase está inteiramente correta:

Ⓐ A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.

Ⓑ De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

Ⓒ A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
Ⓓ As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e mão de obra, simultaneamente, para o capital.
Ⓔ Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

78. FCC – Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos; seja pelas consequências que dele derivaram projetadas em escala mundial.
Ⓑ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico seja pela gravidade, que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências, que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓒ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico – seja pela gravidade que tiveram, em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓓ Há eventos que, como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico, seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓔ Há eventos, que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que, dele, derivaram projetadas em escala mundial.

79. IPAD – Em "Há muito tempo já deixamos para trás a cultura do *ser*. Agora, o que vai se formando é uma cultura um grau acima da tão denunciada cultura do *ser*. Forma-se a cultura do ter o que o outro não tem. Os bens de consumo retiram seu valor de um sentimento de exclusividade: é o cartão de crédito que dá uma identidade especial, sobretudo quando no hotel de Nova York já não pedem o passaporte, mas aqueles cartão superespecial; o automóvel é tanto melhor quanto menos mortais possam comprá-lo; a roupa tem uma grife exclusiva. É bom pensar no que significa a palavra 'exclusiva': ela significa excluir o outro. Na raiz mesma do ato do ato de consumir, dentro desse modelo, há um desejo de excluir o outro."

O uso do ponto-e-vírgula, no texto lido, pode ser justificado em:

Ⓐ separa orações coordenadas assindéticas;
Ⓑ marca a intercalação de expressões;
Ⓒ indica a elipse de uma palavra (verbo);
Ⓓ separa partes de períodos que já apresentam divisões assinaladas por vírgulas;
Ⓔ separa constituintes sintáticos idênticos.

80. DAVES – As vírgulas foram usadas para separar um termo explicativo na alternativa:

- **A** "Numa instituição religiosa como a Ordem Dominicana, há oitocentos anos o fim do mandato de um superior se traduz na demissão compulsória de todos por ele nomeados."
- **B** "Assim, evitam-se o continuísmo, do ponto de vista político, e o carreirismo, do ponto de vista administrativo."
- **C** "Na administração pública brasileira pode-se mapear, em detrimento do decoro, frondosas árvores genealógicas."
- **D** "Hoje, essa 'economia das mercês' explica a presença, no governo federal, de ministros que até ontem lhe faziam acirrada oposição e até o consideravam 'o mais corrupto da história do Brasil."
- **E** "Se nossos desmandos têm origem na colônia, isso não significa que nós, brasileiros, somos irremediavelmente macunaímicos, sem caráter."

81. DAVES – A vírgula está incorretamente empregada no trecho

- **A** "Nos últimos 25 anos, o Brasil tem apresentado alguns sinais importantes de decadência socioeconômica nem sempre considerados pela opinião pública."
- **B** "Não obstante o quadro geral de piora econômica e social, registra-se avanço no enriquecimento de poucas pessoas."
- **C** "Da mesma forma, observa-se que os atuais detentores de riqueza são cada vez menos descendentes de atividades produtivas lícitas, decorrentes da inevitável e aceitável, evolução do trabalho empreendedor."
- **D** "A ganância pelo dinheiro os torna cada vez mais alienados, pois tudo o que possuem tende a se resumir ao dinheiro ou a sua incessante busca, salvo poucos casos especiais."
- **E** "Inversamente à concentração da riqueza, permanece intacto o déficit nos serviços públicos indispensáveis à vida civilizada."

82. FURB – Da frase a seguir foram retiradas as vírgulas:

"Eu por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"

Assinale a alternativa que apresenta a forma correta de pontuação:

- **A** "Eu, por exemplo o capitão do mato, Vinícius de Moraes, poeta, e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta, de Xangô. Saravá!"
- **B** "Eu por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **C** "Eu, por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto, do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **D** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **E** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, na linha direta de Xangô. Saravá!"

83. FURB – Apenas um dos períodos a seguir está corretamente pontuado. Assinale-o:

Ⓐ As pesquisas científicas mostram reiteradamente, que correr faz bem, à saúde.
Ⓑ Correr, como nós já vimos é coisa antiga, mas nos anos 70, virou moda.
Ⓒ A pessoa sente-se bem correndo, e muita gente fala de uma "benéfica dependência" da corrida.
Ⓓ Um outro risco deve ser lembrado, sobretudo no verão: maratonistas, têm mais risco de câncer de pele (corredores, usem chapéu e, protetor solar).
Ⓔ Correr é uma moda diferente das outras, muito boa e, corresponde à valorização da saúde que é, um, dos característicos, de nossa época.

84. FURB – Algumas das frases a seguir apresentam erros de pontuação. Identifique as corretas:

1. Robertinho, também é professor de Física, profissão, que adotou, desde que se formou em nossa Universidade.

2. Ele, sofreu apenas um puxão de orelha, enquanto todos os demais foram suspensos.

3. Assessores parlamentares, são pagos, diga-se de passagem com o nosso dinheiro, para trabalhar, não para distribuir pizza em plenário.

4. Havia, naquele momento, um clima de descontentamento no ar, manifestado apenas nas expressões fechadas da maioria dos presentes àquela cerimônia.

5. Numa plataforma, um grupo nos detém o passo: uma mulher, sentada no chão, conta histórias a umas seis ou sete crianças extasiadas.

Quanto à pontuação, estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 3 – 4;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 4 – 5;
Ⓓ 2 – 5;
Ⓔ 4 – 5.

85. ESAF – Assinale a sequência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados do seguinte fragmento. Ignore a necessidade de letras maiúsculas.

Toda estrutura da nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos (1) é preciso considerar esse fato para compreender exatamente as condições que (2) por via direta ou indireta (3) nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje (4) é efetivamente nas propriedades rústicas que toda vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia (5) as cidades são virtualmente simples dependências delas.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
A	:	,	.	,	-
B	.	,	,	.	:
C	;	-	,	,	.
D	,	-	;	:	;
E	?	:	,	.	.

86. NCE-UFRJ – "O Viva Rio pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira. Quer parar a cidade inteira por um momento – no trânsito, nas calçadas, nas empresas, dentro de casa. Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar. No carro, que desliguem o motor, abram as portas e saiam lentamente, por dois minutos. Nos escritórios, que se afastem das mesas e cheguem nas janelas. Nas empresas, que saiam para a rua."

O que justifica o emprego da última vírgula encontrada no texto?

A Separar um elemento intercalado.
B Indicar a antecipação de um sujeito.
C Marcar a omissão do verbo.
D Assinalar a presença do aposto.
E Destacar o vocativo.

87. NCE-UFRJ – Em: "A solução simplista seria repetir, em maior escala, o exemplo da Eco-92."

Qual a justificativa para o emprego das vírgulas na frase destacada?

A Separar o verbo do objeto direto.
B Destacar o aposto explicativo.
C Indicar que o determinado pela locução está dela afastado.
D Enfatizar a opinião do autor do texto.
E Indicar o deslocamento de um termo sintático.

88. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego <u>inadequado</u> de sinal de pontuação:

A De 1880 a 1980, o Brasil e o Japão foram os países que mais cresceram no mundo.
B Nosso país, que até 1930 podia ser considerado uma grande fazenda de café, transformou-se em 50 anos na oitava economia industrial do Ocidente.
C O modelo de substituição de importações, comandado pelo Estado e financiado basicamente por poupança externa, foi o grande responsável por essa brilhante *performance*.
D Em algum momento da segunda metade da década de 70, o modelo chega ao fim e o país, a partir de 1980 entra "em parafuso", perdendo seu impulso vital.
E Não tivemos competência para formular um novo projeto, que, dentro das mudanças ocorridas no mundo, pudesse garantir-nos continuidade do crescimento.

89. CESPE-UnB – Um dos casos mais frequentes do emprego da vírgula (ou de entrevírgulas, segundo alguns gramáticos) é para marcar a intercalação de um termo ou de uma oração em uma sentença, rompendo, assim, a cadeia da frase inicial.

Assinale a opção em cujo fragmento o emprego das vírgulas <u>não</u> obedece a essa regra:

Ⓐ "De fato, como única verdadeira certeza que temos na vida, a morte é banal, acontece a toda hora e, mais cedo ou mais tarde, chegará para todos."

Ⓑ "Sabemos também que, embora não esteja na lei, a pena de morte, pública e privadamente decretada,..."

Ⓒ "O matador paga fiança, é solto, responde o processo em liberdade e, se eventualmente for condenado, poderá..."

Ⓓ "...e, se eventualmente for condenado, poderá, caso se trate de réu primário, cumprir a pena também em liberdade."

Ⓔ "Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos..."

90. FCC – As frases abaixo foram pontuadas de maneira diferente daquela encontrada no texto. Assinale a alternativa em que a nova pontuação acarretou mudança de sentido na frase original:

Ⓐ O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas também produzir uma convulsão nos valores ideológicos. / O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas, também, produzir uma convulsão nos valores ideológicos.

Ⓑ Se há, de fato, uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida. / Se há de fato uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida.

Ⓒ Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido, em primeiro lugar, a ideologia. / Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido em primeiro lugar a ideologia.

Ⓓ Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street em um bando detestável de imbecis egoístas e empedernidos. / Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis, que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street, em um bando detestável de imbecis e empedernidos.

Ⓔ Como então Thatcher conseguiu assegurar seu poder? / Como, então, Thatcher conseguiu assegurar seu poder?

91. ESAF – Indique a alteração da pontuação original do texto que provoca erro:

A "...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo:..." / ...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se, tristemente, que o saldo é bastante negativo:...

B "A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio." / A promessa de preenchimento, dá lugar ao vazio.

C "Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno." / Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se – ritualiza-se – o drama do retorno.

D "Compreende-se então o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora." / Compreende-se, então, o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora.

E "...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial – da consciência da finitude – é ainda maior, uma vez que a busca do sublime..." / ...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial (da consciência da finitude) é ainda maior, uma vez que a busca do sublime...

92. ESAF – Assinale a opção em que a afirmação a respeito da pontuação adequada para o texto está incorreta.

Para medir o efeito de uma nova tecnologia é preciso avaliar em que medida ela dá mais eficiência aos processos de produção das empresas. A era do vapor deslocou a produção do lar para a fábrica(1) com a eletricidade(2) surge a linha de montagem. Agora(3) com computadores e Internet(4) a possibilidade de as empresas reformularem(5) seus processos é surpreendente(6) da aquisição de insumos à descentralização e à terceirização.

A É correto colocar um sinal de ponto e vírgula em (1).

B Em (2), (3), e (4) é correto colocar vírgulas.

C Pode-se optar por travessões, parênteses ou vírgulas em (3) e (4).

D Em (5) há exigência do uso de vírgula.

E Pode-se colocar vírgula ou travessão em (6).

93. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

A Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.

B Nesse sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.

C Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.

D Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.

E Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamim.

94. FEC – Das alterações feitas na pontuação dos trechos abaixo, a que está em <u>desacordo</u> com as normas em vigor é:

A "Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor." / Já não apita; vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa sob árvores em flor.

B "Uma pequena luz, lá em cima, há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?" / Uma pequena luz lá em cima há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?

C "O gato retardatário que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar." / O gato retardatário, que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar.

D "E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas, anjo sem asas, porém armado." / E as pessoas adormecidas sentem dentro de seus sonhos que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas: anjo sem asas, porém armado.

E "O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios, para os muros e grades, para as janelas e portões." / O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios; para os muros e grades; para as janelas e portões.

95. NCE-UFRJ – "Antes da chamada Lei dos Crimes Ambientais (Lei 9.605, de 1998), quem era flagrado na caça..." Emprega-se a vírgula, nesse caso, para:

A separar o vocativo;

B destacar o aposto;

C indicar inversão da ordem direta;

D evitar ambiguidade;

E ligar orações coordenadas.

96. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Ângela Branco, chefe da Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre da Prefeitura de São Paulo, diz não ser contra os criadouros, mas que não deveria ser estimulada a posse de animais silvestres. 'Isso prejudica o esforço de anos de trabalho de conscientização.' A veterinária ressalta que ao abrandamento da lei deveria corresponder uma fiscalização mais intensa dos criadouros e do comércio para evitar a 'legalização' de animais que são capturados ilegalmente. Ela cita que há muitos casos de adulteração de anilhas, as 'pulseiras' de identificação colocadas nas pernas das aves."

As aspas na palavra "legalização" indicam:

- **A** a necessidade de destacar o termo na frase;
- **B** tratar-se de palavra empregada erradamente;
- **C** a alteração de seu sentido original;
- **D** uma crítica às autoridades por sua deficiência;
- **E** um emprego fora das normas gramaticais.

97. NCE-UFRJ – "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável." O emprego da vírgula nesse caso se justifica porque se trata:

- **A** de um aposto;
- **B** de um vocativo;
- **C** de um termo em ordem inversa;
- **D** de uma necessidade de evitar-se ambiguidade;
- **E** de uma oração antecipada.

98. NC-UFPR – "Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras."

Indique a alternativa em que as duas frases acima foram reunidas em uma única, com pontuação adequada:

- **A** Agora podemos ver: que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa: porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira: tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **B** Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa, porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **C** Agora podemos ver, que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa

língua a definiu de certa maneira – tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓓ Agora, podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa; porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua, a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓔ Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa, porque antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira, tanto assim que o inglês fez uma definição, diferente, e precisou de duas palavras.

99. FUMARC – A alternativa em que a pontuação está correta é:

Ⓐ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo, um recurso que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais em reclamações, nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles, para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓑ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo: um recurso, que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e, especialmente, na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓒ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo – um recurso que tem certa semelhança com a apelação –, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações (nem sempre técnicas), cujos resultados porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓓ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo (um recurso que tem certa semelhança com a apelação), dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

100. FJPF – Em cada alternativa abaixo, reescreve-se uma frase do texto com alteração da pontuação. A nova redação <u>não</u> é gramaticalmente correta em:

Ⓐ Nos anos 1990 os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.
Nos anos 1990, os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.

Ⓑ Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e consequentemente o Universo estava se expandindo.
Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e, consequentemente, o Universo estava se expandindo.

C Essa mudança permitiu a Einstein descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.
Essa mudança permitiu a Einstein, descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.

D Em 1916 o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.
Em 1916, o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.

101. NCE-UFRJ – A nova redação dada aos trechos abaixo apresenta erro de pontuação na alternativa:

A "No céu de janeiro o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno, e no signo de Capricórnio é Lua Nova." / No céu de janeiro, o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno; no signo de Capricórnio, é lua nova.

B "Enquanto isso, aqui na Terra é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes." / Enquanto isso, aqui na Terra, é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes.

C "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo, é uma limitação.

D "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação. Obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação. Criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação. Insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação; obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação; criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação; insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação.

E "O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo. A estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas." / O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo; a estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas.

102. NCE-UFRJ – Observe o uso das vírgulas em: "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:

A "...com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento..."

Ⓑ "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'..."

Ⓒ "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote"' fala exclusivamente à sensibilidade brasileira..."

Ⓓ "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem."

Ⓔ "'Excluído', dirá o leitor, 'tem um sentido diverso'."

103. ESAF – Indique a opção que corresponde a emprego incorreto de sinal de pontuação:

"Uma grande vantagem da moeda estável é que as pessoas físicas podem escolher a forma mais adequada de cuidar do próprio dinheiro num prazo maior",(A) resume o economista Julius Haupt Buchenrode. Esquecer a cultura inflacionária de 80% mensais de 1990 e olhar o futuro além do dia seguinte,(B) faz parte de um aprendizado difícil para muitos. Antes,(C) era preciso aplicar o dinheiro para não perder,(D) tal era a velocidade de corrosão do poder de compra. A estabilidade econômica permitiu que os investidores tivessem uma ideia mais clara não apenas das perdas,(E) mas das possibilidades reais de lucro futuro. Antever com mais precisão o desempenho dos investimentos, no longo prazo, tornou-se instrumento poderoso.

Ⓐ A.

Ⓑ B.

Ⓒ C.

Ⓓ D.

Ⓔ E.

104. ESAF – Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está em <u>desacordo</u> com as normas da língua escrita:

Ⓐ O Imposto Único Federal-IUF, eliminaria 11 tributos federais, e incidiria sobre as movimentações financeiras de forma semelhante à CPMF.

Ⓑ Com uma alíquota de 1,7% no crédito e no débito, totalizando 3,4, o IUF preservaria o atual nível de arrecadação, sem prejuízos aos cofres públicos. Eliminam-se, assim, não só os tributos, mas também um sistema complexo, ineficiente, injusto e incentivador da sonegação.

Ⓒ Ressalta-se que o projeto altera apenas as fontes de arrecadação. As transferências financeiras para os Estados, Municípios e Previdência Social continuarão existindo.

Ⓓ Estados e Municípios ingressariam no novo sistema, ou não, após avaliarem os resultados obtidos pela União. Essa transição gradual visa a implantação segura e confiável do novo sistema tributário.

Ⓔ O IUF traria simplificação ao sistema de impostos da carga tributária com maior justiça social, aliviando a excessiva incidência sobre os assalariados e sobre as empresas organizadas.

105. FCC – O período cuja pontuação está inteiramente correta é:

- **A** Não sendo político, um ator não deveria jamais candidatar-se a qualquer cargo segundo julga a maioria dos eleitores que assim, manifestam seu preconceito.
- **B** Nômades, por um lado, devassos por outros é com tais imputações que se revelam, os preconceitos que, alimentamos em relação aos atores.
- **C** De todas as afirmações feitas no texto a que mais impressionou é a de que somos todos, atores, em virtude do fingimento pelo qual acabamos por regular nosso comportamento no cotidiano.
- **D** Ao se referir ao nosso absenteísmo, está o autor aludindo à nossa inércia, à acomodação política a que nos entregamos, mesmo nos momentos que exigem uma decisiva participação.
- **E** Sendo a democracia, ao mesmo tempo um regime de decisão pessoal, e de representação coletiva, suscita entre os eleitores, uma notável ambivalência na hora de se decidirem.

106. Sê como o sândalo que perfuma o machado que o fere

A alternativa em que a pontuação da sentença acima está correta é:

- **A** Sê, como o sândalo, que perfuma o machado que o fere...
- **B** Sê como o sândalo, que perfuma o machado, que o fere.
- **C** Sê como o sândalo: que perfuma o machado, que o fere!
- **D** Sê como o sândalo, que perfuma o machado que o fere.

107. FJPF – Observe o fragmento textual que se segue:

"A surpresa vem, sobretudo, do eco encontrado pela defesa de um direito civil clássico, a proteção da própria vida. Pesquisa de opinião pública na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 1997, revelou muito baixa consciência de direitos, sobretudo políticos e civis. Do total de entrevistados, 57% não conseguiram mencionar nem um direito sequer. Apenas 2% mencionaram direitos políticos e 12% direitos civis. A situação só melhorava um pouco em relação aos direitos sociais, reconhecidos por 26% dos entrevistados."

A mudança de pontuação <u>inaceitável</u>, do ponto de vista das normas vigentes, é:

- **A** o apagamento das vírgulas que assinalam o destaque fonético dado, no primeiro período, ao termo "sobretudo";
- **B** o uso de dois pontos, em vez de vírgula, ainda no primeiro período, entre "um direito civil clássico" e seu aposto;
- **C** a substituição da vírgula por travessão, no segundo período, entre o nome "direitos" e a especificação que se lhe segue;
- **D** o uso de vírgula, no terceiro período, entre o verbo "mencionar" e seu complemento;
- **E** o emprego de vírgula para assinalar a elipse de uma forma verbal no quarto período.

108. FGV – "Sim, a Bolívia tem direito a toda a sua riqueza e seu patrimônio; seu solo e subsolo são sua soberania. Ela pode – qualquer país pode – mudar suas leis e rever contratos."

No trecho acima, os travessões foram utilizados para introduzir:

Ⓐ um aposto;
Ⓑ uma explicação;
Ⓒ uma explicitação;
Ⓓ uma ressalva;
Ⓔ mudança da pessoa do discurso.

109. FGV – "Quando expurgou Plutão, a UAI não fez ciência: produziu uma definição, entre outras possíveis, com a finalidade de classificar e nomear."

Os dois-pontos, no trecho acima, introduzem uma:

Ⓐ explicação;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ síntese;
Ⓓ exemplificação;
Ⓔ análise.

110. FGV – "Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil."

Assinale a alternativa em que a alteração de pontuação do trecho acima <u>não</u> constitui erro:

Ⓐ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica –, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓑ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica – ou a falta, de educação, continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓒ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real, e não apenas retórica ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓓ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓔ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real – e não apenas retórica – ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

111. CESGRANRIO – Quanto ao uso da vírgula nos trechos abaixo, assinale a opção que apresenta justificativa de emprego <u>incorreta</u>:

Ⓐ "Hoje, essa visão começa a perder força..." – para separar o adjunto adverbial deslocado.
Ⓑ "...essa visão começa a perder força, já que as empresas passaram a ver no potencial humano o diferencial para o negócio." – para separar a oração subordinada da principal.
Ⓒ "afirma Maria Carlota Boabaid, pedagoga e mestra em Administração de Empresas," – para isolar o aposto.

Ⓓ "...pedagoga e mestra em administração de empresas, que atua na área de Gestão de Pessoas." – para separar a oração subordinada adjetiva restritiva.
Ⓔ "É inerente e insumo do ser humano, está presente em todos os lugares..." – para separar orações coordenadas assindéticas.

112. CESGRANRIO – Assinale a opção <u>improcedente</u> quanto à justificativa de emprego da(s) vírgula(s):

Ⓐ "Quando eu era criança, morava na Penha." – separa oração subordinada adverbial deslocada.
Ⓑ "...eu via estrelas, cometas, asteroides:..." – separa termos coordenados.
Ⓒ "Em dia de lua cheia, via..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓓ "Criança, eu pensava: como seria possível aos pescadores velejar tão longe da areia..." – separa vocativo.
Ⓔ "...os pescadores olhavam as estrelas [...], que indicavam o caminho de suas choupanas, na praia." – separa a oração adjetiva de valor explicativo.

113. CESGRANRIO – O emprego da pontuação está correto num dos períodos abaixo. Indique-o:

Ⓐ Os agentes da lei, capturaram os assaltantes.
Ⓑ Permitiu-se que: os ladrões da loja fossem capturados.
Ⓒ Que notícias publicarás, Sílvio?
Ⓓ Os novos líderes ficaram confusos – com a matéria.
Ⓔ Sílvio Ferraz, jornalista experiente revelou o fato.

114. FEPESE – Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

Ⓐ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓑ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓒ Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
Ⓓ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

115. NCE-UFRJ – "No caldo urbano da miséria/sujeira/ignorância". Neste segmento, as barras inclinadas entre os vocábulos substituem, respectivamente:

Ⓐ vírgula / conjunção;
Ⓑ vírgula / vírgula;
Ⓒ conjunção / preposição;
Ⓓ conjunção / conjunção;
Ⓔ preposição / preposição.

116. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Com o desassombro dos que repudiam as meias-verdades, o Dr. Jayme Landmamn põe a mão na ferida ao afirmar, logo na introdução do seu livro, que 'o sistema de saúde que vigora no Brasil está completamente ultrapassado'. Partindo dessa premissa, que é pura constatação de uma realidade contundente, vai o doutor expondo aos olhos dos que de fato querem ver o que está acontecendo no país um vasto painel das causas do impasse a que chegamos no setor da previdência social e da assistência médica."

Ao colocar um trecho entre aspas, o autor pretende:

Ⓐ destacar um segmento mais importante;
Ⓑ mostrar que esse segmento é transcrito do livro comentado;
Ⓒ explicar uma afirmação anterior;
Ⓓ repetir uma verdade dita por todos;
Ⓔ reproduzir um texto que é muito conhecido por todos.

117. NCE-UFRJ – "Em 2000, ano em que foram lançadas as Metas do Milênio, havia ainda no Brasil 16 milhões de indivíduos completamente analfabetos." As vírgulas, nesse segmento do texto, são utilizadas para:

Ⓐ separar orações;
Ⓑ destacar um termo mais importante;
Ⓒ evitar ambiguidade;
Ⓓ inserir uma explicação;
Ⓔ mostrar uma inversão de termos sintáticos.

118. FJPF – A frase "Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens (inclusive migratórias)" pode ser pontuada de diversas outras maneiras, <u>com exceção</u> da seguinte, considerada inaceitável pelas normas de pontuação vigentes:

Ⓐ Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓑ Normalmente, infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓒ Normalmente infecta, aves domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓓ Normalmente infecta aves – domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓔ Normalmente infecta aves (domésticas ou selvagens, inclusive migratórias).

119. FJPF – Sobre as vírgulas empregadas na redação do período "Tudo isso somado à competência, tenacidade, senso de oportunidade, determinação e espírito empreendedor dos nossos empresários fez o setor de transporte se transformar numa atividade de importância econômica e social reconhecida em todo o país", pode-se afirmar que elas têm o emprego justificado pela mesma regra que justifica o emprego da vírgula no seguinte trecho:

Ⓐ "Atualmente verificamos que as empresas brasileiras estão cada vez mais preparadas para a concorrência de mercado, para a economia globalizada e para competição em larga escala."
Ⓑ "Trata-se de um salto extraordinário, fruto de muito incentivo..."
Ⓒ "O empresariado nacional se capacitou e se preparou para vencer no mercado globalizado e obter maiores ganhos de produtividade, o que resultou em uma geração de vencedores pelo mérito e pelo trabalho..."
Ⓓ "O setor foi mais adiante, abrindo as portas do futuro."
Ⓔ "...e que é a razão de existência da pessoa jurídica, além de aperfeiçoar e adequar programas de qualidade à cultura da empresa e a acompanhar a evolução dos tempos e da técnica".

120. FJPF – A alternativa em que o acréscimo, entre colchetes, de vírgula ou vírgulas constitui um erro, de acordo com as normas de pontuação em vigor é:

Ⓐ "Nas formas de vida coletiva[,] podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens."
Ⓑ "Esses dois princípios[,] encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador."
Ⓒ "Seu ideal será colher o fruto[,] sem plantar a árvore."
Ⓓ "Seu campo visual é[,] naturalmente[,] restrito."
Ⓔ "A parte[,] maior que o todo."

121. FGV – "Os olhos empapuçados são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão."

Assinale a alternativa que ofereça pontuação igualmente correta para o trecho acima:

Ⓐ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓑ Os olhos empapuçados, são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓒ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo, se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.
Ⓓ Os olhos empapuçados são os mesmos mas, o cabelo, se foi e a barriga, só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓔ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga, só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.

122. FGV – "O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural."

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção e. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

Ⓐ Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.
Ⓑ Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.
Ⓒ Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.
Ⓓ A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.
Ⓔ A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

123. CESGRANRIO – Assinale a opção que apresenta justificativa <u>incorreta</u> de emprego do(s) sinal(sinais) de pontuação destacado(s):

Ⓐ "...aos 40 ela deve tomar uma difícil decisão**:** nascer de novo." – quebra da sequência das ideias.
Ⓑ "O bico**,** alongado e pontiagudo**,** se curva." – estabelecer uma pausa entre os adjetivos e o substantivo.
Ⓒ "Quando as novas unhas despontam**,** a águia..." – separa oração subordinada adverbial antecipada à principal.
Ⓓ "No noviciado**,** aprendi..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓔ "Primeiro, ousar perder o que envelheceu: o bico**,** as unhas**,** as penas." – separa termos coordenados.

124. CESGRANRIO – Na passagem "E ainda nem mencionei as coisas que realmente foram reduzidas: apartamentos que parecem caixotes, carros compactos, conversas telegráficas, livros de bolso, pequenas salas de cinema, casamentos curtos.", os dois pontos introduzem um(a):

Ⓐ pensamento;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ explicação;
Ⓓ síntese;
Ⓔ justificação.

125. FEPESE – Marque o item correto de acordo com a pontuação:

Ⓐ Os rios, estão poluídos.
Ⓑ Os agricultores colheram, as laranjas.
Ⓒ O sr. Lobo, o sr. Cordeiro e o Prefeito reuniram-se hoje.
Ⓓ Aquele nosso grande amigo, trouxe boas notícias, ontem.
Ⓔ A roça é, um lugar de trabalho alegria e crescimento.

126. FEPESE – Leia o texto que se segue para responder à presente questão:

A primeira expedição enviada oficialmente para explorar nosso país aqui chegou em agosto de 1501, em busca de ouro e especiarias. Dela fazia parte um rico navegador italiano, Américo Vespúcio. A riqueza que ele encontrou, todavia, foi

o pau-brasil, de que os europeus conheciam uma espécie, nativa do Oriente. O pó da casca dessa árvore servia para tingir tecidos de vermelho – cor da moda na Europa de então, devido à expansão de sua indústria têxtil. Assim, para a Coroa o pau-brasil transformou-se em nova fonte de riqueza.

Os índios foram facilmente convencidos a cortar e transportar para os navios duras toras de pau-brasil, em troca de instrumentos que cobiçavam, como machados, facas e anzóis para a pesca. Esse comércio do "pau-de-tinta" tornou-se a primeira fonte de lucro que a nova colônia ofereceu a Portugal.

(Adapt. de *Brasil:* terra à vista! Eduardo Bueno, Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 118-120)

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

A) Na linha 5 o travessão foi empregado como recurso de ênfase.
B) Quando um termo se intercala na ordem direta da frase, quebrando sua sequência natural, deve ficar isolado por vírgulas, como em <u>todavia</u> (linha 3).
C) Em <u>machados, facas</u> (linha 8) a vírgula separa elementos com a mesma função sintática na frase.
D) Na linha 2 a vírgula separa um vocativo (<u>Américo Vespúcio</u>).
E) Na linha 5 a vírgula antecede uma expressão com ideia de causa.

127. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

A) Antes de viajar verifique: se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas, pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia o que dificulta, o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente, para facilitar, o pagamento das contas de luz.
B) Antes de viajar: verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas; pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos. Nesta época do ano muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático, em conta corrente, para facilitar o pagamento das contas de luz.
C) Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso, antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia; o que dificulta o rápido atendimento. Utilize: o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.
D) Antes de viajar, verifique: se as contas de luz, de sua casa de praia, estão pagas (pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos). Nesta época do ano: muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

Ⓔ Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso antes de viajar, você evita aborrecimentos. Nesta época do ano, muitas pessoas solicitam a religação da energia, o que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

128. NC-UFPR – Em que alternativa a sentença está pontuada corretamente?

Ⓐ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓑ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓒ O coração artificial, segundo o médico entrevistado constitui um avanço, para a ciência sempre preocupada em prolongar, a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓓ O coração artificial segundo o médico entrevistado constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada, em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓔ O coração artificial, segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

129. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está correto, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Àquela altura, parecia-nos, que o problema não teria solução.

Ⓑ Em janeiro, consegui o passaporte; só em julho, porém, viajei.

Ⓒ Certos políticos, que têm seu preço, são facilmente corrompíveis.

Ⓓ O colega, de cujo apoio precisávamos, acabou nos abandonando.

130. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está CORRETO em:

Ⓐ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo? A atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓑ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓒ Será em São Paulo, o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido, com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓓ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo, para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo... A atriz foi escalada, para a minissérie que a Globo prepara, sobre Juscelino Kubitschek.

131. FUMARC – Considere as sentenças abaixo:

I. A ferrovia, rentável, foi inteiramente recuperada.

II. Comia só, na lanchonete do hospital, e voltava para o quarto.

A supressão das vírgulas nas sentenças provoca alteração de sentido em:

Ⓐ apenas em I;
Ⓑ apenas em II;
Ⓒ ambas;
Ⓓ nenhuma delas.

132. NCE-UFRJ – A frase abaixo que mostra uma pontuação <u>inadequada</u>, num texto objetivo, é:

Ⓐ Após algum tempo, o organismo combate a infecção.
Ⓑ A infecção, o organismo a combate após algum tempo.
Ⓒ O organismo, após algum tempo, combate a infecção.
Ⓓ O organismo combate, após algum tempo, a infecção.
Ⓔ O organismo combate a infecção, após algum tempo.

133. ESAG – Observe as frases:

I. O homem que é mortal julga-se imortal.

II. Os alunos que fizeram o trabalho terão um ponto.

III. Todos estavam cansados, cansados de dar dó!

IV. Ontem à noite chegaram os meus parentes.

Assinale a afirmativa correta observando a pontuação das frases acima:

Ⓐ está correta apenas III;
Ⓑ estão corretas II e III;
Ⓒ estão corretas I e IV;
Ⓓ estão corretas I, II e III.

134. NCE-UFRJ – "Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade."

No parágrafo do texto aparecem casos de utilização de ponto-e-vírgula; a regra que justifica esse emprego é:

Ⓐ separar blocos de orações que se opõem pelo sentido;
Ⓑ separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já tem elementos separados por vírgula;
Ⓒ indicar ordem inversa de termos;
Ⓓ destacar elementos sumamente importantes no texto;
Ⓔ separar orações coordenadas não unidas por conjunção.

135. FJPF – No texto, para assinalar o término do período, usa-se ponto depois de:

I. No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também em 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. "não é muito melhor." *(após "em último em matemática.")*

II. A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas por escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, professores já ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social. (*após "mas também em prestígio."***)**

III. A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil. (*após "não permite tergiversações."***)**

Sem prejuízo das normas de pontuação em vigor, o sentido dos enunciados torna possível a substituição do referido sinal pelo sinal de dois pontos em:

Ⓐ I, II;
Ⓑ I, III;
Ⓒ II, III;
Ⓓ I, apenas;
Ⓔ todas as hipóteses apresentadas.

136. CESGRANRIO – Um dos empregos da vírgula é a separação de elementos que exercem funções sintáticas diferentes, geralmente com a finalidade de realçá-los, como acontece com os adjuntos adverbiais antecipados na estrutura da oração.

As frases a seguir, extraídas do Texto III, são exemplos desse tipo de uso, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Ao menos, por dois motivos – imagino eu."
Ⓑ "Em primeiro lugar, porque é uma necessidade da vida contemporânea."
Ⓒ "Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas..."
Ⓓ "Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever."
Ⓔ "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio."

137. IDECAN – O emprego do ponto e vírgula em "Alguns meninos correram; outros ficaram a certa distância da janela, olhando, trêmulos, mas apesar de tudo dispostos a enfrentar a catástrofe.", justifica-se por:

- **A** separar orações coordenadas sindéticas;
- **B** indicar que a frase foi interrompida, truncada;
- **C** isolar oração subordinada adjetiva explicativa;
- **D** separar oração subordinada adverbial desenvolvida;
- **E** separar orações coordenadas opostas quanto ao sentido.

138. FUMARC – Observe as informações acerca dos sinais de pontuação:

I. A vírgula, utilizada em "Após a morte do bandeirante, seus companheiros dispersos procuraram se instalar, apossando-se das terras ao redor de onde se encontravam..", é justificada pela circunstância de tempo.

II. O uso das duas vírgulas no trecho: "O povoado, que foi denominado Matozinhos, iniciou-se ao redor da capela do Senhor Bom Jesus," justifica--se pelo aposto.

III. Os termos do texto a seguir: Filhos ilustres ajudaram a criar parte da história, tais como Bento Gonçalves, Caio Martins e Agripa de Vasconcelos, Cavalgadas, Jubileu do Senhor Bom Jesus, congados, folia de reis, enfim, as festas mais típicas do interior mineiro também são acontecimentos na cidade" receberam vírgulas, porque estas, no contexto, separam enumerações.

Marque a alternativa correta:

- **A** apenas as informações I e II estão corretas;
- **B** apenas as informações I e III, estão corretas;
- **C** as informações I, II e III, estão corretas;
- **D** apenas as informações II e III, estão corretas.

139. COPEVE – Na última frase do 2º parágrafo "A mim, não me causava medo nenhum." a vírgula:

- **A** evidencia o objeto indireto pleonástico;
- **B** evidencia o adjunto adnominal deslocado;
- **C** foi utilizada apenas para enfatizar um termo explicativo e acessório: "a mim";
- **D** foi utilizada de forma indevida, já que não se separa o verbo de seu complemento;
- **E** separa termos de mesma função sintática.

140. UPENET – Sobre pontuação, analise os itens abaixo:

I. "Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado!"

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível"

III. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo!"

Assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

Ⓐ No item I, a omissão da vírgula antes do termo ilustre é erro, uma vez que é obrigatória, porque separa vocativo.
Ⓑ No item II, não poderia existir a vírgula após o termo bonde, por separar um adjunto adverbial deslocado, caracterizando, dessa forma, um erro.
Ⓒ No item III, está correto o emprego da vírgula, por separar adjunto adverbial que exprime circunstância de lugar.
Ⓓ Tanto no item I como no item III, as vírgulas estão corretas por separarem adjuntos adverbiais que exprimem circunstância de lugar.
Ⓔ No item I, a vírgula é facultativa, daí não poder ser considerado um erro de pontuação.

141. UPENET – "Sentiu o comportamento de Angélica (1. observou-o (2. viu suas reações diante de cada farda (3. e compreendeu que nada lhe provocava maior emoção que uma farda de marinheiro."

No período, as vírgulas são obrigatórias nos parênteses de número(s):

Ⓐ 1, apenas;
Ⓑ 2, apenas;
Ⓒ 3, apenas;
Ⓓ 1 e 2, apenas;
Ⓔ 1, 2 e 3.

142. UPENET – Assinale a <u>unica</u> alternativa que apresenta o uso da(s) vírgula(s) da mesma forma em que aparece(m) no trecho:

"(...)Oliver Blanchar ataca o que chama de "cultura do desemprego"(,) ou seja(,) a visão pessimista do futuro."

Ⓐ As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.
Ⓑ "Pois, seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que existe."
Ⓒ O homem, que mente, não merece confiança.
Ⓓ A garota, Fernanda, saiu muito cedo.
Ⓔ "O cavalo calou-se, isto é, recolheu o movimento do rabo."

143. ACAFE – Em relação à pontuação, assinale a alternativa correta:

Ⓐ De acordo com a assessoria de imprensa do MP cerca de 40 minutos após a evacuação do prédio, todos os funcionários voltaram ao serviço.
Ⓑ Num desses dias eu estava falando que queria retornar para a internet e ele me falou que tinha um site que ele queria montar mas não tinha tempo era um site de vídeos!
Ⓒ Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as atribuições do Ministério Público vêm se multiplicando, numa evidente prova de confiança do legislador, à qual o MP deverá corresponder com atuação eficiente.

Ⓓ Muitas vezes descendo ou subindo encontrei cardumes, golfinhos, plânctons gigantes.

Ⓔ As entidades monetárias internacionais e não nossos governantes, é que traçam os rumos econômicos e sociais do País.

144. COPESE-UFT – Indique a alternativa em que o uso da vírgula está <u>errado</u>:

I. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

II. Por fim, perdi, a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

III. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me e, como, já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

IV. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e como já era mais de meio-dia, larguei-me, a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

Marque a resposta correta:

Ⓐ apenas I está errada;

Ⓑ apenas III está errada;

Ⓒ II, III e IV estão erradas;

Ⓓ todas estão erradas.

145. CESGRANRIO – Indique a opção em que o emprego da(s) vírgula(s) obedece à norma culta:

Ⓐ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos, é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓑ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne, 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓒ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países e deve estar concluído em 2010.

Ⓓ A mais ambiciosa empreitada, para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓔ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído, em 2010.

146. CEPERJ – A vírgula pode ser substituída por dois-pontos no segmento:

- **A** "Um dos grandes mitos perpetuados sobre a independência do Brasil, na análise do jornalista e escritor Laurentino Gomes..."
- **B** "...é a ideia de que a separação de Portugal foi totalmente pacífica, um grande acordo político entre D. João VI..."
- **C** "– A ideia de que a separação foi pacífica, negociada entre pai e filho..."
- **D** "...data da expulsão das tropas portuguesas de Salvador, em 1823."
- **E** "...a concentração social era enorme, com total concentração de renda."

147. CEPERJ – Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, a afirmativa correta é:

- **A** Faltou uma vírgula depois da expressão "Manda a etiqueta", em "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva...".
- **B** Os dois-pontos foram corretamente empregados em "Quando alguém me oferece algo e recuso, não recusei apenas o objeto: rejeitei um convite à parceria", porque introduzem uma explicação.
- **C** O ponto-e-vírgula poderia ser adequadamente substituído por uma vírgula no trecho "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva a seu companheiro de mesa de sua própria garrafa; este retribui igual quantidade de seu próprio vinho".
- **D** Deveria ter sido empregada uma vírgula depois da expressão "não troco", em "Aquele com quem não troco é aquele contra quem luto."
- **E** O uso do ponto é incorreto no trecho "...porque a troca é o fundamento da vida social, em seu sentido último de relação com outro. E são os rumos desta relação, os fatores que os determinam..."

148. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, é correto afirmar que:

- **A** Deveria ser inserida uma vírgula depois da palavra "político" no segmento "...o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta já que "Richard Watson" é aposto de "cientista político".
- **B** Os parênteses empregados no 1º parágrafo ["Guru de algumas das maiores companhias do planeta – IBM, Coca-Cola, MacDonalds, Nestlé, etc. –, nas quais dá consultoria sobre o que fazer hoje para não se arrepender amanhã, o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta para o perigo de caminharmos em direção a uma sociedade onde as pessoas não conseguirão sequer pensar sozinhas."] poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo semântico ou gramatical ao segmento.
- **C** As vírgulas empregadas para destacar a palavra "agora" no segmento "Já tendo escrito sobre o futuro dos arquivos, do dinheiro e das viagens, agora, ao discorrer sobre o futuro das mentes" poderiam ser retiradas sem prejuízo semântico/gramatical.

D O ponto empregado depois da palavra "agradam" no segmento "...selecionamos só as informações e os amigos que mais nos agradam. Isso não é bom para o pensamento e a sociedade." poderia adequadamente ser substituído por dois-pontos.

E É inadequado o emprego do ponto que antecede a conjunção E no segmento "E conclui: 'Meu temor é que não tenhamos escolha senão nos tornarmos 100% digitais. E que a gente perca a capacidade de pensar profundamente, uma das coisas que nos define como humanos'.", porque não se deve usar ponto antes da conjunção e.

149. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, a afirmativa incorreta é:

A No lugar de ponto, poder-se-ia usar ponto e vírgula no lugar do ponto-final existente em *"Primeiro, haverá um número proporcionalmente muito maior de idosos, [...] que gerou o boom populacional há algumas décadas. Segundo, os idosos vão viver mais, pelas transformações ocorridas na área da medicina e pelo maior acesso à informação. E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes."* e após *"informação"*, no mesmo fragmento de texto.

B Quanto aos dois travessões empregados em *E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes. O que se nota é uma mudança do perfil e a aceleração de uma tendência já observada nos últimos anos."*, caso se omitisse o segundo travessão, o primeiro deveria ser substituído por uma vírgula.

C Uma vírgula vicária poderia ser adequadamente inserida depois da primeira expressão "ou mais", no segmento "*Enquanto isso, entre 2010 e 2020, o número de idosos de 60 a 79 anos aumentará em quase 8 milhões de pessoas, e com 80 anos ou mais em torno de quase 1,5 milhões de pessoas. Aqueles que tinham 60 anos ou mais, que eram 19 milhões de pessoas em 2010, serão mais de 28 milhões em 2020*".

D Poder-se-ia inserir uma vírgula no início do período a seguir, do seguinte modo: *"Entre 2010 e 2020 essas mudanças já se farão sentir".*

E Poder-se-ia empregar duas vírgulas no período: *"Isso se deve ao fato de que uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente provavelmente continuará ainda no mercado de trabalho por 35 a 40 anos".* Assim: *"Isso se deve ao fato de que, uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente, provavelmente continuará...".*

150. CEPERJ – Quanto à pontuação, a afirmativa correta é:

A Considera-se correta a falta de uma vírgula depois da palavra "foi" no segmento "*Onde foi que a minha bagunça começou? Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem*".

B "A vírgula que se usou depois da expressão **'**meio ambiente**'** em **'***Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem***'**." poderia ser retirada sem prejuízo à correção gramatical e à clareza do segmento.

C O uso de dois-pontos é inadequado depois da expressão "muito esquisita" no segmento "*Tenho uma teoria muito esquisita: a gente nasce como nascem as árvores, de sementes*".

D Faltaram vírgulas depois das palavras "pitanga", "manga" e "laranja" na enumeração do segmento "*Semente de pitanga vira pitangueira, caroço de manga vira mangueira, semente de laranja vira laranjeira*".

E Falta uma vírgula antes da palavra "psicólogo" no segmento "*Se fosse hoje, acho que me levariam a um psicólogo que diagnosticaria hiperativismo.*"

GABARITO

1. A	20. D	39. B	58. B	77. D	96. C	115. A	134. B
2. A	21. B	40. B	59. E	78. D	97. C	116. B	135. C
3. C	22. C	41. D	60. A	79. D	98. B	117. D	136. E
4. B	23. E	42. B	61. E	80. E	99. E	118. C	137. E
5. B	24. E	43. D	62. E	81. C	100. C	119. A	138. C
6. C	25. E	44. E	63. C	82. D	101. C	120. B	139. A
7. A	26. C	45. D	64. A	83. C	102. A	121. A	140. A
8. C	27. A	46. C	65. C	84. E	103. B	122. C	141. D
9. B	28. E	47. D	66. A	85. D	104. A	123. A	142. E
10. E	29. C	48. E	67. C	86. C	105. D	124. B	143. C
11. B	30. E	49. C	68. C	87. E	106. B	125. C	144. C
12. E	31. A	50. B	69. D	88. D	107. D	126. D	145. C
13. E	32. D	51. A	70. D	89. E	108. D	127. E	146. B
14. A	33. D	52. E	71. B	90. D	109. A	128. E	147. B
15. D	34. C	53. A	72. B	91. B	110. A	129. A	148. C
16. B	35. C	54. E	73. B	92. D	111. D	130. B	149. E
17. A	36. A	55. D	74. C	93. C	112. D	131. D	150. A
18. A	37. E	56. C	75. C	94. E	113. C	132. B	
19. C	38. C	57. D	76. D	95. C	114. D	133. B	

Décio Sena

Gramática Aplicada

PARA CONCURSOS

Material complementar com 900 questões

Editora Impetus

Exercícios de Ortografia

Obs.: fizemos modificações nas questões em que havia necessidade de se ajustarem ao Novo Acordo Ortográfico.
Ao trabalhar com questões de acentuação gráfica e de emprego do hífen, portanto, considere apenas os novos dispositivos advindos do Acordo citado.

1. NCE-UFRJ – A opção em que as duas palavras destacadas não são acentuadas segundo a mesma regra de acentuação gráfica é:

A) universitário – adolescência;
B) mínimo – domésticos;
C) país – até;
D) ópera – currículo;
E) negócio – experiência.

2. NCE-UFRJ – Anestesia é uma palavra grafada com s (e não com z) e privilégio é grafada com i (e não com e). A alternativa em que ambas as palavras estão corretas quanto à grafia é:

A) atravez – arrepio;
B) atraz – Pirineus;
C) frisa – irrequieto;
D) análise – crâneo;
E) baroneza – campeão.

3. FGV – Grafou-se corretamente o vocábulo enxugando. Assinale a alternativa em que todas as palavras tenham sido grafadas corretamente:

A) degladiar – obsessão – abscesso – pan-africanismo;
B) desinteria – análise – através – extraoficial;
C) pichar – necessidade – consciência – obsecado;
D) chuchu – jeito – pretensão – suboficial;
E) berinjela – exceção – cacetete – hipersensibilidade.

4. **CESGRANRIO – Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen não deve ser utilizado em:**

- **A** formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
- **B** palavras formadas com o acréscimo de prefixos como anti-, sub-, em que o segundo elemento começa por h;
- **C** palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
- **D** palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por r ou s;
- **E** topônimos iniciados pelos adjetivos grã, grão.

5. **CESGRANRIO – Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação".**

   Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto ei ou oi não o são mais.

   São exemplos dessa mudança as palavras:

- **A** assembleia, aldeia, proteico;
- **B** cadeia, paranoico, introito;
- **C** heroi, boina, epopeico;
- **D** heroico, onomatopeico, plateia;
- **E** jiboia, comboio, papeis.

6. **FGV – As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.**

   Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica:

- **A** Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
- **B** Votamos aquele presidente pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.
- **C** Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
- **D** Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
- **E** O mandado do deputado será suspenso.

7. **FJPF – Observe o emprego do termo sublinhado na frase "Por que há médicos, advogados, professores e engenheiros despreparados, vamos batalhar pelo fechamento dos educandários por onde se formaram?". Sabendo-se que o**

termo em negrito acima tem quatro formas distintas de grafia, pode-se afirmar que há incorreção na frase:

Ⓐ Não se sabe por que os jornalistas tinham baixa formação.
Ⓑ Não se sabe o porquê de os jornalistas terem baixa formação.
Ⓒ Os jornalistas tinham baixa formação por que?
Ⓓ Os jornalistas tinham baixa formação porque não havia cursos especializados.
Ⓔ Os cursos por que passavam os jornalistas eram de curta direção.

8. FJPF – Os pares de palavras abaixo foram organizados tendo como critério as normas de acentuação gráfica. Dos cinco pares, o único em que os acentos gráficos das palavras se justificam por regras distintas é:

Ⓐ vítima – decúbito;
Ⓑ nosocômio – literário;
Ⓒ só – é;
Ⓓ repórter – suíno;
Ⓔ língua – noticiário.

9. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que país:

Ⓐ Bolívia;
Ⓑ gás;
Ⓒ pivô;
Ⓓ comércio;
Ⓔ reconstruí-la.

10. CESGRANRIO – O vocábulo destacado em "uma paralisia das pernas?" é grafado com s. Em qual dos pares abaixo há um vocábulo que, segundo a norma culta, está grafado indevidamente com s?

Ⓐ Análise – gasolina.
Ⓑ Catequisar – arrasar.
Ⓒ Extravasar – atrás.
Ⓓ Poetisa – quis.
Ⓔ Usura – improvisar.

11. CESGRANRIO – São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras:

Ⓐ audácia – prudência – imprescindíveis – equilíbrio;
Ⓑ política – sábia – destrói – ótimo;
Ⓒ catástrofes – histórica – econômica – entretém;
Ⓓ além – ninguém – você – órfão;
Ⓔ três – há – até – só.

12. FCC – "...para entender <u>por que</u> a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora..."

No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

- **A** Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____?
- **B** Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
- **C** Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?
- **D** Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.
- **E** — _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

13. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

- **A** Não constitui uma primasia dos animais a satisfação dos impulsos instintivos: também o homem regozija-se em atender a muitos deles.
- **B** As situações de impunidade infligem sérios danos à organização das sociedades que tenham a pretenção da exemplaridade.
- **C** É difícil atingir uma relação de complementaridade entre a premênsia dos instintos naturais e a força da razão.
- **D** Se é impossível chegarmos à abstensão completa da satisfação dos instintos, devemos, ao menos, procurar constringir seu poder sobre nós.
- **E** A dissuasão dos contraventores se faz pela exemplaridade das sanções, de modo que a cada delito corresponda uma justa punição.

14. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha seguido regra de acentuação distinta das demais:

- **A** países;
- **B** médio;
- **C** cenário;
- **D** áreas;
- **E** prestígio.

15. FJPF – No fragmento "A sociedade não estaria sendo <u>anestesiada</u> ou <u>hipnotizada</u> por uma forma sinistra de <u>conspiração</u> sonora?", os vocábulos em destaque estão grafados corretamente. Dos itens abaixo, aquele que tem os três vocábulos grafados corretamente é:

- **A** agazalhada / amenizada / punição;
- **B** brisa / felizarda / contaminassão;
- **C** analisada / indenizada / acepção;
- **D** hesitar / galvanisada / constipação;
- **E** frisada / preconizada / procição.

16. FGV – Em autossuficiente, optou-se corretamente pelo não uso do hífen. Assinale a alternativa em que não se procedeu corretamente quanto à necessidade ou não de seu emprego:

Ⓐ autobiografia;
Ⓑ superatleta;
Ⓒ antiinflamatório;
Ⓓ pseudocientista;
Ⓔ micro-região.

17. FEPESE – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas corretamente:

Ⓐ ítens – dígrafo – flúor – rubrica – núvem – pêsames – ânsia;
Ⓑ juíz – juízes – têxtil – hífens – cárie – espontâneo – ônus;
Ⓒ seminú – estética – eles veem – elas têm – apêlo – reduzí-lo;
Ⓓ dígito – biquíni – tênue – êxito – hífen – linguística – difícil;
Ⓔ pólen – gráfico – notícias – jóvens – cônscio – oxítona – pajé.

18. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra seja acentuada por seguir regra distinta das demais:

Ⓐ frequência;
Ⓑ notícias;
Ⓒ países;
Ⓓ convênio;
Ⓔ vários.

19. FGV – A palavra êxito recebe acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a:

Ⓐ interim;
Ⓑ rubrica;
Ⓒ recondito;
Ⓓ arquétipo;
Ⓔ lúgubre.

20. FEPESE – Dadas as frases:

1. As reinvindicações apresentadas dizem respeito às modificações do projeto.

2. Senhoras e senhores! É um privilégio poder cumprimentá-los nesta data festiva.

3. Os produtos comprados foram devidamente discriminados na nota fiscal.

Verifica-se que está(ão) correta(s) apenas:

- **A** a frase 2;
- **B** a frase 3;
- **C** as frases 1 e 2;
- **D** as frases 1 e 3;
- **E** as frases 2 e 3.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que saúde:

- **A** indústria;
- **B** licitatória;
- **C** aí;
- **D** até;
- **E** têm.

22. NC-UFPR – Indique a alternativa que não apresenta problema de grafia:

- **A** O acesso a Internet dá aos usuários, em tese, inúmeras possibilidades à ampliar seu conhecimento musical.
- **B** No momento, não a limites para a qualidade dos equipamentos disponíveis para a reprodução musical.
- **C** Esperamos que daqui há 20 anos, a nova geração tenha uma postura diferente frente à audição musical.
- **D** A proporção que crescem as opções tecnológicas, diminui a capacidade individual de apreciação musical.
- **E** O acesso a equipamentos sofisticados não contribui necessariamente para a educação musical.

23. ENCE-RJ – Assinale a opção em que um dos termos apresenta erro de grafia:

- **A** aborígene, dispêndio, invólucro;
- **B** empecilho, irrequieto, prevenido;
- **C** camurça, mordaça, paçoca;
- **D** esquisito, espontâneo, espectador;
- **E** holofote, hipócrita, híbrido.

24. INTELECTUS – Assinale a palavra que não está escrita de forma correta de acordo com a Nova Ortografia:

- **A** além-mar;
- **B** sem-terra;
- **C** para-quedas;
- **D** antirreligioso;
- **E** autoescola.

25. INTELECTUS – Assinale a frase que <u>não</u> está correta de acordo com a Nova Ortografia:

Ⓐ Ela para a bicicleta.
Ⓑ O Pólo Sul é frio.
Ⓒ O cão tem pelo negro.
Ⓓ Ele joga polo.
Ⓔ A pera é uma fruta.

26. IESES – Assinale a alternativa que apresenta <u>erro</u> de ortografia:

Ⓐ Em almoço beneficiente, com a chegada eminente das reivindicações que o gerou, o clima foi tomado por desassossego.
Ⓑ A iluminação daquela sala de cirurgia melhorou com a instalação de lâmpadas fluorescentes.
Ⓒ A expectativa foi atendida, embora nada de espontâneo e esplêndido tenha sido feito.
Ⓓ A exceção à regra foi feita de maneira obsessiva pela equipe de profissionais.

27. FEC – Na última sílaba dos vocábulos "expansão", "exceção" e "discussão" constatam-se três formas distintas de grafia do fonema /sê/, em português. Dos itens abaixo, com vocábulos grafados, respectivamente, com as três formas acima, aquele em que há vocábulo com erro de grafia, de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ propensão – distenção – repressão;
Ⓑ ascensão – absorção – opressão;
Ⓒ extensão – ereção – repercussão;
Ⓓ suspensão – redenção – secessão;
Ⓔ pretensão – assunção – concessão.

28. CESGRANRIO – Em relação às regras de acentuação gráfica, a frase que <u>não</u> apresenta erro é:

Ⓐ Ele não pode vir ontem à reunião porque fraturou o pé.
Ⓑ Encontrei a moeda caida perto do sofá da sala.
Ⓒ Alguém viu, além de mim, o helicóptero que sobrevoava o local?
Ⓓ Em péssimas condições climaticas você resolveu viajar para o exterior.
Ⓔ Aqui so eu é que estou preocupado com a saúde das crianças.

29. CESGRANRIO – A frase em que todas as palavras estão escritas de forma correta, conforme a ortografia da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ Foi um previlégio ser acompanhado pelo advogado do sindicato.
Ⓑ Estão cojitando de fabricar salas acústicas.
Ⓒ A senhora possue algumas horas para tirar a cesta.
Ⓓ O lado de traz segue até à sala de descanso.
Ⓔ Estava hesitante sobre a escolha do bege claro para a mobília.

30. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra indicada não esteja acentuada corretamente:

- **A** bíceps;
- **B** órfã;
- **C** bênção;
- **D** ávaro;
- **E** bávaro.

31. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo regra <u>distinta</u> das demais:

- **A** Amazônia;
- **B** planetária;
- **C** resistência;
- **D** níveis;
- **E** países.

32. NC-UFPR – Em que alternativa a chamada para atrair turistas ao Brasil está correta quanto à grafia?

- **A** Rezerve sua passagem já. O Brasil têm tudo o que você espera.
- **B** Conheção o Brasil. O paraíso é aqui.
- **C** Esperimente as delícias do paraíso vindo ao Brasil.
- **D** Veleje em nossos mares. Você jamais esquecerá.
- **E** O colorido deste pais vai mecher com você. Visite o Brasil.

33. NC-UFPR – Observe a grafia das palavras e assinale a alternativa correta:

- **A** Um acidente em Ímola, a dez anos atrás, provocou a morte de Ayrton Senna.
- **B** Para os brasileiros, não há caso parecido com o de Ayrton Senna. Mesmo daqui há muitos anos, o povo vai lembrar.
- **C** As aspirações há que queria se referir o editor do texto, será alvo de estudo de especialistas daqui há mais algum tempo.
- **D** Uma batida há 300 Km/h contra um muro punha um ponto final na vida de um ídolo.
- **E** Há muito, não se via uma manifestação como a que ocorreu na morte de Ayrton Senna.

34. FEPESE – Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de <u>alguém</u>, <u>inverossímil</u> e <u>caráter</u>, respectivamente:

- **A** armazém – útil – açúcar;
- **B** hífen – também – impossível;
- **C** têm – protéico – éter;
- **D** há – impossível – crítico.

35. FUJB – Seguem-se várias palavras grafadas com a letra X. A opção em que essa letra está empregada erradamente é:

Ⓐ exceção;
Ⓑ máximo;
Ⓒ exílio;
Ⓓ exímio;
Ⓔ mixto.

36. NCE-UFRJ – Cada uma das séries abaixo se inicia com a palavra que abre cada alternativa. As demais se relacionam com ela semanticamente, não havendo erro ortográfico apenas em:

Ⓐ receber – recepção – recebimento;
Ⓑ longe – longinquo – lonjura;
Ⓒ grande – grandeza – engrandescer;
Ⓓ fácil – facílimo – facilmente;
Ⓔ sintonia – sintonizar – sintônico.

37. NCE-UFRJ – As palavras "também", "excluída" e "renováveis", respectivamente, recebem acento pelo mesmo motivo que:

Ⓐ éden – período – ministério;
Ⓑ convêm – conteúdo – anéis;
Ⓒ talismãs – lusíada – petróleo;
Ⓓ freguês – açaí – jóquei;
Ⓔ parabéns – balaústre – deixá-las.

38. NCE-UFRJ – Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

Ⓐ mantegueira – aterrissagem;
Ⓑ cataclismo – adivinhar;
Ⓒ mortadela – meretíssimo;
Ⓓ entitulado – embutido;
Ⓔ prostração – beneficiente.

39. NCE-UFRJ – "Rádio", "família", "música", "publicitário", "médio", "frequência", "mídia". Esses vocábulos do texto têm seu acento tônico justificado pelo seguinte número de regras:

Ⓐ 5;
Ⓑ 4;
Ⓒ 3;
Ⓓ 2;
Ⓔ 1.

40. NCE-UFRJ – O vocábulo chimpanzé também pode ser grafado chipanzé. O vocábulo a seguir que não admite a dupla grafia indicada é:

- **A** bêbado – bêbedo;
- **B** assoviar – assobiar;
- **C** requesito – requisito;
- **D** enfarte – infarto;
- **E** berruga – verruga.

41. NCE-UFRJ – As palavras "responsáveis", "também", "veículos", "intransferível", "há", "código", "publicitária" podem ser agrupadas, segundo as regras de acentuação gráfica, em:

- **A** um só grupo;
- **B** dois grupos;
- **C** três grupos;
- **D** quatro grupos;
- **E** cinco grupos.

42. NCE-UFRJ – Conscientes e fascinantes são vocábulos corretamente grafados com sc. A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** fascismo – descendência;
- **B** adolescência – tescitura;
- **C** piscina – suscitar;
- **D** fluorescente – miscigenação;
- **E** ascético – lascívia.

43. NCE-UFRJ – As formas quisesse e mazelas apresentam para um mesmo fonema – z – duas grafias distintas: "s" e "z". A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** pesquisa;
- **B** paralisia;
- **C** atraso;
- **D** através;
- **E** xadres.

44. NCE-UFRJ – A palavra taxa é escrita com X. A palavra abaixo que não deve ser escrita com X é:

- **A** mexer;
- **B** xícara;
- **C** faixa;
- **D** xuxu;
- **E** coxa.

45. NCE-UFRJ – Brasil é uma palavra escrita com S. a palavra abaixo que está grafada erradamente é:

Ⓐ casar;
Ⓑ gás;
Ⓒ vaso;
Ⓓ gis;
Ⓔ três.

46. FUMARC – Há erro de ortografia em:

Ⓐ Quem delega muito pode ser dispensável na empresa.
Ⓑ Sou bastante exigente comigo mesmo e com os outros.
Ⓒ É preciso muita compreenção no ambiente de trabalho.
Ⓓ Escrevo toda a correspondência expedida no meu setor.

47. IPAD – Os termos que apresentam a mesma justificativa quanto à acentuação gráfica são:

Ⓐ política – indivíduos;
Ⓑ mercadológicas – sintomático;
Ⓒ própria – versão;
Ⓓ automóvel – crédito;
Ⓔ trás – tão.

48. PUC-SP – A alternativa em que nem todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

Ⓐ arcaísmo, mês, frequência, incluí-lo;
Ⓑ hífens, túneis, órgão, sentí-lo;
Ⓒ elétrons, atrás, pára (verbo), trocá-lo;
Ⓓ íris, alguém, sanguíneo, vendê-lo;
Ⓔ apoio (verbo), tórax, armazéns, compô-lo.

49. ITA – Examinando as palavras:

"entitular" – "empecilho" – "prazerosamente" – "mendingo"

Verifica-se que:

Ⓐ apenas uma está escrita corretamente;
Ⓑ apenas duas estão escritas corretamente;
Ⓒ três estão escritas corretamente;
Ⓓ todas estão escritas corretamente;
Ⓔ nenhuma está escrita corretamente.

50. NCE-UFRJ – "Obsceno" é uma palavra grafada com "sc". O item a seguir em que uma das palavras selecionadas está erradamente grafada, exatamente por não possuir este encontro de letras é:

- **A** incandescente – ascensão – suscitar;
- **B** abscesso – irascível – discernir;
- **C** néscio – cônscio – discípulo;
- **D** prescindir – rescisão – transcender;
- **E** piscicultura – interscessão – convalescença.

51. EFOMM – Assinale a única opção em que se cometeu erro no emprego do hífen:

- **A** A criança era mal-criada por ter sido mal criada pelos pais.
- **B** É uma jovem bem-parecida; aliás, é bem parecida com o irmão.
- **C** O malmequer e o bem-me-quer ornamentam nosso jardim.
- **D** O amor-perfeito simboliza o amor perfeito.
- **E** Ele só trabalha meio dia e começa ao meio-dia.

52. NC-PR – Assinale a única alternativa que apresenta erro de ortografia:

- **A** O mal torna um homem mau e prostra-o vencido na vida.
- **B** Uma frustação nem sempre faz mal; às vezes, é um remédio.
- **C** Uma palmada em um adolescente irresponsável pode gerar tensão.
- **D** O xerife botou o charlatão no xadrez.
- **E** Não hesite! Se não for bem-sucedido uma vez, insista até conseguir.

53. EN – Assinale o item em que todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente por serem proparoxítonos:

- **A** interim – prototipo – garrulo – aerólito;
- **B** necropsia – pegada – aziago – antonomásia;
- **C** misantropo – Madagascar – filantropo – boemia;
- **D** biceps – rubrica – heroico – gratuito;
- **E** impudico – ibero – alopata – fortuito.

54. FESP-RJ – A alternativa em que há erro na grafia de uma das palavras é:

- **A** aridez – agonizar – redenção;
- **B** crueza – visualizar – exceção;
- **C** limpeza – hipnotizar – asserção;
- **D** justeza – cartelizar – pretenção;
- **E** pequenez – sintetizar – extinção.

55. EFOMM – O emprego correto do hífen está na opção:

- **A** sub-chefe;
- **B** ante-ontem;
- **C** sub-reino;
- **D** pre-fácio;
- **E** contra-cheque.

56. EFOMM – Devem ser grafados com "o" e "u", respectivamente, os seguintes vocábulos:

Ⓐ ent_pimento – táb_a;
Ⓑ b_bina – búss_la;
Ⓒ ch_visco – ac_dir;
Ⓓ eng_lir – b_eiro;
Ⓔ c_rtiça – trib_.

57. ESAG – A alternativa em que todas as palavras recebem acento com base na mesma regra de acentuação gráfica é:

Ⓐ está, vá, você;
Ⓑ nível, óbvio, sério;
Ⓒ só, nós, têm;
Ⓓ ardósia, últimos, décadas.

58. FUNDEP – A única afirmativa que contém uma palavra cuja acentuação gráfica <u>não</u> segue a mesma regra das demais é:

Ⓐ amêndoas, névoa, ofício;
Ⓑ espécie, paciência, mágoa;
Ⓒ náufrago, náusea, equinócio;
Ⓓ repugnância, espécie, idílio.

59. FURJ – "...porque aí é merecido."

A acentuação do vocábulo "aí" justifica-se pela mesma regra segundo a qual é acentuada a seguinte palavra do texto:

Ⓐ límpido;
Ⓑ bíblicos;
Ⓒ família;
Ⓓ político;
Ⓔ usufruídas.

60. IPAD – Observe, atentamente, os enunciados abaixo:

1. Para conter a violência no trânsito, DETRANS começam a cassar carteiras do mal motorista.

2. O pessimismo tomou conta dos agentes econômicos, que creem que a riqueza do planeta evaporou.

3. Um programa que tem a pretensão de controlar a dieta calcula a composição dos alimentos ingeridos, o seu número de calorias e aponta eventuais excessos, de acordo com as informações de peso e faixa etária de cada pessoa.

Há palavras grafadas incorretamente em:

Ⓐ 1 e 3 apenas;
Ⓑ 2 e 3;
Ⓒ 2 e 3 apenas;
Ⓓ 3 apenas;
Ⓔ 1 apenas.

61. FJPF – "Pesquisa" é um vocábulo escrito com "s". O vocábulo abaixo que está incorretamente escrito porque também deveria ser grafado com "s" é:

Ⓐ certeza;
Ⓑ deslize;
Ⓒ baliza;
Ⓓ azeite;
Ⓔ análize.

62. FCC – A <u>contemporaneidade</u> das ideias não implica <u>rejeição</u> sumária do que já foi <u>ajuisado</u> no passado, pelo contrário: requer a <u>izenção</u> de julgamento que <u>coíbe</u> os preconceitos e permite <u>analisar</u> com <u>descortínio</u> as teorias de nossos <u>antecessores</u>.

É preciso corrigir a grafia de <u>todas</u> as palavras, sublinhadas do período acima, que constam em:

Ⓐ rejeição – ajuisado – analisar;
Ⓑ contemporaneidade – coíbe – descortínio;
Ⓒ ajuisado – izenção – descortínio;
Ⓓ rejeição – coíbe – antecessores;
Ⓔ contemporaneidade – izenção – analisar.

63. FCC – Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

Ⓐ Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
Ⓑ A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
Ⓒ Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
Ⓓ O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
Ⓔ As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados "programas populares".

64. UPENET – Quanto à justificativa para a acentuação das palavras retiradas do texto, destacadas nas alternativas a seguir, é correto afirmar que:

Ⓐ as palavras "fé", "só", "nós" e "há" são exemplos de monossílabos átonos, por isso são acentuadas;
Ⓑ as palavras "retórica", "sólida" e "técnicas" estão acentuadas como exceção à regra geral de que as proparoxítonas não precisam ser acentuadas;

Ⓒ as palavras “débil”, “razoável” e “fácil” são acentuadas como todas as paroxítonas terminadas em “l”;
Ⓓ as palavras “português”, “conclusões” e “canônico” são, respectivamente, oxítona, paroxítona e proparoxítona e, por isso, são acentuadas;
Ⓔ as palavras “argumento”, “contexto” e “vontade” não são acentuadas porque não têm sílaba tônica.

65. CESGRANRIO – Entre as palavras abaixo, assinale a que segue regra de acentuação distinta das demais:

Ⓐ Mário;
Ⓑ contraditório;
Ⓒ indícios;
Ⓓ raízes;
Ⓔ ingênua.

66. FGV – Assinale a única alternativa em que não há erro gráfico:

Ⓐ cochicho, cesareana, obceno;
Ⓑ aterrizar, sujestão, cangica;
Ⓒ beneficiente, rixa, cabelereiro;
Ⓓ sarjeta, disenteria, baliza.

67. PUC-PR – Assinale a alternativa em que a palavra do texto está corretamente acentuada pelo motivo que também está acentuada a palavra <u>área</u>, ou seja, como palavras que podem ser equiparadas, para efeitos de acentuação, às proparoxítonas, por serem “vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes”:

Ⓐ o monossílabo <u>é</u> do exemplo: “é um campo novo”;
Ⓑ o monossílabo <u>é</u> da frase: “é necessário”;
Ⓒ o substantivo <u>saúde</u> da expressão: “área da saúde”;
Ⓓ a palavra <u>necessário</u> da frase: “é necessário tempo”;
Ⓔ a conjunção <u>Porém</u> do exemplo: “Porém, com a revolução introduzida...”.

68. NCE-UFRJ – No uso do hífen na grafia portuguesa, ensina Evanildo Bechara: “Usa-se o hífen nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica” (*Moderna gramática portuguesa*, p. 75). Essa regra <u>não</u> se aplica, portanto, em:

Ⓐ água-marinha;
Ⓑ segunda-feira;
Ⓒ sub-oficial;
Ⓓ amor-perfeito;
Ⓔ para-choque.

69. NCE-UFRJ – Como se pode ver pelo texto, a palavra relógio é grafada com g. Indique o item a seguir em que ocorre um erro de ortografia, decorrente da troca entre g e j:

- **A** vertigem – gorjeta – majestade;
- **B** gorjeio – angelical – jiló;
- **C** jenipapo – jibóia – gengiva;
- **D** jerimum – lisonjeiro – ultraje;
- **E** mejera – desajeitado – lojista.

70. NCE-UFRJ – Ressuscitar é palavra grafada com sc. A palavra a seguir cuja grafia está equivocada exatamente porque não deve ser grafada com essas letras é:

- **A** viscissitude;
- **B** incandescente;
- **C** néscio;
- **D** fluorescente;
- **E** rescisão.

71. FEC – Assinale a alternativa em que os acentos gráficos justificam-se, respectivamente, pelas mesmas regras que dão cabimento aos usados em "acadêmica", "memória" e "fazê-lo":

- **A** íamos, íeis, avô;
- **B** histórica, púlpito, evitá-la;
- **C** endêmica, evidência, fê-lo;
- **D** heróica, régua, rendê-lo;
- **E** íntimo, cárie, nódoa.

72. FEC – No trecho "não oferecem salários compatíveis para atraí-los...", a forma verbal com pronome enclítico recebeu adequadamente o acento gráfico. Entre as frases abaixo, também com formas verbais com pronomes enclíticos e mesoclíticos, a única incorreta quanto à acentuação gráfica é:

- **A** A escolha dos professores far-se-á pelo critério do desempenho em sala de aula.
- **B** O professor chamou o aluno e resolveu distraí-lo, contando-lhe uma história diferente.
- **C** Questionado sobre a prova, o professor comentou que, assim que tiver terminado a correção, devolvê-la-á.
- **D** O diretor responsabilizou o professor e resolveu puní-lo pelos atos de indisciplina dos alunos.
- **E** O bibliotecário reuniu os livros para pô-los na estante.

73. NCE-UFRJ – A palavra juiz, no singular, não leva acento gráfico, mas na sua forma plural, sim. Isso ocorre porque, no plural:

Ⓐ a vogal i passa a ser tônica;
Ⓑ a vogal i, em hiato, fica sozinha na sílaba;
Ⓒ existe possibilidade de ambiguidade;
Ⓓ há necessidade de acento diferencial;
Ⓔ a vogal i passa a semivogal.

74. NCE-UFRJ – Assinale, nos itens a seguir, aquele em que pelo menos um vocábulo tem erro de grafia:

Ⓐ capixaba – através – granjear;
Ⓑ enxergar – primazia – majestade;
Ⓒ flexa – topázio – pagé;
Ⓓ chuchu – gorjeta – dosel;
Ⓔ piche – classicismo – privilégio.

75. NCE-UFRJ – Excesso é vocábulo grafado com XC. O item abaixo em que há erro porque o vocábulo não deveria ser escrito com esse dígrafo é:

Ⓐ excelente;
Ⓑ exceção;
Ⓒ exceder;
Ⓓ excitar;
Ⓔ rexcisão.

76. CONATEC –Assinale a alternativa que apresenta uma palavra grafada com erro:

Ⓐ framboesa – obesa – franqueza – Veneza;
Ⓑ baronesa – beleza – duquesa – princeza;
Ⓒ cruzeiro – azeite – azáfama – vizinho;
Ⓓ exceção – expectativa – faixa – enxergar.

77. CONATEC – Substitua o pontilhado por Ó ou Oh, conforme convier, e assinale a alternativa correta.

1 – ..... meu amigo, ajude-me.

2 – ..... teremos mais chuva!

3 – ..... rapaz, não faça isso!

4 – ..... Deus, onde estás?

5 – ..... quantas homenagens!

Ⓐ Ó – Ó – Ó – Oh! – Oh!
Ⓑ Ó – Oh! – Oh! – Ó – Oh!
Ⓒ Ó – Ó – Oh! – Oh! – Ó.
Ⓓ Ó – Oh! – Ó – Ó – Oh!

78. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o acento gráfico marca o timbre é:

Ⓐ constrói;
Ⓑ construído;
Ⓒ construíram;
Ⓓ construíste;
Ⓔ construísse.

79. COMVEST – Estão corretamente grafadas todas as palavras do item:

Ⓐ conciente – decedente – impecílio;
Ⓑ concessão – impecilho – exceção;
Ⓒ empecilho – privilégio – exceção;
Ⓓ prescindir – pretenção – previlégio;
Ⓔ néscio – previlégio – conceção.

80. FJPF – O par de palavras abaixo que <u>não</u> se acentua pelo mesmo motivo é:

Ⓐ está – é;
Ⓑ até – olhá-la;
Ⓒ névoa – hálito;
Ⓓ espécie – água;
Ⓔ infância – fêmea.

81. CETRO – Observando a grafia e a acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão <u>corretas</u>:

Ⓐ involucro, rúbrica, jiló, pesquiza, chave;
Ⓑ quiz, enjôo, bambú, geito, xeróx;
Ⓒ mecher, lugarzínho, raínha, estrêla, espectorante;
Ⓓ admirar, advinhar, atrazado, atráz, trás;
Ⓔ xícara, exceção, crisântemo, em cima, beneficente.

82. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que deve ser grafada com hífen é:

Ⓐ supracitado;
Ⓑ subrogar;
Ⓒ neolatina;
Ⓓ antinazista;
Ⓔ subumano.

83. COMVEST – Quanto à acentuação gráfica, estão corretas todas as palavras da alternativa:

Ⓐ raízes – saírdes – dividi-lo;
Ⓑ cairdes – rítmo – pitu;
Ⓒ idéia – caju – perdôou;
Ⓓ perdôo – reunía – táxi;
Ⓔ reúne – caíste – possuí-lo.

84. NCE-UFRJ – Em "De onde vêm as palavras", o termo vêm aparece com acento porque:

Ⓐ é necessário mostrar a diferença com a forma da terceira pessoa do singular;
Ⓑ todo monossílabo tônico terminado em "em" leva acento gráfico;
Ⓒ concorda com seu sujeito "as palavras";
Ⓓ é necessário destacar que sua pronúncia é nasal;
Ⓔ para distinguir o verbo "ver" do verbo "vir".

85. NCE-UFRJ – "...e que se agudizou..."; o item abaixo em que um dos verbos está grafado de forma incorreta é:

Ⓐ paralisar, analisar, deslizar;
Ⓑ enraizar, esquematizar, bisar;
Ⓒ catequizar, enfatizar, alisar;
Ⓓ vaporizar, aburguesar, penalizar;
Ⓔ batisar, colonizar, catalisar.

86. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta grafia correta é:

Ⓐ irrequieto;
Ⓑ previlégio;
Ⓒ desinteria;
Ⓓ curtiça;
Ⓔ chícara.

87. NCE-UFRJ – "Obscenamente" é um vocábulo grafado com "sc". O item a seguir em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:

Ⓐ ressuscitar – ascensão – piscina;
Ⓑ adolescente – discente – indescente;
Ⓒ convalescer – crescer – rescindir;
Ⓓ abscesso – florescente – transcender;
Ⓔ renascença – piscicultura – miscelânea.

88. Fundação Euclides da Cunha – No trecho "O 'modelo do limão' proposto por George Akerlof ajuda a compreender por que os governos não estão dispostos a pagar salários de mercado para bons professores", a palavra sublinhada foi escrita com os elementos separados. Sabendo-se que esta palavra também pode ser escrita com os elementos juntos, ora sem acento gráfico, ora com acento gráfico, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

Ⓐ As autoridades sabiam que havia problemas de salário, mas não conseguiam informar por quê.
Ⓑ Poucos conhecem os reais motivos porque no Brasil se remunera tão mal o professor.
Ⓒ É preciso conhecer o porquê de um problema, antes de buscar-se uma solução.

Ⓓ As secretarias de educação não informam por que o salário dos professores é tão baixo.

Ⓔ O salário dos professores é baixo, porque é ineficiente a política de contratação e avaliação de desempenho.

89. NCE-UFRJ – O item em que o par de palavras <u>não</u> está acentuado em função da mesma regra ortográfica é:

Ⓐ própria – advertências;

Ⓑ farmácia – bactéria;

Ⓒ indústria – cálcio;

Ⓓ importância – raízes;

Ⓔ remédio – circunstância.

90. FEC- Leia com atenção as frases abaixo, observando-as do ponto de vista ortográfico.

I. Com exceção da gasolina, todos os outros derivados do petróleo, importantes para a infra-estrutura do país, tiveram reajustes acima da rigidez atual dos preços.

II. A destituição da presidência passou a ser uma obsessão para uma macissa camada de neossócios, interessados na paralisia da alvissareira diretoria.

III. Vários assessores apresentaram-se espontaneamente para a arguição, entendendo o ato não como uma inquisição, mas como autorreflexão, ou autoanálise.

IV. A delinquência progressiva dos excedentes da exclusão constituem ingente atraso gerador de extensa dissensão da sociedade pós-industrial.

Constata-se que, de acordo com as normas ortográficas em vigor:

Ⓐ estão todas corretas;

Ⓑ estão todas corretas;

Ⓒ estão corretas as frases I e IV;

Ⓓ está correta a frase III;

Ⓔ estão corretas as frases III e IV.

91. FEC – Os acentos gráficos usados nas palavras "repórter", "espírito" e "nós" justificam-se pelas mesmas regras de acentuação que justificam os acentos usados, respectivamente, em:

Ⓐ fórceps, lídimo, rapé;

Ⓑ ímpar, íamos, dó;

Ⓒ fênix, álcool, pé;

Ⓓ balaústre, cadáver, rajá;

Ⓔ néctar, polícia, você.

92. ESAG – Assinale a alternativa cujas palavras destacadas estão grafadas de acordo com o sistema ortográfico oficial da Língua Portuguesa:

Ⓐ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓑ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram anciosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓒ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados atravez da imprensa.

Ⓓ Todo elenco do filme da seção de ontem, sem excessão, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

93. FEC – As palavras "três", "itinerário" e "autônomo" são assinaladas com o acento gráfico em face das mesmas regras que justificam o acento, respectivamente, em:

Ⓐ mês, contrário, caído;

Ⓑ pá, íeis, átimo;

Ⓒ lês, temerário, código;

Ⓓ só, mútuo, ímpar;

Ⓔ véu, início, cômodo.

94. ESAG – Aponte a alternativa gramaticalmente errada:

Ⓐ Na palavra "açúcar" há acento gráfico por ser paroxítono terminada em "r".

Ⓑ Em "frutíferas", "século" e "geográfica" há acento gráfico por serem proparoxítonas.

Ⓒ Nas palavras "Já" e "é" o acento gráfico se justifica por serem oxítonas.

Ⓓ Na palavra "destruído" o acento gráfico se justifica por ser hiato com a segunda vogal tônica em "i" tônico.

95. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à ortografia oficial:

Ⓐ Em novembro de 2004, a discução sobre o aquecimento global tornou-se ainda mais acalorada.

Ⓑ O problema é que nações como o Brasil e a China recuzam-se a reduzir emissões de gases poluentes.

Ⓒ Lei aprovada por unanimidade no Senado dos Estados Unidos transfere para jurisdição federal o caso de Terri Schiavo.

Ⓓ Os americanos afirmam que o acordo vai freiar a economia.

Ⓔ O Corinthians venceu o Palmeiras por 2 a 0 numa partida marcada pelo exceço de faltas e pela tenção.

96. FAPEU – Preencha corretamente as lacunas com uma das expressões sugeridas entre parênteses.

I. Camboriú fica ____ uma hora de carro da capital. (há cerca de, a cerca de, acerca de)

II. Esses funcionários estão ____ de carreira. (enfim, em fim)

III. Fulano de Tal, abaixo ____, requer, com base na lei em vigor, uma certidão negativa de multa. (sobrescrito, subscrito)

IV. Veio à Capital ____ estudar e conseguir emprego. (a fim de, afim de)

V. Estamos, então, de acordo, pois minhas sugestões, como se vê, vão ____ tuas. (ao encontro das, de encontro às)

VI. Errei porque fui ____ assessorado. (mau, mal)

A sequência correta, de cima para baixo, é:

A) há cerca de, em fim, subscrito, afim de, de encontro a, mau;
B) a cerca de, em fim, subscrito, a fim de, ao encontro de, mal;
C) a cerca de, enfim, sobrescrito, afim de, ao encontro de, mau;
D) acerca de, em fim, sobrescrito, a fim de, de encontro a, mal.

97. SENASP – Marque a opção que apresenta palavras que não pertencem à mesma regra de acentuação da Língua Portuguesa (os acentos foram omitidos propositalmente):

A) intemperie – vacuo – nodoa – patria;
B) magoa – calvicie – gloria – serio;
C) radio – zenite – pudico – equivoco;
D) relogio – consorcio – divorcio – alivio;
E) reminiscencia – estagio – estadio – colegio.

98. FGV – Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia das palavras:

A) sanguíneo – bávaro – quinquênio – défice;
B) quinquagésimo – cangica – monje – exceção;
C) ascensão – quinquagésimo – pretenção – extender;
D) berinjela – avaro – íbero – atravéz;
E) paralização – análise – jeito – fúcsia.

99. UECE – Do mesmo modo que "insuportável" e "álcool" são obrigatoriamente acentuadas:

A) acordo, itens, porque;
B) economico, paineis, pesquisara;
C) odio, refens, vírus;
D) renuncia, retifica, sabia.

100. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de "porque", "porquê", "por que", "por quê":

Ⓐ Não saiu por que chovia.
Ⓑ Não sei por que brigamos.
Ⓒ Respondi por quê tinha certeza.
Ⓓ Porque você não correu?

101. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta a série de palavras corretamente grafadas:

I. tóxico, consecusão, mecher, herbívoro;

II. rainha, insuportável, uísque, beringela;

III. substituí-lo, baú, enjôo, readimissão;

IV. ágeis, tatuí, expectativa, analisar;

V. compreensão, rejeição, excêntricas, exceção.

Ⓐ I, II e V.
Ⓑ II e IV.
Ⓒ IV e V.
Ⓓ III, IV e V.
Ⓔ II, IV e V.

102. CONATEC – Complete as lacunas com "ç" ou "ss", conforme o caso:

exce__ão, agre__ão, alcoba__a, adere__o, a__etinado, fraca__o, demi__ão, exce__o, decep__ão, assun__ão.

A seguir, assinale a alternativa correta:

Ⓐ ç – ss – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓑ ç – ç – ç – ss – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓒ c – ss – c – ç – c – ss – ç – ç – ç – ss;
Ⓓ ss – ç – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç.

103. NCE-UFRJ – Nos conjuntos a seguir, aquele(s) que apresenta(m) vocábulos acentuados pela mesma razão ortográfica é(são):

I. intrínseca, espetáculo;

II. aí, medíocre;

III. aliás, até.

Ⓐ I – II.
Ⓑ II – III.
Ⓒ I – III.
Ⓓ I.
Ⓔ II.

104. NCE-UFRJ – Muitas palavras do texto levam acento gráfico: óleo, relógio, lâmpada etc. Em que item a seguir ocorre <u>um erro</u> de acentuação gráfica?

Ⓐ Ínterim – procurá-los-á – protótipo.
Ⓑ Para (verbo) – polo (substantivo) – pôr (verbo).
Ⓒ Crisântemo – estratégia – biquíni.
Ⓓ Álbum – périplo – ravióli.
Ⓔ Benção – leucócito – êxtase.

105. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta forma correta é:

Ⓐ poleiro;
Ⓑ impecilho;
Ⓒ lampeão;
Ⓓ mágua;
Ⓔ cortume.

106. FEPESE – Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da oração apresentada.

Bastante ____, respeitaram as ____ adotadas e tiveram sucesso no ____.

Ⓐ disciplinados – estratéjias – dissídio;
Ⓑ diplinados – estratégias – dissídio;
Ⓒ diciplinados – estratégias – discídio;
Ⓓ disciplinados – estratégias – dissídio.

107. FGV – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com "-ção", "-são" e "-ssão":

Ⓐ permissão, conversão;
Ⓑ obtenção, discussão;
Ⓒ exceção, omissão;
Ⓓ consecussão, ascenção.

108. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de <u>porque</u>, <u>porquê</u>, <u>por que</u>, <u>por quê</u>:

Ⓐ Porquê você estava tão alegre?
Ⓑ Estava alegre por que vencera.
Ⓒ Você estava tão alegre por quê?
Ⓓ Por que amava, estava alegre.

109. FCC – Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

Ⓐ Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.
Ⓑ Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

Ⓒ É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

Ⓓ Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

Ⓔ É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados frustrando assim suas legítimas pretenções.

110. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras da seguinte alternativa:

Ⓐ Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

Ⓑ Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

Ⓒ Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

Ⓓ Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

Ⓔ O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

GABARITO

1. C	15. C	29. E	43. E	57. B	71. C	85. E	99. C
2. C	16. E	30. D	44. D	58. C	72. D	86. A	100. B
3. D	17. D	31. E	45. D	59. E	73. B	87. B	101. C
4. D	18. C	32. D	46. C	60. D	74. C	88. B	102. A
5. D	19. B	33. E	47. B	61. E	75. E	89. D	103. C
6. B	20. B	34. A	48. B	62. C	76. B	90. E	104. E
7. C	21. C	35. E	49. B	63. B	77. D	91. C	105. A
8. D	22. E	36. D	50. E	64. C	78. A	92. A	106. D
9. E	23. A	37. D	51. A	65. D	79. C	93. B	107. D
10. B	24. C	38. A	52. B	66. D	80. A	94. C	108. C
11. A	25. B	39. D	53. A	67. D	81. E	95. C	109. E
12. B	26. A	40. C	54. D	68. C	82. B	96. B	110. B
13. E	27. A	41. E	55. C	69. E	83. E	97. C	
14. A	28. C	42. B	56. D	70. A	84. A	98. A	

Exercícios de Classes Gramaticais

1. FUJB – "Se Governo e Sociedade ____ os projetos atuais e se ____ a criar mais programas para a erradicação do trabalho infantil, certamente ____ o resultado que pretendem."

As lacunas da frase podem ser preenchidas, correta e respectivamente, pela seguinte alternativa é:

- **A** mantiverem – dispuserem – obterão;
- **B** manterem – disporem – obterão;
- **C** manterem – disporem – obteram;
- **D** manter – dispor – obterão;
- **E** manter – dispor – obteram.

2. NCE-UFRJ – Em todos os advérbios terminados em "–mente", a seguir transcritos, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, <u>exceto</u> em:

- **A** predominantemente;
- **B** basicamente;
- **C** negativamente;
- **D** diariamente;
- **E** humanamente.

3. CEPERJ – No segmento "Por que o futebol é o esporte mais amado do planeta?", há o emprego de adjetivo no grau superlativo relativo, o que também ocorre no trecho:

- **A** "...que caracterizam um dos mais coletivos entre os esportes..."
- **B** "...os povos amam principalmente o futebol?"
- **C** "...que atrai mais atenção que as Olimpíadas?"
- **D** "...a oportunidade aparece frequentemente, a qualquer momento..."
- **E** "...um tremendo perna de pau e o baixinho..."

4. **FGV – "Da parte do Brasil, a disposição para o diálogo continuava, não eram necessários terceiros presentes na conversa."**

No trecho acima, "terceiros" e "presentes" classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ numeral e adjetivo;
Ⓑ substantivo e adjetivo;
Ⓒ adjetivo e substantivo;
Ⓓ numeral e substantivo;
Ⓔ adjetivo e adjetivo.

5. **FURB – "Do tipo que não sai de casa sem abrir seu kit de maquiagem infantil e passar batom (no momento, favorece o vermelho), Luana (3 anos) fez a mãe ir de loja em loja atrás de um vestidinho <u>preto</u> para seu aniversário."**

A referência a cores do vestuário envolve, muitas vezes, uma combinação de tonalidades expressas por palavras simples ou compostas. Nas frases a seguir, analise a flexão das palavras em destaque:

1. **Os últimos desfiles comprovam que os estilistas deram preferência às cores cítricas, e roupas <u>amarelas-limões</u> foram as que mais receberam vaias.**
2. **As jaquetas <u>cinza</u> e os casacos <u>pretos</u> foram os itens mais aplaudidos.**
3. **As revistas e jornais especializados em moda destacaram os macacões <u>azul-marinho</u>, em oposição às cores vivas.**
4. **Blusas <u>rosa-choque</u> foram moda há décadas e parecem estar novamente em alta.**
5. **E você, o que acha de roupas <u>azuis-piscinas</u> com detalhes <u>roxos-beringelas</u>?**

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 5;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 1 – 2 – 3;
Ⓓ 3 – 4 – 5;
Ⓔ 1 – 3 – 4.

6. **FURB – "O amar traz à construção de uma família a <u>compreensão</u>, o apoio, a confiança, a liberdade. Eu e minha mulher <u>sempre</u> dizemos que a gente 'se suporta' um ao outro, não no sentido de aturar, mas de 'dar suporte' nas diversas circunstâncias de nossa vida. Para que a construção seja sólida, como uma 'casa sobre a rocha', é preciso o interesse e o perdão. Não se trata de uma atitude leviana e comodista. Perdoar, do latim *per donare* (dar para), é dar alguma coisa a <u>quem</u> precisa. Se alguém me ofende, torna-se meu devedor. Quando o perdoo, a dívida fica quitada. A 'matéria-prima' do perdão é o erro do outro. Porque erramos, Deus nos dá seu perdão. Nesse particular, perdoar se subdivide em**

vários atos, <u>como</u> vontade, generosidade e consciência. Na busca da construção das pessoas a partir do contexto familiar, é <u>importante</u> sempre reconstruir(-se).”

As classes gramaticais a que pertencem as palavras destacadas no texto são, respectivamente:

Ⓐ substantivo – adjetivo – pronome pessoal reto – interjeição – adjetivo;
Ⓑ substantivo – advérbio – pronome relativo – conjunção – adjetivo;
Ⓒ adjetivo – advérbio – adjetivo – advérbio – substantivo;
Ⓓ verbo – advérbio – conjunção – advérbio – substantivo;
Ⓔ substantivo – advérbio – pronome interrogativo – conjunção – adjetivo.

7. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo “–mente”. O advérbio do texto em que isso se pode constatar claramente é:

Ⓐ diferentemente;
Ⓑ repetidamente;
Ⓒ geralmente;
Ⓓ principalmente;
Ⓔ indubitavelmente.

8. FJPF – No trecho “Talvez, apenas, na nunca materializada pandemia de Sars, a ‘pneumonia asiática’, que tirou o sono de muita gente em novembro de 2002 <u>e</u> causou menos de 800 mortes”, a conjunção em negrito está empregada com o mesmo valor relacional que na seguinte passagem de Graciliano Ramos:

Ⓐ “Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina.”
Ⓑ “Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.”
Ⓒ “O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria.”
Ⓓ “Aproximei-me na ponta dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim.”
Ⓔ “Saiu da cadeia e tornou-se um cidadão respeitado.”

9. FEPESE – Leia o texto a seguir:

“No lugar <u>em</u> que <u>atualmente</u> está a <u>Catedral</u> foi erguida uma <u>grande</u> cruz”.

As palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ preposição – adjetivo – substantivo – substantivo;
Ⓑ conjunção – adjetivo – adjetivo – substantivo;
Ⓒ conjunção – advérbio – adjetivo – adjetivo;
Ⓓ preposição – verbo – substantivo – adjetivo;
Ⓔ preposição – advérbio – substantivo – adjetivo.

10. FUMARC – O termo que é um pronome relativo, exceto em:

- Ⓐ "Não é uma tese que se defenda..."
- Ⓑ "Os bandidos sabem que não vão ser pegos..."
- Ⓒ "...e para qualquer país que pretenda algum futuro..."
- Ⓓ "... e não pode usufruir os mínimos direitos que pensa possuir."

11. FUNRIO – Observe o fragmento abaixo e assinale a quantidade de pronomes nele existente:

"De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo".

- Ⓐ 1 pronome indefinido, 2 pronomes demonstrativos, 1 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.
- Ⓑ 2 pronomes demonstrativos, 1 pronome pessoal oblíquo e 2 pronome possessivo.
- Ⓒ 2 pronome demonstrativo, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome possessivo.
- Ⓓ 2 pronomes indefinidos, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome demonstrativo.
- Ⓔ 1 pronome indefinido, 1 pronome demonstrativo, 2 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.

12. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo "-mente". O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

- Ⓐ nacionalmente;
- Ⓑ fascinantemente;
- Ⓒ religiosamente;
- Ⓓ internacionalmente;
- Ⓔ ineficazmente.

13. NCE-UFRJ – "...o homem mais rico do mundo...". Nesse segmento ocorre a presença de um adjetivo ("rico") fora de seu grau normal. A frase a seguir que apresenta o mesmo tipo de variação de grau é:

- Ⓐ Gates é mais rico que Warren Buffett.
- Ⓑ Os americanos são o povo mais filantrópico das Américas.
- Ⓒ A filantropia americana ajuda os mais pobres.
- Ⓓ Nem sempre os mais pobres são os mais necessitados.
- Ⓔ Os americanos são mais ricos do que os peruanos.

14. NCE-UFRJ – A frase a seguir que apresenta um numeral ordinal é:

- **A** O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
- **B** Warren decidiu doar 85% de seus bens.
- **C** Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
- **D** Gates é dono de várias obras-primas.
- **E** Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

15. NCE-UFRJ – "Pessoas <u>como</u> Buffett e Gates, <u>portanto</u>, indicam um caminho para supri-la"; a alternativa que mostra dois conectivos capazes de substituir, respectivamente, de forma correta, os elementos sublinhados é:

- **A** feito – assim;
- **B** conforme – logo;
- **C** que nem – porém;
- **D** assim como – todavia;
- **E** tais – pois.

16. FUMARC – "<u>Se</u> não fosse a presença das câmeras de TV, talvez não <u>se</u> configurasse delírio tão delirante."

Os termos sublinhados são, <u>respectivamente</u>:

- **A** conjunção integrante e parte integrante do verbo;
- **B** conjunção condicional e pronome apassivador;
- **C** conjunção condicional e índice de indeterminação do sujeito;
- **D** índice de indeterminação do sujeito e pronome apassivador.

17. NCE-UFRJ – "...o completo bem-estar...". A forma plural desse segmento é:

- **A** "...os completos bem-estares..."
- **B** "...os completos bem-estar..."
- **C** "...os completos bens-estares..."
- **D** "...os completos bens-estar..."
- **E** "...o completo bem-estar..."

18. FURB – "Filmes baseados em livros não são nenhuma novidade. Em 1939, o clássico *E o vento levou* já fazia sucesso com a adaptação para as telonas da obra <u>homônima</u> de Margareth Mitchell. <u>Contudo</u>, as editoras também parecem se beneficiar da situação inversa. Agora, a tendência são os livros inspirados em longas-metragens. Dos 32 filmes indicados ao Oscar deste ano, nove podem ser levados para a cabeceira da cama. A aproximação entre a literatura e o cinema é ainda <u>mais</u> evidente para o público infantil. <u>Dois</u> dos indicados ao Oscar para melhor animação longa-metragem ganharam sua versão em papel. O livro *Up – altas aventuras*, voltado para crianças, traz histórias em quadrinhos, passatempos e jogos. A história *A princesa e o sapo* também recebeu da Disney uma forma

escrita e ilustrada. [...] Cada vez mais as empresas estão lançando produtos relacionados aos filmes. Quem gosta de uma história, acaba comprando também o livro ou um jogo eletrônico."

As palavras destacadas no texto são, respectivamente:

A adjetivo – conjunção – advérbio – numeral – substantivo;
B advérbio – preposição – adjetivo – verbo – substantivo;
C pronome relativo – preposição – numeral – numeral – adjetivo;
D adjetivo – interjeição – advérbio – verbo – adjetivo;
E adjetivo – preposição – advérbio – numeral – substantivo.

19. NCE-UFRJ – "É caro, difícil e arriscado driblar tais dificuldades..." A alternativa abaixo que mostra o adjetivo sublinhado na forma semelhante à do masculino singular apesar da ausência de um substantivo masculino é:

A "...traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano..."
B "...o segundo homem mais rico do mundo..."
C "...o estágio atual do próprio sistema capitalista..."
D "...é bom que se diga..."
E "O coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."

20. NCE-UFRJ – A alternativa em que a palavra mais tem valor distinto do das demais frases é:

A "...o segundo homem mais rico do mundo..."
B "...em sua forma mais avançada..."
C "...mais pessoas doam a projetos sociais..."
D "...o coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."
E "...o cérebro dos governantes fosse mais ventilado."

21. NCE-UFRJ – Transformações é a forma plural de transformação. O plural abaixo que está errado é:

A corações;
B cidadões;
C vilões;
D vulcões;
E certidões.

22. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que é feminina, ao contrário das demais, é:

A mármore;
B telefonema;
C alface;
D guaraná;
E creme.

23. FJPF – Na passagem "Aparecem assim os atos reflexos, as expressões emocionais de prazer, de desprazer, os reflexos adquiridos ou condicionados", as ocorrências do termo "reflexos" expressam, respectivamente, os seguintes valores:

- **A** adjetivo e substantivo;
- **B** adverbial e adjetivo;
- **C** substantivo e adverbial;
- **D** substantivo e adjetivo;
- **E** adjetivo e adverbial.

24. NCE-UFRJ – "...todo mundo diz que fazem bem, mas ele odeia"; os verbos terminados em "–ear" acrescentam um "i" ao radical nas formas rizotônicas. O item abaixo que mostra uma forma errada do verbo passear é:

- **A** passeiemos;
- **B** passeassem;
- **C** passeávamos;
- **D** passeiem;
- **E** passearás.

25. NCE-UFRJ – "Se ele trabalhar, eu também trabalharei!"; a alternativa que tem uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal equivocada é:

- **A** Se ele for, eu também irei.
- **B** Se ele ver, eu também verei.
- **C** Se ele quiser, eu também quererei.
- **D** Se ele requerer, eu também requererei.
- **E** Se ele couber, eu também caberei.

26. FEPESE – "Quando Pedro foi para a fazenda, encontrou seus amigos com suas respectivas amigas."

Na frase, encontramos:

- **A** uma conjunção e uma preposição;
- **B** uma conjunção e duas preposições;
- **C** uma conjunção e três preposições;
- **D** duas conjunções e uma preposição;
- **E** duas conjunções e duas preposições.

27. FUMARC – "Era o que a repórter queria ouvir." O termo destacado é:

- **A** artigo definido;
- **B** pronome demonstrativo;
- **C** pronome pessoal do caso oblíquo;
- **D** pronome indefinido.

28. FJPF – Quanto à classificação dos pronomes destacados, indique a alternativa correta:

Ⓐ Ele é amigo. (pronome pessoal do caso reto)
Ⓑ Pedro é aquele lavrador de quem falei. (pronome de tratamento)
Ⓒ Meu amigo trabalha na lavoura de cana-de-açúcar. (pronome demonstrativo)
Ⓓ Ninguém disse ao Sr. Lobo a verdade sobre a poluição do rio. (pronome relativo)
Ⓔ Maria ofereceu-lhe flores do seu jardim. (pronome indefinido)

29. CESGRANRIO – Indique a opção em que se encontra a única correspondência incorreta quanto às abreviações.

Ⓐ Vossa Excelência – V. Ex.ª.
Ⓑ Vossa Senhoria – V. S.ª.
Ⓒ Vossa Majestade – S. M.ª.
Ⓓ Vossa Santidade – V.S.
Ⓔ Vossa Magnificência – V.Mag.ª.

30. CESGRANRIO – Considere as frases:

I – Ficarei muito satisfeito se, ao envelhecer, me ____espiritualmente jovem.

II – Os economistas ____ soluções para os problemas financeiros.

As formas verbais que preenchem corretamente as frases acima são:

Ⓐ manter – proporam;
Ⓑ mantiver – propuseram;
Ⓒ mantiver – propuserem;
Ⓓ mantesse – propusessem;
Ⓔ mantivesse – proporam.

31. VUNESP – O grau do adjetivo maior em – "...situação de fragilidade ainda maior." – repete-se em:

Ⓐ A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.
Ⓑ As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.
Ⓒ Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.
Ⓓ O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.
Ⓔ O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

32. VUNESP – Assinale a alternativa em que a flexão verbal está corretamente empregada, de acordo com a norma culta:

Ⓐ Os empresários ficarão contentes quando transporem o obstáculo das altas taxas de juros.
Ⓑ A economia dos países sul-americanos se modernizou sem que a estrutura de renda acompanhou as transformações.

Ⓒ Quando se fazer previsões acerca da situação econômica, deve-se ter em mente as indicações do Banco Mundial.
Ⓓ A polícia interviu na greve dos bancários com hostilidade.
Ⓔ Quando o deputado vir o resultado das eleições, ficará exultante.

33. CESGRANRIO – "...quanto mais alta a pena maior a garantia de punição e menor a disposição ao crime."

A locução conjuntiva presente na passagem transcrita classifica-se como:

Ⓐ consecutiva;
Ⓑ causal;
Ⓒ proporcional;
Ⓓ concessiva;
Ⓔ conformativa.

34. FJG – A palavra grifada em "...os hábitos de 400 <u>crianças</u>..." possui, quanto ao gênero, a mesma classificação de:

Ⓐ cobras;
Ⓑ meninas;
Ⓒ testemunhas;
Ⓓ adolescentes.

35. FJG – O numeral ordinal que corresponde ao cardinal expresso em "...200 adolescentes..." é:

Ⓐ vigésimo;
Ⓑ duodécuplo;
Ⓒ ducentésimo;
Ⓓ dois centésimos.

36. FJG – A forma que corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo grifado em "...um desejo que ajudava a <u>prever</u>..." é:

Ⓐ preveem;
Ⓑ previram;
Ⓒ previam;
Ⓓ prevêm.

37. FJG – Na oração grifada "Profissões desaparecem, <u>outras são criadas</u>." ocorre voz passiva.

Passando-se para voz ativa, obtém-se a oração:

Ⓐ ...criam outras.
Ⓑ ...cria-se outras.
Ⓒ ...criam-se outras.
Ⓓ ...elas criam outras.

38. FJG – As palavras grifadas em "O que é carreira de sucesso <u>hoje</u> pode não ser <u>amanhã</u>" classificam-se como:

- **A** conjunções subordinativas temporais;
- **B** preposições essenciais;
- **C** substantivos comuns;
- **D** advérbios de tempo.

39. FJG – A alternativa em que o pronome <u>se</u> tem valor de reciprocidade é:

- **A** "As diferenças de ótica entre eles se enraízam."
- **B** "...onde a ecologia se estruturou como movimento de opinião..."
- **C** "...não se deve apenas militar em defesa dos direitos do homem..."
- **D** "...três projetos, um reformista, um intermediário, outro revolucionário se defrontam..."

40. FJG – O conector que poderia substituir, de forma adequada ao contexto, a vírgula do segmento "comemoração prévia do futebol de domingo, vitória certa" é:

- **A** pois;
- **B** mas;
- **C** logo;
- **D** embora.

41. FJG – Em "os pobres cavalos selvagens destinados a uma fábrica <u>que os transformaria num precioso produto enlatado</u>", a oração em destaque equivale a um:

- **A** substantivo;
- **B** pronome;
- **C** advérbio;
- **D** adjetivo.

42. FJG – O segmento do texto que <u>não</u> apresenta substantivos ou adjetivos com indicação de grau (aumentativo/diminutivo, comparativo/superlativo) é:

- **A** "O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper..."
- **B** "...máquina funcionando com suas rodinhas ensinadas..."
- **C** "Muitos esquecem mas alguns ainda se lembram..."
- **D** "Todos concordam, ele está ótimo, ou quase."

43. FJG – "Desde que o ato de colecionar deixou de ser restrito a reis e aristocratas, há cinco séculos, é difícil dizer o que ainda não virou coleção."

A locução <u>desde que</u> tem nessa frase do texto valor semântico distinto do que apresenta na seguinte alternativa:

Ⓐ Desde que voltou do exterior, passou a colecionar cartões-postais.
Ⓑ Não mais quis colecionar chaveiros desde que atingira a idade adulta.
Ⓒ Desde que não atrapalhe os estudos, o hábito de colecionar objetos é sadio.
Ⓓ Coleciono retratos de personalidades políticas desde que era apenas um menino.

44. FJPF – Há erro de conjugação verbal em:

Ⓐ Nas intervenções, sempre se apunham comentários maliciosos ao meu depoimento.
Ⓑ Trata-se de uma lei que vigiu na Primeira República e hoje revela-se anacrônica.
Ⓒ Encontrou-se ontem com a pessoa que delatara à polícia há dois meses.
Ⓓ Não se pode admitir que o Direito sobresteja o curso dos fatos sociais.
Ⓔ Disse-me ele que eu às vezes pretiro os limites do bom senso.

45. FJPF – A conjunção destacada no período "E <u>como</u> a produção era feita em massa, havia a necessidade de se formar também uma massa de consumidores" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

Ⓐ ainda que;
Ⓑ à proporção que;
Ⓒ visto que;
Ⓓ desde que;
Ⓔ de modo que.

46. FJPF – A conjunção destacada no período "O meu pai tinha um mal no estômago, tão de ruim <u>que</u> não podia andar" introduz oração que exprime sentido de:

Ⓐ condição;
Ⓑ causa;
Ⓒ consequência;
Ⓓ conformidade;
Ⓔ concessão.

47. FJPF – "Pareceu-me que a atenção <u>fora</u> um bom remédio" (6º parágrafo), para que seja conservado o sentido original do texto e o tempo verbal não seja alterado, o verbo destacado só pode ser substituído por:

Ⓐ seja;
Ⓑ foi;
Ⓒ será;
Ⓓ continua sendo;
Ⓔ havia sido.

48. FJPF – A forma verbal destacada na oração "mas as portas <u>mantiveram-se</u> surdas e nada facultativas", derivada do verbo <u>ter</u>, está corretamente flexionada. Nas frases abaixo também foram usadas formas derivadas do verbo <u>ter</u> e uma delas está <u>incorretamente</u> flexionada. Esta última frase é:

Ⓐ É bom que em dia de ponto facultativo cada um se atenha ao próprio descanso.
Ⓑ Se o vigia não o detesse, João Brandão entraria na repartição.
Ⓒ Como não pôde trabalhar, João Brandão se entreteve a decifrar palavras cruzadas.
Ⓓ Se João Brandão não se contiver, o vigia vai agredi-lo.
Ⓔ Os vigias das repartições retêm todos os que querem trabalhar em dia de ponto facultativo.

49. FJPF – O verbo <u>provir</u> está corretamente flexionado no trecho "...eu diria que a surpresa do resultado <u>provém</u> exatamente do fato de que tais argumentos tenham encontrado recepção tão positiva".

A opção em que esse verbo está flexionado <u>equivocadamente</u> é:

Ⓐ Supomos que a surpresa do resultado provenha exatamente desse fato.
Ⓑ Ninguém acreditou que a surpresa do resultado proviesse tão somente desse fato.
Ⓒ Havia outros fatos, dos quais a surpresa do resultado naturalmente provinha.
Ⓓ A surpresa do resultado tinha provindo não daquele, mas de outro fato.
Ⓔ É certo que a surpresa do resultado proveu não de outro, mas daquele fato.

50. ACEPE – Assinale a alternativa que apresenta o plural dos substantivos "consagração", "chão", "impressão", "irmão", "coração" e "balcão":

Ⓐ consagrações, chões, impressões, irmões, corações, balcãos;
Ⓑ consagrações, chãos, impressãos, irmãos, corações, balcãos;
Ⓒ consagrações, chãos, impressões, irmãos, corações, balcões;
Ⓓ consagrações, chões, impressãos, irmões, corações, balcões;
Ⓔ consagrações, chões, impressões, irmãos, corações, balcãos.

51. COMPERVE – "Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do 'não ter o que dizer'."

Morfologicamente, <u>não ter o que dizer</u> é um bloco semântico que se comporta, no fragmento, como:

Ⓐ locução adverbial;
Ⓑ pronome indefinido;
Ⓒ substantivo;
Ⓓ locução prepositiva.

52. CONSULPLAN – Considere os seguintes enunciados:

I. "... como a última luz na varanda."

II. "E comecei a sentir falta das pequenas brigas..."

III. "Ele a considerava como uma verdadeira companheira."

Os termos grifados são, respectivamente:

Ⓐ artigo, pronome, preposição;
Ⓑ preposição, preposição, pronome;
Ⓒ artigo, artigo, pronome;
Ⓓ artigo, preposição, pronome;
Ⓔ pronome, preposição, artigo.

53. CONSULPLAN – "Não tenho botão na camisa..." A palavra sublinhada na frase faz o plural da mesma forma que, exceto:

Ⓐ anão;
Ⓑ caixão;
Ⓒ limão;
Ⓓ zangão;
Ⓔ alemão.

54. ESAF – Indique o período correto:

Ⓐ Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
Ⓑ Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
Ⓒ Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
Ⓓ Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
Ⓔ Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

55. FEC – Na conversão da voz passiva analítica em passiva pronominal, há erro em:

Ⓐ "os aviões a jato eram desconhecidos" / desconheciam- se os aviões a jato.
Ⓑ "os antibióticos não haviam sido descobertos" / não se havia descoberto os antibióticos.
Ⓒ "quando algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações começaram a ser observadas" / quando se começaram a observar algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações.
Ⓓ "a comunidade já vem sendo ouvida, através de plebiscitos" / já se vem ouvindo a comunidade, através de plebiscitos.
Ⓔ "dentro de algum tempo, essa prática será difundida em todo o mundo" / dentro de algum tempo, essa prática se difundirá em todo o mundo.

56. FEC – No texto flexionam-se corretamente os verbos obter e deter, podendo-se dizer que o mesmo ocorre em todas as alternativas abaixo, com exceção de:

- **A** Se todas as nações detivessem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **B** Quando todas as nações obterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **C** Para que todas as nações obtenham o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **D** Menos nações detinham então o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **E** Para todas as nações deterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.

57. FEC – A alternativa em que todos os nomes flexionam-se em número como cidadão é:

- **A** tabelião – cristão – alemão;
- **B** órgão – escrivão – acórdão;
- **C** cristão – acórdão – órgão;
- **D** escrivão – órgão – tabelião;
- **E** cristão – alemão – acórdão.

58. FEC – "...de ter feito e visto o que fiz e vi." A alternativa que apresenta erro na forma verbal de uma estrutura semelhante a esse segmento do texto é:

- **A** "...de ter reavido e tido o que reavi e tive."
- **B** "...de ter dado e aceito o que dei e aceitei."
- **C** "...de ter mantido e previsto o que mantive e previ."
- **D** "...de ter composto e detido o que compus e detive."
- **E** "...de ter produzido e trazido o que produzi e trouxe."

59. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o par de orações não apresenta transformação da voz verbal:

- **A** "O que eu fiz, nenhum bicho jamais faria." / O que foi feito por mim não teria sido feito por nenhum bicho.
- **B** "O poeta espanhol Federico Garcia Lorca [...] ficou assustado com Nova York." / O poeta espanhol Federico Garcia Lorca foi assustado por Nova York.
- **C** "Enquanto os turistas admiram a qualidade da comida nos magníficos restaurantes... / Enquanto a qualidade da comida é admirada pelos turistas nos magníficos restaurantes.
- **D** "Lorca interpela os que se beneficiam com esse sistema..." / Os que se beneficiam com esse sistema são interpelados por Lorca.
- **E** "Lorca acusa os detentores do poder e da riqueza de camuflarem a dura realidade social..." / Os detentores do poder e da riqueza são acusados por Lorca de camuflarem a realidade social.

60. FUMARC – Indique a alternativa em que há erro de flexão do substantivo:

- **A** A famosa peça *Quebra-nozes* foi pela primeira vez interpretada por bailarinos afro-brasileiros.
- **B** Os guardas-civis tiveram que aceitar os salvos-condutos apresentados pelos prisioneiros.
- **C** Nas escolas-modelo há muitos mapas-múndis para orientar os alunos quando são divulgadas notícias de outros países.
- **D** Os redatores-chefes foram unânimes em afirmar que o espetáculo mais bonito foi o propiciado pelas porta-bandeiras.

61. FCC – O plural das palavras mal-estar e meia-democracia é obtido pelo mesmo procedimento que leva ao plural de:

- **A** mal-assombramento e meia-estação;
- **B** mau-olhado e meia-estação;
- **C** mau-olhado e meio-fio;
- **D** maldizente e meio-pesado;
- **E** mal-assombramento e meio-claro.

62. CESGRANRIO – Entre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:

- **A** guarda-chuvas;
- **B** olhos azuis-turquezas;
- **C** escolas-modelos;
- **D** surdo-mudos;
- **E** pores-dos-sóis.

63. CESGRANRIO – Assinale a opção em que os verbos estão flexionados corretamente, de acordo com a norma culta da língua:

- **A** Se ele se dispor a aceitar o convite, ficarei eternamente grato.
- **B** Quando ele compor uma canção, certamente será uma surpresa.
- **C** Irei à cerimônia de casamento somente se ele vir comigo.
- **D** Quando eu vir o carteiro, pedirei a ele para entrar em contato.
- **E** Vou completar a remessa se ele intervir na arrumação.

64. FJPF – A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:

- **A** "...com a roupa mal passada..." – adjetivo.
- **B** "...não dissessem os colegas que era esposa descuidada." – pronome relativo.
- **C** "começou sub-repticiamente a marcar..." – preposição.
- **D** "...um leve afrouxar-se das pálpebras." – verbo.
- **E** "...só muitos meses..." – advérbio.

65. FJPF – O plural mexilhões corresponde à forma singular mexilhão. A alternativa em que um dos vocábulos tem plural em "-ões" erradamente construído é:

Ⓐ anciões – chorões;
Ⓑ limões – correções;
Ⓒ guardiões – aldeões;
Ⓓ vulcões – corrimões;
Ⓔ escrivões – demolições.

66. FCC – A palavra destacada é um pronome em:

Ⓐ "Ir à praia cedo..."
Ⓑ "...tem uma beleza solene..."
Ⓒ "...olha a mãe que o excita..."
Ⓓ "Ela traz pela primeira vez..."
Ⓔ "...talvez sinta que o mar é bom..."

67. FCC – "...que deve ter dois anos."

A forma que não faz parte da conjugação do verbo ter ou de seus compostos é:

Ⓐ detiveram;
Ⓑ absteve;
Ⓒ contém;
Ⓓ manteu;
Ⓔ contêm.

68. FJG – O plural da expressão "obra lítero-musical" é:

Ⓐ obras lítero-musical;
Ⓑ obras líteros-musical;
Ⓒ obras lítero-musicais;
Ⓓ obras líteros-musicais.

69. FCC – Pertencem à mesma categoria gramatical os termos sublinhados na frase:

Ⓐ Daí a necessidade de criar emprego nas pequenas cidades.
Ⓑ A reforma agrária não poderá ser executada de maneira uniforme.
Ⓒ Não se trata, contudo, de "engessar" a população rural no campo.
Ⓓ Ela não será a mesma nas terras férteis.
Ⓔ A reforma agrária contribuirá para reduzir o ritmo da migração campo-cidade.

70. ACEP – Observe o período: "Os mais pudicos, se se pode aplicar a ideia de pudor a quem vive de tal ofício, os mais pudicos contentam-se em não aparecer na primeira pessoa e transferem a um personagem supostamente imaginário aquilo que eles não têm coragem de contar de si próprios".

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta da classificação dos vocábulos destacados.

Ⓐ conjunção integrante, pronome oblíquo recíproco;
Ⓑ conjunção condicional, pronome oblíquo reflexivo;
Ⓒ conjunção integrante, pronome indeterminador do sujeito;
Ⓓ conjunção condicional, pronome do caso reto;
Ⓔ conjunção condicional, pronome indeterminador do sujeito.

71. VUNESP – Assinale a alternativa em que o tempo verbal está corretamente indicado entre parênteses:

Ⓐ No mundo tudo poderia ser apresentado em generosa amplitude. (futuro do pretérito)
Ⓑ Nada lhe parece mais estúpido e mesquinho que o ideal do trabalhador. (imperativo afirmativo)
Ⓒ Se existisse uma ética do trabalho, a da aventura pode desaparecer. (pretérito mais-que-perfeito)
Ⓓ Dois princípios encarnam-*se* nos tipos do aventureiro e do trabalhador. (imperfeito do subjuntivo)
Ⓔ Só uma ética de trabalho dará valor moral positivo ao trabalho. (pretérito perfeito)

72. VUNESP – Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras com o plural correto:

Ⓐ animalzinhos – caridades – cartãos – amores-perfeito – cristães;
Ⓑ questões – salários-família – pastéis – limões – reais;
Ⓒ feijãos – arranhas-céus – ticos-ticos – pés-de-moleques – açúcares;
Ⓓ corres-corres – abaixos-assinados – cidadões – quarta-feiras – padres-nossos;
Ⓔ degrais – ancestrais – cordãos – decretos-lei – tiques-taques.

73. VUNESP – Assinale a alternativa em que o termo que, em destaque, é pronome relativo:

Ⓐ Espero que todos os convidados cheguem logo.
Ⓑ Não sairei de casa hoje desde que haja necessidade.
Ⓒ Leia este bilhete que recebi ontem.
Ⓓ Venha logo a fim de que o problema seja resolvido.
Ⓔ Hoje a partida será mais difícil que a de ontem.

74. VUNESP – Passando-se a oração – "Os calores intensos provocavam as chuvas" – para a voz passiva analítica, obtém-se:

Ⓐ As chuvas eram provocadas pelos calores intensos.
Ⓑ As chuvas são provocadas pelos calores intensos.
Ⓒ As chuvas foram provocadas pelos calores intensos.
Ⓓ Provocam-se chuvas por causa dos calores intensos.
Ⓔ As chuvas provocaram-se por causa dos calores intensos.

75. FJG – O par de palavras que faz o plural da mesma forma que a palavra "oposição" é:

Ⓐ revolução – demão;
Ⓑ tabelião – órfão;
Ⓒ escrivão – cirurgião;
Ⓓ cidadão – guardião;
Ⓔ anfitrião – fração.

76. FGV – Assinale a alternativa na qual "se" tem a mesma classificação morfológica que na frase: "Não sabemos se ela está em casa".

Ⓐ Eles se viraram para a parede.
Ⓑ Diga-nos se eles já chegaram.
Ⓒ Ele falará se você não falar.
Ⓓ Se ela não for, irei eu

77. FUNDATEC – Observe o texto: "As siglas que nomeiam as estradas têm embutidos códigos que explicam que tipo de rodovia cada uma é".

Sobre as três ocorrências da palavra <u>que</u> no texto, afirma-se que:

I. Em todas as ocorrências, é pronome relativo.

II. Apenas em duas ocorrências, é pronome relativo.

III. Apenas em uma ocorrência, é conjunção integrante.

IV. Apenas em uma ocorrência, é pronome relativo.

Quais estão corretas?

Ⓐ Apenas I e II.
Ⓑ Apenas II e III.
Ⓒ Apenas III e IV
Ⓓ Apenas I, II e III.
Ⓔ Apenas II, III e IV.

78. IPDEP – "...como <u>se</u> vê no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), não consta qualquer medida de proteção ambiental..." A palavra <u>se</u>, no trecho destacado acima, está corretamente classificada na opção:

Ⓐ pronome apassivador;
Ⓑ índice de indeterminação do sujeito;
Ⓒ pronome reflexivo;
Ⓓ conjunção integrante.

79. IPDEP – "...o Brasil é hoje o quinto maior emissor de gases do efeito estufa..." Nesta oração, temos um adjetivo que está no grau:

Ⓐ comparativo de superioridade;
Ⓑ superlativo relativo de superioridade;
Ⓒ superlativo absoluto sintético;
Ⓓ superlativo absoluto analítico.

80. NUCEPE – "Com o respeito, vêm os segredos."

Em que outra frase a palavra sublinhada é forma correta do verbo "vir", empregada adequadamente?

- **A** Se eu vir, falamos pessoalmente.
- **B** Eles veem com certeza, pois têm que cumprir a tarefa.
- **C** Quando vínhamos sempre a encontrávamos de bom humor.
- **D** Antônia quis vim o mais rápido possível.
- **E** O exército estava bem preparado: os inimigos que viesse!

81. NUCEPE – Qual das formas verbais não está no indicativo?

- **A** Permaneça.
- **B** Consegue.
- **C** Será Estendida.
- **D** Assegurarão.
- **E** Começaram.

82. UNIFAP – Para marcar a resposta correta tome como base o trecho:

"Aumentar a oferta de vagas no ensino superior e ampliar as políticas de inclusão e assistência estudantil são objetivos que exigem significativo investimento...".

- **A** Os artigos presentes no trecho foram usados para determinar os termos que referem.
- **B** Não há artigos no trecho em destaque.
- **C** No trecho, os artigos predominantes são os indefinidos já que houve necessidade de indeterminar os termos a que se referem.
- **D** O termo "a" está exercendo a função de preposição, portanto não é artigo.
- **E** Na contração "no" não há presença de artigo.

83. UPENET – Observe os termos sublinhados do trecho a seguir:

"O especialista é um homem que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, e por fim acaba sabendo tudo sobre nada". (George Bernard Shaw)

Sobre eles, é CORRETO afirmar:

- **A** "mais" é palavra variável que indica intensidade.
- **B** "menos" se classifica como palavra invariável que exprime ideia de modalidade.
- **C** "tudo" e "nada" se classificam como termos que se referem a algum antecedente.
- **D** "mais" e "menos" se classificam como palavras invariáveis que encerram ideia de intensidade.
- **E** "menos" exprime ideia de temporalidade, e "nada" se refere a algo declarado anteriormente.

84. UPENET – "Não fumo, não bebo e não cheiro. Só minto um pouco." (Tim Maia)

Os verbos do período acima estão conjugados no tempo presente. Se todos eles fossem conjugados no tempo passado, qual das alternativas abaixo não conteria incorreção?

A Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentia um pouco.
B Não fumarei, não bebo e não cheirarei. Só mentirei um pouco.
C Não fumei, não bebesse e não cheirasse. Só mentirá um pouco.
D Não fumara, não bebera e não cheirará. Só mente um pouco.
E Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentirá um pouco.

85. VUNESP – Assinale a alternativa em que há correta equivalência entre as formas verbais simples e compostas no período:

A eu faria o mesmo / tinha feito o mesmo;
B meu cunhado viajara / haveria viajado;
C eu ainda não gostava de cachorro / tinha gostado;
D todos darão palpite / haveriam dado;
E tivera alguma nobreza / tinha tido.

86. VUNESP – A forma de tratamento empregada está correta em:

A Senhor Presidente da República: se Sua Excelência assim o desejar, convocaremos outra reunião.
B Atendendo a despacho de S. Ex.ª, o Meritíssimo Juiz da 2ª Vara Cível desta Comarca, anexamos a certidão ao processo.
C Propusemos a V. S.ª, o Governador, adiamento da audiência com membros do Sindicato.
D De ordem de V. Em.ª, o novo Senhor Ministro, convidamos todos os funcionários para a solenidade de posse da diretoria do Conselho Nacional de Obras.
E Senhor Chefe de Seção: encaminhamos à consideração de Vossa Excelência pedido para entrar em gozo de férias.

87. FGV – Entre os termos sublinhados das alternativas a seguir, um não exerce papel adjetivo. Assinale-o:

A "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
B "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
C "...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital."
D "Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica."
E "O mate gelado corria sem pressa, e os vizinhos, convidados e imprensa se misturavam para ouvir histórias,..."

88. NCE-UFRJ – A opção em que a palavra em destaque tem a mesma classe de palavra de "as" na frase: "Pesquisas canadenses provaram que crianças que estudaram música precocemente têm desenvolvimento intelectual melhor do que as que não tiveram nenhum contato com ela".

- **A** "Já não é de hoje que os cientistas vêm estudando o fenômeno."
- **B** "Em 1999, uma pesquisa feita no Instituto de Psicologia da USP mostrou..."
- **C** "Que o digam aqueles que aprenderam música desde pequenos."
- **D** "A música é capaz de mudar a frequência..."
- **E** "...está diretamente associada à promoção da saúde, ..."

89. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que o termo destacado não é classificado como conjunção é:

- **A** O aluno contou a piada, mas a professora não riu.
- **B** O aluno contou uma caso para a professora rir.
- **C** A professora ensinou corretamente as conjunções e as preposições.
- **D** A professora não queria que ninguém risse.
- **E** Juquinha não sabia se sua piada iria agradar.

90. FGV – Em "Azar, azar, azar. Povo tão bom que nós somos, fomos arranjar, por exemplo, políticos abomináveis, como às vezes nos parecem ser quase todos eles.", a palavra que deve ser classificada como:

- **A** conjunção integrante;
- **B** conjunção subordinativa;
- **C** preposição;
- **D** pronome relativo;
- **E** partícula de realce.

91. CEPERJ – O plural de "radiação ultravioleta" é:

- **A** radiações ultravioleta;
- **B** radiações ultravioletas;
- **C** radiaçãos ultravioleta;
- **D** radiaçãos ultravioletas;
- **E** as radiação ultravioleta.

92. CEPERJ – As abreviaturas dos pronomes de tratamento usados para ministros de Estado e reitores são, respectivamente:

- **A** Exma e V. Mg^{ci}.
- **B** Exª e V. Mag^{a}.
- **C** Exª e V. Em^{a}.
- **D** Exc^{ia} e V. Rvm^{a}.
- **E** Exc^{ia} e V. S^{a}.

93. CEPERJ – Entre as palavras abaixo, aquela que não apresenta plural metafônico, isto é, aquela cujo plural não determina mudança de timbre da vogal tônica é:

- **A** o idoso;
- **B** o acordo;
- **C** o despojo;
- **D** o reforço;
- **E** o forno.

94. CEPERJ – No segmento "...a razão da dependência dos idosos, isto é, o número de pessoas...", a expressão em destaque denota:

Ⓐ adição;
Ⓑ afirmação;
Ⓒ explicação;
Ⓓ conclusão;
Ⓔ retificação.

95. NCE-UFRJ – A frase que <u>não</u> apresenta qualquer tipo de pronome demonstrativo é:

Ⓐ Ela não é a que eu vi na festa.
Ⓑ Não conheço tal livro.
Ⓒ Gosto mais do primeiro do que deste que agora tenho.
Ⓓ Naqueles tempos bíblicos, todos já nasciam velhos.
Ⓔ O que pensas a respeito dele?

96. CEPERJ – "...vêm carregadas de advertências confusas..." O verbo "vir" está <u>incorretamente</u> flexionado na frase:

Ⓐ Vimos aqui agora consultar um dicionário médico.
Ⓑ É importante virmos sempre aqui consultar um dicionário médico.
Ⓒ Pensavam que viéramos aqui para consultar um dicionário médico.
Ⓓ Viemos hoje, nesse momento, consultar um dicionário médico.
Ⓔ Se viermos à biblioteca amanhã, consultaremos um dicionário médico.

97. FJPF – Considerando-se o emprego do pronome sublinhado no trecho "e os mais atentos ganham terreno repetindo <u>consigo</u> mesmos", pode-se afirmar que está gramaticalmente <u>incorreta</u> a frase:

Ⓐ O professor dirigiu-se ao aluno e disse: "Carlos, quero falar consigo".
Ⓑ Reprovado, o aluno pensava consigo como daria a notícia aos pais.
Ⓒ O professor levava consigo para as aulas sempre o mesmo livro.
Ⓓ O universitário portava consigo a carteira de estudante.
Ⓔ Contar consigo mesmo para resolver os problemas era o que convinha ao universitário.

98. UECE – "Liberdade e democracia são, <u>pois</u>, instâncias inevitáveis e assustadoras..."

É correto afirmar-se sobre o vocábulo "pois" que:

Ⓐ é um pronome e equivale à palavra <u>também</u>;
Ⓑ é uma conjunção e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓒ é um pronome e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓓ é uma conjunção e equivale à palavra <u>também</u>.

99. UECE – A forma "traz" é de um verbo irregular, cujo presente do indicativo se escreve trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem. Também está correta a flexão do verbo:

Ⓐ aguar → agôo, agoas, agoa, aguamos, aguais, agoam;
Ⓑ deter → deti, deteste, deteu, detemos, detestes, deteram;
Ⓒ remediar → remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam;
Ⓓ perder → perdo, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

100. NCE-UFPR – "...publicou uma nota na qual revelava..."; "...época na qual a imprensa da Grã-Bretanha..."; a frase em que o segmento "na qual" deveria ser mais adequadamente substituído por "onde" é:

Ⓐ Morava perto de uma pracinha na qual se reunia com os amigos.
Ⓑ O grupo lia a revista na qual todos confiavam.
Ⓒ Leu a notícia na qual estavam presentes os nomes dos amigos.
Ⓓ As folhas nas quais se encontrava a nota estavam rasgadas.
Ⓔ Aquela era a letra de música na qual se cometiam erros grosseiros.

GABARITO

1. A	16. B	31. E	46. C	61. A	76. B	91. A
2. A	17. A	32. E	47. E	62. A	77. B	92. B
3. A	18. A	33. C	48. B	63. D	78. B	93. B
4. B	19. D	34. C	49. E	64. C	79. B	94. C
5. B	20. C	35. C	50. C	65. E	80. C	95. D
6. B	21. B	36. A	51. C	66. C	81. A	96. D
7. B	22. C	37. A	52. D	67. D	82. A	97. A
8. B	23. A	38. D	53. A	68. C	83. D	98. C
9. E	24. A	39. D	54. E	69. A	84. A	99. C
10. B	25. B	40. A	55. B	70. E	85. E	100. A
11. E	26. B	41. D	56. B	71. A	86. B	
12. C	27. B	42. C	57. C	72. B	87. E	
13. B	28. A	43. C	58. A	73. C	88. C	
14. C	29. C	44. B	59. B	74. A	89. B	
15. E	30. B	45. C	60. C	75. E	90. E	

Exercícios de Estrutura do Vocábulo Formação de Palavras

1. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra <u>inadequação</u> entre cognatos é:

Ⓐ terra – aterrorizar;
Ⓑ lei – legalizar;
Ⓒ acordo – acordar;
Ⓓ temor – atemorizar;
Ⓔ homem – humanizar.

2. UECE – A palavra "reajuste" sofreu os seguintes processos de formação:

Ⓐ ajuste → reajustar → ajustar → reajuste;
Ⓑ justo → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓒ ajuste → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓓ justo → reajustar → ajustar → reajuste.

3. Na palavra <u>erradicar</u> há um valor semântico de "movimento para fora". A palavra abaixo em que se repete esse mesmo valor é:

Ⓐ elipse;
Ⓑ êxodo;
Ⓒ embarcar;
Ⓓ ilegal;
Ⓔ discordar.

4. FJPF – Nos itens abaixo, a primeira palavra, formada por derivação prefixal, compõe um par com outra formada pelo mesmo processo. Possuem significação essencialmente distinta os prefixos das palavras pertencentes ao par:

Ⓐ contramão – antitóxico;
Ⓑ predisposição – antevisão;
Ⓒ irrelevante – desconfortável;
Ⓓ extraconjugais – hipotensão;
Ⓔ imposição – intrometer.

5. **FJPF – O vocábulo abaixo que não traz em seu prefixo a ideia de negação é:**

A "...ou pelo descaso com que são administrados..."
B "...a contraposição entre esse tipo de atividade..."
C "...novas áreas de desmatamento..."
D "...interesses os mais díspares..."

6. **FGV – Na palavra anjinho, o sufixo "-inho" pode denotar feição carinhosa. No português do Brasil, é comum que esse sufixo, dependendo do contexto de seu uso, assuma variadas significações.**

Assinale a alternativa em que o uso do sufixo "-inho" ou sua flexão atribui feição depreciativa à palavra:

A O copo está cheiinho.
B Filha, até quando vai aguentar essa vida de professorinha?
C Vem cá, rapidinho.
D Filhinho, faça isso para sua mãezinha.
E Chegue mais perto, meu bichinho.

7. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha o mesmo sentido que o de imigrante:**

A imberbe;
B imergir;
C incréu;
D iníquo;
E inválido.

8. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha valor distinto do de incompetentes:**

A irrespondível;
B agnósticos;
C ateus;
D incorrer;
E inafiançável.

9. **FUMARC – Em todas as alternativas verifica-se o prefixo "in", ou variantes suas, com valor negativo, exceto em:**

A ilícito;
B invalidar;
C incrimina;
D irrealizável.

10. **FUMARC – O prefixo "des-" tem o mesmo valor semântico, exceto em:**

A Por não haver prosseguido em seus estudos, acabou desabilitando-se para o cargo.
B O fechamento da ferrovia desabasteceu de mercadorias muitas cidades do sertão.

Ⓒ As famílias desabrigadas pelas chuvas foram acomodadas num galpão cedido pela prefeitura.
Ⓓ A revelação da testemunha desnuda o esquema da venda ilegal do medicamento.

11. FUNCAP – Em "...externamos nossos sentimentos para vivê-los mais intensamente" e "Os amores silenciosos podem provocar o choro", as palavras destacadas são formadas, respectivamente, a partir de processos de:

Ⓐ derivação sufixal e composição por justaposição;
Ⓑ composição por justaposição e derivação regressiva;
Ⓒ derivação sufixal e derivação regressiva;
Ⓓ derivação regressiva e derivação parassintética;
Ⓔ derivação parassintética e derivação prefixal.

12. COSEAC-UFF – Observando-se o sufixo da palavra em destaque no trecho "Essa comicidade, ainda eficaz, apesar da dicção lusa, pré-modernista, é temperada pela melancolia", pode-se afirmar que, entre as opções abaixo, aquela em que as três palavras foram formadas por sufixos de mesmo valor significativo e gramatical do sufixo da palavra destacada acima é:

Ⓐ civismo – amplitude – sorveteria;
Ⓑ acidez – contumácia – esquecimento;
Ⓒ vadiagem – passeata – brancura;
Ⓓ grandeza – eficácia – doçura;
Ⓔ folhagem – arvoredo – falácia.

13. NCE-UFRJ – Um dos processos mais comuns de formação de palavras em língua portuguesa é o da sufixação ou derivação sufixal; o item em que figura um vocábulo do texto que não exemplifica esse tipo de formação é:

Ⓐ perigosas – consumidores – informação;
Ⓑ recentemente – sociedade – publicidade;
Ⓒ essencial – responsabilidade – intransferível;
Ⓓ brasileiro – publicitária – regulamentação;
Ⓔ crianças – sentimento – situação.

14. NCE-UFRJ – A palavra que não é formada pelo processo de sufixação é:

Ⓐ acadêmica;
Ⓑ especializações;
Ⓒ flexibilidade;
Ⓓ filminhos;
Ⓔ negócio.

15. NCE-UFRJ – O vocábulo abaixo que difere dos demais quanto ao processo de formação é:

- **A** desalmado;
- **B** enriquecer;
- **C** anoitecer;
- **D** amanhecer;
- **E** alvorecer.

16. NCE-UFRJ – Há vários processos para formar novas palavras. A palavra <u>resistência</u> foi formada por:

- **A** derivação prefixal;
- **B** derivação sufixal;
- **C** derivação parassintética;
- **D** derivação regressiva;
- **E** derivação.

17. FJPF – Considerando-se os processos de formação de palavras em português pelo princípio dos constituintes imediatos, pode-se afirmar que há um caso de sufixação no seguinte substantivo:

- **A** anti-reumático;
- **B** sem-terra;
- **C** encontro;
- **D** contrafé;
- **E** bom-mocismo.

18. FJPF – A alternativa que mostra uma palavra que <u>não</u> foi formada por derivação sufixal é:

- **A** libertação – equívoco;
- **B** sofrimentos – individualidade;
- **C** apresamento – marinha;
- **D** restituição – afirmação;
- **E** pavoroso – tenebroso.

19. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra <u>não</u> tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>saturnianos</u>:

- **A** silencioso;
- **B** investigação;
- **C** expurgou;
- **D** definição;
- **E** rochosos.

20. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>empapuçados</u>:

Ⓐ letreiro;
Ⓑ clientela;
Ⓒ embarcou;
Ⓓ desencantar;
Ⓔ romântico.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>infraestrutura</u>:

Ⓐ nova-iorquina;
Ⓑ paraisópolis;
Ⓒ planejando;
Ⓓ sobreviver;
Ⓔ embora.

22. FGV – A palavra <u>emudecendo</u> foi formada pelo processo de:

Ⓐ composição por aglutinação;
Ⓑ derivação prefixal;
Ⓒ derivação parassintética;
Ⓓ derivação sufixal;
Ⓔ derivação imprópria.

23. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada por derivação parassintética:

Ⓐ outonal;
Ⓑ encampando;
Ⓒ babaquice;
Ⓓ mamoeirão;
Ⓔ ideologia.

24. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>entrevejo</u>:

Ⓐ joalheria;
Ⓑ serenidade;
Ⓒ decodifica;
Ⓓ acompanhando;
Ⓔ perfumadas.

25. CESGRANRIO – Relacione as palavras ao seu respectivo processo de formação.

(I) malsão	**(R) derivação sufixal**
(II) incerto	**(S) derivação prefixal**
(III) envelhecer	**(T) derivação parassintética**
(IV) aceitável	

A relação correta é:

- **A** I – R – III – S, IV – T;
- **B** I – S – II – T – III – R;
- **C** I – T – II – S, III – R;
- **D** II – R – III – T – IV – S;
- **E** II – S – III – T – IV – R.

26. CESGRANRIO – As opções abaixo apresentam uma palavra derivada e a sua origem, exceto uma. Indique-a:

- **A** disponibilizar – disponível;
- **B** simulações – simular;
- **C** incidente – acidente;
- **D** potencial – potência;
- **E** ocorrência – ocorrer.

27. EPCAR – Assinale a alternativa em que a correspondência, quanto à formação de palavras, está incorreta:

- **A** televisão – hibridismo;
- **B** hipótese – derivação prefixal;
- **C** descampado – derivação parassintética;
- **D** semideus – composição por aglutinação.

28. EPCAR – Nas alternativas a seguir apresentaram-se palavras cujos elementos mórficos foram analisados incorretamente, exceto em:

- **A** Fazendo = Faz (radical) – e (vogal temática) – ndo (desinência verbal).
- **B** Vice-presidente = Vice (radical) – presid (radical) – ent (sufixo).
- **C** Senadora = Senador (radical) – a (vogal temática).
- **D** Quiser = Quiser (radical).

29. EPCAR – Assinale a alternativa em que a palavra destacada é formada por derivação regressiva:

- **A** Infelizmente, é um dos principais.
- **B** Com as suas velhacarias, deverás tu...
- **C** De que diabo de jogo estás aí a falar?
- **D** Por que razão não vais só? Poupa-me o desgosto de encarar aquele homem.

30. EPCAR –

I. No vocábulo surradíssimo, observa-se a derivação sufixal.

II. Os vocábulos sorriso, arterial e ironizar são formados por sufixos nominais.

III. Patologia é formado por hibridismo.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

Ⓐ I;
Ⓑ I e II;
Ⓒ II e III;
Ⓓ I, II e III.

31. NCE-UFRJ – Assinale a opção em que há erro na identificação do elemento mórfico grifado:

Ⓐ Alunas: desinência de feminino.
Ⓑ Comprar: radical.
Ⓒ Aluguei: vogal temática.
Ⓓ Pareceram: vogal temática.
Ⓔ Influência: desinência de feminino.

32. FUNDEC – O termo grifado no trecho "preocupados com a saúde ambiental do planeta" apresenta sufixo de significado idêntico ao das palavras abaixo relacionadas, exceto ao da palavra:

Ⓐ mensal;
Ⓑ outonal;
Ⓒ conjugal;
Ⓓ laranjal;
Ⓔ campal.

33. FUNDEC – Dos itens abaixo, aquele em que dos três verbos formam-se substantivos com sufixo idêntico ao usado na formação de carregamento é:

Ⓐ punir – lavar – casar;
Ⓑ desconsiderar – enrubescer – desligar;
Ⓒ ajuizar – descomprometer – afastar;
Ⓓ descumprir – irradiar – desobedecer;
Ⓔ agradecer – passear – totalizar.

34. FUNRIO – O vocábulo "pirataria" é formado por meio de derivação sufixal. A palavra que também se formou por derivação sufixal, é:

Ⓐ secretário;
Ⓑ combate;
Ⓒ desarticulação;
Ⓓ devemos;
Ⓔ narcotráfico.

35. FUNRIO – O vocábulo rancorosamente é formado pelo processo de derivação prefixal e sufixal. A palavra a seguir formada pelo mesmo processo é:

- **A** tradicional;
- **B** choupana;
- **C** desigualdade;
- **D** eletricidade.

36. CEPERJ – Quanto à estrutura mórfica do termo, está correta a análise apresentada na alternativa:

- **A** Desgarradas (garra) = tema.
- **B** Choverá (rá) = desinência número-pessoal.
- **C** Levitante = (ante) = sufixo.
- **D** Estrada (a) = desinência nominal de gênero.
- **E** Terra (terra) = radical.

37. FEC – "É intolerável que cerca de um quinto da população adulta do globo seja ainda analfabeta." O prefixo presente no termo sublinhado tem o mesmo valor semântico do prefixo presente em:

- **A** imperfeito;
- **B** injetável;
- **C** invejoso;
- **D** internacional;
- **E** intrometido.

38. CESGRANRIO – O vocábulo que apresenta um processo de formação de palavras diferente dos demais é:

- **A** piazinho;
- **B** chaleira;
- **C** girassol;
- **D** boleadeira;
- **E** brigão.

39. FJPF – Em "Uma língua de espuma avança até o seu pezinho", o vocábulo sublinhado é um diminutivo de valor afetivo. A alternativa que apresenta um diminutivo de valor intensivo é:

- **A** As ondinhas não atemorizavam o menino.
- **B** O cronista andava com passinhos rápidos.
- **C** Ela levou o menino rapidinho para as ondas.
- **D** Ela trazia o seu menininho com muito cuidado.
- **E** A espuminha das ondas batia nos pés do menino.

40. FCC – "É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação." (Celso Cunha, *Gramática do português pontemporâneo*)

Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:

Ⓐ júri, perjúrio e ajuizar;
Ⓑ consideração, constelação e conspiração;
Ⓒ solitário, dissolução e insólito;
Ⓓ vidente, revisor e convincente;
Ⓔ condução, condizente e irredutível.

41. FCC – São da mesma família (ou seja, têm o mesmo radical) as seguintes palavras:

Ⓐ absorver – proteger – requerer;
Ⓑ sabido – sabem – sapiência;
Ⓒ fluxo – migração – Deslocamento;
Ⓓ região – reforma – redução;
Ⓔ rural – agrícola – fundiário.

42. FCC – O prefixo das palavras "injusto" e "inaceitável" tem sentido equivalente ao dos prefixos de:

Ⓐ corroborar e contradizer;
Ⓑ decrescer e descumprir;
Ⓒ desmentir e refazer;
Ⓓ ante-sala e antinomia;
Ⓔ abdicar e refluir.

43. FJG – O valor semântico do prefixo da palavra ilibada é o mesmo que o da palavra:

Ⓐ inundada;
Ⓑ inserida;
Ⓒ ilação;
Ⓓ inócua;
Ⓔ ilustre.

44. FJG – O prefixo da palavra infelicidade corresponde semanticamente ao de:

Ⓐ ilação;
Ⓑ irrupção;
Ⓒ ilícito;
Ⓓ infixo;
Ⓔ insolação.

45. NUCEPE – Observe o período: "Conhecemos o destino do estuprador Gilson, julgado e condenado pela Lei do Crime".

O processo de formação de palavras que dá origem aos termos sublinhados é:

- A derivação por justaposição;
- B derivação prefixal;
- C composição por aglutinação;
- D composição por justaposição;
- E derivação sufixal.

46. UPENET – Marque a única opção abaixo que não conserva o prefixo in – com o mesmo sentido em que este se apresenta na palavra indesejada:

- A ilegal;
- B irrestrito;
- C impermeável;
- D inativo;
- E imigrar.

47. UPENET – Observe o texto: "Era segunda-feira. O dia estava calmo, um silêncio ensurdecedor foi quebrado pelo canto de um beija-flor que parecia olhá-lo da janela. Perdeu a hora para ir ao colégio, espreguiçou-se e embora estivesse sem vontade de sair da cama, conseguiu".

As palavras destacadas são formadas, respectivamente, através dos seguintes processos:

- A aglutinação – justaposição – aglutinação;
- B justaposição – aglutinação – justaposição;
- C justaposição – justaposição – justaposição;
- D aglutinação – aglutinação – aglutinação;
- E justaposição – justaposição – aglutinação.

48. CEPERJ – Apresentam o mesmo prefixo os vocábulos:

- A associar e abusar;
- B cooperação e competição;
- C desleal e denúncia;
- D combater e contradizer.

49. CEPERJ – O par de palavras que exemplifica um processo de formação de palavras diferente daquele encontrado em "consumir/consumo" é:

- A comprar – compra;
- B processar – processo;
- C usar – uso;
- D descartar – descarte;
- E sentir – sentido.

50. CEPERJ – A palavra “envelhecimento” é formada por:

- Ⓐ derivação prefixal;
- Ⓑ derivação sufixal;
- Ⓒ derivação prefixal e sufixal;
- Ⓓ derivação parassintética;
- Ⓔ composição por aglutinação.

GABARITO

1. A	11. C	21. D	31. E	41. C
2. B	12. D	22. C	32. D	42. B
3. B	13. C	23. B	33. C	43. D
4. D	14. E	24. C	34. A	44. C
5. B	15. E	25. E	35. C	45. E
6. B	16. B	26. C	36. D	46. E
7. B	17. E	27. D	37. A	47. E
8. C	18. A	28. A	38. C	48. B
9. C	19. C	29. E	39. C	49. E
10. D	20. C	30. A	40. D	50. D

Exercícios de Regência Nominal e Verbal

1. CESGRANRIO – Observe as frases abaixo, quanto à regência.

I. O brasileiro prefere atualmente samba do que bolero.

II. Tal atitude implicou na sua demissão.

III. Ele sempre obedecia a ordens superiores.

IV. Assistimos emocionados àquele espetáculo de cores.

Estão corretas:

A somente I e IV;
B somente II e III;
C somente II e IV;
D somente III e IV;
E somente I, II e III.

2. ESAF – A regência verbal está correta na frase da opção:

A Eles preferiam mais música do que cinema.
B Antônio, eu lhe vejo amanhã lá no clube.
C O secretário informou ao candidato o resultado da prova.
D A humanidade aspira dias melhores de existência.
E É preciso seguir ao regulamento.

3. NCE-UFRJ – Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:

A Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
B Os técnicos procederam à análise da documentação.
C Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
D Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
E Não lhe desobedecerei jamais.

4. **FCC – "O mundo está <u>sedento</u> por gasolina e diesel especiais..."**

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

- **A** ...notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
- **B** ...de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
- **C** ...no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
- **D** ...as reservas de gás de Bahia Blanca.
- **E** ...resinas termoplásticas para toda a região.

5. **FEC – Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome "o" menos uma, em que o correto seria o emprego do "lhe". Essa frase está na opção:**

- **A** Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
- **B** Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
- **C** Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
- **D** O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
- **E** A empresa que construiu o computador resolveu doá-lo para um museu.

6. **FESP-RJ – O verbo "partir" é classificado como transitivo direto e indireto em:**

- **A** Eu também gostaria de partir amanhã bem cedo.
- **B** Às vezes dá vontade de descer e partir para a briga.
- **C** Curiosamente, o novo viaduto parecia partir a cidade.
- **D** Ele costuma partir todos os seus ganhos entre os familiares.
- **E** Deve-se ter cuidado para não se partir de falsas afirmações.

7. **NCE-UFJR – Observando-se as normas da língua culta, há inadequação no emprego do pronome pessoal oblíquo na frase:**

- **A** Prevenimos-lhe de que os resultados das pesquisas podem variar muito num curto espaço de tempo.
- **B** A nova descoberta, comunicamo-la a Vossa Senhoria, movidos pelo desejo de contribuir para a ciência.
- **C** Avisamos-lhe que suas pesquisas estão aquém das expectativas.
- **D** A equipe de cientistas obedece-lhe naquilo que for importante para as novas descobertas.
- **E** Aos críticos, os cientistas perdoaram-lhes porque, apesar dos erros de análise, a intenção foi boa.

8. NCE-UFRJ – A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:

- **A** A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
- **B** O ideal por que este grupo luta é atingível.
- **C** O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
- **D** A falha que perdoamos não foi grave.
- **E** O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

9. VUNESP – Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

- **A** Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.
- **B** Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.
- **C** Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.
- **D** Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.
- **E** Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

10. CESGRANRIO – Indique a opção em que somente a palavra "cujo" preenche corretamente a lacuna, de acordo com a norma culta:

- **A** O escritor _____ estilo eu não gosto vai lançar duas obras este ano.
- **B** A empresa _____ o nome foi decidido em assembleia vai ser inaugurada amanhã.
- **C** A professora _____ livro foi reeditado trabalhou em uma universidade estrangeira.
- **D** A universidade _____ vestibular meu filho se preparou fica no centro da cidade.
- **E** O rapaz, o _____ pai encontrei, trabalha na minha empresa.

11. FESP-RJ – Se se levar em conta que "<u>regência verbal é a maneira de um verbo relacionar-se com seus complementos</u>", a resposta adequada às exigências da gramática normativa encontra-se na opção:

- **A** O aluno vai na escola e desaprende a argumentar.
- **B** O aluno respeita quem lhe ensina a viver.
- **C** Alunos aspiram a uma escola de melhor qualidade.
- **D** A escola prefere mais alunos passivos do que contestadores.
- **E** A turma assistiu o torneio mundial de vôlei.

12. NCE-UFRJ – Considerando-se as normas de regência da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:

- **A** Não há quem não aspire a um emprego seguro, com bom salário.
- **B** O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
- **C** Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.

Ⓓ A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
Ⓔ O fim desta é informar a V. Sª sobre as novas regras vigentes na instituição.

13. FJG – Há erro de regência em:

Ⓐ Tive certeza que o homem e o almocreve se tornariam amigos depois do incidente.
Ⓑ Custou ao homem entender o que estava acontecendo.
Ⓒ O homem pagou ao almocreve com uma moeda de prata?
Ⓓ Senti medo de que o homem não respeitasse o almocreve.
Ⓔ Sou favorável a que haja entendimento entre o homem e o almocreve.

14. FUNDEC – A mudança na regência verbal acarreta mudança de sentido em todas as alternativas abaixo, <u>exceto</u>:

Ⓐ Os sequestradores contavam o dinheiro do resgate.
Os sequestradores contavam com o dinheiro do resgate.
Ⓑ Esse comentarista vive falando nos políticos mineiros.
Esse comentarista vive falando aos políticos mineiros.
Ⓒ O juiz decidiu-se pelo encerramento da sessão.
O juiz decidiu-se no encerramento da sessão.
Ⓓ Cientificou os repórteres de que a viagem seria cancelada.
Cientificou aos repórteres que a viagem seria cancelada.

15. VUNESP – O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está <u>correto</u> apenas em:

Ⓐ Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.
Ⓑ Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.
Ⓒ Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.
Ⓓ Já se vislumbra o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.
Ⓔ Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.

16. CESGRANRIO – Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se <u>contraria</u> a norma culta da língua:

Ⓐ É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.
Ⓑ O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.
Ⓒ O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.
Ⓓ Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.
Ⓔ Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.

17. FCC – A frase construída de forma inteiramente correta é:

Ⓐ Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
Ⓑ A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
Ⓒ A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
Ⓓ Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
Ⓔ Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

18. FCC – A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescritiva, no que se refere à regência, é:

Ⓐ Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.
Ⓑ Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.
Ⓒ A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.
Ⓓ Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.
Ⓔ Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

19. FESP-RJ – Ninguém _____ pediu nada, nem _____ ajudou, ninguém _____ julgou e nem_____ condenou por isso.

Os pronomes que completam adequadamente as lacunas da frase acima são, respectivamente:

Ⓐ lhe, lhe, o, o;
Ⓑ lhe, o, lhe, o;
Ⓒ o, lhe, o, lhe;
Ⓓ lhe, o, o, o;
Ⓔ o, lhe, o, o.

20. FEC – Sobre a regência do verbo <u>assistir</u> na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:

Ⓐ está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de <u>ser do direito</u>;
Ⓑ é semelhante à regência do verbo <u>amar</u> em frases como "Deve-se amar ao próximo;
Ⓒ admite a construção passiva, que seria "o início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana";

Ⓓ está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil;

Ⓔ é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

21. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ É preferível de que haja menos autoritarismo.

Ⓑ A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

Ⓒ É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.

Ⓓ É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.

Ⓔ Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

22. CESPE-UnB – Verifique o emprego das formas verbais destacadas nos fragmentos de texto abaixo:

I. "A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão."

II. "Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição."

III. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

IV. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

V. "Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos e os conceitos específicos que não possam ser dispensados."

Em relação à regência verbal, é correto afirmar que, nos fragmentos de texto:

Ⓐ "implica" é transitivo indireto;

Ⓑ "obedece" é transitivo direto;

Ⓒ "comunicar" é intransitivo;

Ⓓ "impõe" é transitivo direto;

Ⓔ "precise" é transitivo indireto.

23. NCE-UFRJ – "...que se preocupassem em medir o tempo..."

Na frase, o uso da preposição "em" se deve à regência do verbo "preocupar-se". Qual das frases a seguir é correta quanto à regência verbal, segundo a norma culta?

Ⓐ Entrou e saiu da sala.

Ⓑ O filme foi assistido pelos alunos no tempo de aula.

Ⓒ Uma boa faculdade era aspirada por todos.

Ⓓ O péssimo resultado implicou um novo concurso.

Ⓔ Assistiu e gostou do filme.

24. ESAF – Aponte o trecho correto quanto à regência:

Ⓐ Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

Ⓑ Em muitas cidades pequenas, no interior do país, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

Ⓒ Como é interesse do país de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

Ⓓ A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

Ⓔ No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

25. NCE-UFRJ – Na frase: "...assistindo a um bom Vasco *x* Flamengo...", o verbo "assistir" necessita da preposição "a", adquirindo, assim, o significado de "presenciar", "observar"; caso não houvesse essa preposição, o mesmo verbo teria o sentido de "auxiliar", "ajudar". O verbo a seguir que varia de sentido conforme a sua regência é:

Ⓐ gostar/gostar de;

Ⓑ amar/amar a;

Ⓒ ver/ver a;

Ⓓ aspirar/aspirar a;

Ⓔ observar/observar a.

26. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> de regência, quanto ao verbo sublinhado, em:

Ⓐ Quem ofende, não <u>perdoa</u>.

Ⓑ Não devemos <u>chamá</u>-lo de herói.

Ⓒ É preciso <u>informar</u>-lhes da nova legislação.

Ⓓ O diretor não queria <u>visar</u> aquele documento.

Ⓔ Os candidatos <u>aspiravam</u> a um cargo mais elevado.

27. NCE-UFRJ – Assinale a frase em que há erro no emprego de "o" ou "lhe":

Ⓐ Mandei-o visitar os pais em Petrópolis.

Ⓑ Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis.

Ⓒ Eu lhe felicitarei pela vitória.

Ⓓ Não lhe assiste o direito de protestar.

Ⓔ A verdade é que eu lhe quero muito bem.

28. FESP-RJ – Há <u>erro</u> no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:

Ⓐ Os cheques <u>que</u> ele visava eram de outra agência.

Ⓑ Os prêmios <u>a que</u> ele aspirava não serão concedidos.

Ⓒ São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
Ⓓ Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
Ⓔ As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

29. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está incorreta em:

Ⓐ O sucesso, quem não o aspira?
Ⓑ Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
Ⓒ Os objetivos a que eles visam são torpes.
Ⓓ Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
Ⓔ Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

30. FUNDEC – Assinale a alternativa incorreta com relação à regência verbal:

Ⓐ Informaram-nos de tudo.
Ⓑ Informaram-na sobre tudo.
Ⓒ Informaram-lhes de tudo.
Ⓓ Informaram-me tudo.

31. CESGRANRIO – Analise as frases abaixo, de acordo com a norma culta da língua:

1. Aquele cidadão aspira a convivências amáveis.
2. O magistrado conferiu àqueles infratores pena capital.
3. Preferimos conduzir o povo à conscientização do que à degradação social.
4. O juiz informou-os de sua resolução.
5. Os parlamentares de cujo apoio reivindicamos mantiveram-se fiéis.
6. Quero muito bem a meus companheiros.

As frases totalmente corretas são:

Ⓐ somente 1 e 2;
Ⓑ somente 1, 3 e 6;
Ⓒ somente 2, 3 e 6;
Ⓓ somente 3, 4 e 5;
Ⓔ somente 1, 2, 4 e 6.

32. FJG – "...que a percebe apenas como meio de ascensão social..."

A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?

Ⓐ Não lhe agrada semelhante profecia?
Ⓑ A resposta do professor não o satisfez.
Ⓒ Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
Ⓓ O poeta assistiu-a nas horas amargas.
Ⓔ Eu lhe lembrarei das datas.

33. FJG – "Quem manda e quem obedece?"

O verbo destacado na frase acima aparece em uma frase gramaticalmente mal construída em:

- **A** É bem difícil definir que princípios devem obedecer os jornalistas.
- **B** São poucos os jornalistas a cujas ideias a opinião pública carioca obedece cegamente.
- **C** Julgam-se mais confiáveis os jornalistas que obedecem ao que a lei determina.
- **D** Dentre tantas convicções, os jornalistas acabam obedecendo àquelas que lhes melhor aparentam.

34. FESP-RJ – A alternativa em que se pode condenar a construção que envolve o pronome relativo é:

- **A** Ligue o rádio para ouvir as canções que gosta.
- **B** Não são poucas as pessoas que visitastes.
- **C** O filme a que assistiremos é imperdível.
- **D** O livro que li está esgotado.

35. NCE-UFRJ – Segundo Celso Cunha, o verbo visar – no sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "pretender" – pode construir-se com objeto indireto ou direto: "visando à noite de gala" ou "visando a noite de gala".

A dupla regência verbal é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:

- **A** Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego.
- **B** Vários municípios aderiram à campanha / a campanha.
- **C** Nem todo mundo consegue recorrer à Justiça no Brasil / a Justiça.
- **D** A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade.
- **E** Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar ao estatuto.

36. NCE-UFRJ – Cometeu-se erro de regência verbal na opção:

- **A** O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
- **B** Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
- **C** Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
- **D** Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
- **E** Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de recorrer.

37. NCE-UFRJ – O item que, no que se refere à regência verbal, está em desacordo com a gramática normativa é:

Ⓐ Aproveitamos para lembrá-lo que essa conduta irregular, segundo a legislação trabalhista vigente, pode acarretar demissão por justa causa.
Ⓑ O fim desta é informar-lhe que seu carnê se encontra disponível em nossa filial de Icaraí.
Ⓒ É estranho não o terem avisado de que as inscrições para o concurso estavam abertas.
Ⓓ Os amigos e parentes preveniram-na do risco que corria.
Ⓔ Diante da preocupação dos membros da outra equipe com aspectos que poderiam ter impacto sobre o sistema ecológico da região, respondemos-lhes que estávamos dispostos a rever tais itens.

38. CESGRANRIO – A regência verbal está correta apenas na opção:

Ⓐ Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
Ⓑ A aprovação que aspiram se concretizará, para um número considerável de candidatos.
Ⓒ Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
Ⓓ O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
Ⓔ Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

39. NCE-UFRJ – A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:

Ⓐ Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
Ⓑ Este é um país de cujo clima de euforia cultural alguns se insurgem.
Ⓒ Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
Ⓓ Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
Ⓔ Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

40. IPAD – No que se refere à regência verbal, assinale a alternativa em que as exigências da gramática normativa foram atendidas:

Ⓐ Cristovam Buarque decidiu escrever textos para defender as ideias de que cria.
Ⓑ Em seus textos, fica claro que Buarque não abdica em nenhuma de suas convicções.
Ⓒ O autor prefere expor suas ideias por meio de textos a ter que expô-las oralmente.
Ⓓ O autor não consentiu com a modificação de suas principais ideias sobre a educação.
Ⓔ Ler os textos não implica necessariamente em aceitar as ideias neles expostas.

41. FGV – Em "Você se lembra do rosto dela naquele instante?", obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido:

A Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
B Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
C Os médicos assistiram o paciente.
D Perdoamos-lhes as dívidas.
E Pagaram-lhe bem.

42. FUVEST – Assinale a alternativa correta quanto à regência:

A A peça que assistimos foi muito boa.
B Estes são os livros que precisamos.
C Esse foi um ponto que todos se esqueceram.
D Guimarães Rosa é o escritor que mais aprecio.
E O ideal que aspiramos é conhecido por todos.

43. FAAP-SP – Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspiro à glória". Tal verbo:

A apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
B embora apresente regências diferentes, tem sentido equivalente nas duas orações;
C poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
D apresenta regência e sentido diferente nas duas orações;
E embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, apresenta regência diferente em cada uma delas.

44. FCC – Quanto a amigos, prefiro João ___ Paulo, ___ quem sinto ___ simpatia.

A a – por – menos;
B do que – por – menos;
C a – para – menos;
D do que – com – menos;
E do que – para – menos.

45. FOC-SP – Assinale a frase onde a regência do verbo <u>assistir</u> está errada:

A Assistimos um belo espetáculo de dança a semana passada.
B Não assisti à missa.
C Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
D O técnico assistiu os jogadores.

46. FCMSC-SP – Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

A João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
B Era a vida a chamar pelo falecido.
C Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
D Chamei pelo colega em voz alta.
E Alguns chamam-no de fiscal.

47. UM-SP – Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

A Ele custará muito para me entender.
B Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
C Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
D O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
E Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

48. UFMG – Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:

A Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
B Você chama isto de molecagem, Zé Lins.
C Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
D De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
E Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

49. PUC-RS – Alguns demonstram verdadeira aversão ___ exames, porque nunca se empenharam o suficiente ___ utilização do tempo ___ dispunham para o estudo.

A com – pela – de que;
B por – com – que;
C a – na – que;
D com – na – que;
E a – na – de que.

50. ITA – Assinale a alternativa correta:

A Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
B Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
C Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
D Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
E Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

51. FUVEST-SP – Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

A Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
B Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
C Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
D Só lhes faltou mandar-me embora de casa.
E Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

52. UM-SP – Assinale a alternativa em que a regência do verbo "proceder" está <u>incorreta</u>:

A As observações do rapaz a respeito do desastre não procedem.
B Nélson e Francisco procedem de família nobre.
C O secretário procedeu à leitura da ata da última reunião.
D Daqui em diante, procederei a gravação de minhas fitas de cromo.
E A função desta equipe é proceder contra os maus elementos.

53. UM-SP – Assinale a letra correspondente à alternativa que completa de forma correta as lacunas do período abaixo:

Posso informar ___ irmãos de Paula ___ esses resultados não querem aludir ___ enfermidade da mãe?

A os – de que – a;
B os – que – à;
C aos – que – à;
D aos – de que – a;
E os – que – a.

54. UM-SP – Assinale a oração que contiver uma impropriedade quanto à regência nominal:

A Meu filho, por que você vive tão alheio às minhas ordens?
B Beto é um rapaz ávido de carinho.
C Sua mãe tem sido muito misericordiosa com suas falhas.
D Ela está ansiosa a ver o filho na Universidade.
E Será que você é um rapaz propenso à Engenharia?

55. FGV – Entre as seguintes frases, uma apresenta erro de regência verbal. Indique-a:

A Rogavam-lhe as amigas que não faltasse à reunião.
B Não se esquecerão nunca de rogarem assim à Divina Majestade.
C Rogamos a todos os brasileiros de que sejam os fiscais do governo na luta contra a corrupção.
D Abraçava-se ao filho alvoroçado, rogando-lhe que esperasse em Deus o salvamento da prima.
E Rogava a todos, desesperadamente, que o levassem à terra onde nascera.

56. UM-SP – Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal:

Ⓐ Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
Ⓑ Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
Ⓒ Bernardo moera com alegria um punhado de milho no salão contíguo à cozinha.
Ⓓ Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
Ⓔ Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

57. FGV – Leia atentamente:

"Refiro-me a esta carta e não aquela que recebi ontem".

Na frase acima, a falta de um acento gráfico indica um erro de:

Ⓐ pontuação;
Ⓑ regência nominal;
Ⓒ regência verbal;
Ⓓ concordância nominal;
Ⓔ concordância pronominal.

58. UM-SP – Aponte a alternativa em que a regência do verbo <u>pagar</u> contraria a norma culta:

Ⓐ Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
Ⓑ O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
Ⓒ Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
Ⓓ O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas do meu hábil esforço.
Ⓔ Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

59. PUC-SP – Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas abaixo:

1. O verso ___ se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

2. O verso ___ trata o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

3. O verso ___ o poeta monta seu poema é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

4. O verso ___ o poeta constrói é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

Ⓐ em que – a que – que – de que;
Ⓑ com que – que – com que – de que;
Ⓒ a que – de que – com que – que;
Ⓓ a que – de que – que – de que;
Ⓔ que – de que – com que – que.

60. ESPCEX – Indique a alternativa com defeito de regência:

Ⓐ Mandei-lhes sair cedo de casa.
Ⓑ Mandei-lhes entregar o que haviam recebido indevidamente.
Ⓒ Mandei-os sair cedo de casa.
Ⓓ Mandei-os entregar o que haviam recebido indevidamente.

61. UFES – A série que completa as frases a seguir está na opção:

1. As eleições ____ me refiro mobilizariam todo o povo brasileiro.
2. Os materiais ____ precisamos estão fechados no armário do laboratório.
3. A rua ____ moro está sendo totalmente asfaltada.
4. O dinheiro ____ eu contava pagar a dívida não me foi enviado.
5. O sofrimento ____ passei deixou-me mais forte.

Ⓐ a que – de que – em que – com que – por que;
Ⓑ de que – a que – em que – com que – de que;
Ⓒ com que – a que – a que – por que – em que;
Ⓓ em que – com que – de que – a que – por que;
Ⓔ a que – de que – com que – por que – em que.

62. EPCAR – <u>Não</u> está correta a construção:

Ⓐ Prefiro mais praticar esporte do que ir a cinema.
Ⓑ Com relação ao prêmio, posso cientificá-lo de que não aspiro a ele.
Ⓒ Todos os estimam e querem felicitá-lo.
Ⓓ Aspiro ao oficialato da Força Aérea Brasileira.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos, porque o estimamos.

63. EPCAR – <u>Não</u> está correta a regência verbal na opção:

Ⓐ O mestre não visava aos bons alunos.
Ⓑ Não desobedeças o regulamento.
Ⓒ Nós o cumprimentamos e o cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓓ Alguém lhe informou que há duas semanas não chove.
Ⓔ Posso informá-lo de que assistiremos a um belo espetáculo.

64. EPCAR – Assinale a frase em que a regência <u>não</u> está correta:

Ⓐ Avisamo-lo de que desistimos da viagem.
Ⓑ Ainda não os cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓒ Informaram-lhe de que o amigo o traiu.
Ⓓ Não desobedeçais a vossos pais.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos.

65. EFOMM – Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

Ⓐ Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.
Ⓑ Prefiro mais as morenas às loiras.
Ⓒ O livro que te referes é célebre.
Ⓓ Por que não mais o obedeces?
Ⓔ A situação que aspiras não enobrece.

66. EN – São corretas as regências verbais em:

Ⓐ É um assunto que sempre faço alusão.
Ⓑ Só leio livros que gosto.
Ⓒ Convivo com pessoas em que posso confiar.
Ⓓ Onde vais com tanta pressa?
Ⓔ Prefere mais os autores nacionais do que os estrangeiros.

67. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a parte destacada <u>não</u> atende às regras da norma culta:

Ⓐ Todos apoiam a luta <u>sem a qual não há justiça</u>.
Ⓑ São válidos os motivos <u>dos quais os ambientalistas se interessam</u>.
Ⓒ Não é certo o sacrifício <u>de quem já é discriminado socialmente</u>.
Ⓓ Solidariedade é sentimento <u>de que toda a humanidade precisa</u>.
Ⓔ É justa a causa <u>pela qual luta o poeta Federico Garcia Lorca</u>.

68. FJPF – Há mau uso do pronome relativo em:

Ⓐ Era eu o a quem vinham referindo-se como mau gestor da coisa pública.
Ⓑ Há sociedades de cujos ditames morais pouco tem ciência o mundo contemporâneo.
Ⓒ É nos fatos sociais, onde está a fonte do Direito, que se buscam os preceitos legais.
Ⓓ Nada quanto se diga aqui poderá contribuir para a construção de uma nova ordem social.
Ⓔ As assembleias de parlamentares, às quais presidi em meu mandato, sempre foram frutíferas.

69. FJPF – Na passagem "Atualmente, os *shoppings centers* concorrem com a televisão e o computador", o verbo "concorrer" está empregado corretamente, do ponto de vista da regência. Das frases abaixo, está <u>incorreta</u> quanto à regência verbal a seguinte:

Ⓐ Os clientes só se interessavam por lojas em liquidação.
Ⓑ Pouco a pouco as pessoas iam se familiarizando com os novos hábitos de consumo.

C O shopping esmerava-se por oferecer o melhor para os consumidores.
D Os comerciantes esforçavam-se de encontrar meios para vender as novas mercadorias.
E No shopping, as pessoas entretinham-se com coisas simples.

70. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro no emprego da preposição, exigida por regência nominal ou verbal:

A Ela ficou indiferente a todo o movimento.
B Seu salário foi equivalente ao de seu amigo.
C Referiu-se a acontecimentos recentes.
D Entregou-se a uma vida devassa.
E Informou a todos de que não viria.

71. NCE-UFRJ – Muitos gramáticos condenam o uso de um mesmo complemento referido a verbos de regência diferente, o que ocorre em:

A ...entrar e sair de casa.
B ...contemplar e pintar a paisagem.
C ...ler e memorizar o telefone.
D ...conhecer e admirar a obra do artista.
E ...precisar e gostar de boas companhias.

72. NCE-UFRJ – A alternativa em que não se deve substituir o complemento verbal sublinhado pelo pronome pessoal "lhe" ou "lhes" é:

A A resposta agradou ao repórter.
B Pensou em perdoar ao adversário.
C Agradeceu a todos os presentes.
D Demos aos recém-chegados as boas-vindas.
E O ministro sempre visou a bons resultados.

73. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma frase correta a respeito da regência do verbo morar é:

A João morava, então, na Rua Santa Clara.
B João morava, então, à Rua Santa Clara.
C João morava, então, a Rua Santa Clara.
D João morava, então, em à Rua Santa Clara.
E João morava, então, em a Rua Santa Clara.

74. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma construção equivocada é:

A São locais de que nunca mais nos esquecemos.
B Li, nas férias, os romances de cujos autores falamos.
C Aqui estão as músicas cujos autores aprecio.

Ⓓ Aqui estão as ideias contra cujos autores me insurgi.
Ⓔ Comprei os livros de que tanto gosto de ler.

75. FJPF – "Este descompasso redunda em digressões." Entre as modificações impostas a essa frase do texto, a que resulta em equívoco gramatical é:

Ⓐ Este descompasso ocasiona em digressões.
Ⓑ Este descompasso resulta em digressões.
Ⓒ Este descompasso acarreta digressões.
Ⓓ Este descompasso implica digressões.

76. FJPF – Das alterações feitas na oração adjetiva do trecho "segundo nossa estatística pessoal, a única a que posso me referir", aquela em que há erro flagrante de regência, pelo emprego inadequado do pronome relativo, é:

Ⓐ ...segundo nossa estatística pessoal, a única por cuja base se pode confiar.
Ⓑ ...segundo nossa estatística pessoal, a única para a qual estava voltada a atenção de todos.
Ⓒ ...segundo nossa estatística pessoal, a única de cujos dados se valeram os técnicos.
Ⓓ ...segundo nossa estatística pessoal, a única sobre a qual foi feita uma referência na imprensa.
Ⓔ ...segundo nossa estatística pessoal, a única com cujos dados estão de acordo os técnicos.

77. FJPF – Em "Outra coisa com que Dona Dondon não se conformava", o verbo <u>conformar-se</u> rege a preposição <u>com</u>. Com a substituição do verbo, passa a haver erro evidente de regência na seguinte alternativa:

Ⓐ Outra coisa a que Dona Dondon não se submetia.
Ⓑ Outra coisa contra que Dona Dondon sempre protestava.
Ⓒ Outra coisa de que Dona Dondon normalmente divergia.
Ⓓ Outra coisa em que Dona Dondon vivia contestando.
Ⓔ Outra coisa sobre que Dona Dondon se recusava a falar.

78. FGV – "Mas, na sua lancinante simetria, o modelo adotado tem propriedades estéticas <u>que sugerem um arranjo divino</u>."

Assinale a alternativa em que, alterando-se a oração grifada no trecho acima, <u>não</u> foi mantida adequação à norma culta da língua:

Ⓐ ...a que nos referimos como um arranjo divino;
Ⓑ ...a que aludimos como um arranjo divino;
Ⓒ ...que nos lembramos como um arranjo divino;
Ⓓ ...que lembram um arranjo divino.

79. CESGRANRIO – No quadro abaixo foram parafraseados trechos do texto, utilizando-se pronomes relativos. Indique a opção em que o pronome está usado de acordo com a norma culta da língua:

	Texto	Reescritura
A	"a frase acima era frequentemente citada por meu pai,..."	"a frase acima de que meu pai frequentemente citava..."
B	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, com resultados negativos..."	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, onde os resultados são negativos..."
C	"Os resultados evidenciaram que os jovens tinham reflexos mais rápidos,..."	"Os resultados evidenciaram que os jovens, cujos os reflexos eram mais rápidos,"
D	"Tal exigência retarda a inclusão de milhares de jovens,"	"Tal exigência retarda de que se incluam..."
E	"Como se trata de um problema complexo, seu equacionamento requer uma profunda mudança..."	"Como se trata de um problema complexo cujo equacionamento requer uma profunda mudança..."

80. FEPESE – Assinale a alternativa em que as duas frases estão <u>corretas</u> quanto à regência verbal:

A 1. Os amigos assistiram ao concerto de que você tanto gostou.
2. Esta é a foto a que me referi dias atrás.

B 1. Por ser orgulhoso, preferiu declarar falida a firma do que aceitar qualquer ajuda.
2. Ele agia discretamente sempre visando lucros imediatos.

C 1. Assiste ao trabalhador o direito de férias.
2. Eles lhe proibiram de participar da passeata.

D 1. Naquele ambiente, aspirava-se a um ar carregado.
2. Perdoei-lhe as ofensas dirigidas contra a minha integridade moral e ética.

E 1. Paguei todos os valores devidos
2. Esperava, ansioso, que se procedesse o sorteio

81. FCC – Na frase "Preferimos confiar e acreditar <u>nas coisas</u>...", a expressão sublinhada complementa corretamente, ao mesmo tempo, dois verbos que têm a mesma regência: <u>confiar em</u>, <u>acreditar em</u>. Do mesmo modo está também correta a seguinte construção:

A Preferimos nos desviar e evitar as coisas.
B Preferimos nos contrapor e resistir às coisas.
C Preferimos ignorar e desconfiar das coisas.
D Preferimos subestimar e descuidar das coisas.
E Preferimos não suspeitar e negligenciar as coisas.

82. FCC – Ambos os elementos sublinhados estão empregados de modo correto na frase:

Ⓐ Quando penso em fazer algo de que ninguém tenha ainda experimentado, arrisco-me a colher as desventuras com que me alertaram meus pais.

Ⓑ A autoridade dos pais, pela qual os adolescentes costumam se esquivar, não deve ser imposta aos jovens, cuja a reação tende a ser mais e mais libertária.

Ⓒ Nas sociedades mais antigas, em cujas venerava-se a sabedoria dos ancestrais, não se manifestava qualquer repulsa com os valores tradicionais.

Ⓓ Os pais experientes, a cujas recomendações o adolescente não costuma estar atento, não devem esmorecer diante das reações rebeldes.

Ⓔ A autoridade da experiência, na qual os pais julgam estar imbuídos, costuma mobilizar os filhos em buscar seu próprio caminho.

83. UFSC – Lendo com atenção as proposições abaixo, assinale a opção que preencha, sequencialmente, as lacunas, de forma correta:

I. Este é o livro _____ me referi.

II. As provas _____ faço referência, explicá-las-ei mais tarde.

III. O revólver _____ matou o vizinho foi encontrado no jardim.

IV. Vi ontem, na praia, um amigo de infância, _____ nome não me lembro.

V. Gostamos de rever a casa _____ vivemos nossa infância.

Ⓐ ao qual – das quais – com cujo – do qual – em que;

Ⓑ a que – às quais – com o qual – de cujo – na qual;

Ⓒ que – de que – com que – a que – na qual;

Ⓓ de cujo – as quais – o qual – de que o – em cuja.

84. UFSC – Assinale a opção em que ocorre erro de regência:

Ⓐ Prometeu amar-lhe para sempre.

Ⓑ Atendi-o prontamente na sala contígua ao meu gabinete.

Ⓒ Se aspiras a um cargo, conquista-o com teu esforço.

Ⓓ Aludiram a incidentes de que ninguém mais se lembrava.

85. FCC – A expressão com o que completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ A avaliação do que seja ou não uma discriminação racista é um desses casos polêmicos ___ é difícil haver unanimidade.

Ⓑ A iniciativa de se fotografar os candidatos faz parte de um sistema ___ muita gente já manifestou discordância.

Ⓒ O sistema de cotas raciais, ___ se analisou neste texto, vem dividindo a opinião pública.

Ⓓ O sistema anunciado pela UnB, ___ critério é repelido pela *Folha*, é tido como racista e inconsistente.

Ⓔ A UnB já anunciou seu sistema de identificação racial, ___ nem mesmo alguns interessados na questão chegam a concordar.

86. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ Os vilões de Shakespeare, cujas falas incomodavam o público, por vezes mereciam deste violentos revides.

Ⓑ Intervenções do público ameaçavam comprometer a trama, aonde seus fios eram expostos aos gritos por um espectador mais afoito.

Ⓒ Esta é uma peça cujos os atores optaram por estabelecer um desempenho interativo, contando com o máximo interesse do público.

Ⓓ O temor do autor do texto deve-se à possibilidade que ele venha a ser levado à força ao palco.

Ⓔ Ao tempo de Shakespeare, em cujo as peças eram levadas diante de um grande público, eram comuns as réplicas do auditório.

87. FCC – Na frase "Admite-se uma cesta de bens e serviços à qual todo mundo deveria ter acesso", o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído, sem prejuízo de sentido, por:

Ⓐ ...a que todos deveriam ser acessíveis.

Ⓑ ...para a qual todo mundo estaria disponível.

Ⓒ ...cujo alcance fosse possível a todos.

Ⓓ ...de cuja todos pudessem ter acesso.

Ⓔ ...pela qual todo mundo poderia contar.

88. FUNDEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das sentenças abaixo:

I. O oficial listou os nomes de alguns dos colaboradores ___ donativos sustentavam a instituição.

II. A faculdade, ___ professores se refere o relatório, tem condições físicas adequadas e pode funcionar normalmente.

III. A aludida casa, ___ porão foram encontrados os corpos, pertencia a um industrial finlandês.

Ⓐ por cujos – cujos – sob cujo;

Ⓑ cujos – a cujos – em cujo;

Ⓒ com cujos – a cujos – de cujo;

Ⓓ cujos os – cujos – cujo o.

89. ACCESS – A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está incorreta em:

Ⓐ A empresa recebe os incentivos.
A empresa recebe-os.

Ⓑ O governo deu prioridade às questões ecológicas.
O governo deu prioridade a elas.

Ⓒ Eles destacaram o problema do desemprego.
Eles destacaram-no.

Ⓓ As autoridades do governo não queriam nenhuma discussão.
As autoridades do governo não lhe queriam.

Ⓔ O país não quis realizar políticas compensatórias.
O país não quis realizá-las.

90. ACCESS – A lacuna da frase "Fui visitar o lugar _____ nasci" só pode ser preenchida, corretamente, por:

Ⓐ do qual;
Ⓑ no qual;
Ⓒ o qual;
Ⓓ na qual;
Ⓔ que.

91. ESAF – Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal:

Ⓐ Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
Ⓑ Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
Ⓒ Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
Ⓓ Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
Ⓔ Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

92. ESAF – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência:

Ⓐ Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
Ⓑ O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
Ⓒ Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
Ⓓ O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se "Deus e o Diabo na Terra do Sol".
Ⓔ José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

93. NCE-UFRJ – O pronome <u>lhe</u> está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

Ⓐ O instinto lhe diz ser essa a causa da discórdia.
Ⓑ O cavaleiro estava aborrecido com o camponês, pelo medo que este lhe havia causado.
Ⓒ O patrão respondeu-lhe que podia estar descansada.
Ⓓ Fora ele mesmo quem lhe criara condições para chegar àquele ponto.
Ⓔ Os amigos lhe esperavam para iniciar o passeio.

94. NCE-UFRJ – A frase em que a regência do verbo não está de acordo com a norma gramatical é:

- **A** "A prova de conhecimento será realizada de acordo com o disposto no inciso III do artigo 11, obedecido o seguinte:" (trecho de um regulamento).
- **B** Avisamo-lo de que poderia haver algumas desistências de última hora.
- **C** Eduardo esqueceu os disquetes.
- **D** Informamos-lhe de que o candidato da oposição renunciara à candidatura.
- **E** Os estudantes costumam assistir às defesas de tese.

95. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a que contém erro de regência verbal é:

- **A** Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
- **B** Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
- **C** A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até a demissão por justa causa.
- **D** Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional.
- **E** Procedeu-se à leitura dos autos.

96. FCC – É preciso ___ função de bibliotecário.

Assinale a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente a lacuna da frase:

- **A** desobrigar-lhe a;
- **B** desobrigá-lo da;
- **C** desobrigá-lo à;
- **D** desobrigar-lhe à;
- **E** desobrigar-lhe da.

97. VUNESP – Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo está de acordo com o padrão culto da língua:

- **A** O pai ou responsável adquire o plano e coloca a criança como sua beneficiária. Quando o jovem completar vinte e um anos, transfere-o o plano.
- **B** O Presidente definiu a sua próxima viagem ao exterior e os especialistas que lhe assessoram já preparam a agenda de entrevistas.
- **C** Talvez a grande meta da educação no próximo milênio venha a ser a formação de profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, desenvolvam ideias que os garantam uma visão generalista do mundo.
- **D** Espera-se que os franceses, com toda a diplomacia que lhes é inerente, recebam bem os estrangeiros que assistirão à Copa.
- **E** Ao longo dos últimos anos, o Brasil superou problemas e equívocos que lhe colocavam à margem da modernidade.

98. FUJB – No segmento "...combate a estas nefastas práticas...", a preposição a foi empregada por necessidade de regência do termo "combate". A alternativa abaixo em que a preposição foi empregada de forma incorreta é:

Ⓐ Selecione o trabalho de que mais gosta.
Ⓑ Escolha o filme a que pretende assistir.
Ⓒ Mencione a rua a que reside.
Ⓓ Mostre-me a pesquisa por que se interessou.
Ⓔ Declame a poesia que mais goste de ler.

99. FUJB – Das alterações feitas na redação da frase "...grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram...", aquela em que o emprego do pronome relativo está em desacordo com as normas de regência prescritas na língua culta é:

Ⓐ "...grandes trabalhos e infortúnios que me incomodaram..."
Ⓑ "...grandes trabalhos e infortúnios pelos quais passei..."
Ⓒ "...grandes trabalhos e infortúnios com que convivi..."
Ⓓ "...grandes trabalhos e infortúnios de que nunca esqueci..."
Ⓔ "...grandes trabalhos e infortúnios sobre os quais falei..."

100. FUJB – "O leitor ideal ___ alude o autor deverá dar asas ___ sua imaginação, criando uma obra ___ possa orgulhar-se."

As formas que completam a frase, preenchendo corretamente as lacunas, são:

Ⓐ para que – a – sobre que;
Ⓑ a que – a – com que;
Ⓒ de que – à – que;
Ⓓ para o qual – a – de que;
Ⓔ a que – a – de que.

101. COSEAC-UFF – A alternativa em que a substituição do verbo em destaque no trecho: "...então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se" dá origem a erro de regência verbal é:

Ⓐ ...então sabemos exatamente com o que cada qual pode contar para curar-se.
Ⓑ ...então sabemos exatamente no que cada qual pode se apoiar para curar-se.
Ⓒ ...então sabemos exatamente ao que cada qual deve recorrer para curar-se.
Ⓓ ...então sabemos exatamente pelo que cada qual deve exigir para curar-se.
Ⓔ ...então sabemos exatamente contra o que cada qual deve espernear para curar-se.

102. FUNRIO – Marque a alternativa em que o uso da preposição atende às exigências da norma padrão da língua escrita brasileira:

Ⓐ O estagiário aspirava uma efetivação no cargo em que se exercitava.
Ⓑ Em geral, o trabalhador jamais esquece do seu primeiro patrão.
Ⓒ A família sentou-se na mesa para festejar as festas de fim de ano.

Ⓓ O grupo de trabalho visava ao sucesso da empreitada, pois muito se esforçara para isso.
Ⓔ O sucesso individual implica na total dedicação ao que se pretende atingir.

103. COSEAC-UFF – Das alterações feitas na oração adjetiva do período "Vários elementos vieram à luz cuja importância não pôde ser captada", aquela que contraria norma de regência culta da língua é:

Ⓐ ...em cuja importância todos estavam descrentes.
Ⓑ ...dos quais a importância era tratada como caso definitivo.
Ⓒ ...a respeito de cuja importância houve unanimidade.
Ⓓ ...de cuja importância não se podia duvidar.
Ⓔ ...à importância dos quais não se pôde aferir.

104. COSEAC-UFF – Considerando-se que a regência de um verbo varia de acordo com o contexto em que está empregado, pode-se afirmar que no trecho "...só lhes paga 10% dos primeiros 5.000 livros vendidos", o verbo destacado apresenta regência idêntica à do verbo destacado na frase:

Ⓐ Não obstante os avisos que recebeu, o escritor desobedeceu às regras de mercado.
Ⓑ Na prestação de contas, o editor informou ao escritor que ocorrera um erro de cálculo relativo ao número de livros vendidos.
Ⓒ Embora constituísse uma tecnologia revolucionária, a novidade do *e-book* não agradou a todos.
Ⓓ A humanidade está assistindo à inauguração de uma nova era na área de editoração de livros: o livro eletrônico.
Ⓔ Afogado em seus afazeres, o leitor ainda não teve tempo de desfrutar o mais recente título eletrônico da nova editora.

105. COSEAC-UFF – Leia com atenção as frases a seguir:

I. O especialista encaminhou ____ jovens ____ serviço de psicoterapia.
II. Aqueles adolescentes em tratamento têm obedecido ____ terapeutas.
III. A terapeuta recomendou ____ pais ____ acompanhamento psicológico dos filhos.

Considerando-se as normas da língua culta quanto à regência verbal, pode-se afirmar que, para o correto preenchimento das lacunas acima, têm de ser usadas, respectivamente, as formas da opção:

Ⓐ os – ao / aos / aos – o;
Ⓑ aos – ao / os / a – ao;
Ⓒ os – ao / aos / os – a;
Ⓓ a – o / a / os – ao;
Ⓔ aos – o / a / os – o.

106. COSEAC-UFF – Observe as frases a seguir:

I. A equipe procedeu o recolhimento de histórias para o livro.

II. A falta de água obriga populações inteiras a comprar água por altos preços.

III. Grande parte da população mundial se ressente contra a escassez de água.

Do ponto de vista da regência verbal, considerando-se o emprego recomendado pela norma culta, pode-se afirmar que apenas:

Ⓐ a frase I está correta;
Ⓑ as frases I e II estão corretas;
Ⓒ a frase II está correta;
Ⓓ a frase III está correta;
Ⓔ as frases I e III estão corretas.

107. FUNRIO – A frase que apresenta <u>erro</u> quanto à sintaxe de regência é:

Ⓐ Falta de atenção implica em erros.
Ⓑ Prefiro ler a ver televisão.
Ⓒ Assistimos a uma partida emocionante.
Ⓓ Todos visam a uma vida tranquila.
Ⓔ Perdoou ao filho a desobediência.

108. VUNESP – Assinale a alternativa em que o verbo <u>haver</u> tem a mesma regência que aparece em "Não há nada mais insólito do que um filme sem música: ...".

Ⓐ Hão de existir políticos mais honestos.
Ⓑ Napoleão havia terminado os preparativos para sua coroação.
Ⓒ Há de haver algum emprego para mim.
Ⓓ Os celtas podem haver construído esta muralha.
Ⓔ Os músicos houveram por bem fazer novo ensaio.

109. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à regência nominal das frases:

Ⓐ Seu ponto de vista sobre o projeto é oposto com aquele da diretoria da empresa.
Ⓑ Sempre imbuído de bom humor, Sílvio contagia nosso ambiente de trabalho.
Ⓒ Verdadeiras amizades são inerentes com um ser humano.
Ⓓ As secretárias ficaram descontentes no que aconteceu na reunião.
Ⓔ Todos a veem com reservas, pois ela é perita de fazer comentários maldosos.

110. NCE-UFRJ – A alternativa em que o pronome <u>lhe</u> está mal empregado é:

Ⓐ Só lhe comuniquei de minha decisão ontem.
Ⓑ Não lhe desejo mal.
Ⓒ Deste ator só lhe conhecia a foto.
Ⓓ Vou apresentar-lhe meu amigo.
Ⓔ Atribuímos-lhe uma atitude negativa.

111. FEC – Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

- **A** Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas, quase sempre, depois que...
- **B** Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
- **C** A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
- **D** A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
- **E** A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

112. FEC – O que ocorre com o verbo "esquecer" que admite dupla regência ("nos esquecemos que" / "nos esquecemos de que"), ocorre igualmente com todos os verbos da oração principal das frases seguintes, com exceção apenas daquele que se lê na alternativa:

- **A** O governo insiste que / em que a reforma é urgente.
- **B** Ele consente que / em que se adotem medidas de emergência.
- **C** O prefeito avisou a população que / de que o perigo era iminente.
- **D** Eu penso que / de que o Brasil está no caminho certo.
- **E** Ela só se lembrava que / de que ainda não recebera a pensão.

113. FEC – Verbos como suspeitar ou duvidar, quando complementados por oração, podem reger ou não a preposição de. Assim, por exemplo, "Suspeita-se que [ou de que] uma diarreia intermitente tenha contribuído para os delírios do grande almirante Cristóvão Colombo, que ultimamente deu até para duvidar que [ou de que] o mundo é redondo". O emprego dessa preposição, no entanto, é inaceitável em:

- **A** Penso [de] que o país deve aumentar a oferta de empregos.
- **B** Ela lembrou-me [de] que era uma senhora de sociedade.
- **C** Gostaria [de] que o nomeassem para o cargo.
- **D** Eles me informaram [de] que a operação havia sido um sucesso.
- **E** Devo preveni-lo [de] que não comparecerei à reunião.

114. FEC – Na frase "Se a atividade administrativa se traduz em atos de vontade que não visam a produzir tais efeitos temos um fato administrativo", o verbo visar está corretamente empregado, do ponto de vista da regência. Conhecendo-se a variada regência desse verbo, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

- **A** Não se visa aqui ao enriquecimento sem causa mediante contratos escusos.
- **B** Somente visamos aos canhotos cujos cheques já haviam sido descontados.
- **C** Visava ao reconhecimento público de seu esforço em trabalhar pelo bem comum.

Ⓓ Com esta lei, o Estado visa à implementação de regras mais justas para contratar com o cidadão comum.

Ⓔ Tanto visamos à conquista desse prêmio, que agora nos sentimos recompensados.

115. FUNRIO – Na nomenclatura gramatical, "regência", em sentido amplo, equivale à subordinação em geral. Em sentido restrito, e mais habitual, designa a subordinação peculiar de certas estruturas a palavras que as requerem ou preveem na sua significação ou em seus traços semânticos. (Antenor Nascentes, *Dicionário de regência verbal*, 1998)

Identifique a alternativa que contém uma regência apontada como <u>inadequada</u> segundo as normas da língua padrão:

Ⓐ Trouxemos-lhe alguns lindos docinhos preparados com todo o carinho por tia Anastácia.

Ⓑ Geralmente as pessoas sensatas preferem ficar em casa à noite a sair desacompanhadas.

Ⓒ Os servidores que moram nas ruas citadas pela Defesa Civil devem desocupar suas casas.

Ⓓ Ninguém queria responder pelo expediente da firma naquele fim de semana natalino.

Ⓔ Muitos eleitores custaram a acreditar que ele seria novamente candidato a prefeito de São Paulo.

116. FEC – No trecho "...com perfume de madressilva e de junquilhos...", a regência nominal está de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não se pode afirmar, porém, de uma das alternativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Aquelas pessoas não foram agradáveis ao convívio.

Ⓑ Todos os temas eram incompatíveis aos assuntos abordados.

Ⓒ Paulo será bacharel em Direito.

Ⓓ Pareceram desleais aos primos.

Ⓔ Assemelhava-se a uma colina fértil de vegetação.

117. FEC – Em "Clarissa olha para as páginas da revista, ...", a regência verbal está correta. Assinale a opção em que a regência verbal <u>infringiu</u> as normas gramaticais vigentes:

Ⓐ As propostas sobre que decidimos serão divulgadas amanhã.

Ⓑ São estes os profissionais em que confio.

Ⓒ Não são eles os livros de que mais gosto.

Ⓓ Foi esta a causa porque lutei a vida inteira.

Ⓔ Foram todos eles os cidadãos com que simpatizei.

118. FURB – Complete as lacunas, obedecendo às normas da regência verbal:

1. Ele dizia que a caneta _____ escreveu havia sido do Imperador do Japão.

2. As poesias _____ falei foram escritas pelo poeta que este ano recebeu um prêmio internacional.

3. Não sei mais quem é o autor da frase _____ ele se referiu no discurso que foi tão elogiado por todos os presentes à cerimônia.

4. Finalmente encontrei o nome da rua _____ bairro tu moras.

5. Pretendo ir ainda este ano à cidadezinha _____ nasci.

Assinale a alternativa cujas palavras completam, na sequência, as lacunas:

Ⓐ que – de que – a que – cujo – que;
Ⓑ com que – das quais – a que – em cujo – onde;
Ⓒ com que – que – a que – cujo qual – onde;
Ⓓ com a qual – de que – que – do qual – onde;
Ⓔ que – cujas – as quais – do cujo – na cuja.

119. FURB – "Tem certos dias em que eu penso em minha gente / E sinto assim todo o meu peito se apertar / Porque parece que acontece de repente / Como um desejo <u>de</u> eu viver sem me notar. / [...] E eu que não creio peço a Deus por minha gente / É gente humilde, que vontade <u>de</u> chorar." (Vinícius de Moraes)

Esses versos têm destacadas duas preposições que demonstram o acerto do poeta quanto à regência nominal. Nas alternativas que seguem, nem sempre a regência nominal foi atendida.

Identifique as frases corretas quanto a esse aspecto gramatical:

1. Em todos os momentos ele se mostrava solícito <u>dos</u> que o cercavam.

2. Eram constantes os atos que revelavam o quanto ele era cruel <u>com</u> toda a família.

3. José Firmino foi extremamente simpático <u>com</u> os amigos que tanto o haviam ajudado.

4. Esse equipamento não é compatível <u>com</u> o meu.

5. Herbicidas costumam ser extremamente nocivos <u>nos</u> seres humanos.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 3;
Ⓑ 1 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 3 – 4;
Ⓓ 2 – 4 – 5;
Ⓔ 3 – 4 – 5.

120. CEPERJ – "Quem consegue atrair e dar mais vantagens?" Entre as frases abaixo, a que apresenta regência em desacordo com a norma culta é:

- **A** A competição nos faz conviver e descartar os problemas da modernidade.
- **B** A competição nos faz considerar e viver os problemas da modernidade.
- **C** A competição nos faz imaginar e prever os problemas da modernidade.
- **D** A competição nos faz calcular e resolver os problemas da modernidade.

121. CEPERJ – Entre os segmentos apresentados a seguir, aquele que apresenta regência inadequada segundo o padrão culto da língua é:

- **A** "Essa ideia pode soar paradoxal..."
- **B** "...surgem porque as razões do sucesso..."
- **C** "Não há dúvida de que, ao longo dos séculos..."
- **D** "Em Londres, em 22 de junho, manifestantes..."
- **E** "...que a responsabilidade planetária implica em acabar com as perfurações..."

122. FUNCAP – Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem:

- **A** O autor prefere os amores silenciosos do que os declarados.
- **B** As expressões constatativas simplificam os amores.
- **C** Expressamos nossos sentimentos ao outro com muito entusiasmo.
- **D** O "Eu te amo" extravasa sentimentos.
- **E** O silêncio implica em sentimento.

123. FUNCAP – Todas as regências dos verbos destacados estão corretamente indicadas, exceto:

- **A** "...lança suas folhas além do muro..." (verbo transitivo indireto)
- **B** "...veio um amigo..." (verbo intransitivo)
- **C** "Mas eu tinha razão." (verbo transitivo direto)
- **D** "...declarou desdenhosamente que aquilo era capim." (verbo transitivo direto)
- **E** "...o pé de milho parecia um cavalo..." (verbo de ligação)

124. FUNCAP – Marque a alternativa cujo verbo destacado apresenta a mesma regência que o verbo lembrar empregado no trecho: "Um prato de comida que lembrasse o quintal de um monge medieval levaria meu voto".

- **A** Os pacientes ansiavam por uma alimentação mais saborosa e aprazível.
- **B** Aos que estão enfermos, assiste-lhes o direito de uma alimentação adequada.
- **C** Diante dos vários problemas da saúde, esqueceram-se da importância da alimentação.
- **D** Os médicos se interessavam por pesquisar o uso de alimentos nos tratamentos.
- **E** A alimentação adequada previne doenças e promove recuperação dos pacientes.

125. FUNCAP – O verbo ter em "Um livro tem existência autônoma, boa e má", apresenta, de acordo com a norma culta da língua, a mesma regência que o verbo destacado na alternativa:

Ⓐ O público acabou por se esquecer do artista que nada mais escreveu.
Ⓑ Precisamos desse mesmo ar, que cheira a arte, a literatura!
Ⓒ Ler um livro é viajar por outros mundos sem sair do lugar.
Ⓓ Com esse ritmo de leitura, você não chegará a lugar algum.
Ⓔ Os críticos compareceram à noite de autógrafos daquele poeta.

126. MOURA MELO – Analise as afirmações abaixo acerca da regência dos verbos e aponte a alternativa correta:

I. Eu paguei à conta ao cabeleireiro.

II. Os dois diretores implicam incessantemente com o motorista.

Ⓐ I e II estão corretas.
Ⓑ I e II estão incorretas.
Ⓒ Apenas I está correta, pois a preposição a preposta à palavra "conta" é exigida pela norma culta da língua.
Ⓓ Apenas II está correta, pois o verbo implicar com sentido de ser chato com alguém é transitivo indireto.

127. COPEVE – Qual opção não viola a regência verbal?

Ⓐ Ele usa o aparelho para avisar aos amigos que passará o fim de semana em São Paulo.
Ⓑ A metáfora é o tropo que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade.
Ⓒ A primeira etapa começa em Fernando de Noronha, onde chegam as lagostas.
Ⓓ Há o sentimento de que foi traído por aqueles que confiou.
Ⓔ Cheguei a faltar às aulas e a deixar de estudar matérias que sempre gostei por conta do *stress* com as notas.

128. UPENET – No tocante à regência verbal, observe os verbos sublinhados das afirmativas abaixo:

I. *"...***pessoas do mundo inteiro assistirão aos jogos da Copa do Mundo de Futebol."**

II. *"***...pois atraiu torcedores negros a um esporte considerado de brancos."**

III. "...selecionam 12 cidades-sede para abrigarem os jogos..."

IV. "O outro estádio de Johanesburgo, o Ellis Park, pertence a um time de rugby."

Somente está correto o que se declara na alternativa:

Ⓐ No item I, o verbo não pede complemento regido de preposição.
Ⓑ No item II, o verbo não pede complemento.
Ⓒ No item III, ambos os verbos exigem complementos verbais não regidos de preposição.
Ⓓ No item IV, o verbo exige apenas um complemento e este não vem regido de preposição.
Ⓔ Nos itens I e IV, os verbos não pedem complemento regido de preposição.

129. UPENET – Assinale a alternativa cuja sequência completa corretamente as frases abaixo:

A lei ___ se referiu já foi revogada.

Os cálculos matemáticos ___ se lembraram eram enormes.

O emprego ___ aspiras é extremamente importante.

O conto de Machado ___ gostou foi premiado.

A peça teatral ___ assistimos foi de uma sutileza política fantástica.

Ⓐ que – que – que – que – que
Ⓑ a que – de que – que – que – a que
Ⓒ que – de que – que – de que – que
Ⓓ a que – de que – a que – de que – a que
Ⓔ a que – que – que – que – a que

130. FEC – Na língua culta, a regência do verbo em destaque, no contexto em que está empregado, é facultativa em:

Ⓐ "...nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes <u>sugerirmos</u> roteiros..."
Ⓑ "...forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como <u>associá</u>-las e concatená-las..."
Ⓒ "...acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, <u>fundindo</u>-as em moldes frasais adequados."
Ⓓ "...e porque não tem o que dizer, não lhe <u>bastam</u> as regrinhas gramaticais"
Ⓔ Portanto, é preciso [...] <u>ensiná</u>-lo a criar ou aprovisionar ideias..."

GABARITO

1. D	18. D	35. D	52. D	69. D	86. A	103. E	120. A
2. C	19. D	36. D	53. C	70. E	87. C	104. E	121. E
3. D	20. D	37. A	54. D	71. A	88. B	105. A	122. A
4. A	21. C	38. A	55. C	72. E	89. D	106. C	123. A
5. C	22. C	39. B	56. E	73. A	90. B	107. A	124. E
6. D	23. D	40. C	57. C	74. E	91. C	108. C	125. C
7. A	24. E	41. A	58. E	75. A	92. D	109. B	126. E
8. C	25. D	42. D	59. C	76. A	93. E	110. A	127. B
9. A	26. C	43. D	60. A	77. D	94. D	111. E	128. C
10. C	27. C	44. A	61. A	78. C	95. B	112. D	129. D
11. C	28. E	45. A	62. A	79. E	96. B	113. A	130. E
12. E	29. A	46. C	63. B	80. A	97. D	114. B	
13. A	30. C	47. A	64. C	81. B	98. C	115. E	
14. D	31. E	48. C	65. A	82. D	99. D	116. B	
15. D	32. E	49. E	66. C	83. B	100. E	117. D	
16. C	33. A	50. E	67. B	84. A	101. D	118. B	
17. E	34. A	51. A	68. E	85. E	102. D	119. C	

Exercícios de Emprego do Acento Grave da Crase

1. NCE-UFRJ – "...se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo". A alternativa abaixo que mostra uma <u>incorreção</u> no tocante ao uso do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Nem todos os empresários se dedicam à ajuda do próximo.
- **B** Nas fundações se trabalha de manhã até à noite.
- **C** As empresas nacionais não podem comparar-se às americanas.
- **D** A fortuna foi doada à Fundação Gates.
- **E** O horário de trabalho é de 7h à uma.

2. FJPF – Na oração "que cediam lugar à turma dos 'caxias'" o acento da crase foi empregado corretamente. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase foi empregado de forma <u>incorreta</u> é:

- **A** Graças à uma norma do estatuto, os servidores aproveitam o ponto facultativo.
- **B** Os servidores não comparecem à repartição em dia de feriado.
- **C** Junto à porta da repartição, para espanto de João Brandão, só havia um gato.
- **D** O chefe preferia os caxias à massa de servidores pouco diligentes.
- **E** Aproveitando o feriado e o céu azul, os servidores foram à praia.

3. CESGRANRIO – Solicito ___ secretária do departamento, ___ que antecipadamente agradeço, o envio do relatório final ___ pessoa assinalada. Lembro que daqui ___ poucos meses repetiremos o procedimento, como vem sendo feito ___ muito tempo.

Os vocábulos que preenchem as lacunas, na ordem de sua ocorrência, de acordo com a norma culta da língua, são:

- **A** à – a – à – a – há;
- **B** à – à – a – à – há;
- **C** a – há – a – a – à;
- **D** a – a – à – há – a;
- **E** há – a – a – à – à.

4. FEPESE – Complete a frase abaixo assinalando a alternativa correta:

"Fique ___ vontade e confie ___ mim tudo que tem ___ dizer."

Ⓐ à – a – a.
Ⓑ a – a – a.
Ⓒ à – a – à.
Ⓓ à – à – à.

5. FUMARC – O emprego do sinal de crase é obrigatório, <u>exceto</u> em:

Ⓐ A poluição causa danos à nossa vida no planeta.
Ⓑ O calor é uma ameaça às espécies animais dos polos.
Ⓒ O acordo foi considerado lesivo à economia americana.
Ⓓ Parte do calor do Sol que chega à Terra não volta ao espaço.

6. FEPESE – Analise as sentenças:

1. Refiro-me àquilo que discutíamos ontem.

2. Chegamos à Argentina de madrugada.

3. Ele era insensível à dor.

4. Voltarei, em breve, à terra natal.

5. Voltamos à casa cedo.

Quanto ao acento indicador da crase do "a", assinale a alternativa correta:

Ⓐ As sentenças 1, 2, 3 e 4 estão corretas.
Ⓑ As sentenças 1 e 5 estão corretas.
Ⓒ As sentenças 2, 3 e 5 estão corretas.
Ⓓ Todas estão corretas.
Ⓔ Nenhuma está correta.

7. NCE-UFRJ – A alternativa em que o acento grave indicativo da crase é optativo é:

Ⓐ Entreguei-o à minha mãe.
Ⓑ Entreguei-o àquela mulher.
Ⓒ Entreguei-o à elegante atriz.
Ⓓ Entreguei-o à polícia.
Ⓔ Entreguei-o à mesma funcionária.

8. ESAF – Assinale a frase na qual a palavra sublinhada <u>não</u> deve receber o acento indicativo de crase:

Ⓐ Os apelos <u>a</u> internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
Ⓑ Toda manhã <u>a</u> esta hora, depois de ler os jornais do dia, fico deprimida.
Ⓒ <u>Aquela</u> hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
Ⓓ Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, hoje, são semelhantes <u>as</u> da classe patronal.
Ⓔ Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual <u>a</u> que haviam divulgado no ano anterior.

9. ESAF – Indique a sentença em que <u>não</u> foi empregado adequadamente o acento grave indicador de crase:

Ⓐ Foi o que procurei fazer, na medida do possível e ao longo de vários anos, ouvindo reações à proposta que apresentara.

Ⓑ A hora das frivolidades acabara, a que começava era a do sacrifício austero e diuturno.

Ⓒ Posto que Jorge falasse do coronel nas cartas que escrevia à mãe, não o dava como amigo seu.

Ⓓ Comparava-se ao mar daquela manhã, nem borrascoso nem quieto, mas levemente empolado e crespo, tão prestes a adormecer de todo, como a crescer e arremessar-se à praia.

Ⓔ De Buenos Aires chegara-lhe na véspera, a tarde, a notícia da morte de um irmão, seu último parente.

10. ESAF – Assinale o conjunto de palavras que preenche, com plena correção, os espaços em branco dos textos:

"Ela entrou nos amplos espaços do meu tédio com passos graciosos de dançarina e ficou ___ girar por ali [...]. Pus-me ___ adorá-la como nunca dantes, ___ menina ___ quem dei vida e nunca senti mais forte, doce, secreto o elo que ___ ela me prende." (Vinícius de Morais)

Ⓐ à – à – àquela – à – a

Ⓑ a – a – aquela – à – à

Ⓒ a – a – àquela – a – a

Ⓓ a – à – àquela – a – a

Ⓔ à – a – aquela – a – à

11. FJG – Na frase "trabalhando a todo vapor", a expressão <u>a todo vapor</u> não leva acento indicativo de crase, porque:

Ⓐ <u>vapor</u> é substantivo;

Ⓑ o substantivo vem precedido de adjetivo;

Ⓒ <u>a</u> é preposição;

Ⓓ <u>a</u> é artigo;

Ⓔ <u>a</u> é combinação de artigo com preposição.

12. ESAF – Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo:

"O exame das propostas de reforma fiscal, ___ primeira abordagem, leva ___ conclusão de que ___ carga tributária continuará ___ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas."

Ⓐ à – à – a – a

Ⓑ à – a – à – a

Ⓒ a – a – a – à

Ⓓ a – à – a – a

Ⓔ a – a – à – a

13. FESP-RJ – A alternativa em que ocorre erro na marcação da crase (emprego errado ou omissão do acento grave) é:

Ⓐ Todos à uma me responderam sem referência a individualidades.
Ⓑ Prece a prece entregas a teu Deus a solução dos problemas.
Ⓒ Peço a V.Sª não chegar a conclusões a que jamais cheguei.
Ⓓ Assistimos à touradas com roupas a século XVIII.
Ⓔ Àquele que me ofende darei meu perdão.

14. FJPF – No trecho "Desejável é que o jornalista, a exemplo de outros profissionais, tenha acesso à sua atividade após a conclusão de estudos especializados de caráter superior", o sinal indicador da crase é optativo. O mesmo fato gramatical está presente na frase:

Ⓐ As escolas de jornalismo oferecem à comunidade bons cursos profissionais.
Ⓑ Formara-se jornalista à custa de muito esforço e dedicação.
Ⓒ Não se dedicou à profissão como gostaria durante de anos.
Ⓓ Seguiu até às últimas horas de trabalho as regras da boa prática jornalística.
Ⓔ Sua aversão à formação empírica levou-o a completar o curso de jornalismo.

15. FJPF – No período "Este não obedece à maioria das regras impostas para os que andam sobre quatro rodas" o acento da crase foi empregado corretamente, pois o verbo obedecer rege a preposição a e esta se encontra em crase com o artigo feminino a que determina o substantivo maioria. Observe o emprego do acento da crase nas frases abaixo:

I. O desrespeito à sinalização é uma das transgressões praticadas pelos condutores de motocicletas.

II. O médico fez referência à uma estatística que não podia servir de base a seu raciocínio.

III. No momento do acidente, o motoqueiro estava sem capacete, pois ia à sua empresa para pegá-lo.

IV. É preciso que a sociedade diga não à essa violência desmedida praticada diariamente nas áreas urbanas.

A respeito do emprego do acento da crase nas frases acima, pode-se afirmar que:

Ⓐ em I e II está incorreto, em III está correto, mas é facultativo, e em IV está correto;
Ⓑ em I e III está correto, mas em ambas é facultativo, em II está incorreto e em IV está correto;
Ⓒ em I está correto, em II e IV está incorreto e em III está correto, mas é facultativo;
Ⓓ em I está incorreto, em II e IV está correto, mas em ambas é facultativo, e em III está correto;
Ⓔ em I e IV está correto, em II está incorreto e em III está correto, mas é facultativo.

16. NCE-UFRJ – Observe o fragmento "...não tinha direito à fiança...". A frase abaixo em que o acento grave indicativo da crase está mal colocado é:

- **A** O papagaio estava à distância de 10 metros da gaiola.
- **B** O bicho não tinha direito à água nem a alimento.
- **C** Deve-se à conscientização a diminuição do número de animais em cativeiro.
- **D** Entregou-se à polícia o caçador clandestino.
- **E** Os animais se entregaram à sua sina.

17. FJPF – Na oração "...adequar programas de qualidade à cultura da empresa..." observa-se o correto emprego do acento indicativo da crase. Abaixo foram feitas alterações na redação do trecho transcrito, de modo a não haver ocorrência da crase, dispensando-se o acento. A forma <u>incorreta</u>, porque ocorre a crase, justificando-se o emprego do acento, é:

- **A** "...adequar programas de qualidade a uma cultura empresarial moderna."
- **B** "...adequar programas de qualidade a toda visão empresarial moderna."
- **C** "...adequar programas de qualidade a esta nova situação propícia para as empresas."
- **D** "...adequar programas de qualidade a qualquer rotina empresarial moderna."
- **E** "...adequar programas de qualidade a nova dimensão tecnológica das empresas."

18. ESPCEX – Examine cada uma das frases seguintes, observando o uso do acento indicativo de <u>crase</u>:

I. De segunda à sexta, trabalho das oito às quinze.

II. Devo à minha persistência a promoção conseguida.

III. Não fique aí à toa; dirija-se àquele guichê.

IV. Estão à venda muitos apartamentos, à pequena distância do centro da cidade.

A partir das observações feitas, assinale a afirmativa totalmente válida:

- **A** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e III;
- **B** está inteiramente correto o uso do acento grave em II e III;
- **C** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e IV;
- **D** é obrigatório o uso do acento grave nas ocorrências verificadas em II e III.

19. EFOMM – Marque o item em que está faltando o acento indicativo da crase:

- **A** Augusto, irás a Petrópolis ou a Valença?
- **B** Chegou a casa exausto, após um dia de muito trabalho.
- **C** A reunião começará a uma hora.
- **D** Vendem-se roupas para meninas de 1 a 10 anos de idade.
- **E** E assim, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, vamos cumprindo a missão de que Deus nos encarregou.

20. ESAF – Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: <u>há</u>; <u>à(s)</u>:

Ⓐ ___ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica ___ armas nucleares.

Ⓑ O raio laser se revela ___ altura de um bisturi de alta precisão ___ anos.

Ⓒ ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.

Ⓓ ___ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios da cores aplicadas ___ sete séculos.

Ⓔ Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado ___ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.

21. EPCAR – Não ocorrerá a crase na frase:

Ⓐ Assisti as conferências que se realizaram a tarde.

Ⓑ O historiador fez referências a Joana d'Arc.

Ⓒ Fui a casa de meu avô.

Ⓓ Procedeu-se a apuração dos votos.

Ⓔ Ele já se habituara aquela vida.

22. FJPF – "Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado."

Esse trecho do texto é alterado em cada alternativa abaixo. A nova redação <u>não</u> está correta, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais, transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓑ Ao invés de somarem-se às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓒ Ao invés de se somarem às tentativas de superação das carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓓ Ao invés de se somarem à tentativas de superação de carências educacionais transformam- se em fontes de investimento privado.

23. FJPF – O sinal indicador da crase está mal empregado na frase:

Ⓐ A referência à clonagem de Dolly serve como um alerta no mundo científico.

Ⓑ Às indagações sobre os efeitos da clonagem muitos ainda não podem responder.

Ⓒ As pesquisas sobre clonagem de animais estão sendo revistas uma à uma.

Ⓓ Em resposta às perguntas sobre clonagem humana, disse que o experimento seria ótimo.

Ⓔ O cientista procedeu à análise dos métodos de clonagem animal.

24. PUC-RJ – Assinale a opção em que há erro do emprego do acento grave, indicativo da crase:

Ⓐ Quando iremos à Portugal?
Ⓑ Terminei o trabalho às 11 horas da noite.
Ⓒ Hoje distribuíram balas às crianças do bairro.
Ⓓ Emprestei vários livros à secretária.
Ⓔ Ele não compareceu à reunião de sexta-feira.

25. CESGRANRIO – Indique a opção que preenche adequadamente os espaços abaixo:

"___ muito tempo que as gerações pensam que não podem se entender, principalmente ___ época da juventude, quando visam ___ alcançar metas impossíveis, ___ curto prazo."

Ⓐ Há – a – a – à
Ⓑ Há – à – a – a
Ⓒ A – a – à – há
Ⓓ A – há – à – a
Ⓔ À – há – a – a

26. CESGRANRIO – Assinale a opção em que está correto o uso do acento indicativo da crase:

Ⓐ Atribui-se à Sérgio Buarque uma visão otimista do Brasil.
Ⓑ O autor refere-se, no texto, à uma monumental desigualdade.
Ⓒ O Brasil passou a ser entendido à partir desses estudos.
Ⓓ O povo brasileiro é dado à festas folclóricas.
Ⓔ Muitos universitários recorrem às pesquisas destes dois autores.

27. CESGRANRIO – Assinale a única frase em que o a deve receber acento indicativo de crase:

Ⓐ Dedicava-se a crônica semanal com prazer.
Ⓑ Pegou um lápis e pôs-se a trabalhar.
Ⓒ Leu o texto de ponta a ponta.
Ⓓ A crônica fazia referência a pessoas comuns.
Ⓔ Algumas vezes dirigia-se a seu computador.

28. FUNDEP – "Os sindicatos não se oporiam a mecanismos de punição?"

No período acima, será obrigatório o uso do sinal indicativo da crase, se se substituir a expressão destacada por:

Ⓐ a ameaças de punição;
Ⓑ as ameaças de punição;
Ⓒ a qualquer ameaça de punição;
Ⓓ a uma ameaça de punição.

29. UECE – Como em "...torna-se cada vez mais latente o nível de exclusão daqueles que não tem acesso à rede...", o sinal indicativo de crase está adequadamente empregado em:

- **A** O técnico em administração conheceu o diretor à cuja peça teatral assistiu.
- **B** Preciso conhecer urgentemente à terra dos meus antepassados do interior.
- **C** O técnico em computação se referiu à chave que liga as máquinas.
- **D** A população carente nunca teve acesso à redes de informação.

30. NCE-UFRJ – Dos itens abaixo, o que apresenta erro no emprego do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Trata-se de um relatório referente à dívidas antigas da União.
- **B** Essas medidas obedecem às normas da ABNT.
- **C** Apesar de a norma à qual V.Sª se refere ser facultativa, todos os técnicos de que temos notícias a seguem.
- **D** A plateia assistia entusiasmada à conferência do filósofo.
- **E** Informou-se indevidamente à empresa credora que o valor em questão estaria disponível antes do final do ano.

31. NCE-UFRJ – Quanto ao emprego do acento grave indicativo da crase, a frase correta é:

- **A** Servimo-nos da presente para informar à V.Sª que seu relatório será avalia do até o final do mês de abril.
- **B** Em atendimento as instruções dos senhores membros da Comissão, informamos que a receita não chegou a gerar superávit.
- **C** O presidente submeteu à deliberação do colegiado os assuntos previstos na pauta da reunião.
- **D** São estas as medidas à serem tomadas.
- **E** Fomos autorizados à proceder a emissão de uma cota extra no valor de R$ 65,00 (sessenta e cinco reais) para a cobertura do referido saldo devedor.

32. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as quatro lacunas do trecho a seguir é, respectivamente:

"O fim desta é pedir, mais uma vez, providências no sentido da solução do problema ___ que se refere nossa carta de 13/01/1998, ___ qual Vossas Senhorias não deram ainda qualquer resposta. Essa pendência já se arrasta ___ mais de um mês e, como de hoje ___ três semanas terá início o congresso de que trata aquela carta, findo esse prazo, nossa reivindicação deixará de fazer sentido."

- **A** à – à – há – a
- **B** a – à – há – a
- **C** à – a – há – a
- **D** a – à – a – há
- **E** a – à – há – há

33. FEC – No enunciado "os serviços essenciais à população" é obrigatório o emprego do acento para marcar a crase. Nas alterações do enunciado feitas abaixo dispensa-se o acento por não haver a crase. Numa das alterações, entretanto, pode-se usar o acento por se tratar de um caso de crase facultativa. Esta alteração está na opção:

Ⓐ "os serviços essenciais a essa população."
Ⓑ "os serviços essenciais a toda e qualquer população."
Ⓒ "os serviços essenciais a uma população ansiosa por melhorias."
Ⓓ "os serviços essenciais a quase toda a população."
Ⓔ "os serviços essenciais a nossa população."

34. FEC – Para o preenchimento adequado das lacunas da frase "Um jornal noticiou ____ dois meses que daí ___ três semanas os cidadãos teriam acesso ___ novas tecnologias que ligariam ___ América ___ Europa ___ uma velocidade equivalente ____ da luz" têm de ser usadas as formas que aparecem na opção:

Ⓐ há – a – a – à – a – a – a;
Ⓑ há – a – a – a – à – a – à;
Ⓒ há – há – a – a – à – à – a;
Ⓓ a – há – à – a – à – a – à;
Ⓔ a – a – à – à – a – à – à.

35. ESAF – Indique a opção cujos itens completam corretamente as lacunas do texto abaixo:

"O ingresso dos bancos na era digital não se fez, obviamente, sem grandes e continuados investimentos. Sólida infraestrutura, bom trabalho de orientação, as experiências bem-sucedidas de quem não vê maiores dificuldades na operação eletrônica vão dissipando ___ resistências dos ainda não-digitalizados. Os clientes adaptam-se ___ novas tecnologias de modos muito distintos. ___ segmentos de pessoas maduras, com mais de 60 anos, nos quais a utilização da Internet é maior do que em segmentos jovens, com menos de 30 anos. Procura-se fornecer o maior número de informações aos clientes, ajudando-os ___ superar as primeiras dificuldades e demonstrando que, nos meios eletrônicos, 'o índice de falhas sistêmicas é mínimo'. Embora metade da população economicamente ativa brasileira esteja fora do sistema bancário – e este é um novo território ainda ___ conquistar –, ___ marcha da digitalização para os que já estão dentro do sistema é um caminho que não tem volta."

Ⓐ as – às – Há – a – a – a
Ⓑ as – as – Há – a – a – à
Ⓒ as – às – A – à – à – a
Ⓓ às – às – Há – a – à – a
Ⓔ às – as – A – à – a – a

36. NCE-UFRJ – "...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade." A frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:

Ⓐ As greves são prejudiciais à ordem pública.
Ⓑ A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
Ⓒ Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
Ⓓ Indicaram os assaltantes à polícia.
Ⓔ Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

37. ESAF – Leia o texto e marque a afirmação incorreta:

"A ciência e o processo científico não constituem __1__ única forma de obtenção do conhecimento. Além da experiência cotidiana, constituindo __2__ base cultural, __3__ os saberes reflexivos da filosofia. Apenas o simples processo experimental da ciência não conduz __4__ sabedoria: é necessário submeter os seus resultados __5__ elaboração filosófico-conceitual, __6__ preceitos éticos, para torná-los verdadeiramente humanos."

Ⓐ As lacunas 1 e 2 devem ser preenchidas com a, artigo feminino singular.
Ⓑ Na lacuna 3 é correto colocar há, pois o verbo haver, quando utilizado no sentido de existir, é impessoal.
Ⓒ Duas opções, a e à, podem ser utilizadas indistintamente na lacuna 4, uma vez que conferem sentido idêntico ao período.
Ⓓ Estaria correto preencher a lacuna 5 com à.
Ⓔ A estrutura sintática do período admite que a lacuna 6 seja preenchida com aos.

38. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as cinco lacunas da frase a seguir é:

"Qualquer demora, seja ___ que pretexto for, pode ter graves consequências políticas e institucionais. Tudo que vier ___suceder recairá sobre ___representação política. Aliás, ___ muito tempo que nos referimos ___ questão aqui colocada."

Ⓐ à – a – a – há – à
Ⓑ a – à – a – há – à
Ⓒ a – a – à – a – à
Ⓓ a – a – à – há – à
Ⓔ a – a – a – há – à

39. NCE-UFRJ – Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:

Ⓐ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade,...".

Ⓑ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, [...] que se relacionem com escritos ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade...".

Ⓒ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, da CF) e, ainda:
[...]
realizado em horário e locais que não permitam a frequência à escola." (art. 67, IV, do Estatuto).

Ⓓ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência...".

Ⓔ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos" (art. 406 da Consolidação).

40. NCE-UFRJ – "...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores." Nas duas ocorrências do vocábulo a, só a segunda vem com acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:

Ⓐ só a segunda precede um nome feminino;
Ⓑ só a segunda segue a regência do verbo referir-se;
Ⓒ só no segundo caso ocorre a junção de preposição + artigo;
Ⓓ no primeiro caso, o nome feminino está no plural;
Ⓔ no primeiro caso, só há a ocorrência de artigo definido feminino singular.

41. NCE-UFRJ – "Isso levaria o problema para a esfera federal. O Rio, com seus morros e favelas que são cidadelas à margem do tecido urbano, com seus dramáticos desníveis sociais, oferece..."

Que regra a seguir justifica o emprego do acento grave indicativo da crase na fragmento destacado?

Ⓐ O termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo consequente admite o artigo a.
Ⓑ Nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas.
Ⓒ Nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas.
Ⓓ Nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas.
Ⓔ Nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

42. ESAF – "No que diz respeito ___ taxa de inflação, ainda que os resultados estejam longe da meta (mais de 7% ante ____ meta de 4%), é preciso reconhecer que diante dos acontecimentos de 2001 não se trata de um mau resultado. Todos sabemos que os 'choques de oferta' não se prestam ___ ser controlados facilmente pela manipulação da taxa de juros e que, frequentemente, quando ocorre um choque é melhor encontrar um caminho mais longo para retornar ___ meta do que forçar uma volta rápida com maiores custos em matéria de crescimento."

Aponte a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente as lacunas do texto fornecido:

- **A** à – a – a – à;
- **B** a – à – à – a;
- **C** à – a – à – a;
- **D** a – a – a – a;
- **E** a – a – à – a.

43. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

"Proponho ____ Vossa Senhoria dar, ____ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa."

- **A** a – àqueles – às – a
- **B** à – àqueles – as – a
- **C** a – aqueles – às – à
- **D** a – àqueles – as – à
- **E** à – aqueles – às – à

44. NCE-UFRJ – O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília [...] para assistir à coleta de lixo".

Entre as opções abaixo, porém, este sinal foi <u>incorretamente</u> utilizado em:

- **A** O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
- **B** Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
- **C** A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
- **D** O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "o lixo é vosso".
- **E** Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

45. NCE-UFRJ – Em "...efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...", o acento grave indicativo da crase está presente porque:

- **A** todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;
- **B** <u>à liberdade</u> está servindo de objeto indireto;

Ⓒ marca a contração do demonstrativo a com a preposição a;
Ⓓ marca a união da preposição a que rege o adjetivo anterior com o artigo a;
Ⓔ se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

46. ACCESS – O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – à – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ à – à – a.

47. FESP-RJ – A alternativa em que não se justifica o emprego de crase é:

Ⓐ Referia-se a isto, não à você.
Ⓑ Todos correm às cegas, quando há briga.
Ⓒ Ele fazia uma citação à Machado de Assis.
Ⓓ Às vezes, ele me parece enlevado com isso.

48. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Nesse dia os homens chegaram _____ margem direita do rio.

2. Refiro-me _____ esta senhora e não àquela.

3. Ele não irá mais _____ Brasília.

As lacunas das frases são preenchidas corretamente pelas palavras da alternativa:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – a – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ a – a – à.

49. FESP-RJ – "Como se já não bastassem [...] ataques explícitos à dignidade do menor,..."

A propósito da crase na passagem acima, ela é também obrigatória na seguinte frase:

Ⓐ Dadas as circunstâncias do caso, adiamos a sessão.
Ⓑ O crime é sério, haja vista as condições da vítima.
Ⓒ O réu fazia jus a pena menor que a aplicada pelo juiz.
Ⓓ A eleição do presidente da junta implicará a do vice-presidente.
Ⓔ Esta sentença é semelhante a em que houve unanimidade dos jurados.

50. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Através dessa jovem dou o meu grito de horror ___ vida.

2. Quanto ___ ela, até mesmo de vez em quando comprava uma rosa.

3. A moça ___ vezes comia num botequim um ovo duro.

A alternativa em que as lacunas das frases acima são completadas corretamente (sem mudança da ordem) é:

Ⓐ à – a – as;
Ⓑ à – a – às;
Ⓒ à – à – às;
Ⓓ a – à – às;
Ⓔ a – a – as.

51. FESAG – "A presença de verbos transitivos indiretos que fazem uso da preposição 'a' para estabelecer sua regência pode indicar a existência de crase."

Essa afirmação pode ser verdadeiramente comprovada em:

Ⓐ Registrou aquele conceito de liberdade com aceitação do partido.
Ⓑ Chegamos aquela cidade exatamente às dezoito horas.
Ⓒ Não consigo adaptar-me aquele modo de vida.
Ⓓ Referiu-se àquele conceito de liberdade com muita convicção.

52. FESP-RJ – A frase em que há <u>erro</u> no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:

Ⓐ Já chegamos à Bahia.
Ⓑ O professor falara àquela aluna.
Ⓒ Comi bacalhau à Gomes de Sá.
Ⓓ É importante obedecer às regras do jogo.
Ⓔ Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

53. FESP-RJ – A alternativa que apresenta <u>erro</u> no emprego do acento grave, indicativo de crase, é:

Ⓐ Preciso ir à Copacabana.
Ⓑ Ele chegou à uma e meia.
Ⓒ Seja rápido na sua ida à França.
Ⓓ O professor falará àquele aluno.
Ⓔ Não houve comentário àquela pergunta.

54. NCE-UFRJ – O emprego do acento grave indicativo de crase sobre o <u>a</u> é optativo em:

Ⓐ A lei fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos <u>à</u> sua função social (art. 185, parágrafo único).
Ⓑ A lei garantirá tratamento especial <u>à</u> propriedade produtiva (art. 185, parágrafo único).

Ⓒ O decreto [...] autoriza a União a propor a ação de desapropriação (art. 184, §2º).
Ⓓ Compete à União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social (art. 184).
Ⓔ Títulos resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão (art. 184).

55. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo:

"A história nos mostra que o desenvolvimento econômico europeu, ____ partir das navegações, sempre se fez ____ custa dos territórios ultramarinos. Não foram apenas as matérias-primas, destinadas ao consumo ou ____ produção que o financiaram, mas também o capital propriamente dito, fruto dos lucros e resultado do saqueio da natureza virgem. Hoje, a biotecnologia abre grande perspectiva ___ um país como o Brasil, de ricos bancos genéticos. O nosso território foi dos primeiros ____ ser saqueado em sua riqueza vegetal. É necessário impedir que os produtos da flora e da fauna nos sejam roubados, como roubados fomos no passado. No entanto, o governo está empenhado em aprovar uma proposta de emenda ____ Constituição que facilitará a entrega de nossos recursos biológicos ____ estrangeiros."

Ⓐ a, à, à, a, a, à, a
Ⓑ a, a, à, a, a, a, a
Ⓒ a, à, à, à, a, à, à
Ⓓ à, a, a, à, à, a, a
Ⓔ à, à, a, à, a, à, a

56. FCC – Escolha a opção em que não ocorre a crase:

Ⓐ Chegou a uma hora em ponto e saiu as quatro horas.
Ⓑ Fiz alusão a ela quando me dirigi a Vossa Excelência.
Ⓒ Agia as escondidas quando estava a disposição do chefe.
Ⓓ Foi a Argentina e voltou as pressas.

57. ESAF – "____ disputas provocadas pelo sistema de captação foram muitas, e o rei aceitou o pagamento do imposto numa cota fixa anual de ouro. Caso esta cota não fosse completada, o governador estava autorizado ___ recorrer ___ derrama. Por meio desse tributo eram cobradas importâncias arbitrárias de toda população, até completar ___ taxa fixada.

Foi um período de grande empobrecimento da região das Gerais, apesar de tanto ouro e diamantes, devido ___ tributação excessiva. Em 1789, sob ___ ameaça de nova derrama para cobrir uma dívida de mais de 500 arrobas de ouro, um grupo de revoltosos organizou o movimento revolucionário da Inconfidência Mineira."

Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto acima:

- **A** As – a – à – a – à – a;
- **B** Às – à – a – a – a – a;
- **C** As – a – à – a – à – à;
- **D** Às – à – à – à – a – a;
- **E** As – à – a – à – a – à.

58. VUNESP – "A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso ___ Internet deve acabar na Justiça. ___ paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviço. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que ___ imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar ___ rede.

Assinale a alternativa que, correta e respectivamente, preenche as lacunas do texto:

- **A** a, A, a, à;
- **B** à, A, a, à;
- **C** a, À, à, a;
- **D** à, A, à, à;
- **E** à, À, a, à.

59. FJG – Assinale, entre as frases abaixo, aquela em que o emprego da crase seria indevido:

- **A** Não me refiro as reuniões desse mês.
- **B** Fique a vontade.
- **C** Abrimos as quintas-feiras.
- **D** Remeto a Vossa Senhoria todos os meus recibos.
- **E** Aludimos aquele fato recente.

60. FJG – Na frase: "Das revoltas da polícia africana às usinas de alumínio no Canadá.", observa-se a utilização de sinal indicativo de crase.

A opção em que a utilização deste mesmo sinal é obrigatória é:

- **A** A menina estava atenta a tudo o que se passava.
- **B** Do fato ocorrido as notícias de jornal vai uma grande diferença.
- **C** Temos que medir as consequências do gesto político.
- **D** As novas gerações têm uma grande responsabilidade ambiental.
- **E** O Presidente vai analisar as medidas de segurança.

61. COVEPE – Só uma das alternativas completa, corretamente, o período abaixo. Assinale-a:

"Anuiu ___ reivindicação feita, porque preferiu conservar o emprego ___ entregá-lo ___ que _____ postulavam."

Ⓐ a, a, aqueles, lhe
Ⓑ à, do que, àqueles, o
Ⓒ à, a, àqueles, o
Ⓓ a, à, àqueles, lhe

62. COVEPE – Preencha os claros com a(s), à(s), há, de acordo com o caso:

1. Tais informações são iguais _____ que recebi ontem.

2. Sentei-me _____ máquina para escrever este relatório.

3. _____ meses que estudo para este concurso.

4. Estava _____ porta da casa quando você chegou.

5. Comecei _____ resolver esta prova com muita calma.

De cima para baixo, a sequência no preenchimento dos claros é a seguinte:

Ⓐ as – à – Há – à – a;
Ⓑ às – a – Há – à – a;
Ⓒ às – à – a – há – a;
Ⓓ às – à – Há – à – a;
Ⓔ às – à – Há – a – à.

63. FJG – O acento grave indicativo de crase não se aplica em "A herança maldita vem do Brasil-Colônia e do Império, quando a grande propriedade fundiária se consolidou mediante a exploração do trabalho escravo, um conúbio gerador de atraso e inquietação social".

Pelo mesmo motivo, ele também não é usado em:

Ⓐ Segundo a exigência do leitor.
Ⓑ Andei a cavalo a trote.
Ⓒ Estive a caminhar pelo jardim.
Ⓓ O público assistiu a peças interessantes.
Ⓔ Ela escreve bem a máquina.

64. ANP – Observe os trechos e as afirmações seguintes:

1. "Dizer apenas 'meio' parece ser pouco (são reveladores os adesivos ecológicos, colados nos carros, pedindo 'um ambiente inteiro') e usar apenas 'ambiente' aparentemente levaria a confusões.": não se emprega acento grave indicativo de crase porque não há artigo que se contraia com a preposição.

2. **“Ambas as palavras parecem desgastadas, tanto quanto a realidade física que descrevem: ...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no masculino evidencia que a é preposição.**
3. **“Ambiente deve sugerir, aos seus adeptos, uma proximidade semântica maior...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no feminino permite o emprego do acento grave indicativo de crase.**
4. **“Mas a expressão demonstra também o desejo de reforçar, por meio da redundância, o sentido manifestado como se houvesse um temor de, caso contrário, perder-se a ideia.”: não se emprega acento grave indicativo de crase porque “a ideia” é sujeito, portanto não pode estar regida de preposição.**

Escolha uma das opções abaixo:

Ⓐ 1, 3 e 4 estão corretas;
Ⓑ 1 e 3 estão corretas;
Ⓒ 1, 2 e 3 estão corretas;
Ⓓ 2 e 4 estão corretas.

65. CESGRANRIO – Uma das opções preenche corretamente as lacunas do texto abaixo. Assinale-a:

“Para sobreviver, somos obrigados ___ lutar pelo nosso espaço que ___ muito tempo foi invadido pelo egoísmo e pela violência, para, daqui ___ alguns anos, podermos dizer que realmente vivemos ___ vida.”

Ⓐ a – a – há – a
Ⓑ a – a – há – à
Ⓒ a – há – a – a
Ⓓ à – há – há – a
Ⓔ à – a – há – a

66. CESGRANRIO – Assinale a opção em que se omitiu o acento indicativo de crase:

Ⓐ Comprei o telefone a duras penas.
Ⓑ Demos aquele funcionário a mensagem do fax.
Ⓒ Face a face, ele despediu o funcionário.
Ⓓ Releia a Sua Excelência os fatos ocorridos ontem.
Ⓔ O diretor se referiu a ela com elogios.

67. CESGRANRIO – Ocorre erro do acento indicativo de crase na opção:

Ⓐ À toda hora, chegavam as estudantes aprovadas.
Ⓑ Ficamos à espera do resultado final.
Ⓒ Dirigiu-se àquele mestre com respeito.
Ⓓ Referiu-se atenciosamente às alunas que a haviam homenageado.
Ⓔ Os portões serão fechados pontualmente às sete horas.

68. ESAF – Quanto ao uso da crase, a frase errada é:

Ⓐ Refiro-me à isenção de imposto.
Ⓑ Ao viajar à Europa, cuidado para não ultrapassar a cota.
Ⓒ Tenho dúvidas à respeito de franquia.
Ⓓ Esta mercadoria é atentatória à ordem pública.
Ⓔ Dirigi-me à fiscal de plantão.

69. ESAF – Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido:

Ⓐ Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
Ⓑ À ela não cabe fugir, desaparecer, pois nada fez que a estimagtize.
Ⓒ Athenaíde prefere recolher-se à casa, onde pode despegar-se de sua dor.
Ⓓ A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
Ⓔ Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

70. ESAF – Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto:

Ⓐ Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
Ⓑ Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
Ⓒ Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
Ⓓ Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
Ⓔ O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

71. ESAF – Assinale o enunciado que apresenta erro no uso da crase:

Ⓐ Os missionários dão origem à uma "cultura local" que se inicia pelo contato.
Ⓑ É à curiosidade de entender a alma humana que devo meu amor aos índios.
Ⓒ Sendo necessária à concepção do discurso, a história é dele inseparável.
Ⓓ Este jogo de formações discursivas remete o texto à sua exterioridade.
Ⓔ Assim podemos demonstrar que à contribuição das línguas indígenas se associa uma visão histórica.

72. ESAF – Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos ___ V.Sª que encaminhamos ___ petição anexa ___ Divisão de Fiscalização que está apta ___ prestar ___ informações solicitadas.

Ⓐ a – a – à – a – as
Ⓑ à – a – à – a – às
Ⓒ a – à – a – à – as
Ⓓ à – à – a – à – às
Ⓔ a – a – à – à – as

73. ESAF – Daqui ___ uma semana, conclui-se ___ fase de correção dos testes, e todos os candidatos terão direito ___ revisão de prova que acontecerá ___ 15 horas.

A opção que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

- **A** à – a – à – às;
- **B** a – à – à – as;
- **C** a – à – a – as;
- **D** a – a – à – às;
- **E** à – a – a – às.

74. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Para os desplugados, o Finnegan's Pub, localizado numa badalada esquina da noite paulistana, é um bar como outro qualquer. Luz de penumbra, música aos berros, gente de pé com copos na mão, ele tem uma diferença em relação ___ concorrência: um computador que dá aos seus fregueses acesso ___ Internet. Em torno da máquina aglomeram-se umas cinquenta pessoas todas as noites. É muita gente para um computador só. Mas isso não impede que o bar, que começou ___ oferecer o serviço _____ nove meses, se apresente como o mais antigo cibercafé do Brasil. Não é o único. Há outros cinco bares espalhados por capitais brasileiras e um na cidade mineira de Juiz de Fora. A ideia de criar bares com terminais de computador ligados ___ Internet foi importada do Primeiro Mundo, onde eles começaram ___ surgir ___ de dois anos."

- **A** à – a – a – há – a – a – há cerca
- **B** a – à – à – há – à – a – acerca
- **C** à – à – à – à – a – a – a cerca
- **D** à – à – a – há – à – a – há cerca
- **E** a – a – à – a – à – a – a cerca

75. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas:

"De uma forma mais genérica, ___ que substituir ___ imagem centralizada e que tende ___ uniformidade de indivíduo possuidor de alguns direitos e submetido ___ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social ___ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação ___ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados."

- **A** há – a – à – a – às – a
- **B** à – à – a – à – as – a
- **C** há – à – a – à – às – a
- **D** a – à – à – a – às – a
- **E** a – há – à – a – as – a

76. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Desde a Declaração de Direitos da ONU, em 1948, ___ expressão 'direitos humanos' compreende pelo menos três tipos de direitos: a) os direitos e liberdades civis; b) direito de participação política por meio da escolha de representantes; e, c) direitos econômicos e sociais. Essa última categoria de direitos humanos é ___ mais recente das três citadas e tem como exemplos o direito do trabalho, o direito ___ previdência social, o direito ___ uma renda mínima e o direito ___ educação entre outros."

Ⓐ à – à – a – a – à
Ⓑ a – à – a – à – à
Ⓒ a – a – à – à – a
Ⓓ a – a – à – à – à
Ⓔ a – a – à – a – à

77. CESPE-UnB – Julgue os itens seguintes, com relação ao emprego do sinal indicativo de crase:

1. Nas grandes cidades brasileiras a começar pelas duas maiores, mata-se praticamente como se se tratasse de algo inerente à existência humana.

2. Desde crianças, vemos mortes violentas às dúzias.

3. Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos nossos direitos, dentro em breve não teremos mais direito nenhum, nem mesmo à vida.

O emprego do sinal indicativo de crase encontra a mesma justificativa em:

Ⓐ nos itens 1e 2;
Ⓑ nos itens 2 e 3;
Ⓒ nos itens 1, 2 e 3;
Ⓓ nos itens 1 e 3;
Ⓔ em nenhum dos itens.

78. CESPE-UnB – Marque a opção em que o conjunto de palavras preenche adequadamente as lacunas:

"Para muitas pessoas não habituadas ___ lidar com as questões relativas ___ aplicação da lei penal, ___ agravação das penas é vista como uma forma de reduzir as taxas de criminalidade. Supõe-se que os criminosos se determinam ___ prática de atos antissociais estimulados pela leniência das sanções criminais. E, mais ainda, convencidos de que o quadro geral e amplo da impunidade servirá de manto protetor ___ suas investidas delituosas."

Ⓐ à – à – à – a – às
Ⓑ a – a – à – à – às
Ⓒ a – a – à – à – as
Ⓓ a – à – a – à – às
Ⓔ à – à – a – à – às

79. CESPE–UnB – Reconheça o par em que há emprego facultativo de acento indicador de crase:

- **A** "Às vezes o afinador não ganha isso durante a viagem." / às claras
- **B** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / desobedecer à instrução
- **C** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / atender à sua eleição
- **D** "Em frente à Câmara, agravando pelo som a sensação de calor..." / em relação à votação
- **E** Desconheço a resposta correta.

80. FESP-RJ – A respeito do emprego do acento grave indicativo de crase, assinale a opção correta:

- **A** Em "Estatuto dos Funcionários, art. 240: O dia 28 de outubro será consagrado ao Servidor Público", a pluralização da expressão "Servidor Público" e a supressão do artigo definido masculino singular que a precede implicariam automático emprego do acento grave indicativo de crase.
- **B** Em "Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou; ótimo, porque assim trabalho à vontade.", o emprego do acento grave decorre da regência do verbo trabalhar, que impõe o uso da preposição a, antes do substantivo feminino vontade, que está precedido de artigo definido.
- **C** Em "E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam lugar à turma dos 'caxias'", a seguinte estrutura morfossintática justifica o emprego do acento grave indicativo de crase: expressão regida pela preposição "a", seguida de substantivo feminino antecedido por artigo definido.
- **D** Justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase, em "Nenhum – a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão" pela natureza exclusivamente adverbial da locução utilizada para indicar circunstância de lugar.
- **E** Seria obrigatório o emprego do acento grave indicativo de crase caso o texto "Correu a telefonar de uma confeitaria para a residência do chefe" fosse redigido da seguinte forma: "Correu à uma confeitaria para telefonar à residência do chefe".

81. NCE-UFRJ – O uso do acento grave no a é opcional em:

- **A** "...redução da cultura a sua dimensão mercadológica..."
- **B** "...redução da cultura a uma mercadoria barata..."
- **C** "...redução da cultura a essa imagem formada..."
- **D** "...redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia..."
- **E** "...redução da cultura a que nos vamos acostumando..."

82. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Os juízes federais, ___ três semanas, começaram ___ discutir ___ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa ___ muito atribuída ___ Caixa Econômica Federal."

Ⓐ a, há, a, há, a
Ⓑ a, há, à, a, há
Ⓒ há, a, a, há, a
Ⓓ há, à, a, há, à
Ⓔ há, a, a, há, à

83. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Vale ____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que ____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim ____ acirrada polêmica que se vem travando ____ quatro décadas."

Ⓐ a – à – às – há
Ⓑ a – a – à – a
Ⓒ à – a – a – à
Ⓓ a – a – à – há
Ⓔ à – à – a – há

84. NCE-UFRJ – Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:

Ⓐ Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
Ⓑ Pedi um favor a Júlia.
Ⓒ A rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
Ⓓ Comemorar o "descobrimento" é, no mínimo, reforçar a visão colonialista.
Ⓔ Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

85. NCE-UFRJ – O acento grave da crase foi empregado <u>erroneamente</u> em:

Ⓐ Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
Ⓑ Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
Ⓒ Essas atividades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
Ⓓ Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
Ⓔ A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

86. NCE-UFRJ – A alternativa com <u>erro</u> no emprego do acento indicativo de crase é:

Ⓐ A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
Ⓑ Explicava sua experiência à sua filha.
Ⓒ Deveria explicar sua experiência à essa gente.
Ⓓ Esperou do meio-dia às quatro horas.
Ⓔ Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

87. NCE-UFRJ – Em "...esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados" há um exemplo de crase assinalada pelo sinal grave.

A alternativa em que este sinal foi <u>erradamente</u> utilizado é:

- **A** A equipe deve o êxito da campanha à boa forma de seus atletas.
- **B** O fornecimento de energia elétrica só foi normalizado à 1 hora da madrugada.
- **C** Não posso deixar de assistir à esta parte da novela.
- **D** Os formandos ficarão sentados à nossa direita.
- **E** Os rebeldes foram levados à presença do rei.

88. FEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:

I. O candidato respondeu corretamente ___ maioria das questões.

II. Não assisti ___ primeira parte do filme; mesmo assim entendi bem o enredo.

III. Transcorridos nove meses, deu ___ uma linda menina.

- **A** à, à, à luz
- **B** a, a, a luz a
- **C** a, à, a luz a
- **D** à, a, à luz

89. FGV – Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> no uso do acento indicativo de crase:

- **A** O leitor dedicava-se à leitura de crônicas.
- **B** O cronista dava preferência às crônicas de estilo mais elaborado.
- **C** O cronista produzia seus textos à tardinha.
- **D** O cronista deve estar atento às situações do cotidiano.
- **E** O texto da crônica lembrava-lhe à sua infância.

90. FCC – "O Rio Grande do Norte foi o estado pioneiro ao conceder ___ mulheres a possibilidade de ir ___ urnas, manifestando sua vontade pelo voto, permitido somente ___ homens, no resto do Brasil."

As lacunas da frase apresentada serão corretamente preenchidas por:

- **A** às – às – a;
- **B** às – as – a;
- **C** as – às – a;
- **D** às – às – à;
- **E** as – as – à.

91. CEPERJ – No segmento "...se ligam muito mais aos países ricos do que às <u>realidades brasileiras</u>", o acento indicativo de crase é obrigatório. Da mesma forma, o acento grave é obrigatório, ao se substituir a expressão destacada por:

- **A** "...aquela realidade."
- **B** "...a esta realidade."
- **C** "...a tal realidade."
- **D** "...a nossa realidade."
- **E** "...a uma realidade."

92. FJPF – Com as alterações feitas na redação da parte destacada do trecho "o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo <u>às ações que sente ânimo de praticar</u>", o acento grave indicador da crase só será usado em:

- **A** a ações que sente ânimo de praticar;
- **B** a uma ou outra ação que sente ânimo de praticar;
- **C** a suas próprias ações;
- **D** a própria ação;
- **E** a elas, suas próprias ações.

93. CESGRANRIO – Na expressão "direito à <u>vida</u>", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

- **A** viver dignamente;
- **B** diferentes formas de mídia;
- **C** uma escolha profissional;
- **D** toda assistência médica;
- **E** segurança pública.

94. CESGRANRIO – Assinale a frase com o uso <u>incorreto</u> do acento indicativo de crase:

- **A** Deve ser garantido à todas as pessoas o direito de ir e vir.
- **B** Estamos à procura de bons roteiros de viagem.
- **C** Foi da Itália à Alemanha de avião.
- **D** Viajamos à tarde para São Paulo.
- **E** Às vezes ele caminha no Jardim Botânico.

95. FUMARC – O acento indicador de crase foi corretamente empregado em:

- **A** Estamos viajando em direção à Brasília.
- **B** Deu à luz uma menina forte e saudável.
- **C** Entregou à suas antigas colaboradoras o material.
- **D** O acidente ocorreu à cerca de 2 km da estação central.

96. FUMARC – "Tal fato levar-nos-á <u>a</u> (1) percepção diferenciada da documentação respeitante <u>a</u> (2) essas cartas e certidões, tanto no que se refere <u>a</u> (3) análise de seu conteúdo, quanto no que respeita <u>as</u> (4) estruturas institucionais nas quais se inseriam."

Tendo em conta o trecho acima, assinale a alternativa na qual os casos em que o acento indicador de crase deverá ser empregado estejam corretamente indicados:

- **A** 1 – 2 – 4;
- **B** 1 – 3 – 4;
- **C** 2 – 3;
- **D** 3 – 4.

97. FUMARC – Nas frases a seguir, substituindo-se as palavras sublinhadas pelas dos parênteses, o acento indicador de crase poderá ser empregado:

I. Solicitou a suas amigas um novo encontro. (propôs)

II. O secretário realizou a leitura da ata da reunião anterior. (procedeu)

III. O prefeito não mencionou as obras de canalização. (fez menção)

Ⓐ apenas em I e III;
Ⓑ apenas em II e III;
Ⓒ apenas em um dos casos;
Ⓓ em todos os casos.

98. FUMARC – Considerando os elementos destacados nos dois versos que se seguem, a alternativa em que o uso do acento de crase foi corretamente indicado é:

"Quando o amor bate a porta, tudo é festa.

Quando o amor bate a porta, nada resta." **(Cineas Santos, poeta piauiense)**

Ⓐ à – à
Ⓑ a – à
Ⓒ a – a
Ⓓ à – a

99. CETRO – Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços no período abaixo:

"Quando ___ dez dias comunicou ___ ela que iria ___ França para concluir seu mestrado, pôs-se ___ chorar."

Ⓐ a – a – a – a
Ⓑ há – a – à – a
Ⓒ há – à – à – a
Ⓓ a – à – a – à
Ⓔ há – a – a – à

100. FUNRIO – A palavra sublinhada deve ter acento grave, indicativo da crase, na frase:

Ⓐ Dirijo-me a V.Sª para fazer uma solicitação.
Ⓑ Dirija-se a qualquer pessoa.
Ⓒ Referiu-se aquele ofício.
Ⓓ Vale a pena trabalhar na Secretaria.

101. FEPESE – Nas frases abaixo, assinale a alternativa em que não ocorre crase:

Ⓐ A força de pensar acabou adormecendo.
Ⓑ Cheguei as dez horas.
Ⓒ Os marinheiros já voltaram a terra natal.
Ⓓ Há fatos que eu não revelaria a ninguém.
Ⓔ Ele já se dirigiu a Bahia.

102. COSEAC-UFF – No trecho "mas parece que o óbvio, exatamente por ser óbvio, fica à mercê de se situar num plano secundário", a locução "à mercê de" aparece corretamente grafada com o acento indicativo da crase. Das frases abaixo, aquela em que não ocorre crase na locução, não se justificando, por isso, o emprego do acento indicativo da crase, é:

- **A** À proporção que lia as obras de Monteiro Lobato, mas se encantava com seus personagens.
- **B** As sociedades em que a educação é tratada como prioridade estão quilômetros à frente das outras.
- **C** Na época de Zumbi, os combatentes ficavam cara à cara com os inimigos.
- **D** As obras de construção do monumento a Zumbi foram feitas à custa do Movimento Negro.
- **E** Estar à distância de um contexto histórico-social não justifica análises incorretas de pessoas e fatos.

103. COSEAC-UFF – Nos trechos "...a lançar um livro à venda na Internet..." e "...o mecanismo de difusão de suas obras pouco lhes importa quando comparado à arte da criação...", ocorrem situações de crase devidamente marcadas com o acento. Há situações, entretanto, em que a ocorrência da crase é facultativa, sendo facultativo o emprego do acento. Nos pares de frase abaixo, em ambas ocorrem situações de crase, ou de crase facultativa, que devem ou podem ser marcadas com o acento. O par no qual uma das frases está com a marcação do acento <u>incorreta</u>, pois <u>não</u> ocorre crase, é:

- **A** Os autores retiraram-se do local de lançamento do livro às dez horas. / Sem apoio das editoras, o autor teve de editar a obra à suas expensas.
- **B** Esta é a editora à qual pertence grande parte das obras publicadas como *e-book*. / João Ubaldo irá à Bahia exclusivamente para o lançamento de seu novo livro.
- **C** À custa de muito esforço, digitalizaram todo o acervo da editora. / O escritor referia-se à sua obra com orgulho por ter sido lançada como livro eletrônico.
- **D** A referência àquele novo catálogo de livros eletrônicos trouxe luz à discussão. / Os leitores sentiam-se à vontade para optar ou não pelo *e-book*.
- **E** Ligado às nossas tradições editoriais, o escritor não abria mão de publicar seus livros em papel. / O lançamento do primeiro título eletrônico dedicado à memória dos grandes escritores emocionou a todos.

104. COSEAC-UFF – Das frases abaixo, está correta quanto ao emprego do acento indicativo da crase:

- **A** Oito critérios indicam à dependência de internet, segundo os psicólogos.
- **B** O programa destina-se à orientação dos jovens dependentes de internet.
- **C** Os especialistas recorreram à uma orientação menos conhecida.

Ⓓ O tratamento identifica as condições ambientais à que os dependentes se sujeitam.
Ⓔ Os terapeutas recomendam à todos os jovens que busquem outras formas de relacionamento com o mundo.

105. COSEAC-UFF – Na oração "as doenças relacionadas à água de má qualidade são atualmente a principal causa de mortes", foi empregado corretamente o acento indicativo de crase. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase também está corretamente empregado é:

Ⓐ Foram liberados recursos destinados à minorar os efeitos da seca.
Ⓑ Fomos apresentados à algumas pessoas interessadas no projeto.
Ⓒ Certos povos são obrigados à economizar água.
Ⓓ As empresas foram condenadas à três anos de suspensão das atividades.
Ⓔ O governo emitiu uma circular dirigida à companhia de água e esgoto.

106. FUNRIO – "E se engana quem estiver pensando que os clientes não prestam atenção a esses detalhes." Nesse período, percebe-se que não ocorre acento grave antes do pronome demonstrativo esse. Assinale a alternativa em que há erro no emprego do acento grave:

Ⓐ Vamos à feira.
Ⓑ Falávamos àquela que nos decepcionou.
Ⓒ Os amantes encontravam-se às escondidas.
Ⓓ O homem dirigia-se à qualquer local.
Ⓔ Encontremos nosso professor à uma hora!

107. FUNRIO – Assim como está adequado o emprego de à antes de "livre manifestação", também está inteiramente correto o uso da crase na frase da alternativa:

Ⓐ À meia-noite, chegaram os peregrinos à pé.
Ⓑ Fomos levados às escondidas àquele local.
Ⓒ Pedirei à V. Exa. a anotação desta ocorrência.
Ⓓ Para combater à manipulação, procederemos à revisão à noite.
Ⓔ Oferecemos sanduíches à metro e vendemos à varejo.

108. FUNRIO – "O nome 'Manifesto Antropofágico' recuperava a crença indígena: os índios antropófagos comiam o inimigo, supondo que assim estavam assimilando suas qualidades."

A crença indígena está comentada adiante numa frase totalmente correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase. Assinale-a:

Ⓐ À medida que comiam seus inimigos, os índios assumiam à certeza de seu aprimoramento.
Ⓑ Os antropófagos não comiam seus inimigos à guisa de uma assimilação à esmo.
Ⓒ Supor essa assimilação era, às vezes, tratar seus inimigos à ferro e fogo.
Ⓓ Somente à partir de uma atitude canibal se justificaria o incentivo à antropofagia.
Ⓔ Cabia às tribos propagar que as qualidades dos inimigos seriam assimiladas pela antropofagia.

109. FUNRIO – Marque a alternativa em que a frase está inteiramente adequada no que concerne à pontuação:

Ⓐ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓑ Todos os brasileiros, têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓒ Todos os brasileiros têm, essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓓ Todos os brasileiros têm essa oportunidade, única de mudar para um país melhor.
Ⓔ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para, um país melhor.

110. IPAD – Observe o fragmento a seguir, em relação ao uso de crase: "...é necessário dar um destino à montanha de lixo...".

É correto afirmar que:

Ⓐ o uso da crase é facultativo;
Ⓑ o uso da crase decorre da utilização do verbo <u>ser</u>;
Ⓒ o uso da crase decorre da utilização da locução verbal <u>é necessário</u>;
Ⓓ é um caso de regência nominal, o termo regente destino e o termo regido <u>a montanha</u>;
Ⓔ a locução conjuntiva <u>à montanha</u> torna obrigatório o uso da crase.

111. IPAD – "E bem à vista exibo esta etiqueta..."

A crase ocorre no enunciado acima pelo mesmo motivo que ocorre em:

Ⓐ A etiqueta está à mostra.
Ⓑ Atribuo esta loucura à sede insaciável de consumo.
Ⓒ Nem todos têm acesso à riqueza produzida na sociedade.
Ⓓ Ninguém consegue viver alheio às necessidades fabricadas artificialmente.
Ⓔ À alegria simples do cotidiano contrapõe-se a angústia da acumulação exagerada de bens supérfluos.

112. VUNESP – Assinale a alternativa que preencha respectivamente as lacunas do texto.

Morador de Bruxelas, morto em junho, teria contraído bactéria ___ resistente ___ vacina aplicada, no país asiático, após o acidente e ___ hospitalização.

Ⓐ a – à – à
Ⓑ à – a – à
Ⓒ à – a – a
Ⓓ a – à – a
Ⓔ à – à – a

113. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula:

Ⓐ Os livros, que ele escreveu, permanecem.
Ⓑ Todos durante a festa, se emocionaram.
Ⓒ Nós caros amigos, esperamos recebê-los.
Ⓓ Vinicius, que foi um apreciado poeta, já não vive.
Ⓔ Meu pai, digo meus pais, eram morenos.

114. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto quanto ao emprego ou não do acento indicativo de crase.

Se passamos 70% do tempo no trabalho, devemos levar ___ sério as relações que se constroem nesse ambiente. É importante dar o devido valor ___ cada um que está ___ nossa volta, pois não se encontram verdadeiras amizades ___ toa.

Ⓐ à – a – à – à
Ⓑ à – à – a –a
Ⓒ à – a – à – à
Ⓓ a – a – à – à
Ⓔ a – à – a – à

115. VUNESP Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não do acento indicativo da crase:

Ⓐ Na Europa, as pessoas usavam os óculos as escondidas.
Ⓑ Os monges não mostravam a ninguém como faziam as pedras de leitura.
Ⓒ As pessoas passaram à enxergar melhor depois que foram criados os óculos em formato de V invertido.
Ⓓ Marco Túlio Cícero não se dirigia à seus escravos porque não os enxergava.
Ⓔ As vezes, os problemas de visão não eram revelados para que as pessoas não se aposentassem.

116. FEC – Na passagem: "E vai folheando à toa.", o acento indicativo da crase está corretamente empregado. Assinale a opção a seguir em que o emprego do acento grave em questão seja justificado pelo mesmo motivo que na passagem em estudo:

Ⓐ Permanecem, ainda hoje, à beira da falência.
Ⓑ Presentou-me com uma tela à tinta.
Ⓒ Os viajantes regressaram à Madri de seus antepassados.

Ⓓ Falou à vontade durante a reunião.
Ⓔ À medida que nos aproximávamos, mais exauridos ficávamos.

117. FEC – Observe as frases a seguir:

I. A lei dos zoológico foi promulgada ___ 24 anos, ___ fim de garantir os cuidados com os animais.

II. O descumprimento das normas pode levar ___ uma punição mais severa: o fechamento do zoológico.

III. O Ibama concedeu permissão ___ prefeitura para abrir um novo zoológico.

Para o correto preenchimento das lacunas das frases lidas, têm de ser usados, respectivamente, os termos:

Ⓐ há – a – a – à;
Ⓑ a – à – há – à;
Ⓒ há – a – à – há;
Ⓓ à – há – à – a;
Ⓔ há – a – há – a.

118. FEC – Está <u>incorreto</u>, do ponto de vista do emprego do sinal indicador da crase, o período:

Ⓐ Pode-se prever sua anuência às propostas de publicação dos atos administrativos.
Ⓑ Não caberia sua anuência à uma proposta de publicação dos atos administrativos.
Ⓒ Obtivemos às pressas sua concordância para a publicação dos atos administrativos.
Ⓓ Não se soube informar qual é a autoridade à qual se deve solicitar a publicação dos atos administrativos.
Ⓔ Criou-se uma expectativa quanto à publicação dos atos administrativos.

119. FEC – É facultativo o uso do acento grave no "a" destacado em:

Ⓐ "...pescávamos enchovas na bela ilha da Vitória, <u>a</u> cerca de 15 milhas (ou 26 quilômetros) da costa."
Ⓑ "Divertimo-nos [...] naquele fim de tarde, reservando alguns exemplares para nosso consumo e devolvendo a grande maioria <u>à</u> água."
Ⓒ "O que são trinta exemplares em meio <u>às</u> centenas que talvez passassem pelo local?"
Ⓓ "...nos dias que se passaram <u>à</u> nossa pescaria, soubemos que aquela costeira foi varrida por dezenas de outras embarcações."
Ⓔ "...sua eficiência [...] só aumenta <u>a</u> cada geração de modelos lançados no mercado."

120. FEC – As frases a seguir, retiradas de contos diversos de Lygia Fagundes Telles, apresentam espaços que devem ser preenchidos com a ou à. Preencha- os:

"Assim que acordou, ___ hora do jantar, desandou nos telefonemas, avisando ___ velharia da irmandade que 'o menino estava doente'."

"Saí em seguida, fingindo não ver ___ carinha safada de um dos anões que estava ali por perto."

"Conceição veio interromper ___ conversa para mostrar ___ amiga ___ bolsa que tinha comprado."

A alternativa cujas palavras preenchem, respectiva e corretamente, os espaços é:

A a – à – à – a – a – à;
B à – a – a – a – à – à;
C à – a – à – à – a – à;
D a – à – a – à – à – a;
E à – à – a – a – à – a.

GABARITO

1. E	17. E	33. E	49. E	65. C	81. A	97. D	113. D
2. A	18. B	34. B	50. A	66. B	82. E	98. A	114. D
3. A	19. C	35. A	51. B	67. A	83. D	99. B	115. B
4. A	20. A	36. A	52. E	68. A	84. B	100. C	116. D
5. A	21. B	37. C	53. A	69. A	85. D	101. D	117. A
6. A	22. D	38. E	54. A	70. C	86. C	102. C	118. B
7. A	23. C	39. C	55. A	71. A	87. C	103. A	119. B
8. B	24. A	40. C	56. B	72. A	88. A	104. B	120. E
9. E	25. B	41. C	57. A	73. D	89. E	105. E	
10. C	26. E	42. A	58. A	74. D	90. A	106. D	
11. C	27. A	43. A	59. D	75. A	91. A	107. B	
12. A	28. B	44. C	60. B	76. E	92. D	108. E	
13. D	29. C	45. D	61. C	77. C	93. E	109. A	
14. D	30. A	46. B	62. D	78. D	94. A	110. D	
15. C	31. C	47. A	63. A	79. D	95. B	111. A	
16. B	32. B	48. B	64. A	80. C	96. B	112. D	

Exercícios de Concordância Nominal e Verbal

1. NCE-UFRJ – O item em que a passagem para o plural do segmento inicial traz um erro gramatical é:

- **A** "Não poderia haver reivindicação mais justa..." – Não poderiam haver reivindicações mais justas...
- **B** "Sabiamente, esse conceito evoluiu." – Sabiamente, esses conceitos evoluíram.
- **C** "Cobra-se, agora, o compromisso..." – Cobram-se, agora, os compromissos...
- **D** "...faça como eu, use..." – ...façam como eu, usem...
- **E** "...a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível..." – ...as responsabilidades de pais e professores continuam sendo intransferíveis...

2. FJPF – Há, segundo a norma escrita contemporânea, erro de concordância verbal no seguinte item:

- **A** Dentre os jornalistas, dez por cento pediu demissão do jornal.
- **B** Haveria de haver sérios motivos para que fosse demitido do jornal.
- **C** Ignoram-se os motivos de sua demissão do jornal.
- **D** Mais de um jornalista acusavam-se de deslealdade na redação do jornal.
- **E** Um ou outro jornalista poderiam chegar à chefia da redação.

3. FGV – "Permanente é o país e suas escolhas."

Embora a palavra permanente se refira a país e suas escolhas, a concordância se fez corretamente com o mais próximo. Assinale a alternativa em que tenha havido inadequação à norma culta da língua no que tange às regras de concordância:

- **A** As alegrias da casa era ele.
- **B** Compramos caras blusas e sapatos.
- **C** Ele pediu emprestado os livros com as anotações.
- **D** Cheguei eu e ele para a festa.
- **E** Marcamos ao meio-dia e meia.

4. FEPESE – Assinale a alternativa errada, quanto à concordância:

- **A** Guido foi à CEASA ao meio-dia e meia.
- **B** Vossa Senhoria deseja que o informemos a respeito dos produtos por nós comercializados?
- **C** Neste setor é proibida a entrada de estranhos.
- **D** Faz dezoito anos que moro perto da CEASA.
- **E** Deve ser encaminhado à diretoria, mensalmente, os demonstrativos periódicos dos trabalhos aqui realizados.

5. NC-UFPR – Que alternativa não reescreve a sentença de acordo com a língua padrão escrita, ao ser substituída a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses?

- **A** O secretário tem o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo o próprio veículo. (secretários) / Os secretários têm o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo os próprios veículos.
- **B** Muitas vezes, ele, engenheiro aeronáutico formado pelo ITA, pilota o avião que o transporta. (eles) / Muitas vezes, eles, engenheiros aeronáuticos formados pelo ITA, pilotam os aviões que o transportam.
- **C** Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, à inauguração de uma obra nas proximidades da grande São Paulo. (instalações) / Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, às instalações de obras nas proximidades da grande São Paulo.
- **D** Junto de Rais Lopes estavam assessores, acomodados a seu lado. (um assessor) / Junto de Rais Lopes estava um assessor, acomodado a seu lado.
- **E** Quando o veículo foi parado na entrada do evento, um segurança se aproximou. (os veículos) / Quando os veículos foram parados na entrada do evento, um segurança se aproximou.

6. FUMARC – A concordância verbal está correta, exceto em:

- **A** O diesel e a gasolina aumentou.
- **B** Aumentou a gasolina e o diesel.
- **C** O diesel e a gasolina aumentaram.
- **D** Aumentaram a gasolina e o diesel.

7. NCE-UFRJ – "Gates e Buffett doaram eles ___ ___ recursos para homens e mulheres ___." A alternativa cuja sequência preenche adequadamente as três lacunas desse período é:

- **A** mesmos – bastantes – desabrigados;
- **B** mesmo – bastante – desabrigadas;
- **C** mesmo – bastantes – desabrigados;
- **D** mesmos – bastante – desabrigadas;
- **E** mesmo – bastante – desabrigado.

8. FJPF – No tocante à concordância, há equívoco na redação da seguinte frase:

Ⓐ São desses fatos sociais que se pode extrair maiores ensinamentos no Direito.
Ⓑ Decerto que aos legisladores não cabe inspirar-se obrigatoriamente nos fatos sociais.
Ⓒ Duas horas eram o tempo que me restava para opinar sobre as normas jurídicas referidas.
Ⓓ Impõe-se, pois, ao magistrado tantas questões resolver quantas a ele se oferecerem.
Ⓔ Não devia haver dúvidas quanto à aplicação das normas jurídicas como instrumento de controle social.

9. FJPF – A concordância empregada para o verbo existir na oração "...não existiria a decepção e a desonestidade, tão frequentes..." justifica-se pela seguinte razão:

Ⓐ esse verbo é impessoal, quando usado no sentido de haver;
Ⓑ houve elipse do sujeito, expresso em oração anterior;
Ⓒ a expressão em que se encontra o verbo é própria da linguagem oral;
Ⓓ o sujeito do verbo está indeterminado;
Ⓔ o sujeito do verbo é composto, mas posposto a ele.

10. FGV – "Não encontrou acolhida a hipótese de conservar tudo como estava, pelo recurso de batizar de 'planetas clássicos' os nove planetas tradicionais e fechar as portas da família aos intrusos."

No trecho acima, a palavra acolhida foi flexionada corretamente, para concordar com o termo a que se refere (hipótese).

Assinale a alternativa em que a concordância não se fez segundo a norma culta:

Ⓐ A moça disse: "Obrigada".
Ⓑ Ele pediu emprestado dez reais.
Ⓒ Eles são tais qual o pai.
Ⓓ Eram motivos o mais interessantes possível.
Ⓔ Ela ficou meio atormentada com a notícia.

11. FGV – "Aqui há plantas que dão duas, três safras por ano."

Substituindo-se a forma verbal do trecho acima por outra, só não se respeitou a norma culta em:

Ⓐ Aqui existem plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓑ Aqui deve haver plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓒ Aqui podem existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓓ Aqui há de existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓔ Aqui pode haver plantas que dão duas, três safras por ano.

12. CESGRANRIO – Marque a frase em que a concordância nominal está correta:

Ⓐ Imagens e telefonemas diárias intrigavam os pesquisadores.
Ⓑ A garimpagem é proibido naquela região.
Ⓒ Havia místicos e pesquisadoras interessados no lugar.
Ⓓ Fotos e imagens eram a mesma de sempre.
Ⓔ A cidade crescia rapidamente, a olho vistos.

13. FUJB – "...trabalham 4,3 milhões de crianças e adolescentes." A frase abaixo que apresenta forma correta de concordância nominal ou verbal é:

Ⓐ "...trabalha 1,3 milhões de crianças e adolescentes."
Ⓑ "...trabalha 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓒ "...trabalham 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓓ "...trabalham 2,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓔ "...trabalha 2,3 milhões de crianças e adolescentes."

14. NCE-UFRJ – A frase abaixo com um <u>erro</u> de concordância (nominal ou verbal) é:

Ⓐ No anúncio da ótica, o óculos estava quebrado.
Ⓑ As crianças, por si mesmas, decidiram rabiscar o cartaz.
Ⓒ O anunciante era um dos que deveriam falar naquele congresso.
Ⓓ Nosso melhor guia devem ser a honra e o dever.
Ⓔ O bando de crianças mancharam os cartazes da feira.

15. NCE-UFRJ – "Nosso povo, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, não se identifica com o Estado." A forma <u>inadequada</u> de reproduzir-se esse mesmo período do texto é:

Ⓐ Nosso povo não se identifica com o Estado, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus.
Ⓑ Diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, nosso povo não se identifica com o Estado.
Ⓒ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente do nosso povo, não se identifica com o Estado.
Ⓓ Não só os americanos do Norte, mas também quase todos os europeus, se identificam com o Estado, diferentemente de nosso povo.
Ⓔ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente de nosso povo, se identificam com o Estado.

16. NCE-UFRJ – "Cerca de 75% do total de recursos doados nacionalmente vem de pessoas físicas." A respeito da concordância verbal e nominal presente nesta frase, pode-se verificar que:

Ⓐ a forma verbal concorda com a porcentagem;
Ⓑ o adjetivo "doados" deveria estar no singular, concordando com "total";

C a forma verbal concorda com “recursos”;
D a forma verbal concorda com a porcentagem ou com “total”;
E a forma verbal concorda com “total”.

17. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro de concordância quanto à norma culta é:

A Terminadas as doações, os milionários viajaram.
B A situação das doações foi considerada meia tranquila.
C O rosto dos necessitados era de uma coloração vermelho-escura.
D Dinheiro, equipamentos, nada podia ser dado.
E Ajudaram as fundações empresários e políticos.

18. FJPF – Na oração “Discrepâncias à parte, o fato é que nós, os caminhantes, formamos uma verdadeira tribo”, se o autor optasse por redigi-la sem o pronome nós, do ponto de vista da concordância verbal, considerando-se a norma culta da língua, poder-se-ia afirmar que:

A estaria incorreta, pois o sujeito “os caminhantes” exigiria o verbo na 3ª pessoa do plural;
B estaria correta, constituindo-se um caso de concordância ideológica;
C seria admissível, caso se tratasse de um texto não literário;
D é um caso de concordância praticado na língua clássica, mas em desuso na língua atual;
E para estar correta, o verbo teria de concordar com o sujeito “uma verdadeira tribo”.

19. FJPF – A concordância verbal está em conformidade com a norma preconizada pela gramática em:

A Não existe atualmente no Brasil grandes projetos em curso na área de educação.
B Fazem muitos anos que a educação deixou de ser prioridade entre nós.
C Os projetos que deveria estar em votação no Congresso encontram-se arquivados.
D Antigamente haviam homens que se preocupavam com a educação no país.
E A maioria dos projetos brasileiros pertencem a setores da educação tecnológica.

20. UPENET – Observando o trecho “...a ponto de seus moradores considerarem banal o assassinato de um ser humano...”, conclui-se que o termo sublinhado:

A poderia, neste contexto, também se flexionar no plural;
B concorda, apenas, com o termo “ser’”;
C constitui-se um exemplo da concordância do verbo com o seu sujeito;
D concorda em gênero e número com o nome a que se refere, “assassinato”;
E se manteria no singular, mesmo se o termo ‘assassinato’ se flexionasse no plural.

21. NCE-UFRJ – "Os EUA invadiram o Afeganistão." Segundo o gramático Celso Cunha p. 493, "os nomes de lugar e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo". Nesse caso:

- **A** a regra foi parcialmente respeitada;
- **B** a regra não se aplica ao segmento destacado do texto;
- **C** a autora não obedece à regra da norma culta;
- **D** o segmento do texto mostra outra possibilidade de concordância;
- **E** a autora do texto obedece fielmente à regra gramatical.

22. FJPF – O comentário correto acerca da concordância verbal em "Onde estavam todo aquele ruído, as carreiras pelo corredor, as brigas da velha Sinhazinha?" é:

- **A** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é composto.
- **B** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é indeterminado.
- **C** O verbo poderia estar no singular, porque o sujeito da frase é composto, mas posposto a ele.
- **D** O verbo poderia estar no singular, porque se faz preceder de um advérbio interrogativo.
- **E** Há erro de concordância, pois a frase não tem sujeito.

23. FGV – No trecho "o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem", o verbo foi flexionado corretamente no plural, observando o caso de sujeito composto com núcleos ligados por OU.

Assinale a alternativa em que, no mesmo caso, a flexão do verbo não seria possível:

- **A** Esperávamos que ele ou o irmão viessem nos apanhar.
- **B** Umidade intensa ou ressecamento excessivo não nos fazem bem.
- **C** João Carlos ou Pedro se casariam com Marta.
- **D** O jornal ou a revista podem apresentar detalhadamente a notícia.
- **E** Podem ser entregues o original do documento ou sua cópia.

24. FUMARC – A concordância verbal está correta, <u>exceto</u> em:

- **A** O relógio deu dez horas.
- **B** Na matriz, bateu oito horas.
- **C** O sinal da escola soou treze horas.
- **D** Eram sete horas, hora das orações.

25. FUMARC – <u>Não</u> há erro de concordância nominal apenas em:

- **A** Apesar da pouca experiência, os alunos produziram fotos cuja qualidade nos surpreendeu.

Ⓑ Por um descuido, os juros embutido no preço do equipamento acabaram não sendo computados.
Ⓒ A ema é uma ave grande, de pernas compridas e penas cinzentas, encontradas em nossos pastos.
Ⓓ Depois de muitas idas e vinda e de muita discussão com meu contador, estou finalmente quites com a Receita Federal.

26. NCE-UFRJ – "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura." Sobre os aspectos da concordância nominal e verbal dessa frase, podemos dizer que:

Ⓐ o adjetivo "inviável" concorda com "criatura";
Ⓑ a forma verbal "tornará" concorda com o sujeito posposto;
Ⓒ o pronome "qualquer" é invariável;
Ⓓ o numeral "terceiro" não concorda com o substantivo "planeta";
Ⓔ no plural, "quaisquer criaturas" não modificaria a forma do adjetivo "inviável".

27. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

Ⓐ Os americanos já tinham bastante motivos para mudar de política.
Ⓑ Que houvesse ou não existido opiniões contrárias a Bush não nos importava.
Ⓒ Vossa Excelência, George Bush, sereis recebido com honras na Venezuela.
Ⓓ Surgiu, no meio do processo, duas novas tendências políticas.
Ⓔ Bush e Clinton haviam chegado às mesmas conclusões.

28. UPENET – Assinale a opção que <u>não</u> se adequaria aos parâmetros da norma culta da língua:

Ⓐ "...ainda que possam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓑ "...ainda que possa haver outras definições bem diferentes,..."
Ⓒ "...ainda que hajam outras definições bem diferentes,..."
Ⓓ "...ainda que devam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓔ "...ainda que venha a haver outras definições bem diferentes,..."

29. NCE-UFRJ – "Haverá milhões de pessoas com Aids." A alternativa abaixo em que a substituição da forma do verbo "haver" está gramaticalmente <u>incorreta</u> é:

Ⓐ Deverá haver.
Ⓑ Poderá haver.
Ⓒ Poderá existir.
Ⓓ Existirão.
Ⓔ Deverão existir.

30. FJPF – A frase "Os cientistas acreditam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem" foi modificada, em cada alternativa abaixo, mediante substituição do verbo acreditar. A substituição é gramaticalmente mal sucedida em:

- **A** Os cientistas admitem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **B** Os cientistas creem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **C** Os cientistas inferem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **D** Os cientistas propõe que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **E** Os cientistas julgam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.

31. FJG – Na frase "[...] mas sempre havia um sonho, um projeto ou um desejo [...].", o verbo grifado apresenta o mesmo critério de concordância de:

- **A** "...existiam um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **B** "...existia um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **C** "...houve muitas mudanças no mundo [...]."
- **D** "...haviam mudado o mundo [...]."

32. FGV – "Lá, alunos ajudaram a criar um centro cultural..."

Assinale a alternativa em que, substituindo-se alunos no trecho acima por outra expressão, foi mantida a correção gramatical:

- **A** "Lá, 1,85% ajudaram a criar um centro cultural..."
- **B** "Lá, 0,98% ajudou a criar um centro cultural..."
- **C** "Lá, a maior parte ajudaram a criar um centro cultural..."
- **D** "Lá, tu e teus amigos ajudaram a criar um centro cultural..."
- **E** "Lá, dois terços ajudou a criar um centro cultural..."

33. CESGRANRIO – Na passagem "há apenas cadáveres e ruínas.", substituindo-se o verbo haver pela locução verbal, tem-se:

- **A** pode existir;
- **B** há de haver;
- **C** hão de haver;
- **D** deve existir;
- **E** devem haver.

34. CESGRANRIO – Assinale a frase correta quanto à concordância verbal:

- **A** Não fosse os pesquisadores e os arqueólogos, o passado continuaria desconhecido.
- **B** Se não houverem peixes no rio, a comunidade semeará e colherá.

Ⓒ Nenhuma das pessoas comentaram a respeito da vida dos habitantes.
Ⓓ Um pesquisador ou algum arqueólogo descobriram ali vestígio de outros povos.
Ⓔ A partir do século XIX encontraram-se na região vários sítios arqueológicos.

35. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a concordância segue a norma culta da língua:

Ⓐ Dos dois cientistas consultados, nem um nem outro aceitou o cargo.
Ⓑ Cada um dos jornalistas fizeram uma pergunta ao entrevistado.
Ⓒ Resta ainda muitas dúvidas sobre o cálculo dos juros.
Ⓓ Fazem dois meses que o cientista concedeu uma entrevista.
Ⓔ Os drogados não parecem perceberem o mal que fazem a si mesmos.

36. FEC – Das modificações feitas abaixo na redação da oração "a maioria dos economistas considera necessário que o país caminhe para a faixa de 25%", aquela em que a concordância está <u>incorreta</u>, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ **"...** a maioria dos economistas consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓑ **"...** grande parte dos economistas considera necessária uma nova faixa de investimentos em torno de 25%.**"**
Ⓒ **"...** metade dos economistas consideram necessário novas medidas que levem o país a caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓓ **"...** um entre dez economistas considera que são necessárias ao país as medidas que permitam caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓔ **"...** não só os economistas, mas também os empresários, consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**

37. CEPERJ – "Os psicólogos têm tido <u>bastante</u> trabalho..." A palavra em destaque deve ser flexionada no plural na frase:

Ⓐ Crianças são ___ curiosas em relação aos fatos da vida.
Ⓑ Certas crianças são ___ desenvolvidas para discernirem o certo do errado.
Ⓒ Os pais conseguem ___ resultados ao colocarem limites para seus filhos.
Ⓓ As origens das distorções não são ___ conhecidas.
Ⓔ Todos conhecemos ___ os limites que devem ser impostos.

38. CEPERJ – "Hoje, se algum telejornal não der a notícia, milhares de sites vão furá-lo..." Apresenta concordância <u>incorreta</u> a seguinte frase:

Ⓐ As milhares de matérias que publicamos são interessantes.
Ⓑ Os milhares de sites que visitamos são conhecidos.
Ⓒ Os milhares de provedores que consultamos são estrangeiros.

Ⓓ Os milhares de pessoas que consultam a rede são inteligentes.
Ⓔ Os milhares de usuários da rede são beneficiados.

39. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

40. NC-UFPR – Se, na frase "De todos os processos analisados por este conselho até agora, a materialidade dos fatos atribuídos ao representado é a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada", a expressão "a materialidade dos fatos" for substituída por "os fatos", serão necessários ajustes na concordância nominal e/ou verbal. Aponte a alternativa em que esses ajustes foram feitos corretamente:

Ⓐ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroverso, incontestáveis e indubitavelmente comprovados."
Ⓑ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovado."
Ⓒ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovados."
Ⓓ "...os fatos atribuídos ao representado são a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada."
Ⓔ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutíveis, incontroversos, incontestável e indubitavelmente comprovado."

41. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a frase está de acordo com regras de uso da língua estabelecidas pela gramática normativa:

Ⓐ Houveram vários casos de gripe aviária em países do leste europeu.
Ⓑ Falta poucos dias para o início da copa do mundo de 2006.
Ⓒ Faz tempo que a população não enfrenta verões com temperaturas tão altas.
Ⓓ Fazem anos que líderes mundiais discutem a paz no Oriente Médio.
Ⓔ Há três dias atrás não tinham pessoas interessadas no imóvel.

42. CESGRANRIO – Quando se substitui a expressão destacada em "Existe pelo menos um par de boas razões para isso." por pelo menos duas boas razões, a concordância, conforme a norma culta, será:

- Ⓐ Devem haver.
- Ⓑ Devem existir.
- Ⓒ Pode existir.
- Ⓓ É possível que hajam.
- Ⓔ Provavelmente têm.

43. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à concordância verbal:

- Ⓐ As casas, as ladeiras, tudo ficavam escondido pela neblina.
- Ⓑ Existe na cidade monumentos a preservar.
- Ⓒ Mistério e beleza convive em Ouro Preto.
- Ⓓ Não ocorreu na cidade grandes mudanças.
- Ⓔ Em Vila Rica viveram grandes poetas.

44. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa em que a concordância nominal não é adequada:

- Ⓐ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatória.
- Ⓑ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatórios.
- Ⓒ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção forçadas.
- Ⓓ A temperatura do Sol obrigava a obrigatório cuidado e proteção.
- Ⓔ A temperatura do Sol obrigava a obrigatória proteção e cuidado.

45. NCE-UFRJ – As regras de concordância nominal dizem que o adjetivo posposto a dois substantivos concorda com o mais próximo ou com o plural dos dois. No caso de "água e terra entrelaçadas", a afirmativa correta, entre as que estão abaixo, é:

- Ⓐ o adjetivo também poderia aparecer na forma "entrelaçada";
- Ⓑ a forma "entrelaçados" do adjetivo também estaria correta;
- Ⓒ se anteposto, a única forma possível do adjetivo seria "entrelaçada";
- Ⓓ por coerência lógica, a única forma possível do adjetivo é "entrelaçadas";
- Ⓔ o adjetivo refere-se exclusivamente ao substantivo "água".

46. FJPF – Tomando-se a oração "...incorporou-se a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços..." e efetuando-se alterações em sua redação, pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta, apresenta erro de concordância verbal a seguinte forma:

- Ⓐ Foram incorporadas a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.

B Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, incorporaram-se a qualidade e a excelência.
C A qualidade e a excelência incorporaram-se ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.
D Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços foi incorporada a qualidade e a excelência.
E A qualidade e a excelência, ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, foi incorporada.

47. FJPF – Entre as modificações feitas na frase "Infelizmente, essa é mais uma prova de que os procedimentos atuais de clonagem são ineficazes", a que contém erro de concordância é:

A Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz o método e os procedimentos atuais de clonagem.
B Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz os procedimentos e o método atuais de clonagem.
C Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz tanto o método quanto os procedimentos atuais de clonagem.
D Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes o método e os procedimentos atuais de clonagem.
E Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes os procedimentos e o método atual de clonagem.

48. FJPF – Consideradas as normas da língua padrão, a alternativa de concordância verbal entre parênteses é igualmente correta em:

A "De que lhe valia (valiam) aquele título de usineira, aquela fama de riqueza?"
B "Moradores vinham de muito longe consultar as mulheres e os filhos, que ficavam (ficava) em casa."
C "Muitos chegavam aflitos para que ela desse um jeito às mulheres, que estavam aperreadas sem que pudessem (pudesse) se aliviar dos filhos."
D "Podia se dizer que o povo do seu engenho não passava (passavam) necessidade."
E "Ali por perto moravam (morava) somente os mecânicos da fábrica, gente que vivia mais ou menos."

49. FEPESE – Assinale a alternativa <u>correta</u>:

A Vende-se apartamentos na praia mais bonita da ilha de Santa Catarina.
B Precisam-se de pedreiros para pequenas reformas.
C No futebol, nem sempre se obedecem às normas da CBF.
D Vaiou-se, por longo tempo, os apresentadores.
E Alugam-se casas para a próxima temporada de verão

50. FEPESE – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "ser":

Ⓐ Era duas da tarde quando a notícia foi veiculada.
Ⓑ Tudo foram desconfianças desnecessárias.
Ⓒ Nem tudo na vida é prazeres e ilusões.
Ⓓ Da minha casa até a de meu amigo é cinco quadras.
Ⓔ Isto será sonhos que jamais acontecerão.

51. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

52. NCE-UFRJ – Assinale a frase com erro de concordância da palavra mesmo:

Ⓐ A Portuguesa, mesmo derrotada, não cairá para a segunda divisão.
Ⓑ Ela mesma arrumou toda a casa.
Ⓒ Joana é teimosa mesmo.
Ⓓ As folhas rasgaram-se por si mesmo.
Ⓔ Na mesma praça, no mesmo jardim.

53. FJPF – De acordo com a norma culta do idioma, preencha abaixo os parênteses com C para enunciado correto e E para enunciado errado.

( ) Algumas pessoas preferem mais sol do que dias chuvosos.

( ) Ele informou o resultado a seus amigos.

( ) Fazem já alguns anos que a pesquisa ocorreu.

( ) Haviam muitos pesquisadores no grupo.

A sequência que se obtém, de cima para baixo, é:

Ⓐ E – E – E – C;
Ⓑ E – C – E – C;
Ⓒ C – E – C – E;
Ⓓ C – C – E – E;
Ⓔ E – C – E – E.

54. FJPF – De acordo com a norma culta da língua, há possibilidade de concordância facultativa – verbo no singular ou no plural – na seguinte frase:

A Deve haver (devem haver) muitos apreciadores dessa música.
B Fazia-se (faziam-se) muitas perguntas acerca da poluição sonora.
C Pode existir (podem existir) novas legislações a respeito.
D Mais de um vizinho reclamou (reclamaram) do incômodo barulho.
E Ele foi um dos que se insurgiu (se insurgiram) contra o excesso de ruído.

55. FJPF – Recorre-se à concordância verbal ideológica na seguinte passagem:

A À Prefeitura de Belém cabe coletar o lixo e dar a ele uma destinação final não lesiva aos interesses da sociedade.
B Só assim será possível evitar que ele vá se espalhar pelas ruas, atraindo animais transmissores de doenças.
C Somente assim, também, teremos todos a garantia de que o lixo não vai acabar nos canais.
D Nesse contexto, ocupa o centro das preocupações a questão do lixo urbano.
E A pergunta paira no ar, por enquanto ainda sem resposta satisfatória.

56. FGV – "Só 2,9 se encontravam."

Assinale a alternativa em que, alterando-se o percentual, cometeu-se <u>erro</u> de concordância verbal:

A Só 1,9% se encontrava.
B Só 29% se encontravam.
C Só 1% se encontrava.
D Só 3% se encontravam.
E Só 0,29% se encontravam.

57. FGV – "Como praticamente não <u>existem</u> estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos."

Assinale a alternativa que <u>não</u> poderia substituir o verbo <u>existem</u> no trecho acima, sob pena de se incorrer em inadequação gramatical:

A há de haver;
B hão de existir;
C haverá;
D devem haver;
E houve.

58. CESGRANRIO – Coloque C ou E nos parênteses, conforme esteja certa ou errada a concordância nominal realizada:

( ) Precisamos aceitar os fatos tais quais eles são.

( ) Não admirava nem um nem outro inventos.

( ) Comprou máquina fotográfica e celular moderno.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ C – E – C;
Ⓑ C – E – E;
Ⓒ C – C – C;
Ⓓ E – E – C;
Ⓔ E – C – C.

59. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à justificativa da concordância verbal, segundo a norma culta:

Ⓐ "...mas nem o pátio, nem os corredores, nem as escadas, nada tem o tamanho..." – O verbo está concordando com o sujeito "nada".
Ⓑ "Houve uma época..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "uma época".
Ⓒ "Alguém era grande no meu passado, fica pequeno no meu presente." – O verbo destacado concorda com o sujeito "alguém".
Ⓓ "Talvez seja esta a prova da sua existência:..." – O verbo concorda com o sujeito "esta".
Ⓔ "em que cabia com folga nossa imaginação e inocência..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "que".

60. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a concordância verbal está incorreta:

Ⓐ Felizmente, a supervisora colhe as informações.
Ⓑ Todas as pessoas aprovadas começam a trabalhar.
Ⓒ O grupo de recenseadores recebe instruções.
Ⓓ O candidato a recenseador faz as provas.
Ⓔ Os funcionários do grupo aprende a entrevistar.

61. CESGRANRIO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "fazer":

Ⓐ Vai fazer dez dias que não saio de casa.
Ⓑ Fazem dois meses que as notícias políticas surpreenderam o país.
Ⓒ Uma noite, fazem onze anos, eu estava passeando de carro novo.
Ⓓ Daqui a um mês, vão fazer três anos que a vida deles melhorou muito.
Ⓔ Dia 12 último, fizeram 25 anos de atividades filantrópicas.

62. FEPESE – Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal correta:

Ⓐ Pai e filhos acabou de sair.
Ⓑ Chegou os jogadores e o técnico.
Ⓒ Ainda falta cinco pessoas para o início da reunião.
Ⓓ Todos os condôminos aprovaram a eleição do novo síndico.

63. FEPESE – Marque a alternativa correta quanto à concordância verbal:

- **A** O horário, o clima, o local, nada nos favoreciam.
- **B** A mão de obra e o material subiram de preço.
- **C** Vassouras ficam no Estado do Rio.
- **D** Haverão melhores ocasiões para nos encontrarmos.
- **E** Fazem dois meses que não chove.

64. FEPESE – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à concordância nominal:

- **A** Ele pulou longos capítulos e páginas.
- **B** Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
- **C** O narrador pulou longos páginas e capítulos.
- **D** Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
- **E** Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

65. FEPESE – Observando a concordância verbal e nominal, assinale a alternativa correta:

- **A** Os agricultores estão bastante felizes com a safra deste ano.
- **B** O sr. Lobo foi quem colhemos menas maçãs neste ano.
- **C** Vossa senhoria estais meia cansada.
- **D** A água são necessário para o bom funcionamento do corpo humano.
- **E** Estados Unidos importam as verduras fresca que nós plantamos.

66. NCE-UFRJ – "Trata-se de um mal irreversível." Colocando-se essa frase no plural, sua forma correta é:

- **A** Tratam-se de uns males irreversíveis.
- **B** Tratam-se de males irreversíveis.
- **C** Tratam-se de dois males irreversíveis.
- **D** Trata-se de dois males irreversíveis.
- **E** Trata-se de males irreversíveis.

67. NCE-UFRJ – A alternativa em que o verbo deverá ficar somente no singular, diferentemente dos demais itens, nos quais poderá ir tanto para o singular quanto para o plural, é:

- **A** Ou a depressão ou a doença acabará por matá-lo.
- **B** Ou o romance ou o conto será lido nas férias.
- **C** Ou o presidente ou o diretor chegará antes.
- **D** Ou a minha ou a tua viagem entristece a todos.
- **E** Ou o queijo ou a geleia será do agrado de todos.

68. NCE-UFRJ – Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ São bastante ____ tais ideias e opiniões sobre a ecologia. (difundidas)
Ⓑ Serão ____ tanto os animais quanto os homens. (prejudicados)
Ⓒ Torna-se muito ____ a área e os meios de atuação dos fiscais. (reduzidas)
Ⓓ Podem ser neste ponto ____ a morte dos dinossauros e a atual extinção das espécies. (comparadas)
Ⓔ Ficam ____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrados)

69. NCE-UFRJ – Há erro de concordância na opção:

Ⓐ Baleias e golfinho extintas.
Ⓑ Golfinho e baleia extinta.
Ⓒ Golfinhos e baleia extintos.
Ⓓ Golfinhos e baleia extinta.
Ⓔ Golfinhos e baleias extintos.

70. NCE-UFRJ – Num trecho de Frei Betto, aparecia o seguinte segmento:

"Famílias e escolas deveriam educar os alunos para lidar com perdas."

Se colocássemos a forma verbal "deveriam educar" no início da frase, ela deveria continuar a ser usada exclusivamente no plural. A frase abaixo em que a forma verbal deveria ser usada, obrigatoriamente no singular, é:

Ⓐ Tombaram-se prédios e bibliotecas.
Ⓑ Vieram pesquisadores e curiosos.
Ⓒ Chegaram 1,2% do grupo.
Ⓓ Estiveram presentes o aluno e a aluna.
Ⓔ Analisaram-se os regimes e o sistema.

71. NCE-UFRJ – "Depressão pós-parto ou pobreza costumam ser as justificativas..." Neste caso, a concordância se faz com a forma verbal no plural (costumam) porque o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído tanto a "depressão" como a "pobreza". A frase abaixo em que a forma verbal deve vir no singular é:

Ⓐ A filha ou o filho abandonado devem ter a proteção da lei.
Ⓑ A mãe ou o pai devem ser responsabilizados pelo mal causado aos filhos.
Ⓒ Menino ou menina abandonada devem ser objeto de adoção.
Ⓓ A educação ou a lei devem fazer com que as crianças não sofram.
Ⓔ Minas ou São Paulo devem ser a sede de uma ONG de proteção à criança.

72. FUMARC – A concordância nominal está correta em:

Ⓐ Moto é muito perigosa; por isso os pais devem desestimular seus filhos a usar esse veículo.
Ⓑ Após longas discussões e reiterados pedidos à Justiça, foram quebrados os sigilos telefônico e bancário dos envolvidos.

C No relatório anual relativo a esta Diretoria, as atividades de cada um dos setores que a integram foram discriminados e quantificados.

D Recorrendo a uma técnica fotográfica que utiliza raios infravermelhos, raios ultravioletas ou luz fluorescente, foi possível recuperar a pintura.

73. FUMARC – A concordância está incorreta em:

A Os agricultores necessitam de um sistema educativo que os ajudem a resolver os seus problemas.

B Em face dessas circunstâncias, acredito que já não havia medida que as livrasse da prisão.

C Nos arquivos indicados, não foram encontrados pelo perito quaisquer provas que incriminassem o ex-servidor.

D É possível que exista documentos que comprovem a vigilância política durante a ditadura militar.

74. FUMARC – Trabalho aqui há dois anos. (fazer)

Já não há falantes dessa língua. (existir)

Tendo em vista a flexão verbal, a alternativa em que a substituição do verbo sublinhado pelo dos parênteses nas frases acima está corretamente indicada é:

A faz – existem;

B fazem – existe;

C faz – existe;

D fazem – existem.

75. NC-UFPR – Considere o seguinte conjunto de sentenças:

I. As emissoras de sinal aberto propõem gincanas atrapalhadas ao público. (A TV aberta)

II. A diferença, a julgar pela crise aguda que embrulha o mercado, já constitui um bom cartão de visita. (As diferenças)

III. Havia uma história de dívidas e cortes no orçamento assombrando as TVs abertas. (histórias)

IV. Foi preciso montar uma estrutura que já havia sido testada por profissionais experientes na área. (estruturas)

A substituição da expressão grifada pela que está entre parênteses não altera a flexão de nenhum dos verbos do período:

A em III, apenas;

B em I e III, apenas;

C em II, apenas;

D em II e IV, apenas;

E em I e IV, apenas.

76. NC-UFPR – Suponha que um contribuinte quisesse solicitar providências às autoridades, a quem se dirigiu com a forma "Vossas Excelências". Indique a alternativa em que esse pedido é feito com o uso adequado das formas pronominais:

Ⓐ Quero solicitar-vos que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de vossa responsabilidade.
Ⓑ Quero solicitar-lhes que adotem medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓒ Quero solicitar-lhe que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓓ Quero vos solicitar que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é da responsabilidade de Vossas Excelências.
Ⓔ Quero te solicitar que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de tua responsabilidade.

77. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

78. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a expressão grifada pode ser substituída pela que está entre parênteses sem necessidade de ajustes na concordância verbal e/ou nominal:

Ⓐ <u>O esforço</u> – cerca de dois milhões de mensagens – derrubou o Partido Popular do governo. (As manifestações)
Ⓑ Seriam necessárias <u>muitas gerações de usuários</u> para conseguir mudar a configuração do polegar. (séculos de uso dos celulares)
Ⓒ <u>Os jovens espanhóis e o Partido Socialista</u> mobilizaram a população por meio de mensagens em celulares. (o Partido Socialista)
Ⓓ <u>O fascínio nipônico</u> por esta forma de comunicação é tamanho que muitos jovens têm amigos que nunca viram. (O interesse dos japoneses)
Ⓔ No Japão, <u>a obsessão pelas telemensagens</u> é tamanha que os adolescentes ficaram conhecidos como "tribo do polegar". (o uso de telemensagens)

79. FUMARC – A concordância nominal está correta, exceto em:

- **A** Férias é bom quando se tem dinheiro.
- **B** Com esse calor, cerveja seria ótimo.
- **C** É necessário chuva para salvar as plantações.
- **E** É vedado a entrada de pessoas estranhas ao setor.

80. FUMARC – A concordância verbal está correta em:

- **A** As chamadas calças "cargo" são aquelas cheias de bolsos onde cabem tudo.
- **B** Chegou o resultado dos exames de sangue e também as tomografias da coluna cervical e da mandíbula.
- **C** Muitos homens não se cuidam como deveriam porque a sociedade os ensinam a ser duros e a sofrer silenciosamente.
- **D** Uma cena que se repetiu várias vezes na entrada do teatro foi a de pessoas vestidas a rigor mendigando ingressos a quem quer que lhes parecessem rico e generoso.

81. FJPF – Entre as alternativas abaixo, apresenta erro de concordância verbal:

- **A** Sempre existirão conceitos díspares sobre a tendência e sua manifestação.
- **B** Poderia haver noções acadêmicas sobre a tendência que eu desconhecesse.
- **C** Haverá de haver manifestações mais atuais sobre a tendência em nosso próximo encontro.
- **D** Considerou-se inaceitáveis as recentes propostas científicas sobre as tendências.
- **E** Mais de uma proposta sobre o conceito de tendência é aceita pelos especialistas.

82. FJPF – Complete as lacunas das frases abaixo com os termos entre parênteses, observando a concordância, de acordo com a norma culta da língua.

I. É preciso ter mais paciência e ___ acomodação. (menos)

II. Havia razões ___ para que não se separassem. (bastante)

III. Calma é ___ para um casamento feliz. (necessário)

IV. A esposa estava ___ furiosa com suas atitudes. (meio)

Observando a ordem de cima para baixo, a sequência correta será:

- **A** menos – bastante – necessário – meio;
- **B** menos – bastantes – necessário – meio;
- **C** menas – bastante – necessário – meia;
- **D** menas – bastante – necessária – meia;
- **E** menos – bastantes – necessária – meio.

83. FJPF – "Proibido cantar" A alternativa abaixo em que a concordância com a palavra "proibido" está <u>errada</u> é:

Ⓐ É proibido sair pelos fundos.
Ⓑ É proibido saída pelos fundos.
Ⓒ Está proibido sair pelos fundos.
Ⓓ É proibida a saída pelos fundos.
Ⓔ A saída pelos fundos está proibido.

84. NCE-UFRJ – Num relatório, um pesquisador escreveu o seguinte:

"Mais de um participante do Congresso admitiu que dois milhares de folhas de papel eram mais do que suficientes."

Pode-se afirmar sobre esse segmento que:

Ⓐ ele não apresenta qualquer erro gramatical;
Ⓑ a forma do verbo "admitir" teria que ser usada no plural;
Ⓒ o numeral "dois" deveria ser trocado por "duas";
Ⓓ o adjetivos "suficientes" deveria ser usado no singular;
Ⓔ o verbo "ser" deveria ser usado no singular.

85. NCE-UFRJ – Numa frase como "Cerca de 13% da população brasileira ingressa no nível superior":

Ⓐ a expressão "cerca de" apresenta uma quantidade precisamente determinada;
Ⓑ a forma verbal "ingressa" concorda com "13%";
Ⓒ haveria uma outra possibilidade de concordância verbal;
Ⓓ a ação verbal não é atribuída a nenhum sujeito;
Ⓔ a omissão da locução "cerca de" obrigaria que a forma verbal fosse para o plural.

86. NCE-UFRJ – "...especialmente nas redes federal e estadual de São Paulo." O mesmo tipo de concordância que ocorre entre "redes" e "federal e estadual" repete-se em:

Ⓐ "...primeira e segunda séries."
Ⓑ "...faculdade e escola particulares."
Ⓒ "...aluno e aluna carentes."
Ⓓ "...intenso estudo e trabalho."
Ⓔ "...mês e semana trabalhosa."

87. NCE-UFRJ – Concordância é a harmonia de flexão das palavras de uma frase.

Em relação à concordância nominal, a frase que segue as normas previstas na gramática é:

Ⓐ Muito obrigado, agradeceu ela ao motorista.
Ⓑ Finalmente estou quites com o serviço militar.

Ⓒ Meu amor, estou enviando anexo umas fotos.
Ⓓ Aqueles jovens sós desejavam companhia.
Ⓔ Hoje há menas tarefas de casa, para serem feitas.

88. FJPF – As normas de concordância nominal possibilitam ao falante, ao lado da forma usada no texto, a escolha do adjetivo na forma sugerida em:

Ⓐ "...assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários..." / secundário.
Ⓑ "...terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro." / imoral.
Ⓒ "Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros..." / enaltecidas.
Ⓓ "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos." / audaciosas.
Ⓔ "...não foi fortuita a circunstância de se terem encontrado neste continente..." / fortuito.

89. FJPF – Do ponto de vista da concordância, o verbo sublinhado no período "O universitário brasileiro em geral espera que os aspectos de qualidade dos cursos que <u>fazem</u> dependam dos seus professores" está:

Ⓐ gramaticalmente incorreto;
Ⓑ concordando gramaticalmente com o termo sujeito;
Ⓒ gramaticalmente correto, mas numa forma em desuso;
Ⓓ concordando gramaticalmente com o termo predicativo;
Ⓔ concordando ideologicamente com o termo sujeito.

90. CESGRANRIO – "Os mares parecem guardar a resposta sobre a origem da vida..."

Indique a opção que <u>não</u> reescreve adequadamente a sentença acima, de acordo com a norma culta.

Ⓐ Os mares parece que guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓑ Os mares guardam – parece – a resposta sobre a origem da vida.
Ⓒ Parecem os mares guardarem a resposta sobre a origem da vida.
Ⓓ Parece que os mares guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓔ Que os mares guardam a resposta para a origem da vida parece.

91. Há <u>erro</u> de concordância em:

Ⓐ Pensou-se que faltava algumas pessoas importantes à reunião.
Ⓑ Anexas ao relatório vão as duas vias deste documento.
Ⓒ Podia haver várias divergências no recinto.
Ⓓ Mais de um orador falou sobre desafios.
Ⓔ Faz anos que ele comparece ao debate.

92. FEPESE – Leia atentamente as proposições abaixo:

____ de fiscais eficientes.

José e eu ____ passar no concurso.

Luís saiu de manhã, _____ ainda estava muito frio.

Sabe-se que ____ muitos acidentes naquela época.

____ dez dias que meu irmão partiu para o Canadá.

Espero que Vossa Senhoria ____ a meu pedido.

Assinale a opção que preenche, de forma sequencial e correta, as lacunas.

Ⓐ Precisam-se – querem – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓑ Precisa-se – queremos – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓒ Precisa-se – queremos – onde – houveram – Faz – atenda.
Ⓓ Precisam-se – queremos – onde – houve – Fazem – atendais.
Ⓔ Precisa-se – queremos – quando – houveram – Fazem – atenda.

93. NC-UFPR – Escolha a alternativa em que a sentença foi escrita de acordo com as normas cultas de concordância:

Ⓐ Falta muitas informações para que se possa estabelecer a relação entre o carnaval e o samba.
Ⓑ Começou a surgir, a partir do século 19, ritmos que depois passaram a caracterizar o carnaval brasileiro.
Ⓒ Xingamento, correria e perseguição era as brincadeiras mais comuns dos carnavais dos primeiros tempos.
Ⓓ Quando o carnaval chegou ao Brasil, faziam séculos que ele tinha sido criado.
Ⓔ Havia brincadeiras violentas no carnaval brasileiro dos primeiros tempos.

94. FUMARC – A concordância verbal se faz, corretamente, no singular ou no plural, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Um milhão de torcedores lotou o Mineirão. / Um milhão de torcedores lotaram o Mineirão.
Ⓑ Gabriela era uma das meninas que mais estudava. / Gabriela era uma das meninas que mais estudavam.
Ⓒ Os Estados Unidos não assinou o Tratado de Kioto. / Os Estados Unidos não assinaram o Tratado de Kioto.
Ⓓ A multidão de ecologistas protestou aos quatro cantos. / A multidão de ecologistas protestaram aos quatro cantos.

95. FUMARC – A concordância nominal está <u>correta</u> em:

Ⓐ Uma vez transcorridos, sem manifestação do interessado, o prazo de dez dias que lhe fora concedido para regularizar sua situação, foram tomadas as medidas legais cabíveis.

B Ao contrário do que dizem os boatos veiculados pela imprensa, Sua Excelência anda muito preocupada com a segurança em nossa cidade.

C No último ano, o governo promoveu melhorias diversas, como o reajuste de vencimentos dos servidores, obras de infraestrutura e de saneamento, entre outros.

D Foi realmente necessário a criação de um novo mecanismo de controle de constitucionalidade, a ADC, a fim de reduzir os custos transacionais na implementação da política fiscal.

96. NCE-UFRJ – "Há tantas famílias querendo adotar bebês." A alternativa abaixo que substitui <u>incorretamente</u> a forma do verbo "haver" é:

A Pode haver.

B Deve haver.

C Podem existir.

D Há de haver.

E Deve existir.

97. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

A Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendia fazer.

B Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazer.

C Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendiam fazerem.

D Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazerem.

E Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendia fazer.

98. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal:

A Não havia razões bastantes para que se duvidasse das palavras do réu.

B Não haviam razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

C Não haviam razões bastante para que se duvidassem das palavras do réu.

D Não havia razões bastante para que se duvidasse das palavras do réu.

E Não havia razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

99. DAVES – "A continuidade do sistema de blindagem na economia, com a manutenção dos eixos da estabilização, e a importância da real política de interesses partidários, vital para sustentação da base governamental, estão colaborando para raspar da imagem de Lula a tintura carismática que, até bem pouco, envernizava totalmente seu perfil."

No texto lido, a palavra "vital"

A está empregada no singular para enfatizar a expressão "importância da real política".

B deveria ter sido empregada no plural para concordar em número com a expressão “interesses partidários”.
C está empregada no singular porque se refere à palavra “política” e com ela concorda em número.
D está empregada no singular, desobedecendo à exigência de concordância, para surtir efeito estilístico.
E está empregada no singular por exigência da preposição que a segue imediatamente.

100. NUCEP – Observe a concordância dos verbos nos enunciados seguintes e identifique aquele em que essa concordância se fez conforme as regras da norma padrão:

A No final do século XIX e início do século XX, notável presença de instituições e populações estrangeiras foram observadas na região da fronteira brasileira.
B Segundo informações recentes, a construção de mais três escolas estão nos planos da Secretaria de Educação do Estado.
C Segundo os analistas ambientais do Ibama, a ocupação urbana nas áreas limítrofes da reserva amazônica comprometeram os efeitos ecossistêmicos positivos da área.
D O conhecimento existente sobre as leis brasileiras está disperso e a discussão e a identificação dessa questão devem constituir prioridade nacional.
E A pesquisa sociológica levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese sobre o caráter excessivo da legislação brasileira.

101. COSEAC-UFF – Há exemplo de concordância verbal que, destoando das normas gerais de concordância descritas pela gramática, se realiza com o mesmo propósito expressivo que em: “E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal” na seguinte passagem:

A “Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se.”
B “Podemos modelar nosso corpo e nossa vida, mais que no passado.”
C “Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras.”
D “Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil.”
E “Esse desejo baixo, mínimo (‘só quero parar de sentir dor’) admite que, moralmente, todos paguemos por ele.”

102. COSEAC-UFF – Na oração "Existem soluções e diagnósticos para todos os gostos", a concordância verbal foi feita de acordo com as normas da língua padrão. Dos itens abaixo, aquele em que está incorreto, porque deixou de ser observada norma de concordância, é:

Ⓐ Hão de existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓑ Pode haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓒ Hão de haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓓ Devem existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓔ É provável que haja soluções e diagnósticos para todos os gostos.

103. COSEAC-UFF – Determinado falante, tentando reescrever no plural a frase "Não se trata, ao que parece, de um caso isolado", fica indeciso entre dar-lhe uma das seguintes formas:

I. Não se tratam, ao que parece, de casos isolados.

II. Não se trata, ao que parecem, de casos isolados.

III. Não se tratam, ao que parecem, de casos isolados.

IV. Não se trata, ao que parece, de casos isolados.

De acordo com as normas de concordância da língua, ele deveria escrever:

Ⓐ na forma I;
Ⓑ facultativamente, nas formas I e II;
Ⓒ facultativamente, nas formas II e III;
Ⓓ facultativamente, nas formas III e IV;
Ⓔ na forma IV.

104. COSEAC-UFF – Em muitos contextos, a concordância do verbo com o sujeito da oração pode ser feita de maneira facultativa, observando-se os aspectos gramaticais e estilísticos, como na frase "A maioria dos escritores já aderiu (ou aderiram) à novidade que consiste na publicação de livros eletrônicos".

Entre as frases abaixo, todas com concordância verbal facultativa, a que só admite uma única forma de concordância, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ João Ubaldo foi um dos autores que aceitou sem reservas o livro eletrônico.
Ⓑ Em muitas locadoras da cidade, alugam-se *e-books* dos mais variados autores.
Ⓒ Surgiu, no mercado editorial, mais uma editora e mais dois autores comprometidos com a tecnologia do *e-book* .
Ⓓ Não só o escritor João Ubaldo como também o livreiro Carlos Augusto Lacerda acreditam no sucesso do livro eletrônico.
Ⓔ Grande parte dos autores teve a atitude inovadora de Ubaldo Ribeiro.

105. COSEAC-UFF – A concordância nominal que contraria a norma preconizada por nossas gramáticas encontra-se em:

- **A** ...modelos e comportamento ainda embrionário...
- **B** ...qualidade e poder divino...
- **C** ...elos e redes interativas...
- **D** ...ideais e concepção mais antropocêntricas...
- **E** ...cultura e desenvolvimento ecológicos...

106. COSEAC-UFF – Considerando-se as normas da língua culta, pode-se afirmar que, das frases abaixo, aquela que está correta do ponto de vista da concordância verbal é:

- **A** Os casos de dependência de internet aumenta a cada ano em todo o mundo.
- **B** Os pais, além do jovem, precisa se preocupar com o uso prolongado do computador.
- **C** Nenhum dos adolescentes atendidos tiveram alta ainda.
- **D** Novos grupos de acompanhamento psicoterápico começarão amanhã.
- **E** Cada um dos pacientes apresentaram um perfil de dependência bem distinto.

107. FUNRIO – As frases abaixo reúnem algumas das considerações que o texto apresenta sobre o papel da imprensa na sociedade de hoje, mas, em uma delas, a construção sintática está em desacordo com os padrões formais da língua. Assinale-a:

- **A** Não deveria haver tantas mentiras e manipulações em nome da grande pátria.
- **B** Há corporações cujas pressões econômicas levam muitos veículos a omitir informações.
- **C** Fazem séculos que a liberdade de expressão busca compensar as pressões do Estado.
- **D** A maioria dos jornalistas pode ser acusada de não contar a verdade para seus leitores.
- **E** Os Estados Unidos votaram contra a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas.

108. FUNRIO – Segundo o padrão formal da língua, há desvio de concordância na opção:

- **A** 17,2% dos jovens brasileiro continuam fumando;
- **B** 18,2% deixaram de fumar;
- **C** 18,2% da população brasileira com mais de 15 anos deixaram o cigarro;
- **D** 17,2% continuam fumando;
- **E** 65% de fumantes pensam em parar de fumar.

109. FEC – Na frase "À noite, o mundo é bonito, como se não houvesse desacordos, aflições, ameaças", respeitou-se a sintaxe de concordância do verbo <u>haver</u>. O mesmo verbo, entretanto, está empregado <u>incorretamente</u> na frase:

Ⓐ Tinha confiança no futuro, pois haveria de haver dias melhores.
Ⓑ Muitos erraram; entretanto poucos o hão reconhecido.
Ⓒ Advertiria não só o aluno, como a todos que houvessem de advertir-se.
Ⓓ Os jovens foram condenados sem que houvesse provas convincentes.
Ⓔ Atendemos muitos pedidos, mas inúmeros outros haviam para atender.

110. FEC – Entre as modificações feitas abaixo na frase:

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes", a única gramaticalmente <u>inadmissível</u> é:

Ⓐ Até os doentes parece que estão mais felizes.
Ⓑ Mesmo os doentes parecem serem mais felizes.
Ⓒ Mesmo os doentes parecem que são mais felizes.
Ⓓ Até os doentes parece serem mais felizes.
Ⓔ Mesmo os doentes parecem estar mais felizes.

111. VUNESP – Na frase "Então apareceram os bichos", a concordância verbal está correta. Assinale a alternativa em que há erro de concordância verbal:

Ⓐ Feito o exame da obra, é pedido os documentos.
Ⓑ Já chegaram o presidente e sua comitiva.
Ⓒ Nem eu nem ele o conhecemos.
Ⓓ Poucos de nós conhecemos nossos direitos.
Ⓔ Espero que Vossa Senhoria faça boa viagem.

112. CCV-UFC – Assinale a alternativa cujo verbo grifado admite outra concordância, conforme a norma gramatical:

Ⓐ "...a maioria das pessoas 'tomasse' a ciência como um 'deus.'"
Ⓑ "...muitas ainda acreditam que a Ciência e a Tecnologia provocam..."
Ⓒ "O conhecimento científico e tecnológico, (...), é uma forma que..."
Ⓓ "Ao mesmo tempo em que ultrapassou os seus limites de bondade."
Ⓔ "...a escassa reflexão sobre a forma e o modelo do conhecimento produzido traz algumas consequências negativas..."

113. VUNESP – Leia as frases.

I. Devem fazer muitos anos que os chineses usam pauzinhos para comer.

II. Comer com palitos orientais pode causar artrose, haja visto o número de pessoas com essa doença.

III. A população chinesa está meio preocupada com a artrose causada pelo uso dos pauzinhos.

Quanto à concordância verbal e nominal, apenas:

- **A** I está correta;
- **B** II está correta;
- **C** III está correta;
- **D** I e II estão corretas;
- **E** II e III estão corretas.

114. FEC – A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

- **A** O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
- **B** Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
- **C** Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
- **D** Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
- **E** As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

115. UPENET – Leia os versos abaixo e responda.

"Em Pasárgada tem tudo

[...]

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas" (Manuel Bandeira)

O emprego do verbo ter nos contextos acima é característico da língua popular. Assinale a alternativa em que a substituição desse verbo se faz de acordo com a língua culta:

- **A** Deve haver telefone automático. / Existe prostitutas bonitas.
- **B** Existe telefone automático. / Deve existir prostitutas bonitas.
- **C** Há alcalóide à vontade. / Há prostitutas bonitas.
- **D** Deve haver tudo. / Devem haver prostitutas.
- **E** Existe alcalóide à vontade. / Existe prostitutas bonitas.

116. FEC – A alternativa em que, sem prejuízo das normas de concordância, a forma verbal sugerida pode substituir a forma empregada no texto é:

- **A** "A tripulação se ressente da falta de alimentos frescos." / ressentem.
- **B** "A má conservação dos alimentos é um problema grave." / são.
- **C** "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / disfarçarem.
- **D** "Talvez venham daí as febres e diarreias que atormentam a todos." / atormenta.
- **E** "Essas doenças não só minam o corpo como entorpecem a mente." / entorpece.

117. FEC – De acordo com as regras de concordância, está incorreta a frase:

- **A** Entre os atos praticados, este era um dos que tinham natureza formal.
- **B** Nenhum dos atos praticados eram de cunho formal.
- **C** Os atos formas e materiais, um e outro são fruto da vontade.
- **D** Quanto aos atos formal e material, ambos são fruto da vontade.
- **E** Mais de um ato praticado era de natureza formal.

118. FEC – Quanto à concordância, a frase mal construída é:

- **A** Não foi eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **B** Não fui eu quem me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **C** Não fui eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **D** Não fui eu quem se referiu a esse ato na conferência da semana passada.
- **E** Não foi ele que se referiu a esse ato na conferência da semana passada.

119. FEC – Em: "O relógio da varanda bate dez horas.", encontra-se correta a concordância verbal, o mesmo, porém, não se podendo afirmar de uma das opções a seguir; indique-a:

- **A** Nem um nem outro acatou a decisão.
- **B** Os brasileiros somos esperançosos.
- **C** Mais de um aluno faltou à aula.
- **D** Ele foi um dos que mais trabalhou em prol dos necessitados.
- **E** Vinte por cento dos inscritos confirmou a matrícula.

120. FEC – No trecho: "A noite vai ficando velha...", observa-se a concordância nominal, de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não acontece, entretanto, em um dos itens abaixo. Marque-o:

- **A** Estavam abandonados a empresa, a indústria e o casarão.
- **B** Referia-se à vaidade e orgulho excessivo.
- **C** É necessário a ajuda de todos.
- **D** Havia bastantes motivos para tal desfecho.
- **E** Deveremos todos permanecer alerta e conscientes.

121. FEC – As frases a seguir contêm lacunas no lugar dos verbos.

I. Cada um dos animais ____ receber tratamento adequado às suas necessidades.

II. Não só os ursos, mas também os elefantes daquele zoológico ____ falta de espaço.

III. Todo mês, ____ para o zoológico municipal as aves apreendidas pelo Ibama.

Os verbos que, respectivamente, completam corretamente as lacunas estão em:

- **A** deve – sente – encaminham-se;
- **B** devem – sente – encaminham-se;

Ⓒ deve – sente – encaminham-se;
Ⓓ devem – sentem – encaminha-se;
Ⓔ deve – sentem – encaminham-se.

122. FEC – A alternativa em que a concordância é facultativa, podendo o verbo, conforme indicado, empregar-se na terceira pessoa do singular ou do plural, é a seguinte:

Ⓐ "Há cerca de 50 anos não havia televisores em nossas casas." (haviam).
Ⓑ "...e ninguém tinha ideia sobre o que fazia as estrelas brilharem..." (faziam).
Ⓒ "...os conhecimentos científicos certamente o ajudarão a tomar decisões mais equilibradas." (ajudará).
Ⓓ "...de difundir democraticamente estes conhecimentos e aplicações, fazendo-os chegar a todas as nações e todos os membros de suas comunidades..." (chegarem).
Ⓔ "O grande vulto das descobertas da ciência e das criações de tecnologia e o imenso poder que propiciam às nações..." (propicia).

123. FEC – Ao reescrever-se a voz passiva analítica em passiva pronominal, cometeu-se um <u>erro</u> de concordância verbal na seguinte alternativa:

Ⓐ "...mas essa carga geralmente é consumida nos primeiros dias de viagem..." / ...mas consome-se geralmente essa carga nos primeiros dias de viagem.
Ⓑ "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / Usa-se os temperos fortes para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados.
Ⓒ "As refeições são preparadas num fogão a lenha existente no convés." / Preparam-se as refeições num fogão a linha existente no convés.
Ⓓ "As necessidades são feitas diretamente no mar." / Fazem-se as necessidades diretamente no mar.
Ⓔ "Seu estojo é composto de seis navalhas..." / Compõe-se seu estojo de seis navalhas...

124. FCC – Quanto à concordância verbal, está inteiramente correta a frase:

Ⓐ Devem-se ressaltar, nos meios de comunicação, a constância com que promovem abusos, na exploração da cultura popular.
Ⓑ Nem mesmo um pequeno espaço próprio querem conceder à cultura popular os que a exploram por interesses estritamente econômicos.
Ⓒ Restam das festas, dos ritos e dos artesanatos da cultura popular pouco mais que um resistente núcleo de práticas comunitárias.
Ⓓ Muita gente acredita que se devem imputar aos turistas a responsabilidade por boa parte desses processos de falseamento da cultura popular.
Ⓔ Produzem-se nas pequenas células comunitárias, a despeito das pressões da cultura de massa, lento e seguro dinamismo de cultura popular.

125. FCC – Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

- **A** Sobrevieram à tragédia de 11/9 consequências profundas, como a psicose coletiva a que se renderam muitos cidadãos nova-iorquinos.
- **B** Agregou-se ao cotidiano de Nova York, a despeito das medidas de segurança, sentimentos de medo e desconfiança generalizados.
- **C** Uma certa soberba, característica dos americanos, mesmo depois do atentado de 11/9 não se aplacaram.
- **D** Muitas vezes decorre de uma grande tragédia coletiva, como a de 11/9, sentimentos confusos, como os da humilhação, da revolta e da impotência.
- **E** Sobrevivem até mesmo depois de grandes tragédias a tendência dos homens ao prosaísmo e ao mau gosto, como no uso da expressão *dez de setembro.*

126. CESGRANRIO – Observe o período abaixo:

"<u>Você</u> tem sido um vizinho muito compreensivo, e <u>eu</u> ando meio relapso na criação de meu bicho de estimação."

Substituindo-se as palavras em destaque por seus correspondentes plurais, mantendo-se a norma padrão de concordância, chega-se ao seguinte período:

- **A** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos nas criações de nossos bichos de estimações.
- **B** Vocês têm sido um vizinho muito compreensivo, e nós andamos meio relapso na criação de meus bichos de estimação.
- **C** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **D** Vocês tem sido um vizinho muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **E** Vocês tem sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapso nas criações de meus bichos de estimação.

127. CESGRANRIO – A sentença em que o verbo está corretamente flexionado de acordo com a norma padrão, sem provocar contradição de significado, é:

- **A** O acaso ou a intencionalidade foi a causa da descoberta do Brasil.
- **B** Haviam 60% de possibilidades de o Brasil ter sido descoberto por acaso.
- **C** Eu e vocês acreditam na descoberta casual do nosso país.
- **D** Não gastava a corte tempo com as preocupações que ocupava os historiadores.
- **E** Devem haver mais evidências para a tese de descoberta casual do Brasil.

128. FUNCAP – A concordância está de acordo com a norma padrão, na frase:

- **A** Tratam-se de opiniões diferentes sobre a identidade do pé de milho.
- **B** São opiniões – seja do primeiro amigo ou do segundo – que mantém a dúvida do leitor sobre a identidade do vegetal.

C Há conceitos, no interior do texto, que podem ser interpretados de diferentes formas pelo leitor.
D Detesta-se comparações surrealistas, mas o vegetal parecia um cavalo.
E Secou as pequenas folhas, pareciam que iam morrer.

129. MOURA MELO – Indique a alternativa incorreta acerca da concordância nominal:

A Depois de te esperar por duas horas no restaurante, estamos quites.
B Na confraternização de final de ano, a oitava e a nona série foram muito indisciplinadas.
C Eu já lhe expliquei mais de mil vezes que nem um nem outro alimento é saudável.
D A encomenda dos soldados vão anexas aos uniformes.

130. MOURA MELO – Analise as assertivas abaixo acerca da concordância dos termos:

I. Com o dinheiro da herança, comprou-se dois terrenos.

II. Hoje faz exatamente três semanas que estou grávida.

III. O calote será enorme, haja visto seu saldo bancário.

A I e III estão corretas.
B Apenas II está correta.
C II e III estão corretas.
E Apenas I está correta.

131. FAPIPA – Assinale a alternativa que apresenta erro de concordância.

A "Nove parentes da moça também não apresentavam impressões digitais."
B "Sprecher explica que não só as pontas dos dedos detêm padrões exclusivos para cada humano."
C "A análise dessas marcas permitem conhecer mais sobre a característica das pessoas..."
D "Apenas 4 famílias no mundo foram diagnosticadas com a doença."
E "...a ausência total das marcas na ponta dos dedos não traz maiores problemas..."

132. CESGRANRIO – De acordo com as regras de concordância nominal do uso padrão da Língua Portuguesa, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere.

No trecho a seguir, a flexão dos adjetivos expressos e geradas segue esse uso padrão.

"Nesse novo modelo, os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de contribuições pelos estudantes, geradas por meio de buscas ou de interações com

qualquer parte do mundo ou da História, e expressos nas mais diversas formas midiáticas que fomos, até ontem, capazes de conhecer."

A flexão desses adjetivos pode ser justificada porque eles se referem, respectivamente, a:

Ⓐ conteúdos e contribuições;
Ⓑ conhecimentos e interações;
Ⓒ alunos e contribuições;
Ⓓ conteúdos e interações;
Ⓔ estudantes e contribuições.

133. UPENET – Observe as afirmativas abaixo sobre concordância nominal:

I. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo! Viajou no tempo qual falcão alado. Tornou-se próspero, tão forte e valoroso." – os adjetivos sublinhados neste trecho concordam com o termo "tempo".

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível" – se o termo sublinhado estivesse no plural, estaria correto o trecho: Dentro do bonde, uns anúncios bem visíveis.

III. "Pro passageiro ficar bem informado" – substituindo-se o termo sublinhado por passageiras, estaria correto o trecho: Pras passageiras ficarem bem informadas.

IV. "- Mas que apito tão lindo e demorado!" – se se acrescentasse o termo sineta após apito, estaria correto o trecho: Mas que apito e sineta tão lindas e demoradas.

Somente está correto o que se afirma em:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ II, III e IV;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ II e III.

134. UPENET – "Sei que ainda há muitos descontentes."

A seguir, apresentam-se várias reconstruções da frase, ora com o verbo haver, ora com o existir. Uma construção, entretanto, é inadmissível quanto à concordância. Assinale-a.

Ⓐ Sei que ainda existirão muitos descontentes.
Ⓑ Sei que ainda deverão haver muitos descontentes.
Ⓒ Sei que ainda podem existir muitos descontentes.
Ⓓ Sei que ainda existem muitos descontentes.
Ⓔ Sei que ainda vai haver muitos descontentes.

135. UPENET – Leia o anúncio abaixo:

GERENTES DE LOJA

Requisitos:

***Experiência mínima de 3 anos de gerência.**

***Sexo feminino.**

***Idade entre 30 e 40 anos.**

***Nível superior.**

***Usuária de computador.**

***Salário Excepcional**

Os interessados deverão enviar currículos com foto para rua das Belezas, n. 10, Recife – PE, CEP 51031-420. Recursos Humanos.

Este anúncio apresenta uma inadequação de concordância nominal em:

Ⓐ Os interessados deverão enviar.
Ⓑ Idade entre 30 e 40 anos.
Ⓒ Gerentes de loja.
Ⓓ Nível superior
Ⓔ Experiência mínima de 3 anos em gerência.

136 – ACAFE – Quanto à concordância verbal e nominal, todas as frases estão corretas, <u>exceto</u> a:

Ⓐ Na seleção dos informantes, serão selecionados aqueles que apresentarem um leque maior de conhecimentos sobre o tema.
Ⓑ Finalmente, está sendo discutido os termos da proposta de uso de nossas instalações por pessoas estranhas à repartição.
Ⓒ Para que a ação seja ajuizada, deve haver provas materiais e testemunhais, além de argumentos consistentes.
Ⓓ Há mais ou menos trinta dias, houve aqui duas festas sobre as quais muito ainda vai se falar.
Ⓔ Assim, explicamos que nossa relação com as entidades sindicais impõe certas condições e demandas que dificultam a correta interpretação dos fatos.

137. COPEVE-UFT – Analise os enunciados abaixo quanto ao uso do advérbio:

I. Elas estão meio cansadas.

II. Parece que há menas gente hoje.

III. As crianças parecem meio inquietas.

IV. A menina estava meia triste.

V. Hoje há muito menos gente do que ontem.

De acordo com a linguagem culta, podemos dizer que:

Ⓐ I, III e V estão corretas;
Ⓑ II, IV e V estão erradas;
Ⓒ III, IV e V estão corretas;
Ⓓ todas estão corretas.

138. FEC – Em: "Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação...", observa-se:

Ⓐ erro quanto à norma culta de concordância do português contemporâneo;
Ⓑ concordância exclusiva da norma corrente em Portugal;
Ⓒ concordância ideológica, não concordância com a morfologia do sujeito;
Ⓓ concordância característica do estilo afetado de certos falantes da língua;
Ⓔ uma gralha, ou cochilo de impressão.

139. FEC – Na oração "China, Austrália e partes dos Estados Unidos estão na mira da catástrofe", o sujeito composto leva o verbo para o plural. Das alterações feitas a seguir na redação da oração, apresenta erro de concordância a seguinte:

Ⓐ Os Estados Unidos está na mira da catástrofe.
Ⓑ China e Austrália estão na mira da catástrofe.
Ⓒ Parte da Europa está na mira da catástrofe.
Ⓓ Partes da Europa e Estados Unidos estão na mira da catástrofe.
Ⓔ Não só a China e a Austrália, mas também a Europa e os Estados Unidos estão na mira da catástrofe.

140. FEC – Na passagem "...valores já quase desaparecidos...", destaca-se a concordância nominal, segundo as regras gramaticais vigentes, o que não podemos afirmar de uma das afirmativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Continuavam inabitados a palhoça, a casa e o chalé.
Ⓑ Pareceu-me orgulho e vaidade excessivas.
Ⓒ Buscava fatos o mais elucidativos possível.
Ⓓ Na Suíça, falam-se as línguas francesa, italiana e alemã.
Ⓔ Havia bastantes razões para negarmos o pedido.

141. UPENET – Uma das dificuldades da língua escrita formal é operar a concordância em certos contextos. Considerando a norma culta, assinale a única construção correta em relação à concordância verbal e nominal.

Ⓐ Não cabia mais, na estante, nenhuma das gramáticas que havia comprado.
Ⓑ Sempre lhe tinha causado interesse indagações acerca de construções da linguagem coloquial.
Ⓒ Ficou comprovado, mediante realização de pesquisa, todas as dificuldades dos jovens em relação à língua culta formal.

Ⓓ É da leitura que depende nossos resultados em termos de desempenho na língua escrita.
Ⓔ Vai faltar muitos alunos nas próximas aulas de gramática.

142. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

143. FJP – No tocante à concordância, há má construção gramatical na seguinte alternativa:

Ⓐ As internações por si sós já causam certos distúrbios psicológicos aos pacientes.
Ⓑ Distúrbios e alterações psicológicos são normais em pacientes hospitalares.
Ⓒ Mais de um paciente sofria de ilusões em face de distúrbios mentais
Ⓓ Os médicos consideravam inevitável nos pacientes pequenas alterações psicológicas.
Ⓔ Uma e outra alteração psicológica podem afetar os pacientes hospitalizados.

144. FJPF – Por vezes, é possível utilizar o verbo facultativamente no singular ou no plural, sem ferir o prescrito pela norma culta da língua, como ocorre na frase:

Ⓐ Avisa/Avisam seus netos dos perigos da friagem apenas as avós dedicadas.
Ⓑ Algum de nós já leu/ eram este artigo?
Ⓒ Ventos, sereno, noites frias, nada acarreta/acarretam doenças respiratórias.
Ⓓ A maior parte das pessoas contrai/contraem resfriados nesta época do ano.
Ⓔ Naquela loja, vende-se/vendem-se microscópios de qualidade.

145. CESGRANRIO – Assinale a opção em que há <u>erro</u> de concordância:

Ⓐ Havia muitas informações no mundo que não mereciam a digitalização.
Ⓑ Os Estados Unidos prometem lutar a favor da paz.
Ⓒ Cinquenta *petabytes* contém incrível quantidade de informação.
Ⓓ Seguem anexas as informações sobre o processo da biblioteca.
Ⓔ O projeto está com problemas, haja vista os erros do relatório.

146. FURB – Complete as lacunas do seguinte texto, obedecendo às regras de concordância verbal:

"Que profusão de mosquitos! Mosquitos nas pontas dos dedos, nas solas dos pés, na raiz dos cabelos, – uns espantosos mosquitos que nos ____ a viver debaixo de cortinados, e mesmo assim com pouca segurança, porque as camas de Orissa não ____ colchões, mas apenas cadarços cruzados. (Camas de clima quente, admirável solução para as noites de canícula, mas que ____ todo o serviço dos mosquiteiros, pois desgraçadamente, por onde ____ as brisas, ____ os mosquitos, também)." (Cecília Meireles)

Assinale a alternativa cujos verbos completam corretamente as lacunas:

Ⓐ obriga – tem – prejudicam – entra – entram;
Ⓑ obrigam – têm – prejudicam – entram – entram;
Ⓒ obrigam – tem – prejudica – entra – entra;
Ⓓ obrigam – têm – prejudicam – entram – entra;
Ⓔ obriga – têm – prejudica – entra – entram.

147. CESGRANRIO –Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ Nem sempre são ____ ao conhecimento do público as causas e consequências dos acidentes nucleares. (levadas)
Ⓑ Animais e plantas de determinada região podem ser acidentalmente ____ pela radiação atômica. (contaminados)
Ⓒ Devem ser melhor ____ em nossa terra os recursos hídricos e outras fontes não poluentes de energia. (exploradas)
Ⓓ É preciso que a construção e o funcionamento de usinas nucleares sejam ____ por rigorosas normas de segurança. (controlados)
Ⓔ Ainda não foram precisamente ____ as vantagens e desvantagens da utilização do átomo como fonte de energia. (avaliadas)

148. FESP-RJ – Das sentenças abaixo, aquela em que há <u>erro</u> de concordância nominal é:

Ⓐ Tem sido reconhecida a dedicação valorosa dos índios.
Ⓑ Os índios tiveram reconhecidos o valor de seus esforços.
Ⓒ A dedicação e o esforço dos índios são reconhecidos por todos.
Ⓓ Reconhecida é hoje por todos a dedicação e o esforço dos índios.
Ⓔ São hoje por todos reconhecidos o esforço e a dedicação dos índios.

149. ESAF – A concordância nominal está <u>incorreta</u> no item:

Ⓐ É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas.
Ⓑ Salvo alguns desastres, obtém-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa.

C Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante os treinamentos.
D A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante do pagamento.
E Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

150. FJG – Assinale a alternativa cuja concordância está formulada corretamente.

A Compramos, na feira, biscoitos e abacate maduro.
B Em anexo, segue as provas do aluno.
C No fechamento está incluso os relatórios da presidência.
D No final da festa, o aluno deficiente disse obrigada à professora.
E Quando eu estava namorando, as horas parecia que voava.

GABARITO

1. A	20. D	39. A	58. A	77. A	96. B	115. C	134. B
2. A	21. E	40. C	59. C	78. D	97. E	116. C	135. A
3. C	22. C	41. C	60. E	79. E	98. A	117. B	136. B
4. E	23. C	42. B	61. A	80. B	99. C	118. A	137. A
5. B	24. B	43. E	62. D	81. D	100. D	119. E	138. C
6. A	25. A	44. C	63. B	82. B	101. D	120. C	139. A
7. A	26. E	45. D	64. C	83. E	102. C	121. E	140. B
8. C	27. E	46. E	65. A	84. A	103. E	122. D	141. D
9. E	28. C	47. B	66. B	85. C	104. A	123. B	142. B
10. B	29. C	48. A	67. C	86. A	105. C	124. B	143. D
11. D	30. D	49. D	68. C	87. E	106. D	125. A	144. D
12. C	31. B	50. B	69. A	88. D	107. C	126. A	145. C
13. B	32. B	51. E	70. C	89. B	108. A	127. A	146. B
14. A	33. B	52. D	71. E	90. C	109. E	128. C	147. C
15. C	34. E	53. E	72. B	91. A	110. B	129. D	148. B
16. E	35. A	54. E	73. D	92. B	111. A	130. B	149. C
17. B	36. C	55. C	74. A	93. E	112. A	131. C	150. A
18. B	37. C	56. E	75. A	94. C	113. C	132. A	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. B	114. A	133. E	

Emprego de Pronomes e Sintaxe de Colocação

1. NCE-UFRJ – "Logo que ____, ____ ver que não ____."

As formas abaixo que completam adequadamente as lacunas são:

A os vir – os farei – os queremos seguir;
B os ver – fá-los-ei – queremo-los seguir;
C vê-los – fá-los-ei – queremos segui-los;
D os vir – fá-los-ei – queremos segui-los;
E os ver – far-lhes-ei – quereremos segui-los.

2. NCE-UFRJ – "Não perderei tempo." Nesta frase, se substituirmos "tempo" pelo pronome complemento adequado, teremos a forma correta:

A Não o perderei;
B Não perdê-lo-ei;
C Não perderei-o;
D Não perder-lo-ei;
E Não perdê-lo-ei.

3. FJPF – Reescreveram-se os trechos abaixo, alterando-se apenas a colocação do pronome átono:

I. "Pode-se alegar que se trata propriamente de um direito clássico." / Pode alegar-se que se trata propriamente de um direito clássico.

II. "...o governo não consegue defendê-lo." / ...o governo não o consegue defender.

III. "...ao mesmo tempo que não se cumpre um dever." / ...ao mesmo tempo que não cumpre-se um dever.

IV. "...eis a combinação explosiva que me parece ter levado 60 milhões a votar pelo 'não'." / ...eis a combinação explosiva que parece ter levado-me 60 milhões a votar pelo "não".

Estão de acordo com as normas descritas nas gramáticas as alterações realizadas em:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ II, III e IV;
Ⓔ III e IV.

4. FJPF – Na hipótese de substituição do complemento em destaque pelo pronome átono nas opções abaixo, aquela em que a língua culta rejeita tradicionalmente uma das duas colocações sugeridas para o pronome é:

Ⓐ "Dava as doses para todos os males." // As dava. / Dava-as para todos os males.
Ⓑ "Alguns mandavam de manhã os filhos com garrafas." // Alguns os mandavam. / Alguns mandavam-nos de manhã com garrafas.
Ⓒ "Poderiam vir buscar o leite de manhãzinha." // Poderiam vir buscá-lo. / Podê-lo-iam vir buscar de manhãzinha.
Ⓓ "Um dia falou a Juca para botar um hospital na Bom Jesus." // Um dia lhe falou. / Um dia falou-lhe para botar um hospital na Bom Jesus.
Ⓔ "Deus podia abandonar a proteção que vinha dando a todos os seus. // Deus a podia abandonar / Deus podia abandoná-la.

5. CESGRANRIO – Marque a opção em que a forma pronominal utilizada está incorreta:

Ⓐ É difícil, para mim, praticar certos exercícios físicos.
Ⓑ Ainda existem muitas coisas importantes para eu fazer.
Ⓒ Os chinelos da aposentadoria não são para ti.
Ⓓ Quando a aposentadoria chegou, eu caí em si.
Ⓔ Para tu não teres aborrecimentos, evita o excesso de velocidade.

6. FEPESE – Marque a opção em que a colocação pronominal está correta:

Ⓐ Me conta tudo.
Ⓑ Não disse-lhe nada.
Ⓒ Diga-me toda a verdade.
Ⓓ Contarei-lhe a notícia agora.

7. FUMARC – A colocação pronominal está correta apenas em:

Ⓐ O instrutor havia preparado-os para o exame de direção.
Ⓑ Quem estragou a câmera que encarregue-se de enviá-la para o conserto.
Ⓒ Quando comunicaram-na de que havia vencido, não acreditou.
Ⓓ As inscrições para o concurso se realizarão até a próxima sexta-feira.

8. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o pronome pessoal não está usado de acordo com a norma culta:

Ⓐ Ele trouxe esse presente para mim.
Ⓑ A salada de tomate é para eu comer.
Ⓒ Pedi-lhe licença para sair da sala.
Ⓓ Ele precisava da ajuda dos pais.
Ⓔ Este programa é para mim fazer.

9. FJG – "[...] a mãe iria acompanhá-la para ajudar na mudança..."

Esse trecho de texto é reescrito em cada alternativa abaixo. A nova redação não é bem-sucedida, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ [...] a mãe acompanhá-la-ia para a ajudar na mudança..."
Ⓑ [...] A mãe acompanharia-a para ajudá-la na mudança..."
Ⓒ [...] A mãe a acompanharia para a ajudar na mudança..."
Ⓓ [...] A mãe a acompanharia para ajudá-la na mudança..."

10. FESP-RJ – "Já o mesmo não se pode dizer de um serviço de bondes."

Das alterações feitas na frase acima, aquela em que a colocação do pronome átono sublinhado contraria a norma culta do português contemporâneo do Brasil é:

Ⓐ Já o mesmo não se haveria de dizer de um serviço de bonde.
Ⓑ Já o mesmo não estaria se dizendo de um serviço de bonde.
Ⓒ Já o mesmo não deveria-se dizer de um serviço de bonde.
Ⓓ Já o mesmo não poderia dizer-se de um serviço de bonde.
Ⓔ Já o mesmo não teria se dito de um serviço de bonde.

11. ESAF – Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes:

Ⓐ José, espere-me um pouco; eu quero ir consigo à audiência.
Ⓑ Ele não mim informou da presença do juiz eleitoral na cerimônia.
Ⓒ A mim me parece que a constituição deve ser referendada por um plebiscito.
Ⓓ Lembro-me de ti a todo momento; sinto uma profunda saudade de você.
Ⓔ Já recebi o recado de que aqueles processos são para mim despachar.

12. VUNESP – Indique a única frase correta quanto ao uso e à colocação do pronome:

Ⓐ Sempre quis-lhe como namorada.
Ⓑ Não vá embora sem mim.
Ⓒ Os soldados não obedeceram-lhe às ordens.
Ⓓ Nunca houve desentendimentos entre tu e eu.
Ⓔ Segure a régua para eu.

13. COVEPE – Coloque o pronome no espaço correto.

1. Jamais _____ esqueço _____ de você. (me)

2. O rapaz, _____ levantando _____ fez uma pergunta. (se)

3. _____ devolve _____ o livro que te emprestei. (me)

4. Estou a _____ contar _____ uma coisa importante. (lhe)

5. Gostaria de saber quem _____ contou _____ tal fato. (te)

A colocação adequada, de cima para baixo, é a seguinte:

Ⓐ me esqueço, se levantando, me devolve, contar-lhe, te contou;
Ⓑ esqueço-me, levantando-me, devolve-me, lhe contar, te contou;
Ⓒ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, te contou;
Ⓓ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, contou-te;
Ⓔ esqueço-me, se levantando, me devolve, contar-lhe, contou-te.

14. FUMARC – Observe atentamente a colocação dos pronomes oblíquos átonos nas frases a seguir.

I. Vinham-me acompanhando vários amigos.

II. Devo incomodar-te muito com essas idéias.

III. Deus te ajude nessa nova missão!

A colocação está adequada em:

Ⓐ I e II apenas;
Ⓑ I e III apenas;
Ⓒ II e III apenas;
Ⓓ I, II e II.

15. VUNESP – Considere as informações abaixo para responder à questão:

I. que pedir a eles	→	**que lhes pedir**
II. defender o contribuinte	→	**defendê-lo**
III. o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos	→	**o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir**
IV. "seria obrigado a liquidar a fatura"	→	**seria obrigado a liquidar ela**

Entre as informações acima, aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I e III.

16. FESP-RJ – Marque a opção cuja colocação do pronome sublinhado obedece à norma culta:

- **A** As universidades já têm cursos especiais para alunos da terceira idade que se querem reciclar.
- **B** A diferença para as turmas convencionais é uma só: ninguém submete-se a provas e exames.
- **C** Os meninos nunca deram-se a oportunidade de cantar coisa mais elaborada.
- **D** Se pode correr 100 metros em cinco segundos quando se é um atleta.
- **E** Farão-se as garantias da pesquisa para que os resultados sejam bons.

17. Assinale a alternativa onde o pronome pessoal está empregado corretamente:

- **A** Para mim, viajar de avião é um suplício.
- **B** Este é um problema para mim resolver.
- **C** Entre eu e tu não há mais nada.
- **D** A questão deve ser resolvida por eu e você.

18. O pronome oblíquo destacado pode trocar de posição em relação ao verbo da frase em:

- **A** "Ele choraminga, olha a mãe que o excita, rindo, batendo palmas."
- **B** "Vou seguir caminho, mas me detenho a olhá-la: carregou a criança para junto da espuma."
- **C** "Fala com ele, ergue-o no ar."
- **D** "Assim, com a silhueta cortada junto à luz que se reflete no chão molhado, ..."
- **E** "É apenas uma jovem fêmea que ensina o mar e o mundo à sua cria; transmite-lhe a experiência da espécie ..."

19. FUMARC – Há erro quanto à colocação do pronome oblíquo átono em:

- **A** Em se tratando de medidas dessa natureza, resolvemos renunciar.
- **B** Embora me dissessem o perigo, não acreditei neles.
- **C** Deus acompanhe-te na sua nova jornada!
- **D** A casa para onde se mudaram é excelente.

20. FCC – De acordo com a formalidade da Língua, assinale a alternativa em que está correta a colocação do pronome átono:

- **A** Meu amigo, preciso o prevenir contra as maledicências usuais dessa gente.
- **B** Os satélites têm dado-nos a exata medida da destruição causada pelas queimadas.
- **C** Esqueçamo-nos do mal que nos fizeram, mas não esqueçamo-nos de retribuir o bem que recebemos.
- **D** O político, constrangido, foi desvencilhando-se aos poucos daquela situação vexatória.
- **E** Eu calarei-me somente se me convencerem de que estou errado.

21. NCE-UFRJ – A frase em que não se observou uma recomendação referente à colocação dos pronomes oblíquos átonos é:

- **A** Sempre pareceu-nos que esse projeto não teria êxito.
- **B** Os dois marujos que ficaram no Brasil nunca se tornaram índios.
- **C** Naquele momento, iniciou-se o povoamento do Brasil.
- **D** A consideração com que me trataram foi para mim o ponto alto da reunião.
- **E** Os falantes do português se tornaram maioria no litoral brasileiro.

22. FAPERG – Na oração "Disseram-me que tinha chegado no último paquete", o uso de ênclise se dá porque:

- **A** não se inicia a frase com pronome oblíquo átono;
- **B** o verbo está no infinitivo impessoal;
- **C** se houver partícula atrativa antes da locução verbal, coloca-se o pronome oblíquo antes do auxiliar ou depois do principal;
- **D** o verbo vem precedido de pronome relativo;
- **E** possibilita maior ênfase na expressividade que uma palavra adquire na frase.

23. NCE-UFRJ – "Recordo-me de um bar..." Este mesmo segmento do texto, se colocado na 1ª pessoa do plural, teria como forma verbal correta:

- **A** Recordo-nos;
- **B** Recordamo-nos;
- **C** Recordemo-nos;
- **D** Recordamos-nos;
- **E** Recordemos-nos.

24. FUNCAB – Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo destacado não obedece às normas do português padrão:

- **A** Esses amores silenciosos alcançam-nos todos os dias.
- **B** Disseram-me muito sobre os amores, resta agora a vocês oferecerem-nos à pessoa amada.
- **C** Ele evitava os amores!... Ter-lhe-iam falado de suas dores?
- **D** O que lhe restava era amar silenciosamente.
- **E** Fostes alertado a manter os silêncios amorosos e cumpriste-no com eficácia.

25. ACADEPOL-SP – Marque a alternativa em que aparece um erro de colocação pronominal:

- **A** Sempre vejo-a triste ao cair da tarde, fragilizada pela depressão contínua.
- **B** Eu não lhe disse, mas o chefe mandou oferecer preço na plantação.
- **C** Em meio ao tédio que lhe representara muita humilhação saboreou um momento de alegria.
- **D** Encarava-o rígida, cheia de gravidade, com os olhos súplices de cobrança.

26. FCC – Assinale a alternativa em que os vocábulos propostos preenchem corretamente as lacunas da frase:

"____ as novas condições exigidas pelo programador, antes que outros ____."

- **A** Expusemos-lhes – o fizessem.
- **B** Expusemo-lhes – fizessem-no.
- **C** Expusemos-lhes – fizessem-o.
- **D** Expusemo-lhes – fizessem-lo.
- **E** Expusemo-lhes – o fizessem.

27. COPPE-UFRJ – A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:

- **A** Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
- **B** Abrigaremos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
- **C** Não se poupariam esforços nesse sentido.
- **D** Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta disso.
- **E** "...certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza)

28. ACCESS – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> no uso do pronome pessoal sublinhado em:

- **A** Nada houve entre <u>eu</u> e você.
- **B** Empreste o livro para <u>eu</u> ler.
- **C** É hora de <u>eles</u> voltarem.
- **D** Deixe-<u>os</u> entrar.
- **E** Basta-<u>me</u> a terra.

29. COPPE-UFRJ – Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:

- **A** O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
- **B** No curso de pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
- **C** Nunca enganamo-nos a esse respeito.
- **D** Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
- **E** Caso procurem-me, diga que viajei.

30. ACCESS – Na passagem "De repente, foi assaltada por um adolescente, que a roubou...", o pronome pessoal oblíquo está em posição proclítica.

Segundo a norma culta, esta é a colocação correta, porque:

- **A** a oração é iniciada por palavra interrogativa;
- **B** há uma palavra de valor negativo na frase;
- **C** o verbo não está no futuro do presente;
- **D** a oração é subordinada desenvolvida;
- **E** há um advérbio antes do pronome.

31. EMPASIAL – Indique onde não há erro no emprego do pronome átono, observadas as ligações enclíticas indicadas: tendes + o; põe + o; diria + o; poreis + o:

Ⓐ tendes-lo – põe-lo – diria-lo – poreis-no;
Ⓑ tende-lo – põe-no – di-lo-ia – pô-lo-eis;
Ⓒ tendes-no – põe-no – diria-no – pôr-lo-eis;
Ⓓ tende-no – põe-lo – dir-lo-ia – por-lo-eis;
Ⓔ tende-lo – põe-lo – dir-lo-ia – poreis-lo.

32. EMPASIAL – Onde o pronome está erroneamente empregado?

Ⓐ Fez + o = fê-lo.
Ⓑ Diríamos + o = di-lo-íamos.
Ⓒ Pondes + o + ponde-lo.
Ⓓ Tem + no = tem-no.
Ⓔ Diríeis + o = diríei-lo.

33. VUNESP – Os pronomes pessoais têm emprego de acordo com a língua padrão em:

Ⓐ Rompidos desde as últimas eleições, os velhos caciques esqueceram as diferenças, mandando elas às favas, e reataram a aliança.
Ⓑ Referindo-se a seu rival, a velha raposa da política afirma: "não há acordo possível entre eu e ele".
Ⓒ Quando ela tomar posse, aguardam-se dívidas incontáveis deixadas por seu antecessor.
Ⓓ Especula-se a origem de sua fortuna, falando-se em falcatruas que teriam feito ele enriquecer.
Ⓔ Deixem eu resolver essas diferenças entre os dois, levando-os a um bom acordo.

34. COPPE-UFRJ – Em "...sempre que nos vemos..." e "...volto sempre a ela...", os pronomes pessoais estão empregados segundo as normas do português escrito culto. Entre os exemplos abaixo, o que também está de acordo com essas normas é:

Ⓐ Ela trouxe o livro para mim ler.
Ⓑ Entre eu e você tudo acabou.
Ⓒ Não estou lhe reconhecendo.
Ⓓ Parece que o filme não o agradou.
Ⓔ Estivemos muito próximos, mas não lhe vi o rosto.

35. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

Ⓐ O processo da eleição tem desagradado-me.
Ⓑ Ninguém se lembrou de que o conclave estava previsto para o dia 18.
Ⓒ Os cardeais não deixaram-lhe opção de escolha.
Ⓓ Em tratando-se de eleição, o voto deve ser secreto.
Ⓔ Quem garante-me o sucesso da votação?

36. CESPE-UnB – Assinale a opção em que há erro de colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

- **A** A primeira refere-se aos atuais mecanismos públicos e particulares.
- **B** São os elementos essenciais da vida, os quais não têm-nos dado a desejada segurança.
- **C** Consiste em nossa fraqueza de opormo-nos a uma espécie de movimento neo-feudal.
- **D** A sociedade mostra-se perplexa com seu ajuste à eletrônica.
- **E** O Estado não se mostra apto para encontrar soluções.

37. FCC – Está correto o emprego do pronome sublinhado na frase:

- **A** Se é para <u>mim</u> ir buscar as malas, deixe que eu vou.
- **B** Aquela má notícia deixou <u>ele</u> muito triste.
- **C** Afinal, sua desavença é com eles ou com <u>nós</u>?
- **D** A esta altura, só podemos contar <u>conosco</u> mesmos.
- **E** No caso de <u>eu</u> ir reclamar, você também vai?

38. COPPE-UFRJ – A alternativa em que o deslocamento do pronome oblíquo átono foi efetuado de acordo com as normas do padrão culto escrito do português é:

- **A** "Creio que é somente na década de 40 que se pode considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil." – que pode considerar-se seriamente.
- **B** "Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado, é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e uma amplitude social." – que toda a sociedade reestruture-se.
- **C** "Por isso se faz necessário entender como se articulam no período os diversos ramos da produção e de difusão de massa." – como articulam-se.
- **D** "...a questão que se coloca é conhecermos como ele se estrutura, e em que medida determina parâmetros novos para a problemática da cultura." – a questão que coloca-se.
- **E** "Não nos cabe retomar as análises já realizadas sobre este tema." – Não cabe-nos retomar as análises.

39. ESAF – Indique o período que apresenta colocação pronominal contrária às regras da norma padrão:

- **A** Causou-lhe decepção a reação inesperada da irmã, embora não lhe ficasse querendo mal por isso.
- **B** Ai! Nem me quero lembrar dos dias em que andavam se agredindo sem quê nem porquê!
- **C** Ninguém dirigiu-se ao chefe, em ocasiões como aquela, dando-se ares de tanta importância!

Ⓓ Depois de algum tempo, os amigos se reencontraram, muitos sem nem o terem desejado.
Ⓔ Nunca lhe darei tanto dinheiro, que o faça tornar-se um beberrão.

40. NCE-UFRJ – Considerando o emprego e a colocação dos pronomes, a frase com erro é:

Ⓐ Sem mais para o momento, subscrevemo-nos com elevada consideração.
Ⓑ Em nome da transparência, informamo-lo do ocorrido.
Ⓒ Fi-lo porque foi necessário.
Ⓓ Amamo-vos mais que a nós mesmos.
Ⓔ Comunicamos-lhes que o carregamento chegará quatro horas mais tarde, em virtude de um acidente na linha férrea.

41. CESGRANRIO – Marque a opção <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Seria-nos conveniente assinar o acordo hoje.
Ⓑ Nada se fez por ele.
Ⓒ Vocês podem dizer-me a verdade.
Ⓓ Amanhã, contar-lhe-ei as novidades.
Ⓔ Quando a viu vencer, desmaiou.

42. FUMARC – A colocação pronominal está <u>correta</u> em todas as frases, <u>exceto</u>:

Ⓐ O encontro se realizará sem a presença do famoso conferencista.
Ⓑ Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento contra a violência.
Ⓒ Parece que Maria Rita não vai mais casar-se com Pedro Otávio.
Ⓓ O rapaz declarou que, há uma semana, já havia queixado-se à polícia.

43. COPPE-UFRJ – A alternativa em que é possível alterar a colocação do pronome sem ferir a norma gramatical é:

Ⓐ "Quando <u>se</u> está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓑ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo <u>nos</u> faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓒ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que <u>se</u> está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓓ "Não estou certa de que <u>se</u> trate de um processo, mas suspeito que o tempo, único juiz de coisas dessa natureza, não está nunca do lado de quem tenta driblá-lo."
Ⓔ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que <u>se</u> busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."

44. COMVEST – Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Marque-a:

1. O professor passou uma tarefa para ____ fazer.

2. Não se ponha entre ____ e ele, por favor!

3. Se fores à rua, avisa-nos que iremos ____.

4. Para ____ ganhar dinheiro, é preciso trabalhar.

5. Para ____, ouvir música é maravilhoso.

A mim – tu – consigo – eu – tu
B mim – mim – consigo – mim – eu
C eu – eu – contigo – mim – eu
D tu – eu – conosco – tu – mim
E eu – mim – contigo – eu – mim

45. FUMARC – Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome átono, <u>exceto</u>:

A Maria não vai casar-se outra vez.
B Disseram-me que a jóia era falsa.
C Os presos já tinham rebelado-se outra vez naquele ano.
D Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

46. CESPE-UnB – Assinale a melhor resposta:

O resultado das combinações "pões + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

A pões-lo – reténs-las – dedu-la;
B pões-no – retém-nas – dedu-la;
C pões-lo – retém-las – deduz-la;
D pões-no – retém-las – dedu-la;
E põe-lo – retém-las – dedu-la.

47. CN – Assinale a opção em que só o uso da prôclise é aceito pela norma culta:

A O rio te quer rodar, seu canoeiro.
B Os periquitos te estão chamando, menino.
C A velha rendeira te neutralizará, ó rio.
D Não te obedecer, ó rio, é pecado.
E A professora descobriu que o rio lhe trará problemas.

48. VUNESP – A alternativa em que a frase apresenta um erro de colocação pronominal é:

A É difícil dizer-te o quanto te amo.
B João, expulsa-os já do jardim.
C Jamais me mudarei daqui.

Ⓓ Fiquei olhando o carteiro que aproximava-se.
Ⓔ Devemos dizer-lhe a verdade.

49. FESP-RJ – Entre as frases abaixo, aquela que a norma gramatical rejeita por conter erro na colocação do pronome átono é:

Ⓐ As mãos fá-lo-iam cantar.
Ⓑ O frio me faz pensar em neve.
Ⓒ Uma alegria expande-se no meu peito.
Ⓓ Me parecia que era o milagre da neve.
Ⓔ Nós a conhecemos primeiro nos livros coloridos.

50. VUNESPE – Assinale a alternativa em que o uso da mesóclise é incorreto:

Ⓐ Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
Ⓑ Dir-se-ia que ela tem menos de quarenta anos.
Ⓒ Convencê-lo-ei, se puder.
Ⓓ Dizes-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
Ⓔ Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

51. EM – Em apenas um item a colocação do pronome átono foi feita de forma correta. Assinale-o:

Ⓐ Julguei que chamavam-me para o almoço.
Ⓑ Deus o favoreça e de mim não se esqueça.
Ⓒ Tinha feito-lhe uma pergunta, mas não obtive resposta.
Ⓓ Diria-se que tudo não passou de um engano.
Ⓔ Ninguém admoestá-lo-á na minha frente.

52. CN – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal admita o maior número de variações:

Ⓐ Deem-me coroas de pano.
Ⓑ Que a não esqueçam os amigos.
Ⓒ Que vai se deitar para sempre.
Ⓓ Não me envolvam num lençol.
Ⓔ Bem sabeis que não se casa.

53. EsFAO – A norma culta da língua repudia a colocação do pronome átono, tal como ocorre no item:

Ⓐ Os homens ainda não a esperavam quando ela desabou sobre a cidade.
Ⓑ Que me dera que meus rústicos hinos por ele ouvidos fossem, e por elas aplaudidos.
Ⓒ Eu tinha beijado-lhe as mãos, porque, se não fosse ela, estaria talvez na prisão, por um crime não realizado.

D Certamente, com medo, ela ficara em casa, ou alguém a avisara, pois àquela hora, sua ausência era bem estranha.

E Um grande soluço sacudiu-o desafinado. Ele nem sequer tremeu. Ela também passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

54. EMM – A única oração correta quanto à colocação do pronome átono é:

A Ela não chamou-te.

B Ela avisar-te-á o dia da prova.

C Ela disse que viu-te chegar.

D Ela não te viu.

E Nenhuma das respostas anteriores.

55. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise:

A Jamais alguém diria a verdade (lhe).

B Aqui está o livro que emprestaste (me).

C Bons ventos levem (o).

D Meu amigo, fale a verdade (me).

E Não aborreças (me).

56. FESP-RJ – "Não estou <u>me</u> referindo muito a escrever para jornal."

A frase acima exemplifica um fato frequente no português contemporâneo do Brasil – a posição proclítica do pronome átono (exceto <u>o</u>, <u>a</u>, <u>os</u>, <u>as</u>) em relação ao verbo principal da locução. Embora tal fato já tenha sido defendido desde 1922 por Silva Ramos na miscelânea *Pela Vida Fora*, ainda hoje há quem rejeite essa colocação. Das seguintes passagens de *Clarice Lispector*, todas com a mesma próclise "brasileira", aquela em que a variante de colocação do pronome átono, indicada é direita, <u>contraria</u> a norma culta é:

A "...quem sabe teríamos <u>nos</u> casado." / quem sabe nos teríamos casado.

B "Ah, está <u>se</u> tornando difícil escrever." / Ah, está tornando-se difícil escrever

C "...na certa ele iria, por seu turno, <u>me</u> influenciar."/ na certa ele iria-me, por seu turno, influenciar.

D "esta carta deveria <u>se</u> dirigir ao Presidente da República."/ esta carta dever-<u>se</u>-ia dirigir ao Presidente da República.

E "Só o que se chama de 'amor imorredouro' tinha <u>me</u> interessado." / Só o que se chama de "amor imorredouro" <u>me</u> tinha interessado.

57. ESPCEX – Considere a seguinte passagem: "...para que o medo fosse se aninhando". Do conjunto de afirmações a respeito da colocação do pronome átono, a única alternativa <u>falsa</u> é a letra:

Ⓐ No texto, a colocação obedece rigorosamente à norma gramatical.
Ⓑ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo se fosse aninhando".
Ⓒ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo fosse aninhando-se".
Ⓓ No texto, a colocação é típica da linguagem de conversação brasileira.

58. ESPCEX – Com relação aos respectivos verbos, assinale a posição correta de cada um dos pronomes átonos no texto abaixo:

1 2 4 8

"Aquela que te humilhou / humilhou-te, aqui a tens / tem-la abatida, no mesmo

16 32

lugar onde te ultrajou / ultrajou-te, nas iras de sua paixão.

Assinale a alternativa que indica a soma dos algaritmos dados aos pronomes bem colocados:

Ⓐ 21;
Ⓑ 54;
Ⓒ 61;
Ⓓ 42;
Ⓔ 35.

59. EN- "O arreganhar dos dentes se esbate no bocejo."

Deu-se preferência ao emprego da próclise, em situação na qual também se poderia ter usado a ênclise. Nos itens abaixo, assinale aquele em que a próclise é obrigatória:

Ⓐ A jovem <u>me</u> foi indicada pelo comendador.
Ⓑ Se <u>me</u> convidarem, irei à festa sem pensar duas vezes.
Ⓒ A peça ia-<u>se</u> desenvolvendo com a aprovação da plateia.
Ⓓ O chefe <u>nos</u> disse que e encomenda estava a caminho.
Ⓔ Quero <u>lhe</u> pedir um grande favor.

60. EPCAR – Coloque o pronome átono no devido lugar e aponte a opção em que não se justifica a ênclise:

Ⓐ A mágoa, ____ ferindo ____ no coração, ____ arrefecera ____ o ânimo. (o, lhe)
Ⓑ Espero que o sofrimento não ____ derrube ____. (me)
Ⓒ ____ levantei ____, enquanto todos dormiam. (me)
Ⓓ O jovem chegara-se e Isabel, ____ tomou ____ as mãos. (lhe)
Ⓔ Procure seus colegas e ____ convide ____ para o baile. (os)

61. ESFAO – Leia atentamente as frases abaixo:

A. Os discos que me foram entregues são ótimos.

B. Tudo fez para obedecer-lhe e agradar-lhe.

C. Em se tratando de você, isto é normal.

Observando a posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos em cada uma delas, assinale a alternativa correta:

1. Deve ser proclítico.

2. Deve ser enclítico.

3. Pode ser proclítico.

4. Pode ser enclítico.

Ⓐ A-1 – B-2 – C-2.
Ⓑ A-4 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-4 – B-3 – C-2.
Ⓓ A-1 – B-4 – C-1.
Ⓔ A-1 – B-1 – C-4.

62. UFV-MG – "Às vezes, também a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso [...]."

O pronome <u>se</u> está em próclise porque:

Ⓐ há preferência pela próclise no português do Brasil;
Ⓑ a oração é introduzida por conjunção;
Ⓒ a oração é introduzida por um conectivo subordinativo;
Ⓓ o verbo no pretérito perfeito não admite ênclise;
Ⓔ a oração é optativa.

63. ESPCEX – Há <u>erro</u> de colocação pronominal no(s) período(s):

Ⓐ Agora, conte-me tudo.
Ⓑ Sua cara não vai-se alegrar.
Ⓒ Estava na venda quando o encontraram.
Ⓓ Vivia me incomodando.

64. ESPCEX – Das passagens apresentadas abaixo, constitui um exemplo de correto emprego de norma gramatical de colocação de pronomes átonos o trecho transcrito em:

Ⓐ "Quando partia, o acompanhavam algumas quadras, curveteando a seu lado [...]."
Ⓑ "Estâncias havia em que anunciava-se a chegada de Manuel pelo relincho estridente [...]."

Ⓒ "[...] camaradas saudosos, que vinham apresentar-lhe o focinho, rifando com ciúmes uns dos outros."
Ⓓ "Se acontecesse passarmos à vista da casa de algum amigo, lhe dirigimos um olhar [...]"

65. EFOMM – Assinale o exemplo onde há erro indiscutível na colocação do pronome pessoal átono:

Ⓐ Eles vêm nos ver amanhã.
Ⓑ O acontecimento poderá se reduzir a simples brincadeira.
Ⓒ Vamo-nos encontrar logo mais.
Ⓓ Atribuiriam-se os fatos aos verdadeiros culpados.
Ⓔ O que se não deve dizer.

66. AFA – Observando a posição dos pronomes átonos nas sentenças abaixo:

A. "[...] erguendo os olhos do trabalho em que se aplicava [...]"

B. "[...] mas um homem observava-o à distância, [...]"

C. "[...] sabia que isto era fingido, que Xenofonte detestava-o tanto [...]"

Você dirá, em referência a cada uma delas, que:

1. Pode ser proclítico.

2. Pode ser enclítico.

3. Deve ser proclítico.

4. Deve ser enclítico.

Ⓐ A-3 – B-4 – C-3.
Ⓑ A-2 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-2 – B-3 – C-1.
Ⓓ A-3 – B-1 – C-1.

67. ITA – Assinalar a alternativa correta:

Ⓐ Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓑ Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras.
Ⓒ Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras.
Ⓓ Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓔ Nenhuma das anteriores.

68. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não pode haver próclise:

Ⓐ Não entristeças (te).
Ⓑ Deus favoreça (o).
Ⓒ Espero que faças justiça (me).
Ⓓ Meus amigos, apresentem em posição de sentido (se).
Ⓔ Ninguém faça de rogado (se).

69. EN – Corretamente, o pronome átono aparece colocado em:

Ⓐ Me empresta o teu livro de Matemática?
Ⓑ Ainda que peçam-me, irei à festa.
Ⓒ Desejo me ouças até o fim.
Ⓓ De nada valeu-lhe todo o dinheiro que tinha.
Ⓔ Tudo aborrece-me e nada me agrada.

70. ESPCEX – Na frente de cada frase, existe um número.

Some os números correspondentes às frases em que seria possível dar outra colocação – gramaticalmente correta – ao pronome oblíquo. A resposta da questão será a soma encontrada.

1. Todos se mudariam para lá.
2. Bem, vou-me despedir.
3. Mas não souberam informar-me o que havia sucedido.
4. Fui o primeiro a comunicar-lhe a notícia de sua promoção.
5. Deus nos livre das más línguas.
6. Daqui a algumas horas me hás de entender.

Ⓐ 9.
Ⓑ 13.
Ⓒ 15.
Ⓓ 16.

71. EN – De acordo com a gramática tradicional, só uma frase está correta quanto à colocação do pronome átono. Assinale-a:

Ⓐ Tenho mandado-lhe notícias.
Ⓑ O homem ia-se erguendo.
Ⓒ Me dá o braço.
Ⓓ A juventude vai se preparando para cumprir seu papel na sociedade.
Ⓔ Enquanto não encontrá-lo, não sairei daqui.

72. EN – De forma incorreta, colocou-se o pronome átono em:

Ⓐ Quando acabam-se as férias?
Ⓑ Ficamos todo o tempo a esperá-la.
Ⓒ Não se conquista nada sem muita luta e força de vontade.
Ⓓ Já se pôs o sol por trás daquela enorme montanha.
Ⓔ Deus te proteja, meu filho!

73. EPCAR – Assinale a opção correta quanto ao uso e à colocação do pronome.

Ⓐ "Imagino-te já idosa,
Frondosa toda folhagem,
[...]
Com que faço essa viagem
Pelo reino do teu nome, oh! Flora!" (Gilberto Gil)

Ⓑ "Se lembra da fogueira
Se lembra dos balões
Se lembra dos luares dos sertões
A roupa no varal
[...] (Chico Buarque)

Ⓒ Nunca houve acordo entre eu e ele.

Ⓓ Me dará um cigarro, não é?

74. EPCAR – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal é <u>inadequada</u>:

Ⓐ Entregarei-lhe os resultados no tempo previsto.

Ⓑ Bem se vê que não te preocupas com essas coisas.

Ⓒ Sua atitude é serena, poder-se-ia dizer religiosa, quase ritual.

Ⓓ Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa.

75. COSEAC-UFF – Na frase exclamativa "Que bom, Tia Nastácia, que você existe até hoje e sempre dentro de mim!", o pronome "mim", regido pela preposição "de", está corretamente empregado.

Das frases abaixo, aquela em que, de acordo com a norma culta da língua, há <u>erro</u> no emprego do pronome de 1ª pessoa é:

Ⓐ Entre ela contar histórias e eu ouvir, há enorme distância.

Ⓑ Para mim, ouvir Tia Nastácia contar histórias era muito agradável.

Ⓒ Entre Tia Nastácia e eu sempre houve ótimo relacionamento.

Ⓓ Ela contava as histórias para eu ouvir.

Ⓔ Entre mim e as demais crianças do sítio formou-se profunda amizade.

76. COSEAC-UFF – A troca de posição do pronome é, de acordo com a nossa tradição gramatical, <u>inaceitável</u> na alternativa:

Ⓐ "Acontece que a jovem escolhida para servir de fio condutor do programa personificava a negação viva e radiante de toda a carga de sombra e amargura que o registro clínico de seu cotidiano nos faria esperar dela." / faria-nos.

Ⓑ "Embora tivesse razões de sobra para queixar-se do destino e viver na mais espessa melancolia, ela esbanjava *joie de vivre* por todos os poros." / se queixar.

Ⓒ "Apesar de viver e ganhar a vida em condições precárias, a grande maioria dos brasileiros considera-se feliz e amplamente satisfeita com a vida que leva." / se considera.

Ⓓ "Ao ser indagado sobre a sua felicidade, o entrevistado se defende perante si mesmo da ameaça de dor que uma resposta derrotista traria." / defende-se.

Ⓔ "Ao ser escolhida, entre tantas outras, para 'estrelar' um programa de TV a ser exibido no exterior, a jovem carioca sente-se a eleita dos deuses." / se sente.

77. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que <u>não</u> se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:

Ⓐ "...traz uma reportagem..." = trá-la.
Ⓑ "...doar 85% de sua fortuna..." = doá-los.
Ⓒ "...indicam um caminho..." = indicam-lo.
Ⓓ "...estimula a filantropia..." = estimula-a.
Ⓔ "...fazer filantropia..." – fazê-la.

78. FURB – Assinale as frases em que os pronomes <u>eu</u>, <u>mim</u>, <u>te</u>, <u>ti</u> foram corretamente empregados:

1. Sem eu falar com todos os convidados é impossível garantir a troca do horário da cerimônia.

2. Fica combinado então: esta conversa ficará entre mim e ti.

3. O dinheiro foi suficiente para ti comprar as passagens?

4. A negociação não se fará sem eu e tu.

5. Deu longo prazo para eu poder terminar meu trabalho e entregá-lo sem me prejudicar.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1, 2 e 5;
Ⓑ 1, 2 e 3;
Ⓒ 2, 3 e 4.
Ⓓ 3, 4 e 5;
Ⓔ 2, 4 e 5.

79. FURB – No texto que segue, há espaços que devem ser preenchidos com o pronome oblíquo átono que se encontra nos parênteses. Escolha a posição adequada para cada caso:

"No dia seguinte, como eu estivesse a _____ preparar _____ (me) para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. [...] A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, _____ pousou _____ (me) na testa. _____ sacudi _____ (a), ela foi pousar na vidraça; e, porque eu _____ sacudisse _____ (a) de novo, saiu dali e veio pousar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra [...], tinha um certo ar de escarninho que _____ aborreceu _____ (me) muito."

(MACHADO DE ASSIS, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

A alternativa que contém a forma correta quanto à colocação pronominal é:

Ⓐ me preparar – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓑ preparar-me – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓒ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – a sacudisse – me aborreceu;
Ⓓ me preparar – pousou-me – A sacudi – sacudisse-a – aborreceu-me;
Ⓔ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – sacudisse-a – me aborreceu.

80. COSEAC-UFF – O pronome átono proposto para substituir o termo em destaque é inaceitável, segundo nossas gramáticas, em:

Ⓐ "Zeus aproveitou que sua esposa, Hera, dormia e colocou Apolo para mamar em seu seio." / mamar-lhe no seio.

Ⓑ "Enquanto ele mamava, a deusa acordou e, com raiva, lançou a criança no espaço." / lançou-a no espaço.

Ⓒ "A cultura ecológica tem um desafio imenso nesse sentido: diluir o pavor fóbico que temos pela nossa semelhança quase que completa com todos os animais." / diluir-lhe.

Ⓓ "A própria ciência já admite que outras espécies também criam culturas próprias." / já o admite.

Ⓔ "Recuperaríamos, quem sabe, aquela virtude que Aristóteles tão bem chamava de mediania." / Recuperá-la-íamos.

81. FUNRIO – No período "Arrisco-me a dizer que [...] o executivo necessita de uma relação íntima com a palavra para não acabar dando com os burros n'água", percebe-se que o pronome oblíquo átono está na posição enclítica, respeitando a norma culta quanto aos critérios para a colocação pronominal. Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> na colocação dos pronomes oblíquos átonos nas orações:

Ⓐ Quando me vi, já estava lá.

Ⓑ Quem me dirá o que é certo?

Ⓒ Eu quero-lhe falar.

Ⓓ Bons ventos o tragam!

Ⓔ Sempre recebiam-me de bom humor.

82. VUNESP – Na frase "E cada um se vira...", o autor usou livremente a próclise. Assinale a alternativa em que a colocação está gramaticalmente incorreta:

Ⓐ Esses são sonhos que já foram-se.

Ⓑ Aqui se fala pouco.

Ⓒ Em se tratando de saúde, tudo é urgente.

Ⓓ Ter-lhe-iam concedido aumento?

Ⓔ Devo calar-me ou falar?

83. VUNESP – Assinale a frase correta quanto à colocação pronominal:

Ⓐ O termo que refere-se a um estilo de vida.

Ⓑ Isso refere-se a um estilo de vida.

Ⓒ O termo não refere-se a um estilo de vida.

Ⓓ O termo refere-se a um estilo de vida.

Ⓔ Quando refere-se a um estilo de vida.

84. VUNESP – Na frase – O dinheiro tem controlado as pessoas, e o ser humano não consegue entender as leis desse poderoso instrumento.

Assinale a alternativa em que os pronomes substituem corretamente as expressões em destaque e obedecem às regras de colocação pronominal:

- **A** as tem controlado – lhes entender;
- **B** lhes tem controlado – as entender;
- **C** as tem controlado – entendê-las;
- **D** tem controlado-as – entendê-las;
- **E** lhes tem controlado – entender-lhes.

85. VUNESP – Quanto à colocação pronominal, está correta, conforme a norma culta, a alternativa:

- **A** Se descobriu que o uso excessivo de pauzinhos pode causar artrose.
- **B** No início, os chineses tinham preocupado-se por causa da artrose.
- **C** Ninguém lembrou-se que o fator hereditário também deve ser levado em conta.
- **D** Em tratando-se de artrose, é necessário fortalecer a musculatura das mãos.
- **E** Todos se preveniram a fim de evitar a doença.

86. ESPCEX – Leia as frases abaixo e responda a questão que segue:

I. O gado ia-se finar, até os espinhos secariam.

II. Compadre, eu não lhe quero dizer coisa alguma.

III. As visões do sono tinham dissipado-se.

IV. Nunca convidei-o para sair.

Segundo a norma culta, estão corretas as frases:

- **A** I e II;
- **B** III e IV;
- **C** II e IV;
- **D** II e III;
- **E** I e III.

87. FEC – Na passagem: "Acreditava-se até músico,...", o pronome átono está corretamente colocado e a alternativa em que tal pronome está igualmente bem empregado é:

- **A** Nem me comunicaram os acontecimentos de ontem.
- **B** Tinha emprestado-me o material.
- **C** Quero que comportem-se!
- **D** Jamais emprestar-nos-iam o equipamento.
- **E** Quando encontrou-me, saímos.

88. FEC – Na passagem: "O serão se prolonga.", o pronome átono está corretamente empregado, o mesmo <u>não</u> se podendo afirmar de um dos itens abaixo; marque-o:

Ⓐ Haviam emprestado-lhe os livros.
Ⓑ Ia enviar-lhe as cópias.
Ⓒ Estava enviando-nos o equipamento.
Ⓓ Em se comentando o episódio, tudo se solucionou.
Ⓔ Vou pô-lo a par do assunto.

89. VUNESP – No quadrinho abaixo, observa-se o emprego correto do pronome, quanto à sua colocação na frase. Assinale a alternativa que nomeia essa espécie de colocação e por que ela é obrigatória, nesse contexto.

Ⓐ Próclise, pelo uso de palavra negativa.
Ⓑ Mesóclise, pela utilização de imperativo.
Ⓒ Próclise, pela utilização de gerúndio.
Ⓓ Ênclise, pelo uso de expressão negativa.
Ⓔ Mesóclise, pela presença de perífrase.

90. FEC – No trecho: "...através da sujeira a envolvê-la,..." o pronome átono foi devidamente colocado, porém, a alternativa a seguir em que tal correção <u>não</u> ocorre é:

Ⓐ Não me revelou o segredo.
Ⓑ Quero que me emprestem os livros.
Ⓒ Deus nos proteja!
Ⓓ Tinha vendido-me o carro.
Ⓔ Vou ajudá-lo a sair daí.

91. CETRO – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Observei o aluno que dirigia-se ao pátio.
Ⓑ Quanto me pagará pela tradução do livro?
Ⓒ Ouvindo-o cantarolar reconheci sua voz imediatamente.
Ⓓ Encontrar-me-iam, caso minha presença à reunião fosse imprescindível.
Ⓔ Convém contar-lhe toda a verdade.

92. CETRO – Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto em:

A Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
B Ninguém tratou-me mal durante o evento.
C Se eu pudesse dizer-lhe a verdade, tudo se resolveria.
D No portão de entrada da cidade lia-se, em letras garrafais, numa placa de bronze: "Estranhos, afastem-se!".
E Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

93. FUNRIO – No Brasil, a colocação dos pronomes átonos nas frases recebe um tratamento peculiar ao idioma. A colocação pronominal que atende às exigências da norma padrão do Português brasileiro escrito está reproduzida na alternativa:

A Os prisioneiros que libertaram-se do jugo dos terroristas, até hoje, estão traumatizados.
B Os avanços dos eletrônicos tiveram de se adequar à aquisição dos brasileiros.
C Ele reconhecia ter tratado-se de problemática já conhecida no passado, quando era jovem.
D Os fabricantes de armas não importaram-se com a dificuldade dos países em litígio.
E Quando fala-se a verdade, na maioria das vezes não se merece castigo muito severo.

94. EPCAR – Todas as alternativas abaixo apresentam corretamente uma segunda opção de colocação dos pronomes átonos destacados, exceto:

A "Aquilo que lhe fez lembrar o vômito, também numa folha de jornal [...]."
Aquilo que fez lembrar-lhe o vômito, também numa folha de jornal [...].
B "Vou lhe dizer com toda a franqueza [...]."
Vou dizer-lhe com toda a franqueza [...].
C "Mas já não se falava mais em assalto [...]."
Mas já não falava-se mais em assalto [...].
D "O filho se esquivou com delicadeza, voltando-se para o delegado [...]."
O filho esquivou-se com delicadeza, voltando-se para o delegado [...].

95. COSEAC-UFF – A colocação do pronome átono que se propõe fere as normas de colocação descritas pelas gramáticas da língua em:

A "Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se." / se curar.
B "A sociedade, assim, se responsabiliza por tais tratamentos de saúde." / responsabiliza-se.
C "Esse modelo possivelmente se ampliará para a saúde." / ampliará-se.

D "É difícil separar o que é vaidade, o que é felicidade, e talvez se esmerar em distingui-los indique apenas uma atitude moralista no pior sentido do termo." / esmerar-se.

E "Naquele caso, o custo depende de onde se parte; neste, de aonde se quer chegar." / quer-se.

96. ESAG – Levando em conta o uso culto formal da linguagem, aponte a alternativa <u>incorreta</u>, quanto à colocação dos pronomes átonos:

A Muito me encantam as tartarugas marinhas.

B Embora tenhamos presenciado muitas tragédias, não nos preparamos para algo tão assustador como a do último tsunami.

C Dir-lhe-ei amanhã para onde pretendo viajar.

D Irei lhe mostrar agora fotografias de Andaman e Nicobar, antes do tsunami.

97. ESAG – Assinale a única alternativa em que há <u>erro</u> de colocação pronominal:

A Nunca a tínhamos visto.

B Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.

C Quando ele limpa a casa, ele o faz com extremo cuidado.

D Até lá, muitos já se terão arrependido.

98. CESGRANRIO – Assinale a opção em que, de acordo com a norma culta, o pronome oblíquo está adequadamente empregado:

A Hoje os vidros dos carros não limpam-se sozinhos.

B Os ativistas tinham lembrado-se com pesar de alguns desastres ecológicos.

C Os cientistas deveriam-se ocupar em desenvolver produtos práticos e baratos.

D Em breve as pessoas esquecer-se-ão da época em que os computadores não existiam.

E Se passarão muitos anos até que a nova tecnologia entre em todos os lares brasileiros.

99. UPENET – Observe os termos sublinhados dos itens abaixo:

I. "Ainda não <u>se</u> firmaram outros que já nos possam servir de referência, tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão."

II. "Não temos certeza das oportunidades que <u>nos</u> são oferecidas em cada esquina."

III. "Corre risco de ficar aprisionada nas máquinas e organizações quanto às vezes <u>se</u> sentem os homens que as construíram."

IV. "Nas últimas décadas, quebraram-<u>se</u> padrões estabelecidos durante longo tempo."

Sobre colocação pronominal, assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ no item I, a próclise se justifica pela presença do advérbio de negação;
Ⓑ no item IV, o pronome sublinhado poderia se posicionar antes ou depois do verbo, sem infringir as normas gramaticais;
Ⓒ no item II, o pronome "que" atrai o termo sublinhado;
Ⓓ no item III, o pronome enclítico ao verbo se constituiria um erro gramatical;
Ⓔ no item III, a locução adverbial exige a próclise.

100. FEC – Na frase "O pessoal os treinou a buscar comida", o pronome pessoal oblíquo átono está proclítico ao verbo, mas também poderia estar enclítico: "O pessoal treinou-os a buscar comida". O mesmo pronome também pode assumir as duas posições na frase:

Ⓐ O zoológico cuidará bem dos animais: o treinador ____ alimentará ____ todos os dias de manhã.
Ⓑ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador sempre ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓒ Se o zoológico cuidasse bem dos animais, o treinador ____ alimentaria ____ todos os dias de manhã.
Ⓓ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓔ O zoológico cuida mal dos animais: o treinador não ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.

GABARITO

1. A	16. A	31. A	46. C	61. D	76. A	91. A
2. A	17. A	32. E	47. D	62. C	77. C	92. B
3. A	18. B	33. C	48. D	63. B	78. A	93. B
4. A	19. C	34. E	49. D	64. C	79. C	94. C
5. D	20. D	35. B	50. A	65. D	80. C	95. C
6. C	21. A	36. B	51. B	66. D	81. E	96. D
7. D	22. A	37. D	52. C	67. D	82. A	97. B
8. E	22. B	38. A	53. C	68. D	83. D	98. D
9. B	24. E	39. C	54. B	69. C	84. C	99. B
10. C	25. A	40. D	55. D	70. C	85. E	100. D
11. C	26. A	41. A	56. C	71. B	86. A	
12. B	27. A	42. D	57. A	72. A	87. A	
13. C	28. A	43. B	58. A	73. A	88. A	
14. D	29. D	44. E	59. B	74. A	89. E	
15. B	30. B	45. C	60. B	75. C	90. D	

Exercícios de Análise Sintática

1. **FUNRIO – "Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade."**

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A frase, "Uma flor, o Quincas Borba", não pode ser considerada uma oração (pois não possui verbo); no entanto, ainda assim, permite que se realize uma análise sintática desse segmento. Assim, pode-se afirmar que o trecho em questão é composto de:

- **A** dois vocativos, que aludem aos personagens com os quais o narrador dialoga;
- **B** dois termos adjuntos, dois quais apenas um deles desempenha função adnominal;
- **C** um termo substantivo e de seu aposto de natureza explicativa;
- **D** um adjunto adverbial de pessoa, com o qual se caracteriza o início da narrativa;
- **E** palavras e expressões isoladas que, no presente contexto, funcionam como predicado nominal.

2. **FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)**

Há, no texto, três ocorrências do vocábulo <u>se</u>: "<u>se</u> vai ao longe", "<u>se</u> chega lá" e "não <u>se</u> encontra mais ninguém". Assinale a afirmativa correta sobre as três ocorrências desse vocábulo:

- **A** nas primeira e terceira ocorrências, os vocábulos desempenham a mesma função sintática;
- **B** em uma só das ocorrências o vocábulo sublinhado é classificado como pronome reflexivo;
- **C** só na terceira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> pode ser identificado como pronome apassivador;
- **D** nas três ocorrências o vocábulo <u>se</u> apresenta o mesmo valor semântico;
- **E** só na primeira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> é classificado como índice de indeterminação do sujeito.

3. FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)

Indique a circunstância apontada corretamente:

Ⓐ devagar – circunstância de modo;
Ⓑ lá – circunstância de finalidade;
Ⓒ mais – circunstância de intensidade;
Ⓓ longe – circunstância de tempo;
Ⓔ quando – circunstância de lugar.

4. EMPASIAL – Analise sintaticamente a oração em destaque:

"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

Ⓐ Oração subordinada substantiva completiva nominal.
Ⓑ Oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ Oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
Ⓓ Oração coordenada sindética conclusiva.
Ⓔ Oração coordenada sindética explicativa.

5. NCE-UFRJ – Indique o item em que a classificação sintática do elemento destacado está incorreta:

Ⓐ "Segundo ele, as Forças Armadas existem como instituições para enfrentar duas situações específicas: a agressão externa ou a desordem interna." – aposto.
Ⓑ "E acrescenta: para combater uma agressão externa, as verbas, os equipamentos e o pessoal das Forças Armadas são insuficientes. Para combater a desordem, são demais." – predicativo.
Ⓒ "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso." – adjunto adnominal.
Ⓓ "Devem as Forças Armadas intervir no processo com seu instrumental capaz de intimidar o crime?" – sujeito.
Ⓔ "...nenhuma autoridade local sentiu-se ultrajada pela presença das Forças Armadas ... " – predicativo.

6. NCE-UFRJ – "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso. As tentativas de comprometê-las na luta contra o tráfico,..."

"Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião,..."

Quais as funções sintáticas respectivamente desempenhadas pelos termos destacados nas frases dadas?

Ⓐ Objeto direto – Objeto indireto.
Ⓑ Objeto indireto – Adjunto adnominal.

Ⓒ Objeto indireto – Objeto indireto.
Ⓓ Objeto direto – Objeto direto.
Ⓔ Objeto indireto – Complemento nominal.

7. NCE-UFRJ – "Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência."

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

Ⓐ "...o povo do Rio de Janeiro..." – sujeito.
Ⓑ "...o seu inconformismo..." – objeto direto.
Ⓒ "...do Rio de Janeiro..." – adjunto adverbial de lugar.
Ⓓ "Em silêncio..." – adjunto adverbial de modo.
Ⓔ "...seu..." – adjunto adnominal.

8. NCE-UFRJ – Leia as sentenças a seguir:

1. "...o significado <u>das palavras</u> é depreciado,..."

2. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse <u>de propósito</u>, a sabotagem do idioma..."

3. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem <u>do idioma</u> – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

4. "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o <u>de outras</u>."

5. "Diversas morrem <u>de exaustão</u>."

Que números a seguir indicam termos sintáticos de mesma função, considerando-se as frases acima?

Ⓐ 2 – 5.
Ⓑ 1 – 3.
Ⓒ 3 – 4.
Ⓓ 1 – 4.
Ⓔ 2 – 3.

9. FJG – Leia o fragmento a seguir:

"Invejo o ourives quando escrevo,
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor."

(Olavo Bilac)

Assinale a alternativa que dá a função sintática e a significação correta do sintagma <u>com que</u> do verso 3.

Ⓐ Objeto indireto – Paciente da ação.
Ⓑ Adjunto adverbial – Instrumento.
Ⓒ Adjunto adverbial – Modo.
Ⓓ Objeto indireto – Beneficiário da ação.
Ⓔ Adjunto adverbial – Companhia.

10. FESP-RJ – Das seguintes transformações de passagens do texto, aquela em que o pronome relativo que passa de objeto direto a sujeito é:

Ⓐ "E eu vou ao encontro do que me espera."
E eu vou ao encontro do que sempre esperei.
Ⓑ "Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida."
Não posso perder um minuto do tempo com que é feita minha vida.
Ⓒ "Amar os outros é a única salvação individual que conheço."
Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.
Ⓓ "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever."
Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.
Ⓔ "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar."
Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

A expressão que possui o mesmo valor sintático de "...a vida dos turistas...", que foi usada no primeiro parágrafo, é:

Ⓐ "O período de seca também é bom para mergulho."
Ⓑ "Na alta temporada, os pacotes podem custar o dobro."
Ⓒ "Além de caminhadas e cavalgadas, é possível passear de lancha, fazer a focagem noturna de animais e conhecer a rotina das fazendas locais."
Ⓓ "O Pantanal Norte, aonde se chega via Cuiabá, é o melhor acesso para conhecer o parque nacional e atravessar a rodovia Transpantaneira, rica em animais silvestres."
Ⓔ "No Pantanal Sul, com acesso via Campo Grande, ficam fazendas que têm boa estrutura de passeios e hospedagem."

12. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

O que utilizado acima apresenta valor sintático de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto direto;
Ⓒ objeto indireto;
Ⓓ agente da passiva;
Ⓔ aposto.

13. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

O pronome relativo do período exerce a função sintática de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto indireto;
Ⓒ objeto direto;
Ⓓ predicativo.

14. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

No período dado, só <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ reduzida.

15. FCC – A estrutura sintática da frase "Senti Fidel aliviado" é idêntica à da frase:

Ⓐ Saí da festa desanimado.
Ⓑ Julgo esse menino inteligente.
Ⓒ Dei-lhe o presente contrariado.
Ⓓ Percebi seu equívoco rapidamente.
Ⓔ Acho que você é astuto.

16. ACEP – Em "A dedicação ao trabalho <u>te</u> enche de glória e <u>te</u> faz <u>vencedor</u>.", as palavras sublinhadas são respectivamente:

Ⓐ objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
Ⓑ objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
Ⓒ adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
Ⓓ objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
Ⓔ predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

17. FUNRIO – "Logo após a realização da Semana, alguns artistas fundamentais que dela participaram acabaram voltando para a Europa ou indo para lá pela primeira vez, como Di Cavalcanti. Isso dificultou a continuidade do processo que se iniciara."

Quanto aos dois períodos construídos pelo redator do parágrafo acima, é correto afirmar que:

Ⓐ o segundo período tem a metade das orações do primeiro;
Ⓑ o primeiro tem três orações e o segundo tem duas orações;
Ⓒ apenas o primeiro contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓓ apenas o segundo contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓔ ambos são compostos por orações intercaladas justapostas.

18. FESP-RJ – Em "A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito..."

Ocorre incorreção de análise na alternativa:

Ⓐ que: núcleo de adjunto adverbial;
Ⓑ moro: núcleo de predicado;
Ⓒ própria: predicativo do sujeito;
Ⓓ la: sujeito;
Ⓔ de propósito: adjunto adverbial.

19. FJG – No trecho "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir se o direito, nas leis e decisões jurídicas, usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem.", a oração sublinhada classifica-se, em relação à do verbo discutir e à do verbo realizar, respectivamente, como:

Ⓐ principal e subordinada substantiva predicativa;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta e coordenada;
Ⓒ coordenada e principal;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa e coordenada;
Ⓔ subordinada substantiva objetiva direta e principal.

20. FJG – Em: "...as pessoas estranhas às profissões jurídicas consideram, em regra, a linguagem dos trabalhadores dessa área difícil de entender", o predicado da oração do verbo "considerar" classifica-se da mesma forma que o da oração:

Ⓐ "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir..."
Ⓑ "Ela também depende do que os advogados chamam de 'deduções' e daquilo que os espíritos menos restritivos chamam de imaginação."
Ⓒ "Se o direito [...] usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem."
Ⓓ "...quando se perdem de vista as finalidades essenciais da aplicação da lei, com sacrifício da consciência social na busca do equilíbrio nas relações humanas."
Ⓔ "...hoje a linguagem nem é mais a interface entre o conhecimento e o conhecido..."

21. IPAD – Observe:

I. "Nunca chegará a tempo, por mais depressa que ande."

II. "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me."

III. "Quando meus amigos chegarem, começaremos a festa."

IV. "Embora chova, vou à praia."

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações subordinadas.

Ⓐ No item I – oração subordinada adverbial condicional.
Ⓑ No item II – oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ No item III – oração subordinada adverbial temporal.
Ⓓ No item IV – oração subordinada adverbial concessiva.
Ⓔ Nos itens I e IV – orações subordinadas adverbiais concessivas.

22. IPAD – No verso: "Faz frio. Há bruma. Agosto vai meio."

Ⓐ Todas as orações têm sujeitos indeterminados.
Ⓑ Todas as orações têm sujeitos ocultos.
Ⓒ São todas orações sem sujeito.
Ⓓ Só há sujeito na terceira oração.
Ⓔ Não há sujeito na terceira oração.

23. NCE-UFRJ – "Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade..."

Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima?

Ⓐ campos – palavras
Ⓑ palavras – que
Ⓒ palavras – palavras
Ⓓ indeterminado – recado
Ⓔ indeterminado – palavras

24. FJG – "Nunca é demais <u>recordar a origem de determinadas palavras</u>." A oração em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "O sujeito elegante era o <u>que</u> sabia fazer escolhas acertadas..."
Ⓑ "A etimologia <u>nos</u> ajuda a entender..."
Ⓒ "E então se tornam <u>fonte</u> de mal-entendidos..."
Ⓓ "...averiguando <u>os</u> múltiplos sentidos..."
Ⓔ "Devemos acompanhá-<u>las</u>..."

25. FEPESE – No período "Penso, <u>logo existo</u>" a oração em destaque é:

Ⓐ coordenada sindética aditiva;
Ⓑ coordenada sindética conclusiva;
Ⓒ coordenada sindética alternativa;
Ⓓ coordenada sindética explicativa.

26. FUMARC – No período: "Convém agora acrescentar muitas análises sobre a introdução de uma nova moeda", encontra-se oração:

Ⓐ coordenada;
Ⓑ subordinada adverbial;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva.

27. PUC-MG – "Ficava no quartinho dos fundos e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa que às vezes até se esqueciam da existência dele."

Os termos "sempre", "tanto" e "da existência dele", sublinhados no enunciado, estão corretamente classificados quanto a sua função sintática, respectivamente, em:

Ⓐ objeto direto – adjunto adnominal – objeto indireto;
Ⓑ objeto direto – adjunto adverbial – objeto direto;
Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adverbial – objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial – adjunto adnominal – objeto indireto.

28. ACADEPOL-MG – Assinale a alternativa em que o sujeito seja indeterminado:

Ⓐ Caíram na escada o pai e a filha.
Ⓑ Alguém havia aberto a porta.
Ⓒ Não encontraram o corpo do rapaz afogado.
Ⓓ Esperanças haverá sempre.
Ⓔ Choveu muito ontem à noite.

29. FJG – Leia o texto abaixo:

"Nas folhas incertas do livro da Terra, de bilhões de anos, a leitura se faz quase por acaso: tipos de terrenos, disposição de camadas de solos, graus de umidade, pedaços de paus calcinados por milhões de anos, restos animais – dentes, osso, muitas vezes petrificados. É a difícil leitura dos passos da vida num singular planeta preso a uma estrela de quinta categoria, perdida na periferia de uma entre milhares de galáxias de um universo infinito, inexplicável."

No texto há:

Ⓐ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos àquele, apostos enumerativos;
Ⓑ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos a este, apostos resumitivos;
Ⓒ verbos na voz ativa, com recursos enumerativos;
Ⓓ verbos na voz passiva, com recursos enumerativos;
Ⓔ verbos na voz passiva, com sujeito explicitado sob a forma de substantivo.

30. NCE-UFRJ – "Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande."

O período tem como oração principal:

Ⓐ uma vez que a administração compreenda;
Ⓑ e aceite essa economia mundial;
Ⓒ a sua maneira necessariamente se expande;
Ⓓ de encarar a praça do mercado;
Ⓔ e de planejá-la.

31. FUNRIO – O exemplo em que aparece uma oração sem sujeito, é:

Ⓐ "... há uma linha divisória entre o trabalho formal e informal..."
Ⓑ "No entanto, creditam à prática apenas um 'jeito de ganhar a vida' sem cometer crimes."
Ⓒ "Todos gostariam de trabalhar tendo um patrão..."
Ⓓ "Isso é quase um sonho para muitos."
Ⓔ "São pouquíssimos os que ganham mais de R$300 por mês."

32. FJG – Em: "O jornal é o gráfico dessa vida nervosa complementar, estampando diariamente as oscilações de nossas tristezas universais, nossas pálidas esperanças ecumênicas, nosso medo: somando as parcelas do mundo em nossa mente, divide a nossa mal distraída atenção por todos os continentes.", o núcleo do sujeito da forma verbal assinalada é:

Ⓐ medo;
Ⓑ gráfico;
Ⓒ jornal;
Ⓓ mundo;
Ⓔ vida.

33. NCE-UFRJ – O item cujo termo sublinhado possui valor de paciente e não de agente é:

Ⓐ hábito de consumo;
Ⓑ poder de mídia;
Ⓒ meios de comunicação;
Ⓓ efeito das drogas;
Ⓔ consumo de cocaína.

34. NCE-UFRJ – Termo sublinhado que exerce função sintática diferente dos demais é:

Ⓐ "A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."
Ⓑ "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio,..."
Ⓒ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓓ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓔ "Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional."

35. NCE-UFRJ – "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem do idioma – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

"É como se fosse uma cabala contra a comunicação: o significado das palavras é depreciado, desprezado, trocado, ignorado."

Assinale a afirmativa correta em relação aos termos sintáticos antecedidos pela preposição de nas frases acima:

A Os dois termos exercem a função de adjunto adnominal.
B Os dois termos exercem a função de complemento nominal.
C Os dois termos exercem a função de objeto indireto.
D Só o primeiro termo é complemento nominal.
E Só o segundo termo é objeto indireto.

36. FESP – RJ

"Cariocas são bonitos."

"Cariocas não gostam de dias nublados."

(Adriana Calcanhoto)

Os predicados em destaque classificam-se, respectivamente, em:

A verbal – nominal;
B nominal – verbal;
C verbal – verbo-nominal;
D nominal – verbo-nominal;
E verbo-nominal – nominal.

37. FESP-RJ – Em que frase abaixo a preposição de introduz um complemento nominal e não um adjunto adnominal?

A "É claro que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas, tanto quanto é imperativo minorar, como remédio apropriado, a sofrida tosse do silicótico."
B "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio,..."
C "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro, a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio, e era propriedade de uma companhia inglesa."
D " ... uma vez que, destruindo sua função alertadora e denunciadora, provoca uma cegueira perigosa, que aprofunda a raiz do mal."
E "A fábrica andou de vento em popa, produzindo tonéis e tonéis de xarope, vendido a preço módico, mas não tão modesto que impedisse uma pequena margem de lucro por unidade adquirida. Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável. O abrandamento da grande trovoada brônquica foi transformado em fonte de renda – e de sossego – , permitindo...".

38. EMPASIAL – Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:

Ⓐ Voltaremos cedo para casa.
Ⓑ Ele é um moço de bom coração.
Ⓒ O sol da manhã iluminava a montanha.
Ⓓ Cuidado com esse prato de vidro.
Ⓔ Algumas pessoas andavam pelas ruas.

39. CESPE-UnB – Identifique o período em que ocorre oração subordinada substantiva objetiva direta:

Ⓐ "Central de promessas impossíveis, o horário eleitoral não tem permitido que se explique para que serve um vereador."
Ⓑ "Os vereadores são a base do sistema democrático, e, uma vez eleito, um candidato terá poder de interferir e atuar onde menos se imagina."
Ⓒ "Os vereadores gostam de perder tempo nomeando e renomeando ruas ou distribuindo medalhas e honrarias, mas cuidam de questões fundamentais para o bolso dos cidadãos."
Ⓓ "Assim, são os vereadores que lidam com as construtoras, ansiosas por conseguir uma autorização para erguer prédios em bairros onde só há casas."
Ⓔ "O resultado é que, mesmo com tanto a fazer, as câmaras muitas vezes são tratadas como um poder à sombra do Executivo."

40. NCE-UFRJ – O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:

Ⓐ "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
Ⓑ "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
Ⓒ "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos,..."
Ⓓ "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
Ⓔ "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

41. ANP – Leia o texto abaixo.

"Antes da chegada dos europeus, africanos e asiáticos, o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra. Desde que as frentes pioneiras de colonizadores adentraram o espaço geográfico brasileiro, não levaram em conta a posse, por direito, das terras das numerosas tribos indígenas. Isso se deve ao fato de os colonizadores nunca terem considerado os índios como humanos de pleno direito, mas um entrave a ser removido ou domesticado e disciplinado para o trabalho. Inclusive, o termo tribo, que designa as sociedades indígenas, traz uma certa carga preconceituosa, pois sugere uma pretensiosa

superioridade das nações europeias, e a não existência de civilização entre os ditos povos primitivos. [...] Quando o território do atual Estado de Santa Catarina começou a ser habitado por frentes pioneiras de colonizadores europeus, os moradores nativos utilizavam-se de armas rudimentares para caça, pesca e defesa. Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora e da imprensa. A bússola os trouxe; a pólvora permitiu a violenta conquista e a imprensa registrou os fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade. Munidos dessas armas, os conquistadores encontraram uma terra habitada por um povo atrasado, conforme o olhar que tinham à época (visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

(M. Carmo Ramos Krieger Goulart e Nilson Cesar Fraga. *Vale dos índios, vale dos imigrantes*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000, p. 25-26)

Observe os fragmentos de texto a seguir, para responder à questão:

I. “...o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra.”

II. “Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora, e da imprensa.”

III. “...fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade.”

IV. “...(visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

Aponte a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Em III, “...aqueles momentos da História...” completa o sentido de “traziam”, verbo transitivo direto; é, portanto, um objeto direto.

Ⓑ Em II, a expressão “...da bússola, da pólvora, da imprensa” refere-se a “conhecimento”; é, portanto, um complemento nominal.

Ⓒ Em I, “...pelos índio...” completa o sentido de encontrava, verbo transitivo indireto; é, portanto, um objeto indireto.

Ⓓ Passando a frase II para a voz passiva, o núcleo verbal fica “era trazido”.

42. FEC – No período “Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo.”, a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

Ⓐ tempo e finalidade;

Ⓑ tempo e consequência;

Ⓒ causa e tempo;

Ⓓ causa e consequência;

Ⓔ causa e finalidade.

43. FJPF – A frase em que o pronome lhe tem função distinta dos demais é:

Ⓐ "...colhe o que lhe sonegam..."
Ⓑ "...percebe onde lhe alvejam..."
Ⓒ "...devassa o que lhe ocultam..."
Ⓓ "...enxerga o que lhe malfazem..."
Ⓔ "...o que lhe passa ao perto e ao longe..."

44. CONATEC – Analise cada uma das orações grifadas e classifique-a, quanto à função que exerce no período.

1. Não se sabe se vai dar certo.

2. Perguntaram se estava tudo em ordem.

3. Sou favorável a que o despachem.

4. Não veio porque está adoentado.

5. É bom dormir quando chove.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ subjetiva, objetiva direta, completiva, causal, temporal;
Ⓑ completiva nominal, subjetiva, objetiva direta, causal, temporal;
Ⓒ temporal, completiva nominal, causal, objetiva direta, subjetiva;
Ⓓ causal, objetiva direta, subjetiva, temporal, completiva nominal.

45. NCE-UFRJ – "O *Viva Rio* pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira."

Que item a seguir indica corretamente a função sintática do termo destacado na frase acima?

Ⓐ "...dois minutos de silêncio" – objeto direto.
Ⓑ "...ao meio-dia" – objeto indireto.
Ⓒ "...da próxima sexta-feira" – adjunto adverbial de tempo.
Ⓓ "...pediu [...] sexta-feira" – predicado nominal.
Ⓔ "...de silêncio" – adjunto adverbial de modo.

46. EMPASIAL – Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:

Ⓐ João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
Ⓑ Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
Ⓒ Vendem-se livros. (sujeito)
Ⓓ Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
Ⓔ A ideia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

47. FUNRIO – "Se, em vez de atender prontamente à solicitação, o negociante começar a gaguejar, demonstrar impaciência, o cliente, que já não estava muito inclinado a ceder, termina por não assinar o contrato..."

A classificação da oração em destaque está correta na opção:

- **A** oração subordinada substantiva predicativa;
- **B** oração subordinada adjetiva restritiva;
- **C** oração subordinada substantiva objetiva direta;
- **D** oração subordinada adjetiva explicativa;
- **E** oração coordenada sindética explicativa.

48. FUNRIO Verifica-se um caso de oração sem sujeito em:

- **A** "Já o nascimento de uma menina, na maioria dos casos, não é comemorado."
- **B** "Ninguém se deu ao trabalho de olhar para mim..."
- **C** "Mas nada na aparência externa de Machrihwa, no norte de Shravasti, perto da fronteira com o Nepal, indica esse recorde triste."
- **D** "Estamos impressionados..."
- **E** "E além disso há o próprio custo do casamento..."

49. NCE-UFRJ – No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

- **A** o sujeito de descobrimos é diferente do sujeito de vivemos;
- **B** a expressão é que atua como expressão de realce;
- **C** na doença indica uma ideia circunstancial de lugar;
- **D** que não vivemos sozinhos é complemento do verbo ser;
- **E** não é advérbio de negação ligado a sozinhos.

50. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o vocábulo se desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "...onde quer que se esteja" é:

- **A** "Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
- **B** "Nosso apetite pela liberdade se aburguesou."
- **C** "...e tem o direito de mover-se livremente?"
- **D** "...o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo..."
- **E** "...onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

51. CETRO – O complemento nominal está corretamente destacado no item:

- **A** "...acompanho a caça aos leitores..."
- **B** "...manter um veículo em vida orgânica."
- **C** "...é a porta de entrada dos jovens para a mídia..."
- **D** "...envelhecem e se fadigam das mesmices de cada crise..."
- **E** "...a violência urbana deve ser combatida pelo mutirão de cidadãos..."

52. FJG – Na frase: "É consenso nacional a necessidade de levar a educação formal e não formal a todos os brasileiros." – o sujeito do verbo sublinhado está posposto. Em que caso a seguir também se encontra posposto o sujeito do verbo sublinhado?

Ⓐ "As salas de aulas estão cheias de crianças e jovens que passam boa parte do seu tempo em contacto com mundos diversos..."

Ⓑ "Não há receitas mágicas que respondam e indiquem a fórmula para resolver tais questões."

Ⓒ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados. Isto é, não deveriam ser tomados por aqueles que têm como ideal um processo educacional que..."

Ⓓ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados."

Ⓔ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

53. FJG – "As salas de aula estão cheias de crianças e jovens..."

Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

Ⓐ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

Ⓑ "Assim como o relógio e a máquina a vapor mudaram a vida das pessoas nos séculos XVII e XVIII,..."

Ⓒ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓓ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓔ "...também os modernos instrumentos da comunicação transformam, reorganizam e medeiam os modos de vida e as relações sociais."

54. FJG – Em "Se é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I), "de todos" e "da Nação" são termos que:

Ⓐ determinam o mesmo nome;

Ⓑ exercem funções sintáticas diferentes;

Ⓒ têm função de complementos nominais;

Ⓓ funcionam como advérbios;

Ⓔ funcionam como adjuntos adnominais.

55. FUMARC "Mesmo estando disposto, não foi capaz de organizar o evento para os prefeitos da região."

A oração destacada acima exprime circunstância de:

Ⓐ consequência;
Ⓑ conformidade;
Ⓒ condição;
Ⓓ concessão.

56. FJG – "Já se falava em namoradas."

Assinale o item que apresenta a classificação do sujeito da oração:

Ⓐ sujeito simples;
Ⓑ sujeito oracional;
Ⓒ sujeito indeterminado;
Ⓓ oração sem sujeito;
Ⓔ sujeito composto.

57. FUMARC – "Através de medida provisória, decidiu-se saber que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

No período acima não se encontra:

Ⓐ adjunto adverbial;
Ⓑ adjunto adnominal;
Ⓒ complemento nominal;
Ⓓ objeto indireto;
Ⓔ predicativo do sujeito.

58. NCE-UFRJ – "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras. Diversas morrem de exaustão."

Assinale o item cujo comentário sobre a frase destacada acima esteja correto.

Ⓐ O sujeito da oração é *"palavras"*.
Ⓑ O termo *"de exaustão"* funciona como adjunto adnominal.
Ⓒ O termo *"de exaustão"* funciona como predicativo do sujeito.
Ⓓ O verbo *"morrer"* está empregado como verbo transitivo.
Ⓔ A preposição "de" tem valor nocional de causa.

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: *'o morro'* e a *'rua'*."

Quais os sujeitos das duas orações do período acima?

Ⓐ Quem – dois espaços bem diferenciados.
Ⓑ Indeterminado – inexistente.

Ⓒ Inexistente – dois espaços.
Ⓓ Indeterminado – indeterminado.
Ⓔ Quem – o morro e a rua.

60. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a forma apresentada pode substituir "segurando" no período "Um professor chinês em Yale, segurando a xícara de café, ficava olhando o ponteiro de segundos do relógio da sala de aul.", mantendo o sentido da expressão destacada:

Ⓐ logo que segurava;
Ⓑ enquanto segurava;
Ⓒ quando segurava;
Ⓓ porque segurou;
Ⓔ que segurou.

61. FUNRIO – Os pronomes pessoais são muito versáteis quanto aos valores sintáticos que expressam, em função dos contextos frasais em que se encontrem. Considerando essa reflexão, compare, nos dois fragmentos retirados do texto de Grecco, o emprego dos pronomes pessoais nele presentes e indique a alternativa que contém a indicação correta das funções que eles desempenham nas orações.

I. "...daqueles que nos roubam recursos..."

II. "Lugares-comuns que me incomodam."

Ambos os termos desempenham a função de:

Ⓐ objeto direto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓑ objeto indireto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓒ objeto direto e indireto, respectivamente;
Ⓓ objeto indireto e direto, respectivamente;
Ⓔ adjunto adnominal e complemento nominal.

Nas questões 62 e 63, elaboradas pela eminente banca examinadora da FUMARC, assinale a alternativa em que a circunstância da oração sublinhada esteja corretamente indicada nos parênteses.

62.

Ⓐ Havia tanto material no depósito que novas relações de compra foram adiadas. (consequência)
Ⓑ Mal divulgaram os resultados da pesquisa, os candidatos recuaram. (causa)
Ⓒ À medida que eles me procuram, vou dando as orientações necessárias. (conformidade)
Ⓓ Será aprovado desde que frequente as aulas no colégio. (tempo)

63.

- **A** Assim que retornar ao trabalho, provavelmente serão dispensados. (modo)
- **B** Ainda que me diga algumas verdades, não o escutarei mais. (concessão)
- **C** Para festejar sua recente promoção, convocou seus amigos rapidamente. (proporcionalidade)
- **D** Quanto mais se estuda o assunto, mais os alunos se sentem seguros para o exame. (finalidade)

64. FUMARC – "Perderam o ônibus por estarem atrasados."

No enunciado, a oração subordinada exprime circunstância de:

- **A** conformidade;
- **B** causa;
- **C** consequência;
- **D** condição.

65. SENASP – Leia:

I. "O sábio cala, o mediano fala, o ignorante grita."

II. "Penso, logo existo."

III. "Espere, que quero falar-lhe."

IV. "O invejoso emagrece com a gordura alheia."

V. "O trabalho enobrece o homem mas, depois que o homem se sente nobre, não quer mais trabalhar."

Assinale a correta afirmativa quanto à classificação dos períodos de I a V.

- **A** Apenas I e II exemplificam períodos mistos.
- **B** Apenas I e III exemplificam períodos mistos.
- **C** I, II e III exemplificam períodos coordenados, IV exemplifica período simples e V exemplifica período misto.
- **D** I e IV exemplificam períodos simples, II e V exemplificam períodos compostos por subordinação e III é período misto.
- **E** I, III e V exemplificam períodos mistos, II e IV exemplificam períodos compostos por coordenação assindética.

66. FESP-RJ – Observe a oração: "O poeta considera injustas as condições de vida".

Nela, o predicado tem a mesma classificação que o da seguinte oração:

- **A** "Volto do trabalho, a noite em meio, fatigado de mentiras."
- **B** "...a poesia agora responde a inquérito policial-militar."
- **C** "...eu a compro à vista aos donos do mundo."
- **D** "...e com ele construímos um artefato."

67. UNIFAP – Sobre os termos em destaque na oração "Um dia, todos os computadores do mundo estarão ligados num <u>único e definitivo</u> sistema", é correto afirmar que eles exercem a função de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ predicativo;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ complemento nominal.

68. FUMARC – No texto "Para ver a plantação de dinheiro dos nossos clientes, é preciso flexibilizar negociações", <u>não</u> há exemplo de:

Ⓐ predicado nominal;
Ⓑ predicado verbal;
Ⓒ adjunto adverbial;
Ⓓ objeto direto.

69. NCE-UFRJ – Assinale o comentário adequado sobre o período a seguir: "O homem do campo trabalhava em harmonia com os elementos, como um artesão, durante tanto tempo quanto julgasse necessário".

Ⓐ O termo "em harmonia" corresponde a uma locução adverbial, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓑ O termo "do campo" corresponde a uma locução adjetiva, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓒ O termo "com os elementos" exerce a função de complemento nominal, sendo iniciado por uma preposição de valor predominantemente gramatical.
Ⓓ O termo "como um artesão" corresponde ao segundo termo de uma comparação que tem como ponto comum o ato de trabalhar.
Ⓔ O termo "necessário" corresponde a um adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal de "tempo".

70. NCE-UFRJ – "Não há nada que diferencie tanto a sociedade ocidental de nossos dias das sociedades mais antigas da Europa e do Oriente do que o conceito de tempo."

Quais os sujeitos das duas orações que compõem o período inicial do texto?

Ⓐ Oração sem sujeito – "nada".
Ⓑ Oração sem sujeito – "que".
Ⓒ "Nada" – "que".
Ⓓ "Nada" – "o conceito de tempo".
Ⓔ A oração seguinte – "o conceito de tempo".

71. FUNRIO – Duas placas colocadas na entrada de uma galeria oferecem empregos. Elas dizem:

PRECISAM-SE DE COSTUREIRAS	CONTRATAM-SE COZINHEIROS

Levando em conta o que é recomendado pelo uso prestigiado na linguagem padrão, podemos afirmar que:

A apenas a primeira frase está correta, pois o verbo "precisar" tem sujeito indeterminado;

B as duas frases estão corretas, já que ambas têm sujeito indeterminado e pronome reflexivo;

C apenas a segunda frase está correta, pois o verbo "contratar" concorda com o sujeito "cozinheiros";

D as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do singular;

E as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do plural.

72. FUMARC – Em todas as alternativas, a oração sublinhada tem a mesma função sintática que o termo em destaque na sentença abaixo "Mandei-os entrar", exceto:

A Ainda não sei se conseguiremos fazer a mudança antes do fim de semana.

B Não podia ser verdade que ele tivesse traído seus correligionários.

C Ainda não se sabe se eles conseguirão sobreviver aos ferimentos.

D Muitas vezes, mandar acaba sendo mais difícil do que obedecer.

73. NCE-UFRJ – Observe as duas ocorrências do vocábulo se nas frases a seguir e assinale o item que traz um comentário correto a respeito dessas ocorrências:

1. "...a população menos carente se atira ao trabalho..."

2. "...sem indagar se são adequados aos nossos gostos..."

A Ocorre somente um caso de se indeterminador do sujeito.

B Os dois casos de se têm a mesma função sintática.

C Uma ocorrência de se corresponde à classe das conjunções condicionais.

D Há um caso de se como pronome apassivador.

E Ocorre somente um caso de se pronome pessoal.

74. NCE-UFRJ – Assinale o item em que se indica corretamente o número de frases nas quais os elementos destacados são complementos nominais.

1. "...a sociedade ocidental de nossos dias..."

2. "...do que o conceito de tempo."

3. "...o relógio de sol inútil..."

4. "...dispunham de meios bastantes primitivos..."

5. "...onde o resto de óleo ou cera..."

Ⓐ Cinco.
Ⓑ Quatro.
Ⓒ Três.
Ⓓ Dois.
Ⓔ Um.

75. NCE-UFRJ – "....com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..."; o comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:

Ⓐ a forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário";
Ⓑ o pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte;
Ⓒ "pela indústria" representa o paciente da ação verbal;
Ⓓ o pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos";
Ⓔ o verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

76. FESP-RJ – Leia atentamente as orações:

"Compõe-se <u>a imagem</u> no entremeio de outras duas."

"...ficavam confinados e acessíveis somente <u>a uns poucos privilegiados</u>."

Os termos sublinhados exercem, respectivamente, as seguintes funções sintáticas:

Ⓐ sujeito e objeto indireto;
Ⓑ sujeito e complemento nominal;
Ⓒ objeto direto e adjunto adnominal;
Ⓓ objeto indireto e adjunto adnominal;
Ⓔ objeto direto e complemento nominal.

77. ANP – Com base nos fragmentos de texto abaixo, é correta a função sintática identificada em:

Ⓐ "Não é mero erro ocasional; é clara <u>a tendência de recursos ao "onde"</u> para substituir outros advérbios – o "quando" em particular." – predicativo.
Ⓑ "<u>Curiosamente</u>, teóricos da pós-modernidade já apontaram para a decadência da categoria moderna do tempo e a ascensão da categoria pós-moderna do espaço." – advérbio de modo.
Ⓒ "Agora, na idade pós-moderna, é como se o tempo estivesse, na hipótese mais nobre, sendo abolido ou diminuído, encurralado, desbastado, pulverizado (pelo desenvolvimento de técnicas de locomoção, como no avião); pelo aprimoramento daquelas outras <u>que</u> permitem a superação imaginária das distâncias..." – sujeito
Ⓓ "...estar na rua significa estar num tempo sem começo e sem fim, um tempo que independe do ritmo vital de cada um e que, portanto, é neutro. Tenta-<u>se</u> agarrar o espaço por não mais ser possível viver o tempo, ... " – objeto direto.

78. FJG – "...uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:

- **A** A ciência se considera infalível.
- **B** Ciência e técnica se auxiliam.
- **C** Não se conhece uma só ciência completa.
- **D** Viram-se os resultados da pesquisa.
- **E** Os jovens se abraçaram na passeata.

79. FUMARC – Leia o enunciado a seguir:

"Como se resolve determinado problema quando a crise começa a rondar a empresa em que você trabalha?"

No período dado, não se encontra o seguinte termo da oração:

- **A** adjunto adverbial;
- **B** adjunto adnominal;
- **C** objeto direto;
- **D** predicativo do sujeito.

80. NCE-UFRJ – "...exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

- **A** O termo da administração corresponde a um adjunto adnominal.
- **B** O termo dos problemas sociais corresponde a um objeto indireto.
- **C** Federal, estadual e municipal são apresentados numa ordem crescente de importância.
- **D** O substantivo governos se prende aos adjetivos federal, estadual e municipal.
- **E** O adjetivo profunda se refere aos substantivos mudança e administração.

81. NCE-UFRJ – "Um pai ou uma mãe que fumam..."; "...mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar.". Os pronomes relativos desses dois segmentos do texto exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

- **A** sujeito – sujeito;
- **B** sujeito – objeto direto;
- **C** objeto direto – objeto indireto;
- **D** objeto direto – sujeito;
- **E** objeto indireto – objeto direto.

82. NCE-UFR – "Foi a descoberta de novas terras...". O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:

Ⓐ "As lendas da Grécia..."
Ⓑ "Estudos do fundo do oceano..."
Ⓒ "Nessa ilha, [...] havia uma extensa planície e, numa de suas extremidades, uma montanha solitária..."
Ⓓ "...tendo submergido de um dia para o outro..."
Ⓔ "...a oeste do estreito de Gibraltar..."

83. NCE-UFRJ – "...a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:

Ⓐ enorme quantidade de objetos;
Ⓑ instrumentos de trabalho;
Ⓒ o levantamento de pesos;
Ⓓ sala de aula;
Ⓔ máquina de escrever.

84. FESP-RJ – A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

Ⓐ Duvido de sua capacidade profissional.
Ⓑ Apenas nos víamos em festas rurais.
Ⓒ Ficaria encantado com a novidade.
Ⓓ Achava-se apto para o trabalho.

85. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o elemento destacado apresenta uma função sintática distinta das demais:

Ⓐ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que..."
Ⓑ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, em cores ou preto e branco, sem um botão para desligar."
Ⓒ "Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida."
Ⓓ "Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida."
Ⓔ "Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das oito no cinema."

86. FJG – Em:

"Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão."

(Gilberto Gil)

o sujeito do verbo acessar é:

Ⓐ "um hacker";
Ⓑ "um grupo";
Ⓒ "o chefe da Macmilícia";
Ⓓ "eu";
Ⓔ "rede".

87. FJG – A dupla de frases, em que os termos destacados exercem a mesma função sintática, é:

Ⓐ "Mas é nelas que te vejo pulsando, mundo novo, ainda em estado de soluços e desesperança." / "São todas elas coisas perecíveis e eternas, como o teu riso..."
Ⓑ "São todas elas coisas perecíveis e eternas como o teu riso, a palavra solidária, minha mão aberta, ou este esquecido cheiro de cabelo que volta..." / "Todas as coisas de que falo são de carne como o verão e o salário."
Ⓒ "São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos, greves, denúncias, acidentes de trabalho e de amor. Coisas, de que falam os jornais..." / "Todas as coisas de que falo estão na cidade..."
Ⓓ "São coisas, todas elas, cotidianas,..." / "...ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende sua flama inesperada no coração de maio."
Ⓔ "Todas as coisas de que falo estão na cidade, entre o céu e a terra." / "...às vezes tão rudes, às vezes tão escuras que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade."

88. NCE-UFRJ – "Os processos através dos quais as sociedades do passado minaram a si mesmas, danificando o meio ambiente, dividem-se em oito categorias, cuja importância relativa difere de caso para caso:..." A oração reduzida – "danificando o meio ambiente" – tem valor de:

Ⓐ meio;
Ⓑ causa;
Ⓒ condição;

Ⓓ tempo;
Ⓔ modo.

89. FJG – Em "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente <u>por ser um símbolo do mundo adulto.</u>", o fragmento sublinhado é uma oração reduzida cuja forma desenvolvida adequada é:

Ⓐ embora seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓑ caso seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓒ porquanto é um símbolo do mundo adulto;
Ⓓ mesmo que seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓔ à proporção que seja um símbolo do mundo adulto.

90. CESPE-UNB – No período:

"O resultado é que, quando não estão em sessão, os vereadores são procurados para resolver o problema de um cidadão que não consegue fazer valer junto ao governo um direito líquido e certo – como a internação num hospital, a pavimentação de uma rua ou o acesso a uma linha de ônibus nas proximidades de casa." há:

Ⓐ oito orações;
Ⓑ sete orações;
Ⓒ seis orações;
Ⓓ cinco orações;
Ⓔ quatro orações.

91. ACEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada, sintaticamente, é <u>objeto indireto</u> da oração a que está vinculada.

Ⓐ "Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos, de modo que quando acrescentou em 1832, no fim da vida, <u>alguns capítulos novos</u> ao Fausto, que começara a escrever sessenta anos antes, aplicou lições que aprendeu em sua experiência como uma espécie de 'autoridade monetária'."
Ⓑ "Goethe tinha em mente <u>as primeiras experiências desastrosas</u> com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..."
Ⓒ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, desde então, e diante de centenas <u>de desastres financeiros similares em toda parte</u>, a humanidade..."
Ⓓ "...a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel <u>a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais.</u>"

92. NCE-UFRJ – Qual dos itens a seguir apresenta um predicado de tipo distinto dos demais?

Ⓐ Introduzo na poesia / a palavra diarreia.
Ⓑ Não pela palavra fria / mas pelo que ela semeia.
Ⓒ Quem fala em flor não diz tudo.
Ⓓ Quem fala em dor diz demais.
Ⓔ O poeta se torna mudo / sem as palavras reais.

93. FJG – Analise o elenco de orações abaixo listado:

1. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos.

2. O carioca [...] virou grosseiro e irritadiço.

3. O chofer considera [...] todo pedestre um débil mental.

4. Não cede lugar a nenhuma senhora.

5. Não entrei na conversa.

6. [...] o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro [...]

Entre os predicados das frases destacadas, a menor frequência é tipo:

Ⓐ verbo-nominal e verbal;
Ⓑ verbal;
Ⓒ verbo-nominal;
Ⓓ verbo-nominal e nominal;
Ⓔ nominal.

94. FUNRIO – No fragmento a seguir "...não considero desertor um jogador que, por qualquer motivo, não queira defender a seleção de seu país...", o termo "desertor" desempenha a função de:

Ⓐ predicativo do sujeito;
Ⓑ predicativo do objeto direto;
Ⓒ predicativo do objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial de modo;
Ⓔ adjunto adverbial de causa.

95. FUNRIO – Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nos versos.

I. "Era <u>ele</u> que erguia casas" – pronome pessoal reto, em função de sujeito.

II. "Ele subia com as casas / Que <u>lhe</u> brotavam da mão" – pronome pessoal oblíquo, em função de objeto indireto.

III. "Que a casa que ele fazia" – pronome relativo, em função de objeto direto.

IV. "A casa que ele fazia / Sendo a <u>sua</u> liberdade/ Era a sua escravidão" – pronome possessivo, em função de adjunto adnominal

É correto apenas o que se afirma na alternativa:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I e III;
Ⓒ I, II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I, II e III.

96. FUNRIO – No trecho "...resultou na renúncia do Presidente Richard Nixon, em agosto de 1974...", emprega-se a preposição de (em do= de+o) como um conector entre dois substantivos; nessas condições, o segundo substantivo, então, repete sintaticamente a mesma função que se detecta em:

Ⓐ "Ela é cúmplice de tudo que tem acontecido no país."
Ⓑ "...as pressões econômicas que os veículos sofrem das grandes corporações."
Ⓒ "...quanto ao seu papel de informar."
Ⓓ "Independente das posições político-ideológico-partidárias de cada um."
Ⓔ "Tudo em nome da grande pátria."

97. EMPASIAL – Marque onde há erro na análise sintática do termo em destaque:

Ⓐ Ao pé da cruz, havia uma pequena inscrição. (núcleo do objeto direto)
Ⓑ Ele era muito útil à comunidade. (objeto indireto)
Ⓒ A loja foi assaltada por eles. (agente da passiva)
Ⓓ Ouvi apenas o começo da música. (objeto direto)
Ⓔ Não existem testemunhas do assalto. (sujeito)

98. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os elementos assinalados exercem a mesma função sintática.

Ⓐ "Amigo leitor, você, que se enquadra na categoria dos consumidores ..."
"A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas. Pode estar aguardando você à porta da padaria mais próxima."

Ⓑ "Seguinte: se você consumir, será imediatamente responsável por qualquer aumento de inflação."
"Se você comprar muitas passagens de ônibus ou de metrô, isso se refletirá no consumo das passagens e, aumentando o consumo, aumenta a inflação."

Ⓒ "Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar. Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada."
"Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada. Só que o dinheiro que não valia nada era guardado exatamente por isso, porque não valia nada."

Ⓓ "A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas."
"Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar."

Ⓔ "Aqui, é claro, tudo tinha de ser ao contrário."
"Senão, não tinha graça."

99. FJG – Observe os fragmentos de texto:

1. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

2. "Sai de casa pela manhã, como quem vai para uma briga, mantém para com o colega de bonde, ônibus, ou lotação, uma atitude de 'mentalidade antipática', e, para com o motorista ou cobrador, de 'beligerância em potencial'."

3. "Não cede lugar a nenhuma senhora e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade para apenas comprar um carretel;..."

4. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

5. "Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e esse quase se chocou com um carro particular."

6. "O garçom irrita-se porque o freguês tem a veleidade de lhe pedir alguma coisa,..."

Relacione as colunas, classificando a expressão sublinhada em cada frase, segundo a coluna da esquerda; depois, assinale a sequência correta:

(1) objeto direto	**( )**	**"com propensão ao suicídio."**
(2) objeto indireto	**( )**	**"com o colega de bonde"**
(3) complemento nominal	**( )**	**"Não cede lugar a nenhuma senhora"**
(4) adjunto adverbial	**( )**	**"considera todo colega um "barbeiro"**
(5) adjunto adnominal	**( )**	**"vinha para casa num táxi "**
(6) predicativo	**( )**	**"o freguês tem a veleidade"**

A alternativa que apresenta a sequência correta é:

Ⓐ 2 – 5 – 3 – 6 – 4 – 1;
Ⓑ 3 – 5 – 2 – 6 – 4 – 1;
Ⓒ 3 – 4 – 2 – 6 – 5 – 1;
Ⓓ 3 – 5 – 1 – 6 – 4 – 2;
Ⓔ 4 – 3 – 2 – 1 – 5 – 6.

100. NCE-UFRJ – Que elemento dos fragmentos abaixo, precedido da preposição de, exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

Ⓐ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado. O tom de voz nem sempre é o mesmo usado no 'morro',..."
Ⓑ "...(quem mora lá no morro já vive pertinho do céu)."
Ⓒ "Há pontos em comum entre as duas versões. A percepção de uma cidade cindida em dois é a coincidência mais evidente,..."
Ⓓ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado."
Ⓔ "...as palavras e os gestos são medidos para que traduzam um código distinto do que é utilizado na favela."

101. EMPASIAL – Em : "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Assinale o item que classifica a oração subordinada destacada:

Ⓐ subordinada adverbial causal;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓒ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa;
Ⓔ coordenada sindética explicativa.

102. EMPASIAL – Indique qual o item em que a oração subordinada tem a mesma função do termo destacado em "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Ⓐ "A diferença é que o 'pit-bull' é forte e tem grande resistência à dor."
Ⓑ "...não digo que a vida é bela tampouco me nego a ela: digo sim."
Ⓒ "Quase sempre se convence que não tem o bastante..."
Ⓓ "Você não entende as coisas que eu te digo..."
Ⓔ "Ela entendia muito de fazendas, pois a tia era costureira."

103. ACEP – Assinale a sequência cujos sintagmas postos em negrito se classificam como aposto, oração completiva nominal e predicativo:

Ⓐ " ... a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais." / Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo "controle da base monetária". / Johann Wolfgang von Goethe, [...] conhecia bem os assuntos da economia. Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos,...

Ⓑ "Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo 'controle da base monetária'." / É da natureza dos religiosos do BC enxergar apenas virtude no sacrifício, mas o mundo laico pode entender que, sem prejuízo da nobre missão dos bancos centrais, a decisão sobre a flagelação do organismo econômico deve pertencer aos políticos eleitos. / Cria-se, assim, uma autonomia relativa, dita "operacional", com vista a conciliar a monástica propensão ao martírio, própria das autoridades monetárias, com as necessidades do desenvolvimento.

Ⓒ "Mas, como no Brasil, desde Juscelino, o pendor faustiano para o excesso é imenso, e este é o país do Carnaval, essa conciliação, na prática, é muito difícil." / Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o "lastro" em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, ... / Os juros são altos, e assim permanecerão, muito mais em razão de "fundamentos econômicos" frágeis, temas da esfera dos políticos, que da vilania ou austeridade do BC.

Ⓓ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (o moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..." / a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais. / Tudo era falso como as fantasias de Carnaval e de Mefistófeles.

104. CESPE-UnB – Leia os trechos abaixo:

I. "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador, não conhecia o garoto."

II. "Possivelmente essa incorrigível falsária, a Memória, a pintou."

III. "...a pintou substituindo a verdade nativa, feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul, por alguma caprichosa arquitetura rococó."

A opção correta, quanto à estrutura morfossintática, é:

Ⓐ apenas I contém aposto;
Ⓑ I e II contêm apostos;
Ⓒ I e III contêm apostos;
Ⓓ II e III contêm apostos;
Ⓔ todas as opções contêm apostos.

105. ACEP – "Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa."

Os dois períodos acima são formados por subordinação e em cada um encontra-se uma oração:

Ⓐ subordinada adverbial temporal;
Ⓑ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓓ subordinada adverbial concessiva;
Ⓔ subordinada adverbial causal.

106. COMPERV – "O homem trabalha muito, para que possa sobreviver."

A oração em destaque pode ser classificada como:

Ⓐ subordinada adverbial concessiva;
Ⓑ subordinada adverbial causal;
Ⓒ subordinada adverbial conformativa;
Ⓓ subordinada adverbial final;
Ⓔ subordinada adverbial consecutiva.

107. CONATEC – Indique, entre as orações abaixo, aquela em que ocorre a indeterminação do sujeito.

Ⓐ Alguém bateu à porta.
Ⓑ Ninguém diz que ele é estrangeiro.
Ⓒ Come-se bem naquele restaurante.
Ⓓ Quem falou?

108. FESP-RJ – Dos termos sublinhados nas seguintes passagens do texto, aquele que não funciona como sujeito é:

Ⓐ "...feneceu muito antes que na Europa Latina o molde feudal."
Ⓑ "...o que nos leva ora à solução elegante e proveitosa (para os juristas) da mudança da Constituição."
Ⓒ "...é possível configurar-se, então, a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social."
Ⓓ "Resta saber se não há uma terceira explicação, em termos de atitudes religiosas."
Ⓔ "...o belo arrazoado aquiniano de ser o juro ilegítimo..."

109. FESP-RJ – Em frase como: "Assassinaram o patrulheiro os homens que viajavam na moto.", o mecanismo gramatical responsável pela identificação do sujeito de assassinaram é:

Ⓐ concordância do verbo;
Ⓑ a ordem dos termos na frase;
Ⓒ o fato de o verbo em questão só poder referir-se a seres animados;
Ⓓ o fato de ser o sujeito, por definição, um termo não preposicionado;
Ⓔ a existência, na frase, de oração que funciona como adjunto adnominal de homens.

110. FUNRIO – Observe, com atenção, o período abaixo:

"Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo."

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Nele, é possível perceber que:

I. ocorre um sujeito oracional, ligado ao verbo de ligação "era";

II. "nas festas do Espírito Santo" é um termo adjunto adverbial de lugar;

III. o verbo "fazer", normalmente transitivo direto, está sendo completado por um objeto direto preposicionado;

IV. a palavra "gosto" funciona como núcleo do sujeito simples e claro.

Estão corretas as afirmações:

A) I e II;
B) II e III;
C) I e IV;
D) II e IV;
E) III e IV.

111. ESAG – Assinale a alternativa incorreta, em relação a esta frase:

"A água é considerada pelos capixabas o mais importante elemento da natureza. Depois vêm as florestas, o ar e os animais."

A) A expressão o mais importante elemento da natureza é objeto direto da voz passiva sintética.
B) pelos capixabas é agente da passiva.
C) A água é sujeito da oração.
D) Passando a oração para a voz ativa, obtém-se como núcleo verbal consideram.

112. FUMARC – O termo destacado é complemento nominal em:

A) "[...] são casos claros de roubo."
B) "A cola é roubo de conhecimento."
C) "[...] e quem o dá é cúmplice do roubo."
D) "Professor [...] que não cumpre seu horário de permanência [...]"

113. NCE-UFRJ – "Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião, mas eu vou mais além: é preciso rediscutir o papel das Forças Armadas, coisa que não foi feita na Constituição de 1988."

Assinale o comentário inadequado sobre o texto dado:

A) o termo coisa exerce na frase a função sintática de aposto;
B) o termo Constituição de 1988 exerce a função de agente da ação verbal;
C) a forma verbal foi feita exemplifica a voz passiva analítica ou com auxiliar;

Ⓓ o vocábulo coisa refere-se anaforicamente a um termo anterior;
Ⓔ o termo de 1988 exerce a função sintática de adjunto adnominal.

114. CONATEC – Anteponha aos períodos OI quando houver oração substantiva objetiva indireta e CN se ocorrer oração completiva nominal. A seguir aponte a alternativa com a sequência CORRETA.

1. Fabiano tinha a certeza de que não acabaria tão cedo.

2. O santo exortava o povo a que se mantivesse fiel a Deus.

3. O soldado insistia em que a prisão fosse feita.

4. Deixei-me estar em casa, na esperança de que me chamasse.

5. Sê grato a quem te ensina.

Ⓐ OI – CN – OI – CN – CN.
Ⓑ CN – OI – CN – CN – OI.
Ⓒ CN – OI – OI – CN – CN.
Ⓓ OI – CN – CN – CN – OI.

FUNRIO – Leia o texto e responda às questões 115 e 116.

"Muitos talvez não compreendam que, numa época de cerrado utilitarismo, alguém se demasie em tanto esforço numa advocacia romântica e cavalheiresca, sem visar a um lucro ou a interesse indiretos. Tanto pior para os que não o compreendam. Falham à primeira condição prática, positiva e utilitária da vida, que é o aformoseá-la.

[...]

De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo. Basta-nos. Afeiçoamo-nos, há muito, aos triunfos tranquilos, no meio da multidão sem voz dos nossos livros. Hoje, como ontem, obedecendo à finalidade de um ideal,repelimos, do mesmo passo, o convício e o aplauso, o castigo e a recompensa, o desquerer e a simpatia.

Não combatemos as pretensões peruanas. Denunciamos um erro.

Não defendemos os direitos da Bolívia. Defendemos o Direito."

Fonte: CUNHA, Euclides da. *Peru versus Bolívia*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975, p. 135

115. Na oração "que não o compreendam", o conector desempenha a mesma função sintática que o da opção:

Ⓐ "Quero ver do alto o horizonte, / que foge sempre de mim."
Ⓑ "De novo concentrou a atenção no que a amiga lhe dizia."
Ⓒ "Reduze-me ao pó que fui."
Ⓓ "Deem-me as cigarras que eu ouvi menino."
Ⓔ "Já não se lembra da picardia que me fez?"

116. O termo destacado está classificado incorretamente quanto à sua função sintática em:

Ⓐ "Não combatemos as pretensões peruanas." (peruanas – adjunto adnominal)
Ⓑ "alguém se demasie em tanto esforço." (em tanto esforço – objeto indireto)
Ⓒ "Tanto pior para os que não o compreendam." (para os – complemento nominal)
Ⓓ "De tudo isto nos resultou um prêmio." (nos – objeto direto)
Ⓔ "nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo." (de nosso tempo – adjunto adverbial)

117. IPAD – Leia o período abaixo:

"Percebe-se facilmente que nunca notaram o papel secundário que exerciam naquele governo."

A oração "que exerciam naquele governo" é:

Ⓐ subordinada substantiva objetiva indireta;
Ⓑ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓒ subordinada adverbial consecutiva;
Ⓓ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓔ n.d.a.

118. FUMARC – "Comentavam que a tropa de elite iraquiana, que prometia resistência feroz, foi dizimada em todos os confrontos e que, agora, só falta conquistar a capital."

No período dado, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada adjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva;
Ⓓ subordinada adverbial.

119. FUMARC – "É evidente que, para a violência acabar, a educação é peça fundamental."

No período acima, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ subordinada adjetiva;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adverbial;
Ⓓ reduzida.

120. FUMARC – "Foi inaugurada, <u>na manhã de ontem</u>, a pedido de <u>muitos</u> indivíduos, <u>nova creche</u>."

Os termos destacados estão corretamente analisados, respectivamente, em:

Ⓐ adjunto adnominal – adjunto adnominal – objeto direto;
Ⓑ adjunto adnominal – predicativo – sujeito;

Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adnominal – sujeito;
Ⓓ adjunto adverbial – predicativo – objeto direto.

121. FUMARC – Assinale a alternativa em que a correspondência entre o termo destacado e a sua função sintática está incorreta:

Ⓐ "Ninguém de bom senso contesta a legítima aspiração social a punir bandidos [...]." (sujeito)
Ⓑ "Não é preciso muito esforço para imaginar o que seria [...]." (adjunto adverbial de intensidade)
Ⓒ "Punir quem merece é uma forma de a sociedade defender, sobretudo, o interesse dos mais frágeis [...]." (objeto direto oracional)
Ⓓ "somos obrigados [...] a partilhar idiossincrasias, obsessões ou desatinos que não nos concernem; [...]." (objeto indireto)

122. FUNRIO – Assinale a alternativa em que se classifica corretamente a oração sublinhada:

Ⓐ "Sabe-se que ela tem sido abjeta." (oração subordinada substantiva subjetiva).
Ⓑ "...comparam esse tipo de censura ao que foi feito no caso do Irã..." (oração subordinada substantiva objetiva direta).
Ⓒ "...jornalistas americanos que vêm ao patropi a convite..." (oração subordinada substantiva completiva nominal).
Ⓓ "...sob o argumento de que chocariam as pessoas." (oração subordinada substantiva objetiva indireta).
Ⓔ "...fim para aqueles que desvendaram o caso Watergate." (oração subordinada substantiva apositiva).

123. FUMARC – Em todas as frases seguintes, o termo "que" apresenta a mesma função sintática, exceto em:

Ⓐ "...somos obrigados, querendo ou não, a partilhar idiossincrasias que não nos concernem..."
Ⓑ "Demos a César o que é de César."
Ⓒ "A questão, porém, não é o valor moral 'em si' da privacidade, que pode ser relativizado..."
Ⓓ "Pode-se objetar que o raciocínio é impertinente..."

124. FJG – O pronome que exerce função sintática de objeto direto em:

Ⓐ "De fato, tal ideia traduz, de maneira muito precisa, essa verdadeira dialética entre o que é lembrado com saudade, como maravilhoso, formidável ou poético..."
Ⓑ "Nossa biografia se faz precisamente pela alternância [...] com situações que "guardamos" como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça..."

Ⓒ "...ao lado de tudo [...] trágico e ruim (aquilo que na nossa existência entra como extraordinário, positiva ou negativamente valorizado)..."
Ⓓ "Há, pois, um tempo lembrado, que vira memória e saudade;..."
Ⓔ "Pois o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela saudade,..."

125. FJG – "As verdades filosóficas se contradizem..." O item abaixo em que o <u>se</u> apresenta valor idêntico àquele que possui neste segmento destacado do texto é:

Ⓐ Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.
Ⓑ Os homens modernos esconderam-se da verdade.
Ⓒ Pascal se declarou irracionalista.
Ⓓ A ciência e a fé se digladiam.
Ⓔ As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

126. FUNRIO – "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça..."

Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

Ⓐ Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
Ⓑ Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
Ⓒ Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
Ⓓ Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.
Ⓔ Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.

127. FUNRIO – Escolha a alternativa em que o sujeito da oração está corretamente identificado:

Ⓐ "Não há dúvida..." – sujeito: dúvida.
Ⓑ "...como conta Josué Montello." – sujeito: Josué Montello.
Ⓒ "Falava-se em instalar o Governo da República em cidades serranas do estado do Rio de Janeiro..." – sujeito: o Governo.
Ⓓ "O Senado da República e os meios acadêmicos nunca o permitiram." – sujeito: o.
Ⓔ "Em certa crônica na *Gazeta de Notícia*s, numa fase de altas turbulências, apelou à esperança." – sujeito: certa crônica.

128. FUNRIO – "A Semana de Arte Moderna, na verdade, foi a explosão de ideias inovadoras que aboliam por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão; com esse propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Isso culminou com a incompreensão e com a completa

insatisfação de todos que foram assistir à apresentação do novo movimento. Logo na abertura, Manuel Bandeira, ao recitar seu poema 'Os Sapos', foi desaprovado pela plateia através de muitas vaias e gritos."

Sobre a última frase desse parágrafo, é correto afirmar que "Manuel Bandeira" e "Os Sapos" desempenham sintaticamente:

Ⓐ funções diferentes: apenas "Manuel Bandeira" é aposto;
Ⓑ funções diferentes: apenas "Os Sapos" é um aposto;
Ⓒ funções idênticas: ambos são apostos;
Ⓓ funções idênticas: ambos são vocativos;
Ⓔ funções semelhantes: ambos são termos integrantes.

129. NCE-UFRJ – Em que item a seguir o elemento destacado funciona como complemento e não como adjunto?

Ⓐ "...onde ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos na quadra para ler em conjunto o manifesto do movimento e depois calar."
Ⓑ "Nas igrejas, que o meio-dia seja um momento de oração silenciosa."
Ⓒ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho. Sem buzinas, sem panelaços, e, mesmo, sem palavras de ordem."
Ⓓ "Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar."
Ⓔ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho."

130. COMPERV – No verso "Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu protege."

os termos sublinhados, respectivamente, exercem a função sintática de:

Ⓐ adjunto adnominal – objeto indireto – objeto indireto;
Ⓑ adjunto adverbial – sujeito simples – objeto direto;
Ⓒ objeto indireto – complemento nominal – objeto direto;
Ⓓ aposto – objeto direto – sujeito simples;
Ⓔ adjunto adverbial – objeto direto – sujeito simples.

131. NCE-UFRJ – O item em que o elemento sublinhado representa o agente e não o paciente de um termo anterior é:

Ⓐ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras..."
Ⓑ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras, mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce,..."
Ⓒ "...mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce, foi, sem dúvida, uma grande campanha de afirmação nacional."

Ⓓ "A insistência em manter a presença do Estado numa atividade que precede a transformação do minério de ferro em produtos siderúrgicos é tanto mais incompreensível..."

Ⓔ "O Brasil, que hoje é um dos maiores exportadores mundiais de produtos siderúrgicos e da metalurgia de não ferrosos, decidiu privatizar sua indústria siderúrgica de aços planos há seis meses."

132. FUNDEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada não exerce, na frase em que se insere, a mesma função que nas outras.

Ⓐ "O relevo ainda está sendo moldado pela ação das forças naturais e a crosta está-se acomodando..."

Ⓑ "Os cientistas [...] afirmam que a relação [da mudança] com as atividades desempenhadas pelo homem é inegável."

Ⓒ "Os gases, [...], principalmente pela queima de combustíveis fósseis, permitem que a radiação solar penetre na atmosfera..."

Ⓓ "Uma das consequências inevitáveis do aquecimento provocado pelo efeito estufa é o aumento no nível dos oceanos..."

133. FESP – A função sintática do "que" não é sujeito em:

Ⓐ Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

Ⓑ Diga-me a hora em que ele virá para cá.

Ⓒ Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

Ⓓ Não há mal que sempre castigue.

134. COMPERV – Marque a alternativa cuja oração tem o mesmo valor sintático de: "Desejamos que ele se afaste das más companhias."

Ⓐ Nós objetivamos que sejamos aprovados.

Ⓑ O político necessita de que o apoiemos.

Ⓒ É necessário que se extinga a violência.

Ⓓ O guarda informou-o de que seria multado.

Ⓔ O juiz foi favorável a que o réu se pronunciasse.

135. CONATEC – Numere a segunda coluna de acordo com a primeira e, em seguida, assinale a alternativa que aponta a sequência correta:

(1) partícula apassivadora	**( ) Mandou-se permanecer em silêncio.**
(2) indeterminação de sujeito	**( ) Vaiou-se o espetáculo.**
(3) pronome reflexivo	**( ) Cortou-se com um bisturi.**
(4) parte integrante do verbo	**( ) Vive-se bem no interior.**
(5) sujeito do infinitivo	**( ) Queixou-se de fortes dores.**

Ⓐ 4 – 2 – 1 – 3 – 5.
Ⓑ 5 – 3 – 2 – 1 – 4.
Ⓒ 1 – 2 – 3 – 4 – 5.
Ⓓ 5 – 1 – 3 – 2 – 4.

136. FESP-RJ – Assinale a opção em que há erro de identificação da função do termo sublinhado, indicada entre parênteses.

Ⓐ Seguem-se instruções relativas ao assunto. (objeto direto)
Ⓑ Necessita-se de maiores informações sobre o assunto. (índice de indeterminação do sujeito)
Ⓒ As provas realizar-se-ão em local e data a serem divulgados oportunamente. (partícula apassivadora)
Ⓓ O implicado deixou-se arguir pelo encarregado do inquérito naquele mesmo dia. (sujeito)

137. FESMIP – "Fiquei sabendo, então, que em Veneza há um carnaval famoso."

O termo sublinhado acima exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "...uma cidade de máscaras que se vendem..."
Ⓑ "...estamos pressupondo que ele não é um rosto ..."
Ⓒ "Está dito na palavra 'persona', que vem do latim..."
Ⓓ "O teatro é algo que precisa de um público..."
Ⓔ "...a verdade que não devia ser dita..."

138. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os vocábulos sublinhados nos fragmentos 1 e 2 exercem funções sintáticas diferentes.

Ⓐ 1. "...o ano 2000 seria o prazo final para atingir a meta..."
2. "...os fumantes podiam legalmente permitir-se o seu hábito..."
Ⓑ 1. "A OMS previu que...ainda mataria cerca de 500 milhões de pessoas."
2. Os governos [...] desenvolveram campanhas educacionais sobre os riscos do fumo para a saúde."
Ⓒ 1. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
2. "Os países que aboliram a propaganda de cigarros incentivaram outros a fazer o mesmo."
Ⓓ 1. "A mensagem já se tornara corriqueira."
2. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
Ⓔ 1. "A maior contribuição da América do Norte para a campanha de abandono do fumo relacionava-se à descoberta de formas inovadoras de ataque."
2. "Em suma, realizou-se como que uma arrancada em direção a uma reforma total."

139. ACEP – No fragmento "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." o sintagma "os leitores" analisa-se como:

- A aposto;
- B vocativo;
- C sujeito;
- D objeto direto;
- E objeto indireto.

140. COMPERV – Em "cortou-lhe os cabelos", o pronome lhe exerce a mesma função no item:

- A O lhe é um pronome oblíquo.
- B Alguém já lhe negou ajuda?
- C Sempre lhe disse a verdade.
- D A luz forte lhe afugentou o sono.
- E O dinheiro lhe será muito útil.

141. FESP-RJ – A alternativa em que se faz erroneamente a classificação sintática do termo em negrito é:

- A "...e o que é imenso é eterno..." – sujeito.
- B "Sofia desceu logo, achou Rubião transtornado..." – predicativo.
- C "Eu corri os olhos tudo que em mim havia..." – objeto direto.
- D "Ao longe, descobriu alguns vultos de um e outro lado..." – adjunto adnominal.
- E "Os outros meninos mais idosos detiveram-se a olhar espantados" – adjunto adverbial.

142. FESP-RJ – Faz-se erroneamente a classificação sintática do pronome relativo, na opção:

- A "Mas eu não sei o que sou..." (predicativo).
- B "O abismo que há entre o espírito e o coração." (objeto direto).
- C "O caderno que você desejava que eu trouxesse é caro." (objeto direto).
- D "O peão acabara de selar o cavalo, que puxara para fora da ramada." (objeto direto).
- E "Esclareceu que adiava a aquisição de uma chaleira de que andava muito necessitado." (objeto indireto).

143. MOURA MELO – "Todos já descobriram a chata que ela é."

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

- A adjunto adverbial;
- B objeto direto;
- C objeto indireto;
- D predicativo do sujeito.

144. FESP-RJ – "...a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria."

"...e isso parece claramente espelhar-se na forma por que, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando."

As orações subordinadas em destaque exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

Ⓐ sujeito – adjunto adnominal;
Ⓑ sujeito – adjunto adverbial de causa;
Ⓒ objeto direto – adjunto adverbial de causa;
Ⓓ adjunto adverbial de modo – adjunto adnominal;
Ⓔ adjunto adverbial de modo – adjunto adverbial de causa.

145. FESP-RJ – Assinale a opção em que a função sintática do termo grifado não foi corretamente indicada:

Ⓐ "...tinha que ficar quieto." – predicativo.
Ⓑ "E ainda por cima falavam dobrado..." – adjunto adnominal.
Ⓒ "Se assustava à toa, qualquer barulhinho e já pulava pra um lado." – adjunto adverbial.
Ⓓ "Resolveram então levar o Pavão pro Curso de Linha ..." – objeto direto.
Ⓔ "... pra ver se uma coceirinha que ele estava sentindo já era a tal brotoeja" – sujeito.

146. CESGRANRIO – O vocábulo se tem o mesmo valor sintático da sua ocorrência em "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva." no trecho:

Ⓐ "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva."
Ⓑ "Se fizesse sol, ele ia escalar um pico próximo."
Ⓒ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓓ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓔ "Quanto mais tempo se perde por desorganização ou esperando pelos outros, menos tempo se utiliza produzindo e menos riqueza é gerada."

147. ACEP – No período simples "Logo, uma elite de jovens executivos e de economistas de prestígio agarrou a oportunidade.", os termos sublinhados são:

Ⓐ sujeito composto;
Ⓑ complemento nominal;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ objeto indireto.

148. SENASP – Leia:

"A poesia redime os pecados do mundo e o poeta é o representante desta remissão."

A função sintática dos termos em destaque é, respectivamente:

- A complemento nominal em ambos os casos;
- B adjunto adnominal e complemento nominal;
- C adjunto adverbial e complemento nominal;
- D complemento nominal e adjunto adnominal;
- E predicativo do objeto e complemento nominal.

149. IPAD – Identifique a frase em que não há um complemento nominal:

- A Os ataques ao Iraque foram criticados pelo governo da Rússia.
- B Jamais houve atraso no pagamento dos empregados pelo sindicato.
- C O julgamento de nazistas por tribunais internacionais constitui um pesadelo contemporâneo.
- D Sua preferência por músicas dos "Beatles" merecia ser compartilhada.
- E O movimento do seu corpo acompanhava o som e o ritmo da melodia.

150. ACEP – No fragmento: "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." os grifos exercem na oração a função de:

- A objeto indireto, adjunto adverbial de causa;
- B objeto direto, adjunto adnominal;
- C objeto indireto, agente da passiva;
- D objeto direto, adjunto adverbial de causa;
- E objeto indireto, adjunto adnominal.

GABARITO

1. C	20. B	39. A	58. D	77. C	96. E	115. A	134. A
2. C	21. A	40. D	59. A	78. A	97. B	116. D	135. D
3. A	22. D	41. C	60. B	79. D	98. A	117. E	136. A
4. E	23. B	42. A	61. D	80. D	99. B	118. C	137. B
5. C	24. A	43. E	62. A	81. A	100. A	119. A	138. A
6. A	25. B	44. A	63. B	82. B	101. B	120. C	139. A
7. C	26. D	45. A	64. B	83. C	102. B	121. B	140. D
8. D	27. D	46. D	65. C	84. D	103. A	122. A	141. E
9. C	28. C	47. D	66. A	85. D	104. B	123. D	142. E
10. C	29. A	48. E	67. C	86. D	105. A	124. B	143. D
11. E	30. C	49. B	68. C	87. D	106. D	125. D	144. A
12. A	31. A	50. E	69. D	88. B	107. C	126. E	145. B
13. A	32. C	51. A	70. B	89. C	108. D	127. B	146. E
14. B	33. E	52. D	71. C	90. D	109. A	128. B	147. C
15. B	34. C	53. C	72. A	91. D	110. A	129. A	148. B
16. D	35. D	54. E	73. E	92. E	111. A	130. E	149. E
17. B	36. B	55. D	74. A	93. E	112. B	131. C	150. A
18. D	37. E	56. C	75. B	94. B	113. B	132. C	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. D	114. C	133. B	

Exercícios de Pontuação

1. FUNRIO – Leia o texto a seguir:

Sinais de fumaça

Pesquisa mostra que presença de cigarro em filmes produzidos nos Estados Unidos caiu, mas ainda é forte.

"Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros. Jonathan Polansky, que participou da pesquisa, diz que a situação pouco mudou em filmes voltados para adolescentes. Para o colunista Ruy Castro, nos filmes atuais, "um casal pode fazer sexo explícito em cena e ninguém se chocará. Mas, se acender um cigarro depois, haverá gente na plateia limpando um pigarro imaginário ou esbravejando".

Fonte: ***Folha de S.Paulo***

No fragmento "Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros.", as vírgulas foram colocadas para separar a oração:

- **A** subordinada adverbial concessiva intercalada à principal;
- **B** coordenada, intercalada, introduzida por conector;
- **C** subordinada adverbial, anteposta à principal;
- **D** adjetiva explicativa, introduzida pelo pronome relativo que;
- **E** subordinada adverbial condicional, iniciada pelo conector "embora".

2. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

- **A** Garçom, nós queremos conversar; poderia pedir para baixar um pouco o volume do rádio, por favor?
- **B** Se a maré subir, logo, os turistas ficarão ilhados naquelas pedras e, terão que esperar até amanhã, para voltarem.

Ⓒ Admita, que você nos traiu, ao tomar uma atitude que contrariou inteiramente, nossa decisão da véspera.
Ⓓ Durante a projeção do filme, que você me recomendou as pessoas iam saindo, mostrando assim, seu desagrado e desinteresse pelo final.
Ⓔ Você deve ser condescendente, uma vez que, se não renegociar minha dívida, dificilmente, poderei pagá-la.

3. NCE-UFRJ – A frase em que os sinais de pontuação foram empregados de acordo com as normas em vigor é:

Ⓐ O fim desta é informar a V. Sª, que sua participação, como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓑ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓒ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓓ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓔ O fim desta, é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.

4. ESAF – Marque a lacuna onde não se deve usar vírgula.

Depois do evento de 1999 em Seattle (que inviabilizou a assinatura do acordo multilateral de investimentos)[A] as entidades da sociedade civil começam agora[B] um novo confronto com o capital globalizante. A campanha "Stop the Gats Attack Now"[C] que reúne 430 ONG's e entidades de classe de 53 países[D] é igualmente ambiciosa:impedir o início das negociações finas do Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (AGCS, Gats, em inglês). O acordo prevê a privatização gradual[E] completa e irreversível dos serviços públicos em todo o mundo.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

5. FEC – Entre os trechos do texto abaixo, aquele em que o uso da vírgula <u>não</u> é gramaticalmente obrigatório é:

Ⓐ "Eu tinha de ir à alfândega e, portanto, passar pela Praça Mauá."
Ⓑ "Em Copacabana voltamos a ver o barco, na altura da Cotunduba."
Ⓒ "Antonio Maria contou que uma vez ia num táxi guiado por um chofer português velho, bigodudo, calado, de cara triste."
Ⓓ "O 'Vera Cruz', homem, venha depressa, venha!"
Ⓔ "O casal de portugueses da portaria conversava com o porteiro do lado e o zelador do edifício da frente, todos portugueses."

6. **VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta:**

A) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

B) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.

C) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

D) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.

E) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

7. **NCE-UFRJ- Dos fragmentos abaixo, o único que contém <u>erro</u> de pontuação é:**

A) Em virtude de as despesas ordinárias terem sofrido pequenos reajustes ao longo dos últimos meses e de a receita, não ter sido reajustada, fomos autorizados a aumentar a mensalidade.

B) Sem mais para o momento e à inteira disposição de V. Sª para maiores esclarecimentos, subscrevemo-nos.

C) Com isso, sugerimos a convocação de nova assembleia para a apreciação dos atuais valores, bem como para a fixação de nova quota, se for o caso.

D) A esposa trocava as fraldas do bebê, e o marido lavava os pratos.

E) O presidente mandou lavrar esta ata, que assina juntamente com o secretário que a lavrou.

8. **ACCESS – "A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria."**

O emprego da vírgula antes de <u>mas</u> é justificado pela seguinte regra: usa-se a vírgula para:

A) separar orações intercaladas;

B) isolar aposto explicativo;

Ⓒ separar orações coordenadas sindéticas adversativas;
Ⓓ separar orações subordinadas adjetivas explicativas;
Ⓔ isolar os termos repetidos.

9. FESP-RJ – Fizeram-se modificações na pontuação de algumas passagens do texto. Aquela em que a colocação da vírgula, além de <u>errada</u>, altera o sentido da oração subsequente é:

Ⓐ "Assim deveria terminar o pai-nosso..." / Assim, deveria terminar o pai-nosso...
Ⓑ "Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto que existia até então..." / Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto, que existia até então...
Ⓒ "Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma e condenar outro." / Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma, e condenar outro.
Ⓓ "Por outro lado, já virou paranoia no Brasil a defesa do dito menor de rua." / Por outro lado, já virou paranoia, no Brasil, a defesa do dito menor de rua.
Ⓔ "Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito. Separando os ainda não..." / Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito, separando os ainda não...

10. CESPE-UnB – Indique a opção correta quanto às pontuações alternativas: "O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral."

Ⓐ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓑ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓒ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓓ O domínio que, adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓔ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

11. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Quando a democracia não funciona bem não é raro, que aqui e ali, passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários.

Ⓑ Ao se referir ao Brasil de 1989, o autor está-nos lembrando que, àquela época, a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificável como aventureiro.

Ⓒ Seria interessante saber, em que "certas circunstâncias", um governo autoritário ofereceria vantagens, em relação a um governo democrático.

Ⓓ Assim como, boa parte dos brasileiros, também, o autor do texto julga: que a nossa democracia, poderia funcionar de uma maneira melhor.

Ⓔ Se é verdade, que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária", também é verdade, que só 40%, aceitam bem as privatizações.

12. ESAF – Assinale a opção em que o texto apresenta pontuação correta:

Ⓐ Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.

Ⓑ Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.

Ⓒ Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.

Ⓓ Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.

Ⓔ Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

13. CETRO – Marque o período pontuado de acordo com as normas gramaticais:

Ⓐ Apesar de ser um gentleman, e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓑ Apesar de ser um gentleman e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo, sobre sua vida.

Ⓒ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓓ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade, tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓔ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

14. ESAG – Observe as frases abaixo:

I. "Os homens que pensam que as mulheres nasceram para servi-los devem reformular seu pensamento."

II. "Os graves problemas sociais que atormentam a Europa e o mundo encontram sua origem, em parte, nas manifestações degeneradas do capitalismo."

III. "Os defensores do capitalismo ilimitado tendem a esquecer as coisas boas do comunismo: a luta contra o desemprego, a preocupação com os pobres."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Na frase II, pode haver uma vírgula depois de "Os graves problemas", para destacar essa expressão.

Ⓑ Na frase III, a vírgula pode ser substituída pela conjunção <u>e</u>, sem que o sentido da frase se altere.

Ⓒ Na frase II, as vírgulas isolam uma expressão de caráter explicativo.

Ⓓ Os dois-pontos, na frase III, têm valor explicativo.

15. COSEAC-UFF Em relação ao trecho: "Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil. Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras. Outra é ratearmos o sonho de corpo de cada um", a mudança de pontuação que se propõe é <u>inaceitável</u>, consideradas as normas em vigor, na alternativa:

Ⓐ parênteses no lugar dos travessões;

Ⓑ vírgula antes e após "como contribuintes";

Ⓒ dois-pontos (seguido de minúscula) em vez de ponto após "fica mais difícil";

Ⓓ vírgula após "Uma coisa" e após "Outra";

Ⓔ ponto e vírgula (seguido de minúscula) em vez de ponto após "doenças caras".

16. COSEAC-UFF – As vírgulas empregadas no período "E igualdade, com certeza, só conseguiremos, em sua plenitude, através da Educação, vertente única em que se podem buscar novos horizontes de socialização de bens e de cidadania" justificam-se pelas seguintes razões:

Ⓐ as duas primeiras, para separar vocativo; a terceira e quarta, para separar termo intercalado; e a quinta, para separar aposto;

Ⓑ as quatro primeiras, para separar termos intercalados; a quinta, para separar aposto;

Ⓒ as quatro primeiras, para separar vocativo; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓓ as duas primeiras e a terceira e quarta, para separar aposto; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓔ as duas primeiras, para separar vocativo; as outras três, para separar aposto.

17. COSEAC-UFF – O emprego da vírgula no período "O laticínio compra a produção de leite de mais de 140 agricultores colaboradores, o que tem contribuído para melhorar a renda de produtores não-associados" justifica-se pela mesma norma de pontuação que justifica a(s) vírgula(s) no trecho:

Ⓐ "Sergio Erhardt, filho de Ervino, explica que o aumento da produtividade está relacionado com a capacitação e também com o investimento em tecnologia."
Ⓑ "...e ampliar o banco de gelo, responsável pelo armazenamento da produção."
Ⓒ "Hoje a gente sabe que não pode ter mais de 20% de vacas sem produzir, senão temos algum problema."
Ⓓ "Na propriedade do associado Ervino Erhardt, com a ordenha mecanizada e os tanques resfriadores de 500 litros, eles produzem sozinhos mais que todos os associados no começo."
Ⓔ "Antes da associação, os produtores de leite de Alto Alegre vendiam para uma só empresa."

18. COSEAC-UFF – Tendo em vista as normas em vigor, é inaceitável a proposta de mudança de pontuação indicada na seguinte alternativa:

Ⓐ A concepção cosmocêntrica dos antigos gregos fazia do homem um pequeno microcosmos. – uso de vírgula entre "os antigos gregos" e "fazia".
Ⓑ Apolo, por exemplo, filho de uma mortal com Zeus (o deus maior dos gregos), para se tornar imortal, teria que tomar o leite de uma deusa – substituição dos parênteses por travessões.
Ⓒ Natureza e cultura estavam ainda mais separadas. O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / substituição do ponto por dois pontos (seguido de minúscula).
Ⓓ O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / uso de vírgula entre "o homem" e "um fim em si mesmo".
Ⓔ E. Morin dizia, com razão, que somos culturais por natureza e naturais por cultura / supressão das vírgulas.

19. COSEAC-UFF – Das frases a seguir extraídas do texto, aquela em que é possível acrescentar-se uma vírgula, sem prejuízo do sentido e da correção, é:

Ⓐ "Vamos estimular o uso consciente do computador."
Ⓑ "Ninguém questiona o fato de a internet ter se tornado ferramenta indispensável."

Ⓒ "No mundo digital tudo pode ser reconstruído."
Ⓓ "Fatores como esses poderiam explicar o refúgio na internet."
Ⓔ "O quadro de dependência é caracterizado a partir de oito critérios."

20. FUNRIO – Em "Ela, a mídia, pode e deve se manifestar quanto a suas preferências", as vírgulas servem para:

Ⓐ separar um vocativo;
Ⓑ destacar uma expressão resumitiva;
Ⓒ enfatizar um termo subsequente;
Ⓓ isolar um aposto;
Ⓔ neutralizar um termo antecedente.

21. FUNRIO – "Na obra machadiana, o funcionário público sempre comparece sob a sua mordacidade..."

A alternativa em que o uso da vírgula se justifica pelo mesmo motivo observado no trecho acima é:

Ⓐ "...deixava uma governação de cinquenta anos de respeito à cultura e de uma certa magnanimidade, mas de pouca atenção ao Nordeste do país."
Ⓑ "Quando o Império enfardelou os trapos e a República chegou, é aconselhado a retirar da parede da repartição onde trabalhava o retrato do Imperador."
Ⓒ "O entorno de amigos de Machado estava farto de políticos: Alencar, Francisco Otaviano, Bocaiúva, Joaquim Serra e o maior deles: Joaquim Nabuco."
Ⓓ "Rascunhava despachos antes de pô-los no papel, impugnava contas inadequadas, conteve gastos sem previsão orçamentária."
Ⓔ "...mas Cruls já batia pernas pelo Planalto Central, cuidando dos instantes seminais do que mais tarde viria a ser Brasília."

22. FUNRIO – As vírgulas empregadas no trecho "Para que continuemos a voar um voo de vitória, devemos nos desprender de lembranças, costumes e velhos hábitos que nos causam dor." justificam-se, normativamente, porque:

Ⓐ a primeira separa elementos de mesma função sintática, e a segunda separa termos empregados na ordem inversa;
Ⓑ a primeira separa termos empregados na ordem inversa, e a segunda isola expressões explicativas;
Ⓒ a primeira separa oração adverbial a iniciar o período, e a segunda separa elementos de mesma função sintática;
Ⓓ a primeira indica supressão de palavras, e a segunda isola expressões de cunho explicativo;
Ⓔ a primeira isola elementos de mesma função sintática, e a segunda demarca oração adverbial.

23. VUNESP – Assinale a alternativa correta, quanto à pontuação, conforme a norma culta:

Ⓐ Os óculos, de duas hastes, foram criados, pelo inglês James Ayscough.
Ⓑ O senador romano Marco Túlio Cícero, comprava escravos para lerem para ele.
Ⓒ No ano 1000: apareceram as primeiras lentes feitas, de cristais de quartzo.
Ⓓ Os europeus tinham vergonha, de usar óculos. Pois achavam o adorno feio.
Ⓔ Antigamente, quem tinha problema de visão logo se aposentava.

24. FEC – No trecho: "Sem que Clarissa saiba exatamente por que, seus olhos [...]", a pontuação foi devidamente empregada, o mesmo <u>não</u> se podendo apontar, porém, em um dos itens abaixo. Marque-o:

Ⓐ Os convidados, distraídos com o barulho reinante, nada perceberam.
Ⓑ Minha irmã, ela mesma, resolveu o nosso problema.
Ⓒ Adoro natação; ele, futebol.
Ⓓ "— Queria ver se você é mesmo inteligente!" – retrucou, sabiamente, o professor.
Ⓔ O Presidente da indústria de laticínios e seus derivados, apresentou-nos a proposta.

25. FEC – O único trecho em que a pontuação foi feita adequadamente é:

Ⓐ Os micos-leões-dourados não se extinguiram graças ao trabalho, sério dos zoológicos.
Ⓑ Não só os ursos mas também, os elefantes, sofrem com a falta de espaço no cativeiro.
Ⓒ A dificuldade dos animais é principalmente, a reintegração à natureza.
Ⓓ Diretores de zoológicos brasileiros, consideram importante mantê-los funcionando.
Ⓔ É necessário, acima de tudo, fiscalizar o cumprimento da lei nos zoológicos.

26. FEC – Relacionam-se abaixo alguns sinais de pontuação que poderiam supostamente substituir o travessão usado em "Às vezes, é preciso cortar a carne apodrecida antes que o inchaço cubra os dentes e leve o doente à morte – sem conseguir mastigar, os infelizes definham de fome".

I. vírgula

II. dois-pontos

III. ponto e vírgula

IV. ponto (seguido de letra maiúscula)

Dos sinais de pontuação acima relacionados, o travessão pode ser substituído, sem comprometer a leitura do enunciado:

Ⓐ apenas por I;
Ⓑ por I e II;
Ⓒ por II, III e IV;
Ⓓ por III e IV;
Ⓔ por qualquer dos sinais relacionados.

27. FJG – Observe o texto a seguir:

"Exemplos: às vezes, um cobertor abandonado sobre o leito, uma toalha pendurada são percebidos como figuras humanas. O martelo de percussão é confundido com um instrumento ameaçador."

Esse trecho de texto estaria mais bem pontuado caso se procedesse à seguinte substituição:

Ⓐ do ponto pelo ponto e vírgula após a expressão figuras humanas;
Ⓑ dos dois-pontos pelo travessão após a palavra Exemplos;
Ⓒ dos dois-pontos pela vírgula após a palavra Exemplos;
Ⓓ da vírgula pelo ponto e vírgula após a palavra leito.

28. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a única que não contém erro de pontuação é:

Ⓐ A verba destinada à pesquisa de novos mercados, foi aumentada em quinze por cento.
Ⓑ Lembramos ainda que as gratificações sofrerão no primeiro semestre de 1998, alguns pequenos cortes.
Ⓒ Voltamos a informar que, faltam no seu relatório os dados numéricos.
Ⓓ Convém acrescentar também, que além dos tipos acima descritos, existem ainda o criativo e o explorador.
Ⓔ Vimos, por meio desta, comunicar a V. Sª que fomos autorizados a conceder-lhe o benefício acima referido.

29. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o uso de vírgulas aparece corretamente justificado:

Ⓐ "...atingindo indistintamente vários segmentos da população, ricos e pobres,..." – para indicar a presença de um vocativo.
Ⓑ "...a propaganda comercial também veicula, com a propaganda ideológica, modelos de apresentação pessoal..." – para separar o verbo de seu objeto direto.
Ⓒ "...na véspera do dia das mães, dos namorados, dos pais e do Natal..." – para separar os termos de uma enumeração.
Ⓓ "...vamos assimilando o que deve ser comido no café da manhã, como lavar a roupa, o que beber..." – para separar orações subordinadas de diferentes tipos.
Ⓔ "...com todos trabalhando para, um dia, chegarem lá." – para mostrar o deslocamento sintático do complemento verbal.

30. ESAF – Analise as propostas e assinale a opção que indica alterações corretas para o trecho abaixo:

"É importante mencionar que em 99,99% dos casos em que as autoridades fiscais têm acesso às movimentações bancárias dos contribuintes, e lhes é permitida a tão referenciada quebra do sigilo bancário, são apuradas irregularidades. Entretanto, somente exsurge a lide tributária que exige o contraditório e ampla defesa quando após a formalização do lançamento o contribuinte, inconformado, tempestivamente apresenta impugnação ou defesa contra o ato administrativo por meio do qual se exterioriza a exigência do crédito tributário [...]."

Propostas:

1. **Colocar uma vírgula após o verbo "mencionar".**
2. **Colocar aspas na expressão "quebra do sigilo bancário".**
3. **Separar com duplo travessão a oração "que exige o contraditório e ampla defesa".**
4. **Manter separada por dupla vírgula a expressão "após a formalização do lançamento".**
5. **Colocar entre parênteses o segmento "ou defesa contra o ato administrativo".**

Estão corretas as propostas:

Ⓐ 1, 2 e 4;
Ⓑ 1, 3 e 4;
Ⓒ 1, 4 e 5;
Ⓓ 2, 3 e 5;
Ⓔ 2, 3 e 4.

31. NCE-FCC – Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale, na folha de respostas, a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

Ⓐ Será necessário afirmar que nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar tal obra.
Ⓑ Será necessário afirmar, que nenhum outro seria mais capaz, do que ele, de realizar tal obra.
Ⓒ Será necessário afirmar que, nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar, tal obra.
Ⓓ Será necessário afirmar que, nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.
Ⓔ Será necessário afirmar, que nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.

32. FEC – Das alterações feitas abaixo na pontuação da frase: "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar." está <u>incorreta</u> a que foi feita na opção:

Ⓐ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓑ O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓒ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓓ O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓔ O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

33. VUNESP – Assinale a alternativa em que a pontuação atende aos princípios da norma culta.

Ⓐ Boa parte de seu crescimento, deve-se a sua estratégia de apoio, às micro, pequenas e médias empresas.

Ⓑ Assim como os colegas tentei esclarecer, em meus livros que: o terrorismo é fenômeno antigo, quase tão antigo quanto a humanidade.

Ⓒ A França, com 73 milhões de turistas/ano e a Espanha, com 46 milhões são exemplos de países que investem e faturam, com o turismo.

Ⓓ Outra possibilidade é pedir uma segunda opinião – e pagar por isso – a especialistas inscritos numa lista com a finalidade de prestar serviços de consultoria.

Ⓔ Para muita gente, a época de Natal e Ano Novo só provoca: tristeza – caso dos que vivem, debaixo de um viaduto.

34. NCE-UFRJ – As vírgulas entre colchetes, observadas abaixo, não foram empregadas pelo autor, no texto original. A opção em que uma ou mais vírgulas acrescentadas contrariam uma norma de pontuação é:

Ⓐ "Tornando-se [,] por isso [,] objeto de pressões e censuras."

Ⓑ "Nesse sentido [,] é um espaço democrático, por excelência..."

Ⓒ "Mais tarde [,] boa parte dos críticos [,] reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC..."

Ⓓ "Enfrentou ameaças, hostilidade, censura e truculência [,] mas manteve nas suas reuniões anuais."

Ⓔ "Os problemas do país [,] certamente [,] continuam merecendo toda a atenção da comunidade científica."

35. UECE – A explicação para o emprego das vírgulas está coerente em:

- **A** "Muitos pais, ao se perguntarem por que seus filhos se drogam, não...": destacam uma oração substantiva.
- **B** "A utilização da droga, seja de qual espécie for, é...": evidenciam um aposto.
- **C** "O acúmulo de frustrações, as quais desde a mais tenra infância atormentam uma pessoa, a leva..." : isolam uma oração adjetiva explicativa.
- **D** "É necessário também lembrar que, em certas condições, isso..." : separam termos de mesma função.

36. PUC-MG – Assinale a opção em que haja erro quanto ao emprego da vírgula:

- **A** O comentário é que não saberíamos, quando ele retornaria de viagem.
- **B** Esgotadas as possibilidades de diálogo, abandonamos a reunião.
- **C** Já que não havia mais discussões na sala, preferimos ir embora.
- **D** Não havia dúvida de que, para ir para casa, precisávamos de coragem.

37. NCE-UFRJ – A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2004".

- **A** Separa oração subordinada adjetiva explicativa.
- **B** Separa oração subordinada adverbial consecutiva.
- **C** Separa oração subordinada adjetiva restritiva.
- **D** Separa oração subordinada substantiva apositiva.
- **E** Separa oração coordenada sindética explicativa.

38. FESP-RJ – No trecho "Propor, contudo, a permanência da criança na rua é cega hipocrisia...", empregaram-se as duas vírgulas porque a conjunção, habitualmente no início da oração, aparece intercalada. O trecho onde as duas vírgulas também separam uma expressão intercalada é:

- **A** "...ou as condições de vida que lhe são impostas pelo caótico quadro social, político, ético e econômico da nação."
- **B** "...nem se abranda com leis ou discursos laudatórios dessa lei, mas com vontade política e recursos, muitos recursos."
- **C** "Tais recursos, sabe-se, não estão disponíveis hoje."
- **D** "A rua não é local adequado para morar, e a defesa do menor de rua não pode se transformar na defesa do menor na rua, como querem agora os defensores."
- **E** "Oferecendo-lhe albergue, comida, escola..."

39. CESPE-UnB – Identifique a única opção em que o emprego de vírgulas é facultativo.

- **A** "...decerto a sua figura deveria ter-se cruzado, muitas vezes, com a do menino fardado..."
- **B** "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador..."

Ⓒ "...e em cujos canteiros florejavam espessuras e certas musguentas flores amarelas, e um imenso besouro zoava."
Ⓓ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta..."
Ⓔ "...o bulício vesperal do instante em que, aberta a porta..."

40. VUNESP – A única alternativa que apresenta <u>correta</u> pontuação é:

Ⓐ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓑ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua", que, no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.
Ⓒ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis: esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo, trombadinhas e, viciados em drogas.
Ⓓ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua", que no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓔ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que, muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis; esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos, totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.

41. ESAF – Assinale o item que apresenta pontuação correta:

Ⓐ Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
Ⓑ Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam o pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

C Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

D Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

E Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

42. FGV – Em cada alternativa abaixo, modifica-se uma frase do texto, com ênfase na pontuação. A alteração <u>não</u> é bem sucedida em:

A Se o pedaço de pau sair úmido, é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.
Pode o pedaço de pau sair úmido: é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.

B Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros sem precisar transpor um único arroio.
Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros: sem precisar transpor um único arroio.

C E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos que são os sertanejos.
E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos: os sertanejos.

D Diz-se, por exemplo, dos carajás que, quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.
Diz-se, por exemplo, dos carajás: quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.

43. FJG – "O recurso à palavra pomposa, o palavrão bonito da moda, é sintomático de velha doença brasileira da retórica."

As vírgulas foram usadas no fragmento para:

A desfazer possível má interpretação;

B indicar a elipse de um verbo;

C intercalar o vocativo;

D separar o aposto do termo fundamental;

E assinalar o deslocamento de um termo.

44. FEC – No enunciado "A frequência, quantidade de ondas sonoras que passa em um ponto durante determinada intervalo de tempo, é, em geral medida em hertz...", as vírgulas foram usadas em obediência à mesma regra que justifica o emprego da(s) vírgula(s) em:

Ⓐ "Golfinhos, baleias e algumas espécies de esquilos e pássaros também usam a ecolocalização..."
Ⓑ "Já a intensidade é a quantidade de energia do som, em geral medida em decibéis (dB)."
Ⓒ "Algumas espécies, durante essa operação, podem emitir 200 sinais por segundo..."
Ⓓ "Isso tem uma importante implicação para a ecolocalização, pois ecos de sons de alta frequência podem permitir uma informação mais detalhada sobre um objeto."
Ⓔ "Esse sistema de orientação é encontrado em todas as espécies da subordem Microchiroptera (cerca de 850), um dos dois grandes grupos em que se dividem os morcegos."

45. FEC – Está <u>incorreto</u> o emprego da vírgula na frase:

Ⓐ Você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
Ⓑ O cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
Ⓒ Direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
Ⓓ Os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
Ⓔ Um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

46. NCE-UFRJ – "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

Ⓐ destacam um esclarecimento do autor;
Ⓑ separam o aposto do resto da frase;
Ⓒ mostram uma alteração na ordem direta dos termos;
Ⓓ indicam fala do autor do texto;
Ⓔ separam orações.

47. ESAF – Indique o período com pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ Qualquer que seja a condição observada – seja positiva ou negativa – nas auditorias, constitui ela a premissa básica sobre a qual se fundamenta a descoberta de um fato.
Ⓑ Esse fato, em geral, é uma condição observada por auditores, em casos em que parece possível reduzir os custos ou melhorar os resultados de programas.

Ⓒ "Observar" é usado aqui em sentido amplo, abrangendo não somente o que os auditores veem, mas o que depreendem de debates, análises e outras técnicas.
Ⓓ O planejamento para execução de auditorias operacionais, normalmente começa com a identificação de um fato a ser descoberto.
Ⓔ Assim, esse deve ser o ponto central da elaboração de planos para realização da auditoria e coleta das informações necessárias.

48. NCE-UFRJ – "Há muitas comparações que não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. O que é melhor: gastar 24 milhões de reais fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria que acolhe queixas da população contra barbaridades policiais?"

O item em que o emprego das vírgulas em negrito é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

Ⓐ "Sumiram**,** é verdade**,** as placas estandartes perenes..."
Ⓑ "Publicidade oficial tem sido**,** quase sempre**,** uma maneira..."
Ⓒ "No mais**,** a proibição não pegou."
Ⓓ "...a sanha empreendedora de prefeitos**,** governadores e presidentes."
Ⓔ "Parodiando Dario**,** o Dadá Maravilha**,** goleador histrião..."

49. FESP-RJ – "A favela é um sintoma – grave – da doença brasileira."

Na frase acima, os travessões foram usados para:

Ⓐ evitar a repetição de um termo já mencionado;
Ⓑ explicar, com um sinônimo, o termo anterior;
Ⓒ enfatizar a adjetivação atribuída ao substantivo anterior;
Ⓓ interromper o pensamento, desviando-o para outro assunto;
Ⓔ intercalar uma ideia estranha à que vinha sendo enunciada.

50. FESP-RJ – Nas passagens do texto abaixo estão indicadas vírgulas que o autor poderia ter usado. A alternativa em que seu aparecimento contraria as normas da língua culta é:

Ⓐ "No Brasil, se o hábito não faz o monge, muitas vezes**,** é causa de atraso."
Ⓑ "O medo de modificar costumes inadequados a nossa realidade faz**,** com que permaneçamos estacionados."
Ⓒ "Criou-se**,** entre nós**,** a ideia equivocada de que um homem só está bem vestido quando abafa o corpo."
Ⓓ "Mais lógico seria que**,** ao serem bombardeados nas ruas, nos ônibus, nos trens e nos escritórios por esse calor insuportável**,** os homens reagissem."
Ⓔ "Tenho esperança de que**,** brevemente, sem traumas, recalques ou compromissos com o passado, poderemos**,** finalmente**,** ir para o trabalho em roupa esporte."

51. CESPE-UnB – Todas as assertivas sobre a pontuação dos fragmentos de textos abaixo são corretas, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Assim, Serafim Costa era apenas um nome – a belíssima sonoridade de um estilhaço de mitologia, uma flor aérea que, em vez de pétalas, possuía sílabas." – O travessão usado isola adjunto adnominal de "um nome".

Ⓑ "...a gente via as copas das mangueiras, cajueiros, palmeiras e outras árvores sob as quais alguns cães esperavam, impacientes, que a rotina bocejante do dia se esfarelasse para que eles pudessem latir, na noite raiada de estrelas, como que lembrando a Serafim Costa – que interromperia por meio minuto o seu sono tranquilo e patriarcal – as suas presenças vigilantes." – Os travessões podem ser substituídos por vírgulas.

Ⓒ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O primeiro travessão introduz o discurso direto.

Ⓓ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O segundo travessão inicia o discurso do narrador.

Ⓔ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta que inexplicavelmente não o acompanhou ao túmulo (o que talvez não o fizesse ser de pronto reconhecido no Paraíso), e nós ainda guardando nos ouvidos o bulício vesperal..." – Está certa a substituição, por travessões, dos parênteses usados, mantendo-se a vírgula empregada antes de "e".

52. ESAF – Indique o trecho que apresenta pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

Ⓑ É preciso observar que há mudanças no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

Ⓒ Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

Ⓓ São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

Ⓔ Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

53. ESAF – Identifique no texto o local marcado com um * <u>onde não se pode usar vírgula</u> e marque a letra correspondente.

O processo de desenvolvimento brasileiro no período de pós-guerra* (A) teve como seu elemento dinâmico o processo de substituições* (B) responsável

pela industrialização e modernização do País. Quando* (C) a partir de 1961* (D) foi-se paulatinamente esgotando a possibilidade de substituição maciça de importações* (E) a economia perdeu sua fonte de dinamismo e entrou numa fase de relativa estagnação.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

54. ESAF – Quanto à pontuação, a frase <u>correta</u> é:

Ⓐ Quando trazidos do exterior os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos, a controle especial do Ministério da Agricultura.
Ⓑ Quando, trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓒ Quando trazidos do exterior os vinhos, e seus derivados serão submetidos a controle, especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓓ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓔ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos a controle especial do Ministério da Agricultura.

55. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta frases corretamente pontuadas.

I. O técnico do time, Luís Augusto de Moraes, ficou gripado e, a partir daí, tomou todos os cuidados possíveis, recomendando aos jogadores que se agasalhassem.

II. Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia Prefiro a virtude do medíocre, ao talento do velhaco.

III. Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.

IV. O problema foi exposto; ninguém, entretanto, deu solução.

V. Ele disse tudo ou melhor tudo o que sabia.

Ⓐ I e V.
Ⓑ II e III.
Ⓒ III e IV.
Ⓓ I e IV.
Ⓔ IV e V.

56. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação:

Ⓐ Seguido pelo alcoolismo o tabagismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓑ O tabagismo encabeça, seguido pelo alcoolismo a lista dos fatores de risco.
Ⓒ O tabagismo, seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓓ O tabagismo seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓔ O tabagismo encabeça seguido pelo alcoolismo, a lista dos fatores de risco.

57. FCC – A alteração na pontuação acarreta alteração de sentido em:

I. Quando desembarquei percebi que o dinheiro já não estava comigo.
Quando desembarquei, percebi que o dinheiro já não estava comigo.

II. Felizmente nada de mais grave lhe aconteceu.
Felizmente, nada de mais grave lhe aconteceu.

III. Você acredita de fato que todos esses poemas são bons?
Você acredita, de fato, que todos esses poemas são bons?

IV. Só respeito os argumentos dela que se baseiam em fatos.
Só respeito os argumentos dela, que se baseiam em fatos.

V. Ao partirem já comecei a sentir saudades.
Ao partirem, já comecei a sentir saudades.

Ⓐ I.
Ⓑ II.
Ⓒ III.
Ⓓ IV.
Ⓔ V.

58. SENASP – A pontuação na escrita é a entonação na fala, portanto analise cada uma das opções e assinale a que não justifica a explicação entre parênteses:

Ⓐ As leis brasileiras, explicava o juiz, vão sendo modificadas gradualmente. (oração intercalada precisa de vírgulas)
Ⓑ Casa de ferreiro, espeto de pau. (ideias opostas necessitam separação assindética)
Ⓒ O carnaval, que é festa popular, é bem comemorado no Nordeste. (oração adjetiva explicativa tem que ser separado por vírgulas)
Ⓓ Quer aceitemos, quer não aceitemos, a violência se instalou entre nós. (a vírgula separa orações alternativas)
Ⓔ Já bateu o sino, logo podemos ir à missa. (a vírgula separa oração conclusiva)

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: 'o morro' e 'a rua'. O primeiro é seu território, lugar bem conhecido e onde ele é alguém. Para ele, 'a rua' também é familiar."

Qual a justificativa para o emprego da última vírgula encontrada no texto?

Ⓐ Designar um elemento intercalado.
Ⓑ Sublinhar uma opinião.

Ⓒ Indicar a existência de um aposto.
Ⓓ Dar destaque ao personagem.
Ⓔ Separar elemento antecipado.

60. ACCESS – A vírgula que separa a oração sublinhada em "Os ídolos cumprem um papel importante. São geradores de entusiasmo e alegria. Ayrton Senna foi um semeador de otimismo. O Brasil esquecia suas mazelas, e os nossos domingos se vestiam de verde e amarelo." da oração seguinte se justifica porque esta oração:

Ⓐ tem sujeito diferente;
Ⓑ é oração adverbial;
Ⓒ é coordenada à anterior;
Ⓓ é oração reduzida;
Ⓔ não tem nenhum elemento coordenativo.

61. FESP-RJ – Em várias passagens do texto, é livre o uso de vírgula. A alternativa em que se colocou este sinal de pontuação de modo irregular é:

Ⓐ "Um dia(,) Oscar resolveu levar na camioneta..."
Ⓑ "Na barreira(,) foi interpelado pelo guarda:..."
Ⓒ "Lá em baixo(,) no primeiro andar, um funcionário..."
Ⓓ "No Serviço de Seleção(,) perguntaram ao Oscar..."
Ⓔ "Eu venho(,) com o milho e ela já volta..."

62. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego inadequado de sinal de pontuação:

Ⓐ A rigor, não há incompatibilidade entre neoliberalismo e democracia.
Ⓑ No governo do presidente Reagan, nos EUA, os pobres tornaram-se mais pobres ainda, e 60% do aumento do Produto Nacional Bruto favoreceram os 1% mais ricos.
Ⓒ As condições de vida naquele país deterioraram-se dramaticamente, mas nunca passou pela cabeça do grande astro investir contra a lei ou cercar o Capitólio pelo "marines".
Ⓓ Se as políticas econômicas do socialismo não são garantia para a democracia, do neoliberalismo emerge a devastação da vida das populações pobres, mas nem sempre a ditadura.
Ⓔ Nem Reagan, nem Thatcher, conseguiram pôr abaixo as políticas compensatórias da pobreza.

63. CESPE-UnB – Assinale a opção que não contém erro de pontuação:

Ⓐ O Programa Nacional dos Direitos Humanos determina: que se priorize a seleção, a capacitação e o aperfeiçoamento dos quadros policiais, que se equipem os organismos policiais, que se reveja a legislação sobre compra e

utilização de armas e munições, que se criem e se fortaleçam as corregedorias de polícia, visando limitar abusos e erros em operações de segurança; bem assim indica como fundamental, a revisão da legislação que regula os serviços privados de segurança.

Ⓑ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é urgente uma ampla mobilização da sociedade, no sentido de apoiar a execução de programas de desarmamento da população, e prevenir comportamentos violentos; também é importante estimular programas de cooperação e entrosamento entre policiais civis e militares, e o Ministério Público.

Ⓒ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é imprescindível que sejam asseguradas condições de proteção e dignidade aos policiais e às suas famílias.

Ⓓ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é fundamental isto: que os policiais se identifiquem com a causa dos direitos humanos; que troquem experiências e informações entre as corporações; que multipliquem experiências de policiamento – comunitário e interativo – e finalmente, que a população encontre no policial, segurança e respeito.

Ⓔ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é preciso; que o sentimento de respeito ao outro seja um sentimento de todos, e que todos respeitem as leis.

64. NCE-UFRJ – Em: "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria, seus exploradores – a classe política – e os vícios do modelo centralista de administração pública".

Assinale o comentário correto sobre os sinais de pontuação na frase acima:

Ⓐ O emprego de travessões em lugar das vírgulas, para destacar o aposto, foi utilizado a fim de ser dada mais clareza à frase.

Ⓑ O advérbio "definitivamente" deveria vir obrigatoriamente entre vírgulas já que se trata de um adjunto adverbial deslocado.

Ⓒ O uso da vírgula após "miséria" se deve ao fato de este termo ser seguido de um aposto explicativo.

Ⓓ O uso da única vírgula presente no texto tem caráter optativo.

Ⓔ Não ocorre a vírgula após "expôs" porque jamais pode haver vírgula entre o verbo e seu complemento.

65. ESAF – Assinale a opção em que o texto foi pontuado em <u>desacordo</u> com as normas da língua culta:

Ⓐ A mediação traz um novo conceito à prática do Direito, uma vez que não tem caráter adversarial.

Ⓑ Pode ser utilizada por pessoas físicas, jurídicas e públicas e envolve técnicas de negociação processualizada, em que os interesses e a igualdade entre as partes devem ser amplamente respeitados.

Ⓒ Pelo contrário, opta, pelo diálogo e pelo entendimento entre as partes, mediado por um especialista neutro.

D Se na Justiça comum os litigantes buscam a solução de um terceiro, na mediação a solução está ao alcance das partes, que se dispõem previamente a chegar a um entendimento.

E O conflito é atenuado a partir dessa predisposição em negociar, comum aos dois lados, que anseiam por encontrar acordo satisfatório para todos os envolvidos.

66. DAVES – Seria possível alterar a expressão escrita de enunciados do texto, conforme se apresenta abaixo, sem infringir regras de pontuação, exceto no que diz respeito à proposta da alternativa:

A "A busca de informações exige técnica apurada para seu registro." / A busca de informações, exige técnicas apuradas para o seu registro.

B "Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente." / Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação, e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente.

C "Num caso e noutro a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto." / Num caso e noutro, a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto.

D "Portanto, a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país." / Portanto a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país.

E "Teoricamente, deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional." / Teoricamente deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional.

67. FGV – A alternativa correta quanto à pontuação é:

A O aspirador, que não funciona, é este.

B Alice nossa amiga, parece feliz.

C Creio, porém, que estava adormecido.

D O livro, disse o autor é ilustrado.

68. FEC – Nos itens abaixo, substituiu-se a vírgula por outro sinal de pontuação. A opção em que a substituição não é cabível gramaticalmente é:

A "Pode-se dizer que as batalhas históricas, ou os eventos em geral que envolvem conflitos, são travadas pelo menos duas vezes." / Pode-se dizer que as batalhas históricas – ou os eventos em geral que envolvem conflitos – são travadas pelo menos duas vezes.

B "O combate histórico feriu-se há cem anos, mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)" / O combate histórico feriu-se há cem anos; mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)

Ⓒ "(...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a história da historiografia." / (...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje; em que não se distingue a história da historiografia.

Ⓓ "A batalha de hoje se dá em duas frentes principais, a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais." / A batalha de hoje se dá em duas frentes principais: a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais.

Ⓔ "Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História, como a Revolução Francesa, seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia." / Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História – como a Revolução Francesa – seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia.

69. EMPASIAL – Os períodos abaixo representam diferenças de pontuação. Assinale a opção que corresponde ao período de pontuação correta:

Ⓐ Uns optaram, pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

Ⓑ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul houve quem, preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓒ Uns optaram pelo partido rosa outros pelo azul houve, quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓓ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓔ Uns, optaram pelo partido, rosa outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

70. ESAG – Observe o texto a seguir:

"Certamente não há dado referente ao maremoto do dia 26 de dezembro de 2004 mais impressionante do que as mais de 250 mil vidas humanas perdidas. Mas outro aspecto começa a despertar a atenção da comunidade internacional. Trata-se dos estragos ambientais acarretados pelo efeito devastador das paredes de água de 10 metros que atingiram países do Oceano Índico. 'Manguezais e pântanos costeiros provavelmente foram destruídos', diz o professor da Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lauro Calliari, doutor em Oceania Geológica. 'Esses ambientes são essenciais para o ecossistema, porque servem de berçário para muitas espécies animais nos primeiros estágios de vida', completa o pesquisador.

As imagens de satélite mostram paisagens repletas de cor, antes da chegada das ondas. O azul do mar, a areia branca das praias da Indonésia e o verde dos coqueiros foram rapidamente substituídos por um lamacento quadro marrom.

Os recifes de corais também foram atingidos. 'São ambientes muito sensíveis ao depósito de sedimentos (lama) e detritos orgânicos transportados pela série de ondas gigantes e seu refluxo', afirma Lauro Calliari. Esse acontecimento pode matar colônias inteiras de corais, assim como a exposição ao sol sofrida pelos recifes, quando as águas recuaram para a formação dos tsunamis. Esses ambientes podem levar centenas de anos para ser recuperados e os prejuízos são enormes para a fauna marinha.

No Sri Lanka, um programa de proteção às tartarugas marinhas contava com mais de 20 mil filhotes de cinco espécies em extinção. Restaram apenas 400. Muitas das tartarugas adultas também morreram e algumas foram encontradas em rios distante 5 quilômetros da costa. O mesmo aconteceu com crocodilos arrastados às praias nas ilhas indianas de Andaman e Nicobar. Os répteis passaram a atacar os sobreviventes e a atrapalhar as equipes de resgate."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

- **A** As aspas, nas linhas 5 e 13-15, distinguem a fala do professor do restante do texto.
- **B** A vírgula depois de Sri Lanka (linha 19) marca um adjunto adverbial antecipado.
- **C** As duas primeiras frases do texto (linhas 1 a 3) podem ser unidas por uma vírgula, sem que o sentido do texto se altere.
- **D** Em "O azul do mar, a areia branca das praias" (linha 11) a pontuação está errada, pois não se emprega vírgula no sujeito.

71. FCC – A pontuação está inteiramente correta em:

- **A** Nicolau Maquiavel analisando os problemas dos principados italianos, escreveu em plena Renascença, um tratado sobre os fundamentos das ações políticas.
- **B** Em plena Renascença, Maquiavel, analisando os problemas dos principados italianos, escreveu *O Príncipe*, um verdadeiro tratado de política.
- **C** Quando escreveu *O Príncipe* Maquiavel preocupou-se com os problemas dos principados italianos, resultando uma obra, considerada basilar, para quem se interessa por política.
- **D** Tendo escrito *O Príncipe*, em plena Renascença Maquiavel nos legou sem dúvida, um tratado sobre política cujo valor continua sendo reconhecido em nosso tempo.
- **E** Poucos imaginariam que, aquele tratado sobre política datado da Renascença, teria um valor tal que se manteria vivo, por tantos séculos, e, continuaria atual em plena modernidade.

72. ESAF – Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgulas(s) não altera o sentido da frase:

Ⓐ As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.
Ⓑ Todos os dias, ele sai, tranquilamente, de casa.
Ⓒ O trabalho foi feito, conforme você pediu.
Ⓓ Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.
Ⓔ Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

73. CETRO – Assinale a opção que respeita as normas gramaticais de pontuação:

Ⓐ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓑ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓒ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓓ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓔ O jornalista é sem dúvida um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.

74. CESPE-UnB – Assinale a opção em que não deve ser usada a vírgula ao se anexar a oração transcrita entre parênteses:

Ⓐ O que foi dito não combina com versões apocalípticas de uma invasão militar daquelas favelas (que reúnem mais de dez mil habitantes de vários pontos da cidade).
Ⓑ O Brasil e os outros integrantes do Grupo do Rio consideram que a Declaração de Montevidéu foi fundamental para "amaciar" os franceses (que ameaçavam abandonar as negociações).
Ⓒ A Constituição de 1946 limitava a gratuidade das escolas secundárias e superiores públicas aos alunos (que comprovassem míngua de recursos).
Ⓓ Os monstros mais famosos da unificação europeia assustam tanto quanto "detalhes" como a eleição do Parlamento europeu (que começa a trabalhar em janeiro de 1995).
Ⓔ Segundo a seguradora, o maior crescimento nas reclamações, no Rio, foi em relação aos seguros de vida (que de janeiro a agosto último somaram 150).

75. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

Ⓐ Denis de Rougemont tomou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.

Ⓑ Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização o seu obstáculo supremo, que é a morte.

Ⓒ Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.

Ⓓ Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

Ⓔ Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa.

76. NCE-UFRJ – "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas'."

As vírgulas utilizadas neste segmento têm a mesma explicação que as utilizadas em:

Ⓐ "...venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."

Ⓑ "É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal..."

Ⓒ "E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz?"

Ⓓ "Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos..."

Ⓔ "Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará."

77. FCC – A pontuação desta frase está inteiramente correta:

Ⓐ A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.

Ⓑ De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

Ⓒ A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
Ⓓ As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e mão de obra, simultaneamente, para o capital.
Ⓔ Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

78. FCC – Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos; seja pelas consequências que dele derivaram projetadas em escala mundial.
Ⓑ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico seja pela gravidade, que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências, que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓒ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico – seja pela gravidade que tiveram, em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓓ Há eventos que, como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico, seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓔ Há eventos, que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que, dele, derivaram projetadas em escala mundial.

79. IPAD – Em "Há muito tempo já deixamos para trás a cultura do *ser*. Agora, o que vai se formando é uma cultura um grau acima da tão denunciada cultura do *ser*. Forma-se a cultura do ter o que o outro não tem. Os bens de consumo retiram seu valor de um sentimento de exclusividade: é o cartão de crédito que dá uma identidade especial, sobretudo quando no hotel de Nova York já não pedem o passaporte, mas aqueles cartão superespecial; o automóvel é tanto melhor quanto menos mortais possam comprá-lo; a roupa tem uma grife exclusiva. É bom pensar no que significa a palavra 'exclusiva': ela significa excluir o outro. Na raiz mesma do ato do ato de consumir, dentro desse modelo, há um desejo de excluir o outro."

O uso do ponto-e-vírgula, no texto lido, pode ser justificado em:

Ⓐ separa orações coordenadas assindéticas;
Ⓑ marca a intercalação de expressões;
Ⓒ indica a elipse de uma palavra (verbo);
Ⓓ separa partes de períodos que já apresentam divisões assinaladas por vírgulas;
Ⓔ separa constituintes sintáticos idênticos.

80. DAVES – As vírgulas foram usadas para separar um termo explicativo na alternativa:

- **A** "Numa instituição religiosa como a Ordem Dominicana, há oitocentos anos o fim do mandato de um superior se traduz na demissão compulsória de todos por ele nomeados."
- **B** "Assim, evitam-se o continuísmo, do ponto de vista político, e o carreirismo, do ponto de vista administrativo."
- **C** "Na administração pública brasileira pode-se mapear, em detrimento do decoro, frondosas árvores genealógicas."
- **D** "Hoje, essa 'economia das mercês' explica a presença, no governo federal, de ministros que até ontem lhe faziam acirrada oposição e até o consideravam 'o mais corrupto da história do Brasil."
- **E** "Se nossos desmandos têm origem na colônia, isso não significa que nós, brasileiros, somos irremediavelmente macunaímicos, sem caráter."

81. DAVES – A vírgula está incorretamente empregada no trecho

- **A** "Nos últimos 25 anos, o Brasil tem apresentado alguns sinais importantes de decadência socioeconômica nem sempre considerados pela opinião pública."
- **B** "Não obstante o quadro geral de piora econômica e social, registra-se avanço no enriquecimento de poucas pessoas."
- **C** "Da mesma forma, observa-se que os atuais detentores de riqueza são cada vez menos descendentes de atividades produtivas lícitas, decorrentes da inevitável e aceitável, evolução do trabalho empreendedor."
- **D** "A ganância pelo dinheiro os torna cada vez mais alienados, pois tudo o que possuem tende a se resumir ao dinheiro ou a sua incessante busca, salvo poucos casos especiais."
- **E** "Inversamente à concentração da riqueza, permanece intacto o déficit nos serviços públicos indispensáveis à vida civilizada."

82. FURB – Da frase a seguir foram retiradas as vírgulas:

"Eu por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"

Assinale a alternativa que apresenta a forma correta de pontuação:

- **A** "Eu, por exemplo o capitão do mato, Vinícius de Moraes, poeta, e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta, de Xangô. Saravá!"
- **B** "Eu por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **C** "Eu, por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto, do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **D** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **E** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, na linha direta de Xangô. Saravá!"

83. FURB – Apenas um dos períodos a seguir está corretamente pontuado. Assinale-o:

Ⓐ As pesquisas científicas mostram reiteradamente, que correr faz bem, à saúde.
Ⓑ Correr, como nós já vimos é coisa antiga, mas nos anos 70, virou moda.
Ⓒ A pessoa sente-se bem correndo, e muita gente fala de uma "benéfica dependência" da corrida.
Ⓓ Um outro risco deve ser lembrado, sobretudo no verão: maratonistas, têm mais risco de câncer de pele (corredores, usem chapéu e, protetor solar).
Ⓔ Correr é uma moda diferente das outras, muito boa e, corresponde à valorização da saúde que é, um, dos característicos, de nossa época.

84. FURB – Algumas das frases a seguir apresentam erros de pontuação. Identifique as corretas:

1. Robertinho, também é professor de Física, profissão, que adotou, desde que se formou em nossa Universidade.

2. Ele, sofreu apenas um puxão de orelha, enquanto todos os demais foram suspensos.

3. Assessores parlamentares, são pagos, diga-se de passagem com o nosso dinheiro, para trabalhar, não para distribuir pizza em plenário.

4. Havia, naquele momento, um clima de descontentamento no ar, manifestado apenas nas expressões fechadas da maioria dos presentes àquela cerimônia.

5. Numa plataforma, um grupo nos detém o passo: uma mulher, sentada no chão, conta histórias a umas seis ou sete crianças extasiadas.

Quanto à pontuação, estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 3 – 4;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 4 – 5;
Ⓓ 2 – 5;
Ⓔ 4 – 5.

85. ESAF – Assinale a sequência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados do seguinte fragmento. Ignore a necessidade de letras maiúsculas.

Toda estrutura da nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos (1) é preciso considerar esse fato para compreender exatamente as condições que (2) por via direta ou indireta (3) nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje (4) é efetivamente nas propriedades rústicas que toda vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia (5) as cidades são virtualmente simples dependências delas.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
A	:	,	.	,	-
B	.	,	,	.	:
C	;	-	,	,	.
D	,	-	;	:	;
E	?	:	,	.	.

86. NCE-UFRJ – "O Viva Rio pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira. Quer parar a cidade inteira por um momento – no trânsito, nas calçadas, nas empresas, dentro de casa. Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar. No carro, que desliguem o motor, abram as portas e saiam lentamente, por dois minutos. Nos escritórios, que se afastem das mesas e cheguem nas janelas. Nas empresas, que saiam para a rua."

O que justifica o emprego da última vírgula encontrada no texto?

A Separar um elemento intercalado.
B Indicar a antecipação de um sujeito.
C Marcar a omissão do verbo.
D Assinalar a presença do aposto.
E Destacar o vocativo.

87. NCE-UFRJ – Em: "A solução simplista seria repetir, em maior escala, o exemplo da Eco-92."

Qual a justificativa para o emprego das vírgulas na frase destacada?

A Separar o verbo do objeto direto.
B Destacar o aposto explicativo.
C Indicar que o determinado pela locução está dela afastado.
D Enfatizar a opinião do autor do texto.
E Indicar o deslocamento de um termo sintático.

88. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego <u>inadequado</u> de sinal de pontuação:

A De 1880 a 1980, o Brasil e o Japão foram os países que mais cresceram no mundo.
B Nosso país, que até 1930 podia ser considerado uma grande fazenda de café, transformou-se em 50 anos na oitava economia industrial do Ocidente.
C O modelo de substituição de importações, comandado pelo Estado e financiado basicamente por poupança externa, foi o grande responsável por essa brilhante *performance*.
D Em algum momento da segunda metade da década de 70, o modelo chega ao fim e o país, a partir de 1980 entra "em parafuso", perdendo seu impulso vital.
E Não tivemos competência para formular um novo projeto, que, dentro das mudanças ocorridas no mundo, pudesse garantir-nos continuidade do crescimento.

89. CESPE-UnB – Um dos casos mais frequentes do emprego da vírgula (ou de entrevírgulas, segundo alguns gramáticos) é para marcar a intercalação de um termo ou de uma oração em uma sentença, rompendo, assim, a cadeia da frase inicial.

Assinale a opção em cujo fragmento o emprego das vírgulas <u>não</u> obedece a essa regra:

Ⓐ "De fato, como única verdadeira certeza que temos na vida, a morte é banal, acontece a toda hora e, mais cedo ou mais tarde, chegará para todos."

Ⓑ "Sabemos também que, embora não esteja na lei, a pena de morte, pública e privadamente decretada,..."

Ⓒ "O matador paga fiança, é solto, responde o processo em liberdade e, se eventualmente for condenado, poderá..."

Ⓓ "...e, se eventualmente for condenado, poderá, caso se trate de réu primário, cumprir a pena também em liberdade."

Ⓔ "Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos..."

90. FCC – As frases abaixo foram pontuadas de maneira diferente daquela encontrada no texto. Assinale a alternativa em que a nova pontuação acarretou mudança de sentido na frase original:

Ⓐ O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas também produzir uma convulsão nos valores ideológicos. / O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas, também, produzir uma convulsão nos valores ideológicos.

Ⓑ Se há, de fato, uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida. / Se há de fato uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida.

Ⓒ Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido, em primeiro lugar, a ideologia. / Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido em primeiro lugar a ideologia.

Ⓓ Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street em um bando detestável de imbecis egoístas e empedernidos. / Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis, que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street, em um bando detestável de imbecis e empedernidos.

Ⓔ Como então Thatcher conseguiu assegurar seu poder? / Como, então, Thatcher conseguiu assegurar seu poder?

91. ESAF – Indique a alteração da pontuação original do texto que provoca erro:

A "...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo:..." / ...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se, tristemente, que o saldo é bastante negativo:...

B "A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio." / A promessa de preenchimento, dá lugar ao vazio.

C "Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno." / Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se – ritualiza-se – o drama do retorno.

D "Compreende-se então o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora." / Compreende-se, então, o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora.

E "...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial – da consciência da finitude – é ainda maior, uma vez que a busca do sublime..." / ...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial (da consciência da finitude) é ainda maior, uma vez que a busca do sublime...

92. ESAF – Assinale a opção em que a afirmação a respeito da pontuação adequada para o texto está incorreta.

Para medir o efeito de uma nova tecnologia é preciso avaliar em que medida ela dá mais eficiência aos processos de produção das empresas. A era do vapor deslocou a produção do lar para a fábrica(1) com a eletricidade(2) surge a linha de montagem. Agora(3) com computadores e Internet(4) a possibilidade de as empresas reformularem(5) seus processos é surpreendente(6) da aquisição de insumos à descentralização e à terceirização.

A É correto colocar um sinal de ponto e vírgula em (1).

B Em (2), (3), e (4) é correto colocar vírgulas.

C Pode-se optar por travessões, parênteses ou vírgulas em (3) e (4).

D Em (5) há exigência do uso de vírgula.

E Pode-se colocar vírgula ou travessão em (6).

93. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

A Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.

B Nesse sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.

C Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.

D Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.

E Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamim.

94. FEC – Das alterações feitas na pontuação dos trechos abaixo, a que está em <u>desacordo</u> com as normas em vigor é:

A "Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor." / Já não apita; vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa sob árvores em flor.

B "Uma pequena luz, lá em cima, há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?" / Uma pequena luz lá em cima há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?

C "O gato retardatário que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar." / O gato retardatário, que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar.

D "E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas, anjo sem asas, porém armado." / E as pessoas adormecidas sentem dentro de seus sonhos que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas: anjo sem asas, porém armado.

E "O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios, para os muros e grades, para as janelas e portões." / O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios; para os muros e grades; para as janelas e portões.

95. NCE-UFRJ – "Antes da chamada Lei dos Crimes Ambientais (Lei 9.605, de 1998), quem era flagrado na caça..." Emprega-se a vírgula, nesse caso, para:

A separar o vocativo;

B destacar o aposto;

C indicar inversão da ordem direta;

D evitar ambiguidade;

E ligar orações coordenadas.

96. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Ângela Branco, chefe da Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre da Prefeitura de São Paulo, diz não ser contra os criadouros, mas que não deveria ser estimulada a posse de animais silvestres. 'Isso prejudica o esforço de anos de trabalho de conscientização.' A veterinária ressalta que ao abrandamento da lei deveria corresponder uma fiscalização mais intensa dos criadouros e do comércio para evitar a 'legalização' de animais que são capturados ilegalmente. Ela cita que há muitos casos de adulteração de anilhas, as 'pulseiras' de identificação colocadas nas pernas das aves."

As aspas na palavra "legalização" indicam:

- **A** a necessidade de destacar o termo na frase;
- **B** tratar-se de palavra empregada erradamente;
- **C** a alteração de seu sentido original;
- **D** uma crítica às autoridades por sua deficiência;
- **E** um emprego fora das normas gramaticais.

97. NCE-UFRJ – "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável." O emprego da vírgula nesse caso se justifica porque se trata:

- **A** de um aposto;
- **B** de um vocativo;
- **C** de um termo em ordem inversa;
- **D** de uma necessidade de evitar-se ambiguidade;
- **E** de uma oração antecipada.

98. NC-UFPR – "Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras."

Indique a alternativa em que as duas frases acima foram reunidas em uma única, com pontuação adequada:

- **A** Agora podemos ver: que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa: porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira: tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **B** Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa, porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **C** Agora podemos ver, que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa

língua a definiu de certa maneira – tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓓ Agora, podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa; porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua, a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓔ Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa, porque antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira, tanto assim que o inglês fez uma definição, diferente, e precisou de duas palavras.

99. FUMARC – A alternativa em que a pontuação está correta é:

Ⓐ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo, um recurso que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais em reclamações, nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles, para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓑ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo: um recurso, que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e, especialmente, na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓒ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo – um recurso que tem certa semelhança com a apelação –, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações (nem sempre técnicas), cujos resultados porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓓ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo (um recurso que tem certa semelhança com a apelação), dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

100. FJPF – Em cada alternativa abaixo, reescreve-se uma frase do texto com alteração da pontuação. A nova redação <u>não</u> é gramaticalmente correta em:

Ⓐ Nos anos 1990 os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.
Nos anos 1990, os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.

Ⓑ Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e consequentemente o Universo estava se expandindo.
Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e, consequentemente, o Universo estava se expandindo.

C Essa mudança permitiu a Einstein descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.
Essa mudança permitiu a Einstein, descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.

D Em 1916 o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.
Em 1916, o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.

101. NCE-UFRJ – A nova redação dada aos trechos abaixo apresenta erro de pontuação na alternativa:

A "No céu de janeiro o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno, e no signo de Capricórnio é Lua Nova." / No céu de janeiro, o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno; no signo de Capricórnio, é lua nova.

B "Enquanto isso, aqui na Terra é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes." / Enquanto isso, aqui na Terra, é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes.

C "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo, é uma limitação.

D "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação. Obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação. Criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação. Insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação; obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação; criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação; insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação.

E "O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo. A estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas." / O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo; a estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas.

102. NCE-UFRJ – Observe o uso das vírgulas em: "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:

A "...com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento..."

Ⓑ "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'..."

Ⓒ "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote"' fala exclusivamente à sensibilidade brasileira..."

Ⓓ "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem."

Ⓔ "'Excluído', dirá o leitor, 'tem um sentido diverso'."

103. ESAF – Indique a opção que corresponde a emprego incorreto de sinal de pontuação:

"Uma grande vantagem da moeda estável é que as pessoas físicas podem escolher a forma mais adequada de cuidar do próprio dinheiro num prazo maior",(A) resume o economista Julius Haupt Buchenrode. Esquecer a cultura inflacionária de 80% mensais de 1990 e olhar o futuro além do dia seguinte,(B) faz parte de um aprendizado difícil para muitos. Antes,(C) era preciso aplicar o dinheiro para não perder,(D) tal era a velocidade de corrosão do poder de compra. A estabilidade econômica permitiu que os investidores tivessem uma ideia mais clara não apenas das perdas,(E) mas das possibilidades reais de lucro futuro. Antever com mais precisão o desempenho dos investimentos, no longo prazo, tornou-se instrumento poderoso.

Ⓐ A.

Ⓑ B.

Ⓒ C.

Ⓓ D.

Ⓔ E.

104. ESAF – Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está em <u>desacordo</u> com as normas da língua escrita:

Ⓐ O Imposto Único Federal-IUF, eliminaria 11 tributos federais, e incidiria sobre as movimentações financeiras de forma semelhante à CPMF.

Ⓑ Com uma alíquota de 1,7% no crédito e no débito, totalizando 3,4, o IUF preservaria o atual nível de arrecadação, sem prejuízos aos cofres públicos. Eliminam-se, assim, não só os tributos, mas também um sistema complexo, ineficiente, injusto e incentivador da sonegação.

Ⓒ Ressalta-se que o projeto altera apenas as fontes de arrecadação. As transferências financeiras para os Estados, Municípios e Previdência Social continuarão existindo.

Ⓓ Estados e Municípios ingressariam no novo sistema, ou não, após avaliarem os resultados obtidos pela União. Essa transição gradual visa a implantação segura e confiável do novo sistema tributário.

Ⓔ O IUF traria simplificação ao sistema de impostos da carga tributária com maior justiça social, aliviando a excessiva incidência sobre os assalariados e sobre as empresas organizadas.

105. FCC – O período cuja pontuação está inteiramente correta é:

- **A** Não sendo político, um ator não deveria jamais candidatar-se a qualquer cargo segundo julga a maioria dos eleitores que assim, manifestam seu preconceito.
- **B** Nômades, por um lado, devassos por outros é com tais imputações que se revelam, os preconceitos que, alimentamos em relação aos atores.
- **C** De todas as afirmações feitas no texto a que mais impressionou é a de que somos todos, atores, em virtude do fingimento pelo qual acabamos por regular nosso comportamento no cotidiano.
- **D** Ao se referir ao nosso absenteísmo, está o autor aludindo à nossa inércia, à acomodação política a que nos entregamos, mesmo nos momentos que exigem uma decisiva participação.
- **E** Sendo a democracia, ao mesmo tempo um regime de decisão pessoal, e de representação coletiva, suscita entre os eleitores, uma notável ambivalência na hora de se decidirem.

106. Sê como o sândalo que perfuma o machado que o fere

A alternativa em que a pontuação da sentença acima está correta é:

- **A** Sê, como o sândalo, que perfuma o machado que o fere...
- **B** Sê como o sândalo, que perfuma o machado, que o fere.
- **C** Sê como o sândalo: que perfuma o machado, que o fere!
- **D** Sê como o sândalo, que perfuma o machado que o fere.

107. FJPF – Observe o fragmento textual que se segue:

"A surpresa vem, sobretudo, do eco encontrado pela defesa de um direito civil clássico, a proteção da própria vida. Pesquisa de opinião pública na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 1997, revelou muito baixa consciência de direitos, sobretudo políticos e civis. Do total de entrevistados, 57% não conseguiram mencionar nem um direito sequer. Apenas 2% mencionaram direitos políticos e 12% direitos civis. A situação só melhorava um pouco em relação aos direitos sociais, reconhecidos por 26% dos entrevistados."

A mudança de pontuação <u>inaceitável</u>, do ponto de vista das normas vigentes, é:

- **A** o apagamento das vírgulas que assinalam o destaque fonético dado, no primeiro período, ao termo "sobretudo";
- **B** o uso de dois pontos, em vez de vírgula, ainda no primeiro período, entre "um direito civil clássico" e seu aposto;
- **C** a substituição da vírgula por travessão, no segundo período, entre o nome "direitos" e a especificação que se lhe segue;
- **D** o uso de vírgula, no terceiro período, entre o verbo "mencionar" e seu complemento;
- **E** o emprego de vírgula para assinalar a elipse de uma forma verbal no quarto período.

108. FGV – "Sim, a Bolívia tem direito a toda a sua riqueza e seu patrimônio; seu solo e subsolo são sua soberania. Ela pode – qualquer país pode – mudar suas leis e rever contratos."

No trecho acima, os travessões foram utilizados para introduzir:

Ⓐ um aposto;
Ⓑ uma explicação;
Ⓒ uma explicitação;
Ⓓ uma ressalva;
Ⓔ mudança da pessoa do discurso.

109. FGV – "Quando expurgou Plutão, a UAI não fez ciência: produziu uma definição, entre outras possíveis, com a finalidade de classificar e nomear."

Os dois-pontos, no trecho acima, introduzem uma:

Ⓐ explicação;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ síntese;
Ⓓ exemplificação;
Ⓔ análise.

110. FGV – "Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil."

Assinale a alternativa em que a alteração de pontuação do trecho acima <u>não</u> constitui erro:

Ⓐ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica –, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓑ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica – ou a falta, de educação, continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓒ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real, e não apenas retórica ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓓ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓔ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real – e não apenas retórica – ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

111. CESGRANRIO – Quanto ao uso da vírgula nos trechos abaixo, assinale a opção que apresenta justificativa de emprego <u>incorreta</u>:

Ⓐ "Hoje, essa visão começa a perder força..." – para separar o adjunto adverbial deslocado.
Ⓑ "...essa visão começa a perder força, já que as empresas passaram a ver no potencial humano o diferencial para o negócio." – para separar a oração subordinada da principal.
Ⓒ "afirma Maria Carlota Boabaid, pedagoga e mestra em Administração de Empresas," – para isolar o aposto.

Ⓓ "...pedagoga e mestra em administração de empresas, que atua na área de Gestão de Pessoas." – para separar a oração subordinada adjetiva restritiva.
Ⓔ "É inerente e insumo do ser humano, está presente em todos os lugares..." – para separar orações coordenadas assindéticas.

112. CESGRANRIO – Assinale a opção <u>improcedente</u> quanto à justificativa de emprego da(s) vírgula(s):

Ⓐ "Quando eu era criança, morava na Penha." – separa oração subordinada adverbial deslocada.
Ⓑ "...eu via estrelas, cometas, asteroides:..." – separa termos coordenados.
Ⓒ "Em dia de lua cheia, via..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓓ "Criança, eu pensava: como seria possível aos pescadores velejar tão longe da areia..." – separa vocativo.
Ⓔ "...os pescadores olhavam as estrelas [...], que indicavam o caminho de suas choupanas, na praia." – separa a oração adjetiva de valor explicativo.

113. CESGRANRIO – O emprego da pontuação está correto num dos períodos abaixo. Indique-o:

Ⓐ Os agentes da lei, capturaram os assaltantes.
Ⓑ Permitiu-se que: os ladrões da loja fossem capturados.
Ⓒ Que notícias publicarás, Sílvio?
Ⓓ Os novos líderes ficaram confusos – com a matéria.
Ⓔ Sílvio Ferraz, jornalista experiente revelou o fato.

114. FEPESE – Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

Ⓐ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓑ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓒ Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
Ⓓ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

115. NCE-UFRJ – "No caldo urbano da miséria/sujeira/ignorância". Neste segmento, as barras inclinadas entre os vocábulos substituem, respectivamente:

Ⓐ vírgula / conjunção;
Ⓑ vírgula / vírgula;
Ⓒ conjunção / preposição;
Ⓓ conjunção / conjunção;
Ⓔ preposição / preposição.

116. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Com o desassombro dos que repudiam as meias-verdades, o Dr. Jayme Landmamn põe a mão na ferida ao afirmar, logo na introdução do seu livro, que 'o sistema de saúde que vigora no Brasil está completamente ultrapassado'. Partindo dessa premissa, que é pura constatação de uma realidade contundente, vai o doutor expondo aos olhos dos que de fato querem ver o que está acontecendo no país um vasto painel das causas do impasse a que chegamos no setor da previdência social e da assistência médica."

Ao colocar um trecho entre aspas, o autor pretende:

Ⓐ destacar um segmento mais importante;
Ⓑ mostrar que esse segmento é transcrito do livro comentado;
Ⓒ explicar uma afirmação anterior;
Ⓓ repetir uma verdade dita por todos;
Ⓔ reproduzir um texto que é muito conhecido por todos.

117. NCE-UFRJ – "Em 2000, ano em que foram lançadas as Metas do Milênio, havia ainda no Brasil 16 milhões de indivíduos completamente analfabetos." As vírgulas, nesse segmento do texto, são utilizadas para:

Ⓐ separar orações;
Ⓑ destacar um termo mais importante;
Ⓒ evitar ambiguidade;
Ⓓ inserir uma explicação;
Ⓔ mostrar uma inversão de termos sintáticos.

118. FJPF – A frase "Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens (inclusive migratórias)" pode ser pontuada de diversas outras maneiras, <u>com exceção</u> da seguinte, considerada inaceitável pelas normas de pontuação vigentes:

Ⓐ Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓑ Normalmente, infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓒ Normalmente infecta, aves domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓓ Normalmente infecta aves – domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓔ Normalmente infecta aves (domésticas ou selvagens, inclusive migratórias).

119. FJPF – Sobre as vírgulas empregadas na redação do período "Tudo isso somado à competência, tenacidade, senso de oportunidade, determinação e espírito empreendedor dos nossos empresários fez o setor de transporte se transformar numa atividade de importância econômica e social reconhecida em todo o país", pode-se afirmar que elas têm o emprego justificado pela mesma regra que justifica o emprego da vírgula no seguinte trecho:

Ⓐ "Atualmente verificamos que as empresas brasileiras estão cada vez mais preparadas para a concorrência de mercado, para a economia globalizada e para competição em larga escala."
Ⓑ "Trata-se de um salto extraordinário, fruto de muito incentivo..."
Ⓒ "O empresariado nacional se capacitou e se preparou para vencer no mercado globalizado e obter maiores ganhos de produtividade, o que resultou em uma geração de vencedores pelo mérito e pelo trabalho..."
Ⓓ "O setor foi mais adiante, abrindo as portas do futuro."
Ⓔ "...e que é a razão de existência da pessoa jurídica, além de aperfeiçoar e adequar programas de qualidade à cultura da empresa e a acompanhar a evolução dos tempos e da técnica".

120. FJPF – A alternativa em que o acréscimo, entre colchetes, de vírgula ou vírgulas constitui um erro, de acordo com as normas de pontuação em vigor é:

Ⓐ "Nas formas de vida coletiva[,] podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens."
Ⓑ "Esses dois princípios[,] encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador."
Ⓒ "Seu ideal será colher o fruto[,] sem plantar a árvore."
Ⓓ "Seu campo visual é[,] naturalmente[,] restrito."
Ⓔ "A parte[,] maior que o todo."

121. FGV – "Os olhos empapuçados são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão."

Assinale a alternativa que ofereça pontuação igualmente correta para o trecho acima:

Ⓐ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓑ Os olhos empapuçados, são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓒ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo, se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.
Ⓓ Os olhos empapuçados são os mesmos mas, o cabelo, se foi e a barriga, só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓔ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga, só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.

122. FGV – "O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural."

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção e. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

Ⓐ Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.
Ⓑ Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.
Ⓒ Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.
Ⓓ A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.
Ⓔ A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

123. CESGRANRIO – Assinale a opção que apresenta justificativa <u>incorreta</u> de emprego do(s) sinal(sinais) de pontuação destacado(s):

Ⓐ "...aos 40 ela deve tomar uma difícil decisão**:** nascer de novo." – quebra da sequência das ideias.
Ⓑ "O bico**,** alongado e pontiagudo**,** se curva." – estabelecer uma pausa entre os adjetivos e o substantivo.
Ⓒ "Quando as novas unhas despontam**,** a águia..." – separa oração subordinada adverbial antecipada à principal.
Ⓓ "No noviciado**,** aprendi..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓔ "Primeiro, ousar perder o que envelheceu: o bico**,** as unhas**,** as penas." – separa termos coordenados.

124. CESGRANRIO – Na passagem "E ainda nem mencionei as coisas que realmente foram reduzidas: apartamentos que parecem caixotes, carros compactos, conversas telegráficas, livros de bolso, pequenas salas de cinema, casamentos curtos.", os dois pontos introduzem um(a):

Ⓐ pensamento;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ explicação;
Ⓓ síntese;
Ⓔ justificação.

125. FEPESE – Marque o item correto de acordo com a pontuação:

Ⓐ Os rios, estão poluídos.
Ⓑ Os agricultores colheram, as laranjas.
Ⓒ O sr. Lobo, o sr. Cordeiro e o Prefeito reuniram-se hoje.
Ⓓ Aquele nosso grande amigo, trouxe boas notícias, ontem.
Ⓔ A roça é, um lugar de trabalho alegria e crescimento.

126. FEPESE – Leia o texto que se segue para responder à presente questão:

A primeira expedição enviada oficialmente para explorar nosso país aqui chegou em agosto de 1501, em busca de ouro e especiarias. Dela fazia parte um rico navegador italiano, Américo Vespúcio. A riqueza que ele encontrou, todavia, foi

o pau-brasil, de que os europeus conheciam uma espécie, nativa do Oriente. O pó da casca dessa árvore servia para tingir tecidos de vermelho – cor da moda na Europa de então, devido à expansão de sua indústria têxtil. Assim, para a Coroa o pau-brasil transformou-se em nova fonte de riqueza.

Os índios foram facilmente convencidos a cortar e transportar para os navios duras toras de pau-brasil, em troca de instrumentos que cobiçavam, como machados, facas e anzóis para a pesca. Esse comércio do "pau-de-tinta" tornou-se a primeira fonte de lucro que a nova colônia ofereceu a Portugal.

(Adapt. de *Brasil:* terra à vista! Eduardo Bueno, Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 118-120)

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

A) Na linha 5 o travessão foi empregado como recurso de ênfase.
B) Quando um termo se intercala na ordem direta da frase, quebrando sua sequência natural, deve ficar isolado por vírgulas, como em <u>todavia</u> (linha 3).
C) Em <u>machados, facas</u> (linha 8) a vírgula separa elementos com a mesma função sintática na frase.
D) Na linha 2 a vírgula separa um vocativo (<u>Américo Vespúcio</u>).
E) Na linha 5 a vírgula antecede uma expressão com ideia de causa.

127. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

A) Antes de viajar verifique: se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas, pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia o que dificulta, o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente, para facilitar, o pagamento das contas de luz.
B) Antes de viajar: verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas; pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos. Nesta época do ano muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático, em conta corrente, para facilitar o pagamento das contas de luz.
C) Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso, antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia; o que dificulta o rápido atendimento. Utilize: o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.
D) Antes de viajar, verifique: se as contas de luz, de sua casa de praia, estão pagas (pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos). Nesta época do ano: muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

Ⓔ Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso antes de viajar, você evita aborrecimentos. Nesta época do ano, muitas pessoas solicitam a religação da energia, o que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

128. NC-UFPR – Em que alternativa a sentença está pontuada corretamente?

Ⓐ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓑ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓒ O coração artificial, segundo o médico entrevistado constitui um avanço, para a ciência sempre preocupada em prolongar, a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓓ O coração artificial segundo o médico entrevistado constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada, em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓔ O coração artificial, segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

129. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está correto, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Àquela altura, parecia-nos, que o problema não teria solução.

Ⓑ Em janeiro, consegui o passaporte; só em julho, porém, viajei.

Ⓒ Certos políticos, que têm seu preço, são facilmente corrompíveis.

Ⓓ O colega, de cujo apoio precisávamos, acabou nos abandonando.

130. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está CORRETO em:

Ⓐ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo? A atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓑ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓒ Será em São Paulo, o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido, com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓓ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo, para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo... A atriz foi escalada, para a minissérie que a Globo prepara, sobre Juscelino Kubitschek.

131. FUMARC – Considere as sentenças abaixo:

I. A ferrovia, rentável, foi inteiramente recuperada.

II. Comia só, na lanchonete do hospital, e voltava para o quarto.

A supressão das vírgulas nas sentenças provoca alteração de sentido em:

Ⓐ apenas em I;
Ⓑ apenas em II;
Ⓒ ambas;
Ⓓ nenhuma delas.

132. NCE-UFRJ – A frase abaixo que mostra uma pontuação <u>inadequada</u>, num texto objetivo, é:

Ⓐ Após algum tempo, o organismo combate a infecção.
Ⓑ A infecção, o organismo a combate após algum tempo.
Ⓒ O organismo, após algum tempo, combate a infecção.
Ⓓ O organismo combate, após algum tempo, a infecção.
Ⓔ O organismo combate a infecção, após algum tempo.

133. ESAG – Observe as frases:

I. O homem que é mortal julga-se imortal.

II. Os alunos que fizeram o trabalho terão um ponto.

III. Todos estavam cansados, cansados de dar dó!

IV. Ontem à noite chegaram os meus parentes.

Assinale a afirmativa correta observando a pontuação das frases acima:

Ⓐ está correta apenas III;
Ⓑ estão corretas II e III;
Ⓒ estão corretas I e IV;
Ⓓ estão corretas I, II e III.

134. NCE-UFRJ – "Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade."

No parágrafo do texto aparecem casos de utilização de ponto-e-vírgula; a regra que justifica esse emprego é:

Ⓐ separar blocos de orações que se opõem pelo sentido;
Ⓑ separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já tem elementos separados por vírgula;
Ⓒ indicar ordem inversa de termos;
Ⓓ destacar elementos sumamente importantes no texto;
Ⓔ separar orações coordenadas não unidas por conjunção.

135. FJPF – No texto, para assinalar o término do período, usa-se ponto depois de:

I. No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também em 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. "não é muito melhor." *(após "em último em matemática.")*

II. A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas por escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, professores já ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social. (*após "mas também em prestígio."***)**

III. A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil. (*após "não permite tergiversações."***)**

Sem prejuízo das normas de pontuação em vigor, o sentido dos enunciados torna possível a substituição do referido sinal pelo sinal de dois pontos em:

Ⓐ I, II;
Ⓑ I, III;
Ⓒ II, III;
Ⓓ I, apenas;
Ⓔ todas as hipóteses apresentadas.

136. CESGRANRIO – Um dos empregos da vírgula é a separação de elementos que exercem funções sintáticas diferentes, geralmente com a finalidade de realçá-los, como acontece com os adjuntos adverbiais antecipados na estrutura da oração.

As frases a seguir, extraídas do Texto III, são exemplos desse tipo de uso, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Ao menos, por dois motivos – imagino eu."
Ⓑ "Em primeiro lugar, porque é uma necessidade da vida contemporânea."
Ⓒ "Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas..."
Ⓓ "Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever."
Ⓔ "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio."

137. IDECAN – O emprego do ponto e vírgula em "Alguns meninos correram; outros ficaram a certa distância da janela, olhando, trêmulos, mas apesar de tudo dispostos a enfrentar a catástrofe.", justifica-se por:

- **A** separar orações coordenadas sindéticas;
- **B** indicar que a frase foi interrompida, truncada;
- **C** isolar oração subordinada adjetiva explicativa;
- **D** separar oração subordinada adverbial desenvolvida;
- **E** separar orações coordenadas opostas quanto ao sentido.

138. FUMARC – Observe as informações acerca dos sinais de pontuação:

I. A vírgula, utilizada em "Após a morte do bandeirante, seus companheiros dispersos procuraram se instalar, apossando-se das terras ao redor de onde se encontravam..", é justificada pela circunstância de tempo.

II. O uso das duas vírgulas no trecho: "O povoado, que foi denominado Matozinhos, iniciou-se ao redor da capela do Senhor Bom Jesus," justifica--se pelo aposto.

III. Os termos do texto a seguir: Filhos ilustres ajudaram a criar parte da história, tais como Bento Gonçalves, Caio Martins e Agripa de Vasconcelos, Cavalgadas, Jubileu do Senhor Bom Jesus, congados, folia de reis, enfim, as festas mais típicas do interior mineiro também são acontecimentos na cidade" receberam vírgulas, porque estas, no contexto, separam enumerações.

Marque a alternativa correta:

- **A** apenas as informações I e II estão corretas;
- **B** apenas as informações I e III, estão corretas;
- **C** as informações I, II e III, estão corretas;
- **D** apenas as informações II e III, estão corretas.

139. COPEVE – Na última frase do 2º parágrafo "A mim, não me causava medo nenhum." a vírgula:

- **A** evidencia o objeto indireto pleonástico;
- **B** evidencia o adjunto adnominal deslocado;
- **C** foi utilizada apenas para enfatizar um termo explicativo e acessório: "a mim";
- **D** foi utilizada de forma indevida, já que não se separa o verbo de seu complemento;
- **E** separa termos de mesma função sintática.

140. UPENET – Sobre pontuação, analise os itens abaixo:

I. "Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado!"

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível"

III. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo!"

Assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

Ⓐ No item I, a omissão da vírgula antes do termo ilustre é erro, uma vez que é obrigatória, porque separa vocativo.
Ⓑ No item II, não poderia existir a vírgula após o termo bonde, por separar um adjunto adverbial deslocado, caracterizando, dessa forma, um erro.
Ⓒ No item III, está correto o emprego da vírgula, por separar adjunto adverbial que exprime circunstância de lugar.
Ⓓ Tanto no item I como no item III, as vírgulas estão corretas por separarem adjuntos adverbiais que exprimem circunstância de lugar.
Ⓔ No item I, a vírgula é facultativa, daí não poder ser considerado um erro de pontuação.

141. UPENET – "Sentiu o comportamento de Angélica (1. observou-o (2. viu suas reações diante de cada farda (3. e compreendeu que nada lhe provocava maior emoção que uma farda de marinheiro."

No período, as vírgulas são obrigatórias nos parênteses de número(s):

Ⓐ 1, apenas;
Ⓑ 2, apenas;
Ⓒ 3, apenas;
Ⓓ 1 e 2, apenas;
Ⓔ 1, 2 e 3.

142. UPENET – Assinale a <u>unica</u> alternativa que apresenta o uso da(s) vírgula(s) da mesma forma em que aparece(m) no trecho:

"(...)Oliver Blanchar ataca o que chama de "cultura do desemprego"(,) ou seja(,) a visão pessimista do futuro."

Ⓐ As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.
Ⓑ "Pois, seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que existe."
Ⓒ O homem, que mente, não merece confiança.
Ⓓ A garota, Fernanda, saiu muito cedo.
Ⓔ "O cavalo calou-se, isto é, recolheu o movimento do rabo."

143. ACAFE – Em relação à pontuação, assinale a alternativa correta:

Ⓐ De acordo com a assessoria de imprensa do MP cerca de 40 minutos após a evacuação do prédio, todos os funcionários voltaram ao serviço.
Ⓑ Num desses dias eu estava falando que queria retornar para a internet e ele me falou que tinha um site que ele queria montar mas não tinha tempo era um site de vídeos!
Ⓒ Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as atribuições do Ministério Público vêm se multiplicando, numa evidente prova de confiança do legislador, à qual o MP deverá corresponder com atuação eficiente.

Ⓓ Muitas vezes descendo ou subindo encontrei cardumes, golfinhos, plânctons gigantes.

Ⓔ As entidades monetárias internacionais e não nossos governantes, é que traçam os rumos econômicos e sociais do País.

144. COPESE-UFT – Indique a alternativa em que o uso da vírgula está <u>errado</u>:

I. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

II. Por fim, perdi, a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

III. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me e, como, já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

IV. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e como já era mais de meio-dia, larguei-me, a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

Marque a resposta correta:

Ⓐ apenas I está errada;

Ⓑ apenas III está errada;

Ⓒ II, III e IV estão erradas;

Ⓓ todas estão erradas.

145. CESGRANRIO – Indique a opção em que o emprego da(s) vírgula(s) obedece à norma culta:

Ⓐ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos, é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓑ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne, 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓒ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países e deve estar concluído em 2010.

Ⓓ A mais ambiciosa empreitada, para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓔ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído, em 2010.

146. CEPERJ – A vírgula pode ser substituída por dois-pontos no segmento:

- **A** "Um dos grandes mitos perpetuados sobre a independência do Brasil, na análise do jornalista e escritor Laurentino Gomes..."
- **B** "...é a ideia de que a separação de Portugal foi totalmente pacífica, um grande acordo político entre D. João VI..."
- **C** "– A ideia de que a separação foi pacífica, negociada entre pai e filho..."
- **D** "...data da expulsão das tropas portuguesas de Salvador, em 1823."
- **E** "...a concentração social era enorme, com total concentração de renda."

147. CEPERJ – Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, a afirmativa correta é:

- **A** Faltou uma vírgula depois da expressão "Manda a etiqueta", em "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva...".
- **B** Os dois-pontos foram corretamente empregados em "Quando alguém me oferece algo e recuso, não recusei apenas o objeto: rejeitei um convite à parceria", porque introduzem uma explicação.
- **C** O ponto-e-vírgula poderia ser adequadamente substituído por uma vírgula no trecho "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva a seu companheiro de mesa de sua própria garrafa; este retribui igual quantidade de seu próprio vinho".
- **D** Deveria ter sido empregada uma vírgula depois da expressão "não troco", em "Aquele com quem não troco é aquele contra quem luto."
- **E** O uso do ponto é incorreto no trecho "...porque a troca é o fundamento da vida social, em seu sentido último de relação com outro. E são os rumos desta relação, os fatores que os determinam..."

148. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, é correto afirmar que:

- **A** Deveria ser inserida uma vírgula depois da palavra "político" no segmento "...o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta já que "Richard Watson" é aposto de "cientista político".
- **B** Os parênteses empregados no 1º parágrafo ["Guru de algumas das maiores companhias do planeta – IBM, Coca-Cola, MacDonalds, Nestlé, etc. –, nas quais dá consultoria sobre o que fazer hoje para não se arrepender amanhã, o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta para o perigo de caminharmos em direção a uma sociedade onde as pessoas não conseguirão sequer pensar sozinhas."] poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo semântico ou gramatical ao segmento.
- **C** As vírgulas empregadas para destacar a palavra "agora" no segmento "Já tendo escrito sobre o futuro dos arquivos, do dinheiro e das viagens, agora, ao discorrer sobre o futuro das mentes" poderiam ser retiradas sem prejuízo semântico/gramatical.

D O ponto empregado depois da palavra "agradam" no segmento "...selecionamos só as informações e os amigos que mais nos agradam. Isso não é bom para o pensamento e a sociedade." poderia adequadamente ser substituído por dois-pontos.

E É inadequado o emprego do ponto que antecede a conjunção E no segmento "E conclui: 'Meu temor é que não tenhamos escolha senão nos tornarmos 100% digitais. E que a gente perca a capacidade de pensar profundamente, uma das coisas que nos define como humanos'.", porque não se deve usar ponto antes da conjunção e.

149. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, a afirmativa incorreta é:

A No lugar de ponto, poder-se-ia usar ponto e vírgula no lugar do ponto-final existente em *"Primeiro, haverá um número proporcionalmente muito maior de idosos, [...] que gerou o boom populacional há algumas décadas. Segundo, os idosos vão viver mais, pelas transformações ocorridas na área da medicina e pelo maior acesso à informação. E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes."* e após *"informação"*, no mesmo fragmento de texto.

B Quanto aos dois travessões empregados em *E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes. O que se nota é uma mudança do perfil e a aceleração de uma tendência já observada nos últimos anos."*, caso se omitisse o segundo travessão, o primeiro deveria ser substituído por uma vírgula.

C Uma vírgula vicária poderia ser adequadamente inserida depois da primeira expressão "ou mais", no segmento "*Enquanto isso, entre 2010 e 2020, o número de idosos de 60 a 79 anos aumentará em quase 8 milhões de pessoas, e com 80 anos ou mais em torno de quase 1,5 milhões de pessoas. Aqueles que tinham 60 anos ou mais, que eram 19 milhões de pessoas em 2010, serão mais de 28 milhões em 2020*".

D Poder-se-ia inserir uma vírgula no início do período a seguir, do seguinte modo: *"Entre 2010 e 2020 essas mudanças já se farão sentir".*

E Poder-se-ia empregar duas vírgulas no período: *"Isso se deve ao fato de que uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente provavelmente continuará ainda no mercado de trabalho por 35 a 40 anos".* Assim: *"Isso se deve ao fato de que, uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente, provavelmente continuará...".*

150. CEPERJ – Quanto à pontuação, a afirmativa correta é:

A Considera-se correta a falta de uma vírgula depois da palavra "foi" no segmento "*Onde foi que a minha bagunça começou? Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem*".

B "A vírgula que se usou depois da expressão **'**meio ambiente**'** em **'***Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem***'**." poderia ser retirada sem prejuízo à correção gramatical e à clareza do segmento.

C O uso de dois-pontos é inadequado depois da expressão "muito esquisita" no segmento "*Tenho uma teoria muito esquisita: a gente nasce como nascem as árvores, de sementes*".

D Faltaram vírgulas depois das palavras "pitanga", "manga" e "laranja" na enumeração do segmento "*Semente de pitanga vira pitangueira, caroço de manga vira mangueira, semente de laranja vira laranjeira*".

E Falta uma vírgula antes da palavra "psicólogo" no segmento "*Se fosse hoje, acho que me levariam a um psicólogo que diagnosticaria hiperativismo.*"

GABARITO

1. A	20. D	39. B	58. B	77. D	96. C	115. A	134. B
2. A	21. B	40. B	59. E	78. D	97. C	116. B	135. C
3. C	22. C	41. D	60. A	79. D	98. B	117. D	136. E
4. B	23. E	42. B	61. E	80. E	99. E	118. C	137. E
5. B	24. E	43. D	62. E	81. C	100. C	119. A	138. C
6. C	25. E	44. E	63. C	82. D	101. C	120. B	139. A
7. A	26. C	45. D	64. A	83. C	102. A	121. A	140. A
8. C	27. A	46. C	65. C	84. E	103. B	122. C	141. D
9. B	28. E	47. D	66. A	85. D	104. A	123. A	142. E
10. E	29. C	48. E	67. C	86. C	105. D	124. B	143. C
11. B	30. E	49. C	68. C	87. E	106. B	125. C	144. C
12. E	31. A	50. B	69. D	88. D	107. D	126. D	145. C
13. E	32. D	51. A	70. D	89. E	108. D	127. E	146. B
14. A	33. D	52. E	71. B	90. D	109. A	128. E	147. B
15. D	34. C	53. A	72. B	91. B	110. A	129. A	148. C
16. B	35. C	54. E	73. B	92. D	111. D	130. B	149. E
17. A	36. A	55. D	74. C	93. C	112. D	131. D	150. A
18. A	37. E	56. C	75. C	94. E	113. C	132. B	
19. C	38. C	57. D	76. D	95. C	114. D	133. B	

Signo, Significante e Significado

- Observe as gravuras.

FAZER JORNALISMO DE QUALIDADE DÁ O MAIOR IBOPE

77%

O mais lido pelas mulheres

84%

O mais lido pelas classes de maior poder aquisitivo

82%

O mais lido pelos homens

83,5%

O mais lido pelos jovens

79%

O mais lido pela nossa gente

O nosso jornal

O Estado do Maranhão: São Luís-MA – Telefone: (098) 3235-8441. Representante Nacional: F & FT Work Ltda – Rio de Janeiro – Telefone: (021) 225-3057 – 246-2309 São Paulo: Telefone (011)5084-1820 / Fax e Fone: (011)573-7116 – Brasília – Telefone: (085)223-2745

- Signo é sinal, símbolo. Portanto, deve fazer referência a alguma coisa.
- Quando falamos em signo linguístico, estamos nos referindo a uma representação da realidade por meio da palavra.

Observe as imagens do texto publicitário.
- batom → signo de "mulher".
- gravata → signo de "homem".
- a nota de cem reais → signo de "classe de maior poder aquisitivo".

- O signo é algo que guarda uma dupla ideia.
  – significado → o conceito do objeto.
  – significante → os sinais gráficos ou sonoros que representam o objeto.

- As palavras (escritas ou orais), por exemplo, são significantes, e as ideias ou conceito a elas associados são os significados.

  Observe a consideração.
  A palavra "cadeira" → objeto onde se senta
  ↓ ↓
  significante significado

Texto e Gramática

- Leia o poema que se segue.

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Oswald de Andrade. In: *Literatura Comentada*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

- Compare o primeiro e o último versos do texto.
  "Dê-me um cigarro" → forma exigida pela "gramática escolar" (ou seja, a gramática "do professor e do aluno / E do mulato sabido").
  "Me dá um cigarro" → forma usualmente empregada pelos falantes ("o bom negro e o bom branco / Da Nação Brasileira").
  A gramática referida no segundo verso é a que normalmente se ensina nas escolas e que se denomina **gramática normativa**.
  No texto, a comparação entre o primeiro e o último versos exemplifica uma das muitas diferenças existentes entre a língua que a gramática "do professor e do aluno / E do mulato sabido" considera "correta" e a língua efetivamente falada pela maioria das pessoas.

"**Gramática natural** porque é da natureza da língua, como é da natureza humana, aprender sistemas de regras para sistematizar comportamentos; aprendizado que independe de ensino; a vida o propicia 'ao natural'."

Para se comunicar, o falante não precisa, necessariamente, dominar as regras da "gramática escolar". No entanto, ele utiliza (mesmo sem ter consciência disso) uma "gramática natural", que admite a construção **me dá um cigarro**, mas não admite, por exemplo, a construção **me cigarro um dá**. Ou seja, essa "gramática natural" possui um "sistema de regras que formam a estrutura da língua, e que os falantes interiorizam falando".

Celso Luft, in: *Língua e Liberdade*.

Polissemia

Vamos, carioca
sai do teu sono devagar
o dia já vem vindo
aí o sol já vai raiar
São Jorge, teu padrinho
te dê cana pra tomar
Xangô, teu pai
te dê muitas mulheres para amar
ê, vida tão boa
só coisa boa pra pensar
sem **ter** que pagar nada
céu e terra, sol e mar
e ainda **ter** mulher
e **ter** o samba pra cantar
o samba que é o balanço
da mulher que sabe amar.

Carlos Lira e Vinicius de Moraes

- Observe os sentidos do verbo **ter** destacados no texto anterior.

Dizemos, pois, que neste contexto, o verbo ter é polissêmico, ou seja, apresenta vários sentidos. Mas observe também que cada sentido ocorre em contextos distintos.

Em sua gramática, Perini atribui à polissemia um papel essencial no processo de renovação do vocabulário de uma língua – ela garante a necessária economia e a flexibilidade para expressar a multiplicidade de significados necessários à comunicação humana. Podemos até mesmo ampliar seu comentário, lembrando que, também na linguagem científica, inúmeros termos têm origem em extensões metafóricas de expressões do uso comum, como **buraco negro** (na física), **paciente** (na medicina) etc.

Exercícios

- Leia o texto e responda às questões de **01** a **04**.

DESENVOLVIMENTO E DIVERSIDADE SOCIAL

A diversidade social baseia-se em três realidades humanas. Primeiramente, a de que cada indivíduo é único. Em segundo lugar, a de que os indivíduos e suas sociedades estão inter-relacionados e interdependentes. Por último, a de que as sociedades e culturas são dinâmicas: as mudanças podem ser rápidas ou graduais mas irão sempre afetar diferentes membros da sociedade de modo a refletir as diferenças em termos de poder e *status*. Essa coletânea reúne artigos que exploram uma variedade de demandas que as pessoas reivindicam quanto à questão do desenvolvimento, dependendo de se elas são jovens ou idosas, mulheres ou homens, de uma cultura dominante ou de um grupo social oprimido. Naila Kabeer examina o significado das relações de gênero no contexto da prática de desenvolvimento e das instituições de desenvolvimento, um tema também analisado por Lewis B. Dzimbiri em relação aos programas de refugiados e por Yezichalem Kassa e Feleke Tadele ao diagnosticarem as necessidades das comunidades rurais. Mark Gorman concentra-se na velhice e nas necessidades dos idosos, enquanto que Tom Scanlon, Francesca Scanlon e Maria Luiza Nobre Lamarao descrevem os desafios do trabalho com crianças de rua e adolescentes. Shubi L. Ishemo argumenta a favor da centralidade da cultura nos processos de mudanças sociais e econômicas e contra as abordagens do desenvolvimento e ajuda humanitária que não são culturalmente familiares às pessoas afetadas.

Introdução de Mary B. Anderson, editado por Deborah Eade.
http://www.developmentinpractice.org/pt/apc_bpcv2n-x-q.html?index=yes

01. Em relação à resenha acima, pode-se inferir que:
( ) situa o tema da obra resenhada de forma clara e objetiva e resume os conteúdos abordados pelos autores que compõem a coletânea.
( ) desenvolve o tema da diversidade social e articula as ideias de forma resumida, fazendo apreciações e imprimindo juízo de valor sobre a obra.
( ) apresenta breve comentário que incentiva a leitura do livro resenhado com a finalidade de transmitir uma ideia geral sobre o sentido nele contido.
( ) sintetiza uma obra e expõe críticas em relação à temática, justificando o posicionamento dos autores.

Analise as proposições anteriores, e assinale (**V**) para as verdadeiras e (**F**) para as falsas.
Marque a alternativa **correta**.
A) V – F – V – F
B) V – V – F – V
C) F – F – V – F
D) V – F – F – F
E) F – V – F – V

02. As expressões **primeiramente** (linha 2), **Em segundo lugar** (linha 3) e **Por último** (linha 5) asseguram:
I. a compatibilidade entre os enunciados, estabelecem relação de progressividade e funcionam como operadores de sequenciação no texto;
II. o encadeamento linear de elos coesivos, reiteram a coerência textual e especificam a sucessão de ideias no texto;
III. a retomada de termos e funcionam como pistas linguísticas que propiciam sentidos ao texto.

Marque a alternativa abaixo, que indica a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)**.
A) I, apenas.
B) I e III.
C) I e II.
D) II, apenas.
E) III, apenas.

03. Em "[...] as sociedades e culturas são dinâmicas: [...]", (linha 5) os dois pontos foram usados com a função de:
A) estabelecer a direção que é dada ao encadeamento do texto, com ênfase apenas na coesão.
B) marcar graficamente uma citação sobre sociedades e culturas.
C) estabelecer uma relação de sentido, explicitando a dinamicidade entre sociedades e culturas.
D) codificar o início de um discurso direto do autor sobre a diversidade social.
E) anteceder o discurso de outro sobre o tema abordado.

04. Nos enunciados a seguir:
I. "A diversidade social baseia-**se** [...]" (linha 1);
II. "[...] dependendo de **se** elas [...]" (linha 11);
III. "[...] Mark Gorman concentra-**se** na velhice [...]" (linhas 19 e 20).

O(s) termo(s) destacado(s) no(s) enunciado(s):
( ) "I, II e III" exercem função morfossintática semelhante, pois fazem referência a aspectos humanos e sociais.
( ) "I" funciona indicando a reciprocidade da ação com ênfase na diversidade social.
( ) "II" apresenta noção de condicionalidade em relação à dependência de grupos diversificados.
( ) "III" é uma forma oblíqua reflexiva, fazendo parte integrante do verbo com relação à velhice.

Analise as proposições acima e assinale (**V**) para as verdadeiras e (**F**) para as falsas.

Marque a alternativa **correta**.
A) V – F – V – V
B) F – F – V – F
C) F – V – F – F
D) V – F – F – F
E) F – V – V – F

Gabarito – Signo, Significante e Significado			
01	**02**	**03**	**04**
A	C	C	B

AN – 1º/03/12 – Rev.: TM

EXEMPLO DE PAI.
EXEMPLO DE FILHA.

Jorge e Gizelle são exemplos de pai e filha que se dedicaram e aprenderam o mais importante: lições que valem para toda a vida.

O PAI

Jorge Cruz iniciou a sua história no Farias Brito como datilógrafo e auxiliar de coordenação, em 1990. Talento e competência foram determinantes para suas maiores conquistas. Em 2006, assumiu a Diretoria do Pré-Vestibular Central, com a certeza de que fez o melhor. Hoje é um dos diretores da Escola que é a 1ª do Brasil no ITA e no IME (os vestibulares mais difíceis do País). A superação fez Jorge ir além. E ele ensinou o caminho do sucesso para sua filha.

A FILHA

Gizelle Helene iniciou sua vida escolar na Educação Infantil do Farias Brito, onde fez suas maiores descobertas no mundo do saber. No Farias Brito, aprendeu a ler, a escrever e a ser cidadã. Aluna exemplar, sempre participou dos principais eventos escolares e conquistou a admiração dos professores e de seus amigos. Ainda no 2º Ano do Ensino Médio, conquistou o 1º lugar em Letras – Português na UECE.

GIZELLE HELENE,
1º lugar em Letras na UECE, ainda no 2º Ano do Ensino Médio.

JORGE CRUZ,
um dos diretores da Escola que é a 1ª do Brasil.

FARIAS BRITO
1º DO BRASIL NO ITA (ENTRE AS CAPITAIS).
1º LUGAR GERAL DO BRASIL NO IME.

ESCOLAS CONVENIADAS

ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL FARIAS BRITO
Lições para toda a vida.
www.fariasbrito.com.br

Exercitando

- Leia o texto a seguir.

Ezra Pound classifica os poemas em três tipos fundamentais:

I. aqueles em que predomina a fanopeia: imagens, comparações, metáforas;
II. aqueles em que predomina a melopeia: música, mesmo dissonante ou antimúsica;
III. aqueles em que predomina a logopeia: "dança das ideias entre as palavras".

Você pode encontrar até as três características num mesmo poema.

A logopeia tende a beirar a prosa. É a similaridade caminhando rumo à contiguidade, o ícone rumo ao símbolo, o analógico rumo ao lógico.

01. Com base nas informações anteriores, assinale a opção em que a estrofe em destaque foi classificada corretamente, de acordo com Ezra Pound:

A) Logopeia:
Longe de prata semeava a seara...

Oscar Rosas, 1862-1925

B) Fanopeia:
Maria Magdá, debutante de maio,
esmaga um rouxinol na axila depilada,
e Fred (Frederico) e Ted (Teobaldo)
defloram seu batom nas tardes de Eldorado.

Haroldo de Campos

C) Melopeia:
Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti, afinal.

Fernando Pessoa

D) Fanopeia
Me sinto perdida
no meio da noite
da noite tão triste
tão triste de ver
de ver que não vejo
você meu desejo
desejo tão triste
tão triste de ter.

Aloysio Figueiredo e J. M. Costa. Gravação de Maysa

E) Fanopeia:
E que prazer o meu! que prazer insensato!
– pela vista comer-te o pêssego do lábio,
e o pêssego comer apenas pelo tato.

Gilka Machado

- O texto que vem a seguir é um fragmento da peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Leia-o para resolver a questão **02**.

AUTO DA COMPADECIDA

CHICÓ: Mas, padre, não vejo nada de mau em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO: No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não benzeu?

PADRE: Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICÓ: Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE: É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO: É, Chicó, o padre tem razão.

Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE: (mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILO: Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE: E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILO: Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE: (desfazendo-se em sorrisos) Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO: (cortante) Quer dizer que benze, não é?

PADRE: (a Chicó) Você o que é que acha?

JOÃO GRILO: (a Chicó) Você o que é que acha?

CHICÓ: Eu não acho nada de mais.

PADRE: Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus.

Ariano Suassuna. Teatro moderno; *Auto da compadecida*.
8. ed. Rio de Janeiro: Agir/INL 1971. p. 32-4.

02. Como se sabe, Ariano Suassuna é um escritor católico. Sobre sua religiosidade assim se manifesta o crítico Sábato Magaldi: "(sua religiosidade] pode espantar aos cultores de um catolicismo acomodatício, mas responde às exigências daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira". Confrontando essa passagem do crítico com o texto lido, podemos afirmar que:

A) o comportamento do padre é apresentado como exemplo daqueles que se conduzem por uma fé verdadeira.
B) os padres que se conduzem por uma fé verdadeira não procederiam como procedeu o padre neste fragmento de Ariano Suassuna.
C) na verdade, o procedimento do padre neste fragmento é apresentado para ilustrar como os padres são vítimas da falta de autenticidade dos seus paroquianos.
D) João Grilo e Chicó representam aqueles católicos que, por não procederem de acordo com a fé verdadeira, tentam envolver o padre em uma cilada.
E) neste fragmento não está implícita nenhuma crítica aos padres, mas à figura do coronel nordestino, às suas artimanhas.

- O texto que segue é o capítulo LXVIII do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

O VERGALHO

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: – "Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!" Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, – o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fraco. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, – transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
São Paulo: Ática, 1995. p. 100-1.

03. Levando em conta o texto na sua totalidade, podemos dizer que nele:

A) o narrador ironiza, com certo amargor, o procedimento do seu ex-escravo.
B) Prudêncio, a julgar por esse espetáculo, é tão severo com o seu escravo quanto com o seu ex-senhor.
C) o narrador apresenta plenas justificativas para o mau comportamento do seu ex-escravo.
D) o narrador tenta explicar os motivos que levam um homem a odiar outro.
E) o narrador se mostra surpreso com a reação do homem chicoteado perante as vergalhadas de seu senhor.

- Leia as letras de música a seguir para responder à questão seguinte.

PRA QUE MENTIR?

Vadico e Noel Rosa

Pra que mentir
Se tu ainda não tens
Esse dom de saber iludir
Pra quê? Pra que mentir,
Se não há necessidade
De me trair?

Pra que mentir
Se tu ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir, se eu sei
Que gostas de outro
Que te diz que não te quer?

Pra que mentir tanto assim
Se tu sabes que eu sei
Que tu não gostas de mim?
Se tu sabes que eu te quero
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero
Ou por teu amor fingido?

Noel – Songbook, CD *Lumiar Discos*, 1991.

DOM DE ILUDIR

Caetano Veloso

Não me venha falar da malícia
de toda mulher,
Cada um sabe a dor e a delícia
de ser o que é.
Não me olhe como se a polícia
andasse atrás de mim.
Cale a boca, e não cale na boca
notícia ruim.
Você sabe explicar
Você sabe entender, tudo bem.
Você está, você é, você faz,
Você quer, você tem.
Você diz a verdade, e a verdade
é seu dom de iludir.
Como pode querer que a mulher
vá viver sem mentir.

Meu nome é Gal. CD 83684-2, PolyGram, 1988.

Pelo conhecimento que se tem da vida de Noel Rosa, sabe-se que a composição "Pra que mentir?" foi motivada por uma de suas relações amorosas, talvez a mais marcante de toda a sua agitada vida passional. Ceci, que Noel conheceu no cabaré Apollo, Rio de Janeiro, numa festa de São João, e de quem nunca mais se desligou, é a fonte de inspiração dessa canção de parceria com Vadico.

Na ocasião em que Noel compôs a música, Ceci dividia seu coração com ele e Mário Lago, o famoso compositor de "Saudades da Amélia". Apesar de Ceci não confessar para Noel o novo romance, ele já sabia de tudo, pois a conhecia pelo olhar, pelo tom de voz e lhe dizia com frequência: "Você ainda não aprendeu a mentir .. .".

04. O confronto dos dois textos permite-nos afirmar que:
A) a mulher desqualifica e contesta o que lhe diz o homem em "Pra que mentir?".
B) segundo a personagem masculina, a mulher não teria necessidade de mentir se de fato soubesse o que é amar.
C) em "Dom de iludir", a mulher responde ao homem que ele também mente sem necessidade de ocultar a infidelidade.
D) não há verdade nem mentira quando se ama.
E) em "Dom de iludir" a mulher não reconhece que ela também se ilude.

O CURURU

Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semiescuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido. Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades. Vozes roucas, foi-não-foi, tãs-tãs, bum-buns, choros, esgoelamentos finos de rãs, acompanhamentos profundos de sapos, respondiam-se.

Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d'água. (...) Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vagalumes. Um sapo cururu grelou-os (1) e ficou deslumbrado, com os olhos esbugalhados, presos naquela boniteza luminosa. Os dois olhos fosforescentes se aproximavam mais e mais, como dois pequenos holofotes na cabeça triangular da serpente. O sapo não se movia, fascinado. Sem dúvida queria fugir; previa o perigo, porque emudecera; mas já não podia andar, imobilizado; os olhos feiíssimos, agarrados aos olhos luminosos e bonitos como um pecado. Num bote a cabeça triangular abocanhou a boca imunda do batráquio. Ele não podia fugir àquele beijo. A boca fina do réptil arreganhou-se desmesuradamente; envolveu o sapo até os olhos. Ele se baixava dócil entregando-se à morte tentadora, apenas agitando docemente as patas sem provocar nenhuma reação ao sacrifício. A barriga disforme e negra desapareceu na goela dilatada da cobra. E, num minuto, as perninhas do cururu lá se foram, ainda vivas, para as entranhas famélicas. O coro imenso continuava sem dar fé do que acontecia a um dos seus cantores.

Jorge de Lima. *Calunga; O Anjo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

(1) Grelar: fitar profundamente os olhos em.

05. Como se sabe, depreende-se o significado das figuras pelo contexto em que elas aparecem, pelas correlações estabelecidas entre as diferentes figuras espalhadas pelo texto. Levando em conta esse dado, assinale a alternativa em que é adequada a relação entre as figuras transcritas e o tema a que estão associadas.
A) "Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semiescuridão." O trecho pode ser considerado como a figurativização do tema da sedução.
B) "Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum!" Trata-se da figurativização do tema da dominação primária, sem nenhuma estratégia de sedução.
C) "Em poucos instantes, o barreiro ficou sonoro, como um convento de frades." É a figurativização do tema da alegria, do canto, da confraternização.
D) "Os bichos apareciam, mergulhavam, arrastavam-se nas margens, abriam grandes círculos na flor d'água." Pode-se interpretar como a figurativização do tema da tentação pela ameaça.
E) "Daí a pouco, da bruta escuridão, surgiram dois olhos luminosos, fosforescentes, como dois vagalumes." É a figurativização do tema da transparência, da verdade plena.

- As questões que vêm a seguir foram elaboradas com base nos dois textos abaixo transcritos. O primeiro é um fragmento extraído do romance *Diva*, de José de Alencar; o segundo, um trecho do romance *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo.

TEXTO I

Não é possível idear nada mais puro e harmonioso do que o perfil dessa estátua de moça.

Era alta e esbelta. Tinha um desses talhes flexíveis e lançados, que são hastes de lírio para o rosto gentil; porém na mesma delicadeza do porte esculpiam-se os contornos mais graciosos com firme nitidez das linhas e uma deliciosa suavidade nos relevos.

Não era alva, também não era morena. Tinha sua tez a cor das pétalas da magnólia, quando vão desfalecendo ao beijo do sol. Mimosa cor de mulher, se a aveluda a pubescência juvenil, e a luz coa pelo fino tecido, e um sangue puro a escumilha de róseo matiz. A dela era assim.

Uma altivez de rainha cingia-lhe a fronte, como diadema cintilando na cabeça de um anjo. Havia em toda a sua pessoa um quer que fosse de sublime e excelso que a abstraía da terra. Contemplando-a naquele instante de enlevo, dir-se-ia que ela se preparava para a sua celeste ascensão.

José de Alencar. *Diva*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 18.

TEXTO II

Era muito bem feita de quadris e de ombros. Espartilhada, como estava naquele momento, a volta enérgica da cintura e a suave protuberância dos seios produziam nos sentidos de quem a contemplava de perto uma deliciosa impressão artística.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a trêmula carnadura dos braços; e os pulsos apareciam nus, muito brancos, chamalotados de veiazinhas sutis, que se prolongavam serpeando. Tinha as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e roliços, a palma cor-de-rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito simpática e graciosa. Tez macia, de uma palidez fresca de camélia; olhos escuros, um pouco preguiçosos, bem guarnecidos e penetrantes; nariz curto, um nadinha arrebitado, beiços polpudos e viçosos, à maneira de uma fruta que provoca o apetite e dá vontade de morder. Usava o cabelo cofiado em franjas sobre a testa, e, quando queria ver ao longe, tinha de costume apertar as pálpebras e abrir ligeiramente a boca.

Aluisio Azevedo. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992. p.78.

06. O confronto entre os dois textos permite-nos concluir que:
A) o texto I focaliza a mulher como algo mais para ser admirado do que tocado.
B) a personagem feminina delineada no texto II excita mais os sentimentos da alma do que os apetites do corpo.
C) em ambos os textos a feminilidade vem figurativizada com objetividade e equidistância.
D) ambos os textos focalizam a mulher sob o ponto de vista de um olhar feminino.
E) em nenhum dos dois textos a mulher é focalizada como objeto de cobiça que excita os sentimentos carnais do homem.

07. Leia este trecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

"Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar."

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p. 146.

Nesse trecho, mostra-se que:

A) as dores morais se superam, enquanto o que atinge o físico pode ser irreversível.
B) o ser humano é indiferente à inexorabilidade dos fatos que lhe sucedem.
C) é preferível ao homem cair de uma altura muito elevada e não escapar, a cair de uma menor e ficar sofrendo.
D) o sentido do provérbio "dos males o menor" aplica-se a muitos infortúnios da vida
E) os males físicos são passageiros, mas os que nos afetam o espírito são duradouros.

- O texto que vem a seguir é a letra de uma das músicas de Adoniran Barbosa, o mesmo compositor de *Saudosa Maloca*, *O samba do Arnesto* e *Trem das onze*.

Domingo nós fumus
Num samba no Bexiga
Na rua Major
Na casa do Nicola
A *mezza notte o'clock*
Saiu uma baita duma briga
Era só pizza que avoava
Junto coas brajola

Nóis era estranho no lugar
E não quisemo se meter
Não fumo lá pra brigá
Nóis fumo lá pra comê
Na hora h se infiemo debaixo da mesa
Fiquemo ali de beleza
Vendo o Nicola brigá
Dali a pouco escuitemo a patrulha chegar
E o sargento Oliveira parlar
Num tem portância
Vô chamando as ambulância.

Aí ele disse assim:
Carma, pessoar,
A situação aqui tá
Muito cínica:
Os mais pior vai pras Crínica.

Extraído de Elis Regina *no fino do bossa*.
v. 3. faixa 7, 11.V030. V3.CD.

08. A leitura global do texto permite afirmar que:

A) a variante linguística usada no texto é inapropriada, pois se trata de um dialeto rural.
B) o dialeto usado é urbano, sem nenhuma mistura com outro linguajar.
C) o dialeto usado é formado de palavras estrangeiras misturadas com o dialeto urbano de São Paulo.
D) o dialeto usado contém traços típicos da linguagem dos imigrantes italianos e do dialeto caipira de São Paulo.
E) a linguagem usada no texto contém palavras e expressões típicas de um dialeto urbano misturado com palavras e expressões da língua culta escrita.

- Leia o texto abaixo para responder às questões **9** e **10**.

A FORÇA SECRETA DO OBJETO LIVRO

Há um problema com o livro. [...] Depois da máquina de escrever, do telex e dos pesados arquivos de aço, ele estaria na lista dos condenados à morte pelo rolo compressor do computador e da Internet. Em artigos recentes na imprensa, dois eminentes escritores, o americano John Updike e o peruano Mario Vargas Llosa, saíram em defesa, o primeiro do livro notoriamente dito, o segundo deste secular subproduto da indústria do livro que é a livraria. Se o livro precisa de defensores desse calibre, é sinal de que pode estar mesmo em perigo.

Updike alinha uma série de vantagens do livro sobre o texto obtido via computador. Seus argumentos vão da bela figura que os livros fazem como objetos de decoração, capazes de "aquecer e iluminar a sala", até o lastro que a posse de uma boa quantidade de livros confere à vida de uma pessoa, forçando-a a pensar duas vezes antes de se entregar à tentação de mudar de casa, ou segurando os casais quando, ao impulso de se separar, se contrapõe a dolorosa imposição de dividir a biblioteca. De permeio alinha virtudes mais óbvias, como o fato de, na cama, o livro ser melhor companhia do que "um laptop zumbindo", e a forma admirável "que se encaixa na mão humana num aconchego sedutor". Vargas Llosa, ao defender as antigas livrarias, dirigidas por livreiros amantes dos livros, contra as cadeias impessoais e as vendas pela Internet, também, indiretamente, defende o objeto livro. Ele lamenta o fato de em Londres, onde está morando, terem desaparecido as pequenas livrarias da área de Charing Cross [...]. Mas, pensando bem...

Estaria o livro mesmo em crise? Considere-se o que se deu nos Estados Unidos, dias atrás. Centenas de milhares de pessoas, nas lojas, atrás de determinado objeto. Outras tantas encomendando-o, tomando-o emprestado, dando-o ou ganhando-o de presente. E que objeto era esse? Um livro – *Harry Potter and the Goblet of Fire (Harry Potter e o Cálice de Fogo)*, da inglesa J. K. Rowling, quarto volume de uma série infanto-juvenil que virou fenômeno. É duvidoso que Updike ou Vargas Llosa se comovessem com o caso. O lançamento de *Goblet of Fire*, com a tiragem avassaladora de 5,3 milhões de cópias, foi precedido de aparato tão característico dos dias que correm quanto a Internet. Propaganda maciça, até em luminosos na Times Square, de Nova York. E, como acontece com o *Beaujolais Nouveau**, um dia preciso, amplamente apregoado, para a chegada aos pontos-de-venda: 8 de julho. Algumas livrarias abriram à zero hora desse dia, para que os consumidores se apressassem a regalar-se. E não faltou gente para comprar, e não faltou fila.

Também não faltou bobeira, diga-se. Pessoas que ficam acordadas até meia-noite, para fazer uma compra, e arrastam consigo os filhos de pijama são seres contaminados pelo mesmo vírus que as empurra a fazer muitas outras coisas porque todo mundo está fazendo, ou pelo menos a publicidade dá a entender que todo mundo está fazendo. Resta que as crianças que compraram o livro, de 700 páginas, e foram fotografadas acariciando o volume como a um bicho de pelúcia, guardarão dele a mesma lembrança que o menino Marcel Proust guardou dos livros que ganhava da avó. Será um objeto sagrado de sua infância. Não é por ora concebível que o texto gerado num computador, inconsistente como o ar, que não se acaricia, nem se deixa integrar à decoração do quarto, venha a exercer tal papel.

O livro tem uma característica que o torna osso duro de roer para a sanha da Internet: o fato de ser mistificado a ponto de virar objeto sagrado. E mistificado tanto pelos que usufruem dele quanto pelos que não usufruem. Para Updike e Vargas Llosa, ele é sagrado porque sem ele a vida não valeria a pena.

O sentimento é parecido ao do ator Vittorio Gassman, quando, do palco, contemplando a plateia, pensava: "Como eles podem viver do lado de lá?" Quem vive entre os livros pensa dos outros, igualmente: "Como eles podem viver sem eles?" Mas aqueles que não os cultivam também os reverenciam. Neles identificam a sabedoria, tão alta que não a alcançam, tão desejável que gostariam que os filhos partilhassem dela como eles próprios não foram capazes.

Como se sabe, há muitos livros ruins – a maioria –, e, como veículo de circulação de conhecimento e possível distribuidor de sabedoria, o computador pode ser tão eficaz quanto. A maior razão do respeito pelo livro talvez seja outra. Silencioso, imune à exigência da velocidade, ao contrário da totalidade das invenções modernas, e tão despregado do frenesi do *on-line* quanto um cientista louco do blazer da moda, ele se apresenta como lastro num outro sentido, que não o de Updike: o que liga uma pessoa a si mesma.

TOLEDO, Roberto Pompeu. In: *Veja*, 26 jul. 2000. p. 158.

* Certa variedade de vinhos.

09. Segundo o texto é verdadeiro afirmar:
A) Como o telex e os pesados arquivos de aço, o livro também está condenado à morte, devido à disseminação do uso de computadores conectados à Internet.
B) Entre os argumentos que Updike apresenta a favor do livro está o fato de que uma boa biblioteca pode até evitar o fim de um casamento.
C) Toledo critica a compra de um livro por modismo, opondo-se àqueles que alegam que a experiência ajuda as crianças a desenvolver uma relação de amor com os livros.
D) Pessoas que não cultivam a leitura não costumam reverenciar os livros nem lhes dar o devido valor.
E) Toledo afirma que, mesmo com a expansão das tecnologias da informação, o livro ainda é o meio mais eficaz para circulação do conhecimento.

10. A respeito do uso do acento grave para indicar crase, no texto, assinale a opção que for verdadeira.
A) Na linha 3, a crase em *à morte*, sinalizada pelo acento grave, resulta da contração de uma preposição com o artigo indefinido feminino.
B) Na linha 14, é questionável o uso do acento indicativo de crase em *à vida*, porque o verbo conferir, transitivo direto, não requer preposição.
C) Na linha 42, é inadequado o uso do acento indicativo de crase antes de *zero*, uma vez que se trata de um substantivo masculino.
D) Na linha 74, utilizou-se acertadamente o acento indicativo de crase, porque o adjetivo *imune* requer o uso da preposição a, a qual se funde com o artigo a antes do substantivo feminino exigência.
E) Na linha 79, poder-se-ia pôr um acento grave no *a* de *a si mesma*, uma vez que se trata de uma locução adverbial feminina.

11. Considere as seguintes regras relativas ao uso dos pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa:
I. Os pronomes A(S), O(S) e suas variantes (LA, LO, NA, NO etc.) funcionam como objeto direto;
II. O pronome LHE(S) funciona como objeto indireto e outros termos regidos por preposição (complemento nominal, adjunto adnominal de posse etc.).

Com base nessas regras, assinale a única alternativa na qual o pronome oblíquo átono em destaque foi corretamente empregado.
A) Você deve entender que só eu posso ajudar-**lhe** com isso.
B) Ele amava a mulher, mas ela já não **lhe** tinha afeição.
C) Explique-**os** que não posso atender ninguém agora.
D) Meninas, isto não **as** pertence. Devolvam-me já!
E) Fiz de tudo para deixar-**lhes** bem à vontade.

12. Leia o trecho a seguir, extraído do poema "Navio Negreiro", de Castro Alves, e marque o que é correto sobre o poema.

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...
Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

A) "Navio Negreiro" é um poema barroco, o que pode ser percebido pelo tema da morte.
B) Trata-se de um poema da primeira fase do Romantismo, quando prevalece um nacionalismo ingênuo.
C) Percebe-se claramente que o poema pertence à segunda fase do Romantismo, quando se pratica uma poesia pessimista e voltada para a morte.
D) Este poema, escrito na terceira fase do Romantismo, faz crítica social, porque se manifesta contra a escravidão.
E) "Navio Negreiro" não pode ser classificado como um poema do Romantismo, porque não idealiza, mostra a realidade nua e crua.

- Leia o texto abaixo para responder às questões **13**, **14** e **15**.

O PADEIRO

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a "greve do pão dormido". De resto não é bem uma greve, é um *lockout*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

— Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

"Então você não é ninguém?"

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: "Não é ninguém, não senhora, é o padeiro". Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno.

Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; "não é ninguém, é o padeiro!"

E assobiava pelas escadas.

BRAGA, Rubem. O padeiro. In: *Para gostar de ler*. v. 1. Crônicas. São Paulo: Ática, 1982. p. 64-5.

13. O gênero de um texto diz respeito tanto à sua função (para que serve) e quanto às suas características formais (como o texto é organizado). Em termos de gênero, como poderíamos classificar a história anterior?

A) Como um artigo assinado, pois apresenta e discute em profundidade fatos relevantes sobre a entrega de pão e o trabalho jornalístico.
B) Como uma fábula, porque é uma pequena narrativa cujas personagens são animais que falam e se comportam como seres humanos, visando a um ensinamento moral.
C) Como uma notícia, porque o objetivo principal é relatar um fato de grande relevância social, a greve dos padeiros.
D) Como uma crônica, pois é uma narrativa curta, desenvolvida a partir de um fato corriqueiro, do cotidiano.
E) Como o roteiro de uma peça de teatro, porque se veem as falas das personagens e indicações sobre a organização da cena.

14. Com base no texto, marque a única afirmação correta.

A) O fato que motivou o narrador a desenvolver sua história foi ter encontrado novamente, nas escadarias de seu prédio, durante a "greve do pão dormido", o padeiro que dizia ser ninguém.
B) O narrador do texto, hoje jornalista, também já foi padeiro, por isso compreende a importância dessa humilde profissão.
C) O narrador, que é jornalista, considera o padeiro menos importante que ele próprio.
D) Ao contrário do padeiro, que se achava pouco importante, o narrador do texto costumava julgar-se importante quando era mais jovem.
E) Percebe-se nas falas e atitudes do padeiro profunda mágoa pelo fato de que as pessoas, sem reconhecer a importância de seu trabalho, tratam-no como um ninguém.

15. Ao comparar as atitudes do padeiro com as suas próprias atitudes, quando mais jovem, qual a principal lição de vida que o narrador pode extrair?

A) Alegria.
B) Satisfação profissional.
C) Humildade.
D) Orgulho.
E) Boa vontade.

16. As palavras monossílabas tônicas só recebem acento gráfico quando terminam em A(S), E(S) ou O(S). Já as oxítonas são acentuadas quando terminam A(S), E(S), O(S), EM ou ENS.

Com base nessas regras, marque a única alternativa na qual todas as palavras destacadas estão corretas quanto à acentuação gráfica.

A) Ninguém soube bem o porquê de ela chamá-los lá.
B) Após a chuva torrencial, só sobraram alguns cajús nos pés.
C) Eu a ví há apenas alguns instantes, aquí junto ao portão.
D) Um menino nú, côr de jambo, entrou correndo no armazém.
E) Ela tráz o café apenas uma vêz por dia.

17. Assinale a única alternativa na qual a(s) palavra(s) em destaque está(ão) corretamente empregada(s), de acordo com o contexto.

A) Conceição só se aposentará daqui **há** cinco ou seis anos.
B) Quando nós **mal** havíamos saído de casa, o menino ligou para o meu celular.
C) É melhor vocês se apressarem, **por que** o ônibus passa em dez minutos.
D) Se Marta **precisa-se** de ajuda, certamente nos procuraria.
E) Ontem eles **trabalharão** até mais tarde.

18. Considere os períodos abaixo e assinale o que for correto.

I. Nada se decidiria antes que os herdeiros chegassem;
II. Já se encomendou os novos computadores para o escritório;
III. Impôs-se pesada multa à empresa, devido às irregularidades constatadas.

A) Em (I), há erro quanto à colocação do pronome oblíquo, que deveria estar em mesóclise.
B) Em (II), o verbo foi corretamente deixado no singular, uma vez que o sujeito da oração é indeterminado.
C) Em (III), ambos os acentos indicativos de crase foram adequadamente empregados.
D) Em (II), tem-se voz passiva analítica, e o sujeito é "os novos computadores"; portanto, o verbo deveria estar no plural.
E) Em (III), apenas o primeiro acento indicativo de crase é necessário; o segundo é opcional.

19. Considere o excerto a seguir, extraído do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e assinale o que for verdadeiro.

"Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros."

A) O trecho refere-se a Jerônimo e à decadência moral que este sofreu ao tomar contar contato com a natureza e os costumes do Brasil.
B) A personagem a quem o trecho acima se refere, João Romão, por influência do meio, vai aos poucos perdendo os valores morais portugueses e acaba por tornar-se alcoólatra.
C) Apesar de fazer parte de um romance do Naturalismo, o excerto acima tem pouca relação com os princípios estéticos dessa escola.
D) O comportamento do personagem, no texto, afasta-se do determinismo do meio, uma vez que não é influenciado pela natureza e pelos costumes brasileiros.
E) Do mesmo modo que Jerônimo, cuja decadência se descreve acima, João Romão não se adaptou ao novo meio.

20. Considere os trechos abaixo, também extraídos de *O Cortiço*, e assinale o que for verdadeiro.

"E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco."

"O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra."

Aluísio Azevedo. *O Cortiço*.

A) Evidencia-se, nos dois trechos, a preferência naturalista pelos aspectos patológicos da natureza humana, como a loucura e as taras sexuais.
B) Nos dois trechos, ilustra-se o gosto naturalista por personagens individuais.
C) Os naturalistas buscavam mostrar os seres humanos como animais, o que se evidencia claramente nos dois trechos anteriores.
D) Nos dois trechos, transparece o otimismo naturalista: mesmo da lama e do esterco brota a vida, espontânea e vigorosamente.
E) Contraditoriamente, é no meio desse esterco, dessa lama, que brotam flores como Pombinha e Bertoleza, cujos valores morais inabaláveis servem de contraponto às vicissitudes do meio.

21. Leia o poema abaixo, de Tomás Antônio Gonzaga, e assinale a assertiva verdadeira.

LIRA I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva a guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho casal próprio, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E as mais finas lãs de que me visto.
Graças, Marília bela.
Graças à minha estrela!
(...)

Gabarito						
01	**02**	**03**	**04**	**05**	**06**	**07**
E	B	A	A	B	A	A
08	**09**	**10**	**11**	**12**	**13**	**14**
D	B	D	B	D	D	D
15	**16**	**17**	**18**	**19**	**20**	**21**
C	A	B	C	A	C	C

AN – 28/12/11 – REV.: JA

O Estudo do Período Composto

O Período Composto

Período composto é a frase organizada em mais de uma oração. Dependendo de como as orações se relacionam, podemos ter:

- **Período composto por coordenação** – formado exclusivamente por orações coordenadas:

oração oração oração oração
Seu mecanismo interno suga, / aquece, / esteriliza / e devolve o ar à atmosfera.

oração oração
Cheguei cedo ao teatro, / mas não arranjei um bom lugar.

- **Período composto por subordinação** – formado de oração principal e oração(ões) subordinada(s):

oração principal oração subordinada oração principal
As pessoas / que inventam coisas / são especiais.

oração principal oração subordinada
Sentiu-se extremamente feliz / quando terminou de construir seu invento.

- **Período composto por coordenação e subordinação (ou período misto)** – trata-se de um tipo de período no qual coexistem os dois processos sintáticos de relacionar orações (a coordenação e a subordinação). É formado de oração principal, oração(ões) subordinada(s) e oração(ões) coordenada(s):

or. subordinada or. principal or. subordinada or. coordenada or. coord. or. coord.
Quando se inventa algo, / é preciso / registrar a patente; / depois espere, / espere / e reze.

Período Composto por Coordenação

O período é composto por coordenação quando contém apenas orações coordenadas, ou seja, de funções equivalentes.
Ex:

Juçara almoçou e saiu.

As orações (Juçara almoçou / e saiu) existentes nesse período são coordenadas. A primeira, como não traz a conjunção, recebe o nome de **oração coordenada assindética**; a segunda, por trazer a conjunção coordenativa **e**, recebe o nome de **oração coordenada sindética**. Temos, então:

Juçara almoçou	**e saiu.**
Oração coordenada assindética	Oração coordenada sindética

Orações coordenadas sindéticas

São cinco os tipos de oração coordenada sindética:

a) **aditivas:** são iniciadas principalmente por **e** (nas afirmações) e **nem** (nas negações); exprimem adição, soma de pensamentos.
Ex.:
Juçara almoçou **e saiu**.
Seu marido não almoçou **nem jantou**.

b) **adversativas:** são iniciadas principalmente por **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto** e exprimem contrastes, oposição de pensamentos.
Ex.:
Juçara almoçou, **mas não jantou**.
Seu marido não almoçou, **porém jantou**.

c) **alternativas:** são iniciadas principalmente por **ou**, **ou**... **ou**, **ora**... **ora** e exprimem exclusão.
Ex.:
Ou você almoça, ou você apanha!
Ora ela chora, ora ela ri.

Ambas as orações em cada período são coordenadas sindéticas alternativas.

d) **conclusivas:** são indicadas principalmente por **logo**, **portanto**, **pois** (depois do verbo) e exprimem conclusão.
Ex.:
Luisinho almoçou, **logo não vai apanhar**.
Ela chora e logo depois ri; **portanto está maluca**.

e) **explicativas:** são iniciadas principalmente por **que**, **porque** e **pois** e exprimem motivo, razão.
Ex.:
Não chore, **que sua mãe lhe bate!**
Ele chorou, **porque todos choraram.**

Depois de um imperativo, a oração iniciada por **que**, **porque** ou **pois** é sempre explicativa.

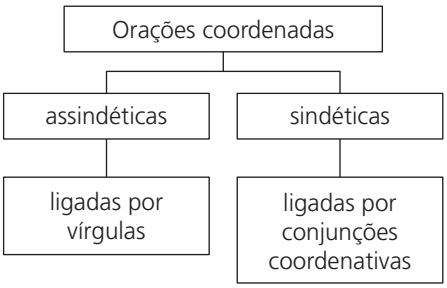

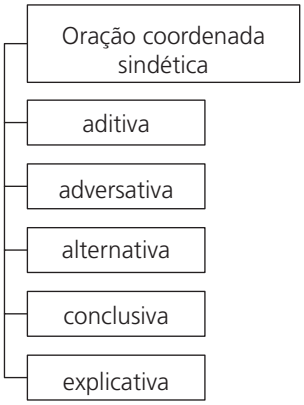

1. Período Composto por subordinação: Orações Subordinadas Substantivas

As orações que equivalem a substantivos

Orações Subordinadas Substantivas
Esse tipo de oração recebe esse nome porque exerce uma função própria dos substantivos: objeto direto, objeto indireto, sujeito, predicativo, complemento nominal e aposto.

1. Orações subordinadas substantivas subjetivas

Veja.

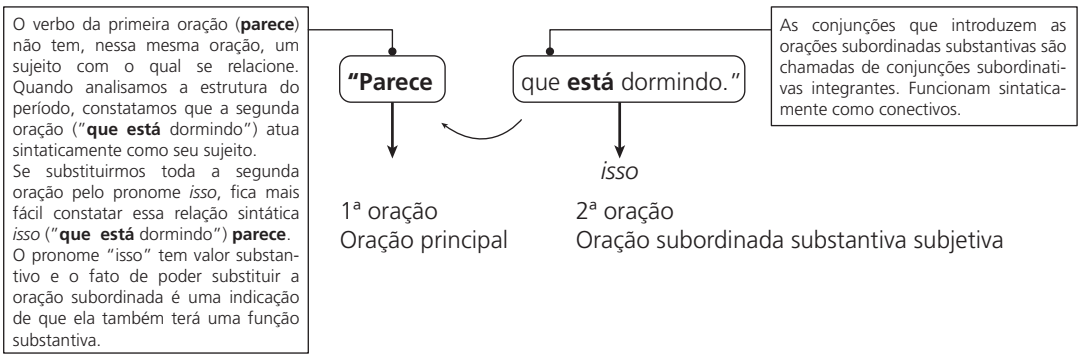

A Oração Subordinada Substantiva Subjetiva funciona como sujeito da Oração Principal.

Ex$_1$: Era provável que Pedro e Vinícius brigassem.
Ex$_2$: Era conveniente que Bruno e Vinícius estudassem.
Ex$_3$: Que você nade é urgente.

Algumas estruturas sintáticas presentes na oração principal indicam que a oração subordinada a ela desempenhará a função de sujeito. Observe.

- Presença, na oração principal, de verbos unipessoais (acontecer, constar, convir, importar, parecer, urgir, suceder).
  Convém que os jogadores treinem com determinação para a final.
  Consta que nenhum candidato reclamou do resultado do concurso.
- Verbo de ligação, seguido de **predicativo do sujeito**.
  É preciso que cada um assuma suas responsabilidades.
  É claro que vamos comemorar seu aniversário.
- Verbo transitivo direto na voz passiva sintética, na 3ª pessoa do singular (com o pronome **se** na função de partícula apassivadora).
  Falou-se que nenhum dos acusados teve direito de defesa.
  Diz-se que ele é um dos maiores fazendeiros da região.
- Verbo transitivo direto na voz passiva analítica (verbo **ser** + **particípio**).
  Foi falado que nem todos os funcionários receberão aumento salarial.
  Foi dito que nenhum crime ficará impune.

2. Orações subordinadas substantivas objetivas diretas

Veja.

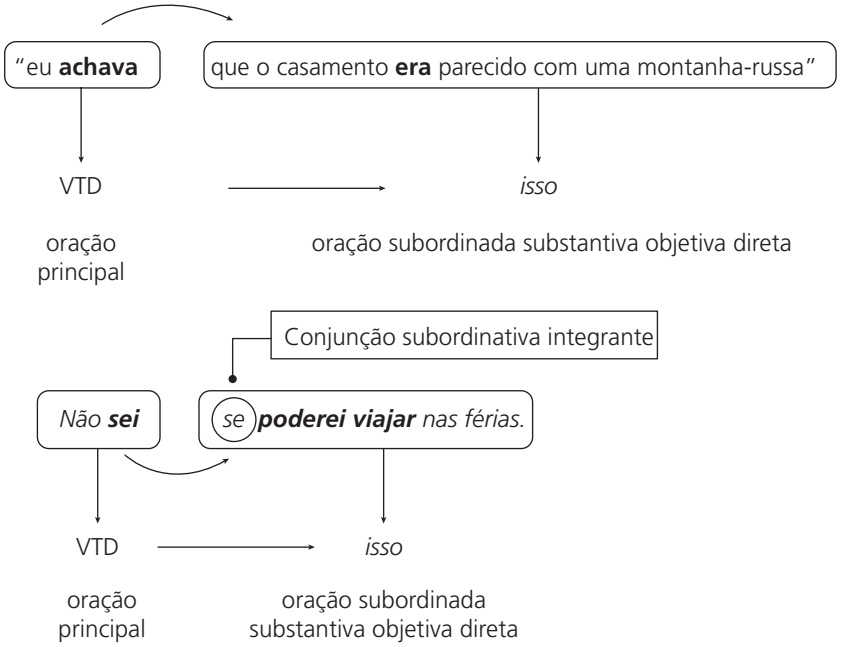

Oração Subordinada Objetiva Direta

A Oração Subordinada Objetiva Direta funciona como objeto direto da Oração Principal.

Ex$_1$: Vinícius pensava / que seu emprego estava perdido.
Ex$_2$: Soube / que você não gosta de dançar.
Ex$_3$: Eu vi / que você estava muito triste na hora do recreio.

Atenção!

Nas frases interrogativas indiretas, surgem orações subordinadas substantivas objetivas diretas encabeçadas pela conjunção subordinativa integrante **se** e por pronomes interrogativos:

Quero saber	**se** ela virá à festa **como** você chegou aqui. **onde** você esteve. **quanto** foi gasto. **quando** você chegou **qual** foi o problema

Uma oração especial

Com os verbos **deixar**, **mandar** e **fazer** (chamados auxiliares causativos) e **ver**, **sentir**, **ouvir**, **perceber** (chamados auxiliares sensitivos), ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo:

Deixe-**me descansar.**
Mandei-**os entrar**.
Ouvi-**o gritar.**

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua-padrão em que um pronome oblíquo atua como sujeito. Para perceber melhor este fenômeno, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:

Deixe **que eu descanse.**
Mandei **que eles entrassem.**
Ouvi **que ele gritava.**

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. Dessa maneira, é fácil perceber que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais.

3. Orações subordinadas substantivas objetivas indiretas

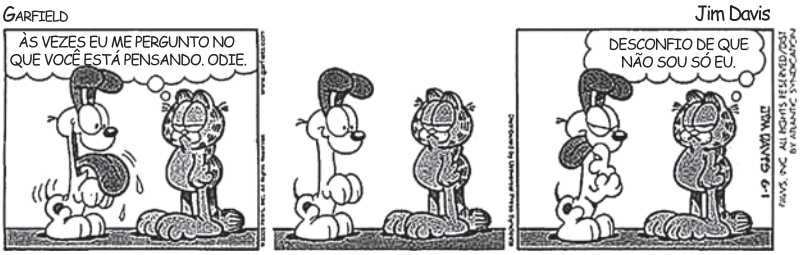

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 8 jun. 2005.

Observe:

O verbo da primeira oração (***desconfio***) é ***transitivo indireto*** e não há, nessa mesma oração, um objeto indireto que complete o seu sentido. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**de que** não **sou** só eu") atua sintaticamente como objeto indireto desse verbo.
Se substituirmos toda a segunda oração por *disso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática. **Desconfio** *disso* ("**de que** não sou só eu")

"**Desconfio** (**de**) que não **sou** só seu."

VTI → *disso*

Oração principal — Oração subordinada substantiva objetiva indireta

A preposição **de** que antecede a conjução subordinativa integrante ***que***, é exigida pela regência do **verbo transitivo indireto**, que sempre se liga a seu complemento por meio de uma preposição.

A Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta funciona como objeto indireto da Oração Principal.

Ex$_1$: Eu me lembro / **de quem você gostava**.
Ex$_2$: Eu não gosto / **de quem maltrata os animais**.
Ex$_3$: Vinícius duvidou / **de que sua vida estava em jogo**.

4. Orações subordinadas substantivas completivas nominais

Veja.

A preposição ***de***, que antecede a conjunção subordinativa integrante ***que***, é exigida pela regência do substântivo, que necessita de uma preposição para se vincular ao termo que atua como seu complemento.

"Hoje a minha professora **veio** com a notícia (**de**) que Colombo **descobriu** a América."

disso

oração principal → oração subordinada substantiva completiva nominal

A Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal funciona como complemento nominal da Oração Principal.

Ex$_1$: Sou a favor / **de que a condenem.**
Ex$_2$: Vinícius tinha a necessidade / **de que sua namorada fosse morta.**
Ex$_3$: Tenho medo / **de que me traias.**

5. Orações subordinadas substantivas predicativas

Veja.

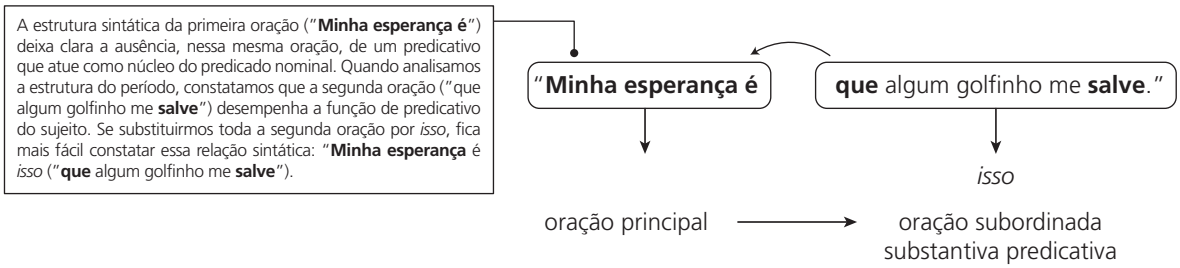

A Oração Subordinada Substantiva funciona como predicativo da Oração Principal.

Ex$_1$: O certo é / **que ficaríamos separados.**
Ex$_2$: O conveniente é / **que você não tenha discriminação.**
Ex$_3$: O importante é / **que haja preconceito.**

6. Orações subordinadas substantivas apositivas

Veja.

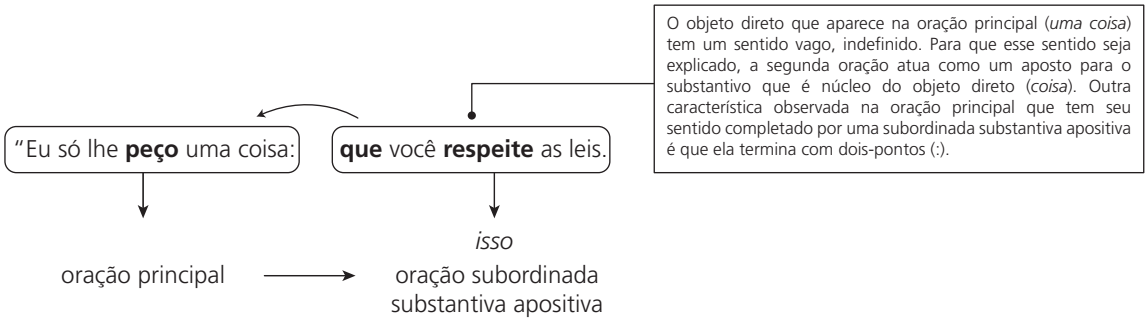

A Oração Subordinada Substantiva Apositiva funciona como aposto da Oração Principal.

Ex$_1$: Só queremos uma coisa: / **que você morra.**
Ex$_2$: Vinícius sentia uma coisa: / **que algo iria acontecer.**
Ex$_3$: Bruno queria apenas uma coisa: / **que fosse aprovado no Vestibular.**

2. Período composto por subordinação: orações subordinadas adjetivas

As orações que equivalem a adjetivos

Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas podem ser classificadas, de acordo com o seu sentido, em **adjetivas restritivas** e **adjetivas explicativas**.

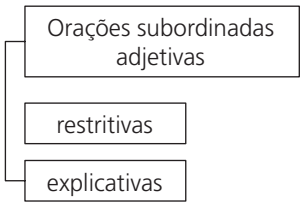

Veja alguns exemplos.

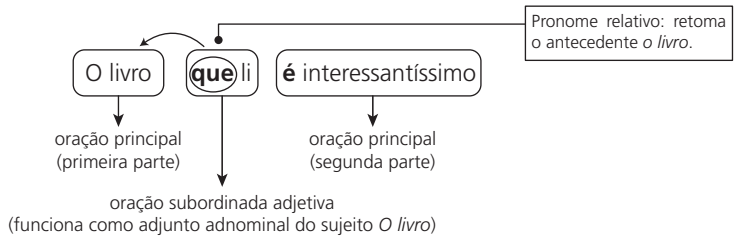

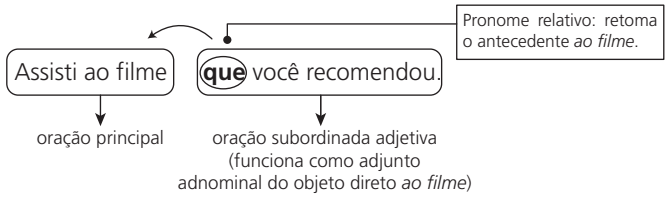

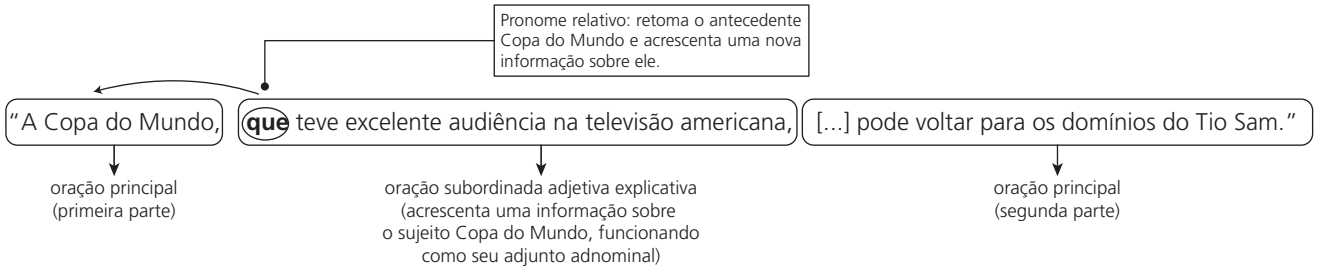

As orações subordinadas adjetivas restritivas, como o seu nome indica, restringem o significado do termo ao qual se referem, particularizando-o.

Observe que tem um sentido restritivo a oração adjetiva do segundo exemplo abaixo.

Os políticos são todos irresponsáveis.
Os políticos **que não levam a sério sua importante função pública** são irresponsáveis.

Veja outros exemplos:

Ex$_1$: O homem / **que fuma** / vive pouco.
Ex$_2$: Os jogadores / **que foram convocados** / morreram atropelados.
Ex$_3$: O homem / **que trabalha** / vence na vida.

As orações subordinadas adjetivas explicativas, têm a função de acrescentar alguma explicação ou informação suplementar a um termo já suficientemente definido e delimitado.

Observe o funcionamento de orações adjetivas explicativas nos exemplos abaixo.

Os homens, **que são mortais**, não conseguem habituar-se à ideia da morte.
Todas as crianças devem tomar muito leite, **que é um alimento rico em cálcio**.

Veja outros exemplos:

Ex$_1$: Letícia gosta daquele menino /, **que tem olhos azuis**, / que é do 3º Ano.
Ex$_2$: Lucas /, **que já está velho**, / já está casado.
Ex$_3$: Edson /, **que ainda é novo**, / já está na Faculdade Nacional de Direito.

Atenção!
Pronomes relativos: usos e funções

Que

Que é chamado relativo universal por ser largamente empregado: pode ser usado como referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural. Sintaticamente, esse relativo pode desempenhar várias funções:

- sujeito:
  Um indivíduo **que** zela por seus direitos merece tê-los.

- objeto direto:
  As dificuldades **que** houver devem ser superadas solidariamente.
- objeto indireto:
  Ainda acredito nas coisas em **que** acreditava quando jovem.
- complemento nominal:
  As fortes razões a **que** você sempre fazia referência desapareceram?
- predicativo:
  O pessimista **que** eu era deu lugar a um insuportável sonhador.
- agente da passiva:
  Os mosquitos por **que** temos sido picados não transmitem nenhuma doença?
- adjunto adverbial (no caso, de instrumento) A enxada com **que** ele costumava trabalhar foi-lhe roubada.

Pelos exemplos citados, percebe-se que o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada a cada função que exerce. Na língua escrita formal, essa presença é sempre recomendável.

Quem

Quem, como já sabemos refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:

- objeto direto preposicionado:
  Aquele velho senhor a **quem** acabamos de cumprimentar sentiu-se mal ontem na fila do INSS.
- objeto indireto:
  Ali vai o veterano craque a **quem** me refiro sempre.
- complemento nominal:
  Ali vai o veterano craque a **quem** sempre faço referência.
- agente da passiva:
  O falso corretor por **quem** fomos enganados foi preso ontem em Brasília.
- adjunto adverbial (no caso, de companhia):
  A garota com **quem** vivo querendo sair começou a namorar um amigo meu.

O qual, os quais, a qual, as quais

O qual, **os quais**, **a qual** e **as quais** são usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições. Podem desempenhar as mesmas funções do pronome **que**; seu uso, no entanto, é bem menos frequente:

- sujeito:
  Participamos da principal reunião realizada no segundo semestre, **a qual** deu origem ao atual grupo de trabalho.
- complemento nominal:
  São esses os procedimentos sobre **os quais** pairam tantas dúvidas?

Cujo, cujos, cuja, cujas

Cujo e suas flexões equivalem a **de que**, **do qual** (e suas flexões **dos quais**, **da qual**, **das quais**), **de quem**. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando como:

- adjunto adnominal:
  Procuro conviver com pessoas **cujas** vidas tenham sido ricas em experiências. (= as vidas dessas pessoas tenham sido...)
- complemento nominal:
  A estrada **cuja** construção está destruindo a Mata Atlântica teve suas obras embargadas. (= a construção da estrada está destruindo...)

Onde

Onde é o pronome relativo quando tem o sentido aproximado de **em que**; deve ser usado, portanto, na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:

Buscamos uma praia distante **onde** possamos passar alguns dias.

Quero mostrar-lhe o quintal **onde** meu pai plantou várias jabuticabeiras há muitos anos.

Quanto, como, quando

Quanto, **quantos** e **quantas** são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos **tudo**, **todos** ou **todas**. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto:

- sujeito:
  Procure conhecer todos **quantos** comparecerem à reunião desta noite.
- objeto direto:
  Fez tudo **quanto** prometera.

Quando e **como** exprimem noções de tempo e modo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de tempo e de modo:

É a hora **quando** o sol começa a deitar-se.

Não me agrada o modo **como** ele se tem comportado ultimamente.

3. Período composto por subordinação: orações subordinadas adverbiais

As orações que equivalem a advérbios

As orações subordinadas adverbiais são as orações que exercem a função de adjuntos adverbiais do predicado da oração principal. Como veremos a seguir, existem vários tipos de orações subordinadas adverbiais, classificadas, segundo critérios semânticos, a partir do tipo de circunstância que acrescentam aos predicados aos quais se relacionam. As orações subordinadas adverbiais, em sua forma desenvolvida, vêm introduzidas por conjunções subordinativas.

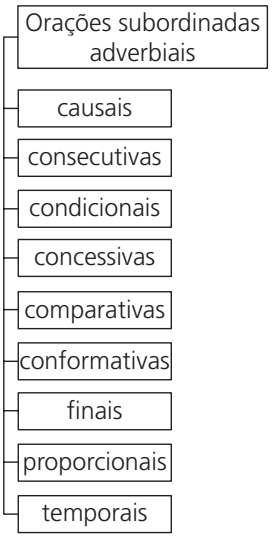

Classificação das Orações Subordinadas Adverbiais

1. Orações Adverbiais Causais

- As orações subordinadas adverbiais causais são aquelas que exprimem uma circunstância de causa. Veja:

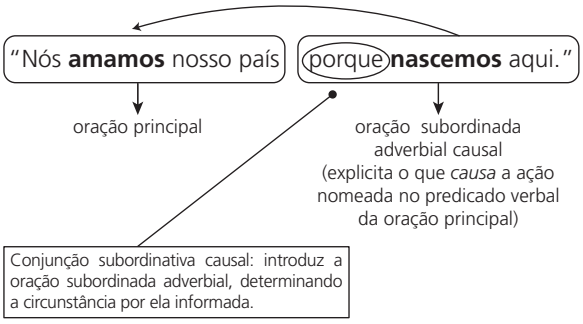

As principais conjunções causais são: **porque**, **visto que**, **já que**, **uma vez que**, **como** (equivalendo a **porque**).

Ex_1: Vinícius foi despedido / **uma vez que não obedeceu ao seu patrão**.
Ex_2: Pedro saiu de casa / **já que se separou de sua mulher**.
Ex_3: Ricardo não gostou da brincadeira / **porque isso feriu os seus sentimentos**.

2. Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

- As orações subordinadas adverbiais consecutivas são aquelas que traduzem a ideia de **consequência**. Indicam um fato que pode ser entendido como um efeito de algo que se afirma na oração principal. Veja:

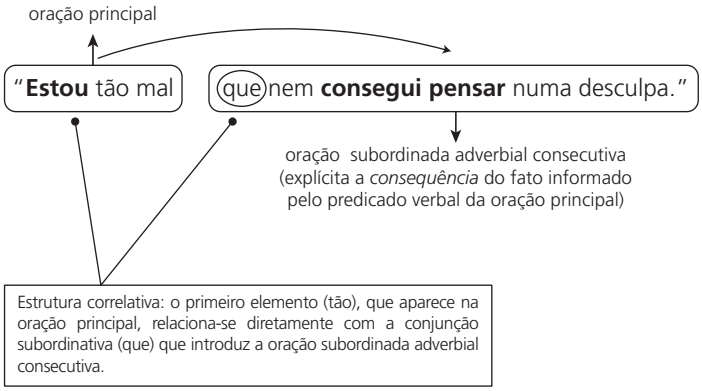

A principal conjunção consecutiva é **que** (precedida de um termo intensivo: **tão**, **tal**, **tanto**).

Ex$_1$: Vinícius ficou tão feliz com a notícia / **que foi alegre para casa**.
Ex$_2$: Choveu tanto / **que as ruas ficaram alagadas**.
Ex$_3$: Lucas comeu tanto bolo / **que passou mal**.

3. Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

- As orações subordinadas adverbiais condicionais são aquelas que expressam uma circunstância de **condição** (real ou hipotética) em relação ao predicado da oração principal. Veja:

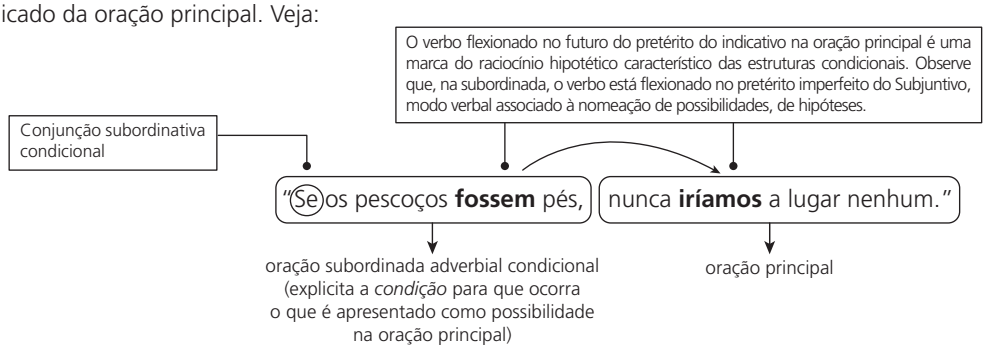

As principais conjunções condicionais são: **se**, **caso**, **contanto que**, **desde que**.

Ex$_1$: **Se ele sobreviver** / ele será muito feliz em seu futuro.
Ex$_2$: Ele será muito feliz / **a não ser que sua felicidade seja arruinada por causa dessa mulher**.
Ex$_3$: **Caso ele desanime** / tente animá-lo.

4. Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

- As orações adverbiais concessivas são aquelas que indicam **concessão**, ou seja, que exprimem a ideia de que algo que se esperava que acontecesse, contraditoriamente à expectativa, não acontece. Uma relação de concessão traduz, portanto, algo inesperado em determinadas circunstâncias. Veja:

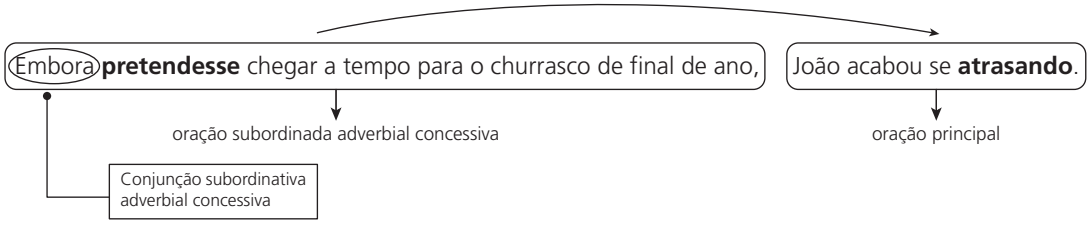

As principais conjunções concessivas são: **embora**, **se bem que**, **ainda que**, **por mais que**, **por menos que**, **conquanto**.

Ex$_1$: Eu sairei / **mesmo que você não concorde**.
Ex$_2$: **Mesmo que você não concorde comigo** / eu não mudarei de ideia.
Ex$_3$: Vinícius não concordou com Bruno / **embora suas opiniões fossem totalmente parecidas**.

5. Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

- As orações subordinadas adverbiais comparativas são aquelas que expressam uma **comparação** (de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**) com um dos termos da oração principal. Veja:

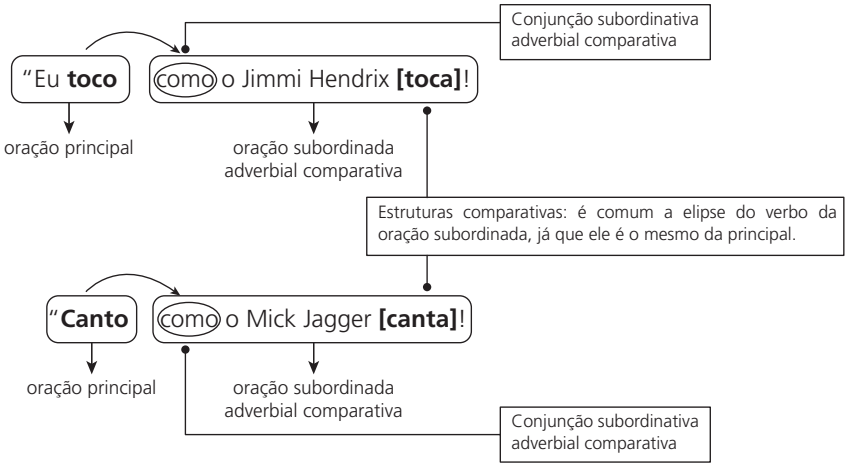

As principais conjunções comparativas são: **como, assim como, tal como, tal qual, que** (menos **que**, mais **que**).

Ex$_1$: Paulo é tão chato / **como o meu irmão**.
Ex$_2$: Patrícia ia para a escola / **assim como Edson ia para a Faculdade Nacional de Direito**.
Ex$_3$: Bernardo está tão alto / **como seu irmão Fernando**.

6. Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

- As orações subordinadas conformativas são aquelas que expressam a ideia de **conformidade** com relação a algo que foi afirmado na oração principal. Veja:

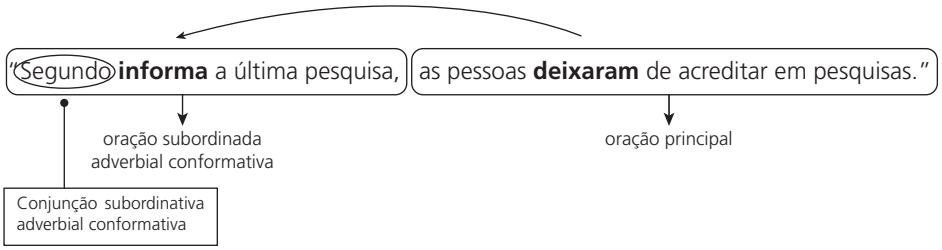

As principais conjunções conformativas são: **conforme, segundo, como.**

Ex$_1$: Se você fizer tudo conforme nós combinamos / **tudo sairá certo**.
Ex$_2$: **Segundo disse o nosso professor** / é correto estudar diariamente.
Ex$_3$: **Como eu estava dizendo** / o mundo irá acabar.

7. Orações subordinadas adverbiais finais

- As orações subordinadas finais são aquelas que exprimem **finalidade**, **objetivo** ou **fim** daquilo que se declara na oração principal. Veja:

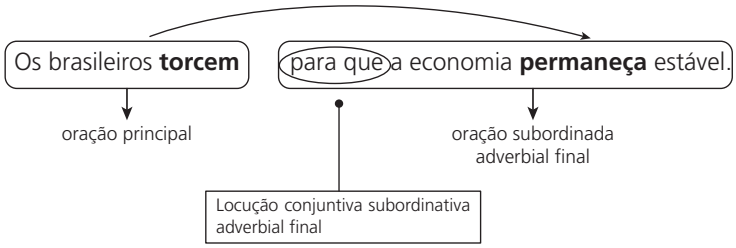

As principais conjunções finais são: **afim de que**, **para que**, **que**.

Ex$_1$: Faça os exercícios / **para que você possa passar de ano**.
Ex$_2$: Ele estudou bastante / **a fim de que pudesse passar de ano**.
Ex$_3$: Ele trabalhou bastante / **para que pudesse evoluir em sua carreira**.

8. Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

- As orações subordinadas adverbiais proporcionais são aquelas que expressam **gradação** ou **proporcionalidade**, relacionando o processo verbal indicado na oração principal com aquele expresso na subordinada. Veja:

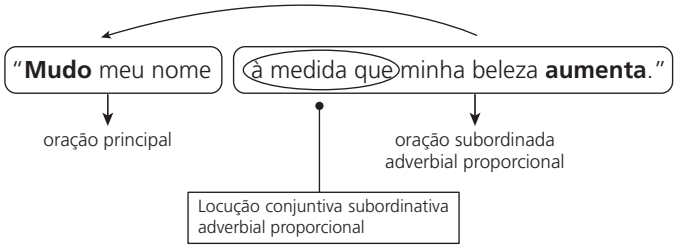

As principais conjunções proporcionais são: **à proporção que**, **à medida que**, **quanto mais**, **quanto menos**.

Ex$_1$: Nossas opiniões foram sendo formadas / **à medida que nós estudávamos mais**.
Ex$_2$: O nosso amanhã foi sendo formado / **à proporção que nós trabalhamos mais**.
Ex$_3$: **À medida que íamos construindo o nosso futuro** / nós ficávamos cada vez mais felizes.

9. Orações Subordinadas Adverbais Temporais

- As orações subordinadas adverbiais temporais são aquelas que exprimem **circunstâncias temporais** (de **autoridade**, **simultaneidade**, **posterioridade**) relativas ao acontecimento que vem expresso na oração principal. Veja:

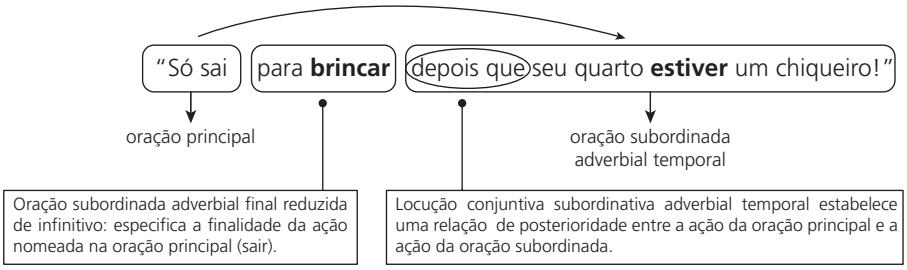

As principais conjunções temporais são: **quando, enquanto, logo que, desde que, assim que.**

Ex$_1$: **Logo que saiu**, / Vinícius encontrou seu cachorro.
Ex$_2$: **Enquanto eu falava no telefone** / a Patrícia Roque estava sendo atropelada.
Ex$_3$: **Quando ela saiu de casa**, / tropeçou numa pedra e morreu atropelada por um caminhão.

Orações reduzidas

Muitas vezes, as orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais) podem aparecer sob a forma de orações reduzidas. As orações subordinadas reduzidas têm duas características:

- Apresentam o verbo em uma das formas nominais: Gerúndio, Particípio e Infinitivo.
- Não vêm introduzidas por conectivos (conjunções subordinadas ou pronomes relativos)

Os três tipos classificam-se como:

a) orações reduzidas de gerúndio: são geralmente adverbiais.
Ex:
Trabalhando conosco, vocês progredirão.
Adverbial condicional = Se trabalharem conosco ou adverbial temporal = Quando trabalharem conosco.

Temendo a reação do pai, nada lhe contou.
Adverbial causal = Como temia a reação do pai.

Outros exemplos:
Ex$_1$: Vi Maria conduzindo uma cesta de flores.
Desenvolvida: Vi Maria que conduzia uma cesta de flores.
Ex$_2$: O advogado fez o testamento partindo os bens como eu pedi. Desenvolvida: O advogado fez o testamento que partia os bens como Eu pedi.
Ex$_3$: Vi meu irmão levando uma mola. Desenvolvida: Vi meu irmão que levava uma mola.

b) orações reduzidas de particípio: são adverbiais ou adjetivas.
Ex:
Terminada a festa, voltamos para casa.
Adverbial temporal = Quando a festa terminou...

O Brasil, **tornado independente em 1822,** possui petróleo.
Adjetiva explicativa = que se tornou independente em 1822.

Outros exemplos:
Ex$_1$: Terminada a prova todos saíram.
Desenvolvida: Quando terminou a prova todos saíram.
Ex$_2$: Começado o show todos sentaram.
Desenvolvida: Quando começou o show todos sentaram.
Ex$_3$: Chegado ao baile ele dançou.
Desenvolvida: Quando chegou ao baile ele dançou.

OLIMPÍADA IBERO-AMERICANA DE BIOLOGIA
FARIAS BRITO
1º NO ENEM.
EM BIOLOGIA
TAMBÉM.
Matheus Rolim
Medalha de Bronze
Dos 2 representantes
cearenses,
1º é do FB.
ENEM 2009: FB é 1º e único.
ENEM 2010: FB é 1º e único.
ENEM 2011: FB rumo ao tri.
A Melhor Escola do Ceará
1º NO ENEM
ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL
FARIAS BRITO
Lições para toda a vida.
www.fariasbrito.com.br

O Estudo do Período Composto

O Período Composto

Período composto é a frase organizada em mais de uma oração. Dependendo de como as orações se relacionam, podemos ter:

- **Período composto por coordenação** – formado exclusivamente por orações coordenadas:

oração oração oração oração
Seu mecanismo interno suga, / aquece, / esteriliza / e devolve o ar à atmosfera.

oração oração
Cheguei cedo ao teatro, / mas não arranjei um bom lugar.

- **Período composto por subordinação** – formado de oração principal e oração(ões) subordinada(s):

oração principal oração subordinada oração principal
As pessoas / que inventam coisas / são especiais.

oração principal oração subordinada
Sentiu-se extremamente feliz / quando terminou de construir seu invento.

- **Período composto por coordenação e subordinação (ou período misto)** – trata-se de um tipo de período no qual coexistem os dois processos sintáticos de relacionar orações (a coordenação e a subordinação). É formado de oração principal, oração(ões) subordinada(s) e oração(ões) coordenada(s):

or. subordinada or. principal or. subordinada or. coordenada or. coord. or. coord.
Quando se inventa algo, / é preciso / registrar a patente; / depois espere, / espere / e reze.

Período Composto por Coordenação

O período é composto por coordenação quando contém apenas orações coordenadas, ou seja, de funções equivalentes.
Ex:

Juçara almoçou e saiu.

As orações (Juçara almoçou / e saiu) existentes nesse período são coordenadas. A primeira, como não traz a conjunção, recebe o nome de **oração coordenada assindética**; a segunda, por trazer a conjunção coordenativa **e**, recebe o nome de **oração coordenada sindética**. Temos, então:

Juçara almoçou	**e saiu.**
Oração coordenada assindética	Oração coordenada sindética

Orações coordenadas sindéticas

São cinco os tipos de oração coordenada sindética:

a) **aditivas:** são iniciadas principalmente por **e** (nas afirmações) e **nem** (nas negações); exprimem adição, soma de pensamentos.
Ex.:
Juçara almoçou **e saiu**.
Seu marido não almoçou **nem jantou**.

b) **adversativas:** são iniciadas principalmente por **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto** e exprimem contrastes, oposição de pensamentos.
Ex.:
Juçara almoçou, **mas não jantou**.
Seu marido não almoçou, **porém jantou**.

c) **alternativas:** são iniciadas principalmente por **ou**, **ou**... **ou**, **ora**... **ora** e exprimem exclusão.
Ex.:
Ou você almoça, ou você apanha!
Ora ela chora, ora ela ri.

Ambas as orações em cada período são coordenadas sindéticas alternativas.

d) **conclusivas:** são indicadas principalmente por **logo**, **portanto**, **pois** (depois do verbo) e exprimem conclusão.
Ex.:
Luisinho almoçou, **logo não vai apanhar**.
Ela chora e logo depois ri; **portanto está maluca**.

e) **explicativas:** são iniciadas principalmente por **que**, **porque** e **pois** e exprimem motivo, razão.
Ex.:
Não chore, **que sua mãe lhe bate!**
Ele chorou, **porque todos choraram.**

Depois de um imperativo, a oração iniciada por **que**, **porque** ou **pois** é sempre explicativa.

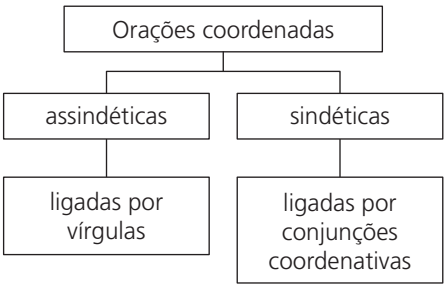

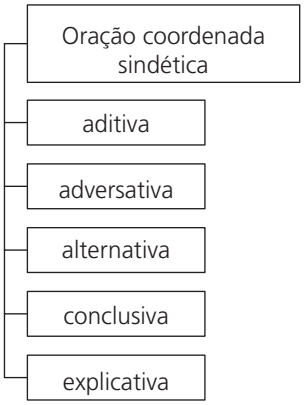

1. Período Composto por subordinação: Orações Subordinadas Substantivas

As orações que equivalem a substantivos

Orações Subordinadas Substantivas
Esse tipo de oração recebe esse nome porque exerce uma função própria dos substantivos: objeto direto, objeto indireto, sujeito, predicativo, complemento nominal e aposto.

1. Orações subordinadas substantivas subjetivas

Veja.

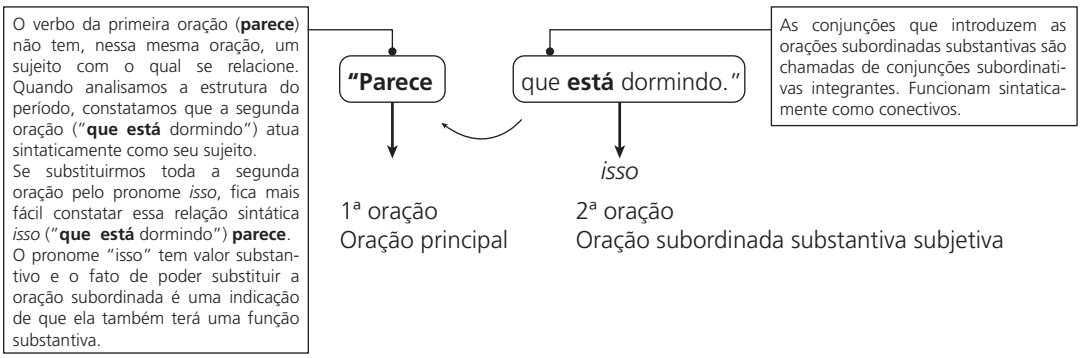

A Oração Subordinada Substantiva Subjetiva funciona como sujeito da Oração Principal.

Ex$_1$: Era provável que Pedro e Vinícius brigassem.
Ex$_2$: Era conveniente que Bruno e Vinícius estudassem.
Ex$_3$: Que você nade é urgente.

Algumas estruturas sintáticas presentes na oração principal indicam que a oração subordinada a ela desempenhará a função de sujeito. Observe.

- Presença, na oração principal, de verbos unipessoais (acontecer, constar, convir, importar, parecer, urgir, suceder).
  Convém que os jogadores treinem com determinação para a final.
  Consta que nenhum candidato reclamou do resultado do concurso.
- Verbo de ligação, seguido de **predicativo do sujeito**.
  É preciso que cada um assuma suas responsabilidades.
  É claro que vamos comemorar seu aniversário.
- Verbo transitivo direto na voz passiva sintética, na 3ª pessoa do singular (com o pronome **se** na função de partícula apassivadora).
  Falou-se que nenhum dos acusados teve direito de defesa.
  Diz-se que ele é um dos maiores fazendeiros da região.
- Verbo transitivo direto na voz passiva analítica (verbo **ser** + **particípio**).
  Foi falado que nem todos os funcionários receberão aumento salarial.
  Foi dito que nenhum crime ficará impune.

2. Orações subordinadas substantivas objetivas diretas

Veja.

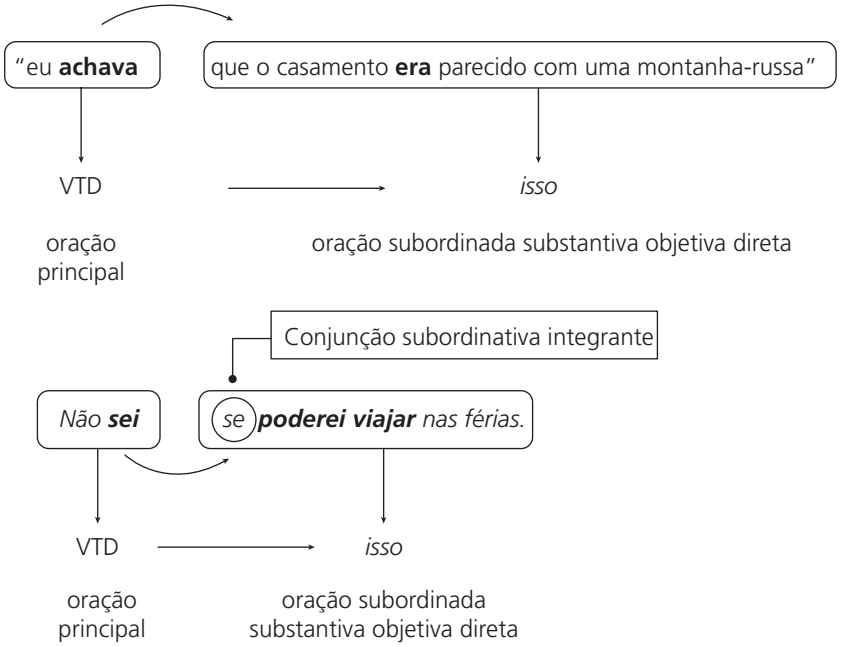

Oração Subordinada Objetiva Direta

A Oração Subordinada Objetiva Direta funciona como objeto direto da Oração Principal.

Ex$_1$: Vinícius pensava / que seu emprego estava perdido.
Ex$_2$: Soube / que você não gosta de dançar.
Ex$_3$: Eu vi / que você estava muito triste na hora do recreio.

Atenção!

Nas frases interrogativas indiretas, surgem orações subordinadas substantivas objetivas diretas encabeçadas pela conjunção subordinativa integrante **se** e por pronomes interrogativos:

Quero saber	**se** ela virá à festa **como** você chegou aqui. **onde** você esteve. **quanto** foi gasto. **quando** você chegou **qual** foi o problema

Uma oração especial

Com os verbos **deixar**, **mandar** e **fazer** (chamados auxiliares causativos) e **ver**, **sentir**, **ouvir**, **perceber** (chamados auxiliares sensitivos), ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo:

Deixe-**me descansar.**
Mandei-**os entrar**.
Ouvi-**o gritar.**

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua-padrão em que um pronome oblíquo atua como sujeito. Para perceber melhor este fenômeno, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:

Deixe **que eu descanse.**
Mandei **que eles entrassem.**
Ouvi **que ele gritava.**

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. Dessa maneira, é fácil perceber que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais.

3. Orações subordinadas substantivas objetivas indiretas

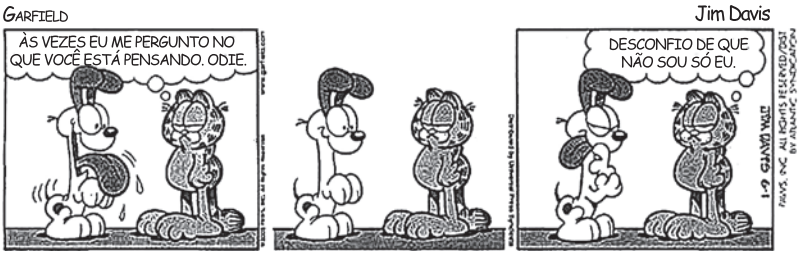

DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 8 jun. 2005.

Observe:

O verbo da primeira oração (***desconfio***) é ***transitivo indireto*** e não há, nessa mesma oração, um objeto indireto que complete o seu sentido. Quando analisamos a estrutura do período, constatamos que a segunda oração ("**de que** não **sou** só eu") atua sintaticamente como objeto indireto desse verbo.
Se substituirmos toda a segunda oração por *disso*, fica mais fácil constatar essa relação sintática. **Desconfio** *disso* ("**de que** não sou só eu")

"**Desconfio** (**de**) que não **sou** só seu."

VTI → *disso*

Oração principal — Oração subordinada substantiva objetiva indireta

A preposição **de** que antecede a conjução subordinativa integrante ***que***, é exigida pela regência do **verbo transitivo indireto**, que sempre se liga a seu complemento por meio de uma preposição.

A Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta funciona como objeto indireto da Oração Principal.

Ex$_1$: Eu me lembro / **de quem você gostava**.
Ex$_2$: Eu não gosto / **de quem maltrata os animais**.
Ex$_3$: Vinícius duvidou / **de que sua vida estava em jogo**.

4. Orações subordinadas substantivas completivas nominais

Veja.

A preposição ***de***, que antecede a conjunção subordinativa integrante ***que***, é exigida pela regência do substântivo, que necessita de uma preposição para se vincular ao termo que atua como seu complemento.

"Hoje a minha professora **veio** com a notícia (**de**) que Colombo **descobriu** a América."

disso

oração principal → oração subordinada substantiva completiva nominal

A Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal funciona como complemento nominal da Oração Principal.

Ex$_1$: Sou a favor / **de que a condenem.**
Ex$_2$: Vinícius tinha a necessidade / **de que sua namorada fosse morta.**
Ex$_3$: Tenho medo / **de que me traias.**

5. Orações subordinadas substantivas predicativas

Veja.

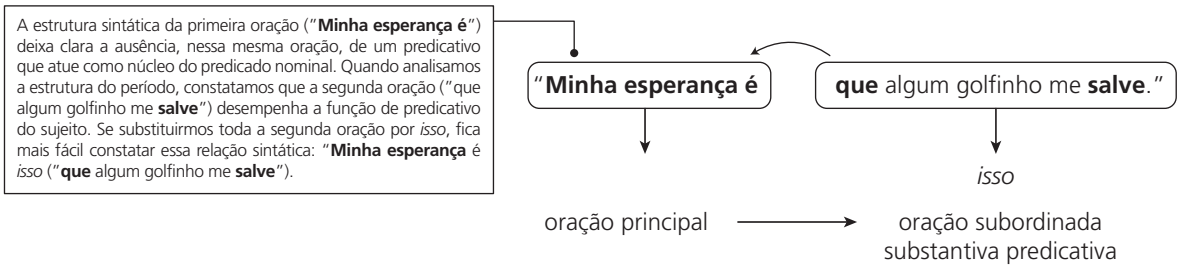

A Oração Subordinada Substantiva funciona como predicativo da Oração Principal.

Ex$_1$: O certo é / **que ficaríamos separados.**
Ex$_2$: O conveniente é / **que você não tenha discriminação.**
Ex$_3$: O importante é / **que haja preconceito.**

6. Orações subordinadas substantivas apositivas

Veja.

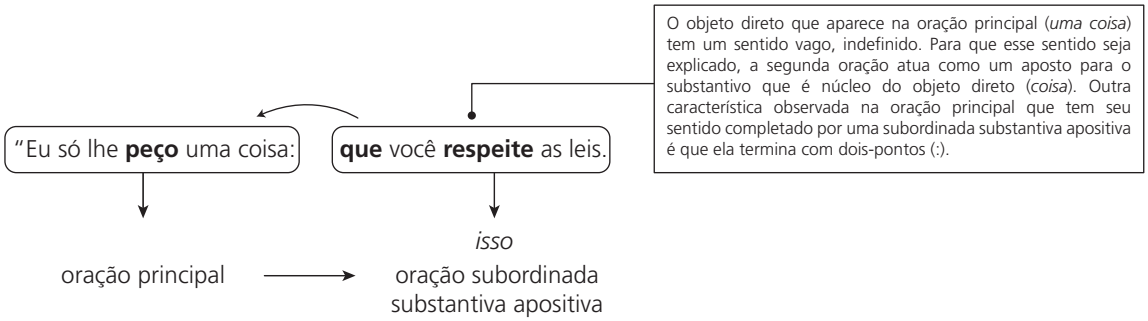

A Oração Subordinada Substantiva Apositiva funciona como aposto da Oração Principal.

Ex$_1$: Só queremos uma coisa: / **que você morra.**
Ex$_2$: Vinícius sentia uma coisa: / **que algo iria acontecer.**
Ex$_3$: Bruno queria apenas uma coisa: / **que fosse aprovado no Vestibular.**

2. Período composto por subordinação: orações subordinadas adjetivas

As orações que equivalem a adjetivos

Classificação das orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas podem ser classificadas, de acordo com o seu sentido, em **adjetivas restritivas** e **adjetivas explicativas**.

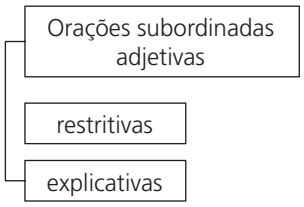

Veja alguns exemplos.

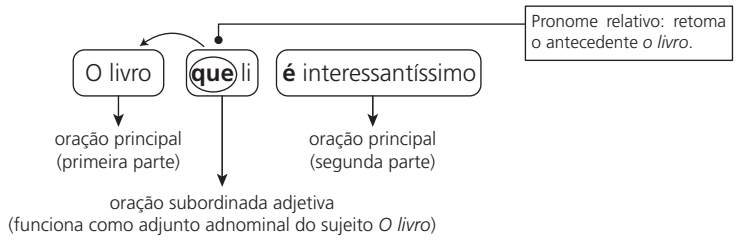

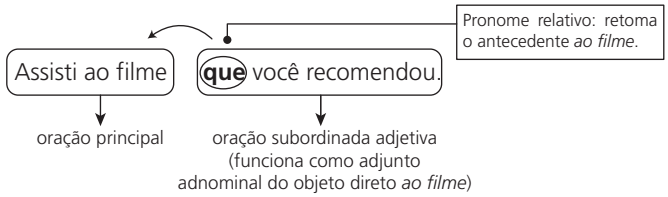

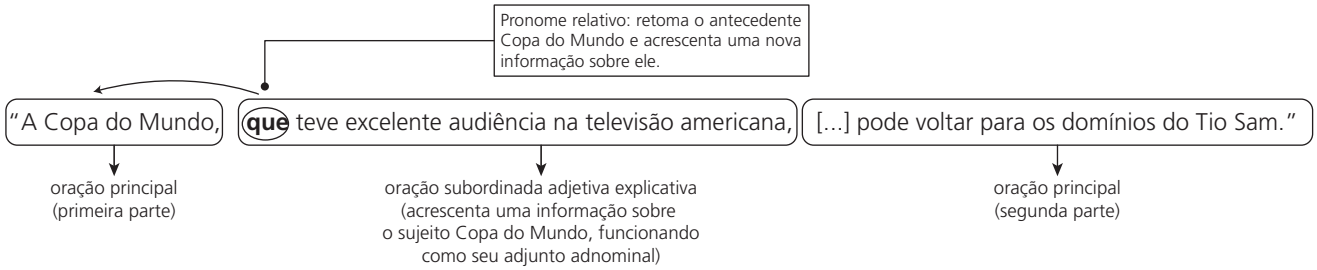

As orações subordinadas adjetivas restritivas, como o seu nome indica, restringem o significado do termo ao qual se referem, particularizando-o.

Observe que tem um sentido restritivo a oração adjetiva do segundo exemplo abaixo.

Os políticos são todos irresponsáveis.
Os políticos **que não levam a sério sua importante função pública** são irresponsáveis.

Veja outros exemplos:

Ex$_1$: O homem / **que fuma** / vive pouco.
Ex$_2$: Os jogadores / **que foram convocados** / morreram atropelados.
Ex$_3$: O homem / **que trabalha** / vence na vida.

As orações subordinadas adjetivas explicativas, têm a função de acrescentar alguma explicação ou informação suplementar a um termo já suficientemente definido e delimitado.

Observe o funcionamento de orações adjetivas explicativas nos exemplos abaixo.

Os homens, **que são mortais**, não conseguem habituar-se à ideia da morte.
Todas as crianças devem tomar muito leite, **que é um alimento rico em cálcio**.

Veja outros exemplos:

Ex$_1$: Letícia gosta daquele menino /, **que tem olhos azuis**, / que é do 3º Ano.
Ex$_2$: Lucas /, **que já está velho**, / já está casado.
Ex$_3$: Edson /, **que ainda é novo**, / já está na Faculdade Nacional de Direito.

Atenção!
Pronomes relativos: usos e funções

Que

Que é chamado relativo universal por ser largamente empregado: pode ser usado como referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural. Sintaticamente, esse relativo pode desempenhar várias funções:

- sujeito:
  Um indivíduo **que** zela por seus direitos merece tê-los.

- objeto direto:
  As dificuldades **que** houver devem ser superadas solidariamente.
- objeto indireto:
  Ainda acredito nas coisas em **que** acreditava quando jovem.
- complemento nominal:
  As fortes razões a **que** você sempre fazia referência desapareceram?
- predicativo:
  O pessimista **que** eu era deu lugar a um insuportável sonhador.
- agente da passiva:
  Os mosquitos por **que** temos sido picados não transmitem nenhuma doença?
- adjunto adverbial (no caso, de instrumento) A enxada com **que** ele costumava trabalhar foi-lhe roubada.

Pelos exemplos citados, percebe-se que o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada a cada função que exerce. Na língua escrita formal, essa presença é sempre recomendável.

Quem

Quem, como já sabemos refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:

- objeto direto preposicionado:
  Aquele velho senhor a **quem** acabamos de cumprimentar sentiu-se mal ontem na fila do INSS.
- objeto indireto:
  Ali vai o veterano craque a **quem** me refiro sempre.
- complemento nominal:
  Ali vai o veterano craque a **quem** sempre faço referência.
- agente da passiva:
  O falso corretor por **quem** fomos enganados foi preso ontem em Brasília.
- adjunto adverbial (no caso, de companhia):
  A garota com **quem** vivo querendo sair começou a namorar um amigo meu.

O qual, os quais, a qual, as quais

O qual, **os quais**, **a qual** e **as quais** são usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições. Podem desempenhar as mesmas funções do pronome **que**; seu uso, no entanto, é bem menos frequente:

- sujeito:
  Participamos da principal reunião realizada no segundo semestre, **a qual** deu origem ao atual grupo de trabalho.
- complemento nominal:
  São esses os procedimentos sobre **os quais** pairam tantas dúvidas?

Cujo, cujos, cuja, cujas

Cujo e suas flexões equivalem a **de que**, **do qual** (e suas flexões **dos quais**, **da qual**, **das quais**), **de quem**. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando como:

- adjunto adnominal:
  Procuro conviver com pessoas **cujas** vidas tenham sido ricas em experiências. (= as vidas dessas pessoas tenham sido...)
- complemento nominal:
  A estrada **cuja** construção está destruindo a Mata Atlântica teve suas obras embargadas. (= a construção da estrada está destruindo...)

Onde

Onde é o pronome relativo quando tem o sentido aproximado de **em que**; deve ser usado, portanto, na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:

Buscamos uma praia distante **onde** possamos passar alguns dias.

Quero mostrar-lhe o quintal **onde** meu pai plantou várias jabuticabeiras há muitos anos.

Quanto, como, quando

Quanto, **quantos** e **quantas** são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos **tudo**, **todos** ou **todas**. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto:

- sujeito:
  Procure conhecer todos **quantos** comparecerem à reunião desta noite.
- objeto direto:
  Fez tudo **quanto** prometera.

Quando e **como** exprimem noções de tempo e modo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de tempo e de modo:

É a hora **quando** o sol começa a deitar-se.

Não me agrada o modo **como** ele se tem comportado ultimamente.

3. Período composto por subordinação: orações subordinadas adverbiais

As orações que equivalem a advérbios

As orações subordinadas adverbiais são as orações que exercem a função de adjuntos adverbiais do predicado da oração principal. Como veremos a seguir, existem vários tipos de orações subordinadas adverbiais, classificadas, segundo critérios semânticos, a partir do tipo de circunstância que acrescentam aos predicados aos quais se relacionam. As orações subordinadas adverbiais, em sua forma desenvolvida, vêm introduzidas por conjunções subordinativas.

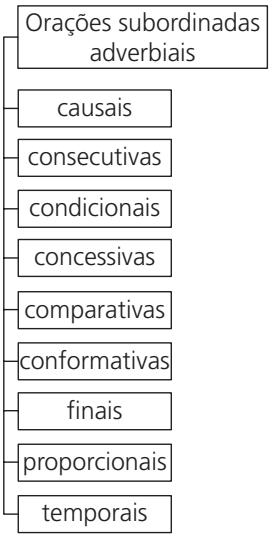

Classificação das Orações Subordinadas Adverbiais

1. Orações Adverbiais Causais

- As orações subordinadas adverbiais causais são aquelas que exprimem uma circunstância de causa. Veja:

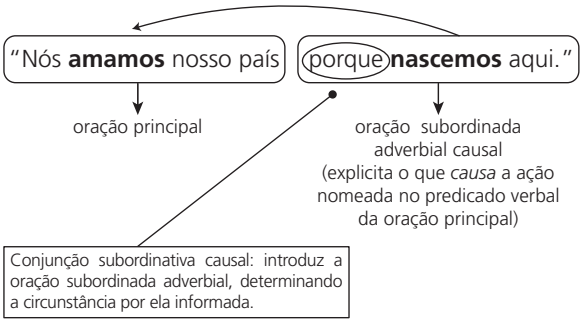

As principais conjunções causais são: **porque**, **visto que**, **já que**, **uma vez que**, **como** (equivalendo a **porque**).

Ex_1: Vinícius foi despedido / **uma vez que não obedeceu ao seu patrão**.
Ex_2: Pedro saiu de casa / **já que se separou de sua mulher**.
Ex_3: Ricardo não gostou da brincadeira / **porque isso feriu os seus sentimentos**.

2. Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

- As orações subordinadas adverbiais consecutivas são aquelas que traduzem a ideia de **consequência**. Indicam um fato que pode ser entendido como um efeito de algo que se afirma na oração principal. Veja:

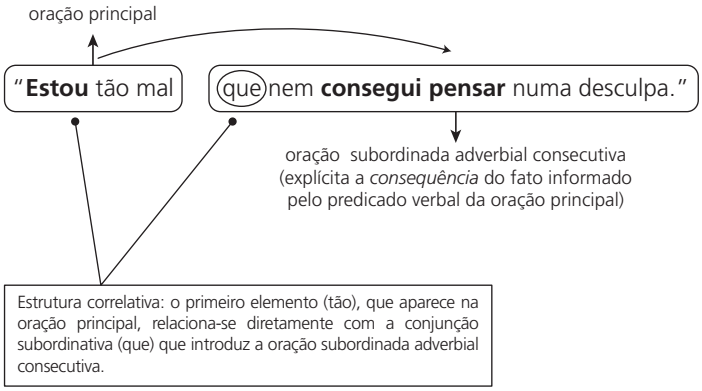

A principal conjunção consecutiva é **que** (precedida de um termo intensivo: **tão**, **tal**, **tanto**).

Ex$_1$: Vinícius ficou tão feliz com a notícia / **que foi alegre para casa**.
Ex$_2$: Choveu tanto / **que as ruas ficaram alagadas**.
Ex$_3$: Lucas comeu tanto bolo / **que passou mal**.

3. Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

- As orações subordinadas adverbiais condicionais são aquelas que expressam uma circunstância de **condição** (real ou hipotética) em relação ao predicado da oração principal. Veja:

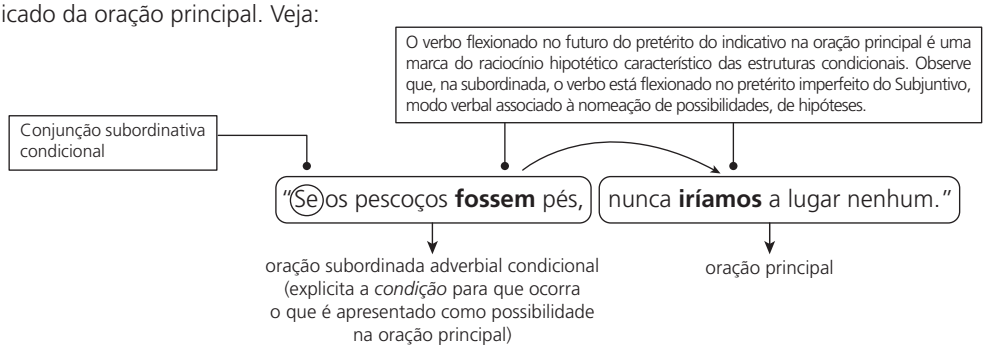

As principais conjunções condicionais são: **se**, **caso**, **contanto que**, **desde que**.

Ex$_1$: **Se ele sobreviver** / ele será muito feliz em seu futuro.
Ex$_2$: Ele será muito feliz / **a não ser que sua felicidade seja arruinada por causa dessa mulher**.
Ex$_3$: **Caso ele desanime** / tente animá-lo.

4. Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

- As orações adverbiais concessivas são aquelas que indicam **concessão**, ou seja, que exprimem a ideia de que algo que se esperava que acontecesse, contraditoriamente à expectativa, não acontece. Uma relação de concessão traduz, portanto, algo inesperado em determinadas circunstâncias. Veja:

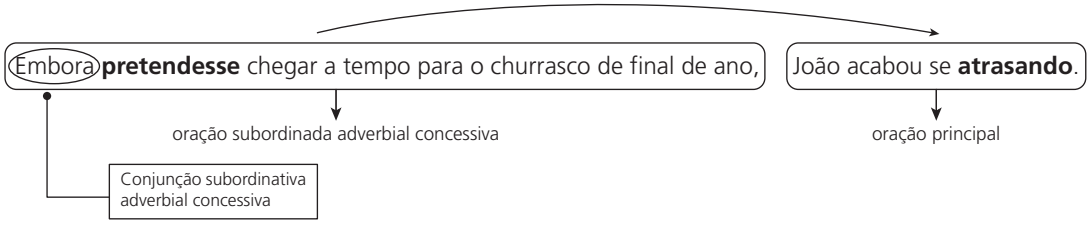

As principais conjunções concessivas são: **embora**, **se bem que**, **ainda que**, **por mais que**, **por menos que**, **conquanto**.

Ex$_1$: Eu sairei / **mesmo que você não concorde**.
Ex$_2$: **Mesmo que você não concorde comigo** / eu não mudarei de ideia.
Ex$_3$: Vinícius não concordou com Bruno / **embora suas opiniões fossem totalmente parecidas**.

5. Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

- As orações subordinadas adverbiais comparativas são aquelas que expressam uma **comparação** (de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**) com um dos termos da oração principal. Veja:

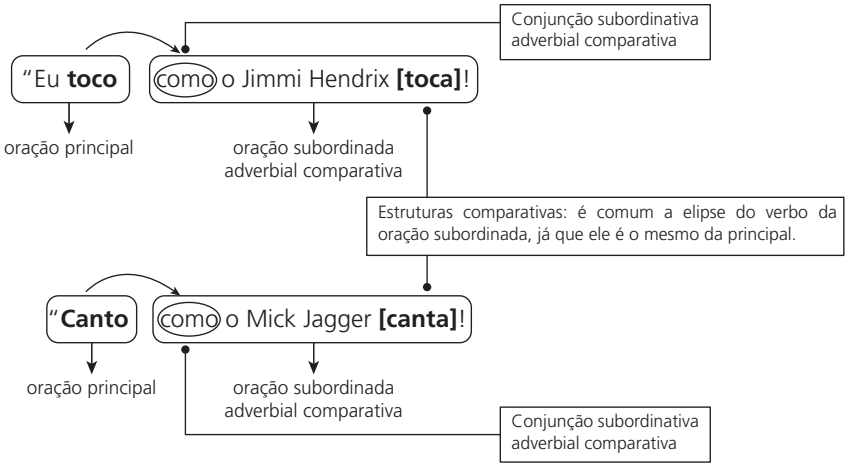

As principais conjunções comparativas são: **como, assim como, tal como, tal qual, que** (menos **que**, mais **que**).

Ex$_1$: Paulo é tão chato / **como o meu irmão**.
Ex$_2$: Patrícia ia para a escola / **assim como Edson ia para a Faculdade Nacional de Direito**.
Ex$_3$: Bernardo está tão alto / **como seu irmão Fernando**.

6. Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

- As orações subordinadas conformativas são aquelas que expressam a ideia de **conformidade** com relação a algo que foi afirmado na oração principal. Veja:

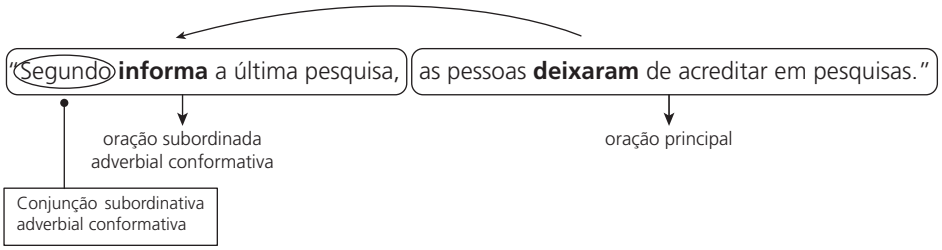

As principais conjunções conformativas são: **conforme, segundo, como.**

Ex$_1$: Se você fizer tudo conforme nós combinamos / **tudo sairá certo**.
Ex$_2$: **Segundo disse o nosso professor** / é correto estudar diariamente.
Ex$_3$: **Como eu estava dizendo** / o mundo irá acabar.

7. Orações subordinadas adverbiais finais

- As orações subordinadas finais são aquelas que exprimem **finalidade**, **objetivo** ou **fim** daquilo que se declara na oração principal. Veja:

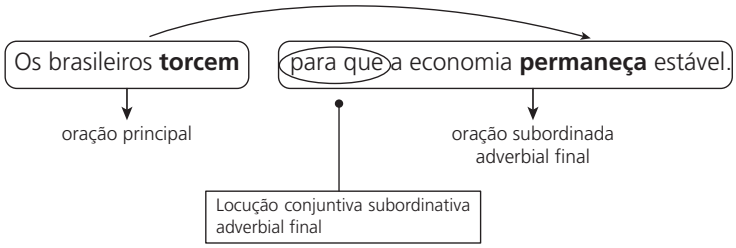

As principais conjunções finais são: **afim de que**, **para que**, **que**.

Ex$_1$: Faça os exercícios / **para que você possa passar de ano**.
Ex$_2$: Ele estudou bastante / **a fim de que pudesse passar de ano**.
Ex$_3$: Ele trabalhou bastante / **para que pudesse evoluir em sua carreira**.

8. Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

- As orações subordinadas adverbiais proporcionais são aquelas que expressam **gradação** ou **proporcionalidade**, relacionando o processo verbal indicado na oração principal com aquele expresso na subordinada. Veja:

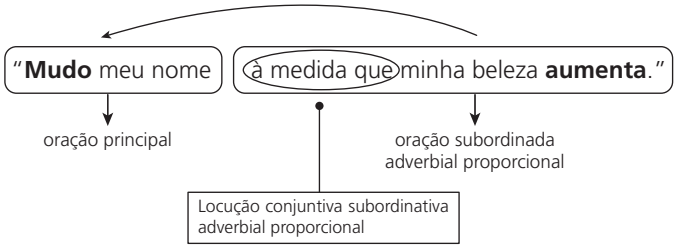

As principais conjunções proporcionais são: **à proporção que**, **à medida que**, **quanto mais**, **quanto menos**.

Ex$_1$: Nossas opiniões foram sendo formadas / **à medida que nós estudávamos mais**.
Ex$_2$: O nosso amanhã foi sendo formado / **à proporção que nós trabalhamos mais**.
Ex$_3$: **À medida que íamos construindo o nosso futuro** / nós ficávamos cada vez mais felizes.

9. Orações Subordinadas Adverbais Temporais

- As orações subordinadas adverbiais temporais são aquelas que exprimem **circunstâncias temporais** (de **autoridade**, **simultaneidade**, **posterioridade**) relativas ao acontecimento que vem expresso na oração principal. Veja:

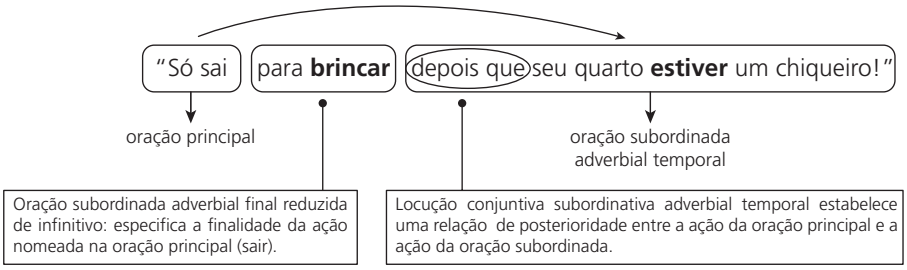

As principais conjunções temporais são: **quando, enquanto, logo que, desde que, assim que.**

Ex$_1$: **Logo que saiu**, / Vinícius encontrou seu cachorro.
Ex$_2$: **Enquanto eu falava no telefone** / a Patrícia Roque estava sendo atropelada.
Ex$_3$: **Quando ela saiu de casa**, / tropeçou numa pedra e morreu atropelada por um caminhão.

Orações reduzidas

Muitas vezes, as orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais) podem aparecer sob a forma de orações reduzidas. As orações subordinadas reduzidas têm duas características:

- Apresentam o verbo em uma das formas nominais: Gerúndio, Particípio e Infinitivo.
- Não vêm introduzidas por conectivos (conjunções subordinadas ou pronomes relativos)

Os três tipos classificam-se como:

a) orações reduzidas de gerúndio: são geralmente adverbiais.
Ex:
Trabalhando conosco, vocês progredirão.
Adverbial condicional = Se trabalharem conosco ou adverbial temporal = Quando trabalharem conosco.

Temendo a reação do pai, nada lhe contou.
Adverbial causal = Como temia a reação do pai.

Outros exemplos:
Ex$_1$: Vi Maria conduzindo uma cesta de flores.
Desenvolvida: Vi Maria que conduzia uma cesta de flores.
Ex$_2$: O advogado fez o testamento partindo os bens como eu pedi. Desenvolvida: O advogado fez o testamento que partia os bens como Eu pedi.
Ex$_3$: Vi meu irmão levando uma mola. Desenvolvida: Vi meu irmão que levava uma mola.

b) orações reduzidas de particípio: são adverbiais ou adjetivas.
Ex:
Terminada a festa, voltamos para casa.
Adverbial temporal = Quando a festa terminou...

O Brasil, **tornado independente em 1822,** possui petróleo.
Adjetiva explicativa = que se tornou independente em 1822.

Outros exemplos:
Ex$_1$: Terminada a prova todos saíram.
Desenvolvida: Quando terminou a prova todos saíram.
Ex$_2$: Começado o show todos sentaram.
Desenvolvida: Quando começou o show todos sentaram.
Ex$_3$: Chegado ao baile ele dançou.
Desenvolvida: Quando chegou ao baile ele dançou.

OLIMPÍADA IBERO-AMERICANA DE BIOLOGIA
FARIAS BRITO
1º NO ENEM.
EM BIOLOGIA
TAMBÉM.
Matheus Rolim
Medalha de Bronze
Dos 2 representantes
cearenses,
1º é do FB.
ENEM 2009: FB é 1º e único.
ENEM 2010: FB é 1º e único.
ENEM 2011: FB rumo ao tri.
A Melhor Escola do Ceará
1º NO ENEM
ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL
FARIAS BRITO
Lições para toda a vida.
www.fariasbrito.com.br

Aula 10

Período Composto por Subordinação: Orações Subordinadas Adverbiais

As orações que equivalem a advérbios

As orações subordinadas adverbiais são as orações que exercem a função de adjuntos adverbiais do predicado da oração principal. Como veremos a seguir, existem vários tipos de orações subordinadas adverbiais, classificadas, segundo critérios semânticos, a partir do tipo de circunstância que acrescentam aos predicados aos quais se relacionam.

As orações subordinadas adverbiais, em sua forma desenvolvida, vêm introduzidas por conjunções subordinativas.

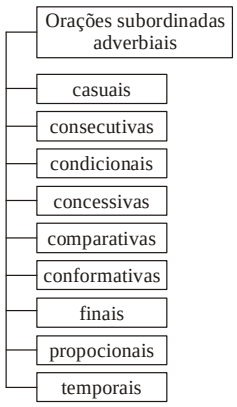

Classificação das Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Adverbiais Causais

- As **orações subordinadas adverbiais causais** são aquelas que exprimem uma circunstancia de causa. Veja:

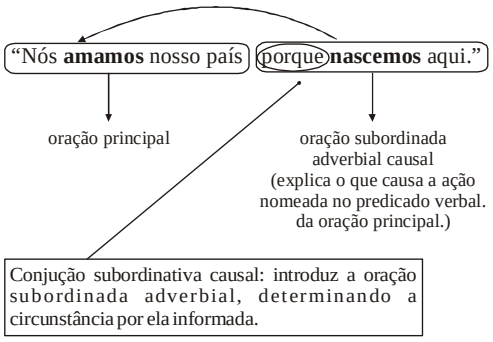

As principais conjunções causais são: **porque**, **visto que**, **já que**, **uma vez que**, **como** (equivalendo a porque).

Ex[1]: Vinicius foi despedido / *uma vez que não obedeceu ao seu patrão*.
Ex[2]: Pedro saiu de casa / *já que se separou de sua mulher*.
Ex[3]: Ricardo não gostou da brincadeira / *porque isso feriu os seus sentimentos*.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

- As **orações subordinadas adverbiais consecutivas** são aquelas que traduzem a ideia de **consequência**. Indicam um fato que pode ser entendido como um efeito de algo que se afirma na oração principal. Veja:

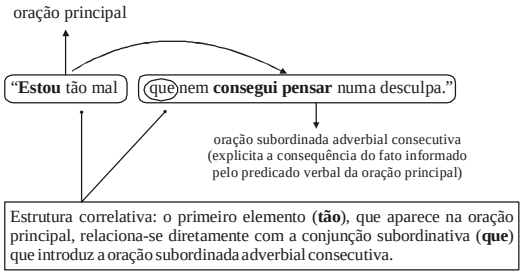

A principal conjunção consecutiva é **que** (precedida de um termo intensivo: **tão**, **tal**, **tanto**).

Ex[1]: Vinicius ficou tão feliz com a notícia / q*ue foi alegre para casa*.
Ex[2]: Choveu tanto / *que as ruas ficaram alagadas*.
Ex[3]: Lucas comeu tanto bolo / *que passou mal*.

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

- As **orações subordinadas adverbiais condicionais** são aquelas que expressam uma circunstância de condição (real ou hipotética) em relação ao predicado da oração principal. Veja:

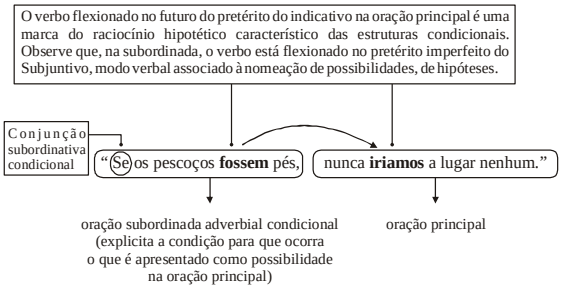

As principais conjunções Condicionais são: **se**, **caso**, **contanto que**, **desde que**.

Ex[1]: *Se ele sobreviver* / ele será muito feliz em seu futuro.
Ex[2]: Ele será muito feliz / *a não ser que sua felicidade seja arruinada por causa dessa mulher*.
Ex[3]: *Caso ele desanime* / tente animá-lo.

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

- As **orações adverbiais concessivas** são aquelas que indicam **concessão**, ou seja, que exprimem a ideia de que algo que se esperava que acontecesse, contraditoriamente à expectativa, não acontece. Uma relação de concessão traduz, portanto, algo inesperado em determinadas circunstâncias. Veja:

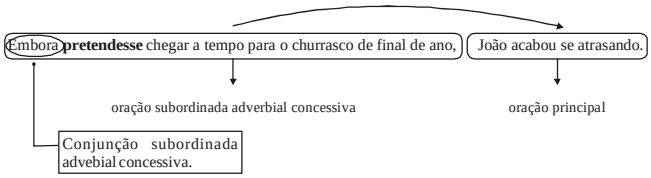

As principais conjunções concessivas são: **embora**, **se bem que**, **ainda que**, **por mais que**, **por menos que**, **conquanto**.

Ex[1]: Eu sairei / *mesmo que você não concorde*.
Ex[2]: Mesmo que você não concorde comigo / *eu não mudarei de ideia*.
Ex[3]: Vinícius não concordou com Bruno / *embora suas opiniões fossem totalmente parecidas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

- As **orações subordinadas adverbiais comparativas** são aquelas que expressam uma **comparação** (de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**) com um dos termos da oração principal. Veja:

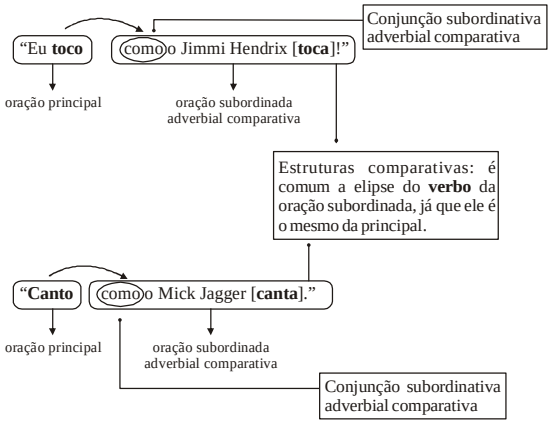

As principais conjunções comparativas são: **como**, **assim como**, **tal como**, **tal qual**, **que** (menos **que**, mais **que**).

Ex[1]: Paulo é tão chato / *como o meu irmão*.
Ex[2]: Patrícia ia para a escola / *assim como Edson ia para a Faculdade Nacional de Direito*.
Ex[3]: Bernardo está tão alto / *como seu irmão Fernando*.

Exercícios de Fixação

01. Substitua os termos destacados nestas frases por orações subordinadas. A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese e elegância.
A) Nos domingos à tarde, quase se morre **de tédio**.
B) **À noite**, a imprecisão dos contornos sugere formas fantásticas.
C) **Não obstante** sua dedicação ao trabalho, pouco conseguia progredir.
D) **Sem eficiência**, este país não sairá do atraso tecnológico.
E) Tenho muitos motivos **de queixa**.
F) **Durante as férias**, vi vários filmes.

02. Leia, atentamente, cada uma das orações que compõem estes períodos. Depois, explique a relação existente entre os fatos mencionados.
A) O ministro optou pelo silêncio porque não tinha argumentos convincentes.
B) Os argumentos do ministro eram tão inconscientes que ele optou pelo silêncio.
C) Se os argumentos do ministro fossem convincentes, ele os teria defendido com mais veemência.
D) Embora possuísse argumentos convincentes, o ministro optou pelo silêncio.

03. Reescreva os períodos seguintes utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada item. Faça as modificações necessárias à obtenção de frases bem-formadas.

I. Muitos trabalhadores não conseguem comprar sua casa própria porque recebem salários baixos.
A) como
B) já que
C) visto que
D) tão... que...

II. A situação social do país é tão preocupante que muita gente tradicionalmente omissa resolveu agir.
A) como
B) porque
C) de modo que
D) uma vez que

III. Se houver decisões rápidas e eficientes, o quadro social pode começar a melhorar.
A) caso
B) desde que
C) contanto que

IV. Apesar de que existem provas irrefutáveis contra ele, o réu continua a dizer-se inocente.
A) embora
B) conquanto
C) ainda que

04. Leia, atentamente, os dois períodos e explique a relação entre dedicação e sucesso em cada um dos casos citados.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso.
Embora você se dedique, não obterá sucesso.

05. Leia, atentamente, os dois períodos seguintes e explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva **uma vez que** em cada um dos casos.

A comissão de moradores da periferia protestou em frente à prefeitura uma vez que o prefeito não a quis receber.

A comissão de moradores da periferia não protestará em frente à prefeitura uma vez que o prefeito a receba.

06. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um destes períodos.
A) Retiraram-se da festa sem que ninguém percebesse.
B) Ele tem se comportado como uma criança mimada.
C) Ele tem se comportado como havia prometido.
D) Alguns córregos foram canalizados para que não provoquem inundação durante o verão.
E) Sua pele é tão delicada quanto à de um bebê.
F) Desde que o tempo esfriou, ele vem tendo problemas respiratórios.
G) Desde que você se acautele, nenhuma surpresa ocorrerá.
H) Deixe-o exatamente onde está.
I) À medida que nos aproximamos da data do exame, cresce nossa ansiedade.
J) Na medida em que não nos sentimos à vontade, não voltamos mais àquele lugar.

07. Construa períodos compostos relacionando as orações de cada item. Utilize a conjunção subordinada que julgar mais apropriada a cada caso.
A) Este estagiário tem trabalhado muito. Os outros estagiários não têm trabalhado tanto.
B) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.
C) Estamos próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.
D) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.
E) Devemos formar um time de futebol. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.
F) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.
G) Caminhamos à beira do rio. Ela me fala de sua infância no interior.
H) O ministro foi empossado ontem. Ele fez um discurso vazio e comovente sobre a seca e a miséria nordestina.
I) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.
J) Ela partiu para a França. Seu pai chegou ao aeroporto duas horas depois.
K) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.
L) Caminhávamos várias horas. Lembramo-nos, então, de que as janelas da casa haviam ficado abertas.

08. Explique as relações estabelecidas entre os fatos ou seres mencionados nestes períodos compostos.
A) Não pode haver redução de salários sem que se prejudiquem os setores produtivos da sociedade.
B) O país não encontrará soluções sem que haja disposição política para isso.
C) Já fizemos várias tentativas infrutíferas, sem que isso nos tivesse feito desistir de tudo.
D) As peças foram retiradas do museu sem que ninguém se desse conta.
E) Muitos anos vão passar sem que se tomem providências efetivas.

09. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Faça isso com estes períodos.
A) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.
B) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.
C) Quando terminou a sessão, percebi que se havia desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.
D) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.
E) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrigira ainda.
F) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera. O município assumiria dívidas que várias gerações não conseguiriam saldar.
G) É importante que você tenha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

10. Faça a pontuação adequada dos períodos seguintes.
A) Se tudo desse certo logo estaríamos em casa.
B) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.
C) Como não houve interessados o concurso foi suspenso.
D) As praias estão poluídas porque não se fizeram investimentos em saneamento básico.
E) À medida que avança a cólera expõe a miséria social do país.
F) Os jogadores como tinha sido previsto atuaram sem disposição.
G) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

ANOTAÇÕES

Aula 11

Período Composto por Subordinação: Orações Subordinadas Adverbiais II

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas (Continuação)

- As **orações subordinadas conformativas** são aquelas que expressam a ideia de **conformidade** com relação a algo que foi afirmado na oração principal. Veja:

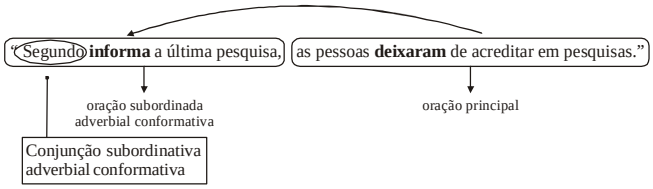

As principais conjunções conformativas são: **conforme**, **segundo**, **como**.

Ex[1]: *Se você fizer tudo conforme nós combinamos* / tudo sairá certo.
Ex[2]: *Segundo disse o nosso professor* / é correto estudar diariamente.
Ex[3]: *Como eu estava dizendo* / o mundo irá acabar.

Orações subordinadas adverbiais finais

- **As orações subordinadas finais** são aquelas que exprimem **finalidade**, **objetivo** ou **fim** daquilo que se declara na oração principal. Veja:

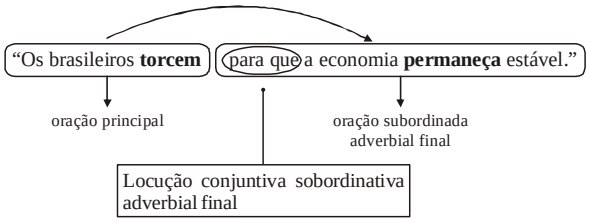

As principais conjunções finais são: **afim de que**, **para que**, **que**.

Ex[1]: Faça os exercícios / *para que você possa passar de ano*.
Ex[2]: Ele estudou bastante / *a fim de que pudesse passar de ano*.
Ex[3]: Ele trabalhou bastante / *para que pudesse evoluir em sua carreira*.

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

- As **orações subordinadas adverbiais proporcionais** são aquelas que expressam **gradação** ou **proporcionalidade**, relacionando o processo verbal indicado na oração principal com aquele expresso na subordinada. Veja:

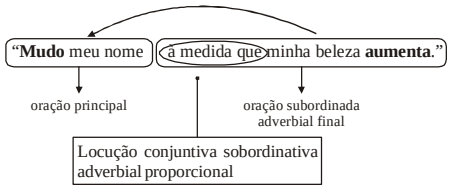

As principais conjunções proporcionais são: **à proporção que**, **à medida que**, **quanto mais**, **quanto menos**.

Ex[1]: Nossas opiniões foram sendo formadas / *à medida que nós estudávamos mais*.
Ex[2]: O nosso amanha foi sendo formado / *à proporção que nós trabalhamos mais*.
Ex[3]: À *medida que íamos construindo o nosso futuro* / nós ficávamos cada vez mais felizes.

Orações Subordinadas Adverbais Temporais

- As **orações subordinadas adverbiais temporais** são aquelas que exprimem **circunstâncias temporais** (de **autoridade**, **simultaneidade**, **posterioridade**) relativas ao acontecimento que vem expresso na oração principal. Veja:

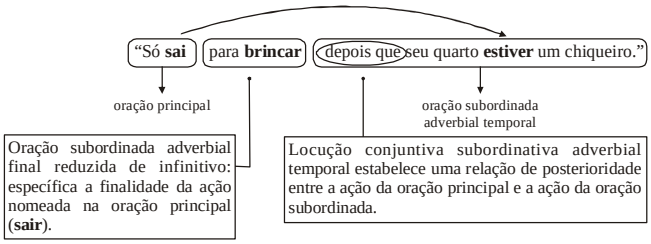

As principais conjunções temporais são: **quando**, **enquanto**, **logo que**, **desde que**, **assim que**.

Ex[1]: *Logo que saiu*, / Vinícius encontrou seu cachorro.
Ex[2]: *Enquanto eu falava no telefone* / a Patrícia Roque estava sendo atropelada.
Ex[3]: *Quando ela saiu de casa*, / tropeçou numa pedra e morreu atropelada por um caminhão.

Exercícios Propostos

As questões **01** e **02** referem-se ao texto abaixo.

A universidade de Taubaté (Unitau) conta, no total, com 720 universitários, no Curso de Comunicação Social, sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau [...] mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

Jornal ComunicAção.n.1, mar.2002.p.3.

01. (ITA-SP) Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção "com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho..." com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma:
A) consequência.
B) causa.
C) finalidade.
D) condição.
E) proporção.

02. (ITA-SP) Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.
O coordenador do curso de comunicação social mencionou que,
A) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
B) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
C) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
D) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
E) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

03. (Fuvest-SP) Leia as seguintes frases:
I. A globalização' pode ser negativa se a internacionalização econômica beneficiar uns **graças à exploração de outros;**
II. Educação, saúde, saneamento básico, rede elétrica, telecomunicações e transporte são bens que, **graças à globalização**, atingem um número maior de indivíduos.

A) Em qual das frases seria mais adequado o emprego da locução assinalada, caso fosse levado em conta o significado do substantivo **graças**? Justifique sua resposta.
B) Reescreva os trechos "graças à exploração" e "graças à globalização", substituindo a locução destacada por outra equivalente quanto ao sentido. Procure usar uma locução diferente para cada trecho.

04. (EFO-Alfenas-MG)
Temos de nos enquadrar, ou as consequências serão apocalípticas.

Das alterações processadas na sentença acima, aquela em que ocorre substancial mudança de sentido é:
A) Se não nos enquadrarmos, as consequências serão apocalípticas.
B) As consequências serão apocalípticas, caso não nos enquadremos.
C) Na hipótese de não nos enquadrarmos, as consequências serão apocalípticas.
D) As consequências serão apocalípticas. a menos que não nos enquadremos.
E) As consequências serão apocalípticas, uma vez que não nos enquadremos.

05. (UFPB) A circunstância expressa pela oração subordinada em:
"Abatido o animal, vinha a vindita e a reação do indígena e, finalmente, a guerra". Também ocorre na(s) oração(ões) destacada(s) abaixo:

I. "Quando lsmália enlouqueceu, pôs-se na torre a sonhar...";
II. "... se o rosto é igual, a fisionomia é diferente";
III. "Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever. No entanto ele está cá dentro inquieto vivo".

Essa circunstância verifica-se, apenas, em:
A) I
B) I e II
C) II
D) II e III
E) III

06. (Fuvest-SP)

A tua saudade corta
Como aço de navaia...
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia...
E os óio se enche d'água
Que até a vista se atrapaia, ai, ai...

Fragmento de "Cuitelinho", canção folclórica.

A) Nos dois primeiros versos há uma comparação. Reconstrua esses versos numa frase iniciada por "Assim como [...]", preservando os elementos comparados e o sentido da comparação.
B) Se a forma do verbo atrapalhar estivesse flexionada de acordo com a norma-padrão, haveria prejuízo para o efeito de sonoridade explorado no final do último verso? Por quê?

GABARITO – EXERCÍCIOS PROPOSTOS					
01	**02**	**03**	**04**	**05**	**06**
A	E	*	D	A	*

* **03.** A) O emprego dessa expressão “graças à” é mais adequado na segunda frase. Já que o significado do substantivo graças é marcado por traços positivos (no seu sentido literal): uma dádiva, um presente independente do mérito de quem recebe. Segundo esse ponto de vista, usa-se graças à, preferencialmente, antes de causa geradora de evento desejável, como ocorre na frase II.

B) Os trechos poderiam ser substituídos por: “devido à exploração” e “por causa da globalização”.

06. A) Há, pelo menos, duas possibilidades para os versos, ao se estabelecer à comparação introduzida por **Assim como**.

I. Assim como a tua saudade, o aço da navalha também corta...

II. Assim como a tua saudade corta, também o aço da navalha...

B) Se o verbo “atrapalhar” estivesse em acordo com a norma padrão, a sonoridade da quadra com sete sílabas estaria comprometida, pois estaria desfeita a rima com a palavra “faia”

André 11/09/10
Rev.: MK

Compreensão Textual

Polifonia – outras formas de intertextualidade

Leia um trecho da letra da música "Língua", de Caetano Veloso.

Gosto de sentir minha língua roçar
A Língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódias
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa...

VELOSO, Caetano. "Língua". In WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. *Textos sobre textos – um estudo da metalinguagem*. Belo Horizonte: Dimensão, 1999. p. 31.

No texto que você leu foi utilizado um **recurso intertextual**: a referência. Identifique trechos que exemplificam referência a dois escritores portugueses e um brasileiro.

"Todo texto é um intertexto, no sentido em que outros textos estão presentes nele, em níveis variados, podendo ser reconhecidos ou não. Chama-se, pois, de intertextualidade a relação de um texto com outros previamente existentes, efetivamente produzidos. A intertextualidade é **explícita** quando é feita a citação da fonte do intertexto (discurso relatado, citações de referências, resumos, traduções etc.) sendo **implícita** quando cabe ao interlocutor recuperar a fonte na memória para construir o sentido do texto (é o caso das alusões, da paródia, certas paráfrases, certos casos de ironia). [...]"

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica/Fale, 1999. p. 61.

Como você leu no trecho acima, são inúmeras e muito frequentes as retomadas de outros textos, de outras falas, outras vozes. É a chamada **polifonia textual**. **Polifonia** tem origem no grego e significa "muitos sons": *poli* (muitos); *fonia* (sons).

Além das formas de intertextualidade vistas nos textos anteriores, existem outras possibilidades, como:

- **Epígrafe** (do grego: "grafar acima"): citação que aparece antes ou acima de um texto para dar indicações sobre o tema a ser desenvolvido.
- **Citação** é um outro recurso intertextual. O autor cita outro texto com o objetivo de enriquecer, valorizar ou validar seu texto. O trecho citado aparece entre aspas ou em itálico, com indicação da fonte para não ser confundido com plágio.
- **Referência**: em textos literários, esse recurso intertextual consiste em se referir a personagens, romances, autores, com o objetivo de estabelecer uma associação.
- **Alusão** é uma referência discreta a outro texto: *menção* do nome de uma obra, de uma pintura ou de algum elemento dessa obra: cenário, personagem, época etc.

A **intertextualidade** não é específica do texto literário ou científico. A polifonia está presente nas conversações cotidianas, em textos jornalísticos e outros.

EXERCÍCIOS
UFSCar/2005

1ª Parte: questões objetivas

Instrução: o texto seguinte refere-se às questões de números **01** a **05**.

A UNIDADE ORTOGRÁFICA

Velhíssima questão a da unidade ortográfica do português usado no Brasil e em Portugal. Que a prosódia seja diferente, é natural. Num país imenso como o nosso, há diversas formas de pronunciar as palavras, e o próprio vocabulário admite expressões regionais – o mesmo acontecendo com todas as línguas do mundo.

O diabo é a grafia, sobre a qual os portugueses não abrem mão de escrever "director", por exemplo. Não é o mesmo caso de "facto" e "fato", que têm significações diferentes e, com boa vontade, podemos compreender a insistência dos portugueses em se referir à roupa e ao acontecimento.

Arnaldo Niskier, quando presidente da Academia Brasileira de Letras, conseguiu acordo com a Academia de Ciências de Lisboa, assinaram-se tratados com a aprovação dos governos do Brasil e de Portugal. O acordo previa o consenso de todos os países lusófonos. Na época, somente os dois principais interessados estavam em condições de obter um projeto comum –mais tarde, Cabo Verde também toparia.

Numa das últimas sessões da ABL, Sérgio Paulo Rouanet, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara trouxeram o problema ao plenário – um dos temas recorrentes da instituição é a feitura definitiva do vocabulário a ser adotado por todos os países de expressão portuguesa. (...)

Cristão-novo nesta questão, acredito que não será para os meus dias a solução para a nossa unidade ortográfica.

CONY, Carlos Heitor. *Folha de S. Paulo*. 10/08/2004.

01. Segundo o texto, pode-se concluir que:
A) a grafia e a prosódia são fatores que impossibilitam a unificação ortográfica.
B) a ABL estuda um vocabulário ortográfico comum aos países lusófonos.
C) a discussão sobre a unificação ortográfica tem origem recente.
D) a unificação ortográfica entre Portugal e Brasil é uma questão de honra.
E) tratados ortográficos já foram assinados por todos os países de expressão portuguesa.

02. A palavra **recorrente**, no penúltimo parágrafo do texto, tem o sentido de:
A) requerer.
B) socorrer.
C) desentender-se.
D) retornar.
E) vencer.

03. Assinale a frase que apresenta a mesma construção sintática de: *assinaram-se tratados com a aprovação dos governos do Brasil e de Portugal*.
A) Na Declaração do Milênio, divulgaram-se metas de preservação dos recursos hídricos.
B) O lance foi acidental: chocaram-se dois jogadores numa disputa normal de bola.
C) Os agentes russos conseguiram infiltrar-se no coração político da Alemanha Ocidental.
D) Alguns chefes da Gestapo arrependeram-se de seus crimes, depois da derrota nazista.
E) Na feira do MASP, aos domingos, vendia-se muito até 1998.

04. Sobre as palavras **director**, **facto** e **fato**, pode-se dizer que:
A) **director** poderia ser escrito de modo diferente e as outras duas têm o mesmo sentido.
B) **director** deve permanecer com **c**, diferentemente de **facto**, que poderia perder essa letra.
C) **facto** e **fato** significam coisas diferentes e **director** poderia ser escrito sem **c**.
D) as três palavras apresentam diferenças de prosódia e não de grafia.
E) apenas **director** e **fato** constam no vocabulário ortográfico brasileiro.

05. Assinale a alternativa que, no texto, apresenta a palavra ou expressão em itálico em uso figurado.
A) Não é o mesmo caso de "facto" e "*fato*", que têm significações diferentes.
B) (...) com *boa vontade*, podemos compreender a insistência dos portugueses (...)
C) (...) um dos temas recorrentes da instituição é a feitura definitiva do *vocabulário* (...)
D) *Cristão-novo* nesta questão (...)
E) Num *país* imenso como o nosso (...)

Instrução: o texto seguinte refere-se às questões de números **06** a **10**.

Em casa, brincava de missa, – um tanto às escondidas, porque minha mãe dizia que missa não era cousa de brincadeira. Arranjávamos um altar, Capitu e eu. Ela servia de sacristão, e alterávamos o ritual, no sentido de dividirmos a hóstia entre nós; a hóstia era sempre um doce. No tempo em que brincávamos assim, era muito comum ouvir à minha vizinha: "Hoje há missa?" Eu já sabia o que isto queria dizer, respondia afirmativamente, e ia pedir hóstia por outro nome. Voltava com ela, arranjávamos as cerimônias. *Dominus non sum dignus...** Isto, que eu devia dizer três vezes, penso que só dizia uma, tal era a gulodice do padre e do sacristão. Não bebíamos vinho nem água; não tínhamos o primeiro, e a segunda viria tirar-nos o gosto do sacrifício.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Obra completa.

* Trecho da fala do sacerdote, no momento da comunhão, que era proferida em latim, antes do Concílio Vaticano II. A fala inteira, que deve ser repetida três vezes, é: *Dominus non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum e sanabitur anima mea*, cuja tradução é: Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva.

06. Sobre Machado de Assis, pode-se dizer que:
A) pertenceu, inicialmente, ao primeiro momento do simbolismo brasileiro.
B) seu humor, de origem inglesa, é, também, uma expressão de ceticismo e pessimismo.
C) seus primeiros romances foram: *Ressurreição* e *Memorial de Aires*.
D) foi, durante seus 50 anos de carreira literária, um crítico ferrenho da tradição clássica.
E) em sua última fase, aderiu aos ideais românticos do século XIX.

07. Sobre esse trecho de *Dom Casmurro*, pode-se dizer que:
A) apresenta diálogos indiretos entre as personagens.
B) revela a intromissão de vizinhos na vida das crianças.
C) o ambiente da ação é uma igreja católica.
D) quatro pessoas brincavam de missa: Capitu, o narrador, um sacristão e um padre.
E) é um exemplo do uso criativo e não meramente ornamental da metáfora.

08. A palavra **cousa** é uma variante da palavra **coisa**, assim como **loura** de **loira**. Assinale a alternativa em que as duas palavras são, também, variantes uma da outra.
A) discrição e descrição.
B) vultoso e vultuoso.
C) catorze e quatorze.
D) dispensa e despensa.
E) discriminar e descriminar.

09. Assinale a alternativa que contém palavras que, no texto de Machado, retomam termos de uma frase anterior, promovendo a coesão do texto.
A) primeiro, segunda.
B) casa, ritual.
C) precipitávamos, cerimônias.
D) doce, gulodice.
E) dividirmos, alterávamos.

Fuvest/2009

Observe a charge para responder às questões **10** e **11**.

Glauco. *Folha de São Paulo*, 30/05/2008.

10. A crítica contida na charge anterior visa, principalmente, ao:
A) ato de reivindicar a posse de um bem, o qual, no entanto, já pertence ao Brasil.
B) desejo obsessivo de conservação da natureza brasileira.
C) lançamento da campanha de preservação da floresta amazônica.
D) uso de *slogan* semelhante ao da campanha "O petróleo é nosso".
E) descompasso entre a reivindicação de posse e o tratamento dado à floresta.

11. O pressuposto da frase escrita no cartaz que compõe a charge é o de que a Amazônia está ameaçada de:
A) fragmentação.
B) estatização.
C) descentralização.
D) internacionalização.
E) partidarização.

- Texto para as questões de números **12** a **14**.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*.

12. Em "nas cidades, nas aldeias, nos povoados" (linha 6), "Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia" (linhas 12 e 13), ocorrem, respectivamente, os seguintes recursos expressivos:
A) eufemismo, antítese, metonímia.
B) hipérbole, gradação, eufemismo.
C) metáfora, hipérbole, inversão.
D) gradação, inversão, antítese.
E) metonímia, hipérbole, metáfora.

13. No texto, observa-se que o narrador se:
A) equipara ao leitor, por meio de sentimentos diversos como o amor, o ódio e o egoísmo.
B) distancia do leitor, porque o amor à rua, assim como o ódio e o egoísmo, é passageiro.
C) identifica com o leitor, por meio de um sentimento perene, que é o amor à rua.
D) aproxima do leitor, por meio de sentimentos duradouros como o amor à rua e o ódio à polícia.
E) afasta do leitor, porque, ao contrário deste, valoriza as coisas fúteis.

14. Prefixos que têm o mesmo sentido ocorrem nas seguintes palavras do texto:
A) íntima / agremia.
B) resiste / deslizam.
C) desprazeres / indissolúveis.
D) imperturbável / transforma.
E) revelado / persiste.

- Texto para as questões **15** e **16**.

Artistas, costureiras, soldadores e desenhistas manejam ferro, madeira, isopor e tecido. No galpão do boi Garantido, o do coração vermelho, todos se esmeram (nunca usam o verbo caprichar) para preparar um espetáculo que supere o do rival. No ano passado, foi o Caprichoso, o da estrela azul, o ganhador da disputa de bois-bumbá do famoso Festival de Parintins, que todo final de junho atrai cerca de cem mil pessoas para a doce ilha situada na margem direita do rio Amazonas. No curral da torcida caprichosa, "alegoristas", passistas e percussionistas preferem não dizer que uma nova vitória está garantida. Dizem, sim, com todas as letras, que está assegurada.

POMPEU, Fernanda. *Caprichada e garantida*.

15. As marcas linguísticas e o modo de organização do discurso que caracterizam o texto são, respectivamente:
A) verbos no presente e no passado; descritivo-narrativo.
B) substantivos e adjetivos; descritivo-dissertativo.
C) substantivos; narrativo-dissertativo.
D) frases nominais; apenas narrativo.
E) adjetivos substantivados; apenas descritivo.

16. De acordo com o texto, a escolha das palavras **esmeram** (linha 4) e **assegurada** (linha 13) é motivada pelo:
A) despreparo dos habitantes de Parintins.
B) antagonismo entre os dois grupos.
C) desejo de falar difícil.
D) entrosamento entre as duas equipes.
E) sentido irônico contido nesses dois termos.

- Texto para as questões de números **17** a **20**.

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... — ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sempre afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

ROSA, João Guimarães. "O burrinho pedrês". *Sagarana*.

17. Em trecho anterior do mesmo conto, o narrador chama Sete-de-Ouros de "sábio". No excerto, a **sabedoria** do burrinho consiste, principalmente, em:

A) procurar adaptar-se o melhor possível às forças adversas, que busca utilizar em benefício próprio.
B) firmar um pacto com as potências mágicas que se ocultam atrás das aparências do mundo natural.
C) combater frontalmente e sem concessões as atitudes dos homens, que considera confusas e desarrazoadas.
D) ignorar os perigos que o mundo apresenta, agindo como se eles não existissem.
E) escolher a inação e a inércia, confiando inteiramente seu destino às forças do puro acaso e da sorte.

18. Quando nos apresentam os homens vistos pelos olhos dos animais, as narrativas em que aparecem o burrinho pedrês, do conto homônimo (*SagaranA)*, os bois de "Conversa de bois" (*SagaranA)* e a cachorra Baleia (*Vidas Secas*) produzem um efeito de:

A) indignação, uma vez que cada um desses animais é morto por algozes humanos.
B) infantilização, uma vez que esses animais pensantes são exclusivos da literatura infantil.
C) maravilhamento, na medida em que os respectivos narradores servem-se de sortilégios e de magia para penetrar na mente desses animais.
D) estranhamento, pois nos fazem enxergar de um ponto de vista inusitado o que antes parecia natural e familiar.
E) inverossimilhança, pois não conseguem dar credibilidade a esses animais dotados de interioridade.

19. No conto de Guimarães Rosa a que pertence o excerto, a presença de um animal que é "sábio" e forma juízos supõe uma concepção de natureza:

A) contrária àquela que é expressa pelo Anjo, no *Auto da Barca do Inferno*.
B) idêntica à de Jacinto (*A Cidade e as Serras*), que se converte ao culto da natureza virgem e intocável, quando escolhe a vida rural.
C) contrária à que, predominantemente, se afirma na poesia de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa.
D) idêntica àquela que é exposta pelo autor de *Vidas Secas*, no prefácio que escreveu para o livro.
E) semelhante à que se manifesta, sobretudo, nos capítulos finais de *Memórias de um Sargento de Milícias*.

20. Como exemplos da expressividade sonora presente neste excerto, podemos citar a onomatopeia, em "Chu-áa! Chu-áa...", e a fusão de onomatopeia com aliteração, em:

A) "vestindo água".
B) "ruge o rio".
C) "poço doido".
D) "filho do fundo".
E) "fora de hora".

- Texto para as questões de números **21** a **23**.

Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um *dandy*, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos iam às suas namoradas. Era uso do tempo namorar a cavalo. Relê Alencar: "Porque um estudante (dizia um dos seus personagens de teatro de 1858) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada". Relê Álvares de Azevedo. Uma das suas poesias é destinada a contar (1851) que residia em Catumbi, e, para ver a namorada no Catete, alugara um cavalo por três mil-réis...

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

21. As formas verbais "Tinham passado" (linhas 6 e 7) e "viriam" (linha 7) traduzem a ideia, respectivamente, de anterioridade e de posterioridade em relação ao fato expresso pela palavra:

A) "explicam".
B) "estada".
C) "passagem".
D) "dizíamos".
E) "montava".

22. Com a frase "como então dizíamos" (linha 3), o narrador tem por objetivo, principalmente:

A) comentar um uso linguístico de época anterior ao presente na narração.
B) criticar o uso de um estrangeirismo que caíra em desuso.
C) marcar o uso da primeira pessoa do plural.
D) registrar a passagem do cavaleiro diante da janela de Capitu.
E) condenar o modo como se falava no passado.

23. Considerando-se o excerto no contexto da obra a que pertence, pode-se afirmar **corretamente** que as referências a Alencar e a Álvares de Azevedo revelam que, em *Dom Casmurro*, Machado de Assis:

A) expôs, embora tardiamente, o seu nacionalismo literário e sua consequente recusa de leituras estrangeiras.
B) negou ao Romantismo a capacidade de referir-se à realidade, tendo em vista o hábito romântico de tudo idealizar e exagerar.
C) recusou, finalmente, o Realismo, para começar o retorno às tradições românticas que irá caracterizar seus últimos romances.
D) declarou que o passado não tem relação com o presente e que, portanto, os escritores de outras épocas não mais merecem ser lidos.
E) utilizou, como em outras obras suas, elementos do legado de seus predecessores locais, alterando-lhes, entretanto, contexto e significado.

24. Em um poema escrito em louvor de *Iracema*, Manuel Bandeira afirma que, ao compor esse livro, Alencar:

"[...] escreveu o que é mais poema
Que romance, e poema menos
Que um mito, melhor que Vênus."

Segundo Bandeira, em *Iracema*:

A) Alencar parte da ficção literária em direção à narrativa mítica, dispensando referências a coordenadas e personagens históricas.
B) o caráter poemático dado ao texto predomina sobre a narrativa em prosa, sendo, por sua vez, superado pela constituição de um mito literário.
C) a mitologia tupi está para a mitologia clássica, predominante no texto, assim como a prosa está para a poesia.
D) ao fundir romance e poema, Alencar, involuntariamente, produziu uma lenda do Ceará, superior à mitologia clássica.
E) estabelece-se uma hierarquia de gêneros literários, na qual o termo superior, ou dominante, é a prosa romanesca, e o termo inferior, o mito.

25. Dos termos destacados nas frases abaixo, o único que está inadequado ao contexto ocorre em:

A) O mundo está na **iminência** de enfrentar o recrudescimento da fome devido à escassez de alimentos.
B) Para atender a todos os interessados no concurso, foi preciso **dilatar** o prazo das inscrições.
C) Ao fazer cópias de músicas e filmes pela *Internet*, é preciso ter cuidado para não **infringir** a lei.
D) O município que se tornou símbolo da **emigração** brasileira para os EUA tenta se adaptar ao movimento migratório inverso.
E) A cobrança de juros excessivos, com o objetivo de **aferir** lucro exagerado, desestimula o crescimento da produção.

GABARITO									
01	**02**	**03**	**04**	**05**	**06**	**07**	**08**	**09**	**10**
B	D	A	C	D	B	E	C	A	B
11	**12**	**13**	**14**	**15**	**16**	**17**	**18**	**19**	**20**
A	C	A	E	D	D	E	A	E	E
21	**22**	**23**	**24**	**25**					
C	B	A	C	B					

André 11/09/10
Rev.: Diego

Os sintagmas

- Estrutura básica de uma oração:

Combinação de um nome a um nome e um verbo

Mudanças		**acontecem**
Nome	+	verbo

- Temos duas unidades de sentido em que se pode subdividir a frase. A essas unidades damos o nome de sintagma.
- Observe que temos em "mudanças acontecem" uma estrutura pela qual se formam as orações em português. Se colocarmos outras palavras no lugar de **mudanças** e **acontecem** que pertençam ao mesmo paradigma, podemos gerar diversas outras orações.

Veja:

Fatos surgem/modificações ocorrem/ alterações sucedem/ transformações aparecem

- Os sintagmas, basicamente, são estruturados em torno de um **verbo** (sintagma verbal) ou de um **nome** (sintagma nominal), que poderão vir acompanhados de outras palavras que ampliam seus significados e com as quais se combinam logicamente.

As transformações inesperadas acontecem rapidamente.

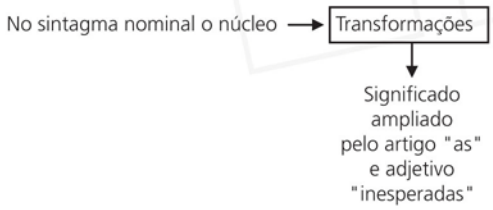

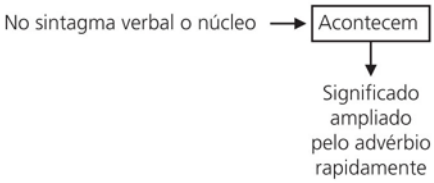

OR = Oração
SN = Sintagma nominal
SV = Sintagma verbal

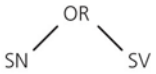

Podem ocorrer, em português, orações que não apresentam o SN; só existe o SV.

- Choveu pouco em Brasília
- Nevou muito em Gramado.

Observação:

A inexistência de SN ao qual o SV se relaciona determina uma característica especial para esses verbos: eles se mantêm inalterados, sempre na terceira pessoa do singular.

O sintagma com parte de outro sintagma

Quando um sintagma é parte integrante de um sintagma nominal, desempenha a função de complemento ou de adjunto do nome a que se relaciona. Quando é parte integrante de um sintagma verbal, funciona como complemento do verbo. Veja:

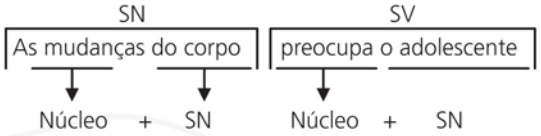

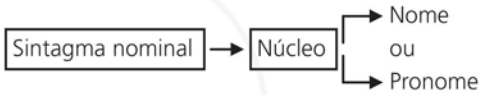

Observação:

Os termos que se referem ao núcleo (determinantes): pronomes adjetivos, artigos, numerais.

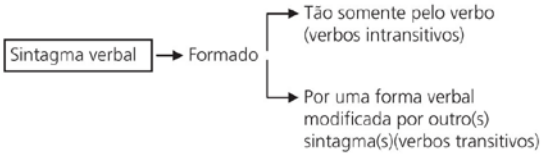

Observe:

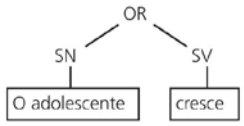

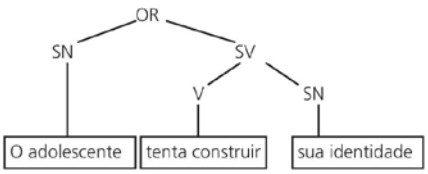

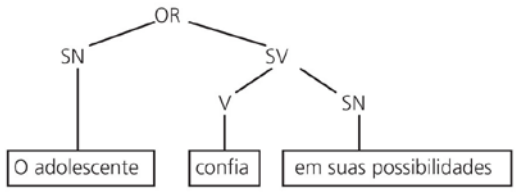

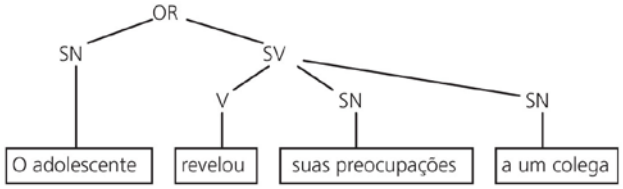

A regência

- Regente → para os termos subordinantes.
- Regido → para os termos subordinados.

REGÊNCIA NOMINAL

Quando o termo regente é um nome.

REGÊNCIA VERBAL

Quando o termo regente é um verbo.

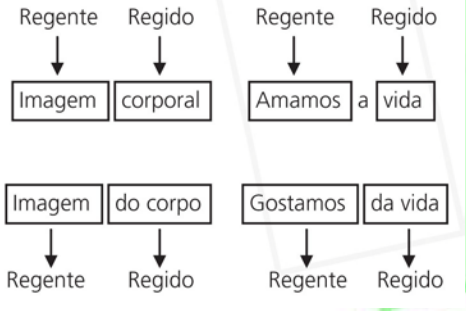

As funções dentro dos sintagmas maiores

O adjunto adnominal

Modificam os substantivos, portanto tem equivalência de adjetivos.

Exemplos:

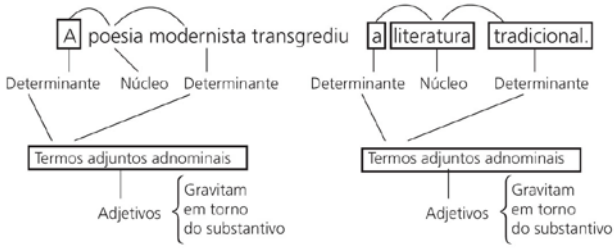

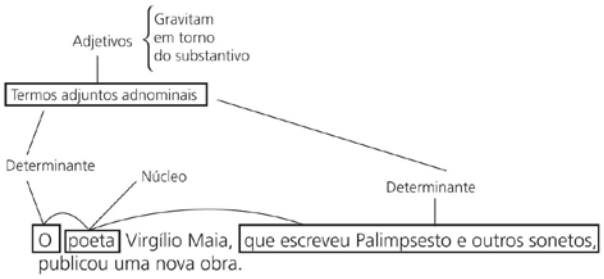

O complemento nominal

O sintagma nominal dentro do sintagma nominal

Exemplos:

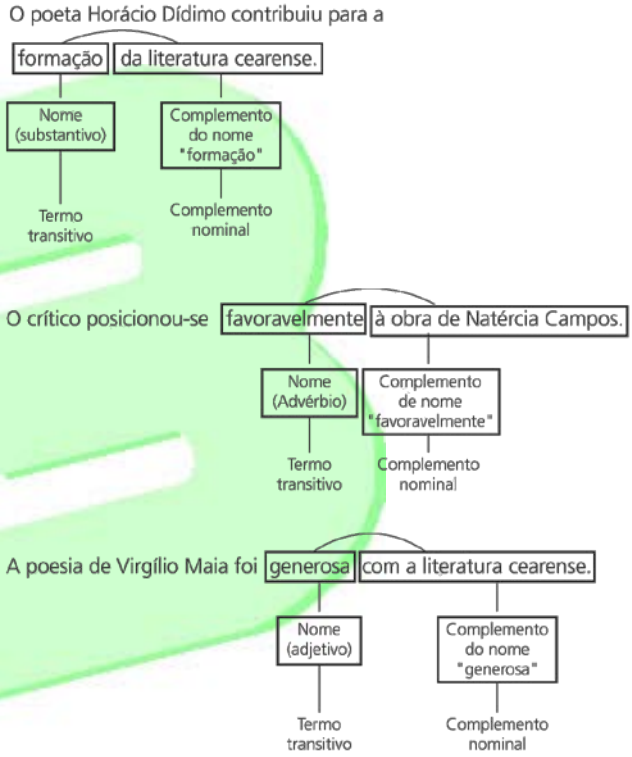

ADJUNTO ADNOMINAL OU COMPLEMENTO NOMINAL? EIS A QUESTÃO!

Diferenças fundamentais:

- O adjunto adnominal só se relaciona com o substantivo, o complemento nominal desenvolve relações com o substantivo, adjetivo e advérbio.
- O complemento nominal equivale a um complemento de um verbo, ou seja, só se relaciona a substantivos cujos significados transitam; portanto seu valor não é ativo, como se observa no adjunto adnominal; na realidade terá valor passivo, pois é sobre ele que a ação vai se instaurar.

Exemplos:

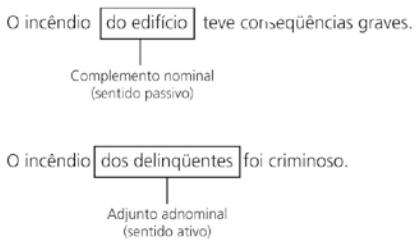

Exercícios de Fixação

01. (UFSCar-SP) A oração "Vasculhou os bolsos loiros sueco", extraída de *Gabriela*, *cravo e canela*, obra de Jorge Amado, com a substituição do complemento verbal por um nome oblíquo, equivale a:
A) Vasculhou-o os bolsos.
B) Vasculhou-se o loiro sueco.
C) Vasculhou-lhe os bolsos.
D) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
E) Vasculhou-os o loiro sueco.

02. (UFPI)
"(...)
De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho."
Legado, Carlos Drummond de Andrade

Marque a opção que analisa corretamente a função sintática de **uma pedra**.
A) Aposto.
B) Sujeito.
C) Objeto direto.
D) Objeto indireto.
E) Predicativo do sujeito.

03. (UFC-CE) Leia o trecho abaixo do conto "Os moradores do casarão", de Moreira Campos. "Consultando o relógio da parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente."
Numere a segunda coluna, identificando a função sintática do termo, de acordo com a primeira coluna.
I. adjunto adnominal
II. adjunto adverbial
( ) num gemer de ferros;
( ) da parede;
( ) com água quente.

A sequência **correta**, de cima para baixo, é:
A) II – II – I
B) II – I – I
C) II – I – II
D) I – II – II
E) I – II – I

04. (FVG-SP) Em cada uma das alternativas abaixo, está destacado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.
A) O rapaz aludiu **às histórias passadas**, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
B) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia **à novela da Globo**, todos os dias.
C) Quem disse a **Joaquina** que as batatas deveriam cozer-se devagar?
D) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu **ao público** a melhor das impressões.
E) Foi fiel **à lei** durante todos os anos que passou nos Açores.

05. (PUC-RJ) O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura.
"A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa".
A) Explique quais são as leituras possíveis.
B) Desfaça a ambiguidade, deixando clara **uma** dessas leituras.

06. (Fuvest-SP) Transpondo-se **corretamente** para a voz ativa a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
A) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
B) para que um astrônomo os instruírem (...).
C) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
D) para um astrônomo instruí-los (...).
E) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

07. (PUC-RJ) Observe a frase que segue: "Não posso lhe garantir **que todos estarão presentes à sua festa da formatura**".
Do enunciado acima, pode-se afirmar que a parte destacada desempenha a função de:
A) sujeito de **posso**.
B) objeto direto de **posso**.
C) objeto indireto de **posso**.
D) objeto direto de **garantir**.
E) objeto indireto de **garantir**.

08. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o pronome colocado entre parênteses **não** preenche corretamente a lacuna.
A) O mal-entendido _____ aborreceu demais. (os)
B) Não fiquem preocupados: nós _____ ajudaremos. (lhes)
C) Na verdade, em muito pouco _____ ajudaría-mos. (as)
D) Admiro _____ a dedicação para com o irmão. (lhe)
E) Posso dizer que ainda não _____ conheço bem. (a)

09. (UFRJ) Leia os versos a seguir da música *Asa Branca* e atente para os termos destacados.
I
Entonce, eu disse: "Adeus, Rosinha,
Guarda contigo **meu coração**."
II
Eu te asseguro, num chore, não, viu!
Que eu voltarei, viu, **meu coração**.

Considerando a função sintática e o valor semântico dos termos destacados em **I** e **II**, é correto afirmar que:
A) os termos, em **I** e **II**, são objetos diretos, e ambos devem ser entendidos no sentido denotativo.
B) o termo em **I** é sujeito e em **II** é aposto, e ambos devem ser entendidos no sentido denotativo.
C) o termo **I** é sujeito e em **II** é aposto, e ambos devem ser entendidos como uma metáfora.
D) o termo em **I** é objeto direto e em **II** é sujeito, e ambos devem ser entendidos como uma metáfora.
E) o termo em **I** é objeto direto e em **II** é vocativo, e ambos devem ser entendidos como uma metáfora.

10. (FVG-SP) Na frase "A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede...", ocorre o pronome **lhe**.
É possível alterar a posição desse pronome, transformando o período em "A sensação direta da água nos pés anunciava que era hora de matar-lhe a sede...". Feita a transformação, pergunta-se: que implicação ela traz à frase?

11. (UM-SP) "... E surgia na Bahia o **anacoreta sombrio**, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso; dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apoia o passo tardo dos peregrinos.
É desconhecida **a sua existência** durante tão longo período.

Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-**me** algo a respeito, **mas** vagarosamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos.
Conhecera-**o** nos sertões de Pernambuco, um ou dous anos depois da partido do Crato."
Considere as afirmações.

I. **O anacoreta sombrio** e **a sua existência** desempenham função sintática de sujeito;
II. Os pronomes oblíquos assinalados desempenham funções sintáticas diferentes;
III. Depois da conjunção **mas** há elipse de um verbo.

Assinale:

A) se apenas I e II estiverem corretas.
B) se apenas II e III estiverem corretas.
C) se apenas II estiver correta.
D) se todas estiverem corretas.
E) se apenas I e III estiverem corretas.

12. (Unifei-MG) Transforme seguindo o modelo.
Foi socorrido por amigos. ⇒ Amigos o socorreram.

A) Foste ajudado por muitos.
B) Fomos aconselhados pelos mestres.

13. (ESPM-SP) "Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu."
Machado de Assis

A função sintática das palavras **doente**, **grito**, **ninguém** e **me** é, respectivamente:

A) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
B) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
C) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
D) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
E) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

14. (ESPM-SP) Consideradas as frases:

I. Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população;
II. Os meninos de rua, a população rechaça-os, relega-os à lata de lixo da história.

Podemos analisar alguns termos da seguinte forma:

A) Em I e II, **meninos de rua** é sujeito, **trabalho** é objeto direto e os pronomes **os** também o são.
B) Em I, **meninos de rua** é sujeito; em II é objeto direto.
C) Em I e II, **meninos de rua** é objeto direto; em II, os **os** são objetos pleonásticos.
D) Em I e II, **meninos de rua** é sujeito; em II os vários **os** são objetos pleonásticos.
E) n.d.a.

15. (ESMP-SP) "Surgiram **fotógrafos** e **repórteres**." Indique a alternativa que classifica corretamente a função sintática e a classe gramatical dos termos destacados.

A) objeto indireto – substantivo.
B) objeto direto – substantivo.
C) objeto direto – adjetivo.
D) sujeito – adjetivo
E) sujeito – substantivo

- Texto para a questão **16**

IDEIAS SUSTENTÁVEIS

A biodiversidade, as águas doces estão todas nas terras indígenas. Nós, os índios, que estamos cuidando deste patrimônio ao longo do tempo, nunca tivemos a oportunidade de contar e de compartilhar o que significa para nós esse patrimônio, em termos de vida. Em nossas aldeias, não temos academia de ginástica. Tudo é feito de acordo com o movimento da noite, do dia e do tempo. Lá não temos problema de emagrecer.

Lá, no meio do mato, lá, no canto das terras indígenas, há plantinhas e árvores grandes, para que nós, os seres humanos, as olhemos e dali tiremos a água, o remédio, a alimentação e,principalmente (o que às vezes vocês não percebem), a magia da vida, a magia de tentar entender este Criador: o espírito da floresta, o espírito da sabedoria com quem os pajés podem conversar.

Estes podem compreender e transformar aquelas plantas no nosso sustento. Muitos pesquisadores já foram a nossas aldeias, estudaram, copiaram e discutiram.

Queremos dizer isso a vocês, no sentido de mostrar que a ciência do homem branco precisa conversar com a ciência indígena."

MORIN, Edgard. *Saberes globais e saberes locais – o olhar transdisciplinar.* Rio de Janeiro: Garamond, 2000 (com adaptações).

16. (UnB-DF) Com referência às ideias do texto e sua relação com outras áreas do conhecimento, julgue os itens que se seguem como verdadeiros ou falsos.

( ) O texto é narrado em primeira pessoa, pelo foco do silvícola, que não está nas terras indígenas no momento da fala.
( ) Infere-se do texto que viver de acordo com o movimento do dia e da noite deu origem a academias de ginástica para emagrecer.
( ) Pelo segundo período do texto, é correto concluir que, na opinião do autor, quem realmente precisa aprender com os indígenas é a "ciência do homem branco".
( ) O culto do **corpo são em mente sã**, comum entre os *vikings*, contraria os hábitos das colônias indígenas remanescentes no território nacional.

- Texto para as questões **17** e **18**.

O BRASIL PRECISA ARRUMAR NOVAS FONTES DE ENERGIA PARA VER A LUZ NO FIM DO TÚNEL

A relação entre crescimento econômico e energia é direta. Se a geração de energia não for suficiente, o país não pode crescer. Se ela faltar, a economia para, entra em colapso. Simples assim. Há um cálculo mundial para detectar a probabilidade de um país ficar no escuro. O índice internacionalmente aceitável é de 3%. Ou seja, uma nação está segura quando há três chances em 100 de faltar energia. Em 1997, essa taxa no Brasil era de 5%. Subiu para 15% no início de 2000 e deve chegar a 20% no fim do ano.

Em *energizês*, o país tem sete vezes mais possibilidade de sofrer com a falta de energia do que seria aceitável.

Dificilmente a falta de energia atinge as pessoas diretamente, pois o consumo doméstico é irrisório no cômputo geral. O que pesa são os gastos industriais. Quando falta luz em casa, em geral, o motivo é uma falha nas linhas de transmissão, não um colapso na geração.

Desde que o preço do petróleo começou a subir teimosa e implacavelmente, no ano passado, o mundo parece ter atentado para o problema da extrema dependência em relação a poucas fontes de energia, que estão nas mãos de um número reduzido de controladores e que ninguém sabe por quanto tempo serão suficientes para suprir as necessidades globais. No que diz respeito ao petróleo, são todas meio improvisadas as estimativas a respeito das reservas, da capacidade de produção e do crescimento do consumo. É difícil prever por quanto tempo a humanidade poderá contar com o fornecimento de petróleo a um custo compensador, mesmo com novas tecnologias de extração sendo desenvolvidas a cada dia.

O sistema brasileiro opera próximo ao limite da capacidade instalada, com uma pequena margem de sobra.

A prova de que há uma certa angústia no ar em relação ao suprimento energético é a atitude dos grandes consumidores. Cada um deles está em busca da chamada luz no final do túnel."

RAMIRO, Denise. *Veja,* 6/9/2000, p. 135 (com adaptações).

17. (UnB-DF) A propósito das ideias e expressões do texto, julgue os seguintes itens como verdadeiros ou falsos.

( ) No terceiro período, o pronome "ela" pode referir-se tanto a "energia" como a "geração".

( ) O tom de preocupação acerca do tema e a redação de trechos como "Simples assim" e "busca da chamada luz no final do túnel" indicam que a linguagem predominante no texto é a coloquial.

( ) Devido a novas tecnologias, a situação brasileira é altamente favorável, pois o país conta com potenciais energéticos imensuráveis, ainda não explorados.

( ) No período final, a expressão "luz no final do túnel" foi explorada duplamente: com o sentido conotativo, significando solução para o problema, e denotativamente, com referência à luz como energia luminosa.

18. (UnB-DF) No que se refere às ideias do texto e sua vinculação com outras áreas do conhecimento, julgue os itens que se seguem como verdadeiros ou falsos.

( ) Ao mencionar "a geração de energia", o texto argumenta contrariamente ao princípio da Física segundo o qual energia não pode ser criada, mas apenas transformada.

( ) O termo energizês é uma criação vocabular formada a partir de energia para designar a linguagem técnica internacional do setor da Bolsa de Valores de São Paulo que trata da economia de energia.

( ) As porcentagens no primeiro parágrafo permitem afirmar que, se em 1997 a população brasileira era de 140 milhões de habitantes, havia chance de faltar energia para 7 milhões de pessoas; para uma população estimada em 167 milhões no final de 2000, a falta deverá atingir 33,4 milhões de pessoas.

( ) As ideias do texto permitem inferir que os colapsos na geração de energia estão relacionados ao consumo industrial.

19. (UFRS) Leia o trecho abaixo de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

"— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –, e com máscara de cachorro.

Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão."

Assinale a afirmativa correta em relação ao trecho.

A) "Nonada" remete a uma situação anterior, pressuposta no início do romance, sobre a qual o narrador e o ouvinte estariam conversando.

B) As palavras do narrador indicam que o "senhor" compreendeu adequadamente o ocorrido.

C) A interpretação do interlocutor sobre os tiros está equivocada, pois aquilo que ele pensou não poderia ocorrer no sertão.

D) O aparecimento do bezerro com máscara de cachorro não causa estranhamento entre os sertanejos.

E) Para o narrador, os tiros sempre indicam que houve morte de homens.

20. (UFGO) O trecho abaixo, de Alcino Leite Neto, foi publicado na *TVFolha*, de 30 jul. 2000.

"Muito do que se condena na televisão brasileira como sendo obtuso, reacionário ou malfeito é apenas popular, demasiadamente popular. A televisão foi implantada no Brasil em 1950, mas durante muito tempo aparelhos de TV foram privilégio das classes alta e média. No início da década de 60, no interior do país, então predominantemente rural, apenas os mais ricos possuíam um televisor."

A respeito da forma de ordenação de ideias empregada pelo autor, é possível afirmar que:

( ) prevalece, no fragmento, um tipo de ordenação muito utilizado nos textos jornalísticos: a ordenação por contraste de conceitos.

( ) a ordenação por tempo e espaço favorece um raciocínio que opera com noções de transformação e mudança, consideradas num certo período e em determinado lugar.

( ) o argumento de que, no Brasil, a televisão esteve associada a privilégio de classe é demonstrado por meio de um tipo de ordenação: a enumeração de fatos.

( ) sobressai, no fragmento, a especificação de conceitos, já que o autor define a TV como um meio de comunicação demasiadamente popular.

- Texto para a questão **21**.

A VIDA MODERNA OFERECE TV DIGITAL, CELULAR, *INTERNET* E O *JEEP GRAND CHEROKEE* PARA VOCÊ FUGIR DISSO TUDO

Jeep Grand Cherokee. A partir de R$55.400

O mundo tem lugares onde você pode viver emoções muito maiores do que ir e vir do trabalho. E o *Jeep Grand Cherokee* dá liberdade para você seguir qualquer trilha. Ele tem motor 4.0L *High Output*, tração Quadra-Trac® 4 x 4 permanente, duplo *air-bag*, freios a disco nas quatro rodas com ABS e suspensão '*Up Country*' para você chegar onde ninguém chegou. Além de câmbio automático e ar-condicionado para você chegar lá inteiro.

Jeep Grand Cherokee. A vida moderna em favor da vida de verdade.

Jeep®

Só Existe Um

Veja, 11/10/98.

21. (UFMT) Com base no texto acima, julgue os itens que seguem como verdadeiros ou falsos:

( ) A propaganda defende a ideia de que a tecnologia é insuficiente para o homem ser feliz na vida moderna.

( ) A tese que sustenta o texto é a de que a vida moderna propicia não só alta tecnologia como também possibilidades de se fugir dela.

( ) A expressão "onde ninguém chegou" pode significar sucesso profissional.

( ) Os argumentos utilizados para convencer o leitor se baseiam nos atrativos da vida moderna e não no objeto em si da propaganda.

( ) A palavra trilha refere-se unicamente a caminhos pouco percorridos.

Exercícios Propostos

- Leia a charge e interprete o diálogo dos personagens:

Jornal do Brasil, 5-6-1996.

01. (ITA) Leia o seguinte trecho com atenção:

Iniciamos a jornada, uma jornada sentimental, seguindo as regras estabelecidas. Os cavalos pisavam tão macio, tão macio que parecia estarem calçados de sapatilhas. A rigor não pisavam. Faziam cafuné com as patas delicadas ao longo do caminho.

OLIVEIRA, Raymundo Farias de. *Na madrugada do silêncio,* Linguagem Viva, no 142. São Paulo, jun. 2001, p. 2.

O confronto das frases "Os cavalos pisavam" e "A rigor não pisavam" concretiza:

A) um desmentido.
B) uma indecisão.
C) uma ironia.
D) uma contradição.
E) um reforço.

- As questões **02** e **03** dizem respeito ao seguinte aforismo de Millôr Fernandes:

Beber é mal, mas é muito bom.

FERNANDES, Millôr. Mais! *Folha de São Paulo*, 5 ago. 2001, p. 28.

02. A palavra "mal", no caso específico da frase de Millôr, é:

A) adjetivo.
B) advérbio.
C) substantivo.
D) pronome.
E) preposição.

03. O efeito de sentido da frase de Millôr Fernandes deve-se a uma relação de:

A) causa.
B) semelhança.
C) antecedência.
D) concessão.
E) consequência.

- Texto para a questão **04**. (Uece/2002.2)

ROMANCE XXIV OU DA BANDEIRA DA INCONFIDÊNCIA

(.....)
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
E diz o Vigário ao Poeta:
"Escreva-me aquela letra
do versinho de Vergílio..."
e dá-lhe o papel e a pena.
E diz o Poeta ao Vigário,
com dramática prudência:
"Tenha meus dedos cortados,
antes que tal verso escrevam..."
LIBERDADE AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
já são réus - pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja.)
(.....)
Liberdade – essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!
E a vizinhança não dorme:
murmura, imagina, inventa.
Não fica bandeira escrita,
mas fica escrita a sentença.

Cecília Meireles

04. O poema apresenta dois espaços: o que está "Atrás de portas fechadas" e o que está além dessas portas. Esses espaços são, respectivamente, o espaço:

A) do medo e da coragem.
B) da prudência e da imprudência.
C) da impotência e da potência.
D) da insubmissão e da submissão.

- Leia este trecho do poema "Evocação do Recife":

Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada

Manuel Bandeira. *Antologia poética.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.

05. Ao empregar a oração "macaquear a sintaxe lusíada" o poeta emprega uma figura. Que opção revela essa figura de linguagem?
A) Metáfora.
B) Prosopopeia.
C) Ironia.
D) Eufemismo.
E) Sinestesia.

06. No primeiro verso, é possível detectar uma transgressão à norma. Em que consiste essa transgressão?
A) No emprego do tempo verbal.
B) A regência do verbo lembrar.
C) O uso do pronome indefinido de forma incorreta.
D) A colocação pronominal.
E) O verbo está grafado de modo incorreto.

07. Leia a passagem do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
"Macunaíma aproveitava a espera se aperfeiçoando nas duas *línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito."*
Analise as assertivas a respeito do fragmento:

I. Mário de Andrade ironiza o fato de, no Brasil, as pessoas falarem de maneira livre e espontânea e escreverem de maneira mais formal;
II. O texto revela a consciência do poeta em relação às linguagens utilizadas no Brasil;
III. O fragmento nega de forma contundente a existência de "duas línguas" no país.

Está **correta** a opção:
A) Apenas I.
B) Somente II.
C) III é a única correta.
D) I e III estão corretas.
E) I e II são verdadeiras.

08. Observe a tirinha.

Assinale a opção que analisa **corretamente** a tirinha.
A) A personagem domina a língua falada, mas não a escrita, uma vez que o bilhete é totalmente confuso.
B) A personagem domina a língua escrita e não a falada, uma vez que o bilhete está bem escrito.
C) A personagem não domina a língua escrita nem a falada.
D) O texto revela que a personagem é analfabeta.
E) O teor do texto conduz o leitor à conclusão de que a personagem é culta.

- Texto para questão **09**.

PRAÇA

A manhã me afoga,
iluminada
com seu cardume
de ruídos
Violento
o sol abre
as comportas do azul.
As coisas avançam
sobre mim
penetram dentro dos olhos,
amedrontam-me:
– o vermelho eriçado
dos cartazes.
Ah, estar aqui,
às dez e meia da manhã,
na praça José de Alencar
A meu lado
um mendigo cata
sobre a calçada
a queixa sonante
das moedas.

Adriano Espínola

09. Observe os fragmentos:
I. "As comportas **do** azul.";
II. "As coisas avançam **sobre** mim.";
III. "**Na** praça José de Alencar.";
IV. "O vermelho eriçado **dos** cartazes."

As preposições, nos fragmentos, estabelecem relações de significado **corretamente** expressas na opção:
A) I – lugar; II – direção; III – lugar; IV – lugar.
B) I – direção; II – posse; III – matéria; IV – lugar.
C) I – posse; II – lugar; III – lugar; IV – direção.
D) I – matéria; II – direção; III – lugar; IV – matéria.
E) I – posse; II – direção; III – lugar; IV – posse.

- Texto para as questões de **10** a **12**.

Observe o fragmento:

O que se obtém à margem
(nem maior nem melhor)
e que basta para supor felizes os infelizes.
(riqueza
uma violência – que os outros condenam poder
uma obsessão – que os outros rejeitam fama
uma impostura – que os outros desprezam saber
um privilégio – que os outros ignoram)
isso tudo
ao lado do que falta e o neutraliza.
Pois tudo isso são os outros.
A questão é o eu.
É necessário ser feliz. É necessário amar.
Mas, para tanto, tem-se que amar a si próprio
antes.

LYRA, Pedro. *Desafio – Uma poética de amor*

Observe os versos:
"... que os outros condenam"
"... que os outros rejeitam"
"... que os outros desprezam"

10. Com relação ao relativo **que**:
I. Há ambiguidade no emprego dos relativos;
II. Os relativos **que** nas orações retomam o predicativo do sujeito da oração anterior e assume as mesmas funções, no caso do predicativo do sujeito;
III. Podem ser considerados conectivos de configuração anafórica;
IV. Introduzem orações adjetivas e assumem função sintática de objeto direto;
V. São conectivos de configuração catafórica.

Está **correta** a opção:
A) Todas as alternativas estão corretas.
B) Apenas I está correta.
C) Somente II e III estão corretas.
D) III e IV estão corretas.
E) Apenas V é a afirmação correta.

11. No verso "É necessário ser feliz. É necessário amar / Mas, para tanto, tem-se que amar a si próprio"
Analise as seguintes situações:
I. O texto apresenta orações reduzidas com função de sujeito;
II. O emprego da oração adversativa aponta uma condição em relação ao significado da oração anterior;
III. O termo **que** do último verso evidencia um sentido preposicional;
IV. O **se** indica, no texto, a indeterminação do sujeito. Essse aspecto evidencia um dado universal a essa condição exposta na oração adversativa.

A) Todas as afirmações estão **corretas**.
B) Apenas I está correta.
C) Somente II está correta.
D) I e II são as únicas corretas.
E) III e IV são as afirmações corretas.

12. Nos versos:
"Pois tudo isso são os outros.
A questão é o eu"

o poeta:
A) comete uma transgressão à norma culta.
B) houve no fragmento um desvio permitido na linguagem literária.
C) a aparente transgressão à norma culta se evidencia pelo emprego do hipérbato.
D) a forma correta do primeiro verso seria: "Pois tudo isso é os outros."
E) a estrutura dos versos nos remete à poesia árcade.

13. Em "... mirando sempre com os olhos cheios de espanto a **lida** dos **heróis desconhecidos**, cuja história é escrita, com a linguagem **do amor**, na toalha viva das águas...", as palavras destacadas classificam-se, respectivamente, como:
A) substantivo – substantivo – adjetivo – loc. adjetiva.
B) substantivo – adjetivo – adjetivo – loc. adjetiva.
C) verbo – adjetivo – verbo – loc. adjetiva.
D) verbo – substantivo – verbo – loc. adverbial.
E) substantivo – adjetivo – verbo – loc. adverbial.

14. Em "Direi **umas** boas verdades **a ele**", as palavras destacadas classificam-se como:
A) artigo indefinido e pronome pessoal reto.
B) artigo indefinido e pronome oblíquo tônico.
C) numeral adjetivo e pronome pessoal reto.
D) numeral adjetivo e pronome oblíquo tônico.
E) artigo indefinido e pronome adjetivo.

15. Em "As pessoas **bonitas** dizem que os **feios** são **infelizes**, as palavras destacadas classificam-se, morfologicamente, como:
A) adjetivo – adjetivo – adjetivo.
B) substantivo – substantivo – substantivo.
C) adjetivo – substantivo – adjetivo.
D) substantivo – substantivo – adjetivo.
E) adjetivo – substantivo – substantivo.

16. Em qual das alternativas a palavra **que** classifica-se, morfologicamente, como pronome relativo em todos os casos?
A) Queria **que** vocês participassem das aulas e **que** conseguissem boas notas.
B) O automóvel **que** vendi é velho, mas o **que** comprei é novo.
C) Gostaria de **que** vocês alcançassem a posição privilegiada que eles alcançaram.
D) Venha rápido, **que** eu tenho a pressa dos **que** habitam os grandes centros.
E) **A** e **B** estão corretas.

Texto

HERANÇA

— Vamos brincar de Brasil?
Mas sou eu quem manda
Quero morar numa casa grande
... Começou desse jeito a nossa história.
5 Negro fez papel de sombra.
E foram chegando soldados e frades
Trouxeram as leis e os Dez-Mandamentos
Jabuti perguntou:
"— Ora é só isso?"
10 Depois vieram as mulheres do próximo
Vieram imigrantes com alma a retalho
Brasil subiu até o 10º andar
Litoral riu com os motores
Subúrbio confraternizou com a cidade
15 Negro coçou piano e fez música
Vira-bosta mudou de vida
Maitacas se instalaram no alto dos galhos
No interior o Brasil continua desconfiado
A serra morde as carretas
20 Povo puxa **bendito** pra vir chuva
Nas estradas vazias
Cruzes sem nome marcam casos de morte
As vinganças continuam
Famílias se entredevoram nas tocaias
25 Há noites de reza e cata-piolho
Nas bandas do cemitério
Cachorro magro sem dono uiva sozinho
De vez em quando a mula sem cabeça sobe a serra
ver o Brasil como vai

Raul Bopp

17. No poema "Herança":
A) revelam-se as influências dos povos que deram origem ao brasileiro.
B) superestima-se a voz do colonizador português.
C) minimiza-se a importância do negro na formação do povo brasileiro.
D) subestima-se a influência do índio em nossa cultura.

18. Considerando-se as formas verbais empregadas no poema, constata-se que o pretérito perfeito dialoga com o presente, de modo a permitir a divisão do texto em duas partes: a primeira parte, do verso 1 ao 17, e a segunda, do verso 18 ao 31. Sobre essas duas partes, podemos afirmar:

A) a primeira retrata a realidade brasileira do tempo da colonização; a segunda, os primeiros anos do século XX.
B) a primeira sugere o processo de formação da cultura brasileira; a segunda, a manifestação, no presente, de valores do passado.
C) a primeira enfoca o passado numa perspectiva da história; a segunda, o presente em contradição com o passado.
D) a primeira focaliza o legado cultural herdado pelo povo brasileiro; a segunda, as marcas de um passado esquecido.

19. A articulação das duas partes do texto é feita, principalmente, pelo (a):
A) notação de lugar, **no interior** (verso 18).
B) significação da forma verbal **continua** (verso 19).
C) substantivo **Brasil** (verso 19).
D) uso da quadra, que repete o formato da estrofe inicial.

20. O cotejo das duas partes do texto sugere-nos, como ideia(s) básica(s) do poema:
I. a diversidade cultural brasileira;
II. a precariedade da cultura brasileira;
III. a permanência da tradição na cultura brasileira.

É **correto** o que se afirma:
A) apenas em I.
B) apenas em III.
C) em I e II.
D) em I e III.

GABARITO

01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
E	A	D	D	C	D	E	A	E	D
11	**12**	**13**	**14**	**15**	**16**	**17**	**18**	**19**	**20**
A	C	A	B	C	B	A	B	B	D

Classes Gramaticais e Semântica

Hiponímia

Entre vocábulos de uma língua, é a relação que se estabelece com base na maior especificidade do significado de um deles, ou seja, palavra cujo significado está englobado no de outra.

- **Mesa** está numa relação de hiponímia com **móvel**.
- **Cavalo** está numa relação de hiponímia com **animal**.

Hiperonímia

Entre vocábulos de uma língua, é a relação que se estabelece com base na menor especificidade do significado de um deles.

- **Móvel** está numa relação de hiperonímia com **mesa**.
- **Animal** está numa relação de hiperonímia com **cavalo**.

Paronímia

Diz-se das palavras que têm som semelhante ao de outras.

Descrição / Discrição
Onicolor / Unicolor
Vultoso / Vultuoso

Antonímia

Caráter das palavras antônimas.

Sinonímia

Fato linguístico que se caracteriza pela existência de palavras sinônimas.

Metonímia

Associação de termos e ideias relacionados que provoca, às vezes, a substituição de um termo por outro.

- Não ter **um teto** onde morar me incomoda.
  ↓
  Casa

- Ele não vale um **níquel**
  ↓
  Moeda

- Geralmente ele fuma um **havana**
  ↓
  charuto fabricado em Havana

Homônimos

São vocábulos que têm a mesma pronúncia e grafia, mas significados diferentes.

são (v. ser)
são (= sadio)
são (= santo)

Parônimos

São vocábulos que têm certa semelhança na pronúncia, mas significados distintos.

apoio (subst.)
apoio (verbo)
tráfego (trânsito)
tráfico (negócio)

Conceito de classe gramatical

No romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, a personagem central (Brás Cubas) narra suas memórias depois de morta. O trecho abaixo foi extraído desse livro.

"[...] eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço..."

Vamos considerar as duas expressões destacadas:

I. autor defunto.
II. defunto autor.

Observação:
Como a inversão da ordem das duas palavras originou sentidos completamente diferentes:

I. autor defunto (autor (o escritor) que morreu).
- **autor**: empregada para denominar um ser.
- **defunto**: empregada para atribuir uma característica ao ser.

II. defunto autor (um defunto que escreve)
- **defunto**: palavra que tem por finalidade denominar um ser.
- **autor**: palavra que tem por finalidade exprimir uma característica do ser.

Ou seja, em I e II, as palavras **autor** e **defunto** foram empregadas com finalidades diferentes. Dizemos, por isso, que elas pertencem a classes gramaticais diferentes.

- **Classe gramatical** – conjunto formado por todas as palavras que têm a mesma finalidade.

Existem, em português, dez diferentes tipos de palavras, ou seja, dez classes gramaticais, conforme mostra o quadro seguinte.

Classe gramatical	Finalidade básica	Exemplos	
Substantivo	Nomeia os seres.	O **aluno** leu este **texto**.	Variáveis
Adjetivo	Qualifica os seres.	O **novo** aluno é **brincalhão**.	Variáveis
Artigo	Acompanha o substantivo para determiná-lo de modo exato (definido) ou vago (indefinido).	**O** aluno leu **o** texto. **Um** aluno leu **um** texto.	Variáveis
Numeral	Indica quantidades.	Ganhamos **três** prêmios.	Variáveis
Pronome	Substituir ou acompanhar o substantivo. (Pronome substantivo pronome adjetivo)	Pedro, eu **te** ajudei. (te substitui Pedro). O aluno leu **este** texto. (este acompanha texto).	Variáveis
Verbo	Indicar: ação, estado, fenômeno.	O aluno **leu** o texto. A noite **está** fria. **Amanhecia** lentamente.	Variáveis
Advérbio	Modificar o verbo, indicando circunstância (modo, tempo, lugar, negação etc.)	**Agora** vivo **calmamente**. Tempo modo	Invariáveis
Preposição	Ligar palavras.	Todos confiam **em** você.	Invariáveis
Conjunção	Ligar orações	Ela sabe **que** irei lá.	Invariáveis
Interjeição	Exprimir emoções e sentimentos súbitos.	**Ah**! Você não vai à festa?	Invariáveis

Exercícios de Fixação

Texto I

A MARIA LIONÇA

Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo.

Um talefe encardido pelo tempo, mas de sólido granito. Com o céu a servir-lhe de telhado e debruçada sobre o Varosa, que corre ao fundo, no abismo, quem quiser tomar-lhe o bafo tem de subir por um carreiro torto, a pique, cavado na fraga, polido anos a fio pelos socos do Preguiças, o moleiro, e pelas ferraduras do macho que leva pela arreata. Duas horas de penitência.

Lá, é uma rua comprida, de casas com craveiros à janela, duas quelhas menos alegres, o largo, o cruzeiro, a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha. O berço digno da Maria Lionça.

Fala-se nela e paira logo no ar um respeito silencioso, uma emoção contida, como quando se ouve tocar a Senhor fora. E nem ler sabia! Bens – os seus dons naturais. Mais nada. Nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre, e os que, por parentesco ou mais chegada convivência, lhe herdaram o pouco bragal, bem sabiam que a grandeza da herança estava apenas no íntimo sentido desses panos. Na recatada alvura que traziam da arca e na regularidade dos fios do linho de que eram feitos, vinha a riqueza duma existência que ia ser a legenda de Galafura.

Miguel Torga

01. Observe o quadro.

I.	• O termo **lhe** com valor de pronome possessivo.	Exemplo: "(...) quem quiser tomar-lhe o bafo tem de subir por um carreiro torto..."
II.	• O termo **se** indeterminando o sujeito.	Exemplo: "Fala-se nela e paira logo no ar um respeito silencioso, uma emoção contida..."
III.	• O termo **se** estabelecendo relação de posse entre dois termos.	Exemplo: "Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo."
IV.	• Gradação.	Exemplo: "Na recatada alvura que traziam da arca e na regularidade dos fios do linho de que eram feitos..."
V.	• O termo **que** com valor de conjunção integrante.	Exemplo: "na recatada alvura que traziam da arca e na regularidade dos fios de linho..."

A relação **correta** entre as afirmações e os exemplos está estabelecida na opção:

A) I e II estão corretas.
B) Somente III e IV estão corretas.
C) Apenas II e V estão corretas.
D) Somente IV e V estão corretas.
E) Todas as relações estão corretas.

02. Aponte o grupo de palavras que revelam hiponímia.

A) Encardido – tempo.
B) Janela – casa.
C) Viveu – morreu.
D) Galafura – casa.
E) Macho – ferraduras.

- Texto para as questões **03** e **04**.

(UFRS)

Pais e adultos, em geral, são incompetentes para entender o que vai pela cabeça das crianças; estas, por sua vez, são incapazes de detectar o que se esconde sob os gestos e as frases dos mais velhos. Na zona cinzenta que reúne essas duas conhecidas limitações, reside o objeto de "Quarto de Menina", estreia literária da psicanalista carioca Lívia Garcia Roza.

Luciana, oito anos, filha única de pais separados, é inteligente, sapeca, sem papas na língua e mora com o pai, intelectual pacato, caladão, professor de filosofia. É ela a narradora do livro. Ao longo de 180 páginas, relata o seu cotidiano que se limita, aqui, ao próprio quarto, à biblioteca do pai, à sala e à casa da mãe. [...]

Apesar disso, não se trata de uma obra para crianças.

A construção híbrida da narrativa descarta episódios mais banais ou preocupações que seriam em tese mais comuns às crianças, dando destaque para os diálogos, seja entre Luciana e os pais, seja entre a garota e suas bonecas.

No primeiro caso, Luciana frequentemente não entende certas insinuações dos pais, enquanto estes ficam perplexos diante de reações ou perguntas da filha. Já nas "conversas" com seus amigos de quarto, a narradora expõe seu estranhamento, desabafa, chora, faz planos e, ao mesmo tempo, revela indireta e inconscientemente a dificuldade de captar o significado dos eventos que ela mesma narra, significado que nós, eleitores presumivelmente maduros, enxergamos logo de cara.

Nessa capacidade de explicar ao mesmo tempo uma história e não compreensão dessa mesma história pelo seu próprio narrador, aí está um dos pontos mais interessantes de "Quarto de Menina". [...]

Ajzenberg B. A. Abissal. *Normalidade do cotidiano,* Folha de São Paulo, 15.10.95, p. 5-11

03. As expressões a seguir poderiam substituir a expressão 'Apesar disso' (no início do terceiro parágrafo) sem causar alteração essencial no significado da frase, à **excessão** de:

A) Contudo. B) No entanto.
C) Todavia. D) Portanto.
E) Entretanto.

04. Considere as seguintes propostas de substituições de expressões do texto.

I. Substituir a palavra 'O' (ref. 4) por 'aquilo';
II. Substituir a expressão 'o que' (ref. 5) por 'o qual';
III. Substituir a palavra 'que' (ref. 6) por 'o qual'.

Quais delas poderiam ser realizadas sem acarretar erro?

A) Apenas I. B) Apenas II.
C) Apenas III. D) Apenas I e III.
E) I, II e III.

- Texto para as questões **05** a **07**.

(Uece)

PARA QUEM QUER APRENDER A GOSTAR

1 "Talvez seja tão simples, tolo e natural que você nunca tenha parado para pensar: aprenda a fazer bonito o seu amor.

Ou fazer o seu amor ser ou ficar bonito. Aprenda, apenas, a tão difícil arte de amar bonito. Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender.

2 Tenho visto muito amor por aí. Amores mesmo, bravios, gigantescos, descomunais, profundos, sinceros, cheios de entrega, doação e dádiva. Mas esbarram na dificuldade de se tornar bonitos. Apenas isso: bonitos, belos ou embelezados tratados com carinho, cuidado e atenção. Amores levados com arte e ternura de mãos jardineiras.

3 Aí esses amores que são verdadeiros, eternos e descomunais de repente se percebem ameaçados apenas e tão somente porque não sabem ser bonitos; cobram, exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de compreender, necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões. Sim, de razões. Ter razão é o maior perigo do amor. Quem tem razão sempre se sente no direito (e o tem) de reivindicar, de exigir justiça, equidade, equiparação, sem atinar que o que está sem razão talvez passe por um momento de sua vida no qual não possa ter razão.

Nem queira. Ter razão é um perigo: em geral, enfeia o amor, pois é invocado com justiça, mas na hora errada. Amar bonito é saber a hora de ter razão.

4 Ponha a mão na consciência. Você tem certeza de que está fazendo o seu amor bonito? De que está tirando do gesto, da ação, da reação, do olhar, da saudade, da alegria do encontro, da dor do desencontro a maior beleza possível? Talvez não.

Cheio ou cheia de razões, você espera do amor apenas aquilo que é exigido por suas partes necessitadas, quando talvez dele devesse pouco esperar, para valorizar melhor tudo de bom que de vez em quando ele pode trazer.

Quem espera mais do que isso sofre, e sofrendo deixa de amar bonito. Sofrendo, deixa de ser alegre, igual, irmão, criança. E sem soltar a criança, nenhum amor é bonito.

5 Não tema o romantismo. Derrube as cercas da opinião alheia. Faça coroas de margaridas e enfeite a cabeça de quem você ama. Saia cantando e olhe alegre. Recomendam-se: encabulamentos, ser pego em flagrante gostando; não se cansar de olhar, e olhar; não atrapalhar a convivência com teorizações; adiar sempre, se possível com beijos, 'aquela conversa importante que precisamos ter'; arquivar, se possível, as reclamações pela pouca atenção recebida. Para quem ama, toda atenção é sempre pouca. Quem ama feio não sabe que pouca atenção pode ser toda a atenção possível. Quem ama bonito não gasta o tempo dessa atenção cobrando a que deixou de ter.

6 Não teorize sobre o amor (deixe isso para nós, pobres escritores que vemos a vida como a criança de nariz encostado na vitrina cheia de brinquedos dos nossos sonhos); não teorize sobre o amor; ame. Siga o destino dos sentimentos aqui e agora.

7 Não tenha medo exatamente de tudo o que você teme, como: a sinceridade; não dar certo; depois vir a sofrer (sofrerá de qualquer jeito); abrir o coração; contar a verdade do tamanho do amor que sente.

8 Jogue pro alto todas as jogadas, estratagemas, golpes, espertezas, atitudes sabidamente eficazes (não é sábio ser sabido): seja apenas você no auge de sua emoção e carência, exatamente aquele você que a vida impede de ser. Seja você cantando desafinado, mas todas as manhãs. Falando besteiras, mas criando sempre. Gaguejando flores. Sentindo o coração bater como no tempo do Natal infantil. Revivendo os carinhos que intuiu em criança. Sem medo de dizer eu quero, eu gosto, eu estou com vontade.

9 Talvez aí você consiga fazer o seu amor bonito, ou fazer bonito o seu amor, ou bonitar fazendo o seu amor, ou amar fazendo o seu amor bonito (a ordem das frases não altera o produto), sempre que ele seja a mais verdadeira expressão de tudo o que você é, e nunca: deixaram, conseguiu, soube, pôde, foi possivel, ser.

10 Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto. Não se preocupe mais com ele e suas definições. Cuide agora da forma. Cuide da voz. Cuide da fala. Cuide do cuidado. Cuide do carinho. Cuide de você. Ame-se o suficiente para ser capaz de gostar do amor e só assim pode começar a tentar fazer o outro feliz."

TÁVOLA, Arthur da. Para quem quer aprender a amar. In. COSTA, Dirce Maura Lucchetti et al. *Estudo de texto*: estrutura, mensagem, recriação. Rio: DIMAC, 1987. p. 25-6.

05. Pertencem à mesma área semântica as palavras:

A) "simples, tolo, natural" parágrafo 1.
B) "descomunais, profundos, sinceros", parágrafo 2.
C) "entrega, doação, dádiva", parágrafo 2.
D) "cobram, exigem, rotinizam", parágrafo 3.

06. Sobre, parágrafo 6, pode ser substituído por:

A) acerca de.
B) a cerca de.
C) há cerca de.
D) por meio de.

07. Conforme o contexto, está classificada **corretamente** a palavra:

A) "olhar", parágrafo 4: verbo.

B) "pouca", parágrafo 5: advérbio.

C) "você", parágrafo 8: substantivo.

D) "suficiente", parágrafo 10: adjetivo.

- Texto para as questões de **08** a **10**.

UM MERGULHO NO BRASIL

Manaus

Às duas da tarde do verão de 1984, no meio de um longo engarrafamento no centro da cidade, o motorista apontou para o carro à frente, e perguntou: 'O senhor sabe por que aquele Volks está com todos os vidros fechados?' Antes que eu dissesse não, ele respondeu: 'Para que todos pensem que tem **ar-condicionado**.'

Como aquele motorista, os demais brasileiros sacrificam demais o conforto possível, para dar a impressão de dispor dos instrumentos do conforto.

Aquele encontro, no meio de engarrafamento, permitiu um conhecimento maior da realidade brasileira do que quadros estatísticos e formulações teóricas da economia. Tomar contato com aquela realidade foi como mergulhar no âmago da lógica da economia brasileira. Um mergulho no Brasil que, para descrever e entender o país, deve começar pelo entendimento da alma do conjunto de sua população. Tem que ser um mergulho na lógica que faz o Brasil mover-se. Não pode-se limitar a ver o Brasil. **Tem que entender** como o Brasil vê o Brasil. Como o homem dentro de um carro fechado, no calor sem ar-condicionado, vê a si mesmo, graças ao fato de **se ver pelos olhos dos outros**. Como gostaria que os outros o vissem: como o confortado dono de um carro com ar-condicionado. Pervertendo o processo econômico. Fazendo do ar que deveria ser usado para dominar o calor da tarde o símbolo do poder de não sentir calor. Mesmo que às custas de sofrer um calor maior.

Aquele comportamento era similar ao de toda a população brasileira que, em território tropical, se submete a uma economia desadaptada a suas necessidades, incompatível com seus recursos, desvinculada de sua cultura, com a finalidade de dar ao mundo a impressão de riqueza.

Não apenas os consumidores se comportam como gostariam de ser vistos. Os cientistas sociais que tentam mergulhar na realidade brasileira produzem teorias conforme imaginam que seus colegas desejam. Prendem-se a modelos já preparados, usam linguagens especiais, para que os outros pensem que eles têm o **ar-condicionado** do saber academicamente oficial. Mesmo quando se atrevem a desnudar o real, denunciar que o carro não tem ar-condicionado e estamos todos morrendo de calor, os cientistas tendem a não expor as ideias que pareçam romper com o comodismo teórico do consumismo de escolas estabelecidas.

Temem abrir as janelas e demonstrar a todos a incompetência de formulações, teorias e linguagens pouco acuradas. Sobretudo, quando, além de dúvidas, eles não têm teorias alternativas.

Mas um **mergulho** no caos da consciência coletiva brasileira dificilmente se faz se usarmos o **escafandro** das teorias formuladas para explicar, como se tivessem lógica, o caos e a irracionalidade.

A realidade de um motorista suando para dar a impressão de que não sente calor não pode ser explicada buscando uma lógica no seu comportamento, mas sim mostrando que por trás deste há uma loucura geral. A teoria econômica diria que o consumidor obtém, com o carro e as **janelas fechadas**, um nível de satisfação maior do que o grau de conforto das **janelas abertas**.

A inconsequência não é apenas do consumidor. A teoria que se diz científica, trabalhando na inconsequência, influi na divulgação e na legitimação do absurdo.

Mergulhar na realidade do país exige um mergulho nas teorias que mais fortemente vêm influenciando a consciência dos brasileiros. **Para tanto** é preciso desvencilhar-se dos preconceitos, tentando usar o sentimento, arriscando incoerências, aventurando-se, como em qualquer **mergulho**.

É preciso explicar por que os brasileiros fecham os vidros do país, para dar a impressão do bem-estar do progresso."

BUARQUE, Cristovam. *A desordem do progresso.* 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993. p. 5-6.

08. (UFBA) O texto sugere que "um mergulho no Brasil":

( ) revelaria a distorção das teorias dos sociólogos, construídas em torno de questões ultrapassadas, o que constituiria entrave cultural.

( ) desvendaria submissão a comportamentos sociais padronizados, a partir de valores desvinculados das reais necessidades do indivíduo.

( ) traria à tona subsídios para uma insurreição do povo brasileiro contra teorias sociais acadêmicas em prática na sociedade atual.

( ) implicaria uma avaliação de como o brasileiro age e de como ele se autoavalia, no sentido de apreender a lógica que rege suas ações.

( ) denunciaria o artificialismo das teorias utilizadas pelos cientistas sociais por vaidade intelectual e busca de prestígio acadêmico.

( ) evidenciaria a necessidade de se promover a reabilitação das profissões diretamente relacionadas com o desenvolvimento socioeconômico e científico do país.

( ) subentenderia uma análise criteriosa dos fatores que contribuem para que se passe uma visão fantasiosa do país e dos seus habitantes.

09. (UFBA) O sentido do enunciado está devidamente apreendido em:

( ) "Para que todos pensem que tem ar-condicionado."
— A resposta do motorista demonstra seu ponto de vista preconceituoso, falso, a respeito do fato que então se comenta.

( ) "para dar a impressão de dispor dos intrumentos do conforto" e "para que os outros pensem que eles têm o ar-condicionado do saber academicamente oficial"
— Indicam que o objetivo do consumidor e do cientista social decorrem de pressões que os manipulam.

( ) "não sentir calor" e "sofrer um calor maior"
— As expressões estão usadas para enfatizar o contraste existente no comportamento do brasileiro.

( ) "Aquele comportamento era similar ao de toda a população brasileira que, em território tropical, se submete a uma economia desadaptada a suas necessidades, incompatível com seus recursos"
— O autor se fundamenta num fato para avaliar criticamente o comportamento do povo brasileiro no seu todo.

( ) "Mas um mergulho no caos da consciência coletiva brasileira dificilmente se faz se usamos o escafandro das teorias formuladas para explicar, como se tivessem lógica, o caos a irracionalidade."
— Isso quer dizer que o "caos e a irracionalidade" são uma consequência do ilogismo das teorias que se propõem interpretar a índole do povo brasileiro, com argumentos falseadores.

( ) "A teoria econômica diria que o consumidor obtém, com o carro e as janelas fechadas, um nível de satisfação maior que o grau de conforto das janelas abertas."
— Os economistas, dentro da ótica do consumismo, subestimam a aparência em favor da realidade.

( ) "É preciso explicar por que os brasileiros fecham os vidros do país, para dar a impressão do bem-estar do progresso."
— Isso significa que uma análise da identidade do povo brasileiro deve fundamentar-se, antes, no desvendamento dos fatores externos que a constroem.

10. (Mackenzie-SP) "A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam despenteados, e as lágrimas faziam-lhe encarquilhar os olhos."

Assinale a alternativa **correta** em relação ao fragmento acima.

A) Formosa e graça são, sintaticamente, predicativos do sujeito moça.

B) Na estrutura sintática predomina a subordinação.

C) A anteposição do adjetivo despenteados ao verbo alteraria o sentido da oração.

D) O pronome oblíquo refere-se a lágrimas.

E) O ponto e vírgula estabelece a relação de concessão entre as orações.

11. (PUC/Campinas-SP) A revista *Veja* anunciou-se a si mesma, utilizando a seguinte frase:

"Histórias muito mal contadas em reportagens muito bem escritas"

Está implícito, nesse anúncio, que a revista *Veja* se dispõe a:

A) corrigir a redação confusa de notícias publicadas em outros periódicos.

B) contornar as histórias mal contadas, por meio da clareza e da elegância do estilo.

C) denunciar, em estilo preciso, os vícios de linguagem que costumam prejudicar as reportagens.

D) criticar certas histórias que, por serem mal contadas, redundam em más reportagens.

E) analisar casos nebulosos e apresentá-los em matérias de redação clara e precisa.

Exercícios Propostos

- O texto a seguir servirá de base para as questões de **01** a **09**.

PELAS NARINAS

Intervalo de aula em escola pública de Antonina (PR): a molecada, barriga vazia, faz fila para pegar a merenda. Um funcionário do colégio, então, saca um frasco de perfume do bolso, manda uma borrifada num garoto e fala: "Hoje é Ralph Lauren, hein. Quero ver todo mundo cheiroso." A molecada corre, pula, rola no chão, faz aquela algazarra tradicional do intervalo, mas volta perfumada para a sala de aula. Os professores têm adorado.

Em Antonina, é assim, pensa o quê? Segunda-feira, na merenda, em lugar do caldinho, perfume Calvin Klein, Terça, Christian Dior. Quarta, Dolce & Gabanna. Quinta, Gianni Versace. Sexta, Hugo Boss. Tudo porque Ironaldo Pereira de Deus, ex-prefeito da cidade, gastou o dinheiro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), reservado à merenda, na contratação de uma empresa que vende perfumes e cosméticos. Bonito. Tá certíssimo. Chega de fazer feio nas grandes avaliações mundiais de educação! Nossos estudantes podem não saber tabuada do dois, mas nem os franceses são mais cheirosos. Sem falar que é coerente, num país que trata educação como perfumaria.

Ironaldo, esse visionário do ensino, é um dos expoentes do que há de mais moderno na educação brasileira: a pedagogia da ausência. Inspirados nas ideias defendidas pelo jornalista Gilberto Dimenstein, de que o mundo todo, e não só a escola, é um ambiente de aprendizado, nossos governantes confundiram um pouco as coisas e deram um passo à frente (ou atrás), sumindo com a própria escola.

Sentindo, lá de Brasília, o agradável cheiro de perfume francês, o Tribunal de Contas da União (TCU) descobre, toda semana, irregularidades no uso das verbas do FNDE pelo país. Para grande surpresa de todos nós, claro, que nunca desconfiamos de que esse tipo de coisa acontecesse. Ainda bem que não fede.

Paulo R. Freire. *Educação.* São Paulo: Segmento, ano 28, n. 252, p. 13, abr. 2002.

Observação:
Ralph Lauren, Calvin Klein, Christian Dior, Dolce & Gabanna, Gianni Versace e Hugo Boss são grifes estrangeiras (famosas e internacionais) de perfume.

01. O texto, por suas características, pode ser classificado como:
A) um artigo.
B) uma crônica.
C) um conto.
D) uma notícia.

02. O objetivo principal do texto é:
A) informar, de modo preciso, sobre o descaso com que se trata a educação no país.
B) criticar, de forma sarcástica, o descaso com que se trata a educação no país.
C) convencer os leitores de que há um descaso no trato da educação no país.
D) fazer os leitores rirem do descaso no trato da educação no país.

03. Considere o trecho.
"Nossos estudantes podem não saber tabuada do dois, mas nem os franceses são mais cheirosos. Sem falar que é coerente, num país que trata educação como perfumaria." (linhas 20 a 23)
A frase em destaque revela:
A) uma ironia, reforçando a ideia defendida na frase anterior.
B) uma ironia, contradizendo a ideia defendida na frase anterior.
C) uma explicação, reforçando a ideia defendida na frase anterior.
D) uma explicação, contradizendo a ideia defendida na frase anterior.

04. No primeiro parágrafo do texto, predomina:
A) descrição de cena rotineira.
B) descrição de pessoas simples.
C) narração de um fato real.
D) narração de um fato fictício.

05. No trecho "Sentindo, lá de Brasília, o agradável cheiro de perfume francês, o Tribunal de Contas da União (TCU) descobre, toda semana, irregularidades no uso das verbas do FNDE pelo país" (linhas 32 a 35), o emprego conotativo da linguagem atribui ao TCU uma imagem de:
A) atuação repressora.
B) controle eventual.
C) vigilância constante.
D) intervenção eficaz.

06. Considere o trecho.
"[...] o Tribunal de Contas da União (TCU) descobre, toda semana, irregularidades no uso das verbas do FNDE pelo país. Para grande surpresa de todos nós, claro, que nunca desconfiamos de que esse tipo de coisa acontecesse. Ainda bem que não fede." (linhas 33 a 37)
A forma verbal em destaque encontra-se no singular por:
A) não apresentar sujeito.
B) não apresentar sujeito determinado.
C) concordar com o sujeito pronominal elíptico *ele*.
D) concordar com sujeito explicitado em período anterior.

07. Considere o trecho abaixo.
"[...] Segunda-feira [,] na merenda [,] em lugar do caldinho [,] perfume Calvin Klein [.] Terça [,] Christian Dior [.] Quarta [,] Dolce & Gabanna [.] Quinta [,] Gianni Versace [.] Sexta [,] Hugo Boss." (linhas 10 a 13)

No que se refere aos sinais de pontuação em destaque no trecho transcrito, é **correto** afirmar que:
A) nenhuma vírgula poderia ser substituída por travessão.
B) todas as vírgulas poderiam ser substituídas por dois-pontos.
C) todos os pontos poderiam ser substituídos por ponto e vírgula.
D) qualquer ponto poderia ser substituído por vírgula.

08. As expressões "todo mundo" (linha 06) e "o mundo todo" (linhas 27 e 28):
A) apresentam o mesmo núcleo.
B) desempenham a mesma função sintática.
C) retomam informações explicitadas anteriormente.
D) mantêm equivalência semântica entre si.

09. Considere o trecho.
"Inspirados nas ideias defendidas pelo jornalista Gilberto Dimenstein, <u>de que o mundo todo, e não só a escola, é um ambiente de aprendizado</u>, nossos governantes confundiram um pouco as coisas [...]" (linhas 26 a 30).
A oração sublinhada desempenha a mesma função sintática da oração destacada em:
A) Educadores têm certeza **de que a escola pública precisa de mudanças urgentes**.
B) Educadores desconfiam, conforme dizem os jornais, **de que houve desvio de verbas do FNDE**.
C) A educação, **de que o indivíduo necessita para seu crescimento pessoal**, nem sempre está ao alcance de todos.
D) A educação **de que se faz defesa veemente** deve ser pública e gratuita.

10. (ITA) Leia o seguinte trecho com atenção.
"Iniciamos a jornada, uma jornada sentimental, seguindo as regras estabelecidas. Os cavalos pisavam tão macio, tão macio que parecia estarem calçados de sapatilhas. A rigor não pisavam. Faziam cafuné com as patas delicadas ao longo do caminho."
OLIVEIRA, Raymundo Farias de. *Na madrugada do silêncio, Linguagem Viva*, nº 142. São Paulo: jun. 2001, p. 2.

O confronto das frases "Os cavalos pisavam" e "A rigor não pisavam" concretiza:
A) um desmentido.
B) uma indecisão.
C) uma ironia.
D) uma contradição.
E) um reforço.

- As questões **11** e **12** dizem respeito ao seguinte aforismo de Millôr Fernandes:

Beber é mal, mas é muito bom.

FERNANDES, Millôr. Mais*! Folha de São Paulo*, 5 ago. 2001, p. 28.

11. A palavra **mal**, no caso específico da frase de Millôr, é:
A) adjetivo.
B) advérbio.
C) substantivo.
D) pronome.
E) preposição.

12. O efeito de sentido da frase de Millôr Fernandes deve-se a uma relação de:
A) causa.
B) semelhança.
C) antecedência.
D) concessão.
E) consequência.

Texto

HERANÇA

– Vamos brincar de Brasil?
Mas sou eu quem manda
Quero morar numa casa grande

... Começou desse jeito a nossa história.
Negro fez papel de sombra.
E foram chegando soldados e frades
Trouxeram as leis e os Dez-Mandamentos
Jabuti perguntou:
"— Ora é só isso?"
Depois vieram as mulheres do próximo
Vieram imigrantes com alma a retalho
Brasil subiu até o 10º andar
Litoral riu com os motores
Subúrbio confraternizou com a cidade
Negro coçou piano e fez música
Vira-bosta mudou de vida
Maitacas se instalaram no alto dos galhos
No interior o Brasil continua desconfiado
A serra morde as carretas
Povo puxa **bendito** pra vir chuva
Nas estradas vazias
Cruzes sem nome marcam casos de morte
As vinganças continuam
Famílias se entredevoram nas tocaias
Há noites de reza e cata-piolho
Nas bandas do cemitério
Cachorro magro sem dono uiva sozinho
De vez em quando a mula sem cabeça sobe a serra
ver o Brasil como vai

Raul Bopp

13. No poema "Herança":
A) revelam-se as influências dos povos que deram origem ao brasileiro.
B) superestima-se a voz do colonizador português.
C) minimiza-se a importância do negro na formação do povo brasileiro.
D) subestima-se a influência do índio em nossa cultura.

14. Considerando-se as formas verbais empregadas no poema, constata-se que o pretérito perfeito dialoga com o presente, de modo a permitir a divisão do texto em duas partes: a primeira parte, do verso 1 ao 17, e a segunda, do verso 18 ao 29. Sobre essas duas partes, podemos afirmar que:
A) a primeira retrata a realidade brasileira do tempo da colonização; a segunda, os primeiros anos do século XX.
B) a primeira sugere o processo de formação da cultura brasileira; a segunda, a manifestação, no presente, de valores do passado.
C) a primeira enfoca o passado numa perspectiva da história; a segunda, o presente em contradição com o passado.
D) a primeira focaliza o legado cultural herdado pelo povo brasileiro; a segunda, as marcas de um passado esquecido.

15. A articulação das duas partes do texto é feita, principalmente, pelo (a):
A) notação de lugar, **no interior** (verso 18).
B) significação da forma verbal **continua** (verso18).
C) substantivo **Brasil** (verso 18).
D) uso da quadra, que repete o formato da estrofe inicial.

16. O cotejo das duas partes do texto sugere-nos, como ideia(s) básica(s) do poema:
I. a diversidade cultural brasileira;
II. a precariedade da cultura brasileira;
III. a permanência da tradição na cultura brasileira.
É **correto** o que se afirma:
A) apenas em I.
B) apenas em III.
C) em I e II.
D) em I e III.

Gabarito – Exercícios Propostos							
01	**02**	**03**	**04**	**05**	**06**	**07**	**08**
B	B	A	A	C	D	C	A
09	**10**	**11**	**12**	**13**	**14**	**15**	**16**
A	E	A	D	A	D	B	D

Anotações

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE FÍSICA - 2009
FARIAS BRITO
MELHOR DO BRASIL EM FÍSICA
COMPARATIVO ENTRE ESCOLAS BRASILEIRAS.
O MAIOR NÚMERO DE MEDALHAS DO BRASIL
ESCOLA | MEDALHAS
62
Escola B 32
Escola C 32
Escola D 25
O MAIOR NÚMERO DE MEDALHAS DE OURO DO BRASIL
ESCOLA | MEDALHAS
18
Escola B 09
Escola C 07
Escola D 07
O Farias Brito acaba de se consagrar como o maior campeão de física do Brasil. Nossa paixão por vencer tem garantido grandes resultados e vários primeiros lugares entre as principais escolas do país. Vitórias que são motivo de muito orgulho para professores, colaboradores, pais e, principalmente, nossos alunos.
www.fariasbrito.com.br
ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL
FARIAS BRITO
75 ANOS
Paixão por você. Paixão por vencer.

Estrutura e formação das palavras

Leia as tirinhas.

Níquel Náusea – Fernando Gonsales

Piratas do Tietê – Laerte

Observe que nos quadrinhos, há várias palavras destacadas. Essas palavras foram formadas por vários processos.
smack e *plim*: onomatopeia
gatinha: derivação sufixal
cd-solo: composição
gráfico: deviração sufixal
CD: sigla

As palavras apresentam, em sua estruturação, elementos que dão sentido a elas. Esses elementos são denominados **MORFEMAS**.

Leia o texto:

escola
pré-escola
escolinha
escolar
escolaridade
subescolarizadas
escolarização

Observando esse conjunto de palavras, percebemos que em todas há, pelo menos, um elemento comum entre si: a forma **escol**–. Além disso, percebemos que em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, **escola** e **pré-escola**: partindo de **escola**, formou-se **pré-escola** pelo acréscimo do elemento destacável **pré**–, que é capaz de transmitir o significado de "anterioridade".

Continuando esse trabalho de comparação entre as diversas palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

escol-a
pré-escol-a
escol-inh-a
escol-ar
escol-ar-i-dade
sub-escol-ar-iza-da-s
escol-ar-iza-ção

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de **morfemas**.

Tipos de morfema

Em uma palavra podem ser encontrados os seguintes morfemas (ou elementos mórficos):

Radical

É o elemento que contém o significado básico, principal da palavra:

Exemplo:

explic	ar		dúvid	a
explic	ável		duvid	osa
explic	**ável**	**in**	**dubit**	**ável**
explic	**ação**		**duvid**	**inha**
↑ radical			↑ radical	

Escol – a
Radical — Vogal temática

Pré – escol – a
Afixo - prefixo — Radical — Vogal temática

Observação:

1ª) O radical às vezes sofre pequenas alterações em sua forma, sem no entanto alterar seu significado. Exemplo: dúvida → indubitável.

2ª) Há palavras constituídas unicamente pelo radical. Exemplos: paz, flor.

3ª) As palavras formadas a partir de um mesmo radical são chamadas **cognatas**.

Afixos

São morfemas que se juntam a um radical para, a partir dele, formar novas palavras. Os afixos subdividem-se em:

- **Prefixos** – quando aparecem **antes** do radical.
- **Sufixos** – quando aparecem **depois** radical.

Exemplos:

in explic **ável** — prefixo, sufixo
re lembrar — prefixo
duvid **osa** — sufixo

Escol – inh – a

Radical | Afixo - sufixo | Vogal temática

Escol – ar

Radical | Sufixo

Desinências

São morfemas que se juntam ao final das palavras para indicar as flexões (= variações) que os **nomes** e os **verbos** podem apresentar.

Subdividem-se em dois tipos:

- **Desinências nominais** – marcam o **gênero** (masculino/feminino) e o **número** (singular/plural) das palavras que apresentam essas variações.

  Exemplo:

  alun **a** **s**
  - **a** → desinência nominal de gênero (feminino)
  - **s** → desinência nominal de número (plural)
  - alun → radical

- **Desinências verbais** – indicam, nas formas verbais, as seguintes variações:
  – **pessoa**: 1ª, 2ª, 3ª
  – **número**: singular, plural
  – **tempo**: presente, passado, futuro
  – **modo**: indicativo, subjuntivo, imperativo

  Exemplo:

  cant á **va** **mos**
  - **va** **mos** → desinência que indica simultaneamente: pessoa (1ª), número (plural)
  - cant → radical
  - á → desinência que indica simultaneamente: tempo (pretérito imperfeito), modo (indicativo)

- **Vogais temáticas verbais** – são vogais que se colocam entre o radical e as desinências.

  cant **á** va-mos
  - va-mos → desinências
  - cant → radical
  - á → vogal temática

As vogais temáticas têm dupla finalidade:

1ª) Preparar o radical para receber as desinências (note que, no exemplo, a junção direta da desinência ao radical criaria uma sequência de consoantes inexistente em português: "can**tv**amos").

2ª) Indicar a conjugação a que os verbos pertencem. Assim:

a – indica os verbos da 1ª conjugação (ex.: cant**a**r);

e – indica os verbos de 2ª conjugação (ex.: l**e**r);

i – indica os verbos de 3ª conjugação (ex.: part**i**r).

- **Vogais temáticas nominais** – são **a**, **e** e **o**, quando átonas finais, como em mes**a**, artist**a**, busc**a**; trist**e**, bas**e**, combat**e**; livr**o**, trib**o**, resum**o**. Nesses casos, não poderíamos pensar que estas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois mesa, livro e triste, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: carro-s, mesa-s, dente-s.

Observação:
Os nomes terminados em vogais tônicas (sofá, café, caqui, mandacaru, cipó, por exemplo) não apresentam vogal temática.

- **Vogal ou consoante de ligação** – são morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra:

Exemplo:
Escolaridade → temos um exemplo de vogal de ligação: o "– i –"

O – i – entre os sufixos **ar** e **dade** facilita a emissão vocal da palavra.

Outros exemplos:
gas**ô**metro / alv**i**negro
cafe**t**eira / cha**l**eira / trico**t**ar

Escol – ar – i – dade

Radical | Sufixo | Vogal de ligação | Sufixo

Palavras cognatas

Cognatas são palavras que mantêm uma relação de significado e provêm de uma mesma raiz, que se manteve inalterada desde a origem ou sofreu alterações.

As palavras cognatas constituem uma **família etimológica**, **família lexical** ou **família de palavras**.

Em **reger**, **regular**, **regra**, **régua**, por exemplo, temos uma família de palavras cuja raiz **reg**- apresenta as formas variantes **regr**- e **regu**-.

As palavras **definição**, **define** e **definidores** são **cognatas**.

(Revista Bravo)
* Mário Quintana

Observe como é grande a lista de palavras cognatas da palavra latina *anima* (= alma, espírito):

alma	animar	desanimar
animação	ânimo	equânime
animado	desalmado	exâmine
animador	desanimado	magnânimo
animal	desanimador	unânime

Processos de formação das palavras

Derivação

TIPO	EXEMPLO
Prefixal	Pós – graduação – Coordenação Desconectar – Insatisfeito
Sufixal	Universidade Horário Amável Clonagem
Prefixal e Sufixal	Desenvolvido Preocupado Transformações
Parassintética	Amanhecer Afrouxar Empacotado Subterrâneo

TIPO	EXEMPLO
Regressiva	Comprar – Compra Resgatar – Resgate Voar – Voo Atacar – Ataque
Imprópria	Nos quadros de Dalí residem o **belo** e o **enigmático**. O pai interrogava **sério** o porquê da atitude do filho.

Composição

TIPO	EXEMPLO
Por justaposição	Cavalo-marinho Paramédico Pé de atleta
Por aglutinação	Pontiagudo (ponte + agudo) Embora (em boa hora) Vinagre (vinho + acre)
Por erudição	Agricultura/democracia/ Pedagogia

Outros processos

TIPO	EXEMPLO
Hibridismo	Reportagem (inglês e latim) Sociologia (latim e grego) Sambódromo (africano e grego) Burocracia (francês e grego) Surfista (inglês e grego)
Onomatopeia	Tique-taque Zumzum Atchim Bum-bum
Redução ou abreviação	Metropolitano – metrô Videocassete – vídeo Pornográfico – pornô
Neologismo	O jovem "ficou" com uma garota. O texto foi dele "computado".
Sigla	PUC – Pontifícia Universidade Católica UFC – Universidade Federal do Ceará

O escritor criou a palavra quaquaracuac para reproduzir o som emitido pelos marrecos. Guimarães Rosa utilizou aí uma **onomatopeia**.

DIK BROWNE

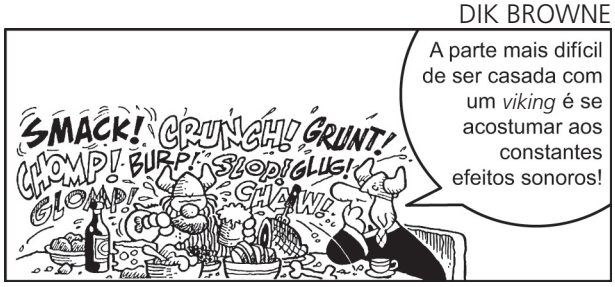

Folha de São Paulo, 14/11/95

Semântica

Hiponímia

Entre vocábulos de uma língua, relação que se estabelece com base na maior especificidade do significado de um deles, ou seja, palavra cujo significado está englobado no de outra.

Exs.:
Mesa está numa relação de hiponímia com móvel.
Cavalo está numa relação de hiponímia com animal.

Hiperonímia

Entre vocábulos de uma língua, relação que se estabelece com base na menor especificidade do significado de um deles.

Exs.:
Móvel está numa relação de hiperonímia com mesa.
Animal está numa relação de hiperonímia com cavalo.

Paronímia

Diz-se das palavras que têm som semelhante ao de outras.
Descrição/Discrição
Onicolor/Unicolor
Vultoso/Vultuoso

Antonímia

Caráter das palavras antônimas.

Sinonímia

Fato linguístico que se caracteriza pela existência de palavras sinônimas.

Metonímia

Associação de termos e ideias relacionados provoca, às vezes, a substituição de um termo por outro.
Exs.:
Não ter um teto onde morar me incomoda.
↓
casa

Ele não vale um **níquel**
↓
moeda

Geralmente ele fuma um **havana**
↓
charuto fabricado em Havana

a) Homônimos

São vocábulos que têm a mesma pronúncia e grafia, mas significados diferentes.
Exs.:
são (v. ser)
são (= sadio)
são (= santo)

b) Parônimos

São vocábulos que têm certa semelhança na pronúncia, mas significados distintos.
Ex.:
apoio (subst.)
apoio (verbo)
tráfego (trânsito)
tráfico (negócio)

Reveja, a seguir, os principais radicais e afixos.

- **Radicais Latinos**

Funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos:
AGRI (campo): agricultura
AMBI (ambos): ambidestro
BIS (duas vezes): bisavô
BI (duas vezes): bípede
CRUCI (cruz): crucifixo
EQUI (igual): equidistante
IGNI (fogo): ignívomo
LOCO (lugar): locomotiva
MORTI (morte): mortífero
MULTI (muito): multiforme
ONI (todo): onipotente
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluriforme
QUADRI (quatro): quadrimotor
QUADRU (quatro): quadrúpede
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
TRI (três): tricolor

Empregam-se como segundo elemento da composição os seguintes radicais latinos:
CIDA (que mata): regicida
COLA (que cultiva): agrícola
FERO (que produz): mortífero; (que contém): aurífero
FICO (que faz): benéfico
FUGO (que foge): centrífugo
GERO (que produz): belígero
PARO (que produz): ovíparo
PEDE (pé): velocípede
SONO (que soa): uníssono
VOMO (que lança): ignívomo
VORO (que come): herbívoro

- **Radicais Gregos**

Os mais usados, entre aqueles que servem geralmente de primeiro elemento da composição das palavras, são:
AERO (ar): aerofagia
ANTROPO (homem): antropófago
ARQUEO (antigo): arqueologia
AUTO (de si mesmo): autobiografia
BIBLIO (livro): biblioteca
BIO (vida): biografia
CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
COSMO (mundo): cosmógrafo

CRONO (tempo): cronologia
DACTILO (dedo): dactiloscopia
DECA (dez): decalitro
DEMO (povo): demagogo
DI (dois): dissílabo
ENEA (nove): eneágono
ETNO (povo, raça): etnologia
FILO (amigo): filosofia
FONO (voz, som): fonologia
FOTO (luz): fotosfera
GASTRO (estômago): gastrônomo
GEO (terra): geometria
HEMI (metade): hemisfério
HEMO (sangue): hemoglobina
HEPTA (sete): heptágono
HETERO (outro): heterodoxo
HEXA (seis): hexágono
HIDRO (água): hidrofobia
HIPO (cavalo): hipopótamo
HOMO (semelhante): homógrafo
ICTIO (peixe): ictiófago
ISO (igual): isócrono
LITO (pedra): litogravura
MACRO (grande): macróbio
MELO (canto): melodia
MESO (meio): mesopotâmia
MICRO (pequeno): microscópio
MISO (que odeia): misantropo
MONO (um só): monótono
NECRO (morto): necrotério
NEO (novo): neologismo
NEURO (nervo): neurologia
NEVRO (nervo): nevralgia
OCTO (oito): octaedro
ORO (montanha): orografia
ORTO (reto): ortografia
PALEO (antigo): paleontologia
PAN (tudo): panteísmo
PENTA (cinco): pentágono
PIRO (fogo): pirotecnia
PLUTO (riqueza): plutocracia
POLI (muito): polígono
POTAMO (rio): potamografia
PROTO (primeiro): protótipo
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSICO (alma, espírito): psicologia
QUILO (mil): quilômetro
RINO (nariz): rinoplastia
RIZO (raiz): rizotônico
SIDERO (ferro): siderólito
TAQUI (rápido): taquicardia
TECNO (arte): tecnologia
TELE (longe): televisão
TEO (deus): teologia
TERMO (quente): termômetro
TETRA (quatro): tetrarquia
TOPO (lugar): topografia
TRI (três): trissílabo
XENO (estrangeiro): xenofobia
XILO (madeira): xilogravura
ZOO (animal): zoologia

Funcionam, referentemente, como segundo elemento da composição, estes radicais gregos:

AGOGO (que conduz): pedagogo
ALGIA (dor): cefalalgia
ARQUIA (governo): monarquia
ASTENIA (debilidade): neurastenia
CÉFALO (cabeça): microcéfalo
DOXO (que opina): heterodoxo
DROMO (lugar para correr): hipódromo
EDRO (base, face): poliedro
FAGIA (ato de comer): antropofagia
FAGO (que come): necrófago
FILIA (amizade): bibliofilia
FOBIA (medo, ódio): acrofobia
GAMIA (casamento): monogamia
GÊNEO (que gera): homogêneo
GLOTA (língua): poliglota
GONO (ângulo): pentágono
GRAFIA (escrita): ortografia; (descrição): geografia
LATRIA (culto): idolatria
LOGIA (estudo, ciência): filologia
MANCIA(adivinhação): quiromancia
MANIA (loucura): megalomania
METRIA (medida): antropometria
MORFO (forma): polimorfo
NOMIA (lei, regra): agronomia
PODE (pé): miriópode
PÓLIS, E (cidade): Petrópolis
PTERO (que tem asas): díptero
SCOPIA (ato de ver): microscopia
SCÓPIO (instrumento para ver): microscópio
SOFIA (sabedoria): teosofia
STICO (verso): dístico
TECA (lugar onde se guarda): discoteca
TERAPIA (cura): musicoterapia
TOMIA (divisão): neurotomia

PREFIXOS

PREFIXOS LATINOS	SIGNIFICAÇÃO	EXEMPLO
1. AB, ABS, A	afastamento	abjurar abjeto
2. AD, A	junto de	adnominal adverbial
3. ALÉM	além de	além-mar Alentejo
4. AMBI, AMB	dois; em várias direções	ambidetria âmbito
5. ANTE, ANT	antes	antepor antolhos
6. BENE, BEM	bem	benévolo benfazejo
7. BIS, BI	duas vezes	bíssono biênio
8. CIRCUM, CIRCU	ao redor (movimento em torno)	circum-navegar circunjacente
9. CIS	aquém (posição para cá)	cismontano cisplatino

PREFIXOS LATINOS	SIGNIFICAÇÃO	EXEMPLO
10. COM, CON, CO, CUM	junto com	conduzir colaborar
11. CONTRA, CONTRO	contra (ideia de oposição)	contradizer controvérsia
12. DE	de cima para baixo	decadente defluxo
13. DES	negação, separação, ação contrária	desonesto desvestir destravar
14. DIS, DI	negação, falta, em várias direções	discontínuo divagar
15. EX, ES, E	para fora, estado anterior	expatriar ex-diretor
16. EXTRA	fora (posição exterior) muito (ideia de excesso)	extramuros extrafino
17. IN, IM, I	negação para dentro	inútil imigrar
18. INTER	entre (ação intermediária)	internacional interpol
19. INTRA, INTRO	dentro (posição interior)	intraverbal introduzir
20. JUSTA	ao lado de	justaposição
21. MALE, MAL	mal, muito (intensidade)	maléfico malferido
22. OB, O	em frente (ideia de oposição), muito (intensidade)	objeto oprimir
23. PENE, PEN	quase	península penumbra
24. PER	através, muito (intensidade)	percorrer perfulgente
25. POS (T), PÓS	depois (ação posterior)	pós-escrito pós-diluviano
26. PRE	antes (ideia de anterioridade), muito (intensidade)	prever preclaro
27. PRO	para, diante, muito, em lugar de (substituição)	prosseguir profundo pronome
28. RE	para trás, outra vez, ação contrária, muito (intensidade)	refluir refazer reagir ressoar
29. RETRO	para trás	retroagir retrocesso

PREFIXOS LATINOS	SIGNIFICAÇÃO	EXEMPLO
30. SUB, SUS, SU	embaixo de	subterrâneo submarino
31. SUPER	sobre, excesso, muito (intensidade)	sobrepor supérfluo supersensível
32. SUPRA	acima, muito (intensidade)	supracitado suprassumo
33. TRANS, TRAS, TRA, TER	além de, através de	transmontado transpassar
34. ULTRA	depois de, muito (intensidade)	ultramar ultrarrápido

PREFIXOS GREGOS	SIGNIFICAÇÃO	EXEMPLO
1. AN, A	negação, falta	acéfalo anarquia
2. ANÁ	inversão, separação, duas vezes (ação repetida)	anagrama análise anabatista
3. ANFI	dualidade, em torno	anfíbio anfiteatro
4. APÓ, AP	longe de	apogeu
5. ANTI, ANT	contra (ideia de oposição)	antípoda antônimo
6. CATÁ, CATE	de cima para baixo	catástrofe catadupa
7. DIÁ	através de	diâmetro diagnóstico
8. DIS	dificuldade	dispepsia dispneia
9. EN, EM	dentro	energia encéfalo
10. ENDO	dentro (posição interior)	endocárdio endoderma
11. EPI, EP	sobre, em direção a	epitáfio epístola
12. EU	bom, bem, feliz	eufonia eutanásia
13. EX, EXO, EC	fora (posição externa)	êxodo exostose
14. HEMI	metade, meio	hemisfério hemistíquio
15. HIPER	em excesso	hipertrofia hiperemia

PREFIXOS GREGOS	SIGNIFICAÇÃO	EXEMPLO
16. HIPO	embaixo de, dependente de	hipoglosso hipótese
17. META, MET	mudança, além	metamorfose metafísica
18. PARA, PAR	perto de, semelhante	paralelo paródia
19. PERI	em torno de	perianto periscópio
20. PRO	antes de, para frente	prólogo prognóstico
21. SIN, SIM, SI	reunião, simultaneidade	sinfonia sincronia

SUFIXOS

- Aumentativos:

–ÃO: caldeirão
–ALHÃO: vagalhão
–AÇA: bancaça
–AÇO: ricaço
–ÁZIO: copázio
–UÇA: dentuça
–ANZIL: corpanzil
–ARÉU: fogaréu
–ARRA: bocarra
–ORRA: cabeçorra
–ALHAZ: tacalhaz

- Diminutivos:

–INHO: toquinho
–INO: pequenino
–ACHO: riacho
–EBRE: casebre
–ELA: ruela
–ITO: rapazito
–OLA: fazendola
–ZINHO: cãozinho
–IM: espadim
–UCHO: papelucho
–ECO: livreco
–EJO: lugarejo
–ISCO: chuvisco

–ULO, –CULO, –ÚNCULO: corpúsculo, glóbulo, gotícula, grânulo, homúnculo, nódulo, nótula, partícula, película, questiúncula.

Exercícios de Fixação

01. (UFC-Adaptada) Assinale a opção em que for totalmente **verdadeiro** o que se afirma quanto à estrutura e ao processo de formação das palavras.
A) Os vocábulos **incredulidade**, **inutilidade** e **conquistador** são derivados parassintéticos.
B) O substantivo abstrato **prosperidade** é formado a partir do verbo prosperar.
C) Os vocábulos **inúmeros**, **intelectual** e **ilusão** são formados por prefixação.
D) São palavras formadas por sufixação: **física**, **política** e **histórica**.
E) A análise mórfica da forma verbal **fizéramos** é: **fiz** (radical) + **e** (vogal temática) + **ra** (desinência modo-temporal) + **mos** (desinência número-pessoal).

02. (PUC-SP) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna I com a coluna II.

Coluna I
1. derivação imprópria
2. prefixação
3. prefixação e sufixação
4. sufixação
5. composição por justaposição

Coluna II
( ) desenredo
( ) narrador
( ) infinitamente
( ) o voar
( ) pão de mel

Identifique a alternativa que apresenta a numeração em sequência **correta**.
A) 3, 4, 2, 5, 1
B) 2, 4, 3, 1, 5
C) 4, 1, 5, 3, 2
D) 2, 4, 3, 5, 1
E) 4, 1, 5, 2, 3

03. (FCMSC-SP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de **derivação parassintética**?
A) Lá vem ele, vitorioso do **combate**.
B) Ora, vá **plantar** batatas!
C) Começou o **ataque**.
D) Assustado, continuou a se **distanciar** do animal.
E) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

04. Observe os textos.

I. Alimentado pela impopularidade de FHC, Ciro Gomes ganha a classe média e assusta o PT

II. Emagreça de bem com a vida

III. O despertar de Cuba

IV. Cartões de embarque

Nos textos temos:
1. ( ) "impopularidade" derivação parassintética.
2. ( ) "emagreça" derivação prefixal.
3. ( ) "embarque" derivação regressiva.
4. ( ) "despertar" derivação imprópria.

A) V – V – V – F
B) V – V – F – F
C) F – F – V – V
D) F – F – V – F
E) V – V – F – V

05. Leia os textos e preencha os espaços usando o código.
I. Numere as palavras dos textos de acordo com o processo de formação:
(1) derivação prefixal
(2) derivação sufixal
(3) derivação prefixal e sufixal
(4) parassíntese
(5) composição por aglutinação
(6) composição por justaposição

A) "E tudo isso lhe bailava **alegremente** ( ) em volta do coração, enquanto subia, na **calmaria** ( ) ardente, sob seu **guarda-sol** ( ), a rua nova do Carmo."
Eça de Queirós

B) "E neste pedido, que ele acompanhou dum vago sorriso, havia como que uma resignação na sua **desgraça** ( ), uma ideia **nascente** ( ) de gozar ainda a vida, na companhia de amigos, nas **preocupações** ( ) do negócio, sem os **desgostos** ( ) nem as complicações que traz **invariavelmente** ( ) a paixão das saias."

Eça de Queirós

A sequência **correta** é:
A) 3 – 3 – 6 – 1 – 2 – 4 – 3 – 1
B) 1 – 2 – 5 – 2 – 3 – 1 – 1 – 2
C) 2 – 2 – 6 – 1 – 2 – 3 – 1 – 3
D) 2 – 3 – 3 – 2 – 1 – 3 – 4 – 5
E) 2 – 2 – 5 – 3 – 2 – 1 – 1 – 3

Texto

A MARIA LIONÇA

Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo. Um talefe encardido pelo tempo, mas de sólido granito. Com o céu a servir-lhe de telhado e debruçada sobre o Varosa, que corre ao fundo, no abismo, quem quiser tomar-lhe o bafo tem de subir por um carreiro torto, a pique, cavado na fraga, polido anos a fio pelos socos do Preguiças, o moleiro, e pelas ferraduras do macho que leva pela arreata. Duas horas de penitência.

Lá, é uma rua comprida, de casas com craveiros à janela, duas quelhas menos alegres, o largo, o cruzeiro, a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha. O berço digno da Maria Lionça.

Fala-se nela e paira logo no ar um respeito silencioso, uma emoção contida, como quando se ouve tocar a Senhor fora. E nem ler sabia! Bens – os seus dons naturais. Mais nada. Nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre, e os que, por parentesco ou mais chegada convivência, lhe herdaram o pouco bragal, bem sabiam que a grandeza da herança estava apenas no íntimo sentido desses panos. Na recatada alvura que traziam da arca e na regularidade dos fios do linho de que eram feitos, vinha a riqueza duma existência que ia ser a legenda de Galafura.

Miguel Torga

06. Observe o quadro:

I.	O termo "lhe" com valor de pronome possessivo.	Exemplo: "(...) quem quiser tomar-lhe o bafo tem de subir por um carreiro torto..."
II.	O termo "se" indeterminando o sujeito.	Exemplo: "Fala-se nela e paira logo no ar um respeito silencioso, uma emoção contida..."
III.	O termo "se" estabelecendo relação de posse entre dois termos.	Exemplo: "Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo."
IV.	Gradação	Exemplo: "Na recatada alvura que traziam da arca e na regularidade dos fios do linho de que eram feitos..."
V.	O termo "que" com valor de conjunção integrante.	Exemplo: "Na recatada alvura que traziam da arca e na regularidade dos fios de linho..."

A relação **correta** entre as afirmações e os exemplos está estabelecida na opção:
A) I e II
B) III e IV
C) II e V
D) IV e V
E) I, II, III, IV e V

07. Aponte o grupo de palavras que revelam hiponímia.
A) "Encardido – tempo".
B) "Janela – casa".
C) "Viveu – morreu".
D) "Galafura – casa"
E) "Macho – ferraduras".

08. Há relação de hiperonímia em:
A) "Herança – panos".
B) "Galafura – mundo".
C) "Rua – casas".
D) "Janela – casa".
E) "Viveu – morreu".

09. Ocorre metonímia em:
I. "...polido anos a fio pelos socos do Preguiças, o moleiro, e pelas ferraduras do macho que leva pela arreata";
II. "Galafura, vista da terra chã, parece o talefe do mundo";
III. "Duas horas de penitência";
IV. "Nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre...".

Está **correto**:
A) apenas I.
B) somente I e II.
C) I e III.
D) II e IV.
E) apenas IV.

10. Assinale o grupo de palavras que retoma o nome da personagem Maria Lionça, evitando repetição e estabelecendo coesão textual.
A) "Talefe – Varosa – penitência – legenda".
B) "Berço – emoção – dons – panos".
C) "Alvura – arca – linho – existência".
D) "Nela – seus – pobre – legenda".
E) "Fonte – berço – herança – existência".

11. Observe o quadro:

	VOCÁBULO	CONSIDERAÇÕES
1.	"telhado"	A palavra apresenta sufixo formador do particípio.
2.	"grandeza"	Temos, na palavra, sufixo formador de substantivo.
3.	"riqueza"	Ocorre o mesmo processo de formação da palavra "grandeza".
4.	"sabiam"	Não apresenta desinência modo-temporal.
5.	"regularidade"	O "i" é uma vogal temática.

Assinale o juízo **correto**.
A) 1 e 2 estão certos e 4 e 5 incorretos.
B) 3 e 4 estão incorretos e 5 e 6 certos.
C) 3 e 4 estão corretos e 1 e 2 incorretos.
D) Apenas 6 está correto.
E) 2, 3 e 6 estão corretos e 1, 4 e 5 incorretos.

Acompanhe a letra de "Pela Internet", música de Gilberto Gil, incluída no CD **Quanta.**

Criar meu *website*
Fazer minha *homepage*
Com quantos *gigabytes*
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da informaré
Que leve um oriki ao meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse informar
Que aproveite a vazante da informaré
Que leve meu *e-mail* até Calcutá

Depois de um *hot-link*
Num *site* de Helsinque
Para abastecer

Eu queria entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um *hacker* mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar.

12. Analise as assertivas a respeito do texto:
I. O poema explora notadamente vocábulos próprios do léxico da informática;
II. Oriki e Orixá são palavras de origem indígena;
III. O texto revela-se como uma crítica contundente à rede Internet.

A) Apenas I.
B) Somente II.
C) Apenas II.
D) I e II.
E) II e III.

13. A palavra "Macmília" é um neologismo composto a partir de uma aglutinação. A opção que apresenta essa construção é:
A) ***Mac***: Macdonald's: rede de lanchonetes.
milia: Emília: personagem de Monteiro Lobato.
B) ***Mac****:* Macintosh: (linha de computadores).
milia*:* milícia: força militar.
C) ***Mac***: marca: logomarca de computadores.
milia: abreviatura de Emiliano: inventor de computadores.
D) ***Mac:*** Macrotecnologia: a tecnologia dos computadores.
milia: programa para computadores feito pelo cientista Emilian Macintosh.

14. Nesse universo meio maluco de uma rede de comunicação tão universal, Gilberto Gil menciona o "barco que veleje nesse informar".
I. A palavra "informar" é formada por derivação:
A) sufixal.
B) prefixal.
C) regressiva.
D) prefixal e sufixal.
E) imprópria e aglutinação.
II. Explique sua resposta.

15. Considere o verso "o chefe da polícia carioca avisa pelo celular". Qual a derivação que explica o uso do vocábulo **celular**?

Texto para as questões **16** e **17**.

"Um dos traços marcantes do atual período histórico é (...) o papel verdadeiramente despótico da informação. (...) As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde."

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*.

16. (Fuvest-SP) No contexto em que ocorrem, estão em relação de oposição os segmentos transcritos em:
A) novas condições técnicas / técnicas da informação.
B) punhado de atores / objetivos particulares.
C) ampliação do conhecimento / informação manipulada.
D) apropriadas por alguns Estados / criação de desigualdades.
E) atual período histórico / periferia do sistema capitalista.

17. (Fuvest-SP) Deduz-se **corretamente** do texto que:
A) a humanidade, por mais que avance tecnologicamente, não será capaz de superar o egoísmo.
B) o crescente avanço da técnica terminará por superar o atraso das relações políticas.
C) é da natureza do progresso que, a cada avanço tecnológico, corresponda um retrocesso político.
D) o alcance universal do progresso técnico está em oposição à sua utilização para fins particulares.
E) é próprio da informação atualizada que ela seja acessível somente às minorias mais ricas.

Texto para a questão **18**.

"O processo intenso da metropolização sofrido no Brasil a partir dos parques industriais e os surtos migratórios a eles associados inviabilizariam qualquer projeto de perpetuar o controle das formas de moradia e vizinhança nas grandes capitais. Espaços públicos e privados passaram a se fundir a contragosto das intenções normativas, não apenas nas ruas e na configuração heterogênea dos bairros, mas no avanço sobre mananciais – fonte para todas as pias, chuveiro e vasos sanitários das cidades – ou na própria violência que passaria a assaltar ruas e casas."

MARINS, Paulo César Garcez. *História da vida privada no Brasil.*

18. (Fuvest-SP) Segundo o texto:
A) as novas formas de vizinhança e de moradia resultaram de uma política de urbanização progressiva e organizada.
B) a urbanização das grandes metrópoles originou-se em modelos institucionais, estruturados segundo os padrões da época.
C) as mudanças na organização de espaços públicos e privados foram consequência da industrialização e da migração.
D) o abastecimento de água das grandes cidades, embora realizado de maneira desordenada, resultou de projetos governamentais.
E) a violência urbana, decorrente da industrialização, intensificou-se nos bairros mais populares.

Texto para as questões **19** e **20**.

"Domingo, 30 de maio de 1893

Eu gosto muito de todas as festas de Diamantina; mas quando são na Igreja do Rosário, que é quase pegada à Chácara de vovó, eu gosto ainda mais. Até parece que a festa é nossa. E este ano foi mesmo.

Foi sorteada para rainha do Rosário uma ex-escrava de vovó chamada Júlia e para rei um negro muito entusiasmado que eu não conhecia. Coitada de Júlia! Ela vinha há muito tempo ajuntando dinheiro para comprar um rancho. Gastou tudo na festa e ainda ficou devendo.

Agora é que vi como fica caro para os pobres dos negros serem reis por um dia. Júlia com o vestido e a coroa já gastou muito. Além disso teve de dar um jantar para a corte toda. A rainha tem uma caudatária que vai atrás segurando na capa que tem uma grande cauda. Esta também é negra da Chácara e ajudou no jantar. Eu acho graça é no entusiasmo dos pretos neste reinado tão curto. Nenhum rejeita o cargo, mesmo sabendo a despesa que dá!"

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*.

19. (Fuvest-SP) Leia, a seguir, algumas afirmações críticas acerca do texto. Assinale, entre elas, a **incorreta**.
A) O texto põe a nu os desdobramentos de um sistema de desigualdades marcado por bloqueios e limitações sociais impostos a escravos recém-libertos.
B) A narradora descreve em seu diário a possibilidade de efetiva ascensão social propiciada pelo regime político do Império, no Brasil do século XIX.
C) Desvenda-se no discurso da menina narradora uma ótica de classe que parece apontar para a ideia de que os pobres não sabem como usar o dinheiro.
D) As situações pitorescas de uma festa servem como pano de fundo às reflexões da narradora sobre o desejo de propriedade da *gente-livre* recém-liberta e as dificuldades para sua realização.
E) Observa-se uma mescla de compaixão e ironia no discurso da narradora, ao reconhecer a festa popular como possibilidade imaginária de redefinição social pela superação fantasiosa das barreiras advindas da escravidão.

20. (Fuvest-SP) "Eu gosto muito de todas as festas de Diamantina; "**mas quando** são na Igreja do Rosário, **que** é quase pegada à Chácara de vovó, eu gosto ainda mais."
Nesse primeiro período do texto, as palavras "mas", "quando" e "que" podem ser substituídas, respectivamente e sem prejuízo do sentido, por:
A) contudo; na época em que; as quais.
B) pois; caso; a qual.
C) porém; se; a qual.
D) entretanto; se; da qual.
E) porque; se; na qual.

Exercícios Propostos

01. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)**:
I. Neologismos são palavras que pertencem à mesma família etimológica;
II. **Galinha** é o diminutivo de **galo**, assim como **pateta** é o aumentativo de **pato**;
III. O substantivo **surfista** é composto de dois radicais: **surf-**, de origem inglesa, e **-ista**, de origem portuguesa;
IV. As desinências verbais indicam o número, a pessoa, o tempo e o modo do verbo;
V. Em **lealdade**, tem-se derivação sufixal: em **descrever**, tem-se derivação prefixal.

Está **correta**:
A) I e II B) II e III C) I e III
D) III E) IV e V

02. (UFSM-RS) Considerando o processo de formação das palavras, assinale a alternativa que **não** apresenta palavras formadas por derivação.
A) anticomunista – escritor – comercial.
B) americano – ligação – ex-diretor.
C) tentativa – certamente – diário.
D) dedo-duro – homem – porta-voz.
E) informante – nazismo – material.

03. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras **não** é formada por prefixação.
A) readquirir – predestinado – propor.
B) irregular – amoral – demover.
C) remeter – conter – antegozar.
D) irrestrito antípoda – prever.
E) dever – deter – antever.

04. "... tirou a faca e começou a **esquartejar** o banco de palhinha." Do ponto de vista de sua formação e de seu significado, você diria que o vocábulo **esquartejar** sofreu o processo de:
A) derivação prefixal, significando **cortar em quartos**.
B) derivação sufixal, através do sufixo –**ejar**, significando **cortar em quartos**.
C) derivação prefixal e sufixal, significando **cortar em quartos**.
D) derivação parassintética, significando **cortar em quartos**.
E) derivação imprópria, apresentando dois significados: **cortar em quartos** e **cortar em pequenas tiras**.

05. Assinale a alternativa em que todas as palavras são compostas por justaposição.
A) Rodapé, rubro-negra, pingue-pongue, obra-prima.
B) Para-lama, fidalgo, planalto, bem-te-vi.
C) Pernalta, agrícola, legalista, locatário.
D) Vinagre, pernilongo, vaivém, guarda-roupa.
E) Surfista, mal-educado, riqueza, fanatismo.

06. Assinale a alternativa em que as palavras são formadas, respectivamente, por sufixação, prefixação e aglutinação.
A) Somente – sozinho – solitude.
B) Facilitar – sobrepor – guarda-pó.
C) Utilidade – infeliz – aguardente.
D) Sobremesa – padaria – livreto.
E) Repensar – imperfeito – planalto.

07. Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.
A) Pão-nosso – composição por justaposição.
B) Aventuroso – derivação sufixal.
C) Embonecar – composição por aglutinação.
D) Descanso – derivação regressiva.
E) Incerto – derivação prefixal.

08. "Mas que na forma se disfarce o **emprego**…". A palavra destacada é um substantivo. Nasceu do verbo **empregar**, da mesma maneira que **abalo** veio de **abalar**, choro de **chorar**, saque de **sacar**, erro de **errar**. Este processo de criação de um termo recebe o nome de:
A) derivação prefixal.
B) derivação sufixal.
C) derivação regressiva.
D) derivação imprópria.
E) composição por aglutinação.

09. Marque a(s) preposição(ões) **verdadeira(s)** quanto à formação das palavras.
I. Em **reeleição**, **circunferência** e **possibilidade**, os prefixos são, respectivamente, **re**-, **circum**-, e **pos**-;
II. A palavra **rejuvenescer** apresenta, simultaneamente, o prefixo **re**- e o sufixo -**escer**;
III. Palavras cognatas são aquelas que têm o mesmo radical, isto é, têm origem única, como em **leitoso**, **desnatado**, **manteiga**, **requeijão**;
IV. Há dois processos de composição: por justaposição e por aglutinação, de que são exemplos, respectivamente, **vinagre** (vinho + acre) e **hipertensão** (hiper + tensão).

Está **correta**:
A) I
B) II
C) I e II
D) III
E) IV

10. Observe os vocábulos **aprovar**, **começo**, **realidade**. Quanto aos seus processos de formação temos respectivamente:
A) derivação imprópria, derivação sufixal, derivação parassintética.
B) derivação sufixal, derivação imprópria, derivação regressiva.
C) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética.
D) derivação parassintética, derivação regressiva, derivação sufixal.
E) derivação parassintética, derivação sufixal, derivação regressiva.

11. Considerando o processo de formação de palavras, relacione a primeira coluna com a segunda:

( ) desenredo	1. derivação imprópria
( ) narrador	2. prefixação
( ) infinitamente	3. prefixação e sufixação
( ) o voar	4. sufixação
( ) pão de mel	5. composição e justaposição

Assinale a sequência **correta**.
A) 3 – 4 – 2 – 5 – 1
B) 2 – 4 – 3 – 1 – 5
C) 4 – 1 – 5 – 3 – 2
D) 2 – 4 – 3 – 5 – 1
E) 4 – 1 – 5 – 2 – 3

12. (Unifor) A opção que apresenta palavras formadas por prefixação e sufixação é:
A) inimigo – desnuda.
B) desanimação – enriquecer.
C) impedimento – solúvel.
D) aculturar – comercial.

13. (UFC) Assinale a opção constituída unicamente por palavras formadas por sufixação.
A) sertão – localidade – traiçoeiro.
B) mandamento – irmão – povoação.
C) pureza – indefinível – povoação.
D) goiano – espantoso – lembrança.
E) carrascal – temeroso – humilde.

14. (UFC) Quanto ao aspecto morfológico, marque o que for **verdadeiro.**
A) O vocábulo **reconhecimento** é formado por parassíntese.
B) O substantivo **banho** é formado por regressão ou deverbal.
C) Em **estourasse** existe derivação sufixal.
D) **Petróleo** é formado por justaposição.
E) **Imaginando** é formado por prefixação e sufixação.

15. Correlacione adequadamente:

( ) refazer	1. prefixação
( ) Rio de Janeiro	2. sufixação
( ) linguagem	3. prefixação e sufixação
( ) … um quê…	4. parassíntese
( ) planta	5. regressão
( ) dar-te-ei	6. impropriedade
( ) fidalgo	7. aglutinação
( ) embelezar	8. justaposição
( ) luta (substantivo)	9. hibridismo
( ) super-homem	10. nenhuma anterior

A sequência **correta** é:
A) 3 – 10 – 2 – 10 – 5 – 8 – 10 – 3 – 10 – 8
B) 1 – 10 – 2 – 6 – 5 – 8 – 8 – 1 – 5 – 8
C) 3 – 8 – 5 – 6 – 10 – 8 – 8 – 2 – 5 – 7
D) 1 – 8 – 2 – 6 – 10 – 10 – 7 – 4 – 5 – 1
E) 8 – 10 – 3 – 10 – 8 – 5 – 10 – 2 – 10 – 3

16. Observe:
I. **impedimento** é formado por parassíntese;
II. **semideus** é composto por justaposição;
III. **chape-chape** é onomatopeia;
IV. **planalto** é justaposição;
V. **aguardente** é derivada sufixal.

São **corretas**:
A) I e II
B) II e III
C) III e IV
D) somente II
E) somente III

17. Assinale a sequência que indica **corretamente** o processo formativo de: **antever – automóvel – o choro – sublinhado – vinagre – avivar**.
A) Prefixação – hibridismo – regressiva – prefixação e sufixação – aglutinação – parassíntese.
B) Justaposição – justaposição – imprópria – parassíntese – justaposição – prefixal e sufixal.
C) Prefixação – aglutinação – imprópria – parassíntese – justaposição – parassíntese.
D) Justaposição – hibridismo – regressiva – prefixal e sufixal – aglutinação – prefixal e sufixal.
E) Hibridismo – regressiva – prefixal e sufixal – aglutinação – justaposição – sufixal e prefixal.

18. Considere o processo formador das palavras e numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

(1) derivação prefixal ( ) livreiro
(2) derivação sufixal ( ) enfurecer
(3) derivação parassintética ( ) desleal
(4) derivação regressiva ( ) o abalo
(5) composição por justaposição ( ) azul-marinho
(6) composição por aglutinação ( ) girassol

Aponte agora, a alternativa que apresenta a sequência resultante.

A) 2 – 3 – 4 – 1 – 5 – 5 – 6 – 3 – 2
B) 3 – 2 – 1 – 4 – 5 – 5 – 6 – 3 – 2
C) 6 – 3 – 1 – 4 – 5 – 6 – 5 – 2 – 3
D) 2 – 3 – 1 – 4 – 5 – 5 – 6 – 3 – 2
E) 4 – 6 – 3 – 2 – 3 – 3 – 5 – 1 – 2

19. (PUC-SP) Observe os vocábulos **aprovar**, **começo**, **realidade**. Quanto aos seus processos de formação temos respectivamente:

A) derivação imprópria, derivação sufixal, derivação parassintética.
B) derivação sufixal, derivação imprópria, derivação regressiva.
C) derivação regressiva, derivação regressiva, derivação sufixal.
D) derivação parassintética, derivação regressiva, derivação sufixal.
E) derivação parassintética, derivação sufixal, derivação regressiva.

20. (Mack-SP) Assinale a alternativa **incorreta.**

A) **Panteísmo** significa *o ato de comer indistintamente qualquer tipo de alimento*.
B) **Xenofobia** significa *horror a estrangeiros*.
C) **Sincrônico** significa *o que é relativo a fatos simultâneos*.
D) **Oligarquia** significa *o governo de poucos, pertencentes a um mesmo grupo*.
E) **Fotofobia** significa *horror à luz*.

21. (Cesgranrio-RJ) Os prefixos de **importador** e **exportador** apresentam significados opostos. A opção em que também é observada uma oposição de sentido, a partir dos elementos destacados, é:

A) **des**fazer, **a**normal.
B) **con**correr, **sim**patia.
C) **semi**vogal, **hem**isfério.
D) **hipó**tese, **super**ior.
E) **dí**grafo, **bis**neto.

22. (Efoa-MG) Identifique a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado:

A) anarquia = falta de cabeça.
B) aristocracia = governo dos plebeus.
C) teocracia = governo de religiosos.
D) oligarquia = governo de um pequeno grupo.
E) plutocracia = governo exercido por estrangeiros.

23. (Unifor-CE) Identifique a alternativa em que todas as palavras são derivadas de um mesmo radical.

A) homicídio, humanidade, homérico.
B) arteiro, artesão, artista.
C) biblioteca, livraria, livralhada.
D) popular, povoado, pobre.
E) prosador, prosaico, proscênio.

Gabarito – Exercícios Propostos

01	02	03	04	05	06	07	08
E	D	E	D	A	C	C	C
09	**10**	**11**	**12**	**13**	**14**	**15**	**16**
B	D	B	A	D	B	D	E
17	**18**	**19**	**20**	**21**	**22**	**23**	
A	D	D	A	A	D	B	

A Estrutura e a Formação das Palavras

Introdução

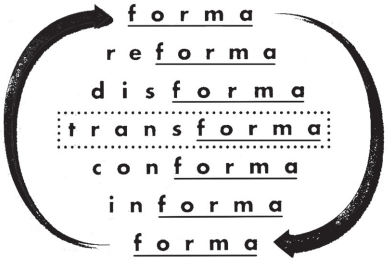

GRUNEWALD, José Lino. Poema sem título. In: MENEZES, Philadelpho. *Poesia concreta e visual*. São Paulo: Ática, 1998. p. 68.

Analisando atentamente o texto, percebemos um interessante trabalho do poeta com a estrutura das palavras e sua relação com o sentido geral do poema. Esse trabalho consiste em acrescentar, ao radical forma, os prefixos *re-, dis-, trans-, com- e in-*.

Observe que as palavras formadas a partir desses prefixos foram dispostas, no poema, de modo a sugerir um movimento circular que possibilita sempre o retorno à palavra original.

Outro elemento importante na interpretação do poema e de sua construção é a posição central que a palavra **transforma** ocupa no poema. Em torno desse eixo parecem "girar" todas as outras palavras. O efeito obtido é o de chamar a atenção para a transformação semântica que o acréscimo dos prefixos produz na palavra *forma*.

Embora se possa afirmar que a poesia tem uma liberdade maior para "brincar" com a estrutura das palavras, é comum que o falante utilize prefixos e sufixos para criar novos termos que são, muitas vezes, incorporados pela língua.

Observemos a Estrutura das Palavras:

- sol – dent-ista – in-quiet-o – cant-a-mos – cha-l-eira

A análise destes exemplos mostra-nos que as palavras são formadas de unidades ou **elementos mórficos**.

São os seguintes os elementos mórficos ou estruturais das palavras:

1) **raiz, radical, tema:** elementos básicos e significativos;
2) **afixos** (prefixos, sufixos) desinência, vogal **temática:** elementos modificadores da significação dos primeiros;
3) **vogal de ligação, consoante de ligação:** elementos de ligação ou eufônicos.

Atenção!

Os elementos mórficos dos grupos 1 e 2 denominam-se **morfemas**.

- **Raiz** é o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. Geralmente monossilábica, a raiz encerra sentido lato e geral, comum às palavras da mesma família etimológica.

Assim, a raiz **noc** [latim *nocere* = prejudicar] tem a significação geral de causar dano, e a ele se prendem pela origem comum, as palavras nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo etc.

Uma raiz pode apresentar-se alterada: ag-ir, ag-ente, re-ag-ir, ex-ig-ir, ex-ig-ência, at-o, at-or, at-ivo, aç-ão, ac-ionar etc.

Observação:

O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas, como no curso médio, deve-se preterir a raiz e partir do radical.

- **Radical** é o elemento básico e significativo das palavras consideradas sob o aspecto gramatical e prático, dentro da língua portuguesa atual.

Acha-se o radical despojando-se a palavra de seus elementos secundários (quando houver):

CERT-o, CERT-eza, in-CERT-eza, CAFE-teira, a-JEIT-ar, RECEB-er, EDUC-ar, ILUS-ório, PERFUM-e, EXEMPL-ar, PERMIT-ir, ex-PORT-ação, in-OBSERV-ância, des-CONHEC-ido, a-PEDR-ejar, etc.

Atenção!

Destacam-se os prefixos quando a língua atual os sente como tais: in-feliz, a-mans-ar, ex-orbit-ar, re-consquist-ar etc. não persistindo o sentimento dessas partículas, não se destacam: exam-e (latim *ex-amen*), excel-ência (latim *ex-cellentia*), óbit-o (latim *ob-itum*), pérfid-o (latim *per-fidum*), etc.

Em certas palavras só existe o radical: fé, mar, sol, traz etc; em outras, o radical coincide com a raiz: CAMP-o, NOC-ivo, re-NOV-ar, in-ÚT-il etc.

- **Tema** é o radical acrescido de uma vogal (chamada vogal temática)

  Nos verbos o tema se obtém destacando-se o – r do infinitivo: CANTA-r, BATE-r, PARTI-r etc.

  Nos nomes o tema é mais evidente em derivados de verbos: CAÇA-dor, DEVE-dor, FINGI-mento, PER-DOÁ-vel, FERVE-nte etc.

- **Afixos** são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Chamam-se **prefixos** quando **antepostos** ao radical ou tema, e **sufixos**, quando **pospostos**. Assim, nas palavras *inativo, em-pobrecer, desanimador, internacional, imperdoável e predominante,* temos:

Prefixo	Radical	Sufixo
In	at	ivo
Em	pobr	ecer
inter	nacion	al

Prefixo	Radical	Sufixo
Dês	anima	dor
Im	perdoá	vel
Pré	domina	nte

- Desinências são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras.

As desinências **nominais** indicam as flexões de gênero (masculino e feminino) e de **número** (singular e plural) dos nomes.

Menin-o – menino-s
Menin-a – menina-s

As desinências **verbais** indicam as flexões de **número** e **pessoa** e de **modo** e **tempo** dos verbos. **Exemplos:**

am-*o*, ama-*s*, ama-m*os*, ama-*is*, ama-*m*
ama-*va*, ama-*va-s*, ama-*va* etc.

As desinências –o, de am-o, é uma **desinência número pessoal**, porque indica que o verbo está na 1ª pessoa do singular; -va, de ama-va, é desinência **modo-temporal:** caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

- **Vogal temática** é o elemento que, acrescido ao radical, forma o tema de nomes e verbos.

Nos verbos distinguem-se três vogais temáticas:

[a] que caracteriza os verbos da **1ª conjugação:** an-dar, andavas etc.

[e] que caracteriza os verbos da **2ª conjugação:** ba-ter, batemos etc.

[i] que caracteriza os verbos da **3ª conjugação:** partir, partirá etc.

Chama-se *terminação* à parte da palavra subsequente ao radical. Às vezes confunde-se com o sufixo: pass-ear vend-erão, glori-oso, grit-ando.

- **Vogais e consoantes de ligação** são fonemas que, em certas palavras derivadas ou compostas, se inserem entre os elementos mórficos, em geral por motivos de eufonia, isto é, para facilitar a pronúncia de tais palavras. **Exemplos:**

silv-í-cola - cafe-t-eira - pe-z-inho
cha-l-eira - cafe-i-cultura - gas-ô-metro
gas-ei-ficar - cacau-i-cultor - rod-o-via
pobre-t-ão - pau-l-ada - capin-z-al
inset-i-cida - rat-i-cida - gas-o-duto

Observação:

A esses elementos de ligação alguns gramáticos chamam infixos.

- **Cognatos** dizem-se os vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma família etimológica.

À raiz da palavra latina anima [= espírito], por exemplo, prendem-se os seguintes cognatos:

alma, animal, alimária, animar, animador, desanimar, animação, almejar, ânimo, desalmado etc.

Às vezes torna-se difícil discernir a raiz primitiva, em virtude das alterações sofridas. **Exemplo:**

FACção, FACcioso, FACíonara, FAÇanha, FÁCil, FACilitar, FATor, FATura, inFECção, diFÍCil, beneFÍ-Cio, artíFICe, comFECção, eFETuar, FEIto, ouriVES (cognatos de verbos latino fácil, fazer)

A Formação de Novas Palavras

Leia atentamente o cartum abaixo.

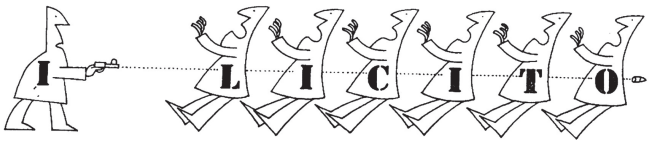

CAULOS, *Só dói quando eu respiro*.
Porto Alegre: L&PM, 2001. p.54.

01. O efeito de humor do cartum é construído a partir de um recurso linguístico. Que recurso é esse?

- Qual seria o humor da situação criada?

02. Qual a diferença entre os morfemas identificados na palavra *ilícito*, do ponto de vista do modo como funcionam na língua?

03. Identifique outras palavras da língua em que o prefixo i(n) - desempenha função semelhante à que tem em ilícito.

Formação das Palavras

Em nossa língua há dois processos gerais para formação de palavras: a derivação e a composição.

Derivação

A derivação consiste em derivar uma palavra nova (derivada) de outra já existente (primitiva). Realiza-se de quatro maneiras:

1. por **sufixação** – acrescentando-se um sufixo a um radical: dent*ista*, jogad*or*, bo*iada*, sapat*aria*, reali*zar*, feliz*mente*.

2. por **prefixação** – antepondo-se um prefixo a um radical: incapaz, desligar, refresco, supersônico, pré-história.

3. por derivação parassintética (ou parassíntese) – anexando-se, ao mesmo tempo, um prefixo e um sufixo a um nome: alistar (a + lista + ar), en-vergonhar (en + vergonha + ar), emudecer (e + mudo + ecer), esfarelar (es + farelo + ar), desal-mado (des + alma + ado), enfileirar (em + fileira + ar), empapelar (em + papel + ar), empalidecer (em + pálido + ecer).

Atenção!

Os vocábulos parassintéticos são quase sempre verbos e têm como base um substantivo ou um adjetivo:

- empalhar, despedaçar, amanhecer etc (base substantiva).
- amolecer, esfriar, endoidecer, etc (base adjetiva).

É importante fazer distinção:

descarregar	des + carregar	prefixação
achatamento	achatar + mento	sufixação
amaciar	a + macio + ar	parassíntese

Observação:

Não existe o verbo **amaciar** nem o substantivo ou adjetivo **amacio**.

4. por **derivação regressiva** – substituindo-se a terminação de um verbo pelas desinências **–a**, **–o**, ou **–e**:

Mudar	–	muda	pescar	–	pesca
Ajudar	–	ajuda	combater	–	combate
Atacar	–	ataque	rematar	–	remate
Chorar	–	choro	castigar	–	castigo
Abalar	–	abalo	falar	–	fala

Atenção!!!

Os substantivos que derivam dos verbos chamam-se **pós-verbais** ou **deverbais**. O processo normal é criar o verbo de um substantivo. Na derivação regressiva (ou retrógrada) a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo a partir do verbo.

Além destes processos de derivação propriamente dita, existe ainda o da **derivação imprópria**, que consiste em mudar a classe de uma palavra, estendendo-lhe a significação.

Por este processo (que não deixa de ser um recurso de enriquecimento dos meios de expressão):

1. os adjetivos passam a substantivos: os *bons* , os *maus*, o *verde* etc.

2. os particípios passam a substantivos ou adjetivos: um *feito*, o *passado*, ente *querido*, filho *amado* etc.

3. os infinitivos passam a substantivos: o *viver,* o *andar*, o *sorrir*, o *bater da portar*, o *espocar* dos foguetes, etc. **Exemplo:** "*O badalar* dos sinos animou-a debilmente." (Graciliano Ramos)

4. os substantivos passam a adjetivos: comício *monstro*, menino *prodígio*, traje *esporte*, funcionário *fantasma* etc.

5. os adjetivos passam a advérbios: falar *alto*, vender *caro*, tossir *forte*, falar *baixo* etc.

6. palavras invariáveis passam a substantivos: o *sim*, os *prós* e os *contras*, um *quê* de mistério, o *porquê* da existência etc.

7. substantivos próprios tornam-se comuns: *os mecenas* das artes, *um caxias* (= chefe severo e exigente), um *havana*, etc. **Exemplo:** "Os braços de pano de um *judas*" (Rachel de Queiroz)

Observação:

Processo da derivação imprópria não interessa à morfologia, mas à semântica e à estilística.

Composição

Pelo processo da composição associam-se duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova.

A composição pode efetuar-se:

1. por **justaposição**, unindo-se duas ou mais palavras (ou radicais), sem lhes alterar a estrutura. **Exemplos**: *passatempo*, *vaivém, contochão, girassol, biólogo, televisão, mata-borrão, sempre-viva, grego-latino, cor-de-rosa*.

2. por **aglutinação**, unindo-se dois ou mais vocábulos ou radicais, com supressão de um ou mais de um de seus elementos fonéticos. **Exemplos:** aguardente (água ardente), embora (em boa hora), fidalgo (filho de algo, isto é, filho de família nobre), pernalta (perna alta), planalto (plano alto), pernilongo (perna longo), quintessência (quinta essência), hidrelétrico (hidro + elétrico), santelmo (Santo Elmo), santantônio (Santo Antônio) etc.

Redução

Algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. **Exemplo:** *auto* (por automóvel), *cinema* (por cinematografia), *cine* (por cinema), *foto* (por fotografia), *moto* (por motocicleta), *pneu* (por pneumático), *quilo* (por quilograma), *ônibus* (por auto-ônibus), *seu* (por senhor), *pornô* (por pornografia), *pólio* (por poliomielite), *extra* (por extraordinário ou extrafino), *micro* (por microcomputador), *Quim* (por Joaquim), *Zé* (por José), *Guará* (por Guaratinguetá), *curta* (por curta-metragem) etc.
Essa espécie de economia linguística, comum a todos os idiomas, é responsável por simplificações mais arrojadas. Haja vista:

zôo (por zoológico)
metrô (do francês métro, redução de *chemin* de *fer métropolitain*, isto é, estrada de ferro metropolitana)

Como exemplo de redução ou simplificação das palavras, podem ser citadas também as siglas, tão frequentes na comunicação de hoje.

Hibridismo

Hibridismo são palavras em cuja formação entram elementos de línguas diferentes. São exemplos de palavras híbridas:

monocultura (mono + cultura, grego e latim)
alcoômetro (álcool + metro, árabe e grego)
lactômetro (lact + metro, latim e grego)
televisão (tele + visão, grego e latim)
automóvel (auto + móvel, grego e latim)
abreugrafia (abreu + grafia, português e grego)

Onomatopeias

Numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. Semelhantes vocábulos, chamados **onomatopeias**, reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres.

01. Use um prefixo e forme, assim, uma palavra derivada prefixal: fiel, honesto, humano, aluguel, aquático.

02. Use um sufixo e forme, assim, uma palavra derivada sufixal: cereja, laranja, pedra, noz, chapéu, porco.

03. Identifique as palavras compostas por justaposição: rodapé, madrepérola, girassol, ultravioleta, guarda-chuva, mão de obra, assistente, telespectador, subdiretoria.

04. Identifique as palavras compostas por aglutinação: Fonseca, canela, orangotango, samambaia, fidalgo, vinagre, palhaço, embora, pintassilgo, eternidade.

Exercícios Propostos

01. Em que alternativa foram apontados todos os elementos estruturais da palavra **"implantamos"**?
A) Prefixo – radical – vogal temática – tema – desinência verbal número – pessoal.
B) Prefixo – radical – tema – sufixo
C) Prefixo – radical – vogal temática – sufixo verbal.
D) Prefixo – radical – tema – desinência verbal modo-temporal
E) Radical – vogal temática – desinência verbal número-pessoal.

02. As palavras **enriquecer**, **irreal**, e **aguardente** foram formadas respectivamente por:
A) derivação sufixal – derivação prefixal e composição por justaposição.
B) derivação prefixal – derivação sufixal e composição por aglutinação.
C) derivação parassintética, derivação sufixal e composição por aglutinação.
D) derivação parassintética, derivação prefixal e composição por justaposição.
E) derivação parassintética, derivação prefixal e composição por aglutinação.

03. Há indicação errada do processo de formação:
A) **utilizar** – derivação sufixal
B) **anoitecer** – derivação parassintética.
C) **a caça** – derivação regressiva
D) **infelizmente** – derivação parassintética
E) **passatempo** – composição por justaposição.

04. Num dos exemplos a classificação está **errada**:
A) **boquiaberto** – composição por aglutinação.
B) **embarque** – derivação parassintética e regressiva.
C) **superpovoado** – composição por justaposição.
D) Ela, finalmente, pronunciou o tão esperado **sim** – derivação imprópria.
E) **girassol** – composição por justaposição.

05. Assinale o item em que uma das três palavras não é "cognata" em relação às outras:
A) eufônico – fonética – áfono.
B) fazer – desfeito – confecção.
C) inimigo – amizade – amistoso.
D) enlutado – lutulento – lutuoso.
E) indizível – predito – dicção.

06. Marque o item cujas palavras possuem radicais de procedência latina:
A) antropofobia – biografia.
B) necrópole – acrofobia.
C) quadrúpede – bímamo.
D) polígamo – democracia.
E) epiderme – datilografia.

07. O prefixo que traz ideia de privação está em:
A) abdicar.
B) anticlerical.
C) acéfalo.
D) intermear.
E) intramuscular.

08. Qual a série em que só ocorreu justaposição?
A) Mãe-preta, radioteatro, rouparia.
B) Submarino, mãe-d' água, guarda-chuva.
C) Girassol, mandachuva, vaivém.
D) Pernalta, renascer, fidalgo.
E) Petróleo, pára-quedas, inutilmente.

09. Relacione as colunas.
( ) vaivém
( ) leiteiro
( ) repatriar
( ) infeliz
( ) pernalta

1. sufixação
2. prefixação
3. justaposição
4. aglutinação
5. parassíntese

A) 3, 2, 1, 5, 4.
B) 3, 1, 5, 2, 4.
C) 4, 1, 5, 2, 3.
D) 4, 2, 1, 5, 3.
E) 4, 5, 3, 2, 1.

10. Assinale o item **incorreto**:
A) moto – abreviação.
B) FUNAI – sigla.
C) ciciar – parassíntese.
D) monocultura – hibridismo.
E) hidrelétrica – aglutinação.

Nas questões de **11** a **20**, assinale **(V)** nas corretas e (**F**) nas incorretas.

11. ( ) Nocivo, inocente, inócuo – são cognatas.

12. ( ) Ferrovia, passatempo, cabisbaixo – são palavras compostas por justoposição.

13. ( ) Mugir, sibilar, rufar – são derivações sufixais.

14. ( ) Rejuvenescer, alistar, endoidecer – são derivações parassintéticas.

15. ( ) O badalar dos sinos animava os fiéis – existem duas derivações impróprias.

16. ( ) Reizinho – "z" consoante de ligação.

17. ( ) Piresinho – radical é "pires".

18. ( ) Falávamos – "ava" é desinência modo-temporal.

19. ( ) Corredor- "corredo" é o tema.

20. ( ) Desencanto – derivação prefixal e sufixal, e regressiva.

*** 01:** **im** (pref.) – **plant** (rad) – **a** (v. temát) – **planta** (tema) – **mos** (des. Nº – pes)
*** 02:** **enriquecer** (en + rico + ecer: prefixação e sufixação simultâneas) **derivação parassintética:** irreal (i + r + real): **derivação prefixal:** aguardente (água + ardente, com perda de fonema): composição por aglutinação.
*** 03:** D) in + feliz: **infeliz**, feliz + mente: **felizmente**, in + feliz + mente: **infelizmente** (prefixação e sufixação não simultânea) **derivação prefixal e sufixal**; Obs.: **A) utilizar** (útil + izar): deriv. Sufixal; **B) anoitecer** (a+noite+ecer: prefixação e sufixação simultâneas): deriv. Parassintética; **C) a caça** (caçar: a caça: subst. Abstr, deriv. de verbo): deriv. Regressiva; **E) passatempo** (passa+tempo, sem perda de fonema): composição por justaposição.

*** 04: Superpovoado:** super (pref.) + povo (rad.) + ado (suf.) deriv. Prefixal e sufixal. Obs.: A) **boquiaberto** (boca + aberto, com transf. de fonemas): composição por aglutinação; B) em + barco + ar. **Embarcar** (prefixação e sufixação simultâneas) deriv. parassintética – o **embarque** (ambarcar: o **embarque**, abstr. deriv. de verbo) deriv. regressiva. D) **sim** (advérbio convertido em substantivo) deriv. imprópria; E) gira + s + sol, sem perda de fonemas: composição por justaposição.

*** 05: enlutado** (en + luto + ado): coberto de luto; **lutuoso** (do latim *luctuosu*): coberto de luto; **lutulento** (do latim *lutulentu*): lamacento, lodoso.

*** 06:** Quadrúpede (quatro pés) – bímamo (duas mãos): são de procedência latina os radicais semelhantes ao português.

*** 07: C)** a-(privação, negação) + cefalo (cabeça); **Obs.:** A) ab- (distanciamento) + dicare (tornar público); B) anti- (contra) + clerical (ref. ao clero); D) inter- (por entre) + mear (mediar); E) intra- (dentro) + muscular.

*** 08:** C) gira+sol, manda+chuva, vai-vém (sem perda de tempo): comp. p/ justaposição. **Obs.:** A) roupa + ria: deriv. Sufixal; B) sub+marino: deriv. Prefixal; D) perna+alta (com perda de fonema): comp. p/ aglutinação, re+nascer: deriv. Prefixal, filho+de+algo (com perda de fonemas) comp. p/ aglutinação; E) petra+óleo (com perda de fonemas) comp. p/ aglutinação, in+útil+mente (pref. e suf. não-simultâneos): deriv. prefixal e sufixal.

*** 09:** 3, 1, 5, 2, 4,: (3) **vaivém** (vai-vem): justaposição; (1) **leiteiro** (leite+eiro): prefixação; (5) **repatriar** (re+pátria+ar: pref. e suf. simultâneos) parassíntese; (2) **infeliz** (in+feliz) prefixação; (4) **pernalta** (perna+alta, com perda de fonema): aglutinação.

*** 10:** C) **ciciar** – onomatopeia (imitação do som).**Obs.:** A) **moto**: abreviação de motocicleta; B) Funai: sigla de Fundação Nacional do Índio; D) mono (grego) + cultura (português): hibridismo, línguas diferentes; E) hidro+elétrica (com perda de fonema): aglutinação.

*** 11:** nocivo, inocente, inócuo: são cognatas (do radical "noc.": causar dano).

*** 12:** cabisbaixo (cabeça+baixa, c/ perda e trans. de fonemas): comp. p/ aglutinação.

*** 13:** mugir (voz de animal), sibilar, rufar (imitação de sons): onomatopeias).

*** 14:** juven+escer: **juvenescer**; re+juven+escer: **rejuvenescer** – lista + ar: **listar** a + lista + ar: **alistar** (pref. e suf. não simultâneos): **deriv. prefixais e sufixais**; en + doido + ecer: **endoidecer** (pref. e suf. simultâneas): **deriv. parassintética**.

*** 15:** O **badalar** (verbo convertido em substantivo) dos sinos animava os **fieis** (adjetivo convertido em substantivo): existem duas derivações impróprias.

* **16:** rei + **z** + inho: reizinho – "z" consoante de ligação.

* **17:** pires + inho: o radical é "pires"

*** 18: fal:** rad. **-a**: v. temát. **-fala**: tema – **va**: des. modo-temporal (imperf. indic.) **-mos**: des. nº – pes. (1ª p. pl.)

*** 19: corredo** (rad. do part. corrido com v. temát. -e- da 2ª conj.) + **or** (sufixo) – **corredo** é o tema.

*** 20:** encanto + ar: **encantar**, des + encanto + ar; **desencantar** (pref. e suf. não simultâneos): deriv. prefixal e sufixal; desencantar: o **desencanto** (subst. abstr. deriv. de verbo): derivação regressiva.

O Homem, a Linguagem e a Comunicação

Introdução

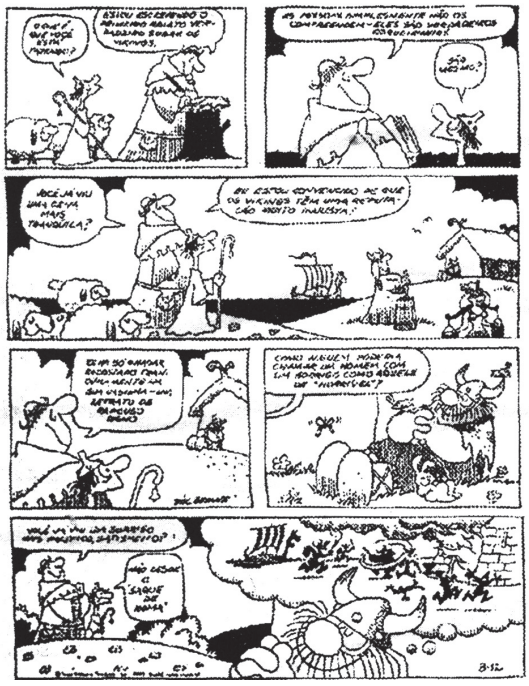

Dick Browel

Lendo o Texto

O humor do texto de Dik Browne liga-se diretamente a uma oposição entre a visão do monge que observa Hagar e sua família e o sonho do próprio Hagar, que revela os verdadeiros pensamentos e sentimentos do bárbaro.

Para o monge, a personagem, dormindo um sono tranquilo com um sorriso de beatitude nos lábios, seria prova de que um *viking* vive em paz com a natureza, mansamente próximo aos seus. No entanto, nós, leitores dessa história, conhecemos também o sonho da personagem e sabemos que o sorriso de Hagar advém da lembrança de seu dia a dia e de seu prazer em saquear, atacar, pilhar.

O monge menciona a "reputação injusta" dos *vikings*, que eles não seriam horríveis, e sim "verdadeiros cordeirinhos". O fim da história, porém, apenas reafirma a fama de Hagar e do povo que ele representa.

Embora se trate de uma história em quadrinhos e, portanto, não tenha pretensão de ser um retrato fiel da realidade, podemos dizer que o autor aborda uma questão importante e facilmente comprovável: cada povo tem sua maneira de ser, de ver o mundo. Cada povo possui seus próprios valores, suas criações. Cada povo possui sua cultura e uma língua própria para traduzi-la.

"**Cultura** pressupõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro".

Alfredo Bosi*

E como se desenvolve uma cultura? Vejamos.

O Homem é um ser social

O homem, como ser social, precisa se comunicar e viver em comunidade, que é onde troca seus conhecimentos e suas experiências. Estes, por sua vez, irão levá-lo a assimilar e compreender o mundo em que vive, dando-lhe meios para transformá-lo.

Ao acumular as experiências de sua comunidade, o homem vai construindo uma cultura própria que é transmitida de geração para geração. Para transmitir sua cultura e para suprir a necessidade de buscar a melhor expressão de suas emoções, suas sensações e seus sentimentos, o homem se viu diante de certos desafios: um deles foi o de criar e desenvolver uma maneira de comunicar-se com seus semelhantes.

Linguagem, língua e fala

Para comunicar-se o homem emprega símbolos, gestos, desenhos... Mas o meio mais eficiente que conhece e de que dispõe é a **linguagem**.

Linguagem humana é a capacidade do homem de comunicar-se por meio de uma língua.

A linguagem verbal não é a única forma de o ser humano transmitir informações. Como mostram as fotos, o desenho e formas geométricas também têm essa característica e são usados, por exemplo, em placas de sinalização de trânsito e placas em geral.

Língua "(...) é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila. (...)"

Ferdinand Saussure.

Língua ou **idioma** é um código ou seja, um conjunto de elementos e de regras combinatórias que possibilita a troca de infinitas informações. Conhecida e utilizada por todo um grupo social a todo momento, a língua, embora constitua um sistema praticamente fechado, permite a transmissão de que ler mensagem desejada. Portanto, seu emprego é ilimitado.

Segundo Ferdinand Saussure, a língua é uma concepção abstrata, que só se realiza quando empregada concretamente em um momento de comunicação.

Chama-se **fala** a realização concreta de uma língua, feita por um indivíduo de uma comunidade num determinado ato de comunicação.

Para comunicar-se, cada indivíduo utiliza o código linguístico do modo que julga mais apropriado. No entanto, para que a comunicação se dê de maneira bem-sucedida, faz-se necessário que a língua que constitui o código linguístico seja respeitada em suas regras internas. Assim, podemos dizer que uma língua é comum a todos os indivíduos de uma determinada comunidade linguística e que a fala é um ato individual, efetuado por um membro da comunidade.

Variedades Linguísticas

Empregada por tão grande quantidade de indivíduos, em situações tão diferentes e a todo momento, é de se esperar que a língua não se apresente estática. Ou seja, condicionantes sociais, regionais e as diversas situações em que se realiza determinam a ocorrência de variações em uma língua.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. p.16.

Dino Preti** subordina o estudo das variedades linguísticas a dois amplos campos:

Variedades Geográficas

* Falares regionais ou dialetos.
* Linguagem urbana x Linguagem rural.

Variedades Socioculturais

Variedades devidas ao falante:
– Dialetos sociais.
– Grau de escolaridade, profissão, idade, sexo etc.

Variedades devidas à situação:
– Níveis de fala ou registros (formal/coloquial)
– Tema, ambiente, intimidade ou não entre os falantes, estado emocional do falante.

Variedades Geográficas

19º Anuário de Criação

O anúncio faz um trocadilho entre "bichas" (filas), marca típica da sociedade urbana e burocratizada, e "bichos", símbolo de natureza e vida natural. O texto, no entanto, talvez soe estranho ao falante da língua portuguesa que mora no Brasil. Para nós, as pessoas formam filas (e não bichas) quando aguardam sua vez de serem atendidas em um banco, em uma bilheteria de cinema etc.

Pode-se perceber facilmente que a maneira como o português é empregado no Brasil e em Portugal não é exatamente a mesma, assim como também é diferente nas regiões geográficas brasileiras e até numa mesma região. Tomemos como exemplo o Sudeste: os falares de Minas Gerais e do Rio de Janeiro apresentam suas peculiaridades e distinções.

Do mesmo modo, as regiões urbanas e as regiões rurais também possuem vocabulário e pronúncia diferentes, bem como expressões típicas.
Portanto, há variações na língua condicionadas a aspectos geográficos.

Variedades Socioculturais

Variedades devidas ao Falante

a) Grupos culturais

Uma pessoa que conhece a língua que emprega apenas de ouvido, que não teve a oportunidade de tomar conhecimento das regras internas que a compõem, domina essa língua de cujas realizações participa de forma **diversa** de uma pessoa que tem contato com esse código linguístico por meio de livros, periódicos, dicionários ou ainda por intermédio da convivência com pessoas de boa formação intelectual.

Atenção: **não se quer dizer que um fale melhor ou pior que o outro**. Deseja-se apenas registrar o fato de que a formação escolar de um indivíduo, por exemplo, suas atividades profissionais, seu nível cultural podem determinar um domínio diferente da língua.

Cada classe social econômica mas sobretudo culturalmente falando emprega a língua de uma maneira especial.

b) O jargão (uma variação social)

Observe os diversos grupos profissionais: cada um deles faz uso de um vocabulário e expressões que são típicos de seu trabalho. O jargão essa linguagem técnica que alguns profissionais dominam é empregado por um grupo restrito e muitas vezes é inacessível a outros falantes da língua.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral.* 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 22.
PRETI, Dino. *Sociolinguística.* Os níveis da fala. 7 ed. São Paulo: Edusp, 1994, páginas 24-25.

Se pensarmos, por exemplo, na linguagem da economia, da informática... Quantos de nós estamos preparados para entendê-las?

Variedades devidas à Situação

O humor da tira a seguir é determinado pelo "excesso de informalidade" por parte do namorado que acaba de ser apresentado aos pais da garota.

Como uma norma de boa educação, espera-se que a pessoa estranha seja gentil, dirija-se aos donos da casa com respeito e manifeste alguma cerimônia, como um pedido de licença. Cabe à pessoa visitada dispensar as formalidades e fazer com que o estranho se sinta bem.

Nesse caso, observe que o namorado nem mesmo cumprimenta a garota e se dirige aos pais dela com tanta grosseria que Hagar toma uma posição "defensiva", ameaçando o rapaz com um machado.

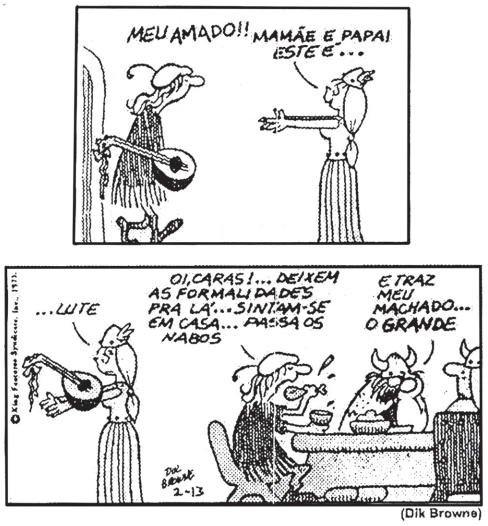

(Dik Browne)

A ilustração nos mostra o emprego de uma linguagem pouco adequada à situação que envolve os personagens.
Analisando nossa própria maneira de falar, cada um de nós é capaz de perceber que dominamos várias "línguas", ou seja, temos várias maneiras de "registrar" a língua. A cada momento fazemos uso de um desses registros.

Observe: uma criança de dois anos, quando cai, pode dizer que machucou o **bumbum**. Sua mãe, ao agradá-la, pergunta: "O nenê machucou a **bundinha**?". Ocorrendo um problema mais grave, ao levá-la ao médico, os pais provavelmente diriam que o problema é nas **nádegas**. E o médico? Bem, ele poderia anotar que a dor é na região **glútea**...

Veja que todas essas expressões são de nosso conhecimento e sabemos, quase intuitivamente, qual é o momento adequado para empregar uma ou outra.

A Variação de Maior Prestígio: A Norma Culta

Falamos genericamente sobre variações da linguagem, mas seria conveniente destacar ao menos três delas: a **linguagem coloquial**, a **norma culta** e a **linguagem literária**.

Linguagem Coloquial ou Norma Popular

É a linguagem que empregamos em nosso cotidiano, em situações sem formalidade, com interlocutores que consideramos "iguais" a nós no que diz respeito ao domínio da língua.

Norma Culta ou Norma Padrão

Se há tantas variações em uma língua, qual delas é a ensinada na escola? Por que essa e não as demais? "Quem" faz essa escolha?...

Essas perguntas apenas refletem um fato: de todas as variações, uma tem mais prestígio que as demais e acaba por ser escolhida como **padrão** a todos os falantes.

Linguagem Literária

Chamamos de linguagem literária aquela que é empregada por poetas e prosadores da língua dos mais diversos períodos que compõem uma literatura.

As Gramáticas

Gramática da língua (ou gramática descritiva)

É a que estabelece os elementos e as regras de funcionamento de uma língua. Gramáticas dessa natureza existem mais na teoria do que na prática, ou seja, sabemos de que se trata, mas sua concretização em livros se dá apenas parcialmente, quando um linguista se propõe a estudar fatos da língua portuguesa, por exemplo, a estrutura das frases.

Gramática Normativa

É a que procura registrar o padrão da norma culta de uma língua, determinando o que é certo ou o que é errado, tomando como critério o padrão culto (e não as demais variedades da língua).

Linguagem Oral e Linguagem Escrita

Por abranger todas as relações cotidianas do homem, a língua precisa de certos cuidados para que desempenhe o importante papel da comunicação.

Convém, por isso, notar que entre a língua oral ou falada e a escrita há diferenças bem acentuadas. Escrever uma história , por mais simples que ela seja, é diferente do ato de contá-la oralmente. Cada uma dessas modalidades de expressão tem suas características, seus fundamentos, suas necessidades e suas realizações.

Veja como Jô Soares faz essa distinção com humor:

Português é Fácil de Aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se dala.

Pois é. U português é muinto fáciu di aprender, porque é uma língua qui a gente inscrevi exatamente cumu si fala. Num é cumu inglêis qui dá até vontade di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im purtuguêis não. É só perstátenção. U alemão pur exemplu. Quê coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muinto diferente. Qui bom qui a minha língua é u purtuguêis. Quem soubé falá sabe inscrevê.

Nesse trecho, podemos observar que o humorista tentou uma aproximação entre a língua falada e a escrita e pôde, até, "copiá-la"; porém, "essa cópia é sempre uma transposição ou uma deformação"* da fala.

Para melhor entender o assunto, veja algumas das características de cada uma:

LÍNGUA FALADA	LÍNGUA ESCRITA
Numa situação de comunicação, a mensagem é transmitida de forma imediata.	Numa situação de comunicação, a mensagem é trasmitida de forma não imediata.
Em geral, o emissor e o receptor devem conhecer bem a situação e as circunstância que rodeiam. Se, por qualquer motivo, isso não acontecer, pode haver problemas de comunicação ou, simplesmente, não haver mensagem.	O reconhecer não precisa conhecer de forma direta a situação do emissor nem contexto da mensagem.
A mensagem costuma ser transmitida de forma mais breve, notando-se nítida tentativa de economizar palavras. Com a presença de um interlocutor, que pode, a qualquer momento, interromper a conversa, é comum o emprego de construções mais simples, frases incompletas, com ênfase nas orações coordenadas, "mais espontâneas e mais livres, menos reflexivas".	São empregadas construções mais complexas, mais planejadas, pois subentende-se que o emissor teve mais tempo para elaborar a mensagem, repensando-a, modificando-a. É, por isso, mais comum o uso de orações mais complexas, subordinadas, que exigem mais esforço de memória ou de raciocínio.
Há elementos prosódicos, como entonação, pausa, ritmo e gestos, que enfatizam o signifcado dos vocábulos e das frases.	Como não é possível, na língua escrita, a utilização dos elementos prosódicos da língua falada, o emprego dos sinais de pontuação tenta reconstruir alguns desses elementos.

Exercícios de Fixação

01. (Enem) Em muitos jornais, encontramos charges, quadrinhos, ilustrações, inspirados nos fatos noticiados. Veja um exemplo:

Jornal do Commercio, 22 ago. 1993.

O texto que se refere a uma situação semelhante à que inspirou a charge é:

A) Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida
À sombra de uma cruz, e escrevam nela
– Foi poeta – sonhou – e amou na vida.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias Escolhidas*. Rio de Janeiro/Brasília: José Aguilar/INL,1971.

B) Essa cova em que estás
Com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.
É de bom tamanho,
Nem largo nem fundo,
É a parte que te cabe
deste latifúndio.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.

C) Medir é a medida
mede
A terra, medo do homem, a lavra;
lavra
duro campo, muito cerco, vária várzea.

CHAMIE, Mário. *Sábado na hora escuta.* São Paulo: Summus, 1978.

D) Vou contar para vocês
um caso que sucedeu
na Paraíba do Norte
com um homem que se chamava
Pedro João Boa-Morte,
lavrador de Chapadinha:
talvez tenha morte boa
porque vida ele não tinha.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

E) Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar
E ora mortos nos deixa e separados.

ASSIS, Machado de. *Obra completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

02. (Enem) Leia um texto publicado no Jornal Gazeta Mercantil. Esse texto é parte de um artigo que analisa algumas situações de crise no mundo, entre elas, a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, e foi publicado na época de uma iminente crise financeira no Brasil.

"Deu no que deu. No dia 29 de outubro de 1929, uma terça-feira, praticamente não havia compradores no pregão de Nova York, só vendedores. Seguiu-se uma crise incomparável: o Produto Interno Bruto dos Estados Unidos caiu de 104 bilhões de dólares em 1929, para 56 bilhões em 1933, coisa inimaginável em nossos dias. O valor do dólar caiu a quase metade. O desemprego elevou-se de 1,5 milhão para 12,5 milhões de trabalhadores cerca de 25% da população ativa entre 1929 e 1933. A construção civil caiu 90%. Nove milhões de aplicações, tipo caderneta de poupança, perderam-se com o fechamento dos bancos. Oitenta e cinco mil firmas faliram. Houve saques e norte-americanos que passaram fome."

Gazeta Mercantil, 5 jan. 1999.

Ao citar dados referentes à crise ocorrida em 1929, em um artigo jornalístico atual, pode-se atribuir ao jornalista a seguinte intenção:

A) questionar a interpretação da crise.
B) comunicar sobre o desemprego.
C) instruir o leitor sobre aplicações em bolsas de valores.
D) relacionar os fatos passados e presentes.
E) analisar dados financeiros americanos.

03. (Unicamp-SP) Leia a tira abaixo e responda em seguida às perguntas.

A) Da leitura dos dois primeiros quadros, depreende-se uma opinião geral do garoto Calvin sobre proibições. Que opinião é essa?
B) Observe o que faz Calvin no último quadro da tira e explique o que essa ação significa no contexto da história.
C) Suponha a seguinte situação: numa autoestrada de alta velocidade, uma placa de sinalização diz: "Não pare na pista". Bem à vista da placa, um motorista trafega em marcha a ré, no acostamento. Pela lógica de Calvin esse motorista está errado?

04. (Unicamp-SP) Luís Fernando Verissimo certamente ficaria satisfeito se você, mesmo nesta situação um pouco tensa, achasse graça na tira abaixo.

Para achar graça, você precisa perceber que a tira traz implícitas duas opiniões opostas relativas a uma prática institucional de nossa sociedade.

A) Quais as duas opiniões contidas na tira?
B) Qual dessas duas opiniões pode ser considerada um argumento favorável à manutenção dessa prática institucional?

05. (Unicamp-SP) A edição de 30 de janeiro de 1998 do Noite e Dia (Feira de Santana, BA) trazia, na seção Zé Coió, a seguinte história:

"VOU PEGAR O TALÃO!"

Cansado de não vender nada na sua loja, João pegou o carro e saiu pelo interior para vender seus produtos. Depois de 15 dias sem tirar um só pedido, sentou-se embaixo de uma árvore para descansar. De repente viu uma garrafa e chutou. A garrafa deu meia volta e chegou junto. João tornou a chutar e a garrafa deu outra meia volta e ficou bem ao seu lado. João pegou a garrafa, começou acariciar e de repente surgiu uma voz que disse:

– "Você tem direito a três pedidos!"

João levantou correndo e disse:

– "Espere aí que eu vou buscar o talão". Cá, cá, cá, cá, cá, cá, cá, cá.

A) A sequência "Cá, cá, cá, cá, cá, cá, cá, cá." não faz parte da história. Explique por quê.
B) A fala de João, retomada no título, revela um equívoco fundamental na identificação de quem fala de dentro da garrafa. Em que consiste esse equívoco?
C) Transcreva as palavras que, no diálogo entre as duas personagens, permitem articular a resposta de João com sua experiência prévia de vendedor itinerante.

06. A história em quadrinhos que segue praticamente não emprega a linguagem verbal: os desenhos e a separação dos quadrinhos são os elementos responsáveis pela transmissão da mensagem, além de umas poucas onomatopeias.

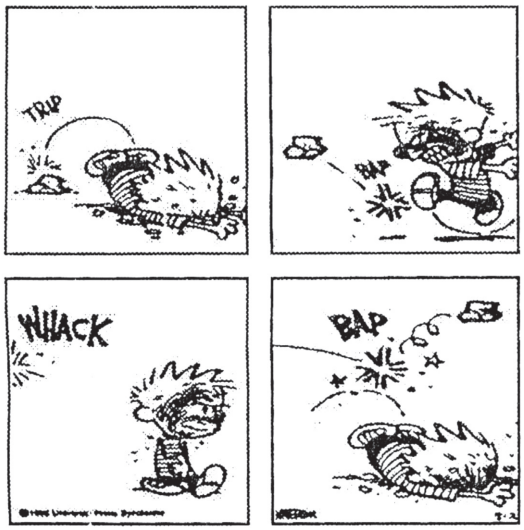

(Bill Watterson)

Conte a história empregando a linguagem verbal.

Anotações

Elementos Básicos das Comunicações e Funções da Linguagem

Elementos Básicos da Comunicação

Bill Watterson

contexto
remetente _ _ _ _ _ mensagem _ _ _ _ _ destinatário
contato
código

Analisando o que temos na lista do Calvin, verificamos que **quase** todos os elementos considerados fundamentais para a concretização da comunicação estão presentes:

- **Emissor:** alguém que transmite a mensagem (no caso, Calvin);
- **Receptor ou destinatário:** a quem a mensagem se dirige (no caso, Haroldo);
- **Mensagem:** a informação que se pretende transmitir (no caso, o questionamento sobre o comportamento dos tigres);
- **Código:** um conjunto comum ao emissor e ao destinatário formado de elementos e de regras que permitem o entendimento da mensagem (no caso, a língua portuguesa);
- **Referente:** o assunto, a situação que envolve o emissor e o destinatário e o contexto linguístico que envolve a mensagem (no caso, a situação concreta de preguiça ou sono do tigre e a fala de Calvin, questionando os objetivos de vida de um tigre, por meio de um diálogo);
- **Canal:** o meio físico para transmitir a mensagem e a conexão psicológica que leve o destinatário a se interessar no que lhe transmite o emissor e a procurar entender a mensagem (no caso, o ar e o interesse (ou melhor, a fala de) de Haroldo na mensagem emitida por Calvin).

Nesse último elemento, percebemos o "problema" que impossibilita a comunicação entre emissor (Calvin) e destinatário (Haroldo):

* ou Haroldo está dormindo e, portanto, não ouve o que o garoto lhe diz (o canal físico não existe);

* ou Haroldo está tão sonolento que não consegue dar atenção a Calvin (falta conexão psicológica, vontade do tigre em ouvir e prestar atenção ao que lhe é dito).

A Linguagem tem Diferentes Funções

Ao realizar um ato de comunicação verbal, o produtor da mensagem escolhe, seleciona as palavras, para depois organizá-las, combiná-las, conforme a sua vontade. E todo esse trabalho de seleção e combinação não é aleatório, não é realizado por acaso (afinal, seleção significa "escolha fundamentada"), mas está diretamente ligado à intenção do emissor.

As Funções da Linguagem

referencial
poética
emotiva ⟷ conativa
tática
metalinguística

Para obter uma visão geral e completa dos fatores fundamentais da comunicação e de suas relações com as funções da linguagem, podemos fazer uma superposição dos dois esquemas:

referente
função referencial
mensagem
função poética
remetente ⟷ destinatário
função emotiva — função conativa
canal
função fática
código
função metalinguística

O esquema acima reúne os elementos da comunicação e as respectivas funções da linguagem. Estas indicam o elemento da comunicação que predomina em cada mensagem.

Função Referencial, Informativa ou Denotativa

Fluorita mineral de flúor muito comum (fluoreto de cálcio, CaF_2) e principal fonte do flúor. Seus cristais são duros, frágeis e geralmente azuis ou violeta. Sob luz ultravioleta fluorita torna-se fluorescente. É encontrada em veios e bolsões associados à atividade ígnea, sendo utilizada na produção do ácido hidrofluórico, que é uma matéria-prima vital para as indústrias de plásticos e ótica.

Nova Enciclopédia Ilustrada Folha de S. Paulo.

Função Emotiva ou Expressiva

Há predominância da **função emotiva** ou **expressiva** da linguagem quando textos mostram emis-sores voltados para si mesmos, para os próprios sentimentos, revelando o estado emocional de cada um. Nota-se, por isso, a presença reiterada de verbos e pronomes em primeira pessoa e de pontos de exclamação, enfatizando os aspectos emocionais da linguagem dos emissores.

ANTES QUE SEJA TARDE

Olha, não sou daqui
Me diga onde vou
Não há tempo, não há nada
Que me faça ser quem sou
Mas sem parar pra pensar
Sigo estradas, sigo pistas pra me achar
Nunca sei o que se passa
Com as manias do lugar
Porque sempre parto antes
Que comece a gostar
De ser igual, qualquer um
Me sentir mais uma peça no final
Cometendo um erro bobo, decimal
Na verdade continuo sob a mesma condição
Distraindo a verdade, enganando o coração
Pelas minhas trilhas você perde a direção
Não há placa nem pessoas informando aonde vão
Penso outra vez estou sem meus amigos
E retomo a porta aberta dos perigos

Fernanda Takai/ John/ Tarcísio Moura
JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação.*
São Paulo: Cultrix, 1989. p. 122-123.
JAKOBSON, Roman. Op. Cit.

No texto, o emissor transmite informações sobre quem ele é, o que pensa, o que sente, como age. Os verbos e pronomes de primeira pessoa são facilmente destacáveis – "sou", "estou", "sigo"; "me", "minha". Dizemos, então, que no texto predomina a função emotiva.

Função Conativa ou Apelativa

Há predominância da função conativa ou apelativa quando, na linguagem, há, por parte do emissor, o desejo de atuar sobre o receptor, levando-o a uma mudança de comportamento. E isso pode acontecer por meio de uma ordem, um apelo, uma sugestão, uma súplica.

Trata-se, portanto, de uma função usada quando se pretende atrair a atenção do receptor e influenciá-lo a receber a mensagem.

Na função apelativa, os verbos aparecem no modo imperativo e os vocábulos são cuidadosamente escolhidos a fim de envolver o receptor.

BOM CONSELHO

Ouça um bom conselho
Eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa

Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera
nunca alcança
Venha meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio vento na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade

Chico Buarque.

Em vários momentos do texto, o emissor dirige-se diretamente ao destinatário, procurando influenciar sua maneira de ser e de agir. Prova disso são os imperativos: "ouça", "espere", "venha", "deixe", "brinque", "faça", "aja". Nesses momentos prevalece a **função conativa** ou **apelativa**.

A publicidade, nos dias de hoje, usa (e, em muitos casos, abusa) a função apelativa da linguagem.

Função Metalinguística

A linguagem apresenta **função metalinguística** quando discorre sobre o próprio código. É, na verdade, a própria linguagem que está em jogo. O emissor utiliza-se dela para transmitir ao receptor suas reflexões sobre ela mesma. Assim, o próprio código linguístico é discutido e posto em destaque.

O texto do linguista brasileiro Francisco da Silva Borba comprova isso:

"(...) Se a linguagem é atividade mental e é capaz de expressar estados mentais, logo verificamos que linguagem e pensamento se relacionam muito estreitamente. Um depende do outro para desenvolver-se em larga escala. O pensamento só é exteriorizado pela linguagem".

Observe que o linguista, ao discutir a linguagem utilizou-se dela própria para levar ao receptor as suas reflexões.

Nota-se, por exemplo, o emprego da função metalinguística em um texto, em prosa ou não, que discuta a criação artística em si; um programa de televisão que debata sua função educativa; um filme que questione a própria arte cinematográfica; livros de linguística ou gramática que procurem estabelecer princípios para os diversos usos de linguagem etc. Também os dicionários são exemplos do uso da função metalinguística.

Função Fática

A **função fática** é predominante quando, num texto, se emprega a linguagem para iniciar, prolongar, verificar, testar ou interromper a própria comunicação.

Esta função põe o canal de comunicação em destaque, verificando-se o contato entre o emissor e o receptor continua sendo mantido.

Na função fática, muitas vezes, ocorrem frases vazias, sem significado, que servem apenas para manter a conversação.

Observe este exemplo:

"O telefone tocou.
– Alô? Quem fala?
– Como? Com quem deseja falar?
– Quero falar com o sr. Samuel Cardoso.
– É ele mesmo. Quem fala, por obséquio?
– Não se lembra mais de minha voz, seu Samuel? Faça um esforço...
– Lamento muito, minha senhora, mas não me lembro. Pode dizer-me de quem se trata?"

Carlos Drummond de Andrade.

No texto, nota-se o objetivo de pôr em destaque o canal de comunicação, em face da forte insistência em manter evidente o contato entre o emissor e o receptor. Por isso, dizemos que há predomínio, pois, da função fática da linguagem.

Função Poética

NUNCA
TANTA GENTE
SE JUNTOU
PARA AJUDAR
NO SEU
TRABALHO.
SERRANA
AO LADO DE QUEM PRODUZ

Na **função poética** da linguagem, a mensagem é posta em destaque. O emissor tem um cuidado especial na escolha das palavras, realçando sons que sugerem significados diversos e empregando imagens sugestivas, a fim de expressar ou enfatizar a sua mensagem.

Observação:

É importante ressaltar que, em um mesmo texto, pode coexistir mais de uma função de linguagem. Todo texto informa alguma coisa; logo, a função referencial está sempre presente. Igualmente, a função poética sempre se faz presente em textos artísticos ou literários. Assim, dependendo da intenção do emissor ao elaborar sua mensagem, pode predominar uma ou outra função da linguagem num texto ou numa fala em que estejam sendo empregadas várias delas.

Exercícios de Fixação

01. Leia atentamente o texto seguinte e responda às questões de **01** a **08**.

TRÊS APITOS

"Quando o apito
Da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos,
Em me lembro de você.
Mas você anda,
Sem dúvida, bem zangada
E está mesmo interessada
Em fingir que não me vê.

Você que atende ao apito
De uma chaminé de barro
Por que não atende ao grito,
Tão aflito,
Da buzina do meu carro?
Você no inverno
Sem meias vai pro trabalho,
Não faz fé com agasalho,
Nem no frio você crê.
Mas você é mesmo
Artigo que não se imita,
Quando a fábrica apita
Faz reclame de você.

Nos meus olhos você lê
Que eu sofro cruelmente
Com ciúmes do gerente
Impertinente,
Que dá ordens a você.

Sou do sereno,
Poeta muito soturno,
Vou virar guarda-noturno
E você sabe por quê.
Mas você não sabe
Que, enquanto você faz pano,
Faço junto do piano
Estes versos pra você."

Rosa, Noel. In: *Noel Rosa*.
São Paulo: Abril Educação, 1982.p. 86. Literatura Comentada.

02. Em que pessoa está escrito o texto? Justifique com palavras retiradas do próprio texto.

03. Caracterize a segunda pessoa do discurso.

04. Aponte duas circunstâncias que distanciam o falante da destinatária da mensagem.

05. A **prosopopeia** (ou **personificação**) consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados. Aponte uma prosopopeia presente no texto.

06. Podemos afirmar que o texto está centrado exclusivamente na segunda pessoa?

07. **Reclame** é um **galicismo**, isto é, uma palavra de origem francesa (reclame), muito empregada na época em que o samba foi composto (1931). Observando o contexto, substitua a palavra **reclame** por outra, de emprego mais atual.

08. Por que o falante afirma que vai "virar guarda-noturno"?

09. Que funções da linguagem predominam no texto?

10.

Jin: Meddick. Robô. *Folha de São Paulo*. 6 Jan. 2000

A) Que função da linguagem predomina na tirinha?
B) O terceiro quadrinho, clímax do humor da tira, está centrado numa figura de linguagem. Que figura é? Qual a relação entre texto e imagem na composição dessa figura de linguagem?

11.

Jim Davis. *Garfield. Folha de S.Paulo*, 6 fev. 2001, p. E-7

A) Que função da linguagem predomina na tirinha?
B) O humor da tira está centrado numa flagrante contradição. Explique-a.
C) Explique a relação entre a linguagem verbal e a não-verbal e a construção do humor.

Exercícios Propostos

Texto

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração.

Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*

01. É comum, na ficção machadiana, o narrador comentar a própria escrita do romance, assumindo a posição de quem escreve e ao mesmo tempo se vê escrevendo. Esse procedimento é característico de qual das seguintes funções da linguagem?
A) Emotiva.
B) Conativa.
C) Fática.
D) Metalinguística.
E) Referencial.

02. Reconheça a função de linguagem predominante nos atos ou nas situações de comunicação a seguir:
A) "O hábito de caminhar é saudável e não apresenta contra indicação. É considerado pelos médicos um dos melhores exercícios aeróbicos que se podem fazer. Além disso, não exige equipamento sofisticado ou matrícula em academias de ginástica."

Folha de S.Paulo.

B) "– Está lá?
Estou! És tu, Margarida?
Sou. Olha, sabes o que me disse a Joana?
Não. Diz...
Que ontem não foi à aula...
Sim...
...porque chovia muito e não tinha transporte...
Estás a ouvir?
Estou, diz..."

C) "Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?"

Castro Alves.

D) "Aplique em ouro.
E conte com todas essas vantagens."

E) "Abram a porta! Sou eu! o Teles! Canalhas! A mim! Ao Teles! Canalhas!... (Sucumbido.) Ao que eu cheguei!... Um magistrado! Um antigo magistrado no calabouço!... Ah!... ah!... Que trambolhão! (Suspira fundo. Pausa.) Eu sou o Teles. Toda a gente me conhece. Algumas porcarias, o jogo... uma vergonha maior, e atiraram comigo para fora do quadro. (...)
Como pude suportar a vida? Sonhando, sonhando sempre... Tinha duas filhas, uma vi a morrer tísica.
A minha filha!... Uma filha, anh?... E sonhei, enranhei-me mais no sonho... Não, nunca bebi, não bebo senão água por causa do fígado... Mas vê-la morrer!

Raul Brandão.

03. Leia o texto a seguir com atenção antes de responder às questões propostas:

MAIS E MELHORES NEURÔNIOS

A boa ciência experimental obriga pesquisadores a rever teorias e noções que antes pareciam consensuais. No momento, a neurobiologia passa por uma dessas revisões, com a derrocada do antigo princípio de que células cerebrais (neurônios) não poderiam ser repostas pelo organismo adulto. Nessa visão ultrapassada do cérebro, o envelhecimento do órgão equivaleria necessariamente a decadência, na forma de perda progressiva de suas células.

O cérebro não apenas produz novos neurônios como surgem agora indicações de que tanto o aprendizado quanto o exercício físico podem estimular essa forma de regeneração, conhecida como neurogênese.

(...)

Folha de S. Paulo.

A) Que função da linguagem identificamos no trecho "(...) células cerebrais (neurônios)", no primeiro parágrafo? Justifique.
B) Considerando o texto como um todo, que função da linguagem prevalece ? Justifique.

04. (EFOA-MG) Pelo fato de expressar ideia de aconselhamento, pedido, ordem ou proibição, a forma verbal do imperativo é utilizada na linguagem:
A) referencial.
B) fática.
C) metalinguística.
D) conativa.
E) poética.

05. (EFOA-MG) No período eleitoral, os candidatos tentam, cada um a seu modo, convencer-nos de que são íntegros, honestos, salvadores da pátria etc. Por isso predomina nos seus discursos a seguinte função da linguagem:
A) metalinguística.
B) fática.
C) emotiva.
D) conotativa.
E) referencial.

06. (EFOA-MG) Veja uma das definições que o *Dicionário Aurélio* traz para a palavra **demagogia**: "conjunto de processos políticos hábeis tendentes a captar e utilizar com objetivos menos lícitos a exaltação e as paixões populares".
Nesse enunciado do dicionário, a função da linguagem que se realiza é:
A) metalinguística.
B) fática.
C) poética.
D) emotiva.
E) conotativa.

Gabarito – Exercícios Propostos					
01	02	03	04	05	06
D	*	*	D	C	A

*** 02:** A) referencial B) fática C) poética/conativa D) conativa E) emotiva

*** 03:** A) Função metalinguística, pois a linguagem é explicada pela própria linguagem.
B) Função referencial, pois exige que o leitor se remeta a alguns referentes do assunto.

FM – 13/02/10
Rev.: LE

By,
Agraphai.

Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento

WILLIAM SANFORD LASOR

Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento

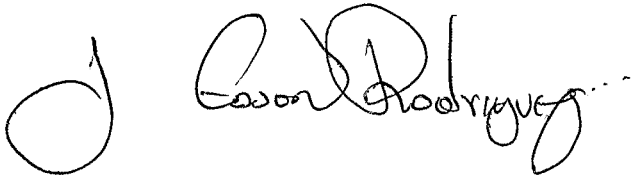

Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento

WILLIAM SANFORD LASOR

Tradução de Rubens Paes

edições VIDA NOVA

Copyright © 1973 de William Sanford LaSor
Título do original: *Handbook of New Testament Greek*
Traduzido da edição publicada pela
William B. Eerdmans Publishing Co.
e The William Carey Library

1ª edição: 1986
Reimpressão: 1990
2ª edição: 1998
Reimpressões: 2000, 2002

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21486, São Paulo-SP
04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos
fotográficos, gravação, estocagem em banco
de dados, etc.), a não ser em citações
breves, com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Capa • MELODY PIERATT

Agraphai
http://agraphai.blogspot.com.br/

Í N D I C E

Assunto	Página
Introdução	001
Sintaxe	012
Sintaxe do Verbo	032
O Sujeito Definido	054
O Complemento do Verbo	058
Modificadores do Verbo	069
Modificadores do Substantivo	082
Modificadores de Modificadores	109
Períodos Compostos	112

Agraphai

"Omnia autem probate, quod bonum est tenete...."

EPISTULA I AD THESSALONICENSES 5.21

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

A notícia de que a Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento, de William S. LaSor, agora existe em português, deve alegrar todo estudioso da língua original do Novo Testamento. Edições Vida Nova orgulha-se em prestar mais uma valiosa contribuição à lista crescente de obras em português que facilitam cada vez mais o manuseio do Novo Testamento em grego. Uma ferramenta segura como esta na área de gramática oferece condições ao leitor de fazer opções na interpretação do texto. Conhecer bem o vocabulário e a gramática do grego koinê dá facilidade e muita segurança ao penetrar-se na mente do autor bíblico.

As principais vantagens que LaSor oferece para o estudante são:

1. A simplicidade com que o autor explica as regras que regem a língua grega.
2. Uma Gramática bem completa em poucas páginas.
3. Paradigmas e tabelas das declinações em grego.
4. O vocabulário mais usado no Novo Testamento.

Esperamos que esta obra, juntamente com outras na área, venha enriquecer o trabalho de interpretação e exposição bíblicas, possibilitando aos cristãos uma conduta mais de acordo com o pensamento dos escritores bíblicos.

R. P. Shedd, Ph.D.

INTRODUÇÃO

§01. O grego é o idioma falado pelos gregos, que se auto denominavam "helenos," e, ao seu idioma, "helênico." Eles habitavam a região atualmente conhecida como Grécia, as ilhas do Mar Egeu, a região costeira da Ásia Menor e importantes colônias na Itália e no Mediterrâneo Ocidental. Há crescentes evidências de que algumas tribos da Ásia Menor estavam, de alguma forma, relacionadas ao complexo que chamamos de grego.

§01.1 O idioma grego, em seu sentido mais amplo, pertence à família lingüística denominada Indo-Européia uma família de idiomas que se difundiu para a Índia, Europa Ocidental e, então, para as Américas. O grego, portanto, é cognato do português, dos idiomas germânicos, dos românicos, etc., com os quais, nós do mundo ocidental estamos mais familiarizados. Esse estreito relacionamento se tornará óbvio em numerosas palavras de origem comum, e em construções sintáticas semelhantes.

§01.2 Nos primeiros anos da ciência lingüística e da lingüística comparativa, o óbvio relacionamento dos

idiomas indo-europeus e o sânscrito causou um amplo estudo dos vários estágios de desenvolvimento do sânscrito. A concepção popular de que o sânscrito era a forma mais antiga dos idiomas indo-europeus desenvolveu-se e, então, o sânscrito foi encarado como o ancestral de todos os idiomas indo-europeus. A falácia dessa concepção popular ainda não desapareceu totalmente. A importância do sânscrito jaz nos estudos gramaticais de Panini, de cerca do século IV a.C., que nos deu um conhecimento considerável do idioma. Os gramáticos, todavia, freqüentemente ocultam dados importantes (não intencionalmente), em seus esforços de fazer todos os dados se encaixarem em um sistema. O moderno conhecimento da família indo-européia é baseado no estudo de textos de muitas áreas, alguns deles muitos séculos anteriores à obra de Panini. O sânscrito ainda é importante, mas deve assumir seu lugar num contexto muito mais amplo de dados lingüísticos, sem negligenciar o próprio idioma hitita.

§01.3 Antigamente os idiomas indo-europeus eram divididos entre dois grupos principais, os idiomas *centum* e os *satem* (baseada em duas formas da palavra "100"). Atualmente, essa divisão simples é rejeitada de modo geral, a favor de uma divisão mais complexa, e um estudioso achou nove famílias que se desenvolveram a partir do *ancestral* indo-europeu: (1) indo-iraniano; (2) armênio; (3) grego; (4) albânico; (5) ita

liano; (6) celta; (7) germânico; (8) balto-eslavo; e (9) tocariano. O hitita não é incluído neste estágio, visto que, conforme o mesmo estudioso, ele desviou-se da herança ancestral numa data muito mais antiga. Se nós agruparmos as nove famílias (ou sub-famílias) acima sob uma rubrica "proto-indo-europeu," poderíamos colocá-la lado a lado com outro grupo, denominado "proto-anatoliano," e reunir os dois grupos sob a rubrica "proto-indo-hitita." Na verdade, contudo, por causa da contínua interpenetração de vários idiomas, devida ao comércio, guerras, etc., a solução já não é tão simples assim (E. H. Sturtevant, An Introduction to Linguistic Science, New Haven, Yale University Press, 1.946 e 1.960, pp. 154-167).

§02. Antigamente, eram identificados quatro dialetos gregos, a saber: ático, jônico, eólico e dórico. O coinê era relacionado com o ático. O grego ático, ou clássico, tornou-se proeminente por causa dos grandes atenienses, a partir do século IV a.C. Estreitamente relacionado com o ático, o jônico era natural da Jônia (a terra de Homero), e é óbvio que o idioma primitivo (homérico ou épico) poderia ser prontamente relacionado ao ático. Descobertas de inscrições, porém, deixaram claro que o quadro é altamente complexo, e muitos dialetos já foram identificados. O coinê é colocado no sub-grupo do grego noroeste, por alguns e, em certo sentido, o grego

"helenístico," ou coinê (comum), é um dos resultados do processo de helenização iniciado por Alexandre o Grande, da Macedônia. Elementos áticos no coinê literário devem ser interpretados como aticismos, ou, então, como tentativas deliberadas de imitação dos escritores áticos clássicos. (Para maiores estudos , v. C. D. Buck, The Greek Dialects, Chicago,University of Chicago Press, 1.955, pp. 3-16; A. Wikgren, et al., Hellenistic Greek Texts, Chicago, University of Chicago Press, 1.947, pp. XVII-XXVI.)

§02.1 O Novo Testamento foi escrito no grego coinê, ou comum. O coinê já foi descrito de várias maneiras, desde como um "mau ático," até "a língua do Espírito Santo." Hoje ele é visto como o idioma do helenismo, existindo em diferentes níveis: literário (bastante influenciado pelo ático, de tal modo que nem é considerado coinê por alguns estudiosos), vernacular, e vários matizes entre ambos.

§02.2 Dentro do Novo Testamento há vários níveis de coinê. Os estudiosos classificam o grego dos escritos de Lucas, e a epístola aos Hebreus, como o "mais literário," o do Apocalipse como o mais "comum," e o de Mateus como sugestivo de uma tradução do aramaico. Paulo usa o grego como um helênico educado usaria o coinê vernacular. O grego de Tiago e I Pedro é considerado "muito bom," enquanto o de II Pedro "parece ter sido aprendido quase que totalmente em livros."

§03. É um erro tentar explicar o grego do Novo Tes-

tamento apenas com base no desenvolvimento histórico do idioma. O Novo Testamento, em diferentes graus, mas sempre marcadamente, desenvolveu-se a partir da religião do Antigo Testamento. Seu caráter semítico é óbvio a todos, exceto àqueles totalmente ignorantes quanto ao mundo semítico. Os estudiosos, conseqüentemente, têm percebido muitos "semitismos," ou "hebraísmos" no Novo Testamento.

§03.1 Alguns desses semitismos podem ser descartados, visto que idéias ou expressões semelhantes foram achadas em grego que não foi semitizado. Alguns, todavia, podem ser explicados por um processo mais sutil. Durante os três séculos anteriores a Cristo, o Mediterrâneo oriental não sofreu apenas uma helenização, mas também foi o palco de uma semitização. Esses dois lados do processo histórico podem ser achados no Antigo Testamento Grego, a Septuaginta (LXX), no qual a linguagem grega é semitizada no processo da tradução, e, no qual, a religião hebraica é, ao mesmo tempo, helenizada. Idéias expressas em hebraico começaram a assumir novas dimensões ao serem expressas em termos gregos de sentido mais amplo que as expressões hebraicas. Ao mesmo tempo, as palavras gregas recebiam novos matizes de significado. O mundo gentílico aprendeu com os judeus da dispersão, direta ou indiretamente, voluntária ou involuntariamente. Quando os autores do Novo Testamento começaram a escrevê-lo, o idioma grego já estava, até certo pon-

to, pré-condicionado para eles.

§03.2 Outro elemento pode ser mencionado por ora. O Império Romano estava começando a efetuar uma mudança que não estaria completa senão em mais dois ou três séculos e que, em alguns lugares, nunca se realizaria - o idioma latino estava se difundindo para o Leste. Visto que Paulo, pelo menos, tinha sua visão voltada para Roma, nós podemos esperar achar alguns traços de "latinismos" no Novo Testamento. Eles são, contudo, poucos e relativamente sem importância.

§03.3 Para bibliografia recente, v. F. Blass e A. Debrunner, A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature, traduzida e revisada a partir das 9ª e 10ª edições em alemão, por Robert W. Funk (Chicago, University of Chicago Press, 1.961), §§ 1-7. Veja, também, A Grammar of New Testament Greek, de James H. Moulton e Nigel Turner, 4 volumes (T. & T. Clark, Edimburgo, 1963), vol. 3, pp. VII-X.

§04. O aprendizado de qualquer idioma envolve o estudo de gramática e seus elementos. É impossível produzir significado inteligível se a pessoa não conhece a diferença entre foi e era, entre é e era, ou entre eu comprei para ele e ele comprou para mim. É totalmente impossível comunicar, se as palavras não tiverem sentido. O aprendizado de um idioma, portanto, envolve fonética, morfologia, sintaxe e vocabulário.

§04.1 A fonética é o estudo dos elementos sonoros usados para formar palavras e frases. (Incluímos "frases" porque alguns sons que ocorrem em frases não ocorrem em palavras. Ex. "pois é" (poizé) é significativo, embora "poi" "zé", separadamente, sejam destituídos de significado.)

Para estudar a fonética de idiomas históricos, é preciso utilizar um meio específico. O registro dessas linguagens por escrito nos provê o material ortográfico. Tal método de estudo é denominado de ortográfico.

§04.2 A morfologia é o estudo das formas das palavras, ou da formação de palavras inflexionadas. Ela tem uma relevância especial no estudo do grego.

§04.21 Os idiomas são descritos como isoladores, aglutinadores ou inflexionadores, dependendo da maneira pela qual eles indicam o relacionamento entre as palavras. Quando o relacionamento é mostrado apenas pela ordem das palavras, sem qualquer outra indicação, o idioma é isolador. "João bateu em José," e "José bateu em João" são exemplos do tipo isolador, embora o português não seja um idioma cem por cento isolador. Idiomas aglutinadores ajuntam certo número de elementos à palavra básica. Se nos referimos a um certo tipo de atitude como "inconstitucional," e então falamos de alguém agindo "in-constitucional-mente," usamos o método aglutinador. A modificação da raiz, ou radical, de uma palavra, por meio de sufi-

xos, prefixos ou infixos, e outros elementos formadores, é a inflexão. Em português, permanecem traços inflexionais nas conjugações verbais, por exemplo: amo, amas, ama, amamos, amais, amam. O grego é um idioma altamente inflexionador.

§04.3 A sintaxe é o estudo dos meios utilizados para a criação de significado através de palavras. Um dicionário alista muitas palavras, mas não transmite o significado (as definições, sem sintaxe, simplesmente substituem as palavras definidas). Mesmo as palavras de uma sentença não transmitem significado sem sintaxe. Você seria capaz de entender a sentença a seguir: "De estudo é meios a criação através de sintaxe o significado dos"? Mas, se reagruparmos esta sentença, de acordo com regras sintáticas, as palavras formarão uma sentença significativa. Nesta gramática, estaremos especialmente preocupados com a sintaxe.

§04.4 Com o conhecimento da fonética, morfologia e sintaxe de um idioma, nós ainda não podemos nos comunicar, a menos que conheçamos o significado das palavras. O domínio do vocabulário é essencial para o aprendizado dos idiomas.

§04.41 Qual é o tamanho do vocabulário que o estudante de uma língua deve conhecer? Obviamente, quanto maior o nosso vocabulário, mais extensiva e rapidamente poderemos ler. Mas de que adianta conhecermos o vocabulário médico se não formos ler textos de me-

dicina? A lingüística moderna enfatiza o conhecimento de um vocabulário básico.

§04.42 No Novo Testamento Grego há cerca de 5.500 palavras diferentes. Dessas, quase 3.600 ocorrem quatro vezes, ou menos. Isso significa que nós iremos encontrar cada uma dessas palavras de baixa freqüência somente uma vez em 160 páginas do Novo Testamento. Mais de dois terços do vocabulário do Novo Testamento é de baixa freqüência. Somente cerca de 1.100 palavras ocorrem dez vezes, ou mais. Nós devemos nos esforçar para aprender essa lista básica. Apenas poucas palavras de baixa freqüência são de grande significado teológico. Essas, também, devem ser aprendidas. Com um vocabulário básico de 1.200 palavras é possível ler o Novo Testamento com alguma facilidade (veja uma lista de cerca de 300 palavras à p. 177).

§04.43 E o que fazer com as outras palavras? Nem todos os professores irão concordar, mas o meu conselho é que você tente adivinhar o significado delas a partir do contexto. Não é necessário procurar o significado de cada palavra estranha num oretolivro todas as vezes que você quer saber o que elas significam. Se o quadro fica claro pelo contexto, já é o suficiente. Entretanto, para o estudo cuidadoso de uma passagem importante, para o estudo do contexto teológico de palavras, e para propósitos similares, use um bom léxico. (Por sinal, você procurou o significado de "oretolivro"?)

§05. Tradução é o processo de transferir o pensamento expresso em um idioma, para outro, preferivelmente em palavras e sintaxe equivalentes. Atenção, "equivalente" não significa, necessariamente, uma tradução "palavra-por-palavra" e "frase-por-frase." Somente um literalista sem imaginação iria traduzir a expressão "what time is it" por "que tempo é este," ou "Il fait beau temps" por "isso faz bom tempo." A idéia é mais importante que as palavras individuais. As palavras servem para controlar a idéia, desde que sejam entendidas em seu próprio pano-de-fundo. A tradução, portanto, é uma tentativa de colocar a idéia definida pelas palavras e sintaxe de um dado idioma, nas palavras e sintaxe de um segundo idioma, que expressem a mesma idéia para seus leitores.

§05.1 A exegese, algumas vezes identificada com a hermenêutica, é o processo de descobrir o significado pretendido pelo autor. Desde que a tradução envolve os mesmos objetivos, é necessário fazer a exegese de uma passagem antes de tentar traduzí-la. A exegese é parte integral do processo de aprendizagem de um idioma. Mui freqüentemente se tenta fazer exegese bíblica sem o uso do idioma original. Dessa forma, o estudante não percebe a conexão entre essas disciplinas. Neste texto, procuramos fazer da exegese um aspecto integral do aprendizado do grego, de modo que o estudante, ao fazer a exegese, já saberá que o conhecimento lingüístico é uma parte essencial dela.

Quando o autor escreveu, expressou-se de acordo com certas regras gramaticais aceitas, e ele só poderia ser compreendido pelos seus contemporâneos se utilizasse tais regras. Ele só poderá ser compreendido adequadamente por nós se aprendermos e seguirmos as mesmas regras.

§06. O sistema de numeração neste texto não somente é decimal como também lógico.

§06.1 Os números devem ser lidos como decimais, sendo §14. = §14.0000; §14.1 = §14.1000, etc. Logo, 14.123 vem depois de 14.12, mas antes de 14.13.

§06.2 O sistema também é lógico, sendo os subtópicos indicados pela adição do próximo decimal. Assim, os §§ 14.1, 14.2, etc., são subseções do §14; os §§ 14.11 e 14.12 são expansões ou desenvolvimentos do § 14.1, e assim por diante. Usualmente, uma sub-seção de três ou mais decimais (§14.124; §14.1241), deve ser lida à luz da seção à qual pertence e desenvolve.

§07. Toma-se por certo que o estudante já tem o suficiente conhecimento da morfologia do idioma grego, a fim de que possa progredir no estudo da sintaxe e do vocabulário, preparando-se para estudar o Novo Testamento Grego.

SINTAXE

§10. Sintaxe é a junção de palavras com o objetivo de transmitir algum significado. Em gramática, a sintaxe é o estudo de tal arranjo, e a sintetização de regras que definem os vários elementos sintáticos de dado idioma. O falante nativo aprende, por constante "tentativa e erro," a expressar-se e a entender o que os outros estão dizendo. Para o estrangeiro, no entanto, é necessário analisar muitas orações e formular as regras. Até que ele faça isso, não será capaz nem de se expressar, nem de entender o que ouve (ou lê). A sintaxe, portanto, é a parte mais importante do estudo de um idioma.

§10.1 A mais simples comunicação de uma idéia completa é a "oração" (ou frase), que é uma palavra ou grupo de palavras contendo um sujeito e um predicado. "Fogo (sujeito) queima(predicado)".

§10.11 O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração. É a pessoa, lugar ou coisa que é, age, ou recebe a ação. É dele que trata a oração.

§10.111 O sujeito simples é aquele que tem apenas um núcleo, ou seja, quando o verbo se refere a um só

ser (ainda que ele possa estar no plural). O sujeito simples pode ser um substantivo (§10.311), ou pronome (§10.312), um numeral (§15.9), ou uma oração subordinada substantiva subjetiva (§17.31ss). Deus ama. Ele ama. Dois é bom. Cantar é preciso.

§10.112 O sujeito simples pode ser acompanhado por palavras que expliquem ou complementem o seu significado - os adjuntos adnominais (§10.21). O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo nos ama. Ou, então, por um aposto (§15.6ss). Jesus, o Filho de Deus, ordenou aos homens que se arrependam.

§10.113 O sujeito composto é aquele que tem mais de um núcleo. Deus Pai, e seu Filho Jesus trabalham em harmonia.

§10.12 O predicado é aquilo que é declarado acerca do sujeito. Deus ama. Deus é luz.

§10.121 O predicado pode ser verbal, nominal ou verbo-nominal. O predicado nominal é aquele constituído por um VERBO DE LIGAÇÃO mais um PREDICATIVO DO SUJEITO. O predicado verbal é aquele que tem como núcleo um VERBO SIGNIFICATIVO, isto é, não de ligação. O predicado verbo-nominal é aquele que tem dois núcleos, um verbo e um nome. Exemplos: Deus é luz (nominal). Deus ama (verbal). Os cristãos respiraram aliviados (verbo-nominal).

§10.122 O predicado pode ser formado por um verbo e seus complementos (ou só o verbo, se intransitivo) ,

ou por uma oração subordinada (de diferentes tipos, v. §13ss.).

§10.13 Uma sentença pode ser declaratória (declara um fato), interrogativa (faz uma pergunta), imperativa (expressa uma ordem ou pedido), ou exclamatória (expressa surpresa, temor, tristeza, ou qualquer outra emoção, na forma de uma exclamação). Cristo morreu por todos (declaratória). Você acredita nele? Arrependam-se e sejam batizados. Aleluia! Você é capaz de discernir os demais tipos?)

§10.14 A omissão de uma palavra que seria necessária para a completação de uma oração, ou frase, é chamada de elipse, e a oração ou frase, assim construídas, elíptica.

§10.2 A maioria das declarações não é simples, portanto, há outros elementos presentes na oração. Alguns são usados para modificar o sujeito ou o predicado, por isso iremos denominá-los "modificadores" (§10.21,.23). Alguns são usados para complementar o predicado, daí, denominamo-los "complementos" (§10.22). E alguns ficam fora da corrente principal do sujeito e do predicado, e nós os chamaremos de "elementos independentes" (§10.25). (Observação: esta não é a nomenclatura oficial da gramática portuguesa. Usamo-la apenas por conveniência de análise da sintaxe do Novo Testamento Grego.)

§10.21 O modificador do sujeito pode ser um ou mais dos seguintes:

o artigo definido: o livro (§15.2ss);
um pronome possessivo: seu livro (§15.511, 15.52);
um pronome interrogativo: qual livro? (§15.55);
um pronome indefinido: qualquer livro (§15.56);
um pronome demonstrativo: este livro (§15.54);
um adjetivo: livro grande (§15.1ss.);
um particípio ou gerúndio: livro convidativo (§15.7)
uma oração reduzida de infinitivo: livro a ser lido (§15.8);
uma frase preposicional: livro sobre a mesa (§15.4);
uma oração subordinada adjetiva: livro que nos fala (§15.57).

§10.22 O complemento do verbo pode ser:
um objeto direto: ele comeu pizza (§13.1s.);
um predicativo nominativo: este é o João (§13.4ss);
um predicativo adjetivo: João é alto (§13.5ss.);
uma oração reduzida de infinitivo: João quer cantar (§13.6ss);
um acusativo cognato: João correu uma corrida (§13.2);
um predicativo do objeto: Eles aclamaram-no rei (§13.3ss);
um predicativo do sujeito no genitivo: O livro era do João (§13.7ss.);
um objeto indireto: Deu mandamento aos discípulos (§13.8ss);
uma oração reduzida de particípio (grego): Ele veio correndo (§13.9ss.);

uma citação direta:Ele disse: Vá!(§13.13; §17.81ss.)
uma citação indireta: Ele disse que fossem (§17.82)

§10.221 Quando o complemento do verbo for um substantivo (§10.31), ele pode ser modificado por qualquer um dos tipos de modificadores alistados no §10.21. Veja também a discussão no §15.

§10.23 O modificador do complemento do verbo pode ser um ou mais dos seguintes:
um advérbio: Ele correu rapidamente (§ 14.2ss)
uma oração subordinada adverbial: Ele falava enquanto eu trabalhava (§14.4ss);
um genitivo absoluto: Vinda a noite, partimos (§14.5ss);
um acusativo adverbial: Nós o esperamos horas (§14.6ss);

§10.24 Os modificadores podem ser usados para modificar outros modificadores (§16.). Por exemplo, o advérbio freqüentemente modifica o adjetivo: Ele é bem grande.

§10.25 Os elementos independentes incluem: interjeições, vocativos (ou nominativos usados vocativamente) declarações parenéticas (exortativas), etc.

§10.251 Aposição é a colocação de uma palavra, expressão, ou frase, ao lado de outra, sem um conectivo, usualmente para definir ou limitar esta última. Se não for uma oração, chama-se "aposto," se for, o nome é: "oração subordinada substantiva apositiva."

§10.3 As palavras têm funções bem definidas na expressão do pensamento. Nós as classificamos de acordo com seu uso na sentença, como partes do discurso: substantivos, pronomes, adjetivos, verbos, advérbios, preposições, conjunções, numerais, artigos e interjeições.

§10.31 Substantivo é o nome de uma pessoa, lugar ou coisa. Ele pode servir como:

sujeito §12.1
objeto direto §13.1
acusativo cognato §13.2
predicativo nominativo § 13.4
predicativo genitivo § 13.7
objeto indireto § 13.8
parte de locuções § 14.3ss
objeto de infinitivo §12.63
sujeito acusativo de infinitivo § 12.51
acusativo adv. §14.6
modific. de subst. §15.3
obj. de part. § 10.382
sujeito de part. no gen. absoluto §14.5ss

§10.311 Pronome é uma palavra que substitui o substantivo. Ele designa uma pessoa, lugar ou coisa, sem nomeá-la. Um pronome pode exercer todas as funções do substantivo (Veja § 10.31).

§10.312 O substantivo ao qual se refere um pronome, é chamado de "antecedente" do pronome.

§10.32 Adjetivo é uma palavra que qualifica (descreve ou delimita) um substantivo. O adjetivo pode, às vezes, servir como um substantivo (cf. §10.31), mas como adjetivo ele cumpre funções de: predicativo do sujeito (§13.5), ou de adjunto adnominal (§15.1ss).

§10.33 Verbo é a palavra que pode asseverar algo - usualmente uma ação - acerca de uma pessoa, lugar ou coisa, §11.ss.

§10.34 Advérbio é uma palavra que modifica um verbo, adjetivo ou outro advérbio. A maioria dos advérbios responde às questões: Como? Quando? Onde? ou Por quanto? Para o advérbio como modificador do verbo,v. §10.2ss; como modificador de adjetivos e advérbios , v. §16.1. Ele ficou alto.Ele esteve aqui ontem. Ela é muito bonita.

§10.35 Preposição é uma palavra colocada antes de um substantivo para indicar a relação desse substantivo a alguma outra palavra na oração. "Isto é de Paulo." A preposição também é usada para formar locuções, v. §14.3ss; §14.4ss.

§10.351 De acordo com o uso, as preposições vêem ligadas a determinados casos. Cf. §§14.311, .312, .313. Freqüentemente se acha a expressão que uma preposição "rege o genitivo/dativo/acusativo". Isso, contudo, é um uso impróprio da palavra "reger." A preposição rege o substantivo que está num ou noutro caso.

§10.352 A preposição é usada algumas vezes antes de outras classes de palavras que não substantivos (por exemplo: adjetivos, infinitivos, etc.). Em tal uso, pode-se considerar que a palavra regida desempenha, parcialmente, uma função substantiva. Para o uso de preposições com o infinitivo, v. §14.42ss.

§10.353 Algumas vezes a preposição rege mais de um

objeto.

§10.36 Conjunção é uma palavra usada para ligar outras palavras ou orações. As conjunções que ligam termos ou orações de igual função gramatical são denominadas "coordenativas." As que ligam duas orações, sendo que uma determina ou completa o sentido da outra, são chamadas "subordinativas."

§10.361 As conjunções coordenativas podem ser: "aditivas," "adversativas," "alternativas," "conclusivas," ou "explicativas." Veja uma gramática da língua portuguesa para definições e usos das conjunções coordenativas.

§10.362 Conjunções subordinativas são usadas para introduzir orações subordinadas (dependentes). Elas se classificam em "causais," "concessivas," "condicionais," "conformativas," "finais," "proporcionais," "temporais," "comparativas," "consecutivas," e "integrantes." Veja §§17.51, .52, .53, .54 e .55ss. Não se esqueça de consultar uma gramática da língua portuguesa.

§10.37 Interjeição é a palavra que expressa sentimentos ou exclamações. Ela não tem conexão gramatical com a palavra ou grupo de palavras onde se encontra, estritamente falando, daí o seu nome. "Hum! Acho que eu posso fazer isto."

§10.38 Infinitivos e particípios são únicos em sua capacidade de perfazer uma dupla função em orações, em contraste com outras palavras que são usadas como

uma parte específica do discurso em qualquer sentença dada. Portanto, é extremamente importante estudarmos o uso duplo destas duas partes da língua.

§10.381 Um infinitivo é uma forma verbal que serve tanto como verbo quanto como substantivo. Como verbo ele pode cumprir muitas das funções de um verbo: na oração principal (§11.326), numa oração subordinada (§§17.325, .5328, .5425, .5532, etc.). Como substantivo, ele pode servir como sujeito (§12.5s), objeto (§13.6111), ligado a uma preposição (§14.34). O infinitivo pode servir como um adjetivo (§17.44), ou como um advérbio (§14.42ss; 15.6).

§10.382 Um particípio é uma forma verbal que cumpre funções de verbo e adjetivo. Como adjetivo, ele pode ser usado adjetivamente (§10.32), ou substantivamente (§10.311). Pode ser usado adverbialmente (§14.41) e é freqüentemente usado no genitivo absoluto como um modificador verbal (§14.5).

§10.4 Um grupo de palavras conexas em um período, pode servir como parte do discurso. Se o grupo não contém sujeito e predicado, é chamado "locução." Mas,se contém sujeito e predicado, é chamado "oração."

§10.41 Uma locução pode ser usada como substantivo , adjetivo, advérbio ou verbo.

§10.411 Uma locução usada como substantivo é uma locução substantiva; usada como adjetivo, uma locução adjetival; usada como preposição, locução preposicional, e assim por diante.

§10.4111 O uso do verbo auxiliar (ser, estar, etc.), com um particípio, é comum no grego. Forma-se, então uma locução verbal, algumas vezes chamada de perífrase, para construir os tempos: perfeito, mais-que-perfeito, e futuro perfeito, at. e pass. Além desses usos mais comuns, o costume ampliou-se para outros casos.

§10.4112 O pres. de εἶναι + o part. pres. é usado para expressar o pres. contínuo: "eu estou fazendo." O imperf. de εἶναί + o part. pres. é usado para enfatizar a atividade ou estado contínuos no passado: "eu estava fazendo." O uso de γίνεσθαι com o part. pres. ou perf. denota o início de um estado ou condição. E o uso de μέλλειν + o inf. é aproximadamente igual ao futuro iminente: "ele está prestes a fazer..."

§10.412 Muitas locuções adjetivais e adverbiais consistem de uma preposição e seu objeto, com ou sem outras palavras.

§10.42 Uma oração é um grupo de palavras que faz parte de um período, e que contém sujeito e predicado.

§10.421 Os períodos podem ser simples (se tiver apenas uma oração), ou compostos (tendo mais de uma oração). Os compostos podem sê-lo por: coordenação, subordinação, ou por coordenação e subordinação ao mesmo tempo.

§10.43 Uma locução, como uma oração, é usada como uma parte do discurso. Se ela é usada como um substantivo, é uma locução substantiva. Se modifica um subs

tantivo, é uma locução adjetival, e se funciona como um advérbio, é locução adverbial.

§10.431 Orações subordinadas geralmente são introduzidas por palavras subordinadoras: pronomes relativos (que, quem, cujo, de quem, etc.) são usados em orações subordinadas adjetivas. Conjunções subordinativas são usadas nas orações subordinadas adverbiais e substantivas.

§10.44 É possivel construir um período com um número ilimitado de orações coordenadas ou subordinadas. É somente a inabilidade do ouvinte/leitor para compreender o sentido do período que limita a capacidade do falante/escritor construir o seu período.

§10.5 O estudo da sintaxe usualmente começa com os elementos básicos da oração. Cada parte da linguagem é analisada em seu uso. Em minha opinião, isto resulta num conhecimento das partes, com uma correspondênte perda de sentido do todo. Nesta gramática, proponho considerar o verbo como a parte central da oração, e as suas outras partes em seu relacionamento com o verbo principal.

§10.51 Aqueles que querem ter um sumário de todos os usos do substantivo, artigo, verbo, etc., podem usar as referências cruzadas nesta gramática, ou uma das boas gramáticas construídas com base nesse padrão. Infelizmente, não há em português uma gramática sintática de alta qualidade. Pode-se consultar a Gramática Exegética Abreviada, de J.H. Greenlee, ou a

Gramática Griega del Nuevo Testamento, para os estudantes familiarizados com o castelhano. No NDITNT da Edições Vida Nova, sob o artigo "Preposições," você irá encontrar uma excelente bibliografia, em inglês. As gramáticas de A. T. Robertson e de Blass-Debruner e Funk são as mais recomendadas, embora exijam do estudante a familiaridade com os elementos fundamentais do idioma.

§10.6 DIAGRAMAÇÃO. Não há nada melhor para ajudá-lo a perceber a estrutura e o sentido de uma passagem do que a diagramação das orações. Neste manual, sigo um sistema adaptado para o uso da máquina de escrever. Tentei fazê-lo bem simples, pois o segredo de um bom diagrama é sua clareza.

§10.61 O período simples (§10.1) é básico para o diagrama. Com todos os modificadores removidos, ele forma uma simples linha reta.

§10.611 O verbo é o elemento central (§10.12). Repare como os demais elementos são colocados referencialmente a ele.

sujeito	VERBO (intransitivo)		Deus	descansou
suj.	VERBO (transitivo)	obj. (§13.1)	Deus	criou | tudo
suj.	VERBO (ligação)	\pred. nom. (§13.4)	Deus	é \amor
suj.	VERBO obj. dir.	\pred. obj. (§13.3)	Deus	chamou | luz \dia
suj.		\pred. adj. (§13.5)	οχλος o	\πολυς (Jo 12.9)

suj. | VERBO /pred. gen./pred. dat. |επιστευσαν/φιλιππω
(§13.7) (§13.8) (At 8:12) τω

§10.6111 É usado o mesmo diagrama básico se ocorrer sujeito, predicado ou verbo compostos.

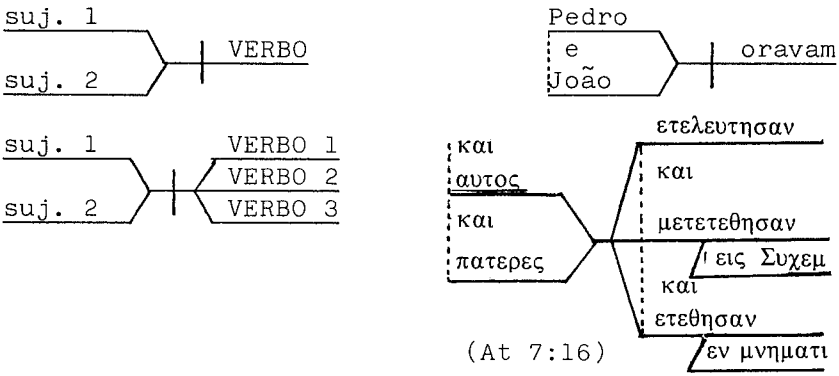

§10.6112 Obviamente, não há limites para as combinações teoricamente possíveis, mas o método de diagramação é o mesmo.

§10.612 Modificadores do suj. ou do obj., tendo em vista a diagramação, são de quatro tipos: (a) modificador em concordância (§15.11); (b) um substantivo em caso oblíquo (§15.3), ou uma locução preposicional (§15.4); (c) um particípio ou oração reduzida de particípio (§12.4)); e (d) um aposto (§10.251).

§10.6121 Os modificadores em concordância são colocados imediatamente abaixo da palavra que modificam.

suj.	VERBO	obj. dir.
modif. 1		
modif. 2		
modif. 3		

Pai	dá	dom
o		todo
amoroso		útil
celestial		

§10.6122 Um subs. no gen. ou dat., ou uma locução

preposicional, são colocados sobre uma linha oblíqua. Se houver mais de uma palavra, todo o grupo deve ser sublinhado.

suj. | VERBO | obj. dir.
/prep. /caso obl.

Amós | pregou | palavra
/de Tecoa /de Deus

§10.6123 Um part.usado adjetivalmente é colocado debaixo da palavra que modifica, ligado por uma linha vertical sólida.

sujeito VERBO
| part.

εξελευσεται
/εκ σου
ηγουμενος (Mt 2.6)

§10.6124 Um aposto é colocado atrás da palavra a que está aposto (§10.251), com o sinal =.

aposto = suj. | VERBO | obj. Senhor=Cristo | salvou | nos

§10.613 Os modificadores do verbo (§10.23), tendo em vista a diagramação de um período simples podem ser classificados em quatro classes: (a) o advérbio (§14.2); (b) a loc. prep. usada adverbialmente, incluindo o obj. ind. (§14.3); (c) a loc. ou a oração participial usada adverbialmente (§14.4); e (d) o genitivo absoluto (§14.5).

§10.6131 O adv. é colocado imediatamente abaixo do verbo.

suj. | VERBO
adv.

pron. rel. | VERBO
adv.

Ele | amou
muito

a quem | foi perdoado
muito

§10.6132 A loc. preposicional é colocada abaixo do verbo, depois de uma linha oblíqua (cf.§10.6122).

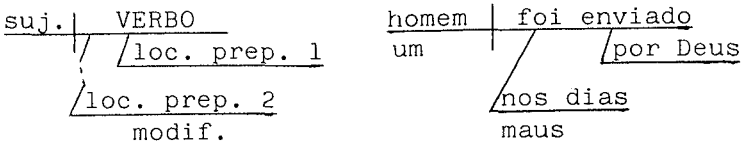

§10.6133 A oração red. de part. é colocada sob o verbo que modifica, ligada por uma linha vertical sólida (cf. §10.6123)

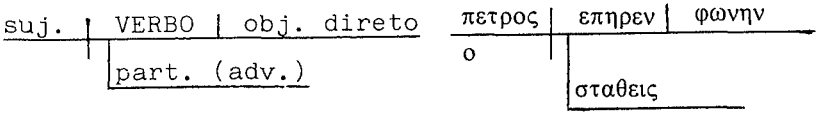

§10.6134 O gen. abs. é tratado como o part. adverbial (§10.6133), exceto pelo fato de ser ligado ao verbo por uma linha vertical quebrada.

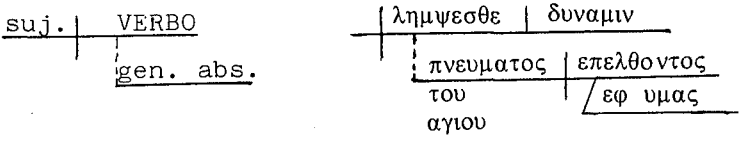

§10.614 Um infinitivo ou uma loc. subst. (§12.5), seja usado como suj. ou obj., é colocado acima da linha principal, sobre andas.

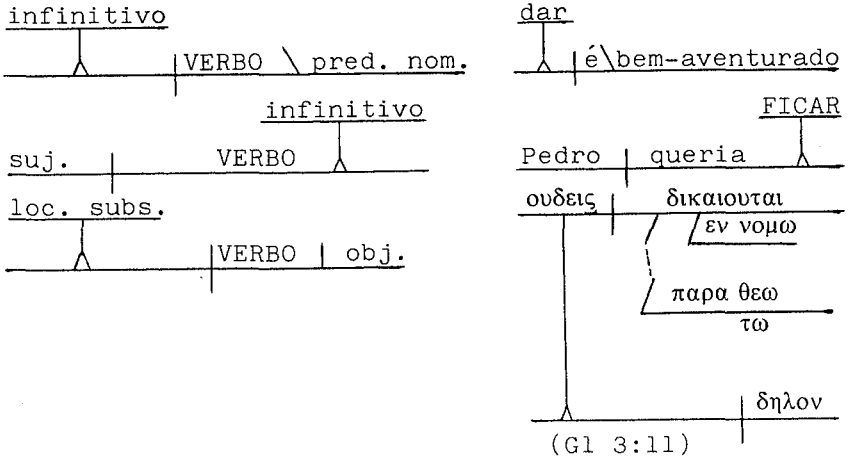

§10.6141 Em alguns diagramas, a fim de manter proeminente a predicação principal, é melhor colocar a locução subst. abaixo da linha do obj.

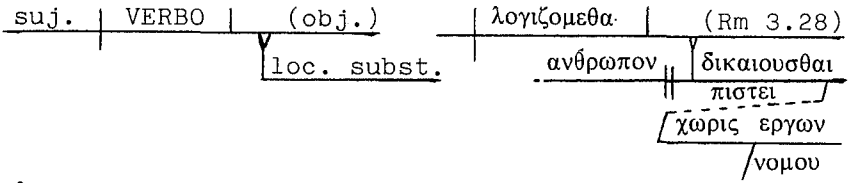

§10.6142 Repare como o suj. ac. do inf. (§12.511) é colocado atrás de uma linha dupla, antes do inf.

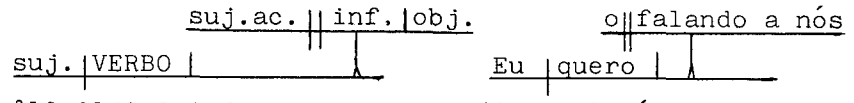

§10.6143 O inf. complementar (§13.61) é diagramado como a loc. part. (§10.6133).

§10.615 Modificadores de modificadores (§16.) são diagramados da mesma maneira que os modificadores do suj. ou obj. (cf. §10.612).

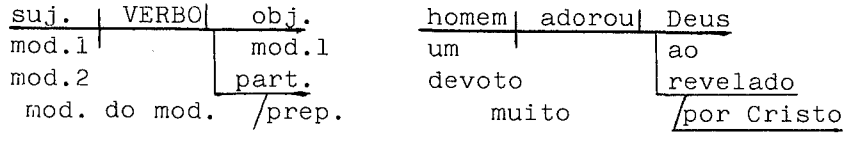

§10.62 O período composto por coordenação é diagramado como dois períodos simples, ligados por uma linha pontilhada.

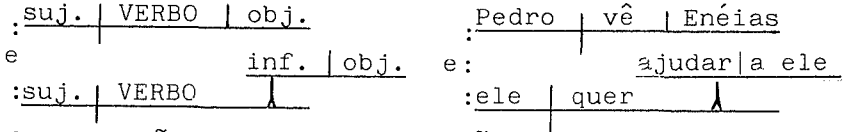

§10.621 Não vejo qualquer razão para usar um diagrama diferente se a conjunção não for aditiva.

§10.63 O período composto por subordinação, por ser

construído por uma oração principal e uma (ou mais) subordinadas (dependentes), é diagramado como dois ou mais períodos, ligados por linhas diagonais. Para os propósitos de diagramação dividimo-lo em cinco categorias: (a) orações correlativas (§17.15); (b) orações subordinadas adjetivas (§17.4); (c) orações adverbiais; (d) orações condicionais ou concessivas (§17.6); e (e) orações de discurso direto ou indireto(§17.8).

§10.631 Orações correlativas são diagramadas como dois períodos simples (cf.§10.61), ligados por uma linha pontilhada.

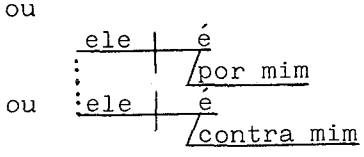

§10.632 As orações adjetivas são ligadas à sua antecedente por meio de uma linha quebrada.

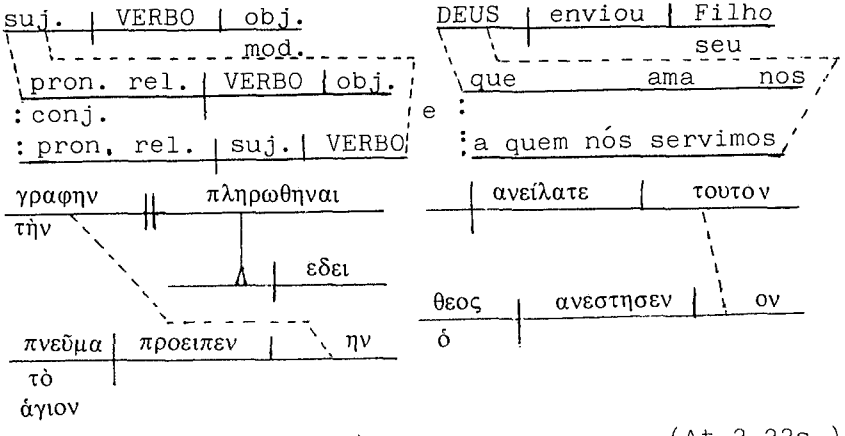

(At 1.16) (At 2.22s.)

§10.6321 O pron. rel. pode ser suj. (nom.), obj.dir. (ac.), gen., dat. de obj. ind., etc., e pode ter como seu antecedente o suj. ou o obj. da oração principal ou qualquer um de seus modificadores, ou, ainda, pode se relacionar a outra oração relativa. Não é necessário diagramar todas as possibilidades.

§10.633 A oração adverbial (§17.5), que define melhor a ação dos verbos (§14.4),é ligada ao verbo mediante uma linha sólida. As conjunções ou advérbios usados são colocados à frente dessa linha.

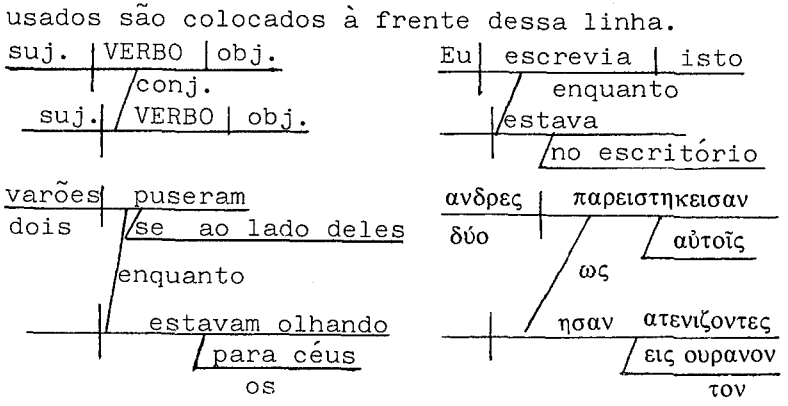

(At 1:10)

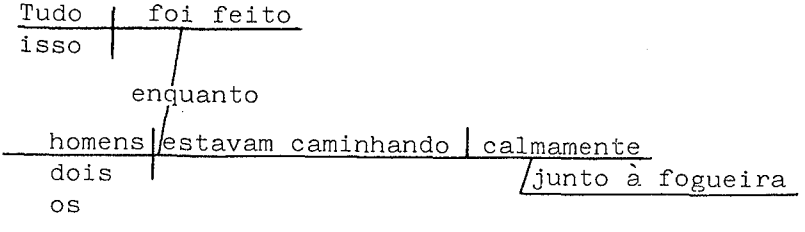

§10.6331 Uma oração adverbial pode, também, ser ligada a outra oração adverbial. Veja o exemplo da página a seguir, extraído de João 3:16.

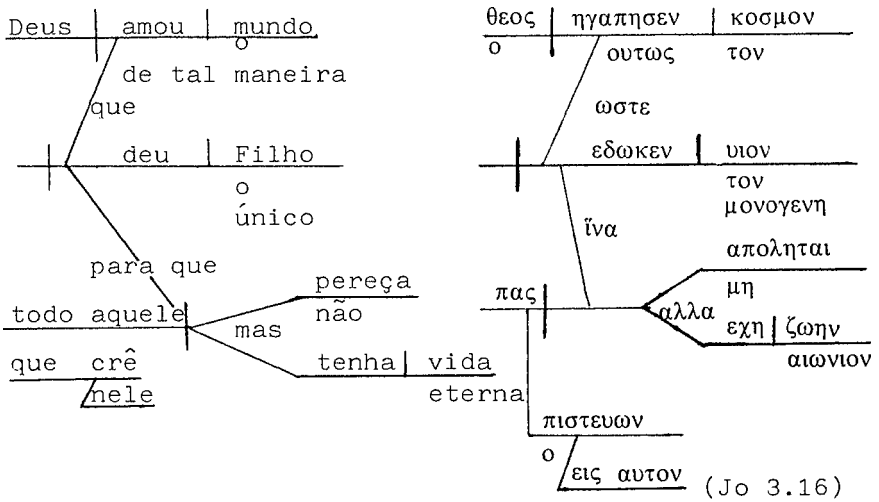

(Jo 3.16)

§10.6332 O inf. com artigo (§17.53) é diagramado de forma semelhante à da oração prep. adverbial, mas usando uma linha diagonal mais comprida.

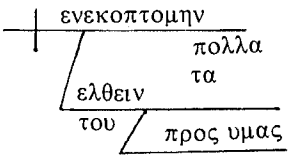

(Rm 15:22)

§10.6333 Se o inf. é usado em uma oração não subst., é colocado sobre andas

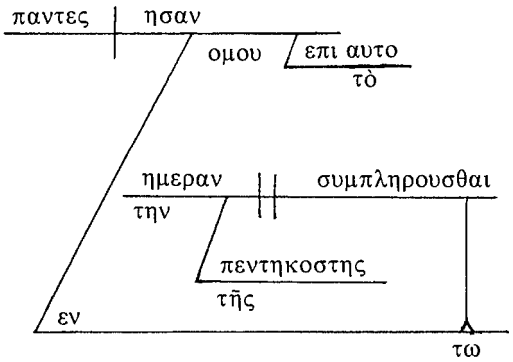

(At 2:1)

§10.634 Orações condicionais ou concessivas (§17.6)

são diagramadas da mesma forma que outras orações adverbiais. A apódose (§17.611) é colocada na posição da oração principal, e a conj. é colocada na linha que une as duas orações.

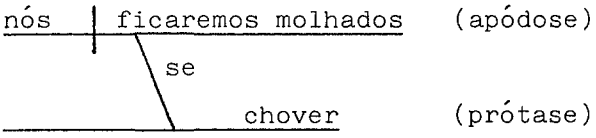

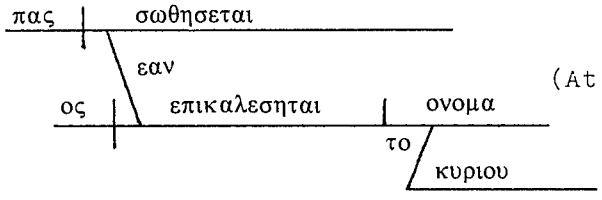

§10.635 Orações comparativas (§17.7) são diagramadas como orações adverbiais, com a conj. comparativa na linha conectora das orações. As partes omitidas são deixadas em branco.

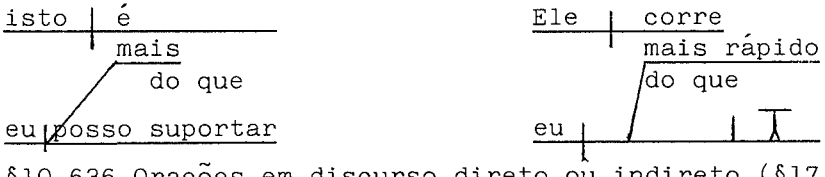

§10.636 Orações em discurso direto ou indireto (§17.8), são tratadas como orações independentes e subordinadas, respectivamente.

§10.6361 O discurso direto é diagramado como um período independente, mas conectado.

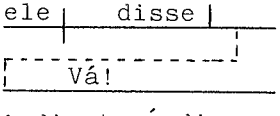

§10.6362 O discurso indireto é diagramado como uma oração substantiva. Veja o exemplo na pág. seguinte.

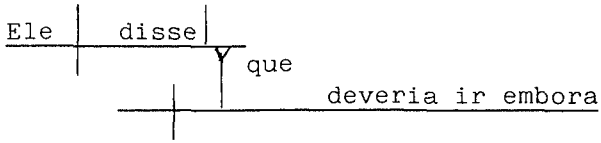

§11. SINTAXE DO VERBO. Como em todos os idiomas inflexionadores (§4.21), o verbo, no grego, serve tanto como sujeito como predicado. Pode expressar uma oração completa. περιεπάτει 'Ele estava andando' (At 3:8).

§11.1 A forma verbal indica a pessoa e o número do sujeito. ἤρξατο 'Ele começou' (At 1:1). λήμψεσθε 'Vós recebereis' (At 1:8).

§11.11 A forma verbal indica se o sujeito é a pessoa que está falando (1ª), ou a pessoa a quem se está a falar (2ª), ou a pessoa ou coisa de que se fala (3ª). δώσω 'darei' (At 2:19). τί ποιήσωμεν 'que faremos?'(At 2:37). γέγραπται 'está escrito' (At 2:20)ἐθεάσασθε αὐτὸν 'o vistes' (At 1:11). μετανοήσατε 'arrependei-vos ' (At 2:38).

§11.111 Quando é usada a 1ª pessoa do verbo, não é necessário acrescentar o pronome pessoal ou um outro substantivo para definir o sujeito, visto que é óbvio quem ele é. ἐποιησάμην 'escrevi' (At 1:1). Se for usada qualquer forma de definição do suj., ela o estará sendo para ênfase ou contraste. πάντες ἡμεῖς ἐσμεν μάρτυρες 'somos todos testemunhas' (At 2:32).

§11.112 A mesma regra se aplica quano é usada a 2ª pessoa. λήμψεσθε 'recebereis' (At 1:8). αὐτοὶ οἴδατε 'vós mesmos sabeis' (At 2:22).

§11.1121 Um substantivo (geralmente próprio) ou um pronome no vocativo (ou nominativo), podem ser usados em conexão com um verbo na 2ª pes. Mas não serão, todavia, o sujeito do verbo. σὺ κύριε...ἀνάδειξον... 'Tu, Senhor, que conheces' At 1:24

§11.113 Quando é usada a 3ª pes., o sujeito deve ser melhor definido (§12.), a menos que esteja claro à luz do contexto. Ἰωάννης ἐβάπτισεν 'João batizou' (At 1:5) εἶπεν 'Ele (o Senhor mencionado na sentença anterior) disse' At 1:7.

§11.114 Alguns verbos são impessoais, ou seja, o sujeito é impessoal e indefinido. οὐκ ἔβρεξεν 'Não choveu' Tg 5:17.

§11.1141 Muitos verbos são chamados de "impessoais," quando têm por sujeito um infinitivo ou uma oração substantiva. ἔδει πληρωρῆναι τὴν γραφήν 'Convinha que se cumprisse a Escritura' At 1:16.

§11.115 Algumas vezes a 3ª p. pl., sem um sujeito definido, é usada no lugar de um 'eles' indefinido (alguém), e pode ser traduzida pela voz passiva (cf. BD §130 (2)).

§11.12 A forma verbal indica se o sujeito é singular (uma pessoa ou coisa, ou um sujeito coletivo), ou plural (mais do que uma pessoa ou coisa). ἤρξατο 'Ele começou' At 1:1 ὑπέστρεψαν 'Eles voltaram' Atos 1:12.

§11.121 O verbo, no singular, pode ser usado quando o sujeito está no neutro plural, referindo-se a coi-

sas coletivas, e não individualmente. πάντα ην 'Tudo era' At 4.32.

§11.122 Se o suj. é coletivo, então se usa a forma sing. do verbo para o grupo como um todo. Mas se o grupo é considerado segundo a individualidade dos seus membros, é usado o plural (cf. "Este povo está determinado." "Estas pessoas estão famintas ") . ἐγίνετο σημεῖα καὶ τέρατα πολλά 'Muitos sinais e prodígios eram feitos (sing.)'Atos 5.12.
προσετίθεντο πιστεύοντες τῷ κυρίῳ 'Crentes eram acrescentados (pl.) ao Senhor' At 5.14. Cf. BD §133.

§11.123 Se dois ou mais sujeitos, ligados por conjunção, são sujeitos de um verbo, este, normalmente, estará no pl. Poderá, porém, concordar com o sujeito mais próximo. Πέτρος καὶ' 'Ιωάννης ἀνέβαινον 'Pedro e João sairam (pl.)' At 3.1. ἐπίστευσεν αὐτὸς καὶ ἡ οἰκία αὐτοῦ ὅλη 'Ele creu (sing.), com toda a sua casa' Jo 4.53. CF. BD §135.

§11.2 É na predicação, porém, que o verbo desempenha sua função principal. Por isso, devemos concentrar a nossa atenção no uso do verbo no PREDICADO.

§11.21 Um verbo que forma uma oração completa, sem qualquer tipo de complemento, é chamado de INTRANSITIVO. Se descreve um estado, e não uma ação, é chamado de 'declaratório.' οὗτος ὁ 'Ιησοῦς ἐλεύσεται Esse Jesus virá' At 1.11. δεῖ 'é necessário' At 1.21.

§11.22 Muitos verbos exigem algum complemento (§10.22) que lhes complete a predicação.

§11.221 Um verbo TRANSITIVO é um verbo que requer um objeto para completar sua predicação. Se o objeto do verbo for direto (ligado ao verbo sem o uso de preposição), ele é transitivo direto. Se o objeto for indireto, o verbo é transitivo indireto. Alguns verbos exigem dois objetos, e são chamados de transitivos diretos e indiretos (ou bi-transitivos, conforme a nomenclatura de alguns gramáticos). ἔδωκαν κλήρους αὐτοῖς 'os lançaram em sortes' At 1.26.

§11.222 Certos verbos (tais como querer, poder, começar, ser capaz de, e semelhantes), requerem outro verbo para completar a predicação, usualmente no infinitivo (o inf. complementar, §13.6). τί θέλει τοῦτο εἶναι 'Que quer isto dizer?' At 2.12.

§11.223 Verbos de ser, tornar-se e semelhantes, exigem um predicativo do sujeito (§13.4). πάντες ἡμεῖς ἐσμεν μάρτυρες 'somos todos testemunhas' At 2.32.

§11.2231 O verbo ser, no sentido de existir, não requer complemento, porque assume a natureza de um verbo declaratório. ἦν ὁ λόγος 'A palavra era' Jo 1.1.

§11.3 O MODO - a atitude do falante acerca do relacionamento da predicação à realidade - também é expresso pela forma do verbo. Os modos são: indicativo (§11.31), imperativo (§11.32), subjuntivo (§11.33) e optativo (§11.34).

§11.31 O modo INDICATIVO é, primariamente, o modo da afirmação ou negação 'não-qualificadas,' e inclui exclamações e perguntas relativas a tais asserções. No

indicativo não há dúvida ou contingência implícitos.

§11.311 Quando a declaração é expressa afirmativamente, a sentença é afirmativa. ἐξέχεεν τοῦτο 'Ele derramou isto' At 2:33.

§11.312 Mediante o uso de advérbios interrogativos, e do tom da voz, pode se fazer uma pergunta. Nesse caso, a sentença é interrogativa. Se não há dúvida ou contingência inferidas, usa-se o verbo no indicativo. οὐχὶ... οὗτοί εἰσιν... Γαλιλαῖοι; 'Não são, estes, galileus?' At 2:7.

§31.313 O verbo no predicado pode ser negado, mediante o uso de adv. de negação. A sentença, então, é denominada 'negativa.' (Alguns gramáticos ainda a chamam de 'declarativa,' pois declara alguma coisa negativa sobre o sujeito.) οὐ γὰρ οὗτοι μεθύουσιν 'Pois estes não estão bêbados' At 2:15.

§11.314 O verbo no ind. pode ser usado em orações condicionais, se não está implícita dúvida ou incerteza. Voltaremos a este ponto ao estudarmos as orações condicionais e concessivas (§§17.6, .631).

§11.32 O modo IMPERATIVO é o modo das ordens, proibições, exortações, rogos, e semelhantes. Tendo em vista que, geralmente, uma ordem é dirigida à pessoa a quem se fala, o verbo aparece comumente na 2ª pessoa μετανοήσατε 'arrependei-vos' At 2.38.

§11.321 O suj., nesse caso, não precisa ser definido com detalhes (§11.112). Se for, é por motivo de ênfase. δεήθητε ὑμεῖς ὑπὲρ ἐμοῦ 'rogai vós por mim' Atos

8+24.

§11.322 Uma exortação, ou um desejo enfático, podem ser expressos pela 3ª pes. do imperativo (que, algumas vezes, é chamado de jussivo). βαπτισθήτω ἕκαστος ὑμῶν 'seja batizado cada um dentre vós' (At 2:38).

§11.323 Uma exortação, ou um desejo enfático, também podem ser expressos pela 3ª pes. do imperativo mais o obj. ind. τοῦτο ὑμῖν γνωστὸν ἔστω 'Tomai vós conhecimento disto' (At 2:14).

§11.324 O indicativo, geralmente no futuro, também é usado como imperativo. Este uso é considerado um semitismo, sob a influência da ética vétero-testamentária. κάλεσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἰωάννην 'chamarás o nome dele João' (Lc 1:13).

§11.325 O subjuntivo, particularmente com um adv. de negação, pode ser usado como o imperativo (§11.333).

§11.326 O infinitivo pode ser usado como imperativo. Porém, é raramente achado no NT. τῷ αὐτῷ στοιχεῖν 'andemos de acordo com isto' (Fp 3:16).

§11.33 O modo SUBJUNTIVO é o modo da probabilidade ou contingência. Como tal, seu uso é mais comum nos períodos compostos por subordinação (§17.). É usado, também, em predicados simples.

§11.331 O subjuntivo deliberativo é usado para formular questões indicadoras de grande incerteza ou dúvida. τί ποιήσωμεν 'que faremos?' (At 2:37).

§11.332 O subjuntivo hortativo é usado em exortações. κρατῶμεν τῆς ὁμολογίας 'retenhamos firmemente a con-

fissão' Hb 4.14.

§11.333 O subj. também é usado no lugar do imperativo em ordens negativas. μὴ στήσῃς αὐτοῖς ταύτην τὴν ἁμαρτίαν 'Não lhes imputes este pecado' At 7:60.

§11.3331 De acordo com Burton, Syntax of Moods and Tenses of the NT Greek, §§163-166, o subj. aor. proíbe a ação como um evento, particularmente quando ela ainda não foi iniciada, e o pres. imperativo proíbe a continuidade da ação.

§11.334 O subj. com οὐ μὴ é usado para denotar a negação enfática. οὐ μὴ κριθῆτε 'não sereis julgados '. Lc 6:37.

§11.34 O modo OPTATIVO era usado basicamente para denotar um desejo alcançável, e também era usado para expressar a ação futura enquanto dependente de circunstâncias ou condições - daí ser chamado de futuro potencial. Porém, o optativo não é achado com freqüência no NT.

§11.341 O uso do optativo sem ἄν, para expressar um desejo, é achado principalmente nos escritos de Paulo (Burton alista 35 exemplos). τὸ αργύριόν σου εἴη εἰς ἀπώλειαν 'O teu dinheiro seja contigo para perdição!' Atos 8:20.

§11.3411 A expressão μὴ γένοιτο, freqüentemente traduzida 'jamais,' 'de modo algum,' é o optativo de desejo mais comum, ocorrendo 15x no NT, sendo 14x em Paulo.

§11.342 O optativo potencial, com ἄν, descreve uma

uma ação ou estado, futuros, contingente ou circunstancial. Será discutido sob as orações subordinadas. (§17.646.)

§11.35 O part. e o inf., visto não serem propriamente modos, não são discutidos aqui. Veja os §§ 10.38; 14.42ss.; 10.381 e 14.41.

§11.4 A VOZ - o relacionamento entre o sujeito e o predicado - também é indicada pela forma do verbo. Há três vozes no grego:ativa, média e passiva.

§11.41 A voz ATIVA do verbo indica a ação do sujeito sobre o objeto (transitiva), ou faz uma afirmação sobre o sujeito (intransitiva). εἶδεν πᾶς ὁ λαὸς αὐτόν 'Todo o povo o viu' At 3:9. τί θαυμάζετε ἐπὶ τούτῳ 'Por que vos admirais com isto?' At 3:12.

§11.42 A voz PASSIVA indica a atividade do verbo sobre o sujeito. Normalmente, somente verbos transitivos podem ser passados para a passiva - uma vez que só os verbos transitivos têm objeto, e o objeto de um verbo na ativa se torna o sujeito do verbo na passiva (Ativa: 'João atacou a José.' Passiva: ' José foi atacado por João.'). ἐπήρθη 'Ele foi elevado 'At 1.9. Cf. τοῦτον τὸν Ἰησοῦν ἀνέστησεν ὁ θεός 'Este Jesus, que foi ressuscitado por Deus' At 2:32.

§11.421 Verbos que têm dois objetos (§13.3), quando levados para a passiva, podem ter um objeto retido (§13.321, .331).

§11.43 A voz MÉDIA, geralmente a mais difícil de ser compreendida, indica usualmente que o sujeito execu-

ta a ação em benefício de si mesmo, ou sofre a ação, ou, de alguma maneira, está envolvido na ação de modo mais amplo do que ser apenas o sujeito. Quase sempre deve ser traduzida por um verbo na voz ativa. ἤρξατο λαλεῖν 'Eles começaram (méd.) a falar' At 2:4.

§11.431 A média reflexiva é comparativamente rara, é mais comum que a oração reflexiva seja formada por um verbo na voz ativa, mais o pronome reflexivo. Há, contudo, alguns exemplos no N.T. ἀπήγξατο 'Ele se enforcou' Mt 7:25.

§11.432 A média intensiva (ou dinâmica, ou indireta) coloca a ênfase sobre o sujeito como o causador da ação. ἀπειλησώμεθα αὐτοῖς μηκετί λαλεῖν 'ameacemo-los, para que não falem mais' At 4:17.

§11.433 A média permissiva indica que o sujeito permite que a ação o afete, ou, então, indica que ele tenta uma ação em seu próprio benefício. ἀνέβη Ἰωσήφ.. .ἀπογράψασθαι 'José subiu para alistar-se (deixar-se alistar)' Lc 2:4-5.

§11.44 Um verbo que não tem a forma da voz ativa, e que é usado na média (ou média e passiva) com sentido ativo, é chamado defectivo. οὕς ἐξελέξατο 'a quem ele escolhera' At 1:2.

§11.5 Tempo, que inclui o tipo de ação e (talvez até mais do que) o tempo da ação, é indicado, também, pela forma do verbo grego. O estudante de grego deve se desfazer da idéia simples de 'passado,' 'presente ' e 'futuro' quando estuda os tempos gregos, e se

concentrar sobre o que está sendo transmitido pelas formas gregas. Alguns gramáticos, de fato, rejeitam totalmente a palavra 'tempo' e a substituem por 'aspecto;' outros usam a palavra alemã Aktionsart (gênero ou tipo de ação). Porém, pelo menos no indicativo, o verbo denota tempo e tipo de ação.

§11.51 O quadro a seguir, que pode ser encontrado em várias gramáticas, pode ajudar a esclarecer a natureza do 'tempo' no verbo grego.

	INDEFINIDA	CONTÍNUA	COMPLETA (AÇÃO)
Presente		Presente γράφω estou escrevendo	Perfeito γέγραφα tenho escrito
Passado	Aoristo ἔγραψα escrevi	Imperfeito ἔγραφον escrevia	MaisquePerfeito ἐγεγράφειν tinha escrito
Futuro	Futuro γράψω escreverei		Futuro Perfeito γεγράψεται terá sido escrito

§11.511 Tempo ou estado da ação, visto do ponto de vista do falante, pode ser: presente, passado ou futuro. O indicador do tempo passado é, geralmente, um aumento no radical. O aumento está ausente de todas as formas, exceto do indicativo, logo, somente as formas do indicativo mostram indicação de tempo. O indicador do futuro é menos óbvio: é uma combinação do sigma aorístico (um sinal de indefinição?) e a terminação primária. O fato de que não há forma mor-

fológica de expressar um presente indefinido (escrevo) ou um futuro contínuo (estarei escrevendo), deveria nos fazer parar para repensar todo o assunto.

§11.512 ASPECTO ou tipo de ação, pode ser descrito como: contínuo ou completo; uma terceira categoria é 'indefinido' (a palavra grega é aoristo), quando uma ação ou estado são encarados sem preocupação com seu aspecto. O morfema do aoristo é o sigma infixado (exceto para o 2º aoristo). O morfema para a ação completa é a duplicação do radical. (Alguns gramáticos a denominam de 're-duplicação', mas esse nome é redundante.)

§11.5121 As características básicas desses três aspectos são vistas mais claramente nos seus infinitivos: por exemplo, pres. 'estar fazendo,' perf.'ter feito,' aor. 'fazer.'

§11.513 O 'presente aorístico' (escrevo) não existe morfologicamente, tendo em vista que devemos pensar sobre a natureza da atividade do presente como 'contínua.' Em português, o indefinido 'escrevo' e o contínuo 'estou escrevendo' têm nuances diferentes de significado, e diferem de verbo para verbo. 'Escrevo,' por exemplo, pode não ter a menor indicação de atividade presente. Em alguns casos, o grego usará o aoristo para denotar nosso presente aorístico.

§11.514 O 'futuro contínuo' (estarei escrevendo) está ausente possivelmente porque aquilo que é futuro também é indefinido. O idioma grego usa,freqüentemen

te, um futuro perifrástico quando quer ressaltar a natureza contínua da ação ou estado no futuro.

§11.52 O PRESENTE transmite a idéia de uma ação em andamento. Pode ser usado para denotar o passado e, também, o futuro, mas, basicamente, é usado para denotar o presente. Ele tem sido descrito como 'o imperfeito do presente.' Moule diz: "comece verificando se ele pode ser traduzido pelo presente perifrástico em inglês (português)." πῶς ἡμεῖς ακούομεν 'Como nós os estamos ouvindo?' At 2:8.

§11.521 O presente histórico é o pres. do indicativo usado para narrar a ação passada de modo vívido. λέγει δὲ αὐτός 'Mas ele mesmo (o patriarca Davi) diz.' At 2:34.

§11.522 O presente futurístico é o pres. usado para denotar vividamente a ação ou estado futuros . ὁ δὲ ἔχω τοῦτό σοι δίδωμι 'Mas o que tenho, isso te dou ' At 3:6.

§11.523 O presente conativo é o uso do presente do indicativo para expressar a ação tentada mas não completada. διὰ ποῖον αὐτῶν ἔργον ἐμέ λιθάζετε; 'Por qual destas obras estais me apedrejando?' (isto é, planejando apedrejá-lo) Jo 10:32.

§11.524 O presente gnômico é o uso do presente do indicativo para expressar a ação costumeira, verdades gerais, máximas e coisas semelhantes. πᾶν δένδρον ἀγαθὸν καρπούς καλούς ποιεῖ 'Toda boa árvore produz bons frutos' Mt 7:17.

§11.525 O presente do indicativo é usado algumas vezes para indicar a ação no passado que ainda está em andamento. Em português é difícil tornar percebida essa distinção. Geralmente, o verbo é traduzido apenas como um presente simples; são poucas as exceções. ὑμεῖς δὲ μαρτυρεῖτε, ὅτι ἀπ' ἀρχῆς μετ' ἐμοῦ ἔστε 'E vós testemunhais porque estais comigo desde o princípio' (poderia ser traduzido 'tendes estado') Jo 15:27.

§11.526 O presente é usado em discursos de terceiros (discurso indireto, §17.82), quando o falante teria usado o presente. Em português a tradução desses casos deve seguir a sintaxe determinada pelo contexto, ou a 'sequência dos tempos.' (Ex.: direto: 'Ele disse, estou indo.' Indireto: 'Ele disse que estava indo.' ἀπυνθάνοντο εἰ Σίμων...ἐνθάδε ξενίζεται 'Eles perguntaram se Simão estava (literalmente, está) hospedado ali' At 10:18.

§11.527 O presente aorístico é o uso do presente para descrever um evento simultâneo ao ato de sua narração; quando o evento é concebido como uma idéia pontilear. ἰᾶταί σε Ἰησοῦς Χριστός 'Jesus Cristo te curou'(lit. 'cura') At 9:34.

§11.528 Deve ser óbvio que estas distinções são determinadas unicamente pelo contexto. Não há nenhuma diferença formal entre um 'presente progressivo' e um 'presente histórico' - e, muitas vezes, até mesmo o contexto não é conclusivo, conforme demonstram os debates dos comentaristas.

§11.53 O imperfeito indicativo transmite a idéia da ação linear, ou contínua, no passado. Ele deve ser cuidadosamente distingüido do aoristo (§11.54) quanto ao tipo de ação ou estado descritos. Quase tudo que falamos a respeito do presente pode ser aplicado ao imperfeito, e a melhor tradução inicial é o uso do passado perifrástico (estava fazendo). O imperfeito só ocorre no indicativo, visto que difere do presente apenas no tocante ao tempo, e o tempo não é expresso nas formas não-indicativas do verbo. ἐπίπρασκον καὶ διεμέριζον 'Eles estavam vendendo e repartindo' At 2.45.

§11.531 O imperfeito inceptivo é o imperfeito usado para descrever o início de uma ação contínua no passado. ἐξαλλόμενος ἔστη καὶ περιεπάτει 'de um salto, levantou-se e começou a andar' At 3.8

§11.532 O imperfeito iterativo é o imperfeito usado para descrever uma ação costumeira ou repetitiva, no passado. τις ἀνὴρ...ἐβαστάζετο ὃν ἐτίθουν καθ' ἡμέραν 'Era levado um homem, a quem punham diariamente' Atos 3.2; cf. Atos 4.34

§11.533 O imperfeito conativo é o imperfeito usado para descrever a ação tentada mas não completada no passado (cf. §11.523). συνήλλασσεν αὐτοὺς εἰς εἰρήνην 'procurou reconduzi-los (literalmente, estava reconduzindo-os) à paz' At 7.26.

§11.534 O imperfeito desiderativo é o imperfeito usa

do para expressar um desejo de forma indireta ou velada. Algumas vezes não expressa verdadeiramente um desejo, mas uma expressão parecida com a seguinte: "Eu preferiria ..." (cf. Rm 9:3, ηὐχόμην γὰρ ἀνάθεμα εἶναι αὐτός 'Porque eu mesmo desejaria ser separado de Cristo' - certamente não era a vontade de Paulo!) ἐβουλόμην καὶ αὐτὸς τοῦ ἀνθρώπου ἀκοῦσαι ' Eu bem quisera ouvir esse homem.' At 25.22

§11.535 O uso do imperfeito em orações condicionais será discutido mais tarde, sob os períodos compostos (§17.6ss.).

§11.536 Devemos ser advertidos, mais uma vez, que apenas o contexto pode determinar a diferença entre imperfeito "inceptivo," "ingressivo" e outros. Nós traduzimos "eles começaram a falar" (At 2:4, §11.531) porque eles ainda não tinham começado a falar, e traduzimos "quis levá-los a paz" porque sabemos que eles não conseguiram reconciliá-los (At 7:26, §11.533). O fato de que os eruditos freqüentemente se envolvem em longas e inconcluisvas discussões acerca de algumas declarações, deveria ser prova suficiente de que essas diferenças não são sempre bem definidas.

§11.54 O AORISTO transmite a idéia da ação ou estado vistos como um evento. No indicativo, usualmente tem a ver com o passado, mas em outros modos, e no infinitivo e no particípio, não há qualquer referên

cia temporal (aoristo, em grego, significa 'ilimitado, inqualificado'). Assim, enquanto o presente e o imperfeito são descritos como uma linha (linear), o aoristo é descrito como ponto (pontilear). É o tempo mais comum e importante do grego, e o estudante fará muito bem em dominar sua natureza e uso. Freqüentemente a melhor tradução em português é o pretérito perfeito. ἐγένετο ἄφνω ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἦχος 'De repente soou um som dos céus' (At 2:2).

§11.541 O aoristo CONSTATIVO é o aoristo usado para expressar uma ação ou estado em sua totalidade. Também pode ser usado para expressar atividade durante um período de tempo, quando essa atividade é vista simplesmente como um fato único (p. ex. 'João correu', .343) e não há nenhum idéia de ênfase sobre a continuidade da ação. Ἰωάννης μὲν ἐβάπτισεν ὕδατι "João batizou com água" (At 1:5). τίνα τῶν προφητῶν οὐκ ἐδίωξαν οἱ πατέρες ὑμῶν; 'Qual dos profetas os seus pais não perseguiram?' (At 7.52).

§11.542 O aoristo INGRESSIVO (ou inceptivo) é o aoristo usado para indicar o começo de uma ação ou estado. Normalmente é o sentido do verbo que determina isto. "Ele viveu" no sentido de "ele veio à vida" é, claramento, ingressivo, pois se quiséssemos enfatizar a continuidade da vida usaríamos o imperfeito. ἐσίγησεν δὲ πᾶν τὸ πλῆθος καὶ ἤκουον Βαρναβᾶ καὶ Παύλου 'E toda a multidão se calou (aor.) e co-

meçaram a ouvir (imperf.) Barnabé e Paulo' (At 15: 12).

§11.543 O aoristo CULMINANTE é o aoristo usado para indicar o término (culminação) de um estado ou ação. Novamente, é o sentido do verbo que determina este uso. (P. ex. "ele bateu" é culminante, pois primeiro a pessoa deve tomar a decisão de bater, depois ela deve se preparar e, finalmente, bater). οὐκ ἐψεύσω ἀνθρώποις ἀλλά τῷ θεῷ "Você não mentiu a homens, mas a Deus" (At 5:4).

§11.544 O aoristo GNÔMICO é o aoristo usado para expressar um fato, verdade, ou semelhante. Em minha opinião ele pode ser considerado um aoristo CULMINANTE. Cf. Dana e Mantey §181(1); Moule Idiom Book p. 12. ἐδικαίωθη ἡ σοφία ἀπὸ πάντων τῶν τέκνων αὐτῆς 'A sabedoria é justificada por todos os seus filhos' (Lc 7:35).

§11.545 O aoristo EPISTOLAR é o aoristo usado para descrever uma ação ou estado a partir do ponto de vista do leitor (cf. o presente histórico, §11.521). De alguns modos este aoristo é similar ao culminante. Paulo escreve: 'Eu o mandei' (Fp 2:28). Na verdade, quando escreveu, Paulo ainda não o havia mandado, só o mandou após terminar a carta e, quando a declaração é lida a ação chega a seu término. ἔπεμψα πρὸς σέ 'Eu o enviei para você' (At 23:30; a carta foi mandada junto com Paulo).

§11.546 O aoristo DRAMÁTICO é usado para descrever um estado mental recentemente atingido, ou, então, um ato que expresse tal decisão. Algumas vezes este aoristo é chamado de TRÁGICO. ἔγνων τί ποιήσω "Agora sei o que vou fazer' (Lc 16:4).

§11.547 Mais uma vez, deve ser enfatizado que o contexto e o significado do verbo usado são os fatores determinantes. É uma falsa metodologia "nomear" primeiro o aoristo e, depois, traduzir o verbo. O método correto trabalha com a oração e deixa o contexto determinar a nuance do aoristo usado. Pelo contexto sabemos que o mordomo infiel (Lc 16:4; §11.546) não sabia ainda o que deveria fazer; o contexto deixa claro que ele tinha tido a idéia naquele mesmo instante. Esse aoristo pode ser chamado de CULMINANTE ou DRAMÁTICO.

§11.55 O FUTURO é, dos tempos gregos, o que mais se aproxima do que pode ser chamado de um "tempo" puro. Ele indica mais o tempo da ação do que a sua qualidade (de fato, BDF §§ 314, 318 diz que o futuro é estritamente tempo e não modo de ação). A estreita conexão (morfológica e praticamente falando) entre o futuro ind. e o aoristo subj. levou alguns estudiosos à conclusão de que o futuro foi um desenvolvimento tardio do aoristo. Algumas vezes se defende a idéia de que o futuro é aorístico ou pontilear, e não linear, em seu aspecto. A tradução para o portu

guês pode ser feita usualmente mediante o uso do futuro do presente. δώσω τέρατα ἐν τῷ ουρανῷ ἄνω 'E mostrarei prodígios em cima no céu' (At 2:19).

§11.551 O futuro PREDITIVO é o futuro usado para descrever uma ação ou estado que irá ocorrer no futuro. Geralmente é o fato da ação, ou estado, que está em mente, e não sua natureza. λήμψεσθε δύναμιν 'Recebereis poder' (At 1:8).

§11.5511 Tendo em vista que a natureza pontilear está implícita, Burton chama este futuro de AORÍSTICO PREDITIVO.

§11.5512 Quando a natureza duradoura ou progressiva da ação ou estado está implícita, Burton chama o futuro de PROGRESSIVO PREDITIVO; Dana e Mantey o chamam de FUTURO PROGRESSIVO (§178(2)). ἐν τοῦτω χαίρω ἀλλά καὶ χαρήσομαι 'Nisto me regozijo, e me regozijarei ainda mais' (Fp 1:18).

§11.5513 Moule, op. cit., p. 10, indica que quando o sentido linear, ou progressivo, está claramente em mente, o expediente normal é o uso de um tempo composto (perifrástico). Ele admite, porém, que há alguns usos de futuro linear no Novo Testamento.

§11.552 O futuro IMPERATIVO é o futuro usado para expressar um mandamento ou uma proibição. Ocorre de modo mais frequente em proibições iniciadas com οὐ (§14.221). ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου 'Amarás a teu próximo (Mt 5.43, citando a LXX). οὐ φονεύσεις 'Não

matarás' (Mt 5.21, também da LXX). Alguns estudiosos consideram este uso do futuro como um hebraísmo, baseado no uso do incompleto no hebraico para expressar o imperativo.

§11.553 O futuro DELIBERATIVO é o futuro usado para questões, reais ou retóricas, quando está presente alguma incerteza. Aqui o futuro ind. se aproxima, e bastante, do aoristo subj. ποῖον ὄικον οἰκοδομήσετε μοι; 'Que tipo de casa edificareis para mim?' (At 7:49).

§11.554 O futuro GNÔMICO é o futuro usado para expressar uma ação ou estado que se espera continue a acontecer no futuro (cf. §§11.524, 11.544). A semelhança com o aoristo gnômico é aparente. Pode-se neste caso, perguntar se esta não é uma categoria especial do futuro preditivo. ἕκαστος γὰρ τὸ ἴδιον φορτίον βαστάσει 'Pois cada um levará seu próprio fardo' (Gl 6:5).

§11.555 Novamente, é o contexto o único fator determinante!

§11.56 O PERFEITO, em grego, transmite a idéia do efeito no presente como resultado da ação no passado, ou mais simplesmente, a idéia da ação completa. Não é um tempo equivalente ao pretérito perfeito, porém se aproxima bastante dele. A tradução em português irá variar de verbo para verbo, mas, usar um tempo composto geralmente será um bom começo. Talvez

o simples γέγραπται "Está escrito" (não "foi escrito") ilustre melhor o perfeito.

§11.561 O perfeito da AÇÃO COMPLETA (CONSUMATIVO) é o perfeito usado para descrever uma ação como completa, junto com seus resultados. πεπληρώκατε τὴν Ἰερουσαλὴμ τῆς διδαχῆς ὑμῶν 'Enchestes Jerusalém de seu ensino (e agora ela já está cheia)' (At 5:28).

§11.562 O perfeito do ESTADO EXISTENTE (INTENSIVO), é o perfeito usado para descrever um estado ou condição existentes no presente, deixando de fora a ação passada. γέγραπται γὰρ ἐν βίβλῳ 'Pois está escrito na Bíblia' (At 1:20).

§11.5621 Freqüentemente o próprio sentido do verbo requer que ele seja colocado numa destas categorias. Questiona-se, ainda, se devem ser distingüidas as categorias.

§11.563 Dana e Mantey (§184 (3)) distingüem um perfeito iterativo, denotando um processo de ações repetidas que produziram um certo resultado. Pode ser chamado de perfeito de AÇÃO REPETIDA. θεον οὔδεις ἑώρακεν πώποτε 'Ninguém jamais viu a Deus' (Jo 1:18).

§11.564 Burton (§77) distingüe um perfeito INTENSIVO (diferente do de Dana e Mantey, §11.562 acima), o qual é de fato, um perfeito enfático ou intensivo em seu significado. καὶ ἡμεῖς πεπιστεύκαμεν καὶ ἐγνώκαμεν... 'E nós já temos crido e bem sabemos' (Jo 6:69). Este texto não poderia ser traduzido no passado!

§11.565 Burton distingüe um perfeito AORÍSTICO, que é classificado por Dana e Mantey como perfeito dramático. Este tempo verbal é bastante encontrado no Novo Testamento para descrever, de uma forma expressiva, um estado existente. Portanto, ele constitui-se num uso retórico especial do perfeito do estado existente. οὐκ ἔσχηκα ἄνεσιν τῷ πνεύματί μου 'Não tive descanso no meu espírito' (II Co 2:13).

§11.566 Estas distinções são pontos de discordância entre os estudiosos. Porém, a nomenclatura empregada é menos importante do que as idéias, contexto e significado do verbo usado, que são fatores determinantes.

§11.57 O tempo MAIS-QUE-PERFEITO, como o perfeito, transmite a idéia do estado existente como um resultado da ação completa. Ele difere do perfeito somente no fato de que seu ponto de vista está no passado. O pretérito perfeito ou o pretérito mais-que-perfeito composto são pontos de partida para tradução. και ὧδε εἰς τοῦτο ἐληλύθει 'E para isso veio aqui' (ou, '...tinha vindo para cá') (At 9:21).

§11.571 Considerando que o mais-que-perfeito é somente um perfeito no tempo passado, as mesmas categorias podem ser usadas para descrevê-lo. O que Burton denomina mais-que-perfeito da AÇÃO COMPLETA, Dana e Mantey chamam 'consumativo', isto é, o mais-que-perfeito do indicativo usado para transmitir a idéia de

uma ação concluida no passado, do ponto de vista daquele que fala ou escreve. Μαγδαληνή ἀφ' ἧς δαιμόνια ἑπτὰ ἐξεληλύθει 'Madalena, da qual tinham saído sete demônios' (Lc 8:2).

§11.572 O que Burton classifica como mais-que-perfeito do ESTADO-EXISTENTE é chamado por Dana e Mantey de mais-que-perfeito do indicativo, usado para descrever um resultado existente no passado como consequência de uma ação anterior. ὁ ἄνθρωπος ἐφ' ὅν γεγόνει τὸ σημεῖον τοῦτο 'O homem em que se operara este sinal' (At 4:22).

§11.573 A classificação do mais-que-perfeito é determinada pelo significado do verbo e pelo contexto.

§12. O SUJEITO DEFINIDO. Nós temos visto que a morfologia do verbo é capaz de expressar o sujeito (§11.1). Em alguns casos, por questões de ênfase, clareza, etc., aquele que fala ou escreve define o sujeito com maior precisão. O sujeito pode ser definido por um substantivo (§12.1), um pronome (§12.2), um adjetivo substantivado (§12.3), um particípio substantivado (§12.4), um infinitivo (§12.5), ou uma oração substantivada (§12.6). O 'sujeito definido' pode ser mais precisamente definido pelo uso de modificadores (§15.).

NOMINATIVO

=sujeito	VERBO

§12.1 Um substantivo no caso nominativo, em concordância com o verbo em pessoa e número (§§11.11ss.,12 ss.), pode ser usado para definir o sujeito. Ἰωάννης ἐβάπτισεν 'João batizou' (At 1:5). γενηθήτω ἡ ἔπαυλις αὐτοῦ ἔρημος 'Fique deserta a sua habitação' (At 1:20).

§12.11 Para detalhes quanto à concordância do verbo com o sujeito definido, veja §11.121, .122, .123.

§12.2 Um pronome no caso nominativo, em concordância com o verbo em pessoa e número (§§11.11ss., .12ss.), pode ser usado para definir o sujeito do verbo.

§12.21 Um pronome pessoal pode ser usado sob certas condições. Devemos sempre nos lembrar de que o pronome pessoal é inerente à forma do verbo.

§12.211 Verbos na primeira ou segunda pessoa podem ter o pronome pessoal adicionado para se dar contraste ou ênfase (§11.111, .112). ἡμεῖς ἔσμεν μάρτυρες 'Nós somos testemunhas' (At 2:32). ὃν ὑμεῖς ἐσταυρώσατε 'A quem vós crucificastes' (At 2:36).

§12.212 O pronome da 3ª ps. sg., no nominativo, é um pronome intensivo e pode ser usado com o verbo em qualquer pessoa e número. καθὼς αὐτοὶ οἴδατε 'Vós mesmos bem sabeis' (At 2:22).

§12.213 Às vezes, o pronome pessoal é usado com o verbo, o que parece ser um hebraismo ou semitismo. (cf. §03., 03.1), veja BDF §277 (2).

§12.214 Como o substantivo, o pronome é encontrado em rara concordância, cf. §11.121, .122, .123.

§12.22 O pronome interrogativo pode ser usado numa sentença interrogativa, no nominativo, quando aquele que fala ou escreve deseja definir, com maior precisão, o sujeito. Ele, normalmente, concorda em número com o verbo. τίς σε κατέστησεν ἄρχοντα καὶ δικαστὴν ἐφ' ὑμῶν; 'Quem te constituiu chefe e juíz sobre nós?' (At 7: 27).

§12.23 O pronome indefinido, no nominativo, pode ser usado quando o sujeito é indefinido. παραγενόμενος δέ τις ἀπήγγειλεν αὐτοῖς 'E chegou alguém e anunciou-lhes' (At 5:25).

§12.24 O pronome demonstrativo, no caso nominativo, pode ser usado para definir o sujeito. Em tais casos ele é usado substantivadamente e deve ser traduzido por 'este,' 'aquele,' 'estes,'etc. οὐ γὰρ...οὗτοι μεθύουσιν 'Pois estes (homens) não estão embriagados'(At 2:15)

§12.241 O artigo definido, como um pronome demonstrativo, pode ser usado no nominativo para definir o sujeito. Ele deverá ser traduzido 'este homem,' 'estes homens,' etc. ὁ δὲ ἔφη 'E aquele (ou ele), disse' (At 7:2).

§12.25 O pronome relativo, exceto quando usado indefinidamente, é empregado no nominativo para definir o sujeito do verbo em orações relativas. (§17.412). Nós consideraremos isto sob períodos compostos (§17. 4).

§12.3 Adjetivos podem ser usados substantivadamente; daí, podem ser empregados no nominativo como um subs

tantivo (§12.1ss.). τὴν ἐπισκοπὴν αὐτοῦ λαβέτω ἕτερος 'Tome outro o seu bispado' (At 1:20).

§12.31 Um adjetivo neutro singular com o artigo definido é freqüentemente usado como um substantivo abstrato.

§12.4 Particípios, sendo adjetivos verbais, podem ser usados substantivadamente. Quando são assim empregados, geralmente com um artigo definido, eles devem ser traduzidos para o português por uma oração relativa ou, então, por uma participial. οἱ μὲν οὖν συνελθόντες ἠρώτων αὐτόν 'Então os que estavam reunidos lhe perguntavam' ou 'eles pois, estando reunidos outra vez, perguntaram-lhe' (At 1:6).

§12.41 O particípio neutro, com o artigo definido , pode ser usado como um substantivo abstrato.

§12.5 Um infinitivo, sendo um substantivo verbal, pode ser usado para definir o sujeito. Em tal caso ele é, geralmente, acompanhado do artigo definido no nominativo neutro singular.τὸ δὲ ἀνίπτοις χερσὶν φαγεῖν οὐ κοινοῖ τὸν ἄνθρωπον 'Mas o comer sem lavar as mãos não contamina o homem' (Mt 15:20).

§12.51 O infinitivo, sendo também uma forma verbal, pode ter o seu próprio sujeito, objeto ou outros modificadores. Em tal caso a oração infinitiva serve como uma oração substantiva, definindo o sujeito do verbo. οὐκ ἦν δυνατὸν κρατεῖσθαι αὐτὸν ὑπ' αὐτοῦ 'Porque não lhe era possível ser por ela retido' (At 2:24).

§12.511 O sujeito de um infinitivo está no caso acusativo.

§12.6 Uma oração substantiva (§17.3) pode servir para definir o sujeito de um verbo. Com excessão das orações participiais e infinitivas, consideradas acima, as substantivas serão examinadas sob períodos compostos (§17.2 ss.).

§13. O COMPLEMENTO DO VERBO no predicado. Alguns verbos têm sentido completo em si mesmos, talvez precisando somente de um sujeito que seja definido de uma forma mais clara (verbos intransitivos). Outros verbos são incompletos e precisam da adição de uma palavra ou grupo de palavras (um complemento), a fim de completar o significado.

		ACUSATIVO
nom.	VERBO	=objeto

§13.1 O objeto direto é um substantivo ou oração que serve como complemento de um verbo transitivo. Ele indica aquele que recebe a ação ou a própria ação produzida pelo verbo principal do predicado.

§13.11 Um substantivo ou um pronome no caso acusativo pode servir como objeto direto de um verbo transitivo. λήμψεσθε δύναμιν 'Recebereis poder' (Atos 1:8). ἠρώτων αὐτόν 'Eles perguntaram-lhe' (At 1:6).

§13.111 Um adjetivo ou particípio usado substantivadamente pode ser o objeto direto.

§13.12 Uma oração substantiva pode ser o objeto direto (§17.32 ss.). τί θέλει τοῦτο εἶναι; 'Que quer isto ser?'

(= "Que quer dizer isto?") (At 2:12).

§13.13 Os verbos dizer, saber, pensar, e outros que contenham idéias semelhantes, podem pedir uma citação direta como objeto direto, sempre introduzida por ὅτι. εἶπεν δὲ Πέτρος ἀργύριον καὶ χρυσίον οὐχ ὑπάρχει μοι 'Pedro disse: "Não tenho prata nem ouro" ' (At 3:6).

§13.131 Se uma citação indireta (§17.83) está depois de um dos verbos mencionados acima, tal citação constitui-se numa oração subordinada, e será considerada sob períodos compostos.

§13.2 O acusativo cognato. Qualquer verbo, cujo significado permita, pode pedir um acusativo de significado semelhante. Assim, muitos verbos intransitivos, que não podem levar um objeto direto, podem requerer um acusativo cognato e, verbos transitivos podem ser usados de maneira intransitiva com o acusativo cognato. τὸν καλὸν ἀγώνα ἠγώνισμαι 'Combati o bom combate' (II Tim 4:7).

§13.21 O acusativo cognato não é, necessariamente, uma palavra cognata; pode ser qualquer idéia relacionada. τὸ ποτήριον ὁ ἐγὼ πίνω πίεσθε 'O cálice que eu bebo, haveis de bebê-lo' (Mc 10:39).

§13.22 Uma extensão do uso do acusativo cognato é encontrada com verbos de movimento, onde um substantivo, no acusativo, pode completar o predicado expressando o local onde o movimento ocorre. προῆλθον ῥύμην μίαν 'Enveredaram por uma rua' (At 12:10); ἦλθον ἡμέρας ὁδόν 'Andaram caminho (=jornada) de um dia' (Lc 2:44).

§13.23 O acusativo de efeito é usado para expressar um resultado da ação de um verbo. δαρήσεται πολλάς 'Será castigado com muitos (açoites)' (Lc 12:47).

§13.3 Certos verbos podem ser seguidos por dois objetos. Isto deve ser distingüido do objeto composto (dois objetos diretos), e é conhecido por muitos nomes, tais como "o acusativo da pessoa e da coisa," "acusativo de objeto e resultado," "acusativo de objeto e objeto cognato," etc., cada um tendo seus próprios característicos. Podemos denominá-los todos pelo termo geral complemento objetivo ou predicativo do objeto.

§13.31 Os verbos nomear, escolher, designar, fazer, pensar a respeito e outros, com idéias semelhantes, podem levar um predicativo do objeto (ou predicado acusativo) em adição ao objeto acusativo. O predicativo do objeto é, às vezes, chamado de objeto complementar. καὶ κύριον αὐτὸν καὶ χριστὸν ἐποιησεν ὁ θεός 'Deus o fez Senhor e Cristo' (At 2:36, onde há dois predicativos do objeto, "Senhor," e "Cristo".

§13.311 Quando uma declaração em que um dos verbos acima é usado está na forma passiva, o objeto direto torna-se o sujeito do verbo passivo, e o predicativo do objeto torna-se um predicado nominal (ou se a sintaxe requer, um predicado genitivo). καλέσεις το ονομα αὐτοῦ Ἰωάννην 'Chamarás o seu nome João' (Lc 1:13), mas κληθήσεται Ἰωάννης 'será chamado João' (Lc 1:60).

§13.32 Os verbos pedir, exigir, ensinar, lembrar, o-

cultar, destituir, vestir ou despir, levar e outros de idéias semelhantes, podem ter dois objetos: o objeto da pessoa (objeto direto) e o objeto da coisa referida. ἀποστασίαν διδάσκεις ἀπὸ Μωϋσέως τοὺς κατὰ τὰ ἔθην πάντας Ἰουδαίους 'Ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a se apartarem de Moisés' (At 21:21).

§13.321 Quando uma declaração com um dos verbos acima é invertida para a construção passiva, o objeto direto torna-se o sujeito do verbo passivo, e o objeto da coisa referida permanece no caso acusativo. οὗτος ἦν κατηχημένος τὴν ὁδὸν τοῦ κυρίου 'Era ele instruido no caminho do Senhor' (At 18:25).

§13.33 Os verbos fazer, moldar, pedir e outros com idéias similares podem ter dois objetos impessoais, o acusativo do objeto e o acusativo do resultado da ação. θῶ τοὺς ἐχθρούς σου ὑποπόδιον τῶν ποδῶν σου 'Até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés' (At 2:35).

§13.331 Quando uma declaração que contenha um destes verbos estiver na forma passiva, o objeto tornar-se-á o sujeito do verbo passivo e o que estava como resultado da ação na forma ativa ficará como objeto do resultado no acusativo.

§13.34 Verbos com a idéia de jurar, adjurar etc., podem ter dois objetos: o acusativo da pessoa para quem o juramento é feito e o acusativo da pessoa ou coisa pelo qual é feito. ὁρκίζω ὑμᾶς τὸν Ἰησοῦν ὃν Παῦλος κηρύσσει 'Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega' (Atos 19:13).

§13.35 Em todos os casos onde o verbo pode levar dois objetos, um infinitivo ou uma oração substantiva pode substituir um (ou possivelmente ambos) dos objetos. ὥς πεποιηκόσιν τοῦ περιπατεῖν αὐτόν 'Como tendo-o feito andar' (=como se nós o tivessemos feito) (At 3:12).

§13.4 O predicado nominal. Com o uso dos verbos ser, tornar-se e outros semelhantes, o complemento verbal é, na verdade, uma definição complementar do sujeito. Ele está, portanto, no caso nominativo. ἡμεῖς ἐσμεν μάρτυρες 'Nós somos testemunhas' (At 2:32).

§13.41 O verbo ser é freqüentemente omitido quando se pretende um simples uso copulativo. ὅτι μὲν γὰρ γνωστὸν σημεῖον γέγονεν δι' αὐτῶν...φανερόν 'Pois que um sinal notável tem ocorrido através deles... (é) manifesto' (Atos 4:16).

§13.42 O predicado nominal ocorre depois de verbos relacionados a nomear, chamar e semelhantes, na voz passiva (cf. §13.311).

§13.43 O predicado nominal pode ser uma oração substantiva, um infinitivo ou uma oração infinitiva. τί ἐστιν τὸ ἐκ νεκρῶν ἀναστῆναι; 'O que seria (o que é) "ressurgir dos mortos"?' (Mc 9:10).

§13.5 O predicado adjetivo. Quando o complemento é um adjetivo, o verbo ser é geralmente omitido, e a predicação é feita pelo uso de um predicado adjetivo. O predicado adjetivo deve ser distingüido do adjetivo atributivo. (Pred. adj.: "O garoto é alto"; pred. atributivo "O garoto alto".) οὐδεῖς ἀγαθός 'Ninguém é bom' (Lc

18:19).

§13.51 O predicado adjetivo é, quase que invariavelmente, anartro (isto é, sem o artigo definido). Ele pode vir antes ou depois do sujeito que está qualificando. ὁ εἷς φαρισαῖος καὶ ὁ ἕτερος τελώνης 'Um (era) fariseu e o outro (era) publicano' (Lc 18:10). καλὸν οὖν τὸ ἅλας 'Bom é o sal' (Lc 14:34).

§13.511 A posiçãc do adjetivo com relação ao artigo definido é chamada "posição predicativa" em distinção à posição do adjetivo atributivo (que é chamada de "posição atributiva"). Nós consideraremos o adjetivo quando estudarmos os modificadores do substantivo(cf. §15.).

§13.52 O predicado adjetivo pode ser um particípio ou uma oração participial usada adjetivadamente.

§13.521 O predicado adjetivo pode ser seguido por um infinitivo complementar (§13.61). οὗ οὐκ εἰμι ἄξιος τὸ ὑποδῆμα τῶν ποδῶν λῦσαι 'De quem não sou digno de desatar as alparcas dos pés' (At 13:25).

§13.6 O complemento do predicado pode ser um infinitivo ou uma oração infinitiva.

§13.61 O infinitivo complementar é um infinitivo usado para complementar o pensamento expresso por certos verbos, substantivos ou adjetivos.

§13.611 Os verbos desejar, mandar, aconselhar, permitir, iniciar, tentar e outros com idéias semelhantes, geralmente requerem outro verbo para completar o significado. O infinitivo pode estar no discurso indire-

to (§17.8211). Ele geralmente será anartro (sem o artigo definido). ὧν ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς ποιεῖν τε καὶ διδάσκειν 'Quanto Jesus começou a fazer e ensinar' (At 1:1).

§13.612 Em muitos casos o infinitivo complementar é, na realidade, um substantivo ou uma oração substantiva, servindo como objeto direto do verbo. Em tais casos, o artigo definido (ac. sg. neut.) pode preceder o infinitivo. οὐ παραιτοῦμαι τὸ ἀποθανεῖν 'Não recuso morrer' (At 25:11).

§13.613 O infinitivo complementar pode acompanhar um substantivo ou adjetivo, conf. §13.521.

§13.7 O predicado genitivo. Alguns verbos pedem o complemento do predicado no caso genitivo. Outros fazem-no sob determinadas condições.

§13.71 Os verbos ser, tornar-se e outros de ligação, podem levar um predicado genitivo. ὃ ἦν Σίμωνος 'Que era o de Simão' (Lc 5:3).

§13.711 O predicado genitivo pode constituir-se de um dos vários usos do genitivo: possessivo, subjetivo, objetivo, partitivo, genitivo de medida ou genitivo de material. ἐγώ εἰμι Παύλου 'Eu sou de Paulo' (ICo 1.12). οὐκ ἐσμὲν νυκτὸς οὐδὲ σκότους 'Nós não somos da noite nem das trevas' (I Ts 5:5).

§13.72 O verbo chamar e outros com sentido semelhante (§13.31) podem levar um predicado genitivo no lugar do predicado acusativo. ἐπὶ τῇ στοᾷ τῇ καλουμένῃ Σαλομῶντος 'Ao pórtico chamado de Salomão' (At 3:11).

§13.73 Qualquer verbo cuja ação afete o objeto somente em parte, pode levar um complemento no genitivo. μετελάμβανον τροφῆς 'Partindo o (do) pão' (At 2:46).

§13.74 Os verbos experimentar, cheirar, ouvir, perceber, compreender, lembrar, esquecer, desejar, querer, dispensar, negligenciar, estranhar, admirar, despre - zar e outros com idéias semelhantes que, por natureza, não agem sobre o objeto da mesma forma que os verbos que indicam maior ação, podem pedir um genitivo do objeto.

§13.741 Os verbos ouvir, aprender, etc., podem levar um acusativo referente à coisa ouvida ou aprendida, e um genitivo da pessoa que ouviu ou aprendeu. ἥν ἠκούσατέ μου 'A qual de mim ouvistes' (At 1:4).

§13.742 Os verbos tocar, segurar, clamar, apontar, atingir, errar, começar, alcançar e outros que possuam significado semelhante, pedem um genitivo do objeto. ἔχιδνα...καθῆψεν τῆς χειρὸς αὐτοῦ 'Uma víbora... apegou-se-lhe à mão' (At 28:3).

§13.7421 O verbo segurar pode levar um objeto acusativo da pessoa e/ou um objeto genitivo da parte da pessoa. πιάσας αὐτὸν τῆς δεξιάς χειρὸς ἤγειρεν αὐτόν 'Segurando-o pela mão direita, levantou-o' (At 3:7).

§13.743 Verbos que indicam plenitude e escassez ou deficiência, levam o genitivo de material. ἐπλήσθησαν πάντες πνεύματος ἁγίου 'E todos ficaram cheios do Espírito Santo' (At 2:4).

§13.7431 O verbo encher pede o acusativo do recipiente e o genitivo do material. πεπληρώκατε τὴν Ἰερουσαλὲμ τῆς διδαχῆς ὑμῶν 'E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina' (At 5:28).

§13.7432 O verbo faltar pode levar um acusativo cognato (§13.2) da coisa referida, bem como um genitivo. προσδεόμενος τινος '(Como se estivesse) precisando de alguma coisa' (At 17:25).

§13.7433 O verbo δεῖ pode levar um dativo da pessoa bem como o genitivo.

§13.744 Os verbos mudar, diferençar, restringir, libertar, falhar, cessar, abandonar e outros com significados semelhantes, podem ser seguidos por um genitivo de separação. μέλλειν τε καὶ καθαιρεῖσθαι τῆς μεγαλειότητος αὐτῆς 'Vindo mesmo a ser destituida da sua majestade' (At 19:27).

§13.7441 Verbos que contenham idéia de destituir ou privar e levar embora, podem ter um genitivo no lugar do acusativo da coisa referida. ἐκώλυσεν αὐτούς τοῦ βουλήματος 'Estorvou-lhes este intento' (At 27:43).

§13.745 Verbos que indiquem ultrapassagem, ser inferior, etc., levam um genitivo de comparação. πολλῶν στρουθίων διαφέρετε ὑμεῖς 'Mais valeis vós do que muitos passarinhos' (Mt 10.31).

§13.746 Os verbos acusar, processar, sentenciar, absolver, condenar e outros com idéias similares, levam um genitivo denotando o crime e um acusativo da pessoa. καὶ γὰρ κινδυνεύομεν ἐγκαλεῖσθαι στάσεως 'Pois até

corremos perigo de sermos acusados de sedição' (At 19:40).

§13.7461 Estes verbos podem levar um acusativo cognato (§13.2), do qual o genitivo depende.

§13.747 Verbos que expressem emoções, tais como admiração, espanto, afeição, ódio, pena, ira, inveja ou vingança, podem levar um genitivo da causa da emoção. Vários desses verbos têm perdido este característico no Novo Testamento. BDF §176. ἐπεμελήθη αὐτοῦ 'E cuidou dele' (Lc 10.34).

§13.748 Verbos compostos (aqueles que são formados pela anteposição de uma preposição), cujo significado sugeriria um objeto acusativo, podem levar um objeto no caso regido pela preposição presente no verbo. κατεγέλων αὐτοῦ 'E riam-se dele' (Mt 9:24).

§13.8 O predicado dativo. Certos verbos, tais como: beneficiar, servir, obedecer, defender, assistir, agradar, confiar, satisfazer, aconselhar, exortar e seus respectivos opostos, ou ainda verbos que expressem amizade, hostilidade, culpa, insulto, reprovação, inveja, ira, ameaça, etc., pedem um dativo do objeto.

§13.81 Certos verbos impessoais levam o dativo da pessoa com o genitivo da coisa envolvida (§13.7433).

§13.82 Com verbos de ser ou tornar-se, o dativo pode ser usado para indicar possessão. O verbo pode ser omitido. ὄνομα αὐτῷ Ἰωάννης 'Cujo nome era João' (lit. (o) nome para ele (era) João) (Jo 1:6).

§13.83 Muitos verbos compostos, especialmente aqueles formados com as preposições εν -, συν -ou επι -. pedem um predicado no dativo. μὴ παρενοχλεῖν τοῖς ἀπὸ τῶν ἐθνῶν 'Não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios' (At 15:19).

§13.84 O dativo do objeto indireto é discutido no §14.1.

§13.9 O particípio suplementar. O particípio é, algumas vezes, adicionado a certos verbos para completar a idéia expressa pelos mesmos, de um modo semelhante ao infinitivo complementar (§13.61).

§13.91 A adição do particípio do verbo dizer , quando está nesta categoria, é geralmente classificado como um semitismo, correspondendo ao termo hebraico lē'mōr. διεμαρτύρατο δὲ πού τις λέγων 'Mas em certo lugar testificou alguém, dizendo' (Hb 2:6).

§13.92 O uso do particípio presente com o verbo ser ou estar é chamado 'perifrástico'e, para quaisquer finalidades, forma uma locução verbal (§10.411), que enfatizará uma atividade contínua na época em que foi realizada a ação indicada pelo tempo do verbo ser.ἦσαν δὲ ἐν Ἱερουσαλὴμ κατοικοῦντες Ἰουδαῖοι 'Estavam habitando, então, em Jerusalém, judeus' (At 2:5).

§13.93 O uso do particípio suplementar com verbos que tenham um sentido modificado de ser ou fazer (tais como ὑπάρχω, τυγχάνω, ἄρχομαι, παύομαι, etc.) está limitado, no Novo Testamento, principalmente a Lc-At, Paulo e Hebreus (cf. BDF §414).

§14. MODIFICADORES DO VERBO - O verbo, no predicado, pode ser modificado de várias maneiras (cf. §10.2). Em geral, os modificadores do verbo são advérbios ou orações e locuções adverbiais. Também, o objeto indireto, o genitivo absoluto e o acusativo cognato são, algumas vezes, classificados como modificadores verbais.

nominativo	VERBO	acusativo
	DATIVO	
	=modificador	

§14.1 O caso dativo pode ser considerado como o principal modificador do verbo. (Para o uso do dativo como um modificador do substantivo, veja §§ 15.32 ss.). Ele pode ser usado para modificar o verbo ao indicar para quem ou por quem a predicação ocorre; através de quem ou com quem ela ocorre; o tempo ou lugar onde ocorre.

§14.11 O objeto indireto.Certos verbos transitivos, tais como: dar, dizer, etc., pedem tanto um objeto indireto como um objeto direto. O objeto indireto, classicamente, estava no caso dativo, e alguns usos semelhantes permanecem no Novo Testamento. Contudo, nos tempos neotestamentários, há uma tendência para o uso de locuções preposicionais. ἔδωκαν κλήρους αὐτοῖς 'Então deitaram sortes a respeito deles'(At 1:26).Ἀλέξανδρος... ἤθελεν ἀπολογεῖσθαι τῷ δήμῷ 'Alexandre... queria apresentar uma defesa ao povo' (At 19:33).

§14.12 O dativo pode modificar um verbo passivo ao definir o agente ou os meios da ação (cf. §15.322). ὁ θεὸς τῆς δόξης ὤφθη τῷ πατρὶ ἡμῶν 'O Deus da glória foi visto por nosso Pai Abraão (= apareceu a ..)' (At 7:2).

§14.121 BDF diz que há somente um exemplo genuino do dativo de agente (dativo que indica o agente) no Novo Testamento (Lc 23:15). Os outros, ou são instrumentais ou dependem da semelhança do passivo com o significado depoente (BDF §191).

§14.13 O dativo pode modificar um verbo ao declarar os meios da predicação. βοῶντα φωνῇ μεγάλῃ 'Clamando em alta voz' (At 8:7). ἀνεῖλεν δὲ Ἰάκωβον...μαχαίρῃ 'E matou à espada Tiago' (At 12:2).

§14.14 O dativo de tempo. O dativo pode modificar o verbo ao definir o tempo da ação/estado (cf. §15.323). περιέτεμεν αὐτὸν τῇ ἡμέρᾳ τῇ ὀγδόῃ 'E o circuncidou ao oitavo dia' (At 7:8). τῇ τε ἐπιούσῃ ἡμέρᾳ ὤφθη αὐτοῖς 'No dia seguinte apareceu-lhes' (At 7:26). ἱκανῷ χρόνῳ 'Desde muito tempo' (At 8:11). Este último exemplo é contrário ao uso clássico, que restringe o dativo temporal a um ponto do tempo (BDF §§200-201).

§14.141 O dativo de lugar é raro no Novo Testamento. Um exemplo estereotipado é τῇ δεξιᾷ αὐτοῦ 'Na sua destra' (At 5:31).

§14.15 O dativo de vantagem. O dativo pode ser usado para definir a pessoa que leva a vantagem ou desvantagem indicada pela predicação do verbo. ἀνεθρέψατο αὐτὸν

ἑαυτῶ εἰς υἱόν 'E o criou, para si mesma, como seu filho' (At 7:21). ἐκπεπλήρωκεν τοῖς τέκνοις 'Tem cumprido, a (seus) filhos' (At 13:32).

§14.16 O dativo de referência. O dativo é usado para designar a pessoa ou coisa relacionada à afirmação feita na predicação (cf. §15.3231). τοῦ γενόμενου ὁδηγοῦ τοῖς συλλαβοῦσιν Ἰησοῦν 'Que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus' (At 1:16). ἀπεθάνομεν τῇ ἁμαρτίᾳ 'Nós, que já morremos para o pecado' (Rm 6:2).

§14.17 O dativo de causa. O dativo pode ser usado para modificar o verbo ao indicar a causa da ação. Ἐαν μὴ περιτμηθῆτε τῷ ἔθει τῷ Μωϋσέως 'Se não vos circuncidardes, segundo o rito de Moisés' (At 15:1). τῇ ἀπιστίᾳ ἐξεκλάσθησαν 'Pela sua incredulidade foram quebrados' (Rm 11:20).

§14.2 O advérbio é um simples modificador verbal (§10.34), fazendo as perguntas: Como? Quando? Onde? Por que? Por quanto tempo? ou Por quanto?, em sentenças interrogativas. Ele irá, também, responder a tais questões em sentenças declarativas. τί ἑστήκατε 'Por que ficais aí?' (At 1:11). ἐγένετο ἄφων ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἦχος 'De repente veio do céu um ruído' (At 2:2).

§14.21 Certos substantivos ou adjetivos no ac. neutro são usados como modificadores verbais. οὕτως ἐλεύσεται ὃν τρόπον ἐθεάσασθε αὐτὸν πορευόμενον 'Há de vir assim como para o céu o vistes ir' (At 1:11);

§14.22 Os advérbios de negação precisam de uma aten

ção particular. Duas formas são encontradas: οὐ e μή , que podem ser compostas com outras partículas (tais como: οὐδείς, μηκέτι, etc.). é a negação de um fato ou, também, de uma afirmação; μή é a forma usada para se negar desejo e pensamento. οὐ é usado com o indicativo e com o particípio (mas, veja §14.2225); μή é usado com o subjuntivo e com o imperativo. Para o optativo e infinitivo, veja as secções seguintes.

§14.221 O advérbio de negação οὐκ (οὐ, -οὐχ) ou um de seus compostos é usado para negar qualquer palavra ou declaração onde não esteja implícita qualquer incerteza.

§14.2211 οὐ pode ser usado para negar uma palavra (οὐ- privativo. οὐκ ὀλιγοι 'Não pouco' (At 12:18).

§14.2212 οὐ é usado para negar verbos no modo indicativo. οὐκ ἤθελεν 'Ele não queria' (Mc 9:30). Cf. I Ts 5:6, §13.711.

§14.2213 οὐ é usado para negar verbos no modo optativo, exceto quando expressem desejos.

§14.2214 οὐ é usado no discurso indireto, depois de ὅτι e ὥς.

§14.222 O advérbio de negação μή, ou um de seus compostos, é usado para negar uma oração ou período no qual esteja implícita dúvida ou incerteza.

§14.2221 μή é usado para negar verbos no subjuntivo (§11.33). Veja, porém, I Pe 3:3, At 7:60, §31.333.

§14.2222 μή é usado para negar verbos no imperativo (§11.32). At 1:20.

§14.2223 μή é usado para negar verbos depois de ἵνα ou ὅπως no indicativo, subjuntivo ou optativo em orações objetivas ou finais.

§14.2224 μή é geralmente usado para negar o infinitivo em todas as construções, exceto no discurso indireto (§17.82). Cf. At 7:19, §14.4223. No discurso indireto emprega-se o mesmo advérbio de negação usado no discurso direto.

§14.2225 μή é usado para negar o particípio quando ele indica uma condição ou quando é equivalente a uma oração condicional relativa.

§14.2226 Verbos que contenham idéia de negação, tais como: impedir, proibir, negar e outros similares, se seguidos por um infinitivo, pode ser acrescentada a partícula μή para fortalecer a idéia negativa.

§14.23 O advérbio de negação, geralmente, fica antes da palavra que ele nega.

§14.24 O simples advérbio de negação pode ser reforçado quando seguido na oração por um de seus compostos.

§12.241 Por outro lado, se um simples advérbio de negação for seguido pele mesmo advérbio, na mesma oração, cada um retém sua força negativa, e, pertencendo à mesma expressão, cancelam-se mutuamente. οὐ παρὰ τοῦτο οὐκ ἐστιν ἐκ τοῦ σώματος 'Não é por isso (que) não é do corpo' (= é parte do corpo) (I Co 12:15).

§14.3 As locuções adverbiais, isto é, locuções prepo

sicionais usadas adverbialmente, são empregadas para modificar o verbo. O caráter adverbial das preposições pode ser visto no uso que delas é feito na formação de verbos compostos. O estudante deve ,sempre, lembrar-se de que locuções preposicionais também podem ser usadas adjetivadamente, para modificar o substantivo. É necessário, em cada caso, perguntar o que a locução preposicional está modificando.

§14.31 A locução preposicional consiste de uma preposição e do substantivo (objeto da preposição) por ela regido, mais quaisquer modificadores do substantivo. O substantivo estará no caso requerido pela preposição.

§14.311 Em geral, o caso genitivo, depois da preposição, denota a procedência ou a instrumentalidade pela qual algo procede, ou sobre o que algo é. Quanto às preposições que requerem o genitivo, veja §15.41.

§14.312 Em geral, o caso dativo, depois da preposição, designa o local onde qualquer coisa aconteça, quer seja dentro, sobre ou com certa proximidade do mesmo. Também, indica aquilo que acompanha o objeto em referência e em vista de que o fato está acontecendo. Quanto às preposições que requerem o caso dativo, veja §15.42.

§14.3121 ἐν + dat. depois de verbos de movimento, pode ser usado para se fazer referência ao que vem depois do movimento. Daí, ele pode aparecer onde esperaríamos um acusativo. Mt 26:23.

§14.313 Em geral, o caso acusativo, seguindo a preposição, designa a direção, o local, etc., onde o movimento ocorre; a razão para a qual ou pela qual ocorre, a extensão de tempo e espaço onde ocorre e a medida visada ou ultrapassada por uma determinada ação. Quanto às preposições que requerem o acusativo, veja §15.43.

§14.32 Cada preposição deveria ser estudada num amplo léxico. A diferença entre o uso da preposição numa locução adverbial (isto é, com um verbo) e numa locução adjetiva, deveria ser cuidadosamente notada.

§14.33 Certos advérbios são usados como preposições e são seguidos por substantivos no caso requerido. São conhecidos como preposições impróprias (cf. §15.44).

§14.34 Um infinitivo ou oração infinitiva pode servir como o objeto de uma preposição. ἕως τοῦ ἐλθεῖν αὐτὸν εἰς Καισάρειαν 'Até que ele veio a Cesaréia'.

§14.4 Orações adverbiais ou orações usadas para modificar o verbo, incluem orações participiais (§14.41), infinitivas (§14.42) e outras que serão consideradas sob períodos compostos (§17).

§14.41 O particípio é, com freqüência, usado adverbialmente, às vezes como uma única palavra ou, também, em uma locução participial. Considerando que em grego não há verbo finito em tal locução, nós a incluimos aqui sob períodos simples.

§14.411 O particípio pode indicar o tempo da ação; portanto, é um advérbio temporal.

§14.4111 O tempo indicado pelo particípio aoristo é anterior ao do verbo principal, a menos que seja parte da ação deste. ἀτενίσας δὲ Πέτρος εἰς αὐτὸν...εἶπεν 'Pedro, tendo olhado atentamente para ele disse' (At 3:4; isto pode ser contado como parte da ação do verbo principal; portanto, "Pedro, enquanto fitava os olhos nele disse"). ἰδὼν δὲ ὁ Πέτρος ἀπεκρίνατο πρὸς τὸν λαὸν 'Pedro vendo isto, disse ao povo' (At 3:12); aqui o particípio é anterior (= quando Pedro viu |o que estava acontecendo|, respondeu).

§14.4112 O tempo indicado pelo particípio presente é contemporâneo ao do verbo principal. προφήτης οὖν ὑπάρχων...προϊδὼν ἐλάλησεν 'Sendo, pois |naquele tempo|, ele profeta, (e) prevendo isto |antes da mensagem| falou' (At 2:30,31. Aqui vemos a diferença entre o particípio presente e o aoristo).

§14.4113 O tempo indicado pelo particípio futuro é subsequente ao do verbo principal. Este uso é raro no Novo Testamento.

§14.4114 Em todos os exemplos é importante notar que o tempo da ação é determinado a partir do verbo principal e seu contexto. O tempo do particípio é relevante ao se estudar o modo indicado.

§14.412 O particípio pode indicar a causa da ação. ἰδὼν δὲ ὅτι ἀρεστόν ἐστιν τοῖς Ἰουδαίοις προσέθετο συλλαβεῖν καὶ Πέτρον

'E vendo que isso agradava (= porque isso era agradável) aos judeus, continuou, mandando prender também a Pedro' (At 12:13).

§14.413 O particípio pode indicar os meios, modo, modo de emprego e outros elementos relacionados à ação. τότε ὁ Παῦλος ἐκτείνας τὴν χεῖρα ἀπελογεῖτο 'Então Paulo, estendendo a mão, começou sua defesa' (At 26:1) προσῆλθον αὐτῷ ὄχλοι πολλοὶ ἔχοντες μεθ' ἑαυτῶν νωλούς, κ.τ.λ. 'E vieram a ele grandes multidões, trazendo consigo coxos, etc. (Mt 15:30;BDF §149 chama isto "pleonástico".)

§14.414 O particípio, particularmente o part. futuro, pode indicar o propósito da ação. ὅς ἐληλύθει προσκυνήσων εἰς Ἰερουσαλήμ 'E tinha ido a Jerusalém para adorar' (At 8:27).

§14.415 O particípio pode indicar a condição (prótase, §17.611) de uma ação resultante. Seu tempo corresponderá aquele em que o verbo teria ficado se o indicativo, subjuntivo ou optativo tivesse sido usado. Para pormenores veja a discussão de sentenças condicionais (§17.6 ss.).

§14.416 O particípio circunstancial é, às vezes, distingüido de outros usos adverbiais porque ele, simplesmente, indica uma circunstância concomitante à ação do verbo principal. É geralmente traduzido por um verbo finito. ἀτενίσας δὲ Πέτρος εἰς αὐτὸν...εἶπεν 'Pedro olhou para ele atentamente e disse (At 3:4). ἀναστάς Πέτρε θῦσον καὶ φάγε 'Levanta-te, Pedro, mata e come'(At 10:13).

§14.42 O infinitivo pode ser usado para modificar o verbo.

§14.421 O infinitivo pode ser usado de uma forma temporal, para relacionar a ação do verbo principal a uma outra ação. Neste uso, o infinitivo é construido com uma preposição e com o artigo definido no caso requerido pela mesma. Ele age, portanto, como um substantivo numa locução preposicional usada adverbialmente.

§14.4211 O tempo indicado pelo uso de *πρίν* (ou *πρὶν ἢ*) + o infinitivo é subsequente ao do verbo principal . πρὶν ἐλθεῖν ἡμέραν κυρίου τήν μεγάλην 'Antes que venha o grande dia do Senhor' (At 2:20).

§14.4212 O tempo indicado pelo uso de *ἐν τῷ* + o infinitivo é contemporâneo ao do verbo principal. ἐν τῷ πορεύεσθαι ἐγένετο αὐτὸν ἐγγίζειν τῇ Δαμασκῷ 'Seguindo ele viagem e aproximando-se de Damasco' (At 9:3).

§14.4213 O tempo indicado pelo uso de *μετὰ τό* + o infinitivo é anterior ao do verbo principal. οἷς καὶ παρέστησεν ἑαυτὸν ζῶντα μετὰ τὸ παθεῖν αὐτὸν 'Aos quais também, depois de haver padecido, se apresentou vivo' (At 1:3).

§14.422 O infinitivo pode ser usado para modificar o verbo principal ao indicar o propósito ou resultado da ação. A linha que divide propósito e resultado é bastante delicada e, em muitos casos, o único fator determinante é o significado do verbo. Distinções en

tre 'resultado real,' 'resultado compreendido,' e 'resultado pretendido' são inteiramente baseadas no significado do contexto. Este último indica, claramente, propósito. σκεῦος ἐκλογῆς ἐστίν μοι οὗτος τοῦ βαστάσαι τὸ ὄνομα ἐνώπιον ἐθνῶν 'Este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome perante os gentios' (At 9:15).

§14.4221 O infinitivo simples pode ser usado e será semelhante ao infinitivo complementar (cf. §13.6).

§14.4222 O infinitivo com του pode ser usado e, neste caso, será um substantivo verbal no genitivivo. ὥς ἰδίᾳ δυνάμει ἢ εὐσεβείᾳ πεποιηκόσιν τοῦ περιπατεῖν αὐτόν 'Como se por nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar?' (At 3:12).

§14.4223 O infinitivo pode ser usado depois de εἰς ou πρός, e em tal construção ele é um substantivo verbal no acusativo (requerido pelas preposições), indicando propósito, intenção ou idéias semelhantes. οὗτος κατασοφισάμενος τὸ γένος ἡμῶν ἐκάκωσεν τοὺς πατέρας τοῦ ποιεῖν τὰ βρέφη εκθετα αυτῶν εις τὸ μὴ ζωογονεῖσθαι 'Usando esse de astúcia contra a nossa raça, maltratou a nossos pais, ao ponto de fazê-los enjeitar seus filhos, para que não vivessem' (At 7:19; aqui podemos ver τοῦ +infinitivo |§14.4222| e εις τὸ + inf. neg.).

§14.4224 O infinitivo pode ser usado depois de ωστε ou ως , geralmente indicando o resultado da ação principal. Quando usado desta maneira, o infinitivo se parece mais com um verbo finito numa oração subordinada.

καὶ γνωστὸν ἐγένετο...ὥστε κληθῆναι τὸ χωρίον ἐκεῖνο...Ἀκελδαμάχ 'E tornou-se isto conhecido... de maneira que esse campo se chama Aceldama' (At 1:19).

§14.423 O infinitivo depois de διὰ pode ser usado para indicar a causa da ação. διαπονούμενοι διὰ τὸ διδάσκειν αὐτοὺς τὸν λαὸν 'Doendo-se muito de que eles ensinassem o povo' (At 4:2).

§14.424 O sujeito do infinitivo, se usado em tal construção, estará no caso acusativo.

§14.5 O genitivo absoluto. Às vezes, o verbo é modificado por um particípio ou por uma oração participial, que fica fora da sintaxe da oração; (isto é, não é nem sujeito nem objeto; não é objeto indireto, nem está em aposição com qualquer um destes). Tal construção é chamada 'absoluta' e em grego está, normalmente, no caso genitivo.

§14.51 O sujeito da oração participial de um genitivo absoluto está no caso genitivo e, como uma regra, deve ser expresso, pois não está relacionado a qualquer substantivo na oração principal. λήμψεσθε δύναμιν ἐπελθόντος τοῦ ἁγίου πνεύματος ἐφ' ὑμᾶς 'Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo' (At 1:8).

§14.511 Em casos não comuns, o particípio pode ficar sozinho quando o sujeito é coletivo (como 'homens'), ou quando ele pode ser prontamente inferido do contexto. GG 1570 a.

§14.512 Às vezes, a fim de dar maior destaque à oração principal, o genitivo absoluto toma um dos subs-

tantivos na oração principal. λαλούντων δέ αὐτῶν πρὸς τὸν λαὸν ἐπέστησαν αὐτοῖς οἱ ἱερεῖς 'Enquanto eles estavam falando ao povo, sobrevieram-lhes os sacerdotes' (At 4:1) cf. GG §1570 b.

§14.52 O particípio, num genitivo absoluto, é usado circunstancial ou adverbialmente. Por isso, as secções acima (§14.41 ss.) deveriam ser consultadas.

§14.53 No grego clássico, particípios de verbos impessoais ficam no acusativo absoluto. O único acusativo absoluto que tem sido identificado (?) no Novo Testamento está em At 26:3, e não é impessoal: μάλιστα γνώστην ὄντα σε πάντων τῶν κατὰ Ἰουδαίους ἐθῶν 'Mormente porque és versado em todos os costumes... entre os judeus'.

§14.6 O acusativo adverbial. Algumas vezes o verbo é modificado por um substantivo no caso acusativo, o qual não é um objeto direto (§13.1), nem um acusativo cognato (§13.2); pois ele limita a ação do verbo sobre o objeto ao designar uma parte, caráter, qualidade ou alguma outra restrição. As vezes, é chamado de "acusativo de especificação," porém, talvez seja melhor denominá-lo acusativo adverbial.

§14.61 O acusativo pode limitar o verbo por uma medida de distância ou tempo. καὶ ἐκεῖ ἔμειναν οὐ πολλας ἡμέρας 'E ficaram ali não muitos dias' (Jo 2:12).

§14.62 O acusativo pode limitar o verbo ao definir o modo da ação. δωρεὰν ελάβετε δωρεὰν δότε 'De graça recebestes, de graça dai' (Mt 10:8).

§14.63 O acusativo pode limitar o verbo, atribuindo-lhe algum caráter ou qualidade, o que é freqüentemen temente chamado de "acusativo de referência" (Rm 15: 17).

§14.631 O sujeito acusativo de um infinitivo (§14. 324) pode ser encarado como um acusativo de referência (Robertson, Grammar, 489 s.).

§14.64 A semelhança do acusativo adverbial para com os usos extensivos do acusativo cognato (§13.21) será óbvia e, as vezes, a decisão quanto a terminologia a ser usada será altamente subjetiva.

§15. MODIFICADORES DO SUBSTANTIVO. Um substantivo, quer seja sujeito, objeto direto, objeto indireto ou esteja em qualquer outro uso, pode ser modificado de uma ou mais maneiras (veja §10.21).

§15.1 O adjetivo atributivo. Um substantivo pode ser modificado por um adjetivo. (Quanto ao predicado adjetivo, veja §13.5ss. Estamos aqui preocupados somen te com o adjetivo atributivo.)

§15.11 O adjetivo atributivo concorda com seu substantivo em gênero, número, caso e definibilidade. τήν ὥραν τῆς προσευχῆς τήν ἐνάτην 'À hora da oração, à nona' (At 3:1). ἐπὶ τῇ ὥραία πύλῃ 'À Porta Formosa' (At 3:10). βλέπω δὲ ἕτερον νόμον 'Mas vejo outra lei' (Rm 7:23).

§15.111 Um adjetivo atributivo, pertencendo a vários substantivos, geralmente concorda com o mais próximo ou mais proeminente. A adjetivação é feita com todos os substantivos. εἰς πᾶσαν πόλιν καὶ τόπον 'A todas

as cidades e lugares' (Lc 10:1).

§15.112 Um substantivo coletivo, no singular, pode ser modificado por um adjetivo plural.

§15.113 Quando o sujeito-acusativo de um infinitivo é omitido na frase por ser o mesmo do verbo principal, os adjetivos ou formas adjetivais que concordariam com o referido sujeito são atraídos para o nominativo do sujeito do verbo principal. ἐλπίζω γάρ διαπορεύομενος θεάσασθαι ὑμᾶς 'Pois espero de passagem, ver-vos' (Rm 15:24. Observe que o particípio está modificando o infinitivo "ver" e não o verbo "espero").

§15.12 A posição do adjetivo atributivo é importante (cf. a posição do predicado adjetivo; §13.5). O adjetivo atributivo pode ficar tanto antes como depois do substantivo. Contudo, se este for definido (artro), o adjetivo deve ser precedido pelo artigo definido.

§15.121 Se o adjetivo atributivo preceder um substantivo definido, ele estará entre o artigo definido e o substantivo. τοῦ ἁγίου πνεύματος 'O Espírito Santo' (At 1:8).

§15.122 Se o adjetivo atributivo seguir um substantivo artro, o artigo definido é repetido antes do adjetivo. τῷ πνεύματι τῷ ἁγίῳ 'O Espírito Santo' (At 7:51).

§15.123 Se houver qualquer diferença entre essas duas posições, é bastante sutil. BDF §270 diz que na primeira posição (o adjetivo precedendo o substantivo) a ênfase está colocada no adjetivo, enquanto que na se-

gunda (o substantivo precedendo o adjetivo), a ênfase está mais no substantivo. GG, §962, diz que a primeira é a mais comum, simples e natural, ao passo que a segunda é mais formal. Meu estudo pessoal das formas variantes de 'O Espírito Santo' não tem trazido qualquer distinção precisa quanto às duas posições.

§15.124 Os adjetivos πᾶς 'todo' e ὅλος 'inteiro','todo', são uma excessão à esta regra.

§15.1241 πᾶς ὁ ou ὅλος ὁ na chamada "posição predicativa" (§13.51)significa 'todo' πάσης τῆς Ἀσιας 'Toda a Ásia' (At 19:26).

§15.1242 ὁ πᾶς ou ὁ ὅλος na posição atributiva (§15.12) significa 'ao todo'. ἦσαν οἱ πάντες ἄνδρες ὡσεὶ δώδεκα 'E eram ao todo uns doze homens' (At 19:7).

§15.1243 πᾶς antes de um substantivo anartro (sem o artigo) significa 'todos' (=cada um). πᾶν δένδρον (Mt 3:10) é 'cada árvore', não 'toda' no sentido de todas as árvores.

§15.13 Um adjetivo ou particípio, geralmente com o artigo definido, pode ser usado substantivadamente (§12.3, .4).

§15.2 O artigo definido é o mais comum modificador do substantivo. Um substantivo com o artigo definido é chamado "artro", sem o artigo definido ele é "anartro". O artigo definido concorda com o substantivo em gênero, número e caso.

§15.21 Originalmente o artigo definido era um pronome demonstrativo (tudo indica que ele desenvolveu-se mais tarde), e este característico ainda pode ser observado. O artigo definido tem três papéis gerais.

§15.211 O artigo definido pode ser usado para tornar um substantivo específico. Dentre todos os homens no gênero eu estou me referindo a um homem em particular; 'o homem'. Neste sentido, o artigo definido grego é traduzido pelo artigo definido em português.

§15.2111 O uso anafórico do artigo definido, que pode ser o mais antigo, é bastante limitado. Anáfora é a referência a algo já conhecido ou a alguma coisa que se admite conhecer. Eu menciono uma casa, possivelmente eu a descreva, e então eu me refiro a ela como "a casa", isto é, a casa à qual fiz referência. Qualquer substantivo, uma vez definido, pode ser considerado específico. εἶδεν δύο πλοῖα...ἐμβὰς δὲ εἰς ἐν τῶν πλοίων 'Viu dois barcos... entrando num dos barcos' (Lc 5:2-3).

§15.2112 Um segundo uso do artigo definido é o elativo (vd. elação) (ou idealizado). "O profeta" é um profeta específico no seu ofício, mas não necessariamente na identificação histórica. ἡ ἀγάπη é "amor cristão" ou o amor idealizado, apresentado no evangelho e exemplificado em Cristo.

§15.2113 Talvez, nesta categoria, possamos incluir o uso do artigo definido onde, em português, usaríamos o pronome possessivo. Παῦλος ἐκτείνας τὴν χείρα 'Então Pau

lo, estendendo sua mão' (At 26:1).

§15.2114 O artigo definido, em geral, é usado com nomes próprios apenas anaforicamente (para indicar que é a pessoa ou local previamente mencionado), ou com certas pessoas já conhecidas, cf. §15.241.

§15.212 O art. definido pode servir para tornar um substantivo genérico, isto é, fazê-lo representativo de uma classe. ὁ ἄνθρωπος genericamente é 'homem'. Em alguns usos, o genérico e o ideal tendem a coincidir em parte.

§15.2121 Possivelmente nesta categoria nós possamos incluir o art. definido com força distributiva. Tal uso é feito quando estamos falando sobre uma classe, mas queremos nos referir aos membros individuais da classe. Pode-se traduzir pela palavra "cada".

§15.213 O terceiro uso do artigo definido pode ser denominado gramático ou sintático. O artigo definido é usado para identificar o caso de uma palavra indeclinável, ou, para de outra parte do discurso criar um substantivo, ou ainda para relacionar uma locução ou oração a alguma outra parte de um período. ἐκ τούτων τῶν δύο 'Destes dois' (At 1:24).

§15.2131 O artigo definido é usado para indicar que um adjetivo, um advérbio ou particípio está sendo usado substantivadamente. ἀπό Σαμουὴλ καὶ τῶν καθεξῆς 'Desde Samuel e os que sucederam' (At 3:24).

§15.2132 O artigo definido é usado antes de uma locução preposicional ou de uma oração adjetiva, para in

qual o seu relacionamento com o substantivo. ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς εν τῇ διασπορᾷ 'Às doze tribos da Dispersão (Tg 1:1).

§15.2133 Às vezes, isto leva a um acúmulo de artigos. τὸ τῆς δόξης καὶ τὸ τοῦ θεοῦ πνεῦμα 'O Espírito que é da glória e de Deus' (I Pe 4:14). τῆς τῶν ἀποστόλων ὑμῶν ἐντολῆς '(Vos lembreis)... do mandamento dado mediante os vossos apóstolos' (II Pe 3:2).

§15.2134 O artigo definido sempre aparece com um substantivo que, por sua vez, é definido por um pronome demonstrativo. (veja §12.23).

§15.2135 Certos substantivos, tais como γῆ 'terra', πράγματα 'obras, feitos', υἱός 'filho, descendente' e outros que são claros através do contexto, podem ser omitidos e, assim, o artigo definido será usado como pronome demonstrativo.

§15.214 A natureza original do artigo definido (o pronome demonstrativo) pode ainda ser visto no uso do artigo definido sozinho, como um pronome pessoal. ὁ δὲ ἐπεῖχεν αὐτοῖς 'E ele os olhava atentamente'(At 3:5).

§15.2141 Esta construção é, freqüentemente, seguida por um particípio. Em alguns casos, o particípio pode ser considerado como um substantivo com o art. definido, mas em outros casos, a natureza substantiva é menos clara. οἱ μὲν οὖν διασπαρέντες διῆλθον εὐαγγελιζόμενοι τὸν λόγον 'Os que foram dispersos iam por toda parte, anunciando a palavra' (At 8:4).

§15.22 O artigo definido concorda com seu substantivo em gênero, número e caso.

§15.221 O artigo definido pode ser usado para dois ou mais substantivos no mesmo gênero e número. Quando , porém, os substantivos divergem em gênero e número, o artigo definido é repetido em concordância com os mesmos. ἐν πάσῃ τῇ Ἰουδαίᾳ καὶ Σαμαρείᾳ 'Em toda Judéia e Samaria' (At 1:8). οἱ υἱοὶ ὑμῶν καὶ αἱ θυγατέρες ὑμῶν 'Vossos filhos e vossas filhas' (At 2:17).

§15.23 Posição. O artigo definido é colocado imediatamente antes do substantivo que ele modifica, com notáveis excessões.

§15.231 As partículas pospositivas são regularmente colocadas depois do artigo, quando um substantivo está no princípio da oração. τον μὲν πρῶτον λόγον ἐποιησαμην 'Fiz o primeiro tratado' (At 1:1).

§15.232 Um adjetivo atributivo (§15.1 ss.) pode ficar entre o artigo definido e o substantivo. ἐν τῇ ἰδίᾳ ἐξουσίᾳ 'Na sua própria autoridade' (Atos 1:7). Se o adjetivo atributivo está colocado depois do substantivo, o artigo definido é repetido, veja §15.122.

§15.2321 Quanto aos adjetivos πᾶς e ὅλος , veja §15.124.

§15.2322 Quanto à posição do pronome demonstrativo, veja §15.54.

§15.2323 Um pronome no caso genitivo, geralmente, não pode ficar entre o artigo definido e seu substantivo. οἱ υἱοὶ ὑμῶν 'Vossos filhos' (At 2:17). μου ἡ καρδία

'Meu coração' (At 2:26, Nestle).

§15.233 Um substantivo genitivo ou uma locução preposicional pode ficar entre o artigo definido e seu substantivo. Contudo, eles são, geralmente, colocados depois do substantivo, e o artigo definido é repetido.

§15.24 O artigo definido pode ser omitido sob certas condições.

§15.241 O artigo definido é omitido antes de nomes próprios, a menos que eles tenham sido previamente mencionados (o uso anafórico), ou sejam bem conhecidos. Σαῦλος em At 8:1; mas ὁ Σαῦλος em 9:1; Κορνήλιος em 10:1, mas ὑπὸ τοῦ Κορνηλίου em 10:17. Semelhantemente, quando Pedro é mencionado a Cornélio pela primeira vez, é Πέτρος , embora o artigo definido tenha sido usado previamente com o nome de Pedro.

§15.242 Ele é geralmente omitido antes de θεός e κύριος quando se refere a Deus ou Senhor de uma forma genérica, mas é usado quando se refere ao Deus ou ao Senhor dos judeus ou dos cristãos. Há excessões quanto ao uso desta regra.

§15.243 Ele é sempre omitido antes de um substantivo que esteja precedendo um genitivo. É provável que isto seja um reflexo do estado construto, em hebraico. Contudo BDF, §259, mostra que o grego puro oferece paralelos. ἐν ἡμέραις Ἡρώδου 'Nos dias de Herodes'(Mt 2:1).

§15.244 O artigo definido é freqüentemente omitido em locuções preposicionais, particularmente aquelas que se "fossilizaram" no período anterior ao desenvolvi-

mento do artigo definido. ἀπ' ἀγορᾶς 'do mercado' (Mc 7:4), ἐπὶ θύραις 'às portas' (Mt 24:33), πρὸς ἑσπέραν 'é tarde' (Lc 24:49), πεσὼν ἐπὶ πρόσωπον 'com o rosto em terra' (Lc 5:12).

§15.245 É, às vezes, omitido com números ordinais, com θάνατος 'morte', νεκροί 'os mortos', ἔθνη 'os gentios', etc...

§15.246 Às vezes, o art. def. é omitido com ἅγιον πνεῦμα. BDF §257 (2) sugere que, com o artigo, a expressão "O Espírito Santo" tem a idéia de "mais ou menos uma pessoa", e sem o artigo, um espírito divino entrando no homem.

§15.247 O art. def. é sempre omitido antes do predicado adjetivo (§13.5), exceto naqueles predicados que devem ter o artigo para seu significado específico.

§15.25 Não existe artigo indefinido, como tal, no Novo Testamento grego. Quando havia necessidade de um, uma das formas seguintes era usada.

§15.251 O pronome indefinido τις é, às vezes, usado como um artigo indefinido. É traduzido 'um certo' -- que é mais definido do que a palavra sugere. τις ἀνήρ 'Um homem' (isto é, um membro particular do gênero, porém não especificado) (At 3:2).

§15.252 O numeral εἷς μία ἕν é também usado. προσελθὼν εἷς γραμματεὺς εἶπεν 'E aproximando-se um escriba, disse-lhe (Mt 8:19). ἤκοθσα ἑνος ἀετοῦ 'Ouvi uma águia'(Ap 8:13).

§15.3 O substantivo adjetivo. Um substantivo pode ser modificado por um outro no caso oblíquo (isto é, no gen., dat. ou acusativo).

§15.31 O genitivo adjetivo. O caso genitivo é bastante empregado na língua grega, e seu uso adjetivo talvez seja o mais comum. Basicamente, ele indica a fonte ou origem de alguma coisa (genitivo puro), podendo também indicar separação (genitivo ablativo).

nominativo	VERBO	acusativo
GENITIVO	dativo	GENITIVO
=modificador		=modificador

§15.311 O genitivo atributivo é o caso genitivo usado para especificar um substantivo, como o faz o adjetivo atributivo. Em certo sentido, todos os genitivos adjetivos são atributivos, embora alguns se encaixem mais claramente nesta categoria. ἐν βίβλῳ ψαλμῶν 'No livro dos Salmos' (= o Saltério) (At 1:20). βάπτισμα μετανοίας 'um batismo de arrependimento' (Mc 1:4).

§15.3111 O genitivo de referência é bem semelhante ao genitivo atributivo e a escolha na terminologia a ser usada é subjetiva. καρδία πονηρὰ ἀπιστίας 'Perverso coração de incredulidade' (Hb 3:12).

§15.3112 O genitivo de aposição está intimamente relacionado ao genitivo atributivo. ἀπὸ ὄρους τοῦ καλουμένου [ὄρους] Ἐλαιῶνος 'Do monte chamado Olival' (At 1:12). τὸ σημεῖον Ἰωνᾶ 'O sinal de Jonas' (Lc 11:29). πόλεις Σοδόμων καὶ Γομόρρας 'As cidades de Sodoma e Gomorra' (IIPe 2:6).

§15.3113 O genitivo é usado nos moldes semíticos tanto na LXX como no Novo Testamento, em construções como as seguintes: ἐπὶ θρόνου δόξης αὐτοῦ 'No trono da sua glória' (=seu glorioso trono) (Mt 19:28); ἐκ τοῦ σώματος τοῦ θανάτου τούτου 'Do corpo desta morte' (= este corpo morto) (Rm 7:24); ἐκ τοῦ μαμωνᾶ τῆς ἀδικίας 'Das riquezas de origem iníqua' (Lc 16:9). Alguns destes exemplos poderiam ser classificados como genitivo atributivo (§15.311) ou, talvez, incluido em uma das outras categorias, muito embora no hebraico o uso da expressão seja bastante definido. Em alguns casos, a faltado artigo definido no genitivo (precisamente como no hebraico) é um indício do uso que está sendo feito do genitivo.

§15.3114 A posição do genitivo atributivo na frase é a mesma empregada no adjetivo atributivo (§15.12). Pode estar localizado entre o artigo definido e seu respectivo substantivo, ou após o substantivo, com o artigo definido repetido. Contudo, no Novo Testamento, o primeiro caso é raro e o segundo, pouco a pouco, caiu em desuso. ὁ ἄρτος ὁ τοῦ θεοῦ 'O pão de Deus' (Jo 6:33). ἐὰν μὴ περιτμηθῆτε τῷ ἔθει τῷ Μωϋσέως 'Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés' (At 15:1). O que pode ser mais comumente encontrado é o substantivo seguido pelo modificador no genitivo. τῇ διακονίᾳ τοῦ λόγου 'Ao ministério da palavra' (At 6:4).

§15.312 O genitivo possessivo é usado para indicar propriedade, especificando que um determinado substan

tivo é pertencente a outro. O uso mais comum ocorre com o genitivo de pronomes. οἱ υἱοὶ ὑμῶν 'Vossos filhos' (At 2:17). Ἰάκωβος Ἁλφαίου 'Tiago, filho de Alfeu' (At 1:13).

§15.3121 O genitivo de parentesco é bem semelhante ao genitivo possessivo. Na realidade, expressões como "o filho de", e outras semelhantes, poderiam ser colocadas em qualquer das duas categorias. Δαυὶδ τὸν τοῦ Ἰεσσαί 'Davi (filho) de Jessé' (At 13:22).

§15.313 O genitivo subjetivo é usado, particularmente, com palavras que indicam ação ou sentimento. O substantivo no genitivo é aquele que produz a ação. γογγυσμὸς τῶν Ἑλληνιστῶν 'Murmuração dos helenistas' (isto é, procedeu deles) (At 6:1). ἀπὸ τοῦ βαπτίσματος Ἰωάννου 'O bastismo de João' (aquele que João administrou, não que tenha recebido) (At 1:22).

§15.314 O genitivo objetivo é o genitivo usado para indicar o objeto do sentimento ou ação referida (cf. §15.313). O substantivo, no genitivo recebe a ação. ἡ τοῦ πνεύματος βλασφημία 'Blasfêmia do (contra) o Espírito' (Mt 12:31); ζῆλον θεοῦ ἔχουσιν 'Eles tem zelo de (por) Deus' (Rm 10:2; pelo contexto verifica-se que não poderia ser "zelo de Deus" ou "zelo procedendo de Deus". Às vezes, é bastante difícil definir se o genitivo empregado é subjetivo ou objetivo. ἐπὶ πάσῃ τῇ μνείᾳ ὑμῶν (Fp 2:3) -- é 'em toda memória'(lembrança), mas permanece a dúvida sobre a tradução: (a) Todas

as vezes em que vós vos lembrais de mim (gen. subj .) ou (b) Todas as vezes que eu me lembro de vós (gen . obj.)? ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ (I Jo 2:5) é 'o amor que vem de Deus (gen. subj) ou 'o amor que temos por Deus' (gen. obj.)? Em casos difíceis, só o contexto poderá nos ajudar.

§15.315 O genitivo de material ou conteúdo é usado para modificar um substantivo ao declarar o material de que ele consiste ou que ele contém. ἀτμίδα καπνοῦ 'Vapor de fumaça' (At 2:19).

§15.3151 O genitivo de descrição é bem semelhante ao genitivo de material. Χωρίον Αἵματος 'Campo de sangue' (At 1:19).

§15.3152 O genitivo de comparação caiu fora de uso nos tempos do Novo Testamento, embora nele ainda permaneçam alguns casos. ἦσαν δὲ πλείους τεσσαράκοντα 'Eram mais de quarenta' (At 23:13). ὁ δὲ ὀπίσω μου ἐρχόμενος ἰσχυρότερός μού ἐστιν 'Mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu' (Mt 3:11).

§15.316 O genitivo de medida é usado para especificar um substantivo por uma medida de espaço, tempo ou valor. Aproxima-se bastante de um uso adverbial e o estudante deve ser bastante cuidadoso ao determinar se o genitivo está modificando um substantivo ou um verbo. σαββάτου ἔχον ὁδόν 'Tendo a jornada de um sábado' (At 1:12).

§15.317 O genitivo de causa ou origem é usado para definir a fonte, origem ou causa do substantivo que

ele modifica. τὴν ἐπαγγελίαν τοῦ πατρός 'A promessa do (originária do) Pai' (At 1:4). διὰ τῆς παρακλήσεως τῶν γραφῶν 'Pela consolação das Escrituras' (=consolação que as Escrituras causam) (Rm 15:4). τὰ γὰρ ὀψώνια τῆς ἁμαρτίας θάνατος 'Pois o salário do pecado é a morte' (Rm 6:23).

§15.318 O genitivo partitivo (ou genitivo do todo). Trata-se do uso do genitivo com substantivos onde é indicado o todo, mas denota-se apenas uma parte. Ele pode vir após qualquer substantivo, pronome, adjetivo (especialmente um superlativo), particípio artro ou advérbio, que denote uma parte. τίνα τῶν προφητῶν οὐκ ἐδίωξαν οἱ πατέρες ὑμῶν; 'Qual dos profetas vossos pais não perseguiram?' (At 7:52).

§15.3181 Geralmente, os dois elementos do partitivo concordam em gênero. Contudo, em alguns casos onde a palavra μέρος 'parte' é subentendida, a palavra modificada pelo genitivo é neutra singular. ἕως ἐσχάτου τῆς γῆς 'Até os confins da terra' (At 1:8). τὸ τρίτον τῆς γῆς 'A terça parte da terra' (Ap 8:7).

§15.3182 O genitivo geográfico é uma forma do genitivo partitivo. Ναζαρὲθ τῆς Γαλιλαίας 'Nazaré da (=na) Galiléia' (Mc 1:9). ἐν Ταρσῷ τῆς Κιλικίας 'Em Tarso da (=na) Cilícia' (At 22:3).

§15.3183 Às vezes, o substantivo modificado é omitido e somente o genitivo partitivo permanece. συνῆλθον δὲ καὶ τῶν μαθητῶν ἀπὸ Καισαρείας σὺν ἡμῖν 'E [alguns] dos discípulos vieram de Cesaréia conosco' (At 21.16).

§15.319 Genitivos adnominais podem ser usados como gen. adverbiais com substantivos ou adjetivos que tenham o mesmo significado dos verbos relacionados sob "predicado genitivo" (§13.7ss.). Nesta categoria são geralmente encontrados o gen. de propósito, o gen. de separação, o gen. de comparação, etc...

§15.3191 Com adjetivos de plenitude ou o oposto. πλήρης πνεύματος ἁγίου 'Cheio do Espírito Santo' (Lc 4:1). ἔνοχος

§15.3192 Com adjetivos de merecimento ou culpa. θανάτου 'É réu de morte' (Mt 26:66). ἀνάξιοί ἐστε κριτηρίων ἐλαχίστων 'Sois acaso indignos de julgar as coisas mínimas?' (I Co 6:2).

§15.3193 Com adjetivos que indicam compartilhamento de algo. κοινωνοὶ τῶν οὕτως ἀναστρεφομένων γενηθέντες 'Co-participantes com aqueles que desse modo foram tratados' (Hb 10.33). προώρισεν συμμόρφους τῆς εἰκόνος τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ '[Os] predestinou [para serem] conformes à imagem de seu Filho' (Rm 8:22).

§15.3194 Com adjetivos que indicam estranheza. ξένοι τῶν διαθηκῶν τῆς ἐπαγγελίας 'Estranhos à aliança da promessa' (Ef 2:12).

§15.32 O dativo adjetivo. O dativo é, basicamente, um caso adverbial, usado principalmente para modificar o verbo (§14.1). É raramente empregado como modificador de substantivos e adjetivos que indiquem ação ou sentimento. Seu uso ocorre, principalmente, com substantivos e adjetivos cognatos a verbos que levam o dati-

vo (§13.8). O dativo pode ser dividido em três categorias principais: o dativo puro (para quem ou por quem algo é feito), o instrumental (através de que ou com que algo é feito) e o locativo (o tempo ou o lugar no qual é feito).

§15.321 O dativo de objeto indireto indica a pessoa para a qual determinada ação é realizada. ἥτις κατεργάζεται δι' ἡμῶν εὐχαριστίαν τῷ θεῷ 'A qual por nosso intermédio produz graças a Deus' (II Co 9:11). τὸ εὐπάρεδον τῷ κυρίῳ 'O consagrar-vos ao Senhor' (I Co 7:35).(Quanto ao dativo de obj. indireto com verbo, vd. §14.11.)

§15.322 O dativo de agente (dativo instrumental). Com verbos passivos ele é quase que inteiramente substituido por locuções preposicionais. Temos um caso bastante claro em At 5:34 τίμιος παντὶ τῷ λαῷ 'Honrado por todo o povo'. O uso participial é adverbial, [ὄρει] κεκαυμένῳ πυρί 'A um monte flamejando com fogo' (Hb 12:18).

§15.323 O dativo de lugar pode ser usado para designar um local, tempo ou esfera lógica. O dativo de lugar e o dativo de tempo, os quais não são comuns no Novo Testamento, não são usados adjetivadamente. O dativo de esfera lógica é subdividido quanto ao seu uso, podendo ser empregado com substantivos, verbos e adjetivos.

§15.3231 O dativo de referência é usado para modificar um substantivo por relacioná-lo a algum outro. μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ 'Bem-aventurados os limpos com

referência a seus corações' (Mt 5:8). πᾶσιν τοῖς κατοικοῦσιν Ἰερουσαλὴμ φανερόν 'É manifesto a todos os habitantes de Jerusalém' (At 4:16 -- Isto poderia ser classificado como "objeto indireto", §13.321.). Κύπριος τῷ γένει 'Ciriota por nascimento' (At 4:36).

§15.3232 O dativo de semelhança pode ser encarado como um dativo de referência. τίνι δὲ ὁμοιώσω τὴν γενεὰν ταύτην ; ὁμοία ἐστὶν παιδίοις καθημένοις ἐν ταῖς ἀγοραῖς 'A quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nos mercados...' (Mt 11:16). ἡμεῖς ὁμοιοπαθεῖς ἐσμεν ὑμῖν ἄνθρωποι 'Somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos' (At 14:15).

§15.3233 O dativo de vantagem é usado para modificar um substantivo, indicando a pessoa ou coisa que é alvo da vantagem ou desvantagem. ἐδόθη μοι σκόλοψ τῇ σάρκι 'Foi-me dado um espinho na/para a carne (II Co 12:7). εἴτε γὰρ ἐξέστημεν, θεῷ. εἴτε σωφρονοῦμεν, ὑμῖν' Porque se enlouquecemos (se estamos fora de nós mesmos) é para Deus; e se conservamos o juízo é para vós outros' (II Co 5:13).

§15.3234 O dativo ético, na minha opinião, é uma extensão do dativo de vantagem. καὶ ἦν ἀστεῖος τῷ θεῷ 'Ele era formoso a/para Deus (At 7:20). Possivelmente, υἱὸς μονογενὴς τῇ μητρί 'um filho, um único filho a sua mãe' (Lc 7:12).

§15.33 O acusativo adjetivo. Basicamente, o acusativo é o caso do objeto direto, predicativo do objeto, etc. É o caso do complemento verbal. Ele torna-se um elemento adjetivo somente por extensão, com nomes e subs

tantivos que tenham características verbais inerentes.

§15.331 O acusativo de especificação pode ser usado com um substantivo ou adjetivo, bem como com um verbo ou mesmo com uma sentença completa, para denotar uma parte, característica ou qualidade à qual a expressão faz referência. Isto é, às vezes, chamado de "acusativo por sinédoque". πεπληρωμένοι καρπὸν δικαιοσύνης 'Cheios do fruto de justiça' (Fp 1:11). ἀνέπεσαν οὖν οἱ ἄνδρες τὸν ἀριθμὸν ὡς πεντακισχίλιοι 'Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil' (Jo 6:10).

§15.4 A locução preposicional adjetiva. Um substantivo pode ser modificado por uma locução preposicional. No coinê, tal locução preposicional substituiu, progressivamente, o simples substantivo declinado sem preposição.

§15.41 As preposições que regem substantivos no caso genitivo são as seguintes:

ἀντί (22x) 'por, em lugar de, contra' ;ἀνθ' ὧν' portanto'

ἀπό (645x) 'de, a partir de' (origem)

διά (386x) 'através' (tempo, lugar, modo)

ἐξ/ἐκ (915x) 'fora de, de'; = ὑπό causal

ἐπί (220x) indica local 'sobre, em, perante'

κατά (73x) 'contra'; local 'desde, através'

μετά (364x) 'com, entre'; mais frequente do que σύν (exceto em Atos)

παρά (79x) 'do lado de'

περί (293x) 'sobre, a respeito'; às vezes= ὑπέρ

πρό (47x) 'antes' (principalmente temporal)

πρός (1x) 'por'

ὑπέρ (130x) 'por, em favor de'

ὑπό (167x) 'por' indicar agente, principalmente após verbos passivos).

§15.411 O estudante deve se preocupar com o estudo de cada preposição num amplo léxico (como Arndt & Gingrich).

§15.42 As preposições que regem substantivos no caso dativo são as seguintes:

ἐν (2.713x) loc. 'em, dentro de'; (temp.) 'no curso de, às, durante'; (metaf.) em; (instrumental) 'por, com; (vantagem) 'por'

ἐπί (182x) 'perante, sobre'; uso causal, final, consecutivo e temporal.

παρά (52x) 'ao lado de, na casa de, entre'; (fig.) 'com'

πρός (6x) 'perto, em'

σύν (127x) 'com, junto com'; sinônimo de μετά

§15.43 As preposições que regem substantivos no acusativo são as seguintes:

ἀνά (13x) distrib. 'cada'; ανα μεσον, ανα μερος 'por sua vez'

διά (280x) consec. 'por causa; através' (Lc 17:11)

εἰς (1.753x) 'para, dentro de'; distrib. 'até'; propósito 'por, para'; causal 'por causa de'

ἐπί (476x) 'sobre, até, para'

κατά (398x) 'de acordo com'; distrib. 'cada, todo'; uso causal.

μετά (103x) 'depois' (temporal)

παρά (60x) 'ao lado de, do lado de'

περί (38x) 'acerca de, ao redor de' (loc. e temp.); 'a respeito'

πρός (688x) 'para, para com'; temp. 'cerca de'; 'de conformidade com'

ὑπέρ (19x) 'acima de, além, mais do que' (não localmente)

ὑπό (50x) 'sob, debaixo'

§15.44 As preposições impróprias (originalmente advérbios, embora não entrem na composição de palavras) tiveram um uso crescente no período helenístico, o que continuou no Novo Testamento onde existem 17 (dezessete) preposições "próprias" e 42 (quarenta e duas) preposições "impróprias". As mais importantes são alistadas abaixo. Exceto quando surgir alguma observação, todas são seguidas por um caso genitivo.

ἅμα (3x) + dat. 'junto com'

ἄνευ (3x) 'sem'

ἀντικρυς (1x) 'defronte'

ἀπέναντι (6x) 'defronte'

ἄχρι (45x) 'até'

ἐγγυς (11x) 'perto' +G/+D

ἐκτός (9x) 'fora'

ἔμπροσθεν (46x) 'perante'

ἔναντι (3x) 'perante'

ἐναντιον (5x) 'defronte a'

ἕνεκα, ἕνεκεν (22x) 'por causa de'

ἐντός (2x) 'dentro de'

ἐνώπιον (93x) 'na opinião de'

ἔξω (13x) 'fora de'

ἐπάνω (3x) 'acima'

ἔσω (6x) 'dentro de'

ἕως (86x) 'até'

κατέναντι (9x) 'oposto, perante'

μεταξυ (7x) 'entre'

μέχρι(ς) (18x) 'até'

ὀπίσω (32x) 'depois, atrás de'

ὄπισθεν (2x) 'depois, atrás de'

ὀψέ (2x) 'no fim, após'

πέραν (9x) 'ao outro lado, para o outro lado'

πλήν (5x) 'exceto'

χάριν (4x) 'por causa de'

χωρίς (38x) 'sem, aparte de'

§15.441 Várias destas preposições são formadas pela junção de uma preposição a um advérbio: ἔναντι, ἀπέναντι, κατέναντι, ἐπάνω, ἔμπροσθεν, ὑποκάτω.

§15.45 Assim como ocorre no hebraico, podemos perceber também no grego a existência de alguns substantivos usados como preposições tanto na LXX como no NT. Para mipp^{e}nê 'ante, diante de', lit. 'da face de',

encontramos ἀπὸ προσώπου + gen. (At 3:20; 5:41; 7:45). Para lipnê 'ante, diante de' (perante a face de), πρὸ προσώπου (At 13:24). Para bipnê κατὰ προσὼπον (At 3:13) e εἰς πρόσωπον (II Co 8:24). Para b^{e}yad 'por, através' (lit.'pela mão de'), εἰς χεῖρας (Lc 23:46) ou ἐν (τῇ) χειρί (At 7:35) ou διὰ χειρός/χειρῶν (At 2:23; 5:12). Para miyyad 'da (mão de) ἐκ χειρός (At 12:11).

§15.46 Quanto à ordem das palavras, a locução preposicional é sempre considerada como um adjetivo atributivo, ficando ou entre o artifo definido e o substantivo que ele modifica, ou depois do substantivo, tendo o artigo definido repetido. Contudo, observa-se no Novo Testamento uma tendência para se omitir o artigo definido na última posição (ou seja, para usar a posição predicativa da locução adjetiva). ταῖς φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ 'Às doze tribos que se encontram na dispersão' (Tg 1:1). τοῖς κατὰ τὴν Ἀντιόχειαν... ἀδελφοῖς 'Aos irmãos em Antioquia' (At 15:23). τὴν ὑμῶν ἀγάπην ἐν πνεύματι 'Vosso amor no Espírito' (Cl 1:8). τὸν Ἰσραὴλ κατὰ σάρκα 'Israel segundo a carne' (I Co 10:18).

§15.5 Um pronome (§10.312) pode ser usado para modificar um substantivo.

§15.51 Com substantivos cujos significados permitam, o uso do pronome pessoal em um caso declinado (gen. , dat., ac.) pode substituir um substantivo que, normalmente, seria empregado (cf. §15.3ss.).

§15.511 O pronome pessoal no caso genitivo (isto é, u

sado como um pronome possessivo) é um dos mais comuns *modificadores* (cf. §15.311). ἀπὸ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν 'De seus olhos' (At 1:9).

§15.52 O pronome possessivo é usado atributivamente para modificar qualquer substantivo. τῆς ἐμῆς καρδίας 'Do meu coração' (Rm 10:1).

§15.53 O pronome intensivo αὐτός requer uma atenção especial.

§15.531 Na "posição atributiva" (§15.12), significa 'o mesmo' ὁ γὰρ αὐτός κύριος 'O mesmo Senhor' (Rm 10:12).

§15.532 Na "posição predicativa" (§13.511), é traduzido por 'si próprio, si própria, si próprios', etc... αὐτὸ τὸ πνεῦμα συνμαρτυρεῖ τῷ πνεύματι ἡμῶν 'O próprio Espírito testifica com o nosso espírito' (Rm 8:16).

§15.5321 Quando o pronome intensivo é usado para modificar um pronome pessoal, o último pode ser omitido, e αὐτός é traduzido 'eu mesmo, ele mesmo, vós mesmos', etc., como a sentença requer. αὐτοὶ γὰρ ἀκηκόαμεν 'Nós mesmos temos ouvido' (Jo 4:42).

§15.533 No genitivo adnominal (modificando um substantivo), αὐτοῦ/ αὐτῆς/αὐτῶν serve como um pronome possessivo. καὶ τοῖς ἀδελφοῖς αὐτοῦ 'E com seus irmãos' (At 1:14).

§15.54 O pronome demonstrativo pode ser usado como um modificador do substantivo. Note que ele leva a "posição predicativa" (§13.511). οὗτος ὁ Ἰησοῦς 'Esse Jesus' (At 1:11). ἐν ταῖς ἡμέραις ἐκείναις 'Naqueles dias' (At 2:18).

§15.55 O pronome interrogativo pode ser usado para modificar um substantivo. ποῖον οἶκον οἰκοδομήσετέ μοι 'Que tipo de casa me edificareis?' (At 7:49).

§15.56 O pronome indefinido pode modificar um substantivo. Em alguns casos aproxima-se do artigo indefinido e pode ser traduzido "um/uma". Traduzir o pronome indefinido por 'um certo' pode definir o substantivo modificado mais do que a construção grega garante. τις ἀνήρ 'Um homem' (isto é, um homem específico, embora indefinido) (At 3:2).

§15.57 Uma oração relativa (§10.431) pode ser usada para modificar um substantivo.

§15.571 O pronome relativo concorda com seu antecedente em gênero e número; seu caso, contudo, é geralmente determinado pela sintaxe de sua própria oração. τοῖς ἀποστόλοις... οὓς ἐξελέξατο... οἷς καὶ παρέστησεν ἑαυτόν 'Aos apóstolos que escolhera... aos quais se apresentou' (At 1:2-3). ἔστησαν... Βαρσαββᾶν, ὃς ἐπεκλήθη Ἰοῦστος 'Então propuseram Barnabé, cognominado Justo' (At 1:23). τις ἀνὴρ... ὃν ἐτίθουν 'Um homem, o qual punham...' (At 2:3).

§15.572 Se o pronome relativo tiver dois ou mais antecedentes, será plural. Se um dos antecedentes for masculino, ele também o será. Contudo, se os antecedentes forem coisas, o pronome relativo será neutro. ἀπέστειλαν πρὸς αὐτοὺς Πέτρον καὶ Ἰωάννην, οἵτινες καταβάντες 'Enviaram-lhes Pedro e João, os quais descendo...' (At

8:14-15). Πρίσκαν καὶ Ἀκυλαν... οἵτινες 'Priscila e Áquila, que' (Rm 16:3). ἐν βρώσει καὶ ἐν πόσει ἢ ἐν μέρει ἑορτῆς ἢ νεομηνίας ἢ σαββάτων, ἅ ἐστιν... 'Por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso é...' (Cl 2:16-17).

§15.573 Contudo, em certas construções, o caso do pronome relativo é atraído para o do seu antecedente. Em geral, o Novo Testamento segue as regras do grego clássico, a saber, o pronome relativo deve ser o objeto acusativo de sua oração. O antecedente deve estar no genitivo ou dativo. O caso será descrito como "genitivo" (ou dativo) por atração. καὶ τῆς διαθήκης ἧς ὁ θεὸς διέθετο 'e da aliança que (gen. substituindo ac.) Deus estabeleceu' (At 3:25). δυνάμεσι καὶ τέρασι καὶ σημείοις οἷς ἐποίησεν 'milagres, prodígios e sinais os quais (dat. substituindo ac.) realizou' (At 2:22).

§15.5731 Se o antecedente, como descrito em §15.573, estiver elidido, o pronome relativo nunca será atraído para o caso daquele, e a preposição que, normalmente, teria regido o antecedente, será usada antes do pronome relativo. οὐ περὶ τοῦ κόσμου ἐρωτῶ ἀλλὰ περὶ ὧν δέδωκάς μοι 'Não rogo pelo mundo, mas por [aqueles] que me deste' (Jo 17:9).

§15.5732 Quando o pronome relativo vem imediatamente após o antecedente, este é, às vezes, atraído para o caso do relativo. τὸν ἄρτον ὃν κλῶμεν οὐχὶ κοινωνία τοῦ σώματος τοῦ Χριστοῦ ἐστιν; 'O pão que partimos não é a comunhão do Corpo de Cristo? (I Co 10:16).

§15.5733 Existem irregularidades na observância dessas regras no Novo Testamento.

§15.574 Uma oração relativa pode ser usada para indicar contingência pelo emprego de uma das partículas condicionais juntamente com o pronome relativo. Tal oração relativa é, realmente, um tipo de oração condicional (§17.647). πᾶσα ψυχὴ ἥτις ἐὰν μὴ ἀκοῦσῃ τοῦ προφήτου ἐκείνου ἐξολεθρευθήσεται 'toda alma que não ouvir a esse profeta será exterminada' (At 3:23).

§15.6 Um aposto, isto é, um substantivo que explica um ou vários têrmos na oração, pode ser usado como modificador. Em certo sentido, o aposto é parentético, pois ele poderia ser omitido sem alteração do significado. Sintaticamente, ele é tratado como um modificador. Em nossos diagramas nós o indicamos pelo sinal=.

§15.61 O aposto, geralmente, estará em concordância com o substantivo que ele modifica. Ἰησοῦν τὸν Ναζωραῖον ἄνδρα ἀποδεδειγμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ 'Jesus de Nazaré, varão designado por Deus...' (At 2:22).

§15.611 Um substantivo que esteja em aposição com vários outros estará, geralmente, no plural. πέμψαι... Ἰούδαν...καὶ Ζίλαν ἄνδρας... 'enviar Judas e Silas, varões' (At 15:22).

§15.612 O aposto pode estar no genitivo quando o sentido implica em possessividade. τῇ ἐμῇ χειρὶ Παύλου 'Paulo, de próprio punho (mão) (I Co 16:21).

§15.62 Às vezes, o aposto é empregado onde poderíamos usar uma comparação. Quando isto ocorre fazemos a tra

dução acrescentando a palavra "como" antes do aposto.

§15.63 Um substantivo pode estar em aposição com uma sentença completa. Estando ele muito relacionado ao sujeito, será nominativo; de outro modo, é acusativo.

§15.64 Um infinitivo pode ser usado como aposto. Às vezes isto é chamado de infinitivo epixegético. ἔκρινα δὲ ἐμαυτῷ τοῦτο τὸ μὴ πάλιν ἐν λύπῃ πρὸς ὑμᾶς ἐλθεῖν 'Isto delibe rei por mim mesmo: não voltar a encontrar-me convosco em tristeza' (II Co 2:1).

§15.65 Uma oração inteira pode ser usada como um apos to. τοῦτο γινώσκετε ὅτι ἤγγικεν ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ 'Sabei isto: que está próximo o Reino de Deus' (Lc 10:11).

§15.7 Um particípio pode ser usado para modificar qualquer substantivo. ἄνδρα ἀποδεδειγμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ... τούτον... ἀνείλατε 'Varão designado por Deus... vós o matastes' (At 2:22-23). ὁ λίθος ὁ ἐξουθενηθεὶς ὑφ' ὑμῶν 'A pedra que vós rejeitastes' (At 4:11).

§15.71 O particípio atributivo é geralmente traduzido por uma oração relativa. Se o substantivo é definido, o modificador participial também o será (cf. exemplos em §15.7).

§15.8 Um infinitivo pode ser usado para modificar um substantivo (§17.44). Ele é geralmente traduzido por um infinitivo. οὗ οὐκ εἰμὶ ἄξιος τὸ ὑπόδημα τῶν ποδῶν λῦσαι 'De cujos pés não sou digno de desatar as sandálias' (At 13:25).

§15.9 Um numeral, cardinal ou ordinal, pode ser usado para modificar um substantivo. τὸν μὲν πρῶτον λόγον ἐποιησάμην

'Escrevi o primeiro tratado' (At 1:1). μετὰ τῶν ἕνδεκα ἀποστόλων 'Com os onze apóstolos' (At 1:26).

§16. MODIFICADORES DE MODIFICADORES. Qualquer modificador, pode, por sua vez, ser modificado por outro. Obviamente isto pode tornar-se bem complicado, e as várias possibilidades são numerosas demais para discutir e ilustrar. Alguns exemplos representativos serão dados abaixo.

§16.1 Um adjetivo (§10.32ss.) ou qualquer modificador numa função adjetiva (§15.ss) pode ser modificado por um advérbio (§10.34) ou por qualquer palavra ou grupo de palavras usadas numa função adverbial. ἐχάρησαν χαρὰν μεγάλην σφόδρα 'Alegraram-se com grande e intenso júbilo' (Mt 2:10).

§16.2 Um genitivo adjetivo (§15.31 ss.) pode ser modificado por um adjetivo ou por qualquer palavra ou grupo de palavras que sirvam como adjetivo. ὑποπόδιον τῶν ποδῶν σου 'Por estrado dos teus pés' (At 2:35; o genitivo ποδῶν está modificando ὑποπόδιον e o genitivo σου modificando ποδῶν . Poderia ser acrescentado que o artigo definido está, também, modificando o modificador.

§16.21 O genitivo possessivo (§15.312) pode ser usado numa cadeia de modificadores. χωλὸς ἐκ κοιλίας μητρὸς αὐτοῦ 'Coxo desde o ventre de sua mãe' (At 3:2; o particípio ὑπάρχων é modificado pela locução preposicional ἐκ κοιλίας ,o substantivo é, por sua vez, modificado pe-

lo genitivo μητρός, e este é, finalmente, modificado pelo pronome no genitivo αὐτοῦ).

§16.3 Um aposto (§15.6ss.) pode ser modificado por um adjetivo ou por uma locução/oração adjetiva. ἄνδρα ἀποδεδειγμένον ἀπὸ τοῦ θεοῦ εἰς ὑμᾶς 'Varão aprovado por Deus diante de vós' (At 2:22; ἄνδρα está em aposição com Ἰησοῦν , e é modificado pelo particípio ἀποδεδειγμένον ; o particípio é modificado adverbialmente por duas locuções preposicionais e por três substantivos no dativo.

§16.4 Um advérbio (§10.34), qualquer palavra ou grupo de palavras que exerçam uma função adverbial (cf. §14.2ss., §14.3ss., §14.4ss.) pode ser modificado por um dos modificadores adverbiais existentes (cf. §14.). Se o modificador adverbial é composto de um substantivo, este, por sua vez pode ser modificado adjetivadamente.

§16.41 O modificador adverbial é freqüentemente um particípio que pode ser, também, modificado. ἐξελθὼν ἐκ γῆς Χαλδαίων κατῴκησεν ἐν Χαρράν 'Saindo da terra dos Caldeus foi habitar em Harã' (At 7:4; o verbo principal é modificado temporalmente pelo particípio ἐξελθών , que por sua vez é modificado por uma locução preposicional ἐκ γῆς , e este é modificado por um nome próprio no genitivo Χαλδαίων).

§16.42 O modificador adverbial é, com maior frequencia, uma locução preposicional e seu substantivo pode ser também modificado. παρέστησεν ἑαυτὸν ζῶντα... ἐν πολλοῖς

τεκμηρίοις 'apresentou-se vivo, com muitas provas incontestáveis' (At 1:3; o verbo παρέστησεν é modificado pela locução preposicional ἐν τεκμηρίοις , e o substantivo nesta locução é modificado pelo adjetivo πολλοῖς . Dizer que um advérbio é modificado por um adjetivo é contrário às nossas regras gramaticais --mas se analizarmos as partes do discurso descobriremos que não há qualquer violação de regras gramáticais.

§16.421 Novamente, uma série de modificadores é possível. ἐν ταῖς ἡμέραις ταύταις ἀναστὰς Πέτρος ἐν μέσῳ τῶν ἀδελφῶν εἶπεν 'Naqueles dias, levantando-se Pedro no meio dos irmãos, disse' (At 1:15; o verbo principal é modificado por um particípio adverbial ἀναστάς que é modificado adverbialmente por uma locução preposicional ἐν μέσῳ . O substantivo desta locução é modificado por um substantivo no genitivo ἀδελφῶν que, por sua vez, é modificado por um artigo definido).

§16.43 O modificador adverbial pode ser uma oração infinitiva, que também pode ser modificada através de outra oração infinitiva. οὗτος...ἐκάκωσεν τοὺς πατέρας τοῦ ποιεῖν τὰ βρέφη ἔκθετα αὐτῶν εἰς τὸ μὴ ζωογονεῖσθαι 'Este outro torturou os nossos pais a ponto de forçá-los a enjeitar os seus filhos, para que não sobrevivessem' (At 7:19; o verbo principal ἐκάκωσεν é modificado pela oração que indica propósito (§17.54) introduzida por τοῦ ποιεῖν , e esta oração de propósito é depois modificada por uma oração de resultado εἰς τὸ μὴ ζωογονεῖσθαι . Observe que a

oração de propósito especifica porque (para qual propósito ou objetivo) algo ocorreu. A oração de resultado anuncia o resultado da predicação principal. Às vezes, torna-se difícil distinguir as duas.

§17. PERÍODOS COMPOSTOS. Muitos períodos não são simples, mas compostos (§10.1). Devido à importância do assunto, é básico que o aluno domine esta matéria.

§17.1 Um período composto é formado por orações coordenadas, as quais podem ser divididas em conjuntivas e disjuntivas.

§17.11 Orações conjuntivas são geralmente unidas por uma conjunção, como: e, pois, além do mais, etc. A intenção é unir duas ou mais declarações em um único período. Cada parte é um período independente. οἱ νεανίσκοι ὑμῶν ὁράσεις ὄψονται καὶ οἱ πρεσβύτεροι ὑμῶν ἐνυπνίοις ἐνυπνιασθήσονται 'Vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão sonhos' (At 2:17).

§17.12 Orações disjuntivas são geralmente unidas por uma conjunção, como: mas, ainda, contudo, etc. A intenção é contrastar duas ou mais declarações num único período. Cada parte é um período independente. Ἰωάννης μὲν ἐβάπτισεν ὕδατι ὑμεῖς δὲ ἐν πνεύματι βαπτισθήσεσθε ἁγίῳ 'João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo' (At 1:5).

§17.13 Assíndeto é a falta do conectivo entre orações. Isto não é considerado "bom grego". δέδεσαι γυναικί; μὴ ζήτει λύσιν 'Estás ligado a uma mulher? Não procures separar-te' (I Co 7:27).

§17.14 Os períodos compostos podem ser divididos em partes e cada uma delas tratada como um período simples. Freqüentemente há elipse em uma ou mais partes (§1014). A principal tarefa é observar o tipo de conexão entre as partes. ὁ ἥλιος μεταστραφήσεται εἰς σκότος καὶ ἡ σελήνη εἰς αἷμα'O sol se converterá em trevas e a lua em sangue' (At 2:20).

§17.15 Orações comparativas são um tipo especial de período composto, no qual as partes são unidas de tal modo que cada uma delas é dependente da outra quanto ao significado. Neste caso as conjunções comparativas são usadas. καθὼς ἠγάπησέν με ὁ πατήρ κἀγω ὑμᾶς ηγάπησα 'Como o pai me amou, também eu vos amei'(Jo 15:9).

§17.151 Às vezes, uma das palavras comparativas é omitida e se os predicados são os mesmos, um deles pode ser omitido, resultando no que parece ser um período simples. εἰ δίκαιόν ἐστιν ἐνώπιον τοῦ θεοῦ ὑμῶν ἀκούειν μᾶλλον ἢ τοῦ θεοῦ 'Se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus' (At 4:19).

§17.2 Período complexo consiste (pelo menos) de uma oração principal (ou independente), e uma oração subordinada (ou dependente) (§10.422). É necessário identificar, primeiro, a oração principal e então determinar como ela está relacionada à oração subordinada. Na verdade, a oração subordinada é um modificador, afetando o significado da oração principal.

§17.21 Considerando que a oração, às vezes, pode ser apenas parte do discurso (§10.4), ela pode ser substantiva, adjetiva ou adverbial.

§17.3 Uma oração substantiva pode servir como sujeito ou objeto do verbo principal (§12.1), ou como aposto (§15.6).

§17.31 Como sujeito a oração substantiva pode ser construida tanto com um verbo finito como também com um infinitivo. (§10.381).

§17.311 A oração substantiva introduzida por ὅτι segue pelo indicativo, geralmente adiciona o elemento de resultado à predicação principal. οὐ μέλει σοι ὅτι ἀπολλύμεθα 'Não te importa que pereçamos?' (Mc 4:38).

§17.312 A oração substantiva introduzida por ἵνα segue pelo subjuntivo, adiciona a idéia de propósito à predicação principal. συμφέρει ὑμῖν ἵνα ἐγὼ ἀπέλθω 'Convém-vos que eu vá' (Jo 16:7).

§17.313 Uma oração infinitiva pode ser o sujeito do período. Isto está bem próximo de um simples período em construção. καλὸν ἀνθρώπῳ γυναικὸς μὴ ἅπτεσθαι 'É bom que o homem não toque mulher' (I Co 7:1).

§17.32 Uma oração substantiva pode servir como objeto do verbo principal.

§17.321 O objeto pode ser uma oração substantiva introduzida por ὅτι com o indicativo. ἐγὼ πεπίστευκα ὅτι σὺ εἶ ὁ Χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ 'Eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus' (Jo 11:27).

§17.3211 Após os verbos dizer, saber, pensar e outros que contenham idéias semelhantes, a oração é considerada como discurso direto (§17.8 ss.)

§17.322 O objeto pode ser uma oração substantiva introduzida por ἵνα ou οπως , sendo usado o subjuntivo particularmente após os verbos dizer, perguntar , desejar e outros semelhantes. Isto, também, poderia ser considerado como discurso indireto (§17.82). εἰπὲ τῷ λίθῳ τούτῳ ἵνα γένηται ἄρτος 'Manda que esta pedra se transforme em pão' (Lc 4:3). ἐρωτῶν αὐτὸν ὅπως ἐλθὼν διασώσῃ τὸν δοῦλον αὐτοῦ 'Pedindo-lhe que vindo, curasse seu servo' (Lc 7:3).

§17.323 Após verbos que contenham idéias de temer ou advertir, uma oração subordinada substantiva objetiva é introduzida por μὴ , seguida pelo subjuntivo (cf. §11.33) e é traduzida 'para que não' ou 'que'. βλέπετε μὴ τις ὑμᾶς πλανήσῃ 'Vede que ninguém vos engane' (Mc 13:5).

§17.3231 O negativo desta construção usa μὴ οὐ 'para que não'. μήποτε οὐκ ἡμῖν καὶ ὑμῖν ἀρκέσῃ 'Não! Para que não nos falte a nós e a vós outras' (Mt 25:9).

§17.324 A oração subordinada substantiva objetiva é, ocasionalmente, introduzida sem conjunção (vide assíndeto, §17.13).

§17.325 A oração subordinada substantiva objetiva pode ser uma oração infinitiva. ἐγὼ γὰρ ἔμαθον ἐν οἷς εἰμι αὐτάρκης εἶναι 'Aprendi a viver contente em toda e

qualquer situação' (Fp 4:11).

§17.33 Uma oração substantiva pode ficar em aposição com um substantivo na oração principal, como uma oração subordinada substantiva apositiva. ὅτι αὕτη ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ θεοῦ ὅτι μεμαρτύρηκεν περὶ τοῦ υἱοῦ 'Este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho' (I Jo 5:9).

§17.331 Uma oração apositiva pode ser introduzida por ὅτι com o indicativo. αὕτη δέ ἐστιν ἡ κρίσις ὅτι τὸ φῶς ἐλήλυθεν εἰς τὸν κόσμον 'O julgamento é este: Que a luz veio ao mundo' (Jo 3:19).

§17.332 Uma oração apositiva pode ser introduzida por ἵνα com o subjuntivo. καὶ πόθεν μοι τοῦτο ἵνα ἔλθῃ ἡ μήτηρ τοῦ κυρίου μου πρὸς ἐμε; 'E de onde me provém que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?' (Lc 1:43).

§17.333 Uma oração apositiva, às vezes, pode ser uma oração infinitiva. θρησκεία καθαρὰ... αὕτη ἐστίν ἐπισκέπτεσθαι ὀρφανοὺς καὶ χήρας 'A religião pura é esta: Visitar os orfãos e as viúvas' (Tg 1:27).

§17.4 Uma oração subordinada adjetiva pode ser usada para especificar qualquer substantivo, quer seja sujeito, objeto direto ou indireto, predicado nominal, aposto ou modificador, na oração principal. ἄχρι οὗ ἀνέστη βασιλεὺς ἕτερος ὅς οὐκ ᾔδει τὸν Ἰωσήφ 'Até que se levantou outro rei que não conhecia a José' (At 7:38). μνημονεύετε τοῦ λόγου οὗ ἐγὼ εἶπον ὑμῖν 'Lembrai-vos da palavra que [cf. §15.573] eu vos disse' (Jo 15:20).

§17.41 A oração subordinada adjetiva pode ser introduzida por um pronome relativo, advérbio relativo (§10.34) ou locução adverbial (§10.411). βασιλεὺς ἕτερος ὃς οὐκ ᾔδει τὸν Ἰωσήφ 'Outro rei que não conheceu a José'(At 7:18). ἐν γῇ Μαδιάμ οὗ ἐγέννησεν υἱοὺς δύο 'Na terra de Midiã, onde lhe nasceram dois filhos' (At 7:29).εἰς τὴν γῆν ταύτην εἰς ἣν ὑμεῖς νῦν κατοικεῖτε 'Para esta terra em que vós agora habitais' (At 7:4).

§17.411 O pronome relativo foi discutido no §15.57ss. acima.

§17.412 Uma oração relativa introduzida por ὅς ou um dos outros relativos simples, refere-se a uma pessoa ou coisa específica. Uma oração introduzida por ὅστις ou outro relativo composto refere-se a uma pessoa ou coisa em geral ou indica a classe, caráter, qualidade ou capacidade de uma pessoa ou (ocasionalmente) uma coisa.

§17.4121 Os escritores do Novo Testamento, particularmente Lucas, não observam esta distinção. (BDF §293).

§17.4122 Às vezes, o pronome relativo é elidido, particularmente quando duas ou mais orações adjetivas são ligadas com uma conjunção. A omissão ocorre sempre quando os pronomes relativos estariam, normalmente, em casos diferentes.

§17.413 Advérbios relativos de tempo, lugar ou modo são usados para introduzir as orações subordinadas adjetivas. Ex: "A casa onde ele vivia". εἰς τὸν οἶκόν μου

ἐπιστρέψω ὅθεν ἐξῆλθον 'Voltarei para minha casa donde saí' (Mt 12:44). εὗρεν τὸν τόπον οὗ ἦν γεγραμμένον 'Achou o lugar onde estava escrito' (Lc 4:17).

§17.4131 Locuções adverbiais podem ser substituidas por advérbios relativos. ἐλεύσεται ὃν τρόπον ἐθεάσασθε 'Virá do modo como o vistes... (At 1:11).

§17.42 A posição de uma oração relativa é, amplamente, uma matéria de preferência pessoal. Ela pode preceder, ser incorporada ou vir após a orações principal. ἃ ὁ θεὸς ἐκαθάρισεν σὺ μὴ κοίνου 'Ao que Deus purificou (considerou puro) não faças comum (consideres comum) (At 10:15). οὐ δυνάμεθα γὰρ ἡμεῖς ἃ εἴδαμεν καὶ ἠκούσαμεν μὴ λαλεῖν 'Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos' (At 4:20). ἐπισκέψασθε δὲ ἀδελφοί ἄνδρας ἐξ ὑμῶν... οὓς καταστήσομεν ἐπὶ τῆς χρείας ταύτης 'Irmãos, escolhei dentre vós homens, aos quais encarregaremos deste serviço' (At 6:3).

§17.43 Uma oração participial pode ser usada de maneira adjetival. Ἰωσὴφ ὁ ἐπικληθεὶς Βαρναβᾶς 'José, a quem deram o sobrenome de Barnabé (lit. 'o tendo-sido-chamado Barnabé' (At 4:36).

§17.431 É importante não nos esquecermos de que isto é, na verdade, uma "oração", pois o particípio tem tanto força verbal quanto adjetiva. Por isso devemos sempre traduzir tal particípio com uma oração.

§17.432 Um pronome relativo não é geralmente usado com orações participiais adjetivas, mas é substitui-

do pelo artigo definido.

§17.433 Quanto ao significado temporal do particípio, v. §14.411ss.

§17.434 A oração participial pode ser usada como um predicado adjetivo (§13.5) do verbo ser. Na realidade, isto é uma construção perifrástica (§10.411). ἰδοὺ οἱ ἄνδρες...εἰσὶν ἐν τῷ ἱερῷ ἑστῶτες καὶ διδάσκοντες τὸν λαόν 'Eis que os homens estão no templo ensinando o povo' (At 5: 25).

§17.44 Uma oração reduzida de infinitivo pode ser usada de maneira adjetival (cf. §10.32), particularmente se estiver junta a substantivos cognatos com verbos que levam um infinitivo complementar (§13.61). ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι 'Deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus' (Jo 1:12).

§17.45 O verbo de uma oração relativa é freqüentemente omitido quando é usado também na oração principal.

§17.5 Uma oração adverbial pode ser usada para modificar um verbo, um adjetivo ou ainda um advérbio (cf. §10.34). Orações adverbiais podem ser identificadas de acordo com as categorias dos advérbios, como: tempo, lugar, propósito, resultado, etc.

§17.51 Uma oração temporal é usada para modificar o verbo principal por relacioná-lo, no tempo, a alguma outra ação ou estado: anterior, contemporâneo ou posterior à predicação do verbo principal.

§17.511 Orações temporais são, geralmente, introduzi

das por conjunções, advérbios relativos ou locuções adverbiais para indicar a conexão de tempo.

§17.5111 Uma oração introduzida por πρίν ou πρὶν ἤ 'ante', 'antes de' seguida pelo subjuntivo, optativo ou infinitivo articular no acusativo (§14.4211) é subsequente ao verbo principal. "Eu vim antes que você me chamasse". ὁ ἥλιος μεταστραφήσεται εἰς σκότος... πρὶν ἐλθεῖν ἡμέραν κυρίου 'O sol se converterá em trevas... antes da vinda do dia do Senhor' (At 2:20). Essa construção não é comum no Novo Testamento.

§17.5112 Uma oração introduzida por ἕως seguida pelo aoristo indicativo marca o fim de um período de tempo ("até") e faz com que a predicação da oração temporal seja o término do estado ou ação do verbo principal. ὁ ἀστὴρ...προῆγεν αὐτοὺς ἕως ἐλθὼν ἐστάθη ἐπάνω οὗ ἦν τὸ παιδίον 'A estrela... os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino' (Mt 2:9). O pres. indicativo e, talvez, o futuro do indic. sejam também encontrados. Se o subjuntivo aparece na expressão (geralmente com ἄν), a oração indica contingência. ἴσθι ἐκεῖ ἕως ἂν εἴπω σοι 'Permanece lá até que eu te avise' (Mt 2:13).

§17.5113 Uma oração introduzida por ἕως seguida pelo pres. indic. (ou, às vezes, por algum outro tempo) , indica ação contemporânea ("enquanto"). Cf. §14.4212. ἡμᾶς δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα τοῦ πέμψαντός με ἕως ἡμέρα ἐστίν 'É necessário que façamos as obras daquele que me enviou

enquanto é dia' (Jo 9:4). O subjuntivo é também encontrado. καθίσατε ὧδε ἕως προσεύξωμαι 'Assentai-vos aqui enquanto eu vou orar' (Mc 14:32).

§17.5114 Uma oração introduzida por ὅτε seguida pelo indicativo marca um estado ou atividade contemporânea. Se o imperfeito é usado, o elemento de duração da atividade é indicado ("enquanto"); se o aoristo é usado, o ponto de tempo é destacado ("quando"). ὅτε δὲ ἤμελλεν προαγαγεῖν αὐτόν 'Quando estava para apresentá-lo' (At 12:6). ὅτε δὲ ἀνέβησαν ἐκ τοῦ ὕδατος 'Mas quando saíram da água' (At 8:39),

§17.5115 Uma oração introduzida por ὡς é bem semelhante àquela introduzida por ὅτε . Seguida pelo presente ou imperfeito do indicativo ela significa "enquanto". Seguida pelo aoristo indicativo, significa "quando", "depois". Seguida pelo subjuntivo e ἄν ou ἐάν , indica condição (tão logo, quando). ὡς ἀτενίζοντες ἦσαν 'Estando com os olhos fitos' (At 1:10). ὡς δὲ ἤκουσαν τοὺς λόγους τούτους 'Quando ouviram estas palavras' (At 5:24). τὰ δὲ λοιπὰ ὡς ἄν ἔλθω διατάξομαι 'Quanto às demais coisas eu as ordenarei quando for ter convosco' (I Co 11:34).

§17.5116 Uma oração introduzida por ὅταν seguida pelo pres. subj. tem significado contemporâneo (quando quer que, sempre que); seguido pelo aor. subj. ἄν tem um aspecto pontilear ("quando"). Em qualquer oração, a condição é indicada pelo uso de mais o modo subjuntivo. No Novo Testamento, o indicativo é, às ve-

zes, usado no presente, imperfeito aor. ou fut. ὅταν δὲ εἰσφέρωσιν ὑμᾶς ἐπὶ τὰς συναγωγάς 'Sempre que vos levarem às sinagogas' (Lc 12:11). ἐλεύσονται δὲ ἡμέραι καὶ ὅταν ἀπαρθῇ ἀπ' αὐτῶν ὁ νυμφίος 'Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo' (Lc 5:35).

§17.5117 Outros advérbios relativos são encontrados, tais como ἄχρι (com ou sem οὗ) 'até' (At 7:18),ou 'enquanto' (Lc 21:24); μέχρι οὗ 'até' (Mc 13:30); ἐπειδή 'quando, após' (Lc 7:1, etc.).

§17.5118 Muitas vezes são usadas locuções ou orações adverbiais em lugar de advérbios relativos.

§17.5119 O particípio adverbial (§14.41ss.) é freqüentemente usado para a construção de orações temporais. Reveja o significado dos tempos usados (§11.52, .54, .55).

§17.512 Uma oração temporal pode ser definida ou indefinida.

§17.5121 Uma oração temporal é definida quando a ação ocorre (ou ocorreu) em um ponto definido no tempo. O modo indicativo é empregado nesta construção e o negativo é οὐ . ἐπειδὴ ἐπλήρωσεν πάντα τὰ ῥήματα αὐτοῦ εἰς τὰς ἀκοὰς τοῦ λαοῦ εἰσῆλθεν εἰς καφαρναούμ 'Tendo concluido todas as suas palavras dirigidas ao povo, entrou em Cafarnaum' (Lc 7:1).

§17.5122 Uma oração temporal definida geralmente refere-se a uma ação no presente ou no passado.

§17.5123 Uma oração temporal é indefinida quando a a

ção ocorre no futuro (indefinido), ou quando ocorre um número não específico de vezes, ou ainda (raramente) quando ela continua por um período indeterminado. O modo subjuntivo com ἄν é usado (também o optativo sem ἄν e ocasionalmente o indicativo). O negativo usado é μή . ὅταν ἄγωσιν ὑμᾶς 'Quando, pois, vos levarem' (Mc 13:11). ἕως οὗ ἀρνήσῃ με τρίς 'Até que me negues três vezes' (Jo 13:38).

§17.5124 Em tais orações é usado o presente de ação completa e o aoristo de ação completa ou ação simplesmente ocorrendo.

§17.513 As conjunções temporais de duração ("enquanto") ou término ("até") podem também indicar propósito.

§17.52 Uma oração local é usada para definir a oração principal ao identificar o lugar (literal ou metaforicamente) da ação do verbo principal. Se a oração local modifica um substantivo de lugar, ela é adjetiva (veja §17.4ss.). Caso ela modifique um verbo, é adverbial.

§17.521 Uma oração local pode ser introduzida por um advérbio relativo (onde, aonde, etc.) ou por uma locução adverbial (no qual, para o qual, do qual, etc.).

§17.5211 Os advérbios relativos são antigas formas declinadas cujas terminações indicam local (onde), procedência (de onde) e destino (para onde). Deve-se observar que algumas formas caíram em desuso.

§17.5212 O adv. relativo ὅπου + ind. indica lugar (onde). Às vezes, é usado em declarações correlativas, combinado com ἐκεῖ 'onde... lá'. Seguido por ἄν + subjuntivo é menos definido (onde quer que) e, às vezes, refere-se a um lugar no tempo (quando quer que). ἦλθον εἰς θεσσαλονίκην ὅπου ἦν συναγωγὴ τῶν Ἰουδαίων 'Chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus' (At 17:1). ἀκολουθήσω σοι ὅπου ἐὰν ἀπέρχῃ 'Seguir-te-ei para onde quer que fores' (Lc 9:57). ὅπου ἐὰν ᾖ τὸ πτῶμα ἐκεῖ συναχθήσονται οἱ ἀετοί 'Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres' (Mt 14:28).

§17.5213 O adv. relativo οὗ + indicativo é semelhante a ὅπου e pode, semelhantemente, ser usado em correlação com ἐκεῖ (Mt 18:20). Seguido pelo subjuntivo + ἐάν tem a idéia de 'onde quer que' (I Co 16 :6). Pode ser usado metaforicamente, indicando circunstância "onde" (Rm 4:15). Sua natureza básica (gen. do pronome relativo) é mostrado pela freqüência no seu uso para introduzir orações locais, modificando substantivos de lugar. ὅτε εἰσῆλθον εἰς τὸ ὑπερῷον ἀνέβησαν οὗ ἦσαν καταμένοντες 'Quando ali entraram, subiram para o cenáculo onde se reuniam...' (At 1:13; cf. 2:2; 7: 29; 12:12; etc.).

§17.5214 O adv. relativo ὅθεν é usado para indicar o local de onde a ação do verbo principal procede (de onde, onde). Metaforicamente é usado para indicar "porque", "por qual razão", especificando, portanto,

a causa. Esta é uma antiga forma de se empregar o pronome relativo, e é usado com orações que modificam substantivos de lugar. κἀκεῖθεν ἀπέπλευσαν εἰς Ἀντιόχειαν ὅθεν ἦσαν παραδεδομένοι τῇ χάριτι τοῦ θεοῦ 'E dali navegaram para Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus' (At 14:26). Cf. At 26:19).

§17.5215 Muitos outros advérbios são usados com orações locais.

§17.5216 Locuções adverbiais são usadas para introduzir orações locais. Obviamente isto resulta da substituição das antigas terminações pela preposição.

§17.522 O modo do verbo numa oração local será indicativo se o lugar for definido ou se a ação tiver sido anterior ao tempo em que a declaração foi feita, mesmo que o lugar seja indefinido. O verbo poderá estar no subjuntivo se o lugar for indefinido e o tempo da predicação futuro. Veja os exemplos em §17.5212.

§17.53 Uma oração causal descreve a razão para a predicação feita na oração principal (responde a pergunta "por que?"). Ela pode ser coordenada ou subordinada.

§17.531 A oração coordenada causal é, geralmente, uma oração independente, introduzida por γάρ 'pois', dando a razão para a declaração ou declarações precedentes. διότι τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ φανερόν ἐστιν ἐν αὐτοῖς ὁ θεὸς γὰρ αὐτοῖς ἐφανέρωσεν 'Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou'(Rm 1:19).

§17.532 A oração subordinada adverbial causal é introduzida por uma conjunção subordinativa, um advérbio relativo ou uma locução adverbial.

§17.5321 Uma oração subordinada adv. causal pode ser introduzida por ὅτι 'porque, desde que', seguido pelo indicativo. ὁ δὲ εἶπεν Λεγιών ὅτι εἰσῆλθεν δαιμόνια πολλὰ εἰς αὐτόν 'Respondeu ele: Legião, porque tinham entrado nele muitos demônios' (Lc 8:30). Pode-se encontrar também a expressão διὰ τοῦτο...ὅτι . A segunda oração será a causa da primeira. διὰ τοῦτο ὑμεῖς οὐκ ἀκούετε ὅτι ἐκ τοῦ θεοῦ οὐκ ἐστέ 'Por isso não me dais ouvido, porque não sois de Deus' (Jo 8:47).

§17.5322 Bem semelhante é a conjunção διότι + indicativo 'porque, pois'. A idéia transmitida por esta conjunção é mais de inferência. διότι οὐκ ἦν αὐτοῖς τόπος ἐν τῷ καταλύματι 'Porque não havia lugar para eles na hospedaria' (Lc 2:7). διότι καὶ ἐν ἑτέρῳ λέγει 'Portanto, também, em outro [salmo] diz...' (At 13:35).

§17.5323 A oração subordinada adv. causal pode ser introduzida por καθότι + indic. 'em vista do fato que, porque' ou por καθότι ἄν + indic. 'à medida que, como'. καθότι οὐκ ἦν δυνατὸν κρατεῖσθαι αὐτὸν ὑπ' αὐτοῦ 'Não era possível que fosse ele retido por ela' (At 2:24). καὶ διεμέριζον αὐτὰ πᾶσιν καθότι ἄν τις χρείαν εἶχεν 'Distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade' (At 2:45).

§17.5324 A oração subordinada adverbial causal pode

ser introduzida por διόπερ + indic. 'portanto, por esta razão'. Esta conjunção pode ser usada (p.e. com o imperativo) de forma semelhante a γάρ (§ 17.531) em uma sentença coordenada causal. διόπερ εἰ βρῶμα σκανδαλίζει τὸν ἀδελφόν μου οὐ μὴ φάγω κρέα εἰς τὸν αἰῶνα 'E por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne' (I Co 8:13). διόπερ ἀγαπητοί μου φεύγετε ἀπὸ τῆς εἰδωλολατρίας 'Portanto, meus amados, fugi da idolatria' (I Co 10:14).

§17.5325 A oração subordinada adv. causal pode ser introduzida por ἐπεί ou ἐπειδή + indic. 'porque, desde que'. τὸν δὲ Παῦλον Ἑρμῆν ἐπειδὴ αὐτος ἦν ὁ ἡγούμενος τοῦ λόγου 'A Paulo (chamavam) "Hermes" (Mercúrio), porque era este o principal portador da palavra' (I Co 14:12).

§17.5326 Uma oração subord. adv. causal pode ser formada pelo uso da conjunção ὡς + o part. em concordância com o sujeito da oração principal, ou no genitivo absoluto (§14.5). Ao ser usada, a expressão procura esclarecer porque se agiu de tal forma. A construção implica em que a ação do particípio é a suposta causa da ação do verbo principal. O negativo é οὐ. οὐχ ὡς τοῦ ἔθνους μου ἔχων τι κατηγορεῖν μή. 'Não tendo, porém, nada de que acusar minha nação' (At 28:19).

§17.5327 O part. sem a conjunção pode ser usado numa oração subord. adv. causal. Se o sujeito da oração causal é o mesmo da oração principal, o particípio concordará em gênero, número e caso. Se o sujeito

for diferente, o part. estará no genitivo absoluto (§14.5). O negativo usado em tal expressão é μή .Ἰωσὴφ δὲ ὁ ἀνὴρ αὐτῆς δίκαιος ὤν 'Mas José, seu esposo, sendo justo' (Mt 1:19). μὴ ἔχοντος δὲ αὐτοῦ ἀποδοῦναι ἐκέλευσεν αὐτὸν ὁ κύριος πραθῆναι 'Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido' (Mt 18:25).

§17.5328 Um infinitivo articular (§13.611) no acusativo, depois de διά , pode ser usado para expressar uma oração causal. O adv. de negação usado é μή .ἀνέβη δὲ καὶ Ἰωσὴφ... διὰ τὸ εἶναι αὐτὸν ἐξ οἴκου καὶ πατριᾶς Δαυίδ 'José também subiu... por ser ele da casa e família de Davi' (Lc 2:4).

§17.5329 Uma oração subord. adv. causal pode ser introduzida por um pronome relativo. οἵτινες ἀπεθάνομεν τῇ ἁμαρτίᾳ πῶς ἔτι ζήσομεν ἐν αὐτῇ 'Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?' (Rm 6:2).

§17.533 Em uma oração subord. adv. causal o verbo finito deve estar no modo indicativo, pois não pode haver qualquer contingência ou incerteza na mente quando algo é apontado como a causa de outra.

§17.54 A oração de propósito designa o propósito, alvo ou objetivo da ação do verbo principal. Ela responde a pergunta "por que, para qual propósito?" e explica "a fim de que". Orações de propósito são, às vezes, chamadas orações finais.

§17.541 O modo subjuntivo é regularmente usado (o negativo é μή) desde que o objetivo seja somente pro

posto e não alcançado. Em algumas passagens, o futuro do indicativo aparece (que pode, erroneamente, substituir o aoristo subjuntivo). O presente do indicativo é encontrado somente em passagens que são textualmente disputadas. O optativo não aparece em orações de propósito no Novo Testamento.

§17.542 Orações de propósito com verbos finitos podem ser introduzidas por ἵνα ou outra conjunção.

§17.5421 ἵνα + subjuntivo 'que, a fim de' é usado depois de verbos no indicativo ou imperativo em quase todo tempo, para declarar propósito. ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός 'Para que testificasse a respeito da luz' (Jo 1:7). A forma de negação é ἵνα μή. ἵνα μή σαλευθῶ 'para que eu não seja abalado' (At 2:25). Note o uso do futuro do indicativo: ἵνα ζυρήσονται τὴν κεφαλήν 'para que raspem a cabeça' (At 21:24).

§17.5422 ὅπως + o subj. 'a fim de' pode ser usado, geralmente sem ἄν. ὅπως ἀναβλέψῃς καὶ πλησθῇς πνεύματος ἁγίου 'Para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo' (At 9:17). Com ἄν: ὅπως ἄν ἔλθωσιν καιροὶ ἀναψύξεως 'a fim de que venham tempos de refrigério' (At 3:20). O negativo é ὅπως μή.

§17.5423 A diferença entre ἵνα e ὅπως não é acentuada. Contudo, em Lc 16:27s. e II Tim 1:11s., ambas as conjunções são usadas, uma apresentando o propósito imediato e a outra assinalando o propósito último da ação. ἐρωτῶ σε οὖν πάτερ ἵνα πέμψῃς αὐτὸν εἰς τὸν οἶκον τοῦ πατρός μου ἔχω γὰρ πέντε ἀδελφούς ὅπως διαμαρτύρηται αὐτοῖς ἵνα μὴ καὶ αὐτοὶ ἔλθωσιν

εἰς τὸν τόπον τοῦτον τῆς βασάνου 'Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos: para que lhes dê testemunho a fim de não virem também para este lugar de tormento' (Lc 16:27 s.).

§17.5424 ὡς + subj. 'a fim de' pode introduzir uma oração de propósito. ὡς τελειώσω τὸν δρόμον μου 'Para que possa completar minha carreira' (At 20:24). A mesma partícula, com um infinitivo, pode introduzir uma oração de propósito (At 20:24 -- variante τελειωσαι).

§17.5425 O infinitivo, tanto sem o artigo definido como com ele no genitivo, pode ser usado para expressar propósito (cf. §14.422). εἰς οὕς ἐγὼ ἀποστέλλω σε ἀνοῖξαι ὀφθαλμοὺς αὐτῶν 'Para os quais eu te envio para lhes abrir os olhos' (At 26:17). A preposição εἰς ou πρός + o artigo no acusativo junto a um infinitivo pode, também, ser usado. μετανοήσατε οὖν καὶ ἐπιστρέψατε εἰς τὸ ἐξαλειφθῆναι ὑμῶν τὰς ἁμαρτίας 'Arrependei-vos, pois e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados' (At 3:19). As conjunções ὡς e ὥςτε com o infinitivo anartro podem ser usadas de um modo semelhante (cf. Mt 27:1; Lc 9:52).

§17.5426 O particípio adverbial (geralmente futuro) pode ser usado como uma oração de propósito (cf. §14.414).

§15.5427 Um pronome relativo + futuro indic. ou aor. subj. pode ser usado para indicar propósito. οὕς καταστήσομεν ἐπὶ τῆς χρείας ταύτης 'Aos quais encarregaremos

deste serviço' (=para que nós encarreguemos).

§17.55 A oração de resultado indica o resultado da ação predicada pela oração principal. Ela responde à questão "o que aconteceu?". Às vezes, as orações de resultado são chamadas consecutivas.

§17.551 Por sua natureza, a oração de resultado estará no modo indicativo se construida com um verbo finito. O negativo usado é οὐ . (Contudo, muitas orações de resultado são construidas com o infinitivo. Neste caso, o negativo é μή .)

§17.552 Orações de resultado são geralmente introduzidas por ὥστε , admitindo-se também o emprego de outras partículas.

§17.5521 ὥστε + indic. 'para que' ou + infinitivo (§17.5531) 'a fim de' pode ser usada para introduzir uma oração de resultado. A oração principal pode conter ουτως 'assim', τοιουτος 'tal como' ou τοσουτος 'tão grande'. ὥςτε καὶ Βαρναβᾶς συναπήχθη αὐτῶν τῇ ὑποκρίσει 'Ao ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles' (Gl 2:13).

§17.5522 ἵνα + subj. 'para que', pode introduzir uma oração de resultado. Tal resultado é mais hipotético que real. Às vezes, o resultado é procedente do propósito de Deus. καὶ ἦν παρακεκαλυμμένον ἀπ' αὐτῶν ἵνα μὴ αἴσθωνται αὐτό 'E foi-lhes encoberto para que não compreendessem' (Lc 9:45).

§17.553 O infinitivo é comumente usado em orações de resultado.

§17.5531 ὥςτε + inf. 'a fim de, para que' pode ser usado numa oração de resultado. ὥστε κληθῆναι τὸ χωρίον ἐκεῖνο...Ἀκελδαμάχ 'De maneira que esse campo era chamado Aceldama' (At 1:19). Às vezes, a distinção feita entre ὥστε + inf. articular e ὥστε + inf. anartro, é difícil de ser verificada nos textos.

§17.5532 O infinitivo articular no genitivo, sem preposição ou conjunção, pode ser usado em lugar de uma oração de resultado (cf. §14.4222). O artigo pode ser omitido e um infinitivo anartro, então, ser usado da mesma forma. διὰ τί ἐπλήρωσεν ὁ Σατανᾶς τὴω καρδίαν σου ψεύσασθαί σε τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον 'Por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo' (lit. mentir) (At 5:3).

§17.554 Em teoria, o uso do infinitivo deveria indicar o resultado potencial, enquanto o indicativo deveria dar o resultado real. Moule, (Idiom Book, p. 141) diz: "Mas, na verdade, o indicativo é raro e o infinitivo serve tanto para resultados em potencial como reais".

§17.6 Orações condicionais ou concessivas pertencem a uma categoria especial de orações adverbiais, que precisam de um tratamento especial.

§17.61 Em sentenças condicionais e concessivas, a oração principal é bastante relacionada (poderíamos dizer "dependente") à segunda oração, ou condicionada por ela.

§17.611 A oração subordinada é chamada prótase: ela expressa uma condição ou concessão. A oração principal é chamada apódose : ela declara qual será a ação ou estado resultante sob a condição estabelecida. Prótase: "Se chover"-- apódose: "Nós nos molharemos".

§17.6111 A oração principal (apódose) pode ser declarativa, interrogativa, imperativa ou exclamativa (cf. §10.13).

§17.6112 A prótase (oração- se) pode ficar antes, depois, ou ser incluida no meio da oração principal."Se eu fosse você, eu iria." "Fique aqui, se você quiser." "Nós estaremos, se colocarmos em prática este plano, muito satisfeitos."

§17.6113 É possível haver duas ou mais prótases com apenas uma apódose. Elas podem ser conjuntivas ("Se... e se...") ou disjuntivas ("Se... ou se..."). É possível referir-se a diferentes tempos cronológicos (e usar diferentes tempos verbais) numa seqüencia de prótases ou apódoses. "Se você esteve aqui ontem, esta aqui novamente hoje e estará amanhã, por que não paga aluguel ou traz comida?".

§17.6114 Nem sempre iremos encontrar uma prótase com εἰ , mas também pode ser usado um particípio (freqüentemente no genitivo absoluto), um advérbio, uma locução preposicional, uma oração relativa ou alguma outra simples palavra ou locução. A prótase pode ser inteiramente omitida quando é subentendida com clareza.

§17.612 A diferença entre uma oração condicional e uma concessiva é esta: na oração condicional a apódose torna-se realidade na condição de que ("SE") a prótase se concretize. Na oração concessiva a apódose torna-se realidade, apesar da prótase. Condicional: "Se chover, eu ficarei em casa". Concessiva: "Mesmo que chova, eu irei".

§17.6121 A prótase de uma oração condicional é geralmente introduzida por εἰ (ou ἐάν substituindo εἰ + ἄν) 'se'.

§17.6122 A prótase de uma oração concessiva é introduzida por καὶ εἰ ou καὶ ἐάν 'mesmo que, ainda que' ou por εἰ καί ou ἐὰν καί 'embora'. O negativo é οὐδ' εἰ ou μηδ' εἰ (ἐάν) 'nem mesmo'. Com o particípio, καίπερ 'embora' também é usado.

§17.62 Há muitas variáveis na construção de uma oração condicional ou concessiva. Cada uma das possibilidades deve ser bem verificada.

§17.621 Variáveis de tempo: a oração pode estar no presente, passado ou futuro.

§17.6211 Algumas condições são expressas quer no passado, quer no presente, mas, na realidade, não tem significado temporal. Elas são, simplesmente, declarações de causa e efeito. São chamadas condições simples. 'Se você estuda, você aprende'.

§17.622 Variáveis de grau de realidade: A sentença pode ser irreal (quando o fato é inexistente); possível

(quando o fato é provável, admissível) e, finalmente, real (ou tida como real).

§17.6221 Condições presentes podem apenas indicar possibilidade. "Se você estiver com fome, coma." Eu não pronunciei uma opinião acerca da sua fome. As condições presentes podem ser simples ("Se você fizer isto, eu te pagarei") ou indicar possibilidade ("Se você trabalhar bem, eu te elogiarei" = quando quer que você trabalhe bem...).

§17.6222 Em português, a condição presente (subjuntivo) pode também ser irreal (Se hoje fosse terça-feira, eu estaria em aula = hoje não é terça-feira, logo, eu não estou em aula.). Em grego, tal construção é expressa pelo imperfeito.

§17.6223 Condições passadas podem ser "possíveis" ou "irreais". Possível: "Se eu estivesse lá, teria pago minha parte." Eu não declarei se estava lá ou não. Irreal: "Se eu tivesse estado lá, teria pago sua conta" = Eu não estava lá, por isso não paguei para você. Não pode haver qualquer dúvida sobre o resultado, pois ele é um fato. Pode-se, apenas, desconhecê-lo. Condições passadas podem ser simples (um simples ato) ou possíveis (uma ação repetida ou uma verdade geral), cf. §17.6221.

§17.6224 Condições futuras podem ser apenas prováveis. Contudo, o grau de probabilidade na mente daquele que fala é variável. Existe uma condição futura mais pro-

vável ("Se você for me buscar, irei") e uma menos provável ("Se você me buscasse, eu iria"). Considerando que o grau de probabilidade existe apenas na mente daquele que fala, muitos gramáticos preferem os têrmos "mais vívido" e "menos vívido", evitando qualquer referência à possibilidade do fato ocorrer.

§17.6225 Às vezes, encontramos uma categoria especial de condição futura mais vívida quando aquele que fala tem fortes sentimentos a respeito do resultado. Smyth chama isto de "condição futura emocional" (Grammar, § 2328).

§17.63 Os modos usados na prótase e apódose expressam a realidade, irrealidade ou probabilidade de uma condição. Em algumas categorias, o uso de ἄν é necessário.

§17.631 O indicativo, em geral, pode apontar tanto para uma realidade como para uma irrealidade. O subjuntivo, na prótase, indica um maior grau de probabilidade. O optativo, na prótase e apódose, indica um grau menor de possibilidade.

§17.632 O adv. de negação, na prótase, apódose ou em ambas, é o requerido pelo modo empregado: οὐ para o indicativo e μή para o subjuntivo.

§17.64 Combinando os elementos que estabelecemos, podemos fazer a seguinte análise:

§17.641 A condição simples é expressa pelo uso de εἰ 'se' + qualquer tempo indicativo na prótase, e qualquer tempo ou modo na apódose. εἰ οὖν τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος

ἐστίν τὸ σκότος πόσον 'Portanto, se a luz que em ti há são trevas, que grandes trevas serão' (Mt 6:23).

§17.6411 A condição passada simples é expressa da mesma maneira, usando um tempo passado na prótase. εἰ οὖν τὴν ἴσην δωρεὰν ἔδωκεν αὐτοῖς ὁ θεὸς ... ἐγὼ τίς ἤμην δυνατὸς κωλῦσαι τὸν θεόν 'Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom... quem era eu para que pudesse resistir a Deus?' (At 11:17).

§17.6412 Note as variações no tempo usado. εἰ κεκοίμηται σωθήσεται 'Se dorme, estará salvo' (Jo 11:12). εἰ γὰρ νεκροὶ οὐκ ἐγείρονται οὐδὲ χριστὸς ἐγήγερται 'Porque se os mortos não ressuscitam, Cristo não ressuscitou' (I Co 15:16). εἰ δὲ πνεύματι ἄγεσθε οὐκ ἐστὲ ὑπὸ νόμου 'Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei' (Gl 5:18).

§17.6413 O adv. de negação usado na prótase é, geralmente, μή . Quando οὐ é usado, a possibilidade maior é de que ele negue apenas uma palavra na prótase, e não a prótase inteira.

§17.642 Uma condição irreal é expressa pelo uso de εἰ 'se' + um tempo secundário (imperfeito, aoristo e mais que perfeito) na prótase e ἄν + um tempo secundário na apódose. O ἄν pode ser omitido. οὗτος εἰ ἦν προφήτης ἐγίνωσκεν ἄν τίς καὶ ποταπὴ ἡ γυνὴ 'Se este fora profeta, bem saberia qual é a mulher' (Lc 7:39). εἰ ὁ θεός πατὴρ ὑμῶν ἦν ἠγαπᾶτε ἄν ἐμέ 'Se Deus fosse de fato vosso pai, certamente me haverieis de amar' (Jo 8:42). εἰ ἦς ὧδε οὐκ ἄν μου ἀπέθανεν ὁ ἀδελφός 'Se estiveras aqui meu irmão não teria morrido' (Jo 11:42).

§17.6421 O adv. de negação usado na prótase é μή, mesmo que seja indicativa. εἰ μὴ ἦν οὗτος παρὰ θεοῦ οὐκ ἠδύνατο ποιεῖν οὐδέν 'Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito' (Jo 9:33).

§17.6422 O ἄν é regularmente omitido com verbos que implicam em possibilidade, necessidade, obrigação, e outros sentidos semelhantes.

§17.643 A condição presente possível é expressa pelo uso de ἐάν + um verbo no subjuntivo na prótase e o (presente) indicativo ou imperativo na apódose. κἂν εἴπω ὅτι οὐκ οἶδα αὐτόν ἔσομαι...ψεύστης 'Se eu disser que não o conheço serei mentiroso' (Jo 8:55). ἐάν τις περιπατῇ ἐν τῇ ἡμέρᾳ οὐ προσκόπτει 'Se alguém andar de dia não tropeça' (Jo 11:9). ἐὰν ἔλθῃ πρὸς ὑμᾶς δέξασθε αὐτόν 'Se ele for ter convosco, acolhei-o' (Cl 4:10).

§17.6431 É evidente que alguns destes exemplos estão próximos a uma condição simples (§17.641), se não forem a ela idênticos, talvez, diferenciando-se somente pelo uso de ἐὰν + subjuntivo. Moule, Idiom Book, p. 149, fala sobre a dificuldade da classificação de orações condicionais que "pertencem por significado a uma classe, mas por forma a outra".

§17.644 A condição futura mais vívida (mais provável) é expressa pelo uso de ἐὰν na prótase, geralmente com o subjuntivo, e um futuro do indicativo ou equivalente na apódose. Há uma considerável variação na prótase deste tipo de condição. ἐὰν ἀγαπᾶτέ με τὰς ἐντολὰς τὰς ἐμὰς

τηρήσετε 'Se me amais, guardareis os meus mandamentos' (Jo 14:15). καὶ τοῦτο ποιήσομεν (ABCD Ψ ποιήσωμεν) ἐὰν ἐπιτρέπῃ ὁ θεός 'E isto faremos, se Deus o permitir'(Hb 6:3). ἐὰν ἐμοί τις διακονῇ τιμήσει αὐτὸν ὁ πατήρ 'Se alguém me serve, meu pai o honrará' (Jo 12:26).

§17.6441 Com εἰ + subj.: Lc 9:13; I Co 14:5.

§17.6442 Com εἰ ou ἐάν + fut. ind.: At 8:31; II Tim 2:12.

§17.6443 Com εἰ + pres. ind.: Mt 8:31; I Co 10:27.

§17.645 A condição futura menos vívida (menos provável) é muito rara no Novo Testamento, sendo expressa pelo uso de εἰ + o optativo na prótase e ἄν + o optativo na apódose. Burton (p.107), indica que prótases ocorrem em I Co e I Pe, mas nunca com uma apódose regular. Outrossim, apódoses ocorrem em Lc e At, mas nunca com uma prótase regular. ἔσπευδεν γὰρ εἰ δυνατὸν εἴη αὐτῷ τὴν ἡμέραν τῆς πεντηκοστῆς γενέσθαι εἰς Ἱεροσόλυμα 'Se apressava com o intuito de passar o dia de pentecoste em Jerusalém, caso lhe fosse possível' (At 20:16); cf. At 24:19.

§17.646 As orações condicionais podem ser tabuladas , como segue:

Prótase	Apódose	Categoria
εἰ + ind.	ind./equivalente	simples §17.641
εἰ + ind. pret.	(ἄν)+ ind.pret.	irreal §17.642
ἐάν + subj.	pres. ind.	possível §17.643
ἐάν + subj./outro	fut. ind.	+ vívida §17.644
εἰ + opt.	ἄν + opt.	- vívida §17.645

§17.647 Em grego, como em português, pessoas que te-

nham uma boa prédica ou sejam bons escritores, freqüentemente violam regras gramaticais quanto à sequencia de tempos, uso de subjuntivos e combinações de prótase e apódose. Muitas excessões serão encontradas quanto às regras, como dadas acima. Nós as oferecemos aqui simplesmente como ponto de partida para o estudo de sentenças condicionais. Quanto à exegese, consulte boas gramáticas e comentários sobre a passagem.

§17.65 Muito daquilo que tem sido dito sobre orações condicionais aplica-se também às orações concessivas. Contudo, alguns pontos devem, ainda, ser observados.

§17.651 A apódose de uma oração concessiva tem um significado adversativo: ela expressa o que o indivíduo pensa (considera ser), a despeito daquilo que está apresentado na prótase ("Mesmo que ele me mate, eu confiarei nele").

§17.652 Se aquele que fala não admite que a condição realmente existe, mas deseja afirmar (por causa da argumentação) que mesmo que ela existisse, ele introduz a prótase com καὶ εἰ ou καὶ ἐάν 'mesmo que'. ἀλλὰ καὶ ἐὰν ἡμεῖς ἢ ἄγγελος ἐξ οὐρανοῦ ὑμῖν εὐαγγελίζηται παρ' ὃ εὐαγγελισάμεθα ὑμῖν ἀνάθεμα ἔστω 'Mas ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema' (Gl 1:

§17.6521 Às vezes, o καί é simplesmente conjuntivo e a oração que segue é condicional, não concessiva .

καί εἰ ἀγαπᾶτε τοὺς ἀγαπῶντας ὑμᾶς ποία ὑμῖν χάρις ἐστίν; 'E se amais os que vos amam, qual é a vossa recompensa?' (Lc 6: 32).

§17.6522 Para expressar uma prótase negativa ("mesmo que não") uma das seguintes formas de negação é usada, como a sentença requerer: οὐδ' εἰ, οὐδ' ἐάν, μηδ'ει, μηδ'ἐάν.

§17.653 Se aquele que fala reconhece que a condição existe, e deseja dizer que, embora seja assim, isto não é um obstáculo ao fato predicado pela apódose, e le introduz a prótase com εἰ καὶ ou ἐὰν καὶ 'embora'. εἰ καὶ οὐ δώσει αὐτῷ ἀναστὰς διὰ τὸ εἶναι φίλον διά γε τὴν ἀναίδειαν αὐτοῦ ἐγερθεὶς δώσει 'Se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia o fará por causa da importunação, e lhe dará...' (Lc 11:8).

§17.6531 A distinção entre καὶ εἰ (§17.652) e εἰ καί (§17.653) não prevalece sempre. O contexto é bastante importante para esclarecer pontos obscuros.

§17.654 Um particípio, quer esteja sozinho, quer seja introduzido por καίπερ ou καὶ ταῦτα pode ser usado numa oração concessiva. O negativo é οὐ . καίπερ ὢν υἱὸς ἔμαθεν ὑπακοήν 'Embora sendo filho, aprendeu a obediência' (Hb 5:8).

§17.66 Há grande variedade nos modos de se expressar condição e concessão e, seria difícil registrar todas as combinações que podem ser encontradas no Novo Testamento. Às vezes, a prótase é omitida; às vezes, a apódose. As duas partes não são, sempre, do mesmo tipo (v. §17.645). A variedade é algo que dá

beleza e força a uma língua. Nossa tarefa é observar cada método de expressão que encontramos, procurar descobrir o que o autor quis dizer e tentar reproduzir o significado em nossa própria língua. Esta é uma tarefa contínua no estudo bíblico.

§17.67 As vezes, εἰ é meramente uma conjunção introduzindo um discurso direto ou indireto (§17.8). "Eu não sei se ele virá" -- O "se" não é condicional neste caso. Estamos dizendo "não sei se ele virá", ou "não sei a resposta à pergunta "ele virá?".

§17.7 Orações comparativas servem para descrever ou especificar a predicação da oração principal ao compará-la (em qualidade ou quantidade) com alguma outra predicação.

§17.71 A comparação pode ser em termos de qualidade ou modo ("exatamente como"), e, neste caso, a oração principal pode ter um advérbio correlativo ("assim") (§10.34).

§17.711 Tal oração pode ser introduzida por ὡς ,'como', ὥσπερ ou καθάπερ 'exatamente como' ou outra partícula semelhante. ὑμεῖς ἀεὶ τῷ πνεύματι τῷ ἁγίῳ ἀντιπίπτετε ὡς οἱ πατέρες ὑμῶν καὶ ὑμεῖς 'Vós sempre resistis ao Espírito Santo, assim como fizeram vossos pais, também vós' (At 7:51).

§17.712 A locução adverbial ὃν τρόπον 'do modo que, exatamente como' é freqüentemente usada na LXX, ocorrendo também no Novo Testamento. μὴ ἀνελεῖν με σὺ θέλεις

ὅν τρόπον ἀνεῖλες ἐχθὲς τὸν Αιγυτιον; 'Queres matar-me, como fizeste ontem ao egípcio?' (At 7:28).

§17.7121 O advérbio correlativo (cf. §17.71) pode ser οὕτως 'assim' οὗτος ὁ Ἰησοῦς...οὕτως ἐλεύσεται ὃν τρόπον ἐθεάσασθε αὐτὸν πορευόμενον 'Este Jesus virá... assim como o vistes ir' (At 1:11)

§17.713 A partícula comparativa ἤ 'do que' é geralmente encontrada em comparações de palavras, mas ela também ocorre introduzindo uma oração comparativa. εὐκοπώτερόν ἐστιν κάμηλον διὰ τρυπήματος ῥαφίδος διελθεῖν ἤ πλούσιον εἰσελθεῖν εἰς τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ 'É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus' (Mt 19:24).

§17.72 A comparação pode ser em têrmos de quantidade ou grau ("à proporção que"), caso em que a oração principal geralmente tem um demonstrativo correlativo ("portanto , a tal ponto").

§17.721 Tal oração é, geralmente, introduzida por ὅσῳ ou ὅσον 'à proporção que'. O demonstrativo correlativo é τοσούτῳ ou τοσοῦτον 'tão mais'. No Novo Testamento isto é encontrado somente em Hebreus. τοσούτῳ κρείττων γενόμενος τῶν ἀγγέλων ὅσῳ διαφορώτερον παρ' αὐτοὺς κεκληρονόμηκεν ὄνομα 'Tendo-se tornado tão superior aos anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles' (Hb 1:4).

§17.73 Elipse, ou a omissão de uma parte da oração (§ 10.14), é bem comum. "Eu posso fazer qualquer coisa melhor que você" = "Eu posso fazer qualquer coisa melhor do que você possa fazer a mesma coisa". "Eu pos-

so fazer qualquer coisa melhor do que eu posso cantar" = "eu posso fazer qualquer coisa melhor do que cantar".

§17.731 O verbo da oração comparativa é comumente omitido, se for o mesmo verbo da oração principal. ἐσμεν εὐηγγελισμένοι καθάπερ κἀκεῖνοι 'Porque também a nós foram anunciadas as boas novas, como se deu com eles' (Hb 4:2).

§17.732 Quando o verbo é omitido, o sujeito da oração comparativa com ὡς ou ὥσπερ é, às vezes atraído para o caso de outro membro da comparação (geralmente o acusativo).

§17.74 Os modos verbais nas orações comparativas são os mesmos empregados nas sentenças condicionais. O indicativo é usado, a menos que haja alguma contingência, caso em que o subjuntivo é usado.

§17.8 Discurso indireto e pergunta indireta devem ser distingüidos do discurso direto e pergunta direta.

§17.81 Discurso direto (e pergunta direta) é a apresentação das mesmas palavras de outra pessoa (que fala ou escreve) ou do mesmo autor, em outro local. Não está no mérito da questão a veracidade daquilo que o autor disse, ou a fidelidade histórica. Um autor de ficção usa discurso direto para apresentar citações que ele mesmo está construindo, mas, apresenta-as como as próprias palavras de seus personagens.

§17.811 O discurso direto é freqüentemente introduzi-

do por ὅτι (às vezes chamado de " ὅτι recitativo"). Não deveria ser traduzido por "que", pois, em português, isto é "discurso indireto".

§17.812 No Novo Testamento, o discurso direto é geralmente introduzido por λέγων (no caso, gênero e número adequados) 'dizendo'. Isto é, provavelmente , tomado do hebraico, através da LXX. Na tradução é melhor omitir a expressão.

§17.813 Uma pergunta direta pode ser introduzida por εἰ , talvez sendo um hebraismo. εἰ ταῦτα οὕτος ἔχει; 'Porventura não é isto assim?' (At 7:1) (cf. §17.67).

§17.82 O Discurso indireto (e a pergunta indireta) é uma paráfrase da citação, o autor não tenta dar as palavras exatas. A paráfrase pode ser reduzida (p.e. mudando a pessoa e número das formas verbais) ou a citação pode ser completamente reformulada.

§17.821 Depois de verbos que tenham idéia de pensar, dizer, etc..., o discurso indireto é, geralmente, introduzido por ὅτι 'que', seguido por um verbo no indicativo, infinitivo ou particípio (ocasionalmente). ἐπ' ἀληθείας καταλαμβάνομαι ὅτι οὐκ ἔστιν προσωπολήμπτης ὁ θεός 'Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas' (At 10:34).ὁ μὲν οὖν φῆστος ἀπεκρίθη τηρεῖσθαι τὸν Παῦλον εἰς Καισάρειαν 'Festo, porém, respondeu achar-se Paulo detido em Cesaréia' (At 25:4).ἀκούσας δὲ Ἰακὼβ ὄντα σιτία εἰς Αἴγυπτον 'Tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo' (At 7:12).

§17.8211 O infinitivo pode ser usado em um discurso indireto (ex. "Ele me disse para ir" = "Ele me disse: Vá!).

§17.8212 O discurso indireto pode, também, ser introduzido por ὡς, πῶς ou ὡς ὅτι • ὑμεῖς ἐρίστασθε ὡς ἀτέμιτόν ἐστιν 'Vós bem sabeis que é proibido...' (At 10:28) .ἀπήγγειλεν ἡμῖν πῶς εἶδεν τὸν ἄγγελον 'Ele nos contou como (=que) vira o anjo...' (At 11:13). κατὰ ἀτιμίαν λέγω ὡς ὅτι ἡμεῖς ἠσθενήσαμεν 'Ingloriamente o confesso, como se fôramos fracos' (II Co 11:21).

§17.8213 O particípio pode ser usado em um discurso direto.

§17.822 Após verbos que contenham idéia de pedir, inquirir, querer saber, etc..., a pergunta indireta é geralmente introduzida por τίς ou τί . πυνθάνομαι οὖν τίνι λόγῳ μετεπέμψασθέ με; 'Pergunto, pois, por que razão me mandastes chamar?' (At 10:29).

§17.823 Após verbos com idéia de comandar, exortar , avisar, etc., o discurso indireto pode ser expresso numa das três formas:

§17.8231 Uma ordem direta pode ser apresentada indiretamente por uma pergunta retórica (ou deliberativa) (§11.31), usando o subjuntivo. ναί λέγω ὑμῖν τοῦτον φοβήθητε 'Sim, digo-vos, a esse deveis temer'(Lc 12: 5).

§17.8232 Uma ordem indireta pode ser expressa pelo uso de ἵνα ou ὅπως seguido pelo subjuntivo. αἰτούμενοι

χάριν κατ' αὐτοῦ ὅπως μεταπέμψηται αὐτὸν εἰς Ἰερουσαλήμ 'Pedindo como favor, que o mandasse vir a Jerusalém' (At 25: 3).

§17.8233 Uma ordem indireta pode ser expressa pelo infinitivo. οἵτινες τῷ Παύλῳ ἔλεγον διὰ τοῦ πνεύματος μὴ ἐπιβαίνειν εἰς Ἱεροσόλυμα 'E eles, movidos pelo Espírito, recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém' (At 21:4).

§17.83 O tempo e o modo dos verbos no discurso indireto, no grego clássico são determinados pelo verbo da oração principal. No Novo Testamento grego, contudo, o tempo e modo da citação original geralmente permanecem no discurso indireto. εἶδεν ὁ ὄχλος ὅτι Ἰησοῦς οὐκ ἔστιν ἐκεῖ 'A multidão viu que Jesus não estava ali' (Jo 6:24)

§17.831 Após tempos secundários, o tempo é, às vezes, mudado. αὐτός γὰρ ἐγίνωσκεν τί ἦν ἐν τῷ ἀνθρώπῳ 'Ele mesmo sabia o que era a natureza humana' (Jo 2:25).

§17.832 O modo é, às vezes, mudado para o optativo na pergunta indireta, particularmente em Lucas. προσδοκῶντος δὲ τοῦ λαοῦ...περὶ τοῦ Ἰωάννου μήποτε αὐτὸς εἴη ὁ Χριστός 'Estando o povo na expectativa e discorrendo todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele... o próprio Cristo' (Lc 3:15).

§17.833 De acordo com Robertson, p. 1031, o uso do subjuntivo no discurso indireto indica que tal tempo foi usado na citação original. De acordo com a nota de Burton sobre At 5:34 (p. 133), o mesmo pode ser dito quanto ao uso que Lucas fez do optativo neste texto e talvez nalgum outro lugar. A pergunta que

tem sido feita, contudo, é quem estaria usando o optativo no discurso direto naquele período do desenvolvimento da língua grega?

§17.84 A pessoa pode ser mudada no discurso indireto. Quando se repete o que o interlocutor disse, a primeira pessoa é mudada para a segunda (no disc. ind.). (Direto: "Você disse: Eu farei isto". Indireto: "Você disse que faria isso"). Quando falando de um terceiro, a forma da terceira pessoa é usada. (Direto : "Ele disse: Eu farei isso". Indireto: "Ele disse que faria isso). A primeira pessoa, obviamente, permanece a mesma.

Tabela A - O Alfabeto

GREGO	Tipo	Impresso	Moderno	Escrita	Uncial	Codex Vati-canus	7º-4º Sec. A.C.	Grego Oriental	Grego Oriental Antigo	Mais Antigo	Mais Avançado	FENÍCIO
Alpha		A	α									Aleph
Beta		B	β ϐ									Beth
Gamma		Γ	γ									Gimel
Delta		Δ	δ									Daled
Epsilon		E	ε ϵ									Hê
[Digamma]			ϝ									Waw
Zeta		Z	ζ ʒ									Zayin
Eta		H	η									Ḥeth
Theta		Θ	θ ϑ									Ṭeth
Iota		I	ι									Yod
Kappa		K	κ ϰ									Kaf
Lambda		Λ	λ									Lamed
Mu		M	μ									Mem
Nu		N	ν									Nun
Xi		Ξ	ξ									Samek
Omicron		O	ο									ʿAyin
Pi		Π	π ϖ									Pê
[Sam]												Ṣaddê
[Qoppa]			ϙ									Qof
Rho		P	ρ									Resh
Sigma		Σ	σ ς									S(h)in
Tau		T	τ									Tau
Upsilon		Y	υ									
Phi		Φ	ϕ φ									
Chi		X	χ									
Psi		Ψ	ψ ψ									
Omega		Ω	ω									

Até 403/2 A.C. haviam vários alfabetos locais. Na tabela acima temos uma relação dos mesmos. No grego ocidental, o ksi e o chi eram representados pelas letras chi e psi, respectivamente, na ortografia oriental. Originalmente, o grego era escrito como o fenício, da direita para a esquerda, e as letras viradas na direção oposta.

CODEX SINAITICUS (At 5:1-5)

Na reprodução foram cortadas as onze últimas linhas do texto. Compare-o com o Codex Vaticanus. Observe o uso de abreviações, divisão de palavras, a grafia de certas palavras, etc.

A passagem ao lado está impressa na página seguinte em tipos modernos, com espaço entre as palavras, hífens para mostrar a divisão silábica e, ainda, as abreviações estão escritas por extenso.

Observe a inexistência de acentos e pontuação. O sinal ¨ é usado ocasionalmente no Codex Sinaiticus onde esperaríamos uma aspiração áspera. Isto, porém, não é consistente.

O Codex Sinaiticus (ℵ) e o Codex Vaticanus (B) são unciais do 4º século, estando entre os mais antigos manuscritos do Novo Testamento preservados até o presente.

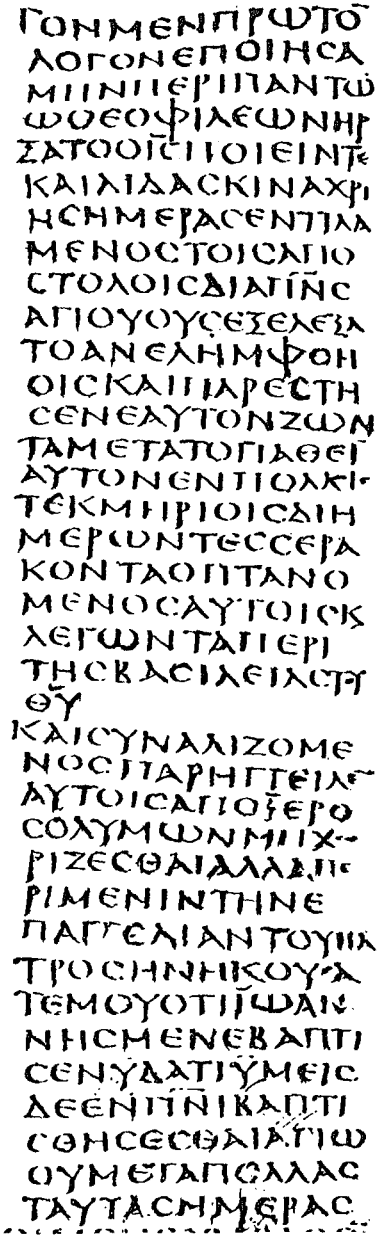

Figura 2 - Codex Sinaiticus

CODEX SINAITICUS (Atos 1:1-5)

ΤΟΝΜΕΝΠΡΩΤΟ̅	1 τον μεν πρωτον
ΛΟΓΟΝΕΠΟΙΗΣΑ	λογον εποιησα-
ΜΗΝΠΕΡΙΠΑΝΤΩ̅	μην περι παντων
ΩΘΕΟΦΙΛΕΩΝΗΡ	ω θεοφιλε ων ηρ-
ΞΑΤΟΟΙ̅Σ̅ΠΟΙΕΙΝΤΕ	ξατο ο Ιησους ποιειν τε
ΚΑΙΔΙΔΑΣΚΙΝΑΧΡΙ	2 και διδασκιν αχρι
ΗΣΗΜΕΡΑΣΕΝΤΙΛΑ	ης ημερας εντιλα-
ΜΕΝΟΣΤΟΙΣΑΠΟ	μενος τοις απο-
ΣΤΟΛΟΙΣΔΙΑΠ̅Ν̅Σ	στολοις δια πνευματος
ΑΓΙΟΥΣΕΞΕΛΕΞΑ	αγιου ους εξελεξα-
ΤΟΑΝΕΛΗΜΦΘΗ	το ανεληφθη
ΟΙΣΚΑΙΠΑΡΕΣΤΗ	3 οις και παρεστη-
ΣΕΝΕΑΥΤΟΝΖΩΝ	σεν εαυτον ζων-
ΤΑΜΕΤΑΤΟΠΑΘΕ̅Ι	τα μετα το παθειν
ΑΥΤΟΝΕΝΠΟΛΛΟΙΣ	αυτον εν πολλοις
ΤΕΚΜΗΡΙΟΙΣΔΙΗ	τεκμηριοις δι' η-
ΜΕΡΩΝΤΕΣΣΕΡΑ	μερων τεσσερα-
ΚΟΝΤΑΟΠΤΑΝΟ	κοντα οπτανο-
ΜΕΝΟΣΑΥΤΟΙΣΚ̣	μενος αυτοις και
ΛΕΓΩΝΤΑΠΕΡΙ	λεγων τα περι
ΤΗ̅ΣΒΑΣΙΛΕΙΑΣΤΟΥ	της βασιλειας του
Θ̅Υ̅	θεου
ΚΑΙΣΥΝΑΛΙΖΟΜΕ̅	4 και συναλιζομε-
ΝΟΣΠΑΡΗΓΓΕ̅ΙΛΕ̅	νος παρηγγειλεν
ΑΥΤΟΙΣΑΠΟ̈ΙΕΡΟ	αυτοις απο Ιερο-
ΣΟΛΥΜΩΝΜΗΧΩ	σολυμων μη χω-
ΡΙΖΕΣΘΑΙΑΛΛΑΠΕ	ριζεσθαι αλλα πε-
ΡΙΜΕΝΙΝΤΗΝΕ	ριμενιν την ε-
ΠΑΓΓΕΛΙΑΝΤΟΥΠΑ	παγγελιαν του πα-
ΤΡΟΣΗΝΗΚ̣ΟΥΣΑ	τρος ην ηκουσα-
ΤΕΜΟΥΟΤΪΙΩΑΝ	5 τε μου οτι Ιωαν-
ΝΗΣ̣ΜΕΝΕΒΑΠΤΙ	νης μεν εβαπτι-
ΣΕΝΫΔ̅ΑΤΪΥΜΕΙΣ	σεν υδατι υμεις
ΔΕΕΝΠ̅Ν̅ΙΒΑΠΤΙ	δε εν πνευματι βαπτι-
ΣΘΗΣΕΣΘΑΙΑΓΙΩ	σθησεσθαι αγιω
ΟΥΜΕΤΑΠΟΛΛΑΣ	ου μετα πολλας
ΤΑΥΤΑΣΗΜΕΡΑΣ	ταυτας ημερας

CODEX VATICANUS (At 1:1-5)

O texto está reproduzido abaixo, tendo as dezesseis últimas linhas cortadas. Na página seguinte esta passagem é transcrita em tipos modernos e reescrita com mudanças editoriais. Estude cuidadosamente o texto.

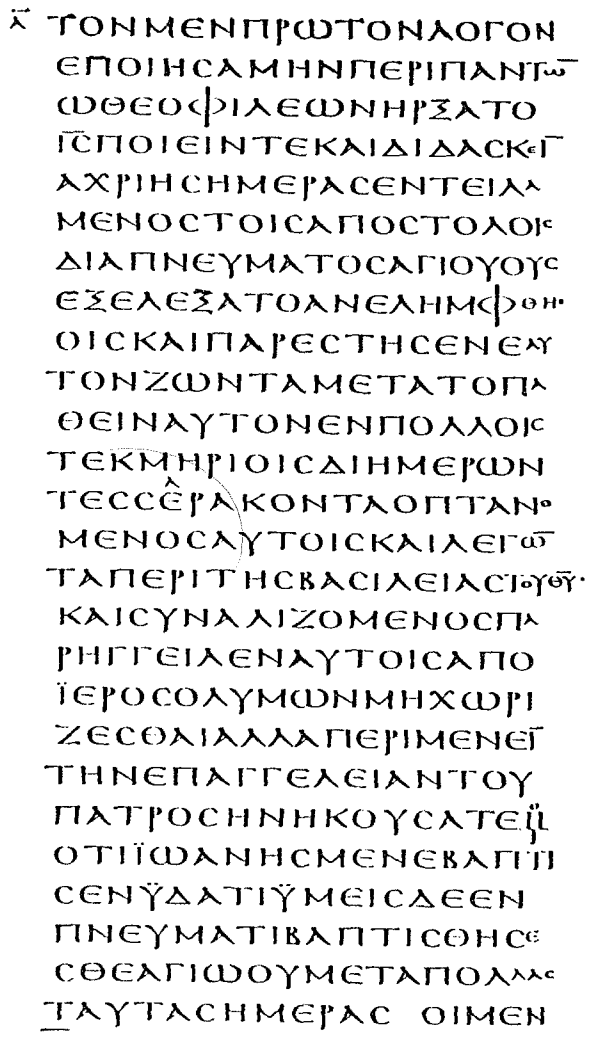

Figura 3 - Codex Vaticanus

CODEX VATICANUS (Atos 1:1-5)

ΤΟΝΜΕΝΠΡΩΤΟΝΛΟΓΟΝ	1	τον μεν πρωτον λογον
ΕΠΟΙΗΣΑΜΗΝΠΕΡΙΠΑΝΤΩ		εποιησαμην περι παντων
ΩΘΕΟΦΙΛΕΩΝΗΡΞΑΤΟ		ω θεοφιλε ων ηρξατο
ΙΣΠΟΙΕΙΝΤΕΚΑΙΔΙΔΑΣΚΕΙ		Ιησους ποιειν τε και διδασκειν
ΑΧΡΙΗΣΗΜΕΡΑΣΕΝΤΕΙΛΑ	2	αχρι ης ημερας εντειλα-
ΜΕΝΟΣΤΟΙΣΑΠΟΣΤΟΛΟΙΣ		μενος τοις αποστολοις
ΔΙΑΠΝΕΥΜΑΤΟΣΑΓΙΟΥΟΥΣ		δια πνευματος αγιου ους
ΕΞΕΛΕΞΑΤΟΑΝΕΛΗΜΦΘΗ·		εξελεξατο ανελημφθη·
ΟΙΣΚΑΙΠΑΡΕΣΤΗΣΕΝΕΑΥ	3	οις και παρεστησεν εαυ-
ΤΟΝΖΩΝΤΑΜΕΤΑΤΟΠΑ		τον ζωντα μετα το πα-
ΘΕΙΝΑΥΤΟΝΕΝΠΟΛΛΟΙΣ		θειν αυτον εν πολλοις
ΤΕΚΜΗΡΙΟΙΣΔΙΗΜΕΡΩΝ		τεκμηριοις δι᾽ημερων
ΤΕΣΣΕΡΑΚΟΝΤΑΟΠΤΑΝΟ		τεσσαρακοντα οπτανο-
ΜΕΝΟΣΑΥΤΟΙΣΚΑΙΛΕΓΩ		μενος αυτοις και λεγων
ΤΑΠΕΡΙΤΗΣΒΑΣΙΛΕΙΑΣΤΟΥΘΥ·		τα περι της βασιλειας του θεου·
ΚΑΙΣΥΝΑΛΙΖΟΜΕΝΟΣΠΑ	4	και συναλιζομενος πα-
ΡΗΓΓΕΙΛΕΝΑΥΤΟΙΣΑΠΟ		ρηγγειλεν αυτοις απο
ΙΕΡΟΣΟΛΥΜΩΝΜΗΧΩΡΙ		Ιεροσολυμων μη χωρι-
ΖΕΣΘΑΙΑΛΛΑΠΕΡΙΜΕΝΕΙ		ζεσθαι αλλα περιμενειν
ΤΗΝΕΠΑΓΓΕΛΕΙΑΝΤΟΥ		την επαγγελειαν του
ΠΑΤΡΟΣΗΝΗΚΟΥΣΑΤΕΜΟΥ		πατρος ην ηκουσατε μου
ΟΤΙΙΩΑΝΝΗΣΜΕΝΕΒΑΠΤΙ	5	οτι Ιωαννης εβαπτι-
ΣΕΝΥΔΑΤΙΥΜΕΙΣΔΕΕΝ		σεν υδατι υμεις δε εν
ΠΝΕΥΜΑΤΙΒΑΠΤΙΣΘΗΣΕ		πνευματι βαπτισθησε-
ΣΘΕΑΓΙΩΟΥΜΕΤΑΠΟΛΛΑΣ		σθε αγιω ου μετα πολλας
ΤΑΥΤΑΣΗΜΕΡΑΣ ΟΙΜΕΝ		ταυτας ημερας

TABELA B. GREGO MANUSCRITO

α β γ δ ε ϵ ϝ ζ ϛ η ϑ θ ι κ ϰ λ μ ν

ξ ϡ ο π ϖ ρ ϱ σ ς τ υ ϋ ϕ φ χ ψ ω

NOTE: δ ρ ϱ π ν υ ο ϱ ξ ζ ϛ π τ γν γχ θ φ

Διοτι τοσον ηγαπησεν ο θεος τον κοσμον ωστε εδωκε τον
διοτι τοσον ηγαπησεν ο θεος τον κοσμον ωστε εδωκε τον
Υιον αυτου τον μονογενη δια να μη απολεσθη πας ο
υιον αυτου τον μονογενη δια να μη απολεσθη πας ο
πιστευων εις αυτον αλλα να εχη ζωην αιωνιον.
πιστευων εις αυτον αλλα να εχη ζωην αιωνιον.

TABELA C- CONSOANTES

	LABIAIS			DENTAIS			VELARES			*GLÓT.
			Labiodentais			Alveolares			Uvulares	
	*Exp.	Fricat.		*Exp	Fricat.		*Exp	Fricat.		
Sonoras	β [b]	>	> [v]	δ [d]	> [ð]	[ɟ]<	γ [g]			
Surdas	π [p]			τ [t]			κ [k]			
Aspiradas	φ [pʰ]	>	> [f]	θ [tʰ]	> [θ]		χ [kʰ]	>	> [x]	ʻ [h]
*Assib.	ψ [ps]			ζ [dz]			ξ [ks]			
*Sib.						σ [s]				
Nasais		μ [m]				ν [n]		γγ[1] [ŋ]		
*Transv.						λ [l]				
Loquazes						ρ [r]			ῥ [ʀ]?	
*Sem.		ϵ [ɥ]				ι [j]				

*
Glót. = Glóticas
Exp.= Explosivas
Fricat. = Fricativas

1. Também γκ γχ γξ
Assib.=Assibiladas
Sib.= Sibilantes
Transv.=Transversais
Sem.=Semivogais

TABELA D. O TRIÂNGULO DAS VOGAIS

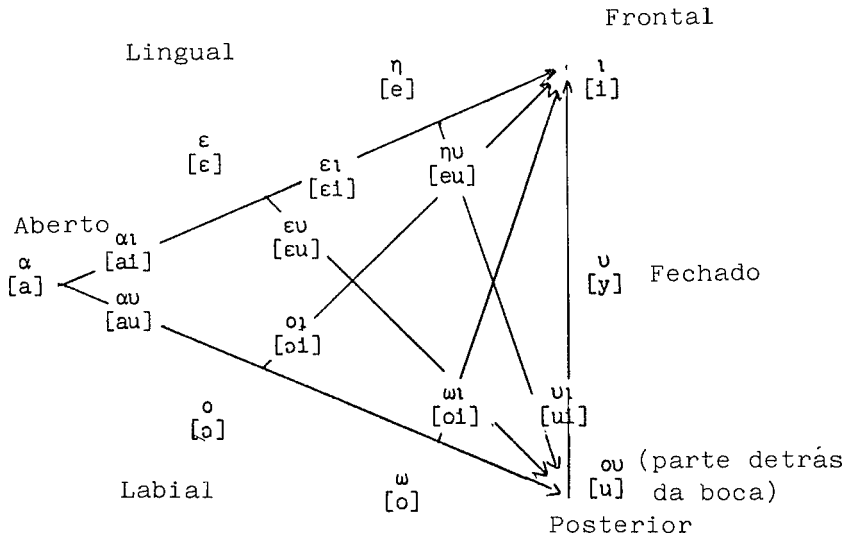

TABELA F. CONTRAÇÃO DE VOGAIS E DITONGOS

antes de Vogal		α	ᾱ	αι	ᾳ	ε	ει[1]	ει[2]	η	ῃ	ι	ο	οι	ου	υ	ω	ῳ
→ α	>	α	ᾱ	αι	ᾱ	ᾱ	ᾱ	ᾱ	ᾱ	ᾱ	αι	ω	ῳ	ω	αυ	ω	ῳ
ᾱ	>	ᾱ									ᾱ						
→ ε	>	η/ᾱ	η	η/αι		ει[2]	ει[1]	ει[2]	η	ῃ	ει[1]	ου	οι	ου	ευ	ω	ῳ
η	>			η		η	η	η	η	η	η		ῳ				
ι	>										ῖ						
→ ο	>	ω/ᾱ				ου	οι	ου	ω	οι/ῳ	οι	ου	οι	ου		ω	ῳ
υ	>										ῦ				ῦ		
ω	>	ω									ῳ					ω	

1. genuino
2. espúrio, surgindo da contração ou do aumento compensatório. O Novo Testamento não diferencia entre o genuino e o espúrio.

Cf. Smyth §59

TABELA E. PRONÚNCIA DE VOGAIS E DITONGOS

Letra	Antiga	NT	Tadicional	Moderna
α	[α] casa [a] Ing. ask	[α]	[α] casa	[α]
ε	[ε]	[ε]	[ε] pé	[ε]
η	[æ] ?	[æ] Ing. man	[e] espero	[i] mente ('mẽti)
ι	[i]	[i]	[i] isto	[i]
ο	[ɔ]	[ɔ] ah	[ɔ]/[a]	[ɔ]
υ	[y] ? Francês u	[y]/[i]	[y]/[u]	[i] isto
ου	[ɔu]	[u]	[u] tudo	[u]
ω	[o]	[o]	[o] vou	[o]
αι	[ai] pai	[ε] pé	[ai]/[ei] espero	[ε] pé
ει	[ei] espero	[i] isto	[ei]/[ai] pai	[i] isto
αυ	[au] mau	[au] ?	[au]	[av]/[af][1]
ευ	[eu] ?	[eu]/[εv]	[eu],[iu] baiúca	[εv]/[εf][1]
ηυ	[eu] ?	[eu]/[iv] ?	[eu]	[iv]/[if][1]
οι	[ɔi]	[ɔi]/[i] ?	[ɔi] dói	[i]
ωι	[oi]	[oi]	[oi] coisa	[oi]
υι	[ui] ?	[wi] vívido	[wi]	[ii] vívido
ᾳ	[ai] AI	[a] ?	[a] casa	[a]
ῃ	[ei] HI	[e]/[ε]	[ei] espero	[i]
ῳ	[oi] ΩI	[o]	[o] vou	[o]

1. -v antes de vogais e consoantes sonoras; -f antes de consoantes surdas.

TABELA G. PREPOSIÇÕES

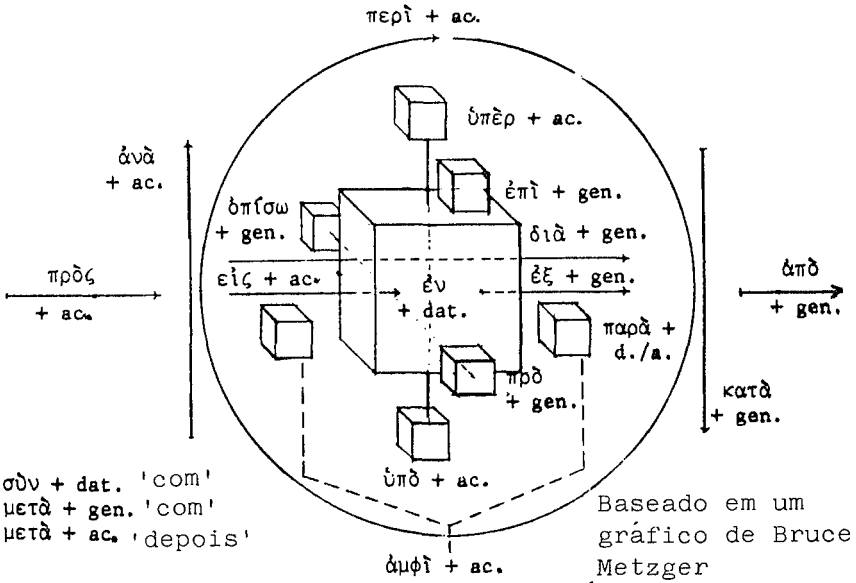

σὺν + dat. 'com'
μετὰ + gen. 'com'
μετὰ + ac. 'depois'

Baseado em um gráfico de Bruce Metzger

OS PARADIGMAS SINÓTICOS

As páginas seguintes contém paradigmas sinóticos que visam mostrar semelhanças e diferenças entre as diversas formas declinadas. Os paradigmas estão postos horizontalmente; porém, um estudo das linhas verticais ajuda em uma análise comparativa.

Os substantivos, adjetivos, pronomes, artigo definido e particípios são agrupados nos paradigmas dos substantivos e classificados segundo as três declinações existentes.

Os verbos são agrupados em oito classes, algumas das quais são, também, subdivididas. Considerando que é prático, cada classe verbal foi agrupada segundo as características fonéticas de seus radicais. As formas hipotéticas são omitidas, exceto algumas que são assinaladas com um asterisco (*).

As formas do NT são apresentadas e as do grego helenístico tem sido usadas para preecher as tabelas. Eu planejei marcar estas últimas com notas de rodapé, mas tornou-se difícil. Um exame de qualquer palavra em Ardnt & Gingrich mostrará as formas reais do Novo Testamento.

PRIMEIRA DECLINAÇÃO -- SINGULAR

	Nom. Sing.	Gen. Sing.	Dat. Sing.	Ac.Sing.
FEMININO				
Term. básica	-	-ς	-ι	-ν
Art. def.	ἡ	τῆς	τῇ	τήν
Pron. rel.	ἥ	ἧς	ᾗ	ἥν
Radical em α>η	-η	-ης	-η	-ην
	τιμή	τιμῆς	τιμῇ	τιμήν
	νεφέλη	νεφέλης	νεφέλῃ	νεφέλην
ᾰ > α/η	δόξα	δόξης	δόξῃ	δόξαν
ᾱ depois de ι	οἰκία	οἰκίας	οἰκίᾳ	οἰκίαν
ᾰ depois de ι	ἀλήθεια	ἀληθείας	ἀληθείᾳ	ἀλήθειαν
ᾱ depois de ρ	χώρα	χώρας	χώρᾳ	χῶραν
άα > ᾱ	μνᾶ	μνᾶς	μνᾷ	μνᾶν
έα > ῆ	γῆ	γῆς	γῇ	γῆν
Pron. Demonst.	αὕτη	ταύτης	ταύτῃ	ταύτην
Pron. Pessoal	αὐτή	αὐτῆς	αὐτῇ	αὐτήν
ADJETIVOS				
-ος -α -ον	μικρά	μικρᾶς	μικρᾷ	μικράν
-ος -η -ον	ἀγαθή	ἀγαθῆς	ἀγαθῇ	ἀγαθήν
-ς -σα -ν	πᾶσα	πάσης	πάσῃ	πᾶσαν
-υς -η -υ	πολλή	πολλῆς	πολλῇ	πολλήν
-ας -η -α	μεγάλη	μεγάλης	μεγάλῃ	μεγάλην
PARTICÍPIOS				
-ς -σα -ν	λύσασα	λυσάσης	λυσάσῃ	λύσασαν
-ων -σα -ον	λύουσα	λυούσης	λυούσῃ	λύουσαν
-ως -υια -ος	λελυκυία	λελυκυίας	λελυκυίᾳ	λελυκυῖαν
-εις -εισα -εν	λυθεῖσα	λυθείσης	λυθείσῃ	λυθεῖσαν
MASCULINO				
Term. básica	-ς	-ου	-ι	-ν
	προφήτης	προφήτου	προφήτῃ	προφήτην
	νεανίας	νεανίου	νεανίᾳ	νεανίαν
	μαθητής	μαθητοῦ	μαθητῇ	μαθητήν

OBS:

1. Note como as regras de acentuação do subst. são observadas.
2. As formas do vocativo no feminino são as mesmas do nomimativo.
3. O vocativo singular termina em -α .

PRIMEIRA DECLINAÇÃO -- PLURAL				Obs.
Nom. Pl.	Gen. Pl.	Dat. Pl.	Ac. Pl.	FEMININO
-ι	-εων > -ῶν	-ισ(ι) > -ις	-νς > -ς	Term. básica
ἁι	τῶν	ταῖς	τάς	Art. def.
αἵ	ὧν	αἷς	ἃς	Pron. rel.
-ᾱι	-ῶν *	-αις	-ᾱς	
τιμαί	τιμῶν	τιμαῖς	τιμάς	
νεφέλαι	νεφελῶν	νεφέλαις	νεφέλας	
δόξαι	δοξῶν	δόξαις	δόξας	
οἰκίαι	οἰκιῶν	οἰκίαις	οἰκίας	
ἀλήθειαι	ἀληθειῶν	ἀληθείαις	ἀληθείας	Obs. acento
χώραι	χωρῶν	χώραις	χώρας	
μναῖ	μνῶν	μναῖς	μνᾶς	
συκαῖ	συκῶν	συκαῖς	συκᾶς	
αὗται	τούτων *	ταύταις	ταύτας	Pron. demonst.
αὐταί	αὐτῶν	αὐταῖς	αὐτάς	Pron. pes.
				ADJETIVOS
μικραί	μικρῶν	μικραῖς	μικράς	
ἀγαθαί	ἀγαθῶν	ἀγαθαῖς	ἀγαθάς	
πᾶσαι	πασῶν	πάσαις	πάσας	
πολλαί	πολλῶν	πολλαῖς	πολλάς	
μεγάλαι	μεγάλων *	μεγάλαις	μεγάλας	Obs. gen.
				PARTICÍPIOS
λύσασαι	λυσασῶν *	λυσάσαις	λυσάσας	part. 1º aor.
λύουσαι	λυουσῶν	λυούσαις	λυούσας	part. pres. at.
λελυκυῖαι	λελυκυιῶν	λελυκυίαις	λελυκυίας	part. perf. at.
λυθεῖσαι	λυθεισῶν	λυθείσαις	λυθείσας	part. aor. pas.
				MASCULINO
-ι	-ῶν	-ις	-ς	Term. básica
προφῆται	προφητῶν	προφήταις	προφήτας	
νεανίαι	νεανιῶν	νεανίαις	νεανίας	
μαθηταί	μαθητῶν	μαθηταῖς	μαθητάς	

*

Os substantivos femininos da primeira e segunda declinações são acentuados no genitivo plural na última silaba. Quanto aos adjetivos, esta regra não é observada. Os particípios são acentuados como os substantivos.

No plural, o vocativo é sempre como o nominativo.

SEGUNDA DECLINAÇÃO -- SINGULAR

MASCULINO		Nom. Sing.	Gen. Sing.	Dat. Sing.	Ac. Sing.
Term. básica		-ς	-ο	-ι	-ν
Radical em -ο		-ος	-οο > -ου	-οι > -ῳ	-ον
λογο-	ὁ	λόγος	λόγου	λόγῳ	λόγον
ἀνθρωπο-	ὁ	ἄνθρωπος	ἀνθρώπου	ἀνθρώπῳ	ἄνθρωπον
ὁδο-	ἡ[5]	ὁδός	ὁδοῦ	ὁδῷ	ὁδόν
νησο-	ἡ	νῆσος	νήσου	νήσῳ	νῆσον
υἱο-	ὁ	υἱός	υἱοῦ	υἱῷ	υἱόν
δουλο-	ὁ	δοῦλος	δούλου	δούλῳ	δοῦλον
Contratos					
*'Ιησοε-(?)	ὁ	'Ιησοῦς	'Ιησοῦ	'Ιησοῦ	'Ιησοῦν
νοο-	ὁ	νοῦς	νοῦ	νῷ	νοῦν
χρυσεο-		χρυσοῦς	χρυσοῦ	χρυσῷ	χρυσοῦν
ἁπλοο-		ἁπλοῦς	ἁπλοῦ	ἁπλῷ	ἁπλοῦν
Art. def.		ὁ	τοῦ	τῷ	τόν
Pron. rel.		ὅς	οὗ	ᾧ	ὅν
Pron. demonst.		οὗτος	τούτου	τούτῳ	τοῦτον
ADJETIVOS					
-ος -α/η -ον	ὁ	δίκαιος	δικαίου	δικαίῳ	δίκαιον
-ος -ος -ον	ὁ/ἡ	ἔρημος	ἐρήμου	ἐρήμῳ	ἔρημον
Comparativo		μικρότερος	πρεσβυτέρου	ἀσθενεστέρῳ	διπλότερον
Superlativo			τιμιωτάτου	τιμιωτάτῳ	
PARTICÍPIO		λυόμενος	λυσαμένου	λυομένῳ	καλούμενον
NEUTRO					
Term. básica		-ν	-ο	-ι	-ν
Radical em -ο		-ον	-ου	-ῳ	-ον
δωρο-	τὸ	δῶρον	δώρου	δώρῳ	δῶρον
ὀστεο-	τὸ	ὀστοῦν	ὀστοῦ	ὀστῷ	ὀστοῦν
Art. def.		τό	τοῦ	τῷ	τό
Pron. demonst.		τοῦτο	τούτου	τούτῳ	τοῦτο

SEGUNDA DECLINAÇÃO -- PLURAL

Nom. Pl.	Gen. Pl.	Dat. Pl.	Ac. Pl.	Obs.
				MASCULINO
-ι	-ων	*-ισ(ι) > -ις	*-νς > -ς	Term. básica
			*-ονς > -ους	Rad. em-ο
-οι	-ων	-οις	λόγους	Vd. Gn. Pl.
οἱ λόγοι	λόγων	λόγοις	ἀνθρώπους	
οἱ ἄνθρωποι	ἀνθρώπων	ἀνθρώποις	ὁδούς	Feminino
αἱ ὁδοί	ὁδῶν	ὁδοῖς	νήσους	Feminino
αἱ νῆσοι	νήσων	νήσοις	υἱούς	
οἱ υἱοί	υἱῶν	υἱοῖς	δούλους	
οἱ δοῦλοι	δούλων	δούλοις		
οἱ νοῖ	νῶν	νοῖς	νοῦς	
χρυσοῖ	χρυσῶν	χρυσοῖς	χρυσοῦς	
ἁπλοῖ	ἁπλῶν	ἁπλοῖς	ἁπλοῦς	
οἱ	τῶν	τοῖς	τούς	Art. def.
οἵ	ὧν	οἷς	οὕς	Pron. rel.
οὗτοι	τούτων	τούτοις	τούτους	Pron. demonst.
				ADJETIVOS
δίκαιοι	δικαίων	δικαίοις	δικαίους	
ἄλογοι	ἀλόγων	ἀλόγοις	ἀλόγους	
ἰσχυρότεροι		ὑστέροις		
μεμεστῶμενοι	εἰσπορευομένων		σωζομένους	PARTICÍPIO
				NEUTRO
-ᾰ	-ων	-ισ(ι) > -ις	-ᾰ	Term. básica
-α	-ων	-οις	-α	Rad. em-ο
τὰ δῶρα	δώρων	δώροις	δῶρα	
τὰ ὀστᾶ	ὀστέων/ὀστῶν	ὀστοῖς	ὀστᾶ	Contrato
τά	τῶν	τοῖς	τά	Art. def.
ταῦτα	τούτων	τούτοις	ταῦτα	Vd. Nom./Ac.

TERCEIRA DECLINAÇÃO (m & f) -- SINGULAR

MASC.& FEM.		Nom. Sing.	Gen. Sing.	Dat. Sing.	Ac. Sing.
Term. básica		-ς	-ος	-ι	-α
ou		--			-ν
Rad. labiais	ἡ	φλέψ	φλεβός	φλεβί	φλέβα
	ὁ	λίψ			λίβα
β	ὁ	ἄραψ	ἄραβος		
π	ὁ	Αἰθίοψ	Αἰθίοπος		
	ὁ	κώνοψ	κώνωπος		κώνωπα
	ἡ	λαίλαψ	λαίλαπος		
Rad. dentais	ἡ	ἐλπίς	ἐλπίδος	ἐλπίδι	ἐλπίδα
δ	ὁ	παίς	παιδός		παῖδα
	ἡ	χιλιάς	χιλιάδος		χιλιάδα
	ὁ	πούς	ποδός		ποδά
τ	ἡ	χάρις	χάριτος	χάριτι	χάριν/χάριτα
	ὁ	θής	θητός	θητί	θῆτα
		λελυκώς	λελυκότος	λελυκότι	λελυκότα
θ	ὁ/ἡ	ὄρνις	ὄρνιθος	ὄρνιθι	ὄρνιν
ντ	ὁ	ὀδούς	ὀδόντος		ὀδόντα
		λύων	λύοντος	λύοντι	λύοντα
		λύσας	λύσαντος	λύσαντι	λύσαντα
		λυθείς	λυθέντος	λυθέντι	λυθέντα
		ὤν	ὄντος	ὄντι	ὄντα
	ὁ	ἄρχων	ἄρχοντος	ἄρχοντι	ἄρχοντα
		πᾶς	παντός	παντί	πάντα
κτ	ἡ	νύξ	νυκτός	νυκτί	νύκτα
Rad. velares					
γ	ἡ	φλόξ	φλογός	φλογί	φλογά
γγ	ὁ	σάλπιγξ	σάλπιγγος	σάλπιγγι	σάλπιγγα
κ	ὁ	φύλαξ	φύλακος	φύλακι	φύλακα
	ἡ	γυνή	γυναικός	γυναικί	γυναῖκα
ρκ	ἡ	σάρξ	σαρκός	σαρκί	σάρκα
χ	ἡ	θρίξ	τριχός	τριχί	τρίχα
	ὁ/ἡ	ὄρνιξ	ὄρνιχος	ὄρνιχι	ὄρνιχα
Rad. líquidos					
ν		εἷς	ἑνός	ἑνί	ἕνα
ν	ἡ	ῥίς	ῥινός	ῥινί	ῥῖνα
		τις	τινος	τινι	τινα
	ὁ	ποιμήν	ποιμένος	ποιμένι	ποιμένα
	ὁ	αἰών	αἰῶνος	αἰῶνι	αἰῶνα
λ	ὁ	ἅλς	ἁλός	ἁλί	ἅλα
ρ	ὁ	σωτήρ	σωτῆρος	σωτῆρι	σωτῆρα
	ὁ	ῥήτωρ	ῥήτορος	ῥήτορι	ῥήτορα
	ὁ	πατήρ	πατρός	πατρί	πατέρα
	ὁ	ἀνήρ	ἀνδρός	ἀνδρί	ἄνδρα

TERCEIRA DECLINAÇÃO (m. & f.) -- PLURAL

	Nom. Pl.	Gen. Pl.	Dat. Pl.	Ac. Pl.	MASC.& FEM.
	-ες	-ων	-σι	-ας	Term. básica
αἱ	φλέβες	φλεβῶν	φλεψί	φλέβας	βσ > ψ
οἱ	Ἄραβες				
					πσ > ψ
οἱ		παίδων	παισίν	παῖδας	δσ > σ
αἱ	χιλιάδες	χιλιάδων	χιλιάσιν		
οἱ	πόδες	ποδῶν	ποσίν	πόδας	
αἱ	χάριτες	χαρίτων	χάρισιν	χάριτας	τσ > σ
οἱ	θῆτες	θητῶν	θησί	θῆτας	
	λελυκότες	λελυκότων	λελυκόσι	λελυκότας	
οἱ/αἱ	ὄρνιθες	ὀρνίθων	ὄρνισι	ὄρνιθας	θσ > σ
οἱ	ὀδόντες	ὀδόντων		ὀδόντας	
	λύοντες	λυόντων	λύουσι	λύοντας	οντσ > ουσ
	λύσαντες	λυσάντων	λύσασι	λύσαντας	αντσ > ασ
	λυθέντες	λυθέντων	λυθεῖσι	λυθέντας	εντσ > εισ
	ὄντες	ὄντων	οὔσιν	ὄντας	οντσ > ουσ
οἱ	ἄρχοντες	ἀρχόντων	ἄρχουσι	ἄρχοντας	ογτσ > ουσ
	πάντες	πάντων	πᾶσιν	πάντας	αντσ > ασ
αἱ		νυκτῶν	νυξί	νύκτας	κτσ > ξ
αἱ	σάλπιγγες		σάλπιγξι	σάλπιγγας	γγσ > γξ
οἱ	φύλακες		φύλαξι	φύλακας	κσ > ξ
αἱ	γυναῖκες	γυναικῶν	γυναιξίν	γυναῖκας	
αἱ		σαρκῶν	σαρξί	σάρκας	ρκσ > ρξ
αἱ	τρίχες	τριχῶν	θριξίν	τρίχας	χσ > ξ
			ὄρνιξι		ὀρνιχέσσι
αἱ	ῥῖνες	ῥινῶν	ῥισί	ῥίνας	νσ > σ
	τινες	τινων	τισιν	τινας	
οἱ	ποιμένες	ποιμένων	ποιμέσι	ποιμένας	
οἱ	αἰῶνες	αἰῶνων	αἰῶσιν	αἰῶνας	
οἱ	ἅλες	ἁλῶν	ἅλσι	ἅλας	
οἱ	σωτῆρες		σωτῆρσι		
οἱ	ῥήτορες		ῥήτορσι		
οἱ	πατέρες	πατέρων	πατράσιν	πατέρας	τερσ > τρασ
οἱ	ἄνδρες	ἀνδρῶν	ἀνδράσιν	ἄνδρας	νερσ > νδρασ

TERCEIRA DECLINAÇÃO -- SINGULAR

		Nom. Sing.	Gen. Sing.	Dat. Sing.	Ac. Sing.
Rad. em *-σ	ἡ	*τριηρες	*τριηρεσος	*τριηρεσι	*τριηρεσα
		> τριήρης	> τριήρους	> τριήρει	> τριήρα
		ἀληθής	ἀληθοῦς	ἀληθῇ	ἀληθές
-οι > -ο	ἡ	πείθω	πειθοῦς	πειθοῖ	πειθώ
-ι	ἡ	δύναμις	δυνάμεως	δυνάμει	δύναμιν
	ἡ	πόλις	πόλεως	πόλει	πόλιν
-υ (-ϝ)	ὁ	πῆχυς	πήχεως	πήχει	πήχυν
	ὁ	βασιλεύς	βασιλέως	βασιλεῖ	βασιλέα
	ὁ	ἰχθύς	ἰχθύος	ἰχθύϊ	ἰχθύν
	ἡ	γραῦς	γραός	γραΐ	γραῦν
	ὁ	βοῦς	βοός	βοΐ	βοῦν

TERCEIRA DECLINAÇÃO (neutro) -- SINGULAR

NEUTRO					
Term. básica		--	-ος	-ι	--
		ou -ς			ou -ς
-τ	τὸ	ὄνομα	ὀνόματος	ὀνόματι	ὄνομα
-σ	τὸ	γένος	γένους	γένει	γένος
	τὸ	γέρας	γέρως	γέραι	γέρας
-ης -ης -ες		ἀληθές	ἀληθοῦς	ἀληθεῖ	ἀληθές
-ντ		πᾶν	παντός	παντί	πᾶν
		ὄν	ὄντος	ὄντι	ὄν
		λῦον	λύοντος	λύοντι	λῦον
		λῦσαν	λύσαντος	λύσαντι	λῦσαν
		λυθέν	λυθέντος	λυθέντι	λυθέν
-ϝτ		λελυκός	λελυκότος	λελυκότι	λελυκός
-ων -ων -ον		μεῖζον	μείζονος	μείζονι	μεῖζον
		ἕν	ἑνός	ἑνί	ἕν
		τι	τινος	τινι	τι

TERCEIRA DECLINAÇÃO -- PLURAL

	Nom. Pl.	Gen. Pl.	Dat. Pl.	Ac. Pl.	
αἱ	*τριηρεσες > τριήρεις	*τριηρεσων > τριήρων	*τριηρεσσι > τριήρεσι	*τριηρεσες > τριήρεις	Ac. em -ες?
	ἀληθεῖς	ἀληθῶν	ἀληθέσιν	ἀληθεῖς	
οἱ	ἥρωες	ἡρώων	ἥρωσι	ἥρωας	
αἱ	δυνάμεις	δυναμέων	δυνάμεσιν	δυνάμεις	
αἱ	πόλεις	πόλεων	πόλεσιν	πόλεις	Ac. em -ες?
οἱ	πήχεις	πήχεων	πήχεσι	πήχεις	*πηχεϝος
οἱ	βασιλεῖς	βασιλέων	βασιλεῦσι	βασιλέας	*βασιλεϝος
οἱ	ἰχθύες	ἰχθύων	ἰχθύσι	ἰχθῦς	
αἱ	γραῦς	γραῶν	γραυσί	γραύς	*γραϝος
οἱ	βόες	βοῶν	βουσί	βούς	*βοϝος

TERCEIRA DECLINAÇÃO (neutro) -- PLURAL

	-α	-ων	-σι	-α	NEUTRO Term. básica
τὰ	ὀνόματα	ὀνομάτων	ὀνόμασιν	ὀνόματα	
τὰ	γένη	γενῶν	γένεσι	γένη	ε(σ)α > εα > η
τὰ	γέρα	γερῶν	γέρασι	γέρα	α(σ)α > ᾱ
τὰ	ἀληθῆ	ἀληθῶν	ἀληθέσιν	ἀληθῆ	
τὰ	πάντα	πάντων	πᾶσιν	πάντα	
τὰ	ὄντα	ὄντων	οὔσιν	ὄντα	Part. pres. at.
	λύοντα	λυόντων	λύουσι	λύοντα	
	λύσαντα	λυσάντων	λύσασιν	λύσαντα	Part. aor. at.
	λυθέντα	λυθέντων	λυθεῖσι	λυθέντα	Part. pas. at.
	λελυκότα	λελυκότων	λελυκόσι	λελυκότα	Part. Perf. pas.
	μείζονα	μειζόνων	μείζοσι	μείζονα	ou n./a. μείζω
	τρία	τριῶν	τρισί	τρία	
	τινα	τινων	τισι	τινα	

PARADIGMA V-1a PARTES PRINCIPAIS Verbos Classe-1a

Pres.	Fut. A/M	Aor. A/M	Perf. At.	Perf. M/P	Aor. Pas.
Radicais em -υ/-ι					
λύω	λύσω	ἔλυσα	λέλυκα	λέλυμαι	ἐλύθην
θύω	θύσω	ἔθυσα	τέθυκα	τέθυμαι	ἐτύθην
χρίω	χρίσω	ἔχρισα		κέχρι(σ)μαι	ἐχρίσθην
Radicais em -αυ/-ευ/-ου, -αι/-ει/-οι					
ἀκούω	ἀκούσω	ἤκουσα	ἀκήκοα		ἠκούσθην
κρούω	κρούσω	ἔκρουσα	κέκρουκα	κέκρουμαι	ἐκρούσθην
παύω	παύσω	ἔπαυσα	πέπαυκα	πέπαυμαι	ἐπαύθην
θραύω	θραύσω	ἔθραυσα		τέθραυμαι	ἐθραύσθην
προφητεύω	προφητεύσω	ἐπροφήτευσα			
παίω	παίσω	ἔπαισα	πέπαικα		
πταίω	πταίσω	ἔπταισα	ἔπταικα		
κλείω	κλείσω	ἔκλεισα	κέκληκα	κέκλειμαι	ἐκλείσθην
σείω	σείσω	ἔσεισα	σέσεικα	σέσεισμαι	ἐσείσθην
οἴομαι	οἰήσομαι			οἶμαι (?)	ᾠήθην
Radicais labiais					
θλίβω	θλίψομαι	ἔθλιψα	τέθλιφα	τέθλιμμαι	ἐθλίφθην
τρίβω	τρίψω	ἔτριψα	τέτριφα	τέτριμμαι	ἐτρίφθην
σέβομαι					
σήπω			σέσηπα		ἐσάπην
τρέπω	τρέψω	ἔτρεψα	τέτροφα	τέτραμμαι	ἐτρέφθην
λάμπω	λάμψω	ἔλαμψα			
πέμπω	πέμψω	ἔπεμψα	πέπομφα	πέπεμμαι	ἐπέμφθην
ἀλείφω	ἀλείψω	ἤλειψα	(ἀλήλιφα)	ἀλήλιμμαι	ἠλείφθην
στρέφω	στρέψω	ἔστρεψα	(ἔστροφα)	ἔστραμμαι	ἐστράφην
γράφω	γράψω	ἔγραψα	γέγραφα	γέγραμμαι	ἐγράφθην
Radicais dentais					
καθεύδω	καθευδήσω				
ἐρείδω		ἤρεισα			
σπεύδω		ἔσπευσα			
φείδομαι	φείσομαι	ἐφησάμην			
ψεύδομαι	ψεύσω	ἔψευσα		ἔψευσμαι	ἐψεύσθην
*πι·πετω > πίπτω	πεσοῦμαι	ἔπεσον		πέπτωκα	
πείθω	πείσω	ἔπεισα	πέπεικα	πέπεισμαι	ἐπείσθην
Radicais velares					
ἄγω	ἄξω	ἤγαγον	ἦχα	ἦγμαι	ἤχθην
ἀνοίγω	ἀνοίξω	{ ἀνέῳξα / ἤνοιξα	{ ἀνέῳγα / ἤνοιγα	{ ἀνέῳγμαι / ἠνοίγμαι	ἀνεῴχθην
λέγω	λέξω	ἔλεξα	εἴλοχα	λέλεγμαι	ἐλέχθην
διώκω	διώξω	ἐδίωξα	δεδίωκα	δεδίωγμαι	ἐδιώχθην
πλέκω	πλέξω	ἔπλεξα		πέπλεγμαι	ἐπλέχθην
*τιτεκω > τίκτω	τέξομαι	ἔτεκον	τέτοκα		ἐτέχθην

Classes 1a, 1b C-19 Paradigmas V-1a, V-1b

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf. At.	Perf.M/P	Aor. Pas.
Rad. velares (cont.)					
ἄρχω	ἄρξω	ἦρξα			
*σεχω	*σεχσω	*εσεχον	*εσεχηκα		
> ἔχω	> ἕξω/σχήσω	>ἔσχον	> ἔσχηκα	ἔσχυμαι	ἐσχέθην
δέχομαι	δέξομαι	ἐδεξάμην		δέδεγμαι	ἐδέχθην
φθέγγομαι		ἐφθεγξάμην			
ἄγχω		ἠγξάμην			
ἐλέγχω	ἐλέγξω	ἤλεγξα		ἐλήλεγμαι	ἠλέγχθην
Rad. linguais					
βούλομαι	βουλήσομαι			βεβούλημαι	ἐβουλήθην
ὀφείλω	ὀφειλήσω	ὠφείλησα	ὠφείληκα		ὠφειλήθην
μέλω	μελήσω	ἐμέλησα	μεμέληκα	μεμέλημαι	ἐμελήθην
μέλλω	μελλήσω	ἐμέλλησα			
μένω	μενῶ	ἔμεινα	μεμένηκα		
*γι·γενομαι					
> γίνομαι	γενήσομαι	ἐγενόμην	γέγονα	γεγένημαι	
δέρω[5]	δερῶ	ἔδειρα		δέδαρμαι	ἐδάρην
Rad. sibilantes					
βρίσω	βρίσω	ἔβρισα	βέβρικα		
*αιδεσομαι					
> αἰδέομαι	αἰδέσομαι	ἠδεσάμην		ἤδεσμαι	ἠδέσθην
*σπασω>σπάω	σπάσω	ἔσπασα	ἔσπακα	ἔσπασμαι	ἐσπάσθην
*ζεσω > ζέω	ζέσω	ἔζεσα			
*ξεσω > ξέω				ἔξεσμαι	

PARADIGMA V-1b, Verbos Classe 1-b,"Verbos Contratos"

α					
ζάω	ζήσω	ἔζησα	ἔζηκα		
ἐρωτάω	ἐρωτήσω	ἠρώτησα	ἠρώτηκα	ἠρώτημαι	ἠρωτήθην
γεννάω	γεννήσω	ἐγέννησα	γεγέννηκα	γεγέννημαι	
ε					
ποιέω	ποιήσω	ἐποίησα	πεποίηκα	πεποίημαι	ἐποιήθην
εὐλογέω	εὐλογήσω	εὐλόγησα	εὐλόγηκα	εὐλόγημαι	εὐλογήθην
αἰτέω	αἰτήσω	ᾔτησα	ᾔτηκα	ᾔτημαι	ᾐτήθην
ἀγαπάω	ἀγαπήσω	ἠγάπησα	ἠγάπηκα	ἠγάπημαι	ἠγαπήθην
ο					
δηλόω	δηλώσω	ἐδήλωσα	δεδήλωκα	δεδήλωμαι	ἐδηλώθην
στερεόω		ἐστερέωσα			ἐστερεώθην
χόω	χώσω	ἔχωσα	κέχωκα	κέχωσμαι	ἐχώσθην

Paradigmas V-2a, V-2b

PARADIGMA V-2a

Radicais que passam por apofonia no desenvolvimento das raízes temporais.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf. At.	Perf.M/P	Aor. Pas.
λείπω	λείψω	ἔλιπον	λέλοιπα	λέλειμμαι	ἐλείφθην
πείθω	πείσω	{ ἔπεισα ἔπιθον	{ πέποιθα πέπεικα	πέπεισμαι	ἐπείσθην
φεύγω	φεύξομαι	ἔφυγον	πέφευγα		

PARADIGMA V-2b

Radicais terminando originalmente em digamma.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf. At.	Perf.M/P	Aor. Pas.
*νεϝω > νέω	νεσοῦμαι	ἔνευσα	νένευκα		
πλέω	πλεύσομαι	ἔπλευσα	πέπλευκα	πέπλευσμαι	ἐπλεύσθην
χέω	χεῶ	ἔχεα		κέχυμαι	ἐχύθην
πνέω		ἔπνευσα			
ῥέω	ῥεύσω				

Classes 2a, 2b, 3

PARADIGMA V-3

Acrescenta-se um τ aos rad. labiais para formar a raíz do tempo presente.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf. At.	Perf.M/P	Aor. Pas.
βάπτω	βάψω	ἔβαφα		βέβαμμαι	ἐβάφθην
βλάπτω	βλάψω	ἔβλαφα	βέβλαφα	βέβλαμμαι	ἐβλάφθην
κάμπτω	κάμψω	ἔκαμφα		κέκαμμαι	ἐκάμφθην
κόπτω	κόψω	ἔκοφα	κέκοφα	κέκομμαι	ἐκόπην
κρύπτω	κρύψω	ἔκρυφα	κέκρυφα	κέκρυμμαι	ἐκρύφθην
σκάπτω	σκάψω	ἔσκαφα	ἔσκαφα	ἔσκαμμαι	ἐσκάφην
σκέπτομαι	σκέψομαι	ἐσκεψάμην			
ἅπτω		ἧφα			ἥφθην
ὅπτομαι	ὄψομαι			ὦμμαι	ὤφθην

PARADIGMAS V-4a, V-4b, V-4c

Radicais que levam a adição de um iota consonantal (e passam por mudanças fonéticas) para formar a raíz do tempo presente.

PARADIGMA V-4a. Verbos classe 4-a

Radicais terminando em δ e alguns terminando em γ .

-δ					
θαυμάζω	θαυμάσω	ἐθαύμασα	τεθαύμακα		ἐθαυμάσθην
δοξάζω	δοξάσω	ἐδόξασα	δεδόξακα	δεδόξασμαι	ἐδοξάσθην
πειράζω	πειράσω	ἐπείρασα	πεπείρακα	πεπείρασμαι	ἐπειράσθην
ἁγιάζω	ἁγιάσω	ἡγίασα	ἡγίακα	ἡγίασμαι	ἡγιάσθην
κομίζω	κομίσω/-ιῶ	ἐκόμισα	κεκόμικα	κεκόμισμαι	ἐκομίσθην
ἐγγίζω	ἐγγίσω/-ιῶ	ἤγγισα	ἤγγικα		
ἐλπίζω	ἐλπιῶ	ἤλπισα	ἤλπικα		
βαπτίζω	βαπτίσω	ἐβάπτισα	βεβάπτικα	βεβάπτισμαι	ἐβαπτίσθην
*σεδ-					
> ἕζομαι		εἰσάμην			
-γ					
σφάζω	σφάξω	ἔσφαξα		ἔσφαγμαι	
κράζω	κράξω	ἔκραξα	κέκραγα		
-γγ					
κλάζω	κλάγξω				
σαλπίζω	σαλπίγξω / σαλπίσω	ἐσάλπισα			

PARADIGMA V-4b. Verbos classe 4-b

Rad. velares

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor. Pas.
-γ					
πράσσω	πράξω	ἔπραξα	πέπραχα	πέπραγμαι	
ἀλλάσσω	ἀλλάξω	ἤλλαξα	ἤλλαχα	ἤλλαγμαι	ἠλλάγην
τάσσω	τάξομαι	ἔταξα	τέταχα	τέταγμαι	ἐτάχθην
φράσσω	φραγήσομαι	ἔφραξα			
πλήσσω		ἔπληξα			
πτύσσω		ἔπτυξα			
-κ					
κηρύσσω	κηρύξω	ἐκήρυξα	κεκήρυχα	κεκήρυγμαι	ἐκηρύχθην
φυλάσσω	φυλάξω	ἐφύλαξα			
ἑλίσσω	ἑλίξω	εἵλιξα		εἵλιγμαι	εἱλίχθην
-χ					
ταράσσω	ταράξω	ἐτάραξα		τετάραγμαι	ἐταράχθην
ὀρύσσω		ὤρυκα			ὠρύχθην

PARADIGMA V-4c. Verbos classe 4-c

Radicais com digamma original.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor. Pas.
*καϝιω					
> καίω	καύσω	ἔκαυσα		κέκαυμαι	ἐκαύθην
κλαίω	κλαύσω	ἔκλαυσα			
ὀπυίω	ὀπύσω				

Paradigmas V-4d, V-4e

PARADIGMA V-4d. Verbos classe 4-d

Radicais que terminavam originalmente em sigma.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor.Pas.
δαίομαι	δάσομαι	ἐδασάμην			

PARADIGMA V-4e. Verbos classe 4-e

"Verbos líquidos": radicais com terminação em λ/ν/ρ .

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf. At.	Perf.M/P	Aor. Pas.
-λ					
ἀγγέλλω	ἀγγελῶ	ἤγγειλα	ἤγγελκα	ἤγγελμαι	ἠγγέλην
βάλλω	βαλῶ	ἔβαλον	βέβληκα	βέβλημαι	ἐβλήθην
στέλλω	στελῶ	ἔστειλα	ἔσταλκα	ἔσταλμαι	ἐστάλην
τέλλω	τελοῦμαι	ἔτειλα	τέταλκα	τέταλμαι	
ἄλλομαι	ἁλοῦμαι	ἡλάμην			
ἰάλλω	ἰαλῶ	ἴηλα			
-ν					
κρίνω	κρινῶ	ἔκρινα	κέκρικα	κέκριμαι	ἐκρίθην
κτείνω	κτενῶ	ἔκτεινα	ἔκτονα		
εὐφραίνω	εὐφρανῶ	ηὔφρανα			ηὐφράνθην
φαίνω	φανοῦμαι	ἔφανην			
μιαίνω				μεμίαμμαι	ἐμιάθην
μένω V. Paradigma V-1a					
-ρ					
καθαίρω	καθαρῶ	ἐκάθηρα		κεκάθαρμαι	ἐκαθάρθην
χαίρω	χαρήσομαι	ἐχάρην			
ἐχθαίρω	ἐχθαροῦμαι	ἤχθηρα			
ἐγείρω	ἐγερῶ	ἤγειρα		ἐγήγερμαι	ἠγέρθην
αἴρω	ἀρῶ	ἦρα	ἦρκα	ἦρμαι	ἤρθην
*εἴρω	ἐρῶ		εἴρηκα	εἴρημαι	ἐρρέθην

Paradigmas V-5a, V-5b, V.5c

PARADIGMA V-5a. Verbos classe 5a

Radicais que levam um ν/αν para formar a raíz do tempo presente.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor.Pas.
ἁμαρτάνω	ἁμαρτήσω	ἡμάρτησα	ἡμάρτηκα	ἡμάρτημαι	ἡμαρτήθην
πίνω	πίομαι	ἔπιον	πέπωκα	πέπομαι	ἐπόθην
δύνω		ἔδυσα		δέδυμαι	
ὀπτάνομαι	ὄψομαι	ὠφάμην			
βλαστάνω		ἐβλάστησα			
κάμνω		ἔκαμον			
τέμνω		ἔτεμον		τέτμημαι	ἐτμήθην
φθάνω		ἔφθασα	ἔφθακα		
ἱκνέομαι		ἱκόμην			
βαίνω	βήσομαι	ἔβην	βέβηκα		

PARADIGMA V-5b. Verbos classe 5b

Radicais que levam um ν epentético mais -αν para formar a raíz do tempo presente.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor.Pas.
μανθάνω[1]	μαθήσομαι	ἔμαθον[1]	μεμάθηκα		
λανθάνω	λήσω	ἔλαθον	λέληθα	λέλησμαι	
λαγχάνω[2]	λήξομαι	ἔλαχον	εἴληχα		
πυνθάνομαι		ἐπυθόμην			
τυγχάνω		ἔτυχον	τέτυχα		
λιμπάνω[3]					ἐλείφην
λαμβάνω	λήμψομαι	ἔλαβον	εἴληφα	εἴλημμαι	ἐλήμφθην
θιγγάνω[4]	θίξομαι	ἔθιγον			

[1]O radical *μαθ; será visto, na maioria dos casos, no segundo aoristo.

[2]νχ > γχ [3]νπ > μπ [4]νγ > γγ

PARADIGMA V-5c. Verbos classe 5c

Radicais que levam νε/να/νυ para formar a raíz do tempo presente.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor.Pas.
βυνέω	βύσω	ἔβυσα	βέβυσμαι		
κυνέω		ἔκυσα			
ἰσχνέομαι	ἰσχνήσομαι	ἐσχόμην			
δαμνάω	δαμάσω/-μάω	ἐδάμασα			
ὀμνύω	ὀμοῦμαι	ὤμοσα	ὀμώμοκα	ὀμώμασμαι	ὠμόσθην

Paradigma V-6

PARADIGMA V-6. Verbos classe-6

Verbos que levam σκ/ισκ para formar a raíz do presente.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor.Pas.
γηράσκω	γηράσω	ἐγήρασα	γεγήρακα		
*διδαχσκω					
> διδάσκω	διδάξω	ἐδίδαξα	δεδίδαχα		ἐδιδάχθην
εὑρίσκω	εὑρήσω	ηὗρον/εὗρον	ηὕρηκα	ἡὕρημαι	ηὑρέθην
γι(γ)νώσκω	γνώσομαι	ἔγνων	ἔγνωκα	ἔγνωσμαι	ἐγνώσθην
μιμνήσκω	μνήσω	ἔμνησα		μέμνημαι	ἐμνήσθην
πιπράσκω			πέπρακα	πέπραμαι	ἐπράθην
ἀραρίσκω		ἦρσα	ἄραρα		
ἀποθνήσκω	ἀποθανούμαι	ἀπέθανον	τέθνηκα		
ἀναλίσκω	ἀναλώσω	ἀνήλωσα			ἀνηλώθην
*παθσκω					
> πάσχω	πείσομαι	ἔπαθον	πέπονθα		

Paradigmas V-7a, V-7b

PARADIGMA V-7a. Verbos classe 7-a

Verbos que têm o radical terminando em μι para formar a raiz do tempo presente.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor.Pas.
-α					
ἵστημι	στήσω	ἔστησα	ἕστηκα	ἕσταμαι	ἐστάθην
ὀνίνημι	ὀνήσω	ὤνησα			ὠνήθην
πίμπρημι	πρήσω	ἔπρησα		πέπρημαι	ἐπρήσθην
δύναμαι	δυνήσομαι			δεδύνημαι	ἐδυνήθην
κρέμαμαι	κρεμήσομαι				
ἐπίσταμαι	ἐπιστήσομαι				ἠπιστήθην
φήμι	φήσω	ἔφησα			
-ε					
τίθημι	θήσω	ἔθηκα	τέθεικα	τέθειμαι	
-ο					
δίδωμι	δώσω	ἔδωκα	δέδωκα	δέδομαι	ἐδόθην
ἀφίημι	ἀφήσω	ἀφῆκα	ἀφεῖκα	ἀφεῖμαι	ἀφείθην
εἰμί	ἔσομαι				

PARADIGMA V-7b. Verbos classe 7-b

Verbos que levam νυ/ννυ no radical e terminações em μι para formar a raíz do tempo presente.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.At.	Perf.M/P	Aor.Pas.
δείκνυμι	δείξω	ἔδειξα	δέδειχα	δέδειγμαι	ἐδείχθην
πήγνυμι	πήξω	ἔπηξα			ἐπήχθην
ζεύνυμι	ζεύξω	ἔζευξα		ἔζευγμαι	ἐζεύχθην
μίγνυμι	μίξω	ἔμιξα		μέμιγμαι	ἐμίχθην
*απ·ολνυμι			ἀπολώληκα		
> ἀπόλλυμι	ἀπολούμαι	ἀπώλεσα	ἀπόλωλα		
κεράννυμι		ἔκρασα		κέκραμαι	ἐκράθην
σβέννυμι	σβέσω	ἔσβεσα	ἔσβηκα		ἐσβήσθην
στρώννυμι	στρώσω	ἔστρωσα		ἔστρωμαι	ἐστρώθην

Paradigma V-8

PARADIGMA V-8. Verbos Classe-8

Os verbos "irregulares", embora tenham radicais diferentes, podem ser relacionados sob paradigmas.

Pres.	Fut.A/M	Aor.A/M	Perf.AT.	Perf.M/P	Aor.Pas.
αἱρέω[1]	αἱρήσω[1] ἑλῶ[2]	εἷλον[2]	ἥρηκα[1]	ἥρημαι[1]	ἡρέθην[1]
ἔθω[3]			εἴωθα[3]		
εἴδω[4]	εἰδήσω[4]		οἶδα[4]		
ἐσθίω[5] ἔσθω[5]	φάγομαι[6]	ἔφαγον[6]			
λέγω[7]	ἐρῶ[8]	εἶπον[9] εἶπα[9]	εἴρηκα[8]	εἴρημαι[8]	ἐῤῥέθην[8] ἐῤῥήθην[8]
ὁράω[10]	ὄψομαι[12]	εἶδον[13]	ἑώρακα[10] ἑόρακα[10]		
τρέχω[14]	δραμοῦμαι[15]	ἔδραμον[15]			
φέρω[16]	οἴσω[17]	ἤνεγκα[18] ἤνεγκον[18]	ἐνήνοχα[18]		ἠνέχθην[18]

1. Rad. *αἱρε- (Classe 1-b).
2. Rad. *ἐλ-, cf. ἑλετός -ή -όν (Classe 4-e).
3. Rad. *σϝεθ-, cf. ἐθίζω, τὸ ἔθος; usado somente no perf.
4. Rad. *ϝιδ-, , cf. Lat. vídeo; 2º aor. é usado para o paradigma de ὁράω , e o perf. é usado como um tempo presente 'eu sei', talvez *ϝεϝιδα. .
5. Rad. *εδ (θ inexplicado), cf. ἐδεστός, τὸ ἐδανόν
6. Rad. *φαγ-/φαγε- cf. τὸ φάγημα, ὁ φάγων; usado no pres. somente no grego antigo.
7. Rad. *λεγ- (Classe 1-a), cf. fut. λέξω e 1º aor. ἔλεξα, λεκτέος, etc.
8. Rad. *ϝερ-, pres. εἴρω (Classe 4-e); substituido no NT e no grego ático, no presente por λέγω e no aoristo por εἶπον .
9. Rad. *ϝεπ-, pres. ἔπω é geralmente substituido por φημί ou λέγω e no futuro por ἐρῶ.
10. Rad. *ϝορα- (Classe 1-b), cf. cf. ἡ ὅρασις, τὸ ὅραμα.
12. Rad. *οπ-, cf. ὄπτομαι (Classe 3), ἡ ὀπτασία .
13. Rad. *ϝιδ-, cf. nota 4, acima; 'eu tenho visto, sei'
14. Rad. *θρεχ- , aor. ἔθρεξα é raro; cf. θρεκτός, θρεκτικός
15. Rad. *δραμ(α)-, cf. τὸ δράμημα, não usado no presente.
16. Rad. *φερ-, usado somente no pres. e imperfeito.
17. Rad. *οι-, , cf. οἰστός, οἰσθήσομαι, ἀνοῖσαι/ἀνῶσαι
18. Rad. *ενεγ-

Esta lista é, obviamente, mais abreviada do que as que aparecem em obras como a de Robertson, Short Grammar, 48-56, 241-2441, Moulton, Grammar, 2.2224 - 266, ou Dana e Mantey, Manual Grammar, 325-327. O aluno que já domina os princípios básicos das mudanças fonéticas, descobrirá, rapidamente, que a maioria dos verbos "irregulares" é bem regular. É melhor aprender os verbos por classes e não num bloco de palavras organizado apenas alfabeticamente. Cf. Goodwin & Gulik, Greek Grammar §650, e Smyth, Greek Grammar §§529-531.

Para ἔχω veja Paradigma V-1a (rad. velares).
Para πάσχω veja Paradigma V-6.
Para πίνω veja Paradigma V-5a.
Para πίπτω veja Paradigma V-1a (rad. dentais).
Para τίκτω veja Paradigma V-1a (rad. velares).
Para γίνομαι veja Paradigma V-1a (rad. linguais).

Ἀγαθός, ή, όν bom
ἀγαπάω amar
ἀγάπη, ἡ amor
ἄγγελος, ο anjo, mensageiro
ἅγιος, α, ον santo
ἀγρός, ο campo, terreno
ἀγών, ωνος, ὁ competição
ἀδελφή, ἡ irmã
ἀδελφός, ὁ irmão
ἄδικος, ον injusto
αἷμα, τό sangue
αἰών, ωνος, ὁ período longo de tempo, época, era
ἀκούω ouvir
ἀλήθεια, ἡ verdade
ἀλλά mas
ἄλλος, η, ο outro
ἁμαρτάνω pecar
ἁμαρτία, ἡ pecado
ἀνήρ, ἀνδρός, ὁ varão
ἄνθρωπος, ὁ homem
ἄξιος, α, ον digno, merecedor
ἀπιστία, ἡ incredulidade
ἀπόστολος, ὁ apóstolo, enviado, mensageiro
ἄρτος, ὁ pão
ἀσθενής fraco
ἄφεσις,εως, ἡ perdão

Βάπτισμα, τό batismo
βαπτιστής, ὁ batizador
βασιλεία, ἡ reino, reinado, governo
βασιλεύς, έως, ὁ rei
βλέπω ver
βουλή, ἡ propósito, desígnio

Γάρ pois, porque (conj.)
γένος, τό ração, nação, gênero
γῆ, ἡ terra
γίνομαι eu sou, me torno (idéia de vir a ser)
γινώσκω conhecer, saber
γνώμη, ἡ propósito, intenção, opinião
γνῶσις, ἡ conhecimento
γράμμα,τό escrito, livro

γραμματεύς, ὁ escriba
γράφω escrever
γυνή, γυναικός, ἡ mulher

Δαιμόνιον, τό demônio
δέ mas, e
δειλός tímido, covarde
δένδρον, τό árvore
διακονέω servir, cuidar
διάκονος, ὁ servo
διδάσκαλός, ὁ mestre, professor
διδάσκω ensinar
διδαχή, ἡ ensino, instrução
δίδωμι dar
δίκαιος justo
δικαιοσύνη, ἡ justiça
δοκέω pensar, supor
δόξα, ἡ glória
δουλεύω servir
δοῦλος, ὁ escravo, servo
δουλόω escravizar, reduzir à escravidão
δύναμαι poder, ser capaz
δύναμις, εως, ἡ poder, força
δυνατός, ή, όν poderoso
δῶρον, τό dádiva, presente

Ἐάν conj. se
εἰ conj. se; visto que
εἰδωλολάτρης, ὁ idólatra
εἴδωλον, τό ídolo
εἰμί ser, estar presente, existir
εἶπεν aor. λέγω
εἶπον aor. λέγω
εἶχεν imperf. ἔχω
εἰρήνη, ἡ paz
εἷς, μία, ἕν numeral um
ἐκεῖ lá, ali
ἐκεῖνος, η, ο aquele, aquela, aquilo
ἐκκλησία, η assembléia, reunião, igreja
ἔλεγεν imperf. λέγω
ἐλπίζω ter esperança

ἐλπίς, ίδος, ἡ esperança
ἐξουσία, ἡ autoridade
ἔπαινος, ὁ louvor, aprovação
ἐπιστολή, ἡ carta
ἔργον, τό trabalho
ἐρημία, ἡ deserto, ermo
ἔρημος, ἡ deserto
ἔρις, ἡ discórdia
ἔρχομαι vir, aparecer
ἕτερος outro
ἔτι ainda
εὐαγγέλιον, τό evangelho
εὐθύς imediatamente
εὐλογέω bendizer, louvar
εὐλογία, ἡ louvor
εὑρίσκω encontrar, achar
εὐχαριστέω dar graças
ἐχθρός, ὁ inimigo
ἔχω ter, possuir
ἕως (adv.) ainda

ζωή, ἡ vida

Ἤ ou (comparativa)
ἤ..ἤ ou... ou (alternativa)
ἤδη agora
ἥλιος, ὁ sol
ἡμέρα, ἡ dia
ἡμέτερος, α, ον nosso

θάλασσα, ἡ mar
θάνατος, ὁ morte
θέλημα, τό vontade
θέλω querer, desejar
θεός, ὁ Deus
θρόνος, ὁ trono
θυγάτηρ, τρός, ἡ filha
θύρα, ἡ porta
θυσία, ἡ sacrifício, oferta
θύω sacrificar

Ἰδού eis, veja
ἱερεύς, ὁ sacerdote

ἱερόν, τό templo
ἰσχυρός forte

Κἀγώ = καὶ + ἐγώ
καθαρός, ά, όν puro
καθώς assim como
καί e, também
καί... καί tanto... como
καινός, ή, όν novo
καιρός, ὁ tempo, um período de tempo
κακία, ἡ maldade, impiedade
κακός, ή, όν mal
καλέω chamar
καλός, ή, όν bom, bonito
καρδία, ἡ coração
καρπός, ὁ fruto
κεφαλή, ἡ cabeça
κηρύσσω proclamar, pregar
κλέπτης, ου, ὁ ladrão
κλίνη, ἡ *cama*
κόπος, ὁ problema
κόσμος, ο adorno, mundo
κράτος, τό majestade, poder
κρέας, τό carne
κρίνω julgar
κριτής, οῦ, ὁ juíz
κρυπτός oculto
κύριος, ὁ senhor

Λαλέω dizer, falar
λαμβάνω pegar, tomar, receber
λαός, ὁ povo
λέγω falar, dizer
λέγων part. λέγω
λέπρα, ἡ lepra
λεπρός leproso
λίθος, ὁ pedra
λόγος, ὁ palavra
λύπη, ἡ tristeza, aflição
Μαθητής, οῦ, ὁ discipulo, aluno
μανθάνω aprender
μαρτυρία, ἡ testemunho

μάρτυς, υρος, ὁ testemunha
μέγας, μεγάλη, μέγα grande
μέν partícula afirmativa: certamente
μέριμνα, ἡ ansiedade, preocupação
μέσον, τό meio
μήτηρ, μητρός, ἡ mãe
μικρός, ά, όν pequeno
μόνος, η, ον único, somente
μυστήριον, τό segredo, mistério

Νεκρός, ά, όν morto
νεός novo
νόμος, ὁ lei
νόσος, ἡ doença
νοῦς, ὁ mente
νύξ, νυκτός, ἡ noite

Ὅδε, ἥδε, τόδε este, esta, isto
ὁδός, ἡ caminho
οἶδα conhecer
οἰκία, ἡ casa
οἶκος, ὁ casa, família
οἶνος, ὁ vinho
ὀλίγος, η, ον pequeno
ὅλος, η, ον inteiro
ὄνομα, τό nome
ὄρος, τό montanha
ὅτε quando, enquanto
ὅτι que
οὗ onde
οὐ não
οὐδέ e não, nem
οὐδείς, οὐδεμία, οὐδέν ninguém, não
οὐκ, οὐχ não
οὖν portanto
οὐρανός, ὁ céu
οὔτε..οὔτε nem... nem
ὀφθαλμός, ὁ olho
ὄχλος, ὁ multidão

Πάλιν de novo
πάντες, πᾶσαι, πάντα tudo

πᾶς, πᾶσα, πᾶν todo, cada
πατήρ, πατρός, ὁ pai
πέτρα, ἡ pedra
πίπτω cair
πιστεύω confiar, crer
πίστις, εως, ἡ fé
πιστός, ή, όν fiel, crente
πλοῖον, τό barco
πλοῦτος, ὁ riqueza
πνευμα, τό espírito
πνευματικός, ή,όν espiritual
ποιέω fazer
πόλις, εως, ἡ cidade
πολλάκις freqüentemente
πολλοί muitos
πολύς, πολλή, πολύ muito
πονηρία, ἡ iniquidade
πονηρός, ά, όν mal, maligno
πούς, πόδος, ὁ pé
πρεσβύτερος, ὁ ancião
πρόβατον, τό ovelha
προσευχή, ἡ oração
πρόσωπον, τό rosto, face
προφήτης, ου, ὁ profeta
πρῶτος, η, ον primeiro
πύλη, ἡ portão
πῶς como?

Σάββατον, τό sábado, semana
σάλπιγξ, ιγγος, ἡ trombeta
σάρξ, κός, ἡ carne
σατανᾶς, ὁ adversário
σήμερον hoje
σίτος, ὁ trigo
σκάνδαλον, τό escândalo
σκότος, τό trevas
σοφία, ἡ conhecimento
σοφός, ή, όν sábio
σπέρμα, τό semente
στέφανος, ὁ coroa
στρατηγός, ὁ magistrado, capitão

στρατιώτης, ου, ὁ soldado
συνάγω reunir, congregar
συναγωγή, ἡ sinagoga
συνεργός, ὁ cooperador
σώζω salvar
σῶμα, τό corpo
σωτήρ, ῆρος, ὁ salvador
σωτηρία, ἡ salvação
σωτήριον, τό salvação
σώφρων, ον prudente

Τέ partícula enclítica: e
τέ..καί mas também
τέκνον, τό criança, filho
τέλειος, α, ον completo, perfeito
τέλος, τό fim, alvo
τελώνης, ου, ο coletor de impostos
τιμή, ἡ preço, valor
τότε então
τοῦτο este
τράπεζα, ἡ mesa
τροφή, ἡ alimento

Ὕδωρ, ὕδατος, τό água
υἱός, ὁ filho
ὕμνος, ὁ hino
ὑποκριτής, ου, ὁ hipócrita, fingido
ὑπομονή, ἡ perseverança, firmeza

Φανερός, ά, όν visível
φθορά, ἡ destruição
φιλαδελφία, ἡ amor fraternal
φίλος, ὁ amigo
φόβος, ὁ medo
φρόνιμος prudente, sábio
φυλακή, ἡ vigília, guarda
φύλαξ, κός, ὁ sentinela
φωνή, ἡ som
φῶς, φωτός, τό luz

Χαίρω alegrar-se
χαρά, ἡ alegria
χάρις, ιτος, ἡ graça
χείρ, χειρός, ἡ mão
χρεία, ἡ necessidade

χρόνος, ὁ tempo
χρυσίον, τό ouro, jóias
χρυσός, ὁ ouro
χώρα, ἡ terra

Ψεύδομαι mentir
ψεῦδος, τό falsidade
ψυχή, ἡ alma

Ὧδε aqui
ὥρα, ἡ hora
ὡς como
ὥσπερ (assim) como
ὥστε portanto

Acusativo
Ac. absoluto §14.53
Ac. adjetivo §15.33
Ac. adverbial §14.6
Ac. cognato §13.2 ss.
Ac. de especificação §15.331
Ac. de referência §14.63
Adjetivo
Atributivo §15.1 ss.
Definição §10.32
Posição do §15.12 ss.
Advérbio §10.34, 14.2 ss.
Adv. correlativo §17.7121
Adv. de negação §14.22 ss.
Anáfora §15.2111
Anartro §13.51
Apódose §17.6111
Aposto §15.6 ss.
Assíndeto §17.13
Artigo definido §12.241
Omissão do artigo definido §15.24 ss.
Posição §15.23 ss.
Uso anafórico §15.2111
Uso elativo §15.2112
Uso gramatical (ou sintático) §15.213
Usado como pronome demonstrativo §12.241
Usado como pronome pessoal §15.214 ss.

Comparações - vide partícula comparativa
Complemento do verbo §13ss.
Complemento objetivo §13.3
Conjunção §10.36 ss.
Conj. coordenativas §10.361
Conj. subordinativas §10.362

Dativo §14.1
Dat. adjetivo §15.32
Dat. de agente §14.12, 15.322
Dat. de causa §14.16
Dat. de objeto indireto §15.321
Dat. de referência §14.15, 15.3231
Dat. de semelhança §15.3232
Dat. de vantagem §14.14, 15.3233
Dat. ético §15.3234
Dat. locativo §14.13, .131, 15.323
Predicado dativo §13.8 ss.
Demonstrativo correlativo §17.721
Depoentes §11.44
Diagramação de orações §10.6 ss.
Adjetivos §10.6121
Adverbios §10.6131
Apostos §10.6124
Discurso direto §10.6361
Discurso indireto §10.6362
Genitivos absolutos §10.6134
Infinitivos §10.614, 10.6142
Infinitivo articular §10.6332 ss.
Locuções preposicionais §10.6122, 10.6132
Modificadores de modificadores §10.615
Orações adjetivas relativas §10.632
Orações adverbiais §10.633
Orações comparativas §10.635
Orações correlativas § 10.631
Orações substantivas §10.614 ss.
Particípios §10.6123, 10.6133
Períodos compostos §10.62
Períodos simples §10.61
Substantivos dativos §10.6122
Substantivos genitivos §10.6122
Discurso direto §18.8321
Discurso indireto §17.8232 ss.

Elação §15.2112
Elipse §10.14, 17.73 ss.

Genitivo
Gen. absoluto §14.5 ss.
Gen. adnominal §15.319
Gen. atributivo §15.311
Gen. de aposição §15.3112
Gen. de causa ou origem §15.317
Gen. de comparação §15.3152
Gen. de descrição §15.3151
Gen. geográfico §15.3182
Gen. de material §15.315
Gen. de medida §15.316
Gen. objetivo §15.314
Gen. de parentesco §15.3121
Gen. partitivo §15.318
Gen. possessivo §15.312
Gen. predicado §13.7 ss.
Gen. de referência §15.3111
Gen. subjetivo §15.313

Infinitivo §10.381
Após δια §14.423
Após εις ou προς §14.4223
Após ωστε ou ως §14.4224
Após του §14.4222
Complementar §13.61
Indicando propósito §14.422
Indicando resultado §14.422
Objeto de um infinitivo §12.521
Sujeito acusativo de um infinitivo §10.311
Tempo antecedente §14.421
Tempo contemporâneo §14.4212
Tempo subsequente §14.4213
Usado como modificador verbal §14.42, 15.8
Uso substantivo §12.5
Uso temporal §14.421 ss.
Interjeição §10.37

Locuções adverbiais §14.3 ss.
Locuções preposicionais §14.31 ss.
Loc. prep. adjetivas §15.4

Modificadores de modificadores §16. ss.
Modos verbais
Imperativo §11.32 ss.
Indicativo §11.31 ss.
Optativo §11.34 ss.
Op. potencial §11.342
Subjuntivo §11.33 ss.
Deliberativo §11.331
Hortatório §11.332

Nominativo §12.1 ss.
Número nas formas verbais §11.1 ss.
Numerais como modificadores §15.9

Objeto direto §13.1 ss.
Orações adjetivas §17.4 ss.
Posição das orações adjetivas §17.42 ss.
Orações adverbiais §14.4, 17.5
Orações causais §10.3623
Expressa pelo infinitivo articular §17.5328
Expressa pelo particípio §17.5327
Oraçoes comparativas §17.7 ss.
Orações concessivas §17.61; 17.612; 17.65
Orações condicionais §17.61, 17.612
Orações infinitivas §17.313
Usada adjetivamente §17.44
Orações locais §10.3622, 17.52
Orações participiais usadas adjetivamente §17.43 ss.
Orações de propósito §10.3624, §17.54 ss.
Orações relativas §15.57 ss.
Orações de resultado §10.3625, 17.55 ss.
Orações subordinadas §10.431
Orações substantivas §17.3 ss.

Particípio §10.382, 12.4
Objeto de um particípio §10.382
Part. atributivo §15.71
Part. suplementar §13.9 ss.
Usado adverbialmente §14.41 ss.
para mostrar causa §14.412
para mostrar condição §14.415

para mostrar meios §14.413
para mostrar propósito §14.414
Partícula comparativa §17.713
Perífrase §10.411 ss.
Períodos §10.1, 17 ss.
Períodos compostos §10.421, 17.1 ss.
Pessoa nas formas verbais §11.1
Predicado §10.12
Predicado completo 410.122
Predicado simples §10.121
Preposições §10.35
Que levam substantivos no acusativo §15.43
Que levam substantivos no dativo §15.42
Que levam substantivos no genitivo §15.41
Impróprias §15.44
Objeto da §14.3 ss.
Pronome §12.2, 15.5ss.
Definição §10.312
Demonstrativo §15.54
Indefinido (no nom.) §12.23
Intensivo §15.53 ss.
Interrogativo §15.55
Pessoal §15.51 ss.
Relativo no nominativo §12.35
Prótase §17.6112

Substantivos §10.311
Usados como preposições §15.45
Substantivos adjetivais §15.5
Substantivos anartros §15.2
Substantivos artros §15.2
Sujeito §10.11 ss.
Sujeito completo §10.112
Sujeito definido §12. ss.
Sujeito simples §10.111
Sintaxe do verbo §11. ss.

Tempo verbal §11.5 ss.
Aoristo §11.54
Constativo §11.541
Cumulativo §11.543

Dramático §11.546
Epistolar §11.545
Gnômico §11.544
Ingressivo §11.542
Tempos futuros §11.55 ss.
Deliberativo §11.553
Gnômico §11.554
Imperativo §11.552
Preditivo §12.551
Imperfeito do indicativo §11.53 ss.
Conativo §11.533
Desiderativo §11.534
Inceptivo §11.531
Iterativo §11.532
Mais-que-perfeito §11.47 ss.
Perfeito §11.56 ss.
Perf. consumativo §11.561
Perf. intensivo §11.562
Presente §11.52 ss.
Aorístico §11.527
Conativo §11.523
Futurístico §11.522
Gnômico §11.524
Histórico §11.521
Tabela ref. ao tipo e tempo da ação §11.51
Tipo da ação §11.512

Verbo §10.33
Verbos compostos e seus objetos §13.748
Verbos impessoais §11.114
Verbos intransitivos §11.21, 11.41
Número §11.1 ss.
Sintaxe §11. ss.
Transitivo §11.221, 11.41
Voz
Ativa §11.4
Média §11.43
Intensiva §11.432
Permissiva §11.433
Reflexiva §11.431
Passiva §11.42

BIBLIOGRAFIA CITADA

1. ARDNT e GINGRICH. A Greek English Lexicon of the N.T. and Other Early Christian Literature. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

2. BUCK, C.D. The Greek Dialects. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

3. BURTON, E.D. International Critical Commentary.

4. DANA, H.E. e MANTEY, J.R. A Manual Grammar of the Greek New Testament.

5. DEBRUNNER, A e BLASS, F. A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature. Chicago: University of Chicago Press,1961.

6. GOODWIN, Wm. W. Greek Grammar. Boston: Ginn e Co., 1930/1958.

7. GREENLEE, J.H. Gramática Exegética Abreviada do Grego Neotestamentário. Rio de Janeiro: JUERP , 1973.

8. HARRIS, M.J. "Preposições", in Novo Dicionário Internacional de Teologia do N.T., Vol.III. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

9. MOULE. Idiom Book. Londres: Cambridge University Press, 1963.

10. ROBERTSON. Grammar of the Greek New Testament in Light of Historical Research. Nova York: Hodder Stoughton, 1914.

11. SMYTH, H.W. Greek Grammar. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1956.

12. STURTEVANT, E.H. An Introduction to Linguistic Science. New Haven: Yale University Press,1946.

13. WIKGREEN, A. et. al. Hellenistic Greek Texts. Chicago: University of Chicago Press, 1947.

SUGESTÕES DE OBRAS EM PORTUGUÊS

1. BARCLAY, Wm. Palavras Chaves do N.T. São Paulo: Edições Vida Nova, 1985.

2. BROWN, ed. Novo Dicionário Internacional de Teologia do N.T. Vols.I-IV. São Paulo : Edições Vida Nova, 1983-1985.

3. GINGRICH e DANKER. Léxico do N.T. - Grego/Português. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.

4. REGA, L.S. Noções do Grego Bíblico. São Paulo : Edições Vida Nova, 1986.

5. RIENECKER e ROGERS. Chave Lingüística do N.T. Grego São Paulo: Edições Vida Nova, 1985.

6. TAYLOR, W. C. Introdução ao Estudo do N.T. Grego Rio de Janeiro: JUERP, 1977.

7. _____. Dicionário do N.T. Grego. Rio de Janeiro: JUERP, 1978.

Todo estudante de algum idioma sabe que o conhecimento de palavras isoladas (como as temos num dicionário, por exemplo) não é suficiente para o domínio de uma língua. A junção das palavras com o objetivo de transmitir sentido é o objeto de estudo da sintaxe; é a sistematização de regras que definem os vários elementos sintáticos de um idioma. Sem sombra de dúvida, é a parte mais importante no estudo de uma língua.

Com ênfase na sintaxe do grego do Novo Testamento, o Dr. LaSor trata destes assuntos, entre outros:

- sintaxe geral
- sintaxe do verbo
- o sujeito da oração
- o complemento verbal
- modificadores do verbo
- modificadores do substantivo
- períodos compostos
- tabela com pronúncia de vogais e ditongos
- tabelas de preposições
- paradigmas de declinações
- vocabulário básico do grego bíblico

Acrescente-se a esses aspectos outro elemento importante: o uso deste volume é altamente facilitado pela presença de um índice remissivo.

Sobre o Autor

O Dr. LaSor foi professor de Antigo Testamento durante várias décadas nos Estados Unidos e viajava pelo mundo inteiro fazendo suas palestras, tendo estado também no Brasil. Impressiona o fato de que ele tinha domínio de 20 línguas.

edições VIDA NOVA

LISTA DE EXERCÍCIOS

1. (ITA) Além da poesia de caráter social, que reflete o momento histórico da época, integram a obra desse poeta poemas lírico-amorosos, com uma visão mais realista e sensual do amor e das mulheres. Um dos excertos a seguir **não** pertence ao poeta a que se referem essas informações:

a) " Ó mar supremo, de fragrância crua/ de pomposas e de ásperas realezas/ cantai, cantai os tédios e as tristezas/ que erram nas frias solidões da lua";
b) "Presa aos elos de uma só cadeia/ a multidão faminta cambaleia/ e chora e dança ali";
c) "Astros! Noites! Tempestades! / Rolai das imensidades/ varrei os mares tufão!";
d) "Não posso da vida à campa/ transportar uma saudade/ Cerro meus olhos contentes/ sem um ai de saudade";
e) "O seio virginal, que a mão recata/ embalde o prende a mão... cresce, flutua.../ Sonha a moça ao relento... Além da rua/ preludia um violão na serenata...".

2. (FMU/FIAM-SP) O homem de todas as épocas se preocupa com a natureza. Cada período a vê de modo particular.
No Romantismo, a natureza aparece como um(a):

a) cenário cientificamente estudado pelo homem; a natureza é mais importante que o elemento humano.
b) cenário estático, indiferente; só o homem se projeta em busca de sua realização enquanto pensante.
c) cenário sem importância nenhuma; apresentando-se apenas como pano de fundo para as emoções humanas.
d) confidente do poeta, que compartilha seus sentimentos com a paisagem: a natureza modifica-se de acordo com a emoção.
e) cenário idealizado, cuja marca é a perfeição; nele, todos são felizes, e os poetas – pastores – habitam os montes.

3. (F. C. Chagas–BA)

É bela a noite, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrelas recamado;
Mas nessa escuridão, nesse silêncio
Que ele consigo traz, há um quê de horrível
Que espanta e desespera e geme n'alma
Um quê de triste que nos lembra a morte!

Esses versos:

a) ilustram a característica romântica da projeção do estado de espírito do poeta nos elementos da natureza.
b) exemplificam a característica romântica do pessimismo, Mal do século, que vê na natureza algo nefando.
c) exploram a característica romântica do sentimentalismo amoroso, que vê em tudo a tragédia do amor impossível.
d) apontam a característica romântica do nacionalismo, que valoriza a paisagem de nossa terra.
e) apresentam a característica romântica do descritivismo, capaz de valorização exagerada da natureza.

4. (PUC-RS)

Era a virgem do mar! na escuna fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia.

A estrofe mostra que a mulher aparece frequentemente na poesia de Álvares de Azevedo como:

a) sensual.
b) concreta.
c) próxima.
d) natural.
e) inacessível.

5. (UFPB) Os versos de Castro Alves, a seguir, caracterizam a(o):

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor!
É o antro onde a liberdade
Cria águias em seu calor

a) lirismo subjetivo, marcado pelo desespero do pecador arrependido.
b) lirismo religioso, exprimindo o anseio de purificação do espírito.
c) lirismo político-social, cantando o anseio do homem pela liberdade.
d) epopéia romântica, cujo motivo principal é o nacionalismo xenófobo.
e) expressão da épica do Romantismo, expressa a partir do culto à natureza.

6. (Fuvest)

Já da morte o palor me cobre o rosto,
Nos lábios meus, o alento desfalece,
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgosto.

Esses versos apresentam características de qual tendência romântica?

a) Mal do Século
b) Bucolismo
c) Condoreirismo
d) Nacionalismo
e) Indianismo

7. (UFPI) Marcar a opção que melhor define o tipo de humor explorado pelo poeta na estrofe a seguir.

Coração, por que tremes? Vejo a morte,
Ali vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ela?...
Se ela ao menos dormisse mascarada!...

a) Humor negro, cético, em que zomba de sua própria dor.
b) Sátira, com o propósito de reformar determinada situação.
c) Humor colérico, aplicado com o intuito de ironizar e castigar.
d) Espírito de troça, pilhéria para divertir e provocar risos.
e) Oposição entre o racional e o irracional, deturpando o natural.

8. (Cescem) A partir da leitura da estrofe a seguir, marcar o **correto**.

Minh'alma é triste como a rola aflita
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

a) A natureza agride o poeta: não há amparo para os desenganos.
b) A beleza do mundo não é suficiente para mitigar a solidão do poeta.
c) O poeta atribui ao mundo exterior estados de espírito que o envolvem.
d) A morte, impregnando todos os seres, tira do poeta a alegria de viver.
e) O poeta recusa valer-se da natureza, que só lhe traz a sensação de morte.

9. (Fuvest) Associe os trechos a seguir com os respectivos movimentos literários, cujas características estão assim anunciadas: Romantismo (evasão e devaneio na realização de um erotismo difuso); Arcadismo (aproveitamento do momento presente) Barroco (efemeridade da beleza física, brevidade enganosa da vida)

I. Ah, enquanto os destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada;
Façamos, sim, façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.

II. É a vaidade, Fábio, nessa vida
Rosa, que da manhã lisonjeada
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

III. E quando eu durmo, e o coração ainda
Procura na ilusão tua lembrança
Anjo da vida, passa nos meus sonhos,
E meus lábios orvalha de esperança.

a) I – Romantismo; II – Arcadismo; III – Barroco
b) I – Barroco; II – Arcadismo; III – Romantismo
c) I – Arcadismo; II – Romantismo; III – Barroco
d) I – Arcadismo; II – Barroco; III – Romantismo
e) I – Barroco; II – Arcadismo; III – Romantismo

10. (Vunesp) Baseando na leitura do texto de Álvares de Azevedo, assinale a única alternativa **incorreta**.

Junto a meu leito, com as mãos unidas,
Olhos fitos no céu, cabelos soltos,
Pálida sombra de mulher formosa
Entre nuvens azuis pranteia orando.
É um retrato talvez. Naquele seio
Porventura sonhei doiradas noites.
Talvez sonhando desatei sorrindo
Alguma vez nos ombros perfumados
Esses cabelos negros, e em delíquio
Nos lábios dela suspirei tremendo.
Foi-se minha visão. E resta agora
Aquela vaga sombra na parede
– Fantasma de carvão e pó cerúleo
Tão vaga, tão extinta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.

a) Considerando os aspectos temáticos e formais do poema, pode-se vinculá-lo ao segundo momento do movimento romântico: a geração esplim, o Mal do século.
b) A presença da mulher amada torna-se o ponto central do poema. Isso é claramente manifestado pelas recordações do eu-lírico, marcado por um passado vivido, que volta em imagens e sonhos.
c) O texto reflete um articulado jogo entre o plano do imaginário e o plano real. Um dos elementos, entre outros, que articulam essa construção é a alternância dos tempos verbais presente/passado.
d) Realidade e fantasia tornam-se a única realidade no espaço da poesia lírica romântica, – um gênero por demais cultivado dentro desse movimento estético.
e) Apesar de utilizar decassílabo, esse poema possui o andamento próximo ao da prosa. Esse aspecto formal é importante para intensificar certo prosaísmo intimista da poesia romântica.

Ernani 27/3/09
Rev. KA

MATERIAL 2018 - DIVERSAS ÁREAS

116 APOSTILAS ATUALIZADAS PARA TODAS AS ÁREAS

1 - Curso de Direito Internacional Privado (2018) - Valerio de Oliveira Mazzuoli https://adflyk.com/7eXK7C

2 - Direito do Trabalho - Teoria e Questões Práticas (2018) - Rogério Renzetti https://adflyk.com/qyIA

3 - Curso de Direito Processual Civil - V.1 (2018) - Fredie Didier Jr https://adflyk.com/qICHUM3

4 - Direito Processual Civil - Misael Montenegro Filho – 2018 https://adflyk.com/WtPMKI

5 - Novo Código de Processo Civil Comentado - Misael Montenegro Filho – 2018 https://adflyk.com/OSrZ

6 - O Direito Privado e o novo Código de Processo Civil - Repercussões, Diálogos e Tendências (2018) - Felipe Netto, Michael César e Vinícius Thibau

https://adflyk.com/ABRyOy

7 - Responsabilidade Civil (2018) - Caio Mário da Silva Pereira https://adflyk.com/zR9z8Z

8 - A Fazenda Pública em Juízo (2018) - Leonardo Carneiro da Cunha https://adflyk.com/IdfQnn

9 - Constituição Federal Interpretada - Artigo por artigo, Parágrafo por parágrafo - 9ª Ed. 2018 -Costa Machado
https://adflyk.com/OsFIx

10 - Curso Direito Constitucional 2018 - Ana Paula de Barcellos https://adflyk.com/O2DZLas3

11 - Curso Direito Constitucional 2018 - Walber de Moura Agra https://adflyk.com/P4qc

12 - Direito Administrativo Moderno (2018) - Odete Medauar https://adflyk.com/GsT8jllq

13 - Prática Penal para Exame da OAB - Ana Flávia Messa – 2018 https://adflyk.com/ag74sXml

14 - Como Passar na OAB - 1ª Fase - 5.000 Questões Comentadas (2018) - Wander Garcia https://adflyk.com/qJO2

15 - Reta Final OAB - Reforma Trabalhista - Leone Pereira e Renata Orsi 2018 https://adflyk.com/2Znx6

16 - IPHAN - Auxiliar Institucional - Administração (2018) - Novas Concursos https://adflyk.com/ODvn

17 - IPHAN - Conhecimentos Básicos - Todos os cargos (2018) - Gran Cursos https://adflyk.com/WUil

18 - Regimento Interno da CLDF 2018 - Esquematizada - Versão final https://adflyk.com/euSzJ9NM

19 - Cadernos-2018 https://adflyk.com/Cn3W

20 - Constitucional - 100 Assertivas comentadas FCC - Notall Vítor Cruz 2018 https://adflyk.com/hQ9It3I

21 - VUNESP - Atualidades 2018 https://adflyk.com/QVXpd2

22 - Guia Método do Concurso Público - Tudo para sua Preparação – 2018 https://adflyk.com/QfJU6vkS

23 - COMO CRIAR REDAÇÃO CESPE – 2018 https://adflyk.com/NumYW

24 - Livro de Questoes Comentadas e Gabaritadas - 2018 - NOVA CONCURSOS https://adflyk.com/IdSq4bf

25 - MANUAL TÉCNICO DE ORÇAMENTO 2018 - MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO https://adflyk.com/9Cea

26 - 33 Questoes Constitucional FCC 2018 https://adflyk.com/FtIKjLn

27 - 500 QUESTÕES GABARITADAS CESP – 2018 https://adflyk.com/ee5Oh

28 - ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA RS 2018 - TÉC. JUDICIÁRIO - A CASA DO CONCURSEIRO https://adflyk.com/SmuCM

29 - ALESE -Técnico legislativo 2018 https://adflyk.com/TI8pVc

30 - COMPESA - 2018 - NOVA CONCURSOS https://adflyk.com/CktxMz

31 - Assembleia Legislativa - RO - Assistente Legislativo (2018) - Novas Concursos https://adflyk.com/DcU9iP

32 - Tecnicas e Ciclos para Receita Federal 2018 - DIOGO MOREIRA https://adflyk.com/IZUHkIa

33 - EBSERH - Técnico em Enfermagem (2018) - Nova Concursos https://adflyk.com/SqXbI7Ye

34 - Criminologia (2018) - Eduardo Viana https://adflyk.com/WnRsan

35 - REGIMENTO INTERNO ORGANIZADO TRT-RJ – 2018 https://adflyk.com/55HI

36 - TRT 1 -RJ - Técnico Judiciário - Área Administrativa (2018) – Vestcon https://adflyk.com/7mBjD

37 - TRT 15 2018 - TEC. JUDICIÁRIO ADM - A CASA DO CONCURSEIRO https://adflyk.com/hQ5hLP

38 - 600 Questões AOCP para o TRT-RJ (2018) – Estratégia https://adflyk.com/wDTVXK

39 - TRT RJ 2018 - TEC. JUDICIÁRIO ADM - A CASA DO CONCURSEIRO https://adflyk.com/W58myH

40 - Informativo de Jurisprudência - STJ - Superior Tribunal de Justiça (2018) https://adflyk.com/ReMS4

41 - Principais Julgados do STF e STJ - 2017 - CADERNO DE QUESTÕES 2018 https://adflyk.com/db3fWop

42 - STJ Revista de Recursos Repetitivos 2018 https://adflyk.com/va6UDS

43 - TJ SP INTERIOR 2018 – ESTRATÉGIA https://adflyk.com/5IoYHLR

44 - TJ SC -Tecnico Judiciario 2018 - NOVA CONCURSOS https://adflyk.com/PN2qHy

45 - Súmulas Criminais STF e STJ - ORGANIZADAS E COMENTADAS – 2018 https://adflyk.com/GIYTI

46 - MP MG - Legislação e Dicas (2018) - Leonardo Barreto Alves – https://adflyk.com/QituJp

47 - MPU 2018 - Edital Verticalizado – ALFACON – https://adflyk.com/9BNIQ

48 - GUIA DE ESTUDO PARA O MPU 2018 - FOLHA DIRIGIDA – https://adflyk.com/zTSfuzO

49 - Banco do Nordeste – BNB – 2018 - Conhecimentos Bancários - Parte 1 - https://adflyk.com/PONY92U

50 - Questões Gabaritadas BNB - GRAN CURSOS - https://adflyk.com/BV1KIZ

51 - BNB 2018 - ESTRATÉGIA https://adflyk.com/SkykuvRI

52 - BNB -2018 Analista Bancario - A CASA DO CONCURSEIRO https://adflyk.com/HXj2aA6

53 - Apostila Banco do Brasil - Escrituário (2018) - Nova Concursos https://adflyk.com/68HjIfi

54 - BB Conhecimentos Bancarios - 2018 - CID ROBERTO https://adflyk.com/U8OV

55 - BANCO DO BRASIL - TI - ESCRITURÁRIO - 2018 - A CASA DO CONCURSEIRO https://adflyk.com/pOrqSIAn

56 - INSS - Técnico do Seguro Social (2018) - Novas Concursos https://adflyk.com/1F7d

57 - PF e PRF - 644 Questões Comentadas - Estilo Cespe (2018) - Operação Federal https://adflyk.com/wcPqY

58 - DEPEN 2018 https://adflyk.com/yhvaLC

59 - Agente Penitenciário - Exercícios Português (2018) - José Carlos Flauzino https://adflyk.com/tUWI2Hus

60 - Simulado Nacional PF (2018) Estratégia https://adflyk.com/mV4CnY

61 - PC RS - Delegado de Policia -2018 - Direitos Humanos - Mateus Silveira https://adflyk.com/dLJqB

62 - PC SP - Agente Policial 2018 - APOSTILAS OPÇÃO https://adflyk.com/mWwJ

63 - PC SP- 500 Questões Comentadas (2018) - Nova Concursos https://adflyk.com/8JH58V

64 - PM-PE - Soldado (2018) - Nova Concursos https://adflyk.com/gimh

65 - PM SE - SOLDADO PM 3º CLASSE COMBATENTE 2018 – NOVA https://adflyk.com/IpBdq

66 - PM PE 2018 - FOCUS CONCURSOS - CURSO COMPLETO https://adflyk.com/cJnyfdE

67 - PM DF 2018 - DIREITO ADM - PROF EVANDRO ZILLMER https://adflyk.com/yZmq4

68 - PM PB Soldado (2018) - BR Concursos https://adflyk.com/xIWSLqQg

69 - PM 2018 - PREPARATÓRIO JC https://adflyk.com/CtdIWL

70 - PM RN (2018) – LCP https://adflyk.com/OrDDiW9I

71 - COLEÇÃO PROVAS DISCURSIVAS https://adflyk.com/p4qz

72 - COLEÇÃO SINOPSES PARA CONCURSOS https://adflyk.com/UKcMe

73 - CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/KyZI

74 - DEFENSORIA PÚBLICA - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/J7gOXt

75 - DIREITO ASMINISTRATIVO - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/D9IQ

76 - DIREITO AMBINETAL - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/pzeNnTP

77 - DIREITO AUTORAL - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/GNh8JbpR

78 - DIREITO CIVIL - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/hkIB

79 - DIREITO CONSTITUCIONAL - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/yDOSN

80 - ÁREA DA SAÚDE - 4 APOSTILAS https://adflyk.com/6UPrn

81 - DIREITO DO TRABALHO 2018 - NOVA CLT, RESUMOS, LIVROS E APOSTILAS (ATUALIZADO) https://adflyk.com/TrAam

82 - DIREITO ELEITORAL 2018 - (ATUALIZADO) https://adflyk.com/rKV8mm6V

83 - DIREITO EMPRESARIAL E CONSUMIDOR - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/QLUNt

84 - DIREITO IMOBILIÁRIO E AGRÁRIO - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/K0HJ

85 - DIREITO INTERNACIONAL E DIREITOS HUMANOS - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/Dkfc

86 - DIREITO PENAL 2018 - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/ukK9J

87 - DIREITO PREVIDENCIÁRIO - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/sGtJDVz

88 - DIREITO TRIBUTÁRIO - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/7NUbPNV1

89 - INFORMÁTICA PARA CONCURSOS - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/3O1DsOt

90 - INGLÊS https://adflyk.com/aDN4JSV

91 - JURISPRUDÊNCIAS - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/SxLQ5IC

92 - LIVROS JURÍDICOS - 63 LIVROS NO TOTAL https://adflyk.com/H27e

93 - MAGISTRATURA E MP - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/3qn2pd

94 - 28 MAPAS MENTAIS DE DIVERSAS ÁREAS https://adflyk.com/4GJFo01

95 - MATEMÁTICA E RL - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/jbrmXIk

96 - MEDICINA LEGAL E CRIMINOLOGIA - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/kPLrI4

97 - MENTE E ESTUDO - DIVERSOS MATERIAIS https://adflyk.com/FEiew3S

98 - OAB - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/kvpnommk

99 - PRPOCESSO PENAL - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/6LXs49

100 - QUESTÕES - VÁRIAS APOSTILAS https://adflyk.com/phhk

101 - MAGISTRATURAS E MINISTÉRIO PÚBLICO ESTADUAL - G7 https://adflyk.com/PPKjbrV9

102 - PM BA / SOLDADO 2017 - APOSTILAS OPÇÃO https://adflyk.com/XGhJJW1

103 - CONCURSOS MILITARES - PROVAS E GABARITOS (AERONÁUTICA, EXÉRCITO E MARINHA) https://adflyk.com/rMdGd

104 - PRF - Agora eu passo https://adflyk.com/Jmdf

105 - INSS 2017/2018 (Técnico do Seguro Social) – ESTRATÉGIA https://adflyk.com/WtnTEJP0

106 - AGEPEN MG https://adflyk.com/XISVII9

107 - AUDITOR FISCAL DA RECEITA FEDERAL DO BRASIL 2018 – ESTRATÉGIA https://adflyk.com/YuMar0

108 - CONTABILIDADE - SILVIO SANDE https://adflyk.com/mSh3IIDX

109 - VADE MECUM ESTRATÉGICO PARA O INSS – TÉCNICO DO SEGURO SOCIAL 2018 https://adflyk.com/2Roe

110 - OAB 1º FASE – CEISC https://adflyk.com/FJLSL

111 - DEPEN 2018 https://adflyk.com/DkpmiNWv

112 - PM PE 2018 – FOCUS https://adflyk.com/8JQCow

113 - PM RN – FOCUS https://adflyk.com/EsJa6N

114 - Enfermagem https://adflyk.com/tEOVv

115 - DIREITO PENAL MILITAR – CERS https://adflyk.com/KwI17

116 - PC-MG (Escrivão) Pós-Edital 2018 – ESTRATÉGIA https://adflyk.com/WxYp

facebook | entre no grupo

PARTICIPE DE NOSSO GRUPO DO FACEBOOK, DEZENAS DE MATERIAIS POSTADOS TODOS OS DIAS: APOSTILAS, CURSOS, LIVROS, SIMULADOS, QUESTÕES COMENTADAS. VALE A PENA CONFERIR: MATERIAIS GRATUITOS PARA CONCURSOS PÚBLICOS (Mega e Google Drive)
https://www.facebook.com/groups/259686214717781/

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria completa e mais de 1.300 questões comentadas

3ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

e-book gratuito do livro
As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui MATERIAL COMPLEMENTAR
Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

© 2017, Método Editora Ltda
.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 3. ed. – Rio de Janeiro :Método, 2017 . 1611 p . – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1
Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têngue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio*, *felds-pa-to*, *sols-tí-cio*, *pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo*, *me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**qu**ei(s)**; **ór**g**ão(s)**, **ór**f**ã**, **í**m**ãs**; **á**g**uam**, en**xá**g**uem**; **fá**c**il**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**t**ons**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**p**is**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so**fá**(s), ax**é**(s)*, bon**gô**(s), vin**tém**(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).
* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz.*

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

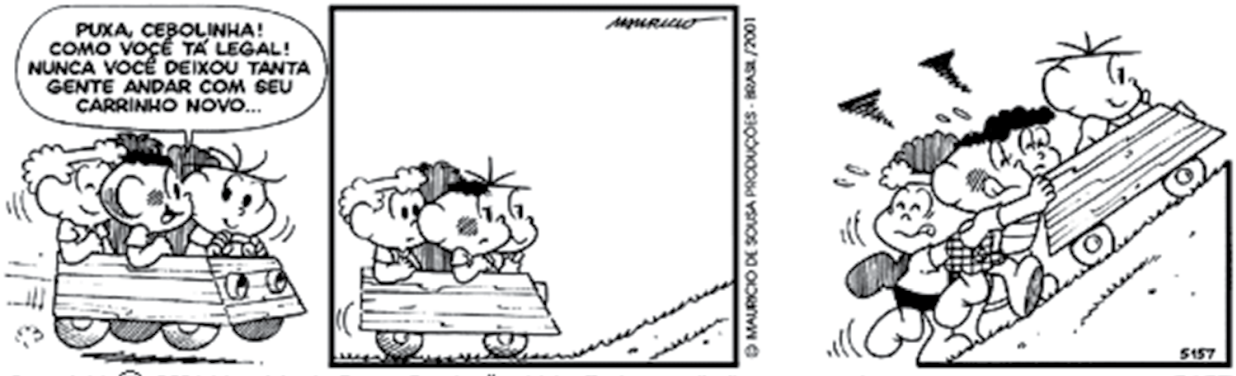

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

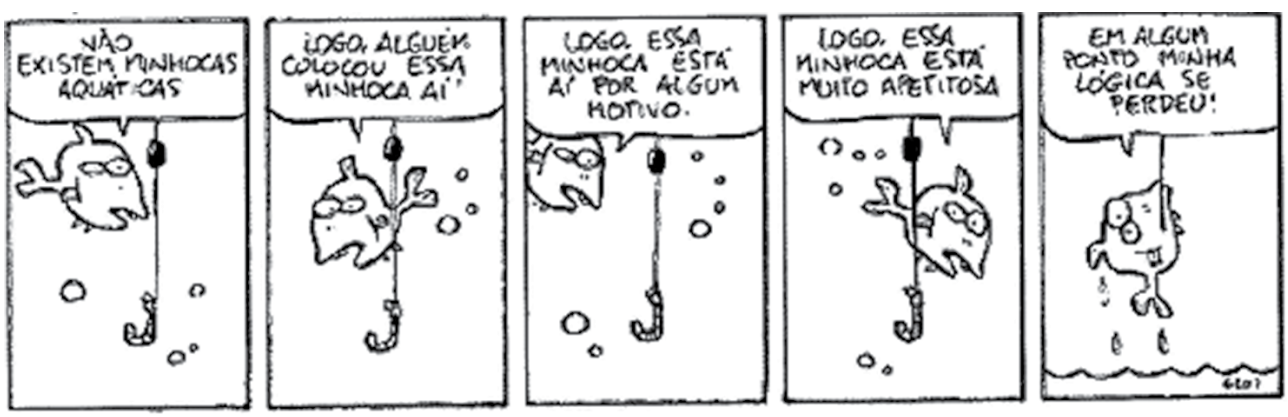

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 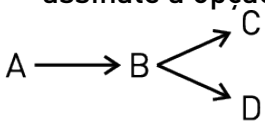

b) 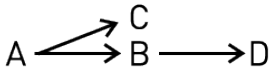

c)

d) 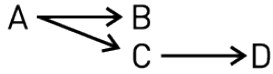

e) 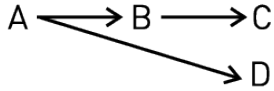

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

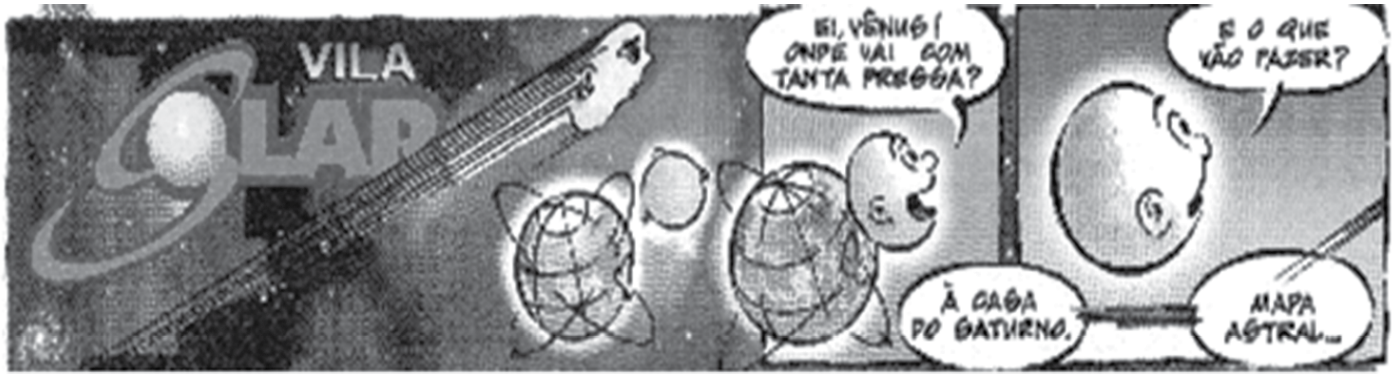

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

74 apostilas

Língua Portuguesa e Redação

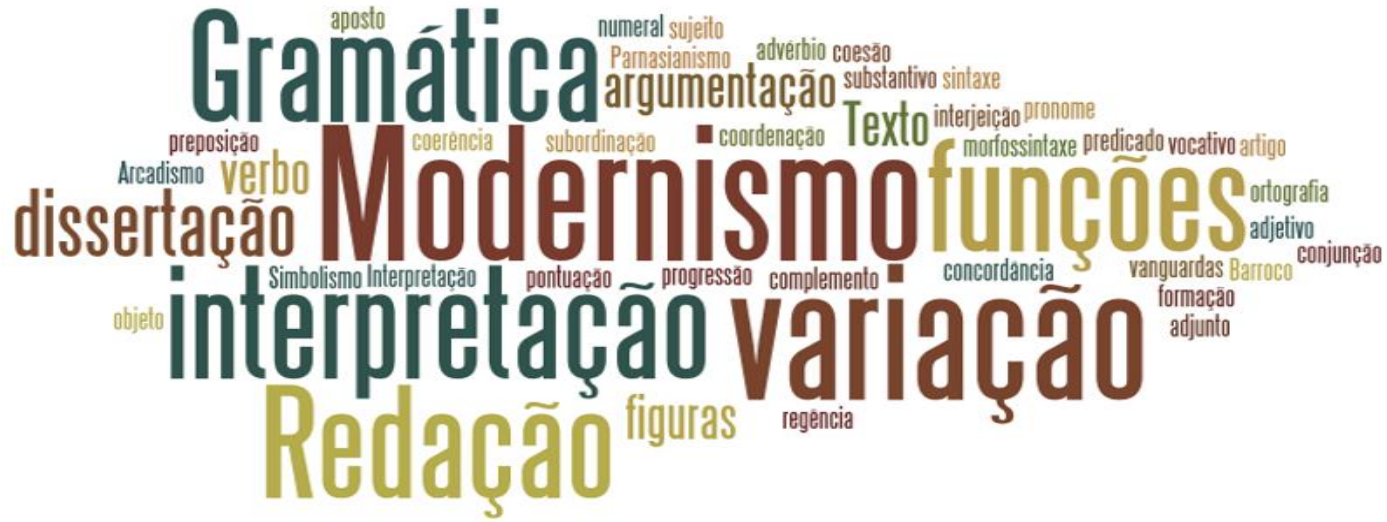

1 - 1.500 Questões de Português Divididas Por Assunto - Profº Fernando Pestana

https://adflyk.com/Tu8Np

2 - 1.000 Exercícios de Língua Portuguesa

https://adflyk.com/FXqnII

3 - 1.000 Exercícios Questões simuladas - PORTUGUÊS

https://adflyk.com/3oo3C

4 - 40 citações para REDAÇÃO

https://adflyk.com/bpI8nI

5 - 126 Pegadinhas em Língua Portuguesa (Para Vestibular e Concurso)

https://adflyk.com/MZAP

6 - 200 DICAS E MACETES DE PORTUGUÊS

https://adflyk.com/zv6NVj

7 - 500 Questões de Portugues - FCC com Gabarito

https://adflyk.com/IVo3

8 - 600 Questões CESPE - Português - Grasiela Cabral

https://adflyk.com/BA8YcB

9 - A Gramatica para Concursos - Fernando Pestana

https://adflyk.com/wVEj

10 - A Gramática Para Concursos Públicos (2017) - Fernando Pestana -Material Complementar

https://adflyk.com/BHIiVUgI

11 - As Dúvidas de Português Mais Comuns Em Concursos (2015) - Gramática de A a Z - Fernando Pestana

https://adflyk.com/wfdokKT

12 - Camila Sabatin - Redação para os Concursos de Técnico e Analista - Coleção Tribunais e MPU - 2017

https://adflyk.com/scRv

13 - Como alcançar nota máxima na redação da FCC

https://adflyk.com/7LRXIHS

14 - Como Estudar Portugues para Concursos - Folha Dirigida

https://adflyk.com/hMWIP

15 - Compreensao e Interpretacao de texto - ALEGO

https://adflyk.com/6QtSr

16 - Compreensão e Interpretação de Texto - Vania Araujo - GRAN CURSOS

https://adflyk.com/fv4Bj8

17 - CONJUNÇÕES - FERNANDO PESTANA

https://adflyk.com/KkA6O

18 - CURSO DE REVISÃO + 400 QUESTÕES - CESPE - Flavia Rita

https://adflyk.com/NXzAmX6I

19 - Dez dicas para uma boa redação

https://adflyk.com/3eApR

20 - FIGURAS DE LINGUAGEM

https://adflyk.com/eRTEa

21 - GRAMÁTICA - QUESTÕES COMENTADAS - MARCOS PACCO

https://adflyk.com/2rbwXdEH

22 - Gramática aplicada para concursos - Décio Sena

https://adflyk.com/9L5b

23 - Gramatica comentada com interpretação de textos para concursos - Adriana figueiredo

https://adflyk.com/lJt9Lc3

24 - Gramática e Ortografia - Vol 1

https://adflyk.com/NHlsday

25 - Gramática e Ortografia - Vol 3

https://adflyk.com/hL9Xe

26 - Gramática e Ortografia - Vol 4

https://adflyk.com/dpmp

27 - Gramatica para concursos - Marcelo Rosenthal

https://adflyk.com/ffOSn

28 - Gramatica Pela Pratica -15ª Ed. - Ernani Pimentel

https://adflyk.com/GbR1

29 - Guia Prático da Nova Ortografia

https://adflyk.com/NZ2cKY

30 - Hipertreino de Redação Oficial para CLDF - Temas inéditos

https://adflyk.com/Fg6vfdF5

31 - INTERPRETAÇÃO DE TEXTO - Flávia Rita

https://adflyk.com/NE5j

32 - Interpretação de textos e semântica para concursos - Marcelo rosenthal

https://adflyk.com/dURYKp3

33 - Lilian Furtado & Vinícius C. Pereira - Português - Mais de 480 Questões fcc

https://adflyk.com/Q35WhbGb

34 - LÍNGUA PORTUGUA - 859 TESTES COM RESPOSTA - APOSTILAS SOLUÇÃO

https://adflyk.com/SzOrl

35 - LÍNGUA PORTUGUESA - Erros mais comuns

https://adflyk.com/sHumK

36 - Língua Portuguesa - Só Questões - LCP

https://adflyk.com/NA6qDxO

37 - Língua Portuguesa para Concursos - Duda Nogueira - 2ª ed. 2015

https://adflyk.com/yvMv

38 - Manual de Portugues Juridico - Eduardo Sabbag (2013)

https://adflyk.com/ybjo

39 - Manual de Português Jurídico (2016) - Eduardo Sabbag

https://adflyk.com/jltbs10w

40 - Mapas mentais - Português

https://adflyk.com/HC353LMG

41 - Moderna Gramática Portuguesa - Evanildo Bechara

https://adflyk.com/EJ1e

42 - MODO HARD AS QUESTÕES MAIS DIFÍCEIS - PORTUGUÊS CESPE

https://adflyk.com/yZRrdqT

43 - Morfologia - Claudio Moreno

https://adflyk.com/1A0YjaY

44 - Não Erre Mais - PORTUGUÊS AGRADÁVEL E DESCOMPLICADO - Luiz Antonio Sacconi - 2016

https://adflyk.com/PX7hQc

45 - Nova Gramática da Lingua Portuguesa Para Concursos (4ª Edição)

https://adflyk.com/1b3U503

46 - Novissima Gramatica da Língua Portuguesa - Cegalla

https://adflyk.com/QEg3PGA

47 - Ortografia - Claudio Moreno

https://adflyk.com/1qFd

48 - Pontuacao - Claudio Moreno

https://adflyk.com/yPNk

49 - Pontuação da Língua Portuguesa - ME SALVA

https://adflyk.com/vRLvzD

50 - PORTUGUES - Questões para concursos

https://adflyk.com/CGZnE3aW

51 - Português - Linguagens e suas Funções

https://adflyk.com/e74WG

52 - Português Basico 1 - Profº Zambelli

https://adflyk.com/tYa5

53 - Portugues Descomplicado - Flavia Rita

https://adflyk.com/qnyl6Iza

54 - Português Esquematizado (2018) - Agnaldo Martino - PEDRO LENZA

https://adflyk.com/RvJ6s

55 - Português Forense - João Bosco Medeiros e Carolina Tomasi - 2017

https://adflyk.com/2ZsvkJjy

56 - Português para Concursos - Eduardo Sabbag - 2017

https://adflyk.com/ATqG7

57 - Português para Concursos

https://adflyk.com/ZVYcYps

58 - Português para os Concursos de Técnico e Analista - Ricardo do Amaral Erse - 2015

https://adflyk.com/XGRV7L

59 - Questões Comentadas de Crase

https://adflyk.com/apd8

60 - Questões Comentadas de Lingua Portuguesa CESPE - 2016

https://adflyk.com/acRkX

61 - Questoes comentadas Português - Flavia Rita

https://adflyk.com/HYyQDRnp

62 - QUESTÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA DA IADES E DO CESPE - PROFESSOR GILBER BOTELHO (IGB) - 2018

https://adflyk.com/oxoB

63 - Redação - BRASIL CONCURSOS

https://adflyk.com/3zF3BfL3

64 - Redação - Para os Concursos de Técnico e Analista (2017)

https://adflyk.com/yQkzuYv

65 - Redação - Teoria e Prática - Série Provas & Concursos - 2ª Ed.

https://adflyk.com/5QWuUSqW

66 - REDAÇÃO - TURMA DE ELITE

https://adflyk.com/dFuOppfd

67 - Redacao sob medida - GRAN CURSOS

https://adflyk.com/NaS4reXW

68 - Regência nominal e verbal sem segredo

https://adflyk.com/SRjnMF

69 - REGRAS DA CRASE

https://adflyk.com/3OgA

70 - Revisão Português - SER PROTAGONISTA

https://adflyk.com/Hh6MCKCn

71 - SÉRIE600 - LINGUA PORTUGUESA - FOCUS

https://adflyk.com/HQtM

72 - Sintaxe - Claudio Moreno

https://adflyk.com/vs8VU

73 - Tecnicas de Redacao Para Concursos - Lilian Furtado

https://adflyk.com/OgBe9

74 - Temas De Redação Para Tribunais 3ª Ed 2017 - Tribunais E Mpu

https://adflyk.com/FinnNh

PARTICIPE DE NOSSO GRUPO DO FACEBOOK, DEZENAS DE MATERIAIS POSTADOS TODOS OS DIAS: APOSTILAS, CURSOS, LIVROS, SIMULADOS, QUESTÕES COMENTADAS. VALE A PENA CONFERIR:

MATERIAIS GRATUITOS PARA CONCURSOS PÚBLICOS (Mega e Google Drive)

https://www.facebook.com/groups/259686214717781/

Concurso
2013

ANVISA
Agência Nacional de Vigilância Sanitária

Professor Rômulo Passos

Legislação do SUS p/ Anvisa
60 Questões Comentadas da Cetro

Olá, amigos(as) concurseiros(as)!

Meu nome é **Rômulo Silva Passos**, sou graduado em Enfermagem pela UFPB e pós-graduado em Saúde Coletiva pelo ISC-UFBA. Exerci a função de coordenador municipal de saúde, durante quatro anos, em Campo Alegre de Lourdes-BA, minha terra natal. Na minha trajetória no mundo dos concursos, fui aprovado em cinco certames públicos na área da enfermagem e administrativa. Em 2012, fui aprovado em **1º lugar geral** no concurso da Secretaria Municipal de Saúde de Juazeiro-BA.

Ministrei recentemente, no site Ponto dos Concursos, um curso de Políticas Públicas da Saúde, Legislação e Gestão do SUS para o concurso de Analista Técnico Administrativo do MPOG, organizado pela ESAF. O curso foi um sucesso. Resolvi 535 questões de saúde pública. A maioria dos meus alunos obteve excelentes resultados no mega concurso do MPOG.

Por último, ministrei diversos cursos para o concurso da Anvisa. Esses cursos também foram um sucesso. Mas, infelizmente, o concurso apresentou muitos problemas no dia da aplicação da prova, sendo contestado por todos os especialistas de concursos.

O meu site de cursos em PDF de Saúde Pública, Epidemiologia e Enfermagem (www.romulopassos.com.br) está quase pronto. Será mais

um instrumento importante na preparação dos concurseiros da área da saúde.

Atualmente, sou servidor público federal do INSS e concurseiro como vocês.

Publiquei, recentemente pela editora Impetus, meu primeiro livro: **Legislação do SUS - 451 Questões Comentadas**. Esse livro foi fruto de muito trabalho. Preparei com muito carinho uma obra completa sobre a legislação do SUS.

Vou fazer uma proposta a vocês. Fiquem tranquilos, pois não é indecente . Se vocês gostarem desse material, indico a aquisição do meu livro de **Legislação do SUS - 451 Questões Comentadas**, pois está sensacional e aborda os assuntos mais difíceis cobrados pelo Cetro na prova da Anvisa, realizada no dia 02/06.

Veja abaixo os dados astronômicos da obra:

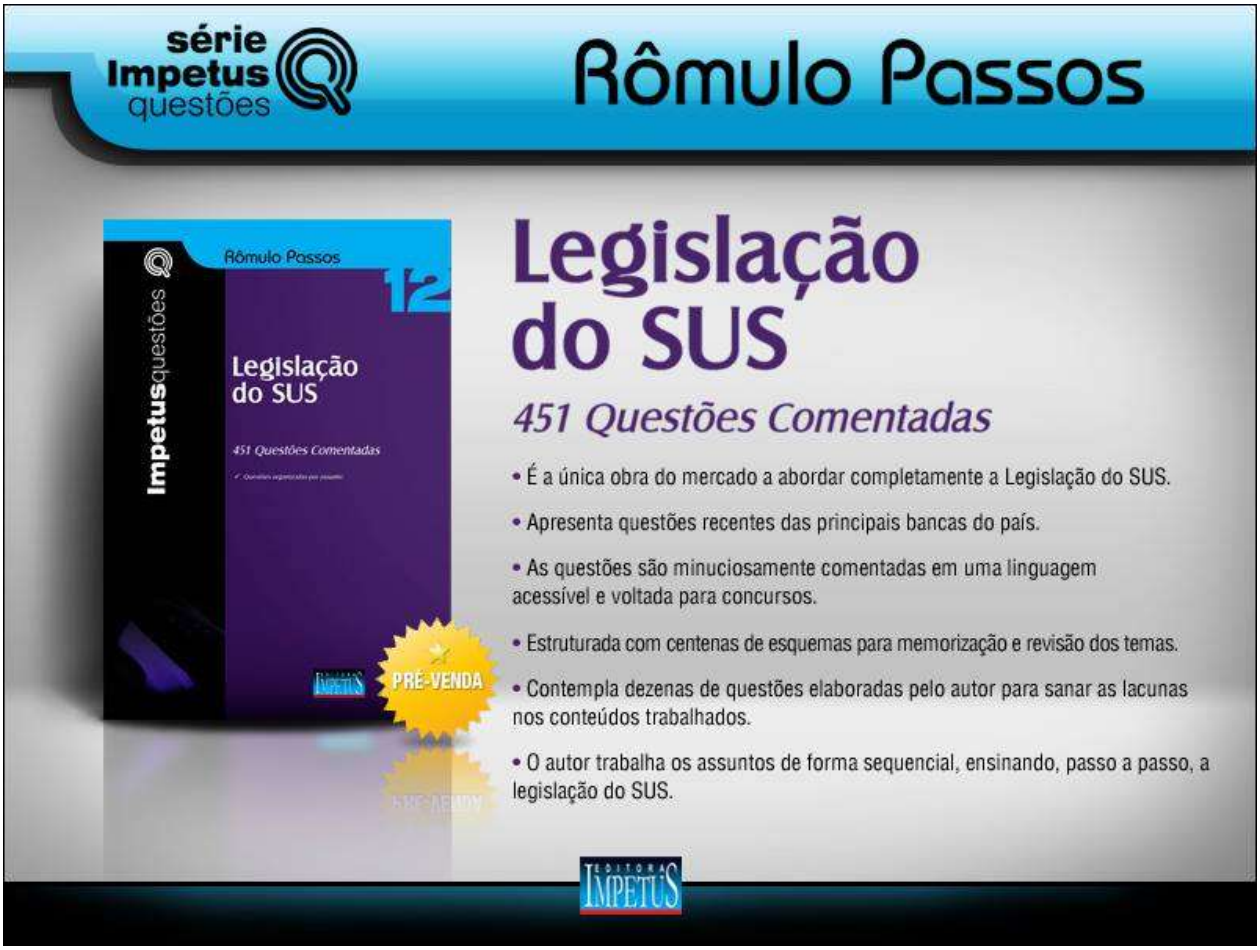

O Livro "**Legislação do SUS - 451 Questões Comentadas**" está disponível nas seguintes livrarias:

1 - LIVRARIA CONCURSAR: http://migre.me/feQnz

2 - LIVRARIA SARAIVA: http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/4938177;

3 - LIVRARIA RELATIVA: http://migre.me/feQ2L;

4 - LIVRARIA MAREMOTO: http://migre.me/feQ0a

5 - PORTAL DOS LIVROS: http://migre.me/feQ5c.

6 - BONDFARO: http://migre.me/foCC6

7 - LIVRARIA SILICIANO: http://migre.me/foCDD

8 - LIVROS DE DIREITO: http://migre.me/foCIb

Adquira já o seu, clicando em um dos links acima!

Segue abaixo sumário do livro:

https://www.dropbox.com/s/0jmrpm2rs67nf78/Sum%C3%A1rio_legislacao_do_SUS.pdf

Atenção! O **livro** já **está** nas **livrarias** e o **envio** é **feito imediatamente** após pagamento.

Após apresentação inicial, vamos falar sobre nosso **EBOOK gratuito de Legislação do SUS**.

Vamos comentar nada mais nada menos que **60** questões da Cetro.

Tive a preocupação de elaborar dezenas de esquemas gráficos de memorização e revisão.

Acredito que vocês dispõem de um material poderoso em mãos!

Se preferirem, podem ler as normas pertinentes antes responder as questões.

As questões utilizadas nesse material foram colocadas ao final do arquivo, de modo que vocês possam, **se preferirem**, tentar resolvê-las antes de lerem os comentários a elas referentes.

Atenção! Os comentários das questões desse e-book são resumidos. Para compreensão do conteúdo, indico a leitura preliminar dos respectivos assuntos do meu livro "**Legislação do SUS – 451 Questões Comentadas**".

No livro, explico o assunto com rigor de detalhes, exemplos e esquemas gráficos.

Então, não se esqueçam:

1 - Estudar os assuntos pelo meu livro.

2 - Aprofundar o estudo por esse e-book.

Vocês podem fazer isso por etapas. Por exemplo, respondem as questões do livro sobre a Lei nº 8.080/90, depois respondem as questões do ebook sobre essa norma. Em seguida, passam para outro assunto.

Após essas orientações, vamos ao estudo...

"Só existem dois dias no ano que nada pode ser feito. Um se chama ontem e o outro se chama amanhã, portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer e principalmente viver".

Dalai Lama

SUMÁRIO	PÁGINA
1 - Saúde na Constituição Federal de 1988	**07**
2 - Lei nº 8.080/1990 e suas modificações	**11**
3 - Lei nº 8.142/90	**62**
4 - Lei Complementar nº 141/2012	**74**
5 - Decreto nº 7.508/2011	**81**
Lista das Questões	**97**
Gabarito	**138**
Referências	**139**

1- Saúde na Constituição Federal de 1988

1. (Prefeitura Municipal de Piedade-SP/2006/CETRO) Assinale a alternativa **incorreta** quanto às diretrizes do Sistema Único de Saúde - SUS.

a) Descentralização e controle social.

b) Hierarquização e regionalização.

c) Centralização na assistência médica.

d) Participação complementar do setor privado.

e) Universalidade e equidade.

Comentários:

Meus amigos, essa questão foi de graça, né? É notável que um dos princípios dispostos no art. 198 da CF/88 é a **descentralização**, com direção **única** em cada esfera de governo. Vejamos:

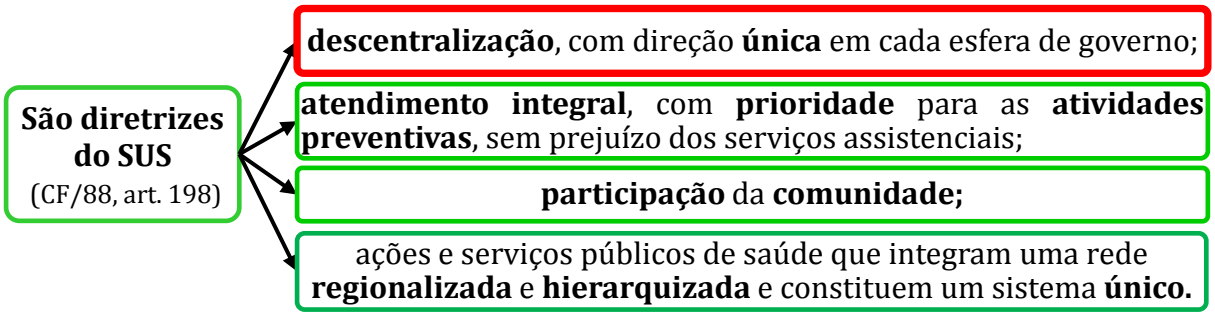

Diante do exposto, verificamos que a letra "c" está incorreta.

2. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) Baseado nos preceitos constitucionais, a construção do SUS (Sistema Único de Saúde) norteia-se pelos seguintes princípios doutrinários:

I. universalidade: a garantia de atenção à saúde por parte do sistema, a todo e qualquer cidadão.

II. integralidade: cada pessoa é um todo indivisível e integrante de uma comunidade.

III. equidade: assegurar ações e serviços de todos os níveis de acordo com a complexidade que cada caso requeira, more o cidadão onde morar, sem privilégios e sem barreiras.

IV. descentralização: a garantia constitucional de que a população usufruirá das unidades e das entidades representativas das políticas de saúde em todos os níveis, desde o federal até o local.

É correto o que está contido em

a) I e IV, apenas.

b) I, III e IV, apenas.

c) I, II, III e IV.

d) I, II e III, apenas.

e) II, III e IV, apenas.

Comentários:

Essa questão não é muito precisa. Apresenta alguns conceitos de forma indireta. O princípio constitucional da **participação popular** (controle social) preconiza que a população usufruirá das entidades representativas das políticas de saúde em todos os níveis, desde o federal até o local. As principais instâncias de controle social na saúde são os conselhos e as conferências de saúde.

Por outro lado, a **descentralização** político-administrativa é orientada pela direção única em cada esfera de governo, sendo exercida no âmbito municipal pelas secretarias municipais de saúde; no âmbito estadual pelas secretarias estaduais de saúde; e no âmbito nacional pelo Ministério da Saúde.

Nesses termos, o gabarito da questão é a letra "d", pois apenas o item IV está errado.

3. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) Sobre as diretrizes constitucionais do Sistema Único de Saúde, analise os itens abaixo.

I. Descentralização com direção única em cada esfera de governo.

II. Participação da comunidade.

III. Atendimento integral, com prioridade para as atividades repressivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais.

É correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, apenas.

Comentários:

Mais uma questão bem tranquila do CETRO. Uma das diretrizes do SUS é o atendimento integral, com prioridade para as atividades **preventivas**, sem prejuízo dos serviços assistenciais.

Podemos concluir que o atendimento no SUS deve ser **integral**, ou seja, deve atender todas as necessidades dos usuários de saúde, passando por ações de prevenção e promoção da saúde até ações assistenciais de reabilitação da saúde e tratamento de doenças.

Importante! As atividades preventivas são prioritárias no âmbito do SUS.

O gabarito da questão é a letra "c", pois os itens I e II estão corretos.

4. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) Paciente de 40 anos, sexo feminino, ao realizar o autoexame, identifica um nódulo na mama E. Preocupada, sai de casa correndo e sem documentos, mas ao chegar à UBS são exigidos documentos como CPF e carteira de trabalho. De acordo com o SUS, esse procedimento contraria o Princípio da

a) Regionalização.

b) Equidade.

c) Integralidade.

d) Universalidade.

e) Hierarquização.

Comentários:

O art. 196 da CF/88 estabelece que a **saúde é direito de todos e dever do Estado** (princípio da universalidade), garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Na situação apresentada, o princípio contrariado foi o a universalidade, já que o acesso aos serviços do SUS foi impossibilitado sem uma justificativa plausível.

A letra "d", portanto, é o gabarito da questão.

2 - Lei nº 8.080/1990 e suas modificações

2.1- Disposições Gerais do SUS

5. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) O conjunto de ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, constitui o Sistema Único de Saúde (SUS). Desta forma, inclui(em)-se no disposto acima

I. instituições que produzem equipamentos de saúde.

II. institutos de pesquisa e produção de medicamentos.

III. unidades básicas de saúde municipais.

É correto o que está contido em

a) III, apenas.

b) II, apenas.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) I, II e III.

Comentários:

O **conjunto** de **ações** e **serviços** de **saúde**, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta e das fundações **mantidas** pelo **Poder Público**, constitui o **SUS**.

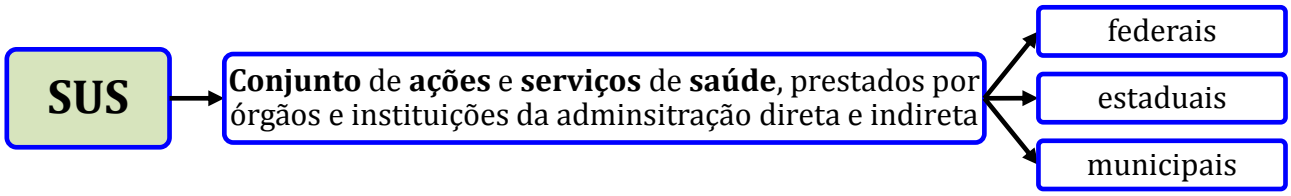

Ressaltamos que as instituições públicas federais, estaduais e municipais de controle de qualidade, pesquisa e produção de insumos,

medicamentos, inclusive de sangue e hemoderivados, e de equipamentos para saúde também fazem parte do SUS.

Por fim, destacamos que a iniciativa privada poderá participar do SUS, em caráter complementar. Mas, quando isso deve ocorrer? Quando o poder público não consegue prestar diretamente determinado tipo de assistência à saúde para a população, devido à inexistência ou insuficiência do serviço no SUS. Nesses casos, a direção do SUS poderá firmar contrato de direito público ou convênio com instituições privadas, tendo preferência as entidades filantrópicas e as sem fins lucrativos.

Conforme comentários, todos os itens estão corretos. O gabarito da questão é a letra "e".

6. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Leia o trecho abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que, preenchendo a lacuna, o tornaria **incorreto**. O dever do Estado de garantir a saúde não exclui o dever _____.

a) das pessoas

b) da família

c) da sociedade

d) dos menores

e) das empresas

Comentários:

A **saúde** é um **direito** fundamental do **ser humano**, **devendo** o **Estado prover** as **condições** indispensáveis ao **seu** pleno **exercício**. O **DEVER** do **ESTADO NÃO EXCLUI** o das **PESSOAS**, da **FAMÍLIA**, das **EMPRESAS** e da **SOCIEDADE**.

Nesses termos, a letra "d" está incorreta.

2.2 - Objetivos e Atribuições do SUS

7. (Prefeitura da Estância Hidromineral de Serra Negra – SP/2006/CETRO) Inclui-se no campo de atuação do Sistema Único de Saúde a execução de ações de

I. fiscalização de registros profissionais de médicos e paramédicos.

II. vigilância sanitária.

III. vigilância epidemiológica.

IV. saúde do trabalhador.

V. assistência terapêutica integral, inclusive a farmacêutica.

Está(ão) **incorretas**

a) apenas as proposições I e II.

b) apenas as proposições III e IV.

c) apenas a proposição I.

d) todas as proposições.

e) apenas as proposições II e V.

Comentários:

De acordo com o art. 6º da Lei nº 8.080/90, estão incluídas ainda no campo de atuação do Sistema Único de Saúde (SUS):

I - a execução de ações:

a) de vigilância sanitária;

b) de vigilância epidemiológica;

c) de saúde do trabalhador; e

d) de assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica.

Verificamos que o item I é o único incorreto. Logo, o gabarito da questão é a letra "c".

8. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Em relação aos objetivos do Sistema Único de Saúde descritos no artigo 5º da Lei nº 8.080/90, assinale a alternativa **incorreta**.

a) Identificar e divulgar os fatores condicionantes e determinantes da saúde.

b) Formular políticas de saúde.

c) Assistir a população por intermédio de ações de promoção da saúde.

d) Assistir a população por meio de ações de proteção e recuperação da saúde.

e) Conceder benefícios visando a cobertura dos riscos doença, invalidez, morte, idade avançada, proteção à maternidade e à família.

Comentários:

Bravos guerreiros, vamos resolver mais uma vez uma questão da nossa "amada" banca CETRO.

Vamos visualizar os **três objetivos** do **SUS**:

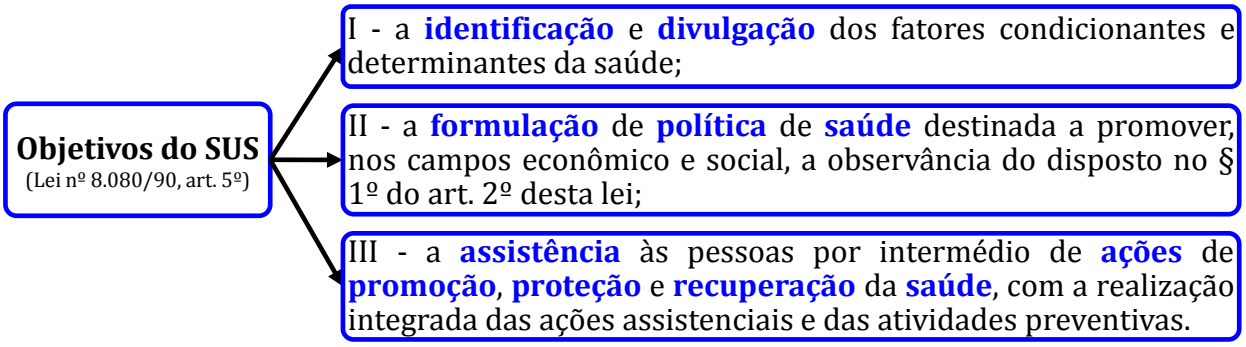

Verificamos que a letra "e" está errada.

A pesar de a CETRO elaborar muitas questões fáceis, não podemos subestimá-la, já que o concurso da Anvisa apresentará um nível mais elevado do que concursos de prefeituras. Devemos estudar muito e manter sempre a humildade.

9. (Anvisa-2010/CETRO) Sobre a diferenciação dos termos relacionados à Vigilância Sanitária e Vigilância Epidemiológica descritos na Lei n° 8.080/1990, pode-se afirmar que

I. a análise de dados sobre ocorrência de doenças e sua distribuição geográfica é papel exclusivo da Vigilância Sanitária.

II. a análise de dados sobre grupos populacionais de risco a contrair determinada doença é papel da Vigilância Sanitária.

III. as ações que previnem os riscos à saúde é papel da Vigilância Sanitária.

IV. as ações de fiscalização sobre bens que se relacionem diretamente com a saúde populacional é papel da Vigilância Epidemiológica.

É correto o que se apresenta em

a) I, apenas.

b) II, apenas

c) III, apenas

d) IV, apenas

e) III e IV, apenas

Comentários:

Meus amigos, vamos resolver essa questão com muita atenção. Entende-se por **VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA** um **conjunto** de **ações** que **proporcionam** o conhecimento, a detecção ou prevenção de qualquer mudança nos fatores determinantes e condicionantes de saúde **INDIVIDUAL** ou **coletiva**, com a **finalidade** de **recomendar** e **adotar** as **medidas** de **prevenção** e **controle** das **doenças** ou **agravos** (Lei nº 8.080/90, art. 6º, § 2º).

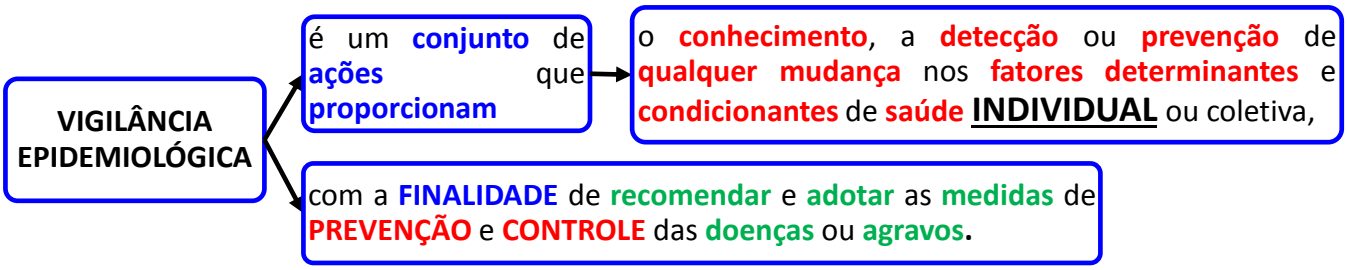

A **VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA** Tem como funções, dentre outras: coleta e processamento de dados; análise e interpretação dos dados processados; divulgação das informações; investigação epidemiológica de casos e surtos; análise dos resultados obtidos; e recomendações e promoção das medidas de controle indicadas.

Entende-se por **VIGILÂNCIA SANITÁRIA** um **conjunto** de **ações CAPAZ** de **eliminar**, **diminuir** ou **prevenir riscos** à **saúde** e de **INTERVIR** nos **problemas sanitários** decorrentes do **meio ambiente**,

da **produção** e **circulação** de **bens** e da **prestação** de **serviços** de **interesse** da **saúde** (Lei nº 8.080/90, art. 6º, § 1º).

VIGILÂNCIA SANITÀRIA é um **conjunto** de **ações** capaz de **eliminar**, **diminuir** ou **prevenir riscos** à **saúde** e de **intervir** nos **problemas sanitários** decorrentes		
do conjunto meio ambiente;	da produção e circulação de bens;	da prestação de serviços de interesse da saúde.

Percebemos que o **campo** de **atuação** da **vigilância sanitária** é amplo e quase inesgotável, **intervindo** em **todos** os **aspectos** que **possam** dizer **respeito** à **saúde** dos **cidadãos**.

Vamos visualizar no gráfico abaixo a abrangência da Vigilância Sanitária:

A Vigilância Sanitária abrange

- o **controle** de **bens** de **consumo** **que**, direta ou indiretamente, se **relacionem** **com** a **saúde**, compreendidas todas as etapas e processos, da produção ao consumo;
- o **controle** da **prestação** de **serviços** **que** se **relacionam** direta ou indiretamente **com** a **saúde**.

Vamos analisar cada item.

Item I. Incorreto. A análise de dados sobre ocorrência de doenças e sua distribuição geográfica é papel da **vigilância epidemiológica**.

Item II. Incorreto. A análise de dados sobre grupos populacionais de risco a contrair determinada doença é papel da **vigilância epidemiológica**.

Item III. Correto. As ações que previnem os riscos à saúde é papel da Vigilância Sanitária.

Item IV. Incorreto. As ações de fiscalização sobre bens que se relacionem diretamente com a saúde populacional é papel da **vigilância sanitária**.

O gabarito dessa questão, portanto, é a letra "c".

2.3 - Princípios e Diretrizes do SUS

10. (Anvisa/Cetro/2013) Conforme dispõe o artigo 7° da Lei n° 8.080/1990, as ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que integram o Sistema Único de Saúde (SUS), são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no artigo 198 da Constituição Federal, obedecendo a diversos princípios. Assinale a alternativa que apresenta alguns desses princípios trazidos no referido artigo.

a) A preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral; o direito à informação, às pessoas assistidas, sobre sua saúde; a participação das instituições privadas na elaboração das políticas de saúde em nível municipal; a utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, a alocação de recursos e a orientação programática.

b) A preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral; a igualdade de assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie; a participação da comunidade; a organização dos serviços privados de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

c) A universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência; o direito à informação sobre o estado de saúde de qualquer usuário; a divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e sua utilização pelo usuário; a capacidade de resolução dos serviços nos níveis de assistência estadual e municipal.

d) A integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo de ações e serviços, preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do

sistema; a divulgação de informação quanto ao potencial dos serviços de saúde e sua utilização pelo usuário; a igualdade de assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie; a capacidade de resolução dos serviços em todos os níveis de assistência.

e) A integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo de ações e serviços, preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema; a preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral; a utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, a alocação de recursos e a orientação programática; a organização dos serviços públicos e privados, de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

Comentários:

As ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que integram o SUS, são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no art. 198 da Constituição Federal, obedecendo ainda aos seguintes princípios (art. 7º):

I - universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência;

II - integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;

III - preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral;

IV - igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie;

V - direito à informação, às pessoas assistidas, sobre sua saúde;

VI - divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e a sua utilização pelo usuário;

VII - utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, a alocação de recursos e a orientação programática;

VIII - participação da comunidade;

IX - descentralização político-administrativa, com direção única em cada esfera de governo:

a) ênfase na descentralização dos serviços para os municípios;

b) regionalização e hierarquização da rede de serviços de saúde;

X - integração em nível executivo das ações de saúde, meio ambiente e saneamento básico;

XI - conjugação dos recursos financeiros, tecnológicos, materiais e humanos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na prestação de serviços de assistência à saúde da população;

XII - capacidade de resolução dos serviços em todos os níveis de assistência; e

XIII - organização dos serviços públicos de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

Neste sentido, **não são princípios** do **SUS** descritos no art. 7º da Lei nº 8.080/90:

a) a participação das instituições privadas na elaboração das políticas de saúde em nível municipal;

b) a organização dos serviços **privados** de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos. Por outro lado, é princípio do SUS a organização dos serviços **públicos** de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

c) o direito à informação sobre o estado de saúde de qualquer usuário; a capacidade de resolução dos serviços nos níveis de assistência estadual e municipal. Na verdade, são princípios do SUS: o direito à informação, **às pessoas assistidas**, sobre sua saúde**;** capacidade de resolução dos serviços em **todos** os **níveis** de **assistência** (municipal, estadual e **federal**).

e) a organização dos serviços públicos ~~e privados~~, de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos. De outra forma, é princípio do SUS a organização dos serviços **públicos** de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

A alternativa correta, portanto, é a letra "d".

11. (Prefeitura de Mairinque-SP/2009/CETRO) As ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que integram o Sistema Único de Saúde (SUS) são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no artigo 198 da Constituição Federal, obedecendo ainda a alguns princípios básicos. Assinale a alternativa **incorreta** em relação aos princípios do SUS.

a) Descentralização político-administrativa, com direção única em cada esfera de governo.

b) Integralidade de assistência, entendida como um conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema.

c) Preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral.

d) Igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie.

e) Acompanhamento, avaliação e divulgação do nível de saúde da população e das condições ambientais.

Comentários:

Conforme disposições do art. 7º da Lei nº 8.080/90, são princípios e diretrizes do SUS:

II - **integralidade** de **assistência**, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;

III - **preservação** da **autonomia** das **pessoas** na **defesa** de sua integridade física e moral;

IV - **igualdade** da **assistência** à saúde, sem preconceitos ou privilégios de **qualquer espécie**;

IX - descentralização político-administrativa, com direção única em cada esfera de governo:

a) ênfase na descentralização dos serviços para os municípios;

b) regionalização e hierarquização da rede de serviços de saúde;

A alternativa incorreta é a letra "e", pois descreve competências comuns de todos os entes federativos, e não um princípio do SUS.

Vejamos:

São competências comuns da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios o "*acompanhamento, avaliação e divulgação do nível de saúde da população e das condições ambientais*".

12. (Prefeitura de Mairinque-SP/2009/CETRO) A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. São de relevância pública as ações e serviços de saúde, cabendo ao poder público dispor, nos termos da lei, sobre sua regulamentação, fiscalização e controle, devendo sua execução ser feita diretamente ou através de terceiros e, também, por pessoa física ou jurídica de direito privado. As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único e organizado de acordo com algumas diretrizes. Assinale a alternativa correta em relação a uma destas diretrizes.

a) Descentralização, com direção única em cada esfera de governo.

b) Atendimento integral, com prioridade para as atividades de recuperação, sem prejuízo dos serviços assistenciais.

c) Centralização, com direção única para o Governo Federal.

d) Participação do município, do Estado e da união na assistência à saúde.

e) Atendimento personalizado, com prioridade para as atividades de promoção da saúde.

Comentários:

É notável que um dos princípios dispostos no art. 198 da CF/88 é a **descentralização**, com direção **única** em cada esfera de governo. Vejamos:

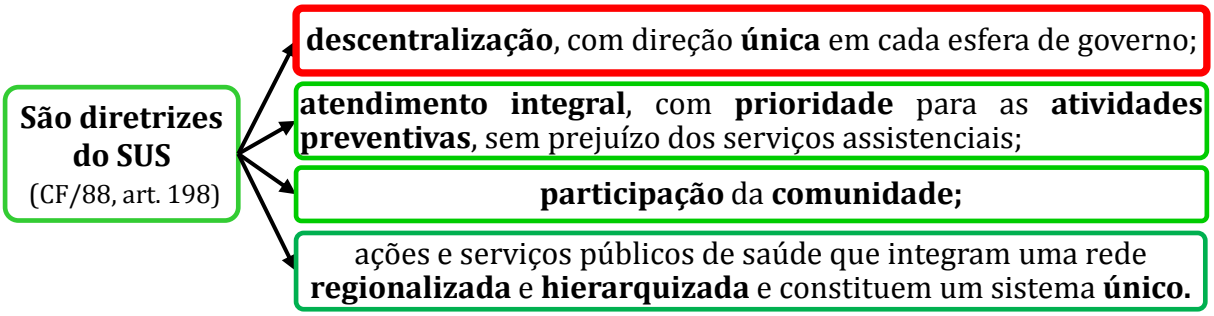

Nessa tela, o gabarito da questão é a letra "a".

2.4 - Organização, Direção e Gestão do SUS

13. (Anvisa/Cetro/2013) A respeito da organização, direção e da gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), a Lei nº 8.080/90 dispõe que

I. os municípios poderão constituir consórcios para desenvolver, em conjunto, as ações e os serviços de saúde que lhes correspondam, aplicando-se aos consórcios administrativos intermunicipais o princípio da direção única, e os respectivos atos constitutivos disporão sobre sua observância.

II. serão criadas Comissões Permanentes de integração entre os serviços de saúde e as instituições de ensino profissional e superior, sendo que cada uma delas terá por finalidade propor prioridades, métodos e estratégias para a formação e educação continuada dos recursos humanos do Sistema Único de Saúde (SUS), na esfera correspondente, assim como em relação à pesquisa e à cooperação técnica entre essas instituições.

III. as Comissões Intergestores Bipartite e Tripartite são reconhecidas como foros de negociação e pactuação entre gestores, quanto aos aspectos operacionais do Sistema Único de Saúde (SUS).

IV. o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) são reconhecidos como entidades representativas dos entes estaduais e municipais para tratar de matérias referentes à saúde e declarados de utilidade pública e de relevante função social, na forma do regulamento. O

Conass e o Conasems receberão recursos do orçamento geral da União por meio do Fundo Nacional de Saúde, para auxiliar no custeio de suas despesas institucionais, podendo ainda celebrar convênios com a União.

É correto o que está contido em

a) I e III, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I, II, III e IV.

d) I, II e III, apenas.

e) II e IV, apenas.

Comentários:

Essa questão foi muito tranquila. Todos os itens estão abordados no meu livro **Legislação do SUS – 451 Questões Comentadas**. O gabarito é a letra "c", pois todas as assertivas itens estão corretas.

14. (Anvisa/Cetro/2013) O Sistema Único de Saúde (SUS) prevê a criação de comissões intersetoriais, através do artigo 12° e parágrafo único da Lei n° 8.080/1990. Assinale a alternativa que apresenta as características de tais comissões, nos termos do citado artigo.

a) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional, estadual e municipal, subordinadas aos Conselhos de Saúde em cada esfera de governo, integradas pelos Ministérios, pelas Secretarias, por órgãos competentes e por entidades de trabalhadores de saúde, possuindo a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas estritamente compreendidas no âmbito do SUS.

b) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional e estadual, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde e ao Conselho Estadual de Saúde, integradas por Ministérios e Secretarias Estaduais, por órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil, possuindo a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde e

para o meio-ambiente, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

c) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, integradas por Ministérios e órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil, possuindo a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

d) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, integradas por Ministérios, Secretarias, por órgãos colegiados e por entidades de trabalhadores em saúde, possuindo a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, inclusive suplementar, cuja execução não envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

e) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional, subordinadas ao Ministério da Saúde, integradas por Secretarias, por órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil, com a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

Comentários:

Serão criadas comissões intersetoriais de **âmbito nacional**, **subordinadas** ao **Conselho Nacional** de **Saúde**, **integradas** pelos **Ministérios** e **órgãos competentes** e por **entidades** representativas da **sociedade civil** (Lei nº 8.080, art. 12).

Essas comissões têm a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas **não compreendidas** no **âmbito** do **SUS**.

A articulação das políticas e programas, a cargo das comissões **intersetoriais**, abrangerá, em especial, as seguintes atividades (Lei nº

8.080, art. 13)
I - alimentação e nutrição; II - saneamento e meio ambiente; III - vigilância sanitária e farmacoepidemiologia; IV - recursos humanos; V - ciência e tecnologia; e VI - saúde do trabalhador.

A partir dos comentários, o gabarito da questão só pode ser a letra "c".

2.5 - Competência e Atribuições do SUS

15. (Anvisa/Cetro/2013) Considerando as atribuições comuns da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, elencadas no artigo 15 da Lei nº 8.080/1990, a serem exercidas em âmbito administrativo, assinale a alternativa **incorreta**.

a) São comuns as competências para administração dos recursos orçamentários e financeiros destinados, em cada ano, à saúde.

b) São comuns as atribuições para elaboração de normas técnicas e estabelecimento de padrões de qualidade para promoção da saúde do trabalhador.

c) São comuns as atribuições para elaboração da proposta orçamentária do Sistema Único de Saúde, com base no que dispõem as reuniões dos Conselhos de Saúde em cada nível de gestão.

d) São comuns as atribuições para implementar o Sistema Nacional de Sangue, Componentes e Derivados.

e) São comuns as atribuições para promover articulação com os órgãos de fiscalização do exercício profissional e outras entidades representativas da sociedade civil para a definição e controle dos padrões éticos para pesquisa, ações e serviços de saúde.

Comentários:

Meus amigos, essa questão é ridícula. A Cetro adora complicar nesse assunto. Por isso, recomendo a resolução exaustiva de questões.

Considerando as atribuições da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, elencadas no artigo 15 da Lei nº 8.080/1990, a serem exercidas em âmbito administrativo, são comuns as atribuições para:

- elaboração da proposta orçamentária do SUS, de **conformidade com** o **plano** de **saúde**, e **não** com **base** no que **dispõem** as **reuniões** dos **Conselhos** de **Saúde** em **cada nível** de **gestão**.

A alternativa incorreta, portanto, é a letra "c".

16. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios exercerão, em seu âmbito administrativo, as seguintes atribuições:

I. definição das instâncias e mecanismos de controle, avaliação e de fiscalização das ações e serviços de saúde.

II. administração dos recursos orçamentários e financeiros destinados, em cada mês, à saúde.

III. acompanhamento, avaliação e divulgação do nível de saúde da população e das condições ambientais.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.

b) III, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I e III, apenas.

e) I, II e III.

Comentários:

Meus amigos, vejam outra questão covarde, elaborada pela CETRO. Uma questão dessas pode eliminar um candidato bem preparado. Não

canso de repetir: estudar para concurso sem resolver muitas questões é uma tendência à reprovação.

A União, os estados, o Distrito Federal e os municípios exercerão, em seu âmbito administrativo, as seguintes atribuições no âmbito do SUS (Lei nº 8.080/90, art. 15)

Item I - definição das instâncias e mecanismos de controle, avaliação e de fiscalização das ações e serviços de saúde;

Item II - administração dos recursos orçamentários e financeiros destinados, em cada **ano**, à saúde (a questão referiu em cada mês);

Item III - acompanhamento, avaliação e divulgação do nível de saúde da população e das condições ambientais;

O item II é o único incorreto, pois a palavra ano foi trocada por mês. Logo, o gabarito da questão é a letra "d".

17. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) De acordo com a Lei nº 8.080/90, à direção nacional do Sistema Único da Saúde (SUS) compete, entre outros,

I. formular, avaliar e apoiar políticas de alimentação e nutrição.

II. participar na formulação e na implementação apenas das políticas de controle das agressões ao meio ambiente e de saneamento básico.

III. participar da definição de normas e mecanismos de controle, com órgão afins, de agravo sobre o meio ambiente ou dele decorrentes, que tenham repercussão na saúde humana.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I e III, apenas.

d) I, II e III.

e) I, apenas.

Comentários:

À direção nacional do Sistema Único da Saúde (SUS) compete (Lei nº 8.080/90, art. 16):

I - formular, avaliar e apoiar políticas de alimentação e nutrição;

II - participar na formulação e na implementação das políticas de: a) de controle das agressões ao meio ambiente; b) de saneamento básico; e **c) relativas às condições e aos ambientes de trabalho** (a palavra ***apenas*** tornou o item errado);

IV - participar da definição de normas e mecanismos de controle, com órgão afins, de agravo sobre o meio ambiente ou dele decorrentes, que tenham repercussão na saúde humana.

O gabarito da questão é a letra "c", pois o item II é o único incorreto.

18. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) À direção nacional do Sistema Único de Saúde, compete:

I. estabelecer critérios, parâmetros e métodos para o controle da qualidade sanitária de produtos, substâncias e serviços de consumo e uso humano.

II. promover a descentralização para os Municípios dos serviços e das ações de saúde.

III. acompanhamento, a avaliação e divulgação dos indicadores de morbidade e mortalidade no âmbito da unidade federada.

É correto o que está contido em

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

Comentários:

O **acompanhamento**, a **avaliação** e **divulgação** dos **indicadores** de **morbidade** e **mortalidade**, no **âmbito** da **UNIDADE FEDERADA**, é

atribuição da DIREÇÃO ESTADUAL do SUS (Lei nº 8.080/90, art. 17, inciso XIV).

As competências dos entes federativos, no âmbito do SUS, em relação às áreas de Vigilância Sanitária, Epidemiológica e Saúde do Trabalhador podem ser sintetizadas nas tabelas abaixo:

Principais Competências dos Entes Federativos no SUS - Lei nº 8.080/90 VIGILÂNCIA SANITÁRIA, EPIDEMIOLÓGICA E SAÚDE DO TRABALHADOR		
União (art. 16)	**Estados** (art.17)	**Municípios** (art. 18)
• **definir** e **coordenar** os sistemas: a) de redes integradas de assistência de alta complexidade; b) de rede de laboratórios de saúde pública; c) de vigilância epidemiológica; d) vigilância sanitária; • **coordenar** e **participar** na execução das ações de vigilância epidemiológica;	• **coordenar** e, em **caráter complementar**, **executar** ações e serviços: a) de vigilância epidemiológica; b) de vigilância sanitária; c) de alimentação e nutrição; d) de saúde do trabalhador; • **acompanhamento,** a **avaliação** e **divulgação** dos indicadores de morbidade e mortalidade no âmbito da unidade federada;	• **executar** serviços: a) de vigilância epidemiológica; b) vigilância sanitária; c) de alimentação e nutrição; d) de saúde do trabalhador;

As competências dos entes federativos, no âmbito do SUS, em relação à **Saúde do Trabalhador,** podem ser detalhadas na tabela abaixo:

Principais Competências dos Entes Federativos no SUS - Lei nº 8.080/90 SAÚDE DO TRABALHADOR		
União (art. 16)	**Estados** (art.17)	**Municípios** (art. 18)
• **participar** da **definição** de normas, critérios e padrões para o controle das condições e dos	• **participar** das **ações** de controle e avaliação das condições e dos ambientes de trabalho;	• **participar** da **execução**, controle e avaliação das ações referentes às condições

Principais Competências dos Entes Federativos no SUS - Lei nº 8.080/90 SAÚDE DO TRABALHADOR		
União (art. 16)	**Estados** (art.17)	**Municípios** (art. 18)
ambientes de trabalho e **coordenar** a política de saúde do trabalhador;		e aos ambientes de trabalho;

As competências dos entes federativos, no âmbito do SUS, em relação à **Vigilância Sanitária,** podem ser detalhadas na tabela abaixo:

Principais Competências dos Entes Federativos no SUS - Lei nº 8.080/90 VIGILÂNCIA SANITÁRIA		
União (art. 16)	**Estados** (art.17)	**Municípios** (art. 18)
• **estabelecer critérios, parâmetros e métodos** para o controle da qualidade sanitária de produtos, substâncias e serviços de consumo e uso humano; • **controlar e fiscalizar** procedimentos, produtos e substâncias de interesse para a saúde; • A União poderá executar ações de vigilância epidemiológica e sanitária em circunstâncias especiais, como na ocorrência de agravos inusitados à saúde, que possam escapar do controle da direção estadual do SUS ou que representem risco de disseminação nacional;	• **formular** normas e **estabelecer** padrões, **em caráter suplementar**, de procedimentos de controle de qualidade para produtos e substâncias de consumo humano;	
• **estabelecer** normas e **executar** a vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras, podendo a execução	• **colaborar** com a União **na execução** da vigilância sanitária de portos, aeroportos e	• **colaborar** com a União e os estados **na execução** da vigilância sanitária de

Principais Competências dos Entes Federativos no SUS - Lei nº 8.080/90 VIGILÂNCIA SANITÁRIA		
União (art. 16)	**Estados** (art.17)	**Municípios** (art. 18)
ser complementada pelos estados, Distrito Federal e municípios.	fronteiras;	portos, aeroportos e fronteiras.

Isso posto, vamos analisar os itens da questão.

Item I. Correto. Compete à União: estabelecer critérios, parâmetros e métodos para o controle da qualidade sanitária de produtos, substâncias e serviços de consumo e uso humano.

Item II. Incorreto. Compete à União: promover a descentralização para as **unidades federadas** e para os municípios, dos serviços e ações de saúde, respectivamente, de abrangência estadual e municipal. O item desconsiderou os estados e o Distrito Federal do processo de descentralização do SUS.

Item III. Incorreto. Compete aos estados: acompanhamento, a avaliação e divulgação dos indicadores de morbidade e mortalidade no âmbito da unidade federada.

O gabarito da questão, portanto, é a letra "a". Essa questão poderia ter sido anulada, já que o item II está incompleto e induziu o candidato ao erro.

Vejam que a Cetro segue à risca a literalidade das normas.

Não preciso avisar que vocês devem estudar bastante as competências dos entes federativos no SUS. Deu para perceber que esse assunto é muito espinhoso, não é mesmo? Fiquem tranquilos, pois ele está integralmente abordado em meu livro: **Legislação do SUS – 451 Questões Comentadas**.

19. (Anvisa-2010/CETRO) As estratégias, as políticas e definição de metas do Sistema de Vigilância Sanitária são competências da(s)

a) Secretarias Municipais de Saúde.

b) Secretarias Estaduais de Saúde.

c) Direção Nacional do Sistema Único da Saúde.

d) Direção Estadual do Sistema Único da Saúde.

e) Direção Municipal do Sistema Único da Saúde.

Comentários:

As principais competências dos entes federativos, no âmbito do SUS, em relação às áreas de Vigilância Sanitária, Epidemiológica e Saúde do Trabalhador podem ser sintetizadas na tabela abaixo:

Principais Competências dos Entes Federativos no SUS - Lei nº 8.080/90 VIGILÂNCIA SANITÁRIA, EPIDEMIOLÓGICA E SAÚDE DO TRABALHADOR		
União (art. 16)	**Estados** (art.17)	**Municípios** (art. 18)
• **definir** e **coordenar** os sistemas: a) de redes integradas de assistência de alta complexidade; b) de rede de laboratórios de saúde pública; c) de vigilância epidemiológica; d) vigilância sanitária; • **coordenar** e **participar** na execução das ações de vigilância epidemiológica;	• **coordenar** e, em **caráter complementar**, **executar** ações e serviços: a) de vigilância epidemiológica; b) de vigilância sanitária; c) de alimentação e nutrição; d) de saúde do trabalhador; • **acompanhamento,** a **avaliação** e **divulgação** dos indicadores de morbidade e mortalidade no âmbito da unidade federada;	• **executar** serviços: a) de vigilância epidemiológica; b) vigilância sanitária; c) de alimentação e nutrição; d) de saúde do trabalhador;

Verificamos, na tabela acima, que o gabarito da questão é a letra "c".

20. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) Segundo a Lei nº 8.080/90, assinale a alternativa correta.

a) À direção municipal do Sistema de Saúde (SUS) compete, entre outros, gerir laboratórios públicos de saúde e hemocentros.

b) À direção municipal do Sistema de Saúde (SUS) compete, entre outros, acompanhar, controlar e avaliar as redes hierarquizadas do Sistema Único de Saúde (SUS).

c) À direção estadual do Sistema Único de Saúde (SUS) compete, entre outras, formular, avaliar e apoiar políticas de alimentação e nutrição.

d) À direção estadual do Sistema Único de Saúde (SUS) compete, entre outros, estabelecer normas e executar a vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras, podendo a execução ser complementada pelos demais entes da federação.

e) À direção nacional do Sistema Único de Saúde (SUS) compete, entre outros, identificar estabelecimentos hospitalares de referência e gerir sistemas públicos de alta complexidade, de referência estadual e regional.

Comentários:

Vamos analisar as assertivas da questão:

a) À **direção municipal do SUS** compete, entre outros, gerir laboratórios públicos de saúde e hemocentros.

b) À **direção estadual do SUS** compete, entre outros, acompanhar, controlar e avaliar as redes hierarquizadas do SUS.

c) À **direção nacional do SUS** compete, entre outras, formular, avaliar e apoiar políticas de alimentação e nutrição.

d) À **direção nacional do SUS** compete, entre outros, estabelecer normas e executar a vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras, podendo a execução ser complementada pelos demais entes da federação.

e) À **direção estadual do SUS** compete, entre outros, identificar estabelecimentos hospitalares de referência e gerir sistemas públicos de alta complexidade, de referência estadual e regional.

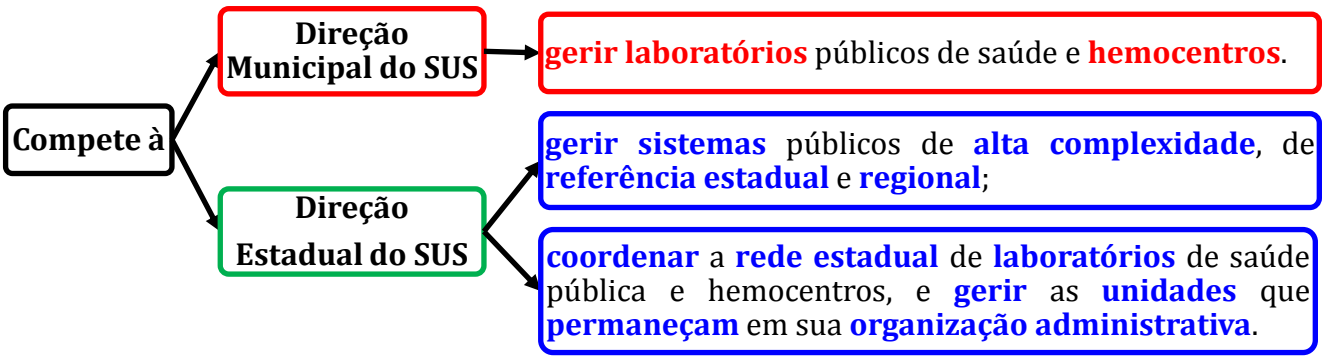

O gabarito da questão, portanto, é a letra "a".

21. (Anvisa-2010/CETRO) Foi elaborada uma proposta de ampliação da rede coletora de esgotos de uma cidade. Quanto a essa ação, pode-se afirmar que

a) não compete ao Sistema Único de Saúde (SUS) a atuação ou participação nos programas de saneamento.

b) é prioridade exclusiva do SUS participar de forma prioritária e majoritária nas políticas de saneamento.

c) as competências do SUS, junto às ações de saneamento, restringem-se às ações de controle de resíduos sólidos e não ao gerenciamento dos recursos hídricos.

d) é de exclusividade das Secretarias Municipais de Assistência Social.

e) à Direção Nacional do SUS compete a participação na formulação e implementação de políticas de saneamento básico.

Comentários:

Vamos analisar cada alternativa.

a) **compete** ao Sistema Único de Saúde (SUS) a atuação ou participação nos programas de saneamento;

b) é **prioridade** do **SUS** participar de nas políticas de saneamento;

c) as competências do SUS, junto às ações de saneamento, **não** restringem-se às ações de controle de resíduos sólidos;

d) alternativa descabida;

e) à Direção Nacional do SUS compete à participação na formulação e implementação de políticas de saneamento básico.

O gabarito da questão é a letra "e".

22. (Prefeitura de Mairinque-SP/2009/CETRO) As ações e serviços de saúde, executados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), seja diretamente ou mediante participação complementar da iniciativa privada, serão organizados de forma regionalizada e hierarquizada em níveis de complexidade crescente. A direção do Sistema Único de Saúde (SUS) é

única, de acordo com o inciso I do artigo 198 da Constituição Federal, sendo exercida em cada esfera de governo pelos seguintes órgãos: no âmbito da União, pelo Ministério da Saúde, no âmbito dos Estados e do Distrito Federal, pela respectiva Secretaria de Saúde ou órgão equivalente e no âmbito dos Municípios, pela respectiva Secretaria de Saúde ou órgão equivalente. À direção nacional do Sistema Único de Saúde (SUS) compete

a) executar serviços de alimentação e nutrição, saneamento básico e saúde do trabalhador.

b) gerir hemocentros e laboratórios públicos de saúde.

c) dar execução, no âmbito municipal, às políticas de insumos e equipamentos para a saúde.

d) elaborar normas para regular as relações entre o Sistema Único de Saúde (SUS) e os serviços privados contratados de assistência à saúde.

e) promover a centralização, para os municípios, dos serviços e das ações de saúde.

Comentários:

Vamos analisar cada assertiva:

a) Compete aos municípios: executar serviços de alimentação e nutrição, saneamento básico e saúde do trabalhador;

b) Compete aos municípios: gerir hemocentros e laboratórios públicos de saúde;

c) Compete aos municípios: dar execução, no âmbito municipal, às políticas de insumos e equipamentos para a saúde;

d) Compete à União: elaborar normas para regular as relações entre o SUS e os serviços privados contratados de assistência à saúde;

e) Compete à União: promover a **descentralização** para as unidades federadas (estados) e para os municípios, dos serviços e ações de saúde, respectivamente, de abrangência estadual e municipal.

Diante do exposto, verificamos que o gabarito da questão é a letra "d".

23. (Anvisa/Cetro/2013) Assinale a alternativa que **não** explicita competências concedidas pelo artigo 18 da Lei nº 8.080/1990, à direção municipal do SUS.

a) Planejamento, organização, controle e avaliação das ações e dos serviços de saúde, bem como executar a gestão dos serviços públicos de saúde.

b) Participação do planejamento, programação e organização da rede regionalizada e hierarquizada do SUS, em articulação com sua direção estadual.

c) Colaboração na fiscalização das agressões ao meio ambiente que tenham repercussão sobre a saúde humana e atuar, junto aos órgãos municipais, estaduais e federais competentes, para controlá-las, bem como colaborar com a União e os Estados na execução de vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras.

d) Execução de serviços de vigilância sanitária, de vigilância epidemiológica, de alimentação e nutrição, de saneamento básico, de saúde do trabalhador, e de apoio aos órgãos ambientais na esfera estadual e federal em questões relacionadas à fauna doméstica local.

e) Controle e fiscalização dos procedimentos dos serviços privados de atenção à saúde, normatizando complementarmente as ações e serviços públicos de saúde no seu âmbito de atuação.

Comentários:

Compete à direção municipal do SUS: colaborar na fiscalização das agressões ao meio ambiente que tenham repercussão sobre a saúde humana e atuar, junto aos órgãos municipais, estaduais e federais competentes, para controlá-las.

A letra "d" apresenta-se incorreta, pois distorceu a competência do âmbito municipal do SUS, detalhada acima. Ora, não há que se falar que compete aos municípios o "apoio aos órgãos ambientais na esfera estadual e federal em questões relacionadas **à fauna doméstica local**".

2.6 - Subsistema de Atenção à Saúde Indígena no SUS

24. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) De acordo com a Lei nº 8.080/90, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências sobre o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, analise as assertivas abaixo.

I. Caberá à União, com seus recursos próprios, financiar o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena.

II. O SUS promoverá a articulação do Subsistema instituído pela Lei nº 8.080/90 com os órgãos responsáveis pela Política Indígena do País.

III. Os Estados, Municípios, outras instituições governamentais e não governamentais não poderão atuar complementarmente no custeio e execução das ações.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) I, II e III.

Comentários:

Item I. Correto. A União é o ente federativo responsável pelo financiamento do subsistema de Atenção à Saúde Indígena. Entretanto, os demais entes federativos e instituições governamentais e não governamentais poderão participar do financiamento desse subsistema.

Item II. Correto. O SUS promoverá a articulação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena com os órgãos responsáveis pela Política Indígena do País, a exemplo da FUNAI e Ministério Público Federal.

Item III. Incorreto. Os estados, municípios, outras instituições governamentais e não governamentais **poderão** atuar complementarmente no custeio e execução das ações.

O gabarito da questão é a letra "a".

25. (Anvisa/Cetro/2013) A Lei nº 9.836/1999 incluiu na Lei nº 8.080/1990 um capítulo que trata do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, o qual passa a compor o Sistema Único de Saúde (SUS) de modo pleno. Assinale a alternativa que abrange corretamente alguns dos aspectos principais do referido Subsistema, com base no que dispõe o Capítulo V da Lei nº 8.080/90.

a) O Subsistema de Atenção Indígena será financiado com recursos próprios da União, sendo que os Estados, Municípios e organizações governamentais poderão atuar complementarmente no custeio e execução das ações, sendo vedada a participação de instituições não governamentais em tais ações de custeio e execução.

b) O Subsistema de Atenção à Saúde Indígena deverá ser, como o SUS, descentralizado, hierarquizado e regionalizado, tendo como base os Direitos Sanitários Especiais Indígenas.

c) O SUS servirá de retaguarda e referência ao Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, propiciando toda integração e atendimento necessário em todos os níveis, sem discriminações ou restrições, sem que para tanto ocorram adaptações na estrutura e organização do SUS nas regiões onde residem as populações indígenas.

d) As populações indígenas devem ter acesso garantido ao SUS, em âmbito local, regional e de centros especializados, compreendendo a atenção primária e secundária à saúde.

e) Dever-se-á, a critério do Ministério da Saúde, levar em consideração a realidade local e as especificidades da cultura dos povos indígenas e o modelo a ser adotado para a atenção à saúde indígena, que se deve pautar por uma abordagem diferenciada e global, contemplando os

aspectos de assistência à saúde, saneamento básico, nutrição, habitação, meio ambiente, demarcação de terras, educação sanitária e integração institucional.

Comentários:

Vamos analisar cada assertiva para melhor entendimento da questão:

Item A. Incorreto. O Subsistema de Atenção Indígena será financiado com recursos próprios da União, sendo que os Estados, Municípios e organizações governamentais e **não governamentais** poderão atuar complementarmente no custeio e execução das ações. Vejam que é **permitida** a participação de instituições não governamentais em tais ações de custeio e execução.

Item B. Correto. O Subsistema de Atenção à Saúde Indígena deverá ser, como o SUS, descentralizado, hierarquizado e regionalizado, tendo como base os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI).

Item C. Incorreto. O SUS servirá de retaguarda e referência ao Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, **devendo**, para isso, **ocorrer adaptações** na **estrutura** e **organização** do **SUS** nas **regiões onde residem** as **populações indígenas**, para propiciar essa integração e o atendimento necessário em todos os níveis, sem discriminações.

Item D. Incorreto. As populações indígenas devem ter acesso garantido ao SUS, em âmbito local, regional e de centros especializados, de acordo com suas necessidades, compreendendo a atenção primária, secundária e **terciária** à saúde.

Item E. Incorreto. Dever-se-á **obrigatoriamente**, e não a critério do Ministério da Saúde, levar em consideração a realidade local e as especificidades da cultura dos povos indígenas e o modelo a ser adotado para a atenção à saúde indígena, que se deve pautar por uma abordagem diferenciada e global, contemplando os aspectos de assistência à saúde,

saneamento básico, nutrição, habitação, meio ambiente, demarcação de terras, educação sanitária e integração institucional.

Gabarito: letra "b".

2.7 - Subsistema de Atendimento e Internação Domiciliar no SUS

- Não foi encontrada nenhuma questão sobre esse assunto da Cetro.

2.8 - Subsistema de Acompanhamento Durante o Trabalho de Parto, Parto e Pós- Parto Imediato

- Não foi encontrada nenhuma questão sobre esse assunto da Cetro.

2.9 - Assistência Terapêutica e Incorporação de Tecnologia em Saúde no SUS

26. (Anvisa/Cetro/2013) A Lei nº 12.401/2011 instituiu, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a possibilidade de incorporação de tecnologia em saúde, relacionando-a com a assistência terapêutica integral da Lei nº 8.080/1990. Com base no que dispõe o Capítulo VIII da Lei nº 8.080/1990, assinale a alternativa correta.

a) A Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS, cuja composição e regimento são definidos em regulamento, contará com a participação de 1 (um) representante indicado pelo Conselho Nacional de Saúde e de 1 (um) representante, especialista na área, indicado pelo Conselho Federal de Medicina.

b) Define-se, para efeitos da legislação vigente, protocolo clínico e diretriz terapêutica como documento que estabelece critérios para o diagnóstico da doença ou do agravo à saúde, bem como o tratamento preconizado, com os medicamentos e demais produtos apropriados, quando couber,

dentro das posologias recomendadas e o acompanhamento e verificação dos resultados terapêuticos, a serem seguidos pelos gestores do SUS, excetuando-se a questão das posologias recomendadas.

c) Com base nas relações de medicamentos instituídas pelos gestores federais, estaduais e municipais do Sistema Único de Saúde (SUS), observadas as competências estabelecidas na Lei nº 8.080/1990, a ausência de protocolo clínico ou diretriz terapêutica para determinada doença terá a dispensação dos fármacos e insumos necessários garantida mediante pactuação na Comissão Intergestores Tripartite (CIT) quanto ao ente federativo a garantir o atendimento dos usuários.

d) A oferta de procedimentos terapêuticos, em regime domiciliar, ambulatorial e hospitalar, constantes de tabelas elaboradas pelos gestores federais, estaduais e municipais do Sistema Único de Saúde (SUS), realizados em território nacional por serviço próprio, contratado ou conveniado, consiste no que se entende por assistência terapêutica integral.

e) A incorporação, a exclusão ou a alteração pelo SUS de novos medicamentos, produtos e procedimentos, bem como a constituição ou a alteração de protocolo clínico ou de diretriz terapêutica, são atribuições do Ministério da Saúde, assessorado pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS, podendo delegá-las aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios por força da especificidade local.

Comentários:

Vamos analisar cada alternativa para melhor entendimento do assunto.

Item A. Correto. A Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS, cuja composição e regimento são definidos em regulamento, contará com a participação de 1 (um) representante indicado pelo Conselho Nacional de Saúde e de 1 (um) representante, especialista na área, indicado pelo Conselho Federal de Medicina.

Item B. Incorreto. **Define-se**, para efeitos da legislação vigente, **protocolo clínico** e **diretriz terapêutica** como documento que estabelece:

- os critérios para o diagnóstico da doença ou do agravo à saúde;
- o tratamento preconizado, com os medicamentos e demais produtos apropriados, quando couber;
- as **posologias recomendadas**;
- os mecanismos de controle clínico; e
- o acompanhamento e a verificação dos resultados terapêuticos, a serem seguidos pelos gestores do SUS.

Neste sentido, define-se protocolo clínico e diretriz terapêutica como documento que, entre outros, estabelece **as posologias recomendadas**.

Item C. Incorreto. Essa alternativa está desconectada. Vejamos as definições corretas, conforme disposições do art. 19-P da Lei nº 8.080/90:

Na falta de protocolo clínico ou de diretriz terapêutica, a dispensação será realizada:

I - com base nas relações de medicamentos instituídas pelo **gestor federal** do SUS, observadas as competências estabelecidas nesta Lei, e a responsabilidade pelo fornecimento será pactuada na **Comissão Intergestores Tripartite**;

II - no âmbito de cada **Estado** e do Distrito Federal, de forma suplementar, com base nas relações de medicamentos instituídas pelos gestores estaduais do SUS, e a responsabilidade pelo fornecimento será pactuada na Comissão **Intergestores Bipartite**;

III - no âmbito de cada **Município**, de forma suplementar, com base nas relações de medicamentos instituídas pelos gestores municipais do SUS, e a responsabilidade pelo fornecimento será pactuada no **Conselho Municipal** de **Saúde**.

Item D. Incorreto. A **assistência terapêutica integral no SUS consiste em:**

I - **dispensação** de **medicamentos** e **produtos** de **interesse para** a **saúde**, cuja prescrição esteja em conformidade com as diretrizes terapêuticas definidas em protocolo clínico para a doença ou o agravo à saúde a ser tratado ou, na falta do protocolo, em conformidade com o disposto no art. 19-P;

II - **oferta** de **procedimentos terapêuticos**, em regime domiciliar, ambulatorial e hospitalar, **constantes** de **tabelas elaboradas** pelo **gestor federal** do **SUS** (**não** estão **incluídos** os **gestores municipais** e **estaduais**), realizados no território nacional por serviço próprio, conveniado ou contratado.

Sintetizando:

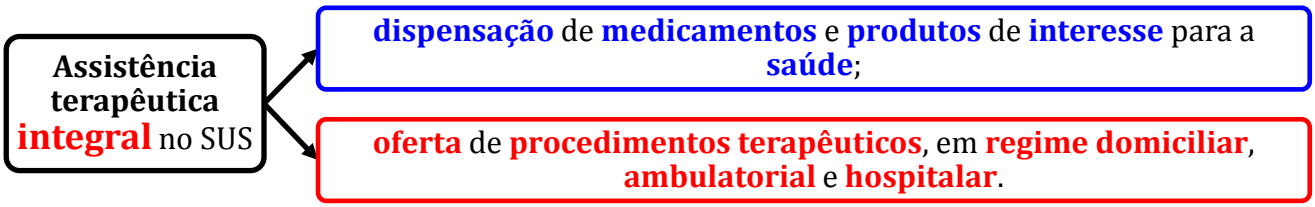

Item E. Incorreto. A **incorporação**, a **exclusão** ou a **alteração** pelo **SUS** de **novos medicamentos**, **produtos** e **procedimentos**, bem como a **constituição** ou a **alteração** de **protocolo clínico** ou de **diretriz terapêutica**, são **atribuições** do Ministério da Saúde, assessorado pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (**CONITEC**), que **elaborará relatório** sobre **esses aspectos** (art. 19-Q).

Vamos entender melhor quais são as atribuições da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (CONITEC).

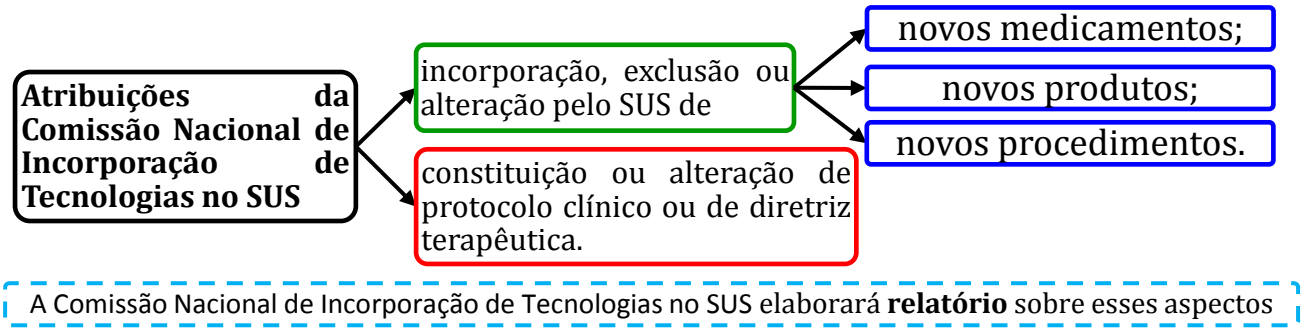

Meus amigos, mas o que esse relatório levará em consideração?

O Relatório da CONITEC levará em consideração, necessariamente (art. 19-Q, § 2º)

I

- as **evidências científicas** sobre a **eficácia**, a **acurácia**, a **efetividade** e a **segurança** do **medicamento**, **produto** ou **procedimento objeto** do processo, **acatadas** pelo **órgão competente** para o registro ou a autorização de uso;

II

- a **avaliação econômica comparativa** dos **benefícios** e dos **custos** em relação às **tecnologias JÁ incorporadas**, **INCLUSIVE** no **que** se **refere** aos **atendimentos domiciliar**, **ambulatorial** ou **hospitalar**, quando cabível.

Não há referência na **legislação** vigente que a incorporação, a exclusão ou a alteração pelo SUS de novos medicamentos, produtos e procedimentos, bem como a constituição ou a alteração de protocolo clínico ou de diretriz terapêutica, **podem ser delegadas aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios por força da especificidade local**.

O gabarito da questão, portanto, é a letra "a".

2.10 - Serviços Privados de Assistência à Saúde em Parceria com o SUS

27. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Em relação aos serviços privados de assistência à saúde, é correto afirmar que

a) não podem complementar o SUS.

b) só pessoas ou entidades filantrópicas podem prestar assistência à saúde.

c) a assistência à saúde é livre à iniciativa privada.

d) só podem atuar em serviços de promoção.

e) só podem atuar em serviços de proteção à saúde.

Comentários:

Os **SERVIÇOS PRIVADOS** de **ASSISTÊNCIA** à **SAÚDE** caracterizam-se pela **atuação**, por **iniciativa própria**, de **profissionais liberais**, legalmente habilitados, e de **pessoas jurídicas** de **direito privado** na promoção, proteção e recuperação da saúde. Neste caminho, a **assistência** à **saúde** é **livre** à **iniciativa privada** (Lei nº 8.080/90, arts. 20 e 21).

Em relação aos serviços privados de assistência à saúde, é correto afirmar que:

a) **podem** complementar o SUS.

b) **pessoas físicas** ou **jurídicas**, **com** ou **sem fins lucrativos** e as entidades filantrópicas de direito privado podem prestar assistência à saúde. Vejam que o rol é muito mais amplo que o apontado pela alternativa.

c) a assistência à saúde é livre à iniciativa privada.

d) e **e)** as instituições privadas podem atuar em serviços de **promoção**, **proteção recuperação** da saúde.

O gabarito da questão, portanto, é a letra "c".

28. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Em relação à participação de capital estrangeiro, sobre a saúde no Brasil, é correto afirmar que

a) é inteiramente aplicável a participação de forma direta ou indireta junto ao SUS.

b) é vedada a participação direta ou indireta do capital estrangeiro, excetuadas doações de organismos internacionais vinculados à Organização das Nações Unidas, de entidades de cooperação técnica e de financiamento e empréstimos.

c) o capital estrangeiro pode participar da assistência à saúde, desde que cumpra o requisito de estar vinculado a ONGs nacionais.

d) o capital estrangeiro pode ser vinculado ao SUS, desde que haja vínculo também com empresas nacionais.

e) o capital estrangeiro pode ser vinculado ao SUS, desde que via filantropias nacionais.

Comentários:

A CF/88 e a Lei nº 8.080/90 criaram proteções para a **assistência** à saúde no Brasil em relação à intervenção de outros países.

Primeiramente, foi assegurado pela CF/88 (art. 199, § 3º) que seria vedada a participação **direta** ou **indireta** de empresas ou capitais estrangeiros **na assistência** à saúde no País, **salvo** nos casos previstos em lei. Isso significa que a assistência à saúde no Brasil deve ser prestada apenas pelo poder público, empresas e capitais brasileiros, podendo **haver** alguma **exceção determinada** por **lei.**

Posteriormente, foi determinado pela Lei nº 8.080/90 (art. 23) que seria vedada a participação direta ou indireta de empresas ou de capitais estrangeiros na assistência à saúde, salvo através **de** doações de organismos internacionais vinculados à Organização das Nações Unidas (ONU), **de** entidades de cooperação técnica e **de** financiamento e empréstimos.

É vedada a participação direta ou indireta de empresas ou de capitais estrangeiros na assistência à saúde, salvo através de:		
doações de organismos internacionais vinculados à ONU;	entidades de cooperação técnica;	financiamento e empréstimos.

A Lei nº 8.080/90 (art. 15, inciso XII) determina ainda que a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios poderão executar, em seu âmbito administrativo, a realização de **operações externas** de **natureza financeira** de **interesse** da **saúde**, **desde que autorizadas** pelo **Senado Federal**. Ou seja, qualquer empréstimo, convênio ou acordo financeiro firmado pelos entes federativos com instituições internacionais somente poderá ser feito após aprovação do Senado Federal.

Intervenções de Países Estrangeiros na Saúde Brasileira	
• É vedada a participação **direta** ou **indireta** de empresas ou capitais estrangeiros **na assistência** à saúde no País, **salvo** nos casos previstos em lei (CF/88, art. 199, §3º).	• A Lei nº 8.080/90 (art. 23) prevê essa participação através **de** doações de organismos internacionais vinculados à ONU, **de** entidades de cooperação técnica e **de** financiamento e empréstimos.
• A União, os estados, o Distrito Federal e os municípios poderão executar, em seu âmbito administrativo, a realização de **operações externas de natureza financeira de interesse da saúde**, **desde que autorizadas** pelo **Senado Federal** (Lei nº 8.080/90, art. 15, inciso XII).	

Conforme comentários, verificamos claramente que o gabarito da questão é a letra "b".

29. (Anvisa-2010/CETRO) A Secretaria Municipal de Saúde de uma cidade efetua os exames de Análises Clínicas em um laboratório particular. Esta medida estará dentro da legalidade se

a) as disponibilidades do serviço público forem insuficientes para garantia da cobertura assistencial à população local.

b) esse laboratório for gerido por entidade filantrópica, exclusivamente.

c) esse laboratório conceder benefícios monetários à Secretaria Municipal de Saúde local.

d) o laboratório for gerido por instituição estrangeira.

e) o laboratório for gerido por entidade estrangeira consorciada entre municípios vizinhos.

Comentários:

O art. 24 da Lei nº 8.080/90 estabelece que o SUS poderá firmar contrato ou convênio com serviços de saúde privados, quando as suas *disponibilidades forem insuficientes para garantir a cobertura assistencial à população de uma determinada área.* Assim, a **participação** da **iniciativa privada** no **SUS** deve ser **COMPLEMENTAR**.

Essa lei dispõe ainda que, dentre as instituições privadas, terão preferência de participar do SUS as entidades filantrópicas e as sem fins lucrativos (art. 25).

O gabarito da questão, portanto, é a letra "a".

30. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) Em determinadas situações, o SUS não consegue garantir a cobertura assistencial à população de alguns municípios. Nesses casos, o Sistema Único de Saúde poderá recorrer a algumas instituições, havendo preferência por

a) entidades sem fins lucrativos.

b) institutos de referência estadual.

c) hospitais universitários.

d) hospitais privados.

e) serviços de municípios vizinhos.

Comentários:

O **SUS poderá recorrer** aos **serviços** ofertados pela **iniciativa privada quando** as suas **disponibilidades** forem **insuficientes** para garantir a cobertura assistencial à população de uma determinada área. **MAS**, lembrem-se de que, **dentre as instituições privadas**, as entidades filantrópicas e as sem fins lucrativos terão preferência para participar do SUS. (Lei nº 8.080/90, arts. 24 e 25).

A letra "a", portanto, é o gabarito da questão.

FIQUE LIGADO! Qualquer instituição privada pode celebrar contrato ou convênio com a direção do SUS. Todavia, as **entidades filantrópicas** e as **sem fins lucrativos** terão preferência para participar do SUS.

2.11 - Recursos Humanos do SUS

31. (Anvisa-2010/CETRO) J. S. é funcionária da Anvisa e ocupa um cargo de chefia. Ela trabalha meio período e está sendo cotada também para fornecer assessoramento em outra área técnica. Pode-se afirmar que a atuação de J. S. é

a) legal, visto que não há normas relacionadas à jornada de trabalho para cargo de chefia no âmbito do SUS.

b) legal, visto que J. S. irá acumular dois cargos.

c) ilegal, pois ela não poderá acumular dois cargos em mais de um estabelecimento do SUS.

d) ilegal, pois cargos de chefia e assessoramento devem ter carga horária integral de trabalho.

e) legal, dentro do previsto pela Lei n° 8.080 de 1990 nas competências administrativas do SUS.

Comentários:

Os cargos e funções de **chefia**, direção e assessoramento, no **âmbito** do Sistema Único de Saúde (**SUS**), **só** poderão ser exercidos em **regime** de **tempo integral** (Lei 8080/90, art. 28).

Aos **servidores** em **regime** de **tempo integral**, com exceção dos ocupantes de cargos ou função de chefia, direção ou assessoramento, **é permitido** que **exerçam DOIS cargos** ou **empregos públicos** em estabelecimentos distintos, **quando estes cargos forem** legalmente **acumuláveis**.

Meus amigos, vocês notaram que os ocupantes de cargos ou função de **chefia**, direção ou assessoramento devem trabalhar em regime de tempo integral e não podem ter outro cargo ou emprego públicos.

Agora que compreendemos melhor esse assunto, vamos analisar o caso apresentado.

J. S. é funcionária da Anvisa e ocupa um cargo de **chefia** (não pode trabalhar em outro emprego, pois exerce cargo de chefia em regime de tempo integral; não pode ter outro cargo ou emprego públicos). Ela trabalha meio período e está sendo cotada também para fornecer assessoramento em outra área técnica. Pode-se afirmar que a atuação de J. S. é

c) ilegal, pois ela não poderá acumular dois cargos ou empregos públicos **em qualquer** estabelecimento do SUS, e não necessariamente no mesmo estabelecimento.

d) ilegal, pois cargos de chefia e assessoramento devem ter carga horária integral de trabalho.

Nessa tela, a letra "d" é o gabarito da questão.

2.12 - Financiamento do SUS

32. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Os recursos necessários às finalidades do SUS são oriundos da(s)

a) seguridade social.

b) prefeituras.

c) entidades sociais.

d) entidades privadas.

e) agência complementar de saúde.

Comentários:

O orçamento de cada ente federativo (União, estados, DF e municípios) compreende:

1 - o **orçamento fiscal** referente aos Poderes da União, seus fundos, órgãos e entidades da administração direta e indireta, inclusive fundações instituídas e mantidas pelo Poder Público;

2 - o **orçamento de investimento** das empresas em que a União, direta ou indiretamente, detenha a maioria do capital social com direito a voto;

3 - o **orçamento da seguridade social**, abrangendo todas as entidades e órgãos a ela vinculados, da administração direta ou indireta, bem como os fundos e fundações instituídos e mantidos pelo Poder Público.

A maior parte dos recursos do SUS é proveniente da Seguridade Social (saúde, assistência e previdência social). Logo, a letra "a" é o gabarito da questão.

33. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Para o estabelecimento de valores a serem transferidos a Estados, Distrito Federal e Municípios, será utilizada a combinação dos seguintes critérios, segundo análise técnica de programas e projetos:

I. perfil demográfico da região.

II. perfil epidemiológico da população a ser coberta.

III. características quantitativas e qualitativas da rede de saúde na área.

IV. desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior.

V. impostos recolhidos pela União.

É correto o que está contido em

a) I e V, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I, IV e V, apenas.

d) II, III, IV e V, apenas.

e) I, II, III e IV, apenas.

Comentários:

Nos termos do art. 35 da Lei 8.080/90, para o estabelecimento de valores a serem transferidos a estados, Distrito Federal e municípios, será utilizada a combinação dos seguintes critérios, segundo análise técnica de programas e projetos:

I • perfil demográfico da região;

II • perfil epidemiológico da população a ser coberta;

III • características quantitativas e qualitativas da rede de saúde na área;

IV • desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior;

V • níveis de participação do setor saúde nos orçamentos estaduais e municipais;

VI • previsão do plano quinquenal de investimentos da rede;

VII • ressarcimento do atendimento a serviços prestados para outras esferas de governo.

Cuidado! A Lei Complementar nº 141/12 revogou o § 1º do art. 35 descrito acima. Esse dispositivo legal determinava que metade dos recursos destinados a estados e municípios seria distribuída segundo o quociente de sua divisão pelo número de habitantes, independentemente de qualquer procedimento prévio.

Assim, verificamos que essa regra não existe mais no SUS. Destaca-se ainda que o estabelecimento de valores a serem repassados a estados e municípios que forem sujeitos a notório processo de migração deve ser diferenciado. Nesses casos, os critérios demográficos serão ponderados por outros indicadores de crescimento populacional, em especial o número de eleitores registrados (art. 35, § 2º).

Diante disso, o gabarito da questão é a letra "e".

34. (Anvisa/Cetro/2013) Para o estabelecimento de valores a serem transferidos a Estados, Distrito Federal e Municípios, será utilizada a combinação de critérios, relacionados no artigo 35 da Lei nº 8.080/1990,

os quais serão objeto de análise técnica de programas e projetos. Assinale a alternativa que **não** apresenta um dos critérios de que trata a referida norma.

a) Perfil epidemiológico da população a ser coberta.

b) Desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior.

c) Previsão do plano quinquenal de investimentos da rede.

d) Ressarcimento do atendimento a serviços prestados para outras esferas de governo.

e) Níveis de participação do setor saúde nos orçamentos federal, estaduais e municipais.

Comentários:

Nos termos do art. 35 da Lei 8.080/90, para o estabelecimento de valores a serem transferidos a estados, Distrito Federal e municípios, será utilizada a combinação dos seguintes critérios, segundo análise técnica de programas e projetos:

I • *perfil demográfico da região;*

II • ***perfil epidemiológico da população a ser coberta;***

III • características quantitativas e qualitativas da rede de saúde na área;

IV • ***desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior;***

V • níveis de participação do setor saúde nos orçamentos **estaduais e municipais**;

VI • ***previsão do plano quinquenal de investimentos da rede;***

VII • **ressarcimento do atendimento a serviços prestados para outras esferas de governo.**

Cuidado! A Lei Complementar nº 141/12 revogou o § 1º do art. 35 descrito acima. Esse dispositivo legal determinava que metade dos recursos destinados a estados e municípios seria distribuída segundo o quociente de sua divisão pelo número de habitantes, independentemente de qualquer procedimento prévio.

Assim, verificamos que essa regra não existe mais no SUS. Destaca-se ainda que o estabelecimento de valores a serem repassados a estados e municípios que forem sujeitos a notório processo de migração deve ser diferenciado. Nesses casos, os critérios demográficos serão ponderados por outros indicadores de crescimento populacional, em especial o número de eleitores registrados (art. 35, § 2º).

A alternativa incorreta é a letra "e", pois um dos critérios utilizados para o estabelecimento de valores a serem transferidos a estados, Distrito Federal e municípios é o seguinte: níveis de participação do setor saúde nos orçamentos **estaduais** e **municipais**, mas **não federal**.

Vejam como as provas da Cetro são mal elaboradas. Esse tipo de questão é desprezível. Por isso, recomendo a leitura exaustiva da legislação indicada no edital e a realização de muitos exercícios.

É notável que este e-book e meu livro **Legislação do SUS – 451 Questões Comentadas** atendem a necessidade de vocês. Um complementa o outro.

O livro é mais didático. Apresenta todo o assunto de forma encadeada, com muitos exemplos e esquemas gráficos. Esse e-book é mais resumido.

35. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo dispõe a Lei nº 8.080/1990, o orçamento da Seguridade Social destinará ao Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com a receita estimada, os recursos necessários à realização de suas finalidades, previstos em proposta elaborada pela sua direção nacional, com a participação dos órgãos da Previdência Social e da Assistência Social, tendo em vista as metas e prioridades estabelecidas na Lei de Diretrizes Orçamentárias. Porém, na composição do referido orçamento, existe a possibilidade de contar com recursos denominados por lei como "de outras fontes". É correto afirmar que são considerados de outras fontes os recursos provenientes de:

a) serviços que possam ser prestados sem prejuízo da assistência à saúde; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; rendas eventuais, exceto comerciais e industriais.

b) ajuda, contribuições, doações e donativos; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; serviços que possam ser prestados em caráter de proteção ao meio ambiente e à saúde.

c) taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito imobiliário; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; ajuda, contribuições, doações e donativos.

d) serviços que possam ser prestados sem prejuízo da assistência à saúde; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; ajuda, contribuições, doações e donativos.

e) taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS); ajuda, contribuições, doações e donativos; alienações patrimoniais de bens públicos integrantes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Comentários:

O **SUS** deve ser **financiado** com recursos do orçamento da seguridade social, da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, **além** de **outras fontes** (art. 198, § 1º).

São considerados de **outras fontes** os recursos para **financiamento** do **SUS** (art. 32):

I - serviços que possam ser prestados sem prejuízo da assistência à saúde;

II - ajuda, contribuições, doações e donativos;

III - alienações patrimoniais e rendimentos de capital;

IV - taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito do SUS;

VI - rendas eventuais, **inclusive** comerciais e industriais.

Dito isto, vamos ver em destaque os erros das alternativas:

São considerados de **outras fontes** os recursos para **financiamento** do **SUS**:

a) serviços que possam ser prestados sem prejuízo da assistência à saúde; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; rendas eventuais, **inclusive** comerciais e industriais.

b) ajuda, contribuições, doações e donativos; alienações patrimoniais e rendimentos de capital. **Não** estão **incluídos** os serviços que possam ser prestados em caráter de proteção ao meio ambiente e à saúde.

c) taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito do **SUS**, e não imobiliário; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; ajuda, contribuições, doações e donativos.

e) taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS); ajuda, contribuições, doações e donativos; alienações **patrimoniais** e **rendimentos** de **capital**, e não alienações patrimoniais de bens públicos integrantes do Sistema Único de Saúde (SUS).

O gabarito da questão, portanto, é a letra "d".

2.13 - Disposições Finais e Transitórias

36. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Os serviços de saúde dos hospitais universitários e de ensino integram-se ao Sistema Único de Saúde

a) obrigatoriamente.

b) mediante convênio.

c) sem autonomia administrativa.

d) sem preservação da mão de obra.

e) sem autonomia financeira.

Comentários:

Aduz o art. 45 da Lei nº 8.080/90:

> Os serviços de saúde dos hospitais universitários e de ensino integram-se ao SUS, **mediante convênio**, preservada a sua autonomia administrativa, em relação ao patrimônio, aos recursos humanos e financeiros, ensino, pesquisa e extensão nos limites conferidos pelas instituições a que estejam vinculados.

O gabarito da questão, portanto, é a letra "b".

2.14 - Disposições Gerais

37. (Prefeitura Municipal de Piedade-SP/2006/CETRO) Em relação às características do SUS (Sistema Único de Saúde), pode-se afirmar que:

I. Deve atuar de maneira integral, isto é, não ver a pessoa como amontoado de partes, mas como um todo, que faz parte de uma sociedade.

II. Deve se organizar de maneira a que sejam oferecidos serviços médicos especializados, com hospitais concentrados nas grandes cidades.

III. Deve assegurar o direito de participação apenas dos segmentos envolvidos com o Sistema – dirigentes institucionais, prestadores de serviços e trabalhadores na área de saúde.

Conclui-se que

a) todas as proposições estão incorretas.

b) somente a proposição I está incorreta.

c) as proposições I e II estão incorretas.

d) as proposições I e III estão incorretas.

e) as proposições II e III estão incorretas.

Comentários:

Vejamos cada item:

Item I. Correto. Um dos princípios do SUS é a integralidade.

Item II. Incorreto. O SUS deve se organizar de maneira a que sejam **oferecidos prioritariamente** os **serviços preventivos**. De

acordo com o princípio da equidade, devem existir especialidades médicas e hospitais acessíveis a toda população e não apenas nas grandes cidades.

Item III. Incorreto. Segundo o princípio de participação da comunidade, **toda** a população pode participar do controle das ações do SUS.

Dito isto, o gabarito é a letra "e".

38. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) A Lei nº 8.080/90 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde. Em relação a esta lei, é **incorreto** afirmar que

a) o SUS tem por objetivo executar ações tais como a vigilância nutricional e a orientação alimentar.

b) tem o princípio da universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência.

c) obedece ao princípio da preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral.

d) exclui a iniciativa privada da participação do SUS.

e) atua na execução de ações de vigilância sanitária e epidemiológica.

Comentários:

O art. 24 da Lei nº 8.080/90 estabelece que o SUS poderá firmar contrato ou convênio com serviços de saúde privados, quando as suas disponibilidades forem insuficientes para garantir a cobertura assistencial à população de uma determinada área. Assim, a **participação** da **iniciativa privada** no **SUS** deve ser **COMPLEMENTAR**.

Essa lei dispõe ainda que, dentre as instituições privadas, terão preferência de participar do SUS as entidades filantrópicas e as sem fins lucrativos (art. 25).

O gabarito da questão, portanto, é a letra "d".

39. (Anvisa/Cetro/2013) De acordo com a Lei nº 8.080/1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, analise as assertivas.

I. A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do País.

II. O conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, constitui o Sistema Único de Saúde (SUS), do qual se exclui a iniciativa privada que dele não poderá participar.

III. Incluem-se no campo de atuação do Sistema Único de Saúde (SUS), entre outras ações: a execução de ações de assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica; a participação na formulação da política e na execução de ações de saneamento básico; a vigilância nutricional e a orientação alimentar; a colaboração na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho.

IV. Entende-se por saúde do trabalhador um conjunto de atividades que se destina, através das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho, abrangendo a participação na normatização, fiscalização e controle dos serviços de saúde do trabalhador nas instituições e empresas públicas e privadas.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) III e IV, apenas.

d) I, II e III, apenas.

e) I, III e IV, apenas.

Comentários:

O conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, constitui o SUS.

Estão incluídas no disposto neste artigo as instituições públicas federais, estaduais e municipais de controle de qualidade, pesquisa e produção de insumos, medicamentos, inclusive de sangue e hemoderivados, e de equipamentos para saúde.

A iniciativa privada poderá participar do SUS, em caráter complementar.

Portanto, o conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, constitui o SUS, do qual se **inclui** a **iniciativa privada** que dele poderá participar de forma **complementar**.

Apenas o item II está incorreto. Logo, o gabarito da questão é a letra "e".

==========

Como está aula?! Estão gostando? Não se esqueçam de descansar em média 5 minutos a cada hora de estudo. Isso é muito importante para aumentar o rendimento do estudo.

Aproveitem um desses momentos de descanso para adquirir o melhor e mais completo livro de Legislação do SUS da atualidade.

Seguem os principais links para aquisição do Livro:

1 - **LIVRARIA CONCURSAR**: http://migre.me/feQnz (com valor promocional de lançamento);

2 - **LIVRARIA SARAIVA**: http://migre.me/fhWrp;

3 - **LIVRARIA RELATIVA**: http://migre.me/feQ2L;

4 - **LIVRARIA MAREMOTO**: http://migre.me/feQ0a;

5 - **PORTAL DOS LIVROS**: http://migre.me/feQ5c;

6 - **BONDFARO**: http://migre.me/foCC6;

7 - **LIVRARIA SILICIANO**: http://migre.me/foCDD;

8 - **LIVROS DE DIREITO**: http://migre.me/foCIb;

Se preferirem, podem adquirir o livro em outro site de preferência de vocês.

3 - Lei nº 8.142/90

40. (Prefeitura da Estância Hidromineral de Serra Negra – SP/2006/CETRO) Considere a Lei 8.142/1990 para responder à questão.

a) Tem por disposição principal, zelar pela qualificação de todos os profissionais da área de saúde sejam em nível superior ou técnico.

b) Deve fiscalizar os estabelecimentos que prestam quaisquer serviços de saúde sejam hospitais, clínicas, consultórios e ambulatórios.

c) É responsável por orientar a distribuição de verbas para a saúde oriundas de parcerias com a iniciativa privada.

d) Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde.

e) Introduziu no Ministério da Educação e Cultura novas propostas de grades curriculares para a formação de profissionais Médicos e Dentistas.

Comentários:

O ex-presidente da República, Fernando Collor de Mello, vetou os artigos da Lei nº 8.080/90 que tratavam dos conselhos e conferências de saúde e da transferência de recursos financeiros do SUS entre os entes federativos. Essa manobra política tinha o objetivo de dificultar a implantação do controle social, financiamento e municipalização do SUS, garantida pela CF/88.

De toda sorte, a pressão da sociedade civil, que não se conformava com os vetos ocorridos na Lei nº 8.080/90, foi muito importante para a aprovação da Lei nº 8.142/90.

Esta lei dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências.

Portanto, verificamos que a aprovação da Lei nº 8.142/90 regulamentou matérias importantes do SUS que tinham sido vetadas na Lei nº 8.080/90.

Diante do exposto, verificamos que o gabarito da questão é a letra "d".

41. (Prefeitura da Estância Hidromineral de Serra Negra – SP/2006/CETRO) Mediante portaria do Ministro de Estado, qual órgão público está autorizado a estabelecer condições para aplicar a Lei 8.142/1990?

a) o Ministério da Justiça

b) o Ministério da Saúde

c) o Conselho de Vigilância Sanitária

d) o Plano de Saúde Nacional

e) o Conselho de Saúde

Comentários:

Bravos guerreiros, vamos resolver mais uma questão do CETRO.

O art. 5° da Lei nº 8.142/90 determina que o Ministério da Saúde, mediante portaria do **Ministro de Estado**, é autorizado a estabelecer condições para aplicação desta lei. Ora, não poderia ser diferente!

O gabarito dessa questão é a letra "b".

42. (Prefeitura Municipal de Piedade-SP/2006/CETRO) A Lei 8.142/1990 dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde – SUS e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras

providências. Em seu Art. 5 deixa claro qual o órgão autorizado a estabelecer condições para sua efetiva aplicação. Trata-se

a) do Ministério da Justiça, mediante portaria do Ministério da Sáude.

b) do Ministério da Saúde, mediante portaria do Ministro de Estado.

c) do Conselho Nacional de Saúde, mediante portaria do Fundo Nacional de Saúde.

d) do Fundo de Saúde, mediante portaria do Ministério da Saúde.

e) da Secretaria Estadual de Saúde, mediante portaria do Fundo Nacional de Saúde.

Comentários:

Perceberam que essa questão do CETRO é igual a anterior. As bancas adoram repetir questões. Podem ter certeza que todas as questões de Legislação do SUS do concurso da Anvisa serão iguais às resolvidas em nosso e-book e no livro "**Legislação do SUS – 451 Questões Comentadas**". Por isso, não deixe de resolvê-las.

O gabarito dessa questão é a letra "b".

43. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo a Lei nº 8.142/90, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde, entre outras providências, assinale a alternativa **incorreta**.

a) O Sistema Único de Saúde (SUS) contará, em cada esfera de governo, sem prejuízo das funções do Poder Legislativo, com as seguintes instâncias colegiadas: a Conferência de Saúde e o Conselho de Saúde.

b) A Conferência de Saúde reunir-se-á a cada quatro anos com a representação dos vários segmentos sociais, para avaliar a situação da saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes, convocada pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, por esta ou pelo Conselho de Saúde.

c) O Conselho de Saúde, em caráter permanente e deliberativo, órgão colegiado composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários, atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

d) A representação dos usuários nos Conselhos de Saúde e Conferências contará com um terço do número de membros dos demais segmentos.

e) Os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) serão alocados, entre outras possibilidades, como despesas de custeio e de capital do Ministério da Saúde, seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta e investimentos previstos em lei orçamentária, de iniciativa do Poder Legislativo e aprovados pelo Congresso Nacional.

Comentários:

A representação dos usuários nos conselhos e conferências de saúde será **PARITÁRIA** (e não proporcional) em relação ao conjunto dos demais segmentos. Dessa forma, a representatividade será de **50% de usuários**, 25% de profissionais de saúde e 25% de representantes do governo e prestadores de serviços privados conveniados ao SUS, ou sem fins lucrativos.

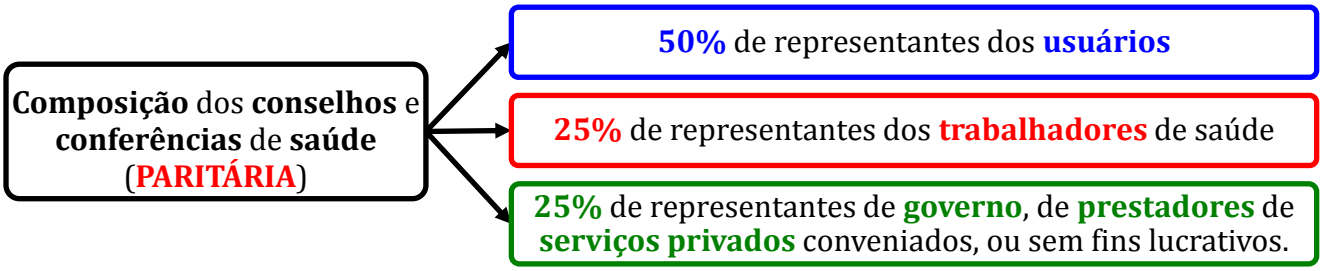

Percebam que metade dos membros dos conselhos e conferências de saúde são representantes dos usuários de saúde e a outra metade são representantes dos demais segmentos.

A representação dos usuários nos Conselhos de Saúde e Conferências contará com metade dos membros e a outra metade será composta pelos

demais membros (**25%** de representantes dos **trabalhadores** de saúde e **25%** de representantes de **governo**, de **prestadores** de **serviços privados** conveniados, ou sem fins lucrativos). **Não há** que **se falar** em **um terço** do número de membros dos **demais segmentos**.

Dito isto, o gabarito da questão é a letra "d".

44. (Anvisa/Cetro/2013) A Lei nº 8.142/1990, dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde. Quanto à alocação dos recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS), assinale a alternativa correta.

a) Podem ser alocados como despesas de custeio e de capital do Ministério da Saúde, seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta.

b) Podem ser alocados como investimentos previstos em lei orçamentária, de iniciativa do Poder Executivo e aprovados pelo Senado Federal.

c) Não podem ser alocados como investimentos previstos no Plano Quinquenal do Ministério da Saúde sob nenhuma condição.

d) Não podem ser alocados como cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos Municípios, Estados e Distrito Federal.

e) Os recursos para cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos Municípios, Estados e Distrito Federal, por conta da vedação para sua alocação através do Fundo Nacional de Saúde (FNS), não serão repassados de modo automático para tais entes federativos, devendo se criar mecanismos para que tais verbas sejam redistribuídas através dos planos orçamentários dos Poderes que integram o Sistema Único de Saúde (SUS).

Comentários:

Os Recursos do Fundo Nacional de Saúde serão alocados como

I
- despesas de **custeio** e de **capital** do Ministério da **Saúde,** seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta;

II
- Investimentos previstos em lei orçamentária, de **iniciativa** do Poder **Legislativo** e **aprovados** pelo **Congresso Nacional**;

III
- Investimentos previstos no Plano **Quinquenal** do Ministério da Saúde;

IV
- Cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos municípios, estados e Distrito Federal;

Os recursos do FNS alocados para a cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos municípios, estados e Distrito Federal destinar-se-ão a investimentos na rede de serviços, à cobertura assistencial ambulatorial e hospitalar e às demais ações de saúde.

Isto posto, vejamos os erros da questão:

Item B. Podem ser alocados como investimentos previstos em lei orçamentária, de iniciativa do Poder Executivo e aprovados pelo **Congresso Nacional**, e não Senado Federal.

Item C. **Podem** ser alocados como investimentos previstos no Plano Quinquenal do Ministério da Saúde.

Item D. **Podem** ser alocados como cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos Municípios, Estados e Distrito Federal.

Item E. A **forma preferencial** de **repasse** de **recursos** do Fundo Nacional de Saúde (**FNS**) para os fundos de saúde estaduais e municipais se dará preferencialmente de **modo automático**, **via fundo** a **fundo**. Por conseguinte, este item está incorreto.

A partir dos comentários, verificamos que o gabarito da questão é a letra "a".

45. (Anvisa/Cetro/2013) Quanto à composição e às atribuições do Conselho de Saúde, descritas na Lei n° 8.142/1990, assinale a alternativa correta.

a) O órgão colegiado é composto por representantes do governo, prestadores de serviço e profissionais de saúde, sem poder de deliberação, e atua como ouvinte nas discussões relativas ao controle e à execução da política de saúde em cada esfera de governo, sendo que a decisão final é soberana do titular da Pasta da Saúde.

b) O órgão consultivo é composto por representantes do governo, profissionais de saúde e dos usuários, atuando na formulação de estratégias para execução das políticas de saúde em cada esfera de governo, excetuando-se as questões financeiras, cujas decisões são soberanas e independem da homologação do chefe do poder legalmente constituído em cada esfera de governo.

c) O órgão colegiado, de caráter permanente e deliberativo, é composto por profissionais representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários, e atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

d) O órgão colegiado, de caráter provisório e deliberativo, é composto por profissionais representantes do governo, prestadores de serviço e usuários, e atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

e) O órgão colegiado, de caráter provisório e deliberativo, é composto por profissionais prestadores de serviço e usuários, e atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas

decisões são enviadas a conhecimento de uma comissão designada pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo para apreciação e homologação.

Comentários:

Vamos resolver mais uma questão extensa da Cetro. Percebemos que essa banca adora cobrar a literalidade das normas. Por isso devemos resolver exaustivamente questões de concursos anteriores.

Em relação aos conselhos de saúde, é correto afirmar:

a) O órgão colegiado é composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde **e dos usuários**, **com** poder de deliberação, e atua como ouvinte nas discussões relativas ao controle e à execução da política de saúde em cada esfera de governo, sendo que as decisões serão **homologadas** pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo (**poder executivo**).

b) O órgão **colegiado e deliberativo** é composto por representantes do governo, profissionais de saúde e dos usuários, atuando na formulação de estratégias para execução das políticas de saúde em cada esfera de governo, **inclusive** nos **aspectos econômicos** e **financeiros**, cujas decisões serão **homologadas** pelo **chefe** do **poder** legalmente constituído em **cada esfera** do **governo** (chefe do poder executivo).

d) O órgão colegiado, de caráter **permanente** e deliberativo, é composto por profissionais representantes do governo, prestadores de serviço, **profissionais** de **saúde** e usuários, e atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

e) O órgão colegiado, de caráter **permanente** e deliberativo, é composto por **representantes** do **governo**, **prestadores** de **serviço**, **profissionais** de **saúde** e **usuários**, e atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, **cujas decisões serão homologadas** pelo **chefe** do **poder** legalmente constituído em **cada esfera** do **governo**.

Nesses termos, a alternativa correta é a letra "c".

46. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) De acordo com a Lei nº 8.142/90 sobre a participação da comunidade na gestão do SUS, a Conferência Nacional de Saúde deve reunir-se com a seguinte periodicidade:

a) 1 (um) ano.

b) 2 (dois) anos.

c) 3 (três) anos.

d) 4 (quatro) anos.

e) 5 (cinco) anos.

Comentários:

As **conferências** de **saúde** são instâncias colegiadas do SUS que devem reunir-se a pelo menos cada **4** anos para avaliar a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes. Existem conferências de saúde em cada ente federativo (União, estados, DF e municípios). Por conseguinte, o gabarito da questão é a letra "d".

47. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) A Lei nº 8.142/90 define a formação do Conselho de Saúde, que **não** é composto por

a) profissionais de saúde.

b) representantes do governo.

c) médicos concursados.

d) prestadores de serviços.

e) usuários.

Comentários:

A Resolução nº 453/2012 do CNS aprova as diretrizes para criação, reformulação, estruturação e funcionamento dos conselhos de saúde. De acordo com esse dispositivo legal, a representação dos usuários nos conselhos e conferências de saúde será paritária em relação ao conjunto dos demais segmentos.

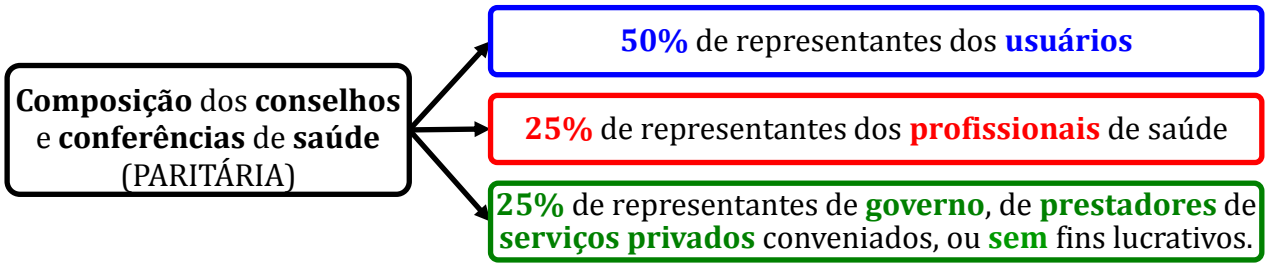

O gabarito da questão, portanto, é a letra "c".

48. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) De acordo com a Lei nº 8.142/90, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências, assinale a alternativa **incorreta**.

a) A Conferência de Saúde reunir-se-á a cada 7 (sete) anos com a representação dos vários segmentos sociais, para avaliar a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes, convocada pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, por esta ou pelo Conselho de Saúde.

b) O Conselho de Saúde, em caráter permanente e deliberativo, órgão colegiado composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários, atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas

decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

c) O Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e o Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (Conasems) terão representação no Conselho Nacional de Saúde.

d) A representação dos usuários nos Conselhos de Saúde e Conferências será paritária em relação ao conjunto dos demais segmentos.

e) As Conferências de Saúde e os Conselhos de Saúde terão sua organização e normas de funcionamento definidas em regimento próprio, aprovadas pelo respectivo conselho.

Comentários:

Vejam mais uma vez como a CETRO adora cobrar a literalidade das normas.

A Conferência de Saúde reunir-se-á a cada **quatro** anos com a representação dos vários segmentos sociais, para avaliar a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes, convocada pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, por esta ou pelo Conselho de Saúde (Lei nº 8.142/90, art. 1º, §1º).

A única alternativa incorreta, portanto, é a letra "a".

49. (Prefeitura de Mairinque-SP/2009/CETRO) A Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Sendo assim, os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) serão alocados como

a) planos de saúde.

b) conferências e conselhos de saúde.

c) cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos municípios, Estados e Distrito Federal.

d) relatórios de gestão que permitem o controle de que trata o § 4º do artigo 33 da Lei n° 8.080, de 19 de setembro de 1990.

e) comissões de elaboração do Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS), previsto no prazo de 2 (dois) anos para sua implantação.

Comentários:

Os Recursos do Fundo Nacional de Saúde serão alocados como

- **I** – despesas de **custeio** e de **capital** do Ministério da **Saúde,** seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta;
- **II** – Investimentos previstos em lei orçamentária, de **iniciativa** do Poder **Legislativo** e **aprovados** pelo **Congresso Nacional**;
- **III** – Investimentos previstos no Plano **Quinquenal** do Ministério da Saúde;
- **IV** – Cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos municípios, estados e Distrito Federal;

Os recursos do FNS alocados para a cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos municípios, estados e Distrito Federal destinar-se-ão a investimentos na rede de serviços, à cobertura assistencial ambulatorial e hospitalar e às demais ações de saúde.

O gabarito da questão, portanto, é a letra "c".

É importante mencionar que as questões desse e-book **não** estão no livro de minha autoria: **Legislação do SUS – 451 Questões Comentadas.**

4 - Lei Complementar nº 141/2012

50. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo a Lei Complementar nº 141/2012, que regulamenta o parágrafo 3º do artigo 198 da Constituição Federal e dispõe sobre os valores mínimos a serem aplicados nas ações e serviços públicos de saúde pela União, analise as assertivas abaixo.

I. Observadas as disposições da Constituição Federal e da Lei nº 8.080/90, serão consideradas despesas com ações e serviços públicos de saúde, para efeito de apuração da aplicação dos recursos mínimos estabelecidos, entre outras, as referentes a: vigilância em saúde, incluindo a epidemiológica e a sanitária; atenção integral e universal à saúde em todos os níveis de complexidade, incluindo assistência terapêutica e recuperação de deficiências nutricionais; e saneamento básico referente às ações financiadas e mantidas com recursos provenientes de taxas, tarifas ou preços públicos instituídos para essa finalidade.

II. Não constituirão despesas com ações e serviços públicos de saúde, para fins de apuração dos percentuais mínimos de que trata a referida lei complementar, aquelas decorrentes de pagamento de aposentadorias e pensões, inclusive dos servidores da saúde; pessoal ativo da área de saúde quando em atividade alheia à referida área; merenda escolar e outros programas de alimentação; e manejo ambiental vinculado diretamente ao controle de vetores de doenças.

III. A União aplicará, anualmente, em ações e serviços públicos de saúde, o montante correspondente ao valor empenhado no exercício financeiro anterior, apurado nos termos da referida Lei Complementar, acrescido de, no mínimo, o percentual correspondente à variação nominal do Produto Interno Bruto (PIB) ocorrida no ano anterior ao da lei orçamentária anual.

IV. Os Estados e o Distrito Federal aplicarão, anualmente, em ações e serviços públicos de saúde, no mínimo, 12% (doze por cento) da arrecadação dos impostos e recursos previstos na Constituição Federal,

deduzidas as parcelas que forem transferidas aos respectivos Municípios. Aos Municípios cabe aplicar anualmente em ações e serviços públicos de saúde, no mínimo, 15% (quinze por cento) da arrecadação dos impostos, conforme a Constituição Federal.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) II e IV, apenas.

d) III e IV, apenas

e) I, II, III e IV.

Comentários:

Essa questão é um pouco trabalhosa. Vamos detalhar cada item para melhor entendimento do assunto.

Item I. Incorreto. Observadas as disposições da Constituição Federal e da **Lei Complementar nº 141/12**, e não da Lei nº 8.080/90, serão consideradas despesas com ações e serviços públicos de saúde, para efeito de apuração da aplicação dos recursos mínimos estabelecidos, entre outras, as referentes a:

- **vigilância** em **saúde**, incluindo a epidemiológica e a sanitária;
- **atenção integral** e **universal** à saúde em todos os níveis de complexidade, incluindo assistência terapêutica e recuperação de deficiências nutricionais;
- **capacitação** do **pessoal** de saúde do **SUS**;
- **desenvolvimento científico** e **tecnológico** e **controle** de **qualidade** promovidos por instituições do **SUS**;
- **produção**, **aquisição** e **distribuição** de insumos específicos dos serviços de saúde do SUS, tais como: imunobiológicos, sangue e hemoderivados, **medicamentos** e equipamentos médico-odontológicos;
- **SANEAMENTO BÁSICO** de domicílios ou de **pequenas comunidades**, **desde que** seja **aprovado** pelo **Conselho** de **Saúde** do ente da Federação financiador da ação e esteja de acordo com as diretrizes das demais determinações previstas nesta Lei Complementar;

- **SANEAMENTO BÁSICO** dos **distritos sanitários** especiais **indígenas** e de **comunidades remanescentes** de **quilombos**;
- **manejo ambiental vinculado** diretamente ao **controle** de **vetores** de **doenças**;
- **investimento** na **rede física** do **SUS**, incluindo a execução de obras de recuperação, reforma, ampliação e construção de estabelecimentos públicos de saúde;
- **remuneração** do **pessoal ativo** da **área** de **saúde** em atividade nas ações de que trata este artigo, incluindo os encargos sociais;
- ações de apoio administrativo realizadas pelas instituições públicas do SUS e imprescindíveis à execução das ações e serviços públicos de saúde;
- gestão do sistema público de saúde e operação de unidades prestadoras de serviços públicos de saúde.

Vejam que a Lei Complementar nº 141/2012 determina também que as ações de saneamento básico, **em regra**, não constituirão despesas com ações e serviços públicos de saúde (art. 4º, inciso V).

Entretanto, serão consideradas despesas com ações e serviços públicos de saúde **as ações de saneamento básico** (art. 3º, inciso VI e VII):

I
- de domicílios ou de pequenas comunidades, desde que seja aprovado pelo conselho de saúde do ente da federação financiador da ação e esteja de acordo com as diretrizes das demais determinações previstas nesta lei;

II
- dos distritos sanitários especiais indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos.

Portanto, **não** serão consideradas despesas com ações e serviços públicos de saúde, para efeito de apuração da aplicação dos recursos mínimos estabelecidos, *o saneamento básico referente às ações*

financiadas e mantidas com recursos provenientes de taxas, tarifas ou preços públicos instituídos para essa finalidade.

Item II. Incorreto. Não constituirão despesas com ações e serviços públicos de saúde, para fins de apuração dos percentuais mínimos de que trata a referida lei complementar:

- pagamento de aposentadorias e pensões, inclusive dos servidores da saúde;
- pagamento de pessoal ativo da área de saúde quando em atividade alheia à referida área;
- assistência à saúde que não atenda ao princípio de acesso universal;
- merenda escolar e outros programas de alimentação;
- saneamento básico;
- limpeza urbana e remoção de resíduos;
- preservação e correção do meio ambiente, realizadas pelos órgãos de meio ambiente dos entes da Federação ou por entidades não governamentais;
- ações de assistência social;
- obras de infraestrutura;
- ações e serviços públicos de saúde custeadas com recursos distintos dos especificados na base de cálculo definida na LC 141/12 ou vinculados a fundos específicos distintos daqueles da saúde.

Por outro lado, serão consideradas despesas com ações e serviços públicos de saúde, para efeito de apuração da aplicação dos recursos mínimos estabelecidos, entre outras, as referentes ao **manejo ambiental vinculado** diretamente ao **controle** de **vetores** de **doenças.**

Item III. Correto. De acordo com a Lei Complementar nº 141/2012, a **União** aplicará anualmente, em ações e serviços públicos de saúde, o montante correspondente ao valor empenhado no exercício financeiro anterior, apurado nos termos desta Lei Complementar, acrescido de no mínimo o percentual correspondente à variação nominal do Produto

Interno Bruto (PIB) ocorrida no ano anterior ao da lei orçamentária anual (art. 5º).

Por exemplo, a UNIÃO deve aplicar em 2012 na área da saúde o valor aplicado em 2011, acrescido de no mínimo o percentual correspondente à variação nominal do PIB entre os anos de 2011 e 2010, ou seja, nos últimos dois anos.

Item IV. Correto. Os **estados** e o Distrito Federal aplicarão anualmente em ações e serviços públicos de saúde no mínimo **12%** da arrecadação dos impostos estaduais, deduzidas as parcelas que forem transferidas aos respectivos Municípios (art. 6º).

Os **municípios** e o Distrito Federal aplicarão anualmente, em ações e serviços públicos de saúde, no mínimo **15%** da arrecadação dos impostos municipais (art. 7º).

Observe que o **Distrito Federal**, por ser um entre federativo misto, deve aplicar, em ações e serviços públicos de saúde, no mínimo **12%** da arrecadação dos impostos de base estadual e **15%** da arrecadação dos impostos de base municipal.

Sintetizando, vamos visualizar o esquema gráfico abaixo:

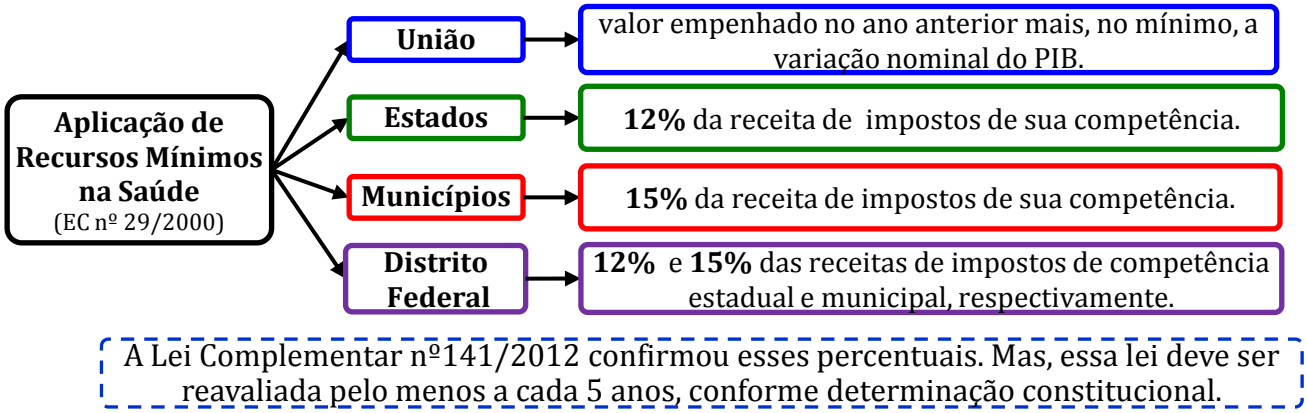

Nesses termos, o gabarito da questão é a letra "d".

51. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo os termos da Lei complementar nº 141/2012, que regulamenta o parágrafo 3º do artigo 198 da Constituição Federal, quanto à fiscalização da gestão da saúde, analise as assertivas abaixo.

I. Sem prejuízo das atribuições próprias do Poder Legislativo e do Tribunal de Contas de cada ente da federação, o Ministério da Saúde manterá sistema de registro eletrônico centralizado das informações de saúde referentes aos orçamentos públicos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, incluída sua execução, garantido o acesso público às informações.

II. Os Poderes Executivos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios disponibilizarão, aos respectivos Tribunais de Contas, informações sobre o cumprimento da referida Lei Complementar, com a finalidade de subsidiar as ações de controle e fiscalização. Constatadas divergências entre os dados disponibilizados pelo Poder Executivo e os obtidos pelos Tribunais de Contas em seus procedimentos de fiscalização, serão cientificados o Poder Judiciário e o Ministério Público Federal, para que sejam adotadas as medidas cabíveis.

III. Os Conselhos de Saúde, no âmbito de suas atribuições, avaliarão anualmente o relatório consolidado do resultado da execução orçamentária e financeira no âmbito da saúde e o relatório do gestor da saúde sobre a repercussão da referida Lei Complementar nas condições de saúde e na qualidade dos serviços de saúde das populações respectivas e encaminhará ao Chefe do Poder Legislativo do respectivo ente da Federação as indicações para que sejam adotadas as medidas ressarcitórias necessárias.

a) I, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II e III, apenas.

d) III, apenas.

e) I, II e III.

Comentários:

Essa questão cobrou conhecimento aprofundado da Lei Complementar nº 141/12. Vamos verificar abaixo os erros da questão.

Item II. Incorreto. Os Poderes Executivos da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios disponibilizarão, aos respectivos Tribunais de Contas, informações sobre o cumprimento desta Lei Complementar, com a finalidade de subsidiar as ações de controle e fiscalização (art. 40).

Constatadas divergências entre os dados disponibilizados pelo Poder Executivo e os obtidos pelos Tribunais de Contas em seus procedimentos de fiscalização, **será dado ciência** ao **Poder Executivo** e à **direção local** do **SUS**, **para** que sejam **adotadas** as **medidas cabíveis**, **sem prejuízo** das **sanções previstas** em lei (art. 40, parágrafo único). O item está incorreto, pois no caso apresentado **não** serão cientificados o Poder Judiciário e o Ministério Público Federal, para que sejam adotadas as medidas cabíveis

Item III. Incorreto. Os conselhos de saúde, no âmbito de suas atribuições, avaliarão **a cada quadrimestre**, e não anualmente, o relatório consolidado do resultado da execução orçamentária e financeira no âmbito da saúde e o relatório do gestor da saúde sobre a repercussão da execução desta Lei Complementar nas condições de saúde e na qualidade dos serviços de saúde das populações respectivas e encaminhará ao Chefe do Poder **Executivo**, e não do Legislativo, do respectivo ente da Federação as indicações para que sejam adotadas as medidas corretivas, e não ressarcitórias necessárias (art. 41).

O gabarito da questão é a letra "a", pois apenas o item I encontra-se correto.

5 - Decreto nº 7.508/2011

52. (Anvisa/Cetro/2013) Para efeitos do Decreto nº 7.508/2011, considera-se Mapa da Saúde

a) o espaço geográfico contínuo constituído por agrupamentos de Municípios limítrofes, delimitado a partir de identidades culturais, econômicas e sociais e de redes de comunicação e infraestrutura de transportes compartilhados, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde.

b) instâncias de pactuação consensual entre os entes federativos para definição das regras da gestão compartilhada do SUS.

c) o conjunto de ações e serviços de saúde articulados em níveis de complexidade crescente, com a finalidade de garantir a integralidade da assistência à saúde.

d) a descrição geográfica da distribuição de recursos humanos e de ações e serviços de saúde ofertados pelo SUS e pela iniciativa privada, considerando-se a capacidade instalada existente, os investimentos e o desempenho aferido a partir dos indicadores de saúde do sistema.

e) o espaço geopolítico constituído por comunidades de interesses transindividuais, delimitado com base em estudos de observação que identificam fatores de risco comuns e frequentes, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde.

Comentários:

Item A. **Região de Saúde** é o espaço geográfico contínuo constituído por agrupamentos de Municípios limítrofes, delimitado a partir de identidades culturais, econômicas e sociais e de redes de comunicação e infraestrutura de transportes compartilhados, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde.

Item B. **Comissões Intergestores** são instâncias de pactuação consensual entre os entes federativos para definição das regras da gestão compartilhada do SUS.

Item C. **Rede de Atenção à Saúde** é o conjunto de ações e serviços de saúde articulados em níveis de complexidade crescente, com a finalidade de garantir a integralidade da assistência à saúde.

Item D. **Mapa da Saúde** é a descrição geográfica da distribuição de recursos humanos e de ações e serviços de saúde ofertados pelo SUS e pela iniciativa privada, considerando-se a capacidade instalada existente, os investimentos e o desempenho aferido a partir dos indicadores de saúde do sistema.

Gabarito: letra "d".

53. (Anvisa/Cetro/2013) Quanto ao processo de planejamento da saúde, disposto no Capítulo III do Decreto nº 7.508/2011, é correto afirmar que

a) os Conselhos de Saúde estabelecerão as diretrizes a serem observadas na elaboração dos planos de saúde, de acordo com as características epidemiológicas e da organização de serviços nos entes federativos e nas Regiões de Saúde.

b) no planejamento devem ser considerados tão somente os serviços e as ações prestados no setor público, os quais deverão compor os Mapas de Saúde regional, estadual e nacional.

c) o processo de planejamento da saúde será descendente e integrado, ouvidos os respectivos Conselhos de Saúde, compatibilizando-se as necessidades das políticas de saúde com a disponibilidade de recursos financeiros.

d) o planejamento da saúde é obrigatório para os entes públicos, e será indutor de políticas nas 3 (três) instâncias federativas componentes do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo facultativa a indução na iniciativa privada.

e) o planejamento da saúde em âmbito estadual deve ser realizado de maneira regionalizada, a partir das necessidades dos Municípios, considerando o estabelecimento de metas de saúde.

Comentários:

Vamos resolver mais uma questão decoreba da Cetro.

Item A. O **Conselho Nacional** de **Saúde, e não todos os conselhos de saúde**, estabelecerá as diretrizes a serem observadas na elaboração dos planos de saúde, de acordo com as características epidemiológicas e da organização de serviços nos entes federativos e nas Regiões de Saúde.

Item B. No **planejamento** devem ser **considerados** os **serviços** e as **ações** prestados pela **iniciativa privada,** de forma complementar ou não ao SUS, os quais **deverão compor** os **Mapas** da **Saúde** regional, estadual e nacional.

Item C. O processo de planejamento da saúde será **ascendente** e integrado, do nível **local até** o **federal**, ouvidos os respectivos Conselhos de Saúde, compatibilizando-se as necessidades das políticas de saúde com a disponibilidade de recursos financeiros.

Item D. O **planejamento** da **saúde** é **obrigatório** para os entes **públicos** (União, estados, DF, municípios) e será **indutor** de políticas para a **iniciativa privada**.

Item E. O planejamento da saúde em âmbito estadual deve ser realizado de maneira regionalizada, a partir das necessidades dos municípios, considerando o estabelecimento de metas de saúde.

Nobres concurseiros, vocês estão percebendo que as questões da Cetro são extremamente decorebas. Ora, como fazer para acertar essas questões no dia da prova?

- É simples, resolvam o maior número de questões possível e leiam exaustivamente as normas indicadas no edital.

O gabarito da questão só pode ser a letra "e".

54. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo dispõe o Decreto nº 7.508/2011, que regulamenta a Lei nº 8.080/1990, regiões de saúde são espaços geográficos contínuos constituídos por agrupamentos de Municípios limítrofes, delimitados a partir de identidades culturais, econômicas e sociais e de redes de comunicação e infraestrutura de transportes compartilhados, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde. Tomando por base esse conceito e o que dispõe o artigo 5º do referido Decreto, assinale a alternativa que apresenta as mínimas ações e serviços que devem ser ofertados para que uma Região de Saúde seja instituída.

a) Atenção primária; urgência e emergência; atenção psicossocial; atenção ambulatorial especializada e hospitalar; e atenção em transporte social.

b) Atenção primária; atenção secundária; atenção odontológica; atenção psicossocial; e vigilância em saúde.

c) Atenção primária; atenção secundária; fornecimento de medicamentos, órteses e próteses; atenção psicossocial; e atenção ambulatorial especializada e hospitalar.

d) Atenção primária; urgência e emergência; atenção psicossocial; atenção ambulatorial especializada e hospitalar; e vigilância em saúde.

e) Atenção primária; urgência e emergência; atenção psicossocial; atenção ambulatorial especializada e hospitalar; vigilância em saúde; e fornecimento de órteses e próteses.

Comentários:

Para ser instituída, a **Região** de **Saúde deve conter**, **no mínimo**, ações e serviços de (art. 5º):

I - atenção primária;

II - urgência e emergência;

III - atenção psicossocial;

IV - atenção ambulatorial especializada e hospitalar; e

V - vigilância em saúde.

Percebemos que as Regiões de Saúde devem garantir minimamente serviços de atenção básica, vigilância em saúde e parte da média e alta complexidade. Ressaltamos que os serviços não disponíveis dentro dessa região para os seus municípios integrantes deverão ser oferecidos por outras regiões, respeitando o processo de pactuação da Programação Pactuada Integrada (PPI) e Plano Diretor de Regionalização (PDR).

Nessa esteira, o gabarito da questão é a letra "d".

55. (Anvisa/Cetro/2013) Com relação ao Decreto nº 7.508/2011, que regulamenta a Lei nº 8.080/90, analise as assertivas abaixo.

I. Considera-se Região de Saúde o espaço geográfico contínuo constituído por agrupamentos de Municípios limítrofes, delimitado a partir de identidades culturais, econômicas e sociais e de redes de comunicação e infraestrutura de transportes compartilhados, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde.

II. Considera-se Mapa da Saúde a descrição geográfica da distribuição de recursos humanos e de ações e serviços de saúde ofertados pelo SUS e pela iniciativa privada, considerando-se a capacidade instalada existente, os investimentos e o desempenho aferido a partir dos indicadores de saúde do sistema.

III. As Regiões de Saúde serão instituídas privativamente pela União, em articulação com os Estados e Municípios, respeitadas as diretrizes gerais pactuadas na Comissão Intergestores Tripartite – CIT. Poderão ser interestaduais, compostas por Municípios limítrofes ou não e a instituição de Regiões de Saúde situadas em áreas de fronteira com outros países deverá respeitar as normas que regem as relações internacionais.

IV. Para ser instituída, bastará à Região de Saúde conter ações e serviços de atenção primária, urgência e emergência e atenção ambulatorial especializada e hospitalar.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) I e IV apenas.

c) II e III, apenas.

d) III e IV, apenas.

e) I, II, III e IV.

Comentários:

Item III. Na verdade, as Regiões de Saúde serão instituídas pelo **estado**, em **articulação com** os **municípios**, respeitadas as diretrizes gerais pactuadas na Comissão Intergestores Tripartite (CIT).

Poderão ser instituídas interestaduais, compostas por municípios limítrofes, por ato conjunto dos respectivos estados em articulação com os municípios. A instituição de Regiões de Saúde situadas em áreas de fronteira com outros países deverá respeitar as normas que regem as relações internacionais.

Item IV. **Para ser instituída**, a **Região** de **Saúde** **deve conter**, **no mínimo**, ações e serviços de (art. 5º):

I - atenção primária;

II - urgência e emergência;

III - atenção psicossocial;

IV - atenção ambulatorial especializada e hospitalar; e

V - vigilância em saúde.

Percebemos que as Regiões de Saúde devem garantir minimamente serviços de atenção básica, vigilância em saúde e parte da média e alta complexidade. Ressaltamos que os serviços não disponíveis dentro dessa região para os seus municípios integrantes deverão ser oferecidos por outras regiões, respeitando o processo de pactuação da PPI e PDR.

O item está errado, pois não elencou os serviços de *atenção psicossocial* e *vigilância em saúde*.

O gabarito da questão é a letra "a", pois o item I e II são os únicos corretos.

56. (Anvisa/Cetro/2013) Quanto à hierarquização do Sistema Único de Saúde, com regras descritas na Seção II do Capítulo II do Decreto nº 7.508/2011, assinale a alternativa **incorreta**.

a) São Portas de Entrada às ações e aos serviços de saúde nas Redes de Atenção à Saúde os serviços de atenção primária; de atenção de urgência e emergência; de atenção psicossocial; e especiais de acesso aberto.

b) Mediante justificativa técnica e de acordo com o pactuado nas Comissões Intergestores, os entes federativos poderão criar novas Portas de Entrada às ações e serviços de saúde, considerando as características da Região de Saúde.

c) A população indígena contará com regramentos diferenciados de acesso, compatíveis com suas especificidades e com a necessidade de assistência integral à sua saúde, de acordo com disposições do Ministério da Saúde.

d) O acesso universal e igualitário às ações e serviços de saúde será ordenado pela atenção primária e deve ser fundado na avaliação da gravidade do risco individual e coletivo, observadas as especificidades previstas para pessoas com proteção especial, excetuando-se questões de critério cronológico, conforme legislação vigente.

e) Ao usuário será assegurada a continuidade do cuidado em saúde, em todas as suas modalidades, nos serviços, hospitais e em outras unidades integrantes da rede de atenção da respectiva região, sendo de competência das Comissões Intergestores a pactuação das regras de continuidade do acesso supracitado.

Comentários:

De acordo com o Decreto 7.508/2011, o acesso universal, igualitário e ordenado às ações e serviços de saúde **se inicia pelas Portas de Entrada do SUS** e se completa na rede regionalizada e hierarquizada, de acordo com a complexidade do serviço (art. 8º).

São **Portas de Entrada** às ações e aos serviços de saúde do SUS:
I - de atenção primária; II - de atenção de urgência e emergência; III - de atenção psicossocial; e IV - especiais de acesso aberto.

Os **serviços** de **atenção hospitalar** e os **ambulatoriais especializados**, entre outros de maior complexidade e densidade tecnológica, **serão referenciados pelas Portas** de **Entrada** referidas acima (art. 10).

Portas de Entrada do SUS

- Atenção primária;
- Atenção de urgência e emergência;
- Atenção psicossocial;
- Serviços especiais de acesso aberto.

Referenciam à população para

os serviços de atenção hospitalar e os ambulatoriais especializados.

Mediante justificativa técnica e de acordo com o pactuado nas Comissões Intergestores, os entes federativos poderão criar novas Portas de Entrada às ações e serviços de saúde, considerando as características da Região de Saúde.

Os serviços de atenção hospitalar e os ambulatoriais especializados, entre outros de maior complexidade e densidade tecnológica, serão referenciados pelas Portas de Entrada do SUS.

O acesso universal e igualitário às ações e aos serviços de saúde será ordenado pela atenção primária e deve ser fundado na avaliação da gravidade do risco individual e coletivo e no critério cronológico, observadas as especificidades previstas para pessoas com proteção especial, conforme legislação vigente. Dessa forma **não** se **excetua questões** de **critério cronológico**.

Resumindo, acesso universal e igualitário às ações e aos serviços de saúde será ordenado pela atenção primária e deve ser fundado na avaliação da:

gravidade do risco individual e coletivo	**+**	**critério cronológico**

Ao usuário será assegurada a continuidade do cuidado em saúde, em todas as suas modalidades, nos serviços, hospitais e em outras unidades integrantes da rede de atenção da respectiva região.

Verificamos que a letra "d" é a alternativa incorreta.

57. (Anvisa/Cetro/2013) Sobre a Relação Nacional de Medicamentos Essenciais – RENAME, instituída pelo Decreto nº 7.508/2011.

a) A RENAME compreende a seleção e a padronização de medicamentos indicados para atendimento de doenças ou de agravos no âmbito do SUS, a qual será acompanhada do Formulário Terapêutico Nacional – FTN, que subsidiará a prescrição, a dispensação e o uso de seus medicamentos, sendo facultativa sua observância pelo profissional prescritor.

b) O Ministério da Saúde é o órgão competente para dispor sobre a RENAME e os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas em âmbito nacional, observadas as diretrizes pactuadas pela Comissão Intergestores Tripartite, sendo obrigatória a consolidação e publicação das atualizações da RENAME, do respectivo FTN e dos Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas a cada quatro anos.

c) O acesso universal e igualitário à assistência farmacêutica pressupõe, cumulativamente, que o usuário esteja assistido por ações e serviços de saúde do SUS; que o medicamento tenha sido prescrito por profissional de saúde, no exercício regular de suas funções no SUS; que a prescrição esteja em conformidade com a RENAME e os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas ou com a relação específica complementar estadual, distrital ou municipal de medicamentos; e que a dispensação do medicamento ocorra tanto em unidades indicadas pela direção do SUS

quanto por empresas privadas, sob responsabilidade do usuário o custeio do medicamento.

d) O Estado, o Distrito Federal e o Município poderão adotar relações específicas e complementares de medicamentos, pelo princípio constitucional da Soberania, independentemente de ser observada a RENAME, respeitadas as responsabilidades dos entes pelo financiamento de medicamentos, de acordo com o pactuado nas Comissões Intergestores.

e) A RENAME e a relação específica complementar estadual, distrital ou municipal de medicamentos somente poderão conter produtos com registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, podendo o Ministério da Saúde estabelecer regras diferenciadas de acesso a medicamentos de caráter especializado.

Comentários:

Item A. Incorreto. A Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME) compreende a seleção e a padronização de medicamentos indicados para atendimento de doenças ou de agravos no âmbito do SUS, a qual será acompanhada do Formulário Terapêutico Nacional – FTN, que subsidiará a prescrição, a dispensação e o uso de seus medicamentos, sendo **necessária**, e não facultativa, sua observância pelo profissional prescritor.

Item B. Incorreto. O Ministério da Saúde é o órgão competente para dispor sobre a RENAME e os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas em âmbito nacional, observadas as diretrizes pactuadas pela Comissão Intergestores Tripartite (CIT), sendo obrigatória a consolidação e publicação das atualizações da RENAME, do respectivo FTN e dos Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas a cada **dois** anos.

Item C. Incorreto. O acesso universal e igualitário à assistência farmacêutica pressupõe, **CUMULATIVAMENTE**:

I - estar o usuário assistido por ações e serviços de saúde do SUS;

II - ter o medicamento sido prescrito por profissional de saúde, no exercício regular de suas funções no SUS;

III - estar a prescrição em conformidade com a RENAME e os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas ou com a relação específica complementar estadual, distrital ou municipal de medicamentos;

IV - ter a dispensação ocorrido em **unidades indicadas** pela **direção** do **SUS**.

Verificamos e que acesso universal e igualitário à assistência farmacêutica **não** pressupõe que a dispensação do medicamento ocorra por empresas privadas, sob responsabilidade do usuário o custeio do medicamento.

Item D. Incorreto. O Estado, o Distrito Federal e o Município poderão adotar relações específicas e complementares de medicamentos, em **consonância com** a **RENAME**, respeitadas as responsabilidades dos entes pelo financiamento de medicamentos, de acordo com o pactuado nas Comissões Intergestores.

Item E. Correto. A RENAME e a relação específica complementar estadual, distrital ou municipal de medicamentos somente poderão conter produtos com registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, podendo o Ministério da Saúde estabelecer regras diferenciadas de acesso a medicamentos de caráter especializado.

Gabarito: letra "e".

58. (Anvisa/Cetro/2013) Quanto aos objetos de pactuação das Comissões Intergestores, conforme disposto no Decreto 7.508/2011, que regulamenta a Lei nº 8.080/1990, assinale a alternativa **incorreta**.

a) As Comissões Intergestores pactuarão aspectos operacionais, financeiros e administrativos da gestão compartilhada do SUS de acordo com a definição da política de saúde dos entes federativos,

consubstanciada nos seus planos de saúde, aprovados pelos respectivos conselhos de saúde.

b) As Comissões Intergestores pactuarão diretrizes gerais sobre Regiões de Saúde, integração de limites geográficos, referência e contrarreferência e demais aspectos vinculados à integração das ações e serviços de saúde entre os entes federativos.

c) As Comissões Intergestores pactuarão diretrizes de âmbito nacional, estadual, regional e intermunicipal, a respeito da organização das redes de atenção à saúde, principalmente no tocante à gestão institucional e à integração das ações e serviços dos entes federativos.

d) Responsabilidades dos entes federativos na Rede de Atenção à Saúde, de acordo com o seu porte demográfico e seu desenvolvimento econômico-financeiro, estabelecendo as responsabilidades individuais e solidárias.

e) Referências das regiões intraestaduais e interestaduais de atenção à saúde para o atendimento da integralidade da assistência.

Comentários:

Vamos resolver mais uma questão covarde da Cetro.

As Comissões Intergestores pactuarão (Decreto 7.508/11, art. 32):

I - aspectos operacionais, financeiros e administrativos da gestão compartilhada do SUS, de acordo com a definição da política de saúde dos entes federativos, consubstanciada nos seus planos de saúde, aprovados pelos respectivos conselhos de saúde;

II - diretrizes gerais sobre Regiões de Saúde, integração de limites geográficos, referência e contrarreferência e demais aspectos vinculados à integração das ações e serviços de saúde entre os entes federativos;

III - diretrizes de âmbito **nacional**, **estadual**, **regional** e **interestadual**, a respeito da organização das redes de atenção à saúde, principalmente no tocante à gestão institucional e à integração das ações e serviços dos entes federativos;

IV - responsabilidades dos entes federativos na Rede de Atenção à Saúde, de acordo com o seu porte demográfico e seu desenvolvimento econômico-financeiro, estabelecendo as responsabilidades individuais e as solidárias; e

V - referências das regiões intraestaduais e interestaduais de atenção à saúde para o atendimento da integralidade da assistência.

A alternativa "c" é a incorreta, pois houve a troca da palavra "interestadual" por **intermunicipal**.

59. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) De acordo com o Decreto nº 7.508/11, os entes federativos definirão os seguintes elementos em relação às Regiões de Saúde:

I. seus limites geográficos.

II. população usuária das ações e serviços.

III. rol de ações e serviços que serão ofertados.

IV. respectivas responsabilidades, critérios de acessibilidade e escala para conformação dos serviços.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.

b) I e IV, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, II, III e IV.

e) II, apenas.

Comentários:

As Redes de Atenção à Saúde estarão compreendidas no âmbito de uma Região de Saúde, ou de várias delas, em consonância com diretrizes pactuadas nas Comissões Intergestores (art. 7º).

Os entes federativos definirão os seguintes elementos em relação às Regiões de Saúde (art. 7º, parágrafo único):

I - seus limites geográficos;

II - população usuária das ações e serviços;

III - rol de ações e serviços que serão ofertados; e

IV - respectivas responsabilidades, critérios de acessibilidade e escala para conformação dos serviços.

Nesses termos, o gabarito da questão é a letra "d".

Para terminarmos nosso estudo com chave de ouro, vamos resolver mais uma questão capciosa da Cetro.

60. (TCM-SP/CETRO/2006) Baseando-se na Lei Federal 8080 que define o Sistema Único de Saúde (SUS), assinale a alternativa correta quanto aos princípios que regem a organização deste Sistema.

a) Urbanização e hierarquização, resolubilidade, descentralização, controle social, complementariedade do setor privado.

b) Regionalização e hierarquização, igualdade, centralização, controle social, complementariedade do setor privado.

c) Regionalização e hierarquização, resolubilidade, descentralização, controle social, complementariedade do setor privado.

d) Regionalização e hierarquização, resolubilidade, universalidade, controle social, complementariedade do setor privado.

e) Regionalização e nivelamento, resolubilidade, descentralização, controle social, acesso ao setor privado para atenção terciária.

COMENTÁRIOS:

De acordo com o art. 7º da Lei nº 8.080/90, as ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que integram o Sistema Único de Saúde (SUS), são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no art. 198 da Constituição Federal, obedecendo ainda aos seguintes princípios:

I - universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência;

II - integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;

III - preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral;

IV - igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie;

V - direito à informação, às pessoas assistidas, sobre sua saúde;

VI - divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e a sua utilização pelo usuário;

VII - utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, a alocação de recursos e a orientação programática;

VIII - participação da comunidade;

IX - descentralização político-administrativa, com direção única em cada esfera de governo:

a) ênfase na descentralização dos serviços para os municípios;

b) regionalização e hierarquização da rede de serviços de saúde;

X - integração em nível executivo das ações de saúde, meio ambiente e saneamento básico;

XI - conjugação dos recursos financeiros, tecnológicos, materiais e humanos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na prestação de serviços de assistência à saúde da população;

XII - capacidade de resolução dos serviços em todos os níveis de assistência;e

XIII - organização dos serviços públicos de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

Mais uma questão covarde da Cetro. Vamos tentar resolvê-la utilizando a técnica "por eliminação".

Não são princípios do SUS:

a) urbanização;

b) centralização;

e) nivelamento, acesso ao setor privado para atenção terciária.

Agora ficou mais fácil, pois sobraram apenas as letras "c" e "d".

Vejamos:

Letra c - Regionalização e hierarquização, resolubilidade, descentralização, controle social, complementariedade do setor privado.

Letra d - Regionalização e hierarquização, resolubilidade, universalidade, controle social, complementariedade do setor privado.

Complicou, não é mesmo! As duas alternativas ("c" e "d") descrevem princípios do SUS.

A questão considerada correta pela Cetro foi a letra "c", pois está alternativa descreve princípios organizativos e nenhum princípio doutrinário do SUS.

Por exemplo, a letra "d" descreveu a universalidade, que é um princípio doutrinário do SUS.

De toda forma, essa questão foi confusa e induziu o candidato ao erro. Poderia ter sido anulada.

Lista de Questões

1- Saúde na Constituição Federal de 1988

1. (Prefeitura Municipal de Piedade-SP/2006/CETRO) Assinale a alternativa **incorreta** quanto às diretrizes do Sistema Único de Saúde - SUS.

a) Descentralização e controle social.

b) Hierarquização e regionalização.

c) Centralização na assistência médica.

d) Participação complementar do setor privado.

e) Universalidade e equidade.

2. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) Baseado nos preceitos constitucionais, a construção do SUS (Sistema Único de Saúde) norteia-se pelos seguintes princípios doutrinários:

I. universalidade: a garantia de atenção à saúde por parte do sistema, a todo e qualquer cidadão.

II. integralidade: cada pessoa é um todo indivisível e integrante de uma comunidade.

III. equidade: assegurar ações e serviços de todos os níveis de acordo com a complexidade que cada caso requeira, more o cidadão onde morar, sem privilégios e sem barreiras.

IV. descentralização: a garantia constitucional de que a população usufruirá das unidades e das entidades representativas das políticas de saúde em todos os níveis, desde o federal até o local.

É correto o que está contido em

a) I e IV, apenas.

b) I, III e IV, apenas.

c) I, II, III e IV.

d) I, II e III, apenas.

e) II, III e IV, apenas.

3. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) Sobre as diretrizes constitucionais do Sistema Único de Saúde, analise os itens abaixo.

I. Descentralização com direção única em cada esfera de governo.

II. Participação da comunidade.

III. Atendimento integral, com prioridade para as atividades repressivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais.

É correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, apenas.

4. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) Paciente de 40 anos, sexo feminino, ao realizar o autoexame, identifica um nódulo na mama E. Preocupada, sai de casa correndo e sem documentos, mas ao chegar à UBS são exigidos documentos como CPF e carteira de trabalho. De acordo com o SUS, esse procedimento contraria o Princípio da

a) Regionalização.

b) Equidade.

c) Integralidade.

d) Universalidade.

e) Hierarquização.

2 - Lei nº 8.080/1990 e suas modificações

2.1- Disposições Gerais do SUS

5. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) O conjunto de ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, constitui o Sistema Único de Saúde (SUS). Desta forma, inclui(em)-se no disposto acima

I. instituições que produzem equipamentos de saúde.

II. institutos de pesquisa e produção de medicamentos.

III. unidades básicas de saúde municipais.

É correto o que está contido em

a) III, apenas.

b) II, apenas.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) I, II e III.

6. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Leia o trecho abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que, preenchendo a lacuna, o tornaria **incorreto**. O dever do Estado de garantir a saúde não exclui o dever _____.

a) das pessoas

b) da família

c) da sociedade

d) dos menores

e) das empresas

2.2 - Objetivos e Atribuições do SUS

7. (Prefeitura da Estância Hidromineral de Serra Negra – SP/2006/CETRO) Inclui-se no campo de atuação do Sistema Único de Saúde a execução de ações de

I. fiscalização de registros profissionais de médicos e paramédicos.

Il. vigilância sanitária.

III. vigilância epidemiológica.

IV. saúde do trabalhador.

V. assistência terapêutica integral, inclusive a farmacêutica.

Está(ão) **incorretas**

a) apenas as proposições I e II.

b) apenas as proposições III e IV.

c) apenas a proposição I.

d) todas as proposições.

e) apenas as proposições II e V.

8. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Em relação aos objetivos do Sistema Único de Saúde descritos no artigo 5º da Lei nº 8.080/90, assinale a alternativa **incorreta**.

a) Identificar e divulgar os fatores condicionantes e determinantes da saúde.

b) Formular políticas de saúde.

c) Assistir a população por intermédio de ações de promoção da saúde.

d) Assistir a população por meio de ações de proteção e recuperação da saúde.

e) Conceder benefícios visando a cobertura dos riscos doença, invalidez, morte, idade avançada, proteção à maternidade e à família.

9. (Anvisa-2010/CETRO) Sobre a diferenciação dos termos relacionados à Vigilância Sanitária e Vigilância Epidemiológica descritos na Lei n° 8.080/1990, pode-se afirmar que

I. a análise de dados sobre ocorrência de doenças e sua distribuição geográfica é papel exclusivo da Vigilância Sanitária.

II. a análise de dados sobre grupos populacionais de risco a contrair determinada doença é papel da Vigilância Sanitária.

III. as ações que previnem os riscos à saúde é papel da Vigilância Sanitária.

IV. as ações de fiscalização sobre bens que se relacionem diretamente com a saúde populacional é papel da Vigilância Epidemiológica.

É correto o que se apresenta em

a) I, apenas.

b) II, apenas

c) III, apenas

d) IV, apenas

e) III e IV, apenas

2.3 - Princípios e Diretrizes do SUS

10. (Anvisa/Cetro/2013) Conforme dispõe o artigo 7° da Lei n° 8.080/1990, as ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que integram o Sistema Único de Saúde (SUS), são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no artigo 198 da Constituição Federal, obedecendo a diversos princípios. Assinale a alternativa que apresenta alguns desses princípios trazidos no referido artigo.

a) A preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral; o direito à informação, às pessoas assistidas, sobre sua saúde; a participação das instituições privadas na elaboração das políticas

de saúde em nível municipal; a utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, a alocação de recursos e a orientação programática.

b) A preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral; a igualdade de assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie; a participação da comunidade; a organização dos serviços privados de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

c) A universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência; o direito à informação sobre o estado de saúde de qualquer usuário; a divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e sua utilização pelo usuário; a capacidade de resolução dos serviços nos níveis de assistência estadual e municipal.

d) A integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo de ações e serviços, preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema; a divulgação de informação quanto ao potencial dos serviços de saúde e sua utilização pelo usuário; a igualdade de assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie; a capacidade de resolução dos serviços em todos os níveis de assistência.

e) A integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo de ações e serviços, preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema; a preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral; a utilização da epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, a alocação de recursos e a orientação programática; a organização dos serviços públicos e privados, de modo a evitar duplicidade de meios para fins idênticos.

11. (Prefeitura de Mairinque-SP/2009/CETRO) As ações e serviços públicos de saúde e os serviços privados contratados ou conveniados que

integram o Sistema Único de Saúde (SUS) são desenvolvidos de acordo com as diretrizes previstas no artigo 198 da Constituição Federal, obedecendo ainda a alguns princípios básicos. Assinale a alternativa **incorreta** em relação aos princípios do SUS.

a) Descentralização político-administrativa, com direção única em cada esfera de governo.

b) Integralidade de assistência, entendida como um conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema.

c) Preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral.

d) Igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie.

e) Acompanhamento, avaliação e divulgação do nível de saúde da população e das condições ambientais.

12. (Prefeitura de Mairinque-SP/2009/CETRO) A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. São de relevância pública as ações e serviços de saúde, cabendo ao poder público dispor, nos termos da lei, sobre sua regulamentação, fiscalização e controle, devendo sua execução ser feita diretamente ou através de terceiros e, também, por pessoa física ou jurídica de direito privado. As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único e organizado de acordo com algumas diretrizes. Assinale a alternativa correta em relação a uma destas diretrizes.

a) Descentralização, com direção única em cada esfera de governo.

b) Atendimento integral, com prioridade para as atividades de recuperação, sem prejuízo dos serviços assistenciais.

c) Centralização, com direção única para o Governo Federal.

d) Participação do município, do Estado e da união na assistência à saúde.

e) Atendimento personalizado, com prioridade para as atividades de promoção da saúde.

2.4 - Organização, Direção e Gestão do SUS

13. (Anvisa/Cetro/2013) A respeito da organização, direção e da gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), a Lei nº 8.080/90 dispõe que

I. os municípios poderão constituir consórcios para desenvolver, em conjunto, as ações e os serviços de saúde que lhes correspondam, aplicando-se aos consórcios administrativos intermunicipais o princípio da direção única, e os respectivos atos constitutivos disporão sobre sua observância.

II. serão criadas Comissões Permanentes de integração entre os serviços de saúde e as instituições de ensino profissional e superior, sendo que cada uma delas terá por finalidade propor prioridades, métodos e estratégias para a formação e educação continuada dos recursos humanos do Sistema Único de Saúde (SUS), na esfera correspondente, assim como em relação à pesquisa e à cooperação técnica entre essas instituições.

III. as Comissões Intergestores Bipartite e Tripartite são reconhecidas como foros de negociação e pactuação entre gestores, quanto aos aspectos operacionais do Sistema Único de Saúde (SUS).

IV. o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) são reconhecidos como entidades representativas dos entes estaduais e municipais para tratar de matérias referentes à saúde e declarados de utilidade pública e de relevante função social, na forma do regulamento. O

Conass e o Conasems receberão recursos do orçamento geral da União por meio do Fundo Nacional de Saúde, para auxiliar no custeio de suas despesas institucionais, podendo ainda celebrar convênios com a União.

É correto o que está contido em

a) I e III, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I, II, III e IV.

d) I, II e III, apenas.

e) II e IV, apenas.

14. (Anvisa/Cetro/2013) O Sistema Único de Saúde (SUS) prevê a criação de comissões intersetoriais, através do artigo 12° e parágrafo único da Lei n° 8.080/1990. Assinale a alternativa que apresenta as características de tais comissões, nos termos do citado artigo.

a) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional, estadual e municipal, subordinadas aos Conselhos de Saúde em cada esfera de governo, integradas pelos Ministérios, pelas Secretarias, por órgãos competentes e por entidades de trabalhadores de saúde, possuindo a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas estritamente compreendidas no âmbito do SUS.

b) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional e estadual, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde e ao Conselho Estadual de Saúde, integradas por Ministérios e Secretarias Estaduais, por órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil, possuindo a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde e para o meio-ambiente, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

c) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, integradas por Ministérios e órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil,

possuindo a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

d) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional, subordinadas ao Conselho Nacional de Saúde, integradas por Ministérios, Secretarias, por órgãos colegiados e por entidades de trabalhadores em saúde, possuindo a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, inclusive suplementar, cuja execução não envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

e) As comissões intersetoriais são criadas em âmbito nacional, subordinadas ao Ministério da Saúde, integradas por Secretarias, por órgãos competentes e por entidades representativas da sociedade civil, com a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a saúde, cuja execução envolva áreas não compreendidas no âmbito do SUS.

2.5 - Competência e Atribuições do SUS

15. (Anvisa/Cetro/2013) Considerando as atribuições comuns da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, elencadas no artigo 15 da Lei nº 8.080/1990, a serem exercidas em âmbito administrativo, assinale a alternativa **incorreta**.

a) São comuns as competências para administração dos recursos orçamentários e financeiros destinados, em cada ano, à saúde.

b) São comuns as atribuições para elaboração de normas técnicas e estabelecimento de padrões de qualidade para promoção da saúde do trabalhador.

c) São comuns as atribuições para elaboração da proposta orçamentária do Sistema Único de Saúde, com base no que dispõem as reuniões dos Conselhos de Saúde em cada nível de gestão.

d) São comuns as atribuições para implementar o Sistema Nacional de Sangue, Componentes e Derivados.

e) São comuns as atribuições para promover articulação com os órgãos de fiscalização do exercício profissional e outras entidades representativas da sociedade civil para a definição e controle dos padrões éticos para pesquisa, ações e serviços de saúde.

16. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios exercerão, em seu âmbito administrativo, as seguintes atribuições:

I. definição das instâncias e mecanismos de controle, avaliação e de fiscalização das ações e serviços de saúde.

II. administração dos recursos orçamentários e financeiros destinados, em cada mês, à saúde.

III. acompanhamento, avaliação e divulgação do nível de saúde da população e das condições ambientais.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.

b) III, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I e III, apenas.

e) I, II e III.

17. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) De acordo com a Lei nº 8.080/90, à direção nacional do Sistema Único da Saúde (SUS) compete, entre outros,

I. formular, avaliar e apoiar políticas de alimentação e nutrição.

II. participar na formulação e na implementação apenas das políticas de controle das agressões ao meio ambiente e de saneamento básico.

III. participar da definição de normas e mecanismos de controle, com órgão afins, de agravo sobre o meio ambiente ou dele decorrentes, que tenham repercussão na saúde humana.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I e III, apenas.

d) I, II e III.

e) I, apenas.

18. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) À direção nacional do Sistema Único de Saúde, compete:

I. estabelecer critérios, parâmetros e métodos para o controle da qualidade sanitária de produtos, substâncias e serviços de consumo e uso humano.

II. promover a descentralização para os Municípios dos serviços e das ações de saúde.

III. acompanhamento, a avaliação e divulgação dos indicadores de morbidade e mortalidade no âmbito da unidade federada.

É correto o que está contido em

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

19. (Anvisa-2010/CETRO) As estratégias, as políticas e definição de metas do Sistema de Vigilância Sanitária são competências da(s)

a) Secretarias Municipais de Saúde.

b) Secretarias Estaduais de Saúde.

c) Direção Nacional do Sistema Único da Saúde.

d) Direção Estadual do Sistema Único da Saúde.

e) Direção Municipal do Sistema Único da Saúde.

20. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) Segundo a Lei nº 8.080/90, assinale a alternativa correta.

a) À direção municipal do Sistema de Saúde (SUS) compete, entre outros, gerir laboratórios públicos de saúde e hemocentros.

b) À direção municipal do Sistema de Saúde (SUS) compete, entre outros, acompanhar, controlar e avaliar as redes hierarquizadas do Sistema Único de Saúde (SUS).

c) À direção estadual do Sistema Único de Saúde (SUS) compete, entre outras, formular, avaliar e apoiar políticas de alimentação e nutrição.

d) À direção estadual do Sistema Único de Saúde (SUS) compete, entre outros, estabelecer normas e executar a vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras, podendo a execução ser complementada pelos demais entes da federação.

e) À direção nacional do Sistema Único de Saúde (SUS) compete, entre outros, identificar estabelecimentos hospitalares de referência e gerir sistemas públicos de alta complexidade, de referência estadual e regional.

21. (Anvisa-2010/CETRO) Foi elaborada uma proposta de ampliação da rede coletora de esgotos de uma cidade. Quanto a essa ação, pode-se afirmar que

a) não compete ao Sistema Único de Saúde (SUS) a atuação ou participação nos programas de saneamento.

b) é prioridade exclusiva do SUS participar de forma prioritária e majoritária nas políticas de saneamento.

c) as competências do SUS, junto às ações de saneamento, restringem-se às ações de controle de resíduos sólidos e não ao gerenciamento dos recursos hídricos.

d) é de exclusividade das Secretarias Municipais de Assistência Social.

e) à Direção Nacional do SUS compete a participação na formulação e implementação de políticas de saneamento básico.

22. (Prefeitura de Mairinque-SP/2009/CETRO) As ações e serviços de saúde, executados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), seja diretamente ou mediante participação complementar da iniciativa privada, serão organizados de forma regionalizada e hierarquizada em níveis de complexidade crescente. A direção do Sistema Único de Saúde (SUS) é única, de acordo com o inciso I do artigo 198 da Constituição Federal, sendo exercida em cada esfera de governo pelos seguintes órgãos: no âmbito da União, pelo Ministério da Saúde, no âmbito dos Estados e do Distrito Federal, pela respectiva Secretaria de Saúde ou órgão equivalente e no âmbito dos Municípios, pela respectiva Secretaria de Saúde ou órgão equivalente. À direção nacional do Sistema Único de Saúde (SUS) compete

a) executar serviços de alimentação e nutrição, saneamento básico e saúde do trabalhador.

b) gerir hemocentros e laboratórios públicos de saúde.

c) dar execução, no âmbito municipal, às políticas de insumos e equipamentos para a saúde.

d) elaborar normas para regular as relações entre o Sistema Único de Saúde (SUS) e os serviços privados contratados de assistência à saúde.

e) promover a centralização, para os municípios, dos serviços e das ações de saúde.

23. (Anvisa/Cetro/2013) Assinale a alternativa que **não** explicita competências concedidas pelo artigo 18 da Lei nº 8.080/1990, à direção municipal do SUS.

a) Planejamento, organização, controle e avaliação das ações e dos serviços de saúde, bem como executar a gestão dos serviços públicos de saúde.

b) Participação do planejamento, programação e organização da rede regionalizada e hierarquizada do SUS, em articulação com sua direção estadual.

c) Colaboração na fiscalização das agressões ao meio ambiente que tenham repercussão sobre a saúde humana e atuar, junto aos órgãos municipais, estaduais e federais competentes, para controlá-las, bem como colaborar com a União e os Estados na execução de vigilância sanitária de portos, aeroportos e fronteiras.

d) Execução de serviços de vigilância sanitária, de vigilância epidemiológica, de alimentação e nutrição, de saneamento básico, de saúde do trabalhador, e de apoio aos órgãos ambientais na esfera estadual e federal em questões relacionadas à fauna doméstica local.

e) Controle e fiscalização dos procedimentos dos serviços privados de atenção à saúde, normatizando complementarmente as ações e serviços públicos de saúde no seu âmbito de atuação.

2.6 - Subsistema de Atenção à Saúde Indígena no SUS

24. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) De acordo com a Lei nº 8.080/90, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências sobre o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, analise as assertivas abaixo.

I. Caberá à União, com seus recursos próprios, financiar o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena.

II. O SUS promoverá a articulação do Subsistema instituído pela Lei nº 8.080/90 com os órgãos responsáveis pela Política Indígena do País.

III. Os Estados, Municípios, outras instituições governamentais e não governamentais não poderão atuar complementarmente no custeio e execução das ações.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) I, II e III.

25. (Anvisa/Cetro/2013) A Lei nº 9.836/1999 incluiu na Lei nº 8.080/1990 um capítulo que trata do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, o qual passa a compor o Sistema Único de Saúde (SUS) de modo pleno. Assinale a alternativa que abrange corretamente alguns dos aspectos principais do referido Subsistema, com base no que dispõe o Capítulo V da Lei nº 8.080/90.

a) O Subsistema de Atenção Indígena será financiado com recursos próprios da União, sendo que os Estados, Municípios e organizações governamentais poderão atuar complementarmente no custeio e execução das ações, sendo vedada a participação de instituições não governamentais em tais ações de custeio e execução.

b) O Subsistema de Atenção à Saúde Indígena deverá ser, como o SUS, descentralizado, hierarquizado e regionalizado, tendo como base os Direitos Sanitários Especiais Indígenas.

c) O SUS servirá de retaguarda e referência ao Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, propiciando toda integração e atendimento necessário em todos os níveis, sem discriminações ou restrições, sem que para tanto ocorram adaptações na estrutura e organização do SUS nas regiões onde residem as populações indígenas.

d) As populações indígenas devem ter acesso garantido ao SUS, em âmbito local, regional e de centros especializados, compreendendo a atenção primária e secundária à saúde.
e) Dever-se-á, a critério do Ministério da Saúde, levar em consideração a realidade local e as especificidades da cultura dos povos indígenas e o modelo a ser adotado para a atenção à saúde indígena, que se deve pautar por uma abordagem diferenciada e global, contemplando os aspectos de assistência à saúde, saneamento básico, nutrição, habitação, meio ambiente, demarcação de terras, educação sanitária e integração institucional.

2.7 - Subsistema de Atendimento e Internação Domiciliar no SUS

- Não foi encontrada nenhuma questão sobre esse assunto da Cetro.

2.8 - Subsistema de Acompanhamento Durante o Trabalho de Parto, Parto e Pós- Parto Imediato

- Não foi encontrada nenhuma questão sobre esse assunto da Cetro.

2.9 - Assistência Terapêutica e Incorporação de Tecnologia em Saúde no SUS

26. (Anvisa/Cetro/2013) A Lei nº 12.401/2011 instituiu, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a possibilidade de incorporação de tecnologia em saúde, relacionando-a com a assistência terapêutica integral da Lei nº 8.080/1990. Com base no que dispõe o Capítulo VIII da Lei nº 8.080/1990, assinale a alternativa correta.
a) A Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS, cuja composição e regimento são definidos em regulamento, contará com a

participação de 1 (um) representante indicado pelo Conselho Nacional de Saúde e de 1 (um) representante, especialista na área, indicado pelo Conselho Federal de Medicina.

b) Define-se, para efeitos da legislação vigente, protocolo clínico e diretriz terapêutica como documento que estabelece critérios para o diagnóstico da doença ou do agravo à saúde, bem como o tratamento preconizado, com os medicamentos e demais produtos apropriados, quando couber, dentro das posologias recomendadas e o acompanhamento e verificação dos resultados terapêuticos, a serem seguidos pelos gestores do SUS, excetuando-se a questão das posologias recomendadas.

c) Com base nas relações de medicamentos instituídas pelos gestores federais, estaduais e municipais do Sistema Único de Saúde (SUS), observadas as competências estabelecidas na Lei nº 8.080/1990, a ausência de protocolo clínico ou diretriz terapêutica para determinada doença terá a dispensação dos fármacos e insumos necessários garantida mediante pactuação na Comissão Intergestores Tripartite (CIT) quanto ao ente federativo a garantir o atendimento dos usuários.

d) A oferta de procedimentos terapêuticos, em regime domiciliar, ambulatorial e hospitalar, constantes de tabelas elaboradas pelos gestores federais, estaduais e municipais do Sistema Único de Saúde (SUS), realizados em território nacional por serviço próprio, contratado ou conveniado, consiste no que se entende por assistência terapêutica integral.

e) A incorporação, a exclusão ou a alteração pelo SUS de novos medicamentos, produtos e procedimentos, bem como a constituição ou a alteração de protocolo clínico ou de diretriz terapêutica, são atribuições do Ministério da Saúde, assessorado pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS, podendo delegá-las aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios por força da especificidade local.

2.10 - Serviços Privados de Assistência à Saúde em Parceria com o SUS

27. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Em relação aos serviços privados de assistência à saúde, é correto afirmar que

a) não podem complementar o SUS.

b) só pessoas ou entidades filantrópicas podem prestar assistência à saúde.

c) a assistência à saúde é livre à iniciativa privada.

d) só podem atuar em serviços de promoção.

e) só podem atuar em serviços de proteção à saúde.

28. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Em relação à participação de capital estrangeiro, sobre a saúde no Brasil, é correto afirmar que

a) é inteiramente aplicável a participação de forma direta ou indireta junto ao SUS.

b) é vedada a participação direta ou indireta do capital estrangeiro, excetuadas doações de organismos internacionais vinculados à Organização das Nações Unidas, de entidades de cooperação técnica e de financiamento e empréstimos.

c) o capital estrangeiro pode participar da assistência à saúde, desde que cumpra o requisito de estar vinculado a ONGs nacionais.

d) o capital estrangeiro pode ser vinculado ao SUS, desde que haja vínculo também com empresas nacionais.

e) o capital estrangeiro pode ser vinculado ao SUS, desde que via filantropias nacionais.

29. (Anvisa-2010/CETRO) A Secretaria Municipal de Saúde de uma cidade efetua os exames de Análises Clínicas em um laboratório particular. Esta medida estará dentro da legalidade se

a) as disponibilidades do serviço público forem insuficientes para garantia da cobertura assistencial à população local.

b) esse laboratório for gerido por entidade filantrópica, exclusivamente.

c) esse laboratório conceder benefícios monetários à Secretaria Municipal de Saúde local.

d) o laboratório for gerido por instituição estrangeira.

e) o laboratório for gerido por entidade estrangeira consorciada entre municípios vizinhos.

30. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) Em determinadas situações, o SUS não consegue garantir a cobertura assistencial à população de alguns municípios. Nesses casos, o Sistema Único de Saúde poderá recorrer a algumas instituições, havendo preferência por

a) entidades sem fins lucrativos.

b) institutos de referência estadual.

c) hospitais universitários.

d) hospitais privados.

e) serviços de municípios vizinhos.

2.11 - Recursos Humanos do SUS

31. (Anvisa-2010/CETRO) J. S. é funcionária da Anvisa e ocupa um cargo de chefia. Ela trabalha meio período e está sendo cotada também para fornecer assessoramento em outra área técnica. Pode-se afirmar que a atuação de J. S. é

a) legal, visto que não há normas relacionadas à jornada de trabalho para cargo de chefia no âmbito do SUS.

b) legal, visto que J. S. irá acumular dois cargos.

c) ilegal, pois ela não poderá acumular dois cargos em mais de um estabelecimento do SUS.

d) ilegal, pois cargos de chefia e assessoramento devem ter carga horária integral de trabalho.

e) legal, dentro do previsto pela Lei n° 8.080 de 1990 nas competências administrativas do SUS.

2.12 - Financiamento do SUS

32. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Os recursos necessários às finalidades do SUS são oriundos da(s)

a) seguridade social.

b) prefeituras.

c) entidades sociais.

d) entidades privadas.

e) agência complementar de saúde.

33. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Para o estabelecimento de valores a serem transferidos a Estados, Distrito Federal e Municípios, será utilizada a combinação dos seguintes critérios, segundo análise técnica de programas e projetos:

I. perfil demográfico da região.

II. perfil epidemiológico da população a ser coberta.

III. características quantitativas e qualitativas da rede de saúde na área.

IV. desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior.

V. impostos recolhidos pela União.

É correto o que está contido em

a) I e V, apenas.

b) II e III, apenas.

c) I, IV e V, apenas.

d) II, III, IV e V, apenas.

e) I, II, III e IV, apenas.

34. (Anvisa/Cetro/2013) Para o estabelecimento de valores a serem transferidos a Estados, Distrito Federal e Municípios, será utilizada a combinação de critérios, relacionados no artigo 35 da Lei nº 8.080/1990, os quais serão objeto de análise técnica de programas e projetos. Assinale a alternativa que **não** apresenta um dos critérios de que trata a referida norma.

a) Perfil epidemiológico da população a ser coberta.

b) Desempenho técnico, econômico e financeiro no período anterior.

c) Previsão do plano quinquenal de investimentos da rede.

d) Ressarcimento do atendimento a serviços prestados para outras esferas de governo.

e) Níveis de participação do setor saúde nos orçamentos federal, estaduais e municipais.

35. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo dispõe a Lei nº 8.080/1990, o orçamento da Seguridade Social destinará ao Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com a receita estimada, os recursos necessários à realização de suas finalidades, previstos em proposta elaborada pela sua direção nacional, com a participação dos órgãos da Previdência Social e da Assistência Social, tendo em vista as metas e prioridades estabelecidas na Lei de Diretrizes Orçamentárias. Porém, na composição do referido orçamento, existe a possibilidade de contar com recursos denominados por lei como "de outras fontes". É correto afirmar que são considerados de outras fontes os recursos provenientes de:

a) serviços que possam ser prestados sem prejuízo da assistência à saúde; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; rendas eventuais, exceto comerciais e industriais.

b) ajuda, contribuições, doações e donativos; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; serviços que possam ser prestados em caráter de proteção ao meio ambiente e à saúde.
c) taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito imobiliário; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; ajuda, contribuições, doações e donativos.
d) serviços que possam ser prestados sem prejuízo da assistência à saúde; alienações patrimoniais e rendimentos de capital; ajuda, contribuições, doações e donativos.
e) taxas, multas, emolumentos e preços públicos arrecadados no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS); ajuda, contribuições, doações e donativos; alienações patrimoniais de bens públicos integrantes do Sistema Único de Saúde (SUS).

2.13 - Disposições Finais e Transitórias

36. (Prefeitura de Botucatu-SP/2012/CETRO) Os serviços de saúde dos hospitais universitários e de ensino integram-se ao Sistema Único de Saúde
a) obrigatoriamente.
b) mediante convênio.
c) sem autonomia administrativa.
d) sem preservação da mão de obra.
e) sem autonomia financeira.

2.14 - Disposições Gerais

37. (Prefeitura Municipal de Piedade-SP/2006/CETRO) Em relação às características do SUS (Sistema Único de Saúde), pode-se afirmar que:

I. Deve atuar de maneira integral, isto é, não ver a pessoa como amontoado de partes, mas como um todo, que faz parte de uma sociedade.

II. Deve se organizar de maneira a que sejam oferecidos serviços médicos especializados, com hospitais concentrados nas grandes cidades.

III. Deve assegurar o direito de participação apenas dos segmentos envolvidos com o Sistema – dirigentes institucionais, prestadores de serviços e trabalhadores na área de saúde.

Conclui-se que

a) todas as proposições estão incorretas.

b) somente a proposição I está incorreta.

c) as proposições I e II estão incorretas.

d) as proposições I e III estão incorretas.

e) as proposições II e III estão incorretas.

38. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) A Lei nº 8.080/90 dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde. Em relação a esta lei, é **incorreto** afirmar que

a) o SUS tem por objetivo executar ações tais como a vigilância nutricional e a orientação alimentar.

b) tem o princípio da universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência.

c) obedece ao princípio da preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral.

d) exclui a iniciativa privada da participação do SUS.

e) atua na execução de ações de vigilância sanitária e epidemiológica.

39. (Anvisa/Cetro/2013) De acordo com a Lei nº 8.080/1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, analise as assertivas.

I. A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do País.

II. O conjunto de ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público, constitui o Sistema Único de Saúde (SUS), do qual se exclui a iniciativa privada que dele não poderá participar.

III. Incluem-se no campo de atuação do Sistema Único de Saúde (SUS), entre outras ações: a execução de ações de assistência terapêutica integral, inclusive farmacêutica; a participação na formulação da política e na execução de ações de saneamento básico; a vigilância nutricional e a orientação alimentar; a colaboração na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho.

IV. Entende-se por saúde do trabalhador um conjunto de atividades que se destina, através das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho, abrangendo a participação na normatização, fiscalização e controle dos serviços de saúde do trabalhador nas instituições e empresas públicas e privadas.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) III e IV, apenas.

d) I, II e III, apenas.

e) I, III e IV, apenas.

3 - Lei nº 8.142/90

40. (Prefeitura da Estância Hidromineral de Serra Negra – SP/2006/CETRO) Considere a Lei 8.142/1990 para responder à questão.

a) Tem por disposição principal, zelar pela qualificação de todos os profissionais da área de saúde sejam em nível superior ou técnico.

b) Deve fiscalizar os estabelecimentos que prestam quaisquer serviços de saúde sejam hospitais, clínicas, consultórios e ambulatórios.

c) É responsável por orientar a distribuição de verbas para a saúde oriundas de parcerias com a iniciativa privada.

d) Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde.

e) Introduziu no Ministério da Educação e Cultura novas propostas de grades curriculares para a formação de profissionais Médicos e Dentistas.

41. (Prefeitura da Estância Hidromineral de Serra Negra – SP/2006/CETRO) Mediante portaria do Ministro de Estado, qual órgão público está autorizado a estabelecer condições para aplicar a Lei 8.142/1990?

a) o Ministério da Justiça

b) o Ministério da Saúde

c) o Conselho de Vigilância Sanitária

d) o Plano de Saúde Nacional

e) o Conselho de Saúde

42. (Prefeitura Municipal de Piedade-SP/2006/CETRO) A Lei 8.142/1990 dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Sáude – SUS e sobre as transferências

intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Em seu Art. 5 deixa claro qual o órgão autorizado a estabelecer condições para sua efetiva aplicação. Trata-se

a) do Ministério da Justiça, mediante portaria do Ministério da Sáude.

b) do Ministério da Saúde, mediante portaria do Ministro de Estado.

c) do Conselho Nacional de Saúde, mediante portaria do Fundo Nacional de Saúde.

d) do Fundo de Saúde, mediante portaria do Ministério da Saúde.

e) da Secretaria Estadual de Saúde, mediante portaria do Fundo Nacional de Saúde.

43. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo a Lei nº 8.142/90, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde, entre outras providências, assinale a alternativa **incorreta**.

a) O Sistema Único de Saúde (SUS) contará, em cada esfera de governo, sem prejuízo das funções do Poder Legislativo, com as seguintes instâncias colegiadas: a Conferência de Saúde e o Conselho de Saúde.

b) A Conferência de Saúde reunir-se-á a cada quatro anos com a representação dos vários segmentos sociais, para avaliar a situação da saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes, convocada pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, por esta ou pelo Conselho de Saúde.

c) O Conselho de Saúde, em caráter permanente e deliberativo, órgão colegiado composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários, atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

d) A representação dos usuários nos Conselhos de Saúde e Conferências contará com um terço do número de membros dos demais segmentos.
e) Os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) serão alocados, entre outras possibilidades, como despesas de custeio e de capital do Ministério da Saúde, seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta e investimentos previstos em lei orçamentária, de iniciativa do Poder Legislativo e aprovados pelo Congresso Nacional.

44. (Anvisa/Cetro/2013) A Lei nº 8.142/1990, dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde. Quanto à alocação dos recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS), assinale a alternativa correta.
a) Podem ser alocados como despesas de custeio e de capital do Ministério da Saúde, seus órgãos e entidades, da administração direta e indireta.
b) Podem ser alocados como investimentos previstos em lei orçamentária, de iniciativa do Poder Executivo e aprovados pelo Senado Federal.
c) Não podem ser alocados como investimentos previstos no Plano Quinquenal do Ministério da Saúde sob nenhuma condição.
d) Não podem ser alocados como cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos Municípios, Estados e Distrito Federal.
e) Os recursos para cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos Municípios, Estados e Distrito Federal, por conta da vedação para sua alocação através do Fundo Nacional de Saúde (FNS), não serão repassados de modo automático para tais entes federativos, devendo se criar mecanismos para que tais verbas sejam redistribuídas através dos planos orçamentários dos Poderes que integram o Sistema Único de Saúde (SUS).

45. (Anvisa/Cetro/2013) Quanto à composição e às atribuições do Conselho de Saúde, descritas na Lei n° 8.142/1990, assinale a alternativa correta.

a) O órgão colegiado é composto por representantes do governo, prestadores de serviço e profissionais de saúde, sem poder de deliberação, e atua como ouvinte nas discussões relativas ao controle e à execução da política de saúde em cada esfera de governo, sendo que a decisão final é soberana do titular da Pasta da Saúde.

b) O órgão consultivo é composto por representantes do governo, profissionais de saúde e dos usuários, atuando na formulação de estratégias para execução das políticas de saúde em cada esfera de governo, excetuando-se as questões financeiras, cujas decisões são soberanas e independem da homologação do chefe do poder legalmente constituído em cada esfera de governo.

c) O órgão colegiado, de caráter permanente e deliberativo, é composto por profissionais representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários, e atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

d) O órgão colegiado, de caráter provisório e deliberativo, é composto por profissionais representantes do governo, prestadores de serviço e usuários, e atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

e) O órgão colegiado, de caráter provisório e deliberativo, é composto por profissionais prestadores de serviço e usuários, e atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas

decisões são enviadas a conhecimento de uma comissão designada pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo para apreciação e homologação.

46. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) De acordo com a Lei nº 8.142/90 sobre a participação da comunidade na gestão do SUS, a Conferência Nacional de Saúde deve reunir-se com a seguinte periodicidade:

a) 1 (um) ano.

b) 2 (dois) anos.

c) 3 (três) anos.

d) 4 (quatro) anos.

e) 5 (cinco) anos.

47. (Prefeitura de Campinas-SP/2012/CETRO) A Lei nº 8.142/90 define a formação do Conselho de Saúde, que **não** é composto por

a) profissionais de saúde.

b) representantes do governo.

c) médicos concursados.

d) prestadores de serviços.

e) usuários.

48. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) De acordo com a Lei nº 8.142/90, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências, assinale a alternativa **incorreta**.

a) A Conferência de Saúde reunir-se-á a cada 7 (sete) anos com a representação dos vários segmentos sociais, para avaliar a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos

níveis correspondentes, convocada pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, por esta ou pelo Conselho de Saúde.

b) O Conselho de Saúde, em caráter permanente e deliberativo, órgão colegiado composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários, atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo.

c) O Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e o Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (Conasems) terão representação no Conselho Nacional de Saúde.

d) A representação dos usuários nos Conselhos de Saúde e Conferências será paritária em relação ao conjunto dos demais segmentos.

e) As Conferências de Saúde e os Conselhos de Saúde terão sua organização e normas de funcionamento definidas em regimento próprio, aprovadas pelo respectivo conselho.

49. (Prefeitura de Mairinque-SP/2009/CETRO) A Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Sendo assim, os recursos do Fundo Nacional de Saúde (FNS) serão alocados como

a) planos de saúde.

b) conferências e conselhos de saúde.

c) cobertura das ações e serviços de saúde a serem implementados pelos municípios, Estados e Distrito Federal.

d) relatórios de gestão que permitem o controle de que trata o § 4º do artigo 33 da Lei n° 8.080, de 19 de setembro de 1990.

e) comissões de elaboração do Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS), previsto no prazo de 2 (dois) anos para sua implantação.

4 - Lei Complementar nº 141/2012

50. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo a Lei Complementar nº 141/2012, que regulamenta o parágrafo 3º do artigo 198 da Constituição Federal e dispõe sobre os valores mínimos a serem aplicados nas ações e serviços públicos de saúde pela União, analise as assertivas abaixo.

I. Observadas as disposições da Constituição Federal e da Lei nº 8.080/90, serão consideradas despesas com ações e serviços públicos de saúde, para efeito de apuração da aplicação dos recursos mínimos estabelecidos, entre outras, as referentes a: vigilância em saúde, incluindo a epidemiológica e a sanitária; atenção integral e universal à saúde em todos os níveis de complexidade, incluindo assistência terapêutica e recuperação de deficiências nutricionais; e saneamento básico referente às ações financiadas e mantidas com recursos provenientes de taxas, tarifas ou preços públicos instituídos para essa finalidade.

II. Não constituirão despesas com ações e serviços públicos de saúde, para fins de apuração dos percentuais mínimos de que trata a referida lei complementar, aquelas decorrentes de pagamento de aposentadorias e pensões, inclusive dos servidores da saúde; pessoal ativo da área de saúde quando em atividade alheia à referida área; merenda escolar e outros programas de alimentação; e manejo ambiental vinculado diretamente ao controle de vetores de doenças.

III. A União aplicará, anualmente, em ações e serviços públicos de saúde, o montante correspondente ao valor empenhado no exercício financeiro anterior, apurado nos termos da referida Lei Complementar, acrescido de, no mínimo, o percentual correspondente à variação nominal do Produto Interno Bruto (PIB) ocorrida no ano anterior ao da lei orçamentária anual.

IV. Os Estados e o Distrito Federal aplicarão, anualmente, em ações e serviços públicos de saúde, no mínimo, 12% (doze por cento) da arrecadação dos impostos e recursos previstos na Constituição Federal, deduzidas as parcelas que forem transferidas aos respectivos Municípios. Aos Municípios cabe aplicar anualmente em ações e serviços públicos de saúde, no mínimo, 15% (quinze por cento) da arrecadação dos impostos, conforme a Constituição Federal.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) II e III, apenas.

c) II e IV, apenas.

d) III e IV, apenas

e) I, II, III e IV.

51. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo os termos da Lei complementar nº 141/2012, que regulamenta o parágrafo 3º do artigo 198 da Constituição Federal, quanto à fiscalização da gestão da saúde, analise as assertivas abaixo.

I. Sem prejuízo das atribuições próprias do Poder Legislativo e do Tribunal de Contas de cada ente da federação, o Ministério da Saúde manterá sistema de registro eletrônico centralizado das informações de saúde referentes aos orçamentos públicos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, incluída sua execução, garantido o acesso público às informações.

II. Os Poderes Executivos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios disponibilizarão, aos respectivos Tribunais de Contas, informações sobre o cumprimento da referida Lei Complementar, com a finalidade de subsidiar as ações de controle e fiscalização. Constatadas divergências entre os dados disponibilizados pelo Poder Executivo e os obtidos pelos Tribunais de Contas em seus procedimentos de fiscalização,

serão cientificados o Poder Judiciário e o Ministério Público Federal, para que sejam adotadas as medidas cabíveis.

III. Os Conselhos de Saúde, no âmbito de suas atribuições, avaliarão anualmente o relatório consolidado do resultado da execução orçamentária e financeira no âmbito da saúde e o relatório do gestor da saúde sobre a repercussão da referida Lei Complementar nas condições de saúde e na qualidade dos serviços de saúde das populações respectivas e encaminhará ao Chefe do Poder Legislativo do respectivo ente da Federação as indicações para que sejam adotadas as medidas ressarcitórias necessárias.

a) I, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II e III, apenas.

d) III, apenas.

e) I, II e III.

5 - Decreto nº 7.508/2011

52. (Anvisa/Cetro/2013) Para efeitos do Decreto nº 7.508/2011, considera-se Mapa da Saúde

a) o espaço geográfico contínuo constituído por agrupamentos de Municípios limítrofes, delimitado a partir de identidades culturais, econômicas e sociais e de redes de comunicação e infraestrutura de transportes compartilhados, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde.

b) instâncias de pactuação consensual entre os entes federativos para definição das regras da gestão compartilhada do SUS.

c) o conjunto de ações e serviços de saúde articulados em níveis de complexidade crescente, com a finalidade de garantir a integralidade da assistência à saúde.

d) a descrição geográfica da distribuição de recursos humanos e de ações e serviços de saúde ofertados pelo SUS e pela iniciativa privada, considerando-se a capacidade instalada existente, os investimentos e o desempenho aferido a partir dos indicadores de saúde do sistema.
e) o espaço geopolítico constituído por comunidades de interesses transindividuais, delimitado com base em estudos de observação que identificam fatores de risco comuns e frequentes, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde.

53. (Anvisa/Cetro/2013) Quanto ao processo de planejamento da saúde, disposto no Capítulo III do Decreto nº 7.508/2011, é correto afirmar que
a) os Conselhos de Saúde estabelecerão as diretrizes a serem observadas na elaboração dos planos de saúde, de acordo com as características epidemiológicas e da organização de serviços nos entes federativos e nas Regiões de Saúde.
b) no planejamento devem ser considerados tão somente os serviços e as ações prestados no setor público, os quais deverão compor os Mapas de Saúde regional, estadual e nacional.
c) o processo de planejamento da saúde será descendente e integrado, ouvidos os respectivos Conselhos de Saúde, compatibilizando-se as necessidades das políticas de saúde com a disponibilidade de recursos financeiros.
d) o planejamento da saúde é obrigatório para os entes públicos, e será indutor de políticas nas 3 (três) instâncias federativas componentes do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo facultativa a indução na iniciativa privada.
e) o planejamento da saúde em âmbito estadual deve ser realizado de maneira regionalizada, a partir das necessidades dos Municípios, considerando o estabelecimento de metas de saúde.

54. (Anvisa/Cetro/2013) Segundo dispõe o Decreto nº 7.508/2011, que regulamenta a Lei nº 8.080/1990, regiões de saúde são espaços geográficos contínuos constituídos por agrupamentos de Municípios limítrofes, delimitados a partir de identidades culturais, econômicas e sociais e de redes de comunicação e infraestrutura de transportes compartilhados, com a finalidade de integrar a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde. Tomando por base esse conceito e o que dispõe o artigo 5º do referido Decreto, assinale a alternativa que apresenta as mínimas ações e serviços que devem ser ofertados para que uma Região de Saúde seja instituída.

a) Atenção primária; urgência e emergência; atenção psicossocial; atenção ambulatorial especializada e hospitalar; e atenção em transporte social.

b) Atenção primária; atenção secundária; atenção odontológica; atenção psicossocial; e vigilância em saúde.

c) Atenção primária; atenção secundária; fornecimento de medicamentos, órteses e próteses; atenção psicossocial; e atenção ambulatorial especializada e hospitalar.

d) Atenção primária; urgência e emergência; atenção psicossocial; atenção ambulatorial especializada e hospitalar; e vigilância em saúde.

e) Atenção primária; urgência e emergência; atenção psicossocial; atenção ambulatorial especializada e hospitalar; vigilância em saúde; e fornecimento de órteses e próteses.

55. (Anvisa/Cetro/2013) Com relação ao Decreto nº 7.508/2011, que regulamenta a Lei nº 8.080/90, analise as assertivas abaixo.

I. Considera-se Região de Saúde o espaço geográfico contínuo constituído por agrupamentos de Municípios limítrofes, delimitado a partir de identidades culturais, econômicas e sociais e de redes de comunicação e infraestrutura de transportes compartilhados, com a finalidade de integrar

a organização, o planejamento e a execução de ações e serviços de saúde.

II. Considera-se Mapa da Saúde a descrição geográfica da distribuição de recursos humanos e de ações e serviços de saúde ofertados pelo SUS e pela iniciativa privada, considerando-se a capacidade instalada existente, os investimentos e o desempenho aferido a partir dos indicadores de saúde do sistema.

III. As Regiões de Saúde serão instituídas privativamente pela União, em articulação com os Estados e Municípios, respeitadas as diretrizes gerais pactuadas na Comissão Intergestores Tripartite – CIT. Poderão ser interestaduais, compostas por Municípios limítrofes ou não e a instituição de Regiões de Saúde situadas em áreas de fronteira com outros países deverá respeitar as normas que regem as relações internacionais.

IV. Para ser instituída, bastará à Região de Saúde conter ações e serviços de atenção primária, urgência e emergência e atenção ambulatorial especializada e hospitalar.

É correto o que se afirma em

a) I e II, apenas.

b) I e IV apenas.

c) II e III, apenas.

d) III e IV, apenas.

e) I, II, III e IV.

56. (Anvisa/Cetro/2013) Quanto à hierarquização do Sistema Único de Saúde, com regras descritas na Seção II do Capítulo II do Decreto nº 7.508/2011, assinale a alternativa **incorreta**.

a) São Portas de Entrada às ações e aos serviços de saúde nas Redes de Atenção à Saúde os serviços de atenção primária; de atenção de urgência e emergência; de atenção psicossocial; e especiais de acesso aberto.

b) Mediante justificativa técnica e de acordo com o pactuado nas Comissões Intergestores, os entes federativos poderão criar novas Portas

de Entrada às ações e serviços de saúde, considerando as características da Região de Saúde.

c) A população indígena contará com regramentos diferenciados de acesso, compatíveis com suas especificidades e com a necessidade de assistência integral à sua saúde, de acordo com disposições do Ministério da Saúde.

d) O acesso universal e igualitário às ações e serviços de saúde será ordenado pela atenção primária e deve ser fundado na avaliação da gravidade do risco individual e coletivo, observadas as especificidades previstas para pessoas com proteção especial, excetuando-se questões de critério cronológico, conforme legislação vigente.

e) Ao usuário será assegurada a continuidade do cuidado em saúde, em todas as suas modalidades, nos serviços, hospitais e em outras unidades integrantes da rede de atenção da respectiva região, sendo de competência das Comissões Intergestores a pactuação das regras de continuidade do acesso supracitado.

57. (Anvisa/Cetro/2013) Sobre a Relação Nacional de Medicamentos Essenciais – RENAME, instituída pelo Decreto nº 7.508/2011.

a) A RENAME compreende a seleção e a padronização de medicamentos indicados para atendimento de doenças ou de agravos no âmbito do SUS, a qual será acompanhada do Formulário Terapêutico Nacional – FTN, que subsidiará a prescrição, a dispensação e o uso de seus medicamentos, sendo facultativa sua observância pelo profissional prescritor.

b) O Ministério da Saúde é o órgão competente para dispor sobre a RENAME e os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas em âmbito nacional, observadas as diretrizes pactuadas pela Comissão Intergestores Tripartite, sendo obrigatória a consolidação e publicação das atualizações da RENAME, do respectivo FTN e dos Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas a cada quatro anos.

c) O acesso universal e igualitário à assistência farmacêutica pressupõe, cumulativamente, que o usuário esteja assistido por ações e serviços de saúde do SUS; que o medicamento tenha sido prescrito por profissional de saúde, no exercício regular de suas funções no SUS; que a prescrição esteja em conformidade com a RENAME e os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas ou com a relação específica complementar estadual, distrital ou municipal de medicamentos; e que a dispensação do medicamento ocorra tanto em unidades indicadas pela direção do SUS quanto por empresas privadas, sob responsabilidade do usuário o custeio do medicamento.

d) O Estado, o Distrito Federal e o Município poderão adotar relações específicas e complementares de medicamentos, pelo princípio constitucional da Soberania, independentemente de ser observada a RENAME, respeitadas as responsabilidades dos entes pelo financiamento de medicamentos, de acordo com o pactuado nas Comissões Intergestores.

e) A RENAME e a relação específica complementar estadual, distrital ou municipal de medicamentos somente poderão conter produtos com registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, podendo o Ministério da Saúde estabelecer regras diferenciadas de acesso a medicamentos de caráter especializado.

58. (Anvisa/Cetro/2013) Quanto aos objetos de pactuação das Comissões Intergestores, conforme disposto no Decreto 7.508/2011, que regulamenta a Lei nº 8.080/1990, assinale a alternativa **incorreta**.

a) As Comissões Intergestores pactuarão aspectos operacionais, financeiros e administrativos da gestão compartilhada do SUS de acordo com a definição da política de saúde dos entes federativos, consubstanciada nos seus planos de saúde, aprovados pelos respectivos conselhos de saúde.

b) As Comissões Intergestores pactuarão diretrizes gerais sobre Regiões de Saúde, integração de limites geográficos, referência e contrarreferência e demais aspectos vinculados à integração das ações e serviços de saúde entre os entes federativos.

c) As Comissões Intergestores pactuarão diretrizes de âmbito nacional, estadual, regional e intermunicipal, a respeito da organização das redes de atenção à saúde, principalmente no tocante à gestão institucional e à integração das ações e serviços dos entes federativos.

d) Responsabilidades dos entes federativos na Rede de Atenção à Saúde, de acordo com o seu porte demográfico e seu desenvolvimento econômico-financeiro, estabelecendo as responsabilidades individuais e solidárias.

e) Referências das regiões intraestaduais e interestaduais de atenção à saúde para o atendimento da integralidade da assistência.

59. (Prefeitura de Manaus-AM/2012/CETRO) De acordo com o Decreto nº 7.508/11, os entes federativos definirão os seguintes elementos em relação às Regiões de Saúde:

I. seus limites geográficos.

II. população usuária das ações e serviços.

III. rol de ações e serviços que serão ofertados.

IV. respectivas responsabilidades, critérios de acessibilidade e escala para conformação dos serviços.

É correto o que está contido em

a) I e II, apenas.

b) I e IV, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, II, III e IV.

e) II, apenas.

60. (TCM-SP/CETRO/2006) Baseando-se na Lei Federal 8080 que define o Sistema Único de Saúde (SUS), assinale a alternativa correta quanto aos princípios que regem a organização deste Sistema.

a) Urbanização e hierarquização, resolubilidade, descentralização, controle social, complementariedade do setor privado.

b) Regionalização e hierarquização, igualdade, centralização, controle social, complementariedade do setor privado.

c) Regionalização e hierarquização, resolubilidade, descentralização, controle social, complementariedade do setor privado.

d) Regionalização e hierarquização, resolubilidade, universalidade, controle social, complementariedade do setor privado.

e) Regionalização e nivelamento, resolubilidade, descentralização, controle social, acesso ao setor privado para atenção terciária.

Gabarito					
1-C	11-E	21-E	31-D	41-B	51-A
2-D	12-A	22-D	32-A	42-B	52-D
3-C	13-C	23-D	33-E	43-D	53-E
4-D	14-C	24-A	34-E	44-A	54-D
5-E	15-C	25-B	35-D	45-C	55-A
6-D	16-D	26-A	36-B	46-D	56-D
7-C	17-C	27-C	37-E	47-C	57-E
8-E	18-A	28-B	38-D	48-A	58-C
9-C	19-C	29-A	39-E	49-C	59-D
10-D	20-A	30-A	40-D	50-D	60-C

REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE (CONASS). **Sistema Único de Saúde** (Coleção Para Entender a Gestão do SUS, v. 1). Brasília, DF, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. <http://portalsaude.saude.gov.br>.

13 redações MODELO

DO PROFINHO

LISTA DE TEMAS

TEMA 1 – A IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

TEMA 2 – OS LIMITES DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO ENTRE OS BRASILEIROS

TEMA 3 – O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA DURANTE O PARTO

TEMA 4 – COMO GARANTIR A APOSENTADORIA NO BRASIL

TEMA 5 - O PROBLEMA DA CRISE HÍDRICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

TEMA 6 – OS DESAFIOS PARA UMA EFETIVA IMPLEMENTAÇÃO DA CULTURA DE PAZ NO BRASIL

TEMA 7 - OS DESAFIOS DO ACESSO À CULTURA NO BRASIL

TEMA 8 - O PROBLEMA DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

TEMA 9 - OS DESAFIOS DA FAMÍLIA DO SÉCULO XXI EM QUESTÃO NO BRASIL

TEMA 10 – A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL SOLUCIONARIA OS PROBLEMAS DE SEGURANÇA NO BRASIL?

TEMA 11 – O PROBLEMA DA OBESIDADE NO BRASIL

TEMA 12 – OS DESAFIOS DAS POLÍTICAS DE MORADIA NO BRASIL

TEMA 13 – TRÁFICO DE PESSOAS: UMA CRUEL MAZELA A SER COMBATIDA NO BRASIL

TEMA – A importância do aleitamento materno na primeira infância

Em 1988, representantes do povo — reunidos em Assembleia Constituinte — instituíram um Estado Democrático, a fim de assegurar a proteção à infância como valor supremo de uma sociedade fraterna. Entretanto, o descaso com o aleitamento materno nos primeiros anos da vida impede que as crianças experimentem o direito constitucional na prática. Com efeito, há de se perceber a importância do leite para a saúde, bem como desconstruir a omissão do Estado.

Diante desse cenário, a Organização Mundial da Saúde defende que as propriedades nutritivas do leite materno colaboram para o desenvolvimento do sistema imunológico e para o equilíbrio hormonal — fundamental para o fortalecimento das sinapses neurais. Ocorre que, seja por imprudência, seja por incapacidade biológica das mães, substancial parcela das crianças não usufrui dos benefícios essenciais do leite materno previstos pela OMS e, consequentemente, torna-se susceptível a diversas doenças ao longo da vida. Desse modo, enquanto a amamentação não for tratada como regra, a saúde de meninos e de meninas será a exceção.

Ademais, a carência de aleitamento evidencia a omissão do Estado. Nesse viés, o Estatuto da Criança e do Adolescente — legislação promulgada em 1990 — assegura o acesso ao leite materno às crianças nos primeiros anos da vida. Todavia, embora haja previsão no ECA, o Brasil se mostra incapaz de promover políticas públicas efetivas que garantam condições dignas para que as lactantes amamentem seus filhos – a exemplo de bancos de leite e de segurança laboral para as mães. Assim, enquanto o direito de amamentar se mantiver como privilégio, meninos e meninas não receberão o alimento mais importante para a primeira infância: o leite materno.

Há de se perceber, portanto, a relevância da amamentação. Nesse sentido, o Ministério da Saúde, responsável pela qualidade de vida da população, deve valorizar o aleitamento e garanti-lo de forma digna, por meio de políticas públicas, como a disponibilização de clínicas populares que disponham de bancos de leite materno. Essa iniciativa teria a finalidade de auxiliar as lactantes que não foram capazes de produzir leite e contribuiria para que o direito de amamentar os filhos deixe de ser, em breve, um privilégio.

Professor Vinícius Oliveira

PROFESSOR VINÍCIUS OLIVEIRA

TEMA – Os limites da liberdade de expressão entre os brasileiros

Em 1789, o Iluminismo consolidou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, garantindo que os indivíduos expressassem suas opiniões de forma livre. Entretanto, os excessos da liberdade de expressão mostram que o Brasil é incapaz de experimentar os ideais iluministas de forma adequada. Com efeito, para garantir limites, há de se combater o discurso de ódio e as notícias falsas.

Diante desse cenário, a cultura de intolerância motiva o uso impróprio da liberdade de expressão. A esse respeito, o sociólogo Gilberto Freyre ensina, em "Casa-grande e Senzala", que a sociedade impõe diversos padrões sociais, e quem lhes desobedece é alvo de preconceito. Ocorre que, no Brasil, a intolerância denunciada por Freyre é banalizada sob justificativa da liberdade de expressão, mesmo sendo ofensiva àqueles que são alvo de crítica, o que se mostra obstáculo à convivência social. Assim, não é razoável que o discurso de ódio permaneça sob a sombra da liberdade de expressão.

Ademais, a falta de limites dá lugar às notícias fadas. Nesse viés, no século XX, o Michael Foucault afirmava que toda linguagem é dotada de ideologia e pode influenciar os indivíduos sem que eles percebam — fenômeno conhecido como Controle Simbólico. Nesse sentido, os brasileiros são imprudentes e inconsequentes no poder da linguagem descrito por Foucault e usam sua liberdade para expressar informações falsas e manipularas, o que representa grave prejuízo à sociedade. Desse modo, enquanto a população for indiferente às consequências das "Fake News", o poder simbólico da linguagem continuará sendo utilizado com pouca — ou nenhuma — responsabilidade.

Impende, portanto, que os indivíduos passem a respeitar limites acerca da sua liberdade de expressão. Nesse sentido, os próprios cidadãos devem, com urgência, desconstruir a cultura de preconceito, como as mensagens ofensivas e xingamentos, por meio de discussões nas mídias sociais, para que ninguém seja alvo de discurso de ódio. Por sua vez, o Ministério Público, responsável pela manutenção do Estado de Direito, precisa combater com prioridade a divulgação de notícias falsas, por intermédio das ações judiciais pertinentes contra aqueles que veiculam "Fake News", de modo que deixe de ser comum, no Brasil, s liberdade subvertida.

Professor Vinícius Oliveira

TEMA – O problema da violência durante o parto

Na Antiguidade, os maiores sofrimentos eram comparados às dores de parto, que ficaram consolidadas na história como uma das piores sensações desde a mitologia clássica. Entretanto, na contemporaneidade, a violência obstétrica subjuga as mulheres brasileiras ao mesmo sofrimento experimentado séculos atrás, haja vista a omissão do Estado e a falta de respeito à dignidade humana por parte do SUS.

Diante desse cenário, persiste a indiferença das autoridades acerca da violência obstétrica. A esse respeito, o sociólogo Zygmunt Bauman desenvolveu o conceito de Instituições Zumbis, segundo o qual o Estado perdeu a sua função social, mas manteve — a qualquer custo — a sua forma. Nesse viés, o Poder Público brasileiro se enquadra na teoria das Instituições Zumbis, na medida em que não impõe políticas públicas efetivas capazes de garantir às mães o cuidado e o respeito requeridos no parto. Assim, enquanto o problema denunciado por Zygmunt Bauman for a regra, os nascimentos humanizados serão a exceção.

Ademais, a violência obstétrica evidencia a desvalorização da dignidade humana pelo SUS. Nesse viés, em 1789, o Iluminismo consolidou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, garantindo pela primeira vez a dignidade humana a todos. Ocorre que o Sistema Único de Saúde se mostra incapaz de aplicar o ideal iluminista durante o parto e, mesmo séculos depois, não estende às mulheres a dignidade garantida em 1789, o que se mostra grave problema social capaz de fragilizar a saúde das mulheres e de seus bebês. Desse modo, não é razoável que a nação que almeja o desenvolvimento enfrente este retrocesso: a violência no parto.

Impende, portanto, que o desrespeito obstétrico seja repudiado no Brasil. Para isso, o Poder Executivo, responsável pela manutenção da saúde pública, deve fiscalizar, com rigor, a postura das autoridades médicas, por meio de visitas regulares nos hospitais, para que a omissão e a indiferença estatais sejam desconstruídas. Por sua vez, os indivíduos podem, com frequência, denunciar a falta de dignidade humana a que são submetidos às mulheres, como a ausência de informação devido à mãe, por intermédio de conteúdos e discussões nas mídias sociais, a fim de que o Brasil deixe as dores da mitologia clássica e construa partos humanizados.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA – Como garantir a aposentadoria no Brasil?

Em 1789, o Iluminismo consolidou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, garantindo, pela primeira vez, a cidadania a todos. Entretanto, a precariedade do sistema de previdência mostra que a população brasileira ainda é incapaz de experimentar os ideais iluministas na prática. Com efeito, para garantir o direito à aposentadoria, há de se combater o desemprego e o privilégio de autoridades públicas.

Diante desse cenário, a falta de oportunidade de emprego fragiliza o sistema de previdência. A esse respeito, a Constituição Federal de 1988 assegura a todos os brasileiros o direito à aposentadoria no país. Entretanto, o atual contexto de desemprego sistêmico — resultado da crise econômica instalada no país em 2015 — impede que parte da população experimente as garantias constitucionais, uma vez que a insuficiência de postos de ofício inviabiliza o cumprimento do tempo de contribuição obrigatória para obtenção de benefícios previdenciários. Assim, enquanto as altas taxas de desemprego forem a regra, a garantia prevista na Constituição Federal de 1988 será a exceção.

Ademais, o favorecimento de membros do Estado se mostra nocivo ao sistema previdenciário. Nesse viés, Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra "Raízes do Brasil", ensina que o brasileiro tem inabilidade nata separar o interesse público dos anseios particulares. Ocorre que a característica denunciada pelo historiador evidencia-se no Regime Especial de Previdência, na medida em que muitas autoridades públicas garantem seus direitos privilegiados no Legislativo, a exemplo da aposentadoria vitalícia cedida a militares, em detrimento do bem-estar da população, cujos benefícios previdenciários são insuficientes. Dessa maneira, a manutenção da assistência desproporcional aos políticos contribui para a perpetuação de um dos mais graves problemas para a sociedade: o falho sistema previdenciário.

Impende, portanto, que o direito à aposentadoria seja, de fato, garantido no Brasil. Nesse sentido, o Ministério do Trabalho deve minimizar o impacto do desemprego na obtenção de previdência, por meio de geração de postos de ofícios, como incentivos ao crescimento empresarial, a fim de viabilizar o cumprimento do tempo de contribuição obrigatório. A população, por sua vez, pode exigir regimes de previdência igualitários entre sociedade e autoridades públicas, por intermédio de protestos, com apoio de ONGS e das redes midiáticas, para que sejam asseguradas a cidadania e a erradicação da previdência imprópria.

Professor Vinícius Oliveira

TEMA – O problema da crise hídrica no Brasil contemporâneo

O escritor modernista Graciliano Ramos escreveu a obra "Vidas Secas" e relatou o drama de Fabiano e De Sinhá Vitória motivado pela escassez de água. Todavia, o problema da crise hídrica contemporânea obriga a população brasileira a protagonizar fabianos e sinhás vitórias, o que se mostra grave prejuízo à sociedade. Com efeito, a gestão efetiva pressupõe o racionamento da água nos processos industriais e a valorização da dignidade humana.

Diante desse cenário, o consumismo representa obstáculo para o racionamento hídrico. Nesse viés, o conceito conhecido como "Água Virtual" define a quantidade de recursos envolvidos na produção dos alimentos, a exemplo do leite em pó, que demanda 4500 litros de água para cada quilo de leite, segundo a Agência Nacional de Águas. Ocorre que substancial parcela dos brasileiros é imprudente e inconsequente nas suas práticas de consumo excessivo, o que se mostra grave problema social, já que a sociedade não percebe que há "Água Virtual" em praticamente todos os insumos consumidos. Assim, enquanto houver indiferença acerca da água gasta, tal como ocorre com o leite industrializado, o Brasil conviverá com a escassez hídrica.

Ademais, a carência desse recurso fragiliza a dignidade humana dos indivíduos. A esse respeito, a Organização das Nações Unidas estabeleceu a data 22 de março para ser o Dia Mundial da Água e consolidou a ideia de que a disponibilidade desse bem natural seria fundamental à erradicação da pobreza. Todavia, o Governo brasileiro ainda se mostra incapaz de distribuir água de forma satisfatória para garantir o desenvolvimento humano, o que prejudica a dignidade de parcela da população e distancia a sociedade do objetivo idealizado pelas Nações Unidas em 22 de março. Dessa forma, não é razoável que o Brasil almeje tornar-se nação desenvolvida, mas negligencie um direito que deve — ou deveria — ser comum a todos: o acesso digno à água.

Impende, portanto, que a gestão de recursos hídricos deixe de ser um problema. Nesse sentido, os indivíduos devem colaborar para a redução do consumo da água virtual, por meio da escolha por alimentos não processados, como o leite natural, para que seja estimulada, com prioridade, a produção de insumos que demandem menos recursos hídricos. Por sua vez, o Ministério Público, responsável pela manutenção do Estado de Direito, precisa modificar as condições indignas vividas pelos grupos sem acesso à água. Essa iniciativa do MP ocorreria por intermédio de processos judiciais avaliados pelo Poder Judiciário, a fim de levar recursos às comunidades em escassez, de modo que a falta de água denunciada por Graciliano Ramos, seja, em breve, apenas ficção.

Professor Vinícius Oliveira

TEMA – Os desafios para uma efetiva implementação da cultura de paz no Brasil

Na Grécia Antiga, foi estabelecido o acordo de Paz Olímpica, a partir do qual os indivíduos deveriam colaborar para que houvesse harmonia coletiva, livre de violência e de demais formas de agressão. Como efeito, o pacto grego está distante de ser a realidade no Brasil contemporâneo, haja vista que não há efetiva implementação da cultura de paz entre os brasileiros, o que deve ser modificado com urgência no país.

Diante desse cenário, os níveis de violência são obstáculo para o estabelecimento da sensação de segurança. A esse respeito, a ONU, em 2015, comparou o número de assassinatos entre o Brasil e a Síria e chegou à conclusão de que, mesmo em guerra, o país árabe apresenta menos mortes intencionais em relação à sociedade brasileira. Ocorre que as altas taxas de violência denunciadas pelas Nações Unidas fragilizam a construção da cultura de paz no Brasil e inviabilizam o desenvolvimento nacional. Desse modo, enquanto o medo for a regra, a convivência harmônica será a exceção.

Ademais, a cultura de intolerância impede a efetiva implementação de uma sociedade pacífica. Nesse viés, o sociólogo Gilberto Freyre, em sua obra "Casa-Grande e Senzala", explica que o brasileiro baseou a sua identidade em torno do homem branco católico — líder da casa-grande colonial —, o que trouxe consequências a exemplo da subserviência da mulher, do negro e das religiões africanas. Nesse sentido, a sociedade contemporânea ainda experimenta reflexos da imposição da cultura colonial evidenciada por Freyre, bem como a dificuldade da manutenção da harmonia. Assim, se os preconceitos da casa-grande forem mantidos, o Brasil estará distante de um dos principais objetivos do Estado Democrático: a paz social.

É urgente, portanto, que a implementação da cultura de paz deixe de ser um desafio no Brasil. Nesse sentido, o Ministério Público, responsável pela manutenção do Estado de Direito, deve pressionar as prefeituras a ampliar a sua representatividade nas cidades, por meio de políticas públicas de base, como maior iluminação pública e policiamento nas cidades, para que a sensação de insegurança diminua. Então, a partir da ação conjunta entre Estado e sociedade, o Brasil — tal como a Grécia Antiga — experimentara o pacto de paz.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA - Os desafios do acesso à cultura no Brasil

Em 1922, Mário de Andrade colaborou para a realização da Semana de Arte Moderna, cujo objetivo era valorizar as manifestações culturais do Brasil. Todavia, quase cem anos depois, a iniciativa do escritor modernista se mostra distante de ser efetivada, na medida em que a diversidade cultural brasileira não é acessível a todos, o que deve ser desconstruído sob pena de prejuízos ao desenvolvimento nacional.

Diante desse cenário, as produções culturais brasileiras tendem a valorizar somente o lucro. A esse respeito, o sociólogo Zygmunt Bauman, em sua obra "Cultura Líquida", propôs a teoria da Espetacularização da Cultura, segundo a qual as nações pós-modernas priorizam manifestações artísticas grandiosas, capazes de constituir espetáculos e gerar potencial econômico. Nesse contexto, a tese do sociólogo se aplica ao Brasil, na medida em que as grandes produções recebem mais investimentos do que as manifestações locais, que ficam negligenciadas. Assim, é incoerente que, mesmo sendo considerado multicultural, o país permita o enfraquecimento das culturas locais.

Ademais, a maioria da população acessa manifestações artísticas incapazes de formar senso crítico. Nesse sentido, o conceito de Indústria Cultural, formulado por Theodor Adorno — filósofo alemão do século XX — denuncia que as produções culturais veiculadas pela mídia não valorizam a diversidade e são esvaziadas de criticidade. Tal estratégia midiática busca oferecer a todos a mesma compreensão da realidade, o que ocorre, inclusive, no Brasil, haja vista os veículos midiáticos — sobretudo a televisão — não incentivarem a reflexão crítica e buscarem homogeneizar os comportamentos dos brasileiros. Desse modo, enquanto o esvaziamento crítico se mantiver, o país será obrigado a conviver com um dos mais graves problemas denunciados por Adorno: a alienação social.

Impende, portanto, que valorização cultural proposta por Mário de Andrade seja acessível a todos. Para que isso ocorra, o Ministério da Educação e Cultura deve estimular os estudantes a observar as produções veiculadas na mídia, por meio de campanhas nas escolas, realizadas com a participação de familiares, a fim de estimular a criatividade coletiva. Os indivíduos, por sua vez, podem veicular conteúdos capazes de divulgar culturas locais marginalizadas, como os festivais de xilogravura do Nordeste, por intermédio das mídias sociais, para que seja minimizada a desvalorização desses movimentos. A partir da ação conjunta entre Estado e sociedade, serão alcançados os objetivos da Semana de Arte Moderna.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA – O problema da dependência química no Brasil contemporâneo

A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamento a proteção à saúde. Portanto, não é razoável que a dependência química ainda represente um problema no país, o que vai de encontro ao princípio republicano. Com efeito, a construção de uma sociedade que valoriza o bem-estar social pressupõe que se combate o consumo de drogas.

Diante desse cenário, persiste a omissão das autoridades públicas acerca da dependência química. A esse respeito, o sociólogo Zygmunt Bauman desenvolveu o conceito de Instituição Zumbi, segundo o qual o Estado perdeu a sua função social, mas manteve — a qualquer custo — a sua forma. Nesse viés, o SUS se enquadra na teoria das instituições zumbis, na medida em que não há campanhas efetivas de combate ao uso de drogas — lícitas e ilícitas — e é ineficiente no acompanhamento dos dependentes. Assim, enquanto o problema denunciado por Zygmunt Bauman for a regra, o enfraquecimento do uso de drogas será a exceção.

Ademais, há de se desconstruir a cultura histórica de consumo de entorpecentes, cuja consequência é a dependência química. Nesse sentido, o Movimento de Contracultura — estabelecido em meados do século XX — utilizava as drogas como estratégia de subversão social, herdada do Movimento Hippie norte-americano. Essa prática imprudente se perpetua no Brasil contemporâneo e pode ser recebida no comportamento de indivíduos de todas as faixas etárias que usam substâncias capazes de acarretar vícios, o que pode ser irreversível. Dessa forma, se a inconsequência experimentada no Movimento Hippie se mantiver, o Brasil será obrigado a conviver com um dos mais graves problemas de saúde pública: a dependência química.

Impende, portanto, que o Brasil contemporâneo não seja um país de dependentes químicos. Para isso, o Ministério da Saúde, responsável pela qualidade de vida da população, deve realizar campanhas efetivas de combate ao uso de drogas, por meio da divulgação dos riscos irreversíveis de algumas substâncias, como a cocaína e a nicotina, para que haja estímulo à práticas soldáveis. Por sua vez, os indivíduos podem realizar debates, por intermédio das mídias sociais, capazes de desconstruir a imprudência cultural acerca do consumo de entorpecentes, como havia no Movimento Hippie, a fim de que o combate à dependência química deixe de ser, no país, apenas teoria.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA – Os desafios da família do século XXI em questão no Brasil

A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamento a proteção à família. Portanto, não é razoável que a imposição do conservadorismo represente obstáculo aos lares do século XXI. Com efeito, a construção de uma sociedade que valoriza a diversidade pressupõe ação conjunta entre população e Poder Público.

Diante desse cenário, persiste a cultura patriarcal, capaz de oprimir as manifestações familiares. A esse respeito, o Código Civil de 1916 — primeiro regimento das relações sociais no Brasil — estabeleceu o homem como único detentor de poder de poder e de direitos na sociedade conjugal, de modo que a mulher lhe devia subserviência. Esse sistema legislativo foi modernizado, porém ainda há perpetuação da ideologia segundo a qual a figura masculina deve reger as relações familiares, o que inviabiliza o reconhecimento dos novos formatos de família. Assim, é incoerente que, mesmo sendo nação pós-moderna, ainda vigorem os estereótipos tradicionalistas impostos em 1916.

Ademais, os modelos impostos fragilizam as famílias contemporâneas. Nesse sentido, o escritor português Eça de Queirós, em sua obra "O primo Basílio", criou os personagens Jorge e sua esposa Luísa, componentes de um lar que se estabeleceu pelas relações de aparência em virtude dos costumes burgueses do século XIX. Ocorre que as imposições ilustradas pelo livro — supremacia masculina e submissão feminina — são a realidade fora da ficção e podem acarretar a falência familiar no Brasil, tal como aconteceu a Jorge e Luísa. Com efeito, enquanto os padrões burgueses denunciados por Eça de Queirós se mantiverem, o Brasil será obrigado a conviver com um dos mais graves problemas para o século XXI: as famílias desestruturadas.

Impende, portanto, que a valorização familiar deixe de ser um desafio no Brasil. Nesse contexto, o Ministério Público Federal, responsável pela manutenção do Estado de Direito, deve denunciar os valores burgueses ainda vigentes, como a alienação do homem acerca dos afazeres domésticos, por meio de campanhas nacionais com a parceria das mídias televisavas, a exemplo de novelas e ficções engajadas capazes de combater a rejeição à diversidade de lares. A iniciativa do MPF teria a finalidade de desconstruir a cultura de subserviência feminina e repudiar os costumes patriarcais enraizados culturalmente. Dessa forma, a falência familiar refratada por Eça de Queirós deixará de ser realidade na sociedade do século XXI.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA – A redução da maioridade penal solucionaria os problemas de segurança no Brasil?

A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamento a proteção à infância e à adolescência. Portanto, não é razoável que seja reduzida a maioridade penal, o que iria de encontro ao princípio republicano. Com efeito, a construção de uma sociedade que valoriza a segurança pública pressupõe cuidadosa análise acerca da crise do sistema prisional, bem como das verdadeiras causas da criminalidade.

Diante desse cenário, o atual sistema prisional seria incapaz de ressocializar o menor infrator. Nesse sentido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos — promulgada em 1948 pela ONU — garante a todos a dignidade humana. Todavia, as condições precárias dos presídios brasileiros fragilizam diariamente a vida digna dos detentos, o que afetaria substancialmente os menores e não colaboraria para a sua reintegração. Assim, a redução da maioridade penal não solucionaria os problemas de segurança, na medida em que não garantiria aos adolescentes o tratamento digno previsto pelas Nações Unidas em 1948, inviabilizando, portanto, a transformação social daqueles que cometem delitos antes dos 18 anos de idade.

Por outro lado, a manutenção da maioridade penal não deve servir subsídio para a impunidade. A esse respeito, o Estatuto da Criança e do Adolescente tem — ou deveria ter — a finalidade de punir menores infratores, entretanto, não cumpre a sua função, já que a sua principal medida socioeducativa — a internação — se mostra ineficiente. Nesse viés, o ECA estabelece que o adolescente deve ficar internado pelo prazo máximo de três anos, sendo liberado aos 21 anos em qualquer caso, o que possibilita a certeza da impunidade. Desse modo, enquanto a menoridade penal for sinônimo de ausência de punição efetiva, a sociedade será obrigada a conviver com um dos mais graves problemas para o Brasil contemporâneo: a violência.

Logo, a redução da maioridade não solucionaria os problemas de segurança. Para que a solução seja alcançada, os indivíduos devem realizar debates, por meio de mídias sociais, capazes de mostrar a precariedade do sistema prisional, com a veiculação de imagens que denunciem a falta de condições dignas dos detentos, para que sejam nítidos os possíveis prejuízos a adolescentes que ali estivessem. Por sua vez, o Ministério Público precisa intervir nas medidas socioeducativas, por intermédio de fiscalizações, com frequência, às casas de internação, a fim de que a efetiva ressocialização de menores deixe de ser, no Brasil, uma realidade distante.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA – Caminhos para solucionar a crise da população de rua no Brasil

"O Estado deverá assegurar assistência aos desamparados, na forma de lei". Essa frase integra o Artigo 6º da Constituição de 1988; ocorre, entretanto, que os moradores de rua não experimentam o amparo constitucional na prática. Com efeito, o caminho possível para solucionar os problemas vivenciados por essa parcela da população é não só valorizar sua dignidade humana, como também incentivar a proteção por parte do Estado.

Diante desse cenário, a situação degradante dos moradores de rua fragiliza a sua dignidade humana. A esse respeito, a ONU promulgou, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo a qual todos os indivíduos fazem jus a condições de humanidade. Todavia, a falta de moradia, de vestuário e de higiene, bem como a carência de serviços básicos vai de encontro àquilo que foi garantido pelas Nações Unidas. Tais condições inadequadas potencializam a marginalização daqueles que se abrigam em logradouros públicos e colaboram para a sua desumanização. Dessa forma, é incoerente que, mesmo objetivando ser nação desenvolvida, não seja garantida a dignidade prevista em 1948.

Ademais, o neoliberalismo — doutrina adotada no Brasil desde o final do século XX — defende que o povo deve buscar o seu próprio progresso por intermédio do esforço individual e com intervenção mínima do Estado. Contudo, a população de rua — majoritariamente negra segundo o sendo do IBGE 2015 — não é capaz de progredir por si mesma, de modo que a ideologia neoliberal colabora para a marginalização desses indivíduos, cuja principal característica é o convívio constante com a fome e com as drogas. Assim, enquanto não for assegurada a proteção aos desamparados, o Brasil será obrigado a conviver com uma das mais graves evidências da desigualdade: a situação de rua.

Não é razoável, portanto, que o direito previsto pelo artigo 6º ainda não seja garantido àqueles que fazem dos logradouros públicos o seu lar. Para solucionar essa crise, as prefeituras devem minimizar a situação degradante dos moradores de rua, por meio da oferta de servições básicos, como atendimento médico realizado com auxílio de assistentes sociais, para que seja desconstruída a omissão das autoridades. Por sua vez, os indivíduos podem realizar campanhas, por intermédio das mídias sociais capazes de reunir doações, como alimentos e roupas, e distribuí-las com urgência, a fim de contribuir para a humanização da população de rua. Desse modo, o Brasil poderá construir uma sociedade justa e solidária para a população negligenciada.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA – O problema da obesidade no Brasil

Em 2017, o Brasil assumiu junto à ONU o compromisso de combater o sobrepeso e o acúmulo excessivo de gordura entre a população, a fim de reduzir o número de indivíduos obesos no país. Entretanto, a obesidade ainda é tratada com indiferença, o que se mostra grave problema social. Com efeito, a construção de uma sociedade que valoriza o bem-estar social pressupõe cuidadosa análise acerca da alimentação e do sedentarismo.

Diante desse cenário, persiste no Brasil o consumo de comida industrializada, capaz de facilitar os casos de obesidade. A esse respeito, a indústria alimentícia costuma utilizar gordura hidrogenada para aumentar o sabor e a durabilidade dos alimentos, bem como reduzir custos. Ocorre que tais gorduras, quando sintetizadas pelo organismo, aumentam a produção da lipoproteína de baixa densidade — conhecida popularmente como colesterol ruim — e potencializam os casos de sobrepeso. No entanto, não é razoável que, mesmo objetivando ser nação sustentável, a sociedade ainda seja negligente acerca da segurança alimentar por meio da prevalência de produtos industrializados.

Ademais, a falta de atividade física favorece o crescimento do índice de indivíduos obesos. Nesse sentido, o sociólogo Zygmunt Bauman defende, na obra "Modernidade Líquida", que homens e mulheres pós-modernos vivem subjugados ao excesso de atribuições diárias e ao consumismo. Esse problema afeta os brasileiros, sobrecarrega o seu cotidiano e aumenta o sedentarismo, evidenciando que a cultura de excessos postuladas por Zygmunt Bauman coloca em risco a saúde dos indivíduos. Todavia, enquanto o sedentarismo se mantiver, o país será obrigado a conviver com um dos mais graves problemas contemporâneos: a obesidade

Impende, portanto, que sociedade e Poder Público cooperem para desconstruir os casos de sobrepeso. Nesse contexto, cabe aos indivíduos, por meio das mídias sociais, veicular conteúdos capazes de estimular a prática de atividades físicas, disseminando a Data Mundial de Combate à Obesidade — 11 de outubro —, a fim de fomentar a discussão em torno do problema. Por sua vez, a Agência Nacional de Saúde suplementar precisa orientar a indústria alimentícia a reduzir o uso de gorduras hidrogenadas nos alimentos, por intermédio de resoluções oficiais, como decretos e normas públicas. Assim, a partir do combate à obesidade, será possível construir uma nação saudável.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA – Os desafios das políticas de moradia no Brasil

No dia 1º de maio de 2018, a sociedade brasileira presenciou o desabamento de um edifício abandonado que servia de abrigo para centenas de indivíduos em São Paulo. Esse desastre levantou um assunto até então silenciado: a desigualdade de moradia, que se mostra grave problema social e representa obstáculo para o desenvolvimento da nação.

Diante desse cenário, persiste no Brasil a desigualdade histórica de acesso à terra. Nesse viés, em 1850, foi estabelecida a Lei de Terras, cujo conteúdo visava evitar que a população carente se apropriasse da propriedade rural, o que subjugou as classes de menor renda a viver em moradias improvisadas e indignas. Entretanto, a desigualdade estabelecida em 1850 ainda produz efeitos negativos no Brasil contemporâneo e pode ser percebida no número substancial de moradores de rua ou em situação habitacional precária de comunidades carentes. Desse modo, é incoerente que a nação brasileira, mesmo objetivando ser potência desenvolvida, permaneça indiferente ante o problema da distribuição de moradia em território nacional.

Ademais, além da desigualdade histórica, persiste a omissão do poder público na oferta de políticas isonômicas de acesso à propriedade. A esse respeito, o neoliberalismo — doutrina adotada no Brasil desde o final do século XX — defende que os indivíduos devem buscar o seu próprio progresso por intermédio de esforço individual e sem intervenção do Estado. Todavia, a população de rua ou em situação precária não é capaz de progredir por si mesma, de modo que a ideologia neoliberal aplicada à moradia colabora para o aumento da desigualdade habitacional e social. Assim, enquanto a inércia do Estado for a regra, o progresso de quem não possui moradia será a exceção.

A catástrofe de 1º de maio, portanto, poderia ter sido evitada caso a gestão de propriedade não fosse negligenciada no Brasil. Para mitigar esse problema, o Ministério Público, responsável pela manutenção do Estado de Direito, deve identificar quais propriedades urbanas estejam sem função social, por meio de fiscalizações, com apoio das prefeituras, a fim de destinar espaços inabitados à população carente. Por sua vez, os indivíduos devem cobrar políticas efetivas do Estado, como ampliação do aluguel social, por intermédio de debates nas mídias sociais, com auxílio de campanhas na televisão, cuja finalidade seria desconstruir a grave desigualdade habitacional, bem como contribuir para que o acesso à moradia deixe de ser um problema silenciado.

Professor Vinicius Oliveira

TEMA – Tráfico de pessoas: uma cruel mazela a ser combatida no Brasil

Em 1789, o Iluminismo consolidou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, garantindo pela primeira vez a dignidade humana a todos. Entretanto, os casos de tráfico de pessoas mostram que a sociedade brasileira ainda é incapaz de experimentar os ideais iluministas na prática. Com efeito, a construção de um povo que valoriza a cidadania pressupõe ação conjunta entre Poder Público e população.

Diante desse cenário, o comércio humano subjuga indivíduos a situações degradantes. A esse respeito, o autor brasileiro Castro Alves, em sua obra "Navio Negreiro", narra as condições desumanas do tráfico de pessoas, evidente no país desde o século XVI. Ocorre que o comércio de indivíduos denunciado por Castro Alves persiste no Brasil contemporâneo, representa grave retrocesso e fragiliza a dignidade das vítimas. Assim, não é razoável que a mazela social denunciada em "Navio Negreiro" se manifeste no país que almeja a posição de nação desenvolvida.

Ademais, a omissão do Estado dá lugar à perpetuação do tráfico humano. Nesse viés, no século XVIII, John Locke defendia que os cidadãos devem confiar ao Poder Público a proteção de seus direitos naturais, a exemplo da dignidade. Entretanto, o ideal de John Locke não se efetiva no Brasil, na medida em que o governo brasileiro é negligente no combate à ação de grupos que comercializam indivíduos, haja vista a precariedade da prevenção ao tráfico ilegal e ineficiência das condutas punitivas estatais. Desse modo, enquanto a proteção de Locke não for aplicada na prática, o Brasil será obrigado a conviver com um dos mais graves problemas para a sociedade: o comércio de pessoas.

Impende, portanto, que o tráfico humano deixe de ser um problema no país. Nesse sentido, o Ministério Público, responsável pela preservação da dignidade humana, deve incentivar as denúncias contra o comércio de indivíduos, por meio de divulgação do Disque Direito Humanos, com o auxílio das mídias televisivas e das redes sociais, para que o combate à comercialização de pessoas seja efetivo. A população, por sua vez, pode se atentar a ações suspeitas de grupos ligados ao tráfico, como propostas aliciantes de viagens para o exterior, por meio de reflexão cautelosa, a fim de promover a autoproteção contra o tráfico humano. Assim, será mitigado o retrocesso nocivo.

Professor Vinicius Oliveira

DOZE REDAÇÕES NOTA 1000

@FELIPERESPONDE

FAÇA SUA ANÁLISE

DOZE REDAÇÕES NOTA 1000

@FELIPERESPONDE

DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO EDUCACIONAL DE SURDOS NO BRASIL

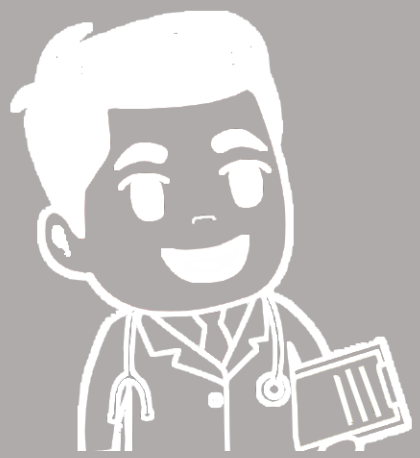

QUEM FEZ ESSA APOSTILA?

PRODUZIDA PELO INSTAGRAM @FELIPERESPONDE, NO QUAL TEM MUITOS MATERIAIS, DICAS, MOTIVAÇÕES, ROTINA DE ESTUDOS, E MUITO MAIS. SIGA-O (WWW.INSTAGRAM.COM/FELIPERESPONDE).

ESSA APOSTILA FOI FEITA COM INTUITO DE AJUDAR VESTIBULANDOS DE TODO O PAÍS, DE FORMA GRATUITO, PROIBINDO QUALQUER ATO DE COMERCIALIZAÇÃO TOTAL OU PARCIAL.

ALÉM DISSO, O OBJETIVO DESSE ARQUIVO É A ANÁLISE DE REDAÇÕES, VISANDO INSPIRÁ-LOS, VERIFICAREM SEUS ERROS, DE MODO A SE ADEQUAREM AO MODELO NOTA 1000 DO ENEM.

CASO QUEIRA USAR UM DOS TERMOS OU ALGO SEMELHANTE, NÃO COPIE, É CRIME E DESCONTA PONTOS NO ENEM OU ATÉ ANULA A REDAÇÃO, USE A PARÁFRASE. CONSTRUA SUA PRÓPRIA IDEIA, SEJA ORIGINAL.

COMO POSSO USAR?

APÓS CADA REDAÇÃO NOTA MIL, FOI COLOCADA UMA FOLHA PARA VOCÊ FAZER UMA ANÁLISE, ANOTANDO TUDO QUE PRECISAR PARA MELHORAR SEU DESEMPENHO NA REDAÇÃO (CONECTIVOS USADOS, POR EXEMPLO).

PONTOS QUE PODE ANOTAR

CONECTIVOS, CITAÇÕES, TEÓRICOS USADOS, LIVROS, ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS USADAS, PALAVRAS DE COESÃO, AGENTES USADOS NA INTERVENÇÃO, PALAVRAS-CHAVES E MUITO MAIS.

ISABELA BARROS CASTELO BRANCO

FOLHA DE REDAÇÃO 029

No livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas", o realista Machado de Assis expõe, por meio da repulsa do personagem principal em relação à deficiência física de Eugênia (ela era "coxa"), a maneira como a sociedade brasileira trata os deficientes. Atualmente, mesmo após avanços nos direitos dessa cidadãos, a ideia de exclusão e preconceito permanece e se reflete na precária condição da educação oferecida aos surdos no País, a qual é responsável pela dificuldade de inserção social desse grupo, especialmente no mercado de trabalho.

Convém ressaltar, a princípio, que a má formação socioeducacional do brasileiro é um fator determinante para a permanência da precariedade da educação para deficientes auditivos no País, uma vez que os governantes respondem aos anseios sociais e grande parte da população não exige uma educação inclusiva por não necessitar dela. Isso, consoante ao pensamento de A. Schopenhauer de que os limites de campo de visão de uma pessoa determinam seu entendimento a respeito do mundo que a cerca, ocorre porque a educação básica brasileira é deficitária e pouco propicia cidadãos no que tange ao respeito às diferenças. Tal fato se reflete nos ínfimos investimentos governamentais em capacitação profissional e em melhor estrutura física, medidas que tornariam o ambiente escolar mais inclusivo para os surdos.

Em consequência disso, os deficientes auditivos encontram inúmeras dificuldades em variados âmbitos de seus vidas. Um exemplo disso é a difícil inserção dos surdos no mercado de trabalho, devido à precária educação recebida por eles e ao preconceito intrínseco à sociedade brasileira. Essa conjuntura, de acordo com as ideias do contratualista John Locke, configura-se uma violação do "contrato social", já que o Estado não cumpre sua função de garantir que seus cidadãos gozem de direitos imprescindíveis (como o direito à educação de qualidade) para a manutenção da igualdade entre os membros da sociedade, o que expõe os surdos a uma condição de ainda maior exclusão e desrespeito.

Diante dos fatos supracitados, faz-se necessário que a Escola promova a formação de cidadãos que respeitem às diferenças e valorizem a inclusão, por intermédio de palestras, debates e trabalhos em grupo, que envolvam a família, a respeito desse tema, visando a ampliar o contato entre a comunidade escolar e as várias formas de deficiência. Além disso, é imprescindível que o Poder Público destine maiores investimentos à capacitação de profissionais da educação especializados na ensino inclusivo e às melhorias estruturais nas escolas, com o objetivo de oferecer aos surdos uma formação mais eficaz. Ademais, cabe também ao Estado incentivar a contratação de deficientes por empresas privadas, por meio de subsídios e Parcerias Público-Privadas, objetivando a ampliar a participação desse grupo social no mercado de trabalho. Dessa forma, será possível revertar um panorama de preconceito e exclusão, mencionado por Machado de Assis e oferecer condições de educação mais justas a esses cidadãos.

Verifique se o seu CPF, o seu nome e a data de nascimento estão corretos e transcreva-os nos locais indicados.

Transcreva a sua redação com **caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.**

Não haverá substituição desta **FOLHA DE REDAÇÃO** por erro de preenchimento do **PARTICIPANTE**.

Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.

Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

Nome completo: ISABELLA BARROS CASTELO BRANCO

NOME I S A B E L L A B A R R O S C A S T E L O B R A N C O

Isabella Barros Castelo Branco

MARCUS VINÍCIUS MONTEIRO DE OLIVEIRA, DO CEARÁ

No Brasil, o início do processo de educação de surdos remonta ao Segundo Reinado. No entanto, esse ato não se configurou como inclusivo, já que se caracterizou pelo estabelecimento de um "apartheid" educacional, ou seja, uma escola exclusiva para tal público, segregando-o dos que seriam considerados "normais" pela população. Assim, notam-se desafios ligados à formação educacional das pessoas com dificuldade auditiva, seja por estereotipação da sociedade civil, seja por passividade governamental. Portanto, haja vista que a educação é fundamental para o desenvolvimento econômico do referido público e, logo, da nação, ela deve ser efetivada aos surdos pelos agentes adequados, a partir da resolução dos entraves vinculados a ela.

Sob esse viés, pode-se apontar como um empecilho à implementação desse direito, reconhecido por mecanismos legais, a discriminação enraizada em parte da sociedade, inclusive dos próprios responsáveis por essas pessoas com limitação. Isso por ser explicado segundo o sociólogo Talcott Parsons, o qual diz que a família é uma máquina que produz personalidades humanas, o que legitima a ideia de que o preconceito por parte de muitos pais dificulta o acesso à educação pelos surdos. Tal estereótipo está associado a uma possível invalidez da pessoa com deficiência e é procrastinado, infelizmente, desde o Período Clássico grego, em que deficientes eram deixados para morrer por serem tratados como insignificantes, o que dificulta, ainda hoje, seu pleno desenvolvimento e sua autonomia.

Além do mais, ressalte-se que o Poder Público incrementou o acesso do público abordado ao sistema educacional brasileiro ao tornar a Libras uma língua secundária oficial e ao incluí-la, no mínimo, à grade curricular pública. Contudo, devido à falta de fiscalização e de políticas públicas ostensivas por parte de algumas gestões, isso não é bem efetivado. Afinal, dados estatísticos mostram que o número de brasileiros com deficiência auditiva vem diminuindo tanto em escolas inclusivas – ou bilíngues -, como em exclusivas, a exemplo daquela criada no Segundo Reinado. Essa situação abjeta está relacionada à inexistência ou à incipiência de professores que dominem a Libras e à carência de aulas proficientes, inclusivas e proativas, o que deveria ser atenuado por meio de uma maior gerência do Estado nesse âmbito escolar.

Diante do exposto, cabe às instituições de ensino com proatividade o papel de deliberar acerca dessa limitação em palestras elucidativas por meio de exemplos em obras literárias, dados estatísticos e depoimentos de pessoas envolvidas com o tema, para que a sociedade civil, em especial os pais de surdos, não seja complacente com a cultura de estereótipos e preconceitos difundidos socialmente. Outrossim, o próprio público deficiente deve alertar a outra parte da população sobre seus direitos e suas possibilidades no Estado civil a partir da realização de dias de conscientização na urbe e da divulgação de textos proativos em páginas virtuais, como "Quebrando o Tabu". Por fim, ativistas políticos devem realizar mutirões no Ministério ou na Secretaria de Educação, pressionando os demiurgos

indiferentes à problemática abordada, com o fito de incentivá-los a profissionalizarem adequadamente os professores – para que todos saibam, no mínimo, o básico de Libras – e a efetivarem o estudo da Língua Brasileira de Sinais, por meio da disponibilização de verbas e da criação de políticas públicas convenientes, contrariando a teórica inclusão da primeira escola de surdos brasileira.

MATHEUS PEREIRA ROSI

FOLHA DE REDAÇÃO

029

Segundo o pensamento de Claude Lévi-Strauss, a interpretação adequada do coletivo ocorre por meio do ~~então~~ entendimento das forças que estruturam a sociedade, como os eventos históricos e as relações ~~sociais~~ sociais. Esse panorama auxilia na análise da questão dos desafios para a formação educacional dos surdos no Brasil, visto que a comunidade, historicamente, marginaliza as minorias, o que promove a falta de apoio da população e do Estado para com esse deficiente auditivo, dificultando a sua participação plena no corpo social e no cenário educativo. Diante dessa perspectiva, cabe avaliar os fatores que favorecem esse quadro, além do papel das escolas na inserção desse sujeito.

Em primeiro plano, evidencia-se que a coletividade brasileira é estruturada por um modelo excludente imposto pelos grupos dominantes, no qual o indivíduo que não atende aos requisitos estabelecidos, branco e abastado, sofre uma periferização social. Assim, ao analisar a sociedade pela visão de Lévi-Strauss, nota-se que tal deficiente não é valorizado de forma plena, pois as suas necessidades escolares e a sua inclusão social são tidas como uma obrigação pessoal, sendo que esses deveres, na realidade, são coletivos e estatais. Por conseguinte, a formação educacional dos surdos é prejudicada pela negligência social, de modo que as escolas e os profissionais não estão capacitados adequadamente para oferecer o ensino em Libras e os demais auxílios necessários, devido a sua exclusão, já que não se enquadra no modelo social imposto.

Outro ponto relevante, nessa temática, é o conceito de Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman, que explica a queda das atitudes éticas pela fluidez dos valores, a fim de atender aos interesses pessoais, aumentando o individualismo. Desse modo, o sujeito, ao estar imerso nesse panorama líquido, acaba por perpetuar a exclusão e a dificuldade de inserção educacional dos surdos, por causa da redução ~~dos~~ do olhar sobre o bem-estar dos menos favorecidos. Em vista disso, os desafios para a formação escolar de tais deficientes auditivos estão presentes na estruturação desigual e opressora da coletividade, bem como em seu viés individualista, diminuindo as oportunidades sociais e educativas dessa minoria.

Logo, medidas públicas são necessárias para alterar esse cenário. É fundamental, portanto, a criação de oficinas educativas, pelas prefeituras, visando à elucidação das massas sobre a marginalização da educação dos surdos, por meio de palestras de sociólogos que orientem a inserção social e escolar desses sujeitos. ~~Ademais~~ Ademais, é vital a capacitação dos professores e dos pedagogos, pelo Ministério da Educação, com o fito de instruir sobre as necessidades de tal grupo, como o ensino em Libras, utilizando cursos e métodos para acolher esses deficientes e incentivar a sua continuidade nas escolas, a fim de elevar a visualização dos surdos como membros do corpo social. A partir dessas ações, espera-se promover uma melhora das condições educacionais e sociais desse grupo.

Verifique se o seu CPF, o seu nome e a data de nascimento estão corretos e transcreva-os nos locais indicados.

Transcreva a sua redação com **caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.**

Não haverá substituição desta **FOLHA DE REDAÇÃO** por erro de preenchimento do **PARTICIPANTE**.

Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.

Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

Nome completo: MATHEUS PEREIRA ROSI

NOME MATHEUS PEREIRA ROSI

Matheus Pereira Rosi

0292171043698413 09

YASMIN LIMA ROCHA, DO PIAUÍ

A formação educacional de surdos encontra, no Brasil, uma série de empecilhos. Essa tese pode ser comprovada por meio de dados divulgados pelo Inep, os quais apontam que o número de surdos matriculados em instituições de educação básica tem diminuído ao longo dos últimos anos. Nesse sentido, algo deve ser feito para alterar essa situação, uma vez que milhares de surdos de todo o país têm o seu direito à educação vilipendiado, confrontando, portanto, a Constituição Cidadã de 1988, que assegura a educação como um direito social de todo o cidadão brasileiro.

Em primeira análise, o descaso estatal com a formação educacional de deficientes auditivos mostra-se como um dos desafios à consolidação dessa formação. Isso porque poucos recursos são destinados pelo Estado à construção de escolas especializadas na educação de pessoas surdas, bem como à capacitação de profissionais para atenderem às necessidades especiais desses alunos. Ademais, poucas escolas são adeptas do uso de libras, segunda língua oficial do Brasil, a qual é primordial para a inclusão de alunos surdos em instituições de ensino. Dessa forma, a negligência do Estado, ao investir minimante na educação de pessoas especiais, dificulta a universalização desse direito social tão importante.

Em segunda análise, o preconceito da sociedade com os deficientes apresenta-se como outro fator preponderante para a dificuldade na efetivação da educação de pessoas surdas. Essa forma de preconceito não é algo recente na história da humanidade: ainda no Império Romano, crianças deficientes eram sentenciadas à morte, sendo jogadas de penhascos. O preconceito ao deficiente auditivo, no entanto, reverbera na sociedade atual, calcada na ética dilitarista, que considera inútil pessoas que, aparentemente menos capacitadas, têm pouca serventia à comunidade, como é caso de surdos. Os deficientes auditivos, desse modo, são muitas vezes vistos como pessoas de menor capacidade intelectual, sendo excluídos pelos demais, o que dificulta aos surdos não somente o acesso à educação, mas também à posterior entrada no mercado de trabalho.

Nesse sentido, urge que o Estado, por meio de envio de recursos ao Ministério da Educação, promova a construção de escolas especializadas em deficientes auditivos e a capacitação de profissionais para atuarem não apenas nessas escolas, mas em instituições de ensino comuns também, objetivando a ampliação do acesso à educação aos surdos, assegurando a estes, por fim, o acesso a um direito garantido constitucionalmente. Outrossim, ONGs devem promover, através da mídia, campanhas que conscientizem a população acerca da importância do deficiente auditivo para a sociedade, enfatizando em mostrar a capacidade cognitiva e intelectual do surdo, o qual seria capaz de participar da população economicamente ativa (PEA), como fosse concedido a este o direito à educação e à equidade de tratamento, por meio da difusão do uso de libras. Dessa forma, o Brasil poderia superar os desafios à consolidação da formação educacional de surdos.

MARIA JULIANA BEZERRA COSTA

FOLHA DE REDAÇÃO

029

Em razão de seu caráter excessivamente militarizado, a sociedade que constituía a cidade de Esparta, na Grécia Antiga, mostrou-se extremamente intolerante com deficiências corpóreas ao longo da história, tornando constante inclusive o assassinato de bebês que lhe apresentassem, por exemplo. Passados mais de ~~dia~~ dois mil anos dessa prática tenebrosa, ainda é deplorávelmente perceptível, sobretudo em países subdesenvolvidos como o Brasil, a existência de atos preconceituosos perpetrados contra essa parcela da sociedade, que são o motivo primordial para que se perpetue como difícil a escolarização plena de deficientes auditivos. Esse panorama nefasto suscita ações mais efetivas tanto do Poder Público quanto da instituições formadoras de opinião, com o escopo de mitigar os diversos empecilhos postos frente à educação dessa parcela social.

É indubitável, de fato, que muitos avanços já foram conquistados no que tange à efetivação dos direitos constitucionais garantidos aos surdos brasileiros. Pode-se mencionar, por exemplo, a classificação da Libras – Língua Brasileira de Sinais – como segundo idioma oficial da nação em 2002, a existência de escolas especiais para surdos no território do Brasil e as iniciativas privadas que incluem esses cidadãos como partícipes de eventos – como no caso da plataforma do Youtube Educação, ~~que~~ cujas aulas sempre apresentam um profissional que traduz a fala de um professor para a língua de sinais. Apenas medidas flagrantemente pontuais como essas, contudo, são incapazes de tornar a educação de surdos efetiva e acessível a todos que necessitam dela, visto que não só a maioria dos centros educacionais está mal distribuída no país, mas também a disponibilidade de professores específicos ainda é escassa, além de a linguagem de sinais ainda ser desconhecida por grande parte dos brasileiros.

No que tange à sociedade civil, nota-se a existência de comportamentos e ~~ideologias~~ de ideologias altamente preconceituosas contra os surdos brasileiros. A título de ilustração, é comum que pais de estudantes ditos "normais" dificultem o ingresso de alunos portadores de deficiência auditiva em classes não específicas a eles, alegando que tal parcela tornará o "ritmo" da aula mais lento; que colegas de sala difundem piadas e atitudes maldosas e que empresas os considerem inaptos à comunicação com outros funcionários. Essas atitudes deplorávelmente constantes no Brasil ratificam a máxima atribuída ao filósofo Voltaire: "Os preconceitos são a razão dos imbecis".

Urge, pois, a fim de tornar atitudes intolerantes restritas à história de Esparta, que o Estado construa mais escolas para deficientes auditivos em municípios mais afastados de grandes centros e promova cursos de Libras a professores da rede pública – por meio da ampliação de verbas destinadas ao Ministério da Educação e da realização de palestras com especialistas na educação de surdos –, em prol de tornar a formação educacional deles mais fácil e mais inclusiva. Outrossim, é mister que instituições formadoras de opinião – como escolas, universidades e famílias socialmente engajadas – promovam debates amplos e constantes acerca da importância de garantir o respeito e a igualdade de oportunidades a essa parcela social, a partir de diálogos nas leras, de seminários e de feiras culturais em ambientes educacionais. Assim, reduzir-se-ão os empecilhos existentes hoje em relação à educação de surdos na Nação e formar-se-ão cidadãos mais aptos a compreender a necessidade de respeito a eles, afinal, segundo o filósofo Immanuel Kant: "O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele".

Verifique se o seu CPF, o seu nome e a data de nascimento estão corretos e transcreva-os nos locais indicados.

Transcreva a sua redação com **caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.**

Não haverá substituição desta **FOLHA DE REDAÇÃO** por erro de preenchimento do **PARTICIPANTE**.

Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.

Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

Nome completo: MARIA JULIANA BEZERRA COSTA

NOME M A R I A J U L I A N A B E Z E R R A C O S T A

Maria Juliana Bezerra Costa

LARISSA FERNANDES SILVA DE SOUZA, DO PARÁ

A Declaração Universal dos Direitos Humanos – promulgada em 1948 pela ONU – assegura a todos os indivíduos o direito à educação e ao bem-estar social. Entretanto, o precário serviço de educação pública do Brasil e a exclusão social vivenciada pelos surdos impede que essa parcela da população usufrua desse direito internacional na prática. Com efeito, evidencia-se a necessidade de promover melhorias no sistema de educação inclusiva do país.

Deve-se pontuar, de início, que o aparato estatal brasileiro é ineficiente no que diz respeito à formação educacional de surdos no país, bem como promoção da inclusão social desse grupo. Quanto a essa questão, é notório que o sistema capitalista vigente exige alto grau de instrução para que as pessoas consigam ascensão profissional. Assim, a falta de oferta do ensino de libras nas escolas brasileiras e de profissionais especializados na educação de surdos dificulta o acesso desse grupo ao mercado de trabalho. Além disso, há a falta de formas institucionalizadas de promover o uso de libras, o que contribui para a exclusão de surdos na sociedade brasileira.

Vale ressaltar, também, que a exclusão vivenciada por deficientes auditivos no país evidencia práticas históricas de preconceito. A respeito disso, sabe-se que, durante o século XIX, a ciência criou o conceito de determinismo biológico, utilizado para legitimar o discurso preconceituoso de inferioridade de grupos minoritários, segundo o qual a função social do indivíduo é determinada por características biológicas. Desse modo, infere-se que a incapacidade associada hodiernamente aos deficientes tem raízes históricas, que acarreta a falta de consciência coletiva de inclusão desse grupo pela sociedade civil.

É evidente, portanto, que há entraves para que os deficientes auditivos tenham pleno acesso à educação no Brasil. Dessa maneira, é preciso que o Estado brasileiro promova melhorias no sistema público de ensino do país, por meio de sua adaptação às necessidades dos surdos, como oferta do ensino de libras, com profissionais especializados para que esse grupo tenha seus direitos respeitados. É imprescindível, também, que as escolas garantam a inclusão desses indivíduos, por intermédio de projetos e atividades lúdicas, com a participação de familiares, a fim de que os surdos tenham sua dignidade humana preservada.

MARIA FERNANDA DE MIRANDA MOTA GURGEL DO AMARAL

FOLHA DE REDAÇÃO

029

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, há 45 milhões de indivíduos portadores de alguma deficiência no País. Apesar ~~dos~~ do amplo contingente populacional e dos avanços nos direitos dessa camada da sociedade, esses brasileiros não dispõem de uma inclusão educacional plena, sobretudo os surdos. Esse cenário desafiador demanda a adoção de medidas mais eficientes por parte do Poder Público e de instituições formadoras de opinião a fim de garantir uma melhor qualidade de vida aos deficientes auditivos.

De fato, o acesso à educação pelos indivíduos surdos é assegurado pela Constituição de 1988 e pelo mais recente Estatuto da Pessoa com Deficiência. No Brasil, entretanto, há uma discrepância entre o que é defendido por tais instrumentos jurídicos e a realidade excludente vivida por essa população. Esses indivíduos sofrem, diariamente, com a escassez de materiais didáticos adaptados e com a insuficiente formação de professionais, que, muitas vezes, são incapazes de oferecer uma educação em Libras. Além disso, grande parte dos brasileiros desconhece tais legislações, o que dificulta a inclusão plena dos deficientes auditivos e evidencia uma atuação negligente do Estado.

Ademais, de acordo com o pensador Vygotsky, o indivíduo é fortemente influenciado pelo meio em que está inserido, o que revela a importância de certos setores da sociedade, a exemplo da família e escola, na formação cidadã dos brasileiros. Mesmo com essa ampla relevância, diante da persistência de atos discriminatórios contra os surdos no âmbito escolar, como a recusa de matrícula, a segregação em turmas especiais e o bullying, fica evidente o desrespeito, por parte de tais instituições, ao Estatuto da Pessoa com Deficiência, documento que tipifica como crime qualquer comportamento intolerante contra as portadores de necessidades especiais, incluindo os surdos.

Portanto, a fim de garantir a devida formação educacional ~~aos~~ dos deficientes auditivos, cabe ao Poder Público, por meio da destinação de mais recursos ao Instituto Nacional de Educação de Surdos, garantir uma melhor capacitação dos professores e uma maior disponibilização de materiais adaptados, além de promover campanhas educativas, mediante as redes sociais, ~~sobre~~ no que diz respeito à existência do Estatuto da Pessoa com Deficiência. Ademais, cabe às escolas garantir, por meio de palestras para os pais de alunos, o devido incentivo do amplo diálogo entre os membros do núcleo familiar, possibilitando uma reflexão quanto ao respeito às diferenças no âmbito doméstico desde a infância.

Verifique se o seu CPF, o seu nome e a data de nascimento estão corretos e transcreva-os nos locais indicados.

Nº de Inscrição: 171015708356

Transcreva a sua redação com **caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.**

Não haverá substituição desta **FOLHA DE REDAÇÃO** por erro de preenchimento do **PARTICIPANTE**.

Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.

Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

Nome completo: MARIA FERNANDA DE MIRANDA MOTA GURGEL DO AMARAL

NOME M A R I A F E R N A N D A D E M I R A N D A M O T A G U R

Maria Fernanda de M. M. G. do Amaral

ALAN DE CASTRO NABOR, DE ALAGOAS

Sob a perspectiva filosófica de São Tomás de Aquino, todos os indivíduos de uma sociedade democrática possuem a mesma importância, além dos mesmos direitos e deveres. No entanto, percebe-se que, no Brasil, os deficientes auditivos compõem um grupo altamente desfavorecido no tocante ao processo de formação educacional, visto que o país enfrenta uma série de desafios para atender a essa demanda. Nesse contexto, torna-se evidente a carência de estrutura especializada no acompanhamento desse público, bem como a compreensão deturpada da função social deste.

O filósofo italiano Norberto Bobbio afirma que a dignidade humana é uma qualidade intrínseca ao homem, capaz de lhe dar direito ao respeito e à consideração por parte do Estado. Nessa lógica, é notável que o poder público não cumpre o seu papel enquanto agente fornecedor de direitos mínimos, uma vez que não proporciona aos surdos o acesso à educação com qualidade devida, o que caracteriza um irrespeito descomunal a esse público. A lamentável condição de vulnerabilidade à qual são submetidos os deficientes auditivos é percebida no déficit deixado pelo sistema educacional vigente no país, que revela o despreparo da rede de ensino no que tange à inclusão dessa camada, de modo a causar entraves à formação desses indivíduos e, por conseguinte, sua inserção no mercado de trabalho.

Além disso, outra dificuldade enfrentada pelos surdos para alcançar a formação educativa se dá pela falta de apoio enfrentada por muitos no âmbito familiar, causada pela ignorância quanto às leis protetoras dos direitos do deficiente, que gera uma letargia social nesse aspecto. Esse desconhecimento produz na sociedade concepções errôneas a respeito do papel social do portador de deficiências: como consequência do descumprimento dos deveres constitucionais do Estado, as famílias – acomodadas por pouca instrução – alimentam a falsa ideia de que o deficiente auditivo não tem contribuição significante para a sociedade, o que o afasta da escolaridade e neutraliza a relevância que possui.

Logo, é necessário que o Ministério da Educação, em parceria com instituições de apoio ao surdo, proporcione a este maiores chances de se inserir no mercado, mediante a implementação do suporte adequado para a formação escolar e acadêmica desse indivíduo – com profissionais especializados em atende-lo -, a fim de gerar maior igualdade na qualificação e na disputa por emprego. É imprescindível, ainda, que as famílias desses deficientes exijam do poder público a concretude dos princípios constitucionais de proteção a esse grupo, por meio do aprofundamento no conhecimento das leis que protegem essa camada, para que, a partir da obtenção do saber, esse empenho seja fortalecido e, assim, essa parcela receba o acompanhamento necessário para atingir a formação educacional e a contribuição à sociedade.

MARIA EDUARDA ANDRADE

FOLHA DE REDAÇÃO

029

A Magna Carta Brasileira, de 1988, garante o direito à vida, à igualdade e à liberdade. Todavia, a prática distorce a teoria, uma vez que, apesar dos poucos conquistos, os surdos sofrem diariamente com a falta de suporte — sobretudo no que diz respeito à formação ~~educacional, fruto~~ educacional —, fruto da ingerência estatal e da banalização dos direitos das minorias.

Antes de tudo, é necessário constatar que o Estado falha ao não promover acesso igualitário à educação. Além disso, ainda há a frágil preparação e adequação de educadores para sanar as demandas de pessoas portadoras de deficiências, pois nota-se que poucas instituições de ensino — local onde deveria haver ~~parte~~ suporte, já que é o ambiente formador de cidadãos, de acordo com os estudos estruturalistas do sociólogo Émile Durkheim — contam com profissionais em libras, por exemplo; de modo a inviabilizar um aprendizado concreto, excluindo os deficientes auditivos, muitas vezes, do mercado de trabalho. Essa realidade vai de encontro ao artigo 6 da Constituição Federal, o qual afirma ser dever da União garantir a educação e o emprego aos cidadãos brasileiros.

Somado a isso, tem-se o fato de que a sociedade tende a aprimir e colocar à margem pessoas que fogem dos padrões. Isso faz com que os interesses diversos indivíduos sejam banalizados, de maneira a dificultar a conquista de direitos básicos, como a formação acadêmica, o que rompe com o jusnaturalismo de John Locke, quando afirmou que todos são iguais em direitos. Dado, observa-se que é imprescindível a atuação estatal e social para que tais obstáculos sejam superados.

Diante disses impasses, necessita-se, urgentemente, que o Tribunal de Contas da União direcione capital que, por intermédio do Ministério da Educação, será revertido em profissionalização dos educadores em libras e ~~instrumentaca~~ instrução educacional de surdos, através de cursos guiados por especialistas na área (mestres e doutores em educação de deficientes auditivos), com vistas a fornecer a base para a construção acadêmica. Paralelamente, cabe ao próprio Ministério da Educação promover a conscientização, por meio de palestras ministradas por psicólogos, a fim de mostrar à sociedade que todos têm os mesmos direitos e passar a inserir os surdos na sociedade, para que o Estado atue diretamente e possa, assim, permitir a plena formação acadêmica de todos eles e fazer jus à teoria de Locke.

Verifique se o seu CPF, o seu nome e a data de nascimento estão corretos e transcreva-os nos locais indicados. **Nº de Inscrição:** 171043658359

BEATRIZ ALBINO SERVILHA, DO RIO DE JANEIRO

Educação inclusiva

Durante o século XIX, a vinda da Família Real ao Brasil trouxe consigo a modernização do país, com a construção das escolas e universidades. Também, na época, foi inaugurada a primeira escola voltada para a inclusão social de surdos. Não se vê, entretanto, na sociedade atual, tal valorização educacional relacionada à comunidade surda, posto que os embates que impedem sua evolução tornam-se cada vez mais evidentes. Desse modo, os entraves para a educação de deficientes auditivos denotam um país desestruturado e uma sociedade desinformada sobre sua composição bilíngue.

A princípio, a falta de profissionais qualificados dificulta o contato do portador de surdez com a base educacional necessária para a inserção social. O Estado e a sociedade moderna têm negligenciado os direitos da comunidade surda, pois a falta de intérpretes capacitados para a tradução educativa e a inexistência de vagas em escolas inclusivas perpetuam a disparidade entre surdos e ouvintes, condenando os detentores da surdez aos menores cargos da hierarquia social. Lê-se, pois, é paradoxal que, em um Estado Democrático, ainda haja o ferimento de um direito previsto constitucionalmente: o direito à educação de qualidade.

Além disso, a ignorância social frente à conjuntura bilíngue do país é uma barreira para capacitação pedagógica do surdo. Helen Keller – primeira mulher surdo-cega a se formar e tornar-se escritora – definia a tolerância como maior presente de uma boa educação. O pensamento de Helen não tem se aplicado à sociedade brasileira, haja vista que não se tem utilizado a educação para que se torne comum aos cidadãos a proximidade com portadores de deficiência auditiva, como aulas de Libras, segunda língua oficial do Brasil. Dessa forma, torna-se evidente o distanciamento causado pela inexperiência dos indivíduos em lidar com a mescla que forma o corpo social a que possuem.

Infere-se, portanto, que é imprescindível a mitigação dos desafios para a capacitação educacional dos surdos. Para que isso ocorra, o Ministério da Educação e Cultura deve realizar a inserção de deficientes auditivos nas escolas, por meio da contratação de intérpretes e disponibilização de vagas em instituições inclusivas, com o objetivo de efetivar a inclusão social dos indivíduos surdos, haja vista que a escola é a máquina socializadora do Estado. Ademais, a escola deve preparar surdos e ouvintes para a convivência harmoniosa, com a introdução de aulas de Libras na grade curricular, a fim de uniformizar o laço social e, também, cumprir com a máxima de Nelson Mandela que constitui a educação como segredo para transformar o mundo. Poder-se-á, assim, visar a uma educação, de fato, inclusiva no Brasil.

THAÍS FONSECA LOPES DE OLIVEIRA

"Na mitologia grega, Sísifo foi condenado por Zeus a rolar uma enorme pedra morro acima eternamente. Todos os dias, Sísifo atingia o topo do rochedo, contudo era vencido pela exaustão, assim a pedra retornava à base. Hodiernamente, esse mito assemelha-se à luta cotidiana dos deficientes auditivos brasileiros, os quais buscam ultrapassar as barreiras as quais os separam do direito à educação. Nesse contexto, não há dúvidas de que a formação educacional de surdos é um desafio no Brasil o qual ocorre, infelizmente, devido não só à negligência governamental, mas também ao preconceito da sociedade.

A Constituição cidadã de 1988 garante educação inclusiva de qualidade aos deficientes, todavia o Poder Executivo não efetiva esse direito. Consoante Aristóteles no livro "Ética a Nicômaco", a política serve para garantir a felicidade dos cidadãos, logo se verifica que esse conceito encontra-se deturpado no Brasil à medida que a oferta não apenas da educação inclusiva, como também da preparação de número suficiente de professores especializados no cuidado com surdos não está presente em todo o território nacional, fazendo os direitos permanecerem no papel.

Outrossim, o preconceito da sociedade ainda é um grande impasse à permanência dos deficientes auditivos nas escolas. Tristemente, a existência da discriminação contra surdos é reflexo da valorização dos padrões criados pela consciência coletiva. No entanto, segundo o pensador e ativista francês Michel Foucault, é preciso mostrar às pessoas que elas são mais livres do que pensam para quebrar pensamentos errôneos construídos em outros momentos históricos. Assim uma mudança nos valores da sociedade é fundamental para transpor as barreiras à formação educacional de surdos.

Portanto, indubitavelmente, medidas são necessárias para resolver esse problema. Cabe ao Ministério da Educação criar um projeto para ser desenvolvido nas escolas o qual promova palestras, apresentações artísticas e atividades lúdicas a respeito do cotidiano e dos direitos dos surdos – uma vez que ações culturais coletivas têm imenso poder transformador – a fim de que a comunidade escolar e a sociedade no geral – por conseguinte – conscientizem-se. Desse modo, a realidade distanciar-se-á do mito grego e os Sísifos brasileiros vencerão o desafio de Zeus."

MARIA CLARA DELMAS CAMPOS

A formação educacional de surdos representa um desafio para uma sociedade alienada e segregacionista como a brasileira. O desconhecimento da língua brasileira de sinais — LIBRAS — e a visão inferiorizante que se tem dos surdos podem acabar por excluí-los de processos educacionais e culturais e mantê-los marginalizados em relação ao mundo atual. Portanto, esses desafios devem ser superados de imediato para que uma sociedade integrada seja alcançada.

Em primeiro lugar, a pouca abrangência da língua de sinais entre os mais diversos setores da sociedade faz dela um ambiente inóspito para os deficientes auditivos. Pesquisas corroboradas por universidades brasileiras e estrangeiras, como a Unicamp e a Universidade de Harvard, atentam para a importância da linguagem como principal porta para a convivência social, permitindo uma multiplicidade de interações interpessoais, como as de educação, cultura, trabalho e lazer. Assim, quando a sociedade se fecha à comunicação por sinais, justificada pela ignorância, aqueles que dependem dessa linguagem têm dificuldades de obter educação de qualidade e ficam, muitas vezes, à margem das demais interações sociais.

Além disso, a maioria das escolas brasileiras não incluem os surdos, assim como os demais portadores de necessidades especiais, em seus programas, estimulando a diferença e o preconceito. Por mais que a legislação brasileira garanta o ensino inclusivo, a maioria das escolas brasileiras não possuem estrutura para atender aos deficientes auditivos, principalmente por conta da falta de profissionais qualificados. A pouca inclusão dos jovens deficientes e não-deficientes valoriza a diferença entre eles, gerando discriminação e uma sociedade dividida. O renomado geógrafo Milton Santos dizia que uma sociedade alienada é aquela que enxerga o que separa, mas não o que une seus membros, algo que se evidencia na exclusão de surdos em todos os níveis de ensino.

Dessarte, visando a uma sociedade mais justa, é mister superar os desafios da educação de deficientes auditivos. Para que o surdo se integre aos diversos meios sociais, como o educacional, o MEC deve fazer uma reforma curricular, que contemple o ensino de LIBRAS como obrigatório em todas as escolas, através de consultas populares na internet para determinação da carga horária. Ademais, com o intuito de tornar as escolas inclusivas, o MEC e o Ministério do Trabalho devem prover as escolas de profissionais capacitados, que possam lidar com alunos surdos através de programas de capacitação profissional oferecidos pelo SESI e SENAC. Dessa forma, o ensino tornará a sociedade brasileira mais unida.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CURSINHO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR

Literatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PARTE 02

Profº. Andre Luis Batista

Coordenação: Letícia Couto Bicalho

ERA BURGUESA:

SIMBOLISMO

Surgido na França, o Simbolismo constituiu uma reação ao cientificismo do Realismo-Naturalismo e ao superficialismo do Parnasianismo. Poesia da realidade subjetiva, nega o objetivismo e o materialismo comuns a essas três estéticas.

O Simbolismo guarda alguma proximidade com a segunda fase do Romantismo, que também busca temas como, o saudosismo, o apelo à morte e ao pessimismo subjetivo. Toda via, não mantém a passionalidade dos românticos, nem o seu descontrole emocional, nem o seu sentimentalismo autopiedoso. No Simbolismo, os temas provêm do universo espiritual, por meio de sugestões de emoções – e não de emoções explícitas -, por meio da suavidade das palavras – e não por meio da grandiloquência verbal.

Os poetas simbolista percebem:

A realidade subjetiva

- de forma **metafísica**, por meio de empregar substantivos abstratos;

- de forma **esotérica**, por meio de um vocabulário ritualístico e cabalístico;

- de forma **mística**, por meio de um vocabulário litúrgico e sobrenatural.

Os poemas transpiram uma atmosfera **onírica (de sonho) sensações indefinidas** e falta de lógica predominam. Para isso o recurso formal é a **sugestão**, por meio de **musicalidade (**rítimo e aliterações), **sinestesias** (fusões de sensações de naturezas distintas) e **símbolos** de difícil percepção.

Embora seus temas sejam renovados para a literatura, a forma de seus poemas perrmanece adaptada à métrica e à rima parnasiana, entretanto sem o mesmo senso extremo de perfeição parnasianista.

Os simbolistas, desde sua origem na França, eram vistos como poetas malditos: antiacadêmicos e marginais (deslocados da literatura oficial), excêntricos (escreviam coisas difíceis de interpretar) e alienados.

SIMBOLISMO NO BRASIL

O movimento simbolista no Brasil, ao contrário do que ocorreu em outras partes do mundo como na Europa, foi um movimento de pouco prestigio entre as camadas cultas da sociedade que prestigiava o parnasianismo como grande movimento da época. Apesar disto, o movimento deixou grandes contribuições, preparando terreno para as grandes inovações que iriam ocorrer no século XX.

Os maiores representantes do Simbolismo no Brasil foram:

João de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens.

CRUZ E SOUSA (1861-1898)

João da Cruz e Sousa, considerado o mestre do simbolismo brasileiro, nasceu em Desterro, hoje cidade de Florianópolis- SC, no dia 24 de novembro de 1861.

Nosso simbolista padeceu de todos os males de viver como negro culto em um país recentemente saído da escravidão. Por ser negro foi impedido de assumir o cargo de promotor público em Laguna. Trabalhou como jornalista, como ponto de teatro e como funcionário da Central do Brasil, já no Rio de Janeiro, teve contato com a poesia simbolista. Morreu tuberculoso, em 1898, depois de perder toda sua família por conta da tuberculose e de ver sua mulher enlouquecer.

Cruz e Sousa evidencia, em sua obra, uma ficção pela cor branca e pela luminosidade. O gosto simbolista se aprofunda em sublimação do real, em religiosidade, em sentimentos platônicos do amo, em profusões de abstrações (personificação de seres abstratos pelo uso de maiúsculas) Sua obra é das mais complexas em literatura brasileira. Emprega uma profusão de sinestesias, aliterações, assonâncias e ritmos, tudo isso a serviço de aguçar as sensações. Para ele, o poema deve sempre guardar um mistério, que não é revelado abertamente pelo texto, permanecendo, as vezes, indecifrável pelo leitor.

POESIA DE CRUZ E SOUSA

CÁRCERES DAS ALMAS

Ah! Toda a Alma num cárcere anda presa,

soluçando nas trevas, entre as grades

do calabouço olhando imensidades,

mares, estrelas, tardes, naturezas.

Tudo se veste de uma igual grandeza

quando a alma entre grilhões as leberdades

sonha e sonhando, as mortalidades

rasga no etéreo Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas

nas prisões colossais e abandonadas,

da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do céu possui a chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?

VIOLÕES QUE CHORAM...

Ah! Plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurejantes de lamentos.
(...)
Vozes veladas, veludas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Tudo nas cordas dos violões ecoa
E vibra e se contorce no ar, convulso...
Tudo na noite, tudo clama e voa
Sobre a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos
São ilhas de degredo atroz, funéreo,
Para onde vão, fatigadas de sonho,
Almas que se abismaram no mistério.

ANTÍFONA

Ó Formas alvas, brancas, formas claras
De luares, de neves, de neblinas!
Ó formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras

Formas do amor, constelarmente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...
(...)

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos,aéreos,
Fecundai os Mistérios destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

APHONSUS DE GUIMARAES

Autor de uma poesia extremamente marcada pela religiosidade, este poeta, ainda que importante, não obteve muita expressão na literatura simbolista. Sua poesia se desenvolve em torno do misticismo marcado pela morte, que é praticamente transformada em objeto de adoração. Utiliza uma linguagem mais suave e tranquila do que a de Cruz e Sousa.

A CABEÇA DE CORVO

Na mesa, quando em meio à meia noite lenta,

Escrevo antes que o sono me adormeça,

Tenho o negro tinteiro que a cabeça

De um corvo representa.

A contemplá-la mudamente fico

E numa dor atroz me concentro,

E entreabrindo-lhe o grande e fino bico,

Meto-lhe a pena pela goela adentro.

E solidariamente , pouco a pouco,

Do bojo tiro a pana rasa sem tinta...

E a minha mão, que treme toda, pinta

Versos próprios de um louco.

E o aberto olhar vidrado na funesta

Ave que representa o meu tinteiro,

Vai-me seguindo a mão correr lesta,

Toda a tremer pelo papel inteiro.

Dizem-me todos que atirar eu devo

Trevas em fora este agourento corvo,

Pois dele sangra o desespero torvo

Destes versos que escrevo.

EXERCÍCIOS

1) Indique a única alternativa que apresenta os valores da estética simbolista:
a) A lógica, o mistério e a sensibilidade.
b) A intuição, a ciência e a sonoridade.
c) O ilógico, o simbolismo e o científico.
d) A intuição, a musicalidade e a espiritualidade.
e) A evidência, a coerência e o simbólico.

2) (Ucmg) - Das características da obra de Cruz e Souza indicadas abaixo, a única que, sendo de cunho pessoal, foge aos modelos simbolistas é:
a) culto da imprecisão, do misterioso e do vago.
b) exploração consciente da musicalidade das palavras.
c) lirismo impregnado de tom dramático e humanitário.
d) presença de vocabulário com palavras raras e expressivas.
e) tentativa de superação no transcendental e no místico.

3) (Mackenzie) –
"Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurejantes de lamento.
Sutis palpitações à luz da lua.
Anseio dos momentos mais saudosos,
Quando lá choram na deserta rua
As cordas vivas dos violões chorosos.
Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.
Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."
As estrofes anteriores, claramente representativas do_____ , não apresentam _____ .
Assinale a alternativa que completa corretamente AS DUAS lacunas anteriores.
a) Romantismo - sinestesia
b) Simbolismo - aliterações e assonâncias
c) Romantismo - musicalidade
d) Parnasianismo - metáforas e metonímias
e) Simbolismo - versos brancos e livres

4) (Mackenzie) - Assinale a alternativa em que aparece um trecho do Simbolismo brasileiro.
a) Vejo através da janela de meu trem
os domingos das cidadezinhas,
com meninas e moças,
e caixeiros e caixeiros engomados que vêm olhar
os passageiros empoeirados dos vagões.
b) E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente se fabrica,...
c) Ai! Se eu te visse no calor da sesta

A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas! ...
Ai! Se eu te visse, Madalena pura,
Sobre o veludo reclinada a meio
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos - palpitante o seio!
d) Eu amo os gregos tipos de escultura:
Pagãs nuas no mármore entalhadas;
Não essas produções que a estufa escura
Das normas cria, tortas e enfezadas.
e) Brancuras imortais da Lua Nova,
frios de nostalgia e sonolência...
Sonhos brancos da Lua e viva essência
dos fantasmas noctívagos da Cova.

5) (Uelondrina) - Identifique os versos tipicamente simbolistas de Cruz e Sousa.
a) Adeus! ó choça do monte!...
Adeus! palmeiras da fonte!...
Adeus! amores... adeus!...
b) Rei é Oxalá que nasceu sem se criar.
Rainha é Iemanjá que pariu Oxalá sem se manchar.
c) Minhas idéias abstratas
De tanto as tocar, tornaram-se concretas.
São rosas familiares
Que o tempo traz ao alcance da mão.
d) Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.
e) Nessa Amplidão das Amplidões austeras
chora o Sonho profundo das Esferas
que nas azuis Melancolias morre...

6) (13804) - Subjetivismo, valorização do inconsciente e do subconsciente, busca do vago, do diáfano, musicalidade, sugestão são características da poesia:
a) romântica.
b) barroca.
c) árcade.
d) simbolista.
e) parnasiana.

7) (Cescem) - O Simbolismo enveredou por caminhos algumas vezes semelhantes aos Romantismo; é o que se pode depreender do fato de que os autores simbolistas, via de regra:
a) aceitaram que o real é aquilo que está refletido na consciência individual.
b) asumiram uma postura esteticista, cultuaram a forma e a expressão ortodoxa.
c) utilizaram uma linguagem enxuta, direta e contundente, que dizia a expressão de seus temas ao essencial.
d) adotaram uma expressão oralizada, valendo-se dos recursos da fala popular.
e) impuseram à literatura uma concepção positiva do mundo, segundo a qual o homem exprime as contradições e grandezas da sociedade em que vive.

8) (Fuvest)
"Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranqüila,
- Perdida voz que de entre as mais se exila,
- Festões de som dissimulando a hora."
Os versos anteriores são marcados pela presença ..... e pela predominância de imagens auditivas, o que nos sugere a sua inclusão na estética ..... .
Assinale a alternativa que completa os espaços.
a) da comparação - romântica
b) da aliteração - simbolista
c) do paralelismo - trovadoresca
d) da antítese - barroca
e) do polissíndeto – modernista

9) (Cescem) –
"É, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras, mais pedras, mais pedras... Pedras destas odiosas, caricatas e fatigantes civilizações e sociedades... E as estranhas paredes hão de subir - longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir mudas, silenciosas, até às Estrelas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho..."
É comum, durante o Simbolismo, a criação de textos como o acima transcrito. Com base nesse excerto de Cruz e Souza podemos dizer que se trata de:
a) uma crônica historiográfica.
b) uma tragédia em moldes clássicos.
c) um romance em que predomina a descrição
d) um poema em prosa.
e) uma sátira aos costumes.

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Muito se fala em pós-modernidade, e este termo vem se tornando um “termo-gaveta”, isto é, um termo que age como um imã, saturando-se de significados quaisquer que sejam. Tais termos são perigosos, carregam Deus e o Diabo trocando condolências em uma mesma carruagem, querem dizer o “tudo”, mas se confundem em uma cacofonia de vozes. Tudo é “pós-moderno”, dizem. No cotidiano encontramos uma faca de dois gumes do termo: pós-moderno é usado tanto em sentido pejorativo como em sentido virtuoso; o sujeito pós-moderno então pode ser visto de acordo com a preferência do observador.

Não é minha intenção discutir nenhum dos dois significados, mas sim, apresentar algumas considerações sobre o conceito de pós-moderno dentro de uma perspectiva sociológica, sobretudo, com os contornos do sociólogo Zygmunt Bauman.

O próprio termo não é um consenso dentro da sociologia. Bauman diz que Giddens caracteriza a sociedade atual como “moderna tardia”, Beck como “moderna reflexiva” entre outros. Já ele, Bauman, opta pela sociedade “pós-moderna”: “A nossa sociedade (…) como prefiro denominá-la – pós-moderna é marcada pelo descrédito, escárnio ou justa desistência de muitas ambições (…) características da era moderna.”

O importante não é então a etimologia da palavra, mas sim, termos em mente que quando falamos em “pós-modernidade” fora do senso comum, estamos falando de um período marcado por algumas transformações, momento este que marca uma linha divisória, mas não fixa e nem tanto inteligível entre o que é “moderno” e “pós-moderno”.

Usamos pós-modernidade para caracterizar uma época onde visíveis mudanças ocorrem na sociedade em suas múltiplas faces: política, arte, economia, ciência, técnica, educação, relações humanas, etc. No entanto, não significa que a humanidade abandonou a modernidade, são tênues divisórias imaginárias que marcam o que é moderno e o que é pós-moderno. Segundo Bauman, a liberdade e a efemeridade são palavras chaves para entendermos este período. Tudo se apresenta de maneira líquida, disforme, sem consistência e sem constância. Daí o termo Modernidade Líquida, utilizado por Bauman, para contra por a Modernidade Sólida do período moderno onde o mundo era criado conforme uma ordem universal.

Modernidade:

Penso que não dá para compreender pós-modernidade sem antes jogar um pouco de luz sobre aquilo que até então foi chamado de modernidade.

A modernidade tirou Deus do centro do universo e colocou o homem, os valores deixaram de vir do plano transcendental e passaram a ser ditados pela vida terrena. A Reforma e, sobretudo, as mudanças econômicas do século XVII, o capitalismo se despedindo de suas formas pré-capitalistas, o germinar do conhecimento moderno, a saber, o cartesianismo, o humanismo, o iluminismo entre outras fontes científicas e filosóficas, dotaram o homem de força e sabedoria. Até então, ele era um frágil, errante e pecador que deveria se sujeitar ao conhecimento dado pelo teísmo, mas na modernidade é ele, homem, que assume o posto da divindade.

Deus é destronado – o homem científico matou Deus, constatou Nietzsche -, o plano divino não é negado, mas a vida terrena é separada da vida eterna, na terra reina o homem, no céu reina Deus. O homem econômico liberal com seu “superpoder” – a Razão – irá buscar criar um mundo ideal, mais ou menos previsível, determinado, organizado, lógico, racional e, principalmente, ordenado – condições essenciais para que se possa atingir a felicidade também inventada pelo homem moderno.

A sociedade moderna deveria estar sobre o controle absoluto do Estado, os instintos e a vida cotidiana deveriam ser domados pelos mecanismos estatais de modo a controlar homens e mulheres para a boa ordem da civilização. Estradas planas e bem iluminadas eram necessárias para que o capital pudesse desfilar livremente rumo ao progresso, este, o novo dogma da era moderna.

A moral, a ética e a ciência ditavam uma ordem determinista e universal, o discurso que não se enquadrava no método lógico-formal não poderia ter lugar no palco científico. A era moderna foi marcada, sobretudo, pela crença na razão e no progresso – em outros termos, pela inversão do polo transcendental para o terreno.

Pós-moderno:

Nesse contexto de profundas crises humanas, mudanças irão surgir nas múltiplas faces sociais e culturais. Podemos dizer que nas últimas décadas do século XX entra em cena um espectro fantasmagórico e um ar perfumado de incertezas e dúvidas.

Há uma ruptura com o mundo ordenado da modernidade e a crença no progresso vira comicidade. Mudanças ocorrem em vários campos, as “certezas” se diluem em incertezas e a liberdade, tão cultuada, trata de dar os contornos das novas configurações econômicas, sociais, culturais, políticas, artísticas, científicas e cotidianas – e ninguém sabe dizer para onde estamos indo; a modernidade respondia com autoridade que estávamos caminhando para o progresso, mas a pós-modernidade mantém-se na caducidade, e também não está interessada em responder questões existenciais.

Nesse novo palco nada deve ser fixado, a atmosfera social é marcada pela incerteza e pela nebulosidade, e deve ser organizada de modo que as celebrações de contratos possam contemplar uma fuga: nascer com um prazo de expiração é uma virtude no mundo pós-moderno.

Homens e mulheres pós-modernos sabem que durante a viagem as aventuras fazem parte do itinerário, mas a chegada à estação de destino costuma ser marcada pelo sentimento de vazio. – A pós-modernidade busca a todo instante a intensificação das sensações e dos prazeres da felicidade, mas jamais quer conhecer a face daquilo que procura.

Nas relações humanas as identidades são marcadas pelas incertezas. Os vínculos são ditados por um jogo onde o jogador deve conquistar o maior número possível de admiradores, mas com o devido cuidado para manter uma distância que não permita criar laços sólidos. A instituição do casamento é um negócio mais com caráter de festividade do que o antigo pacto de homens e mulheres que adquiriam o alvará, perante Deus, para terem relações sexuais selados com a aprovação divina; o ar pesado do “até que a morte nos separe” é substituído pela leveza de um contrato que deve deixar muito bem claro as fronteiras que dirão os rumos de cada um quando o amor perder o prazo de validade.

Até que provem o contrário, toda teia social é passível de suspeita universal, nela estão emboscadas que podem tirar o participante do jogo, presume-se que tudo seja precário e duvidoso. A vida social é marcada por experimentos, uma vida experimental é provisória, na base de tentativas, homens e mulheres pós-modernos jogam sem saber a linha de chegada, o importante é não ser expulso do jogo e o fim deve ser eternamente adiado. O jogador jamais pode se declarar vencedor diante de tantas incertezas e da terrível ideia de que a linha de chegada é o desfiladeiro para o horror; a regra é estar realizando jogadas estratégicas de modo a ampliar cada vez mais o repertório de sensações “boas”. Não há nenhum prêmio final em jogo, mas há um calabouço da qual os perdedores são enviados e dificilmente serão readmitidos novamente; poderão, quando muito, aguardar a morte trancafiada em porões que abrigam os inválidos, miseráveis, improdutivos, errantes, loucos e um exército de ex-soldados que foram expulsos do jogo do capital – aqueles que já não podem consumir mais.

Difícil enquadrar o momento atual em um conceito, nenhum caminho está traçado para a humanidade, o discurso do progresso como uma linha reta rumo à felicidade desmanchou-se no ar. O pós-modernismo está marcado por uma atmosfera do vazio, do tédio e do completo niilismo; o niilista passivo, tal como previsto por Nietzsche, é marca fundamental dos personagens responsáveis pelo show. Nietzsche disse também que o niilismo poderia se “quebrar”, e a completa vontade de nada poderia não mais suportar a si própria, e novos sentidos poderiam ser inventados, mas por enquanto o incerto caminho da humanidade está em aberto, certo é que está bem mais para a destruição do que para a criação.

Caracterizar o pós-modernismo não significa negar a época atual em detrimento do modernismo, não é querer uma volta ao passado. Pós-modernismo e modernismo não são gladiadores a se digladiarem para ver quem é o vencedor e quem é o perdedor; são momentos, paisagens da humanidade que buscam, pretensiosamente, descrever os caminhos por onde têm andado a humanidade. Não nos cabe o julgamento, olhar para o passado e acusar o presente ou negar o passado enaltecendo o presente.

O passado, o presente e o futuro não escondem nenhum ponto arquimediano, são antes de tudo invenções nossas, cabe-nos, a partir do aqui e agora, decidirmos se queremos reafirmar a vida que até então tem sido negada por uma vida marcada pelo mundo ideal, ou – o que parece ter sido mais confortável até aqui -, vivermos no mundo do simulacro. Estamos, como nos diz Saramago, através de um dos personagens de “Ensaios sobre a cegueira”: (…) cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.”

“O que estamos fazendo de nossas vidas?” – perguntou Foucault -, o pós-modernismo ainda vai adiar qualquer tentativa de resposta, não se sabe até quando. No momento os deuses pós-modernos, o Capital e o Consumo, só aceitam oferendas marcadas pelo efêmero, pelo incerto, pela dúvida, pela liberdade e pelo eterno adiamento.

AS VANGURDAS EUROPÉIAS

Vanguarda (deriva do francês avant-garde) em sentido literal faz referência ao batalhão militar que precede as tropas em ataque durante uma batalha. Daí deduz-se que vanguarda é aquilo que "está à frente". Desta forma, todo aquele que está à frente de algo e portanto, aquele que está à frente do seu tempo em uma atitude poderia se intitular como pertencente a uma vanguarda.

Desta dedução surge a definição adotada por uma série de movimentos artísticos e políticos do fim do século XIX e início do século XX. Os movimentos europeus de vanguarda eram aqueles que, segundo seus próprios autores, guiavam a cultura de seus tempos, estando de certa forma à frente deles. Muitos destes movimentos acabaram por assumir um comportamento próximo ao dos partidos políticos: possuíam militantes, lançavam manifestos e acreditavam que a verdade encontrava-se com eles.

Muitos outros artistas e movimentos artísticos, posteriores, por sua atitude semelhante a das vanguardas europeias canônicas, poderiam ser referidos pelo termo vanguarda, sendo usual, porém, utilizarmos o termo somente para os artistas participantes daquelas, especialmente para fins didáticos. Octavio Paz utiliza o termo para definir toda estética considerada "fundadora", que representa uma ruptura nos padrões artísticos de sua época.

Origem

A expressão começou a ser usada na década de 1860, por ocasião do Salon des Refusés (O Salão dos Recusados), onde os artistas excluídos do Salon de Paris estavam expondo.

Os principais movimentos que se destacaram foram:

1. Futurismo (1909-1914)

2. Cubismo (1907-1914)

3. Dadaísmo (1916-1922)

4. Surrealismo (1924)

Originalmente e como muitos destes artistas estavam ligados ao movimento realista, a vanguarda estava identificada com a promoção do progresso social: o indivíduo ou grupo a ela ligado seria responsável por um movimento de reformas sociais. Com o tempo, o termo passou a ser usado também para referir-se a artistas mais preocupados com a experimentação estética (como as vanguardas do início do século XX, normalmente as mais associadas à expressão). De qualquer forma, sempre se manteve a ideia de um movimento artístico como um movimento político (composto por manifestos, militância, etc).

Dois movimentos significativos também compõe a criação artística do período das vanguardas: o Impressionismo francês, e o Expressionismo Alemão.

A transição do século XIX ao XX comportou numerosas transformações políticas, sociais e culturais. Por um lado, o auge político e econômico da burguesia, que viveu nas últimas décadas do século XIX (a Belle Époque) um momento de grande esplendor, refletido no modernismo, movimento artístico posto ao serviço do luxo e da ostentação despregados pela nova classe dirigente. Contudo, os processos revolucionários ocorridos desde a Revolução Francesa (o último, em 1871, aquando a fracassada Comuna de Paris) e o temor a que se repetissem levaram as classes políticas a fazer uma série de concessões, como as reformas laborais, os seguros sociais e o ensinamento básico obrigatório. Assim, a descida do analfabetismo comportou um aumento dos mídia e uma maior difusão dos fenômenos culturais, que adquiriram maior alcance e maior rapidez de difusão, surgindo a "cultura de massas".

Por outro lado, os avanços técnicos, no terreno da arte especialmente a aparição da fotografia e o cinema, levaram o artista a expor a função do seu trabalho, que já não consistia em imitar a realidade, pois as novas técnicas tornavam-no mais objetivamente, fácil e reproduzível. Igualmente, as novas teorias científicas levaram os artistas a questionar a objetividade do mundo que percebemos: a teoria relatividade de Einstein, a psicanálise de Freud e a subjetividade do tempo de Bergson permitiram que o artista se afastasse cada vez mais da realidade. Assim, a procura de novas linguagens artísticas e novas formas de expressão comportou a aparição dos movimentos de vanguarda, que implicaram uma nova relação do artista com o espectador: os artistas vanguardistas visavam integrar a arte com a vida, com a sociedade, fazer da sua obra uma expressão do inconsciente coletivo da sociedade que representava. À vez, a interação com o

espectador provoca que este se envolva na percepção e compreensão da obra, bem como na sua difusão e mercantilização, fator que levará a um maior auge das galerias de arte e dos museus.

IMPRESSIONISMO

Impressionismo foi um movimento artístico que surgiu na pintura europeia do século XIX. O nome do movimento é derivado da obra Impressão, nascer do sol (1872), de Claude Monet, um dos maiores pintores que já usou o impressionismo.

Os autores impressionistas não mais se preocupavam com os preceitos do Realismo ou da academia. A busca pelos elementos fundamentais de cada arte levou os pintores impressionistas a pesquisar a produção pictórica não mais interessados em temáticas nobres ou no retrato fiel da realidade, mas em ver o quadro como obra em si mesma. A luz e o movimento utilizando pinceladas soltas tornam-se o principal elemento da pintura, sendo que geralmente as telas eram pintadas ao ar livre para que o pintor pudesse capturar melhor as variações de cores da natureza.

A emergente arte visual do impressionismo foi logo seguida por movimentos análogos em outros meios quais ficaram conhecidos como, música impressionista e literatura impressionista.

Principais características da pintura:

* A pintura deve registrar as tonalidades que os objetos adquirem ao refletir a luz solar num determinado momento, pois as cores da natureza se modificam constantemente, dependendo da incidência da luz do sol.
* As figuras não devem ter contornos nítidos, pois a linha é uma abstração do ser humano para representar imagens.
* As sombras devem ser luminosas e coloridas, tal como é a impressão visual que nos causam, e não escuras ou pretas, como os pintores costumavam representá-las no passado.
* Os contrastes de luz e sombra devem ser obtidos de acordo com a lei das cores complementares. Assim, um amarelo próximo a um violeta produz uma impressão de luz e de sombra muito mais real do que o claro-escuro tão valorizado pelos pintores barrocos.
* As cores e tonalidades não devem ser obtidas pela mistura das tintas na paleta do pintor. Pelo contrário, devem ser puras e dissociadas nos quadros em pequenas pinceladas. É o observador que, ao admirar a pintura, combina as várias cores, obtendo o resultado final. A mistura deixa, portanto, de ser técnica para se óptica. A primeira vez que o público teve contato com a obra dos impressionistas foi numa exposição coletiva realizada em Paris, em abril de 1874. Mas o público e a crítica reagiram muito mal ao novo movimento, pois ainda se mantinham fiéis aos princípios acadêmicos da pintura.

Principais artistas:

Claude Monet - incessante pesquisador da luz e seus efeitos, pintou vários motivos em diversas horas do dia, afim de estudar as mutações coloridas do ambiente com sua luminosidade. Obras Destacadas: Mulheres no Jardim e a Catedral de Rouen em Pleno Sol.

Auguste Renoir - foi o pintor impressionista que ganhou maior popularidade e chegou mesmo a ter o reconhecimento da crítica, ainda em vida. Seus quadros manifestam otimismo, alegria e a intensa movimentação da vida parisiense do fim do século XIX. Pintou o corpo feminino com formas puras e isentas de erotismo e sensualidade, preferia os nus ao ar livre, as composições com personagens do cotidiano, os retratos e as naturezas mortas. Obras Destacadas: Baile do Moulin de la Galette e La Grenouillière.

Edgar Degas - sua formação acadêmica e sua admiração por Ingres fizeram com que valorizasse o desenho e não apenas a cor, que era a grande paixão do Impressionismo. Além disso, foi pintor de poucas paisagens e cenas ao ar livre. Os ambientes de seus quadros são interiores e a luz é artificial. Sua grande preocupação era flagrar um instante da vida das pessoas, aprender um momento do movimento de um corpo ou da expressão de um rosto. Adorava o teatro de bailados. Obra Destacada: O Ensaio.

Seurat - Mestre no pontilhismo. Obra Destacada: Tarde de Domingo na Ilha Grande Jatte.

No Brasil, destaca-se o pintor Eliseu Visconti, ele já não se preocupa mais em imitar modelos clássicos; procura, decididamente, registrar os efeitos da luz solar nos objetivos e seres humanos que retrata em suas telas. Ganhou uma viagem à Europa, onde teve contato com a obra dos impressionistas. A influência que recebeu desses artistas foi tão grande que ele é considerado o maior representante dessa tendência na pintura brasileira. Obra destacadas são: Trigal e Maternidade.

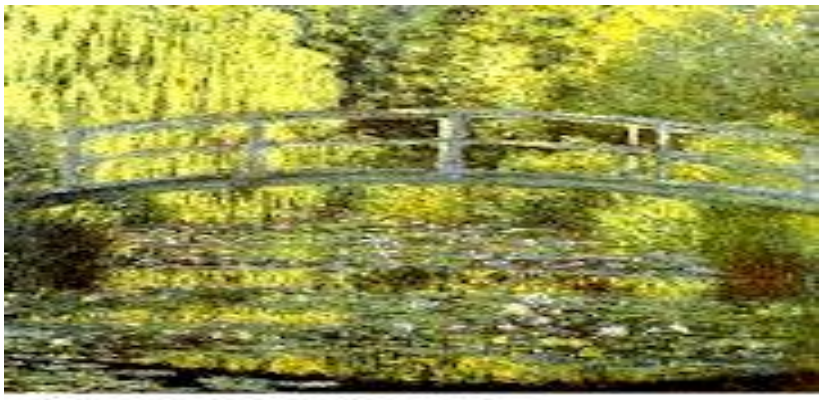

O Tanque das Ninféias, Monet
Museu D'Orsay, Paris

O tanque das ninféias

Monet

Le Moulin de la Galette, Renoir, Museu D'Orsay, Paris

Baile do Moulin de la Galette

O Barco a Remo

Renoir

Campo de papoulas perto de Giverny
Monet

Renoir

O Barco a Remo, Renoir, 1879, National Gallery, Lo

As Escarpas de Etretat, Monet, Kunstmuseum Basléia, Suíça

CLAUDE MONET

EXPRESSIONISMO

O expressionismo foi um movimento cultural de vanguarda surgido na Alemanha nos primórdios do século XX, de indivíduos que estavam mais interessados na interiorização da criação artística do que na sua exteriorização, projetando na obra de arte uma reflexão individual e subjetiva. Ou seja, a obra de arte é reflexo direto do mundo interior do artista expressionista.

O Expressionismo é a arte do instinto, trata-se de uma pintura dramática, subjetiva, “expressando” sentimentos humanos. Utilizando cores irreais, dá forma plástica ao amor, ao ciúme, ao medo, à solidão, à miséria humana, à prostituição. Deforma-se a figura, para ressaltar o sentimento. A deformação da realidade serve para expressar mais subjetivamente a natureza e o ser humano, dando primazia à expressão dos sentimentos mais que à descrição objetiva da realidade..

O Expressionismo distingue-se do Realismo por não estar interessado na idealização da realidade, mas na sua apreensão pelo sujeito. Guarda, porém, com o movimento realista, semelhanças, como uma certa visão anti-"Romantismo” do mundo.

Com as suas cores violentas e a sua temática de solidão e de miséria, o expressionismo refletiu a amargura que invadia os círculos artísticos e intelectuais da Alemanha pré-bélica, bem como da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e do período entre guerras (1918-1939). Essa amargura provocou um desejo veemente de transformar a vida, de buscar novas dimensões à imaginação e de renovar as linguagens artísticas. O expressionismo defendia a liberdade individual, a primazia da expressão subjetiva, o irracionalismo, o arrebatamento e os temas proibidos – o excitante, demoníaco, sexual, fantástico ou pervertido. Pretendeu refletir uma visão subjetiva, uma deformação emocional da realidade, através do caráter expressivo dos meios plásticos, que tomaram uma significação metafísica, abrindo os sentidos ao mundo interior. Entendido como uma genuína expressão da alma alemã, o seu caráter existencialista, o seu anseio metafísico e a visão trágica do ser humano no mundo fizeram reflexo de uma concepção existencial liberta ao mundo

do espírito e à preocupação pela vida e pela morte, concepção que costuma qualificar-se de "nórdica" por se associar ao temperamento que é identificado com o estereótipo dos países do norte da Europa. Fiel reflexo das circunstâncias históricas em que se desenvolveu, o expressionismo revelou o lado pessimista da vida, a angustia existencial do indivíduo, que na sociedade moderna, industrializada, se vê alienado, isolado. Assim, mediante a distorção da realidade visavam impactar o espectador e chegar ao seu lado mais emotivo.

O expressionismo faz parte das chamadas "vanguardas históricas", ou seja, as acontecidas desde os primórdios do século XX, no ambiente anterior à Primeira Guerra Mundial, até o final da Segunda Guerra Mundial (1945). Esta denominação inclui, além disso, o fauvismo, o cubismo, o futurismo, o construtivismo, o neoplasticismo, o dadaísmo, o surrealismo, etc. A vanguarda é intimamente ligada ao conceito de modernidade, caracterizado pelo fim do determinismo e da supremacia da religião, substituídos pela razão e a ciência, o objetivismo e o individualismo, a confiança na tecnologia e o progresso, nas próprias capacidades do ser humano. Assim, os artistas visam pôr-se à frente do progresso social, expressar mediante a sua obra a evolução do ser humano contemporâneo.

PRINCIPAIS REPRESENTANTES

Edvard Munch; Gauguin ; Paul Cèzanne; Vicent Van Gogh; Toulouse-Lautrec são considerados os artistas plásticos que mais influenciaram o período do expressionismo.

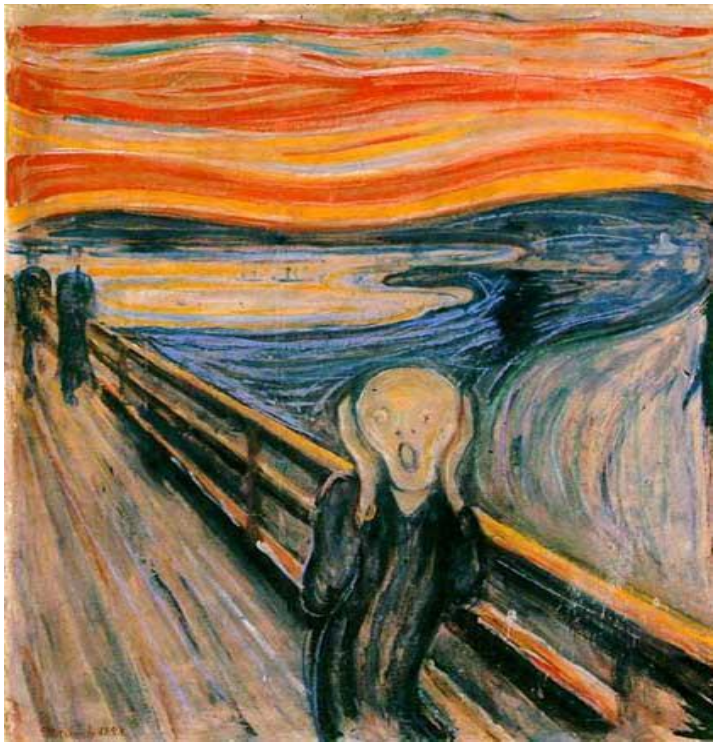

Eros e Psiqué, Munch, Gal Municipal de Arte, Oslo

Banhistas sob as árvores, Kirchner, Museu Wallraf-Richartz

Banhistas sobre as árvores

Cinco mulheres na rua, Kirchner, Museu Wallraf-Richartz

Cinco Mulheres na rua

O CUBISMO

Cubismo é um agito artístico que surgiu no século XX, nas artes plásticas, tendo como principais fundadores Pablo Picasso e Georges Braque e tendo se expandido para a literatura e a poesia pela influência de escritores como Guillaume Apollinaire, John dos Passos e Vladimir Maiakovski. O quadro "Les demoiselles d'Avignon", de Picasso, 1907 é conhecido como marco inicial do Cubismo. Nele ficam evidentes as referências a máscaras africanas, que inspiraram a fase inicial do cubismo, juntamente com a obra de Paul Cézanne. 162

O Cubismo tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas, representando todas as partes de um objeto no mesmo plano. A representação do mundo passava a não ter nenhum compromisso com a aparência real das coisas.

O movimento cubista se dividiu principalmente em duas fases: -

Cubismo Analítico - (1909) caracterizado pela desestruturação da obra em todos os seus elementos. Decompondo a obra em partes, o artista registra todos os seus elementos em planos sucessivos e superpostos, procurando a visão total da figura, examinado-a em todos os ângulos no mesmo instante, através da fragmentação dela. Essa fragmentação dos seres foi tão grande, que se tornou impossível o reconhecimento de qualquer figura nas pinturas cubistas. A cor se reduz aos tons de castanho, cinza e bege.

Cubismo Sintético - (1911) reagindo à excessiva fragmentação dos objetos e à destruição de sua estrutura. Basicamente, essa tendência procurou tornar as figuras novamente reconhecíveis. Também chamado de Colagem porque introduz letras, palavras, números, pedaços de madeira, vidro, metal e até objetos inteiros nas pinturas. Essa inovação pode ser explicada pela intenção do artistas em criar efeitos plásticos e de ultrapassar os limites das sensações visuais que a pintura sugere, despertando também no observador as sensações táteis.

Pablo Picasso - (1881-1973). Picasso desenvolveu uma verdadeira revolução na arte. Em 1907, com a obra Les Demoiselles d'Avignon começa a elaborar a estética cubista que, como vimos anteriormente, se fundamenta na destruição de harmonia clássica das figuras e na decomposição da realidade, essa tela subverteu o sentido da arte moderna com a declaração de guerra em 1914, chega ao fim a aventura cubista. Podemos destacar, também o mural Guernica, que representa, com veemente indignação, o bombardeio da cidade espanhola de Guernica pelos aliados alemães de Franco, em abril de 1937, responsável pela morte de grande parte da população civil formada por crianças, mulheres e trabalhadores.

"A obra de um artista é uma espécie de diário. Quando o pintor, por ocasião de uma mostra, vê algumas de suas telas antigas novamente, é como se ele estivesse reencontrando filhos pródigos - só que vestidos com túnica de ouro." Pablo Picasso

"A Arte não é a verdade. A Arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade". Pablo Picasso

O Beijo, Pablo Picasso, 1969

guernica

O Pequeno Almoço na Relva segundo Manet, Pablo Picasso, 19
Lucerna, Galerie Rosengart

O Pequeno Almoço na Relva Segundo Monet

Picasso

O Cubismo não foi uma expressão predominantemente “plástica”, suas características também podem ser observadas em outras formas de artes, como a literatura. Em literatura desenvolveram-se características como: o verso livre, o poema relâmpago e os textos feitos sem pontuação.

A tela Le Jour é Cubista, assim como o poema ***Infância*** de Oswald de Andrade.

Infância

O camisolão

O jarro

O passarinho

O oceano

A Visita na casa que agente sentava no sofá.

FUTURISMO

O futurismo é um movimento artístico e literário, que surgiu oficialmente em 20 de fevereiro de1909 com a publicação do Manifesto Futurista, pelo poeta italiano Filippo Marinetti, no jornal francês Le Figaro. Os adeptos do movimento rejeitavam o moralismo e o passado, e suas obras baseavam-se fortemente na velocidade e nos desenvolvimentos tecnológicos do final do século XIX. Os primeiros futuristas europeus também exaltavam a guerra e a violência. O Futurismo desenvolveu-se em todas as artes e influenciou diversos artistas que depois fundaram outros movimentos modernistas.

mots en liberté: tipografia futurista

No primeiro manifesto futurista de 1909, o slogan era Les mots en liberté ("Liberdade para as palavras") e levava em consideração o design tipográfico da época, especialmente em jornais e na propaganda. Eles abandonavam toda distinção entre arte e design e abraçavam a propaganda como forma de comunicação. Foi um momento de exploração do lúdico, da linguagem vernácula, da quebra de hierarquia na tipografia tradicional, com uma predileção pelo uso de onomatopéias. Essas explorações tiveram grande repercussão no dadaísmo, no concretismo, na tipografia moderna, e no design gráfico pós-moderno. Surgiu na França,seus principais temas são as cores.

Pintura futurista

A pintura futurista foi explicitada pelo cubismo e pela abstração, mas o uso de cores vivas e contrastes e a sobreposição das imagens pretendia dar a ideia de dinâmica, deformação e não-materialização por que passam os objetos e o espaço quando ocorre a ação. Para os artistas do futurismo os objetos não se concluem no contorno aparente e os seus aspectos interpenetram-se continuamente a um só tempo. Procura-se neste estilo expressar o movimento atual, registrando a velocidade descrita pelas figuras em movimento no espaço. O artista futurista não está interessado em pintar um automóvel, mas captar a forma plástica a velocidade descrita por ele no espaço.

Suas principais características são:

Desvalorização da tradição e do moralismo; Valorização do desenvolvimento industrial e tecnológico; Propaganda como principal forma de comunicação; Uso de onomatopeias (palavras com sonoridade que imitam ruídos, vozes, sons de objetos) nas poesias; Poesias com uso de frases fragmentadas para passar a ideia de velocidade; Pinturas com uso de cores vivas e contrastes. Sobreposição de imagens, traços e pequenas deformações para passar a ideia de movimento e dinamismo;

O DINAMISMO DO AUTOMÓVEL

O BAILARINO AZUL

Ode triunfal

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

(...)

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

(...)

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,
Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar,
Engenhos, brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!
Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
Eia todo o passado dentro do presente!
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
Eia! eia! eia!
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!
Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!
Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.
Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.
Giro dentro das hélices de todos os navios.
Eia! eia-hô! eia!
Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

DADAÍSMO

O movimento Dadá (Dada) ou Dadaísmo foi um movimento artístico da chamada vanguarda artística moderna iniciada em Zurique, em 1915 durante a Primeira Guerra Mundial, no chamado Cabaret Voltaire. Formado por um grupo de escritores, poetas e artistas plásticos, dois deles desertores do serviço militar alemão, liderados por Tristan Tzara, Hugo Ball e Hans Arp.

Embora a palavra dada em francês signifique cavalo de brinquedo, sua utilização marca o non-sense ou falta de sentido que pode ter a linguagem (como na fala de um bebê). Para reforçar esta ideia foi estabelecido o mito de que o nome foi escolhido aleatoriamente, abrindo-se uma página de um dicionário e inserindo-se um estilete sobre ela. Isso foi feito para simbolizar o caráter anti-racional do movimento, claramente contrário à Primeira Guerra Mundial e aos padrões da arte estabelecida na época. Em poucos anos o movimento alcançou, além de Zurique, as cidades de Barcelona, Berlim, Colônia, Hanôver, Nova York e Paris. Muitos de seus seguidores deram início posteriormente ao surrealismo e seus parâmetros influenciam a arte até hoje.

Principais características:

Oposição a qualquer tipo de equilíbrio, combinação de pessimismo irônico e ingenuidade radical, ceticismo absoluto e improvisação. Enfatizou o ilógico e o absurdo. Entretanto, apesar da aparente falta de sentido, o movimento protestava contra a loucura da guerra. Assim, sua principal estratégica era mesmo denunciar e escandalizar.

A princípio, o movimento não envolveu uma estética específica, mas talvez as formas principais da expressão dadá tenham sido o poema aleatório e o ready made. Sua tendência extravagante e baseada no acaso serviu de base para o surgimento de inúmeros outros movimentos artísticos do século XX, entre eles o Surrealismo, a Arte Conceitual, a Pop Art e o Expressionismo Abstrato.

A sua proposta é que a arte ficasse solta das amarras racionalistas e fosse apenas o resultado do automatismo psíquico, selecionando e combinando elementos por acaso. Sendo a negação total da cultura, o Dadaísmo defende o absurdo, a incoerência, a desordem, o caos. Politicamente , firma-se como um protesto contra uma civilização que não conseguiria evitar a guerra.

Ready-Made significa confeccionado, pronto. Expressão criada em 1913 pelo artista francês Marcel Duchamp para designar qualquer objeto manufaturado de consumo popular, tratado como objeto de arte por opção do artista. O fim do Dada como atividade de grupo ocorreu por volta de 1921.

Modelo Dadaísta

"Eu redijo um manifesto e não quero nada, eu digo portanto certas coisas e sou por princípios contra manifestos (...). Eu redijo este manifesto para mostrar que é possível fazer as ações opostas simultaneamente, numa única fresca respiração; sou contra a ação pela contínua contradição, pela afirmação também, eu não sou nem para nem contra e não explico por que odeio o bom-senso." Tristan Tzara

Como você pode notar pelo trecho acima, o impacto causado pelo Dadaísmo justifica-se plenamente pela atmosfera de confusão e desafio à lógica por ele desencadeado. Tzara opta por expressar de modo inconfundível suas opiniões acerca da arte oficial, e também das próprias vanguardas("sou por princípio contra o manifestos, como sou também contra princípios"). Dada vem para abolir de vez a lógica, a organização, a postura racional, trazendo para arte um caráter de espontaneísmo e gratuidade total. A falta de sentido, aliás presente no nome escolhido para a vanguarda. Segundo o próprio Tzara:

"Dada não significa nada: Sabe-se pelos jornais que os negros Krou denominam a cauda da vaca santa: Dada. O cubo é a mãe em certa região da Itália: Dada. Um cavalo de madeira, a ama-de-leite, dupla afirmação em russo e em romeno: Dada. Sábios jornalistas viram nela uma arte para os bebês, outros jesus chamando criancinhas do dia, o retorno a primitivismo seco e barulhento, barulhento e monótono. Não se constrói a sensibilidade sobre uma palavra; toda a construção converge para a perfeição que aborrece, a ideia estagnante de um pântano dourado, relativo ao produto humano." Tristan Tzara

O principal problema de todas as manifestações artísticas estava, segundo os dadaístas, em almejar algo que era impossível: explicar o ser humano. Na esteira de todas as outras afirmações retumbantes, Tzara decreta: "A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque a beleza está morta".

No seu esforço para expressar a negação de todos os valores estéticos e artísticos correntes, os dadaístas usaram, com frequência, métodos deliberadamente incompreensíveis. Nas pinturas e esculturas, por 165 exemplo, tinham por hábito aproveitar pedaços de materiais encontrados pelas ruas ou objetos que haviam sido jogados fora.

Fountain, Marcel Duchamp

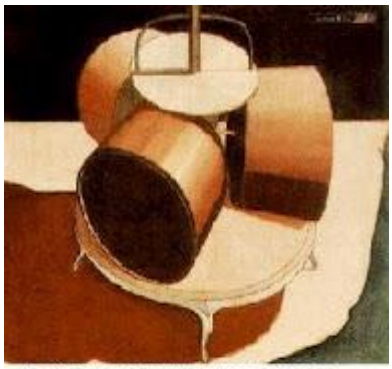

Moedor de Chocolate nº 2, Duchamp, Museu de Arte Moderna de Filadélfia

Choqo, Duchamp (Fotografia)

O SURREALISMO

O Surrealismo foi um movimento artístico e literário surgido primeiramente em Paris dos anos 20, inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o modernismo no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais. Reúne artistas anteriormente ligados ao Dadaísmo ganhando dimensão internacional. Fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud(1856-1939), mas também pelo Marxismo, o surrealismo enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa. Um dos seus objetivos foi produzir uma arte que, segundo o movimento, estava sendo destruída pelo racionalismo. O poeta e crítico André Breton (1896-1966) é o principal líder e mentor deste movimento.

A palavra surrealismo supõe-se ter sido criada em 1917 pelo poeta Guillaume Apollinaire(1886-1918), jovem artista ligado ao Cubismo, e autor da peça teatral As Mamas de Tirésias(1917), considerada uma precursora do movimento.

Um dos principais manifestos do movimento é o Manifesto Surrealista de (1924). Além de Breton seus representantes mais conhecidos são Antonin Artaud no teatro, Luis Buñuel no cinema e Max Ernst, René Magritte e Salvador Dalí no campo das artes plásticas.

Visão surrealista

As características deste estilo: uma combinação do representativo, do abstrato, do irreal e do inconsciente. Entre muitas de suas metodologias estão a colagem e a escrita automática. Segundo os surrealistas, a arte deve se libertar das exigências da lógica e da razão e ir além da consciência cotidiana, buscando expressar o mundo do inconsciente e dos sonhos.

No manifesto e nos textos escritos posteriores, os surrealistas rejeitam a chamada ditadura da razão e valores burgueses como pátria, família, religião, trabalho e honra. Humor, sonho e a contra lógica são recursos a serem utilizados para libertar o homem da existência utilitária. Segundo esta nova ordem, as ideias de bom gosto e decoro devem ser subvertidas.

A escrita automática procura buscar o impulso criativo artístico através do acaso e do fluxo de consciência despejado sobre a obra. Procura-se escrever no momento, sem planejamento, de preferência como uma atividade coletiva que vai se completando. Uma pessoa escreve algo num papel e outro completa, mas não de maneira lógica, passando a outro que dá sequência. O filme Um Cão Andaluz de Buñuel é formado por partes de um sonho de Dali e outra parte do próprio diretor, sem necessariamente objetivar-se uma lógica consciente e de entendimento, mas um discurso inconsciente que procure dialogar com outras leituras da realidade.

Trajetória

Em 1929, os surrealistas publicam um segundo manifesto e editam a revista A Revolução Surrealista. Entre os artistas ligados ao grupo em épocas variadas estão os seguintes escritores franceses, o dramaturgo Antonin Artaud (1896-1948), Paul Éluard (1895-1952), Louis Aragon (1897-1982), Jacques Prévert (1900-1977) e Benjamin Péret (1899-1959,) que viveu no Brasil. Entre os escultores encontram-se os italianos Alberto Giacometti (1901-1960), o pintor italiano Vito Campanella (1932), assim como os pintores espanhóis Salvador Dali (1904-1989), Juan Miró

(1893-1983) e Pablo Picasso, o pintor belga René Magritte (1898-1967), o pintor alemão Max Ernst (1891-1976) e o cineasta espanhol Luis Buñuel (1900-1983). 159

Nos anos 30, o movimento internacionaliza-se e influencia muitas outras tendências, conquistando adeptos em países da Europa e nas Américas, tendo Breton assinado um manifesto com Leon Trotski na tentativa de criar um movimento internacional que lutava pela total liberdade na arte - FIARI: o Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente.

No Brasil, o surrealismo é uma das muitas influências captadas pelo modernismo.

Surrealismo na Arte

O Surrealismo destacou-se nas artes, principalmente por quadros, esculturas ou produções literárias que procuravam expressar o inconsciente dos artistas, tentando driblar as amarras do pensamento racional. Entre seus métodos de composição estão a escrita automática.

Curiosidades

Como muitos dos primeiros participantes do Surrealismo foram originados do movimento Dadaísmo, uma separação enfática entre Surrealismo e Dadaísmo na teoria e prática pode ser difícil de ser estabelecida, apesar das declarações de Andre Breton no assunto não deixar dúvidas sobre sua própria claridade sobre as suas diferenças. No círculo acadêmico, esta linha imaginária é diferente entre diferentes historiadores.

As raízes do Surrealismo nas artes visuais emprestam características do Dadaísmo e do Cubismo, assim como da abstração de Wassily Kandinsky e do Expressionismo, assim também como do Pós-Impressionismo.

Anos 30

Dalí e Magritte criaram as mais reconhecidas obras pictóricas do movimento. Dalí entrou para o grupo em 1929, e participou do rápido estabelecimento do estilo visual entre 1930 e 1935.

Surrealismo como movimento visual tinha encontrado um método: expor a verdade psicológica ao despir objetos ordinários de sua significância normal, a fim de criar uma imagem que ia além da organização formal ordinária.

Em 1932 vários pintores Surrealistas produziram obras que foram marcos da evolução da estética do movimento: La Voix des Airs de Magritte é um exemplo deste processo, onde são vistas 3 grandes esferas representando sinos pendurados sobre uma paisagem. Outra paisagem Surrealista deste mesmo ano é Palais Promontoire de Tanguy, com suas formas líquidas. Formas como estas se tornaram a marca registrada de Dali, particularmente com sua obra A Persistência da Memória, onde relógios de bolso derretem como se fossem líquidos..

A Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial provou ser isenta de rupturas para o Surrealismo. Os artistas continuaram com as suas obras, incluindo Magritte. Muitos membros do movimento continuaram a corresponder-se e a encontrar-se. Em 1960, Magritte, Duchamp, Ernst e Man Ray encontraram-se

em Paris. Apesar de Dali não se relacionar mais com Breton, ele não abandonou os seus motivos dos anos 30, incluindo referências à sua obra "Persistência" do Tempo numa obra posterior. 160

O trabalho de Magritte tornou-se mais realista na sua representação de objetos reais, enquanto mantinha o elemento de justaposição, como na sua obra "Valores Pessoais" (1951) e "Império da Luz" (1954). Magritte continuou a produzir obras que entraram para o vocabulário artístico, como Castelo nos Pireneus, que faz uma referência a Voix de 1931, na sua suspensão sobre a paisagem. Algumas personalidades do movimento Surrealista foram expulsas e vários destes artistas, como Roberto Mattam continuaram próximos ao Surrealismo como ele mesmo se definiu.

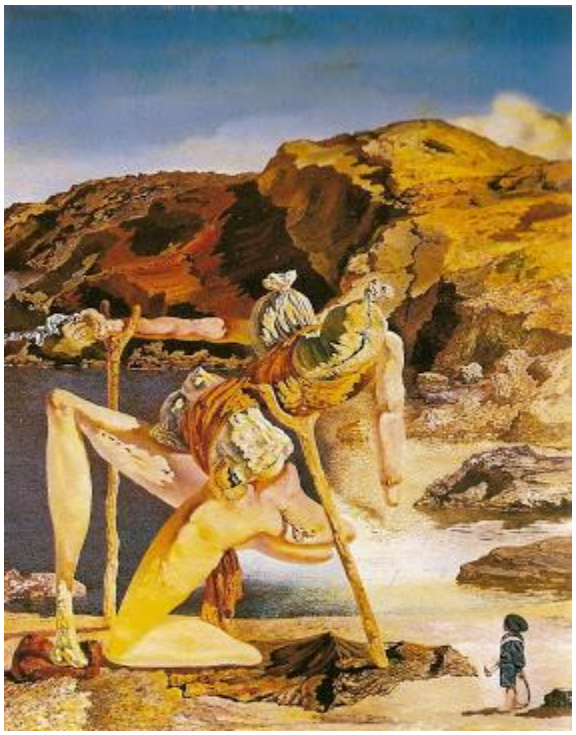

EXERCÍCIOS

(UFPE – PE) Os movimentos culturais do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX dialogavam com as mudanças que ocorriam na sociedade ocidental, com a afirmação do modo de produção capitalista e com as novas formas de pensar e de sentir o mundo. Com o modernismo e as vanguardas artísticas, houve mudanças importantes, pois:

( ) Matisse, Van Gogh e Picasso expressaram com seus quadros mudanças nas concepções estéticas da pintura.
( ) o dadaísmo procurou radicalizar nas suas propostas, criticando os valores estabelecidos, com destaque para a obra de artistas como Marcel Duchamp.
( ) o surrealismo trouxe a exploração do inconsciente, presente na pintura do espanhol Salvador Dali e na obra literária do francês André Breton.
( ) com obras que causaram impacto, houve um rompimento frente aos modelos clássicos que adotavam regras e limites para o artista.
( ) concepções literárias e musicais renovadoras, estiveram presentes nas obras de Marcel Proust, James Joyce, Debussy, Paul Éluard, Stravinsky e tantos outros.

Assinale a alternativa que menciona somente movimentos artísticos das **Vanguardas Europeias.**

( ) a)Barroco, Rococó, Art-nouveau.
( ) b)Expressionismo, Cubismo, Surrealismo.
( ) c)Neoclassicismo, Impressionismo, Romantismo.
( ) d)Pop-art, Dadaísmo, Futurismo.
( ) e)Construtivismo, Concretismo, Naturalismo.

Em 1924, os surrealistas lançaram um manifesto no qual anunciaram a força do inconsciente na criação de novas percepções. Valorizavam a ausência de lógica das experiências psíquicas e oníricas, propondo novas experiências estéticas. Sobre o **Surrealismo**, é correto afirmar:
( ) a) Acredita que a liberação do psiquismo humano se dá por meio da sacralização da natureza.
( ) b) Baseia-se na razão, negando as oscilações do temperamento humano.
( ) c) Destaca que o fundamental, na arte, é o objeto visível em detrimento do emocionalismo subjetivo do artista.
( ) d) Concede mais valor ao livre jogo da imaginação individual do que à codificação dos ideais da sociedade ou da história.
( ) e) Busca limitar o psiquismo humano e suas manifestações, transfigurando-os em geometria a favor de uma nova ordem.

Analise as imagens a seguir:

Pablo Picasso,
Cabeça, 1906.

Máscara feminina
do Congo, século XIX.

Com base nas imagens e nos conhecimentos sobre o cubismo, é correto afirmar:

a) Picasso realizou reproduções da arte africana,

solucionando dificuldades técnicas em sua obra.

b) Na obra “Cabeça”, percebe-se a utilização de um único

ponto de fuga, recurso comum à poética cubista.

c) A obra “Cabeça” exemplifica a oposição de Picasso

aos padrões estéticos ocidentais da época e a sua

aproximação da arte africana.

d) A máscara expressa a dificuldade de formalização

plástica da cultura africana na elaboração de seus

artefatos.

e) O ideal da forma cubista foi alcançado com a plena

incorporação de elementos culturais africanos.

PRÉ-MODERNISMO BRASILEIRO

O que hoje chamamos de Pré-Modernismo, abarcando os primeiros vinte anos do século XX,não constitui um movimento organizado ou consciente da época.

É um termo criado posteriormente, por estudiosos da Literatura da década de 1940, para nomear alguns escritores de formação **realista-naturalista** que apresentavam no início do século XX, tanto uma consciência social e uma postura crítica mais compromissada e interventista que os realistas-naturalistas no final do século XIX quanto uma linguagem inovadora e mais próxima do cotidiano.

A tendência geral desses escritores era de **redescoberta do Brasil:**

O brasileiro- tema de suas obras- não é unicamente o homem urbano das grandes cidades ou dos estados de mais destaques na nação, mas os **excluídos do país oficial** (o homem do interior, dos subúrbios e do sertão agreste), **como um alerta ás elites das cidades litorâneas,** que viviam de suspirar pela Europa e voltavam suas costas para o interior do país.

A proposta de todos esses escritores era de **denúncia das disparidades e dos preconceitos sociais, raciais, ideológicos, regionais, políticos e econômicos.**

EUCLIDES DA CUNHA

Nascido em Cantagalo, Rio de Janeiro, Euclides Rio tornou-se ferrenho abolicionista e republicano. Formou-se em Engenharia Militar e Ciências Naturais. Porém, Euclides da Cunha

começou a contestar as decisões republicanas e resolveu desligar-se totalmente da carreira militar, passando a dedicar-se ao jornalismo e ao funcionalismo público.

O seu sucesso com ***Os Sertões*** e como homem público e culto não se repetiu na vida pessoal de Euclides da Cunha: morreu de forma patética, em um duelo com o amante de sua esposa.

Sua obra que interessa à Literatura é mesmo ***Os Sertões*** (1902). Além dessa, escreveu tratados sociológicos e diplomáticos sobre problemas brasileiros e latino-americanos.

Partindo das teorias positivistas e deterministas de Auguste Comte e Hippolyte Taine, e ultrapassando-as, Euclides da Cunha construiu uma das obras mais originais da nossa prosa. Dividiu-a em três partes, segundo os pressupostos do determinismo: os acontecimentos sociais são sempre determinados por três fatores — **meio, raça** e **momento.** Assim:

1- parte: "A terra" [o meio] - descrição detalhada dos aspectos geofísicos do Brasil, com destaque para a região agreste do nordeste do país, onde se desenvolveram as batalhas de Canudos; destaca-se ainda o estudo do fenômeno cíclico das secas.

2- parte: "O homem" [a raça] - apresentação do homem regional nordestino que habita o meio agreste, mostrando sua capacidade de resistência às agruras da vida e do meio em que vive (o homem é resistente e rude como o meio agreste em que vive). Destaca-se a figura de Antônio Conselheiro, o líder messiânico em torno de quem se formou a comunidade de Canudos.

3- parte: "A luta" [o momento histórico] - relato da Campanha de Canudos, desde os primeiros conflitos (uma troca de tiros entre policiais e habitantes de Canudos, no momento de entrega de rifles comprados por estes numa pequena cidade baiana) até a destruição completa do arraial de Canudos pelas forças do exército republicano (1897). Nessa parte, Euclides deixa claro que o país seguia um rumo e os excluídos do sertão, ignorados pelas elites políticas e pela república, seguiam um rumo distinto, recusando o novo regime e sonhando ainda com um Imperador. O autor nos mostra ainda a ferocidade de brasileiros contra brasileiros, a ignorância tanto da elite quanto dos sertanejos. Mostra, enfim, que meios e homens distintos determinam reações, anseios, ideologias e necessidades distintas.

LIMA BARRETO

Afonso Henriques de Lima Barreto era mulato de família pobre. Aluno brilhante, estudou no Colégio Pedro II, graças à proteção do Visconde de Ouro Preto. Começou a estudar engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde foi constantemente vítima de preconceito social e racial. Em 1903, quando seu pai enlouqueceu, deixou os estudos para assumir o sustento da família. Foi amanuense (escrivão) na Secretaria de Guerra, crítico literário e jornalista. Participou da imprensa operária e anarquista.

A revolta contra o preconceito, os problemas domésticos, a vida economicamente difícil levaram-no ao alcoolismo, que lhe rendeu crises terríveis de depressão, a ponto de precisar ser internado várias vezes em hospícios.

Os romances de Lima Barreto ***Clara dos Anjos, Triste fim de Policarpo Quaresma, Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá e Recordações do escrivão Isaías Caminha*** registram, de forma crítica, quase todos os grandes acontecimentos políticos e sociais de sua época, além de não raro tocar na questão da discriminação social e racial.

Nos contos, Barreto registra sua paixão pela cidade do Rio de Janeiro, com seus subúrbios, sua gente pobre semi-escrava, seus dramas tragicamente banais. É irônico com as personagens de classe média, que lutam desesperadamente pela ascensão social e vivem de ostentação, de falso moralismo, dentro de um vazio intelectual sarcasticamente farsesco.

Sua literatura era, de certa forma, militante: num estilo simples e comunicativo, quase jornalístico, procurava levar às camadas populares a consciência dos mecanismos da dominação social. Esse mesmo estilo, considerado "desleixado" pelos críticos da época, foi estabelecido como "brilhante" pelos futuros modernistas de 1922, que exaltaram Lima Barreto como o escritor que renovou a linguagem literária muito antes da histórica Semana de 22.

MONTEIRO LOBATO

Nasceu José Bento **Monteiro Lobato** em Taubaté, interior de São Paulo. Formou-se em Direito e exerceu, por vários anos, o cargo de promotor público na região do Vale do Paraíba. Depois de fracassar como fazendeiro, nas terras herdadas do avô, em 1917 comprou a editora que publicava a **Revista do Brasil** e mudou-se para São Paulo.

Trocou o nome da editora para Monteiro Lobato & Cia, que faliu em 1925. Fissurado pelo desejo de levar leitura e conhecimento ao país todo, nunca desanimou do investimento editorial: fundou, durante sua vida, mais duas editoras, a Companhia Editora Nacional e a Editora Brasiliense.

Embora nacionalista, seu conservadorismo político e seu moralismo o levaram a contradições como, por um lado, desejar progresso e educação para o povo e independência econômica para o país — lutando bravamente por eles, até a exaustão — e, por outro, opor-se drasticamente às renovações culturais e artísticas do Modernismo. Se ficou na história a sua prisão, em 1941, por ter atacado a ligação das autoridades brasileiras getulistas aos interesses internacionais, e a comoção nacional em defesa do escritor, também passou para a história a polêmica que provocou ao achincalhar a exposição expressionista de Anita Malfatti, em 1917.

Nas obras do ciclo do **Sítio do Pica-Pau Amarelo,** encontra-se ainda o melhor da ficção para crianças já produzida no país. Até hoje Lobato é referência como autor que educa, ensina e diverte, sem o artificialismo, sem o coloquialísmo gratuito e sem o oportunismo editorial de boa parte da frágil literatura infanto-juvenil brasileira.

De sua obra para adultos, destacam-se os volumes de contos — **Urupês, Cidades mortas** e **Negrinha** — e as crônicas e artigos polêmicos reunidos em **Idéias de Jeca Tatu, Jeca Tatuzinho, América, O escândalo do petróleo** e **Zé Brasil.**

Tematizando o Vale do Paraíba paulista em sua decadência agrícola do início do século XX, retrata em seus contos o drama social e cultural do roceiro em abandono e ignorância. Apesar da renovação temática- mais uma contradição lobatiana! -, manteve-se preso a uma estrutura narrativa realista e a uma linguagem lusitanizante, apenas temperada com regionalismos caipiras.

No volume de contos **Urupês,** no artigo "Urupês", incluído desde a segunda edição do livro, Lobato trouxe um tipo humano para a literatura, fruto de suas observações sobre o habitante pobre do interior de São Paulo, ao qual chamou de Jeca Tatu. Essa figura tornou- se símbolo do interiorano pobre e ignorante, alienado, cheio de vermes e preguiça, que destrói a natureza e não tem qualquer conhecimento agrícola. A visão de Lobato é antes resultado de sua arrogância como filho de senhores de terras, desprovido de profundidade política, apesar de intelectual, do que resultado de uma análise mais detida das causas e conseqüências de séculos de estreiteza das elites políticas e de resquícios de semi-escravidão e abandono das classes populares.

O **Jeca** é uma figura que penetrou no folclore brasileiro e até hoje, quando queremos ofender alguém, acusando-lhe de ter mau-gosto ou ser ignorante, usamos a expressão "E um jeca, mesmo...".

AUGUSTO DOS ANJOS

(poesia)

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu em 28 de abril de 1884, no Engenho do Pau d'Arco (PB).
Seus pais eram proprietários de engenhos, os quais seriam perdidos alguns anos mais tarde, em razão do fim da monarquia, da abolição e da implantação da república.

Foi educado pelo próprio pai até ao período antecedente à faculdade. Formou-se em Direito no Recife, contudo, nunca exerceu a profissão. Criado envolto aos livros da biblioteca do pai, era dedicado às letras desde muito cedo. Ainda adolescente, o poeta publicava poesias para o jornal "O Comércio", as quais causavam muita polêmica, por causa dos poemas era tido como louco para alguns e era elogiado por outros. Viveu no Rio de Janeiro e Minas Gerais onde morre vitimado por pneumonia.

Augusto dos Anjos vivenciou a época do parnasianismo e simbolismo e das influências destas escolas literárias através de escritores, como: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Cruz e Souza, Graça Aranha, dentre outros. Porém, o único livro do escritor, intitulado "Eu", trouxe inovação no modo de escrever, com ideias modernas, termos científicos e temáticas influenciadas por sua multiplicidade intelectual. Pela divergência dos assuntos tratados pelo autor em seus poemas em relação aos dos autores da época, Augusto dos Anjos se encaixa na fase de transição para o modernismo, chamada de pré-modernismo.

O poeta tinha como tema uma profunda obsessão pela morte e teve como base a ideia de negação da vida material e um estranho interesse pela decomposição do corpo e do papel do verme nesta questão. Por este motivo foi conhecido também como o "Poeta da morte". Sua única obra marca a literatura brasileira pela linguagem e temática diferenciadas.

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênesis da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

Augusto dos Anjos

VERSOS ÍNTIMOS

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

Augusto dos Anjos

SOLITÁRIO

Como um fantasma que se refugia
Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia

Não era esse que a carne nos contorta...
Cortava assim como em carniçaria
O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça!
E eu saí, como quem tudo repele,
-- Velho caixão a carregar destroços --

Levando apenas na tumba carcaça
O pergaminho singular da pele
E o chocalho fatídico dos ossos!

Augusto dos Anjos

MODERNISMO PORTUGUÊS

MODERNISMO EM PORTUGAL

O início do Modernismo Português ocorreu em um momento em que o panorama mundial estava muito conturbado. Além da Revolução Russa, de 1917, no ano de 1914 eclodiu a Primeira Guerra Mundial. 166

Em Portugal esse período foi difícil, porque, com a guerra, estavam em jogo as colônias africanas que já vinham sendo cobiçadas pelas grandes potências desde o final do século XIX. Aliado a isso, em 1911, foi eleito o primeiro presidente da República.

O marco inicial do Modernismo em Portugal foi a publicação da revista Orpheu, em 1915, influenciada pelas grandes correntes estéticas europeias, como o Futurismo, o Expressionismo etc., reunindo Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros, entre outros.

A sociedade portuguesa vivia uma situação de crise aguda e de desagregação de valores. Os modernistas portugueses respondem a esse momento, sacudindo o acanhado meio cultural português, entregando-se à vertigem das sensações da vida moderna, da velocidade, da técnica, das máquinas. Era preciso esquecer o passado, comprometer-se com a nova realidade e interpretá-la cada um a seu modo. Nas páginas da revista Orpheu, essa geração publicou uma poesia complexa, de difícil acesso, que causou o maior escândalo na época. Mas Orpheu tem curta duração - apenas mais um número é publicado - e sai de cena.

São características de estilo desse movimento o rompimento com o passado, o caráter anárquico, o sentido demolidor e irreverente, o nacionalismo com múltiplas facetas: o nacionalismo crítico, que retoma o nacionalismo em uma postura crítica, irônica e questiona a situação social e cultural

do país, e o nacionalismo ufanista (conservador), ligado principalmente às posturas da extrema direita, grupo verde-amarelo, Plínio Salgado, que mais tarde viria a ser o integralismo.

Fernando Antonio Nogueira Pessoa (Lisboa, 1888 – 1935)

É considerado o maior poeta de Portugal ao lado de Camões.

Produziu uma poesia extremamente complexa, que parte da constatação da relatividade das coisas e da procurado absoluto. A tentativa de reconstituir poeticamente o mundo em todos os aspectos, de aglutinar verdades relativas na ânsia de chegar ao absoluto, leva o poeta a desdobrar-se em personalidades distintas. Adota, então, os HETERÔNIMOS, cada um mostrando uma visão de mundo diferente de outro.

Alberto Caeiro (o mestre dos heterônimos)

É o primeiro desses heterônimos. Prega a **simplicidade natural da vida, buscando as coisas como são, numa negação da metafísica.** Sua temática é o paganismo panteísta: a crença no poder da natureza como autogeradora de vida e não numa figura divina abstrata. Sua poesia é a poesia das coisas visíveis, dos sentidos físicos, da concretude.

O MEU OLHAR

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...

(...)

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...

(...)

O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso

Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

Alberto Caeiro, em "O Guardador de Rebanhos",

A Criança

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que existe o que não existe
Sabe como é que as cousas existem, que é existindo,
Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,
Sabe que ser é estar em um ponto
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

RICARDO REIS

Diferentemente de Caeiro, esse heterônimo traz em seu textos um paganismo epicurista: a crença no poder humano e na metafísica, no universo dos deuses e na espiritualidade. Sua poesia é uma poesia das coisas abstratas, das ideias e dos pensamentos. Adota a postura platônica de não viver concretamente, mas de exercitar as suas experiências interiores e abstratas. Sua linguagem elaborada, clássica, séria, solene no vocabulário e na sintaxe, fazem do poeta, imediato da tradição erudita da literatura portuguesa.

Da Verdade não Quero Mais que a Vida

Sob a leve tutela
De deuses descuidosos,
Quero gastar as concedidas horas
Desta fadada vida.
Nada podendo contra
O ser que me fizeram,
Desejo ao menos que me haja o Fado
Dado a paz por destino.
Da verdade não quero
Mais que a vida; que os deuses
Dão vida e não verdade, nem talvez
Saibam qual a verdade.

Ricardo Reis

Cada um Cumpre o Destino que lhe Cumpre

Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.
Como as pedras na orla dos canteiros
O Fado nos dispõe, e ali ficamos;
Que a Sorte nos fez postos
Onde houvemos de sê-lo.
Não tenhamos melhor conhecimento
Do que nos coube que de que nos coube.
Cumpramos o que somos.
Nada mais nos é dado.

Ricardo Reis

ÁLVAROS DE CAMPOS

Álvaro de Campos – é o terceiro heterônimo. É o homem moderno, agressivo, habitante da cidade. Sua preocupação está centrada na exaltação do progresso, mas carrega também a angústia do homem de sua época. É o símbolo do século XX.

Acaso

No acaso da rua o acaso da rapariga loira.
Mas não, não é aquela.

A outra era noutra rua, noutra cidade, e eu era outro.
Perco-me subitamente da visão imediata,
Estou outra vez na outra cidade, na outra rua,
E a outra rapariga passa.

Que grande vantagem o recordar intransigentemente!
Agora tenho pena de nunca mais ter visto a outra rapariga,
E tenho pena de afinal nem sequer ter olhado para esta.

Que grande vantagem trazer a alma virada do avesso!
Ao menos escrevem-se versos.
Escrevem-se versos, passa-se por doido, e depois por gênio, se calhar,

Se calhar, ou até sem calhar,
Maravilha das celebridades!

Ia eu dizendo que ao menos escrevem-se versos...
Mas isto era a respeito de uma rapariga,
De uma rapariga loira,
Mas qual delas?
Havia uma que vi há muito tempo numa outra cidade,
Numa outra espécie de rua;
E houve esta que vi há muito tempo numa outra cidade
Numa outra espécie de rua;
Por que todas as recordações são a mesma recordação,
Tudo que foi é a mesma morte,
Ontem, hoje, quem sabe se até amanhã?

Um transeunte olha para mim com uma estranheza ocasional.
Estaria eu a fazer versos em gestos e caretas?
Pode ser... A rapariga loira?
É a mesma afinal...
Tudo é o mesmo afinal ...

Só eu, de qualquer modo, não sou o mesmo, e isto é o mesmo também afinal.

Álvaro de Campos

FERNANDO PESSOA , ele mesmo (ortônimo)

O fato de Fernando Pessoa assinar testos com seu próprio nome não que dizer que possamos ter certeza de que esses textos espelham a “verdadeira” face do escritor. Afinal, o nome Fernando Pessoa pode estar sendo usado apenas como nome de uma outra personagem. O próprio autor, quando vivo, costumava a dizer que sua personalidade era na verdade, uma fusão de todos os seres que povoavam seu interior. Assim, o que chamamos, ele mesmo, é apenas uma das partes do artista manifestando-se em dois modos poéticos: poesia lírica e poesia épica.

Não Digas Nada!

Não digas nada!
Nem mesmo a verdade
Há tanta suavidade em nada se dizer
E tudo se entender —
Tudo metade
De sentir e de ver...
Não digas nada
Deixa esquecer

Talvez que amanhã
Em outra paisagem
Digas que foi vã

Toda essa viagem
Até onde quis
Ser quem me agrada...
Mas ali fui feliz
Não digas nada.

Fernando Pessoa

MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

(...)

MODERNISMO BRASILEIRO

MODERNISMO NO BRASIL: 1ª FASE

O modernismo brasileiro foi um amplo movimento cultural que repercutiu fortemente sobre a cena artística e a sociedade brasileira na primeira metade do século XX, sobretudo no campo da literatura e das artes plásticas.

Comparado a outros movimentos modernistas, o brasileiro foi desencadeado tardiamente, na década de 1920. Este foi resultado, em grande parte, da assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas pelas vanguardas europeias no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, tendo como exemplo do Cubismo e do Futurismo, refletindo, então, na procura da abolição de todas as regras anteriores e a procura da novidade e da velocidade. Contudo, pode-se dizer que a assimilação dessas ideias europeias deu-se de forma seletiva, rearranjando elementos artísticos de modo a ajustá-los às singularidades culturais brasileiras.

Considera-se a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922, como ponto de partida do modernismo no Brasil. Porém, nem todos os participantes desse evento eram modernistas: Graça Aranha, um pré-modernista, por exemplo, foi um dos oradores. Não sendo dominante desde o início, o modernismo, com o tempo, suplantou os anteriores. Foi marcado, sobretudo, pela liberdade de estilo e aproximação com a linguagem falada, sendo os da primeira fase mais radicais em relação a esse marco. Didaticamente, divide-se o Modernismo em três fases: a primeira fase, mais radical e fortemente oposta a tudo que foi anterior, cheia de irreverência e escândalo; uma segunda mais amena, que formou grandes romancistas e poetas; e

uma terceira, também chamada Pós-Modernismo por vários autores, que se opunha de certo modo a primeira e era por isso ridicularizada com o apelido de neoparnasianismo.

A Primeira Fase do Modernismo foi caracterizada pela tentativa de definir e marcar posições, sendo ela rica em manifestos e revistas de circulação efêmera. Havia a busca pelo moderno, original e polêmico, com o nacionalismo em suas múltiplas facetas. A volta das origens, através da valorização do indígena e a língua falada pelo povo, também foram abordados.

Contudo, o nacionalismo foi empregado de duas formas distintas: a crítica, alinhado a esquerda política através da denúncia da realidade, e a ufanista, exagerado e de extrema direita. Devido à necessidade de definições e de rompimento com todas as estruturas do passado foi a fase mais radical, assumindo um caráter anárquico e destruidor. Um mês depois da Semana de Arte Moderna, o Brasil vivia dois momentos de grande importância política: as eleições presidenciais e o congresso de fundação do Partido Comunista em Niterói. Em 1926, surge o Partido Democrático, sendo Mário de Andrade um de seus fundadores. A Ação Integralista Brasileira, movimento nacionalista radical, também vai ser fundado, em 1932, por Plínio Salgado.

Oswald de Andrade (1890-1953)

José Oswald de Sousa de Andrade Nogueira (São Paulo, 11 de janeiro de1890 — São Paulo, 22 de outubro de 1954) foi um escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Era filho único de Jose Oswald Nogueira de Andrade e de Inês Henriqueta Inglês de Sousa Andrade.Um dos mais importantes introdutores do Modernismo no Brasil, foi o autor dos dois mais importantes manifestos modernistas, o Manifesto da Poesia Pau-Brasil e o Manifesto Antropófago, bem como do primeiro livro de poemas do modernismo brasileiro afastado de toda a eloquência romântica, Pau-Brasil.

Foi um dos interventores na Semana de Arte Moderna de 1922. Esse evento teve uma função simbólica importante na identidade cultural brasileira. Por um lado celebrava-se um século da independência política do país colonizador Portugal, e por outro consequentemente, havia uma necessidade de se definir o que era a cultura brasileira, o que era o sentir brasileiro, quais os seus modos de expressão próprios. Esta necessidade de definição do espírito de um povo era contrabalançada, e nisso o modernismo brasileiro como um todo vai a par com as vanguardas europeias do princípio do século, por uma abertura cosmopolita ao mundo.

O índio tinha despido
O português.

Erro de Português

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
E preguntou pro guarani de mata virgem
-Sois cristão?
-Não, Sou bravo, sou forte sou filho da morte
Tetetê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá de longe a onça resmungava Uu! Ua! uu!
O negro zonzo saído da fornalha
Tomou a palavra e respondeu
-Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o carnaval.

Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Mario de Andrade (1893-19450)

Na sua busca por um caráter nacional ou a apresentação da falta dele, como mostra em Macunaíma, Mario de Andrade foi muito além do pensamento romântico no que diz respeito à formação da identidade nacional. Mario considerava sua atividade cultural uma missão: desejava trabalhar na construção do país em transformação.

Executou todos os ditames da arte literária modernista: versos livres, rupturas sintáticas e lógicas; imagens bruscas e cortes cênicos súditos, como *flashes* cinematográficos, fragmentações, busca de uma linguagem brasileira que incorporasse todas as variações regionais e sócias da língua.

Macunaíma foi um grande exemplo do trabalho proposto por Mario, pois, a “rapsódia” (composição musical que mescla gênero e ritmos), é uma narrativa que mescla a tradição oral com a invenção de mitos modernos. Uma estrutura narrativa que funde fábula, narrativa mítica, teatro medieval e lendas folclóricas. Tudo isso, dentro de uma linguagem desregionalista do idioma brasileiro. Não é uma linguagem de um brasileiro ou de uma região que importa, e sim uma convergência de elementos linguísticos de todo o país.

Ode ao burguês

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! O homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

(...)
Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhãs!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará Sol? Choverá? Arlequinal!
Mas à chuva dos rosais
o êxtase fará sempre Sol!
(...)
Come! Come-te a ti mesmo, oh! gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais!

Oh! cabelos nas ventas! Oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte à
infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso!
Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante!

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de giolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burguês!...

Manuel Bandeira

Reconhecido como o poeta do humilde sublime, Manuel Bandeira executa em seus versos uma das mais caras propostas do Modernismo: a poesia do cotidiano, da simplicidade. Tratando o tempo presente de modo a redimensioná-lo pela memória, reverencia a vida, a humildade, as coisas pequenas significativas, o sentimento banal, construindo o que ficou conhecido como "banal sublime". A força de sua poesia está na surpreendente simplicidade da linguagem, coloquial e densa, despojada e plurissignificativa ao mesmo tempo. Segundo o próprio poeta, "**o** grande mistério está na simplicidade", ou seja, em exprimir com grande singeleza conteúdos humanos profundos.

Alma romântica, remodelada pelo existencialismo do século XX, sem sentimentalismos e sem idealizações, seus temas são a paixão pela vida, o conformismo com a morte, o amor e o erotismo, a solidão, a angústia existencial, a infância, as ações mecânicas do cotidiano. A própria doença (tuberculose) o assombrou desde a adolescência e o fez crer que a qualquer momento morreria. Essa presença da morte, vista de modo melancólico e resignado, mas nunca trágico ou dramático, faz de sua poesia um dos mais comoventes testemunhos da humildade. Por conta disso, ao recriar suas experiências pessoais, acaba conferindo a elas um valor universal, em que temas e sentimentos atingem a todos.

Curiosidade:

Manoel Bandeira não quis comparecer aos eventos da Semana de 22, pois não concordava com a postura agressiva do grupo modernista, mas esteve poeticamente presente, com seu poema **Os**

Sapos — sátira mordaz aos que ainda se ligavam ao Parnasianismo —, declamado por Ronald de Carvalho.

POÉTICA

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto espediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas.
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar &agraves mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare.

- Não quero saber do lirismo que não é libertação.

Os Sapos

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:

- "Meu pai foi rei!"- "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,

Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

.

Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada

Lá sou amigo do rei

Lá tenho a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada

Aqui eu não sou feliz

Lá a existência é uma aventura

De tal modo inconseqüente

Que Joana a Louca de Espanha

Rainha e falsa demente

Vem a ser contraparente

Da nora que nunca tive

E como farei ginástica

Andarei de bicicleta

Montarei em burro brabo

Subirei no pau-de-sebo

Tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado

Deito na beira do rio

Mando chamar a mãe-d'água

Pra me contar as histórias

Que no tempo de eu menino

Rosa vinha me contar

Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo

É outra civilização

Tem um processo seguro

De impedir a concepção

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas

Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste

Mas triste de não ter jeito

Quando de noite me der

Vontade de me matar

— Lá sou amigo do rei —

Terei a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada.

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

MANIFESTOS E REVISTAS:

Revista Klaxon: Mensário de Arte Moderna (1922-1923)

Recebe este nome do termo usado para designar a buzina externa dos automóveis. Primeiro periódico modernista, é consequência das agitações em torno da Semana de Arte Moderna. Inovadora em todos os sentidos: gráfico, existência de publicidade, oposição entre o velho e o novo.

Manifesto da Poesia Pau-Brasil (1924-1925)

Escrito por Oswald e publicado inicialmente no Correio da Manhã. Em 1925, é republicado como abertura do livro de poesias Pau-Brasil, de Oswald. Apresenta uma proposta de literatura vinculada à realidade brasileira, a partir de uma redescoberta do Brasil.

Verde-Amarelismo ou Escola da Anta (1926-1929)

Grupo formado por Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo em resposta ao nacionalismo do Pau-Brasil, criticando-se o “nacionalismo afrancesado” de Oswald. Sua proposta era de um nacionalismo primitivista, ufanista, identificado com o fascismo, evoluindo para o Integralismo. Idolatria do tupi e a anta é eleita símbolo nacional. Em maio de 1929, o grupo verde-amarelista publica o manifesto "Nhengaçu Verde-Amarelo — Manifesto do Verde-Amarelismo ou da Escola da Anta".

Manifesto Regionalista de 1926

1925 e 1930 é um período marcado pela difusão do Modernismo pelos estados brasileiros. Nesse sentido, o Centro Regionalista do Nordeste (Recife) busca desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste nos novos moldes modernistas. Propõem trabalhar em favor dos interesses da região, além de promover conferências, exposições de arte, congressos etc. Para tanto, editaram uma revista. Vale ressaltar que o regionalismo nordestino conta com Graciliano Ramos, Alfredo Pirucha, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e João Cabral, em 1926.

Revista de Antropofagia (1928-1929)

É a nova etapa do Pau-Brasil, sendo resposta a Escola da Anta. Seu nome origina-se da tela Abaporu (O que come) de Tarsila do Amaral.

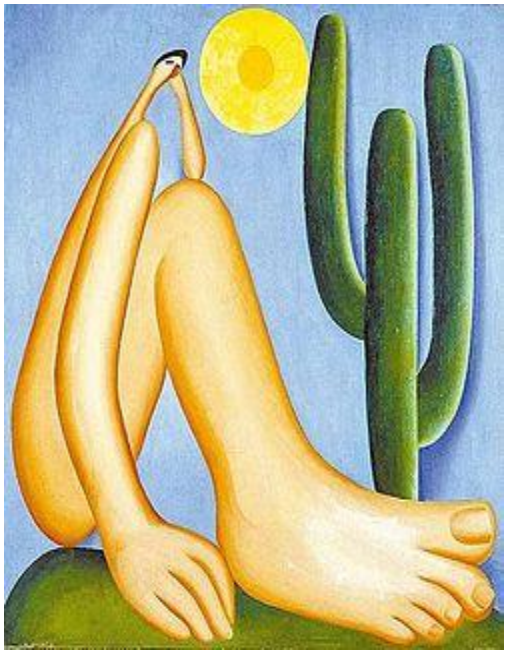

O Antropofagismo foi caracterizado pela assimilação (“deglutição”) crítica das vanguardas e culturas europeias, com o fim de recriá-las, tendo em vista o redescobrimento do Brasil em sua autenticidade primitiva.

MODERNISMO BRASIL: 2ª GERAÇÃO (poesia)

Depois de revolucionados a forma e os temas literários pela Primeira Geração- a geração pioneira da Semana de 22-, a segunda safra de escritores que vai surgindo no país em início de 1930 tem por proposta manter e aprofundar as conquistas anteriores. È o momento em que se troca a pesquisa formal pelo trabalho lírico em profundidade temática. A crítica reconhece essa nova geração de poetas como a " admirável safra lírica" da poesia brasileira. Realmente tivemos aqui alguns dos maiores poetas de língua portuguesa.

Na busca de compreensão do mundo pelo homem e do papel do homem no mundo, a Geração de 30 procurou não só manter os avanços estáticos da Primeira Geração, mas também explorar a convivência entre forma livre e formas clássicas, linguagem coloquial e linguagem culta (sem pedantismo), humor (piada) e ironia (pessimismo).

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, CECÍLIE MEIRELES, MURILO MENDES, JORGE DE LIMA E VINÍCIUS DE MORAES são os destaques dessa geração.

Drummond, o poeta e o mundo:

Carlos Drummond de Andrade, como os modernistas, segue a libertação proposta por Mário e Oswald de Andrade; com a instituição do verso livre, mostrando que este não depende de um metro fixo. Se dividirmos o modernismo numa corrente mais lírica e subjetiva e outra mais objetiva e concreta, Drummond faria parte da segunda, ao lado do próprio Oswald de Andrade.

Quando se diz que Drummond foi o primeiro grande poeta a se afirmar depois das estreias modernistas, não se está querendo dizer que Drummond seja um modernista. De fato herda a liberdade linguística, o verso livre, o metro livre, as temáticas cotidianas. Mas vai além. "A obra de Drummond alcança — como Fernando Pessoa ou Jorge de Lima, Herberto Helder ou Murilo Mendes — um coeficiente de solidão, que o desprende do próprio solo da História, levando o leitor a uma atitude livre de referências, ou de marcas ideológicas, ou prospectivas", afirma Alfredo Bosi (1994).

Affonso Romano de Sant'ana costuma estabelecer que a poesia de Carlos Drummond a partir da dialética "eu x mundo", desdobrando-se em três atitudes:

- Eu maior que o mundo — marcado pela poesia irônica
- Eu menor que o mundo — marcado pela poesia social
- Eu igual ao mundo — abrange a poesia metafísica

Sobre a poesia política, algo incipiente até então, deve-se notar o contexto em que Drummond escreve. A civilização que se forma a partir da Guerra Fria está fortemente amarrada ao neocapitalismo, à tecnocracia, às ditaduras de toda sorte, e ressoou dura e secamente no eu artístico do último Drummond, que volta, com frequência, à aridez desenganada dos primeiros versos: A poesia é incomunicável / Fique quieto no seu canto. / Não ame. Muito a propósito da dual posição política, Drummond diz, curiosamente, na página 82 da sua obra "O Observador no Escritório", Rio de Janeiro, Editora Record, 1985, que "Mietta Santiago, a escritora, expõe-me sua posição filosófica: Do pescoço para baixo sou marxista, porém do pescoço para cima sou espiritualista e creio em Deus."

No final da década de 1980, o erotismo ganha espaço na sua poesia até seu último livro.

POEMAS

1. No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho

tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento

na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho

no meio do caminho tinha uma pedra.

2. Confidência do itabirano

Alguns anos vivi em Itabira

Principalmente nasci em Itabira

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação

A vontade de amar, que paralisa o trabalho

Vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer que tanto me diverte,

É doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:

Este são Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;

Este couro de anta, estendido no sofá de visitas;

Este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.

Hoje sou funcionário público.

Itabira é apenas uma fotografia na parede.

Mas como dói!

3. Sentimento do Mundo

Tenho apenas duas mãos

E o sentimento do mundo,

Mas estou cheio de escravos,

Minhas lembranças escorrem

E o corpo transige Na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu

Estará morto e saqueado,

Eu mesmo estarei morto,

Morto meu desejo, morto

O pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram

que havia uma guerra

e era necessário

trazer fogo e alimento.

Sinto-me disperso,

Anterior a fronteiras,

Humildemente vos peço

Que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,

Eu ficarei sozinho

Desfiando a recordação

Do sineiro, da viúva e do microscopista

Que habitavam a barraca

E não foram encontrados

Ao amanhecer

Esse amanhecer

Mais noite que noite.

4. Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.

Ficaste sozinho, a luz apagou-se,

mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

És todo certeza, já não sabes sofrer.

E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Teu ombros suportam o mundo

e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

provam apenas que a vida prossegue

e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo,

prefeririam (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

5. Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo

Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili

Que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,

Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,

Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes

Que não tinha entrado na história.

SEGUNDA GERAÇÃO (PROSA)

O romance de 30

Caminhos da ficção de 30

A semana de arte moderna fez brotar um período de profunda renovação na literatura brasileira. A prosa, naquele momento representada por Macunaíma, Memórias sentimentais de João Miramar e Brás, Bixiga e Barra Funda, rompeu com uma forma tradicional de “contar histórias” e abriu caminho para uma nova forma de ler e narrar o cotidiano, fazendo uso de uma técnica calcada na linguagem cinematográfica, na sobreposição de planos narrativos, na síntese, na paródia, na mistura de gêneros, etc.

Os romancistas de 30, embora não pretendessem se manter na linha do experimentalismo estético das correntes de vanguarda, consideravam irreversíveis muitas das conquistas dos primeiros modernistas, tais como o interesse por temas nacionais, a busca de uma linguagem mais brasileira, o interesse pela vida cotidiana. O “passadismo cultural”, tão combatido pela Semana, para eles estava definitivamente enterrado.

Entretanto viram-se diante de uma questão de outra natureza: como dar uma resposta artística ao momento de fermentação política e ideológica que estavam vivendo? E mais: no tocante ao papel do escritor, de que forma o artista, com sua obra, poderia concretamente participar das transformações que então ocorriam na sociedade?

O resultado desses questionamentos foi um romance mais amadurecido, com um enfoque mais direto dos fatos, fortemente marcado pelo Realismo-Naturalismo do século XIX, e tendo muitas vezes um caráter documental. Estes escritores ficaram conhecidos como, geração de prosadores neorrealistas e tinham como proposta uma prosa engajada, de análise crítica, social e psicológica.

Podemos dividir a prosa dessa geração em várias vertentes e temáticas, dentre as quais as principais são:

- Romance Urbano : Erico Verríssimo

- Romance Intimista: Cornélio Penha, Lúcio Cardoso.

- Romance Épico (histórico-político): Érico Veríssimo

- Romance Regionalista nordestino: Raquel de Queiroz, Graciliano ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego.

Graciliano Ramos: a prosa nua

De todos os escritores nordestinos que se revelam por volta de 1930, Graciliano Ramos (1892-1953) é, sem dúvida, o romancista que, sem se deixar encantar pelo pitoresco da região, soube exprimir com maior agudeza a dura realidade do seu habitante.

Como romancista, Graciliano Ramos alcançou o equilíbrio ao reunir análise sociológica e psicológica. Como poucos, retratou o universo do sertanejo nordestino, tanto na figura do fazendeiro autoritário quanto do caboclo comum, o homem de inteligência limitada, vítima das condições do meio natural e social, sem iniciativa, sem consciência de classe, passivo antes os poderosos.

Contudo, em Graciliano o regional não caminha na direção do específico, do particular ou do pitoresco; ao contrário, as especificidades do regional são um meio para alcançar o universal. Suas personagens, em vez de traduzir experiências isoladas, traduzem uma condição coletiva, a do homem explorado socialmente ou brutalizado pelo meio.

Graciliano Ramos escreveu contos e romances, tendo se destacado neste último gênero. Entre outras obras, é autor de São Bernardo (1934), Angústia (1936) e Vidas Secas (1938). Na obra Memórias do Cárcere (1953), relata sua experiência como prisioneiro político, em 1936, durante o governo Getúlio Vargas.

Entre os demais ficcionistas de sua época, Graciliano destaca-se pelas suas qualidades universalistas e, sobretudo, pela linguagem enxuta, rigorosa e conscientemente trabalhada, no que se mostra o legítimo continuador de Machado de Assis na trajetória do Romance Brasileiro.

VIDAS SECAS

Graciliano Ramos

Capitulo I - MUDANÇA

NA PLANICIE avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitoria com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

- Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo. A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos.

- Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou mata-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário - e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés.

Pelo espirito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitoria estirou o beiço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estomago, frio como um defunto. Ai a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a Sinhá Vitoria, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caiam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinhá Vitoria aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis.

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silencio grande.

Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas a mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam.

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, a beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora,

enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal.

Fabiano também às vezes sentia falta dela, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de res perdida na catinga. Sinhá Vitoria, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula.

Resolvera de supetão aproveita-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra.

As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam.

Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força. Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra. Sinhá Vitoria acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre folhas secas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, acordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte próximo, algumas pedras, um carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto dele.

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido.

Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forcar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral.

Trepou-se no mourão do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus. Desceu, empurrou a porta da cozinha. Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo tenção de hospedar ali a família. Mas chegando aos juazeiros, encontrou os meninos adormecidos e não quis acorda-los. Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira.

Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo. Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lagrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente.

Entrava dia e saia dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente. Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinhá Vitoria, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam.

Resistiram a fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem animo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava. Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinhá Vitoria beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras' que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.

Sinhá Vitoria remexeu no baú, os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espeto. Baleia, o ouvido atento, o traseiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e talvez o couro. Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a agua marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros - e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano. Pensou na família, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferençava muito da bolandeira de seu Tomás. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás?

Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu, grande e branca. Certamente ia chover. Seu Tomás fugira também, com a seca, a bolandeira estava parada. E ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia porque, mas era. Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitoria vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde. Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede. Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, lento, para não derramar a agua salobra. Subiu a ladeira. A aragem morna acudia os xiquexiques e os mandacarus. Uma palpitação nova. Sentiu um arrepio na catinga, uma ressurreição de garranchos e folhas secas.

Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família. Em seguida acocorou-se, remexeu o aio, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas. Uma labareda tremeu, elevou-se, tingiu lhe o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azuis. Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim. Eram todos felizes. Sinhá Vitoria vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de Sinhá Vitoria remoçaria, as nádegas bambas de Sinhá Vitoria engrossariam, a roupa encarnada de Sinhá Vitoria provocaria a inveja das outras caboclas. A lua crescia, a sombra leitosa crescia, as estrelas foram esmorecendo naquela brancura que enchia a noite. Uma, duas, três, agora havia poucas estrelas no céu. Ali perto a nuvem escurecia o morro.

A fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo. Os trocos minguados ajuntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aio, a cuia de agua o baú de folha pintada. A fogueira estalava. O preá chiava em cima das brasas.

Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de Sinhá Vitoria. Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A catinga ficaria verde. Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir.

Rachel de Queiroz e o drama da seca do Nordeste

Rachel de Queiroz (1910 -) tornou-se conhecida com a publicação de O Quinze (1930), obra em que aborda o tema da seca. Militou no Partido Comunista e, em 1937, foi presa por defender ideias esquerdistas. Publicou nesse período também os romances João Miguel, Caminhos de pedras e As três Marias. Dedicou-se ao teatro e à crônica jornalística. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Em 1992, depois de mais de cinquenta anos sem se dedicar ao gênero, a autora surpreendeu o público com uma nova produção, o romance Memorial de Maria Moura.

No conjunto, a prosa de Rachel de Queiroz é enxuta e dinâmica, sobretudo pelos efeitos que a autora extrai da técnica do discurso direto, o que associa sua forma de narrar à tradição da novelística popular. Como consequência, seu texto ganha agilidade, aproxima os fatos narrados e se torna saborosos ao gosto do grande público. Embora as obras da escritora cearense se voltem para a denúncia da realidade social, seu texto introduz elementos psicológicos, conferindo uma dimensão mais completa e humana aos problemas abordados.

José Lins do Rego: realidade e ficção no engenho

José Lins do Rego (1901-1957) é o escritor regionalista que mais profundamente retratou a decadência dos engenhos de cana nordestinos, no início do século XX.

Proveniente de uma família de senhores de engenho (era neto do coronel José Paulino, importante latifundiário da Paraíba), José Lins do Rego soube conciliar suas vivências de menino de engenho e de adolescente à sua extraordinária capacidade para contar histórias, numa linguagem fluida, solta, livre, popular.

Embora não tivesse a envergadura ideológica nem a capacidade de crítica e de análise social de Graciliano Ramos, José Lins do Rego retratou como poucos o processo de transformações econômicas, sociais e políticas pelas quais passava o nordeste nas primeiras décadas do século XX. Além disso, transpôs para a literatura o imaginário do povo nordestino, antes dele expresso apenas nas narrativas orais, nos romances cantados e na literatura de cordel.

Jorge Amado: as mil faces da Bahia

As obras da fase inicial da carreira de Jorge Amado (1912-2001) são ideologicamente marcadas por ideias socialistas. Em romances como O país do carnaval, Cacau e Suor, o autor retrata, num tom direto, lírico e

participante, a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares, abordagem que foi se aprofundando ao longo de sua carreira. A seca, o cangaço, a exploração do trabalhador urbano e rural, o coronelismo são alguns dos temas abordados.

Tendo a Bahia como espaço social de suas obras, em Capitães da areia, o escritor denuncia o abandono das crianças de rua em Salvador, em Terras do sem-fim e São Jorge de ilhéus, retrata as lutas entre coronéis do cacau e exportadores. Na fase final de sua obra, em romances como Gabriela, cravo e canela, Dona Flor e seus dois maridos e Tieta do agreste, entre outros, o escritor compõe um rico painel de costumes da sociedade baiana, em seus aspectos culturais, comportamentais, linguísticos, religiosos, etc.

Capítulo 13. MODERNISMO NO BRASIL:

GERAÇÃO 45 (1945-1978)

Com a transformação do cenário sócio-político do Brasil, a literatura também se transformou. O fim da Era Vargas, a ascensão e queda do Populismo, a Ditadura Militar, e o contexto da Guerra Fria, foram, portanto, de grande influência na Terceira Fase. Na prosa, tanto no romance quanto no conto, houve a busca de uma literatura intimista, de sondagem psicológica e introspectiva, tendo como destaque Clarice Lispector. O regionalismo, ao mesmo tempo, ganha uma nova dimensão com a recriação dos costumes e da fala sertaneja com Guimarães Rosa, penetrando fundo na psicologia do jagunço do Brasil central. A pesquisa da linguagem foi um traço caraterísticos dos autores citados, sendo eles chamados de instrumentalistas. A geração de 45 surge com poetas opositores das conquistas e inovações modernistas de 22. A nova proposta, inicialmente, é defendida pela revista Orfeu em 1947. Negando a liberdade formal, as ironias, as sátiras e outras características modernistas, os poetas de 45 buscaram uma poesia mais “equilibrada e séria”, tendo como modelos os Parnasianos e Simbolistas. No fim dos anos 40, surge um poeta singular, não estando filiado esteticamente a nenhuma tendência: João Cabral de Melo Neto.

Contexto Histórico

Em 1945, um clima de liberdade varria, com a derrota das potências fascistas, o mundo e o Brasil. O Estado Novo caiu com violência. Em eleições livres diretas, os brasileiros elegeram uma Assembléia Nacional Constituinte e o General Eurico Gaspar Dutra, presidente. Em literatura apareceu uma nova geração que cultuava certo formalismo literário. De resto, continuavam em plena produção os modernistas de 22, os romancistas nordestinos e também os poetas mineiros. Ao final da guerra, a economia brasileira ia bem: havia um saldo favorável, em moeda forte, ao Brasil que, durante toda a guerra, exportava matérias-primas e alimentos em grande quantidade.

Em 1950, Getúlio Vargas foi eleito presidente, em eleições livres e diretas, com uma plataforma nacionalista.

O Governo de Getúlio Vargas sofrendo uma grande oposição, principalmente da imprensa, o que deflagrou uma forte crise político-militar. Em consequência, o Presidente Getúlio Vargas praticou suicídio em agosto de 1954.

Assume então, o residente Juscelino Kubitschek que procurou desenvolver o País a todo custo, causando inflação interna e o endividamento externo.

Em seguida temos o Jânio Quadros, que renuncia à presidência de maneira súbita deixando no poder o Vice-Presidente João Goulart. Uma vez no poder, João Goulart livrou-se do Parlamentarismo e executou uma agressiva campanha para realizar reformas de base. Durante o seu governo, as forças de esquerda organizaram os Centros de Cultura Popular (CPC) que procuravam criar as bases de uma arte popular e engajada. Jango foi derrubado do Poder pelos militares, em 31 de março de 1964.

O Primeiro Presidente militar foi o Marechal Castelo Branco. Alguns intelectuais procuram responder às idéias do Governo através de espetáculos teatrais. Assim, o Grupo Opinião montou Carcará, o Teatro de Arena montou Arena conta Zumbi, Millôr Fernandes e Flávio Rangel montaram Liberdade, Liberdade.

Principais autores:

Antonio Olinto (1919-2009), Ariano Suassuna (1927-), Clarice Lispector (1920-1977), Domingos Carvalho da Silva (1915 - 2004), Ferreira Gullar (1930-), Geraldo Vidigal (1921 - 2010), Guimarães Rosa (1908-1967), João Cabral de Melo Neto (1920-1999), Mauro Mota (1911-1984), Nelson Rodrigues (1912-1990), Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992), Tarsila do Amaral (1886-1973)

Clarice Lispector: a escritura selvagem

Estreando em 1944 com o romance Perto do coração Selvagem, Clarice Lispector (1920-1977) tornou-se uma das mais importantes escritoras brasileiras. Inicialmente mal compreendida pela crítica, introduziu em nossa literatura técnicas de expressão novas, que obrigavam a uma revisão dos critérios avaliativos. Sua narrativa subverte com frequência a estrutura dos tradicionais gêneros narrativos (o conto, a novela, o romance), quebra a sequencia “começo, meio e fim”, assim como a ordem cronológica, e funde a prosa à poesia, ao fazer uso constante de imagens metáforas, antíteses, paradoxos, símbolos, sonoridades, etc.

Outro aspecto inovador da prosa de Clarice é o fluxo de consciência, uma experiência mais radical do que a introspecção psicológica, já praticada por vários escritores desde o Realismo no século XIX.

A introspecção psicológica tradicional procura desvendar o universo mental da personagem de forma linear, com espaços determinados e com marcadores temporais nítidos. O leitor tem pleno domínio da situação e distingue com facilidade um momento do passado – revivido pela personagem por meio da memória – de um momento presente ou de um momento de imaginação.

O fluxo de consciência quebra esses limites espaço-temporais que tornam a obra verossímil. Por meio dele presente e passado, realidade e desejo se misturam. Como se fosse um painel de imagens captadas por uma câmera instalada no cérebro de uma personagem que deixa o pensamento solto, o fluxo de consciência cruza vários planos narrativos, sem preocupação com a lógica ou com a ordem narrativa.

Essas experiências já vinham sendo feitas no exterior pelos escritores Marcel Proust e James Joyce. No Brasil foi Clarice quem as introduziu.

Muitas vezes, além do fluxo de consciência, as personagem de Clarice vivem também um processo epifânico (O termo epifania tem sentido religioso, significando “revelação”). Esse processo pode ser irrompido a partir de fatos banais do cotidiano: um encontrão, um beijo, um olhar, um susto. A personagem, mergulhada num fluxo de consciência, passa a ver o mundo e a si mesma de outro modo. É como se tivesse tido, de fato, uma revelação e, a partir dela, passasse a ter uma visão mais aprofundada da vida, das pessoas, das relações humanas, etc.

Clarice Lispector nunca aceitou o rótulo de escritora feminista. Apesar disso, muitos de seus romances e contos têm como protagonistas personagens femininas, quase sempre urbanas. Seus temas em conjunto, são essencialmente humanos e universais, como as relações entre o eu e o outro, a falsidade das relações humanas, a condição social da mulher, o esvaziamento das relações familiares e, sobretudo, a própria linguagem – única forma de comunicação com o mundo.

Além de escritora, Clarice foi colunista do Jornal do Brasil, do Correio da Manhã e Diário da Noite. As colunas, que foram publicadas entre as décadas de 60 e 70, eram destinadas ao público feminino, e abordavam assuntos como dicas de beleza, moda e comportamento. Em meados de 1970, Lispector começou a trabalhar no livro Um sopro de vida: pulsações, publicado postumamente. Este livro consiste de uma série de diálogos entre o "autor" e sua criação, Angela Pralini, personagem cujo nome foi emprestado de outro personagem de um conto publicado em Onde estivestes de noite. Esta abordagem fragmentada foi novamente utilizada no seu penúltimo e, talvez, mais famoso romance, A hora da estrela. No romance, Clarice conta a história de Macabéa, uma datilógrafa criada no estado de Alagoas que migra para o Rio de Janeiro e vai morar em uma pensão, tendo sua rotina narrada por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. O livro descreve a pobreza e a marginalização no Brasil, temática que pouco aparece ao longo da sua obra. A história de Macabéa foi publicada poucos meses antes da morte de Clarice.

CONTO

Amor

Clarice Lispector

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo 199

o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranqüilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida. Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantarariam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranqüila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranqüila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. 200

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão — e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram.

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado. Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas assustavam-na com o vigor que possuíam. Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos sorrindo... E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite - tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava, tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.

Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico.

Andava pesadamente pela alameda central, entre os coqueiros. Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.

A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si.

De longe via a aléia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho. Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais.

Um movimento leve e íntimo a sobressaltou — voltou-se rápida. Nada parecia se ter movido. Mas na aléia central estava imóvel um poderoso gato. Seus pêlos eram macios. Em novo andar silencioso, desapareceu.

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário — era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dálias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega — era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria — e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito — o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levara até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se tremula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado — amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal — o cego ou o belo Jardim Botânico? — agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles... Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. Q sangue subiu-lhe ao rosto, esquentando-o.

Deixou-se cair numa cadeira com os dedos ainda presos na rede. De que tinha vergonha?

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver.

Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas. O homem pouco a pouco se distanciara e em tortura ela parecia ter passado para o lados que lhe haviam ferido os olhos. O Jardim Botânico, tranqüilo e alto, lhe revelava. Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo — e que nome se deveria dar a sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar um leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água em suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão.

Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremecendo, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala. Levantou-se e foi para a cozinha ajudar a empregada a preparar o jantar.

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água - havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato

da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifes, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos.

Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos.

Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. Um avião estremecia, ameaçando no calor do céu. Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom. Também suas crianças ficaram acordadas, brincando no tapete com as outras. Era verão, seria inútil obrigá-las a dormir. Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros. Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu.

Depois, quando todos foram embora e as crianças já estavam deitadas, ela era uma mulher bruta que olhava pela janela. A cidade estava adormecida e quente. O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças. Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico.

Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! pensou correndo para a cozinha e deparando com o seu marido diante do café derramado.

— O que foi?! gritou vibrando toda.

Ele se assustou com o medo da mulher. E de repente riu entendendo:

— Não foi nada, disse, sou um desajeitado. Ele parecia cansado, com olheiras.

Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago.

— Não quero que lhe aconteça nada, nunca! Disse ela.

— Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo.

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranqüila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que

não era seu, mas que pareceu natural segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.

Acabara-se a vertigem de bondade.

E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.

Guimarães Rosa: a linguagem reinventada

João Guimaraes Rosa (1908-1967) é uma das principais expressões da prosa ficcional brasileira. Estreou em 1946 com o lançamento de Sagarana (contos). De cunho regionalista, a obra surpreendeu a crítica, em virtude da originalidade de sua linguagem e de suas técnicas narrativas, que apontavam uma mudança substancial na velha tradição regionalista, que já tinha contado com José de Alencar, Visconde de Taunay e Euclides da Cunha, entre outros.

A novidade linguística trazida pelo regionalismo de Rosa foi a de recriar, na literatura, a fala do sertanejo não apenas no plano do vocabulário, como outros autores tinham feito, mas também na sintaxe (a construção de frases) e no da melodia da frase. Dando voz ao homem do sertão por meio de técnicas como o foco narrativo em 1ª pessoa, o discurso direto, o discurso indireto, o monólogo interior, a língua falada no sertão está presente em toda a obra, resultado de muitos anos de observação, anotações e pesquisa linguística.

Contudo, a linguagem do escritor não tem a intenção de retratar realisticamente a língua do sertão mineiro. Ela vai além: tomando por base a língua regional, Guimarães recria a própria língua posrtuguesa, por meio do aproveitamento de termos em desuso, da criação de neologismos, do emprego de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas e da exploração de novas estruturas sintáticas.

Além disso, sua narrativa faz uso de recursos mais comuns à poesia, tais como o ritmo, a aliteração, a metáfora e as imagens, obtendo, assim, uma prosa altamente poética, no limite entre a poesia e a prosa.

Outro aspecto de destaque da obra Roseana é sua capacidade de transpor os limites do espaço regional, em que quase sempre se situam seus textos, e alcançar uma dimensão universal.

Em Grande Sertão, o narrador Riobaldo afirma: “o sertão é o mundo”. E é com mbase nesse pressuposto quer a narrativa Roseana vai nos envolvendo, como se também fôssemos sertanejos e jagunços e fizéssemos parte daquele mundo. Passamos então a lidar com os mais variados temas, conforme vamos nos identificando com as preocupações do homem sertanejo: o bem e o mal, Deus e o diabo, o amor, a violência, a morte, a traição, o sentido e o aprendizado da vida, a descoberta infantil do mundo, etc.

E notamos, então, que essas reflexões não são exclusivas do sertão mineiro; são também nossas, do homem urbano, e do homem do campo, do norte e do sul do país. Na verdade, Guimarães Rosa é um escritor universal, que consegue vasculhar com profundidade a alma humana e captar suas inquietações, seus conflitos e anseios, sem, contudo, perder o sabor da psicologia, da língua e dos valores do homem do sertão mineiro.

Enfim, Guimarães Rosa é um desses escritores que representam a síntese de toda uma trajetória de experiências formais e ideológicas da literatura de uma geração e, às vezes. Da literatura de um século. Assim foi com machado de Assis no século XIX; assim como é com Guimarães Rosa na prosa brasileira do século XX.

Guimarães Rosa é também autor de Primeiras estórias, Tutaméia – terceiras histórias e Manuelzão e Miguilim, entre outras.

CONTO

A Terceira Margem do Rio

Guimarães Rosa

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para. estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia

doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada 206

do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depositei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrindo de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o 'dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter

esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estiavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei,

umas quantas vezes. E falei o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

João Cabral de Melo Neto: a linguagem objeto

João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999) é o mais importante poeta da geração de 45 e um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Sua poesia dá continuidade a certos traços delineados na poesia de Drummond e Murilo Mendes, tais como a poesia substantiva, a objetividade e a precisão dos vocábulos. Sua obra inaugural, Pedra do sono (1942), já apresentava uma inclinação para a objetividade (o lado “pedra” do título), embora esteja identificada com a orientação surrealista (o lado sono).

A partir da obra seguinte, O engenheiro (1945), verifica-se um afastamento da linha surrealista e uma tendência crescente à geometrização e à exatidão, como se o poeta procurasse ter como exemplo o trabalho de um engenheiro.

Talvez se possa afirmar que a poesia de João Cabral tenha sido a primeira a estabelecer um corte profundo entre a poesia romântica e a moderna. Para o poeta, a poesia não é fruto de inspiração nem de estados emocionais, como amor, alegria, etc.; ela resulta de um trabalho racional, árduo, que implica fazer e desfazer várias vezes o texto até que atinja a forma mais adequada.

Na poesia de Cabral, destacam-se três tendências fundamentais: a preocupação com a realidade, na qual se destaca seu trabalho mais conhecido, Morte e vida severina, a reflexão permanente sobre a criação artística, e o aprimoramento da poética da linguagem objeto, isto é, a linguagem que, pela própria construção, procura sugerir o assunto retratado.

Entre outras obras João Cabral ainda publicou O cão sem plumas, O rio, A educação pela pedra e Museu de tudo.

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

A Educação pela Pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;
A de poética, sua carnadura concreta;
A de economia, seu adensar-se compacta:
Lições da pedra (de fora para dentro,
Cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse, não ensinaria nada;
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
Uma pedra de nascença, entranha a alma.

Capítulo 14. POESIA CONCRETA

Em 1956, a publicação da revista *Noigandres* e a Exposição Nacional de Arte Concreta em São Paulo no Museu de Arte Moderna deram início a uma das mais interessantes experiências em

poesia: o Concretismo ou Poesia concreta. O grupo que lançou seus pressupostos contava com a liderança de Heraldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos.

Faziam parte da proposta do Concretismo, a abolição do eu lírico, dos sentimentos, a abolição do verso e a valorização da palavra solta. Ou seja, o verso deixa de ser unidade poética e esta passa a ser palavra isolada, livre da frase, exposta em todas as suas dimensões sonoras, visuais e plásticas. O Concretismo importa elementos da propaganda, dos produtos de consumo, das Artes Plásticas. Assim , o suporte do poema (o papel, a tinta, a parede, o cartaz, o murro, a tela de TV, o ferro etc.) passa a fazer parte do poema- atitude revolucionária desejada desde as vanguardas brasileiras de 1922.

O poeta passa a ser um artista gráfico, que retoma e radicaliza as vanguardas futuristas, dadaístas e cubistas, por meio da geometrização do poema, da espacialização da palavra, do aproveitamento do espaço gráfico do texto e da página e da abolição da sintaxe e da pontuação. A poesia torna-se uma arte multimídia, que incorpora elementos de outras artes e tecnologias (música, pintura, arquitetura, escultura, vídeo, informática, publicidade etc.)

O Concretismo influencia jovens poetas até hoje, como o compositor Arnaldo Antunes, que tem publicado livros e produzido vídeopoesia e infopoesia a partir de propostas concretas.

POESIA CONCRETA

Haroldo de campos

V V V V V V V V V V V
V V V V V V V V V E
V V V V V V V V E L
V V V V V V V E L O
V V V V V V E L O C
V V V V V E L O C I
V V V V E L O C I D
V V V E L O C I D A
V V E L O C I D A D
V E L O C I D A D E

os seus olhos me faz encontrar o infinito

materesmofo
temaserfomo
termosfameo
tremesfooma
metrofasemo
mortemesafo
amorfotemes
emarometesf
eramosfetem
fetomormesa
mesamorfeto
efatormesom
maefortosem
saotemorfem
termosefoma
faseortomem
motormefase
matermofeso
metaformose

```
P O E S I A P O E S I A P O E S I A P O E S I A P O E S I
                                                         A
I A P O E S I A P O E S I A P O E S I A P O E S I A P   P
S                                                       O   O
E   P O E S I A P O E S I A P O E S I A P O E S I   E   E
O   A                                           A   S   S
P   I   I A P O E S I A P O E S I A P O E S I   P   I   I
A   S   S                                   A   O   A   A
I   E   E   I A P O E S I A P O E S I A P   P   E   P   P
S   O   O   S                           O   O   S   O   O
E   P   P   E   P O E S I A P O E S I   E   E   I   E   E
O   A   A   O   A                   A   S   S   A   S   S
P   I   I   P   I   I A P O E S I   P   I   I   P   I   I
A   S   S   A   S   S           A   O   A   A   O   A   A
I   E   E   I   E   E   A R T E !   E   P   P   E   P   P
S   O   O   S   O   O               S   O   O   S   O   O
E   P   P   E   P   P A I S E O P A I   E   E   I   E   E
O   A   A   O   A                       S   S   A   S   S
P   I   I   P   I S E O P A I S E O P A I   I   P   I   I
A   S   S   A                               A   O   A   A
I   E   E   I S E O P A I S E O P A I S E O P   E   P   P
S   O   O                                       S   O   O
E   P   P A I S E O P A I S E O P A I S E O P A I   E   E
O   A                                               S   S
P   I S E O P A I S E O P A I S E O P A I S E O P A I   I
A                                                       A
I S E O P A I S E O P A I S E O P A I S E O P A I S E O P
```

by Victor Az

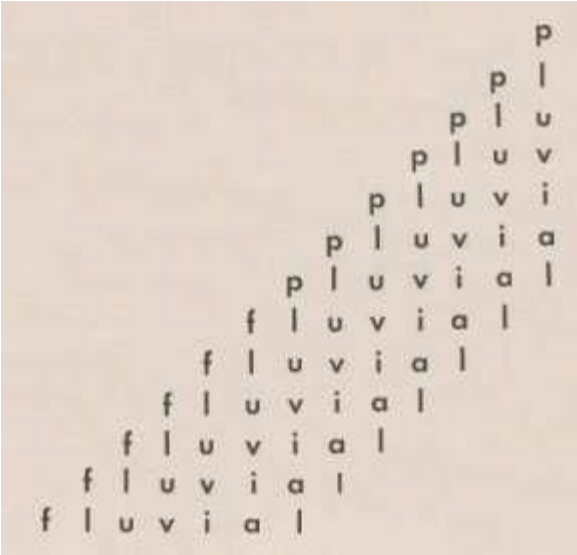

Arnaldo Antunes

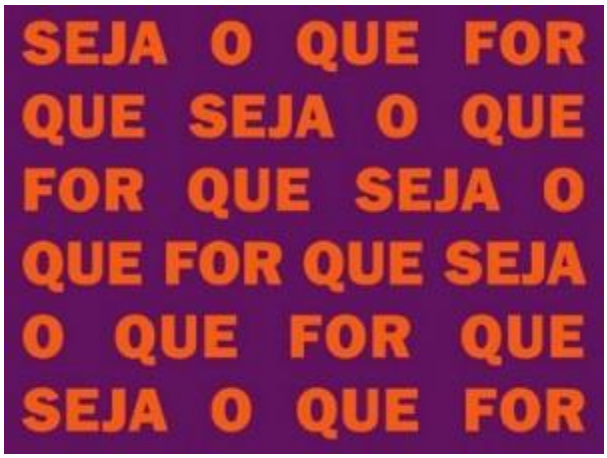

Décio Pignatiri

LITERATURA MARGINAL

Chamamos de **poetas marginais** a um grupo heterogêneo de poetas que foram surgindo a partir do golpe militar de 1964, pertencentes em geral ao meio universitário, vinculados a ideias de esquerda e que viam como única maneira de divulgar seus textos a distribuição não oficial deles.

Assim, os livros eram rodados em Xerox ou mimeógrafos, as tiragens eram pequenas, de acabamento rústico – mas muito original, como folhas soltas em envelopes, apostilas espiraladas, maços atados com linhas etc. - e distribuição era bastante restrita, ente amigos, no meio estudantil ou em bares e portas de cinemas e teatros.

Esse processo sigiloso se justifica. Os temas as linguagens, a intenção destes poetas era o que se chamava na época de " desbunde": uma opção de vida alternativa, **underground,** ligada à liberdade sexual, ao consumo de drogas e ao desencanto absoluto com a cultura oficial, com o conhecimento científico, com a mídia e com os caminhos da ditadura. Assim, a opção pela divulgação pouco convencional foi uma boa saída para produzir umas das poesias mais estimulantes da nossa literatura.

A radicalização das atitudes repressoras vinculadas à ditadura forçou, por parte desse grupo marginal, uma radicalização das experiências com o toxico, com a depressão e com a loucura, resultando, infelizmente, em vários casos de suicídio ou confinamento em clínicas e hospitais. Hoje, boa parte dessa poesia marginal já está catalogada e devidamente em livros e tem se tornado base para muitas pesquisas e teses universitárias. Alguns desses poetas marginais são: **Paulo Leminski, Chacal, Artur do Amaral, Gurgel, Ana Cristina César, Cacaso, Glauco Mattoso, Leila Miccolis** e outros.

Apagar-me

Apagar-me

diluir-me

desmanchar-me

até que depois

de mim

de nós

de tudo

não reste mais

que o charme. Pedro Lemisnki

PREZADO CIDADÃO

Colabore com a Lei

Colabore com a Light

Mantenha luz própria. Chacal

REFERENCIAL

Solteira de aceso facho
precisa logo de um macho;
se é nervosinha a casada
só pode ser mal tratada;
viúva cheia de enfado
tem saudade do finado;
puta metida a valente
quer cafetão que a esquente;
Mulher não vive sem homem.
Mulher não vive sem homem.
A prova mais certa disto
é que até as castas freiras
são as esposas ...de Cristo.
tal regra é tão extremista
que não contém exceção:
quem sai dela é feminista,
fria, velha ou sapatão.
e é essa bobagem de
[preconceitos adquiridos
que chega-se à conclusão
na separação dos amores doloridos
de que não houve culpados.
Só feridos.

Leila Miccolis

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Luiza. Português língua e literatura. São Paulo: Moderna, 2000.

ADORNO, Theodor. Indústria Cultural e Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, Pau-Brasil in CÂNDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. Presença da literatura brasileira – Modernismo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira, São Paulo, Cultrix, 2006.

_____ O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo, Cultrix, 1995.

BRADBURY, Malcolm. O Mundo Moderno - Dez Grandes Escritores. São Paulo, Companhia das Letras, 1989

COHEN, Renato. Work in progress na cena contemporânea. São Paulo, Perspectiva, 2004.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro, Ed. Rio. 1976

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. DP&A, Rio de Janeiro, 2006. 217

LEFEBVRE, Henri. Marxismo. L&PM, 2009.

MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto comunista. Garamond, 1998.

NIETZSCHE, Além do bem e do mal. Companhia das Letras, 2005

TRINGALI, Dante. Escolas Literárias. São Paulo, Musa Editora, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CURSINHO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR

Literatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PARTE 01

Profª. Silvia Souza Gomes

Coordenação: Letícia Couto Bicalho

Literatura

O que é literatura?

"A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social.

O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades fatuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro.

A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana."

(Afrânio Coutinho)

ALGUNS CONCEITOS SOBRE LITERATURA

"Arte literária é mimese (imitação); é a arte que imita pela palavra." **(Aristóteles, filósofo grego, séc. IV a.C)**

"A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem." **(Louis de Bonald, pensador e crítico do Romantismo francês, início do séc. XIX)**"

"A poesia existe nos fatos." **(Oswald de Andrade, poeta brasileiro, séc. XX)**

"Literatura é feitiçaria que se faz com o sangue do coração humano." **(Guimarães Rosa, escritor brasileiro, séc. XX)**

Linguagem Denotativa e Linguagem Conotativa

"Chega mais perto e contempla as palavras. Cada tem mil faces secretas sob a face neutra." (Carlos Drummond de Andrade).

Nos textos literários nem sempre a linguagem apresenta um único sentido, aquele apresentado pelo dicionário. Empregadas em alguns contextos, elas ganham novos sentidos, figurados, carregados de valores afetivos ou sociais.

Quando a palavra é utilizada com seu sentido comum (o que aparece no dicionário) dizemos que foi empregada **denotativamente.**

Quando é utilizada com um sentido diferente daquele que lhe é comum, dizemos que foi empregada **conotativamente,** este recurso é muito explorado na Literatura.

A linguagem conotativa não é exclusiva da literatura, ela é empregada em letras de música, anúncios publicitários, conversas do dia-a-dia, etc.

Exemplos:

TEXTO I	TEXTO II
Bolo de arroz **3 xícaras de arroz** **1 colher (sopa) de manteiga** **1 gema** **1 frango** **1 cebola picada** **1colher (sopa) de molho inglês** **1colher (sopa) de farinha de trigo** **1 xícara de creme de leite salsa picadinha** **Prepare o arroz branco, bem solto.** **Ao mesmo tempo, faça o frango ao molho, bem temperado e saboroso.** **Quando pronto, retire os pedaços, desosse e desfie. Reserve.** **Quando o arroz estiver pronto, junte a gema, a manteiga, coloque numa forma de buraco e leve ao forno.** **No caldo que sobrou do frango, junte a cebola, o molho inglês, a farinha de trigo e leve ao fogo para engrossar.** **Retire do fogo e junte o creme de leite.** **Vire o arroz, já assado, num prato.** **Coloque o frango no meio e despeje por cima o molho.** **Sirva quente.** **(Terezinha Terra)**	**Receita** **Ingredientes** **2 conflitos de gerações** **4 esperanças perdidas** **3 litros de sangue fervido** **5 sonhos eróticos** **2 canções dos beatles** **Modo de preparar** **Dissolva os sonhos eróticos** **nos dois litros de sangue fervido** **e deixe gelar seu coração.** **Leve a mistura ao fogo,** **adicionando dois conflitos** **de gerações às esperanças perdidas.** **Corte tudo em pedacinhos** **e repita com as canções dos** **beatles o mesmo processo usado** **com os sonhos eróticos, mas desta** **vez deixe ferver um pouco mais e** **mexa até dissolver.** **Parte do sangue pode ser** **substituído por suco de** **groselha, mas os resultados** **não serão os mesmos.** **Sirva o poema simples** **ou com ilusões.** **(Nicolas Behr)**

"Quando você foi embora fez se noite em meu viver".

Texto em verso e prosa

A obra literária pode apresentar-se sob a forma de PROSA (em frases, orações, períodos e parágrafos) ou de VERSOS (em estrofes, versos, emprego da rima, do ritmo etc.).

O Texto Ficcional

Aspectos da composição

Ao lermos um texto ficcional, seja ele um romance, um conto, uma novela ou mesmo um simples relato, é fundamental distinguir certos aspectos da sua composição.

De maneira bem simples, podemos dizer que há uma narrativa sempre que alguém (um narrador) conta algo (um acontecimento) a alguém (um leitor).

A existência de uma história ou fábula caracteriza os textos ficcionais, ou textos de ficção, temos então uma ação, ou uma sequência de ações, vividas por personagens, em certo tempo e lugar.

Universo ficcional é este mundo inventado, criado pelo autor, que se baseia em fatos reais ou saídos de sua imaginação.

O texto literário tem certas propriedades internas que precisam ser conhecidas.

Uma das propriedades mais importantes de um texto ficcional é que, nele, não é o próprio autor que se dirige diretamente ao leitor. O autor cria uma espécie de intermediário entre o leitor e o universo ficcional: o *narrador*.

Narrador é aquele que conta a história, apresenta as personagens, comenta e interpreta a ação.

A atitude do narrador vai determinar *o ponto de vista ou foco narrativo*. Os fatos, os mesmos fatos, podem ser organizados de muitas maneiras pelo narrador.

Ponto de vista é o ângulo pelo qual o narrador vê a história. Em outras palavras: é a relação entre o narrador e o universo ficcional.

Outra característica fundamental dos textos ficcionais é que eles precisam possuir verossimilhança. *Verossimilhança,* como diria Guimarães Rosa, “é a verdade do inventado”.

Verossimilhança é a coerência interna que dá credibilidade a uma narrativa. A verossimilhança de um texto ficcional baseia-se num certo pacto do leitor com o narrador: todos sabem que se trata de uma história inventada e não de algo acontecido de fato.

Um texto histórico, uma biografia ou um livro de memórias mantém uma relação mais simples com a realidade: como o narrador é a própria pessoa do autor, não existe propriamente verossimilhança.

Nas obras de ficção, mesmo no caso das narrativas mais fantásticas, o pacto de verossimilhança não se desfaz.

Personagens são entidades literárias que vivem a ação.

Fábula e Enredo

Num texto de ficção, o escritor cria um universo ficcional, feito de acontecimentos, vividos por personagens, em determinada época e lugar.

A fábula é constituída pelos acontecimentos, pela sequência temporal das ações, organizadas e relacionadas umas com as outras.

Em certas obras ficcionais, os próprios acontecimentos têm uma importância muito grande, como na ficção cientifica ou num romance policial. Lemos pela curiosidade de saber o que vai acontecer. Nesses casos, o autor trabalha com o *suspense.*

Pois bem, o autor de um texto ficcional cria uma fábula: *quem faz o quê, onde, quando e como*.

Mas a invenção não está apenas na fábula que ele cria. A invenção também está na maneira como essa fábula é apresentada ao leitor, ou melhor, está no *enredo.*

Enredo é a organização e a apresentação dos elementos da fábula ao leitor. E a ordem em que os acontecimentos nos são contados.

Se os acontecimentos são contados em ordem cronológica, isto é o que aconteceu antes é contado antes, temos um enredo *linear.*

Mas nem sempre o enredo é linear. É possível fazer um resumo sucinto de um texto ficcional. O resumo, no entanto, só extrai o que é importante para a *fábula.* Para compreendermos o enredo, temos de ler a obra, temos de entrar dentro dela, observar o seu modo de composição.

Texto em Verso

Poema

O poema é uma expressão em versos. Refere-se à forma.

<u>Os poemas</u>

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lês.
Quando fechas o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...
QUINTANA, Mário. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre, L&PM, 1980.

Poesia
Produção artítica altamente subjetiva, que procura expressar a visão pessoal de seu autor em relação ao que escreve em forma de emoção, de sentimentos. Apresenta uma forma de composição muitas vezes baseada em versos.

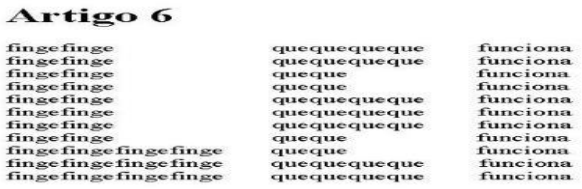

Verso: unidade rítmica e melódica do poema. Graficamente, é cada uma das linhas do poema. Pode ser metrificado, quando o poeta estabelece uma medida em número de sílabas. Pode também ser chamado de verso livre, quando quando a medida é totalmente arbitrária, não seguindo a padrões.

Ex.: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Quan / **do a** / chu / va / ce / ssa / **va e um** / vem / to / fi / (no)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
fran / zi / **a a** / tar / de / tí / mi / **da e** / la / va / (da)
Repare que só se conta até a última sílaba tônica.

Os versos podem ser:
Pares – Alexandrino: 12 sílabas.
Decassílabo: 10 sílabas.
Octossílabo: 08 sílabas.
Ímpares – Pentassílabo (ou redondilha menor): 5 sílabas.
Heptassílabo (ou redondilha maior): 7 sílabas.
Eneassílabo: 9 sílabas.

Ritmo: deve-se à distribuição das sílabas átonas e tônicas, de modo que estas se repitam a intervalos regulares ou a espaços sensíveis quanto à duração e acentuação. Por exemplo:
Caval**ei**ro │das **ar**mas es**cu**ras

Onde **vais**│pelas **tre**vas im**pu**ras. (Álvares de Azevedo)

Estrofe: cada conjunto de versos, com unidade de sentido e/ou de ritmo, em que se divide o poema. As estrofes podem ser regulares (quando apresentam a mesma estrutura), combinadas (de estrutura alternadas) ou livres (de estrutura arbitrária). Conforme possua dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove ou dez versos, a estrofe chama-se *dístico, terceto, quarteto, quinteto,* sextilha*, sétima, oitava, nona, décima.*

Existem algumas formas fixas, isto é, consagradas pela tradição, com o soneto.
Soneto: composição poética em quatorze versos, divididos em quatro estrofes, as duas primeiras de quatro versos e as duas últimas de dois versos.

Soneto: compõe-se de catorze versos distribuídos em dois quartetos e dois tercetos.

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim co'a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,
Como matéria simples busca a forma.

(Luis de Camões)

Vilancete

Tem as seguintes características:

a) apresenta um mote, pequena estrofe de dois a três versos; em seguida, vem uma ou mais estrofes que glosam o mote. Essas estrofes chamam-se voltas, as quais têm um número variado de versos;
b) as voltas repetem os versos do mote ou a ideia que o mote encerra.

MOTE ALHEIO

Vós, Senhora, tudo tendes,
senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós Natureza
o sumo da perfeição;
que, o que em vós é senão,
é em outra gentileza;
o verde não se despreza,
que, agora que vós o tendes,
são belos os olhos verdes.

Ouro e azul é a milhor
cor por que a gente se perde;
mas, a graça desse verde
tira a graça a toda a cor.
Fica agora sendo a flor
a cor que nos olhos tendes,
porque são vossos... e verdes!

Em certos poemas, o poeta se vale do recurso de repetir um verso ou uma estrofe a intervalos regulares: temos então um refrão ou estribilho.

Olhos verdes (fragmentos)

Eles verdes são:
E têm por usança
Na cor esperança
E nas obras não.

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;

Uns olhos cor de esperança
Uns olhos por que morri;
Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo

Depois que os vi!
Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor,
Têm luz mais branda e mais forte.

Diz uma - vida, outra - morte;
Uma - loucura, outra - amor.
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo

Depois que os vi!
Dizei vós, ó meus amigos
Se vos perguntam por mi,
Que eu vivo só da lembrança

De uns olhos da cor da esperança,
De uns olhos verdes que vi!
Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo

A medida dos versos

Em alguns poemas, percebemos versos regulares quanto à metrificação, isto é, todos os versos apresentam um mesmo número de sílabas poéticas.

SÍLABAS POETICAS= EMISSÕES SONORAS

Duas regras básicas:

1. junção sonora de algumas vogais no interior do verso;

/Só/a/dor/e/no/bre/ce e é/gran/de e é/pu/ra

2. a contagem somente até a última sílaba tônica do verso;

Sabendo quantas sílabas poéticas tem um determinado verso, podemos classificá-lo assim:

nº. de sílabas	Nome
1	Monossílabo
2	Dissílabo
3	Trissílabo
4	Tetrassílabo
5	pentassílabo (redondilha menor)
6	Hexassílabo
7	heptassílabo (redondilha maior)
8	Octossílabo

9	**Eneassílabo**
10	**Decassílabo**

OBSERVAÇÂO: Uma estrofe pode encerrar VERSOS LIVRES, isto é, não metrificados.

Rima e Sonoridade

Rima é o que resulta do fato de serem iguais os sons da sílabas finais de dois ou mais versos. Quanto à forma, podemos analisar um poema observando a distribuição de suas rimas.

Ex: Mundo mundo vasto mundo,
Se eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução.

(Carlos Drummond de Andrade)

Enquanto pasta alegre o manso gado, A
Minha bela Marília, nos sentemos B
À sombra deste cedro levantado A
Um pouco meditemos B
Na regular beleza C
Que em tudo, quanto vive, nos descobre D
A sábia natureza C
(Tomás Antônio Gonzaga)

Esta estrofe tem o seguinte esquema de rimas: **ABABCDC**

De acordo coma disposição das rimas, podemos ter rimas alternadas, paralelas e opostas.

● Rimas alternadas:

A novela inacabada, A
Que o meu sonho contemplou, B
Não era de rei ou de fada A
Mas era de quem não sou (...) B
(Fernando Pessoa)

● Rimas Paralelas

Quem amo não existe. A
Vivo indeciso e triste A
Quem quis ser já me esquece B
Quem sou não me conhece (...) B

(Fernando Pessoa)

Rimas Opostas ou Interpoladas

Se eu sumir A
Você saberá B
Logo encontrar B
O seu existir A

Os versos **sem rima** são chamados versos brancos.

Quero que todos os dias do ano
todos os dias da vida
de meia em meia hora
de cinco em cinco minutos
me digas: Eu te amo.

(Carlos Drummond de Andrade)

A parte sonora do poema pode ser trabalhada de outras maneiras. As repetições de sons e a escolha dos sons das palavras servem para os poetas se expressarem melhor.

Observe o poema de Drummond:

SOM

Nem soneto nem sonata
Vou curtir um som
Dissonante dos sonidos
Som
Ressonante de sibilidos
Som
Sonotinto de sonalhas
Nem sonoro nem sonouro
Vou curtir um som
Mui sonso, mui insolúvel
Som não sonoterápico
Bem insondável, som
De raspante, de rapante
Rouco reco ronco rato
Bem superenrolado
Como se sona hoje-em-noite
Vou curtir, vou curtir um som
Ausente de qualquer música
E rico de curtição

Paranomásia: ocorrência de palavras de som quase idêntico, mas de significados diferentes.

Ex: “Nem soneto nem sonata”

Aliteração: são repetições de consoantes iguais ou parecidas.

Ex: “rouco reco ronco rato”

Assonâncias: São ecos vocálicos.

Ex: ”nem sonoro nem sonoro”

Onomatopeia: é uma palavra cujo som imita o som natural da coisa que ela significa.

Ex: O poema de Drummond procura reproduzir uma onomatopéia da música estridente.

Ex 2:

Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
Tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos bodes finos das ovelhinhas ternas
dlin...diln... dlin...
E o sino da igreja velha:
bão... bão... bão...
(Ascenso Ferreira)

Figuras de Linguagem

O Ritmo de um texto é conseguido através dos vários recursos já estudados e outros como a pontuação. Na análise do texto poético, torna-se muito útil conhecer as **figuras de linguagem**. No plano sonoro, observamos como o trabalho poético se valia de figuras de sons, pode-se, também, analisar o plano sintático, prestando atenção à maneira pela qual a construção das orações relaciona-se com a construção dos versos.

Um poema pode estar escrito em **ordem direta**:

Ex: Atirei um limão n’água
E fiquei vendo na margem.
Os peixeinhos responderam:
Quem tem amor tem coragem. (...)
(Carlos Drummond de Andrade)

Neste poema, o final das orações coincide com o final dos versos, mas pode ser que o sentido do verso só se complete no verso seguinte. A esse processo dá-se o nome de **ENJABEMENT**, ou **CAVALGAMENTO.**

Ex: Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencavá-la?
(Carlos Drummond de Andrade)

A inversão da ordem direta chama-se **HIPÉRBATO**:

O tempo não respeita a formosura;
e da pálida Morte a mão tirana
arrasa os edifícios dos Augustos,
e arrasa a vil choupana. (...)

A repetição é um recurso poético muito usado:

"Ah! pinta, pinta
a minha bela,
e em nada a cópia
se afaste dela. (...)"
(Tomás Antônio Gonzaga)

Suprimir palavras é uma forma de conseguir efeitos poéticos. A **ELIPSE** é justamente a supressão de um termo facilmente subtendido.

"Brigar é simples:
Chama-se covarde ao contendor.
Ele olha nos olhos e:
-Repete. (...)"
(Carlos Drummond de Andrade)

Quando o termo omitido já foi expresso anteriormente chama-se **ZEUGMA**.

"Perdi o bonde e a esperança (...)"

(Carlos Drummond de Andrade)

Outros recursos sintáticos como o **POLISSÍNDETO** (repetição da conjugação) e o **ASSÍNDETO** (omissão da conjunção) também são utilizados:

"Só a dor enobrece e é grande e é pura."

(Manuel Bandeira)

"Vai, viemos, viemos."

(Guimarães Rosa)

A **ANTÍTESE** consiste no emprego de palavras ou expressões de sentidos opostos para caracterizar um mesmo elemento, que acabam por realçar o contraste de significados.

"Tudo é possível, só eu impossível."

(Carlos Drummond de Andrade)

As ideias podem também ser ressaltadas, intensificadas, com o uso da **GRADAÇÃO**:

“Eu vi uma rosa
- Uma rosa branca -
Sozinha no galho.
No galho? Sozinha.
No jardim, na rua.
Sozinha no mundo (...) ”
(Manuel Bandeira)

Uma outra forma de intensificar, só pelo exagero, é o uso da **HIPÉRBOLE**.

“(...) Eu tenho um coração maior que o mundo”

(Carlos Drummond de Andrade)

Atenuar uma informação constitui em um **EUFEMISMO**.

“Alma minha gentil que te partiste.”

(Camões)

O poeta percebe e cria relações entre as coisas que vê, imagina, sente ou pensa. Ele cria analogias. **COMPARAÇÕES** são pontos de semelhança entre coisas diferentes.

“Minha alma é como um pastor ,
Conhece o vento e o sol.”
(Alberto Caieiro/ Fernando Pessoa)

Quando a comparação fica implícita, sem o uso de um conectivo, estamos diante de uma **METÁFORA**.

“Meu coração é uma âncora que cai e se parte”

(Fernando Pessoa)

Muitas vezes a imagem relaciona-se à percepção sensorial. Quando diferentes órgãos dos sentidos são evocados, temos um efeito de **SINESTESIA**.

“Vem da sala de linotipos a doce música mecânica.”

(Carlos Drummond de Andrade)

Pode-se também atribuir sensações a seres inanimados, constituindo uma **PROSOPOPÉIA ou PERSONIFICAÇÃO**:

“O mato, já zarolho, enrolado nas folhas.”

Finalmente, pode-se transformar o próprio poema que se lê numa imagem visual.

A ONDA

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda a onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

(Manuel Bandeira)

A substituição de um termo por outro, com o qual mantém uma estreita relação de significado, é denominada **METONÍMIA**:

“O bonde passa cheio de pernas"

(Carlos Drummond de Andrade)

Exercícios:

1)Leia os versos e classifique as figuras de linguagem predominantes:

►Nossas flores têm mais vida nossa vida mais amores. (GONÇALVES DIAS. *Poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.).

►Mas a poesia deste mundo inunda a minha vida inteira. (DRUMMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.).

►O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas. (PESSOA, Fernando. *Os melhores poemas*. São Paulo: Global, 1994.).

►O tempo acaba o ano, o mês, e a hora, a força, a arte, a manha, a fortaleza; (CAMÕES, Luís de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1989.).

►Roga a Deus, que teus anos encurtou, que tão cedo de cá me leve a ver-te. (CAMÕES, Luís de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1989.).

►Eu vim de infinitos caminhos, e os meus sonhos choveram lúcido pranto pelo cão. (MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972).

►Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é o meu coração. (DRUMMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.).

►E as noites belas de luar; e a febre
Da vida juvenil,
E este amor que sonhei, que só me alenta. (ALVARÉS DE AZEVEDO. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.).

►Uma parte de mim é multidão. (FERREIRA GULLAR. *Poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.).

►Recendia pela sala um perfume macio e doce.

►Escrevo porque amanhece,
e as estrelas lá no céu
lembram letras no papel,
quando o poema me anoitece. LEMINSKI, Paulo. Os melhores poemas. São Paulo: Global, 1997.).
►Apropriou-se indevidamente de alguns objetos.

►O mundo em mil pedaços se converte. (GONÇALVES DIAS. *Poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.).

►É noite! As sombras correm nebulosas. (CASTRO ALVES. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1988.).

►Velhos telhados limosos cobrem palavras, armários, enfermidades, heroísmo. (MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar,1972.).

►Começa o mundo enfim pela ignorância, (MATOS, Gregório de. *Poesias selecionadas*. São Paulo: FTD, 1998.).

►Precisamos descobrir o Brasil. (DRUMMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.).

►Eu tenho medo é de dia; de noite, não, (PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siliciano, 1991.).

►E reflexos de luz, e som, e vozes, e deleite, e prazer; e fora a chuva, (GONÇALVES DIAS. *Poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.).

►Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros, (GONÇALVES DIAS. *Poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.).

►Meus ouvidos estão como as conchas sonoras. (MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972.).

2) Leia estes versos:

PROFUNDAMENTE

Hoje eu não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia

Rosa
Onde estão todos eles?

-Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

a) Explique o título do texto, relacionando-o ao contexto.
b) Nos versos *Estão dormindo/Estão todos deitados/ Dormindo/ profundamente*, qual é a figura de linguagem empregada pelo autor?

Exercícios de Vestibulares:

01.(VUNESP) No trecho: "...dão um jeito de mudar o mínimo para continuar mandando o máximo", a figura de linguagem presente é chamada:
a) metáfora
b) hipérbole
c) hipérbato
d) anáfora
e) antítese

02.(PUC - SP) Nos trechos: "O pavão é um arco-íris de plumas" e "...de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..." enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e metáfora;
e) anáfora e metáfora.

03.(PUC - SP) Nos trechos: "...nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major" e "...o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja" encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:
a) prosopopéia e hipérbole;
b) hipérbole e metonímia;
c) perífrase e hipérbole;
d) metonímia e eufemismo;
e) metonímia e prosopopéia.

04.(VUNESP) Na frase: "O pessoal estão exagerando, me disse ontem um camelô", encontramos a figura de linguagem chamada:
a) silepse de pessoa
b) elipse
c) anacoluto

d) hipérbole
e) silepse de número

05.(ITA) Em qual das opções há erro de identificação das figuras?
a) "Um dia hei de ir embora / Adormecer no derradeiro sono." (eufemismo)
b) "A neblina, roçando o chão, cicia, em prece. (prosopopeia)
c) Já não são tão frequentes os passeios noturnos na violenta Rio de Janeiro. (silepse de número)
d) "E fria, fluente, frouxa claridade / Flutua..." (aliteração)
e) "Oh sonora audição colorida do aroma." (sinestesia)

06.(UM - SP) Indique a alternativa em que haja uma concordância realizada por silepse:
a) Os irmãos de Teresa, os pais de Júlio e nós, habitantes desta pacata região, precisaremos de muita força para sobreviver.
b) Poderão existir inúmeros problemas conosco devido às opiniões dadas neste relatório.
c) Os adultos somos bem mais prudentes que os jovens no combate às dificuldades.
d) Dar-lhe-emos novas oportunidades de trabalho para que você obtenha resultados mais satisfatórios.
e) Haveremos de conseguir os medicamentos necessários para a cura desse vírus insubordinável a qualquer tratamento.

08. (FEBA - SP) Assinale a alternativa em que ocorre aliteração:
a) "Água de fonte ..... água de oceano ..... água de pranto. (Manuel Bandeira)
b) "A gente almoça e se coça e se roça e só se vicia." (Chico Buarque)
c) "Ouço o tique-taque do relógio: apresso-me então." (Clarice Lispector)
d) "Minha vida é uma colcha de retalhos, todos da mesma cor." (Mário Quintana)
e) N.d.a.

09. (CESGRANRIO) Na frase "O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se" ocorre processo de gradação. Não há gradação em:
a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou de um livro, ouviu um disco e saiu.

10. (FATEC) "Seus óculos eram imperiosos." Assinale a alternativa em que aparece a mesma figura de linguagem que há na frase acima:
a) "As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes."
b) "Nasci na sala do 3° ano."
c) "O bonde passa cheio de pernas."
d) "O meu amor, paralisado, pula."
e) "Não serei o poeta de um mundo caduco."

As origens das Literaturas Portuguesa e Brasileira

As primeiras manifestações da literatura brasileira ocorreram durante o período colonial, de 1500 a 1822. Evidentemente, essa produção foi fortemente marcada pelas influências da cultura e da literatura portuguesa, uma vez que nossos escritores ou eram portugueses de nascimento ou brasileiros com formação universitária em Portugal.

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens.
São Paulo: Ática. 1999.

A Época Medieval

Embora bastante distanciada no tempo, é fundamental conhecermos a produção literária portuguesa na Idade Média, porque é ela que dará origem a uma tradição literária em língua portuguesa, servindo como fonte de referência para escritores que surgiram posteriormente tanto em Portugal como no Brasil.

Os textos literários mais antigos de Portugal datam do século XII, período que coincide com a expulsão dos árabes da península Ibérica e com a formação do Estado português.

As primeiras produções literárias portuguesas foram escritas em galego-português, o que pode ser expicado por causa da integração linguística e cultural existente entre Portugal e Galiza. Essas primeiras produções literárias constituem a primeira época medieval denominada Trovadorismo.

O Trovadorismo

Embora Portugal, durante a primeira época medieval, tivesse conhecido manifestações literárias na prosa e no teatro, foi a poesia que, nesse período, alcançou grande popularidade tanto entre a elite da nobreza das cortes quanto entre a massa comum do povo.

Uma das razões que levaram a essa popularidade foi o fato de que, então, poucas pessoas sabiam ler ou escrever, o que privilegiava a difusão da poesia, que era memorizada e transmitida oralmente. Os poemas eram cantados e acompanhados de música e dança, sendo assim denominados *cantigas*.

Os autores das cantigas eram chamados *trovadores* (pessoa que fazia trovas, rimas), daí a origem do nome *Trovadorismo*. Geralmente, eram poetas pertencentes à nobreza ou ao clero, e eram responsáveis pela composição tanto da letra quanto da música, assim como pela execução dessas composições para o seleto público das cortes. Entre as camadas populares, eram os *jograis* que cantavam e executavam as canções criadas pelos trovadores.

Cantigas de amigo

Têm raízes nas tradições da própria península Ibérica (região onde situa-se Espanha e Portugal), em suas festas rurais e populares, em sua música e dança, nas quais se pode encontrar vestígios da cultura árabe. Usualmente, apresentam ambientação rural, com linguagem simples, repetições, estrutura paralelística e forte musicalidade. Assumindo o eu lírico feminino, o tema mais frequente é o lamento amoroso da moça que vê o namorado partir para a guerra contra os árabes.

Exemplo 1:

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
E ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amado,
por que hei gran cuidado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Martin Codax

Exemplo 2:

-Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Ai, flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que pos comigo!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado
aquel que mentiu do que mi ha jurado!
Ai Deus, e u é?

-Vós me preguntades polo voss'amigo,
e eu ben vos digo que é san'e vivo.
Ai Deus, e u é?

Vós me preguntades polo voss'amado,
e eu ben vos digo que é viv'e sano.
Ai Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é san'e vivo
e seerá vosc'ant'o prazo saído.
Ai Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é viv'e sano
e seerá vosc'ant'o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

Cantigas de amor

Têm raízes na poesia provençal (de Provença, região do sul da França), nos ambientes finos e aristocráticos das cortes francesas e, deste modo, mantêm certas convenções de sentimentos e linguagem, sendo esta última apresentando uma forma mais refinada quanto ao vocabulário e às construções. O ambiente, quando presente, costuma ser o da corte. O eu lírico normalmente é um homem (um cavaleiro), que declara seu amor a uma mulher inatingível, em conformidade com as regras do amor cortês.

<u>Exemplo 1:</u>

- Perguntar-vos quero por Deus
  Senhor fremosa, que vos fez
  mesurada e de bon prez,
  que pecados foron os meus

que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben.

Pero sempre vos soub'amar
des aquel dia que vos vi,
mays que os meus olhos en mi,
e assy o quis Deus guisar,
que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben.

Des que vos vi, sempr'o maior
ben que vos podia querer
vos quigi, a todo meu poder,
e pero quis Nostro Senhor
que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben.

Mays, senhor, ainda con ben
se cobraria ben por ben.
(Don Dinis, rei de Portugal que viveu entre 1261 – 1325)

Exemplo 2:

Vós mi defendestes, senhor,
que nunca vos dissesse rem
de quanto mal mi por vós vem;
mais fazede-me sabedor,
por Deus, senhor, a quem direi
quam muito mal levei
por vós, se nom a vós, senhor?

Ou a quem direi o meu mal,
se o eu a vós nom disser,
pois calar-me nom m'é mester
e dizer-vo-lo nom m'er val?
E pois tanto mal sofr'assi
se convosco nom falar i
por quem saberedes meu mal?

Ou a quem direi o pesar
que mi vós fazedes sofrer
se o a vós nom for dizer,
que podedes conselh'i dar?
E por em, se Deus vos perdom,
coita deste meu coraçom,
a quem direi o meu pesar?

Ou a quem direi o meu amor
se eu não o disser a você?
Calar-me não é o que quero
Mas dizê-lo também não adianta.
Sofro tanto de amor por você...

Se eu não lhe falar sobre isso
como saberá o que sinto?

Ou quem direi o sofrimento
que me faz sofrer
se eu não for dizê-lo a você?
Diga-me: o que eu faço:
E, assim, se Deus a perdoa,
coita do meu coração,
a quem direi o meu amor? D. Dinis

Cantigas de escárnio e Cantigas de maldizer

Compõem a primeira experiência literária portuguesa na sátira. Têm importante valor histórico como sendo registro da sociedade medieval portuguesa em seus aspectos culturais, morais e linguísticos.

As cantigas de escárnio e maldizer não são tão presas a modelos e convenções como as cantigas de amigo e de amor, essas ao contrário buscaram um caminho poético próprio que mesclase variados recursos expressivos. Voltavam-se para a crítica de costumes, tinham como alvo os diferentes representantes da sociedade medieval portuguesa: clérigos imorais, cavaleiros e nobres medrosos, prostitutas, os próprios trovadores e jograis, as soldadeiras, etc.

Exemplo de Cantiga de Escárnio:

Ua dona, non digu'eu qual,
non agoirou ogano mal
polas oitavas de Natal:
ia por sa missa oir
e ouv'un corvo carnaçal,
e non quis da casa sair.

A dona, mui de coraçon,
oíra as missa enton
e foi por oir o sarmon,
e vedes que lho foi partir
ouve sig'um corvo acaron
e non quis da casa sair.

A dona disse: - Que será?
E i o clérigu'está já
revestid'e maldizer-m'á
se me na igreja non vir.
E diss'o corvo: - Quá, acá,
e non quis da casa sair.

Nunca taes agoiros vi,
des aquel dia que nasci,
com'aquest'ano ouv'aqui;
e ela quis provar de s'ir
e ouv'um corvo sobre si,
e non quis da casa sair.

Uma dona, não vou dizer qual,
teve um forte agouro,
pelas oitavas de Natal:
saía de casa pra ir à missa
mas ouviu um corvo carniceiro,
e não quis mais sair de casa.

A dona, de um coração muito bom,
ia à missa
para ouvir seu sermão,
mas veja o que a impediu:
puviu um corvo sobre si
e não quis mais asir de casa.

A dona disse:-E agora?
O padre já está pronto
e irá maldizer-me
se não me vir na igreja.
E disse o corvo:- Quá a cá
e ela não quis mais sair de casa.

Nunca vi tais agouros,
desde o dia em que nasci,
como o que ocorreu neste ano por aqui:
ela quis tentar partir,
mas ouviu um corvo sobre si
e não quis mais sair de casa.

Joan Airas de Santiago. In: Rodrigues Lapa.
Cantigas d'escarnio e de mal dizer. Ciombra: Editorial Galaxia.

Exemplo de Cantiga de Maldizer:

Maria Peres se mãefestou (confessou)
noutro dia, ca por pecador (pois pecadora)
se sentiu, e log' a Nostro Senhor
prometeu, pelo mal em que andou,
que tevess' um clérig' a seu poder, (um clérigo em seu poder)
polos pecados que lhi faz fazer
o demo, com que x'ela sempr'andou. (O demônio, com quem sempre andou)

Mãefestou-se, ca (porque) diz que s'achou
pecador mui't,(muito pecadora) porém, rogador
foi log' a Deus, ca teve por melhor
de guardar a El ca o que a guardou
E mentre (enquanto) viva diz que quer teer
um clérigo, com que se defender

possa do demo, que sempre guardou

E pois (depois) que bem seus pecados catou
de sa mor' ouv (teve) ela gram pavor
e d'esmolar ouv' ela gram sabor (teve grande prazer em esmolar)
E logo entom um clérico filhou (agarrou)
e deu-lhe a cama em que sol jazer (sozinha dormia)
E diz que o terrá mentre (terá enquanto) viver
e esta fará; todo por Deus filhou. (E isso fará, pois tudo aceitou por Deus).

E pois que s'este preito (pacto) começou,
antr'eles ambos ouve grand'amor.
Antr'el (entre) á sempr'o demo maior
atá que se Balteira confessou.
Mais pois que viu o clérigo caer,
antre'eles ambos ouv'i (teve nisso) a perder
o demo, dês que (desde que) s'ela confessou.

(Fernando Velho)

Diferenças entre as cantigas de Escárnio e as cantigas de Maldizer

Os dois tipos de cantigas foram importantes na Idade Média. As diferenças entre elas são pequenas e estão principalmente na linguagem e no tratamento.

Cantiga de escárnio	X	Cantiga de maldizer
→Crítica indireta; normalmente a pessoa satirizada não é identificada		→Crítica direta; geralmente a pessoa satirizada é identificada.
→Linguagem trabalhada, cheia de sutilezas, trocadilhos e ambiguidades		→Linguagem agressiva, direta, por vezes obscena
→Ironia		→Zombaria

A Segunda Época Medieval

Durante a segunda época medieval (século XV e início do século XVI) ocorreu a transição do mundo medieval para o mundo moderno, que tem início com o Renascimento (século XVI).

A literatura deste período apresenta a consolidação da prosa historiográfica e do teatro. A poesia, abandona o acompanhamento musical e desenvolve-se no aspecto formal.

Poesia palaciana: Apresenta maior elaboração do que as cantigas. Utiliza rendondilhas (a menor e a maior), ambiguidades, aliterações e figuras de linguagem. Com relação ao plano amoroso pode mostrar tanto sensualidade e intimidade em relação à mulher amada, como pode também apresentar uma visão idealizada e platônica da mulher.
Exemplo:

SENHORA, PARTEM TAM TRISTES

Senhora,partem tam tristes

meus olhos por vós,meu bem,

que nunca tam tristes vistes

outros nenhuns por ninguém.

Tam tristes,tam saudosos,
tam doentes da partida,
tam cansados,tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.

Partem tam tristes os tristes,
tam fora d'esperar bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.
João Roiz de Castel-Branco (Séc. XV)

.....

Meu amor tanto vos quero,
que deseja o coração
mil cousas contra a razão.

Porque, se vos não quisesse,
como poderia ter
desejo que me viesse
do que nunca pode ser?
Mas conquanto desespero,
e em mim tanta afeição,
que deseja o coração.
Aires Teles

.....

Meu amor, tanto vos amo,
que meu desejo não ousa
desejar nenhuma cousa.

Porque, se a desejasse,
logo a esperaria;
e, se eu a esperasse,
sei que vos anojaria.
Mil vezes a morte chamo,
e meu desejo não ousa
desejar-me outra cousa.

Conde de Vimioso

Prosa historiográfica: na prosa historiográfica encontramos as crônicas que realtam os acontecimentos históricos de Portugal. O principal cronista português da época foi Fernão Lopes.

Teatro: na primeira época medieval o teatro esteve subordinado à Igreja e era realizado em datas religiosas. Gil Vicente foi o primeiro a produzir em Portugal peças teatrais leigas, ou seja, peças não religiosas que eram praticadas fora da Igreja.

A crítica de Gil Vicente

Nascido em 1465, Gil Vicente é considerado o criador do teatro português. Antes de sua estreia, em 1502, com a peça *Monólogo do Vaqueiro* (também conhecida como *Auto da Visitação*), já ocorriam manifestações teatrais em Portugal. Mas eram apenas encenações de textos que não haviam sido produzidos especialmente para o palco. Vicente foi também poeta lírico e está representado no Cancioneiro Geral, de Garcia de Resende, mas é conhecido principalmente pelas 44 peças teatrais de diversos temas.

Os conflitos morais e religiosos característicos do Humanismo estão plenamente registrados no teatro de Gil Vicente. Livres das imposições da Igreja, seus personagens frequentemente se dividiam entre viver de acordo com os mandamentos cristãos, garantindo a salvação, e render-se aos bens materiais, correndo o risco de ir para o inferno.

O personagens não representam indivíduos definidos, e sim tipos sociais. Ou seja, não têm características psicológicas particulares. Servem como espécies de modelo, para exemplificar qual era, segundo o autor, o comportamento de determinados setores da sociedade da época. Por isso, são chamados de personagensalegóricos. As alegorias representam situações ou um setor social. Em uma das peças mais conhecidas de Gil Vicente, Auto da Barca do Inferno, por exemplo, um fidalgo comum pajem e uma cadeira são uma alegoria para toda a nobreza ociosa de Portugal. Em Auto da Lusitânia, os personagens Todo o Mundo e Ninguém são alegiorias que se explicam pelo nome.

A obra vicentina divide-se em autos, que, em tom sério, tratam assuntos ligados à fé, e farsas, que criticam, em tom de sátira, os costumes da sociedade da época.

Nos autos, os conflitos religiosos são vividos por personagens bíblicos, e os enredos são moralizantes. Contando a história de pessoas que são tentadas pelos demônios a seguir o caminho do mal, Gil Vicente busca reafirmar os valores cristãos fragilizados. Em Auto da Barca do Inferno, vários tipos sociais são submetidos a um interrogatório, após o qual são levados pelo Diabo em sua barca para o inferno ou pelo Anjo em sua barca para o Paraíso. Um a um, os personagens conversam com o Diabo e com o Anjo, o que resulta em uma estrutura bastante esquemática da peça, outra característica do teatro vicentino. São absolvidos apenas o parvo, por pecar sem consciência, e quatro cavaleiros, que morreram combatendo infiéis.

Nas farsas, o autor ridiculariza personagens que não agem conforme os princípios das instituições às quais pertencem, como o padre que sucumbe à ganância ou o escudeiro que foge da batalha.

Entre suas obras também se destacam o Auto da Fé, O Velho da Horta, A Farsa de Inês Pereira e os demais autos que, com Auto da Barca do Inferno,completam a “Trilogia das barcas”: Auto da Barca do Purgatório e Auto da Barca da Glória.

Embora escritas há quase cinco séculos, as peças de Gil Vicente retratam dilemas morais e conflitos sociais que ainda estão presentes no mundo contemporâneo. Também a forma como esses conflitos são tratados encontra eco nos séculos seguintes.

Um exemplo é Auto da Compadecida, escrito em 1955 pelo paraibano Ariano Suassuana. A peça de Suassuna, ambientada no sertão nordestino, estabelece um paralelo com Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente, ao retratar personagens que ao morrer, são julgados por seus pecados. Em ambos os autos, os tipos humanos mais humildes e submissos à moral religiosa, que pecam sem maldade, conseguem a salvação.

(In: *Curso Preparatório Enem*. Editora: Abril, 2010, pág. 15.)

Fragmento-Auto da Barca do Inferno

FRA. Tai-rai-rai-ra-rão, ta-ri-ri-rão, (…)
DIA. Que é isso, padre ? Que vai lá?

FRA. Deo gratias! Som cortesão.
DIA. Sabes também o tordião?
FRA. Porque não? Como ora sei!
DIA. Pois, entrai! Eu tangerei
e faremos um serão.
FRA. Juro a Deus que não t' entendo!
E este hábito no me val?
DIA. Gentil padre mundanal,
a Berzabu vos encomendo!
FRA. Ah, Corpo de Deos consagrado!
Pela fé de Jesu Cristo,
que eu nom posso entender isto!
Eu hei-de ser condenado?
Um padre tão namorado
e tão dado à virtude? (…)
Como? Por ser namorado
e folgar com ua mulher
se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?
(...)
(Auto da barca do inferno – Gil Vicente)

O Renascimento

O nome Renascimento não identifica apenas a literatura medieval. Vamos encontrar esse termo denominado uma coisa mais ampla: o enorme conjunto de transformações por que passa a cultura a partir do século XV. A humanidade assiste, nesse período, a um efervescente desenvolvimento no campo das letras, artes e ciências.

Do Teocentrismo ao Antropocentrismo.

Podemos observar que não se pode falar em morte cultural durante a Idade Média, o que torna o nome Renascimento inadequado. Na verdade, aquela atmosfera meio apagada apenas camuflava a preparação de acontecimentos que iriam balançar o mundo. Os avanços conquistados devem ser vistos como resultados de trabalhos iniciados anteriormente.

A partir dos progressos realizados no campo dos conhecimentos, o homem vai adquirindo uma nova visão das coisas e modificando a sua realidade concreta. Entre tais avanços, podemos destacar o aperfeiçoamento da astronomia, da matemática e da medicina e o desenvolvimento da navegação.

Essas conquistas conduzem às chamadas grandes descobertas (à América, o caminho marítimo para as Índias, o Brasil etc.) que vão modificar profundamente a imagem que o homem europeu possuía da Terra. Não podemos esquecer que mais terra implicava mais riqueza e, portanto, maior poder aos países responsáveis pela sua posse. A busca de novas fontes de riqueza nesse estágio da economia mundial levava os países a se lançarem na tentativa de anexar outros territórios aos seus.

O sucesso nessa área estimulava novos investimentos e alimentava a confiança do homem europeu em si mesmo. Disfarçando seu desejo de poder através de desculpas com a necessidade de civilizar os homens de outras culturas diferentes da sua, o conquistador europeu não escolhia recursos para concretizar seus objetivos: aprisionava, espoliava, matava, da forma que fosse necessária para apossar-se da riqueza do outro.

Como a História foi sempre contada pelo conquistador, essa época ficou conhecida como a das notáveis descobertas. Hoje, quando os antigos derrotados começam a conquistar o direito de manifestar o seu ponto de vista, vamos encontrá-la também como um período de terríveis invasões e muitas atrocidades.

De qualquer forma, porém, não se pode ignorar que esses fatos alteraram bastante a cara do mundo e mexeram no desenvolvimento da história. Até então, acreditava-se que a Terra era plana e que era inviável a navegação pelo oceano Atlântico, dono de águas tenebrosas, certamente habitada por temíveis animais.

Quando os avanços científicos tornam isso possível, o homem europeu amplia seus limites e sempre se sente menos dependente dos poderes e favores divinos.

Essas transformações, que evidentemente possuem uma estreita relação econômica da sociedade, vão interferindo na forma de pensar do homem. Dessa maneira, a sociedade vai se desligando do forte domínio da Igreja e a arte vai também se voltando para a realidade terrena.

Em muitos textos sobre o período, encontraremos a expressão antropocentrismo para designar a visão de mundo que ai predominava. Essa palavra significa apenas que o pensamento da época via o homem como centro do mundo, em oposição ao teocentrismo da Idade Média, que enxergava Deus como medida de todas as coisas.

Mesmo sem perder a fé nos poderes divinos, o homem assume uma outra posição, buscando um lugar mais destacado. Ele procura tornar-se um ser capaz de realizar grandes feitos, isto é, uma espécie de Deus na Terra.

A religião no Renascimento

Esse novo homem que vai habitar esse novo mundo substitui o medo religioso que lhe bloqueava os passos pela crença na racionalidade como elemento capaz de transformar a vida. Essa valorização da capacidade de conhecer as coisas pelo uso da razão revela o interesse pelo universo humano e vai gerar uma concepção de vida que ficou conhecida pelo nome de humanismo.

Para expressar a profunda confiança no homem, o artista vai buscar como modelo a antiguidade clássica greco-latina. A escolha de tal repertório se explica pelo destaque que aquela sociedade atribuía ao homem e a vida terrena. Dos gregos e latinos vem a herança da noção de equilíbrio, vem a certeza de que só através da inteligência e da razão seria possível atingir a beleza, o bem e a verdade.

A valorização desses aspectos será na obra renascentista intensamente alimentada pela forte influência do desenvolvimento cientifico que a humanidade está vivendo. A observação minuciosa e o hábito de analisar com precisão os fatos e a natureza passam a ser encarados como uma espécie de etapa do trabalho artístico nas artes plásticas.

Na literatura vamos encontrar como principal característica do renascimento a busca de idéias como ordem, regularidade e precisão formal, marca típica da produção greco-latina. Também deve ser destacada a opção por assuntos considerados nobres, como grandes atos heróicos, tal como faz Luís Vaz de Camões em “Os Lusíadas”, onde canta a viagem de Vasco da Gama às Índias.

Nos textos literários renascentistas observaremos também que a conservação de vínculos com a religiosidade cristã não impede a utilização dos deuses gregos como símbolos em variadas situações.

A diminuição do poder da Igreja

A cada passo confirma-se a ideia de que a arte não é um fenômeno isolado dos movimentos econômico-socias. Embora o artista mantenha um nível de autonomia que outros trabalhadores não possuem, a produção de seu trabalho está ligada a um momento histórico, o que significa que ele jamais

está completamente separado de seu tempo e dos homens que o cercam. Por isso, um dos caminhos para estudar a obra é tentar compreender a relação que ela mantém com o universo social em que surge.

Sob tal aspecto, podemos e devemos aprofundar do que se passava nessa sociedade renascentista. Como nada vive solto no ar, esse desligamento da arte em relação à Igreja é uma consequência da perda de poder dessa instituição. E se a Igreja tem seu poder reduzido, alguém ou algo vai ter o seu ampliado. Assim, o lugar de dono da voz é assumido pela burguesia, classe social que se fortaleceu economicamente com o desenvolvimento do comércio e sente necessidade de se afirmar como uma classe também politicamente forte e de derrubar os privilégios ainda limitados à nobreza.

E onde está o povo?

É importante destacar que justamente nessa época, em que as conquistas ampliam objetivamente os horizontes, que a produção da obra de arte torna-se muito mais distante do povo do que na Idade Média. Onde é possível se perceber que os poetas eruditos imitavam a poesia popular. No Renascimento, a arte ficou restrita a uma elite, apesar da possibilidade de divulgação dos textos que se criou com a invenção da imprensa. Tal fato vem mostrar que o desenvolvimento técnico não gera necessariamente bem-estar para a grande maioria.

Vida e obra de Luís Vaz de Camões

Viajante, letrado, humanista, trovador à maneira tradicional, fidalgo esfomeado, uma mão na pena e noutra a espada, salvando a nado num naufrágio a grande obra de sua vida, Camões assumiu e meditou a experiência de toda uma civilização cujas contradições vivem na sua carne e procurou superar pela criação artística (...). Camões atingiu uma maestria do verso que deixa muito para trás os seus antecessores em redondilha ou em decassílabo.

Antonio José Saraiva e Oscar Lopes. História da Literatura Portuguesa.

Pouco se sabe, ao certo, sobre a vida de Camões. Deve ter nascido entre 1524 ou 1525, ignora-se em que cidade. Sua família tinha alguma ascendência aristocrástica, embora empobrecida. Provavelmente teve acesso aos livros e ao estudo através de um suposto tio, prior de um mosteiro. Alistou-se como soldado raso e perdeu o olho direito em combate, em Ceuta, em fins de 1549.

De volta a Portugal, viveu desregradamente. Uma briga de rua com um funcionário do palácio levou-o à prisão, onde passou nove meses durante o ano de 1552. Saiu da cadeia a fim de servir o exercito português ultramarino na Índia, de onde só voltou dezessete anos depois. O "exílio" de Camões deu-se na Índia, na China (em Macau, onde, teria escrito grande parte de "Os Lusíadas" e de sua lírica) e na África.

Ao sair da China, em 1556, sofreu um naufrágio, do qual, segundo a lenda, teria conseguido salvar os manuscritos de "Os Lusíadas". No entanto, Dinamene, moça chinesa com quem vivia, morreu afogada, transformando-se num dos temas mais dramáticos da lírica de Camões. Um amigo, que encontrou o poeta em Moçambique, contou que ele "vivia tão pobre que comia de amigos".

Depois de muitos anos, conseguiu publicar sua epopeia "Os Lusíadas" em Portugal (1527). Passou a receber uma pequena pensão do rei, que, entretanto, não era paga regularmente. Assim, continuou vivendo na miséria. O livro de poemas líricos, em que tinha trabalhando por duas décadas, desapareceu provavelmente teria sido roubado. Em 10 de junho de 1580, terminou sua existência "pelo mundo em pedaços repartida".

Do pouco que se conhece sobre a biografia de Camões, restam algumas certezas: ele experimentou intensa e profundamente o conhecimento dos livros e o conhecimento da vida.

A poesia lírica

Na lírica, Camões escreveu poemas em medida velha (redondilhas), na tradição da poesia palaciana, poemas em medida nova (decassílabos), sofreu influência direta dos humanistas italianos, principalmente de Petrarca. Seus principais tipos de composição poética são: *o soneto, as éclogas, as odes, as oitavas e as elegias.* Os temas mais importantes são o *neoplatonismo amoroso, a reflexão filosófica* (sobre os desconcertos do mundo) e a natureza (confidente amorosa do amante que sofre).

Na lírica amorosa, o eu lírico não quer a realização física do amor porque entende que o sexo estraga o verdadeiro Amor, ou seja, o amor é analisado como uma ideia universal, como uma abstração pura e perfeita, que esta acima de todas as experiências individuais:

EXEMPLO:

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,

Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim co'a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
[E] o vivo e puro amor de que sou feito,
Como matéria simples busca a forma.

(Luis de Camões)

De acordo com as duas primeiras estrofes, o eu lírico manifesta uma concepção segundo a qual a realização amorosa se dá por meio da imaginação. Não é preciso ter a pessoa amada fisicamente, basta tê-la em pensamento. E, tendo-a dentro de si, na imaginação, o eu lírico se transforma na pessoa amada, confunde-se com ela e. dessa forma, já a tem.

Contudo, nas duas primeiras estrofes o eu lírico abandona o neoplatonismo e, com uma comparação, manifesta seu desejo físico pela mulher amada: do mesmo modo que toda matéria busca uma forma, o seu amor puro, amor-ideia, busca o objeto desse amor, ou seja, a mulher real.

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

Na lírica filosófica, Camões apresenta-se como um homem descontente com os rumos de seu tempo, insatisfeito com os novos valores instaurados no presente momento histórico, de transição para o mundo burguês.

EXEMPLO:

Ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos;
E pera mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que, só pera mim,
Anda o Mundo concertado.
(O Desconcerto do Mundo -Luís de Camões)

Exemplos de Sonetos de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

.....

O dia em que eu nasci, morra e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo e, se tornar,
Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se lhe escureça,
Mostre o mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas, de ignorantes,
As lágrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu!

.....

Eu cantarei de amor tão docemente

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns têrmos em si tão concertados,
Que dois mil acidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprêzo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-ei dizendo a menor parte.

Porém, para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

.....

Quem diz que Amor é falso ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel ou rigoroso.

Amor é brando, é doce, e é piedoso.
Quem o contrário diz não seja crido;

Seja por cego e apaixonado tido,
E aos homens, e inda aos Deuses, odioso.

Se males faz Amor em mim se vêem;
Em mim mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.

Mas todas suas iras são de Amor;
Todos os seus males são um bem,
Que eu por todo outro bem não trocaria.

.....

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, justamente choro e rio,
O mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto;
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando;
Numa hora acho mil anos, e é jeito
Que em mil anos não posso achar uma hora.

Se me pergunta alguém por que assim ando,
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

.....

Erros meus, má fortuna, amor ardente

Erros meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que pera mim bastava amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas que passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa [a] que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Génio de vinganças!

.....

Enquanto quis Fortuna que tivesse
esperança de algum contentamento,

o gosto de um suave pensamento
me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse
minha escritura a algum juízo isento,
escureceu-me o engenho co tormento,
para que seus enganos não dissesse.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
a diversas vontades! Quando lerdes
num breve livro casos tão diversos,

verdades puras são, e não defeitos.
E sabei que, segundo o amor tiverdes,
tereis o entendimento de meus versos.

A POESIA ÉPICA: Os lusíadas

A obra *Os lusíadas* foi publicada em 1572 e conta os feitos heróicos dos portugueses que, em 1498, se aventuraram no mar, em uma época cercada de mitos de monstros marinhos e abismos. Liderados por Vasco da Gama, os portugueses (lusos) avançaram além dos limites marinhos até então desvendados – o cabo das Tormentas, no sul da África – e chegaram à Calicute, na Índia. A façanha uniu Oriente e Ocidente pelo mar, sendo visado pelas nações européias, despertando interesses políticos e econômicos.

As aventuras narradas são pretextos para contar a própria história de Portugal, ao mesmo tempo em que se volta para fatos históricos relativamente recentes, respondendo dessa forma aos anseios nacionalistas da época. A obra também, por outro lado, revela os anseios do próprio Camões, em relação ao sentido da busca desenfreada dos portugueses por riqueza e poder, e no que diz respeito aos rumos da nação portuguesa. Como epopéia, "Os lusíadas" segue a estrutura própria do gênero, porém, contém diferenças significativas. Por exemplo: *em vez da figura de um herói com poderes sobre-humanos, como ocorre nas epopéias clássicas, a figura de Vasco da Gama é diluída para dar espaço aos portugueses em geral, vistos como herói coletivo.*

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

Outra diferença fundamental é que, na tradução épica, ocorre a interferência de deuses da mitologia nas ações humanas, denominado "maravilhoso pagão". Porém, em *Os lusíadas* há a presença de deuses da mitologia clássica, só que, o paganismo convive com ideias do cristianismo, visto que, essa era a opção religiosa do autor e de muitos portugueses de uma forma geral.

A estrutura

"Os lusíadas" apresenta 1102 estrofes, todas em oitava rima, que estão organizadas em dez Cantos, cada Canto correspondendo a um capítulo. Seguindo o modelo clássico, a obra apresenta três partes principais:

1) **Introdução:** Composta por 18 estrofes do Canto I e subdivide-se em:

➤ Proposição (estrofes 1, 2 e 3), nas quais o poeta apresenta o que vai cantar, ou seja, os fatos heróicos dos ilustres barões de Portugal:

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
*Passaram além da Taprobana**
*Taprobana: ilha do Ceilão, limite oriental do mundo conhecido
(Os Lusíadas – Luis de Camões)

➤ Invocação (estrofes 4 e 5), nas quais o poeta invoca as Tágides, ninfas do rio Tégio, pedindo a elas inspiração para compor o poema:

E vós, Tágides minas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
.....
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,
(Os Lusíadas – Luis de Camões)

➤ Dedicatória ou Oferecimento (estrofes 6 a 18), nas quais o poeta dedica seu poema a Dom Sebastião, Rei de Portugal:

Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor supremo
E julgareis qual é mais excelente,
Se der do mundo rei, se de tal gente.
(Os Lusíadas – Luis de Camões)

2) **Narração:** da estrofe 19 do Canto I até a estrofe 144 do Canto X. O poeta narra a viagem dos portugueses ao Oriente, sendo essa a parte mais longa da narrativa, composta por vários episódios. Dentre os quais se destacam:

➤ No Canto II, após enfrentarem grandes problemas no mar, os portugueses, com a ajuda de Vênus, desembarcam na África, onde são recepcionados pelo rei de Melinde, que pede a Vasco da Gama que conte a história de Portugal. Esse na verdade, é o pretexto encontrado por Camões para colocar na fala de seu personagem as histórias sobre a fundação do Estado português, a Revolução de Avis, a morte de Inês de Castro e o momento da partida dos portugueses para o Oriente.

Essa narrativa de Vasco de Gama se estende até o Canto IV, instante quando os portugueses seguem viagem. Neste Canto, três episódios são de grande importância: o de Inês de Castro, amante do príncipe D. Pedro, assassinada a mando do rei (Canto II), as críticas de um velho que na praia de Restelo, faz uma série denuncias à cobiça desenfreada dos portugueses e ao abandono que fica submetida à nação. Também merece destaque o episódio do gigante Adamastor.

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo o doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo o sangue só da morte ladina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse a levantada
Contra uma fraca dama delicada?
(Os Lusíadas – Luis de Camões)

➤ Entre os Cantos VI e IX ocorre a chegada dos portugueses a Calicute, na Índia, onde estes têm problemas com os mouros. Quando estão se preparando para voltar a Portugal, são premiados por Vênus

por causa de seus esforços e de sua coragem. Esta lhes oferece uma passagem pela Ilha dos Amores, lugar em que poderiam amar livremente as ninfas, lideradas por Tetis.

3) **Epílogo:** é a conclusão do poema (estrofes 145 a 156 do Canto X), nas quais o poeta demonstra cansaço e apresenta um tom melancólico. Finaliza aconselhando ao rei e ao povo português que sejam fiéis à Pátria e ao cristianismo:

No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e da rudeza.
(Os Lusíadas – Luis de Camões)

Principais diferenças entre o classicismo e o trovadorismo:

Classicismo:

Quanto ao conteúdo:

- Idealização amorosa, neoplatonismo;
- Predomínio da razão;
- Paganismo;
- Influência da cultura greco-romana;
- Antropocentrismo;
- Universalismo;
- Busca de clareza e equilíbrio de ideias;
- Nacionalismo.

Quanto à forma:

- Gosto pelo soneto; imitação as formas clássicas;
- Emprego de medida nova (poesia);
- Busca do equilíbrio formal.

Trovadorismo:

Quanto ao conteúdo:

- Amor cortês (cantigas de amor);
- Predomínio da emoção;
- Cristianismo;
- Influência da poesia provençal e das tradições populares da península Ibérica;
- Ambiente cortês, rural e marinho;
- Temas relacionados ao amor, à saudade e à crítica aos costumes;
- Exaltação do ideal cavaleiresco (prosa)

Quanto à forma:

- Emprego de formas simples e populares;
- Emprego da medida velha;
- Estruturas simples, refrão e repetições frequentes, que facilitam a memorização e o canto.**EXERCÍCIOS:**

EXERCÍCIOS

01) **Os Lusíadas**

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antígua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.
(...)

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

«Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saüdosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

(...)

.....

(...)

"Ó glória de mandar! Ó vã cobiça

Desta vaidade, a quem chamamos Fama!

Ó fraudulento gosto, que se atiça

C'uma aura popular, que honra se chama!

Que castigo tamanho e que justiça

Fazes no peito vão que muito te ama!

Que mortes, que perigos, que tormentas,

Que crueldades neles experimentas!
(In: Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro-
htpp://www.bibvirt.futuro.usp.br)

→O primeiro trecho apresenta as três estrofes iniciais de Os Lusíadas, que constituem a parte conhecida como Proposição. Quais são os fatos que Camões anuncia nesses versos? Com qual finalidade ele cita vários personagens de outra época?

.....
.....
.....
.....

→O segundo e o terceiro trechos representam dois conhecidos episódios na narrativa. Quais são eles e qual sua importância?

.....
.....
.....
.....

02) (FATEC) No contexto do Renascimento, é correto afirmar que o humanismo:
a) apoiava-se em concepções nascidas na Antiguidade Clássica
b) teve em Erasmo de Roterdan um de seus principais expoentes
c) influenciou concepções que desencadearam a Reforma religiosa
d) inspirou uma verdadeira revolução cultural, iniciada na Itália
e) contribuiu para o desenvolvimento dos estudos científicos.

03) Os séculos XV e XVI foram marcados pelo auge do Renascimento Cultural na Itália. Esse movimento cultural teve por características:
01. inspiração crítica nos valores e ideais da Antigüidade Clássica.

02. defesa de uma reforma educacional, valorizando o estudo das "humanidades".

04. descrença em relação às potencialidades da ciência e da razão.

08. interpretação da vida baseada em uma visão antropocêntrica do mundo.

16. valorização dos ideais místicos e geocêntricos da

Soma ( )

04) Considere os itens adiante.

I. "... a busca da perfeição no retratar o homem levou a observação da natureza e do universo orientou a ação uma simbiose entre arte e ciência, desenvolvendo-se estudos de anatomia, técnicas de cores, perspectivas..."

II. ”... o teocentrismo, o coletivismo, a tradição marcaram as obras de arte do período e estiveram presentes na pintura, na arquitetura e na escultura..."

III. “... procuram explicar o mundo através de novas teorias, fugindo às interpretações religiosas típicas do período anterior. O grande destaque é a utilização do método experimental...”.

O Renascimento é identificado em:
a) somente II
b) somente I e II
c) somente I e III
d) somente II e III
e) I, II e III

05) A Renascença ou Renascimento foi um movimento artístico e científico ocorrido na Europa entre os séculos XV e XVI.
Sobre esse movimento, identifique a(s) afirmativa(s) verdadeira(s) com V e com F, a(s) falsa(s).

( ) A utilização de métodos experimentais e de observação da natureza e do universo orientou a ação dos cientistas durante o Renascimento. O período demarca, ainda, o início de um processo de maior valorização da razão humana e do indivíduo.

( ) O Renascimento, baseado na ideologia absolutista, foi um movimento de valorização do mundo rural. Essa característica pode ser entendida pela forte influência dos mecenas, uma vez que todos eles eram vinculados à agricultura.

( ) O Renascimento surge no período de transição da sociedade medieval para a sociedade moderna e representa uma nova visão de mundo. Suas principais características eram o racionalismo e o antropocentrismo.

( ) Uma das mudanças propiciadas pela cultura renascentista foi a valorização da natureza, em contraste com as explicações sobrenaturais sobre o mundo.

A sequência correta é:

a) VFVV
b) VVVV
c) FFFV
d) VVFF
e) FFVF

06) (UFRS 2000) Leia o soneto a seguir, de Luís de Camões.

Um mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;

Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravíssimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso;

Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente sofrimento:

Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

Em relação ao poema acima, considere as seguintes afirmações.

I) O poeta elabora um modelo de mulher perfeita e superior, idealizando a figura feminina.
II) O poeta não se deixa seduzir pela beleza feminina, assumindo uma atitude de insensibilidade.
III) O poeta sugere o desejo erótico ao se referir à figura mitológica de Circe.

→Quais são corretas?

a) Apenas I.
b) Apenas III.
c) Apenas I e II.
d) Apenas I e III.
e) I, II e III.

Exercícios Renascimento:

Questão 1 (Enem)

(...) Depois de longas investigações, convenci-me por fim de que o Sol é uma estrela fixa rodeada de planetas que giram em volta dela e de que ela é o centro e a chama. Que, além dos planetas principais, há outros de segunda ordem que circulam primeiro como satélites em redor dos planetas principais e com estes em redor do Sol. (...) Não duvido de que os matemáticos sejam da minha opinião, se quiserem dar-se ao trabalho de tomar conhecimento, não superficialmente, mas duma maneira aprofundada, das demonstrações que darei nesta obra. Se alguns homens ligeiros e ignorantes quiserem cometer contra mim o abuso de invocar alguns passos da Escritura (sagrada), a que torçam o sentido, desprezarei os seus ataques: as verdades matemáticas não devem ser julgadas senão por matemáticos. (COPÉRNICO, N. De Revolutionibus orbium caelestium)

Aqueles que se entregam à prática sem ciência são como o navegador que embarca em um navio sem leme nem bússola. Sempre a prática deve fundamentar-se em boa teoria. Antes de fazer de um caso uma regra geral, experimente-o duas ou três vezes e verifique se as experiências produzem os mesmos efeitos. Nenhuma investigação humana pode se considerar verdadeira ciência se não passa por demonstrações matemáticas. (VINCI, Leonardo da. Carnets)

O aspecto a ser ressaltado em ambos os textos para exemplificar o racionalismo moderno é
a) a fé como guia das descobertas.
b) o senso crítico para se chegar a Deus.
c) a limitação da ciência pelos princípios bíblicos.
d) a importância da experiência e da observação.
e) o princípio da autoridade e da tradição.

Questão 2(UEL)

O Renascimento, amplo movimento artístico, literário e científico, expandiu-se da Península Itálica por quase toda a Europa, provocando transformações na sociedade. Sobre o tema, é correto afirmar que:

a) o racionalismo renascentista reforçou o princípio da autoridade da ciência teológica e da tradição medieval.

b) houve o resgate, pelos intelectuais renascentistas, dos ideais medievais ligados aos dogmas do catolicismo, sobretudo da concepção teocêntrica de mundo.
c) nesse período, reafirmou-se a ideia de homem cidadão, que terminou por enfraquecer os sentimentos de identidade nacional e cultural, os quais contribuíram para o fim das monarquias absolutas.
d) o humanismo pregou a determinação das ações humanas pelo divino e negou que o homem tivesse a capacidade de agir sobre o mundo, transformando-o de acordo com sua vontade e interesse.
e) os estudiosos do período buscaram apoio no método experimental e na reflexão racional, valorizando a natureza e o ser humano.

Questão 3 (PUC-MG)

O Renascimento, enquanto fenômeno cultural observado na Europa Ocidental no início da Idade Moderna, encontra-se inserido no processo de transição do feudalismo para o capitalismo, expressando o pensamento e a visão de mundos próprios de uma sociedade mercantil e, portanto, mais aberta e dinâmica. Manifestando-se principalmente através das artes e da filosofia, o movimento renascentista tinha como eixo

a) a sabedoria popular e o domínio da maioria, como mecanismo de combate ao poder aristocrático e de oposição aos novos segmentos sociais em ascensão.

b) a oposição a todas as religiões organizadas, pois os princípios religiosos impediam a liberdade de opinião e tornavam o homem alienado. A igualdade jurídica de todos os indivíduos, suprimindo-se os privilégios de classe e equiparando os direitos e obrigações dos cidadãos.

c) a liberdade de trabalho inerente a qualquer pessoa, como instrumento capaz de possibilitar a criação e o crescimento do ser humano, sendo necessário abolir as corporações de ofício.

d) a valorização do homem por sua razão e por suas criações, difundindo a confiança nas potencialidades humanas e superando o misticismo dominante no período medieval.

e) o Racionalismo e o Geocentrismo (convicção de que tudo pode ser explicado pela razão e pela ciência; concepção de que a Terra é o centro do universo).

Questão 4 (Uneb-BA)

Leia atentamente os relatos a seguir:

"O pintor que trabalha rotineira e apressadamente, sem compreender as coisas, é como o espelho que absorve tudo o que encontra diante de si, sem tomar conhecimento".
“Experiência, mãe de toda a certeza”

“Só o pintor universal tem valor”

São trechos de Leonardo da Vinci, personagem destacada do Renascimento. Neles, o autor exalta compreensão, experiência, universalismo, valores que marcaram o:

a) Teocentrismo, como princípio básico do pensamento moderno.

b) Epicurismo, em alusão aos princípios dominantes na Idade Média.

c) Humanismo, como postura ideológica que configurou a transição para a Idade Moderna.

d) Confucionismo, por sua marcada oposição ao conjunto dos conhecimentos orientais.

e) Escolasticismo, dado que admitia a fé como única fonte de conhecimento.

Questão 5

Leia este trecho, em que se faz referência à construção do mundo moderno:

“... os modernos são os primeiros a demonstrar que o conhecimento verdadeiro só pode nascer do trabalho interior realizado pela razão, graças a seu próprio esforço, sem aceitar dogmas religiosos, preconceitos sociais, censuras políticas e os dados imediatos fornecidos pelos sentidos”. (CHAUÍ, Marilena. "Primeira filosofia". 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 80.)

A leitura do trecho nos permite identificar características do Renascimento. Assinale a afirmativa que contém essas características.

a) nova postura com relação ao conhecimento, a qual transforma o modo de entendimento do mundo e do próprio homem.

b) ruptura com as concepções antropocêntricas, a qual modifica as relações hierárquicas senhoriais.

c) ruptura com o mundo antigo, a qual caracteriza um distanciamento do homem face aos diversos movimentos religiosos.

d) adaptações do pensamento contemplativo, as quais reafirmam a primazia do conhecimento da natureza em relação ao homem.

Respostas

Resposta Questão 1

a) FALSA. Grifando os últimos dizeres de Copérnico (“Se alguns homens ligeiros e ignorantes quiserem cometer contra mim o abuso de invocar alguns passos da Escritura (sagrada), a que torçam o sentido, desprezarei os seus ataques...”), podemos ver que a fé não é posta como elemento seguro à descoberta das verdades.

b) FALSA. A utilização do senso crítico não esteve ligada ao conhecimento do divino em nenhuma das falas oferecidas pela coletânea.

c) FALSA. Os textos apartam a interferência da esfera religiosa na obtenção do conhecimento.

d) VERDADEIRA. O experimento e a observação são colocados aqui como elementos indispensáveis para que um argumento tenha base de sustentação lógica. Nesse aspecto, tanto Copérnico como Da Vinci, privilegiam o uso de tais elementos.

e) FALSA. Fora do experimento e da argumentação lógica, os renascentistas não reconheciam as noções advindas das autoridades e tradições.

Resposta Questão 2

a) FALSA. A autoridade medieval foi justamente questionada por meio do racionalismo.

b) FALSA. Na verdade, os renascentistas privilegiavam a quebra para com vários dos princípios que ordenavam a obtenção de conhecimento na Idade Média.

c) FALSA. O fim das monarquias absolutas está relacionado ao período histórico posterior. No caso, devemos frisar que as ideias do item se relacionam com o pensamento iluminista e a doutrina liberal.

d) FALSA. A afirmação determina uma explicação contrária aos valores do humanismo.

e) VERDADEIRA. O experimento era umas das premissas fundamentais que lançavam o homem ao conhecimento do mundo. Dessa forma, razão e o conhecimento das coisas se mostram intimamente vinculadas a esse processo.

Resposta Questão 3

a) FALSA. Os renascentistas não combatiam a aristocracia, tendo em vista que muitos de seus representantes chegavam a atuar como patrocinadores de suas obras e pesquisas.

b) FALSA. Apesar de racionalistas, os homens da renascença não empreendiam um movimento de oposição às religiões. Na verdade, muitos renascentistas eram cristãos fervorosos.

c) FALSA. A oposição às corporações de oficio nunca figurou entre as preocupações do movimento renascentista.

d) VERDADEIRA. A valorização do homem foi uma das bases fundamentais que definiram o desenvolvimento dos princípios renascentistas.

e) FALSA. O geocentrismo é uma crença difundida por alguns clérigos do período medieval.

Resposta Questão 4

a) FALSA. O teocentrismo é elemento fundamental do pensamento medieval.

b) FALSA. Esta noção remete ao pensamento filosófico da Antiguidade.

c) VERDADEIRA. O humanismo é um dos princípios norteadores que legitimam uma nova forma de conhecimento de si e do mundo.

d) FALSA. Os humanistas da era renascentista foram visivelmente influenciados pelos valores da Antiguidade Ocidental.

e) FALSA. A escolástica é típica do período medieval.

Resposta Questão 5

a) VERDADEIRA. A busca por novos pressupostos de desnudamento do mundo faz com que a produção de conhecimento atinja novos âmbitos que não se mostravam tão aparentes ao longo da Idade Média.

b) FALSA. A renascença prestigia as concepções antropocêntricas, como uma forma de se questionar as justificativas religiosas ordenadoras da hegemonia senhorial.

c) FALSA. O mundo antigo é uma das mais significativas fontes de inspiração do Renascimento. Sob tal aspecto, muitos dos integrantes desse movimento acreditavam estar retomando o legado que fora deixado pelas antigas culturas grega e romana.

d) FALSA. O pensamento contemplativo se encontra fora do universo de características renascentistas. O contato e a investigação do mundo foram os dois grandes princípios que afastaram os renascentistas da mera contemplação do espaço, para a investigação do mesmo.

Exercícios Extras:

Soneto

Luís de Camões

Busque Amor novas artes, novo engenho,
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que me mata e não se vê;

Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como, e dói não sei por quê.

01. Segundo os versos do poema, o eu lírico
a) está à procura do Amor.
b) está amando e cheio de esperanças.
c) está seguro devido ao Amor.
d) está sem esperança.

02. Ao se dirigir ao Amor, na primeira estrofe, percebe-se por parte do eu lírico um tom de
a) súplica b) desafio c) ameaça d) euforia

03. Por que o eu lírico não teme as novas artes do Amor?
a) Porque o eu lírico não possui mais esse sentimento.
b) Porque onde falta esperança não há desgosto.
c) Porque a esperança que ele tem o faz sentir mais seguro.
d) Porque ele não teme nada, nem os perigos de um mar bravo.

04. Apresenta uma contradição a justaposição dos termos da expressão
a) novo engenho b) bravo mar c) perigosas seguranças d) novas artes

05. “Busque Amor novas artes, novo **engenho**”, o termo em destaque tem o sentido de
a) artimanha b) trabalho c) objetivo d) solução

06. De acordo com o eu lírico do texto, o Amor gera
a) segurança b) esperança c) sofrimento d) dúvidas

07. “Amor um mal, que me mata e não se vê;” o verso sugere que o Amor é
a) indefinido b) misterioso c) passageiro d) intransigente

08. A última estrofe revela que
a) o eu lírico realmente é imune as artes do Amor.
b) o eu lírico busca descobrir as razões do Amor.
c) o Amor ainda consegue atingir o eu lírico.
d) o Amor abandona o destemido eu lírico.

Gabarito: 01. d 02. b 03. b 04. c 05. a 06. c 07. b 08. C

1) (Fuvest) –
I."Entre brumas, ao longe, surge a aurora.
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.
A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu risonho,
Toda branca de sol"

II."Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente."

III."Por um lado te vejo como um seio murcho
pelo outro como um ventre de cujo umbigo pende
[ainda o cordão placentário.
És vermelha como o amor divino
Dentro de ti em pequenas pevides
Palpita a vida prodigiosa
Infinitamente."

IV."Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada."

Na ordem em que estão transcritos, os fragmentos se enquadram respectivamente nos seguintes movimentos literários:
a) I. Simbolismo, II. Romantismo, III. Modernismo, IV. Classicismo;
b) I. Modernismo, II. Simbolismo, III Classicismo, IV. Romantismo;
c) I. Romantismo, II. Modernismo, III. Simbolismo, IV. Classicismo;
d) I. Classicismo, II. Romantismo, III. Modernismo, IV. Simbolismo;
e) I. Simbolismo, II. Classicismo, III. Romantismo, IV. Modernismo.

2) (Fuvest) –
"Amor é um fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer."
De poeta muito conhecido, esta é a primeira estrofe de um poema que parece comprazer-se com o paradoxo, enfeixando sensações contraditórias do sentimento humano, se examinadas sob o prisma da razão.
Indique, na relação a seguir, o nome do autor.
a) Bocage.
b) Camilo Pessanha.
c) Gil Vicente.
d) Luís de Camões.
e) Manuel Bandeira.

3) (Fuvest) - Relido o poema de dois quartetos e dois tercetos com versos decassílabos heróicos e esquema rimático abba - abba - cde - cde, e considerada a elaboração estética da linguagem com que é tratado o tema, assinalar a alternativa que nomeia que tipo de poema é, o seu autor e o movimento literário

em que este se enquadra:
a) redondilha Gil Vicente - Humanismo
b) soneto - Camões - Classicismo
c) soneto - Gregório de Matos - Barroco
d) lira - Cláudio Manuel da Costa - Arcadismo
e) lira - Camões - Maneirismo

4) (Mackenzie) - Texto 1:
"Sôbolos rios que vão
Por Babilônia, me achei,
Onde sentado chorei
as lembranças de Sião
E quanto nela passei."

Texto 2:
"Enquanto quis Fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento
Me fez que seus efeitos escrevesse.
Porém, temendo Amor que aviso desse
Minha escritura a algum juízo isento
Escureceu-me o engenho ao tormento,
Para que seus enganos não dissesse.
Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades! Quando lerdes
Num breve livro casos tão diversos,
Verdades puras são e não defeitos.
E sabei que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos."

Sobre os textos acima, é correto afirmar que:
a) o primeiro faz parte de uma cantiga trovadoresca.
b) ambos pertencem à obra de Camões, sendo o primeiro um exemplo de medida velha e o segundo, de medida nova.
c) o primeiro foi extraído de um auto vicentino e o segundo, de um autor barroco.
d) pertencem ao Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.
e) têm aspectos evidentemente barrocos, fazendo parte, portanto, da lírica de Gregório de Matos.
5) (Fuvest) - Na LÍRICA de Camões,
a) o metro usado para a composição dos sonetos é a redondilha maior.
b) encontram-se sonetos, odes, sátiras e autos.
c) cantar a Pátria é o centro das preocupações.
d) encontra-se uma fonte de inspiração de muitos poetas brasileiros do século XX.
e) a Mulher é vista em seus aspectos físicos, despojada de espiritualidade.

Gabarito: 1-a; 2-d; 3-b; 4-b; 5-d

O Quinhetismo no Brasil

A produção literária no Brasil-Colônia

O Brasil durante mais de três séculos foi colônia de Portugal, esse período pode ser assim resumido:

➢*Século XVV: a metrópole procurou garantir o domínio sobre a terra descoberta, organizando-a em capitanias hereditárias e enviando jesuítas da Europa para catequizar os índios e negros da África a fim de povoá-las;*

➢*Século XVII: a cidade de Salvador, na Bahia, povoada por aventureiros portugueses, índios, negros e mulatos, tornou-se o centro das decisões políticas e do comércio de açúcar;*

➢*Século XVIII: a região de Minas Gerais transformou-se no centro da exploração do ouro e das primeiras revoltas políticas contra a colonização portuguesa, entre as quais se destacou o movimento da Inconfidência Mineira (1789).*

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

É importante se destacar que apesar da literatura brasileira ter se originado no período colonial, é difícil se fixar com precisão em qual o momento esta se configurou com uma produção cultural independente dos vínculos lusitanos.

Tal fato se deve principalmente porque durante o período colonial ainda não existiam condições propícias para o desenvolvimento de uma literatura, como por exemplo: ainda não existia a existência de um público leitor ativo e influente, grupos de escritores atuantes, vida cultural intensa e rica, sentimento de nacionalidade, liberdade de expressão, imprensa e gráficas.

Por esses motivos, muitos estudiosos da literatura preferem denominar a literatura que era produzida aqui no Brasil até os séculos XVII de “manifestações literárias” ou “ecos da literatura no Brasil”. A nossa literatura somente começou a se desenvolver na segunda metade do século XVIII, quando se criaram algumas das condições necessárias para o seu desenvolvimento tais como: a fundação de cidades, o estabelecimento de centros comercias que estavam ligados à extração do ouro, em Minas Gerais, o surgimento de escritores comprometidos com as causas políticas da independência etc.

Entretanto, o estabelecimento do sentimento de nacionalidade, assim como o surgimento de uma literatura voltada para o espaço, para o homem e para a língua nacionais somente ocorreram de maneira efetiva no século XIX, após a independência política de 1822.

As literaturas de catequese e de informação

Os primeiros textos escritos aqui no Brasil não tinham uma função literária propriamente dita, pois atendiam a série de finalidades específicas, tanto dos religiosos, que a utilizavam como instrumento de catequização dos índios, quanto dos navegantes que estavam interessados em descrever e explorar a terra recém-descoberta.

José de Anchieta (1534 – 1537) merece destaque entre os religiosos que aqui estiveram. Anchieta escreveu vários tipos de textos com finalidades pedagógicas, como poemas, hinos, canções e altos (gênero teatral originado na Idade média), além de diversas cartas que informavam sobre o processo de catequese no Brasil e de uma gramática da língua tupi.

Anchieta não seguia as novidades de conteúdo e forma trazidas pelo renascimento e sim, inspirava-se em modelos medievais, fazendo uso da medida velha (redondilha), como exemplificam o poema

Cordeirinha linda
como folga o povo
porque vossa vinda
lhe dá lume novo.

Cordeirinha santa,
de Jesus querida,
vossa santa vida
o diabo espanta.
Por isso vos canta
com prazer o povo
porque vossa vinda
lhe dá lume novo

(A Santa Inês – José de Anchieta)

A *literatura de informação ou de expansão*, compostas por cartas de viagem, tratados descritivos e diários de navegação, tinha por objetivo narrar e descrever os primeiros contatos com as terras brasileiras e seus nativos, informando a respeito de tudo que pudesse interessar ao governo português. É o que faz, por exemplo, Pero Vaz de Caminha, que em 1500 registrou o primeiro contato dos portugueses com os índios. Leia abaixo um fragmento da carta de Pero Vaz de Caminha:

Senhor:
Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que -- para o bem contar e falar -- o saiba pior que todos fazer.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo: A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã- Canária, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com sua nau, sem haver tempo forte nem contrário para que tal acontecesse. Fez o capitão suas diligências para o achar, a uma e outra parte, mas não apareceu mais!

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, estando da dita Ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos.

Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome - o Monte Pascoal e à terra - a Terra da Vera Cruz.

(Carta de Pero Vaz de Caminha de 1500)

Embora esses escritos não tenham muito valor literário hoje, sua importância está principalmente no significado que guardam como documentação histórica, esta representa tanto o testemunho do espírito aventureiro da expansão marítima e comercial dos séculos XV e XVI, quanto o registro do choque cultural entre colonizadores e colonizados.

É importante destacar que não há por parte dos escritores que produziram a literatura de informação nenhum sentimento de apego à terra conquistada, que é vista de uma espécie de extensão da metrópole. Apesar disso, a literatura quinhentista nos deixou como herança um conjunto inesgotável de sugestões temáticas, como os índios, as belezas naturais da terra, nossas origens históricas, que foram mais tarde desenvolvidas por nossos escritores.

Algumas das principais produções da literatura informativa no Brasil-Colônia do séc. XVI:

- *A Carta*, de Pero Vaz de Caminha;
- *O Diário de Navegação*, de Pero Lopes de Souza (1530);
- *O Tratado da Terra do Brasil e a História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães Gândavo (1576);
- *Tratado Descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Souza (1587);
- *As Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden (1557).

Exercícios:

01. As primeiras manifestações literárias que se registram na Literatura Brasileira referem-se a:

a) Literatura informativa sobre o Brasil (crônica) e literatura didática, catequética (obra dos jesuítas).

b) Romances e contos dos primeiros colonizadores.

c) Poesia épica e prosa de ficção.

d) Obras de estilo clássico, renascentista.

e) Poemas românticos indianistas.

02. A literatura de informação corresponde às obras:

a) barrocas;
b) arcádicas;
c) de jesuítas, cronistas e viajantes;
d) do Período Colonial em geral;
e) n.d.a.

03. (UNISA) A “literatura jesuíta”, nos primórdios de nossa história:

a) tem grande valor informativo;

b) marca nossa maturação clássica;

c) visa à catequese do índio, à instrução do colono e sua assistência religiosa e moral;

d) está a serviço do poder real;

e) tem fortes doses nacionalistas.

04**.** A importância das obras realizadas pelos cronistas portugueses do século XVI e XVII é:

a) determinada exclusivamente pelo seu caráter literário;

b) sobretudo documental;

c) caracterizar a influência dos autores renascentistas europeus;

d) a deterem sido escritas no Brasil e para brasileiros;

e) n.d.a.

05. (UNIV. FED. DE SANTA MARIA) Sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira, é correto afirmar que:

a) É formada principalmente de poemas narrativos e textos dramáticos que visavam à catequese.

b) Inicia com Prosopopéia, de Bento Teixeira.

c) É constituída por documentos que informam acerca da terra brasileira e pela literatura jesuítica.

d) Os textos que a constituem apresentam evidente preocupação artística e pedagógica.

e) Descreve com fidelidade e sem idealizações a terra e o homem, ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo.

Barroco

Barroco: a arte da indisciplina

➤ Em 1517, a Reforma divide a Igreja entre católicos e protestantes;

➤ Em 1540 é fundada a Companhia de Jesus, ordem religiosa que enviava missionários a vários continentes;

➤ Em 1563, a Igreja inicia o movimento da Contra-Reforma, com o objetivo de impedir a expansão protestante.

Como se pode perceber, o Renascimento europeu desenvolveu-se em meio a crises religiosas e movimentos de restauração da fé cristã. A presença da religião na vida cotidiana e cultural, no entanto, é sentida de modo mais contundente na transição do séc. XVI para o séc. XVII, momento em que surge o Barroco.

Assim surge a arte barroca, que vigora durante todo o séc. XVII e início do séc. XVIII, registrando o espírito contraditório de uma época que se divide entre as influências do Renascimento (materialismo, paganismo e sensualismo) e de uma crescente religiosidade trazida principalmente pela Contra-Reforma.

Como resultado dessas tendências, a arte barroca é, sobretudo, a expressão das contradições e do espírito do homem da época. Alguns princípios artísticos do Renascimento foram abandonados, como equilíbrio, harmonia e nacionalismo, o que levou o Barroco a ser visto durante muito tempo como uma arte indisciplinada.

Outros nomes do Barroco

➤ ***Marinismo:*** *na Itália, por influencia do poeta Giambattista Marini;*

➤ ***Gongorismo:*** *na Espanha, por influencia do poeta Luiz de Gôngora y Argote. Nesse país, Barroco e Gongorismo são sinônimas;*

➤ ***Preciosismo****: na França, em razão do requinte formal dos poetas;*

➤ ***Eufuísmo****: na Inglaterra, termo criado a partir do titulo do romance Euphues, or the anatomy of wit, do escritor John Lyly.*

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

A linguagem barroca

A linguagem barroca expressa as ideias e os sentimentos do artista do século XVII. Seus temas e sua construção se unem para expressar a concepção barroca do mundo.

Características da linguagem barroca

A linguagem barroca tem algumas características essenciais tais como: *grande interesse por temas religiosos, os dualismos que retratam o conflito espiritual do homem da época, a morbidez como maneira de acentuar o sentimento trágico que estes poetas têm com relação à vida, o emprego constante de figuras de linguagem, o uso de uma linguagem requintada.*

➤ **A efemeridade do tempo e o *carpe diem***: o homem barroco tem a concepção que a vida terrena é efêmera, passageira, e por isso, pensa muito em uma salvação espiritual. Entretanto, com a vida é passageira, tem ao mesmo tempo a necessidade de aproveitá-la, antes que ela acabe o que gera um sentimento contraditório, já que desfrutá-la significa pecar, e, se há pecado não existe salvação.

➤ **Cultismo:** remete ao excessivo rebuscamento formal, manifestado no uso de jogos de palavras e no grande uso de figuras de linguagem. O cultismo, além disso, explora efeitos sensoriais tais como cor, forma, tom, volume, sonoridade, imagens violentas e fantasiosas, recursos que sugerem, então, a ultrapassagem dos limites da realidade.

➤ **Conceptismo:** (vem do espanhol *concepto*, "ideia") é o jogo de ideias, formado através das sutilezas do raciocínio e do pensamento lógico, por analogia, etc. De uma maneira geral é mais comum o cultismo aparecer na poesia e o conceptismo na prosa, porém, é perfeitamente possível aparecerem ambos em um mesmo texto.

➤ **Jogo de claro-escuro:** essa característica é mais comum de aparecer nas artes plásticas, visto que, o Barroco aprecia fundir a luz à sombra, o claro e o escuro, o que pode se estender ao conflito do desejo do homem de fundir a fé à razão ou emoção/sensação.

Principais diferenças entre o Barroco e o Classicismo:

Barroco:

Quanto ao conteúdo

➤ Conflito entre visão antropocêntrica e teocêntrica;
➤ Oposição entre mundo material e mundo espiritual;
➤ Conflito entre fé e razão;
➤ Cristianismo;
➤ Morbidez;
➤ Idealização amorosa; sensualismo e sentimento de culpa cristão;
➤ Consciência da efemeridade do tempo;
➤ Gosto por raciocínios complexos, intricados, desenvolvidos em parábolas e narrativas bíblicas;
➤ *Carpe diem*;

Quanto à forma
➤Gosto pelo soneto;
➤Emprego da medida nova (poesia);
➤Gosto pelas inversões e por construções complexas e raras.

Classicismo:

Quanto ao conteúdo
➤ Antropocentrismo;
➤ Equilíbrio;
➤ Racionalismo;
➤ Paganismo;
➤ Influência da cultura greco-latina;
➤ Idealização amorosa, neoplatonismo;
➤ Universalismo;
➤ Busca de clareza;

Quanto à forma

- Gosto pelo soneto;
- Emprego da medida nova (poesia);
- Busca do equilíbrio formal.

Contexto histórico

No séc. XVI, o homem europeu expandiu seus conhecimentos geográficos; começou a acreditar que era capaz de transformar a natureza por meio da razão; empenhou-se na descoberta de novos conhecimentos pela ciência e resgatou a cultura clássica, utilizando-a como modelo.

No séc. XVII, o século do Barroco, em consequência de várias alterações no quadro social, político, econômico e religioso, essa euforia antropocêntrica foi abalada.

Economia política e sociedade

A Revolução comercial, vivida durante o período, tinha uma política econômica que se baseava no metalismo, na balança de comércio favorável e no acúmulo de capitais. Foi o período em que a burguesia despontou como classe de forte poder econômico.

Entretanto, se a política econômica parecia aberta e favorecia a ascensão de setores populares (burguesia), o mesmo não estava ocorrendo com a estrutura social e política.

A sociedade estava organizada em três classes rigidamente estruturadas: o clero, a nobreza e o Terceiro Estado (formado por camponeses, artesãos e pela burguesia).

No plano político consolidava-se o Estado absolutista, sistema político em que ocorre uma centralização absoluta de poder nas mãos do rei, que é considerado o representante do poder de Deus na Terra.

No plano espiritual, o séc. XVII estava marcado pelos reflexos das crises religiosas ocorridas no século anterior: a Reforma, em 1517 (movimento que representou a ruptura da Igreja cristã e deu origem ao protestantismo e a uma grande revolução religiosa) e a Contra-Reforma, em 1563 (movimento que procurou combater a expansão do protestantismo e recuperar seus antigos domínios). Trata-se, portanto, de uma época de separação e mudança de valores religiosos, uma época em que novas teorias estavam nascendo. Com isso, os dogmas antes inquestionáveis, passaram a ser colocados em questão, ao mesmo tempo em que se perseguiam aqueles que ousavam discordar de seus paradigmas.

A arte barroca e o contexto

Dentro desse contexto econômico-político, de lutas de classes e crises religiosas, que a arte barroca nasceu e se desenvolveu.

A aproximação de realidades opostas, os conflitos e contradições violentas estão diretamente relacionados a esse contexto em que o Barroco está inserido.

O homem desse período sentia-se oprimido politicamente, enquanto economicamente sentia-se livre para enriquecer. Isso ocorre porque a possibilidade de ascensão econômica não se relaciona com a estrutura social do antigo Regime, que não lhe permitia a escalada social.

Espiritualmente, também se verificam contradições. Se por um lado as conquistas e valores do Renascimento e do mercantilismo possibilitavam a aquisição de bens e prazeres materiais, por outro, havia a atuação da Contra-Reforma, que procurava restabelecer a fé cristã medieval e estimular a vida e os valores espirituais.

São por esses motivos que se verifica na linguagem barroca, tanto na forma quanto no conteúdo, uma rejeição a visão ordenada das coisas. Visto que os temas são sempre aqueles que refletem o estado

de tensão da alma humana, tais como vida e morte, matéria e espírito, amor platônico e amor carnal, pecado e perdão, o que gera o uso de uma linguagem de difícil acesso, ou seja, o homem expressa-se de forma rebuscada, cheia de inversões e figuras de linguagem.

O homem do séc. XVII era um ser contraditório, sendo a síntese de suas mentalidades, a medieval e a renascentista.

O Barroco em Portugal e no Brasil

O Barroco português e o brasileiro são movimentos influenciados pela renovação religiosa introduzida pela Contra-Reforma.

Nesse período, Portugal vivia um momento de delicado de sua história, já que passara domínio espanhol desde 1580, com o desaparecimento do rei D. Sebastião na guerra. O melhor do Barroco português são os sermões de Pe. Antônio Vieira, que também viveu e escreveu no Brasil.

Em nosso país, ainda não havia um grupo expressivo de escritores nem de leitores de literatura. Apesar disso, começam a surgir aqui as primeiras produções literárias e, entre elas, algumas de boa qualidade, com é o caso de Gregório de Matos, nosso principal escritor brasileiro.

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

O Barroco em Portugal

Pe. Antônio Vieira:

Antônio Vieira (1608-1697) é o principal representante do barroco português. Sua obra pertence tanto à literatura brasileira quanto à portuguesa.

Vieira veio com a família para o Brasil quando tinha sete anos. Na Bahia teve contato com a congregação da Ordem de Jesus, iniciando seu noviciado aos 15 anos. A maior parte de sua obra foi escrita no Brasil e esta relacionada com diversas atividades que o autor desempenhou como religioso, como conselheiro de D. João IV, rei de Portugal, ou como mediador e representante de Portugal em relações econômicas e políticas com outros países.

Embora, Vieira fosse padre nunca teve uma atuação puramente voltada para as questões religiosas, pelo contrário, este sempre colocou seus sermões a serviço das causas políticas, o que causou sua indisposição com muita gente, principalmente entre os colonos que escravizavam os índios, os pequenos comerciantes e até mesmo com a Inquisição.

Vieira foi um sacerdote que por meio do púlpito pregou a índios, brancos e negros, a dominados e dominadores, expondo sua ideias políticas por meio da catequese promoveu a defesa do índio e da colônia, além de defender Portugal, por ocasião da invasão holandesa.

Leia abaixo um fragmento do Sermão da Sexagésima:

Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumiando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das

almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

(Sermão da Sexagésima – Padre Antônio Vieira)

O Barroco no Brasil

No século XVII. O Brasil presenciou o surgimento de uma literatura própria, apesar de esta ainda estar muito presa aos modelos lusitanos. Nesta época a literatura era restrita a uma pequena elite culta e não tinha formado até então um público consumidor, que apreciasse e estimulasse o refinamento da arte barroca. Na realidade o Brasil vivia um período de grande violência, onde havia a escravização dos índios e dos negros, além do comércio exploratório da cana-de-açúcar.

Apesar disso, os modelos literários de Portugal chegaram ao Brasil, e o Barroco brasileiro chega até mesmo a ser confundido com as próprias origens da nossa literatura. O que se pode perceber é que nessa época não havia sentimento de grupo ou coletividade: a literatura produzida nessa época foi expressão de esforços individuais.

O Barroco no Brasil só se desenvolveu entre os anos de 1720 e 1750, quando foram fundadas várias academias literárias pelo país. A descoberta do ouro em Minas Gerais, possibilitou o desenvolvimento de um Barroco tardio nas artes plásticas, o que pode ser observado na construção de igrejas com estilo Barroco durante todo o século XVIII.

A *Prosopopéia (*1601) de Bento Teixeira é considerada o marco inicial do Barroco no Brasil.

Os escritores barrocos brasileiros que mais se destacaram foram:

➤ **Na poesia:** Gregório de Matos, Bento Teixeira, Botelho de Oliveira e Frei Itaparica.

➤ **Na prosa**: Pe. Antônio Vieira, Sebastião da Rocha Pita e Nuno Marques Pereira.

Gregório de Matos

Gregório de Matos (1633?-1696) é o maior poeta barroco brasileiro e um dos fundadores da poesia lírica e satírica em nosso país. Nasceu em Salvador, estudou no Colégio dos Jesuítas e depois em Coimbra, Portugal, onde cursou Direito, tornou-se juiz e ensaiou seus primeiros poemas satíricos. Retornando ao Brasil, em 1681, exerceu os cargos de tesoureiro-mor e de vigário geral, porém sempre se recusou a vestir-se como clérigo. Devido às suas sátiras, foi perseguido pelo governador baiano Antônio de Souza Menezes, o Braço de Prata. Depois de se casar com Maria dos Povos e exercer a função de advogado, saiu pelo Recôncavo baiano como cantador itinerante, dedicando-se às sátiras e aos poemas erótico-irônicos, o que lhe custou alguns anos de exílio em Angola. Voltou doente ao Brasil e, impedido de entrar na Bahia, morreu em Recife.

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

A lírica

Gregório de Matos cultivou três vertentes da poesia lírica: a religiosa, a amorosa e a filosófica, adequando-se aos temas e aos procedimentos de linguagem utilizados no Barroco europeu.

➤ Lírica amorosa: marcado pelo dualismo amoroso (carne e espírito), que leva a um sentimento de culpa no plano espiritual. A mulher, na maioria das vezes, é vista como a personificação do próprio pecado, da perdição espiritual.

EXEMPLO:

Não vi em minha vida a formosura,

ouvia falar nela cada dia,
e ouvida me incitava, e me movia
a querer ver tão bela arquitetura.

Ontem a vi por minha desventura
na cara, no bom ar, na galhardia
de uma Mulher, que em Anjo se mentia,
de um sol que se trajava em criatura.

Me matem (desse então vendo abrasar-me)
Se esta cousa não é, que encarecer-me
sabia o mundo, e tanto exagerar-me.

Olhos meus (disse então por defender-me)
Se a beleza hei-de ver para matar-me,
antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

Rompe o poeta com a primeira impaciência querendo declarar-se e temendo perder por ser ousado

Anjo no nome, Angélica na cara.
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
Ser Angélica flor, e Anjo florente,
Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara
De verde pé, de rama florescente?
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu custódio, e minha guarda,
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,
Posto que os Anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

➤ Lírica filosófica: destacam-se os textos que fazem referência ao desconcerto do mundo (o que lembra diretamente Camões) e as frustrações humanas diante da realidade. Também há poemas em que predomina a consciência da transitoriedade da vida e do tempo, marcados pelo *carpe diem.*

Desenganos da vida metaforicamente

É vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que dá manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,
Por mares de soberba desatada,
Florida galeota empavesada,
Sulca ufana, navega destemida.

É nau enfim, que em breve ligeireza,

Com presunção de Fênix genererosa,
Galhardias apresta, alentos preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se aguarda sem defesa
Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

➤ Lírica religiosa: obedecendo aos princípios fundamentais do Barroco europeu, faz uso de temas, como o amor a Deus, a culpa, o arrependimento, o pecado e o perdão, além de referências bíblicas. A linguagem utilizada é a culta e apresenta inversões e as figuras de linguagem são abundantes.

EXEMPLO:

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
da vossa Alta Clemência me despido;
porque, quanto mais tenho delinqüido,
vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos tirar tanto pecado,
a abrandar-vos sobeja um só gemido:
que a mesma culpa, que vos há ofendido,
vos tem para o perdáo lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
glória tal e prazer tão repentino
vos deu, como afirmais na Sacra História,

eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada;
cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
perder na vossa ovelha a vossa glória.

A CRISTO N. S. CRUCIFICADO

Meu Deus, que estais pendente de um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer,
Animoso, constante, firme e inteiro:

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer;
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai, manso Cordeiro.

Mui grande é o vosso amor e o meu delito;
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que, por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

A sátira

Gregório de Matos ficou conhecido também como “O Boca do Inferno”, em razão de suas sátiras. O autor representa *uma das veias mais ricas e ferinas de toda a literatura satírica em língua portuguesa.*

O poeta não poupou o uso de palavrões em sua linguagem, nem as críticas a todas as classes da sociedade baiana do seu tempo. Criticava o governador, o clero, os comerciantes, os negros etc.

A sátira representa a parte mais original da poesia de Gregório de Matos, pois foge completamente dos padrões pré-estabelecidos pelo Barroco vigente e se volta para a realidade baiana do séc. XVII.

Por isso, pode-se chamá-la de poesia realista e brasileira, não somente pelos temas escolhidos, mas também pela percepção crítica da exploração colonialista empreendida pelos portugueses na colônia. Além disso, Gregório emprega na sátira uma língua portuguesa diversificada, cheia de termos indígenas e africanos (que refletem o bilingüismo ou trilinguísmo da época), de palavrões, gírias e expressões locais.

Por essas razões é que a poesia de Gregório de Matos – ao abrir espaço para a paisagem local e a língua do povo – talvez seja a primeira manifestação nativista de nossa literatura e o início de um longo despertar da consciência critica nacional, que levaria ainda um século para abrir os olhos.

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

EXEMPLO:

Que falta nesta cidade?... Verdade.
Que mais por sua desonra?... Honra.
Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha.

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

Quem a pôs neste rocrócio?... Negócio.
Quem causa tal perdição?... Ambição.
E no meio desta loucura?... Usura.

Notável desaventura
De um povo néscio e sandeu,
Que não sabe que perdeu
Negócio, ambição, usura.

Quais são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos

.....

Neste mundo é mais rico o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua, ao nobre o vil decepa:
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa,
Mais isento se mostra o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa
E mais não igo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.
.....
Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sangaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote

Texto de aprofundamento:

Barroco no Brasil e em Portugal

Este trabalho fala sobre o barroco no Brasil e em Portugal. O estilo barroco nasceu da crise de valores renascentistas ocasionada pelas lutas religiosas e pela crise econômica vivida em conseqüência da falência do comércio com o Oriente. O homem do Seiscentismo vivia um estado de tensão e desequilíbrio, do qual tentou evadir-se pelo culto exagerado da forma, sobrecarregando a poesia de figuras, como a metáfora, a antítese, a hipérbole e a alegoria. O tempo barroco denomina genericamente todas as manifestações artísticas dos anos 1600 e início dos anos 1700. Além da literatura, estende-se à música, pintura, escultura e arquitetura da época.

Barroco no Brasil

Período artístico que, no Brasil, iniciou-se nos séculos XVII e XVIII, a partir do ciclo do ouro. Envolveu todas as atividades culturais e foi a primeira escola artística que conseguiu formular expressões tipicamente brasileiras, símbolos do nascente sentimento nacionalista. O barroco brasileiro caracteriza-se pelo movimento sinuoso das formas, pelo jogo dos opostos, pela luz tangente e pela exuberância dos detalhes e de ornamentos.

O Barroco, apesar de ter sido iniciado na Bahia, com o chamado Barroco Açucareiro, teve em Minas o seu ponto alto como arte, quer seja na escultura, arquitetura, pintura ou música. Com o Barroco Açucareiro, fica o mérito da literatura, com nomes como Gregório de Matos Guerra (1633-1696), também conhecido por Boca do Inferno, por sua poesia satírica, que condenava os alicerces sociais da Bahia na segunda metade do século XVII, e Pe. Antônio Vieira, maior representante da oratória sacra em língua portuguesa.

O barroco brasileiro apresenta peculiaridades que o diferenciam do barroco europeu. A arte barroca de Minas Gerais revela grande proximidade com a arte das cidades portuguesas de Braga e do Porto. O barroco mineiro acabou por sobrepujar ao da metrópole, especialmente nas obras de Aleijadinho, em Congonhas do Campo e Ouro Preto. O Barroco tornou-se a verdadeira expressão de liberdade, em uma fase de dominação e opressão. Consistiu na possibilidade de infringir as regras trazidas pelos europeus e criar soluções inesperadas. A integração das artes, característica do barroco mineiro, só foi possível com

um trabalho sistemático de equipe, experimentando materiais locais e suas aplicações ideais. Os aperfeiçoamentos na arte de construir foram sucessivos. As irmandades estimulavam o surgimento dos artistas, especialmente na região das minas. A sociedade tornou-se mais flexível, menos rígida e menos preconceituosa com os artistas mulatos e caboclos. Criou-se uma consciência profissional e nacional. Arquitetos e mestres estipulavam regras e condições. As igrejas passaram a ser construídas com duas torres cilíndricas nos flancos dos frontispícios e a decoração interior sugeria a sinuosidade das pedras entalhadas, fundamentando o novo estilo. As torres foram coroadas de abóbadas de pedra.

Antônio Francisco Pombal, tio de Aleijadinho, criou em madeira, na Matriz do Pilar, em Ouro Preto, um espaço ovulado em forma de decágono irregular. Este novo estilo foi usado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Catas Altas, e na Igreja de Santa Efigênia, também em Ouro Preto. Devem ser assinalados o acentuado relevo das figuras dos anjos e a modificação das estruturas dos altares.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Catas Altas - MG

Nas regiões litorâneas, o barroco diferenciou-se do mineiro. Ligado ao ciclo da cana-de-açúcar, o barroco nordestino aproximou-se da aristocracia rural, exuberante e pomposa, estilo que se refletiu na riqueza das construções eclesiásticas e nas grandes varandas das casas-grandes e santas casas.
No Rio de Janeiro, uma nova linguagem artística surgiu com características próprias: imagens de santos destacados da formas arquitetônicas e mais leveza nos maiores espaços lisos entre os ornatos. Francisco Xavier de Brito, autor da talha dos seis altares laterais da Igreja da Ordem Terceira da Penitência, e Manuel de Brito foram os introdutores das modificações que diferenciam o barroco carioca do barroco mineiro e nordestino.

Antônio Vieira

Ninguém angariou tantas críticas e inimizades quanto o "impiedoso" Padre Antônio Vieira, detentor de um invejável volume de obras literárias, inquietantes para os padrões da época.
Politicamente, Vieira tinha contra si a pequena burguesia cristã (por defender o capitalismo judaico e os cristãos-novos); os pequenos comerciantes (por defender o monopólio comercial) e os administradores e colonos (por defender os índios). Essas posições, principalmente a defesa dos cristãos-novos, custaram a Vieira uma condenação da Inquisição, ficando preso de 1665 a 1667. A obra do Padre Antônio Vieira pode ser dividida em três tipos de trabalhos: Profecias, Cartas e Sermões.

As Profecias constam de três obras: História do Futuro, Esperanças de Portugal e Clavis Prophetarum. Nelas se notam o sebastianismo e as esperanças de que Portugal se tornaria o "quinto império do Mundo". Segundo ele, tal fato estaria escrito na Bíblia. Aqui ele demonstra bem seu estilo alegórico de interpretação bíblica (uma característica quase que constante de religiosos brasileiros íntimos da literatura barroca). Além, é claro, de revelar um nacionalismo megalomaníaco e servidão incomum.

O grosso da produção literária do Padre Antônio Vieira está nas cerca de 500 cartas. Elas versam sobre o relacionamento entre Portugal e Holanda, sobre a Inquisição e os cristãos novos e sobre a situação da colônia, transformando-se em importantes documentos históricos.

O melhor de sua obra, no entanto, está nos 200 sermões. De estilo barroco conceptista, totalmente oposto ao Gongorismo, o pregador português joga com as idéias e os conceitos, segundo os ensinamentos de retórica dos jesuítas. Um dos seus principais trabalhos é o Sermão da Sexagésima, pregado na capela Real de Lisboa, em 1655. A obra também ficou conhecida como "A palavra de Deus". Polêmico, este sermão resume a arte de pregar. Com ele, Vieira procurou atingir seus adversários católicos, os gongóricos dominicanos, analisando no sermão "Porque não frutificava a Palavra de Deus na terra", atribuindo-lhes culpa.

Trecho do Sermão da Sexagésima, no qual o padre critica seus contemporâneos:
"Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo."

Barroco em Portugal

O Barroco desenvolveu-se dentro de um período que alternava momentos de depressão e pessimismo com instantes de euforia e nacionalismo. É uma época de crise, turbulência e incertezas que serviu de inspiração para uma arte dinâmica, violenta, perturbada, diferente da clareza, do racionalismo e da serenidade desejados pelos clássicos.

É a arte do conflito, do contraste, do dilema, da contradição e da dúvida. Reflete o conflito entre a herança humanista, renascentista, racionalista e clássica do homem quinhentista (século XVI) e o espírito medieval, místico, religioso, exacerbado pela Contra-Reforma Católica. Expressa, na irregularidade de suas formas contrastantes, o conflito espiritual entre: fé e razão, teocentrismo e antropocentrismo, ceticismo e mundanismo, misticismo e sensualismo, céu e terra, alma e corpo, espírito e carne.

É expressão de um homem repartido entre forças e princípios rivais: esta vida e a outra vida; o mundo daqui e o de além; o natural e o sobrenatural. O corpo tenta a alma e quer queimá-la com a paixão; a alma castiga o corpo pecador, castiga-o com fogo porque quer purificá-lo e reduzi-lo a cinzas.
Desse espírito dualista decorrem: na Literatura, a sobrecarga de antíteses, paradoxos e oxímoros; na Pintura, o jogo de luz e sombra, de claros e escuros; na Escultura e na Arquitetura, a exacerbação dos contrastes alto-relevo e baixo-relevo, formas côncavas e convexas; na Música, os esquemas polifônicos geradores do contraponto e da fuga.

A produção seiscentista da Literatura Portuguesa privilegia como gêneros literários a poesia lírica, a oratória seca, o teatro de costumes, a prosa moralizante, a epistolografia e a historiografia.
Apesar dos extremos de preciosismo, de hermetismo, de afetação e de frivolidade que caracterizam a produção das academias poéticas de retórica (Academia dos singulares, Lisboa, 1628-1665; Academia dos Generosos, Lisboa, 1647 - 1717); apesar da esterilidade e do rebuscamento artificial dos poetas reunidos nas célebres antologias Fênix Renascida (Lisboa, 1716 – 1762) e Postilhão de Apolo (Lisboa, 1761 - 1762), o Barroco em Portugal deixou algumas contribuições importantes como o enriquecimento das possibilidades expressivas e impressivas da imagética (imagens, metáforas, símbolos, alegorias), a valorização de analogias sensoriais ainda não exploradas pela Arte, o aprofundamento dramático do sentimento da complexidade e do mundo interior e da análise racional desse mundo.

Conclusão

O Barroco desenvolveu-se em um período especial, época em que Portugal passava por momentos de pessimismo, fato que tornou a literatura barroca diferente dos clássicos conhecidos na época. No Brasil o Barroco iniciou-se a partir do ciclo do ouro, e foi a primeira escola artística que conseguiu criar

expressões tipicamente brasileiras, um fato muito importante para o começo de um sentimento nacionalista. Um dos nomes luso-brasileiro mais destacados foi o do padre Antonio Vieira com o seu Sermão da Sexagésima, no qual repreende os pregadores de sua época por usarem o interesse dos homens ao invés da vontade de Deus nas pregações.

Bibliografia

http://www.feranet21.com.br/dicas/portugues/literatura_portuguesa/barroco.htm
http://www.angelfire.com/linux/barroco/antonio.htm
http://www.falalingua.hpg.ig.com.br/barroco_brasileiro.htm

Autoria: Miriam Abreu Albuquerque

EXERCÍCIOS:

01. (UFV-MG) Leia atentamente o fragmento do sermão do Padre Antônio Vieira:

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande […]. Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia cousa é não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer.

VIEIRA, Antônio. *Obras completas do padre Antônio Vieira*: sermões. Prefaciados e revistos pelo Pe. Gonçalo Alves. Porto: Lello e Irmão — Editores, 1993. v. III, p. 264-265.

O texto de Vieira contém algumas características do Barroco. Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que NÃO se confirmam essas tendências estéticas:

a) O culto do contraste, sugerindo a oposição *bem* □ *mal*, em linguagem simples, concisa, direta e expressiva da intenção barroca de resgatar os valores greco-latinos.
b) A tentativa de convencer o homem do século XVII, imbuído de práticas e sentimentos comuns ao semipaganismo renascentista, a retomar o caminho do espiritualismo medieval, privilegiando os valores cristãos.
c) A presença do discurso dramático, recorrendo ao princípio horaciano de “ensinar deleitando” — tendência didática e moralizante, comum à Contra-Reforma.
d) O tratamento do tema principal — a denúncia à cobiça humana — através do conceptismo, ou jogo de idéias.
e) A utilização da alegoria, da comparação, como recursos oratórios, visando à persuasão do ouvinte.

02. (UNOPAR-PR) Considere as seguintes afirmações:

I. A temática e a linguagem barroca expressam os conflitos experimentados pelo homem do século XVII.

II. A linguagem barroca caracteriza-se pelo emprego de figuras, como a comparação e a alegoria, entre outras.

III. A antítese e o paradoxo são as figuras que a linguagem barroca emprega para expressar a divisão entre mundo material e mundo espiritual.

IV. A estética barroca privilegia a visão racional do mundo e das relações humanas, buscando na linguagem a fuga às constrições do dia-a-dia.

Dentre elas, apenas

a) I e III estão corretas.
b) II e IV estão corretas.
c) III está correta.
d) I, II e IV estão corretas.
e) I, II e III estão corretas.

03. (UEPA-PA) Na obra de Gregório de Matos Guerra, a ansiedade e a aflição frente à passagem do tempo sempre levaram à ideia singular de aproveitar o presente. Em qual dos fragmentos abaixo fica evidente essa afirmação?

a) *A vós, Divinos olhos eclipsados*
de tanto sangue e lágrimas cobertos;
pois para perdoar-me estais despertos
e por não condenar-me estais fechados…

b) *Senhora Beatriz, foi o demônio,*
Este amor, esta raiva, esta porfia[1]
Pois não canso de noite nem de dia
Em cuidar desse negro matrimônio.

c) *Hoje poderei*
Convosco casar
E hoje consumar
Amanhã não sei
Porque perderei
a minha saúde
e em um ataúde
me podem levar
o corpo a enterrar,
porque vos enoje:
casemo-nos hoje,
que amanhã vem longe.

d) *Pequei senhor: mas não porque hei pecado,*
da vossa Alta Piedade me despido:
Antes, quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado…

e) *Quem a pôs nesse socrócio*[2]*?*
Quem causa tal perdição?
E o maior desta loucura?
Notável desaventura
De um poço néscio[3] *e sandeu*[4]*,*
Que não sabe o que perdeu
Negócio, ambição, usura.

1. porfia = disputa, esforço. / 2. socrócio = altar de sofrimento. / 3. néscio = estúpido. / 4. sandeu = idiota, tolo.

04. (UFMG 2010) Um dos recursos utilizados pelo padre Antônio Vieira em seus sermões consiste na "agudeza"- maneira de conduzir o pensamento que aproxima objetos e/ ou ideias distantes, diferentes, por meio de um discurso artificioso, que se costuma chamar de "discurso engenhoso".
→Assinale a alternativa em que, no trecho trancrito do *Sermão da Sexagésima*, o autor utiliza esse recurso.

a) Lede as histórias eclesiásticas, e achá-las-eis todas cheias de admiráveis efeitos da pregação da palavra de Deus. Tantos pecadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformação de costumes; os grandes desprezando as riquezas e vaidades do Mundo, os reis renunciando

os cetros e as coroas; as mocidades e as gentilezas metendo-se pelos desertos e pelas covas.(...)

b) Miseráveis de nós, e miseráveis de nossos tempos, pois neles se veio a cumprir a profecia de S. Paulo: (...) " Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não sofrerão a doutrina sã". (...) "Mas para seu apetite terão grande número de pregadores feitos a montão e sem escolha, os quais não façam mais que adular-lhe as orelhas."

c) Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. (...) Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro de si ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça, o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento.

d) Quando Davi saiu a campo com o gigante, ofereceu-lhe Saul as suas armas, mas ele não as quis aceitar. Com as armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja Davi. As armas de Saul só servem a Saul, e as de Davi a Davi, e mais aproveita um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia.

05. (FUVEST-SP) "Nasce o sol, e não dura mais que um dia,/ Depois da Luz se segue a noite escura,/ Em tristes sombras morre a formosura,/ Em contínuas tristezas a alegria."

Na estrofe acima, de Gregório de Matos, a principal característica do Barroco é:

(A) O culto da natureza.
(B) A utilização de rimas alternadas.
(C) A forte presença de antíteses.
(D) O culto do amor cortês.
(E) O uso de aliterações.

06. (FUVEST-SP) "Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair são os que se contentam em pregar na pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura: aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura, e hão-lhes de contar os passos. Ah! dia do juízo! Ah! pregadores! Os de cá, achar-vos-ei com mais paço; os de lá, com mais passos…"

A passagem acima é representativa de uma das tendências estéticas típicas da prosa seiscentista, a saber:

(A) O sebastianismo, isto é, a celebração do mito da volta de D. Sebastião, rei de Portugal, morto na batalha de Alcácer-Quibir.
(B) A busca do exotismo e da aventura ultramarina, presentes nas crônicas e narrativas de viagem.
(C) A exaltação do heróico e do épico, por meio das metáforas grandiloqüentes da epopéia.
(D) O lirismo trovadoresco caracterizado por figuras de estilo passionais e místicas.
(E) O conceptismo, caracterizado pela utilização constante dos recursos da dialética.

07. Leia os seguintes versos, de Gregório de Matos:

"Senhora Dona Bahia,,
nobre, e opulenta cidade,
madrasta dos Naturais,
e dos Estrangeiros madre."

Neles, é possível notar:

(A) uma clara sátira ao clero português, que se evidencia no uso da palavra "madre".
(B) um sentimento nativista quando ele separa o que é brasileiro do que é exploração estrangeira.
(C) um certo deboche em relação à figura do estrangeiro.

(D) um sentimento de culpa por escrever poesia satírica.

08.(FEBA-SP) “Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres… O ladrão que furta para comer, **não** vai nem leva ao inferno: os que não só vão mas que levam, de que eu trato, são os outros – ladrões de maior calibre e de mais alta esfera… Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo de seu risco, estes, sem temor nem perigo: os outros se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam.”

(“Sermão do bom ladrão” [fragmento] – Pe. Antônio Vieira)

Em relação ao estilo empregado por Vieira neste trecho podemos afirmar que:

(A) O autor recorre ao cultismo da linguagem com o intuito de convencer o ouvinte e por isto cria um jogo de imagens.
(B) Vieira recorre ao preciosismo da linguagem, isto é, através de fatos corriqueiros, cotidianos, procura converter o ouvinte.
(C) Padre Vieira emprega, principalmente, o conceptismo, ou seja, o predomínio das idéias, da lógica, do raciocínio.
(D) O pregador procura ensinar preceitos religiosos ao ouvinte, o que era prática comum entre os escritores gongóricos.

09. (PUC-SP)

“Que falta nesta cidade? – Verdade.

Que mais por sua desonra? – Honra.

Falta mais que se lhe ponha? – Vergonha.

O demo a viver se exponha,

Por mais que a fama a exalta,

Numa cidade onde falta

Verdade, honra, vergonha.”

Pode-se reconhecer nesses versos, de Gregório de Matos:

(A) O caráter de jogo verbal próprio da poesia religiosa do século XVI, sustentando piedosa lamentação pela falta de fé do gentio.
(B) O estilo pedagógico da poesia neoclássica, por meio da qual o poeta se investe das funções de um autêntico moralizador.
(C) O caráter de jogo verbal próprio do estilo barroco, a serviço da expressão lírica, do arrependimento do poeta pecador.
(D) O estilo pedagógico da poesia neoclássica, sustentando em tom lírico as reflexões do poeta sobre o perfil moral da cidade da Bahia.

10. “Que os brasileiros são bestas,/ e estarão a trabalhar/ toda a vida por manter/ maganos de Portugal”.

Comente a visão de Gregório de Matos sobre a colonização portuguesa no Brasil.

.....
.....
.....
.....
.....

11. "Duas atitudes diferentes, dois diferentes processos: a **atitude sensual** de rebusca do mais pulcro e fulgurante para o encanto dos olhos; a **atitude intelectual**, que formula o conceito engenhoso, para deliciado pasmo do espírito dialético. De comum, apenas o objetivo de surpreender pela singularidade espantosa."

(*Hernâni Cidade*)

Quais são os dois processos a que se refere o crítico português, respectivamente? Cite exemplos de cada um desses estilos.

.....
.....
.....
.....

Exercícios Extras:

01. (UNIV. CAXIAS DO SUL) Escolha a alternativa que completa de forma correta a frase abaixo:

A linguagem _____, o paradoxo, _____ e o registro das impressões sensoriais são recursos lingüísticos presentes na poesia _____.

a) simples; a antítese; parnasiana.
b) rebuscada; a antítese; barroca.
c) objetiva; a metáfora; simbolista.
d) subjetiva; o verso livre; romântica.
e) detalhada; o subjetivismo; simbolista.

02. (MACKENZIE-SP) Assinale a alternativa incorreta:

a) Na obra de José de Anchieta, encontram-se poesias que seguem a tradição medieval e textos para teatro com clara intenção catequista.

b) A literatura informativa do Quinhentismo brasileiro empenha-se em fazer um levantamento da terra, daí ser predominantemente descritiva.

c) A literatura seiscentista reflete um dualismo:o ser humano dividido entre a matéria e o espírito, o pecado e o perdão.

d) O Barroco apresenta estados de alma expressos através de antíteses, paradoxos, interrogações.

e) O conceptismo caracteriza-se pela linguagem rebuscada, culta, extravagante, enquanto o cultismo é marcado pelo jogo de idéias, seguindo um raciocínio lógico, racionalista.

03. Com referência ao Barroco, todas as alternativas são corretas, exceto:

a) O Barroco estabelece contradições entre espírito e carne, alma e corpo, morte e vida.

b) O homem centra suas preocupações em seu próprio ser, tendo em mira seu aprimoramento, com base na cultura greco-latina.

c) O Barroco apresenta, como característica marcante, o espírito de tensão, conflito entre tendências opostas: de um lado, o teocentrismo medieval e, de outro, o antropocentrismo renascentista.

d) A arte barroca é vinculada à Contra-Reforma.

e) O barroco caracteriza-se pela sintaxe obscura, uso de hipérbole e de metáforas.

04. (VUNESP)

Ardor em firme coração nascido;
pranto por belos olhos derramado;
incêndio em mares de água disfarçado;
rio de neve em fogo convertido:
tu, que em um peito abrasas escondido;
tu, que em um rosto corres desatado;
quando fogo, em cristais aprisionado;
quando crista, em chamas derretido.
Se és fogo, como passas brandamente,
se és fogo, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!
Pois para temperar a tirania,
como quis que aqui fosse a neve ardente,
permitiu parecesse a chama fria.

O texto pertencente a Gregório de Matos e apresenta todas seguintes características:

a) Trocadilhos, predomínio de metonímias e de símiles, a dualidade temática da sensualidade e do refreamento, antíteses claras dispostas em ordem direta.

b) Sintaxe segundo a ordem lógica do Classicismo, a qual o autor buscava imitar, predomínio das metáforas e das antíteses, temática da fugacidade do tempo e da vida.

c) Dualidade temática da sensualidade e do refreamento, construção sintática por simétrica por simetrias sucessivas, predomínio figurativo das metáforas e pares antitéticos que tendem para o paradoxo.

d) Temática naturalista, assimetria total de construção, ordem direta predominando sobre a ordem inversa, imagens que prenunciam o Romantismo.

e) Verificação clássica, temática neoclássica, sintaxe preciosista evidente no uso das síntese, dos anacolutos e das alegorias, construção assimétrica.

05. A respeito de Gregório de Matos, assinale a alternativa, incorreta:

a) Alguns de seus sonetos sacros e líricos transpõem, com brilho, esquemas de Gôngora e de Quevedo.

b) Alma maligna, caráter rancoroso,relaxado por temperamento e costumes, verte fel em todas as suas sátiras.

c) Na poesia sacra, o homem não busca o perdão de Deus; não existe o sentimento de culpa, ignorando-se a busca do perdão divino.

d) As suas farpas dirigiam-se de preferência contra os fidalgos caramurus.

e) A melhor produção literária do autor é constituída de poesias líricas, em que desenvolve temas constantes da estática barroca, como a transitoriedade da vida e das coisas.

Texto para as questões 06 a 08

À INSTABILIDADE DAS COUSAS DO MUNDO

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em continuas tristezas a alegrias,

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto, da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria, sinta-se triste.
Começa o Mundo enfim pela ignorância
A firmeza somente na inconstância.

06. No texto predominaram as imagens:

a) olfativas;
b) gustativas;
c) auditivas;
d) táteis;
e) visuais.

07. A idéia central do texto é:

a) a duração efêmera de todas as realidades do mundo;
b) a grandeza de Deus e a pequenez humana;
c) os contrastes da vida;
d) a falsidade das aparências;
e) a duração prolongada do sofrimento.

08. Qual é o elemento barroco mais característico da 1ª estrofe?

a) disposição antitética da frase;
b) cultismo;
c) estrutura bimembre;
d) concepção teocênctrica;
e) estrutura correlativa, disseminativa e recoletiva.

09. (SANTA CASA) A preocupação com a brevidade da vida induz o poeta barroco a assumir uma atitude que:

a) descrê da misericórdia divina e contesta os valores da religião;
b) desiste de lutar contra o tempo, menosprezando a mocidade e a beleza;
c) se deixa subjugar pelo desânimo e pela apatia dos céticos;
d) se revolta contra os insondáveis desígnios de Deus;
e) quer gozar ao máximo seus dias, enquanto a mocidade dura.

10. (UEL) Identifique a afirmação que se refere a Gregório de Matos:

a) No seu esforço da criação a comédia brasileira, realiza um trabalho de crítica que encontra seguidores no Romantismo e mesmo no restante do século XIX.

b) Sua obra é uma síntese singular entre o passado e o presente: ainda tem os torneios verbais do Quinhentismo português, mas combina-os com a paixão das imagens pré-românticas.

c) Dos poetas arcádicos eminentes, foi sem dúvida o mais liberal, o que mais claramente manifestou as idéias da ilustração francesa.

d) Teve grande capacidade em fixar num lampejo os vícios, os ridículos, os desmandos do poder local, valendo-se para isso do engenho artificioso que caracteriza o estilo da época.

e) Sua famosa sátira à autoridade portuguesa na Minas do chamado ciclo do ouro é prova de que seus talento não se restringia ao lirismo amoroso.

Resolução:

01 – B	**02** – E	**03** - B	**04** - C	**05** - D
06 – E	**07** – A	**08** - A	**09** - E	**10** - D

O Arcadismo

No século XVIII, as formas artísticas do Barroco já se encontram desgastadas e decadentes. O fortalecimento político da burguesia e o aparecimento dos filósofos iluministas dão origem a um novo quadro sócio-político-cultural e a um público diferente, que necessita de outras fórmulas de expressão. Combate-se a mentalidade religiosa criada pela contra-Reforma, nega-se a educação jesuítica praticada nas escolas, valoriza-se o estudo científico e as atividades humanas, num verdadeiro retorno à cultura renascentista. A literatura que surge para combater a arte barroca e sua mentalidade religiosa e contraditória é o *Neoclassicismo*, que objetiva restaurar o equilíbrio por meio da razão.

Na Itália essa influência assumiu feição particular. Conhecida como Arcadismo, inspirava-se na lendária região da Grécia antiga. Segundo a lenda, a Arcádia era dominada pelo *deus Pan* e habitada por pastores que, vivendo de modo simples e espontâneo, se divertiam cantando, fazendo disputas poéticas e celebrando o amor e o prazer.

Os italianos, procurando imitar a lenda grega, criaram a Arcádia em 1690 - uma academia literária que reunia os escritores com a finalidade de combater o Barroco e difundir os ideais neoclássicos. Para serem coerentes com certos princípios, como simplicidade e igualdade, os cultos literatos árcades usavam roupas e pseudônimos de pastores gregos e reuniam-se em parques e jardins para gozar a vida natural.

No Brasil e em Portugal, a experiência neoclássica na literatura se deu em torno dos modelos do Arcadismo italiano, com a fundação de academias literárias, simulação pastoral, ambiente campestre, etc.

Esses ideais de vida simples e natural vêm ao encontro dos anseios de um novo público consumidor em formação, a burguesia, que historicamente lutava pelo poder e denunciava a vida luxuosa da nobreza nas cortes.

Panorama histórico-cultural

As sementes da revolução já haviam sido lançadas no Renascimento: a crença no homem, o racionalismo e, do ponto de vista político-econômico, o mercantilismo. Esse novo sistema econômico propiciou a formação de capitais e o surgimento de uma nova classe, a burguesia, que se afirma com força política e econômica no século XVIII. A ciência é impulsionada, a máquina a vapor é aperfeiçoada e o trabalho artesanal começa a ser substituído por máquinas. A Inglaterra vive a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo, que aos poucos se estende a outros países da Europa e dos Estados Unidos.

O processo industrial atrai os camponeses, ocasionando o crescimento das cidades, o abandono do campo e o aumento das tensões sociais.

Acreditando que, para tirar os homens das trevas da ignorância e das superstições, seria necessário dar-lhes as “luzes” da ciência, procurou-se reunir todo o conhecimento científico e filosófico e divulgá-lo para a maior quantidade possível de indivíduos. Nesse contexto, Diderot e D’Alembert, organizam a Enciclopédia. Entra em cena o *Iluminismo*, conjunto das tendências ideológicas, filosóficas e científicas desenvolvido no período, consequência da recuperação de um espírito experimental, racional que buscava o saber enciclopédico. Os Iluministas tentavam retomar a postura marcante do Renascimento, subitamente interrompida pelas medidas da Contra-Reforma que influenciaram de modo determinante a estética barroca.

Os Iluministas acreditavam que a ciência, o progresso e a liberdade eram meios de trazer a felicidade aos homens. Não aceitavam o Estado absolutista, pregavam a igualdade de poderes e o direito

de propriedade. Era a ideologia da burguesia em ascensão, que resultou na Revolução Francesa, na Independência dos Estados Unidos e, no cenário brasileiro, na Inconfidência Mineira.

No plano político, os iluministas rejeitaram o autoritarismo dos reis absolutistas, argumentando que todos os homens são dotados igualmente de razão e só a ela devem obedecer. Negavam assim os privilégios da nobreza e propunham igualdade de direitos e deveres entre os homens. Começaram então a se estabelecer as ideias de democracia e igualdade social que envolvem o mundo contemporâneo.

No plano religioso, os iluministas acabaram por chocar-se com as ideias dogmáticas da Igreja. A fé pressupõe crer sem examinar, já os iluministas queriam submeter todas as questões que envolvem a realidade à análise da razão.

Características da linguagem árcade

Desenvolvimento de alguns temas clássicos, referidos por expressões latinas:

- ✓ ***Fugere urbem*** (fuga da cidade) e *Locus amoenus* (lugar aprazível, tranquilo): os árcades defendem o bucolismo como ideal de vida, o viver de modo simples e natural, no campo, longe dos centros urbanos. Tal princípio era reforçado por Rousseau, segundo o qual afirma que o homem nasce bom, a civilização e que corrompe seus costumes.

Quem deixa o trato pastoril amado
Pela ingrata, civil correspondência
Ou desconhece o rosto da violência,
Ou o retiro da paz não tem povoado
Cláudio Manuel da Costa

Trato:lugar ou tipo de vida.

Civil correspondência: a vida na cidade.

Nos versos acima, é ressaltada a violência da cidade, em oposição à paz no campo.

- ✓ ***Aurea Mediocritas*** (vida medíocre materialmente, mas rica em realizações espirituais): a idealização de uma vida pobre e feliz no campo, em oposição à vida luxuosa e triste na cidade.

Se não tivermos lãs e peles finas,
podem mui bem cobrir as carnes nossas
as peles dos cordeiros mal curtidas,
e os panos feitos com lãs mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.
Tomás Antônio Gonzaga

Cosido: tecido, costurado.

Nos versos acima são exaltados o trabalho manual e o sentimento, em oposição ao artificialismo e às facilidades da vida urbana.

- ✓ ***Inutilia truncat*** (cortar o inútil). Simplicidade linguística para fazer frente ao rebuscamento do Barroco.

Vemos ainda:

- ✓ **Ideias Iluministas:** como expressão artística da burguesia, o Arcadismo veicula certos ideais políticos e ideológicos dessa classe, formulados pelo Iluminismo, movimento filosófico constituído

por pensadores que defendiam o uso da razão, em contraposição à fé cristã, e combatiam o Absolutismo. Ideias de liberdade, justiça e igualdade social estão presentes em alguns textos da época.

- ✓ Imitação dos antigos, principalmente nas referências à mitologia e na observância das regras de composição.
- ✓ Designação dos poetas e suas musas como pastores e pastoras, que adotavam pseudônimos latinos.
- ✓ **Carpe diem :** o desejo de aproveitar o dia e a vida enquanto é possível – tema explorado pelo Barroco – é retomado pelos árcades e faz parte do convite amoroso como vemos nos versos de Tomás Antônio Gonzaga:

Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos amores
Sobre nossas cabeças
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que passa,
Também, Marília, morre.

O Arcadismo em Portugal

Em Portugal, o Arcadismo estende-se desde 1756, com a fundação da Arcádia Lusitana, até 1825, com a publicação do poema "Camões", de Almeida Garret, considerado o marco inicial do Romantismo português.

A principal expressão literária desse período, Manuel Maria du Bocage, foi um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos.

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765 – 1805)

O poeta português também é conhecido com o pseudônimo árcade de Elmano Sadino (Elmano é um anagrama de Manuel e Sadino é relativo ao rio Sado, que corta a cidade de Setúbal, onde nasceu).

Além das inúmeras experiências amorosas, ele viveu aventuras nas colônias portuguesas do Oriente como na Índia (Goa) e na China (Macau), teve quase o mesmo caminho que Camões. Como ele, Bocage também se incorporou em companhias militares, lutou na guerra, naufragou, amou muitas mulheres e sofreu com elas, foi preso e morreu na miséria.

Podemos identificar na fase inicial da poesia de Bocage uma acomodação aos clichês árcades, como vemos na composição seguinte:

Já se afastou de nos o Inverno agreste
Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:
Varrendo os ares o sutil nordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros e Amores,
E toma o fresco Tejo a cor celeste:
Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:
Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo

Bocage. Obras de Bocage

Identificamos nesse soneto a composição de um *locus amoenus*, marcado pela natureza idílica pronta para receber os amantes. O eu lírico convida sua amada Marília a desfrutar das perfeições da natureza. Vemos, ainda, o desenvolvimento do tema do *fugere urbem* (“deixa louvar da corte a vã grandeza”), bem de acordo com o modelo árcade.

O poeta pré-romântico

Sua vertente erótico-satírica tem uma linguagem obscena e agressiva. Escreveu também poemas líricos, cujos temas fundamentais são o amor, a morte, o destino, a natureza, o conflito entre o sentimento e a razão e o egocentrismo.

Vários poemas de Bocage antecipam tendências do Romantismo, são os pré-românticos, os quais revelam ora a submissão total do amor, ora uma obsessão pela morte.

Veja os exemplos abaixo:

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem beleza e sem brandura,
Urdidos pela mão da Desventura,
Pela baça Tristeza envenenados:

Vede a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura;
Se os ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-ão com ternura os desgraçados.

Não vos inspire, ó versos, cobardia
Da sátira mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tirania.

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;
Que não pode cantar com melodia
Um peito, de gemer cansado e rouco.

Bocage. Obras de Bocage

.....

Fiei-me nos sorrisos da ventura,
Em mimos feminis, como fui louco!
Vi raiar o prazer; porém tão pouco
Momentâneo relâmpago não dura:

No meio agora desta selva escura,
Dentro deste penedo húmido e ouco,
Pareço, até no tom lúgubre, e rouco
Triste sombra a carpir na sepultura:

Que estância para mim tão própria é esta!
Causais-me um doce, e fúnebre transporte,
Áridos matos, lôbrega floresta!

Ah! não me roubou tudo a negra sorte:
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

Bocage. Obras de Bocage

A frouxidão no amor é uma ofensa,

Ofensa que se eleva a grau supremo;
Paixão requer paixão; fervor, e extremo;
Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que diferença!
Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo;
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo;
Em sombras a razão se me condensa.

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
E antes que um coração pouco amoroso
Quisera ver-te uma alma ingrata e dura.

Talvez me enfadaria aspecto iroso;
Mas de teu peito a lânguida ternura
Tem-se cativo, e não me faz ditoso.

Meu ser evaporei na lida insana

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh Deus!... Quando a morte à luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Incultas produções da mocidade

Exponho a vossos olhos, ó leitores.
Vede-as com mágoa, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade e não louvores.

Ponderai da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lágrimas e amores;
Notai dos males seus a imensidade,
A curta duração dos seus favores.

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja aparência
Indique festival contentamento,

Crede, ó mortais, que foram com violência

Escritos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependência.

Para encerrrar:

"Aqui dorme Bocage, o putanheiro;

Passou vida folgada, e milagrosa;

Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro".

Exercícios:

Leia o texto a seguir para responder ao que se pede.

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?

Vê como ali beijando-se os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folgas a abelhinha pára,
Ora nos ares sussurando gira:

Que alegre campo! Que amanhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Bocage. Obras de Bocage

a) Aponte as características típicas do movimento árcade presentes no poema acima, justificando com elementos do texto.

.....
.....
.....

b) Poderíamos dividir esse poema em duas partes: uma que enfatiza o cenário, e a outra que se refere ao sentimento do eu lírico. Indique quais versos compõem cada uma das partes.

.....
.....
.....

c) Apesar do convencionalismo árcade, o poema apresenta um elemento que já pode ser considerado uma antecipação do Romantismo: uma visão subjetiva da natureza. Explique essa afirmação.

.....

.....

O Arcadismo no Brasil

O Arcadismo no Brasil teve início no ano de 1768, com a publicação do livro *Obras* de Cláudio Manuel da Costa.

O eixo do Brasil-colônia se deslocara do nordeste para a região centro-sul, Rio de Janeiro e, especialmente, Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto. Esse deslocamento deu-se com o declínio da produção açucareira no Nordeste e ao desenvolvimento do ouro e do diamante em Minas Gerais. Essa intensa atividade econômica deu ensejo ao aparecimento da vida urbana. Os poetas árcades brasileiros estudaram em Portugal e de lá trouxeram ideais libertárias que fervilhavam pela Europa inteira.

Nesse período Portugal explorava suas colônias a fim de conseguir suprir seu déficit econômico. A economia brasileira estava voltada para a mineração e, portanto, ao estado de Minas Gerais. No entanto, os minérios começaram a ficar escassos e os impostos cobrados por Portugal aos colonos ficaram exorbitantes.

Surgiu, então, no Brasil, a necessidade de buscar uma forma de se desvincular do seu explorador. Logo, ideais revolucionários começaram a se desenvolver aqui, sob influências das Revoluções Industrial e Francesa, ocorridas na Europa, bem como do exemplo da Independência dos Estados Unidos.

Enquanto na Europa surgia o trabalho assalariado, o Brasil ainda vivia o tempo de escravidão. Há um processo de revoltas no Brasil, tendo como a mais eloquente a Inconfidência Mineira, movimento que teve envolvimento dos escritores árcades, como Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa, além do dentista Tiradentes.

Além das características trazidas da Europa, o Arcadismo no Brasil adquiriu algumas particularidades temáticas abaixo apontadas:

- ✓ Inserção de temas e motivos não existentes no modelo europeu, como a paisagem tropical, elementos da flora e da fauna do Brasil e alguns aspectos peculiares da colônia, como a mineração, por exemplo;
- ✓ Episódios da história do país, nas poesias heróicas;
- ✓ O índio como tema literário.

Esses novos temas já prenunciam o que seria o Romantismo no Brasil: a representação do indígena e da cor local.

Os principais autores árcades são: Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga, Basílio da Gama, Silva Alvarenga e Frei José de Santa Rita Durão.

Cláudio Manuel da Costa (1729 – 1789)

O introdutor do Arcadismo no Brasil estudou Direito em Coimbra e voltou à terra natal para exercer a profissão e cuidar de sua herança. Apesar da vida pacata em Vila Rica, foi ele uma das vítimas do rigor com que o governo português tratou os participantes da Inconfidência Mineira. Preso em 1789, foi encontrado enforcado em seu cárcere após um interrogatório. Há a hipótese de ter sido assassinado.

Conhecido como poeta de transição sua poesia ainda está ligada ao cultismo barroco, em alguns aspectos como o uso de inversões e figurações (“negro manto”). Observe:

Já rompe, Nise, a matutina aurora
O negro manto, com que a noite escura,
Sufocando do Sol a face pura,
Tinha escondido a chama brilhadora.

O autor cultivou a poesia lírica e épica.

Na lírica, destaque para a desilusão amorosa (uso do pseudônimo Glauceste Satúrnio). O eu lírico pastor lamenta-se em razão de não ser correspondido por sua musa inspiradora, Nise, ou por se encontrar num lugar de grande beleza natural sem a companhia da mulher amada. Nise representa o ideal da mulher amada inalcançável, nítido traço do reaproveitamento do neoplatonismo amoroso.

LXXX

Quando cheios de gosto, e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lágrimas ardentes
Com mais ânsia, mais dor, mais agonia.

Aquele mesmo objeto, que desvia
Do humano peito as mágoas inclementes,
Esse mesmo em imagens diferentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flores a bela contextura
Esmalta o campo na melhor fragrância,
Para dar uma idéia da ventura;

Como, ó Céus, para os ver terei constância,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bela causadora de minha ânsia?

Cláudio Manuel da Costa

Sua obra lírica é constituída, principalmente, de éclogas e sonetos. Dentre elas, são dignas de destaque *Obras poéticas* - obra que introduziu o Arcadismo.

Na épica escreveu o poema *Vila Rica*, inspirado nas epopéias clássicas, que trata da penetração bandeirante, da descoberta das minas, da fundação de Vila Rica e de revoltas locais.

Enfim serás cantada, Vila Rica,
Teu nome alegre notícia, e já clamava;
Viva o senado! viva! repetia
Itamonte, que ao longe o eco ouvia.

Exemplos de sonetos de Cláudio Manuel da Costa

Quem deixa o trato pastoril, amado

Pela ingrata, civil correspondência,

Ou desconhece o rosto da violência,

Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos transladado

No gênio do pastor, o da inocência!

E que mal é no trato, e na aparência

Ver sempre o cortesão dissimulado!

Ali respira amor sinceridade;

Aqui sempre a traição seu rosto encobre;

Um só trata a mentira, outro a verdade.

Ali não há fortuna, que soçobre;

Aqui quanto se observa, é variedade:

Oh ventura do rico! Oh bem do pobre!

.....

Para cantar de amor tenros cuidados,
Tomo entre vós, ó montes, o instrumento;
Ouvi pois o meu fúnebre lamento;
Se é, que de compaixão sois animados:

Já vós vistes, que aos ecos magoados
Do trácio Orfeu parava o mesmo vento;
Da lira de Anfião ao doce acento
Se viram os rochedos abalados.

Bem sei, que de outros gênios o Destino,
Para cingir de Apolo a verde rama,
Lhes influiu na lira estro divino:

O canto, pois, que a minha voz derrama,
Porque ao menos o entoa um peregrino,
Se faz digno entre vós também de fama.

.....

Pastores, que levais ao monte o gado,
Vêde lá como andais por essa serra;
Que para dar contágio a toda a terra,
Basta ver se o meu rosto magoado:

Eu ando (vós me vêdes) tão pesado;
E a pastora infiel, que me faz guerra,
É a mesma, que em seu semblante encerra
A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo,
Vereis a formosura, que eu adoro;
Mas não; tanto não sou vosso inimigo:

Deixai, não a vejais; eu vo-lo imploro;
Que se seguir quiserdes, o que eu sigo,
Chorareis, ó pastores, o que eu choro.

Tomás Antônio Gonzaga (1744 – 1810)

Nasceu no Porto, em Portugal no ano de 1744. Veio ainda menino para o Brasil. Posteriormente, voltou a Portugal e se formou em Coimbra, onde teve contato com as ideias iluministas e árcades. A partir

de 1782 passou a exercer o cargo de ouvidor em Vila Rica. Começou ali sua amizade com Cláudio Manuel da Costa e seu romance com Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, que passaria a ser identificada com a *Marília* de seus poemas. Foi denunciado como conspirador na Inconfidência Mineira. Preso, foi degredado para Moçambique, onde morreu.

Escreveu as liras *Marília de Dirceu*, poemas centrados no tema de amor do pastor Dirceu pela jovem Marília.

Marília de Dirceu apresenta basicamente duas partes: a primeira pode ser identificada com o período de conquista amorosa e namoro; a segunda pertence à fase da prisão do poeta, veja os versos:

1ª parte
Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpúreas folhas de rosa,
brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
os seus beiços são formados,
os seus dentes delicados
são pedaços de mafim.

2ª parte
Estou no inferno, estou, Marília bela;
e numa coisa só é mais humana
a minha dura estrela;
uns não podem mover do inferno os passos;
eu pretendo voar cedo
à glória dos teus braços.

As experiências dão à obra de Gonzaga maior subjetividade, espontaneidade e emotividade, traços que foram aprofundados pelo movimento literário subsequente, o Romantismo.

Leia a seguir mais um fragmento da lira *Maríla de Dirceu*:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que viva de guardar alheio gado,
de tosco trato, de expressões grosseiro,
dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
das brancas ovelhinhas tiro o leite
e mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela, graças à minha estrela!
Eu vi o meu semblante numa fonte:
dos anos inda não está cortado;
os pastores que habitam este monte
respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
que inveja até me tem o próprio Alceste:
ao som dela concerto a voz celeste,
nem canto letra que não seja minha.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!
Mas tendo tantos dotes da ventura,
só apreço lhes dou, gentil pastora,

depois que o teu afeto me segura
que queres do que tenho ser senhora.
E bom, minha Marília, é bom ser dono
de um rebanho, que cubra monte e prado;
porém, gentil pastora, o teu agrado
vale mais que um rebanho e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!
Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina
te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! não, não fez o céu, gentil pastora,
para glória de amor igual tesouro!
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!
(...)Irás a divertir-te na floresta,
sustentada, Marília, no meu braço;
aqui descansarei a quente sesta,
dormindo um leve sono em teu regaço;
enquanto a luta jogam os pastores,
e emparelhados correm nas campinas,
touca rei teus cabelos de boninas,
nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!
Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
nossos corpos terão, terão a sorte
de consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de ciprestes,
lerão estas palavras os pastores:
"Quem quiser ser feliz nos seus amores,
siga os exemplos que nos deram estes".
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!
Minha bela Marília, tudo passa;
a sorte deste mundo é mal segura;
se vem depois dos males a ventura,
vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos deuses
sujeitos ao poder do ímpio fado:
Apolo já fugiu do céu brilhante,
já foi pastor de gado.
A devorante mão da negra morte
acaba de roubar o bem que temos,
até na triste campa não podemos
zombar do braço da inconstante sorte:
qual fica no sepulcro,
que seus avós ergueram, descansado;
qual no campo, e lhe arranca os frios ossos
ferro do torto arado.
Ah! enquanto os destinos impiedosos
não voltam contra nós a face irada,
façamos, sim, façamos, doce amada,
os nossos breves dias mais ditosos.
Um coração que, frouxo,
a grata posse de seu bem difere,

a si, Marília, a si próprio rouba.
e a si próprio fere.
Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
e para nós o tempo que se passa
também, Marília, morre.
Com os anos, Marília, o gosto falta;
e se entorpece o corpo já cansado;
triste, o velho cordeiro está deitado;
e o leve filho, sempre alegre, salta.
A mesma formosura
é dote que só goza a mocidade:
rugam-se as faces, o cabelo alveja,
mal chega a longa idade.
Que havemos de esperar, Marília bela?
que vão passando os florescentes dias?
As glórias que vêm tarde, já vêm frias,
e pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.
Ah! não, minha Marília,
aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças,
e ao semblante a graça!

Tomás Antônio Gonzaga escreveu também *Cartas Chilenas*, um longo poema satírico que faz uma crítica ao então governador da capitania, Luis da Cunha Meneses.

A obra é um jogo de disfarces: *Fanfarrão Minésio* é o pseudônimo do governador; *chilenas* equivale a *mineiras*, *Santiago*, de onde são assinadas, equivale a *Vila Rica*. O autor das cartas é *Critilo*, e seu destinatário, como *Doroteu*.

1ª Carta (fragmentos)

Não cuides, Doroteu, que vou contar-te

por verdadeira história uma novela

da classe das patranhas, que nos contam

verbosos navegantes, que já deram

ao globo deste mundo volta inteira.

Uma velha madrasta me persiga,

uma mulher zelosa me atormente

e tenha um bando de gatunos filhos,

que um chavo não me deixem, se este chefe

não fez ainda mais do que eu refiro.

.....

Tem pesado semblante, a cor é baça,

o corpo de estatura um tanto esbelta,

feições compridas e olhadura feia;

tem grossas sobrancelhas, testa curta,

nariz direito e grande, fala pouco

em rouco, baixo som de mau falsete;

sem ser velho, já tem cabelo ruço,

e cobre este defeito e fria calva

à força de polvilho que lhe deita.

Ainda me parece que o estou vendo

no gordo rocinante escarranchado,

as longas calças pelo embigo atadas,

amarelo colete, e sobre tudo

vestida uma vermelha e justa farda.

Exercício:

Responda às questões que se seguem com base na leitura dos fragmentos das *Cartas chilenas* – 2ª parte.

Não cuides, Doroteu, que brandas penas
Me formam o colchão macio e fofo;
Não cuides que é de paina a minha fronha
E que tenho lençóis de fina holanda,
Com largas rendas sobre os crespos folhos.
Custosos pavilhões, dourados leitos
E colchas matizadas, não se encontram
Na casa mal provida de um poeta,
Aonde, há dias que o rapaz que serve
Nem na suja cozinha acende o fogo.

Mas, nesta mesma cama, tosca e dura,
Descanso mais contente, do que dorme
Aquele, que só põe o seu cuidado
Em deixar a seus filhos o tesouro
Que ajunta, Doroteu, com meio avara,
Furtando ao rico e não pagando ao pobre.

Aqui... mas onde vou, prezado amigo?
Deixemos episódios, que não servem
E vamos prosseguindo a nossa história.

Apenas, Doroteu, o nosso chefe
As rédeas manejou, do seu governo,
Fingir-nos intentou que tinha uma alma
Amante da virtude. Assim foi Nero.
Governou aos romanos pelas regras

Da formosa justiça, porém logo
Trocou o cetro de ouro em mão de ferro.
Manda, pois, aos ministros lhe dêem listas
De quantos presos as cadeias guardam,
Faz a muitos soltar e aos mais alenta
De vivas, bem fundadas esperanças.
Estranha ao subalterno, que se arroga
O poder castigar ao delinqüente
Com troncos e galés; enfim ordena
Que aos presos, que em três dias não tiverem
Assentos declarados, se abram logo
Em nome dele, chefe, os seus assentos.

Aquele, Doroteu, que não é santo,
Mas quer fingir-se santo aos outros homens
Pratica muito mais, do que pratica
Quem segue os sãos caminhos da verdade.
Mal se põe nas igrejas, de joelhos,
Abre os braços em cruz, a terra beija,
Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,
Faz que chora, suspira, fere o peito,
E executa outras muitas macaquices
Estando em parte onde o mundo as veja.
Assim o nosso chefe, que procura
Mostrar-se compassivo, não descansa
Com estas poucas obras: passa a dar-nos
Da sua compaixão maiores provas.

.....

O povo, Doroteu, é como as moscas
Que correm ao lugar, aonde sentem
O derramado mel, é semelhante
Aos corvos e aos abutres, que se ajuntam
Nos ermos, onde fede a carne podre.
À vista, pois, dos fatos, que executa
O nosso grande chefe, decisivos
Da piedade que finge, a louca gente
De toda a parte corre a ver se encontra
Algum pequeno alivio à sombra dele.

a) Na primeira estrofe do poema, antes de passar propriamente ao relato crítico e político, Critilo reflete sobre sua condição e compara-a à do rico. Qual é a condição social do poeta?

.....
.....
.....

b) Comparada a sua condição à do rico, qual ele prefere? Por quê?

.....
.....
.....

c) É próprio da sátira não apenas ridicularizar algo ou alguém, mas também censurar-lhe os erros. Que comportamentos de Fanfarrão Minésio são criticados?

.....
.....
.....

d) De acordo com a última estrofe, que tipo de relação o povo mantém com seu governante?

.....
.....
.....

A épica árcade

A literatura do século XVIII, tomando como modelo o Classicismo do Século XVI, traz à tona novamente o gosto pelo poema épico. A grande novidade, contudo, encontra-se no tema: o índio brasileiro e seu ambiente natural. O indianismo árcade, ao mesmo tempo que desperta a consciência nativista na cultura colonial brasileira, lança bases de uma fértil tradição em toda nossa literatura. A épica árcade é representada principalmente pelas obras *O Uraguai*, de Basílio da Gama, e *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Esses poemas, além de conterem ideias iluministas, apresentam dois aspectos inexistentes na épica européia: o indianismo e o exotismo da paisagem colonial.

José Basílio da Gama (1741 – 1795)

Mineiro, nascido em Tiradentes, o ponto mais alto de sua obra foi o poema épico *O Uraguai* que celebrava a vitória militar de Gomes Freire de Andrade, comissário real, contra os índios da Colônia dos Sete Povos das Missões do Uruguai. Localizadas a leste do Uruguai, em região hoje pertencente ao estado do Rio Grande do Sul.

Frei José de Santa Rita Durão (1722? – 1784)

Mineiro de Mariana, Minas Gerais. Sua obra mais importante é o *Caramuru*, poema épico do descobrimento da Bahia, que narra as aventuras de Diogo Álvares Correia, náufrago português que, salvo da antropofagia graças a um disparo de sua arma, passou a viver entre os índios e exerceu importante papel na colonização das terras baianas.

Exercícios:

1. (UM-SP) Entende-se por literatura árcade:
(A) A linha européia de produção literária com linguagem rebuscada.
(B) A linha européia de produção literária com volta aos padrões clássicos.
(C) A produção de poesia lírico-amorosa da geração byroniana.
(D) A produção de poesia lírica nacional com retórica aprimorada.
(E) A linha européia que prega a “arte pela arte”.

2. (FATEC-SP)- Sobre o Arcadismo brasileiro só **não** se pode afirmar que:
(A) Tem suas fontes nos antigos grandes autores gregos e latinos, dos quais imita os motivos e formas.
(B) Teve em Cláudio Manuel da Costa o representante que, de forma original, recusou a motivação bucólica e os modelos camonianos da lírica amorosa.
(C) Nos legou os poemas de feição épica *Caramuru* (de Frei José de Santa Rita Durão) e *O Uraguai* (de Basílio da Gama), no qual se reconhece qualidade literária destacada em relação ao primeiro.
(D) Norteou, em termos dos valores estéticos básicos, a produção dos versos de *Marília de Dirceu*, obra que celebrizou Tomás Antônio Gonzaga e que destaca a originalidade de estilo e de tratamento local dos temas pelo autor.
(E) Apresentou uma corrente de conotação ideológica, envolvida com as questões sociais do seu tempo, com a crítica aos abusos de poder da Coroa Portuguesa.

3. (UFAC) O Arcadismo brasileiro surgiu por volta de 1700, tingindo as artes de uma nova tonalidade burguesa, só não se pode afirmar que:

a) Tem suas fontes nos antigos grandes autores gregos e latinos, dos quais imita os motivos e formas.

b) Apresentou uma corrente de conotação ideológica, envolvida com as questões sociais do seu tempo, com a crítica aos abusos de poder da Coroa Portuguesa.

c) Legou a nós os poemas de feição épica Caramuru, de Frei José de Santa Rita Durão e O Uraguai, de Basílio da Gama, no qual se reconhece qualidade literária destacada em relação ao primeiro.

d) Teve em Cláudio Manuel da Costa o representante que, de forma original, recusou a motivação bucólica e os modelos camonianos da lírica amorosa.

e) Em termos dos valores estéticos básicos, norteou a produção dos versos de Marília de Dirceu, obra que celebrizou Tomás Antonio Gonzaga e que destaca a originalidade de estilo e de tratamento local dos temas pelo autor.

4. (UFPE)

"Além do horizonte deve ter
Algum lugar bonito
Pra viver em paz
Onde eu possa encontrar
A natureza
Alegria e felicidade
Com certeza...

La nesse lugar
O amanhecer é lindo
Com flores festejando
Mais um dia que vem vindo...

Onde a gente pode
Se deitar no campo
Se amar na relva
Escutando o canto
Dos pássaros...".

→Roberto e Erasmo Carlos estão falando de um lugar ideal, de um ambiente campestre, calmo. Em literatura, um grupo de escritores, no século XVIII, defendeu o bucolismo, a necessidade de revalorização da vida simples, em contanto com a natureza. Estamos fazendo referência aos escritores do:

a) Romantismo.
b) Arcadismo.
c) Realismo.
d) Barroco.
e) Simbolismo

5. (UF - PR) - "Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que vive de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelado e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!"

A presente estrofe reflete a temática predominante no período:
a) romântico
b) parnasiano
c) arcádico
d) simbolista
e) modernista

6. (UF - PR) - "Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que vive de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelado e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!"

O texto tem traços que caracterizam o período literário ao qual pertence. Uma qualidade patente nesta estrofe é:
a) o bucolismo;
b) o misticismo;
c) o nacionalismo;
d) o regionalismo;
e) o indianismo.

7. (Fuvest)

I. "Porque não merecia o que lograva,
Deixei, como ignorante, o bem que tinha,
Vim sem considerar aonde vinha,
Deixei sem atender o que deixava."

II."Se a flauta mal cadente
Entoa agora o verso harmonioso,
Sabei, me comunica este saudoso
Influxo a dor veemente;
Não o gênio suave,
Que ouviste já no acento agudo e grave."

III."Da delirante embriaguez de bardo
Sonhos em que afoguei o ardor da vida,
Ardente orvalho de febris pranteios,
Que lucro à alma descrida?"

Cada estrofe, a seu modo, trabalha o tema de um bem, de um amor almejado e passado ou perdido. Avaliando atentamente os recursos poéticos utilizados em cada uma delas podemos dizer que os movimentos literários a que pertencem I, II e III são respectivamente:
a) barroco - arcadismo - romantismo.
b) barroco - romantismo - parnasianismo.
c) romantismo - parnasianismo - simbolismo.
d) romantismo - simbolismo - modernismo.
e) parnasianismo - simbolismo - modernismo.

8. (Ufsc) - Considere as afirmativas sobre Barroco e o Arcadismo:

1. Simplificação da língua literária – ordem direta – imitação dos antigos gregos e romanos.
2. Valorização dos sentidos – imaginação exaltada – emprego dos vocábulos raros.
3. Vida campestre idealizada como verdadeiro estado de poesia-clareza-harmonia.
4. Emprego freqüente de trocadilhos e de perífrases – malabarismos verbais – oratória.
5. Sugestões de luz, cor e som – antítese entre a vida e a morte – espírito cristão antiterreno.

Assinale a opção que só contém afirmativas sobre o Arcadismo:
a) 1, 4 e 5
b) 2, 3 e 5
c) 2, 4 e 5
d) 1 e 3
e) 1, 2 e 5

9. (Puc-Rj) - Qual dessas afirmações não caracterizava a poesia arcádica realizada no Brasil no século XVIII?
a) Procurava-se descrever uma atmosfera denominada locus amoenus.
b) A poesia seguia o lema de “cortar o inútil” do texto.
c) As amadas eram ninfas, lembrando a mitologia grega e romana.
d) Os poetas da época não se expressaram no gênero épico.
e) Diversos poemas foram dedicados a reis e rainhas, e tinham um objetivo político.

10. 8) (Santa Casa SP) –

Texto I

“É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.”

Texto II

“Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
nossos corpos terão, terão a sorte
de consumir os dous a mesma terra.”

O texto I é barroco; o texto II é arcádico. Comparando-os, é possível afirmar que os árcades optaram por uma expressão:

a) impessoal e, portanto, diferenciada do sentimentalismo barroco, em que o mundo exterior era projeção do caos interior do poeta.
b) despojada das ousadias sintáticas da estética anterior, com predomínio da ordem direta e de vocábulos de uso corrente.
c) que aprofunda o naturalismo da expressão barroca, fazendo que o poeta assuma posição eminentemente impessoal.
d) em que predominam, diferentemente do Barroco, a antítese, a hipérbole, a conotação poderosa.
e) em que a quantidade de metáforas e de torneios de linguagem supera a tendência denotativa do Barroco.

11. (Cescem) - “Alguém há de cuidar que é frase inchada
Daquela que lá se usa entre essa gente
Que julga, que diz muito, e não diz nada.
O nosso humilde gênio não consente,
Que outra coisa se diga mais, que aquilo
Que só convém ao espírito inocente.”

Os versos de Cláudio Manuel da Costa lembram o fato de que:
a) a expressão exata, contida, que busca os limites do essencial, é traço da literatura colonial brasileira e dos primeiros movimentos estéticos pós-Independência.
b) o Barroco se esforçou por alcançar uma expressão rigorosa e comedida, a fim de espelhar os grandes conflitos do homem.
c) o Arcadismo, buscando simplicidade, se opôs à expressão intrincada a aos excessos do cultismo do Barroco.
d) o Romantismo, embora tenha refugado os rigores do formalismo neo-clássico, tomou por base o sentimentalismo originário desse movimento estético.
e) o Romantismo negou os rigores da expressão clássica e lusitana, mas incorporou a tradição literária da poesia colonial.

12. 14) (UFV) - Leia o texto a seguir e faça o que se pede:

Ornemos nossas testas com as flores
E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre,
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre.

Todas as alternativas a seguir apresentam características do Arcadismo, presentes na estrofe anterior, EXCETO:
a) Ideal de ÁUREA MEDIOCITAS, que leva o poeta a exaltar o cotidiano prosaico da classe média.
b) Tema do CARPE DIEM - uma proposta para se aproveitar a vida, desfrutando o ócio com dignidade.
c) Ideal de uma existência tranqüila, sem extremos, espelhada na pureza e amenidade da natureza.
d) Fugacidade do tempo, fatalidade do destino, necessidade de envelhecer com sabedoria.
e) Concepção da natureza como permanente reflexo dos sentimentos e paixões do "eu" lírico.

Exercícios Extras:

O **Arcadismo** é uma escola literária surgida na Europa no século XVIII, razão por que também é denominada como **Setecentismo** ou **neoclassicismo**. O nome "Arcadismo" é uma referência à Arcádia, região bucólica do Peloponeso, na Grécia antiga, tida como ideal de inspiração poética.
A principal característica desta escola é a **exaltação da natureza** e de tudo o que lhe diz respeito. Por essa razão muitos poetas do Arcadismo adotaram pseudônimos de pastores gregos ou latinos. Caracteriza-se ainda pelo recurso a esquemas rítmicos mais graciosos.
Numa perspectiva mais ampla, expressa a crítica da burguesia aos abusos da nobreza e do clero praticados no Antigo Regime.
Adicionalmente os burgueses cultuam o mito do homem natural em oposição ao homem corrompido pela sociedade, conceito originalmente expresso por Jean-Jacques Rousseau, na figura do “bom selvagem”

EXERCÍCIOS SOBRE ARCADISMO

1) (UF - PR) - "Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que vive de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelado e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!"

A presente estrofe reflete a temática predominante no período:
a) romântico
b) parnasiano
c) arcádico
d) simbolista
e) modernista

2) (UF - PR) - "Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que vive de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelado e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!"

O texto tem traços que caracterizam o período literário ao qual pertence. Uma qualidade patente nesta estrofe é:
a) o bucolismo**;**
b) o misticismo;
c) o nacionalismo;
d) o regionalismo;
e) o indianismo.

3) (Fuvest) - I. "Porque não merecia o que lograva,
Deixei, como ignorante, o bem que tinha,
Vim sem considerar aonde vinha,
Deixei sem atender o que deixava."

II."Se a flauta mal cadente
Entoa agora o verso harmonioso,

Sabei, me comunica este saudoso
Influxo a dor veemente;
Não o gênio suave,
Que ouviste já no acento agudo e grave."

III."Da delirante embriaguez de bardo
Sonhos em que afoguei o ardor da vida,
Ardente orvalho de febris pranteios,
Que lucro à alma descrida?"

Cada estrofe, a seu modo, trabalha o tema de um bem, de um amor almejado e passado ou perdido. Avaliando atentamente os recursos poéticos utilizados em cada uma delas podemos dizer que os movimentos literários a que pertencem I, II e III são respectivamente:
a) barroco - arcadismo - romantismo.
b) barroco - romantismo - parnasianismo.
c) romantismo - parnasianismo - simbolismo.
d) romantismo - simbolismo - modernismo.
e) parnasianismo - simbolismo - modernismo.

4) (Cescem) - O Arcadismo, didaticamente, inicia-se, no Brasil, em 1768:
a) com a fundação de Arcádia de Lusitana.
b) com a publicação de poemas de Cláudio Manuel da Costa (em Lisboa) e pela fundação da Arcádia Ulissiponense.
c) com a publicação dos poemas de Cláudio Manuel da Costa (em Lisboa) e pela fundação da Arcádia Ultramarina.
d) pela vinda da família real para o Brasil.
e) nenhuma das anteriores.

5) (Ufsc) - Considere as afirmativas sobre Barroco e o Arcadismo:

1. Simplificação da língua literária – ordem direta – imitação dos antigos gregos e romanos.
2. Valorização dos sentidos – imaginação exaltada – emprego dos vocábulos raros.
3. Vida campestre idealizada como verdadeiro estado de poesia-clareza-harmonia.
4. Emprego freqüente de trocadilhos e de perífrases – malabarismos verbais – oratória.
5. Sugestões de luz, cor e som – antítese entre a vida e a morte – espírito cristão antiterreno.

Assinale a opção que só contém afirmativas sobre o Arcadismo:
a) 1, 4 e 5
b) 2, 3 e 5
c) 2, 4 e 5
d) 1 e 3
e) 1, 2 e 5

6) (Puc rj) - Qual dessas afirmações não caracterizava a poesia arcádica realizada no Brasil no século XVIII?
a) Procurava-se descrever uma atmosfera denominada locus amoenus.
b) A poesia seguia o lema de “cortar o inútil” do texto.
c) As amadas eram ninfas, lembrando a mitologia grega e romana.
d) Os poetas da época não se expressaram no gênero épico.
e) Diversos poemas foram dedicados a reis e rainhas, e tinham um objetivo político.

7) (Mackenzie) - Apontar a alternativa correta:
a) Tomás Antônio Gonzaga cultivou a poesia satírica em O Desertor.
b) Na obra Cartas Chilenas, temos uma sátira contra a administração de Luís da Cunha Menezes.
c) Nessa obra o autor se disfarça sob o nome de “Doroteu”
d) Para maior disfarce, o autor de Cartas Chilenas faz passar a ação na cidade do Rio de Janeiro.
e) Tomás Antônio Gonzaga tinha o pseudônimo de “Doroteu”.

8) (Santa Casa SP) - Texto I

"É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida."

Texto II

"Depois que nos ferir a mão da morte,
ou seja neste monte, ou noutra serra,
nossos corpos terão, terão a sorte
de consumir os dous a mesma terra."

O texto I é barroco; o texto II é arcádico. Comparando-os, é possível afirmar que os árcades optaram por uma expressão:
a) impessoal e, portanto, diferenciada do sentimentalismo barroco, em que o mundo exterior era projeção do caos interior do poeta.
b) despojada das ousadias sintáticas da estética anterior, com predomínio da ordem direta e de vocábulos de uso corrente.
c) que aprofunda o naturalismo da expressão barroca, fazendo que o poeta assuma posição eminentemente impessoal.
d) em que predominam, diferentemente do Barroco, a antítese, a hipérbole, a conotação poderosa.
e) em que a quantidade de metáforas e de torneios de linguagem supera a tendência denotativa do Barroco.

9) (Cescem) - "Alguém há de cuidar que é frase inchada
Daquela que lá se usa entre essa gente
Que julga, que diz muito, e não diz nada.
O nosso humilde gênio não consente,
Que outra coisa se diga mais, que aquilo
Que só convém ao espírito inocente."

Os versos de Cláudio Manuel da Costa lembram o fato de que:
a) a expressão exata, contida, que busca os limites do essencial, é traço da literatura colonial brasileira e dos primeiros movimentos estéticos pós-Independência.
b) o Barroco se esforçou por alcançar uma expressão rigorosa e comedida, a fim de espelhar os grandes conflitos do homem.
c) o Arcadismo, buscando simplicidade, se opôs à expressão intrincada a aos excessos do cultismo do Barroco.
d) o Romantismo, embora tenha refugado os rigores do formalismo neo-clássico, tomou por base o sentimentalismo originário desse movimento estético.
e) o Romantismo negou os rigores da expressão clássica e lusitana, mas incorporou a tradição literária da poesia colonial.

10) (Ffsc) - Os autores árcades brasileiros apresentam uma obra divorciada das necessidades brasileiras, na segunda metade do século XVIII. Como processo de defesa à liderança do público, tais letrados criam:
a) poemas de profundo subjetivismo;
b) os contos regionais de mineração;
c) a dialética;
d) as academias;
e) a literatura romântica.

11) (Cescea) - "A poesia parece fenômeno mais vivo e autêntico (...) por ter brotado de experiências humanas palpitantes". (Ele) "é dos raros poetas brasileiros, certamente o único entre os árcades, cuja vida amorosa importa para a compreensão da obra."

"O lírico ouvidor soltava os seus amores em liras apaixonadas, que tinham, naquele ambiente de Vila Rica, um sabor novo e raro."

Assim a crítica literária tem-se manifestado sobre o poeta:
a) Cláudio Manuel da Costa
b) Tomás Antônio Gonzaga
c) Alvarenga Peixoto
d) Gonçalves de Magalhães
e) Basílio da Gama

12) (Puc) - Relacione as colunas:

1.Glauceste Satúrnio
2.Alcindo Palmirendo
3.Dirceu
4.Termindo Sipílio
5.Lereno

( ) Tomás Antônio Gonzaga
( ) Cláudio Manuel da Costa
( ) Basílio da Gama
( ) Caldas Barbosa
( ) Silva Alvarenga
a) 3, 1, 5, 2, 4
b) 3, 1, 4, 5, 2
c) 1, 2, 3, 4, 5
d) 3, 2, 4, 1, 5
e) 3, 1, 4, 2, 5

13) (Fatec) - "Voltaram à baila os deuses esquecidos, as ninfas esquivas, as náiades, as oréades e os pastores enamorados, as pastoras insensíveis e os rebanhos numerosos das bucólicas de Teócrito e Virgílio."
(Ronald de Carvalho, PEQUENA HISTÓRIA DE LITERATURA BRASILEIRA)

O trecho acima refere-se ao seguinte movimento literário:
a) Romantismo.
b) Barroco.
c) Arcadismo.
d) Parnasianismo.
e) Naturalismo.

14) (Ufviçosa) - Leia o texto a seguir e faça o que se pede:

Ornemos nossas testas com as flores
E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre,
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre.
(TAG, MD, Lira XIV)

Todas as alternativas a seguir apresentam características do Arcadismo, presentes na estrofe anterior, EXCETO:
a) Ideal de ÁUREA MEDIOCITAS, que leva o poeta a exaltar o cotidiano prosaico da classe média.
b) Tema do CARPE DIEM - uma proposta para se aproveitar a vida, desfrutando o ócio com dignidade.
c) Ideal de uma existência tranqüila, sem extremos, espelhada na pureza e amenidade da natureza.
d) Fugacidade do tempo, fatalidade do destino, necessidade de envelhecer com sabedoria.
e) Concepção da natureza como permanente reflexo dos sentimentos e paixões do "eu" lírico.

15) (Ufviçosa) - Leia o fragmento de texto a seguir e faça o que se pede:

Esprema a vil calúnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovam raios e raios, no seu rosto
Não hás de ver, Marília, o medo escrito:
O medo perturbador,
Que infunde o vil delito.

[...]

Eu tenho um coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marília, bem o sabes:
Eu tenho um coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marília, bem o sabes:

Um coração .... e basta,
Onde tu mesma cabes.

(TAG, MD, Parte II, Lira II)

Sobre o fragmento de texto de Tomás Antônio Gonzaga, Marília de Dirceu, assinale a alternativa FALSA:
a) a interferência do mito na tessitura dos poemas, mantendo o poeta dentro dos padrões poéticos clássicos, impede-o de abordar problemas pessoais.
b) a interpelação feita a Marília muitas vezes é pretexto para o poeta celebrar sua inocência e seu destemor diante das acusações feitas contra ele.
c) a revelação sincera de si próprio e a confissão do padecimento que o inquieta levam o poeta a romper com o decálogo arcádico, prenunciando a poética romântica.
d) a desesperança, o abatimento e a solidão, presentes nas liras escritas depois da prisão do autor, revelam contraste com as primeiras, concentradas na conquista galante da mulher amada.
e) embora tenha a estrutura de um diálogo, o texto é um monólogo - só Gonzaga fala e raciocina.

Gabarito:

1-c; 2-a; 3-a; 4-c; 5-d; 6-d; 7-b; 8-b; 9-c; 10-d; 11-b; 12-b; 13-c; 14-a; 15-a;

Romantismo

Movimento artístico e filosófico surgido no final do século XVIII na Europa que perdurou até grande parte do século XIX. Nasce na Alemanha quando Goethe publicou *Werther*, mas é na França que ganha força e de lá se espalha pela Europa e pelas Américas. Opõe-se ao racionalismo e ao rigor do neoclassicismo. Caracteriza-se por defender a liberdade de criação e privilegiar a emoção. As obras valorizam o individualismo, o sofrimento amoroso, a religiosidade cristã, a natureza, os temas nacionais e o passado. A tendência está impregnada de ideais de liberdade da Revolução Francesa (1789).

Panorama histórico-cultural

A palavra-chave em fins do século XVIII e no início do XIX era a *liberdade*. O Romantismo rompe com a tradição clássica e abre caminho para a modernidade.

Os burgueses pregavam o liberalismo econômico e a democracia no terreno preparado pelos filósofos iluministas da primeira metade do século XVIII. Décadas depois, a Revolução toma conta da Europa. Os ideais de *liberdade*, *igualdade* e *fraternidade* contagiaram os setores populares – o campesinato e os trabalhadores urbanos, arregimentando-os para a derrubada dos regimes absolutistas.

Economicamente, a Europa presenciava a euforia e as consequências decorrentes da Revolução Industrial na Inglaterra: novos inventos para a indústria, divisão do trabalho e maior produtividade, formação de centros fabris e urbanos, surgimento do operariado, revoltas sociais e nascimento de sindicatos, associações de trabalhadores e de patrões.

A substituição do trabalho dos camponeses pelas máquinas desencadeou o êxodo rural, uma vez que as indústrias localizavam-se nas proximidades dos grandes centros urbanos. Esse deslocamento já permitia antever problemas futuros, mas naquele primeiro momento da Revolução Industrial era de entusiasmo e crença nos benefícios econômicos trazidos por ela. O triunfo do Capitalismo como sistema econômico consuma-se pouco a pouco.

O Arcadismo não deixara de ser em essência a continuação do Classicismo, com seus modelos e regras, enquanto os românticos, num clima de liberdade e transformação, puderam, de fato, propor uma ruptura com os modelos preestabelecidos e a absoluta liberdade de criação.

O novo público consumidor, de origem burguesa, não mais aceitando os padrões clássicos que indicavam uma concepção estática do mundo, dita novos valores: o apego às tradições nacionais, o gosto pelas lendas e narrativas de origem medieval e pelo heroísmo; o sacrifício e sangue derramado, que evocam o recente passado revolucionário, e a afirmação das nacionalidades.

A arte até então era produzida e consumida pela aristocracia. Era feita pela elite e para a elite. Com a mudança no cenário político, após a chegada da burguesia ao poder como conseqüência da Revolução Francesa, os artistas, aristocratas, olhavam para o burguês como um arrivista social que tinha dinheiro e poder, mas carecia de cultura e educação. Era preciso, portanto, que ocorresse uma transformação cultural equivalente à política. Somente os burgueses, interessados em somar poder econômico ao prestígio social, podiam realizar essa reforma.

Características do Romantismo

Subjetivismo: o romancista trata dos assuntos de forma pessoal, de acordo com sua opinião sobre o mundo. O subjetivismo pode ser notado através do uso de verbos na primeira pessoa. Trata-se sempre de uma opinião particular, dada por um indivíduo que baseia sua perspectiva naquilo que as suas sensações captam. Com plena liberdade de criar, o artista romântico não se acanha em expor suas emoções pessoais, em fazer delas a temática sempre retomada em sua obra. O eu é o foco principal do subjetivismo, o eu é egoísta, forma de expressar seus sentimentos.

Egocentrismo: a maior parte dos poetas românticos volta-se predominantemente para o próprio eu, numa postura tipicamente narcisista. Como o nome já diz, é a colocação do ego no centro de tudo.

Idealização: empolgado pela imaginação, o autor idealiza temas, exagerando em algumas de suas características. Dessa forma, a mulher é uma virgem frágil, o índio é um herói nacional, e a pátria sempre perfeita. Essa característica é marcada por descrições minuciosas e muitos adjetivos.

Fusão do Grotesco e do sublime: há a fusão do belo e do feio. Apesar da tendência idealizante, o Romantismo procura captar o homem em sua plenitude, enfocando também o lado feio e obscuro de cada um.

Sentimentalismo: a relação do artista romântico com o mundo é sempre mediada pela emoção, sendo as mais comuns a saudade, a tristeza e a desilusão. Os poemas expressam o sentimento do poeta, suas emoções e são como o relato sobre uma vida.

Religiosidade: sobretudo nos primeiros românticos, surgiu como reação ao materialismo racionalista; evidentemente, porém, não se trata de uma fé apoiada em base inteligente, e sim em base emocional, servindo até de válvula de escape para a frustração da vida real.

Medievalismo: alguns românticos se interessavam pela origem de seu povo, de sua língua e de seu próprio país. Na Europa, eles acharam no cavaleiro fiel à pátria um ótimo modo de retratar as culturas de seu país; no Brasil, o índio é a representação viva do nosso passado medieval.

Indianismo: o interesse pelo índio e sua idealização estão relacionados com o projeto nacionalista do Romantismo. O índio, contrapondo-se ao colonizador português e à sua cultura, representa o elemento nativo, as próprias origens do país.

O Indianismo é o medievalismo "adaptado" ao Brasil, como os brasileiros não tinham um cavaleiro para idealizar, os escritores adotaram o índio como o ícone para a origem nacional e o colocam como um herói. O indianismo resgatava o ideal do "bom selvagem" (Jean-Jacques Rousseau), segundo o qual a sociedade corrompe o homem e o homem perfeito seria o índio, que não tinha nenhum contato com a sociedade européia.

A evasão ou escapismo: resultado do conflito do *eu* com a realidade, o que leva o romântico a evadir-se na aspiração por um outro mundo, onde ele não encontre as dificuldades da realidade a que está vinculado. Resultam daí:

Saudosismo: da infância, do passado, da pátria, dos entes queridos.

O sonho: que permite a criação de um mundo pessoal e idealizado.

A consciência da solidão: resultante de uma inadaptação ao mundo e da crença de que é um incompreendido.

O exagero: apelo aos extremos e ao excesso de figuras de linguagem.

Byronismo: inspirado na vida e na obra de Lord Byron, poeta inglês. Estilo de vida boêmio, voltado para vícios, bebida, fumo e sexo, podendo estar representado no personagem ou na própria vida do autor romântico. O byronismo é caracterizado pelo narcisismo, pelo egocentrismo, pelo pessimismo, pela angústia e, por vezes, pelo satanismo.

Condoreirismo: trata-se de uma corrente de poesia político-social que ganhou repercussão entre os poetas da terceira geração romântica no Brasil, os quais estão comprometidos com a causa abolicionista e republicana. Na Europa, tornam-se defensores da classe operária.

O Romantismo em Portugal

Iniciou-se em 1825, Almeida Garrett publicou o poema *Camões*, biografia do célebre poeta que retratava principalmente o sentimentalismo.

O Romantismo durou cerca de 40 anos e termina por volta de 1865, com a Questão Coimbrã, encabeçada por Antero de Quental. Assim como em outros países, o Romantismo português uniu-se ao liberalismo e à ideologia burguesa.

Há três momentos distintos no desenvolvimento do Romantismo português:

Primeira geração

Atuante entre os anos de 1825 e 1840, ainda bastante ligada ao Classicismo, contribui para a consolidação do liberalismo em Portugal. Os principais escritores como Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano de Castilho, embora influenciados pela formação clássica, voltam seus interesses para a recuperação do passado histórico português, eminentemente medieval, escolha que acentuará o caráter nacionalista de suas obras.

Segunda geração

Também conhecida como Ultra-Romantismo, marcado pelo exagero, desequilíbrio, sentimentalismo, prevalece até 1860. Principais escritores: Camilo Castelo Branco e Soares Passos.

Terceira geração

De 1860 a 1870, é considerado momento de transição, por já anunciar o Realismo. Traz um Romantismo mais equilibrado, regenerado (corrigido, reconstituído). Principais escritores: João de Deus, na poesia, e Júlio Dinis, na prosa.

Além da poesia e do romance, nesses três momentos românticos, desenvolveram-se ainda o teatro, a historiografia e o jornalismo de forma nunca vista antes em Portugal.

Romantismo no Brasil

O Romantismo nasce no Brasil poucos anos depois de nossa independência política. Por isso, as primeiras obras e os primeiros artistas românicos estão empenhados em definir um perfil da cultura brasileira em vários aspectos: a língua, a etnia, as tradições, o passado histórico, as diferenças regionais, a religião, etc. Pode-se dizer que o nacionalismo é o traço essencial que caracteriza a produção de nossos primeiros escritores românticos, como é o caso de Gonçalves Dias.

A história do Romantismo no Brasil confunde-se com a própria história política brasileira da primeira metade do século passado. Com a invasão de Portugal por Napoleão, a Coroa portuguesa muda-se para o Brasil em 1808 e eleva a colônia à categoria de Reino Unido, ao lado de Portugal e Algarves.

As conseqüências desse fato são inúmeras. A vida brasileira altera-se profundamente, o que de certa forma contribui para o processo de independência política da nação.

A dinamização da vida cultural da colônia e a criação de um público leitor (mesmo que, inicialmente, de jornais) criam algumas das condições necessárias para o florescimento de uma literatura mais consistente e orgânica do que eram as manifestações literárias dos séculos XVII e XVIII.

A Independência política, de 1822, desperta na consciência de intelectuais e artistas nacionais a necessidade de criar uma cultura brasileira identificada com suas próprias raízes históricas, linguísticas e culturais.

O Romantismo, além de seu significado primeiro, o de ser uma reação à tradição clássica, assume em nossa literatura a conotação de um movimento anticolonialista e antilusitano, ou seja, de rejeição à literatura produzida na época colonial, em virtude do apego dessa produção aos modelos culturais portugueses.

Portanto, um dos traços essenciais de nosso Romantismo é o nacionalismo, que orientará o movimento e lhe abrirá um rico leque de possibilidades a serem exploradas. Dentre elas se destacam: o indianismo, o regionalismo, a pesquisa histórica, folclórica e linguística, além da crítica aos problemas nacionais todas essas posturas comprometidas com o projeto de construção de uma identidade nacional.

A publicação da obra *Suspiros poéticos e saudades* (l836), de Gonçalves de Magalhães, tem sido considerado o marco inicial do Romantismo no Brasil. A importância dessa obra reside muito mais nas novidades teóricas de seu prólogo, em que Magalhães anuncia a revolução literária romântica, do que propriamente na execução dessas teorias.

As gerações do Romantismo

Tradicionalmente se têm apontado três gerações de escritores românticos. Essa divisão, contudo, engloba principalmente os autores de poesia. Os romancistas não se enquadram muito bem nessa divisão, uma vez que suas obras podem apresentar traços de mais de uma geração.

Primeira geração

Nacionalista, indianista e religiosa. Destacam-se os poetas Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães. A geração nacionalista introduz e solidifica o Romantismo no Brasil. Outro representante dessa geração é José de Alencar, que escreve não somente sobre o índio, mas sobre o Brasil como um todo, dos campos e das cidades, dos negros e dos índios, da burguesia e do povo e encontra sua própria dimensão, sua íntima razão literária. É a partir de seu exaltado romantismo que os futuros literatos do Brasil irão traçar as diretrizes para a aquisição de um estilo nacional.

Gonçalves Dias

É considerado pela crítica como mais equilibrado de todos os poetas românticos. Suas poesias não continham os exageros de outros poetas. Ao lado de José de Alencar consolidou o Romantismo brasileiro.

Sua obra poética apresenta os gêneros lírico e épico. Na lírica, os temas mais comuns são a pátria, a natureza, Deus, o índio e o amor não correspondido. Na épica, canta os feitos valorosos que substituem a figura do herói medieval europeu.

Exercícios

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias. Primeiros cantos.

Exercício:

1- Todo o poema se articula em torno da oposição entre dois espaços: a pátria (o Brasil) e o exílio (Portugal).

a) Identifique as palavras do texto que evidenciam essa antítese.
.....
.....
.....
b) O eu lírico retrata esses espaços de forma objetiva e impessoal, isto é, como eles realmente são, ou de forma subjetiva e pessoal, isto é, da forma como pensa que eles são?
.....
.....
.....
c) Que sentimento o eu lírico manifesta em relação à pátria?
.....
.....
.....

2- O texto a seguir é o canto IV de “I-Juca Pirama”. Conforme as tradições indígenas, o prisioneiro é preparado para um cerimonial antropofágico em que serão vingados os mortos timbiras. Ao lhe pedirem,

como é próprio do ritual, que cante seus feitos de guerra e que se defenda da morte, o prisioneiro responde aos amigos:

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimoréis;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo,
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Sereno e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,

Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessossêgo
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro:
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

Nessa parte do poema, o índio tupi narra a trajetória de sua vida e de sua tribo. Interprete:

a) Como o índio via a si mesmo, até o momento em que foi aprisionado?

.....
.....
.....

b) Qual a atual condição de sua tribo?

.....
.....
.....

c) Com quem e por que o índio tupi foge?

.....
.....
.....

3- Na 6ª estrofe do texto, o prisioneiro faz um pedido aos inimigos: “Deixai-me viver!” .

a) Que motivos alega, na 10ª e na 11ª estrofes, para que o deixem vivo?

.....
.....
.....

b) O prisioneiro propõe um acordo. Qual é esse acordo?

.....
.....
.....

c) Observe o comportamento do índio tupi e indique uma característica dele que se assemelha às do cavalheiro medieval e uma atitude dele que reforce o mito do “bom selvagem”.

.....
.....
.....

Extras:

Leito de Folhas verdes

Por que tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zelosa
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silêncio da noite o bosque exala.

Brilha a lua no céu, brilham estrelas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo mágico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida!

A flor que desabrocha ao romper d'alva
Um só giro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquela flor que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejam vales ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca viram,
Não sentiram meus lábios outros lábios,
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
A arazóia na cinta me apertaram.

Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!

Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as folhas!

Ainda Uma Vez Adeus

I
Enfim te vejo! - enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!
II
Dum mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!
III
Louco, aflito, a saciar-me
D'agravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esperança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!
IV

Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que me darias - bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei!... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos dictérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu, quinhão de dor!

IX

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
"Ela é feliz (me dizia)
"Seu descanso é obra minha."

Negou-me a sorte mesquinha...
Perdoa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

XII

Enganei-me!... - Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra.
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
C'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

XIV

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fora,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus ab eterno a fizera,
No meu caminho a pusera...
E eu! eu fui que a não quis!

XV

És doutro agora, e pr'a sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

XVI

Dói-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVII

Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,

Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XVIII

Lerás porém algum dia
Meus versos d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; - e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, - de compaixão.

Segunda geração

Marcada pelo "mal do século", apresenta egocentrismo exacerbado, pessimismo, satanismo e atração pela morte. Destacam-se os poetas Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire. Essa geração é conhecida também por Ultra-Romantismo, devido à forte influência byroniana. Além das mencionadas acima, há ainda o determinismo, vítimas de destino, melancolia, desejo de evasão, recordação de um passado longínquo, que não tiveram, cansaço da vida antes de tê-la vivido.

Álvares de Azevedo (1831 – 1852)

Representante brasileiro mais legítimo do mal-do-século, foi fortemente influenciado por Lord Byron e Musset. Sua poesia é marcada pelo subjetivismo, melancolia e um forte sarcasmo. Os temas mais comuns são o desejo de amor e a busca pela morte. O amor é idealizado, povoado por virgens misteriosas, que nunca se transformam em realidade, causando assim a dor e a frustração que são acalmadas pela presença da mãe e da irmã.

Já a busca pela morte tem o significado de fuga, o eu lírico sente-se impotente frente ao mundo que lhe é apresentado e vê na morte a única maneira de libertação.

De sua obra, toda ela publicada postumamente, destacam-se os contos do livro "Noite na Taverna" (1855), a peça de teatro "Macário" (1855) e o livro de poesias "Lira dos Vinte Anos" (1853).

Exercícios

IDÉIAS ÍNTIMAS

IX

Oh! Ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!
Palor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os lábios meus suspiram,
Um nome de mulher ... e vejo lânguida
No véu suave de amorosas sombras
Seminua, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,

Sentar-se junto de mim, nas minhas pálpebras
O alento fresco e leve como a vida
Passar delicioso ... Que delírios!
Acordo palpitante... inda a procuro:
Embalde a chamo, embalde as minhas lágrimas
Banham meus olhos, e suspiro e gemo ...
Imploro uma ilusão ... tudo é silêncio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão, mulher dos sonhos.
Eu sou tão infeliz, eu sofro tanto!
Nunca virás iluminar meu peito
com um raio de luz desses teus olhos?
Álvares de Azevedo. **Poesias completas de Álvares de Azevedo**. Rio de Janeiro. Ed. de Ouro, S.D; P. 46-47

1- No Romantismo, a figura feminina é espiritualizada. As imagens de “sonho” (v.6), “visão” (v.14) e “ilusão” (v.21), confirmam essa característica. Comente a convivência dessas imagens com os elementos de sensualidade presentes neste poema.

.....
.....
.....

Extras:

Ideias Íntimas (fragmentos)

Vou ficando blasé: passeio os dias

Pelo meu corredor, sem companheiro,

Sem ler, nem poetar... Vivo fumando.

Minha casa não tem menores névoas

Que as deste céu d’inverno... Solitário

Passo as noites aqui e os dias longos...

Dei-me agora ao charuto em corpo e alma:

Debalde ali de um canto um beijo implora,

Como a beleza que o Sultão despreza,

Meu cachimbo alemão abandonado!

Não passeio a cavalo e não namoro,

Odeio o lasquenet... Palavra d’honra!

Se assim me continuam por dois meses

Os diabos azuis nos frouxos membros,

Dou na Praia Vermelha ou no Parnaso.

Oh! não maldigam!

Oh! não maldigam o mancebo exausto
Que nas orgias gastou o peito insano...
Que foi ao lupanar pedir um leito,
Onde a sede febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites
Pediu ao vício os beijos de veneno...
E amou a saturnal, o vinho, o jogo
E a convulsão nos seios da perdida!

Misérrimo! não creu... Não o maldigam,
Se uma sina fatal o arrebatava
Se na torrente das paixões dormindo
Foi naufragar nas solidões do crime

Oh! não maldigam o mancebo exausto
Que no vício embalou, a rir, os sonhos,
Que lhes manchou as perfumadas tranças
Nos travesseiros da mulher sem brio!

Casimiro de Abreu

Casimiro José Marques de Abreu, filho de um português comerciante e dono de terras no Rio de Janeiro, nasceu em 1839 na Barra de São João, R.J. e faleceu no mesmo local em 1860. Estudou Humanidades em Nova Friburgo, curso que não completou, abandonando para se dedicar ao comércio junto com o pai. Fato esse que o deixou bastante deprimido. Viajou para Lisboa, lugar onde viveu entre os anos de 1853 e 1857 e viu sua peça "Camões e o Jau" obter um certo êxito. De volta para o Brasil, no ano de 1859, assistiu seu único livro de poesias, "Primaveras", ser publicado às custas do apoio financeiro paterno. Morre um ano depois, vítima de tuberculose, na fazenda de sua família.

Amor e medo

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem,
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!
Vampiro infame, eu sorveria em beijos

Toda a inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço,
Anjo enlodado nos pauis da terra.
.....
Se de ti fujo é que te adoro e muito!
És bela — eu moço; tens amor, eu — medo!...

Meus Oito Anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar - é lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minhã irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
- Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais!
- Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

Terceira geração

Formada pelo grupo condoreiro, desenvolve uma poesia de cunho político e social. A maior expressão desse grupo é Castro Alves. Essa última geração condoreira vive um clima de intensa agitação interna: Guerra do Paraguai, lutas abolicionistas, propaganda republicana. O poeta torna-se o porta-voz das aspirações sociais e seus versos são armas usadas nas lutas liberais.

Castro Alves (1847-1871)

Escreveu poesias que mostram uma libertação do egocentrismo absoluto, abrindo-se para a compreensão dos grandes problemas sociais e expressando sua indignação contra as tiranias e as opressões. A poesia abolicionista é sua melhor realização na linha social. Ex: "Navio Negreiro" e "Vozes d'África", integrantes da obra *Os escravos*.

Cultivou a poesia lírica e social, de que são exemplos as obras *Espumas flutuantes* e *A cachoeira de Paulo Afonso*; a poesia épica, em *Os escravos*; e o teatro, em *Gonzaga e a Revolução de Minas*.

A Poesia Social também é chamada de Condoreirismo, nesse tipo de poesia predominam as comparações, metáforas, antíteses, hipérboles.

Este seu estilo contestador o tornou conhecido como o "Poeta dos Escravos".

Exercícios

O texto que se segue, a parte IV de *O navio negreiro*, é a descrição do que se via no interior de um navio desse tipo. Perceba a capacidade de Castro Alves em nos fazer "ver" a cena, como se estivéssemos num teatro.

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam! E ri-se Satanás!...
In: Espumas flutuantes. Rio de janeiro: Edições de Ouro.

Dantesco: relativo às cenas horríveis narradas por Dante Alighieri em sua obra Divina Comédia, na parte em descreve o inferno.
Tombadilho: alojamento do navio.
Luzernas: clarões.
Açoite: chicote.
Turbilhão: redemoinho.
Espectros: fantasmas.
Vãs: inúteis, sem valor.
Arquejar: ofegar.

1- O texto revela grande força expressiva em razão de sua plasticidade, criada a partir das fortes imagens e das sugestões de cor, som e movimento que envolvem a cena. Com relação a esses recursos, analise:

a) A que se referem as metáforas “a orquestra “ e “a serpente” na 3ª e na 6ª estrofes?

.....
.....
.....

b) Duas cores são postas em contraste na 1ª e na 2ª estrofes. Quais são elas e o que representam?

.....
.....
.....

c) 2- O poema *Navio Negreiro* tem uma finalidade política e social evidente: a erradicação da escravidão no Brasil. De que modo o poeta procura atingir o público e convencê-lo de suas ideias: com argumentos racionais ou com a exploração das emoções? Justifique sua resposta com base nos recursos formais utilizados pelo poeta.

.....
.....
.....
.....

O Romantismo brasileiro contou com um grande número de escritores, com uma vasta produção, nos diferentes gêneros, que, em resumo, pode ser assim apresentada:

Na lírica: Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Álvares de Azevedo, Cardoso de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire, Castro Alves e Sousândrade, dentre outros.

Na épica: Gonçalves Dias e Castro Alves.

No conto: Álvares de Azevedo.

No romance: José de Alencar, Manoel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Franklin Távora e outros.

No teatro: Martins Pena, José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e outros.

Extras:

Boa-noite

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio...
Boa noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... E tu dizes – Boa noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não me digas descobrindo o peito,
– Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve.. a calhandra
já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
...Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrela-d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do Capuleto,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
"É noite ainda em teu cabelo preto..."

É noite ainda! Brilha na cambraia
– Desmanchado o roupão, a espádua nua –
o globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julieta!
Recende a alcova ao trescalar das flores,
Fechemos sobre nós estas cortinas...
– São as asas do arcanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...

Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio,
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
– Boa noite! –, formosa Consuelo...

O Romance Indianista

O indianismo foi uma das principais tendências do Romantismo brasileiro. Dele saíram, tanto na poesia quanto na prosa, algumas das melhores realizações da nossa literatura. A vida e os costumes dos índios sempre despertaram curiosidade. Assim como o romantismo europeu valorizava o passado medieval, o romantismo brasileiro passou a resgatar seus valores e assim, o índio foi visto como o passado histórico nacional. O índio foi encontrado como o verdadeiro representante da raça brasileira. Essa simpatia também foi consequência do trabalho de conscientização feito pelos jesuítas.

As principais realizações indianistas em prosa de nossa literatura são três romances de José de Alencar: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874).

O Romance Regionalista

Diferentemente dos outros tipos de romances românticos, o romance regional não tinha modelos no Romantismo europeu e, por isso, foi obrigado a construir seus próprios modelos. Como consequência, a literatura alcança maior autonomia e o Brasil passa a se conhecer melhor em suas enormes diversidades regionais.

Ocorre um deslocamento de interesses, do nacional para o regional. O romancista vai fazer uma obra mais representativa de certas regiões, pois estas pareciam mais diferenciadas e de características mais fortes. Dentro de cada região, seria focalizado o aspecto interior, a vida agrícola e pastoril com suas peculiaridades, seus hábitos, costumes e tradições, abandonando o aspecto urbano das capitais.

O Gaúcho de José de Alencar, *O Cabeleira* de Franklin Távola, *O seminarista* e *A escrava Isaura* de Bernardo Soares, são algumas obras que se enquadram nesse romance.

O Romance Urbano

Tanto na Europa quanto no Brasil, o romance urbano, pelo fato de tratar da vida cotidiana da Burguesia, conquistou um enorme prestígio entre o público dessa classe. Tem o objetivo de captar o conflito do espírito nacional em face de influências estrangeiras, cujo teatro era naturalmente a corte, a capital, aquele meio urbano no qual a mentalidade nacional em formação ia recebendo aos poucos assimilando os exemplos que lhe chegavam de fora.

A literatura brasileira contou com consideráveis romances urbanos, entre os quais se destacam: *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida, *Lucíola*, *Cinco Minutos*, *A viuvinha*, *Diva* e *Senhora* de José de Alencar.

Exercícios:

01.(FUVEST)

"Se uma lágrima as palpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!"
(Álvares de Azevedo)

A característica do Romantismo mais evidente nesta quadra é:

a) o espiritualismo
b) o pessimismo
c) a idealização da mulher
d) o confessionalismo
e) a presença do sonho

02. Assinale a alternativa que traz apenas características do Romantismo:

a) idealismo – religiosidade – objetividade – escapismo – temas pagãos.
b) predomínio do sentimento – liberdade criadora – temas cristãos – natureza convencional – valores absolutos.
c) egocentrismo – predomínio da poesia lírica – relativismo – insatisfação – idealismo
d) idealismo – insatisfação – escapismo – natureza convencional – objetividade.
e) n.d.a.

03. "Deus! Oh, Deus! Onde estás que não respondes? Em que mundo, em qu'estrelas tu t'escondes Embuçado nos céus? Há dois mil anos te mandei meu grito, Que embalde desde então corre o infinito... Onde estás, senhor Deus?..."

Esta é a primeira estrofe de um poema que é exemplo de:
a) Lirismo subjetivo, marcado pelo desespero do pecador arrependido.
b) Lirismo religioso, exprimindo o anseio da alma humana em procura da divindade.
c) Lirismo romântico de tema político-social, exprimindo o anseio do homem pela liberdade.
d) Romantismo nacionalista repassado da saudade que atormenta o poeta do exílio.

04. Assinale a alternativa que traz apenas características do Romantismo:
a) idealismo, religiosidade, objetividade, escapismo, temas pagãos.
b) predomínio do sentimento, liberdade criadora, temas cristãos, natureza convencional, valores absolutos.
c) egocentrismo, predomínio da poesia lírica, relativismo, insatisfação, idealismo.
d) idealismo, insatisfação, escapismo, natureza convencional, objetividade.

05. (Enem 2001) No trecho abaixo, o narrador, ao descrever a personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: o Romantismo.

"*Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que ia lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.*"

(Assis, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas.* Rio de Janeiro: Jackson, 1957.)

→ A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao Romantismo está transcrita na alternativa:

a) ... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas...
b) era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça...
c) Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno,...
d) Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos...
e) ...o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.

06. (PUC-SP 2003) Leia o poema Lembranças de Morrer, de *Álvares de Azevedo*

Lembranças de morrer

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Ó tu, que à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo....
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nelas
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.—

Sombras do vale, noites da montanha
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua prantear-me a lousa!
(In Álvares de Azevedo, *Lira dos Vinte Anos*. Universidade da Amazônia- Núcleo de Ensino a Distância).

O que dominantemente aflora nas duas últimas estrofes do poema ao lado e caracteriza o poeta Álvares de Azevedo como ultrarromântico é (são):

a) a devoção pela noite e por ambientes lúgubres e sombrios.
b) o sentimento de autodestruição e a valorização da natureza tropical.
c) o acentuado pessimismo e a valorização da religiosidade mística.
d) o sentimento byroniano de tom elegíaco e humorístico-satânico.
e) o sonho adolescente e a supervalorização da vida.

07. (Fuvest-SP) Tomadas em conjunto, as obras de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves demonstram que, no Brasil, a poesia romântica:

a) Pouco deveu às literaturas estrangeiras, consolidando de forma homogênea a inclinação sentimental e o anseio nacionalista dos escritores da época.

b) Repercutiu, com efeitos locais, diferentes valores e tonalidades da literatura européia: a dignidade do homem natural, a exacerbação das paixões e a crença em lutas libertárias.

c) Constituiu um painel de estilos diversificados, cada um dos poetas criando livremente sua linguagem, mas preocupados todos com a afirmação dos ideais abolicionistas e republicanos.

d) Refletiu as tendências ao intimismo e à morbidez de alguns poetas europeus, evitando ocupar-se com temas sociais e históricos, tidos como prosaicos.

e) Cultuou sobretudo o satanismo, inspirado no poeta inglês Byron, e a memória nostálgica das civilizações da Antigüidade clássica, representadas por suas ruínas.

08. (PUC/PR/PAES-2006) Assinale o único item INCORRETO:

São características do Romantismo:
a) Tendência patriótica e nacionalista.
b) Exagero na emoção e no sentimento.
c) Preocupação formal.

d) Reação aos modelos clássicos.
e) Idealização.

09. (UEPG/PR-2006) Leia os textos 1, 2 e 3, retirados do livro *Gonçalves Dias - Poesia Lírica e Indianista*, organizado por Márcia Lígia Guidin. Estabeleça as relações com as afirmações apresentadas e assinale o que for correto.

Texto 1
Se muito sofri já, se ainda sofro
Por teu amor?!
Não mo perguntes! que do inferno a vida
Não é pior!...
("Se muito sofri já, não mo perguntes". p. 192.)

Texto 2
Em vão meu coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compr'ende e busca,
Em vão meus lábios sôfregos cobiçam
Libar a taça que aos mortais of'reces!
Dizem-na funda, inesgotável, meiga;
Enquanto a vejo rasa, amarga e dura!
Dizem-na bálsamo, eu veneno a sorvo:
Prazer, doçura – eu dor e fel encontro!
("O amor". p. 181.)

Texto 3
Quanto és bela, ó Caxias! – no deserto,
Entre montanhas, derramada em vale
De flores perenais,
És qual tênue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga soprando
À flor de manso lago.
("Caxias". p. 48.)

01) O subjetivismo é um dos traços fundamentais do Romantismo. A realidade é revelada através da atitude pessoal do escritor, o artista traz à tona o seu mundo interior. Isso pode ser observado nos textos 1 e 2 numa demonstração do sofrimento por amar.

02) No texto 2, o motivo do sofrimento é um amor que parece não ser correspondido. Isso pode ser comprovado pelos quatro primeiros versos.

04) Quanto ao aspecto formal, o verso livre, sem métrica e sem estrofação, e o verso branco, sem rima, caracterizam a poesia romântica. Essa característica pode ser observada nos três textos.

08) A derrota é um dos motivos que conduz a um tipo de evasão ou escapismo em que o eulírico procura, na morte, a solução para o impasse em que se encontra. Dos fragmentos apresentados acima, somente o texto 1 apresenta tal característica.

16) No texto 3, a descrição da natureza tem por objetivo celebrar Caxias, terra natal de Gonçalves Dias.

10. (UFAC-2007) A poesia Romântica desenvolveu-se em três gerações: Nacionalista ou Indianista, do Mal-do-século e Condoreira. O Indianismo de nossos poetas românticos é:

(A) um meio de reconstruir o grave perigo que o índio representava durante a instalação da Capitania de São Vicente.

(B) um meio de eternizar liricamente a aceitação, pelo índio, da nova civilização que se instalava.

(C) uma forma de apresentar o índio como motivo estético; idealização com simpatia e piedade; exaltação de bravura, heroísmo e de todas as qualidades morais superiores.

(D) uma forma de apresentar o índio em toda a usa realidade objetiva; o índio como elemento étnico da futura raça do Brasil.

(E) um modelo francês seguido no Brasil; uma necessidade de exotismo que em nada difere do modelo europeu.

11. (FURG-2007) Sobre a obra *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo, é correto afirmar que:

A) revela, ainda, grande influência do neoclassicismo do século XVIII.

B) é um livro constituído predominantemente por sonetos em que o eu lírico revela profundo tédio existencial.

C) faz-se presente, de forma recorrente, o sentimento nacionalista, tão caro ao Romantismo.

D) caracteriza-se pelo descritivismo e pelo apuro formal.

E) a representação da figura feminina é revestida de um caráter dual: ora é virgem imaculada, ora é meretriz.

12. (UEM/PR-2007) Leia o fragmento abaixo do poema “Lembrança de Morrer” e assinale a alternativa **correta**.

“Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nenhuma lágrima
Em pálpebra demente.”

(*Lira dos vinte anos* – Álvares de Azevedo)

Glossário
enlaça: prende, envolve

A) O verso “Quando em meu peito rebentar-se a fibra” faz alusão direta ao receio do poeta em tornar-se covarde, “perder a fibra”. O Romantismo pregava a necessidade da coragem física e/ou moral por parte do indivíduo dotado de genialidade, para enfrentar a mediocridade que o rodeava e para transformar o mundo.

B) O verso “Não derramem por mim nenhuma lágrima” faz referência direta à “morte de amor”, situação na qual o jovem fazia um pacto de suicídio com a amada inatingível. Via de regra, a mulher escapava da morte e o fantasma do jovem passava a atormentá-la. Tal tema surgiu com força no romantismo graças à obra *Os Sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe.

C) O verso “Que o espírito enlaça à dor vivente” faz alusão direta à vida, caracterizando-a como sofrimento. Tal caracterização não é exclusiva do Romantismo, mas foi bastante desenvolvida por autores dessa escola, especialmente os da segunda geração, ajudando a configurar seu pessimismo.

D) A estrofe toda faz referência direta à ingratidão dos amigos, que não derramarão uma lágrima pelo poeta morto. Tal temática será, anos depois, revisitada com muito maior amargura e morbidez nos “Versos Íntimos”, de Augusto dos Anjos.

E) A estrofe toda faz referência direta à loucura, apresentada como musa do poeta. Tal visão do poeta como um ser visitado por uma espécie de entidade que, a um só tempo, ditava-lhe versos geniais e destruía a vida do jovem era comum no Romantismo, embora tivesse raízes na Antiguidade Clássica.

Exercícios de Aprofundamento:

Questão 1

Com base em seus conhecimentos acerca das características que perfizeram o Romantismo, atenha-se a uma análise das produções literárias em evidência, no intuito de responder à questão que a ela se refere:

O “adeus” de Teresa

A primeira vez que fitei Teresa
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa no levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...

Castro Alves

Pálida Inocência

Por que, pálida inocência,
Os olhos teus em dormência
A medo lanças em mim?
No aperto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

E tuas falas divinas
Em que amor lânguida afinas
Em que lânguido sonhar?
E dormindo sem receio
Por que geme no teu seio
Ansioso suspirar? Inocência!

Álvares de Azevedo

a – Tendo em vista a temática do amor, expressa em ambos os poemas, registre sua expressões acerca do assunto.

Questão 2

Os excertos poéticos subsequentes integram a valiosíssima produção artística de uma figura singular que tanto representou nossas letras no cenário nacional – Goncalves Dias. Cabe a você analisá-los, levando-se em consideração as características que demarcaram a primeira fase romântica.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

I-Juca Pirama

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Questão 3

(PUC-RS)

Já de noite o palor me cobre o rosto
Nos lábios meus o alento desfalece.
Surda agonia o coração fenece
E devora meu ser mortal desgosto!
Do leito embalde no macio encosto
Tento o sono reter!... Já esmorece
O corpo exausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

A relação mórbida com a morte demonstra que parte da poesia de Álvares de Azevedo prende-se ao:

a) idealismo romântico.
b) saudosismo inconformado.
c) misticismo religioso.

d) negativismo filosófico.
e) mal do século.

Questão 4

(Vunesp - SP) Leia atentamente os versos seguintes:

Eu deixo a vida com deixa o tédio
Do deserto o poeta caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um mineiro.

Esses versos de Álvares de Azevedo significam a:

a) revolta diante da morte.
b) aceitação da vida como um longo pesadelo.
c) aceitação da morte como a solução.
d) tristeza pelas condições de vida.
e) alegria pela vida longa que teve.

Questão 5

Ainda falando sobre Castro Alves, atente-se aos fragmentos ora evidentes, estabeleça uma comparação entre estes e o poema acima citado e, em seguida, comente.

V
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!
[...]
Castro Alves

Respostas

Resposta Questão 1

Ao nos atermos a ambos, um importante aspecto incide como de extrema relevância – a figura da mulher. Esta, para Castro Alves, é concebida como um ser normal, semelhantemente a qualquer outra, instigando-o ao desejo de possuí-la. Em virtude disso, constatamos a efetiva materialização do amor, uma vez que o relacionamento entre o eu-lírico e a pessoa amada traduz-se por meio de um contato mais íntimo, visto sob um plano real, e não sob um plano onírico.

O amor para Álvares de Azevedo é visto sob um plano imaterial, consequentemente, a figura feminina representa algo intocável. A começar pelo título (Pálida Inocência) infere-se que tal constatação se perfaz de extrema veracidade, pois o adjetivo “pálida” revela aquela mulher natural, isenta de quaisquer elementos que possam despertar

senão o respeito e adoração, representando, portanto, alguém com poderes divinos, santificados. Mesmo que o eu-lírico manifeste desejos, esse amor está aquém de suas vontades, ficando somente no plano dos sonhos.

Resposta Questão 2

Ambas as produções refletem uma ideologia que foi o traço característico da estética em questão – o desejo revolucionário de criar um identidade genuinamente nacionalista, com vistas a exaltar os elementos, as raízes de uma Terra até então sob os poderes dos colonizadores, levando em conta suas riquezas naturais, as quais foram tão exploradas. Há que se mencionar também, principalmente no que se refere ao segundo exemplo, o índio, personagem nativo, que é visto como alguém forte, guerreiro, ora caracterizado como o herói nacional. Mediante tal concepção, ressalta-se que Gonçalves Dias foi bastante influenciado pelas ideias de Rousseau, com o mito do Bom Selvagem.

Questão 3: E.

Questão 4: C.

Questão 5

Ao estabelecermos uma comparação entre o primeiro exemplo, percebemos que este integra uma das vertentes que demarcaram a habilidade artística do poeta, retratada por um intenso lirismo. Contudo, quanto ao segundo, os fragmentos revelam uma outra tendência de notável relevância – a chamada poesia social – fruto de sua engajada luta em prol das causas sociais, sobretudo em referência negra em solo brasileiro.

Realismo, Naturalismo e Parnasianismo.

Durante a segunda metade do século XIX, o contexto sociopolítico se transformou radicalmente. Lutas sociais, tentativas de revolução, novas ideias políticas e científicas. O mundo estava passando por profundas transformações e a literatura não podia mais, como no tempo do Romantismo, viver de idealizações, do culto do eu e da fuga da realidade. Era necessária uma arte mais objetiva, que retratasse o momento; que fosse capaz de analisar, compreender, criticar e transformar a realidade. Como consequencia dessa necessidade, surgem quase ao mesmo tempo três tendências anti-românticas, que se entrelaçam e se influenciam mutuamente: o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo.

Infuenciados pelas teorias científicas e filosóficas da época, os escritores realistas desejavam retratar o homem e a sociedade em sua totalidade. Não bastava mostrar o lado sonhador e idealizado da vida como fizeram os românticos; era preciso mostrar o lado nunca antes revelado: o do rotina massacrante, do amor adúltero, da falsidade e do egoísmo humano, da impotência do homem comum diante da classe dominante.

Apesar de apresentarem diferenças formais e ideológicas, essas três tendências apresentam alguns aspectos comuns: o combate ao Romantismo, o resgate do objetivismo e o gosto pelas descrições.

O Realismo teve início com a publicação do romance realista *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, o Naturalismo com o romance naturalista *Thérèse Raquim*, de Émile Zola (1867), e o Parnasianismo com a publicação das antologias parnasianas intituladas *Parnase contemporain* (a partir de 1866).

É importante se destacar que o nome Realismo, não é o mais adequado ao movimento, porque em todas as épocas se pode identificar com maior ou menor intensidade o realismo artístico, em oposição à fantasia e à imaginação.Entretanto, o Realismo da segunda metade do século XIX estabelece uma maior aproximação com a realidade ao descrever os costumes, o relacionamento entre homem e mulher, as relações sociais, os conflitos interiores do ser humano, a crise das instituições (Estado, Igreja, família, casamento), etc.

O Naturalismo, por sua vez, constitui uma tendência que procurava dar um novo enfoque ao Realismo, atribuindo-lhe um caráter mais científico, com base nas teorias que circulavam na época. Os naturalistas criam o romance de tese, obras nas quais procuram provar certas teorias no laboratório humano ficcional: o romance. Habitualmente são destacados certos traços instintivos e patológicos do ser humano, identificado como animal. E o enfoque é dado aos aglomerados humanos e às camadas mais pobres da população.

Ao contrário dos outros movimentos, que se voltam para a análise da realidade, o Parnasianismo é um retorno da poesia ao estilo clássico, abandonado pelos românticos. Os parnasianos buscavam restabelecer o equilíbrio, a razão e a objetividade. Cultivavam temas convencionais e aspiravamm ao perfeccionismo formal e ao purismo linguístico.

Contexto Histórico

O Realismo reproduz as profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais da Segunda metade do século XIX. A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, entra numa nova fase, marcada pela utilização do aço, do petróleo e da eletricidade; ao mesmo tempo o avanço científico leva a novas descobertas nos campos da Física e da Química. O Capitalismo se estrutura em moldes modernos, com o surgimento de grandes complexos industriais; por outro lado, a massa operária urbana cresce, formando uma população marginalizada que não partilha dos benefícios gerados pelo progresso industrial mas, ao contrário, é explorada e sujeita a condições subumanas de trabalho.

Esta nova sociedade serve de modelo para uma nova interpretação da realidade, gerando teorias de variadas posturas ideológicas. Trata-se da onda cientificista e materialista. Entre as mais importantes correntes da época, destacam-se:

Darwinismo-dando continuidade, sob outro enfoque, à teoria do *evolucionismo,* de Lamarck, Charles Darwin, em sua obra *Origem das espécies* (1859), apresenta a teoria da seleção natural, segundo a qual a natureza ou o meio selecionam, entre os seres vivos, as espécies que estão mais aptas a sobreviver e perpetuar-se. Assim, os mais fortes sobrevivem e procriam, e os mais fracos são eliminados.

Positivismo–criado por Augusto Comte, parte do princípio de que o único conhecimento válido é o oriundo das ciências. A realidade é apenas aquilo que vemos, pegamos e podemos explicar. Essa teoria é totalmente contrária às teorias metafísicas.

Determinismo – criado por H. Taine, parte do princípio de que o homem é fruto do meio, da raça e do momento histórico.

Realismo Português

Na segunda metade do século XIX Portugal era um país atrasado em relação ao restante da Europa. Não sofria ainda as grandes transformações trazidas pelo processo de industrialização. A maior parte da população concentrava-se no campo. Aliado a isso, ainda existia em Portugal uma burguesia rural que vivia momentos de instabilidade, o país encontrava-se adormecido, incapaz de compreender o declínio econômico decorrente da perda de suas principais colônias. O saudosismo colonialista impedia a sua participação nas transformações nos modos de produção que agitavam a Europa e o condenava a uma situação crítica.

As novas perspectivas sociais e literárias estavam presentes nas obras de Antero de Quental (*Visão dos tempos* e *Tempestade sonora*) e Teófilo Braga (*Odes modernas*). A forma como o respeitado poeta romântico Antônio Feliciano de Castilho recebeu essas obras deu início à "Questão Coimbrã" ou “Bom senso e bom gosto”

Questão Coimbrã

Trata-se de uma grande polêmica literária ocorrida em 1865 que marca o início do Realismo Português. A “Questão” resulta em um acalorado debate e troca de acusações entre os seguidores da escola romântica e os da nova escola realista.

A Questão teve início quando Antônio Feliciano de Castilho (poeta idoso, árcade e cego representante do academicismo e do tradicionalismo literários) ao escrever um posfácio elogioso ao livro *Poema da mocidade*, de seu protegido Pinheiro Chagas, aproveitou pra criticar um grupo de poetas de Coimbra. São citados no posfácio os escritores Teófilo Braga e Antero de Quental, que tinha acabado de publicar a obra *Odes Modernas*.

Antero de Quental rebateu as críticas de Castilho através de uma carta aberta conhecida como "Bom senso e bom gosto". Essa polêmica terá continuidade mais tarde, com as Conferências do Cassino Lisbonense (1871), proferidas por Antero de Quental, Eça de Queirós e outros, as quais serão encerradas pelo governo, que as temia subversivas. As conferências serviram para o grupo expôr suas idéias, influenciadas por Taine e Proudhon, sobre a necessidade de a arte retratar e revolucionar a sociedade burguesa. Entre os seguidores de Antero estava o jovem Eça de Queirós, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas.

Eça de Queirós (1845 – 1900)

Eça de Queirós é o maior representante da prosa realista em Portugal. Grande renovador do romance, abandonou a linha romântica, e estabeleceu uma visão critica da realidade. Afastou-se do estilo clássico, que perdurou por muito tempo na obra de diversos autores românticos, deu a frase uma maior simplicidade, mudando a sintaxe e inovando na combinação das palavras. Evitou a retórica tradicional e os lugares comuns criando novas formas de dizer . Destacam-se as seguintes obras: *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878) e Os Maias (1988).

Leia a seguir um fragmento de *O Primo Basílio* de Eça de Queirós:

“E Luísa tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saia delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações!

Ergueu-se de um salto, passou rapidamente um roupão, veio levantar os transparentes da janela... Que linda manhã! Era um daqueles dias do fim de agosto em que o estio faz uma pausa; há prematuramente, no calor e na luz, uma tranqüilidade outonal; o sol cai largo, resplandecente, mas pousa de leve, o ar não tem o embaciado canicular, e o azul muito alto reluz com uma nitidez lavada; respira-se mais livremente; e já não se vê na gente que passa o abatimento mole da calma enfraquecedora. Veio-lhe uma alegria: sentia-se ligeira, tinha dormido a noite de um sono são, contínuo, e todas as agitações, as impaciências dos dias

passados pareciam ter-se dissipado naquele repouso. Foi-se ver ao espelho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar - seria verdade então o que dizia Leopoldina, que não havia como uma maldadezinha para fazer a gente bonita? Tinha um amante, ela!

E imóvel no meio do quarto, os braços cruzados, o olhar fixo, repetia: "Tenho um amante!" Recordava a sala na véspera, a chama aguçada das velas, e certos silêncios extraordinários em que lhe parecia que a vida parara, enquanto os olhos do retrato da mãe de Jorge, negros na face amarela, lhe estendiam da parede o seu olhar fixo de pintura. Mas Juliana entrou com um tabuleiro de roupa passada. Eram horas de se vestir..."

(...)

Ia encontrar Basílio no Paraíso pela primeira vez. E estava muito nervosa: não dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um estremecimentozinho de prazer. - Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo - a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria?

(...) Empurrou uma cancela, fê-la entrar num quarto pequeno, forrado de papel às listras azuis e brancas.

Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, de um branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente entreabertos...

Fez-se escarlate, sentou-se, calada, embaraçada. E os seus olhos muito abertos, iam-se fixando - nos riscos ignóbeis da cabeça dos fósforos, ao pé da cama; na esteira esfiada, comida, com uma nódoa de tinta entornada; nas bambinelas da janela, de uma fazenda vermelha, onde se viam passagens; numa litografia, onde uma figura, coberta de uma túnica azul flutuante, espalhava flores voando... Sobretudo uma larga fotografia, por cima do velho canapé de palhinha, fascinava-a: era um indivíduo atarracado, de aspecto hílare e alvar, com a barba em colar, o feitio de um piloto ao domingo; sentado, de calças brancas, com as pernas muito afastadas, pousava uma das mãos sobre um joelho, e a outra muito estendida assentava sobre uma coluna truncada; e por baixo do caixilho, como sobre a pedra de um túmulo, pendia de um prego de cabeça amarela, uma coroa de perpétuas!

— Foi o que se pode arranjar - disse-lhe Basílio. - E foi um acaso; é muito retirado, é muito discreto... Não é muito luxuoso..."

Realismo/Naturalismo no Brasil

O Realismo e o Naturalismo no Brasil se estabelecem com o aparecimento, em 1881, da obra realista *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e da naturalista *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo.

Essa nova tendência já vinha se esboçando desde a metade do século XIX, com o aparecimento de novas características que apontavam para uma maior objetividade das descrições e a denúncia de problemas sociais como ocorre em *Senhora*, *Lucíola* e O *Cabeleira*, e o sentimento libertário e reformador da poesia social de Fagundes Varela e Castro Alves.

Machado de Assis (1839 – 1908)

Joaquim Maria Machado de Assis é considerado um dos mais importantes escritores da literatura brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro, filho de uma família muito pobre. Mulato e vítima de preconceito, perdeu na infância sua mãe e foi criado pela madrasta. Superou todas as dificuldades da época e tornou-se um grande escritor.

Podemos dividir as obras de Machado de Assis em duas fases:

✓ Na primeira fase (romântica) os personagens de suas obras possuem características românticas, sendo o amor e os relacionamentos amorosos os principais temas de seus livros. Desta fase podemos destacar as seguintes obras: *Ressurreição* (1872), seu primeiro livro, *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878).

✓ Na segunda fase (realista), Machado de Assis abre espaços para as questões psicológicas dos personagens. É a fase em que o autor retrata muito bem as características do realismo literário. Machado faz uma análise profunda e realista do ser humano, destacando suas vontades, necessidades, defeitos e qualidades. Nesta fase destaca-se as seguintes obras: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1892), *Dom Casmurro* (1900), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

Machado de Assis também escreveu contos, tais como: *Missa do Galo*, *O Espelho*, *A Cartomante*, *Noite de almirante, Teoria do medalhão* e *O Alienista*. Escreveu diversos poemas, crônicas sobre o cotidiano, peças de teatro, críticas literárias e teatrais.

A seguir, você lerá um conto de Machado de Assis, o principal escritor realista brasileiro.

Conto: Missa do Galo- Machado de Assis

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranqüilo, naquela casa assobradada da Rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe "a santa", e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte". A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou-me a mãe de Conceição.

— Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, *Os Três Mosqueteiros*, velha tradução creio do *Jornal do Comércio*. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi? perguntou ela.

— Não fui, parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro, ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma cousa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer Já disse que ela era boa, muito boa.

— Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

— Quando ouvi os passos estranhei: mas a senhora apareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos *Mosqueteiros*.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a *Moreninha*?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

"Talvez esteja aborrecida", pensei eu.

E logo alto:

— D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não, perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o que, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranqüilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou concertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o círculo das suas idéias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

— É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

— Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. S. João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha-se reclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor.

A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia, contá-las do meu lugar. A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras cousas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber por que, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

— Mais baixo! mamãe pode acordar.

E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido: cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou, trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve, se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

— O quê? perguntou ela inclinando o corpo, para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti-lhe a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

— Há ocasiões em que sou como mamãe, acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela rnissa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver rnelhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma cousa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

— Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegra a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso, mas eu penso muita cousa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A idéia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma cousa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor único e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! missa do galo!"

— Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da ultima guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saiam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça

bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço.Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

(9. ed. São Paulo: Ática,1970.p28-29).

Exercícios:

1) A descrição é um recurso utilizado tanto na prosa romântica quanto na prosa realista, mas com a finalidades diferentes. Compare as duas descrições de personagens femininas a seguir: a primeira é de Aurélia, da obra *Senhora*, de José de Alencar, e a segunda, de Conceição, personagem do conto “Missa do galo”.

    I. “Era um expressão fria, pausada, inflexível, que jaspeava sua beleza dando quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência.”

    II. “Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar, pode ser até que não soubesse amar”.

    a) Qual dos dois textos apresenta vocabulário e construções mais sofisticadas em estilo elevado e poético?

    b) Ambos os fragmentos, sendo descritivos, servem pra caracterizar as personagens. Entre eles, contudo, há um diferença essencial quanto à finalidade. Observe algumas imagens e adjetivos empregados:

        I. Expressão inflexível, gelidez da estátua, lampejo dos olhos.

        II. Rosto mediano, nem bonito nem feio, simpática.

Em qual fragmento a descrioção tem a finalidade de:

•elevar e idealizar a personagem?

•retratar a personagem como ela é?

2) Preocupada em retratar a realidade de modo objetivo, quase documental, a prosa realista é marcada pelo registro preciso do tempo e do espaço e pela narrativa lenta.

a) Observe as datas citadas no texto. Quando ocorre a situação vivida por Nogueira? Em que noite, particularmente?

b) Em que cidade e em que lugar ocorreram os fatos?

c) Quanto tempo trascorre desde o momento em que Conceição entra na sal em que está Nogueira até o momento em que ele sai à rua para ir à missa?

d) Pelas lembranças que estão narradas, esse tempo parece ter demorado para passar ou parece ter passado rapidamente?

3) Nos textos em prosa do Realismo, a narrativa normalmente flui lentamente, como forma de captar as sutilezas dos diálogos entre os personagens, suas reflexões interiores, suas lembranças do passado, etc. Em “Missa do galo”, as ações e diálogos são perpassados por uma ambiguidade que fica ainda mais acentuada pela lentidão narrativa.

a) Que tipo de ambiguidade existe no relacionamento entre Conceição e Nogueira?

b) Por que a lentidão narrativa acentua essa ambiguidade?

4) No século XIX, raramente uma mulher conversava com uma homem a sós, principalmente em um ambiente fechado e à noite. Vários elementos contribuem para criar uma atmosfera de intimidade e atração entre as personagens.

a) Identifique no texto fatos que comprovem uma intimidade cada vez maior entre Conceição e Nogueira.

b) Observe os espaços ocupados pelas personagens no ambiente. De que forma eles acentuam essa atmosfera de intimidade e atração?

c) Levante hipóteses: Que razões poderiam ter levado Conceição a sentir vontade de viver uma aventura amorosa? E Nogueira?

d) Que fato posterior, relatado no final da história, confirma que Conceição era uma mulher capaz de se interessar por outro homem além do marido?

e) Considerando que Nogueira é o narrador da história e conta os fatos de acordo com suas lembranças e com sua ótica pessoal, dê sua opinião: Ocorreu ou não algum envolvimento entre Conceição e Nogueira?

5) A atmosfera de intimidade vai crescendo num percurso de altos e baixos, de a vaivém, de quebras súbitas, como se espelhasse os movimentos da consciência das personagens, que ora se soltam mais, ora se reprimem. Releia o episódio em que Conceição afirma deseja trocar os quadros da sala. Observe que, nesse momento, a atmosfera é quebrada e Nogueiea sente vontade de ir para a missa. Que associações provavelmente foram feitas pelas duas personagens?

6) Observe que Nogueira lê *Os três mosqueteiros*, obra romântica do escritor francês Alexandre Dumas, uma narrativa de aventuras perfeitamente compatível com sua idade. Já Conceição lê *A moreninha*, obra romântica de Joaquim Manuel de Macedo que narra aventuras amorosas adolescentes.

a) As obras que as personagens lêem retratam um mundo de aventuras, amores e heróis compatíveis com a vida que levam?

b) Que significado, então, deve ter a leitura para elas?

7) A seguir, são relacionadas as características relativas ao amor e ao herói ou à heroína românticos. Elabore um quadro com as elas, exemplificando-as com situações encontradas em “Missa do galo”.

• A mulher amada, para o herói romântico, é sinônimo de beleza e perfeição.

• O casamento, no Romantismo, normalmente é resultado de um amor profundo e o fim de uma longa trajetória de obstáculos.

• O amor está acima de todos os interesses; é a mola mestra que impulsiona e purifica as ações humanas.

• O herói romântico geralmente tem caráter forte e comportamento íntegro e linear, que raramente se altera ao longo da história.

• O herói romântico é um ser especial, dotado de forças ou poderes incomuns.

8) A prosa realista tem como propósito captar o ser humano em sua totalidade, isto é, tanto exterior quanto interiormente. O retrato interior das personagens- isto é, a focalização de seus conflitos, pensamentos, anseios, reflexões, desejos, etc. –é chamado de introspeccão psicológica. Identifique no texto um trechop aspectos de introspecção psicológica referente a Nogueira.

9) O Romantismo supervaloriza o indivíduo e suas particularidades. Já o Realismo, mesmo trabalhando em profundidade a personagem, tende a buscar nela aquilo que é universal, isto é, comum a cada um de nós e que define a nossa condição humana. È possível dizer que a situação vivida pelas personagens Conceição e Nogueira- e de toda a carga de emoções e valores que a acompanha- é universal ou particular?Justifique.

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

A seguir um trecho de *O cortiço* (1890), de Auísio Azevedo, a mais importante obra naturalista da literatura brasileira:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da ultima guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas. Entre tanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saiam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola

do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

(9. ed. São Paulo: Ática,1970.p28-29).

Exercícios:

1) Um procedimento característico da prosa naturalista é apresentar o ambiente físico e social detalhadamente, como se o narrador estivesse munido de uam máquina fotográfica com lentes do tipo zum, que lhe permitisse compor e decompor os detalhes de cada cena. Compare os dois textos:

a) Que grupo social é retratado em cada uma das obras? O que os dois grupos têm em comum?

b) Que elementos dos dois textos comprovam que as personagens levam uma vida difícil, miserável?

2) A linguagem da prosa naturalista caracteriza-se pela adoção de uma postura analítica e científica diante da realidade. Por isso, faz uso frequente da narração impessoal e de descrições minuciosas, com muitas sugestões visuais, olfativas, táteis e auditivas. Por conta desse detalhamento, a narrativa às vezes torna-se lenta.

   a) Por que o foco narrativo em 3º pessoa é o mais apropriado para esse fim?

   b) Identifique em *O cortiço* exemplos de sensações olfativas, auditivas, táteis e visuais.

   c) Identifique em O cortiço um exemplo de narrativa lenta.

3) No Naturalismo, homens e mulheres são vistos por uma perpectiva biológica, em que se destaca seu lado físico, instintivo, animal, por vezes até degradante.

   a) Identifique no texto um trecho que comprove a animalização das personagens do cortiço.

   b) Há no texto situações de degradação humana? Se sim, identifique-as.

   c) Releia esta descrição das mulheres:

"As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco;"

Em que essa descrição difere da descrição da mulher romântica?

d) Um dos sentidos da palavra *cortiço* é "caixa cilídrica, de cortiça, na qual as abelhas se criam e fabricam o mel e a cera". Relacione esse sentido da palavra ao trecho "Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas".

CEREJA & COCHAR. Português: linguagens. São Paulo: Ática. 1999.

A seguir, faça a leitura de alguns poemas parnasianos. O primeiro é de Alberto de Oliveira e o outros são de Olavo Bilac.

Vaso chinês

Estranho mimo, aquele vaso! Vi-o
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármor luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas,talvez por contraste à desventura-
Quem o sabe?- de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura:

Que arte, em pintá-la! A gente acaso vendo-a
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

Alberto de Oliveira

Vila Rica

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre,
O último ouro de sol morre na cerração.
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece
Feito de um ouro ancião, que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicia, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...

Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.
Olavo Bilac

Via láctea
Soneto XIII

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima , e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplicio
Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.
Olavo Bilac

Exercícios

01. O realismo foi um movimento de:

a) volta ao passado;
b) exacerbação ultra-romântica;
c) maior preocupação com a objetividade;
d) irracionalismo;
e) moralismo.

02. A respeito de Realismo, pode-se afirmar:

I – Busca o perene humano no drama da existência .
II – Defende a documentação de fatos e a impessoalidade do autor perante a obra.
III – Estética literária restritamente brasileira; seu criador é Machado de Assis.

a) São corretas apenas II e III.
b) Apenas III é correta.
c) As três afirmações são corretas.
d) São corretas I e III.
e) As três informações são incorretas.

03. Considerando-se iniciado o movimento realista no Brasil quando:

a) Aluísio de Azevedo publica O Homem.
b) José de Alencar publica Lucíola.
c) Machado de Assis publica Memória Póstumas de Brás Cubas.
d) As alternativas a e c são válidas.
e) As alternativas a e b são válidas.

04. O realismo, como escola literária, é caracterizado:

a) pelo exagero da imaginação;
b) pelo culto da forma;
c) pela preocupação com o fundo;
d) pelo subjetivismo;
e) pelo objetivismo.

05. Podemos verificar que o Realismo revela:

I – senso do contemporâneo. Encara o presente do mesmo modo que romantismo se volta para o
passado ou para o futuro.

II – o retrato da vida pelo método da documentação, em que a seleção e a síntese operam buscando um sentido para o encadeamento dos fatos.

III – técnica minuciosa, dando a impressão de lentidão, de marcha quieta e gradativa pelos meandros dos conflitos, dos êxitos e dos fracassos.

Assinale:

a) se as afirmativas II e III forem corretas;
b) se as três afirmativas forem corretas;
c) se apenas a afirmativa III for correta;
d) se as afirmativas I e II forem corretas;
e) se as três afirmativas forem incorretas.

06. Das características abaixo, assinale a que não pertence ao Realismo:

a) Preocupação critica.
b) Visão materialista da realidade.
c) Ênfase nos problemas morais e sociais.
d) Valorização da Igreja.
e) Determinismo na atuação das personagens.

07. Assinale a única alternativa incorreta:

a) O Realismo não tem nenhuma ligação com o Romantismo.
b) A atenção ao detalhe é característica do Realismo.
c) Pode-se dizer que alguns autores românticos já possuem certas características realistas.
d) O cientificismo do século XIX forneceu a base da visão do mundo adotada, de um modo geral, pelo Naturalismo.
e) O Realismo apresenta análise social.

08. No texto a seguir, Machado de Assis faz uma crítica ao Romantismo: Certo não lhe falta imaginação; mas esta tem suas regras, o astro, leis, e se há casos em que eles rompem as leis e as regras é porque as fazem novas, é porque se chama Shakespeare, Dante, Goethe, Camões.

Com base nesse texto, notamos que o autor:

a) Preocupa-se com princípios estéticos e acredita que a criação literária deve decorrer de uma elaborada produção dos autores.

b) Refuga o Romantismo, na medida em que os autores desse período reivindicaram uma estética oposta à clássica.

c) Entende a arte como um conjunto de princípios estéticos consagrados, que não pode ser manipulado por movimentos literários específicos.

d) Defende a idéia de que cada movimento literário deve ter um programa estético rígido e inviolável.

e) Entende que Naturalismo e o Parnasianismo constituem soluções ideal para pôr termo à falta de invenção dos românticos.

09. Examine as frases abaixo

I – Os representantes do Naturalismo faze aparecer na sua obra dimensões metafísica do homem, passando a encará-lo como um complexo social examinando à luz da psicologia.

II – No Naturalismo, as tentativas de submeter o Homem a leis determinadas são conseqüências das
ciências, na segunda metade do século XIX.

III – Na seleção de “casos” a serem enfocados, os naturalistas demonstram especial aversão pelo anormal e pelo patológico.

Pode-se dizer corretamente que:

a) só a I está certa;
b) só a II está certa;
c) só a III está certa;
d) existem duas certas;
e) nenhuma está certa.

10. Das citações apresentadas abaixo, qual não apresenta, evidentemente, um enfoque naturalista?

a) Às esquinas, nas quitandas vazias, fermentava um cheiro acre de sabão da terra e aguardente.
b) ... as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas.
c) Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos.
d) ... batiam-lhe com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da
musculatura, como se estivesse a comprar cavalos.
e) À porta dos leilões aglomeravam-se os que queriam comprar e os simples curiosos.

11. O mesmo da questão anterior:

a) Viam-se deslizar pela praça os imponentes e monstruosos abdomes dos capitalistas.
b) ... viam-se cabeças escarlates e descabeladas, gotejando suor por debaixo do chapéu de pêlo.
c) O quitandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava a sua preguiça morrinhenta, acariciando o seu imenso e espalmado pé descalço.
d) A Praia Grande, a Rua da Estrela contrastavam todavia com o resto da cidade, porque era aquela hora justamente a de maior movimento comercial.
e) ... uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, chio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas...

12. Considere o texto abaixo:
"Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. (...)
— Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria."
Esses parágrafos pertencem ao último capítulo do livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas", cujo autor, Machado de Assis, é representante do período literário denominado:
a) Barroco
b) Arcadismo
c) Modernismo
d) Realismo
e) Romantismo

Resolução:

01. C	**02.** D	**03.** C	**04.** E
05. B	**06.** D	**07.** A	**08.** A
09. B	**10.** E	**11.** D	**12.**D

EXERCÍCIOS SOBRE PARNASIANISMO

1-(FEI-SP) São características do Parnasianismo, do qual Olavo Bilac é legítimo representante:
a)Predomínio da razão, individualismo.
b)Determinismo biológico, retorno à Idade Média.
c)Culto da forma, arte pela arte.
d)Objetividade, sentimentalismo exagerado.
e)n.d.a

2-(Centec-BA) Todos os itens apresentam características do Parnasianismo, exceto:
a)Prevalência de formas fixas de composição poética.
b)Anseio de liberdade criadora.
c)Preocupação com a perfeição formal.
d)Gosto pela precisão descritiva.
e)Ideal de objetividade no tratamento dos temas.

TEXTO 1

OS SAPOS

O sapo tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: _ "Meu cancioneiro
É bem martelado"
(...)
Brada em um assomo
O sapo tanoeiro:
_ "A grande arte é como
Lavor de joalheiro"
(Manuel Bandeira)

TEXTO II

PROFISSÃO DE FÉ

Invejo o ourives quando escrevo
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.
(...)
Torce, aprimora, alteia, lima
a frase; e enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.
(Olavo Bilac)

a)Compare os dois trechos acima e, a partir daí, caracterize a estética literária a que pertence o texto II, de acordo com as duas afirmações do texto I.
b)O texto I, reforça ou nega os procedimentos estéticos apontados no texto II? Justifique sua resposta.

3- (PUC-RS) Alberto de Oliveira é caracterizado o mais característico poeta parnasiano, pois suas obras evidenciam:
a)erudição lingüística, descrição subjetiva e alusão à mitologia greco-latina.
b)culto à forma, descritivismo e retorno aos motivos clássicos.
c)preciosismo lingüístico, recuperação dos moldes clássicos e devaneio sentimentalista.
d)lirismo comedido, sentimentalismo nacionalista e apuro vocabular.
e)descrição pormenorizada, ruptura com os motivos clássicos e busca da palavra exata.

4-(UFRS) É na confluência de idéias anti-românticas, como a objetividade no trato dos temas e o Culto da forma, que se situa a poética do Parnasianismo. O nome da escola vinha de Paris e remontava a antologias publicadas (...). Seus traços de relevo: o gosto da descrição nítida, concepções tradicionalistas sobre o metro, ritmo e rima e, no fundo, o ideal de impessoalidade que partilhavam com os realistas do tempo. (Alfredo Bosi)

Com base no texto acima, referente ao Parnasianismo brasileiro, são feitas as seguintes inferências.

I-O Parnasianismo opôs-se a princípios românticos como a subjetividade e a relativa liberdade do verso
II-Tendo seu nome calcado num tempo criado na França, o Parnasianismo brasileiro, seguiu um caminho estético próprio, independente do original
III-Parnasianismo e Realismo são correntes literárias com ideais e princípios estéticos totalmente diferenciados.

Quais estão corretas?
a)I c)I e II e)I e III
b)II d)II e III

Exercícios Extras:

01. O realismo foi um movimento de:

a) volta ao passado;
b) exacerbação ultra-romântica;
c) maior preocupação com a objetividade;
d) irracionalismo;
e) moralismo.

02. A respeito de Realismo, pode-se afirmar:

I – Busca o perene humano no drama da existência .
II – Defende a documentação de fatos e a impessoalidade do autor perante a obra.
III – Estética literária restritamente brasileira; seu criador é Machado de Assis.

a) São corretas apenas II e III.
b) Apenas III é correta.
c) As três afirmações são corretas.
d) São corretas I e II.
e) As três informações são incorretas.

03. Considerando-se iniciado o movimento realista no Brasil quando:

a) Aluísio de Azevedo publica O Homem.
b) José de Alencar publica Lucíola.
c) Machado de Assis publica Memória Póstumas de Brás Cubas.
d) As alternativas a e c são válidas.
e) As alternativas a e b são válidas.

04. O realismo, como escola literária, é caracterizado:

a) pelo exagero da imaginação;
b) pelo culto da forma;
c) pela preocupação com o fundo;
d) pelo subjetivismo;
e) pelo objetivismo.

05. Podemos verificar que o Realismo revela:

I – senso do contemporâneo. Encara o presente do mesmo modo que romantismo se volta para o
passado ou para o futuro.

II – o retrato da vida pelo método da documentação, em que a seleção e a síntese operam buscando um sentido para o encadeamento dos fatos.

III – técnica minuciosa, dando a impressão de lentidão, de marcha quieta e gradativa pelos meandros dos conflitos, dos êxitos e dos fracassos.

Assinale:

a) se as afirmativas II e III forem corretas;
b) se as três afirmativas forem corretas;
c) se apenas a afirmativa III for correta;
d) se as afirmativas I e II forem corretas;
e) se as três afirmativas forem incorretas.

06. Das características abaixo, assinale a que não pertence ao Realismo:

a) Preocupação critica.
b) Visão materialista da realidade.
c) Ênfase nos problemas morais e sociais.
d) Valorização da Igreja.
e) Determinismo na atuação das personagens.

07. Assinale a única alternativa incorreta:

a) O Realismo não tem nenhuma ligação com o Romantismo.
b) A atenção ao detalhe é característica do Realismo.
c) Pode-se dizer que alguns autores românticos já possuem certas características realistas.
d) O cientificismo do século XIX forneceu a base da visão do mundo adotada, de um modo geral, pelo Naturalismo.
e) O Realismo apresenta análise social.

08. No texto a seguir, Machado de Assis faz uma crítica ao Romantismo: Certo não lhe falta imaginação; mas esta tem suas regras, o astro, leis, e se há casos em que eles rompem as leis e as regras é porque as fazem novas, é porque se chama Shakespeare, Dante, Goethe, Camões.

Com base nesse texto, notamos que o autor:

a) Preocupa-se com princípios estéticos e acredita que a criação literária deve decorrer de uma elaborada produção dos autores.

b) Refuga o Romantismo, na medida em que os autores desse período reivindicaram uma estética oposta à clássica.

c) Entende a arte como um conjunto de princípios estéticos consagrados, que não pode ser manipulado por movimentos literários específicos.

d) Defende a ideia de que cada movimento literário deve ter um programa estético rígido e inviolável.

e) Entende que Naturalismo e o Parnasianismo constituem soluções ideal para pôr termo à falta de invenção dos românticos.

09. Examine as frases abaixo

I – Os representantes do Naturalismo faze aparecer na sua obra dimensões metafísica do homem, passando a encará-lo como um complexo social examinando à luz da psicologia.

II – No Naturalismo, as tentativas de submeter o Homem a leis determinadas são conseqüências das
ciências, na segunda metade do século XIX.

III – Na seleção de “casos” a serem enfocados, os naturalistas demonstram especial aversão pelo anormal e pelo patológico.

Pode-se dizer corretamente que:

a) só a I está certa;
b) só a II está certa;
c) só a III está certa;
d) existem duas certas;
e) nenhuma está certa.

10. Das citações apresentadas abaixo, qual não apresenta, evidentemente, um enfoque naturalista?

a) Às esquinas, nas quitandas vazias, fermentava um cheiro acre de sabão da terra e aguardente.
b) ... as peixeiras, quase todas negras, muito gordas, o tabuleiro na cabeça, rebolando os grossos quadris trêmulos e as tetas opulentas.
c) Os cães, estendidos pelas calçadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos.
d) ... batiam-lhe com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da
musculatura, como se estivesse a comprar cavalos.
e) À porta dos leilões aglomeravam-se os que queriam comprar e os simples curiosos.

11. O mesmo da questão anterior:

a) Viam-se deslizar pela praça os imponentes e monstruosos abdomes dos capitalistas.
b) ... viam-se cabeças escarlates e descabeladas, gotejando suor por debaixo do chapéu de pêlo.
c) O quitandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava a sua preguiça morrinhenta, acariciando o seu imenso e espalmado pé descalço.
d) A Praia Grande, a Rua da Estrela contrastavam todavia com o resto da cidade, porque era aquela hora justamente a de maior movimento comercial.
e) ... uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, chio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas...

Gabarito:

01. C	**02.** D	**03.** C	**04.** E
05. B	**06.** D	**07.** A	**08.** A
09. B	**10.** E	**11.** D	

Textos de Aprofundamento:

O Realismo e o Naturalismo

"O **Realismo** é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; - o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houve de mau na nossa sociedade." Eça de Queirós.

Introdução

A poesia do final da década de 1860 já anunciava o fim do Romantismo; Castro Alves, Sousândrade e Tobias Barreto faziam uma poesia romântica na forma e na expressão, mas os temas estavam voltados para uma realidade político-social. O mesmo se pode afirmar de algumas produções do romance romântico, notadamente a de Manuel Antônio de Almeida, Franklin Távora e Visconde de Taunay. Era o pré-realismo que se manifestava.

Na década de 70 surge a chamada Escola de Recife, com Tobias Barreto, Sílvio Romero e outros, aproximando-se das idéias européias ligadas ao Positivismo, ao Evolucionismo e, principalmente, à filosofia alemã. São os ideais do Realismo que encontravam ressonância no conturbado momento histórico pelo Brasil, sob o signo do abolicionismo, do ideal republicano e da crise da Monarquia.

Em 1857, o mesmo ano em que no Brasil era publicado O guarani, de José de Alencar, na França é publicado **Madame Bovary,** de Gustave Flaubert, considerado **o primeiro romance realista da literatura universal.** Em 1865, Claude Bernard publica Introdução à medicina experimental, com uma tese sobre a hereditariedade. Em 1867 Émile Zola publica Thérèse Raquin, inaugurando o romance naturalista.

No Brasil considera-se 1881 como o ano inaugural do Realismo. De fato, esse foi um ano fértil para a literatura brasileira, com a publicação de dois romances fundamentais, que modificaram o curso de nossas letras: Aluísio Azevedo publica O mulato, o primeiro romance naturalista do Brasil; Machado de Assis publica Memórias póstumas de Brás Cubas, **o primeiro romance realista de nossa literatura**.

Na divisão tradicional da história da literatura brasileira, o ano considerado data final do Realismo é 1893, com a publicação de Missal e Broquéis, ambos de Cruz e Souza, obras inaugurais do Simbolismo. No entanto, é importante salientar que 1893 registra o início do Simbolismo, mas não o término do Realismo e suas manifestações na prosa, com os romances realistas e naturalistas, e na poesia, com oParnasianismo. Basta lembrar que Dom Casmurro, de Machado de Assis, é de 1900; Esaú e Jacó, do mesmo autor, é de 1904. Olavo Bilac foi eleito "príncipe dos poetas" em 1907. A Academia Brasileira de Letras, templo do Realismo, é de 1897. Na realidade, nos últimos vinte anos do século XIX e nos primeiros vinte anos do século XX, temos três estéticas que se desenvolvem paralelas: o Realismo e suas manifestações, o Simbolismo e o Pré-Modernismo, que só conhecem o golpe fatal em 1922, com aSemana de Arte Moderna.

Diferenças entre Realismo e Naturalismo

Realismo	Naturalismo
Retrato Fiel do Personagem	Visão determinista e mecanicista do homem
Lentidão Narrativa	Centificismo
Interpretação do Caráter	Personagens patológicas
Materialização do amor	Incorporação de termos científicos e profissionais
Determinismo e relação entre causa efeito	Determinista, Evolucionista, Positivista
Veracidade	
Detalhes Específicos	

Momento Histórico

O Realismo reflete as profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais da Segunda metade do século XIX. A Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, entra numa nova fase, caracterizada pela utilização do aço, do petróleo e da eletricidade; ao mesmo tempo o avanço científico leva a novas descobertas nos campos da Física e da Química. O capitalismo se estrutura em moldes modernos, com o surgimento de grandes complexos industriais; por outro lado, a massa operária urbana avoluma-se, formando uma população marginalizada que não partilha dos benefícios gerados pelo progresso industrial mas, pelo contrário, é explorada e sujeita a condições subumanas de trabalho.

Esta nova sociedade serve de pano de fundo para uma nova interpretação da realidade, gerando teorias de variadas posturas ideológicas. Numa sequência cronológica temos o Positivismo de Auguste Comte, preocupado com o real-sensível, o fato, defendendo o cientificismo no pensamento filosófico e a conciliação da **"ordem e progresso"** (a expressão, utilizada na bandeira republicana do Brasil, é de inspiração comtiana); o Socialismo Científico de Karl Marx e Friedrich Engels, a partir da publicação do Manifesto Comunista, em 1848, definindo o materialismo histórico ("o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, político e intelectual em geral" – K. Marx) e a luta de classes; o Evolucionismo de Charles Darwin, a partir da publicação, em 1859, de A origem das espécies, livro em que ele expõe seus estudos sobre a evolução das espécies pelo processo de seleção natural, negando portanto a origem divina defendida pelo Cristianismo.

O Brasil também passa por mudanças radicais tanto no campo econômico como no político-social, no período compreendido entre 1850 e 1900, embora com profundas diferenças materiais, se comparadas às da Europa. A campanha abolicionista intensifica-se a partir de 1850; a Guerra do Paraguai (1864/70) tem como conseqüência o pensamento republicano – o Partido Republicano foi fundado no ano em que essa guerra acabou –; a Monarquia vive uma vertiginosa decadência. A Lei Áurea, de 1888, não resolveu o problema dos negros, mas criou uma nova realidade. O fim da mão-de-obra escrava e a sua substituição pela mão-de-obra assalariada, então representada pelas levas de imigrantes europeus que vinham trabalhar na lavoura cafeeira, originou uma nova economia voltada para o mercado externo, mas agora sem a estrutura colonialista.

É nesse contexto socio-político-científico que surgem o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo. A alteração do quadro social e cultural exigia dos escritores outra forma de abordar a realidade: menos idealizada do que a romântica e mais objetiva, crítica e participante. Contudo há semelhanças e diferenças entre essas correntes. As semelhanças residem na objetividade, na luta contra o Romantismo e no gosto por descrições minuciosas.

Características

As características do Realismo estão intimamente ligadas ao momento histórico, refletindo, dessa forma, a postura do Positivismo, do Socialismo e do Evolucionismo, com todas as suas variantes. Assim é que o objetivismo aparece como negação do subjetivismo romântico e nos mostra o homem voltado para aquilo que está diante e fora dele, o não-eu; o personalismo cede terreno para o universalismo. O materialismo leva à negação do sentimentalismo e da metafísica.

O nacionalismo e a volta ao passado histórico são deixados de lado; o Realismo só se preocupa com o presente, o contemporâneo.

Influenciados por Hypolite Taine e sua Filosofia da arte, os autores realistas são adeptos do determinismo, segundo o qual a obra de arte seria determinada por três fatores: o meio, o momento e a raça – esta, no que se refere à hereditariedade. O avanço das ciências, no século XIX, influencia sobremaneira os autores da nova estética, principalmente os naturalistas, donde

se falar em cientificismo nas obras desse período. Ideologicamente os autores desse período são antimonárquicos, assumindo uma defesa clara do ideal republicano, como se observa na leitura de romances como O mulato, O cortiço e O Ateneu, por exemplo. Negam a burguesia a partir da célula-mãe da sociedade: a família; eis por que os sempre presentes triângulos amorosos, formados pelo pai traído, a mãe adúltera e o amante, que é sempre um "amigo da casa"; para citarmos apenas exemplos famosos de Machado de Assis, eis alguns triângulos: Bentinho/Capitu/Escobar; Lobo Neves/Virgília/Brás Cubas; Cristiano Palha/Sofia Palha/Rubião. São anticlericais, destacando-se em suas obras os padres corruptos e a hipocrisia de velhas beatas.
Finalmente é importante salientar que Realismo é denominação genérica da escola literária, sendo que nela se podem perceber três tendências distintas, expostas a seguir.

Romance Realista

Cultivado no Brasil por Machado de Assis, é uma narrativa mais preocupada com a análise psicológica, fazendo a crítica à sociedade a partir do comportamento de determinados personagens. É interessante constatar que os cinco romances da fase realista de Machado apresentam nomes próprios em seus títulos – Brás Cubas; Quincas Borba; D. Casmurro; Esaú e Jacó; Aires –, revelando clara preocupação com o indivíduo.
O romance realista analisa a sociedade "por cima", ou seja, seus personagens são capitalistas, pertencem à classe dominante; mais uma vez nos voltamos para a obra de Machado e percebemos que Brás Cubas não produz, vive do capital, o mesmo acontecendo com Bentinho; já Quincas Borba era louco e mendigo até receber uma herança; o único dos personagens centrais de Machado que trabalhava era Rubião (professor em Minas), mas recebe a herança de Quincas Borba, muda-se para o Rio e não trabalha mais, vivendo do capital. O romance realista é documental, retrato de uma época.

Observe o trecho abaixo:

Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, - devoção, ou talvez medo; creio que medo. (ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo, Scipione, 1994. p. 45)
Podemos notar todo o estilo irônico do autor, aqui com suas baterias voltadas contra as idealizações românticas que haviam moldado o gosto do público leitor. Repare que Machado parte de uma adjetivação que nos leva a montar um perfil da heroína romântica (a mais atrevida, a mais voluntariosa, bonita, fresca, carregada de feitiço, faceira) para só num segundo momento provocar a ruptura: ignorante, pueril, preguiçosa.

Romance Naturalista

Cultivado no Brasil por Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Inglês de Souza e Manuel de Oliveira Paiva; o caso de Raul Pompéia é muito particular, pois seu romance O Ateneu ora apresenta características naturalistas, ora realistas, ora impressionistas.
A narrativa naturalista é marcada pela forte análise social a partir de grupos humanos marginalizados, valorizando o coletivo; interessa também notar que os títulos dos romances

naturalistas apresentam a mesma preocupação: O mulato, O cortiço, Casa de pensão, O Ateneu. Há inclusive, sobre o romance O cortiço, a tese de que o principal personagem não é João Romão, nem Bertoleza, nem Rita Baiana, nem Pombinha, mas sim o próprio cortiço ou, como afirma Antônio Candido, "o romance é o nascimento, vida, paixão e morte de um cortiço". Sob um certo ponto de vista, o mesmo poderia ser dito sobre o colégio Ateneu (os dois romances se encerram com a destruição dos prédios, abrigos coletivos).

Por outro lado, o naturalismo apresenta romances experimentais; a influência de Darwin se faz sentir na máxima naturalista segundo a qual o homem é um animal; portanto, antes de usar a razão, deixa-se levar pelos instintos naturais, não podendo ser reprimido em suas manifestações instintivas, como o sexo, pela moral da classe dominante. A constante repressão leva às taras patológicas, tão ao gosto naturalista; em conseqüência, esses romances são mais ousados e erroneamente tachados por alguns de pornográficos, apresentando descrições minuciosas de atos sexuais, tocando, inclusive, em temas então proibidos, como o homossexualismo: tanto o masculino, como em O Ateneu, quanto o feminino, em O cortiço.

Observe o texto abaixo:

Ana Rosa, com efeito, de algum tempo a essa parte, fazia visitas ao quarto de Raimundo, durante a ausência do morador.

Entrava disfarçadamente, fechava as rótulas da janela, e, como sabia que o morador não aparecia àquela hora, começava a bulir nos livros, a remexer nas gavetas abertas, a experimentar as fechaduras, a ler os cartões de visita e todos os pedacinhos de papel escrito, que lhe caíam nas mãos. Sempre que encontrava um lenço já servido, no chão ou atirado sobre a cômoda, apoderava-se dele e cheirava-o sofregamente, como fazia também com os chapéus de cabeça e com a travesseirinha da cama.

Estas bisbilhotices deixavam-na caída numa enervação voluptuosa e doentia, que lhe punha no corpo arrepios de febre. (AZEVEDO, Aluísio. O mulato. 19. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1974. p. 121)

Observamos que a personagem Ana Rosa, criada segundo alguns "caprichos românticos e fantasias poéticas", não resiste à força da atração física que Raimundo lhe desperta, chegando a invadir o quarto do rapaz. O importante é notar como a moça é dominada pelos instintos; como se fosse um animal, "lê" o mundo por meio dos sentidos (ela "conhece" o rapaz pelo cheiro que ele imprimiu nos objetos); a excitação provoca reações físicas (enervação voluptuosa, febre), transformando-se num caso patológico, doentio.

Observação:

Como você observa, há vários pontos de coincidência entre o romance realista e o naturalista; diríamos até que ambos partem de um mesmo ponto x e ambos chegam a um mesmo ponto y, só que percorrendo caminhos diversos. Tanto um como outro atacam a monarquia, o clero e a sociedade burguesa. Inclusive, podemos encontrar, num mesmo autor, determinadas posturas mais realistas convivendo com enfoques mais naturalistas. É o caso de O Ateneu, citado acima.

Eça de Queirós, em Portugal, é outro exemplo significativo: alguns críticos o consideram realista, outros classificam-no como naturalista.

Poesia Parnasiana

Preocupada com a forma e a objetividade; a "arte pela arte", com seus sonetos alexandrinos perfeitos. Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira formam a Trindade Parnasiana.

O soneto, a métrica alexandrina (12 sílabas poéticas), a rima rica, rara e perfeita, tudo isso se contrapondo aos versos livres e brancos dos românticos. Em suma, é o endeusamento da Forma.

Realismo e Naturalismo no Brasil

Contexto Histórico

O Realismo, no Brasil, nasceu em conseqüência da crise criada com a decadência econômica açucareira, o crescimento do prestígio dos estados do sul e o descontentamento da classe burguesa em ascensão na época, o que facilitou o acolhimento dos ideais abolicionistas e republicanos. O movimento Republicano fundou em 1870 o Partido Republicano, que lutou para trocar o trabalho escravo pela mão-de-obra imigrante.

Nesse período, as idéias de Comte, Spencer, Darwin e Haeckel conquistaram os intelectuais brasileiros que se entregaram ao espírito científico, sobrepujando a concepção espiritualista do Romantismo. Todos se voltam para explicar o universo através da Ciência, tendo como guias o positivismo, o darwinismo, o naturalismo e o cientificismo. O grande divulgador do movimento foi Tobias Barreto, ideólogo da Escola de Recife, admirador das idéias de Augusto Comte e Hipólito Taine.

O Realismo e o Naturalismo aqui se estabelecem com o aparecimento, em 1881, da obra realista Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, e da naturalista O Mulato, de Aluísio de Azevedo, influenciados pelo escritor português Eça de Queirós, com as obras O Crime do Padre Amaro (1875) e Primo Basílio (1878). O movimento se estende até o início do século XX, quando Graça Aranha publica Canaã, fazendo surgir uma nova estética: o Pré-Modernismo.

Características

A literatura realista e naturalista surge na França com Flaubert (1821-1880) e Zola (1840-1902). Flaubert (1821-1880) é o primeiro escritor a pleitear para a prosa a preocupação científica com o intuito de captar a realidade em toda sua crueldade. Para ele a arte é impessoal e a fantasia deve ser exercida através da observação psicológica, enquanto os fatos humanos e a vida comum são documentados, tendo como fim a objetividade. O romancista fotografa minuciosamente os aspectos fisiológicos, patológicos e anatômicos, filtrando pela sensibilidade o real.

Contudo, a escola Realista atinge seu ponto máximo com o Naturalismo, direcionado pelas idéias materialísticas. Zola, por volta de 1870, busca aprofundar o cientificismo, aplicando-lhe novos princípios, negando o envolvimento pessoal do escritor que deve, diante da natureza, colocar a observação e experiência acima de tudo. O afastamento do sobrenatural e do subjetivo cede lugar à observação objetiva e à razão, sempre, aplicada ao estudo da natureza, orientando toda busca de conhecimento.

Alfredo Bosi assim descreve o movimento: "O Realismo se tingirá de naturalismo no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das "leis naturais" que a ciência da época julgava ter codificado; ou se dirá parnasiano, na poesia, à medida que se esgotar no lavor do verso tecnicamente perfeito".

Vindo da Europa com tendências ao universal, o Realismo acaba aqui modificado por nossas tradições e, sobretudo, pela intensificação das contradições da sociedade, reforçadas pelos movimentos republicano e abolicionista, intensificadores do descompasso do sistema social. O conhecimento sobre o ser humano se amplia com o avanço da Ciência e os estudos passam a ser feitos sob a ótica da Psicologia e da Sociologia. A Teoria da Evolução das Espécies de Darwin oferece novas perspectivas com base científica, concorrendo para o nascimento de um tipo de literatura mais engajada, impetuosa, renovadora e preocupada com a linguagem.

Os temas, opostos àqueles do Romantismo, não mais engrandecem os valores sociais, mas os combatem ferozmente. A ambientação dos romances se dá, preferencialmente, em locais

miseráveis, localizados com precisão; os casamentos felizes são substituídos pelo adultério; os costumes são descritos minuciosamente com reprodução da linguagem coloquial e regional.
O romance sob a tendência naturalista manifesta preocupação social e focaliza personagens vivendo em extrema pobreza, exibindo cenas chocantes. Sua função é de crítica social, denúncia da exploração do homem pelo homem e sua brutalização.
A hereditariedade é vista como rigoroso determinismo a que se submetem as personagens, subordinadas, também, ao meio que lhes molda a ação, ficando entregues à sensualidade, à sucessão dos fatos e às circunstâncias ambientais. Além de deter toda sua ação sob o senso do real, o escritor deve ser capaz de expressar tudo com clareza, demonstrando cientificamente como reagem os homens, quando vivem em sociedade.
Outro tratamento típico é a caracterização psicológica das personagens que têm seus retratos compostos através da exposição de seus pensamentos, hábitos e contradições, revelando a imprevisibilidade das ações e construção das personagens, retratadas no romance psicológico dos escritores Raul Pompéia e Machado de Assis.

A Principal característica do Realismo é a Psicologia
A Princpal característica do Naturalismo é a Cientifica

Autoria: André F. de Castro

.....
.....**NOITE DE ALMIRANTE**

Deolindo Venta-Grande (era uma alcunha de bordo) saiu do arsenal de marinha e enfiou pela rua de Bragança. Batiam três horas da tarde. Era a fina flor dos marujos e, de mais, levava um grande ar de felicidade nos olhos. A corveta dele voltou de uma longa viagem de instrução, e Deolindo veio à terra tão depressa alcançou licença. Os companheiros disseram-lhe, rindo:

- Ah! Venta-Grande! Que noite de almirante vai você passar! ceia, viola e os braços de Genoveva. Colozinho de Genoveva...

Deolindo sorriu. Era assim mesmo, uma noite de almirante, como eles dizem, uma dessas grandes noites de almirante que o esperava em terra. Começara a paixão três meses antes de sair a corveta. Chamava-se Genoveva, caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido. Encontraram-se em casa de terceiro e ficaram morrendo um pelo outro, a tal ponto que estiveram prestes a dar uma cabeçada, ele deixaria o serviço e ela o acompanharia para a vila mais recôndita do interior.

A velha Inácia, que morava com ela, dissuadiu-os disso; Deolindo não teve remédio senão seguir em viagem de instrução. Eram oito ou dez meses de ausência. Como fiança recíproca, entenderam dever fazer um juramento de fidelidade.

- Juro por Deus que está no céu. E você?
- Eu também.
- Diz direito.
- Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte.

Estava celebrado o contrato. Não havia descrer da sinceridade de ambos; ela chorava doidamente, ele mordia o beiço para dissimular. Afinal separaram-se, Genoveva foi ver sair a corveta e voltou para casa com um tal aperto no coração que parecia que "lhe ia dar uma coisa". Não lhe deu nada, felizmente; os dias foram passando, as semanas, os meses, dez meses, ao cabo dos quais, a corveta tornou e Deolindo com ela.

Lá vai ele agora, pela rua de Bragança, Prainha e Saúde, até ao princípio da Gamboa, onde mora Genoveva. A casa é uma rotulazinha escura, portal rachado do sol, passando o cemitério dos Ingleses; lá deve estar Genoveva, debruçada à janela, esperando por ele. Deolindo prepara uma palavra que lhe diga. Já formulou esta: "Jurei e cumpri", mas procura outra melhor. Ao mesmo tempo lembra as mulheres que viu por esse mundo de Cristo, italianas, marselhesas ou turcas, muitas delas bonitas, ou que lhe pareciam tais. Concorda que nem todas seriam para os beiços dele, mas algumas eram, e nem por isso fez caso de nenhuma. Só pensava em Genoveva. A mesma casinha dela, tão pequenina, e a mobília de pé

quebrado, tudo velho e pouco, isso mesmo lhe lembrava diante dos palácios de outras terras. Foi à custa de muita economia que comprou em Trieste um par de brincos, que leva agora no bolso com algumas bugigangas. E ela que lhe guardaria? Pode ser que um lenço marcado com o nome dele e uma âncora na ponta, porque ela sabia marcar muito bem. Nisto chegou à Gamboa, passou o cemitério e deu com a casa fechada. Bateu, falou-lhe uma voz conhecida, a da velha Inácia, que veio abrir-lhe a porta com grandes exclamações de prazer. Deolindo, impaciente, perguntou por Genoveva.

- Não me fale nessa maluca, arremeteu a velha. Estou bem satisfeita com o conselho que lhe dei. Olhe lá se fugisse. Estava agora como o lindo amor.

- Mas que foi? que foi?

A velha disse-lhe que descansasse, que não era nada, uma dessas coisas que aparecem na vida; não valia a pena zangar-se. Genoveva andava com a cabeça virada...

- Mas virada por quê?

- Está com um mascate, José Diogo. Conheceu José Diogo, mascate de fazendas? Está com ele. Não imagina a paixão que eles têm um pelo outro. Ela então anda maluca. Foi o motivo da nossa briga. José Diogo não me saía da porta; eram conversas e mais conversas, até que eu um dia disse que não queria a minha casa difamada. Ah! meu pai do céu! foi um dia de juízo. Genoveva investiu para mim com uns olhos deste tamanho, dizendo que nunca difamou ninguém e não precisava de esmolas. Que esmolas, Genoveva? O que digo é que não quero esses cochichos à porta, desde as aves-marias... Dois dias depois estava mudada e brigada comigo.

- Onde mora ela?

- Na praia Formosa, antes de chegar à pedreira, uma rótula pintada de novo.

Deolindo não quis ouvir mais nada. A velha Inácia, um tanto arrependida, ainda lhe deu avisos de prudência, mas ele não os escutou e foi andando. Deixo de notar o que pensou em todo o caminho; não pensou nada. As idéias marinhavam-lhe no cérebro, como em hora de temporal, no meio de uma confusão de ventos e apitos. Entre elas rutilou a faca de bordo, ensangüentada e vingadora. Tinha passado a Gamboa, o Saco do Alferes, entrara na praia Formosa. Não sabia o número de casa, mas era perto da pedreira, pintada de novo, e com auxílio da vizinhança poderia achá-la. Não contou com o acaso que pegou de Genoveva e fê-la sentar à janela, cosendo, no momento em que Deolindo ia passando. Ele conheceu-a e parou; ela, vendo o vulto de um homem, levantou os olhos e deu com o marujo.

- Que é isso? exclamou espantada. Quando chegou? Entre, seu Deolindo.

E, levantando-se, abriu a rótula e fê-lo entrar. Qualquer outro homem ficaria alvoroçado de esperanças, tão francas eram as maneiras da rapariga; podia ser que a velha se enganasse ou mentisse; podia ser mesmo que a cantiga do mascate estivesse acabada. Tudo isso lhe passou pela cabeça, sem a forma precisa do raciocínio ou da reflexão, mas em tumulto e rápido. Genoveva deixou a porta aberta, fê-lo sentar-se, pediu-lhe notícias da viagem e achou-o mais gordo; nenhuma comoção nem intimidade. Deolindo perdeu a última esperança. Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, e durante os primeiros minutos não pensou em outra coisa.

- Sei tudo, disse ele.

- Quem lhe contou?

Deolindo levantou os ombros.

- Fosse quem fosse, tornou ela, disseram-lhe que eu gostava muito de um moço?

- Disseram.

- Disseram a verdade.

Deolindo chegou a ter um ímpeto; ela fê-lo parar só com a ação dos olhos. Em seguida disse que, se lhe abrira a porta, é porque contava que era homem de juízo. Contou-lhe então tudo, as saudades que curtira, as propostas do mascate, as suas recusas, até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele.

- Pode crer que pensei muito e muito em você. Sinhá Inácia que lhe diga se não chorei muito... Mas o coração mudou... Mudou... Conto-lhe tudo isto, como se estivesse diante do padre, concluiu sorrindo.

Não sorria de escárnio. A expressão das palavras é que era uma mescla de candura e cinismo, de insolência e simplicidade, que desisto de definir melhor. Creio até que insolência e cinismo são mal aplicados. Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações. O que dizia, em resumo, é que era melhor não ter mudado, dava-se bem com a afeição do Deolindo, a prova é que quis fugir com

ele; mas, uma vez que o mascate venceu o marujo, a razão era do mascate, e cumpria declará-lo. Que vos parece? O pobre marujo citava o juramento de despedida, como uma obrigação eterna, diante da qual consentira em não fugir e embarcar: "Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte". Se embarcou, foi porque ela lhe jurou isso. Com essas palavras é que andou, viajou, esperou e tornou; foram elas que lhe deram a força de viver. Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte...

- Pois, sim, Deolindo, era verdade. Quando jurei, era verdade. Tanto era verdade que eu queria fugir com você para o sertão. Só Deus sabe se era verdade! Mas vieram outras coisas... Veio este moço e eu comecei a gostar dele...

- Mas a gente jura é para isso mesmo; é para não gostar de mais ninguém...

- Deixa disso, Deolindo. Então você só se lembrou de mim? Deixa de partes...

- A que horas volta José Diogo?

- Não volta hoje.

- Não?

- Não volta; está lá para os lados de Guaratiba com a caixa; deve voltar sexta-feira ou sábado... E por que é que você quer saber? Que mal lhe fez ele?

Pode ser que qualquer outra mulher tivesse igual palavra; poucas lhe dariam uma expressão tão cândida, não de propósito, mas involuntariamente. Vede que estamos aqui muito próximos da natureza. Que mal lhe fez ele? Que mal lhe fez esta pedra que caiu de cima? Qualquer mestre de física lhe explicaria a queda das pedras. Deolindo declarou, com um gesto de desespero, que queria matá-lo. Genoveva olhou para ele com desprezo, sorriu de leve e deu um muxoxo; e, como ele lhe falasse de ingratidão e perjúrio, não pôde disfarçar o pasmo. Que perjúrio? que ingratidão? Já lhe tinha dito e repetia que quando jurou era verdade. Nossa Senhora, que ali estava, em cima da cômoda, sabia se era verdade ou não. Era assim que lhe pagava o que padeceu? E ele que tanto enchia a boca de fidelidade, tinha-se lembrado dela por onde andou?

A resposta dele foi meter a mão no bolso e tirar o pacote que lhe trazia. Ela abriu-o, aventou as bugigangas, uma por uma, e por fim deu com os brincos. Não eram nem poderiam ser ricos; eram mesmo de mau gosto, mas faziam uma vista de todos os diabos. Genoveva pegou deles, contente, deslumbrada, mirou-os por um lado e outro, perto e longe dos olhos, e afinal enfiou-os nas orelhas; depois foi ao espelho de pataca, suspenso na parede, entre a janela e a rótula, para ver o efeito que lhe faziam. Recuou, aproximou-se, voltou a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

- Sim, senhor, muito bonitos, disse ela, fazendo uma grande mesura de agradecimento. Onde é que comprou?

Creio que ele não respondeu nada, não teria tempo para isso, porque ela disparou mais duas ou três perguntas, uma atrás da outra, tão confusa estava de receber um mimo a troco de um esquecimento. Confusão de cinco ou quatro minutos; pode ser que dois. Não tardou que tirasse os brincos, e os contemplasse e pusesse na caixinha em cima da mesa redonda que estava no meio da sala. Ele pela sua parte começou a crer que, assim como a perdeu, estando ausente, assim o outro, ausente, podia também perdê-la; e, provavelmente, ela não lhe jurara nada.

- Brincando, brincando, é noite, disse Genoveva.

Com efeito, a noite ia caindo rapidamente. Já não podiam ver o hospital dos Lázaros e mal distinguiam a ilha dos Melões; as mesmas lanchas e canoas, postas em seco, defronte da casa, confundiam-se com a terra e o lodo da praia. Genoveva acendeu uma vela. Depois foi sentar-se na soleira da porta e pediu-lhe que contasse alguma coisa das terras por onde andara. Deolindo recusou a princípio; disse que se ia embora, levantou-se e deu alguns passos na sala. Mas o demônio da esperança mordia e babujava o coração do pobre diabo, e ele voltou a sentar-se, para dizer duas ou três anedotas de bordo. Genoveva escutava com atenção. Interrompidos por uma mulher da vizinhança, que ali veio, Genoveva fê-la sentar-se também para ouvir "as bonitas histórias que o Sr. Deolindo estava contando". Não houve outra apresentação. A grande dama que prolonga a vigília para concluir a leitura de um livro ou de um capítulo, não vive mais intimamente a vida dos personagens do que a antiga amante do marujo vivia as cenas que ele ia contando, tão livremente interessada e presa, como se entre ambos não houvesse mais que uma narração de episódios. Que importa à grande dama o autor do livro? Que importava a esta rapariga o contador dos episódios?

A esperança, entretanto, começava a desampará-lo e ele levantou-se definitivamente para sair. Genoveva não quis deixá-lo sair antes que a amiga visse os brincos, e foi mostrar-

lhos com grandes encarecimentos. A outra ficou encantada, elogiou-os muito, perguntou se os comprara em França e pediu a Genoveva que os pusesse.

- Realmente, são muito bonitos.

Quero crer que o próprio marujo concordou com essa opinião. Gostou de os ver, achou que pareciam feitos para ela e, durante alguns segundos, saboreou o prazer exclusivo e superfino de haver dado um bom presente; mas foram só alguns segundos.

Como ele se despedisse, Genoveva acompanhou-o até à porta para lhe agradecer ainda uma vez o mimo, e provavelmente dizer-lhe algumas coisas meigas e inúteis. A amiga, que deixara ficar na sala, apenas lhe ouviu esta palavra: "Deixa disso, Deolindo"; e esta outra do marinheiro: "Você verá." Não pôde ouvir o resto, que não passou de um sussurro.

Deolindo seguiu, praia fora, cabisbaixo e lento, não já o rapaz impetuoso da tarde, mas com um ar velho e triste, ou, para usar outra metáfora de marujo, como um homem "que vai do meio caminho para terra". Genoveva entrou logo depois, alegre e barulhenta. Contou à outra a anedota dos seus amores marítimos, gabou muito o gênio do Deolindo e os seus bonitos modos; a amiga declarou achá-lo grandemente simpático.

- Muito bom rapaz, insistiu Genoveva. Sabe o que ele me disse agora?

- Que foi?

- Que vai matar-se.

- Jesus!

- Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as coisas, mas não faz. Você verá que não se mata. Coitado, são ciúmes. Mas os brincos são muito engraçados.

- Eu aqui ainda não vi destes.

- Nem eu, concordou Genoveva, examinando-os à luz. Depois guardou-os e convidou a outra a coser. - Vamos coser um bocadinho, quero acabar o meu corpinho azul...

A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Genoveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência, etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.

Fonte: Contos Consagrados - Machado de Assis - Coleção Prestígio - Ediouro - s/d

Questões do Enem:

Questão 01 (ENEM-2009):

Cárcere das almas
Ah! Toda a alma presa,
Soluçando nas trevas,
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
Para abrir-vos as portas do Mistério?!

CRUZ E SOUSA, J. **Poesia completa.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema **Cárcere das almas**, de Cruz e Souza, são:

a- a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.
b- a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
c- o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
d- a evidente preocupação do eu lírico com a realidade social expressa em imagens poéticas inovadoras.
e- a liberdade formal da estrutura poética que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

Questão 02 (ENEM-2009):

Os melhores críticos da cultura brasileira trataram-na sempre no plural, isto é, enfatizando a coexistência de diversas culturas. Arthur Ramos distingue as culturas não européias (indígenas, negras) das européias (portuguesa, italiana, alemã etc), e Darcy Ribeiro fala de diversos Brasis: crioulo, caboclo, sertanejo, caipira e de Brasis sulinos, a cada um deles correspondendo uma cultura específica.

MORAIS, F. **O Brasil na visão do artista**: o país e sua cultura.

São Paulo: Sudameris, 2003.

Considerando a hipótese de Darcy Ribeiro de que há vários Brasis, a opção em que a obra mostrada representa a arte brasileira de origem negro-africana é:

a-

Rubem Valentim. Disponível em http://www.ocaixote.com.br.

Acesso: em 9 jul. 2009.

b-

Athos Bulcão. Disponível em

http://irbr.mre.gov.br. Acesso: em 9 jul. 2009.

c-

Rubens Gerchman. Disponível em http://itaucultural.org.br. Acesso: em 6 jul. 2009.

d-

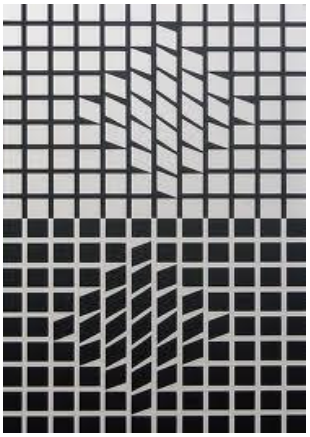

Victor Vassarely. Disponível em http://www.masterworksfineart.com. Acesso: em 5 jul. 2009.

e-

Gougon. Disponível em http://www.ocaixote.com.br. Acesso: em 5 set. 2009.

Questão 03 (ENEM 2009):

Para o Mano Caetano

1 O que fazer do ouro de tolo
Quando um doce bardo brada a toda brida,
Em velas pandas, suas esquisitas rimas?
4 Geografia de verdades, Guanabaras postiças
Saudades banguelas, tropicais preguiças?

A boca cheia de dentes
7 De um implacável sorriso
Morre a cada instante
Que devora a voz do morto, e com isso,
10 Ressuscita vampiro, sem o menor aviso

Na letra da canção apresentada, o compositor Lobão explora vários recursos da língua portuguesa, a fim de conseguir efeitos estéticos ou de sentido. Nessa letra, o autor explora o extrato sonoro do idioma e o uso de termos coloquiais na seguinte passagem:

a- “Quando um doce bardo brada a toda brida” (v.2)
b- “Em velas pandas, suas esquisitas rimas?” (v.3)
c- “Que decora a voz do morto” (v.9)
d- “lobo-bolo/Tipo pra rimar com ouro de tolo?’ (v.11-12)
e- “*Tease me, tease me* outra vez” (v.14)

Questão 04 (ENEM 2000) :

Em muitos jornais, encontramos charges, quadrinhos, ilustrações, inspirados

nos fatos noticiados. Veja um exemplo:

Jornal do Commercio, 22/8/93

O texto que se refere a uma situação semelhante à que inspirou a charge é:

(A) Descansem o meu leito solitário

Na floresta dos homens esquecida,

À sombra de uma cruz, e escrevam nela

– Foi poeta – sonhou – e amou na vida.

(AZEVEDO, Álvares de. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro/Brasília: José Aguilar/INL,1971)

(B) Essa cova em que estás

Com palmos medida,

é a conta menor

que tiraste em vida.

É de bom tamanho,

Nem largo nem fundo,

É a parte que te cabe

deste latifúndio.

(MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967)

(C) Medir é a medida mede

A terra, medo do homem, a lavra; lavra

duro campo, muito cerco, vária várzea.

(CHAMIE, Mário. *Sábado na hora da escutas*. São Paulo: Summums, 1978)

(D) Vou contar para vocês

um caso que sucedeu

na Paraíba do Norte

com um homem que se chamava

Pedro João Boa-Morte,

lavrador de Chapadinha:

talvez tenha morte boa

porque vida ele não tinha.

(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983)

(E) Trago-te flores, – restos arrancados

Da terra que nos viu passar

E ora mortos nos deixa e separados.

(ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986)

Questão 05 (ENEM 2000):

"Poética", de Manuel Bandeira, é quase um manifesto do movimento modernista brasileiro de 1922. No poema, o autor elabora críticas e propostas que representam o pensamento estético predominante na época.

Poética

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e

[manifestações de apreço ao Sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o

[cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

.....

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbedos

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos

O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa.* Rio de Janeiro. Aguilar, 1974)

Com base na leitura do poema, podemos afirmar corretamente que o poeta:

(A) critica o lirismo louco do movimento modernista.

(B) critica todo e qualquer lirismo na literatura.

(C) propõe o retorno ao lirismo do movimento clássico.

(D) propõe o retorno ao lirismo do movimento romântico.

(E) propõe a criação de um novo lirismo.

Questão 06 (ENEM 2000):

Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de "Bicho urbano", poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

Bicho urbano

Se disser que prefiro morar em Pirapemas

ou em outra qualquer pequena cidade do país

estou mentindo

ainda que lá se possa de manhã

lavar o rosto no orvalho

e o pão preserve aquele branco

sabor de alvorada.

.....

A natureza me assusta.

Com seus matos sombrios suas águas

suas aves que são como aparições

me assusta quase tanto quanto

esse abismo

de gases e de estrelas

aberto sob minha cabeça.

(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991)

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas. Assinale a opção em que se observa esse recurso.

(A) "e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada."

(B) "ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho"

(C) "A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas"

(D) "suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto"

(E) "me assusta quase tanto quanto / esse abismo / de gases e de estrelas"

Questão 07 (ENEM 2004):

Cidade grande

Que beleza, Montes Claros.

Como cresceu Montes Claros.

Quanta indústria em Montes Claros.

Montes Claros cresceu tanto,

ficou urbe tão notória,

prima-rica do Rio de Janeiro,

que já tem cinco favelas

por enquanto, e mais promete.

(Carlos Drummond de Andrade)

Entre os recursos expressivos empregados no texto, destaca-se a

(A) metalinguagem, que consiste em fazer a linguagem referir-se à própria linguagem.

(B) intertextualidade, na qual o texto retoma e reelabora outros textos.

(C) ironia, que consiste em se dizer o contrário do que se pensa, com intenção crítica.

(D) denotação, caracterizada pelo uso das palavras em seu sentido próprio e objetivo.

(E) prosopopéia, que consiste em personificar coisas inanimadas, atribuindo-lhes vida.

Questão 08 (Enem 2003):

Do pedacinho de papel ao livro impresso vai uma longa distância. Mas o que o escritor quer, mesmo, é isso: ver o seu texto em letra de forma. A gaveta é ótima para aplacar a fúria criativa; ela faz amadurecer o texto da mesma forma que a adega faz amadurecer o vinho. Em certos casos, a cesta de papel é melhor ainda.

O período de maturação na gaveta é necessário, mas não deve se prolongar muito. 'Textos guardados acabam cheirando mal', disse Silvia Plath, (...) que, com esta frase, deu testemunho das dúvidas que atormentam o escritor: publicar ou não publicar? guardar ou jogar fora?

(Moacyr Scliar. O escritor e seus desafios.)

Nesse texto, o escritor Moacyr Scliar usa imagens para refletir sobre uma etapa da criação literária. A idéia de que o processo de maturação do texto nem sempre é o que garante bons resultados está sugerida na seguinte frase:

(A) "A gaveta é ótima para aplacar a fúria criativa."

(B) "Em certos casos, a cesta de papel é melhor ainda."

(C) "O período de maturação na gaveta é necessário, (...)."

(D) "Mas o que o escritor quer, mesmo, é isso: ver o seu texto em letra de forma."

(E) "ela (a gaveta) faz amadurecer o texto da mesma forma que a adega faz amadurecer o vinho."

Questão 09 (ENEM 2009):

ECKHOUT, A."Índio Tapuia" (1610-1666). Disponível em:

http://.diaadia.pr.gov.br. Acesso em: 9jul,2009.

A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos, Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

CAMINHA, P. V. **A carta.** Disponível em:

www.dominiopublico.gov.br. Acesso em:12 ago,2009.

Ao se estabelecer uma relação entre a obra de Eckhout e o trecho do texto de Caminha, conclui-se que:

a- ambos se identificam pelas características estéticas marcantes, como tristeza e melancolia, do movimento romântico das artes plásticas.

b- o artista, na pintura, foi fiel ao seu objeto, representando-o de maneira realista, ao passo que o texto é apenas fantasioso.

c- a pintura e o texto têm uma característica em comum, que é representar o habitante das terras que sofreriam processo colonizador.

d- o texto e a pintura são baseados no contraste entre a cultura europeia e a cultura indígena.

e- há forte direcionamento religioso no texto e na pintura, uma vez que o índio representado é objeto da catequização jesuítica.

Questão 10 (ENEM 2009):

No decênio de 1870, Franklin Távora defendeu a tese de que no Brasil havia duas literaturas independentes, dentro da mesma língua: uma do Norte e outra do Sul, regiões segundo ele muito diferentes por formação histórica, composição étnica, costumes, modismos linguísticos etc. Por isso, deu aos romances regionais que publicou o título geral de **Literatura do Norte.** Em nossos dias, um escritor gaúcho, Viana Moog, procurou mostrar com bastante engenho que no Brasil há, em verdade, literaturas setoriais diversas, refletindo as características locais.

CANDIDO, A. A nova narrativa. **A educação pela noite e**

outros ensaios. São Paulo: Ática, 2003.

Com relação à valorização, no romance regionalista brasileiro, do homem e da paisagem de determinadas regiões nacionais, sabe-se que

a- o romance do Sul do Brasil se caracteriza pela temática essencialmente urbana, colocando em relevo a formação do homem por meio da mescla de características locais e dos aspectos culturais trazidos de fora pela imigração europeia.

b- José de Alencar, representante, sobretudo, do romance urbano, retrata a temática da urbanização das cidades brasileiras e das relações conflituosas entre as raças.

c- o romance do Nordeste caracteriza-se pelo acentuado realismo no uso do vocabulário, pelo temático local, expressando a vida do homem em face da natureza agreste, e assume frequentemente o ponto de vista dos menos favorecidos.

d- a literatura urbana brasileira, da qual um dos expoentes é Machado de Assis, põe em relevo a formação do homem brasileiro, o sincretismo religioso, as raízes africanas e indígenas que caracterizam o nosso povo.

e- Érico Veríssimo, Raquel de Queiroz, Simões Lopes Neto e Jorge Amado são romancistas das décadas de 30 e 40 do século XX, cuja obra retrata a problemática do homem urbano em confronto com a modernização do país promovida pelo Estado Novo.

Questão 11 (ENEM 2002):

Érico Veríssimo relata, em suas memórias, um episódio da adolescência que teve influência significativa em sua carreira de escritor.

. Lembro-me de que certa noite . eu teria uns quatorze anos, quando muito . encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam carneado.. (...) Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse caboclo pode agüentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? (...)

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a idéia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto..

VERÍSSIMO, Érico. Solo de Clarineta. Tomo I. Porto Alegre: Editora Globo, 1978**.**

Neste texto, por meio da metáfora da lâmpada que ilumina a escuridão, Érico Veríssimo define como uma das funções do escritor e, por extensão, da literatura:

(A) criar a fantasia.

(B) permitir o sonho.

(C) denunciar o real.

(D) criar o belo.

(E) fugir da náusea.

Questão 12 (Enem 2003):

Pequenos tormentos da vida

De cada lado da sala de aula, pelas janelas altas, o azul convida os meninos,
as nuvens desenrolam-se, lentas como quem vai inventando
preguiçosamente uma história sem fim...Sem fim é a aula: e nada acontece,
nada...Bocejos e moscas. Se ao menos, pensa Margarida, se ao menos um
avião entrasse por uma janela e saísse por outra!
(Mário Quintana. Poesias)

Na cena retratada no texto, o sentimento do tédio

(A) provoca que os meninos fiquem contando histórias.

(B) leva os alunos a simularem bocejos, em protesto contra a monotonia da aula.

(C) acaba estimulando a fantasia, criando a expectativa de algum imprevisto mágico.

(D) prevalece de modo absoluto, impedindo até mesmo a distração ou o exercício do pensamento.

(E) decorre da morosidade da aula, em contraste com o movimento acelerado das nuvens e das moscas.

Questão 13: (Enem 2007)

Sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, que muito influenciaria a Semana de Arte Moderna, Monteiro Lobato escreveu, em artigo intitulado **Paranóia ou Mistificação**:

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêem as coisas e em conseqüência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. (...) A outra espécie é formada dos que vêem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica das escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. (...). Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & cia.

O Diário de São Paulo, dez./1917.

Em qual das obras abaixo identifica-se o estilo de Anita Malfatti criticado por Monteiro Lobato no artigo?

a)

Acesso a Monte Serrat – Santos

b)

Vaso de Flores

c)

A Santa Ceia

d)

Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco

e)

A Boba

Enem 2007

Textos para as questões 14 e 15

Texto I

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não.

(...) Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

Graciliano Ramos. **Vidas Secas**. São Paulo: Martins, 23.ª ed., 1969, p. 75.

Texto II

Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção. É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar **Vidas Secas**, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria, simples demais, incapaz de ter pensamentos demasiadamente complexos. O que **Vidas Secas** faz é, com pretenso não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

Luís Bueno. **Guimarães, Clarice e antes**. *In*: **Teresa**. São Paulo: USP, n.° 2, 2001, p. 254.

Questão 14:

A partir do trecho de **Vidas Secas** (texto I) e das informações do texto II, relativas às concepções artísticas do romance social de 1930, avalie as seguintes afirmativas.

I O pobre, antes tratado de forma exótica e folclórica pelo regionalismo pitoresco, transforma-se em protagonista privilegiado do romance social de 30.

II A incorporação do pobre e de outros marginalizados indica a tendência da ficção brasileira da década de 30 de tentar superar a grande distância entre o intelectual e as camadas populares.

III Graciliano Ramos e os demais autores da década de 30 conseguiram, com suas obras, modificar a posição social do sertanejo na realidade nacional.

É correto apenas o que se afirma em

A I. B II. C III. D I e II. E II e III.

Questão 15:

No texto II, verifica-se que o autor utiliza

a) linguagem predominantemente formal, para problematizar, na composição de **Vidas Secas**, a relação entre o escritor e o personagem popular.

b)linguagem inovadora, visto que, sem abandonar linguagem formal, dirige-se diretamente ao leitor.

c) linguagem coloquial, para narrar coerentemente uma história que apresenta o roceiro pobre de forma pitoresca.

d) linguagem formal com recursos retóricos próprios do texto literário em prosa, para analisar determinado momento da literatura brasileira.

e) linguagem regionalista, para transmitir informações sobre literatura, valendo-se de coloquialismo, para facilitar o entendimento do texto.

Questão 16: (Enem 2005)

Cândido Portinari (1903-1962), um dos mais importantes artistas brasileiros do século XX, tratou de diferentes aspectos da nossa realidade em seus quadros.

1

2

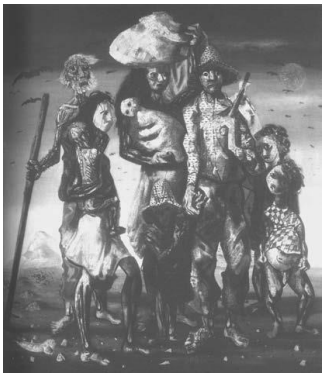

3

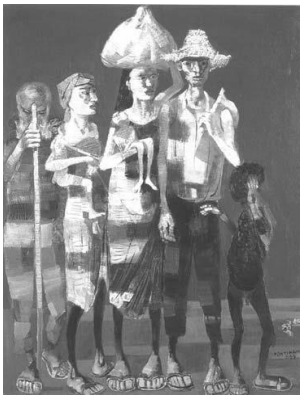

4

Sobre a temática dos “Retirantes”, Portinari também escreveu o seguinte poema:

(....)
Os retirantes vêm vindo com trouxas e embrulhos
Vêm das terras secas e escuras; pedregulhos
Doloridos como fagulhas de carvão aceso

Corpos disformes, uns panos sujos,
Rasgados e sem cor, dependurados

Homens de enorme ventre bojudo
Mulheres com trouxas caídas para o lado

Pançudas, carregando ao colo um garoto
Choramingando, remelento
(....)

(Cândido Portinari. *Poemas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.)

Das quatro obras reproduzidas, assinale aquelas que abordam a problemática que é tema do poema.

(A) 1 e 2 (B) 1 e 3 (C) 2 e 3 (D) 3 e 4 (E) 2 e 4

Questão 17: (Enem 2005)

O termo (ou expressão) destacado que está empregado em seu sentido próprio, denotativo ocorre em:

(A)

“(....)

É de laço e de nó

De gibeira o jiló

Dessa vida, **cumprida a sol** (....)”

(Renato Teixeira. *Romaria.* Kuarup Discos. setembro de 1992.)

(B)

“Protegendo os inocentes

é que Deus, sábio demais,

põe **cenários** diferentes

nas impressões digitais.”

(Maria N. S. Carvalho. *Evangelho da Trova*. /s.n.b.)

(C)

“O **dicionário-padrão** da língua

e os dicionários unilíngües são

os tipos mais comuns de

dicionários. Em nossos dias,

eles se tornaram um objeto de

consumo obrigatório para as

nações civilizadas e

desenvolvidas.”

(Maria T. Camargo Biderman. *O dicionário-padrão da língua*. Alfa (28), 2743, 1974 Supl.)

(D)

(*O Globo*. *O menino maluquinho*. agosto de 2002.)

(E)

“Humorismo é a arte de **fazer cócegas**

no raciocínio dos outros. Há duas

espécies de humorismo: o trágico e o

cômico. O trágico é o que não

consegue fazer rir; o cômico é o que é

verdadeiramente trágico para se fazer.”

(Leon Eliachar. www.mercadolivre.com.br. acessado em julho de 2005.)

Questão 18: (Enem 2006)

No poema Procura da poesia, Carlos Drummond de Andrade expressa a concepção estética de se fazer com palavras o que o escultor Michelângelo fazia com mármore. O fragmento abaixo exemplifica essa afirmação.

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

(...)

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade. A rosa do povo. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 13-14.

Esse fragmento poético ilustra o seguinte tema constante entre autores modernistas:

a) a nostalgia do passado colonialista revisitado.

b) a preocupação com o engajamento político e social da literatura.

c) o trabalho quase artesanal com as palavras, despertando sentidos novos.

d) a produção de sentidos herméticos na busca da perfeição poética.

e) a contemplação da natureza brasileira na perspectiva ufanista da pátria.

Questão 19: (Enem 2006)

No romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos, o vaqueiro Fabiano encontra-se com o patrão para receber o salário. Eis parte da cena:

Não se conformou: devia haver engano. (...)

Com certeza havia um erro no papel do branco. Não

se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.

Passar a vida inteira assim no toco, entregando o

que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo?

Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de

alforria?

O patrão zangou-se, repeliu a insolência,

achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço

noutra fazenda.

Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou.

Bem, bem. Não era preciso barulho não.

Graciliano Ramos. Vidas Secas. 91.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

No fragmento transcrito, o padrão formal da linguagem convive com marcas de regionalismo e de coloquialismo no vocabulário. Pertence a variedade do padrão formal da linguagem o seguinte trecho:

a) “Não se conformou: devia haver engano” (ℓ.1).

b) “e Fabiano perdeu os estribos” (ℓ.3).

c) “Passar a vida inteira assim no toco” (ℓ.4).

d) “entregando o que era dele de mão beijada!” (ℓ.4-5).

e) “Ai Fabiano baixou a pancada e amunhecou” (ℓ.11).

Questão 20: (Enem 2010)

Soneto

Já da morte o palor me cobre o rosto,

Nos lábios meus o alento desfalece,

Surda agonia o coração fenece,

E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto

Tento o sono reter!... já esmorece

O corpo exausto que o repouso esquece...

Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,

Fazem que insano do viver me prive

E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!

Volve ao amante os olhos por piedade

Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, A. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

O núcleo temático do soneto citado é típico da segunda geração romântica, porém configura um lirismo que o projeta para além desse momento específico. O fundamento desse lirismo é:

a) a angústia alimentada pela constatação da irreversibilidade da morte.
b) a melancolia que frustra a possibilidade de reação diante da perda.
c) o descontrole das emoções provocado pela autopiedade.
d) o desejo de morrer como alívio para a desilusão amorosa.
e) o gosto pela escuridão como solução para o sofrimento.

GABARITO:

1- C
2- A
3- D
4- E
5- B
6- D
7- C
8- B
9- C
10- C
11- C
12- C
13- E

14- D
15- A
16- C
17- C
18- C
19- A

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Luiza. Português língua e literatura. São Paulo: Moderna, 2000.
ADORNO, Theodor. Indústria Cultural e Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
ANDRADE, Pau-Brasil in CÂNDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. Presença da literatura brasileira Modernismo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira, São Paulo, Cultrix, 2006.
_____ O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo, Cultrix, 1995.
BRADBURY, Malcolm. O Mundo Moderno - Dez Grandes Escritores. São Paulo, Companhia das Letras, 1989
COHEN, Renato. Work in progress na cena contemporânea. São Paulo, Perspectiva, 2004.
DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro, Ed. Rio. 1976
FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. DP&A, Rio de Janeiro, 2006.
LEFEBVRE, Henri. Marxismo. L&PM, 2009.
MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto comunista. Garamond, 1998.
NIETZSCHE, Além do bem e do mal. Companhia das Letras, 2005
PESSANHA, Érica. a entram em Dissertação de mestrado, USP, 2006.
TRINGALI, Dante. Escolas Literárias. São Paulo, Musa Editora, 1994.
http://pt.wikipedia.org.
http://www.eternoretorno.com/2008/09/21/o-que-e-pos-modernismo-modernidade-tardia-ou-era-do-vazio/

SÓ MACETES DE CONSTITUCIONAL

DICAS, MAPAS E MNEMÔNICOS

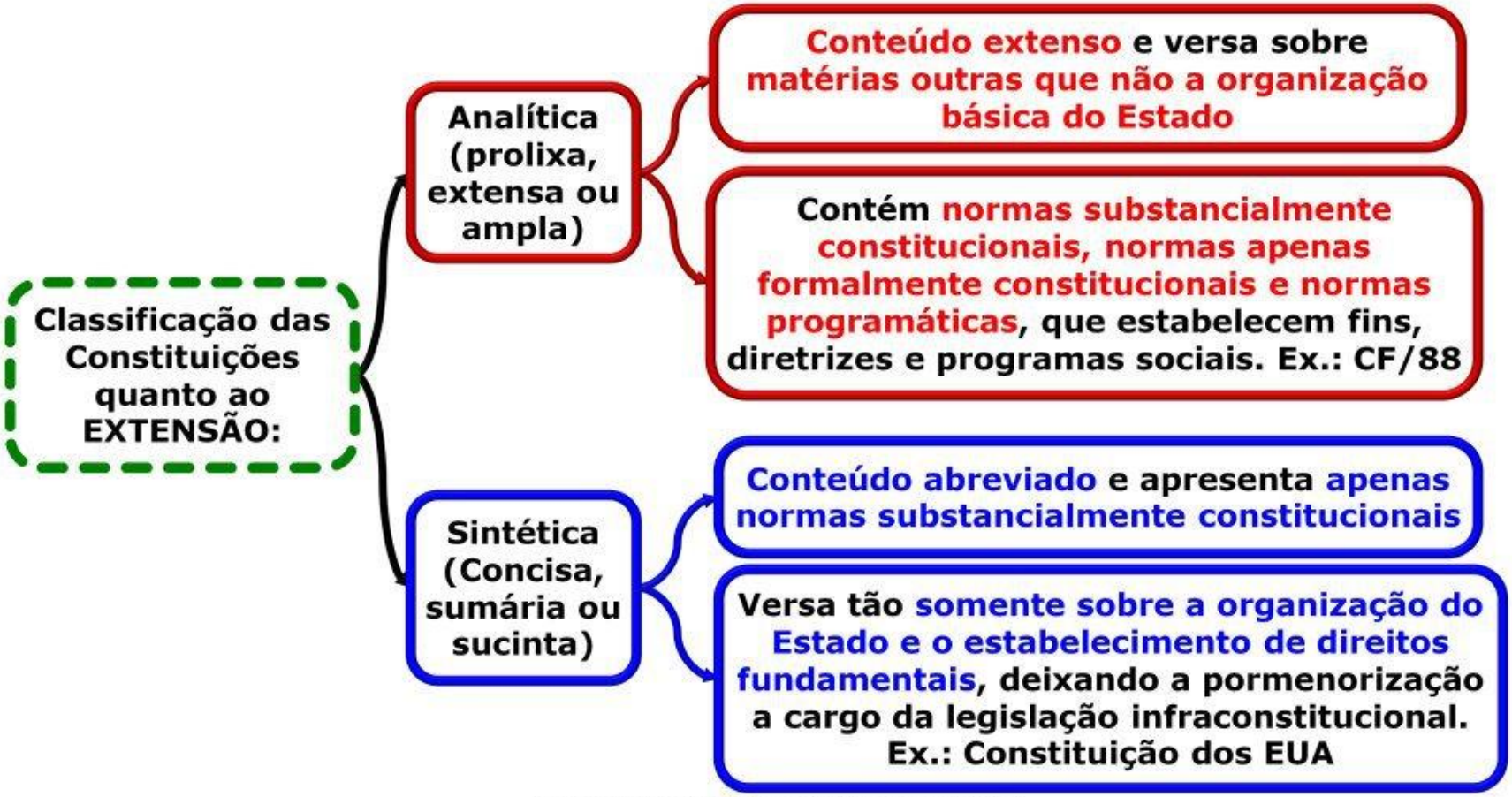

www.euvoupassar.com.br/lagoa - Sapo da Vez

Classificação das Constituições quanto ao CONTEÚDO:
Material ou substancial
É constitucional as normas que tratem de assuntos essenciais à organização e ao funcionamento do Estado, os direitos fundamentais
Leva-se em consideração o conteúdo, não importando o processo de elaboração
Formal ou procedimental
São constitucionais todas as normas que integram uma Constituição escrita, independentemente de seu conteúdo
Não importa o conteúdo da norma, levando-se em consideração exclusivamente o processo de elaboração da norma. Ex.: CF/88

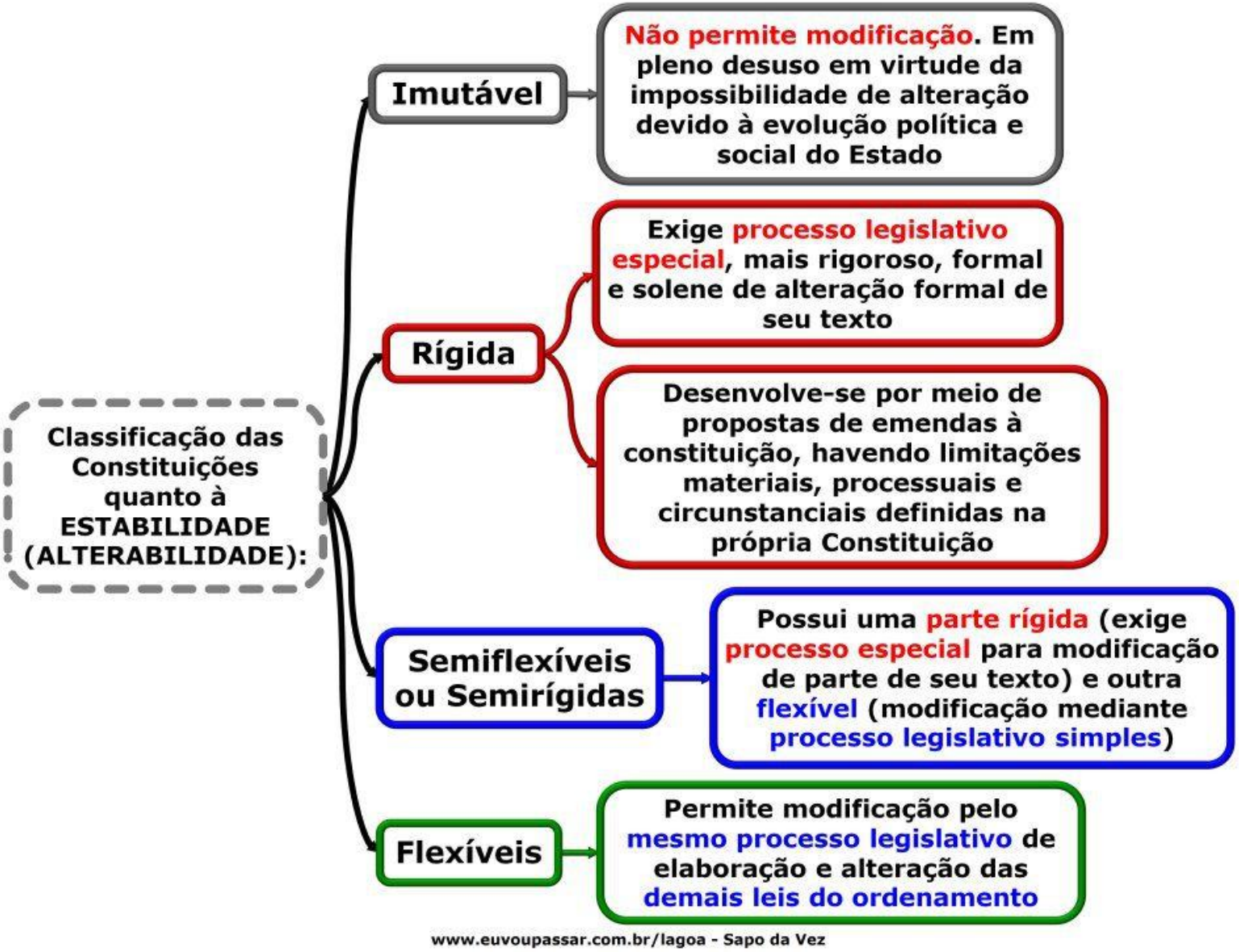
Classificação das Constituições quanto à ESTABILIDADE (ALTERABILIDADE):
Imutável
Não permite modificação. Em pleno desuso em virtude da impossibilidade de alteração devido à evolução política e social do Estado
Rígida
Exige processo legislativo especial, mais rigoroso, formal e solene de alteração formal de seu texto
Desenvolve-se por meio de propostas de emendas à constituição, havendo limitações materiais, processuais e circunstanciais definidas na própria Constituição
Semiflexíveis ou Semirígidas
Possui uma parte rígida (exige processo especial para modificação de parte de seu texto) e outra flexível (modificação mediante processo legislativo simples)
Flexíveis
Permite modificação pelo mesmo processo legislativo de elaboração e alteração das demais leis do ordenamento
www.euvoupassar.com.br/lagoa - Sapo da Vez

Hans Kelsen

- Perspectiva estritamente formal, apresentando-se como pura norma jurídica
- A CF compreende um "Sistema de Normas Jurídicas"
- Teoria pura do Direito
- CF é considerada como norma e norma pura, sem qualquer consideração de cunho sociológico, político ou filosófico
- Sentido Lógico-Jurídico e o Sentido Jurídico–positivo
- A norma jurídica não deriva da realidade social, política ou filosófica e sim na relação de hierarquia existentes entre elas
- A validade de uma norma jurídica positivada é completamente independente de sua aceitação pelo sistema de valores sociais vigentes em uma comunidade e não guarda relação com a ordem moral

Carl Smith
Sentido Político
Constituição é DE-FU-DE
DEcisão política
Fundamental ou
DEcisória
Surge de uma vontade política (Ato Constituinte)
Divide a concepção em:
Constituição
Leis Constitucionais

Sentido Sociológico Ferdinand Lassale

- Constituição é concebida como fato social e não como propriamente uma norma
- Constituição de um país é a soma dos fatores reais de poder que nele atuam
- As forças reais mandam no país
- Convivem em um país, paralelamente, duas Constituições – uma real e outra escrita

CLASSIFICAÇÃO DAS NORMAS CONSTITUCIONAIS

www.euvoupassar.com.br/lagoa - Sapo da Vez

Símbolos da República Federativa do Brasil

"BaHiAS" (Art. 13, § 1º CF/88)

Ba ndeira

Hi nos

A rmas

S elos Nacionais

Sapo da Vez

CLASSIFICAÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL:

FE REEMO 16..

Forma de Estado	→	**FE**deração
Fo**R**ma de Gov**E**rno	→	**RE**pública
R**E**gi**M**e de G**O**verno	→	D**EMO**cracia (mista ou semi-direta)
Sistema de Governo **(16 letras)**	→	Presidencialismo **(16 letras)**

FORMAS DE ESTADO

Revela como o poder político se encontra distribuído em um território.

Estado Unitário

Esfera única de poder político no território, podendo haver descentralização administrativa ou político-administrativa.

Estado Composto / Complexo

Pluralidade de entidades de governo e descentralização político-administrativa.

Confederação

- Tratado
- Soberania
- Direito de Secessão

FEderação

- Constituição
- Autonomia
- **Vedada** a Secessão

www.facebook.com/xis.daquestao

República Federativa do Brasil

união indissolúvel → Estados-Municípios-DF → Estado Democrático de Direito

Fundamentos:

- **SO**berania
- **CI**dadania
- **DI**gnidade da pessoa humana
- **VA**lores sociais do trabalho e da livre iniciativa
- **PLU**ralismo político

www.facebook.com/xisdaquestao2

CF/88 – art. 4º

Princípios que regem a RFB nas suas relações internacionais:

IN – PRE – AUTO – NÃO – IGUAL – DEFESO - RECOCO

- **IN**dependência nacional;
- **PRE**valência dos direitos humanos;
- **AUTO**determinação dos povos;
- **NÃO** intervenção;
- **IGUAL**dade entre os Estados;
- **DEFE**sa da paz;
- **SO**lução pacífica dos conflitos;
- **RE**púdio ao terrorismo e ao racismo;
- **CO**operação entre os povos para o progresso da humanidade;
- **CO**ncessão de asilo político.

OBJETIVO → integração **P**olítica, **E**conômica, **S**ocial e **C**ultural entre os povos da **A**MÉRICA **L**ATINA, visando formar uma sociedade **L**ATINO-**A**MERICANA de nações.

PESC → AL → LA

WWW.FACEBOOK.COM/XIS.DAQUESTAO

NACIONALIDADE

NATOS

Nascidos RFB.
Filhos de estrangeiros, desde que os pais não estejam a serviço de seu país.

Nascidos no estrangeiro, de pai ou de mãe brasileira, desde que qualquer deles esteja a serviço da RFB.

Nasc. estrang. (pai ou mãe brasil.) → regist. repart.brasil. competente ou residir na RFB e optem (qq tempo) depois de atingida a maioridade.

PORTUGUESES→

residência permanente→

reciprocidade→

DIREITOS=

NATURALIZADOS

Os que (forma da lei)→
→adquiram a nac.brasileira
Orig. de países de l. portuguesa→
Residência (1 ano ininterrupto) +
+ idoneidade moral

Estrangeiros→ residentes na RFB há **+ 15 anos ininterruptos e sem condenação penal, desde que requeiram**

www.facebook.com/xis.daquestao

Ius solis

Origem territorial
Atribui nacionalidade primária (nascimento) no território do Estado, independentemente da nacionalidade dos ascendentes

Ex: Filho de japoneses (não a serviço do Japão) é brasileiro

Ius sanguinis

Origem sanguínea
Nacional todo aquele que for filho dos nacionais, independentemente do local de nascimento

Ex: Filho de italianos (não a serviço da Itália) é brasileiro

Exemplo de Polipátrida e Apátrida

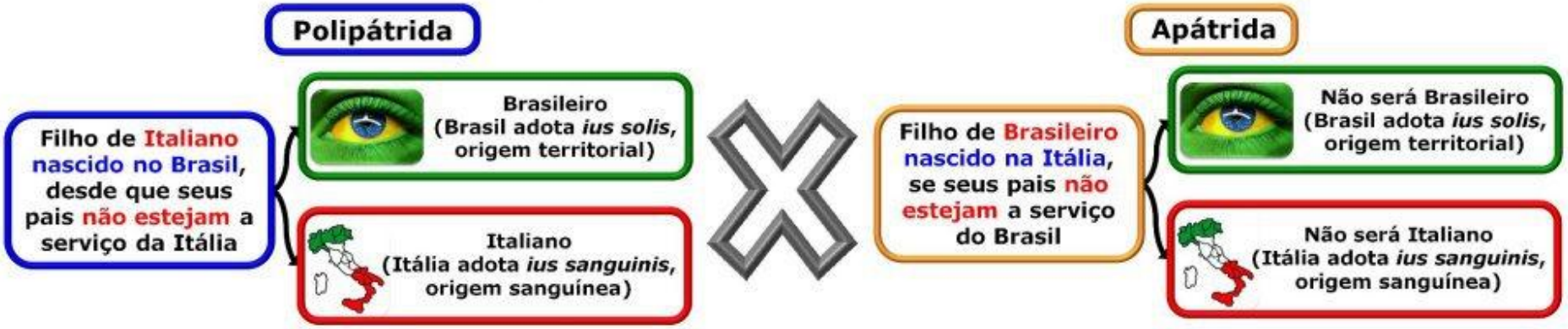

Sapo da Vez - EuVouPassar.com.br

Cargos Privativos de Brasileiro Nato:

Ministro do STF

Presidente e Vice-Presidente da República

Presidente da Câmara dos Deputados

Presidente do Senado Federal

Carreira Diplomática

Oficial das Forças Armadas

Ministro de Estado da Defesa

MP3.COM

www.facebook.com/xisdaquestao2

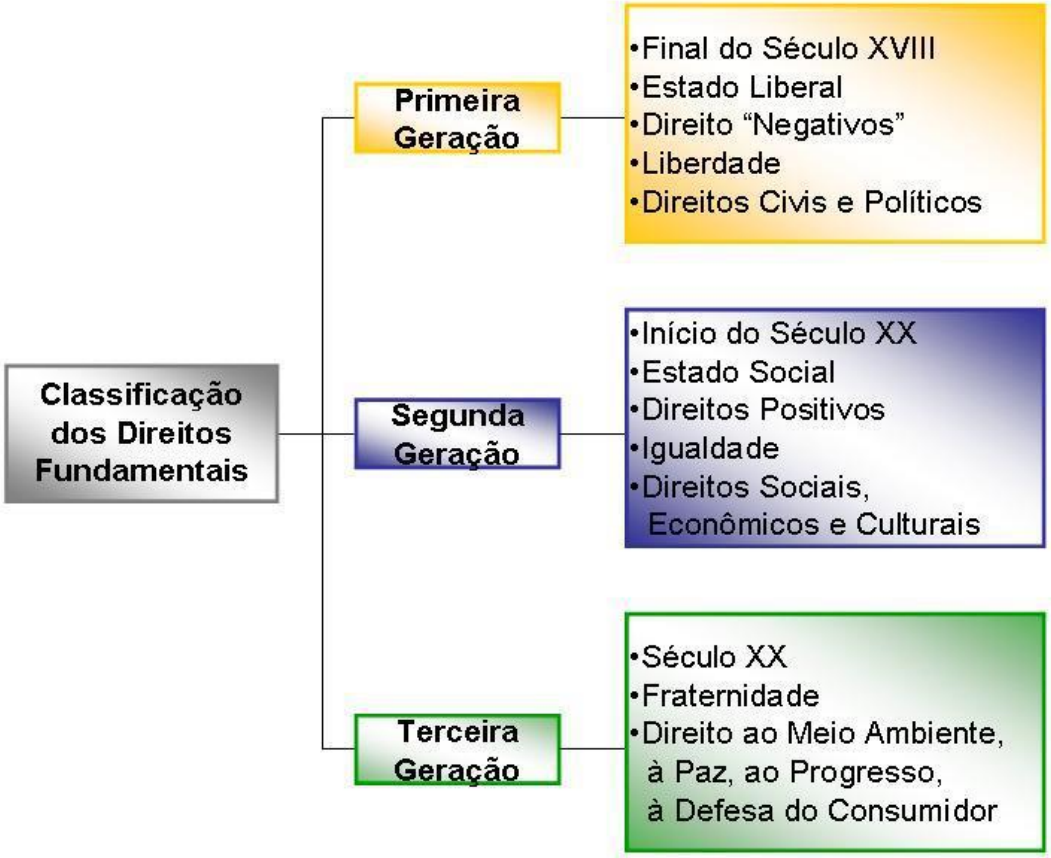

www.facebook.com/xis.daquestao

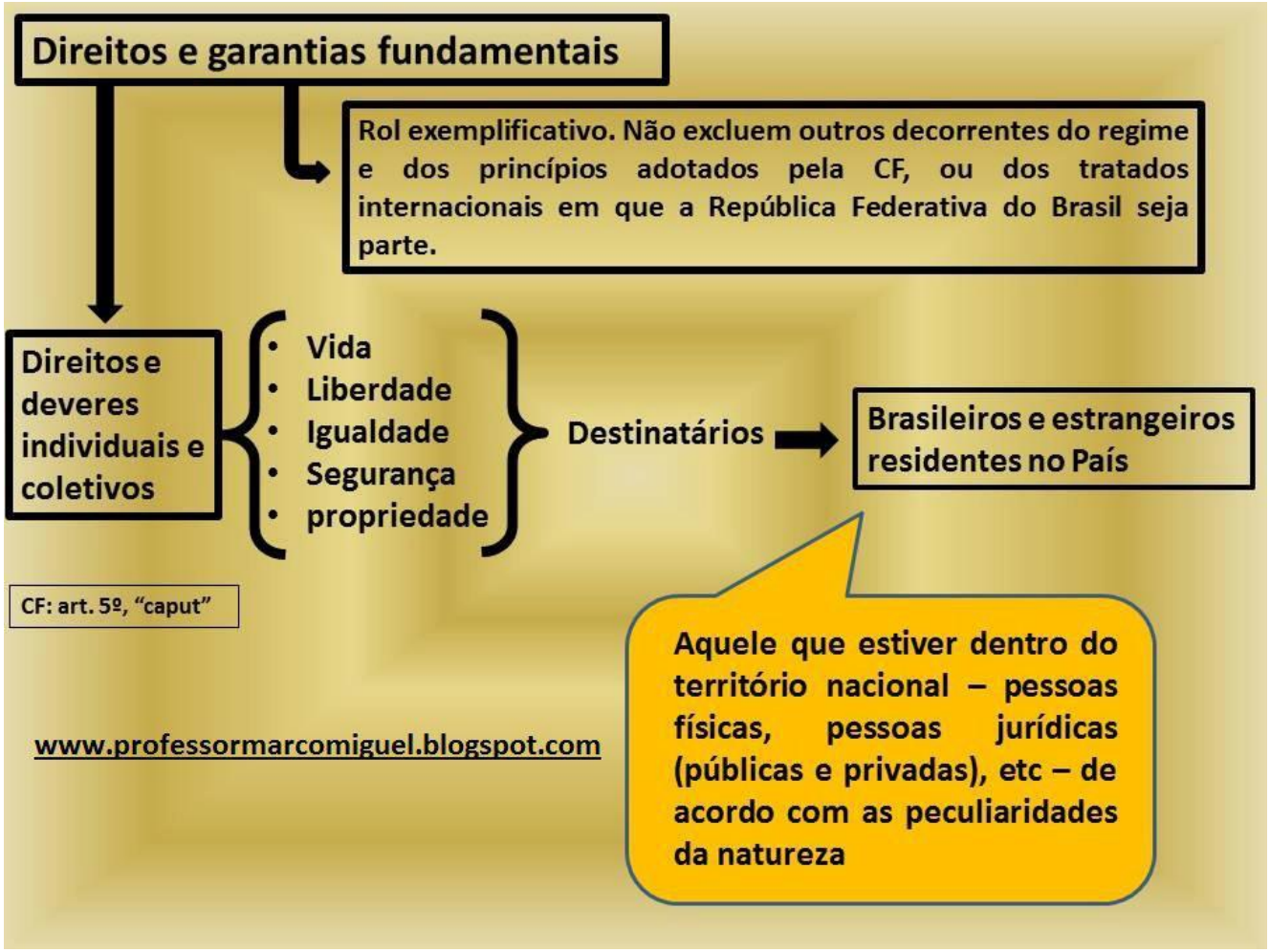
Direitos e garantias fundamentais
Rol exemplificativo. Não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios adotados pela CF, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.
Direitos e deveres individuais e coletivos
Vida
Liberdade
Igualdade
Segurança
propriedade
Destinatários
Brasileiros e estrangeiros residentes no País
CF: art. 5º, "caput"
Aquele que estiver dentro do território nacional – pessoas físicas, pessoas jurídicas (públicas e privadas), etc – de acordo com as peculiaridades da natureza
www.professormarcomiguel.blogspot.com

Principais características dos Direitos Fundamentais

CEU I5

- **C**omplementaridade
- **E**fetividade
- **U**niversalidade
- Imprescritibilidade
- Inalienabilidade
- Irrenunciabilidade
- Inviolabilidade
- Interdependência

INVIOLABILIDADE DE SIGILOS

ART 5º XII CF/88

SIGILO DA CORRESPONDÊNCIA	COMUNICAÇÕES TELEGRÁFICAS
DADOS	COMUNICAÇÕES TELEFÔNICAS**

INVIOLÁVEL

**** SALVO POR ORDEM JUDICIAL PARA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL OU INST. PROCES. PENAL**

Bruno Huskentifi Concurseiro

Sapo da Vez - EuVouPassar.com.br

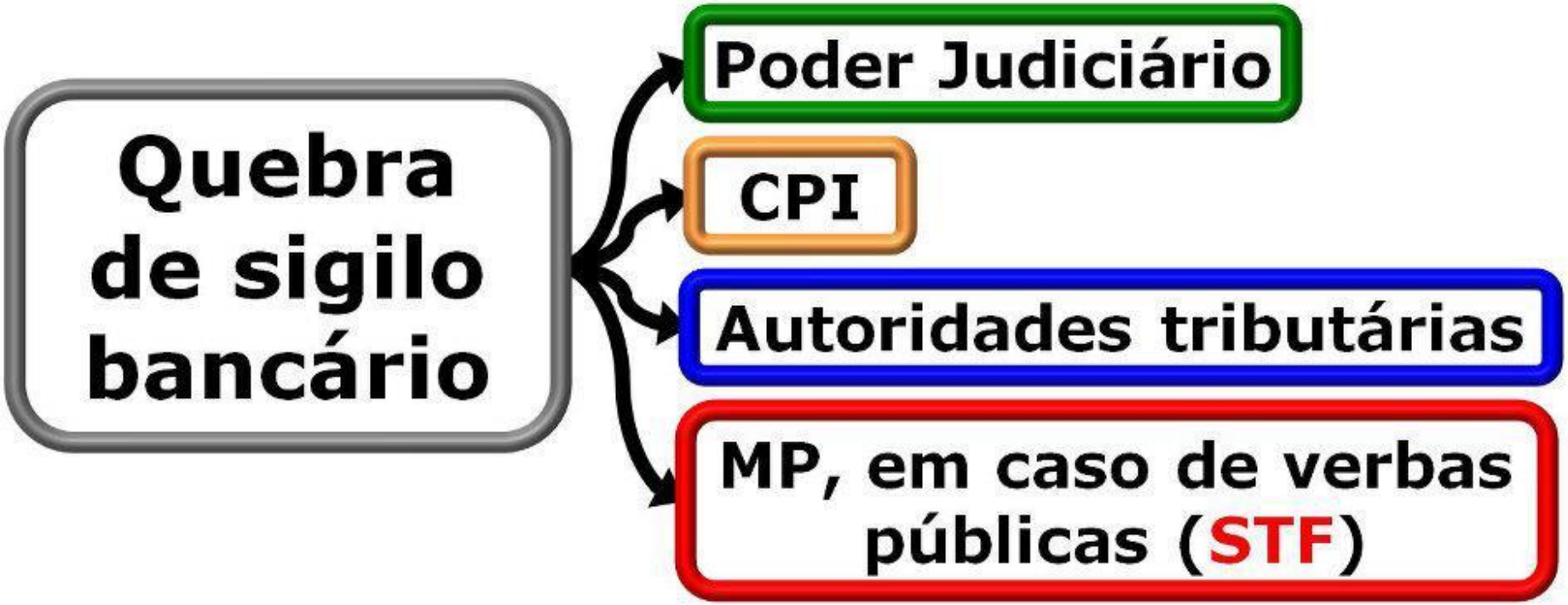

Sapo da Vez - EuVouPassar.com.br

Direito de Reunião

Art. 5º, Inc. XVI, CF/88

todos podem reunir-se pacificamente, **sem armas**, em locais abertos ao público

Condições

- independentemente de autorização
- desde que **não frustrem** outra reunião **anteriormente convocada** para o mesmo local, sendo **APENAS EXIGIDO PRÉVIO AVISO** à autoridade competente

Sapo da Vez - EuVouPassar.com.br - Lagoa dos Macetes

DIREITO DE PROPRIEDADE

Estado Liberal

1ª Geração

Função Social (Ordem Econômica)

Eficácia Contida

Propriedade Urbana:
-NÃO EDIFICADA OU SUBUTILIZADA-

SANÇÕES:
1. Parcelamento ou edificação compulsórios;
2. IPTU progressivo;
3. Desapropriação.

Propriedade Rural:
-IMPRODUTIVA-
1. Aproveitamento;
2. Rec. naturais X meio ambiente;
3. Relações de trabalho;
4. Bem-estar.

PROPRIEDADE INDUSTRIAL
→privilégio **temporário**

DIREITO AUTORAL
→privilégio **vitalício**
→transmitida aos herdeiros (tempo que a lei fixar)

PEQUENA PROPRIEDADE RURAL
→lei (meios de financiar seu desenvolvimento)
→**Se trabalhada pela família** →**não penhora** (pagamento de débitos decorrentes de sua ativ. produtiva)
→**Se prop. não possuir outra** → **imune ao ITR**
→ **não desapropria** para fins de **Reforma Agrária**

www.facebook.com/xis.daquestao

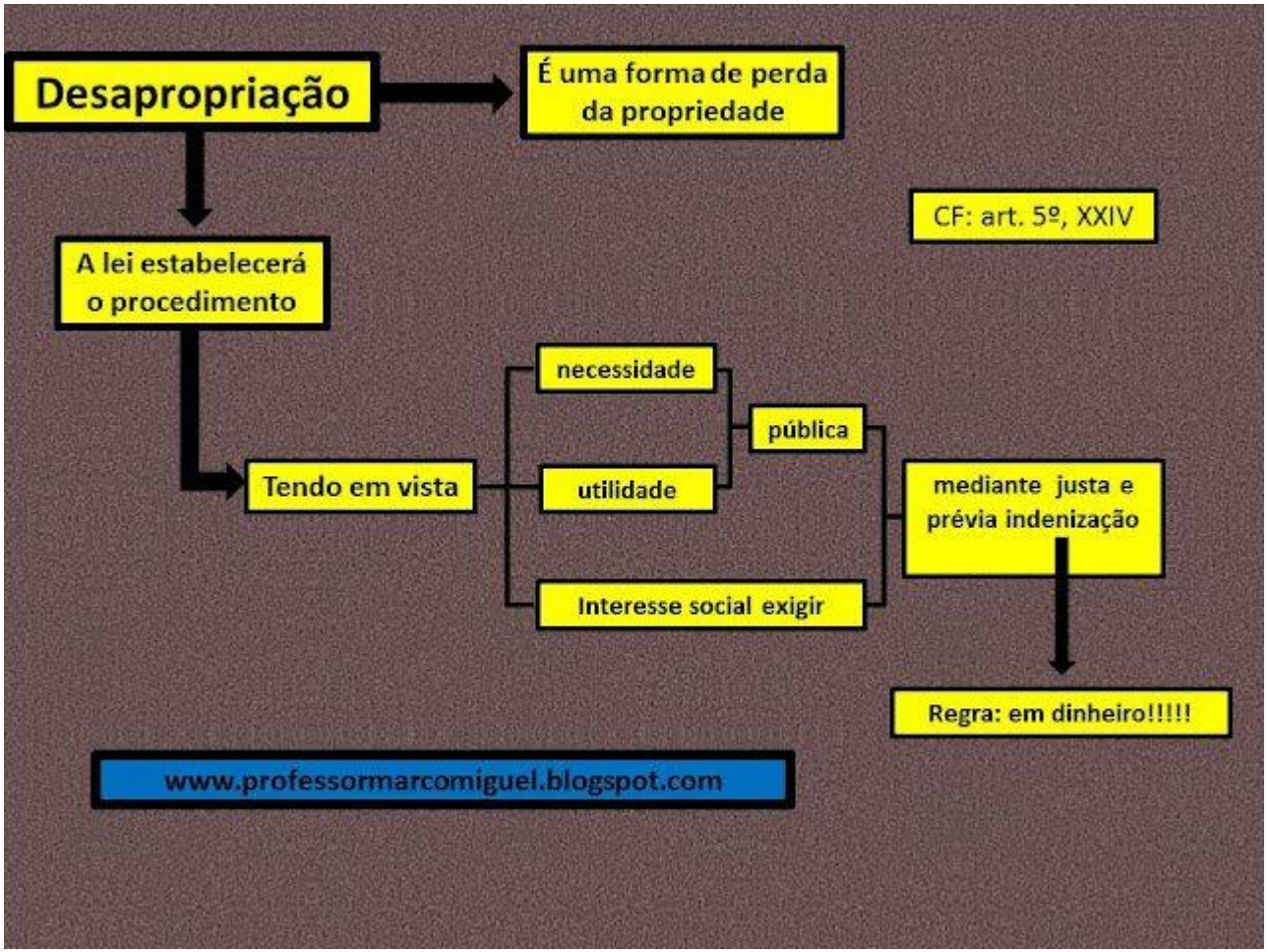
Desapropriação
É uma forma de perda da propriedade
CF: art. 5º, XXIV
A lei estabelecerá o procedimento
Tendo em vista
necessidade
utilidade
Interesse social exigir
pública
mediante justa e prévia indenização
Regra: em dinheiro!!!!!
www.professormarcomiguel.blogspot.com

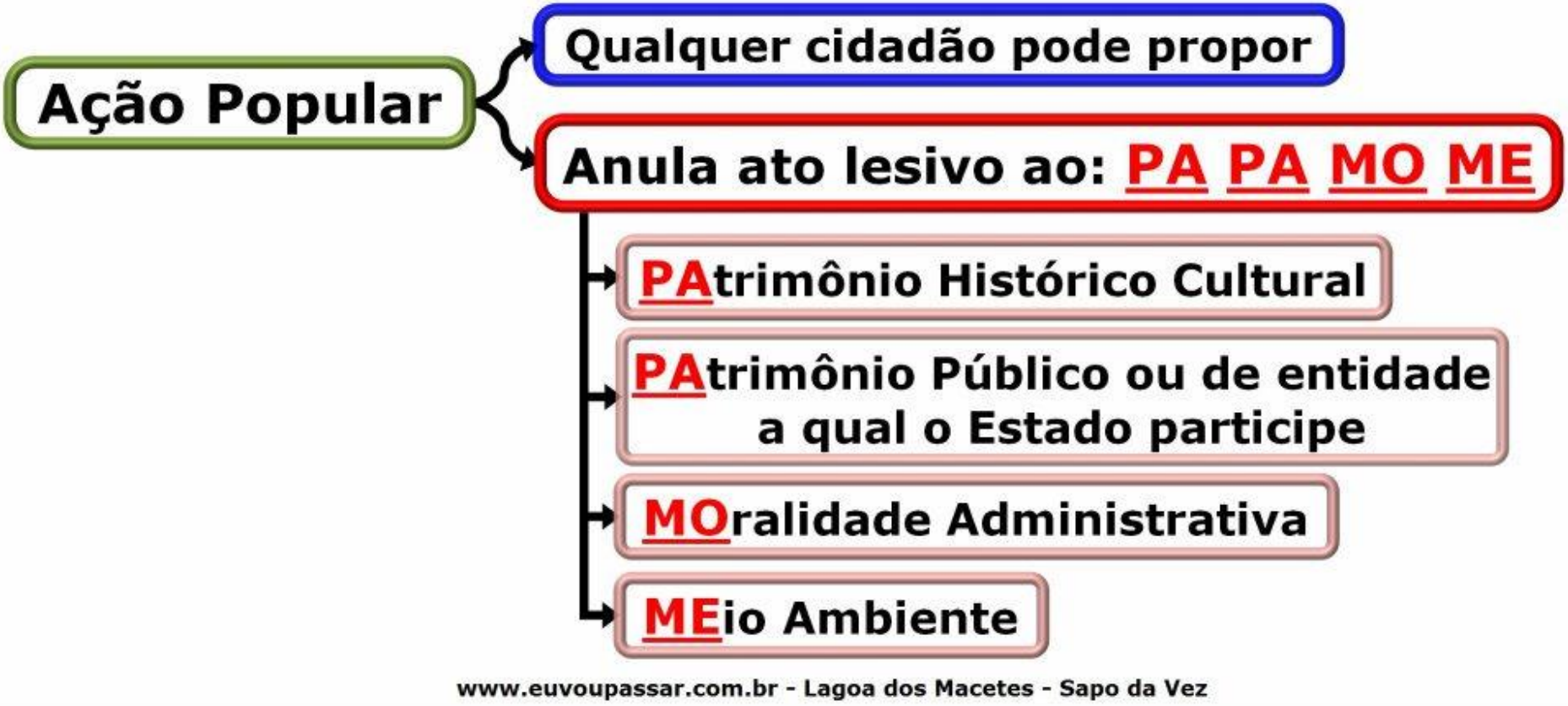
Ação Popular
Qualquer cidadão pode propor
Anula ato lesivo ao: PA PA MO ME
PAtrimônio Histórico Cultural
PAtrimônio Público ou de entidade a qual o Estado participe
MOralidade Administrativa
MEio Ambiente
www.euvoupassar.com.br - Lagoa dos Macetes - Sapo da Vez

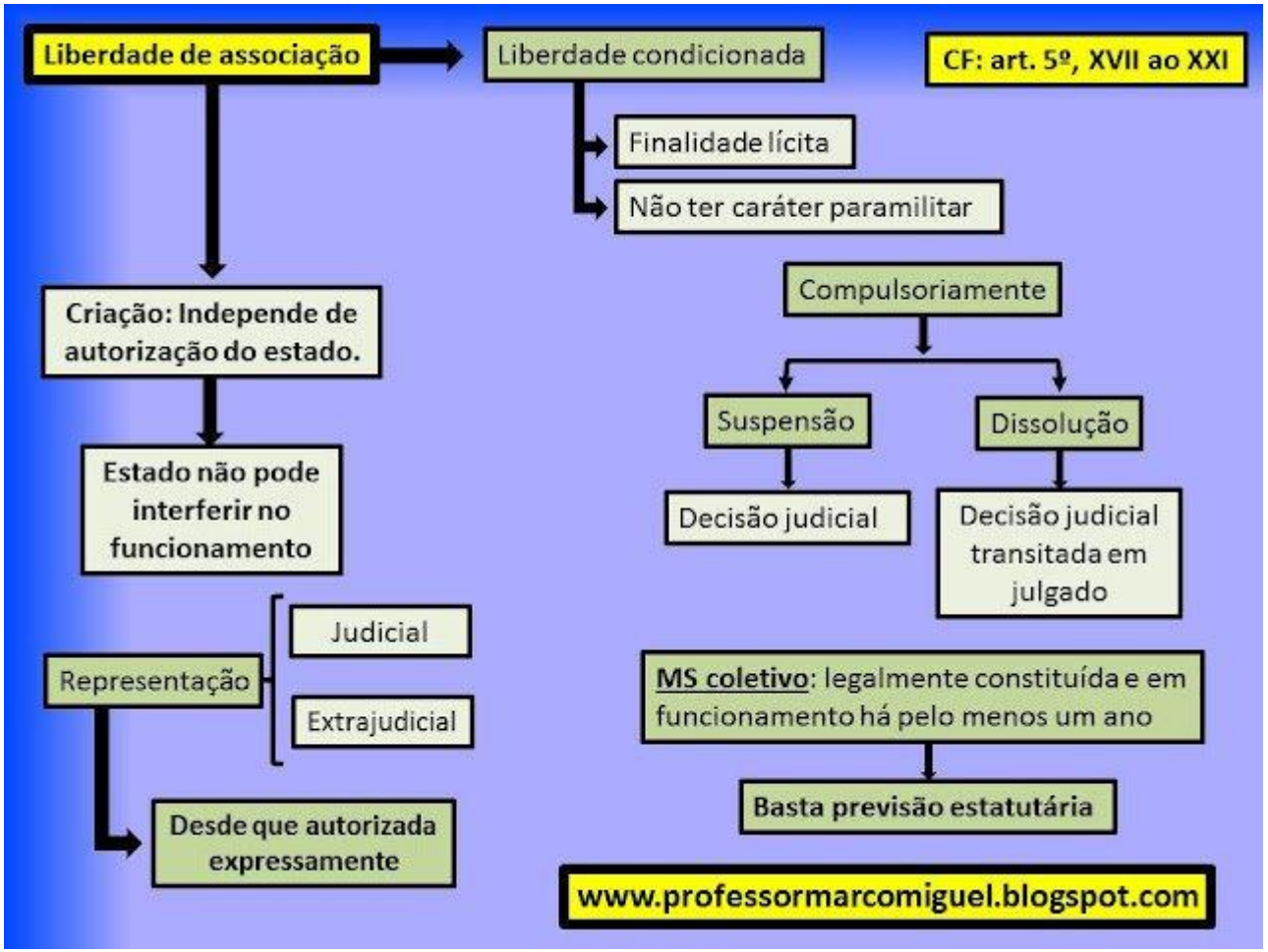
Liberdade de associação
Liberdade condicionada
CF: art. 5º, XVII ao XXI
Finalidade lícita
Não ter caráter paramilitar
Criação: Independe de autorização do estado.
Compulsoriamente
Suspensão
Dissolução
Decisão judicial
Decisão judicial transitada em julgado
Estado não pode interferir no funcionamento
Judicial
Representação
Extrajudicial
MS coletivo: legalmente constituída e em funcionamento há pelo menos um ano
Basta previsão estatutária
Desde que autorizada expressamente
www.professormarcomiguel.blogspot.com

Direitos Sociais art. 6º / CF

1. EDU – Educação
2. MORA – Moradia
3. LÁ - Lazer
4. SAÚ – Saúde
5. TRABALHA – Trabalho
6. ALI - Alimentação
7. ASSIS – Assistência aos desamparados
8. PRO – Proteção à maternidade e à infância
9. SEG – Segurança
10. PRESO – Previdência Social

www.facebook.com/xisdaquestao2

remédio constitucional, de natureza mandamental, rito sumário e especial.

MANDADO DE SEGURANÇA

AÇÃO DESTINADA A RESGUARDAR DIREITO LÍQUIDO E CERTO NÃO AMPARADO POR HABEAS CORPUS OU HABEAS DATA, QUE SEJA NEGADO OU MESMO AMEAÇADO, POR AUTORIDADE PÚBLICA OU AGENTES PARTICULARES NO EXERCÍCIO DE ATRIBUIÇÕES DO PODER PÚBLICO.

PRAZO

- DECADENCIAL
- 120 DIAS DA AÇÃO OU OMISSÃO CAUSADORA DO DANO
- CONTADOS DA CIÊNCIA DO ATO IMPUGNADO PELO INTERESSADO
- SE O PRAZO CADUCAR OU O DIREITO NÃO FOR LÍQUIDO E CERTO, CABE AÇÃO JUDICIAL ORDINÁRIA
- EM CASOS DE URGÊNCIA, A PETIÇÃO INICIAL PODE SER ENCAMINHADA POR TELEGRAMA, RADIOGRAMA, FAX OU OUTRO MEIO ELETRÔNICO DE AUTENTICIDADE COMPROVADA

IMPETRANTE

- PESSOA FÍSICA
- PESSOA JURÍDICA
- ÓRGÃO PÚBLICO

OBJETIVO

- INVALIDAR ATOS DE AUTORIDADES
- SUPRIMIR EFEITOS DE OMISSÕES ADMINISTRATIVAS CAPAZES DE LESAR DIREITO INDIVIDUAL, PRÓPRIO, LÍQUIDO E CERTO

DIREITO LÍQUIDO E CERTO
é aquele que pode ser **comprovado de plano.** Se depender de comprovação posterior, não é líquido nem certo para fins de segurança

claudiafrancolopes@hotmail.com
www.entendeudireito.com.br

COMPETÊNCIA

DEFINIDA PELA CATEGORIA DA AUTORIDADE COATORA OU DA SUA SEDE FUNCIONAL

NÃO INTERESSA A NATUREZA DO ATO IMPUGNADO

AUTORIDADES FEDERAIS

Foro competente na localidade onde estão sediadas, desde que haja Vara Federal. Em caso negativo, na capital do respectivo estado.

AUTORIDADES ESTADUAIS E MUNICIPAIS

O foro será sempre o da respectiva comarca

ESPÉCIES

INDIVIDUAL

IMPETRADO QUANDO DIREITO LÍQUIDO E CERTO, NÃO AMPARADO POR HABEAS CORPUS OU HABEAS DATA FOR VIOLADO, ILEGALMENTE OU COM ABUSO DE PODER, POR ALGUMA AUTORIDADE QUE EXERÇA QUALQUER TIPO DE FUNÇÃO.

COLETIVO

QUANDO DIREITO LÍQUIDO E CERTO FOR CONTRARIADO POR ALGUMA AUTORIDADE OU ALGUMA DAS PESSOAS INDICADAS NO §1º DO ART. 1º DA NOVA LEI DE DIREITOS LÍQUIDOS E CERTOS, DA TOTALIDADE OU DE PARTE DOS MEMBROS OU DOS ASSOCIADOS, RESPECTIVAMENTE, DE UM PARTIDO POLÍTICO COM REPRESENTAÇÃO NO CONGRESSO NACIONAL OU DE UMA ORGANIZAÇÃO SINDICAL, ENTIDADE DE CLASSE OU ASSOCIAÇÃO LEGALMENTE CONSTITUÍDA E EM FUNCIONAMENTO HÁ, NO MÍNIMO, UM ANO (VÁLIDO APENAS PARA ASSOCIAÇÕES; SINDICATOS E ENTIDADES DE CLASSE NÃO PRECISAM)

(...) os representantes ou órgãos de partidos políticos e os administradores de entidades autárquicas, bem como os dirigentes de pessoas jurídicas ou as pessoas naturais no exercício de atribuições do poder público, somente no que disser respeito a essas atribuições.".

Alistabilidade do Militar

Afastar-se definitivamente das atividades após o deferimento do pedido de candidatura.

Não precisa se afastar;
Agregado pela autoridade superior;
Se eleito, passará para **inatividade** no ato da **diplomação**

- de 10 anos de Atividade

+ de 10 anos de Atividade

Bruno Huskentifi Concurseiro

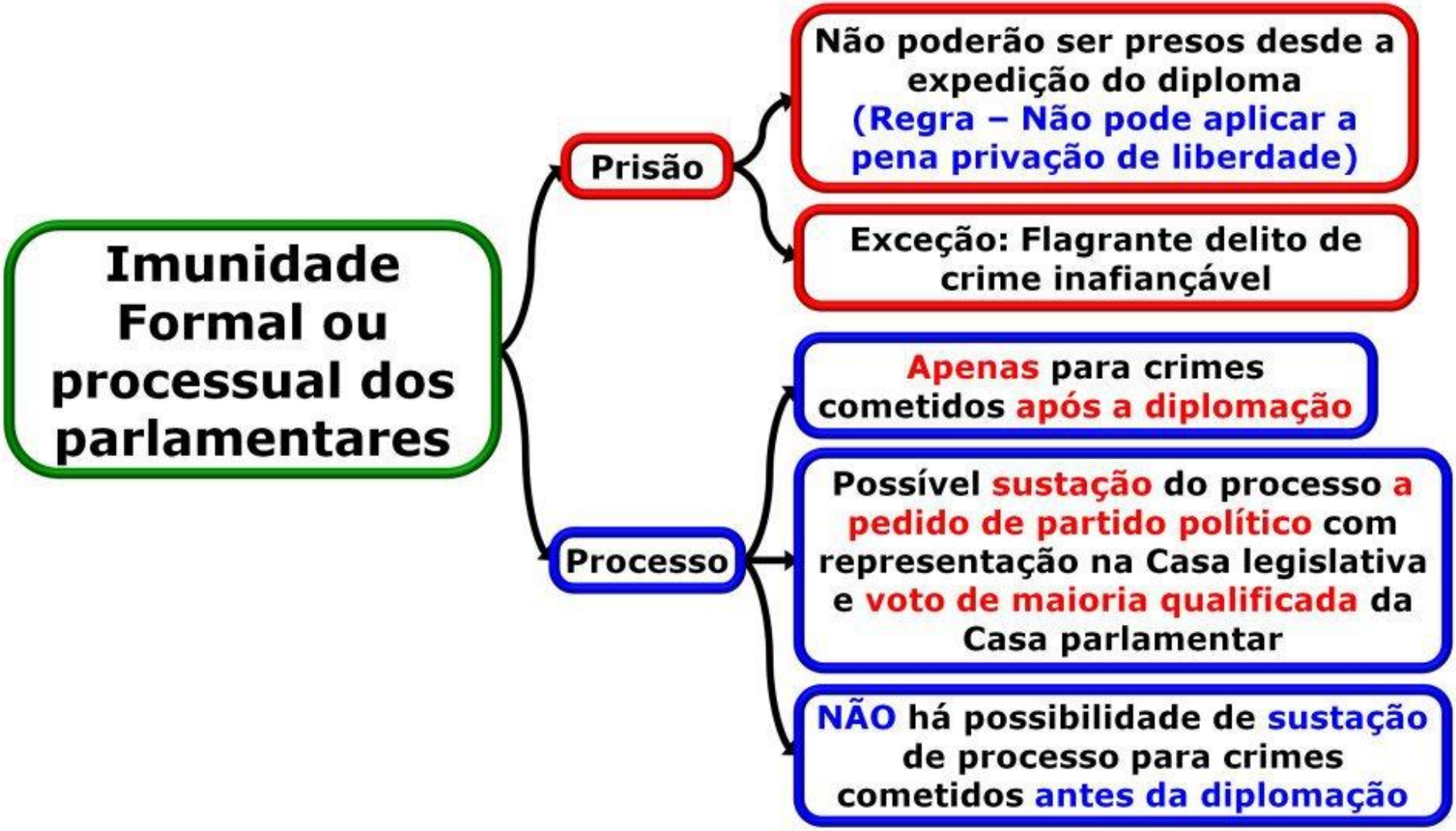

Sapo da Vez - EuVouPassar.com.br

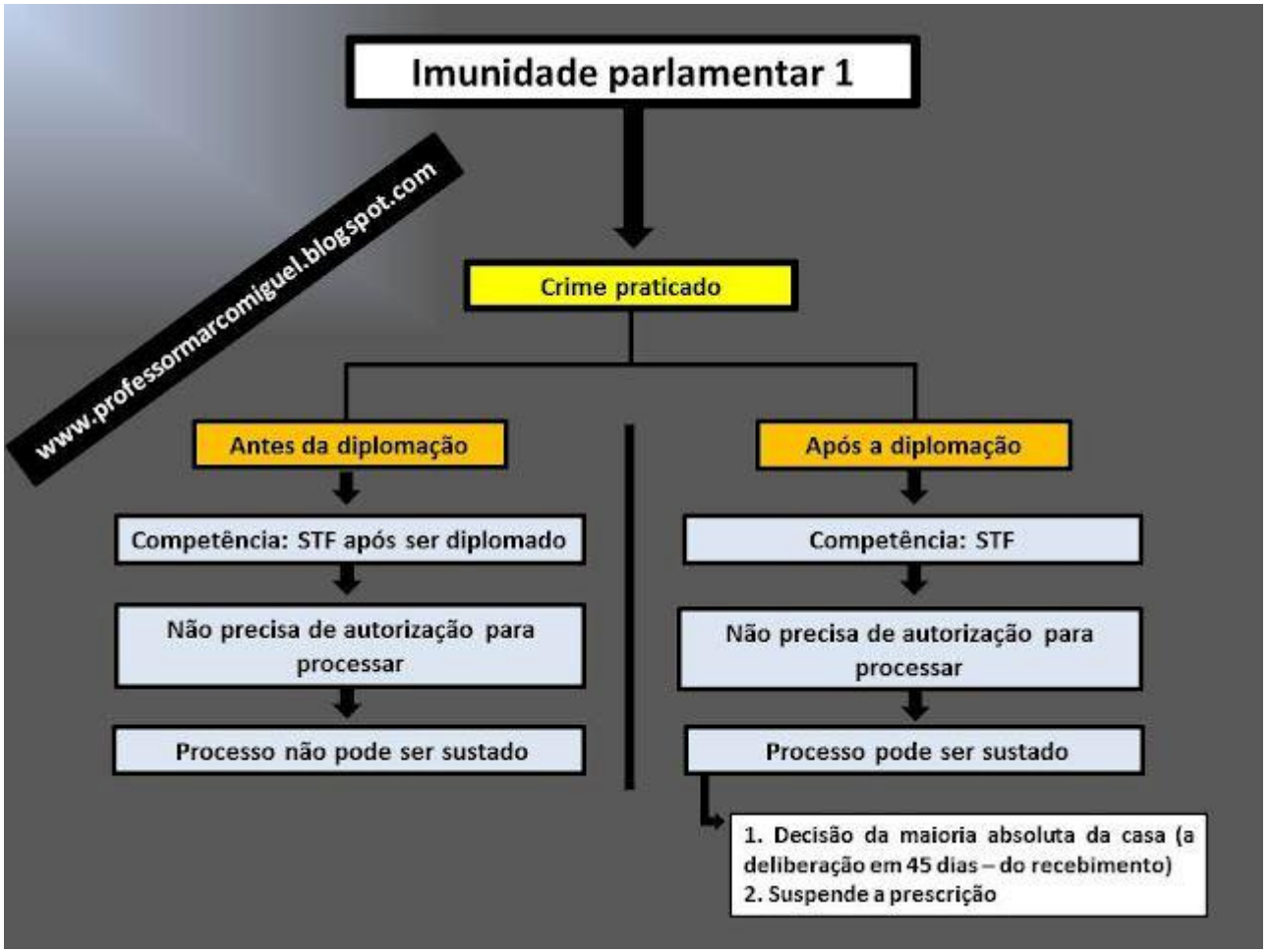
Imunidade parlamentar 1
www.professormarcomiguel.blogspot.com
Crime praticado
Antes da diplomação
Após a diplomação
Competência: STF após ser diplomado
Não precisa de autorização para processar
Processo não pode ser sustado
Competência: STF
Não precisa de autorização para processar
Processo pode ser sustado
1. Decisão da maioria absoluta da casa (a deliberação em 45 dias – do recebimento)
2. Suspende a prescrição

Comissões Parlamentares de Inquérito

Pode	*Não Pode*
Notificar testemunhas;	Índio não pode ser conduzido coercitivamente;
Ouvir testemunhas;	CPI das Câmaras de Vereadores não podem afastar sigilo fiscal e bancário do cidadão;
Determinar a condução coercitiva da Testemunha;	Expedir mandado de prisão;
Membros do MP e Magistrados podem ser ouvidos, mas eles escolhem dia, hora e local conforme condições razoáveis;	Expedir mandado de busca e apreensão;
Membros do MP e Magistrados não são obrigados sobre fatos que tenham lançados nas suas;	Expedir mandado de interceptação telefônica;
Prender em flagrante testemunha por falso testemunho;	Impedir que o cidadão deixe o território nacional;
Afastar o sigilo fiscal e bancário sem necessidade de autorização judicial;	Determinar a apreensão de passaporte;
Vistoria a exames, perícias	Determinar constrição judicial (arrestro, sequestro, hipoteca legal);
Oficiar requisitando extratos telefônicos;	
Apresentar projetos de lei;	
Promover a responsabilidade política dos envolvidos	

Bruno Huskentifi

Composição dos Tribunais

STF é composto por 11 ministros

Super **T**ime de **F**utebol - Um time de futebol possui 11 titulares

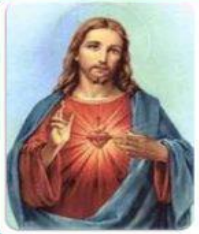

STJ é composto por 33 ministros
33 é a idade que Jesus Cristo morreu

TST é composto por **27** ministros
T rinta **S** em **T** rês (30-3) = **27**

TSE é composto por **7** ministros
Leia as sílabas ao contrário: **SET = 7**

STM é composto por **15** ministros
Somos **T**odos **M**ocinhas - as mulheres viram mocinhas aos **15** anos de idade

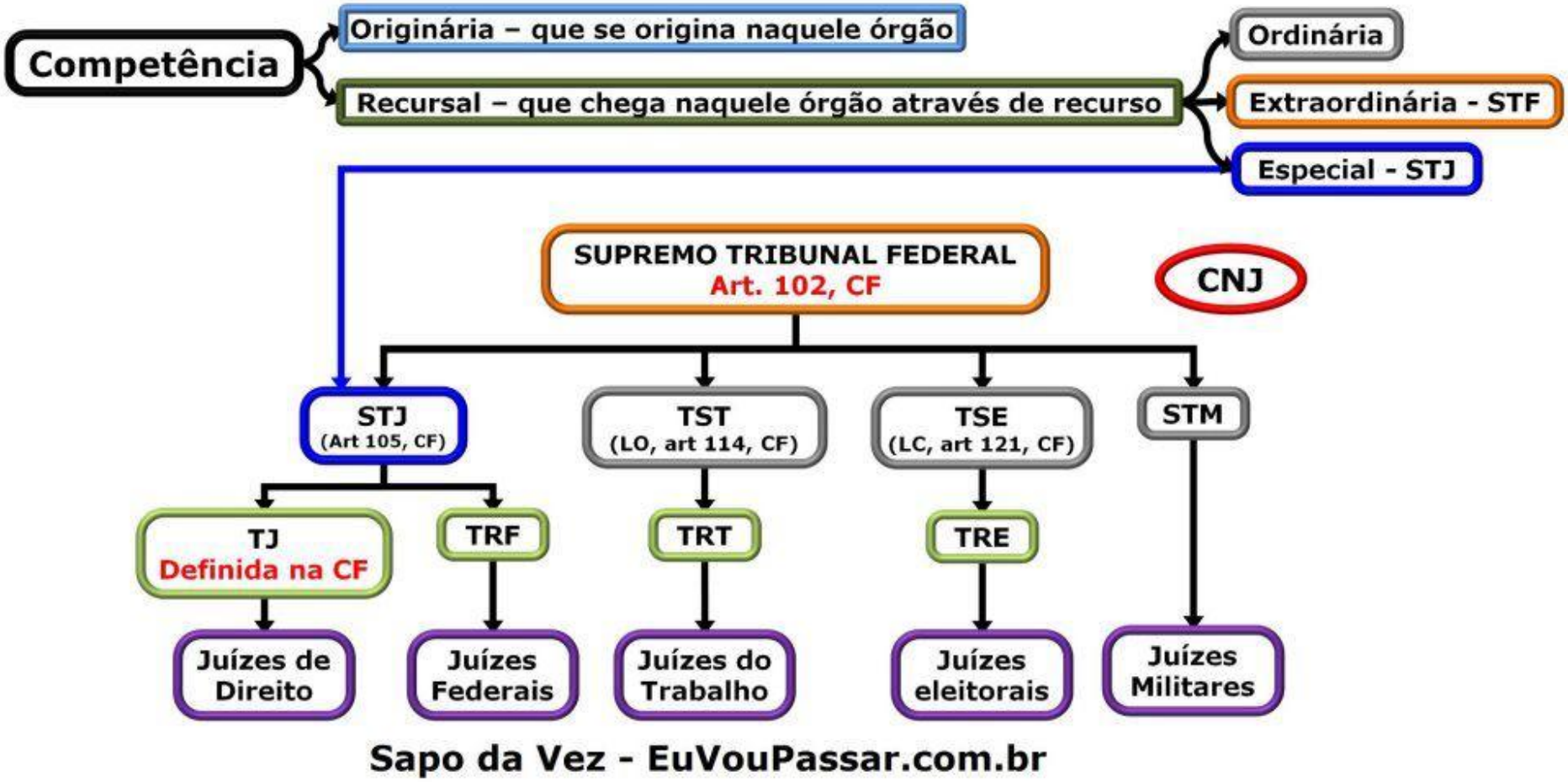
Competência
Originária – que se origina naquele órgão
Recursal – que chega naquele órgão através de recurso
Ordinária
Extraordinária - STF
Especial - STJ
SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL
Art. 102, CF
CNJ
STJ
(Art 105, CF)
TST
(LO, art 114, CF)
TSE
(LC, art 121, CF)
STM
TJ
Definida na CF
TRF
TRT
TRE
Juízes de Direito
Juízes Federais
Juízes do Trabalho
Juízes eleitorais
Juízes Militares
Sapo da Vez - EuVouPassar.com.br

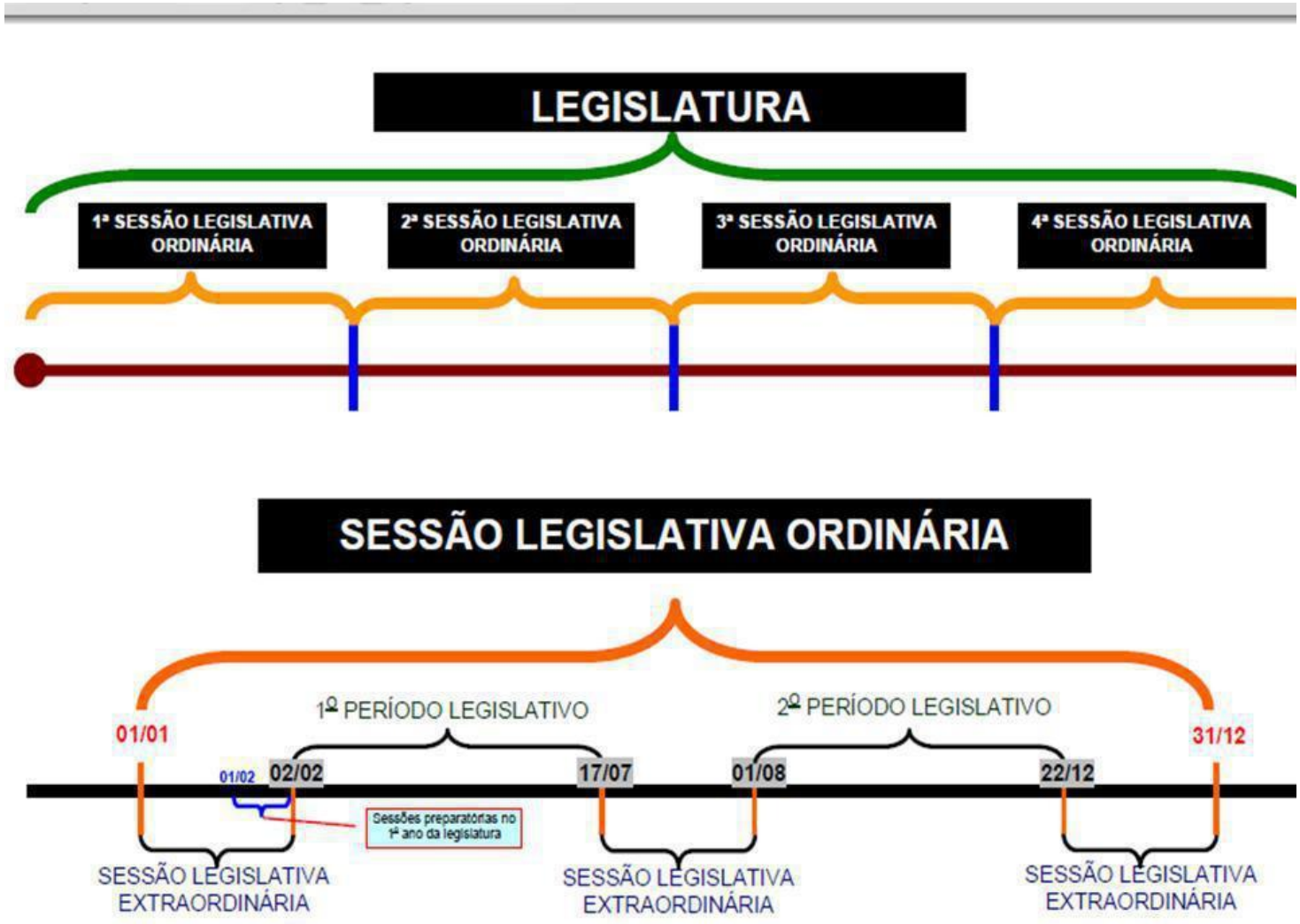
LEGISLATURA
1ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA
2ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA
3ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA
4ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA
SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA
1º PERÍODO LEGISLATIVO
2º PERÍODO LEGISLATIVO
01/01
01/02
02/02
17/07
01/08
22/12
31/12
Sessões preparatórias no 1º ano da legislatura
SESSÃO LEGISLATIVA EXTRAORDINÁRIA
SESSÃO LEGISLATIVA EXTRAORDINÁRIA
SESSÃO LEGISLATIVA EXTRAORDINÁRIA

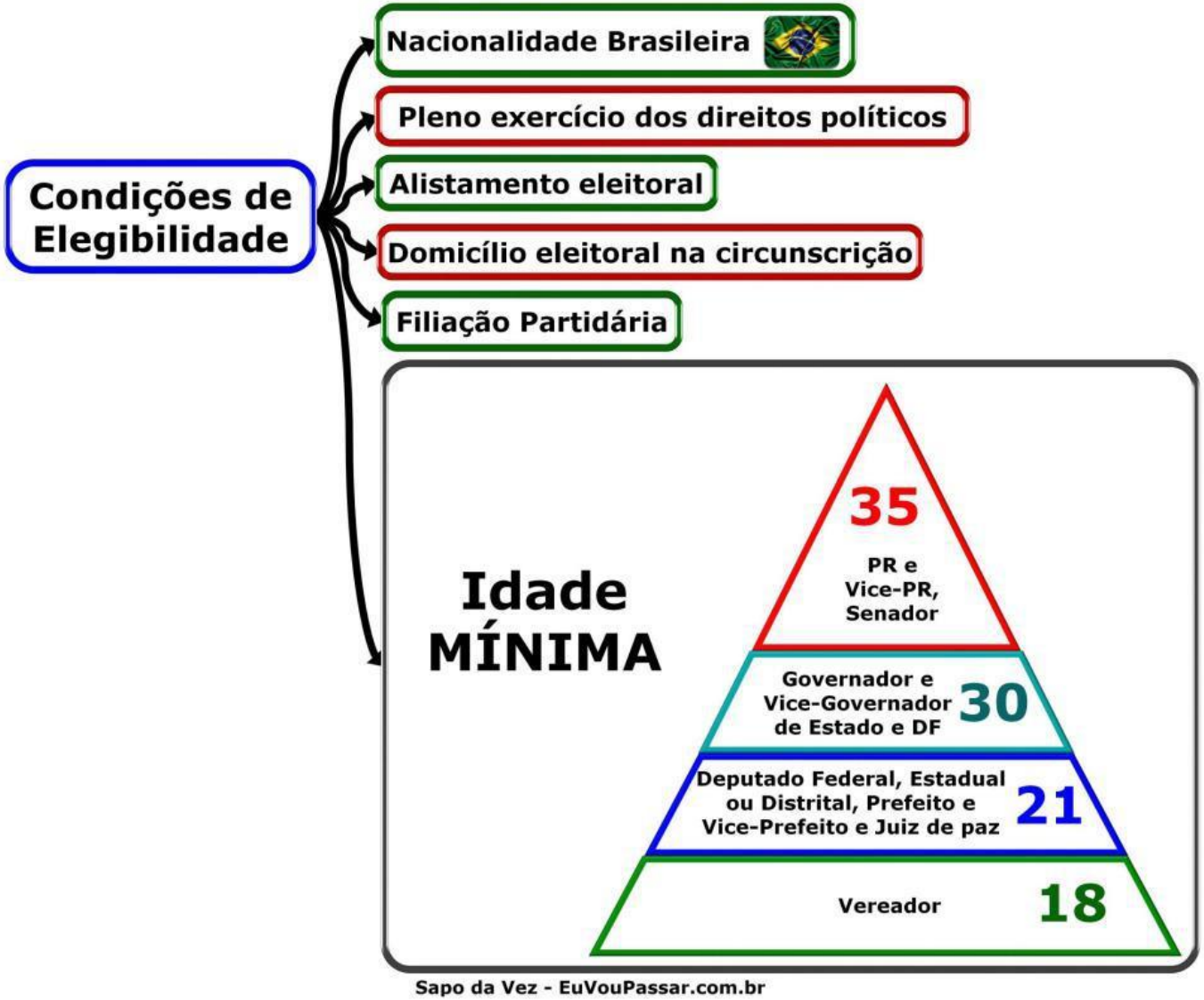
Condições de Elegibilidade
Nacionalidade Brasileira
Pleno exercício dos direitos políticos
Alistamento eleitoral
Domicílio eleitoral na circunscrição
Filiação Partidária
Idade MÍNIMA
35
PR e Vice-PR, Senador
Governador e Vice-Governador de Estado e DF
30
Deputado Federal, Estadual ou Distrital, Prefeito e Vice-Prefeito e Juiz de paz
21
Vereador
18
Sapo da Vez - EuVouPassar.com.br

Poder Constituinte
• MATERIAL - decisão política de criação
• FORMAL - elaboração
Ilimitado... EBA!!!!
PC ORIGINÁRIO
•POLÍTICO
•INICIAL – base da ordem jurídica
•ILIMITADO OU AUTÔNOMO (juridicamente) – não sofre limitações do Direito positivo anterior. (p/ alguns: limites metajurídicos ou extrajurídicos).
•INCONDICIONADO – não segue formas ou procedimentos pré-determinados.
•PERMANENTE – não se esgota no momento de seu exercício.
OPS!!! Tô na área...
PC DERIVADO
•JURÍDICO
•DERIVADO – instituído pelo PCO para modificar ou complementar sua obra. (poder de direito).
•LIMITADO OU SUBORDINADO – limitações expressas e implícitas.
•CONDICIONADO – segue formas ou procedimentos pré-determinados.
CONTROLE DE CONSTITUCIONALIDADE
REFORMADOR
De Emenda (art. 60 CF)
De Revisão (ADCT, art.3º)
Limitações:
•Temporais
•Circunstanciais
•Materiais
•Processuais ou Formais
DECORRENTE (ADCT, Art.11)
Constituição Estadual
Lei Orgânica do DF
www.facebook.com/xis.daquestao

CF/88 → Amplia a legitimidade da ADIN

CF/88 Inovações

- Ampliou o rol dos legitimados
- ADINO
- ADPF
- ADECON
- Mandado de Injunção

Sapo da Vez - euvoupassar.com.br

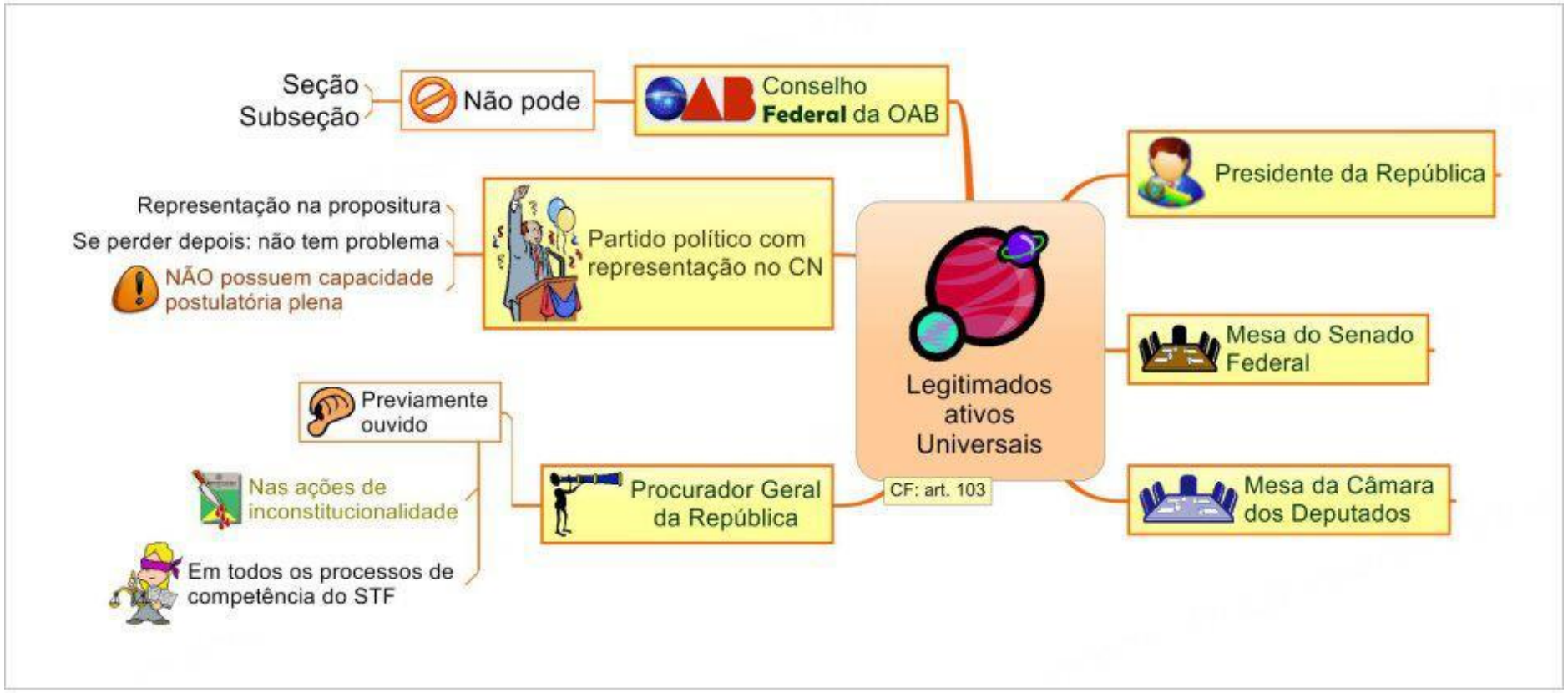
Seção
Subseção
Não pode
Conselho Federal da OAB
Representação na propositura
Se perder depois: não tem problema
NÃO possuem capacidade postulatória plena
Partido político com representação no CN
Presidente da República
Legitimados ativos Universais
Mesa do Senado Federal
Previamente ouvido
Nas ações de inconstitucionalidade
Em todos os processos de competência do STF
Procurador Geral da República
CF: art. 103
Mesa da Câmara dos Deputados

ESPÉCIES DE INCONSTITUCIONALIDADE

POR AÇÃO E POR OMISSÃO

TANTO O AGIR QUANTO O NÃO AGIR PODEM CONFIGURAR ILEGALIDADES.
FAZER UM ATO OU EDITAR UMA LEI CONTRÁRIA À CONSTITUIÇÃO FEDERAL CONFIGURA UMA INCONSTITUCIONALIDADE **POR AÇÃO**
DEIXAR DE EDITAR UMA LEI EXIGIDA PELA CONSTITUIÇÃO FEDERAL É UMA INCONSTITUCIONALIDADE **POR OMISSÃO**

MATERIAL E FORMAL

MATERIAL
QUANDO EXISTE IRREGULARIDADE NO CONTEÚDO DE UM ATO JURÍDICO, QUANDO ESTE É CONTRÁRIO À CONSTITUIÇÃO FEDERAL

FORMAL
QUANDO EXISTE IRREGULARIDADE ESTÁ NO MECANISMO DE ELABORAÇÃO DA LEI, TANTO NO QUE DIZ RESPEITO AO PROCEDIMENTO QUANTO À COMPETÊNCIA, AINDA QUE NO RITUAL SEU CONTEÚDO FINAL SEJA COMPATÍVEL

TOTAL E PARCIAL

ÀS VEZES, A NORMA É TOTALMENTE INCOMPATÍVEL COM A CONSTITUIÇÃO FEDERAL (**TOTAL**)

OUTRAS VEZES ESSA INCOMPATIBILIDADE É APENAS **PARCIAL**
NESSE CASO, AS PARTES CONFLITANTES PERDEM A EFETIVIDADE E O RESTANTE PERMANECE NO ORDENAMENTO JURÍDICO

EXEMPLOS MAIS COMUNS DE INCONSTITUCIONALIDADE TOTAL SÃO LIGADOS A VÍCIOS FORMAIS. QUANDO UMA LEI É CRIADA COM PROCEDIMENTO INADEQUADO, TODA ELA SERÁ CONSIDERADA INCONSTITUCIONAL

DIRETA E INDIRETA

NO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO EXISTEM NORMAS PRIMÁRIAS (QUE FUNDAMENTAM SUA VALIDADE DIRETAMENTE DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL), E SECUNDÁRIAS (QUE FUNDAMENTAM SUA VALIDADE EM UMA NORMA SECUNDÁRIA)

QUANDO UMA NORMA PRIMÁRIA ESTÁ EM DESACORDO COM A CONSTITUIÇÃO FEDERAL, TEMOS UMA INCONSTITUCIONALIDADE **DIRETA OU DERIVADA**

QUANDO UMA NORMA SECUNDÁRIA ESTÁ EM DESACORDO COM A CONSTITUIÇÃO FEDERAL, TEMOS UMA INCONSTITUCIONALIDADE **INDIRETA OU REFLEXA**

INCONSTITUCIONALIDADE **INDIRETA** NÃO PODE SER CONFUNDIDA COM A **DERIVADA**

QUANDO UMA NORMA SECUNDÁRIA REGULAMENTA UMA LEI PRIMÁRIA E ESTA LEI PRIMÁRIA É DECLARADA INCONSTITUCIONAL, A NORMA SECUNDÁRIA QUE REGULAMENTA A NORMA PRIMÁRIA PASSA A SER INCONSTITUCIONAL POR DERIVAÇÃO

OU SEJA

INDIRETA
A NORMA SECUNDÁRIA ESTAVA EM DESACORDO COM A NORMA PRIMÁRIA

DERIVADA
O ERRO ORIGINAL É DA NORMA PRIMÁRIA E, CONSEQUENTEMENTE, INVALIDA A NORMA SECUNDÁRIA QUE A REGULAMENTAVA

ORIGINÁRIA E SUPERVENIENTE

ORIGINÁRIA
QUANDO É OPOSTO ÀS NORMAS CONSTITUCIONAIS JÁ VIGENTES NO MOMENTO DE SUA CRIAÇÃO

SUPERVENIENTE
QUANDO O ATO NORMATIVO ERA CONSTITUCIONAL MAS UMA ALTERAÇÃO POSTERIOR NA PRÓPRIA CONSTITUIÇÃO FEDERAL TORNA ESTE ATO INCOMPATÍVEL COM AS NOVAS NORMAS CONSTITUCIONAIS

CONTROLE DE CONSTITUCIONALIDADE

PREVENTIVO

QUANDO REALIZADO ANTES DA LEI OU ATO NORMATIVO ENTRAR EM VIGOR

LEGISLATIVO

COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

É UM ÓRGÃO TÉCNICO CRIADO PELO REGIMENTO INTERNO DA CASA E CONSTITUIDA DE DEPUTADOS COM A FINALIDADE DE DISCUTIR E VOTAR PROPOSTAS DE LEIS QUE SÃO APRESENTADAS À CÂMARA. MANIFESTA-SE EMITINDO OPINIÃO TÉCNICA, POR MEIO DE PARECERES, ANTES DE O ASSUNTO SER LEVADO AO PLENÁRIO

EXECUTIVO

VETO JURÍDICO - CF

Art. 66 - A Casa na qual tenha sido concluída a votação enviará o projeto de lei ao Presidente da República, que, aquiescendo, o sancionará.

§ 1º - Se o Presidente da República considerar o projeto, no todo ou em parte, inconstitucional ou contrário ao interesse público, vetá-lo-á total ou parcialmente, no prazo de quinze dias úteis, contados da data do recebimento, e comunicará, dentro de 48 h, ao Presidente do Senado Federal os motivos do veto.

SIM → SANCIONA

NÃO → 15 DIAS → VETA (NO TODO OU EM PARTE)

REPRESSIVO

REALIZADO QUANDO A NORMA JÁ VIGORA

REGRA — JUDICIÁRIO

DIFUSO

QUALQUER JUIZ É COMPETENTE, DESDE QUE ESTEJA NO ÂMBITO DE SUAS ATRIBUIÇÕES

A DECISÃO ATINGE APENAS AS PARTES E O EFEITO É, EM REGRA "ex nunc"

Art. 97/CF
Somente pelo voto da maioria absoluta de seus membros ou dos membros do respectivo órgão especial poderão os tribunais declarar a inconstitucionalidade de lei ou ato normativo do Poder Público.

CONCENTRADO

É REALIZADO EXCLUSIVAMENTE PELO STF E TEM POR OBJETIVO A OBTENÇÃO DE DECLARAÇÃO DE INCONSTITUCIONALIDADE DE LEI OU ATO NORMATIVO FEDERAL OU ESTADUAL

EFICÁCIA - "erga omnes"
EFEITO - "ex tunc"

ADI - AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE
ADC - AÇÃO DECLARATÓRIA DE CONSTITUCIONALIDADE
ADO - AÇÃO DIRETA POR OMISSÃO
ADPF - ARGUIÇÃO DE DESCUMPRIMENTO DE PRECEITO FUNDAMENTAL

EXCEÇÃO — LEGISLATIVO

MEDIDAS PROVISÓRIAS
Art. 62/CF - Em caso de relevância e urgência, o Presidente da República poderá adotar medidas provisórias, com força de lei, devendo submetê-las de imediato ao Congresso Nacional.

DELEGAÇÃO
Art. 49/CF. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:
V - sustar os atos normativos do Poder Executivo que exorbitem do poder regulamentar ou dos limites de delegação legislativa;

claudiafrancolopes@hotmail.com
http://entendeudireito.blogspot.com.br/

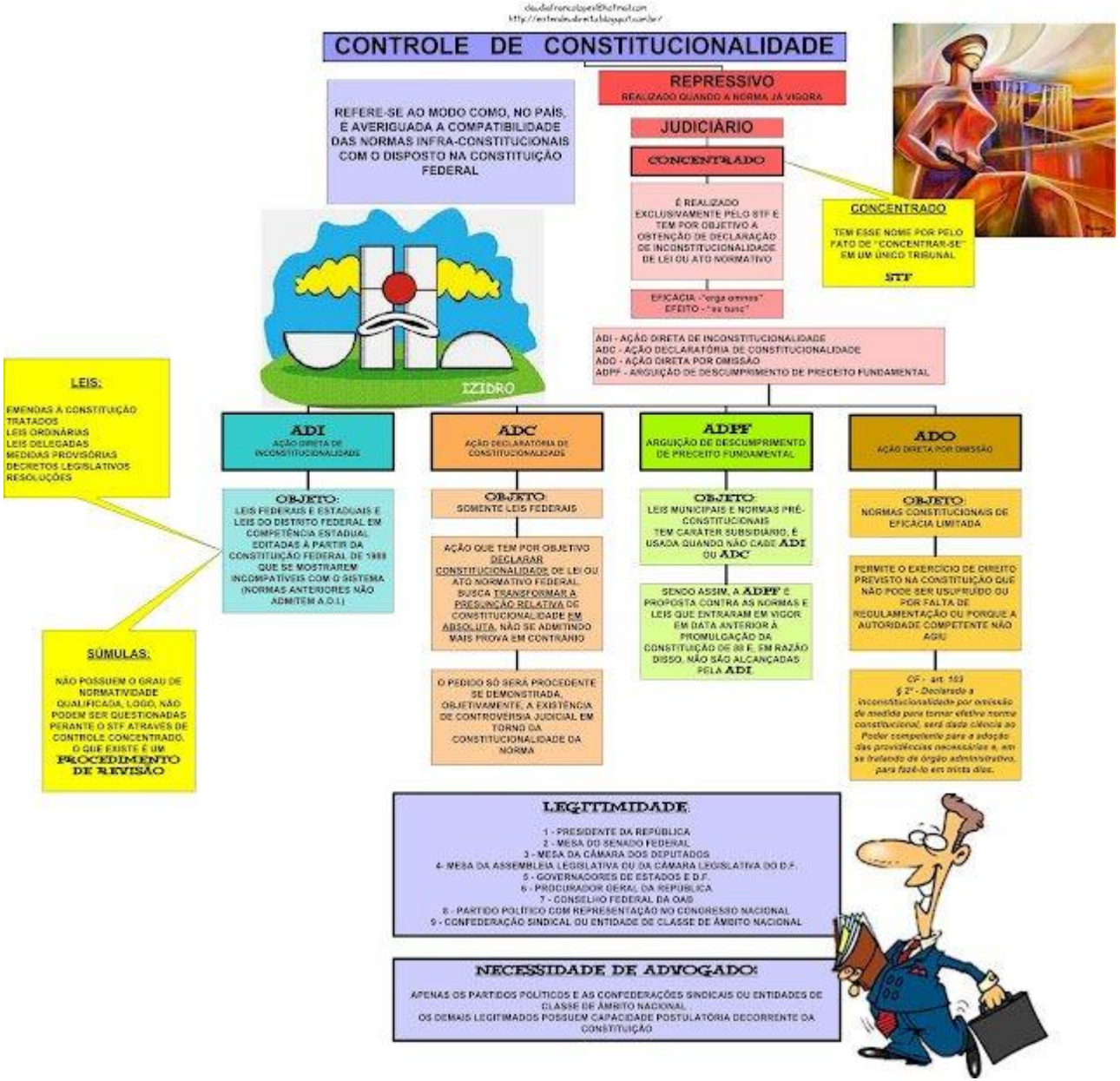
CONTROLE DE CONSTITUCIONALIDADE
REFERE-SE AO MODO COMO, NO PAÍS, É AVERIGUADA A COMPATIBILIDADE DAS NORMAS INFRA-CONSTITUCIONAIS COM O DISPOSTO NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL
REPRESSIVO
REALIZADO QUANDO A NORMA JÁ VIGORA
JUDICIÁRIO
CONCENTRADO
É REALIZADO EXCLUSIVAMENTE PELO STF E TEM POR OBJETIVO A OBTENÇÃO DE DECLARAÇÃO DE INCONSTITUCIONALIDADE DE LEI OU ATO NORMATIVO
EFICÁCIA - "erga omnes"
EFEITO - "ex tunc"
CONCENTRADO
TEM ESSE NOME POR PELO FATO DE "CONCENTRAR-SE" EM UM ÚNICO TRIBUNAL
STF
ADI - AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE
ADC - AÇÃO DECLARATÓRIA DE CONSTITUCIONALIDADE
ADO - AÇÃO DIRETA POR OMISSÃO
ADPF - ARGUIÇÃO DE DESCUMPRIMENTO DE PRECEITO FUNDAMENTAL
LEIS:
EMENDAS A CONSTITUIÇÃO
TRATADOS
LEIS ORDINÁRIAS
LEIS DELEGADAS
MEDIDAS PROVISÓRIAS
DECRETOS LEGISLATIVOS
RESOLUÇÕES
ADI
AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE
OBJETO:
LEIS FEDERAIS E ESTADUAIS E LEIS DO DISTRITO FEDERAL EM COMPETÊNCIA ESTADUAL EDITADAS A PARTIR DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 QUE SE MOSTRAREM INCOMPATÍVEIS COM O SISTEMA (NORMAS ANTERIORES NÃO ADMITEM A.D.I.)
ADC
AÇÃO DECLARATÓRIA DE CONSTITUCIONALIDADE
OBJETO:
SOMENTE LEIS FEDERAIS
AÇÃO QUE TEM POR OBJETIVO DECLARAR CONSTITUCIONALIDADE DE LEI OU ATO NORMATIVO FEDERAL. BUSCA TRANSFORMAR A PRESUNÇÃO RELATIVA DE CONSTITUCIONALIDADE EM ABSOLUTA, NÃO SE ADMITINDO MAIS PROVA EM CONTRÁRIO
O PEDIDO SÓ SERÁ PROCEDENTE SE DEMONSTRADA, OBJETIVAMENTE, A EXISTÊNCIA DE CONTROVÉRSIA JUDICIAL EM TORNO DA CONSTITUCIONALIDADE DA NORMA
ADPF
ARGUIÇÃO DE DESCUMPRIMENTO DE PRECEITO FUNDAMENTAL
OBJETO:
LEIS MUNICIPAIS E NORMAS PRÉ-CONSTITUCIONAIS
TEM CARÁTER SUBSIDIÁRIO, É USADA QUANDO NÃO CABE ADI OU ADC
SENDO ASSIM, A ADPF É PROPOSTA CONTRA AS NORMAS E LEIS QUE ENTRARAM EM VIGOR EM DATA ANTERIOR À PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO DE 88 E, EM RAZÃO DISSO, NÃO SÃO ALCANÇADAS PELA ADI.
ADO
AÇÃO DIRETA POR OMISSÃO
OBJETO:
NORMAS CONSTITUCIONAIS DE EFICÁCIA LIMITADA
PERMITE O EXERCÍCIO DE DIREITO PREVISTO NA CONSTITUIÇÃO QUE NÃO PODE SER USUFRUÍDO OU POR FALTA DE REGULAMENTAÇÃO OU PORQUE A AUTORIDADE COMPETENTE NÃO AGIU
CF - art. 103
§ 2º - Declarada a inconstitucionalidade por omissão de medida para tornar efetiva norma constitucional, será dada ciência ao Poder competente para a adoção das providências necessárias e, em se tratando de órgão administrativo, para fazê-lo em trinta dias.
SÚMULAS:
NÃO POSSUEM O GRAU DE NORMATIVIDADE QUALIFICADA, LOGO, NÃO PODEM SER QUESTIONADAS PERANTE O STF ATRAVÉS DE CONTROLE CONCENTRADO, O QUE EXISTE É UM PROCEDIMENTO DE REVISÃO
LEGITIMIDADE:
1 - PRESIDENTE DA REPÚBLICA
2 - MESA DO SENADO FEDERAL
3 - MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS
4- MESA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA OU DA CÂMARA LEGISLATIVA DO D.F.
5 - GOVERNADORES DE ESTADOS E D.F.
6 - PROCURADOR GERAL DA REPÚBLICA
7 - CONSELHO FEDERAL DA OAB
8 - PARTIDO POLÍTICO COM REPRESENTAÇÃO NO CONGRESSO NACIONAL
9 - CONFEDERAÇÃO SINDICAL OU ENTIDADE DE CLASSE DE ÂMBITO NACIONAL
NECESSIDADE DE ADVOGADO:
APENAS OS PARTIDOS POLÍTICOS E AS CONFEDERAÇÕES SINDICAIS OU ENTIDADES DE CLASSE DE ÂMBITO NACIONAL
OS DEMAIS LEGITIMADOS POSSUEM CAPACIDADE POSTULATÓRIA DECORRENTE DA CONSTITUIÇÃO

Sapo da Vez - EuVouPassar.com.br

Decreto ou regulamentos autônomos ou independentes
Atos normativos primários (decorrem diretamente da CF/88)
Específica e unicamente para dispor sobre 2 matérias que podem ser delegadas (Competência privativa do Presidente da República)
Organização e funcionamento da Administração Federal, quando não implicar aumento de despesa nem criação ou extinção de órgãos públicos
Extinção de funções ou cargos públicos, quando vagos
Atos de efeitos concretos (M. Sylvia)

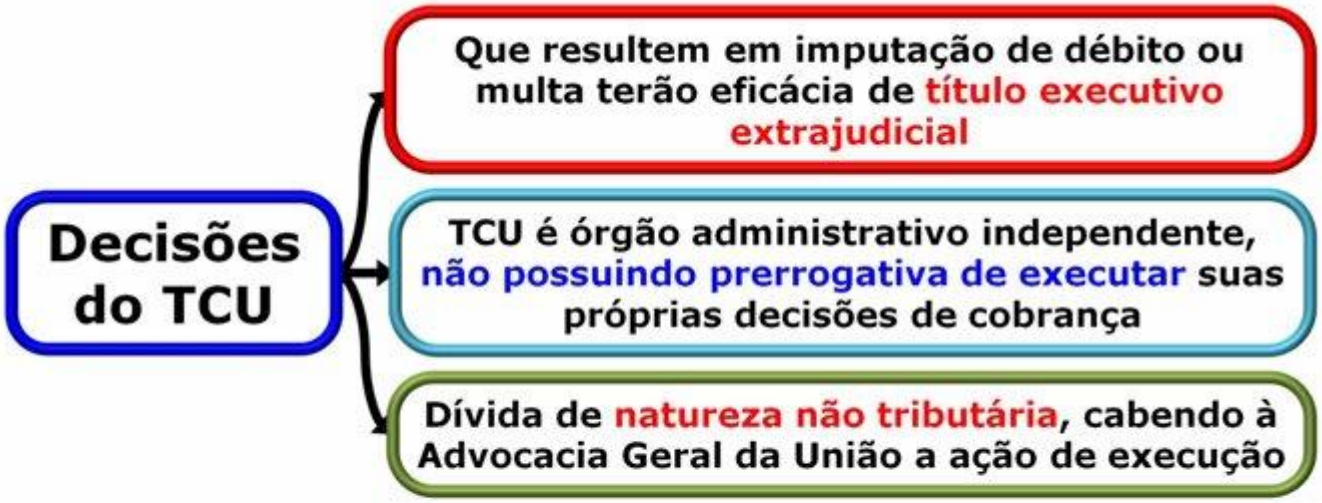

www.euvoupassar.com.br/lagoa - Sapo da Vez

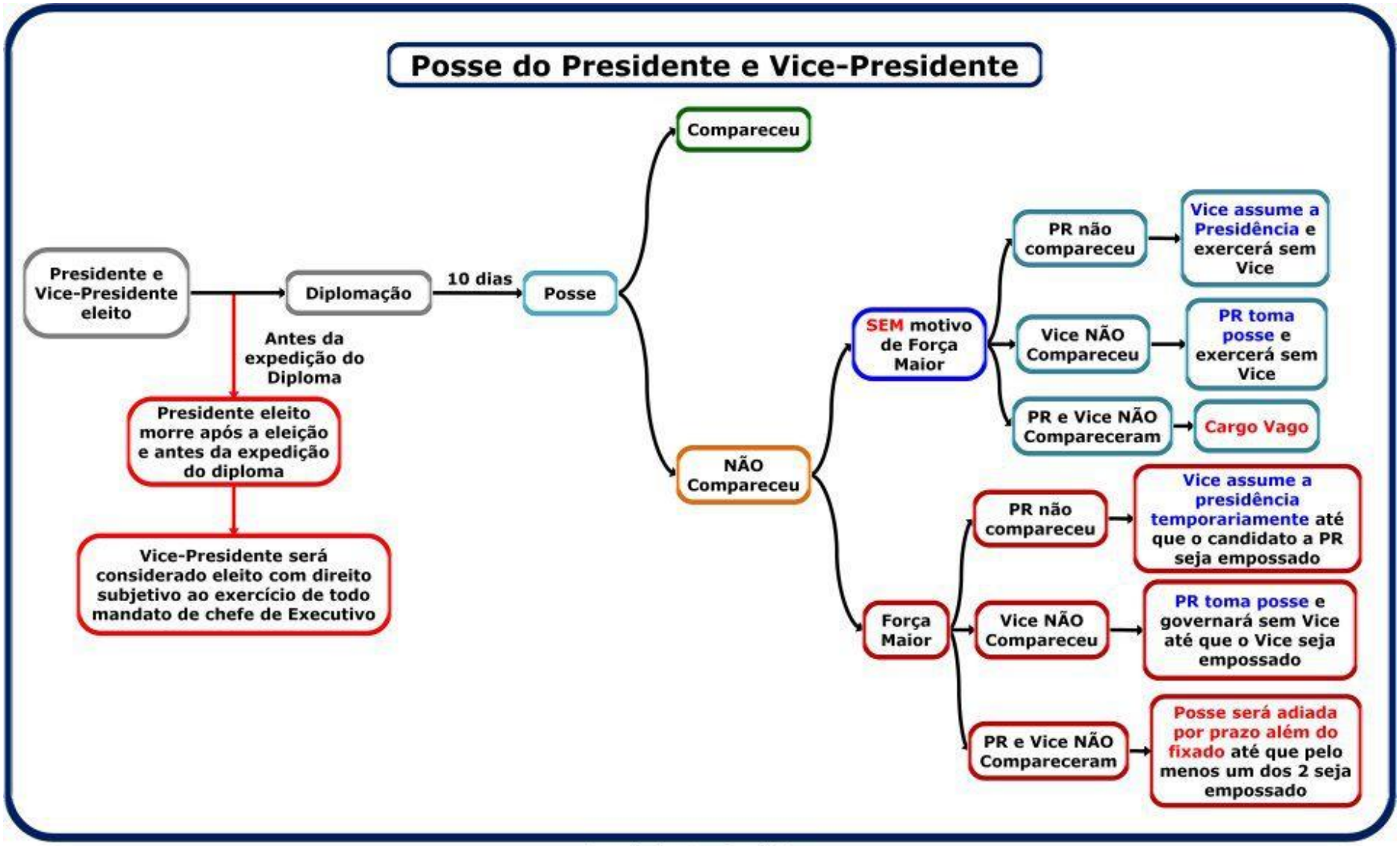

Lagoa dos Macetes - Sapo da Vez

Prazos do Poder Executivo

10 dias	•Para o Presidente tomar posse, caso contrário o cargo será vago;
15 dias	•Sem licença do CN Presidente e Vice não podem se ausentar do país;
20 dias	•2º turno de Eleição, caso President e Vice não atinjam maioria dos votos válidos
30 dias	•Vagando o cargo nos últimos 2 anos do mandado presidencial, eleição pelo CN
90 dias	•Vagando o cargo nos primeiros 2 anos do mandado presidencial, eleição nos moldes convencionais
180 dias	•Se o julgamento não tiver concluído após tal prazo,cessará o afastamento do PR, sem prejuízo do processo.

Bruno Huskentifi Concurseiro

Iniciativas Privativas do P.Repúb.

Bruno Huskentifi

Vacância Presidente e Vice-Presidente

Bruno Huskentifi Concurseiro

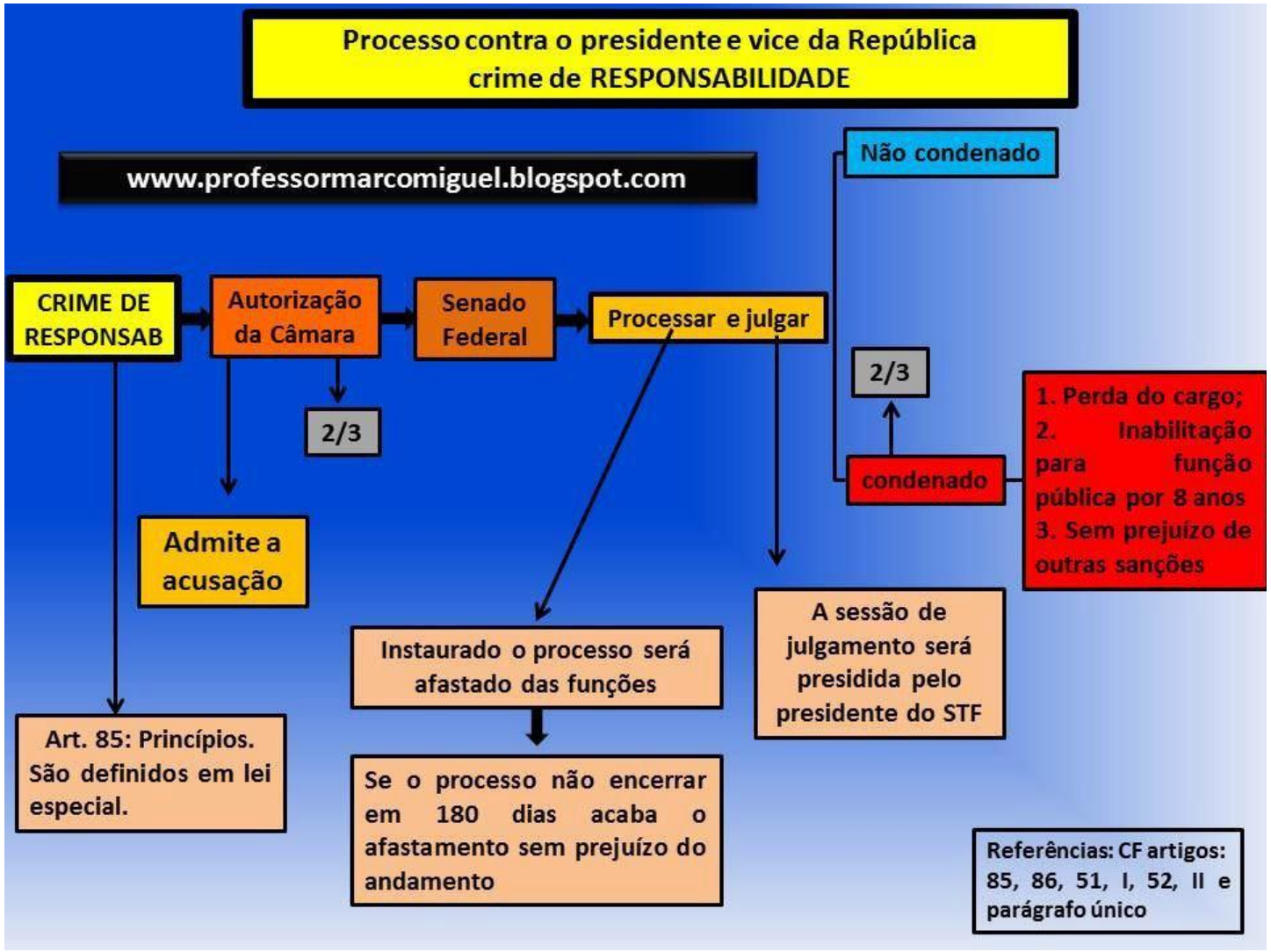
Processo contra o presidente e vice da República
crime de RESPONSABILIDADE
www.professormarcomiguel.blogspot.com
CRIME DE RESPONSAB
Autorização da Câmara
2/3
Senado Federal
Processar e julgar
Não condenado
2/3
condenado
1. Perda do cargo;
2. Inabilitação para função pública por 8 anos
3. Sem prejuízo de outras sanções
Admite a acusação
Instaurado o processo será afastado das funções
Se o processo não encerrar em 180 dias acaba o afastamento sem prejuízo do andamento
A sessão de julgamento será presidida pelo presidente do STF
Art. 85: Princípios. São definidos em lei especial.
Referências: CF artigos: 85, 86, 51, I, 52, II e parágrafo único

Marcos Pacco

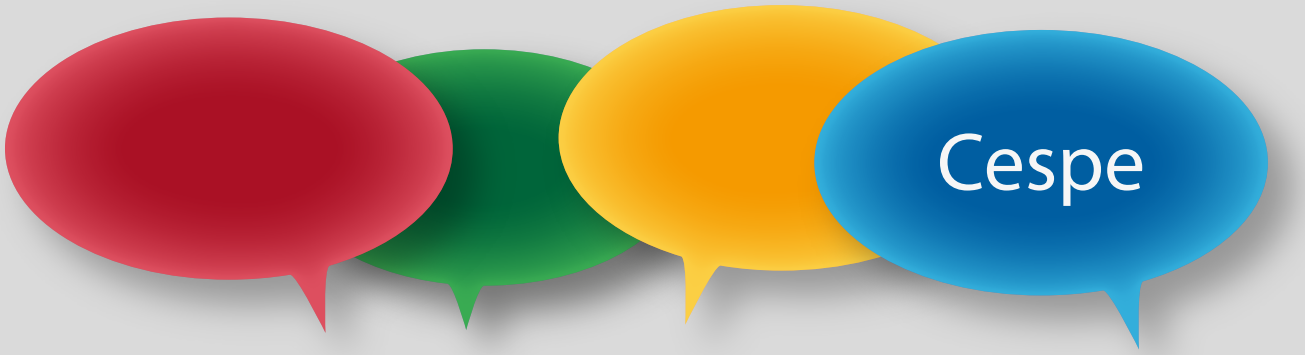

Questões Comentadas
Gramática

Editora
Sintagma

1

© 10/2011 – Editora Sintagma

EDITORA
SINTAGMA

Pacco, Marcos.
Questões Comentadas: Gramática – Volume 1 – CESPE
Marcos Pacco – 1ª ed.
Editora Sintagma – Brasília, DF: Sintagma Editora, 2011

170 p.

1. Brasil: Questões Comentadas: Gramática.

CDD 469

Editor
Marcos Pacco

Conselho Editorial
Marcos Pacco
Renata Ribeiro
Tiago França

Diagramação
Antônio Francisco Pereira

Capa
Guilherme Alcântara

Revisão
Lucas Ribeiro

Editora Sintagma – SIG, Quadra 01, Lote 495, Brasília-DF
Ed.: Barão do Rio Branco – Sala 110 – CEP.: 71.610.410 – Tel.: 3033-8475

Esta obra é parte integrante da Novíssima Gramática Aplicada ao Texto, mas pode ser vendida separadamente.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS *– De acordo com a Lei n. 9.610, de 19.02.1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais e do editor.*

Ao meu Mestre, Jesus Cristo, minha fonte de vida.

Aos meus familiares, minha fonte de apoio.

Aos meus alunos, minha fonte de inspiração.

APRESENTAÇÃO

Este livro é o primeiro volume da série QUESTÕES COMENTADAS DE PORTUGUÊS. Acreditamos que, assim como um atleta profissional precisa dedicar-se proficuamente aos treinos físicos para obter êxito nas competições, os concursandos e vestibulandos precisam dedicar-se ao "treino intelectual" para alcançarem a tão sonhada vaga no serviço público ou na universidade, respectivamente.

Resolver questões de provas anteriores é, comprovadamente, um dos métodos mais eficazes de preparação para concursos e vestibulares. A Editora Sintagma tem a imensa satisfação de contribuir, por meio desta obra, para o sucesso dos candidatos que se preparam para tal finalidade.

Esta obra reúne várias provas do Cespe/UnB e as classifica por tema, em conformidade com o conteúdo programático dos editais. Além de separadas por assunto, as questões possuem respostas comentadas pelo autor. Alguns comentários chegam a ser verdadeiros resumos de aulas de Gramática.

Cremos termos feito um bom trabalho. Entretanto, quaisquer críticas e sugestões que visem ao seu aperfeiçoamento serão bem vindas.

Bom *treino*!

O Editor

SUMÁRIO

Capítulo 1
Classes Gramaticais Variáveis 11
Artigos, substantivos, adjetivos e numerais 11
Pronomes 13
Verbos 21
Comentários 26

Capítulo 2
Classes Gramaticais Invariáveis 37
Preposições 37
Conjunções 40
Advérbios e palavras denotativas 42
Comentários 45

Capítulo 3
Regência Verbal e Nominal 51
Comentários 58

Capítulo 4
Crase 65
Comentários 70

Capítulo 5
Sintaxe do Período Simples 75
Comentários 80

Capítulo 6
Sintaxe do Período Composto 85
Comentários 92

Capítulo 7
Pontuação 101
Comentários 114

Capítulo 8
Partícula Se..... 125
Comentários 129

Capítulo 9
Concordância Verbal e Nominal..... 133
Comentários 141

Capítulo 10
Colocação Pronominal 149
Comentários 152

Capítulo 11
Domínio das Relações Morfossintáticas, Semânticas e Discursivas... 155
Comentários 159

Capítulo 12
Acentuação e Ortografia..... 165
Comentários 158

CESPE/UnB

Questões Comentadas: Gramática

Classes Gramaticais Variáveis

Capítulo 1

Artigos, substantivos, adjetivos e numerais

"Machado pode ser considerado, no contexto histórico em que surgiu, um espanto e um milagre, mas o que me encanta de forma mais particular é o fato de que ele estava, o tempo todo, pregando peças nos leitores e nele mesmo."

1. No texto, o termo "o" que precede "que" (ℓ.2), "fato" (ℓ.3) e "tempo" (ℓ.3) classifica-se como artigo nas três ocorrências.

"As vivências do tempo e do espaço constituem dimensões fundamentais de todas as experiências humanas. O ser, de modo geral, só é possível nas dimensões reais e objetivas do espaço e do tempo."

2. Na linha 2, o termo "só é possível" indica que "ser" está empregado como verbo, não como substantivo, sinônimo de pessoa.

"XV – Trabalhar com metodologia interativa: grupos, seminários, jogos, estudo do meio, experimentação, problematização, temas geradores, projetos e monitoria."

3. Em XV, as alusões a metodologias interativas estão representadas apenas pelos substantivos abstratos "experimentação" e "problematização".

1 "Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534 km da cidade de São Paulo, impondo critérios bastante rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão
5 da crise do sistema prisional."

4. As palavras "singular" (ℓ.1) e "dramática" (ℓ.4) qualificam, respectivamente, os substantivos "decisão" (ℓ.1) e "dimensão" (ℓ.4).

"Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas."

5. No trecho "fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro" (ℓ.1-2), a substituição de "dos infernos" por **infernal** manteria a correção gramatical e o sentido do texto.

"O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência nem fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade."

6. A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos com a substituição do termo "da verdade" (ℓ.4) pelo adjetivo **verdadeira.**

"Foi assim que o mais importante crítico literário do mundo, o norte-americano Harold Bloom, 77, classificou Machado de Assis quando elencou, em Gênio – Os 100 Autores Mais Criativos da História da Literatura (Ed.Objetiva, 2002), os melhores escritores do mundo segundo seus critérios e gosto particular."

7. No texto, destaca-se o emprego do superlativo.

"Sendo positivo, o livro é aprovado junto ao conselho, que decide por sua publicação."

8. Em "Sendo positivo, o livro é aprovado junto ao conselho" (ℓ.1), embora seguido de vírgula, o adjetivo "positivo" qualifica "livro".

1 "O ano de 1964 representou para a Universidade de Brasília o maior retrocesso que pôde existir na história do ensino superior no Brasil. No meu entender, foi um verdadeiro aborto na história da ciência, pois aqui se perdeu o que existia de melhor em conhecimento científico e
5 intelectual deste país. Digo isso porque presenciei os fatos daquela época. Destruíram, aqui, o ninho dos homens-águias. Desapareceram os grandes personagens, que foram a verdadeira história da UnB. Restaram apenas mágoas e ressentimentos, medo e desconfiança, um sentimento de desgosto e de tristeza no meio de toda aquela gente
10 se evadindo ou assistindo com pavor à violência e à desmoralização de seus colegas e familiares sem que nada se pudesse fazer. Por isso afirmo e considero que aqui a história ficou interrompida.
Entre prisões e renúncias ao cargo, a Universidade perdeu os melhores professores escolhidos pelo reitor Darcy Ribeiro. Até aquela data, o
15 que existia de melhor em matéria de ensino estava na Universidade de Brasília."

9. Recurso retórico para indicar o grau mais intenso da qualidade de algo, o superlativo foi empregado para qualificar os professores que atuavam na UnB em 1964 na expressão "os melhores professores" (ℓ.13-14).

"Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 'cidadania é a qualidade ou estado do cidadão'."

10. A palavra **segundo** está sendo empregada como numeral em: "Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa" (ℓ.1).

Pronomes

1 "— Eu violei o segredo dos deuses, acudia Stroibus.
O homem é a sintaxe da natureza, eu descobri as leis da gramática divina...
— Explica-te.
5 — Mais tarde; deixa-me experimentar primeiro. Quando a minha doutrina estiver completa, divulgá-la-ei como a maior riqueza que os homens jamais poderão receber de um homem. Imaginem a expectação pública e a curiosidade dos outros filósofos, embora incrédulos de que a verdade recente viesse aposentar as que eles mesmos
10 possuíam. Entretanto, esperavam todos."

11. No trecho "deixa-me experimentar primeiro" (ℓ.5), o pronome exerce a função de complemento das formas verbais "deixa" e "experimentar".

> "Imaginem a expectação pública e a curiosidade dos outros filósofos, embora incrédulos de que a verdade recente viesse aposentar as que eles mesmos possuíam. Entretanto, esperavam todos. Os dois hóspedes eram apontados na rua até pelas crianças."

12. No trecho "que a verdade recente viesse aposentar as que eles mesmos possuíam" (ℓ.2-3), o termo "as" exerce a função sintática de complemento direto da forma verbal "possuíam".

> 1 "A política de comércio exterior do Brasil envolveu historicamente um grande debate nacional. Governo e lideranças sociais a ela vincularam as possibilidades do desenvolvimento econômico, desde as suas origens, na primeira metade do século XIX. Em
> 5 três períodos, ela foi atrelada a diferentes paradigmas de inserção internacional:"

13. As duas ocorrências do pronome "ela" (ℓ.3 e 5) se referem ao mesmo antecedente: "A política de comércio exterior do Brasil" (ℓ.1).

> "Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
> Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
> Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

14. Um pronome oblíquo **o(s)**, colocado após uma palavra terminada em -s, não necessariamente um verbo, assume a forma **-lo(s)**. Foi o que ocorreu em "Ei-los" (ℓ.1).

> "Meu sonho de consumo, eu sabia agora, era a liberdade. O ser humano se caracteriza, na verdade, por uma estupidez. Ele só descobre que um bem é fundamental quando deixa de possuí-lo."

15. No trecho "quando deixa de possuí-lo" (ℓ.3), o pronome enclítico refere-se ao termo "um bem".

> "Não sendo condicionado por natureza, o homem é capaz de vivenciar novas experiências, de inventar artefatos que lhe possibilitem, por exemplo, voar ou explorar o mundo subaquático, quando não foi dotado por natureza para voar e permanecer sob a água."

16. No desenvolvimento das relações de coesão do texto, o pronome "lhe" (ℓ.2) retoma "homem" (ℓ.1) e, por isso, sua substituição pelo pronome **o** preservaria a coerência e a correção gramatical do texto.

> "A idiomaticidade é relativa a um sujeito empírico, um sujeito que se situa a si e ao outro em relação a um tempo e um espaço."

17. Embora a ênfase criada pela redundância no uso dos pronomes "se" e "si", em "um sujeito que se situa a si e ao outro" (ℓ.1-2), reforce a argumentação, a opção pelo emprego de apenas um deles – como, por exemplo, **um sujeito que situa a si e ao outro** – preservaria a clareza, a coerência e a correção gramatical do texto.

> "Esse folclore – em seu sentido mais amplo – traz à luz a compreensão de determinados povos sobre o meio que os cerca, mas de maneira bastante particular."

18. Preservam-se a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos ao se substituir o pronome "os" pelo correspondente "lhes" antes de "cerca" (ℓ.2), escrevendo-se **o meio que lhes cerca.**

> "Achava que você tinha de ficar isolado com um pequeno grupo de pessoas, pensando em uma solução inovadora. Depois, percebi que a inovação está dentro de cada um de nós. De repente, me dei conta de que a forma certa de a inovação acontecer é deixar a coisa fluir. Quando todo mundo está impregnado do espírito da inovação, ela vem até você, todos os dias. Se eu abrir espaço para você dar vazão a sua paixão, a mudança acontece."

19. O pronome de tratamento "você" (ℓ.1 e 6) é empregado, na fala da entrevistada, em sentido genérico, em referência a qualquer pessoa e, não, especificamente, ao interlocutor.

> "Essas perguntas estão na raiz do que se pode chamar de pauta de vanguarda do Supremo Tribunal Federal – ou seja, expressam o conteúdo das futuras polêmicas que a Corte terá de resolver."

20. Em "na raiz do que se pode chamar" (ℓ.1), a substituição de "do" por **daquilo** mantém a correção gramatical do texto.

"O alívio dos que, tendo a intenção de viver irregularmente na Espanha, conseguem passar pelo controle de imigração do Aeroporto Internacional de Barajas não dura muito tempo."

21. No trecho "alívio dos que" (ℓ.1), a substituição de "dos" por **daqueles** prejudica a correção gramatical do período.

1 "Para ser democrático, deve contar, a partir das relações de poder estendidas a todos os indivíduos, com um espaço político demarcado por regras e procedimentos claros, que, efetivamente, assegurem o atendimento às demandas públicas da maior parte da
5 população, elegidas pela própria sociedade, através de suas formas de participação/representação.
Para que isso ocorra, contudo, impõe-se a existência e a eficácia de instrumentos de reflexão e o debate público das questões sociais vinculadas à gestão de interesses coletivos..."

22. O pronome "isso" (ℓ.7) exerce, na organização dos argumentos do texto, a função coesiva de retomar e resumir o fato de que as "demandas públicas da maior parte da população" (ℓ.4-5) são escolhidas por meio de "formas de participação/representação" (ℓ.5-6).

1 "E ela veio na quarta-feira, 10, no palco do Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, na forma de uma portaria assinada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro. Antes, porém, realizou-se uma sessão de julgamento da Comissão de Anistia, cujo resultado foi o reconhecimento,
5 por unanimidade, da perseguição política sofrida por Chico Mendes no início dos anos 80 do século passado."

23. Na linha 4, o vocábulo "cujo" estabelece relação sintático-semântica entre os termos "resultado" e "Comissão de Anistia".

"Nas sociedades orais, aquelas que não dispunham de nenhum sistema de escrita, as mensagens eram recebidas no tempo e no lugar em que eram emitidas".

24. No período acima, as duas ocorrências do pronome relativo "que" exercem funções sintáticas distintas.

1 "Cidade e corte, que desde muito tinham notícias dos nossos dois amigos, fizeram-lhes um recebimento régio, mostraram conhecer seus escritos, discutiram as suas ideias, mandaram-lhes muitos presentes, papiros, crocodilos, zebras, púrpuras. Eles, porém, recusaram tudo,
5 com simplicidade, dizendo que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente."

25. Nos trechos "que desde muito tinham notícias dos nossos dois amigos" (ℓ.1-2) e "que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente" (ℓ.5-6), os elementos gramaticais grifados exercem a mesma função sintática.

"A possibilidade de utilização de um ou de outro combustível, conforme sua necessidade e seu desejo, dá ao consumidor uma liberdade de escolha com que ele não contava em experiências anteriores de uso do álcool como combustível automotivo."

26. A substituição de "com que" (ℓ.3) por **com a qual** prejudica a correção gramatical do período.

"Os ganhos de eficiência da indústria brasileira têm uma característica nova: seus benefícios estão sendo partilhados entre as empresas e os trabalhadores, cujos aumentos salariais, portanto, não pressionam os preços."

27. A substituição do termo "cujos" (ℓ.3) por **dos quais** prejudica a correção gramatical do período.

"Nela, 130 países signatários do documento final, entre os quais o Brasil, assumem o compromisso de definir novos conceitos sobre esse tipo de crime."

28. Mantém-se a correção gramatical do período com a substituição de "os quais" (ℓ.1) por **cujos** ou **os que**.

"Agora, ao vê-lo assim, suado e nervoso, mudando de lugar o tempo todo e murmurando palavras que me escapavam, temia que me abordasse para conversar sobre o filho."

29. A correção gramatical do texto seria mantida se o pronome "que", em "que me escapavam" (ℓ.2), fosse substituído por **quê**.

> "ágora (praça pública onde os que eram chamados se organizavam para, de comum acordo, deliberar sobre decisões)."

30. O pronome relativo "onde" foi empregado como uma referência a local, como exige a norma padrão, em "onde os que eram chamados se organizavam para, de comum acordo, deliberar sobre decisões" (ℓ.1-2).

> 1 "Muitas dessas ocupações estão ligadas à área de tecnologia, cujo avanço permanente cria novas demandas por gente mais especializada.
> (...) diagnosticando profissionais que faltam às empresas; e o farma-
> 5 coeconomista, cuja função é analisar a viabilidade econômica de um remédio, incluindo-se a demanda existente e a relação custo--benefício".

31. Os segmentos "cujo avanço permanente" (ℓ.1-2) e "cuja função" (ℓ.4) equivalem, no texto, respectivamente, a **o avanço permanente da área de tecnologia** e a **função do farmacoeconomista.**

> "Em um artigo publicado em 2000, e que fez muito sucesso na Internet, Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em que tudo seria de todos."

32. Mantém-se a correção gramatical do texto e respeitam-se suas relações argumentativas ao se substituir "em que" (ℓ.3) por **onde**.

> "Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas."

33. Na linha 1, o pronome relativo "onde" se refere ao adjunto adverbial "numa cidade".

> "Um dia ele me disse que era uma pena que os homens tivessem de ser julgados como cavalos de corrida, pelo seu retrospecto."

34. No trecho "Um dia ele me disse que era uma pena" (ℓ.1), o pronome "que" exerce a função sintática de sujeito da oração.

"Nessa concepção, surge a democracia grega, onde somente 10% da população determinava os destinos de toda a cidade (eram excluídos os escravos, as mulheres e os artesãos)."

35. A oração "10% da população determinava os destinos de toda a cidade" (ℓ.1-2) teria o mesmo sentido caso o termo sublinhado – o artigo "a" – fosse eliminado.

1 "**As pesquisas** com células-tronco embrionárias, que apontam para imensos recursos terapêuticos, exigem um mínimo acordo sobre o momento inicial da vida humana.
(...)
5 Mas a vida humana, como precisar o seu primeiro momento? As variadas respostas indicam **suas dependências** dos pontos de vista adotados. "Não há consenso."

36. O desenvolvimento das ideias do texto mostra que o pronome "suas" (ℓ.6) estabelece relação com o início do texto, por associar "dependências" (ℓ.6) a "pesquisas" (ℓ.1).

1 "A crise, que tem levado muitos negócios à bancarrota, provocou efeito oposto para o McDonald's, a maior rede de fast-food do mundo."
"Esse ritmo de crescimento é 60% mais veloz que o registrado no
5 mesmo período de 2008, justamente antes da crise."
(...)
"Eles dizem que os brasileiros já começaram a trocar o restaurante pelo fast-food."

37. Os termos "que" (ℓ. 1), "Esse" (ℓ.3) e "Eles" (ℓ.6) são pronomes.

38. Considerando as relações de coesão textual, assinale a opção correta a respeito do uso de pronomes no texto.

"As sociedades humanas são complexas e os seus membros se atraem ou se repelem em função de sua pertinência."

a) O desenvolvimento do texto permite que o pronome "se" em "se repelem" (ℓ.2) seja retirado e fique apenas subentendido.

"As sociedades humanas são complexas e os seus membros se atraem ou se repelem em função de sua pertinência. Não existe o homem só, mesmo quando solitário. Para se construir e entender-se, o homem precisa pertencer."

b) O uso do pronome em "se construir" (ℓ.3) e "entender-se" (ℓ.3) mostra que deve ser usado o pronome também em "pertencer" (ℓ.4): pertencer-se.

1 "Essa pertinência vai desde a linguagem, passa pelos grupos e classes sociais e invade as culturas, os saberes e, até mesmo, as idiossincrasias. As sociedades não são essencialmente harmônicas. Elas sempre se estão transformando a partir dos conflitos e das contradições que
5 as fazem mover-se e transformar-se."

c) Na linha 5, preservam-se a coerência dos argumentos e a correção gramatical do texto ao se deslocar o pronome "as" para depois do verbo "fazem" do seguinte modo: fazem as mover-se.

"Não mais direitos que apenas se cristalizam em leis ou códigos, mas que se constituem a partir de conflitos, que traduzem as transformações e os avanços históricos da humanidade."

d) A forma verbal "traduzem" (ℓ.2) está flexionada no plural porque o sujeito da oração, o pronome "que" (ℓ.2) retoma a expressão no plural "leis ou códigos" (ℓ.1).

1 "Não mais direitos que apenas se cristalizam em leis ou códigos, mas que se constituem a partir de conflitos, que traduzem as transformações e os avanços históricos da humanidade. Não se pode mais entendê-los como fruto de uma sociedade abstrata, mas como
5 a expressão coativa de tensões e contradições engendradas pelos embates de interesses e projetos de grupos sociais."

e) Em "entendê-los" (ℓ.4), o pronome substitui o vocábulo "conflitos" (ℓ.2).

1 Promulgada em setembro de 2008, a nova Lei do Estágio ainda provoca dúvidas entre empresários e estudantes. Fruto de um longo debate, seu maior objetivo, segundo o ministro do trabalho, Carlos Lupi, era: "Proporcionar a milhões de jovens estudantes brasileiros
5 os instrumentos que facilitem sua passagem do ambiente escolar para o mundo do trabalho".

39. Na expressão "seu maior objetivo" (ℓ.3), o pronome refere-se a "ministro do trabalho, Carlos Lupi" (ℓ.3-4).

Verbos

"Nos quase 500 anos que durou o processo de plena ocupação e integração do espaço nacional, foi apresentada sempre a construção de uma rede unificada de transportes como a única forma de assegurar a integridade do território."

40. A expressão "que durou" (ℓ.1) indica que o processo de ocupação e integração do espaço nacional está sendo considerado como completo.

"Foi por participar de um ato público, em 1980, que Chico Mendes passou a ser fichado e perseguido pelos militares. Em Rio Branco, o seringueiro fez um discurso exaltado contra a violência no campo provocada pelos fazendeiros."

41. O verbo "participar" (ℓ.1) está empregado, no período, como termo substantivo.

1 "Um cenário polêmico é embasado no desencadeamento de um estrondoso processo de exclusão, diretamente proporcional ao avanço tecnológico, cuja projeção futura indica que a automação do trabalho exigirá cada vez menos trabalhadores implicados tanto na
5 produção propriamente dita quanto no controle da produção."

42. Preserva-se tanto a correção gramatical quanto a coerência textual ao se empregar o infinitivo **desencadear**, com função de substantivo, em lugar do substantivo "desencadeamento" (ℓ.1).

"Nas interrelações pessoais, é inconteste que cada um dá sua própria versão dos fatos e da vida, segundo suas particulares experiências e com base na formação que tenha acumulado ao longo de sua existência."

43. O emprego do modo subjuntivo em "tenha" (ℓ.3) é sintaticamente exigido pela oração subordinada iniciada pelo pronome relativo "que" (ℓ.3).

1 "No que tange à pesquisa, vem sendo publicamente proposto que uma política de ciências, tecnologia e inovação em saúde deva ter como pressupostos essenciais a busca da equidade e a observância de rigorosos princípios bioéticos na pesquisa e na experimentação em
5 geral."

44. O uso do modo subjuntivo em "deva" (ℓ.2) respeita as regras gramaticais, porque esse verbo ocorre em uma oração iniciada pela conjunção "que" (ℓ.1)

"Há a necessidade de que a pesquisa feita na universidade e nos laboratórios seja menos teórica e mais voltada para aplicações práticas", diz Rodríguez. "E o setor privado precisa investir mais em pesquisa e desenvolvimento."

45. As formas verbais 'seja' (ℓ.2) e 'precisa' (ℓ.3) estão flexionadas no modo subjuntivo, porque ambas se referem a uma situação hipotética.

1 "Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata.
5 Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume com seu poder de palavra o seu poder de silêncio."

46. No trecho "Espera que cada um se realize" (ℓ.8), seguindo o padrão dos verbos conviver (ℓ.6) e ter (ℓ.7), o poeta faz uma recomendação ao interlocutor, usando o modo imperativo.

47. As formas verbais "Penetra" (ℓ.1) e "Convive" (ℓ.6) estão no imperativo afirmativo, que, no texto, é o modo da exortação do poeta, que se dirige ao interlocutor empregando o verbo na segunda pessoa; caso o fizesse na terceira pessoa, teria de empregar, nesses versos, as formas **Penetre** e **Conviva**, além das alterações que deveria fazer no restante do poema.

1 "Claro está que não nos referimos ao carrancudo português, que, em meio de uma chusma de folhas metodicamente dispostas, passa os dias sentado, com as pernas cruzadas no ponto de reunião da Rua do Ouvidor com o Largo de S. Francisco, na Brahma, nas portas dos
5 cafés da Avenida, em toda parte.
Queremos falar do pequenino garoto de dez anos, o brasileirito trêfego, ativo, tagarela como uma pega, travesso como um tico-tico. Por aqui, por ali, vai, vem, corre, galopa, atravessa as ruas com uma rapidez de raio, persegue os veículos, desliza entre automóveis como
10 uma sombra. Parece invulnerável."

48. Ao empregar formas verbais na primeira pessoa do plural, como "referimos" (ℓ.1) e "Queremos" (ℓ.6), o autor diminui significativamente a subjetividade do texto e adota posição impessoal em relação ao tema, recurso de linguagem condizente com o tipo textual desenvolvido.

"Se você é médico, ponha de lado aquele seu livrinho com o juramento de Hipócrates e aprenda a traduzir hieróglifos."

49. Na linha 1, a forma verbal "ponha", flexionada no modo imperativo, dirige-se a quem se identifica com o pronome "você", empregado na oração anterior.

"Mais uma vez, o Brasil permanece entalado no que parece ser uma incapacidade crônica de converter sua produção acadêmica em invenções que gerem patentes"

50. No texto, seria incorreto substituir "que gerem" (ℓ.3) por **que possam gerar**.

1 "A Convenção de Palermo recomenda, ainda, que os países agravem as sanções contra a corrupção e estabelece as bases para o confisco, a apreensão e a disposição de bens e ativos financeiros obtidos por meio de atividades criminosas, também aplicáveis aos equipamentos
5 usados nessas atividades."

51. O emprego do modo subjuntivo em "agravem" (ℓ.1) justifica-se por tratar-se de uma afirmação categórica.

"Quando o ritmo de vida se acelerou? Alguns juram que foi a partir de 1995, com a chegada da Internet ao Brasil e sua avalancha de informação. A verdade é que a culpa acabará genericamente atribuída à tecnologia."

52. O uso do futuro do presente em "acabará"(ℓ.3) expressa que a verdade referida ainda não foi comprovada.

"O Brasil não dispunha de uma lei que regulamentasse claramente os direitos e deveres das empresas, das escolas e dos estagiários."

53. Em "O Brasil não dispunha" (ℓ.1), o verbo **dispo**r está no presente.

"Por exemplo, se cada caçador reparte sua presa apenas com a família imediata, é mais provável que a caça se torne fortemente competitiva."

54. A forma verbal "torne" (ℓ.2) está condicionada à estrutura sintática em que ocorre; por isso, sua substituição por **torna** desrespeitaria as regras gramaticais.

"Nos quase 500 anos que durou o processo de plena ocupação e integração do espaço nacional, foi apresentada sempre a construção de uma rede unificada de transportes como a única forma de assegurar a integridade do território."

55. A substituição da locução verbal "foi apresentada" (ℓ.2) por **apresentou-se** prejudica a correção gramatical do período.

1 "Atualmente, o PEFC é composto por 30 membros representantes de programas nacionais de certificação florestal, sendo que 21 deles já foram submetidos a rigoroso processo de avaliação e possuem seu reconhecimento, representando uma área de 127.760.297
5 hectares de florestas certificadas, que produzem milhões de toneladas de madeira certificadas com a marca PEFC."

56. A substituição da expressão "é composto" (ℓ.1) por **compõem-se** mantém a correção gramatical do período.

"Em dezembro de 2004, foi editado o Decreto n. 5.296, que regulamenta a Lei n. 10.048/2000 – que dispõe sobre a prioridade de atendimento às pessoas portadoras de deficiência, idosos, gestantes, lactantes e pessoas acompanhadas por crianças de colo".

57. A substituição de "foi editado" (ℓ.1) por **editou-se** mantém a correção gramatical do período.

"E, no ano passado, cresceu a um ritmo mais intenso do que nos anos anteriores, com ganhos salariais para os 13 trabalhadores. Dados recentes indicam que essa tendência deve se manter."

58. A substituição de "deve se manter" (ℓ.3) por **deve ser mantida** preserva a correção gramatical do período.

"Na lista datada do meio do século XIX a.C., encontram-se produtos farmacêuticos como mel, resinas e alguns metais conhecidos como antibióticos para o tratamento de feridas."

59. Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "encontram-se" (ℓ.1) por outra forma de voz passiva gramatical, tal como **foi encontrado**.

"Foi divulgado um novo ranque de países segundo seu desempenho na inovação científica"

60. No texto, seria incorreto substituir "Foi divulgado" (ℓ.1) por **Divulgaram-se**.

COMENTÁRIOS

Classes Gramaticais Variáveis

1. **ERRADO**. O primeiro "o" não é artigo, mas sim pronome demonstrativo. Observe-se que tal partícula pode ser substituída por **aquilo**, o que resultaria no trecho **aquilo que me encanta.** Já em *"... é o fato de que ele estava, o tempo todo*", temos sim dois artigos definidos masculinos que antecedem os substantivos "fato" e "tempo".

2. **ERRADO**. O artigo, além de particularizar ou generalizar a ideia do substantivo, tem ainda a função de substantivar palavras que originalmente pertençam a outras classes. Observe-se que no período "O amanhã não nos pertence", o termo destacado é, originalmente, um advérbio, mas contextualmente um substantivo, uma vez que foi substantivado pelo artigo. Processo parecido ocorre com o vocábulo "ser", na questão ora resolvida, uma vez que ele deixa de pertencer à classe dos verbos, e contextualmente passa a ser substantivo.

3. **ERRADO**. Todos os termos destacados no trecho "*Trabalhar com metodologia interativa: grupos, seminários, jogos, estudo do meio, experimentação, problematização, temas geradores, projetos e monitoria*" são substantivos que se referem a "metodologias interativas", contextualmente.

4. **CERTO**. Nas expressões "Uma decisão singular" e "a dramática dimensão da crise", os termos destacados são dois adjetivos, que caracterizam contextualmente os substantivos "decisão" e "dimensão".

5. **CERTO**. Na expressão "fazia um calor dos infernos", o termo destacado corresponde, semântica e gramaticalmente ao adjetivo **infernal.** Observe-se que "dos infernos" classifica-se, contextualmente, como locução adjetiva – termo preposicionado que qualifica ou caracteriza substantivos. Vejam-se outros exemplos de locução adjetiva: crise **dos rins** = crise **renal**; amor **de mãe** = amor materno; distúrbio **de comportamento** = distúrbio **comportamental**.

6. **ERRADO**. No contexto, a expressão "da verdade" não é uma locução adjetiva que corresponda semanticamente ao adjetivo **verdadeira**. Observe-se que o autor não deseja qualificar o substantivo "política" e sim dizer que "a verdade" teria uma política. No trecho "mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade", nota-se que o vocábulo "política" teria como sinônimos os substantivos **conceito, ideia**. E em nenhum momento o autor deseja caracterizar esse conceito, essa ideia, essa política, e sim dizer que "a verdade" precisa de um novo conceito, uma nova ideia, uma nova política.

7. **CERTO.** O superlativo, segundo alguns gramáticos, é uma flexão de grau que ocorre geralmente com adjetivos ou com advérbios. No caso dos adjetivos, consiste na intensificação de uma qualidade ou de uma característica geralmente por meio de advérbios e artigos. No trecho "*Foi assim que o mais importante crítico literário do mundo, o norte-americano Harold Bloom, 77, classificou Machado de Assis quando elencou, em Gênio – Os 100 Autores Mais Criativos da História da Literatura (Ed.Objetiva, 2002), os melhores escritores do mundo segundo seus critérios e gosto particular*", as três expressões sublinhadas representam o **superlativo relativo de superioridade**. Note-se que os adjetivos "importante" e "Criativos" são intensificados pelas expressões "o mais" e "os mais", respectivamente. E "melhores" – que qualifica o substantivo "escritores" – representa o superlativo sintético do adjetivo **bons**, uma vez que substitui a expressão **mais bons –** que seria gramaticalmente incorreta.

8. **CERTO.** O adjetivo "positivo" claramente se refere ao substantivo posposto "livro". Está precedido por vírgula porque a oração em que se insere está deslocada de sua posição original. Vale ressaltar que esse adjetivo, contextualmente, exerce a função sintática de predicativo do sujeito.

9. **CERTO.** No trecho "a Universidade perdeu os melhores professores", ocorre, sim, o superlativo relativo de superioridade. Veja-se o comentário da questão 7.

10. **ERRADO.** O vocábulo "Segundo" está empregado, contextualmente, como preposição acidental, e pode ser substituído por **De acordo com**. Observe-se que "segundo" introduz um adjunto adverbial de conformidade. Os adjuntos adverbiais, quando representados por mais de uma

palavra, geralmente são introduzidos por preposições. Logo, o vocábulo **segundo,** que pode ser numeral ou conjunção em outros contextos, classifica-se neste contexto como preposição.

11. **ERRADO.** Tem-se, neste caso, um exemplo de verbos causativos, seguidos de infinitivo. A gramática diz que os verbos deixar, mandar e fazer (e sinônimos) podem apresentar um complemento que funcionará como sujeito de outro verbo posterior. Observe-se que o pronome "me" é complemento da forma verbal "deixa" e sujeito de "experimentar". Se a oração reduzida de infinitivo fosse desenvolvida, ter-se-ia: **Deixa <u>que eu experimente primeiro</u>**. Observe-se que a oração em destaque seria complemento da anterior, porém o pronome "eu" (que corresponde a "me" na oração original) funciona como sujeito de "experimente". Portanto, a afirmação de que o pronome é complemento dos dois verbos está incorreta. Ele é complemento de "Deixa" e sujeito de "experimentar".

12. **ERRADO.** O termo "as", que equivale a **aquelas**, é complemento da forma verbal "aposentar". O complemento de "possuíam" é o pronome relativo "que" – substituto de "verdades".

13. **CERTO.** As duas ocorrências do pronome pessoal "ela" referem-se anaforicamente à expressão "política de comércio exterior do Brasil". Observe-se que anáfora é a referência a termos anteriormente citados.

14. **CERTO.** A regra diz que os pronomes pessoais oblíquos átonos **o, os, a, as** se transformam em **lo, los, la, las,** após verbos ou outros pronomes pessoais átonos terminados em **–R, –S, –Z**. A única ressalva que fazemos a essa questão do Cespe é que o autor afirma que tal mudança ocorre, genericamente, após palavras terminadas em **–s.** Não é verdade que seja após quaisquer palavras terminadas nessa consoante. O pronome deve estar ligado a uma palavra por hífen. No texto, o pronome "os" está ligado à palavra denotativa "eis", que aceita o hífen. Vejam-se outros exemplos:

A vida, Deus <u>no-la</u> concedeu./ Vou dei<u>xá-los</u> em paz .

15. **CERTO.** O pronome oblíquo "lo" refere-se anaforicamente ao substantivo "bem". Lembre-se de que anáfora é a referência a um termo anterior.

16. **ERRADO.** O pronome "lhe" de fato se refere a "homem", entretanto não pode ser substituído por **o**. Este pronome exerce a função sintática de objeto direto; já o pronome "lhe" exerce contextualmente a função de objeto indireto. No trecho *"inventar artefatos que **lhe possibilitem**, por exemplo, **voar** ou **explorar** o mundo subaquático",* a forma verbal "possibilitem" é transitiva direta e indireta. O pronome "lhe" é o objeto indireto; os verbos "voar" e "explorar" funcionam como o objeto direto. Portanto, se substituíssemos "lhe" por **o**, incorreríamos em erro gramatical, uma vez que um verbo VTDI teria dois objetos diretos – o que seria totalmente incorreto.

17. **CERTO.** Os pronomes "se" e "si" foram usados em sua função reflexiva, ou seja, aquela em que o sujeito da oração pratica e recebe a ação. O uso repetitivo observado no período serve, estilisticamente, para reforçar a mensagem reflexiva, promovendo ênfase. Mas a retirada de "se" não causaria erro gramatical, uma vez que seu valor contextual é apenas estilístico (aumento da expressividade).

18. **ERRADO.** A forma verbal "cerca" classifica-se, contextualmente, como transitiva direta. Exige, apenas, objeto direto. Sabe-se que "lhe" funciona como objeto indireto, portanto a substituição de "o" (objeto direto) por **lhe** tornaria o texto incorreto.

19. **CERTO.** O pronome pessoal de tratamento "você" é usado geralmente em referência ao interlocutor de uma mensagem, a pessoa com quem se fala. Modernamente, porém, esse pronome tem sido usado também com valor de "alguém", "qualquer pessoa que...", ou seja, expressando uma ideia de indeterminação, indefinição. É o que se observa no contexto.

20. **CERTO.** A substituição de "do" por **daquilo** pode ser feita contextualmente sem prejuízo gramatical ou semântico. Note-se que "o" na expressão "na raiz d**o** que se pode chamar" não é artigo definido, e sim pronome demonstrativo, tanto que pode ser substituído por **aquilo** (também pronome demonstrativo) sem nenhuma alteração semântica ou erro gramatical.

21. **ERRADO.** Nesta questão, assim como na anterior, tem-se a substituição de um pronome demonstrativo por outro. A questão está errada por dizer que haveria prejuízo gramatical caso ocorresse a substituição de "dos" (preposição + pronome demonstrativo) por **daqueles** (preposição + pro-

nome demonstrativo). Observe-se, mais uma vez, que "os', na expressão "alívio d**os** que", não é artigo (uma vez que não se refere a um substantivo), e sim pronome.

22. **ERRADO.** O pronome isso não retoma apenas parte do parágrafo, mas todo ele, a começar em "para ser democrático".

23. **ERRADO.** O pronome relativo "cujo" estabelece relação sintático-semântica entre "**julgamento** da Comissão de Anistia" e "resultado". Observe que "o resultado" é do "julgamento". Ressalta-se que **cujo** estabelece relação de posse entre dois termos substantivos.

24. **CERTO.** No primeiro caso, o pronome relativo "que" exerce a função sintática de sujeito. No segundo, de adjunto adverbial. Para notar que são funções diferentes, basta observar que um está preposicionado e o outro não. Ressalta-se que o pronome relativo exerce a função sintática que o termo substituído exerceria se estivesse na oração em que o pronome relativo está.

25. **ERRADO.** No primeiro "que" destacado, tem-se um pronome relativo, que exerce a função sintática de sujeito. No segundo e terceiro casos, ocorrem duas conjunções integrantes, que não exercem funções sintáticas propriamente ditas. Servem, apenas, para introduzir orações subordinadas substantivas. Portanto, o item está incorreto.

26. **ERRADO.** Na expressão "com que", há um pronome relativo que substitui a expressão antecedente "liberdade de escolha". Tal pronome pode ser substituído contextualmente pela expressão **com a qual** sem que se incorra em erro gramatical, uma vez que **a qual** é também um pronome relativo e faz referência a um termo feminino. Note-se, ainda, que o uso da preposição "com" decorre da regência do verbo posterior: "contava".

27. **CERTO.** De fato, há prejuízo gramatical. Apesar de ambas as expressões serem classificadas como pronome relativo, **dos quais** não pode substituir "cujos", porque este pronome estabelece relação de posse entre dois termos substantivos – um anterior e outro posterior, o que não ocorre com os outros pronomes relativos (que substituem apenas um termo anterior). Observe-se, também, que "cujos" não está preposicionado e **dos quais** sim.

28. ERRADO. Apesar de "os quais", "cujos" e "que" serem todos pronomes relativos, a substituição do primeiro pelos outros contextualmente não pode ocorrer sem que se incorra em erro gramatical. Observe-se, por exemplo, que o pronome **cujos** estabelece relação de posse entre dois substantivos – um anterior e outro posterior, o que não ocorre com os outros pronomes relativos (que substituem apenas um termo anterior). Portanto, no lugar de "os quais" ou "que" não cabe "cujo" sem que se provoque erro gramatical ou alteração semântica.

29. ERRADO. No texto, "que" é um pronome relativo. Já a partícula **quê** (acentuada) classifica-se ora como substantivo ora como pronome interrogativo. Veja-se: "Meu bem querer tem um **quê** de pecado..." (substantivo); "Eles se foram por **quê**?" (pronome interrogativo).

30. CERTO. O pronome relativo "onde" retoma contextualmente o termo "praças públicas". Observe-se que tal pronome deve fazer referência a lugares – físicos ou imaginários.

31. CERTO. O pronome relativo **cujo** (e suas flexões) estabelece relação de posse entre dois substantivos distintos. Na expressão "área de tecnologia, cujo avanço permanente", o pronome "cujo" estabelece uma relação que pode ser demonstrada claramente pela expressão **o avanço permanente da área de tecnologia.** E a expressão "o farmacoeconomista, cuja função..." equivale semântica e sintaticamente a **função do farmacoeconomista.** A nosso ver, porém, o Cespe não deixou claro a que equivalência se referia. Há uma equivalência sintática e semântica, mas não uma equivalência formal, uma vez que não se podem substituir as expressões destacadas no texto pelas expressões sugeridas.

32. CERTO. No trecho "Cristovam Buarque desenhava um idílico mundo futuro, liberto das soberanias nacionais, em **que** tudo seria de todos...", o pronome relativo destacado exerce a função de adjunto adverbial de lugar, retomando a expressão "mundo futuro" (que indica lugar). O pronome relativo **onde** caberia perfeitamente no lugar da expressão "em que", uma vez que também indica lugar.

33. CERTO. Na expressão "Tivera uma peleteria <u>numa cidade</u> onde fazia um calor dos infernos ...", o termo sublinhado exerce a função de adjunto adverbial de lugar. E o pronome relativo "onde" retoma esse antecedente.

34. **ERRADO.** A questão afirma que a partícula "que" contextualmente é um pronome e exerce a função de sujeito. Isso não é correto. Tal partícula, no contexto, é uma conjunção integrante e introduz uma oração subordinada substantiva que funciona como complemento da forma verbal "disse".

35. **ERRADO.** A gramática diz que o pronome indefinido "todo" tem um sentido se estiver seguido de artigo e outro se não estiver. A espressão **todo o** indica um ser, um lugar inteiro, completo. Já a expressão **todo** significa **qualquer** e dá ideia de vários seres. No trecho "10% da população determinava os destinos de toda a cidade", a expressão sublinhada dá ideia de **a cidade inteira**. Se retirássemos a partícula "a", a ideia passaria a ser **de qualquer cidade, de todas as cidades.**

36. **ERRADO.** No trecho "As variadas respostas indicam **suas dependências** dos pontos de vista adotados", o pronome possessivo "suas" estabelece claramente relação de posse com o substantivo "respostas". O trecho citado equivaleria sintática e semanticamente à seguinte reescritura: *As variadas respostas **dependem** dos pontos de vista adotados*, ou *As variadas respostas **são dependentes** dos pontos de vista adotados*

37. **CERTO.** A partícula "que" é um pronome relativo e retoma "A crise"; "Esse" é um pronome demonstrativo; "Eles" é um pronome pessoal do caso reto.

38. **ALTERNATIVA A.** "As sociedades humanas são complexas e os seus membros se atraem ou se repelem em função de sua pertinência." Observe-se que a partícula "se" no trecho citado classifica-se como pronome reflexivo recíproco. Por já ter sido usada com a forma verbal "atraem" e pela coordenação que existe na expressão "se atraem ou se repelem", a elipse da segunda ocorrência de "se" é correta; tal pronome ficará subentendido.

39. **ERRADO.** O pronome "seu" não faz referência, no contexto, a ministro Carlos Lupi, e sim a "a nova Lei do Estágio".

40. **CERTO.** Na expressão "que durou", a forma verbal foi conjugada no pretérito perfeito do indicativo. Esse tempo verbal indica uma ação concluída. Portanto, é coerente a afirmação da questão.

41. **ERRADO.** No texto, "participar" faz parte de uma oração subordinada adverbial causal. É, portanto, um verbo. Para que a forma verbal "participar" fosse empregada como substantivo, seria necessário que estivesse substantivada, ou seja, antecedida por um artigo ou por um pronome.

42. **CERTO.** Observe-se que no trecho "Um cenário polêmico é embasado **no desencadeamento** de um estrondoso processo de exclusão", o termo destacado poderia ser substituído por **no desencadear**. Neste caso, o verbo "desencadear" estaria antecedido de artigo, o que o torna substantivado, ou seja, com o mesmo valor de um substantivo.

43. **CERTO.** O modo subjuntivo expressa ideia de hipótese, dúvida. A palavra "subjuntivo" vem da mesma raiz de **subordinado**. Pode-se constatar que verbos no subjuntivo normalmente pertencem a orações subordinadas. No contexto, "tenham" está, de fato, no subjuntivo e esse modo verbal é exigido pela oração subordinada adjetiva "que tenha acumulado ao longo de sua existência." Deve-se ressaltar, porém, que nem toda oração subordinada possui verbo no subjuntivo. No período *Os funcionários que não concordaram com a proposta fizeram greve,* a oração introduzida pelo conectivo "que" é subordinada adjetiva. Porém a forma verbal "concordaram" está no modo indicativo. A nosso ver, a banca deveria considerar isso e, em vez de dizer que é a oração subordinada que exige o subjuntivo, dizer que o contexto sintático-semântico (principalmente o semântico) é que sugere o subjuntivo – uma vez que este é o modo que indica hipótese.

44. **CERTO.** O uso do subjuntivo respeita, contextualmente, as regras gramaticais, uma vez que ocorre em uma oração subordinada. Veja-se o comentário da questão anterior, pois, na nossa opinião, a Banca cometeu o mesmo erro.

45. **ERRADO.** Realmente "seja" está no modo subjuntivo, mas "precisa" não. Esta forma verbal representa o presente do indicativo, ou seja, expressa um fato certo, concreto, num tempo atual. Subjuntivo expressa hipótese.

46. **CERTO.** O poema foi construído tendo por base o imperativo. O Imperativo é o modo verbal pelo qual se dá uma ordem, um conselho, uma sugestão ou se faz um pedido a alguém. É incorreto se pensar que esse modo verbal expresse apenas ordem. A questão afirma que "o poeta faz uma recomendação ao interlocutor, usando o modo imperativo", o que é correto.

47. CERTO. Quando nos dirigimos a um interlocutor no singular, podemos utilizar as formas **tu** e **você.** O pronome "você", apesar de ser de 2ª pessoa, deve ser conjugado em terceira pessoa. Se o autor optasse por se dirigir ao interlocutor usando a forma pronominal "você", de fato as substituições sugeridas teriam de ser realizadas. Para entender melhor esse assunto, leia o tópico conjugação de verbos no nosso livro *Português Básico Aplicado ao Texto, p. 96.*

48. ERRADO. É o contrário do que se afirma no texto. Ao usar as formas verbais em primeira pessoa, o autor confere subjetividade ao texto, o que implica um caráter pessoal de comunicação. A objetividade e a impessoalidade adviriam do uso de terceira pessoa. Note-se que impessoalidade é um recurso argumentativo pelo qual o autor não identifica o agente do processo verbal.

49. CERTO. A forma verbal "ponha" está no imperativo afirmativo e realmente se refere ao pronome "você", da oração anterior.

50. ERRADO. Tanto a forma verbal "gerem" quanto "possam gerar" estão conjugadas no tempo presente do modo subjuntivo. A substituição pela locução não causaria prejuízo semântico nem gramatical. A simples substituição, no texto, de uma pela outra mostraria a compatibilidade entre elas, não sendo necessário saber a que tempo elas pertenceriam.

51. ERRADO. O subjuntivo não expressa uma afirmação categórica, concreta. Indica um fato hipotético, possível. No trecho "A Convenção de Palermo **recomenda**, ainda, que os países **agravem** as sanções contra a corrupção...", vê-se claramente que "agravem" é uma possibilidade, além de se notar que "recomenda", apesar de estar no modo indicativo, tem uma aspecto semântico de "sugestão". Logo, não há uma afirmação categórica no contexto.

52. ERRADO. O uso do futuro do presente "acabará" tem, no contexto, um valor estilístico. Nota-se na leitura do trecho que não se refere realmente a algo que vá acontecer no futuro, mas a algo que já aconteceu ou que esteja acontecendo. Observe-se que "acabará" pode, sem prejuízo semântico, ser substituído por **acabou** ou **acaba.** Portanto, o erro da questão está em afirmar que "acabará" indica algo que ainda não foi comprovado.

Modernamente, e comum se usar um tempo verbal para expressar a ideia de outro, como se vê em: *Eu trago o livro amanhã,* em que "trago" equivale a "trarei".

53. ERRADO. A forma verbal "dispunha" está no pretérito imperfeito do indicativo. Pode-se reconhecer esse tempo verbal por suas terminações mais comuns: esta**va,** vend**ia,** ti**nha.**

54. CERTO. Contextualmente, não é possível substituir "torne" (presente do subjuntivo) por **torna** (presente do indicativo). Observe-se que "torne" ocorre numa oração subordinada substantiva e num contexto semântico que expressa dúvida, hipótese: "é **mais provável que** a caça se **torne** fortemente competitiva." Veja-se um exemplo em que a substituição é possível: "A empresa deseja contratar profissionais que *morem(ou moram)* no próprio município." Por que nesse contexto a substituição é coerente? Porque a oração anterior (a empresa deseja contratar profissionais) não expressa ideia de dúvida, hipótese. Então, a subordinada não precisa conter verbo no subjuntivo.

55. ERRADO. Não há prejuízo para a correção gramatical. Ocorre apenas a mudança de voz passiva analítica ("foi apresentada") para voz passiva sintética (apresentou-se). Reconhece-se a estrutura de voz passiva analítica pela presença de verbo **ser + particípio**. Já a voz passiva sintética apresenta **VTD** ou **VTDI + partícula apassivadora** (**se**).

56. ERRADO. A questão está errada apenas pela concordância verbal. Sabe-se que o verbo deve concordar com o sujeito. Se o sujeito estiver, por exemplo, no singular, o verbo deve também ficar no singular. A substituição proposta para o termo destacado no trecho "Atualmente, o PEFC **é composto** por 30 membros" estaria correta se fosse por **compõe-se** (singular) e não **compõem-se** (plural), uma vez que o verbo deve concordar com o sujeito simples "o PEFC".

57. CERTO. Mantém-se a correção gramatical. Ocorre apenas a mudança de voz passiva analítica ("foi editado") para voz passiva sintética (editou-se). Reconhece-se a estrutura de voz passiva analítica pela presença de verbo **ser + particípio**. Já a voz passiva sintética apresenta **VTD** ou **VTDI + partícula apassivadora** (**se**).

58. CERTO. A substituição de "deve se manter" por **deve ser mantida** preserva a correção gramatical. Ocorre, neste caso, a mudança de voz passiva sintética ("deve se manter") para voz passiva analítica ("deve ser mantida"). Reconhece-se a estrutura de voz passiva analítica pela presença de verbo **ser + particípio**. Já a voz passiva sintética apresenta **VTD** ou **VTDI + partícula apassivadora** (**se**).

59. ERRADO. A substituição de "encontram-se" por **foi encontrado** implicaria pelo menos dois erros: 1) a primeira forma verbal está no plural e a segunda no singular – erro de concordância; 2) a primeira forma verbal está no tempo presente e a segunda no tempo pretérito –incoerência entre os tempos verbais. A expressão **são encontrados** seria a substituição correta.

60. CERTO. A questão afirma ser incorreta a substituição de "Foi divulgado" por **Divulgaram-se**. De fato, tal substituição é incorreta. Observe-se que "Foi divulgado" representa a voz passiva analítica e concorda com o sujeito simples "um novo ranque". Se procedêssemos à substituição, a forma verbal "Divulgaram-se" não concordaria com o sujeito. A expressão **Divulgou-se** seria a troca correta.

Classes Gramaticais Invariáveis

Capítulo 2

Preposições

"A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade."

1. No desenvolvimento do texto, provoca erro gramatical ou incoerência textual, a omissão de "em relação" (ℓ.2).

"Com um alto grau de urbanização, o Brasil já apresenta **cerca de** 80% da população nas cidades, mas, como advertem estudiosos do assunto, o país ainda tem muito a aprender sobre crescimento e planejamento urbanos."

2. A substituição de "cerca de" (ℓ.1) por **acerca de** manteria a correção gramatical do período.

"A polícia está pelas ruas, uniformizada ou à paisana, e constantemente faz batidas em lugares que os imigrantes frequentam ou onde trabalham. Foram expedidas **cerca de** 7 mil cartas de expulsão de brasileiros no ano passado."

3. A substituição de "cerca de" (ℓ.3) por **acerca de** mantém a correção gramatical do período.

SINTAGMA

Com um alto grau de urbanização, o Brasil já apresenta cerca de 80% da população nas cidades, mas, como advertem estudiosos do assunto, o país ainda tem **muito a aprender** sobre crescimento e planejamento urbanos.

4. Em "muito a aprender" (ℓ.3), "a" é preposição.

"De imediato, existe o alerta: onde morar em metrópoles? É melhor optar por uma casa ou um apartamento o mais distante possível – **a dois quarteirões**, no mínimo – das ruas e avenidas mais movimentadas."

5. Manteria a correção gramatical e o sentido do texto a inserção de **há dois quarteirões** no lugar de "a dois quarteirões" (ℓ.2-3).

"Seu técnico, Bob Bowman, previu que ele bateria recordes mundiais **dali a 12 anos**, nos Jogos Olímpicos de 2008."

6. Em lugar da expressão "dali a 12 anos" (ℓ.2), estaria igualmente correta a grafia **dali há 12 anos.**

1 Acreditavam, também, que a existência de meios de comunicação viria promover mudanças estruturais na economia brasileira, **ao** permitir o povoamento das áreas de baixa densidade demográfica e, sobretudo, por possibilitar a descoberta e o desenvolvimento de novos
5 recursos que jaziam ocultos no vasto e inexplorado interior da nação.

7. Prejudicaria a correção gramatical do período a substituição de "ao", em "ao permitir" (ℓ.2), pela preposição **por**.

1 "Seja qual for a função ou a combinatória de funções dominantes em um determinado momento de comunicação, postula-se que preexiste a todas elas a função pragmática de ferramenta de atuação sobre o outro, de recurso para fazer o outro ver/conceber o mundo como o
5 emissor/locutor o vê e o concebe, ou para fazer o destinatário tomar atitudes, assumir crenças e eventualmente desejos do locutor."

8. No período sintático "postula-se que (...) desejos do locutor" (ℓ.2-6), as três ocorrências da preposição "de" estabelecem a dependência dos termos que regem para com o termo "função pragmática" (ℓ.3), como mostra o esquema seguinte.

função pragmática:
- de ferramenta
- de atuação sobre o outro
- de recurso para fazer o outro conceber o mundo

Agora que o desastre aconteceu, é importante entender por que ele foi tão grave – afinal, há muitas regiões com o mesmo tipo de risco no país. De todas as medidas já tomadas e dos estudos em curso, algumas conclusões podem ser tiradas sobre o que é preciso fazer:

1) Conter o desmatamento nas cabeceiras dos rios – Em um terreno com vegetação nativa, a água das chuvas leva mais tempo para chegar ao **curso d'água**. As próprias folhas das árvores absorvem parte da chuva e reduzem o impacto das gotas no solo. Além disso, troncos e folhas no chão ajudam a reter a água. O solo, menos compactado,absorve mais água.

9. Na expressão "curso d'água", o apóstrofo marca a elisão da vogal final da preposição.

"Assim, faz-se necessária a realização de um estudo sobre a rede da assistência social no Brasil, com informações sobre os serviços prestados, **de modo a** orientar investimentos estratégicos."

10. O conectivo "de modo a" (ℓ.3) pode ser substituído por **a despeito de** sem que haja alteração no significado original do texto.

1 "Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas**, mediante a** criação de grandes núcleos
5 de povoação estáveis e bem ordenados."

11. A respeito do uso das estruturas linguísticas no texto na linha 4, o autor evita a repetição da preposição **por** ao usar o termo "mediante a", que estabelece relações significativas semelhantes.

1 Até hoje respondíamos à questão QUANDO COMEÇA A VIDA? das mais diversas maneiras, com a despreocupação dos inconsequentes. Isso mudou. "**As pesquisas** com células-tronco embrionárias, que apontam para imensos recursos terapêuticos, exigem um mínimo
5 acordo sobre o momento inicial da vida humana."

12. O período iniciado pela expressão "As pesquisas" (ℓ.3) estabelece, na argumentação do texto, uma razão, um motivo para a ideia da oração anterior; por isso admite ser assim iniciado: **Por causa das pesquisas**.

> "No início do século 19, o filósofo Hegel chegou a dizer que a leitura dos jornais era "a oração matinal do homem moderno".

13. Em "chegou a dizer" (ℓ.1), "a" é preposição exigida pela regência de "chegou".

> "Meu pai era um homem bonito com muitas namoradas, jogava tênis, nadava, nunca pegara uma gripe – até ter um derrame cerebral. Vivia envolvido com "sirigaitas", como minha mãe as chamava, e com fracassos comerciais crônicos."

14. Na linha 1, "com" estabelece uma comparação entre as "namoradas" e o termo 'sirigaitas' (ℓ.2).

> "Egito, Filipinas, Indonésia e Costa do Marfim sofreram ondas de saques em busca de alimentos. Na Tailândia, tropas foram mobilizadas para conter a invasão aos campos de arroz."

15. No trecho "Na Tailândia, tropas foram mobilizadas para conter a invasão aos campos de arroz" (ℓ.2-3), o conector "para" estabelece uma relação de consequência entre as ações verbais das orações.

Conjunções

> "Por ironia, as notícias mais frequentes produzidas pelas pesquisas científicas relatam não a descoberta de novos seres ou fronteiras marinhas, mas a alarmante escalada das agressões impingidas aos oceanos pela ação humana."

16. O termo "mas" (ℓ.3) corresponde a qualquer um dos seguintes: **todavia, entretanto, no entanto, conquanto**.

> "No ano passado, a produção industrial cresceu 6%, enquanto o emprego aumentou 2,2% e o total de horas pagas pela indústria aumentou 1,8%."

17. O termo "enquanto" (ℓ.1) pode, sem prejuízo para a correção gramatical e para as informações originais do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: **ao passo que, na medida que, conquanto**.

1 "Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de
5 crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro."

18. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

"Nunca se falou tanto sobre cidadania, em nossa sociedade, como nos últimos anos. Mas, afinal, o que é cidadania?"

19. Em "como nos últimos anos" (ℓ.1-2), a palavra "como" tem valor conformativo.

"A imagem da metrópole no século XX é a dos arranha-céus e das oportunidades de emprego, mas Planeta Favela leva o leitor para uma viagem ao redor do mundo pela realidade dos cenários de pobreza onde vive a maioria dos habitantes das megacidades do século XXI."

20. A conjunção "mas" (ℓ.2) possui valor semântico aditivo no contexto em que está inserida.

1 "Este é o momento adequado do resgate do professor como sujeito histórico de transformação, porque se está atravessando uma conjuntura paradoxal: nunca se precisou e pediu tanto do professor e nunca se deu tão pouco a ele, do ponto de vista tanto da formação quanto da
5 remuneração e das condições de trabalho."

21. Por ser empregada duas vezes no mesmo período, a palavra "nunca" (ℓ.3) pode ser substituída, nas duas ocorrências, pela conjunção **nem**, sem prejuízo para o sentido do texto.

1 "Este é o momento adequado do resgate do professor como sujeito histórico de transformação, porque se está atravessando uma conjun-

tura paradoxal: nunca se precisou e pediu tanto do professor e nunca se deu tão pouco a ele, do ponto de vista **tanto** da formação **quanto**
5 da remuneração e das condições de trabalho."

22. A combinação "tanto (...) quanto" (ℓ.4) pode ser substituída pela combinação **não só** (...) **mas também**, mantendo-se a ideia de adição de informações.

"Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas."

23. No trecho "mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas" (ℓ.2-3), as conjunções coordenativas "mas" e "embora" expressam valores adversativos.

Advérbios e Palavras Denotativas

BSB, 8/3/2009.

Excelentíssima Senhorita:

1. O abaixo-assinado, aluno compulsivo de cursos preparatórios para concursos públicos, dotado da esperança férrea de se tornar brevemente um eminente funcionário público, vem, mui respeitosamente, por meio desta informar a Vossa Senhoria que se inscreveu para o provimento de vaga no cargo de Analista de Trânsito do DETRAN/DF, e, por esse relevante motivo, suspende por tempo indeterminado o noivado que mantém com a Excelentíssima Senhorita, para se dedicar integralmente ao estudo das matérias constantes do respectivo edtal.
2. Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar, tão logo seja aprovado, minhas funções de noivo junto a Vossa Excelentíssima, haja visto o grande amor que te devoto.
3. Reitero protestos de estima e consideração.

J.A.cabral
JUAREZ ALENCAR CABRAL

24. No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

> "No que tange à pesquisa, vem sendo publicamente proposto que uma política de ciências, tecnologia e inovação em saúde deva ter como pressupostos essenciais a busca da equidade e a observância de rigorosos princípios bioéticos na pesquisa e na experimentação em geral. Também que essa política se estruture principalmente no compromisso do ganho social em todas suas vertentes – saúde, indústria, comércio e cultura científica –, na extensão do conhecimento e na abrangência de todos que se envolvem com a pesquisa em saúde."

25. O desenvolvimento da argumentação do texto permite subentender que a oração iniciada por "Também" (ℓ.5) dá continuidade à ideia do que "vem sendo publicamente proposto" (ℓ.1).

> "A mídia confunde muito o direito do Cidadão com o direito do Consumidor, por isso questiono o aspecto ideológico dessa confusão. (...)
> "Um dos grandes problemas no Brasil, além da impunidade e da corrupção endêmicas, é a má distribuição de renda, situação em que muitos têm pouco e poucos têm muito."

26. Nas orações "A mídia confunde muito o direito do Cidadão com o direito do Consumidor" (ℓ.1-2) e "poucos têm muito" (ℓ.5), a palavra "muito" tem o mesmo valor adverbial.

> "É do direito de acesso que o povo brasileiro necessita e não de leis que garantam a uma minoria (elite brasileira) suas grandes e ricas propriedades."

27. Na oração "É do direito de acesso que o povo brasileiro necessita" (ℓ.1), a expressão "é(...) que" serve para enfatizar aquilo de que o povo brasileiro necessita.

> "Nessa acepção, razão e verdade deixam de ser valores absolutos para se transformarem em valores temporariamente válidos, de acordo com o veredicto dos atores envolvidos na situação, os quais estabelecem consensualmente o processo pelo qual a verdade e a razão podem ser conquistadas em um contexto dado."

28. Mantêm-se a correção gramatical e as relações semânticas responsáveis pela coerência textual caso se desloque, na linha 4, o advérbio "consensualmente" para antes de "estabelecem".

1 "Em virtude disso, dessa discussão sobre a filosofia e o social surgem dois momentos importantes: o primeiro é pensar uma comunidade autoreflexiva e confrontar-se, assim, com as novas formas de ideologia. Mas, por outro lado, a filosofia precisa da sensibilidade para
5 o diferente, senão repetirá apenas as formas do idêntico e, assim, fechará as possibilidades do novo, do espontâneo e do autêntico na história."

29. A expressão "por outro lado" (ℓ.4) explicita a caracterização do segundo dos "dois momentos importantes" (ℓ.2).

1 "Cometi apenas um erro. Não soube ser feliz. Nunca: nem um só dia, nem sequer uma hora. A própria criação, um prazer para os poetas mais sensíveis, foi para mim sempre mais angustiante que redentora. A causa primeira do meu infortúnio, conheço-a agora. Tive sempre
5 medo da vida."

30. Em "Cometi apenas um erro" (ℓ.1) e "Tive sempre medo da vida" (ℓ.4-5), a mudança na ordem dos termos adverbiais para **Apenas cometi um erro** e **Sempre tive medo da vida** mantém inalterado o sentido desses períodos no texto.

COMENTÁRIOS

Classes Gramaticais Invariáveis

1. **ERRADO.** A expressão "em relação a" é uma locução prepositiva – elemento geralmente utilizado para introduzir complementos, assim como a preposição. Porém, no trecho "sempre nos condicionou a reagir depreciativamente **em relação** ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões", se fosse retirada apenas parte da locução (elemento em negrito), não haveria prejuízo gramatical. Observe-se que a contração "ao" (preposição + artigo) introduziria corretamente o complemento do verbo antecedente "reagir".

2. **ERRADO.** Ambas as expressões são locuções prepositivas. Entretanto, expressam relações semânticas diferentes. **Cerca de** dá ideia de quantidade aproximada; **acerca de** equivale a **a respeito de, sobre** e geralmente introduz termos que dão ideia de assunto. Portanto, uma não pode substituir corretamente a outra.

3. **ERRADO.** Veja-se o comentário da questão anterior.

4. **CERTO.** A partícula "a" que antecede a forma verbal "aprender" é invariável; portanto, é uma preposição.

5. **ERRADO.** A preposição "a", na expressão "a dois quarteirões", introduz adjunto adverbial de lugar, expressa ideia de distância. A substituição de "a" pela forma verbal "há" não teria a menor coerência, uma vez que essa forma verbal indica principalmente existência ou tempo decorrido.

6. **ERRADO.** A preposição "a", na expressão "dali a 12 anos", faz parte de um adjunto adverbial de tempo; o uso de tal preposição nessas circunstâncias traduz tempo futuro. A substituição de "a" pela forma verbal "há" não teria a menor coerência, uma vez que essa forma verbal indica principalmente existência ou tempo **decorrido**.

7. **ERRADO.** Não haveria prejuízo gramatical. Observe-se que a substituição de "ao" pela preposição **por** seria coerente, uma vez que introduziria outra causa para a oração *"viria promover mudanças"*, estruturando um paralelismo sintático (semelhança formal entre os itens de uma enumeração) com a expressão "por possibilitar a descoberta e o desenvolvimento de novos recursos".

8. **ERRADO.** O esquema de subordinação apresentado na questão está incorreto. Sabe-se que a preposição subordina um termo a outro. Porém, no trecho "preexiste a todas elas a função pragmática **(1) de ferramenta de atuação sobre o outro**, **(2) de recurso para fazer o outro ver/conceber o mundo como o emissor/locutor o vê e o concebe**, ou para fazer o destinatário tomar atitudes, assumir crenças e eventualmente desejos do locutor", percebe-se que as duas expressões numeradas é que estão subordinadas à expressão "função pragmática". Note-se que o termo "de atuação sobre o outro" não se subordina diretamente à "função pragmática", e sim à "ferramenta".

9. **CERTO.** De fato, na expressão "curso d'água", houve a supressão da vogal da preposição "de". Essa supressão de vogais se chama **elisão** (modificação fonética em que se elimina o final vocálico de uma palavra e que resulta na fusão com uma palavra subsequente). Vejam-se exemplos: **pingo d'água, Ouro Preto d'Oeste, Sant'Ana.**

10. **ERRADO.** Tanto "de modo a" quanto **a despeito de** são locuções prepositivas. Entretanto, introduzem ideias diferentes: a primeira expressa finalidade; a segunda, oposição, concessão (equivale a **embora**). Uma não tem nada a ver com a outra. Portanto, a substituição seria incorreta.

11. **ERRADO.** A preposição acidental **mediante** contextualmente indica o modo pelo qual se conseguiu "assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas". A preposição **por** indicaria outro agente ou outra causa da forma verbal "caracterizou-se", presente na expressão "a colonização espanhola caracterizou-se". Portanto, "mediante" não teria relação nenhuma com "por" (citado no texto) e, por isso, não está evitando a repetição de tal preposição.

12. **ERRADO.** Parte da afirmação da questão está correta. Efetivamente, o trecho iniciado em "As pesquisas" indica uma razão, um motivo para a ideia da oração anterior; entretanto, a expressão **Por causa das pesquisas**

não poderia substituir "As pesquisas", pois geraria uma incongruência, um truncamento sintático – erro gramatical que consiste em cortar partes fundamentais de um período, deixando-o incompleto. Veja-se a expressão modificada: ."**Por causa das pesquisas** com células-tronco embrionárias, que apontam para imensos recursos terapêuticos, **exigem** um mínimo acordo sobre o momento inicial da vida humana." Observe-se que não haveria nenhum nexo entre as orações iniciadas pelas expressões destacadas.

13. **CERTO.** Observe-se que na expressão "chegou a dizer", temos uma locução verbal em que os verbos estão unidos por preposição, como ocorre em *acabou de chegar*, *acabou de dizer*, *estou a pensar*. Normalmente essa preposição é exigida pelo verbo auxiliar.

14. **ERRADO.** A preposição "com" (ℓ.1) não estabelece nenhuma relação de comparação, e sim de posse entre "homem bonito" e "muitas namoradas". A segunda ocorrência da mesma preposição introduz um complemento para a forma verbal "envolvido". Em nenhum momento do texto há comparação entre "namoradas" e "sirigaitas".

15. **ERRADO.** A preposição "para" em "para conter a invasão aos campos de arroz" introduz ideia de finalidade, e não consequência.

16. **ERRADO.** A conjunção "mas" expressa ideia de oposição e classifica-se como conjunção coordenativa adversativa, juntamente com **porém, todavia, entretanto, não obstante, contudo.** Já a conjunção "conquanto" (que equivale a **embora**), apesar de indicar oposição, classifica-se como conjunção subordinativa adverbial concessiva. Ou seja, uma introduz orações coordenadas e a outra introduz orações subordinadas. Logo, uma não pode ser substituída pela outra.

17. **ERRADO.** O conectivo "enquanto" classifica-se como conjunção subordinativa temporal. Outros dois conectivos citados na questão expressam ideia diferentes: **ao passo que (**oposição) e **conquanto** (oposição, concessão). A expressão **na medida que** é inexistente. Portanto, não poderia haver permuta entre elas. Existe **à medida que** (proporção) e **na medida em que** (causa).

18. **ERRADO.** O conectivo "Contudo" não estabelece relação de causa e efeito, e sim de oposição entre uma oração e outra. Equivale às conjunções adversativas **mas, todavia, no entanto, entretanto** e **não obstante.**

19. **ERRADO.** O valor semântico da conjunção "como" no contexto é de comparação, e não de conformidade. Uma das formas mais simples de se perceber isso é se notar que o mesmo verbo da oração principal muitas vezes fica subentendido na oração subordinada comparativa. Veja-se: "Nunca se falou tanto sobre cidadania, em nossa sociedade, como (**se falou**) nos últimos anos."

20. **ERRADO.** O valor da conjunção "mas" contextualmente é o tradicional: adversidade, oposição. Nota-se que há uma contraposição entre "arranha-céus e oportunidades de emprego das metrópoles do século XX" e "pobreza das mega-cidades do século XXI". O conectivo **mas** não teria valor adversativo, e sim aditivo, por exemplo, nas seguintes construções*:"Corri bastante, mas alcancei o ônibus./ Estudei muito, mas obtive bons "resultados".* Observe-se que nesses exemplos o conectivo "mas" poderia ser substituído por **e**, sem prejuízo semântico ou sintático.

21. **ERRADO.** Pela simples leitura, pode-se perceber que a primeira ocorrência do advérbio "nunca" não pode ser substituída pela conjunção aditiva "nem". Isso ocorre porque "nunca" não tem nenhum valor semântico de adição, o que é o caso de **nem.** Simplesmente introduz uma ideia de tempo à oração subsequente; já no segundo caso, à primeira vista parece que a substituição pode ocorrer. Mas aqui há uma questão gramatical: no trecho "e nunca se deu tão pouco a ele" já existe o conectivo de adição "e"; logo, não faz sentido o emprego de dois conectivos que indiquem adição para introduzir a mesma oração.

22. **CERTO.** As expressões "tanto quanto" e "não só mas também" são locuções conjuntivas coordenativas aditivas e se equivalem semântica e sintaticamente.

23. **ERRADO.** O conectivo "mas", de fato, introduz ideia adversativa, ou seja, ideia de oposição. Já o conectivo "embora" introduz ideia de concessão – permissão, exceção, admissão de algo contrário. O erro da questão consiste em usar a palavra "adversativa" para as duas conjunções.

24. **CERTO.** O vocábulo "Outrossim" é um advérbio de acréscimo e significa "igualmente", "ademais", "também". Logo, já que significa "também", o uso concomitante dessas duas expressões constitui uma redundância.

25. CERTO. Observe-se que a expressão "vem sendo publicamente proposto" poderia ser inserida após "na experimentação em geral" (ℓ. 4-5), fazendo-se os devidos ajustes de pontuação e de iniciais maiúsculas. E o advérbio "também" (que expressa ideia de acréscimo) é corretamente empregado com essa finalidade.

26. CERTO. (GABARITO OFICIAL). Discordamos do gabarito da banca. O vocábulo "muito" de fato tem valor adverbial em "A mídia confunde muito". Entretanto em "poucos têm muito", o vocábulo destacado não tem valor adverbial: é um pronome indefinido substantivo, ou seja, aquele que substitui genericamente um substantivo. Observe-se que se fizéssemos tal vocábulo ser acompanhado, por exemplo, do vocábulo **recursos**, ele iria para o plural: **muitos recursos.**

27. CERTO. A expressão "é que" contextualmente classifica-se como palavra expletiva, ou seja, de realce. Observe-se que tal expressão poderia ser retirada sem prejuízo gramatical. O normal é que as duas palavras que formam essa expressão venham juntas, como em **Eu *é que* não vou lá.** Mas pode vir intercalada por outras palavras, como ocorre no texto.

28. CERTO. O deslocamento do advérbio de modo "consensualmente" para antes da forma verbal "estabelecem" não causa prejuízo gramatical nem prejuízo para a coerência textual. Isso pode ser percebido pela simples leitura e pelo conhecimento de que o advérbio é uma das classes que mais têm mobilidade dentro de uma oração. Entretanto, mesmo com tal facilidade de movimento, muitas vezes é o contexto que vai definir se haverá ou não alteração semântica.

29. ERRADO. A expressão "Por outro lado" não explicita, não deixa claro o "segundo momento" esperado no texto. Essa expressão classifica-se como palavra denotativa de continuação e apenas introduz a citação do "segundo momento". Veja-se que tal expressão, por si só, não é capaz de explicitar nada.

30. ERRADO. Em "Cometi apenas um erro", a anteposição do advérbio "apenas" para antes da forma verbal faz com que ele modifique toda a oração e passe a não mais expressar ideia de quantidade juntamente com o numeral "um". Já em "Tive sempre medo da vida" (ℓ.3), a mudança na ordem do termo adverbial **Sempre tive medo da vida** mantém inalterado o sentido da oração.

Regência Verbal e Nominal

Capítulo 3

"A impiedosa lucidez com que eu agora pensava em meu pai encheu-me de horror – não podemos ver as pessoas que amamos como elas realmente são, impunemente."

1. No trecho "A impiedosa lucidez com que eu agora pensava em meu pai encheu-me de horror" (ℓ.1-2), o emprego da preposição "com" é facultativo.

"Um homem do século XVI ou XVII ficaria espantado com as exigências de identidade civil a que nós nos submetemos com naturalidade"

2. O emprego da preposição antes do pronome, em "a que" (ℓ.2), atende à regra gramatical que exige a preposição **a** regendo um dos complementos do verbo **submeter**.

3. Ambas as construções serão tidas como corretas, se figurarem em um expediente oficial: 1.Esses são os recursos de que o Estado dispõe. 2.O Governo insiste que a negociação é importante.

"Por isso, temos de conscientizar-nos de que a superação de conflitos éticos é dinâmica e envolve uma ampla interação de necessidades, obrigações e interesses dos vários envolvidos: o governo, por ser o agente protetor, regulador, financiador e comprador maior; a indústria e os fornecedores, que exercem grande pressão inflacionária para a incorporação de seus produtos ou bens; as instituições e os profissionais de saúde, que pressionam pela atualização da sua capacidade instalada, variedade de oferta de serviços e atualização tecnocientífica."

SINTAGMA

4. Na linha 1, a preposição em "de que" é exigida pelo verbo "conscientizar-nos", por isso sua retirada do texto provocaria erro gramatical.

> "A cultura refinada nunca foi para muita gente. A cultura mais sofisticada e profunda sempre foi um fenômeno restrito em que as barreiras de acesso sempre foram enormes."

5. A organização dos argumentos no texto mostra que o pronome relativo "que" (ℓ.3) é obrigatoriamente regido pela preposição "em", pois a preposição tem a função semântica de atribuir valor locativo ao termo, localizando "as barreiras de acesso" (ℓ.3) no "fenômeno restrito" (ℓ.2).

> "Em relação à etapa de verificação, constatou-se que todas as recomendações propostas, decorrentes da análise do relatório que marcou o início do processo de acompanhamento, foram incorporadas integralmente no relatório final de acompanhamento."

6. Em "No relatório" (ℓ.3), o emprego da preposição **em** está de acordo com a prescrição gramatical, que estabelece para o uso formal da linguagem uma única regência para o termo "incorporado".

> 1 "... para clientes de planos de saúde e para empregados de empresas; o gerente de diversidade, que, em um setor de recursos humanos, é quem tem uma visão mais panorâmica do quadro de empregados, diagnosticando profissionais que faltam às empresas; e o
> 5 farmacoeconomista, cuja função é analisar a viabilidade econômica de um remédio, incluindo-se a demanda existente e a relação custo-benefício."

7. No trecho "diagnosticando profissionais que <u>faltam</u> às empresas" (ℓ.4), o verbo sublinhado rege dois complementos: um direto, representado pelo termo "profissionais", e outro indireto, representado por "às empresas".

> "Fazer ciência implica descobrir, inventar e produzir coisas novas. Antes de o capitalismo se estabelecer como sistema socioeconômico dominante, fazer ciência era uma atividade individual e privada."

8. Na linha 2, segundo as regras da norma culta da língua portuguesa, a preposição "de" não sofre contração com o artigo de "o capitalismo" por que este termo desempenha a função de sujeito da oração subordinada.

"No entanto,observa-se que uma das dificuldades da vida social é a aceitação da diferença."

9. O respeito às regras da norma culta, requisito da redação de documentos oficiais, exigiria que a contração em "das dificuldades" (ℓ.1) fosse desfeita, grafando-se **de as dificuldades**, se o período em que ocorre esse termo constasse de um texto oficial.

"— Temos coisa melhor do que esses tratados, interrompia Stroibus. Trago uma doutrina, que, em pouco, vai dominar o universo; cuido nada menos que em reconstituir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes."

10. O trecho "Temos coisa melhor do que esses tratados" (ℓ.1) admite, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto, a seguinte reescrita: **Temos coisa melhor que esses tratados**.

"Agora, a onda são os produtos com novas funcionalidades para atender a novas necessidades do consumidor."

11. A omissão da preposição "a", em "atender a novas necessidades do consumidor" (ℓ.2), não prejudica a correção gramatical nem o sentido original do texto.

"O conhecimento e a aprendizagem sobre a escala local proporcionados pelas informações estatísticas vêm responder às exigências imediatas de compreensão da heterogeneidade estrutural no Brasil,..."

12. Mantém a correção gramatical do texto a seguinte reescrita do trecho "responder às exigências imediatas" (ℓ.2-3): **responder a exigências imediatas.**

"Até hoje respondíamos à questão QUANDO COMEÇA A VIDA? das mais diversas maneiras, com a despreocupação dos inconsequentes."

13. Na linha 1, a presença do sinal indicativo de crase em "à questão" indica que o verbo **responder**, como está empregado no texto, exige o uso de **ao**, se, mantida a coerência textual, o vocábulo "questão" for substituído por **questionamento**.

14. O verbo chamar, no sentido de convocar, mandar vir, rege complemento sem proposição. Assinale a opção que apresenta um exemplo desse sentido e dessa regência do verbo chamar.

a. O telefone chamava insistentemente.

b. O ímã chama o ferro.

c. O diretor chamou para si toda a responsabilidade.

d. Vá chamá-los para o jantar.

e. Chamava pelo amigo de infância.

15. Assinale a opção em que a regência verbal da frase apresentada está em desacordo com os padrões gramaticais.

a. Assistiu o espetáculo pelo telão, pois estava longe do palco.

b. O fã, extasiado, assistiu ao desfile de carnaval.

c. Rápido, o corpo de bombeiros assistiu o acidentado.

d. Piamente, acreditava em todos.

> "Tais dinâmicas não se reportam apenas ao caráter negativo do poder, de opressão, punição ou repressão, mas também ao seu caráter positivo, de disciplinar, controlar, adestrar, aprimorar."

16. O uso da preposição em "ao caráter" (ℓ.1) deve-se às exigências sintáticas do verbo **reportar**, na acepção usada no texto.

> "Esse conceito pressupõe que todos sejam forçados a viver em casas idênticas, ganhar os mesmos salários, comer as mesmas comidas e acreditar nos mesmos valores?"

17. O desenvolvimento da argumentação permite a inserção da preposição **a** imediatamente antes de "ganhar" (ℓ.2), de "comer" (ℓ.2) e de "acreditar" (ℓ.3), sem se prejudicar a correção gramatical do texto.

> 1 "A crise, que tem levado muitos negócios à bancarrota, provocou efeito oposto para o McDonald's, a maior rede de fast-food do mundo. Números recentes, relativos ao primeiro trimestre deste ano, mostram que as vendas já aumentaram quase 5% nos Estados Unidos
> 5 da América (EUA), onde mais de um terço das 31.000 lojas da rede estão localizadas. Esse ritmo de crescimento é 60% mais veloz que o registrado no mesmo período de 2008, justamente antes da crise."

18. As formas verbais "provocou" (ℓ.1) e "é" (ℓ.6) são verbos de ligação.

19. Acerca da sintaxe do trecho "Os números são semelhantes aos relacionados aos furtos, roubos e ameaças", pode-se afirmar que o vocábulo "são" está empregado como verbo de ligação.

> "A objetividade, portanto, não existe, apenas seu efeito, que é criado por meio de mecanismos linguísticos que dão outros ecos e valores significativos à mensagem."

20. Preservando-se a correção gramatical e a coerência argumentativa do parágrafo, a função que a expressão "mecanismos linguísticos" (ℓ.2) exerce no texto poderia ser marcada apenas pela preposição "por", sem necessidade de se recorrer ao emprego de "por meio de" (ℓ.2).

> 1 "Existem dúvidas se é possível, democraticamente, um controle social e ético sobre os conhecimentos científicos e os avanços tecnológicos em geral. Discute-se também se, do ponto de vista do direito, as questões éticas devem ser objeto de leis ou de normas, ou de ambas.
> 5 Assim como se indaga muito se a sociedade não estaria exercendo um controle social e ético sobre as tecnociências mediante normas (códigos de ética) em detrimento dos poderes legalmente constituídos nos estados democráticos, menosprezando as leis e superestimando os códigos de ética."

21. A inserção da preposição **sobre** antes da oração condicional iniciada por "se é possível" (ℓ.1) manteria a coerência da argumentação do texto, bem como respeitaria as regras gramaticais.

> 1 "Tendo como principal propósito a interligação das distantes e isoladas províncias com vistas à constituição de uma nação-Estado verdadeiramente unificada, esses pioneiros da promoção dos transportes no país explicitavam firmemente a sua crença de que o cresci-
> 5 mento era enormemente inibido pela ausência de um sistema nacional de comunicações e de que o desenvolvimento dos transportes constituía um fator crucial para o alargamento da base econômica do país."

22. A preposição em "de que o desenvolvimento" (ℓ.6) é exigida pela regência da palavra "crença" (ℓ.4).

"A informação atualizada é ferramenta essencial para a formulação e a implementação de políticas públicas, especialmente em áreas em que a prestação de serviços é descentralizada, como é o caso da assistência social."

23. O trecho "para a formulação e a implementação de políticas públicas" (ℓ.1-2) complementa o sentido do adjetivo "essencial" (ℓ.1).

"Muitas coisas nos diferenciam dos outros animais, mas nada é mais marcante do que a nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo segundo nossa qualificação, nossa energia, nossa imaginação".

24. A retirada da preposição em "de transformar" (ℓ.2) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade" (ℓ.2).

"Dada a inexistência de encanamento para fazer a drenagem, tornava-se impossível a distribuição de água nas casas."

25. O segmento "Dada a inexistência de encanamento" (ℓ.1) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: **Devido inexistência de encanamento**.

"Todo indivíduo tem direito à proteção de sua liberdade, de sua integridade física e de outros bens que são necessários para que uma pessoa não seja rebaixada de sua natureza humana."

26. Na linhas 1 e 2, a repetição da preposição "de" antes de "sua liberdade", "sua integridade" e "outros bens" indica que se trata de três expressões que complementam "proteção", e não "direito".

"O fato é que, desde os seus primórdios, as coletividades humanas não apenas pactuaram normas de convivência social, mas também foram corporificando um conjunto de conceitos e princípios orientadores da conduta no que tange ao campo ético-moral."

27. Na linha 4, a preposição **a**, que compõe o termo "ao campo ético-moral", é exigida pelo substantivo "conduta".

"Com um visual colorido e irreverente, os vinte cartazes buscam propagar a ideia **de que** é possível tomar medidas que diminuam as chances de contrair câncer e **de que** a detecção precoce da doença amplia significativamente as chances de cura."

28. As duas ocorrências da preposição "de" em "de que" (ℓ.2-3) mostram o início de orações que complementam o termo "ideia" (ℓ.2).

"O mercado cria inevitavelmente a ideia de que o lucro de um pode ser o prejuízo do outro e que cada um deve defender os próprios interesses."

29. Alteram-se as relações semânticas entre os termos da oração e desrespeitam-se as regras gramaticais de regência ao se inserir a preposição "de" antes de "que cada um" (ℓ.2), escrevendo-se **e de que cada um**.

"Ouvinte atenta dos relatos dos trabalhadores sobre ameaças sofridas por parte de fazendeiros e sobre a situação degradante de sobrevivência a que são submetidos, a entidade apura os fatos e leva as denúncias aos órgãos competentes do Estado para a adoção de medidas."

30. A presença de preposição em "aos órgãos competentes" (ℓ.4) justifica-se pela regência de "denúncias" (ℓ.3).

COMENTÁRIOS

Regência Verbal e Nominal

1. **ERRADO.** No trecho "A impiedosa lucidez com que eu agora pensava em meu pai encheu-me de horror", a preposição "com" não é facultativa. A partícula "que" é um pronome relativo, que introduz uma oração subordinada. Caso se reescrevesse essa oração com o termo que o pronome relativo substitui, ter-se-ia: **Eu agora pensava em meu pai com a impiedosa lucidez.** Sintaticamente, a expressão "a impiedosa lucidez", na oração reescrita, exerce a função de adjunto adverbial de modo. Os adjuntos adverbiais formados por mais de uma palavra são, em regra, introduzidos por preposição. Como o pronome relativo "que" substitui um termo que exerceria a função de adjunto adverbial, deve ser precedido pela preposição que introduziria aquele termo.

2. **CERTO.** No trecho "(...) as exigências de identidade civil a que nós nos submetemos com naturalidade", o pronome relativo "que" substitui o termo "exigências de identidade civil, que, numa oração reescrita, funcionaria como objeto indireto (termo preposicionado). Veja-se: **Nós nos submetemos às exigências de identidade civil.** O pronome relativo exerce a função sintática que o termo substituído exerceria se ali estivesse. Logo, a preposição é uma exigência da forma verbal "submetemos" – que exige um complemento preposicionado.

3. **CERTO.** Ambas as construções são gramaticalmente corretas. Em "Esses são os recursos de que o Estado dispõe", a preposição que antecede o pronome relativo "que" deve-se à regência do verbo **dispor,** no sentido em que é empregado no texto: quem dispõe, dispõe de algo. Na oração 2 – O Governo insiste que a negociação é importante – , a forma verbal "insiste" exige um complemento preposicionado; entretanto, observa-se que toda a oração introduzida pela conjunção integrante "que" funciona como complemento de tal verbo. A regra diz que se uma oração for introduzida por essa conjunção e funcionar como complemento indireto ou complemento nominal, a preposição se torna facultativa – desde que não haja ambiguidade. Portanto, as duas orações estão corretas.

4. **CERTO.** A forma verbal "conscientizar" classifica-se, contextualmente, como VTDI: exige um objeto direto e outro indireto. O Objeto direto é

representado no trecho pelo pronome "nos"; o indireto, pela oração "de que a superação de conflitos éticos é dinâmica...". Nesse período, a preposição não é facultativa, pois sua retirada poderia permitir a interpretação de que o pronome "nos" funcionaria como objeto, ou que poderia haver dois objetos diretos para o mesmo verbo indireto – o que configuraria erro. Veja-se claramente a explicação para o uso opcional da preposição com a conjunção integrante **que:**

> Quando o complemento de um nome ou de um verbo é uma oração subordinada substantiva introduzida pela conjunção integrante **que**, o uso da preposição **é facultativo**, desde que isso não entre em conflito com outras regras ou não cause ambiguidade. Veja-se:

- *Estou certo de que...* ou *Estou certo que...*
- *Preciso de que você me ajude* ou *Preciso que você me ajude.* Observe-se que não houve ambiguidade nem conflito com outras regras.
- *O policial avisou o pedestre de que a via estava interditada.* Observe-se que aqui não seria permitida a retirada da preposição. O verbo **avisar**, contextualmente, é VTDI. Exige, portanto, objeto direto e objeto indireto. Neste último exemplo, se for retirada a preposição, ocorrerá um erro gramatical, já que restarão dois objetos diretos.

5. **CERTO.** No trecho "sempre foi um fenômeno restrito em que as barreiras de acesso sempre foram enormes", o termo destacado é um pronome relativo. Esse termo introduz uma oração subordinada adjetiva e, no contexto, substitui o termo "um fenômeno restrito". Se a oração fosse reescrita, substituindo-se o pronome relativo por seu antecedente, ter-se-ia: **As barreiras de acesso sempre foram enormes nesse fenômeno restrito.** Como afirma a questão, o termo "fenômeno restrito" tem valor locativo – adjunto adverbial de lugar. Os adjuntos adverbiais formados por mais de uma palavra são, em regra, introduzidos por preposição. Como o pronome relativo "que" substitui um termo que exerceria a função de adjunto adverbial, deve ser precedido pela preposição que introduziria aquele termo. Logo, a questão está correta.

6. **ERRADO.** O pronome relativo "que" pode, contextualmente, ser regido pelas preposições **em** ou **a.** O verbo incorporar não tem apenas uma regência: pode ser incorporar **algo em algo** ou incorporar **algo a algo**. A questão está incorreta por afirmar que no uso formal da linguagem há uma única regência para o termo "incorporado".

7. **ERRADO.** A questão afirma que a forma verbal "faltam" rege dois complementos, o que não procede. Há apenas um complemento: "às empresas" (objeto indireto). O termo "profissionais" – indicado como objeto direto – funcionaria, na verdade, como sujeito, substituído pelo pronome relativo "que". Veja-se a oração subordinada reescrita: **Profissionais faltam às empresas.**

8. **CERTO.** No trecho "Antes de o capitalismo se estabelecer", o termo destacado funciona como sujeito do verbo posterior, e ambos fazem parte de uma oração subordinada reduzida de infinitivo. A regra diz que não se pode contrair a preposição com o determinante (artigo ou pronome) do núcleo do sujeito de um verbo no infinitivo (que fará parte de uma oração subordinada). Logo, a questão está correta.

9. **ERRADO.** No trecho "uma das dificuldades da vida social é a aceitação da diferença...", o termo destacado exerce a função de sujeito da forma verbal "é". A questão afirma que deveria haver a separação da contração "das", grafando-se **de as**. Isso não procede. A regra diz que não se pode contrair a preposição com o determinante (artigo ou pronome) do núcleo do sujeito de um verbo no infinitivo (que fará parte de uma oração subordinada). Observe-se que o núcleo do sujeito não está preposicionado: o vocábulo "uma"; em segundo lugar, tal termo não funciona como sujeito de infinitivo. Logo, a questão está incorreta.

10. **CERTO.** A regra diz que em estruturas comparativas tanto faz usar a conjunção "que" ou a locução conjuntiva "do que". Portanto, o item está correto.

11. **CERTO.** A gramática diz que o verbo atender admite duas regências, sem alteração semântica: VTD ou VTI. No texto, está empregado como VTI, com a preposição "a". Se for retirada tal preposição, não haverá prejuízo gramatical nem semântico, uma vez que o verbo passará a ser classificado como VTD.

12. **CERTO.** A forma verbal **responder** normalmente se classifica como VTDI. Contextualmente, porém, é VTI – exige apenas um objeto indireto (responder a algo). A questão afirma que a substituição do termo destacado em "responder **às exigências** imediatas de compreensão da

heterogeneidade estrutural" por **a exigências** não causaria erro gramatical – o que procede. Note-se que o autor não retirou a preposição "a" exigida pelo verbo. Retirou apenas o artigo "as" que determina o substantivo "respostas". Logo, não houve prejuízo gramatical, já que o artigo não é obrigatório. Se a questão perguntasse, porém, se haveria alteração semântica, a resposta seria afirmativa. O artigo confere um caráter semântico de especificação, delimitação; já sua ausência dá ao substantivo um caráter genérico, indefinido.

13. **CERTO.** A forma verbal **responder** normalmente se classifica como VTDI. Contextualmente, porém, é VTI – exige apenas um objeto indireto (responder a algo). A questão afirma que a substituição do termo destacado em "respondíamos à **questão** QUANDO COMEÇA A VIDA?" por **questionamento**, exigiria o uso da contração **ao**, para se preservar a correção gramatical e a coerência textual. Isso é correto. Observe que, neste caso, não poderíamos abrir mão do artigo **o,** uma vez que não há como generalizar ou deixar indefinido o **questionamento.** Observe-se que "a questão" já está delimitada, definida: "QUANDO COMEÇA A VIDA?".

14. **ALTERNATIVA D.** A única oração em que o verbo "chamar" pede complemento sem preposição e tem o sentido de **convocar**, **mandar vir** é "Vamos chamá-los para o jantar." Observe que o termo "para o jantar" não é exigido pelo verbo. É apenas um acréscimo, um adjunto adverbial de finalidade. O complemento de tal verbo é o pronome oblíquo –**lo**. Na oração "O ímã chama o ferro", temos a mesma regência, porém o sentido é outro: **atrair**.

15. **ALTERNATIVA A.** A oração que está em desacordo com a prescrição gramatical é "Assistiu o espetáculo pelo telão...". A regra diz que o verbo **assistir**, no sentido de **ver, presenciar**, é transitivo indireto e exige a preposição **a.** Portanto, o termo "espetáculo" deveria estar antecedido por essa preposição.

16. **CERTO.** O verbo **reportar-se**, assim como **referir-se**, é transitivo indireto e exige complemento antecedido pela preposição **a**. No trecho "Tais dinâmicas não se reportam apenas **ao caráter** negativo do poder", o termo destacado obrigatoriamente vem regido, obrigatoriamente, por preposição, para atender à exigência do verbo.

17. **CERTO.** Observe-se que no trecho "Esse conceito pressupõe que todos sejam forçados **a viver** em casas idênticas, **ganhar** os mesmos salários, **comer** as mesmas comidas e **acreditar** nos mesmos valores?" há uma cadeia de elementos que funcionam como complementos da locução verbal "sejam forçados". Quem é forçado, é forçado **a**... O autor poderia ter usado a preposição "a" antes de cada verbo destacado em negrito, uma vez que fazem parte da enumeração; porém optou pela elipse, como uma estratégia argumentativa e estilística que evita a repetição. Vale salientar que repetição não é erro gramatical. Em alguns casos, pode ser uma falha de estilo, mas não incorreção gramatical.

18. **ERRADO.** Apenas a forma verbal "é" é verbo de ligação. O verbo "provocou" classifica-se, no contexto, como transitivo direto e indireto, uma vez que exige o complemento direto "efeito oposto" e o indireto "para o McDonald's".

19. **CERTO.** No trecho "Os números são semelhantes...", o verbo ser é classificado como de ligação, uma vez que liga o sujeito (os números) ao predicativo do sujeito (semelhantes). São exemplos de verbos de ligação que gramaticalmente poderiam substituir a forma verbal "são": **parecem, continuam, tornam-se, permanecem, estão.**

20. **CERTO.** A expressão "por meio de" é uma locução prepositiva que geralmente introduz adjuntos adverbiais de modo. No contexto, ela poderia ser subtituída apenas pela preposição **por** sem prejuízo gramatical nem semântico, uma vez que o termo "mecanismos linguísticos" expressa ideia de modo e admite tal preposição. Veja-se a oração reescrita: "(...) que é criado **po**r mecanismos linguísticos...".

21. **CERTO.** O substantivo "dúvidas" admite tanto a preposição **de** quanto a preposição **sobre.** Observe-se que o termo introduzido por essas preposições funcionaria sintaticamente como complemento nominal.

22. **CERTO.** Observem-se os termos destacados no texto: "esses pioneiros da promoção dos transportes no país explicitavam firmemente a sua crença **de que** o crescimento era enormemente inibido pela ausência de um sistema nacional de comunicações e **de que** o desenvolvimento dos transportes constituía um fator crucial". O substantivo "crença" exige complemento preposicionado (complemento nominal), regido pelas preposições **em** ou **de**. As duas orações introduzidas por "de que"

(preposição + conjunção integrante) classificam-se como **subordinadas substantivas completivas nominais.** Note-se, também, que imediatamente antes da segunda ocorrência da expressão "de que" há uma conjunção aditiva "e". Essa conjunção está ligando os dois complementos do substantivo "crença".

23. **CERTO.** O adjetivo "essencial", contextualmente, exige complemento preposicionado (complemento nominal), introduzido pelas conjunções "para" ou "a".

24. **ERRADO.** O substantivo "capacidade" é regido pela preposição de (quem tem capacidade, tem capacidade de). Porém, se houver mais de um termo a ser regido pelo substantivo, pode-se usar um recurso estilístico chamado elipse preposicional. Nesse caso, o primeiro termo regido, "de trabalhar", vem preposicionado, e os demais podem vir sem a preposição – preposição implícita. Portanto, a retirada da preposição em "de transformar" não violaria as regras da gramática.

25. **ERRADO.** Na expressão **Devido inexistência de encanamento** faltaria a preposição **a**. Observe-se que contextualmente "Dada" é um verbo que introduz uma oração subordinada reduzida de particípio. Já "Devido", não teria essa função, já que faz parte da locução prepositiva **devido a**. A oração reescrita estaria gramaticalmente correta da seguinte forma: **Devido à inexistência de encanamento.**

26. **CERTO.** No contexto, há uma enumeração de termos introduzidos pela preposição "de" que funcionam como complementos nominais do substantivo "proteção", e não de "direito". Observe-se que "direito", contextualmente, exige complemento precedido da preposição "a": quem tem direito, tem direito **a**. No caso, "proteção" é complemento de "direito".

27. **ERRADO.** No trecho "orientadores da conduta no que tange **ao campo ético-moral**" , observa-se que o termo destacado é complemento da forma verbal "tange" – que significa **referir-se** – e não do substantivo "conduta".

28. **CERTO.** O substantivo "ideia" exige, no contexto, complemento preposicionado (complemento nominal), regido pela preposição **de**. As duas orações introduzidas por "de que" (preposição + conjunção integrante) classificam-se como **subordinadas substantivas completivas nominais.**

Note-se, também, que imediatamente antes da segunda ocorrência da expressão "de que" há uma conjunção aditiva "e". Essa conjunção está ligando os dois complementos do substantivo "ideia".

29. **ERRADO.** A inserção da preposição não causa alteração nas relações semânticas entre os termos da oração nem desrespeito às regras gramaticais de regência do período. Observe-se que, assim como na questão anterior, o substantivo ideia exige complemento nominal. E são duas as orações que exercem essa função: "a ideia **de que o lucro de um pode ser o prejuízo do outro** e **que cada um deve defender os próprios interesses".** O autor fez uma opção estilística de suprimir a preposição que precederia o conectivo oracional da segunda oração, evitando, assim, uma repetição desnecessária. Entretanto, como já se viu anteriormente, repetição não é erro. Logo, poder-se-ia proceder à inserção do conectivo "de" sem prejuízo gramatical ou semântico.

30. **ERRADO.** No trecho "a entidade apura os fatos e leva as denúncias **aos órgãos competentes do Estado** para a adoção de medidas", o termo destacado é complemento da forma verbal "leva", que exige, no contexto, dois complementos: quem leva, leva **algo** (objeto direto) **a alguém** (objeto indireto).

Crase

Capítulo 4

"Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito)."

1. É pela acepção do verbo levar, em "leva a perceber" (ℓ.1), que se justifica o emprego da preposição "a" nesse trecho, de tal modo que, se for empregado o substantivo correspondente a "perceber", **percepção**, a preposição continuará presente e será correto o emprego da crase: **à percepção**.

1 "Mais preocupante, no entanto, é a situação criada pelo relator da ONU para o direito à alimentação, Jean Ziegler, que classificou os biocombustíveis como "um crime contra a humanidade", garantindo que o mundo teria milhões e milhões de novos famintos pela escalada
5 nos preços dos alimentos que seriam usados para fazer funcionar os motores dos automóveis do mundo rico."

2. Em "direito à alimentação" (ℓ.2), o uso de sinal indicativo de crase é um recurso imprescindível para a compreensão do texto.

"Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas."

3. Mantêm-se a coerência de ideias e a correção gramatical do texto ao se empregar o sinal indicativo de crase no "a", em "a internacionalização" (ℓ.1), situação em que esse termo seria empregado como objeto direto preposicionado.

SINTAGMA

"Pode-se dizer, no que concerne à complexidade, que há um pólo empírico e um pólo lógico e que a complexidade aparece quando há simultaneamente dificuldades empíricas e dificuldades lógicas."

4. A retirada do sinal indicativo de crase em "no que concerne à complexidade" (ℓ.1) altera as relações de sentido entre os termos, mas preserva sua correção gramatical.

"Não é o tamanho, em termos de número de habitantes ou da área espacial ocupada, que conta; conta sua funcionalidade em termos das manipulações financeiras, que caracterizam a era da globalização."

5. Atenderia à prescrição gramatical a alteração do segmento "em termos das manipulações financeiras" (ℓ.2-3) para **relativamente as manipulações financeiras.**

1 "o nacional-desenvolvimentismo e sua carga política e ideológica cederam à vontade de abrir a economia e o mercado, de forma irracional e reativa, à onda de globalização e de neoliberalismo que penetrava o país vinda de fora. Ao substituí-lo na presidência, Itamar
5 Franco recuou momentaneamente aos parâmetros anteriores do Estado desenvolvimentista, sem, contudo, bloquear a consciência da necessidade de se prosseguir com as adaptações aos novos tempos."

6. O emprego do sinal indicativo de crase em "à onda" (ℓ.3) justifica-se pela regência de "abrir" (ℓ.2) e pela presença de artigo definido feminino singular.

"Pode-se dar a entender que se viajou, que se conhecem línguas. Uma palavra estrangeira em uma placa ou em uma propaganda pode indicar desejo de ver-se associado a outra cultura e a outro país, por seu prestígio"

7. Pelo fato de "associado" (ℓ.3) exigir que seu complemento seja regido pela preposição **a**, pode ser empregado o sinal indicativo de crase em "a outra cultura".

"Assim como o banco em que trabalha, Hugo se tornou mais ligado às questões ambientais com o passar dos anos."

8. A substituição da expressão "questões ambientais" (ℓ.2) por sinônimos textuais, como, por exemplo**, temas ambientais** ou **problemas ambientais**, preserva a coerência da argumentação e a correção gramatical do texto.

> "E é apostando nessa segunda opção que os verdadeiros democratas insistem em proporcionar informações a todas as pessoas."

9. No termo "a todas as pessoas" (ℓ.2), ao se eliminar o pronome "todas", é necessário eliminar a preposição "a" e colocar sinal indicativo de crase em "as pessoas".

> 1 "O reconhecimento do programa brasileiro significa que as nossas florestas atendem às práticas internacionais de manejo sustentável, são socialmente justas, economicamente viáveis e ambientalmente corretas, o que facilita o aumento das exportações das empresas
> 5 brasileiras, devido à queda de barreiras técnicas."

10. A substituição de "às práticas" (ℓ.2) por **a práticas** prejudica a correção gramatical do período.

11. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a. Isto não interessa à ninguém.

b. Não costumamos comprar roupas à prazo.

c. O estudante se dirigiu à diretoria da escola.

d. Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.

e. Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

> "... Mudado seu modo de pensar, o pesquisador já não concebe aquele tema da mesma forma e, assim, já não é capaz de estabelecer uma relação exatamente igual à do experimento original."

12. Em "à do experimento" (ℓ.3), o sinal indicativo de crase está empregado de forma semelhante ao emprego desse sinal em expressões como **à moda, às vezes**, em que o uso do sinal é fixo.

> "... verdades falsas que, quando se disseminam dentro de um grupo ou comunidade, tendem a hostilizar formas de pensamento e de comportamento que, de alguma forma, não se conformam àquela "verdade".

13. Na linha 3, justifica-se o sinal indicativo de crase em "àquela" pela exigência de iniciar o complemento de "se conformam" com a preposição **a**.

> "No início, Michael não gostava de treinar, mas aos poucos as coisas começaram a mudar. Aos 11 anos, ele resolveu parar de tomar pílulas para controlar a hiperatividade."

14. Se a locução "aos poucos" (ℓ.1) fosse trocada por uma outra com palavra feminina, o emprego da crase seria obrigatório, como em **às pressas as coisas começaram a mudar**.

> "Caiu a última trincheira de resistência contra a ferramenta. O autor de Ensaio sobre a Cegueira e O Evangelho Segundo Jesus Cristo decidiu criar "um espaço para comentários, reflexões, simples opiniões sobre isto ou aquilo, o que vier a talhe de foice".

15. Preserva-se a correção gramatical ao se reescrever a expressão 'a talhe de foice' (ℓ.4) com crase: **à talhe de foice**.

> 1 "Tivera uma peleteria numa cidade onde fazia um calor dos infernos quase o ano inteiro. Claro que foi à falência, mas suas freguesas nunca foram tão bonitas, embora tão poucas. (...). Às vezes, eles discutiam na hora do jantar; na verdade, minha mãe brigava com ele, que ficava
> 5 calado; se ela não parava de brigar, ele se levantava da mesa e saía para a rua."

16. Nas linhas 2 e 3, o emprego do sinal indicativo de crase em "à falência" e "Às vezes" justifica-se pela regência verbal.

> "O capitalismo pode ser definido como a coexistência entre a enorme capacidade de criar, transformar e dominar a natureza, suscitando desejos, ambições e esperanças, e as limitações intrínsecas à sua capacidade de entregar o que prometeu."

17. No trecho "e as limitações intrínsecas à sua capacidade de entregar o que prometeu" (ℓ.3-4), o emprego do sinal indicativo de crase é facultativo.

> 1 "Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para **retornar à minha cidade** e rever a família", relatou.

Quando uma fazenda no município paraense de Piçarras foi fiscalizada em junho deste ano, Copaíba foi localizado pelo Grupo Móvel, resgatado e recebeu de indenização trabalhista mais de R$ 5 mil.

18. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" (ℓ.2) é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

"O nosso planeta azul vive um paradoxo dramático: embora dois terços da superfície da Terra sejam cobertos de água, uma em cada três pessoas não dispõe desse líquido em quantidade suficiente para atender às suas necessidades básicas.
(...)
Calcula-se, ainda, que 30% das maiores bacias hidrográficas perderam mais da metade da cobertura vegetal original, o que levou à redução da quantidade de água.
(...) O restante corresponde à água salgada dos mares (97%) e ao gelo nos pólos e no alto das montanhas."

19. Nos trechos "atender às suas necessidades" (ℓ.3-4), "levou à redução da quantidade de água" (ℓ.6-7) e "O restante corresponde à água salgada dos mares" (ℓ.8), o emprego de crase é obrigatório.

"Passar da condição de devedor à de credor internacional é fato inédito, mas não surpreendente."

20. Antes da expressão "de credor" (ℓ.1), subentende-se a repetição da palavra "condição".

COMENTÁRIOS

Crase

1. **CERTO.** No trecho *"Evidentemente, isso **leva** a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente"*, a forma verbal destacada é, contextualmente, transitiva indireta: exige um complemento antecedido pela preposição **a**. Não há crase, porque o complemento é um verbo. Porém, se esse verbo for substituído pelo substantivo **percepção**, deverá ser empregado o sinal indicativo de crase, uma vez que ocorrerá a fusão da preposição "a" com o artigo definido feminino "a" – que antecederá "percepção".

2. **ERRADO.** Observe-se que a retirada do sinal indicativo de crase em "direito à alimentação" não compromete a compreensão do texto. Note-se, também, que não haveria prejuízo gramatical, uma vez que o substantivo "alimentação" não tem seu sentido restringido por nenhuma adjetivação.

3. **ERRADO.** No trecho *"Como nada ainda deu certo no planeta, **a internacionalização** só será aceitável quando se cumprirem duas premissas",* o termo destacado funciona como sujeito. Como o sujeito não pode ser preposicionado, não pode ocorrer crase. Ao contrário do que afirma a questão, caso inseríssemos o sinal indicativo de crase, o termo não passaria a funcionar como objeto direto preposicionado. Haveria, sim, um truncamento sintático, que prejudicaria totalmente a compreensão do texto.

4. **ERRADO.** (GABARITO OFICIAL). Apesar de esse ser o gabarito divulgado, discordamos da resposta da banca. A nosso ver, a questão está certa. No trecho " (...) no que concerne à complexidade", a retirada do acento grave não provocaria nenhum erro gramatical, mas alteraria o sentido do texto. A gramática diz que a ausência de artigo ou outro determinante confere ao substantivo um caráter genérico, indefinido. Se há crase no contexto, há artigo. Logo, a retirada do acento indicativo de crase provoca a retirada do artigo, já que a preposição não pode ser retirada por ser uma exigência da forma verbal "concerne". Logo, se se retira o artigo, modifica-se também o sentido, apesar de não haver erro gramatical.

5. **ERRADO.** A substituição do trecho destacado em "Não é o tamanho, em termos de número de habitantes ou da área espacial ocupada, que conta; conta sua funcionalidade **em termos das manipulações financeiras**" por **relativamente as manipulações financeiras** não provoca alteração semântica, mas provoca prejuízo gramatical, uma vez que faltaria o acento indicativo de crase. Observe-se que o advérbio "relativamente" exige a preposição "a" e que "manipulações financeiras" está antecedido pelo artigo definido "as". Logo, deveria ocorrer a fusão entre essas duas partículas, marcada pelo acento grave.

6. **CERTO.** Observe-se que, no trecho "(...) **abrir** a economia e o mercado, de forma irracional e reativa, à onda de globalização e de neoliberalismo...", a forma verbal destacada exige dois complementos: quem abre, abre algo para alguém. O termo "a economia e o mercado" funcionam como objeto direto do verbo "abrir" e "à onda de globalização e de neoliberalismo" funciona como objeto indireto do mesmo verbo. Portanto, o verbo "abrir" exige preposição "a" e o substantivo "onda" vem antecedido pelo artigo "a", o que leva à fusão de tais partículas e ao consequente uso do sinal indicativo de crase.

7. **ERRADO.** De fato, o termo "associado" exige a preposição "a", no trecho "(...) desejo de ver-se associado **a outra cultura** e **a outro país**, por seu prestígio". Entretanto, observe-se que os termos destacados formam um paralelismo sintático (semelhança formal entre os elementos de uma enumeração) com ideia indefinida, genérica. O vocábulo "outra" é, contextualmente, um pronome indefinido. Não existe crase antes de pronomes indefinidos, porque tais pronomes não podem ser antecedidos por artigo. A partícula "a" presente nesse trecho classifica-se apenas como preposição.

8. **ERRADO.** Para que a substituição mantivesse a correção gramatical, seria necessário se retirar a contração "às " e inserir "a" ou "aos", uma vez que "temas" e "problemas" são palavras masculinas.

9. **CERTO.** No trecho "insistem em **proporcionar** informações a todas as pessoas", o verbo destacado exige a preposição "a". Caso se retire, como propõe a questão, o pronome indefinido "todas", haverá a fusão entre a preposição "a" e o artigo "as", marcada pelo sinal indicativo de crase.

10. **ERRADO.** Não haveria prejuízo gramatical, e sim alteração semântica. Observe-se que a substituição de "às" (preposição + artigo) por **a** (preposição) não provoca erro de regência. A ausência de artigo apenas confere ao substantivo "práticas" um sentido genérico, indefinido.

11. **ALTERNATIVAS C e D (questão anulada)**. Em "O estudante se dirigiu à diretoria da escola", a forma verbal "dirigiu-se" exige a preposição "a" e o substantivo "diretoria" admite o artigo "a". Logo, ocorre a crase. Na alternativa A, o erro consiste no uso de crase antes de pronomes indefinidos; na alternativa B, foi empregada a crase antes de palavras masculinas; na alternativa D, a crase não está incorreta, já que a gramática afirma ser facultativo o uso de crase após a preposição **até**; na alternativa E, a partícula "a" que antecede o pronome relativo "que" é apenas uma preposição, exigida pela regência de "nos referimos".

12. **ERRADO.** O uso do acento indicativo de crase em "não é capaz de estabelecer uma relação exatamente igual **à do** experimento original" não se assemelha ao uso em "à moda", "às vezes". Trata-se da fusão da preposição exigida pelo adjetivo "igual" com o pronome demonstrativo "a", que substitui o antecedente "relação".

13. **CERTO.** A forma verbal "se conformam", na acepção utilizada no contexto (tomar a forma de, adaptar-se a), exige a preposição "a". A crase, nesse caso, ocorre entre tal preposição e o "a" inicial do pronome demonstrativo "aquela".

14. **CERTO.** A gramática afirma ser obrigatório o sinal indicativo de crase nas locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas formadas por palavras femininas. São exemplos: **à fantasia, à paisana, à vista, às vezes, à proporção que, à espera de.**

15. **ERRADO.** Apesar de a expressão "a talhe de foice" conter uma locução prepositiva (algo que poderia levar à crase), o vocábulo "talhe" (que significa **corte**) é uma palavra masculina. Não ocorre crase antes de termos masculinos.

16. **ERRADO.** Em "Claro que foi à falência", a crase se deve à regência da forma verbal "foi" e ao emprego do artigo definido "a", admitido por "falência". Porém, no termo "Às vezes", o acento indicativo de crase deve-se ao caso fixo: locuções adverbiais formadas por palavras femininas.

17. **CERTO.** A gramática afirma ser facultativo o emprego de crase nos pronomes possessivos adjetivos femininos no singular: minha, tua, sua, nossa e vossa.

18. **CERTO.** Antes de pronomes possessivos (que também são determinantes de substantivos), pode-se ou não utilizar artigos, sem nenhuma alteração semântica. Veja-se: **Conheço a sua família**/ **Conheço sua família**. Por isso, a gramática afirma ser facultativo o emprego de crase nos pronomes possessivos adjetivos femininos no singular: minha, tua, sua, nossa e vossa. Observe-se que se um termo regente não exigir preposição, a crase deixará de ser opcional e passará a ser proibida, como é o caso da oração *Conheço a sua família.*

19. **ERRADO.** O sinal indicativo de crase utilizado em "atender às suas necessidades" não é obrigatório, já que a gramática admite duas regências opcionais para o verbo **atender**: pode ser VTD ou VTI. No texto, foi empregado como VTI. Porém, poderia ser utilizado como VTD, o que dispensaria o uso de preposição. Sem preposição, não haveria crase. Não se deve confundir este caso com o caso facultativo de crase antes de pronomes possessivos femininos, pois tal caso trata apenas de pronomes no singular.

20. **CERTO.** Nota-se claramente que o vocábulo **condição** poderia ser inserido imediatamente após a contração "à". Portanto, tal palavra esta subentedida.

Sintaxe do Período Simples

Capítulo 5

Do sucesso no circuito comunicacional dependem a existência e a felicidade pessoal.

1. No período acima, o sujeito composto – "a existência e a felicidade pessoal" – está posposto ao núcleo do predicado verbal.

"O bom momento que vive a economia nacional estimula suas vendas, mas a indiscutível preferência do consumidor pelo modelo flex tem outras razões."

2. No trecho "O bom momento que vive a economia nacional estimula suas vendas" (ℓ.1), o sujeito das formas verbais "vive" e "estimula" é o mesmo.

1 "Desapareceram os grandes personagens, que foram a verdadeira história da UnB. Restaram apenas mágoas e ressentimentos, medo e desconfiança, um sentimento de desgosto e de tristeza no meio de toda aquela gente se evadindo ou assistindo com pavor à violência
5 e à desmoralização de seus colegas e familiares sem que nada se pudesse fazer."

3. A indeterminação do sujeito é um recurso usado quando o autor não quer ou não pode revelar quem fez determinada ação, como ocorre em: "Desapareceram" (ℓ.1); "Restaram" (ℓ.2).

"Segundo a observação de H. von Stein, ao ouvir a palavra "natureza", o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem."

SINTAGMA

4. Em "o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem" (ℓ.2-3), o núcleo do sujeito está elíptico, na segunda ocorrência do verbo **pensar**.

> "A etapa de avaliação quantitativa e a de avaliação qualitativa dos resultados compõe o próximo capítulo."

5. Para se garantir a coerência e a correção gramatical da frase, deve-se transformar o sujeito, que é composto, em sujeito simples, retirando-se o trecho "a de avaliação" e deixando-se o verbo **compor** como está, no singular.

> "Apenas 1% de toda a água existente no planeta é apropriado para beber ou ser usado na agricultura. O restante corresponde à água salgada dos mares (97%) e ao gelo nos pólos e no alto das montanhas. Administrar essa cota de água doce já desperta preocupação."

6. A oração "Administrar essa cota de água doce" (ℓ.4) exerce função sintática de sujeito.

> "O poluente associado à maior probabilidade de morte dos fetos é o monóxido de carbono (CO), um gás sem cor nem cheiro que resulta da queima incompleta dos combustíveis."

7. O trecho "um gás sem cor nem cheiro que resulta da queima incompleta dos combustíveis" (ℓ.2-3) exerce a função de aposto.

> "Talento só não basta", disse Phelps na entrevista coletiva após a sexta medalha de ouro. "Muito trabalho,muita dedicação, é uma combinação de tudo... Tentar dormir e se recuperar, armar cada sessão de treino da melhor forma possível e acumular muito treino.""

8. No último parágrafo, o sujeito dos verbos "Tentar", "recuperar", "armar" e "acumular" é o pronome "tudo", que funciona como aposto.

> "Mais preocupante, no entanto, é a situação criada pelo relator da ONU para o direito à alimentação, Jean Ziegler, que classificou os biocombustíveis como "um crime contra a humanidade",..."

9. O nome "Jean Ziegler" (ℓ.2) está entre vírgulas por constituir um vocativo.

"Marx, herdeiro e defensor das postulações do Iluminismo, indagou se as relações de produção e as forças produtivas do capitalismo permitiriam, de fato, a realização da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade."

10. O trecho "herdeiro e defensor das postulações do Iluminismo" (ℓ.1) exerce, na oração, a função sintática de vocativo.

"O IRIB e o Colégio Notarial sentem-se orgulhosos de poder contribuir com o desenvolvimento das atividades notariais e registrais do estado."

11. Na linha 1, a palavra "orgulhosos" é um adjetivo que está, no contexto, exercendo a função sintática de predicativo de "IRIB" e "Colégio Notarial", ambos objetos diretos.

"Os números são semelhantes aos relacionados aos furtos, roubos e ameaças

12. No trecho "Os números são semelhantes aos relacionados aos furtos, roubos e ameaças", o termo "números" é predicativo do sujeito.

13. A expressão "Confissões de Allan Poe", no título de um texto, e "construção de Brasília" são estruturas semelhantes sintaticamente, pois são formadas por substantivo abstrato mais preposição **de** seguida de outro substantivo, o qual, no título do texto, desempenha papel de agente – pelo qual se entende que Allan Poe fez uma confissão – e, em construção de Brasília, desempenha papel de paciente.

1 "O fulcro da questão é que ou garantimos os direitos sociais a todos os trabalhadores, em todas as posições na ocupação – assalariados, estatutários, cooperantes, avulsos, terceirizados etc. – ou será cada vez mais difícil garanti-los para uma minoria cada vez menor de
5 trabalhadores que hoje têm o status de empregados regulares."

14. As alternativas expressas entre as linhas 1 e 5 complementam o sentido do sujeito da oração "O fulcro da questão é" (ℓ.1).

1 "Ele só descobre que um bem é fundamental quando deixa de possuí-lo. Preso naquele porão, eu descobria que a liberdade mais impor-

tante que existia era a liberdade de ir e vir, a liberdade de movimento. Eu tinha todas as outras liberdades, preso no porão – de pensar, de xingar meus captores, de ter uma religião (caso quisesse uma), de escolher minhas convicções políticas."

15. A oração "que um bem é fundamental" (ℓ.1) exerce a mesma função sintática que "todas as outras liberdades" (ℓ.4).

"Além das estatísticas, o autor revela as histórias trágicas que os dados frios não mostram, como as crianças abandonadas pelas famílias nas ruas de Kinshasa (Congo), por serem consideradas "feiticeiras", ou a nuvem de gás letal expelida pela fábrica da Union Carbide na Índia, que causou a morte de aproximadamente 22 mil habitantes de barracos nos arredores da unidade da empresa, que não tinham informação sobre os riscos ou opção de morar em outro local."

16. Na linha 1, a expressão "os dados frios" é objeto direto do verbo "mostram".

"Um analista de palavra-chave, por exemplo, tem a única missão de combinar as palavras de um sítio de modo que as ferramentas de busca o situem, sempre, entre os primeiros da lista. Em uma outra frente, surgiram funções relativas a assuntos ambientais, como a do consultor de sustentabilidade, profissional que, entre outras coisas, faz estudos de impacto sobre o ambiente. É algo básico para muitos negócios."

17. Pelos sentidos do texto, depreende-se que, no trecho "de modo que as ferramentas de busca <u>o</u> situem, sempre, entre os primeiros da lista" (ℓ.2-3), o termo sublinhado, que é complemento do verbo **situar**, está empregado em referência a "Um analista de palavra-chave" (ℓ.1).

"Machado pode ser considerado, no contexto histórico em que surgiu, um espanto e um milagre, mas o que me encanta de forma mais particular é o fato de que ele estava, o tempo todo, pregando peças nos leitores e nele mesmo."

18. O pronome 'me' (ℓ.2) funciona como complemento indireto da forma verbal "encanta" (ℓ.2).

1 "O Instituto de Registro Imobiliário do Brasil (IRIB), seção de São Paulo, em parceria com o Colégio Notarial do Brasil, também seção de São Paulo, e com o apoio da Corregedoria-Geral da Justiça de São Paulo, congrega esforços para promover e realizar seminários
5 de direito notarial e registral no estado, visando o aperfeiçoamento técnico de notários e registradores e a reciclagem de prepostos e profissionais que atuam na área."

19. As expressões "em parceria" (ℓ.2) e "com o apoio" (ℓ.3) exercem a função sintática de adjunto adverbial de companhia e, por isso, podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido, por **juntamente**.

"Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio."

20. A expressão "à União Soviética" (ℓ.3) é complemento da forma verbal "ordena" (ℓ.2).

COMENTÁRIOS

Sintaxe do Período Simples

1. **CERTO.** Sabe-se que a ordem direta dos termos da oração é SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO. No trecho *"Do sucesso no circuito comunicacional dependem a existência e a felicidade pessoal"* tem-se COMPLEMENTO (Do sucesso no circuito comunicacional) + VERBO (dependem) + SUJEITO COMPOSTO (a existência e a felicidade pessoal). A oração está, portanto, na ordem inversa: o sujeito está posposto ao predicado.

2. **ERRADO.** O sujeito de "vive" é a expressão posposta "a economia nacional; já o sujeito de "estimula" é a expressão "O bom momento".

3. **ERRADO.** O que a questão afirma acerca do conceito de indeterminação do sujeito é correto. Entretanto, o que afirma sobre as formas verbais "Desapareceram" e "restaram" é incorreto. O sujeito desses verbos não é indeterminado, e sim, respectivamente, os termos "os grandes personagens" e "mágoas e ressentimentos, medo e desconfiança, um sentimento de desgosto e de tristeza". Deve-se observar que a terceira pessoa do plural só indica sujeito indeterminado quando não se fizer referência a nenhum termo anterior ou posterior. Ex.: *Pegaram meu celular./ Quebraram a vitrine daquela loja*.

4. **CERTO.** Percebe-se claramente que o sujeito da segunda ocorrência de "pensa" é o termo "homem", que está subentendido contextualmente.

5. **CERTO.** No trecho "A etapa de avaliação quantitativa e a de avaliação qualitativa dos resultados **compõe** o próximo capítulo", a forma verbal está no singular, o que configura erro gramatical, uma vez que o sujeito é composto. Observe-se que o termo "etapa" está subentendido entre "a de". Para que a frase fique gramaticalmente correta, a mudança sugerida, apesar de não ser a única possível, é eficaz, ou seja, a retirada de "a de avaliação" tornaria o sujeito simples e manteria o verbo no singular.

6. **CERTO.** Observe-se que no trecho **Administrar essa cota de água doce/ já desperta preocupação,** tem-se duas orações, que aqui foram separadas por uma barra. O sujeito da primeira não existe, uma vez que

o verbo está no infinitivo impessoal. O sujeito da segunda é justamente a primeira. Observe-se: O que **já desperta preocupação**? Resposta: ISSO = **Administrar essa cota de água doce.** O termo sublinhado é um pronome interrogativo que serve para identificar o sujeito. Geralmente quando se faz as perguntas Quem? e O quê? antes dos verbos, encontra-se o sujeito. No caso, o sujeito é a outra oração, classificado como sujeito oracional.

7. **CERTO.** O aposto é um termo substantivo de natureza explicativa, que equivale a outro termo substantivo geralmente anterior. Quando explicativo, o aposto é separado do termo a que se refere por vírgula, travessão, dois pontos ou parênteses. Observe-se que a expressão "um gás sem cor nem cheiro que resulta da queima incompleta dos combustíveis" está separada por vírgula e equivale ao termo anterior "monóxido de carbono".

8. **ERRADO.** No trecho "Tentar dormir e se recuperar, armar cada sessão de treino da melhor forma possível e acumular muito treino", os verbos destacados estão no infinitivo impessoal, uma vez que não há um termo a que se refiram. O sujeito não é o pronome "tudo" (este termo é complemento nominal de "combinação"). Alguns gramáticos afirmam que verbos no infinitivo impessoal possuem sujeito indeterminado; outros afirmam que se trata de oração sem sujeito. De qualquer forma, a questão está incorreta por indicar o pronome "tudo" como sujeito.

9. **ERRADO.** Vocativo é um termo utilizado para se fazer um chamamento, uma invocação. Não equivale a um termo anterior nem o explica. O nome "Jean Ziegler", na verdade, é aposto explicativo do termo "relator da ONU para o direito à alimentação". O aposto é um termo substantivo de natureza explicativa, que equivale a outro termo substantivo geralmente anterior. Quando explicativo, o aposto é separado do termo a que se refere por vírgula, travessão, dois pontos ou parênteses.

10. **ERRADO.** Vocativo é um termo utilizado para se fazer um chamamento, uma invocação. Não equivale a um termo anterior nem o explica. O termo "herdeiro e defensor das postulações do Iluminismo", na verdade, é aposto explicativo do nome anterior "Marx". Sabe-se que o aposto é um termo substantivo de natureza explicativa, que equivale a outro termo substantivo geralmente anterior. Quando explicativo, o aposto é separado do termo a que se refere por vírgula, travessão, dois pontos ou parênteses.

11. **ERRADO.** A primeira parte da afirmação está correta. De fato, o adjetivo "orgulhosos" funciona como predicativo do sujeito dos termos "IRIB" e "Colégio Notarial". Observe-se, porém, que estes termos funcionam como sujeito de "sentem-se", e não como objetos diretos. Deve-se observar, ainda, que o predicativo do sujeito é uma característica ou qualidade do sujeito, mas se encontra no predicado.

12. **ERRADO.** Claramente o substantivo "números" funciona como sujeito da forma verbal "são". O predicativo é o termo adjetivo "semelhantes".

13. **CERTO.** Observe-se que tanto em "Confissões de Allan Poe" quanto em "construção de Brasília" tem-se uma estrutura formada por substantivo + preposição + substantivo, sendo que a preposição introduz especificações para os termos anteriores a ela. Quanto ao papel semântico, "Allan Poe" realmente exerce papel de agente: ele que confessa; e "Brasília" exerce papel de paciente, uma vez que ela é construída. Quanto às funções sintáticas, poder-se-ia afirmar que "de Allan Poe" é um adjunto adnominal e "de Brasília" complemento nominal. Porém a estrutura sintática é semelhante (subst. + prep. + subst.).

14. **CERTO.** A expressão "O fulcro da questão" funciona como sujeito da oração "O fulcro da questão é". O predicativo do sujeito é toda a oração que vem após a forma verbal "é", portanto classifica-se como oração subordinada substantiva predicativa. Sabe-se que verbos de ligação não têm sentido próprio, por isso necessitam de um predicativo para lhes complementar o sentido. Portanto, a questão está correta.

15. **CERTO.** No trecho "Ele só descobre <u>que um bem é fundamental</u>", a oração sublinhada exerce a função de objeto direto, completando a forma verbal transitiva direta "descobre" (Veja-se a semelhança com a questão anterior). No trecho "Eu tinha <u>todas as outras liberdades</u>", o termo sublinhado exerce a função de objeto direto, completando a forma verbal transitiva direta "tinha". Portanto, os elementos destacados exercem a mesma função sintática, apesar de o primeiro ser uma oração e o segundo não.

16. **ERRADO.** No trecho "Além das estatísticas, o autor revela as histórias trágicas que os dados frios não mostram...", a expressão "os dados frios" não funciona como objeto direto, e sim como sujeito. Observe-se que o termo que complementa semanticamente a forma verbal "mostram" é a expressão "as histórias trágicas", substituída sintaticamente pelo pronome relativo "que".

17. **ERRADO.** A primeira parte da questão é verdadeira. De fato, em "o situem", o termo sublinhado exerce a função sintática de objeto direto. Entretanto, a referência coesiva foi indicada de maneira incorreta. O pronome destacado não retoma "Um analista de palavra-chave", sujeito da oração, e sim o termo "sítio" (tradução de *site*).

18. **ERRADO.** Observe-se que no trecho "mas o que me encanta de forma mais particular" a forma verbal sublinhada é VTD; exige, portanto, um objeto direto. Logo, o pronome "me" não pode ser objeto indireto contextualmente. Sabe-se que **vos, se, nos, te, me** podem funcionar como objeto direto ou indireto, mas quem define a função deles é o verbo.

19. **ERRADO.** Realmente, a substituição sugerida pela questão não traria prejuízo gramatical nem semântico. Entretanto, a função sintático-semântica das expressões "em parceria" e "com o apoio" foi indicada de maneira incorreta. Na verdade, trata-se de adjuntos adverbiais de modo, e não de companhia. Veja-se que os vocábulos derivados terminados em **mente** são, em termos gerais, advérbios de modo. O termo **juntamente** é um deles. O fato de as expressões "em parceria" e "com o apoio" poderem ser substituídas por um advérbio de modo é um indicativo de que exercem a mesma função.

20. **ERRADO.** A expressão "à União Soviética" é, na verdade, complemento nominal do substantivo "bombardeio". Observe-se que a forma verbal "ordena" até poderia ser VTDI, exigindo dois complementos. Porém, contextualmente, o termo que representa semanticamente **o destinatário da ordem** não é "à União Soviética", e sim, implicitamente, um subordinado do oficial que ordena o bombardeio.

Sintaxe do Período Composto

Capítulo 6

1 "Há, porém, outras mais graves, que se instalam lentamente no organismo, como o aumento da pressão arterial e a ocorrência de paradas cardíacas. Estas podem passar despercebidas, já que nem sempre apresentam uma relação tão clara e direta com o fator ambiental. De
5 imediato, existe o alerta: onde morar em metrópoles?"

1. A locução "já que" (ℓ.3) estabelece uma reação de comparação no período.

"Apesar de pequena, a função do INMETRO é fundamental, já que a instituição está contribuindo para a promoção da igualdade social."

2. A substituição de "Apesar de" (ℓ.1) por **Embora** prejudica a correção gramatical do período.

"Eles, porém, recusaram tudo, com simplicidade, dizendo que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente.Tão nobre resposta encheu de admiração tanto aos sábios como aos principais e à mesma plebe."

3. No trecho "Tão nobre resposta encheu de admiração tanto aos sábios como aos principais e à mesma plebe" (ℓ.2-4), a substituição de "como" por **quanto** mantém a correção gramatical do texto.

"O resultado obtido no estudo, publicado na revista **PNAS**, mostra que a falta de comida, nos primeiros meses de gestação, altera o material genético dos filhos. Nenhum deles, porém, nasceu abaixo do peso ou com algum problema evidente de saúde."

SINTAGMA

4. No trecho "Nenhum deles, porém, nasceu abaixo do peso ou com algum problema evidente de saúde" (ℓ.3-4), a conjunção adversativa pode, sem prejuízo para o sentido original do texto, ser substituída por **contudo**, **todavia** ou **no entanto**.

> "Por ironia, as notícias mais frequentes produzidas pelas pesquisas científicas relatam não a descoberta de novos seres ou fronteiras marinhas, mas a alarmante escalada das agressões impingidas aos oceanos pela ação humana."

5. O termo "mas" (ℓ.3) corresponde a qualquer um dos seguintes: **todavia, entretanto, no entanto, conquanto**.

> "O processo de acompanhamento foi estruturado em dois estágios interdependentes entre si: as ações desenvolvidas pela Agência, enquanto parte avaliada, e as ações sob responsabilidade do avaliador do processo a Comissão de Acompanhamento e Avaliação."

6. No trecho "enquanto parte avaliada" (ℓ.3), o emprego de "enquanto" contraria recomendações de alguns gramáticos relativas ao uso da norma padrão da língua portuguesa em contextos escritos formais.

> "A despeito da desaceleração econômica nas nações ricas, as cotações das commodities agrícolas, minerais e energéticas persistem em ascensão. Segundo o FMI, os preços dos alimentos subiram 48% do final de 2006 ao início de 2008."

7. A expressão "A despeito da" (ℓ.1) pode, sem prejuízo para a correção gramatical e as informações originais do período, ser substituída por qualquer uma das seguintes: **Apesar da, Embora haja, Não obstante a**.

> "As pessoas não nascem iguais. Elas possuem habilidades e talentos próprios. O principal papel de um governo não é ir contra essa realidade e forçar algo que não existe nem existirá."

8. O desenvolvimento das ideias no texto permite a inserção, na linha 1, de conectivo de valor explicativo entre as orações, da seguinte forma: **iguais, pois elas possuem**.

"De tão habituados a viver em relação com os demais, poucas vezes percebemos ou constatamos sua importância ou sua influência em nossos comportamentos ou em nossas decisões. A vida humana é grupal."

9. Em "De tão habituados" (ℓ.1), a preposição "De" introduz oração de valor causal que, entre outras estruturas, corresponde a **Porque estamos tão habituados** ou a **Por estarmos tão habituados**.

"Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela, saía maltratado, repelido."

10. Em "Cada vez que eu tentava reconciliar-me com ela" (ℓ.1), a expressão "Cada vez que" pode ser substituída por **À medida que**, sem alteração de sentido.

"Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios."

11. Com o deslocamento da conjunção "pois" para o início da oração "Escrevi, pois, toda a minha vida poemas, narrativas, contos, tratados, ensaios" (ℓ.1), com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, preserva-se o sentido original do período.

"Porém, mal experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição dos meus pavores, logo outras alucinações, outros pesadelos, outras bizarrias macabras e fúnebres assaltavam sem trégua a minha pobre alma acabrunhada."

12. Em "Porém, mal experimentava a ilusão (...) a minha pobre alma acabrunhada" (ℓ.1-4), o termo "mal" é empregado com sentido temporal.

"A lenda urbana surge com a oportunidade do inusitado, do espetacular, do fantasioso. É o momento em que se pode romper com a realidade e crer que existe algo além do que se conhece."

13. Preservam-se a correção gramatical do texto e a coerência entre os argumentos ao se ligar o segundo período sintático do texto ao primeiro por uma conjunção, da seguinte forma: (...) **do fantasioso, posto que é o momento (...).**

"Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

14. O trecho "Tem paciência, se obscuros" constitui um período simples, uma oração absoluta.

"O vendedor de jornais é o tipo mais despreocupado e alegre do mundo.
Tem uma alma de pássaro.
Claro está que não nos referimos ao carrancudo português, que, em meio de uma chusma de folhas metodicamente dispostas, passa os dias sentado, com as pernas cruzadas no ponto de reunião da Rua do Ouvidor com o Largo de S. Francisco, na Brahma, nas portas dos cafés da Avenida, em toda parte."

15. Os dois primeiros períodos do texto são formados, respectivamente, por uma oração absoluta e uma frase nominal, e o terceiro período é constituído por período composto por coordenação e subordinação.

"Seu físico é naturalmente perfeito para a natação. O corpo lembra a forma de um peixe. Tem articulações flexíveis e enormes mãos que parecem pás. Ter nascido no país com a melhor estrutura para detecção e lapidação de talentos esportivos também ajudou – uma vez bem-sucedido em competições escolares, Phelps seguiu naturalmente o caminho que o levou à equipe olímpica norte americana."

16. São exemplos de orações coordenadas adversativas as duas orações da seguinte passagem do texto: "Seu físico é naturalmente perfeito para a natação. O corpo lembra a forma de um peixe" (ℓ.1-2).

"Todos os Estados promoverão a cooperação internacional com o objetivo de garantir que os resultados do progresso científico e tecnológico sejam usados para o fortalecimento da paz e da segurança internacionais, a liberdade e a independência, assim como para atingir o desenvolvimento econômico e social dos povos e tornar efetivos os direitos e liberdades humanas de acordo com a Carta das Nações Unidas."

17. Por causa das ocorrências da conjunção "e" no mesmo período sintático, o conectivo "assim como" (ℓ.4) tem a dupla função de marcar a relação de adição entre as orações e deixar clara a hierarquia das relações semânticas.

"V – Dar liberdade ao aluno para escolher o momento para ser avaliado
VI – Desenvolver em aula a responsabilidade coletiva pela aprendizagem e disciplina"

18. As propostas apresentadas tanto em V quanto em VI estão formuladas como períodos compostos por subordinação.

"Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil."

19. As orações que precedem a forma verbal "é" (ℓ.3) constituem o sujeito que leva esse verbo para o singular.

"A consequência imediata desse processo é que o produto do IGF2 pode servir de combustível para o desenvolvimento de tumores no futuro."

20. No período "A consequência (...) tumores no futuro" (ℓ.1-3), o trecho "que o produto do IGF2 pode servir de combustível para o desenvolvimento de tumores no futuro" exerce a função sintática de sujeito.

"XII – Solicitar a colaboração dos aprendizes na elaboração de questões"

21. Transformando-se em período composto a sugestão XII – "Solicitar a colaboração dos aprendizes na elaboração de questões" –, tem-se: **Solicitar aos aprendizes que colaborem na elaboração de questões**.

1 "Era à porta de uma igreja. Eu esperava que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta, para conduzi-las à nossa casa, onde estavam hospedadas. Tinham vindo de Sapucaia, pelo Carnaval, e demoraram-se dois meses na corte. Era eu que as acompanhava
5 a toda a parte, missas, teatros, rua do Ouvidor, porque minha mãe, com o seu reumático, mal podia mover-se dentro de casa, e elas não sabiam andar sós."

22. No texto, as orações "que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta" (ℓ.1-2) e "que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros, rua do Ouvidor" (ℓ.4-5) exercem a mesma função sintática e, por isso, têm a mesma classificação.

"IX – Fazer contrato de trabalho com os alunos
X – Garantir clima de respeito em sala de aula"

23. Juntando-se as sugestões IX e X em uma única oração, estará sintaticamente correta e preservará o sentido original do texto a seguinte sugestão: **Fazer contrato com os alunos com cujo clima de respeito em sala de aula estará garantido o trabalho.**

"No fim, tinha um pequeno armarinho – sempre tivera lojas que fossem frequentadas principalmente por mulheres – na rua Senhor dos Passos."

24. Nas linhas 1 e 2, a oração adjetiva "que fossem frequentadas principalmente por mulheres" apresenta valor explicativo.

1 "Os poluentes emitidos pelo motor de automóveis, ônibus e caminhões geralmente se espalham por um raio de até 150 metros a partir do ponto em que são lançados e transformam as grandes avenidas em imensas chaminés que despejam sobre a cidade toneladas de partículas
5 e gases tóxicos."

25. A oração "que despejam sobre a cidade toneladas de partículas e gases tóxicos" (ℓ.4-5) restringe o sentido da palavra "chaminés" (ℓ.4).

1 "O caso de Chico Mendes foi relatado pela conselheira Sueli Bellato. Emocionada, ela disse ter lido muito sobre o seringueiro morto para, então, encadear os argumentos que a fizeram acatar o pedido de reconhecimento e indenização interposto por Izalmar Mendes. Chico
5 Mendes foi vereador em Xapuri, onde nasceu, e se firmou como crítico de projetos governamentais de graves consequências ambientais, como a construção de estradas na região amazônica."

26. O termo "onde" (ℓ.5) introduz oração adjetiva de sentido explicativo.

"Minha mãe costumava aparecer na loja, para ver se alguma sirigaita andava por lá."

27. No trecho "Minha mãe costumava aparecer na loja, para ver se alguma sirigaita andava por lá" (ℓ.1), a oração iniciada pela preposição "para" expressa finalidade.

"O INMETRO tem realizado estudos aprofundados que visam diagnosticar a realidade do país e encontrar melhores soluções técnicas para que o Programa de Acessibilidade para Transportes Coletivos e de Passageiros seja eficaz."

28. O termo "para que" (ℓ.3) estabelece uma relação de finalidade entre orações do período.

"... Mesmo que não possamos olhar de um curso único para a história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis."

29. Preservam-se as relações entre os argumentos do texto caso se empregue em lugar de "que não possamos" (ℓ.1), uma oração correspondente com o gerúndio: **não podendo**.

"Todo indivíduo tem direito à proteção de sua liberdade, de sua integridade física e de outros bens que são necessários para que uma pessoa não seja rebaixada de sua natureza humana."

30. Mantém-se o texto coerente e gramaticalmente correto ao se substituir "que uma pessoa não seja" (ℓ.2-3) por **uma pessoa não ser**.

COMENTÁRIOS

Sintaxe do Período Composto

1. **ERRADO.** A locução "já que" equivale a **uma vez que, visto que, pois** e **porque.** Dessa forma, possui valor **causal** e não comparativo. São exemplos de conjunções comparativas: que, do que, quanto mais, quanto menos.

2. **ERRADO.** Tanto a locução prepositiva "Apesar de" quanto a conjunção **Embora** expressam ideia de concessão, ou seja, oposição e exceção. Observe-se que a reescritura "**Embora** pequena, a função do INMETRO é fundamental" expressaria a mesma ideia e não apresentaria erro gramatical. Deve-se observar, porém, que nem sempre é possível substituir uma locução prepositiva por uma conjunção, mesmo que expressem a mesma ideia. Veja-se: **Apesar de termos trabalhado muito, não estamos cansados.** Observe-se que neste contexto não seria possível substituir "Apesar de" por **Embora**.

3. **CERTO.** Existem as locuções conjuntivas **tanto quanto** e **tanto como**, que expressam a mesma ideia e introduzem contextualmente o mesmo tipo de oração: oração coordenada sindética aditiva.

4. **CERTO.** No trecho "Nenhum deles, porém, nasceu abaixo do peso ou com algum problema evidente de saúde", o termo destacado é, de fato, uma conjunção coordenativa adversativa, que introduz ideia de oposição. Os conectivos **contudo**, **todavia** ou **no entanto** também são adversativos, além de **mas, entretanto** e **não obstante.** A título de informação (a questão não exige isso), observe-se que o único conectivo que, apesar de expressar a mesma ideia, não poderia substituir "porém", contextualmente, é **mas.** O conectivo "porém" está deslocado de sua posição natural (início de uma oração), fato que pode ser observado pelo uso das vírgulas; já o conectivo **mas** não pode ser deslocado.

5. **ERRADO.** O conectivo "mas" é, de fato, uma conjunção coordenativa adversativa, que introduz ideia de oposição. Os conectivos **todavia, entretanto** e **no entanto** também são adversativos, porém **conquanto** é uma

conjunção subordinativa concessiva. A ideia de oposição está presente tanto nas conjunções adversativas quanto nas concessivas, entretanto uma não pode ser permutada pela outra por uma razão sintática: as adversativas introduzem orações independentes (coordenadas) e as concessivas introduzem orações dependentes (subordinadas).

6. **CERTO.** Gramaticalmente, o conectivo **enquanto** deve introduzir orações com ideia de tempo, como no exemplo: **Enquanto caminhávamos, conversávamos.** Note-se que no contexto em que foi empregado, essa conjunção não introduz ideia de tempo. Isso é condenado pela gramática normativa. O conectivo correto a ser utilizado em tal situação seria **como**.

7. **CERTO.** Observe-se que, no trecho "**A despeito da** desaceleração econômica nas nações ricas, as cotações das *commodities* agrícolas, minerais e energéticas persistem em ascensão", o termo destacado é uma locução prepositiva que introduz ideia de concessão (oposição, exceção). As expressões **Apesar da, Embora haja, Não obstante a** poderiam perfeitamente substituir aquela expressão, uma vez que também expressam ideia concessiva. Observe-se que ao se usar **Embora,** foi necessária contextualmente a utilização da forma verbal **haja,** para que não houvesse truncamento sintático. Não se pode generalizar o uso dessas expressões. Veja-se que na questão 2, deste capítulo, pode-se permutar "apesar de" por "embora", sem necessidade de se utilizar um verbo. Já na questão ora analisada, contextualmente a forma verbal é necessária. Como se diz, "cada caso é um caso".

8. **CERTO.** A inserção do conectivo de valor explicativo "pois" não causaria prejuízo gramatical ou semântico. Note-se que no trecho "As pessoas não nascem iguais. Elas possuem habilidades e talentos próprios", o segundo período pode perfeitamente ser uma explicação ou causa do primeiro. Logo, a inserção não causaria problema algum.

9. **CERTO.** Observe-se que a preposição "De", em si mesma, não expressa ideia de causa. Ela introduz uma oração subordinada que indica causa. Deve-se ter cuidado para não se dar uma interpretação errada à questão. Em nenhum momento se diz que a preposição indica causa, nem que pode substituir uma conjunção causal. Outrossim, deve-se ter em mente que

quando uma oração subordinada é introduzida por conjunção, será classificada como desenvolvida (ex.: **Porque estamos tão habituados...).** Quando não possuir conjunção ou pronome relativo, será denominada reduzida (ex.: **Por estarmos tão habituados...).** Observe-se, ainda, que as três orações citadas possuem equivalência semântica: a) "De tão habituados a viver em relação com os demais..."; b) **Porque estamos tão habituados...;** c) **Por estarmos tão habituados...**

10. **ERRADO.** A expressão "Cada vez que" introduz orações com ideia temporal; já a expressão "à medida que" introduz ideia de proporção, e não de tempo. Gramaticalmente, seria possível substituir uma pela outra sem que se causasse erro gramatical. Entretanto, haveria alteração semântica.

11. **ERRADO.** O conectivo "pois" tem, contextualmente, valor conclusivo. Observe-se que ele poderia facilmente ser substituído por **portanto**, sem que se ferissem as regras gramaticais e os sentidos textuais. Entretanto, o deslocamento de tal conjunção para o início do período, como proposto pela questão, alteraria as relações semânticas: o conectivo deixaria de ter valor conclusivo e passaria a ter valor explicativo, equivalendo a **porque**. A regra diz que se o conectivo **pois** estiver deslocado (intercalado ou no final do período), terá valor conclusivo; na posição normal (início de oração), terá valor explicativo.

12. **CERTO.** A palavra **mal** pode ter as seguintes classificações: a) substantivo: **O mal não triunfará**; b) advérbio de modo: **Ele não canta mal**; c) conjunção temporal: **Mal o chefe saiu, os funcionários pararam de trabalhar.** No contexto, de fato a palavra "mal" tem valor temporal. Note-se que o período poderia assim ser reescrito: "Porém, **ainda** não experimentava a ilusão de pela poesia ter exorcizado a perseguição...".

13. **ERRADO.** O conectivo **posto que**, segundo a gramática, possui valor concessivo e pode ser substituído por **embora**, que tem o mesmo valor. Modernamente, tal conectivo tem sido utilizado com valor causal (porque, já que), entretanto tal uso não encontra respaldo nos gramáticos tradicionais. Portanto, não seria possível fazer a substituição proposta pela questão. A substituição prejudicaria a coerência (lógica) entre os argumentos e a correção gramatical, uma vez que **posto que** exigiria verbo no subjuntivo.

14. **ERRADO.** Observando-se o contexto, percebe-se que há um verbo subentendido: Tem paciência, se *estiverem* obscuros. *Tenha* Calma, se te provocam. Portanto, não há período simples, e sim composto. O trecho "Tem paciência, se *estiverem* obscuros" será assim analisado: 1ª oração = principal; 2ª oração = subordinada adverbial condicional.

15. **ERRADO.** O primeiro período realmente é uma oração absoluta, ou seja, um período simples. Já o segundo período não é uma frase nominal, como afirma a questão, e sim um período simples também. Frases nominais são enunciados que não contêm verbos.

16. **ERRADO.** Em primeiro lugar, porque não há duas orações no trecho citado, e sim dois períodos. Observe-se que cada uma das orações começa por letra maiúscula e termina por ponto – o que caracteriza os limites de um período. Em segundo lugar, porque não há ideia adversativa entre os períodos. Portanto, temos apenas dois períodos sintaticamente coordenados.

17. **CERTO.** A gramática afirma que as conjunções podem ligar termos ou orações. A conjunção aditiva "e", no período, ocorre várias vezes na ligação de termos: "progresso científico **e** tecnológico", "da paz **e** da segurança internacionais", "a liberdade **e** a independência", "o desenvolvimento econômico **e** social dos povos", "os direitos **e** liberdades humanas". Se essa mesma conjunção fosse utilizada no trecho para ligar orações, tais orações não teriam destaque dentro do período, ou seja, perderiam expressividade, apesar de o uso estar correto. Logo, a conjunção "assim como" – que também é aditiva – serve ao período tanto para unir orações como para marcar a hierarquia das ideias, uma vez que a adição por ela expressa é mais importante que a adição entre os termos do período.

18. **ERRADO.** Apenas no trecho "Dar liberdade ao aluno para escolher o momento para ser avaliado" existe um período composto por subordinação. A oração introduzida por "Dar" é classificada como principal e aquela iniciada por "para" se classifica como oração subordinada adverbial de finalidade. No trecho "Desenvolver em aula a responsabilidade coletiva pela aprendizagem e disciplina", tem-se apenas uma oração – período simples –, uma vez que há apenas um verbo.

19. **CERTO.** A gramática afirma que se o sujeito de um verbo for outra oração (sujeito oracional), o verbo da oração principal deverá ficar no singular, mesmo que o sujeito oracional seja composto por várias orações. É o que acontece no período. Observe-se que o núcleo do sujeito é a forma verbal "Aceitar", seguida por várias orações introduzidas pela conjunção integrante "que". Estas orações funcionam como objeto direto oracional do verbo "Aceitar". Veja-se que poderia ocorrer a seguinte síntese do período: **Aceitar isso, isso e isso é muito difícil.** O termo **isso** estaria substituindo as orações que complementam a forma verbal "Aceitar", que por sua vez funciona como sujeito da forma verbal "é".

20. **ERRADO.** Observe-se que a oração introduzida pela conjunção integrante "que" complementa a forma verbal "é", classificada como verbo de ligação. Verbos de ligação exigem um complemento chamado predicativo do sujeito. Logo, a oração se classifica como **oração subordinada substantiva predicativa.** Veja-se como seria uma reescritura sintética do período: A consequência imediata desse processo é **essa** (ou **isso**). O termo sublinhado funciona como sujeito, o verbo é de ligação e o termo **essa** ou **isso** (que substituiria a oração substantiva) funciona como predicativo do sujeito.

21. **CERTO.** No trecho "Solicitar a colaboração dos aprendizes na elaboração de questões", tem-se um período simples, uma vez que há apenas um verbo. A forma verbal "Solicitar" exige um complemento direto: o termo nominal "a colaboração dos aprendizes". A mudança sugerida pela banca transforma, de fato, o período simples em composto. O complemento de "Solicitar" passa a ser uma oração subordinada substantiva objetiva direta: **que colaborem na elaboração de questões.**

22. **ERRADO.** A oração "que as minhas primas Claudina e Rosa tomassem água benta" classifica-se, contextualmente, como **oração subordinada substantiva objetiva direta,** pois complementa sintática e semanticamente a forma verbal "esperava". E o conectivo "que" é uma conjunção integrante. Entretanto, a partícula "que" presente em "Era eu que as acompanhava a toda a parte, missas, teatros..." é apenas uma partícula de realce, que normalmente vem associada ao verbo **ser**. Observa-se que as palavras "Era" e "que" podem ser retiradas da oração sem prejuízo gramatical ou semântico: **Eu as acompanhava a toda a parte...** Vejam-se outros exemplos dessa partícula de realce (ou expletiva): *Nós é que não vamos falar*

com o chefe; É ela que vai nos dar a notícia. A partícula de realce não introduz nenhum tipo de oração. Logo, as orações destacadas no enunciado da questão não exercem a mesma função.

23. **ERRADO.** Em primeiro lugar, porque não preservaria o sentido original. Nota-se que são duas sugestões. O conectivo **cujo** introduz orações subordinadas adjetivas e expressa ideia de posse. Porém, não faz o menor sentido unir as duas orações com essa ideia. Em segundo lugar, o pronome relativo "cujo" foi empregado de maneira incorreta. Ele deve estabelecer nexo entre dois substantivos. Na questão, estaria ligando "alunos" e "clima de respeito", mas isso não tem lógica (é incoerente) contextualmente, pois não há relação de posse entre tais expressões. Subentende-se que "clima de respeito" foi empregado de forma genérica, indefinida, e não no sentido de que "o clima de respeito" fosse "dos alunos". Além disso, a preposição "com" não é exigida por nenhum termo, contextualmente.

24. **ERRADO.** Sabe-se que os pronomes relativos introduzem orações subordinadas adjetivas. Tais orações podem, semanticamente, expressar ideia de restrição ou explicação. Sendo explicativa, a oração deve vir separada por vírgula ou travessão. Note-se que não há nenhum desses sinais de pontuação no início da oração adjetiva "que fossem frequentadas principalmente por mulheres". Logo, a oração não tem valor explicativo, e sim restritivo.

25. **CERTO.** Pronomes relativos introduzem orações subordinadas adjetivas. Tais orações podem, semanticamente, expressar ideia de restrição ou explicação. Sendo explicativa, a oração deve vir separada por vírgula ou travessão. Caso contrário, a oração será restritiva. É o que ocorre no período. A oração "que despejam sobre a cidade toneladas de partículas e gases tóxicos" de fato restringe o sentido do substantivo "chaminés". Classifica-se, portanto, como oração subordinada adjetiva restritiva.

26. **CERTO.** O vocábulo "onde" é, contextualmente, um pronome relativo (palavra que substitui um termo substantivo da oração anterior, exerce a função que tal termo exerceria, além de introduzir uma oração subordinada adjetiva). Como tal pronome no contexto é antecedido por uma vírgula, possui caráter explicativo. A oração que ele introduz se classifica, consequentemente, como oração subordinada adjetiva explicativa. Ela explica o termo "Xapuri". Observe-se que dificilmente um substantivo

próprio aceitará que um termo lhe restrinja o sentido, uma vez que a restrição é inerente a ele. Ou seja, o substantivo próprio já possui um caráter particularizante, que o diferencia dos substantivos comuns. Portanto, majoritariamente, as orações adjetivas que se refiram a substantivos próprios terão caráter explicativo, esclarecedor.

27. CERTO. A oração "para ver se alguma sirigaita andava por lá" classifica-se contextualmente como oração subordinada adverbial final. Portanto, expressa ideia de finalidade. Deve-se ressaltar que "para" não é uma conjunção. As orações geralmente são introduzidas por conjunção, e não preposição. Quando isso ocorre, a oração subordinada recebe, além da classificação habitual, a denominação de **reduzida de infinitivo, de gerúndio** ou **de particípio**. No caso, a oração em destaque receberá o nome de oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

28. CERTO. Compare-se esta questão com a anterior. Veja-se que a ideia de finalidade está presente nos dois períodos. Na questão anterior, a oração é introduzida apenas por "para" (preposição); já nesta questão, a oração "para que o Programa de Acessibilidade para Transportes Coletivos e de Passageiros seja eficaz" é introduzido pela locução conjuntiva "para que", que introduz ideia de finalidade. Locuções são conjuntos de palavras (geralmente introduzidas por preposição) que têm valor de uma só. Locuções conjuntivas, portanto, têm valor de uma só conjunção. Observe-se que em "para que" o segundo elemento é uma conjunção. As orações subordinadas que são introduzidas por conjunção ou locução conjuntiva recebem a denominação de **desenvolvidas**.

29. ERRADO. Sintaticamente, a substituição de "que não possamos" por **não podendo** seria possível: ocorreria a transformação de uma oração desenvolvida numa reduzida. Entretanto, a relação entre os argumentos do trecho sofreria um prejuízo semântico: a ambiguidade e a incoerência. Veja-se que no trecho "'... Mesmo que não <u>possamos</u> **olhar** de um curso único para a história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis", o sujeito da locução verbal destacada está implícito: **nós**. Entretanto, se tal oração fosse modificada para **Mesmo não podendo**, a forma verbal passaria a ter como sujeito a expressão "os projetos humanos". A ideia resultante seria a seguinte: "**Mesmo não podendo olhar de um curso único para a história, os projetos humanos têm um assentamento inicial...**". Isso seria incoerente no contexto.

30. CERTO. A substituição não traria prejuízo gramatical nem semântico. Haveria apenas a substituição de uma oração subordinada desenvolvida por uma reduzida de infinitivo. Observe-se que "para que uma pessoa não seja" classifica-se como oração subordinada adverbial final **desenvolvida** (este último termo é dispensável). Já a oração **para uma pessoa não ser** classificar-se-ia como oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Mas o sentido e a função sintática seriam os mesmos.

Pontuação

Capítulo 7

"Segundo a observação de H. von Stein, ao ouvir a palavra "natureza", o homem dos séculos XVII e XVIII pensa imediatamente no firmamento; o do século XIX pensa em uma paisagem."

1. No final do texto, em "o do século XIX pensa em uma paisagem", as relações sintáticas do trecho permitem a colocação de uma vírgula entre "o do século XIX" e "pensa".

"Estas indagações, possivelmente existentes desde que o homem começou a pensar, têm ocupado o tempo e o esforço de elaboração dos filósofos ao longo dos séculos."

2. Mantêm-se a correção gramatical e a coerência textual caso seja retirada a vírgula logo após o termo "indagações" (ℓ.1).

"As consequências mais imediatas – e moderadas – de encher os pulmões todos os dias com o ar das metrópoles são logo sentidas: entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos."

3. Nas linhas 3 e 4, as vírgulas utilizadas no interior do período que termina na palavra "olhos" têm a função de separar elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.

"Eu tinha todas as outras liberdades, preso no porão – de pensar, de xingar meus captores, de ter uma religião (caso quisesse uma), de escolher minhas convicções políticas."

SINTAGMA

4. No trecho "de pensar, de xingar meus captores, de ter uma religião (caso quisesse uma), de escolher minhas convicções políticas" (ℓ.1-3), a vírgula é empregada para separar termos que exercem a mesma função sintática.

> "Toda empresa tem uma cultura, uma personalidade, uma cara. Essa cultura acaba impressa nas pessoas que trabalham ali."

5. Nos termos enumerados na linha 1, a substituição da vírgula colocada antes de "uma cara" pela conjunção **e** preservaria a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria a indicação semântica de que se trata de termos praticamente sinônimos.

> "O DNA Paulistano, série de pesquisas realizadas, no ano passado, pelo Datafolha, revelou fatias surpreendentemente elevadas de pessoas que, nas diversas regiões da cidade, costumam caminhar até o trabalho"

6. De acordo com a gramática normativa da língua portuguesa, o emprego da vírgula no primeiro período do texto não tem justificativa gramatical.

> "No ano passado, a produção industrial cresceu 6%, enquanto o emprego aumentou 2,2% e o total de horas pagas pela indústria aumentou 1,8%."

7. O emprego da vírgula logo após "passado" (ℓ.1) justifica-se por isolar o adjunto adverbial de tempo anteposto à oração principal.

> 1 "Entretanto, pode-se constatar que, até dentro de uma mesma nação, os benefícios do processo não são distribuídos de maneira mais ou menos equitativa. Em certos casos, essa distribuição torna-se mesmo bastante injusta, com uma grande acumulação de benefícios
> 5 para pequenos setores sociais, em detrimento da grande maioria da população."

8. O emprego das vírgulas no último período sintático do texto mostra que a circunstância expressa por "com uma grande acumulação de benefícios para pequenos setores sociais" (ℓ.4-5) pode ser deslocada tanto para antes de "essa distribuição" (ℓ.3) quanto para depois de "população" (ℓ.6), sem prejudicar a coerência entre os argumentos.

"Um dos grandes problemas no Brasil, além da impunidade e da corrupção endêmicas, é a má distribuição de renda, situação em que muitos têm pouco e poucos têm muito."

9. As duas primeiras vírgulas do período isolam o aposto, ou seja, um termo que explica uma palavra ou expressão já mencionada.

"Fruto de um longo debate, seu maior objetivo, segundo o ministro do trabalho, Carlos Lupi, era: "Proporcionar a milhões de jovens estudantes brasileiros os instrumentos que facilitem sua passagem do ambiente escolar para o mundo do trabalho".

10. A expressão "Carlos Lupi" (ℓ.2) está entre vírgulas por tratar-se de aposto explicativo.

"Meu tio José Ribeiro, pai destas primas, foi o único, de cinco irmãos, que lá ficou lavrando a terra e figurando na política do lugar."

11. No trecho "Meu tio José Ribeiro, pai destas primas, foi o único, de cinco irmãos" (ℓ.1), "pai destas primas" é uma oração explicativa e, por isso, está separada por vírgulas.

1 "Não surpreende que, como mostraram o físico Roberto Nicolsky e o engenheiro André Korottchenko de Oliveira, em artigo publicado recentemente, o Brasil venha caindo na classificação dos países que mais registram patentes no escritório norte-americano que cuida do
5 assunto, o USPTO (sigla do nome em inglês)."

12. Na linha 5, logo após a palavra "assunto", a vírgula foi empregada para isolar o vocativo subsequente.

1 "As empresas ficaram mais eficientes e estão repartindo os ganhos com o trabalhador, e isso é muito bom, porque o aumento da renda alimenta a expansão da demanda doméstica", diz o assessor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, Júlio Sérgio Gomes de
5 Almeida."

13. O emprego da vírgula logo após "Industrial" (ℓ.4) deve-se à necessidade de se isolar o vocativo subsequente.

"Há, no entanto, um preconceito que parece ser mais resistente do que os outros, o linguístico."

14. A vírgula antes do termo "o linguístico" (ℓ.2) tem a função de marcar um verbo subentendido; mesmo papel que desempenha no seguinte exemplo: **A formiga é trabalhadora; a cigarra, cantora.**

1 "Tempo, espaço e matéria são, pois, ideias que penetram o nosso conhecimento das coisas, desde o mais primitivo, e que evoluíram por meio das especulações filosóficas até as modernas investigações científicas, que as integraram em um nível mais profundo de síntese,
5 uma unificação que levou milênios para ser atingida."

15. Na linha 1, caso se deslocasse a conjunção "pois" para o início da oração, a coerência da argumentação seria preservada, desde que fossem retiradas as duas vírgulas que isolam essa palavra e que se fizessem os necessários ajustes nas letras maiúsculas e minúsculas.

"É fato que, em alguns momentos da crise iniciada em julho, marcada pela queda de liquidez dos bancos, ocorreram episódios de exigência de taxas melhores por parte de investidores, mas em nenhum momento aconteceu uma piora no perfil da dívida brasileira."

16. A vírgula logo após "investidores" (ℓ.3) é utilizada para separar orações coordenadas.

"As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas."

17. A vírgula que precede a conjunção "e" (ℓ.2) indica que esta liga duas orações de sujeitos diferentes; mas a retirada desse sinal de pontuação preservaria a correção e a coerência textual.

1 "Os dois relatórios específicos de acompanhamentos elaborados pela ANS e submetidos à apreciação da Comissão foram o 1.º Relatório Semestral do Contrato de Gestão 2006/2007, de julho de 2007, e o Relatório Final do Contrato de Gestão 2006/2007, de março de 2008.

5 O primeiro atua como marco inicial do processo de acompanhamento, e o segundo, como o marco final do estágio de acompanhamento sob responsabilidade da ANS."

18. Na linha 2, o emprego de vírgulas – uma antes de "e" e outra após "segundo" – justifica-se, de acordo com as normas de pontuação da língua portuguesa, respectivamente, pelo fato de as orações apresentarem o mesmo sujeito – "Relatório" – e pela ocorrência de uma exemplificação, introduzida por "como".

"Vivia envolvido com "sirigaitas", como minha mãe as chamava, e com fracassos comerciais crônicos."

19. No trecho "Vivia envolvido com 'sirigaitas', como minha mãe as chamava, e com fracassos comerciais crônicos" (ℓ.1-2), é facultativo o emprego da vírgula antes da conjunção coordenada "e".

"Mas basta percorrer essa e outras áreas do centro – onde, compreensivelmente, mais se caminha – para notar o estado precário das calçadas e as constantes irregularidades."

20. A substituição de travessões por vírgulas, nas linhas 1 e 2, manteria a correção gramatical do período e suas informações originais.

1 "O Brasil obteve o reconhecimento internacional do Programa Brasileiro de Certificação de Manejo de Florestas (CERFLOR) durante a 19.ª Reunião Plenária *do Program for the Endorsement of Forest Certification* (PEFC), maior fórum de programas nacionais
5 de certificação de manejo florestal."

21. Na linha 4, o emprego de vírgula após "(PEFC)" justifica-se por isolar expressão apositiva subsequente.

1 "Enquanto outros países em desenvolvimento, como China, Índia e Coréia, investem na formação de pesquisadores e se transformam em produtores de conhecimentos que dinamizam suas economias, o Brasil não consegue eliminar o fosso que separa as instituições de
5 pesquisa das empresas privadas, nem aumentar o volume de investimentos em pesquisa e desenvolvimento."

22. O segmento "que dinamizam suas economias" (ℓ.3) constitui oração subordinada adjetiva restritiva e, por isso, não vem precedido de vírgula.

1 "Em três períodos, ela foi atrelada a diferentes paradigmas de inserção internacional: o conservador do século XIX, que se estendeu até os anos 30 do século seguinte; o do Estado desenvolvimentista, que vigorou desde então até 1989; e o novo paradigma de inserção liberal
5 em formação nos anos noventa."

23. As orações "que se estendeu até os anos 30 do século seguinte" (ℓ.2-3) e "que vigorou desde então até 1989" (ℓ.3-4) estão antecedidas por vírgulas porque são subordinadas adjetivas restritivas.

"Mantido por contribuições das empresas associadas, o CIEE lançou o Guia Prático para Entender a Nova Lei do Estágio, com respostas a mais de 30 perguntas acerca das mudanças e normas mais importantes."

24. Após a palavra "associadas" (ℓ.1), a vírgula é obrigatória.

"A partir da década de 70, políticas ativas de promoção de exportação, apoiadas em incentivos fiscais e creditícios, juntaram-se a esse elenco de instrumentos."

25. O segmento "apoiadas em incentivos fiscais e creditícios" (ℓ.2) está entre vírgulas porque é uma oração reduzida de particípio e tem natureza restritiva.

1 Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata.
5 Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consume com seu poder de palavra o seu poder de silêncio.
10 Não forces o poema a desprender-se do limbo.

Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço.

26. Se o poeta tivesse resolvido colocar uma vírgula logo após "chão", em "Não colhas no chão o poema que se perdeu" (v.11), o trecho continuaria correto e sem alterações de cunho semântico, porque essa vírgula seria apenas enfática.

"No caso do IGF2, quando ele deixa de ser silenciado, o potente fator de crescimento que ele sintetiza pode ficar mais disponível no organismo."

27. Na linha 1, a oração adverbial "quando ele deixa de ser silenciado" está isolada por vírgulas devido ao fato de ter sido deslocada de sua posição na ordem direta.

"O alívio dos que, tendo a intenção de viver irregularmente na Espanha, conseguem passar pelo controle de imigração do Aeroporto Internacional de Barajas não dura muito tempo."

28. As vírgulas das linhas 1 e 2 justificam-se por isolar oração reduzida de gerúndio intercalada na principal.

"... Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos."

29. Logo após "pesquisa" (ℓ.2), estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

"Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação."

30. A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação "a propósito de uma dificuldade em particular" (ℓ.2-3) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

> "Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer."

31. Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de "certos" (ℓ.1) pelo sinal de dois pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

> 1 "Por isso, temos de conscientizar-nos de que a superação de conflitos éticos é dinâmica e envolve uma ampla interação de necessidades, obrigações e interesses dos vários envolvidos: o governo, por ser o agente protetor, regulador, financiador e comprador maior; a indústria
> 5 e os fornecedores, que exercem grande pressão inflacionária para a incorporação de seus produtos ou bens; as instituições e os profissionais de saúde, que pressionam pela atualização da sua capacidade instalada, variedade de oferta de serviços e atualização tecnocientífica."

32. O uso da pontuação preserva a hierarquia entre as ideias do texto, depois de "envolvidos" (ℓ.3), porque os termos da enumeração são marcados pelo sinal de ponto e vírgula (ℓ.4), enquanto as vírgulas marcam explicações no interior desses termos.

> 1 "A terra era grave como a íbis pousada numa só pata, pensativa como a esfinge, circunspecta como as múmias, dura como as pirâmides; não tinha tempo nem maneira de rir."
> (....)
> 5 "— Temos coisa melhor do que esses tratados, interrompia Stroibus. Trago uma doutrina, que, em pouco, vai dominar o universo; cuido nada menos que em reconstituir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes.

33. Tanto na linha 2 quanto na 5, a substituição do ponto e vírgula por dois pontos manteria a correção gramatical e o sentido original dos respectivos períodos.

1 Entre os novos tipos de profissional que hoje mais despertam interesse nas empresas estão também: o arquiteto da informação, responsável por organizar o conteúdo dos sítios para que as pessoas encontrem as informações com facilidade e façam suas compras na rede sem que
5 esse seja um processo demorado demais; o cientista do exercício, que elabora um plano completo de prevenção de doenças, no qual se incluem programas de condicionamento físico, para clientes de planos de saúde e para empregados de empresas; o gerente de diversidade, que, em um setor de recursos humanos, é quem tem uma visão
10 mais panorâmica do quadro de empregados, diagnosticando profissionais que faltam às empresas; e o farmacoeconomista, cuja função é analisar a viabilidade econômica de um remédio, incluindo-se a demanda existente e a relação custo-benefício.

34. Os sinais de ponto e vírgula são empregados, nas linhas 5, 8 e 11, para separar os termos de uma enumeração, os quais são modificados por expressões ou orações separadas por vírgulas.

"Obcecados por conveniência, velocidade e modismos, somos presas fáceis para marcas que promovem a obsolescência prematura de seus produtos."

35. Preservam-se a coerência da argumentação bem como a correção gramatical do texto ao se substituir a vírgula logo depois de "modismos" (ℓ.1) por ponto e vírgula.

1 "A esfera da ciência pode parecer hostil às metáforas. Afinal de contas, a ciência ocupar-se-ia da busca e da representação do conhecimento, o que, para muitos, só pode ser literal: um remédio ou um tratamento médico são coisas concretas que podem ser vistas ou ingeridas; uma
5 ponte é uma construção de verdade, do mundo real; do mesmo modo, muitos outros avanços científicos são coisas concretas que afetam diretamente a vida das pessoas."

36. A substituição do sinal de ponto e vírgula depois de "ingeridas" (ℓ.4) e de "real" (ℓ.4) por vírgulas preservaria as regras de pontuação e a coerência, a clareza e a objetividade do texto.

"O recado é claro. As pessoas querem deixar de usar o carro e levar uma vida mais saudável, mas é preciso que as autoridades se comprometam a estimular a prática do ciclismo e outros transportes alternativos."

37. Na linha 1, a oração "O recado é claro" poderia ser seguida por dois pontos, em vez do ponto-final, procedendo-se à devida alteração da letra maiúscula de "As". Nesse caso, se respeitariam as regras de pontuação, visto que o trecho subsequente é um esclarecimento, uma explicação.

"As consequências mais imediatas – e moderadas – de encher os pulmões todos os dias com o ar das metrópoles são logo sentidas: entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos."

38. O emprego de dois pontos após "sentidas" (ℓ.2) é necessário porque o segmento de texto que imediatamente segue esse sinal de pontuação é uma citação.

1 "Em três períodos, ela foi atrelada a diferentes paradigmas de inserção internacional: o conservador do século XIX, que se estendeu até os anos 30 do século seguinte; o do Estado desenvolvimentista, que vigorou desde então até 1989; e o novo paradigma de inserção liberal
5 em formação nos anos noventa."

39. O sinal de dois pontos, na linha 2, justifica-se porque o segmento subsequente é composto por uma enumeração de itens de função sintática equivalente.

"O acompanhamento da ANS compreendeu três ações: a coleta de informações junto às unidades executoras das metas, o tratamento, compatibilização, crítica e consolidação das informações levantadas e a elaboração de relatórios específicos de acompanhamento."

40. Na enumeração introduzida pelos dois pontos empregados na linha 1, estariam de acordo com as normas gramaticais as seguintes alterações quanto ao emprego do artigo e da pontuação: a coleta de informações junto às unidades executoras das metas; o tratamento, a compatibilização, a crítica e a consolidação das informações levantadas; e a elaboração de relatórios específicos de acompanhamento.

"Se a cidade moderna era a libertação do homem, ela tirava sua singularidade; desiguais em suas características, viraram miseravelmente iguais no aglomerado urbano, vulneráveis, segregados, enfim, menos do que homens: macacos."

41. Provoca erro gramatical ou incoerência entre os argumentos do texto a substituição do sinal de dois pontos logo após "homens" (ℓ.4) por travessão simples.

1 "A prática constitui uma ética empresarial, voltada para o público interno e externo, e trata-se de uma cartilha moral", conceitua o diretor-executivo do portal www.responsabilidadesocial.com. O empresário R. M. aderiu à ideia. Implantou na sua mercearia a
5 opção de sacola de algodão como alternativa ao saco de plástico. Na gráfica XYZ, as ideias viraram projeto de logomarca**:** "Por um mundo melhor".

42. Na linha 6, o sinal de dois pontos e as aspas deixam subentender a fala do mesmo autor da fala marcada anteriormente, nas linhas 1 e 2.

1 "Quando alguém percebe que um vocabulário/discurso está interferindo em outro e inventa um novo, para substituir os dois, está contribuindo para as conquistas revolucionárias em qualquer campo da produção humana: nas artes, na ciência, no pensamento moral
5 e político."

43. A função exercida pelo termo "para substituir os dois" (ℓ.2) permite que as vírgulas que o delimitam sejam substituídas por duplo travessão ou por sinal de parênteses, sem que isso resulte em prejuízo à coerência textual ou à correção gramatical.

"Essas perguntas estão na raiz do que se pode chamar de pauta de vanguarda do Supremo Tribunal Federal – ou seja, expressam o conteúdo das futuras polêmicas que a Corte terá de resolver."

44. Na linha 2, o travessão poderia ser substituído por vírgula, sem prejuízo para a correção gramatical do período.

1 "A executiva norte-americana Nancy Tennant, responsável pela transformação da Whirlpool – o maior fabricante de utilidades domésticas dos EUA – em um pólo de inovação permanente, esteve no Brasil e falou sobre os desafios de incorporar a inovação ao dia-a-dia dos
5 negócios."

45. Os travessões empregados no texto isolam comentário pessoal do autor em relação aos fatos descritos.

1 "Seu filho nunca vai se focar em nada", vaticinou a professora de uma escola primária de Baltimore, nos EUA, à mãe do menino, Debbie Phelps. Michael Phelps era um menino orelhudo que sofria de transtorno de deficit de atenção com hiperatividade. Não parava
5 quieto nas aulas.Passava o tempo provocando os coleguinhas. Só se interessava por lacrosse – um exótico esporte praticado nos EUA e no Canadá, uma espécie de basquete com redes de caçar borboletas – e pela página de esportes do Baltimore Sun, o jornal local."

46. No texto, os travessões foram empregados para traduzir literalmente uma palavra de origem estrangeira.

"Esse papel é pesado. Por isso, quando entra ele em crise – quando minha liberdade de escolher amorosa ou política ou profissionalmente resulta em sofrimento –, posso aliviar-me procurando uma solução que substitua meu papel de sujeito pelo de objeto."

47. O deslocamento do travessão na linha 3 para logo depois de "profissionalmente" (ℓ.2-3) preservaria a correção gramatical do texto e a coerência da argumentação, com a vantagem de não acumular dois sinais de pontuação juntos.

"Eles aprendem pela prática – caçando com caçadores experientes, por exemplo –, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizado; aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombiná-los,"

48. As regras de pontuação da língua portuguesa são respeitadas tanto substituindo-se os travessões, na linha 1-2, por parênteses, como substituindo-se o primeiro deles por vírgula e eliminando-se o segundo.

> "Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, "cidadania é a qualidade ou estado do cidadão". Entende-se por cidadão "o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um estado, ou no desempenho de seus deveres para com este"."

49. As aspas, no período acima, indicam o emprego de expressões fora do seu sentido usual.

> "O autor de Ensaio sobre a Cegueira e O Evangelho Segundo Jesus Cristo decidiu criar "um espaço para comentários, reflexões, simples opiniões sobre isto ou aquilo, o que vier a talhe de foice".

50. Subentende-se do desenvolvimento das ideias do texto que o trecho entre aspas, nas linhas 2 e 3, é uma citação de palavras de José Saramago.

COMENTÁRIOS

Pontuação

1. **ERRADO.** Um princípio básico de pontuação é que não se separam os termos de uma sequência natural: SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTO. Se fosse inserida uma vírgula após o termo "século XIX" no trecho "o do século XIX pensa em uma paisagem", essa vírgula separaria o sujeito do verbo. Portanto, a questão está incorreta.

2. **ERRADO.** Observem-se os termos destacados em "Estas indagações, possivelmente existentes desde que o homem começou a pensar, têm ocupado...". Tem-se, respectivamente, o sujeito e o verbo. Entre eles, há um termo intercalado de valor explicativo. Retirando-se a primeira vírgula, como sugerido pela banca, haveria um erro gramatical. A gramática diz que um termo pode ser intercalado (duas vírgulas, dois travessões ou dois parênteses) entre o sujeito e o verbo. Duas vírgulas intercalam; uma vírgula separa. Logo, se se retirasse a vírgula, haveria a separação entre termos de sequência natural – sujeito e verbo – e isso configuraria erro gramatical.

3. **CERTO.** Sabe-se que os itens de uma enumeração devem ser separados por vírgulas. Note-se que tais termos exercerão a mesma função sintática e pertencerão à mesma classe gramatical.

4. **CERTO.** Os componentes de uma enumeração devem ser separados por vírgulas. Logo, a questão está correta. Há que se fazer uma ressalva, porém: não se trata, no contexto, da separação de termos, e sim da separação de orações.

5. **CERTO.** Observe-se que a vírgula foi utilizada no contexto para separar os termos de uma enumeração. Observe-se, entretanto, que tais termos têm praticamente o mesmo significado no contexto. Caso introduzíssemos a conjunção "e" imediatamente antes do último termo, passaríamos a interpretação de que se trata de termos diferentes. Logo, semanticamente haveria alteração e enfraqueceria, sim, essa noção de que os termos estão no mesmo campo significativo. Observe-se que, ao usar sinônimos numa enumeração, o autor busca promover ênfase.

6. **ERRADO.** Vejam-se as justificativas para o emprego das vírgulas:
   a. as vírgulas que intercalam a expressão "série de pesquisas realizadas, no ano passado, pelo Datafolha," justificam-se por se tratar de um aposto explicativo;
   b. as vírgulas após "realizadas" e "passado" justificam-se por se tratar de um adjunto adverbial deslocado;
   c. as vírgulas após "que" e antes de "cidade" também se justificam por se tratar de um adjunto adverbial de grande extensão, deslocado de sua posição original.

7. **CERTO.** De fato, a expressão "No ano passado" funciona sintaticamente como adjunto adverbial. Por estar deslocado, recebe a vírgula.

8. **ERRADO.** Observe que a expressão "com uma grande acumulação de pequenos benefícios para pequenos setores sociais" funciona, contextualmente, como adjunto adverbial. Sabe-se que o adjunto adverbial possui bastante mobilidade dentro do período, ou seja, pode estar em diversas posições na oração. Entretanto, a facilidade de se deslocar não pressupõe que as relações semânticas – o sentido – sejam preservadas. Veja que a primeira proposta de deslocamento não provocaria incoerência, mas a segunda, sim. Se transpusermos o termo citado para depois de "população", o texto se tornará incoerente, uma vez que tal expressão parecerá funcionar como qualificador do termo "população".

9. **ERRADO.** A expressão "além da impunidade e da corrupção endêmicas" não explica "Um dos grandes problemas do Brasil", é apenas uma informação adicional, o que não configura um aposto. Não há relação de equivalência. Tal expressão está entre vírgulas por estar intercalada. Sabe-se que uma vírgula separa e duas intercalam. Veja-se que, com a retirada da expressão entre vírgulas, teríamos a seguinte reescrita: "Um dos grandes problemas do Brasil é a má distribuição de renda...". Portanto, questão errada por não se tratar de aposto.

10. **CERTO.** O aposto associa-se a um nome, geralmente vem separado por sinais de pontuação e raramente está preposicionado. Há, principalmente, quatro tipos de aposto: explicativo, enumerativo, nominativo e resumitivo. No texto, percebe-se uma relação de equivalência, de explicação entre os termos "ministro do trabalho" e "Carlos Lupi". Portanto, o termo "Carlos Lupi" é realmente um aposto explicativo.

11. **ERRADO.** Sabe-se que oração é um enunciado que contém verbo. No trecho "pai destas primas", não há verbo. Tal expressão, por ser uma explicação e por estabelecer uma relação de equivalência com o termo "Meu tio José Ribeiro", classifica-se como aposto explicativo.

12. **ERRADO.** Vocativo é o termo utilizado para se chamar algo ou alguém. A expressão "o USPTO" não é um vocativo e sim um aposto – termo de natureza explicativa que equivale a outro termo substantivo da oração. Observe-se que tal expressão (USPTO) indica a sigla, o nome do "escritório americano que cuida do assunto".

13. **ERRADO.** Vocativo é o termo utilizado para se chamar algo ou alguém. A expressão "Júlio Sérgio Gomes de Almeida" não é um vocativo e sim um aposto – termo de natureza explicativa que equivale a outro termo substantivo da oração. Observe-se que tal expressão EQUIVALE ao termo antecedente "assessor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial".

14. **ERRADO.** No trecho "Há um preconceito que parece ser mais resistente do que os outros, **o linguístico**", o termo destacado classifica-se sintaticamente como aposto – termo de natureza explicativa que equivale a outro termo substantivo da oração. A vírgula, portanto, introduz um aposto. É de se notar que o termo **preconceito** ficou subentendido. Mas a questão está errada por afirmar que "um verbo" ficou elíptico e que essa seria a justificativa para o uso da vírgula, como na frase "**A formiga é trabalhadora; a cigarra (é) cantora".**

15. **ERRADO.** Sabe-se que o conectivo **pois** expressa valor conclusivo quando deslocado na oração (intercalado ou no final), equivalendo a **portanto**. Caso fosse transposto para o início da oração (seu lugar normal), adquiriria o valor semântico de causa ou explicação e equivaleria a **porque**. Ora, explicação e conclusão são ideias totalmente diversas. Note-se que tal mudança prejudicaria a coerência da argumentação (a lógica textual), uma vez que alteraria profundamente relação semântica entre este e o parágrafo anterior. Veja-se uma comparação:

    Estou doente, *portanto* não irei à escola. (valor conclusivo).
    Estou doente, *pois* não irei à escola (valor explicativo, causal).

16. **CERTO.** Observe-se que o conectivo (conjunção) "mas" introduz uma oração coordenada sindética adversativa, assim como **porém, entretanto, contudo**. A Gramática afirma que as orações coordenadas devem ser separadas por vírgula ou ponto e vírgula.

17. **CERTO.** Note-se que a vírgula antes da conjunção **e** dificilmente seria obrigatória. A gramática elenca quatro situações em que se pode usar a vírgula antes de tal conectivo:
    a. Para separar orações coordenadas com sujeitos diferentes;
    b. Para separar orações em que o conectivo **e** tenha valor adversativo;
    c. Para separar o polissíndeto (repetição reiterada e estilística de um conectivo);
    d. Para se dar ênfase ao último termo ou à última oração de uma série enumerativa.

    Nesta questão, observa-se que cabe a primeira justificativa, sim. Observe-se ainda que a retirada desse sinal de pontuação preservaria a correção e a coerência textual.

18. **ERRADO.** Observando-se o comentário da questão anterior, percebe-se que a justificativa para o uso da vírgula antes da conjunção **e** não "se encaixa" em nenhum dos itens. Muito pelo contrário: vai de encontro ao que a gramática afirma em relação ao uso de vírgula para separar orações com sujeitos diferentes. Observa-se que a vírgula antes do conectivo "e", no texto, faz parte da intercalação do termo explicativo, "de julho de 2007", e que a segunda vírgula, após o termo "segundo", justifica-se por marcar a elipse de um termo; no caso, a forma verbal "atua".

19. **ERRADO.** Observa-se que a vírgula empregada antes do conectivo "e" não tem nenhuma relação com ele; faz parte da intercalação da oração "como minha mãe as chamava", sendo, portanto, obrigatória.

20. **CERTO.** Deve-se notar que o conectivo "onde" introduz uma oração subordinada adjetiva explicativa e que tais orações são obrigatoriamente separadas por vírgulas, travessões ou parênteses. No texto analisado, foram utilizados travessões. O uso das vírgulas em substituição a eles não causa prejuízo gramatical nem prejuízo para as informações do texto, apesar de implicar perda do realce sugerido pelos travessões.

21. **CERTO.** De fato, a justificativa para o uso da vírgula no contexto mencionado está correta. Observa-se que a expressão "maior fórum de programas nacionais de certificação de manejo florestal" equivale sintaticamente à expressão substantiva anterior "*Program for the Endorsement of Forest Certification* (PEFC)" e a explica – o que constitui um aposto.

22. **CERTO.** O conectivo "que" no trecho "que dinamizam suas economias" é um pronome relativo. Sabe-se que tal pronome introduz orações subordinadas adjetivas. De fato, se fossem utilizadas vírgulas em tal trecho, a oração se classificaria como explicativa. Como isso não ocorreu, tem-se uma oração de caráter restritivo. Deve-se lembrar que só existem dois tipos de orações subordinadas adjetivas e que uma diferença básica entre elas é o uso de vírgula: as explicativas devem ser separadas por tal sinal de pontuação; as restritivas não.

23. **ERRADO.** As vírgulas utilizadas nas orações citadas deixam claro que se trata de orações com caráter explicativo, e não restritivo. O conectivo "que", no contexto, é um pronome relativo, conectivo que introduz orações subordinadas adjetivas. Existem dois tipos de orações subordinadas adjetivas; as restritivas e as explicativas. Uma diferença básica entre elas é o uso de vírgula: as explicativas devem ser separadas por tal sinal de pontuação; as restritivas não.

24. **CERTO.** No trecho, a oração "Mantido por contribuições das empresas associadas" classifica-se como oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio e está deslocada de sua posição original. Observe-se que a construção usual seria: **O CIEE, que é mantido por contribuições das empresas associadas, lançou o Guia Prático...** Sabe-se que tais orações devem, obrigatoriamente, ser separadas por vírgula.

25. **ERRADO.** A oração em destaque classifica-se, efetivamente, como oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio. A questão está incorreta por afirmar que tal oração tem caráter restritivo. Uma diferença básica entre as orações adjetivas é o uso de vírgula: as explicativas devem ser separadas por tal sinal de pontuação; as restritivas não. Para se notar claramente que se trata de uma oração adjetiva (e que ela está reduzida), veja-se uma sugestão de desenvolvimento do período: "A partir da década de 70, políticas ativas de promoção de exportação, que estavam apoiadas em incentivos fiscais e creditícios, juntaram-se a esse elenco de instrumentos."

26. ERRADO. No trecho "Não colhas no chão o poema que se perdeu", o termo "poema que se perdeu" funciona, sintaticamente, como objeto direto da forma verbal "perdeu". Sabe-se que não se pode separar o complemento do verbo. Pelo exposto, a vírgula sugerida no enunciado, além de não ter caráter enfático, estaria totalmente incorreta.

27. CERTO. Na análise sintática de um período simples, os termos que funcionam como adjunto adverbial e que estão relacionados ao verbo devem, na ordem direta, estar pospostos ao verbo. No período composto, não é diferente: as orações adverbiais ficam, normalmente, pospostas à oração principal. Caso sejam deslocadas, a vírgula é obrigatória para demarcá-las.

28. CERTO. Aqui se nota uma questão característica do CESPE. Não é comum se encontrar na tradição gramatical regra que recomende o uso da vírgula quando uma oração estiver no gerúndio. Nota-se que, contextualmente, de fato a vírgula deve ser empregada para realçar o deslocamento de tal oração, mas não há uma regra que afirme ser o gerúndio um caso obrigatório de emprego de vírgula.

29. CERTO. Observe-se que o uso da vírgula no contexto justifica-se por introduzir uma explicação – uma oração de caráter apositivo. O travessão tem a mesma finalidade. Logo, a permuta dos dois sinais de pontuação é correta.

30. ERRADO. A primeira vírgula citada faz par com a outra vírgula que intercala o termo "eventualmente" (termo que funciona como adjunto adverbial deslocado). Sua substituição implicaria erro porque não se pode intercalar um termo com vírgula e travessão ao mesmo tempo.

31. CERTO. Observe-se que o trecho introduzido por "O conflito de ideologias..." tem, textualmente, caráter explicativo em relação ao período anterior. O uso do sinal de dois pontos teria a vantagem de tornar explícita essa relação semântica de explicação. Note-se, ainda, que o enunciado deixa clara a necessidade de ajustes na inicial maiúscula de "O conflito". Para que se veja claramente essa relação explicativa, vamos introduzir um conectivo entre tais períodos:

"Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos, ***pois*** o conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação..."

32. **CERTO.** O uso do ponto e vírgula objetiva marcar claramente as partes principais de um período; já a vírgula possui vários usos, dentre eles introduzir explicações. De fato, a pontuação marca a hierarquia entre os termos ou as partes de um período. As partes marcadas por ponto e vírgula são maiores e mais importantes, contextualmente, que aquelas marcadas por vírgula.

33. **ERRADO.** Gramaticalmente, não haveria erro na substituição. Entretanto, haveria alteração semântica. O ponto e vírgula contextualmente separa ideias complementares. Os dois pontos dariam a noção de que os termos subsequentes a ele seriam uma explicação de um termo anterior. Logo, os sentidos originais do texto não seriam preservados.

34. **CERTO.** Observe que o trecho citado contém uma enumeração, introduzida por dois pontos. São termos principais dessa enumeração: o "arquiteto da informação", o "cientista do exercício", o "gerente de diversidade" e o "farmacoeconomista". Cada um desses termos é seguido por uma expressão adjetiva, separada por vírgula. O ponto e vírgula demarca, claramente, as partes principais da enumeração.

35. **ERRADO.** A oração "Obcecados por conveniência, velocidade e modismos," classifica-se como subordinada adverbial causal reduzida de particípio. Sabe-se que as orações adverbiais deslocadas (antes ou no meio da principal) recebem vírgula obrigatoriamente. Porém, não podem ser separadas por ponto e vírgula. Esse sinal de pontuação reserva-se às orações coordenadas.

36. **ERRADO.** O uso do ponto e vírgula objetiva marcar claramente as partes principais de um período; já a vírgula possui vários usos. A substituição do sinal de ponto e vírgula por vírgula no trecho citado causaria truncamento sintático, ambiguidade, falta de clareza e falta de objetividade. Não ficariam delimitadas, por exemplo, as orações componentes da enumeração. A expressão "do mesmo modo" poderia ser interpretada como mais um item da enumeração presente em "uma ponte é uma construção de verdade, do mundo real", o que seria uma imensa incoerência.

37. **CERTO.** Os dois pontos têm a finalidade de introduzir uma enumeração, uma explicação, uma citação ou um diálogo. O texto subsequente à oração "O recado é claro" é claramente uma explicação desta oração. Logo, os dois pontos estariam corretos e evidenciariam a relação explicativa entre as duas orações.

38. ERRADO. Para a gramática, citação é a reprodução literal de um discurso, ou seja, é o discurso direto, e não uma enumeração. Percebe-se que o trecho "entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos" é uma enumeração que equivale ao termo "consequências". Portanto, os dois pontos não introduzem uma citação, e sim uma enumeração.

39. CERTO. Os dois pontos têm a finalidade de introduzir uma enumeração, uma explicação, uma citação ou um diálogo. No texto, os sintagmas (expressões) **conservador do século XIX**, **o do Estado desenvolvimentista** e **o novo paradigma** fazem parte de uma enumeração que explica a expressão anterior "diferentes paradigmas". Os termos da enumeração funcionam como aposto enumerativo. Logo, é correto afirmar-se que os dois pontos introduzem uma enumeração de itens de função sintática equivalente.

40. CERTO. Além de estar gramaticalmente corretas, as alterações imprimiriam mais clareza ao texto. O uso do artigo antes de cada um dos termos da expressão "a coleta de informações junto às unidades executoras das metas; o tratamento, a compatibilização, a crítica e a consolidação das informações levantadas" construiria um paralelismo sintático entre termos (um padrão para componentes de uma enumeração). O uso do ponto e vírgula demarcaria claramente as partes principais do período.

41. ERRADO. O travessão, assim como os dois pontos, pode ser usado para introduzir explicações ou enumerações. Logo, a permuta de um por outro, no contexto, não causaria erro gramatical.

42. ERRADO. Os dois pontos e as aspas não evidenciam que a fala é do mesmo locutor que inicia o trecho. Pelo contrário, fica claro que os dois pontos introduzem uma explicação para a expressão "projeto de logomarca". E as aspas servem para realçar a expressão "Por um mundo melhor".

43. CERTO. No contexto, a oração "para substituir os dois" classifica-se como subordinada adverbial final. Por estar deslocada, recebe as vírgulas. O uso de travessões conferiria a essa oração um caráter de comentário adicional, explicação, adendo. Isso não implicaria erro gramatical nem prejuízo para a coerência textual (lógica do texto).

44. CERTO. Sabe-se que o travessão tem a função de introduzir uma explicação. No contexto, introduz uma explicação para o trecho "Essas perguntas estão na raiz do que se pode chamar de pauta de vanguarda do Supremo

Tribunal Federal". Observe-se que o uso de travessão não teve por objetivo intercalar a expressão "ou seja", e sim introduzir todo o trecho subsequente. A substituição desse travessão por vírgula não implicaria erro gramatical, mas enfraqueceria o realce dado à explicação. Entretanto, como a questão não mencionou este último fato, a substituição está correta.

45. ERRADO. Os travessões não foram utilizados para isolar comentário pessoal do autor em relação a fatos descritos, e sim uma explicação, para o leitor menos familiarizado com o assunto, sobre uma empresa estadunidense.

46. ERRADO. Os travessões não foram utilizados para traduzir literalmente uma palavra de origem estrangeira, e sim para explicar o significado de uma palavra. Seria uma tradução contextual, e não literal.

47. ERRADO. O deslocamento do travessão para o lugar sugerido causaria truncamento sintático – corte de partes essenciais do texto, provocando falta de entendimento, incoerência. Note-se que o uso do travessão com a vírgula não é incorreto e muitas vezes, como é o caso desta questão, é obrigatório (a vírgula está separando uma oração subordinada adverbial temporal deslocada). Além disso, o travessão separaria o núcleo do sujeito "liberdade" da forma verbal "resulta" – o que configuraria um erro de pontuação.

48. CERTO. Observe-se que os travessões duplos e os parênteses têm a função de intercalar termos explicativos. As vírgulas, entre várias finalidades, também acumulam essa função. Logo, a substituição desses sinais, contextualmente, não implicaria erro gramatical. Portanto, gramaticalmente a questão está certa. Entretanto, observa-se que a substituição por vírgulas enfraqueceria a noção explicativa do termo " — caçando com caçadores experientes, por exemplo —", pois faria com que tal oração fosse apenas mais um item da enumeração das "formas de aprendizagem" relacionadas no texto. Entretanto, nada se cobrou de Semântica nem de Estilística. Reiterando: questão gramaticalmente correta.

49. ERRADO. As aspas foram utilizadas para demarcar discurso direto, ou seja, a reprodução literal de uma fala, de um conceito.

50. CERTO. As aspas são usadas com as seguintes finalidades:

a. destacar o discurso direto;

b. destacar palavras estrangeiras ou neologismos;

c. destacar palavras empregadas em sentido inabitual;

d. destacar ironia ou ênfase.

Note-se que, no contexto, a única justificativa plausível é a de introduzir discurso direto. Logo, aquela fala, de fato, deve ser atribuída a José Saramago.

Partícula Se

Capítulo 8

"Daí decorreu que as relações de interlocução e consulta entre o setor público e os agentes privados, nesse caso, exclusivamente as empresas e associações setoriais diretamente interessadas, se deram quase que exclusivamente ao longo desse eixo de articulação."

1. Em "se deram" (ℓ.3), o termo "se" indica sujeito indeterminado.

"A complexidade dos problemas desarticula-se e, precisamente por essa razão, torna-se necessária uma reordenação intelectual que nos habilite a pensar a complexidade."

2. No segundo parágrafo, as duas ocorrências do pronome **se**, em "desarticula-se" e "torna-se", marcam a impessoalidade da linguagem empregada no texto por meio da indeterminação do sujeito.

"Todavia, foi somente após a Independência que começou a se manifestar explicitamente, no Brasil, a preocupação com o isolamento das regiões do país como um obstáculo ao desenvolvimento econômico."

3. Em "se manifestar" (ℓ.1), o "se" indica sujeito indeterminado.

"As relações entre os países, para a adoção de mecanismos que permitam a efetiva cooperação jurídica, devem fundamentar-se na igualdade, e não na desconfiança mútua de violação da soberania."

4. Em "fundamentar-se" (ℓ.2), o "se" indica indeterminação do sujeito.

SINTAGMA

"Como nada ainda deu certo no planeta, a internacionalização só será aceitável quando **se cumprirem** duas premissas."

5. Preservam-se a correção gramatical e a coerência da argumentação do texto ao se substituir a expressão "se cumprirem" (ℓ.2) por **forem cumpridas**.

"Durante o governo de Fernando Collor de Mello, entre 1990 e 1992, procedeu-se à demolição instantânea dos conceitos que haviam alimentado durante décadas os impulsos da diplomacia:"

6. Em "procedeu-se" (ℓ.2), o termo "-se" indica voz reflexiva.

"Engana-se, no entanto, quem acredita que os truques simbólicos da publicidade funcionam apenas para o consumo."

7. A dupla possibilidade de complementos para o verbo enganar, com pronome reflexivo ou não, mantém o texto correto e coerente se o pronome for retirado de "Engana-se" (ℓ.1).

HUMANO	INDIVÍDUO	PESSOA	CIDADÃO
A dimensão do convívio social.	A dimensão do mercado de trabalho e do consumo.	A dimensão de encontrar-se no mundo.	A dimensão de intervir na realidade.
O homem torna-se Ser Humano nas relações de convívio social.	O Ser Humano torna-se Indivíduo quando descobre seu papel e sua função social.	O Indivíduo torna-se Pessoa quando toma consciência de si mesmo, do outro e do mundo.	A Pessoa torna-se Cidadão quando intervém na realidade em que vive.
Existe realmente uma natureza humana? Teologicamente, afirmamos que existe uma natureza humana. Seguindo a corrente existencialista (J.P. Sartre), negamos tal natureza.	Que diferença existe entre o direto do Consumidor e o direito do Cidadão? Ao Consumidor deve ser dado o direito de propriedade, enquanto ao Cidadão deve ser dado o direito de acesso.	O que significa tornar-se Pessoa no nível psicológico e social? A pessoa é o indivíduo que toma consciência de si mesmo (Karl Roger)	Como podemos intervir na realidade, modificando as estruturas corruptas e injustas? Quando os direitos do cidadão lhe são oferecidos, e ele passa a exercê-los, há modificação de comportamento da sociedade.

8. A expressão "si mesmo" (Coluna 3 linha 7) não tem valor reflexivo, opondo-se, por esse motivo, ao pronome "se" na seguinte construção: "encontrar-se no mundo" (Coluna 3, linhas 2 e 3).

"Stroibus tornou-se a esperança da cidade e do mundo."

9. No trecho "Stroibus tornou-se a esperança da cidade e do mundo" (ℓ.1), o verbo foi empregado em sua forma pronominal, cujo significado é **converter-se, transformar-se, fazer-se.**

"Analisando-se isoladamente os dados relativos a pedidos de patentes internacionais, até que o país **não se saiu** muito mal."

10. Na linha 2, o "se", em "não se saiu", é exigido pela regência do termo "o país".

1 "Esse quadro muda quando se desenvolve uma produção para a troca, em que cada um passa a produzir aquilo a que está mais capacitado. Já encontramos aí um forte motivo para a experiência da subjetividade privatizada: cada um deve ser capaz de identificar a sua
5 especialidade, **aperfeiçoar-se** nela, **identificar-se** com ela."

11. Na linha 5, por já ocorrer pronome átono no verbo "aperfeiçoar-se", o desenvolvimento do texto admite, como coerente e gramaticalmente correto, deixá-lo subentendido em "identificar-se", que, nesse caso, se reescreverá apenas como **identificar**.

1 Sucedendo o movimento da rede aos livros, a trajetória agora é dos livros para a rede. "Se antes os blogueiros tomaram as estantes e livrarias, em uma invasão organizada dos posts para as páginas, os escritores descobriram que estavam perdendo espaço e procuraram
5 recuperar o tempo perdido."

12. O desenvolvimento das ideias do texto mostra que, se a condição expressa pela oração iniciada por "Se" (ℓ.2) não se tivesse realizado, os escritores não procurariam "recuperar o tempo perdido" (ℓ.5).

"**Se** a cidade moderna era a libertação do homem, ela tirava sua singularidade; desiguais em suas características, viraram miseravelmente iguais no aglomerado urbano, vulneráveis, segregados, enfim, menos do que homens: macacos."

13. Provoca erro gramatical ou incoerência entre os argumentos do texto a substituição da conjunção "Se" (ℓ.1) por **Ao mesmo tempo em que.**

> 1 "O próprio biólogo reconhece, porém, que sua concepção tem um espaço em branco a ser preenchido. **Se**, por um lado, ela ajuda a explicar o modo como os padrões de organização são repetidos, por outro, não explicita como eles se colocam em primeiro lugar.
> 5 Mas essa lacuna é estratégica, revela Sheldrake: "Isso deixa aberta a questão da criatividade evolucionária."

14. A conjunção "Se" (ℓ.2) inicia uma oração que apresenta uma condição para a realização do que se afirma na oração principal.

> "No início, eram apenas 88 juízes federais, todos nomeados pelo presidente da República. Na época, pelo Ato Institucional n.º 2, se esses juízes demonstrassem qualquer "incompatibilidade com os objetivos da Revolução", podiam ser demitidos."

15. O emprego de "se" em "se esses juízes" (ℓ.2-3) tem valor condicional.

COMENTÁRIOS

Partícula Se

1. **ERRADO.** Claramente se nota que o sujeito da forma verbal "deram" é a expressão "as relações de interlocução e consulta entre o setor público e o privado". Outra coisa: quando a partícula se funciona como índice de indeterminação do sujeito, o verbo, obrigatoriamente, fica no singular.

2. **ERRADO.** Claramente se nota que o sujeito da forma verbal "desarticula-se" é a expressão "a complexidade dos problemas". Já o sujeito de "torna-se" é a expressão "uma reordenação intelectual". Portanto, em nenhuma das orações há impessoalidade do sujeito.

3. **ERRADO.** Para que haja sujeito indeterminado é necessário que haja impessoalidade da linguagem, ou seja, não se explicite o autor da ação, do processo verbal ou que não se explicite o sujeito. No texto, percebe-se claramente que o sujeito é a expressão "a preocupação com o isolamento das regiões do país...". A partícula **se**, nesta questão, classifica-se como partícula apassivadora. Observe-se que a expressão "começou a se manifestar" pode ser substituída por **começou a ser manifestada** (voz passiva analítica).

4. **ERRADO.** Nota-se claramente que o sujeito da forma verbal "fundamentar-se" é "a relação entre os países". A partícula **se**, nesta questão, classifica-se como partícula apassivadora. Observe-se que a expressão "devem fundamentar-se" poderia ser substituída por **devem ser fundamentadas** (voz passiva analítica).

5. **CERTO.** Na oração "(...) quando se cumprirem duas premissas", a partícula **se** classifica-se como pronome apassivador. A oração, portanto, está na voz passiva sintética. O que a questão propõe é que se transforme a voz passiva sintética em analítica. Logo, a substituição sugerida está correta: (...) **quando forem cumpridas duas premissas**.

6. **ERRADO.** Para que a forma verbal esteja na voz reflexiva, é necessário que o sujeito possa efetuar uma ação sobre si mesmo. Além disso, a partícula **se** deve ser substituída pela expressão **si mesmo**, preposicionada: **a si mesmo, em si mesmo, de si mesmo** etc. A partícula **se**, nesta questão, classifica-se como índice de indeterminação do sujeito. Observe-se que há impessoalidade e que a forma verbal "procedeu" é transitiva indireta.

7. **ERRADO.** De fato, o verbo enganar pode ser reflexivo ou não. Entretanto, não haveria coerência textual caso se retirasse, no contexto, a partícula **se**. Observe-se que "Engana-se" equivale a **Engana a si mesmo** e que o sujeito de tal forma verbal é a expressão "quem acredita que os truques simbólicos da publicidade funcionam apenas para consumo." Por que não haveria coerência? Porque o verbo enganar ficaria sem complemento ou não se saberia se a expressão "quem acredita..." funcionaria como sujeito ou como complemento verbal, o que geraria ambiguidade e incorreção gramatical.

8. **ERRADO.** As duas expressões têm valor reflexivo. O pronome pessoal oblíquo tônico "si" sempre terá valor reflexivo. Já o pronome pessoal oblíquo átono "se" pode ter valor reflexivo dentro de um contexto. Na oração "A dimensão de encontrar-se no mundo" (no quadro da questão), observa-se claramente que a partícula "se" tem valor reflexivo, não havendo, portanto, oposição.

9. **CERTO.** A forma verbal "tornar-se"(verbo de ligação) é, sim, pronominal. Isso significa que a partícula **se** é classificada como parte integrante do verbo. Semanticamente, o verbo **tornar-se** tem o sentido de *converter-se*, *transformar-se*, *fazer-se*. Não se pode confundir parte integrante com pronome reflexivo. O pronome reflexivo só acompanha verbos transitivos, e não verbos de ligação ou intransitivos, como ocorre com a parte integrante.

10. **ERRADO.** A partícula "se" não é exigida pela regência do termo "o país", uma vez que tal termo não pede complemento. A partícula "se", neste contexto, classifica-se como parte integrante do verbo e contribui para que o verbo "sair" tenha um sentido diferente do habitual, ou seja, passe a ter o sentido de lograr êxito, conseguir um objetivo etc. Isso nada tem a ver com regência.

11. **ERRADO.** Observa-se que a forma verbal "identificar-se" está sendo usada, contextualmente, como verbo pronominal. Logo, o pronome é necessário. O fato de o mesmo pronome já ter sido utilizado com "aperfeiçoar-se" não torna facultativo seu uso em "identificar-se".

12. **ERRADO.** O conectivo "Se" não expressa contextualmente ideia de condição, e sim de causa. Observe que tal conectivo pode ser substituído por **Já que**.

13. **ERRADO.** A substituição sugerida não provoca erro gramatical nem incoerência entre os argumentos do texto. A conjunção "Se", contextualmente, se classifica como concessiva e tem o mesmo valor de **embora.** Note-se que no texto a expressão "Ao mesmo tempo em que" também estaria correta; não teria exatamente o mesmo sentido de concessão, mas não provocaria incoerência. Observe-se que incoerência é falta de lógica. O texto continua lógico, apesar de poder haver uma pequena alteração semântica.

14. **ERRADO.** O conectivo "Se" não expressa contextualmente ideia de condição. Classifica-se como concessivo e tem o mesmo valor de **embora.** Observe-se, porém, que a substituição de "Se" por **Embora** obrigaria uma alteração gramatical: a substituição de "ajuda" (ℓ.2) por **ajude**. Mas não haveria alteração semântica.

15. **CERTO.** De fato, contextualmente a partícula "se" classifica-se como conjunção subordinativa condicional. Observe-se que ela pode ser substituída por **caso** (também conjunção condicional) sem alteração gramatical ou semântica.

Concordância Verbal e Nominal

Capítulo 9

1 "Pela teoria, em geral é mais fácil aprender o que outros já aprenderam antes, graças à memória coletiva acessível a todos os indivíduos da mesma espécie. Assim, os campos mórficos podem representar um novo ponto de partida para compreendermos nossa herança cultural
5 e a influência de nossos ancestrais."

1. A flexão de primeira pessoa do plural em "compreendermos" (ℓ.4) indica que o sujeito da oração em que esse verbo ocorre é diferente do sujeito da oração anterior.

1 "As consequências mais imediatas – e moderadas – de encher os pulmões todos os dias com o ar das metrópoles são logo sentidas: entupimento das vias aéreas, mal-estar, crises de asma, irritação dos olhos. Há, porém, outras mais graves, que se instalam lentamente
5 no organismo, como o aumento da pressão arterial e a ocorrência de paradas cardíacas. Estas podem passar despercebidas, já que nem sempre apresentam uma relação tão clara e direta com o fator ambiental."

2. A forma verbal "apresentam" (ℓ.7) está flexionada no plural porque se refere aos elementos da cadeia coesiva formada por "consequências" (ℓ.1), "outras mais graves" (ℓ.4) e "Estas" (ℓ.6).

1 "Analisando-se isoladamente os dados relativos a pedidos de patentes internacionais, até que o país não se saiu muito mal. Em 2007, apresentamos 384 requisições, um aumento de 15,4% em relação ao ano

SINTAGMA

anterior. Com isso, galgamos quatro posições e passamos a ocupar
5 o 24.º lugar na lista dos 138 signatários do Tratado de Cooperação de Patentes."

3. As formas verbais de primeira pessoa do plural "apresentamos" (ℓ.2-3), galgamos" (ℓ.4) e "passamos" (ℓ.4) indicam que o autor está falando apenas em nome dos cientistas.

"Uma característica marcante desse conjunto de instrumentos refere-se ao fato de que sua concepção e administração eram essencialmente setoriais."

4. A forma verbal "eram" (ℓ.2) está no plural porque concorda com sujeito composto.

1 "Mantido por contribuições das empresas associadas, o CIEE lançou o Guia Prático para Entender a Nova Lei do Estágio, com respostas a mais de 30 perguntas acerca das mudanças e normas mais importantes. Entre elas, destacam-se a limitação da jornada
5 diária para seis horas, a obrigatoriedade de pagamento do auxílio-transporte, a concessão do recesso obrigatório de 30 dias após um ano de estágio e o limite máximo de dois anos de permanência em uma mesma empresa."

5. A concordância verbal permaneceria igualmente correta se, em lugar de "destacam-se" (ℓ.4), fosse empregada a forma **destaca-se**.

1 Dando início aos trabalhos desta Câmara Municipal para o ano de 2009, realizaremos o primeiro Gabinete de Rua, no dia 19 do corrente. Para tanto, solicitamos que V. Sa. Expresse vossa autorização para a montagem de um estande para a realização da referida atividade na
5 Praça das Flores (Centro), das 9 às 13 horas.

6. O termo "vossa", no segundo período do texto, está indevidamente empregado no documento, visto que a concordância com os pronomes de tratamento deve ser feita na terceira pessoa.

"A maioria dos leitores é atormentada pela crença de que os textos significam exatamente o que dizem; acredita que a intenção comunicativa, que é inferida, está tão dada quanto a forma verbal."

7. A correção gramatical do texto seria preservada caso o paralelismo de gênero e número estabelecido entre "é atormentada" (ℓ.1) e "acredita" (ℓ.2) fosse substituído por **são atormentados** e **acreditam**.

1 As ações cidadãs conquistam espaço entre os empresários do Distrito Federal. Segundo pesquisa da Universidade de Brasília, cerca de 82% das micro e pequenas empresas locais atuam com responsabilidade social. "A prática constitui uma ética empresarial, voltada
5 para o público interno e externo, e trata-se de uma cartilha moral", conceitua o diretor-executivo do portal www.responsabilidadesocial.com. O empresário R. M. aderiu à ideia. Implantou na sua mercearia a opção de sacola de algodão como alternativa ao saco de plástico.

8. Se a locução "cerca de" (ℓ.2) for retirada do sujeito sintático, o verbo "atuam" (ℓ.3) deve ser flexionado no singular: **atua**.

"Procuram-se novos especialistas"

9. No texto, a flexão do verbo no plural justifica-se pela concordância feita com o termo "novos especialistas".

Art. 2º. Só se dará prosseguimento aos pedidos de prorrogação quando em conformidade com a lei;

10. Para que o trecho de documento acima atenda às normas de redação de documentos oficiais, é necessário que se substitua "dará" (ℓ.1) por **darão**, para atender às regras gramaticais da norma de padrão culto.

1 "E esse emaranhamento é tal que nem um computador poderia captar todos os processos em curso. Mas há também outra complexidade que provém da existência de fenômenos aleatórios (que não podem ser determinados e que, empiricamente, agregam incerteza ao pensa-
5 mento)."

11. O sentido impessoal do verbo **have**r permite que a afirmação generalizada "Mas há também outra complexidade que provém" (ℓ.2-3) seja substituída por uma frase nominal no plural: **Mas também outras necessidades provém**.

"Com a desregulamentação dos mercados financeiros, houve uma redução nos estoques públicos voltados a mitigar desequilíbrios entre a oferta e a demanda."

12. Nas linhas 1 e 2, se a expressão "uma redução" estivesse no plural – **reduções** – a forma verbal "houve" também deveria estar no plural.

"Em primeiro lugar, é preciso definir o que vem a ser igualdade social."

13. Na linha 1, a forma verbal "vem" está no singular porque concorda com o pronome demonstrativo "o".

"Sem essa base, não seria possível teorizar, pesquisar, comunicar, nem produzir ciência."

14. A forma verbal "seria" (ℓ.1) está flexionada no singular para concordar com "ciência" (ℓ.2).

"Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana."

15. A substituição da primeira pessoa do plural em "aceitarmos" (ℓ.3) pela forma correspondente não-flexionada, **aceitar**, manteria coerente a argumentação, mas provocaria incorreção gramatical.

"E, muito importante, não faria sentido vivermos, estudarmos e trabalharmos em conjunto se não pudéssemos estabelecer alguma – ou muita – confiança nas pessoas que estão conosco nessa jornada."

16. A organização da textualidade mantém a coerência entre os argumentos, bem como o respeito às regras gramaticais, ao se usar **viver, estudar e trabalhar** em lugar de "vivermos, estudarmos e trabalharmos" (ℓ.1-2).

"As mensagens publicitárias passaram a buscar especialmente construir atmosferas fantasiosas, de modo a prevalecer sobre a face material das coisas um substrato onírico, sonho fabricado."

17. Mantendo-se o respeito às regras gramaticais, é admitido, no desenvolvimento do texto, o uso do verbo "prevalecer" (ℓ.2) em flexão de plural para concordar com "atmosferas" (ℓ.2): **prevalecerem**.

> "... mesmo porque, ao longo dos séculos, os mais diversos países do planeta vêm buscando formas de se aproximarem e de incrementarem suas relações econômicas, sociais e culturais."

18. Preserva a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto a substituição das formas flexionadas no plural, "aproximarem" e "incrementarem", ambas na linha 2, pelas correspondentes não flexionadas: **aproximar e incrementar**.

> "... a seca e a quebra de safras em vários países; e a crise norte-americana, que levou investidores a apostar no aumento dos preços de alimentos em fundos de hedge."

19. No trecho "que levou investidores a apostar no aumento dos preços de alimentos em fundos de hedge" (ℓ.2-3), a substituição de "apostar" por **apostarem** manteria a correção gramatical do texto.

> Antes da Revolução Industrial, um operário só possuía a roupa do corpo. Sua maior riqueza eram os pregos de sua casa. Educação, cultura e lazer chegaram também aos pobres.

20. Na linha 2, a flexão de plural na forma verbal "eram" deve-se à concordância com "os pregos"; mas as regras gramaticais permitiriam usar também a flexão de singular, **era**.

> "Tinha a impressão de viver continuamente suspenso no limite de dois reinos – ser uma criança semimorta unida em laço misterioso a um espectro nostálgico. A criança tinha medo da treva; o espectro da luz. Uma e outro aspiravam à morte e, simultaneamente, receavam-na."

21. Na construção "Uma e outro aspiravam à morte" (ℓ.4), ao se substituir a conjunção "e" por **ou**, flexionando-se o verbo na terceira pessoa do singular, mantém-se a correção gramatical.

22. Assinale a opção correta com relação à concordância verbal na frase apresentada.

a. Alguns políticos podem serem cassados.

b. Alguns de nós resolveram sair.

c. Devem haver muitos casos sem solução.

d. Os Estados Unidos da América ainda é a maior economia ocidental.

e. Tratavam-se de assuntos muito importantes.

> "Mas o Brasil tem capacidade técnica e experiência suficientes para, no mínimo, reduzir o impacto de chuvas como essa."

23. No trecho "capacidade técnica e experiência <u>suficientes</u>" (ℓ.1), caso a palavra sublinhada fosse substituída por **bastante**, a concordância se faria no singular, uma vez que esta palavra funcionaria como advérbio.

> "Fazem parte dessa infra-estrutura, entre outros, o sistema bancário, hoteleiro, de telecomunicação, bem como aeroportos, segurança."

24. Mantendo-se a correção gramatical e o sentido da sentença, no trecho "<u>o sistema</u> bancário, hoteleiro, de telecomunicação" (ℓ.1-2), a expressão sublinhada poderia receber a flexão de plural: **os sistemas**.

> 1 "Já à primeira vista o próprio traçado dos centros urbanos denuncia o esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste: é um ato definido da vontade humana. As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo:
> 5 impõem-lhes antes o acento voluntário da linha reta."

25. Em "impõem-lhes" (ℓ.5), o plural no verbo é exigido por "ruas" (ℓ.3) e o plural no pronome átono é exigido por "sinuosidade" e "asperezas" (ℓ.4).

> 1 "Uma decisão singular de um juiz da Vara de Execuções Criminais de Tupã, pequena cidade a 534km da cidade de São Paulo, impondo critérios bastante rígidos para que os estabelecimentos penais da região possam receber novos presos, confirma a dramática dimensão
> 5 da crise do sistema prisional."

26. A correção gramatical do texto seria mantida se, na linha 3, a palavra "bastante" fosse flexionada no plural, para concordar com o substantivo "critérios".

"VII Dialogar sobre dificuldades (investigação) apresentadas"

27. Em VII, o substantivo entre parênteses, por estar ligado, pelo sentido, à palavra "dificuldades", deveria ter sido flexionado no plural, para que fosse estabelecida a concordância nominal no trecho.

1 "Todos os Estados promoverão a cooperação internacional com o objetivo de garantir que os resultados do progresso científico e tecnológico sejam usados para o fortalecimento da paz e da segurança internacionais, a liberdade e a independência, assim como para
5 atingir o desenvolvimento econômico e social dos povos e tornar efetivos os direitos e liberdades humanas de acordo com a Carta das Nações Unidas."

28. Na linha 4, justifica-se a flexão de plural em "internacionais" pela concordância desse adjetivo tanto com "paz" quanto com "segurança"; se a flexão fosse de singular, as regras gramaticais seriam atendidas, mas a clareza do documento seria prejudicada.

"O importante é que isso indica que os egípcios tinham conhecimento da relação de causa e efeito de cada produto e aplicavam a ciência da farmacêutica, que visa à cura pela mudança interna do corpo ativada por meio de substâncias terapêuticas."

29. A flexão de feminino singular no adjetivo "ativada" (ℓ.3) deve-se à sua associação com "ciência da farmacêutica" (ℓ.2), expressão com a qual aquele adjetivo estabelece relação de concordância.

"Os seres humanos, nas culturas orais primárias, não afetadas por qualquer tipo de escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, porém não "estudam."

30. O desenvolvimento da argumentação do texto permite que se empregue tanto "afetadas" (ℓ.1) quanto a correspondente flexão de masculino, **afetados**, sem que seja prejudicada a correção gramatical

1 "Do número, que é a base da razão e do entendimento, surge outra noção de indiscutível importância: é a noção de medida. Medir é comparar. Só são, entretanto, suscetíveis de medida as grandezas que admitem um elemento como base de comparação. Será possível
5 medir-se a extensão do espaço? De modo nenhum."

31. Respeitando-se as normas gramaticais, seria possível reescrever o período iniciado com "Só" (ℓ.3), flexionando-se a palavra "grandezas" (ℓ.3) no singular, da seguinte forma: **Só são, entretanto, suscetíveis de medida a grandeza que admite um elemento como base de comparação**.

32. Com relação à concordância nominal, assinale a opção em que a frase apresentada está correta.

a. Eles chegaram da festa bastantes depressivos.

b. Na vida, teve bastantes mulheres.

c. As mulheres estavam meio impertinente.

d. Adorava contos orientais, hajam vistas suas releituras das Mil e Uma Noites.

33. Respeita as normas gramaticais e o padrão estabelecido para documentos oficiais o seguinte parágrafo de um regimento:

> 1º. – Não serão admissíveis a reiteração de pedidos, salvo se fundados em novas provas.

> "A cultura de massa, ao mesmo tempo em que superficializou, abriu uma possibilidade de contato com esse mundo simbólico. Mas o pior já passou. Hoje há uma demanda de aprofundamento."

34. Preserva a coerência entre os argumentos, bem como a correção gramatical do texto, a indicação da ideia de abrangência do termo "uma demanda" (ℓ.3) por meio da correspondente forma plural **demandas**.

> "Nem mesmo o cancelamento de alguns leilões pelo Tesouro Nacional, nas semanas de maior volatilidade da crise da bolha imobiliária norte-americana, afastou a atenção dos aplicadores externos em relação aos títulos brasileiros (...)"

35. A forma verbal "afastou" (ℓ.3) está no singular porque concorda com "Tesouro Nacional" (ℓ.1)

COMENTÁRIOS

Concordância Verbal e Nominal

1. **CERTO.** A desinência –**mos**, em "compreendermos", indica que o sujeito de tal forma verbal está na primeira pessoa do plural (nós). Já na oração anterior, a locução verbal "podem representar" apresenta verbo auxiliar com terminação **–m,** o que caracteriza um sujeito de terceira pessoa do plural. Contextualmente, tal sujeito é a expressão "os campos mórficos".

2. **CERTO** (GABARITO OFICIAL). Apesar de ser essa a resposta da Banca, discordamos dessa posição. Gramaticalmente, a forma verbal "apresentam" concorda com o pronome "Estas", que retoma apenas a expressão "outras (consequências) mais graves". Observe que o texto faz contraposição entre "consequências mais imediatas – e moderadas" e consequências "mais graves, que se instalam lentamente no organismo". O pronome "Estas" refere-se apenas às consequências mais graves. Logo, a questão está incorreta.

3. **ERRADO.** Uma estratégia argumentativa que visa a incluir o leitor como participante do que se afirma é o uso da primeira pessoa do plural, ainda que a ideia seja apenas do autor. Quando se afirma, por exemplo, "Sabemos que o Brasil tem muito a crescer", essa é uma posição do autor, mas que busca a adesão do leitor a essa ideia. No texto, o autor não fala apenas em nome dos cientistas, o que pode ser observado pela expressão "até que o País não se saiu tão mal". Ou seja, o autor está falando em nome de todos os brasileiros.

4. **CERTO.** A forma verbal "eram" concorda em número e pessoa com o sujeito composto "sua concepção e administração". Essa questão exige o conhecimento da regra básica de concordância verbal: o verbo deve concordar em número e pessoa com o sujeito. Portanto, contextualmente, o verbo está na terceira pessoa do plural.

5. **CERTO.** A gramática diz que o sujeito composto deve levar o verbo para o plural. Entretanto, se o sujeito composto estiver posposto, a concordância pode ser feita apenas com o núcleo mais próximo ou com todos os núcleos. Na questão, o sujeito da forma verbal "destaca-se" é a expressão "a limitação da jornada diária para seis horas, a obrigatoriedade de

pagamento do auxílio-transporte, a concessão do recesso obrigatório de 30 dias e o limite máximo de dois anos de permanência em uma mesma empresa". (Os termos sublinhados funcionam como núcleos do sujeito). O autor optou por estabelecer a concordância apenas com o primeiro núcleo – "limitação".

6. **CERTO.** A gramática estabelece que toda concordância com pronomes de tratamento deve ser feita em terceira pessoa. Se ele estiver no singular, terceira pessoa do singular. Se estiver no plural, terceira pessoa do plural. E os pronomes que se refiram a ele também têm de estar em terceira pessoa. Logo, o pronome "vossa" está incorreto. Em seu lugar deveria estar o pronome **sua**, dando origem à seguinte oração: "(...) solicitamos que V. Sª. expresse sua autorização...".

7. **CERTO.** A regra diz que, se o sujeito for formado por expressões partitivas (a maioria de..., grande parte de..., a maior parte de..., boa parte de..., grande número de..., a minoria de...), o verbo pode concordar com o núcleo dessas expressões ou com o termo preposicionado subsequente. No texto em questão, a concordância tanto pode ser feita com "maioria" quanto com "leitores". Caso se opte pela concordância com "leitores", todos os verbos deverão ser alterados. Como tal palavra é masculina, o particípio "atormentada" deverá ser alterado para o gênero masculino. Paralelismo diz respeito a padrão. Ocorre geralmente em enumeração de termos ou orações. Como, na questão, há dois verbos se referindo ao mesmo sujeito, ambos devem seguir o padrão de número (plural).

8. **ERRADO.** A regra diz que se o sujeito é formado de um número plural precedido das expressões **cerca de**, **mais de**, **menos de** e similares, o verbo vai para o plural. É o que ocorre no texto. A retirada de tal expressão em nada altera a concordância, uma vez que o verbo continuará concordando com uma expressão no plural: "82% das micro e pequenas empresas". Portanto, estaria incorreto escrever-se **atua**.

9. **CERTO.** Observe-se que a oração representa a voz passiva sintética. Na voz passiva, não se tem objeto direto. O termo que exerceria essa função na verdade funciona como sujeito paciente. E o verbo obrigatoriamente concorda com ele. Portanto, "Procuram-se" obrigatoriamente concorda com o sujeito paciente "novos especialistas". Note-se, ainda, que tal oração na voz passiva analítica teria a seguinte forma: **Novos especialistas são procurados**.

10. **ERRADO.** Assim como na questão anterior, a oração "Só se dará prosseguimento..." representa a voz passiva sintética. Sabe-se que em tal voz o sujeito é o termo que funcionaria como objeto direto, no caso "prosseguimento". Como esse termo está no singular, o verbo também deverá ficar no singular. Observe-se que o examinador tenta induzir o candidato ao erro, levando a estabelecer a concordância com o complemento preposicionado "aos pedidos".

11. **ERRADO.** Em primeiro lugar, não tem nada a ver a explicação da impessoalidade do verbo haver. Não é essa impessoalidade que permitirá afirmações generalizadas. Em segundo lugar, a expressão sugerida – "Mas também outras necessidades provém" – não é uma frase nominal, pois contém verbo. Em terceiro lugar, a concordância de "necessidades" com "provém" estaria incorreta, uma vez que o substantivo está no plural e o verbo no singular (com acento agudo, singular; com acento circunflexo, plural). O verbo vir e suas formas derivadas recebem acento circunflexo no plural do presente do indicativo : *eu venho, tu vens, ele vem, nós vimos, vós vindes, eles vêm/ eu provenho, tu provéns, ele provém, nós provimos, vós provindes, eles provêm.*

12. **ERRADO.** O verbo haver, no sentido de existir ou ocorrer, é considerado impessoal, ou seja, não tem sujeito. Como não tem sujeito, obrigatoriamente fica no singular. O termo **reduções**, ainda que no plural, não interfere na concordância do verbo, uma vez que funciona como objeto direto, neste caso. Sabe-se que o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto.

13. **CERTO.** A gramática diz que, se o sujeito for o pronome relativo **que**, o verbo deve concordar com o termo antecedente do pronome. No caso, o antecedente é o pronome demonstrativo "o", que equivale ao demonstrativo **aquilo.** Como esse pronome está no singular, o verbo também deve ficar no singular.

14. **ERRADO.** No período, a forma verbal "seria" fica no singular para concordar com o sujeito oracional: "teorizar, pesquisar, comunicar, nem produzir ciência." A regra diz que se o sujeito de um verbo for outra oração (como no caso), o verbo deve ficar no singular, mesmo que o sujeito oracional seja composto. Encontra-se, facilmente, o sujeito oracional, perguntando-se: O que seria possível? Resposta: "teorizar..."

15. **ERRADO.** Não haveria incorreção gramatical. A forma verbal "aceitarmos" representa o infinito flexionado, cujo sujeito seria o pronome **nós**. Caso substituíssemos essa forma verbal por **aceitar**, estaríamos utilizando o infinitivo não-flexionado – outra forma possível da Língua. Isso não constitui erro. Demonstra apenas a intenção do autor de destacar ou não o sujeito.

16. **CERTO.** As formas verbais "vivermos", "estudarmos" e "trabalharmos" pertencem ao infinitivo pessoal. Sabe-se que o infinitivo é uma forma nominal do verbo, ou seja, uma forma verbal que não exprime ideia de tempo, assemelhando-se aos substantivos. Quando o infinitivo tem um sujeito expresso, é chamado de pessoal. Quando não possui sujeito e expressa simplesmente uma ação ou processo em si mesmo, o infinitivo é chamado de impessoal, ou seja, sem sujeito. O uso das formas impessoais **viver, estudar** e **trabalhar** não causaria erro gramatical nem incoerência textual (ausência de lógica). Haveria uma pequena alteração semântica, uma vez que o foco sairia do sujeito para o verbo, mas isso não provoca incoerência gramatical ou textual.

17. **ERRADO.** Observe-se que o sujeito da forma verbal "prevalecerem" está deslocado, posposto ao verbo: é a expressão "um substrato onírico, um sonho fabricado". Logo, não haveria coerência textual nem correção gramatical caso a concordância desse verbo fosse feita com o substantivo "atmosferas".

18. **CERTO.** A regra diz que, se o sujeito de um verbo no infinitivo pessoal estiver em outra oração (oração principal), a concordância entre eles é opcional. Veja-se a análise do período:

    (...) **os mais diversos países do planeta** vêm buscando formas (1)// de se aproximarem (2)//e de incrementarem suas relações econômicas(3).

    (1) = oração principal; (2) = oração subordinada; (3) = oração subordinada

    O termo em negrito é o sujeito das três formas verbais. Como está na oração principal, a concordância com os verbos das orações subordinadas é opcional.

19. CERTO. Questão muito semelhante à anterior. A regra diz que, se o sujeito de um verbo no infinitivo pessoal estiver em outra oração (oração principal), a concordância entre eles é opcional. Veja-se a análise do período:

"que levou **investidores** (1)// a apostar no aumento de preços... (2).

(1) = oração principal em relação à (2); (2) = oração subordinada.

O termo em negrito é o sujeito da oração subordinada, mas está na principal (funcionando como objeto direto). Logo, a concordância entre eles é facultativa.

20. CERTO. Essa questão trata da concordância especial do verbo **ser**. A regra diz que, se o sujeito e o predicativo forem ambos substantivos, o verbo concorda de preferência com o que estiver no plural. Trata-se, porém, de um caso facultativo, já que não se obriga tal concordância. Logo, o verbo poderia concordar com "Sua maior riqueza". Veja-se:

Sua maior riqueza (sujeito) *eram* **os pregos de sua casa** (predicativo).
Sua maior riqueza (sujeito) *era* **os pregos de sua casa** (predicativo).

21. CERTO. Uma regra diz que nas construções em que os núcleos do sujeito são unidos pela conjunção **ou**, o verbo pode ir para o plural se não houver ideia de exclusão. Outra regra afirma que sujeitos formados pela expressão UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO e UM OU OUTRO estabelecem concordância facultativa com o verbo (singular ou plural). Portanto, no texto, a substituição de "aspiravam" por **aspirava** manteria a correção gramatical.

22. ALTERNATIVA B. A gramática afirma que as orações que tiverem como sujeito as expressões ALGUNS DE NÓS, POUCOS DENTRE NÓS, VÁRIOS DE NÓS ou expressões semelhantes terão concordancia facultativa: o verbo poderá concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal. Portanto, pode-se escrever:

Alguns de nós **resolveram** sair.
Alguns de **nós resolvemos** sair.

Comentários sobre as outras alternativas da questão: na **letra A**, o erro consiste no emprego das duas formas verbais no plural. Apenas a primeira delas pode flexionar-se. **Na letra C**, há erro no emprego da forma verbal auxiliar "Devem". Como o verbo principal é haver – no sentido de existir – não há sujeito na oração. Logo, todos os verbos devem ficar no singular. **Na letra D**, a forma verbal "é" deveria estar no plural – são – para concordar com o termo "Estados Unidos". A regra diz que, se o topônimo plural estiver antecedido por artigo, o verbo deve ir para o plural. **Na letra E**, o erro consiste no emprego de plural. Quando se emprega índice de indeterminação do sujeito, o singular é obrigatório.

23. ERRADO. O vocábulo **bastante**, quando sinônimo de suficiente, classifica-se como adjetivo e flexiona-se como tal. Caso esse termo se refira a verbos ou a adjetivos, classificar-se-á como advérbio de intensidade. Neste caso, fica invariável. Veja-se:

Os funcionários são *bastante* **pontuais**. (advérbio, pois intensifica o adjetivo "pontuais")

Os funcionários **trabalharam** *bastante.* (advérbio, pois intensifica a forma verbal "trabalharam")

24. CERTO. Quando se tem um substantivo para mais de um adjetivo, o substantivo vai ao plural e os adjetivos permanecem no singular, ou o substantivo fica no singular e se repete o artigo antes de cada adjetivo. Logo, se fôssemos extremamente rigorosos, diríamos que o texto original está incorreto e que a alteração sugerida conferiria correção ao período, uma vez que o autor não seguiu nenhuma das regras previstas. Usou o substantivo no singular e não repetiu o artigo antes dos outros adjetivos. Para não entrar polêmica, basta-nos afirmar que a alteração é correta.

25. CERTO. Tem-se aí uma questão que cobra concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. De fato, a forma verbal "impõem" está no plural para estabelecer concordância com o termo "As ruas". Em relação ao uso do pronome "lhes", observe-se que ele poderia ser substituído por **a elas**, em referência aos substantivos "sinuosidade" e "asperezas".

26. ERRADO. O vocábulo **bastante** só se flexiona quando for adjetivo (sinônimo de "suficiente") ou pronome indefinido (quando indicar uma quantidade indefinida de seres). Caso esse termo se refira a verbos ou a adjetivos

(como é o caso), classificar-se-á como advérbio de intensidade. Neste caso, fica invariável. Observe-se que, no texto, "bastante" intensifica o adjetivo "rígidos". Portanto, é invariável, por ser advérbio de intensidade.

27. **ERRADO.** A concordância nominal está correta no trecho. O adjetivo-particípio "apresentadas" concorda em gênero e número com o substantivo "dificuldades". Já o termo entre parênteses não tem ligação com dificuldades, e sim com toda a oração "Dialogar sobre dificuldades apresentadas", que no contexto equivaleria ao substantivo "investigação".

28. **CERTO.** A regra diz que, se um adjetivo estiver posposto a dois substantivos, pode concordar com o mais próximo ou com os dois no gênero predominante. Portanto, caso "internacionais" estivesse no singular, estaria correto, pois, gramaticalmente, estabeleceria concordância apenas com "segurança". Entretanto, não ficaria claro se tal adjetivo estaria se referindo semanticamente tanto a "paz" quanto a "segurança". Portanto, a construção ficaria comprometida por falta de clareza.

29. **ERRADO.** O adjetivo "ativada" estabelece concordância com o substantivo "cura" e não com "ciência da farmacêutica".

30. **CERTO.** O adjetivo "afetadas" estabelece, contextualmente, concordância com "culturas orais primárias". Entretanto, nada impediria que o autor fizesse referência a "seres humanos". Neste caso, utilizaria a forma **afetados**. Observe-se que os sentidos textuais mudariam; entretanto, a questão não faz nenhuma referência a esta alteração semântica.

31. **ERRADO.** Observe-se que a alteração do vocábulo "grandezas" para o singular provocaria erro de concordância verbal e nominal. A forma verbal "são" e o adjetivo "suscetíveis" estão no plural para concordar com "grandezas". Logo, se tal palavra estivesse no singular, tanto o verbo quanto o adjetivo citados deveriam ficar no singular.

32. **ALTERNATIVA B.** O vocábulo **bastante** só se flexiona quando for adjetivo (sinônimo de "suficiente") ou pronome indefinido (quando indicar uma quantidade indefinida de seres). Observe-se que, no texto, ele foi empregado nesta última acepção. Quando se fala "Na vida, teve bastantes mulheres", o vocábulo bastante indica uma quantidade indefinida de "mulheres", classificando-se como pronome indefinido e flexionando-se de acordo com o substantivo a que se refere.

Comentários às outras alternativas: **na letra A**, "bastantes" é advérbio de intensidade, portanto deveria ficar no singular; **na letra C**, o adjetivo "impertinente" deveria estar no plural para concordar com "mulheres"; **na letra D**, a expressão "hajam vistas" está incorreta, uma vez que "vistas" deve, obrigatoriamente, ficar no singular feminino. A expressão mais adequada seria **haja vista**.

33. ERRADO. O período "Não serão admissíveis a reiteração de pedidos..." contém erro de concordância verbal e nominal. O sujeito de "serão" é o substantivo "reiteração". Portanto, tanto o verbo **ser** quanto o adjetivo "admissíveis" devem, obrigatoriamente, ficar no singular.

34. CERTO. Observe-se que a substituição da expressão "uma demanda" por **demandas** não provocaria erro gramatical nem incoerência textual. Haveria apenas uma alteração semântica. Mas a questão não faz referência a isso. Portanto, está correta.

35. ERRADO. Veja-se que o sujeito da forma verbal "afastou" é "o cancelamento de alguns leilões pelo Tesouro Nacional". Sabe-se que o núcleo desse sujeito é a expressão "o cancelamento", termo com o qual o verbo concorda – "O cancelamento afastou". Portanto, não há concordância com o termo "Tesouro Nacional", e sim com o termo "o cancelamento", núcleo do sujeito.

Colocação Pronominal

Capítulo 10

"... Não menos temeroso é o conhecimento que se transmite por gerações por meio da arte. Partindo da premissa de que a arte imita a vida e, por consequência, ..."

1. A colocação do pronome átono antes do verbo, em "se transmite" (ℓ.1), é obrigatória devido à presença do pronome relativo "que" no início da oração subordinada.

2. Considerando-se que a mesóclise é desaconselhável em expedientes oficiais, é preferível iniciar período com a construção "Lhe enviaremos mais informações oportunamente" a iniciá-lo com a construção "Enviar-lhe-emos mais informações oportunamente".

"A preocupação é pertinente porque em todo o mundo graves problemas vêm-se instalando e demandando dos governos novos mecanismos de avaliação para a incorporação tecnológica na assistência médico-hospitalar de alta complexidade e de alto custo em geral."

3. Em "vêm-se" (ℓ.2), a substituição do hífen por espaço provoca erro gramatical, por deixar o pronome átono sem apoio sintático.

"Quando a minha doutrina estiver completa, divulgá-la-ei como a maior riqueza que os homens jamais poderão receber de um homem."

4. No trecho "divulgá-la-ei como a maior riqueza" (ℓ.1-2), a colocação do pronome antes da forma verbal ou depois dela são opções que manteriam a correção gramatical do trecho.

SINTAGMA

> "As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo: impõem-lhes antes o acento voluntário da linha reta."

5. Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se deslocar o pronome átono, em "se deixam" (ℓ.1), para depois do verbo, escrevendo: **deixam-se.**

> "Às vezes, eles discutiam na hora do jantar; na verdade, minha mãe brigava com ele, que ficava calado; se ela não parava de brigar, ele se levantava da mesa e saía para a rua."

6. No trecho "se ela não parava de brigar" (ℓ.2), o pronome "se" está anteposto ao sujeito devido à presença do advérbio de negação.

> Art. 1.º Os pedidos dever-se-ão ser requeridos nos exatos termos dos partidos.

7. Para que o trecho de documento acima atenda às normas de redação de documentos oficiais, é necessário que se retire o pronome átono de "dever-se-ão" (ℓ.1), grafando-se **deverão**.

> "E não se trata de pouca gente. Estudo de 2007 da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica estima que 63 milhões de pessoas a partir de 18 anos têm peso acima do normal."

8. Na oração "E não se trata de pouca gente" (ℓ.1), mantém-se a correção gramatical caso a ênclise seja empregada.

> "Atualizando um pouco a distinção, poder-se-ia dizer que é como se os animais viessem com um *software* instalado, de fábrica, o qual os condiciona e limita durante toda a existência."

9. A substituição de "poder-se-ia dizer" (ℓ.1) pela forma menos formal **poderia se dizer** preservaria a correção gramatical do texto, desde que fosse respeitada a obrigatoriedade de não se usar hífen, para se reconhecer que o pronome **se** está antes do verbo **dizer**, e não depois do verbo **poderia**.

10. Assinale a opção em que a frase apresentada está correta quanto à colocação pronominal, conforme o padrão escrito da língua portuguesa.

a. Não procure-me amanhã, estarei muito ocupado.

b. Quando ligarem-me, diga que não estou.

c. Me chame ao terminar a tarefa que começou

d. Aqui ela trabalha muito, porque se busca a excelência.

COMENTÁRIOS

Colocação Pronominal

1. **CERTO.** Um dos fatores de atração para a próclise é a partícula **que,** seja ela conjunção ou pronome. No texto, tal partícula classifica-se como pronome relativo. Portanto, próclise obrigatória.

2. **ERRADO.** Não se pode iniciar uma oração com pronomes átonos. Como o verbo está no futuro do presente e no início da oração, a mesóclise se torna obrigatória. Observe-se que só ocorre mesóclise se o verbo estiver no futuro do presente ou do pretérito e se não houver fator de atração.

3. **ERRADO.** De fato, as gramáticas mais antigas condenavam o uso de pronomes átonos soltos entre dois verbos. Atualmente, porém, conforme Celso Cunha, não há esse impedimento. Portanto, a colocação estaria correta sem hífen.

4. **ERRADO.** Sabe-se que após pausa marcada por vírgula ou ponto e vírgula, a ênclise é obrigatória. Entretanto, verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito não admitem ênclise. Resta-nos, portanto, como colocação obrigatória, a mesóclise. Portanto, as alterações sugeridas na questão estariam incorretas.

5. **ERRADO.** Observe-se que em "As ruas não se deixam modelar...", o advérbio de negação "não" é um fator de atração para a próclise – colocação do pronome átono antes do verbo. Portanto, a próclise é obrigatória no contexto.

6. **ERRADO.** Observe-se que, neste caso, a partícula "se" não é um pronome, e sim uma conjunção subordinativa condicional (equivale à conjunção **caso**). Logo, não há que se falar em fatores de atração quando não houver o emprego de pronomes pessoais oblíquos átonos.

7. **CERTO.** Um dos requisitos da redação oficial é a correção gramatical. Observe-se que o pronome "se" está sobrando na frase, ou seja, não há nada que o justifique. Muito pelo contrário, seu emprego revela desconhecimento em relação à voz passiva: ou ela é sintética (com pronome

apassivador) ou analítica (com verbo ser mais particípio). Na oração já está sendo empregada a voz passiva analítica. Portanto, o pronome deve ser retirado.

8. **ERRADO.** Sabe-se que o advérbio "não" é um fator de atração de próclise. Portanto tal colocação é obrigatória. São, ainda, fatores de atração: pronomes indefinidos, demonstrativos, relativos e interrogativos, conjunções subordinativas, orações exclamativas, interrogativas, optativas e a construção *em + gerúndio*.

9. **CERTO.** Não havendo fator de atração, a colocação do pronome oblíquo átono nas locuções verbais com infinitivo ou gerúndio é praticamente livre. De fato, o pronome pode ficar entre os dois verbos desde que se interprete que ele está proclítico ao verbo principal (dizer), uma vez que ele não poderia estar enclítico à forma verbal "poderia", já que esta forma está no futuro do pretérito.

10. **ALTERNATIVA D.** Observe-se que a próclise é obrigatória devido à presença da conjunção subordinativa causal "porque" – que é um fator de atração.

    Comentários às outras opções: a) incorreta, porque o vocábulo "Não" é um fator de atração de próclise e essa regra não foi seguida; b) incorreta, porque o vocábulo "Quando" é uma conjunção subordinativa adverbial temporal – um fator de atração para a próclise; c) incorreta, porque não se pode iniciar um período com pronomes pessoais oblíquos átonos.

Domínio das Relações Morfossintáticas, Semânticas e Discursivas

Capítulo 11

Nos itens a seguir, os fragmentos constituem trechos sucessivos de um texto, adaptado da Internet (www.inmetro.gov.br). Julgue-os quanto ao aspecto gramatical.

1. Compradores de diferentes partes do mundo de produtos oriundos de florestas exigem cada vez mais a comprovação de que a matéria-prima de base florestal provenha de fontes adequadamente manejadas. Por esse motivo, a certificação de manejo florestal e de produtos derivados de florestas, conferida por uma terceira parte independente, passaram a ser um requisito importante para a realização de negócios.

2. Entre os benefícios da certificação florestal, podemos destacar: a ampliação das exportações; o acesso a novos mercados; a melhoria da imagem da organização e do próprio país; o crescimento socioeconômico da atividade florestal; a proteção de ecossistemas; a melhoria das condições de trabalho e o atendimento à legislação.

3. Desenvolvido no âmbito do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade (SBAC) e gerenciado, pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (INMETRO), o Programa Brasileiro de Certificação de Manejo de Florestas (CERFLOR) é um programa de natureza voluntária e aberto a participação das partes interessadas.

4. Atendendo à regras internacionais de normalização, avaliação da conformidade e acreditação de organismos atuantes nessa área, o envolvimento direto da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e do INMETRO, organizações reconhecidas internacionalmente, reforça substancialmente a iniciativa brasileira.

Os itens a seguir apresentam reescrituras de trechos do texto. Julgue-os quanto à correção gramatical.

5. A capacidade dos homens para viverem juntos e coordenarem esforços evitando conflitos é determinada, em grande parte, por suas aptidões para a comunicação correta.

6. Nos últimos tempos, vem sofrendo alterações o circuito da comunicação humana, em cuja composição se encontram os quatro elementos básicos: o transmissor, o receptor, a mensagem e o meio.

7. De acordo com o pensamento de Peruzzolo, importa menos o conteúdo das mensagens trocadas, do que os canais utilizados nos processos comunicacionais.

8. Somente em coexistência com o meio é que a mensagem irá do transmissor ao recebedor, sem obstruir o processo comunicacional, pois os demais elementos não funcionam isoladamente.

9. Contemporaneamente, o e-mail é melhor meio de adesão utilizado pelos jovens estudantes.

10. Consiste em argumento contrário à correspondência eletrônica o fato de não ser acessível à muitos, o que implica possível perda de informações importantes.

11. São fatores adversos ao uso generalizado de e-mail na Internet: empobrecimento das relações sociais e facilitação de mal-entendidos, derivados de ruídos nas informações.

Nos itens a seguir, os fragmentos constituem trechos sucessivos e adaptados do editorial de O Estado de Minas de 8/10/2008. Julgue-os quanto à correção gramatical.

12. O Brasil não pode mais fugir à responsabilidade de enfrentar a realidade de que está deixando de ser um país de jovens. A queda da fertilidade e o aumento da expectativa de vida são dados positivos e indicam avanços típicos de países mais desenvolvidos e de populações mais esclarecidas.

13. Mas, quando esses dois fatos ocorrem ao mesmo tempo, na velocidade em que vêm sendo observados no Brasil, a soma de seus efeitos é explosiva e precisa ser encarada com seriedade e planejamento.

14. A melhoria de nossa produção de estatísticas e a evolução acadêmica da capacidade dos técnicos brasileiros de interpretá-los não tem deixado faltar munição a planejadores, a autoridades e à todas as pessoas de responsabilidade.

15. Em estudo que acaba de ser divulgado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), ressalta-se o impacto das mudanças na distribuição das faixas etárias da população brasileira.

16. Os dados foram produzidos pela última Pesquisa Nacional de Amostragem por Municípios, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). São marcantes a queda da participação dos mais jovens no total da população.

Considerando que os fragmentos incluídos nos itens a seguir são partes sucessivas de um texto adaptado de Pedro da Motta Veiga e Roberto Magno Iglesias (<www.bndes.gov.br>), julgue-os quanto à correção gramatical.

17. A institucionalidade da política de comércio exterior viveu, a partir do final dos anos 80, uma lenta e difícil transição. Até então, o modelo institucional apoiava-se na centralização do poder normativo e de gestão dos instrumentos (de promoção, de financiamento etc.) em uma superagência estatal: a CACEX, do Banco do Brasil, funcionando o Conselho de Comércio Exterior como instância interministerial de formulação de políticas.

18. A extinção da CACEX ocorreu simultaneamente à uma ampla redefinição do quadro em que é formulada e implementada a política brasileira de comércio exterior: novos condicionantes externos (as regras da

OMC e os compromissos no MERCOSUL) E internos (os esforços de ajuste fiscal) restringiram drasticamente as perspectivas de continuidade das políticas de exportação então vigentes, ao passo que a abertura comercial redefiniu prioridades e instrumentos no âmbito da política de importação.

19. A partir de meados da década passada, o objetivo de aumentar exportações ganhou destaque entre as prioridades de governo, e as negociações comerciais adquiriram peso crescente na agenda da política de comércio exterior, tornando-se gradativamente uma questão significativa no debate político doméstico no país.

20. Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

COMENTÁRIOS

Domínio das Relações Morfossintáticas, Semânticas e Discursivas

1. **ERRADO.** O primeiro erro relaciona-se à semântica: há uma ambiguidade no trecho "Compradores de diferentes partes do mundo de produtos oriundos de florestas"; o segmento "de produtos oriundos de florestas" pode estar relacionado tanto a "Compradores" quanto a "mundo", gerando duplo sentido. O segundo erro é gramatical: a forma verbal "passaram" não concorda com seu sujeito, cujo núcleo é "certificação". Para que o período estivesse gramaticalmente correto, tal verbo deveria ficar no singular. Observe-se que a conjunção "e" – presente em "a certificação de manejo florestal e de produtos derivados de florestas" – não está ligando dois núcleos do sujeito (o que levaria o verbo para o plural), e sim dois complementos nominais para o termo "certificação".

2. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Deve-se observar que este tipo de questão abrange vários temas que precisam ser avaliados com cuidado. São eles: a) pontuação; b) concordância; c) regência; d) crase; e) ortografia; f) coesão; g) coerência; h) vícios de linguagem.

3. **ERRADO.** Há dois erros gramaticais no período. O primeiro consiste no uso inadequado da vírgula após a forma verbal "gerenciado", uma vez que está separando o verbo do agente da passiva. Ainda que se considere "gerenciado" como adjetivo-particípio, a vírgula estará errada por separar o adjetivo do seu complemento nominal. O segundo erro é a ausência do sinal indicativo de crase no segmento "aberto a participação das partes interessadas". O adjetivo "aberto" exige a preposição **a** e o substantivo "participação" exige o artigo "a", já que o substantivo está especificado.

4. **ERRADO.** No segmento "Atendendo à regras internacionais", ocorre um erro no emprego do sinal indicativo de crase. Sabe-se que tal sinal não pode ocorrer antes de palavras em sentido genérico. Mesmo que o substantivo "regras" esteja especificado pelo adjetivo "internacionais", a ausência do artigo confere sentido genérico ao substantivo. De uma maneira simples:

a partícula "a", presente no segmento, é apenas uma preposição; não há emprego de artigo (que seria o artigo **as**). Logo, não pode ocorrer crase. Observe-se que jamais haverá crase se o substantivo estiver no plural e a partícula "a" estiver no singular.

5. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Deve-se observar que este tipo de questão abrange vários temas que precisam ser avaliados com cuidado. São eles: a) pontuação; b) concordância; c) regência; d) crase; e) ortografia; f) coesão; g) coerência; h) vícios de linguagem.

6. **CERTO.** Pode haver dúvidas em dois pontos. O primeiro seria no emprego da forma verbal "vem", no singular. Observe-se que o sujeito é o segmento "o circuito da comunicação humana", e não o termo "alterações"; portanto a concordância está correta. O segundo seria o emprego de "cuja", no segmento "em cuja composição se encontram...". Note-se que o pronome "cuja", contextualmente, faz referência aos substantivos "circuitos" e "composição", estabelecendo relação de posse entre eles. Quanto ao emprego da preposição "em", que antecede tal pronome relativo, observe-se que ela é exigida pela função de adjunto adverbial que exerce e pela regência da forma verbal "se encontram": *o que se encontra se encontra em algum lugar*. O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Deve-se observar que este tipo de questão abrange vários temas que precisam ser avaliados com cuidado. São eles: a) pontuação; b) concordância; c) regência; d) crase; e) ortografia; f) coesão; g) coerência; h) vícios de linguagem.

7. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Pode haver dúvidas em relação ao emprego da locução comparativa "do que". A Gramática afirma que nas comparações, tanto faz se usar a conjunção comparativa "que" ou a locução comparativa "do que".

8. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Pode haver dúvidas em relação ao emprego do termo "recebedor", um tanto estranho. O dicionário, porém, registra as formas substantivas "recebedor" e **receptor**.

9. **ERRADO.** Na construção "o *e-mail* é melhor meio de adesão utilizado pelos jovens estudantes", faltou o emprego do artigo **o** antes do vocábulo "melhor". Esse adjetivo está no grau superlativo relativo de superiorida-

de. Nessa forma, o artigo é obrigatório. Pode-se até não usar o artigo, mas o adjetivo passaria ao grau comparativo de superioridade. Como exemplo, estaria correta a seguinte construção:

> **O *e-mail* é melhor meio de adesão que as cartas comuns.** (Grau comparativo de superioridade sintético).

10. **ERRADO.** O erro consiste no uso incorreto do acento indicativo de crase no segmento "à muitos". Sabe-se que "muitos" é um dos pronomes indefinidos. Não existe crase com tais pronomes. Outra forma de se perceber o erro seria o fato de "muitos" ser uma palavra masculina e, ainda, o fato de estar no plural.

11. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Não há o que comentar, uma vez que inexistem detalhes que poderiam gerar dúvidas.

12. **CERTO.** Pode haver dúvidas quanto ao uso da construção "fugir à responsabilidade...". Admite-se também a forma *fugir da responsabilidade*. Ambas estariam corretas.

13. **CERTO.** Pode haver dúvidas quanto à concordância no trecho "a soma de seus efeitos é explosiva e precisa ser encarada...". Deve-se observar que "é explosiva" e "encarada" estão concordando com o substantivo " soma" – que é o núcleo do sujeito. Por isso estão no singular e no feminino. Não se admite, neste caso, a concordância com o substantivo "efeitos", uma vez que não se encontram, no contexto, os casos em que se admitiria a concordância com o adjunto adnominal ou complemento nominal: sujeito com expressões partitivas, com números percentuais ou com substantivos coletivos.

14. **ERRADO.** Há dois erros gramaticais. O primeiro consiste na falta de concordância verbal. Note-se que a forma verbal "tem" deveria receber acento circunflexo – o que denotaria plural –, concordando assim com os núcleos do sujeito: os substantivos "melhoria" e "evolução". O segundo consiste no emprego incorreto do sinal indicativo de crase no segmento "à todas as pessoas...". Observe-se que "todas" é um pronome indefinido (caso proibitivo de crase). Além disso, não se emprega crase quando a partícula "a" antecede palavras no plural, desprovidas de artigo.

15. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Não há o que comentar, uma vez que, a nosso ver, inexistem detalhes que poderiam gerar dúvidas.

16. **ERRADO.** Note-se que no trecho "São marcantes a queda da participação dos mais jovens no total da população", não houve concordância entre o verbo e o seu sujeito. O núcleo do sujeito é o substantivo "queda" – que está no singular. Logo, em vez de "São marcantes", deveria ter sido utilizada a forma **É marcante**.

17. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Não há o que comentar, uma vez que inexistem detalhes que poderiam gerar dúvidas.

18. **ERRADO.** Há dois erros gramaticais. O primeiro consiste no emprego incorreto do sinal indicativo de crase no segmento "simultaneamente à uma ampla redefinição do quadro". Sabe-se que não existe crase antes de artigos indefinidos, sejam masculinos ou femininos. O segundo é a grafia incorreta da conjunção "E", que deveria ter sido escrita em letra minúscula, pois não há nada que justifique o emprego em maiúscula.

19. **CERTO.** O item não apresenta erro algum, seja de gramática seja de construção textual. Pode haver dúvidas em relação ao emprego da vírgula que antecede a conjunção aditiva "e". A gramática estabelece que a vírgula pode ocorrer antes de tal conectivo em quatro situações:

    a. para separar orações coordenadas com sujeitos diferentes;

    b. para separar orações em que o conectivo **e** tenha valor adversativo;

    c. para separar o polissíndeto (repetição reiterada e estilística de um conectivo);

    d. para se dar ênfase ao último termo ou à última oração de uma série enumerativa.

    Observe-se que no trecho "o objetivo de aumentar exportações ganhou destaque entre as prioridades de governo, e as negociações comerciais adquiriram peso crescente...", a conjunção "e" une duas orações, cujos verbos são "ganhou" e "adquiriram". Note-se ainda que cada uma dessas formas verbais possui um sujeito diferente, cujos núcleos são "objetivo" e "negociações", respectivamente. Portanto, a justificativa para o emprego da vírgula é a alternativa **a**, logo acima.

20. **ERRADO.** Há pelo menos três erros no trecho " Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época...". O primeiro deles é de regência: falta a preposição **em** imediatamente antes do pronome "que", já que esse pronome exerce a função de adjunto adverbial. O segundo é a falta de paralelismo sintático entre "se formula e gerencia": deveria ter sido repetida a partícula "se" imediatamente antes de "gerencia", pois a ausência desse termo gera ambiguidade. Note-se que se poderia interpretar o termo "a política" como sujeito ou como objeto direto – um contrassenso. E o terceiro erro é a conjugação do verbo VIGER: o certo não é "vigiu", e sim **vigeu**. VIGER conjuga-se como VENDER, exceto na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e seus tempos derivados, pois VIGER é defectivo – verbo com falhas de conjugação.

Acentuação e Ortografia

Capítulo 12

1 "Em linhas gerais, as sugestões, recomendações e alterações propostas pela Comissão buscaram complementar as informações disponibilisadas e padronizar o processo de acompanhamento das metas de modo que se atenuasse os aspectos de subjetividade presente nos
5 processos de mensuração de resultados."

1. O erro de grafia presente no parágrafo, ainda que não comprometa a compreensão do trecho, deve ser corrigido.

Declarção de ministros do trabalho do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) na Conferência Regional de Emprego

1 CONSIDERANDO:
(...) Que o desafio do MERCOUL é colocar emprego de qualidade no centro das estratégias de desenvolvimento, para construir instrumentos de intervenção relevantes para a inclusão social.
5 (...)
POR ISSO: OS MINISTROS DE TRABALHO, no marco da CONFERÊNCIA REGIONAL DE EMPREGO convocada pela Comissão Sociolaboral do MERCOSUL, DECLARAM:
(...)

2. O emprego das maiúsculas em "MERCOSUL" (ℓ.2), assim como em outras palavras do texto, contraria as normas abonadas pela ortografia oficial da língua portuguesa.

SINTAGMA

1 "Entre os novos tipos de profissional que hoje mais despertam interesse nas empresas estão também: o arquiteto da informação, responsável por organizar o conteúdo dos sítios para que as pessoas encontrem as informações com facilidade e façam suas compras na rede
5 sem que esse seja um processo demorado demais; o cientista do exercício, que elabora um plano completo de **prevenção** de doenças, no qual se incluem programas de condicionamento físico, para clientes de planos de saúde e para empregados de empresas..."

3. A palavra "prevenção" (ℓ.5) se escreve com "ç", da mesma forma que "correção", "precaução" e "compreenção".

1 "Eis que se revela o estadista, em toda sua plenitude, e o gênio político na força de sua capacidade. Os que nele esperavam vinditas e represálias se surpreendem e se decepcionam. Suspende, por iniciativa própria, no mesmo dia de sua posse, o estado de sítio, restaura as
5 franquias legais, devolve à imprensa e aos instrumentos de comunicação os veículos da liberdade".

4. O substantivo referente ao verbo "Suspende" (ℓ.3) se grafa corretamente assim: **suspenção**.

5. As palavras "amazônico" e "viúva" acentuam-se de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

6. As palavras "água", "renovável" e "distribuído", recebem acento gráfico pela mesma razão.

1 "Na CALC, mesmo que os líderes latino-americanos tenham falado de seu poder coletivo e de sua unidade crescente, as tensões regionais ficaram evidentes. O atrito entre Equador e Brasil é um exemplo: o presidente equatoriano, Rafael Correa, expulsou executivos da
5 construtora brasileira Odebrecht e está questionando o empréstimo feito pelo poderoso Bando Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que financia projetos de obras públicas na América Latina".

7. As palavras “líderes” (ℓ.1), “empréstimo” (ℓ.5), “Econômico” (ℓ.6-7) e “públicas” (ℓ.7) recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.

8. O vocábulo **traz** corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma **trás** é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

> “Promulgada em setembro de 2008, a nova Lei do Estágio ainda provoca dúvidas entre empresários e estudantes.”

9. Caso fosse eliminado o acento da palavra “dúvidas” (ℓ.2), o texto ficaria incoerente, pois a forma resultante corresponderia a palavra pertencente a outra classe gramatical.

> “O ano de 1964 representou para a Universidade de Brasília o maior retrocesso que pôde existir na história do ensino superior no Brasil.”

10. O acento gráfico em “pôde” (ℓ.2) obriga o leitor a situar a oração em que tal forma verbal está inserida no tempo pretérito.

COMENTÁRIOS

Acentuação e Ortografia

1. **CERTO.** O erro de grafia presente no texto é o da palavra "disponibilisadas". Veja-se que o verbo **disponibilizar** é grafado com "z", portanto o particípio de tal verbo também deve ser escrito com "z". Realmente tal erro não compromete a compreensão do texto. Mesmo assim, deve ser corrigido.

2. **ERRADO.** O emprego das maiúsculas em "MERCOSUL" justifica-se por ser esta palavra uma abreviação do bloco econômico conhecido como Mercado Comum do Sul. Outra expressão foi grafada com maiúsculas por ser o nome de um evento – "Conferência Regional de Emprego". Veja-se também que em redações oficias há a possibilidade de se empregarem letras maiúsculas com o objetivo de DESTACAR. Por exemplo, são indicados, em letras maiúsculas, a epígrafe, o cargo da autoridade emitente, o órgão, a palavra CONSIDERANDO, e a ordem de execução ("DECRETA" ou "RESOLVE", de acordo com o ato).

3. **ERRADO.** "Compreenção" se escreve com "s" – Compreensão. No capítulo 19 do nosso livro "*Português Básico Aplicado ao Texto",* listamos algumas dicas práticas desta matéria, porém reconhecemos que a melhor forma de se aprender a correta grafia de um vocábulo é a retenção de sua imagem, o que ocorre por meio da leitura e da constante escrita.

4. **ERRADO.** A regra diz que usa-se S e não C/Ç nas palavras substantivas derivadas de verbos com radicais em **ND,** RG, RT, PEL, CORR e SENT. Alguns exemplos: pretender – pretensão / inverter – inversão / discorrer – discurso / consentir – consensual. Portanto, a grafia correta seria **suspensão – suspeNDer.**

5. **ERRADO.** A palavra "a-ma-zô-ni-co" é acentuada por ser uma proparoxítona. O vocábulo "vi-ú-va" acentua-se por ser uma paroxítona com vogal tônica (u) antecedida de uma vogal (i) com que não forma ditongo e nem constitui sílaba com a eventual consoante seguinte. Alguns exemplos dessa última regra: aí, Luís, atraíam, cafeína, juízes, miúdo, paraíso e sanduíche. Esse é um caso especial de acentuação de hiatos com as vogais 'i' e 'u'.

6. **ERRADO.** "Água" – paroxítona terminada em ditongo oral. "Renovável" – paroxítona terminada em 'l'. "Distribuído" – paroxítona com vogal tônica (i) antecedida de uma vogal (u) com que não forma ditongo e nem constitui sílaba com a eventual consoante seguinte. Veja-se o comentário da questão 5.

7. **CERTO.** "Lí-de-res", "em-prés-ti-mo", "E-co-nô-mi-co", "pú-bli-cas", todas elas são proparoxítonas, portanto devem ser acentuadas.

8. **CERTO.** A preposição *trás,* que indica situação posterior, tornou-se arcaica. Atualmente, é substituída pelas locuções *depois de* e *atrás de*; em raras vezes, por sua sinônima *após. Traz* é a forma do presente do indicativo do verbo *trazer,* na 3º pessoa do singular.

9. **CERTO.** O vocábulo 'dúvidas' classifica-se como *substantivo* e significa falta de clareza. Sem o acento, torna-se *verbo (*duvidar).

10. **CERTO.** ***Pôde*** é a forma do passado do verbo *poder* (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. ***Pode*** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular. Exemplo: Ontem, ele não pôde estudar gramática, mas hoje ele pode.

Coleção
Questões Comentadas

1. CESPE I (médio e superior)
2. CONSULPLAN (médio e superior)
3. FGV I (médio e superior)
4. FGV II (superior)
5. UNIVERSA (médio e superior)
6. UNIVERSA + IADES (médio e superior)
7. CESPE II (médio)
8. CESPE III (superior)
9. FCC I (médio)
10. FCC II (superior)
11. DIVERSAS BANCAS I (médio)
12. DIVERSAS BANCAS II (superior)

Editora Sintagma
www.editorasintagma.com.br
3033.8475 - Brasília/DF

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo - SEE/SP

PROFESSOR

Educador/Docente

Professores de Educação Básica II – PEB II

(Resolução SE 52, de 14-8-2013)

ÍNDICE

Bibliografia Geral - Educador

Livros e Artigos

1. CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva com os Pingos nos Is. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. 01

2. CORTELLA, Mário Sérgio. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 14. ed., São Paulo, Cortez, 2011 02

3. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011 08

4. FREITAS, Luiz Carlos de. Eliminação Adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da (má) qualidade do ensino. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28. n.100 – Especial, p.965-987, out. 2007. 09

5. GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. Políticas docentes no Brasil: um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2001. 15

6. LA TAILLE, Yves.DANTAS, Heloisa e OLIVEIRA, Marta Kohl de, Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 24. ed. São Paulo: Summus, 1992 15

7. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro, UNESCO/Cortez Editora, cap. III e IV, p. 47-78, e cp. VI, 93-104, 2000. 18

8. RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. 20. ed., São Paulo: Cortez, 2011 20

9. SACRISTÀN, J. Gimeno; PÉREZ GOMES, A. I. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000 24

10. SAVIANI, Dermeval. Histórias das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas; Autores Associados, 2010 35

11. TEIXEIRA, Anísio. A escola pública universal e gratuita. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.26, n.64, out./dez. 1956. p.3-27. 36

Publicações Institucionais

1. BRASIL. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, MEC/SEESP, 2008. 01

2. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998 05

3. SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio: documento de apresentação. São Paulo: SE, 2012, p. 7-20 11

Legislação

1. BRASIL CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL – 1988. (Artigos 5º, 6º; 205 a 214) 01

2. BRASIL LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança do Adolescente – ECA (Artigos 1º a 6º; 15 a 18; 60 a 69) 14

3. BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 20

4. BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (anexo o Parecer CNE/CP nº 3/2004) 30

5. BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 4, DE 13 DE JULHO DE 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (anexo o Parecer CNE/CEB nº 7/2010) 37

6. BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 30 DE MAIO DE 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (anexo o Parecer CNE/CP nº 8/2012) 70

7. SÃO PAULO. DECRETO Nº 55.588, DE 17 DE MARÇO DE 2010. Dispõe sobre o tratamento nominal das pessoas transexuais e travestis nos órgãos públicos do Estado de São Paulo e dá providências correlatas 82

8. SÃO PAULO. DELIBERAÇÃO CEE Nº 9/97. Institui, no sistema de ensino do Estado de São Paulo, o regime de progressão continuada no ensino fundamental. (Indicação CEE nº 8/97 anexa) 82

Bibliografia Geral - Docente

Livros e Artigos

1. ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete. Juventudes e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 01

2. FREURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: Editora DPA, 2003 02

3. LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar, 22. ed., São Paulo: Cortez Editora, 2011 10

4. MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Currículo, diferença cultural e diálogo. Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79. Agosto/2002, p. 15-38. 13

5. TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2005 19

6. SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004 22

7. ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010 25

AVISO

A PRESENTE APOSTILA NÃO ESTÁ VINCULADA A EMPRESA ORGANIZADORA DO CONCURSO PÚBLICO A QUE SE DESTINA, ASSIM COMO SUA AQUISIÇÃO NÃO GARANTE A INSCRIÇÃO DO CANDIDATO OU MESMO O SEU INGRESSO NA CARREIRA PÚBLICA.

O CONTEÚDO DESTA APOSTILA ALMEJA ENGLOBAR AS EXIGENCIAS DO EDITAL, PORÉM, ISSO NÃO IMPEDE QUE SE UTILIZE O MANUSEIO DE LIVROS, SITES, JORNAIS, REVISTAS, ENTRE OUTROS MEIOS QUE AMPLIEM OS CONHECIMENTOS DO CANDIDATO, PARA SUA MELHOR PREPARAÇÃO.

ATUALIZAÇÕES LEGISLATIVAS, QUE NÃO TENHAM SIDO COLOCADAS À DISPOSIÇÃO ATÉ A DATA DA ELABORAÇÃO DA APOSTILA, PODERÃO SER ENCONTRADAS GRATUITAMENTE NO SITE DA APOSTILAS OPÇÃO, OU NOS SITES GOVERNAMENTAIS.

INFORMAMOS QUE NÃO SÃO DE NOSSA RESPONSABILIDADE AS ALTERAÇÕES E RETIFICAÇÕES NOS EDITAIS DOS CONCURSOS, ASSIM COMO A DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DO MATERIAL RETIFICADO, NA VERSÃO IMPRESSA, TENDO EM VISTA QUE NOSSAS APOSTILAS SÃO ELABORADAS DE ACORDO COM O EDITAL INICIAL. QUANDO ISSO OCORRER, INSERIMOS EM NOSSO SITE, www.apostilasopcao.com.br, NO LINK “ERRATAS”, A MATÉRIA ALTERADA, E DISPONIBILIZAMOS GRATUITAMENTE O CONTEÚDO ALTERADO NA VERSÃO VIRTUAL PARA NOSSOS CLIENTES.

CASO HAJA ALGUMA DÚVIDA QUANTO AO CONTEÚDO DESTA APOSTILA, O ADQUIRENTE DESTA DEVE ACESSAR O SITE www.apostilasopcao.com.br, E ENVIAR SUA DÚVIDA, A QUAL SERÁ RESPONDIDA O MAIS BREVE POSSÍVEL, ASSIM COMO PARA CONSULTAR ALTERAÇÕES LEGISLATIVAS E POSSÍVEIS ERRATAS.

TAMBÉM FICAM À DISPOSIÇÃO DO ADQUIRENTE DESTA APOSTILA O TELEFONE (11) 2856-6066, DENTRO DO HORÁRIO COMERCIAL, PARA EVENTUAIS CONSULTAS.

EVENTUAIS RECLAMAÇÕES DEVERÃO SER ENCAMINHADAS POR ESCRITO, RESPEITANDO OS PRAZOS ESTITUÍDOS NO CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR.

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA APOSTILA, DE ACORDO COM O ARTIGO 184 DO CÓDIGO PENAL.

APOSTILAS OPÇÃO

Livros e Artigos

1. CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva com os Pingos nos Is. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA:

Muito se tem discutido acerca da educação inclusiva pelos operantes da Educação. E, consequentemente muitas são as teorias, discordâncias, ideias e pensamentos sobre o assunto. Mas o livro em questão visa defender primordialmente a educação inclusiva como REESTRUTURAÇÃO DAS ESCOLAS de modo a atenderem a todos que dela se utilizam.

Como tudo na vida, há de se evidenciar a evolução histórica sobre os mais diversos conceitos de educação que vem se diversificando substancialmente no decorrer dos séculos, dado a constante mutatividade cultural.

Assim, vislumbramos na Antiguidade primitiva a educação como essencialmente prática, calcada numa educação igual para todos, de tal sorte que todos eram educadores e alunos ao mesmo tempo. Já na antiguidade clássica, o pensamento pedagógico grego destacou-se dos demais, a tal ponto de refletir em alguns aspectos na processo educacional de hoje. Calcado sobretudo, na Paideia (educação integral) , tentava aliar o desenvolvimento intelectual ao desenvolvimento do corpo. Porém há de se ressaltar que em ambos os períodos, nem todos gozavam deste privilégio, já que os escravos eram tratados como objetos, e portanto, preteridos da formação educacional. Da mesma maneira, tais exclusões sociais, ocorreram na Idade Média, onde absorvidos pela descomunal influência do cristianismo, o Paideia era permitido tão somente a nobreza e membros do clero e também pelo próprio clero desenvolvidos, sistematizados e reproduzidos.

Foi a partir da Revolução Francesa que se iniciou os primeiros passos para a evolução dos conceitos restritivos de socialização ocorreu somente com a Revolução francesa, protagonizada pelos burgueses (que não eram nobres), com as diversas manifestações e apologia as lutas em favor das liberdades individuais, com apoio na igualdade humanista e afirmando processo civilizatório extensivo a todos os seres humanos, mas que ainda, restringia acessos, porque era centralizada no poder, com ênfase na educação para governar, misturando-se assim "poder" e "socialização" de acordo com a conveniência burguesa da época.

Mais tarde, estas ideias revolucionárias francesas deram espaços a novos manifestos, como o positivismo, que por consequência trouxe o otimismo pedagógico a medida em que fundava-se nas mesmas oportunidades a todos, indistintamente, com o grande destaque de tratar-se do primeiro movimento norteando a importância da escola para o processo de desenvolvimento que a humanidade deveria alcançar dentro de seus próprios limites e aptidões.

Obviamente que ainda limitado, não há como não reconhecer o grande benefício do positivismo, trazendo a luz da sociedade da época, a introdução a "crítica no pensamento pedagógico", tal qual, a influência que exerceu no movimento dos anos 30, denominado Escola Nova (caracterizado essencialmente pela difusão de que através da educação seria possível a reconstrução social).

O escolanovismo era sintetizado pelo lema: colocando o aluno no centro do processo educacional através de uma escola ativa, e perdura até hoje em algumas correntes teóricas acerca do assunto.

PROPOSTA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A sociedade inclusiva nada mais é que a representatividade da inclusão da sociedade na escola, em um sentido bastante amplo, participativo e detalhadamente desenvolvido e planejado, tanto sob o aspecto pedagógico, como sob o aspecto social propriamente dito.

E, embora, implicitamente a grande maioria das pessoas relacionem a inclusão escolar diretamente a alunos com deficiência, que necessitam de educação "especial" passando-os para a rede regular de ensino, não é este o precípuo do paradigma.

Ao contrário, há um sentido igualitário no processo de inclusão, onde busca-se aprendizados mútuos entre os educandos, de tal sorte, de todos aprendem com todos a partir de um ambiente heterogêneo com práticas pedagógicas diversificadas, embasadas nos quatro pilares de sustentabilidade da educação proposta pela UNESCO para o atual século: aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a ser e a aprender a viver junto. (Delors, 1.996).

É salutar o entendimento da proposta, que fundamenta-se, dentre outros, na capacidade de professores e educadores com especializações genericamente considerados, a fim de propiciar o mesmo aprendizado a qualquer aluno seja ele portador de necessidades especiais físicas, mentais, psicológicas ou não.

A gênese está centrada no cooperativismo, nas tarefas coletivas, profissionais de aprendizagem dando espaço aos profissionais do ensino, dinâmica educacional, tudo no sentido de envolver uns aos outros e garantir sobretudo a motivação.

Esta é sem dúvida uma tarefa árdua que deve ser alcançada gradativamente, a medida em que envolve valores pré estipulados pela sociedade onde vivemos que naturalmente acaba por conceituar o que é diferente daquilo tido como comumente visto ou aceitável. Com efeito, há hostilização mormente involuntária em torno daquelas pessoas que apresentam diferenças significativas, geralmente ligadas a características físicas, mentais, psíquicas e até mesmo do anverso, quando nos deparamos com pessoas com capacidade intelectiva altamente elevada, rotuladas socialmente como "superdotados".

Estes entraves socioculturais acabam por atrapalhar ou retardar a evolução da inclusão, porque justamente são barreiras construídas a partir do "padrão de exclusão" determinado pela própria coletividade.

Outro aspecto a ser apreciado que envolve a questão, é a exclusão social motivada pela insegurança que nos norteia no dia a dia. Sucessivos atos de vandalismo, violência e tragédias, causam cada vez mais repugnância a todos, fazendo com que nos tranquemos dentro de nossas casas e deixemos de interagir entre nós mesmos. Esta exclusão intrínseca que criamos, inevitavelmente refletirá na educação inclusiva.

Não obstante os aspectos acima, ainda deparamo-nos com a exclusão no próprio processo educacional escolar, justamente pela falta de alcance de toda a complexidade que envolve a integração e humanização igualitária entre educadores e educandos. E este fracasso não será sanado enquanto perdurarem certos tabus de que professores são professores e alunos são alunos, cada qual no seu lado da sala de aula. Mais uma vez, não basta a vontade de ensinar; não basta a vontade de aprender; tem que haver motivação equilibrada, sintonia entre o saber e o aprender em iguais proporções, intensidade e compartilhamento. A palavra de ordem é INTERAÇÃO VERDADEIRA. Esta é a incessante busca da inclusão escolar.

Afora todos estes argumentos também há de evidenciar que isso tudo será pura utopia se o sistema governamental e educacional, não se ater a alguns requisitos imprescindíveis para o sucesso da proposta, tais como:

- implementação através de estudo desenvolvido minuciosamente com responsabilidade;
- ciência da necessidade da continuidade de alguns tipos de escolas especiais, para determinados casos, que não devem ser radicalmente rotulados como "excludentes";
- interatividade das famílias e sociedade como um todo dentro do processo;
- propiciar especializações e cursos de aperfeiçoamentos aos professores de modo que se mantenham constantemente atualizados;
- melhores condições de trabalho e de salário de nossos professores;
- investimentos em tecnologia a serviço da educação;

- capacitação dos gestores da administração compartilhada;
- concretização de diálogos periódicos entre professores, gestores, sociedade, dentro e fora da escola;

FATORES ORGANIZACIONAIS E POLÍTICOS QUE CONTRIBUEM PARA A EXCLUSÃO SOCIAL

A autora Rosita Edler Carvalho ressalta em sua obra, como um dos principais problemas que envolvem atualmente a questão são as políticas públicas e sociais direcionadas a educação. O excesso de leis, resoluções e atos normativos existentes auxiliam nas divergências de interpretações, que impõem um conflito de aplicação das normas, por vezes tão contraditórias a ponto de não se aplicar nem uma nem outra por não se saber qual realmente é a correta. E não é segredo nenhum a morosidade da justiça em decidir qual norma é hierarquicamente superior ou qual é a mais adequada, de tal sorte, que por anos problemas desta natureza se arrastam sem uma solução pedagógica plausível e adequada.

MAS AFINAL, NO QUE CONSISTE UM SISTEMA EDUCACIONAL INCLUSIVO?

De forma clara, objetiva e sintetizada, o ideal dos sistemas educacionais inclusivos visam:

- o direito a educação igualitária em relação a diversidade de classes, etnias, características, condições financeiras, entre outros transtornos sociais;
- o direito à igualdade de oportunidades, o que não significa tratar todos de forma iguais, mas possibilitar a cada um o que necessita de acordo com suas características próprias.
- escolas responsivas e de qualidade;
- direito a plena aprendizagem e participação eficaz.

Tais desafios tem sido objeto de sucessivas conferencias internacionais entre os países em desenvolvimento, realizadas periodicamente através de fóruns de discussões, considerando-se uma cadeia de fatores que se interligam entre si, causadores da morosidade do avanço das técnicas inclusivas, entre elas: a pobreza, o alto índice de analfabetismo, despreparo dos educadores e gestores, carências psíquicas, e outros obstáculos que precisam ser trabalhados para a consagração da educação inclusiva.

Nesse contexto, a UNESCO apresentou um projeto Principal de Educação em Paris, 1981, na Conferência Geral de Educação, com a proposta básica de parcerias internacionais e cooperação dentro de cada país, criando um espaço sistemático para encontros entre Ministros de Educação dos Países da América Latina e Caribe.

Destes encontros resultam recomendações de cunho organizacional para implementação gradual da inclusão, que, especificamente voltadas para a América Latina e Caribe, reiteram vertentes constantemente levantadas como: o direito a educação e garantia de financiamentos que propiciem melhorar a oferta educacional para todos; escolas responsivas e de qualidade; reconhecimento e incentivo ao fortalecimento capacitatório dos docentes; acesso e transparência a população quanto aos processos de gestão educacional.

E QUAL O PAPEL DA ESCOLA NESTA INCLUSÃO?

Uma boa escola, capaz de proporcionar para todos, com todos e sem discriminação o aprendizado com participação de todos, sem exclusões, está desempenhando com certeza absoluta, a proposta de inclusão. Em contra partida para lograr êxito e transformar-se em "escola inclusiva" necessário a REMOÇÃO DE BARREIRAS através de gestão administrativa pública.

E se indagarmos a quem cabe a remoção de todas estas barreiras: a resposta mais sensata é: CABE A TODOS: desde o porteiro da escola até o Presidente da República, passando por professores, alunos, e por todos indivíduos que coletivamente unidos, dão vida própria a denominação SOCIEDADE.

Destarte, a elaboração de um projeto político pedagógico para as escolas, embora prevista na nossa LDB (Lei 9394/96) e claramente explicitado no artigo 14, I, tem se mostrado um desafio seja pela novidade para muitos, seja pela inexperiência do verdadeiro trabalho em equipe. Muito mais que um plano de trabalho, o projeto visa a "identificação única" da escola, evidenciando os valores e percurso que pretende seguir para atingir a plenitude educativa, que se dá através de uma boa formação de educadores, adequações na prática pedagógica, processo avaliatório, participação da família e da comunidade, constantes estudos e pesquisas como ações indispensáveis ao processo educativo.

CONCLUSÃO:

Como vemos, a educação inclusiva compreende vários fatores que vão além dos portões da "escola" e não produzem a eficácia pretendida por todos os elementos de cunho sócio-político-econômico elencados em várias oportunidades neste texto. E, infelizmente todas as instruções, normatizações, recomendações, conferências, discussões e manifestações para a sua efetiva implementação tendem a virar "letra morta" se todos os elementos subjetivos causadores da exclusão não forem revistos pelas administrações públicas federais em harmonia com as administrações estaduais e municipais.

Não há como sanear a consequência do problema sem atingir a causa. Não há como pensar em INCLUSÃO a qualquer título sem antes acabar com a EXCLUSÃO.

Para muitos que leem, este texto pode soar apenas mais um texto puramente utópico, mas a estes leitores, que atuam na área da Educação, cabe mais do que ninguém, uma imediata reflexão de valores, revisão de pré conceitos, porque primeiro precisamos nos libertar das nossas próprias barreiras e encontrarmos uma verdade em todo o contexto aqui relatado.

Só assim, acreditando na possibilidade de mudar a realidade atual da nossa estrutura educacional e aceitando tais ideias como solução para a exclusão, é que poderemos participar ativamente do processo educacional inclusivo, pois enquanto cada um não receber esta mensagem verdadeiramente para si, qualquer tentativa de modificação ou melhorias será inócua, inviável e puramente utopia.

"O CAMINHO É ÁRDUO, MAS LONGE É UM LUGAR QUE NÃO EXISTE...

2. CORTELLA, Mário Sérgio. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 14. ed., São Paulo, Cortez, 2011.

A crise da Educação, como em outros setores, tem se apresentado como pauta constante em discussões nacionais. Como mostra a nossa realidade, é uma minoria que usufrui a riqueza produzida pelo país, em detrimento de uma maioria, o que gera a injustiça social.

Vamos aqui nos ater a questão educacional, buscando refletir e discutir as raízes de sua crise e as suas diversas manifestações.

Como ressalta o autor, a crise é a mesma e não é uma crise qualquer. É um projeto deliberado de exclusão e dominação social que precisa ser derrotado, para não ficarmos permanentemente aprisionados no maniqueísmo mercantil ou na disfarçada delinquência estatal.

Nos últimos trinta anos, um processo de urbanização acelerado transferiu a maioria absoluta de nossa população das áreas rurais para as cidades, sendo que a demanda por serviços públicos nos setores de educação, saúde, habitação, infra-estrutura urbana etc, tornou-se incapaz de atender a demanda.

A partir de 1964, o modelo econômico implantado no país, privilegiou a organização de condições para a produção capitalista industrial, levando o país a um brutal endividamento, retirando, cada dia mais, os recursos necessários para investimentos nos setores sociais, que foram reduzidos drasticamente, não acompanhando as novas necessidades urbanas decorrentes desse modelo econômico; disto, dois fatos emergiram: o colapso de serviços públicos como educação e saúde (com seu inchaço despreparado) e a progressiva ocupação deles pelo setor privado da economia.

Como ressalta Cortella, "na Educação, alguns dos efeitos foram desastrosos: demanda explosiva (sem um preparo suficiente da rede física), depauperação do instrumental didático-pedagógico nas unidades escolares (reduzindo a eficácia da prática educativa), ingresso massivo de educadores sem formação apropriada (com queda violenta da qualidade de ensino no momento em que as camadas populares vão chegando de fato à Escola), diminuição acentuada das condições salariais dos educadores (multiplicando jornadas de trabalho e prejudicando ainda mais a preparação), imposição de projeto de profissionalização discente universal e compulsória (desorganizando momentaneamente o já frágil sistema educacional existente), domínio dos setores privatistas nas instâncias normatizadoras (embaraçando a recuperação da educação pública), centralização excessiva dos recursos orçamentários (submetendo-os ao controle político exclusivo e favorecendo a corrupção e o desperdício).

Assim, a educação pública das últimas décadas (com reflexos no ensino privado) foi um dos desaguadouros do intencional apartheid social implementado pelas elites econômicas e é a partir dele que podemos compreender a crise da Educação e a atuação político/pedagógica dos educadores".

Aqui cabe apontar que não basta reafirmar que o aumento da quantidade de cidadãos na escola pública leva a uma queda da qualidade de ensino (com as causas já apontadas); é preciso pensar uma nova qualidade para uma nova escola, em uma sociedade que começa, paulatinamente, a erigir a Educação como um direito objetivo de cidadania. Assim, é necessário repensar fundamentos da articulação entre Educação, Epistemologia e Política, com a finalidade de recolocar o problema desta articulação, pois ele escapou do universo mais imediato do educador e da educadora que não estejam conectados diretamente ao mundo acadêmico, de modo a embasar um caminho que permita avanços significativos na construção de propostas pedagógicas e políticas de formação de educadores menos inadequadas para um embate social inovador.

Portanto, a qualidade tem que ser cuidada junto com a quantidade, em contrapartida ao antigo dilema da quantidade versus qualidade, sendo que a democratização do acesso e da permanência deve ser absorvida como um sinal de qualidade social. A qualidade na Educação passa, necessariamente, pela quantidade, sendo que a qualidade não se obtém por índices de rendimento unicamente em relação àqueles que frequentam escolas, mas pela diminuição drástica da evasão e pela democratização do acesso.

Também vale aqui ressaltar que não podemos esquecer o analfabetismo de adultos, que ainda não é um setor em que autoridades e interessados no aumento da universalização do ensino fundamental no Brasil busquem investir recursos.

A qualidade social carece de uma tradução em qualidade de ensino e, assim, a formação do educador necessita abranger o elemento técnico de especialização em uma área do saber, assim como a dimensão pedagógica da capacidade de ensinar; a discussão sobre tal dimensão envolve ainda temas mais amplos como a democratização da relação professor-aluno, a democratização da relação dos educadores entre si e com as instâncias dirigentes, a gestão democrática englobando as comunidades e, por fim, como objetivo político-social mais equânime, a democratização do saber. A democratização do saber deve revelar-se, então, como objetivo último da escola pública, na educação da classe trabalhadora (agora frequentando-a em maior número) com uma sólida base científica, formação crítica de cidadania e solidariedade de classe social.

Nesta perspectiva, uma nova qualidade social exige uma reorientação curricular que preveja o levar em conta a realidade do aluno. Levar em conta não significa aceitar essa realidade, mas dela partir; partir do universo do aluno para que ele consiga compreendê-lo e modificá-lo. Implica em voltar-se para as necessidades da quase totalidade de nossa população; porém, essa mesma população tem um arsenal de conhecimentos para o dia-a-dia que, se são satisfatórios para a sobrevivência imediata, mostram-se frágeis para a alteração mais radical de suas coletivas condições de existência.

A partir dos pontos acima levantados, Cortella, neste trabalho, objetiva analisar a questão do Conhecimento no interior da Escola, do ponto de vista de alguns de seus fundamentos epistemológicos e políticos (enquanto produção e apropriação da Cultura), de modo a subsidiar as educadoras e os educadores na reflexão sobre o sentido social concreto do que fazem.

HUMANIDADE, CULTURA E CONHECIMENTO

O Conhecimento é o objeto da atividade de todos que atuam em Educação, mas não pode, no entanto, ser reduzido à sua modalidade científica, pois, apesar de ela estar mais direta e extensamente presente em nossas ações profissionais cotidianas, outras modalidades (como o conhecimento estético, o religioso, o afetivo etc.) também o estão. O resultado da ação científica não atinge o conjunto da humanidade da mesma forma, nem com a mesma intensidade e condições de usufruto; ainda, mas não para sempre, estamos imersos em uma distribuição desigual e discriminatória das benesses dessa obra humana coletiva.

Assim, faz-se necessário, inicialmente, caminhar por algumas análises sobre a própria presença do ser humano na realidade e, dentro dela, o lugar do Conhecimento em suas múltiplas dimensões, e também para que possamos pensar o tema do Conhecimento e, a partir dele, produzir uma reflexão que nos ofereça mais fundamentos para nossas práticas pedagógicas

Inúmeras já foram as reflexões e definições que procuraram capturar uma essencialidade da natureza humana, a começar da mais clássica e conhecida: o Homem é um animal racional. A tentativa de identificar o humano, dar-nos uma identidade, isto é, nos diferenciar do restante da realidade de modo que nela nos localizemos; ao mesmo tempo, é a procura de uma definição (do latim finis, limite, fronteira) daquilo que é nosso contorno, que nos circunscreve, nos contém, ou seja, marca nosso lugar . Esse é um dos mais antigos temas que a humanidade se vem colocando no decorrer dos séculos.

Assim, qual é o nível atual de Conhecimento que a Ciência, como forma mais precisa e eficaz de investigação da realidade, nos aponta quanto ao lugar do humano?

Como aborda o autor, o que podemos identificar, de forma bastante geral, são conclusões provisórias e ainda submetidas a controvérsias:

- "estamos em um dos universos possíveis, ele é finito e tem provavelmente o formato cilíndrico (em função da curvatura do espaço sobre si mesmo);
- esse universo surgiu há aproximadamente 15 bilhões de anos, a partir de uma grande explosão inicial apelidada de "Big Bang" e se extinguirá daqui a outros tantos bilhões de anos, em função do esvaecimento da matéria e energia nele existentes;
- dessa explosão original resultou uma expansão (que ainda continua) em escala inimaginável, e que se concentrou, basicamente, em grandes massas estelares que, por sua vez, se agruparam 100 bilhões de galáxias;
- uma dessas galáxias é a nossa Via Láctea, contém 100 bilhões de estrelas;
- nessa galáxia, há 4,6 bilhões de anos, originou-se o nosso sistema solar;
- o Sol, uma das 100 bilhões de estrelas da galáxia, é relativamente pequeno (de 5ª grandeza), e tem, girando à sua volta, 9 já conhecidos planetas (do grego planetès, vagabundo, errante);
- um desses planetas é a Terra, o quinto em tamanho e distante 150 milhões de quilômetros do Sol;
- na Terra há vida e, até há pouco, supunha-se que só nela;
- estima-se que nosso planeta tenha entre 3 e 30 milhões de espécies de vida diferentes, embora apenas 1,4 milhão tenha sido classificada (750.000 insetos, 41.000 vertebrados, 250.000 plantas e o restante de outros invertebrados, fungos, algas e microrganismos);
- uma dessas espécies é a nossa, em sua forma mais recente (35.000 anos para cá), chamada de Homo Sapiens Sapiens;
- a espécie humana tem, no momento, 5,5 bilhões de indivíduos;
- um deles sou eu".

Aqui o autor aponta para perspectivas somente no nível da Ciência, sem apontar a multiplicidade de interpretações cambiantes das religiões e das artes.

A partir desta definição, também nos apercebemos que a consciência da vida transporta também à consciência da precariedade da vida e da transitoriedade da existência humana. Todos os seres vivos por nós conhecidos morrem; é provável que seja ser humano o único que sabe que vai morrer! Mas, afinal, o que é a vida? Objetivamente é o nome que damos ao intervalo de tempo entre nascer e morrer.

Mas, qual é, então, o sentido de nossa existência? Não há um sentido pronto, nem um sentido único que nos tenha sido entregue de antemão. Somos, antes de mais nada, construtores de sentido, porque, fundamentalmente, somos construtores de nós mesmos, a partir de uma evolução natural.

Ao fazermos um passeio pela nossas origens, e nos pensarmos como animais em conexão com o meio ambiente, nos deparamos com a nossa não especialidade.

Nessa perspectiva, o histórico da evolução biológica tem mostrado que a especialização exclusiva é, muitas vezes, fatal. Os animais que se adaptam perfeitamente ao seu habitat, alcançando um alto grau de definição (com suas "fronteiras" delimitadas e sem margem de flexibilidade), correm o risco de, ao acontecerem mudanças no ambiente, perecer.

Mas, qual é o nosso habitat? Onde podemos viver? Por não sermos especializados, nos tornamos um animal que teve que se fazer, se construir e construir o próprio ambiente.

O nosso processo evolutivo, de milhões de anos, foi acompanhado de alterações significativas em nosso equipamento biológico e estas, aos poucos, foram superando a pretensa desvantagem de nossa não-especialização.

A primeira dificuldade enfrentada por nós foi a locomoção; um segundo ponto é que a fonte de alimentos à disposição era diversa da encontrada nas árvores, passando-se, então, a comer também raízes, exigindo-nos dentes mais fortes. Assim, ao longo de centenas de milhares de anos, foram sendo selecionados os indivíduos que melhor se saíam na locomoção e os de dentição mais robusta. Os nossos antecessores que conseguiram manter-se vivos foram aqueles que, inicialmente, ficaram em pé, o que facilitava a fuga perante os predadores. Duas outras consequências advindas de se ficar sobre duas patas: maior velocidade de locomoção e possibilidade de liberar as mãos, usando-as independentemente dos pés.

E assim, conforme as necessidades de sobrevivência, a espécie humana, foi adquirindo características peculiares. Nossos ancestrais são o resultado uma combinação articulada de inúmeros fatores vantajosos: locomoção bípede, área cerebral expandida, aptidão para a prática de uma linguagem mais elaborada, emprego de ferramentas e sobrevivência gregária. Também se pode inserir nessa combinação o fato de termos uma maturação lenta, o que nos obriga a permanecermos muito mais tempo sendo cuidados e convivendo forçosamente com os adultos da espécie.

E desta forma, criamos nosso próprio ambiente, sendo ao mesmo tempo produto e produtor dele. E esse meio ambiente humano, por nós produzido e no qual somos produzidos, é a cultura.

Como já enfocamos, somos um ser não-especializado na origem e, portanto1 largamente incompatível com a adaptação à natureza, e adaptar-se significa estar acomodado, circunscrito a uma determinada situação, recluso em uma posição específica; adaptar-se é, sobretudo, conformar-se (acatar a forma), ou seja, submeter-se.

Cortella ressalta que "temos de enfrentar a realidade natural (que chamaremos mundo), lutar contra ela, romper a adaptação, e isso não é uma questão de gosto ou vontade; essa luta não se situa no campo da liberdade, mas no da necessidade! A liberdade será uma conquista paulatina na nossa História à medida que vencemos a necessidade. Lutamos com a natureza e a natureza luta conosco, interferimos nela e ela em nós; é uma relação de reciprocidade a qual conceituamos como contradição (contrários que se inter-relacionam e se interpenetram conflituosamente) humano / mundo."

Interferimos no mundo através da ação; entretanto, não é uma ação qualquer o que nos distingue dos outros animais. Nossa ação, porque altera o mundo, é ação transformadora, modificadora, que vai além do que existia; todavia, alguns outros animais também têm ação transformadora. O que vai nos diferenciar, de fato, é que só o animal humano é capaz de ação transformadora consciente, ou seja, é capaz de agir intencionalmente. Essa ação transformadora consciente é exclusiva do ser humano e a chamamos trabalho ou práxis; é consequência de um agir intencional que tem por finalidade a alteração da realidade de modo a moldá-lo às nossas carências e inventar o ambiente humano.

O trabalho é, assim, o instrumento, e o efeito de sua realização é a cultura. Nós humanos somos, igualmente, um produto cultural; não há humano fora da Cultura, pois ela é o nosso ambiente e nela somos socialmente formados (com valores, crenças, regras, objetos, conhecimentos etc.) e historicamente determinados (com as condições e concepções da época na qual vivemos).

Portanto, a criação da cultura e a criação do homem são, na verdade, duas faces de um só e mesmo processo, que passa de principalmente orgânico na primeira fase a principalmente social na segunda, sem, contudo, em qualquer momento deixarem de estar presentes os dois aspectos e de se condicionarem reciprocamente.

Agora vamos refletir sobre o conteúdo da Cultura.

O autor aborda que, "movidos pela necessidade como ponto de partida, a Cultura está recheada das coisas que fazemos em função das ideias que tivemos e das ideias que tivemos em função das coisas que fazemos; há uma interdependência entre ambas, pois nenhuma ideia é gerada à parte do nosso contato ativo com mundo material e nenhuma coisa se origina fora da nossa capacidade de pensá-la antes. Em outras palavras, os produtos materiais (as coisas) estão impregnados de idealidade e os produtos ideais (as ideias) estão entranhados de materialidade.

Os produtos culturais têm, como característica básica, serem úteis para nós; por isso, também podem ser conceituados como bens. Ora, não nos basta produzir Cultura; é preciso, fundamentalmente, para que ela não se esgote, reproduzi-la. Por isso, existem bens que produzimos para consumir, e outros que usamos para produzir outros bens. Assim, é possível classificar os produtos culturais (que para nós são bens) em duas categorias: bens de consumo e bens de produção.

É claro que o mais importante bem de produção é o próprio Humano e, com ele e nele, a Cultura; no entanto, como a transmissão da Cultura não é por hereditariedade e genética ("ninguém nasce sabendo"), cada geração, não podendo limitar-se a consumir a Cultura já existente, necessita, também, recriá-la e superá-la".

E, nesta perspectiva, o bem de produção imprescindível para nossa existência é o Conhecimento, dado que ele, por se constituir em entendimento, averiguação e interpretação sobre a realidade.

Neste mundo, os valores por nós criados produzem uma "moldura" em nossa existência individual e coletiva, de modo a podermos enquadrar nossos atos e pensamentos, situando-os em uma visão de mundo (uma compreensão da realidade) que informe (dê forma) os nossos conhecimentos e conceitos (nossos entendimentos); é a partir dos conceitos que guiamos nossa existência e, de uma certa forma, porque antecedem nossas ações, são também os nossos conceitos prévios, nossos preconceitos (pré/conceitos). Entretanto, valores, conhecimentos e preconceitos mudam porque humanos devem mudar; como vida é processo e processo é mudança, ser humano é ser capaz de ser diferente.

A diferenciação entre os vários grupos internos, seja no referente à propriedade dos bens materiais e ideais necessários à reprodução da existência, seja na capacidade de ascendência e controle sobre os outros grupos tem predominado nas diversas formações sociais que constituem a humanidade. Por isso, a produção dos valores e conhecimentos, dando-se em Sociedade, não é neutra, envolvida que está no âmbito do poder e de quem o possui. Os valores e conhecimentos que atendem aos interesses dos grupos sociais que estão situados em posição de predominância na sociedade, para dar maior sustentação ao domínio intra-social, acabam por ser difundidos e aceitos pela maioria como se fossem próprios, isto é, travestem-se de um caráter de universalidade.

Assim, por imposição ou convencimento, a maior parte dos valores e conhecimentos oriundos do escopo mais exclusivo daqueles que detém o poder sócio-político-econômico é seguida e acatada como tendo extensão globalizante e sempre verdadeira.

A partir desta perspectiva, educadoras e educadores necessitamos reforçar a consciência de que valores e conhecimentos, vez de serem determinações de uma natureza humana imóvel, são resultantes de uma sucessão de ocorrências existenciais. O empenho consistente em uma visão de alteridade permite identificar nos outros (e em nós mesmos!) o caráter múltiplo da Humanidade, sem cair na armadilha presunçosa de taxar o

diferente como sendo esquisito, excêntrico, esdrúxulo e, portanto, assimilar a postura prepotente daqueles que não entendem que se constituem em um dos arranjos possíveis do ser humano, mas não o único ou, necessariamente, o correto.

Como podemos identificar, o conhecimento tem uma especificidade inerente que o liga à História em sua estrutura e conjunturas e que é, em cada época, manifestado em seu sentido de diferentes maneiras no interior da Escola. Por isso, um esforço que e exigido hoje da prática em Educação é o de relativizar o peso dos conhecimentos científicos, não como forma de desqualificá-los, mas como um rico veio para possibilitar a historicização da produção humana e diminuir a presunção aleatória contra o passado e contra os não-escolarizados.

CONHECIMENTO E VERDADE:
A MATRIZ DA NOÇÃO DE DESCOBERTA

Quando lidamos com um conhecimento qualquer, sempre nos preocupamos em julgar se ele é válido ou correto, isto é, qual é seu valor de verdade; por isso, é parte integrante de uma teoria do Conhecimento refletir sobre a Verdade. É fundamental notar que a compreensão mais presente em nosso sistema educacional é aquela que entende o Conhecimento ou a Verdade como descoberta.

Vamos aqui nos ater ao significado etimológico do conceito de Verdade nos idiomas de origem latina como o nosso. Em português, a palavra vem do latim veritate, atada ao radical verus (certo, autêntico, correto).

Contudo, o mais interessante é a proveniência do sentido de veritate: seu correspondente em grego (no qual foi baseado na Antiguidade) é usado para designar o ato de esquecer. Desse ponto de vista, o conceito Verdade carrega em si a ideia de não-esquecível, decorrendo daí as noções de Verdade como desvelamento ou descoberta.

Pretendemos demonstrar que a ideia de Verdade como descoberta é construção.

O clima intelectual é propício ao surgimento de discussões em torno da identidade humana, valor e sua relação com a Verdade; a cosmogonia a cosmologia passam a ter como parceira a urgência de pensar sobre o próprio Homem; é o desaguar uma antropologia (como mais tarde será designada) filosófica.

Concebemos conhecimento como diferente de revelação, em tudo já pronto; também é diferente de descoberta, como se o saber e a Verdade estivessem escondidos e os mais "geniais" e "inteligentes" fossem capazes de ir até onde eles estão libertá-los, retirar o véu que os encobre. A concepção que adotamos nesta análise não é metafísica porque não pressupõe que os conhecimentos (e, neles, as verdades) venham de outro mundo, mas compreende que sejam produzidos neste mundo pelos próprios humanos. Assim, em resumo, a relação de Conhecimento é uma relação entre sujeito e objeto; tem que haver um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido, mas a Verdade não está nem no pólo do sujeito, nem no pólo do objeto e sim na relação entre eles. ta relação se dá no tempo humano que chamamos de história. A relação com o mundo não é individual, mas coletiva, social. Assim, a Verdade não apenas é histórica como também é social porque a relação com o mundo é social.

A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Uma das questões cruciais que nos deparamos em nossa prática pedagógica é a concepção sobre o Conhecimento dentro do ambiente escolar; no mais das vezes, o Conhecimento é entendido como algo acabado, pronto, encerrado em si mesmo, sem conexão com sua produção histórica. Muitas vezes, o Conhecimento é tratado como uma coisa mágica, transcendental, que "cai dos céus" e não é raro encontrarmos educadores que passam para seus alunos e alunas uma visão estática e extática do conhecimento.

Cortella enfatiza que "é necessária uma atenção extremada quanto ao modo como o conhecimento científico se apresenta ao senso comum no cotidiano das pessoas: a Ciência e os cientistas como entidades quase divinizadas, imersas em experimentos fantásticos (próximos do "impossível" ou do "demoníaco") e realizados em laboratórios ocultos.

Torna-se bastante difícil escapar dessa imagem; nos dias de hoje, a mídia (instrumento pedagógico poderoso) oferece uma noção bastante triunfalista da Ciência e aqueles que têm limitado acesso ao pensamento crítico (a maioria) acabam por se deixar levar pela convicção de que tudo isso ocorre em um outro mundo, fora deles e da possibilidade de também serem capazes de nele estarem presentes".

Ao ser negado aos alunos, por um educador) a compreensão das condições culturais, históricas e sociais de produção do Conhecimento, termina por reforçar a mitificação e a sensação de perplexidade, impotência e incapacidade cognitiva. Mesmo os conhecimentos que pareceriam mais estáveis e exatos precisam de uma relativização que os remeta às condições de produção da qual se cercaram, ou à sua configuração.

Assim, o conhecimento é fruto da convenção, isto é, de acordos circunstanciais que não necessariamente representam a única possibilidade de interpretação da realidade. Algumas distorções podem se constituir, em função da maneira como são apresentados (até graficamente) alguns conteúdos escolares.

Segundo o autor, "é muito provável que nem sempre os educadores, no ensino da formação da sociedade brasileira, discutam com os alunos a presença sólida de muitas outras culturas neste mesmo território no qual os europeus se instalaram; a criança, desde o início de sua escolarização, termina por imaginar que este lugar era quase vazio, os conquistadores foram descobrindo, entrando e ocupando o que a ninguém pertencia ("achado não é roubado"!)."

O conhecimento, qualquer um, origina-se do que fazemos e aquilo que fazemos está embebido da Cultura por nós produzida, ao nos produzirmos. Não se deve atribuir apenas a algumas formas de investigação da realidade a característica de serem portadoras de certezas menos contundentes, em função dos métodos utilizados.

Cortella recorre a Paulo Freire para se referir a questão do método: "fazemos, logo pensamos; assim, existimos" e, em resumo, o fez a partir da seguinte reflexão

- "O saber pressupõe uma intencionalidade, ou seja, não há busca de saber sem finalidade. Dessa forma, o método é, sempre, a ferramenta para a execução dessa intencionalidade; como ferramenta, o método é uma escolha e, como escolha, não é nunca neutro.
- O melhor método é aquele que propuser a melhor aproximação com o objeto, isto é, aquele que propiciar a mais completa consecução da finalidade. No entanto, o método não garante a exatidão, pois esta está relacionada à aproximação com a Verdade e o método é apenas garantia de rigorosidade.
- A aproximação com a Verdade depende da intencionalidade e esta é sempre social e histórica; assim, a exatidão não se coloca nunca como absoluta, eterna e universal, pois a intencionalidade também não o é. A intencionalidade está inserida no processo de as mulheres e os homens produzirem o mundo e serem por ele produzidas e produzidos, com seus corpos e consciências e nos seus corpos e consciências.
- Assim, cada um e cada uma de nós é também método, pois corpos e consciências são ferramentas de intencionalidades (conscientes ou não). É por isso que o anunciado, para vir, tem de ser feito por nós como geradores de intenção e também como métodos que somos; se não, não virá!
- Assim existimos: fazendo. E, porque fazemos, pensamos. E, porque pensamos, fazemos nossa existência. E por isso que a prática de pensar a prática - o que fazemos - é a única maneira de pensar - e de fazer - com exatidão.

Essa é a razão básica pela qual o ensino do conhecimento científico precisa reservar um lugar para falar sobre o erro; o conhecimento é resultado de processo e este não está isento de equívocos, isto e, não fica imune aos embaraços que o próprio ato de investigar a realidade acarreta.

O erro não ocupa um lugar externo ao processo de conhecer; investigar é bem diferente de receber uma revelação límpida, transparente e perfeita. O erro é parte integrante do conhecer não porque "errar é humano", mas porque nosso conhecimento sobre o mundo dá-se em uma relação viva e cambiante (sem o controle de toda e qualquer interveniência) com o próprio mundo.

Errar é, sem dúvida, decorrência da busca e, pelo óbvio, só quem não busca não erra. Nossa escola desqualifica o erro, atribuindo-lhe uma dimensão catastrófica; isso não significa que, ao revés, deva-se incentivá-lo, mas, isso sim, incorporá-lo como uma possibilidade de se chegar a novos

conhecimentos. Ser inteligente não é não errar; é saber como aproveitar e lidar bem com os erros".

Outro ponto importante no trabalho pedagógico é reconhecer que não há conhecimento significativo sem pré-ocupação. Não há conhecimento que possa ser apreendido e recriado se não se mexer, inicialmente, nas preocupações que as pessoas detêm; é um contra-ser supor que se possa ensinar crianças e jovens, principalmente, sem partir das preocupações que eles têm, pois, do contrário, só se conseguirá que decorem (constrangidos e sem interesse) os conhecimentos que deveriam ser apropriados (tornados próprios).

Muitas vezes dizemos que os alunos não querem saber de nada, são indiferentes aos conteúdos e o que é proposto pela escola. Não é verdade; quase todas as crianças gostam da escola. Do que, talvez, não gostem muito, é das nossas aulas. O resultado mais forte desse apartamento entre o universo vivencial dos alunos e os conteúdos escolares dá-se na diferente avaliação sobre a escola que é feita por docentes e discentes.

As crianças e jovens estando reclusos na sala de aula, onde passamos a ensinar coisas "interessantíssimas" para eles: a diferença entre um adjunto adnominal e um complemento nominal; a capital da Tanzânia; os afluentes da margem esquerda e direita do rio Amazonas; o nome dos sete primeiros reis de Roma (os quatro latinos e os três etruscos); o que é uma mitocôndria; como se calcula a de um projétil disparado por um canhão; como se extrai raiz quadrada; e, para coroar, mandamos que leiam Amor de Perdição do Camilo Castelo Branco (com sua passionalidade trágica do século XIX).

Será que este é o processo adequado?

Como destaca Cortella, "para uma infinidade de educadores, a sala de aula é um lugar de culto, com as seguintes características,

- "A sala é lugar de uma cerimônia com rituais quase religiosos: a aula. Como o interior de um templo, requer silêncio obsequioso, um celebrante que domine os instrumentos do culto e fiéis conscientes de sua fragilidade na produção da cerimônia.
- Como em um culto, nesse lugar a disposição espacial obedece à hierarquia: o celebrante à frente, no lugar principal, com espaço para movimentar-se e um mobiliário diferente e destacado dos demais da sala, com dimensões amplas para poder espalhar os instrumentos; aos fiéis cabe arrumarem-se ordenadamente, em filas ou círculos, nos móveis menores.
- É o celebrante que dá início ao culto, quem o dirige e quem tem o poder de interrompê-lo ou encerrá-lo; há muitas partes da cerimônia que são recorrentes, repetitivas até, e isso propicia segurança a todos os presentes.
- O que dá legitimidade maior ou menor ao celebrante é sua capacidade de operar as ferramentas do culto (fórmulas escritas, procedimentos, enunciados espontâneos e domínio vocálico apropriado), instaurando, assim, uma ponte de ascendência sobre os participantes, que devem estar convencidos da necessidade de alguém que os guie no mundo do desconhecido.
- Deve também o celebrante ser dotado de algumas características pessoais, além do domínio dos instrumentos: ser paciente e compreensivo com as dificuldades inatas aos participantes - afinal, por tê-las é que estão ali; manifestar uma bondade segura e uma assepsia moral - sinais de distinção em meio a todos e, por fim, ser severo quando preciso, pois é marca da autoridade e meio de correção.
- Dos demais participantes é esperado que se pronunciem quando avocados, preparem-se previamente para presenciar a exposição de mistérios, confessem e reconheçam seus erros, submetam-se às provações indispensáveis para se corrigirem e, finalmente, compreendam que esse é o único meio de ultrapassar as limitações.

Para outros tantos em Educação, a sala de aula é ambiente teatral, marcado por situações como as que se seguem:

- A sala é o lugar de um espetáculo com cenas quase teatrais: a aula. Como o interior de um teatro, requer atenção continua, um ator principal que saiba interpretar e catalisar os sentidos, uma plateia disposta a viver voluntariamente emoções.
- Nessa sala, a distribuição do espaço é orientada, no mais das vezes, para situar o ator em um nível de altura acima da plateia, de modo a ser visto por todos e também destacar-se, ocupando o sítio de honra; o espaço do ator é bastante amplo em relação ao restante, permitindo a ele uma liberdade de movimentação que avança, inclusive, pelo lugar destinado à plateia. Essa, por sua vez, encontra-se disposta em fileiras ou em formato de arena, desde que o ponto de referência seja o ator.
- A plateia, quando vem para o lugar, já tem alguma noção do tema da peça, mas desconhece o enredo; em algumas peças ai representadas a plateia é chamada também a participar ativamente sem, no entanto, determinar o quê nem quando o fará.
- É muito difícil nesse lugar a apresentação de enredos produzidos pelo ator; frequentemente ele desempenha um papel ensaiado, recorrendo, quando preciso, ao ponto. Contudo, nas oportunidades em que o ator também é o autor, ou quando dá a sua própria interpretação ao enredo, a representação torna-se uma apresentação e as emoções ficam muito mais verdadeiras.
- Nem sempre a peça é adequada para o tipo de plateia ou tem para ela uma significação explícita; porém, ela a assiste, por hábito ou apatia, até o final (os que saem antes são olhados com reprovação pelos outros e pelo artista). Muitos que não entendem a peça até imaginam que a responsabilidade pela não-compreensão é deles mesmos."

Lembrando que o comportamento infantil e adolescente é o lúdico (que nós, os adultos, parcialmente represamos em nós, e neles) e a amorosidade, a sala de aula deve ser, portanto, antes de todo o mais, o lugar de uma situação com contornos amorosos: a aula. Como o interior de uma relação afetiva, a aula impõe dedicação, confiança mútua, maleabilidade e prazer compartilhado.

A sala de aula é espaço para confrontos, conflitos, rejeições, antipatias, paixões, adesões, medos e sabores. Assim, essa sala exala humanidade e precariedade; a tensão contínua do compartir conduz, às vezes, a rupturas emocionadas ou a dependências movidas pelo temor da solidão; afinal, ser humano é ser e ser junto implica um custo sensível.

Nesta perspectiva, os conteúdos aparentemente fúteis (que ironizamos quando falamos gostar da escola/não gostar das aulas) podem ser ensinados, desde que se faça partindo das ocupações prévias os alunos carregam, contextualizando-os e inserindo os temas em um cenário esotérico e marcado pela alegria. A criação e recriação do Conhecimento na escola não está apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosa mente sobre as coisas; ou seja, quando o educador exala gosto pelo que está ensinando, ele interessa nisso também o aluno. Não necessariamente o aluno vai apaixonar-se por aquilo, mas aprender o gosto é parte fundamental para passar a gostar.

Portanto, nós, educadores, precisamos ter o universo vivencial discente como princípio (ponto de partida), de maneira a atingir a meta (ponto de chegada) do processo pedagógico; afinal de contas, a prática educacional tem como objetivo central fazer avançar a capacidade de compreender e intervir na realidade para além do estágio presente, gerando autonomia e humanização.

CONHECIMENTO ESCOLAR: EPISTEMOLOGIA E POLÍTICA

Há mais de cem anos que se lamenta a insuficiência e desordem da instituição escolar.

Vamos refletir o que representa isso dentro de um contexto político.

A concepção da relação entre Escola e Sociedade é muito presente, muito comum entre os educadores e que foi dominante no Brasil e, mesmo com algumas superações, ainda persiste no dia-a-dia pedagógico; é aquela apelidada por nós como o otimismo ingênuo.

Segundo Cortella, "o otimismo ingênuo atribui à Escola uma missão salvífica, ou seja, ela teria um caráter messiânico; nessa concepção, o educador se assemelharia a um sacerdote, teria uma tarefa quase religiosa e, por isso, seria portador de uma vocação. Na relação com a Sociedade, a compreensão é a de que a Educação seria a alavanca do desenvolvimento e do progresso; a frase que resume isso é "o Brasil é um país atrasado

porque a ele falta Educação; se dermos Escola a todos os brasileiros, o país sairá do subdesenvolvimento.

Essa concepção é otimista porque valoriza a Escola, mas é ingênua pois atribui a ela uma autonomia absoluta na sua inserção social e na capacidade de extinguir a pobreza e a miséria que não foram por ela originalmente criadas. Podemos representar essa noção no formato a seguir: a Escola do lado de fora, com a capacidade de, por si mesma, alavancar a Sociedade".

Assim, nesta perspectiva, a Escola tem um papel supra-social, não estando ligada a nenhuma classe social especifica e servindo a todas indistintamente; assim, o educador desenvolveria uma atividade marcada pela neutralidade, não estando a serviço de nenhum grupo social, político, partidário etc. Para ela, o educador seria um agente do bem comum, romanticamente considerado. A positividade do otimismo ingênuo está exatamente na sua capacidade de dar destaque à tarefa da Escola; no entanto, ao imaginá-la como politicamente desinteressada (incorrendo na suposição de que em uma sociedade de desiguais, com conflitos e confrontos internos, seja possível estar neutramente situado) resulta simplória e pode configurar o que é chamado inocência útil.

Esta concepção da Escola predominou quase isoladamente até meados dos anos 70 de nosso século, quando começou a ser abalada pela influência de uma análise mais contundente do fenômeno educativo.

A partir daí, uma outra concepção entra em cena, apoiada na noção central de que a Educação tem, isso sim, a tarefa primordial de servir ao Poder e não a de atuar no âmbito global da Sociedade e, por isso, não é nada mais do que um instrumento da dominação. A esta visão, daremos o apelido de pessimismo ingênuo. Diferentemente da anterior, esta defende a ideia de que a função da Escola é a de reprodutora da desigualdade social, com um caráter dominador; nela, o educador é um agente da ideologia dominante, ou seja, um mero funcionário das elites.

Dessa forma, por ser a Sociedade impregnada de diferenças garantidas por um Poder comprometido, a relação da Escola com ela é a de ser um aparelho ideológico do Estado, destinado a perpetuar o "sistema".

Assim, a Escola sofreu uma determinação absoluta da Sociedade, ou melhor, das elites sociais que a controlam. A Educação e, mais apropriadamente, a Escola, teria a utilidade de "fazer a cabeça" dos que a frequentam, criando disciplina e um sistema meritocrático de avaliação; para melhor controle, a Escola foi invadida por uma hierarquia assemelhada à do setor industrial, com diretores, supervisores, coordenadores, inspetores, assistentes etc., fragmentando o poder interno e aumentando a dificuldade para identificá-lo. Nessa concepção, a Escola não teria, de forma alguma, autonomia, sendo determinada, de maneira absoluta, pela classe dominante da Sociedade, que a manejaria livremente, por deter o poder político e econômico. O educador, veículo de injustiça social, ficaria com a missão de adequar as pessoas ao modelo institucionalmente colocado. Esta perspectiva demanda um pessimismo que vem por conta de sua compreensão do papel unicamente discriminatório da Escola, desvalorizando sua capacidade como ferramenta para a conquista da justiça social; no entanto, dela surgiu uma grande contribuição que foi a de chamar a atenção para o fato de a Educação não ser uma atividade socialmente neutra, estando envolvida no conjunto da atividade política de uma estrutura social e, assim, o educador é um profissional politicamente comprometido (com consciência ou não disso).

Mas, ao mesmo tempo, essa concepção é também ingênua, pois ela não radicaliza a análise e sim a sectariza, ao obscurecer a existência de contradições no interior das instituições sociais, atribuindo-lhes um perfil exclusivamente conservador; as instituições sociais, por não serem monolíticas, são permeáveis aos conflitos sociais e às mudanças contínuas do tecido político em confronto nas sociedades de classes.

A partir da década de 80, uma outra concepção se estabeleceu. Esta buscou resgatar a positividade das anteriores, procurando superar tanto a fragilidade inocente contida no otimismo desenfreado quanto o mobilismo fatal presente no pessimismo militante. A ela chamaremos otimismo crítico, ao pretender indicar o valor que a Escola deva ter, sem cair na noção de neutralidade ou colocá-la como inútil para a transformação social. Esta concepção deseja apontar a natureza contraditória das instituições sociais e, aí, a possibilidade de mudanças; a Educação, dessa maneira, teria a função conservadora e uma função inovadora ao mesmo tempo.

Assim, para um otimismo crítico, o educador é alguém que tem um papel político-pedagógico, ou seja, nossa atividade não é neutra nem absolutamente circunscrita. A educação escolar e os educadores têm, assim, uma autonomia relativa; podemos representá-la com a inserção da Escola no interior da Sociedade, com uma via de mão dupla e não como na primeira concepção, com a Escola totalmente independente, nem como na segunda, com ela dominada inteiramente.

A tarefa pedagógica exige o gostar, que é um passo imprescindível para o seu desempenho, mas não se esgota nisso; para além do gosto, há necessidade de, também, qualificar-se para um exercício socialmente competente da profissão docente. Por isso, na sequência, é preciso saber: de qual criança gosta? Precisamos ter muito cuidado, pois podemos gostar de uma criança idealizada: alimenta-se diariamente com qualidade; tem pais escolarizados e que podem auxiliá-la nas dificuldades; frequenta médicos e dentistas com regularidade; tem condições de adquirir todo o material escolar; viaja e tem acesso a equipamentos múltiplos de lazer; a escola não é sua fonte exclusiva de conhecimento letrado; em casa tem uma mesinha só para estudar, com iluminação adequada etc. Preparar-se para trabalhar com uma criança assim (absolutamente minoritária) e deparar-se com outro tipo de criança: não se alimenta direito; sua higiene é precária; os pais têm uma escolaridade baixa ou inexistente; não tem recursos para o material solicitado; seus problemas de saúde não são acompanhados; raramente se desloca além de seu mundo imediato; estuda na mesa da cozinha, sem espaço e luminosidade etc.

Portanto, a atenção aguda à realidade social circunstante dos alunos é elemento basilar para a construção coletiva de uma escolarização que conduza à autonomia e à cidadania livre. Quando analisamos o fracasso escolar (epidemia terrível entre nós e que prefiro chamar de pedagocídio), sustentado pelos pilares da evasão e da repetência, é usual serem apontadas causas extra-escolares: precárias condições econômicas e sociais da população, formação histórica colonizada, poderes públicos irresponsáveis ou atrelados aos interesse' de uma elite predatória etc. Todas essas são causas reais e impactantes, mas não são as únicas. No nosso âmbito, a produção do pedagocídio intencional ou não, manifesta-se no uso não-reflexivo e crítico dos livros didáticos, passa por uma seleção de conteúdos excessivamente abstratos e sem integração, e chega até uma culpabilização dos alunos pelo próprio fracasso.

Quanto a avaliação na Escola, sua finalidade é identificar problemas e facilidades na relação ensino/aprendizagem de modo a reorientar o processo pedagógico; já a auditoria tem por objetivo localizar desvios para punição dos envolvidos. A tarefa da Escola não é facilitar a aprovação, mas sim dificultai a reprovação inútil e inepta, que é aquela que acontece por responsabilidade nossa, em função do modo como nosso trabalho se organiza.

Aqui o autor recorre a Paulo Freire, no seu livro Pedagogia da Autonomia, referindo-se ao fato de que ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica:

"Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor ou da professora é o que diz respeito à força, às vezes maior do que pensamos, da ideologia. É o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas em que nos faz cair. E que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna 'míopes' (Freire, 1997: 141-2)."

A questão não é ficar fazendo "discurso político" para as criancinhas, tornando o ensaio um espaço panfletário; porém, não se pode omitir a realidade completamente e achar que a vida rural (sem reforma agrária) é uma delícia, festa contínua. Paulo Freire resgata a importância de nos defendermos das trapaças ideológicas que colocamos, às vezes distraídos, para nós mesmos.

Desta forma, a crise da Educação não é uma fatalidade como muitos entendem ao imaginar não haver saída possível e, resignados, imobilizam-se nas lembranças de uma outra época. Não é incomum ouvir que a escola pública do passado é que era boa em uma nostalgia poética, porém frágil. De fato, se o critério de avaliação for a satisfação do reduzido percentual de brasileiros que a frequentava, a escola do passado detinha uma qualidade apropriada para seus usuários; contudo era boa só para eles. Quando, em Educação, se analisa o passado, é preciso fazer uma distinção entre o tradicional e o arcaico. O tradicional é o que deve ser resguardado, protegido até, por ter apresentado um nível de eficiência aceitável no trato das questões pedagógicas; já o arcaico é o ultrapassado, o envelhecido negativamente, aquele que não tem mais aplicabilidade em novas circunstâncias.

Tem ocorrido uma insistência exagerada na exaltação ao passado da educação pública sem que a distinção apontada seja feita.

Ora, inúmeros elementos desse outro tempo merecem ser resgatados, principalmente a preocupação com a formação dos educadores da escola fundamental, uma dedicação mais cuidadosa aos conteúdos e o fortalecimento do papel do docente na relação ensino/aprendizagem; são elementos tradicionais. Contudo, outros elementos daquela época - como a subestimação da capacidade discente na produção de conhecimentos, o obscurecimento da presença do universo vivencial extra-escola do aluno, a ênfase em conteúdos supostamente universais a serem deglutidos - também encontram guarida nessa nostalgia, e são arcaicos.

O esforço de destruição do "porque aqui é assim" deve ser a maior tarefa dos educadores e das educadora na junção entre a epistemologia e a política. Essa ruptura do "porque aqui é assim" principia pela recusa à ditadura dos fatos consumados e à ditadura fatalista de um presente que aparenta ser invencível, tamanhos são os obstáculos cotidianos com os quais nos deparamos. É preciso, em Educação, reinventar, em conjunto, uma ética da rebeldia, uma ética que reafirme nossa possibilidade de dizer não e que valorize a inconformidade docente.

Cortella ressalta que "não é mero acaso que a primeira palavra, de fato, que um ser humano aprende a dizer e a entender é o não. Seja oral ou gestualmente, o não é a fundação a partir da qual se constrói nossa principal característica: a liberdade, a capacidade de ultrapassar as determinações da natureza e das situações presumidamente limitantes. Só quem é capaz de dizer o não pode dizer o sim, isto é, pode escolher e acatar deliberadamente o curso das circunstâncias e das exigências externas e internas.

Ser humano é ser junto. É necessário negar a afirmação liberticida de que "a minha liberdade acaba quando começa a do outro". A minha liberdade acaba quando acaba a do outro; se algum humano ou humana não é livre, ninguém é livre.

Se alguém não for livre da fome, ninguém é livre da fome. Se algum homem ou mulher não for livre da discriminação, ninguém é livre da discriminação. Se alguma criança não for livre da falta de escola, de família, de lazer, ninguém é livre.

A Educação e a Escola são os lugares nos quais podemos dizer e exercer mais fortemente os nossos não. Não à miséria; não à injustiça; não à contradição humano versus humano; não à Ciência exclusivista; não ao poder opressor."

Assim, somo educadores e educadoras por causa da paixão, paixão por uma ideia irrecusável: gente feita para ser feliz! E esse é nosso trabalho; não nosso, mas também nosso. Paixão pela inconformidade de as coisas serem como são; paixão pela derrota da desesperança; paixão pela ideia de, procurando tornar as pessoas melhores, melhorar a si mesmo ou mesma; paixão, em suma, pelo futuro.

Assim, a cada dia buscamos e encontramos o que há de mais novo na humanidade, porque também o somos.

O tempo do educador é hoje, e não aquele que a nossa nostalgia nos remete. A nova realidade social a ser parida é mais do que uma espera (nostalgia do futuro); é um escavar no hoje de nossas práticas à procura daquilo que hoje pode ser feito. Esse hoje é uma das pontas do nó do futuro a ser desatado, fruto de situações que não se alteram por si mesmas nem se resolvem com um "ah! se eu pudesse".

Onde se dá o encontro entre o sonho e o conhecimento, a articulação entre o epistemológico e o político é que é possível a Educação.

Como finaliza o autor, recorrendo a um ditado chinês: "quem sabe é esse mesmo o sentido do nosso fazer: repartir ideias, para todos terem pão..."

3. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Não existe ensinar sem aprender

É fundamental pensar sobre os requisitos necessários para formar um professor que irá criar situações de ensino-aprendizagem. O professor que não estimula seu aluno a participar do processo torna-se adepto do ensino "bancário", no qual tem apenas o papel de depositar conhecimento.

A prática de ensinar deve ser constantemente criticada para que cada vez mais se recuse o ensino bancário que poda a criatividade do educando e do educador. Quando cria situações que estimulam a aprendizagem, o professor também aprende com elas e ensinar inexiste sem aprender e vice-versa. O educando que se livra do "bancarismo" mantém viva sua curiosidade e vontade de aventurar-se.

Abaixo estão listadas algumas habilidades que Paulo Freire julga necessárias para a formação do educador:

O educador deve aguçar a curiosidade, a capacidade crítica e a autonomia para aprender do educando. Aprender verdadeiramente exige que o aluno seja sujeito no processo de aprendizagem junto com o professor, tão sujeito quanto. Essa autonomia exigirá do educando e do educador rigorosidade metódica. É preciso relacionar os conteúdos aprendidos com a realidade. O aluno que lê durante horas para memorizar dados que não têm relação com o que ocorre em sua vida não consegue pensar para intervir no seu próprio contexto.

O professor deve pesquisar para manter-se atualizado. A relação entre pesquisar e ensinar é muito estreita, pois na busca, indaga-se e procura-se. A pesquisa serve para constatar, dessa forma ocorre intervenção e através dela a educação.

A bagagem que o aluno aprende na vida em sociedade deve ser respeitada por escola e professor. São costumes adquiridos durante a vida em comunidade e que podem ser relacionados com os conhecimentos curriculares. O questionamento e a discussão de alguns desses costumes podem ser pertinentes, como o hábito de jogar lixo na rua, por exemplo. Essa bagagem vai interferir na leitura de mundo do educando e não pode ser discriminada.

Não haveria criatividade nem aprendizagem sem curiosidade. A curiosidade nos leva a buscar informações para que possamos acrescentar algo ao mundo. O professor deve ser criativo e aguçar a criatividade dos alunos.

Educar está alinhado com a formação moral do ser. Essa formação não deve distanciar-se dos valores éticos. Não se deve imaginar que a escola passa apenas conhecimentos técnicos. A educação é a formação ética e estética do cidadão.

O professor deve pensar certo e agir certo.. Sua grande arma é a argumentação. Pensar certo significa aceitar o novo, mas nunca recusar o velho que seja válido. Qualquer forma de discriminação ou a rejeição de novas ideias deve ser rejeitada. Ao longo de sua formação o professor deve ficar mais crítico e não aceitar o que a sociedade julga como modelo culturalmente superior. Aceitar-se como ser social e histórico faz parte do seu processo de aprendizagem e de seus alunos. Ensinar exige o reconhecimento e aceitação da realidade cultural.

Fazer e pensar e Pensar sobre o fazer são relações dialéticas que exigem uma prática crítica. Só através de uma prática crítica o professor conseguirá aprimorar sua vivência em sala de aula.

Ensinar não é transferir conhecimentos

Ensinar é criar situações para estimular a aprendizagem dos alunos. O professor deve estar preparado para indagações, curiosidades, inibições. Ele deve ter consciência do "inacabamento" em si e nos seus alunos, por isso deve pesquisar e se preparar para ministrar a aula. O professor também é um ser condicionado aos acontecimentos históricos, culturais e sociais. Mas deve ser determinado a continuar sua construção através da educação. A consciência de ser inacabado o faz exercitar a capacidade de aprender e ensinar.

O professor precisa ser curioso e inquieto ou corre o risco de ser um memorizador mecânico que reproduzirá essa prática para seus alunos. Sua aula se torna previsível e cansativa, sem diálogo e participação. É fundamental que a relação entre professor e aluno seja dialógica, um dependendo do outro. Através da curiosidade posso julgar e comparar.

Ensinar exige respeito à autonomia e à dignidade do aluno. Isso faz parte dos princípios éticos do professor. Quando o professor poda a criatividade e a individualidade do aluno, ou quando se nega a impor limites está fugindo do seu dever de ensinar.

A luta pelos seus direitos e sua dignidade, faz parte de sua prática docente, enquanto prática ética. Deve manter o respeito à pessoa do educan-

do sendo humilde e tolerante e tendo esperança de que seu trabalho criará uma relação na qual professor e aluno irão aprender, ensinar, inquietar-se e resistir aos obstáculos juntos. O resultado do trabalho bem feito acarretará no aluno a curiosidade e a vontade de intervir no meio em que vive.

Outro saber indispensável à prática docente é a relação autoridade liberdade. O professor não pode e não deve ser muito autoritário, pois corta a criatividade do aluno e não ganha o respeito dele. Também não pode ser negligente ou licencioso. Aprender necessita de disciplina dos dois lado, do professor e do aluno.

É sempre possível mudar para adaptar-se a novas realidades e contextos. É preciso constatar para mudar. A educação não é uma ação neutra e estar no mundo também não pode ser.

Ensinar é uma especificidade humana

Para ter autoridade em sala de aula o professor precisa estar preparado, estudar e se esforçar para cumprir sua tarefa. Deve ter generosidade com seus alunos e manter com eles relações justas. A autoridade excessivamente rígida cala os alunos e reprime sua criatividade, além de podar a autonomia do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Ensinar é um ato político e ideológico e o professor deve assumir isso. A ética deve nortear suas práticas porque elas não são neutras. Mas, resistir ao poder da ideologia cria qualidades indispensáveis à prática docente. Discutir temas atuais e dar sua opinião faz com que os alunos conheçam o professor, esse ato é essencial para manter a transparência.

O professor consciente da transformação que a educação pode trazer na vida de cada um e na vida da sociedade sabe que seu papel é mostrar que é possível mudar, que o "status quo" não precisa e não deve se perpetuar. Ele pode não transformar o país, mas pode mostrar que atitude de cada um pode melhorar a própria vida.

Outro ponto muito relevante para a prática pedagógica dar certo é saber ouvir o aluno. O professor não pode aguçar a curiosidade de quem lhe escuta se este não lhe questionar. As aulas atuais seguem um padrão hierárquico entre falante e ouvinte, descartando a participação do aluno, que também é passivo no processo de avaliação, o qual consegue silenciar o aluno. A leitura de mundo do aluno também é rejeitada. O professor não se preocupa em ajustar o seu discurso para que o aluno o entenda. Essa postura revela no professor um gosto elitista, antidemocrático e adepto do sistema "bancário" de educação.

A afetividade, alegria, querer bem aos educandos e à prática docente são partes de uma atividade alegre por natureza e estimula a autonomia de educadores e educandos.

FREITAS, Luiz Carlos de. Eliminação Adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da (má) qualidade do ensino. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28. n.100 – Especial, p.965-987, out. 2007.

A surpresa, em matéria de avaliação do ensino fundamental, neste momento, fica por conta do aprofundamento das políticas liberais da era FHC sob o governo de Luis Inácio Lula da Silva. Os que nele votamos esperávamos, já no primeiro mandato, uma mudança significativa de rota. Não ocorreu. Agora, assistimos à sua conversão plena às propostas liberais de "responsabilização" e de privatização do público.1 A Prova Brasil e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) (Fernandes, 2007b) são a ponta do iceberg desta mesma concepção. Ao passo que a política de avaliação do ensino superior, com a eliminação do Provão e a constituição do SINAES, parece caminhar no rumo certo, a política de avaliação do Ensino Fundamental envereda por caminhos duvidosos.

Segundo Reynaldo Fernandes, atual presidente do INEP, considerado o mentor do IDEB:

Antes do No Child Left Behind [lei aprovada em 2002, no governo Bush, que visa à melhoria da qualidade da educação por meio de um sistema de prestação de contas baseado em resultados], a maioria dos Estados já tinha sistema de avaliação. Nos que primeiro criaram um sistema, a evolução do desempenho dos alunos foi mais acentuada. Esses sistemas fazem com que as escolas e os dirigentes dos sistemas (secretários, prefeitos e governadores) se sintam responsáveis pelo desempenho. É a ideia da responsabilização, de accountability. (Fernandes, 2007a, grifos meus)

Segundo Araújo, ex-presidente do INEP: Todo o PDE [Plano de Desenvolvimento da Educação] está ancorado justamente na criação do Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira – IDEB, que pondera os resultados do SAEB, da Prova Brasil e dos indicadores de desempenho captados pelo censo escolar (evasão, aprovação e reprovação). Cria um indicador que varia de zero a dez, desdobrável por estado e por município e por redes de ensino [e agora por escola]. A partir da construção do IDEB, o MEC vinculará o repasse de recursos oriundos do FNDE à assinatura de compromisso dos gestores municipais com determinadas metas de melhoria dos seus indicadores ao longo de determinado período. (2007, p. 1; comentários entre colchetes meus)

A estratégia de relacionamento com os municípios é gerencial, estabelecendo uma relação direta com governadores e prefeitos. Segundo Amaury Patrick Gremaud, diretor de Avaliação da Educação Básica do INEP: "O objetivo é usar o sistema de avaliação para prestar conta à sociedade, introduzir a transparência e comprometer as pessoas de um modo geral em busca da melhoria da qualidade de ensino" (Seminário realizado em Salvador, em julho de 2007; grifos meus).2 Araújo (2007, p. 4) tem outra posição:

Por isso concluo que o IDEB é mais um instrumento regulatório do que um definidor de critérios para uma melhor aplicação dos recursos da União visando alterar indicadores educacionais. O resultado de cada município e de cada estado será (e já está sendo) utilizado para ranquear as redes de ensino, para acirrar a competição e para pressionar, via opinião pública, o alcance de melhores resultados. Ou seja, a função do MEC assumida pelo governo Lula mantém a lógica perversa vigente durante doze anos de FHC.

Já no final do ano de 2002, ainda sob o Governo FHC, o INEP financiava um convênio com o Núcleo de Estudos da População (NEPO), da UNICAMP, para desenvolver Indicadores de Produtividade do Sistema Educacional que envolveu a realização de um seminário sobre um possível Indicador Municipal de Desenvolvimento Educacional (IMDE) para o ensino médio regular (Cunha et al., 2002).

Boa parte dos problemas que estamos enfrentando com a educação básica nacional advém do próprio formato ideológico do projeto liberal hegemônico, agora "sob nova direção": ele reduz qualidade a acesso – supostamente como uma primeira etapa da universalização.

Mas, antes de ser uma etapa em direção à qualidade plena da escola pública, é um limite ideológico, como bem aponta Alavarse (2007).

Os liberais admitem a igualdade de acesso, mas como têm uma ideologia baseada na meritocracia, no empreendedorismo pessoal, não podem conviver com a igualdade de resultados sem competição. Falam de igualdade de oportunidades, não de resultados.3

Para eles, os resultados dependem de esforço pessoal, uma variável interveniente que se distribui de forma "naturalmente" desigual na população, e que deve ser uma retribuição ao acesso permitido. Eles não podem aceitar que uma espécie de "acumulação primitiva" (Marx) ou um ethos (Bourdieu) cultural sequer interfira com a obtenção dos resultados do aluno. Se aceitassem, teriam de admitir as desigualdades sociais que eles mesmos (os liberais) produzem na sociedade e que entram pela porta da escola. Isso faz com que a tão propalada equidade liberal fique, apesar dos discursos, limitada ao acesso ou ao combate dos índices de reprovação. Como a progressão continuada já demonstrou, ausência de reprovação não é sinônimo de aprendizagem e qualidade (Cf. Bertagna, 2003).

Como analisamos em outro artigo (Freitas, 2002), esta postura tende a postergar os problemas políticos, econômicos e sociais que o liberalismo enfrenta com sua política econômico-social, mas não resolve o problema da universalização da qualidade da educação básica.

Há hoje um grande contingente de alunos procedentes das camadas populares que vivem o seu ocaso no interior das escolas, desacreditados nas salas de aula ou relegados a programas de recuperação, aceleração, 4 progressão continuada e/ou automática, educação de jovens e adultos, pseudo-escolas de tempo integral, cuja eliminação da escola foi suspensa ou adiada e aguardam sua eliminação definitiva na passagem entre ciclos ou conjunto de séries, quando então saem das estatísticas de reprovação,

ou em algum momento de sua vida escolar onde a estatística seja mais confortável.

A Prova Brasil e os usos previstos para ela (acesso à avaliação de cada escola via internet, por exemplo), como forma de responsabilização, poderiam fazer parte de qualquer programa liberal (do Partido Democrata brasileiro até o Partido Republicano de Bush, para não falar da dobradinha Thatcher/Blair). Trabalham dentro da perspectiva de que "responsabilizar a escola", expondo à sociedade seus resultados, irá melhorar a qualidade do ensino. A ideia completa dos republicanos de Bush (iniciada com Reagan) ou dos conservadores de Thatcher implica, no momento seguinte à divulgação dos resultados por escola, transformar o serviço público em mercado (ou mais precisamente em um quase mercado), deslocando o dinheiro diretamente para os pais, os quais escolhem as melhores escolas a partir da divulgação desses resultados, de preferência estando as escolas sobre administração privada. É a política dos "vouchers", que dá o dinheiro aos pais e não à escola. Paralelamente, tende a criar um mercado educacional para atender ao fracasso escolar.

No Brasil já se criou o mecanismo para iniciar a privatização: Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) que podem administrar escolas antes públicas. Para os liberais, a ação do mercado forçaria à elevação da qualidade de ensino.

Todas estas ações encobrem o pano de fundo mencionado antes: nossa sociedade produz tamanha desigualdade social que as instituições que nela funcionam, se nenhuma ação contrária for adotada, acabam por traduzir tais desigualdades como princípio e meio de seu funcionamento (Bourdieu & Passeron, 1975; Baudelot & Establet, 1986).5 Todos concordamos em que isso não é desejável, mas meras políticas de equidade apenas tendem a ocultar o problema central: a desigualdade socioeconômica. Não é sem razão que os melhores desempenhos escolares estão nas camadas com melhor nível socioeconômico, brancas (Cf. Miranda, 2006, entre outros estudos disponíveis).

Isso não significa que todas as escolas não tenham de ser eficazes em sua ação. Muito menos que as escolas que atendem à pobreza estejam desculpadas por não ensinarem, já que têm alunos com mais dificuldades para acompanhar os afazeres da escola. Ao contrário, delas se espera mais competência ainda. Mas os meios e as formas de se obter essa qualidade não serão efetivos entregando as escolas à lógica mercadológica. A questão é um pouco mais complexa. Deixada à lógica do mercado, o resultado esperado será a institucionalização de escola para ricos e escola para pobres (da mesma maneira que temos celulares para ricos e para pobres). As primeiras canalizarão os melhores desempenhos, as últimas ficarão com os piores desempenhos. As primeiras continuarão sendo as melhores, as últimas continuarão sendo as piores. Mas o sistema terá criado um corredor para atender as classes mais bem posicionadas socialmente, o que será, é claro, atribuído ao mérito pessoal dos alunos e aos profissionais da escola.

O atual presidente do INEP não ignora estes problemas, antes os conhece. Diz ele: Quando se cria um sistema de avaliação e passa a haver responsabilização pelos resultados, os gestores vão se preocupar com as notas e as metas.

Qual é a defesa desse sistema: se existe um mecanismo para atribuir responsabilidades, os gestores vão melhorar o ensino. Quais são as críticas?

Eles podem tentar falsear as notas, excluir os alunos mais fracos. Nos Estados Unidos, isso aconteceu. Esses argumentos não têm como ser revidados. Mas não pode deixar de dar um "remédio" para a educação por causa dos efeitos colaterais que ele pode causar. Temos de ver se é melhor ou pior para a qualidade da educação. Acho que é melhor. Os efeitos colaterais devem ser combatidos. Quando a primeira-ministra Margareth Thatcher fez a reforma educacional, diziam que era uma visão de direita. Quando o Tony Blair se tornou primeiro-ministro, acreditavam que ele suspenderia a reforma. Mas ele a reforçou e combateu os "efeitos colaterais". Criou um programa de combate à exclusão dos piores estudantes, e as expulsões de alunos diminuíram absurdamente. (Fernandes, 2007a)

Como se vê, a exclusão da pobreza é "efeito colateral" de "remédios" e Margareth Thatcher estava certa. Lá como cá, o governo progressista, que deveria ter revertido as políticas neoliberais, não o fez.

Para o presidente do INEP, Tony Blair está certo em não reverter as políticas de Thatcher, portanto concluo que Lula também está certo em não reverter e aprofundar as políticas da era FHC. Agora, sobre o êxito das experiências do Governo Bush no âmbito da educação, há controvérsias.

No The New York Times de 16 de abril de 2004 pode-se ler: A competição entre escolas públicas e privadas que o governo Bush está encorajando esquentou outro dia, na porta da sala 207, da Escola Elementar Wentworth, em Chicago. Durante vários meses, uma empresa privada financiada pelo governo federal enviou professores para darem aulas complementares a alguns alunos de Wentworth. Sem sucesso, o professor tentava controlar uma dezena de bagunceiros. A empresa enviou um supervisor para resolver a questão. Effie McHenry, diretora de Wentworth, balançava a cabeça com ar de desaprovação. "Simplesmente não acho que eles estão preparados para lidar com as crianças das zonas mais pobres", disse McHenry sobre os professores da empresa. "Acho que esperavam encontrar crianças sentadas, esperando explicações. Essas crianças não são assim. Elas precisam de instrução com desafios".

O Chile, laboratório de ideias neoliberais, discute há anos como aumentar o valor do repasse às escolas que aceitam alunos pobres para motivar as escolas melhores a recebê-los, em face da desmotivação destas para com esses alunos.6 Pobres costumam derrubar as proficiências médias...

O verdadeiro limite à universalização da melhoria da qualidade da escola é a própria ideologia meritocrática liberal. Caso a avaliação se coloque a serviço dela, então ficará limitada à medição do mérito e à ocultação da desigualdade social sob a forma de indicadores "neutros" como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) criado pelo MEC.

Embora nível socioeconômico seja um nome elegante e dissimulador das situações de desigualdade social, ele é fundamental para se entender o impacto dessa desigualdade social na educação. Nem todas as camadas sociais sofrem da mesma forma com as agruras da realidade escolar do país – as camadas populares sofrem mais.

Durante muito tempo duas vertentes se opuseram no cenário educacional: uma tentando explicar o fracasso escolar por fatores pedagógicos internos à escola, e outra tentando explicar o mesmo fracasso por fatores externos à escola, sociais. Como é comum acontecer nesses casos, nenhuma delas, isoladamente, dá conta do fenômeno. A dialética se impõe.

As duas causas são pertinentes na explicação do fracasso. Se isso é verdadeiro, as políticas de equidade devem ser associadas às políticas de redução e eliminação das desigualdades sociais, fora da escola. Isso implica continuar a produzir a crítica do sistema social que cerca a escola, além de introduzir a importância do nível socioeconômico como variável relevante nas análises de avaliação do desempenho do aluno e da escola.

É importante saber se a aprendizagem em uma escola de periferia é baixa ou alta. Mas fazer do resultado o ponto de partida para um processo de responsabilização da escola via prefeituras leva-nos a explicar a diferença baseados na ótica meritocrática liberal: mérito do diretor que é bem organizado; mérito das crianças que são esforçadas; mérito dos professores que são aplicados; mérito do prefeito que deve ser reeleito etc. Mas e as condições de vida dos alunos e professores? E as políticas governamentais inadequadas? E o que restou de um serviço público do qual as elites, para se elegerem, fizeram de cabide de emprego generalizado, enquanto puderam, sem regras para contratação ou demissão? O que dizer da permanente remoção de professores e especialistas a qualquer tempo, pulando de escola em escola? O que dizer dos professores horistas que se dividem entre várias escolas? O que dizer dos alunos que habitam as crescentes favelas sem condições mínimas de sobrevivência e muito menos para criar um ambiente propício ao estudo? Sem falar do número de alunos em sala de aula.

Diante deste quadro, escolher apenas uma variável, desempenho do aluno, para analisar a educação básica brasileira, como o IDEB faz, é certamente temerário em face deste complexo de variáveis. Como alerta Araújo (2007), parece que o governo não aprendeu nada com o finado Provão.

No próprio censo escolar que as escolas enviam ao MEC existem outras variáveis que poderiam ser levadas em conta e permitir uma modelagem melhor da realidade.

Novas formas de exclusão

Nossa preocupação vai mais além. Diz respeito ao aparecimento de novas formas de exclusão que estão sendo implementadas nos sistemas e sobre as quais temos pouco controle e conhecimento. Continuamos raciocinando em termos de reprovação, forma antiga de exclusão que coexiste, agora, com outras mais recentes desenvolvidas nos sistemas.

Em 1991 (Freitas, 1991) propusemos o conceito de "eliminação adiada" para identificar uma das situações geradas no processo de exclusão das camadas populares do interior da escola: o conceito referia-se à permanência dos alunos dessas camadas na escola durante algum tempo, postergando sua eliminação da escola e realizando-a em outro momento mais oportuno. Bourdieu e Champagne (apud Bourdieu, 2001, p. 221) chamaram esta categoria de "exclusão branda":

Seria necessário mostrar aqui, evitando encorajar a ilusão finalista (ou, em termos mais precisos, o "funcionalismo do pior"), como, no estado completamente diferente do sistema escolar que foi instaurado com a chegada de novas clientelas, a estrutura da distribuição diferencial dos benefícios escolares e dos benefícios sociais correlativos foi mantida, no essencial, mediante uma translação global de distâncias. Todavia, com uma diferença fundamental: o processo de eliminação foi diferido e estendido no tempo, e por conseguinte, como que diluído na duração, a instituição é habitada, permanentemente, por excluídos potenciais que introduzem nela as contradições e os conflitos associados a uma escolaridade cujo único objetivo é ela mesma.

(...) eis aí um dos mecanismos que, acrescentando-se à lógica da transmissão do capital cultural, fazem com que as mais altas instituições escolares e, em particular, aquelas que conduzem às posições de poder econômico e político, continuem sendo exclusivas como foram no passado.

E fazem com que o sistema de ensino, amplamente aberto a todos e, no entanto, estritamente reservado a alguns, consiga a façanha de reunir as aparências da "democratização". (p. 223)

Esta parece ser a base da construção das novas formas de exclusão nos anos de 1990, que agora atuam longitudinalmente, por dentro do sistema, sem necessidade de excluir fisicamente o aluno no início da escola básica, por reprovação. Os processos de avaliação informal vão construindo "trilhas de progressão diferenciadas" no interior das salas de aula e das escolas.7 Do ponto de vista do sistema, a exclusão foi internalizada a custos menores – tanto econômicos como políticos (cf. Freitas, 2002).

As novas formas de exclusão atuam agora por dentro da escola fundamental. Adiam a eliminação do aluno e internalizam o processo de exclusão. Do ponto de vista da avaliação, essas novas formas de exclusão levam a uma redução da ênfase na avaliação formal e pontual do aluno em sala de aula (introduzem novas formas de organização escolar: progressão continuada, progressão automática, ciclos etc., e novas formas de avaliação informais), liberando o fluxo de alunos no interior da escola e conduzindo ao fortalecimento do monitoramento por avaliação externa, avaliação de sistema centralizada (Prova Brasil, SAEB, SARESP, SIMAVE etc.). Nesses sistemas de avaliação o desempenho individual é subsumido nas estatísticas que lidam, preferencialmente, com tendências globais dos sistemas de ensino ao longo do tempo, a partir da proficiência média dos alunos.

O mais grave é o fortalecimento da ideia de que seria possível, a partir de sistemas de larga escala centralizados em Brasília ou em uma capital, reorientar escolas específicas, a distância, por exposição dos resultados à sociedade e acordos com prefeitos. Pode-se imaginar a pressão autoritária, verticalizada, que os acordos assinados entre os prefeitos e o governo federal, para assumir metas do IDEB para seu município e obter verbas, vão gerar nas escolas e em seus profissionais.

Não deveria ser este o papel da avaliação em larga escala ou de sistema, como veremos mais adiante, a qual deveria ser destinada, preferencialmente, à avaliação das próprias políticas públicas e não das escolas. Para o presidente do INEP: "O dia em que um prefeito perder a eleição porque foi mal na educação, não cumpriu as metas, aí estaremos no caminho correto. O aluno não pode ser punido" (Fernandes, 2007a).

Muito antes disso, os prefeitos implantarão progressão continuada e liberarão o fluxo no sistema. Depois, contratarão sistemas privados de ensino (do tipo Objetivo, COC etc.) para enquadrar a metodologia usada pelos professores,8 quando não entregarão escolas inteiras às OSCIPs, ampliando o mercado educacional. Finalmente, treinarão os alunos para as provas do SAEB e da Prova Brasil – entre outras "ações criativas".

Importante assinalar que a redução da ênfase na avaliação formal do aluno, em sala de aula, e seu deslocamento para processos informais de avaliação (Freitas, 2003), bem como a ênfase maior em processos mais gerais de avaliação de sistema, fazem com que a qualidade seja objeto de medidas de desempenho como eficiência do sistema de ensino e não como igualdade de resultados dos alunos matriculados nas escolas desse sistema. Verificam-se apenas as grandes tendências ao longo do tempo. Mesmo quando o IDEB é por escola, ele pode transformar-se em um mecanismo de ocultação do ocaso de grande quantidade de alunos procedentes das camadas populares que "habitam" a sala de aula, de forma aparentemente democrática, mas sem que signifique, de fato, acesso a conteúdos e habilidades. Monitora-se o desempenho global do sistema (ou da escola), mas não se todos estão aprendendo realmente. Aqui, não há meio-termo: há de se ensinar tudo "a todos e a cada um" (Betini, 2004, p. 251). Para o INEP, isso poderá ocorrer em 2095, quando todo o sistema estaria com o IDEB convergindo em 9.9.9

O que fazer então? Em primeiro lugar, abandonar a visão autoritária típica da época da ditadura brasileira, quando se acreditou que gestão verticalizada e treinamento de professor resolveriam o problema da escola brasileira. Nascia aí o tecnicismo (Saviani, 1982). Estamos agora diante de um "neotecnicismo" (Cf. Freitas, 1992), em que acordos de gestão com prefeitos (em cascata para dentro dos sistemas), responsabilização e treinamento do professor via CAPES e Universidade Aberta do Brasil são a estratégia.

Uma nova forma de conceber a relação com as escolas: qualidade negociada Há de se reconhecer as falhas nas escolas, mas há de se reconhecer, igualmente, que há falhas nas políticas públicas, no sistema socioeconômico etc. Portanto, esta é uma situação que, à espera de soluções mais abrangentes e profundas, só pode ser resolvida por negociação e responsabilização bilateral: escola e sistema. Os governos não podem "posar" de grandes avaliadores, sem olhar para seus pés de barro, para suas políticas, como se não tivessem nada a ver com a realidade educacional do país de ontem e de hoje.

A estratégia liberal é insuficiente porque responsabiliza apenas um dos polos: a escola. E o faz com a intenção de desresponsabilizar o Estado de suas políticas, pela responsabilização da escola, o que prepara a privatização. Para a escola, todo o rigor; para o Estado, a relativização "do que é possível fazer". Em nossa opinião, uma melhor relação implica criar uma parceria entre escola e governo local (municípios), por meio de um processo que chamamos de qualidade negociada, via avaliação institucional.

Qualidade negociada é um conceito que nos chega por intermédio de um estudo de Anna Bondioli (2004). Ele reforça uma certa tradição de se conceber a avaliação educacional no Brasil que tem ancoragem em autores como Ludke (1984), Saul (1988), Dias Sobrinho (2002a; 2002b), entre outros.

Para a autora, definir qualidade implica explicitar os descritores fundamentais da sua natureza, ou seja: seu caráter negociável, participativo, auto reflexivo, contextual/plural, processual e transformador. A qualidade, em seu aspecto negociável, é vista da seguinte forma:

A qualidade não é um dado de fato, não é um valor absoluto, não é adequação a um padrão ou a normas estabelecidas a priori e do alto. Qualidade é transação, isto é, debate entre indivíduos e grupos que têm um interesse em relação à rede educativa, que têm responsabilidade para com ela, com a qual estão envolvidos de algum modo e que trabalham para explicitar e definir, de modo consensual, valores, objetivos, prioridades, ideias sobre como é a rede (...) e sobre como deveria ou poderia ser. (Bondioli, 2004, p. 14)

O passo inicial, portanto, é mudar nossa concepção de avaliação passando de uma visão de "responsabilização" para uma visão de participação e envolvimento local na vida da escola (Cf. Freitas et al., 2004).

Os mecanismos para este processo ocorrer devem ser baseados no projeto político-pedagógico da escola (sintonizado com as políticas públicas de Estado e governo) e no processo de avaliação institucional, ao qual voltaremos mais adiante. Entretanto, este caminho exige políticas de Estado para o ensino e para a avaliação.

Políticas de Estado para a avaliação

Todos sabemos que políticas de governo são vulneráveis. A descontinuidade é uma realidade em todas as esferas de governo. É preciso que algumas condições facilitadoras estejam acima dos governos e, para isso, há de se dispor de leis que estabeleçam políticas de Estado.

Daí que a articulação governo federal/governo municipal não seja suficiente.

Acredito que alguns aspectos já podem ser listados como objeto de tais políticas:

1. Instituir a obrigatoriedade da avaliação de sistema (políticas públicas educacionais) no âmbito municipal, com periodicidade bienal, sob controle do Conselho Municipal de Educação. SAEB, Prova Brasil e os sistemas estaduais de avaliação são mecanismos de acompanhamento do âmbito federal ou estadual e devem ser voltados para o monitoramento das tendências globais desses sistemas. Sua função não é entender o que ocorre em uma escola específica. Entretanto, a avaliação de sistema no nível municipal tem a finalidade de permitir um acompanhamento do conjunto dos resultados das escolas da rede e, pela proximidade, ser mais um elemento a ser levado em conta no processo de avaliação institucional de cada escola. Técnicas não-paramétricas como Análise por Envoltória de Dados podem ser utilizadas para se definir uma fronteira de eficiência entre escolas, levando em conta a realidade particular de cada rede e o resultado de avaliações nacionais e/ou locais (Cf. Rodrigues, 2005). A proximidade e o tamanho permitiriam também estudos longitudinais de painel (em que os mesmos alunos são acompanhados ao longo do tempo), superiores aos longitudinais seccionais feitos pelo SAEB e pela Prova Brasil (ver, por exemplo, Poli, 2007).10

2. Instituir a obrigatoriedade de processos de avaliação do projeto político-pedagógico das escolas, com periodicidade anual, no âmbito dos municípios, sob controle das redes de ensino.

Complementarmente, definir a obrigatoriedade de que esse processo seja democrático, na forma de avaliação institucional escolar participativa, por meio da qual os que constroem a vida da escola tenham voz.

3. Instituir a obrigatoriedade da avaliação do professor e dos demais profissionais da escola pelos municípios, fixando amplas oportunidades e mecanismos de melhoramento da atuação do profissional e fixando, igualmente, os termos de seu desligamento do serviço público, para aqueles casos em que tais oportunidades não venham a ser adequadamente aproveitadas com impacto em sua atuação na escola, observadas as condições de trabalho oferecidas pelo sistema municipal e pela escola e "negociadas" no processo de avaliação institucional com a comunidade escolar.

4. Definir um teto para gastos dos municípios com os processos de avaliação com o fim de evitar a mercantilização destes e a retirada de recursos necessários para outras áreas de ensino.

5. É importante, ainda, criar um programa de apoio aos municípios, com recursos, junto ao INEP, para alavancar, do ponto de vista técnico, o trabalho de implantação destas políticas junto com os municípios – tanto no campo da avaliação de sistemas como no campo da avaliação institucional.

A ideia, portanto, é que, à municipalização do ensino, deve seguir-se a municipalização da avaliação. Em vez de tentar "adivinhar", de Brasília, por que uma escola em um determinado município não se sai bem (ou mandar especialistas visitá-las), propomos que isso seja feito por quem está mais próximo da escola, o município ou organismos regionalizados que englobem vários municípios.

Ações como esta, complexas, não podem ser desenvolvidas por "canetadas", sendo recomendável a criação de um fórum envolvendo as entidades da área da educação (sindicais e acadêmicas) para que as propostas sejam moldadas a várias mãos.

Em busca do elo perdido: avaliação institucional

A qualidade negociada é implementada pela avaliação institucional da escola, a qual é um processo que deve envolver todos os seus atores com vistas a negociar patamares adequados de aprimoramento, a partir dos problemas concretos vivenciados por ela. Se a avaliação em larga escala é externa, a avaliação institucional é interna à escola e sob controle desta, ao passo que a avaliação da aprendizagem é assunto preferencialmente do professor em sua sala de aula.

A avaliação institucional deve levar à apropriação da escola pelos seus atores no sentido de que estes têm um projeto e um compromisso social, em especial entre as classes populares, e, portanto, necessitam, além deste seu compromisso, do compromisso do Estado em relação à educação. O apropriar-se dos problemas da escola inclui um apropriar-se para demandar do Estado as condições necessárias ao funcionamento da escola. Mas inclui, igualmente, o compromisso com os resultados dos alunos da escola. Foi a este processo bilateral que chamamos, antes, de "qualidade negociada".

Com a avaliação institucional, o que se espera, portanto, é que o coletivo da escola localize seus problemas, suas contradições; reflita sobre eles e estruture situações de melhoria ou superação, demandando condições do poder público, mas, ao mesmo tempo, comprometendo-se com melhorias concretas na escola.

Uma boa avaliação institucional terá consequências positivas para o ensino e a avaliação da aprendizagem em sala de aula, cuja prática é de responsabilidade do professor. Entretanto, por mais que seja uma responsabilidade e uma criação da professora, esta ação deve integrarse ao projeto político-pedagógico da escola, elaborado pelo coletivo escolar – base também da avaliação institucional.

A avaliação institucional deve, portanto, ser o ponto de encontro entre os dados provenientes tanto da avaliação dos alunos, feita pelo professor, como da avaliação externa dos alunos, feita pelo sistema.

Num processo de auto-avaliação, a escola deverá levar em conta todas estas visões (cf. Sordi, 2002).

A avaliação em larga escala de redes de ensino precisa ser articulada com a avaliação institucional e de sala de aula. Nossa opinião é que a avaliação de sistema é um instrumento importante para monitoramento das políticas públicas e seus resultados devem ser encaminhados, como subsídio, à escola para que, dentro de um processo de avaliação institucional, ela possa usar estes dados, validá-los e encontrar formas de melhoria. A avaliação institucional fará a mediação e dará, então, subsídios para a avaliação de sala de aula, conduzida pelo professor. Entretanto, sem criar este mecanismo de mediação, o simples envio ou a disponibilização de dados em um site ou relatório não encontrará um mecanismo seguro de reflexão sobre estes. Os dados podem até ter legitimidade técnica, mas lhes faltará legitimidade política. Vamos, novamente, esquecer de "combinar" com as professoras os acordos entre o MEC e os municípios, afastando-as do processo?

Os três níveis de avaliação (sistema, escola e sala de aula) devem estar trabalhando articuladamente e segundo suas áreas de abrangência.

Não se deve pedir à avaliação de sistema que faça o papel dos outros níveis de avaliação. Explicar o desempenho de uma escola implica ter alguma familiaridade e proximidade com o seu dia-a-dia, o que não é possível para os sistemas de avaliação em larga escala realizados pela Federação ou pelos estados, distantes da escola. A própria elaboração desses sistemas pode beneficiar-se da proximidade com a rede avaliada, envolvendo-a no planejamento da avaliação.

Qualidade para quem?

A pobreza perambula pelo interior das escolas. Segregada em trilhas e programas especiais, assiste a seu ocaso à medida que o tempo escolar passa. Sua passagem pela escola é tolerada.

As professoras de 4ª série estão surpresas pelo fato de a pobreza ter chegado até elas sem saber as disciplinas escolares. Têm razão de estar surpresas. Antes, os mais pobres eram expulsos mais cedo da escola, portanto não chegavam à quarta série. Essa surpresa é, ao mesmo tempo, um elemento de denúncia da precariedade com que eles percorrem o sistema educacional. Pusemos a pobreza na escola e não sabemos como ensiná-la. Nenhum processo de avaliação externo resolverá isso. A solução equivocada tem sido liberar o fluxo e deixar de reprovar para esconder o fracasso. Não que a reprovação tivesse sentido, mas pelo que foi substituída?

Somos contra a reprovação, mas não podemos fazer disso o foco da atuação das políticas públicas, inclusive porque nem toda reprovação se dá por causas pedagógicas. Combater a reprovação é apenas uma parte da solução. A questão de fundo é ensinar a todos e a cada um. A redução dos índices de reprovação é necessária, mas não é suficiente.

Mais ainda, dada a composição do IDEB,12 ele poderá estimular no curto prazo a liberação do fluxo para reduzir a reprovação, regularizando o tempo de permanência do aluno na escola e aumentando o valor do IDEB,13 sem que isso necessariamente signifique aumento do desempenho do aluno.

A mera passagem do tempo não ensina ninguém, a menos que seja feito algo nesta direção – mas isso, tenhamos presente, custa. Educação (de qualidade) para todos e cada um é cara. Contraditoriamente, o IDEB

pode aprofundar o ocaso da pobreza e ser conivente com uma menor qualificação das camadas populares que, apesar de transitarem pelo sistema (a cobertura está acima de 97%), não aprendem nem são cobradas pelo desempenho, à espera da eliminação adiada nos finais de ciclo ou na passagem da 4ª para a 5ª série. Se após esta fase inicial do IDEB haverá ou não um aumento do desempenho do aluno, isso permanece no campo dos desejos e do futuro, o qual "a Deus pertence".

Outras possibilidades estão presentes. As escolas vão querer a pobreza dentro dela, com o risco de ver seu IDEB piorar? A "responsabilização" gerará escolas que concentrarão exclusivamente pobres, onde o IDEB não importa, pois "já se sabe que não dá para esperar muito desses alunos"?

No caso da rede, se um subconjunto de escolas elevar o índice, e este atingir a pontuação combinada entre prefeito e governo federal, já é suficiente; as demais continuarão onde estão – provavelmente estas serão as que atenderão à pobreza, que é guardada na escola para não incomodar, mesmo que não aprenda. No caso da escola não será diferente, muda apenas a unidade de análise. Mais ainda, o que fazer com escolas em que a evasão e a repetência não se dão por causas pedagógicas?

No estado atual, as avaliações de sistema podem terminar ocultando esta realidade. A pobreza só se torna alvo de reflexão quando as médias de desempenho começam a cair. Caso a inclinação das curvas de desempenho seja positiva, em média, o sistema se salva. Mas a pobreza continua "excluída por dentro" e, de certa forma, a exclusão é legitimada pela positividade geral das curvas estatísticas.

O que propomos é um modelo alternativo baseado na mobilização da comunidade local da escola, com a finalidade dupla de comprometer-se com resultados e, ao mesmo tempo, demandar do poder público condições para tal. Uma proposta como esta só pode ser implementada como política de Estado. Governos temem demandas.

O fato é que, para ensinar a pobreza, teríamos de gastar muito mais com educação, pois ela exige estratégias pedagógicas mais caras, já que mais personalizadas. Não poderíamos ter o número de alunos elevado em sala de aula, o que demandaria mais escolas. Não poderíamos tratar diferenciadamente a pobreza, do ponto de vista metodológico, deixando-a em trilhas secundárias que a remetem ao nada. Tudo isso custa. Seria melhor assistir a sua passagem pelo sistema e, por que não, de certa forma facilitá-la?

Os riscos de ocultação da má qualidade

Em resumo, não somos contra a existência de avaliação externa.

Não somos contra, igualmente, a existência de índices. Mas somos contra o uso da avaliação externa tendo como pano de fundo a "teoria da responsabilização" liberal. A responsabilização pressupõe uma linha direta de pressão sobre os municípios, o que poderá levar a toda sorte de armadilhas para se obter recursos. Prova Brasil, SAEB e IDEB devem ser instrumentos de monitoramento de tendências e não instrumentos de pressão.

O primeiro risco de ocultação da má qualidade vigente é no campo dos conceitos. Chama a atenção que o MEC tenha optado pelo IDEB como referência de qualidade. Por que não constituímos uma medição baseada no custo aluno/qualidade, na qual se levaria em conta uma série de variáveis que são necessárias ao funcionamento adequado de uma escola de qualidade? Por que não definimos o que entendemos por uma escola que tenha condições de ensinar e não criamos um indicador mais amplo e sensível às desigualdades sociais?14 Há de se considerar ainda que somente língua portuguesa e matemática são medidas nos testes.

Mas a escola é mais que isso. Há uma discussão a ser feita, ainda: Que tipo de escolarização está sendo oferecido às crianças? O que estão medindo os testes nas avaliações nacionais?

Em segundo lugar, há risco de ocultação da má qualidade ao se lidar com a proporção de aprovados na fórmula do IDEB. Como já dissemos, aumento de aprovados não é o mesmo que aumento da aprendizagem.

Em terceiro lugar, há o risco da ocultação da má qualidade pelo uso da média como referência.16 O IDEB não deixa de ser baseado em uma proficiência média da escola ou da rede. O uso da média como referência e sua variação ao longo do tempo não significam que houve melhoria para todos. Se um grupo de bons alunos for melhor ainda, a média subirá, mesmo que os piores continuem onde sempre estiveram.

Ainda sobre esta questão, ouçamos a experiência internacional sintetizada por S. W. Raundenbush (2004, p. 36): "A legislação [No Child Left Behind] requer decisões pesadamente baseadas em medidas de proficiência média da escola (...). Elas são enviesadas de maneira particular contra escolas que atendem grande número de crianças pobres".

Em quarto lugar, há a ocultação da má qualidade pelas metas distantes. Fixar 2021 como referência retira de foco a melhoria mais imediata do ensino para todos. Fala-se em nota 6 no IDEB para 2021.

É muito tempo para pouca nota. Necessitamos de ações mais imediatas de universalização da qualidade. Essa data pode sinalizar que, até lá, não devemos cobrar o governo federal por melhorias além das previstas para cada ano. Firmado o convênio, o problema não é mais com o governo federal – é dos prefeitos ou governadores. Espera-se mais.

Espera-se do governo federal uma política de Estado para o ensino fundamental e para sua avaliação. Nesta ordem: primeiro a política educacional, depois a política de avaliação.

A melhoria do ensino, de fato, não vai ocorrer por cobrança a distância, mas por políticas de Estado que levem a ações locais nos municípios – entre elas à avaliação institucional das escolas pelo envolvimento de seus atores. Leithwood e Earl (2000), estudando os efeitos da responsabilização educacional, chamam a atenção para algumas variáveis que afetam este processo, entre elas "o poder do contexto e da história local para explicar as diferenças na implementação e no impacto dos mecanismos de responsabilização gerais" (p. 16).

Caso não constituamos um coletivo nas escolas que resolva apropriar-se dos problemas destas, no sentido bilateral de responsabilização (do Estado e da escola), e não estabeleçamos um elo entre as avaliações externas e o ensino e a avaliação que o professor conduz em sala de aula, passando pelo controle social local do coletivo da escola, na forma de avaliação institucional, sob o olhar atento do poder público, corremos o risco de ocultar a má qualidade das escolas, inclusive para continuar a eleger os prefeitos, governadores e, é claro, até presidentes.

Notas

1. Basta ver projeto encaminhado ao legislativo propondo o fim da estabilidade do servidor público: "O governo pretende aplicar regras do setor privado para o funcionalismo público, eliminando, por exemplo, a estabilidade no emprego (...). As novas regras valeriam para hospitais e outras áreas como a TV pública, ciência e tecnologia e previdência complementar de servidores. O governo argumenta que a mudança agilizará a administração e premiará bons servidores" *(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ ult95u311596.shtml>).*

2. Assisti, em Brasília, no Seminário de Educação Básica promovido pela ANPED, em 2006, à exposição do diretor de Avaliação da Educação Básica do INEP, professor Amaury P. Gremaud.

3. Quando instados a falar de igualdade de resultados, dizem que ela chegará com o tempo; por exemplo, um IDEB de 9,9 virá em 2095, tal como a "liberdade, igualdade e fraternidade" viria.

4. Tese de doutorado em andamento, sob responsabilidade de Rippel (2007), mostra o impacto predominantemente irrelevante desses processos para os alunos que deles participam.

5. Aos que ainda acham que Bourdieu é um reprodutivista, recomendo que estudem novamente o autor. Sua categoria "campo" não tem nada de reprodutivista.

6. Proyecto de ley propone subvención a estudiantes vulnerables, gobierno de Chile, 5 jul. 2007.

7. Como demonstrou Biani (2004), estas trilhas podem englobar classes inteiras.

8. Mais de 120 municípios no Estado de São Paulo já fazem isso.

9. Conferir, em <http://www.consed.org.br/mostra.asp?id=38592>, a apresentação do professor Gremaud, diretor de Avaliação da Educação Básica do INEP.

10. Um dos maiores estudos longitudinais de painel em curso no Brasil é o GERES, que tem a coordenação geral de Nigel Brooke e a coordenação técnica de Francisco Creso Franco Jr.

11. Um exame mais detalhado destas relações será encontrado em Freitas et al., Avaliação educacional: caminhando pela contramão (no prelo); ver também Freitas (2003b) e Freitas et al. (2004).

12. Baseado no tempo de permanência na etapa e na nota (1/T*Nota).

13. Para Francisco Creso Franco Jr., este movimento será possível apenas em um primeiro momento, tendendo depois a um aumento do desempenho do aluno. Diz o pesquisador: "Em um primeiro momento, na maior parte das situações, será mais fácil melhorar o IDEB diminuindo a reprovação (desde que a nota não piore sensivelmente); em seguida, para que o IDEB aumente, será necessário aumentar a nota" (Disponível em: <http://www.consed.org.br/mostra.asp?id=38592>).

Eliminação adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola... Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 965-987, out. 2007 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

14. Ver, por exemplo, Dourado, Oliveira e Santos (2007), Carreira e Pinto (2006) e Ação Educativa (2004).

15. Este e o fator T na equação do IDEB.

16. O fator N na equação do IDEB.

Referências bibliográficas

AÇÃO EDUCATIVA. Indicadores da qualidade na educação. Ação Educativa, UNICEF, PNUD, INEP-MEC (coordenadores). São Paulo: Ação Educativa, 2004.

ALAVARSE, O.M. Ciclos ou séries?: a democratização do ensino em questão. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARAÚJO, L. Os fios condutores do PDE são antigos. 2007. Disponível em: <http://www.redefinanciamento.ufpr.br/araujo2.pdf>.

BAUDELOT, C.; ESTABLET, R. La escuela capitalista. México: Siglo Veintiuno, 1986.

BERTAGNA, R.H. Progressão continuada: limites e possibilidades.

2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BETINI, M.E.S. Uma escola em Betel: relações, práticas, alunos, famílias e professoras – 1977 a 2000. 2004. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BIANI, R.P. Progressão continuada: a produção de novas formas de exclusão. 2004. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BONDIOLI, A. O projeto pedagógico da creche e a sua avaliação: a qualidade negociada. Campinas: Autores Associados, 2004.

BOURDIEU, P. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. A reprodução. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CARREIRA, D.; PINTO, J.M.R. Custo aluno-qualidade inicial: rumo à educação pública de qualidade no Brasil. In: CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO. A educação na América Latina: direito em risco. São Paulo: CNDE; Cortez; AAA, 2006.

CUNHA, J.M.P. et al. Seminário sobre Indicador Municipal de Desenvolvimento Educacional: ensino regular médio. Campinas: NEPO/UNICAMP, set. 2002.

DIAS SOBRINHO, J. Universidade e avaliação: entre a ética e o mercado. Florianópolis: Insular, 2002a.

DIAS SOBRINHO, J. Campo e caminhos da avaliação: a avaliação da educação superior no Brasil. In: FREITAS, L.C. (Org.). Avaliação: construindo o campo e a crítica. Florianópolis: Insular, 2002b. p. 13-62.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. A qualidade da educação: conceitos e definições. Brasília, DF: MEC/INEP, 2007.

FERNANDES, R. O mentor da equação; entrevista a Marta Avancini. Revista Educação, São Paulo, edição 123, 2007a. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/revista.asp?edicao=Edição%20123>. Acesso em: jul. 2007.

FERNANDES, R. Índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). Brasília, DF: MEC/INEP, 2007b. (Textos para Discussão, 26).

FREITAS, L.C. A dialética da eliminação no processo seletivo. Educação & Sociedade, Campinas, v. 12, n. 39, p. 265-285, ago. 1991.

FREITAS, L.C. Neotecnicismo e formação de professores. In: ALVES, N. Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1992.

FREITAS, L.C. A internalização da exclusão. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 80, p. 301-327, out. 2002.

FREITAS, L.C. Ciclos, seriação e avaliação. São Paulo: Moderna, 2003a.

FREITAS, L.C. (Org.). Avaliação de escolas e universidades. Campinas: Komedi, 2003b.

FREITAS, L.C. Qualidade negociada: avaliação e contra-regulação na escola pública. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 92, p. 911-933, 2005.

FREITAS, L.C. et al. Dialética da inclusão e da exclusão: por uma qualidade negociada e emancipadora nas escolas. In: GERALDI, C.G.; RIOLFI, C.R.; GARCIA, M.F. Escola viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FREITAS, L.C. et al. Avaliação educacional: caminhando pela contramão. São Paulo: Vozes. (no prelo).

MIRANDA, E.C.M. O SAEB 2003 no Estado de São Paulo: uma análise multinível (HLM). 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LEITHWOOD, K.; EARL, L. Educational accountability effects: an international perspective. Peabody Journal of Education, New Jersey, v. 4, n. 75, p. 1-18, 2000.

LUDKE, M. O que vale em avaliação. Educação & Seleção, São Paulo, n. 9, p. 27-36, 1984.

POLI, E.C. Estudo longitudinal em matemática: possibilidades e leitura de uma realidade do ensino fundamental. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PROJETO educacional de Bush desvaloriza professor e deixa criança "para trás". The New York Times, New York, 16 abr. 2004.

RAUDENBUSH, S.W. Schooling, statistics and poverty: can we measure school improvement? Princeton: Educational Testing Service, 2004.

RIPPEL, V. O itinerário dos alunos egressos do projeto correção de fluxo dos anos 1997-98: um estudo de caso em Toledo (PR). 2007. (Relatório de Pesquisa) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RODRIGUES, S.C. Análise por envoltória de dados: uma ferramenta para transitar entre o quantitativo e o qualitativo. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SAUL, A.M. Avaliação emancipatória. São Paulo: Cortez, 1988.

SAVIANI, D. Escola e democracia. São Paulo: Cortez, 1982.

SORDI, M.R.L. Entendendo as lógicas da avaliação institucional para dar sentido ao contexto interpretativo. In: VILLAS BOAS, B.M.F. Avaliação: políticas e práticas. Campinas: Papirus, 2002.

Sites acessados

CONSELHO Nacional de Secretários da Educação. Seminário Internacional: "Construindo caminhos para o sucesso escolar". Disponível em: <http://www.consed.org.br/mostra.asp?id=38592>. Acesso em: 10 jul. 2007.

FOLHA ON LINE. Governo federal quer eliminar estabilidade no emprego público. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u311596.shtml>. Acesso em: 13 jul. 2007.

REDE de Pesquisadores em Financiamento da Educação. Disponível em: <http://www.redefinanciamento.ufpr.br/araujo2.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2007.

SECRETARIA Municipal de Educação de Salvador (BA). Seminário discute melhoria no desempenho escolar. Disponível em: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/noticias-modelo.php?cod_noticia=1624>. Acesso em: 10 jul. 2007.

5. GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. Políticas docentes no Brasil: um estado da arte. Brasília: UNESCO, 2001.

A publicação resulta de parceria entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Ministério de Educação (MEC), com apoio do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e da União Nacional de Dirigentes Municipais (UNDIME). Aborda a dinâmica das políticas docentes implantadas no Brasil, traçando um panorama sobre a profissão docente no País. Apresenta análise crítica relativa a essas políticas, a qual permite sustentar com fundamentação consistente a proposição de ações mais articuladas, em políticas futuras.

O escopo do trabalho consiste na identificação e análise de políticas de formação inicial e continuada de professores, carreira docente, formas de ingresso no magistério, progressão na carreira, avaliação de docentes, acompanhamento de professores iniciantes e subsídios ao trabalho docente, visando à melhoria do desempenho de alunos.

A análise produzida ancora-se no contexto social contemporâneo, com base em algumas perspectivas sociológicas, tratando a problemática da formação e do trabalho dos professores no interior da dinâmica dos movimentos da sociedade. Estabelece relações entre as políticas docentes e outras políticas públicas educacionais, em especial as de financiamento da educação.

Parte de uma pesquisa documental proveniente de fontes de órgãos públicos e órgãos de pesquisa, instituições de ensino superior e outras entidades e de estudos de caso realizados em cinco secretarias estaduais e dez secretarias municipais de educação. Os estudos de caso apontaram pressupostos e direcionamentos, riquezas e fragilidades das políticas públicas docentes, em diferentes níveis das instâncias federadas. A literatura acadêmica permitiu traçar ponderações sobre aspectos polêmicos e questionar encaminhamentos adotados por essas políticas.

Como marcas das ações políticas voltadas para o magistério, o estudo destaca alguns pontos. Com relação à política nacional de formação em serviço, o MEC assume postura de responsabilização do poder público pelo desempenho e pela carreira dos professores da educação básica e acena como horizonte para a instituição de um sistema nacional de educação. Essa questão reveste-se de especial complexidade dado o tamanho continental do País e o regime de pluralidade entre os entes federados, que incluem União, estados e municípios. Uma tônica predominante das propostas gestadas nas diferentes instâncias de governo mostra que as ações, cada vez mais, são pautadas pelos resultados das avaliações padronizadas dos alunos, destacando crescente mobilização das redes de ensino e políticas mais focalizadas no direito de aprender. Entretanto, as autoras alertam para a falta de clareza sobre os resultados a que esse modelo pode chegar e recomendam que não se perca a perspectiva de intervenções articuladas e sistêmicas sob a forma de políticas de Estado.

Quanto à formação inicial, atesta-se a diminuição na procura por algumas licenciaturas e maior número de matrículas em cursos a distância do que em presenciais, no que se refere aos cursos de pedagogia ou normal superior, ainda que a preferência do MEC seja por cursos presenciais. Aponta-se a fragmentação na análise das necessidades formativas de futuros docentes e as generalidades observadas nos conteúdos curriculares como reveladoras da ausência de uma política voltada para os currículos para formar docentes.

Sobre planos de carreira, constata-se que as discussões estão em crescente processo e indicam avanços nos últimos cinco anos. Entretanto, destaca-se que muitos dos ajustes em relação ao que a legislação determina – piso salarial nacional, financiamento – ainda não estão assimilados por vários estados e municípios. A despeito dessa fragilidade, foram encontradas, em algumas secretarias de educação, iniciativas de caráter bastante inovador sobre planos de carreira pautados em sistemas de progressão profissional, que levam em conta diversos fatores da atuação do docente, incluindo avaliação de desempenho sob variadas formas.

A contribuição desta publicação aos debates sobre formação inicial e continuada, planos de carreira, condições de trabalho e valorização dos docentes consiste em revelar um grande leque de alternativas que estão sendo ensaiadas pelas políticas públicas, em forma de sugestões implementadas em circunstâncias particulares dos diversos contextos educacionais brasileiros, como possibilidades de reverter condições de exercício do magistério e de contribuir para elevar a educação brasileira a outro patamar.

A importância dos professores para a oferta de uma educação de qualidade para todos é amplamente reconhecida. A formação inicial e continuada, os planos de carreira, as condições de trabalho e a valorização desses profissionais, entre outros aspectos, ainda são desafios para as políticas educacionais no Brasil. No entanto, as condições de trabalho, a carreira e os salários que recebem-nas escolas de educação básica não são atraentes nem recompensadores, e a sua formação está longe de atender às suas necessidades de atuação. Considerando o papel dos professores na qualidade da educação, é preciso não apenas garantir a formação adequada desses profissionais, mas também oferecer-lhes condições de trabalho adequadas e valorizá-los, para atrair e manter, em sala de aula, esses profissionais.

Por: Maria Amabile Mansutti
cadernoscenpec

6. LA TAILLE, Yves.DANTAS, Heloisa e OLIVEIRA, Marta Kohl de, Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 24. ed. São Paulo: Summus, 1992.

A linguagem favorece processos de abstração e generalização.

Vygotsky focaliza seu interesse pela questão dos conceitos no processo de formação de conceitos, isto é, como se transforma ao longo do desenvolvimento o sistema de relações e generalizações contido numa palavra.

Para estudar o processo de formação de conceitos, Vygotsky utilizou uma tarefa experimental na qual apresentava-se aos sujeitos vários objetos de diferentes cores, formas, alturas e larguras, cujos nomes estavam isentos na face anterior de cada objeto. "Esses nomes designavam "Conceitos artificiais", isto é, combinações de atributos rotulados por palavras não existentes na língua natural. Os objetos eram colocados num tabuleiro diante do sujeito e os experimentados virava um dos blocos, lendo seu nome em voz alta. Este bloco era colocado, com o nome visível, numa parte separada do tabuleiro e o experimentador explicava que esse era um brinquedo de uma criança de cultura, que havia mais brinquedos desse tipo entre os objetos do tabuleiro e que a criança deveria encontrá-los.

Ao longo do experimento, conforme a criança escolhia diferentes objetos como instância do conceito em questão, o pesquisador ia interferindo e revelando o nome de outros objetos, como forma de oferecer informações adicionais à criança. A partir dos objetos escolhidos, e de sua sequência, é que Vygotsky propôs um percurso genético do desenvolvimento do pensamento conceitual".

Divide o percusso em 3 grandes estágios, subdivididos em fases:

1º A criança forma conjuntos sincréticos, agrupando objetos com base em nexos vagos, subjetivo e baseados em fatores percentuais como a proximidade espacial, por exemplo (os nexos são instáveis e não relacionados aos atributos relevantes dos objetos;

2º Chamado de "pensamento por complexos" - em um complexo as ligações entre seus componentes são concretos e factuais, e não abstradas e lógicas, as ligações factuais subjacentes aos complexos são descobertos por meio da experiência direta.

Assim, qualquer conexão factualmente presente pode levar à inclusão de um determinado elemento em um complexo - esta é a diferença principal entre um complexo e um conceito.

A formação de complexos exige a combinação de objetos com base em sua similaridade, a unificação de impressões dispersas.

3º A criança agrupa objetos com base num único atributo, sendo capaz de abstrair características isoladas da totalidade da experiência concreta, o que levará à formação dos conceitos propriamente ditos.

O percurso genético não é linear; é como se houvesse duas linhas genéticas, duas raízes independentes, que se unem num momento avançado do desenvolvimento para possibilitar a emergência dos conceitos genuínos.

A questão dos conceitos concretiza as concepções de Vygotsky sobre o processo de desenvolvimento: "o indivíduo humano, dotado de um aparato humano que estabelece limites e possibilidades para seu funcionamento pscológico, interage simultaneamente com o mundo real em que vive com as formas de organização dessa realidade pela cultura. Essas formas culturamente dadas serão ao longo do processo de desenvolvimento internalizadas pelo indivíduo e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Vygotsky distingue os conceitos "cotidianos" ou "espontâneos" (experiência relatada), desenvolvidos no decorrer da atividade prática da criança e interações sociais imediatas do tipo de conceitos dos chamados "conceitos científicos", que são aqueles adquiridos por meio do ensino, como parte de um sistema organizado de conhecimentos, onde as crianças são submetidas a processos deliberados de instrução escolar.

Pode se dizer que o desenvolvimento dos conceitos espontâneos da criança é ascendente, enquanto o desenvolvimento dos seus conceitos científicos é descendente, para um nível mais elementar e concreto.

Vygotsky afirma "embora os conceitos científicos e espontâneos se desenvolvam em direções opostas, os dois processos estão intimamentes relacionados. É preciso que o desenvolvimento de um conceito espontâneo tenha alcançados um certo nível para que a criança possa absorver um conceito científico correlato. Por exemplo, os conceitos históricos só podem começar a se desenvolver quando o conceito cotidiano que a criança tem passado estiver suficientemente diferenciado - quando a sua própria vida e a vida dos que a cercam puder adaptar-se a generalização elementar "no passado e agora", os seus conceitos geográficos e sociológicos devem se desenvolver a partir do esquema simples "aqui e em outro lugar", ao forçar a sua lenta trajetória para cima, um conceito cotidiano abre o caminho para um conceito científico e seu desenvolvimento descendente. Cria uma série de estruturas necessárias para a evolução dos aspectos mais primitivos e elementares de um conceito, que lhe dão corpo e vitalidade. Os conceitos científicos, por sua vez, fornencem estruturas para o desenvolvimento ascendente dos conceitos espontâneos da criança em ralação à consciência e ao uso deliberado. Os conceitos científicos desenvolvem-se para cima por meio dos conceitos científicos"?

As concepções sobre o precesso de formação de conceitos científicos remetem a ideia mais gerais a cerca do desenvolvimento humano.

Em primeiro lugar, a particular importância da instituição escola nas sociedades letradas; os procedimentos de instrução deliberada que nela ocorrem são fundamentais na construção dos processos psicológicos dos indivíduos dessas sociedades.

"A intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontâneamente". (p.33).

A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre os outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com postulado básico de Vygotsky a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança.

"O processo ensino-aprendizagem que ocorre na escola propicía o acesso dos membros imaturos da cultura letrada ao conhecimento construído e acumulado pela ciência e a procedimentos metacognitivos, centrais ao próprio modo de articulação dos conceitos científicos".

Diferentes culturas produzem modos diversos de funcionamentos psicológicos, assim, as diferenças qualitativas no modo de pensamento de indivíduos provenientes de diferentes grupos culturais estariam baseadas no instrumental pscológico advindo do próprio modo de organização das atividades de cada grupo.

"A construção de uma concepção que constitua uma síntese entre o homem enquanto corpo e o homem enquanto mente, objetivo específico do projeto intelectual de Vygotsky e seus colaboradores, permanece um desafio para a pesquisa e a reflexão contemporâneas, sendo uma questão central nas investigações sobre o funcionamento psicológico do homem". (p. 33).

O Problema da Afetividade em Vygotsky

Marta Kohl de Oliveira

Vygotsky menciona que um dos principais defeitos da pscologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos.

Além dos pressupostos mais gerais de sua teoria, várias são as "portas de entrada", em sua obra, que permitem uma aproximação com a dimensão afetiva do funcionamento pscológico.

Em primeiro lugar escreveu textos sobre questões ligadas a essa dimensão (emoção, vontade, imaginação, criatividade) e um longo manuscrito sobre emoções. Em segundo lugar, escreveu comentários sobre pscanálise, tema também explorado por seu colaborador A.R. Luria.

As ideias de Vygotsky a respeito da consciência é tão central em sua concepção das relações entre efeito e intelecto, bem como suas ideias sobre alguns outros conceitos específicos, que têm uma ligação mais direta com a dimensão afetiva do funcionamento pscológico do homem.

Consciência - toma a dimensão social da consciência como essencial, sendo a dimensão individual derivada e secundária.

O processo de internalização, de construção de um plano intrapsicológico a partir de material interpsicológico, de relações sociais, é o processo de formação da consciência.

Para Vygotsky "a internalização não é um processo de cópia da realidade externa num plano interior já existente; é mais que isso, um processo em cujo seio se desenvolve um plano interno da consciência".

É clara a ligação com os postulados básicos de sua abordagem (fundamentação marxista): o funcionamento sócio-histórico do funcionamento psicológico do homem; a importância da mediação; a ideia de que a organização dos processos pscológicos é dinâmica e que as conexões interfuncionais não são permanentes.

A consciência seria a própria essência da psique humana, constituída, por uma interrelação dinâmica e em transformação ao longo do desenvolvimento, entre intelecto e afeto, atividade no mundo e representação simbólica, controle dos processos psicológicos, subjetividade e interação social.

Subjetividade e Intersubjetividade

"A cultura não é pensada por Vygotsky como um sistema estático ao qual o indivíduo se submete, mas como um "palco de negociações em que seus membros estão em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados..."

Assim, o indivíduo ao tomar posse do material cultural, o torna seu e passa a utilizá-lo como instrumento pessoal do pensamento e ação no mundo.

O processo de internalização, que corresponde à própria formação da consciência, é também um processo de constituição da subjetividade a partir de situações de intersubjetividade.

Envolve a construção de sujeito absolutamente únicos com trajetórias pessoais singulares e experiências particulares em sua relação com o mundo e, fundamentalmente, com as outras pessoas.

Sentido e Significado - as questões anteriores remetem-nos à questão da mediação simbólica, e, consequentemente, à importância da linguagem no desenvolvimento psicológico do homem.

Conforme Vygotsky "é no significado que a unidade das duas funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante."

"... o significado propriamente dito refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo do desenvolvimento da palavra, constituindo num núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, compartilhando por todas as pessoas que a utilizam. O sentido refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra às vivências afetivas do indivíduo".

O discurso interior

A forma internalizada da linguagem - "discurso interior", é um discurso sem vocalização, uma espécie de diálogo interno consigo mesmo; voltado interno para o pensamento, com a função de auxiliar o indivíduo em suas operações psicológicas.

Diferencia-se da fala exterior, é fragmentado, abreviado, contém quase só núcleos de significação, consistindo numa espécie de "dialeto pessoal", compreensível apenas pelo próprio sujeito.

A função do discurso interior é apoiar os processos psicológicos mais complexos: processos de pensamento, de auto-regulação, de planejamento da ação de monitoração do próprio funcionamento afetivo-volitivo.

Do ato motor ao ato mental A gênese da inteligência segundo Wallon

Heloysa Dantas

O grande eixo é a questão da motricidade; os outros surgem porque Wallon não consegue dissociá-lo do funcionamento da pessoa.

A psicogênese da motricidade se confunde com a psicogênese da pessoa, e a patologia do movimento com a patologia do funcinamento da personalidade.

O ato mental - que se desenvolve a partir do ato motor - passa em seguida a inibí-lo, sem deixar de ser atividade corpórea. Do relevo dado à função tônica, resulta a percepção da importância de um tipo de movimento associado a ela, e que é normalmente ignorado, obscurecido pelo movimento prático.

"Antagonismo, descontinuidade entre o ato motor e ato mental, anterioridade da modificação do meio social em relação ao meio físico: este são elementos essenciais à compreensão da concepção Walloniana" (p. 38).

A sequência psicogenética de aparecimento dos diferentes tipos de movimento acompanha a marcha, que se faz de baixo, para cima, do amadurecimento das estruturas nervosas.

- predominância dos gestões instrumentais, práticos, no cenário do comportamento infantil - começa a se estabelecer no 2º semestre de vida;
- o amadurecimento cortical torna aptos os sistemas necessários à exploração direta sensório-motora da realidade: a marcha, a capacidade de investigação ocular sistemática;
- início do primeiro ano: o ser está à merce das suas sensações internas, viscerais e posturais;
- o reflexo da preensão serão substituído por volta do 2º trimestre, por uma preensão voluntária (preensão palmar, depois a preensão em pinça aos 9 meses);
- a competência do uso das mãos só está completa por volta do final do primeiro ano - define a mão dominante;
- competência visual: primeiro trajetórias mais simples, horizontais, depois as verticais, próximo ao final do primeiro ano, as circulares;

As competências básicas de pegar e olhar ainda não bastam para a exploração autônoma da realidade, descompassadas da possibilidade de andar. Wallon realiza aí o corte que dá entrada do período sensório-motor, e, com ele à etapa dominantemente prática da motricidade.

Quase ao mesmo tempo, a influência ambiental, aliada ao amadurecimento da região temporal do córtex, dará lugar à fase simbólica e semiótica.

Entram em cena movimento de natureza diversa, veiculadores de imagens: são os movimentos simbólicos ou ideomovimentos (expressão peculiar de Wallon - movimento que contém ideias)

O processo ideativo é inicialmente projetivo. Projeta-se em atos, sejam eles mímicos, na fala, ou mesmo nos gestos da escrita.

O controle do gesto pela ideia inverte-se ao longo do desenvolvimento.

A transição do ato motor para o mental, ruptura e descontinuidade que assinalam a entrada em cena de um novo sistema, o cortrial, pode ser acompanhada na evolução das condutas limitativas (longe de ampliar esta noção para alcançar a chamada imitação sensório-motora ou pré-simbólica).

Wallon restringe o termo imitação sensório-motor ou pré-simbólica às suas formas superiores, corticais, porque supõe nas outras a ação de mecanismos mais primitivos.

Distingue, desta forma, os "contágios" motores, ecocinesias, ecolalias, ecoprascias, simples mimetismo, da chamada imitação diferida, onde a ausência do modelo torna inquestionável a sua natureza simbólica.

A imitação realiza a passagem do sensório-motor ao mental.

A reprodução dos gestos do modelo acaba por se reduzir a uma impregnação postural: o ato se torna simples atitude. Este congelamento corporal da ação constituiria o seu resíduo último antes de se virtualizar em imagem mental.

À sequência que leva ao sinal do símbolo, Wallon acrescenta o "simulacrio", representação do objeto sem nenhum objeto substitutivo, pura mímica onde o significante é o próprio gesto.

"A imitação dá lugar à representação que lhe fará antagonismo: enquanto ato motor, ela tenderá a ser reduzida e desorganizada pela interferência do ato mental". (p. 41).

A inteligência ocupa lugar de meio, de instrumento colocado à disposição da ampliação do desenvolvimento da pessoa.

Sujeito e objeto, afetividade e inteligência, construindo-se mutuamente, alternam-se na preponderância do consumo de energia psicogenética.

Correspondente ao primeiro ano de vida, dominam as relações emocionais com o ambiente e o acabamento da embriogênese: trata-se de uma fase de construção do sujeito, onde o trabalho cognitivo está latente e ainda indeferenciado da atividade afetiva.

Com a função simbólica da linguagem, imagina-se o pensamento discursivo, que mantém com a linguagem uma ralação de construção recíproca. As primeiras manifestações se obteve a partir dos cinco anos, revestidas de características que sintetizou com a denominação de sincretismo.

Depois da latência cognitiva que acompanha os anos pré-escolares, ocupados com a tarefa de reconstruir o eu no plano simbólico, a inteligência poderá beneficiar-se com o resultado da redução do sincretismo da pessoa.

A função da inteligência, para Wallon, reside na explicação da realidade. Explicar supõe definir: são estas, pois, as duas grandes dimensões em torno das quais se organizam os diálogos que compõem sua investigação.

Para Wallon, explicar é determinar condições de existência, entendimento que abraça os mais variados tipos de relações: espaciais, temporais, modais, dinâmicas, além das causas strictu sensu. Ele é consequência da opção epistemológica Walloniana: para a sua concepção dialética da natureza, tudo está ligado a tudo, além de estar em permanente devir.

Entre cinco e nove anos de idade, Wallon constatou uma tendência à redução do sincretismo e o aparecimento de uma forma diferenciada de pensamento a que chamou de "categorial". Ela contém aquilo que para Wallon é a sua condição: a qualidade diferenciada da coisa em que se apresenta, tornada "categoria" abstrata, exigência "sine qua non" para a definição, e, por conseguinte, para a elaboração do conceito.

Esta é a mais fundamental de todas as diferenciações que se processam: só ela permitirá a atribuição das qualidades específicas de um objeto, tornando-o destinto dos outros, sem carregar consigo os demais atributos do objeto em que aparece. Enquanto ela não se processar, o pensamento binário permanecerá ao sabor das contradições, corolário inevitável do sincretismo.

Wallon recusa persistentemente dar o passo que transforma sincretismo em egocentração: às explicações autocentradas, contrapõe outras de tendência inversa, encontrando na extrema instabilidade, e não em um eixo firmemente autocentrado, a característica maior da ideação infantil.

"A palavra carrega a ideia como o gesto carrega a intenção".

A linguagem, capaz de conduzir o pensamento, é também capaz de nutri-lo e alimentá-lo, estruturam-se reciprocamente: produto da razão humana, ela acaba no curso da história, por se tornar sua fabricante; razão constituinte é razão constituída, conclusão inevitável que resulta de vê-la em perspectiva histórica.

A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon

Heloysa Dantas

A dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento, na psicogenética de Henry Wallon. Ambos se iniciam num período que ele denomina impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano de vida.

A sua teoria da emoção tem nítida inspiração darwinista. A emoção constitui uma conduta com profundas raízes na vida orgânica.

A caracterização que Wallon apresenta da atividade emocional é complexa e paradoxal: ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza; realiza a transcrição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa

cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social.

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manisfestação. Pelo vínculo imediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólica da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo da história.

"Esta posição na ontogênese ilustra o significado de que o psiquismo é uma síntese entre o orgânico e o social: ela indica precisamente o momento em que ela ocorre e permanece como conduta em que estão nítidos os dois componentes" (p.86).

A existência de fenômenos deste tipo faz com que, para Wallon, a melhor atitude metodológica a ser utilizada pela psicologia seja o materialismo dialético.

A toda alteração emocional corresponde uma flutuação tônica; modulação afetiva e modulação muscular acompanham-se estreitamente.

A análise Walloniana põe a ver três diferentes entradas para a obscura região em que se formam e reduzem as manifestações passionais; uma de natureza química, central; outra de tipo mecânico-muscular, periférica, e outra ainda de natureza abstrata, representacional.

Em sentido geral, a emoção pode ser descrita como potencialmente anárquica, explosiva, imprevisível. Está aí a razão pela qual é tão raramente enfrentada pela reflexão pedagógica.

No seu momento inicial, a afetividade reduz-se praticamente às suas manifestações somáticas, vale dizer, é pura emoção.

Depois que a inteligência constrói a função simbólica, a comunicação se beneficia alargando seu raio de ação. Ela incorpora a linguagem em sua dimensão semântica, primeiro oral, depois escrita. A possibilidade de nutrição afetiva por estas vias passa a se acrescentar às anteriores. Instala-se a forma cognitiva de vinculação afetiva.

A construção do sujeito e a do objeto alimentam-se mutuamente; a elaboração do conhecimento depende da construção do sujeito nos quadros do desenvolvimento humano concreto.

Nos momentos dominantemente afetivos do desenvolvimento o que está em sujeito, que se faz pela interdição com outros sujeitos; naqueles de maior peso cognitivo, é o objeto, a realidade externa que se modela, à custa da aquisição das técnicas elaboradas pela cultura.

Ambos os processos são sociais, embora em sentidos diferentes: no primeiro, social é sinônimo de interpessoal: no segundo, é o equivalente de cultural.

A PSICOLOGIA DA CRIANÇA

Jean Piaget

O desenvolvimento mental da criança surge como sucessão de 3 grandes construções. Cada uma delas prologa a anterior, reconstituindo primeiro num plano novo, para ultrapassá-la em seguida e cada vez mais amplamente.

A construção de esquemas-sensório motores prolonga e ultrapassa em seguida a cada vez mais amplamente.

A inteligência sensório-motora é essencialmente prática (alcançar, objetos afastados, escondidos, etc.) Apoia-se em construções que se efetuam exclusivamente em percepções e movimentos (coordenação sensório-motora das ações), sem a intervenção da representação ou o pensamento. Apresenta 6(seis) estádios. É no curso do 5o estágio (+- cerca do 11o e 12o meses) acrescenta às condutas precedentes uma reação essencial: a procura de meios novos por diferenciação dos esquemas conhecidos. No último estágio a criança torna-se capaz de encontrar meios novos, através de combinações interiorizadas, que redundam numa compreensão súbita ou insight.

A percepção constitui um caso particular das atividades sensório motorsas. Ela depende do aspecto figurativo do conhecimento do real ao passo que a ação no seu conjunto é inicialmente operativa e transforma o real.

Ao cabo do período sensório-motor, entre 1 ano e meio e 2 anos surge uma função fundamental para a evolução das condutas ulteriores, que consiste em poder representar alguma coisa por meio de um "significante" diferenciado e que só serve para essa representação: liguagem, imagem metal, gesto simbólico, etc. É a função semiótica ou simbólica (aparecem a imitação, o jogo simbólico, o desenho, as imagens mentais, a memória e a estrutura das lembranças = imagens, a linguagem);.

A função semiótica apresenta notável unidade, a despeito da espantosa diversidade das suas manifestações.

"Consiste sempre em permitir a evocação representativa de objetos ou acontecimentos não percebidos atualmente. Mas, reciprocamente, se possibilita, dessa maneira, o pensamento, fornecendo-lhe ilimitado campo de ação, em oposição as fronteiras restritas da ação sensório - motora e da percepção, só progride sob a direção e graças às contribuições desse pensamento ou inteligência representativa..."

Assim, nem a imitação, nem o jogo, nem o desejo, nem a imagem, nem a liguagem, nem mesmo a memória se desenvolvem ou organizam sem o socorro constante da estruturação própria da inteligência.

No sub período pré-operatório de 2 a 7-8 anos ao sub período de remate, 7-8 a 11-12, desenrola-se um grande processo de conjunto, que pode ser carcterizado como passagem da centração subjetiva em todos os domínios (cognitivo, lúdico, afetivo, social e moral), à descentração a um tempo cognitiva, social e moral.

" O jogo, domínio de interferência entre os interesses cognitivos e afetivos, principia, no decorrer do sub-período de 2 a 7-8 anos, pelo apogeu do jogo simbólico, que é uma assimilação do real ao eu e a seus desejos, para evoluir em seguida na direção de jogos de construção e de regras, que assimilam uma objetividade do símbolo e uma socialização do eu"(p.109).

A afetividade amplia a sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais.

Os sentimentos morais e evoluem no sentido de um respeito mútuo e de uma reciprocidade cujos efeitos de descentração são mais profundos e duráveis.

As trocas sociais dão lugar a um processo de estruturação gradual ou socialização que passa de um estado de não coordenação ou de não diferenciação relativa, entre o ponto de vista próprio e o dos outros, a um estado de coordenação de ponstos de vista e de cooperação nas ações e informações.

Desde o nível de 11-12 anos, o pensamento formal nascente reestrutura as operações concretas, subordinandoas a estrutura novas, cujo desdobramento se prologará durante a adolescência e toda a vida ulterior.

Entre 11-12 a 14-15 anos, o sujeito consegue libertar-se do concreto e situar o real num conjunto de transformações possíveis. A última descetração fundamental que se realiza no termo a infância, prepara a liberação do concreto em proveito de interesses orientados para o inatual e o futuro.

Um conjunto de síntese ou estrururações (pensamento formal e a combinatória, combinações proposicionais, etc), embora novas, prolongam direta e necessariamente as precedentes, preenchendo algumas de suas lacunas. Não se trata de superposição, mas sim de sínteses ou estruturações.

"...A diferença essencial entre o pensamento formal e as operações concretas é que estas estão centradas no real, ao passo que aquele atinge as transformações possíveis e só assimila o real em função desses desenvolvimentos imaginados ou deduzidos. Ora, tal mudança de perspectiva é tão fundamental do ponto de vista afetivo quanto do ponto de vista cognitivo, pois o mundo dos valores também pode permanecer aquém das fronteiras da realidade concreta e perceptível ou, ao contrário, abrir-se para todas as possibilidades inter-individuais ou sociais" (p.127).

A autonomia moral, que principia no plano inter-individual no nível de 7 a 12 anos adquire e com o pensamento formal, uma dimensão a mais no manejo do que se poderia denominar os valores individuais ou supra individuais.

7. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro, UNESCO/Cortez Editora, cap. III e IV, p. 47-78, e cp. VI, 93-104, 2000.

As cegueiras do conhecimento

A epistemologia do saber deveria ser uma necessidade primeira para cuidar do rumo à lucidez, minimizando as cegueiras, nas quais convivemos diariamente.

A educação deveria mostrar que não há conhecimento que não esteja sujeito a equívocos.

Para a sociedade da informação, o erro existe em qualquer comunicação e conhecimento, sob a forma de palavra, de teoria, de ideia, é fruto da decodificação por meio da linguagem ou pensamento e, por conseguinte, sujeito a erros.

Existem os erros mentais que invadem nossas necessidades, sonhos, desejos, ideias, imagens e fantasias.

Existem os erros intelectuais, onde os sistemas de ideias (teorias, doutrinas, ideologias) não estão apenas sujeitas ao erro, mas também protegem os erros. Existem os erros da razão. A racionalidade é a melhor proteção contra o erro. Mas a racionalidade traz também a possibilidade do erro quando se transforma em racionalização. A racionalização é fechada, a racionalidade é aberta. E da racionalidade decorre reconhecer um princípio de incerteza racional, posto que ela não é apenas teórica, não é apenas crítica, mas também autocrítica.

Existem as cegueiras paradigmáticas onde indivíduos pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles, que dão características de necessidade ou de verdade a determinadas situações. Assim, um paradigma pode ao mesmo elucidar e ocultar o erro.

Os paradigmas fazem reinar os conformismos cognitivos e intelectuais.

O "imprinting" cultural marca as pessoas desde o nascimento, primeiro com o selo da cultura familiar, da escola, em seguida, prossegue na universidade ou na vida profissional.

O conhecimento deve ser uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável, deve ser um princípio e uma necessidade permanentes.

OS PRINCÍPIOS DO CONHECIMENTO PERTINENTE

Para Morin, "existe um problema capital, sempre ignorado, que é da necessidade de promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais." (MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000.p. 35)

Neste sentido, a organização e articulação do conhecimento é necessária para o entendimento e análise dos problemas da realidade que nos cerca.

O conhecimento do mundo como mundo é necessidade, ao mesmo tempo, intelectual e vital, é questão fundamental da educação futura.

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente, é preciso situá-los em seus contextos para que adquiram sentido.

A evolução cognitiva não caminha para estabelecimento de conhecimentos cada vez mais abstratos, mas ao contrário, para sua contextualização (Claude Bastien).

Progressos gigantescos no âmbito das especializações disciplinares ocorreram durante o século XX; porém, estes progressos estão dispersos, desunidos, devido justamente à especialização que muitas vezes fragmenta as globalidades e as complexidades; o humano desloca-se; sua dimensão biológica, inclusive o cérebro, e é encerrada nos departamentos de biologia; suas dimensões psíquicas, sociais, religiosas e econômicas são ao mesmo tempo separadas e relegadas uma das outras nos departamentos de ciências humanas; seus caracteres subjetivos, existenciais, poéticos encontram-se confinados nos departamentos de literatura e poesia.

Os problemas fundamentais e os globais estão ausentes das ciências disciplinares. Trata-se de entender o pensamento que separa "e reduz no lugar do pensamento que distingue e une. Não se trata de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese, é preciso conjugá-las.

ENSINAR A CONDIÇÃO HUMANA

A condição humana e a diversidade cultural devem ser o centro da educação do futuro, implicando na revisão da nossa posição no mundo.

Conduzir à tomada de conhecimento, por conseguinte, é tarefa urgente para a manutenção da condição comum a todos os humanos e da rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre o nosso enraizamento como cidadão da terra.

Neste capítulo, ele mostra como é possível, com base nas disciplinas atuais, reconhecer a unidade e a complexidade humanas, reunindo e organizando conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, nas ciências humanas, na literatura e na filosofia, e põe em evidência o elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo o que é humano.

ENSINAR A IDENTIDADE TERRENA

Tudo está instantaneamente presente de um ponto a outro do planeta (televisão, fax, internet). O planeta se encolhe e torna-se cada vez mais um todo, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias das mais diferentes partes do mundo.

Enquanto alguns povos estão no conforto planetário, grande número de africanos, asiáticos e sul americanos, acham-se em um circuito planetário da miséria, com as flutuações do mercado mundial.

A educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne desta nova missão.

Espera-se uma política a serviço do ser humano inseparável da política e civilização.

É preciso fazer avanços à noção de TERRA/PÁTRIA. É preciso aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta terra.

Transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o verdadeiro objetivo fundamental e global de toda a educação que aspira a sobrevida da humanidade.

ENFRENTAR AS INCERTEZAS

As ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas também trouxeram muitas incertezas. É preciso aprender a enfrentar as incertezas ligadas ao conhecimento, pois a humanidade caminha para uma aventura desconhecida.

Seria preciso, segundo o autor, ensinar princípios de estratégia que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo. É preciso, acrescenta, aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certezas.

O pensamento deve, então, armar-se para enfrentar a incerteza. Tudo que comporta oportunidade comporta risco e o pensamento deve reconhecer as oportunidades de risco, como os riscos das oportunidades.

Vimos, com frequência, que o improvável se realiza mais do que o provável; saibamos, então, esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável.

É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza.

ENSINAR A COMPREENSÃO

A compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão esta ausente do ensino. O planeta necessita de compreensão mútua.

A comunicação não garante a compreensão.

Compreender significa apreender em conjunto e passa pela inteligibilidade e pela explicação e explicar é aplicar todos os meios do conhecimento. A ética da compreensão é de que se compreenda a incompreensão. A verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a da compreensão solidariedade intelectual e moral da humanidade.

Dada a importância da educação para a compreensão em todos os níveis educativos, em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma (planetária) das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro.

Por isso, a aprendizagem da compreensão deve desempenhar um papel capital no aprendizado democrático.

A ÉTICA DO GÊNERO HUMANO

Todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.

Partindo disso, Morin apresenta "duas grandes finalidades antropoéticas do novo milênio: estabelecer uma relação de controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos pela democracia e conceber a Humanidade

como comunidade planetária." (MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000.p.106)

Neste sentido, "a educação deve contribuir não somente para a tomada de consciência de nossa Terra-Pátria, mas também permitir que esta consciência se traduza em vontade de realizar a cidadania terrena." (MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000.p.114)

8. RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. 20. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

A FILOSOFIA E A COMPREENSÃO DA REALIDADE
Ética – Política – Filosofia da Educação

Epicuro dizia que nunca se deve protelar o filosofar quando se é jovem, nem deixá-lo de fazer quando se é velho.

Rios afirma que ao elaborar este trabalho, que foi apresentado como dissertação de mestrado na PUC-SP, pretendeu elaborar um trabalho de filosofia da educação. Isso significa, afirma, "que tenho a intenção de debruçar-me sobre algumas questões que têm lugar no terreno da educação, mas que pretendo fazê-lo da janela da filosofia, isto é, "à moda da filosofia"."

Inicialmente devemos regressar à Grécia do século VII a.C., quando Pitágoras cunha o termo philosophia, unindo philia, cujo significado é "amizade", a sophia, que significa "sabedoria", para indicar a "procura amorosa da sabedoria".

A filosofia, é histórica, ou seja, transforma-se e explica-se a partir de problemas bem específicos de cada contexto histórico.

Segundo a autora, não será, entretanto, propriamente a partir dos problemas que descobriremos a especificidade do conhecimento filosófico, mas a partir do modo peculiar com que ele se volta para os problemas para considerá-los. Esse gesto, sim, é que pode nos levar a distinguir o filósofo dos outros pensadores.

É preciso verificar a significação que tem o termo "sabedoria" na Grécia dos pré-socráticos. Nesse contexto, ele significa saber total, saber da totalidade, e naquele momento, este saber é considerado um atributo de deuses. Só deuses são sábios. Para os homens, seres imperfeitos, limitados, fica o desejo de se aproximar desse saber, a amizade que procura se familiarizar com ele. O filósofo se define, portanto, como o amigo da sabedoria, desejoso do saber total.

A filosofia guarda esse sentido de busca do saber inteiro. E é na busca da "inteireza" do saber que se revela o núcleo da reflexão filosófica, denotador do gesto do filósofo. A reflexão filosófica quer ver claro, fundo e largo o seu objeto.

Há uma característica que distingue o saber filosófico do saber científico, e que é específica da filosofia a compreensão.

O termo nos leva às ideias de prender com, de apropriar-se, não no sentido puramente lógico, epistemológico.

A filosofia procurará apropriar-se da realidade para ir além da explicação, da descrição, para buscar o sentido, na dupla acepção de direção e de significado dessa realidade. E se é preciso buscar o sentido, na verdade será preciso buscar os fundamentos, as raízes, numa perspectiva diversa da de outros saberes.

Rios destaca que "a philo-sophia caracteriza-se então como uma reflexão que busca compreender o sentido da realidade, do homem em sua relação com a natureza e com os outros, do trabalho do homem e seus produtos: a cultura e a história. É enquanto re-flexão que descobrimos a filosofia sempre como filosofia de."

Retorna-se a afirmação de que não é pelo objeto que a filosofia se define. Ela tem sempre como objeto os problemas que a realidade apresenta, sejam quais forem esses problemas e o lugar em que se situam.

Rios salienta a estreita relação entre a filosofia e os outros campos do saber. Objetos que já se constituíam em preocupação de cientistas, de religiosos, de artistas, são também objetos da filosofia, na medida em que o filósofo se volta para eles à sua maneira peculiar, mas com um objetivo diverso."

A filosofia não é um tipo de conhecimento reservado a alguns privilegiados e não se é filósofo ou artista ou religioso ou cientista, de uma forma excludente. Todo homem, seja qual for o seu espaço de pensamento e de ação, torna-se filósofo quando interroga o mundo de uma maneira específica, buscando compreendê-lo a fim de transformá-lo.

A autora destaca que "a filosofia é sempre filosofia de." Neste caso, ela pretende ser filosofia da educação. As questões aqui abordadas encontram-se no espaço da educação. As ciências da educação serão auxiliares preciosas para essa reflexão, que procurará caminhar de um modo diverso, no sentido de responder às questões que nos desafiam.

A filosofia, salienta Rios, não deve ser considerada como um saber que paira sobre as sociedades, assim como os valores não devem ser vistos como significações estáticas, relacionados a algo absoluto, imutável. É na própria história das civilizações que podemos verificar a presença de valores em mutação. Numa mesma cultura constatamos a mudança de valores no decorrer do tempo, assim como percebemos valores diferentes em diferentes culturas.

Existe valoração na medida em que qualquer interferência do homem na realidade se dá na perspectiva de conferir um significado a esta realidade.

Falamos em valores na perspectiva da lógica - a qualificação dos enunciados como verdadeiros ou falsos, ou na perspectiva da estética - a qualificação dos produtos como belos ou feios, por exemplo.

Quando se qualifica um comportamento como bom ou mau, tem-se em vista um critério que é definido no espaço da neutralidade. E isso interessa à filosofia, no plano da ética - buscar o fundamento dos valores que sustentam esse comportamento, salienta Rios.

Segundo ela, "a Verdade, o Belo, o Bem não são conceitos estáticos, definidos de uma vez por todas; são conceitos construídos socialmente. Se os queremos investigar criticamente, precisamos buscar seus fundamentos, os interesses em que estão enraizados."

O homem é um ser simbólico. Sua relação com o mundo é sempre revestida de uma significação, de uma valorização. O homem jamais encontra o mundo face a face, imediatamente.

O seu encontro é sempre mediatizado pela significação, pela perspectiva simbólica. A linguagem, o mito, a arte, a religião são partes do universo simbólico.

Rios salienta que "o comportamento é o arranjo dos diversos papéis que desempenhamos em sociedade."

Cada sociedade tem os seus "modelos", "scripts" prontos para esses papéis, entendendo-se "pronto" como "preparado" pelos homens que compõem essa sociedade.

Quando falo em desempenho, afirma Rios, "faço referência ao que é preciso fazer na representação de cada papel. Utilizando a expressão "é preciso", somos remetidos ao dever que está presente no bojo das ações humanas em sociedade. Como seres sociais, o que somos está sempre ligado ao que devemos ser, que é indicado pelas regras do coletivo de que fazemos parte."

A autora ressalta que o conteúdo dos papéis não tem sido o mesmo em toda as sociedades, indistintamente. Em cada sociedade, em função da organização específica da vida de seus membros, do trabalho, da produção da vida material, organiza-se também o comportamento "desejável" para cada um daqueles membros.

Cada sociedade possui seu ethos, ou se compõe de um conjunto de ethos, jeitos de ser, que conferem um caráter àquela organização social.

Os papéis sociais têm seu fundamento no ethos de uma sociedade.

É importante distinguir ethos e ética, ética e moral.

No cotidiano, explica a autora, vemos que os conceitos de ética e de moral se confundem ou se identificam. Não sem razão. Se recorrermos à origem etimológica das palavras, vamos encontrar os vocábulos ethos (grego) e mores (latino), que significam, ambos, costume, jeito de ser.

Costume nos remete à criação cultural. Não há costume na natureza. O costume resulta no estabelecimento de um valor para a ação humana, que é criado, conferido pelos próprios homens, na sua relação uns com os outros.

A autora salienta que o domínio do ethos é o da moralidade, do estabelecimento de deveres, a partir da reiteração das ações e da significação a elas atribuída.

A moral pode ser definida como um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos numa comunidade social dada.

Essas normas e regras se sustentam |nos valores criados pelos sujeitos em suas relações entre si e com a natureza.

Não se pode falar em valores "em si", mas sim em significações que se criam a partir de propriedades concretas, reais, existentes no mundo, na relação que os homens estabelecem. Isso vale especialmente para os valores morais.

É no espaço da moralidade que aprovamos ou reprovamos o comportamento dos sujeitos, que o designamos como correto ou incorreto.

Ao mencionarmos as relações estabelecidas socialmente pelos homens, não podemos deixar de verificar que são relações que envolvem a organização do poder na sociedade.

Rios comenta que a articulação entre o dever e o poder, leva-nos a perceber a relação entre moral e política - o dever se estabelece na polis, numa determinada organização social, em que se estruturam diversas formas de poder.

Uma relação entre dois sujeitos, dos quais um impõe ao outro a própria vontade e lhe determina, malgrado seu, o comportamento é chamado poder.

Porém, o domínio sobre os homens não é geralmente fim em si mesmo, mas um meio para obter "qualquer vantagem" ou, mais exatamente, "os efeitos desejados", como acontece com o domínio da natureza.

A definição de poder como tipo de relação entre sujeitos tem de ser completada com a definição do poder como posse dos meios (entre os quais se contam como principais o domínio sobre os outros e sobre a natureza), que permitem alcançar justamente uma "vantagem qualquer", ou os "efeitos desejados".

O poder político pertence à categoria do homem sobre outro homem e não do homem sobre a natureza

Rios salienta que "a atividade política se distingue, portanto, de algo que se dá na esfera do natural. A possibilidade que tenho de exercer influência sobre algo da natureza é fundamentalmente distinta da minha possibilidade de exercer influência sobre alguém, através de princípios estabelecidos socialmente. O ethos se realiza na instância da polis."

A ética se apresenta como uma reflexão crítica sobre a moralidade, sobre a dimensão moral do comportamento do homem. Cabe a ela, enquanto investigação que se dá no interior da filosofia, procurar ver claro, fundo e largo os valores, problematizá-los, buscar sua consistência.

Não se confunde com a moral.

Na moral, os critérios utilizados para conduzir a ação são os mesmos que se usam para os juízos sobre a ação, e estão sempre ligados a interesses específicos de cada organização social. No plano da ética, estamos numa perspectiva de um juízo crítico, próprio da filosofia, que quer compreender, quer buscar o sentido da ação. A moral, numa determinada sociedade, indica o comportamento que deve ser considerado bom e mau.

A ética procura o fundamento do valor que norteia o comportamento, partindo da historicidade presente nos valores.

A reflexão filosófica volta-se criticamente sobre a perspectiva política do relacionamento social dos homens, seus fundamentos, seu sentido.

Ao investigarmos o fenômeno educativo do ponto de vista da totalidade, procuramos vê-lo em todos os seus componentes: um componente econômico, enquanto relacionado à produção da vida material, parte do trabalho humano na sociedade; um componente político, no que diz respeito ao poder que permeia as relações na educação; um componente ético, a partir do que diz respeito aos valores que subjazem à prática dos educadores.

A filosofia, enquanto é reflexão, tem um caráter teórico.

A filosofia da educação vai refletir sobre a educação, ligando-se às ciências que também têm investigado o fenômeno educativo e a prática dos sujeitos no campo da educação.

A filosofia se aplica a questões. E ela é histórica, como as questões sobre as quais se aplica.

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE:
PERSPECTIVA POLÍTICA NA PRÁTICA EDUCATIVA

Rios salienta que para falar da educação enquanto fenômeno histórico e social, é preciso que se percorra brevemente o caminho de uma reflexão sobre a cultura, na medida em que se pode afirmar - recorrendo-se a uma definição extremamente abrangente - que educação é transmissão de cultura.

Para ela, "o conceito de cultura é um conceito-chave a ser considerado ao se estabelecer a relação entre educação e sociedade, uma vez que ele está, de certo modo, contido nesses dois outros. Não há sociedade sem cultura e não se fala em cultura sem a referência a uma relação social."

O homem é um ser-no-mundo. Ele não é, primeiro, e depois é no mundo. Ser no mundo já é constituinte de seu ser homem.

Segundo Corbisier, "a implicação recíproca homem-mundo, mundo e homem não significa uma relação exterior, fortuita e acidental, mas, ao contrário, com a compenetração ontológica, constitutiva dos dois termos entre os quais a relação se estabelece."

Não há homem sem mundo. Para a autora, o mundo está dentro do homem, e dele resulta.

O mundo com o qual homem entra em contato se apresenta em dupla dimensão. A primeira é a que chamamos natureza. E a segunda, o que chamamos cultura, ou seja, o mundo transformado pelo homem. Cria-se cultura porque as maneiras de atender às necessidades não estão inscritas na natureza do homem, como acontece com os animais.

Para que o homem satisfaça propriamente suas necessidades, ele tem que libertar-se delas, superando-as, ou seja, fazendo com que sejam especificamente humanas. Isso quer dizer que a necessidade humana tem que ser inventada ou criada.

Alves destaca que "a invenção de necessidade se dá justamente porque o homem é um ser de desejos." Temos necessidade de comer, temos desejo de comer determinados alimentos, temos necessidade de nos abrigar, desejamos estar abrigados em determinados tipos de moradia etc.

O senso comum costuma identificar cultura como erudição, acúmulo de conhecimentos, atividade intelectual. Diz-se mesmo que alguém "é muito culto" quando domina certo tipo de saber privilegiado. Não se pode falar em sujeitos cultos e não-cultos. Todos os homens são cultos, na medida em que participam de algum modo da criação cultural, estabelecem certas normas para sua ação, partilham valores e crenças. Tudo isso é resultado do trabalho.

Não se pode falar em cultura sem falar em trabalho, intervenção intencional e consciente dos homens na realidade, elemento distintivo do homem dos outros animais

É o trabalho que faz os homens serem. O trabalho é, na verdade, a essência do homem. E a ideia de trabalho não se separa da ideia de sociedade, na medida em que é com os outros que o homem trabalha e cria a cultura.

Quando as relações do homem com o mundo deixam de ser as de um animal simplesmente adaptado ao mundo, para se converterem, simultaneamente com isso, em relações de adaptação do mundo a ele, o que impõe a transformação deliberada e artificial da realidade exterior, aparece o trabalho como o modo pelo qual os homem começa a produzir para si o mundo, os objetos e as condições de que precisa para existir.

Não existem um homem, uma cultura, um trabalho abstratos, mas eles ganham sua configuração exatamente no processo de transformação concreta da realidade, na produção da vida em determinadas condições.

Rios destaca que "qualquer sociedade se organiza com base na produção da vida material de seus membros e das relações daí decorrentes. A cultura, enquanto elemento de sustentação da sociedade e patrimônio dos sujeitos que a constituem, precisa ser preservada e transmitida exatamente porque não está incorporada ao patrimônio natural. As diversas instituições sociais têm como objetivo primordial a preservação e a transmissão da cultura.

A autora salienta que a educação, definida como processo de transmissão de cultura, está presente em todas as instituições. Entretanto, em sociedades como a nossa há uma instituição cuja função específica é a

transmissão da cultura - esta instituição é a escola. Ela é o espaço de transmissão sistemática do saber historicamente acumulado pela sociedade, com o objetivo de formar os indivíduos, capacitando-os a participar como agentes na construção dessa sociedade.

A sociedade capitalista se caracteriza por ter sua organização sustentada numa contradição básica, aquela que se dá entre capital e trabalho e que provoca a divisão de seus membros em duas classes antagônicas: a classe burguesa e a classe trabalhadora.

Na sociedade capitalista, a escola enquanto instituição tem sido o espaço de inserção dos sujeitos nos valores e crenças da classe dominante.

A educação é uma atividade humana participante da totalidade da organização social. Essa relação exige que a considere como historicamente determinada por um modo de produção dominante, em nosso caso, o capitalismo

A ideologia liberal é, do ponto de vista das ideias, o elemento de "sustentação" do sistema capitalista. A ideologia caracteriza-se por dissimular a realidade, apresentando como "naturais" elementos que na verdade são determinados pelas relações econômicas de produção, por interesses da classe economicamente dominante. As diferenças sociais entre os sujeitos, as discriminações, são justificadas com base em princípios que, considerados isolados de um contexto histórico específico, aparecem, como inegavelmente "verdadeiros", mas que, analisados à luz de uma visão crítica, encobrem uma realidade que é preciso denunciar, salienta a autora. E isso é evidente na escola brasileira, ressalta.

Surge uma questão fundamental que devemos considerar: se a escola é transmissora do saber sistematizado acumulado historicamente, ela deve ser fonte de apropriação da herança social pelos que estão em seu interior. Entretanto, comenta Rios, o que constatamos na escola brasileira é, de um lado, que grande parte da população está excluída do processo educativo formal, e, de outro, que a maioria que frequenta a escola, esta não tem oferecido condições para aquela apropriação.

A escola é parte da sociedade e tem com o todo uma relação dialética. Podemos verificar que a escola tem uma função contraditória - ao mesmo tempo em que é fator de manutenção, ela transforma a cultura.

O processo educativo deve ser reconhecido como um conjunto de práticas que, ao mesmo tempo, mantêm e transformam a estrutura do social. A escola intervém nos rumos da sociedade, e é também continuamente influenciada pelo que ocorre fora do seu âmbito, na sociedade, global. A educação reflete uma estrutura social, mas, por outro lado, fermenta as contradições, proveniente do modo de produção capitalista.

Para a autora, "é a perspectiva política presente na ação educativa que nos permite captar melhor a ingenuidade presente nas concepções mencionadas. A partir dessa perspectiva política, é possível apreender a autonomia relativa da escola diante do sistema social como um todo. Há, queiramos ou não, uma dimensão de poder que permeia toda a sociedade, e ganha uma feição bem característica quando se trata da educação."

A ação dos homens em sociedade, produzindo sua vida e conferindo-lhe significado, é uma ação que tem um caráter político, o que significa dizer, que o poder é um elemento presente como constituinte do social

As relações entre os membros de uma sociedade estabelecem-se em função de um objetivo, que lhe é próprio, e a Política, longe de ser um fim em si, é uma técnica para a realização de valores proposta pela sociedade. Da mesma forma, o poder é um instrumento que só encontra a sua razão de ser no objetivo ou nos objetivos em função dos quais a sociedade é constituída. (Giles, 1985)

AS DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA DO EDUCADOR

A autora questiona o que significa ser educador na sociedade brasileira hoje.

Segundo ela, os papéis sociais são definidos levando-se em consideração as instituições onde se desenvolve a prática dos sujeitos. O educador desenvolve sua prática no espaço da instituição que é a escola. Enquanto instituição social, é tarefa da escola a transmissão/criação sistematizada da cultura entendida como o resultado da intervenção dos homens na realidade, transformando-a e transformando a si mesmos.

A escola não é uma entidade abstrata, pois tem características específicas e cumpre uma função determinada, na medida em que está presente e é constituinte de uma sociedade que se organiza de maneira peculiar, historicamente.

Ela resulta do trabalho e das relações estabelecidas em seu interior, é o espaço da práxis de determinados sujeitos.

No interior da instituição escolar, o educador exerce sua profissão.

Para abordamos esse assunto, devemos dar o significado de competência que significa: saber fazer bem

Para a autora, "falar em competência significa falar em saber fazer bem. Apesar das diferenças entre as diversas concepções de educação e de escola presentes entre nós, elas sem dúvida concordam em definir desse modo a competência."

Inúmeras são as características necessárias para se falar em competência profissional.

Em primeiro lugar, o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber, de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno.

Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática.

Em terceiro, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que recebeu, a organização da escola e os resultados de sua ação.

Para a autora, saber fazer bem tem uma dimensão técnica, a do saber e do saber fazer, isto é, do domínio dos conteúdos de que o sujeito necessita para desempenhar o seu papel.

Segundo Rios, "a ideia de bem parece-me significativa na definição da competência, porque ela aponta para um valor que não tem apenas um caráter moral. Ele não se desvincula dos aspectos técnicos nem dos aspectos políticos da atuação do educador. É nessa medida que se pode compreender a ética como mediação. Porque ela está presente na definição e na organização do saber que será veiculado na instituição escolar, e, ao mesmo tempo, na direção que será dada a esse saber na sociedade."

Parafraseando Gramsci, afirma a autora, "eu diria que nós estamos ainda na fase romântica da defesa do compromisso político em educação. Nessa fase os elementos da luta contra a concepção técnico-pedagógica restrita e supostamente apolítica se dilataram morbidamente por causa do contraste e da polêmica. É necessário passar à fase clássica, encontrando nos fins a atingir a fonte para a elaboração das formas adequadas de realizá-los".

No caso da nossa sociedade, muitas vezes o que se qualifica de bom é extremamente discutível, na medida em que atende a certos interesses, favorecendo indubitavelmente certa parcela desta sociedade. Então, temos o professor "bonzinho", que se relaciona "bem" com os alunos e deixa de lhes passar os conteúdos necessários. Temos o orientador "bonzinho", que procura proteger os alunos das exigências dos professores; o supervisar "bonzinho", que "compreende" os professores etc.

Para a autora, "a qualidade da educação tem sido constantemente prejudicada por educadores preocupados em "fazer o bem", sem questionar criticamente sua ação. Ou pela consideração da prática educativa apenas na dimensão moral, ou na visão equivocada de um compromisso que se sustenta na afetividade, na espontaneidade."

Frequentemente se percebe que os próprios educadores não têm clareza da dimensão política de seu trabalho.

Para a autora, "essa ideia de responsabilidade, que se encontra articulada com a de liberdade, conceito que representa o eixo central da reflexão ética, ajuda-me a encaminhar esta minha reflexão. Pois responsabilidade está ligada também à noção de compromisso - e esse compromisso traz a marca não apenas da política, no sentido amplo, mas da moral."

Na avaliação que fazem de seu trabalho, em geral, os educadores, os professores, afirmam-se comprometidos com os interesses dos alunos, mas não têm clareza quanto à implicação política desse seu "comprometimento".

Para a autora, "eles o vêem como fazendo parte de uma provável "essência" do educador, referindo-se à responsabilidade que deve estar presente em seu trabalho."

Tal atitude demonstra um desconhecimento do significado da presença do político na ação educativa, e também do ético, em sua forma autêntica, pois este aparece misturado com o sentimento, e essa mistura, sem dúvida, contribui para reforçar o espontaneísmo e para manter as falhas da instituição escolar.

A autora destaca que é necessário evitar o moralismo e estar alerta para não reduzir a dimensão política à moral, mas é preciso ter claro também que não é possível desvincular moral e política, reduzindo a moralidade à ação política.

Segundo Rios, é necessário resgatar o sentido autêntico da ética, apelando para a contribuição que esta pode trazer, ligada, na filosofia da práxis, às ciências do social, buscando discutir os valores morais dominantes na sociedade.

O risco que se corre quando se procura dar ênfase à perspectiva política é exatamente esvaziá-la da conotação ética que nela está presente.

Para a autora, "um modo de descobrirmos a conotação ética é verificarmos a dimensão de subjetividade presente no político. Não há como afastar a subjetividade que está presente na valorização, na intencionalidade que se confere à prática social." Rios ressalta que há algumas observações a serem feitas.

Em primeiro lugar, é preciso distinguir subjetividade de singularidade ou individualidade. O singular é o que diz respeito ao indivíduo, aspectos de sua atuação que o distinguem dos demais. Entretanto, é na vida em sociedade que ele adquire essa individualidade.

Isso nos remete a uma segunda distinção, entre subjetividade e subjetivismo, individualismo.

Destaca-se a noção de subjetividade para enfatizar a perspectiva de relação e encaminhar para o social, que está contido no político. O comportamento do homem é político enquanto logos (razão e palavra), mas também enquanto mente, uma conotação de valor, ainda que se revista de objetividade.

Rios comenta que "quando se fala em objetividade, deve-se pensar na atenção às características do objeto, na necessidade de se evitarem as interferências que podem distorcer o conhecimento. Mas, se o conhecimento é relação dialética sujeito-objeto, não posso em momento algum falar na possibilidade de "não-envolvimento" do sujeito com o que ele conhece. Isso não significa que nos encaminhamos para um relativismo no campo do conhecer, mas sim que todo conhecimento é historicamente situado e que, ainda que tenha como característica a objetividade, não é de modo algum neutro. É assim que posso descobrir a moralidade, o ethos na dimensão técnica da atuação do educador. Há escolhas, há exigências de caráter social no que se chama de técnico, no ensino, no trabalho educativo. E essas escolhas têm implicações ético-políticas."

Vontade, liberdade, consequência são conceitos que estão sem dúvida no terreno da ética-política. A articulação entre esses conceitos é que nos auxilia na busca da compreensão da competência do educador, pois constatamos que não basta levar em conta o saber, mas é preciso querer. E não adianta saber e querer se não se tem percepção do dever e se não se tem o poder para acionar os mecanismos de transformação no rumo da escola e da sociedade que é necessário construir.

Rios salienta que só se pode falar em compromisso, se mencionamos a adesão, a partir de uma escolha do sujeito, a uma certa maneira de agir, a um certo caminho para a ação. É para que essa adesão seja significativa que devem se conjugar a consciência, o saber e a vontade, que de nada valem sem a explicitação do dever e a presença do poder.

Uma visão crítica da realidade não leva, automaticamente, a uma intervenção crítica, mas é um primeiro passo, se se pode ver com clareza o apelo da necessidade que está presente no real.

A autora destaca que é aí que entra o componente fundamental presente na ação ético-política - a vontade, a intencionalidade do gesto do educador.

Numa sociedade em que os interesses são antagônicos, as vontades, sem dúvida, dirigem-se para objetivos conflitantes, apesar de o discurso "oficial" referir-se a um objetivo único: o chamado "bem comum", a realização pessoal, a integração participante na sociedade. Assim, o que o educador decide fazer com o saber é extremamente relevante para que sua ação seja qualificada de competente. Poderíamos dizer que, nessa medida, o saber e o saber fazer ganham uma espécie de caráter instrumental. Ou melhor, eles não têm sentido isolados do para que saber e fazer, que afasta a possibilidade de uma suposta neutralidade.

Para ela, é preciso esclarecer o que significa o "ensino de boa qualidade". Por vezes ele é identificado como aquele que vai "ao encontro das necessidades dos educandos". Entretanto, com frequência o discurso ideológico mascara o que se faz realmente na escola, sob a alegação de ir ao encontro das necessidades.

A necessidade, concretamente presente no contexto sócio-econômico em que se vive, é, efetivamente, o primeiro motor da ação do educador.

Essa necessidade é histórica, situada, e pode ser atendida de múltiplas maneiras; há, até mesmo, possibilidade de não se atendê-la; e aí está o que faz a necessidade do saber escolar diferente de outras necessidades sociais, e estas das que se encontram no plano da natureza. A vontade, articulada à consciência, mostra-se como componente essencial da prática político-moral do educador.

É preciso que o educador saiba, e seja cobrado por isso, que é de sua vontade, articulada com seu saber consistente e com as possibilidades e os limites das circunstâncias, que dependerá o encaminhamento de sua prática educativa. Podendo ver melhor a dimensão individual de sua ação - inegavelmente moral -, ele terá mais condições de deixar de atribuir ao "sistema", aos "outros", as razões de seu insucesso - ou poderá descobri-las e lutar para superá-las, garante a autora.

Rios ressalta que "na tentativa de articular corretamente os elementos da competência do educador - suas dimensões técnica, ética e política -, podemos aprofundar nossa reflexão em torno do conceito de compreensão. Estaríamos assim associando as ideias de com-preender e de com-prometer, lançando-nos, pelo prefixo comum, à ideia de associação, de coletividade, rompendo com a ideia dominante do pensamento burguês, que é a de individualismo."

Prometer é anunciar algo que está por-vir. Ao mesmo tempo, quando se trata de uma ação como a do educador, para a necessidade do empenho para que o prometido venha, isto é, se torne realidade.

Empenho não é sinônimo de "torcida", mas de prática, envolvimento concreto com a realização do "prometido". Há ainda uma outra ligação que é à ideia de "prender-com" ou de "estar preso a". Quem promete está preso à promessa. Quem prende com, tem laços não apenas com o objeto, mas com o companheiro de apreensão do objeto.

Do ponto de vista político, no sentido mais restrito, acusamos indiscutivelmente o indivíduo que faz promessas que não pode cumprir, na medida em que isso evidencia um desconhecimento, uma não-compreensão da situação sobre a qual se pretende agir, ou um gesto de má-fé.

Um gesto de compreensão é, também, um gesto compreensivo, no sentido ético, de envolvimento com aquilo que se tem por objetivo.

Para Rios, "compreensão é, portanto, saber aprofundado, e envolvimento ético-político do saber."

A manutenção da sociedade tal como ela se organiza no modo de produção capitalista contemporâneo não seria possível se não se ocultasse o aspecto repressivo do poder, e se, pelo menos no nível das instituições que compõem a sociedade civil, não houvesse hegemonia, que se apresenta como uma conjugação de força e consenso, de dominação e de persuasão.

Baseado nisso, afirma Rios, é possível pensar a escola, a prática do educador, como um espaço de predominância do consenso e da persuasão. Pensar em uma situação de consenso no campo da educação não significa identificar consenso com "concordância numa proposta pela totalidade dos sujeitos nela envolvidos", pelo contrário.

COMPETÊNCIA E UTOPIA: PRÁTICA PROFISSIONAL E PROJETO

Para a autora, o educador competente terá de ser exigente e a ideia de exigente deve estar associada à de necessidade."

Para ela, "certas circunstâncias exigem de nós determinadas posturas, e não podemos nos recusar a assumi-las, porque se impõem como necessárias. O educador exigente não se contentará com pouco, não procurará o fácil, sua formação deverá ser a formação de um intelectual atuante no processo de transformação de um sistema autoritário e repressivo; o rigor será uma exigência para sua prática, contra um laissez-faire que se identifica com o espontaneísmo, contra o qual se insurgia Gramsci, em sua reflexão sobre a práxis educativa."

São vários os obstáculos para o trabalho do educador e sua própria situação apresenta inúmeros limites.

Rios cita o exemplo do professor de natação que não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se na água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu corpo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e

repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água. O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador.

A autora destaca que "para fazer o aluno entrar em contato com a água de modo eficiente e eficaz, o professor, se vai entrar junto com ele na água, tem de saber bem sobre a água, conhecer suas características, e saber fazer bem os movimentos que permitirão um contato que possa ser chamado de nado, de verdade. E precisa ter consciência do alcance, da responsabilidade de seu gesto, para produzir um nadador."

Para Chauí, o professor é "simples mediador. O aluno é o centro do processo.

A partir da diferença dos papéis, porque os papéis de professor e aluno são efetivamente diferentes, o que se quer é garantir a especificidade e a articulação dos papéis.

O professor é mesmo mediador - é específica de seu papel a mediação entre aluno e saber sistematizado, cultura, realidade. Para essa mediação exige-se um saber fazer bem, precisa-se de uma permanente visão crítica sobre ela.

Segundo a autora, "é a partir do educador que temos que vamos caminhar para o educador que queremos ter."

É preciso que os problemas sejam superados e uma das melhores formas é a elaboração de projetos de ação.

De acordo com o dicionário (Ferreira, p. 153) indica-nos: "(do latim projectu, particípio passado de projicere, lançar para diante). Plano, intento, desígnio. Empresa, empreendimento. Redação provisória de lei. Plano geral de edificação".

Para ela, "ao organizarmos projetos, planejamos o trabalho que temos intenção de realizar, lançamo-nos para diante, olhamos para a frente. Projetar é relacionar-se com o futuro, é começar a fazê-lo. E só há um momento de fazer o futuro - no presente. O futuro é o que viveremos como presente, quando ele chegar. E que já está presente no projeto que dele fazemos. Pode parecer complicado, mas trata-se de algo que se constata na nossa vivência do cotidiano. O presente - momento único de experiência e relação - traz no seu bojo o passado, enquanto vida incorporada e memória, e o futuro, enquanto vida projetada. Isso vale tanto para as experiências singulares, de cada um de nós, como para a vida da sociedade. É isso que garante a significação do processo histórico."

Rios destaca que se o futuro é gestado no momento em que vivemos, nosso desafio está em organizar a sua construção da maneira como o desejamos e como julgamos necessário que ele seja.

Começamos a escola do futuro no presente, nas escolas que temos, garante a autora. É necessária uma primeira atitude: a consideração da realidade, da situação das escolas que temos, e o confronto do que temos com o que queremos e precisamos construir.

A autora salienta que quando se projeta, tem-se sempre em mente um ideal. Confunde-se, às vezes, inadequadamente, o ideal com algo irrealizável, que se classifica de utópico. O ideal é sim utópico, mas é preciso recuperar o sentido autêntico de utopia, que significa, na verdade, não algo impossível de ser realizado, mas algo ainda não realizado,

Rios destaca que quando propõe como ideal uma escola que desenvolva um trabalho coletivo e participante, por exemplo, tem como pressuposto que o trabalho que se realiza com a participação responsável de cada um dos sujeitos envolvidos é o que atende de forma mais efetiva às necessidades concretas da sociedade em que vivemos.

Se apresentamos o ideal como algo desejado e necessário e que ainda não existe, precisamos justificar o "ainda não", para não lidarmos com uma fantasia, um devaneio. Porém, temos de refletir sobre o que chamamos de possível. Muito frequentemente, ele é confundido com algo estático, já dado na situação vivenciada.

A crise aparece mesmo como característica do movimento histórico, mas a crise pode configurar-se também como uma ruptura, como uma negação da própria dinâmica da cultura, uma ameaça de imobilidade, sob a forma de um suposto movimento de desordem.

É preciso considerar que a ideia de crise aponta para duas perspectivas - a de perigo e a de oportunidade.

Se considerarmos apenas o perigo, correremos o risco de nos deixarmos envolver por uma atitude negativa, ignorando as alternativas de superação.

É importante considerar a perspectiva de oportunidade, que nos remete à crítica, como um momento fértil de reflexão e de reorientação da prática.

Se cada momento histórico apresenta aos homens um desafio peculiar, é necessário verificar que características têm as crises que nos reclamam uma superação através de uma ação competente.

Segundo a autora, "fala-se numa crise ética em nossa sociedade contemporânea. Talvez seja o grande desafio que se apresenta à competência. Entretanto, é preciso verificar que significado tem falar-se numa crise ética, ou melhor, numa crise moral, que provoca uma reflexão de caráter ético."

Para ela, a atitude cínica configura uma crise moral, ou um desafio à ética, porque significa uma indiferença diante dos valores.

A competência não é algo estático, ao qual deva se ajustar o comportamento dos indivíduos, ou um modelo prescrito num Código. Ela é construída cotidianamente (Ponce, 1989) e se propõe como um ideal a ser alcançado.

Quando procuramos fazer o elenco de características "definidoras" da competência, uma espécie de concretização do "saber fazer bem" para cada categoria de profissionais, descobrimos que se trata de um conjunto de requisitos que não fazem parte, em sua totalidade, do desempenho dos indivíduos. Porém, eles podem fazer - e sua possibilidade é verificada na própria realidade. Se existem no real como possibilidade, podem vir a se tornar no futuro, na prática concreta dos profissionais. Desta maneira, vamos nos tornando competentes, realizando o ideal que atende às exigências - históricas, sempre do contexto em que atuamos.

Berger (1976) destaca a ideia da competência que, além de ser construída, é também compartilhada. Uma pessoa não pode ser humana sozinha, comenta.

Do mesmo modo, uma pessoa não pode ser competente sozinha. A qualidade de seu trabalho não depende apenas dela - define-se na relação com os outros. As condições para a realização de um trabalho competente estão na competência do profissional e na articulação dessa competência com os outros, conclui Rios.

9. SACRISTÀN, J. Gimeno; PÉREZ GOMES, A. I. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

OS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM: ANÁLISE DIDÁTICA DAS PRINCIPAIS TEORIAS DA APREMHAGEM Erro! Indicador não definido.

No capítulo anterior, a análise e intervenção nos mecanismos de socialização das novas gerações, é a meta fundamental da prática educativa na escola, tendo a pretensão de provocar a comparação crítica das aquisições espontâneas. Como tais mecanismos de socialização se refletem e se concreti-zam no desenvolvimento individual dos diferentes modos de pensar, sentir e agir, convém que nos detenhamos na consideração das diferentes teorias psicológicas que oferecem uma explicação mais ou menos convincente destes processos subjetivos de apreender a realidade, assim como dos modos e estratégias de interação sobre ela.

Consideram-se os processos de ensino-aprendizagem na instituição escolar o centro da investigação e da prática didáticas. Ninguém coloca em dúvida que toda intervenção educativa necessita apoiar-se no conhecimen-to teórico e prático, oferecido em parte pelas disciplinas que investigam a natureza dos fenômenos envolvidos nos complexos processos educativos. No entanto, o acordo se torna discrepância quando nos preocupamos em estabelecer as formas de relação entre o conhecimento teórico e especializa-do que as disciplinas oferecem e o modo mais racional de intervir em situa-ções específicas e concretas.

Habitualmente, consolidou-se uma forma mecânica, simplista e hierár-quica de transferência desde o conhecimento disciplinar, na verdade desde o conhecimento psicológico, para a organização e o desenvolvimento da prática didática. Em particular, nas últimas décadas, generalizou-se a pretensão de estabelecer uma dependência direta dos modelos de inter-

venção didática em rela-ção aos princípios e conceitos que se derivam das teorias da aprendizagem.

No presente capítulo nos propomos a três objetivos. Em primeiro lugar, queremos analisar, sem querer ser exaustivos, as principais teorias da apren-dizagem a partir da potencialidade de suas implicações didáticas, A perspec-tiva de busca se situa na virtualidade dos conceitos e princípios das diferentes teorias, para facilitar a compreensão dos fenômenos de aprendizagem na escola e para apoiar conjunta mente com conceitos e princípios de outras dis-ciplinas, integrados e filtrados pela reflexão didática sobre a prática, o pla-nejamento, o desenvolvimento e a avaliação da intervenção educativa.

Em segundo lugar, desejamos oferecer ideias e reflexões para alimentar o debate sobre a utilização racional das teorias da aprendizagem na elaboração da teoria e prática didáticas. O caráter inacabado e mutante do desenvolvimento do indivíduo e do grupo, a natureza singular e imprevisível dos fenômenos de interação na vida da aula e a dimensão ético-política evidenciam como inevitá-veis a descontinuidade entre as teorias da aprendizagem e as teorias didáticas, Isso se refere tanto às decisões sobre o currículo quanto aos processos de inter-câmbio de interesses e valores no grupo da sala de aula e da escola, bem como aos problemas epistemológicos envolvidos, na construção e na reconstrução do conhecimento considerado válido.

Em terceiro lugar, nos propomos aprofundar o problema que considera-mos de capital significação no momento atual do debate sobre as características e natureza da aprendizagem na aula e na escola; a aprendizagem relevante, que supõe a reconstrução do conhecimento que o indivíduo adquire em sua vida cotidiana anterior e paralela à escola.

ANÁLISE DÏDÁTICA DAS PRINCIPAIS TEORIAS DA APRENDIZAGEMErro! Indicador não definido.

E claro que a didática como ciência, como arte e como práxis necessita apoiar-se em alguma teoria psicológica da aprendizagem. No entanto, pelas razões anteriormente expostas, não se pode realizar uma transferência mecânica dos princípios psicológicos para as determinações normativas da di-dática.

A maioria das teorias psicológicas da aprendizagem são modelos explicativos que foram obtidos em situações experimentais e referem-se a aprendizagens de laboratório, que só relativamente podem explicar o funcionamento real dos processos naturais da aprendizagem incidental e da aprendizagem na aula. Estas teorias deveriam enfrentar estes processos como elementos de uma situa-ção de intercâmbio, de comunicação, entre o indivíduo e seu meio físico e sociocultural, no qual se estabelecem relações concretas e se produzem fenômenos específicos que modificam o sujeito. Como veremos, nem todos os en-foques teóricos enfrentam o problema de compreender os processos de apren-dizagem com a mesma pretensão de aproximação às situações naturais da aula.

Portanto, nos propomos, em primeiro lugar, a analisar as derivações didáticas que, como hipóteses de trabalho, podem ser extraídas das teorias de aprendizagem mais significativas. Com este propósito distinguimos dois am-plos enfoques com suas diferentes correntes:

1) As teorias associacionistas, de condicionamento, de E-R, dentro das quais se podem distinguir duas correntes:

a) Condicionamento clássico: Pavlov, Watson, Guthrie.

b) Condicionamento instrumental ou operante: Hull, Thorndíke, Skinner.

2) As teorias mediacionais: dentro das quais se podem distinguir múltiplas correntes com importantes matizes diferenciadores:

a) Aprendizagem social, condicionamento por imitação de modelos: Bandura, Lorenz, Tinbergen, Rosenthal.

b) Teorias cognitivas, dentro das quais distinguiremos várias correntes ao mesmo tempo:

- Teoria da Gestalt e psicologia fenomenológica: Kofka, Kõhler, Whert-heimer, Maslow, Rogers.
- Psicologia genético-cognitiva: Piaget, Bruner, Ausubel, Inhelder.
- Psicologia genético-dialética: Vygotsky, Luria, Leontiev, Rubinstein, Wallon.

c) A teoria do processamento de informação: Gagné, Newell, Simon, Mayer, Pascual Leone.

Por sua importância pedagógica, dentro da perspectiva mediacional va-mos reduzir a análise às seguintes teorias:

- Teoria da Gestalt.
- Psicologia genético-cognitiva.
- Psicologia genético-dialética.
- Processamento de informação.

O critério escolhido para a classificação é a concepção intrínseca da aprendizagem. O primeiro grupo concebe esta, em maior ou menor grau, como um processo cego e mecânico de associação de estímulos e respostas provocado e determinado pelas condições externas, ignorando a intervenção mediadora de variáveis referentes à estrutura interna. A explicação da in-fluência das contingências externas sobre a conduta observável, e a organiza-ção manipulação de tais contingências para produzir, consequentemente, as condutas desejadas, são a pedra fundamental da teoria da aprendizagem.

O segundo grupo, pelo contrário, considera que em toda aprendizagem intervém, de forma mais ou menos decisiva, as peculiaridades da estrutura inter-na. A aprendizagem é um processo de conhecimento, de compreensão de relações, em que as condições externas atuam mediadas pelas condições inter-nas. A explicação de como se constróem, condicionados pelo meio, os esquemas internos que intervêm nas respostas condutuais é seu problema capital e um propósito prioritário.

Não nos deteremos na explicação dos princípios e pressupostos que configuram as diferentes teorias. Este seria o objeto de outra disciplina diferente: psicologia evolutiva e psicologia da aprendizagem.

Derivações didáticas das teorias do condicionamento

As derivações pedagógicas e didáticas dos princípios em que se apoiam as teorias do condicionamento são evidentes, principalmente quando o próprio Skinner (1968b) dedicou parte de seus trabalhos à aplicação prática de seus esquemas psicológicos sobre a aprendizagem. Esta teoria baseia-se no seguinte princípio: o homem é o produto das contingências reforçantes do meio.

O objeto da ciência psicológica, nesta perspectiva, é conhecer tais contin-gências e controlar na medida do possível, seus efeitos reforçantes para a con-duta humana. Tudo na vida, objetos, situações, acontecimentos, pessoas, insti-tuições, tem um valor reforçante, reforça uma ou outra conduta. O comporta-mento humano está determinado por contingências sociais que rodeiam, orientam e especificam as influências dos reforçadores. A luta pela liberdade e digni-dade deve ser formulada mais como revisão das contingências de reforço nas quais a pessoa vive do que como defesa do homem autônomo.

Esta concepção do homem norteia as aplicações pedagógicas e didáticas de seus princípios de aprendizagem, como se pode comprovar em Walden rfos (Skinner, 1968a) e The technology of teaching (1968b). A educação transforma-se numa simples tecnologia para programar reforços no momento oportuno. Para isso, e de acordo com um princípio de discriminação e modelagem, é necessário dissecar analiticamente as condutas que se pretendem configurar, até chegar a identificar suas unidades operacionais mais básicas. Dessa forma, os programas de modelagem por reforço sucessivo das respostas, que supõem aproxima-ção a tais unidades, são objeto e responsabilidade da tecnologia da educação, Ao prescindir das variáveis internas, da estrutura peculiar de cada indivíduo, ou ao desprezar a importância da dinâmica própria da aprendizagem, o ensino se reduz a preparar e organizar as contingências de reforço que facilitam a aqui-sição dos esquemas e tipos de conduta desejados. Uma vez determinada a con-duta que vai se configurar e estabelecidas as contingências de reforço sucessivo das respostas intermediárias, a aprendizagem é inevitável, porque o meio está cientificamente organizado para produzi-lo.

As teorias do condicionamento, desde a modelagem até o operante, con-tribuíram poderosamente para a compreensão dos fenômenos de aquisição, re-tenção, extinção e transferência de determinados tipos simples de aprendizagem ou de componentes de todo processo de aprendizagem.

A crítica mais rigorosa ao condutismo se coloca contra as posições epistemológicas que sustentam estas teorias e contra suas aplicações

práticas no campo do ensino e da modificação de conduta. Ë nestes aspectos, quando o condicionamento se apresenta como teoria explicativa e normativa, que evi-dencia toda a sua radical debilidade. Suas posições teóricas carecem de consis-tência epistemológica.

Ao reduzir suas investigações extrínsecas entre estímulo e resposta para comprovar a regularidade de correspondências entre certas en-tradas e determinadas saídas, estímulos e respostas, limita voluntariamente seu campo de estudo e necessariamente deveriam restringir do mesmo modo suas pretensões de interpretação e generalização universal. Suas posições teóricas de caixa preta limitam a análise ao observável. Portanto, suas conclusões só serão válidas para aqueles períodos da aprendizagem e para aqueles aspectos dos processos em que a relação input-output (entradas-saídas), estímulos e respostas observáveis, seja o todo da conduta, ou seja, quando a dinâmica interna do organismo seja tão simples e linear que possa ser explicada como simples via de transição. No momento em que a estrutura interna se complica e organiza como efeito das aprendizagens sucessivas, a relação estímulo-resposta se diversifica, ao estar mediada por variáveis internas que o organismo foi construindo e con-tinua modificando.

Assim, apenas as condutas animais e as primeiras formas de reação da criança podem receber uma explicação satisfatória nas teorias do condiciona-mento. Quando o desenvolvimento complica e organiza o psiquismo infantil, a aprendizagem já não pode ser entendida como uma simples relação de entra-das e saídas. As saídas, respostas, são mais o produto da estrutura interna do que do caráter do estímulo exterior. Existe uma mediação que transforma, e na qual não pode compreender a conduta sem explicar essa transformação. Pode-se afirmar que o condicionamento simplificou o problema real da conduta humana - desde suas propostas não poderia ser de outra forma. O reducionismo mecanicista que se faz ao adotar uma perspectiva biologicista desemboca neces-sariamente na redução e simplificação do objeto de estudo, na eliminação de sua complexidade.

Teorias mediacíonais Erro! Indicador não definido.

Durante o presente século, e como reações à interpretação behaviorista da aprendizagem, surgem, se desenvolvem e se transformam diversas teorias psi-cológicas que englobamos na corrente cognitiva. Apesar de importantes e signi-ficativas diferenças entre elas, as agruparemos num conjunto por coincidirem em alguns pontos fundamentais:

- A importância das variáveis internas.
- A consideração da conduta como totalidade.
- A supremacia da aprendizagem significativa que supõe reorganização cognitiva e atividade interna.

O todo os fenômenos de aprendizagem e conduta - é algo mais do que a soma e justa-posição linear das partes. Tão importante ou mais do que entender os elementos isolados da conduta é a compreensão das relações de co-determinação que se estabelecem entre os mesmos de formar uma totalidade significativa. As forças que rodeiam os objetos, as relações que os ligam entre si, definem realmente suas propriedades funcionais, seu comportamento.

Apoiando-se nestes pressupostos, chegam assim a definir o conceito de campo (transferência do âmbito da física para o terreno da psicologia) como o mundo psicológico total em que opera a pessoa num determinado momento. Ë este conjunto de forças que interage ao redor do indivíduo o responsável pelos processos de aprendizagem. Consideram a aprendizagem como um processo de doação de sentido, de significado, às situações em que o indivíduo se encon-tra. Sob as manifestações observáveis se desenvolvem processos de discer-nimento e de busca intencional de objetivos e metas. O indivíduo não reage de forma cega e automática aos estímulos e pressões do meio objetivo, reage à realidade tal como a percebe subjetivamente. Sua conduta responde à sua com-preensão das situações, ao significado que confere aos estímulos que configuram seu campo vital em cada momento concreto.

A importância que as teorias do campo concedem ao signifi-cado como eixo e motor de toda aprendizagem supõe a primazia da motivação intrínseca, da aprendizagem desejada, auto-iniciada, apoiada no interesse por resolver um problema, por estender a clareza e o significado a parcelas cada vez mais amplas do espaço vital, do território onde o indivíduo vive, onde satisfaz suas múltiplas e diversas necessidades. A motivação emerge das solicita-ções e exigências da própria existência, da necessidade de aprendizagem para compreender e agir racionalmente na troca adaptativa com o meio sócio-histórico e natural. A aprendizagem transforma-se num instrumento de desenvolvi-mento do aperfeiçoamento das capacidades intelectuais e da sobrevivência que permitem a expansão criadora da vida individual e coletiva.

A organização didática do ensino deverá levar em conta esta dimensão global e subjetiva dos fenômenos de aprendizagem. Ë todo um espaço vital do sujeito que se põe em jogo em cada momento. Não é um problema de mais ou menos conhecimentos, da quantidade de informação acumulada na reserva do indivíduo. Trata-se da orientação qualitativa de seu desenvolvimento, do aper-feiçoamento de seus instrumentos de adaptação e intervenção criativa, da clarificação e conscientização das forças e fatores que configuram seu específico espaço vital.

Apesar da riqueza didática destas posições, em minha opinião é imprescindível assinalar os pontos fracos que exigem um desenvolvimento mais satisfatório:

- Em primeiro lugar, existe um certo descuido da verificação empírica das hipóteses tão ricas e fecundas que entranham as teorias do campo. O desenvol-vimento da especulação, de constructos hipotéticos e esquemas formais exige o complemento de uma rigorosa comprovação empírica de seus pontos mais sig-nificativos e de suas hipóteses mais aventuradas, se requer a busca de evidên-cias em que apoiar tão sugestivas colocações.
- Em segundo lugar, parece arriscado estabelecer um rigoroso isomorfismo entre percepção e aprendizagem. A percepção é apenas o primeiro e fundamen-tal passo dos complexos processos de aprendizagem que, sem dúvida, impli-cam fenômenos de associação e recompilação.
- Em terceiro lugar, é importante assinalar uma tendência a interpretar a aprendizagem em termos de percepção, recepção significativa, esquecendo de certa forma a importância da atividade, das ações e operações subjetivas na hora de fixar aquisições e de reformular os esquemas cognitivos. Ao fugir dos exageros do mecanicismo condutista, focaliza quase que exclusivamente a di-mensão cognitiva e perceptiva do indivíduo, descuidando o importante mun-do do comportamento.
- Em quarto lugar, a necessária reação frente à concepção mecanicista e atomista da aprendizagem não tem por que supor o desprezo de todas as descobertas realizadas pela investigação analítica. Concretamente, certos experimentos de condicionamento esclarecem de forma importante os processos de algum tipo de aprendizagem que a criança realiza na primeira infância, bem como lança luz sobre aspectos parciais da dinâmica emocional que acompanha toda aprendizagem.

As contribuições da psicologia genético-cognitiva Erro! Indicador não definido.

E realmente difícil e comprometedor realizar uma síntese, com a brevida-de que este capítulo requer, de uma corrente tão rica, tão estruturada e tão fe-cunda como a psicologia psico-cognitiva.

Desde os postulados defendidos pela Gestalt, parece óbvia a necessidade de esclarecer o funcionamento da estrutura interna do organismo como media-dora dos processos de aprendizagem. O importante não é afirmar a existência de tal instância mediadora, o verdadeiramente urgente é estudar sua estrutura, sua gênese, seu funcionamento. A psicologia genético-cognitiva enfrenta cara a cara o problema e apresenta certos princípios de explicação. O que é, como fun-ciona e como se cria essa instância mediadora? Resumiremos a seguir os postulados mais relevantes desta importante corrente do pensamento psicológico.

- A aprendizagem como aquisição não-hereditária no intercâmbio com o meio é um fenômeno incompreensível sem sua vinculação à dinâmica do de-senvolvimento interno. As estruturas iniciais condicionam a aprendizagem. A aprendizagem provoca a modificação e transformação das estruturas que, ao mesmo tempo, uma vez modificadas, permitem a realização de novas aprendi-zagens de maior riqueza e complexidade. A gênese mental pode ser representa-da como movimento dialético de

evolução em espiral. No centro deste processo se encontra a atividade. A aprendizagem é tanto um fator como um produto do desenvolvimento. De qualquer forma, é um processo de aquisição no intercâm-bio com o meio, mediatizado por estruturas reguladoras no princípio hereditárias, posteriormente construídas com a intervenção de aquisições passadas.

- As estruturas cognitivas são os mecanismos reguladores aos quais se subordina a influência do meio. São o resultado de processos genéticos. Não surgem num momento sem algum motivo, nem são o princípio imutável de todas as coisas. Também se constróem em processos de troca. Por isso, denomi-na-se estas posições como construtivismo genético.
- São dois os movimentos que explicam todo processo de construção genética: a assimilação, processo de integração, inclusive forçada e deformada, dos objetos ou conhecimentos novos às estruturas velhas, anteriormente construí-das pelo indivíduo; e a acomodação, a reformulação e a elaboração de estruturas novas como consequência da incorporação precedente. Ambos os movimentos constituem a adaptação ativa do indivíduo que atua e reage para compensar as perturbações geradas em seu equilíbrio interno pela estimulação do ambiente.
- A vinculação entre aprendizagem e desenvolvimento leva ao con-ceito de "nível de competência". Em franca oposição à interpretação condutista, Piaget considera que, para que o organismo seja capaz de dar uma resposta, é necessário supor um grau de sensibilidade específica às incitações diversas do meio. Este grau de sensibilidade ou nível de competência se constrói no curso do desenvolvimento, da história do indivíduo a partir das aquisições da aprendizagem.
- O conhecimento não é nunca uma mera cópia figurativa do real, é uma elaboração subjetiva que desemboca na aquisição de representações organiza-das do real e na formação de instrumentos formais de conhecimento. O conteúdo e a forma é uma decisiva distinção psicológica para as formulações nor-mativas da didática. Ao distinguir os aspectos figurativos (conteúdo) dos as-pectos operativos (formais) e ao subordinar os primeiros aos segundos, Piaget estabelece as bases para uma concepção didática baseada nas ações sensório-motoras e nas operações mentais (concretas e formais).
- Piaget não enfatiza apenas a primazia da açâo. Também, e principal-mente, todos os processos cognitivos adquirem novas dimensões. A percepção, a representação simbólica e a imaginação, têm implícito um componente de atividade física, fisiológica ou mental. Em todas estas tarefas há uma participa-ção ativa do sujeito nos diferentes processos de exploração, de seleção, de com-binação e de organização das informações.

É evidente que Piaget define a primazia da atividade orientada, organiza-da, não de uma atividade arbitrária, cega, sem sentido: "Construir estruturas estruturando o real. Só se compreende um fenômenos reconstruindo as transformações das quais é o resultado e, para reconstruí-las, é necessário ter elaborado uma estrutura de transformação".

A atividade, será a constante de todo tipo de aprendizagem, desde a que [acontece na etapa sensório-motora até a que culmina com as operações formais. De qualquer forma, os conteúdos figurativos podem ser adquiridos mediante observação ou recepção, mas os aspectos operativos do pensamento só se con-figuram a partir das ações e da coordenação das mesmas. São estes aspectos operativos que caracterizam os níveis superiores do pensamento, da conduta intelectual do homem. ;

- Dentro deste processo dialético, que explica a gênese do pensamento e da conduta, são quatro os fatores principais que, segundo Piaget, intervêm no desenvolvimento das estruturas cognitivas e que a regulação normativa da aprendizagem não pode de modo algum ignorar: maturação, experiência física, interação social e equilíbrio.

Levando em conta estas colocações, cabe destacar sete conclusões de deci-siva importância para facilitar e orientar a regulação didática dos processos de ensíno-aprendizagem:

- Em primeiro lugar, o caráter construtivo e dialético de todo processo de desenvolvimento individual. O conhecimento e o comportamento são o resul-tado de processos de construção subjetiva nas trocas cotidianas com o meio circundante. A criança e o adulto constróem seus esquemas de pensamento e ação sobre os esquemas anteriormente elaborados e como consequência de suas interações com o mundo exterior. Dessa forma, os processos educativos preocu-pados em estimular e orientar o desenvolvimento podem ser concebidos como processos de comunicação que estimulam os intercâmbios do indivíduo com o meio físico e psicossocial que o rodeia.
- Em segundo lugar, a enorme significação que tem para o desenvolvimen-to das capacidades cognitivas superiores a atividade do aluno/a, desde as atividades sensório-motoras de discriminação e manipulação de objetos, até as com-plexas operações formais. Estas são atividades - que constituirão o objeto da prática na Escola Infantil - as responsáveis em grande medida pelo desenvolvi-mento satisfatório dos instrumentos formais do conhecimento.
- Em terceiro lugar, o espaço central que ocupa a linguagem como instru-mento insubstituível das operações intelectuais mais complexas. Os níveis su-periores do pensamento exigem um instrumento de expressão, um veículo de transporte que permita a variabilidade e a reversibilidade operacional. A falta de um desenvolvimento satisfatório deste instrumento é um handicap perma-nente para o exercício do pensamento formal.
- Em quarto lugar, a importância do conflito cognitivo para provocar o de-senvolvimento do aluno/a. À criança progride questionando suas construções e esquemas cognitivos anteriores com os quais entendia a realidade. Sua inter-pretação necessariamente limitada e restrita da realidade cria esquemas de pen-samento necessariamente deficientes, pois são parciais e limitados. O progresso requer o conflito cognitivo, a percepção da discrepância entre seus esquemas e a realidade ou as representações subjetivas da realidade elaboradas pêlos de-mais. O conflito cognitivo pode ser perturbador e inibidor do desenvolvimento somente quando se converte de fora em conflito afetivo, quando se vinculam posições cognitivas com relações afetivas (por exemplo, entre as opiniões do pai ou da mãe, ou dos pais e dos professores/as) e se exige que a criança escolha vínculos afetivos quando somente deveria estar comparando e selecionando representações cognitivas.
- Em quinto lugar, a significação da cooperação para o desenvolvimento das estruturas cognitivas. A troca de opiniões, a comunicação de diferentes pontos de vista é a condição necessária para superar o egocentrismo do conhecimento in-fantil e permitir a descentração que exige a conquista da "objetivídade".
- Em sexto lugar, a distinção e a vinculação entre desenvolvimento e apren-dizagem. Nem toda aprendizagem provoca desenvolvimento. Ë necessário levar em conta a interação das aquisições, o aperfeiçoamento e transformação progres-siva das estruturas e esquemas cognitivos. A acumulação de informações frag-mentárias pode não configurar esquemas operativos de conhecimento e inclusi-ve, algumas vezes, transformar-se em obstáculos ao desenvolvimento. A apren-dizagem refere-se a conhecimentos particulares, enquanto que o pensamento e a inteligência são instrumentos gerais de conhecimento, interpretação e interven-ção,
- Em sétimo lugar, a estreita vinculação das dimensões estrutural e afetiva da conduta. Como Fiaget afirma: *"não existe estrutura alguma (cognição) sem um elemento ativador (moti-vação) e vice-versa. A motivação está sempre conectada com um nível estrutural (cognoscítivo) determinado" (Piaget, 1970)*.

A potencialidade significativa do material é a primeira condição para que se produza a aprendizagem significativa. O segundo requisito é a disposição positiva do indivíduo em relação à aprendizagem. Uma disposição tanto con-juntural ou momentânea quanto permanente ou estrutural. Esta segunda con-dição se refere ao componente motivacional, emocional,

de atitude, que está presente em toda aprendizagem. Evidentemente, isto também está presente nos tipos de aprendizagem de nível superior, como os que Ausubel destaca em seus trabalhos.

O ponto de vista da psicologia dialética

Sob a orientação dos princípios psicológicos do materialismo dialético se desenvolve uma psicologia que durante todo nosso século produziu e continua produzindo contribuições de interesse para o campo da aprendizagem e do de-senvolvimento cognitivo.

No tema que abordamos, a primeira proposição que é preciso considerar, já que condiciona as restantes, é a concepção dialética da relação entre aprendi-zagem e desenvolvimento. A validade dos estudos que a psicologia da aprendi-zagem realiza como independentes da análise do desenvolvimento é recusada dentro desses postulados. Para a psicologia soviética a aprendizagem está em função da comunicação e do desenvolvimento. Do mesmo modo, este último não é um simples desdobramento de caracteres pré-formados na estrutura bio-lógica dos genes, mas o resultado do intercâmbio entre a informação genética e o contato experimental com as circunstâncias reais de um meio historicamente constituído.

O psiquismo e a conduta intelectual adulta é o resultado de uma peculiar e singular impregnação social do organismo de cada indivíduo. Essa impregnação não é um movimento unilateral, mas evidentemente dialético.

É muito importante a compreensão deste princípio, área de desenvolvimento potencial ou zona. Em evidente oposição a Piaget, Vygotsky chega a afirmar que o desenvol-vimento segue à aprendizagem, já que esta é quem cria a área de desenvolvi-mento potencial.

Ë justamente esta concepção dialética da aprendizagem e do desenvolvi-mento que produz a divergência em relação à teoria genética de Piaget e, em particular, sua oposição à concepção de etapas do desenvolvimento. Para a psi-cologia dialética, a concepção piagetiana das etapas é, antes de mais nada, uma descrição que uma explicação do desenvolvimento. É uma formulação baseada nas manifestações aparentes e relativamente estáveis do desenvolvimento. Para a explicação da evolução da criança não importa muito se o indivíduo passou pela etapa simbólica e já se encontra na etapa operacional. O verdadei-ramente definitivo é como cada indivíduo atravessou tais etapas, o que cons-truiu nelas, que atividades realizou, etc. "As etapas não dependem diretamente da idade, mas do conteúdo concreto que a criança aprende a dominar" (Rubinstein, 1967, p. 193), ou seja, as crianças não se diferenciam apenas no ritmo de seu desenvolvimento. Sob a aparente semelhança que concede a per-manência numa mesma etapa do desenvolvimento, a diferenciação individual consiste na orientação concreta que o indivíduo toma.

A aprendizagem como procedimento de informação Erro! Indicador não definido.

Desde os anos 60 se desenvolve uma perspectiva de extraordinária im-portância para a explicação psicológica da aprendizagem. Essa perspectiva, que integra contribuições do modelo condutista, dentro de um esquema fundamen-talmente cognitivo, ao ressaltar a importância das estruturas internas que mediatizam as respostas conseguiu chamar a atenção da maior parte das inves-tigações atuais no campo da psicologia da aprendizagem e da didática. Sob suas orientações se estabelece o diálogo entre neocondutistas e as correntes atuais da aprendizagem cognitiva.

Neste sentido, e como exemplo deste diálogo e permeabilidade de posi-ções entre neocondutistas e cognitivos, assim como de suas claras derivações didáticas, cabe ressaltar o trabalho de Gagné. Distingue oito tipos de aprendiza-gem, que, embora formem um contínuo cumulativo e hierárquico, devem se considerar na realidade como aprendizagens diferentes, pois necessitam condi-ções distintas e acabam em resultados diversos. Estes tipos de aprendizagem exigem formas prévias mais simples como requisito para as mais complexas.

- Aprendizagem de sinais: aprender a responder a um sinal (Pavlov).
- Aprendizagem estímulo-resposta: aprendizagem de movimentos precisos nos músculos em resposta a estímulos ou combinações de estímulos muito pre-cisos também (Skinner, Thordike).
- Encadeamento: conectar numa série duas ou mais associações de estímu-lo-resposta previamente adquiridas (Skinner, Gilbert).
- Associação verbal: variedade verbal de encadeamento (Underwood).
- Discriminação múltipla: conjunto de cadeias de identificação ao discriminar sucessivamente estímulos precisos e respostas específicas (Mowrer, Postman).
- Aprendizagem de conceitos: aprender é responder a estímulos como partes de conjuntos ou classe em função de suas propriedades abstraías (Bruner, Kendler, Gagné).
- Aprendizagem de princípios: aprendizagem de cadeias de dois ou mais conceitos, aprendizagem de relações entre conceitos (Berlyne, Gagné, Brunetj,
- Resolução de problemas: aprendizagem da combinação, relação e manipu-lação coerente de princípios para entender e controlar o meio, solucionar pro-blemas (Simon, Newell, Bruner, etc).

O modelo de processamento de informação considera o homem como um processador de informação, cuja atividade fundamental é receber informação, elaborá-la e agir de acordo com ela. Isso significa que todo ser humano é um ativo processador de sua experiência mediante um complexo sistema no qual a informação é recebida, transformada, acumulada, recuperada e utilizada. Isso supõe que o organismo não responde diretamente ao mundo real mas à própria e mediada representação subjetiva do mesmo. Uma mediação que seleciona, transforma e, inclusive, distorce com frequência o caráter dos estímulos recebi-dos, É claramente uma perspectiva cognitiva, enquanto implica a primazia dos processos internos, mediadores entre o estímulo e a resposta.

Pode-se considerar um modelo de aprendizagem mediacional, no qual os elementos mais importantes de explicação são as instâncias internas, tanto es-truturais quanto funcionais que medeiam estímulo e resposta. Os elementos estruturais são três:

- Registro sensitivo: que recebe informação interna e externa.
- Memória a curto prazo: que oferece breves armazenamentos da informa-ção selecionada.
- Memória a longo prazo: que organiza e conserva disponível a informação durante períodos mais longos.

O processamento da informação começa com os processos de seleção de es-tímulos que acontecem no registro sensitivo em virtude dos mecanismos de atenção. Explicar que estímulos se gravam e por quê, nesta primeira instância, supõe enfrentar os fenômenos de percepção e o papel das expectativas na sele-ção de estímulos... Parece que o contexto físico, o contexto temporal, a familiari-dade do estímulo e as categorias conceituais propriamente ditas são os princi-pais fatores que influem em nossa percepção.

Uma vez selecionada a informação, codifica-se e armazena-se por breves períodos de tempo na memória a curto prazo. Aqui também existem certos mecanismos que determinam o modo de armazenamento. Aceita-se, à luz dos trabalhos experimentais realizados, entre os quais se encontram os de Melton e Martin (1972), que o tempo de exposição do estímulo, a repetição, o lugar que o item ocupa numa série e os procedimentos mnemotécnicos, como sistemas de simplificação do material a ser retido, têm uma importância decisiva no que e no como da codificação e no armazenamento a curto prazo.

A retenção e a recuperação são os dois programas de controle que determi-nam o processamento da informação na memória a longo prazo. A retenção é um fenômeno dependente do modo que a informação foi codificada e assimila-da ao material existente. A recuperação, por seu lado, é apresentada como um programa que implica ativos processos de reconstrução e organização idiossincrática e situacional do material recuperado, seguindo as propostas de Bartlet (1932) e Zangwill (1972).

Podemos resumir as limitações mais importantes destas colocações desde a perspectiva didática nas seguintes proposições.

- Primeira, a debilidade do paralelismo entre a máquina e o homem. Como afirma Bower: "que uma máquina realize trabalho inteligente não signi-fica, de modo algum, que o faça igual a nós" (Newell, Shaw e Simon, 1958, p, 437). Isso implica que

as teorias derivadas da simulação do comportamento não são, em si mesmas, mais do que fonte de hipóteses e sugestões que serão examinadas no comportamento inteligente do homem. De nenhum modo po-dem supor em si teorias explicativas da aprendizagem humana, das quais se derivem diretamente normas e receitas de intervenção pedagógica.

Por outro lado, na própria evolução atual desta corrente, estabelece-se com força a polemica da relação entre a consciência e o sistema computacional de assimilação e reação. No computador não existe mais do que o sistema computacional, um sistema algorítmico de representações simbólicas e regras ou instruções de atuação. Ninguém duvida de que no ser humano existe a cons-ciência, o conhecimento do que se conhece e do próprio ato de conhecer. Além disso, é evidente também que tanto na percepção como na linguagem, ou na visão, por exemplo, foram identificados sistemas algorítmicos de processa-mento no homem; portanto, é necessário encontrar algum esquema de compre-ensão das interações que se produzem entre a consciência e os sistemas al-gorítmicos e mecânicos de atuação.

- Segunda, a'importância da lacuna afetiva. No modelo de processamento da informação por simulação não existe a dimensão energética da conduta hu-mana. As emoções, os sentimentos, a motivação, a interação, enfim, a persona-lidade, são fatores de capital importância na aprendizagem que recebem escas-sa ou nula consideração nestes modelos. Não se pode entender a aprendizagem escolar ignorando parcela tão definitiva do comportamento do aluno/a no gru-po social da aula. Não há dúvida, também, que as colocações implícitas nestas teorias são propensas a descuidar da importância dos aspectos afetivos e motivacionais que intervêm em todo processo de aprendizagem. Não se pode simular o comportamento humano num computador e tampouco se pode pre-tender transferir, ponto por ponto, as características da conduta ali gerada, para explicar a aprendizagem ou qualquer outra atividade humana.
- Terceira, a exigência metodológica derivada da metáfora do computador e da pretensão de comparação experimental das hipóteses restringe o modelo à análise de um tipo de comportamento aparentemente racional. Este evitará normalmente as zonas mais ambíguas e difusas do pensamento, bem como as estratégias e os processos contraditórios do proceder mental do indivíduo. Por isso, a promissora potência explicativa e a virtualidade normativa desta pers-pectiva devem ser restringidas a seu específico campo de atenção, e comple-mentadas com contribuições teóricas e modelos explicativos que dêem conta da importante intervenção dos aspectos afetivos e motivacionais na configuração da conduta em parte incerta e ambígua do aluno/a.
- Quarta. Suas propostas têm uma orientação claramente cognitiva, que parece ignorar a dimensão executiva e comportamental do desenvolvimento humano. Partindo do pressuposto da continuidade entre o conhecimento e a ação, processar corretamente a informação é aceito como o requisito imprescin-dível e suficiente para regular racionalmente a conduta. No entanto, na prática

AS TEORIAS DA APRENDIZAGEM NA COMPREENSÃO E NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS Erro! Indicador não definido.

O conceito de aprendizagem é um conceito prévio, um requisito indis-pensável para qualquer elaboração teórica sobre o ensino. No entanto, como veremos a seguir, a teoria e a prática didáticas necessitam de um corpo de co-nhecimentos sobre os processos de aprendizagem que cumpra duas condições fundamentais:

- Abranger, de forma integral e com tendência holística, as diferentes ma-nifestações, processos e tipos ou classes de aprendizagem.
- Manter-se apegado ao real, sendo capaz de explicar não apenas fenôme-nos produzidos no laboratório, em condições especiais, mas também a complexidade dos fenômenos e processos da aprendizagem na aula, em condições normais da vida cotidiana.

O exame realizado ao longo das diferentes teoria da aprendizagem evi-dencia, de forma clara, não apenas a disparidade de enfoques, mas também, sobretudo, a existência de diferentes tipos de aprendizagem e a maior pertinência de cada uma das formulações teóricas para algumas classes deter-minadas. Está sem resolver a polemica histórica entre a concepção unitária da aprendizagem e a consideração em sua existência de categorias bem diferencia-das. Toda teoria sobre a aprendizagem deverá explicar tanto as peculiaridades que identificam e distinguem diversas classes, quanto as características comuns subjacentes a estas e que justificam sua denominação como "processo de apren-dizagem". É esta teoria, que integra sem simplificar, que distingue sem divor-ciar, que a prática pedagógica exige. Tanto para compreender como para orien-tar na escola os fenômenos de ensino-aprendizagem.

Analisaremos a seguir algumas das razões que podem explicar esta defasagem, tanto entre a teoria do desenvolvimento psicológico do homem e a teoria didática quanto entre a teoria e a prática didáticas.

1} As teorias da aprendizagem, como vimos nas páginas anteriores, são aproximações seguidamente parciais e restritas a aspectos e áreas concretas da aprendizagem. Dificilmente constituem um corpo integrado de conhecimentos capazes de explicar o sentido global dos fenômenos complexos que ocorrem na aprendi/agem escolar, desde a influência dos fatores materiais, pessoais e me-todológicos da instituição escolar até as influências semi-ocultas da experiência extra-escolar; desde a caracterização da dimensão cognitiva até a identificação da incidência afetiva. A teoria didática exige, para a regulação intencional dos fenó-menos de aprendizagem, um corpo explicativo mais completo e integral.

2) A maioria das teorias da aprendizagem adquiriram seus princípios explicativos a partir da redução das complexas variáveis da aprendizagem es-colar que se realiza na investigação de laboratório. Justamente o rigor da inves-tigação experimental, apoiada na epistemologia positivista, baseia-se na simpli-ficação das situações reais, no controle da neutralidade ou iniciativa de certas variáveis, para comprovar os efeitos das mudanças que a manipulação de uma variável exerce em outra. Estas situações artificiais dificilmente podem se repro-duzir no ambiente "natural" da aula ou no extra-escolar.

A didática necessita de teorias que se aproximem ao que acontece em situações reais nas quais se produz a aprendizagem de forma sistemática ou de modo informal. A solução não está em prescindir da investigação do laboratório uma investigação analítica e rigorosa de capital importância. Em nossa opi-nião, a defasagem e a inadequação podem ser resolvidas sempre que a aprendizagem seja abordada por amplos programas de investigação natural, que respeitem a complexidade, a riqueza, a ambiguidade e, inclusive, a contradição da realidade. Dentro destes se deve realizar experimentos de laboratório, o mais concretos e específicos que precisem ser, cujas conclusões sejam interpretadas dentro - e nunca fora e de forma isolada - da lógica e do significado do sistema ecológico que compõem as interações dos alunos/as na instituição escolar.

Não podemos esquecer que a situação dentro da qual se estuda um proble-ma, o configura e caracteriza de forma peculiar. Para compreender a aprendiza-gem que a criança realiza na aula, e poder extrair hipóteses e princípios que pos-sam reverter na compreensão e orientação mais correta dos fenómenos de apren-dizagem, é necessário que a investigação se realize no clima peculiar e caracterís-tico que se produz na sala de uma instituição escolar. Somente assim se pode levar em conta tanto os fatores e variáveis que intervêm quanto a singularidade dos próprios processos cognitivos e afetivos envolvidos na aprendizagem.

No entanto, é verdade que não se pode elaborar uma teoria para cada caso particular. Uma teoria é um esquema formal que integra um corpo genérico de conhecimentos. Mas o que se pode exigir de uma teoria compreensiva é que sua estrutura formal, a lógica de suas proposições e seu conteúdo fático sejam suficien-temente amplos e flexíveis para dar espaço não apenas à explicação do comum e homo-gêneo, mas também ao diferencial e específico. Este esquema formal amplo e flexível emergirá das situações naturais para abranger a complexidade e variedade dos diferentes contextos. De qualquer forma, se pretendemos compreender a singula-ridade dos fenômenos de aprendizagem que ocorrem no marco escolar, em cada criança ou grupo, devemos utilizar o conhecimento disponível como ferramentas mentais, como hipóteses de trabalho que orientam a busca e indagação, e não como princípios fixos de explicação, ou como normas inalteráveis de atuação.

3) A aprendizagem escolar é um tipo de aprendizagem peculiar, por se produzir dentro de uma instituição com uma clara função social, onde a apren-dizagem dos conteúdos do currículo transforma-se no fim específico da vida e das relações entre os indivíduos que formam o grupo social.

Somente aquelas teorias que se preocupem em compreender as pecu-liari-dades da singular e descontextualizada aprendizagem escolar, são capazes de contribuir com conhecimentos próximos nos quais podem apoiar-se para ela-borar, experimentar e avaliar a prática escolar. Portanto, essas aprendizagens devem incorporar os processos de ensino e as condi-ções do contexto da institui-ção escolar como fatores intervenientes.

4) As teorias da aprendizagem, mesmo compreendendo o influência dos elementos pessoais que intervêm na escola, devem reconhecer um elevado grau de indeterminação na aprendizagem e nas interaçÕes, pois tanto o docente como o discente se envolvem de forma particular numa situação, cuja dinâmica é difícil de prever. Isso ocorre porque a aprendiza-gem encontra-se balizada por inumeráveis incidências acidentais, frequen-temente provocadas por fatores e processos extra-escolares em grande parte imprevisíveis, ou por elaborações emergentes como consequência dos próprios processos de interaçao social. A teoria da aprendizagem que o professor/a necessita para orientar o ensino deve observar essa dimensão de indeterminação. Não se pode algorítmizar a sequên-cia de vicissitudes que se apresentarão nas relações pessoais dentro do marco escolar e que condicionam a aprendizagem.

5) A teoria e a prática didáticas possuem um irrecusável componente teleológico, intencional, que ultrapassa a natureza explicativa das teorias da aprendizagem. Este é um dos pontos mais obscuros e paradoxalmente mais cruciais para determinar a relação entre as teorias da aprendizagem e as do ensino. Não é difícil concordar que as teorias da aprendizagem são descritivas e pretendem conquistar o nível explicativo, enquanto que as do ensino, além dis-so, devem ser prescritivas, normativas.

Enfim, as teorias psicológicas da aprendizagem pretendem descrever í explicar como se produz a aprendizagem, e também as relações, no melhor dos casos, entre a aprendizagem, o desenvolvimento e o contexto físico, social e histórico em que o indivíduo vive. Pretendem, portanto, explicar o real, o já construído, como aprendem aqui e agora os seres humanos. A teoria e a prática pedagógicas enfrentam o problema teleológico de como intervir para provocai determinada forma de ser, de aprender, de sentir e de agir. Seu objetivo não é, necessariamente, reproduzir os modos de compor-tamento da comunidade so-cial, entre os quais se encontram as formas de aprender, mas como potencial uma forma de ser e de aprender que é com frequência, discrepante com os modos induzidos espontaneamente pela tendência dominante na sociedade A própria finalidade da intervenção didática é objeto de debate e confronto. Se se propõe a liberdade e auto-nomia do indivíduo formado como pretensão básí-ca da prática educativa, a normatividade didática encontra-se carregada de uma radical indeterminação, quanto mais eficaz e rico seja o processo de inter-venção mais impre-visíveis serão os resultados.

As teorias psicológicas pretendem explicar os fatos; a teoria e a prática educativas se propõem além disso debater as intenções, propor, experi-mentará avaliar fórmulas de transformação do real dentro do âmbito do possível; provo-car a construção da nova realidade, respeitando no proces-so os princípios que os valores debatidos e propostos realizam. A análise dos valores, bem como dos procedimentos para sua discussão e aceitação democráticas, não podem ser res-ponsabilidade exclusiva de uma teoria psicológica; requer inevitavelmente a contribuição de outros campos do saber.

De qualquer forma, parece evidente que as teorias que mergulham no interior da caixa preta, com a intenção de esclarecer as estruturas e os processos internos que acontecem em toda aprendizagem, particularmente nos níveis superiores, possuem uma maior potencialidade didática. Apenas a partir deste; esclarecimento se pode vislumbrar o que significa a atividade inteligente do homem e a conquista da autonomia relativa que todo orga-nismo inteligente manifesta em relação às características e precisões do meio ambiente. O desen-volvimento e aperfeiçoamento intelectual - objetivo da prática didática - mani-festa certo grau de independência que não pode ser renunciada e de capacidade de manobra individual e coletiva no espaço e no tempo.

6) Concluindo provisoriamente essa análise, podemos afirmar que as teo-rias da aprendizagem dão a informação básica, mas não suficiente, para organi-zar a teoria e a prática do ensino. Cabe a esta disciplina científica teórico-prática a organização das condições externas da aprendizagem e o controle do modo de interação destas; com as condições internas do sujeito, uma vez identificadas, durante todos os processos que balizam a aprendizagem; com o objetivo de produzir certos resultados determinados que suponham o desenvolvimento e aperfeiçoamento das próprias condi-ções internas (estrutura cognitiva efetiva e de conduta do sujeito). Por isso, deve se dar especial atenção à interação nos processos de motivação, atenção, assimilação, organização, recuperação e transferência. Agora, tais processos não se desenvolvem na "redoma" da enti-dade individual cha-mada aluno/a, mas em complexas redes de intercâmbio social, dentro e fora da aula, dentro e fora do recinto escolar, de modo que as variáveis contingências culturais, sociais e materiais do meio são de extraordi-nária importância para compreender e orientar os processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Convém ter presente que tanto as condições como os processos fazem parte de um sistema e que sua influência, para produzir certos resultados supõe a modificação, de algum modo, das próprias condições e processos internos que intervieram na aprendizagem. Da mesma forma, cabe conside-rar que toda troca é comunicação, e que as condições externas que inci-dem na comunicação diluem-se em dimensões sintáticas e semânticas de significativa influência e difícil discernimento. Por isso, a didática, como veremos no Capítulo 3, ao orga-nizar as condições da troca, deve prestar um cuidado extraordinário a estas dimensões sutis de todo sistema de comunicação.

O CURRÍCULO: OS CONTEÚDOS DO ENSINO OU UMA ANÁLISE PRÁTICA?Erro! Indicador não definido.
DUAS TRADIÇÕES E UM SÓ CAMPO TEÓRICO E PRÁTICO?
UMA FORMA DE INTEGRAR IDEIAS E PRÁTICA?Erro! Indicador não definido.

O ensino como atividade desperta em todos nós uma série de imagens bastante comuns, pois está enraizado na linguagem e na experiência cotidiana e não é apenas objeto dos especialistas ou dos professores/as. Todos temos expe-riência prática sobre o mesmo: conhecemos os ambien-tes escolares característi-cos, sabemos, grosso modo, o que são e o que fazem os professores que "ensinam", experimentamos o que é ser aluno/a em situação escolar, etc. Em ambientes não-escolares também identifica-mos com facilidade a atividade de ensinar. As práticas e as palavras têm sua história e refletem as atividades nas quais se forjaram os significados que arrastam até nós, projetando-se em nossas ações e pensamentos, na forma de dar sentido à experiência.

Na linguagem pedagógica científica e em muitas teorizações e investi-ga-ções sobre o ensino ou sobre a instrução, parece se produzir uma situação seme-lhante: houve mais preocupação em formalizar rigorosamen-te a atividade do que em aclarar seu conteúdo e entender como uma e outro se relacionam. Até poderia se dizer, revisando a investigação peda-gógica das últimas décadas, que a preocupação "científica" se debruçava sobre a atividade, enquanto que nos conteúdos se viam problemas e op-ções às quais não havia forma científica de responder. E lógico que o cientificismo dos anos 60 e 70 desse primazia ao estu-do "objetivo" do que se podia observar e medir - atividade, em primeiro lugar - e deixasse de lado o que era discutível e problemático: o conteúdo. Esse dis-curso cienti-ficista, com a intenção de ser mais preciso e analítico, subdivide os proble-mas complexos, desentranha atividades complicadas e, como consequên-cia, oferece depois visões especializadas mas parciais, perdendo em mui-tos casos a visão unitária dos processos e das ações humanas.

A educação para ser compreendida exige ser entendida:

a) Como uma atividade que se expressa de formas distintas, que dis-pensa processos que têm certas consequências nos alu-nos/as, e, por isso, é pre-ciso entender os diversos métodos de conduzi-la;
b) Como o conteúdo de um projeto de socialização e de forma-ção: o que se transmite, o que se pretende, os efeitos que se obtêm;
c) Como os agentes e os elementos que determinam a atívida-de e o conteúdo: forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores/as, materiais, entre outros.

Sem conteúdo não há ensino, qualquer projeto educativo acaba se concreti-zando na aspiração de conseguir alguns efeitos nos sujeitos que se educam. Refe-rindo-se estas afirmações ao tratamento científico do ensino, pode se dizer que sem formalizar os problemas relativos aos conteúdo não existe discurso rigoroso nem científico sobre o ensino, porque estaríamos falando de uma atividade vazia ou com significado à margem do para que serve. Quando há ensino é porque se ensina algo ou se ordena o ambiente para que alguém aprenda algo. Dito de outra maneira: a técnica de ensino não pode preencher todo o discurso didático evitan-do os problemas que o conteúdo coloca. Naturalmente que o meio através do qual comunicamos algo (atividade de ensinar, recursos didáticos, professores/as, etc.) tem importância decisiva no processo de comunicação, em seus resultados, em sua eficácia, e até é fonte de efeitos próprios, mas seu valor real é alcançado, precisamente, em relação ao conteúdo que comunicam.

É preciso acrescentar, por outro lado, que em parte o discurso pedagógico moderno produziu um certo complexo de culpa ao tratar o tema dos conteúdos. Movimentos progressistas, nas últimas décadas, culpando justamente a escola tradicional de academicismo e intelectualismo pouco relevante e vendo nessa instituição a agência reprodutora da cultura dominante, quiseram romper a imagem de um ensino transmissor e reprodutor, seguindo modelos de relação pedagógica nos quais se diminuía a importância dos conteúdos.

As preocupações psicológicas referentes ao bem-estar dos alunos/as, a seu desenvolvimento e às relações com seus professores/as dominaram sobre o sentido cultural da escolarização e do ensino. As pedagogias tornaram-se "sua-ves", invisíveis (Bernstein, 1983, 1988) e psicológicas (Varela e Álvarez Uría, 1991). Esta condição caracterizou o discurso sobre o pedagógico, embora a prá-tica real tenha mudado bem menos, e o intelectualismo impositivo e absurdo continua exigindo dos alunos/as aprendizagens que nada lhes dizem, não por-que em si mesmos sejam anti-educativos, mas pelas deformações tipicamente escolares às quais foram submetidos.

A linguagem especializada contribuía, assim, para parcializar, como di-zíamos, a realidade, criando visões unilaterais da mesma, mas servia também para outros efeitos mais sutis de legitimação e afiançamento da divisão de fun-ções da educação. Se historicamente predominaram os problemas técnicos so-bre o conteúdo da didática, se de alguma forma se separou o estudo da ativida-de, seus agentes e seus cenários do conteúdo do processo de ensinar, é em parte devido a essa divisão de tarefas. Uns trabalham, por exemplo, em ciências so-ciais, outros em analisar interações na aula e muito poucos em ver como tais interações mediatizam o conhecimento social transmitido.

A consequência destes processos sociais de divisão de funções e dessa parcialização científica do objeto do ensino é que se perdem de vista as interações entre o que acontece dentro e o que acontece fora, separa-se o contexto interno do externo, reforçam-se as fronteiras entre os conhecimentos e obs-curece-se a compreensão global dos mesmos. Outros raciocínios e práticas virão justificar depois que as atividades dos professores/as referem-se basicamente aos aspectos metodológicos do como ensinar, enquanto que as decisões sobre os conteúdos - o que ensinar - serão vistas como algo que pertence; outros: especialistas, administradores, políticos, editoras de livros-texto, etc Uma análise mais cuidadosa nos fará compreender que nem o valor do que se decide fora da escola é independente de como se transforma depois dentro dela, nem que nada do que se produz em seu interior é totalmente alheio ao quí acontece no exterior.

O CURRÍCULO COMO ESTUDO DO CONTEÚDO DO ENSINO

A discussão sobre o que ensinar centrou-se na tradição anglo-saxã, em torno do currículo, um conceito definido, primitivamente, nos fins e conteúdos do ensino, que mais tarde se ampliou. O pensamento pedagógico em torno do currículo é muito heterogêneo e disperso, podendo se encontrar inclusive posi-ções que desprezam a análise e decisões sobre os conteúdos, pretendendo uni-camente proporcionar esquemas de como organizá-los e manejá-los por parte dos professores/as. Considerando as proposições mais recentes, pode-se fazer uma aproximação entre os temas curriculares e os didáticos. Se a didática como reflexão geral não se preocupou muito com os conteúdos, mas basicamente da atividade de ensino (em inglês, didactic refere-se à arte do ensino, ao método), a teoria tradicional do currículo, e sobretudo alguma de suas versões norte-americanas, tampouco se ocuparam de como este se realiza na prática. Na história do pensamento científico curricular existe uma corrente dominante que separou os temas sobre o currículo dos da instrução. Os temas referem-se aos conteú-dos do ensino e a instrução refere-se à ação de desenvolvê-los através de atividades na prática. O tema ocupava-se em estruturar o plano da instrução e esta, por sua vez, preocupava-se em como realizá-lo (Tanner e Tanner, 1980, p. 30) -outro dualismo que impediria compreender a prática mais corretamente.

Eisner (1979, p. 163-64) diz que o ensino é o conjunto de atividades que transformam o currículo na prática para produzir a aprendizagem. Ambos con-ceitos precisam ser entendidos em interação recíproca ou circular, pois se o en-sino deve começar a partir de algum plano curricular prévio, a prática de ensiná-lo não apenas o torna realidade em termos de aprendizagem, mas que na própria atividade podem se modificar as primeiras intenções e surgir novos fins. É preciso ver o ensino não na perspectiva de ser atividade instrumento para fins e conteúdos pré-especificados antes de empreender a ação, mas como prática, na qual esses componentes do currículo são transformados e o seu sig-nificado real torna-se concreto para o aluno/a. Por outro lado, essa perspectiva é uma característica marcante do pensamento curricular mais atual.

Nas acepções mais recentes, o currículo trata de como o projeto educativo é realizado nas aulas (Kemmis, 1988, p. 12), ou seja, incorpora-se à dimensão dinâmi-ca de sua realização. Não é só o projeto, mas seu desenvolvimento prático o que importa. Se a didática aborda os problemas relacionados com o conteúdo desse projeto, considerando o que acontece em torno de sua decisão, seleção, ordenação e desenvolvimento prático, superando uma mera aceitação instrumental metodol-ógica e se, por outro lado, os estudos sobre o currículo estendem-se até a prática (superando o dualismo que comentávamos anteriormente entre currículo e instru-ção ou ensino) estamos frente a dois campos sobrepostos, mas que partem de tradi-ções distintas, procedentes de âmbitos culturais e acadêmicos diferenciados, mas coincidentes em seu objeto. Isso é muito importante, não apenas para reorientar o pensamento e a investigação, mas também para estimular o valor formativo do conhecimento pedagógico para os professores/as, que é o que realmente importa.

Quatro vertentes para entender uma realidade

Não se entenderia a concepção alguma do currículo sem apelar para os contextos nos quais se elabora. As diferentes concepções e perspectivas são fru-to das opções que se tomam no momento de dizer ao que nos referimos com esse conceito; por isso, não existe uma única concepção. Contreras (1990, p. 176 e ss.) considera que é preciso examinar quatro grupos de interrogações para atestar seu significado:

a) se atendemos ao que se deve ensinar ou ao que os estudantes devem aprender,
b) se pensamos no que se deveria ensinar e apren-der ou no que realmente se transmite e se assimila,
c) se nos limitamos aos conteúdos ou abrangemos também as estratégias, os métodos e os processos de ensino,
d) se objetivamos o currículo como uma realidade estanque ou como algo que se delimita no processo de seu desenvolvimento.

Da escolha que se faça dependerá a compreensão que se elabora sobre a realidade, as competências atribuídas aos professores/as e às escolas, bem como a maneira de enfo-car a inovação. Para entender melhor a multiplicidade de significados exis-tentes é conveniente analisar quatro dimensões.

A amplitude variável do significado**Erro! Indicador não definido.**

O conceito de currículo é bastante elástico; poderia ser qualificado de impreciso porque pode significar coisas distintas, segundo o enfoque que o de-senvolva, mas a polissemia também indica riqueza neste caso porque, estando em fase de elaboração conceituai, oferece perspectivas diferentes sobre a reali-dade do ensino. Em primeiro lugar, se o currículo faz alusão aos conteúdos do projeto educativo e do ensino, a imprecisão provém da própria amplitude des-ses conteúdos, já que ensinar, num sistema escolar tão complexo e prolongado para os alunos / as, engloba níveis e modalidades que cumprem funções em parte semelhantes e em parte muito distintas - a escolarização cumpre fins muito diversos.

Em segundo lugar, esses fins educativos tendem a se diversifi-car ou se traduzir em projetos educativos que implicam interpretações diferen-tes das finalidades educativas.

O currículo é um campo privilegiado para apreciar essas contradições que destacamos, a separação entre intenções e prática. Que país se arriscaria a pôr em seu currículo oficial aquilo que realmente se faz nas escolas? Que pro-fessor/a assumiria o risco de afirmar que a cultura e os importantes e atrativos conhecimentos que diz ensinar se reduzem ao conhecimento memorizado de alguns conceitos sem relação, trabalhados com atividades rotineiras, que para serem aprendidos devem ser submetidos a avaliações constantes, pois do contrário os alunos/as não os estudariam?

ALGUMAS CONCLUSÕES PARA CARACTERIZAR O PENSAMENTO EDUCATIVO SOBRE O CURRÍCULO

A partir do que se comentou até aqui, se derivam uma série de consequências sobre as características formais que a teorização curricular ou, se quisermos, o pensamento ordenado sobre o currículo apresenta.

1) Em sua discussão, abordam-se os problemas "prévios" à escola, à técnica pedagógica: como, quem e por que se decide o conteúdo da educação, como se selecionam e ordenam esses conteúdos, como e quem os apresenta aos professores / as. Oferece a oportunidade de entender a ação da escola não como algo autônomo, mas em relação a um projeto nem sempre coerente, defini-do fora dela. O que a escola faz é uma interpretação de uma partitura que se escreve fora dela, não pelos atores que atuam em seu seio. Nesse sentido, toda a política de seleção dos currículos é um capítulo imprescindível para entender a ação, porque lhe marcam o cenário, as regras do jogo, as margens de autonomia, além de selecionar o conteúdo.

2) Portanto, entender a prática do ensino, compreender o sentido da educação, pela análise das propostas do currículo, implica ir além dos problemas técnicos, de método, a que esteve submetida a didática e a formação de professores / as

EXISTE UMA DEFINIÇÃO DO QUE É O CURRÍCULO?Erro! Indicador não definido.

Depois de tudo o que foi dito nestes últimos trechos, se compreenderá a dificuldade de oferecer uma definição válida de currículo que seja aceita universalmente. Não a demos, nem tem sentido dá-la, ainda que exista uma infinidade. Todo conceito define-se dentro de um esquema de conhecimento, e a compreensão de currículo depende de marcos muito variáveis para concretizar seu significado.

Com alguns exemplos de definições comprovaremos que, segundo a perspectiva da qual são formuladas, seu conteúdo é muito distinto, ultrapassando sempre a concepção mais restrita e certamente mais difundida de que o currículo é o programa-resumo de conteúdos do ensino.

Para Johnson (1981), a partir de uma perspectiva condutual:

"Currículo é uma série estruturada de objetivos pretendidos de aprendi-zagem. O currículo é o que prescreve de forma antecipada os resultados da ins-trução. Não trata de prescrever os meios, isto é, as atividades, os materiais ou inclusive o conteúdo que se deve lecionar para obtê-los. Ao tratar dos resultados a serem alcançados, refere-se aos fins, mas em termos de produtos de aprendizagem, e não em um nível mais geral e amplo. Em suma, o currículo indica o que é o que se deve aprender, e não o porque deve ser aprendido (p. 73).

Ë um conceito que se limita aos resultados escolares observáveis, como plano que articula as aspirações da escola, prévio e separado da realização prática do ensino. E uma definição instrumental que elaborada dentro de um marco no qual não se consideram o sentido, a origem e a prática a que dá lugar o currículo. Certamente este tipo de concepções dá chance a que se entenda por isso somente as necessidades administrativas expressadas no currículo prescrito.

"O currículo é uma tentativa para comunicar os princípios e traços essen-ciais de um propósito educativo, de tal forma que permaneça aberto à discussão crítica e possa ser transferido efetivamente para a prática" (p. 29).

Muitas outras concepções de orientação social, como a de Kemmis (1988), acrescentam a consideração de que o currículo, como representação de uma cultura, é um meio dentro do qual jogam em dupla direção as relações entre escola e sociedade.

O QUE SÃO OS CONTEÚDOS DO ENSINO? COMO SE ORIGINA O CONTEÚDO DO ENSINO

O problema de definir o que é conteúdo do ensino e como chegar a decidi-lo é um dos aspectos mais conflituosos da história do pensamento educativo e da prática de ensino, condição que se reflete nos mais diversos enfoques, pers-pectivas e opções. O próprio conceito de conteúdos do currículo já é por si mes-mo interpretável, como veremos; e é, sobretudo, porque responder à pergunta de que conteúdo deve tratar o tempo do ensino implica saber que função quere-mos que este cumpra, em relação aos indivíduos, à cultura herdada, à socieda-de na qual estamos e à qual aspiramos conseguir. Como frente a essas funções não existe uma única perspectiva, em torno da determinação dos conteúdos do ensino se pode observar uma das controvérsias mais significativas da história da escolarização e do pensamento curricular.

Quando um conteúdo é "valioso" e "apropriado"? Construção social dos currículos "... qualquer matéria pode ser ensinada efetivamente em alguma forma honradamente intelectual a qualquer criança em qualquer fase de seu desenvol-vimento. Ë uma hipótese atrevida, e além do mais essencial, ao pensar sobre a natureza de um plano de estudos. Não há provas que a contradigam, e se acu-mularam consideráveis provas em seu apoio" (Bruner, 1972, p. 51).

Esta citação de um dos poucos psicólogos que influíram na inovação curricular destaca que não são critérios "científicos" ou técnicos os importantes na hora de determinar quando um conteúdo deve fazer parte do currículo. Não está escrito na natureza humana nem se deriva de seu desenvolvimento que aspectos devem ser cultivados ou que competências desenvolverão os homens - a opção depende de outros critérios. Uma vez feita a escolha de que se ensina-rão estudos sociais ou linguagem será necessário ajustar a matéria pedagogica-mente ao aluno/a, dosá-la, ordenar suas dificuldades e justificá-la desde o pon-to de vista psicológico.

A diversidade e o currículo comum: respostas políticas, organizativas e didáticas

As reformas que lhes propomos. Para que o sonho da igualdade não con-tinue sendo um sonho lhes propomos três reformas:

1. Não reprovar.
2. Aos que pareçam bobos, dar-lhes escolas de tempo integral.
3. Aos apáticos, basta dar-lhes uma finalidade." (alunos/as da Escola de Barbiana: Cartas a una maestra, 1970, p. 79-80).

A diferenciação da educação para responder e dar guarida às necessida-des e peculiaridades dos alunos/as, exigência do pluralismo social e do respei-to ao indivíduo, tem sido um tema que atravessa a história do pensamento, da política e da prática pedagógica. Como ideia tem sentido aplicá-la a qualquer nível ou situação do sistema educativo, mas adquire especial relevância no en-sino obrigatório ao dar guarida, num modelo de escola e de currículo comum, a uma gama muito variada de alunos/as durante um tempo prolongado. Neste caso, a diversidade de estudantes e os conteúdos comuns podem ser vistos como incompatíveis ou, pelo menos, como duas aspirações muito conflitantes. A resposta que se dê ao problema pode manter ou mesmo desvirtuar o sentido da escolarização obrigatória. A preocupação por diferenciar a educação é explicada por dois motivos básicos bem distintos:

1) A escolarização universal realizada no século XX introduz uma massa de alunos/as no sistema educativo procedentes de origens sociais muito diferentes, com diferentes possibilidades e ritmos de aprender que é preciso orde-nar de alguma forma para que a organização de todo o sistema escolar seja viável.
2) Da perspectiva da organização escolar e da metodologia pedagógica, a escolarização de alunos/as heterogêneos estabelece a importância de que os professores/as atendam a grupos com uma grande variedade interna, na qual essas diferenças individuais são observadas em termos de interesses, ritmos de aprendizagem, predisposição para aprender, apoio familiar, etc.

Desde os primeiros trinta anos deste século, a diferenciação em educação foi apresentada muito mais de uma perspectiva técnica sem análises sociais das dife-renças, apoiada na psicologia que deu base científica à

ideia de infância, como um processo de evolução próprio que mostra ritmos específicos de desenvolvimento peculiares para cada sujeito, com o consequente efeito na cristalização de persona-lidades com características singulares.

As práticas de homogeneizar, para manejar com mais facilidade o grupo foram legitimadas com a ideia de que os alunos/as aprendem melhor e mais ra-pidamente em grupos homogêneos (Oakes, 1985), o que não deixa de ocultar um darwinismo social sob uma ideia de ordem e de rendimento que seria necessário discutir, já que ao fazer grupos homogêneos se acaba distinguindo os alunos/as com diferente nível de capacidade e de rendimento. Consideramos que existem razões éticas e sociais para não antepor os argumentos de "melhor funcionamento" ou facilidade de trabalho ao significado social que tem toda segregação.

APROXIMAÇÃO AO CONCEITO:
O ENSINO COMO PLANO E O PLANO DO CURRÍCULO Erro! Indicador não definido.

A atividade de planejar o currículo refere-se ao processo de dar-lhe forma e de adequá-lo às peculiaridades dos níveis escolares. Desde as explicitações de finalidades até a prática é preciso planejar as atribuições e as atividades com uma certa ordem, para que haja continuidade entre intenções e ações. Planejar é, pois, algo fundamental, porque, por meio do plano, é como se elabora o pró-prio currículo. Algo que compete aos professores/as, mas não apenas a eles, nem tampouco em primeiro lugar, dadas as condições do funcionamento dos sistemas educativos.

Em todo tipo de práticas dirigidas explicitamente para fins desejados são feitos planos prévios para racionalizar a ação, guiá-la adequadamente e economi-zar recursos, tempo, e alcançar resultados de acordo com as finalidades estabe-lecidas. Processos de produção e ações sociais dirigidas são planejadas para que as práticas sigam uma ordem: planeja-se a guerra, a economia, a política interna-cional, o processo de produção industrial de um produto, as intervenções cirúrgi-cas, as campanhas eleitorais, o desenvolvimento de uma sessão de trabalho de um grupo humano com uma ordem do dia, uma campanha publicitária; também se pode falar em educação de planejar um curso, urna aula, uma jornada escolar, uma unidade didática, uma matéria ou todo um currículo e o sistema educativo.

Algumas profissões caracterizam-se por planejar objetos, lugares, situa-ções e processos. O plano faz parte fundamental da preparação profissional e serve, precisamente, para distinguir a atuação própria da que é praticada por outras profissões, centradas no cultivo direto do conhecimento ou na realização prática do plano. A atividade e profissão de planejar vêm a se situar num espa-ço intermediário entre o mundo das intuições, ideias e conhecimentos e das atividades práticas. O planejador é, para Schõn (1983 e 1987), alguém que dialo-ga com a situação em que atua, que reflete sobre uma prática, que experimenta com uma ideia guiado por princípios, que configura um problema, distingue seus elementos, elabora estratégias de ação ou configura modelos sobre os fenômenos, tendo uma representação implícita de como estes se desenvolvem. As atividades de planejar apoiam-se em conhecimentos diversos sobre o que são e como se comportam determinadas realidades, exigem conhecimentos sobre as situações nas quais operam, mas o produto no qual devem desembocar - o plano ou modelo - é uma criação singular, pois a situação à qual devem responder costuma ser singular; logicamente, poderá aproveitar a experiência adquiri-da em outras ocasiões e por outras pessoas. Dois arquitetos, partindo das mesmas leis físicas, do mesmo conhecimento sobre a existência e resistência de materiais, projetando algo para uma mesma localização e querendo responder às mesmas necessidades de uso da obra, produzem planos personalizados.

O ensino tem uma intencionalidade, persegue certos ideais e costuma ser praticado apoiando-se em conhecimentos sobre como funciona a realidade na qual intervém. Se é uma ação intencional, dirigida para algum fim, deve ter uma lógica, ainda que não existam planos absolutamente seguros nem se possa pensar num único caminho possível para desenvolvê-la. O fato de que esteja orientada não significa que possa ser determinada previamente em todos os seus detalhes. Às vezes foi concebida como uma arte, na qual a intuição e a capacidade do que intervém nela é fundamental para controlá-la adequada-mente. Embora possamos reconhecer que alguns conhecimentos podem ser de ajuda em sua condução, o certo é que nos defrontamos com situações que não se repetem. A experiência prévia é um acervo aproveitável para prever planos adequados em momentos concretos, ainda que sempre tenhamos que encarar a singularidade de cada situação que nos demanda respostas particulares. For essa peculiaridade, o ensino pode ser concebido como uma atividade e uma profissão de planejar, situada entre o conhecer e o atuar. Ao menos, quando se exerce o ensino, realizam-se funções de planejamento, entre muitas outras.

No mundo do ensino se fez referência a atividade de fazer projetos ou planos com o termo programar. Em geral, este conceito distorce a ideia de plano para uma forma de entendê-lo; supõe uma transferência metafórica desde campos nos quais se busca que a previsão do que será a prática seja muito precisa e segura; ou seja, onde um esboço ou esquema prévio não tolere interpretações de como realizá-lo por parte de seus executores; e é dessa forma que se entende na linguagem coloquial. De um programa de festas ou de cinema e televisão esperamos que realize o que ali se anuncia. Retiraremos de um partido político a confiança e o voto se não cumpre com seu programa; o político, para ter mais liberdade, assim como para se ajustar melhor às condições reais, não de todo conhecidas, nas quais realizará seu programa, ou para encobrir mais comodamente a falta de coincidências entre o que diz e o que faz. Vende menos programas e mais esboços gerais para acomodar "sobre a caminhada". De igual modo, ao programa de um professor/ a pediremos que responda ao que ele ministre realmente; caso contrário, diremos que não o cumpre.

CARACTERIZAÇÃO DO PLANO NO ENSINO E NO CURRÍCULO Erro! Indicador não definido.

Vimos que planejar é uma operação que adquire peculiaridades segundo o objeto ou atividade a que se aplique. Sabemos que o termo currículo não é unívoco, e sua amplitude difere de acordo com que ele é concebido e a que nível escolar se refira. No Capítulo 6 - O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise da prática? - discutimos diversas perspectivas para nos aproximarmos a seus possíveis significados. Sistematizamos as mesmas comentando que:

a) É um termo de significado variável, com tendência a dar abrigo a múltiplas e muito variadas pretensões educativas, trata-se de um currículo que adota os ideais de um projeto educativo muito globalizador, ou se refere mais especificamente a uma área concreta de conhecimento.
b) Desenvolvemos a ideia de que o currículo é ocupação de práticas diversas e que seus conteúdos são objeto de decisão e de modelo em âmbitos práticos diferentes, pois são múltiplos os contextos nos quais se define e ganha sentido real, dentro do que denominamos sistema curricular.
c) Justificamos que para entender o currículo real, da perspectiva dos alunos / as que aprendem e experimentam a prática, era preciso observar a sua dimensão oculta e não apenas a evidenciada nos conteúdos estabelecidos.
d) Advertimos que não podíamos confundir as declarações de intenções ou o reflexo material das mesmas com o currículo real, pois uma coisa eram as expectativas curriculares, os planos, as realizações em livros-texto, etc., e outra muito diferente é a concretização nas tarefas escolares.

Se o conceito de currículo deve ser entendido a partir dessas perspectivas, a ação de planejá-lo pode significar pretensões e ações distintas. Portanto, não existe uma fórmula universal válida de planejar os currículos. Cada uma delas supõe opções não de todo equivalentes para a prática.

Diferentes atribuições no plano do currículo: âmbito em que se tomam decisões:

"A pergunta: quem decide o currículo? é uma das questões-chave para qualquer escola; é importantíssima para ajudar a determinar seu caráter ou seu "clima" (...) (e) fazemos um péssimo serviço a nós mesmos se não reconhecemos como pode ser complexo o planejamento do currículo, na medida em que o currículo resultante dela é um equilíbrio de interesses criado a partir do conflito" (Green, 1986, p. 158).

Da ideia, já comentada, de que os professores/as se dedicam realmente a concretizar e a adaptar decisões tomadas em outros âmbitos diferentes ao escolar, obviamente se deduz a consequência de que o plano não é apenas uma atividade profissional docente. Se planejar o currículo é lhe dar forma e sentido, ao mesmo tempo que se lhe dota de conteúdo, se planeja ali onde se decide e se constrói, naturalmente se pode falar de âmbitos ou

níveis de plano, referentes aos agentes que o decidem. O político, quando regula o currículo de todo um estágio de escolaridade, faz um plano que implica determinadas operações. Os autores de um material didático - um livro, um filme ou um programa de computador - realizam um plano cuidadoso de componentes, sequências de conteúdo, exemplos, ilustrações, seleção de atividades que se sugerem, etc. A escola que elabora um projeto para dar coerência a seu trabalho, estabelecendo linhas metodológicas para todos os professores/as, por exemplo, ou criando um clima e coordenando estes, também planeja a prática curricular. O professor/a que prepara um plano para um curso, um trimestre ou uma jornada escolar, ou quando confecciona materiais próprios sobre uma unidade didática concreta e prevê o uso que vai lhes dar, realiza também um plano do currículo e de sua prática. O plano da educação pode se referir potencialmente a toda atividade e a todo agente que possa influir no ensino e na aprendizagem.

É evidente que a competência de construir um currículo não será atribuição exclusiva dos professores/as, porque as decisões implicadas ultrapassam a responsabilidade destes e, circunstancialmente, porque podem não dispor dos instrumentos e da competência para fazê-lo. A própria necessidade de ordenar o sistema educativo e a de realizar algum controle sobre seu funcionamento faz com que este tema necessariamente escape do âmbito dos docentes.

Existem âmbitos em que se planeja, não há um plano universal completo que estruture ordenadamente o que cada agente decide. Esse grande plano global utópico que ordenasse desde as finalidades mais gerais até as ações mais específicas é impossível e, se existisse, suas propostas teriam de ser pontos sobre os quais refletir e não decisões para se cumprir. O pluralismo na sociedade, as margens de autonomia de que devem dispor escolas e professores/as, assim como a liberdade de produzir meios culturais aproveitáveis no ensino, implicam necessariamente o reconhecimento da possibilidade de interpretar todas as prescrições sobre o currículo. Os modelos simplificadores que querem arbitrar uma fórmula global para o plano evitam essa realidade e essa filosofia.

Ao planejar o currículo todos os agentes podem partir de uma filosofia básica comum, da consideração de elementos compartilhados, como uma de-terminada atitude frente ao conteúdo, uma tendência a relacionar este com os problemas sociais e com as motivações pessoais, uma atitude construtivista frente à aprendizagem, etc. Isso é válido para qualquer dos quatro âmbitos cita-dos, mas cada um deles pode e deve realizar coisas distintas para torná-los possíveis.

Ainda que todas essas ações tenham a ver com o plano, implicam a necessidade de levar em conta diferentes problemas, opções das mais diferentes dimensões e esquemas para racionalizar e ordenar suas atribuições, assim como as exigências de responder a um determinado contexto. As necessidades concretas da aula ou de um grupo de alunos/as não podem ser consideradas pelo político ou pelo editor de livros-texto, por exemplo, em seus detalhes precisos, ainda que quando politicamente se estruturam os currículos, devem se levar em conta as condições reinantes para que os planos tenham um certo realismo e possibilidade. A adequação global da cultura escolar às necessidades sociais não é decidida pêlos professores/as em suas diretrizes gerais, mas no debate político e social que determinam os mínimos que a administração regula, em que deverão participar os professores/as.

Os âmbitos de planejamento não formam um sistema de níveis totalmente hierarquizados nos quais o que se faz num deles determina de todo o que se realiza em outro em estreita dependência. Parece mais próprio colocá-los como âmbitos de decisão que têm relações de interdependência entre si, mas com espaços próprios de autonomia na decisão em cada caso, e até com contradições entre alguns deles. Os professores / as podem seguir os guias curriculares dos editores de material didático ou os que a administração sugere, por exemplo, mas também é certo que alguns adotem, às vezes, modelos que os professores/as praticam.

Não queremos dizer que a cada agente que planeja (administradores, professores/as, escolas, editores, etc.) corresponda um trabalho peculiar e uma es-fera própria de decisões com exclusividade, mas que, em cada um desses âmbitos, nos quais podem participar diversos agentes, se confrontam problemas distintos ou de nível diferente. Ainda que as ideias contidas nas diretrizes gerais possam ser compartilhadas por todos para dar uma melhor coerência ao sistema escolar, o certo é que os princípios são, como citamos, interpretáveis sempre, e também não é frequente que todos estejam de acordo nas mesmas ideias, O plano, é preciso repetir, é aberto.

Os esquemas dominantes na teoria do plano pretenderam, em geral, sistematizar os níveis deste, como é o caso de Tyler ou Taba. Um projeto educativo, desde a filosofia que o fundamenta até as propostas de ensino na prática, devia ser articulado em distintos níveis de decisão para que lhe dessem coerência. Herrick (1950) afirmava que qualquer plano global do currículo que pretenda dirigir de forma suficiente e adequada um programa geral de educação devia ser considerado em mais de uma dimensão e em função de vários níveis ope-racionais. Essa consideração de níveis obriga a seguir e tratar de estabelecer as conexões entre diversos âmbitos de decisão para que os planos que se realizam em cada nível tenham coerência entre si e atuem, consequentemente, com as opções tomadas. Foram modelos lineares e, ainda que fossem apresentados como esquemas teóricos, sua preocupação era a gestão.

ALGUNS MODELOS PARA ATUAR:
FORMAS DE PENSAR E DE FAZER NA PRÁTICA Erro! Indicador não definido.

Foram múltiplas as fórmulas para se realizar esse complicado processo, determo-nos em algumas que tiveram relevância na história do plano, para depois nos referirmos aos âmbitos deste.

1) A discussão em torno dos fins que a escola deseja alcançar. Os objetivos gerais da escola que devem se articular no currículo se deduzirão da consideração e estudo de três aspectos:

a) o sujeito da educação. E preciso analisar as necessidades dos alunos/as, seus interesses em campos como a saúde, as relações sociais imediatas (familiares, de amigos, etc), a vida cívica na comunidade, a vida numa sociedade: de consumo, o mundo profissional e os lazeres. Sem que isto signifique que só se deva ensinar o que interesse aos alunos/as e sem relação com normas "aceitável' de comportamento";

b) a vida exterior à escola, dando espaço à herança cultural, às características da sociedade em que viverão, às dimensões da vida adulta. O autor aconselhava centrar-se em facetas como: a saúde, a família, os lazeres, as vocações, a dimensão religiosa, o consumo e outros aspectos da vida em sociedade. Adverte que toda essa informação serve para analisar o que existe mas não indica para onde ir;

c) o conteúdo das matérias de estudo. Os especialistas em matérias ou disciplinas que proporcionaram tradicionalmente os objetivos que os currículos deviam alcançai i ao esclarecer as funções que deve cumprir cada uma delas, seu valor educativo em i geral e sugerir seus componentes mais concretos.

Essas três fontes de sugestões não contribuem com objetivos por si mesmas, são indicações de onde encontrá-los. A escolha se realizará a partir de um primeiro filtro que é a filosofia, a qual deve ficar explícita, dizendo o que é desejável e se o é para todos os alunos/as ou não. Um segundo filtro, a psicolo-gia da aprendizagem, dirá ou discutirá se esses objetivos são possíveis ou não, que facilidade teremos de alcançá-los e que condições se requer para isso.

Mas os objetivos selecionados de pouco servirão, segundo o autor, senão especificam as mudanças de conduta que devem ser produzidas no estudante para se ter segurança de que estas se cumpriram:

2) A seleção das experiências educativas que com mais probabilidade podem levar à realização desses fins. Para Tyler, a experiência não está ligada ao conteúdo nem à atividade que o professor/a desenvolve, mas ao tipo de interação que se estabelece entre o estudante e as condições externas do meio frente às quais reage. Essa experiência pode ser peculiar para cada aluno/a, como o próprio autor reconhece. Deveria se levar em conta cinco princípios na seleção que é feita:

a) o estudante deve viver experiências que lhe permitam atuar de acordo com a conduta apontada no objetivo, que lhe dêem oportunidade de praticar o comportamento exigido;

b) para que a experiência seja eficaz, deve-lhe proporcio-nar satisfação, estar de acordo com seus interesses e necessidades, ser moti-vadora;

c) deve-se acomodar às possibilidades e capacidades do aluno/a;

3) Como organizar essas experiências. As atividades e experiências, para que sejam eficazes e coerentes com o programa geral, devem ser ordenadas em unidades, cursos e programas. Nenhuma experiência isolada tem um efeito profundo no aluno/a, diz o autor, se as mudanças desejadas não costumam acontecer repentinamente é preciso persistir com uma ordem na atuação. Para não ser con-traditórios no tratamento continuado é preciso manter uma organização vertical das experiências, o que significa atender os mesmos objetivos em distintos mo-mentos da escolaridade, como acontece quando uma mesma matéria deve ser estudada em vários cursos. E é preciso, além do mais, uma organização horizontal, para que, por meio de experiências em diferentes áreas, se caminhe para metas coerentes. Os critérios básicos nessa organização são os de continuidade (reiteração vertical dos aspectos principais do currículo), sequência (cada experiência deve se fundir com a precedente, mas ampliando e aprofundando efeitos) e integração (relação horizontal). Aspectos que devem se considerar da ótica de quem obtém a experiência, ou seja, do aluno / a. O autor reconhece algo que na história do pensamento educativo estava assentado: a diferença entre uma organização lógica dos conteúdos do currículo, própria de quem ensina e dos especialistas da matéria, e outra organização psicológica, do ponto de vista do que aprende.

10. SAVIANI, Dermeval. Histórias das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas; Autores Associados, 2010.

Esta Obra é resultado de sete anos de pesquisa cientifica, baseada em fontes documentais e historiográficas, com objetivo de examinar criticamente o pensamento pedagógico brasileiro. A obra é uma síntese das principais ideias e tendências pedagógicas, das práticas educacionais ao longo da história do Brasil, desde a colonização aos primeiros anos do século XXI e mostra a "evolução do pensamento pedagógico brasileiro das principais concepções educacionais" (pg. 1 e 2).

Embora reconhecendo a relevância dos estudos analíticos, para Saviani a abordagem sintética permite "articular, numa compreensão de mais amplo alcance, os resultados das investigações particulares" (pg. 16). Permite uma visão de conjunto aos professores e também aos pesquisadores da história da educação, de modo a suscitar problematizações, novas hipóteses, estimulando o debate e novos estudos.

Para Saviani, as ideias pedagógicas são "as ideias educacionais, não em si mesmas, mas na forma como se encarnam no movimento real da educação, orientando e, mais do que isso, constituindo a própria substância da prática educativa" (pg. 6).

Saviani aponta como princípios da análise das ideias pedagógicas no Brasil:

"1) caráter concreto do conhecimento histórico-educacional: as ideias pedagógicas expressão a complexidade e determinações das relações da educação brasileira ao longo da história, em um movimento que parte do todo caótico (síncrese) e atinge, através da abstração (análise), o todo concreto (síntese).

2) perspectiva de "longa duração": distinguindo os momentos orgânicos (estruturais) dos conjunturais na produção e reprodução das ideias pedagógicas e sua relação com o desenvolvimento real.

3) olhar analítico-sintético no trato com as diferentes fontes: articulando-as sincrônica e diacronicamente, explicando as características e o significado do fenômeno investigado.

4) articulação do singular e do universal, entre o local, o nacional e o internacional: identificando tendências, relações de reciprocidade, determinação e subordinação.

5) atualidade da pesquisa histórica: que se relaciona com a consciência da historicidade e com a necessidade de explicar o presente, a responder questões atuais da educação.

Para Saviani, a prática educativa se traduz como expressão de uma forma concreta de trabalho, fundamentando-se em Marx e Gramsci. Referenciado em Gramsci (pg. 4). Saviani defende que a análise associe seu objetivo – as ideias pedagógicas – ao movimento real da sociedade, com seus aspectos estruturais e conjunturais.

A diferença da obra de Saviani com a de outros autores está no fato de que a maioria se restringe ao campo das ideias educacionais em si, desvinculadas da prática, tocando apenas superficialmente o trabalho em sala de aula. Grande parte dos estudos relata a história dos grandes pedagogos, em si, sem buscar relaciona-los à historicidade. Em outros casos, os estudos similares ao de Saviani partem de matrizes analíticas determinadas, tornando-se parciais quanto à abordagem e à seleção de temas.

Já Saviani, que construiu as bases da pedagogia histórico-crítica, procura desvendar os determinantes materiais das ideias pedagógicas, de acordo com as necessidade de cada período histórico e suas influências e impactos nas práticas escolares e também nas formulações teóricas.

A periodização da educação no Brasil proposta por Saviani difere dos critérios político-administrativos ou restritos ao campo educacional, bem como contesta uma periodização mecanicista e determinista das transformações da base material. A partir dessa perspectiva, Saviani divide a história das ideias pedagógicas no Brasil em 4 grandes períodos, delimitados e identificados pela Pedagogia Tradicional, nas vertentes religiosa e leiga, a Pedagogia Nova, a Pedagogia Tecnicista e a concepção pedagógica Produtivista:

- As ideias pedagógicas no brasil entre 1549 e 1759 monopólio a vertente religiosa da pedagogia tradicional;
- As ideias pedagógicas no Brasil entre 1759 e 1932: coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional.
- As ideias pedagógicas no Brasil entre 1932 e 1969: predomínio da pedagogia nova
- As ideias pedagógicas no Brasil entre 1969 e 2001: configuração da concepção pedagógica produtivista.

1549-1759 – Pedagogia Tradicional (religiosa)

Monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional

1549-1599 Pedagogia Basílica ou Período Heroico.

1599-1759 Institucionalização da Pedagogia jesuítica ou Ratio Studiorum.

1759-1932 – Pedagogia Tradicional (leiga)

Coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional, visão leiga predominante.

1759-1827 Pedagogia Pombalina/ideias do despotismo esclarecido.

1827-1932 Pedagogia Leiga: ecletismo, liberalismo e positivismo.

1932-1969 – Pedagogia Nova

Predomínio da Pedagogia Nova: concepção moderna

1932-1947 Equilíbrio entre pedagogia tradicional e nova.

1947-1961 Predomínio da Pedagogia Nova

1961-1969 Crise da Pedagogia Nova e articulação da Pedagogia Tecnicista.

1969-2001 – Pedagogia Tecnicista e Produtivista

Configuração da Concepção Pedagógica produtivista, emerge a visão crítica.

1969-1980 Predomínio da Pedagogia Tecnicista, manifestações da concepção analítica de filosofia da educação e desenvolvimento da visão critico-produtivista.

1980-1991 Ensaios contra hegemônicos: "educação popular", pedagogias da prática, crítico-social e histórico-crítica.

1991-2001 Neoprodutivismo e variantes: Neoescolanovismo, neoconstrutivismo e neotecnicismo.

Primeiro período: As ideias pedagógicas no Brasil entre 1549 e 1759: Monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional.

Neste período há hegemonia da pedagogia tradicional, relacionando os processos de colonização, educação e catequese. Tal visão se relaciona com o atraso do desenvolvimento capitalista em Portugal. A proposta de educação indígena de Nóbrega predomina no século XVI, denominada

"pedagogia brasílica" ou "período heroico" (1549-1599), mas perde força no século XVII com a institucionalização do Ratio Studiorum da Pedagogia Jesuítica, com um ensino elitista, universal e humanístico (1599-1759).

Segundo período: as ideias pedagógicas no Brasil entre 1759 e 1932: coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional.

As reformas pombalinas da instrução pública, vinculadas ao iluminismo luso-brasileiro e aos ideais do despotismo esclarecido, conferiram um caráter leigo às ideias e práticas pedagógicas, dividindo estudos em menores, maiores e escolas de primeiras letras. A perspectiva leiga é uma das vertentes da Pedagogia Tradicional, coexistindo com a visão religiosa. A influência de autores como Verney e Ribeiro Sanches se faz sentir no pensamento de Pombal e se expressaram nas ideias de Azevedo Coutinho e em sua obra, o Seminário de Olinda. Este período, denominado Pedagogia Pombalina, compreende os anos de 1759 a 1827.

Com a independência do Brasil foram criadas escolas de primeiras letras, com a aprovação da Lei Imperial de 15 de outubro de 1827. Este período se estende até 1932, caracterizado por uma Pedagogia Leiga, sob a influência corrente de pensamento e movimentos sociais tais como o ecletismo, liberalismo e positivismo, bem como o evolucionismo, anarquismo, comunismo e catolicismo, seguindo as transformações sócio-políticas e os impactos da Revolução Francesa de da Revolução Industrial. O que está em jogo é a emergência de novos objetivos político-educacionais em vista da "máquina mercante", com a expansão do capitalismo no Brasil, o que se relaciona com as ideias republicanos.

Neste período, há a influência tanto de pedagogos Silvestre e Pinheiro Ferreira e o Barão de Macahubas quanto as reformas da "Instrução pública" (Assembleia Nacional Constituinte, Reforma Couto Ferraz, Reforma Leôncio de Carvalho, pareceres de Rui Barbosa, Reformas republicanas da instrução pública), com os métodos de instrução (método mútuo e método intuitivo) e com as instituições escolares (grupos escolares)", no intuito de expandir a escolarização das escolas.

Terceiro período: as ideias pedagógicas no Brasil entre 1932 e 1969: Predomínio da Pedagogia Nova.

O terceiro período, marcado em sua base material pela expansão da economia brasileira, sob a liderança de Vargas, é caracterizado pela coexistência entre Pedagogia Tradicional e Nova até de renovação da educação, por um grande período, de 1947 a 1969, quando ocorre a articulação da Pedagogia Tecnicista. O Terceiro período é dividido em 3 fases que compreendem diversos protagonistas e lutas político-educacionais:

1ª fase – 1923-1947: equilíbrio entre pedagogia tradicional e nova

Nesta primeira fase, Fernando de Azevedo é considerado o formulador das bases sociológicas, Lourenço filho das bases psicológicas e Anísio Teixeira das bases filosóficas e políticas da Escola Nova, que surge com o manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (pg. 228/254), provocando uma reação dos católicos na figura de Alceu Amoroso Lima (Pg. 254-258).

No campo governamental estiveram à frente da renovação Francisco Campos e Gustavo Capanema, Ministros da Educação no período (Pg. 265/270). Esta fase é caracterizada por um equilíbrio entre os renovadores da Escola Nova e católicos defensores da Pedagogia Tradicional. Nesse cenário, algumas correntes não-hegemônicas atuaram, tais como o anarquismo e o comunismo (Pg. 270/275).

11. TEIXEIRA, Anísio. A escola pública universal e gratuita. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.26, n.64, out./dez. 1956. p.3-27.

A ESCOLA PÚBLICA, UNIVERSAL E GRATUITA *

ANÍSIO TEIXEIRA
Diretor do I.N.E.P.

No mês de maio último, reuniram-se em Lima, convocados pela Organização dos Estados Americanos (a antiga União Pan-Americana), os representantes dos Governos nacionais do nosso continente. Êstes representantes não eram ministros da Fazenda, nem ministros do Exterior. Eram ministros da Educação. O tema da reunião não era a política exterior nem a política econômica ou financeira, e sim a política educacional. E em política educacional, não se debateram os problemas do ensino secundário, nem do ensino superior; mas, do ensino primário.

A despeito do caráter de que se revestem quase sempre essas reuniões internacionais, do seu ar tantas vêzes irremediàvelmente convencional, os que lá estiveram sentiram, em mais de um momento, que algo de histórico se processava na evolução política das Américas. O drama de 59 milhões de analfabetos, inclusive os de idade escolar, da América latina e de outros tantos milhões de semi-alfabetizados, em suas escolas primárias de dois e três anos de estudos e de dois e três turnos por dia letivo, repercutia nos salões do edifício do Congresso Nacional de Lima, onde se realizou a reunião interamericana, como um trovejar, talvez ainda distante, mas já suficientemente audível, da consciência popular dos povos americanos. Dir-se-ia que, despertados afinal para as suas reivindicações fundamentais, eram os povos do Continente que convocavam aquêle conclave, para a fixação de medidas destinadas a assegurar-lhes o direito dos direitos: uma escola primária, eficiente e adequada, para todos.

E por isto mesmo - a despeito das vozes, muito nossas conhecidas, dos que ainda julgam possível reduzir a educação popular, na América latina, à mistificação das escolas primárias de tempo parcial e de curtos períodos anuais - a assembleia decidiu, com a afirmação de princípios da "Declaração de Lima", por uma *escola primária de seis anos de curso e dias letivos completos*.

No mesmo ano, em que os governos americanos, reunidos em assembleia, fizeram tal declaração histórica, o Estado de São Paulo, isto é, o estado-líder da federação brasileira, convoca o seu primeiro Congresso de Ensino Primário.

Sabemos que um fato não está ligado a outro. Mas, a coincidência pode ser tida como significativa: a mesma obscura fôrça, que está movendo a consciência coletiva, parece haver atuado para a escolha do tema da reunião de Lima, como para a reunião, no ano passado, do Congresso de Professôres Primários, de Belo Horizonte, e para êste Congresso do Ensino Primário, de São Paulo, ora aqui reunido, em Ribeirão Prêto. Presumo que se trata de um sinal, um grande sinal, de amadurecimento da consciência pública do país.

Por isso estou seguro de que não estamos aqui para discutir, como é tanto do nosso gôsto, a educação dos poucos, a educação dos privilegiados, mas a educação dos muitos, a educação de todos, a fim de que se abra para o nosso povo aquela igualdade inicial de oportunidades, condição mesma para a sua indispensável integração social.

Não se pode ocultar ser algo tardio êsse movimento de emancipação educacional ou de emancipação pela educação.

Desde a segunda metade do século dezenove, quando não antes, as nações desenvolvidas haviam cuidado da educação universal e gratuita. Cogitando de realizá-la, agora, em época que, na verdade, já se caracteriza por outras agudas reivindicações sociais, de mais nítido ou imediato caráter econômico, corremos o risco de não poder configurar com a necessária clareza os objetivos da emancipação educacional. É que, no caso, trata-se ainda de algo que já nos devia ter sido dado, que já há muito fôra dado a outros povos, de cujas atuais aspirações queremos partilhar. Estas novas aspirações, mais fortemente motivadas pelos imperativos da época, sobrepõem-se às aspirações educacionais e de certo modo as desfiguram, criando, pela falta de sincronismo, especiais dificuldades para o seu adequado planejamento.

A relativa ausência de vigor de nossa atual concepção de *escola pública* e a aceitação semi-indiferente da *escola particular* foram e são, ao meu ver, um dos aspectos dessa desfiguração generalizada de que sofre a política educacional brasileira, em virtude do anacronismo do nosso movimento de educação popular.

Como os povos desenvolvidos já não têm hoje (salvo mínimos pormenores) o problema da criação de um sistema, universal e gratuito, de escolas públicas, porque o criaram em período anterior, falta-nos, em nosso irremediável e crônico mimetismo social e político, a ressonância necessária para um movimento que, nos parecendo e sendo de fato anacrônico, exige de nós a disciplina difícil de nos representarmos em outra época, que não a atual do mundo, e de pautarmos os nossos planos, descontando a decalagem histórica com a necessária originalidade de conceitos e planos, para realizar, hoje, em condições peculiares outras, algo que o mundo realizou em muito mais feliz e propício instante histórico.

Se nos dermos ao trabalho de voltar atrás e ouvir as vozes dos que ainda no curso do século dezenove, no mundo, e, entre nós, imediatamente antes e logo depois da república, definiram (mesmo então com atraso) os objetivos do movimento de emancipação educacional, ficaremos surpreendidos com a intensidade do tom de reivindicação social, que caracterizava o movimento. É que a escola era, na época, a maior e mais clara conquista social. E hoje, o anseio por outras conquistas, mais pretensiosas e atropeladas, a despeito de não poderem, em rigor, ser realizadas sem a escola básica, tomaram a frente e subalternizaram a reivindicação educativa primordial. Tomemos, com efeito, ao acaso, as expressões de um dêsses pioneiros continentais da educação popular - por um conjunto de circunstâncias, o primeiro: Horace Mann. O grande batalhador da educação pública e universal, nos Estados Unidos, que no continente só encontra paralelo contemporâneo em Sarmiento, na Argentina, considerava a "escola pública" - a escola comum para todos - a maior invenção humana de todos os tempos. E em seu relatório ao Conselho de Educação de Boston, assim falava, há cento e oito anos (1848):

"Nada, por certo, salvo a educação universal, pode contrabalançar a tendência à dominação do capital e à servilidade do trabalho. Se uma classe possui tôda a riqueza e tôda a educação, enquanto o restante da sociedade é ignorante e pobre, pouco importa o nome que dermos à relação entre uns e outros: em verdade e de fato, os segundos serão os dependentes servis e subjugados dos primeiros. Mas, se a educação fôr difundida por igual, atrairá ela, com a mais forte de tôdas as fôrças, posses e bens, pois nunca aconteceu e nunca acontecerá que um corpo de homens inteligentes e práticos venha a se conservar permanentemente pobre ...

"A educação, portanto, mais do que qualquer outro instrumento de origem humana, é a grande igualadora das condições entre os homens - a roda do leme da maquinaria social ... Dá a cada homem a independência e os meios de resistir ao egoísmo dos outros homens. Faz mais do que desarmar os pobres de sua hostilidade para com os ricos: impede-os de ser pobres." (*)

Era com êste espírito que se pregava a escola pública em 1848. Já não era o iluminismo ou a "ilustração", filosóficos, do século dezoito, mas todo o *utilitarismo* de uma doutrina de igualdade social pela educação. Já não era o puro romantismo individualista, tão vivo ainda, aliás, por todo o século dezenove, a crer, ainda com Spencer, que o devido ao indivíduo era só a liberdade, no sentido negativo de não interferência - daí não ser essencial ou ser até ilícito dar-lhe o Estado educação. . . - mas a doutrina positiva de que a liberdade sem educação, isto é, sem *o poder que o saber dá*, era uma impostura e um lôgro...

Obrigatória, gratuita e universal, a educação só poderia ser ministrada pelo Estado. Impossível deixá-la confiada a particulares, pois êstes sòmente podiam oferecê-la aos que tivessem posses (ou a "protegidos") e daí operar antes para perpetuar as desigualdades sociais, que para removê-las. A escola pública, comum a todos, não seria, assim, o instrumento de benevolência de uma classe dominante, tomada de generosidade ou de mêdo, mas um direito do povo, sobretudo das classes trabalhadoras, para que, na ordem capitalista, o trabalho (não se trata, com efeito, de nenhuma doutrina socialista, mas do melhor capitalismo) não se conservasse servil, submetido e degradado, mas, igual ao capital na consciência de suas reivindicações e dos seus direitos.

A escola pública universal e gratuita não é doutrina especìficamente socialista, como não é socialista a doutrina dos sindicatos e do direito de organização dos trabalhadores, antes são êstes os pontos fundamentais por que se afirmou e possìvelmente ainda se afirma a viabilidade do capitalismo ou o remédio e o freio para os desvios que o tornariam intolerável.

A sobrevivência do capitalismo, em grande parte do mundo, não se explica senão por êstes dois recursos ou instrumentos de defesa contra a desigualdade excessiva que o capitalismo provocaria e provoca, sempre que faltem ao povo escola pública e sindicato livre.

Por que, então, faltou e falta ao Brasil a consciência precisa de que, antes de qualquer outra reivindicação, cabe-lhe reivindicar a escola pública, universal, gratuita e eficiente, e o sindicato, livre e autônomo? Porque, aparentemente, lhe parece bastar a simulação educacional de *escolas de faz-de-conta e os sindicatos* de cabresto, que lhe têm dado, como altíssimo favor de deuses a pobres mortais, governos de despotismo mais ou menos "esclarecido" ou ditaduras falhadas?

Estou em que uma das razões é o anacronismo a que me referi. Reivindicações sociais, para que a escola iria preparar o povo, amadureceram e estão sendo quiçá atropeladamente satisfeitas, com ou sem fraude aparente, em face da aceleração do processo histórico, impedindo-nos de ver, com a necessária exatidão, quanto nos faltam ainda de reivindicações anteriores e condicionadoras, não satisfeitas no devido tempo e, por isto mesmo, mais difíceis ainda de apreciar e avaliar exata ou adequadamente.

Além da dificuldade inerente ao caráter preparatório ou de "preliminar" condicionante, próprio das reivindicações educacionais, temos a dificuldade do anacronismo que elas ora arrastam consigo e estamos a focalizar, com a sobrecarga, ainda mais grave, de dificuldades específicas decorrentes da aceleração do processo histórico, geral, aceleração sempre mais propícia a reivindicações *consumatórias* e finalistas, do que a reivindicações preliminares e instrumentais, como são as de educação.

Por todos êsses motivos forçoso é reconhecer que há uma certa perda de contôrno nas mais legítimas reivindicações educacionais, adquirindo o processo de nossa expansão escolar o caráter tumultuário de reivindicações sobretudo de vantagens e privilégios, o que me tem levado a considerá-lo mais como um movimento de dissolução do que de expansão. Foi, com efeito, essa desfiguração da natureza da reivindicação educacional que elevou a matrícula da escola primária, sem lhe dar prédios nem aparelhamento, que multiplicou os ginásios, sem lhes dar professôres, e que faz brotar do papel até escolas superiores e universidades, com mais facilidade do que brotam cogumelos nos recantos mais sombrios e úmidos das florestas...

Não faltam, entretanto, os que estadeiam certo orgulho ferido ou afetam mesmo um sorriso superior, ao ouvirem aquêles dentre nós que se levantam para afirmar que uma tal expansão não é expansão, mas dissolução... Somos chamados de pessimistas, convocando-nos os nossos *Pangloss* a ver que o Brasil progride por todos os poros e que o congestionamento, a confusão, a redução dos horários e a falta de aproveitamento nas escolas são outras tantas demonstrações dêsse progresso.

Mas, ao lado dêles, já são numerosas as vozes que se erguem, apreensivas e graves. A verdade é que já se faz difícil ocultar a descaracterização do nosso movimento educacional. Pode-se expandir, pelo simples aumento de participantes, um espetáculo, um ato recreativo, em rigor, algo de consumatório, mas, não se pode expandir, sòmente pelo aumento de participantes um processo, temporal e espacial, longo e complexo de preparo individual, como é o educativo. E o que vimos fazendo é, em grande parte, a expansão do corpo de participantes, com o congestionamento da matrícula, a redução de horários, a improvisação de escolas de tôda ordem, sem as condições mínimas necessárias de funcionamento. Tudo isto seria já gravíssimo. Mas, pior do que tudo, está a confusão gerada pela aparente expansão, tumultuária, levando o povo a crer que a educação não é um processo de cultivo de cada indivíduo, mas um privilégio, que se adquire pela participação em certa rotina formalista, concretizada no ritual aligeirado de nossas escolas. Está claro que tal conceito de escola não é explícito, mas decorre do que fazemos. Se podemos desdobrar, tresdobrar e até elevar a quatro os turnos das escolas primárias, se autorizamos ginásios e escolas superiores sem professôres nem aparelhamento, - é que a escola é uma *formalidade*, que até *se pode dispensar*, como se dispensam, na processualística judiciária, certas condições de pura forma.

Não é difícil demonstrar que nem sempre assim procedemos, nem sempre assim pensamos. Em verdade, os nossos educadores do início do período republicano revelavam uma adequada consonância com os educadores de todo o mundo, no conceituar a educação e no caracterizar o movimento de educação popular, que então se iniciava no país, com o advento da república.

Não posso fugir de citar aqui alguns paulistas, cujas palavras parecem de verdadeiros êmulos dos Mann, Sarmiento e Varela, que, mais felizes, lograram realizar em suas nações, na época própria, muito do que pregaram.

Retiro as citações de discursos e relatórios feitos todos antes do início dêste século, ainda no fervor republicano da década última do século dezenove.

Caetano de Campos, Cesário Mota, Gabriel Prestes (para só citar paulistas) aqui irão nos revelar como era viva e lúcida e quente a convicção democrática da função da escola, na república e em seus primórdios.

"A democratização do poder restituiu ao povo uma tal soma de autonomia, que em todos os ramos de administração é hoje indispensável consultar e satisfazer suas necessidades. Já que a revolução entregou ao povo a direção de si mesmo, nada é mais urgente do que cultivar-lhe o espírito, dar-lhe a elevação moral de que êle precisa, formar-lhe o caráter, para que saiba querer.

"Dantes pagava a nação os professôres dos príncipes sob o pretexto de que êstes careciam duma instrução fora do comum para saber dirigi-la. Hoje o príncipe é o povo, e urge que êle alcance o "self-government" - pois só pela convicção científica pode ser levado, desde que não há que zelar o interêsse de uma família privilegiada.

"A instrução do povo é, portanto, sua maior necessidade. Para o Govêrno, educar o povo é um dever e um interêsse: dever, porque a gerência dos dinheiros públicos acarreta a obrigação de formar escolas; interêsse, porque só é independente quem tem o espírito culto, e a educação cria, avigora e mantém a posse da liberdade.

.....

"É óbvio que ninguém tolherá aos cidadãos o direito de abrir escolas particulares. Estas não serão, porém, em número suficiente para a população, e nem acessíveis para a grande massa do proletariado.

"Demais, com a exigência do ensino moderno, tais instituições, quando mesmo bem fornidas de um material escolar suficiente, pesarão sôbre a bôlsa do particular de modo tal que, sem remuneração, não poderão ter alunos.

.....

"Bastaria apontar a história do Brasil monárquico para saber quão improgressiva mostrou-se até hoje a família brasileira. Entre a escola primária - irrisória e condenável como era, e já eu disse ao princípio - entre a "escola régia" e a Academia, nenhuma educação dava o Govêrno ao povo. Só os colégios particulares forneciam, aos que podiam pagar, um preparo literário, que visava a matrícula nos cursos superiores.

"Não era por certo com a gramática ensinada desde a primeira idade, e o latim, decorado até à Academia, que o brasileiro poderia conhecer as leis da natureza, nem saber cultivar o solo, nem envolver-se nas indústrias e nas artes.

.....

"Todos nós sabemos o que valiam tais estudos, em que a gramática, o latim, a filosofia... de Barbe, a retórica eram "magna pars". Homens que mal sabiam ler e escrever - em pequena percentagem - e doutores: eis a única coisa que se podia ser no Brasil." (*)

E três anos depois, em discurso na inauguração da Escola Normal da Praça da República:

"A República foi, pois, a síntese da última fase da nossa civilização.

"Proclamada a nova forma de govêrno, fêz-se mister realizá-la em tôda sua integridade. A primeira coisa, entretanto, que desde logo feriu os olhos deslumbrados dos que se acharam de passe do novo regime, foi que, com êle, as necessidades da democracia se aumentaram. O que era delegação no antigo sistema, é ação direta no novo; as inculpações, que outrora se faziam ao govêrno, recaem agora sôbre o próprio povo; as aptidões requeridas nos seus homens, é êle quem as deve ter porque é êle quem tem de governar, é êle quem tem de dirigir os seus destinos.

"À semelhança do capitão a quem se incumbiu a direção do navio desarvorado em alto-mar, o povo viu-se atônito no momento em que tomou o domínio de si mesmo. Reconheceu faltarem-lhe aparelhos para as manobras. Desde logo surgiu forçosa a convicção da necessidade de saber.

"A ideia da instrução então impôs-se.

"É que pràticamente ficou demonstrado o asserto, tão conhecido, do imortal americano: "A democracia sem a instrução será uma comédia, quando não chegue a ser tragédia". É que a República, sem a educação inteligente do povo, poderia dar-nos, em vez do govêrno democrático, o despotismo das massas, em vez de ordem, a anarquia, em vez da liberdade, a opressão." (**)

E no mesmo ano de 1894 e na mesma inauguração, como se falasse em uníssono com Cesário Motta, exclamava Gabriel Prestes, diretor da Escola:

"Que diferença entre essa inépcia dos governos monárquicos e a sincera solicitude pelo interêsse público "nos regimes livres! Enquanto no Brasil, em um período de relativa calma, a ação governamental só se manifesta em favor das classes superiores, em França, no meio mesmo da crise revolucionária, institui-se a primeira escola normal em que milhares de alunos, segundo o pensamento da Convenção, deviam preparar-se para levar a todos os cantos da República, os conhecimentos necessários ao cultivo da inteligência.

"Nos Estados Unidos, com um ardor ainda não igualado, todos os espíritos ilustres fazem consistir na difusão do ensino o programa de todos os governos, e foi assim que os Washington, os Madison, os Monroe, os Horacios Mann conseguiram lançar os fundamentos da enormíssima prosperidade americana." (*)

* * *

E já, em 1911, assim falava Bueno dos Reis Júnior, diretor de instrução:

"Na época da proclamação da República, bem frisante era o caráter defeituoso e contraproducente do ensino público primário em nosso Estado, pelo que uma das primeiras preocupações dos próceres do govêrno foi promover o aperfeiçoamento dessa instituição.

"Espíritos patrióticos e clarividentes, bem como animados dos mais vivos desejos de progresso, os dirigentes do povo, cônscios de que não podia haver aliança possível entre o desenvolvimento de um Estado e o obscurantismo de sua população, trataram, sem perda de tempo, de resolver o problema da instrução pública elementar, problema que se lhes afigurava um dos importantes, senão o mais importante dos seus deveres no momento.

"Efetivamente era urgente dar ao ensino primário uma organização compatível com as necessidades reclamadas pela educação de um povo, para o qual acabava de raiar a aurora da democracia." (**)

A coincidência de ideais com os grandes fundadores dos sistemas de educação pública - universal e gratuita - não podia ser mais completa, nem faltou jamais aos nossos educadores-líderes a consciência perfeita do que havia a fazer. E a escola primária e as escolas normais, que então se implantaram, tinham tôdas as características das escolas da época, sendo, nas condições brasileiras, escolas boas e eficientes. Registravam-se crises no ensino secundário e superior, mas o ensino primário e o normal podiam mais ou menos suportar honrosos paralelos com o que se fazia em outros países.

Não bastava, porém, que as escolas não fôssem más. Era necessário que fôssem bastantes. E aí é que falhou inteiramente a pregação republicana, que, muito a propósito, acabamos de evocar quanto a São Paulo.

Sem pretendermos ser exaustivos na perquirição de causas, limitamo-nos sem falseamento a dizer que nos faltou vigor para expandir a escola a seu tempo, quando os seus padrões eram bons ou razoáveis ainda, e o processo histórico não havia sofrido os impactos de aceleração dos dias atuais. Um persistente, visceral sentimento de sociedade dual, de governantes e governados, impedia que nos déssemos conta da urgência de expandir a educação do povo, parecendo-nos sempre que bastaria a educação das elites, já sendo suficientes (senão mais até do que suficientes) as poucas escolas que mantínhamos para o povo e pelas quais nem ao menos tínhamos o cuidado de aperfeiçoar como boas amostras ou modelos.

A dificuldade do regime democrático, com efeito, é que êle só pode ser implantado *espontâneamente* em situações sociais simples e homogêneas. Tais eram as situações das comunidades relativamente pequenas da primeira metade ou dois terços primeiros do século dezenove. As minorias diretoras se constituíam, então, como que naturalmente, e podiam subsistir para, de certo modo, impor os seus padrões às maiorias ainda homogêneas, que lhes aceitavam a liderança.

A simplicidade dessas comunidades, onde todos se conheciam, e a lentidão de seu progresso material ofereciam as condições necessárias para o esfôrço educativo global a ser conduzido pelas minorias condutoras. Tal situação se configura perfeitamente nos Estados Unidos, com a independência e a república. Aos líderes, figuras eminentes e, muitas, aristocráticas, coube a tarefa de orientar, por consentimento de todos, a jovem república.

Quando o desenvolvimento econômico sobreveio, já a estrutura política estava suficientemente formada para suportar o impacto da desordem inevitável da aceleração do progresso material. Não direi que haja faltado à América um período de confusão e de perda de padrões, mas a nação sobreviveu a êle e pôde retomar a segurança de marcha do período anterior, mais simples e homogêneo.

Não foi, porém, isto o que sucedeu conosco. Emergimos do período colonial, sem o sentimento de uma verdadeira luta pela independência, retardando de quase um século a república e embalando-nos com o reino unido, a herança de um príncipe e de uma monarquia, a que não faltaram sequer as ilusões de "império"... Além disto, não chegamos a ser democráticos senão por mimetismo e reflexos culturais de segunda mão. Na realidade, éramos autoritários, senão anacrônicamente feudais. A estrutura de nossa sociedade não era igualitária e individualista, mas escravista e dual, fundada, mesmo com relação à parte livre da sociedade, na teoria de senhores e dependentes.

A república e, com ela, mais plausìvelmente, a democracia, portanto, teriam de abrir caminho, entre nós, mesmo com a "*proclamação*" de 15 de novembro de 1889, como um programa revolucionário. Ora, longe de estarmos preparados para isto e muito pelo contrário, dormitamos em todo o período monárquico, sem nenhuma consciência profunda de que, dia viria, em que o povo de tudo havia de participar, sem que para tal o tivéssemos preparado.

A república veio acordar-nos da letargia. Iniciamos, então, uma pregação, que lembra a pregação da segunda metade do século dezenove nas nações então em processo de democratização e da qual nos deram uma amostra as citações que fizemos de educadores paulistas. Tal pregação não chegava, porém, a convencer sequer a elite, supostamente lúcida. Ela continuava a acreditar, visceralmente, que o dualismo de estrutura social, a dicotomia de senhores e súditos, de elite governante e povo dependente e submetido havia de subsistir e de permitir "a ordem e o progresso", mediante a educação apenas de uma minoria esclarecida.

Na realidade, ninguém dava crédito aos educadores (nem sequer êles próprios), na sua pregação de educação para todos. Com efeito, os próprios educadores tinham sempre o cuidado de dizer que não era possível, econômicamente, a solução do problema educacional brasileiro ...

Quando mudanças de estrutura social, da ordem da que nos deviam trazer a república e com ela a democracia, se processam efetivamente no seio de um povo, o problema econômico não pode constituir obstáculo à sua real efetivação. Em tal caso, é a estrutura social que se modifica, em virtude, exatamente, de modificação da estrutura econômica e política.

Isto se daria, no Brasil, se a democracia e a república não fôssem um movimento de cúpula, com simples modificações na minoria governante, enriquecida ou empobrecida com a entrada de mais alguns elementos das classes relativamente pobres. Não obstante a república, conservamos a nossa estrutura dualista de classe governante e de povo. Seria realmente extravagância que as classes predominantes chegassem, em sua benevolência, ao ponto de se sacrificarem para educar o povo brasileiro...

O apostolado dos educadores tinha, assim, algo de contraditório. Êles próprios admitiam que o sistema de escolas públicas para tôda a população era impossível, e isto mesmo afirmavam, retirando, "*avant la lettre*", qualquer eficácia política às suas ungidas palavras.

Quando, na década de 20 a 30, começou a amadurecer mais a consciência política da nação e se iniciou a batalha pelo voto secreto e livre, esta batalha devia ser acompanhada (uma vez que não precedida) da sua óbvia contrapartida - a educação do povo.

Não se dirá que lhe tenha faltado completamente êste eco, êste reclamo educacional. Foi, com efeito, nesse período que a ideia de estender a educação a todos começou a medrar. Mas, de que modo?

Até então, os educadores, com a indiferença das classes governantes, vinham mantendo uma escola pública de cinco anos, seguida de um curso complementar. Quando os políticos, entretanto, resolveram tomar conhecimento do problema, forçados pela conjuntura social do Brasil, a primeira revelação de que não lhes era possível senti-lo em sua integridade, mas, apenas, sentir a necessidade de escamoteá-lo, patenteou-se na solução proposta: - reduzir as séries para atingir maior número de alunos. E foi exatamente aqui, em São Paulo, em 1920, que houve a tentativa da escola primária de dois anos (!) que, embora combatida e, felizmente, malograda, passou a ser padrão inspirador de outras simplificações da educação brasileira.

Em 1929, considerando a tentativa de dar educação a todos altamente significativa e comêço de uma consciência democrática, que iria prosseguir nos esforços de não só dar a todos educação, mas de dá-la cada vez melhor e mais extensa, assim me referi ao movimento, então, ao meu ver, indicativo de um processo inicial de unificação do povo brasileiro:

> *"Mas não teve, de logo, o serviço público de educação a presunção de poder assim se organizar, integralmente. O paulista, antes de tudo, não é um visionário. A sua imaginação, adestrada na realidade imediata de sua luta diária pela vida, não se entusiasma senão pelos ideais praticáveis e exequíveis. Se um dos traços mais definidos por onde se pode caracterizar a escola paulista é um traço de idealismo - o de seu vigoroso espírito democrático, - nem por isso deixou a sua organização de se prender estritamente aos limites da sua possibilidade de execução.*
>
> *"Êsse idealismo orgânico e construtor fêz com que aqui, primeiro que tudo, se buscasse dar a todos a oportunidade de frequentar a escola. Fôsse preciso reduzir os cursos até o mínimo, não importava, contanto que se estendesse ao máximo o número de paulistas que por ela viessem "a ser favorecidos." (*)*

A realidade, porém, é que o movimento não tinha essa sinceridade revolucionária. A educação do povo não era problema estrutural da nova sociedade brasileira em processo de democratização, mas *contingência* que se tinha de remediar, de forma mais aparente do que real, e daí permanecer o nível aceitável como mínimo, na época, até hoje, antes agravado com os turnos e consequentes reduções de horário.

A estrutura fundamental de uma sociedade dual de senhores e dependentes, favorecidos e desfavorecidos, continuava viva e dominante e a funcionar pacìficamente enquanto se pudesse conter o povo em suas reivindicações políticas de voto livre e secreto.

O voto livre e secreto, a real franquia eleitoral é que viria destruir o dualismo e tornar a educação não apenas uma liberalidade, mas necessidade invencível da organização social brasileira.

E a isto é que chegamos, depois de vinte e tantos anos de vicissitudes políticas de tôda ordem. Conquistou o povo brasileiro, afinal, a sua emancipação política. Pelo voto livre e secreto, constituem-se os poderes da república, os poderes dos Estados, os poderes dos municípios. Como chegamos a essa conquista, sem escolas adequadas para a educação do povo, nem escolas adequadas para a formação - não de uma classe governante - mas dos múltiplos quadros médios e superiores de uma democracia de hierarquia ocupacional e não pròpriamente social, estamos a sofrer as consequências melancòlicamente profetizadas por todos os teoristas da democracia. Que dizia, com efeito, Cesário Mota em 1894?

> *"É que pràticamente ficou demonstrado o asserto, tão conhecido, do imortal americano: "A democracia sem a instrução será uma comédia, quando não chegue a ser tragédia". É que a República, sem a educação inteligente do povo, poderia dar-nos, em vez do govêrno democrático, o despotismo das massas, em vez de ordem, a anarquia, em vez da liberdade, a opressão." (**)*

E não é isso o que vemos? São por acaso poucos os sinais de anarquia, de confusão, de falta de segurança e de falta de proporção, os sinais, enfim, de não estarmos preparados para os poderes que adquirimos?

A nossa própria estrutura administrativa de Estado, altamente centralizada, era perfeitamente lógica na sociedade dual que possuíamos. A União e os Estados representavam a parcela de poder confiada às "classes governantes", à minoria ou elite do país, cabendo-lhes a responsabilidade da vida nacional.

Com a chegada da democracia e a consciência de emancipação política atingida, afinal, pelo povo brasileiro, temos de repensar todos os nossos problemas de organização e, entre êles, o de educação.

Como fazê-lo, entretanto, em pleno tumulto econômico e político, assaltado por oportunidades de tôda ordem e com os quadros de direção

ocupados por elementos de uma geração formada sob a influência de negações à democracia e, por isto mesmo, sem a consciência perfeita das necessidades da nova ordem em vias de se estabelecer e, ainda mais, sem nenhuma experiência dos esforços feitos por outros povos para a realização de conquista semelhante?

A realidade é que, com a evolução política iniciada em 20, contra tôda expectativa, tivemos uma paradoxal exaltação da tese de formação de elites. Com efeito, até a década de 20, tínhamos uma estrutura educacional, de certo modo, aceitável. Nessa década, talvez sem o querer conscientemente, destruímos a escola primária com uma falsa teoria de alfabetização, reduzindo-lhe as séries. E na década seguinte, incentivamos uma educação secundária a partir dos onze anos, estritamente acadêmica e a ser ministrada, pelos particulares, mediante concessão do Estado. Destinada a quem? A todo o povo brasileiro? Por certo que não - pois a estrutura legal votada confiava à iniciativa particular a execução da reforma. Destinada, sim, a alargar a "classe governante".

A reforma educacional de 31, no ensino secundário, longe de refletir qualquer ideal democrático, consolida o espírito de nossa organização dualista de privilegiados e desfavorecidos. A escola secundária seria uma escola particular, destinada a ampliar a "classe dos privilegiados". Nenhum dos seus promotores usa a linguagem nem reflete a doutrina dos educadores democráticos.

A revolução de 30, nascida das inquietações políticas e democráticas de 20, fêz-se logo, como vemos, reacionária e representou nos seus primeiros quinze anos uma reação contra a democracia. Apagou-se no país tôda ideologia popular e mesmo o próprio senso da república, cabendo, por desgraça nossa, a geração formada nesse período conduzir a experiência da democracia renascente em 46.

Essa geração nunca teve experiência sequer da doutrina democrática e estava inocente da necessidade de educação para o estabelecimento da difusão de poder, que gera, inevitàvelmente, a democracia. Se entramos na república ainda marcados pela experiência escravista, reiniciamos a república, marcados pela experiência totalitária. A experiência totalitária nada mais é do que o propósito de manter, pela violência, a estrutura dualista das sociedades antidemocráticas, antes mantida por consentimento tácito.

Não deixou, assim, de ter a sua lógica a tentativa de conter a democracia no período de 37 a 45. A sociedade brasileira, pelas suas fôrças dominantes, estaria lutando pela permanência de moldes tradicionais ou como tais aceitos; nem de outra forma se poderia explicar o vigor do Estado Novo e a sua sobrevivência ainda hoje, em muito do que sucede no país.

Se juntarmos ao vigor do tradicionalismo brasileiro assim renascido o despreparo da geração hoje dominante no país para a própria ideologia democrática, teremos as duas razões circunstanciais que tornam tão difícil, em nossa atual conjuntura, configurar de forma lúcida e convincente o problema da formação democrática do brasileiro.

Às duas referidas circunstâncias veio ainda somar-se uma terceira e das mais importantes: a luta contra o comunismo, que se reabriu, logo após a segunda guerra mundial, durante a qual muitos chegaram a admitir certa atenuação, descontando-se a coexistência pacífica de dois mundos à parte... O caráter difuso da luta reaberta e quiçá exacerbada concorre para que dela se aproveitem certas fôrças reacionárias do capitalismo e do obscurantismo e se crie um clima pouco propício à afirmação do sentido revolucionário da democracia.

Dando a democracia como realizada, fàcilmente se pode fazer passar por *comunismo* todo e qualquer inconformismo em face da situação existente ou qualquer desejo de mudança ou aperfeiçoamento, operando o alimentado conflito como um freio contra o desenvolvimento dos mais singelos postulados democráticos.

Se considerarmos, pois, repetimos, a nossa tradição autoritária e semifeudal, o movimento reacionário e fascista da década de 30, no qual veio a se formar a geração atual brasileira, e a posição retrátil e defensiva da democracia em virtude de sua luta contra o comunismo, após a segunda guerra mundial, teremos os motivos pelos quais se torna difícil a criação de uma vigorosa mentalidade democrática no Brasil.

Devido à atitude defensiva da democracia, na fase atual do mundo, perdemos o sentido de sua filosofia política e, cautelosamente, obscurecemos as reivindicações populares que ela envolve. E, criada que seja essa atitude, abrimos o caminho para estreitas e egoísticas reivindicações pessoais.

A educação chega a se tornar, assim, não um campo de esforços pela realização de um ideal, mas um campo de exploração de vantagens para professôres e alunos.

Salários, redução de horários, facilitação dos estudos e da obtenção de diplomas; expansão dessa dissolução, para a criação de novas oportunidades de salários e novas facilidades de ensino - são êstes os problemas, os graves problemas educacionais da hora presente.

Como fazer ressaltar, nesse clima, os autênticos e graves problemas da escola pública e da escola particular, da educação para o trabalho e da educação para o parasitismo, da educação "humanística" e da educação para a eficiência social, da educação para a descoberta e para a ciência e da educação para as letras, da educação para a produção e da educação para o consumo? Em ambiente assim confinado, em que tudo já foi feito e o mundo já se acha construído, tôda a questão será apenas a de ampliar oportunidades já existentes para maior grupo de gozadores das delícias de nossa civilização.

Reacionarismo e conservadorismo parecem coisas inocentes, mas o seu preço é sempre algo de espantoso.

* * *

Aceleração do processo histórico sob o impacto do progresso material, ignorância generalizada em virtude das deficiências e perversões do processo educativo e clima de conservadorismo senão reacionarismo social estão, assim, a criar, no país, condições particularmente difíceis à nossa ordenada evolução educacional.

A despeito de tudo isso ou, talvez, por isso mesmo, aqui estamos neste congresso, chamados exatamente para achar um caminho para as nossas dificuldades de educadores.

O primeiro passo não pode deixar de ser analisar e definir a situação. E foi o que procuramos fazer, com as considerações que vimos desenvolvendo ante a vossa atenção generosa.

Se vale alguma coisa a análise que fizemos, temos de descobrir, baseados nela, os meios de corrigir e reorientar a situação, no sentido de revigorar certas fôrças e superar ou contrabalançar outras.

Não se pode negar o intenso dinamismo da situação presente do Brasil. Há um despertar geral das consciências individuais para novas oportunidades e há progresso material para atender, pelo menos em parte, a corrida a novos cargos e novas ocupações. Como ingerir nesse processo dinâmico de mudança o fator educação, de modo que êle ajude, estimule e aperfeiçoe tôda a transformação, dando-lhe quiçá novos ímpetos e melhor segurança de desenvolvimento indefinido?

Temos, primeiro que tudo, de restabelecer o verdadeiro conceito de educação, retirando-lhe todo o aspecto formal, herdado de um conceito de escolas para o privilégio e, por isto mesmo, reguladas apenas pela lei e por tôda a sua parafernália formalística, e caracterizá-la, enfàticamente, como um processo de cultivo e amadurecimento individual, insuscetível de ser burlado, pois corresponde a um crescimento orgânico, humano, governado por normas científicas e técnicas, e não jurídicas, e a ser julgado sempre a *posteriori* e não pelo cumprimento formal de condições estabelecidas *a priori*.

Restabelecida esta maneira de conceituá-la, a educação deixará de ser o campo de arbitrária regulamentação legal, que no Brasil vem fazendo dela um objeto de reivindicação imediata, por intermédio do miraculoso reconhecimento legal ou oficial. O fato de havermos confundido e identificado o processo educativo com um processo de formalismo legal levou a educação a ser julgada por normas equivalentes às da processualística judiciária, que é, essencialmente, um regime de prazos e de formas, fixados, de certo modo, por convenção.

Ora, se o processo educativo é fixado por convenção, está claro que a lei pode mudar as convenções... E daí a poder decretar educação é um passo. E que outra coisa temos feito, desde os repetidos espetáculos maiores dos exames por decreto, senão dar e tornar a dar êste passo?

Tôda a nossa educação, hoje, é uma educação por decreto, uma educação que, para valer, sòmente precisa de ser "legal", isto é, "oficial" ou "oficializada". É pela lei que a escola primária de três e quatro turnos é *igual* à escola primária completa, que o ginásio particular ou público, sem professôres nem condições para funcionar, é *igual* aos melhores ginásios do país, que a escola superior improvisada, sem prédios nem professôres, é *igual* a algumas grandes e sérias escolas superiores do país.

A primeira modificação é, pois, esta: educação, como agricultura, como medicina, não é algo que se tem de regular por normas legais e que só delas dependa, mas processo especializado, profissional, extremamente variado, em velocidade e em perfeição, e que deve ser aferido por meio de outros processos especializados, sujeitos ao delicado arbítrio de profissionais e peritos e não a meras regras legais ou regulamentares, aplicáveis por funcionários.

A legislação sôbre educação deverá ter as caraterísticas de uma legislação sôbre a agricultura, a indústria, o tratamento da saúde, etc., isto é, uma legislação que fixe condições para sua estimulação e difusão, e indique mesmo processos recomendáveis, mas não pretenda defini-los, pois a educação, como o cultivo da terra, as técnicas da indústria, os meios de cuidar da saúde não são assuntos de lei, mas da experiência e da ciência.

Fixado que seja o critério de que a lei não faz, não cria a educação, desaparecerá a corrida junto aos poderes públicos para *equiparar*, *reconhecer e oficializar* a educação, a fim de que valha ela, independente de sua eficiência e dos seus resultados, e assim se extinguirá um dos meios de identificar a educação com a simples aquisição de vantagens e privilégios, mediante o cumprimento de formalidades.

Quem, porém, julgará os resultados da educação?

- Os próprios professôres, pelos processos reconhecidos, pela experiência e pela ciência, para se fazerem tais avaliações.

Apenas, os seus julgamentos, ao medir e apreciar o processo de educação elaborado sob a sua direção, nunca poderão ter o valor de sentenças passadas em julgado em instância suprema. Para valer para terceiros, isto é, para outras escolas ou para agências empregadoras, sejam privadas ou públicas, não há como não permitir novo exame, por professôres outros que não os que ensinaram e educaram. Por outras palavras, o diploma escolar é uma presunção de preparo e não um atestado de preparo. Pode ser aceito ou não, nunca se negando à instituição que receba o aluno para a continuação dos estudos, ou que o deseje empregar, ou que o vá autorizar a exercer qualquer profissão, o direito a re-examinar o candidato e, à luz do que souber, confirmar-lhe ou negar-lhe a competência presumida.

A transferência para a consciência profissional dos professôres ou educadores, do poder de orientar a formação escolar, dentro das autorizações amplas da lei, não se poderá fazer sem retirar aos diplomas escolares a falsa liquidez que, hoje, se lhe atribui.

Dir-se-á que o Brasil não tem condições para gozar dessa liberdade, que os professôres não têm competência para decidir sôbre o que ensinar nem como ensinar, etc., etc. Ora, se assim fôr, pior é que o possam fazer com a sanção oficial. O que desejamos é dar-lhes liberdade para que o façam do melhor modo que seja possível e os julguemos depois pelos resultados.

A lei estabelecerá os períodos de educação elementar, complementar, média ou secundária, e superior, definirá os grandes tipos e espécies de educação e facultará a sua organizarão, no âmbito oficial e na esfera particular.

Na sua existência real, as escolas constituirão um universo, a ser julgado por processos de classificação profissional, semelhantes aos que servem ao julgamento - permitam que o repita - de hospitais e casas de saúde, de campos e granjas agrícolas, de fábricas e conjuntos industriais, etc., etc.

Não basta, porém, a mudança de conceito da escola para o de instituição profissional e não apenas legal. É necessário, já agora, em vista da sua intenção de promover a democracia, que ela seja, no campo da educação comum, para todos, dominantemente pública.

Não advogamos o monopólio da educação pelo Estado, mas julgamos que todos têm direito à educação pública, e sòmente os que o quiserem é que poderão procurar a educação privada.

Numa sociedade como a nossa, tradicionalmente marcada de profundo espírito de classe e de privilégio, sòmente a escola pública será verdadeiramente democrática e sòmente ela poderá ter um programa de formação comum, sem os preconceitos contra certas formas de trabalho essenciais à democracia.

Na escola pública, como sucede no exército, desaparecerão as diferenças de classe e todos os brasileiros se encontrarão, para uma formação comum, igualitária e unificadora, a despeito das separações que vão, depois, ocorrer.

Exatamente porque a sociedade é de classes é que se faz ainda mais necessário que elas se encontrem, em algum lugar comum, onde os preconceitos e as diferenças não sejam levadas em conta e se crie a camaradagem e até a amizade entre os elementos de uma e outra. Independente da sua qualidade profissional e técnica, a escola pública tem, assim, mais esta função de aproximação social e destruição de preconceitos e prevenções. A escola pública não é invenção socialista nem comunista, mas um daqueles singelos e esquecidos postulados da sociedade capitalista e democrática do século dezenove.

Já todos estamos vendo que *escola pública* não é escola cujo programa e currículo sejam decididos por lei, mas, simplesmente, escola mantida com recursos públicos.

Por ser mantida com recursos públicos, não irá, porém, transformar-se em repartição pública e passar a ser gerida, como se fôsse uma qualquer dependência administrativa ou do poder estatal.

Em qualquer das democracias de tipo anglo-saxônico, a diferença entre professor público e funcionário é perfeitamente marcada. Não sòmente têm estatutos diferentes, como têm estilos, maneiras e modos de ser diferentes. Se me fôsse permitida uma comparação, diria que entre o funcionário civil e o professor público haveria diferença equivalente à que existe entre aquêle e o militar.

Bem sei que também nós admitimos certas diferenças, mas a tendência vem sendo a de uniformizar todos os servidores do Estado. E esta é uma das tendências a combater.

Dentro do espírito de escola como instituição profissional, a escola, quando pública, faz-se uma instituição pública especial, gozando de autonomia diversa da de qualquer pura e simples repartição oficial, pois a dirigem e servem profissionais específicos, que são mais profissionais do que funcionários públicos.

Daí defender eu a administração autônoma das escolas de nível médio e superior e a administração central das escolas de nível elementar. Sòmente às escolas elementares aconselharia a administração central, não, porém, de um centro remoto, mas, da sede do município, enquanto não podemos chegar à sede distrital.

Faz-se confusão com o que venho chamando *municipalização* do ensino primário. Julgo, em nosso regime constitucional, a educação uma função dos Estados, sujeitos êstes tão-só à lei de bases e diretrizes da União - espécie de constituição para a educação em todo o país. A administração local, que propugno para as escolas elementares, e a autonomia das escolas médias não importam em nenhuma subordinação do ensino pròpriamente a qualquer *soberania* municipal, mas em um *plano de cada Estado* de confiar a administração das escolas a órgãos locais, subordinados êstes ao Estado pela formação do magistério, que a êle Estado competiria, privativamente, e pelo custeio das escolas, pois, a quota-aluno com que contribuiria o Estado seria, em quase todos os casos, superior à quota-aluno municipal, importando isto, sem dúvida, na possibilidade de contrôle que os Estados julgassem necessário.

O Estado é que *confiaria* a órgãos locais, previstos na lei orgânica dos municípios ou numa lei orgânica de educação, a administração, - por motivos de expediente, pois o órgão local seria mais eficiente do que o órgão estadual, distante na gerência da escola; por motivos sociais, pois assim melhor se caracterizaria a natureza local da instituição e o seu enraizamento na cultura local; e ainda por motivos econômicos, pois isto permitiria a adaptação da escola aos níveis econômicos locais.

A nova escola pública, de administração municipal, ou autônoma, não deixaria, assim, de ser *estadual* - pelo professor, formado e licenciado pelo Estado, embora nomeado pelo órgão local, pela assistência técnica e pelo livro didático e material de ensino, elaborados sem dúvida no âmbito do Estado em seu conjunto. E, permitam-me ainda dizer, não deixaria de ser *federal* - pela obediência à lei nacional de bases e diretrizes e, ainda, talvez, pelo auxílio financeiro e a assistência técnica que os órgãos federais lhe viessem a prestar.

Julgo que a nossa maquinaria administrativa centralizada para a direção das escolas é um dos resíduos do período dualístico de nossa sociedade, sempre a julgar que sòmente certa elite seria capaz de governar e dirigir, elite esta que se entrincheiraria tanto nos quadros estaduais como nos federais.

De qualquer modo, porém, o plano que propugno, em nenhum ou por nenhum dos seus aspectos, impede que as possíveis elites estaduais ou federais continuem a exercer a sua influência, praza aos céus que salutar!

Com tais alterações, aparentemente simples, mas do mais largo alcance, desejaríamos, como acentuamos, fortalecer algumas tendências e corrigir outras da nossa expansão educacional.

a) Fortaleceríamos o desejo de oportunidades educacionais, facultando a organização de escolas na medida das fôrças locais, a serem julgadas pelo seu mérito, mediante sistema de "classificação" *a posteriori.*

b) Libertaríamos, assim, a escola das rígidas prisões legais que convidam à fraude, e estimularíamos as iniciativas honestas e sérias, estabelecendo uma ampla equivalência entre os diversos tipos de escola, baseada no número de anos de estudos e nos resultados obtidos ou eficiência demonstrada, mais no sentido de amadurecimento intelectual e social do que de identidade das informações adquiridas.

c) Incentivaríamos o estudo da educação, nos seus múltiplos e diversos aspectos, já que não haveria modelos uniformes e rígidos a seguir e teriam todos liberdade e responsabilidade no que viessem a empreender e efetivamente realizar.

d) Abandonariam diretores, professôres e alunos a corrida por vantagens pessoais de tôda ordem, pois o ensino deixaria de ser oportunidade para exercício de habilidades e simulações para se tornar um trabalho, interessante por certo, mas sujeito às leis severas do seu próprio sucesso.

e) Ajustaríamos as escolas às condições locais, sendo de esperar que se transformassem em motivo de emulação e orgulho das comunidades a que servem e que, a seu turno, lhes dariam apoio estimulante.

f) Pela descentralização e autonomia, daríamos meios eficazes para a administração mais eficiente das escolas e responsabilidade dignificante a diretores e professôres, que não estariam trabalhando em obediência a ordens distantes, mas sob a inspiração dos seus próprios estudos e competência profissional.

g) A flexibilidade necessàriamente impressa ao processo educativo melhor o aparelharia para atender às diferenças individuais, inclusive quanto à marcha da aprendizagem dos alunos e à verificação dessa aprendizagem.

h) Os órgãos estaduais e federais, libertos dos deveres de administração das escolas, poderiam entregar-se ao estudo dos sistemas escolares e dar às escolas melhor assistência técnica, atuando para a sua homogeneidade pela difusão dos melhores métodos e objetivos, cuja adoção promovessem por persuasão e consentimento, e não por imposição.

Em suma, as medidas aqui sugeridas e outras, que possam ser propostas, se destinariam a aumentar e até fortalecer, mais ainda, se possível, o ímpeto atual da expansão escolar brasileira, impedindo-a, ademais, de se fazer um movimento de dissolução, com o retirar-lhe tôda e qualquer vantagem ilegítima ou antecipadamente garantida, submetendo todo o processo educativo ao teste final dos resultados.

A lei de bases e diretrizes que o Congresso Nacional terá de votar fixaria as linhas gerais do sistema escolar brasileiro, contínuo e público, com uma escola primária de seis anos, uma escola média de sete ou cinco, conforme incorporasse, ou não, os dois anos complementares da escola primária de seis, o colégio universitário e o ensino superior. E, concomitantemente, se cuidaria de evitar que continuassem estanques ou sem oportunidades de equivalência e transferências as escolas de grau médio com caráter especializado, profissional, qualquer que fôsse.

Com a administração local, ou autônoma, por instituição, quando médias ou superiores - as escolas do Brasil seriam um grande universo diversificado e em permanente experimentação, podendo sempre melhorar, vivificado pela liberdade e responsabilidade de cada pequeno sistema local ou de cada instituição, e a buscar, pela assistência técnica do Estado e da União, atingir gradualmente a unidade de objetivos e a equivalência de nível, sem perda das características locais, pela própria qualidade do ensino ministrado.

Abusos e erros, por certo, continuariam a existir, mas sem o horror da assegurada sanção oficial e, por serem de responsabilidade pessoal e local, sempre limitados ou não generalizados e com a possibilidade de se corrigirem, senão espontâneamente, pelo menos graças ao jôgo de influências exercidas pela assistência técnica, sôbre os serviços locais de educação.

Resta o mais difícil: os recursos financeiros.

Criada a consciência da necessidade de educação, esclarecido o seu caráter de reivindicação social por excelência, acredito que não fôsse difícil estabelecer, com as percentagens previstas na Constituição, os fundos de educação municipais, estaduais e federal. Tais fundos, administrados autônomamente, iriam dar o mínimo de recursos, que o próprio êxito dos serviços educacionais faria crescer cada vez mais. (*)

A sua distribuição inteligente iria, de qualquer modo, permitir o crescimento gradual dos sistemas escolares, transformados nos serviços maiores das comunidades, contando com o concurso de fôrças locais, fôrças estaduais e fôrças federais para o seu constante desenvolvimento.

* * *

Não desejo terminar a análise e o apêlo que esta palestra encerra ou significa, sem uma palavra mais direta sôbre a escola primária, embora estivesse ela, explícita ou implìcitamente, sempre presente no meu pensamento e em tôdas as palavras até aqui proferidas, pois ela é o fundamento, a base da educação de tôda a nação. Dela é que depende o destino ulterior de tôda a cultura de um povo moderno. Se de outras se pode prescindir e a algumas nem sempre se pode atingir, ninguém dela deve ser excluído, sob qualquer pretexto, sendo para todos imprescindível. Façamo-la já de todos e para todos.

Em épocas passadas, a cultura de um país podia basear-se em suas universidades. As civilizações fundadas em elites cultas e povos ignorantes prescindiram da escola primária. As sociedades constituídas por privilegiados e multidões subjugadas também sempre prescindiram da cultura popular.

As democracias, porém, sendo regimes de igualdade social e povos unificados, isto é, com igualdade de direitos individuais e sistema de governo de sufrágio universal, não podem prescindir de uma sólida educação comum, a ser dada na escola primária, de currículo completo e dia letivo integral, destinada a preparar o cidadão nacional e o trabalhador ainda não qualificado e, além disto, estabelecer a base igualitária de oportunidades, de onde irão partir todos, sem limitações hereditárias ou quaisquer outras, para os múltiplos e diversos tipos de educação semi-especializada e especializada, ulteriores à educação primária.

Nos países econômicamente desenvolvidos, até a educação média, imediatamente posterior à primária, está se fazendo também comum e básica. E a tanto também nós tendemos e devemos mesmo aspirar.

Por enquanto, porém, apenas podemos pensar na educação primária, como obrigatória, já estendida, contudo, aos seis anos, o mínimo para uma civilização que começa a industrializar-se.

A educação comum, para todos, já não pode ficar circunscrita à alfabetização ou à transmissão mecânica das três técnicas básicas da vida civilizada - ler, escrever e contar. Já precisa formar, tão sòlidamente quanto possível, embora em nível elementar, nos seus alunos, hábitos de competência executiva, ou seja eficiência de ação; hábitos de sociabilidade, ou seja interêsse na companhia de outros, para o trabalho ou o recreio; hábitos de gôsto, ou seja de apreciação da excelência de certas realizações humanas (arte) ; hábitos de pensamento e reflexão (método intelectual) e sensibilidade de consciência para os direitos e reclamos seus e de outrem. (*)

Vejam bem que não se insiste na quantidade de informação (instrução) que a escola primária vá dar ao seu aluno; mas, por outro lado, o que se lhe pede é muito mais do que isto. Daí, o corolário imperioso: sendo a escola primária a escola por excelência formadora, sobretudo porque não estamos em condições de oferecer a tôda a população mais do que ela, está claro que, entre tôdas as escolas, a primária, pelo menos, não pode ser de tempo parcial. Sòmente escolas destinadas a fornecer informações ou certos limitados treinamentos mecânicos podem ainda admitir o serem de tempo parcial.

A escola primária, visando, acima de tudo, a formação de hábitos de trabalho, de convivência social, de reflexão intelectual, de gôsto e de consciência não pode limitar as suas atividades a menos que o dia completo. Devem e precisam ser de tempo integral para os alunos e servidas por professôres de tempo integral.

Êste congresso não se deveria encerrar sem uma solene declaração de princípios, em que o professorado paulista tomasse sôbre os ombros a responsabilidade de promover a recuperação da escola primária integral para São Paulo e dar o sinal para a mesma recuperação em todo o país, redefinindo-lhe os objetivos, os métodos e a duração, e traçando o plano para a sua efetivação.

A escola primária de seis (6) anos, em dois ciclos, o elementar de 4 e o complementar de 2, com seis horas mínimas de dia escolar, 240 dias letivos por ano e professôres e alunos de tempo integral, isto é, proibidos de acumular com a função de ensino qualquer outra ocupação, que não fôsse estritamente correlativa com o seu mister de professor primário, êstes seriam os alvos a atingir, digamos, dentro de cinco anos.

Um alvo suplementar, mas igualmente indispensável, seria o da formação do magistério, tornando-se obrigatório que, dentro dos cinco anos do plano, pelo menos um décimo (1/10) do professorado primário tivesse a sua formação completada com dois anos de estudos, em nível superior. Por outras palavras, a formação do magistério primário se faria, em duas etapas, a atual de nível médio, para o início da carreira, e dois anos complementares, de nível portanto superior, para a sua continuação em exercício, depois de cinco anos probatórios. Êsses dois anos de estudo se fariam ou em cursos regulares de férias, ou, pelo afastamento do exercício, dentro dos cinco anos iniciais, em cursos regulares. De sorte que, tão depressa quanto possível, pudesse o professorado contar, em cada nove professôres de formação média, com um de formação superior, que, como supervisor, os assistisse e guiasse, nos variados trabalhos escolares.

Estas, as etapas *mínimas* a serem conquistadas no plano quinquenal para a educação primária, que aqui poderia ser apresentado, como o plano de Ribeirão Prêto ou plano de São Paulo.

Não me direis que faltam recursos para tal plano, em um país cujos aumentos de salários orçam por dezenas de bilhões de cruzeiros. Faltará, talvez, prioridade para as despesas necessárias, e só isto. Não será, porém, uma tal prioridade a que deve ser, a que vai ficar definida no Congresso, para cujos componentes e à margem de cujas deliberações, estou tendo a honra de falar?

A declaração que aqui se deverá fazer será uma declaração de consciência profissional, pela qual o magistério primário de São Paulo, desprendendo-se de reivindicações até agora excessivamente limitadas, afirmará à Nação e ao Estado, em tôda a sua amplitude, as condições educacionais em que poderá trabalhar, para conduzir a maior tarefa que um povo, uma nação, pode distribuir a um corpo de seus servidores: a da formação básica do brasileiro, para a sua grande aventura social de construção do Brasil.

Não desmerecemos nenhum dos esforços para a educação ulterior à primária, mas reivindicamos a prioridade número um, à escola de que dependem tôdas as escolas - a escola primária.

TESTESErro! Indicador não definido.

1) As formas culturalmente dadas serão ao longo do processo de desenvolvimento ....., segundo Vygotsky, pelo indivíduo, e se constituirão no material ..... que fará a mediação entre o sujeito e o objetivo do conhecimento. Assinale a alternativa correta:

a) internalizados, operatórios;
b) apropriados, concreto;
c) internalizados, simbólico.
d) apropriados, simbólico.

2) Vygotsky distingue os conceitos "cotidianos" ou ëspontâneos" (experiência relativa) dos conceitos "científicos", como parte de um sistema organizado de conhecimentos, onde as crianças são submetidas a processos deliberados de ..... escolar. Assinale a alternativa correta:

a) educação; b) instrução;
c) aprendizagem; d) ensino.

3) Em Wallon, o grande eixo é a questão da .....; os outros surgem porque Wallon não consegue dissocia-lo do funcionamento da pessoa. Assinale correta:

a) moral;
b) afetividade;
c) inteligência;
d) motricidade;

4) A teoria da emoção em Wallon tem nítida inspiração:

a) piagetiana; b) mendelista;
c) darwinista; d) motricidade.

5) A caracterização que Wallon apresenta da atividade emocional á complexada e ..... . Ela é simultaneamente social e ..... em sua natureza; realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa ....., racional, que só pode ser atingida através da meditação cultural, isto é social. Assinale a alternativa correta:

a) paradoxal, cognitiva.
b) sintética, cognitiva
c) paradoxal, afetiva.
d) sintética, afetiva.

6) Um processo de urbanização acelerado transferiu a maioria absoluta de nossa população das áreas rurais para as cidades, sendo que a demanda por serviços públicos nos setores de educação, saúde, habitação, infra-estrutura urbana etc, tornou-se incapaz de atender a demanda.

a) na década de 80 b) nos últimos trinta anos
c) desde o século passado d) n.d.a.

7) O modelo econômico implantado no país privilegiou a organização de condições para a produção capitalista industrial:

a) A partir de 1964
b) na década de 90
c) a partir da Revolução Industrial
d) nos anos 70

8) É um projeto deliberado de exclusão e dominação social que precisa ser derrotado, para não ficarmos permanentemente aprisionados no maniqueísmo mercantil ou na disfarçada delinquência estatal. Estamos nos referindo:

a) a ditadura militar b) ao neoliberalismo
c) ao colapso social d) a crise na educação

9) Na Educação, alguns dos efeitos da superpopulação nos centros rurais foram desastrosos. Qual dos itens abaixo não se enquadra nesta afirmação.

a) depauperação do instrumental didático-pedagógico nas unidades escolares
b) ingresso massivo de educadores sem formação apropriada
c) aumento do número de escolas
d) imposição de projeto de profissionalização discente universal e compulsória

10) O aumento da quantidade de cidadãos na escola pública leva a uma queda:

a) do investimento no aluno
b) da qualidade de ensino
c) da renda percapita
d) n.d.a.

11. Qual é a base de sustentação da Pedagogia da Autonomia?

a) A autonomia do professor para ministrar sua aula sem a intervenção da coordenação.
b) A autonomia dos alunos como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.
c) Os pais ganham autonomia para acompanhar as atividades das crianças.
d) Os alunos ganham autonomia, exceto quando o professor está falando.

12. Assinale a firmação falsa:

a) O professor deve ler muito para adquirir conhecimento e repassá-los.
b) O professor deve ser o primeiro a fazer aquilo que fala, sendo exemplo.
c) Ensinar exige o reconhecimento e aceitação da realidade cultural do aluno.
d) O professor deve pesquisar para manter-se atualizado.

13. O professor deve manter uma postura:

a) autoritária para que a sala não fuja do tema da aula.
b) de liberdade para que os alunos sintam-se livres para dar sua opinião.
c) de autoridade e liberdade juntas para que haja disciplina.
d) hierárquica, mostrando quem manda.

14. O professor que não prepara a sua aula

a) Improvisa sua fala partindo dos seus conhecimentos prévios.
b) Perde a força moral para coordenar as atividades de sua classe.
c) Pede uma redação para passar o tempo.
d) n.d.a.

15. A maneira de falar de cima para baixo utilizada por muitos professores mostra:

a) Que o professor deve falar a norma culta para demonstrar sua sabedoria.
b) Se o professor falar fora da linguagem padrão, os alunos perderão a confiança nele.
c) Desconsideração total pela formação do ser humana e relação igualitária entre os dois.
d) Relação de hierarquia, gosto elitista e falta de afetividade com o aluno.

16) A educação inclusiva consiste:

a) somente na reestruturação das escolas;
b) somente na inclusão dos portadores de necessidades especiais na rede regular de ensino;
c) somente na exclusão dos portadores de necessidades especiais na rede regular de ensino;
d) num processo complexo que envolve a sociedade como um todo, a fim de propiciar o direito a educação igualitária sem distinção entre os desiguais com igualdade de oportunidades, escolas de qualidades, harmonia e integração entre educadores e educandos e participação de todos no processo pedagógico;
e) num processo complexo que envolve a sociedade como um todo, a fim de propiciar o direito a educação igualitária sem distinção entre os desiguais com igualdade de oportunidades.

17) A exclusão escolar se dá principalmente:

a) por falta de vagas na rede pública de ensino regular;
b) por somente os nobres e o clero terem direito à educação;
c) pela exclusão social, que envolve pobreza, insegurança, violência, preconceitos definidos pela própria sociedade do que é normal e do que é anormal, pela falta de integração, motivação e sintonia entre o saber e o aprender;
d) pela falta de capacitação adequada dos educandos;
e) todas estão corretas.

18) A Proposta de Educação para Todos elaborada pela UNESCO norteia-se nos quatro pilares de sustentabilidade. São eles:

a) inclusão escolar; exclusão social; vagas nas escolas e ambiente homogêneo;
b) aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a ser e aprender a viver junto;
c) ambiente heterogêneo de ensino; evasão escolar; participação restrita aos educandos e educadores e motivação;
d) melhores salários; tecnologia a disposição da escola; integração e responsabilidade;
e) aprender a aprender; aprender a ler; aprender a escrever e aprender a viver junto;

19) É certo que a política pedagógica de educação inclusiva encontra inúmeras barreiras para a sua eficaz implementação. Como principal responsável pela remoção destas barreiras, é certo afirmar:

a) os professores são os grandes responsáveis pela extinção destas barreiras;
b) Todos somos responsáveis pela remoção das barreiras, incluindo-se: alunos, professores, administradores e gestores públicos, legisladores, Poder Judiciário, e enfim, todos os indivíduos que coletivamente unidos, dão surgimento a uma sociedade;
c) a administração pública é o grande responsável pela remoção destas barreiras;
d) o excesso de leis e conflito entre elas são os grandes responsáveis pela remoção destas barreiras;
e) Os pais, os professores e a sociedade.

20) A Lei 9.394/96 (LDB) disciplina e regula:

a) a elaboração de um projeto político-pedagógico para as escolas com as diretrizes a serem adotadas;
b) A construção de escolas para portadores de necessidades especiais;
c) O aperfeiçoamento de capacitação dos professores;
d) A abertura de vagas adicionais aos alunos excepcionais na rede regular de ensino;
e) Todas alternativas estão corretas.

GABARITO

1. C
2. B
3. D
4. C
5. A
6. B
7. A
8. D
9. C
10. B
11. B
12. A
13. C
14. B
15. D
16. D
17. C
18. B
19. B
20. A

Publicações Institucionais

1. BRASIL. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, MEC/SEESP, 2008.

I – APRESENTAÇÃO

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas.

Nesta perspectiva, o Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial apresenta a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que acompanha os avanços do conhecimento e das lutas sociais, visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos.

II - MARCOS HISTÓRICOS E NORMATIVOS

A escola historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da educação se evidencia o paradoxo inclusão/exclusão, quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar.

A partir da visão dos direitos humanos e do conceito de cidadania fundamentado no reconhecimento das diferenças e na participação dos sujeitos, decorre uma identificação dos mecanismos e processos de hierarquização que operam na regulação e produção das desigualdades. Essa problematização explicita os processos normativos de distinção dos alunos em razão de características intelectuais, físicas, culturais, sociais e linguísticas, entre outras, estruturantes do modelo tradicional de educação escolar.

A educação especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levaram a criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. Essa organização, fundamentada no conceito de normalidade/anormalidade, determina formas de atendimento clínico terapêuticos fortemente ancorados nos testes psicométricos que definem, por meio de diagnósticos, as práticas escolares para os alunos com deficiência.

No Brasil, o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, atual Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro. No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi - 1926, instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954 é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE e; em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.

Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 4.024/61, que aponta o direito dos "excepcionais" à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino.

A Lei nº. 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, ao definir 'tratamento especial' para os alunos com "deficiências físicas, mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados", não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender as necessidades educacionais especiais e acaba reforçando o encaminhamento dos alunos para as classes e escolas especiais.

Em 1973, é criado no MEC, o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, responsável pela gerência da educação especial no Brasil, que, sob a égide integracionista, impulsionou ações educacionais voltadas às pessoas com deficiência e às pessoas com superdotação; ainda configuradas por campanhas assistenciais e ações isoladas do Estado.

Nesse período, não se efetiva uma política pública de acesso universal à educação, permanecendo a concepção de 'políticas especiais' para tratar da temática da educação de alunos com deficiência e, no que se refere aos alunos com superdotação, apesar do acesso ao ensino regular, não é organizado um atendimento especializado que considere as singularidades de aprendizagem desses alunos.

A Constituição Federal de 1988 traz como um dos seus objetivos fundamentais, "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" (art.3º inciso IV). Define, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a "igualdade de condições de acesso e permanência na escola" , como um dos princípios para o ensino e, garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº. 8.069/90, artigo 55, reforça os dispositivos legais supracitados, ao determinar que "os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino". Também, nessa década, documentos como a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994), passam a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva.

Em 1994, é publicada a Política Nacional de Educação Especial, orientando o processo de 'integração instrucional' que condiciona o acesso às classes comuns do ensino regular àqueles que "(...) possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais". (p.19). Ao reafirmar os pressupostos construídos a partir de padrões homogêneos de participação e aprendizagem, a Política não provoca uma reformulação das práticas educacionais de maneira que sejam valorizados os diferentes potenciais de aprendizagem no ensino comum, mantendo a responsabilidade da educação desses alunos exclusivamente no âmbito da educação especial.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, no artigo 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades; assegura a terminalidade específica àqueles que não atingiram o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências e; a aceleração de estudos aos superdotados para conclusão do programa escolar. Também define, dentre as normas para a organização da educação básica, a "possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado" (art. 24, inciso V) e "[...] oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames" (art. 37).

Em 1999, o Decreto nº 3.298 que regulamenta a Lei nº 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

Acompanhando o processo de mudanças, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001).

As Diretrizes ampliam o caráter da educação especial para realizar o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar a escolarização, porém, ao admitir a possibilidade de substituir o ensino regular, não potencializa a adoção de uma política de educação inclusiva na rede pública de ensino prevista no seu artigo 2º.

O Plano Nacional de Educação - PNE, Lei nº 10.172/2001, destaca que "o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana". Ao estabelecer objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, aponta um déficit referente à oferta de matrículas para alunos com deficiência nas classes comuns do ensino regular, à formação docente, à acessibilidade física e ao atendimento educacional especializado.

A Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, afirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência, toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. Esse Decreto tem importante repercussão na educação, exigindo uma reinterpretação da educação especial, compreendida no contexto da diferenciação adotada para promover a eliminação das barreiras que impedem o acesso à escolarização.

Na perspectiva da educação inclusiva, a Resolução CNE/CP nº1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, define que as instituições de ensino superior devem prever em sua organização curricular formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.

A Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia.

A Portaria nº 2.678/02 aprova diretriz e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do Sistema Braille em todas as modalidades de ensino, compreendendo o projeto da Grafia Braile para a Língua Portuguesa e a recomendação para o seu uso em todo o território nacional.

Em 2003, o Ministério da Educação cria o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, visando transformar os sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, que promove um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, a organização do atendimento educacional especializado e a promoção da acessibilidade.

Em 2004, o Ministério Público Federal divulga o documento O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular, com o objetivo de disseminar os conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão, reafirmando o direito e os benefícios da escolarização de alunos com e sem deficiência nas turmas comuns do ensino regular.

Impulsionando a inclusão educacional e social, o Decreto nº 5.296/04 regulamentou as leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00, estabelecendo normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Nesse contexto, o Programa Brasil Acessível é implementado com o objetivo de promover e apoiar o desenvolvimento de ações que garantam a acessibilidade.

O Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, visando a inclusão dos alunos surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular.

Em 2005, com a implantação dos Núcleos de Atividade das Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S em todos os estados e no Distrito Federal, são formados centros de referência para o atendimento educacional especializado aos alunos com altas habilidades/superdotação, a orientação às famílias e a formação continuada aos professores. Nacionalmente, são disseminados referenciais e orientações para organização da política de educação inclusiva nesta área, de forma a garantir esse atendimento aos alunos da rede pública de ensino.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em 2006, da qual o Brasil é signatário, estabelece que os Estados Parte devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social compatível com a meta de inclusão plena, adotando medidas para garantir que:

As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência;

As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem (Art.24).

Em 2006, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, o Ministério da Educação, o Ministério da Justiça e a UNESCO lançam o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos que objetiva, dentre as suas ações, fomentar, no currículo da educação básica, as temáticas relativas às pessoas com deficiência e desenvolver ações afirmativas que possibilitem inclusão, acesso e permanência na educação superior.

Em 2007, no contexto com o Plano de Aceleração do Crescimento - PAC, é lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, reafirmado pela Agenda Social de Inclusão das Pessoas com Deficiência, tendo como eixos a acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares, a implantação de salas de recursos e a formação docente para o atendimento educacional especializado.

No documento Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas, publicado pelo Ministério da Educação, é reafirmada a visão sistêmica da educação que busca superar a oposição entre educação regular e educação especial.

Contrariando a concepção sistêmica da transversalidade da educação especial nos diferentes níveis, etapas e modalidades de ensino, a educação não se estruturou na perspectiva da inclusão e do atendimento às necessidades educacionais especiais, limitando, o cumprimento do princípio constitucional que prevê a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e a continuidade nos níveis mais elevados de ensino (2007, p. 09).

O Decreto nº 6.094/2007 estabelece dentre as diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas.

III - DIAGNÓSTICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

O Censo Escolar/MEC/INEP, realizado anualmente em todas as escolas de educação básica, acompanha, na educação especial, indicadores de acesso à educação básica, matrícula na rede pública, inclusão nas classes comuns, oferta do atendimento educacional especializado, acessibilidade nos prédios escolares e o número de municípios e de escolas com matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais.

A partir de 2004, com a atualização dos conceitos e terminologias, são efetivadas mudanças no Censo Escolar, que passa a coletar dados sobre a série ou ciclo escolar dos alunos atendidos pela educação especial, possibilitando, a partir destas informações que registram a progressão escolar, criar novos indicadores acerca da qualidade da educação.

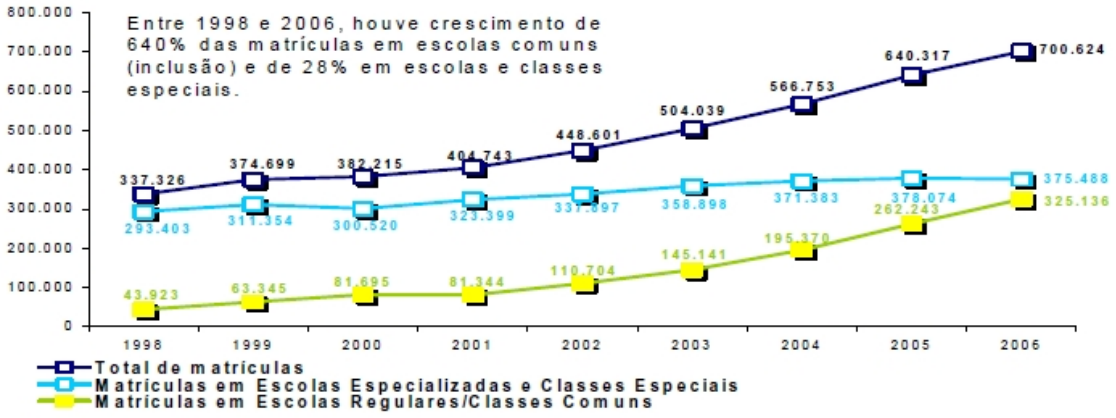

Os dados do Censo Escolar/2006, na educação especial, registram a evolução de 337.326 matrículas em 1998 para 700.624 em 2006, expressando um crescimento de 107%. No que se refere à inclusão em classes comuns do ensino regular, o crescimento é de 640%, passando de 43.923 alunos incluídos em 1998, para 325.316 alunos incluídos em 2006, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Quanto à distribuição das matrículas nas esferas pública e privada, em 1998, registra-se 157.962 (46,8%) alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas privadas, principalmente em instituições especializadas filantrópicas. Com o desenvolvimento de políticas de educação inclusiva, evidencia-se um crescimento de 146% das matrículas nas escolas públicas, que passaram de 179.364 (53,2%) em 1998, para 441.155 (63%) em 2006, conforme demonstra o gráfico a seguir:

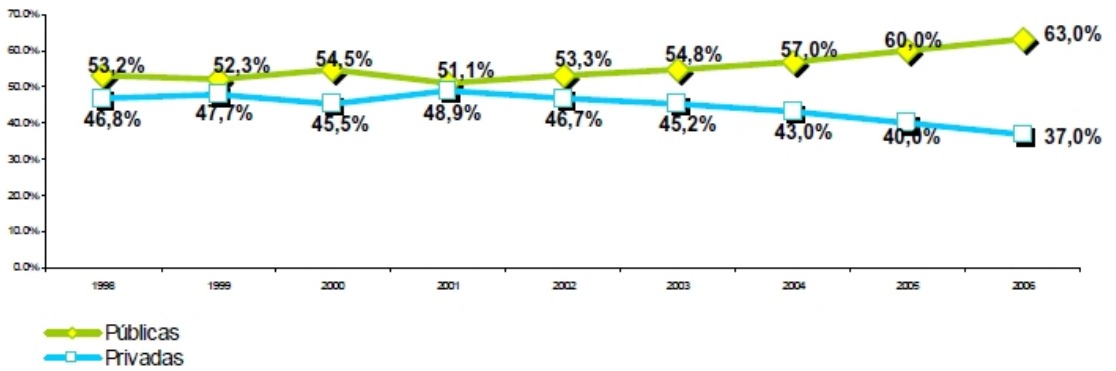

Com relação à distribuição das matrículas por etapa e nível de ensino, em 2006: 112.988 (16%) são na educação infantil, 466.155 (66,5%) no ensino fundamental, 14.150 (2%) no ensino médio, 58.420 (8,3%) na educação de jovens e adultos, 46.949 (6,7%) na educação profissional (básico) e 1.962 (0,28%) na educação profissional (técnico).

No âmbito da educação infantil, as matrículas concentram-se nas escolas/classes especiais que registram 89.083 alunos, enquanto apenas 24.005 estão matriculados em turmas comuns, contrariando os estudos nesta área que afirmam os benefícios da convivência e aprendizagem entre crianças com e sem deficiência desde os primeiros anos de vida para o seu desenvolvimento.

O Censo das matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais na educação superior registra que, entre 2003 e 2005, o número de alunos passou de 5.078 para 11.999 alunos. Este indicador, apesar do crescimento de 136% das matrículas, reflete a exclusão educacional e social, principalmente das pessoas com deficiência, salientando a necessidade de promover a inclusão e o fortalecimento das políticas de acessibilidade nas instituições de educação superior.

A evolução das ações da educação especial nos últimos anos se expressa no crescimento do número de municípios com matrículas, que em 1998 registra 2.738 municípios (49,7%) e, em 2006 alcança 4.953 municípios (89%), um crescimento de 81%. Essa evolução também revela o aumento do número de escolas com matrícula, que em 1998 registra apenas 6.557 escolas e chega a 54.412 escolas em 2006, representando um crescimento de 730%. Destas escolas com matrícula em 2006, 2.724 são escolas especiais, 4.325 são escolas comuns com classe especial e 50.259 são escolas comuns com inclusão nas turmas de ensino regular.

O indicador de acessibilidade arquitetônica em prédios escolares, em 1998, aponta que 14% dos 6.557 estabelecimentos de ensino com matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais possuíam sanitários com acessibilidade. Em 2006, das 54.412 escolas com matrículas de alunos atendidos pela educação especial, 23,3% possuíam sanitários com acessibilidade e 16,3% registraram ter dependências e vias adequadas (indicador não coletado em 1998).

Em relação à formação dos professores com atuação na educação especial, em 1998, 3,2% possuíam ensino fundamental; 51% possuíam ensino médio e 45,7% ensino superior. Em 2006, dos 54.625 professores que atuam na educação especial, 0,62% registraram somente ensino fundamental, 24% registraram ensino médio e 75,2% ensino superior. Nesse mesmo ano, 77,8% destes professores, declararam ter curso específico nessa área de conhecimento.

IV - OBJETIVO DA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilida-

des/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

V - ALUNOS ATENDIDOS PELA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Por muito tempo perdurou o entendimento de que a educação especial organizada de forma paralela à educação comum seria mais apropriada para a aprendizagem dos alunos que apresentavam deficiência, problemas de saúde, ou qualquer inadequação com relação à estrutura organizada pelos sistemas de ensino. Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da educação especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, em contraposição à dimensão pedagógica.

O desenvolvimento de estudos no campo da educação e a defesa dos direitos humanos vêm modificando os conceitos, as legislações e as práticas pedagógicas e de gestão, promovendo a reestruturação do ensino regular e especial. Em 1994, com a Declaração de Salamanca se estabelece como princípio que as escolas do ensino regular devem educar todos os alunos, enfrentando a situação de exclusão escolar das crianças com deficiência, das que vivem nas ruas ou que trabalham, das superdotadas, em desvantagem social e das que apresentam diferenças linguísticas, étnicas ou culturais.

O conceito de necessidades educacionais especiais, que passa a ser amplamente disseminado, a partir dessa Declaração, ressalta a interação das características individuais dos alunos com o ambiente educacional e social, chamando a atenção do ensino regular para o desafio de atender as diferenças. No entanto, mesmo com essa perspectiva conceitual transformadora, as políticas educacionais implementadas não alcançaram o objetivo de levar a escola comum a assumir o desafio de atender as necessidades educacionais de todos os alunos.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos.

Consideram-se alunos com deficiência àqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. Dentre os transtornos funcionais específicos estão: dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, transtorno de atenção e hiperatividade, entre outros.

As definições do público alvo devem ser contextualizadas e não se esgotam na mera categorização e especificações atribuídas a um quadro de deficiência, transtornos, distúrbios e aptidões. Considera-se que as pessoas se modificam continuamente transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, enfatizando a importância de ambientes heterogêneos que promovam a aprendizagem de todos os alunos.

VI - DIRETRIZES DA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os serviços e recursos próprios desse atendimento e orienta os alunos e seus professores quanto a sua utilização nas turmas comuns do ensino regular.

O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.

O atendimento educacional especializado disponibiliza programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização, ajudas técnicas e tecnologia assistiva, dentre outros. Ao longo de todo processo de escolarização, esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum.

A inclusão escolar tem início na educação infantil, onde se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança. Do nascimento aos três anos, o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de intervenção precoce que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social.

Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino e deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional.

Desse modo, na modalidade de educação de jovens e adultos e educação profissional, as ações da educação especial possibilitam a ampliação de oportunidades de escolarização, formação para a inserção no mundo do trabalho e efetiva participação social.

A interface da educação especial na educação indígena, do campo e quilombola deve assegurar que os recursos, serviços e atendimento educacional especializado estejam presentes nos projetos pedagógicos construídos com base nas diferenças socioculturais desses grupos.

Na educação superior, a transversalidade da educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação dos alunos. Estas ações envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvem o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para a inclusão dos alunos surdos, nas escolas comuns, a educação bilíngue - Língua Portuguesa/LIBRAS, desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado é ofertado, tanto na modalidade oral e escrita, quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, na medida do possível, o aluno surdo deve estar com outros pares surdos em turmas comuns na escola regular.

O atendimento educacional especializado é realizado mediante a atuação de profissionais com conhecimentos específicos no ensino da Língua Brasileira de Sinais, da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, do sistema Braille, do soroban, da orientação e mobilidade, das atividades de vida autônoma, da comunicação alternativa, do desenvolvimento dos processos mentais superiores, dos programas de enriqueci-

mento curricular, da adequação e produção de materiais didáticos e pedagógicos, da utilização de recursos ópticos e não ópticos, da tecnologia assistiva e outros.

Cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/intérprete de Libras e guia intérprete, bem como de monitor ou cuidador aos alunos com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras que exijam auxílio constante no cotidiano escolar.

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial.

Esta formação deve contemplar conhecimentos de gestão de sistema educacional inclusivo, tendo em vista o desenvolvimento de projetos em parceria com outras áreas, visando à acessibilidade arquitetônica, os atendimentos de saúde, a promoção de ações de assistência social, trabalho e justiça.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 5.692, de 11 de agosto de 1971.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 7.853, de 24 de outubro de 1989.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. UNESCO, Jomtiem/Tailândia, 1990.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº 10.048, de 08 de novembro de 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. 19

BRASIL. Decreto Nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Guatemala: 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais – orientações gerais e marcos legais. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>. Acesso em: 20 de jan. 2007.

BRASIL. INEP. Censo Escolar, 2006. Disponível em: <http:// http://www.inep.gov.br/basica/censo/default.asp >. Acesso em: 20 de jan. 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas. Brasília: MEC, 2007.

2. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

APRESENTAÇÃO

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política.

Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual e do Trabalho e Consumo.

Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para o seu debate.

Isso não significa que tenham sido criadas novas áreas ou disciplinas. Como você poderá perceber pela leitura deste documento, os objetivos e conteúdos dos Temas Transversais devem ser incorporados nas áreas já existentes e no trabalho educativo da escola. É essa forma de organizar o trabalho didático que recebeu o nome de transversalidade.

O presente texto apresenta a concepção de cidadania e os princípios democráticos que a norteiam, discute a amplitude do trabalho com questões sociais na escola e apresenta a proposta em sua globalidade: a relação de transversalidade entre os temas e as áreas curriculares, assim como sua presença em todo o convívio escolar.

Segue-se um documento para cada tema, expondo as questões que cada um envolve e apontando objetivos e conteúdos para subsidiá-lo na criação de seu planejamento de trabalho e de uma prática educativa coerente com seus objetivos mais amplos.

Secretaria de Educação Fundamental

INTRODUÇÃO

A Constituição da República Federativa do Brasil promulgada em 1988, pela primeira vez na história, inicia a explicitação dos fundamentos do Estado brasileiro elencando os direitos civis, políticos e sociais dos cidadãos. Também coloca claramente que os três poderes constituídos: o Poder Executivo, o Poder Legislativo e o Poder Judiciário são meios — e não fins — que existem para garantir os direitos sociais e individuais.

Os fundamentos do Estado Democrático de Direito são: a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, o pluralismo político (artigo 1º da Constituição Federal).

Constituem objetivos fundamentais da República: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (artigo 3º da Constituição Federal).

Esses são os fundamentos e os princípios: longe de serem expressão de realidades vigentes, correspondem muito mais a metas, a grandes objetivos a serem alcançados. Sabe-se da distância entre as formulações legais e sua aplicação, e da distância entre aquelas e a consciência e a prática dos direitos por parte dos cidadãos. O fundamento da sociedade democrática é a constituição e o reconhecimento de sujeitos de direito. Porém, a definição de quem é ou deve ser reconhecido como sujeito de direito (quem tem direito a ter direitos) é social e histórica e recebeu diferentes respostas no tempo e nas diferentes sociedades.

Por histórico não se entenda progressivo, linear, mas processos que envolveram lutas, rupturas, descontinuidades, avanços e recuos. A ampliação do rol dos direitos a serem garantidos constitui o núcleo da história da modernidade. Dos direitos civis à ampliação da extensão dos direitos políticos para todos, até a conquista dos direitos sociais e culturais: este foi e é um longo e árduo processo.

Tradicionalmente considerava-se que direitos humanos e liberdades fundamentais eram direitos individuais, próprios de cada ser humano, mas não das coletividades.

Atualmente cresce o consenso de que alguns direitos humanos são direitos essencialmente coletivos, como o direito à paz e a um ambiente saudável. Muitos dos direitos que reclamam os povos indígenas, por exemplo, são tanto individuais quanto coletivos, como o direito à terra e a seus recursos, o de não ser vítimas de políticas etnocidas e o de manter suas identidades e suas culturas.

Assim a cidadania deve ser compreendida como produto de histórias sociais protagonizadas pelos grupos sociais, sendo, nesse processo, constituída por diferentes tipos de direitos e instituições. O debate sobre a questão da cidadania é hoje diretamente relacionado com a discussão sobre o significado e o conteúdo da democracia, sobre as perspectivas e possibilidades de construção de uma sociedade democrática.

A democracia pode ser entendida em um sentido restrito como um regime político.

Nessa concepção restrita, a noção de cidadania tem um significado preciso: é entendida como abrangendo exclusivamente os direitos civis (liberdade de ir e vir, de pensamento e expressão, direito à integridade física, liberdade de associação) e os direitos políticos (eleger e ser eleito), sendo que seu exercício se expressa no ato de votar.

Entendida em sentido mais amplo, a democracia é uma forma de sociabilidade que penetra em todos os espaços sociais. Nessa concepção, a noção de cidadania ganha novas dimensões.

A conquista de significativos direitos sociais nas relações de trabalho, previdência social, saúde, educação e moradia, amplia a concepção restrita de cidadania. Os movimentos sociais revelam as tensões que expressam a desigualdade social e a luta pela crescente equidade na participação ou ampliação dos direitos, assim como da relação entre os direitos individuais e os coletivos e da relação entre os direitos civis, políticos, sociais e econômicos com os Direitos Humanos.

A sociedade brasileira carrega uma marca autoritária: já foi uma sociedade escravocrata, além de ter uma larga tradição de relações políticas paternalistas e clientelistas, com longos períodos de governos não democráticos. Até hoje é uma sociedade marcada por relações sociais hierarquizadas e por privilégios que reproduzem um altíssimo nível de desigualdade, injustiça e exclusão social. Na medida em que boa parte da população brasileira não tem acesso a condições de vida digna, encontra-se excluída da plena participação nas decisões que determinam os rumos da vida social (suas regras, seus benefícios e suas prioridades). É nesse sentido que se fala de ausência de cidadania, cidadania excludente ou regulada, caracterizando a discussão sobre a cidadania no Brasil.

Novos atores, novos direitos, novas mediações e novas instituições redefinem o espaço das práticas cidadãs, propondo o desafio da superação da marcante desigualdade social e econômica da sociedade brasileira, com sua consequência de exclusão de grande parte da população na participação dos direitos e deveres. Trata-se de uma noção de cidadania ativa, que tem como ponto de partida a compreensão do cidadão como portador de direitos e deveres, além de considerá-lo criador de direitos, condições que lhe possibilita participar da gestão pública.

Assim, tanto os princípios constitucionais quanto a legislação daí decorrente (como o Estatuto da Criança e do Adolescente) tomam o caráter de instrumentos que orientam e legitimam a busca de transformações na realidade. Portanto, discutir a cidadania do Brasil de hoje significa apontar a necessidade de transformação das relações sociais nas dimensões econômica, política e cultural, para garantir a todos a efetivação do direito de ser cidadão.

Essa tarefa demanda a afirmação de um conjunto de princípios democráticos para reger a vida social e política. No âmbito educativo, são fundamentos que permitem orientar, analisar, julgar, criticar as ações pessoais, coletivas e políticas na direção da democracia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao propor uma educação comprometida com a cidadania, elegeram, baseados no texto constitucional, princípios segundo os quais orientam a educação escolar:

- Dignidade da pessoa humana

Implica em respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas.

- Igualdade de direitos

Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas etc.) e desigualdades (socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada.

- Participação

Como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas etc. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e a ampliação da democracia no Brasil.

- Corresponsabilidade pela vida social

Implica em partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva.

JUSTIFICATIVA

Eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar implica colocar-se explicitamente contra valores e práticas sociais que desrespeitem aqueles princípios, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que os favoreçam. Isso refere-se a valores, mas também a conhecimentos que permitam desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva.

Ao se admitir que a realidade social, por ser constituída de diferentes classes e grupos sociais, é contraditória, plural, polissêmica, e que isso implica na presença de diferentes pontos de vista e projetos políticos, será então possível compreender que seus valores e seus limites são também contraditórios. Por outro lado, a visão de que a constituição da sociedade é um processo histórico permanente, permite compreender que esses limites são potencialmente transformáveis pela ação social. E aqui é possível pensar sobre a ação política dos educadores. A escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução mas também como espaço de transformação.

Essa possibilidade não é dada, nem é automaticamente decorrente da vontade. É antes um projeto de atuação político-pedagógica que implica em avaliar práticas e buscar, explícita e sistematicamente, caminhar nessa direção.

A concretização desse projeto passa pela compreensão de que as práticas pedagógicas são sociais e políticas e de que não se trata de educar para a democracia — para o futuro.

Na ação mesma da educação, educadores e educandos estabelecem uma determinada relação com o trabalho que fazem (ensinar e aprender) e a natureza dessa relação pode conter (em maior ou menor medida) os princípios democráticos.

A relação educativa é uma relação política, por isso a questão da democracia se apresenta para a escola assim como se apresenta para a sociedade. Essa relação se define na vivência da escolaridade em sua forma mais ampla, desde a estrutura escolar, em como a escola se insere e se relaciona com a comunidade, nas relações entre os trabalhadores da escola, na distribuição de responsabilidades e poder decisório, nas relações entre professor e aluno, no reconhecimento dos alunos como cidadãos, na relação com o conhecimento.

A eleição de conteúdos, por exemplo, ao incluir questões que possibilitem a compreensão e a crítica da realidade, ao invés de tratá-los como dados abstratos a serem aprendidos apenas para "passar de ano", oferece aos alunos a oportunidade de se apropriarem deles como instrumentos para refletir e mudar sua própria vida. Por outro lado, o modo como se dá o ensino e a aprendizagem, isto é, as opções didáticas, os métodos, a organização e o âmbito das atividades, a organização do tempo e do espaço que conformam a experiência educativa, ensinam valores, atitudes, conceitos e práticas sociais. Por meio deles pode-se favorecer em maior ou menor medida o desenvolvimento da autonomia e o aprendizado da cooperação e da participação social, fundamentais para que os alunos se percebam como cidadãos. Entretanto, é preciso observar que a contradição é intrínseca a qualquer instituição social e que, ainda que se considerem todas essas questões, não se pode pretender eliminar a presença de práticas e valores contraditórios na atuação da escola e dos educadores. Esse não é um processo simples: não existem receitas ou modelos prefixados. Trata-se de um fazer conjunto, um fazer-se na cumplicidade entre aprender e ensinar, orientado por um desejo de superação e transformação. O resultado desse processo não é controlável nem pela escola, nem por nenhuma outra instituição: será forjado no processo histórico-social.

A contribuição da escola, portanto, é a de desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la. Um projeto pedagógico com esse objetivo poderá ser orientado por três grandes diretrizes:

- posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente;

- não tratar os valores apenas como conceitos ideais;

- incluir essa perspectiva no ensino dos conteúdos das áreas de conhecimento escolar.

OS TEMAS TRANSVERSAIS

A educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais.

Com isso o currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais e que novos temas sempre podem ser incluídos. O conjunto de temas aqui proposto — Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo:— recebeu o título geral de Temas Transversais, indicando a metodologia proposta para sua inclusão no currículo e seu tratamento didático.

Esse trabalho requer uma reflexão ética como eixo norteador, por envolver posicionamentos e concepções a respeito de suas causas e efeitos, de sua dimensão histórica e política.

A ética é um dos temas mais trabalhados do pensamento filosófico contemporâneo, mas é também um tema que escapa aos debates acadêmicos, que invade o cotidiano de cada um, que faz parte do vocabulário conhecido por quase todos.

A reflexão ética traz à luz a discussão sobre a liberdade de escolha. A ética interroga sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. Abrange tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e ante elas, quanto à dimensão das ações pessoais. Trata-se portanto de discutir o sentido ético da convivência humana nas suas relações com várias dimensões da vida social: o ambiente, a cultura, o trabalho, o consumo, a sexualidade, a saúde.

Critérios adotados para a eleição dos Temas Transversais

Muitas questões sociais poderiam ser eleitas como temas transversais para o trabalho escolar, uma vez que o que os norteia, a construção da cidadania e a democracia, são questões que envolvem múltiplos aspectos e diferentes dimensões da vida social. Foram então estabelecidos os seguintes critérios para defini-los e escolhê-los:

- Urgência social

Esse critério indica a preocupação de eleger como Temas Transversais questões graves, que se apresentam como obstáculos para a concretização da plenitude da cidadania, afrontando a dignidade das pessoas e deteriorando sua qualidade de vida.

- Abrangência nacional

Por ser um parâmetro nacional, a eleição dos temas buscou contemplar questões que, em maior ou menor medida e mesmo de formas diversas, fossem pertinentes a todo o país. Isso não exclui a possibilidade e a necessidade de que as redes estaduais e municipais, e mesmo as escolas, acrescentem outros temas relevantes à sua realidade.

- Possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental

Esse critério norteou a escolha de temas ao alcance da aprendizagem nessa etapa da escolaridade. A experiência pedagógica brasileira, ainda que de modo não uniforme, indica essa possibilidade, em especial no que se refere à Educação para a Saúde, Educação Ambiental e Orientação Sexual, já desenvolvidas em muitas escolas.

- Favorecer a compreensão da realidade e a participação social

A finalidade última dos Temas Transversais se expressa neste critério: que os alunos possam desenvolver a capacidade de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva, superar a indiferença e intervir de forma responsável. Assim os temas eleitos, em seu conjunto, devem possibilitar uma visão ampla e consistente da realidade brasileira e sua inserção no mundo, além de desenvolver um trabalho educativo que possibilite uma participação social dos alunos.

A transversalidade

Por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões.

Nas várias áreas do currículo escolar existem, implícita ou explicitamente, ensinamentos a respeito dos temas transversais, isto é, todas educam em relação a questões sociais por meio de suas concepções e dos valores que veiculam nos conteúdos, no que elegem como critério de avaliação, na metodologia de trabalho que adotam, nas situações didáticas que propõem aos alunos. Por outro lado, sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para explicá-los; ao contrário, a problemática dos temas transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento.

Por exemplo, ainda que a programação desenvolvida não se refira diretamente à questão ambiental e que a escola não tenha nenhum trabalho nesse sentido, a Literatura, a Geografia, a História e as Ciências Naturais sempre veiculam alguma concepção de ambiente, valorizam ou desvalorizam determinadas ideias e ações, explicitam ou não determinadas questões, tratam de determinados conteúdos; e, nesse sentido, efetivam uma "certa" educação ambiental. A questão ambiental não é compreensível apenas a partir das contribuições da Geografia. Necessita de conhecimentos históricos, das Ciências Naturais, da Sociologia, da Demografia, da Economia, entre outros.

Considerando esses fatos, experiências pedagógicas brasileiras e internacionais de trabalho com direitos humanos, educação ambiental, orientação sexual e saúde têm apontado a necessidade de que tais questões sejam trabalhadas de forma contínua, sistemática, abrangente e integrada e não como áreas ou disciplinas.

Diante disso optou-se por integrá-las no currículo por meio do que se chama de transversalidade: pretende-se que esses temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionando-as às questões da atualidade e que sejam orientadores também do convívio escolar.

As áreas convencionais devem acolher as questões dos Temas Transversais de forma que seus conteúdos as explicitem e que seus objetivos sejam contemplados. Por exemplo, a área de Ciências Naturais inclui a comparação entre os principais órgãos e funções do aparelho reprodutor masculino e feminino, relacionando seu amadurecimento às mudanças no corpo e no comportamento de meninos e meninas durante a puberdade e respeitando as diferenças individuais. Dessa forma, o estudo do corpo humano não se restringe à dimensão biológica, mas coloca esse conhecimento a serviço da compreensão da diferença de gênero (conteúdo de Orientação Sexual) e do respeito à diferença (conteúdo de Ética).

Assim, não se trata de que os professores das diferentes áreas devam "parar" sua programação para trabalhar os temas, mas sim de que explicitem as relações entre ambos e as incluam como conteúdos de sua área, articulando a finalidade do estudo escolar com as questões sociais, possibilitando aos alunos o uso dos conhecimentos escolares em sua vida extraescolar.

Não se trata, portanto, de trabalhá-los paralelamente, mas de trazer para os conteúdos e para a metodologia da área a perspectiva dos temas.

É importante salientar que os temas formam um conjunto articulado, o que faz com que haja objetivos e conteúdos coincidentes ou muito próximos entre eles. Por exemplo, a discussão sobre o consumo traz objetivos e conteúdos fundamentais para a questão ambiental, para a saúde, para a ética. Os valores e princípios que os orientam são os mesmos (os da cidadania e da ética democrática) e as atitudes a serem desenvolvidas nos diferentes momentos e espaços escolares, ainda que possam ser concretizadas em atividades diferentes, são também fundamentalmente as mesmas, fazendo com que o trabalho dos diferentes educadores seja complementar.

A integração, a extensão e a profundidade do trabalho podem se dar em diferentes níveis, segundo o domínio do tema e/ou a prioridade que se eleja nas diferentes realidades locais. Isso se efetiva através da organização didática eleita pela escola.

É possível e desejável que conhecimentos apreendidos em vários momentos sejam articulados em torno de um tema em questão de modo a explicitá-lo e dar-lhe relevância.

Para se entender o que é saúde e como preservá-la, é preciso ter alguns conhecimentos sobre o corpo humano, matéria da área de Ciências Naturais. É também preciso ter conhecimentos sobre Meio Ambiente, uma vez que a saúde das pessoas depende da qualidade do meio em que vivem. Conhecimentos de Língua Portuguesa e Matemática também comparecem: questões de saúde são temas de debates na imprensa, informações importantes são veiculadas em folhetos; a leitura e a compreensão de tabelas e dados estatísticos são essenciais na percepção da situação da saúde pública. Portanto, o tema Saúde tem como especificidade o fato de, além de conhecimentos inerentes a ele, nele convergirem conhecimentos de áreas distintas.

Caberá aos professores mobilizar tais conteúdos em torno de temáticas escolhidas, de forma que as diversas áreas não representem continentes isolados, mas digam respeito aos diversos aspectos que compõem o exercício da cidadania.

Ao invés de se isolar ou de compartimentar o ensino e a aprendizagem, a relação entre os Temas Transversais e as áreas deve se dar de forma que:

- as diferentes áreas contemplem os objetivos e os conteúdos (fatos, conceitos e princípios; procedimentos e valores; normas e atitudes) que os temas da convivência social propõem;
- haja momentos em que as questões relativas aos temas sejam explicitamente trabalhadas e conteúdos de campos e origens diferentes sejam colocados na perspectiva de respondê-las.

Além disso o trabalho com questões sociais exige que os educadores estejam preparados para lidar com as ocorrências inesperadas do cotidiano. Existem situações escolares não- programáveis, emergentes, às quais devem responder, e, para tanto, necessitam ter clareza e articular sua ação pontual ao que é sistematicamente desenvolvido com os alunos de modo coerente.

Indo além do que se refere à organização dos conteúdos, o trabalho com a proposta da transversalidade se define em torno de quatro pontos:

- os temas não constituem novas áreas, pressupondo um tratamento integrado nas diferentes áreas;
- a proposta de transversalidade traz a necessidade de a escola refletir e atuar conscientemente na educação de valores e atitudes em todas as áreas, garantindo que a perspectiva político-social se expresse no direcionamento do trabalho pedagógico; influencia a definição de objetivos educacionais e orienta eticamente as questões epistemológicas mais gerais das áreas, seus conteúdos e, mesmo, as orientações didáticas;
- a perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe o confinamento da atuação dos professores às atividades pedagogicamente formalizadas e amplia a responsabilidade com a formação dos alunos. Os Temas Transversais permeiam necessariamente toda a prática educativa que abarca relações entre os alunos, entre professores e alunos e entre diferentes membros da comunidade escolar;
- a inclusão dos temas implica a necessidade de um trabalho sistemático e contínuo no decorrer de toda a escolaridade, o que possibilitará um tratamento cada vez mais aprofundado das questões eleitas. Por exemplo, se é desejável que os alunos desenvolvam uma postura de respeito às diferenças, é fundamental que isso seja tratado desde o início da escolaridade e que continue sendo tratado cada vez com maiores possibilidades de reflexão, compreensão e autonomia. Muitas vezes essas questões são vistas como sendo da "natureza" dos alunos (eles são ou não são respeitosos), ou atribuídas ao fato de terem tido ou não essa educação em casa. Outras vezes são vistas como aprendizados possíveis somente quando jovens (maiores) ou quando adultos. Sabe-se, entretanto, que é um processo de aprendizagem que precisa de atenção durante toda a escolaridade e que a contribuição da educação escolar é de natureza complementar à familiar: não se excluem nem se dispensam mutuamente.

TRANSVERSALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE

A proposta de transversalidade pode acarretar algumas discussões do ponto de vista conceitual como, por exemplo, a da sua relação com a concepção de interdisciplinaridade, bastante difundida no campo da pedagogia. Essa discussão é pertinente e cabe analisar como estão sendo consideradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais as diferenças entre os dois conceitos, bem como suas implicações mútuas.

Ambas — transversalidade e interdisciplinaridade — se fundamentam na crítica de uma concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado. Ambas apontam a complexidade do real e a necessidade de se

considerar a teia de relações entre os seus diferentes e contraditórios aspectos. Mas diferem uma da outra, uma vez que a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento, enquanto a transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática.

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu.

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade). E a uma forma de sistematizar esse trabalho e incluí-lo explícita e estruturalmente na organização curricular, garantindo sua continuidade e aprofundamento ao longo da escolaridade.

Na prática pedagógica, interdisciplinaridade e transversalidade alimentam-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida. A transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extraescolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos.

Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar de "passar de ano".

Os Temas Transversais no projeto educativo da escola
O convívio escolar

O convívio escolar refere-se a todas as relações e situações vividas na escola, dentro e fora da sala de aula, em que estão envolvidos direta ou indiretamente todos os sujeitos da comunidade escolar.

A busca de coerência entre o que se pretende ensinar aos alunos e o que se faz na escola (e o que se oferece a eles) é também fundamental. Não se terá sucesso no ensino de autocuidado e higiene numa escola suja e abandonada. Nem se poderá esperar uma mudança de atitudes em relação ao desperdício (importante questão ambiental) se não se realizarem na escola práticas que se pautem por esse valor. Trata-se, portanto, de oferecer aos alunos a perspectiva de que tais atitudes são viáveis, exequíveis, e, ao mesmo tempo, criar possibilidades concretas de experienciá-las.

É certo que muitas medidas estão fora do alcance dos educadores, mas há muitas delas que são possíveis e, quando for o caso, a reivindicação junto aos responsáveis em torno da solução de problemas é um importante ensinamento das atitudes de autoestima, corresponsabilidade e participação.

O trabalho com os temas sociais se concretizará nas diversas decisões tomadas pela comunidade escolar, o que aponta a necessidade de envolvimento de todos no processo de definição do trabalho e das prioridades a serem eleitas. Assim, a opção por esse trabalho precisa mobilizar toda a comunidade escolar no processo de definição das propostas e das prioridades a serem eleitas para o seu desenvolvimento. O fundamental é que todos possam refletir sobre os objetivos a serem alcançados, de forma a que se definam princípios comuns em torno do trabalho a ser desenvolvido. Cada um - alunos, professores, funcionários e pais — terá sua função nesse trabalho. Para isso, é importante que as instâncias responsáveis pelas escolas criem condições, que a direção da escola facilite o trabalho em equipe dos professores e promova situações favoráveis à comunicação, ao debate e à reflexão entre os membros da comunidade escolar.

Para os professores polivalentes de primeiro e segundo ciclos, essas situações serão especialmente valiosas para que possam definir a forma de trabalhar com os Temas Transversais a partir da realidade de cada um e dentro das possibilidades da escola. Para os professores das diversas áreas, de terceiro e quarto ciclos, essas situações serão fundamentais para que possam coordenar a ação de cada um e de todos em torno do trabalho conjunto com os Temas Transversais.

O educador como cidadão

Propor que a escola trate questões sociais na perspectiva da cidadania coloca imediatamente a questão da formação dos educadores e de sua condição de cidadãos.

Para desenvolver sua prática os professores precisam também desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade em que estão, isto é, precisam poder situar-se como educadores e como cidadãos, e, como tais, participantes do processo de construção da cidadania, de reconhecimento de seus direitos e deveres, de valorização profissional.

Tradicionalmente a formação dos educadores brasileiros não contemplou essa dimensão. As escolas de formação inicial não incluem matérias voltadas para a formação política nem para o tratamento de questões sociais. Ao contrário, de acordo com as tendências predominantes em cada época, essa formação voltou-se para a concepção de neutralidade do conhecimento e do trabalho educativo.

Porém, o desafio aqui proposto é o de não esperar por professores que só depois de "prontos" ou "formados" poderão trabalhar com os alunos. Sem desconhecer a necessidade de investir na formação inicial e de criar programas de formação continuada, é possível afirmar que o debate sobre as questões sociais e a eleição conjunta e refletida dos princípios e valores, assim como a formulação e implementação do projeto educativo já iniciam um processo de formação e mudança. A discussão sobre ética necessita ser constantemente contemplada e acompanhar de perto o trabalho que se faz com os alunos, uma vez que se trata de uma proposta nova, como processo sistemático e explícito, necessitando aprofundamento, leituras e discussões, levantando situações a serem experenciadas com os alunos etc.

Para o professor, a escola não é apenas lugar de reprodução de relações de trabalho alienadas e alienantes. É, também, lugar de possibilidade de construção de relações de autonomia, de criação e recriação de seu próprio trabalho, de reconhecimento de si, que possibilita redefinir sua relação com a instituição, com o Estado, com os alunos, suas famílias e comunidades.

A interação entre escola, comunidade e outras instituições

No que se refere às problemáticas sociais, além do que está continuamente sendo produzido no âmbito da Ciência, existem outros saberes produzidos em diversas instituições sociais.

O contato e a parceria para trabalhos conjuntos com as instituições e organizações compromissadas com as questões apresentadas pelos Temas Transversais e que desenvolvem atividades de interesse para o trabalho educativo (tais como postos de saúde, bibliotecas, organizações não-governamentais, grupos culturais etc.), é uma rica contribuição, principalmente pelo vínculo que estabelece com a realidade da qual se está tratando. Por outro lado, representa uma forma de interação com o repertório sociocultural, permitindo o resgate, no interior do trabalho escolar, da dimensão de produção coletiva do conhecimento e da realidade. Para isso é preciso buscar formas de a escola estar mais presente no dia-a-dia da comunidade e também o inverso, isto é, a presença da comunidade no cotidiano da escola (pais, pessoas ligadas a associações e instituições, profissionais que possam demonstrar o trabalho que realizam etc), de modo que a escola, os estudantes e os professores possam se envolver em atividades voltadas para o bem-estar da sua comunidade, desenvolvendo projetos que repercutam dentro e fora da escola.

A INSERÇÃO DOS TEMAS TRANSVERSAIS NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os objetivos dos Temas Transversais

Ao lado do conhecimento de fatos e situações marcantes da realidade brasileira, de informações e práticas que lhe possibilitem participar ativa e construtivamente dessa sociedade, os objetivos do ensino fundamental apontam a necessidade de que os alunos se tornem capazes de eleger

critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não-violentas de atuação nas diferentes situações da vida. Tomando essa ideia central como meta, cada um dos temas traz objetivos específicos que os norteiam.

O tratamento dos conteúdos dos Temas Transversais

A inclusão dos Temas Transversais exige, portanto, uma tomada de posição diante de problemas fundamentais e urgentes da vida social, o que requer uma reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de seus conteúdos: valores, procedimentos e concepções a eles relacionados.

A PERSPECTIVA DA AUTONOMIA NO ENSINO DE VALORES

A autonomia refere-se, por um lado, a um nível de desenvolvimento psicológico (conforme explicitado no documento de Ética), e, por outro lado, à uma dimensão social. A autonomia pressupõe uma relação na qual os outros se fazem necessariamente presentes como alteridade. Nesse sentido, trata-se da perspectiva da construção de relações de autonomia. Não existe a autonomia pura, como se fosse uma capacidade absoluta de um sujeito isolado. Por isso, só é possível realizá-la como processo coletivo e que implica relações não-autoritárias de poder.

Lembrando que a dimensão ética da democracia consiste na afirmação daqueles valores que garantem a todos o direito a ter direitos, é preciso fazer uma distinção entre afirmação e imposição de valores.

A imposição, por si própria, contraria o princípio democrático da liberdade e, com isso, o máximo que se consegue é que as pessoas tenham "comportamentos adequados" quando sob controle externo, o que é essencialmente diferente da perspectiva da autonomia na construção de valores e atitudes.

O comportamento pessoal se articula com inúmeros outros fatores sociais seja na manutenção, seja na transformação desses valores e das relações que os sustentam. Portanto, o desenvolvimento de atitudes pressupõe conhecer diferentes valores, poder apreciá-los, experimentá-los, analisá-los criticamente e eleger livremente um sistema de valores para si.

Concretizar essa intenção exigirá que os valores eleitos e a intenção de ensiná-los sejam explicitados para todos, principalmente para os alunos, e que o trabalho pedagógico inclua a possibilidade de discussão e questionamento e a não ocultação de contradições, conflitos e confrontos. Pressupõe compreender que conflitos são inerentes aos processos democráticos, são o que os fazem avançar e, portanto, não são algo negativo a ser evitado.

O fato de os alunos serem crianças e adolescentes não significa que sejam passivos e recebam sem resistência ou contestação tudo o que implícita ou explicitamente se lhes quer transmitir.

Isso significa valorizar positivamente a capacidade de questionar e propor mudanças, buscando construir situações didáticas que potencializem tal capacidade e possibilitem o aprendizado de modo a utilizá-lo de forma consequente, responsável e eficaz. Como exemplos têm-se experiências educativas de construção coletiva de regras de convívio escolar, de discussão coletiva de situações-problema na classe e na escola, de projetos de intervenção no espaço escolar e extraescolar que podem ser adaptadas aos níveis de escolaridade de acordo com a possibilidade dos alunos. Mesmo nas séries iniciais é possível oferecer informações, vivências e reflexão sobre as causas e as nuanças dos valores que orientam os comportamentos e tratá-los como produtos de relações sociais, que podem ser transformados.

Outra questão fundamental para o contexto escolar é a da relação entre autonomia e autoridade: permitir que valores e normas sejam discutidos, avaliados e reformulados não significa abolir, negar ou qualificar negativamente a autoridade dos educadores. Pelo contrário, reconhecê-la é fundamental uma vez que é nela que se apoia a garantia de direitos e deveres no contexto escolar. Estabelecer relações de autonomia, necessárias à postura crítica, participativa e livre pressupõe um longo processo de aprendizagem até que os alunos sejam capazes de atuar segundo seus próprios juízos. Esse processo não dispensa a participação da autoridade dos adultos na sua orientação. O que se coloca é a necessidade dessa autoridade ser construída por meio da assunção plena da responsabilidade de educar, de intervir com discernimento e justiça nas situações de conflito, de se pautar, coerentemente, pelos mesmos valores colocados como objetivo da educação dos alunos e de reconhecer que a autoridade dos educadores na escola se referenda numa sociedade que se quer democrática.

Os materiais usados nas situações didáticas

Os materiais que se usa como recurso didático expressam valores e concepções a respeito de seu objeto. A análise crítica desse material pode representar uma oportunidade para se desenvolver os valores e as atitudes com os quais se pretende trabalhar.

Discutir sobre o que veiculam jornais, revistas, livros, fotos, propagandas ou programas de TV trará à tona suas mensagens — implícitas ou explícitas — sobre valores e papéis sociais.

Várias análises já mostraram, por exemplo, que na maioria dos livros didáticos, a mulher é representada apenas como dona de casa e mãe, enquanto o homem participa do mundo do trabalho extra doméstico e nunca aparece em situações de relação afetiva com os filhos ou ocupado nos cuidados da casa. Nesse exemplo, fica subentendida a concepção a respeito do papel que é e deve ser desempenhado pelos diferentes sexos. É interessante contrapô-la com essa e outras concepções presentes em outros materiais produzidos pela imprensa, por organizações não-governamentais, na literatura etc., de modo a não se ficar restrito apenas ao livro didático. A discussão dessa concepção esclarecerá sobre mensagens contraditórias com os valores e as atitudes que se escolheu trabalhar. Portanto, a análise crítica dos diferentes materiais usados em situações didáticas, discutindo-os em classe, contrapondo-os a outras possibilidades e contextualizando-os histórica, cultural e socialmente, favorecerá evidenciar os valores que expressam, mostrando as formas como o fazem.

Isso é mais interessante do que simplesmente rejeitá-los quando negativos, porque favorece o desenvolvimento da capacidade de analisá-los criticamente de tal forma que os alunos, na medida de suas possibilidades e cada vez mais, os compreendam, percebam sua presença na sociedade e façam escolhas pessoais e conscientes a respeito dos valores que elegem para si.

OS PROCEDIMENTOS E A PERSPECTIVA DA PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Embora menos complexo que o trabalho com valores e atitudes, o ensino e a aprendizagem de procedimentos referentes ao trabalho com questões sociais merece atenção e definição de diretrizes por parte dos educadores.

No caso das temáticas sociais trata-se de contemplar aprendizagens que permitam efetivar o princípio de participação e o exercício das atitudes e dos conhecimentos adquiridos. Nas temáticas relativas à Pluralidade Cultural, por exemplo, a consulta a documentos jurídicos é necessária ao aprendizado das formas de atuação contra discriminações.

A formação da cidadania se faz, antes de mais nada, pelo seu exercício: aprende-se a participar, participando. E a escola será um lugar possível para essa aprendizagem se promover a convivência democrática no seu cotidiano. No entanto, se a escola negar aos alunos a possibilidade de exercerem essa capacidade, estará, ao contrário, ensinando a passividade, a indiferença e a obediência cega. É aqui que a importância do convívio escolar ganha amplitude, a fim de tomar a escola como espaço de atuação pública dos alunos.

O ensino e a aprendizagem da participação têm como suporte básico a realidade escolar. Assim, devem ser eleitos métodos e atividades nos quais os alunos possam opinar, assumir responsabilidades, colocar-se, resolver problemas e conflitos e refletir sobre as consequências de seus atos. Situações que envolvam atividades como seminários, exposição de trabalhos, organização de campanhas, monitoria de grupos de estudos, eleição e desenvolvimento de projetos etc., favorecem essa aprendizagem. No mesmo sentido se apresenta a possibilidade de conhecer instituições públicas e privadas existentes na comunidade para pedir e oferecer apoio ao desenvolvimento de projetos conjuntos em Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Ética e Trabalho e Consumo.

É importante levar em consideração que a participação deve ser dimensionada a partir dos limites de possibilidade dos alunos e da complexi-

dade das situações. Crianças pequenas têm, em geral, maiores possibilidades de participar produtivamente em situações simples nas quais possam perceber com clareza as consequências de sua intervenção. À medida que sua autonomia e sua capacidade de abstração e reflexão aumentam e que seu pensamento, capacidade de ação e sociabilidade se ampliam, podem tomar como desafio situações mais complexas e de maior abrangência. A existência de grêmio estudantil ou de grupos de atividade extraclasse (como os de teatro, por exemplo) incentiva e fortalece a participação dos alunos e amplia os limites da vida escolar.

Para garantir que as possibilidades de participação se desenvolvam, é necessária uma intervenção sistemática dos professores, de forma planejada e que vá se transformando de acordo com o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE CONCEITOS, COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DA REALIDADE

No tratamento de questões sociais, da perspectiva aqui adotada, aprender a formular questões a respeito da realidade e das relações que a compõem apresenta-se como fundamental. Essa é também uma meta de longo prazo, e seu ensino demanda um trabalho sobre conceitos, ainda que essa abordagem não seja acadêmica. A compreensão das questões sociais, o pensar sobre elas, analisá-las, fazer proposições e avaliar alternativas exigem a capacidade de aprender informações e relacioná-las. Assim as temáticas sociais, além de atitudes e procedimentos, propõem também conteúdos de natureza conceitual.

A AVALIAÇÃO DO ENSINO DE VALORES

Todos os Temas Transversais trazem conteúdos que, de acordo com a proposta de transversalidade, fazem parte do ensino das áreas. Portanto, sua avaliação não é outra além da que é feita nos seus contextos.

Entretanto, é preciso atentar para o fato de que a avaliação de valores, atitudes e procedimentos, que têm presença marcante entre os conteúdos dos Temas Transversais, é bastante difícil.

Ao colocar a possibilidade da avaliação de atitudes não se pode deixar de salientar os limites da atuação da escola nessa formação. Vale lembrar que a educação não pode controlar todos os fatores que interagem na formação do aluno e que não se trata de impor determinados valores, mas de ser coerente com os valores assumidos, de possibilitar aos alunos uma discussão sobre eles e a construção de critérios para a escolha pessoal.

Embora se possa saber como, quando e onde intervir e que essa intervenção produz mudanças, sabe-se também que tais mudanças não dependem apenas das ações pedagógicas.

As atitudes das crianças não dependem unicamente da ação da escola, mas têm intrincadas implicações de natureza tanto psicológica quanto social, nas relações de vida familiar e comunitária. Pode-se, entretanto, intencionalmente direcionar e redirecionar a ação pedagógica em função dos objetivos e concepções definidas. Um papel essencial da avaliação será responder: "O que está sendo produzido com essa intervenção? Em que medida as situações de ensino construídas favoreceram a aprendizagem das atitudes desejadas?".

Deve-se ter presente que a finalidade principal das avaliações é ajudar os educadores a planejar a continuidade de seu trabalho, ajustando-o ao processo de seus alunos, buscando oferecer-lhes condições de superar obstáculos e desenvolver o autoconhecimento e a autonomia — e nunca de qualificar os alunos.

Capacidades como dialogar, participar e cooperar são conquistas feitas paulatinamente em processos nem sempre lineares e que necessitam ser reafirmados e retomados constantemente. A qualificação, ou rotulação dos alunos, seja negativa ou positiva, tende a estigmatizá-los, a gerar comportamentos estereotipados e obstaculizar o desenvolvimento, além de ser uma atitude autoritária e desrespeitosa.

PROJETOS

Os projetos são uma das formas de organizar o trabalho didático, que pode integrar diferentes modos de organização curricular. Pode ser utilizado, por exemplo, em momentos específicos do desenvolvimento curricular de modo a envolver mais de um professor e uma turma, articular o trabalho de várias áreas, ou realizar-se no interior de uma única área.

A organização dos conteúdos em torno de projetos, como forma de desenvolver atividades de ensino e aprendizagem, favorece a compreensão da multiplicidade de aspectos que compõem a realidade, uma vez que permite a articulação de contribuições de diversos campos de conhecimento. Esse tipo de organização permite que se dê relevância às questões dos Temas Transversais, pois os projetos podem se desenvolver em torno deles e serem direcionados para metas objetivas, com a produção de algo que sirva como instrumento de intervenção nas situações reais (como um jornal, por exemplo). Professores e alunos compartilham os objetivos do trabalho e os conteúdos são organizados em torno de uma ou mais questões. Uma vez definido o aspecto específico de um tema, os alunos têm a possibilidade de usar o que já sabem sobre o assunto; buscar novas informações e utilizar os conhecimentos e os recursos oferecidos pelas diversas áreas para dar um sentido amplo à questão.

Para isso é importante que os professores planejem uma série de atividades organizadas e direcionadas para a meta preestabelecida, de forma que, ao realizá-las, os alunos tomem, coletivamente, decisões sobre o desenvolvimento do trabalho (no caso de um jornal, por exemplo, os assuntos que deverá conter, como se organizarão para produzir as matérias, o que cada matéria deverá abordar etc.), assim como conheçam e discutam a produção uns dos outros.

Ao final do projeto, é interessante que seu resultado seja exposto publicamente, na forma de alguma atividade de atuação no meio, isto é, de uso no âmbito coletivo (seja no interior da classe, no âmbito da escola ou da comunidade) daquilo que foi produzido.

Existem múltiplas possibilidades de projetos que visem resultados voltados para a vida comunitária, tais como os que envolvem a questão do lixo, o desperdício, a necessidade de reciclagem e reaproveitamento de materiais, a qualidade ambiental da comunidade, o que fazer em casa, na escola, no bairro, e que podem ter resultados significativos na mudança de atitudes e práticas de todos os envolvidos, sendo o principal deles o fato de que os alunos se vejam como verdadeiros cidadãos.

Assim os alunos sabem claramente o que, por que e para que estão fazendo, aprendem também a formular questões e a transformar os conhecimentos em instrumento de ação.

Para conduzir esse processo é necessário que os professores tenham clareza dos objetivos que querem alcançar e formulem também claramente as etapas do trabalho.

A organização das etapas do projeto deverá ser previamente planejada de forma a comportar as atividades que se pretende realizar dentro do tempo e do espaço que se dispõe. Além disso, devem ser incluídas no planejamento, saídas da escola para trabalho prático, para contato com instituições e organizações. Deve-se ter em conta que essa forma de organização dos conteúdos não representa um aumento de carga horária ou uma atividade extra.

3. SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio: documento de apresentação. São Paulo: SE, 2012, p. 7-20.

2. Princípios para um currículo comprometido com o seu tempo
I. Uma escola que também aprende

A tecnologia imprime um ritmo sem precedentes no acumulo de conhecimentos e gera uma transformação profunda na sua estrutura e nas suas formas de organização e distribuição. Nesse contexto, a capacidade de aprender terá de ser trabalhada não apenas nos alunos, mas na própria escola, enquanto instituição educativa: tanto as instituições como os docentes terão de aprender.

Isso muda radicalmente nossa concepção da escola como instituição que ensina para posiciona-la como instituição que também aprende a

ensinar. As interações entre os responsáveis pela aprendizagem dos alunos tem caráter de ações formadoras, mesmo que os envolvidos não se deem conta disso. Neste sentido, cabe lembrar a responsabilidade da equipe gestora como formadora de professores e a responsabilidade dos docentes, entre si e com o grupo gestor, na problematização e na significação dos conhecimentos sobre sua pratica.

De acordo com essa concepção, a escola deve aprender parte do princípio de que ninguém conhece tudo e de que o conhecimento coletivo e maior que a soma dos conhecimentos individuais, além de ser qualitativamente diferente. Esse e o ponto de partida para o trabalho colaborativo, para a formação de uma "comunidade aprendente", nova terminologia para um dos mais antigos ideais educativos. A vantagem e que hoje a tecnologia facilita a viabilização pratica desse ideal.

Ações como a construção coletiva da Proposta Pedagógica, por meio da reflexão e da pratica compartilhadas, e o uso intencional da convivência como situação de aprendizagem fazem parte da constituição de uma escola a altura dos tempos atuais. Observar que as regras da boa pedagogia também se aplicam aqueles que estão aprendendo a ensinar e uma das chaves para o sucesso das lideranças escolares. Os gestores, como agentes formadores, devem aplicar com os professores tudo aquilo que recomendam a eles que apliquem com seus alunos.

II. O currículo como espaço de cultura

No cotidiano escolar, a cultura e muitas vezes associada ao que e local, pitoresco, folclórico, bem como ao divertimento ou lazer, enquanto o conhecimento e frequentemente associado a um inalcançável saber. Essa dicotomia não cabe em nossos tempos: a informação está disponível a qualquer instante, em tempo real, ao toque de um dedo, e o conhecimento constitui-se como uma ferramenta para articular teoria e pratica, o mundial e o local, o abstrato e seu contexto físico.

Currículo e a expressão de tudo o que existe na cultura cientifica, artística e humanista, transposto para uma situação de aprendizagem e ensino. Precisamos entender que as atividades extraclasse não são "extracurriculares" quando se deseja articular a cultura e o conhecimento. Neste sentido todas as atividades da escola são curriculares ou não serão justificáveis no contexto escolar. Se não rompermos essa dissociação entre cultura e conhecimento não conseguiremos conectar o currículo a vida – e seguiremos alojando na escola uma miríade de atividades "culturais" que mais dispersam e confundem do que promovem aprendizagens curriculares relevantes para os alunos.

O conhecimento tomado como instrumento, mobilizado em Competências, reforça o sentido cultural da aprendizagem. Tomado como valor de conteúdo lúdico, de caráter ético ou de fruição estética, numa escola com vida cultural ativa, o conhecimento torna-se um prazer que pode ser aprendido, ao se aprender a aprender. Nessa escola, o professor não se limita a suprir o aluno de saberes, mas e o parceiro de fazeres culturais, aquele que promove de muitas formas o desejo de aprender, sobretudo com o exemplo de seu próprio entusiasmo pela cultura humanista, cientifica, artística e literária.

Quando o projeto pedagógico da escola tem entre suas prioridades essa cidadania cultural, o currículo e a referência para ampliar, localizar e contextualizar os conhecimentos que a humanidade acumulou ao longo do tempo. Então, o fato de uma informação ou um conhecimento ser de outro lugar, ou de todos os lugares na grande rede de informação, não será obstáculo a pratica cultural resultante da mobilização desse conhecimento nas ciências, nas artes e nas humanidades.

III. As Competências como referência

Um currículo que promove Competências tem o compromisso de articular as disciplinas e as atividades escolares com aquilo que se espera que os alunos aprendam ao longo dos anos. Logo, a atuação do professor, os conteúdos, as metodologias disciplinares e a aprendizagem requerida dos alunos são aspectos indissociáveis: compõem um sistema ou rede cujas partes tem características e funções especificas que se complementam para formar um todo, sempre maior do que elas. Maior porque se compromete em formar crianças e jovens para que se tornem adultos preparados para exercer suas responsabilidades (trabalho, família, autonomia etc.) e para atuar em uma sociedade que muito precisa deles.

Um currículo referido a Competências supõe que se aceite o desafio de promover os conhecimentos próprios de cada disciplina articuladamente as Competências e habilidades do aluno. E com essas Competências e habilidades que ele contara para fazer sua leitura crítica do mundo, para compreende-lo e propor explicações, para defender suas ideias e compartilhar novas e melhores formas de ser, na complexidade em que hoje isso e requerido.

E com elas que, em síntese, ele poderá enfrentar problemas e agir de modo coerente em favor das múltiplas possibilidades de solução ou gestão.

Tais Competências e habilidades podem ser consideradas em uma perspectiva geral, isto e, no que tem em comum com as disciplinas e tarefas escolares, ou então no que tem de especifico. Competências, neste sentido, caracterizam modos de ser, raciocinar e interagir que podem ser depreendidos das ações e das tomadas de decisão em contextos de problemas, tarefas ou atividades. Graças a elas podemos inferir se a escola como instituição está cumprindo bem o papel que se espera dela no mundo de hoje.

Os alunos considerados nesta proposta tem, de modo geral, de 11 a 18 anos de idade.

Valorizar o desenvolvimento de Competências nesta fase da vida implica em ponderar, além de aspectos curriculares e docentes, os recursos cognitivos, afetivos e sociais de que os alunos dispõem. Implica, pois, em analisar como o professor mobiliza conteúdos, metodologias e saberes próprios de sua disciplina ou área de conhecimento, visando desenvolver Competências em adolescentes, bem como instigar desdobramentos para a vida adulta.

Paralelamente a essa conduta, e preciso considerar quem são esses alunos. Ter entre 11 e 18 anos significa estar em uma fase peculiar da vida, localizada entre a infância e a idade adulta. Neste sentido, o jovem e aquele que deixou de ser criança e se prepara para tornar-se adulto. Trata-se de um momento complexo e contraditório, que deve orientar nossa proposta sobre o papel da escola nessa fase de vida.

Nessa etapa curricular, a tríade sobre a qual Competências e habilidades são desenvolvidas pode ser assim caracterizada: a) o adolescente e as características de suas ações e pensamentos; b) o professor, suas características pessoais e profissionais e a qualidade de suas mediações; e c) os conteúdos das disciplinas e as metodologias para seu ensino e aprendizagem.

Houve um tempo em que a educação escolar era referenciada no ensino – o plano de trabalho da escola indicava o que seria ensinado ao aluno. Essa foi uma das razoes pelas quais o currículo escolar foi confundido com um rol de conteúdos disciplinares. A Lei de Diretrizes e Bases – LDB (lei 9394/1996) deslocou o foco do ensino para o da aprendizagem, e não e por acaso que sua filosofia não e mais a da liberdade de ensino, mas a do direito de aprender.

O conceito de Competências também e fundamental na LDB e nas Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais, elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação e pelo Ministério da Educação. O currículo referenciado em Competências e uma concepção que requer que a escola e o plano do professor indiquem o que aluno vai aprender.

Uma das razoes para se optar por uma educação centrada em Competências diz respeito a democratização da escola. No momento em que se conclui o processo de universalização do Ensino Fundamental e se incorpora toda a heterogeneidade que caracteriza o povo brasileiro, a escola, para ser democrática, tem de ser igualmente acessível a todos, diversa no tratamento de cada um e unitária nos resultados.

Dificilmente essa unidade seria obtida com ênfase no ensino, porque e quase impossível, em um pais como o Brasil, estabelecer o que deve ser ensinado a todos, sem exceção.

Por isso optou-se por construir a unidade com ênfase no que e indispensável que todos tenham aprendido ao final do processo, considerando a diversidade. Todos tem direito de construir, ao longo de sua escolaridade, um conjunto básico de Competências, definido pela lei. Este e o direito básico, mas a escola deverá ser tão diversa quanto são os pontos de partida das crianças que recebe. Assim, será possível garantir igualdade de oportunidades, diversidade de tratamento e unidade de resultados. Quando os pontos de partida são diferentes, e preciso tratar diferentemente os desiguais para garantir a todos uma base comum.

Pensar o currículo no tempo atual e viver uma transição, na qual, como em toda transição, traços do velho e do novo se mesclam nas práticas cotidianas. E comum que o professor, quando formula o seu plano de trabalho, indique o que vai ensinar e não o que o aluno vai aprender. E é compreensível nesse caso que, ao final do ano, tendo cumprido seu plano, ele afirme, diante do fracasso do aluno, que fez sua parte, ensinando, e que foi o aluno que não aprendeu.

A transição da cultura do ensino para a da aprendizagem não e individual. A escola deve faze-la coletivamente, tendo à frente seus gestores para capacitar os professores em seu dia-a-dia, a fim de que todos se apropriem dessa mudança de foco. Cabe as instancias condutoras da política educacional nos estados e nos municípios elaborar, a partir das Diretrizes e dos Parâmetros Nacionais, Propostas Curriculares próprias e especificas, provendo os recursos humanos, técnicos e didáticos para que as escolas, em seu projeto pedagógico, estabeleçam os planos de trabalho que, por sua vez, farão das propostas currículos em ação – como no presente esforço desta Secretaria.

IV. Prioridade para a Competência da leitura e da escrita

A humanidade criou a palavra, que e constitutiva do humano, seu traço distintivo.

O ser humano constitui-se assim um ser de linguagem e disso decorre todo o restante, tudo o que transformou a humanidade naquilo que e. Ao associar palavras e sinais, criando a escrita, o homem construiu um instrumental que ampliou exponencialmente sua capacidade de comunicar-se, incluindo pessoas que estão longe no tempo e no espaço.

Representar, comunicar e expressar são atividades de construção de significado relacionadas a vivencias que se incorporam ao repertorio de saberes de cada indivíduo. Os sentidos são construídos na relação entre a linguagem e o universo natural e cultural em que nos situamos. E é na adolescência, como vimos, que a linguagem adquire essa qualidade de instrumento para compreender e agir sobre o mundo real.

A ampliação das capacidades de representação, comunicação e expressão esta articulada ao domínio não apenas da língua mas de todas as outras linguagens e, principalmente, ao repertorio cultural de cada indivíduo e de seu grupo social, que a elas dá sentido. A escola e o espaço em que ocorre a transmissão, entre as gerações, do ativo cultural da humanidade, seja artístico e literário, histórico e social seja cientifico e tecnológico.

Em cada uma dessas áreas, as linguagens são essenciais.

As linguagens são sistemas simbólicos, com os quais recortamos e representamos o que está no nosso exterior, no nosso interior e na relação entre esses âmbitos; e com eles também que nos comunicamos com os nossos iguais e expressamos nossa articulação com o mundo.

Em nossa sociedade, as linguagens e os códigos se multiplicam: os meios de comunicação estão repletos de gráficos, esquemas, diagramas, infográficos, fotografias e desenhos.

O design diferencia produtos equivalentes quanto ao desempenho ou a qualidade. A publicidade circunda nossas vidas, exigindo permanentes tomadas de decisão e fazendo uso de linguagens sedutoras e até enigmáticas.

Códigos sonoros e visuais estabelecem a comunicação nos diferentes espaços. As ciências construíram suas próprias linguagens, plenas de símbolos e códigos. A produção de bens e serviços foi em grande parte automatizada e cabe a nós programar as maquinas, utilizando linguagens especificas. As manifestações artísticas e de entretenimento utilizam, cada vez mais, diversas linguagens que se articulam.

Para acompanhar tal contexto, a Competência de leitura e de escrita contemplada nesta proposta vai além da linguagem verbal, vernácula – ainda que esta tenha papel fundamental – e refere-se a sistemas simbólicos como os citados, pois essas múltiplas linguagens estão presentes no mundo contemporâneo, na vida cultural e política, bem como nas designações e nos conceitos científicos e tecnológicos usados atualmente. A constituição dessa Competência tem como base o desenvolvimento do pensamento antecipatório, combinatório e probabilístico que permite estabelecer hipóteses, algo que caracteriza o período da adolescência.

A prioridade das linguagens no currículo da educação básica tem como fundamento a centralidade da linguagem no desenvolvimento da criança e do adolescente. Nas crianças a linguagem, em suas diversas expressões, e apenas um recurso simbólico, ou seja, permite representar ou comunicar conteúdos cujas formas, elas mesmas, não podem ser estruturadas como linguagem. Nessa fase, tais formas são as próprias ações e os pensamentos, organizados como esquemas de procedimentos, representações e compreensões.

Ou seja, as crianças realizam e compreendem ao falar, pensar ou sentir, mas não sabem ainda tratar o próprio agir, pensar ou sentir como uma forma de linguagem. E só na adolescência que isso se tornara possível e transformara o ser humano em um ser de linguagem, em sua expressão mais radical.

A linguagem não e apenas uma forma de representação, como expressam, por seus limites, as crianças. Mais do que isso, ela e uma forma de compreensão e ação sobre o mundo.

E isso o que os adolescentes, com todos os seus exageros, manifestam. Graças a linguagem, o pensamento pode se tornar antecipatório em sua manifestação mais completa: e possível calcular as consequências de uma ação sem precisar realiza-la. Pode-se ainda fazer combinações e analisar hipóteses sem precisar conferi-las de antemão, na pratica, pois algumas de suas consequências podem ser deduzidas apenas pelo âmbito da linguagem. Pode-se estabelecer relações de relações, isto e, imaginar um objeto e agir sobre ele, decidindo se vale a pena ou não interagir com ele em outro plano.

Em outras palavras, graças a linguagem, agora constituída como forma de pensar e agir, o adolescente pode raciocinar em um contexto de proposições ou possibilidades, pode ter um pensamento combinatório, pode aprender as disciplinas escolares em sua versão mais exigente, pode refletir sobre os valores e fundamentos das coisas.

Do ponto de vista social e afetivo, a centralidade da linguagem nos processos de desenvolvimento possibilita ao adolescente aprender, pouco a pouco, a considerar suas escolhas em uma escala de valores. Viabiliza lhe aprender a enfrentar as consequências das próprias ações, a propor e alterar contratos, a respeitar e criticar normas, a formular seu próprio projeto de vida e a tecer seus sonhos de transformação do mundo.

E, portanto, em virtude da centralidade da linguagem no desenvolvimento da criança e do adolescente que esta Proposta Curricular prioriza a Competência leitora e escritora.

Só por meio dela será possível concretizar a constituição das demais Competências, tanto as gerais como aquelas associadas a disciplinas ou temas específicos. Para desenvolve-la e indispensável que seja objetivo de aprendizagem de todas as disciplinas do currículo, ao longo de toda a escolaridade básica.

Por esse caráter essencial da Competência de leitura e escrita para a aprendizagem dos conteúdos curriculares de todas as áreas e disciplinas, a responsabilidade por sua aprendizagem e avaliação cabe a todos os professores, que devem transformar seu trabalho em oportunidades nas quais os alunos possam aprender e consolidar o uso da Língua Portuguesa e das outras linguagens e códigos que fazem parte da cultura, bem como das formas de comunicação em cada uma delas. Tal radicalismo na centralidade da Competência leitora e escritora, que leva a coloca-la como objetivo de todas as series e todas as disciplinas, coloca aos gestores (a quem cabe a educação continuada dos professores na escola) a necessidade de criar oportunidades para que os docentes também desenvolvam essa Competência – por cuja constituição, nos alunos, são responsáveis.

Por fim, e importante destacar que o domínio das linguagens representa um primordial elemento para a conquista da autonomia, sendo a chave para o acesso a informações e permitindo a comunicação de ideias, a expressão de sentimentos e o diálogo, necessários a negociação dos significados e a aprendizagem continuada.

V. Articulação das Competências para aprender

A aprendizagem e o centro da atividade escolar. Por extensão, o professor caracterizas e como um profissional da aprendizagem, e não tanto do ensino. Isto e, ele apresenta e explica conteúdos, organiza situações

para a aprendizagem de conceitos, métodos, formas de agir e pensar, em suma, promove conhecimentos que possam ser mobilizados em Competências e habilidades, as quais, por sua vez, instrumentalizam os alunos para enfrentar os problemas do mundo real. Dessa forma, a expressão "educar para a vida" pode ganhar seu sentido mais nobre e verdadeiro na pratica do ensino. Se a educação básica e para a vida, a quantidade e a qualidade do conhecimento tem de ser determinadas por sua relevância para a vida de hoje e do futuro, além dos limites da escola. Portanto, mais que os conteúdos isolados, as Competências são guias eficazes para educar para a vida. As Competências são mais gerais e constantes, e os conteúdos, mais específicos e variáveis. E exatamente a possibilidade de variar os conteúdos no tempo e no espaço que legitima a iniciativa dos diferentes sistemas públicos de ensino para selecionar, organizar e ordenar os saberes disciplinares que servirão como base para a constituição de Competências, cuja referência são as diretrizes e orientações nacionais, de um lado, e as demandas do mundo contemporâneo, de outro.

As novas tecnologias da informação produziram uma mudança na produção, na organização, no acesso e na disseminação do conhecimento. A escola hoje já não e mais a única detentora da informação e do conhecimento, mas cabe a ela preparar seu aluno para viver em uma sociedade em que a informação e disseminada em grande velocidade.

Vale insistir que essa preparação não exige maior quantidade de ensino e sim melhor qualidade de aprendizagem. E preciso deixar claro que isso não significa que os conteúdos do ensino não sejam importantes; ao contrário, são tão importantes que a eles esta dedicado este trabalho de elaboração da proposta curricular do ensino oficial do Estado de São Paulo. São tão decisivos que e indispensável aprender a continuar aprendendo os conteúdos escolares, mesmo fora da escola ou depois dela. Continuar aprendendo e a mais vital das Competências que a educação deste século precisa desenvolver. Não só os conhecimentos com os quais a escola trabalha podem mudar, como a vida de cada um trará novas ênfases e necessidades, que precisarão ser continuamente supridas. Preparar-se para acompanhar esse movimento torna-se o grande desafio das novas gerações.

Esta Proposta Curricular adota, como Competências para aprender, aquelas que foram formuladas no referencial teórico do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio.

Entendidas como desdobramentos da Competência leitora e escritora, para cada uma das cinco Competências do Enem transcritas a seguir apresenta-se a articulação com a Competência de ler e escrever.

I. "Dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e cientifica." A constituição da Competência de leitura e escrita e também o domínio das normas e dos códigos que tornam as linguagens instrumentos eficientes de registro e expressão, que podem ser compartilhados. Ler e escrever, hoje, são Competências fundamentais a qualquer disciplina ou profissão. Ler, entre outras coisas, e interpretar (atribuir sentido ou significado), e escrever, igualmente, e assumir uma autoria individual ou coletiva (tornar-se responsável por uma ação e suas consequências).

II. "Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas." E o desenvolvimento da linguagem que possibilita o raciocínio hipotético-dedutivo, indispensável a compreensão de fenômenos. Ler, nesse sentido, e um modo de compreender, isto e, de assimilar experiências ou conteúdos disciplinares (e modos de sua produção); escrever e expressar sua construção ou reconstrução com sentido, aluno por aluno.

III. "Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema". Ler implica também – além de empregar o raciocínio hipotético-dedutivo, que possibilita a compreensão de fenômenos – antecipar, de forma comprometida, a ação para intervir no fenômeno e resolver os problemas decorrentes dele. Escrever, por sua vez, significa dominar os muitos formatos que a solução do problema comporta.

IV. "Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente." A leitura, aqui, sintetiza a capacidade de escutar, supor, informar-se, relacionar, comparar etc. A escrita permite dominar os códigos que expressam a defesa ou a reconstrução de argumentos – com liberdade, mas observando regras e assumindo responsabilidades.

V. "Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaborar propostas de intervenção solidaria na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural." Ler, aqui, além de implicar em descrever e compreender, bem como em argumentar a respeito de um fenômeno, requer a antecipação de uma intervenção sobre ele, com tomada de decisões a partir de uma escala de valores.

Escrever e formular um plano para essa intervenção, levantar hipóteses sobre os meios mais eficientes para garantir resultados, a partir da escala de valores adotada. E no contexto da realização de projetos escolares que os alunos aprendem a criticar, respeitar e propor projetos valiosos para toda a sociedade; por intermédio deles, aprendem a ler e escrever as coisas do mundo atual, relacionando ações locais com visão global, por meio de atuação solidaria.

VI. Articulação com o mundo do trabalho

A contextualização tem como norte os dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases, as normas das Diretrizes Curriculares Nacionais, que são obrigatórias, e as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que foram elaborados para o Ensino Médio mas são pertinentes para a educação básica como um todo, sobretudo para o segmento da 5a série em diante. Para isso e preciso recuperar alguns tópicos desse conjunto legal e normativo.

Compreensão do significado da ciência, das letras e das artes

Compreender o sentido e reconhecer, apreender e partilhar a cultura que envolve as áreas de conhecimento, um conjunto de conceitos, posturas, condutas, valores, enfoques, estilos de trabalho e modos de fazer que caracterizam as várias ciências – exatas, sociais e humanas –, as artes – visuais, musicais, do movimento e outras –, a matemática, as línguas e outras áreas de expressão não-verbal.

Quando a LDB dispõe sobre esse objetivo de compreensão do sentido está indicando que não se trata de formar especialistas nem profissionais.

Especialistas e profissionais devem, além de compreender o sentido, dominar a estrutura conceitual e o estatuto epistemológico de suas especialidades – não e esse o caso dos alunos da educação básica. Como estão na escola, preparando-se para assumir plenamente sua cidadania, todos devem passar pela alfabetização cientifica, humanista, linguística, artística e técnica, para que sua cidadania, além de ser um direito, tenha qualidade.

O aluno precisa constituir as Competências para reconhecer, identificar e ter visão crítica daquilo que e próprio de uma área de conhecimento, e, a partir desse conhecimento, avaliar a importância dessa área ou disciplina em sua vida e em seu trabalho.

A lei dá um prazo generoso para que os alunos aprendam o "significado das ciências, das artes e das letras": começa na educação infantil, prossegue nos anos do Ensino Fundamental e tem mais três anos no Ensino Médio.

Durante mais de doze anos deverá haver tempo suficiente para alfabetizar-se nas ciências, nas humanidades e nas técnicas, entendendo seus enfoques e métodos mais importantes, seus pontos fortes e fracos, suas polemicas, seus conceitos e, sobretudo, o modo como suas descobertas influenciam a vida das pessoas e o desenvolvimento social e econômico.

Para isso, e importante abordar, em cada ano ou nível da escola básica, a maneira como as diferentes áreas do currículo articulam a realidade e seus objetos de conhecimento específicos, a partir de questões como as exemplificadas a seguir.

- Que limitações e potenciais tem os enfoques próprios das áreas?
- Que praticas humanas, das mais simples as mais complexas, tem fundamento ou inspiração nessa ciência, arte ou área de conhecimento?
- Quais as grandes polemicas nas várias disciplinas ou áreas de conhecimento?

A relação entre teoria e prática em cada disciplina do currículo

A relação entre teoria e pratica não envolve necessariamente algo observável ou manipulável, como um experimento de laboratório ou a construção de um objeto. Tal relação pode acontecer ao se compreender como a teoria se aplica em contextos reais ou simulados. Uma possibilidade de transposição didática e reproduzir a indagação de origem, a questão ou necessidade que levou a construção de um conhecimento – que já está dado e precisa ser apropriado e aplicado, não obrigatoriamente ser "descoberto" de novo.

A lei determina corretamente que a relação teoria e pratica se dê em cada disciplina do currículo, uma vez que boa parte dos problemas de qualidade do ensino decorre da dificuldade em destacar a dimensão pratica do conhecimento, tornando-o verbalista e abstrato.

Por exemplo, a disciplina História e por vezes considerada teórica, mas nada e tão pratico quanto entender a origem de uma cidade e as razoes da configuração urbana. A Química e erroneamente considerada mais pratica por envolver atividades de laboratório, manipulação de substancias e outras idiossincrasias, no entanto não existe nada mais teórico do que o estudo da tabela de elementos químicos.

A mesma Química que emprega o nome dos elementos precisa ser um instrumento cognitivo para nos ajudar a entender e, se preciso, decidir o uso de alimentos com agrotóxicos ou conservantes. Tais questões não se restringem a especialistas ou cientistas.

Não e preciso ser químico para ter de escolher o que se vai comer. A fim de sermos cidadãos plenos, devemos adquirir discernimento e conhecimentos pertinentes para tomar decisões em diversos momentos, em relação a escolha de alimentos, uso da eletricidade, consumo de agua, seleção dos programas de TV ou a escolha do candidato a um cargo político.

As relações entre educação e tecnologia

A educação tecnológica básica e uma das diretrizes que a LDB estabelece para orientar o currículo do Ensino Médio. A lei ainda associa a "compreensão dos fundamentos científicos dos processos produtivos" com o relacionamento entre teoria e pratica em cada disciplina do currículo. E insiste quando detalha, entre as Competências que o aluno deve demonstrar ao final da educação básica, o "domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna". A tecnologia comparece, portanto, no currículo da educação básica com duas acepções complementares:

(a) como educação tecnológica básica; (b) como compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos da produção.

A primeira acepção refere-se a alfabetização tecnológica, que inclui aprender a lidar com computadores, mas vai além.

Alfabetizar-se tecnologicamente e entender as tecnologias da história humana como elementos da cultura, como parte das práticas sociais, culturais e produtivas, que por sua vez são inseparáveis dos conhecimentos científicos, artísticos e linguísticos que as fundamentam. A educação tecnológica básica tem o sentido de nos preparar para viver e conviver em um mundo no qual a tecnologia está cada vez mais presente; no qual a tarja magnética, o celular, o código de barras e muitos recursos digitais se incorporam velozmente a vida das pessoas, qualquer que seja a sua condição socioeconômica.

A segunda acepção, ou seja, a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos da produção, faz da tecnologia a chave para relacionar o currículo ao mundo da produção de bens e serviços, ou seja, aos processos pelos quais a humanidade – e cada um de nós – produz os bens e serviços de que necessita para viver. Foi para manter-se fiel ao espirito da lei que as DCNs introduziram a tecnologia em todas as áreas, tanto das DCNs como dos PCNs para o Ensino Médio, evitando a existência de disciplinas "tecnológicas" isoladas e separadas dos conhecimentos que lhe servem de fundamento.

A prioridade para o contexto do trabalho

Se examinarmos o conjunto das recomendações já analisadas, o trabalho enquanto produção de bens e serviços revelasse como a pratica humana mais importante para conectar os conteúdos do currículo com a realidade. Desde sua abertura, a LDB faz referência ao trabalho, juntamente com as práticas sociais, como elemento que vincula a educação básica a realidade, da educação infantil até o final do Ensino Médio. O vínculo com o trabalho carrega vários sentidos, que e preciso explicitar.

Do ponto de vista filosófico, expressa o valor e a importância do trabalho. A parte de qualquer implicação pedagógica relativa a currículos e definição de conteúdos, o valor do trabalho incide em toda a vida escolar: desde a valorização dos trabalhadores da escola e da família, até o respeito aos trabalhadores da comunidade, o conhecimento do trabalho como produtor da riqueza e o reconhecimento de que um dos fundamentos da desigualdade social e a remuneração injusta do trabalho. A valorização do trabalho e também uma crítica ao bacharelismo ilustrado, que por muito tempo predominou nas escolas voltadas para as classes sociais privilegiadas.

A implicação pedagógica desse princípio atribui um lugar de destaque para o trabalho humano, contextualizando os conteúdos curriculares sempre que for pertinente, com os tratamentos adequados a cada caso.

Nesse sentido, a relação entre teoria e pratica em cada disciplina do currículo, como exige a lei, não pode deixar de incluir os tipos de trabalho e as carreiras profissionais aos quais se aplicam os conhecimentos das áreas ou disciplinas curriculares.

Em síntese, a prioridade do trabalho na educação básica assume dois sentidos complementares: como valor, que imprime importância ao trabalho e cultiva o respeito que lhe e devido na sociedade, e como tema que perpassa os conteúdos curriculares, atribuindo sentido aos conhecimentos específicos das disciplinas.

O contexto do trabalho no Ensino Médio

A tradição de ensino academicista, desvinculado de qualquer preocupação com a pratica, separou a formação geral e a formação profissional no Brasil. Durante décadas elas foram modalidades excludentes de ensino. A tentativa da Lei 5692/1971 de unir as duas modalidades, profissionalizando todo o Ensino Médio, apenas descaracterizou a formação geral, sem ganhos significativos para a profissional.

Nos dias de hoje, essa separação já não se dá nos mesmos moldes, porque o mundo do trabalho passa por transformações profundas.

A medida que a tecnologia vai substituindo os trabalhadores por autômatos na linha de montagem e nas tarefas de rotina, as Competências para trabalhar em ilhas de produção, associar concepção e execução, resolver problemas e tomar decisões tornam-se mais importantes do que conhecimentos e habilidades voltados para postos específicos de trabalho.

A LDB adota uma perspectiva sintonizada com essas mudanças na organização do trabalho ao recomendar a articulação entre educação básica e profissional, quando afirma, entre as finalidades do Ensino Médio: "a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores" (grifo nosso). A lei não recupera a formação profissional para postos ou áreas especificas dentro da carga horaria geral do Ensino Médio, como tentou fazer a legislação anterior. Mas também não chancela o caráter inteiramente propedêutico que esse ensino tem assumido na educação básica brasileira. Trata-se, portanto, de entender o que vem a ser a preparação básica para o trabalho.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio interpretaram essa perspectiva como uma preparação básica para o trabalho, abrindo a possibilidade de que os sistemas de ensino ou as escolas tenham ênfases curriculares diferentes, com autonomia para eleger as disciplinas especificas e suas respectivas cargas horarias dentro das três grandes áreas

instituídas pelas DCNs, desde que garantida a presença das três áreas. Essa abertura permite que escolas de Ensino Médio, a partir de um projeto pedagógico integrado com cursos de educação profissional de nível técnico, atribuam mais tempo e atenção a disciplinas ou áreas disciplinares cujo estudo possa ser aproveitado na educação profissional.

Para as DCNs, o que a lei denomina de preparação básica para o trabalho pode ser a aprendizagem de conteúdos disciplinares constituintes de Competências básicas que sejam também pré-requisitos de formação profissional. Em muitos casos essa opção pouparia tempo de estudo para o jovem que precisa ingressar precocemente no mercado de trabalho. Para facilitar essa abertura, as Diretrizes Curriculares da Educação Profissional de Nível Técnico flexibilizaram a duração dos cursos profissionais desse nível, possibilitando o aproveitamento de estudos já realizados ou mesmo exercício profissional prévio. Essas duas peças normativas criaram os mecanismos pedagógicos que podem viabilizar o que foi estabelecido na LDB (lei 9394/1996) e decretos posteriores.

A preparação básica para o trabalho em determinada área profissional, portanto, pode ser realizada em disciplinas de formação básica do Ensino Médio. As escolas, nesse caso, atribuiriam carga horaria suficiente e tratamento pedagógico adequado as áreas ou disciplinas que melhor preparassem seus alunos para o curso de educação profissional de nível técnico escolhido.

Essa possibilidade fundamenta-se no pressuposto de que ênfases curriculares diferenciadas sao equivalentes para a constituição das Competências previstas na LDB, nas DCNs para o Ensino Médio e na matriz de Competências do Enem.

Isso supõe um outro tipo de articulação entre currículos de formação geral e currículos de formação profissional, em que o primeiro encarrega-se das Competências básicas, fundamentando a constituição das mesmas em conteúdo, áreas ou disciplinas afinadas com a formação profissional nesse ou em outro nível de escolarização. E supõe também que o tratamento oferecido as disciplinas do currículo do Ensino Médio não seja apenas propedêutico nem tampouco voltado estreitamente para o vestibular.

TESTES

1) Qual o significado de Cidadania?

a) Entendida em sentido mais amplo, a democracia é uma forma de discussões sobre o direito das pessoas nos espaços sociais. Nessa concepção, a noção de cidadania ganha novas dimensões

b) é entendida como abrangendo exclusivamente os direitos civis (liberdade de ir e vir, de pensamento e expressão, direito à integridade física, liberdade de associação) e os direitos políticos (eleger e ser eleito), sendo que seu exercício se expressa no ato de votar.

c) . a cidadania deve ser compreendida como um marco nas histórias sociais protagonizadas por todo tipo de situação econômica

d) a cidadania deve ser aceita em todos os estados e compreendida como lei para todos os países

2) Quais foram os Parâmetros Curriculares Nacionais?

a) Dignidade da pessoa humana, Igualdade de direitos, Participação, Corresponsabilidade pela vida social

b) Cidadania, discriminação, desigualdade social, Democracia

c) Direitos Humanos, Direitos sociais, Direitos Coletivos

d) Todas as alternativas estão corretas

3) O que podemos dizer sobre Relação Educativa?

a) São relações entre os trabalhadores da escola, na direção, na distribuição de responsabilidades, nas relações entre professor e pais, no reconhecimento dos trabalhos realizados

b) relação educativa é uma relação política, por isso a questão da democracia se apresenta para a escola assim como se apresenta para a sociedade. Essa relação se define na vivência da escolaridade em sua forma mais ampla, desde a estrutura escolar, em como a escola se insere e se relaciona com a comunidade

c) relação educativa é visualizada através da comunicação e tratamento dado pelos pais, onde as psicólogas no ato da matricula sabem exatamente o grau da relação entre pai e filho

d) relação educativa é totalmente voltada ao ensino que os professores dá aos alunos

4) Como podemos falar sobre ética nos temas transversais? .

a) A ética interroga sobre a legitimidade de práticas e valores consagrados pela tradição e pelo costume. Abrange tanto a crítica das relações entre os grupos, dos grupos nas instituições e ante elas, quanto à dimensão das ações pessoais.

b) Trata-se portanto de discutir o sentido ético da convivência humana nas suas relações com várias dimensões da vida social: o ambiente, a cultura, o trabalho, o consumo, a sexualidade, a saúde.

c) A ética é um dos temas mais trabalhados do pensamento filosófico contemporâneo, mas é também um tema que escapa aos debates acadêmicos, que invade o cotidiano de cada um, que faz parte do vocabulário conhecido por quase todos

d) Todas as alternativas estão corretas

5) Quais as diferenças entre a Transversalidade, e a interdisciplinaridade?

a) se fundamentam na crítica de uma concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado. Ambas apontam a complexidade do real e a necessidade de se considerar a teia de relações entre os seus diferentes e contraditórios aspectos

b) A interdisciplinaridade questiona a os diferentes campos de ensino dos professores; a transversalidade diz respeito à possibilidade de se restabelecer os estudos, matérias produtivas e ricas no conhecimento

c) o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe o trabalho realizado das escolas, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar

d) Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social e democrático, nas áreas educacionais e sociais

6- O que o Tema Transversais no convívio escolar traz de benefício para a sociedade?

a) O convívio escolar refere-se a todas as relações e situações vividas na escola, dentro e fora da sala de aula, em que estão envolvidos direta ou indiretamente todos os sujeitos da comunidade escolar.

b) O trabalho é feito com a sociedade e com os temas sociais, o que aponta a necessidade de envolvimento de todos no processo no trabalho

c) as instâncias responsáveis pelas escolas criem condições e ensinamentos para a comunidade, que a direção da escola facilite o trabalho em equipe dos professores

d) Para os professores das diversas áreas, a parceria com os pais são fundamentais, pois são realizadas diversas tarefas onde a comunidade pode participar fazendo com que o ensino se destaque.

7-Assinale a alternativa incorreta onde informa sobre O educador como cidadão:

a) Para desenvolver sua prática os professores precisam também desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade

b) desconhecer a necessidade de investir na formação inicial e de criar programas de formação continuada, é possível afirmar que o debate sobre as questões sociais e a eleição conjunta e refletida dos princípios e valores, assim como a formulação e implementação do projeto educativo já iniciam um processo de formação e mudança

c) A direção sempre acompanha o trabalho que se faz com os alunos, uma vez que se trata de uma atividade que é analisada pela área da educação.

d) Tradicionalmente a formação dos educadores brasileiros não contemplou essa dimensão. As escolas de formação inicial não incluem matérias voltadas para a formação política nem para o tratamento de questões sociais

8- Como ser um educador como cidadão na sociedade?

a) O cidadão só deve ocupar seu lugar no ambiente profissional depois de formado, pois muitas escolas fazem com que os alunos acompanhe as aulas e ajudem os professores, para o desenvolvimento do aluno o mesmo deve estudar e fazer cursos para de qualificar

b) Para desenvolver sua prática os professores precisam também desenvolver-se como profissionais e como sujeitos críticos na realidade em que estão, isto é, precisam poder situar-se como educadores e como cidadãos, e, como tais, participantes do processo de construção da cidadania, de reconhecimento de seus direitos e deveres, de valorização profissional

c) As escolas de formação inicial devem ter acompanhamentos de profissionais qualificados, para uma boa educação e de um ensino qualificado.

d) Como cidadão o educador sabe exatamente do que a comunidade espera no ambiente escolar, e como se faz necessário um bom ensino para uma boa qualificação profissional

9- Qual o papel principal da interação entre escola, comunidade?

a) é preciso buscar formas de a escola estar mais presente no dia-a-dia da comunidade e também o inverso, isto é, a presença da comunidade no cotidiano da escola (pais, pessoas ligadas a associações e instituições, profissionais que possam demonstrar o trabalho que realizam etc), de modo que a escola, os estudantes e os professores possam se envolver em atividades voltadas para o bem-estar da sua comunidade, desenvolvendo projetos que repercutam dentro e fora da escola.

b) é preciso buscar formas de a escola estar mais presente no dia-a-dia da comunidade e também o inverso, isto é, a presença da comunidade no cotidiano da escola (pais, pessoas ligadas a associações e instituições, profissionais que possam demonstrar o trabalho que realizam etc), mas o educar não pode deixar que isso fique fora do controle, tem que chamar a atenção no material e a importância do foco das aulas.

c) O contato e a parceria para trabalhos conjuntos com as instituições e organizações compromissadas com as questões apresentadas pelos Temas Transversais e que desenvolvem atividades de interesse para o trabalho educativo (tais como postos de saúde, bibliotecas, organizações não governamentais, grupos culturais etc.), é uma rica contribuição, principalmente pelo vínculo que estabelece com a realidade da qual se está tratando

d) Alternativas A e C estão corretas

10-A avaliação do ensino de valores é dado como nas escolas?

a) Deve-se ter presente que a finalidade principal das avaliações é ajudar os educadores a planejar a continuidade de seu trabalho, ajustando-o ao processo de seus alunos, buscando oferecer-lhes condições de superar obstáculos e desenvolver o autoconhecimento e a autonomia — e nunca de qualificar os alunos

b) Ao colocar a possibilidade da avaliação de atitudes, os alunos não podem através disso mudar o seu comportamento dentro da sala de aula

c) Podemos contar que a educação não pode controlar todos os fatores nesta avaliação, até porque o mal comportamento deve ser analisado de uma outra forma, integração dos pais junto aos alunos

D) O ensino de valores deve ser ministrados por psicólogos e acompanhamento da direção

11- Com base no texto o que hoje as escolas devem ficar atento referente o Sistema de ensino?

a) as escolas devem criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas

b) as escolas devem se importar apenas pelo ensinamento de seus alunos

c) não de responsabilidade da escola se envolver com assuntos de discriminação entre os alunos

d) caso a escola tiver algum problema em relação a aulas e professores, o assunto deve ser tratado somente internamente

12- Qual a visão do Direitos Humanos no ambiente escolar?

a) Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar.

b) visão dos direitos humanos e do conceito de cidadania fundamentado no reconhecimento das diferenças e na participação dos sujeitos, decorre uma identificação dos mecanismos e processos de hierarquização que operam na regulação e produção das desigualdades

c) A educação especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levaram a criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais

d) Todas as alternativas estão corretas

13- O que a Constituição Federal 1988 fala sobre a discriminação:

a) a discriminação existe em todos os lugares, mas a informação deve ser primeiramente no ambiente familiar, onde os pais devem informar seus filhos sobre raças, idade, etc

b) promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação

c) a igualdade de estudo devem ter para todas as pessoas, inclusive todas as escolas devem ter preparo para receber pessoas diferentes

d) todos tem o direito de estudar e ter bons profissionais para executar esta tarefa

14- Em base no texto o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96, no artigo 59.

a) que os sistemas de ensino não devem assegurar que os alunos sempre vão ter notas boas, pois depende também do esforço e dedicação para se tornar um ótimo profissional, cabe aos pais procurarem cursos específicos.

b) que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades; assegura a terminalidade específica àqueles que não atingiram o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências e; a aceleração de estudos aos superdotados para conclusão do programa escolar

c) o sistema de ensino já providenciou e solicitou que todas as escolas devem ter cursos técnicos, e aulas voltadas ao âmbito profissional para preparar os alunos para o mercado de trabalho

d) Todas alternativas estão corretas

15 - Em 1999, o Decreto nº 3.298 que regulamenta a Lei nº 7.853/89, Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, informe qual a alternativa correta sobre esta Lei:

a) Somente escolas especializadas com todos os recursos pode matricular, os alunos portador de alguma deficiência

b) As escolas terão salas especiais para alunos portadores de alguma deficiência

c) define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

d) define que a educação especial devem ter professores especializados para o ensino regular

16- O que o Ministério da Educação criou em 2003?

a) direito à diversidade, visando transformar os sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, que promove um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, a organização do atendimento educacional especializado e a promoção da acessibilidade.

b) direito à diversidade, visando melhorar os sistemas de ensino em sistemas educacionais internos, que promove a formação de gestores e educadores somente para portadores de deficiência nos municípios brasileiros.

c) direito à diversidade, visando mudar o processo de ensino, que dá ao direito do professor a escolha de salas de aula que o mesmo pretende trabalhar, a organização do atendimento educacional especializado e a promoção da acessibilidade

d) nenhuma das alternativas estão corretas

17-Assinale a alternativa incorreta onde informa sobre a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência:

a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência

b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem (Art.24).

c) As convenção de pessoas da qual o Brasil é signatário, estabelece que os Estados Parte devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social compatível com a meta de inclusão plena

d) As pessoas com deficiência devem ter atendimento e ensinos diferenciados, pois podem prejudicar no andamento das demais pessoas no ensino fundamental.

18- O que podemos dizer sobre DIAGNÓSTICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL:

a) A evolução das ações da educação especial nos últimos anos se expressa no menor número de municípios com matrículas, que em 1998 registra

b) No que se refere à inclusão de escolas do ensino regular, o crescimento não foi satisfatório para a educação

c) com a atualização dos conceitos e terminologias, são efetivadas mudanças no Censo Escolar, que passa a coletar dados sobre a série ou ciclo escolar dos alunos atendidos pela educação especial, possibilitando, a partir destas informações que registram a progressão escolar, criar novos indicadores acerca da qualidade da educação

d) No âmbito da educação infantil, as matrículas concentram-se nas escolas/classes especiais que registram 9.083 alunos, enquanto apenas 4.005 estão matriculados em turmas comuns, contrariando os estudos nesta área que afirmam os benefícios da convivência e aprendizagem entre crianças com e sem deficiência desde os primeiros anos de vida para o seu desenvolvimento

19- Podemos observar no texto que os alunos atendidos pela educação especial, são:

a) Consideram-se alunos com deficiência àqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade

b) Considera-se que as pessoas se modificam continuamente transformando o contexto no qual se inserem

c) Todos os alunos que são diagnosticados pelos médicos próprios das escolas

d) Alternativas A e B estão corretas

20- O atendimento educacional é dado como nas escolas?

a) A inclusão escolar tem início na educação infantil, mas nem sempre os pais levam as crianças para a escola na idade correta

b) O atendimento educacional deve primeiramente ser acompanhado pelos pais, onde o ensino da linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização, ajudas técnicas e tecnologia assistiva, dentre outros

c) elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização

d) Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado pelas escolas e a direção, onde os cursos e aulas diferencias são ministradas por profissionais especializados

RESPOSTAS

01.	B
02.	A
03.	B
04.	D
05.	A
06.	A
07.	C
08.	B
09.	D
10.	A
11.	A
12.	D
13.	B
14.	B
15.	C
16.	A
17.	D
18.	C
19.	D
20.	C

Legislação

1. BRASIL CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL – 1988. (Artigos 5º, 6º; 205 a 214)

DIREITOS E GARANTIAS INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Direito Constitucional Didático – Kildare Gonçalves Carvalho – DelRey - MG

A Constituição de 1988 ampliou consideravelmente o catálogo dos direitos e garantias fundamentais, desdobrando-se o art. 5º em 77 incisos, quando, pela Emenda Constitucional n. 1, de 1969, a matéria era tratada em 36 parágrafos, que integravam o art. 153. A razão do aumento de disposições acerca do tema resulta, sobretudo, da constitucionalização de valores penais que se achavam previstos na legislação penal ou processual penal.

Outro aspecto que deve ser salientado é o de que a declaração dos direitos fundamentais foi deslocada para o início do texto constitucional (Título II), rompendo assim a Constituição vigente com a técnica das Constituições anteriores, que situava os direitos fundamentais na parte final da Constituição, sempre depois da organização do Estado. Essa colocação topográfica da declaração de direitos no início da Constituição, seguindo modelo das Constituições do Japão, México, Portugal, Espanha, dentre outras, tem especial significado, pois revela que todas as instituições estatais estão condicionadas aos direitos fundamentais, que deverão observar. Assim, nada se pode fazer fora do quadro da declaração de direitos fundamentais: Legislativo, Executivo e Judiciário, orçamento, ordem econômica, além de outras instituições, são orientados e delimitados pelos direitos humanos.

Esclareça-se, ainda, que a expressão "estrangeiros residentes no País", constante do art. 50 da Constituição, "deve ser interpretada no sentido de que a Carta Federal só pode assegurar a validade e o gozo dos direitos fundamentais dentro do território brasileiro.

Em consequência, mesmo o estrangeiro não residente no Brasil tem acesso às ações, inclusive mandado de segurança, e aos demais remédios judiciais"; é o que entende José Celso de Mello Filho. De fato, os direitos fundamentais têm, como vimos, caráter universal, e deles serão destinatários todos os que se encontrem sob a tutela da ordem jurídica brasileira, pouco importando se são nacionais ou estrangeiros.

Abrangência

O Título II da Constituição compreende cinco Capítulos. Neles são mencionados os direitos e deveres individuais e coletivos (Capítulo I), os direitos sociais (Capítulo II), a nacionalidade (Capítulo III), os direitos políticos (Capítulo IV) e os partidos políticos (Capítulo V). Portanto, os direitos fundamentais, na Constituição de 1988, compreendem os direitos individuais, os direitos coletivos, os direitos sociais e os direitos políticos.

Os direitos individuais são aqueles que se caracterizam pela autonomia e oponibilidade ao Estado, tendo por base a liberdade - autonomia como atributo da pessoa, relativamente a suas faculdades pessoais e a seus bens. Impõem, como vimos acima, ao tratarmos da sua classificação, uma abstenção, por parte do Estado, de modo a não interferir na esfera própria dessas liberdades.

O direitos políticos têm por base a liberdade-participação, traduzida na possibilidade atribuída ao cidadão de participar do processo político, votando e sendo votado.

Os direitos sociais referidos no art. 60 da Constituição (educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados) são direitos que visam a uma melhoria das condições de existência, mediante prestações positivas do Estado, que deverá assegurar a criação de serviços de educação, saúde, ensino, habitação e outros, para a sua realização. A maioria dos direitos sociais vem enunciada em normas programáticas que demandam intervenção legislativa para se tornarem operativas e aplicáveis, pelo que não podem os seus destinatários invocá-los ou exigi-los imediatamente.

Há autores que reconhecem a existência, na Constituição, além dos direitos sociais, de direitos econômicos, que, contidos em normas de conteúdo econômico, visam proporcionar, através de uma política econômica, *v.g.,* a que trata do planejamento de metas e de financiamento para a consecução do pleno emprego (direito econômico), a realização dos demais direitos humanos, no caso, o oferecimento do salário mínimo (direito social) e o suprimento das necessidades humanas, conferindo ao homem uma vida digna (direito individual). Os direitos econômicos envolvem, desse modo, normas protetoras de interesses individuais, coletivos e difusos. Nesse sentido, posiciona-se José Luiz Quadros de Magalhães, que classifica os direitos econômicos em: I — direito ao meio ambiente; II - direito do consumidor; III - função social da propriedade rural e urbana; IV - transporte (como meio de circulação de mercadorias); V - pleno emprego (direito ao trabalho); VI - outras normas concretizadoras de direitos sociais, individuais e políticos).

Fala ainda a Constituição em direitos coletivos, entendendo-se como tais aqueles cujo exercício cabe a uma pluralidade de sujeitos, e não a cada indivíduo isoladamente. Entende José Carlos Vieira de Andrade que "o elemento coletivo integra o conteúdo do próprio direito - este só ganha sentido se for pensado em termos comunitários, pois estão em causa interesses partilhados por uma categoria ou um grupo de pessoas". Esses direitos coletivos se apresentam às vezes como "direitos individuais de expressão coletiva", em que o *coletivo* não é sujeito de direitos (direito de reunião e de associação), e outras vezes se confundem com os direitos das pessoas coletivas (direito de organização sindical). Como direitos fundamentais coletivos previstos no art. 50 são mencionados: o direito de reunião e de associação, o direito de entidades associativas representarem seus filiados, os direitos de recebimento de informações de interesse coletivo, dentre outros.

Finalmente, relacionados com os direitos fundamentais, apresentam-se os *deveres* fundamentais, referidos no Capítulo I, do Título II, da Constituição, sob a rubrica de *deveres individuais e coletivos.* Por deveres, em sentido genérico, deve-se entender as situações jurídicas de necessidade ou de restrições de comportamentos impostas pela Constituição às pessoas.

Vale lembrar, a propósito, que os direitos individuais foram revelados na História como aquisição de direitos diante do Poder e não como sujeição a deveres.

Daí não existir, no Capítulo dos Direitos Fundamentais, nenhum preceito dedicado a um dever, de forma específica e exclusiva. Os deveres se acham sempre ligados ou conexos com os direitos fundamentais (dever de votar, relacionado com o direito de voto - art. 14, § 1º, I; dever de educar os filhos, relacionado com o direito à educação - art. *205;* dever de defesa do meio ambiente, conjugado com o direito correspondente — art. 225, etc.).

Direito à vida

O primeiro direito do homem consiste no direito à vida, condicionador de todos os demais. Desde a concepção até a morte natural, o homem tem o direito à existência, não só biológica como também moral (a Constituição estabelece como um dos fundamentos do Estado a "dignidade da pessoa humana" - art. 1º, III).

No sentido biológico, a vida consiste no conjunto de propriedades e qualidades graças às quais os seres organizados, ao contrário dos organismos mortos ou da matéria bruta, se mantêm em contínua atividade, manifestada em funções, tais como o metabolismo, o crescimento, a reação a estímulos, a adaptação ao meio, a reprodução e outras.

A vida humana se distingue das demais, seja pela sua origem, vale dizer, pelo processo de sua reprodução a partir de outra vida, seja pela

característica de sua constituição genética: 46 cromossomos para as células diplóides (respectivamente, 23 para as células haplóides ou gametas).

Assim, o embrião é protegido, sendo ilícito o aborto, porque, enquanto dura o processo fisiológico do feto no útero, o homem tem direito à vida embrionária. O aborto é atualmente considerado ilícito pelo nosso Direito, salvo nos casos especiais previstos na legislação penal. Tem sido polêmica, contudo, a tipificação penal do aborto.

Há também controvérsia sobre a eutanásia ou homicídio piedoso, em que a morte é provocada para evitar o sofrimento decorrente de uma doença havida como incurável. A Constituição brasileira não acolheu a eutanásia. De fato, não a recomendam o progresso da medicina e o fato de que a vida é um bem não só individual, mas também social, e o desinteresse por ela, pelo indivíduo, não há de excluí-la da proteção do Direito.

A pena de morte foi proibida pela Constituição de 1988, salvo em caso de guerra declarada (art. 5º, XL VII, a). O Brasil é ainda parte na Convenção Americana sobre Direitos Humanos ("Pacto de San José de Costa Rica"), de 1969, cujo art. 4º menciona o direito à vida como um direito fundamental e inderrogável. Por força também do art. 4º, 2 e 3, há proibição absoluta para estender, no futuro, a pena de morte para toda classe de delitos, bem como de seu restabelecimento nos Estados que a hajam abolido, como é o caso do Brasil, que aderiu a convenção em 25 de setembro de 1992.

O Brasil se obrigou, portanto, ao não-estabelecimento da pena de morte no País. Na hipótese de violação dessa obrigação convencional, estaria configurada a responsabilidade internacional do Brasil.

O debate sobre a licitude e a oportunidade da pena de morte remonta ao Iluminismo, no século XVIII, com Beccaria, que examinou a função intimidatória da pena, ao dizer que "a finalidade da pena não é senão impedir o réu de causar novos danos aos seus concidadãos e demover os demais a fazerem o mesmo".

Neste contexto é que trata da pena de morte com relação e outras penas.

No parágrafo intitulado "Doçura das penas", Beccaria sustenta que os maiores freios contra os delitos não é a crueldade das penas, mas a sua infalibilidade e, consequentemente, a vigilância dos magistrados e a severidade de um juiz inexorável.

Assim, "não é necessário que as penas sejam cruéis para serem dissuasórias. Basta que sejam certas. O que constitui uma razão (aliás, a razão principal) para não se cometer o delito não é tanto a severidade da pena quanto a certeza de que será de algum modo punido." Portanto, conclui Beccaria, além da certeza da pena, há um segundo princípio: a intimidação que nasce não da intensidade da pena, mas de sua extensão, como, por exemplo a prisão perpétua. A pena de morte é muito intensa, enquanto a prisão perpétua é muito extensa. Então, a perda perpétua da própria liberdade tem mais força intimidatória do que a pena de morte.

Este argumento de ordem utilitarista poderia, contudo, ser ultrapassado caso se demonstrasse que a pena de morte preveniria os chamados crimes de sangue, com mais eficácia do que as outras penas.

Neste caso, ter-se-ia que recorrer à instância de ordem moral, a um princípio ético, derivado do imperativo moral "não matarás", a ser acolhido como um princípio de valor absoluto. Mas como?

Se o indivíduo tem o direito de matar em legítima defesa, por que a coletividade não o tem?

Responde então Norberto Bobbio:

"A coletividade não tem esse direito porque a legítima defesa nasce e se justifica somente como resposta imediata numa situação onde seja impossível agir de outro modo; a resposta da coletividade é mediatizada através de um processo, por vezes até mesmo longo, no qual se conflitam argumentos pró e contra. Em outras palavras, a condenação à morte depois de um processo não é mais um homicídio em legítima defesa, mas um homicídio legal, legalizado, perpetrado a sangue frio, premeditado. O Estado não pode colocar-se no mesmo plano do indivíduo singular. O indivíduo age por raiva, por paixão, por interesse, em defesa própria. O Estado responde de modo mediato, reflexivo, racional."

O saudoso Prof. Lydio Machado Bandeira de Mello, ao se insurgir contra a pena de morte, o fez admiravelmente em página insuperável:

"O Direito Penal é um direito essencialmente mutável e relativo. Logo, deve ficar fora de seu alcance a imposição de penas de caráter imutável e absoluto, de total irreversibilidade e irremediáveis quando se descobre que foram impostas pela perseguição, pelo capricho ou pelo erro. Deve ficar fora de seu alcance a pena que só um juiz onisciente, incorruptível, absolutamente igual seria competente para aplicar: a pena cuja imposição só deveria estar na alçada do *ser absoluto,* se ele estatuísse ou impusesse penas: a pena absoluta, a pena de morte. Aos seres relativos e falíveis só compete aplicar penas relativas e modificáveis. E, ainda assim, enquanto não soubermos substituir as penas por medidas mais humanas e eficazes de defesa social".

Note-se, finalmente, que o direito à saúde é outra consequência do direito à vida.

Direito à privacidade

A vida moderna, pela utilização de sofisticada tecnologia (teleobjetivas, aparelhos de escutas), tem acarretado enorme vulnerabilidade à privacidade das pessoas. Daí a Constituição declarar, no art. 50, X, que "são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano moral decorrente de sua violação". Portanto, o direito de estar só e o direito à própria imagem, às vezes tão impiedosamente exposta pelos meios de comunicação de massa, ganham eminência constitucional, protegendo-se o homem na sua intimidade e privacidade. O dano moral decorrente da violação desses direitos, além do dano material, será indenizado, encerrando assim a Constituição a polêmica até então existente no Direito brasileiro sobre a indenização do dano moral.

O direito à honra alcança tanto o valor moral íntimo do homem como a estima dos outros, a consideração social, o bom nome, a boa fama, enfim, o sentimento ou a consciência da própria dignidade pessoal refletida na consideração dos outros e no sentimento da própria pessoa. Envolve, portanto, a honra subjetiva e a honra objetiva, a primeira tendo por núcleo o sentimento de auto-estima do indivíduo, o sentimento que possui acerca de si mesmo, e a honra objetiva significando o conceito social que o indivíduo possui.

O direito à imagem envolve duas vertentes: a imagem-retrato e a imagem-atributo. No primeiro sentido significa o direito relativo à reprodução gráfica (retrato, desenho, fotografia, filmagem, dentre outros) da figura humana, podendo envolver até mesmo partes do corpo da pessoa, como a voz, a boca, o nariz, as pernas, etc. No segundo sentido, é entendida como a imagem dentro de um determinado contexto, é dizer, o conjunto de atributos cultivados pelo indivíduo e reconhecidos pelo meio social.

Distingue-se ainda o direito de privacidade do direito de intimidade. Considere-se que a vida social do indivíduo divide-se em pública e privada. Por privacidade deve-se entender os níveis de relacionamento ocultados ao público em geral, como a vida familiar, o lazer, os negócios, as aventuras amorosas. Dentro, contudo, dessa privacidade há outras formas de relações, como as que se estabelecem entre cônjuges, pai e filho, irmãos, namorados, em que poderá haver abusos ou violações. Assim, na esfera da vida privada há um outro espaço que é o da intimidade. Há, portanto, uma noção de privacidade em que as relações inter-individuais devem permanecer ocultas ao público e existe o espaço da intimidade, onde pode ocorrer a denominada "tirania da vida privada", na qual o indivíduo deseja manter-se titular de direitos impenetráveis mesmo aos mais próximos. Enfim, dir-se-ia que o espaço privado compreende o direito à privacidade e o direito à intimidade, sendo exemplo de violação deste último o ato do pai que devassa o diário de sua filha adolescente ou o sigilo de suas comunicações telefônicas.

A inviolabilidade do domicílio constitui manifestação do direito à privacidade de que cuidamos acima. A Constituição diz, no art. *5º,* XI, que "a

casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou durante o dia, por determinação judicial". Valem as seguintes observações.

I - o termo "casa" empregado no texto constitucional compreende qualquer compartimento habitado, aposento habitado, ou compartimento não aberto ao público, onde alguém exerce profissão ou atividade (Código Penal, art. 150, § 40). É a projeção espacial da pessoa; o espaço isolado do ambiente externo utilizado para o desenvolvimento das atividades da vida e do qual a pessoa pretenda normalmente excluir a presença de terceiros. Da noção de casa fazem parte as ideias de âmbito espacial, direito de exclusividade em relação a todos, direito à privacidade e à não intromissão. De se considerar, portanto, que nos teatros, restaurantes, mercados e lojas, desde que cerrem suas portas e neles haja domicílio, haverá a inviolabilidade por destinação, circunstância que não ocorre enquanto abertos;

II - o conceito de noite é o astronômico, ou seja, o lapso de tempo entre o crepúsculo e a aurora;

III - as exceções constitucionais ao princípio da inviolabilidade do domicílio são: a) durante o dia, por determinação judicial, além da ocorrência das hipóteses previstas para a penetração à noite; b) durante a noite, no caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro.

Liberdades constitucionais

Vários são os sentidos de liberdade.

A liberdade, em sentido geral, consiste no estado de não estar sob o controle de outrem, de não sofrer restrições ou imposições, tendo aqui sentido negativo. Mas significa também "a faculdade ou o poder que a pessoa tem de adotar a conduta que bem lhe parecer, sem que deva obediência a outrem". José Afonso da Silva diz que a "liberdade consiste na possibilidade de coordenação consciente dos meios necessários à realização da felicidade pessoal." Já Ylves José de Miranda Guimarães entende que "a liberdade, conceitualmente, é a força eletiva dos meios, guardada a ordem dos fins." E Harold Laski entende por liberdade "a ausência de coação sobre a existência daquelas condições sociais que, na civilização moderna, são as garantias necessárias da felicidade individual".

A liberdade, assim, é inerente à pessoa humana, condição da individualidade do homem.

A Constituição estabelece várias formas de liberdade, que passaremos a examinar.

Liberdade de ação: é o ponto de contato entre a liberdade e a legalidade - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei (art. 5º, II), base do Estado de Direito: um "governo mais das leis do que dos homens". O sentido de lei aqui é formal, ou seja, aquela espécie normativa elaborada pelo Congresso Nacional, segundo tramitação constitucional.

Considere-se ainda que, embora o Executivo exerça a função legislativa, ela é efetivada em caráter excepcional e exige a participação do Congresso Nacional em seu aperfeiçoamento, para que o ato legislativo se transforme em lei. Excluem-se, então, a nosso juízo, do conceito de lei a que se refere o dispositivo constitucional, as medidas provisórias, pois que, embora tenham força de lei (art. 62) desde a sua edição, não são leis, somente passando a sê-lo após o processo de conversão que depende do voto da maioria absoluta dos membros das duas Casas do Congresso Nacional.

De resto, vale ressaltar que a Constituição instituiu para determinadas matérias o princípio da reserva da lei, que coincide com a reserva de lei parlamentar, ou seja, matérias como criação de tributos, tipificação de crimes, restrição a direitos fundamentais, dentre outras, som ente poderão ser disciplinadas em lei elaborada pelo Poder Legislativo, segundo tramitação própria.

Liberdade de locomoção: trata-se de liberdade da pessoa física, segundo a qual "é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens" (art. 5º, XV). O direito de ir, vir e ficar é protegido pelo *habeas corpus* (art. *5º* LXVIII). O direito de circulação no território nacional, em tempo de paz, é livre, observando-se, no entanto, que, se a circulação envolver meios de transporte (bicicleta, automóvel, motocicleta e outros), caberá ao poder de polícia estabelecer o controle do tráfego, sem que isso importe restrição ao direito. No caso de estrangeiros, a lei poderá estabelecer limitações para a entrada e saída do País com os seus bens, e, em tempo de guerra, poderá esse direito sofrer mais limitações, não excedentes, contudo, as previstas para o estado de sítio.

Liberdade de pensamento: enquanto mera cogitação, o pensamento é livre, em termos absolutos, pois não se pode penetrar no mundo interior. José Cretella Jr. diz que "o ser humano pode pensar o que quiser *(pensiero non paga gabella),* não recebendo, por este ato, tão-só, qualquer espécie de punição *(nemo poenam cogitationis patitur).* Aliás, o pensamento, mau ou bom, que pode preocupar a religião, a qual recrimina o primeiro e exalta o segundo, é estranho às cogitações do mundo jurídico. No entanto, o próprio pensar tem sido objeto da ação administrativa, havendo regimes, em nossos dias, que preconizam e praticam a própria mudança do pensamento, mediante a lavagem cerebral.

Liberdade de consciência ou de crença: é assegurada pela Constituição (art. 5º VI, parte inicial) "A liberdade de consciência é a liberdade do foro íntimo, em questão não religiosa. A liberdade de crença é também a liberdade do foro íntimo, mas voltada para a religião." A Constituição declara ainda que "ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar prestação alternativa, fixada em lei" (inciso VIII). Esse dispositivo se refere à escusa ou objeção de consciência, nomeadamente em se tratando de serviço militar (art. 143, §1º), em que poderá ser invocada, em tempo de paz, a fim de que o indivíduo seja excluído de atividades essencialmente militares, sujeitando-se, contudo, a outros encargos que a lei estabelecer, em caráter de substituição.

Liberdade de manifestação do pensamento: o homem não se contenta com o pensamento interiorizado. Projeta o seu pensamento através da palavra ou oral ou escrita, ou outros símbolos que sirvam de veículo exteriorizador do pensamento. A Constituição declara que "é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato" (art. 5º,IV), notando-se que a vedação do anonimato é para que se possa tornar efetivo o direito de resposta, proporcional ao agravo, com indenização por dano material ou moral à imagem (art. 5º, V).

A Constituição, para garantir a livre manifestação do pensamento, declara que "e inviolável o sigilo de correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal" (art. 5º, XII). Note-se que o sigilo das comunicações poderá ser suspenso na vigência de estado de defesa e estado de sítio (art. 136, § 1º, I, b e c, e art. 139, III).

Há nesse ponto que examinar as noções de *interceptação telefônica* e *gravação clandestina.*

A interceptação telefônica consiste na captação e gravação de conversa telefônica, no mesmo momento em que ela se realiza, por terceira pessoa sem o conhecimento de qualquer dos interlocutores.

A gravação clandestina é aquela em que a captação e gravação da conversa pessoal, ambiental ou telefônica se dá no momento em que a mesma se realiza, sendo feita por um dos interlocutores, ou por terceira pessoa com seu consentimento, sem que haja conhecimento dos demais interlocutores (Alexandre de Moraes).

A distinção entre as duas modalidades de quebra do sigilo de conversa telefônica está em que, enquanto na interceptação telefônica nenhum dos interlocutores tem ciência da gravação, na segunda um deles tem pleno conhecimento de que a gravação se realiza.

Note-se que a Constituição Federal prevê exceção apenas relativamente à interceptação telefônica (art. 5º, XII), desde que presentes os seguintes requisitos: a) ordem judicial; b) para fins de investigação criminal ou instrução processual penal; c) nas hipóteses e na forma que a Lei estabelecer. A matéria se acha regulada pela Lei n. 9.296, de 24 de julho de 1996. Anote-se que a adoção da escuta telefônica é permitida apenas, como se viu, no âmbito penal, para o exercício da investigação penal ou com vistas à instrução criminal. Assim, em princípio, seria incabível postular a escuta para outras finalidades, sendo, pois, impertinente sua utilização no processo civil, pois seria uma prova ilícita vedada pelo inciso LVI do art. 5º da Constituição. A propósito, o Supremo Tribunal Federal, em caso líder, não admitiu prova de adultério obtida por gravação clandestina em fita magnética, em ação de antigo desquite *(RTJ* 84/609). Em outro julgamento, e reforçando esse entendimento, deixou consignado, em voto do Ministro Celso de Mello, que:

"A gravação de conversação com terceiros, feita através de fita magnética, sem o conhecimento de um dos sujeitos da relação dialógica, não pode ser contra este utilizada pelo Estado em juízo, uma vez que esse procedimento precisamente por realizar-se de modo sub-reptício, envolve quebra evidente de privacidade, sendo, em consequência, nula a eficácia jurídica da prova coligida por esse meio. O fato de um dos interlocutores desconhecer a circunstância de que a conversação que mantém com outrem está sendo objeto de gravação atua, em juízo, como causa obstativa desse meio de prova. O reconhecimento constitucional do direito à privacidade (CF, art. 5º, X) desautoriza o valor probante do conteúdo de fita magnética que registra, de forma clandestina, o diálogo mantido com alguém que venha a sofrer a persecução penal do Estado. A gravação de diálogos privados, quando executada com total desconhecimento de um de seus partícipes, apresenta-se eivada de absoluta desvalia, especialmente quando o órgão da acusação penal postula, com base nela, a prolação de um decreto condenatório" (Ação Penal 307- DF).

Realmente, não se deve desconhecer que as gravações telefônicas apresentam possibilidades de manipulação, através de sofisticados meios eletrônicos e computadorizados, em que se pode suprimir trechos da gravação, efetuar montagens com textos diversos, alterar o sentido de determinadas conversas, realizar montagens e frases com a utilização de padrões vocais de determinadas pessoas, o que leva à imprestabilidade de tais provas.

Advirta-se, no entanto, que a rigidez da vedação das provas ilícitas vem sendo abrandada, mas em casos de excepcional gravidade, pela aplicação do princípio da proporcionalidade, caso em que as provas ilícitas, verificada a excepcionalidade do caso, poderão ser utilizadas. Para tanto é necessário, contudo, que o direito tutelado seja mais importante que o direito à intimidade, segredo e privacidade.

Enfim, a regra geral é a da inadmissibilidade das provas ilícitas, que só excepcionalmente poderiam ser aceitas em juízo, restrita ainda ao âmbito penal, pois a razão nuclear das normas que imponham restrições de direitos fundamentais não é outra senão a de assegurar a previsibilidade das consequências derivadas da conduta dos indivíduos. Toda intervenção na liberdade tem de ser previsível, além de clara e precisa.

Anote-se que a censura foi proscrita da Constituição, mencionando o inciso IX, do art. 5º, que "é livre a manifestação da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença", e o art. 220, § 2º, que "é vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística". Acentue-se, contudo, que a Constituição institui como princípios orientadores da produção e programação das emissoras de rádio e televisão, dentre outros, os seguintes (art. 221, I e IV): I — preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II - promoção da cultura nacional e regional e estimulo à produção independente que objetive sua divulgação; III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; IV — respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Segundo o disposto § 3º do art. 220 da Constituição, compete à lei federal estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem tais princípios, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

Compete, ainda, à lei federal regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao Poder Público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que se recomendam, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990) dispõe que nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado em emissora de rádio ou televisão, sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição, constituindo infração administrativa, sujeita a multa, o descumprimento desta obrigação. Em caso de reincidência, a autoridade judiciária poderá determinar a suspensão da programação da emissora por até dois dias (arts. 76, parágrafo único, e 254, do Estatuto).

Liberdade de informação jornalística: está dito na Constituição que "a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição" (art. 220), sendo livre a expressão de comunicação (art. 5º, IX). Assim, a liberdade de informação jornalística, referida no § 1º do art. 220, não se restringe à liberdade de imprensa, pois alcança qualquer veículo de comunicação (rádio, cinema, televisão, dentre outros). Mas a liberdade de informação jornalística se relaciona com o direito ao acesso à informação (art. 5º, XIV), ou seja, como direito individual, a Constituição assegura o direito de ser informado corretamente não só ao jornalista, mas ao telespectador ou ao leitor de jornal. O *habeas data* é o instrumento que protege o acesso à informação. O sigilo da fonte é resguardado, quando necessário, ao exercício profissional. A Constituição garante o direito de resposta proporcional ao agravo, bem como a indenização pelo dano moral decorrente da violação da intimidade, vida privada, honra ou imagem da pessoa (art. 5º, V e IX).

Anote-se que a informação jornalística se compõe pela notícia e pela crítica. A notícia traduz a divulgação de um fato cujo conhecimento tenha importância para o indivíduo na sociedade em que vive, e a crítica denota uma opinião, um juízo de valor que recai sobre a notícia.

Desse modo, o direito de informação jornalística deve ser exercitado segundo esses requisitos, considerando-se ainda que o fato a ser noticiado seja importante para que o indivíduo possa participar do mundo em que vive.

O direito à *informação jornalística,* para *que seja considerado preferencial* aos demais direitos da personalidade, deve atender aos requisitos acima referidos, é dizer, versar sobre fatos de real significado para o sociedade e a opinião pública. Versando sobre fatos sem importância, normalmente relacionados com a vida íntima das pessoas, desveste-se a notícia do caráter de informação, atingindo, muitas vezes, a honra e a imagem do ser humano.

A respeito do assunto, o Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo deixou consignado que:

"No cotejo entre o direito à honra e o direito de informar, temos que este último prepondera sobre o primeiro. Porém, para que isto ocorra, necessário verificar se a informação é verídica e o informe ofensivo à honra alheia inevitável para a perfeita compreensão da mensagem.

Nesse contexto, que é onde se insere o problema proposto à nossa solução, temos as seguintes regras:

1.ª) o direito à informação é mais forte do que o direito à honra;

2.ª) para que o exercício do direito à informação, em detrimento da honra alheia, se manifeste legitimamente, é necessário o atendimento de dois pressupostos:
   a) a informação deve ser verdadeira;
   b) a informação deve ser inevitável para passar a mensagem. "

Considere-se ainda que, como qualquer direito fundamental, a liberdade de informação jornalística contém limites, pelo que, mesmo verdadeira, não deve ser veiculada de forma insidiosa ou abusiva, trazendo contornos de escândalo, sob pena de ensejar reparação por dano moral (RT 743/381).

Liberdade religiosa: a liberdade religiosa deriva da liberdade de pensamento. É liberdade de crença e de culto e vem declarada no art. 5º, VI: "é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias". A liberdade de crença envolve a de não ter crença e a de aderir ou mudar de religião.

A liberdade de culto é a liberdade de exteriorizar a fé religiosa, mediante atos e cerimônias, como procissões, adorações, cantos sagrados, missas, sacrifícios, dentre outros. Afirma José Cretella Jr. que, "na verdade, não existe religião sem culto, porque as crenças não constituem por si mesmas uma religião. Se não existe culto ou ritual, correspondente à crença, pode haver posição contemplativa, filosófica, jamais uma religião.

A Constituição assegura, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva (art. 5º, VII), mas no art. 19, I, veda ao Estado estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público. Assim, todos os cultos deverão receber tratamento de igualdade pelo Poder Público, já que o Estado confessional existente no Império foi abolido com a República.

Liberdade de reunião: diz o art. 5º XVI, que "todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente". A reunião consiste no "agrupamento voluntário de diversas pessoas que, previamente convocadas, acorrem ao mesmo lugar, com objetivos comuns", ensina José Cretella Jr. E o gênero, do qual a aglomeração constitui espécie, entendendo-se por aglomeração o ajuntamento de várias pessoas sem pré-aviso, imprevisto, levadas pela curiosidade, pelo acontecimento fortuito.

A reunião diferencia-se da associação, pois que esta tem base contratual e caráter de continuidade e estabilidade.

A reunião de pessoas desarmadas é livre, somente sofrendo limitação caso a sua realização impeça outra reunião convocada para o mesmo local. Exige-se apenas prévia comunicação à autoridade competente, não lhe cabendo, no entanto, indicar o local da reunião, que é escolhido pelos seus participantes. Nada impede que a polícia tome providências para o resguardo da ordem pública durante a reunião, sem, contudo, frustrá-la, devendo, ao contrário, garantir a sua realização.

Liberdade de associação: a associação consiste num direito individual de expressão coletiva, como já acentuamos. Sua base é contratual, seu fim lícito, e o elemento psíquico é maior do que na liberdade de reunião (o objetivo comum será realizado em tempo relativamente longo, implicando vínculos mais duradouros e contínuos).

A Constituição trata das associações no art. 5º, XVII a XXI. A criação de associações e, na forma da lei, de cooperativas independe de autorização, vedando-se a interferência do Estado em seu funcionamento. A dissolução ou a suspensão das atividades das associações só se dará mediante decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, trânsito em julgado. Diz ainda a Constituição que "ninguém será compelido a associar-se ou a permanecer associado", reproduzindo-se a regra no art. 8º, V, relativamente aos sindicatos. Permite o texto constitucional (art. 5º, XXI) que as associações, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para representar seus filiados, judicial ou extrajudicialmente.

Liberdade de exercício profissional: dispõe o art. 5º, XIII, que "é livre o exercício de qualquer trabalho, oficio ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer". Trata-se do direito de livre escolha da profissão. A liberdade de ação profissional, reconhecida pela Constituição, exclui o privilégio de profissão, de que eram exemplos ilustrativos as corporações de ofício. Mas a liberdade de trabalho está condicionada às qualificações profissionais previstas em lei federal (cabe à União legislar sobre "condições para o exercício de profissões" — art. 22, XVI, parte final), entendendo-se por qualificações profissionais o conjunto de conhecimentos necessários e suficientes para a prática de alguma profissão.

Liberdade de ensino e aprendizagem: embora se caracterize como manifestação do pensamento, a Constituição destaca a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, segundo os princípios do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino (art. 206, II e III). Refere-se a Constituição não só à liberdade de ensinar, mas também à liberdade de aprender e de pesquisar. Assim, se por um lado o professor dispõe de autonomia sobre o que ensinar, limitada, é certo, pelo conteúdo programático da disciplina, por outro lado o aluno tem o direito de "reclamar um trabalho sério de seus mestres."

Direito de igualdade

A Constituição abre o Título da Declaração de Direitos afirmando, no *caput* do art. 5º que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza", dispondo ainda o seu inciso I que "homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição". A igualdade figura também no art. 3º, IV, da Constituição, como objetivo fundamental do Estado brasileiro.

Ao cuidar dos direitos sociais, a Constituição insere o princípio da igualdade nos incisos XXX e XXXI, do art. 7º, ao proibir:

Diferença de salários, de exercícios de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil;

Qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência, notando-se que a vedação da letra a se estende aos servidores públicos civis (art. 39, § 2º).

O princípio da igualdade é o que mais tem "desafiado a inteligência humana e dividido os homens", afirma Paulino Jacques. De fato, a igualdade formal, entendida como igualdade de oportunidades e igualdade perante a lei, tem sido insuficiente para que se efetive a igualdade material, isto é, a igualdade de todos os homens perante os bens da vida, tão enfatizada nas chamadas democracias populares, e que, nas Constituições democráticas liberais, vem traduzida em normas de caráter programático, como é o caso da Constituição brasileira.

No exame do princípio da igualdade, deve-se levar em conta, ainda, que, embora sejam iguais em dignidade, os homens são profundamente desiguais em capacidade, circunstância que, ao lado de outros fatores, como compleição física e estrutura psicológica, dificulta a efetivação do princípio.

Daí ser incorreto o enunciado do art. 5º de que todos são iguais sem distinção de qualquer natureza, pois "prever simetria onde há desproporção visível não é garantir igualdade real, mas consagrar desigualdade palpitante e condenável."

Igualdade, desde Aristóteles, significa tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida em que se desigualam.

A questão, no entanto, é saber quem são os iguais e quem são os desiguais. Para isso, importa conhecer os fatores de desigualação, já que, como se verificou, as coisas, os seres e as situações, se apresentam pontos comuns, revelam diferenças em alguns aspectos ou circunstâncias.

Como então identificar as desigualações sem que haja o comprometimento do princípio da igualdade sob, naturalmente, um ponto de vista normativo?

Em notável monografia acerca do tema, Celso Antônio Bandeira de Mello acentuou:

"Para que um discrímen legal seja conveniente com a isonomia, impende que concorram quatro elementos:

- que a desequiparação não atinja, de modo atual e absoluto, um só indivíduo;
- que as situações ou pessoas desequiparadas pela regra de direito sejam efetivamente distintas entre si, vale dizer, possuam características, traços, *nelas residentes,* diferençados;
- que exista, em abstrato, uma correlação lógica entre os fatores diferenciais existentes e a distinção de regime jurídico em função deles, estabelecida pela norma jurídica;

- que, *in concreto,* o vínculo de correlação supra-referido seja pertinente em função dos interesses constitucionalmente protegidos, isto é, resulta em diferenciação de tratamento jurídico fundada em razão valiosa - ao lume do texto constitucional - para o bem público. "

Pondere-se ainda que a ideia de igualdade se relaciona com a da própria justiça, quando se trata de exigir de cada um aquilo que sua capacidade e possibilidade permitirem, e conceder algo a cada um, de acordo com os seus méritos (justiça distributiva).

Anote-se que a igualdade perante a lei, declarada em nossa Constituição (art. 5º, I), significa uma limitação ao legislador e uma regra de interpretação. Esclarece Manoel Gonçalves Ferreira Filho que, "como limitação ao legislador, proíbe-o de editar regras que estabeleçam privilégios, especialmente em razão da classe ou posição social, da raça, da religião, da fortuna ou do sexo do indivíduo. E também um princípio de interpretação. O juiz deverá dar sempre à lei o entendimento que não crie privilégios de espécie alguma. E, como juiz, assim deverá proceder todo aquele que tiver de aplicar uma lei."

O princípio da igualdade, como se vê, não é absoluto, como nenhum direito o é.

De início, a Constituição, embora estabeleça no art. 5º, *caput,* que o direito à igualdade tem como destinatários brasileiros e estrangeiros residentes no País, ressalva, no § 2º do art. 12, algumas diferenciações. Assim, por exemplo, não obstante vede a extradição de brasileiro, o texto constitucional a admite para o brasileiro naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas, na forma da lei (art. 5º, LI), tornando ainda privativa de brasileiro nato ou naturalizado há mais de dez anos a propriedade de empresa jornalística e de radiofusão sonora e de sons e imagens, aos quais caberá a responsabilidade por sua administração e orientação intelectual (art. 222).

Também no tocante à proibição de critério de admissão por motivo de idade, quanto ao serviço público, assinala Celso Antônio Bandeira de Mello que "tal requisito como regra não pode ser exigido. Isto porque haverá hipóteses nas quais do fator idade pode resultar uma específica incompatibilidade com algum determinado cargo ou emprego, cujo satisfatório desempenho demande grande esforço físico ou acarrete desgaste excessivo, inadequados ou impossíveis a partir de certa fase da vida. Não se tratará, pois, de uma pretendida limitação indiscriminada e inespecífica inadmitida pelo texto constitucional -, mas, pelo contrário, da inadequação física para o satisfatório desempenho de certas funções como consequência natural da idade."

O Supremo Tribunal Federal, depois de reconhecer a vedação constitucional de diferença de critério de admissão por motivo de idade como corolário do princípio fundamental de igualdade na esfera das relações de trabalho, estendendo-se a todo o sistema do pessoal civil, ressaltou que "é ponderável, não obstante, a ressalva das hipóteses em que a limitação de idade se possa legitimar como imposição da natureza e das atribuições do cargo a preencher."

Assinale-se ainda que a Emenda Constitucional n. 19/98, ao dar nova redação ao inciso II do art. 37, reforçou esta tese, ao prever que a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei.

A própria Constituição prevê ainda idade mínima de trinta e cinco e máxima de sessenta e cinco anos para os cargos, por nomeação do Presidente da República, de Ministro do Supremo Tribunal (art. 101); do Superior Tribunal de Justiça (art. 104, parágrafo único); do Tribunal Superior do Trabalho (art. 111, § 1º); de Juiz dos Tribunais Regionais Federais (art. 107); e idade mínima de 35 anos para o cargo de Ministro civil do Superior Tribunal Militar (art. 123, parágrafo único).

Há entendimento no sentido de que a idade mínima e máxima (respeitado nesta última o limite de sessenta e cinco anos), para *o* ingresso na magistratura de carreira, poderá ser fixada em lei (Estatuto da Magistratura), o mesmo ocorrendo quanto aos cargos iniciais da carreira do Ministério Público, cujo limite de idade será estabelecido em lei. Tal entendimento tem como fundamento o fato de que os magistrados e os membros do Ministério Público têm regime funcional próprio, não se submetendo ao disposto no art. 39.

Direito de propriedade — Fundamentos

A propriedade, objeto imediato dos direitos fundamentais (art. 5º, *caput),* é garantida pelo inciso XXII e constitui princípio da ordem econômica (art. 170, II).

O direito de propriedade é "abrangente de todo o patrimônio, isto é, os direitos reais, pessoais e a propriedade literária, a artística, a de invenções e descoberta. A conceituação de patrimônio inclui o conjunto de direitos e obrigações economicamente apreciáveis, atingindo, consequentemente, as coisas, créditos e os débitos, todas as relações jurídicas de conteúdo econômico das quais participe a pessoa, ativa ou passivamente", ensina Ylves José de Miranda Guimarães.

Para o Direito Natural, a propriedade antecede ao Estado e à própria sociedade, e não poderá ser abolida, mas seu uso poderá ser regulado em função do bem comum.

Função social da propriedade

Concebida como direito fundamental, a propriedade não é, contudo, um direito absoluto, estando ultrapassada a afirmação constante da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, considerando-a sagrada.

Ao dispor que "a propriedade atenderá a sua função social", o art. 5º, XXIII, da Constituição a desvincula da concepção individualista do século XVIII. A propriedade, sem deixar de ser privada, se socializou, com isso significando que deve oferecer à coletividade uma maior utilidade, dentro da concepção de que o social orienta o individual.

A função social da propriedade, que corresponde a uma concepção ativa e comissiva do uso da propriedade, faz com que o titular do direito seja obrigado a fazer, a valer-se de seus poderes e faculdades, no sentido do bem comum.

Mencione-se, ainda, que a função social da propriedade vai além das limitações que lhe são impostas em benefício de vizinhos, previstas no Código Civil, pois que elas visam ao benefício da comunidade, do bem comum, do interesse social.

A função social da propriedade urbana vem qualificada pela própria Constituição, ao estabelecer, no § 2º do art. 182, que "a propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade, expressas no plano diretor".

Observe-se que o plano diretor, obrigatório para cidades com mais de 20 mil habitantes, é o instrumento básico da política de desenvolvimento de expansão urbana e será estabelecido em lei municipal (art. 182, §§ 1º e 2º). O Poder Público municipal, mediante lei específica para área incluída no plano diretor, poderá exigir, nos termos da lei federal, do proprietário do solo urbano não edificado, subutilizado ou não utilizado, que promova seu adequado aproveitamento, sob pena, sucessivamente, de:

I - parcelamento ou edificação compulsórios;

II - imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana progressivo no tempo;

III - desapropriação com pagamento mediante títulos da dívida de emissão previamente aprovada pelo Senado Federal, com prazo de resgate de até dez anos, em parcelas anuais, iguais e sucessivas, assegurados o valor real da indenização e os juros legais (art. 182, § 4º, I a III). O Prof. Raul Machado Horta, depois de dizer que "os capítulos da Política Urbana, da Política Agrícola, Fundiária e da Reforma Agrária estão igualmente impregnados de normas ambíguas e elásticas, sob a aparência de razoabilidade, mas que poderão conduzir a resultado extremos, na medida em que o legislador preferir explorar conteúdo dilatador da norma constitucional federal autorizativa", adverte para o fato de que a lei municipal, sob a invocação do princípio da função soci-

al da propriedade, poderá sujeitar o proprietário urbano a retaliações locais, muitas vezes inspiradas no facciosismo político.

A função social da propriedade rural vem qualificada no art. 186 da Constituição, ou seja, é cumprida quando atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

I - aproveitamento racional e adequado;
II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;
III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho;
IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores.

Desapropriação

Os bens do proprietário poderão ser transferidos para o Estado ou para terceiros, sempre que haja necessidade ou utilidade públicas, ou interesse social, mediante *prévia* e *justa* indenização em dinheiro, ressalvadas as hipóteses constitucionais em que a indenização se fará mediante títulos da dívida pública (art. 182, § 4º, III -desapropriação como sanção ao proprietário de imóvel urbano não edificado, subutilizado ou não utilizado), e títulos da dívida agrária (arts. 184 e 186 - desapropriação, pela União, por interesse social para fins de reforma agrária, do imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social).

"Há necessidade pública sempre que a expropriação de determinado bem é indispensável para atividade essencial do Estado. Há utilidade pública quando determinado bem, ainda que não seja imprescindível ou insubstituível, é conveniente para o desempenho da atividade estatal. Entende-se existir interesse social toda vez que a expropriação de um bem for conveniente para a paz, o progresso social ou para o desenvolvimento da sociedade."

A Constituição prevê, no art. 5º, XXV, que, "no caso de iminente perigo público, a autoridade competente poderá usar de propriedade particular, assegurada ao proprietário indenização ulterior, se houver dano". Trata-se de requisição, que não se confunde com a desapropriação, pois a indenização será posterior à utilização da propriedade particular, que nem sempre será transferida para o Poder Público, ocorrendo apenas a sua utilização temporária. Anote-se que compete privativamente à União legislar sobre requisições civis e militares, em caso de iminente perigo e em tempo de guerra (art. 22, III).

Os incisos XXVII a XXIX do art. 5º tratam de propriedades especiais, tais como a propriedade literária, artística e científica, a propriedade de invenções e a propriedade das marcas de indústria e comércio.

Garantias constitucionais — Explicação inicial

Conforme vimos no item 3 deste Capítulo, há controvérsia sobre a conceituação de garantias constitucionais, entendendo-se até mesmo que rigorosamente elas se confundem com os próprios direitos fundamentais, se concebidas como limitações impostas ao Poder Público. Em vez de se utilizarem da expressão "garantias constitucionais", alguns autores preferem chamar de "remédios constitucionais" os processos previstos na Constituição para a defesa dos direitos violados *(habeas corpus,* mandado de segurança, dentre outros).

Assumindo posição diante da controvérsia, adotamos, para os fins deste trabalho, o sentido dado às garantias constitucionais por Rosah Russomano, ou seja, as determinações e procedimentos mediante os quais os direitos inerentes à pessoa humanas obtêm uma tutela concreta. Assim, passaremos ao exame de algumas delas.

Garantias das relações jurídicas

Ao preceituar que "a lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada" (art. 5º, XXX VI), a Constituição procura tutelar situações consolidadas pelo tempo, dando segurança e certeza às relações jurídicas. A Constituição não veda expressamente a retroatividade das leis. Impede apenas que as leis novas apliquem-se a determinados atos passados (direito adquirido, ato jurídico perfeito e coisa julgada). As normas penais também não poderão retroagir, salvo para beneficiar o réu. As leis, assim, deverão reger e produzir efeitos para o futuro, não incidindo eficazmente sobre fatos consumados, produzidos pela lei anterior.

Tem-se por direito adquirido, segundo estabelece o art. 6º, § 2º da Lei de Introdução ao Código Civil, aquele que o seu titular ou alguém por ele possa exercer, como aquele cujo começo do exercício tenha termo prefixado, ou condição preestabelecida inalterável, a arbítrio de outrem. Pontes de Miranda, ao tratar do dificílimo tema, define o direito adquirido como "o direito irradiado de fato jurídico, quando a lei não o concebeu como atingível pela lei nova".

Para De Plácido e Silva, "direito adquirido é o direito que já se incorporou ao patrimônio da pessoa, já é de sua propriedade, já constitui um bem, que deve ser protegido contra qualquer ataque exterior, que ouse ofendê-lo ou turbá-lo."

No campo do Direito Público, muito se tem discutido acerca da ocorrência ou não do direito adquirido. A questão está, a nosso ver, em verificar se o direito de que se trata já se acha incorporado ou não ao patrimônio de seu titular. Na hipótese afirmativa, deve-se reconhecer a sua existência. Mas no caso contrário, ou seja, naquela situação jurídica em que o particular não teve ainda incorporado ao seu patrimônio determinado direito (como, por exemplo, o público), não pode invocar a imunidade contra o Poder Público, pois a natureza de seu direito comporta revogação a qualquer tempo.

Ato jurídico perfeito, de acordo com a Lei de Introdução ao Código Civil (art. 6º, § 1º), é aquele já consumado segundo a lei vigente ao tempo em que se efetuou. Pontes de Miranda sustenta que ato jurídico perfeito "é o negócio jurídico, ou o ato jurídico *stricto sensu;* portanto, assim as declarações unilaterais de vontade, como os negócios jurídicos bilaterais, assim os negócios jurídicos, como as reclamações, interpelações, a fixação de prazo para a aceitação de doação, as cominações, a constituição de domicílio, as notificações, o reconhecimento para interromper a prescrição ou como sua eficácia (atos jurídicos *stricto sensu)."*

Portanto, é perfeito o ato jurídico que reúna os elementos substanciais previstos na lei civil, quais sejam: agente capaz, objeto lícito e forma prescrita ou não vedada por lei. Ressalte-se ainda que, embora não consumado, o ato jurídico perfeito que se encontra apto a produzir efeitos tem garantida a sua execução contra a lei nova que não os pode regular, subordinados que ficam à lei antiga.

Chama-se coisa julgada a decisão judicial de que já não caiba recurso (art. 6º, § 4º, da Lei de Introdução ao Código Civil). O Código de Processo Civil, em seu art. 467, define a coisa julgada material como "a eficácia, que torna imutável e indiscutível a sentença, não mais sujeita a recurso ordinário ou extraordinário." Ensina José Cretella Jr. que coisa julgada formal é "a decisão definitiva que não mais pode ser discutida no âmbito do mesmo processo", sendo a coisa julgada material "a decisão definitiva, perene, imutável, que nem em outro processo pode mais ser discutida".

Parece-nos que a Constituição, por não distinguir, outorga proteção tanto à coisa julgada formal quanto à coisa julgada material.

As garantias das relações jurídicas, como previstas na Constituição, constituem cláusula irreformável, já que se trata de garantias individuais. Assim, emenda à Constituição que vise desconstituí-las é suscetível de arguição de inconstitucionalidade. Elas devem ainda ser concebidas como valores inerentes à estrutura do Estado Democrático de Direito, assim definido na Constituição de 1988.

Garantias criminais

Seu objeto é a tutela da liberdade pessoal, incluindo-se as constantes dos seguintes incisos do art. *5º:* proibição de juizes ou tribunais de exceção (inciso XXXVII); julgamento dos crimes dolosos contra a vida pelo Tribunal do Júri (inciso XXXVIII), notando-se o fortalecimento da instituição do júri pelos princípios da plenitude da defesa, sigilo da votações e soberanias dos veredictos; garantia do juiz competente (incisos LIII e LXI); comunicação de toda prisão ao juiz competente (inciso LXII); o contraditório e a ampla defesa, que se estendem ao processo administrativo (inciso LV); anterioridade da lei penal (inciso XL), individualização da pena (inciso XLVI); perso-

nalização da pena (inciso XLV); proibição de penas de banimento, prisão perpétua, trabalhos forçados e de morte; salvo, neste último caso, em caso de guerra declarada (inciso XLVII); proibição de prisão civil por dívida, salvo a do responsável pelo inadimplemento voluntário e inescusável de obrigação alimentícia e a do depositário infiel (inciso LXVII); proibição da não-extradição de estrangeiro em razão de crime político, ou de opinião, e em caso algum de brasileiro (incisos LI e LII); presunção de inocência (inciso LVII), com a proibição de identificação criminal do civilmente, identificado, salvo nas hipóteses previstas em lei (inciso LVIII); vedação e punição da tortura (inciso XLIII); vedação e punição do racismo (inciso XLII).

Observe-se que a Constituição considera crimes imprescritíveis a prática do racismo e a ação de grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático, rompendo assim com tradição de nosso Direito, que sempre considerou o decurso do tempo como causa de extinção da punibilidade.

Dentro das garantias criminais, avulta o *habeas corpus,* que, como se viu, é considerado remédio constitucional.

O *habeas corpus* tutela a liberdade de locomoção: "conceder-se *habeas corpus* sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder" (art. 5º, LXVIII).

Instituto originário da Inglaterra medieval, o *habeas corpus* surgiu com a Magna Carta de 1215, reaparecendo depois no *Bill of Rights,* e no *Habeas Corpus Act,* de 1679.

No Brasil, o *habeas corpus* não era previsto na Constituição do Império de 1824, tendo sido instituído pela Constituição Republicana de 1891.

O seu objeto é a tutela da liberdade de locomoção, ou seja, ir, vir e ficar, sendo excluídos de sua proteção os direitos públicos subjetivos, amparados por outros remédios constitucionais (mandado de segurança e *habeas data,* como se verá adiante).

Seu sujeito ativo é a pessoa, nacional ou estrangeiro, e pode ser impetrado mesmo por incapaz, sendo desnecessária a intervenção de advogado.

Seu sujeito passivo é a autoridade responsável pela ilegalidade ou abuso de poder, de que resulte a coação ou violência (ou a ameaça delas) na liberdade de locomoção. Discute-se sobre a possibilidade de particular vir a ser sujeito passivo de *habeas corpus.* A matéria não é pacífica, mas, em alguns casos, os Tribunais têm concedido a ordem, como, por exemplo, contra síndico de condomínio, para permitir a entrada ou a saída de pessoas, ou contra diretor clínico de hospital, para liberar paciente retido por falta de pagamento do débito hospitalar.

O *habeas corpus* pode ser preventivo ou liberatório. No primeiro caso, previne-se a coação, e, no segundo, é utilizado quando a coação já se consumou.

Diz expressamente a Constituição que "não caberá *habeas corpus* em relação a punições disciplinares militares" (art. 142, § 2º).

Garantias jurisdicionais

A primeira garantia jurisdicional vem tratada no art. 50, XXXV: "a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça de direito". E a inafastabilidade ao acesso ao Judiciário, traduzida no monopólio da jurisdição, ou seja, havendo ameaça ou lesão de direito, não pode a lei impedir o acesso ao Poder Judiciário. Anote-se que o preceito constitucional não reproduz cláusula constante da Emenda Constitucional n. 1, de 1969 (art. 153, § 4º), a qual possibilitava que o ingresso em juízo poderia ser condicionado à prévia exaustão das vias administrativas, desde que não fosse exigida garantia de instância, sem ultrapassar o prazo de cento e oitenta dias para a decisão do pedido. Assim, não existe mais o contencioso administrativo: o acesso ao Poder Judiciário é assegurado, mesmo pendente recurso na esfera administrativa.

O princípio do juízo competente (art. 5º, LIII), segundo o qual "ninguém será processado nem sentenciado senão pela autoridade competente", e a vedação de juízo ou tribunal de exceção (art. 5º, XXXVII) são garantias jurisdicionais. Tribunal de exceção, segundo Marcelo Caetano, "é o criado especialmente para julgamento de certos crimes já cometidos ou de pessoas determinadas, arguidas de fatos passados, podendo mesmo suceder, em épocas revolucionárias, que tais fatos só sejam, qualificados como delituosos por lei retroativa." O tribunal de exceção não se confunde, todavia, com o foro privilegiado estabelecido para o processo e julgamento de determinadas pessoas, a fim de preservar a independência do exercício de suas funções. Citamos como exemplos: o Prefeito é julgado pelo Tribunal de Justiça (art. 29, X); Deputados Federais, Senadores e Presidente da República são processados e julgados criminalmente pelo Supremo Tribunal Federal (art. *53,* § 4º, e 102, I, b).

Garantias processuais

Como garantias processuais, destacam-se, na Constituição, a do devido processo legal, agora expressamente prevista no art. 5º, LIV ("ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal"), a do contraditório e a da ampla defesa, asseguradas no art. 5º, LV ("aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes"). Note-se que a Constituição estende a garantia do contraditório e da ampla defesa aos processos administrativos.

Deveras, para que se possa decidir a lide, é indispensável que sejam ouvidas as partes litigantes, sem o que não haverá julgamento justo e nem garantia das liberdades constitucionais.

Como acentua Nelson Nery Júnior, "o princípio do contraditório, além de fundamentalmente constituir-se em manifestação do princípio do Estado de Direito, tem íntima ligação com o da igualdade das partes e o do direito de ação, pois o texto constitucional, ao garantir aos litigantes o contraditório e a ampla defesa, quer significar que tanto o direito de ação, quanto o direito de defesa são manifestações do princípio do contraditório."

Garantias tributárias

As garantias tributárias vêm expressas no art. 150, compreendendo as seguintes:

I - nenhum tributo será exigido ou aumentado, senão em virtude de lei. Esse princípio se acha excepcionado, pois a Constituição faculta ao Poder Executivo, atendidas as condições e os limites estabelecidos em lei, alterar as alíquotas dos impostos de importação, exportação, produtos industrializados e operações de crédito, câmbio e seguro, ou relativas a títulos ou valores mobiliários;

II - não se instituirá tratamento desigual entre contribuintes que se encontrem em situação equivalente, proibida qualquer distinção em razão de ocupação profissional ou função por eles exercida, independentemente da denominação jurídica dos rendimentos, títulos ou direitos;

III - nenhum imposto será cobrado em relação a fatos geradores ocorridos antes do início da vigência da lei que os houver instituído ou aumentado, e no mesmo exercício financeiro em que haja sido publicada a lei que os instituiu ou aumentou, não se aplicando o princípio aos impostos mencionados acima, no inciso I, nem aos impostos extraordinários instituídos pela União na iminência ou no caso de guerra externa (art. 150, § 1º);

IV - não haverá tributo com efeito confiscatório.

Garantias civis

Consistem na obtenção, independentemente do pagamento de taxas, de certidões em repartições públicas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações pessoais (art. 5º, XXXIV, b). O direito à obtenção de certidão é limitado à situação pessoal, e o seu exercício independe de regulamentação.

Relacionam-se ainda as garantias civis com o mandado de segurança e o *habeas data.*

Mandado de segurança - O mandado de segurança foi instituído pela Constituição de 1934.

Na vigência da Constituição de 1891, pretendeu-se estender aos direitos públicos subjetivos o *habeas corpus,* dado o caráter abrangente da

cláusula constitucional que dizia: "dar-se-á o *habeas corpus,* sempre que o indivíduo sofrer ou se achar em iminente perigo de sofrer violência ou coação por ilegalidade ou abuso de poder" (art. 72, § 22, da Constituição de 1891). Como, no entanto, a revisão da Constituição de 1891, ocorrida em 1926, restringiu o *habeas corpus* ao direito de locomoção, os demais direitos fundamentais ficaram sem proteção. Assim, a Carta de 1934 criou o mandado de segurança "para defesa do direito, certo e incontestável, ameaçado ou violado por ato manifestamente inconstitucional ou ilegal de qualquer autoridade", cujo processo seria o mesmo do *habeas corpus* (art. 113, item 33).

O mandado de segurança se acha atualmente previsto no art. 5º, LXIX, da Constituição, sendo que o inciso seguinte trata de variante do instituto, que é o mandado de segurança coletivo.

Dispõe o art. 5º, LXIX, da Constituição que conceder-se-á mandado de segurança para proteger direito líquido e certo, não amparado por *habeas corpus* ou *habeas data,* quando o responsável pela ilegalidade ou abuso de poder for autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuição do Poder Público".

O direito líquido e certo é aquele cuja comprovação se faz de plano com a impetração, sem necessidade de dilação probatória. Esclarece Hely Lopes Meirelles que "direito líquido e certo é o que se apresenta manifesto na sua extensão e apto a ser exercitado no momento da impetração. Por outras palavras, o direito invocado, para ser amparável por mandado de segurança, há de vir expresso em norma legal e trazer em si todos os requisitos e condições de sua aplicação ao impetrante. Se sua existência for duvidosa; se sua extensão não estiver determinada; se o seu exercício depender de situações e fatos não esclarecidos nos autos, não rende ensejo à segurança, embora possa ser defendido por outros meios judiciais."

Sujeito ativo do mandado de segurança é o titular do direito pessoal líquido e certo; sujeito passivo é a autoridade pública, entendida como todo agente público que exerce função estatal, bem como os agentes delegados, ou seja, os que exercem funções delegadas (concessionários, permissionários e agentes de pessoas jurídicas privadas que executem, a qualquer título, atividades, serviços e obras públicas).

Mandado de segurança coletivo - A Constituição prevê ainda o mandado de segurança coletivo, omisso nas Constituições anteriores. Diz o inciso LXX do art. *5º:*

"O mandado de segurança coletivo pode ser impetrado por:

- partido político com representação no Congresso Nacional;
- organização sindical, entidade de classe ou associação legalmente constituída e em funcionamento há pelo menos um ano, em defesa dos interesses de seus membros ou associados".

O mandado de segurança coletivo suscita algumas questões quanto à legitimação das entidades de classe e associativas. Para Celso Agrícola Barbi, "quando se tratar de organização sindical, entidade de classe ou associação, é necessário que a ameaça ou lesão seja a interesses de seus membros ou associados."

José Afonso da Silva pensa que "há ponderações a fazer quanto a isso, pois não se pode, p. ex., deixar de levar em conta o disposto no art. 8º, III, que dá aos sindicatos legitimidade para a defesa dos direitos e *interesses coletivos* ou individuais da categoria em Juízo."

Para J. J. Calmon de Passos, "deve haver afinidade entre o interesse (individual) substrato do direito subjetivo e o interesse (social) que justifica ou fundamenta a associação. Nesta linha de raciocínio, carecerá de ação "a organização sindical que ajuizar o *mandamus* relativamente a interesse difuso do interesse da categoria sindicalizada e pertinente à representatividade do sindicato, a entidade de classe que promover a defesa de interesse que não seja o da classe (específico) que ela aglutina e representa".

Para impetração do mandado de segurança coletivo, entendemos necessária a autorização expressa aludida no art. 5º, XXI, que é regra genérica.

Observe-se, finalmente, que, antes mesmo da instituição do mandado de segurança coletivo, reconhecia-se à Ordem dos Advogados do Brasil (art. 1º, parágrafo único, da Lei n. 4.215, de 1963, hoje revogada) legitimidade para pleitear, em juízo ou fora dele, os interesses gerais da classe dos advogados e os individuais, relacionados com o exercício da profissão, bem como pela Lei n. 7.347, de 24 de julho de *1985,* que disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados ao meio ambiente, ao consumidor, a bens e direitos valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico, conferiu-se a associações de consumidores legitimação para promoverem o reconhecimento dos interesses de seus associados.

Assim, a nosso juízo, o mandado de segurança coletivo se presta para a defesa de direito individuais ou coletivos relacionados com os membros ou associados das entidades e associações mencionadas na alínea b do inciso LXX do art. 5º da Constituição.

No que respeita aos partidos políticos como pessoas legitimadas para a impetração da segurança coletiva, pensamos que os interesses individuais a serem defendidos devem referir-se a seus filiados e não a qualquer pessoa indistintamente.

Habeas data - Instituto novo, criado pela Constituição de 1988, é o *habeas data* (art. 5º**,** LXXII, a e b).

"Conceder-se-á *habeas data:*

- para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;
- para a retificação de dados, quando não se prefira fazê-lo por processo sigiloso, judicial ou administrativo."

Visa o *habeas data* assegurar ao impetrante (nacional ou estrangeiro) o conhecimento de informações existentes em registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público e retificar tais dados.

A locução latina *habeas data* compõe-se de *babeas,* segunda pessoa do subjuntivo de *habeo... habere,* significa aqui, "tenhas em tua posse", que é uma das acepções do verbo; e *data* é o acusativo plural de *datum.* Então: "que tenhas os registros ou dados".

Sujeito passivo do *habeas data* são as entidades governamentais ou de caráter público, incluindo-se, nestas últimas, as entidades privadas que prestem serviço público, tais como concessionários, permissionários, instituições de cadastramento e de proteção ao crédito, dentre outras.

Note-se, contudo, que o inciso XXXIII do art. 5º diz que "todos têm o direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado". Entendemos que a ressalva da disposição constitucional não se aplica ao *habeas data,* que assegura o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, tratando-se de proteção à privacidade, à intimidade e à honra do indivíduo, em que não pode haver segredo para o titular do direito.

Com relação ao processo do *habeas data,* a Lei n. 8.038, de 28 de maio de 1990, declara a que "no mandado de injunção e no *habeas data* serão observados, no que couber, as normas do mandado de segurança, enquanto não editada legislação específica" (art. 24, parágrafo único).

Editou-se, contudo, a Lei n. 9507, de 12 de novembro de 1997, que regula o direito de acesso à informação e disciplina o rito processual do *habeas data,* que, em seu texto, guarda semelhança com a Lei n. 1533/51, que trata do mandado de segurança.

Garantias políticas

Como garantias políticas, examinaremos o direito de petição aos Poderes Públicos, em defesa de direitos ou contra ilegalidade ou abuso de poder (art. 5º, XXXIV, a), e a ação popular (art. 5º, LXXIII).

Direito de petição - Quanto ao direito de petição, o texto constitucional eliminou a expressão "direito de representação", constante do art. 153, § 30, da Emenda Constitucional n. 1, de 1969.

O direito de petição se exercita perante qualquer dos Poderes do Estado (Legislativo, Executivo e Judiciário) e cabe a nacional ou estrangeiro, devendo ser veiculado por escrito.

Ação popular - A ação popular, prevista no art. 5º, LXXIII, acha-se regulada pela Lei n. 4.717, de 29 de junho de 1965.

Segundo o inciso constitucional, "qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise anular ato lesivo ao patrimônio público ou de entidade de que o Estado participe, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural, ficando o autor, salvo comprovada má-fé, isento de custas judiciais e do ônus da sucumbência."

A ação popular foi instituída pela Constituição de 1934, tendo sido mantida pelas Constituições posteriores, à exceção da Carta de 1937. A Constituição de 1988 ampliou-lhe o objeto para abranger, além da anulação de atos lesivos ao patrimônio público, os de entidade de que o Estado participe e os atos lesivos à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural.

O autor popular é o cidadão (eleitor no gozo dos direitos políticos), não tendo, assim, legitimidade ativa para a propositura da ação o nacional não-eleitor, o estrangeiro e as pessoas jurídicas.

Tem-se aceitado ação popular contra ato legislativo, desde que de efeitos concretos.

O ato a ser anulado deve ser ilegal e lesivo.

Com a ampliação do objeto da ação popular no texto constitucional, sustenta-se que basta a lesividade para que seja considerado nulo o ato que se pretende invalidar: é que a lesividade traz em si a ilegalidade.

Mandado de injunção

A ausência de norma regulamentadora de direitos consagrados na Constituição, pela inércia do legislador, levou à inserção, no texto constitucional de 1988, do mandado de injunção:

"Conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania" (art. 5º, LXXI).

Visa, pois, o mandado de injunção possibilitar o exercício de direitos e liberdades constitucionais e de prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania, inviabilizados pela falta de norma regulamentadora do dispositivo constitucional não auto-aplicável que os instituiu.

Alguns problemas têm sido suscitados, não só pelo fato de que a Constituição não diz o que é mandado de injunção, mas apenas quando se dará (art. 5º, LXXI). A insuficiência do Direito Comparado, que não dispõe de instituto idêntico, nada obstante haver alguma semelhança com o *writ of injuction* do Direito norte-americano, é também outro problema.

Cuida-se, inicialmente, de verificar a extensão do mandado de injunção. Pela leitura do texto constitucional, parece-nos que a garantia alcança os direitos e liberdades constitucionais (individuais, coletivos e sociais), e as prerrogativas inerentes à nacionalidade, cidadania (direitos políticos) e soberania (entendida como soberania popular - art. 14).

A injunção surge no caso concreto, depois de verificada a ausência normativa, pois o prejudicado se acha impedido de exercer o direito, dada a omissão legislativa ou do Poder Executivo. Não cabe a injunção caso já exista a norma regulamentadora da qual decorre a efetividade do direito reclamado.

A natureza da providência judicial deferida com a impetração do mandado de injunção tem provocado pronunciamentos de eminentes juristas. Alguns entendem que o alcance do mandado de injunção é análogo ao da inconstitucionalidade por omissão, escrevendo Manoel Gonçalves Ferreira Filho que "sua concessão leva o Judiciário a dar ciência ao Poder competente da falta de norma sem a qual é inviável o exercício de direito fundamental. Não importa no estabelecimento pelo próprio órgão jurisdicional da norma regulamento necessária à viabilização do direito. Aliás, tal alcance está fora da sistemática constitucional brasileira, que consagra a "separação de Poderes", para concluir que "não se pode dar ao mandado de injunção um alcance que não tem a inconstitucionalidade por omissão".

Outros juristas pensam de modo diferente. José Afonso da Silva entende que "o conteúdo da decisão consiste na outorga direta do direito reclamado. Compete ao Juiz definir as condições para a satisfação direta do direito reclamado e determiná-la imperativamente".

De fato, a ausência de norma regulamentadora para determinado caso concreto autoriza a impetração, com o Poder Judiciário criando norma individual para dar a proteção ou a garantia até então inexistente, em virtude da omissão do Legislador ou de órgão do Executivo. Assim decidindo, o Judiciário não compromete o princípio da separação de Poderes, pois não há criação de norma jurídica geral, mas apenas individual, específica, para atender ao caso concreto. Na injunção, o juiz julga sem lei, porque é ele quem cria a lei para o caso concreto, servindo-se para tanto da equidade como critério de julgamento.

Mas o Supremo Tribunal Federal, no julgamento do Mandado de Injunção n. 168, sendo relator o Ministro Sepúlveda Pertence, decidiu que "o mandado de injunção nem autoriza o Judiciário a suprir a omissão legislativa ou regulamentar, editando o ato normativo omitido, nem menos ainda lhe permite ordenar, de imediato, ato concreto de satisfação do direito reclamado: mas, no pedido, posto que de atendimento impossível, para que o Tribunal o faça, se contém o pedido de atendimento possível para a declaração de inconstitucionalidade da omissão normativa, com ciência ao órgão competente para que a supra".

Assim decidindo, quer-nos parecer que o Supremo Tribunal Federal adotou a tese de que os efeitos do mandado de injunção são análogos aos da inconstitucionalidade por omissão, tornando-se, então, inócuo ou de nenhuma aplicação prática o novo instituto constitucional.

Observe-se, finalmente, que o parágrafo único do art. 24 da Lei n. 8.038, de 28 de maio de 1990, determina que, "no mandado de injunção e no *habeas data,* serão observadas, no que couber, as normas do mandado de segurança, enquanto não editada legislação específica."

TÍTULO II
Dos Direitos e Garantias Fundamentais
CAPÍTULO I
DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;
XI - a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial;
XII - é inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal; (Vide Lei nº 9.296, de 1996)
XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer;
XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional;
XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens;
XVI - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente;
XVII - é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar;
XVIII - a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento;
XIX - as associações só poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou ter suas atividades suspensas por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado;
XX - ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado;
XXI - as entidades associativas, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para representar seus filiados judicial ou extrajudicialmente;
XXII - é garantido o direito de propriedade;
XXIII - a propriedade atenderá a sua função social;
XXIV - a lei estabelecerá o procedimento para desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante justa e prévia indenização em dinheiro, ressalvados os casos previstos nesta Constituição;
XXV - no caso de iminente perigo público, a autoridade competente poderá usar de propriedade particular, assegurada ao proprietário indenização ulterior, se houver dano;
XXVI - a pequena propriedade rural, assim definida em lei, desde que trabalhada pela família, não será objeto de penhora para pagamento de débitos decorrentes de sua atividade produtiva, dispondo a lei sobre os meios de financiar o seu desenvolvimento;
XXVII - aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;
XXVIII - são assegurados, nos termos da lei:
a) a proteção às participações individuais em obras coletivas e à reprodução da imagem e voz humanas, inclusive nas atividades desportivas;
b) o direito de fiscalização do aproveitamento econômico das obras que criarem ou de que participarem aos criadores, aos intérpretes e às respectivas representações sindicais e associativas;
XXIX - a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do País;
XXX - é garantido o direito de herança;
XXXI - a sucessão de bens de estrangeiros situados no País será regulada pela lei brasileira em benefício do cônjuge ou dos filhos brasileiros, sempre que não lhes seja mais favorável a lei pessoal do "de cujus";
XXXII - o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor;
XXXIII - todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado; (Regulamento)
XXXIV - são a todos assegurados, independentemente do pagamento de taxas:
a) o direito de petição aos Poderes Públicos em defesa de direitos ou contra ilegalidade ou abuso de poder;
b) a obtenção de certidões em repartições públicas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações de interesse pessoal;
XXXV - a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça a direito;
XXXVI - a lei não prejudicará o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada;
XXXVII - não haverá juízo ou tribunal de exceção;
XXXVIII - é reconhecida a instituição do júri, com a organização que lhe der a lei, assegurados:
a) a plenitude de defesa;
b) o sigilo das votações;
c) a soberania dos veredictos;
d) a competência para o julgamento dos crimes dolosos contra a vida;
XXXIX - não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal;
XL - a lei penal não retroagirá, salvo para beneficiar o réu;
XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;
XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;
XLIII - a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem;
XLIV - constitui crime inafiançável e imprescritível a ação de grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático;
XLV - nenhuma pena passará da pessoa do condenado, podendo a obrigação de reparar o dano e a decretação do perdimento de bens ser, nos termos da lei, estendidas aos sucessores e contra eles executadas, até o limite do valor do patrimônio transferido;
XLVI - a lei regulará a individualização da pena e adotará, entre outras, as seguintes:
a) privação ou restrição da liberdade;
b) perda de bens;
c) multa;
d) prestação social alternativa;
e) suspensão ou interdição de direitos;
XLVII - não haverá penas:
a) de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, XIX;
b) de caráter perpétuo;
c) de trabalhos forçados;
d) de banimento;
e) cruéis;
XLVIII - a pena será cumprida em estabelecimentos distintos, de acordo com a natureza do delito, a idade e o sexo do apenado;
XLIX - é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral;
L - às presidiárias serão asseguradas condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação;
LI - nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou

de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei;

LII - não será concedida extradição de estrangeiro por crime político ou de opinião;

LIII - ninguém será processado nem sentenciado senão pela autoridade competente;

LIV - ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o devido processo legal;

LV - aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o contraditório e ampla defesa, com os meios e recursos a ela inerentes;

LVI - são inadmissíveis, no processo, as provas obtidas por meios ilícitos;

LVII - ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;

LVIII - o civilmente identificado não será submetido a identificação criminal, salvo nas hipóteses previstas em lei;

LIX - será admitida ação privada nos crimes de ação pública, se esta não for intentada no prazo legal;

LX - a lei só poderá restringir a publicidade dos atos processuais quando a defesa da intimidade ou o interesse social o exigirem;

LXI - ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de autoridade judiciária competente, salvo nos casos de transgressão militar ou crime propriamente militar, definidos em lei;

LXII - a prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão comunicados imediatamente ao juiz competente e à família do preso ou à pessoa por ele indicada;

LXIII - o preso será informado de seus direitos, entre os quais o de permanecer calado, sendo-lhe assegurada a assistência da família e de advogado;

LXIV - o preso tem direito à identificação dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial;

LXV - a prisão ilegal será imediatamente relaxada pela autoridade judiciária;

LXVI - ninguém será levado à prisão ou nela mantido, quando a lei admitir a liberdade provisória, com ou sem fiança;

LXVII - não haverá prisão civil por dívida, salvo a do responsável pelo inadimplemento voluntário e inescusável de obrigação alimentícia e a do depositário infiel;

LXVIII - conceder-se-á "habeas-corpus" sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder;

LXIX - conceder-se-á mandado de segurança para proteger direito líquido e certo, não amparado por "habeas-corpus" ou "habeas-data", quando o responsável pela ilegalidade ou abuso de poder for autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições do Poder Público;

LXX - o mandado de segurança coletivo pode ser impetrado por:

a) partido político com representação no Congresso Nacional;

b) organização sindical, entidade de classe ou associação legalmente constituída e em funcionamento há pelo menos um ano, em defesa dos interesses de seus membros ou associados;

LXXI - conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania;

LXXII - conceder-se-á "habeas-data":

a) para assegurar o conhecimento de informações relativas à pessoa do impetrante, constantes de registros ou bancos de dados de entidades governamentais ou de caráter público;

b) para a retificação de dados, quando não se prefira fazê-lo por processo sigiloso, judicial ou administrativo;

LXXIII - qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise a anular ato lesivo ao patrimônio público ou de entidade de que o Estado participe, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural, ficando o autor, salvo comprovada má-fé, isento de custas judiciais e do ônus da sucumbência;

LXXIV - o Estado prestará assistência jurídica integral e gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos;

LXXV - o Estado indenizará o condenado por erro judiciário, assim como o que ficar preso além do tempo fixado na sentença;

LXXVI - são gratuitos para os reconhecidamente pobres, na forma da lei:

a) o registro civil de nascimento;

b) a certidão de óbito;

LXXVII - são gratuitas as ações de "habeas-corpus" e "habeas-data", e, na forma da lei, os atos necessários ao exercício da cidadania.

LXXVIII a todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 45, de 2004)

§ 1º - As normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata.

§ 2º - Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

§ 3º Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 45, de 2004)

§ 4º O Brasil se submete à jurisdição de Tribunal Penal Internacional a cuja criação tenha manifestado adesão. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 45, de 2004)

CAPÍTULO II
DOS DIREITOS SOCIAIS

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 26, de 2000)

Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

I - relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa, nos termos de lei complementar, que preverá indenização compensatória, dentre outros direitos;

II - seguro-desemprego, em caso de desemprego involuntário;

III - fundo de garantia do tempo de serviço;

IV - salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim;

V - piso salarial proporcional à extensão e à complexidade do trabalho;

VI - irredutibilidade do salário, salvo o disposto em convenção ou acordo coletivo;

VII - garantia de salário, nunca inferior ao mínimo, para os que percebem remuneração variável;

VIII - décimo terceiro salário com base na remuneração integral ou no valor da aposentadoria;

IX - remuneração do trabalho noturno superior à do diurno;

X - proteção do salário na forma da lei, constituindo crime sua retenção dolosa;

XI - participação nos lucros, ou resultados, desvinculada da remuneração, e, excepcionalmente, participação na gestão da empresa, conforme definido em lei;

XII - salário-família pago em razão do dependente do trabalhador de baixa renda nos termos da lei;(Redação dada pela Emenda Constitucional nº 20, de 1998)

XIII - duração do trabalho normal não superior a oito horas diárias e quarenta e quatro semanais, facultada a compensação de horários e a redução da jornada, mediante acordo ou convenção coletiva de trabalho; (vide Decreto-Lei nº 5.452, de 1943)

XIV - jornada de seis horas para o trabalho realizado em turnos ininterruptos de revezamento, salvo negociação coletiva;

XV - repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos;

XVI - remuneração do serviço extraordinário superior, no mínimo, em cinquenta por cento à do normal;

XVII - gozo de férias anuais remuneradas com, pelo menos, um terço a mais do que o salário normal;
XVIII - licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com a duração de cento e vinte dias;
XIX - licença-paternidade, nos termos fixados em lei;
XX - proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos, nos termos da lei;
XXI - aviso prévio proporcional ao tempo de serviço, sendo no mínimo de trinta dias, nos termos da lei;
XXII - redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança;
XXIII - adicional de remuneração para as atividades penosas, insalubres ou perigosas, na forma da lei;
XXIV - aposentadoria;
XXV - assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré-escolas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)
XXVI - reconhecimento das convenções e acordos coletivos de trabalho;
XXVII - proteção em face da automação, na forma da lei;
XXVIII - seguro contra acidentes de trabalho, a cargo do empregador, sem excluir a indenização a que este está obrigado, quando incorrer em dolo ou culpa;
XXIX - ação, quanto aos créditos resultantes das relações de trabalho, com prazo prescricional de cinco anos para os trabalhadores urbanos e rurais, até o limite de dois anos após a extinção do contrato de trabalho; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 28, de 25/05/2000)
XXX - proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil;
XXXI - proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência;
XXXII - proibição de distinção entre trabalho manual, técnico e intelectual ou entre os profissionais respectivos;
XXXIII - proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 20, de 1998)
XXXIV - igualdade de direitos entre o trabalhador com vínculo empregatício permanente e o trabalhador avulso.

Parágrafo único. São assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos os direitos previstos nos incisos IV, VI, VIII, XV, XVII, XVIII, XIX, XXI e XXIV, bem como a sua integração à previdência social.

Art. 8º É livre a associação profissional ou sindical, observado o seguinte:
I - a lei não poderá exigir autorização do Estado para a fundação de sindicato, ressalvado o registro no órgão competente, vedadas ao Poder Público a interferência e a intervenção na organização sindical;
II - é vedada a criação de mais de uma organização sindical, em qualquer grau, representativa de categoria profissional ou econômica, na mesma base territorial, que será definida pelos trabalhadores ou empregadores interessados, não podendo ser inferior à área de um Município;
III - ao sindicato cabe a defesa dos direitos e interesses coletivos ou individuais da categoria, inclusive em questões judiciais ou administrativas;
IV - a Assembleia geral fixará a contribuição que, em se tratando de categoria profissional, será descontada em folha, para custeio do sistema confederativo da representação sindical respectiva, independentemente da contribuição prevista em lei;
V - ninguém será obrigado a filiar-se ou a manter-se filiado a sindicato;
VI - é obrigatória a participação dos sindicatos nas negociações coletivas de trabalho;
VII - o aposentado filiado tem direito a votar e ser votado nas organizações sindicais;
VIII - é vedada a dispensa do empregado sindicalizado a partir do registro da candidatura a cargo de direção ou representação sindical e, se eleito, ainda que suplente, até um ano após o final do mandato, salvo se cometer falta grave nos termos da lei.

Parágrafo único. As disposições deste artigo aplicam-se à organização de sindicatos rurais e de colônias de pescadores, atendidas as condições que a lei estabelecer.

Art. 9º É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender.

§ 1º - A lei definirá os serviços ou atividades essenciais e disporá sobre o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade.

§ 2º - Os abusos cometidos sujeitam os responsáveis às penas da lei.

Art. 10. É assegurada a participação dos trabalhadores e empregadores nos colegiados dos órgãos públicos em que seus interesses profissionais ou previdenciários sejam objeto de discussão e deliberação.

Art. 11. Nas empresas de mais de duzentos empregados, é assegurada a eleição de um representante destes com a finalidade exclusiva de promover-lhes o entendimento direto com os empregadores.

CAPÍTULO III
DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO
Seção I
DA EDUCAÇÃO

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)
VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
VII - garantia de padrão de qualidade.
VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Parágrafo único. A lei disporá sobre as categorias de trabalhadores considerados profissionais da educação básica e sobre a fixação de prazo para a elaboração ou adequação de seus planos de carreira, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
§ 1º É facultado às universidades admitir professores, técnicos e cientistas estrangeiros, na forma da lei. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 11, de 1996)
§ 2º O disposto neste artigo aplica-se às instituições de pesquisa científica e tecnológica. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 11, de 1996)

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:
I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009)
II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)
III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)
V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;
VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didáticoescolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º - O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º - Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

Art. 209. O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições:

I - cumprimento das normas gerais da educação nacional;

II - autorização e avaliação de qualidade pelo Poder Público.

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º - O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

§ 2º - O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Art. 211. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino.

§ 1º A União organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

§ 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

§ 3º Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

§ 4º Na organização de seus sistemas de ensino, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 5º A educação básica pública atenderá prioritariamente ao ensino regular. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Art. 212. A União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino.

§ 1º - A parcela da arrecadação de impostos transferida pela União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, ou pelos Estados aos respectivos Municípios, não é considerada, para efeito do cálculo previsto neste artigo, receita do governo que a transferir.

§ 2º - Para efeito do cumprimento do disposto no "caput" deste artigo, serão considerados os sistemas de ensino federal, estadual e municipal e os recursos aplicados na forma do art. 213.

§ 3º A distribuição dos recursos públicos assegurará prioridade ao atendimento das necessidades do ensino obrigatório, no que se refere a universalização, garantia de padrão de qualidade e equidade, nos termos do plano nacional de educação. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 4º - Os programas suplementares de alimentação e assistência à saúde previstos no art. 208, VII, serão financiados com recursos provenientes de contribuições sociais e outros recursos orçamentários.

§ 5º A educação básica pública terá como fonte adicional de financiamento a contribuição social do salário-educação, recolhida pelas empresas na forma da lei. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

§ 6º As cotas estaduais e municipais da arrecadação da contribuição social do salário-educação serão distribuídas proporcionalmente ao número de alunos matriculados na educação básica nas respectivas redes públicas de ensino. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I - comprovem finalidade não-lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação;

II - assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades.

§ 1º - Os recursos de que trata este artigo poderão ser destinados a bolsas de estudo para o ensino fundamental e médio, na forma da lei, para os que demonstrarem insuficiência de recursos, quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública na localidade da residência do educando, ficando o Poder Público obrigado a investir prioritariamente na expansão de sua rede na localidade.

§ 2º - As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público.

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

I - erradicação do analfabetismo;

II - universalização do atendimento escolar;

III - melhoria da qualidade do ensino;

IV - formação para o trabalho;

V - promoção humanística, científica e tecnológica do País.

VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

2. BRASIL LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança do Adolescente – ECA (Artigos 1º a 6º; 15 a 18; 60 a 69)

Título I
Das Disposições Preliminares

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:

a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;

b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;

c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;

d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Art. 6º Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento.

Título II
Dos Direitos Fundamentais
Capítulo I
Do Direito à Vida e à Saúde

Art. 7º A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

Art. 8º É assegurado à gestante, através do Sistema Único de Saúde, o atendimento pré e perinatal.

§ 1º A gestante será encaminhada aos diferentes níveis de atendimento, segundo critérios médicos específicos, obedecendo-se aos princípios de regionalização e hierarquização do Sistema.

§ 2º A parturiente será atendida preferencialmente pelo mesmo médico que a acompanhou na fase pré-natal.

§ 3º Incumbe ao poder público propiciar apoio alimentar à gestante e à nutriz que dele necessitem.

§ 4o Incumbe ao poder público proporcionar assistência psicológica à gestante e à mãe, no período pré e pós-natal, inclusive como forma de prevenir ou minorar as consequências do estado puerperal. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 5o A assistência referida no § 4o deste artigo deverá ser também prestada a gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 9º O poder público, as instituições e os empregadores propiciarão condições adequadas ao aleitamento materno, inclusive aos filhos de mães submetidas a medida privativa de liberdade.

Art. 10. Os hospitais e demais estabelecimentos de atenção à saúde de gestantes, públicos e particulares, são obrigados a:

I - manter registro das atividades desenvolvidas, através de prontuários individuais, pelo prazo de dezoito anos;

II - identificar o recém-nascido mediante o registro de sua impressão plantar e digital e da impressão digital da mãe, sem prejuízo de outras formas normatizadas pela autoridade administrativa competente;

III - proceder a exames visando ao diagnóstico e terapêutica de anormalidades no metabolismo do recém-nascido, bem como prestar orientação aos pais;

IV - fornecer declaração de nascimento onde constem necessariamente as intercorrências do parto e do desenvolvimento do neonato;

V - manter alojamento conjunto, possibilitando ao neonato a permanência junto à mãe.

Art. 11. É assegurado atendimento integral à saúde da criança e do adolescente, por intermédio do Sistema Único de Saúde, garantido o acesso universal e igualitário às ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde. (Redação dada pela Lei nº 11.185, de 2005)

§ 1º A criança e o adolescente portadores de deficiência receberão atendimento especializado.

§ 2º Incumbe ao poder público fornecer gratuitamente àqueles que necessitarem os medicamentos, próteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação.

Art. 12. Os estabelecimentos de atendimento à saúde deverão proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente.

Art. 13. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.

Parágrafo único. As gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção serão obrigatoriamente encaminhadas à Justiça da Infância e da Juventude. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

Art. 14. O Sistema Único de Saúde promoverá programas de assistência médica e odontológica para a prevenção das enfermidades que ordinariamente afetam a população infantil, e campanhas de educação sanitária para pais, educadores e alunos.

Parágrafo único. É obrigatória a vacinação das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias.

Capítulo II
Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II - opinião e expressão;

III - crença e culto religioso;

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se;

V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;

VI - participar da vida política, na forma da lei;

VII - buscar refúgio, auxílio e orientação.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Capítulo III
Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária
Seção I
Disposições Gerais

Art. 19. Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.

§ 1o Toda criança ou adolescente que estiver inserido em programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada, no máximo, a cada 6 (seis) meses, devendo a autoridade judiciária competente, com base em relatório elaborado por equipe interprofissional ou multidisciplinar, decidir de forma fundamentada pela possibilidade de reintegração familiar ou colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 2o A permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de 2 (dois) anos, salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 3o A manutenção ou reintegração de criança ou adolescente à sua família terá preferência em relação a qualquer outra providência, caso em que será esta incluída em programas de orientação e auxílio, nos termos do parágrafo único do art. 23, dos incisos I e IV do caput do art. 101 e dos incisos I a IV do caput do art. 129 desta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 20. Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

Art. 21. O pátrio poder poder familiar será exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe, na forma do que dispuser a legislação civil, assegurado a qualquer deles o direito de, em caso de discordância, recorrer à autoridade judiciária competente para a solução da divergência. (Expressão substituída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 22. Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais.

Art. 23. A falta ou a carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do pátrio poder poder familiar. (Expressão substituída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Parágrafo único. Não existindo outro motivo que por si só autorize a decretação da medida, a criança ou o adolescente será mantido em sua família de origem, a qual deverá obrigatoriamente ser incluída em programas oficiais de auxílio.

Art. 24. A perda e a suspensão do pátrio poder poder familiar serão decretadas judicialmente, em procedimento contraditório, nos casos previstos na legislação civil, bem como na hipótese de descumprimento injustificado dos deveres e obrigações a que alude o art. 22. (Expressão substituída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Seção II
Da Família Natural

Art. 25. Entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes.

Parágrafo único. Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 26. Os filhos havidos fora do casamento poderão ser reconhecidos pelos pais, conjunta ou separadamente, no próprio termo de nascimento, por testamento, mediante escritura ou outro documento público, qualquer que seja a origem da filiação.

Parágrafo único. O reconhecimento pode preceder o nascimento do filho ou suceder-lhe ao falecimento, se deixar descendentes.

Art. 27. O reconhecimento do estado de filiação é direito personalíssimo, indisponível e imprescritível, podendo ser exercitado contra os pais ou seus herdeiros, sem qualquer restrição, observado o segredo de Justiça.

Seção III
Da Família Substituta
Subseção I
Disposições Gerais

Art. 28. A colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente, nos termos desta Lei.

§ 1o Sempre que possível, a criança ou o adolescente será previamente ouvido por equipe interprofissional, respeitado seu estágio de desenvolvimento e grau de compreensão sobre as implicações da medida, e terá sua opinião devidamente considerada. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 2o Tratando-se de maior de 12 (doze) anos de idade, será necessário seu consentimento, colhido em audiência. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 3o Na apreciação do pedido levar-se-á em conta o grau de parentesco e a relação de afinidade ou de afetividade, a fim de evitar ou minorar as consequências decorrentes da medida. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 4o Os grupos de irmãos serão colocados sob adoção, tutela ou guarda da mesma família substituta, ressalvada a comprovada existência de risco de abuso ou outra situação que justifique plenamente a excepcionalidade de solução diversa, procurando-se, em qualquer caso, evitar o rompimento definitivo dos vínculos fraternais. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 5o A colocação da criança ou adolescente em família substituta será precedida de sua preparação gradativa e acompanhamento posterior, realizados pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com o apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 6o Em se tratando de criança ou adolescente indígena ou proveniente de comunidade remanescente de quilombo, é ainda obrigatório: (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

I - que sejam consideradas e respeitadas sua identidade social e cultural, os seus costumes e tradições, bem como suas instituições, desde que não sejam incompatíveis com os direitos fundamentais reconhecidos por esta Lei e pela Constituição Federal; (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

II - que a colocação familiar ocorra prioritariamente no seio de sua comunidade ou junto a membros da mesma etnia; (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

III - a intervenção e oitiva de representantes do órgão federal responsável pela política indigenista, no caso de crianças e adolescentes indígenas, e de antropólogos, perante a equipe interprofissional ou multidisciplinar que irá acompanhar o caso. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 29. Não se deferirá colocação em família substituta a pessoa que revele, por qualquer modo, incompatibilidade com a natureza da medida ou não ofereça ambiente familiar adequado.

Art. 30. A colocação em família substituta não admitirá transferência da criança ou adolescente a terceiros ou a entidades governamentais ou não-governamentais, sem autorização judicial.

Art. 31. A colocação em família substituta estrangeira constitui medida excepcional, somente admissível na modalidade de adoção.

Art. 32. Ao assumir a guarda ou a tutela, o responsável prestará compromisso de bem e fielmente desempenhar o encargo, mediante termo nos autos.

Subseção II
Da Guarda

Art. 33. A guarda obriga a prestação de assistência material, moral e educacional à criança ou adolescente, conferindo a seu detentor o direito de opor-se a terceiros, inclusive aos pais. (Vide Lei nº 12.010, de 2009)

§ 1º A guarda destina-se a regularizar a posse de fato, podendo ser deferida, liminar ou incidentalmente, nos procedimentos de tutela e adoção, exceto no de adoção por estrangeiros.

§ 2º Excepcionalmente, deferir-se-á a guarda, fora dos casos de tutela e adoção, para atender a situações peculiares ou suprir a falta eventual dos pais ou responsável, podendo ser deferido o direito de representação para a prática de atos determinados.

§ 3º A guarda confere à criança ou adolescente a condição de dependente, para todos os fins e efeitos de direito, inclusive previdenciários.

§ 4o Salvo expressa e fundamentada determinação em contrário, da autoridade judiciária competente, ou quando a medida for aplicada em preparação para adoção, o deferimento da guarda de criança ou adolescente a terceiros não impede o exercício do direito de visitas pelos pais, assim como o dever de prestar alimentos, que serão objeto de regulamentação específica, a pedido do interessado ou do Ministério Público. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

Art. 34. O poder público estimulará, por meio de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, o acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente afastado do convívio familiar. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 1o A inclusão da criança ou adolescente em programas de acolhimento familiar terá preferência a seu acolhimento institucional, observado, em qualquer caso, o caráter temporário e excepcional da medida, nos termos desta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 2o Na hipótese do § 1o deste artigo a pessoa ou casal cadastrado no programa de acolhimento familiar poderá receber a criança ou adolescente mediante guarda, observado o disposto nos arts. 28 a 33 desta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 35. A guarda poderá ser revogada a qualquer tempo, mediante ato judicial fundamentado, ouvido o Ministério Público.

Subseção III
Da Tutela

Art. 36. A tutela será deferida, nos termos da lei civil, a pessoa de até 18 (dezoito) anos incompletos. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009)

Parágrafo único. O deferimento da tutela pressupõe a prévia decretação da perda ou suspensão do pátrio poder poder familiar e implica necessariamente o dever de guarda. (Expressão substituída pela Lei nº 12.010, de 2009)

Art. 37. O tutor nomeado por testamento ou qualquer documento autêntico, conforme previsto no parágrafo único do art. 1.729 da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, deverá, no prazo de 30

(trinta) dias após a abertura da sucessão, ingressar com pedido destinado ao controle judicial do ato, observando o procedimento previsto nos arts. 165 a 170 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Parágrafo único. Na apreciação do pedido, serão observados os requisitos previstos nos arts. 28 e 29 desta Lei, somente sendo deferida a tutela à pessoa indicada na disposição de última vontade, se restar comprovado que a medida é vantajosa ao tutelando e que não existe outra pessoa em melhores condições de assumi-la. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 38. Aplica-se à destituição da tutela o disposto no art. 24.

Subseção IV
Da Adoção

Art. 39. A adoção de criança e de adolescente reger-se-á segundo o disposto nesta Lei.

§ 1o A adoção é medida excepcional e irrevogável, à qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa, na forma do parágrafo único do art. 25 desta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 2o É vedada a adoção por procuração. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 40. O adotando deve contar com, no máximo, dezoito anos à data do pedido, salvo se já estiver sob a guarda ou tutela dos adotantes.

Art. 41. A adoção atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais.

§ 1º Se um dos cônjuges ou concubinos adota o filho do outro, mantêm-se os vínculos de filiação entre o adotado e o cônjuge ou concubino do adotante e os respectivos parentes.

§ 2º É recíproco o direito sucessório entre o adotado, seus descendentes, o adotante, seus ascendentes, descendentes e colaterais até o 4º grau, observada a ordem de vocação hereditária.

Art. 42. Podem adotar os maiores de 18 (dezoito) anos, independentemente do estado civil. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 1º Não podem adotar os ascendentes e os irmãos do adotando.

§ 2o Para adoção conjunta, é indispensável que os adotantes sejam casados civilmente ou mantenham união estável, comprovada a estabilidade da família. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 3º O adotante há de ser, pelo menos, dezesseis anos mais velho do que o adotando.

§ 4o Os divorciados, os judicialmente separados e os ex-companheiros podem adotar conjuntamente, contanto que acordem sobre a guarda e o regime de visitas e desde que o estágio de convivência tenha sido iniciado na constância do período de convivência e que seja comprovada a existência de vínculos de afinidade e afetividade com aquele não detentor da guarda, que justifiquem a excepcionalidade da concessão. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 5o Nos casos do § 4o deste artigo, desde que demonstrado efetivo benefício ao adotando, será assegurada a guarda compartilhada, conforme previsto no art. 1.584 da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 6o A adoção poderá ser deferida ao adotante que, após inequívoca manifestação de vontade, vier a falecer no curso do procedimento, antes de prolatada a sentença. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 43. A adoção será deferida quando apresentar reais vantagens para o adotando e fundar-se em motivos legítimos.

Art. 44. Enquanto não der conta de sua administração e saldar o seu alcance, não pode o tutor ou o curador adotar o pupilo ou o curatelado.

Art. 45. A adoção depende do consentimento dos pais ou do representante legal do adotando.

§ 1º. O consentimento será dispensado em relação à criança ou adolescente cujos pais sejam desconhecidos ou tenham sido destituídos do pátrio poder poder familiar. (Expressão substituída pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 2º. Em se tratando de adotando maior de doze anos de idade, será também necessário o seu consentimento.

Art. 46. A adoção será precedida de estágio de convivência com a criança ou adolescente, pelo prazo que a autoridade judiciária fixar, observadas as peculiaridades do caso.

§ 1o O estágio de convivência poderá ser dispensado se o adotando já estiver sob a tutela ou guarda legal do adotante durante tempo suficiente para que seja possível avaliar a conveniência da constituição do vínculo. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 2o A simples guarda de fato não autoriza, por si só, a dispensa da realização do estágio de convivência. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 3o Em caso de adoção por pessoa ou casal residente ou domiciliado fora do País, o estágio de convivência, cumprido no território nacional, será de, no mínimo, 30 (trinta) dias. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 4o O estágio de convivência será acompanhado pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política de garantia do direito à convivência familiar, que apresentarão relatório minucioso acerca da conveniência do deferimento da medida. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 47. O vínculo da adoção constitui-se por sentença judicial, que será inscrita no registro civil mediante mandado do qual não se fornecerá certidão.

§ 1º A inscrição consignará o nome dos adotantes como pais, bem como o nome de seus ascendentes.

§ 2º O mandado judicial, que será arquivado, cancelará o registro original do adotado.

§ 3o A pedido do adotante, o novo registro poderá ser lavrado no Cartório do Registro Civil do Município de sua residência. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 4o Nenhuma observação sobre a origem do ato poderá constar nas certidões do registro. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 5o A sentença conferirá ao adotado o nome do adotante e, a pedido de qualquer deles, poderá determinar a modificação do prenome. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 6o Caso a modificação de prenome seja requerida pelo adotante, é obrigatória a oitiva do adotando, observado o disposto nos §§ 1o e 2o do art. 28 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 7o A adoção produz seus efeitos a partir do trânsito em julgado da sentença constitutiva, exceto na hipótese prevista no § 6o do art. 42 desta Lei, caso em que terá força retroativa à data do óbito. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 8o O processo relativo à adoção assim como outros a ele relacionados serão mantidos em arquivo, admitindo-se seu armazenamento em microfilme ou por outros meios, garantida a sua conservação para consulta a qualquer tempo. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 48. O adotado tem direito de conhecer sua origem biológica, bem como de obter acesso irrestrito ao processo no qual a medida foi aplicada e seus eventuais incidentes, após completar 18 (dezoito) anos. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Parágrafo único. O acesso ao processo de adoção poderá ser também deferido ao adotado menor de 18 (dezoito) anos, a seu pedido, assegurada orientação e assistência jurídica e psicológica. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 49. A morte dos adotantes não restabelece o pátrio poder poder familiar dos pais naturais. (Expressão substituída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 50. A autoridade judiciária manterá, em cada comarca ou foro regional, um registro de crianças e adolescentes em condições de serem adotados e outro de pessoas interessadas na adoção. (Vide Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 1º O deferimento da inscrição dar-se-á após prévia consulta aos órgãos técnicos do juizado, ouvido o Ministério Público.

§ 2º Não será deferida a inscrição se o interessado não satisfazer os requisitos legais, ou verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 29.

§ 3o A inscrição de postulantes à adoção será precedida de um período de preparação psicossocial e jurídica, orientado pela equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 4o Sempre que possível e recomendável, a preparação referida no § 3o deste artigo incluirá o contato com crianças e adolescentes em acolhimento familiar ou institucional em condições de serem adotados, a ser realizado sob a orientação, supervisão e avaliação da equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, com apoio dos técnicos responsáveis pelo programa de acolhimento e pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 5o Serão criados e implementados cadastros estaduais e nacional de crianças e adolescentes em condições de serem adotados e de pessoas ou casais habilitados à adoção. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 6o Haverá cadastros distintos para pessoas ou casais residentes fora do País, que somente serão consultados na inexistência de postulantes nacionais habilitados nos cadastros mencionados no § 5o deste artigo. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 7o As autoridades estaduais e federais em matéria de adoção terão acesso integral aos cadastros, incumbindo-lhes a troca de informações e a cooperação mútua, para melhoria do sistema. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 8o A autoridade judiciária providenciará, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, a inscrição das crianças e adolescentes em condições de serem adotados que não tiveram colocação familiar na comarca de origem, e das pessoas ou casais que tiveram deferida sua habilitação à adoção nos cadastros estadual e nacional referidos no § 5o deste artigo, sob pena de responsabilidade. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 9o Compete à Autoridade Central Estadual zelar pela manutenção e correta alimentação dos cadastros, com posterior comunicação à Autoridade Central Federal Brasileira. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 10. A adoção internacional somente será deferida se, após consulta ao cadastro de pessoas ou casais habilitados à adoção, mantido pela Justiça da Infância e da Juventude na comarca, bem como aos cadastros estadual e nacional referidos no § 5o deste artigo, não for encontrado interessado com residência permanente no Brasil. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 11. Enquanto não localizada pessoa ou casal interessado em sua adoção, a criança ou o adolescente, sempre que possível e recomendável, será colocado sob guarda de família cadastrada em programa de acolhimento familiar. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 12. A alimentação do cadastro e a convocação criteriosa dos postulantes à adoção serão fiscalizadas pelo Ministério Público. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 13. Somente poderá ser deferida adoção em favor de candidato domiciliado no Brasil não cadastrado previamente nos termos desta Lei quando: (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

I - se tratar de pedido de adoção unilateral; (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

II - for formulada por parente com o qual a criança ou adolescente mantenha vínculos de afinidade e afetividade; (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

III - oriundo o pedido de quem detém a tutela ou guarda legal de criança maior de 3 (três) anos ou adolescente, desde que o lapso de tempo de convivência comprove a fixação de laços de afinidade e afetividade, e não seja constatada a ocorrência de má-fé ou qualquer das situações previstas nos arts. 237 ou 238 desta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 14. Nas hipóteses previstas no § 13 deste artigo, o candidato deverá comprovar, no curso do procedimento, que preenche os requisitos necessários à adoção, conforme previsto nesta Lei. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 51. Considera-se adoção internacional aquela na qual a pessoa ou casal postulante é residente ou domiciliado fora do Brasil, conforme previsto no Artigo 2 da Convenção de Haia, de 29 de maio de 1993, Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional, aprovada pelo Decreto Legislativo no 1, de 14 de janeiro de 1999, e promulgada pelo Decreto no 3.087, de 21 de junho de 1999. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 1o A adoção internacional de criança ou adolescente brasileiro ou domiciliado no Brasil somente terá lugar quando restar comprovado: (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

I - que a colocação em família substituta é a solução adequada ao caso concreto; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

II - que foram esgotadas todas as possibilidades de colocação da criança ou adolescente em família substituta brasileira, após consulta aos cadastros mencionados no art. 50 desta Lei; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

III - que, em se tratando de adoção de adolescente, este foi consultado, por meios adequados ao seu estágio de desenvolvimento, e que se encontra preparado para a medida, mediante parecer elaborado por equipe interprofissional, observado o disposto nos §§ 1o e 2o do art. 28 desta Lei. (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 2o Os brasileiros residentes no exterior terão preferência aos estrangeiros, nos casos de adoção internacional de criança ou adolescente brasileiro. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 3o A adoção internacional pressupõe a intervenção das Autoridades Centrais Estaduais e Federal em matéria de adoção internacional. (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 52. A adoção internacional observará o procedimento previsto nos arts. 165 a 170 desta Lei, com as seguintes adaptações: (Redação dada pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

I - a pessoa ou casal estrangeiro, interessado em adotar criança ou adolescente brasileiro, deverá formular pedido de habilitação à adoção perante a Autoridade Central em matéria de adoção internacional no país de acolhida, assim entendido aquele onde está situada sua residência habitual; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

II - se a Autoridade Central do país de acolhida considerar que os solicitantes estão habilitados e aptos para adotar, emitirá um relatório que contenha informações sobre a identidade, a capacidade jurídica e adequação dos solicitantes para adotar, sua situação pessoal, familiar e médica, seu meio social, os motivos que os animam e sua aptidão para assumir uma adoção internacional; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

III - a Autoridade Central do país de acolhida enviará o relatório à Autoridade Central Estadual, com cópia para a Autoridade Central Federal Brasileira; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

IV - o relatório será instruído com toda a documentação necessária, incluindo estudo psicossocial elaborado por equipe interprofissional habilitada e cópia autenticada da legislação pertinente, acompanhada da respectiva prova de vigência; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

V - os documentos em língua estrangeira serão devidamente autenticados pela autoridade consular, observados os tratados e convenções internacionais, e acompanhados da respectiva tradução, por tradutor público juramentado; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

VI - a Autoridade Central Estadual poderá fazer exigências e solicitar complementação sobre o estudo psicossocial do postulante estrangeiro à adoção, já realizado no país de acolhida; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

VII - verificada, após estudo realizado pela Autoridade Central Estadual, a compatibilidade da legislação estrangeira com a nacional, além do preenchimento por parte dos postulantes à medida dos requisitos objetivos e subjetivos necessários ao seu deferimento, tanto à luz do que dispõe esta Lei como da legislação do país de acolhida, será expedido laudo de habilitação à adoção internacional, que terá validade por, no máximo, 1 (um) ano; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

VIII - de posse do laudo de habilitação, o interessado será autorizado a formalizar pedido de adoção perante o Juízo da Infância e da Juventude do local em que se encontra a criança ou adolescente, conforme indicação efetuada pela Autoridade Central Estadual. (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 1o Se a legislação do país de acolhida assim o autorizar, admite-se que os pedidos de habilitação à adoção internacional sejam intermediados por organismos credenciados. (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 2o Incumbe à Autoridade Central Federal Brasileira o credenciamento de organismos nacionais e estrangeiros encarregados de intermediar pedidos de habilitação à adoção internacional, com posterior comunicação às Autoridades Centrais Estaduais e publicação nos órgãos oficiais de imprensa e em sítio próprio da internet. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 3o Somente será admissível o credenciamento de organismos que: (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

I - sejam oriundos de países que ratificaram a Convenção de Haia e estejam devidamente credenciados pela Autoridade Central do país onde estiverem sediados e no país de acolhida do adotando para atuar em adoção internacional no Brasil; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

II - satisfizerem as condições de integridade moral, competência profissional, experiência e responsabilidade exigidas pelos países respectivos e pela Autoridade Central Federal Brasileira; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

III - forem qualificados por seus padrões éticos e sua formação e experiência para atuar na área de adoção internacional; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

IV - cumprirem os requisitos exigidos pelo ordenamento jurídico brasileiro e pelas normas estabelecidas pela Autoridade Central Federal Brasileira. (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 4o Os organismos credenciados deverão ainda: (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

I - perseguir unicamente fins não lucrativos, nas condições e dentro dos limites fixados pelas autoridades competentes do país onde estiverem sediados, do país de acolhida e pela Autoridade Central Federal Brasileira; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

II - ser dirigidos e administrados por pessoas qualificadas e de reconhecida idoneidade moral, com comprovada formação ou experiência para atuar na área de adoção internacional, cadastradas pelo Departamento de Polícia Federal e aprovadas pela Autoridade Central Federal Brasileira, mediante publicação de portaria do órgão federal competente; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

III - estar submetidos à supervisão das autoridades competentes do país onde estiverem sediados e no país de acolhida, inclusive quanto à sua composição, funcionamento e situação financeira; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

IV - apresentar à Autoridade Central Federal Brasileira, a cada ano, relatório geral das atividades desenvolvidas, bem como relatório de acompanhamento das adoções internacionais efetuadas no período, cuja cópia será encaminhada ao Departamento de Polícia Federal; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

V - enviar relatório pós-adotivo semestral para a Autoridade Central Estadual, com cópia para a Autoridade Central Federal Brasileira, pelo período mínimo de 2 (dois) anos. O envio do relatório será mantido até a juntada de cópia autenticada do registro civil, estabelecendo a cidadania do país de acolhida para o adotado; (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

VI - tomar as medidas necessárias para garantir que os adotantes encaminhem à Autoridade Central Federal Brasileira cópia da certidão de registro de nascimento estrangeira e do certificado de nacionalidade tão logo lhes sejam concedidos. (Incluída pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 5o A não apresentação dos relatórios referidos no § 4o deste artigo pelo organismo credenciado poderá acarretar a suspensão de seu credenciamento. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 6o O credenciamento de organismo nacional ou estrangeiro encarregado de intermediar pedidos de adoção internacional terá validade de 2 (dois) anos. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 7o A renovação do credenciamento poderá ser concedida mediante requerimento protocolado na Autoridade Central Federal Brasileira nos 60 (sessenta) dias anteriores ao término do respectivo prazo de validade. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 8o Antes de transitada em julgado a decisão que concedeu a adoção internacional, não será permitida a saída do adotando do território nacional. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 9o Transitada em julgado a decisão, a autoridade judiciária determinará a expedição de alvará com autorização de viagem, bem como para obtenção de passaporte, constando, obrigatoriamente, as características da criança ou adolescente adotado, como idade, cor, sexo, eventuais sinais ou traços peculiares, assim como foto recente e a aposição da impressão digital do seu polegar direito, instruindo o documento com cópia autenticada da decisão e certidão de trânsito em julgado. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 10. A Autoridade Central Federal Brasileira poderá, a qualquer momento, solicitar informações sobre a situação das crianças e adolescentes adotados. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 11. A cobrança de valores por parte dos organismos credenciados, que sejam considerados abusivos pela Autoridade Central Federal Brasileira e que não estejam devidamente comprovados, é causa de seu descredenciamento. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 12. Uma mesma pessoa ou seu cônjuge não podem ser representados por mais de uma entidade credenciada para atuar na cooperação em adoção internacional. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 13. A habilitação de postulante estrangeiro ou domiciliado fora do Brasil terá validade máxima de 1 (um) ano, podendo ser renovada. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 14. É vedado o contato direto de representantes de organismos de adoção, nacionais ou estrangeiros, com dirigentes de programas de acolhimento institucional ou familiar, assim como com crianças e adolescentes em condições de serem adotados, sem a devida autorização judicial. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 15. A Autoridade Central Federal Brasileira poderá limitar ou suspender a concessão de novos credenciamentos sempre que julgar necessário, mediante ato administrativo fundamentado. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 52-A. É vedado, sob pena de responsabilidade e descredenciamento, o repasse de recursos provenientes de organismos estrangeiros encarregados de intermediar pedidos de adoção internacional a organismos nacionais ou a pessoas físicas. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Parágrafo único. Eventuais repasses somente poderão ser efetuados via Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente e estarão sujeitos às deliberações do respectivo Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 52-B. A adoção por brasileiro residente no exterior em país ratificante da Convenção de Haia, cujo processo de adoção tenha sido processado em conformidade com a legislação vigente no país de residência e atendido o disposto na Alínea "c" do Artigo 17 da referida Convenção, será automaticamente recepcionada com o reingresso no Brasil. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 1o Caso não tenha sido atendido o disposto na Alínea "c" do Artigo 17 da Convenção de Haia, deverá a sentença ser homologada pelo Superior Tribunal de Justiça. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 2o O pretendente brasileiro residente no exterior em país não ratificante da Convenção de Haia, uma vez reingressado no Brasil, deverá requerer a homologação da sentença estrangeira pelo Superior Tribunal de Justiça. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 52-C. Nas adoções internacionais, quando o Brasil for o país de acolhida, a decisão da autoridade competente do país de origem da criança ou do adolescente será conhecida pela Autoridade Central Estadual que tiver processado o pedido de habilitação dos pais adotivos, que comunicará o fato à Autoridade Central Federal e determinará as providências necessárias à expedição do Certificado de Naturalização Provisório. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

§ 1o A Autoridade Central Estadual, ouvido o Ministério Público, somente deixará de reconhecer os efeitos daquela decisão se restar demonstrado que a adoção é manifestamente contrária à ordem pública ou não atende ao interesse superior da criança ou do adolescente. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

§ 2o Na hipótese de não reconhecimento da adoção, prevista no § 1o deste artigo, o Ministério Público deverá imediatamente requerer o que for de direito para resguardar os interesses da criança ou do adolescente, comunicando-se as providências à Autoridade Central Estadual, que fará a comunicação à Autoridade Central Federal Brasileira e à Autoridade Central do país de origem. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009) Vigência

Art. 52-D. Nas adoções internacionais, quando o Brasil for o país de acolhida e a adoção não tenha sido deferida no país de origem porque a sua legislação a delega ao país de acolhida, ou, ainda, na hipótese de, mesmo com decisão, a criança ou o adolescente ser oriundo de país que não tenha aderido à Convenção referida, o processo de adoção seguirá as regras da adoção nacional. (Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009)

Capítulo IV
Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;

VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao poder público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola.

Art. 55. Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Art. 56. Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I - maus-tratos envolvendo seus alunos;

II - reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;

III - elevados níveis de repetência.

Art. 57. O poder público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório.

Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.

Art. 59. Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

Capítulo V
Do Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho

Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

Art. 61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo do disposto nesta Lei.

Art. 62. Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.

Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:

I - garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular;

II - atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente;

III - horário especial para o exercício das atividades.

Art. 64. Ao adolescente até quatorze anos de idade é assegurada bolsa de aprendizagem.

Art. 65. Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários.

Art. 66. Ao adolescente portador de deficiência é assegurado trabalho protegido.

Art. 67. Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é vedado trabalho:

I - noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;

II - perigoso, insalubre ou penoso;

III - realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social;

IV - realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola.

Art. 68. O programa social que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não-governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada.

§ 1º Entende-se por trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo.

§ 2º A remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho não desfigura o caráter educativo.

Art. 69. O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros:

I - respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento;

II - capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho.

3. BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

TÍTULO I
Da Educação

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

TÍTULO II
Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade;

X - valorização da experiência extra-escolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

TÍTULO III
Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Lei nº 12.061, de 2009)

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

VIII - atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde;

IX - padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

X – vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade. (Incluído pela Lei nº 11.700, de 2008).

Art. 5º O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo.

§ 1º Compete aos Estados e aos Municípios, em regime de colaboração, e com a assistência da União:

I - recensear a população em idade escolar para o ensino fundamental, e os jovens e adultos que a ele não tiveram acesso;

II - fazer-lhes a chamada pública;

III - zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

§ 2º Em todas as esferas administrativas, o Poder Público assegurará em primeiro lugar o acesso ao ensino obrigatório, nos termos deste artigo, contemplando em seguida os demais níveis e modalidades de ensino, conforme as prioridades constitucionais e legais.

§ 3º Qualquer das partes mencionadas no caput deste artigo tem legitimidade para peticionar no Poder Judiciário, na hipótese do § 2º do art. 208 da Constituição Federal, sendo gratuita e de rito sumário a ação judicial correspondente.

§ 4º Comprovada a negligência da autoridade competente para garantir o oferecimento do ensino obrigatório, poderá ela ser imputada por crime de responsabilidade.

§ 5º Para garantir o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino, independentemente da escolarização anterior.

Art. 6o É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental. (Redação dada pela Lei nº 11.114, de 2005)

Art. 7º O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições:

I - cumprimento das normas gerais da educação nacional e do respectivo sistema de ensino;

II - autorização de funcionamento e avaliação de qualidade pelo Poder Público;

III - capacidade de autofinanciamento, ressalvado o previsto no art. 213 da Constituição Federal.

TÍTULO IV
Da Organização da Educação Nacional

Art. 8º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, os respectivos sistemas de ensino.

§ 1º Caberá à União a coordenação da política nacional de educação, articulando os diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva em relação às demais instâncias educacionais.

§ 2º Os sistemas de ensino terão liberdade de organização nos termos desta Lei.

Art. 9º A União incumbir-se-á de: (Regulamento)

I - elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

II - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios;

III - prestar assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória, exercendo sua função redistributiva e supletiva;

IV - estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum;

V - coletar, analisar e disseminar informações sobre a educação;

VI - assegurar processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino;

VII - baixar normas gerais sobre cursos de graduação e pós-graduação;

VIII - assegurar processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, com a cooperação dos sistemas que tiverem responsabilidade sobre este nível de ensino;

IX - autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior e os estabelecimentos do seu sistema de ensino.

§ 1º Na estrutura educacional, haverá um Conselho Nacional de Educação, com funções normativas e de supervisão e atividade permanente, criado por lei.

§ 2° Para o cumprimento do disposto nos incisos V a IX, a União terá acesso a todos os dados e informações necessários de todos os estabelecimentos e órgãos educacionais.

§ 3º As atribuições constantes do inciso IX poderão ser delegadas aos Estados e ao Distrito Federal, desde que mantenham instituições de educação superior.

Art. 10. Os Estados incumbir-se-ão de:

I - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino;

II - definir, com os Municípios, formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, as quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros disponíveis em cada uma dessas esferas do Poder Público;

III - elaborar e executar políticas e planos educacionais, em consonância com as diretrizes e planos nacionais de educação, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus Municípios;

IV - autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior e os estabelecimentos do seu sistema de ensino;

V - baixar normas complementares para o seu sistema de ensino;

VI - assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio a todos que o demandarem, respeitado o disposto no art. 38 desta Lei; (Redação dada pela Lei nº 12.061, de 2009)

VII - assumir o transporte escolar dos alunos da rede estadual. (Incluído pela Lei nº 10.709, de 31.7.2003)

Parágrafo único. Ao Distrito Federal aplicar-se-ão as competências referentes aos Estados e aos Municípios.

Art. 11. Os Municípios incumbir-se-ão de:

I - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados;

II - exercer ação redistributiva em relação às suas escolas;

III - baixar normas complementares para o seu sistema de ensino;

IV - autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino;

V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino.

VI - assumir o transporte escolar dos alunos da rede municipal. (Incluído pela Lei nº 10.709, de 31.7.2003)

Parágrafo único. Os Municípios poderão optar, ainda, por se integrar ao sistema estadual de ensino ou compor com ele um sistema único de educação básica.

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;

II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;

III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;

IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;

VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII - informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola; (Redação dada pela Lei nº 12.013, de 2009)

VIII – notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei.(Incluído pela Lei nº 10.287, de 2001)

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III - zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público.

Art. 16. O sistema federal de ensino compreende:

I - as instituições de ensino mantidas pela União;

II - as instituições de educação superior criadas e mantidas pela iniciativa privada;

III - os órgãos federais de educação.

Art. 17. Os sistemas de ensino dos Estados e do Distrito Federal compreendem:

I - as instituições de ensino mantidas, respectivamente, pelo Poder Público estadual e pelo Distrito Federal;

II - as instituições de educação superior mantidas pelo Poder Público municipal;

III - as instituições de ensino fundamental e médio criadas e mantidas pela iniciativa privada;

IV - os órgãos de educação estaduais e do Distrito Federal, respectivamente.

Parágrafo único. No Distrito Federal, as instituições de educação infantil, criadas e mantidas pela iniciativa privada, integram seu sistema de ensino.

Art. 18. Os sistemas municipais de ensino compreendem:

I - as instituições do ensino fundamental, médio e de educação infantil mantidas pelo Poder Público municipal;

II - as instituições de educação infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada;

III – os órgãos municipais de educação.

Art. 19. As instituições de ensino dos diferentes níveis classificam-se nas seguintes categorias administrativas: (Regulamento)

I - públicas, assim entendidas as criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo Poder Público;

II - privadas, assim entendidas as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado.

Art. 20. As instituições privadas de ensino se enquadrarão nas seguintes categorias: (Regulamento)

I - particulares em sentido estrito, assim entendidas as que são instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado que não apresentem as características dos incisos abaixo;

II - comunitárias, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas educacionais, sem fins lucrativos, que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade; (Redação dada pela Lei nº 12.020, de 2009)

III - confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior;

IV - filantrópicas, na forma da lei.

TÍTULO V
Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino

CAPÍTULO I
Da Composição dos Níveis Escolares

Art. 21. A educação escolar compõe-se de:

I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

II - educação superior.

CAPÍTULO II
DA EDUCAÇÃO BÁSICA
Seção I
Das Disposições Gerais

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

§ 1º A escola poderá reclassificar os alunos, inclusive quando se tratar de transferências entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais.

§ 2º O calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei.

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I - a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver;

II - a classificação em qualquer série ou etapa, exceto a primeira do ensino fundamental, pode ser feita:

a) por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior, na própria escola;

b) por transferência, para candidatos procedentes de outras escolas;

c) independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino;

III - nos estabelecimentos que adotam a progressão regular por série, o regimento escolar pode admitir formas de progressão parcial, desde que preservada a sequência do currículo, observadas as normas do respectivo sistema de ensino;

IV - poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares;

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;

d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

VI - o controle de frequência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para aprovação;

VII - cabe a cada instituição de ensino expedir históricos escolares, declarações de conclusão de série e diplomas ou certificados de conclusão de cursos, com as especificações cabíveis.

Art. 25. Será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançar relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais do estabelecimento.

Parágrafo único. Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo.

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 1º Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos

§ 3o A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: (Redação dada pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

II – maior de trinta anos de idade; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

IV – amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

V – (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

VI – que tenha prole. (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

§ 5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

§ 6o A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2o deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.769, de 2008)

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III - orientação para o trabalho;

IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Seção II
Da Educação Infantil

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Seção III
Do Ensino Fundamental

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

§ 1º É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos.

§ 2º Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

§ 3º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

§ 4º O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

§ 5o O currículo do ensino fundamental incluirá, obrigatoriamente, conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como diretriz a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente, observada a produção e distribuição de material didático adequado. (Incluído pela Lei nº 11.525, de 2007).

§ 6º O estudo sobre os símbolos nacionais será incluído como tema transversal nos currículos do ensino fundamental. (Incluído pela Lei nº 12.472, de 2011).

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997)

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso."

Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

§ 1º São ressalvados os casos do ensino noturno e das formas alternativas de organização autorizadas nesta Lei.

§ 2º O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

Seção IV
Do Ensino Médio

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II - adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III - será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio. (Incluído pela Lei nº 11.684, de 2008)

§ 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

§ 2º (Revogado pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 3º Os cursos do ensino médio terão equivalência legal e habilitarão ao prosseguimento de estudos.

Seção IV-A
Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio
(Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-A. Sem prejuízo do disposto na Seção IV deste Capítulo, o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Parágrafo único. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I - articulada com o ensino médio; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.(Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Parágrafo único. A educação profissional técnica de nível médio deverá observar: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I - os objetivos e definições contidos nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II - as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

III - as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do caput do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II - concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Parágrafo único. Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Seção V
Da Educação de Jovens e Adultos

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3o A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

CAPÍTULO III
Da Educação Profissional e Tecnológica
(Redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. (Redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 1o Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 2o A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II – de educação profissional técnica de nível médio; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 3o Os cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação organizar-se-ão, no que concerne a objetivos, características e duração, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho. (Regulamento)

Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos. (Redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 42. As instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade. (Redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008)

CAPÍTULO IV
DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Art. 44. A educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas: (Regulamento)

I - cursos sequenciais por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino, desde que tenham concluído o ensino médio ou equivalente; (Redação dada pela Lei nº 11.632, de 2007).

II - de graduação, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo;

III - de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino;

IV - de extensão, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.

Parágrafo único. Os resultados do processo seletivo referido no inciso II do caput deste artigo serão tornados públicos pelas instituições de ensino superior, sendo obrigatória a divulgação da relação nominal dos classificados, a respectiva ordem de classificação, bem como do cronograma das chamadas para matrícula, de acordo com os critérios para preenchimento das vagas constantes do respectivo edital. (Incluído pela Lei nº 11.331, de 2006)

Art. 45. A educação superior será ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privadas, com variados graus de abrangência ou especialização.

Art. 46. A autorização e o reconhecimento de cursos, bem como o credenciamento de instituições de educação superior, terão prazos limitados, sendo renovados, periodicamente, após processo regular de avaliação.

§ 1º Após um prazo para saneamento de deficiências eventualmente identificadas pela avaliação a que se refere este artigo, haverá reavaliação,

que poderá resultar, conforme o caso, em desativação de cursos e habilitações, em intervenção na instituição, em suspensão temporária de prerrogativas da autonomia, ou em descredenciamento. (Regulamento)

§ 2º No caso de instituição pública, o Poder Executivo responsável por sua manutenção acompanhará o processo de saneamento e fornecerá recursos adicionais, se necessários, para a superação das deficiências.

Art. 47. Na educação superior, o ano letivo regular, independente do ano civil, tem, no mínimo, duzentos dias de trabalho acadêmico efetivo, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver.

§ 1º As instituições informarão aos interessados, antes de cada período letivo, os programas dos cursos e demais componentes curriculares, sua duração, requisitos, qualificação dos professores, recursos disponíveis e critérios de avaliação, obrigando-se a cumprir as respectivas condições.

§ 2º Os alunos que tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos, aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração dos seus cursos, de acordo com as normas dos sistemas de ensino.

§ 3º É obrigatória a frequência de alunos e professores, salvo nos programas de educação a distância.

§ 4º As instituições de educação superior oferecerão, no período noturno, cursos de graduação nos mesmos padrões de qualidade mantidos no período diurno, sendo obrigatória a oferta noturna nas instituições públicas, garantida a necessária previsão orçamentária.

Art. 48. Os diplomas de cursos superiores reconhecidos, quando registrados, terão validade nacional como prova da formação recebida por seu titular.

§ 1º Os diplomas expedidos pelas universidades serão por elas próprias registrados, e aqueles conferidos por instituições não-universitárias serão registrados em universidades indicadas pelo Conselho Nacional de Educação.

§ 2º Os diplomas de graduação expedidos por universidades estrangeiras serão revalidados por universidades públicas que tenham curso do mesmo nível e área ou equivalente, respeitando-se os acordos internacionais de reciprocidade ou equiparação.

§ 3º Os diplomas de Mestrado e de Doutorado expedidos por universidades estrangeiras só poderão ser reconhecidos por universidades que possuam cursos de pós-graduação reconhecidos e avaliados, na mesma área de conhecimento e em nível equivalente ou superior.

Art. 49. As instituições de educação superior aceitarão a transferência de alunos regulares, para cursos afins, na hipótese de existência de vagas, e mediante processo seletivo.

Parágrafo único. As transferências ex officio dar-se-ão na forma da lei.

Art. 50. As instituições de educação superior, quando da ocorrência de vagas, abrirão matrícula nas disciplinas de seus cursos a alunos não regulares que demonstrarem capacidade de cursá-las com proveito, mediante processo seletivo prévio.

Art. 51. As instituições de educação superior credenciadas como universidades, ao deliberar sobre critérios e normas de seleção e admissão de estudantes, levarão em conta os efeitos desses critérios sobre a orientação do ensino médio, articulando-se com os órgãos normativos dos sistemas de ensino.

Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por:

I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;

II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;

III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral.

Parágrafo único. É facultada a criação de universidades especializadas por campo do saber.

Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

I - criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino;

II - fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes;

III - estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão;

IV - fixar o número de vagas de acordo com a capacidade institucional e as exigências do seu meio;

V - elaborar e reformar os seus estatutos e regimentos em consonância com as normas gerais atinentes;

VI - conferir graus, diplomas e outros títulos;

VII - firmar contratos, acordos e convênios;

VIII - aprovar e executar planos, programas e projetos de investimentos referentes a obras, serviços e aquisições em geral, bem como administrar rendimentos conforme dispositivos institucionais;

IX - administrar os rendimentos e deles dispor na forma prevista no ato de constituição, nas leis e nos respectivos estatutos;

X - receber subvenções, doações, heranças, legados e cooperação financeira resultante de convênios com entidades públicas e privadas.

Parágrafo único. Para garantir a autonomia didático-científica das universidades, caberá aos seus colegiados de ensino e pesquisa decidir, dentro dos recursos orçamentários disponíveis, sobre:

I - criação, expansão, modificação e extinção de cursos;

II - ampliação e diminuição de vagas;

III - elaboração da programação dos cursos;

IV - programação das pesquisas e das atividades de extensão;

V - contratação e dispensa de professores;

VI - planos de carreira docente.

Art. 54. As universidades mantidas pelo Poder Público gozarão, na forma da lei, de estatuto jurídico especial para atender às peculiaridades de sua estrutura, organização e financiamento pelo Poder Público, assim como dos seus planos de carreira e do regime jurídico do seu pessoal.

§ 1º No exercício da sua autonomia, além das atribuições asseguradas pelo artigo anterior, as universidades públicas poderão:

I - propor o seu quadro de pessoal docente, técnico e administrativo, assim como um plano de cargos e salários, atendidas as normas gerais pertinentes e os recursos disponíveis;

II - elaborar o regulamento de seu pessoal em conformidade com as normas gerais concernentes;

III - aprovar e executar planos, programas e projetos de investimentos referentes a obras, serviços e aquisições em geral, de acordo com os recursos alocados pelo respectivo Poder mantenedor;

IV - elaborar seus orçamentos anuais e plurianuais;

V - adotar regime financeiro e contábil que atenda às suas peculiaridades de organização e funcionamento;

VI - realizar operações de crédito ou de financiamento, com aprovação do Poder competente, para aquisição de bens imóveis, instalações e equipamentos;

VII - efetuar transferências, quitações e tomar outras providências de ordem orçamentária, financeira e patrimonial necessárias ao seu bom desempenho.

§ 2º Atribuições de autonomia universitária poderão ser estendidas a instituições que comprovem alta qualificação para o ensino ou para a pesquisa, com base em avaliação realizada pelo Poder Público.

Art. 55. Caberá à União assegurar, anualmente, em seu Orçamento Geral, recursos suficientes para manutenção e desenvolvimento das instituições de educação superior por ela mantidas.

Art. 56. As instituições públicas de educação superior obedecerão ao princípio da gestão democrática, assegurada a existência de órgãos colegiados deliberativos, de que participarão os segmentos da comunidade institucional, local e regional.

Parágrafo único. Em qualquer caso, os docentes ocuparão setenta por cento dos assentos em cada órgão colegiado e comissão, inclusive nos que tratarem da elaboração e modificações estatutárias e regimentais, bem como da escolha de dirigentes.

Art. 57. Nas instituições públicas de educação superior, o professor ficará obrigado ao mínimo de oito horas semanais de aulas.

CAPÍTULO V
DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

TÍTULO VI
Dos Profissionais da Educação

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (Regulamento)

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão:

I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;

II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;

III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Art. 66. A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

Parágrafo único. O notório saber, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico.

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho.

§ 1o A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino. (Renumerado pela Lei nº 11.301, de 2006)

§ 2o Para os efeitos do disposto no § 5o do art. 40 e no § 8o do art. 201 da Constituição Federal, são consideradas funções de magistério as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. (Incluído pela Lei nº 11.301, de 2006)

TÍTULO VII
Dos Recursos financeiros

Art. 68. Serão recursos públicos destinados à educação os originários de:

I - receita de impostos próprios da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;

II - receita de transferências constitucionais e outras transferências;

III - receita do salário-educação e de outras contribuições sociais;

IV - receita de incentivos fiscais;

V - outros recursos previstos em lei.

Art. 69. A União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, vinte e cinco por cento, ou o que consta nas respectivas Constituições ou Leis Orgânicas, da receita resultante de impostos, compreendidas as transferências constitucionais, na manutenção e desenvolvimento do ensino público.

§ 1º A parcela da arrecadação de impostos transferida pela União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, ou pelos Estados aos respectivos Municípios, não será considerada, para efeito do cálculo previsto neste artigo, receita do governo que a transferir.

§ 2º Serão consideradas excluídas das receitas de impostos mencionadas neste artigo as operações de crédito por antecipação de receita orçamentária de impostos.

§ 3º Para fixação inicial dos valores correspondentes aos mínimos estatuídos neste artigo, será considerada a receita estimada na lei do orçamento anual, ajustada, quando for o caso, por lei que autorizar a abertura de créditos adicionais, com base no eventual excesso de arrecadação.

§ 4º As diferenças entre a receita e a despesa previstas e as efetivamente realizadas, que resultem no não atendimento dos percentuais mínimos obrigatórios, serão apuradas e corrigidas a cada trimestre do exercício financeiro.

§ 5º O repasse dos valores referidos neste artigo do caixa da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios ocorrerá imediatamente ao órgão responsável pela educação, observados os seguintes prazos:

I - recursos arrecadados do primeiro ao décimo dia de cada mês, até o vigésimo dia;

II - recursos arrecadados do décimo primeiro ao vigésimo dia de cada mês, até o trigésimo dia;

III - recursos arrecadados do vigésimo primeiro dia ao final de cada mês, até o décimo dia do mês subsequente.

§ 6º O atraso da liberação sujeitará os recursos a correção monetária e à responsabilização civil e criminal das autoridades competentes.

Art. 70. Considerar-se-ão como de manutenção e desenvolvimento do ensino as despesas realizadas com vistas à consecução dos objetivos básicos das instituições educacionais de todos os níveis, compreendendo as que se destinam a:

I - remuneração e aperfeiçoamento do pessoal docente e demais profissionais da educação;

II - aquisição, manutenção, construção e conservação de instalações e equipamentos necessários ao ensino;

III – uso e manutenção de bens e serviços vinculados ao ensino;

IV - levantamentos estatísticos, estudos e pesquisas visando precipuamente ao aprimoramento da qualidade e à expansão do ensino;

V - realização de atividades-meio necessárias ao funcionamento dos sistemas de ensino;

VI - concessão de bolsas de estudo a alunos de escolas públicas e privadas;

VII - amortização e custeio de operações de crédito destinadas a atender ao disposto nos incisos deste artigo;

VIII - aquisição de material didático-escolar e manutenção de programas de transporte escolar.

Art. 71. Não constituirão despesas de manutenção e desenvolvimento do ensino aquelas realizadas com:

I - pesquisa, quando não vinculada às instituições de ensino, ou, quando efetivada fora dos sistemas de ensino, que não vise, precipuamente, ao aprimoramento de sua qualidade ou à sua expansão;

II - subvenção a instituições públicas ou privadas de caráter assistencial, desportivo ou cultural;

III - formação de quadros especiais para a administração pública, sejam militares ou civis, inclusive diplomáticos;

IV - programas suplementares de alimentação, assistência médico-odontológica, farmacêutica e psicológica, e outras formas de assistência social;

V - obras de infra-estrutura, ainda que realizadas para beneficiar direta ou indiretamente a rede escolar;

VI - pessoal docente e demais trabalhadores da educação, quando em desvio de função ou em atividade alheia à manutenção e desenvolvimento do ensino.

Art. 72. As receitas e despesas com manutenção e desenvolvimento do ensino serão apuradas e publicadas nos balanços do Poder Público, assim como nos relatórios a que se refere o § 3º do art. 165 da Constituição Federal.

Art. 73. Os órgãos fiscalizadores examinarão, prioritariamente, na prestação de contas de recursos públicos, o cumprimento do disposto no art. 212 da Constituição Federal, no art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e na legislação concernente.

Art. 74. A União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, estabelecerá padrão mínimo de oportunidades educacionais para o ensino fundamental, baseado no cálculo do custo mínimo por aluno, capaz de assegurar ensino de qualidade.

Parágrafo único. O custo mínimo de que trata este artigo será calculado pela União ao final de cada ano, com validade para o ano subsequente, considerando variações regionais no custo dos insumos e as diversas modalidades de ensino.

Art. 75. A ação supletiva e redistributiva da União e dos Estados será exercida de modo a corrigir, progressivamente, as disparidades de acesso e garantir o padrão mínimo de qualidade de ensino.

§ 1º A ação a que se refere este artigo obedecerá a fórmula de domínio público que inclua a capacidade de atendimento e a medida do esforço fiscal do respectivo Estado, do Distrito Federal ou do Município em favor da manutenção e do desenvolvimento do ensino.

§ 2º A capacidade de atendimento de cada governo será definida pela razão entre os recursos de uso constitucionalmente obrigatório na manutenção e desenvolvimento do ensino e o custo anual do aluno, relativo ao padrão mínimo de qualidade.

§ 3º Com base nos critérios estabelecidos nos §§ 1º e 2º, a União poderá fazer a transferência direta de recursos a cada estabelecimento de ensino, considerado o número de alunos que efetivamente frequentam a escola.

§ 4º A ação supletiva e redistributiva não poderá ser exercida em favor do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios se estes oferecerem vagas, na área de ensino de sua responsabilidade, conforme o inciso VI do art. 10 e o inciso V do art. 11 desta Lei, em número inferior à sua capacidade de atendimento.

Art. 76. A ação supletiva e redistributiva prevista no artigo anterior ficará condicionada ao efetivo cumprimento pelos Estados, Distrito Federal e Municípios do disposto nesta Lei, sem prejuízo de outras prescrições legais.

Art. 77. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas que:

I - comprovem finalidade não-lucrativa e não distribuam resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcela de seu patrimônio sob nenhuma forma ou pretexto;

II - apliquem seus excedentes financeiros em educação;

III - assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades;

IV - prestem contas ao Poder Público dos recursos recebidos.

§ 1º Os recursos de que trata este artigo poderão ser destinados a bolsas de estudo para a educação básica, na forma da lei, para os que demonstrarem insuficiência de recursos, quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública de domicílio do educando, ficando o Poder Público obrigado a investir prioritariamente na expansão da sua rede local.

§ 2º As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público, inclusive mediante bolsas de estudo.

TÍTULO VIII
Das Disposições Gerais

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Art. 79. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

§ 3o No que se refere à educação superior, sem prejuízo de outras ações, o atendimento aos povos indígenas efetivar-se-á, nas universidades públicas e privadas, mediante a oferta de ensino e de assistência estudantil, assim como de estímulo à pesquisa e desenvolvimento de programas especiais. (Incluído pela Lei nº 12.416, de 2011)

Art. 79-A. (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.(Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. (Regulamento)

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas. (Regulamento)

§ 4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Art. 81. É permitida a organização de cursos ou instituições de ensino experimentais, desde que obedecidas as disposições desta Lei.

Art. 82. Os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de estágio em sua jurisdição, observada a lei federal sobre a matéria. (Redação dada pela Lei nº 11.788, de 2008)

Art. 83. O ensino militar é regulado em lei específica, admitida a equivalência de estudos, de acordo com as normas fixadas pelos sistemas de ensino.

Art. 84. Os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.

Art. 85. Qualquer cidadão habilitado com a titulação própria poderá exigir a abertura de concurso público de provas e títulos para cargo de docente de instituição pública de ensino que estiver sendo ocupado por professor não concursado, por mais de seis anos, ressalvados os direitos assegurados pelos arts. 41 da Constituição Federal e 19 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Art. 86. As instituições de educação superior constituídas como universidades integrar-se-ão, também, na sua condição de instituições de pesquisa, ao Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, nos termos da legislação específica.

TÍTULO IX
Das Disposições Transitórias

Art. 87. É instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei.

§ 1º A União, no prazo de um ano a partir da publicação desta Lei, encaminhará, ao Congresso Nacional, o Plano Nacional de Educação, com diretrizes e metas para os dez anos seguintes, em sintonia com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

§ 2o O poder público deverá recensear os educandos no ensino fundamental, com especial atenção para o grupo de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos de idade e de 15 (quinze) a 16 (dezesseis) anos de idade. (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

§ 3o O Distrito Federal, cada Estado e Município, e, supletivamente, a União, devem: (Redação dada pela Lei nº 11.330, de 2006)

I – matricular todos os educandos a partir dos 6 (seis) anos de idade no ensino fundamental; (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

a) (Revogado) (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

b) (Revogado) (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

c) (Revogado) (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

II - prover cursos presenciais ou a distância aos jovens e adultos insuficientemente escolarizados;

III - realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância;

IV - integrar todos os estabelecimentos de ensino fundamental do seu território ao sistema nacional de avaliação do rendimento escolar.

§ 4º Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço.

§ 5º Serão conjugados todos os esforços objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral.

§ 6º A assistência financeira da União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, bem como a dos Estados aos seus Municípios, ficam condicionadas ao cumprimento do art. 212 da Constituição Federal e dispositivos legais pertinentes pelos governos beneficiados.

Art. 88. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios adaptarão sua legislação educacional e de ensino às disposições desta Lei no prazo máximo de um ano, a partir da data de sua publicação. (Regulamento)

§ 1º As instituições educacionais adaptarão seus estatutos e regimentos aos dispositivos desta Lei e às normas dos respectivos sistemas de ensino, nos prazos por estes estabelecidos.

§ 2º O prazo para que as universidades cumpram o disposto nos incisos II e III do art. 52 é de oito anos.

Art. 89. As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar da publicação desta Lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino.

Art. 90. As questões suscitadas na transição entre o regime anterior e o que se institui nesta Lei serão resolvidas pelo Conselho Nacional de Educação ou, mediante delegação deste, pelos órgãos normativos dos sistemas de ensino, preservada a autonomia universitária.

Art. 91. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 92. Revogam-se as disposições das Leis nºs 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e 5.540, de 28 de novembro de 1968, não alteradas pelas Leis nºs 9.131, de 24 de novembro de 1995 e 9.192, de 21 de dezembro de 1995 e, ainda, as Leis nºs 5.692, de 11 de agosto de 1971 e 7.044, de 18 de outubro de 1982, e as demais leis e decretos-lei que as modificaram e quaisquer outras disposições em contrário.

4. BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (anexo o Parecer CNE/CP nº 3/2004)

Art. 1° A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores.

§ 1° As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004.

§ 2° O cumprimento das referidas Diretrizes Curriculares, por parte das instituições de ensino, será considerado na avaliação das condições de funcionamento do estabelecimento.

Art. 2° As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

§ 1° A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas.

§ 3º Caberá aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios desenvolver as Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas por esta Resolução, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos e seus respectivos sistemas.

Art. 3° A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004.

§ 1° Os sistemas de ensino e as entidades mantenedoras incentivarão e criarão condições materiais e financeiras, assim como proverão as escolas, professores e alunos, de material bibliográfico e de outros materiais didáticos necessários para a educação tratada no "caput" deste artigo.

§ 2° As coordenações pedagógicas promoverão o aprofundamento de estudos, para que os professores concebam e desenvolvam unidades de estudos, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares.

§ 3° O ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

§ 4° Os sistemas de ensino incentivarão pesquisas sobre processos educativos orientados por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros, ao lado de pesquisas de mesma natureza junto aos povos indígenas, com o objetivo de ampliação e fortalecimento de bases teóricas para a educação brasileira.

Art. 4° Os sistemas e os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino.

Art. 5º Os sistemas de ensino tomarão providências no sentido de garantir o direito de alunos afrodescendentes de frequentarem estabelecimentos de ensino de qualidade, que contenham instalações e equipamentos sólidos e atualizados, em cursos ministrados por professores competentes no domínio de conteúdos de ensino e comprometidos com a educação de negros e não negros, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes, palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Art. 6° Os órgãos colegiados dos estabelecimentos de ensino, em suas finalidades, responsabilidades e tarefas, incluirão o previsto o exame e encaminhamento de solução para situações de discriminação, buscando-se criar situações educativas para o reconhecimento, valorização e respeito da diversidade.

§ Único: Os casos que caracterizem racismo serão tratados como crimes imprescritíveis e inafiançáveis, conforme prevê o Art. 5º, XLII da Constituição Federal de 1988.

Art. 7º Os sistemas de ensino orientarão e supervisionarão a elaboração e edição de livros e outros materiais didáticos, em atendimento ao disposto no Parecer CNE/CP 003/2004.

Art. 8º Os sistemas de ensino promoverão ampla divulgação do Parecer CNE/CP 003/2004 e dessa Resolução, em atividades periódicas, com a participação das redes das escolas públicas e privadas, de exposição, avaliação e divulgação dos êxitos e dificuldades do ensino e aprendizagens de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais.

§ 1° Os resultados obtidos com as atividades mencionadas no caput deste artigo serão comunicados de forma detalhada ao Ministério da Educação, à Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, ao Conselho Nacional de Educação e aos respectivos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, para que encaminhem providências, que forem requeridas.

Art. 9º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Parecer CNE/CP nº 3/2004

I – RELATÓRIO

Este parecer visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/200, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Desta forma, busca cumprir o estabelecido na Constituição Federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, I, § 1° do Art. 242, Art. 215 e Art. 216, bem como nos Art. 26, 26 A e 79 B na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros.

Juntam-se a preceitos analógicos os Art. 26 e 26 A da LDB, como os das Constituições Estaduais da Bahia (Art. 275, IV e 288), do Rio de Janeiro (Art. 306), de Alagoas (Art. 253), assim como de Leis Orgânicas, tais como a de Recife (Art. 138), de Belo Horizonte (Art. 182, VI), a do Rio de Janeiro (Art. 321, VIII), além de leis ordinárias, como lei Municipal nº 7.685, de 17 de janeiro de 1994, de Belém, a Lei Municipal nº 2.251, de 30 de novembro de 1994, de Aracaju e a Lei Municipal nº 11.973, de 4 de janeiro de 1996, de São Paulo.

Junta-se, também, ao disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.096, de 13 de junho de 1990), bem como no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001).

Todos estes dispositivos legais, bem como reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir.

Destina-se, o parecer, aos administradores dos sistemas de ensino, de mantenedoras de estabelecimentos de ensino, aos estabelecimentos de ensino, seus professores e a todos implicados na elaboração, execução, avaliação de programas de interesse educacional, de planos institucionais, pedagógicos e de ensino. Destina-se, também, às famílias dos estudantes, a eles próprios e a todos os cidadãos comprometidos com a educação dos brasileiros, para nele buscarem orientações, quando pretenderem dialogar com os sistemas de ensino, escolas e educadores, no que diz respeito às relações étnico-raciais, ao reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à diversidade da nação brasileira, ao igual direito à educação de qualidade, isto é, não apenas direito ao estudo, mas também à formação para a cidadania responsável pela construção de uma sociedade justa e democrática.

Em vista disso, foi feita consulta sobre as questões objeto deste parecer, por meio de questionário encaminhado a grupos do Movimento Negro, a militantes individualmente, aos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, a professores que vêm desenvolvendo trabalhos que abordam a questão racial, a pais de alunos, enfim a cidadãos empenhados com a construção de uma sociedade justa, independentemente de seu pertencimento racial.

Encaminharam-se em torno de mil questionários e o responderam individualmente ou em grupo 250 mulheres e homens, entre crianças e adultos, com diferentes níveis de escolarização. Suas respostas mostraram a importância de se tratarem problemas, dificuldades, dúvidas, antes mesmo de o parecer traçar orientações, indicações, normas.

Questões introdutórias

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial - descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

É importante salientar que tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnicoraciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas.

Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos.

Políticas de Reparações, de Reconhecimento e Valorização, de Ações Afirmativas

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição.

Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações.

Cabe ao Estado promover e incentivar políticas de reparações, no que cumpre ao disposto na Constituição Federal, Art. 205, que assinala o dever do Estado de garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. Sem a intervenção do Estado, os postos à margem, entre eles os afro-brasileiros, dificilmente, e as estatísticas o mostram sem deixar dúvidas, romperão o sistema meritocrático que agrava desigualdades e gera injustiça, ao reger-se por critérios de exclusão, fundados em preconceitos e manutenção de privilégios para os sempre privilegiados.

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão.

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10639/2003, que alterou a Lei 9394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas.

Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros.

Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino.

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual.

Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas.

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencoraja-

dos de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra.

Reconhecer exige que os estabelecimentos de ensino, frequentados em sua maioria por população negra, contem com instalações e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e brancos, no sentido de que venham a relacionar-se com respeito, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Políticas de reparações e de reconhecimento formarão programas de ações afirmativas, isto é, conjuntos de ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sociais, orientadas para oferta de tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória. Ações afirmativas atendem ao determinado pelo Programa Nacional de Direitos Humanos2, bem como a compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, com o objetivo de combate ao racismo e a discriminações, tais como: a Convenção da UNESCO de 1960, direcionada ao combate ao racismo em todas as formas de ensino, bem como a Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Discriminações Correlatas de 2001.

Assim sendo, sistemas de ensino e estabelecimentos de diferentes níveis converterão as demandas dos afro-brasileiros em políticas públicas de Estado ou institucionais, ao tomarem decisões e iniciativas com vistas a reparações, reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à constituição de programas de ações afirmativas, medidas estas coerentes com um projeto de escola, de educação, de formação de cidadãos que explicitamente se esbocem nas relações pedagógicas cotidianas. Medidas que, convém, sejam compartilhadas pelos sistemas de ensino, estabelecimentos, processos de formação de professores, comunidade, professores, alunos e seus pais.

Medidas que repudiam, como prevê a Constituição Federal em seu Art.3º, IV, o "preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" e reconhecem que todos são portadores de singularidade irredutível e que a formação escolar tem de estar atenta para o desenvolvimento de suas personalidades (Art.208, IV).

Educação das relações étnico-raciais

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola.

É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado.

Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.

Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática.

Convivem, no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu. Porém, a presença da cultura negra e o fato de 45% da população brasileira ser composta de negros (de acordo com o censo do IBGE) não têm sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática.

Os diferentes grupos, em sua diversidade, que constituem o Movimento Negro brasileiro, têm comprovado o quanto é dura a experiência dos negros de ter julgados negativamente seu comportamento, ideias e intenções antes mesmo de abrirem a boca ou tomarem qualquer iniciativa. Têm, eles, insistido no quanto é alienante a experiência de fingir ser o que não é para ser reconhecido, de quão dolorosa pode ser a experiência de deixar-se assimilar por uma visão de mundo que pretende impor-se como superior e, por isso, universal e que os obriga a negarem a tradição do seu povo.

Se não é fácil ser descendente de seres humanos escravizados e forçados à condição de objetos utilitários ou a semoventes, também é difícil descobrir-se descendente dos escravizadores, temer, embora veladamente, revanche dos que, por cinco séculos, têm sido desprezados e massacrados.

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente.

Como bem salientou Frantz Fanon3, os descendentes dos mercadores de escravos, dos senhores de ontem, não têm, hoje, de assumir culpa pelas desumanidades provocadas por seus antepassados. No entanto, têm eles a responsabilidade moral e política de combater o racismo, as discriminações e, juntamente com os que vêm sendo mantidos à margem, os negros, construir relações raciais e sociais sadias, em que todos cresçam e se realizem enquanto seres humanos e cidadãos. Não fossem por estas razões, eles a teriam de assumir, pelo fato de usufruírem do muito que o trabalho escravo possibilitou ao país.

Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime.

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas.

Diálogo com estudiosos que analisam, criticam estas realidades e fazem propostas, bem como com grupos do Movimento Negro, presentes nas diferentes regiões e estados, assim como em inúmeras cidades, são imprescindíveis para que se vençam discrepâncias entre o que se sabe e a realidade, se compreendam concepções e ações, uns dos outros, se elabore projeto comum de combate ao racismo e a discriminações.

Temos, pois, pedagogias de combate ao racismo e a discriminações por criar. É claro que há experiências de professores e de algumas escolas, ainda isoladas, que muito vão ajudar.

Para empreender a construção dessas pedagogias, é fundamental que se desfaçam alguns equívocos. Um deles diz respeito à preocupação de professores no sentido de designar ou não seus alunos negros como negros ou como pretos, sem ofensas.

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define. Em segundo lugar, cabe lembrar que preto é um dos quesitos utilizados pelo IBGE para classificar, ao lado dos outros – branco, pardo, indígena - a cor da população brasileira.

Pesquisadores de diferentes áreas, inclusive da educação, para fins de seus estudos, agregam dados relativos a pretos e pardos sob a categoria negros, já que ambos reúnem, conforme alerta o Movimento Negro, aqueles que reconhecem sua ascendência africana.

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro(a), se designarem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Contudo, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo. Lembremos os motes muito utilizados no final dos anos 1970 e no decorrer dos anos 1980, 1990: Negro é lindo! Negra, cor da raça brasileira! Negro que te quero negro! 100% Negro! Não deixe sua cor passar em branco! Este último utilizado na campanha do censo de 1990.

Outro equívoco a enfrentar é a afirmação de que os negros se discriminam entre si e que são racistas também. Esta constatação tem de ser analisada no quadro da ideologia do branqueamento que divulga a ideia e o sentimento de que as pessoas brancas seriam mais humanas, teriam inteligência superior e, por isso, teriam o direito de comandar e de dizer o que é bom para todos. Cabe lembrar que, no pós-abolição, foram formuladas políticas que visavam ao branqueamento da população pela eliminação simbólica e material da presença dos negros. Nesse sentido, é possível que pessoas negras sejam influenciadas pela ideologia do branqueamento e, assim, tendam a reproduzir o preconceito do qual são vítimas. O racismo imprime marcas negativas na subjetividade dos negros e também na dos que os discriminam.

Mais um equívoco a superar é a crença de que a discussão sobre a questão racial se limita ao Movimento Negro e a estudiosos do tema e não à escola. A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola.

Outro equívoco a esclarecer é de que o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento só atingem os negros. Enquanto processos estruturantes e constituintes da formação histórica e social brasileira, estes estão arraigados no imaginário social e atingem negros, brancos e outros grupos étnico-raciais. As formas, os níveis e os resultados desses processos incidem de maneira diferente sobre os diversos sujeitos e interpõem diferentes dificuldades nas suas trajetórias de vida escolar e social. Por isso, a construção de estratégias educacionais que visem ao combate do racismo é uma tarefa de todos os educadores, independentemente do seu pertencimento étnico-racial.

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. Também farão parte de um processo de reconhecimento, por parte do Estado, da sociedade e da escola, da dívida social que têm em relação ao segmento negro da população, possibilitando uma tomada de posição explícita contra o racismo e a discriminação racial e a construção de ações afirmativas nos diferentes níveis de ensino da educação brasileira.

Tais pedagogias precisam estar atentas para que todos, negros e não negros, além de ter acesso a conhecimentos básicos tidos como fundamentais para a vida integrada à sociedade, exercício profissional competente, recebam formação que os capacite para forjar novas relações étnico-raciais. Para tanto, há necessidade, como já vimos, de professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas. Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las.

Até aqui apresentaram-se orientações que justificam e fundamentam as determinações de caráter normativo que seguem.

História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Determinações

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia. É preciso ter clareza que o Art. 26A acrescido à Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas.

A autonomia dos estabelecimentos de ensino para compor os projetos pedagógicos, no cumprimento do exigido pelo Art. 26A da Lei 9394/1996, permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, do apoio direto ou indireto de estudiosos e do Movimento Negro, com os quais estabelecerão canais de comunicação, encontrarão formas próprias de incluir nas vivências promovidas pela escola, inclusive em conteúdos de disciplinas, as temáticas em questão. Caberá, aos sistemas de ensino, às mantenedoras, à coordenação pedagógica dos estabelecimentos de ensino e aos professores, com base neste parecer, estabelecer conteúdos de ensino, unidades de estudos, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares. Caberá, aos administradores dos sistemas de ensino e das mantenedoras prover as escolas, seus professores e alunos de material bibliográfico e de outros materiais didáticos, além de acompanhar os trabalhos desenvolvidos, a fim de evitar que questões tão complexas, muito pouco tratadas, tanto na formação inicial como continuada de professores, sejam abordadas de maneira resumida, incompleta, com erros.

Em outras palavras, aos estabelecimentos de ensino está sendo atribuída responsabilidade de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira; de fiscalizar para que, no seu interior, os alunos negros deixem de sofrer os primeiros e continuados atos de racismo de que são vítimas. Sem dúvida, assumir estas responsabilidades implica compromisso com o entorno sociocultural da escola, da comunidade onde esta se encontra e a que serve, compromisso com a formação de cidadãos atuantes e democráticos, capazes de compreender as relações sociais e étnico-raciais de que participam e ajudam a manter e/ou a reelaborar, capazes de decodificar palavras, fatos e situações a partir de diferentes perspectivas, de desempenhar-se em áreas de competências que lhes permitam continuar e aprofundar estudos em diferentes níveis de formação.

Precisa, o Brasil, país multi-étnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que lhes seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmos, ao grupo étnico/racial a que pertencem e a adotar costumes, ideias e comportamentos que lhes são adversos. E estes, certamente, serão indicadores da qualidade da educação que estará sendo oferecida pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis.

Para conduzir suas ações, os sistemas de ensino, os estabelecimentos e os professores terão como referência, entre outros pertinentes às bases filosóficas e pedagógicas que assumem, os princípios a seguir explicitados.

CONSCIÊNCIA POLÍTICA E HISTÓRICA DA DIVERSIDADE

Este princípio deve conduzir:

- à igualdade básica de pessoa humana como sujeito de direitos;

- à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história;

- ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira;

- à superação da indiferença, injustiça e desqualificação com que os negros, os povos indígenas e também as classes populares às quais os negros, no geral, pertencem, são comumente tratados;

- à desconstrução, por meio de questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar conceitos, ideias, comportamentos veiculados pela ideologia do branqueamento, pelo mito da democracia racial, que tanto mal fazem a negros e brancos;

- à busca, da parte de pessoas, em particular de professores não familiarizados com a análise das relações étnico-raciais e sociais com o estudo de história e cultura afro-brasileira e africana, de informações e subsídios que lhes permitam formular concepções não baseadas em preconceitos e construir ações respeitosas;

- ao diálogo, via fundamental para entendimento entre diferentes, com a finalidade de negociações, tendo em vista objetivos comuns; visando a uma sociedade justa.

FORTALECIMENTO DE IDENTIDADES E DE DIREITOS

O princípio deve orientar para:

- o desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida;

- o rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;

- o esclarecimentos a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal;

- o combate à privação e violação de direitos;

- a ampliação do acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocada por relações étnico-raciais;

- as excelentes condições de formação e de instrução que precisam ser oferecidas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, em todos os estabelecimentos, inclusive os localizados nas chamadas periferias urbanas e nas zonas rurais.

AÇÕES EDUCATIVAS DE COMBATE AO RACISMO E A DISCRIMINAÇÕES

O princípio encaminha para:

- a conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças, assim como as vinculadas às relações entre negros, indígenas e brancos no conjunto da sociedade;

- a crítica pelos coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, das representações dos negros e de outras minorias nos textos, materiais didáticos, bem como providências para corrigi-las;

- condições para professores e alunos pensarem, decidirem, agirem, assumindo responsabilidade por relações étnico-raciais positivas, enfrentando e superando discordâncias, conflitos, contestações, valorizando os contrastes das diferenças;

- valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura;

- educação patrimonial, aprendizado a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, visando a preservá-lo e a difundi-lo;

- o cuidado para que se dê um sentido construtivo à participação dos diferentes grupos sociais, étnico-raciais na construção da nação brasileira, aos elos culturais e históricos entre diferentes grupos étnico-raciais, às alianças sociais;

- participação de grupos do Movimento Negro, e de grupos culturais negros, bem como da comunidade em que se insere a escola, sob a coordenação dos professores, na elaboração de projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade étnico-racial.

Estes princípios e seus desdobramentos mostram exigências de mudança de mentalidade, de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em particular, assim como das instituições e de suas tradições culturais. É neste sentido que se fazem as seguintes determinações:

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É um meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas.

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana se fará por diferentes meios, em atividades curriculares ou não, em que: - se explicitem, busquem compreender e interpretar, na perspectiva de quem o formule, diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana;

- promovam-se oportunidades de diálogo em que se conheçam, se ponham em comunicação diferentes sistemas simbólicos e estruturas conceituais, bem como se busquem formas de convivência respeitosa, além da construção de projeto de sociedade em que todos se sintam encorajados a expor, defender sua especificidade étnico-racial e a buscar garantias para que todos o façam; - sejam incentivadas atividades em que pessoas – estudantes, professores, servidores, integrantes da comunidade externa aos estabelecimentos de ensino – de diferentes culturas interatuem e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínios e pensamentos de cada um.

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais, tal como explicita o presente parecer, se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades

de ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais4, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares.

- O ensino de História Afro-Brasileira abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar pelo de Palmares, e de remanescentes de quilombos, que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões (exemplos: associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro). Será dado destaque a acontecimentos e realizações próprios de cada região e localidade.

- Datas significativas para cada região e localidade serão devidamente assinaladas. O 13 de maio, Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, será tratado como o dia de denúncia das repercussões das políticas de eliminação física e simbólica da população afro-brasileira no pós-abolição, e de divulgação dos significados da Lei áurea para os negros. No 20 de novembro será celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra, entendendo-se consciência negra nos termos explicitados anteriormente neste parecer.

Entre outras datas de significado histórico e político deverá ser assinalado o 21 de março, Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

- Em História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos: - ao papel dos anciãos e dos griots como guardiãos da memória histórica; - à história da ancestralidade e religiosidade africana; - aos núbios e aos egípcios, como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade; - às civilizações e organizações políticas pré-coloniais, como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbabwe; - ao tráfico e à escravidão do ponto de vista dos escravizados; - ao papel de europeus, de asiáticos e também de africanos no tráfico; - à ocupação colonial na perspectiva dos africanos; - às lutas pela independência política dos países africanos; - às ações em prol da união africana em nossos dias, bem como o papel da União Africana, para tanto; - às relações entre as culturas e as histórias dos povos do continente africano e os da diáspora; - à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural e histórica dos africanos e seus descendentes fora da África; - à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe, Europa, Ásia; - aos acordos políticos, econômicos, educacionais e culturais entre África, Brasil e outros países da diáspora.

- O ensino de Cultura Afro-Brasileira destacará o jeito próprio de ser, viver e pensar manifestado tanto no dia a dia, quanto em celebrações como congadas, moçambiques, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras.

- O ensino de Cultura Africana abrangerá: - as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; - as universidades africanas Timbuktu, Gao, Djene que floresciam no século XVI; - as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística (artes plásticas, literatura, música, dança, teatro) política, na atualidade.

- O ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira, se fará por diferentes meios, inclusive, a realização de projetos de diferentes naturezas, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (tais como: Zumbi, Luiza Nahim, Aleijadinho, Padre Maurício, Luiz Gama, Cruz e Souza, João Cândido, André Rebouças, Teodoro Sampaio, José Correia Leite, Solano Trindade, Antonieta de Barros, Edison Carneiro, Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Milton Santos, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Henrique Antunes Cunha, Tereza Santos, Emmanuel Araújo, Cuti, Alzira Rufino, Inaicyra Falcão dos Santos, entre outros).

- O ensino de História e Cultura Africana se fará por diferentes meios, inclusive a realização de projetos de diferente natureza, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (entre outros: rainha Nzinga, Toussaint-L'Ouverture, Martin Luther King, Malcom X, Marcus Garvey, Aimé Cesaire, Léopold Senghor, Mariama Bâ, Amílcar Cabral, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, Aminata Traoré, Christiane Taubira).

Para tanto, os sistemas de ensino e os estabelecimentos de Educação Básica, nos níveis de Educação Infantil, Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, Educação Superior, precisarão providenciar:

- Registro da história não contada dos negros brasileiros, tais como em remanescentes de quilombos, comunidades e territórios negros urbanos e rurais.

- Apoio sistemático aos professores para elaboração de planos, projetos, seleção de conteúdos e métodos de ensino, cujo foco seja História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Educação das Relações Étnico-Raciais.

- Mapeamento e divulgação de experiências pedagógicas de escolas, estabelecimentos de ensino superior, secretarias de educação, assim como levantamento das principais dúvidas e dificuldades dos professores em relação ao trabalho com a questão racial na escola e encaminhamento de medidas para resolvê-las, feitos pela administração dos sistemas de ensino e por Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros.

- Articulação entre os sistemas de ensino, estabelecimentos de ensino superior, centros de pesquisa, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, escolas, comunidade e movimentos sociais, visando à formação de professores para a diversidade étnico-racial.

- Instalação, nos diferentes sistemas de ensino, de grupo de trabalho para discutir e coordenar planejamento e execução da formação de professores para atender ao disposto neste parecer quanto à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao determinado nos Art. 26 e 26A da Lei 9394/1996, com o apoio do Sistema Nacional de Formação Continuada e Certificação de Professores do MEC.

- Introdução, nos cursos de formação de professores e de outros profissionais da educação: de análises das relações sociais e raciais no Brasil; de conceitos e de suas bases teóricas, tais como racismo, discriminações, intolerância, preconceito, estereótipo, raça, etnia, cultura, classe social, diversidade, diferença, multiculturalismo; de práticas pedagógicas, de materiais e de textos didáticos, na perspectiva da reeducação das relações étnico-raciais e do ensino e aprendizagem da História e cultura dos Afro-brasileiros e dos Africanos.

- Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no Ensino Superior.

- Inclusão, respeitada a autonomia dos estabelecimentos do Ensino Superior, nos conteúdos de disciplinas e em atividades curriculares dos cursos que ministra, de Educação das Relações Étnico-Raciais, de conhecimentos de matriz africana e/ou que dizem respeito à população negra. Por exemplo: em Medicina, entre outras questões, estudo da anemia falciforme, da problemática da pressão alta; em Matemática, contribuições de raiz africana, identificadas e descritas pela Etno-Matemática; em Filosofia, estudo da filosofia tradicional africana e de contribuições de filósofos africanos e afrodescendentes da atualidade.

- Inclusão de bibliografia relativa à história e cultura afro-brasileira e africana às relações étnico-raciais, aos problemas desencadeados pelo racismo e por outras discriminações, à pedagogia anti-racista nos programas de concursos públicos para admissão de professores.

- Inclusão, em documentos normativos e de planejamento dos estabelecimentos de ensino de todos os níveis - estatutos, regimentos, planos

pedagógicos, planos de ensino - de objetivos explícitos, assim como de procedimentos para sua consecução, visando ao combate do racismo, das discriminações, e ao reconhecimento, valorização e ao respeito das histórias e culturas afro-brasileira e africana.

- Previsão, nos fins, responsabilidades e tarefas dos conselhos escolares e de outros órgãos colegiados, do exame e encaminhamento de solução para situações de racismo e de discriminações, buscando-se criar situações educativas em que as vítimas recebam apoio requerido para superar o sofrimento e os agressores, orientação para que compreendam a dimensão do que praticaram e ambos, educação para o reconhecimento, valorização e respeito mútuos.

- Inclusão de personagens negros, assim como de outros grupos étnico-raciais, em cartazes e outras ilustrações sobre qualquer tema abordado na escola, a não ser quando tratar de manifestações culturais próprias, ainda que não exclusivas, de um determinado grupo étnico-racial.

- Organização de centros de documentação, bibliotecas, midiotecas, museus, exposições em que se divulguem valores, pensamentos, jeitos de ser e viver dos diferentes grupos étnico-raciais brasileiros, particularmente-dos afrodescendentes.

- Identificação, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de fontes de conhecimentos de origem africana, a fim de selecionarem-se conteúdos e procedimentos de ensino e de aprendizagens;

- Incentivo, pelos sistemas de ensino, a pesquisas sobre processos educativos orientados por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros e indígenas, com o objetivo de ampliação e fortalecimento de bases teóricas para a educação brasileira.

- Identificação, coleta, compilação de informações sobre a população negra, com vistas à formulação de políticas públicas de Estado, comunitárias e institucionais.

- Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26A da LDB, e, para tanto, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE).

- Divulgação, pelos sistemas de ensino e mantenedoras, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de uma bibliografia afro-brasileira e de outros materiais como mapas da diáspora, da África, de quilombos brasileiros, fotografias de territórios negros urbanos e rurais, reprodução de obras de arte afro-brasileira e africana a serem distribuídos nas escolas da rede, com vistas à formação de professores e alunos para o combate à discriminação e ao racismo.

- Oferta de Educação Fundamental em áreas de remanescentes de quilombos, contando as escolas com professores e pessoal administrativo que se disponham a conhecer física e culturalmente, a comunidade e a formar-se para trabalhar com suas especificidades.

- Garantia, pelos sistemas de ensino e entidades mantenedoras, de condições humanas, materiais e financeiras para execução de projetos com o objetivo de Educação das Relações Étnico-raciais e estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, assim como organização de serviços e atividades que controlem, avaliem e redimensionem sua consecução, que exerçam fiscalização das políticas adotadas e providenciem correção de distorções.

- Realização, pelos sistemas de ensino federal, estadual e municipal, de atividades periódicas, com a participação das redes das escolas públicas e privadas, de exposição, avaliação e divulgação dos êxitos e dificuldades do ensino e aprendizagem de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais; assim como comunicação detalhada dos resultados obtidos ao Ministério da Educação, à Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, ao Conselho Nacional de Educação, e aos respectivos conselhos Estaduais e Municipais de Educação, para que encaminhem providências, quando for o caso.

- Adequação dos mecanismos de avaliação das condições de funcionamento dos estabelecimentos de ensino, tanto da educação básica quanto superior, ao disposto neste Parecer; inclusive com a inclusão nos formulários, preenchidos pelas comissões de avaliação, nos itens relativos a currículo, atendimento aos alunos, projeto pedagógico, plano institucional, de quesitos que contemplem as orientações e exigências aqui formuladas.

- Disponibilização deste parecer, na sua íntegra, para os professores de todos os níveis de ensino, responsáveis pelo ensino de diferentes disciplinas e atividades educacionais, assim como para outros profissionais interessados a fim de que possam estudar, interpretar as orientações, enriquecer, executar as determinações aqui feitas e avaliar seu próprio trabalho e resultados obtidos por seus alunos, considerando princípios e critérios apontados.

Obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras, Educação das Relações Étnico-Raciais e os Conselhos de Educação

Diretrizes são dimensões normativas, reguladoras de caminhos, embora não fechadas a que historicamente possam, a partir das determinações iniciais, tomar novos rumos. Diretrizes não visam a desencadear ações uniformes, todavia, objetivam oferecer referências e critérios para que se implantem ações, as avaliem e reformulem no que e quando necessário.

Estas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, na medida em que procedem de ditames constitucionais e de marcos legais nacionais, na medida em que se referem ao resgate de uma comunidade que povoou e construiu a nação brasileira, atingem o âmago do pacto federativo. Nessa medida, cabe aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios aclimatar tais diretrizes, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos, a seus respectivos sistemas, dando ênfase à importância de os planejamentos valorizarem, sem omitir outras regiões, a participação dos afrodescendentes, do período escravista aos nossos dias, na sociedade, economia, política, cultura da região e da localidade; definindo medidas urgentes para formação de professores; incentivando o desenvolvimento de pesquisas bem como envolvimento comunitário.

A esses órgãos normativos cabe, pois, a tarefa de adequar o proposto neste parecer à realidade de cada sistema de ensino. E, a partir daí, deverá ser competência dos órgãos executores - administrações de cada sistema de ensino, das escolas - definir estratégias que, quando postas em ação, viabilizarão o cumprimento efetivo da Lei de Diretrizes e Bases que estabelece a formação básica comum, o respeito aos valores culturais, como princípios constitucionais da educação tanto quanto da dignidade da pessoa humana (inciso III do art. 1), garantindo-se a promoção do bem de todos, sem preconceitos (inciso IV do Art. 3) a prevalência dos direitos humanos (inciso II do art. 4°) e repúdio ao racismo (inciso VIII do art. 4°).

Cumprir a Lei é, pois, responsabilidade de todos e não apenas do professor em sala de aula. Exige-se, assim, um comprometimento solidário dos vários elos do sistema de ensino brasileiro, tendo-se como ponto de partida o presente parecer, que junto com outras diretrizes e pareceres e resoluções, têm o papel articulador e coordenador da organização da educação nacional.

II – VOTO DA COMISSÃO

Face ao exposto e diante de direitos desrespeitados, tais como:

* o de não sofrer discriminações por ser descendente de africanos;
* o de ter reconhecida a decisiva participação de seus antepassados e da sua própria na construção da nação brasileira;
* o de ter reconhecida sua cultura nas diferentes matrizes de raiz africana;

- diante da exclusão secular da população negra dos bancos escolares, notadamente em nossos dias, no ensino superior;

- diante da necessidade de crianças, jovens e adultos estudantes sentirem-se contemplados e respeitados, em suas peculiaridades, inclusive as étnico-raciais, nos programas e projetos educacionais;

- diante da importância de reeducação das relações étnico/raciais no Brasil;

- diante da ignorância que diferentes grupos étnico-raciais têm uns dos outros, bem como da necessidade de superar esta ignorância para que se construa uma sociedade democrática;

- diante, também, da violência explícita ou simbólica, gerada por toda sorte de racismos e discriminações, que sofrem os negros descendentes de africanos;

- diante de humilhações e ultrajes sofridos por estudantes negros, em todos os níveis de ensino, em consequência de posturas, atitudes, textos e materiais de ensino com conteúdos racistas;

- diante de compromissos internacionais assumidos pelo Brasil em convenções, entre outro os da Convenção da UNESCO, de 1960, relativo ao combate ao racismo em todas as formas de ensino, bem como os da Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Discriminações Correlatas, 2001;

- diante da Constituição Federal de 1988, em seu Art. 3º, inciso IV, que garante a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; do inciso 42 do Artigo 5º que trata da prática do racismo como crime inafiançável e imprescritível; do § 1º do Art. 215 que trata da proteção das manifestações culturais;

- diante do Decreto 1.904/1996, relativo ao Programa Nacional de Direitos Humanas que assegura a presença histórica das lutas dos negros na constituição do país;

- diante do Decreto 4.228, de 13 de maio de 2002, que institui, no âmbito da Administração Pública Federal, o Programa Nacional de Ações Afirmativas;

- diante das Leis 7.716/1999, 8.081/1990 e 9.459/1997 que regulam os crimes resultantes de preconceito de raça e de cor e estabelecem as penas aplicáveis aos atos discriminatórios e preconceituosos, entre outros, de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional;

- diante do inciso I da Lei 9.394/1996, relativo ao respeito à igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; diante dos Arts 26, 26 A e 79 B da Lei 9.394/1996, estes últimos introduzidos por força da Lei 10.639/2003, proponho ao Conselho Pleno:

a) instituir as Diretrizes explicitadas neste parecer e no projeto de Resolução em anexo, para serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientá-los, promover a formação dos professores para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e para Educação das Relações Ético-Raciais, assim como supervisionar o cumprimento das diretrizes;

b) recomendar que este Parecer seja amplamente divulgado, ficando disponível no site do Conselho Nacional de Educação, para consulta dos professores e de outros interessados.

Brasília-DF, 10 de março de 2004.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva – Relatora

Carlos Roberto Jamil Cury – Membro

Francisca Novantino Pinto de Ângelo – Membro

Marília Ancona-Lopez – Membro

III – DECISÃO DO CONSELHO PLENO

O Conselho Pleno aprova por unanimidade o voto da Relatora.

Sala das Sessões, 10 em março de 2004.

Conselheiro José Carlos Almeida da Silva – Presidente

5. BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 4, DE 13 DE JULHO DE 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (anexo o Parecer CNE/CEB nº 7/2010)

Art. 1º A presente Resolução define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para o conjunto orgânico, sequencial e articulado das etapas e modalidades da Educação Básica, baseando-se no direito de toda pessoa ao seu pleno desenvolvimento, à preparação para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho, na vivência e convivência em ambiente educativo, e tendo como fundamento a responsabilidade que o Estado brasileiro, a família e a sociedade têm de garantir a democratização do acesso, a inclusão, a permanência e a conclusão com sucesso das crianças, dos jovens e adultos na instituição educacional, a aprendizagem para continuidade dos estudos e a extensão da obrigatoriedade e da gratuidade da Educação Básica.

TÍTULO I
OBJETIVOS

Art. 2º Estas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica têm por objetivos:

I - sistematizar os princípios e as diretrizes gerais da Educação Básica contidos na Constituição, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e demais dispositivos legais, traduzindo-os em orientações que contribuam para assegurar a formação básica comum nacional, tendo como foco os sujeitos que dão vida ao currículo e à escola;

II - estimular a reflexão crítica e propositiva que deve subsidiar a formulação, a execução e a avaliação do projeto político-pedagógico da escola de Educação Básica;

III - orientar os cursos de formação inicial e continuada de docentes e demais profissionais da Educação Básica, os sistemas educativos dos diferentes entes federados e as escolas que os integram, indistintamente da rede a que pertençam.

Art. 3º As Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para as etapas e modalidades da Educação Básica devem evidenciar o seu papel de indicador de opções políticas, sociais, culturais, educacionais, e a função da educação, na sua relação com um projeto de Nação, tendo como referência os objetivos constitucionais, fundamentando-se na cidadania e na dignidade da pessoa, o que pressupõe igualdade, liberdade, pluralidade, diversidade, respeito, justiça social, solidariedade e sustentabilidade.

TÍTULO II
REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

Art. 4º As bases que dão sustentação ao projeto nacional de educação responsabilizam o poder público, a família, a sociedade e a escola pela garantia a todos os educandos de um ensino ministrado de acordo com os princípios de:

I - igualdade de condições para o acesso, inclusão, permanência e sucesso na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e aos direitos;

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma da legislação e das normas dos respectivos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade;

X - valorização da experiência extraescolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Art. 5º A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para o exercício da cidadania em plenitude, da qual depende a possibilidade de conquistar todos os demais direitos, definidos na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na legislação ordinária e nas demais disposições que consagram as prerrogativas do cidadão.

Art. 6º Na Educação Básica, é necessário considerar as dimensões do educar e do cuidar, em sua inseparabilidade, buscando recuperar, para a função social desse nível da educação, a sua centralidade, que é o educando, pessoa em formação na sua essência humana.

TÍTULO III
SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Art. 7º A concepção de educação deve orientar a institucionalização do regime de colaboração entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios,

no contexto da estrutura federativa brasileira, em que convivem sistemas educacionais autônomos, para assegurar efetividade ao projeto da educação nacional, vencer a fragmentação das políticas públicas e superar a desarticulação institucional.

§ 1º Essa institucionalização é possibilitada por um Sistema Nacional de Educação, no qual cada ente federativo, com suas peculiares competências, é chamado a colaborar para transformar a Educação Básica em um sistema orgânico, sequencial e articulado.

§ 2º O que caracteriza um sistema é a atividade intencional e organicamente concebida, que se justifica pela realização de atividades voltadas para as mesmas finalidades ou para a concretização dos mesmos objetivos.

§ 3º O regime de colaboração entre os entes federados pressupõe o estabelecimento de regras de equivalência entre as funções distributiva, supletiva, normativa, de supervisão e avaliação da educação nacional, respeitada a autonomia dos sistemas e valorizadas as diferenças regionais.

TÍTULO IV
ACESSO E PERMANÊNCIA PARA A CONQUISTA DA QUALIDADE SOCIAL

Art. 8º A garantia de padrão de qualidade, com pleno acesso, inclusão e permanência dos sujeitos das aprendizagens na escola e seu sucesso, com redução da evasão, da retenção e da distorção de idade/ano/série, resulta na qualidade social da educação, que é uma conquista coletiva de todos os sujeitos do processo educativo.

Art. 9º A escola de qualidade social adota como centralidade o estudante e a aprendizagem, o que pressupõe atendimento aos seguintes requisitos:

I - revisão das referências conceituais quanto aos diferentes espaços e tempos educativos, abrangendo espaços sociais na escola e fora dela;

II - consideração sobre a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade;

III - foco no projeto político-pedagógico, no gosto pela aprendizagem e na avaliação das aprendizagens como instrumento de contínua progressão dos estudantes;

IV - inter-relação entre organização do currículo, do trabalho pedagógico e da jornada de trabalho do professor, tendo como objetivo a aprendizagem do estudante;

V - preparação dos profissionais da educação, gestores, professores, especialistas, técnicos, monitores e outros;

VI - compatibilidade entre a proposta curricular e a infraestrutura entendida como espaço formativo dotado de efetiva disponibilidade de tempos para a sua utilização e acessibilidade;

VII - integração dos profissionais da educação, dos estudantes, das famílias, dos agentes da comunidade interessados na educação;

VIII - valorização dos profissionais da educação, com programa de formação continuada, critérios de acesso, permanência, remuneração compatível com a jornada de trabalho definida no projeto político-pedagógico;

IX - realização de parceria com órgãos, tais como os de assistência social e desenvolvimento humano, cidadania, ciência e tecnologia, esporte, turismo, cultura e arte, saúde, meio ambiente.

Art. 10. A exigência legal de definição de padrões mínimos de qualidade da educação traduz a necessidade de reconhecer que a sua avaliação associa-se à ação planejada, coletivamente, pelos sujeitos da escola.

§ 1º O planejamento das ações coletivas exercidas pela escola supõe que os sujeitos tenham clareza quanto:

I - aos princípios e às finalidades da educação, além do reconhecimento e da análise dos dados indicados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e/ou outros indicadores, que o complementem ou substituam;

II - à relevância de um projeto político-pedagógico concebido e assumido colegiadamente pela comunidade educacional, respeitadas as múltiplas diversidades e a pluralidade cultural;

III - à riqueza da valorização das diferenças manifestadas pelos sujeitos do processo educativo, em seus diversos segmentos, respeitados o tempo e o contexto sociocultural;

IV - aos padrões mínimos de qualidade (Custo Aluno-Qualidade Inicial – CAQi);

§ 2º Para que se concretize a educação escolar, exige-se um padrão mínimo de insumos, que tem como base um investimento com valor calculado a partir das despesas essenciais ao desenvolvimento dos processos e procedimentos formativos, que levem, gradualmente, a uma educação integral, dotada de qualidade social:

I - creches e escolas que possuam condições de infraestrutura e adequados equipamentos;

II - professores qualificados com remuneração adequada e compatível com a de outros profissionais com igual nível de formação, em regime de trabalho de 40 (quarenta) horas em tempo integral em uma mesma escola;

III - definição de uma relação adequada entre o número de alunos por turma e por professor, que assegure aprendizagens relevantes;

IV - pessoal de apoio técnico e administrativo que responda às exigências do que se estabelece no projeto político-pedagógico.

TÍTULO V
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR: CONCEITO, LIMITES, POSSIBILIDADES

Art. 11. A escola de Educação Básica é o espaço em que se ressignifica e se recria a cultura herdada, reconstruindo-se as identidades culturais, em que se aprende a valorizar as raízes próprias das diferentes regiões do País.

Parágrafo único. Essa concepção de escola exige a superação do rito escolar, desde a construção do currículo até os critérios que orientam a organização do trabalho escolar em sua multidimensionalidade, privilegia trocas, acolhimento e aconchego, para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento entre todas as pessoas.

Art. 12. Cabe aos sistemas educacionais, em geral, definir o programa de escolas de tempo parcial diurno (matutino ou vespertino), tempo parcial noturno, e tempo integral (turno e contra turno ou turno único com jornada escolar de 7 horas, no mínimo, durante todo o período letivo), tendo em vista a amplitude do papel socioeducativo atribuído ao conjunto orgânico da Educação Básica, o que requer outra organização e gestão do trabalho pedagógico.

§ 1º Deve-se ampliar a jornada escolar, em único ou diferentes espaços educativos, nos quais a permanência do estudante vincula-se tanto à quantidade e qualidade do tempo diário de escolarização quanto à diversidade de atividades de aprendizagens.

§ 2º A jornada em tempo integral com qualidade implica a necessidade da incorporação efetiva e orgânica, no currículo, de atividades e estudos pedagogicamente planejados e acompanhados.

§ 3º Os cursos em tempo parcial noturno devem estabelecer metodologia adequada às idades, à maturidade e à experiência de aprendizagens, para atenderem aos jovens e adultos em escolarização no tempo regular ou na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

CAPÍTULO I
FORMAS PARA A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Art. 13. O currículo, assumindo como referência os princípios educacionais garantidos à educação, assegurados no artigo 4º desta Resolução, configura-se como o conjunto de valores e práticas que proporcionam a produção, a socialização de significados no espaço social e contribuem intensamente para a construção de identidades socioculturais dos educandos.

§ 1º O currículo deve difundir os valores fundamentais do interesse social, dos direitos e deveres dos cidadãos, do respeito ao bem comum e à

ordem democrática, considerando as condições de escolaridade dos estudantes em cada estabelecimento, a orientação para o trabalho, a promoção de práticas educativas formais e não-formais.

§ 2º Na organização da proposta curricular, deve-se assegurar o entendimento de currículo como experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos educandos.

§ 3º A organização do percurso formativo, aberto e contextualizado, deve ser construída em função das peculiaridades do meio e das características, interesses e necessidades dos estudantes, incluindo não só os componentes curriculares centrais obrigatórios, previstos na legislação e nas normas educacionais, mas outros, também, de modo flexível e variável, conforme cada projeto escolar, e assegurando:

I - concepção e organização do espaço curricular e físico que se imbriquem e alarguem, incluindo espaços, ambientes e equipamentos que não apenas as salas de aula da escola, mas, igualmente, os espaços de outras escolas e os socioculturais e esportivo-recreativos do entorno, da cidade e mesmo da região;

II - ampliação e diversificação dos tempos e espaços curriculares que pressuponham profissionais da educação dispostos a inventar e construir a escola de qualidade social, com responsabilidade compartilhada com as demais autoridades que respondem pela gestão dos órgãos do poder público, na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade;

III - escolha da abordagem didático-pedagógica disciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar pela escola, que oriente o projeto político-pedagógico e resulte de pacto estabelecido entre os profissionais da escola, conselhos escolares e comunidade, subsidiando a organização da matriz curricular, a definição de eixos temáticos e a constituição de redes de aprendizagem;

IV - compreensão da matriz curricular entendida como propulsora de movimento, dinamismo curricular e educacional, de tal modo que os diferentes campos do conhecimento possam se coadunar com o conjunto de atividades educativas;

V - organização da matriz curricular entendida como alternativa operacional que embase a gestão do currículo escolar e represente subsídio para a gestão da escola (na organização do tempo e do espaço curricular, distribuição e controle do tempo dos trabalhos docentes), passo para uma gestão centrada na abordagem interdisciplinar, organizada por eixos temáticos, mediante interlocução entre os diferentes campos do conhecimento;

VI - entendimento de que eixos temáticos são uma forma de organizar o trabalho pedagógico, limitando a dispersão do conhecimento, fornecendo o cenário no qual se constroem objetos de estudo, propiciando a concretização da proposta pedagógica centrada na visão interdisciplinar, superando o isolamento das pessoas e a compartimentalização de conteúdos rígidos;

VII - estímulo à criação de métodos didático-pedagógicos utilizando-se recursos tecnológicos de informação e comunicação, a serem inseridos no cotidiano escolar, a fim de superar a distância entre estudantes que aprendem a receber informação com rapidez utilizando a linguagem digital e professores que dela ainda não se apropriaram;

VIII - constituição de rede de aprendizagem, entendida como um conjunto de ações didático-pedagógicas, com foco na aprendizagem e no gosto de aprender, subsidiada pela consciência de que o processo de comunicação entre estudantes e professores é efetivado por meio de práticas e recursos diversos;

IX - adoção de rede de aprendizagem, também, como ferramenta didático-pedagógica relevante nos programas de formação inicial e continuada de profissionais da educação, sendo que esta opção requer planejamento sistemático integrado estabelecido entre sistemas educativos ou conjunto de unidades escolares;

§ 4º A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas e eixos temáticos são integrados às disciplinas e às áreas ditas convencionais, de forma a estarem presentes em todas elas.

§ 5º A transversalidade difere da interdisciplinaridade e ambas complementam-se, rejeitando a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado.

§ 6º A transversalidade refere-se à dimensão didático-pedagógica, e a interdisciplinaridade, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento.

CAPÍTULO II
FORMAÇÃO BÁSICA COMUM E PARTE DIVERSIFICADA

Art. 14. A base nacional comum na Educação Básica constitui-se de conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; e nos movimentos sociais.

§ 1º Integram a base nacional comum nacional:

a) a Língua Portuguesa;

b) a Matemática;

c) o conhecimento do mundo físico, natural, da realidade social e política, especialmente do Brasil, incluindo-se o estudo da História e das Culturas Afro-Brasileira e

Indígena,

d) a Arte, em suas diferentes formas de expressão, incluindo-se a música;

e) a Educação Física;

f) o Ensino Religioso.

§ 2º Tais componentes curriculares são organizados pelos sistemas educativos, em forma de áreas de conhecimento, disciplinas, eixos temáticos, preservando-se a especificidade dos diferentes campos do conhecimento, por meio dos quais se desenvolvem as habilidades indispensáveis ao exercício da cidadania, em ritmo compatível com as etapas do desenvolvimento integral do cidadão.

§ 3º A base nacional comum e a parte diversificada não podem se constituir em dois blocos distintos, com disciplinas específicas para cada uma dessas partes, mas devem ser organicamente planejadas e geridas de tal modo que as tecnologias de informação e comunicação perpassem transversalmente a proposta curricular, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, imprimindo direção aos projetos político-pedagógicos.

Art. 15. A parte diversificada enriquece e complementa a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar, perpassando todos os tempos e espaços curriculares constituintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, independentemente do ciclo da vida no qual os sujeitos tenham acesso à escola.

§ 1º A parte diversificada pode ser organizada em temas gerais, na forma de eixos temáticos, selecionados colegiadamente pelos sistemas educativos ou pela unidade escolar.

§ 2º A LDB inclui o estudo de, pelo menos, uma língua estrangeira moderna na parte diversificada, cabendo sua escolha à comunidade escolar, dentro das possibilidades da escola, que deve considerar o atendimento das características locais, regionais, nacionais e transnacionais, tendo em vista as demandas do mundo do trabalho e da internacionalização de toda ordem de relações.

§ 3º A língua espanhola, por força da Lei nº 11.161/2005, é obrigatoriamente ofertada no Ensino Médio, embora facultativa para o estudante, bem como possibilitada no Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano.

Art. 16. Leis específicas, que complementam a LDB, determinam que sejam incluídos componentes não disciplinares, como temas relativos ao trânsito, ao meio ambiente e à condição e direitos do idoso.

Art. 17. No Ensino Fundamental e no Ensino Médio, destinar-se-ão, pelo menos, 20% do total da carga horária anual ao conjunto de programas e

projetos interdisciplinares eletivos criados pela escola, previsto no projeto pedagógico, de modo que os estudantes do Ensino Fundamental e do Médio possam escolher aquele programa ou projeto com que se identifiquem e que lhes permitam melhor lidar com o conhecimento e a experiência.

§ 1º Tais programas e projetos devem ser desenvolvidos de modo dinâmico, criativo e flexível, em articulação com a comunidade em que a escola esteja inserida.

§ 2º A interdisciplinaridade e a contextualização devem assegurar a transversalidade do conhecimento de diferentes disciplinas e eixos temáticos, perpassando todo o currículo e propiciando a interlocução entre os saberes e os diferentes campos do conhecimento.

TÍTULO VI
ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 18. Na organização da Educação Básica, devem-se observar as Diretrizes Curriculares Nacionais comuns a todas as suas etapas, modalidades e orientações temáticas, respeitadas as suas especificidades e as dos sujeitos a que se destinam.

§ 1º As etapas e as modalidades do processo de escolarização estruturam-se de modo orgânico, sequencial e articulado, de maneira complexa, embora permanecendo individualizadas ao logo do percurso do estudante, apesar das mudanças por que passam:

I - a dimensão orgânica é atendida quando são observadas as especificidades e as diferenças de cada sistema educativo, sem perder o que lhes é comum: as semelhanças e as identidades que lhe são inerentes;

II - a dimensão sequencial compreende os processos educativos que acompanham as exigências de aprendizagens definidas em cada etapa do percurso formativo, contínuo e progressivo, da Educação Básica até a Educação Superior, constituindo-se em diferentes e insubstituíveis momentos da vida dos educandos;

III - a articulação das dimensões orgânica e sequencial das etapas e das modalidades da Educação Básica, e destas com a Educação Superior, implica ação coordenada e integradora do seu conjunto.

§ 2º A transição entre as etapas da Educação Básica e suas fases requer formas de articulação das dimensões orgânica e sequencial que assegurem aos educandos, sem tensões e rupturas, a continuidade de seus processos peculiares de aprendizagem e desenvolvimento.

Art. 19. Cada etapa é delimitada por sua finalidade, seus princípios, objetivos e diretrizes educacionais, fundamentando-se na inseparabilidade dos conceitos referenciais: cuidar e educar, pois esta é uma concepção norteadora do projeto político-pedagógico elaborado e executado pela comunidade educacional.

Art. 20. O respeito aos educandos e a seus tempos mentais, sócio emocionais, culturais e identitários é um princípio orientador de toda a ação educativa, sendo responsabilidade dos sistemas a criação de condições para que crianças, adolescentes, jovens e adultos, com sua diversidade, tenham a oportunidade de receber a formação que corresponda à idade própria de percurso escolar.

CAPÍTULO I
ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 21. São etapas correspondentes a diferentes momentos constitutivos do desenvolvimento educacional:

I - a Educação Infantil, que compreende: a Creche, englobando as diferentes etapas do desenvolvimento da criança até 3 (três) anos e 11 (onze) meses; e a Pré-Escola, com duração de 2 (dois) anos;

II - o Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, com duração de 9 (nove) anos, é organizado e tratado em duas fases: a dos 5 (cinco) anos iniciais e a dos 4 (quatro) anos finais;

III - o Ensino Médio, com duração mínima de 3 (três) anos.

Parágrafo único. Essas etapas e fases têm previsão de idades próprias, as quais, no entanto, são diversas quando se atenta para sujeitos com características que fogem à norma, como é o caso, entre outros:

I - de atraso na matrícula e/ou no percurso escolar;

II - de retenção, repetência e retorno de quem havia abandonado os estudos;

III - de portadores de deficiência limitadora;

IV - de jovens e adultos sem escolarização ou com esta incompleta;

V - de habitantes de zonas rurais;

VI - de indígenas e quilombolas;

VII - de adolescentes em regime de acolhimento ou internação, jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais.

Seção I
Educação Infantil

Art. 22. A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual, social, complementando a ação da família e da comunidade.

§ 1º As crianças provêm de diferentes e singulares contextos socioculturais, socioeconômicos e étnicos, por isso devem ter a oportunidade de ser acolhidas e respeitadas pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade.

§ 2º Para as crianças, independentemente das diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais, linguísticas, étnico-raciais, socioeconômicas, de origem, de religião, entre outras, as relações sociais e intersubjetivas no espaço escolar requerem a atenção intensiva dos profissionais da educação, durante o tempo de desenvolvimento das atividades que lhes são peculiares, pois este é o momento em que a curiosidade deve ser estimulada, a partir da brincadeira orientada pelos profissionais da educação.

§ 3º Os vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e do respeito mútuo em que se assenta a vida social devem iniciar-se na Educação Infantil e sua intensificação deve ocorrer ao longo da Educação Básica.

§ 4º Os sistemas educativos devem envidar esforços promovendo ações a partir das quais as unidades de Educação Infantil sejam dotadas de condições para acolher as crianças, em estreita relação com a família, com agentes sociais e com a sociedade, prevendo programas e projetos em parceria, formalmente estabelecidos.

§ 5º A gestão da convivência e as situações em que se torna necessária a solução de problemas individuais e coletivos pelas crianças devem ser previamente programadas, com foco nas motivações estimuladas e orientadas pelos professores e demais profissionais da educação e outros de áreas pertinentes, respeitados os limites e as potencialidades de cada criança e os vínculos desta com a família ou com o seu responsável direto.

Seção II
Ensino Fundamental

Art. 23. O Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração, de matrícula obrigatória para as crianças a partir dos 6 (seis) anos de idade, tem duas fases sequentes com características próprias, chamadas de anos iniciais, com 5 (cinco) anos de duração, em regra para estudantes de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade; e anos finais, com 4 (quatro) anos de duração, para os de 11 (onze) a 14 (quatorze) anos.

Parágrafo único. No Ensino Fundamental, acolher significa também cuidar e educar, como forma de garantir a aprendizagem dos conteúdos curriculares, para que o estudante desenvolva interesses e sensibilidades que lhe permitam usufruir dos bens culturais disponíveis na comunidade, na sua cidade ou na sociedade em geral, e que lhe possibilitem ainda sentir-se como produtor valorizado desses bens.

Art. 24. Os objetivos da formação básica das crianças, definidos para a Educação Infantil, prolongam-se durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no primeiro, e completam-se nos anos finais, ampliando e intensificando, gradativamente, o processo educativo, mediante:

I - desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - foco central na alfabetização, ao longo dos 3 (três) primeiros anos;

III - compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

IV - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

V - fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social.

Art. 25. Os sistemas estaduais e municipais devem estabelecer especial forma de colaboração visando à oferta do Ensino Fundamental e à articulação sequente entre a primeira fase, no geral assumida pelo Município, e a segunda, pelo Estado, para evitar obstáculos ao acesso de estudantes que se transfiram de uma rede para outra para completar esta escolaridade obrigatória, garantindo a organicidade e a totalidade do processo formativo do escolar.

Seção III
Ensino Médio

Art. 26. O Ensino Médio, etapa final do processo formativo da Educação Básica, é orientado por princípios e finalidades que preveem:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para a cidadania e o trabalho, tomado este como princípio educativo, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de enfrentar novas condições de ocupação e aperfeiçoamento posteriores;

III - o desenvolvimento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e estética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos presentes na sociedade contemporânea, relacionando a teoria com a prática.

§ 1º O Ensino Médio deve ter uma base unitária sobre a qual podem se assentar possibilidades diversas como preparação geral para o trabalho ou, facultativamente, para profissões técnicas; na ciência e na tecnologia, como iniciação científica e tecnológica; na cultura, como ampliação da formação cultural.

§ 2º A definição e a gestão do currículo inscrevem-se em uma lógica que se dirige aos jovens, considerando suas singularidades, que se situam em um tempo determinado.

§ 3º Os sistemas educativos devem prever currículos flexíveis, com diferentes alternativas, para que os jovens tenham a oportunidade de escolher o percurso formativo que atenda seus interesses, necessidades e aspirações, para que se assegure a permanência dos jovens na escola, com proveito, até a conclusão da Educação Básica.

CAPÍTULO II
MODALIDADES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 27. A cada etapa da Educação Básica pode corresponder uma ou mais das modalidades de ensino: Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena e Educação a Distância.

Seção I
Educação de Jovens e Adultos

Art. 28. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se aos que se situam na faixa etária superior à considerada própria, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

§ 1º Cabe aos sistemas educativos viabilizar a oferta de cursos gratuitos aos jovens e aos adultos, proporcionando-lhes oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos, exames, ações integradas e complementares entre si, estruturados em um projeto pedagógico próprio.

§ 2º Os cursos de EJA, preferencialmente tendo a Educação Profissional articulada com a Educação Básica, devem pautar-se pela flexibilidade, tanto de currículo quanto de tempo e espaço, para que seja(m):

I - rompida a simetria com o ensino regular para crianças e adolescentes, de modo a permitir percursos individualizados e conteúdos significativos para os jovens e adultos;

II - providos o suporte e a atenção individuais às diferentes necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem, mediante atividades diversificadas;

III - valorizada a realização de atividades e vivências socializadoras, culturais, recreativas e esportivas, geradoras de enriquecimento do percurso formativo dos estudantes;

IV - desenvolvida a agregação de competências para o trabalho;

V - promovida a motivação e a orientação permanente dos estudantes, visando maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho;

VI - realizada, sistematicamente, a formação continuada, destinada, especificamente, aos educadores de jovens e adultos.

Seção II
Educação Especial

Art. 29. A Educação Especial, como modalidade transversal a todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, é parte integrante da educação regular, devendo ser prevista no projeto político-pedagógico da unidade escolar.

§ 1º Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), complementar ou suplementar à escolarização, ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

§ 2º Os sistemas e as escolas devem criar condições para que o professor da classe comum possa explorar as potencialidades de todos os estudantes, adotando uma pedagogia dialógica, interativa, interdisciplinar e inclusiva e, na interface, o professor do AEE deve identificar habilidades e necessidades dos estudantes, organizar e orientar sobre os serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade para a participação e aprendizagem dos estudantes.

§ 3º Na organização desta modalidade, os sistemas de ensino devem observar as seguintes orientações fundamentais:

I - o pleno acesso e a efetiva participação dos estudantes no ensino regular;

II - a oferta do atendimento educacional especializado;

III - a formação de professores para o AEE e para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas;

IV - a participação da comunidade escolar;

V - a acessibilidade arquitetônica, nas comunicações e informações, nos mobiliários e equipamentos e nos transportes;

VI - a articulação das políticas públicas intersetoriais.

Seção III
Educação Profissional e Tecnológica

Art. 30. A Educação Profissional e Tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia, e articula-se com o ensino regular e com outras modalidades educacionais: Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Educação a Distância.

Art. 31. Como modalidade da Educação Básica, a Educação Profissional e Tecnológica ocorre na oferta de cursos de formação inicial e continu-

ada ou qualificação profissional e nos de Educação Profissional Técnica de nível médio.

Art. 32. A Educação Profissional Técnica de nível médio é desenvolvida nas seguintes formas:

I - articulada com o Ensino Médio, sob duas formas:

a) integrada, na mesma instituição; ou

b) concomitante, na mesma ou em distintas instituições;

II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o Ensino Médio.

§ 1º Os cursos articulados com o Ensino Médio, organizados na forma integrada, são cursos de matrícula única, que conduzem os educandos à habilitação profissional técnica de nível médio ao mesmo tempo em que concluem a última etapa da Educação Básica.

§ 2º Os cursos técnicos articulados com o Ensino Médio, ofertados na forma concomitante, com dupla matrícula e dupla certificação, podem ocorrer:

I - na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

II - em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

III - em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, com planejamento e desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

§ 3º São admitidas, nos cursos de Educação Profissional Técnica de nível médio, a organização e a estruturação em etapas que possibilitem qualificação profissional intermediária.

§ 4º A Educação Profissional e Tecnológica pode ser desenvolvida por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho, incluindo os programas e cursos de aprendizagem, previstos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Art. 33. A organização curricular da Educação Profissional e Tecnológica por eixo tecnológico fundamenta-se na identificação das tecnologias que se encontram na base de uma dada formação profissional e dos arranjos lógicos por elas constituídos.

Art. 34. Os conhecimentos e as habilidades adquiridos tanto nos cursos de Educação Profissional e Tecnológica, como os adquiridos na prática laboral pelos trabalhadores, podem ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

Seção IV
Educação Básica do Campo

Art. 35. Na modalidade de Educação Básica do Campo, a educação para a população rural está prevista com adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, definindo-se orientações para três aspectos essenciais à organização da ação pedagógica:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Art. 36. A identidade da escola do campo é definida pela vinculação com as questões inerentes à sua realidade, com propostas pedagógicas que contemplam sua diversidade em todos os aspectos, tais como sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia.

Parágrafo único. Formas de organização e metodologias pertinentes à realidade do campo devem ter acolhidas, como a pedagogia da terra, pela qual se busca um trabalho pedagógico fundamentado no princípio da sustentabilidade, para assegurar a preservação da vida das futuras gerações, e a pedagogia da alternância, na qual o estudante participa, concomitante e alternadamente, de dois ambientes/situações de aprendizagem: o escolar e o laboral, supondo parceria educativa, em que ambas as partes são corresponsáveis pelo aprendizado e pela formação do estudante.

Seção V
Educação Escolar Indígena

Art. 37. A Educação Escolar Indígena ocorre em unidades educacionais inscritas em suas terras e culturas, as quais têm uma realidade singular, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas indígenas, é reconhecida a sua condição de possuidores de normas e ordenamento jurídico próprios, com ensino intercultural e bilíngue, visando à valorização plena das culturas dos povos indígenas e à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

Art. 38. Na organização de escola indígena, deve ser considerada a participação da comunidade, na definição do modelo de organização e gestão, bem como:

I - suas estruturas sociais;

II - suas práticas socioculturais e religiosas;

III - suas formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino-aprendizagem;

IV - suas atividades econômicas;

V - edificação de escolas que atendam aos interesses das comunidades indígenas;

VI - uso de materiais didático-pedagógicos produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo indígena.

Seção VI
Educação a Distância

Art. 39. A modalidade Educação a Distância caracteriza-se pela mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem que ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Art. 40. O credenciamento para a oferta de cursos e programas de Educação de Jovens e Adultos, de Educação Especial e de Educação Profissional Técnica de nível médio e Tecnológica, na modalidade a distância, compete aos sistemas estaduais de ensino, atendidas a regulamentação federal e as normas complementares desses sistemas.

Seção VII
Educação Escolar Quilombola

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem com nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural.

TÍTULO VII
ELEMENTOS CONSTITUTIVOS PARA A ORGANIZAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 42. São elementos constitutivos para a operacionalização destas Diretrizes o projeto político-pedagógico e o regimento escolar; o sistema de avaliação; a gestão democrática e a organização da escola; o professor e o programa de formação docente.

CAPÍTULO I
O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E O REGIMENTO ESCOLAR

Art. 43. O projeto político-pedagógico, interdependentemente da autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira da instituição educacional, representa mais do que um documento, sendo um dos meios de viabilizar a escola democrática para todos e de qualidade social.

§ 1º A autonomia da instituição educacional baseia-se na busca de sua identidade, que se expressa na construção de seu projeto pedagógico e do seu regimento escolar, enquanto manifestação de seu ideal de educação e que permite uma nova e democrática ordenação pedagógica das relações escolares.

§ 2º Cabe à escola, considerada a sua identidade e a de seus sujeitos, articular a formulação do projeto político-pedagógico com os planos de educação – nacional, estadual, municipal –, o contexto em que a escola se situa e as necessidades locais e de seus estudantes.

§ 3º A missão da unidade escolar, o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, as questões de gênero, etnia e diversidade cultural que compõem as ações educativas, a organização e a gestão curricular são componentes integrantes do projeto político-pedagógico, devendo ser previstas as prioridades institucionais que a identificam, definindo o conjunto das ações educativas próprias das etapas da Educação Básica assumidas, de acordo com as especificidades que lhes correspondam, preservando a sua articulação sistêmica.

Art. 44. O projeto político-pedagógico, instância de construção coletiva que respeita os sujeitos das aprendizagens, entendidos como cidadãos com direitos à proteção e à participação social, deve contemplar:

I - o diagnóstico da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, contextualizados no espaço e no tempo;

II - a concepção sobre educação, conhecimento, avaliação da aprendizagem e mobilidade escolar;

III - o perfil real dos sujeitos – crianças, jovens e adultos – que justificam e instituem a vida da e na escola, do ponto de vista intelectual, cultural, emocional, afetivo, socioeconômico, como base da reflexão sobre as relações vida-conhecimento-cultura-professor-estudante e instituição escolar;

IV - as bases norteadoras da organização do trabalho pedagógico;

V - a definição de qualidade das aprendizagens e, por consequência, da escola, no contexto das desigualdades que se refletem na escola;

VI - os fundamentos da gestão democrática, compartilhada e participativa (órgãos colegiados e de representação estudantil);

VII - o programa de acompanhamento de acesso, de permanência dos estudantes e de superação da retenção escolar;

VIII - o programa de formação inicial e continuada dos profissionais da educação, regentes e não regentes;

IX - as ações de acompanhamento sistemático dos resultados do processo de avaliação interna e externa (Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, Prova Brasil, dados estatísticos, pesquisas sobre os sujeitos da Educação Básica), incluindo dados referentes ao IDEB e/ou que complementem ou substituam os desenvolvidos pelas unidades da federação e outros;

X - a concepção da organização do espaço físico da instituição escolar de tal modo que este seja compatível com as características de seus sujeitos, que atenda as normas de acessibilidade, além da natureza e das finalidades da educação, deliberadas e assumidas pela comunidade educacional.

Art. 45. O regimento escolar, discutido e aprovado pela comunidade escolar e conhecido por todos, constitui-se em um dos instrumentos de execução do projeto político-pedagógico, com transparência e responsabilidade.

Parágrafo único. O regimento escolar trata da natureza e da finalidade da instituição, da relação da gestão democrática com os órgãos colegiados, das atribuições de seus órgãos e sujeitos, das suas normas pedagógicas, incluindo os critérios de acesso, promoção, mobilidade do estudante, dos direitos e deveres dos seus sujeitos: estudantes, professores, técnicos e funcionários, gestores, famílias, representação estudantil e função das suas instâncias colegiadas.

CAPÍTULO II
AVALIAÇÃO

Art. 46. A avaliação no ambiente educacional compreende 3 (três) dimensões básicas:

I - avaliação da aprendizagem;

II - avaliação institucional interna e externa;

III - avaliação de redes de Educação Básica.

Seção I
Avaliação da aprendizagem

Art. 47. A avaliação da aprendizagem baseia-se na concepção de educação que norteia a relação professor-estudante-conhecimento-vida em movimento, devendo ser um ato reflexo de reconstrução da prática pedagógica avaliativa, premissa básica e fundamental para se questionar o educar, transformando a mudança em ato, acima de tudo, político.

§ 1º A validade da avaliação, na sua função diagnóstica, liga-se à aprendizagem, possibilitando o aprendiz a recriar, refazer o que aprendeu, criar, propor e, nesse contexto, aponta para uma avaliação global, que vai além do aspecto quantitativo, porque identifica o desenvolvimento da autonomia do estudante, que é indissociavelmente ético, social, intelectual.

§ 2º Em nível operacional, a avaliação da aprendizagem tem, como referência, o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções que os sujeitos do processo educativo projetam para si de modo integrado e articulado com aqueles princípios definidos para a Educação Básica, redimensionados para cada uma de suas etapas, bem assim no projeto político-pedagógico da escola.

§ 3º A avaliação na Educação Infantil é realizada mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, mesmo em se tratando de acesso ao Ensino Fundamental.

§ 4º A avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, de caráter formativo predominando sobre o quantitativo e classificatório, adota uma estratégia de progresso individual e contínuo que favorece o crescimento do educando, preservando a qualidade necessária para a sua formação escolar, sendo organizada de acordo com regras comuns a essas duas etapas.

Seção II
Promoção, aceleração de estudos e classificação

Art. 48. A promoção e a classificação no Ensino Fundamental e no Ensino Médio podem ser utilizadas em qualquer ano, série, ciclo, módulo ou outra unidade de percurso adotada, exceto na primeira do Ensino Fundamental, alicerçando-se na orientação de que a avaliação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

I - avaliação contínua e cumulativa do desempenho do estudante, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

II - possibilidade de aceleração de estudos para estudantes com atraso escolar;

III - possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;

IV - aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

V - oferta obrigatória de apoio pedagógico destinado à recuperação contínua e concomitante de aprendizagem de estudantes com déficit de rendimento escolar, a ser previsto no regimento escolar.

Art. 49. A aceleração de estudos destina-se a estudantes com atraso escolar, àqueles que, por algum motivo, encontram-se em descompasso de idade, por razões como ingresso tardio, retenção, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem ou outras.

Art. 50. A progressão pode ser regular ou parcial, sendo que esta deve preservar a sequência do currículo e observar as normas do respectivo sistema de ensino, requerendo o redesenho da organização das ações pedagógicas, com previsão de horário de trabalho e espaço de atuação para professor e estudante, com conjunto próprio de recursos didático-pedagógicos.

Art. 51. As escolas que utilizam organização por série podem adotar, no Ensino Fundamental, sem prejuízo da avaliação do processo ensino-aprendizagem, diversas formas de progressão, inclusive a de progressão continuada, jamais entendida como promoção automática, o que supõe tratar o conhecimento como processo e vivência que não se harmoniza com a ideia de interrupção, mas sim de construção, em que o estudante, enquanto sujeito da ação, está em processo contínuo de formação, construindo significados.

Seção III
Avaliação institucional

Art. 52. A avaliação institucional interna deve ser prevista no projeto político-pedagógico e detalhada no plano de gestão, realizada anualmente, levando em consideração as orientações contidas na regulamentação vigente, para rever o conjunto de objetivos e metas a serem concretizados, mediante ação dos diversos segmentos da comunidade educativa, o que pressupõe delimitação de indicadores compatíveis com a missão da escola, além de clareza quanto ao que seja qualidade social da aprendizagem e da escola.

Seção IV
Avaliação de redes de Educação Básica

Art. 53. A avaliação de redes de Educação Básica ocorre periodicamente, é realizada por órgãos externos à escola e engloba os resultados da avaliação institucional, sendo que os resultados dessa avaliação sinalizam para a sociedade se a escola apresenta qualidade suficiente para continuar funcionando como está.

CAPÍTULO III
GESTÃO DEMOCRÁTICA E ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

Art. 54. É pressuposto da organização do trabalho pedagógico e da gestão da escola conceber a organização e a gestão das pessoas, do espaço, dos processos e procedimentos que viabilizam o trabalho expresso no projeto político-pedagógico e em planos da escola, em que se conformam as condições de trabalho definidas pelas instâncias colegiadas.

§ 1º As instituições, respeitadas as normas legais e as do seu sistema de ensino, têm incumbências complexas e abrangentes, que exigem outra concepção de organização do trabalho pedagógico, como distribuição da carga horária, remuneração, estratégias claramente definidas para a ação didático-pedagógica coletiva que inclua a pesquisa, a criação de novas abordagens e práticas metodológicas, incluindo a produção de recursos didáticos adequados às condições da escola e da comunidade em que esteja ela inserida.

§ 2º É obrigatória a gestão democrática no ensino público e prevista, em geral, para todas as instituições de ensino, o que implica decisões coletivas que pressupõem a participação da comunidade escolar na gestão da escola e a observância dos princípios e finalidades da educação.

§ 3º No exercício da gestão democrática, a escola deve se empenhar para constituir-se em espaço das diferenças e da pluralidade, inscrita na diversidade do processo tornado possível por meio de relações intersubjetivas, cuja meta é a de se fundamentar em princípio educativo emancipador, expresso na liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

Art. 55. A gestão democrática constitui-se em instrumento de horizontalização das relações, de vivência e convivência colegiada, superando o autoritarismo no planejamento e na concepção e organização curricular, educando para a conquista da cidadania plena e fortalecendo a ação conjunta que busca criar e recriar o trabalho da e na escola mediante:

I - a compreensão da globalidade da pessoa, enquanto ser que aprende, que sonha e ousa, em busca de uma convivência social libertadora fundamentada na ética cidadã;

II - a superação dos processos e procedimentos burocráticos, assumindo com pertinência e relevância: os planos pedagógicos, os objetivos institucionais e educacionais, e as atividades de avaliação contínua;

III - a prática em que os sujeitos constitutivos da comunidade educacional discutam a própria práxis pedagógica impregnando-a de entusiasmo e de compromisso com a sua própria comunidade, valorizando-a, situando-a no contexto das relações sociais e buscando soluções conjuntas;

IV - a construção de relações interpessoais solidárias, geridas de tal modo que os professores se sintam estimulados a conhecer melhor os seus pares (colegas de trabalho, estudantes, famílias), a expor as suas ideias, a traduzir as suas dificuldades e expectativas pessoais e profissionais;

V - a instauração de relações entre os estudantes, proporcionando-lhes espaços de convivência e situações de aprendizagem, por meio dos quais aprendam a se compreender e se organizar em equipes de estudos e de práticas esportivas, artísticas e políticas;

VI - a presença articuladora e mobilizadora do gestor no cotidiano da escola e nos espaços com os quais a escola interage, em busca da qualidade social das aprendizagens que lhe caiba desenvolver, com transparência e responsabilidade.

CAPÍTULO IV
O PROFESSOR E A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Art. 56. A tarefa de cuidar e educar, que a fundamentação da ação docente e os programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação instauram, reflete-se na eleição de um ou outro método de aprendizagem, a partir do qual é determinado o perfil de docente para a Educação Básica, em atendimento às dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas.

§ 1º Para a formação inicial e continuada, as escolas de formação dos profissionais da educação, sejam gestores, professores ou especialistas, deverão incluir em seus currículos e programas:

a) o conhecimento da escola como organização complexa que tem a função de promover a educação para e na cidadania;

b) a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;

c) a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino;

d) a temática da gestão democrática, dando ênfase à construção do projeto político-pedagógico, mediante trabalho coletivo de que todos os que compõem a comunidade escolar são responsáveis.

Art. 57. Entre os princípios definidos para a educação nacional está a valorização do profissional da educação, com a compreensão de que valorizá-lo é valorizar a escola, com qualidade gestorial, educativa, social, cultural, ética, estética, ambiental.

§ 1º A valorização do profissional da educação escolar vincula-se à obrigatoriedade da garantia de qualidade e ambas se associam à exigência de programas de formação inicial e continuada de docentes e não docentes, no contexto do conjunto de múltiplas atribuições definidas para os sistemas educativos, em que se inscrevem as funções do professor.

§ 2º Os programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação, vinculados às orientações destas Diretrizes, devem prepará-los para o desempenho de suas atribuições, considerando necessário:

a) além de um conjunto de habilidades cognitivas, saber pesquisar, orientar, avaliar e elaborar propostas, isto é, interpretar e reconstruir o conhecimento coletivamente;

b) trabalhar cooperativamente em equipe;

c) compreender, interpretar e aplicar a linguagem e os instrumentos produzidos ao longo da evolução tecnológica, econômica e organizativa;

d) desenvolver competências para integração com a comunidade e para relacionamento com as famílias.

Art. 58. A formação inicial, nos cursos de licenciatura, não esgota o desenvolvimento dos conhecimentos, saberes e habilidades referidas, razão pela qual um programa de formação continuada dos profissionais da educação será contemplado no projeto político-pedagógico.

Art. 59. Os sistemas educativos devem instituir orientações para que o projeto de formação dos profissionais preveja:

a) a consolidação da identidade dos profissionais da educação, nas suas relações com a escola e com o estudante;

b) a criação de incentivos para o resgate da imagem social do professor, assim como da autonomia docente tanto individual como coletiva;

c) a definição de indicadores de qualidade social da educação escolar, a fim de que as agências formadoras de profissionais da educação revejam os projetos dos cursos de formação inicial e continuada de docentes, de modo que correspondam às exigências de um projeto de Nação.

Art. 60. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

PARECER CNE/CEB Nº 7/2010
I – RELATÓRIO
1. Histórico

Na organização do Estado brasileiro, a matéria educacional é conferida pela Lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aos diversos entes federativos: União, Distrito Federal, Estados e Municípios, sendo que a cada um deles compete organizar seu sistema de ensino, cabendo, ainda, à União a coordenação da política nacional de educação, articulando os diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva (artigos 8º, 9º, 10 e 11).

No tocante à Educação Básica, é relevante destacar que, entre as incumbências prescritas pela LDB aos Estados e ao Distrito Federal, está assegurar o Ensino Fundamental e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio a todos que o demandarem. E ao Distrito Federal e aos Municípios cabe oferecer a Educação Infantil em Creches e Pré-Escolas, e, com prioridade, o Ensino Fundamental.

Em que pese, entretanto, a autonomia dada aos vários sistemas, a LDB, no inciso IV do seu artigo 9º, atribui à União estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum.

A formulação de Diretrizes Curriculares Nacionais constitui, portanto, atribuição federal, que é exercida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), nos termos da LDB e da Lei nº 9.131/95, que o instituiu. Esta lei define, na alínea "c" do seu artigo 9º, entre as atribuições de sua Câmara de Educação Básica (CEB), deliberar sobre as Diretrizes Curriculares propostas pelo Ministério da Educação. Esta competência para definir as Diretrizes Curriculares Nacionais torna-as mandatórias para todos os sistemas. Ademais, atribui-lhe, entre outras, a responsabilidade de assegurar a participação da sociedade no aperfeiçoamento da educação nacional (artigo 7º da Lei nº 4.024/61, com redação dada pela Lei 8.131/95), razão pela qual as diretrizes constitutivas deste Parecer consideram o exame das avaliações por elas apresentadas, durante o processo de implementação da LDB.

O sentido adotado neste Parecer para diretrizes está formulado na Resolução CNE/CEB nº 2/98, que as delimita como conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica (...) que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas.

Por outro lado, a necessidade de definição de Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica está posta pela emergência da atualização das políticas educacionais que consubstanciem o direito de todo brasileiro à formação humana e cidadã e à formação profissional, na vivência e convivência em ambiente educativo. Têm estas Diretrizes por objetivos:

I – sistematizar os princípios e diretrizes gerais da Educação Básica contidos na Constituição, na LDB e demais dispositivos legais, traduzindo-os em orientações que contribuam para assegurar a formação básica comum nacional, tendo como foco os sujeitos que dão vida ao currículo e à escola;

II – estimular a reflexão crítica e propositiva que deve subsidiar a formulação, execução e avaliação do projeto político-pedagógico da escola de Educação Básica;

III – orientar os cursos de formação inicial e continuada de profissionais – docentes, técnicos, funcionários -da Educação Básica, os sistemas educativos dos diferentes entes federados e as escolas que os integram, indistintamente da rede a que pertençam.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica visam estabelecer bases comuns nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, bem como para as modalidades com que podem se apresentar, a partir das quais os sistemas federal, estaduais, distrital e municipais, por suas competências próprias e complementares, formularão as suas orientações assegurando a integração curricular das três etapas sequentes desse nível da escolarização, essencialmente para compor um todo orgânico.

Além das avaliações que já ocorriam assistematicamente, marcou o início da elaboração deste Parecer, particularmente, a Indicação CNE/CEB nº 3/2005, assinada pelo então conselheiro da CEB, Francisco Aparecido Cordão, na qual constava a proposta de revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental. Nessa Indicação, justificava-se que tais Diretrizes encontravam-se defasadas, segundo avaliação nacional sobre a matéria nos últimos anos, e superadas em decorrência dos últimos atos legais e normativos, particularmente ao tratar da matrícula no Ensino Fundamental de crianças de 6 (seis) anos e consequente ampliação do Ensino Fundamental para 9 (nove) anos de duração. Imprescindível acrescentar que a nova redação do inciso I do artigo 208 da nossa Carta Magna, dada pela Emenda Constitucional nº 59/2009, assegura Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, inclusive a sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

Nesta perspectiva, o processo de formulação destas Diretrizes foi acordado, em 2006, pela Câmara de Educação Básica com as entidades: Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Educação, União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação, Conselho dos Secretários Estaduais de Educação, União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, e entidades representativas dos profissionais da educação, das instituições de formação de professores, das mantenedoras do ensino privado e de pesquisadores em educação.

Para a definição e o desenvolvimento da metodologia destinada à elaboração deste Parecer, inicialmente, foi constituída uma comissão que selecionou interrogações e temas estimuladores dos debates, a fim de subsidiar a elaboração do documento preliminar visando às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, sob a coordenação da então relatora, conselheira Maria Beatriz Luce. (Portaria CNE/CEB nº 1/2006)

A comissão promoveu uma mobilização nacional das diferentes entidades e instituições que atuam na Educação Básica no País, mediante:

I – encontros descentralizados com a participação de Municípios e Estados, que reuniram escolas públicas e particulares, mediante audiências públicas regionais, viabilizando ampla efetivação de manifestações;

II – revisões de documentos relacionados com a Educação Básica, pelo CNE/CEB, com o objetivo de promover a atualização motivadora do trabalho das entidades, efetivadas, simultaneamente, com a discussão do regime de colaboração entre os sistemas educacionais, contando, portanto, com a participação dos conselhos estaduais e municipais.

Inicialmente, partiu-se da avaliação das diretrizes destinadas à Educação Básica que, até então, haviam sido estabelecidas por etapa e modalidade, ou seja, expressando-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil; para o Ensino Fundamental; para o Ensino Médio; para a Educação de Jovens e Adultos; para a Educação do Campo; para a Educação Especial; e para a Educação Escolar Indígena.

Ainda em novembro de 2006, em Brasília, foi realizado o Seminário Nacional Currículo em Debate, promovido pela Secretaria de Educação Básica/MEC, com a participação de representantes dos Estados e Municípios. Durante esse Seminário, a CEB realizou a sua trigésima sessão ordinária na qual promoveu Debate Nacional sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, por etapas. Esse debate foi denominado Colóquio Nacional sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais. A partir desse evento e dos demais que o sucederam, em 2007, e considerando a alteração do quadro de conselheiros do CNE e da CEB, criou-se, em 2009, nova

comissão responsável pela elaboração dessas Diretrizes, constituída por Adeum Hilário Sauer (presidente), Clélia Brandão Alvarenga Craveiro (relatora), Raimundo Moacir Mendes Feitosa e José Fernandes de Lima (Portaria CNE/CEB nº 2/2009). Essa comissão reiniciou os trabalhos já organizados pela comissão anterior e, a partir de então, vem acompanhando os estudos promovidos pelo MEC sobre currículo em movimento, no sentido de atuar articulada e integradamente com essa instância educacional.

Durante essa trajetória, os temas considerados pertinentes à matéria objeto deste Parecer passaram a se constituir nas seguintes ideias-força:

I – as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica devem presidir as demais diretrizes curriculares específicas para as etapas e modalidades, contemplando o conceito de Educação Básica, princípios de organicidade, sequencialidade e articulação, relação entre as etapas e modalidades: articulação, integração e transição;

II – o papel do Estado na garantia do direito à educação de qualidade, considerando que a educação, enquanto direito inalienável de todos os cidadãos, é condição primeira para o exercício pleno dos direitos: humanos, tanto dos direitos sociais e econômicos quanto dos direitos civis e políticos;

III – a Educação Básica como direito e considerada, contextualizadamente, em um projeto de Nação, em consonância com os acontecimentos e suas determinações histórico-sociais e políticas no mundo;

IV – a dimensão articuladora da integração das diretrizes curriculares compondo as três etapas e as modalidades da Educação Básica, fundamentadas na indissociabilidade dos conceitos referenciais de cuidar e educar;

V – a promoção e a ampliação do debate sobre a política curricular que orienta a organização da Educação Básica como sistema educacional articulado e integrado;

VI – a democratização do acesso, permanência e sucesso escolar com qualidade social, científica, cultural;

VII – a articulação da educação escolar com o mundo do trabalho e a prática social;

VIII – a gestão democrática e a avaliação;

IX – a formação e a valorização dos profissionais da educação;

X – o financiamento da educação e o controle social.

Ressalte-se que o momento em que estas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica estão sendo elaboradas é muito singular, pois, simultaneamente, as diretrizes das etapas da Educação Básica, também elas, passam por avaliação, por meio de contínua mobilização dos representantes dos sistemas educativos de nível nacional, estadual e municipal. A articulação entre os diferentes sistemas flui num contexto em que se vivem:

I – os resultados da Conferência Nacional da Educação Básica (2008);

II – os 13 anos transcorridos de vigência da LDB e as inúmeras alterações nela introduzidas por várias leis, bem como a edição de outras leis que repercutem nos currículos da Educação Básica;

III – o penúltimo ano de vigência do Plano Nacional de Educação (PNE), que passa por avaliação, bem como a mobilização nacional em torno de subsídios para a elaboração do PNE para o período 2011-2020;

IV – a aprovação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Professores da Educação (FUNDEB), regulado pela Lei nº 11.494/2007, que fixa percentual de recursos a todas as etapas e modalidades da Educação Básica;

V – a criação do Conselho Técnico Científico (CTC) da Educação Básica, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC);

VI – a formulação, aprovação e implantação das medidas expressas na Lei nº 11.738/2008, que regulamenta o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica;

VII – a criação do Fórum Nacional dos Conselhos de Educação, objetivando prática de regime de colaboração entre o CNE, o Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Educação e a União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação;

VIII – a instituição da política nacional de formação de profissionais do magistério da Educação Básica (Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009);

IX – a aprovação do Parecer CNE/CEB nº 9/2009 e da Resolução CNE/CEB nº 2/2009, que institui as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública, que devem ter sido implantados até dezembro de 2009;

X – as recentes avaliações do PNE, sistematizadas pelo CNE, expressas no documento Subsídios para Elaboração do PNE Considerações Iniciais. Desafios para a Construção do PNE (Portaria CNE/CP nº 10/2009);

XI – a realização da Conferência Nacional de Educação (CONAE), com o tema central "Construindo um Sistema Nacional Articulado de Educação: Plano Nacional de Educação – Suas Diretrizes e Estratégias de Ação", tencionando propor diretrizes e estratégias para a construção do PNE 2011-2020;

XII – a relevante alteração na Constituição, pela promulgação da Emenda Constitucional nº 59/2009, que, entre suas medidas, assegura Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, inclusive a sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; assegura o atendimento ao estudante, em todas as etapas da Educação Básica, mediante programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde, bem como reduz, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e ao desenvolvimento do ensino. 1

1 São as seguintes as alterações na Constituição Federal, promovidas pela Emenda Constitucional nº 59/2009:

-Art. 208. (...)

I -Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

(O disposto neste inciso I deverá ser implementado progressivamente, até 2016, nos termos do Plano Nacional de Educação, com apoio técnico e financeiro da União).

VII -atendimento ao educando, em todas as etapas da Educação Básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

-Art. 211. (...)

§ 4º Na organização de seus sistemas de ensino, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório.

-Art. 212. (...)

§ 3º A distribuição dos recursos públicos assegurará prioridade ao atendimento das necessidades do ensino obrigatório, no que se refere a universalização, garantia de padrão de qualidade e equidade, nos termos do plano nacional de educação.

Para a comissão, o desafio consistia em interpretar essa realidade e apresentar orientações sobre a concepção e organização da Educação Básica como sistema educacional, segundo três dimensões básicas: organicidade, sequencialidade e articulação. Dispor sobre a formação básica nacional relacionando-a com a parte diversificada, e com a preparação para o trabalho e as práticas sociais, consiste, portanto, na formulação de princípios para outra lógica de diretriz curricular, que considere a formação humana de sujeitos concretos, que vivem em determinado meio ambiente, contexto histórico e sociocultural, com suas condições físicas, emocionais e intelectuais.

Este Parecer deve contribuir, sobretudo, para o processo de implementação pelos sistemas de ensino das Diretrizes Curriculares Nacionais específicas, para que se concretizem efetivamente nas escolas, minimizan-

do o atual distanciamento existente entre as diretrizes e a sala de aula. Para a organização das orientações contidas neste texto, optou-se por enunciá-las seguindo a disposição que ocupam na estrutura estabelecida na LDB, nas partes em que ficam previstos os princípios e fins da educação nacional; as orientações curriculares; a formação e valorização de profissionais da educação; direitos à educação e deveres de educar: Estado e família, incluindo-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei nº 8.069/90 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Essas referências levaram em conta, igualmente, os dispositivos sobre a Educação Básica constantes da Carta Magna que orienta a Nação brasileira, relatórios de pesquisas sobre educação e produções teóricas versando sobre sociedade e educação.

Com treze anos de vigência já completados, a LDB recebeu várias alterações, particularmente no referente à Educação Básica, em suas diferentes etapas e modalidades.

Após a edição da Lei nº 9.475/1997, que alterou o artigo 33 da LDB, prevendo a obrigatoriedade do respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, outras leis modificaram-na quanto à Educação Básica. 2

-Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a:

VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto.

-Art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

§ 3º Para efeito do cálculo dos recursos para manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição, o percentual referido no caput deste artigo será de 12,5 % (doze inteiros e cinco décimos por cento) no exercício de 2009, 5% (cinco por cento) no exercício de 2010, e nulo no exercício de 2011.

2 Leis que alteraram a LDB, no que se relaciona com a Educação Básica, e cujas alterações estão em vigor atualmente:

Lei nº 12.061/2009: alterou o inciso II do art. 4º e o inciso VI do art. 10 da LDB, para assegurar o acesso de todos os interessados ao Ensino Médio público.

Lei nº 12.020/2009: alterou a redação do inciso II do art. 20, que define instituições de ensino comunitárias.

Lei nº 12.014/2009: alterou o art. 61 para discriminar as categorias de trabalhadores que se devem considerar profissionais da Educação Básica.

Lei nº 12.013/2009: alterou o art. 12, determinando às instituições de ensino obrigatoriedade no envio de informações escolares aos pais, conviventes ou não com seus filhos.

Lei nº 11.788/2008: alterou o art. 82, sobre o estágio de estudantes.

Lei nº 11.741/2008: redimensionou, institucionalizou e integrou as ações da Educação Profissional Técnica de nível médio, da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Profissional e Tecnológica.

Lei nº 11.769/2008: incluiu parágrafo no art. 26, sobre a música como conteúdo obrigatório, mas não exclusivo.

Lei nº 11.700/2008: incluiu o inciso X no artigo 4º, fixando como dever do Estado efetivar a garantia de vaga na escola pública de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade.

Lei nº 11.684/2008: incluiu Filosofia e Sociologia como obrigatórias no Ensino Médio.

Lei nº 11.645/2008: alterou a redação do art. 26-A, para incluir no currículo a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Lei nº 11.525/2007: acrescentou § 5º ao art. 32, incluindo conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes no currículo do Ensino Fundamental.

Lei nº 11.330/2006: deu nova redação ao § 3º do art. 87, referente ao recenseamento de estudantes no Ensino Fundamental, com especial atenção para o grupo de 6 a 14 anos e de 15 a 16 anos de idade.

Lei nº 11.301/2006: alterou o art. 67, incluindo, para os efeitos do disposto no § 5º do art. 40 e no § 8º do art. 201 da Constituição Federal, definição de funções de magistério.

Lei nº 11.274/2006: alterou a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

Lei nº 11.114/2005: alterou os arts. 6º, 30, 32 e 87, com o objetivo de tornar obrigatório o início do Ensino Fundamental aos seis anos de idade.

Lei nº 10.793/2003: alterou a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 , com referência à Educação Física nos ensinos fundamental e médio.

A maior parte dessas modificações tem relevância social, porque, além de reorganizarem aspectos da Educação Básica, ampliam o acesso das crianças ao mundo letrado, asseguram-lhes outros benefícios concretos que contribuem para o seu desenvolvimento pleno, orientado por profissionais da educação especializados. Nesse sentido, destaca-se que a LDB foi alterada pela Lei nº 10.287/2001 para responsabilizar a escola, o Conselho Tutelar do Município, o juiz competente da Comarca e o representante do Ministério Público pelo acompanhamento sistemático do percurso escolar das crianças e dos jovens. Este é, sem dúvida, um dos mecanismos que, se for efetivado de modo contínuo, pode contribuir significativamente para a permanência do estudante na escola. Destaca-se, também, que foi incluído, pela Lei nº 11.700/2008, o inciso X no artigo 4º, fixando como dever do Estado efetivar a garantia de vaga na escola pública de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade.

Há leis, por outro lado, que não alteram a redação da LDB, porém agregam-lhe complementações, como a Lei nº 9.795/99, que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental; a Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); a Lei nº 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso; a Lei nº 9.503/97, que institui o Código de Trânsito Brasileiro; a Lei nº 11.161/2005, que dispõe sobre o ensino da Língua Espanhola; e o Decreto nº 6.949/2009, que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.

É relevante lembrar que a Constituição Federal, acima de todas as leis, no seu inciso XXV do artigo 7º, determina que um dos direitos dos trabalhadores urbanos e rurais e, portanto, obrigação das empresas, é a assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em Creches e Pré-Escolas.3 Embora redundante, registre-se que todas as Creches e Pré-Escolas devem estar integradas ao respectivo sistema de ensino (artigo 89 da LDB).

A LDB, com suas alterações, e demais atos legais desempenham papel necessário, por sua função referencial obrigatória para os diferentes sistemas e redes educativos. Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que ainda está em curso o processo de implementação dos princípios e das finalidades definidos constitucional e legalmente para orientar o projeto educativo do País, cujos resultados ainda não são satisfatórios, até porque o texto da Lei, por si só, não se traduz em elemento indutor de mudança. Ele requer esforço conjugado por parte dos órgãos responsáveis pelo cumprimento do que os atos regulatórios preveem.

No desempenho de suas competências, o CNE iniciou, em 1997, a produção de orientações normativas nacionais, visando à implantação da Educação Básica, sendo a primeira o Parecer CNE/CEB nº 5/97, de lavra do conselheiro Ulysses de Oliveira Panisset. A partir de então, foram editados pelo Conselho Nacional de Educação pareceres e resoluções, em separado, para cada uma das etapas e modalidades.

No período de vigência do Plano Nacional de Educação (PNE), desde o seu início até 2008, constata-se que, embora em ritmo distinto, menos de um terço das unidades federadas (26 Estados e o Distrito Federal) apresentaram resposta positiva, uma vez que, dentre eles, apenas 8 formularam e aprovaram os seus planos de educação. Relendo a avaliação técnica do

Lei nº 10.709/2003: acrescentou incisos aos arts. 10 e 11, referentes ao transporte escolar.

Lei nº 10.287/2001: incluiu inciso no art. 12, referente a notificação ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos estudantes que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei.

Lei nº 9.475/1997: deu nova redação ao art. 33, referente ao ensino religioso.

3 Anterior à Constituição, o Decreto-Lei nº 5.452/1943 (Consolidação das Leis do Trabalho – CLT), no § 1º do artigo 389, dispõe que "os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 (trinta) mulheres com mais de 16 (dezesseis) anos de idade terão local apropriado, onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período de amamentação" (considerado de 6 meses). Por iniciativa do Ministério do Trabalho veio a admitir-se convênio entre empresa e Creche ou, ainda, o reembolso da importância despendida em Creche de escolha da empregada mãe.

PNE, promovida pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados (2004), pode-se constatar que, em todas as etapas e modalidades educativas contempladas no PNE, três aspectos figuram reiteradamente: acesso, capacitação docente e infraestrutura. Em contrapartida, nesse mesmo documento, é assinalado que a permanência e o sucesso do estudante na escola têm sido objeto de pouca atenção. Em outros documentos acadêmicos e oficiais, são também aspectos que têm sido avaliados de modo descontínuo e escasso, embora a permanência se constitua em exigência fixada no inciso I do artigo 3º da LDB.

Salienta-se que, além das condições para acesso à escola, há de se garantir a permanência nela, e com sucesso. Esta exigência se constitui em um desafio de difícil concretização, mas não impossível. O artigo 6º, da LDB, alterado pela Lei nº 11.114/2005, prevê que é dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos seis anos de idade, no Ensino Fundamental.

Reforça-se, assim, a garantia de acesso a essas etapas da Educação Básica. Para o Ensino Médio, a oferta não era, originalmente, obrigatória, mas indicada como de extensão progressiva, porém, a Lei nº 12.061/2009 alterou o inciso II do artigo 4º e o inciso VI do artigo 10 da LDB, para garantir a universalização do Ensino Médio gratuito e para assegurar o atendimento de todos os interessados ao Ensino Médio público. De todo modo, o inciso VII do mesmo artigo já estabelecia que se deve garantir a oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola.

O acesso ganhou força constitucional, agora para quase todo o conjunto da Educação Básica (excetuada a fase inicial da Educação Infantil, da Creche), com a nova redação dada ao inciso I do artigo 208 da nossa Carta Magna, que assegura a Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, inclusive a gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria, sendo sua implementação progressiva, até 2016, nos termos do Plano Nacional de Educação, com apoio técnico e financeiro da União.

Além do PNE, outros subsídios têm orientado as políticas públicas para a educação no Brasil, entre eles as avaliações do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), da Prova Brasil e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), definidas como constitutivas do Sistema de Avaliação da Qualidade da Oferta de Cursos no País. Destaca-se que tais programas têm suscitado interrogações também na Câmara de Educação Básica do CNE, entre outras instâncias acadêmicas: teriam eles consonância com a realidade das escolas? Esses programas levam em consideração a identidade de cada sistema, de cada unidade escolar? O fracasso do escolar, averiguado por esses programas de avaliação, não estaria expressando o resultado da forma como se processa a avaliação, não estando de acordo com a maneira como a escola e os professores planejam e operam o currículo? O sistema de avaliação aplicado guardaria relação com o que efetivamente acontece na concretude das escolas brasileiras?

Como consequência desse método de avaliação externa, os estudantes crianças não estariam sendo punidos com resultados péssimos e reportagens terríveis? E mais, os estudantes das escolas indígenas, entre outros de situações específicas, não estariam sendo afetados negativamente por essas formas de avaliação?

Lamentavelmente, esses questionamentos não têm indicado alternativas para o aperfeiçoamento das avaliações nacionais. Como se sabe, as avaliações ENEM e Prova Brasil vêm-se constituindo em políticas de Estado que subsidiam os sistemas na formulação de políticas públicas de equidade, bem como proporcionam elementos aos municípios e escolas para localizarem as suas fragilidades e promoverem ações, na tentativa de superá-las, por meio de metas integradas. Além disso, é proposta do CNE o estabelecimento de uma Base Nacional Comum que terá como um dos objetivos nortear as avaliações e a elaboração de livros didáticos e de outros documentos pedagógicos.

O processo de implantação e implementação do disposto na alteração da LDB pela Lei nº 11.274/2006, que estabeleceu o ingresso da criança a partir dos seis anos de idade no Ensino Fundamental, tem como perspectivas melhorar as condições de equidade e qualidade da Educação Básica, estruturar um novo Ensino Fundamental e assegurar um alargamento do tempo para as aprendizagens da alfabetização e do letramento.

Se forem observados os dados estatísticos a partir da relação entre duas datas referenciais – 2000 e 2008 –, tem-se surpresa quanto ao quantitativo total de matriculados na Educação Básica, já que se constata redução de matrícula (-0,7%), em vez de elevação. Contudo, embora se perceba uma redução de 20,6% no total da Educação Infantil, na Creche o crescimento foi expressivo, de 47,7%. Os números indicam que, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, há decréscimo de matrícula, o que trai a intenção nacional projetada em metas constitutivas do Plano Nacional de Educação, pois, no primeiro, constata-se uma queda de -7,3% e, no segundo, de -8,4%. Uma pergunta inevitável é: em que medida as políticas educacionais estimularia a superação desse quadro e em quais aspectos essas Diretrizes poderiam contribuir como indutoras de mudanças favoráveis à reversão do que se coloca? Há necessidade de aproximação da lógica dos discursos normativos com a lógica social, ou seja, a dos papéis e das funções sociais em seu dinamismo. Um dos desafios, entretanto, está no que Miguel G. Arroyo (1999) aponta, por exemplo, em seu artigo, "Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores", em que assinala que as diretrizes para a educação nacional, quando normatizadas, não chegam ao cerne do problema, porque não levam em conta a lógica social. Com base no entendimento do autor, as diretrizes não preveem a preparação antecipada daqueles que deverão implantá-las e implementá-las. O comentário do autor é ilustrativo por essa compreensão: não se implantarão propostas inovadoras listando o que teremos de inovar, listando as competências que os educadores devem aprender e montando cursos de treinamento para formá-los. É (...) no campo da formação de profissionais de Educação Básica onde mais abundam as leis e os pareceres dos conselhos, os palpites fáceis de cada novo governante, das equipes técnicas, e até das agências de financiamento, nacionais e internacionais (Arroyo, 1999, p. 151).

Outro limite que tem sido apontado pela comunidade educativa, a ser considerado na formulação e implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, é a desproporção existente entre as unidades federadas do Brasil, sob diferentes pontos de vista: recursos financeiros, presença política, dimensão geográfica, demografia, recursos naturais e, acima de tudo, traços socioculturais.

Entre múltiplos fatores que podem ser destacados, acentua-se que, para alguns educadores que se manifestaram durante os debates havidos em nível nacional, tendo como foco o cotidiano da escola e as diretrizes curriculares vigentes, há um entendimento de que tanto as diretrizes curriculares, quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), implementados pelo MEC de 1997 a 2002, transformaram-se em meros papéis. Preencheram uma lacuna de modo equivocado e pouco dialógico, definindo as concepções metodológicas a serem seguidas e o conhecimento a ser trabalhado no Ensino Fundamental e no Médio. Os PCNs teriam sido editados como obrigação de conteúdos a serem contemplados no Brasil inteiro, como se fossem um roteiro, sugerindo entender que essa medida poderia ser orientação suficiente para assegurar a qualidade da educação para todos. Entretanto, a educação para todos não é viabilizada por decre-

to, resolução, portaria ou similar, ou seja, não se efetiva tão somente por meio de prescrição de atividades de ensino ou de estabelecimento de parâmetros ou diretrizes curriculares: a educação de qualidade social é conquista e, como conquista da sociedade brasileira, é manifestada pelos movimentos sociais, pois é direito de todos.

Essa conquista, simultaneamente, tão solitária e solidária quanto singular e coletiva, supõe aprender a articular o local e o universal em diferentes tempos, espaços e grupos sociais desde a primeira infância. A qualidade da educação para todos exige compromisso e responsabilidade de todos os envolvidos no processo político, que o Projeto de Nação traçou, por meio da Constituição Federal e da LDB, cujos princípios e finalidades educacionais são desafiadores: em síntese, assegurando o direito inalienável de cada brasileiro conquistar uma formação sustentada na continuidade de estudos, ou seja, como temporalização de aprendizagens que complexifiquem a experiência de comungar sentidos que dão significado à convivência.

Há de se reconhecer, no entanto, que o desafio maior está na necessidade de repensar as perspectivas de um conhecimento digno da humanidade na era planetária, pois um dos princípios que orientam as sociedades contemporâneas é a imprevisibilidade. As sociedades abertas não têm os caminhos traçados para um percurso inflexível e estável. Trata-se de enfrentar o acaso, a volatilidade e a imprevisibilidade, e não programas sustentados em certezas.

Há entendimento geral de que, durante a Década da Educação (encerrada em 2007), entre as maiores conquistas destaca-se a criação do FUNDEF, posteriormente transformado em FUNDEB. Este ampliou as condições efetivas de apoio financeiro e de gestão às três etapas da Educação Básica e suas modalidades, desde 2007. Do ponto de vista do apoio à Educação Básica, como totalidade, o FUNDEB apresenta sinais de que a gestão educacional e de políticas públicas poderá contribuir para a conquista da elevação da qualidade da educação brasileira, se for assumida por todos os que nela atuam, segundo os critérios da efetividade, relevância e pertinência, tendo como foco as finalidades da educação nacional, conforme definem a Constituição Federal e a LDB, bem como o Plano Nacional de Educação.

Os recursos para a educação serão ainda ampliados com a desvinculação de recursos da União (DRU) aprovada pela já destacada Emenda Constitucional nº 59/2009. Sem dúvida, essa conquista, resultado das lutas sociais, pode contribuir para a melhoria da qualidade social da ação educativa, em todo o País.

No que diz respeito às fontes de financiamento da Educação Básica, em suas diferentes etapas e modalidades, no entanto, verifica-se que há dispersão, o que tem repercutido desfavoravelmente na unidade da gestão das prioridades educacionais voltadas para a conquista da qualidade social da educação escolar, inclusive em relação às metas previstas no PNE 2001-2010. Apesar da relevância do FUNDEF, e agora com o FUNDEB em fase inicial de implantação, ainda não se tem política financeira compatível com as exigências da Educação Básica em sua pluridimensionalidade e totalidade.

As políticas de formação dos profissionais da educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais, os parâmetros de qualidade definidos pelo Ministério da Educação, associados às normas dos sistemas educativos dos Estados, Distrito Federal e Municípios, são orientações cujo objetivo central é o de criar condições para que seja possível melhorar o desempenho das escolas, mediante ação de todos os seus sujeitos.

Assume-se, portanto, que as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica terão como fundamento essencial a responsabilidade que o Estado brasileiro, a família e a sociedade têm de garantir a democratização do acesso, inclusão, permanência e sucesso das crianças, jovens e adultos na instituição educacional, sobretudo em idade própria a cada etapa e modalidade; a aprendizagem para continuidade dos estudos; e a extensão da obrigatoriedade e da gratuidade da Educação Básica.

2. Mérito

Inicialmente, apresenta-se uma sintética reflexão sobre sociedade e a educação, a que se seguem orientações para a Educação Básica, a partir dos princípios definidos constitucionalmente e da contextualização apresentada no histórico, tendo compromisso com a organicidade, a sequencialidade e a articulação do conjunto total da Educação Básica, sua inserção na sociedade e seu papel na construção do Projeto Nacional. Visa-se à formulação das Diretrizes Curriculares específicas para suas etapas e modalidades, organizando-se com os seguintes itens: 1) Referências conceituais; 2) Sistema Nacional de Educação; 3) Acesso e permanência para a conquista da qualidade social; 4) Organização curricular: conceito, limites, possibilidades; 5) Organização da Educação Básica; 6) Elementos constitutivos para organização e implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

A sociedade, na sua história, constitui-se no locus da vida, das tramas sociais, dosencontros e desencontros nas suas mais diferentes dimensões. É nesse espaço que se inscreve a instituição escolar. O desenvolvimento da sociedade engendra movimentos bastante complexos. Ao traduzir-se, ao mesmo tempo, em território, em cultura, em política, em economia, em modo de vida, em educação, em religião e outras manifestações humanas, a sociedade, especialmente a contemporânea, insere-se dialeticamente e movimenta-se na continuidade e descontinuidade, na universalização e na fragmentação, no entrelaçamento e na ruptura que conformam a sua face. Por isso, vive-se, hoje, a problemática da dispersão e ruptura, portanto, da superficialidade. Nessa dinâmica, inscreve-se a compreensão do projeto de Nação, o da educação nacional e, neste, o da instituição escolar, com sua organização, seu projeto e seu processo educativo em suas diferentes dimensões, etapas e modalidades.

O desafio posto pela contemporaneidade à educação é o de garantir, contextualizadamente, o direito humano universal e social inalienável à educação. O direito universal não é passível de ser analisado isoladamente, mas deve sê-lo em estreita relação com outros direitos, especialmente, dos direitos civis e políticos e dos direitos de caráter subjetivo, sobre os quais incide decisivamente. Compreender e realizar a educação, entendida como um direito individual humano e coletivo, implica considerar o seu poder de habilitar para o exercício de outros direitos, isto é, para potencializar o ser humano como cidadão pleno, de tal modo que este se torne apto para viver e conviver em determinado ambiente, em sua dimensão planetária. A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam. Educação consiste, portanto, no processo de socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam saberes, conhecimentos e valores.

Exige-se, pois, problematizar o desenho organizacional da instituição escolar, que não tem conseguido responder às singularidades dos sujeitos que a compõem. Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social, que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural, econômica dos grupos historicamente excluídos. Trata-se das questões de classe, gênero, raça, etnia, geração, constituídas por categorias que se entrelaçam na vida social. pobres, mulheres, afrodescentendes, indígenas, pessoas com deficiência, as populações do campo, os de diferentes orientações sexuais, os sujeitos albergados, aqueles em situação de rua, em privação de liberdade. todos que compõem a diversidade que é a sociedade brasileira e que começam a ser contemplados pelas políticas públicas.

Para que se conquiste a inclusão social, a educação escolar deve fundamentar-se na ética e nos valores da liberdade, na justiça social, na pluralidade, na solidariedade e na sustentabilidade, cuja finalidade é o pleno desenvolvimento de seus sujeitos, nas dimensões individual e social de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, compromissados com a transformação social. Diante dessa concepção de educação, a escola é uma organização temporal, que deve ser menos rígida, segmentada e uniforme, a fim de que os estudantes, indistintamente, possam adequar seus tempos de aprendizagens de modo menos homogêneo e idealizado.

A escola, face às exigências da Educação Básica, precisa ser reinventada: priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida. A escola tem, diante de si, o desafio de sua própria recriação, pois tudo que a ela se refere constitui-se como invenção: os rituais escolares são invenções de um determinado contexto sociocultural em movimento.

A elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica pressupõe clareza em relação ao seu papel de indicador de opções políticas, sociais, culturais, educacionais, e a função da educação, na sua relação com os objetivos constitucionais de projeto de Nação, fundamentando-se na cidadania e na dignidade da pessoa, o que implica igualdade, liberdade, pluralidade, diversidade, respeito, justiça social, solidariedade e sustentabilidade.

2.1 Referências conceituais

Os fundamentos que orientam a Nação brasileira estão definidos constitucionalmente no artigo 1º da Constituição Federal, que trata dos princípios fundamentais da cidadania e da dignidade da pessoa humana, do pluralismo político, dos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa. Nessas bases, assentam-se os objetivos nacionais e, por consequência, o projeto educacional brasileiro: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Esse conjunto de compromissos prevê também a defesa da paz; a autodeterminação dos povos; a prevalência dos direitos humanos; o repúdio ao preconceito, à violência e ao terrorismo; e o equilíbrio do meio ambiente, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e as futuras gerações.

As bases que dão sustentação ao projeto nacional de educação responsabilizam o poder público, a família, a sociedade e a escola pela garantia a todos os estudantes de um ensino ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso, inclusão, permanência e sucesso na escola;

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV – respeito à liberdade e aos direitos;

V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII – valorização do profissional da educação escolar;

VIII – gestão democrática do ensino público, na forma da legislação e normas dos sistemas de ensino;

IX – garantia de padrão de qualidade;

X – valorização da experiência extraescolar;

XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Além das finalidades da educação nacional enunciadas na Constituição Federal (artigo 205) e na LDB (artigo 2º), que têm como foco o pleno desenvolvimento da pessoa, a preparação para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, deve-se considerar integradamente o previsto no ECA (Lei nº 8.069/90), o qual assegura, à criança e ao adolescente de até 18 anos, todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa, as oportunidades oferecidas para o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. São direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito mútuo, à liberdade, à convivência familiar e comunitária (artigos 2º, 3º e 4º).

A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direto à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo-emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional.

Da aquisição plena desse direito depende a possibilidade de exercitar todos os demais direitos, definidos na Constituição, no ECA, na legislação ordinária e nas inúmeras disposições legais que consagram as prerrogativas do cidadão brasileiro. Somente um ser educado terá condição efetiva de participação social, ciente e consciente de seus direitos e deveres civis, sociais, políticos, econômicos e éticos.

Nessa perspectiva, é oportuno e necessário considerar as dimensões do educar e do cuidar, em sua inseparabilidade, buscando recuperar, para a função social da Educação Básica, a sua centralidade, que é o estudante. Cuidar e educar iniciam-se na Educação Infantil, ações destinadas a crianças a partir de zero ano, que devem ser estendidas ao Ensino Fundamental, Médio e posteriores.

Cuidar e educar significa compreender que o direito à educação parte do princípio da formação da pessoa em sua essência humana. Trata-se de considerar o cuidado no sentido profundo do que seja acolhimento de todos – crianças, adolescentes, jovens e adultos – com respeito e, com atenção adequada, de estudantes com deficiência, jovens e adultos defasados na relação idade-escolaridade, indígenas, afrodescendentes, quilombolas e povos do campo.

Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta. Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena.

A responsabilidade por sua efetivação exige corresponsabilidade: de um lado, a responsabilidade estatal na realização de procedimentos que assegurem o disposto nos incisos VII e VIII, do artigo 12 e VI do artigo 13, da LDB; de outro, a articulação com a família, com o Conselho Tutelar, com o juiz competente da Comarca, com o representante do Ministério Público e com os demais segmentos da sociedade. Para que isso se efetive, torna-se exigência, também, a corresponsabilidade exercida pelos profissionais da educação, necessariamente articulando a escola com as famílias e a comunidade.

Nota-se que apenas pelo cuidado não se constrói a educação e as dimensões que a envolvem como projeto transformador e libertador. A relação entre cuidar e educar se concebe mediante internalização consciente de eixos norteadores, que remetem à experiência fundamental do valor, que influencia significativamente a definição da conduta, no percurso cotidiano escolar. Não de um valor pragmático e utilitário de educação, mas do valor intrínseco àquilo que deve caracterizar o comportamento de seres humanos, que respeitam a si mesmos, aos outros, à circunstância social e ao ecossistema. Valor este fundamentado na ética e na estética, que rege a convivência do indivíduo no coletivo, que pressupõe relações de cooperação e solidariedade, de respeito à alteridade e à liberdade.

Cuidado, por sua própria natureza, inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira consiste na atitude de solicitude e de atenção para com o outro. A segunda é de inquietação, sentido de responsabilidade, isto é, de cogitar, pensar, manter atenção, mostrar interesse, revelar atitude de desvelo, sem perder a ternura (Boff, 1999, p. 91), compromisso com a formação do sujeito livre e independente daqueles que o estão gerando como ser humano capaz de conduzir o seu processo formativo, com autonomia e ética.

Cuidado é, pois, um princípio que norteia a atitude, o modo prático de realizar-se, de viver e conviver no mundo. Por isso, na escola, o processo educativo não comporta uma atitude parcial, fragmentada, recortada da ação humana, baseada somente numa racionalidade estratégico-procedimental. Inclui ampliação das dimensões constitutivas do trabalho pedagógico, mediante verificação das condições de aprendizagem apresentadas pelo estudante e busca de soluções junto à família, aos órgãos do poder público, a diferentes segmentos da sociedade. Seu horizonte de ação abrange a vida humana em sua globalidade. É essa concepção de educação integral que deve orientar a organização da escola, o conjunto de atividades nela realizadas, bem como as políticas sociais que se relacionam

com as práticas educacionais. Em cada criança, adolescente, jovem ou adulto, há uma criatura humana em formação e, nesse sentido, cuidar e educar são, ao mesmo tempo, princípios e atos que orientam e dão sentido aos processos de ensino, de aprendizagem e de construção da pessoa humana em suas múltiplas dimensões.

Cabe, aqui, uma reflexão sobre o conceito de cidadania, a forma como a ideia de cidadania foi tratada no Brasil e, em muitos casos, ainda o é. Reveste-se de uma característica – para usar os termos de Hannah Arendt – essencialmente "social". Quer dizer: algo ainda derivado e circunscrito ao âmbito da pura necessidade. É comum ouvir ou ler algo que sugere uma noção de cidadania como "acesso dos indivíduos aos bens e serviços de uma sociedade moderna", discurso contemporâneo de uma época em que os inúmeros movimentos sociais brasileiros lutavam, essencialmente, para obter do Estado condições de existência mais digna, do ponto de vista dominantemente material. Mesmo quando esse discurso se modificou num sentido mais "político" e menos "social", quer dizer, uma cidadania agora compreendida como a participação ativa dos indivíduos nas decisões pertinentes à sua vida cotidiana, esta não deixou de ser uma reivindicação que situava o político na precedência do social: participar de decisões públicas significa obter direitos e assumir deveres, solicitar ou assegurar certas condições de vida minimamente civilizadas.

Em um contexto marcado pelo desenvolvimento de formas de exclusão cada vez mais sutis e humilhantes, a cidadania aparece hoje como uma promessa de sociabilidade, em que a escola precisa ampliar parte de suas funções, solicitando de seus agentes a função de mantenedores da paz nas relações sociais, diante das formas cada vez mais amplas e destrutivas de violência. Nessa perspectiva e no cenário em que a escola de Educação Básica se insere e em que o professor e o estudante atuam, há que se perguntar: de que tipo de educação os homens e as mulheres dos próximos 20 anos necessitam, para participarem da construção desse mundo tão diverso? A que trabalho e a que cidadania se refere? Em outras palavras, que sociedade florescerá? Por isso mesmo, a educação brasileira deve assumir o desafio de propor uma escola emancipadora e libertadora.

2.2. Sistema Nacional de Educação

O Sistema Nacional de Educação é tema que vem suscitando o aprofundamento da compreensão sobre sistema, no contexto da história da educação, nesta Nação tão diversa geográfica, econômica, social e culturalmente. O que a proposta de organização do Sistema Nacional de Educação enfrenta é, fundamentalmente, o desafio de superar a fragmentação das políticas públicas e a desarticulação institucional dos sistemas de ensino entre si, diante do impacto na estrutura do financiamento, comprometendo a conquista da qualidade social das aprendizagens, mediante conquista de uma articulação orgânica.

Os debates sobre o Sistema Nacional de Educação, em vários momentos, abordaram o tema das diretrizes para a Educação Básica. Ambas as questões foram objeto de análise em interface, durante as diferentes etapas preparatórias da Conferência Nacional de Educação (CONAE) de 2009, uma vez que são temas que se vinculam a um objetivo comum: articular e fortalecer o sistema nacional de educação em regime de colaboração.

Para Saviani, o sistema é a unidade de vários elementos intencionalmente reunidos de modo a formar um conjunto coerente e operante (2009, p. 38). Caracterizam, portanto, a noção de sistema: a intencionalidade humana; a unidade e variedade dos múltiplos elementos que se articulam; a coerência interna articulada com a externa.

Alinhado com essa conceituação, este Parecer adota o entendimento de que sistema resulta da atividade intencional e organicamente concebida, que se justifica pela realização de atividades voltadas para as mesmas finalidades ou para a concretização dos mesmos objetivos.

Nessa perspectiva, e no contexto da estrutura federativa brasileira, em que convivem sistemas educacionais autônomos, faz-se necessária a institucionalização de um regime de colaboração que dê efetividade ao projeto de educação nacional. União, Estados, Distrito Federal e Municípios, cada qual com suas peculiares competências, são chamados a colaborar para transformar a Educação Básica em um conjunto orgânico, sequencial, articulado, assim como planejado sistemicamente, que responda às exigências dos estudantes, de suas aprendizagens nas diversas fases do desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social.

Atende-se à dimensão orgânica quando são observadas as especificidades e as diferenças de cada uma das três etapas de escolarização da Educação Básica e das fases que as compõem, sem perda do que lhes é comum: as semelhanças, as identidades inerentes à condição humana em suas determinações históricas e não apenas do ponto de vista da qualidade da sua estrutura e organização. Cada etapa do processo de escolarização constitui-se em unidade, que se articula organicamente com as demais de maneira complexa e intrincada, permanecendo todas elas, em suas diferentes modalidades, individualizadas, ao logo do percurso do escolar, apesar das mudanças por que passam por força da singularidade de cada uma, bem assim a dos sujeitos que lhes dão vida.

Atende-se à dimensão sequencial quando os processos educativos acompanham as exigências de aprendizagem definidas em cada etapa da trajetória escolar da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), até a Educação Superior. São processos educativos que, embora se constituam em diferentes e insubstituíveis momentos da vida dos estudantes, inscritos em tempos e espaços educativos próprios a cada etapa do desenvolvimento humano, inscrevem-se em trajetória que deve ser contínua e progressiva.

A articulação das dimensões orgânica e sequencial das etapas e modalidades da Educação Básica, e destas com a Educação Superior, implica a ação coordenada e integradora do seu conjunto; o exercício efetivo do regime de colaboração entre os entes federados, cujos sistemas de ensino gozam de autonomia constitucionalmente reconhecida. Isso pressupõe o estabelecimento de regras de equivalência entre as funções distributiva, supletiva, de regulação normativa, de supervisão e avaliação da educação nacional, respeitada a autonomia dos sistemas e valorizadas as diferenças regionais. Sem essa articulação, o projeto educacional – e, por conseguinte, o projeto nacional – corre o perigo de comprometer a unidade e a qualidade pretendida, inclusive quanto ao disposto no artigo 22 da LDB: desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana.

Mais concretamente, há de se prever que a transição entre Pré-Escola e Ensino Fundamental pode se dar no interior de uma mesma instituição, requerendo formas de articulação das dimensões orgânica e sequencial entre os docentes de ambos os segmentos que assegurem às crianças a continuidade de seus processos peculiares de aprendizagem e desenvolvimento. Quando a transição se dá entre instituições diferentes, essa articulação deve ser especialmente cuidadosa, garantida por instrumentos de registro – portfólios, relatórios que permitam, aos docentes do Ensino Fundamental de uma outra escola, conhecer os processos de desenvolvimento e aprendizagem vivenciados pela criança na Educação Infantil da escola anterior. Mesmo no interior do Ensino Fundamental, há de se cuidar da fluência da transição da fase dos anos iniciais para a fase dos anos finais, quando a criança passa a ter diversos docentes, que conduzem diferentes componentes e atividades, tornando-se mais complexas a sistemática de estudos e a relação com os professores.

A transição para o Ensino Médio apresenta contornos bastante diferentes dos anteriormente referidos, uma vez que, ao ingressarem no Ensino Médio, os jovens já trazem maior experiência com o ambiente escolar e suas rotinas; além disso, a dependência dos adolescentes em relação às suas famílias é quantitativamente menor e qualitativamente diferente. Mas, certamente, isso não significa que não se criem tensões, que derivam, principalmente, das novas expectativas familiares e sociais que envolvem o jovem. Tais expectativas giram em torno de três variáveis principais conforme o estrato sociocultural em que se produzem: a) os "conflitos da adolescência"; b) a maior ou menor aproximação ao mundo do trabalho; c) a crescente aproximação aos rituais da passagem da Educação Básica para a Educação Superior.

Em resumo, o conjunto da Educação Básica deve se constituir em um processo orgânico, sequencial e articulado, que assegure à criança, ao adolescente, ao jovem e ao adulto de qualquer condição e região do País a formação comum para o pleno exercício da cidadania, oferecendo as condições necessárias para o seu desenvolvimento integral. Estas são finalidades de todas as etapas constitutivas da Educação Básica, acrescentando-se os meios para que possa progredir no mundo do trabalho e acessar a Educação Superior. São referências conceituais e legais, bem como

desafio para as diferentes instâncias responsáveis pela concepção, aprovação e execução das políticas educacionais.

2.3. Acesso e permanência para a conquista da qualidade social

A qualidade social da educação brasileira é uma conquista a ser construída de forma negociada, pois significa algo que se concretiza a partir da qualidade da relação entre todos os sujeitos que nela atuam direta e indiretamente.4 Significa compreender que a educação é um processo de socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam conhecimentos e valores. Socializar a cultura inclui garantir a presença dos sujeitos das aprendizagens na escola. Assim, a qualidade social da educação escolar supõe a sua permanência, não só com a redução da evasão, mas também da repetência e da distorção idade/ano/série.

Para assegurar o acesso ao Ensino Fundamental, como direito público subjetivo, no seu artigo 5º, a LDB instituiu medidas que se interpenetram ou complementam, estabelecendo que, para exigir o cumprimento pelo Estado desse ensino obrigatório, qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, podem acionar o poder público.

Esta medida se complementa com a obrigatoriedade atribuída aos Estados e aos Municípios, em regime de colaboração, e com a assistência da União, de recensear a população em idade escolar para o Ensino Fundamental, e os jovens e adultos que a ele não tiveram acesso, para que seja efetuada a chamada pública correspondente.

Quanto à família, os pais ou responsáveis são obrigados a matricular a criança no Ensino Fundamental, a partir dos 6 anos de idade, sendo que é prevista sanção a esses e/ou ao poder público, caso descumpram essa obrigação de garantia dessa etapa escolar.

Quanto à obrigatoriedade de permanência do estudante na escola, principalmente no Ensino Fundamental, há, na mesma Lei, exigências que se centram nas relações entre a escola, os pais ou responsáveis, e a comunidade, de tal modo que a escola e os sistemas de ensino tornam-se responsáveis por:

- zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola;

-articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

-informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos estudantes, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica;

-notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos estudantes que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei.

No Ensino Fundamental e, nas demais etapas da Educação Básica, a qualidade não tem sido tão estimulada quanto à quantidade. Depositar atenção central sobre a quantidade, visando à universalização do acesso à escola, é uma medida necessária, mas que não assegura a permanência, essencial para compor a qualidade. Em outras palavras, a oportunidade de acesso, por si só, é destituída de condições suficientes para inserção no mundo do conhecimento.

O conceito de qualidade na escola, numa perspectiva ampla e basilar, remete a uma determinada ideia de qualidade de vida na sociedade e no planeta Terra. Inclui tanto a qualidade pedagógica quanto a qualidade política, uma vez que requer compromisso com a permanência do estudante na escola, com sucesso e valorização dos profissionais da educação. Trata-se da exigência de se conceber a qualidade na escola como qualidade social, que se conquista por meio de acordo coletivo. Ambas as qualidades – pedagógica e política – abrangem diversos modos avaliativos comprometidos com a aprendizagem do estudante, interpretados como indicações que se interpenetram ao longo do processo didático-pedagógico, o qual tem como alvo o desenvolvimento do conhecimento e dos saberes construídos histórica e socialmente.

O compromisso com a permanência do estudante na escola é, portanto, um desafio a ser assumido por todos, porque, além das determinações sociopolíticas e culturais, das diferenças individuais e da organização escolar vigente, há algo que supera a política reguladora dos processos educacionais: há os fluxos migratórios, além de outras variáveis que se refletem no processo educativo. Essa é uma variável externa que compromete a gestão macro da educação, em todas as esferas, e, portanto, reforça a premência de se criarem processos gerenciais que proporcionem a efetivação do disposto no artigo 5º e no inciso VIII do artigo 12 da LDB, quanto ao direito ao acesso e à permanência na escola de qualidade.

Assim entendida, a qualidade na escola exige de todos os sujeitos do processo educativo:

I – a instituição da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, com a finalidade de organizar, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério para as redes públicas da educação (Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009);

II – ampliação da visão política expressa por meio de habilidades inovadoras, fundamentadas na capacidade para aplicar técnicas e tecnologias orientadas pela ética e pela estética;

III – responsabilidade social, princípio educacional que norteia o conjunto de sujeitos comprometidos com o projeto que definem e assumem como expressão e busca da qualidade da escola, fruto do empenho de todos.

Construir a qualidade social pressupõe conhecimento dos interesses sociais da comunidade escolar para que seja possível educar e cuidar mediante interação efetivada entre princípios e finalidades educacionais, objetivos, conhecimento e concepções curriculares. Isso abarca mais que o exercício político-pedagógico que se viabiliza mediante atuação de todos os sujeitos da comunidade educativa. Ou seja, efetiva-se não apenas mediante participação de todos os sujeitos da escola – estudante, professor, técnico, funcionário, coordenador – mas também mediante aquisição e utilização adequada dos objetos e espaços (laboratórios, equipamentos, mobiliário, salas-ambiente, biblioteca, videoteca etc.) requeridos para responder ao projeto político-pedagógico pactuado, vinculados às condições/disponibilidades mínimas para se instaurar a primazia da aquisição e do desenvolvimento de hábitos investigatórios para construção do conhecimento.

A escola de qualidade social adota como centralidade o diálogo, a colaboração, os sujeitos e as aprendizagens, o que pressupõe, sem dúvida, atendimento a requisitos tais como:

I – revisão das referências conceituais quanto aos diferentes espaços e tempos educativos, abrangendo espaços sociais na escola e fora dela;

II – consideração sobre a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando os direitos humanos, individuais e coletivos e as várias manifestações de cada comunidade;

III – foco no projeto político-pedagógico, no gosto pela aprendizagem, e na avaliação das aprendizagens como instrumento de contínua progressão dos estudantes;

IV – inter-relação entre organização do currículo, do trabalho pedagógico e da jornada de trabalho do professor, tendo como foco a aprendizagem do estudante;

V – preparação dos profissionais da educação, gestores, professores, especialistas, técnicos, monitores e outros;

VI – compatibilidade entre a proposta curricular e a infraestrutura entendida como espaço formativo dotado de efetiva disponibilidade de tempos para a sua utilização e acessibilidade;

VII – integração dos profissionais da educação, os estudantes, as famílias, os agentes da comunidade interessados na educação;

VIII – valorização dos profissionais da educação, com programa de formação continuada, critérios de acesso, permanência, remuneração compatível com a jornada de trabalho definida no projeto político-pedagógico;

IX – realização de parceria com órgãos, tais como os de assistência social, desenvolvimento e direitos humanos, cidadania, ciência e tecnologia, esporte, turismo, cultura e arte, saúde, meio ambiente.

No documento "Indicadores de Qualidade na Educação" (Ação Educativa, 2004), a qualidade é vista com um caráter dinâmico, porque cada escola tem autonomia para refletir, propor e agir na busca da qualidade do seu trabalho, de acordo com os contextos socioculturais locais. Segundo o autor, os indicadores de qualidade são sinais adotados para que se possa qualificar algo, a partir dos critérios e das prioridades institucionais. Destaque-se que os referenciais e indicadores de avaliação são componentes curriculares, porque tê-los em mira facilita a aproximação entre a escola que se tem e aquela que se quer, traduzida no projeto político-pedagógico, para além do que fica disposto no inciso IX do artigo 4º da LDB: definição de padrões mínimos de qualidade de ensino, como a variedade e quantidade mínimas, por estudante, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. 5

Essa exigência legal traduz a necessidade de se reconhecer que a avaliação da qualidade associa-se à ação planejada, coletivamente, pelos sujeitos da escola e supõe que tais sujeitos tenham clareza quanto:

I – aos princípios e às finalidades da educação, além do reconhecimento e análise dos dados indicados pelo IDEB e/ou outros indicadores, que complementem ou substituam estes;

II – à relevância de um projeto político-pedagógico concebido e assumido coletivamente pela comunidade educacional, respeitadas as múltiplas diversidades e a pluralidade cultural;

III – à riqueza da valorização das diferenças manifestadas pelos sujeitos do processo educativo, em seus diversos segmentos, respeitados o tempo e o contexto sociocultural;

IV – aos padrões mínimos de qualidade6 (Custo Aluno Qualidade inicial – CAQi7), que apontam para quanto deve ser investido por estudante de cada etapa e modalidade da Educação Básica, para que o País ofereça uma educação de qualidade a todos os estudantes.

Para se estabelecer uma educação com um padrão mínimo de qualidade, é necessário investimento com valor calculado a partir das despesas essenciais ao desenvolvimento dos processos e procedimentos formativos, que levem, gradualmente, a uma educação integral, dotada de qualidade social: creches e escolas possuindo condições de infraestrutura e de adequados equipamentos e de acessibilidade; professores qualificados com remuneração adequada e compatível com a de outros profissionais com igual nível de formação, em regime de trabalho de 40 horas em tempo integral em uma mesma escola; definição de uma relação adequada entre o número de estudantes por turma e por professor, que assegure aprendizagens relevantes; pessoal de apoio técnico e administrativo que garanta o bom funcionamento da escola.

2.4. Organização curricular: conceito, limites, possibilidades

No texto "Currículo, conhecimento e cultura", Moreira e Candau (2006) apresentam diversas definições atribuídas a currículo, a partir da concepção de cultura como prática social, ou seja, como algo que, em vez de apresentar significados intrínsecos, como ocorre, por exemplo, com as manifestações artísticas, a cultura expressa significados atribuídos a partir da linguagem. Em poucas palavras, essa concepção é definida como "experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes" (idem, p. 22). Uma vez delimitada a ideia sobre cultura, os autores definem currículo como: conjunto de práticas que proporcionam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais. O currículo é, por consequência, um dispositivo de grande efeito no processo de construção da identidade do (a) estudante (p. 27). Currículo refere-se, portanto, a criação, recriação, contestação e transgressão (Moreira e Silva, 1994).

5 Atualmente, são referências nacionais para o planejamento, em todas as instâncias responsáveis pela Educação Básica, o IDEB, o FUNDEB e o ENEM.

6 Parecer CNE/CEB nº 8/2010 (Aprecia a Indicação CNE/CEB nº 4/2008, que propõe a constituição de uma comissão visando analisar a proposta do Custo Aluno Qualidade inicial (CAQi) como política de melhoria da qualidade do ensino no Brasil).

7 O CAQi é resultado de estudo desenvolvido pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação, com a participação de pesquisadores, especialistas, gestores e ativistas de educação. Sua concepção representa uma mudança na lógica de financiamento educacional, pois se baseia no investimento necessário para uma educação de qualidade, e não nos recursos disponíveis.

Nesse sentido, a fonte em que residem os conhecimentos escolares são as práticas socialmente construídas. Segundo os autores, essas práticas se constituem em "âmbitos de referência dos currículos" que correspondem:

a) às instituições produtoras do conhecimento científico (universidades e centros de pesquisa);

b) ao mundo do trabalho;

c) aos desenvolvimentos tecnológicos;

d) às atividades desportivas e corporais;

e) à produção artística;

f) ao campo da saúde;

g) às formas diversas de exercício da cidadania;

h) aos movimentos sociais.

Daí entenderem que toda política curricular é uma política cultural, pois o currículo é fruto de uma seleção e produção de saberes: campo conflituoso de produção de cultura, de embate entre pessoas concretas, concepções de conhecimento e aprendizagem, formas de imaginar e perceber o mundo. Assim, as políticas curriculares não se resumem apenas a propostas e práticas enquanto documentos escritos, mas incluem os processos de planejamento, vivenciados e reconstruídos em múltiplos espaços e por múltiplas singularidades no corpo social da educação. Para Lopes (2004, p. 112), mesmo sendo produções para além das instâncias governamentais, não significa desconsiderar o poder privilegiado que a esfera governamental possui na produção de sentidos nas políticas, pois as práticas e propostas desenvolvidas nas escolas também são produtoras de sentidos para as políticas curriculares.

Os efeitos das políticas curriculares, no contexto da prática, são condicionados por questões institucionais e disciplinares que, por sua vez, têm diferentes histórias, concepções pedagógicas e formas de organização, expressas em diferentes publicações. As políticas estão sempre em processo de vir-a-ser, sendo múltiplas as leituras possíveis de serem realizadas por múltiplos leitores, em um constante processo de interpretação das interpretações.

As fronteiras são demarcadas quando se admite tão somente a ideia de currículo formal. Mas as reflexões teóricas sobre currículo têm como referência os princípios educacionais garantidos à educação formal. Estes estão orientados pela liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o conhecimento científico, além do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, assim como a valorização da experiência extraescolar, e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Assim, e tendo como base o teor do artigo 27 da LDB, pode-se entender que o processo didático em que se realizam as aprendizagens fundamenta-se na diretriz que assim delimita o conhecimento para o conjunto de atividades:

Os conteúdos curriculares da Educação Básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I -a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II -consideração das condições de escolaridade dos estudantes em cada estabelecimento;

III - orientação para o trabalho;

IV -promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.

Desse modo, os valores sociais, bem como os direitos e deveres dos cidadãos, relacionam-se com o bem comum e com a ordem democrática.

Estes são conceitos que requerem a atenção da comunidade escolar para efeito de organização curricular, cuja discussão tem como alvo e motivação a temática da construção de identidades sociais e culturais. A problematização sobre essa temática contribui para que se possa compreender, coletivamente, que educação cidadã consiste na interação entre os sujeitos, preparando-os por meio das atividades desenvolvidas na escola, individualmente e em equipe, para se tornarem aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais solidária, em que se exerça a liberdade, a autonomia e a responsabilidade. Nessa perspectiva, cabe à instituição escolar compreender como o conhecimento é produzido e socialmente valorizado e como deve elaresponder a isso. É nesse sentido que as instâncias gestoras devem se fortalecer instaurando um processo participativo organizado formalmente, por meio de colegiados, da organização estudantil e dos movimentos sociais.

A escola de Educação Básica é espaço coletivo de convívio, onde são privilegiadas trocas, acolhimento e aconchego para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens eadultos, no relacionamento entre si e com as demais pessoas. É uma instância em que se aprende a valorizar a riqueza das raízes culturais próprias das diferentes regiões do País que, juntas, formam a Nação. Nela se ressignifica e recria a cultura herdada, reconstruindo as identidades culturais, em que se aprende a valorizar as raízes próprias das diferentes regiões do País.

Essa concepção de escola exige a superação do rito escolar, desde a construção do currículo até os critérios que orientam a organização do trabalho escolar em sua multidimensionalidade, privilegia trocas, acolhimento e aconchego, para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento interpessoal entre todas as pessoas.

Cabe, pois, à escola, diante dessa sua natureza, assumir diferentes papéis, no exercício da sua missão essencial, que é a de construir uma cultura de direitos humanos para preparar cidadãos plenos. A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes8, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens, exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e de aldeias. Por isso, é preciso fazer da escola a instituição acolhedora, inclusiva, pois essa é uma opção "transgressora", porque rompe com a ilusão da homogeneidade e provoca, quase sempre, uma espécie de crise de identidade institucional.

A escola é, ainda, espaço em que se abrigam desencontros de expectativas, mas também acordos solidários, norteados por princípios e valores educativos pactuados por meio do projeto político-pedagógico concebido segundo as demandas sociais e aprovado pela comunidade educativa.

Por outro lado, enquanto a escola se prende às características de metodologias tradicionais, com relação ao ensino e à aprendizagem como ações concebidas separadamente, as características de seus estudantes requerem outros processos e procedimentos, em que aprender, ensinar, pesquisar, investigar, avaliar ocorrem de modo indissociável. Os estudantes, entre outras características, aprendem a receber informação com rapidez, gostam do processo paralelo, de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, preferem fazer seus gráficos antes de ler o texto, enquanto os docentes creem que acompanham a era digital apenas porque digitam e imprimem textos, têm e-mail, não percebendo que os estudantes nasceram na era digital.

8 O conceito de saber é adotado aqui se referindo ao conjunto de experiências culturais, senso comum, comportamentos, valores, atitudes, em outras palavras, todo o conhecimento adquirido pelo estudante nas suas relações com a família e com a sociedade em movimento.

As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva; desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens. Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta às possibilidades da convergência digital.

Essa distância necessita ser superada, mediante aproximação dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, estimulando a criação de novos métodos didático-pedagógicos, para que tais recursos e métodos sejam inseridos no cotidiano escolar. Isto porque o conhecimento científico, nos tempos atuais, exige da escola o exercício da compreensão, valorização da ciência e da tecnologia desde a infância e ao longo de toda a vida, em busca da ampliação do domínio do conhecimento científico: uma das condições para o exercício da cidadania. O conhecimento científico e as novas tecnologias constituem-se, cada vez mais, condição para que a pessoa saiba se posicionar frente a processos e inovações que a afetam. Não se pode, pois, ignorar que se vive: o avanço do uso da energia nuclear; da nanotecnologia;9 a conquista da produção de alimentos geneticamente modificados; a clonagem biológica. Nesse contexto, tanto o docente quanto o estudante e o gestor requerem uma escola em que a cultura, a arte, a ciência e a tecnologia estejam presentes no cotidiano escolar, desde o início da Educação Básica.

Tendo em vista a amplitude do papel socioeducativo atribuído ao conjunto orgânico da Educação Básica, cabe aos sistemas educacionais, em geral, definir o programa de escolas de tempo parcial diurno (matutino e/ou vespertino), tempo parcial noturno e tempo integral (turno e contra-turno ou turno único com jornada escolar de 7 horas, no mínimo10, durante todo o período letivo), o que requer outra e diversa organização e gestão do trabalho pedagógico, contemplando as diferentes redes de ensino, a partir do pressuposto de que compete a todas elas o desenvolvimento integral de suas demandas, numa tentativa de superação das desigualdades de natureza sociocultural, socioeconômica e outras.

Há alguns anos, se tem constatado a necessidade de a criança, o adolescente e o jovem, particularmente aqueles das classes sociais trabalhadoras, permanecerem mais tempo na escola11. Tem-se defendido que o estudante poderia beneficiar-se da ampliação da jornada escolar, no espaço único da escola ou diferentes espaços educativos, nos quais a permanência do estudante se liga tanto à quantidade e qualidade do tempo diário de escolarização, quanto à diversidade de atividades de aprendizagens.

Assim, a qualidade da permanência em tempo integral do estudante nesses espaços implica a necessidade da incorporação efetiva e orgânica no currículo de atividades e estudos pedagogicamente planejados e acompanhados ao longo de toda a jornada.

No projeto nacional de educação, tanto a escola de tempo integral quanto a de tempo parcial, diante da sua responsabilidade educativa, social e legal, assumem a aprendizagem compreendendo-a como ação coletiva conectada com a vida, com as necessidades, possibilidades e interesses das crianças, dos jovens e dos adultos. O direito de aprender é, portanto, intrínseco ao direito à dignidade humana, à liberdade, à inserção social, ao acesso aos bens sociais, artísticos e culturais, significando direito à saúde em todas as suas implicações, ao lazer, ao esporte, ao respeito, à integração familiar e comunitária.

Conforme o artigo 34 da LDB, o Ensino Fundamental incluirá, pelo menos, quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola, até que venha a ser ministrado em tempo integral (§ 2º). Essa disposição, obviamente, só é factível para os cursos do período diurno, tanto é que o § 1º ressalva os casos do ensino noturno.

Os cursos em tempo parcial noturno, na sua maioria, são de Educação de Jovens e Adultos (EJA) destinados, mormente, a estudantes trabalhadores, com maior maturidade e experiência de vida. São poucos, porém, os cursos regulares noturnos destinados a adolescentes e jovens de 15 a 18 anos ou pouco mais, os quais são compelidos ao estudo nesse turno por motivos de defasagem escolar e/ou de inadaptação aos métodos adotados e ao convívio com colegas de idades menores. A regra tem sido induzi-los a cursos de EJA, quando o necessário são cursos regulares, com programas adequados à sua faixa etária, como, aliás, é claramente prescrito no inciso VI do artigo 4º da LDB: oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando.

2.4.1. Formas para a organização curricular

Retoma-se aqui o entendimento de que currículo é o conjunto de valores e práticas que proporcionam a produção e a socialização de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção

de identidades sociais e culturais dos estudantes. E reitera-se que deve difundir os valores fundamentais do interesse social, dos direitos e deveres dos cidadãos, do respeito ao bem comum e à ordem democrática, bem como considerar as condições de escolaridade dos estudantes em cada estabelecimento, a orientação para o trabalho, a promoção de práticas educativas formais e não-formais.

Na Educação Básica, a organização do tempo curricular deve ser construída em função das peculiaridades de seu meio e das características próprias dos seus estudantes, não se restringindo às aulas das várias disciplinas. O percurso formativo deve, nesse sentido, ser aberto e contextualizado, incluindo não só os componentes curriculares centrais obrigatórios, previstos na legislação e nas normas educacionais, mas, também, conforme cada projeto escolar estabelecer, outros componentes flexíveis e variáveis que possibilitem percursos formativos que atendam aos inúmeros interesses, necessidades e características dos educandos.

Quanto à concepção e à organização do espaço curricular e físico, se imbricam e se alargam, por incluir no desenvolvimento curricular ambientes físicos, didático-pedagógicos e equipamentos que não se reduzem às salas de aula, incluindo outros espaços da escola e de outras instituições escolares, bem como os socioculturais e esportivo-recreativos do entorno, da cidade e mesmo da região.

Essa ampliação e diversificação dos tempos e espaços curriculares pressupõe profissionais da educação dispostos a reinventar e construir essa escola, numa responsabilidade compartilhada com as demais autoridades encarregadas da gestão dos órgãos do poder público, na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade.

A escola precisa acolher diferentes saberes, diferentes manifestações culturais e diferentes óticas, empenhar-se para se constituir, ao mesmo tempo, em um espaço de heterogeneidade e pluralidade, situada na diversidade em movimento, no processo tornado possível por meio de relações intersubjetivas, fundamentada no princípio emancipador. Cabe, nesse sentido, às escolas desempenhar o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, fundamentadas no pressuposto do respeito e da valorização das diferenças, entre outras, de condição física, sensorial e sócio emocional, origem, etnia, gênero, classe social, contexto sociocultural, que dão sentido às ações educativas, enriquecendo-as, visando à superação das desigualdades de natureza sociocultural e socioeconômica. Contemplar essas dimensões significa a revisão dos ritos escolares e o alargamento do papel da instituição escolar e dos educadores, adotando medidas proativas e ações preventivas.

Na organização e gestão do currículo, as abordagens disciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar requerem a atenção criteriosa da instituição escolar, porque revelam a visão de mundo que orienta as práticas pedagógicas dos educadores e organizam o trabalho do estudante. Perpassam todos os aspectos da organização escolar, desde o planejamento do trabalho pedagógico, a gestão administrativo-acadêmica, até a organização do tempo e do espaço físico e a seleção, disposição e utilização dos equipamentos e mobiliário da instituição, ou seja, todo o conjunto das atividades que se realizam no espaço escolar, em seus diferentes âmbitos. As abordagens multidisciplinar, pluridisciplinar e interdisciplinar fundamentam-se nas mesmas bases, que são as disciplinas, ou seja, o recorte do conhecimento.12

Para Basarab Nicolescu (2000, p. 17), em seu artigo “Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade”, a disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade são as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento.

Enquanto a multidisciplinaridade expressa frações do conhecimento e o hierarquiza, a pluridisciplinaridade estuda um objeto de uma disciplina pelo ângulo de várias outras ao mesmo tempo. Segundo Nicolescu, a pesquisa pluridisciplinar traz algo a mais a uma disciplina, mas restringe-se a ela, está a serviço dela.

A transdisciplinaridade refere-se ao conhecimento próprio da disciplina, mas está para além dela. O conhecimento situa-se na disciplina, nas diferentes disciplinas e além delas, tanto no espaço quanto no tempo. Busca a unidade do conhecimento na relação entre a parte e o todo, entre o todo e a parte. Adota atitude de abertura sobre as culturas do presente e do passado, uma assimilação da cultura e da arte. O desenvolvimento da capacidade de articular diferentes referências de dimensões da pessoa humana, de seus direitos, e do mundo é fundamento básico da transdisciplinaridade. De acordo com Nicolescu (p. 15), para os adeptos da transdisciplinaridade, o pensamento clássico é o seu campo de aplicação, por isso é complementar à pesquisa pluri e interdisciplinar.

A interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Ultrapassa-as, mas sua finalidade inscreve-se no estudo disciplinar. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas, por meio da ação didático-pedagógica mediada pela pedagogia dos projetos temáticos. Estes facilitam a organização coletiva e cooperativa do trabalho pedagógico, embora sejam ainda recursos que vêm sendo utilizados de modo restrito e, às vezes, equivocados. A interdisciplinaridade é, portanto, entendida aqui como abordagem teóricometodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento (Nogueira, 2001, p. 27). Essa orientação deve ser enriquecida, por meio de proposta temática trabalhada transversalmente ou em redes de conhecimento e de aprendizagem, e se expressa por meio de uma atitude que pressupõe planejamento sistemático e integrado e disposição para o diálogo.13

A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. A transversalidade difere-se da interdisciplinaridade e complementam-se; ambas rejeitam a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado. A primeira se refere à dimensão didático-pedagógica e a segunda, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento.

A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada. Assim, nessa abordagem, a gestão do conhecimento parte do pressuposto de que os sujeitos são agentes da arte de problematizar e interrogar, e buscam procedimentos interdisciplinares capazes de acender a chama do diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas.

A prática interdisciplinar é, portanto, uma abordagem que facilita o exercício da transversalidade, constituindo-se em caminhos facilitadores da integração do processo formativo dos estudantes, pois ainda permite a sua participação na escolha dos temas prioritários. Desse ponto de vista, a interdisciplinaridade e o exercício da transversalidade ou do trabalho pedagógico centrado em eixos temáticos, organizados em redes de conhecimento, contribuem para que a escola dê conta de tornar os seus sujeitos conscientes de seus direitos e deveres e da possibilidade de se tornarem aptos a aprender a criar novos direitos, coletivamente. De qualquer forma, esse percurso é promovido a partir da seleção de temas entre eles o tema dos direitos humanos, recomendados para serem abordados ao longo do desenvolvimento de componentes curriculares com os quais guardam intensa ou relativa relação temática, em função de prescrição definida pelos órgãos do sistema educativo ou pela comunidade educacional, respeitadas as características próprias da etapa da Educação Básica que a justifica.

Conceber a gestão do conhecimento escolar enriquecida pela adoção de temas a serem tratados sob a perspectiva transversal exige da comunidade educativa clareza quanto aos princípios e às finalidades da educação, além de conhecimento da realidade contextual, em que as escolas, representadas por todos os seus sujeitos e a sociedade, se acham inseridas. Para isso, o planejamento das ações pedagógicas pactuadas de modo sistemático e integrado é pré-requisito indispensável à organicidade, sequencialidade e articulação do conjunto das aprendizagens perspectivadas, o que requer a participação de todos. Parte-se, pois, do pressuposto de que, para ser tratada transversalmente, a temática atravessa, estabelece elos, enriquece, complementa temas e/ou atividades tratadas por disciplinas, eixos ou áreas do conhecimento.

Nessa perspectiva, cada sistema pode conferir à comunidade escolar autonomia para seleção dos temas e delimitação dos espaços curriculares a eles destinados, bem como a forma de tratamento que será conferido à transversalidade. Para que sejam implantadas com sucesso, é fundamental que as ações interdisciplinares sejam previstas no projeto político-pedagógico, mediante pacto estabelecido entre os profissionais da educação, responsabilizando-se pela concepção e implantação do projeto interdisciplinar na escola, planejando, avaliando as etapas programadas e replanejando-as, ou seja, reorientando o trabalho de todos, em estreito laço com as famílias, a comunidade, os órgãos responsáveis pela observância do disposto em lei, principalmente, no ECA.

Com a implantação e implementação da LDB, a expressão "matriz" foi adotada formalmente pelos diferentes sistemas educativos, mas ainda não conseguiu provocar ampla e aprofundada discussão pela comunidade educacional. O que se pode constatar é que a matriz foi entendida e assumida carregando as mesmas características da "grade" burocraticamente estabelecida. Em sua história, esta recebeu conceitos a partir dos quais não se pode considerar que matriz e grade sejam sinônimas. Mas o que é matriz? E como deve ser entendida a expressão "curricular", se forem consideradas as orientações para a educação nacional, pelos atos legais e normas vigentes? Se o termo matriz for concebido tendo como referência o discurso das ciências econômicas, pode ser apreendida como correlata de grade. Se for considerada a partir de sua origem etimológica, será entendida como útero (lugar onde o feto de desenvolve), ou seja, lugar onde algo é concebido, gerado e/ou criado (como a pepita vinda da matriz) ou, segundo Antônio Houaiss (2001, p. 1870), aquilo que é fonte ou origem, ou ainda, segundo o mesmo autor, a casa paterna ou materna, espaço de referência dos filhos, mesmo após casados. Admitindo a acepção de matriz como lugar onde algo é concebido, gerado ou criado ou como aquilo que é fonte ou origem, não se admite equivalência de sentido, menos ainda como desenho simbólico ou instrumental da matriz curricular com o mesmo formato e emprego atribuído historicamente à grade curricular. A matriz curricular deve, portanto, ser entendida como algo que funciona assegurando movimento, dinamismo, vida curricular e educacional na sua multidimensionalidade, de tal modo que os diferentes campos do conhecimento possam se coadunar com o conjunto de atividades educativas e instigar, estimular o despertar de necessidades e desejos nos sujeitos que dão vida à escola como um todo. A matriz curricular constitui-se no espaço em que se delimita o conhecimento e representa, além de alternativa operacional que subsidia a gestão de determinado currículo escolar, subsídio para a gestão da escola (organização do tempo e espaço curricular; distribuição e controle da carga horária docente) e primeiro passo para a conquista de outra forma de gestão do conhecimento pelos sujeitos que dão vida ao cotidiano escolar, traduzida como gestão centrada na abordagem interdisciplinar. Neste sentido, a matriz curricular deve se organizar por "eixos temáticos", definidos pela unidade escolar ou pelo sistema educativo.

Para a definição de eixos temáticos norteadores da organização e desenvolvimento curricular, parte-se do entendimento de que o programa de estudo aglutina investigações e pesquisas sob diferentes enfoques. O eixo temático organiza a estrutura do trabalho pedagógico, limita a dispersão temática e fornece o cenário no qual são construídos os objetos de estudo. O trabalho com eixos temáticos permite a concretização da proposta de trabalho pedagógico centrada na visão interdisciplinar, pois facilita a organização dos assuntos, de forma ampla e abrangente, a problematização e o encadeamento lógico dos conteúdos e a abordagem selecionada para a análise e/ou descrição dos temas. O recurso dos eixos temáticos pedagógicas de organização, inclusive espaciais e temporais, e diversificação de programas ou tipos de estudo disponíveis, estimulando alternativas, de acordo com as características do alunado e as demandas do meio social, admitidas as opções feitas pelos próprios estudantes.

As áreas indicadas são: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Vale lembrar que, diferentemente da maioria das escolas e das redes de ensino, o ENEM e o ENCCEJA consideram tais áreas, pois suas provas são concebidas e organizadas de forma interdisciplinar e contextualizada, percorrendo transversalmente as áreas de conhecimento consagradas nas Diretrizes, apenas alterando-as de três para quatro, com o desdobramento da Matemática e das Ciências da Natureza.

Por rede de aprendizagem entende-se um conjunto de ações didático-pedagógicas, cujo foco incide sobre a aprendizagem, subsidiada pela consciência de que o processo de comunicação entre estudantes e professores é efetivado por meio de práticas e recursos tradicionais e por práticas de aprendizagem desenvolvidas em ambiente virtual. Pressupõe compreender que se trata de aprender em rede e não de ensinar na rede, exigindo que o ambiente de aprendizagem seja dinamizado e compartilhado por todos os sujeitos do processo educativo. Esses são procedimentos que não se confundem.

Por isso, as redes de aprendizagem constituem-se em ferramenta didático-pedagógica relevante também nos programas de formação inicial e continuada de profissionais da educação. Esta opção requer planejamento sistemático integrado, estabelecido entre sistemas educativos ou conjunto de unidades escolares. Envolve elementos constitutivos da gestão e das práticas docentes como infraestrutura favorável, prática por projetos, respeito ao tempo escolar, avaliação planejada, perfil do professor, perfil e papel da direção escolar, formação do corpo docente, valorização da leitura, atenção individual ao estudante, atividades complementares e parcerias. Mas inclui outros aspectos como interação com as famílias e a comunidade, valorização docente e outras medidas, entre as quais a instituição de plano de carreira, cargos e salários.

As experiências em andamento têm revelado êxitos e desafios vividos pelas redes na busca da qualidade da educação. Os desafios centram-se, predominantemente, nos obstáculos para a gestão participativa, a qualificação dos funcionários, a integração entre instituições escolares de diferentes sistemas educativos (estadual e municipal, por exemplo) e a inclusão de estudantes com deficiência. São ressaltados, como pontos positivos, o intercâmbio de informações; a agilidade dos fluxos; os recursos que alimentam relações e aprendizagens coletivas, orientadas por um propósito comum: a garantia do direito de aprender.

Entre as vantagens, podem ser destacadas aquelas que se referem à multiplicação de aulas de transmissão em tempo real por meio de teleaulas, com elevado grau de qualidade e amplas possibilidades de acesso, em telessala ou em qualquer outro lugar, previamente preparado, para acesso pelos sujeitos da aprendizagem; aulas simultâneas para várias salas (e várias unidades escolares) com um professor principal e professores assistentes locais, combinadas com atividades on-line em plataformas digitais; aulas gravadas e acessadas a qualquer tempo e de qualquer lugar por meio da internet ou da TV digital, tratando de conteúdo, compreensão e avaliação dessa compreensão; e oferta de esclarecimentos de dúvidas em determinados momentos do processo didático-pedagógico.

2.4.2. Formação básica comum e parte diversificada

A LDB definiu princípios e objetivos curriculares gerais para o Ensino Fundamental e Médio, sob os aspectos:

I – duração: anos, dias letivos e carga horária mínimos;

II – uma base nacional comum;

III – uma parte diversificada.

Entende-se por base nacional comum, na Educação Básica, os conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e que são gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; nos movimentos sociais, definidos no texto dessa Lei, artigos 26 e 3315, que assim se traduzem:

I – na Língua Portuguesa;

II – na Matemática;

III – no conhecimento do mundo físico, natural, da realidade social e política, especialmente do Brasil, incluindo-se o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena,

IV – na Arte em suas diferentes formas de expressão, incluindo-se a música;

V – na Educação Física;

VI – no Ensino Religioso.

Tais componentes curriculares são organizados pelos sistemas educativos, em forma de áreas de conhecimento, disciplinas, eixos temáticos, preservando-se a especificidade dos diferentes campos do conhecimento, por meio dos quais se desenvolvem as habilidades indispensáveis ao exercício da cidadania, em ritmo compatível com as etapas do desenvolvimento integral do cidadão.

A parte diversificada enriquece e complementa a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar. Perpassa todos os tempos e espaços curriculares constituintes do Ensino Fundamental e do Médio, independentemente do ciclo da vida no qual os sujeitos tenham acesso à escola. É organizada em temas gerais, em forma de áreas do conhecimento, disciplinas, eixos temáticos, selecionados pelos sistemas educativos e pela unidade escolar, colegiadamente, para serem desenvolvidos de forma transversal. A base nacional comum e a parte diversificada não podem se constituir em dois blocos distintos, com disciplinas específicas para cada uma dessas partes.

A compreensão sobre base nacional comum, nas suas relações com a parte diversificada, foi objeto de vários pareceres emitidos pelo CNE, cuja síntese se encontra no Parecer CNE/CEB nº 14/2000, da lavra da conselheira Edla de Araújo Lira Soares. Após retomar o texto dos artigos 26 e 27 da LDB, a conselheira assim se pronuncia:

(...) a base nacional comum interage com a parte diversificada, no âmago do processo de constituição de conhecimentos e valores das crianças, jovens e adultos, evidenciando a importância da participação de todos os segmentos da escola no processo de elaboração da proposta da instituição que deve nos termos da lei, utilizar a parte diversificada para enriquecer e complementar a base nacional comum.

Art. 26. Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 1º Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II – maior de trinta anos de idade;

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;

IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; (...) VI – que tenha prole.

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

§ 5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação dapopulação brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afrobrasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (...) Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

(...) tanto a base nacional comum quanto a parte diversificada são fundamentais para que o currículo faça sentido como um todo.

Cabe aos órgãos normativos dos sistemas de ensino expedir orientações quanto aos estudos e às atividades correspondentes à parte diversificada do Ensino Fundamental e do Médio, de acordo com a legislação vigente. A LDB, porém, inclui expressamente o estudo de, pelo menos, uma língua estrangeira moderna como componente necessário da parte diversificada, sem determinar qual deva ser, cabendo sua escolha à comunidade escolar, dentro das possibilidades da escola, que deve considerar o atendimento das características locais, regionais, nacionais e transnacionais, tendo em vista as demandas do mundo do trabalho e da internacionalização de toda ordem de relações. A língua espanhola, no entanto, por força de lei específica (Lei nº 11.161/2005) passou a ser obrigatoriamente ofertada no Ensino Médio, embora facultativa para o estudante, bem como possibilitada no Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano. Outras leis específicas, a latere da LDB, determinam que sejam incluídos componentes não disciplinares, como as questões relativas ao meio ambiente, à condição e direito do idoso e ao trânsito.16

Correspondendo à base nacional comum, ao longo do processo básico de escolarização, a criança, o adolescente, o jovem e o adulto devem ter oportunidade de desenvolver, no mínimo, habilidades segundo as especificidades de cada etapa do desenvolvimento humano, privilegiando-se os aspectos intelectuais, afetivos, sociais e políticos que se desenvolvem de forma entrelaçada, na unidade do processo didático.

Organicamente articuladas, a base comum nacional e a parte diversificada são organizadas e geridas de tal modo que também as tecnologias de informação e comunicação perpassem transversalmente a proposta curricular desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, imprimindo direção aos projetos político-pedagógicos. Ambas possuem como referência geral o compromisso com saberes de dimensão planetária para que, ao cuidar e educar, seja possível à escola conseguir:

I – ampliar a compreensão sobre as relações entre o indivíduo, o trabalho, a sociedade e a espécie humana, seus limites e suas potencialidades, em outras palavras, sua identidade terrena;

II – adotar estratégias para que seja possível, ao longo da Educação Básica, desenvolver o letramento emocional, social e ecológico; o conhecimento científico pertinente aos diferentes tempos, espaços e sentidos; a compreensão do significado das ciências, das letras, das artes, do esporte e do lazer;

III – ensinar a compreender o que é ciência, qual a sua história e a quem ela se destina;

IV – viver situações práticas a partir das quais seja possível perceber que não há uma única visão de mundo, portanto, um fenômeno, um problema, uma experiência podem ser descritos e analisados segundo diferentes perspectivas e correntes de pensamento, que variam no tempo, no espaço, na intencionalidade;

V – compreender os efeitos da “infoera”, sabendo que estes atuam, cada vez mais, na vida das crianças, dos adolescentes e adultos, para que se reconheçam, de um lado, os estudantes, de outro, os profissionais da educação e a família, mas reconhecendo que os recursos midiáticos devem permear todas as atividades de aprendizagem.

Na organização da matriz curricular, serão observados os critérios:

I – de organização e programação de todos os tempos (carga horária) e espaços curriculares (componentes), em forma de eixos, módulos ou

projetos, tanto no que se refere à base nacional comum, quanto à parte diversificada17, sendo que a definição de tais eixos, módulos ou projetos deve resultar de amplo e verticalizado debate entre os atores sociais atuantes nas diferentes instâncias educativas;

II – de duração mínima anual de 200 (duzentos) dias letivos, com o total de, no mínimo, 800 (oitocentas) horas, recomendada a sua ampliação, na perspectiva do tempo integral, sabendo-se que as atividades escolares devem ser programadas articulada e integradamente, a partir da base nacional comum enriquecida e complementada pela parte diversificada, ambas formando um todo;

III – da interdisciplinaridade e da contextualização, que devem ser constantes em todo o currículo, propiciando a interlocução entre os diferentes campos do conhecimento e a transversalidade do conhecimento de diferentes disciplinas, bem como o estudo e o desenvolvimento de projetos referidos a temas concretos da realidade dos estudantes;

IV – da destinação de, pelo menos, 20% do total da carga horária anual ao conjunto de programas e projetos interdisciplinares eletivos criados pela escola, previstos no projeto pedagógico, de modo que os sujeitos do Ensino Fundamental e Médio possam escolher aqueles com que se identifiquem e que lhes permitam melhor lidar com o conhecimento e a experiência. Tais programas e projetos devem ser desenvolvidos de modo dinâmico, criativo e flexível, em articulação com a comunidade em que a escola esteja inserida;

V – da abordagem interdisciplinar na organização e gestão do currículo, viabilizada pelo trabalho desenvolvido coletivamente, planejado previamente, de modo integrado e pactuado com a comunidade educativa;

VI – de adoção, nos cursos noturnos do Ensino Fundamental e do Médio, da metodologia didático-pedagógica pertinente às características dos sujeitos das aprendizagens, na maioria trabalhadores, e, se necessário, sendo alterada a duração do curso, tendo como referência o mínimo correspondente à base nacional comum, de modo que tais cursos não fiquem prejudicados;

VII – do entendimento de que, na proposta curricular, as características dos jovens e adultos trabalhadores das turmas do período noturno devem ser consideradas como subsídios importantes para garantir o acesso ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, a permanência e o sucesso nas últimas séries, seja em curso de tempo regular, seja em curso na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista o direito à frequência a uma escola que lhes dê uma formação adequada ao desenvolvimento de sua cidadania;

VIII – da oferta de atendimento educacional especializado, complementar ou suplementar à formação dos estudantes público-alvo da Educação Especial, previsto no projeto político-pedagógico da escola.

A organização curricular assim concebida supõe outra forma de trabalho na escola, que consiste na seleção adequada de conteúdos e atividades de aprendizagem, de métodos, procedimentos, técnicas e recursos didático-pedagógicos. A perspectiva da articulação interdisciplinar é voltada para o desenvolvimento não apenas de conhecimentos, mas também de habilidades, valores e práticas.

Considera, ainda, que o avanço da qualidade na educação brasileira depende, fundamentalmente, do compromisso político, dos gestores educacionais das diferentes instâncias da educação18, do respeito às diversidades dos estudantes, da competência dos professores e demais profissionais da educação, da garantia da autonomia responsável das instituições escolares na formulação de seu projeto político-pedagógico que contemple uma proposta consistente da organização do trabalho.

2.5. Organização da Educação Básica

Em suas singularidades, os sujeitos da Educação Básica, em seus diferentes ciclos de desenvolvimento, são ativos, social e culturalmente, porque aprendem e interagem; são cidadãos de direito e deveres em construção; copartícipes do processo de produção de cultura, ciência, esporte e arte, compartilhando saberes, ao longo de seu desenvolvimento físico, cognitivo, socioafetivo, emocional, tanto do ponto de vista ético, quanto político e estético, na sua relação com a escola, com a família e com a sociedade em movimento. Ao se identificarem esses sujeitos, é importante considerar os dizeres de Narodowski (1998). Ele entende, apropriadamente, que a escola convive hoje com estudantes de uma infância, de uma juventude (des) realizada, que estão nas ruas, em situação de risco e exploração, e aqueles de uma infância e juventude (hiper) realizada com pleno domínio tecnológico da internet, do orkut, dos chats. Não há mais como tratar: os estudantes como se fossem homogêneos, submissos, sem voz; os pais e a comunidade escolar como objetos. Eles são sujeitos plenos de possibilidades de diálogo, de interlocução e de intervenção. Exige-se, portanto, da escola, a busca de um efetivo pacto em torno do projeto educativo escolar, que considere os sujeitos-estudantes jovens, crianças, adultos como parte ativa de seus processos de formação, sem minimizar a importância da autoridade adulta.

Na organização curricular da Educação Básica, devem-se observar as diretrizes comuns a todas as suas etapas, modalidades e orientações temáticas, respeitadas suas especificidades e as dos sujeitos a que se destinam. Cada etapa é delimitada por sua finalidade, princípio e/ou por seus objetivos ou por suas diretrizes educacionais, claramente dispostos no texto da Lei nº 9.394/96, fundamentando-se na inseparabilidade dos conceitos referenciais: cuidar e educar, pois esta é uma concepção norteadora do projeto político-pedagógico concebido e executado pela comunidade educacional. Mas vão além disso quando, no processo educativo, educadores e estudantes se defrontarem com a complexidade e a tensão em que se circunscreve o processo no qual se dá a formação do humano em sua multidimensionalidade.

Na Educação Básica, o respeito aos estudantes e a seus tempos mentais, socioemocionais, culturais, identitários, é um princípio orientador de toda a ação educativa. É responsabilidade dos sistemas educativos responderem pela criação de condições para que crianças, adolescentes, jovens e adultos, com sua diversidade (diferentes condições físicas, sensoriais e socioemocionais, origens, etnias, gênero, crenças, classes sociais, contexto sociocultural), tenham a oportunidade de receber a formação que corresponda à idade própria do percurso escolar, da Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e ao Médio.

Adicionalmente, na oferta de cada etapa pode corresponder uma ou mais das modalidades de ensino: Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Profissional e Tecnológica, Educação a Distância, a educação nos estabelecimentos penais e a educação quilombola.

Assim referenciadas, estas Diretrizes compreendem orientações para a elaboração das diretrizes específicas para cada etapa e modalidade da Educação Básica, tendo como centro e motivação os que justificam a existência da instituição escolar: os estudantes em desenvolvimento. Reconhecidos como sujeitos do processo de aprendizagens, têm sua identidade cultural e humana respeitada, desenvolvida nas suas relações com os demais que compõem o coletivo da unidade escolar, em elo com outras unidades escolares e com a sociedade, na perspectiva da inclusão social exercitada em compromisso com a equidade e aqualidade. É nesse sentido que se deve pensar e conceber o projeto político-pedagógico, a relação com a família, o Estado, a escola e tudo o que é nela realizado. Sem isso, é difícil consolidar políticas que efetivem o processo de integração entre as etapas e modalidades da Educação Básica e garanta ao estudante o acesso, a inclusão, a permanência, o sucesso e a conclusão de etapa, e a continuidade de seus estudos. Diante desse entendimento, a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e a revisão e a atualização das diretrizes específicas de cada etapa e modalidade devem ocorrer mediante diálogo vertical e horizontal, de modo simultâneo e indissociável, para que se possa assegurar a necessária coesão dos fundamentos que as norteiam.

2.5.1. Etapas da Educação Básica

Quanto às etapas correspondentes aos diferentes momentos constitutivos do desenvolvimento educacional, a Educação Básica compreende:

I – a Educação Infantil, que compreende: a Creche, englobando as diferentes etapas do desenvolvimento da criança até 3 (três) anos e 11 (onze) meses; e a Pré-Escola, com duração de 2 (dois) anos.

II – o Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, com duração de 9 (nove) anos, é organizado e tratado em duas fases: a dos 5 (cinco) anos iniciais e a dos 4 (quatro) anos finais;

III – o Ensino Médio, com duração mínima de 3 (três) anos. 19

Estas etapas e fases têm previsão de idades próprias, as quais, no entanto, são diversas quando se atenta para alguns pontos como atraso na matrícula e/ou no percurso escolar, repetência, retenção, retorno de quem havia abandonado os estudos, estudantes com deficiência, jovens e adultos sem escolarização ou com esta incompleta, habitantes de zonas rurais, indígenas e quilombolas, adolescentes em regime de acolhimento ou internação, jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais.

2.5.1.1. Educação Infantil

A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.20

Seus sujeitos situam-se na faixa etária que compreende o ciclo de desenvolvimento e de aprendizagem dotada de condições específicas, que são singulares a cada tipo de atendimento, com exigências próprias. Tais atendimentos carregam marcas singulares antropoculturais, porque as crianças provêm de diferentes e singulares contextos socioculturais, socioeconômicos e étnicos. Por isso, os sujeitos do processo educativo dessa etapa da Educação Básica devem ter a oportunidade de se sentirem acolhidos, amparados e respeitados pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade. Deve-se entender, portanto, que, para as crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos, independentemente das diferentes condições físicas, sensoriais, mentais, linguísticas, étnico-raciais, socioeconômicas, de origem, religiosas, entre outras, no espaço escolar, as relações sociais e intersubjetivas requerem a atenção intensiva dos profissionais da educação, durante o tempo e o momento de desenvolvimento das atividades que lhes são peculiares: este é o tempo em que a curiosidade deve ser estimulada, a partir da brincadeira orientada pelos profissionais da educação. Os vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social, devem iniciar-se na Pré-Escola e sua intensificação deve ocorrer ao longo do Ensino Fundamental, etapa em que se prolonga a infância e se inicia a adolescência.

Às unidades de Educação Infantil cabe definir, no seu projeto político-pedagógico, com base no que dispõem os artigos 12 e 13 da LDB e no ECA, os conceitos orientadores do processo de desenvolvimento da criança, com a consciência de que as crianças, em geral, adquirem as mesmas formas de comportamento que as pessoas usam e demonstram nas suas relações com elas, para além do desenvolvimento da linguagem e do pensamento.

Assim, a gestão da convivência e as situações em que se torna necessária a solução de problemas individuais e coletivos pelas crianças devem ser previamente programadas, com foco nas motivações estimuladas e orientadas pelos professores e demais profissionais da educação e outros de áreas pertinentes, respeitados os limites e as potencialidades de cada criança e os vínculos desta com a família ou com o seu responsável direto. Dizendo de outro modo, nessa etapa deve-se assumir o cuidado e a educação, valorizando a aprendizagem para a conquista da cultura da vida, por meio de atividades lúdicas em situações de aprendizagem (jogos e brinquedos), formulando proposta pedagógica que considere o currículo como conjunto de experiências em que se articulam saberes da experiência e socialização do conhecimento em seu dinamismo, depositando ênfase:

I – na gestão das emoções;

II – no desenvolvimento de hábitos higiênicos e alimentares;

III – na vivência de situações destinadas à organização dos objetos pessoais e escolares;

IV – na vivência de situações de preservação dos recursos da natureza;

V – no contato com diferentes linguagens representadas, predominantemente, por ícones – e não apenas pelo desenvolvimento da prontidão para a leitura e escrita –, como potencialidades indispensáveis à formação do interlocutor cultural.

2.5.1.2 Ensino Fundamental

Na etapa da vida que corresponde ao Ensino Fundamental21, o estatuto de cidadão vai se definindo gradativamente conforme o educando vai se assumindo a condição de um sujeito de direitos. As crianças, quase sempre, percebem o sentido das transformações corporais e culturais, afetivo-emocionais, sociais, pelas quais passam. Tais transformações requerem-lhes reformulação da autoimagem, a que se associa o desenvolvimento cognitivo. Junto a isso, buscam referências para a formação de valores próprios, novas estratégias para lidar com as diferentes exigências que lhes são impostas.

21 As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental são as constantes da Resolução CNE/CEB nº 2/1998, fundamentada no Parecer CNE/CEB nº 4/1998, que estão em processo de revisão e atualização, face à experiência acumulada e às alterações na legislação que incidiram sobre essa etapa da Educação Básica.

De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 3/2005, o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos tem duas fases com características próprias, chamadas de: anos iniciais, com 5 (cinco) anos de duração, em regra para estudantes de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade; e anos finais, com 4 (quatro) anos de duração, para os de 11 (onze) a 14 (quatorze) anos.

O Parecer CNE/CEB nº 7/2007 admitiu coexistência do Ensino Fundamental de 8 (oito) anos, em extinção gradual, com o de 9 (nove), que se encontra em processo de implantação e implementação. Há, nesse caso, que se respeitar o disposto nos Pareceres CNE/CEB nº 6/2005 e nº 18/2005, bem como na Resolução CNE/CEB nº 3/2005, que formula uma tabela de equivalência da organização e dos planos curriculares do Ensino Fundamental de 8 (oito) e de 9 (nove) anos, a qual deve ser adotada por todas as escolas.

O Ensino Fundamental é de matrícula obrigatória para as crianças a partir dos 6 (seis) anos completos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer matrícula, conforme estabelecido pelo CNE no Parecer CNE/CEB nº 22/2009 e Resolução CNE/CEB nº 1/2010.

Segundo o Parecer CNE/CEB nº 4/2008, o antigo terceiro período da Pré-Escola, agora primeiro ano do Ensino Fundamental, não pode se confundir com o anterior primeiro ano, pois se tornou parte integrante de um ciclo de 3 (três) anos, que pode ser denominado “ciclo da infância”. Conforme o Parecer CNE/CEB nº 6/2005, a ampliação do Ensino Fundamental obrigatório a partir dos 6 (seis) anos de idade requer de todas as escolas e de todos os educadores compromisso com a elaboração de um novo projeto político-pedagógico, bem como para o consequente redimensionamento da Educação Infantil.

Por outro lado, conforme destaca o Parecer CNE/CEB nº 7/2007: é perfeitamente possível que os sistemas de ensino estabeleçam normas para que essas crianças que só vão completar seis anos depois de iniciar o ano letivo possam continuar frequentando a Pré-Escola para que não ocorra uma indesejável descontinuidade de atendimento e desenvolvimento.

O intenso processo de descentralização ocorrido na última década acentuou, na oferta pública, a cisão entre anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, levando à concentração dos anos iniciais, majoritariamente, nas redes municipais, e dos anos finais, nas redes estaduais, embora haja escolas com oferta completa (anos iniciais e anos finais do ensino fundamental) em escolas mantidas por redes públicas e privadas. Essa realidade requer especial atenção dos sistemas estaduais e municipais, que devem estabelecer forma de colaboração, visando à oferta do Ensino Fundamental e à articulação entre a primeira fase e a segunda, para evitar obstáculos ao acesso de estudantes que mudem de uma rede para outra para completarem escolaridade obrigatória, garantindo a organicidade e totalidade do processo formativo do escolar.

Respeitadas as marcas singulares antropoculturais que as crianças de diferentes contextos adquirem, os objetivos da formação básica, definidos para a Educação Infantil, prolongam-se durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, de tal modo que os aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social sejam priorizados na sua formação, complementando a ação da família e da comunidade e, ao mesmo tempo, ampliando e intensificando, gradativamente, o processo educativo com qualidade social, mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – foco central na alfabetização, ao longo dos três primeiros anos, conforme estabelece o Parecer CNE/CEB nº4/2008, de 20 de fevereiro de 2008, da lavra do conselheiro Murílio de Avellar Hingel, que apresenta orientação sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos;

III – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes e da cultura dos direitos humanos e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

IV – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

V – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social.

Como medidas de caráter operacional, impõe-se a adoção:

I – de programa de preparação dos profissionais da educação, particularmente dos gestores, técnicos e professores;

II – de trabalho pedagógico desenvolvido por equipes interdisciplinares e multiprofissionais;

III – de programas de incentivo ao compromisso dos profissionais da educação com os estudantes e com sua aprendizagem, de tal modo que se tornem sujeitos nesse processo;

IV – de projetos desenvolvidos em aliança com a comunidade, cujas atividades colaborem para a superação de conflitos nas escolas, orientados por objetivos claros e tangíveis, além de diferentes estratégias de intervenção;

V – de abertura de escolas além do horário regular de aulas, oferecendo aos estudantes local seguro para a prática de atividades esportivo-recreativas e socioculturais, além de reforço escolar;

VI – de espaços físicos da escola adequados aos diversos ambientes destinados às várias atividades, entre elas a de experimentação e práticas botânicas;22

VII – de acessibilidade arquitetônica, nos mobiliários, nos recursos didático-pedagógicos, nas comunicações e informações.

Nessa perspectiva, no geral, é tarefa da escola, palco de interações, e, no particular, é responsabilidade do professor, apoiado pelos demais profissionais da educação, criar situações que provoquem nos estudantes a necessidade e o desejo de pesquisar e experimentar situações de aprendizagem como conquista individual e coletiva, a partir do contexto particular e local, em elo com o geral e transnacional.

2.5.1.3. Ensino Médio

Os princípios e as finalidades que orientam o Ensino Médio23, para adolescentes em idade de 15 (quinze) a 17 (dezessete), preveem, como preparação para a conclusão do processo formativo da Educação Básica (artigo 35 da LDB):

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho, tomado este como princípio educativo, e para a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de enfrentar novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do estudante como um ser de direitos, pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos presentes na sociedade contemporânea, relacionando a teoria com a prática.

A formação ética, a autonomia intelectual, o pensamento crítico que construa sujeitos de direitos devem se iniciar desde o ingresso do estudante no mundo escolar. Como se sabe, estes são, a um só tempo, princípios e valores adquiridos durante a formação da personalidade do indivíduo. É, entretanto, por meio da convivência familiar, social e escolar que tais valores são internalizados. Quando o estudante chega ao Ensino Médio, os seus hábitos e as suas atitudes crítico-reflexivas e éticas já se acham em fase de conformação. Mesmo assim, a preparação básica para o trabalho e a cidadania, e a prontidão para o exercício da autonomia intelectual são uma conquista paulatina e requerem a atenção de todas as etapas do processo de formação do indivíduo. Nesse sentido, o Ensino Médio, como etapa responsável pela terminalidade do processo formativo da Educação Básica, deve se organizar para proporcionar ao estudante uma formação com base unitária, no sentido de um método de pensar e compreender as determinações da vida social e produtiva; que articule trabalho, ciência, tecnologia e cultura na perspectiva da emancipação humana.

Na definição e na gestão do currículo, sem dúvida, inscrevem-se fronteiras de ordem legal e teórico-metodológica. Sua lógica dirige-se aos jovens não como categorização genérica e abstrata, mas consideradas suas singularidades, que se situam num tempo determinado, que, ao mesmo tempo, é recorte da existência humana e herdeiro de arquétipos conformadores da sua singularidade inscrita em determinações históricas. Compreensível que é difícil que todos os jovens consigam carregar a necessidade e o desejo de assumir todo o programa de Ensino Médio por inteiro, como se acha organizado. Dessa forma, compreende-se que o conjunto de funções atribuídas ao Ensino Médio não corresponde à pretensão e às necessidades dos jovens dos dias atuais e às dos próximos anos. Portanto, para que se assegure a permanência dos jovens na escola, com proveito, até a conclusão da Educação Básica, os sistemas educativos devem prever currículos flexíveis, com diferentes alternativas, para que os jovens tenham a oportunidade de escolher o percurso formativo que mais atenda a seus interesses, suas necessidades e suas aspirações.

Deste modo, essa etapa do processo de escolarização se constitui em responsável pela terminalidade do processo formativo do estudante da Educação Básica24, e, conjuntamente, pela preparação básica para o trabalho e para a cidadania, e pela prontidão para o exercício da autonomia intelectual.

Na perspectiva de reduzir a distância entre as atividades escolares e as práticas sociais, o Ensino Médio deve ter uma base unitária sobre a qual podem se assentar possibilidades diversas: no trabalho, como preparação geral ou, facultativamente, para profissões técnicas; na ciência e na tecnologia, como iniciação científica e tecnológica; nas artes e na cultura, como ampliação da formação cultural. Assim, o currículo do Ensino Médio deve organizar-se de modo a assegurar a integração entre os seus sujeitos, o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura, tendo o trabalho como princípio educativo, processualmente conduzido desde a Educação Infantil.

2.5.2. Modalidades da Educação Básica

Como já referido, na oferta de cada etapa pode corresponder uma ou mais modalidades de ensino: Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação Básica do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola e Educação a Distância.

2.5.2.1. Educação de Jovens e Adultos

Art. 208. (...) I – Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (O disposto neste inciso I deverá ser implementado progressivamente, até 2016, nos termos do Plano Nacional de Educação, com apoio técnico e financeiro da União).

A instituição da Educação de Jovens e Adultos (EJA) 25 tem sido considerada como instância em que o Brasil procura saldar uma dívida social que tem para com o cidadão que não estudou na idade própria. Destina-se, portanto, aos que se situam na faixa etária superior à considerada própria, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

A carência escolar de adultos e jovens que ultrapassaram essa idade tem graus variáveis, desde a total falta de alfabetização, passando pelo analfabetismo funcional, até a incompleta escolarização nas etapas do Ensino Fundamental e do Médio. Essa defasagem educacional mantém e reforça a exclusão social, privando largas parcelas da população ao direito

de participar dos bens culturais, de integrar-se na vida produtiva e de exercer sua cidadania. Esse resgate não pode ser tratado emergencialmente, mas, sim, de forma sistemática e continuada, uma vez que jovens e adultos continuam alimentando o contingente com defasagem escolar, seja por não ingressarem na escola, seja por dela se evadirem por múltiplas razões.

O inciso I do artigo 208 da Constituição Federal determina que o dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria. Este mandamento constitucional é reiterado pela LDB, no inciso I do seu artigo 4º, sendo que, o artigo 37 traduz os fundamentos da EJA ao atribuir ao poder público a responsabilidade de estimular e viabilizar o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si, mediante oferta de cursos gratuitos aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, proporcionando-lhes oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. Esta responsabilidade deve ser prevista pelos sistemas educativos e por eles deve ser assumida, no âmbito da atuação de cada sistema, observado o regime de colaboração e da ação redistributiva, definidos legalmente.

Os cursos de EJA devem pautar-se pela flexibilidade, tanto de currículo quanto de tempo e espaço, para que seja:

I – rompida a simetria com o ensino regular para crianças e adolescentes, de modo a permitir percursos individualizados e conteúdos significativos para os jovens e adultos;

II – provido suporte e atenção individual às diferentes necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem, mediante atividades diversificadas;

III – valorizada a realização de atividades e vivências socializadoras, culturais, recreativas e esportivas, geradoras de enriquecimento do percurso formativo dos estudantes;

IV – desenvolvida a agregação de competências para o trabalho;

V – promovida a motivação e orientação permanente dos estudantes, visando à maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho;

VI – realizada sistematicamente a formação continuada destinada especificamente aos educadores de jovens e adultos.

Na organização curricular dessa modalidade da Educação Básica, a mesma lei prevê que os sistemas de ensino devem oferecer cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. Entretanto, prescreve que, preferencialmente, os jovens e adultos tenham a oportunidade de desenvolver a Educação Profissional articulada com a Educação Básica (§ 3º do artigo 37 da LDB, incluído pela Lei nº 11.741/2008).26

Cabe a cada sistema de ensino definir a estrutura e a duração dos cursos da Educação de Jovens e Adultos, respeitadas as Diretrizes Curriculares Nacionais, a identidade dessa modalidade de educação e o regime de colaboração entre os entes federativos.

Quanto aos exames supletivos, a idade mínima para a inscrição e realização de exames de conclusão do Ensino Fundamental é de 15 (quinze) anos completos, e para os de conclusão do Ensino Médio é a de 18 (dezoito) anos completos. Para a aplicação desses exames, o órgão normativo dos sistemas de educação deve manifestar-se previamente, além de acompanhar os seus resultados. A certificação do conhecimento e das experiências avaliados por meio de exames para verificação de competências e habilidades é objeto de diretrizes específicas a serem emitidas pelo órgão normativo competente, tendo em vista a complexidade, a singularidade e a diversidade contextual dos sujeitos a que se destinam tais exames.27

2.5.2.2. Educação Especial

A Educação Especial é uma modalidade de ensino transversal a todas etapas e outras modalidades, como parte integrante da educação regular, devendo ser prevista no projeto político-pedagógico da unidade escolar.28

Os sistemas de ensino devem matricular todos os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, cabendo às escolas organizar-se para seu atendimento, garantindo as condições para uma educação de qualidade para todos, devendo considerar suas necessidades educacionais específicas, pautando-se em princípios éticos, políticos e estéticos, para assegurar:

I – a dignidade humana e a observância do direito de cada estudante de realizar seus projetos e estudo, de trabalho e de inserção na vida social, com autonomia e independência;

II – a busca da identidade própria de cada estudante, o reconhecimento e a valorização das diferenças e potencialidades, o atendimento às necessidades educacionais no processo de ensino e aprendizagem, como base para a constituição e ampliação de valores, atitudes, conhecimentos, habilidades e competências;

III – o desenvolvimento para o exercício da cidadania, da capacidade de participação social, política e econômica e sua ampliação, mediante o cumprimento de seus deveres e o usufruto de seus direitos.

O atendimento educacional especializado (AEE), previsto pelo Decreto nº 6.571/2008, é parte integrante do processo educacional, sendo que os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no atendimento educacional especializado (AEE). O objetivo deste atendimento é identificar habilidades e necessidades dos estudantes, organizar recursos de acessibilidade e realizar atividades pedagógicas específicas que promovam seu acesso ao currículo. Este atendimento não substitui a escolarização em classe comum e é ofertado no contra-turno da escolarização em salas de recursos multifuncionais da própria escola, de outra escola pública ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios.

Os sistemas e as escolas devem proporcionar condições para que o professor da classe comum possa explorar e estimular as potencialidades de todos os estudantes, adotando uma pedagogia dialógica, interativa, interdisciplinar e inclusiva e, na interface, o professor do AEE identifique habilidades e necessidades dos estudantes, organize e oriente sobre os serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade para a participação e aprendizagem dos estudantes.

Na organização desta modalidade, os sistemas de ensino devem observar as seguintes orientações fundamentais:

I – o pleno acesso e efetiva participação dos estudantes no ensino regular;

II – a oferta do atendimento educacional especializado (AEE);

III – a formação de professores para o AEE e para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas;

IV – a participação da comunidade escolar;

V – a acessibilidade arquitetônica, nas comunicações e informações, nos mobiliários e equipamentos e nos transportes;

VI – a articulação das políticas públicas intersetoriais.

Nesse sentido, os sistemas de ensino assegurarão a observância das seguintes orientações fundamentais:

I – métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – formação de professores para o atendimento educacional especializado, bem como para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas nas classes comuns de ensino regular;

III – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

A LDB, no artigo 60, prevê que os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em Educação Especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo poder público e, no

seu parágrafo único, estabelece que o poder público ampliará o atendimento aos estudantes com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas nesse artigo.

O Decreto nº 6.571/2008 dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do artigo 60 da LDB e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253/2007, prevendo, no âmbito do FUNDEB, a dupla matrícula dos alunos público-alvo da educação especial, uma no ensino regular da rede pública e outra no atendimento educacional especializado.

2.5.2.3. Educação Profissional e Tecnológica

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT)29, em conformidade com o disposto na LDB, com as alterações introduzidas pela Lei nº 11.741/2008, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Dessa forma, pode ser compreendida como uma modalidade na medida em que possui um modo próprio de fazer educação nos níveis da

Educação Básica e Superior e em sua articulação com outras modalidades educacionais:

Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Educação a Distância.

A EPT na Educação Básica ocorre na oferta de cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional, e nos de Educação Profissional Técnica de nível médio ou, ainda, na Educação Superior, conforme o § 2º do artigo 39 da LDB:

A Educação Profissional e Tecnológica abrangerá os seguintes cursos:

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;

II – de Educação Profissional Técnica de nível médio;

III – de Educação Profissional Tecnológica de graduação e pós-graduação.

A Educação Profissional Técnica de nível médio, nos termos do artigo 36-B da mesma

Lei, é desenvolvida nas seguintes formas:

I – articulada com o Ensino Médio, sob duas formas:

II – integrada, na mesma instituição,

III – concomitante, na mesma ou em distintas instituições;

IV – subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o Ensino Médio.

As instituições podem oferecer cursos especiais, abertos à comunidade, com matrícula condicionada à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade.

São formulados para o atendimento de demandas pontuais, específicas de um determinado segmento da população ou dos setores produtivos, com período determinado para início e encerramento da oferta, sendo, como cursos de formação inicial e continuada ou de qualificação profissional, livres de regulamentação curricular.

No tocante aos cursos articulados com o Ensino Médio, organizados na forma integrada, o que está proposto é um curso único (matrícula única), no qual os diversos componentes curriculares são abordados de forma que se explicitem os nexos existentes entre eles, conduzindo os estudantes à habilitação profissional técnica de nível médio ao mesmo tempo em que concluem a última etapa da Educação Básica.

Os cursos técnicos articulados com o Ensino Médio, ofertados na forma concomitante, com dupla matrícula e dupla certificação, podem ocorrer na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; ou em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

São admitidas, nos cursos de Educação Profissional Técnica de nível médio, a organização e a estruturação em etapas que possibilitem uma qualificação profissional intermediária.

Abrange, também, os cursos conjugados com outras modalidades de ensino, como a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial e a Educação a Distância, e pode ser desenvolvida por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho. Essa previsão coloca, no escopo dessa modalidade educacional, as propostas de qualificação, capacitação, atualização e especialização profissional, entre outras livres de regulamentação curricular, reconhecendo que a EPT pode ocorrer em diversos formatos e no próprio local de trabalho. Inclui, nesse sentido, os programas e cursos de Aprendizagem, previstos na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452/43, desenvolvidos por entidades qualificadas e no ambiente de trabalho, através de contrato especial de trabalho.

A organização curricular da educação profissional e tecnológica por eixo tecnológico fundamenta-se na identificação das tecnologias que se encontram na base de uma dada formação profissional e dos arranjos lógicos por elas constituídos. Por considerar os conhecimentos tecnológicos pertinentes a cada proposta de formação profissional, os eixos tecnológicos facilitam a organização de itinerários formativos, apontando possibilidades de percursos tanto dentro de um mesmo nível educacional quanto na passagem do nível básico para o superior.

Os conhecimentos e habilidades adquiridos tanto nos cursos de educação profissional e tecnológica, como os adquiridos na prática laboral pelos trabalhadores, podem ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

Assegura-se, assim, ao trabalhador jovem e adulto, a possibilidade de ter reconhecidos os saberes construídos em sua trajetória de vida. Para Moacir Alves Carneiro, a certificação pretende valorizar a experiência extraescolar e a abertura que a Lei dá à Educação Profissional vai desde o reconhecimento do valor igualmente educativo do que se aprendeu na escola e no próprio ambiente de trabalho, até a possibilidade de saídas e entradas intermediárias.

2.5.2.4. Educação Básica do campo

Nesta modalidade30, a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação com as questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no País.

A educação para a população rural está prevista no artigo 28 da LDB, em que ficam definidas, para atendimento à população rural, adaptações necessárias às peculiaridades da vida rural e de cada região, definindo orientações para três aspectos essenciais à organização da ação pedagógica:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural;

II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

As propostas pedagógicas das escolas do campo devem contemplar a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia. Formas de organização e metodologias pertinentes à realidade do campo devem, nesse sentido, ter acolhida. Assim, a pedagogia da terra busca um trabalho pedagógico fundamentado no princípio da sustentabilidade, para que se possa assegurar a preservação da vida das futuras gerações.

Particularmente propícia para esta modalidade, destaca-se a pedagogia da alternância (sistema dual), criada na Alemanha há cerca de 140 anos e, hoje, difundida em inúmeros países, inclusive no Brasil, com aplicação, sobretudo, no ensino voltado para a formação profissional e tecnológica para o meio rural. Nesta metodologia, o estudante, durante o curso e como parte integrante dele, participa, concomitante e alternadamente, de dois

ambientes/situações de aprendizagem: o escolar e o laboral, não se configurando o último como estágio, mas, sim, como parte do currículo do curso. Essa alternância pode ser de dias na mesma semana ou de blocos semanais ou, mesmo, mensais ao longo do curso. Supõe uma parceria educativa, em que ambas as partes são corresponsáveis pelo aprendizado e formação do estudante. É bastante claro que podem predominar, num ou noutro, oportunidades diversas de desenvolvimento de competências, com ênfases ora em conhecimentos, ora em habilidades profissionais, ora em atitudes, emoções e valores necessários ao adequado desempenho do estudante. Nesse sentido, os dois ambientes/situações são intercomplementares.

2.5.2.5. Educação escolar indígena

A escola desta modalidade tem uma realidade singular, inscrita em terras e cultura indígenas31. Requer, portanto, pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira (artigos 5º, 9º, 10, 11 e inciso VIII do artigo 4º da LDB).

Na estruturação e no funcionamento das escolas indígenas é reconhecida sua condição de escolas com normas e ordenamento jurídico próprios, com ensino intercultural e bilíngue, visando à valorização plena das culturas dos povos indígenas e à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

São elementos básicos para a organização, a estrutura e o funcionamento da escola indígena:

I – localização em terras habitadas por comunidades indígenas, ainda que se estendam por territórios de diversos Estados ou Municípios contíguos;

II – exclusividade de atendimento a comunidades indígenas;

III – ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas, como uma das formas de preservação da realidade sociolinguística de cada povo;

IV – organização escolar própria.

Na organização de escola indígena deve ser considerada a participação da comunidade, na definição do modelo de organização e gestão, bem como:

I – suas estruturas sociais;

II – suas práticas socioculturais e religiosas;

III – suas formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino-aprendizagem;

IV – suas atividades econômicas;

V – a necessidade de edificação de escolas que atendam aos interesses das comunidades indígenas;

VI – o uso de materiais didático-pedagógicos produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo indígena.

As escolas indígenas desenvolvem suas atividades de acordo com o proposto nos respectivos projetos pedagógicos e regimentos escolares com as prerrogativas de: organização das atividades escolares, independentes do ano civil, respeitado o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas; e duração diversificada dos períodos escolares, ajustando-a às condições e especificidades próprias de cada comunidade.

Por sua vez, tem projeto pedagógico próprio, por escola ou por povo indígena, tendo por base as Diretrizes Curriculares Nacionais referentes a cada etapa da Educação Básica; as características próprias das escolas indígenas, em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade; as realidades sociolínguísticas, em cada situação; os conteúdos curriculares especificamente indígenas e os modos próprios de constituição do saber e da cultura indígena; e a participação da respectiva comunidade ou povo indígena.

A formação dos professores é específica, desenvolvida no âmbito das instituições formadoras de professores, garantido-se aos professores indígenas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização.

2.5.2.6. Educação a Distância

A modalidade Educação a Distância32 caracteriza-se pela mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem que ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

O credenciamento para a oferta de cursos e programas de Educação de Jovens e Adultos, de Educação Especial e de Educação Profissional e Tecnológica de nível médio, na modalidade a distância, compete aos sistemas estaduais de ensino, atendidas a regulamentação federal e as normas complementares desses sistemas.

2.5.2.6. Educação Escolar Quilombola

A Educação Escolar Quilombola33 é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural.

2.6. Elementos constitutivos para a organização das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica

Estas Diretrizes inspiram-se nos princípios constitucionais e na LDB e se operacionalizam – sobretudo por meio do projeto político-pedagógico e do regimento escolar, do sistema de avaliação, da gestão democrática e da organização da escola – na formação inicial e continuada do professor, tendo como base os princípios afirmados nos itens anteriores, entre os quais o cuidado e o compromisso com a educação integral de todos, atendendo-se às dimensões orgânica, sequencial e articulada da Educação Básica.

A LDB estabelece condições para que a unidade escolar responda à obrigatoriedade de garantir acesso à escola e permanência com sucesso. Ela aponta ainda alternativas para flexibilizar as condições para que a passagem dos estudantes pela escola seja concebida como momento de crescimento, mesmo frente a percursos de aprendizagem não lineares.

A isso se associa o entendimento de que a instituição escolar, hoje, dispõe de instrumentos legais e normativos que lhe permitam exercitar sua autonomia, instituindo as suas próprias regras para mudar, reinventar, no seu projeto político-pedagógico e no seu regimento, o currículo, a avaliação da aprendizagem, seus procedimentos, para que o grande objetivo seja alcançado: educação para todos em todas as etapas e modalidades da Educação Básica, com qualidade social.

2.6.1. O projeto político-pedagógico e o regimento escolar

O projeto político-pedagógico, nomeado na LDB como proposta ou projeto-pedagógico, representa mais do que um documento. É um dos meios de viabilizar a escola democrática e autônoma para todos, com qualidade social. Autonomia pressupõe liberdade e capacidade de decidir a partir de regras relacionais. O exercício da autonomia administrativa e pedagógica da escola pode ser traduzido como a capacidade de governar a si mesmo, por meio de normas próprias.

A autonomia da escola numa sociedade democrática é, sobretudo, a possibilidade de ter uma compreensão particular das metas da tarefa de educar e cuidar, das relações de interdependência, da possibilidade de fazer escolhas visando a um trabalho educativo eticamente responsável, que devem ser postas em prática nas instituições educacionais, no cumprimento do artigo 3º da LDB, em que vários princípios derivam da Constituição Federal.

Essa autonomia tem como suporte a Constituição Federal e o disposto no artigo 15 da LDB:

Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de Educação Básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público.

O ponto de partida para a conquista da autonomia pela instituição educacional tem por base a construção da identidade de cada escola, cuja manifestação se expressa no seu projeto pedagógico e no regimento escolar próprio, enquanto manifestação de seu ideal de educação e que permite uma nova e democrática ordenação pedagógica das relações escolares. O projeto político-pedagógico deve, pois, ser assumido pela comunidade educativa, ao mesmo tempo, como sua força indutora do processo participativo na instituição e como um dos instrumentos de conciliação das diferenças, de busca da construção de responsabilidade compartilhada por todos os membros integrantes da comunidade escolar, sujeitos históricos concretos, situados num cenário geopolítico preenchido por situações cotidianas desafiantes.

Assim concebido, o processo de formulação do projeto político-pedagógico tem como referência a democrática ordenação pedagógica das relações escolares, cujo horizonte de ação procura abranger a vida humana em sua globalidade. Por outro lado, o projeto político-pedagógico é também um documento em que se registra o resultado do processo negocial estabelecido por aqueles atores que estudam a escola e por ela respondem em parceria (gestores, professores, técnicos e demais funcionários, representação estudantil, representação da família e da comunidade local). É, portanto, instrumento de previsão e suporte para a avaliação das ações educativas programadas para a instituição como um todo; referencia e transcende o planejamento da gestão e do desenvolvimento escolar, porque suscita e registra decisões colegiadas que envolvem a comunidade escolar como um todo, projetando-as para além do período do mandato de cada gestor. Assim, cabe à escola, considerada a sua identidade e a de seus sujeitos, articular a formulação do projeto político-pedagógico com os planos de educação nacional, estadual, municipal, o plano da gestão, o contexto em que a escola se situa e as necessidades locais e as de seus estudantes. A organização e a gestão das pessoas, do espaço, dos processos e os procedimentos que viabilizam o trabalho de todos aqueles que se inscrevem no currículo em movimento expresso no projeto político-pedagógico representam o conjunto de elementos que integram o trabalho pedagógico e a gestão da escola tendo como fundamento o que dispõem os artigos 14, 12 e 13, da LDB, respectivamente.

Na elaboração do projeto político-pedagógico, a concepção de currículo e de conhecimento escolar deve ser enriquecida pela compreensão de como lidar com temas significativos que se relacionem com problemas e fatos culturais relevantes da realidade em que a escola se inscreve. O conhecimento prévio sobre como funciona o financiamento da educação pública, tanto em nível federal quanto em estadual e municipal, pela comunidade educativa, contribui, significativamente, no momento em que se estabelecem as prioridades institucionais. A natureza e a finalidade da unidade escolar, o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, as questões de gênero, etnia, classe social e diversidade cultural que compõem as ações educativas, particularmente a organização e a gestão curricular, são os componentes que subsidiam as demais partes integrantes do projeto político-pedagógico.

Nele, devem ser previstas as prioridades institucionais que a identificam. Além de se observar tais critérios e compromisso, deve-se definir o conjunto das ações educativas próprias das etapas da Educação Básica assumidas pela unidade escolar, de acordo com as especificidades que lhes correspondam, preservando a articulação orgânica daquelas etapas.

Reconhecendo o currículo como coração que faz pulsar o trabalho pedagógico na sua multidimensionalidade e dinamicidade, o projeto político-pedagógico deve constituir-se:

I – do diagnóstico da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, contextualizado no espaço e no tempo;

II – da concepção sobre educação, conhecimento, avaliação da aprendizagem e mobilidade escolar;

III – da definição de qualidade das aprendizagens e, por consequência, da escola, no contexto das desigualdades que nela se refletem;

IV – de acompanhamento sistemático dos resultados do processo de avaliação interna e externa (SAEB, Prova Brasil, dados estatísticos resultantes das avaliações em rede nacional e outras; pesquisas sobre os sujeitos da Educação Básica), incluindo resultados que compõem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e/ou que complementem ou substituam os desenvolvidos pelas unidades da federação e outros;

V – da implantação dos programas de acompanhamento do acesso, de permanência dos estudantes e de superação da retenção escolar;

VI – da explicitação das bases que norteiam a organização do trabalho pedagógico tendo como foco os fundamentos da gestão democrática, compartilhada e participativa (órgãos colegiados, de representação estudantil e dos pais).

No projeto político-pedagógico, deve-se conceber a organização do espaço físico da instituição escolar de tal modo que este seja compatível com as características de seus sujeitos, além da natureza e das finalidades da educação, deliberadas e assumidas pela comunidade educacional. Assim, a despadronização curricular pressupõe a despadronização do espaço físico e dos critérios de organização da carga horária do professor. A exigência – o rigor no educar e cuidar – é a chave para a conquista e recuperação dos níveis de qualidade educativa de que as crianças e os jovens necessitam para continuar a estudar em etapas e níveis superiores, para integrar-se no mundo do trabalho em seu direito inalienável de alcançar o lugar de cidadãos responsáveis, formados nos valores democráticos e na cultura do esforço e da solidariedade.

Nessa perspectiva, a comunidade escolar assume o projeto político-pedagógico não como peça constitutiva da lógica burocrática, menos ainda como elemento mágico capaz de solucionar todos os problemas da escola, mas como instância de construção coletiva, que respeita os sujeitos das aprendizagens, entendidos como cidadãos de direitos à proteção e à participação social, de tal modo que:

I – estimule a leitura atenta da realidade local, regional e mundial, por meio da qual se podem perceber horizontes, tendências e possibilidades de desenvolvimento;

II – preserve a clareza sobre o fazer pedagógico, em sua multidimensionalidade, prevendo-se a diversidade de ritmo de desenvolvimento dos sujeitos das aprendizagens e caminhos por eles escolhidos;

III – institua a compreensão dos conflitos, das divergências e diferenças que demarcam as relações humanas e sociais;

IV – esclareça o papel dos gestores da instituição, da organização estudantil e dos conselhos: comunitário, de classe, de pais e outros;

V – perceba e interprete o perfil real dos sujeitos – crianças, jovens e adultos – que justificam e instituem a vida da e na escola, do ponto de vista intelectual, cultural, emocional, afetivo, socioeconômico, como base da reflexão sobre as relações vida-conhecimento-cultura-professor-estudante e instituição escolar;

VI – considere como núcleo central das aprendizagens pelos sujeitos do processo educativo (gestores, professores, técnicos e funcionários, estudantes e famílias) a curiosidade e a pesquisa, incluindo, de modo cuidadoso e sistemático, as chamadas referências virtuais de aprendizagem que se dão em contextos digitais;

VII – preveja a formação continuada dos gestores e professores para que estes tenham a oportunidade de se manter atualizados quanto ao campo do conhecimento que lhes cabe manejar, trabalhar e quanto à adoção, à opção da metodologia didático-pedagógica mais própria às aprendizagens que devem vivenciar e estimular, incluindo aquelas pertinentes às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC);

VIII – realize encontros pedagógicos periódicos, com tempo e espaço destinados a estudos, debates e troca de experiências de aprendizagem dos sujeitos do processo coletivo de gestão e pedagógico pelos gestores, professores e estudantes, para a reorientação de caminhos e estratégias;

IX – defina e justifique, claramente, a opção por um ou outro método de trabalho docente e a compreensão sobre a qualidade das aprendizagens como direito social dos sujeitos e da escola: qualidade formal e qualidade política (saber usar a qualidade formal);

X – traduza, claramente, os critérios orientadores da distribuição e organização do calendário escolar e da carga horária destinada à gestão e à docência, de tal modo que se viabilize a concretização do currículo escolar e, ao mesmo tempo, que os profissionais da educação sejam valorizados e estimulados a trabalharem prazerosamente;

XI – contemple programas e projetos com os quais a escola desenvolverá ações inovadoras, cujo foco incida na prevenção das consequências da incivilidade que vem ameaçando a saúde e o bem estar, particularmente das juventudes, assim como na reeducação dos sujeitos vitimados por esse fenômeno psicossocial;

XII – avalie as causas da distorção de idade/ano/série, projetando a sua superação, por intermédio da implantação de programas didático-pedagógicos fundamentados por metodologia específica.

Daí a necessidade de se estimularem novas formas de organização dos componentes curriculares dispondo-os em eixos temáticos, que são considerados eixos fundantes, pois conferem relevância ao currículo. Desse modo, no projeto político-pedagógico, a comunidade educacional deve engendrar o entrelaçamento entre trabalho, ciência, tecnologia, cultura e arte, por meio de atividades próprias às características da etapa de desenvolvimento humano do escolar a que se destinarem, prevendo:

I – as atividades integradoras de iniciação científica e no campo artístico-cultural, desde a Educação Infantil;

II – os princípios norteadores da educação nacional, a metodologia da problematização como instrumento de incentivo à pesquisa, à curiosidade pelo inusitado e ao desenvolvimento do espírito inventivo, nas práticas didáticas;

III – o desenvolvimento de esforços pedagógicos com intenções educativas, comprometidas com a educação cidadã;

IV – a avaliação do desenvolvimento das aprendizagens como processo formativo e permanente de reconhecimento de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções;

V – a valorização da leitura em todos os campos do conhecimento, desenvolvendo a capacidade de letramento dos estudantes;

VI – o comportamento ético e solidário, como ponto de partida para o reconhecimento dos deveres e direitos da cidadania, para a prática do humanismo contemporâneo, pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro;

VII – a articulação entre teoria e prática, vinculando o trabalho intelectual com atividades práticas experimentais;

VIII – a promoção da integração das atividades educativas com o mundo do trabalho, por meio de atividades práticas e de estágios, estes para os estudantes do Ensino Médio e da Educação Profissional e Tecnológica;

IX – a utilização de novas mídias e tecnologias educacionais, como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem;

X – a oferta de atividades de estudo com utilização de novas tecnologias de comunicação.

XI – a promoção de atividades sociais que estimulem o convívio humano e interativo do mundo dos jovens;

XII – a organização dos tempos e dos espaços com ações efetivas de interdisciplinaridade e contextualização dos conhecimentos;

XIII – a garantia do acompanhamento da vida escolar dos estudantes, desde o diagnóstico preliminar, acompanhamento do desempenho e integração com a família;

XIV – a promoção da aprendizagem criativa como processo de sistematização dos conhecimentos elaborados, como caminho pedagógico de superação à mera memorização;

XV – o estímulo da capacidade de aprender do estudante, desenvolvendo o autodidatismo e autonomia dos estudantes;

XVI – a indicação de exames otorrino, laringo, oftálmico e outros sempre que o estudante manifestar dificuldade de concentração e/ou mudança de comportamento;

XVII – a oferta contínua de atividades complementares e de reforço da aprendizagem, proporcionando condições para que o estudante tenha sucesso em seus estudos;

XVIII – a oferta de atividades de estudo com utilização de novas tecnologias de comunicação.

Nesse sentido, o projeto político-pedagógico, concebido pela escola e que passa a orientá-la, deve identificar a Educação Básica, simultaneamente, como o conjunto e pluralidade de espaços e tempos que favorecem processos em que a infância e a adolescência se humanizam ou se desumanizam, porque se inscrevem numa teia de relações culturais mais amplas e complexas, histórica e socialmente tecidas. Daí a relevância de se ter, como fundamento desse nível da educação, os dois pressupostos: cuidar e educar. Este é o foco a ser considerado pelos sistemas educativos, pelas unidades escolares, pela comunidade educacional, em geral, e pelos sujeitos educadores, em particular, na elaboração e execução de determinado projeto institucional e regimento escolar.

O regimento escolar trata da natureza e da finalidade da instituição; da relação da gestão democrática com os órgãos colegiados; das atribuições de seus órgãos e sujeitos; das suas normas pedagógicas, incluindo os critérios de acesso, promoção, e a mobilidade do escolar; e dos direitos e deveres dos seus sujeitos: estudantes, professores, técnicos, funcionários, gestores, famílias, representação estudantil e função das suas instâncias colegiadas.

Nessa perspectiva, o regimento, discutido e aprovado pela comunidade escolar e conhecido por todos, constitui-se em um dos instrumentos de execução, com transparência e responsabilidade, do seu projeto político-pedagógico. As normas nele definidas servem, portanto, para reger o trabalho pedagógico e a vida da instituição escolar, em consonância com o projeto político-pedagógico e com a legislação e as normas educacionais.

2.6.2. Avaliação

Do ponto de vista teórico, muitas são as formulações que tratam da avaliação. No ambiente educacional, ela compreende três dimensões básicas:

I – avaliação da aprendizagem;

II – avaliação institucional interna e externa;

III – avaliação de redes de Educação Básica.

Nestas Diretrizes, é a concepção de educação que fundamenta as dimensões da avaliação e das estratégias didático-pedagógicas a serem utilizadas. Essas três dimensões devem estar previstas no projeto político-pedagógico para nortearem a relação pertinente que estabelece o elo entre a gestão escolar, o professor, o estudante, o conhecimento e a sociedade em que a escola se situa.

No nível operacional, a avaliação das aprendizagens tem como referência o conjunto de habilidades, conhecimentos, princípios e valores que os sujeitos do processo educativo projetam para si de modo integrado e articulado com aqueles princípios e valores definidos para a Educação Básica, redimensionados para cada uma de suas etapas.

A avaliação institucional interna, também denominada autoavaliação institucional, realiza-se anualmente, considerando as orientações contidas na regulamentação vigente, para revisão do conjunto de objetivos e metas, mediante ação dos diversos segmentos da comunidade educativa, o que pressupõe delimitação de indicadores compatíveis com a natureza e a finalidade institucionais, além de clareza quanto à qualidade social das aprendizagens e da escola.

A avaliação institucional externa, promovida pelos órgãos superiores dos sistemas educacionais, inclui, entre outros instrumentos, pesquisas, provas, tais como as do SAEB, Prova Brasil, ENEM e outras promovidas por sistemas de ensino de diferentes entes federativos, dados estatísticos, incluindo os resultados que compõem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e/ou que o complementem ou o substituem, e os decorrentes da supervisão e verificações in loco. A avaliação de redes de Educação Básica é periódica, feita por órgãos externos às escolas e engloba os resultados da avaliação institucional, que sinalizam para a sociedade se a escola apresenta qualidade suficiente para continuar funcionando.

2.6.2.1. Avaliação da aprendizagem

No texto da LDB, a avaliação da aprendizagem, na Educação Básica, é norteada pelos artigos 24 e 31, que se complementam. De um lado, o artigo 24, orienta o Ensino Fundamental e Médio, definindo que a avaliação será organizada de acordo com regras comuns a essas duas etapas. De outro lado, o artigo 31 trata da Educação Infantil, estabelecendo que, nessa etapa, a avaliação será realizada mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, mesmo em se tratando de acesso ao Ensino Fundamental. Essa determinação pode ser acolhida para o ciclo da infância de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 4/2008, anteriormente citado, que orienta para não retenção nesse ciclo.

O direito à educação constitui grande desafio para a escola: requer mais do que o acesso à educação escolar, pois determina gratuidade na escola pública, obrigatoriedade da Pré-Escola ao Ensino Médio, permanência e sucesso, com superação da evasão e retenção, para a conquista da qualidade social. O Conselho Nacional de Educação, em mais de um Parecer em que a avaliação da aprendizagem escolar é analisada, recomenda, aos sistemas de ensino e às escolas públicas e particulares, que o caráter formativo deve predominar sobre o quantitativo e classificatório. A este respeito, é preciso adotar uma estratégia de progresso individual e contínuo que favoreça o crescimento do estudante, preservando a qualidade necessária para a sua formação escolar.

2.6.2.2. Promoção, aceleração de estudos e classificação

No Ensino Fundamental e no Médio, a figura da promoção e da classificação pode ser adotada em qualquer ano, série ou outra unidade de percurso escolhida, exceto no primeiro ano do Ensino Fundamental. Essas duas figuras fundamentam-se na orientação de que a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

I – avaliação contínua e cumulativa do desempenho do estudante, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

II – possibilidade de aceleração de estudos para estudantes com atraso escolar;

III – possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;

IV– aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

V – obrigatoriedade de apoio pedagógico destinado à recuperação contínua e concomitante de aprendizagem de estudantes com déficit de rendimento escolar, a ser previsto no regimento escolar.

A classificação pode resultar da promoção ou da adaptação, numa perspectiva que respeita e valoriza as diferenças individuais, ou seja, pressupõe uma outra ideia de temporalização e espacialização, entendida como sequência do percurso do escolar, já que cada criatura é singular. Tradicionalmente, a escola tem tratado o estudante como se todos se desenvolvessem padronizadamente nos mesmos ritmos e contextos educativos, semelhantemente ao processo industrial. É como se lhe coubesse produzir cidadãos em série, em linha de montagem. Há de se admitir que a sociedade mudou significativamente. A classificação, nos termos regidos pela LDB (inciso II do artigo 24), é, pois, uma figura que se dá em qualquer momento do percurso escolar, exceto no primeiro ano do Ensino Fundamental, e realiza-se:

I – por promoção, para estudantes que cursaram, com aproveitamento, a unidade de percurso anterior, na própria escola;

II – por transferência, para candidatos procedentes de outras escolas;

III – independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino.

A organização de turmas seguia o pressuposto de classes organizadas por série anual.

Com a implantação da Lei, a concepção ampliou-se, uma vez que poderão ser organizadas classes ou turmas, com estudantes de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares (inciso IV do artigo 24 da LDB).

A consciência de que a escola se situa em um determinado tempo e espaço impõe-lhe a necessidade de apreender o máximo o estudante: suas circunstâncias, seu perfil, suas necessidades. Uma situação cada vez mais presente em nossas escolas é a mobilidade dos estudantes. Quantas vezes a escola pergunta sobre o que fazer com os estudantes que ela recebe, provenientes de outras instituições, de outros sistemas de ensino, dentro ou fora do Município ou Estado. As análises apresentadas em diferentes fóruns de discussão sobre essa matéria vêm mencionando dificuldades para incluir esse estudante no novo contexto escolar.

A mobilidade escolar ou a conhecida transferência também tem sido objeto de regulamento para o que a LDB dispõe, por meio de instrumentos normativos emitidos pelos Conselhos de Educação. Inúmeras vezes, os estudantes transferidos têm a sensação de abandono ou descaso, semelhante ao que costuma ocorrer com estudantes que não acompanham o ritmo de seus colegas. A LDB estabeleceu, no § 1º do artigo 23, que a escola poderá reclassificar os estudantes, inclusive quando se tratar de transferências entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais.

De acordo com essas normas, a mobilidade entre turmas, séries, ciclos, módulos ou outra forma de organização, e escolas ou sistemas, deve ser pensada, prioritariamente, na dimensão pedagógica: o estudante transferido de um para outro regime diferente deve ser incluído onde houver compatibilidade com o seu desenvolvimento e com as suas aprendizagens, o que se intitula reclassificação. Nenhum estabelecimento de Educação Básica, sob nenhum pretexto, pode recusar a matrícula do estudante que a procura. Essa atitude, de caráter aparentemente apenas administrativo, deve ser entendida pedagogicamente como a continuidade dos estudos iniciados em outra turma, série, ciclo, módulo ou outra forma, e escola ou sistema.

Em seu novo percurso, o estudante transferido deve receber cuidadoso acompanhamento sobre a sua adaptação na instituição que o acolhe, em termos de relacionamento com colegas e professores, de preferências, de respostas aos desafios escolares, indo além de uma simples análise do seu currículo escolar. Nesse sentido, os sistemas educativos devem ousar propor a inversão da lógica escolar: ao invés de conteúdos disciplinados estanques (substantivados), devem investir em ações pedagógicas que priorizem aprendizagens através da operacionalidade de linguagens visando à transformação dos conteúdos em modos de pensar, em que o que interessa, fundamentalmente, é o vivido com outros, aproximando mundo, escola, sociedade, ciência, tecnologia, trabalho, cultura e vida.

A possibilidade de aceleração de estudos destina-se a estudantes com algum atraso escolar, aqueles que, por alguma razão, encontram-se em descompasso de idade. As razões mais indicadas têm sido: ingresso tardio, retenção, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem ou outras.

A progressão pode ocorrer segundo dois critérios: regular ou parcial. A escola brasileira sempre esteve organizada para uma ação pedagógica inscrita num panorama de relativa estabilidade. Isso significa que já vem lidando, razoavelmente, com a progressão regular. O desafio que se enfrenta incide sobre a progressão parcial, que, se aplicada a crianças e jovens, requer o redesenho da organização das ações pedagógicas. Em outras palavras, a escola deverá prever para professor e estudante o horário de trabalho e espaço de atuação que se harmonize entre estes, respeitadas as condições de locomoção de ambos, lembrando-se de que outro conjunto de recursos didático-pedagógicos precisa ser elaborado e desenvolvido.

A LDB, no artigo 24, inciso III, prevê a possibilidade de progressão parcial nos estabelecimentos que adotam a progressão regular por série, lembrando que o regimento escolar pode admiti-la "desde que preservada a sequência do currículo, observadas as normas do respectivo sistema de ensino". A Lei, entretanto, não é impositiva quanto à adoção de progressão parcial. Caso a instituição escolar a adote, é pré-requisito que a sequência do currículo seja preservada, observadas as normas do respectivo sistema de ensino, (inciso III do artigo 24), previstas no projeto político-pedagógico e no regimento, cuja aprovação se dá mediante participação da comunidade escolar (artigo 13).

Também, no artigo 32, inciso IV, § 2º, quando trata especificamente do Ensino Fundamental, a LDB refere que os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino. A forma de progressão continuada jamais deve ser entendida como "promoção automática", o que supõe tratar o conhecimento como processo e vivência que não se harmoniza com a ideia de interrupção, mas sim de construção, em que o estudante, enquanto sujeito da ação, está em processo contínuo de formação, construindo significados.

Uma escola que inclui todos supõe tratar o conhecimento como processo e, portanto, como uma vivência que não se harmoniza com a ideia de interrupção, mas sim de construção, em que o estudante, enquanto sujeito da ação, está continuamente sendo formado, ou melhor, formando-se, construindo significados, a partir das relações dos homens entre si e destes com a natureza.

Nessa perspectiva, a avaliação requer outra forma de gestão da escola, de organização curricular, dos materiais didáticos, na relação professor-estudante-conhecimento-escola, pois, na medida em que o percurso escolar é marcado por diferentes etapas de aprendizagem, a escola precisará, também, organizar espaços e formas diferenciadas de atendimento, a fim de evitar que uma defasagem de conhecimentos se transforme numa lacuna permanente. Esse avanço materializa-se quando a concepção de conhecimento e a proposta curricular estão fundamentadas numa epistemologia que considera o conhecimento uma construção sociointerativa que ocorre na escola e em outras instituições e espaços sociais. Nesse caso, percebe-se já existirem múltiplas iniciativas entre professores no sentido de articularem os diferentes campos de saber entre si e, também, com temas contemporâneos, baseados no princípio da interdisciplinaridade, o que normalmente resulta em mudanças nas práticas avaliativas.

2.6.3. Gestão democrática e organização da escola

Pensar a organização do trabalho pedagógico e a gestão da escola, na perspectiva exposta e tendo como fundamento o que dispõem os artigos 12 e 13 da LDB, pressupõe conceber a organização e gestão das pessoas, do espaço, dos processos, procedimentos que viabilizam o trabalho de todos aqueles que se inscrevem no currículo em movimento expresso no projeto político-pedagógico e nos planos da escola, em que se conformam as condições de trabalho definidas pelos órgãos gestores em nível macro. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão, segundo o artigo 12, a incumbência de:

I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;

II – administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;

III – assegurar o cumprimento dos anos, dias e horas mínimos letivos estabelecidos;

IV – velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

V – prover meios para a recuperação dos estudantes de menor rendimento;

VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos estudantes, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica;

VIII – notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos estudantes menores que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei (inciso incluído pela Lei nº 10.287/2001).

Conscientes da complexidade e da abrangência dessas tarefas atribuídas às escolas, os responsáveis pela gestão do ato educativo sentem-se, por um lado, pouco amparados, face à desarticulação de programas e projetos destinados à qualificação da Educação Básica; por outro, sentem-se desafiados, à medida que se tornam conscientes de que também eles se inscrevem num espaço em que necessitam preparar-se, continuadamente, para atuar no mundo escolar e na sociedade. Como agentes educacionais, esses sujeitos sabem que o seu compromisso e o seu sucesso profissional requerem não apenas condições de trabalho. Exigelhes formação continuada e clareza quanto à concepção de organização da escola: distribuição da carga horária, remuneração, estratégias claramente definidas para a ação didático-pedagógica coletiva que inclua a pesquisa, a criação de novas abordagens e práticas metodológicas incluindo a produção de recursos didáticos adequados às condições da escola e da comunidade em que esteja ela inserida, promover os processos de avaliação institucional interna e participar e cooperar com os de avaliação externa e os de redes de Educação Básica.

Pensar, portanto, a organização, a gestão da escola é entender que esta, enquanto instituição dotada de função social, é palco de interações em que os seus atores colocam o projeto político-pedagógico em ação compartilhada. Nesse palco está a fonte de diferentes ideias, formuladas pelos vários sujeitos que dão vida aos programas educacionais.

Acrescente-se que a obrigatoriedade da gestão democrática determinada, em particular, no ensino público (inciso VIII do artigo 3º da LDB), e prevista, em geral, para todas as instituições de ensino nos artigos 12 e 13, que preveem decisões coletivas, é medida desafiadora, porque pressupõe a aproximação entre o que o texto da lei estabelece e o que se sabe fazer, no exercício do poder, em todos os aspectos. Essa mudança concebida e definida por poucos atinge a todos: desde a família do estudante até os gestores da escola, chegando aos gestores da educação em nível macro. Assim, este é um aspecto instituidor do desafiante jogo entre teoria e prática, ideal e realidade, concepção de currículo e ação didático-pedagógica, avaliação institucional e avaliação da aprendizagem e todas as exigências que caracterizam esses componentes da vida educacional escolar.

As decisões colegiadas pressupõem, sobretudo, que todos tenham ideia clara sobre o que seja coletivo e como se move a liberdade de cada sujeito, pois é nesse movimento que o profissional pode passar a se perceber como um educador que tenta dar conta das temporalidades do desenvolvimento humano com suas especificidades e exigências. A valorização das diferenças e da pluralidade representa a valorização das pessoas. Supõe compreender que a padronização e a homogeneização que, tradicionalmente, impregnou a organização e a gestão dos processos e procedimentos da escola têm comprometido a conquista das mudanças que os textos legais em referência definem.

A participação da comunidade escolar na gestão da escola e a observância dos princípios e finalidades da educação, particularmente o respeito à diversidade e à diferença, são desafios para todos os sujeitos do processo educativo. Para Moreira e Candau, a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a uniformidade e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, para a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (2006, p. 103). A escola precisa, assim, "acolher, criticar e colocar em contato diferentes saberes, diferentes manifestações culturais e diferentes óticas. A contemporaneidade requer culturas que se misturem e ressoem mutuamente. Requer que a instituição escolar compreenda como o conhecimento é socialmente valorizado, como tem sido escrito de uma dada forma e como pode, então, ser reescrito. Que se modifiquem modificando outras culturas pela convivência ressonante, em um processo contínuo, que não pare nunca, por não se limitar a um dar ou receber, mas por ser contaminação, ressonância" (Pretto, apud Moreira e Candau, 2005, p. 103).

Na escola, o exercício do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (inciso III do artigo 206 da Constituição Federal, e inciso III do artigo 3º da LDB), assumido como princípio da educação nacional, deve viabilizar a constituição de relações que estimulem diferentes manifestações culturais e diferentes óticas. Em outras palavras, a escola deve empenhar-se para se constituir, ao mesmo tempo, em um espaço da diversidade e da pluralidade, inscrita na diversidade em movimento, no processo tornado possível por meio de relações intersubjetivas, cuja meta seja a de se fundamentar num outro princípio educativo e emancipador, assim expresso: liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber (LDB, artigo 3º, inciso II).

Para Paulo Freire (1984, p. 23), é necessário entender a educação não apenas como ensino, não no sentido de habilitar, de "dar" competência, mas no sentido de humanizar. A pedagogia que trata dos processos de humanização, a escola, a teoria pedagógica e a pesquisa, nas instâncias

educativas, devem assumir a educação enquanto processos temporal, dinâmico e libertador, aqueles em que todos desejam se tornar cada vez mais humanos. A escola demonstra ter se esquecido disso, tanto nas relações que exerce com a criança, quanto com a pessoa adolescente, jovem e adulta.

A escola que adota a abordagem interdisciplinar não está isenta de sublinhar a importância da relação entre cuidado e educação, que é a de propor a inversão da preocupação com a qualidade do ensino pela preocupação com a qualidade social das aprendizagens como diretriz articuladora para as três etapas que compõem a Educação Básica. Essa escola deve organizar o trabalho pedagógico, os equipamentos, o mobiliário e as suas instalações de acordo com as condições requeridas pela abordagem que adota. Desse modo, tanto a organização das equipes de profissionais da educação quanto a arquitetura física e curricular da escola destinada as crianças da educação infantil deve corresponder às suas características físicas e psicossociais. O mesmo se aplica aos estudantes das demais etapas da Educação Básica. Estes cuidados guardam relação de coexistência dos sujeitos entre si, facilitam a gestão das normas que orientam as práticas docentes instrucionais, atitudinais e disciplinares, mas correspondendo à abordagem interdisciplinar comprometida com a formação cidadã para a cultura da vida

Compreender e realizar a Educação Básica, no seu compromisso social de habilitar o estudante para o exercício dos diversos direitos significa, portanto, potencializá-lo para a prática cidadã com plenitude, cujas habilidades se desenvolvem na escola e se realizam na comunidade em que os sujeitos atuam. Essa perspectiva pressupõe cumprir e transpor o disposto não apenas nos artigos 12 a 15, da LDB, mas significa cumpri-los como política pública e transpô-los como fundamento político-pedagógico, uma vez que o texto destes artigos deve harmonizar-se com o dos demais textos que regulamentam e orientam a Educação Básica. O ponto central da Lei, naqueles artigos, incide sobre a obrigatoriedade da participação da comunidade escolar e dos profissionais da educação na tomada de decisões, quanto à elaboração e ao cumprimento do projeto político-pedagógico, com destaque para a gestão democrática e para a integração da sociedade com a escola, bem como pelo cuidado com as aprendizagens dos estudantes.

A gestão escolar deve promover o "encontro pedagogicamente pensado e organizado de gerações, de idades diferentes" (Arroyo, p. 158), inscritos num contexto diverso e plural, mas que se pretende uno, em sua singularidade própria e inacabada, porque em construção dialética permanente. Na instituição escolar, a gestão democrática é aquela que tem, nas instâncias colegiadas, o espaço em que são tomadas as decisões que orientam o conjunto das atividades escolares: aprovam o projeto político-pedagógico, o regimento escolar, os planos da escola (pedagógicos e administrativos), as regras de convivência. Como tal, a gestão democrática é entendida como princípio que orienta os processos e procedimentos administrativos e pedagógicos, no âmbito da escola e nas suas relações com os demais órgãos do sistema educativo de que faz parte.

Assim referenciada, a gestão democrática constitui-se em instrumento de luta em defesa da horizontalização das relações, de vivência e convivência colegiada, superando o autoritarismo no planejamento e na organização curricular. Pela gestão democrática, educa-se para a conquista da cidadania plena, mediante a compreensão do significado social das relações de poder que se reproduzem no cotidiano da escola, nas relações entre os profissionais da educação, o conhecimento, as famílias e os estudantes, bem assim, entre estes e o projeto político-pedagógico, na sua concepção coletiva que dignifica as pessoas, por meio da utilização de um método de trabalho centrado nos estudos, nas discussões, no diálogo que não apenas problematiza, mas, também, propõe, fortalecendo a ação conjunta que busca, nos movimentos sociais, elementos para criar e recriar o trabalho da e na escola, mediante:

I – compreensão da globalidade da pessoa, enquanto ser que aprende, que sonha e ousa, em busca da conquista de uma convivência social libertadora fundamentada na ética cidadã;

II – superação dos processos e procedimentos burocráticos, assumindo com flexibilidade: os planos pedagógicos, os objetivos institucionais e educacionais, as atividades de avaliação;

III – prática em que os sujeitos constitutivos da comunidade educacional discutam a própria prática pedagógica impregnando-a de entusiasmo e compromisso com a sua própria comunidade, valorizando-a, situando-a no contexto das relações sociais e buscando soluções conjuntas;

IV – construção de relações interpessoais solidárias, geridas de tal modo que os professores se sintam estimulados a conhecer melhor os seus pares (colegas de trabalho, estudantes, famílias), a expor as suas ideias, a traduzir as suas dificuldades e expectativas pessoais e profissionais;

V – instauração de relações entre os estudantes, proporcionando-lhes espaços de convivência e situações de aprendizagem, por meio dos quais aprendam a se compreender e se organizar em equipes de estudos e de práticas esportivas, artísticas e políticas;

VI – presença articuladora e mobilizadora do gestor no cotidiano da instituição e nos espaços com os quais a instituição escolar interage, em busca da qualidade social das aprendizagens que lhe caiba desenvolver, com transparência e responsabilidade.

De todas as mudanças formalizadas com fundamento na LDB, uma das exigências, para o exercício da gestão escolar, consiste na obrigatoriedade de que os candidatos a essa função sejam dotados de experiência docente. Isto é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino (§ 1º do artigo 67 da LDB).

Para que a gestão escolar cumpra o papel que cabe à escola, os gestores devem proceder a uma revisão de sua organização administrativo-pedagógica, a partir do tipo de cidadão que se propõe formar, o que exige compromisso social com a redução das desigualdades entre o ponto de partida do estudante e o ponto de chegada a uma sociedade de classes.

2.6.4. O professor e a formação inicial e continuada

O artigo 3º da LDB, ao definir os princípios da educação nacional, prevê a valorização do profissional da educação escolar. Essa expressão estabelece um amálgama entre o educador e a educação e os adjetiva, depositando foco na educação. Reafirma a ideia de que não há educação escolar sem escola e nem esta sem aquele. O significado de escola aqui traduz a noção de que valorizar o profissional da educação é valorizar a escola, com qualidade gestorial, educativa, social, cultural, ética, estética, ambiental.

A leitura dos artigos 6735 e 1336 da mesma Lei permite identificar a necessidade de elo entre o papel do professor, as exigências indicadas para a sua formação, e o seu fazer na escola, onde se vê que a valorização profissional e da educação escolar vincula-se à obrigatoriedade da garantia de padrão de qualidade (artigo 4º, inciso IX). Além disso, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Professores da Educação (FUNDEB) define critérios para proporcionar aos sistemas educativos e às escolas apoio à valorização dos profissionais da educação. A Resolução CNE/CEB nº 2/2009, baseada no Parecer CNE/CEB nº 9/2009, que trata da carreira docente, é também uma norma que participa do conjunto de referências focadas na valorização dos profissionais da educação, como medida indutora da qualidade do processo educativo. Tanto a valorização profissional do professor quanto a da educação escolar são, portanto, exigências de programas de formação inicial e continuada, no contexto do conjunto de múltiplas atribuições definidas para os sistemas educativos.

Para a formação inicial e continuada dos docentes, portanto, é central levar em conta a relevância dos domínios indispensáveis ao exercício da docência, conforme disposto na Resolução CNE/CP nº 1/2006, que assim se expressa:

I – o conhecimento da escola como organização complexa que tem a função de promover a educação para e na cidadania;

II – a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;

III – a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino.

Além desses domínios, o professor precisa, particularmente, saber orientar, avaliar e elaborar propostas, isto é, interpretar e reconstruir o conhecimento. Deve transpor os saberes específicos de suas áreas de conhecimento e das relações entre essas áreas, na perspectiva da complexidade;

conhecer e compreender as etapas de desenvolvimento dos estudantes com os quais está lidando. O professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental é, ou deveria ser, um especialista em infância; os professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, conforme vem defendendo Miguel Arroyo (2000) devem ser especialistas em adolescência e juventude, isto é, condutores e educadores responsáveis, em sentido mais amplo, por esses sujeitos e pela qualidade de sua relação com o mundo. Tal proposição implica um redimensionamento dos cursos de licenciaturas e da formação continuada desses profissionais.

Sabe-se, no entanto, que a formação inicial e continuada do professor tem de ser assumida como compromisso integrante do projeto social, político e ético, local e nacional, que contribui para a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, inclusiva e capaz de promover a emancipação dos indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, os sistemas educativos devem instituir orientações a partir das quais se introduza, obrigatoriamente, no projeto político-pedagógico, previsão: I – de consolidação da identidade dos profissionais da educação, nas suas relações com

a instituição escolar e com o estudante;

II – de criação de incentivos ao resgate da imagem social do professor, assim como da autonomia docente, tanto individual quanto coletiva;

III – de definição de indicadores de qualidade social da educação escolar, a fim de que as agências formadoras de profissionais da educação revejam os projetos dos cursos de formação inicial e continuada de docentes, de modo que correspondam às exigências de um projeto de Nação.

Na política de formação de docentes para o Ensino Fundamental, as ciências devem, necessária e obrigatoriamente, estar associadas, antes de qualquer tentativa, à discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica; é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache repousado no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer (Freire, 1996:96).

Por outro lado, no conjunto de elementos que contribuem para a concepção, elaboração e execução do projeto político-pedagógico pela escola, em que se inscreve o desenvolvimento curricular, a capacitação docente é o aspecto mais complexo, porque a formação profissional em educação insere-se no âmbito do desenvolvimento de aprendizagens de ordem pessoal, cultural, social, ambiental, política, ética, estética.

Assim, hoje, exige-se do professor mais do que um conjunto de habilidades cognitivas, sobretudo se ainda for considerada a lógica própria do mundo digital e das mídias em geral, o que pressupõe aprender a lidar com os nativos digitais. Além disso, lhe é exigida, como pré-requisito para o exercício da docência, a capacidade de trabalhar cooperativamente em equipe, e de compreender, interpretar e aplicar a linguagem e os instrumentos produzidos ao longo da evolução tecnológica, econômica e organizativa. Isso, sem dúvida, lhe exige utilizar conhecimentos científicos e tecnológicos, em detrimento da sua experiência em regência, isto é, exige habilidades que o curso que o titulou, na sua maioria, não desenvolveu. Desse ponto de vista, o conjunto de atividades docentes vem ampliando o seu raio de atuação, pois, além do domínio do conhecimento específico, são solicitadas atividades pluridisciplinares que antecedem a regência e a sucedem ou a permeiam. As atividades de integração com a comunidade são as que mais o desafiam.

Historicamente, o docente responsabiliza-se pela escolha de determinada lógica didático-pedagógica, ameaçado pela incerteza quanto àquilo que, no exercício de seu papel de professor, deve ou não deve saber, pensar e enfrentar, ou evitar as dificuldades mais frequentes que ocorrem nas suas relações com os seus pares, com os estudantes e com os gestores. Atualmente, mais que antes, ao escolher a metodologia que consiste em buscar a compreensão sobre a lógica mental, a partir da qual se identifica a lógica de determinada área do conhecimento, o docente haverá de definir aquela capaz de desinstalar os sujeitos aprendizes, provocar-lhes curiosidade, despertar-lhes motivos, desejos. Esse é um procedimento que contribui para o desenvolvimento da personalidade do escolar, mas pressupõe chegar aos elementos essenciais do objeto de conhecimento e suas relações gerais e singulares.

Para atender às orientações contidas neste Parecer, o professor da Educação Básica deverá estar apto para gerir as atividades didático-pedagógicas de sua competência se os cursos de formação inicial e continuada de docentes levarem em conta que, no exercício da docência, a ação do professor é permeada por dimensões não apenas técnicas, mas também políticas, éticas e estéticas, pois terão de desenvolver habilidades propedêuticas, com fundamento na ética da inovação, e de manejar conteúdos e metodologias que ampliem a visão política para a politicidade das técnicas e tecnologias, no âmbito de sua atuação cotidiana.

Ao selecionar e organizar o conhecimento específico que o habilite para atuar em uma ou mais etapas da Educação Básica, é fundamental que se considere que o egresso dos cursos de formação de professores deverá ter a oportunidade de reconhecer o conhecimento (conceitos, teorias, habilidades, procedimentos, valores) como base para a formação integral do estudante, uma vez que esta exige a capacidade para análise, síntese, comprovação, comparação, valoração, explicação, resolução de problemas, formulação de hipóteses, elaboração, execução e avaliação de projetos, entre outras, destinadas à organização e realização das atividades de aprendizagens.

É na perspectiva exposta que se concebe o trabalho docente na tarefa de cuidar e educar as crianças e jovens que, juntos, encontram-se na idade de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos. Assim pensada, a fundamentação da ação docente e dos programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação instauram-se em meio a processos tensionais de caráter político, social e cultural que se refletem na eleição de um ou outro método de aprendizagem, a partir do qual é justificado determinado perfil de docente para a Educação Básica.

Se o projeto político-pedagógico, construído coletivamente, está assegurado por lei, resultante da mobilização de muitos educadores, torna-se necessário dar continuidade a essa mobilização no intuito de promover a sua viabilização prática pelos docentes. Para tanto, as escolas de formação dos profissionais da educação, sejam gestores, professores ou especialistas, têm um papel importantíssimo no sentido de incluir, em seus currículos e programas, a temática da gestão democrática, dando ênfase à construção do projeto pedagógico, mediante trabalho coletivo de que todos os que compõem a comunidade escolar são responsáveis.

Nesse sentido, o professor da Educação Básica é o profissional que conhece as especificidades dos processos de desenvolvimento e de aprendizagens, respeita os direitos dos estudantes e de suas famílias. Para isso, domina o conhecimento teórico-metodológico e teórico-prático indispensável ao desempenho de suas funções definidas no artigo 13 da LDB, no plano de carreira a que se vincula, no regimento da escola, no projeto político-pedagógico em sua processualidade.

II – VOTO DA COMISSÃO

À vista do exposto, propõe-se à Câmara de Educação Básica a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, na forma deste Parecer e do Projeto de Resolução em anexo, do qual é parte integrante.

Conselheira Clélia Brandão Alvarenga Craveiro – Relatora

Adeum Hilário Sauer – Presidente

José Fernandes de Lima – Membro

Raimundo Moacir Mendes Feitosa – Membro

III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Básica aprova, por unanimidade, o voto da Relatora.

Sala das Sessões, em 7 de abril de 2010.

Conselheiro Cesar Callegari – Presidente

Conselheiro Mozart Neves Ramos – Vice-Presidente

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária Ltda., 1981.

ARROYO, Gonzales Miguel. Imagens quebradas – Trajetórias e tempos de estudantes e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo. BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, 52 p.

_____. Política de conhecimento e desafios contemporâneos à escola básica – entre o global e o local. In: BAQUERO, Rute; BROILO, Cecília (org.). São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2001. Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores "Ofício do Mestre" - Imagens e auto-imagens. Vozes. 2. Ed.

_____. O direito ao tempo de escola. Cadernos de Pesquisa, s. l., n. 65, 1988.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: Cultura Brasileira: Tradição Contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./ FUNARTE, 1987, p. 38.

BRASIL.Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei 9.394/96.

BRZEZINSKI, Iria (org.). LDB dez anos depois: reinterpretações sob diversos olhares São Paulo: Cortez, 2008.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. In: Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis: Perspectiva, v. 22, n. 02, jul./dez. 2004.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira? In: Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 81, dez. 2002.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1982.

Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores - "Ofício do Mestre" – Imagens e auto-imagens. Vozes. 2. Ed.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. Retratos da Escola/Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (ESFORCE). Brasília: CNTE, v. 3, n. 4, jan./jun. 2009.

Considerações Gerais para as Diretrizes Nacionais da Educação Básica-Texto produzido por Ivany Souza Ávila, Jaqueline Moll e Maria Luisa M. Xavier, professoras da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação Básica no Brasil. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 23, n. 80, set. 2002.

_____. Educação escolar e educação no lar: espaços de uma polêmica. In: Educação e Sociedade, Campinas, vol. 27, n. 96 – Especial, out. 2006.

ESTEBAN, M. T. (org.) Práticas avaliativas e aprendizagens significativas -em diferentes áreas do currículo. Editora Mediação, 2003.

FERNANDES, Francisco das Chagas. In: Retratos da escola/Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce). Brasília: CNTE, v. 3, n. 4, jan./jun. 2009.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. Pedagogia e Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura).

_____. Pedagogia da Indignação. São Paulo, 2000.

FREITAS, Luiz Carlos et al. Avaliação educacional: caminhando pela contramão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Indicadores de qualidade na educação/Ação Educativa, UNICEF, PNUD. INEP/MEC (coordenadores). São Paulo: Ação Educativa, 2004.

MOLL, Jaqueline. Ciclos na escola, tempos na vida: criando possibilidades. Porto Alegre: Artemed, 2004.

MOREIRA, A. F. B. Propostas curriculares alternativas: limites e avanços. Educação & Sociedade, Campinas, v. 21, n. 73, 2000.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Indagações sobre currículo : currículo, conhecimento e cultura. BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, 48 p.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 274

_____. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1991, p. 15.

NARODOWSKI, Mariano. A infância como construção pedagógica. In: COSTA, Marisa C. V. Escola Básica na virada do século: cultura, política e currículo. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 1995.

NICOLESCU, Basarab. Um novo tipo de conhecimento - transdisciplinaridade. In: NICOLESCU, Basarab et al. Educação e transdisciplinaridade. Tradução de Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman. Brasília: UNESCO, 2000. (Edições UNESCO).

PARO, Vitor Henrique. Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino. In: Educação e transdisciplinaridade

_____. Políticas Educacionais: considerações sobre o discurso genérico e a abstração da realidade. In: DOURADO, L. F.; PARO V. H. Políticas Públicas & Educação Básica. São Paulo: Xamã, 2001.

RIOS, Terezinha A. Compreender e ensinar – por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.

RUIZ, Antonio Ibañez; RAMOS, Mozart Neves; HINGEL, Murílio. Escassez de Professores no Ensino Médio: Soluções Emergenciais e Estruturais. Brasília: Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

SACRISTÁN, J. Gimeno. La educación que aún es posible. Madrid: Morata, 2005.

_____. O currículo -uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre, Artmed, 2000.

SANTOS, L. L. C. P.; MOREIRA, A. F. Currículo: questões de seleção e de organização do conhecimento. Ideias, n. 26, 1995.

SAVIANI, Dermeval. Sistema de educação: subsídios para a Conferência Nacional de Educação. In: Reflexões sobre o Sistema Nacional Articulado de Educação e o Plano Nacional de Educação. Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2009.

SILVA, T. T. Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. Florianópolis: Perspectiva, v.22. n. 02, jul./dez. 2004. http://www.ced.ufsc.br/necleos/nup/perspectivas.html.

VARELA, Julia. Categorias espaço-temporais e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo. In: COSTA, Marisa C. V. Escola Básica na virada do século: cultura, política e currículo. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A aventura de formar professores. Campinas, SP: Papirus, 2009 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

UNESCO. Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam — Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.

UNESCO. Perfil dos professores brasileiros: o que fazem o que pensam o que almejam – Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.

WILLINSKY, J. Política educacional da identidade e do multiculturalismo. Cadernos de Pesquisa, n. 117, 2002.

6. BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 30 DE MAIO DE 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (anexo o Parecer CNE/CP nº 8/2012)

Art. 1º A presente Resolução estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (EDH) a serem observadas pelos sistemas de ensino e suas instituições.

Art. 2º A Educação em Direitos Humanos, um dos eixos fundamentais do direito à educação, refere-se ao uso de concepções e práticas educati-

vas fundadas nos Direitos Humanos e em seus processos de promoção, proteção, defesa e aplicação na vida cotidiana e cidadã de sujeitos de direitos e de responsabilidades individuais e coletivas.

§ 1º Os Direitos Humanos, internacionalmente reconhecidos como um conjunto de direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, sejam eles individuais, coletivos, transindividuais ou difusos, referem-se à necessidade de igualdade e de defesa da dignidade humana.

§ 2º Aos sistemas de ensino e suas instituições cabe a efetivação da Educação em Direitos Humanos, implicando a adoção sistemática dessas diretrizes por todos(as) os(as) envolvidos(as) nos processos educacionais.

Art. 3º A Educação em Direitos Humanos, com a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, fundamenta-se nos seguintes princípios:

I - dignidade humana;

II - igualdade de direitos;

III - reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades;

IV - laicidade do Estado;

V - democracia na educação;

VI - transversalidade, vivência e globalidade; e

VII - sustentabilidade socioambiental.

Art. 4º A Educação em Direitos Humanos como processo sistemático e multidimensional, orientador da formação integral dos sujeitos de direitos, articula-se às seguintes dimensões:

I - apreensão de conhecimentos historicamente construídos sobre direitos humanos e a sua relação com os contextos internacional, nacional e local;

II - afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade;

III - formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente em níveis cognitivo, social, cultural e político;

IV - desenvolvimento de processos metodológicos participativos e de construção coletiva, utilizando linguagens e materiais didáticos contextualizados; e

V - fortalecimento de práticas individuais e sociais que gerem ações e instrumentos em favor da promoção, da proteção e da defesa dos direitos humanos, bem como da reparação das diferentes formas de violação de direitos.

Art. 5º A Educação em Direitos Humanos tem como objetivo central a formação para a vida e para a convivência, no exercício cotidiano dos Direitos Humanos como forma de vida e de organização social, política, econômica e cultural nos níveis regionais, nacionais e planetário.

§ 1º Este objetivo deverá orientar os sistemas de ensino e suas instituições no que se refere ao planejamento e ao desenvolvimento de ações de Educação em Direitos Humanos adequadas às necessidades, às características biopsicossociais e culturais dos diferentes sujeitos e seus contextos.

§ 2º Os Conselhos de Educação definirão estratégias de acompanhamento das ações de Educação em Direitos Humanos.

Art. 6º A Educação em Direitos Humanos, de modo transversal, deverá ser considerada na construção dos Projetos Político- Pedagógicos (PPP); dos Regimentos Escolares; dos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI); dos Programas Pedagógicos de Curso (PPC) das Instituições de Educação Superior; dos materiais didáticos e pedagógicos; do modelo de ensino, pesquisa e extensão; de gestão, bem como dos diferentes processos de avaliação.

Art. 7º A inserção dos conhecimentos concernentes à Educação em Direitos Humanos na organização dos currículos da Educação Básica e da Educação Superior poderá ocorrer das seguintes formas:

I - pela transversalidade, por meio de temas relacionados aos Direitos Humanos e tratados interdisciplinarmente;

II - como um conteúdo específico de uma das disciplinas já existentes no currículo escolar;

III - de maneira mista, ou seja, combinando transversalidade e disciplinaridade.

Parágrafo único. Outras formas de inserção da Educação em Direitos Humanos poderão ainda ser admitidas na organização curricular das instituições educativas desde que observadas as especificidades dos níveis e modalidades da Educação Nacional.

Art. 8º A Educação em Direitos Humanos deverá orientar a formação inicial e continuada de todos(as) os(as) profissionais da educação, sendo componente curricular obrigatório nos cursos destinados a esses profissionais.

Art. 9º A Educação em Direitos Humanos deverá estar presente na formação inicial e continuada de todos(as) os(as) profissionais das diferentes áreas do conhecimento.

Art. 10. Os sistemas de ensino e as instituições de pesquisa deverão fomentar e divulgar estudos e experiências bem sucedidas realizados na área dos Direitos Humanos e da Educação em Direitos Humanos.

Art. 11. Os sistemas de ensino deverão criar políticas de produção de materiais didáticos e paradidáticos, tendo como princípios orientadores os Direitos Humanos e, por extensão, a Educação em Direitos Humanos.

Art. 12. As Instituições de Educação Superior estimularão ações de extensão voltadas para a promoção de Direitos Humanos, em diálogo com os segmentos sociais em situação de exclusão social e violação de direitos, assim como com os movimentos sociais e a gestão pública.

Art. 13. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

PARECER CNE/CP Nº: 8/2012
I – RELATÓRIO
Apresentação

Este parecer foi construído no âmbito dos trabalhos de uma comissão interinstitucional, coordenada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) que trata do assunto em uma de suas comissões bicamerais. Participaram da comissão interinstitucional a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDHPR), Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), Secretaria de Educação Superior (SESU), Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE), Secretaria de Educação Básica (SEB) e o Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos (CNEDH).

Durante o processo de elaboração das diretrizes foram realizadas, além das reuniões de trabalho da comissão bicameral do Conselho Pleno do CNE e da comissão interinstitucional, duas reuniões técnicas com especialistas no assunto, ligados a diversas instituições. No intuito de construir diretrizes que expressassem os interesses e desejos de todos/as os/as envolvidos/as com a educação nacional, ocorreram consultas por meio de duas audiências públicas e da disponibilização do texto, com espaço para envio de sugestões, nos sites do CNE, MEC e SDH.

Neste processo foram de grande importância as sugestões da Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas; Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmem Bascarán de Açailândia, Maranhão; Diretoria de Cidadania e Direitos Humanos (DCDH) da Secretaria de Educação do Distrito Federal, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Paulo, Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e do Observatório de Educação em Direitos Humanos dos campi da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) de Bauru e de Araraquara.

Introdução

Os Direitos Humanos são frutos da luta pelo reconhecimento, realização e universalização da dignidade humana. Histórica e socialmente construídos, dizem respeito a um processo em constante elaboração, ampliando o reconhecimento de direitos face às transformações ocorridas nos diferentes contextos sociais, históricos e políticos.

Nesse processo, a educação vem sendo entendida como uma das mediações fundamentais tanto para o acesso ao legado histórico dos Direitos Humanos, quanto para a compreensão de que a cultura dos Direitos Humanos é um dos alicerces para a mudança social. Assim sendo, a educação é reconhecida como um dos Direitos Humanos e a Educação em Direitos Humanos é parte fundamental do conjunto desses direitos, inclusive do próprio direito à educação.

As profundas contradições que marcam a sociedade brasileira indicam a existência de graves violações destes direitos em consequência da exclusão social, econômica, política e cultural que promovem a pobreza, as desigualdades, as discriminações, os autoritarismos, enfim, as múltiplas formas de violências contra a pessoa humana. Estas contradições também se fazem presentes no ambiente educacional (escolas, instituições de educação superior e outros espaços educativos). Cabe aos sistemas de ensino, gestores/as, professores/as e demais profissionais da educação, em todos os níveis e modalidades, envidar esforços para reverter essa situação construída historicamente. Em suma, estas contradições precisam ser reconhecidas, exigindo o compromisso dos vários agentes públicos e da sociedade com a realização dos Direitos Humanos.

Neste contexto, a Educação em Direitos Humanos emerge como uma forte necessidade capaz de reposicionar os compromissos nacionais com a formação de sujeitos de direitos e de responsabilidades. Ela poderá influenciar na construção e na consolidação da democracia como um processo para o fortalecimento de comunidades e grupos tradicionalmente excluídos dos seus direitos.

Como a Educação em Direitos Humanos requer a construção de concepções e práticas que compõem os Direitos Humanos e seus processos de promoção, proteção, defesa e aplicação na vida cotidiana, ela se destina a formar crianças, jovens e adultos para participar ativamente da vida democrática e exercitar seus direitos e responsabilidades na sociedade, também respeitando e promovendo os direitos das demais pessoas. É uma educação integral que visa o respeito mútuo, pelo outro e pelas diferentes culturas e tradições.

Para a sua consolidação, a Educação em Direitos Humanos precisa da cooperação de uma ampla variedade de sujeitos e instituições que atuem na proposição de ações que a sustentam. Para isso todos os atores do ambiente educacional devem fazer parte do processo de implementação da Educação em Direitos Humanos. Isso significa que todas as pessoas, independente do seu sexo; origem nacional, étnico-racial, de suas condições econômicas, sociais ou culturais; de suas escolhas de credo; orientação sexual; identidade de gênero, faixa etária, pessoas com deficiência, altas habilidades/superdotação, transtornos globais e do desenvolvimento1, têm a possibilidade de usufruírem de uma educação não discriminatória e democrática.

Reconhecer e realizar a educação como direito humano e a Educação em Direitos Humanos como um dos eixos fundamentais do direito à educação, exige posicionamentos claros quanto à promoção de uma cultura de direitos. Essa concepção de Educação em Direitos Humanos é refletida na própria noção de educação expressa na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996).

Apesar da existência de normativas que determinam o caráter geral dessa educação, expressas em documentos nacionais e internacionais dos quais o País é signatário, é imprescindível, para a sua efetivação, a adoção de Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, contribuindo para a promoção de uma educação voltada para a democracia 1 Neste documento o sentido do termo diversidade está ligado a todas as possibilidades humanas de ser, viver e expressar-se. Assim, em algumas partes desse documento será feito o uso desse termo visando contemplar a todas essas possibilidades.

1 Contexto histórico dos Direitos Humanos e da Educação em Direitos Humanos

A ideia de Direitos Humanos diz respeito a um conjunto de direitos internacionalmente reconhecidos, como os direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, sejam eles individuais, coletivos, transindividuais ou difusos, que se referem à necessidade de igualdade e de defesa da dignidade humana. Atuando como linguagem internacional que estabelece a sua conexão com os estados democráticos de direito, a política dos direitos humanos pretende fazer cumprir: a) os direitos humanos que estão preconizados e trabalhar pela sua universalização e b) os princípios da contemporaneidade: da solidariedade, da singularidade, da coletividade, da igualdade e da liberdade.

Constituindo os princípios fundadores de uma sociedade moderna, os Direitos Humanos têm se convertido em formas de luta contra as situações de desigualdades de acesso aos bens materiais e imateriais, as discriminações praticadas sobre as diversidades socioculturais, de identidade de gênero, de etnia, de raça, de orientação sexual, de deficiências, dentre outras e, de modo geral, as opressões vinculadas ao controle do poder por minorias sociais.

A conversão dessas lutas e de suas conquistas em normas regulatórias mais sistematizadas, expressas numa Cultura de Direitos, inicia-se ainda no bojo dos movimentos contrários ao Antigo Regime2. Desses movimentos surgiram marcos históricos que assinalam a institucionalização de direitos: o Bill of Rights das Revoluções Inglesas (1640 e 1688-89); a Declaração de Virginia (1776) no processo da independência das 13 colônias frente à sua metrópole inglesa, do qual surgiram os Estados Unidos como nação; a Declaração do Homem e do Cidadão (1791), no âmbito da Revolução Francesa. Nesses três documentos foram afirmados direitos civis e políticos, sintetizados nos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade.

Do século XIX até a primeira metade do século XX, a eclosão de novos conflitos no âmbito internacional favoreceu a expansão da Cultura de Direitos para vários países tanto europeus quanto latino-americanos, bem como para outros grupos sociais. A chamada Cultura de Direitos incorporou dimensões econômicas e sociais por meio das quais se passou a combater as desigualdades e as opressões, pondo em evidência as diversidades biopsicossociais e culturais da humanidade.

No século XX, com as atrocidades da 1ª Guerra Mundial e, posteriormente, do Holocausto e das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, na 2ª grande guerra, os impactos e a grandiosa dimensão do genocídio humano abalaram a consciência crítica internacional. Logo também entram em curso vários processos descolonizadores de países asiáticos e africanos (anos 1940-1970), que geraram guerras localizadas. Além das guerras e demais conflitos, este momento trouxe para a agenda internacional a questão do desenvolvimento dos países do chamado Terceiro Mundo.

O impacto desses conflitos impulsionou a criação, em 1945, da Organização das Nações Unidas (ONU) como um organismo regulador da ordem internacional, bem como a elaboração, em 1948, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que firmou a concepção contemporânea de Direitos Humanos, ancorada no tripé universalidade3, indivisibilidade e interdependência. Naquele momento, a Cultura de Direitos se ampliava para uma Cultura de Direitos Humanos. Afirmava-se a universalidade dos direitos, aplicável a todas as nações, povos e seres humanos; integravam-se as várias dimensões de direitos (civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais) e tematizavam-se novos objetos de direitos, tais como: as problemáticas do desenvolvimento e da autodeterminação dos povos, relacionadas ao contexto pós-guerra, bem como, à educação e à cultura.

Não obstante tal orientação universalizante de direitos, novos processos históricos apontaram para outras situações de violações dos Direitos Humanos. Nos anos de 1960-1970, por exemplo, o amplo processo de implantação de ditaduras militares na América Latina, mediante fortíssima repressão, censura, prisões, desaparecimento e assassinatos de milhares de opositores/opositoras aos regimes ditatoriais, representou um retrocesso nas lutas por direitos civis, sociais e políticos.

Neste período, o Brasil, embora também vivenciando a experiência da ditadura militar, torna-se signatário, em 1966, do pacto internacional dos direitos civis e políticos e do pacto internacional dos direitos econômicos e sociais. Apesar da assinatura de tais documentos o tema dos Direitos Humanos no Brasil ganhará maior evidência em agendas públicas ou ações populares a partir das lutas e movimentos de oposição ao regime ditatorial.

Nos anos de 1980, as lutas da sociedade civil dos vários países latino-americanos pela redemocratização reverberaram na tematização de novos direitos e embates para sua institucionalização. Sendo assim, tomando o exemplo da América Latina, pode-se observar que as transformações e as reivindicações advindas de processos sociais, históricos, culturais e políti-

cos de resistência aos regimes ditatoriais desempenharam importante papel no movimento de defesa e promoção dos Direitos Humanos.

Na contemporaneidade novos desafios e lutas continuam sendo postos na agenda de debates e ações dos grupos envolvidos com a defesa e promoção dos Direitos Humanos. É importante lembrar, a este respeito, as implicações do fenômeno da globalização, tanto no estabelecimento de um idioma universal de direitos humanos, buscando a sua promoção nos diversos países ou contextos nacionais, quanto, paradoxalmente, nas violações de tais direitos.

Neste processo, as reações que os grupos e países em situação de maior desigualdade e pobreza no contexto capitalista apontam para as possibilidades de uma política emancipatória dos Direitos Humanos, quando o caráter global dos direitos é legitimado em processos culturais de tradução e negociação locais (SANTOS, 1997).

Em decorrência desse contexto vários organismos internacionais vêm, sistematicamente, alargando a pauta dos Direitos Humanos bem como a sua regulamentação.

É diante de tal contexto internacional que a Educação em Direitos Humanos emerge como um dos direitos básicos da Cultura de Direitos que se pretende universalizar4.

1.1 Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos no Brasil

No Brasil, conforme anunciado, o tema dos Direitos Humanos ganha força a partir do processo de redemocratização ocorrido nos anos de 1980, com a organização política dos movimentos sociais e de setores da sociedade civil. Estes se opuseram a um regime ditatorial (1964-1985), de tipo militar, que, por suas deliberadas práticas repressivas, se configurou como um dos períodos mais violadores dos Direitos Humanos.

Em resposta a estas violações, as organizações em defesa dos Direitos Humanos constituíram-se em movimentos organizados contra a carestia, em defesa do meio-ambiente, na luta pela moradia, por terra, pela união dos/das estudantes, pela educação popular, em prol da democratização do sistema educacional, entre outros. Nessa nova conjuntura os discursos e práticas em torno dos Direitos Humanos buscavam instaurar uma contra hegemonia por meio de suas lutas por emancipação.

A ampliação do escopo de suas ações levou as organizações em defesa dos Direitos Humanos a empreenderem incursões mais incisivas no campo da Educação em Direitos Humanos. Assim, tal como ocorrido em outros países da América Latina, essa proposta de educação no Brasil se apresenta como prática recente, desenvolvendo-se, ainda no contexto da repressão ditatorial, a partir do encontro entre educadores/as, populares e militantes dos Direitos Humanos.

Sendo assim, com a retomada da democracia e a promulgação da Constituição Federal de 1988, cria-se um marco jurídico para a elaboração de propostas educacionais pautadas nos Direitos Humanos, surgidas a partir da década de 19905. É nesse contexto que surgem as primeiras versões do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), produzidos entre os anos de 1996 e 2002. Dentre os documentos produzidos a respeito desse programa, no que diz respeito ao tema da Educação em Direitos Humanos, merece destaque o PNDH-3, de 2010, que apresenta um eixo orientador destinado especificamente para a promoção e garantia da Educação e Cultura em Direitos Humanos.

É a partir de 2003 que a Educação em Direitos Humanos ganhará um Plano Nacional (PNEDH), revisto em 2006, aprofundando questões do Programa Nacional de Direitos Humanos e incorporando aspectos dos principais documentos internacionais de Direitos Humanos dos quais o Brasil é signatário. Esse plano se configura como uma política educacional do estado voltada para cinco áreas: educação básica, educação superior, educação não-formal, mídia e formação de profissionais dos sistemas de segurança e justiça. Em linhas gerais, pode-se dizer que o PNEDH ressalta os valores de tolerância, respeito, solidariedade, fraternidade, justiça social, inclusão, pluralidade e sustentabilidade.

Assim, o PNEDH define a Educação em Direitos Humanos como um processo sistemático e multidimensional que orienta a formação do sujeito de direitos, articulando as seguintes dimensões:

a) apreensão de conhecimentos historicamente construídos sobre direitos humanos e a sua relação com os contextos internacional, nacional e local;

b) afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade;

c) formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente em níveis cognitivo, social, cultural e político;

d) desenvolvimento de processos metodológicos participativos e de construção coletiva, utilizando linguagens e materiais didáticos contextualizados;

e) fortalecimento de práticas individuais e sociais que gerem ações e instrumentos em favor da promoção, da proteção e da defesa dos direitos humanos, bem como da reparação das violações.

Nas últimas décadas tem-se assistido a um crescente processo de fortalecimento da construção da Educação em Direitos Humanos no País, por meio do reconhecimento da relação indissociável entre educação e Direitos Humanos. Desde então, foi adotada uma série de dispositivos que visam a proteção e a promoção de direitos de crianças e adolescentes6; a educação das relações étnico-raciais7; a educação escolar quilombola8; a educação escolar indígena9; a educação ambiental10; a educação do campo11; a educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais12, as temáticas de identidade de gênero e orientação sexual na educação13; a inclusão educacional das pessoas com deficiência14 e a implementação dos direitos humanos de forma geral no sistema de ensino brasileiro15.

Evidenciando a importância que vem ocupando no cenário educacional brasileiro, a Educação em Direitos Humanos foi tematizada na Conferência Nacional de Educação (CONAE) em 2010, no eixo VI - Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade.

Justiça social, igualdade e diversidade "não são antagônicas. [...] Em uma perspectiva democrática e, sobretudo, em sociedades pluriétnicas, pluriculturais e multirraciais, [...] deverão ser eixos da democracia e das políticas educacionais, desde a educação básica e educação superior que visem a superação das desigualdades em uma perspectiva que articula a educação e os Direitos Humanos" (BRASIL, 2010). O documento final resultante dessa conferência apresenta importantes orientações para seu tratamento nos sistemas de ensino. Destaque-se que tais orientações serão ratificadas ao longo deste documento.

O Conselho Nacional de Educação também tem se posicionado a respeito da relação entre Educação e Direitos Humanos por meio de seus atos normativos. Como exemplo podem ser citadas as Diretrizes Gerais para a Educação Básica, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos e para o Ensino Médio.

Nas Diretrizes Gerais para a Educação Básica o direito à educação é concebido como direito inalienável de todos/as os/as cidadãos/ãs e condição primeira para o exercício pleno dos Direitos Humanos. Neste sentido, afirma que uma escola de qualidade social deve considerar as diversidades, o respeito aos Direitos Humanos, individuais e coletivos, na sua tarefa de construir uma cultura de Direitos Humanos formando cidadãos/ãs plenos/as. O parecer do CNE/CEB nº 7/2010, recomenda que o tema dos Direitos Humanos deverá ser abordado ao longo do desenvolvimento de componentes curriculares com os quais guardam intensa ou relativa relação temática, em função de prescrição definida pelos órgãos do sistema educativo ou pela comunidade educacional, respeitadas as características próprias da etapa da Educação Básica que a justifica (BRASIL, 2010, p. 24)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Parecer CNE/CEB nº 20/2009 e Resolução CNE/CEB nº 5/2009), por sua vez, reconhece a criança como sujeito de direito, inserindo-a no mundo dos Direitos Humanos, no que diz respeito aos direitos fundamentais à saúde, alimentação, lazer, educação, proteção contra a violência, discriminação e negligência, bem como o direito à participação na vida social e cultural.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Parecer CNE/CEB nº 5/2011 e Resolução CNE/CEB nº 2/2012), ao levarem em consideração as deliberações do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH 3) no que diz respeito à implementação do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), colocam como pressupostos e

fundamentos para o Ensino Médio de qualidade social o tema dos Direitos Humanos como um dos seus princípios norteadores.

O Parecer CNE/CEB nº 5/2011 que fundamenta essas diretrizes reconhece a educação como parte fundamental dos Direitos Humanos. Nesse sentido, chama a atenção para a necessidade de se implementar processos educacionais que promovam a cidadania, o conhecimento dos direitos fundamentais, o reconhecimento e a valorização da diversidade étnica e cultural, de identidade de gênero, de orientação sexual, religiosa, dentre outras, enquanto formas de combate ao preconceito e à discriminação.

Além dessas diretrizes, o CNE ainda aborda a temática dos Direitos Humanos na Educação por meio de normativas específicas voltadas para as modalidades da Educação Escolar Indígena, Educação Para Jovens e Adultos em Situação de Privação de Liberdade nos Estabelecimentos Penais, Educação Especial, Educação Escolar Quilombola (em elaboração), Educação Ambiental (em elaboração), Educação de Jovens e Adultos, dentre outras.

As escolas, nessa orientação, assumem importante papel na garantia dos Direitos Humanos, sendo imprescindível, nos diversos níveis, etapas e modalidades de ensino, a criação de espaços e tempos promotores da cultura dos Direitos Humanos. No ambiente escolar, portanto, as práticas que promovem os Direitos Humanos deverão estar presentes tanto na elaboração do projeto político-pedagógico, na organização curricular, no modelo de gestão e avaliação, na produção de materiais didático-pedagógicos, quanto na formação inicial e continuada dos/as profissionais da educação.

Pelo exposto, pode-se afirmar que a relevância da Educação em Direitos Humanos aparece explícita ou implicitamente nos principais documentos que norteiam as políticas e práticas educacionais. No entanto, a efetivação da Educação em Direitos Humanos no sistema educacional brasileiro implica na adoção de um conjunto de diretrizes norteadoras para que esse processo ocorra de forma integrada, com a participação de todos/as e, sobretudo, de maneira sistematizada a fim de que as garantias exigidas para sua construção e consolidação sejam observadas.

Embora avanços possam ser verificados em relação ao reconhecimento de direitos nos marcos legais, ainda se está distante de assegurar na prática os fundamentos clássicos dos Direitos Humanos - a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Ainda hoje se pode constatar a dificuldade de consolidação de uma cultura social de Direitos Humanos, em parte devido aos preconceitos presentes numa sociedade marcada por privilégios e pouco afeita aos compromissos assumidos nacional e internacionalmente.

Não se pode ignorar a persistência de uma cultura, construída historicamente no Brasil, marcada por privilégios, desigualdades, discriminações, preconceitos e desrespeitos.

Sobretudo em uma sociedade multifacetada como a brasileira, esta herança cultural é um obstáculo à efetivação do Estado Democrático de Direito. Assim, considera-se que a mudança dessa situação não se opera sem a contribuição da educação realizada nas instituições educativas, particularmente por meio da Educação em Direitos Humanos.

2 Fundamentos da Educação em Direitos Humanos

A busca pela universalização da Educação Básica e democratização do acesso a Educação Superior trouxe novos desafios para o campo das políticas educacionais. Novos contingentes de estudantes, por exemplo, trouxeram à tona, para os ambientes educacionais, a questão das diversidades de grupos e sujeitos historicamente excluídos do direito à educação e, de um modo geral, dos demais direitos. Tal situação colocou como necessidade a adoção de novas formas de organização educacional, de novas metodologias de ensino-aprendizagem, de atuação institucional, buscando superar paradigmas homogeneizantes.

A Educação em Direitos Humanos, como um paradigma construído com base nas diversidades e na inclusão de todos/as os/as estudantes, deve perpassar, de modo transversal, currículos, relações cotidianas, gestos, "rituais pedagógicos", modelos de gestão. Sendo assim, um dos meios de sua efetivação no ambiente educacional também poderá ocorrer por meio da (re)produção de conhecimentos voltados para a defesa e promoção dos Direitos Humanos.

A Educação em Direitos Humanos envolve também valores e práticas considerados como campos de atuação que dão sentido e materialidade aos conhecimentos e informações.

Para o estabelecimento de uma cultura dos Direitos Humanos é necessário que os sujeitos os signifiquem, construam-nos como valores e atuem na sua defesa e promoção.

A Educação em Direitos Humanos tem por escopo principal uma formação ética, crítica e política. A primeira se refere à formação de atitudes orientadas por valores humanizadores, como a dignidade da pessoa, a liberdade, a igualdade, a justiça, a paz, a reciprocidade entre povos e culturas, servindo de parâmetro ético-político para a reflexão dos modos de ser e agir individual, coletivo e institucional.

A formação crítica diz respeito ao exercício de juízos reflexivos sobre as relações entre os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos, promovendo práticas institucionais coerentes com os Direitos Humanos.

A formação política deve estar pautada numa perspectiva emancipatória e transformadora dos sujeitos de direitos. Sob esta perspectiva promover-se-á o empoderamento de grupos e indivíduos, situados à margem de processos decisórios e de construção de direitos, favorecendo a sua organização e participação na sociedade civil. Vale lembrar que estes aspectos tornam-se possíveis por meio do diálogo e aproximações entre sujeitos biopsicossociais, históricos e culturais diferentes, bem como destes em suas relações com o Estado.

Uma formação ética, critica e política (in)forma os sentidos da EDH na sua aspiração de ser parte fundamental da formação de sujeitos e grupos de direitos, requisito básico para a construção de uma sociedade que articule dialeticamente igualdade e diferença. Como afirma Candau (2010:400): "Hoje não se pode mais pensar na afirmação dos Direitos Humanos a partir de uma concepção de igualdade que não incorpore o tema do reconhecimento da s diferenças, o que supõe lutar contra todas as formas de preconceito e discriminação".

2.1 Princípios da Educação em Direitos Humanos

A Educação em Direitos Humanos, com finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, fundamenta-se nos seguintes princípios:

· Dignidade humana: Relacionada a uma concepção de existência humana fundada em direitos. A ideia de dignidade humana assume diferentes conotações em contextos históricos, sociais, políticos e culturais diversos. É, portanto, um princípio em que se devem levar em consideração os diálogos interculturais na efetiva promoção de direitos que garantam às pessoas e grupos viverem de acordo com os seus pressupostos de dignidade.

· Igualdade de direitos: O respeito à dignidade humana, devendo existir em qualquer tempo e lugar, diz respeito à necessária condição de igualdade na orientação das relações entre os seres humanos. O princípio da igualdade de direitos está ligado, portanto, à ampliação de direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais a todos os cidadãos e cidadãs, com vistas a sua universalidade, sem distinção de cor, credo, nacionalidade, orientação sexual, biopsicossocial e local de moradia.

· Reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades: Esse princípio se refere ao enfrentamento dos preconceitos e das discriminações, garantindo que diferenças não sejam transformadas em desigualdades. O princípio jurídico-liberal de igualdade de direitos do indivíduo deve ser complementado, então, com os princípios dos direitos humanos da garantia da alteridade entre as pessoas, grupos e coletivos. Dessa forma, igualdade e diferença são valores indissociáveis que podem impulsionar a equidade social.

· Laicidade do Estado: Esse princípio se constitui em pré-condição para a liberdade de crença garantida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e pela Constituição Federal Brasileira de 1988. Respeitando todas as crenças religiosas, assim como as não crenças, o Estado deve manter-se imparcial diante dos conflitos e disputas do campo religioso, desde que não atentem contra os direitos fundamentais da pessoa humana, fazendo valer a soberania popular em matéria de política e de cultura.

O Estado, portanto, deve assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa do País, sem praticar qualquer forma de proselitismo.

· Democracia na educação: Direitos Humanos e democracia alicerçam-se sobre a mesma base - liberdade, igualdade e solidariedade - expressando-se no reconhecimento e na promoção dos direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais. Não há democracia sem respeito aos Direitos Humanos, da mesma forma que a democracia é a garantia de tais direitos. Ambos são processos que se desenvolvem continuamente por meio da participação. No ambiente educacional, a democracia implica na participação de todos/as os/as envolvidos/as no processo educativo.

· Transversalidade, vivência e globalidade: Os Direitos Humanos se caracterizam pelo seu caráter transversal e, por isso, devem ser trabalhados a partir do diálogo interdisciplinar. Como se trata da construção de valores éticos, a Educação em Direitos Humanos é também fundamentalmente vivencial, sendo-lhe necessária a adoção de estratégias metodológicas que privilegiem a construção prática destes valores. Tendo uma perspectiva de globalidade, deve envolver toda a comunidade escolar: alunos/as, professores/as, funcionários/as, direção, pais/mães e comunidade local. Além disso, no mundo de circulações e comunicações globais, a EDH deve estimular e fortalecer os diálogos entre as perspectivas locais, regionais, nacionais e mundiais das experiências dos/as estudantes.

· Sustentabilidade socioambiental: A EDH deve estimular o respeito ao espaço público como bem coletivo e de utilização democrática de todos/as. Nesse sentido, colabora para o entendimento de que a convivência na esfera pública se constitui numa forma de educação para a cidadania, estendendo a dimensão política da educação ao cuidado com o meio ambiente local, regional e global. A EDH, então, deve estar comprometida com o incentivo e promoção de um desenvolvimento sustentável que preserve a diversidade da vida e das culturas, condição para a sobrevivência da humanidade de hoje e das futuras gerações.

Ainda que as instituições de educação básica e superior não sejam as únicas instâncias a educar os indivíduos em Direitos Humanos, elas têm como responsabilidade a promoção e legitimação dos seus princípios como norteadores dos laços sociais, éticos e políticos. Isso se faz mediante a formação de sujeitos de direitos, capazes de defender, promover e reivindicar novos direitos.

2.2 Objetivos da Educação em Direitos Humanos

Um dos principais objetivos da defesa dos Direitos Humanos é a construção de sociedades que valorizem e desenvolvam condições para a garantia da dignidade humana.

Nesse marco, o objetivo da Educação em Direitos Humanos é que a pessoa e/ou grupo social se reconheça como sujeito de direitos, assim como seja capaz de exercê-los e promovê-los ao mesmo tempo em que reconheça e respeite os direitos do outro. A EDH busca também desenvolver a sensibilidade ética nas relações interpessoais, em que cada indivíduo seja capaz de perceber o outro em sua condição humana.

Nesse horizonte, a finalidade da Educação em Direitos Humanos é a formação para a vida e para a convivência, no exercício cotidiano dos Direitos Humanos como forma de vida e de organização social, política, econômica e cultural (MALDONADO, 2004, p. 24). Esses objetivos orientam o planejamento e o desenvolvimento de diversas ações da Educação em 10

Direitos Humanos, adequando-os às necessidades, às características de seus sujeitos e ao contexto nos quais são efetivados.

3 O ambiente educacional como espaço e tempo dos DH e da EDH

Sabe-se que os processos formativos envolvem diferentes tempos, lugares, ações e vivências em diversos contextos de socialização, como a comunidade, a família, grupos culturais, os meios de comunicação, as instituições escolares, dentre outros. Os vários ambientes de aprendizagem ou formação, nesse sentido, se relacionam em determinados momentos ou situações, caso dos ambientes escolares em que se encontram diversos indivíduos oriundos de variados contextos sociais e culturais, com histórias e visões de mundo particulares. É chamando a atenção para estes aspectos que a ideia de ambiente educacional pode ser entendida como tempo e espaço potenciais para a vivência e promoção dos Direitos Humanos e da prática da Educação em Direitos Humanos.

Sendo assim, é importante ressaltar que o ambiente educacional diz respeito não apenas ao meio físico, envolvendo também as diferentes interações que se realizam no interior e exterior de uma instituição de educação. Compreende, então, os espaços e tempos dos processos educativos que se desenvolvem intra e extramuros escolares e acadêmicos, exemplificados pelas aulas; pelas relações interpessoais estabelecidas entre as diferentes pessoas e os seus papéis sociais, bem como pelas formas de interação entre instituições de educação, ambiente natural, comunidade local e sociedade de um modo geral.

Segundo Duarte (2003) o ambiente educacional está relacionado a todos os processos educativos que têm lugar nas instituições, abrangendo:

- ações, experiências, vivências de cada um dos/as participantes;
- múltiplas relações com o entorno;
- condições sócio afetivas;
- condições materiais;
- infraestrutura para a realização de propostas culturais educativas.

Tendo esses aspectos em mente, a ideia de um ambiente educacional promotor dos Direitos Humanos liga-se ao reconhecimento da necessidade de respeito às diferenças, garantindo a realização de práticas democráticas e inclusivas, livres de preconceitos, discriminações, violências, assédios e abusos sexuais, dentre outras formas de violação à dignidade humana.

Sob o ponto de vista da gestão, isso significa que todos os espaços e relações que têm lugar no ambiente educacional devem se guiar pelos princípios da EDH e se desenvolverem por meio de processos democráticos, participativos e transparentes.

Então, quando se fala em ambiente educacional promotor da Educação em Direitos Humanos deve-se considerar que esse tipo de educação se realiza na interação da experiência pessoal e coletiva. Sendo assim, não é estática ou circunscrita a textos, declarações e códigos.

Trata-se de um processo que se recria e se reelabora na intersubjetividade, nas vivências e relações dos sujeitos, na relação com o meio ambiente, nas práticas pedagógicas e sociais do cotidiano e nos conflitos sociais, constituindo-se, assim, num modo de orientação e condução da vida.

A esse respeito é importante lembrar que, inerentes à convivência humana, os conflitos também se fazem presentes nas instituições de educação. Estas são microcosmos sociais onde as diversidades se encontram. Nelas estão presentes valores, visões de mundo, necessidades, culturas, crenças, preferências das mais diferentes ordens. O convívio com tal diversidade, como se sabe, pode suscitar conflitos.

Assim sendo, tais instituições devem analisar a realidade criticamente, permitindo que as diferentes visões de mundo se encontrem e se confrontem por meio de processos democráticos e procedimentos éticos e dialógicos, visando sempre o enfrentamento das injustiças e das desigualdades. É dessa forma que o ambiente educativo favorecerá o surgimento de indivíduos críticos capazes de analisar e avaliar a realidade a partir do parâmetro dos Direitos Humanos.

Nesse sentido, o conflito no ambiente educacional é pedagógico uma vez que por meio dele podem ser discutidos diferentes interesses, sendo possível, com isso, firmar acordos pautados pelo respeito e promoção aos Direitos Humanos. Além disso, a função pedagógica da mediação permite que os sujeitos em conflito possam lidar com suas divergências de forma autônoma, pacífica e solidária, por intermédio de um diálogo capaz de empoderá-los para a participação ativa na vida em comum, orientada por valores baseados na solidariedade, justiça e igualdade.

4 A Educação em Direitos Humanos nas instituições de educação básica e educação superior

A Educação em Direitos Humanos também ocorre mediante a aproximação entre instituições educacionais e comunidade, a inserção de conhecimentos, valores e práticas convergentes com os Direitos Humanos nos currículos de cada etapa e modalidade da educação básica, nos cursos de graduação e pós-graduação, nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas (PPP), nos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI) e nos Pro-

gramas Pedagógicos de Curso (PPC) das instituições de educação superior. Em suma, nos diferentes espaços e tempos que instituem a vida escolar e acadêmica.

A inserção dos conhecimentos concernentes à Educação em Direitos Humanos na organização dos currículos da Educação Básica e Educação Superior poderá se dar de diferentes formas, como por exemplo:

- pela transversalidade, por meio de temas relacionados aos Direitos Humanos e tratados interdisciplinarmente;
- como um conteúdo específico de uma das disciplinas já existentes no currículo escolar;
- de maneira mista, ou seja, combinando transversalidade e disciplinaridade;

Não é demasiado lembrar que os sistemas de ensino e suas instituições têm autonomia para articular e adaptar essas possibilidades de implementação da EDH em suas orientações teóricas e práticas no processo educativo, observando os princípios e objetivos gerais da Educação em Direitos Humanos. Há, todavia, especificidades da Educação Básica e da Educação Superior que precisam ser explicitadas.

4.1 Na Educação Básica

A escola de educação básica é um espaço privilegiado de formação pelas contribuições que possibilitam o desenvolvimento do ser humano. A socialização e a apreensão de determinados conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade podem ser efetivados na ambiência da educação básica por meio de suas diferentes modalidades e múltiplas dimensionalidades, tais como a educação de jovens e adultos, educação no campo, educação indígena, educação quilombola, educação étnico-racial, educação em sexualidade, educação ambiental, educação especial, dentre outras.

A vivência da Educação em Direitos Humanos, nesse nível de ensino, deve ter o cotidiano como referência para analisá-lo, compreendê-lo e modificá-lo. Isso requer o exercício da cidadania ativa de todos/as os/as envolvidos/as com a educação básica. Sendo a cidadania ativa entendida como o exercício que possibilita a prática sistemática dos direitos conquistados, bem como a ampliação de novos direitos. Nesse sentido, contribui para a defesa da garantia do direito à educação básica pública, gratuita e laica para todas as pessoas, inclusive para os que a ela não tiveram acesso na idade própria. É possível afirmar que essa garantia é condição para pensar e estruturar a Educação em Direitos Humanos, considerando que a efetividade do acesso às informações possibilita a busca e a ampliação dos direitos.

Conforme estabelece o PNEDH (BRASIL, 2006, p. 23), "a universalização da educação básica, com indicadores precisos de qualidade e de equidade, é condição essencial para a disseminação do conhecimento socialmente produzido e acumulado e para a democratização da sociedade". Essa é a principal função social da escola de educação básica.

A democratização da sociedade exige, necessariamente, informação e conhecimento para que a pessoa possa situar-se no mundo, argumentar, reivindicar e ampliar novos direitos.

A informação toma uma relevância maior quando se lida com os vários tipos de conhecimentos e saberes, sejam eles caracterizados como tecnológicos, instrumentais, populares, filosóficos, sociológicos, científicos, pedagógicos, entre outros (SILVA,2010).

Mesmo sabendo que a escola não é o único lugar onde esses conhecimentos são construídos, reconhece-se que é nela onde eles são apresentados de modo mais sistemático.

Ao desempenhar essa importante função social, a escola pode ser compreendida, de acordo com o PNEDH como:

Um espaço social privilegiado onde se definem a ação institucional pedagógica e a pratica e vivencia dos direitos humanos. [...] local de estruturação de concepções de mundo e de consciência social, de circulação e de consolidação de valores, de promoção da diversidade cultural, da formação para a cidadania, de constituição de sujeitos sociais e de desenvolvimento de práticas pedagógicas (BRASIL, 2006, p. 23).

Essa escola, Alain Touraine (1998) denomina de escola democratizante, entendendo-a como aquela que assume o compromisso de formar os indivíduos para serem atores sociais, ensina a respeitar a liberdade do outro, os direitos individuais, a defesa dos interesses sociais e os valores culturais, objetivando o combate a todos os tipos de preconceitos e discriminações com qualquer segmento da sociedade.

Nessa concepção, a Educação em Direitos Humanos não se limita à contextualização e à explicação das variáveis sociais, econômicas, políticas e culturais que interferem e orientam os processos educativos, embora ela seja imprescindível para a compreensão da sua construção. Faz parte dessa educação a apreensão dos conteúdos que dão corpo a essa área, como a história, os processos de evolução das conquistas e das violações dos direitos, as legislações, os pactos e acordos que dão sustentabilidade e garantia aos direitos.

Além disso, os conteúdos devem estar associados ao desenvolvimento de valores e de comportamentos éticos na perspectiva de que o ser humano é parte da natureza e sempre incompleto em termos da sua formação. O ser humano por ter essa incompletude tem necessidade permanente de conhecer, construir e reconstruir regras de convivência em sociedade.

É importante destacar alguns princípios que norteiam a Educação em Direitos Humanos na Educação Básica, definidos no PNEDH (BRASIL, 2006) e referendados no Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 (BRASIL, 2010), no sentido de contribuir com os sistemas de ensino e suas instituições de educação na elaboração das suas respectivas propostas pedagógicas:

- a Educação em Direitos Humanos além de ser um dos eixos fundamentais da educação básica, deve orientar a formação inicial e continuada dos/as profissionais da educação, a elaboração do projeto político pedagógico, os materiais didático-pedagógicos, o modelo de gestão e a avaliação das aprendizagens.
- A prática escolar deve ser orientada para a Educação em Direitos Humanos, assegurando o seu caráter transversal e a relação dialógica entre os diversos atores sociais.
- Os/as estudantes devem ser estimulados/as para que sejam protagonistas da construção de sua educação, com o incentivo, por exemplo, do fortalecimento de sua organização estudantil em grêmios escolares e em outros espaços de participação coletiva.
- Participação da comunidade educativa na construção e efetivação das ações da Educação em Direitos Humanos.

Cabe chamar a atenção para a importância de alicerçar o Projeto Político Pedagógico nos princípios, valores e objetivos da Educação em Direitos Humanos que deverão transversalizar o conjunto das ações em que o currículo se materializa. Propõe-se assim que, no currículo escolar, sejam incluídos conteúdos sobre a realidade social, ambiental, política e cultural, dialogando com as problemáticas que estão próximas da realidade desses estudantes.

Com isso pretende-se possibilitar a incorporação de conhecimentos e de vivências democráticas, incluindo o estímulo a participação dos/as estudantes na vida escolar, inclusive na organização estudantil, para a busca e defesa dos direitos e responsabilidades coletivas.

Para que a instituição educativa se constitua em um ambiente educativo democrático, local de diferentes aprendizagens, é necessário considerar também as diversas fases de desenvolvimento da criança, jovens e adultos respeitando as suas individualidades enquanto sujeitos de direitos. Assim, os jogos e as brincadeiras devem ter por princípios o respeito integral aos direitos do outro, a convivência democrática, a sociabilidade socioambiental e a solidariedade.

Sob a perspectiva da EDH as metodologias de ensino na educação básica devem privilegiar a participação ativa dos /as estudantes como construtores/as dos seus conhecimentos, de forma problematizadora, interativa, participativa e dialógica. São exemplos das possibilidades que a vivência destas metodologias pode possibilitar:

- construir normas de disciplinas e de organização da escola, com a participação direta dos/as estudantes;

- discutir questões relacionadas à vida da comunidade, tais como problemas de saúde, saneamento básico, educação, moradia, poluição dos rios e defesa do meio ambiente, transporte, entre outros;
- trazer para a sala de aula exemplos de discriminações e preconceitos comuns na sociedade, a partir de situação-problema e discutir formas de resolvê-las;
- tratar as datas comemorativas que permeiam o calendário escolar de forma articulada com os conteúdos dos Direitos Humanos de forma transversal, interdisciplinar e disciplinar;
- trabalhar os conteúdos curriculares integrando-os aos conteúdos da área de DH, através das diferentes linguagens; musical, corporal, teatral, literária, plástica, poética, entre outras, com metodologias ativa, participativa e problematizadora.

Para a efetivação da educação com esses fundamentos teórico-metodológicos será necessário o enfrentamento de muitos desafios nos âmbitos legais e práticos das políticas educacionais brasileiras. Um dos maiores desafios que obstaculizam a concretização da EDH nos sistemas de ensino é a inexistência, na formação dos/as profissionais nas diferentes áreas de conhecimento, de conteúdos e metodologias fundados nos DH e na EDH.

Com relação a essa preocupação há uma recomendação explícita no Documento Final da Conferência Nacional de Educação 2010 (CONAE), na área específica da Educação em Direitos Humanos, que se refere à ampliação da [...] formação continuada dos/as profissionais da educação em todos os níveis e modalidades de ensino, de acordo com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e dos planos estaduais de Direitos Humanos, visando a difusão, em toda a comunidade escolar, de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade e a democracia participativa. (BRASIL, 2010, p. 162)

Ao lado do reconhecimento da existência de muitos desafios, há o entendimento de que eles precisam ser enfrentados coletivamente para a garantia de uma educação de qualidade social que possibilita a inclusão e permanência dos/as estudantes com resultados positivos no ambiente educacional e na sociedade quando assentada na perspectiva da EDH.

Alguns desses desafios serão explicitados mais adiante.

4.2 Na Educação Superior

O Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos (PMEDH- 2, 2010) tratando da sua implementação na educação superior, destaca a responsabilidade das IES com a formação de cidadãos/ãs éticos/as comprometidos/as com a construção da paz, da defesa dos direitos humanos e dos valores da democracia, além da responsabilidade de gerar conhecimento mundial visando atender os atuais desafios dos direitos humanos, como a erradicação da pobreza, do preconceito e da discriminação.

Sendo assim, as responsabilidades das IES com a Educação em Direitos Humanos no ensino superior estão ligadas aos processos de construção de uma sociedade mais justa, pautada no respeito e promoção dos Direitos Humanos, aspectos ratificados pelo PNEDH como forma de firmar o compromisso brasileiro com as orientações internacionais. Com base nessas, toda e qualquer ação de Educação em Direitos Humanos deve contribuir para a construção de valores que visam a práxis transformadora da sociedade, perpassando os espaços e tempos da educação superior.

Vê-se, com isso, que a inserção da Educação em Direitos Humanos na Educação Superior deve ser transversalizada em todas as esferas institucionais, abrangendo o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão. No ensino, por exemplo, os Direitos Humanos, nos projetos pedagógicos dos cursos e suas atividades curriculares, podem ser incluídos como conteúdos complementares e flexíveis, por meio de seminários e atividades interdisciplinares, como disciplinas obrigatórias e/ou optativas ou ainda de maneira mista, combinando mais de um modo de inserção por meio do diálogo com várias áreas de conhecimento. Como ação transversal e interdisciplinar, numa perspectiva crítica de currículo, a EDH propõe a relação entre teoria e prática, entre as garantias formais e a efetivação dos direitos.

No que se refere à pesquisa, vale lembrar que, semelhante a qualquer área de conhecimento, o desenvolvimento de saberes e ações no campo da Educação em Direitos Humanos se dá principalmente com o apoio de investigações especializadas. “A pesquisa científica nos mais variados campos do conhecimento e da vida associativa produz resultados passíveis de serem incorporados a programas e políticas de promoção da paz, do desenvolvimento, da justiça, da igualdade e das liberdades” (ADORNO; CARDIA, 2008, p.196), assim como da fraternidade.

As demandas por conhecimentos na área dos direitos humanos requerem uma política de incentivo que institua a realização de estudos e pesquisas. Faz-se necessário, nesse sentido, a criação de núcleos de estudos e pesquisas com atuação em temáticas como violência, direitos humanos, segurança pública, criança e adolescente, relações de gênero, identidade de gênero, diversidade de orientação sexual, diversidade cultural, dentre outros.

O Programa Nacional de Direitos Humanos III (2009) e o Plano Nacional de educação em Direitos Humanos (2006) reiteram a necessidade destes estudos e pesquisas, bem como a criação, a longo prazo, dos Direitos Humanos como área de conhecimento nos órgãos de fomento a pesquisa. Enfatizam ainda a importância da organização de acervos e da memória institucional como valor democrático e pedagógico.

Nas atividades de extensão, a inclusão dos Direitos Humanos no Plano Nacional de Extensão Universitária enfatiza o compromisso das universidades com a promoção e a defesa dos Direitos Humanos. É oportuno lembrar, a este respeito, a necessidade das Instituições de Ensino Superior atenderem demandas não só formativas, mas também de intervenção por meio da aproximação com os segmentos sociais em situação de exclusão social e violação de direitos, assim como os movimentos sociais e a gestão pública. À IES cabe, portanto, o papel de assessorar governos, organizações sociais e a sociedade na implementação dos Direitos Humanos como forma de contribuição para a consolidação da democracia.

Na gestão, os direitos humanos devem ser incorporados na cultura e gestão organizacional, no modo de mediação de conflitos, na forma de lidar e reparar processos de violações através de ouvidorias e comissões de direitos humanos, na representação institucional e intervenção social junto às esferas públicas de cidadania, a exemplo da participação das IES em conselhos, comitês e fóruns de direitos e políticas públicas.

As Instituições de Ensino Superior não estão isentas de graves violações de direitos. Muitas delas (re)produzem privilégios de classe e discriminações étnicas, raciais, de orientação sexual, dentre outras. Mesmo com tantas conquistas no campo jurídico-político, ainda persiste a falta de igualdade de oportunidades de acesso e permanência na Educação Superior, sendo ainda necessária a implementação de políticas públicas que, efetivamente, revertam as situações de exclusão a que estão sujeitos muitos/as estudantes brasileiros/as.

Espera-se de uma IES que contemple os Direitos Humanos como seus princípios orientadores e a Educação em Direitos Humanos como parte do processo educativo. Sem o respeito aos Direitos Humanos não será possível consolidar uma democracia substancial, nem garantir uma vida de qualidade para todos/as. Será preciso o compromisso com a construção de uma cultura de direitos, contribuindo para o bem estar de todos/as e afirmação das suas condições de sujeitos de direitos.

5 Desafios

Ter leis que garantam direitos não significa que estes sejam (re)conhecidos e vivenciados no ambiente educacional, bem como nas demais instituições sociais. Diante disso, torna-se premente a efetivação de uma cultura dos Direitos Humanos, reafirmando a importância do papel da Educação em Direitos Humanos. No entanto, para se alcançar tal objetivo é necessário enfrentar alguns desafios.

O primeiro deles é a formação, pautada nas questões pertinentes aos Direitos Humanos, de todos/as os/as profissionais da educação nas diferentes áreas do conhecimento, uma vez que esses conteúdos não fizeram e, em geral, não fazem parte dos cursos de graduação e pós-graduação, nem mesmo da Educação Básica (SILVA, FERREIRA, 2010, p. 89). Sendo assim, compreende-se que a formação destes/as profissionais deverá contemplar o conhecimento e o reconhecimento dos temas e questões dos Direitos Humanos com o intuito de desenvolver a capacidade de análise crítica a respeito do papel desses direitos na sociedade, na comunidade, na

instituição, fazendo com que tais profissionais se identifiquem e identifiquem sua instituição como protetores e promotores destes direitos.

O segundo desafio diz respeito à valorização desses/as profissionais que deverão ser compreendidos/as e tratados/as como sujeitos de direitos, o que implica, por parte dos entes federados responsáveis pelas políticas educacionais, garantir condições dignas de trabalho que atendam as necessidades básicas e do exercício profissional. Tal situação requer o efetivo cumprimento das políticas de profissionalização, assegurando garantias instituídas nos diversos planos de carreira de todos/as os/as trabalhadores/as da educação.

O terceiro diz respeito à socialização dos estudos e experiências bem sucedidas desenvolvidos na área dos Direitos Humanos, realizados em instituições de ensino e centros independentes, como institutos e organizações não governamentais. Torna-se necessário, então, o fomento às pesquisas em Educação em Direitos Humanos e nas temáticas que a integram no âmbito das instituições de educação superior que, por sua vez, poderão promover encontros, seminários, colóquios e publicações de caráter interdisciplinar a fim de divulgar os novos conhecimentos produzidos na área.

O quarto desafio a ser enfrentado pelas instituições de educação e de ensino está ligado à perspectiva do respeito às diversidades como aspecto fundamental na reflexão sobre as diversas formas de violência que ocasionam a negação dos Direitos Humanos. Nesse sentido, o reconhecimento político das diversidades, fruto da luta de vários movimentos sociais, ainda se apresenta como necessidade urgente no ambiente educacional, dadas as recorrentes situações de preconceitos e discriminações que nele ocorrem.

O quinto desafio se refere à compreensão ampla da participação democrática requerida pela Educação em Direitos Humanos. Nesse sentido, é preciso lembrar da necessidade de representação de todos os segmentos que integram a comunidade escolar e acadêmica em seus diferentes tempos e espaços. É dessa forma que se construirá o sentido de participação política entre os diferentes atores que compõem o ambiente escolar. No que diz respeito à participação na construção do conhecimento, é imprescindível considerar o protagonismo discente e docente, favorecendo as suas participações ativas.

O sexto desafio refere-se à necessidade de criação de políticas de produção de materiais didáticos e paradidáticos, tendo como princípios orientadores o respeito à dignidade humana e a diversidade cultural e socioambiental, na perspectiva de educar para a consolidação de uma cultura de Direitos Humanos nos sistemas de ensino.

O sétimo desafio está ligado ao reconhecimento da importância da Educação em Direitos Humanos e sua relação com a mídia e as tecnologias da informação e comunicação.

O caráter crítico da informação e da comunicação deverá se pautar nos direitos humanos, favorecendo a democratização do acesso e a reflexão dos conteúdos veiculados. A garantia do direito humano deve considerar também a livre expressão de pensamento, como forma de combate a toda forma de censura ou exclusão.

Por fim, posto que direitos humanos e educação em direitos humanos são indissociáveis, o oitavo desafio se refere à efetivação dos marcos teórico-práticos do diálogo intercultural ao nível local e global, de modo a garantir o reconhecimento e valorização das diversidades socioculturais, o combate às múltiplas opressões, o exercício da tolerância e da solidariedade, tendo em vista a construção de uma cultura em direitos humanos capaz de constituir cidadãos/ãs comprometidos/as com a democracia, a justiça e a paz.

II – VOTO DA COMISSÃO

Ao aprovar este Parecer e o Projeto de Resolução anexo, a comissão bicameral de Educação em Direitos Humanos submete-os ao Conselho Pleno para decisão.

Brasília (DF), 6 de março de 2012.

Conselheiro Antônio Carlos Caruso Ronca – Presidente

Conselheira Rita Gomes do Nascimento – Relatora

Conselheiro Raimundo Moacir Feitosa – membro

Conselheiro Reynaldo Fernandes – membro

III – DECISÃO DO CONSELHO PLENO

O Conselho Pleno aprova, por unanimidade, o voto da Comissão.

Plenário, 6 de março de 2012.

Conselheiro Antônio Carlos Caruso Ronca – Presidente

Referências Bibliográficas

ADORNO, Sergio; CARDIA, Nancy. A universidade e os Direitos Humanos. In MARCILIO, Maria Luiza. A Declaração Universal dos Direitos Humanos: sessenta anos: sonhos e realidade. São Paulo: USP, 2008.

BENEVIDES, Maria Victoria. A cidadania ativa. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Prefácio. In SCHILLING, Flávia. Direitos Humanos e educação: outras palavras, outras práticas. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos 1. Brasília, DF, 1996.

_____. Presidência da República. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Brasília: MEC, 1996.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos 2. Brasília, DF, 2002.

_____.Direitos humanos: documentos internacionais. Brasília: SEDH-PR, 2006.

_____. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Indagações sobre currículo. Brasília, DF, 2007b.

_____. Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Conselho Escolar e Direitos Humanos. Brasília, DF, vol.11, 2008.

_____. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3). Ed. rev. Brasília: SEDH/PR, 2010.

_____.Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Marcos político legais da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, DF, 2010.

_____Ministério da Educação. Documento Final da Conferencia Nacional de Educação. Brasília, 2010.

CANDAU, Vera Maria. Educação em direitos humanos: desafios atuais. In GODOY, Rosa Maria et al. Educação e Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos. Brasilia: SEDH, 2010.

CONAE, Conferência Nacional de Educação. Documento Referência. Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: O Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Estratégias de Ação. Presidência da República, Ministério da Educação, Secretaria Executiva, Secretaria Executiva Adjunta, 2010.

DIAS, Adelaide; PORTO, Rita de C. A pedagogia e a Educação em Direitos Humanos. In FERREIRA, Lucia G.; ZENAIDE, Maria de N; DIAS, Adelaide (org). Direitos Humanos na Educação Superior: subsídios para a Educação em Direitos Humanos na pedagogia. João Pessoa: editora universitária da UFPB, 2010.

DIAS, Clarence. Educação em Direitos Humanos como estratégia para o desenvolvimento. In CLAUDE, Richard & ANDREOPOULOS, George. Educação em Direitos Humanos para o século XXI. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Núcleo de Estudos da Violência, 2007.

DUARTE, Jakeline. Ambientes de aprendizaje: una aproximacion conceptual. Estudos Pedagógicos.Valdivia, nº29, 2003.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares e PEREIRA, Célia Maria Rodrigues da e SILVA, Itamar Nunes da (Orgs.). Direitos humanos na educação superior - subsídios para a Educação em Direitos Humanos na pedagogia. 01 ed. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2010.

FLOWERS, Nancy & SHIMAN, David. Educação de professores e a visão de Direitos Humanos. In CLAUDE, Richard & ANDREOPOULOS, George. Educação em Direitos Humanos para o século XXI. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Núcleo de Estudos da Violência, 2007.

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 2001.

GENEVOIS, Margarida. Prefacio. In SILVEIRA, Rosa M. G. et all. Educação em Direitos Humanos: fundamentos práticos e metodológicos. João Pessoa: UFPB, 2007.

IIDH, Instituto Interamericano de Direitos Humanos. VIII Relatório Interamericano da Educação em Direitos Humanos. São José. Primeira edição, 2010.

IIDH. Agencia Danesa de Cooperación Internacional, DANIDA; Agencia Sueca de Cooperación Internacional para el Desarrollo, ASDI; Fundación Ford; Norwegian Ministry of Foreign Affairs. Propuesta Curricular y Metodológica para la incorporación de la Educación en Derechos Humanos en la educación formal de niños y niñas entre 10 y 14 años de edad. San José de Costa Rica: Unidad Pedagógica del Instituto Interamericano de Derechos Humanos, 2006.

MAGENDZO K., Abraham. Ideas-fuerza y pensamiento de la educación em derechos humanos en Iberoamérica. In: Pensamiento e ideas-fuerza de la educación en derechos humanos en Iberoamérica. UNESCO, OEI - Educação dos Estados Ibero-Americanos para Educação, Ciência e Cultura. Edições SM: Chile, 2009.

MALDONADO, Luis Fernando y Otros. Educación en derechos humanos desde uma perspectiva critica. USAID – MSD. Bogotá, Colombia: 2004.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. ONU-AG.), 1948. Disponível em www.direitoshumanos.usp.br>. Acesso em: 10 maio 2011.

_____. Comitê de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (DESC). Observação Geral nº 13 sobre o Direito à Educação (Artigos 13 e 14 do PIDESC), E/C.12/1999.

_____. Declaração e programa de ação de Viena. ONU, 1993. Disponível em: <www.direitoshumanos.usp.br>. Acesso em: 10 maio 2011.

_____. El Decenio de las Naciones Unidas para la Educación en la esfera de los Derechos Humanos: 1995 – 2004, Nueva Jorque y Ginebra, 1998.

RODINO, Ana Maria. Educação superior e Direitos Humanos: o papel das universidades perante os desafios do século XXI. Visão e propostas para a região. In: Educação para a vida em democracia: conteúdo os e orientações metodológicas.

UNESCO, Secretaria de Relações Exteriores do México, Universidade Nacional Autônoma do México e Universidade Ibero-americana, sede Cidade do México, México, 2003.

SALVIOLI, Fabián. La universidad y la educación en el siglo XXI: los derechos humanos como pilares de la nueva reforma universitaria. San José- Costa Rica: Instituto Interamericano de Derechos Humanos, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. Revista Crítica de Ciências Sociais. n. 48, 1997, p.11-32

SILVA, Aida Monteiro; FERREIRA, Naura, S.C. Políticas Públicas em Direitos Humanos. In FERREIRA, Lucia G.; ZENAIDE, Maria de N; DIAS, Adelaide (org).

Direitos Humanos na Educação Superior: subsídios para a Educação em Direitos Humanos na pedagogia. João Pessoa: editora universitária da UFPB, 2010.

SILVA, Aida Monteiro; TAVARES, Celma (org.) Políticas e Fundamentos da Educação em Direitos Humanos. São Paulo:Cortez, 2010.

SILVEIRA, Maria Rosa Godoy; NADER, Alexandre Antonio Gili e DIAS, Adelaide Alves. Subsídios para a elaboração das diretrizes gerais da Educação em Direitos Humanos. Versão preliminar. João Pessoa: Editora Universitária-UGPB, 2007.

UNESCO. Recomendación sobre La educación para La compreensión, La cooperación y La paz internacionales y La educación relativa a los derechos humanos y las libertades fundamentales.(1974) Disponível em: <http://www.portal.unesco.org/es>. Acessado em 05/03/2020.

_____. La educación en derechos humanos en la America Latina y el Caribe. México: Universidad Nacional Autónoma de México y Universidad Iberoamericana/UNESCO, 2003.

_____. Programa mundial de Educação em Direitos Humanos. Brasília: UNESCO, 2009. (mimeo).

_____.Declaración de México sobre educación en derechos humanos en América latina y Caribe. México, 2001 (mimeo)

VEIGA, I.P.A. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dezembro 2003.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. Políticas de extensão universitária e a disputa pela hegemonia: a questão dos Direitos Humanos na UFPB (Tese de Doutorado em Educação). João Pessoa- PPGE-CE-UFPB, 2010 (mimeo).

_____. A formação em Direitos Humanos na universidade: ensino, pesquisa e extensão. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

_____. Os desafios da Educação em Direitos Humanos no ensino. In: SILVA, Ainda Maria Monteiro e TAVARES, Celma. (Org.). Políticas e fundamentos da Educação em Direitos Humanos. SP: Cortez, 2010, p. 64-83.

TOURAINE, Alain. Poderemos viver juntos? Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

Apêndice 1 - Cronologia da legislação internacional que fundamenta o direito à educação e à EDH
SISTEMA ONU

1945 Carta das Nações Unidas. Assinada em São Francisco, dia 26 de junho de 1945, após o término da Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional.

1948 Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. Adotada e proclamada pela Assembleia Gral em sua Resolução de 10 de dezembro de 1948.

1959 Declaração dos Direitos da Criança. Assembleia Geral, Resolução 1386 (XIV), de 1959.

1960 Convenção relativa à luta contra as discriminações em matéria de ensino.

Adotada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em sua 11ª reunião celebrada em Paris de 14 de novembro a 15 de dezembro de 1960.

1963 Declaração a eliminação de todas as formas de discriminação racial.

Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, dia 20 de novembro de 1963 [resolução 1904 (XVIII)]

1965 Declaração sobre o fomento entre a juventude dos ideais de paz, respeito mutuo e compreensão entre os povos. Adotada pela Assembleia Geral da ONU, em sua Resolução 2037 (XX), de 07 de dezembro de 1965.

Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial. Adotada e aberta à assinatura e ratificação pela Assembleia Geral em sua Resolução 2106 A (XX), de 21 de dezembro de 1965.

1966 Pacto Internacional Sobre Direitos Civis e Políticos e Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. Adotados pela Resolução n.2.200-A (XXI) da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 16 de dezembro de 1966.

1974 Recomendação a educação para a compreensão, cooperação e a paz internacionais e a educação relativa aos Direitos Humanos e às liberdades fundamentais. Aprovada pela Conferência Geral da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura, em sua 18.ª reunião, dia 19 de novembro de 1974.

1979 Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher. Adotada e aberta à assinatura e ratificação ou adesão pela Assembleia Geral em sua resolução 34/180, de 18 de dezembro de 1979. (art. 10)

1984 Convenção contra tortura e outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes. Adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, através da Resolução n. 39/46, em 10 de dezembro de 1984.

1985 Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça de Menores - Regras de Beijing. Adotadas pela Assembleia Geral das Nações Unidas na sua resolução 40/33, de 29 de Novembro de 1985.

1989 Convenção sobre os Direitos da Criança. Adotada e aberta à assinatura e ratificação pela Assembleia Geral em sua Resolução 44/25, de 20 de novembro de 1989. (art. 29)

1990 Diretrizes das Nações Unidas para a prevenção da delinquência juvenil – Diretrizes de Riad. Adotadas e proclamadas pela Assembleia Geral em sua resolução 45/112, de 14 de dezembro de 1990.

2000 Declaração das ONGs Educação para Todos, Consulta Internacional de ONGS (CCNGO), feita em Dakar, dia 25 de Abril de 2000.

Protocolo Facultativo para a Convenção dos Direitos da Criança, Venda de crianças, pornografia e prostituição infantil. Adotado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 25 de maio de 2000.

UNESCO, OIT E CONGRESSOS INTERNACIONAIS

1978 Declaração sobre a raça e os prejuízos raciais. Adotada na Conferência Geral da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris em sua 20ª reunião, de 24 de outubro a 28 de novembro de 1978.

1989 C169 Convenio sobre povos indígenas e tribais. Convocado em Genebra pelo

Conselho de Administração da Oficina Internacional do Trabalho, dia 7 de junho de 1989, em sua 76ª reunião.

Convenção sobre o Ensino Técnico e Profissional. Adotada na Conferência Geral da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris de 17 de outubro a 16 de novembro de 1989 em sua 25ª reunião.

1990 Carta das Cidades Educadoras. Adotada durante o 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, em Barcelona - Novembro de 1990. Esta Carta foi revista no III Congresso Internacional (Bolonha, 1994) e no de Gênova (2004).

Proposta Definitiva datada de Novembro de 2004

1997 Convênio sobre Reconhecimento de Qualificações relativas à Educação Superior na Região Europeia. Adotado em Lisboa, dia 11 de abril de 1997.

Recomendação relativa à Condição do Pessoal Docente do Ensino Superior. Adotada na Conferência Geral da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), reunida em Paris de 21 de outubro a 12 de novembro de 1997, em sua 29ª reunião.

1998 Recomendação revisada relativa ao Ensino Técnico e Profissional, de 2 de novembro de 2001 originária da Decisão 154 EX/4.3 (de maio de 1998)

2001 Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Aprovada na 31ª reunião da Conferência Geral da UNESCO, em 2001.

2007 Marco de princípios reitores. Aprovado pelo Conselho Executivo em sua 177ª reunião (Decisão 177 EX/35 II) de 01 Outubro de 2007.

SISTEMA INTERAMERICANO

1948 Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem. Resolução XXX, aprovada na IX Conferência Internacional Americana, em Bogotá, em abril de 1948.

1969 Convenção Americana sobre Direitos Humanos – Pacto de San José da Costa Rica. Assinada na Conferência Interamericana de Direitos Humanos em 22 de novembro de 1969.

1985 Convenção Interamericana para Prevenir e Sancionar a Tortura. Adotada em Cartagena das Índias na Colômbia, dia 09 de dezembro de 1985. Durante a 15ª sessão ordinária da Assembleia Geral.

1988 Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos em Matéria de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, "Protocolo de San Salvador". Adotado em San Salvador, El Salvador, dia 17 de novembro de 1988, no 18º período ordinário de sessões da Assembleia Geral.

1994 Convenção Interamericana para Prevenir, Sancionar e Erradicar a Violência contra a mulher "Convenção de Belém do Pará". Adotada e aberta à assinatura, ratificação e adesão pela Assembleia Geral da OEA em seu 24º período ordinário de sessões, de 9 de junho de 1994, em Belém do Pará, Brasil.

Declaração de Princípios – Primeira Cumbre das Américas. De dezembro de 1994, originando o Pacto para o Desenvolvimento e a Prosperidade: Democracia, Livre Comércio e Desenvolvimento Sustentável nas Américas.

1999 Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência. Adotada na cidade do Guatemala, Guatemala, dia 7 de junho de 1999, no 29º período ordinário de sessões da Assembleia Geral.

1999 Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos em Matéria de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, "Protocolo de San Salvador" (artigo 13.2). Aprovado no Brasil pelo Decreto nº 3.321, de 30 de dezembro de 1999.

2001 Resolução de San José da Costa Rica – Carta Democrática Interamericana.

Aprovada na 4ª sessão plenária, realizada em 5 de junho de 2001.

Declaração do México sobre a Educação em Direitos Humanos na América Latina e no Caribe. Adotada na Conferência Regional de Educação em Direitos Humanos na América Latina e do Caribe, realizada na Cidade do México de 28 novembro a 1 dezembro 2001.

2005

Resolução OEA/AG/RES. 2.066 (XXXV-O/05), mediante a qual a Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos sugere a incorporação de conteúdos e ações básicas em matéria de direitos humanos nos centros formais de educação.

2008 Resolução OEA/AG/RES. 2.404 (XXXVIII-O/08). Sugere aos Estados Membros que analisem a contribuição da Proposta Curricular do IIHR de incorporar a educação em direitos humano no currículo oficial para crianças na idade de 10 a 14 anos.

2009 Resolução OEA/AG/RES. 2.481 (XXXIX-O/09). Destaca a importância do Programa de Educação em valores e práticas democráticas e o fortalecimento de uma cultura democrática e de não violência na educação formal e não formal.

2010 Resolução OEA/AG/RES. 2.604 (XL-O/10). Adotada na 4ª sessão plenária de 8 de junho de 2010. Sugere aos Estados Membros que incorporem a Educação em Direitos Humanos em todos os níveis do sistema de educação formal.

2011 Resolução OEA/AG/RES. 2.673 (XLI-O/11), adotada na 4a. Sessão plenária em 7.6.2011. Sugere aos Estados que incorporem a educação em direitos humanos em todos os níveis do sistema de educação formal.

Apêndice 2- Cronologia da legislação e ações políticas que fundamentam a EDH no Brasil

1988 Constituição Federal

1989 Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989 Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

1990

Lei 8.069/1990, de 13 de julho de 1990 Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança.

1992 Decreto nº 678, de 6 de novembro de 1992 Promulga a Convenção Americana de Direitos Humanos – Pacto de San Jose da Costa Rica

Decreto nº 592, de 6 de julho de 1992 Promulga o Pacto Internacional sobre direitos civis e políticos 1994 Lei nº 10.098/1994 Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

Portaria nº 1.793/1994 - Dispõe sobre a necessidade de complementar os currículos de formação de docentes e outros profissionais que interagem com portadores de necessidades especiais e dá outras providências

Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994 Dispõe sobre a política nacional do idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso

1995 Criação da Rede Brasileira de Educação em Direitos

1996 Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Estabelece as diretrizes e bases da educação.

Decreto nº 2.099, de 18 de dezembro de 1996 Cria o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente CONANDA.

1997 Decreto nº 2.208/1997 Regulamenta a Lei nº 9.394/1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional

1996 Decreto nº 1.904, de 13 de maio de 1996 Institui o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH I

1999 Decreto nº 3.321, de 30 de dezembro de 1999 Promulga o Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos em Matéria de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais "Protocolo de São Salvador", concluído em 17 de novembro de 1988, em São Salvador, El Salvador.

Portaria nº 319/1999 Institui no Ministério da Educação, vinculada à Secretaria de Educação Especial/SEESP a Comissão Brasileira do Braille, de caráter permanente.

Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 Política Nacional de Educação Ambiental

2000 Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

2000 Lançamento do Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto Juvenil

2001 Lei nº 10.172/2001 Plano Nacional de Educação (PNE).

Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001 Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental - Lei Paulo Delgado.

Decreto nº 3.956/2001 (Convenção da Guatemala) Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.

Decreto nº 3.952/2001 Regulamenta o Conselho Nacional de Combate à Discriminação.

2002 Decreto nº 4.229, de 13 de maio de 2002 Dispõe sobre o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH 2, instituído pelo Decreto n 1.904, de 13 de maio de 1996. (revogado pelo Decreto 7037/09)

Lei nº 10.436/2002 Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências

Portaria nº 365, de 12 de setembro de 2002 Criação da Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (CONAETI)

2003 Portaria nº 98, de 9 de julho de 2003 Institui o Comitê de Educação em Direitos Humanos

Portaria nº 66/2003, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos /SEDH – cria o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos

2003 Lei nº 10.678, de 23 de maio de 2003 Cria o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR).

Regulamentada pelo Decreto 4.885 de 20 de novembro de 2003.

Criação da SECAD

Decreto nº 5.159, de 28 de julho de 2004 Publicado no DOU de 29.7.2004 Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas do Ministério da Educação, e dá outras providências. (art. 29). Revogado pelo Decreto 6.320/2007, que por sua vez foi revogado pelo Decreto 7.480.

2004 Decreto nº 5.174, de 9 de agosto de 2004 Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, órgão integrante da Presidência da República, e dá outras providências. Cria a Coordenação de Educação em Direitos Humanos

2004 Decreto nº 5.089, de 20 de maio de 2004 Dispõe sobre a composição, estruturação, competências e funcionamento do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA, e dá outras providências.

2004 Portaria nº 365, de 12 de setembro de 2002 Lançamento do Plano Nacional de Enfrentamento ao Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente.

2005 Decreto nº 5.390, de 8 de março de 2005 Aprova o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres – SPM/PR

2006 Lei nº 11.494/2006 Regulamenta o Fundeb.

2006 Decreto nº 5.948, de 26 de outubro de 2006 Institui a Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas.

2006 Lançamento do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária

2006 Resolução nº 119, de 11 de dezembro de 2006 – Conanda Dispõe sobre o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.

2007 Decreto nº 6.094/2007

Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação

Parecer CNE/CEB nº 2/2007 Referente à abrangência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Decreto nº 6.093, de 24 de abril de 2007 Dispõe sobre a reorganização do Programa Brasil Alfabetizado, visando a universalização da alfabetização de jovens e adultos de quinze anos ou mais, e dá outras providências.

Decreto nº 6.230, de 11 de outubro de 2007 Estabelece o Compromisso pela Redução da Violência Contra Crianças e institui o Comitê Gestor de Políticas de Enfrentamento à Violência contra Criança e Adolescente, e dá outras providências.

Decreto s/n de 11 de outubro de 2007 Comissão Intersetorial de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes

Decreto s/n de 11 de outubro de 2007 Institui a Comissão Nacional Intersetorial para acompanhamento da implementação do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária.

2008 Decreto nº 6.387, de 5 de março de 2008 Aprova do II Plano Nacional de Politicas para Mulheres.

2008 Decreto nº 6.347, de 8 de janeiro de 2008 I Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (I PNETP)

2008 Decreto nº 6.481, de 12 de junho de 2008 Aprova a Lista de Piores Formas de Trabalho Infantil – Lista TIP.

2008 Decreto nº 6.571/2008 Dispõe sobre o atendimento educacional especializado

Lei nº 11.645 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

2009 Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009 Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos- PNDH-3 e dá outras providências. (alterado pelo Decreto 7.177/10)

Resolução CD/FNDE nº 15, de 8 de abril de 2009 Estabelece orientações e diretrizes para a produção de materiais didáticos e paradidáticos voltados para a promoção, no contexto escolar, da educação em direitos humanos

Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009 Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências.

Decreto nº 6.872, de 4 de junho de 2009 Aprova o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial – PLANAPIR

Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009 Institui a Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua.

2010 Decreto nº 7.177, de 12 de maio de 2010 Altera o Anexo do Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009, que aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos-PNDH-3.

Decreto nº 7.084, de 27 de janeiro de 2010 Dispõe sobre os programas de material didático e dá outras providências.

2010 Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA.

2011 Decreto nº 7.480, de 16 de maio de 2011. Reestrutura a SECADI. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e das Funções Gratificadas do Ministério da Educação e dispõe sobre remanejamento de cargos em comissão

2011 Lei nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite.

2011 Aprovação do Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes

2011 Decreto nº 7.626, de 24 de novembro de 2011 Institui o Plano Estratégico de Educação no âmbito do Sistema Prisional.

2011 Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.

2012 Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012 Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.

7. SÃO PAULO. DECRETO Nº 55.588, DE 17 DE MARÇO DE 2010. Dispõe sobre o tratamento nominal das pessoas transexuais e travestis nos órgãos públicos do Estado de São Paulo e dá providências correlatas

Artigo 1º - Fica assegurado às pessoas transexuais e travestis, nos termos deste decreto, o direito à escolha de tratamento nominal nos atos e procedimentos promovidos no âmbito da Administração direta e indireta do Estado de São Paulo.

Artigo 2º - A pessoa interessada indicará, no momento do preenchimento do cadastro ou ao se apresentar para o atendimento, o prenome que corresponda à forma pela qual se reconheça, é identificada, reconhecida e denominada por sua comunidade e em sua inserção social.

§ 1º - Os servidores públicos deverão tratar a pessoa pelo prenome indicado, que constará dos atos escritos.

§ 2º - O prenome anotado no registro civil deve ser utilizado para os atos que ensejarão a emissão de documentos oficiais, acompanhado do prenome escolhido.

§ 3º - Os documentos obrigatórios de identificação e de registro civil serão emitidos nos termos da legislação própria.

Artigo 3º - Os órgãos da Administração direta e as entidades da Administração indireta capacitarão seus servidores para o cumprimento deste decreto.

Artigo 4º - O descumprimento do disposto nos artigos 1º e 2º deste decreto ensejará processo administrativo para apurar violação à Lei nº 10.948, de 5 de novembro de 2001, sem prejuízo de infração funcional a ser apurada nos termos da Lei nº 10.261, de 28 de outubro de 1968 - Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado.

Artigo 5º - Caberá à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, por meio da Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual do Estado de São Paulo, promover ampla divulgação deste decreto para esclarecimento sobre os direitos e deveres nele assegurados.

Artigo 6º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

8. SÃO PAULO. DELIBERAÇÃO CEE Nº 9/97. Institui, no sistema de ensino do Estado de São Paulo, o regime de progressão continuada no ensino fundamental. (Indicação CEE nº 8/97 anexa)

Art. 1º - Fica instituído no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo o regime de progressão continuada, no ensino fundamental, com duração de oito anos.

§ 1º - O regime de que trata este artigo pode ser organizado em um ou mais ciclos.

§ 2º - No caso de opção por mais de um ciclo, devem ser adotadas providências para que a transição de um ciclo para outro se faça de forma a garantir a progressão continuada.

§ 3º - O regime de progressão continuada deve garantir a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, o qual deve ser objeto de recuperação contínua e paralela, a partir de resultados periódicos parciais e, se necessário, no final de cada período letivo.

Art. 2º - A idade referencial para matrícula inicial no ensino fundamental será a de sete anos.

§ 1º - O mesmo referencial será adaptado para matrícula nas etapas subsequentes à inicial.

§ 2º - A matrícula do aluno transferido ou oriundo de fora do sistema estadual de ensino será feita tendo como referência a idade, bem como a avaliação de competências, com fundamento nos conteúdos mínimos obrigatórios, nas diretrizes curriculares nacionais e na base nacional comum do currículo, realizada por professor designado pela direção da escola, a qual indicará a necessidade de eventuais estudos de aceleração ou de adaptação, mantida preferencialmente a matrícula no período adequado, em função da idade.

§ 3º - A avaliação de competências poderá indicar, ainda, a necessidade de educação especial, que deverá ser obrigatoriamente proporcionada pelas redes públicas de ensino fundamental.

Art. 3º - O projeto educacional de implantação do regime de progressão continuada deverá especificar, entre outros aspectos, mecanismos que assegurem:

I - avaliação institucional interna e externa;

II - avaliações da aprendizagem ao longo do processo, conduzindo a uma avaliação contínua e cumulativa da aprendizagem do aluno, de modo a permitir a apreciação de seu desempenho em todo o ciclo;

III - atividades de reforço e de recuperação paralelas e contínuas ao longo do processo e, se necessárias, ao final de ciclo ou nível;

IV - meios alternativos de adaptação, de reforço, de reclassificação, de avanço, de reconhecimento, de aproveitamento e de aceleração de estudos;

V - indicadores de desempenho;

VI - controle da frequência dos alunos;

VII - contínua melhoria do ensino;

VIII - forma de implantação, implementação e avaliação do projeto;

IX - dispositivos regimentais adequados;

X - articulação com as famílias no acompanhamento do aluno ao longo do processo, fornecendo-lhes informações sistemáticas sobre frequência e aproveitamento escolar.

§ 1º - Os projetos educacionais da Secretaria Estadual de Educação e das instituições de ensino que contem com supervisão delegada serão apreciados pelo Conselho Estadual de Educação.

§ 2º - Os projetos educacionais dos estabelecimentos particulares de ensino serão apreciados pela respectiva Delegacia de Ensino.

§ 3º - Os estabelecimentos de ensino de municípios que tenham organizado seu sistema de ensino terão seu projeto educacional apreciado pelo respectivo Conselho de Educação, devendo os demais encaminhar seus projetos à apreciação da respectiva Delegacia de Ensino do Estado.

Art. 4º - Com o fim de garantir a frequência mínima de 75% por parte de todos os alunos, as escolas de ensino fundamental devem, além daquelas a serem adotadas no âmbito do próprio estabelecimento de ensino, tomar as seguintes providências:

I - alertar e manter informados os pais quanto às suas responsabilidades no tocante à educação dos filhos, inclusive no que se refere à frequência dos mesmos;

II - tomar as providências cabíveis, no âmbito da escola, junto aos alunos faltosos e respectivos professores;

III - encaminhar a relação dos alunos que excederem o limite de 25% de faltas às respectivas Delegacias de Ensino, para que estas solicitem a devida colaboração do Ministério Público, dos Conselhos Tutelares e do CONDECA.

Art. 5º - Cabe à supervisão de ensino do sistema orientar e acompanhar a elaboração e a execução da proposta educacional dos estabelecimentos de ensino, verificando periodicamente os casos especiais previstos nos § § 2º e 3º do Artigo 2º.

Art. 6º - Esta Deliberação entra em vigor na data de sua homologação e publicação, revogadas as disposições em contrário.

DELIBERAÇÃO PLENÁRIA

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO aprova, por unanimidade, a presente Deliberação.

INDICAÇÃO CEE Nº: 08/97
CONSELHO PLENO
I - Relatório

Estamos todos, ainda, analisando as possíveis mudanças e impactos no sistema educacional brasileiro em decorrência da nova Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB), promulgada sob o Nº 9.394 em 20 de dezembro de 1996.

Trata-se de uma lei geral com relativo grau de complexidade, pois, além de fixar princípios gerais, dispõe sobre aspectos da estrutura e do funcionamento da educação escolar no Brasil. Interpenetram-se, portanto, no mesmo texto legal elementos da substância e aspectos do processo educacional. Como qualquer norma legal, a nova LDB está impregnada dos atuais anseios e aspirações da sociedade.

O objetivo da nova lei é regular relações na área da educação. Nesse sentido, pode-se dizer que, em relação à situação atual, apresenta três tipos de dispositivos:

- os que estão sendo simplesmente reafirmados, eventualmente com pequenas alterações, constantes de leis anteriores;

- os reguladores de situações de fato ainda não regulamentadas;

- os referentes a inovações, alguns de aplicação obrigatória outros de caráter facultativo.

Entre as inovações preconizadas na LDB, destacam-se as que se referem a ciclos e a regime de progressão continuada, respectivamente nos § § 1º e 2º do Artigo 32, na seção que trata do ensino fundamental no capítulo dedicado à educação básica, que dispõem:

§1º É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos.

§2º Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema.

Não se trata, obviamente, de novidade na educação brasileira. As redes públicas de ensino do Estado de São Paulo e do Município de São Paulo têm uma significativa e positiva experiência de organização do ensino fundamental em ciclos. A nova LDB reconhece legalmente e estimula essa forma de organização que tem relação direta com as questões da avaliação do rendimento escolar e da produtividade dos sistemas de ensino. Trata-se, na verdade, de uma estratégia que contribui para a viabilização da universalização da educação básica, da garantia de acesso e permanência das crianças em idade própria na escola, da regularização do fluxo dos alunos no que se refere à relação idade/série e da melhoria geral da qualidade do ensino.

A experiência recente demonstra que é perfeitamente viável uma mudança mais profunda e radical na concepção da avaliação da aprendizagem. A exemplo de outros países, parece que já contamos com condições objetivas para a introdução de mecanismo de progressão continuada dos alunos ao longo dos oito anos do ensino fundamental. O atual ciclo básico, formado pelos dois anos iniciais do ensino fundamental, já adotado na rede estadual e a estruturação de todo o ensino fundamental em ciclos experimentada pela Prefeitura de São Paulo constituem sinais evidentes de que tal mecanismo tem condições de ser assimilado e implantado em todo o sistema de ensino do Estado de São Paulo. É óbvio que, com o objetivo de assegurar a qualidade desejada de ensino, é essencial que se realizem contínuas avaliações parciais da aprendizagem e recuperações paralelas durante todos os períodos letivos, e ao final do ensino fundamental para fins de certificação. Trata-se de uma mudança profunda, inovadora e absolutamente urgente e necessária.

Um ponto de resistência a uma mudança dessa magnitude poderia ser creditado aos profissionais da educação e às famílias diretamente envolvidas. Mas, as experiências já apontadas da organização em ciclos, demonstram que, atualmente, não é tão presente e forte esse tipo de resistência. De fato, professores, supervisores, administradores e demais especialistas da educação têm demonstrado um elevado grau de compreensão e maturidade quanto aos graves problemas educacionais que nos afligem, entre eles o da repetência e a consequente defasagem idade/série escolar. Este assunto tem sido objeto de manifestações por parte de várias entidades ligadas ao magistério. A APASE (Sindicato de Supervisores de Ensino do Magistério Oficial no Estado de São Paulo), em documento de 28 de julho de 1997, encaminhado a este Colegiado, manifesta-se sobre o assunto nos seguintes termos:

"No nosso entender, o 'nó' da educação está na avaliação ou na verificação do rendimento escolar. A avaliação contínua e cumulativa é o ideal a atingir e, a nosso ver, não seria producente colocarmos obstáculos que impeçam a consecução desse ideal.

"Consideramos que o regimento e a proposta pedagógica da escola, de natureza estrutural, devem contemplar todas as formas possíveis de garantia de sucesso aos alunos, através de aprendizagem eficiente e inibidora de retenções. O cumprimento pelos sistemas de ensino, em especial pelos estabelecimentos, da nova LDB, já possibilitará a consecução desse objetivo, se a recuperação contínua e cumulativa for efetivada periodicamente.

"No Estado de São Paulo e no Município de São Paulo já foram dados passos tímidos com relação à criação dos ciclos. Ampliar os ciclos para duas etapas no ensino fundamental (1ª a 4ª e 5ª a 8ª séries) é nossa sugestão. No final de cada ciclo, a avaliação é necessária. No entanto, que essa avaliação no final de cada ciclo não seja a oportunidade esperada de punição e penalização do aluno, bem como, de restabelecimento de antigos mecanismos de exclusão, como por exemplo os exames de admissão".

O que Sérgio da Costa Ribeiro denominou, com muita propriedade, "pedagogia da repetência" não é compatível com a almejada democratização e universalização do ensino fundamental. É preciso erradicar de vez essa perversa distorção da educação brasileira, ou seja, é preciso substituir uma concepção de avaliação escolar punitiva e excludente por uma concepção de avaliação de progresso e de desenvolvimento da aprendizagem. A experiência dos ciclos, tanto na rede estadual quanto na rede municipal de São Paulo, tem demonstrado que a progressão continuada contribui positivamente para a melhoria do processo de ensino e para a obtenção de melhores resultados de aprendizagem.

Uma mudança dessa natureza deve trazer, sem dúvida alguma, benefícios tanto do ponto de vista pedagógico como econômico. Por um lado, o

sistema escolar deixará de contribuir para o rebaixamento da auto-estima de elevado contingente de alunos reprovados. Reprovações muitas vezes reincidentes na mesma criança ou jovem, com graves consequências para a formação da pessoa, do trabalhador e do cidadão. Por outro lado, a eliminação da retenção escolar e decorrente redução da evasão deve representar uma sensível otimização dos recursos para um maior e melhor atendimento de toda a população. A repetência constitui um pernicioso "ralo" por onde são desperdiçados preciosos recursos financeiros da educação. O custo correspondente a um ano de escolaridade de um aluno reprovado é simplesmente um dinheiro perdido. Desperdício financeiro que, sem dúvida, afeta os investimentos em educação, seja na base física (prédios, salas de aula e equipamentos), seja, principalmente, nos salários dos trabalhadores do ensino. Sem falar do custo material e psicológico por parte do próprio aluno e de sua família.

Ainda, da perspectiva de política educacional e social, é sabido que o Brasil precisa, com a maior rapidez possível, elevar os níveis médios de escolaridade dos seus trabalhadores. A educação básica e a qualificação profissional constituem requisitos fundamentais para o crescimento econômico, para a competitividade internacional e, como meta principal, para a melhoria da qualidade de vida da população. Significa dizer que é preciso alterar, com urgência, o perfil do desempenho da educação brasileira representado, graficamente, pela tradicional pirâmide com uma larga base, correspondente à entrada no ensino fundamental, e um progressivo e acentuado estreitamento ao longo dos anos de escolaridade regular. É preciso fazer com que o número de entrada se aproxime o máximo possível do de saída no ensino fundamental, garantindo-se, assim, o princípio contido no inciso I do Art. 3º da LDB: "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola". Somente assim estaremos viabilizando o que dispõe a nossa Constituição Federal no seu Art. 208:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

Essa disposição recebe respaldo financeiro com a vinculação constitucional de recursos e é reafirmada no Art. 60, do Ato das disposições constitucionais transitórias, com o objetivo de assegurar a universalização de seu atendimento e a remuneração condigna do magistério.

É sabido, também, que a escala temporal de mudanças mais profundas em educação tem como referência mínima uma década.

Aliás, essa é a referência utilizada na LDB no Art. 87 ao instituir a Década da Educação. As mudanças, portanto, precisam ser iniciadas imediatamente para que os resultados venham a ser mais palpáveis, pelo menos, ao final da primeira década do próximo milênio.

A adoção do regime de progressão continuada em ciclo único no ensino fundamental pode vir a representar a inovação mais relevante e positiva na história recente da educação no Estado de São Paulo. Trata-se de uma mudança radical. Em lugar de se procurar os culpados da não aprendizagem nos próprios alunos, ou em suas famílias, ou nos professores, define-se uma via de solução que não seja a pessoal, mas sim a institucional. A escola deve ser chamada a assumir institucionalmente suas responsabilidades pela não aprendizagem dos alunos, em cooperação com outras instituições da sociedade, como, por exemplo, o Ministério Público, os Conselhos Tutelares e o CONDECA - Conselho Estadual (ou Nacional, ou Municipal) dos Direitos da Criança e do Adolescente. Por isso mesmo essa mudança precisará ser muito bem planejada e discutida quanto a sua forma de implantação com toda a comunidade, tanto a educacional quanto a usuária dos serviços educativos. Todos precisarão estar conscientes de que, no fundo, será uma revisão da concepção e prática atuais do ensino fundamental e da avaliação do rendimento escolar nesse nível de ensino. O ensino fundamental, de acordo com a Constituição Federal e a LDB, é obrigatório, gratuito e constitui direito público subjetivo. Deve ser assegurado pelo Poder Público a quem cumpre oferecê-lo a toda a população, proporcionando as condições necessárias para a sua integralização, sem qualquer embaraço ou obstáculo, ao longo de oito anos ininterruptos. A avaliação deixa de ser um procedimento decisório quanto à aprovação ou reprovação do aluno. A avaliação é o fato pedagógico pelo qual se verifica continuamente o progresso da aprendizagem e se decide, se necessário, quanto aos meios alternativos de recuperação ou reforço. A reprovação, como vem ocorrendo até hoje no ensino fundamental, constitui um flagrante desrespeito à pessoa humana, à cidadania e a um direito fundamental de uma sociedade democrática. É preciso varrer da nossa realidade a "pedagogia da repetência" e da exclusão e instaurar definitivamente uma pedagogia da promoção humana e da inclusão. O conceito de reprovação deve ser substituído pelo conceito de aprendizagem progressiva e contínua.

Cumpre assinalar que essa mudança está em perfeita sintonia com o espírito geral da nova LDB assentado em dois grandes eixos: a flexibilidade e a avaliação. A flexibilidade está muito clara nas amplas e ilimitadas possibilidades de organização da educação básica nos termos do Art. 23. Flexíveis, também, são os mecanismos de classificação e reclassificação de alunos, até mesmo "independentemente de escolarização anterior" (§1º do Art. 23 e alínea "c" do inciso II do Art. 24). Pode-se deduzir que a referência básica para a classificação de um aluno, por exemplo na hipótese de transferência, passa a ser a idade. É óbvio que outros mecanismos de avaliação do nível de competência efetiva do aluno e, se necessário, de atendimento especial para adaptação ou recuperação, devem estar associados à referência básica da faixa etária.

O que importa realmente é que a conclusão do ensino fundamental torne-se uma regra para todos os jovens aos 14 ou 15 anos de idade, o que significa concretizar a política educacional de proporcionar educação fundamental em oito anos a toda a população paulista na idade própria. Essa mesma política deve estar permanentemente articulada ao compromisso com a contínua melhoria da qualidade do ensino.

O outro eixo da LDB é a avaliação e está presente em inúmeros dispositivos da Lei. Refere-se, fundamentalmente, à avaliação externa de cursos, de instituições de ensino e de sistemas. Tanto o Governo federal como o estadual, através dos respectivos órgãos responsáveis, têm implementado projetos nessa área. Os resultados começam a se fazer sentir, na medida em que são promovidos ajustes e melhorias nos pontos em que foram detectadas deficiências. A rigor, a avaliação externa, como do SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) e do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), sendo permanente e bem estruturada, conduzida com total isenção pelo Poder Público, proporciona à população a transparência necessária quanto à qualidade dos serviços educacionais. A avaliação institucional, interna e externa, deve ser instituída em caráter permanente e deve constituir valioso instrumento para a constante melhoria do ensino no regime de progressão continuada em ciclo único no ensino fundamental. O processo de avaliação em sala de aula deve receber cuidados específicos por parte de professores, diretores, coordenadores pedagógicos e supervisores de ensino, pois esta avaliação contínua em processo é o eixo que sustenta a eficácia da progressão continuada nas escolas. A equipe escolar deverá ter claros os padrões mínimos de aprendizagem esperada para os seus alunos. Além disso, a proposta deverá também prever e assegurar participação das famílias no acompanhamento do aluno, dentro do regime de progressão continuada, fornecendo-lhe informações sistemáticas sobre sua frequência e aproveitamento, conforme determinam os incisos VI e VII do Art. 12 da LDB.

É importante registrar que a mudança pretendida conta com a adesão e apoio de amplos setores da comunidade educacional. Não há que se iludir, entretanto, de que não haverá resistências sob a alegação apressada e sem fundamento de que se estará implantando a promoção automática, ou a abolição da reprovação, com consequente rebaixamento da qualidade do ensino. Para minimizar os efeitos perturbadores desse tipo de reação será necessária, antes de mais nada, a formulação de um projeto muito bem estruturado, com ampla participação da comunidade e amplo esclarecimento a toda a população. À vista dos dados da atual realidade educacional, da experiência positiva dos ciclos e das novas disposições legais na área da educação, cabe ao Conselho Estadual de Educação, como órgão responsável pela formulação de políticas e diretrizes para o sistema de ensino do Estado de São Paulo, propor e articular esforços e ações para a implantação do regime de progressão continuada em ciclo único no ensino fundamental.

A Secretaria de Estado da Educação (SEE), como órgão responsável pela execução das políticas de educação básica e pelo papel de oferta de ensino fundamental em articulação com os Municípios, deve estudar e elaborar projeto para a adoção e implantação da citada proposta na rede pública estadual. Um projeto da SEE com esse teor transcende e, ao mesmo tempo, não deve cercear os projetos pedagógicos específicos de cada

escola. Seguramente, a SEE atuará como indutora e estimuladora de mudanças semelhantes nas redes municipais e na rede privada de ensino.

O ciclo único de oito anos pode ser desmembrado, segundo as necessidades e conveniências de cada Município ou escola, em ciclos parciais, como por exemplo da 1ª à 4ª série e da 5ª à 8ª do ensino fundamental, em consonância com o projeto em curso de reorganização da rede pública estadual. Com as devidas cautelas, porém, para que na transição de um ciclo parcial para o seguinte não se instale um novo "gargalo" ou ponto de exclusão. Para tanto, ante o exposto, cabe instituir, no sistema de ensino do Estado de São Paulo, o regime de progressão continuada em ciclo único no ensino fundamental na rede pública estadual. Poderá ser contemplada a hipótese de adoção de ciclos parciais, sem descaracterizar o regime de progressão continuada ou de progressão parcial, segundo necessidades e conveniências de cada Município ou escola.

Considerando que, de acordo com o preceito constitucional expresso no artigo 205 da Constituição Federal e reafirmado no Art. 2º da LDB, a educação é dever compartilhado pela família e pelo Estado, recomenda-se que, quanto à frequência, sempre que necessário, as escolas tomem, em primeiro lugar, providências junto aos alunos faltosos e respectivos professores, bem como junto aos pais ou responsáveis. Em seguida, nos casos não solucionados, a escola deverá recorrer às instâncias superiores, que deverão tomar outras medidas legais previstas no "Estatuto da Criança e do Adolescente". As escolas deverão encaminhar periodicamente às Delegacias de Ensino relação dos alunos que estejam excedendo o limite de 25% de faltas, para que estas solicitem a colaboração do Ministério Público, dos Conselhos Tutelares e do CONDECA, visando restabelecer e regularizar a frequência. Antes, porém, é fundamental que as escolas alertem as famílias quanto a suas responsabilidades em relação à educação de seus filhos, em especial quanto à observância dos limites de frequência no ensino fundamental.

No seu âmbito, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo deverá desenvolver ações objetivando a elaboração de projeto para implantação do regime de progressão continuada, devendo nele especificar a forma de implantação e, entre outros aspectos, os mecanismos que assegurem:

- avaliação institucional interna e externa;

- avaliações da aprendizagem ao longo do processo, conduzindo a uma avaliação contínua e cumulativa da aprendizagem do aluno, de modo a permitir a apreciação de seu desempenho em todo o ciclo;

- atividades de reforço e de recuperação paralelas e contínuas ao longo do processo e, se necessárias, ao final de ciclo ou nível;

- meios alternativos de adaptação, de reforço, de reclassificação, de avanço, de reconhecimento, de aproveitamento e de aceleração de estudos; indicadores de desempenho;

- controle da frequência dos alunos;

- contínua melhoria do ensino.

- dispositivos regimentais adequados;

- forma de implantação, implementação e avaliação do projeto;

- articulação com as famílias no acompanhamento do aluno ao longo do processo, fornecendo-lhes informações sistemáticas sobre frequência e aproveitamento escolar.

Os estabelecimentos municipais e os estabelecimentos particulares de ensino, vinculados ao sistema estadual, para adoção do regime de progressão continuada, deverão submeter seus projetos de implantação desse regime à apreciação da respectiva Delegacia de Ensino.

As instituições e os estabelecimentos de ensino que contem com supervisão delegada da Secretaria da Educação encaminharão seus projetos ao Conselho Estadual de Educação.

Os Municípios que contem com sistema de ensino devidamente organizado poderão, se assim desejarem, seguir a orientação da presente Indicação.

2. CONCLUSÃO

À vista do exposto, submetemos ao Conselho Pleno o anexo projeto de Deliberação.

DELIBERAÇÃO PLENÁRIA

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO aprova, por unanimidade, a presente Indicação.

O Conselheiro Francisco Antonio Poli votou favoravelmente, nos termos de sua Declaração de Voto.

DECLARAÇÃO DE VOTO

Voto favoravelmente à presente Indicação por entender que a mesma reflete e atende as preocupações da nova Lei de Diretrizes e Bases, permitindo a adoção do regime de progressão continuada pelos estabelecimentos que utilizam a progressão regular por série. Ressalta, ainda, essa Indicação, a possibilidade de estes mesmos estabelecimentos adotarem formas de progressão parcial com avaliações ao longo das séries e dos ciclos, e não apenas no final dos mesmos. Meu voto é favorável, ainda, e principalmente, por tratar-se de uma indicação que reconhece a complexidade e a amplitude da alteração proposta e que, por isso mesmo, recomenda o amplo debate na rede e com a comunidade, antes da sua efetiva implantação. Recomenda, até mesmo, a formulação de um projeto com ampla participação da comunidade, e amplo esclarecimento a toda a população.

Testes

01. Consta no artigo 14º da atual LDB o princípio da gestão democrática. Sobre este princípio pode-se afirmar:

a) Norteia as ações de todos os estabelecimentos de ensino, sejam eles dos sistemas públicos ou privados de ensino.
b) Diz respeito, entre outras coisas, à participação das comunidades escolar e local na elaboração do projeto pedagógico da escola.
c) É o próprio conselho escolar eleito e por representantes da comunidade escolar e usuária.
d) Significa eleições de diretores em todos os estabelecimentos públicos de ensino que oferecem educação básica.
e) É o mesmo que proposta pedagógica ou projeto político pedagógico da escola pública de ensino fundamental.

02. Constitui-se como um princípio da Educação Nacional:

a) Ensino fundamental obrigatório e extensão do ensino médio.
b) Atendimento gratuito à criança de zero a seis anos em creches e pré-escolas.
c) Oferta de ensino regular noturno adequado às condições do educando.
d) Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.
e) Zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

03. Sobre o ensino médio no Brasil é correto afirmar:

a) É a primeira etapa da educação básica e de caráter profissionalizante.
b) A fonte principal de seu financiamento e suprimento é o FUNDEF.
c) Sua conclusão é requisito para a matrícula em qualquer curso profissional.
d) Orienta-se pela LDB e Diretrizes Curriculares Nacionais de 1998 do CNE.
e) É direito líquido e subjetivo de todo cidadão brasileiro desde 1988.

04. A partir da Lei 9394/96 foram introduzidas mudanças em relação aos exames supletivos:

a) As exigências foram modificadas, incluindo a redução da idade para sua prestação.
b) O formato e requisitos permaneceram idênticos ao preconizado pela Lei 5692/71.
c) São realizados somente nas instituições públicas municipais e estaduais.
d) Foram extintos, sendo agora o ensino fundamental e médio de natureza presencial.
e) Permaneceram apenas como possibilidade para conclusão do ensino fundamental.

05. A inclusão da educação infantil na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, como seção autônoma foi uma importante resposta às demandas da sociedade brasileira. Qual das alternativas abaixo está em desacordo com o que a atual lei define para Educação Infantil?

a) A finalidade da Educação Infantil é o desenvolvimento físico, psicológico, social e intelectual da criança em idade de 0 a 6 anos.
b) O processo de avaliação do desenvolvimento da criança deve ser feito mediante registro, cujo objetivo é a promoção para o ensino fundamental.
c) As instituições privadas de Educação Infantil integram o sistema municipal de educação.
d) Essa modalidade de educação deve ser oferecida em creches para crianças de zero a três anos e em pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.
e) A educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica e deve complementar as ações da família frente à criança.

06. Como proclama a Lei 9394/96, uma das regras comuns para organização da Educação Básica no Brasil é:

a) Baixar normas complementares para seu sistema estabelecimentos de ensino.
b) Assegurar o ensino fundamental e oferecer com prioridade o ensino infantil, médio e superior.
c) Cumprir carga horária mínima anual de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias letivos.
d) Analisar e autorizar o funcionamento de escolas de ensino normal médio, tecnológico e profissional.
e) Recensear a população em idade escolar para o ensino fundamental e de jovens e adultos desescolarizados.

07. Não é considerada uma incumbência dos estabelecimentos de ensino:

a) Autorizar, credenciar e supervisionar os sistemas de ensino.
b) Elaborar com auxílio da comunidade sua proposta pedagógica.
c) Assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas aula estabelecidas.
d) Velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente.
e) Prover meios para recuperação dos alunos de menor rendimento.

08. Os currículos do ensino fundamental e médio, segundo a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

a) Incluem em sua base comum nacional o incentivo ao desporto educacional e práticas desportivas não formais.
b) Devem ter uma base nacional comum a ser complementada em cada sistema e estabelecimento de ensino por uma parte diversificada.
c) Autorizam e credenciam os estabelecimentos de ensino baixando normas gerais e específicas para seu funcionamento.
d) Incluem em sua parte diversificada, a partir do primeiro ano da educação básica, o ensino de uma língua estrangeira moderna.
e) Integram sua parte diversificada programas de aceleração de estudos para alunos da educação básica em atraso escolar.

09. Trata-se de uma referência a Educação Especial na atual LDB:

a) Favorece a aprendizagem dos alunos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
b) Integrada ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.
c) Aquela oferecida, preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.
d) Visa à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica.
e) Procura estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.

10) Constituem-se como modalidades de educação na legislação atual:

a) Educação pública, educação privada educação de jovens e comunitária.
b) Educação básica, educação técnica, educação profissional e tecnológica.
c) Educação superior, educação básica e educação de jovens e adultos.
d) Educação de jovens e adultos, educação básica e educação tecnológica.
e) Educação de jovens e adultos, educação profissional e educação especial.

11. Conforme o Art. 2º da LDB - Lei 9394/96, leia:
A educação, _____, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o _____. Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas acima respectivamente:

a) Dever da família e da comunidade – aprendizado.
b) Dever da comunidade – mercado profissional.
c) Dever da sociedade e integralmente da família – trabalho.
d) Dever da família e do Estado – trabalho.
e) Exclusivo do Estado – mercado profissional.

12. O ensino é ministrado em um dos princípios apresentados abaixo, de acordo com a Lei 9394/96, exceto:

a) Respeito à liberdade e apreço à tolerância.
c) Valorização do profissional da educação escolar.
d) Garantia de padrão de qualidade.
e) Valorização da experiência extra-escolar.
e) Desvinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

13. Conforme o Art. 5º da Lei 9394/96-LDB, complete a lacuna abaixo:
"Art. 5º. O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o (a) _____, acionar o Poder Público para exigí-lo."

a) Comunidade.
b) Município.
c) Estado.
d) Ministério Público.
e) Conselho Regional de Educadores.

14. Conforme a Lei Federal 9394/96, título IV "Da Organização da Educação Nacional", Art. 20, não são consideradas como instituições de ensino privado:

a) Confessionais.
b) Comunitárias.
c) Filantrópicas.
d) Particulares em sentido amplo.
e) Particulares em sentido estrito.

15. Sobre a Lei Federal 9394/96, Seção II "Da Educação Infantil".
"Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até _____ de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade."
Assinale a alternativa que completa corretamente a lacuna acima:

a) 4 anos.
b) 5 anos.
c) 6 anos.
d) 7 anos, conforme disponibilidade de vagas nas escolas municipais.
e) 8 anos, somente se em caso de deficiência mental, sendo a primeira etapa em escolas especiais.

16. Conforme a LDB-Lei 9394/96, leia:

"Definir, com os Municípios, formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, as quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros disponíveis em cada uma dessas esferas do Poder Público."

Assinale a alternativa que apresenta o responsável do trecho acima:

a) União.
b) Estados.
c) Comunidade.
d) Instituições Municipais.
e) Corpo Docente.

17. Segundo a LDB (Lei 9394/96), compete ao Estado uma série de deveres com relação à educação escolar pública, os quais deverão ser efetivados mediante a garantia de algumas ações. Qual das alternativas corresponde a um dever do Estado?

a) Efetuar a matrícula dos menores a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental.
b) Assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas.
c) Zelar pela aprendizagem dos alunos.
d) Oferecer ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive aos que não tiveram acesso na idade própria.
e) Autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino.

18. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB - N° 9394/96 trata do Projeto Pedagógico, aponta para a

a) obrigatoriedade de cada unidade escolar elaborar seu próprio documento.
b) necessidade de a unidade escolar obedecer às orientações dos dirigentes centrais.
c) existência de roteiros orientadores à disposição em textos amplamente divulgados.
d) aplicação de metodologias alternativas e envolventes para os alunos.
e) indicação de avaliações contínuas e recuperadoras.

19. Em relação ao ensino, a Constituição Federal assegura que

I - devem ser fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental.
II - o ensino religioso terá matrícula facultativa, mas constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.
III - o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurando às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.
IV - os municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental, apenas.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s)

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I, II e III.
e) I, II e IV.

20. De acordo com a LDB, os Estados deverão

a) se incumbir de manter a educação pré-escolar.
d) se incumbir de manter o ensino fundamental.
c) se incumbir juntamente com os municípios, em colaboração, na oferta do ensino fundamental.
d) assegurar o ensino médio.
e) oferecer, com prioridade em conjunto com o município, o ensino médio.

Gabarito

1 – B	2 – D
3 – D	4 – A
5 – B	6 – C
7 – A	8 – B
9 – C	10 – E
11 – D	12 – E
13 – D	14 – D
15 – C	16 – B
17 – D	18 – A
19 – D	20 – C

Anotações

Anotações

Livros e Artigos

1. ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete. Juventudes e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

Resenha da Professora Andréa Forgiarini Cechin

A obra Juventudes e Sexualidade, de Mary Garcia Castro, Miriam Abramovay e, Lorena Bernadete da Silva é resultado de uma pesquisa realizada em 13 capitais brasileiras e no Distrito Federal, que envolveu alunos/as, pais e mães, educadores/as e membros do corpo técnico pedagógico dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de escolas públicas e privadas. A partir do argumento de que ao estudar fenômenos sociais não é possível privilegiar uma única abordagem de pesquisa, essa investigação combina duas abordagens: uma extensiva e uma compreensiva. A extensiva, tipo survey, procurou mapear o alcance das representações sobre diferentes dimensões da sexualidade. A compreensiva buscou, através de uma reflexão sobre os dados levantados, compreender nuances e inscrições identitárias dos sujeitos da pesquisa a partir de suas experiências e representações. Segundo as autoras, a combinação de técnicas diferenciadas permite captar com maior fidedignidade o discurso dos sujeitos e realizar um estudo mais profundo do fenômeno, em termos de sua amplitude e complexidade. Dessa forma, foi feito o mapeamento do comportamento e posição dos sujeitos pesquisados a respeito de diferentes questões tais como: iniciação sexual, virgindade, formas de interação afetivo-sexual como o "ficar" e o namorar, diálogos de adultos de referência a respeito de sexualidade, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, aborto, tipos de violência como assédio, estupro e homofobia e trabalhos desenvolvidos na escola sobre sexualidade.

A seleção da amostra foi realizada com base em um cadastro previamente elaborado a partir dos dados do Censo Escolar de 1998. Num universo de 11.442 escolas, 122.198 turmas e 4.658.710 alunos/as foi selecionada uma amostra de 241 escolas, 661 turmas e 16.422 alunos/as.

Na pesquisa extensiva, foi aplicado um questionário fechado aos/as alunos/as da amostra, 4.532 familiares desses/as alunos/as e 3.099 membros do corpo técnico-pedagógico (professores/as, coordenadores/as, supervisores/as e orientadores/as educacionais) das escolas selecionadas, cujas respostas foram tratadas estatisticamente.

Na pesquisa compreensiva, a partir de um roteiro pré-elaborado, realizou-se a observação in loco das 241 escolas da amostra com o objetivo de dar um significado sociológico aos dados e registrar informações sobre o comportamento dos sujeitos no ambiente escolar. Também foram realizados 173 grupos focais, sendo que 107 com alunos/as, 29 com familiares e 37 com professores. Além disso, foram realizadas 185 entrevistas individuais com diretores/as das escolas investigadas. O tratamento dos dados foi feito por meio de uma análise de conteúdo que possibilitou identificar e classificar as categorias mais significativas.

Inicialmente, as autoras problematizam o conceito de sexualidade, fazendo uma reflexão histórica sobre as teorias associadas ao tema e salientam o surgimento dos movimentos sociais que lutam por direitos humanos. Esclarecem suas concepções sobre juventude e refletem sobre o espaço que esta vem ocupando no panorama das inquietações mundiais, o que faz com que questões que lhe dizem respeito, tais como saúde, educação e sexualidade adquiram uma dimensão cada vez maior. O termo "juventudes" é utilizado em virtude dos diferenciais de gênero e idade, e também da variabilidade de situações percebidas conforme a região de pertencimento desses/as jovens. Assim, não cabe caracterizar a juventude brasileira, mas "juventudes brasileiras". Tratam, ainda, da função da escola na educação sexual de seus/suas alunos/as, discutem as dificuldades encontradas pelos/as professores/as para trabalhar o tema, chamam atenção para a necessidade de projetos condizentes com o contexto no qual os/as alunos/as estão inseridos.

Com base nos dados do Censo Escolar de 1998 analisam as características sócio demográficas da população investigada: a maioria dos/as estudantes é do sexo feminino; o grupo etário mais significativo é de 15 a 19 anos; a maioria pertence a famílias nucleares e mais de 25% tem pais e mães cuja escolaridade situa-se entre a quinta e a oitava séries do Ensino Fundamental.

No capítulo sobre a iniciação sexual dos/as jovens, constata-se que 10% dos/as estudantes entre 10 e 14 anos tem vida sexual ativa. Chama atenção que esta é caracterizada por contatos com apenas um parceiro, contrapondo-se, assim, a difundida ideia de uma "promiscuidade" sexual entre os jovens. A idade média da primeira relação sexual varia dos 13,9 a 14,5 anos nos jovens e dos 15,2 a 16 anos nas jovens. Apesar de a maioria dos/as alunos/as considerar o sexo importante tanto para homens quanto para mulheres, e não valorizar a virgindade, está ainda aparece como um marco na diferenciação dos gêneros em nossa cultura. Considerando-se a fala dos sujeitos entrevistados, é possível perceber a existência de uma auto cobrança por parte dos jovens, de uma atividade sexual mais precoce e intensa, como forma de se diferenciar do feminino e ser considerado adulto.

Jovens e adultos veem o "ficar" de maneira distinta. Para os/as jovens o "ficar" aparece como uma interação afetivo-sexual na qual se pode lidar de forma mais simples com as questões referentes ao namoro, considerado mais rígido. Pais, mães e professores/as, por sua vez, entendem o "ficar" como um tipo de relacionamento que desconsidera valores importantes numa relação homem-mulher. Para muitos/as alunos/as entrevistados/as o "ficar" desobriga à fidelidade, esta aparece mais comumente associada ao namoro.

Mais da metade dos/as jovens entrevistados/as afirma que buscam informações sobre sexo com colegas e amigos. É interessante notar que a proporção de mães que aparece como fonte de informação é praticamente a mesma dos colegas e amigos. Isto indica a valorização da família como orientadora em relação à sexualidade dos filhos e filhas. Entretanto, um terço dos/as alunos/as pesquisados/as afirmam não ter conhecimento suficiente sobre o tema, sendo que os jovens parecem estar um pouco mais bem informados que as jovens. Destaca-se o fato de que aproximadamente 65% dos alunos nunca fizeram perguntas sobre DSTs aos/as professores/as. Apesar dos/as professores/as demonstrarem ter mais conhecimento sobre o assunto que os familiares, falta pensar estratégias adequadas para informar seus/suas alunos/as sobre esse assunto.

Embora reconheçam a importância da escola na educação sexual e na prevenção das DSTs, enfatizando a necessidade de capacitação dos/as educadores/as, alguns diretores e algumas diretoras declararam que não há um trabalho sistematizado para lidar com temas da sexualidade.

Encontram-se iniciativas isoladas, geralmente em forma de palestras com especialistas da área da saúde que não tem nenhuma vinculação com a comunidade, as quais, além de esporádicas, são consideradas monótonas pelos alunos. Além das informações sobre sexualidade estarem distantes das vivências dos alunos, há registros de conflitos com os familiares que consideram a abordagem dessa temática incentivadora ou promotora da sexualidade dos/as alunos/as.

O terceiro capítulo focaliza um dos graves problemas identificados na pesquisa: a gravidez precoce. Nas capitais estudadas, a primeira gravidez ocorre, em média, aos 16 anos. Contudo, das jovens entrevistadas, 14,7% declararam ter engravidado, pela primeira vez, entre dez e 14 anos. O percentual de alunos e professores que afirmam ter conhecimento de jovens grávidas, menores de 18 anos, na escola, é muito alto.

A gravidez na juventude é percebida pelos sujeitos como "problema", principalmente devido à consequências tais como: afastamento dos estudos, necessidade de trabalhar em lugar de estudar e constituição prematura de uma família. Embora o percentual seja baixo, a discriminação em relação a essas alunas também aparece, visto que o estudo mostrou que há alunos/as que afirmaram não querer mães solteiras como colega de turma. Em se tratando de familiares esse percentual é maior.

O estudo revela que a maioria dos/as jovens, independente do sexo, conhece e utiliza algum método contraceptivo. Entretanto, uma minoria

significativa (cerca de 20% em algumas regiões) não utiliza método anticoncepcional algum. As autoras constataram uma associação entre o uso de métodos anticoncepcionais e o ciclo de vida, pois conforme aumenta a idade, aumenta a preocupação dos/as jovens com a contracepção. O método mais citado é o preservativo. É interessante notar que esse método é bastante popular entre as meninas o que demonstra uma mudança na cultura de gênero e sexualidade, já que até recentemente muitas garotas não carregavam camisinha com medo de ser consideradas "fáceis" pelos rapazes. Esse método é substituído pela pílula à medida que o relacionamento evolui para o namoro.

Os adultos (familiares e professores/as) participantes do estudo apresentam o mesmo posicionamento quanto à distribuição de camisinhas na escola. Os que são favoráveis (65%) argumentam que a educação para a saúde é responsabilidade de todos, inclusive da escola e que a prevenção deve ser iniciada tão cedo quanto possível. Demonstram grande preocupação com a prevenção das DSTs e da Aids. Os que declaram ser contrários a essa distribuição representam 35% dos adultos. Uma parcela desses afirma que tal distribuição incentiva o sexo precoce e não é responsabilidade da escola. Outra parcela afirma ser contrária devido a motivos religiosos.

Os estudantes entrevistados (42% a 68%, dependendo da região) afirmaram conhecer alguma jovem que fez aborto. A posição da maioria dos jovens e dos adultos da pesquisa em relação à prática do aborto coincide com a legislação brasileira. O aborto é justificado, portanto, quando: a gravidez decorre de um estupro, há risco de vida para a mãe, a criança pode nascer com algum defeito ou doença.

O capítulo seis versa sobre a posição dos sujeitos da pesquisa a respeito da violência, especialmente o assédio sexual e também do preconceito e da discriminação, particularmente contra os homossexuais.

O reconhecimento do assédio sexual mostra-se ambíguo porque este assédio é frequentemente rotulado como brincadeira, o que pode gerar dúvidas na vítima. Entre os jovens, o alvo mais comum de assédio são as meninas. Chama atenção que, entre os membros do corpo técnico pedagógico, os professores declararam-se mais assediados do que as professoras. Quando uma aluna é assediada por um professor, muitas vezes este é eximido da culpa e a justificativa pelo ato é imputada à postura da aluna e às suas roupas, consideradas como forma de provocação. Esta situação reproduz o que ocorre na sociedade, geralmente quando uma mulher sofre assédio sexual ela é vista como culpada da situação por não saber portar-se diante do sexo masculino. Os relatos de assédio ultrapassam o âmbito escolar porque muitos sujeitos descreveram casos ocorridos no ambiente familiar e também nas relações de trabalho, especialmente quando se trata do trabalho doméstico remunerado. Embora muitos casos sejam testemunhados, não são denunciados devido ao medo do agressor.

Mesmo quando um processo de denúncia é iniciado não há prosseguimento da ação, instituindo-se assim uma verdadeira "lei do silêncio".

Em relação ao incesto, as autoras constataram que, muitas vezes, as mães silenciam, ignorando o fato mesmo quando há queixas concretas das filhas. Alguns professores e algumas professoras também se omitem de denunciar esses casos, argumentando que se configuram como assunto privado que precisa ser resolvido no ambiente familiar.

Quanto à homossexualidade, o preconceito e a discriminação são evidentes. Aproximadamente 25% dos/as aluno/as entrevistados/as expressaram que não gostariam de ter um/a colega homossexual. Esse preconceito é maior entre os homens (de 33,5% a 44,9%, conforme a região). De acordo com as autoras, a discriminação com os alunos considerados homossexuais ocorre de forma velada, mediante referências pejorativas cujos objetivos são ridicularizar, humilhar, ofender, isolar e ameaçar essas pessoas.

A postura de alguns professores e algumas professoras em relação à homossexualidade é ambígua. Apesar de não manifestarem uma oposição explícita, não combatem a discriminação e mostram-se coniventes em algumas situações, declarando que estas não passam de "brincadeiras, coisas sem importância".

No grupo dos familiares, um número muito significativo (22% a 48%, dependendo da região) declararam que não desejam que seus/suas filhos/as tenham colegas homossexuais. No grupo dos/as professores/as este percentual é menor: 2 a 6% afirmaram que não querem ter alunos/as homossexuais. Diferentemente do que foi verificado entre os familiares e os/as alunos/as, os/as professores/as apresentam maior aceitação da homossexualidade. Afirmam que o preconceito só existe entre os/as alunos/as, negam que alguns colegas discriminem os homossexuais. No entanto, muitos/as jovens relatam casos de alunos homossexuais discriminados explicitamente por professores/as.

Ao concluírem a obra, as autoras argumentam que a orientação a respeito da sexualidade dos/as jovens brasileiros/as não pode ser pensada e realizada de forma homogênea, pois há que se considerar as diversidades regionais e de gênero. Elaboram sugestões para que o tema seja tratado com mais seriedade e eficiência pela escola, e, também, indicam a necessidade de serem implementadas políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento de uma efetiva educação sexual.

Juventudes e sexualidade pode ser considerada a mais abrangente pesquisa realizada sobre sexualidade dos/as jovens no Brasil e apresenta um diagnóstico, ao mesmo tempo, surpreendente e preocupante. Expõe as contradições de uma sociedade cujas diferenças regionais são marcantes.

Além disso, é uma sociedade que, embora pareça mais propensa a tratar da sexualidade, não consegue responder aos anseios dos/as jovens. O tema desperta curiosidade, prazer e amorosidade, mas também suscita temores e dúvidas tanto entre os/as jovens quanto entre os adultos responsáveis por sua formação.

Considero que os resultados desse estudo reafirmam a urgência de que importantes ações precisam ser desenvolvidas para adequar a Educação Sexual aos/as jovens do século XXI: intensificar o diálogo, em casa, na escola e na mídia sobre o tema; discutir a responsabilidade sexual, a valorização da vida, os direitos humanos, sem a imposição de valores, mas incentivando a reflexão.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. Juventudes e sexualidade. Brasília: UNESCO. Brasil, 2004. 426p.

2. FREURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: Editora DPA, 2003.

Desde o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que elegeram a pluralidade cultural como um dos temas transversais (Brasil, Ministério da Educação, 1997), o reconhecimento da multiculturalidade e a perspectiva intercultural ganharam grande relevância social e educacional com o desenvolvimento do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, com as políticas afirmativas das minorias étnicas, com as diversas propostas de inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na escola regular, com a ampliação e reconhecimento dos movimentos de gênero, com a valorização das culturas infantis e dos movimentos de pessoas de terceira idade nos diferentes processos educativos e sociais.

Além desses temas, que vêm se consolidando em âmbito nacional, outras questões que ocorrem em âmbito internacional vêm desafiando os estudos no campo da intercultura. A globalização da economia, da tecnologia e da comunicação intensifica interferências e conflitos entre grupos sociais de diferentes culturas, particularmente na conjuntura recentemente agravada por ações políticas de caráter belicista por parte de nações hegemônicas, assim como pelas diversas formas de "terrorismo" desenvolvidas por organizações fundamentalistas. Diante desses problemas, diferentes iniciativas e movimentos vêm desenvolvendo propostas de educação para a paz, para os direitos humanos, para a ecologia, para os valores etc.

Tais propostas educativas pressupõem a renovação dos paradigmas científicos e metodológicos. Nessa direção, o pensamento complexo, as relações interdisciplinares, o desenvolvimento da telemática, abrem novas

perspectivas epistemológicas indispensáveis para a compreensão e promoção da transversalidade das relações interculturais (Yus Ramos, 1998, p. 10).

Em todos estes movimentos sociais e educacionais que propõem a convivência democrática entre diferentes grupos e culturas, em âmbito nacional e internacional, assim como a busca de construir referenciais epistemológicos pertinentes, o trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o "outro", construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos.

Tal perspectiva configura uma proposta de "educação para a alteridade", aos direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla que, no mundo anglo-saxão, se define como Multicultural Education (EUA, Canadá, Grã-Bretanha), e que, nos outros países da Europa, assume diferentes denominações: pedagogia do acolhimento, educação para diversidade, educação comunitária, educação para a igualdade de oportunidades ou, mais simplesmente, educação intercultural. Por este motivo, Stephen Stoer e María Luiza Cortesão, de Portugal, têm utilizado o termo educação inter/multicultural para indicar o conjunto de propostas educacionais que visam a promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante processos democráticos e dialógicos.

Entretanto, é preciso ter claro que os mesmos termos têm sido utilizados para indicar concepções distintas. O termo "multicultural" tem sido utilizado como categoria descritiva, analítica, sociológica ou histórica, para indicar uma realidade de convivência entre diferentes grupos culturais num mesmo contexto social (Moreira, 2001; Silva, 2001; 2003). Também tem se referido a diferentes perspectivas de respostas a esta realidade social multicultural. Pode, inclusive representar concepções pedagógico-políticas divergentes: algumas defendem um modo de aproximar as diferenças étnico-culturais, isolando-as reciprocamente; outras propugnam a perspectiva de convivência democrática entre todos os grupos diferentes.

Por sua vez, o adjetivo "intercultural" tem sido utilizado para indicar realidades e perspectivas incongruentes entre si: há quem o reduz ao significado de relação entre grupos "folclóricos"; há quem amplia o conceito de interculturalidade de modo a compreender o "diferente" que caracteriza a singularidade e a irrepetibilidade de cada sujeito humano; há ainda quem considera interculturalidade como sinônimo de "mestiçagem".

Também o adjetivo "transcultural" é utilizado segundo diferentes sentidos. É entendido às vezes como elemento transversal já presente em diferentes culturas (universais culturais inscritos na estrutura humana), ou então como produto original da hibridização de elementos culturalmente diferentes.

A dificuldade de se controlar o entrelaçamento da terminologia e de interpretar corretamente o conjunto das diferentes propostas, impede-nos de produzir esquemas simplificatórios eficazes. Mas, por isso mesmo, torna o debate particularmente criativo e aberto ao aprofundamento.

Para além da polissemia terminológica e da evidente diversidade de perspectivas que se expressam nas teorias e propostas relativas ao multiculturalismo, interculturalismo, transculturalismo, constitui-se um campo de debate que se torna paradigmático justamente por sua complexidade: a sua riqueza consiste justamente na multiplicidade de perspectivas que interagem e que não podem ser reduzidas por um único código e um único esquema a ser proposto como modelo transferível universalmente.

Entretanto, o eixo conceitual em torno do qual se situam as questões e as reflexões emergentes nesse campo, e que caracteriza os mais espinhosos problemas do nosso tempo, é o da possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule. Isso vale, de fato, tanto para o discurso das diferenças étnicas e culturais, de gênero e de gerações, a serem acolhidas na escola e na sociedade, quanto para a distinção entre os povos, a ser considerada nos equilíbrios internacionais e planetários. Vale também para a diversidade das propostas metodológicas, assim como para a possibilidade da articulação em rede das informações e dos novos saberes nas formas do pensamento complexo (Terranova, 1997, p. 13).

Intercultura: notas históricas do debate

O amadurecimento da sensibilidade para com o tema das diferenças culturais é uma conquista recente. Mas o problema do encontro e do conflito entre culturas é antigo. E tem sido enfrentado e resolvido geralmente valendo-se de perspectivas etnocêntricas, que pretendem impor o próprio ponto de vista como o único válido. De modo particular, no mundo ocidental a cultura europeia tem sido considerada natural e racional, erigindo-se como modelo da cultura universal. Desse ponto de vista, todas as outras culturas são consideradas inferiores, menos evoluídas, justificando-se, assim, o processo de colonização cultural. A doutrinação, nesta perspectiva, era interpretada como uma forma de ajuda que os povos "desenvolvidos" dirigem aos "subdesenvolvidos" para favorecer o seu crescimento. Da mesma forma, considerava-se necessário combater todas as formas "erradas" de pensamento mítico, religioso, popular, consideradas contrárias ao pensamento científico-racional: a superstição deveria ser eliminada para ceder lugar a verdades racionais e objetivas. A própria educação, em particular a escola, tem desempenhado o papel de agenciar a relação entre culturas com poder desigual (colonizadores x colonizados; mundo ocidental x mundo oriental; saber formal escolar x saber informal cotidiano; cultura nacional oficial x culturas locais etc.), contribuindo para a manutenção e difusão dos saberes mais fortes contra as formas culturais que eram consideradas como limitadas, infantis, erradas, supersticiosas.

Nos processos de colonização nos Estados Unidos, no Canadá, em países da américa Latina, assim como em países de outros continentes, tal concepção etnocêntrica justificava a escravização e o genocídio dos povos nativos. Os imigrantes invasores trataram o continente americano como terra de conquista e não reconheceram a culturas dos indígenas, que foram obrigados a aceitar a cultura dos conquistadores. Considerando-se civilizadores e colocando em questão até mesmo a humanidade dos interlocutores, os primeiros colonizadores empreenderam uma ação de extermínio e de escravização, geralmente justificada por uma teorização pseudocientífica baseada em uma concepção evolucionista-biológica da diferença racial. Em nome de uma visão iluminista do progresso, proclamaram a inferioridade daqueles povos e destruíram suas diferentes culturas, impondo a própria civilização com o poder das armas (Terranova, 1997, p. 14-15).

O nascimento dos Estados Unidos da América, como confederação de estados democráticos, foi marcada pela luta contra a escravidão, pela afirmação da liberdade e da igualdade de direitos para todos. Iniciou-se, então, o processo de construção de uma nação unitária acomunando em uma mesma identidade americana pessoas etnicamente diferentes. Esperava-se que, nesse contexto, a escola conseguisse produzir a necessária homogeneização linguística e cultural. Acreditava-se que, na convivência espontânea entre pessoas de grupos étnicos diferentes, ocorresse um processo de assimilação cultural recíproca, em que cada um esquecesse suas próprias raízes. A expressão que se popularizou para indicar esse fenômeno foi chamada de melting pot, que significa "cadinho onde várias culturas se fundem para formar uma só, perdendo características próprias em favor de uma nova unidade - no caso, a americana, predominantemente anglo-saxã" (Lima, 1997, p. 263). Entretanto, as diferenças étnicas e culturais, aparentemente negadas, de fato não desapareciam, mas se transformavam em desigualdades sociais e em processos de marginalização. E, por reação, os grupos étnicos subalternos buscavam encontrar nova coesão, polarizando suas forças em torno da defesa de suas identidades originárias. Mesmo as relações de força permaneceram desequilibradas, pois apenas poucos pertencentes às etnias subalternas conseguiram, com muita dificuldade, penetrar nos estratos socioculturais dominantes.

Fenômeno semelhante aconteceu mais recentemente na Europa. Após a Segunda Guerra Mundial, a Europa acolheu muitos imigrantes do sul do mundo para trabalhar na reconstrução da sociedade destruída pelo conflito militar. Inicialmente, particularmente na Inglaterra, predominava a ideia de que, se todos os homens são iguais, não é preciso promover nenhuma ação específica a favor dos grupos estrangeiros desprivilegiados. Antes, acreditava-se que a acentuação da diferença étnica ou cultural poderia reforçar desigualdades, segregação, exclusão. Após alguns conflitos por motivos raciais no fim dos anos de 1950, o governo inglês tomou medidas para reduzir o ingresso e diminuir os direitos dos imigrantes e, ao mesmo tempo, tentou integrar os novos chegados à cultura britânica. O trabalho educativo passou a ser marcado pelo esforço de promover a assimilação

dos estrangeiros (1960-1970). Predominou uma pedagogia compensatória que estimulava os imigrantes a abandonar a cultura de origem, vista como deficiência. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se trabalhos que tentaram promover a integração (1965-1970) e assumir a necessidade de dar espaço à diversidade para criar clima de respeito mútuo e tolerância. Passou-se a admitir elementos das culturas de origem para garantir maior pluralismo. Buscava-se a integração, ou seja, a assimilação na cultura anfitriã, sem um achatamento das diferenças. No período seguinte (1970-1980) fortes pressões da base - de filhos e netos de imigrantes que se tornaram verdadeiros cidadãos ingleses e começaram a se organizar - suscitaram muitos projetos multiculturais (embora na maioria tenham sido superficiais e folclóricos). Baseavam-se na filosofia de que a elevação da autoestima das crianças proporcionaria o aumento do seu rendimento e a adaptação ao contexto escolar. Estava-se ainda distante do reconhecimento da diferença cultural como riqueza, e se mantinham componentes de assimilação e de controle social. Mas tal debate promoveu a mudança de leis, que culminaram na publicação do Swann Report, de 1985. Este propunha a adoção de práticas multiculturais para todos, e não só para cada grupo étnico específico.

No período 1980-1985 surgiu a proposta do antirracismo. O objetivo da educação antirracista é o de promover atividades educativas para aprofundar a consciência de cada um, de modo a saber identificar e desmontar práticas racistas, implícitas ou explicitas, pessoais ou institucionais. Critica a abordagem multicultural, na medida em que esta poderia evitar o problema do racismo e, concentrando-se somente na compreensão e na aceitação da diferença, correria o risco de avalizar mais ou menos intencionalmente o racismo, deixando intactos todos os aspectos discriminatórios e as hierarquias que a sociedade impõe nas relações entre culturas e grupos étnicos. Entretanto, a oposição entre a multicultural education (liberais) e a antiracist education (defendida pelos radicais) favoreceu a vitória dos conservadores, com a aprovação da Education Reform Act (em 1988).

O movimento de educação antirracista foi acusado de se constituir de maneira exageradamente ideológica, como expressão de minorias étnicas orientadas principalmente numa perspectiva de oposição sectária, contra o poder oficial e as desigualdades raciais, ao invés de se dirigir a todos os cidadãos e cidadãs numa perspectiva de construção de abertura e acolhimento dos diferentes. A própria categorização racial, como todas as categorizações, não é neutra e representa a opção por evidenciar algumas características (físicas, somáticas, culturais, étnicas...) e de considerá-las como elementos caracterizadores de um sujeito. Racializar e biologizar as diferenças, portanto, produz uma fossilização e obscurece todos os outros aspectos da relação social que contribuem para definir a identidade do sujeito. Consequentemente, são colocados em xeque tanto o racismo quanto o antirracismo, que, denunciando os preconceitos assumidos por outros, corre o risco de, ele mesmo, consolidar estereótipos e representações identitárias étnicas, alimentando uma forma de "metarracismo", legitimando as categorias que sustentam justamente o que se quer combater (Terranova, 1997, p. 24).

O enfoque da educação intercultural na Europa tem enfatizado a relação entre culturas diferentes como fator pedagógico importante. Mas, tal como o multiculturalismo e o antirracismo, sua elaboração manteve estreita relação com a presença de imigrantes que, em quantidade cada vez mais maciça, vêm buscando inserir-se no mercado de trabalho e na vida social de vários países, inclusive aqueles - como a Itália - que, não tendo um passado de poderio colonial, não tinham até recentemente conhecido a imigração proveniente do terceiro mundo. Pela própria natureza de sua origem, a educação intercultural assumiu a finalidade de promover a integração entre culturas, a superação de velhos e novos racismos, o acolhimento dos estrangeiros e, particularmente, dos filhos dos imigrantes na escola. Mas vêm se acirrando na Europa também dramáticas situações de conflito Inter étnico (valendo como exemplo extremo o que aconteceu na ex-Iugoslávia), em gritante contraste com o projeto de construção da União Europeia. Também emergem conflitos mesmo entre comunidades autóctones de um mesmo país, quando explodem os bairrismos, as divisões, a fetichização da identidade cultural, que representam a convergência de interesses de alguns grupos socioeconômicos (Marin, 2002).

O debate europeu relativo à intercultura envolveu campos de reflexão e de intervenção que ultrapassaram progressivamente o caráter emergencial do problema de inserção dos migrantes e entrou no coração das temáticas ligadas à formação da identidade, à valorização das diferenças, à configuração e à função que assume hoje o sentido de coletividade, em sociedades complexas, onde os jovens se encontram vivendo em ambientes culturais plurais e indefinidos que - mesmo não deixando de exercer efeitos condicionantes - perdem sua função de orientar e transmitir valores consolidados. No plano da atividade formativa e didática ressaltam-se, portanto, as formas e os conteúdos da cultura interiorizada pelos indivíduos na vida cotidiana, a variedade dos canais e das experiências com que estabelecem contato de acordo com sua posição social, as sínteses de modelos - frequentemente contraditórios - que vão elaborando no decurso da própria vida. Nessa direção, aparece como questão central na prática pedagógica a visão de mundo dos sujeitos em formação, assim como a relação entre tal visão e os modelos (de conhecimento, de avaliação, de comportamento) transmitidos através de situações educativas, particularmente na escola. Tal deslocamento de perspectiva, que legitima a cultura de origem de cada indivíduo, traz consequências para a elaboração dos métodos e das técnicas de ação pedagógica e de transmissão da cultura oficial.

Na América Latina, a diversidade cultural foi historicamente relegada e deixada à margem das propostas políticas e práticas educativas que, a exemplo do que ocorreu na Europa, se pautaram no ideal homogeneizador do Estado-Nação. Como resultado destas práticas homogeneizadoras, vários estudos constatam, a partir da década de 1960, o baixo rendimento escolar entre crianças com língua materna distinta da empregada no sistema escolar oficial. Mas a implementação de propostas educativas institucionais pautadas por um caráter compensatório não resolveram os altos índices de repetência e evasão escolar registrados, conduzindo a uma reavaliação sobre o papel das diferenças culturais no processo ensino-aprendizagem.

O termo educação bicultural foi utilizado, inicialmente, para designar as ações institucionais que levavam em consideração a diferença cultural dos alunos. Os projetos implementados nesta perspectiva buscavam distinguir as situações culturais envolvendo as culturas indígenas e ocidentais-europeias. A transição para a noção de interculturalidade nos anos 80 ganha novas proporções de caráter propositivo e político-pedagógico, convertendo-se em uma categoria central nas propostas de educação bilíngue. A noção de interculturalidade, além de expressar a coesão étnica de um grupo social, proporcionando condições para o fortalecimento da identidade cultural, vai também estimular a aquisição do conhecimento cultural de outros povos. Isto significa que não houve somente uma transição de termos conceituais, mas uma mudança no tratamento da pluriculturalidade no espaço da escola. Das preocupações marcadamente linguísticas, características da educação bicultural e bilingue, a interculturalidade considera o contexto sociocultural dos alunos. (Silva, 2003, p. 41-42)

Nessa direção, encontra-se uma série de termos para identificar as iniciativas dos educadores: Etnoeducação (Colômbia), Educação Bilíngue (Bolívia), Educação Bilíngue Bicultural e Educação Intercultural Bilíngue (Guatemala, Brasil).

As propostas de trabalho intercultural surgiram principalmente a partir da emergência das identidades indígenas que buscam defender seus direitos, como é o caso do Movimento Zapatista de Chiapas, no México, onde o modelo político do Estado-Nação é questionado em sua capacidade de representar a sociedade multicultural mexicana. As revoltas indígenas no Equador, na Bolívia, no Chile, na Colômbia e no Brasil reclamam a posse dos territórios por eles ocupados ancestralmente, assim como o direito de revalorização de suas línguas e culturas através de programas educativos adequados.

As respostas políticas a essas reivindicações vêm sendo elaboradas pelos diferentes governos. No Chile, por exemplo, a Educação Intercultural Bilíngue é propiciada pela Lei Orgânica Constitucional de Ensino (LOCE), promulgada em março de 1990, assim como pela Lei Indígena, promulgada em março de 1990. Essa lei reconhece, pela primeira vez, a multietnicidade do Chile, e expressa seu reconhecimento das etnias Mapuches, Aymaras, Rapa Nui, Atacamenhos, Colla, Kawashar e Yagana. Na Venezuela, onde a Constituição de 1961 declarava os indígenas em fase de extinção, hoje estes são reconhecidos pelo governo, tem representações no Parlamento e são protegidos por lei (Marin, 2002).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 foi um marco na redefinição das relações entre o Estado brasileiro e as sociedades indígenas. Ela passou a assegurar o direito das comunidades indígenas a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngue. Os índios deixaram de ser considerados categoria social em vias de extinção e passaram a ser respeitados como grupos étnicos diferenciados, com direito a manter sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. Além disso, a Constituição Federal assegurou a eles o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, devendo o Estado proteger suas manifestações culturais. Dessa forma, fica garantido às comunidades indígenas o acesso a uma escola com características específicas, que busque a valorização do conhecimento tradicional vigente em seu meio, ao mesmo tempo em que forneça instrumentos necessários para enfrentar o contato com outras sociedades.

Ao lado dos movimentos indígenas, vêm se desenvolvendo os movimentos étnicos, principalmente dos afro-brasileiros. A identidade afro-brasileira vem se afirmando principalmente com base em movimentos culturais negros de massa que incluem desde as Casas de Minas do Maranhão, os candomblés da Bahia, as escolas de samba de capitais como Rio Janeiro, São Paulo e Florianópolis, as congadas, moçambiques e outros agrupamentos negros que, por meio dos pagodes, blocos baianos ou carnaval de rua, verbalizam críticas à situação social brasileira. Esse variado movimento vem conquistando reconhecimento político e social principalmente através das políticas de ação afirmativa, influenciando inclusive o campo da educação e da pesquisa.

Esse movimento de reconhecimento dos direitos sociais e culturais das comunidades indígenas e da população afro-brasileira articula-se com os amplos e variados movimentos de luta pelos direitos humanos que vêm se desenvolvendo no Brasil, relacionados com a problemática enfrentada pelos diferentes grupos sociais que se identificam pelas relações étnicas, regionais, de gênero, de gerações, de condições físicas e psicológicas. Através da luta por seus direitos e do reconhecimento legal e social que vêm ganhando, estes grupos sociais vão construindo suas respectivas identidades sociais e culturais.

Nesse sentido, os processos de educação popular desenvolvidos principalmente a partir dos movimentos sociais têm contribuído significativamente para o reconhecimento e valorização das culturas dos diferentes grupos sociais subalternos e excluídos. De modo particular no Brasil, a partir dos anos de 1950, os movimentos de "cultura popular" - e que posteriormente vieram a ser denominados de "educação popular" - contribuíram significativamente para promover processos educativos tomando-se por base os componentes culturais dos diversos grupos populares. No início da década de 1960, na onda de grandes mobilizações urbanas e camponesas, floresceram numerosos trabalhos educativos que valorizavam a cultura popular. Iniciativas como o Centro Popular de Cultura (CPC), o Movimento de Educação de Base (MEB), o Movimento de Cultura Popular (MCP), a campanha "De Pé no Chão também se aprende a ler", liderados por intelectuais, estudantes, movimentos eclesiais, mobilizaram a sociedade civil naquele contexto. A própria proposta elaborada por Paulo Freire, no início dos anos de 1960, visava a promover a educação de adultos com base na sua cultura. Com o golpe militar de 1964, os movimentos sociais e culturais foram submetidos a rígidos processos de controle e censura, favorecendo a homogeneização e alienação cultural. O silêncio, o isolamento, a descrença, elementos fundamentais da cultura do medo, começaram, entretanto, a ser quebrados no final dos anos de 1970. Emergiram os movimentos de base, assentados sobretudo nas associações de moradores, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e nos novos movimentos sindicais. Irromperam novamente no cenário nacional os movimentos populares, caracterizados pela imensa variedade de interesses. Articularam-se lutas sociais no plano eminentemente econômico-político, como os movimentos operários e sindicais, os movimentos ligados aos bairros, ao consumo, à questão agrária. Ao mesmo tempo, configuraram-se novos movimentos sociais. São movimentos que, transversalmente às lutas no plano político e econômico, articulam-se em torno do reconhecimento de suas identidades de caráter étnico (tal como os movimentos dos indígenas, dos negros), de gênero (os movimentos de mulheres, de homossexuais), de geração (assim como os meninos e meninas de rua, os movimentos de terceira idade), de diferenças físicas e mentais (com os movimentos de reconhecimento e inclusão social das pessoas portadoras de necessidades especiais, dos movimentos específicos dos surdos, dos cegos etc.) (Fleuri, 2001).

Esse campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes constitui o que aqui estamos chamando de intercultura.

Os estudos mais recentes que vimos desenvolvendo estão abrindo uma nova perspectiva epistemológica que aponta para a compreensão do hibridismo e da ambivalência, que constituem as identidades e relações interculturais. Assim, nossa atenção volta-se mais precisamente para a busca de entendimento dos "entrelugares" (Bhabha, 1998), ou seja, dos contextos intersticiais que constituem os campos identitários, subjetivos ou coletivos, nas relações e nos processos interculturais. Nessa perspectiva, a intercultura vem se configurando como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero e de ação social. O objeto de nosso estudo, assim, constitui-se transversalmente às temáticas de cultura, de etnia, de gerações, de gênero e de movimento social. Mesmo cuidando de compreender com rigor a especificidade destas temáticas e a diversidade dos enfoques teórico-metodológicos da produção científica nestas áreas, nosso esforço consiste na busca de desenvolver investigações, numa perspectiva interdisciplinar e complexa, sobre a dimensão híbrida e "deslizante" do "inter-" (-cultural, -étnico, -geracional, -sexual, -grupal etc.) constitutiva de possibilidades de transformação e de criação cultural.

O afastamento das singularidades de "classe" ou "gênero" como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito - raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual - que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (Bhabha, 1998, p. 19-20)

Nessa perspectiva, Homi Bhabha distingue paradigmaticamente o conceito de diversidade do conceito de diferença. A diversidade cultural, para Bhabha (1998, p. 63 e ss.), refere-se à cultura como um objeto do conhecimento empírico, reconhecendo conteúdos e costumes culturais pré-dados. A diversidade representa uma retórica radical da separação de culturas totalizadas, que se fundamentam na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. Em contraposição a esta perspectiva essencialista, a diferença cultural se constitui, para Bhabha, como o processo de enunciação da cultura. Trata-se de um processo de significação através do qual afirmações da cultura e sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade.

Intercultura e identidade

O Brasil se constitui historicamente como uma sociedade multiétnica tomando-se por base uma imensa diversidade de culturas. Reconhecer nossa diversidade étnica implica ter clareza de que os fatores constitutivos de nossas identidades sociais não se caracterizam por uma estabilidade e fixidez naturais. As identidades culturais - aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, nacionais - sofrem contínuos deslocamentos ou descontinuidades. Segundo Hall (1999, p. 16), as sociedades modernas não têm nenhum núcleo identitário supostamente fixo, coerente e estável.

As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única "causa" ou "lei", à medida que são caracterizadas pela diferença, ou seja, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeitos"- isto é, identidades. (Hall, 1999, p. 17)

Nesse sentido, o que significa ser brasileiro, ou ser sulista, gremista ou corintiano, nordestino, branco, negro, índio, homem, mulher, criança, idoso, militante, camponês, sem-terra, estudante, operário, classe média...? Cada uma dessas identidades assume significados específicos conforme os sujeitos, as relações sociais e os contextos históricos em que se colocam? Mais do que isso, cada identidade dessa não seria híbrida, deslizante, possibilitando a coexistência de identidades contraditórias?

Segundo Stuart Hall (1999, p. 12-13), "o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas". Assim, a identidade, sendo definida historicamente, é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

Diante de uma situação que coloque em evidência o jogo de várias identidades possíveis, quais seriam as suas consequências políticas? Hall (1999, p.18-20) apresenta, para análise da complexidade da identidade, o caso de um juiz negro que foi acusado de assédio sexual a uma mulher negra, sua funcionária. Várias possibilidades de identidades em jogo fluíram desse acontecimento. Alguns negros apoiaram o assediador, baseados na questão da raça; outros a ele se opuseram, tomando como base a questão sexual. Alguns ainda estavam divididos, dependendo do fator identitário que prevalecesse: seu sexismo ou seu liberalismo. As mulheres negras estavam divididas, dependendo da identidade que prevalecesse: sua identidade como negra ou sua identidade como mulher. Os homens brancos estavam divididos, dependendo da forma como se identificavam com respeito ao racismo e ao sexismo. As mulheres brancas estavam divididas, conforme sua oposição ou manifestação de apoio ao feminismo. Além disso, as fragmentações identitárias eram também atravessadas pela relação entre um membro da elite judiciária e uma funcionária subalterna, trazendo para dentro do jogo a questão da classe social.

Nesse jogo de identidades ante a uma mesma situação, Hall (1999, p. 20-21) destaca os seguintes elementos: que as identidades são contraditórias, se cruzando ou se deslocando mutuamente; que as contradições atuam tanto fora, na sociedade, atravessando grupos políticos estabelecidos, quanto no íntimo de cada indivíduo; que nenhuma identidade singular (de classe, de gênero, de raça etc.) pode englobar todas as diferentes identidades; que existem hoje identificações rivais e deslocantes, emergentes de novas identidades oriundas dos novos movimentos sociais (o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos pacifistas e ecológicos etc.); que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, num processo descrito como uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política da diferença.

Tais considerações perturbam e deslocam o eixo das tendências estáveis e unificantes que muitas vezes perpassam as nossas conversas ou os nossos estudos. Quando as diferenças culturais são consideradas numa perspectiva estereotipada, focaliza-se apenas as manifestações externas e particulares dos fenômenos culturais. Deixa-se de valorizar devidamente os sujeitos sociais que produzem tais manifestações culturais, ou não se consegue compreender a densidade, a dinamicidade e a complexidade dos significados que eles tecem.

Na maioria das vezes, as relações entre culturas diferentes são consideradas a partir de uma lógica binária (índio x branco, centro x periferia, dominador x dominado, sul x norte, homem x mulher, normal x anormal...) que não permite compreender a complexidade dos agentes e das relações subentendidas em cada polo, nem a reciprocidade das inter-relações, nem a pluralidade e a variabilidade dos significados produzidas nessas relações. Mesmo concepções críticas das relações interculturais podem ser assimiladas a entendimentos redutivos e imobilizantes. Assim, o conceito de dominação cultural, se enredado numa lógica binária e bipolar, pode levar a supor que os significados produzidos por um sujeito social são determinados unidirecionalmente pela referência cultural de outro sujeito. Esse entendimento pode reforçar o processo de sujeição à medida que, ao enfatizar a ação de um sujeito sobre o outro, obscurece o hibridismo das identidades, a ambivalência e a reciprocidade das relações sociais, assim como a capacidade de autoria dos diferentes sujeitos sociais (Souza & Fleuri, 2003).

Tal questão é abordada por Juarez Tarcísio Dayrell (2002) no trabalho intitulado O jovem como sujeito social, apresentado na 25ª Reunião Anual da ANPEd, em 2002. O autor discute "o que é ser jovem?" e focaliza, mediante pesquisa etnográfica, a vida de jovens que participam de grupos de rap e funk, buscando compreendê-los em sua totalidade como sujeitos sociais, que, como tais, constroem um determinado modo de ser jovem. A compreensão da subjetividade construída por esses jovens problematiza as imagens de juventude hoje predominantes.

As trajetórias de vida de João e Flavinho, dois sujeitos principais da investigação, bem como as histórias de outros jovens pesquisados, questionam as imagens de juventude hoje predominantes em nossa cultura. A primeira é pressuposição de que a juventude seja vivida como fase transitória, de preparação para o futuro. Para esses jovens, o tempo da juventude localiza-se no aqui e agora, imersos em um presente vivido no que este pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta da sobrevivência que se resolve a cada dia. Outra imagem que esses jovens colocam em questão é a da juventude vista como um momento de distanciamento da família.

Os conflitos familiares por eles vivenciados não colocaram em questão a família como o espaço central de relações de experiências estruturantes. As relações familiares constituem um filtro por meio do qual compreendem e se inserem no mundo social. A terceira imagem questionada é a da juventude como um momento de crise. Não se constata uma crise na entrada da juventude, nem sinais de conflitos atribuídos tipicamente aos adolescentes. A crise aparece na passagem para a vida adulta. Ser adulto é ser obrigado a trabalhar para sustentar a família e ganhar pouco, na lógica do trabalho subalterno. É diminuir os espaços e tempos de encontro, da alegria e das emoções que vivenciam no estilo de juventude. Por fim, a trajetória desses jovens questiona a visão romântica da juventude. Para os rappers e funkeiros, a juventude é um momento de dificuldades concretas de sobrevivência, de tensões com as instituições, como no trabalho e na escola. A realidade do trabalho assalariado aparece na sua precariedade e a escola não consegue entender os interesses nem responder às necessidades destes jovens.

João, um rapper, negro, 22 anos, excluído da escola na 5ª série do ensino fundamental, lembra a escola como um espaço que não o envolvia. Sente a falta do diploma para concorrer no mercado de trabalho. Mas lembra com mágoa das três reprovações e da imagem de mau aluno que tinha, envolvido em brigas e discussões com as professoras. Flavinho, funkeiro, branco, 19 anos, cursa o primeiro ano do ensino médio em uma escola estadual. Mas a escola não consegue envolvê-lo e não se mostra sensível à realidade vivenciada pelos alunos fora de seus muros. Flavinho diz que "a escola tem muito funkeiro, mas os professores nem sabem que todos os alunos lá gostam do funk... eu mesmo, nenhum professor sabe que eu escrevo letras, nem a de português..." (Dayrell, 2002).

A dificuldade que a escola manifesta de acolhimento e de entendimento das diferentes vivências culturais dos estudantes é analisada, de um ponto de vista étnico e cultural, por Gilberto Ferreira da Silva (2002) em seu trabalho Interculturalidade e educação de jovens: processos identitários no espaço urbano popular. Pesquisando a rede pública de ensino de Porto Alegre, Gilberto Silva verifica que a escola é apontada pelos estudantes como um território de vivência de situações discriminatórias em maior grau que o espaço da rua, do trabalho e da própria comunidade. A escola constitui-se em território de enfrentamentos invisíveis, onde as diferenças são marcadas por aspectos visíveis como a deficiência física, o vestuário (indicador de pertencimento a uma classe social), as práticas religiosas, o sexo e a cor da pele. Alunos e professores vivenciam tais conflitos e encaminham soluções, na maioria das vezes sem a busca por uma compreensão de âmbito maior. Nesse sentido, o autor propõe a perspectiva da educação intercultural como estratégia para potencializar a própria ação desencadeada pelo conflito, mediante o diálogo e o encontro, de modo que constitua espaços alternativos produtores de outras formas de identidades, marcadas pela fluidez, pela interação e pela acolhida do diferente.

Ressignificação dos símbolos étnicos na construção da identidade

A discussão sobre os processos alternativos de constituição identitária é assumida de modo original no trabalho de Nilma Lino Gomes, intitulado Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos e/ou ressignificação cultural?- um dentre os numerosos trabalhos apresentados na 25ª Reunião da ANPEd, em 2002, focalizando a temática do Negro e a educação. O estudo aponta a escola como um espaço tanto de reprodução como de ressignificação de símbolos culturais historicamente marcados. Discute o significado social do cabelo e do corpo, buscando compreender os sentidos a eles atribuídos pela escola e pelos sujeitos negros entrevistados.

Nilma Gomes constata que os padrões de estética corporal desenvolvidos historicamente pelos negros no Brasil têm sido objeto de estereótipos e representações negativas, reforçados em grande parte pela escola. Argumenta que a dimensão simbólica construída historicamente sobre os aspectos visíveis do corpo negro, como o cabelo e a pele, serviu para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas, constituindo um padrão de beleza e de fealdade que até hoje estigmatiza os negros.

Entretanto, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, o fazem na tentativa de romper com os estereótipos do "negro descabelado e sujo". A variedade de tipos de tranças e o uso de adereços coloridos explicita a existência de um estilo negro de se pentear e se adornar constitutivo da identidade negra. Para Nilma Gomes, embora existam aspectos comuns que remetem à construção da identidade negra no Brasil, é preciso considerar os modos como os sujeitos a constroem, não somente no nível coletivo mas também individual. A relação do negro com o cabelo os aproxima dessa esfera mais íntima.

Cortar o cabelo, alisar o cabelo, raspar o cabelo, mudar o cabelo pode significar não só uma mudança de estado dentro de um grupo, mas também a maneira como as pessoas se veem e são vistas pelo outro, um estilo político, de moda e de vida. Em suma, o cabelo é um veículo capaz de transmitir diferentes mensagens, por isso possibilita as mais diferentes leituras e interpretações. [...] Na escola, não só aprendemos a reproduzir as representações negativas sobre o cabelo crespo e o corpo negro. Podemos também aprender a superá-las. (Gomes, 2002, p. 50)

Dessa maneira, a pesquisa de Nilma Gomes indica que o significado e os símbolos da cultura não têm fixidez primordial e que os mesmos signos podem ser apropriados, traduzidos, reistoricizados e lidos de outro modo. O cuidado com o corpo pode constituir a estratégia de trabalhar a diferença dentro da diferença, como propõe Joan Scott (1999). Pelo cuidado com o próprio corpo, a pessoa expressa intencionalidades e modalidades estéticas que, interpelando os outros, vão constituindo diferenças simbólicas de sua identidade pessoal e cultural. Identidade que se constitui dinamicamente, de modo fluido, polissêmico e relacional.

Nesse sentido, constata Nilma Gomes, cada pessoa negra reage de uma maneira particular diante do preconceito, de acordo com seu processo pessoal de subjetivação e de socialização, podendo alimentar relações que acirram ou, pelo contrário, diluem os preconceitos.

Ambivalência das relações Inter étnicas

O estudo de Valéria Wegel (2002) sobre os sentidos da escola para o povo Baniwa revela um complexo processo de negociações entre diferentes sujeitos e entre diferentes projetos educacionais. Em tal processo, no campo tenso que se configura entre a sujeição e a sobrevivência, esse povo tece novos significados, a partir dos quais reelabora sua identidade e sua organização social. Na mesma direção, o trabalho de Maria Paes (2002), demonstra que os Paresi, vivendo os dilemas da escola indígena, assumem a aprendizagem da língua portuguesa como apropriação de uma ferramenta e um instrumento de poder que lhes possibilite marcar o seu lugar na sociedade envolvente, ao mesmo tempo em que este processo implica a ressignificação de seus hábitos tradicionais.

Tal como Valéria Wegel, o estudo de Maria Paes reitera a concepção de que a escola, além de inculcar nessas comunidades indígenas conceitos e valores da sociedade ocidentalizada, possibilita a configuração de novos sujeitos e de novas identidades, assim como de novos processos de organização grupal e de relação intercultural. Dessa forma, o domínio dos códigos ocidentais de comunicação foi se tornando necessário à sobrevivência dos Paresi. Ao mesmo tempo em que foram sendo capturados pelo discurso da "escola necessária", ou seja, acreditando na escola como único instrumento para se adentrar nesse mundo novo, os Paresi vêm se reestruturando e ressignificando suas práticas, com instrumentos próprios e adquiridos, e negociando cotidianamente sua posição nas relações sociais.

Esses, entre outros estudos sobre a educação junto a populações indígenas, apontam para a compreensão da escola como espaço híbrido de negociações e de traduções. Mesmo sendo um poderoso instrumento de sujeição cultural, a escola indígena constitui-se como espaço da ambivalência, do hibridismo, onde ocorre um vaivém de processos simbólicos de negociação ou tradução dentro de uma temporalidade que torna possível conceber a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios, processos que abrem lugares e objetivos de luta e destroem as polaridades de negação entre os saberes e as práticas sociais (Bhabha, 1998).

Para além dos padrões de normalidade

A construção da identidade é determinada pelas relações geracionais, étnicas e, de modo determinante, pelas relações de gênero. Joan Scott (1990, p. 15) explica que "gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder". Propor uma educação intercultural sem considerar o gênero como uma categoria primordial para se explicar as relações sociais que mantemos e estabelecemos, é esquecer que a primeira distinção social é feita através do sexo dos indivíduos. O sexo é construído socialmente através das relações motivadas por contextos manifestos e expostos à diferença sexual. No entanto, o gênero não é necessariamente o que visivelmente percebemos como masculino e feminino, mas o que construímos, sentimos e conquistamos durante as relações sociais. Então, é na problematização do sexo que começam os problemas relativos a essa temática, pois o gênero se constrói na relação com a diferença; e essa não necessariamente deverá ser biológica. Por isso, compreendemos o conceito gênero como plural, dinâmico e constitutivo das relações sociais significadas por jogos de poder. Conforme Margaret Mead, em Macho e fêmea (1971), a cultura sexual traça um estereótipo que separa, desde quando crianças, indivíduos que devem agir masculinamente ou femininamente conforme a cultura em que estão inseridos.

Essa "naturalização", ou melhor, "normalização" das relações de gênero é problematizada por Nilton Poletto Pimentel (2002), em seu trabalho intitulado Jovens gueis, aids e educação: da fabricação política de vulnerabilidade na escola. No século XIX, afirma o autor, desenvolveu-se um esforço por se definir, a partir de critérios biológicos, as características básicas da masculinidade e da feminilidade normais, assim como por classificar diferentes práticas sexuais, produzindo uma hierarquia que permite distinguir o anormal e o normal. Desta classificação emergiu a divisão rígida entre homo e heterossexual. Tal classificação e dicotomia precisam ser problematizadas, pois tal como argumentou Britzman (1996, p. 74, apud Pimentel, 2002), nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção, pois toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não-finalizada. O trabalho educativo com as questões de gênero precisa alimentar-se nos fatos mesmos vivenciados por todos os integrantes da escola, problematizando, sem individualizar, as

[...] relações sexuais entre professoras(es) e alunos(as), passando por professoras "lésbicas", merendeiras sedutoras, guardas "bissexuais", pais gueis, etc., até as muitas relações que os alunos estipulam em suas comunidades com parentes, vizinhos ou amigos com práticas homoeróticas, sem falar na televisão, é claro, uma infinidade de temas ligados ao campo da sexualidade. (Pimentel, 2002)

Trabalhando com uma estratégia aberta ao inesperado, é possível ir desconstruindo os discursos dominantes da heterossexualidade sobre a homossexualidade. E os próprios educadores podem renovar seu olhar sobre sua própria sexualidade e sobre como imaginam a sexualidade do outro, podendo navegar entre as fronteiras existentes entre nós e dentro de nós.

Ao assumir o conceito de "gênero", os movimentos feministas passaram a enfrentar simultaneamente questões relativas à pobreza, saúde, educação, democracia etc. Gênero deixou, assim, de ser assunto de mulheres para ser assunto de toda a sociedade. Da mesma forma - considera Pimentel - o tema do homo erotismo (como estratégia de descentramento desse "sujeito" sexual chamado "homossexual"), "mais do que associar as práticas dos jovens gueis ao problema do preconceito e seus desdobramentos históricos, ele busca apontar para outras possíveis produções que podem estar se movimentando" (Pimentel, 2002).

Assim, ao focalizar o tema do homo erotismo e a constituição da identidade homossexual, Nilton Pimentel traz uma contribuição relevante para discutir uma questão tão presente, mas tão pouco estudada no campo da educação. Problematiza os padrões de normalidade segundo os quais são considerados - e discriminados - os diferentes comportamentos e as diversas opções sexuais. Valoriza, assim, os movimentos sociais que, atravessando a escola, contribuem para desconstruir os discursos hegemônicos e abrir espaços para a expressão das diferenças.

A problematização dos padrões de normalidade implica reconsiderar a relação com todas aquelas pessoas que, por suas limitações físicas, são consideradas "deficientes".7 Mas, sobretudo, em questionar as próprias relações de poder e os próprios dispositivos de elaboração de saber vigentes na escola, que negam as narrativas e as formações culturais que nomeiam e constroem as subjetividades, as expressões e as interações dos estudantes.

Nesse sentido, Márcia Lise Lunardi (2002), em seu trabalho Medicalização, reabilitação, normalização: uma política de educação especial, analisa a Política Nacional de Educação Especial (PNEE), particularmente no que se refere à educação de surdos, entendendo-a como um dispositivo de normalidade. Para a autora,

[...] a educação especial como um dispositivo de normalização, ao diagnosticar a surdez como uma anormalidade, lança mão de suas estratégias terapêuticas e corretivas, a fim de docilizar, disciplinar, "ouvintizar" e transformar os sujeitos surdos em indivíduos produtivos e governáveis.

Com isso, a educação especial produz novos conceitos e técnicas de reeducação e reabilitação, ao mesmo tempo em que constitui outras formas de sujeitos. Ao construir os discursos sobre a surdez, que por muito tempo foram tidos como "verdadeiros", constitui o sujeito surdo mediante as práticas sociais do controle e da vigilância. Mas - ressalta a autora - a constituição desses "verdadeiros" discursos da Educação Especial, da Medicina, são construções históricas de múltiplos significados, e a fabricação desses saberes se dá através de relações de poder que, segundo Foucault, "se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis" (1988, p. 89-90). Por isso, Márcia Lunardi questiona os binarismos que constituem a educação de surdos - ouvinte x surdo, língua oral x língua de sinais, inteligência x deficiência, inclusão x exclusão, educação x reeducação. Assim, é possível compreender que a educação dos surdos não é definida unilateralmente pelos sujeitos ouvintes, nem a comunidade surda encontra-se subordinada inexoravelmente às práticas "ouvintistas". Pois não há, no princípio das relações de poder e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e dominados (Foucault, 1988). Os movimentos de resistência da comunidade surda aparecem não como uma oposição binária a um poder externo a eles, mas sim como resistências, no plural, com múltiplas, imprevisíveis possibilidades de construir novos significados. E tal dinâmica, a meu ver, constitui o campo fértil do trabalho educativo com as diferenças.

Dulcéria Tartuci, no trabalho O aluno surdo na escola inclusiva: ocorrências interativas e construção de conhecimentos (2002), realizado com um grupo de nove alunos surdos no contexto de classe comum e em diferentes disciplinas, problematiza os processos de educação inclusiva.

Um dos pontos mais problemáticos dos processos de inclusão de surdos na escola regular é a falta de domínio de uma língua comum entre surdos e ouvintes. Este é um dos fatores que dificulta ou mesmo impede a interação, a comunicação e a própria construção de conhecimentos no processo educativo desses alunos.

A interação do aluno surdo com professores e colegas ouvintes acaba por se dar através de formas híbridas de comunicação que, por não serem promovidas de modo crítico e sistemático, são impregnadas de mal-entendidos, restringindo a possibilidade de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Nas escolas pesquisadas, Dulcéria Tartuci constata a inexistência de estratégias organizadas de comunicação entre surdos e ouvintes na sala de aula. Em algumas situações, alguns dos alunos surdos buscam se comunicar através de gestos, expressão facial, escrita e de outros meios. Da parte dos ouvintes, verifica-se um certo esforço por criar estratégias de comunicação com o sujeito surdo, cuja presença, no entanto, por vezes é desconsiderada ou ignorada. Em quase todas as aulas observadas, a professora passa atividades no quadro, vai falando e explicando de costas para os alunos.

Como, na escola, as interações se estabelecem principalmente pela modalidade oral, os sujeitos surdos permanecem, na maior parte do tempo, excluídos das situações de ensino-aprendizagem. [...] Na realização das tarefas, os professores explicam, falam durante algum tempo, estabelecendo poucas oportunidades para um diálogo com os alunos em geral, menos ainda com o aluno surdo. O foco está na produção de exercícios escritos. A dinâmica dialógica que se alterna com a escrita é empobrecida. Por isso, o aluno surdo pode simular a participação nos rituais, sem estar realmente construindo conhecimentos (o que talvez seja verdade também para os ouvintes). (Tartuci, 2002)

Ao explicitar as dificuldades de comunicação que a escola enfrenta com a presença de alunos surdos nas salas de aula, assim como as estratégias desenvolvidas por esses alunos para se adequar aos rituais escolares, o estudo de Dulcéria Tartuci, aponta para diferentes desafios emergentes no processo da inclusão de crianças diferentes no sistema regular de ensino. Torna-se necessário desenvolver novas estratégias de comunicação, múltiplas linguagens e técnicas didáticas - como indica o trabalho de Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar (2002), O direito de comunicar, por que não? Comunicação alternativa aplicada a portadores de necessidades educativas especiais no contexto de sala de aula. É fundamental, ainda, compreender e implementar criticamente a formação dos professores - como estuda Ana Dorziat (2002), no trabalho Concepções de ensino de professores de surdos.

A emergência do outro

Esses trabalhos, entre muitos outros discutidos na 25ª Reunião da ANPEd, descortinam novas perspectivas de compreensão das diferenças e das identidades culturais no campo das práticas educativas. Para além de uma compreensão rígida, hierarquizante, disciplinar, normalizadora da diversidade cultural, emerge o campo híbrido, fluido, polissêmico, ao mesmo tempo trágico e promissor da diferença, que se constitui nos entre lugares e nos entreolhares das enunciações de diferentes sujeitos e identidades socioculturais.

Carlos Skliar, em seu texto É o outro que retorna ou é um eu que hospeda? Notas sobre a pergunta obstinada pelas diferenças em educação (2002), questiona justamente a política da diversidade que produz um novo sujeito da mesmice. A diversidade multiplica suas identidades a partir de unidades já conhecidas e aceitando apenas fragmentos ordenados do outro.

Em contraposição aos processos de sujeição, que se constituem mediante os dispositivos disciplinares de normalidade e da diversidade, emerge a política da diferença. Segundo Skliar, a diferença se constitui pela autoafirmação do outro, que resiste contra a violência física e simbólica dos processos de colonização. Embora os outros, os diferentes, frequentemente tenham sido domesticados pelo discurso e pelo poder colonial, a irrupção (inesperada) do outro, do ser-outro-que-é-irredutível-em-sua-alteridade, cria um distanciamento, uma diferença entre perspectivas, um entrelugar, um terceiro espaço, que ativa o deslocamento entre múltiplas alternativas de interpretações e ao mesmo tempo constitui os posicionamentos singulares no contexto desta luta de interpretações possíveis. A irrupção do outro produz um interstício entre o anúncio e a denúncia, configurando o espaço de enunciação de novos, múltiplos, fluidos, ambivalentes significados. Entre a identidade (o eu, o mesmo) e a alteridade (o outro, o diferente) se produzem processos de tradução e de negociação cujos enunciados não são redutíveis ao mesmo ou ao diferente. "A irrupção do outro é o que possibilita sua volta [...] e sua volta nos devolve nossa alteridade, nosso próprio ser outro [...] A irrupção do outro é uma diferença que difere, que nos difere e que se difere sempre de si mesma" (Skliar, 2002).

O reconhecimento do outro a partir dos complexos processos que constituem sua subjetividade permite compreendê-lo em sua alteridade. Tal é o que propõe Alessandra de Oliveira (2002) em relação à infância. A autora defende que é preciso ver e ouvir as crianças a partir de si próprias, na sua alteridade e positividade, como sujeitos produtores de cultura. Reconhecer a alteridade da infância implica acolher sua diferença em relação ao mundo dos adultos. O olhar da criança interpela e questiona o olhar dos adultos, desvelando múltiplas linguagens e revelando realidades sociais só perceptíveis do ponto de vista das crianças. Reconhecer a diferença no "Outro", criança, requer, por isso, a construção de um novo modo de organização das práticas de educação infantil capaz de, para além do instituído, acolher e elaborar o inesperado, através das múltiplas linguagens e de múltiplas estratégias que se configuram nas relações que as crianças estabelecem entre elas mesmas e com os adultos.

Nessa direção, podemos dizer que a imagem de criança e de infância só poderia ser compreendida em sua significação a partir do encontro com crianças e infâncias específicas. Ao contrário da imagem corrente de criança e de infância, pressupostamente essencial e universal, que retrata o que se diz e o que se sabe sobre ela, propondo implicitamente também o que se deve fazer com elas. A significação da infância e da criança não se encontra, entretanto, no que dizemos dela, mas no que ela nos diz na sua alteridade. Essa compreensão rompe com uma visão de educação que pressupõe já saber o que são as crianças e a infância e sobre o que se deve fazer com elas.

Tal olhar nos coloca, assim, face a face com o estranho, com a diferença, com o desconhecido, que não pode ser reconhecido nem apropriado, mas apenas conhecido na sua especificidade diferenciadora. Não se trata de reduzir o outro ao que nós pensamos ou queremos dele. Não se trata de assimilá-lo a nós mesmos, excluindo sua diferença. Trata-se de abrir o olhar ao estranhamento, ao deslocamento do conhecido para o desconhecido, que não é só o outro sujeito com quem interagimos socialmente, mas também o outro que habita em nós mesmos.

Dessa forma, somos convidados a viver os nossos padrões culturais como apenas mais um dentre os muitos possíveis, abrindo-nos para a aventura do encontro com a alteridade.

É sob esta perspectiva que a educação intercultural se preocupa com as relações entre seres humanos culturalmente diferentes uns dos outros. Não apenas na busca de apreender o caráter de várias culturas, mas sobretudo na busca de compreender os sentidos que suas ações assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais e na disponibilidade de se deixar interpelar pelos sentidos de tais ações e pelos significados constituídos por tais contextos.

No espaço escolar estamos atentos para acolher o que as crianças nos dizem na sua alteridade? Para compreender os sentidos que suas ações e posições assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais? Ou atuamos apenas com as representações de criança e de infância abstraídas de padrões culturais genéricos e universalizantes, que despem essas crianças e essas infâncias de suas particularidades culturais? A adoção dessa imagem universal de criança e de infância não seria produtora da desconexão do saber escolar dos fatos e acontecimentos que envolvem as suas vidas, no cotidiano? E, por ser universalizante e homogeneizante, tal imagem assumida não seria também responsável pela desconsideração das diferenças, que dificulta o reconhecimento e a comunicação entre as culturas escolares e as culturas vividas?

Considerações finais

O que nós estamos aqui chamando de intercultura refere-se a um campo complexo em que se entretecem múltiplos sujeitos sociais, diferentes perspectivas epistemológicas e políticas, diversas práticas e variados contextos sociais. Enfatizar o caráter relacional e contextual (inter) dos processos sociais permite reconhecer a complexidade, a polissemia, a fluidez e a relacionalidade dos fenômenos humanos e culturais. E traz implicações importantes para o campo da educação.

A mais importante implicação constitui-se na própria concepção de educação. A educação, na perspectiva intercultural, deixa de ser assumida como um processo de formação de conceitos, valores, atitudes baseando-se uma relação unidirecional, unidimensional e unifocal, conduzida por procedimentos lineares e hierarquizantes. A educação passa a ser entendida como o processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente formativo, ou seja, estruturante de movimentos de identificação subjetivos e socioculturais. Nesse processo, desenvolve-se a aprendizagem não apenas das informações, dos conceitos, dos valores assumidos pelos sujeitos em relação, mas sobretudo a aprendizagem dos contextos em relação aos quais esses elementos adquirem significados. Nesses entrelugares, no espaço ambivalente entre os elementos apreendidos e os diferentes contextos a que podem ser referidos, é que pode emergir o novo, ou seja, os processos de criação que podem ser potencializados nos limiares das situações limites.

A educação se constitui, assim, por processos de aprendizagem de segundo nível (Bateson, 1986, p.319-328), ou seja, a compreensão do contexto que, construído pelos próprios sujeitos em interação, configura os significados de seus atos e relações. Tais processos de deuteroaprendizagem (aprendizagem de segundo nível) promovem o desenvolvimento de contextos educativos que permitem a articulação entre diferentes contextos subjetivos, sociais e culturais, mediante as próprias relações desenvolvidas entre sujeitos. Os processos educativos desenvolvem-se, assim, à medida que diferentes sujeitos constituem sua identidade, elaborando autonomia e consciência crítica, na relação de reciprocidade (cooperativa e conflitual) com outros sujeitos, criando, sustentando e modificando contextos significantes, que interagem dinamicamente com outros contextos, criando, sustentando e modificando metacontextos, na direção de uma "ecologia da mente".

Nessa perspectiva, já é possível compreender - com Paulo Freire - que as pessoas se educam em relação, mediatizadas pelo mundo, ao mesmo tempo em que seus respectivos mundos culturais e sociais se transformam, mediatizados pelas próprias pessoas em relação.

A compreensão dos processos e contextos educativos que permitem a articulação entre diferentes contextos culturais - baseada na concepção de mente formulada por Bateson (1986, p. 99-100) - indica que o processo educativo desenvolve-se como um sistema mental, composto por múltiplos elementos, cuja interação é acionada por diferenças que, ativadas por energia colateral, desencadeiam versões codificadas e circulam em cadeias de determinação complexas, que se articulam em uma hierarquia de tipos lógicos inerente ao próprio processo de transformações.

Tal concepção de educação traz como corolário a necessidade de se repensar e ressignificar a concepção de educador. Pois, se o processo educativo consiste na criação e desenvolvimento de contextos educativos, e não simplesmente na transmissão e assimilação disciplinar de informações especializadas, ao educador compete a tarefa de propor estímulos (energia colateral) que ativem as diferenças entre os sujeitos e entre seus contextos (histórias, culturas, organizações sociais...) para desencadear a elaboração e circulação de informações (versões codificadas das diferenças e das transformações) que se articulem em diferentes níveis de organização (seja em âmbito subjetivo, intersubjetivo, coletivo, seja em níveis lógicos diferentes). Educador, nesse sentido, é propriamente um sujeito que se insere num processo educativo e interage com outros sujeitos, dedicando particular atenção às relações e aos contextos que vão se criando, de modo a contribuir para a explicitação e elaboração dos sentidos (percepção, significado e direção) que os sujeitos em relação constroem e reconstroem. Nesses contextos, o currículo e a programação didática, mais do que um caráter lógico, terão uma função ecológica, ou seja, sua tarefa não será meramente a de configurar um referencial teórico para o repasse hierárquico e progressivo de informações, mas prever e preparar recursos capazes de ativar a elaboração e circulação de informações entre sujeitos, de modo que se auto organizem em relação de reciprocidade entre si e com o próprio ambiente.

REINALDO MATIAS FLEURI, doutor em educação pela Unicamp, é professor titular no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. É autor e co-autor de vários livros, entre eles: Educar para quê? (São Paulo: Cortez, 9ª ed., 2001), Universidade e educação popular (Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2001), Travessia: questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular (Ijuí: Unijuí, 2001), A questão do conhecimento na educação popular (Ijuí:

Unijuí, 2003), Intercultura e movimentos sociais (Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 1998), Uma experiência sociopoética (Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2001), Intercultura: estudos emergentes (Ijuí: Unijuí, 2003), Educação intercultural: mediações necessárias (Rio de Janeiro: DP&A, 2003). Coordena atualmente o Núcleo Mover "Educação Intercultural e Movimentos Sociais".

Fonte: Revista Brasileira de Educação - ANPEd

3. LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar, 22. ed., São Paulo: Cortez Editora, 2011.

Na obra o autor apresenta um conjunto de artigos publicados ao longo de anos de trabalho com avaliação da aprendizagem escolar.

O artigo ''Avaliação educacional: pressupostos conceituais" marcou em 1978, a maturação de uma primeira reflexão teórica que vinha estabelecendo, neste texto o autor, ensaia uma definição da avaliação da aprendizagem, dando atenção a alguns pontos críticos. Nesse momento, o autor busca uma formulação epistemológica sobre avaliação, cuja conceituação, pouco modificada é utilizada até hoje.

O autor relata, no capítulo I ''Avaliação da Aprendizagem Escolar: Apontamentos sobre a pedagogia do exame", P. 17, que a prática educativa é de que a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino que nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma ''pedagogia do exame", comenta que o nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem.

O autor fala da atenção na promoção, onde o aluno tem um grande interesse em apenas saber as notas, não importando como elas foram obtidas nem por quais caminhos. Em relação à atenção nas provas, comenta que os professores utilizavam as provas como instrumento de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem. Os pais também não colaboram, pois eles estão voltados para a promoção, onde o maior interesse e expectativa são as notas dos seus filhos.

O estabelecimento de ensino está centrado nos resultados das provas e exames, por meio de sua administração, o estabelecimento de ensino, deseja verificar no todo das notas como estão os alunos. O sistema social se contenta com as notas obtidas nos exames, aparentemente, importa-lhes os resultados gerais: as notas, os quadros gerais de notas, as curvas estatísticas. Em síntese, os sistemas de exames, com suas conseqüências em termos de notas e suas manipulações, polarizam a todos.

O autor comenta que, de fato, a nossa prática educativa se pauta por uma ''pedagogia do exame". ''Se os alunos estão indo bem nas provas e obtêm boas notas, o mais vai..."

O texto relata que, ao longo da história da educação moderna e de nossa prática educativa, a avaliação da aprendizagem escolar, por meio de exames e provas, foi se tornando uma ''entidade" criada pelo ser humano para atender a uma necessidade, mas que se torna independente dele e o domina, universalizando-se. As provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino.

O professor usa o castigo, instrumento gerador do medo, seja ele explícito ou velado, para avaliação da aprendizagem em nossas escolas e tem exercido esse papel, por meio da ameaça.

Como conseqüências da pedagogia do exame, pois centraliza a atenção nos exames; não auxilia a aprendizagem dos estudantes, no sentido psicológico, é útil para desenvolver personalidades submissas, sendo a pior forma de auto-controle psicológico, onde o sujeito é presa de si mesmo, e sociologicamente, a avaliação da aprendizagem, utilizada de forma fetichizada, ou seja, como ''entidade", é útil para os processos de seletividade social, onde a avaliação está articulada com a reprovação e não com a aprovação.

No capítulo II ''Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo" P.27, o autor como objetivo principal coloca a necessidade de desenvolver a teia de fatos e aspectos patentes e latentes que delimitam o fenômeno, analisa e tenta mostrar um encaminhamento que possibilite uma transformação de tal situação.

O autor coloca que, hoje a prática escolar predominante se realiza dentro de um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade, no Brasil, hoje, tomada "in genere", está a serviço de uma pedagogia dominante que, serve a um modelo social dominante, o qual genericamente, pode ser identificado como modelo social liberal conservador, nascido da estratificação dos empreendimentos transformadores que culminam na Revolução Francesa, onde o modelo liberal conservador da sociedade produziu três pedagogias diferentes, que se relacionam entre si e tem o mesmo objetivo: conservar a sociedade na sua configuração. A pedagogia tradicional, a renovadora ou escolanovista, e a tecnicista. Ambos tentam produzir, sem o conseguir, a equalização social, pois há a garantia de que todos são formalmente iguais.

Assim, Cipriano Luckesi escreve que a prática da avaliação escolar, dentro do modelo liberal conservador, terá de ser autoritária, exigindo controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros estabelecidos de equilíbrio social.

Na atual prática da avaliação educacional escolar (manifesto e exacerbação do autoritarismo), a avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo, onde a avaliação, segundo o autor, é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão. Sendo a avaliação um juízo de valor, com base relevantes da realidade e conduzindo a uma tomada de decisão.

Avaliação educacional no contexto de uma pedagogia para a humanização (uma proposta de ultrapassagem do autoritarismo), o autor coloca que não há possibilidade de transformar os rumos da avaliação, fazendo-a permanecer no bojo de um modelo social e de uma pedagogia que não permite esse encaminhamento. A avaliação educacional escolar, como instrumento tradutor de uma pedagogia que, por sua vez, é representativa de um modelo social, não poderá mudar sua forma se continuar sendo vista e exercitada no âmago do mesmo corpo teórico-prático no qual está inserida.

Num contexto mais técnico, o texto coloca como o elemento essencial, para que se dê à avaliação educacional escolar, um rumo diverso ao que vem sendo exercitado, é o resgate da sua função diagnóstica. Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser instrumento dialético do avanço, terá de ser instrumento da identificação de novos rumos, enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos.

O autor conclui, neste capítulo, que o educador, que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente, ou seja, cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que esta fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação; assim a avaliação não poderá ser uma ação mecânica, ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

No Capítulo III ''Prática Escolar: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude" P 48, o autor escreve sobre a visão culposa do erro, na prática escolar, tem conduzido ao uso permanente do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, tomando a avaliação como suporte da decisão. Assim, uma visão sadia do erro possibilita sua utilização de forma construtiva.

Hoje as formas físicas de castigo são raras, porém o castigo não desapareceu da escola, aparece de outras formas, que não atingem imediatamente o corpo físico do aluno, mas sim sua personalidade. Desta forma, haverá muito trabalho psicológico futuro para que as crianças e os

jovens de hoje de libertem de suas fobias e ansiedades, que foram se transformando em hábitos biopsicológicos inconscientes.

O autor coloca: a observação e a compreensão do uso do erro na prática escolar revelam que a questão é bem mais ampla do que somente o fato de proceder a um pequeno castigo de um aluno individualmente. O texto sugere que se deve observar primeiro para depois julgar, mas é preciso aprender esta conduta, se queremos usar o erro como fonte de virtude, ou seja, de crescimento.

No texto, erro é considerado como uma solução insatisfatória de um problema, quando se tem uma forma correta de resolvê-lo, assim a idéia de erro só emerge no contexto da existência de um padrão considerado correto. Para que exista um erro, é necessário existir um padrão.

O uso do erro como fonte de virtude, os erros da aprendizagem, que emergem a partir de um padrão de conduta cognitivo ou prático já estabelecido pela ciência ou pela tecnologia, servem positivamente do ponto de partida para o avanço, na medida em que são identificados e compreendidos, e sua compreensão é o passo fundamental para a sua superação. Tanto o ''sucesso/insucesso" como o ''acerto/erro; podem ser utilizados como fonte de virtude em geral e como fonte de ''virtude" na aprendizagem escolar.

A questão do erro, da culpa e do castigo na prática escolar está bastante articulado como a questão da avaliação da aprendizagem, a avaliação da aprendizagem deveria servir de suporte para a qualificação daquilo que acontece com o educando, diante dos objetivos que se têm, de tal modo que se pudesse verificar como agir para ajudá-lo a alcançar o que procura. A avaliação não deveria ser fonte de decisão sobre o castigo, mas de decisão sobre os caminhos do crescimento sadio e feliz.

O autor conclui neste capítulo, que não se deve fazer uma apologia do erro e do insucesso, como fontes necessárias do crescimento, pois seríamos sadomasoquistas, ou seja, onde o sofrimento seria necessário para o crescimento. O autor ressalta: por sobre o insucesso e o erro não se devem acrescer a culpa e o castigo, que esses podem nos trazer conhecimentos, aprender com eles, mas não necessários para nossas vidas. Eles devem ser considerados percalços de travessia, com os quais podemos positivamente aprender e evoluir, mas nunca alvos a serem buscados.

No capítulo IV, ''Avaliação do Aluno: a favor ou contra a democratização do ensino?" P. 60, o autor escreve sobre a Democratização do ensino, enfocando primeiramente, democratização do acesso à educação escolar, onde hoje, a sociedade moderna, com a civilização urbana construída ao longo de séculos de sua formação, passou a exigir a escolarização de todos os cidadãos, onde este para usufruir medianamente dos bens construídos por esta sociedade, necessita da escolarização. Esses bens vão desde aos bens culturais, vida econômica e profissional, etc.

Certamente, não será a escolarização sozinha que possibilitará aos cidadãos esses níveis de clareza e entendimento. Porém, ela é um instrumento necessário para se chegar a esse patamar de compreensão e ação.

A legislação educacional brasileira abre caminho para um processo antidemocrático no ensino. Os termos constitucionais, redefinidos na lei 5.692/71 que rege a educação no país, prevê oito anos de escolaridade como mínimo necessário para a formação do cidadão.

As estatísticas educacionais são as mais aterradoras e demonstram que nem no que se refere à permanência nem à terminalidade há democratização do ensino.

O acesso e a permanência na escola, assim como qualquer nível de terminalidade (em termos de anos de escolaridade), nada significarão caso não estejam recheados pela qualidade do ensino e da aprendizagem, que levam ao patamar de compreensão alunos na sua relação com a realidade. Um ensino e uma aprendizagem de má qualidade são antidemocráticas, uma vez que não possibilitarão aos educandos nenhum processo de emancipação.

A atual prática da avaliação e democratização do ensino (P.66), o autor fala que a avaliação educacional escolar se processa, no âmbito da sala de aula; entende a avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão.

O autor coloca o que ocorre na prática da avaliação educacional escolar: é que dificilmente os professores definem com clareza, no ato do planejamento de ensino, qual é o padrão de qualidade que se espera da conduta do aluno, após ser submetido a uma determinada aprendizagem, e, então, torna-se muito ampla a gama de possibilidades de julgamento. Assim sendo, para o avaliador ser relativamente verdadeiro no juízo de qualidade, há que tomar como seu fundamento aqueles caracteres da realidade que dizem respeito ao objetivo que tem ao proceder a avaliação.

O autor afirma que a atual pratica de avaliação escolar contém muito de antidemocrático.

Em relação, Proposição de um encaminhamento (a avaliação diagnóstica) P.81, o autor diante da situação, diz que a avaliação escolar não viabiliza um processo de democratização do ensino, ao contrário, possibilita um processo cada vez menos democrático no que se refere tanto à expansão do ensino quanto à sua qualidade.

No texto, o autor diz que a avaliação diagnóstica deverá ser assumida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem, onde propor e realizar a avaliação da aprendizagem exige que ela seja um instrumento auxiliar da aprendizagem e não um instrumento de aprovação ou reprovação dos alunos.

O autor coloca que a diagnóstica da avaliação, de certa forma, nos deixa instrumentados para a superação dos desvios, pois superando o modo de agir comum e autoritário que vem atravessando as atividades de avaliação da aprendizagem escolar, de forma antidemocrática.

No capítulo V ''Verificação ou Avaliação: o que pratica a escola? P.85, o autor coloca que a avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu conseqüente projeto de ensino, onde a avaliação, subsidia um curso de ação que visa a construir um resultado previamente definido.

A ciência constitui um instrumento com o qual se trabalha no desvendamento dos objetos e, por isso, nos permite, com alguma segurança, escolher um caminho de ação, neste texto, o autor, no limite do possível, a análise crítica que pretendemos proceder da prática avaliativa, identificando-a com o conceito de verificação ou de avaliação.

Fenomenologia da aferição dos resultados da aprendizagem escolar, P.87; o autor define que na prática da aferição do aproveitamento escolar, os professores realizam, basicamente, três procedimentos sucessivos:

- medida do aproveitamento escolar;
- transformação da medida em nota ou conceito;
- utilização dos resultados identificados.

Em síntese, a aferição da aprendizagem escolar é utilizada, na quase totalidade das vezes, para classificar os alunos em aprovados ou reprovados. E nas ocasiões em que se possibilita uma revisão dos conteúdos, em si, não é para proceder a uma aprendizagem ainda não realizada ou ao aprofundamento de determinada aprendizagem, mas sim para ''melhorar" a nota do educando e, com isso aprová-lo.

A Escola opera com verificação e não com avaliação da aprendizagem, P. 92, onde verificação significa ''fazer verdadeiro", o conceito verificação emerge das determinações da conduta de, intencionalmente, buscar ''ver se algo é isso mesmo", esse processo de verificar configura-se pela observação, obtenção, análise e síntese dos dados ou informações que delimitam o objetivo ou ato com o qual se está trabalhando.

O termo avaliar quer dizer ''dar valor a...". Porém, o conceito ''avaliação" é formulada a partir das determinações da conduta de ''atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...", que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado.

O autor coloca que a prática educacional brasileira opera, na quase totalidade das vezes, como verificação. Desta forma é incapaz de retirar do

processo de aferição as conseqüências mais significativas para a melhoria da qualidade e do nível de aprendizagem dos educandos. Ao contrário, sob a forma de verificação, tem se utilizado o processo de aferição da aprendizagem de uma forma negativa, à medida que tem servido para desenvolver o ciclo do medo nas crianças e jovens, pela constante ‘’ameaça” da reprovação.

Em relação ao uso da avaliação, P.95, o autor coloca que a avaliação do aproveitamento escolar seja praticada como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos. Para que se utilize corretamente a avaliação no processo ensino - aprendizagem no contexto escolar, imposta estabelece um padrão mínimo de conhecimentos, habilidades e hábitos que o educando deverá adquirir, e não uma média mínima de notas, como ocorre hoje na prática escolar. De fato, segundo o autor, o ideal seria a inexistência do sistema de notas. A aprovação ou reprovação do educando deveria dar-se pela efetiva aprendizagem dos conhecimentos mínimos necessários, com o conseqüente desenvolvimento de habilidades, hábitos e convicções.

O autor relata que a prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que se estiver efetivamente interessado na aprendizagem do educando, ou seja, há que se estar interessado em que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado.

Para que a avaliação se torne um instrumento subsidiário significativo da prática educativa, é importante que tanto a prática educativa como a avaliação sejam conduzidas com um determinado rigor científico e técnico.

No Capítulo VI ‘’Planejamento e Avaliação na Escola: articulação é necessária, determinação ideológica. P.102, o autor fala da intencionalidade da ação humana, onde o agir que articula fins e meios parece ser a maneira mais consistente do agir humano uma vez que, por seu modo de ser historicamente construído, o homem não se contenta com uma forma ‘’natural” de ser; ao contrário, tem necessidade de modificar o meio para satisfazer suas necessidades. O ser humano age em função de construir resultados.

Em relação ao planejamento e comprometimento ideológico, P. 105, o autor coloca o ato de planejamento como a atividade intencional pela qual se projetam fins e se estabelecem meios para atingi-los. Por isso não é neutro, mas ideologicamente comprometido. O planejamento não será nem exclusivamente um ato político-filosófico, nem exclusivamente um ato técnico, e sim ao mesmo tempo político-social, científico e técnico. Deve-se planejar como um modo de prever a administração de recursos escassos, isso significa que se deve planejar sem questionar o modelo de sociedade para o qual se está planejando p.109.

“O planejamento na prática escola: o que tem sido” p.110, o autor coloca que, planejar, nas escolas em geral, tem sido um modo de operacionalizar o uso de recursos materiais, financeiros, humanos, didáticos. É necessário que o ato de planejar, assim assumido, deverá deixar de ser um simples estruturar de meios e recursos, para tornar-se o momento de decidir sobre a construção de um futuro. Será o momento de dimensionar o nossa mística de trabalho e de vida.

A atividade escolar de planejar deve ser resultado da contribuição de todos aqueles que compõem o corpo profissional da escola.

Segundo o texto, avaliação (instrumento subsidiário da construção do projeto de ação, onde a avaliação poderia ser compreendida como uma crítica do percurso de uma ação, seja ela curta ou prolongada, enquanto o planejamento dimensiona o que se vai construir, a avaliação subsidia essa construção, porque fundamenta novas decisões.

Enquanto o planejamento é o ato pelo qual decidimos o que construir, a avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto. A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar; por isso, contribui em todo o percurso da ação planificada.

No capítulo VII “por uma prática docente crítica e construtiva p.120, o autor fala sobre encaminhamento para uma prática docente que seja, ao mesmo tempo, crítica e construtiva: crítica na medida em que compreenda, proponha e desenvolva a prática docente no contexto de suas determinações sociais, construtiva na medida em que trabalhe com princípios científicos e metodológicos que dêem conta da construção do ensino e da aprendizagem para o desenvolvimento do educando.

No item I: “Fundamentos pedagógicos da prática docente”, o autor coloca que tanto do ponto de vista do sistema educativo (governos federal, estadual e municipal) quanto do educador” é preciso estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva, individual e coletivamente”. A sociedade em que vivemos não possui interesse e os educandos, muitas vezes, conscientes disso ou não, assumem posturas e realizam procedimentos que corroboraram essa perspectiva social.

O desenvolvimento do educando, segundo o texto, pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver. Assim sendo, desenvolvimento do educando significa a formação de suas convicções afetivas, sociais, políticas; significa o desenvolvimento de suas capacidades cognoscitivas e habilidades psicomotoras, enfim, sua capacidade e seu modo de viver.

Sobre ensino e aprendizagem intencionais (meios de desenvolvimento do educando) o texto fala que a aprendizagem intencional é aquela que é buscada e propicia intencionalmente. É necessário que o conhecimento adquirido seja como são em seus contornos, em suas conexões objetivas e necessárias.

Na dinâmica da assimilação ativa dos conteúdos sócio-culturais e do desenvolvimento das capacidades cognoscitivas do educando, devem ser considerados quatro elementos fundamentais no processo de ensino, aprendizagem: assimilação receptiva de conhecimento e metodologia, exercitação de conhecimentos, metodologias e visões de mundo.

A metodologia é o meio pelo qual se atinge um determinado fim que se deseja. Os recursos metodológicos são voltados para os objetivos do processo de aprendizagem do educando.

No item II, deste capítulo, “tarefas da prática docente”, devem considerar o planejamento, a execução e a avaliação dos resultados da aprendizagem, o autor conclui que se deseja exercitar uma prática docente crítica, importa levar em conta objetivos políticos dessa prática, assim como princípios científicos e metodológicos que traduzam correntemente a visão política que se tenha e a exercitação das tarefas da prática docente articulada coerentemente com os aspectos anteriores.

No Capítulo VIII “Planejamento, execução e avaliação no ensino: a busca de um desejo, p.152, o autor escreve sobre o agir em função dos desejos, o que importa para o autor neste capítulo é ter ciência de que não se age por puro acaso. Contudo, do ponto de vista consciente, o ser humano necessita estabelecer metas definidas, clareando o que deseja, para agir em função delas.

O autor coloca que o planejamento e avaliação são atos que estão a serviço da construção de resultados satisfatórios. Enquanto o planejamento mostra previamente os caminhos, avaliação subsidia os redirecionamento que venham a se fazer necessários no percurso da ação. A avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de uma ação, subsidiando sempre sua melhora.

O autor conclui que o planejamento, execução e avaliação são recursos da busca de um desejo. Para tanto, é preciso saber qual é o desejo e entregar-se a ele. Neste texto, importa saber qual é o desejo com ação pedagógica que praticamos junto aos educandos e se queremos estar entregues a ele, a fim de que possamos construir os resultados satisfatórios com o auxílio do planejamento, execução e avaliação, auxiliando o desenvolvimento dos educandos, ao mesmo tempo que processamos nosso auto crescimento.

No capítulo IX, “Avaliação da Aprendizagem escolar: um ato amoroso, p.168, O autor comenta sobre provas e exames e avaliação da aprendizagem escola, esta prática é difícil de ser mudada devido ao fato de que a avaliação, por si, é um ato amoroso e a sociedade no qual está sendo praticada não é amorosa e, daí vence a sociedade e não a avaliação.

O ato amoroso é aquele que acolhe a situação, na sua verdade (como ela é). Transportando essa compreensão para a aprendizagem, podemos entender a avaliação da aprendizagem escolar como um ato amoroso, na medida em que a avaliação tem por objetivo diagnosticar e incluir o educando, pelos mais variados meios, no curso da aprendizagem satisfatória, que integre todas as suas experiências de vida.

O autor conclui que o ato de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento "definitivo" sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se à melhoria do ciclo de vida. Deste modo, por si, é um ato amoroso. Infelizmente, por nossas experiências histórico-sociais e pessoais, temos dificuldades em assim comprêende-la e praticá-la.

É uma meta a ser trabalhada, que, com o tempo se transformará em realidade, por meio de nossa ação. Somos responsáveis por este processo.

4. MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Currículo, diferença cultural e diálogo. Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79. Agosto/2002, p. 15-38.

1. Apresentando o estudo e ressaltando a importância do multiculturalismo

Entre outros significados, multiculturalismo tem sido empregado para indicar o caráter plural das sociedades ocidentais contemporâneas, essa condição inescapável do mundo atual, à qual se pode responder de diferentes formas, mas não se pode ignorar. Para Kincheloe e Steinberg (1997), multiculturalismo representa a natureza dessa resposta, que inclui a formulação de definições conflitantes de mundo social, decorrentes de distintos interesses econômicos, políticos e sociais. Nessa formulação, as relações de poder desempenham papel crucial, auxiliando a conformar o modo como indivíduos, grupos e instituições reagem à realidade cultural. Na esfera da educação, multiculturalismo corresponde à natureza da resposta que é dada em ambientes educativos.

Mas que condição é essa da qual não se consegue escapar e à qual se precisa responder? Como se apresenta o pluralismo cultural em nossas sociedades? Por que o multiculturalismo revela-se hoje temática quase obrigatória nas discussões sobre sociedade e sobre educação? A meu ver, certas características de nosso mundo social podem indicar possíveis respostas.

Em primeiro lugar, a cultura tem adquirido crescente centralidade nos fenômenos sociais contemporâneos, bem como nas análises que deles se elaboram (Stuart Hall, 1997). A cultura não é mais vista como mero reflexo de uma estrutura econômica: a visão marxista ortodoxa que distinguia a base da superestrutura ideológica tem hoje poucos defensores. A cultura deixa, assim, de corresponder a uma esfera separada da vida social material e passa a representar um processo social constitutivo, que cria modos de vida distintos e específicos (Williams, 1985).

Esse papel constitutivo da cultura, expresso em praticamente todos os aspectos da vida social, é reconhecido e destacado: a cultura assume cada vez mais relevo, tanto na estrutura e na organização da sociedade como na constituição de novos atores sociais. Assiste-se a uma verdadeira revolução cultural, à expansão de tudo que se associa à cultura. Ainda, o conceito de cultura tem seu poder analítico e explicativo, na teorização social, significativamente reforçado. Daí sua importância em discursos, práticas e políticas curriculares.

Vale ressalvar, contudo, que admitir a importância da cultura, tanto na estrutura empírica da sociedade como na teorização social, não implica reduzir tudo à cultura, não implica argumentar que nada existe senão a cultura. Implica, sim, considerar que em toda prática social se encontram envolvidas questões de significado (Hall, 1997).

O segundo aspecto decorre do primeiro. A centralidade das questões culturais traz inevitavelmente à luz a sensível diversidade de culturas encontradas hoje no interior de um dado país e entre os diferentes países do globo. Essa diversidade convive, paradoxalmente, com fortes tendências de homogeneização cultural. Ainda que se venham tornando mais visíveis as manifestações e as expressões culturais de grupos dominados, "observa-se o predomínio de formas culturais produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa, nas quais aparecem de forma destacada as produções estadunidenses" (Silva, 1999, p. 85).

Mas os movimentos, seja em direção à homogeneização, seja em direção à diversificação, não se processam sem lutas. As relações entre as distintas identidades culturais, assim como as tentativas, por partes de diferentes grupos, de afirmação e de representação em políticas e práticas sociais, são complexas, tensas, competitivas, imprevisíveis. Esse panorama conflituoso, pleno de avanços e recuos, evidencia-se tanto nos noticiários que veiculam guerras, agressões, perseguições e discriminações, como no sobressaltado cotidiano em que buscamos viver e conviver com a violência, com o fundamentalismo, com a xenofobia, com o ódio, com a exclusão social.

No caso específico de nosso país, acreditou-se, um dia, em democracia racial, em tratamento igualitário para todos os brasileiros.

Os tempos, porém, destruíram essa doce imagem. Desfeita de vez a ilusão, saltam aos nossos olhos, ora incrédulos e revoltados, ora "anestesiados", a miséria, o racismo, a opressão da mulher, os preconceitos contra o homossexual, os abusos contra a criança, o descaso pelo velho, o desrespeito aos portadores de necessidades especiais. Ao mesmo tempo, os movimentos sociais, que se incrementaram nos anos 80 e 90, anunciaram possibilidades e conquistas, desmascarando o mito da democracia racial e favorecendo uma nova consciência das diferenças culturais presentes em nosso tecido social (Candau e Anhorn, 2000).

"Hoje a necessidade de um reconhecimento e valorização das diversas identidades culturais, de suas particularidades e contribuições específicas à construção do país é cada vez mais afirmada" (Candau, 1997, p. 241). As contradições envolvidas nesse reconhecimento e nessa valorização certamente impõem desafios para a organização da escola e do currículo.

O terceiro aspecto, relacionado aos anteriores, é a associação das diferenças culturais às relações de poder. Como já assinalei, não há como analisar essas diferenças sem levar em conta que determinadas "minorias", identificadas por fatores relativos à classe social, gênero, etnia, sexualidade, religião, idade, linguagem, têm sido definidas, desvalorizadas e discriminadas por representarem "o outro", "o diferente", "o inferior". Diferenças, portanto, têm sido permanentemente produzidas e preservadas por meio de relações de poder (Caws, 1996; Silva, 1999).

Ao se aceitar que diferença cultural e poder estão intimamente ligados, há que se rejeitar, como o fazem Stoer e Cortesão (1999), o chamado multiculturalismo benigno. Tal perspectiva restringe-se a identificar as diferenças e a estimular o respeito, a tolerância e a convivência entre elas. Não inclui, em seu horizonte, o propósito de desestabilizar as relações de poder envolvidas nas situações em que as diferenças coexistem.

O esforço por examiná-las e questioná-las caracteriza o que vem sendo chamado de multiculturalismo crítico. Como incorporar essa segunda perspectiva às propostas e práticas curriculares é certamente questão da qual não se pode nem se deve evadir.

Proponho, então, que se responda às condições do mundo contemporâneo por meio de um multiculturalismo crítico. Nessa minha defesa, recorro a Boaventura de Sousa Santos (2000), em sua opção pelo que chama de conhecimento-emancipação, cuja trajetória dirige-se do colonialismo para a solidariedade. Para o autor, a solidariedade é uma forma de conhecimento obtida por meio do reconhecimento do outro, que só pode ser conhecido como produtor de conhecimento. Ou seja, conhecer, nesse sentido, é reconhecer e progredir no sentido de elevar o outro à condição de sujeito. Daí que todo conhecimento-emancipação tenha uma vocação multicultural.

A construção desse conhecimento esbarra, porém, em dois consideráveis obstáculos: o silêncio e a diferença. Pergunta o autor: "Como realizar um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e as suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis?" (p. 30). Como fazer falar, do modo mais livre e autônomo possível, o silêncio? Como, ao mesmo tempo, favorecer a inteligibilidade entre as diferenças? Como construir uma teoria da tradução que torne compreensível para uma dada cultura as necessidades, os valores, os costumes, os símbolos e as práticas de outra cultura? Para Sousa Santos, a diferença sem inteligibilidade conduz à incomensurabilidade e, em última instância, à indiferença.

Sem minimizar as dificuldades, Sousa Santos julga possível a superação dos entraves envolvidos nos processos de se abrir espaço para

as ausências e de se estimular a articulação entre os diferentes. Posiciona-se em favor da adoção de uma postura multicultural, em que uma política da diferença conviva em tensão com uma política da igualdade. Em suas palavras:

O multiculturalismo emancipatório que buscamos é um multiculturalismo decididamente pós-colonial, neste sentido amplo. Portanto, assenta fundamentalmente numa política, numa tensão dinâmica, mais complexa, entre a política de igualdade e a política da diferença; isso é o que ele tem de novo em relação às lutas da modernidade ocidental do século XX, lutas progressistas, operárias e outras que assentaram muito no princípio da igualdade. Há a ideia de que, sendo todos iguais, é fundamental que se dê uma redistribuição social, nomeadamente ao nível econômico, e é através da redistribuição que assumimos a igualdade como princípio e como prática. Naturalmente que este princípio não reconheceu a diferença como tal. A política de igualdade, baseada na luta contra as diferenciações de classe, deixou na sombra outras formas de discriminação étnica, de orientação sexual ou de diferença sexual, etária e muitas outras. É a emergência das lutas contra estas formas de discriminação que veio a trazer a política da diferença. E a política da diferença não se resolve progressisticamente pela redistribuição: resolve-se por reconhecimento. (2001, p. 21, ênfases adicionadas ao original)

Sousa Santos (2001) acentua, ainda, a necessidade de se impedir que o foco nas diferenças contribua para isolar grupos, para criar guetos e, conseqüentemente, para aumentar, na sociedade, a fragmentação que se quer eliminar. Nesse sentido, vê como indesejáveis as culturas de testemunho, decorrentes de critérios de autenticidade que, equivocadamente, somente autorizam as mulheres a falar sobre as discriminações contra as mulheres, os negros a falar sobre a opressão sofrida pelos negros, os homossexuais a falar sobre os ataques perpetrados contra eles. É preciso nos prevenirmos, sustenta, contra um novo apartheid cultural que, visando a criar igualdade, reafirme a separação. A história mostra-nos que igual desenvolvimento e separação jamais conseguiram coexistir. Com separação não há igualdades, há apartheids. "A igualdade só existe quando há possibilidade de se compararem as coisas" (Sousa Santos, 2001, p. 22).

Como evitar, então, um novo apartheid, como evitar a separação das diferenças, como evitar o esfacelamento de projetos comuns?

Em outro estudo, minha própria resposta convergiu para a proposição de um diálogo que permitisse a superação das divergências impeditivas de uma aproximação entre os diferentes. Afirmei, nessa ocasião, que uma possível solução pode derivar da promoção de diálogo entre os padrões culturais em jogo. Longe de preconizar uma "guetização" de culturas, ou seja, o isolamento de identidades culturais em seus próprios padrões, o multiculturalismo proposto deve atentar para a necessidade de trocas, de estratégias dialógicas, em que ambas as partes participem como produtoras de cultura e saiam com seus horizontes culturais ampliados. O diálogo das diferenças se impõe, apesar das dificuldades envolvidas em sua concretização no cotidiano das experiências educacionais. (Canen e Moreira, 2001, p. 38-39, ênfases adicionadas ao original)

Ainda que mais recentemente tenha reconhecido as dificuldades envolvidas na promoção do diálogo (Moreira e Macedo, 2002), penso que a questão ainda carece de análises mais elaboradas que melhor a esclareçam. Será viável o diálogo multicultural proposto por Sousa Santos? Será viável a convivência de uma política da igualdade e uma política da diferença?

Ou seja, diferença e diálogo precisam ser objetos de cuidadosas teorizações no âmbito do multiculturalismo, para que melhor se compreendam os processos de construção das diferenças e de promoção do diálogo. Penso que tais estudos poderão incentivar a emergência de novos insights e de novas práticas pedagógicas multiculturalmente orientadas.

Neste texto, apoiado em pesquisa que venho coordenando, bem como em recentes leituras, proponho-me a tecer algumas considerações sobre multiculturalismo, diferença e diálogo em educação. Certamente minha intenção não é, nem poderia ser, esgotar a discussão: pretendo apenas contribuir para seu avanço. Meu argumento central é que as reflexões sobre multiculturalismo podem enriquecer-se e aprofundar-se pelas aproximações e tensões entre os insights da teoria curricular crítica e as contribuições da teorização social e cultural contemporânea que discute diferença e diálogo.

2. Apresentando a pesquisa

Na pesquisa a que me referi,1 temos buscado compreender como a discussão do multiculturalismo está sendo incorporada ao campo do currículo no Brasil, particularmente na produção teórica de nossos especialistas. Pode-se considerar que o multiculturalismo constitui hoje preocupação significativa dos que pesquisam currículo? Como se tem expressado essa preocupação? Que concepções de multiculturalismo têm sido preferidas por nossos autores? Que estratégias têm sido propostas para conferir uma orientação multicultural aos currículos de nossas escolas? Que questões teóricas têm desafiado nossos pesquisadores? Que respostas têm sido dadas a tais questões?

A metodologia empregada pelo grupo de pesquisadores incluiu a análise de artigos escritos por autores brasileiros e publicados nos periódicos mais bem situados na avaliação dos periódicos brasileiros de educação, realizada em 2001. Incluiu também a análise dos trabalhos apresentados por nossos especialistas nas reuniões da ANPED e do ENDIPE no período de 1995 a 2000.2 Incluiu, finalmente, a análise de entrevistas com sete renomados especialistas em multiculturalismo no Brasil, de intensa produção científica, com os quais desenvolvemos "conversas informais" sobre: concepções de multiculturalismo, formas como o multiculturalismo tem sido incorporado entre nós, influências teóricas em nossa produção, pesquisas desenvolvidas e desafios teóricos e políticos a serem enfrentados. Nessas entrevistas, em síntese, o propósito foi identificar as perspectivas de tais profissionais em relação à área de conhecimento em que se especializam, compreendendo-se perspectiva como as maneiras de pensar e de agir tidas como naturais e legítimas pelos membros de um grupo (Coulon, 1995). Tais entrevistas compõem o alvo central de minha atenção no presente trabalho.

Embora com enfoques distintos, a preocupação com a diferença e a crença no poder do diálogo para incrementar a compreensão entre as diferenças ocupam lugar de destaque nas falas e nas propostas pedagógicas de meus colegas. Se o foco na diversidade cultural – na diferença – parece ser consensual, a defesa da importância do diálogo explicita-se com mais clareza nos pesquisadores que privilegiam a discussão "currículo e multiculturalismo".

Explico-me melhor. Como um dos entrevistados (E4) esclarece, há que se distinguir entre os estudiosos que tomam por objeto o multiculturalismo na escola, como aplicação de formulações teóricas desenvolvidas na academia, e os que se amparam mais nas iniciativas e lutas desenvolvidas por diferentes grupos sociais no esforço por conquistar cidadania. O primeiro grupo é o que mais se dedica ao estudo de princípios e estratégias que possam imprimir uma orientação cultural à prática pedagógica. O segundo grupo de investigadores, conforme outro especialista (E3) comenta, privilegia as discussões sobre "educação e movimentos sociais", "educação e relações de gênero", "educação e relações étnico-raciais", envolvendo-se mais com a militância política (fora e dentro da universidade) que com a proposição de experiências multiculturais na escola e na formação de professores. Para o segundo grupo, valem mais a especificidade e a intensidade de cada luta que o diálogo entre os diferentes grupos, ainda que se acrescente que "ninguém deseja uma sociedade esfacelada" (E3).

Passo às entrevistas. Por meio de trechos delas extraídos, tento ilustrar como nossos colegas abordam três temáticas interligadas, centrais à área de conhecimento que investigam: a diferença, o diálogo e as estratégias pedagógicas decorrentes de suas concepções. Procuro comentar as falas e apresentar, ao final, algumas reflexões sobre os dilemas encontrados.

3. Focalizando a diferença

A preocupação com a diferença cultural é consensual entre os especialistas. Como um deles afirma, "a diferença é um dado da realidade humana" (E6). Ou seja, o que nos une, de fato, são nossas diferenças. O trecho abaixo ilustra nitidamente esse ponto de vista.

O que caracteriza propriamente os seres humanos não é uma similaridade, mas a própria diferença. Ou seja, ao procurar entender a singularidade de cada grupo, de cada cultura, você vai compreender mais a

humanidade. Porque a essência do ser humano é a produção, é a elaboração de significados, portanto a produção de cultura, cada uma com sua lógica, sua estrutura própria. Ao entender a singularidade de cada cultura, você está entendendo mais o específico do humano. (E2)

Outro entrevistado também associa diferença cultural e multiculturalismo, ao tratar da emergência dessa discussão no Brasil.

O Brasil é hoje em dia o segundo país do mundo de população negra. (...) Isso dava uma configuração da questão multicultural diferente para o Brasil, principalmente porque a gente tem muito essa coisa de que todos somos iguais, essa coisa da democracia racial, aqui a diferença não é desigualdade, aqui as relações são mais fluidas. (...) Mas a gente sabe muito bem que isso em grande parte esconde uma série de discriminações e preconceitos muito sutis, mas fortemente presentes na sociedade brasileira. Aqui, então, a problemática é muito diferente da europeia e da americana. (E7)

A distinção entre multiculturalismo e interculturalismo é ressaltada por um dos pesquisadores, que parece buscar na Antropologia e em

Paulo Freire alguns subsídios para a elaboração de seu pensamento.

Faço uma diferenciação entre multiculturalismo e interculturalismo. Ou seja, na perspectiva da educação há justamente esse reconhecimento da diversidade e um esforço por fazer com que cada pessoa e cada grupo explicitem os seus modos de compreender a realidade, os seus padrões culturais e que tudo isso seja reconhecido por outro grupo na sua diferença, não é? (...). Então, esse reconhecimento me parece já um grande avanço. Agora, numa perspectiva intercultural (...) não basta reconhecer a diferença, é preciso estabelecer uma relação, a inter-relação entre pessoas de culturas diferentes para justamente permitir um entendimento recíproco, de tal forma que essa relação implique um desafio à reelaboração de cada um. (E2)

Além da preocupação com a diferença, parece consensual, também, o reconhecimento da assimetria das relações entre os diferentes, ou seja, da associação diferença cultural-poder.

(...) as diferenças recebem tratamentos diversos ao longo da história, então vamos entender por que certos grupos e certas diferenças acabaram sendo mais ressaltadas que outras, sendo tratadas de forma desigual. (E 3)

Essa assimetria, contudo, admite diferentes respostas. Se uma delas expressa as reivindicações e as conquistas de grupos oprimidos, outra corresponde aos esforços dos grupos dominantes por atenuar conflitos e integrar os grupos subalternizados à cultura dominante.

O multiculturalismo tem duas facetas: a primeira é a luta dos que estão postos à margem da sociedade e fazem pressões. São os que não têm privilégios, influência e poder. (...) A outra resposta é a acomodação – não se quer dar resposta ao que [os grupos minoritários] estão pedindo. O que se quer é ver se eles se acomodam, se integram. (E4)

Em síntese, a diferença é presença marcante em todas as falas. A perspectiva liberal, que a associa às ideias de "tolerância" e de assimilação, é rejeitada por todos os especialistas, que optam por uma abordagem mais crítica que inclui, como mencionei anteriormente, o questionamento das diferenças e das relações de poder que as produzem. Alguns se colocam mesmo em favor de ações afirmativas, que visariam a compensar as falhas de "políticas universais que não conseguiram impedir que certas particularidades se tenham transformado em diferenças" (E3). Outro pesquisador, todavia, alerta para a necessidade de se "pensarem simultaneamente políticas universais e políticas específicas" (E6).

Como a diferença aparece teorizada nas falas? Um dos entrevistados (E6) reflete sobre as razões que fazem com que a diferença – tema que certamente não é novo – adquira, em dado momento, maior ou menor relevo. O argumento que defende é que a questão da diferença cultural aparece como um problema para os grupos hegemônicos em momentos de grandes crises econômicas, quando se busca preservar certos interesses.

Daí seu empenho em procurar compreender como e quando essa preocupação se tem acentuado.

Em outras falas observa-se a nítida influência da Antropologia, particularmente das idéias de Clifford Geertz, e a emergente influência de autores do pós-colonialismo.

[Geertz] questiona a idéia de que a humanidade seria caracterizada por características similares, comuns a todas as culturas. Por exemplo, perceber que todas as culturas têm a religião, todas as culturas têm formas de trato com o corpo, ou formas de trabalho, ou de ritos da reprodução humana, enfim. Mas, ele diz: se você for a fundo, a religião pode existir em vários povos, mas cada religião é diferente, não se reduz a outra. Então, ele conclui o seguinte: o que caracteriza propriamente os seres humanos não é uma similaridade, mas é a própria diferença. Ou seja, ao procurar entender a singularidade de cada grupo, de cada cultura, você vai compreender mais a humanidade. (...) Um outro autor que a gente está começando a estudar agora é o Homi Bhabha, que aborda a discussão sobre diversidade e diferença. São dois autores que eu acho que podem ajudar muito a entender como trabalhar com esse paradoxo, esse conflito, essa dificuldade que está nessa tensão entre a igualdade de oportunidades, a igualdade de direitos e o respeito à diferença. (E2)

Se a diferença é teorizada por alguns pesquisadores, em outros casos, ainda parece apresentar-se de forma naturalizada. É bem verdade que as abordagens de nossos especialistas certamente não se esgotam em benevolentes apelos à tolerância e ao respeito. Penso, porém, que um diálogo mais estreito com a teoria social e cultural contemporânea poderia enriquecer as discussões e propiciar uma compreensão maior do processo de produção de diferenças.

Essa questão é focalizada por Silva (2000) em recente ensaio, no qual assinala como problemática a forma como os estudos de multiculturalismo lidam com a diversidade. Propõe-se, então, a teorizar sobre as concepções de diferença e de identidade, bem como a analisar as implicações dessas concepções para o currículo. Resumindo seus pontos de vista, Silva argumenta que identidade e diferença são interdependentes e que a identidade não é uma essência, não é um dado, não é fixa, nem estável, nem coerente, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva, nem idêntica. É, sim, instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. Por fim, identidade e diferença ligam-se a estruturas discursivas, a sistemas de representação e a relações de poder.

Silva sugere, ainda, que estratégias pedagógicas da abordagem da identidade e da diferença levem em conta as contribuições da recente teorização cultural e tratem identidade e diferença como questões de política. Como a identidade e a diferença são produzidas? Que mecanismos e instituições estão ativamente envolvidos na criação e na fixação de determinadas identidades? Como podemos explorar as possibilidades de perturbação, transgressão e subversão das identidades existentes?

Se, como todos os especialistas entrevistados acentuam, não são suficientes conteúdos e experiências curriculares que apenas promovam o respeito às diferenças; se é indispensável o questionamento da produção da diferença, não se pode, de fato, prescindir de uma teoria que favoreça análises mais elaboradas dessa produção. Como bem acentua Silva (2000), uma política pedagógica e curricular precisa dessa teoria em seu centro.

Importa, portanto, buscar elaborá-la.

Tendo já dirigido minha atenção para as estratégias pedagógicas, passo a examinar as sugestões de nossos especialistas.

4. Focalizando as implicações para o currículo

Reconhecer a diferença cultural na sociedade e na escola traz como primeira implicação, para a prática pedagógica, o abandono de uma perspectiva monocultural, da postura que Stoer e Cortesão (1999) denominam de daltonismo cultural. Segundo tais autores, o professor daltônico cultural é o que não se mostra sensível à heterogeneidade, ao arco-íris de culturas que tem nas mãos quando trabalha com seus alunos.

Para esse professor, todos os estudantes são idênticos, com saberes e necessidades semelhantes, o que o exime de diferenciar o currículo e a relação pedagógica que estabelece em sala de aula. Seu daltonismo dificulta, assim, o aproveitamento da riqueza implicada na diversidade de símbolos, significados, padrões de interpretação e manifestações que se acham presentes na sociedade e nas escolas.

Um de nossos especialistas caracteriza a postura multicultural na educação como o "esforço de se entender o modo ou os pressupostos de interpretação a partir dos quais cada grupo elabora seus significados" (E 2). Ainda que insuficiente, essa postura é vista como indispensável. Nosso especialista acrescenta:

O multiculturalismo implica o reconhecimento dessas diferenças culturais, ou seja, o mesmo ato, a mesma ação pode adquirir significados diferentes, a partir de diferentes referenciais culturais. (...) Os conflitos de entendimento de significação ocorrem a partir de diferentes referenciais. O que acontece na escola é que há um pressuposto monocultural, ou seja, pressupõe-se que há uma única cultura universal que pode ser traduzida e assimilada pelo conjunto de estudantes. (E 2)

A necessidade de uma postura multicultural por parte do professor remete à formação docente, da qual, segundo um dos entrevistados (E4), encontra-se ausente o tratamento da diversidade. Outro entrevistado (E2) defende uma formação na qual o futuro docente se sinta acolhido e entendido como pessoa, como sujeito capaz de elaborar e decidir, interaja com os demais, problematize seu modo de pensar, estimule o outro a fazer o mesmo, de modo a desenvolver uma relação de reciprocidade e a produzir significados, teias de significação. Outra dimensão na formação docente seria o trabalho com múltiplas linguagens, buscando-se evitar que as formas de comunicação fiquem restritas à leitura, à escrita e à oralidade. Outro entrevistado (E1), ainda, argumenta em favor do professor reflexivo, multiculturalmente orientado.

Penso que considerações de Ellsworth (1997) sobre a formação docente podem ser úteis, por enfocarem dimensões não consideradas por nossos entrevistados. Mesmo sem a colocar a serviço de uma melhor comunicação entre o professor e o aluno, a autora propõe que essa formação se constitua em espaço em que os futuros professores se familiarizem com o caráter imprevisível das reações dos alunos ao currículo e aprendam a aproveitar tal caráter como um recurso de extremo valor para o ensino. Trata-se, acrescenta, de melhor "escutar" o que conforma o saber, o não-saber, o esquecimento, os momentos de paralisia e de resistência do aluno. Trata-se de explorar, entre os futuros docentes, o que chama de estética da relação professor-aluno – o quando falar, o poder do tom da voz, o quando e o por que silenciar, o poder e o ritmo do uso de imagens, a metáfora, o humor, a ironia, a história, o quando e por que responder com base nos seus sentimentos, o quando e o como externalizar suas reações mais internas, o como observar o aluno desenvolvendo sua própria estética e tornando-se seu próprio professor. As sugestões de Ellsworth refletem, como se observa, sua preocupação com a participação do inconsciente no processo de ensino e com o reconhecimento de que essa participação torna o processo impossível de ser previsto, mas abre, paradoxalmente, possibilidades de renovação da prática pedagógica.

Volto às sugestões de nossos entrevistados. A segunda implicação para a prática pedagógica pode ser sintetizada na frase "temos que reescrever o conhecimento" (E4), com base nas visões e experiências dos diferentes grupos.

Temos que reescrever o conhecimento a partir das diferentes raízes étnicas. Mas não é cada um fechadinho no seu canto. Eu tenho que reescrever a partir da minha experiência nessa raiz étnica. É a experiência vivida, inclusive no nosso caso, pelos descendentes de africanos na diáspora. Uma das coisas de que eu tento convencer meus alunos é o seguinte "gente, nós temos de olhar para nós mesmos e olhar o mundo na nossa perspectiva". (...) nós temos de reescrever para dialogar uns com os outros, mas aí é em pé de igualdade. Eu não posso ter o olhar eurocêntrico que todos nós temos, porque a nossa educação foi eurocêntrica e eu não posso continuar com esse olhar. Isso não é multiculturalismo, ou melhor, é sim, é um multiculturalismo de acomodação. (E4)

Recorro a Cameron McCarthy (1998) para desdobrar a ideia de se "reescrever o conhecimento". Vejo-a como fecunda e passível de orientar uma seleção e uma reelaboração de conteúdos que concorram para desafiar a lógica eurocêntrica, cristã, masculina, branca e heterossexual que até agora informou o processo, assim como para permitir o confronto com outras lógicas, com outras maneiras de ver e compreender o mundo e de nele atuar. Todo o conhecimento escolar se redefine, com base em perspectivas, visões e interesses dos grupos dominados, com vistas a favorecer a desconstrução do que McCarthy chama de "olhar do poder", suas normas e seus pressupostos. Como argumentei em outro estudo, essa abordagem pode contribuir para que um membro de um grupo oprimido entenda como se criou a situação desvantajosa em que foi colocado e como situações semelhantes, que a outros oprimem e subjugam, constituem também construções histórico-sociais, produzidas por homens e mulheres, passíveis, portanto, de serem questionadas e transformadas. A intenção é, assim, desnaturalizar os critérios usados para justificar a superioridade de certos indivíduos e grupos em relação a outros. (Moreira, 2001, p. 76)

Uma terceira implicação para a prática pedagógica é denominada por um dos especialistas de ancoragem social. Trata-se, em última análise, de entender como, historicamente, posturas preconceituosas cristalizaram-se no currículo, nas diferentes disciplinas. Trata-se de questionar os discursos o tempo todo, de verificar como um dado conceito surgiu historicamente e passou a ser visto como universal.

Ancorar socialmente um conteúdo é ver como ele surgiu, em que contexto social, quem propôs historicamente esse conceito, quais eram as ideologias dominantes. Você vai fazendo isso com todos os conteúdos possíveis do currículo.

Isso é proposto como uma maneira de você nem cair naquele vazio de ficar só tentando entender diversas linguagens, diversas culturas, nem achar que o conteúdo é algo fixo. (E1)

A contribuição de John Willinsky (1998) para o desenvolvimento dessa terceira perspectiva parece-me inestimável. Para ele, há uma pergunta central a ser feita no processo curricular: Devemos continuar a dividir a realidade humana, como se tem feito, em culturas, histórias, religiões, tradições, saberes, etnias, preferências sexuais, nacionalidades e sociedades diferentes, e sobreviver, também de forma humana, aos efeitos dessas categorizações? O autor responde convidando cada professor, em sua disciplina e em sua sala de aula, a procurar, por meio dos conteúdos que ensina e das práticas que desenvolve, desestabilizar as categorias que nos têm dividido e rotulado, mostrando que elas não são naturais, que elas não são "científicas", "verdadeiras" ou "inevitáveis". O propósito deve ser tornar claro, para os estudantes, os processos de suas construções. O propósito deve ser explicitar como temos aprendido os significados das diferenças e das desigualdades que nos apartam uns dos outros e que têm justificado tanta opressão, tanta marginalização, tanta dor.

Uma quarta implicação para a prática pedagógica é a criação de um contexto no qual as inter-relações favoreçam a aprendizagem.

Segundo um dos especialistas, não basta reconhecer as diferenças, é preciso estabelecer relações entre as pessoas. Assim, trata-se de "reconhecer o outro como pessoa e não a outra cultura como uma matéria a ser estudada" (E2).

O diálogo é visto mesmo como o elemento norteador das estratégias pedagógicas.

(...) a tarefa do professor não é tanto transmitir informações, mas criar um contexto em que pessoas, crianças e adultos possam interagir a partir e em função de atividades que tenham sentido para elas. (...) o fundamental para criar o contexto relacional são as próprias pessoas e suas interações. A tarefa do educador (...) é pensar o contexto, estar atento ao contexto relacional que vai sendo construído pelas pessoas em relação e interferir, como um dos sujeitos dentro do processo, para ativar as formas de relação. (E 2)

Nesse enfoque, a tarefa do educador resume-se em "criar contextos, enredos, histórias" (E2) e o currículo transforma-se em "criar contextos que tornem possível a aprendizagem" (E2). Torna-se, então, indispensável que os sujeitos integrantes do contexto estejam disponíveis para o diálogo.

(...) essa relação não é espontânea, ela não ocorre naturalmente, ela tem que ser intencional, ou seja, quando sujeitos de diferentes culturas decidem isso e querem intencionalmente estabelecer relações com o outro e compreendê-los também. (...) a relação intercultural só ocorre como projeto. (...) essa relação intercultural se constitui como um contexto de integração. Não se trata só de comunicar ou de informações, trata-se de criar um contexto relacional, um contexto que permite justamente a sujeitos, a partir de referenciais diferentes, interagirem, acolherem-se e entenderem-se. (E 2)

Deixo meus comentários para a próxima etapa, cujo foco é o diálogo – seu desenvolvimento, suas possibilidades e seus limites.

5. Focalizando o diálogo

A postura multicultural é estreitamente associada ao diálogo em algumas falas.

A perspectiva multicultural justamente permite o diálogo e o entendimento do outro, certo? Então, nesse sentido a educação multicultural, ou melhor, numa sociedade multicultural a educação tem que reconhecer os diferentes grupos.

Agora, a educação, ela deve também propiciar contextos de mediação entre pessoas de diferentes culturas. (E2)

O entrevistado acrescenta:

(...) não basta reconhecer essas diferenças, não é? É preciso estabelecer as relações, entendidas em primeiro lugar como relação entre pessoas. (...) reconhecer o outro como pessoa, e não a outra cultura como uma matéria a ser estudada, é o primeiro pressuposto. (...) [o segundo] pressuposto é que essa relação não é espontânea, ela não ocorre naturalmente, ela só ocorre na medida em que é intencional, ou seja, em que sujeitos de culturas diferentes decidem isso e querem intencionalmente estabelecer relações com o outro e compreendê-lo.

Então, nesse sentido, a relação intercultural só ocorre como projeto. O terceiro [pressuposto] é que essa relação intercultural se constitui como um contexto de integração. Não se trata só de comunicar ou de informações, trata-se de criar um contexto relacional, um contexto que permite justamente que sujeitos, a partir de referenciais diferentes, interajam, acolham-se e entendam-se. (E2)

A necessidade de mediadores é destacada também por outro entrevistado.

A educação multicultural, que deveria abrir as convivências, pode, por exemplo, fechar os grupos em si mesmos e os grupos se guetizarem. Agora, (...) a educação multicultural não tem que responder a tudo, na realidade, ela tem que, de uma certa forma, valorizar aquilo que ela se propõe a fazer – reforçar as identidades dos grupos. Agora, a gente tem que ter mediadores. (...) Mas, (...) que mediadores a gente pode encontrar na escola para, ao mesmo tempo, estar discutindo políticas, educação multicultural e encontrando, por exemplo, alguns valores pelo menos "universais", nos quais os diferentes grupos, os diferentes, pudessem encontrar-se dentro da escola e produzir alguns projetos (...) coletivamente. (E 5)

Em outras palavras, trata-se de buscar quem faz a mediação, quem ajuda, por exemplo, a mediatizar o que é comum, valorizando as diferenças. Comenta-se que é pedir demais ao professor que exerça o papel de mediador. Para articular os diferentes interesses das minorias, na escola ou na sociedade mais ampla, há que se ter outros mediadores. Os partidos e os sindicatos, que desempenharam tal papel, estão hoje esfacelados, tanto quanto os movimentos sociais que criticavam. Tais mediadores precisam, então, ser construídos: há que se pensar mesmo em organismos internacionais que procurem garantir o respeito aos direitos das minorias.

Caberia a esses organismos defender os direitos humanos, que precisam ser vistos como valores universais.

Nesse contexto, devem-se promover fóruns nacionais e internacionais em que se possa tentar dar conta da complexidade dessas relações.

A intenção, em última análise, é ampliar os espaços públicos, para que os mediadores, que não se restringem aos mediadores escolares, façam parte do debate e contribuam para enriquecê-lo.

Toda essa argumentação encaminha para ampliar o multiculturalismo e estendê-lo além dos muros da escola. Se o currículo não se limita ao que acontece no interior da escola, é necessário se trabalhar com os alunos outras experiências, devendo-se mesmo sugerir que eles vivam outras experiências fora da escola.

A valorização do diálogo faz emergir reflexões sobre o debate universalismo X relativismo. Um dos especialistas assim se manifesta:

Será que poderia haver um universalismo? Ou seja, você acreditar em valores de ética, amor ao próximo, democracia, respeito, mas, ao mesmo tempo, não tomar isso como valores únicos, com um sentido único, você tentar fazer o que a gente chamou de universalismo a posteriori. (...) eu não consigo abrir mão de valores que eu considero universais, fazem parte da minha vida (...). Mas você tem que ressignificar, sim, democracia, ética etc. Mas não dá para você fazer isso a priori, você tem que trabalhar em diálogo com essas culturas, pois elas também podem evoluir e você também pode evoluir. (E 1)

O mesmo especialista acrescenta: "(...) a idéia de universalismo a posteriori vem um pouco de Habermas e aproveita a teoria da argumentação. (...) Através do diálogo, da argumentação, chegaríamos a essa ressignificação de que estou falando".

Para nossos entrevistados, em síntese, o diálogo é visto como instrumento de ensino, de mediação entre grupos distintos, de democratização da escola e da sociedade, de criação de consensos culturais e cognitivos, de eliminação de barreiras entre as diferenças. Em suas falas, revelam-se influências de Paulo Freire, de autores da teoria da argumentação, de Alain Touraine, de Michel Wieviorka, dos movimentos sociais, de alguns autores do pós-colonialismo. Como no caso da diferença, gostaria de sugerir que a discussão pode ser enriquecida pela difícil e tensa interlocução de autores associados a uma perspectiva crítica com autores da teoria cultural contemporânea, mais associados ao pós-modernismo e ao pós-estruturalismo.

Penso que as divergentes análises de Nicholas Burbules e Elizabeth Ellsworth sobre o diálogo podem elucidar possibilidades e limites de sua promoção e de seus efeitos. Podem, então, contribuir para que melhor situemos seu papel em uma educação multicultural.

Embora alertando para o fato de que incongruências lingüísticas, culturais, paradigmáticas ou pessoais podem configurar fortes obstáculos, Burbules e Rice (1993) argumentam que o diálogo propicia compreensões parciais, ainda que não o acordo, em meio às diferenças. Defendem, então, a necessidade de princípios claros que o favoreçam. Em suas palavras:

Não é suficiente simplesmente criar as condições para um fórum no qual todas as partes presentes têm o direito de participar. Numa sociedade estruturada pelo poder, as diferenças não estão todas situadas no mesmo nível. Portanto, devemos colocar outras questões: Quem pode se sentir incapaz de falar sem retribuição explícita ou implícita? Quem pode querer falar, mas sente-se tão desestimulado, ou tão intimidado pelas circunstâncias que é na verdade "silenciado"? Que regras tácitas de comunicação podem estar em ação nas escolas e nas salas de aula que impedem certas áreas de discussão ou modos de fala, por meio dos próprios procedimentos que a discussão toma como dados? (...) A promulgação de muitas vozes e a representação das preocupações dos diferentes grupos estendem-se para além da simples tolerância ou da criação de um "fórum aberto" que pode ser menos aberto do que parece quando julgado da perspectiva das pessoas ou dos grupos marginalizados. (P. 178)

Em outro estudo, Burbules (1993) convida os professores a refletirem sobre seus desempenhos docentes e a avaliarem quando e como o emprego do diálogo pode aprimorá-los. Concebendo-o como uma relação pedagógica comunicativa, o autor acredita que o diálogo pode atuar tanto no nível individual como no social, provocando descobertas, compreensão, aprendizagem, independência, autonomia, respeito, democracia.

Sua ocorrência depende do interesse em compreender o outro, de qualidades afetivas de empenho e envolvimento, bem como de virtudes comunicativas. Há regras a serem seguidas e há, ainda, diferentes tipos de diálogo (conversação, investigação, debate e instrução). Contudo, as habilidades para o diálogo aprendem-se, de fato, pela participação no diálogo: o importante é garantir sua continuidade e sua abertura.

Pode-se afirmar que as reflexões de Burbules expressam uma postura otimista em relação ao uso do diálogo na educação multicultural.

Sem pretender o consenso, o diálogo pode envolver os participantes e contribuir para algum grau de compreensão e colaboração entre os diferentes grupos.

Já Elizabeth Ellsworth (1989), em sua experiência docente na Universidade de Wisconsin, concluiu que a sala de aula não constitui ambiente seguro e propício à ocorrência do diálogo e ao desenvolvimento

de relações democráticas. A seu ver, nenhum grupo é capaz de conhecer e compreender de fato as experiências e os saberes de outros grupos ou de outras posições sociais. Nenhum indivíduo pode, também, "conhecer" plenamente suas próprias experiências. Em vez de orientar sua prática pelo diálogo, optou, então, por trabalhar com grupos de afinidades, com base no que chamou de pedagogia do impenetrável, centrada no contexto e incapaz de ser prognosticada, prescrita ou entendida previamente. A possibilidade de narrativas parciais, necessárias à sobrevivência humana, ainda que impossíveis de serem de fato compreendidas por todos os grupos, representa, segundo ela, uma oportunidade a ser aproveitada para desenvolver uma interdependência social e educacional em que se valorizem as diferenças como "forças diferentes" e "forças para a mudança". A intenção é compartilhar pontos comuns a distintas situações de opressão, sem comprometer as especificidades e as necessidades de cada grupo.

Em outro estudo, Ellsworth (1997) critica acidamente a visão de diálogo defendida por Burbules. Para a autora, o diálogo comunicativo somente é capaz de alterar opiniões, atitudes, crenças e valores conscientes.

Limita-se ao plano da consciência, evitando, a todo custo, a descontinuidade, a emergência do inconsciente. Essa teorização deixa, assim, de considerar e de analisar mais densamente os limites da auto-reflexão consciente que o diálogo venha a favorecer.

Ellsworth discorda também da ênfase dada por Burbules às virtudes morais, necessárias ao diálogo e exercitáveis por seu intermédio. Qualquer falha ou tropeço é resolvido pela continuidade do discurso consciente.

Mas, e se a continuidade for rompida? Burbules, acrescenta a autora, nem teoriza sobre os limites da continuidade nem leva em conta as relações de poder implicadas no apelo à participação de todos na situação dialógica.

Ou seja, Burbules não parece reconhecer que a comunicação constitui também um ato de exclusão, suficientemente violento para silenciar e eliminar quem não estiver disposto a dialogar. O diálogo exclui, por exemplo, quem diz: "Nossas diferenças impedem que nos entendamos".

Todavia, a exclusão não é vista à luz de relações de poder e de interesses.

Torna-se culpa pessoal de quem é excluído. Psicologiza-se, assim, a discussão, recorrendo-se a traços de caráter e a virtudes comunicativas.

Buscando compensar o que julga faltar nas análises de Burbules, Ellsworth introduz na situação dialógica, mesmo na que se passa na sala de aula, um terceiro participante – o inconsciente –, que fala o discurso do Outro. Mas, em que consiste esse espaço sombrio e quem é esse Outro? Esse espaço é formado por símbolos e significados de desejos, fantasias e medos, reprimidos em função de normas e proibições sociais e culturais. Ao reprimi-los, os códigos empregados na repressão são esquecidos. O conhecimento e o desejo reprimidos deixam então de ter um proprietário, passando a pertencer tanto às normas e proibições mais amplas como a qualquer professor ou estudante. Eis por que se fala em discurso do Outro, mesmo quando esse discurso estrutura o inconsciente de uma dada pessoa.

O espaço não-transparente do inconsciente provoca inevitáveis desajustes entre uma interpelação e a resposta, entre um currículo e a aprendizagem. Impede qualquer certeza em relação aos resultados, o que torna a educação, em seu sentido usual, impossível. Mas esse desajuste pode ser extremamente instigante e ter efeitos positivos. É mesmo indispensável para que a ação humana, a criatividade e a transgressão possam ocorrer. Para Ellsworth, "ensinar é impossível... e isso abre possibilidades de ensino sem precedentes" (1997, p. 18).

Todo ensino e toda aprendizagem são, assim, "desviados" pelo discurso do Outro – pela dinâmica inconsciente e opaca das proibições sociais e culturais –, por um Outro que não fala diretamente, mas sim por meio de substituições, deslocamentos, sonhos e atos falhos. A conseqüência é que a aprendizagem não se processa de forma direta e o conhecimento não pode ser considerado efeito direto de observação, empatia, auto-reflexão, comunicação, compreensão.

Chega-se à questão central da discussão travada por Ellsworth: Como transformar as inevitáveis descontinuidades no conhecimento, na compreensão, no desejo, na interpelação, na aprendizagem, em materiais pedagógicos a serem produtivamente trabalhados pelo professor? Como, com essas descontinuidades, sem resolvê-las ou fechá-las, provocar o surgimento de algo novo?

Ellsworth sugere o diálogo analítico,3 centrado no conhecimento textual, no conhecimento do caráter indireto das diferentes rotas para ler o mundo. Não se trata, pelo diálogo, de se chegar à melhor leitura, à leitura mais ética ou à leitura mais justa. Não se fecha o diálogo, nem se encerra a leitura. Mas não se escapa da responsabilidade de ler, de atribuir significados. A questão deixa de ser "que significa este texto?" e passa a ser "que leitura eu realizarei nesta situação?".

A questão passa a ser: "Em que medida o mundo aumenta ou diminui de valor quando certa leitura é feita e disponibilizada?" Como determinada leitura afeta o mundo? Que provoca ou deixa solto no mundo? A questão incita a uma exploração que nunca acaba. Mas, se a leitura jamais se completa, a rota pode ser tão importante quanto o insight que suscita.

Chega-se a um total relativismo? Para Ellsworth, em vez de levar ao relativismo, o diálogo analítico disponibiliza, para exploração, todo o âmbito do trabalho humano que conforma redes de leituras e de relações e é por elas conformado. Ou seja, não são relativos os significados que os indivíduos atribuem. São sempre feitos para algo. São sempre para fazer algo, algo que tem conseqüências materiais para as vidas que vivemos.

Em vez de "qual a melhor opção?", deve-se perguntar: "Como responderei?" A resposta não se fecha, não se torna definitiva. Condena o indivíduo a uma permanente atribuição de significados, a não poder deixar de responder. Partes das respostas, contudo, não são intencionadas, nem previsíveis, nem controladas. Nunca se sabem totalmente os resultados. "Como responderei?" A resposta expressa o caráter performativo das práticas pedagógicas, que são a cultura fazendo-se, a cultura em processo, a cultura em construção. Normas e prescrições vêm à cena e são retrabalhadas na resposta. Há um aspecto performativo na pergunta:

"Que resposta darei?" Na resposta, a ação não decorre logicamente da pergunta, mas aumenta o poder para a participação nas lutas sociais e culturais referentes ao significado. Participa-se não como quem detém a resposta certa, mas sim como um entre muitos.

Ellsworth resume sua densa argumentação na afirmativa de que o ensino sobre a diferença cultural, e em seu interior, não é sobre como estabelecer pontes entre as diferenças, sobre como todos podem reunir-se na compreensão. É, sim, sobre o engajamento comum na incessante construção da cultura, para que outras diferenças possam ser produzidas. Ellsworth toma os paradoxos4 que, a seu ver, envolvem o ensino, como apelos à ação, como apelos à participação nesse interminável processo de construção cultural.

6. Concluindo

Como pode ser observado, as reflexões de nossos entrevistados, ao enfocarem diferença, diálogo e estratégias pedagógicas em uma educação multicultural, confirmam o fato de que, dependendo do ponto de vista adotado e das preocupações priorizadas, propõem-se certas questões (e não outras) e sugerem-se certas respostas (e não outras). Chamam também a atenção para a presença, na produção pedagógica brasileira, de duas grandes linhas de abordagem do multiculturalismo: uma que se dirige mais para lutas específicas e se apóia nos movimentos sociais e outra que privilegia o desenvolvimento de propostas e práticas curriculares multiculturalmente orientadas na escola, subsidiando-se mais nas pesquisas e discussões que se desenvolvem na academia.

Julgo que as reflexões que apresentei ressaltam, ainda, a influência de duas perspectivas teóricas básicas: uma mais associada aos autores e aos pressupostos da teorização crítica e outra mais devedora da teoria cultural contemporânea, particularmente da vertente que inclui estudos pós-coloniais, pós-modernos e pós-estruturais. A incorporação desses novos estudos parece ser recente e carecer ainda de maior consolidação.

Por fim, penso ser possível afirmar que, particularmente no que se refere à diferença e ao diálogo, novas teorizações podem ser úteis. Não para fechar as questões ou propor respostas certas e definitivas, mas para favorecer novas perguntas, novas práticas, novas leituras, novas relações, novas semelhanças e novas diferenças. Cabe esperar que essas

teorizações incentivem a busca de novas rotas na construção de novos currículos multiculturalmente orientados. Cabe esperar que venham a "introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto" (Silva, 2000, p. 101).

Cientes das dificuldades envolvidas no diálogo, bem como da inevitável interferência do Outro nas discussões e nos esforços de desenvolvimento de estudos interdisciplinares, sugiro que procuremos novas e paradoxais formas de interlocução entre os pesquisadores das duas linhas de abordagem do multiculturalismo, bem como entre os pesquisadores críticos e os pós-críticos. Penso que lucraremos com as aproximações e os atritos. Argumento, por fim, em favor do recurso ao que se vem pesquisando e produzindo em outros campos do conhecimento. Penso que enriqueceremos nossas teorizações e nossas práticas. Não chegaremos a respostas definitivas, mas talvez consigamos desestabilizar e renovar o modo como temos reagido aos desafios que nos têm perseguido.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Currículo, diferença cultural e diálogo. Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79. Agosto/2002, p. 15-38. Disponível em \< http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10847.pdf\>. Acesso em: 2 jul.2013

Notas

1. Trata-se da pesquisa O multiculturalismo e o campo do currículo no Brasil, apoiada pelo CNPq e por mim coordenada. A pesquisa conta com a participação de Elizabeth Fernandes de Macedo (UERJ) e com professores, mestrandos, doutorandos e bolsistas de Iniciação Científica da UFRJ e da UERJ.

2. Em Moreira (2001) analisa-se a produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil, no período 1995-2000 (artigos publicados em periódicos e trabalhos apresentados nas reuniões da ANPED).

3. O conhecimento textual envolve o conhecimento de: (a) como qualquer rota de leitura não pode ser percorrida duas vezes; (b) como rotas de leitura são sugeridas ou desencorajadas por instrumentos literários ou representacionais particulares e convenções, bem como por determinadas relações de poder; (c) como instrumentos literários e representacionais têm sido inventados e empregados para estimular algumas rotas de leitura e desautorizar outras; (d) como as rotas de leitura têm significados e conseqüências acima e além das interpretações alcançadas; (e) por que e como uma rota ou interpretação, ao invés de outras hipóteses, é seguida repetidamente; (f) que rotas têm sido possíveis e inteligíveis com certos textos, leitores, contextos – e quais têm permanecido impossíveis e ininteligíveis – e com que conseqüências; (g) como instituições, práticas e identidades sociais têm atribuído poder a algumas rotas e não a outras – autorizando umas e desautorizando outras; (h) onde e como textos, eventos, experiências, biografias e autobiografias têm permanecido interrompidas, fixadas, silenciadas, rejeitadas; (i) como e por que alguns grupos de leitores têm mudado suas rotas de leitura, produzindo novas e inesperadas interpretações que têm surpreendido, perturbado e, algumas vezes, informado eventos.

4. Ellsworth (1997) destaca como paradoxos envolvidos no ensino: (a) o paradoxo da agência social (ensinar considerando a ação sem uma referência positiva); (b) o paradoxo da autoridade e do poder na relação pedagógica; (c) o paradoxo da pedagogia como performativa (considerar a ação que está sempre suspensa no espaço entre o eu e o Outro); e (d) o paradoxo da pedagogia como um ato performativo que está sempre suspenso no imprevisível tempo da aprendizagem.

Referências bibliográficas

BURBULES, N.C.; RICE, S. "Diálogo entre as diferenças: Continuando a conversação". In: SILVA, T.T. (Org.), Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BURBULES, N.C. Dialogue in teaching: Theory and practice. New York: Teachers College Press, 1993.

CANDAU, V.M.F. "Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores". In: CANDAU, V.M.F. (Org.), Magistério: Construção cotidiana, Petrópolis: Vozes, 1997, p. 237-250.

CANDAU, V.M.F.; ANHORN, C.T.G. A questão didática e a perspectiva multicultural: Uma articulação necessária. Trabalho apresentado no GT de Didática, na XXII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG, 24-28 set., 2000.

CANEN, A.; MOREIRA, A.F.B. "Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente". In: CANEN, A.; MOREIRA, A.F.B. (Orgs.), Ênfases e omissões no currículo, Campinas: Papirus, 2001, p. 15-44.

CAWS, P. "Identity: Cultural, transcultural and multicultural". In: GOLDBERG, D.T. (Org.), Multiculturalism: A critical reader, Oxford: Blackwell, 1996, p. 371-387.

COULON, A. Etnometodologia e educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

ELLSWORTH, E. Why doesn't this feel empowering? Working through the repressive myths of critical pedagogy. Harvard Educational Review, Cambridge, MA: Harvard Graduate School of Education, Harvard University, 1989, vol. 59, nº 3, p. 297-324.

_____. Teaching positions: Difference, pedagogy and the power of address. New York: Teachers College Press, 1997.

HALL, S. A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções de nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1997, vol. 22, nº 2, p. 15-46.

KINCHELOE, Joe L.; STEINBERG, Shirley R. Changing multiculturalism. Buckingham: Open University Press, 1997.

MCCARTHY, C. The uses of culture: education and the limits of ethnic affiliation. Nova York: Routledge, 1998.

MOREIRA, A.F.B. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): Avanços, desafios e tensões. Revista Brasileira de Educação, Campinas: Autores Associados/ANPED, 2001, nº 18, p. 65-81.

MOREIRA, A.F.B.; MACEDO, E.F. "Currículo, identidade e diferença". In: MOREIRA, A.F.B.; MACEDO, E.F. (Orgs.), Currículo, práticas pedagógicas e identidades, Porto: Porto Editora, 2002, p. 11-33.

SILVA, T.T. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA, T.T. (Org.), Identidade e diferença, Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOUSA SANTOS, B. A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Dilemas do nosso tempo: Globalização, multiculturalismo e conhecimento. Educação & Realidade, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2001, vol. 26, nº 1, p. 13-32.

STOER, S.R.; CORTESÃO, L. Levantando a pedra: Da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização. Porto: Afrontamento, 1999.

WILLIAMS, R. Marxism and literature. Oxford: Oxford University Press, 1985.

WILLINSKY, J. The educational politics of identity and category. Interchange, Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, The University of Calgary, 1998, vol. 29, nº 4, p. 385-402.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. Currículo, diferença cultural e diálogo. Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79. Agosto/2002, p. 15-38. Disponível em \< http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10847.pdf\>. Acesso em: 2 jul.2013

5. TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2005.

Os fins do trabalho docente.

Todo trabalho humano possui fins – motivos, intenções, objetivos, projetos, planos, programas. Eles se manifestam de diversas formas no decorrer da ação. Podem ser formalmente declarados e apresentados, ou nascer durante a ação, por exemplo, pela pressão das circunstâncias. Os fins vão se transformando com a experiência adquirida pelo trabalhador.

Schwartz (1988) explica que essa experiência não se limita a produção de resultados, mas é também um processo de formação e de aprendizagem que modifica os conhecimentos e a identidade do trabalhador, e suas próprias relações com o trabalho.

Consequentemente, os fins não são uma extensão suplementar do trabalho humano.

Como o mostra uma venerável tradição teórica que remonta a Aristóteles, passando por Kant, Marx e hoje, Habermas e Guiddens. Os fins constituem um modo fundamental de estruturação da atividade humana em geral e da atividade laboral em particular, concebidas enquanto ações finalizadas, temporais, instrumentais, teleológicas. Marx diz em A ideologia alemã, é que o ser humano se distingue do trabalho da formiga, do castor, da abelha, porque elabora uma representação mental de seu trabalho antes de realizá-lo e a fim de idealizá-lo.

Nos estabelecimentos escolares atuais, tais lógicas: negociação, conflito, colaboração, etc... mostram o difícil problema da coordenação dos fins entre o sistema escolar e os diversos atores que trabalham nele. Eles devem perseguir fins comuns, o que gera o problema de coordenação.

Um segundo problema: a articulação entre os fins das organizações escolares e seus ambientes. Tais ambientes não são espaços naturais mais sociais, onde vários grupos e atores se encontram que se esforçam para influir de várias maneiras na escola impondo-lhe seus próprios fins.

A docência é chamada pelos autores de atividade instrumental, isto é, uma atividade planejada e estruturada.

Atenção: ensinar é agir em função de objetivos no contexto de um trabalho relativamente planejado no seio de uma organização escolar burocrática

Distante das ideias românticas de uma profissão em que a autonomia professoral marcou várias gerações, explicando o sentimento de "vocação" para essa atividade, o trabalho dos professores é cada vez mais codificado, racionalizado pelas diretivas ministeriais, prescrevendo em detalhe o programa a ser desenvolvido e a progressão a ser levada em conta. Diretivas do Ministério da Educação, orientações pedagógicas, manuais etc.

E, sem dúvida, o papel importante do material pedagógico induz certas práticas, nem sempre aceitas pelos professores, mas pelas quais se sentem "prisioneiros" por conta da imposição da mídia e das famílias.

Além disso, a organização escolar comporta diversas divisões e subdivisões (por nível, por matéria, por campo) que traduzem a complexibilidade do ensino de massa, importância da hierarquia das disciplinas nos programas, quase sempre negligenciada nas pesquisas desse gênero, implica exigências diversas no desempenho dessa profissão.

Como os professores veem e experimentam seu mandato de trabalho em relação à tarefa recebida da escola e de seu “objeto humano” de trabalho?

É graças ao trabalho dos professores que a escola consegue atingir seus fins; eles estão no centro das transações entre a organização escolar e seus principais “clientes”, os alunos.

O professor que é responsável pelas matérias consideradas "nobres" no programa escolar (matemática, por exemplo) é diversamente avaliado pela administração escolar, pelos alunos e pelas famílias. Entretanto, os que são responsáveis por matérias pouco valorizadas no cômputo geral devem fazer prova de maestria para "prender" a atenção dos alunos e estimular seu empenho nos saberes transmitidos.

Por meio da análise da evolução do sistema escolar, pela relativa democratização do público do secundário e pela complexificação dos objetivos do ensino, o professor é colocado diante de uma atividade em completa mutação. O aumento de tarefas, os novos tipos de comportamentos juvenis, seja com relação à autoridade professoral, seja com o significado do ato de aprender, levam os professores a construir regularmente a "ordem escolar".

A relação com os pais de alunos se modifica: o comportamento de "consumidor" se estendeu na medida em que as incertezas do futuro profissional ou social das camadas médias e altas da sociedade se tornaram realidade. Os autores se referem, nesses casos, à pesquisa de campo realizada: incompreensões e tensões aparecem entre professores e familiares dos alunos, para os quais a ideia da "eficiência" dos saberes transmitidos ganha uma significação diferente para cada um.

Os autores chamam a atenção para o papel dos sindicatos mesmo se eles perderam a influência dos áureos tempos quando desfrutavam de um peso junto às instâncias ministeriais, podendo impor ou arbitrar as orientações de políticas de ensino ou de desenvolvimento de carreiras dos professores. Entretanto, apesar do enfraquecimento, os sindicatos preservam o papel importante na gestão dessas carreiras e nas orientações consideradas contrárias aos objetivos que defendem (forma de seleção dos alunos, conteúdos dos programas, política de profissionalização do ensino secundário etc.) Aqui, o encontro de interesses entre professores e pais de alunos, ambos de mesma origem social (classes médias ou superiores intelectualizadas), permite o sucesso desse tipo de ação sindical. Por meio dessa ação, o trabalho coletivo dos professores aparece reforçado, favorecendo o sentimento de coesão do grupo profissional.

De uma maneira geral, os autores mostram que a atividade dos professores é um exercício profissional complexo, composto, na realidade, de várias atividades pouco visíveis socialmente. A experiência constitui a expressão de aprendizagem profissional e, pelo contato diário com os alunos e os colegas, torna-se o modo de adquirir competências profissionais que se traduzem no perfil do "bom professor".

Outro fator importante é apontado pelos autores na construção dessa profissão: as condições sociais de cada estabelecimento escolar, fruto da situação local em que o colégio está inserido, correspondendo ao tipo de público escolar junto aos quais eles exercem o ensino. O sentimento de satisfação ou de esgotamento moral com relação à profissão é fortemente ligado a essas condições sociais. A Sociologia do Trabalho já havia demonstrado, com riqueza de detalhes, em outros campos profissionais (campesinato, operários, executivos ou mesmo altos funcionários) a importância dessas condições sociais no desempenho das atividades profissionais. Aqui, o interesse é a demonstração de que as dificuldades observadas estão presentes em vários países, dispondo de condições sociais, políticas ou econômicas bem diferentes entre si, exprimindo um problema mais profundo que seriam a crise da educação e as implicações desta crise no trabalho dos professores e no trabalho educativo em geral. As transformações nas políticas educativas na maioria dos países, caracterizadas pela extensão da escolaridade secundária, criaram novas tensões devido principalmente ao aprofundamento das desigualdades entre as "boas escolas" e as outras. Mesmo num país onde o ensino é obrigatório e gratuito, distribuído igualmente a todo território nacional, não se impediu que os contrastes sociais se instalassem entre o "centro" e a "periferia". A tendência a aprofundar as diferenças sociais conduz, de um lado, à competição entre as "boas escolas" e, de outro, a deixar aos professores a dura tarefa de lidar com o público desfavorecido das escolas da periferia. Cabe a eles encontrar os meios de exercer a profissão e obter resultados de performance avaliados por critérios nacionais generalizados.

Artigo 7

Foram definidas anteriormente, as situações escolares quotidianas como sendo situações sociais caracterizadas por interações elementares entre seres humanos. Uma vez que elas estão no próprio centro do trabalho docente, iremos nos ater mais especificamente às interações entre os professores e os alunos em sala de aula, procurando colocar em evidência suas principais características.

O que acontece numa sala de aula?

Obviamente acontecem todo tipo de eventos e cada classe possui, suas características únicas e originais. Mesmo assim, pode-se admitir que essas características possuem certa recursividade e certa estabilidade, que se repetem de uma classe a outra. É nesse espírito que Doyle (1986) propôs uma descrição bastante clássica dos eventos que se produzem na sala de aula, a partir das seguintes categorias:

- A categoria de multiplicidade se refere ao fato de, numa aula, ocorrerem diversos eventos ao mesmo tempo ou num período muito curto de tempo.
- A imediatez significa que os eventos que ocorrem durante uma aula chegam, geralmente, sem previsão nem anúncios, necessitando de adaptações e estratégias imediatas, “espontâneas”: um barulho, uma mão levantada, uma pergunta, um cochicho, a resposta de um aluno, um gesto do professor, etc., tudo isso acontece no mesmo instante que tais atos se iniciam.
- A rapidez caracteriza o desenvolvimento próprio dos acontecimentos durante a aula, sua sucessão, seu encadeamento, sua fluência.

- A imprevisibilidade significa que os acontecimentos, ao longo de uma aula qualquer, pode surgir de forma imprevista, desviada, inesperada, surpreendente, em suma, podem iniciar-se sem planejamento na medida em que a trama das ações é desenvolvida.
- A visibilidade exprime o fato de uma aula ser uma atividade pública desenvolvida na presença de 20 a 30 pessoas que são simultaneamente participantes e a parte inteira. Essa dimensão pública do trabalho docente deve der posta em relação com o caráter fechado do local de trabalho: a classe é uma célula de trabalho, ao mesmo tempo fechada para o exterior e aberta para o interior. Tal fenômeno organizacional de fechamento e abertura é típico da profissão docente: tudo que se passa na classe é aberto e oferecido aos participantes, mas o conteúdo da classe não deve avançar ao exterior, para as outras classes e a escola.
- A visibilidade parece significar duas coisas no âmbito do plano do trabalho docente.

1. O professor não pode ocultar nada aos alunos, e tudo que ele faz é objeto de interpretação das partes deles.

2. As interações entre os membros da classe vão tomando, imediatamente um aspecto coletivo, social, mesmo quando elas são individualizadas como, por exemplo, quando o professor se dirige a um aluno em particular ou quando dois alunos interagem entre si.

- a historicidade significa que as interações entre os alunos e os professores acontecem dentro de uma trama temporal – diária, semanal, anual – dentro da qual os acontecimentos adquirem um sentido que condiciona de várias maneiras as ações seguintes: a historicidade diz respeito tanto à instauração de regras disciplinares e da gestão do grupo quanto aos conteúdos dos ensinados.

As categorias de Doyle esclarecem bem o modo como as coisas ocorrem na classe. Contudo, parece-nos que estas categorias se situam num plano descritivo. Devido a isso, elas não permitem compreender porque os acontecimentos da classe se regem precisamente por esses fenômenos de multiplicidade, simultaneidade, historicidade, etc. Pelo que entendemos, embora ela seja frequentemente utilizadas, poucos autores se deram ao trabalho de refletir sobre os fundamentos de tais categorias.

Para bem conduzir essa reflexão, devemos ir além do âmbito da descrição e situar-nos no plano da compreensão, encarando não apenas a ecologia da classe, mas também as condições que tornam possível e pertinente a utilização das categorias precedentes.

Para tais questões iniciais propomos introduzir duas novas categorias,

a) interatividade

b) significação

Essas duas novas categorias não se situam no mesmo plano das categorias de Doyle, pois estas são consequências das duas primeiras.

A interatividade caracteriza o principal objeto do trabalho do professor, pois o essencial da sua atividade profissional consiste em entrar numa classe e deslanchar um programa de interação com os alunos. Isso significa que a docência se desenrola concretamente dentro das interações: estas não são apenas alguma coisa que o professor faz, mas constituem, o espaço – no sentido do espaço marinho ou aéreo – no qual ele penetra para trabalhar. Por isso, como já mencionamos várias vezes, ensinar é um trabalho interativo.

Atenção: Toda ação social é voltada para o outro, pouco importa se ele está fisicamente presente ou não. Essa característica da ação é estritamente vinculada à linguagem, isto é, à comunicação, em sentido amplo.

Do ponto de vista da ação comunicacional, ensinar não é, fazer alguma coisa, mas fazer com alguém alguma coisa significativa: o sentido que perpassa e se permuta em classe, as significações comunicadas, reconhecidas e partilhadas, são, o meio de interação pedagógica. Assim a pedagogia é, uma ação falada e significativa, em suma, uma atividade comunicada.

A pedagogia escolar se dirige primeiramente ao outro – um outro coletivo – graças à atividade de um sujeito que fala, cujas ações são dotadas de sentido e que se esforça de diversas maneiras para obter sua colaboração.

Mas, onde devemos colocar a dimensão significativa das ações?

A significação de uma ação é constitutiva da ação ela mesma. Ela ocorre em vários âmbitos:

- na intenção ou motivo do ator, bem como também em seus objetivos;
- no processo de comunicação interativa entre os atores que procuram agir interpretando a atividade significativa dos outros;
- no "pano de fundo" da ação, quando os atores presentes mobilizam sistemas de comunicação já existentes para se compreenderem mutuamente: linguagem natural, gestos corporais (piscadas de olhos, sorrisos, etc.), referências culturais, normas comuns, etc;
- com referência ao contexto da ação, ou seja, na estrutura da concretização prática ligada ao quadro sócio físico de sua realização (Pharo, 1985).

A situação na sala de aula é construída paulatinamente pelas novas interpretações dos envolvidos em função das interações que se produzem. Desse ponto de vista, uma sala é uma espécie de projeto ou programa a ser realizado em comum

A respeito disso, sempre do ponto de vista da ação comunicativa, a tarefa dos professores parece operar em três planos constantemente inter-relacionados uns com os outros: a interpretação, a imposição e a comunicação.

Atenção: a interpretação dos acontecimentos de classe funciona a partir de uma "grade" que opera em dois planos: antes de tudo, há respostas rotineiras, isto é, planos simplificados, modelos básicos da realidade da turma (em termos hermenêuticos: pré-julgamentos, expectativas mil vezes confirmadas), que permitem ao professor gerir os eventos e organizá-los rapidamente; em seguida, há um rico repertório de ações acumuladas pela experiência, que permite que o professor improvise.

Nesta segunda parte, nós tentaremos compreender melhor a natureza dos processos interativos em relação ao objeto de trabalho e passaremos a uma sistematização teórica dos fenômenos analisados.

Para melhor entender as particularidades da docência, apresentamos uma comparação entre o objeto de trabalho industrial e o objeto do trabalho docente, procurando, novamente, que seja heurística e didática. Nossa tentativa será mostrar como a natureza mesma desses objetos leva a práticas diferentes entre os trabalhadores.

As diferenças entre o objeto material e o objeto humano são inúmeras e importantes. Elas induzem atividades muito diferentes, conforme trabalhemos com a matéria ou as pessoas.

Uma primeira diferença essencial entre as duas formas de trabalho está na natureza serial do objeto do trabalho industrial e na natureza ao mesmo tempo individual e social do objeto do trabalho docente, isto é, os alunos. Ora, essa dimensão individual significa que o objeto do trabalho docente é portador de indeterminações, pois cada indivíduo é diferente e parcialmente definido por suas diferenças, as quais é preciso respeitar.

Embora ensinem a coletividades, os professores não podem agir de outro modo senão levar em conta as diferenças individuais, pois são os indivíduos que aprendem e não a coletividade.

Esta componente individual, significa também que as situações de trabalho não remetem as soluções de problemas gerais, universais, globais, mas as situações problemáticas marcadas pela instabilidade, a unicidade, a particularidade dos alunos, que são obstáculos inerentes a toda generalização, a receitas, em suma, à racionalidade instrumental pura e simples. É por isso que as normas burocráticas aplicadas pelas grandes

organizações escolares se revelam, muitas vezes, injustas ou inaplicáveis aos indivíduos. Os trabalhadores sabem por experiência que os padrões que a organização aplicados tais e quais, podem tornar-se odiosos para os alunos considerados individualmente: o que vale para um revela-se absurdo para outro; os alunos "lentos" não aprendem como os "rápidos".

Tais descrições permitem afirmar a consideração relativa à individualidade do objeto. Mesmo trabalhando com coletividades, os professores não podem tratar os indivíduos que compõem essas coletividades como elementos como uma série homogênea de objetos. Pelo contrário, devem levar em conta as diferenças, as reações, a natureza individual como exigências inerentes que definem a própria natureza de sua tarefa.

Na docência, alguns alunos parecem simpáticos, outros não; com alguns grupos a coisa flui, com outros tudo fica bloqueado, etc. Em boa medida o trabalho docente repousa sobre emoções, afetos, sobre a capacidade não só de pensar nos alunos, mas também de perceber e sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios traumas, etc. O professor experiente sabe tocar o piano das emoções do grupo, provoca entusiasmo, sabe envolvê-los na tarefa, etc. Num outro âmbito, a implicação dos professores na solução dos problemas da sociedade (ensinar a harmonia racial, valores não-sexista, escutar problemas pessoais, consolar, ensinar os comportamentos sociais básicos, etc.) constitui um peso difícil de carregar. Além de tudo, por ser o "produto" um ser humano, os professores se preocupam mais com a qualidade e o bem estar global das crianças.

Diferentemente dos objetos de série da indústrias, que são homogêneos, os alunos são heterogêneos. Eles não são todos dotados das mesmas capacidades pessoais e das mesmas possibilidades sociais. Sua flexibilidade, sua capacidades de aprender, suas possibilidades de engajar-se numa tarefa, sua concentração, etc., tudo varia. Esse fenômeno da heterogeneidade da clientela é importante para compreender a docência atualmente, mais e mais confrontada com alunos heterogêneos quanto a sua proveniência social, cultural, étnica e econômica.

No contexto do trabalho industrial, o trabalhador controla diretamente o objeto, ao passo que o professor precisa contar com a colaboração do objeto, seja voluntária ou não. Ele nunca tem controle total dos alunos, sobretudo porque eles saem da classe e escapam, assim, ao seu poder. Essa ausência de controle direto e total explica, em parte, a opinião da maioria dos professores de profissão, de que, por um lado, seu trabalho é muito difícil de se avaliar e, por outro, eles podem ser responsáveis pelos meios que utilizam com os alunos (Gauthier et al., 1997), mas não pelo insucesso, pois os alunos ficam sujeitos a uma infinidade de influências que podem afetar seu rendimento escolar.

Atenção: O trabalho humano, qualquer que seja, lida com um objeto e visa a um resultado. Todavia, qualquer que seja o processo de trabalho, ele supõe a presença de uma tecnologia através da qual o objeto é abordado, tratado e modificado. Não existe trabalho sem técnica; não existe objeto de trabalho sem relação técnica do trabalhador com o objeto. Esse fato levanta a questão da tecnologia do ensino e, mais amplamente, das tecnologias da interação.

Essa questão é difícil e não tem sido estudada por nenhum pesquisador. Nossa ambição, portanto, não é de esgotá-la aqui. Contudo, ela requer algumas opções conceituais que precisamos exprimir brevemente. Nós designaremos a tecnologia do ensino, simplesmente o conjunto dos meios utilizados pelos professores para chegar a seus fins nas atividades de trabalho com os alunos. Tal definição significa que a tecnologia do ensino não é mais que os meios utilizados pelo professor para atingir seus objetivos em suas interações com os alunos.

A coerção reside em condutas punitivas reais e simbólicas desenvolvidas pelos professores na interação com os alunos em sala de aula. Tais condutas são fixadas, ao mesmo tempo, pela instituição escolar, que lhes estabelece limites variáveis de acordo com as épocas e contextos, e pelos professores, que as improvisam ao vivo, como sinais pragmáticos regulatórios para a ação em curso: uma olhada ameaçadora, uma cara feia, insultos, ironia, apontar o dedo, etc. A coerção reside também nos procedimentos desenvolvidos pelas instituições escolares para controlar as clientelas: exclusão, estigmatização, isolamentos, seleção, suspensão, etc.

Se existe educação sem coerção física, sem exigência material direta sobre o aluno, não existe, pelo contrário, educação sem exigência e coerção simbólica. De um modo ou de outro, a missão da escola e a tarefa dos professores consiste em manter os alunos fisicamente na escola e na classe durante longos anos para submetê-los a programas de ação que eles não escolheram, para aviá-los a partir de critérios abstratos e, muitas vezes, difíceis, simbolicamente falando, para as pessoas às quais são aplicados.

Desde Weber (1971), costuma-se distinguir diferentes tipos de poder: o poder da pura obrigatoriedade e o poder legítimo, este último apoiando-se em diferentes tipos de autoridade:

1) a autoridade tradicional (que repousa no costume, na convenção, etc.);
2) a autoridade carismática (que repousa nas qualidades do lidere e do chefe);
3) a autoridade racional-legal (baseada em normas impessoais, num sistema de direito, uma deontologia, incorporada à organização burocrática).

Esses três tipos de autoridade também influenciam na docência.

Atenção: A autoridade reside no respeito que o professor é capaz de impor sem coerção aos alunos. Ela está ligada a seu papel, à missão da qual a escola o inverte, bem como à sua personalidade, seu carisma pessoal. Este aspecto é muito importante para compreender a transformação de atributos subjetivos em condições objetivas da profissão e em tecnologia interativa.

A persuasão é a arte de convencer a outrem a fazer alguma coisa ou acreditar em alguma coisa. Ela se apoia em todos os recursos teóricos da linguagem falada (promessas, convicção, dramatização, etc.). Ela se baseia no fato de que os seres humanos (e, particularmente, as crianças e os adolescentes) são seres de paixões suscetíveis de se deixarem impressionar, adular, dobrar, convencer por uma palavra dirigida a seu temor (seu desejo, sua vontade, sua cólera, etc.).

A persuasão constitui o fio diretor da tradição educativa ocidental desde os sofistas. Sua importância se deve ao fato de o meio linguístico ser o vetor principal da interação entre professores e alunos. Ensinar é agir falando.

6. SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

Raquel Pereira de Souza
Lenner Lopes Ferreira
Eliene Lacerda Pereira
Rosiris Pereira de S. Cavalcanti
Marcelo Guina Ferreira

Neste livro encontramos um panorama das teorias do currículo, a partir de vários estudos e autores que abordam a origem do campo do currículo, passando pelas teorias tradicionais, críticas e pós-críticas e tratando introdutoriamente cada uma dessas perspectivas, assim como os principais conceitos e definições que elas enfatizam.

O autor levanta indagações essenciais sobre o currículo, tais como: o que é uma teoria do currículo? Onde começa e como se desenvolve a história das teorias do currículo? Quais são as principais teorias do currículo? O que distingue as teorias tradicionais das teorias críticas do currículo? E estas das pós-críticas?

Antes, porém, o autor fala sobre sua compreensão de teoria do currículo. Para Silva, definições não revelam uma suposta 'essência' do currículo: "uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa que o currículo é" (p. 14). Segundo ele, há questões que toda teoria do currículo enfrenta: qual conhecimento deve ser ensinado? O que eles (alunos) ou elas (alunas) devem ser, ou melhor, que identidades construir?

Com base em quais relações de poder serão essas perguntas respondidas?

O texto está dividido em duas partes. A primeira aborda teorias tradicionais e teorias críticas, apresentando a origem dos estudos sobre currículo, a gênese das teorias críticas e estudos de vários autores, entre eles: Michael Apple, Henry Giroux, Paulo Freire, Demerval Saviani etc. A segunda parte aborda as teorias pós-críticas, ressaltando os conceitos de: a) identidade, alteridade e diferença; b) subjetividade; c) significação e discurso; d) saber-poder; e) representação; f) cultura; g) gênero, raça, etnia e sexualidade; h) multiculturalismo.

PARTE I – DAS TEORIAS TRADICIONAIS ÀS CRÍTICAS

Os estudos sobre currículo nascem nos Estados Unidos,1 onde se desenvolveram duas tendências iniciais. Uma mais conservadora, com Bobbitt, que buscava igualar o sistema educacional ao sistema industrial, utilizando o modelo organizacional e administrativo de Frederick Taylor. Bobbitt encontrou ainda suporte na teoria de Ralph Tyler e na de John Dewey. O primeiro defendia a idéia de organização e desenvolvimento curricular essencialmente técnica. Por sua vez, John Dewey se preocupava com a construção da democracia liberal e considerava relevante a experiência das crianças e jovens, revelando uma postura mais progressivista.

Na década de 1960 ocorreram grandes agitações e transformações. Nesse contexto começam as críticas àquelas concepções mais tradicionais e técnicas do currículo. "As teorias críticas do currículo efetuam uma completa inversão nos fundamentos das teorias tradicionais" (p. 29). Entre os estudos pioneiros está a obra A ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado, de Louis Althusser. Sua teoria diz que "a escola contribui para a reprodução da sociedade capitalista ao transmitir, através das matérias escolares, as crenças que nos fazem vê-la como boa e desejável" (p. 32). Já a escola capitalista, de Bowles e Gintis, "enfatiza a aprendizagem, através da vivência das relações sociais da escola, das atitudes necessárias para se qualificar um bom trabalhador capitalista" (p. 3233). Por fim, A reprodução, de Bourdieu e Passeron, afirma que o currículo está baseado na cultura dominante, o que faz com que crianças das classes subalternas não dominem os códigos exigidos pela escola.2

Voltando aos Estados Unidos, vemos que, a partir dos anos 70, tendo como marco inicial a I Conferência sobre Currículo, liderada por William Pinar, surgem duas tendências críticas no campo do currículo, as quais vêm se opor às teorias de Bobbitt e Tyler. A primeira de caráter marxista, utilizando-se, por exemplo, de Gramsci e da Escola de Frankfurt. A segunda de orientação fenomenológica e hermenêutica. Aquela enfatizando "o papel das estruturas econômicas e políticas na reprodução social" (p. 38); esta enfatizando "os significados subjetivos que as pessoas dão às suas experiências pedagógicas e curriculares" (p. 38).

Michael Apple, um dos expoentes nesse âmbito, parte dos elementos centrais do marxismo, colocando o currículo no centro das teorias educacionais críticas e relacionando-o às estruturas mais amplas, contribuindo assim para politizá-lo. "Apple procurou construir uma perspectiva de análise crítica do currículo que incluísse as mediações, as contradições e ambiguidades do processo de reprodução cultural e social" (p. 48).

Já o currículo como política cultural, de Henry Giroux, fala numa "pedagogia da possibilidade" (p. 53) que supere as teorias de reprodução. Ele utiliza estudos da Escola de Frankfurt sobre a dinâmica cultural e a crítica da racionalidade técnica. Compreende o currículo a partir dos conceitos de emancipação e liberdade, já que vê a pedagogia e o currículo como um campo cultural de lutas.

De fato, suas análises se ocupam mais com aspectos culturais do que propriamente educacionais. Ultimamente, Giroux incorporou contribuições do pós-modernismo e do pós-estruturalismo.

Outro autor de destaque é Paulo Freire. Sua teoria é claramente pedagógica, não se limitando a analisar como é a educação existente, mas como deveria ser. Sua crítica ao currículo está sintetizada no conceito de educação bancária. Por outro lado, concebe o ato pedagógico como um ato dialógico em que educadores e educandos participam da escolha dos conteúdos e da construção do currículo. Antecipa a definição cultural sobre os estudos curriculares e inicia uma pedagogia pós-colonialista. Nos anos 80, Freire seria contestado pela pedagogia dos conteúdos, proposta por Demerval Saviani. Este autor critica a pedagogia pós-colonialista de Freire por enfatizar não a aquisição do saber, mas os métodos desse processo; para ele conhecimento é poder, pois a apropriação do saber universal é condição para a emancipação dos grupos excluídos.

Já a 'nova' sociologia da educação3 busca construir um currículo que reflita mais as tradições culturais e epistemológicas dos grupos subordinados. Essa corrente se dissolveu numa variedade de perspectivas analíticas e teóricas: feminismo, estudo sobre gênero, etnia, estudos culturais, pós-modernismo, pós-estruturalismo etc. Nesse âmbito, Bernstein investiga como o currículo é organizado estruturalmente. Distingue dois tipos fundamentais de organização: no currículo tipo coleção "as áreas e campos de saber são mantidos fortemente isolados" (p. 72); no tipo integrado "as distinções entre as áreas de saber são muito menos nítidas e muito menos marcadas" (p. 72). O autor quer compreender como as diferentes classes sociais aprendem suas posições de classe via escola. Elabora então o conceito de códigos: no elaborado "os significados realizados pela pessoa – o 'texto' que ela produz – são relativamente independentes do contexto local" (p. 75); no restrito "o 'texto' produzido na interação social é fortemente dependente do contexto" (p. 75). Para ele o código elaborado é suposto pela escola, mas crianças de classe operária possuem códigos restritos, o que estaria na base do seu 'fracasso' escolar.

Ainda de acordo com Bernstein, o currículo oculto, conceito fundamental na teoria do currículo, "constitui-se daqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribui de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes" (p. 78). Na análise funcionalista o currículo oculto ensina noções tidas como universais, necessárias ao bom funcionamento das sociedades "avançadas"; já as perspectivas críticas, ao denunciá-lo, dizem que ele ensina em geral o conformismo, a obediência, o individualismo, a adaptação às injustas estruturas do capitalismo. Já as pós-críticas consideram importante incluir aí as dimensões de gênero, sexualidade, raça etc.

PARTE II – AS TEORIAS PÓS-CRÍTICAS

Segundo Silva o fenômeno chamado multiculturalismo tem sua origem nos países dominantes do norte e é discutido atualmente em duas vertentes: "... dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional" (p. 85); e outra que aponta"... solução para os problemas que a presença de grupos raciais e étnicos coloca no interior daqueles países para a cultura nacional dominante" (p. 85). Para ambas as vertentes o multiculturalismo representa um importante instrumento de luta política, pois ele remete à seguinte questão: o que conta como conhecimento oficial? Assim, ele também nos lembra que "a igualdade não se obtém simplesmente através da igualdade de acesso ao currículo hegemônico" (p. 90), sendo preciso mudanças substanciais do currículo existente.

Já a pedagogia feminista introduz novas questões no tocante às formas de reprodução e produção de desigualdades sociais através da questão de gênero, ampliando o processo de reprodução cultural para além da dinâmica de classe, já bastante reconhecida pelas teorias críticas, que em relação às teorias feministas ignoram outras dimensões da desigualdade (como a de gênero).

No tópico seguinte Silva aborda o currículo como narrativa étnica e racial, reafirmando uma superação e ampliação do pensamento curricular crítico que aponta a dinâmica de classe como única no processo de reprodução das desigualdades sociais. O autor alerta para questões como etnia, raça e gênero, configurando um novo repertório educacional significativo. Insistindo nesse processo, afirma que tais questões apenas recentemente estão sendo problematizadas dentro do currículo, a partir de análises pós-estruturalistas e dos estudos culturais: "é através do vínculo entre conhecimento, identidade e poder que os temas da raça e da etnia ganham seu lugar no território curricular" (p. 101).

Uma outra tendência inserida nessa discussão é a teoria "querer", que "radicaliza o questionamento da estabilidade da fixidez da identidade feito pela teoria feminista recente" (p. 105). Essa teoria questiona o predomínio da heterossexualidade como a identidade considerada normal, discutindo a forma como os processos discursivos de significação tentam fixar

determinada identidade sexual. Segundo esse pensamento, "nós somos o que nossa suposta identidade define que somos" (p. 107). Isto é, o que se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento de identidade. A Epistemologia que é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, profana desrespeitosa. (p. 107)

Para as teorias pós-modernas (que não se resumem a uma única vertente ou teoria social) vivemos uma nova cena histórica, com novas implicações no campo educacional. Basicamente elas criticam conceitos e discursos da modernidade, como, por exemplo, razão, ciência e progresso. As implicações curriculares desse movimento estão na desconfiança de uma pedagogia e um currículo fundamentados no pensamento moderno, isto é, que se caracterizem por:

a) saber totalizante;

b) razão iluminista;

c) progresso cumulativo;

d) axiomas inquestionáveis;

e) sujeito racional, livre e autônomo.

O pós-estruturalismo enfatiza os jogos de linguagem e a realidade como um "texto". De acordo com essa teoria, a fixidez dos significados se torna fluida, indeterminada. Daí, por exemplo, a radicalização pós-estrutural do conceito de diferença, que viria substituir o de desigualdade, típico da modernidade. Segundo o pós-estruturalismo, o sujeito racional, autônomo e centrado da modernidade é uma ficção, pois "não existe sujeito a não ser como simples e puro resultado de um processo cultural e social" (p. 120). Assim, um currículo, para essa teoria, questionaria os significados transcendentais ligados à religião, à política, à pátria, à ciência etc., que povoam o currículo existente.

A teoria pós-colonialista objetiva refletir sobre as relações de poder advindas da herança colonial, tais como o imperialismo econômico e cultural. Reivindica um currículo que inclua as diferentes culturas, não de forma simples e informativa, mas refletindo sobre aspectos culturais e experiências de povos e grupos marginalizados.

Os estudos culturais constituem um campo de investigação cujo impulso inicial foi estudar a cultura através de grandes obras literárias (e não só estas), tidas como burguesas e elitistas – função semelhante à da mídia e seu papel na formação de consenso e conformismo político –, mas concentrando-se também na análise da indústria cultural (revistas, cinema etc.). Silva ressalta que esses estudos, assim como o pós-modernismo e o pós-estruturalismo, não influenciam de forma significativa o processo de elaboração curricular, mas aponta que dentro do contexto atual tais estudos apresentam conceitos relevantes à visão crítica do currículo, especialmente por entenderem a cultura como campo de disputa simbólica pela afirmação de significados.

Pedagogia como cultura, e a cultura como pedagogia, é outro ponto destacado pelo autor para explicar uma das consequências da virada culturalista na teorização curricular, na qual percebe-se uma redução das fronteiras entre conhecimento acadêmico/escolar e conhecimento cotidiano/cultura de massa. O "currículo" e a "pedagogia" dessas formas culturais extraescolares possuem imensos recursos econômicos e tecnológicos, como exigência de seus objetivos quase sempre mercadológicos. Investe-se assim de formas sedutoras irresistíveis, inacessíveis à escola. "É precisamente a força desse investimento das pedagogias culturais no afeto e na emoção que tornam seu 'currículo' tão fascinante à teoria crítica do currículo" (p. 140).

O autor conclui reafirmando que o currículo "é uma questão de saber, poder e identidade" (p. 148), fazendo ainda uma relação entre as teorias críticas e pós-críticas do currículo: as teorias pós críticas podem nos ter ensinado que o poder está em toda parte e que é multiforme. As teorias críticas não nos deixam esquecer, entretanto, que algumas formas de poder são visivelmente mais perigosas e ameaçadoras do que outras (p. 147).

Na visão do autor, depois de conhecer as teorias críticas e pós-críticas, torna-se impossível conceber o currículo de forma ingênua e desvinculado de relações sociais de poder. Para as teorias críticas isso significa nunca esquecer, por exemplo, a determinação econômica e a busca de liberdade e emancipação; e para as pós-críticas significa questionar e/ou ampliar muito daquilo que a modernidade nos legou.

COMENTÁRIOS GERAIS

O livro desperta interesse para iniciantes, sobretudo porque resgata o essencial da discussão de currículo, desde a origem até seus últimos desenvolvimentos. Nesse sentido, o autor, ao apresentar as teorias tradicionais, críticas e pós-críticas nunca afirma que uma única teoria ou 'tendência' pode, sozinha, esgotar toda compreensão sobre este artefato cultural complexo que é o currículo. Por outro lado, o livro contém algumas contradições, pois enquanto alguns conceitos, definições e teorias tornam-se mais fáceis de ser assimiladas após a leitura (por exemplo, currículo, conhecimento escolar, cultura, identidade, poder etc.), outros já exigem um domínio prévio de fundamentos teóricos que comumente iniciantes não possuem (por exemplo, modernismo e pós-modernismo, estruturalismo e pós-estruturalismo etc.). No entanto, os que desejarem continuar aprofundando seus estudos sobre currículo poderão lançar mão das referências bibliográficas indicadas pelo autor.

ALGUMAS QUESTÕES

É preciso refletir sobre a distância entre toda esta teorização acadêmica enfocada por Silva e a realidade da escola pública em Goiás. Como encurtá-la? Como fazer isso quando essa "distância" muitas vezes já está cristalizada dentro dos nossos cursos de licenciatura?

Universalizar o saber relativo à cultura corporal é um direito da classe trabalhadora, logo, uma questão de democracia e justiça social (como reza a boa tradição moderna); isto, porém, não exigiria uma compreensão dos signos sociais racistas, machistas, cristãos, heterossexuais, eurocêntricos etc., tatuados nesta mesma cultura corporal (como propõe profanamente a pós-modernidade)?

RELACIONANDO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

Potencialmente o livro instrumentaliza estudantes e professores para uma visão crítica da escola e de seu currículo quando, por exemplo, nos incentiva a ver ligações entre Educação Física e identidades sociais, assim como questões de gênero, raça e etnia, além de (é claro) classe social; incentiva-nos ainda a ver relações também entre uma cultura corporal "erudita" e outra "popular"; ou, quem sabe, entre uma "pedagogia moderna" e outra "pós-moderna" da Educação Física etc. Acreditamos ainda que os cursos de licenciatura de Educação Física devem enriquecer a formação inicial de seus professores com a discussão sobre teorias do currículo que complementam – dialeticamente – aquelas referências às teorias da educação, sociedade, aprendizagem, fisiologia etc, o que comumente as demais licenciaturas já fazem.

Nesse sentido, é preciso superar falsas dicotomias do tipo teoria crítico-superadora versus crítico-emancipatória, em prol de um diálogo mais efetivo entre ambas (resguardadas suas diferenças e conflitos), tendo em vista o gesto utópico e libertário que ambas buscam lançar para o futuro. Precisamos também aprender melhor a descolonizar currículos de Educação Física tão cheios de figuras (logo, identidades) como Michael Jordan, Airton Sena, Romário etc., que não raras vezes tipificam um mundo capitalista de luxo, consumo e alienação, em favor de figuras como Zumbi dos Palmares, mestres Bimba e João Pequeno, Garrincha etc., que não raras vezes tipificam um mundo 'subalterno', dos 'de baixo', diria Gramsci.

Em relação ao currículo oculto, quantos estudos temos sobre ele na Educação Física? Que sabemos sobre seus possíveis efeitos em nossas aulas e demais experiências de ensino? O fato de que a quadra de esportes integra 'oficial' e quase que 'naturalmente' a arquitetura de uma escola não revela aí material para reflexão sobre os efeitos 'ocultos' que isso pode ter na subjetividade de nossas crianças?

Quanto ao multiculturalismo, que seria uma cultura corporal multicultural? A cultura corporal brasileira não é há muito dotada de grande diversidade, dada a contribuição dos diferentes povos, raças e etnias que a constituem, como, por exemplo, as práticas corporais indígenas (corrida de tora, arco e flecha), afro-brasileiras (maculelê, capoeira), europeias (futebol da Inglaterra, jogo de bocha italiano), asiáticas (artes marciais)? A imposição de uma corporeidade-padrão nas escolas não reflete o imperialismo cultural, logo, a hegemonia de uma corporeidade quase

sempre branca, cristã, burguesa, eurocêntrica, heterossexual, machista, racista etc.?

Tratando-se de pós-modernismo/estruturalismo, podemos dizer que eles possuem uma vertente crítica e outra conservadora, esta última um sustentáculo ideológico do capitalismo globalizado. Ambas se fazem presentes na Educação Física brasileira. Basta ver as pesquisas e publicações em periódicos e revistas, bem como simpósios, seminários e congressos da área. Contudo, precisamos saber mais sobre seus efeitos em termos de formação de professores, produção de conhecimentos e intervenção pedagógica. É fundamental, também, saber como e até onde as "provocações" pós-modernas/estruturalistas têm sido enfrentadas com responsabilidade (fugir delas é um equívoco histórico). E entre outras indagações interessantes podem-se destacar: até que ponto e como a tendência à fragmentação pós-moderna está presente, por exemplo, nas diretrizes curriculares nacionais que colocam – em boa medida – a formação, tanto do bacharel quanto do licenciado, à mercê das 'forças cegas' e anárquicas do mercado? Até onde e como a tendência pós-moderna de abandono das grandes transformações coletivas em prol de causas privadas, individualistas, não acarreta um deslocamento de identidades, fazendo com que cada vez mais egressos dos cursos superiores de Educação Física busquem se tornar (ou sonhem em ser) personal-trainners e cada vez menos educadores públicos?

Por seu lado, os estudos culturais nos trazem novas possibilidades de pesquisa e/ou intervenção a partir da cultura corporal veiculada pela TV aberta e a cabo, internet, gibis e revistas em quadrinhos, cinema, vídeos, Dvd's, videogames (para ficarmos apenas em alguns exemplos). Todos esses canais influenciam a nossa cultura corporal e, claro, a de nossos alunos, com sérias consequências em termos de prática pedagógica. Se quisermos pensar a nossa prática, não podemos deixar todo esse material cultural literalmente do lado de fora de nossos currículos, sabendo que eles estão absolutamente dentro do imaginário de práticas corporais de nossas crianças.4

Para ampliar nossa compreensão do currículo de Educação Física, recorremos a 'outras abordagens, outras metáforas, outros conceitos', que nos permitissem alcançar essa meta. Pois, como sabemos, a teoria do currículo tem se beneficiado enormemente de uma abordagem voltada para sua economia política, uma abordagem que deve muito às influências marxistas. Essa abordagem nos permitiu analisar o currículo em suas vinculações com a economia e a produção de características pessoais para o mercado de trabalho capitalista. Essas compreensões constituem ainda hoje recursos importantes de uma teoria crítica do currículo. Elas não devem ser abandonadas. Continuamos a ser uma sociedade capitalista, uma sociedade governada pelo processo de produção de valor e de mais-valia. Ligar o currículo a este processo é um dos avanços fundamentais que devemos à vertente crítica da teoria do currículo. Isso não exclui, entretanto, outras abordagens, outras metáforas, outros conceitos, que possibilitem que ampliemos nossa compreensão daquilo que se passa no nexo entre transmissão de conhecimento e produção de identidades sociais, isto é, no currículo. Acredito que o papel de uma teoria crítica do currículo é o de ampliar essa compreensão, não o de estreitá-la. (Silva, 1996, p. 178)5

Entretanto, apontar novas possibilidades de desenvolvimento teórico e metodológico à pedagogia, ao currículo e ao ensino, numa perspectiva crítica e dialética, não pode, sob nenhuma hipótese, ser confundido com a 'fundação' ou 'descobrimento' (seguido de aquisição dos direitos de propriedade e da patente) da pedagogia dialética, 'final e absoluta' da Educação Física.

Não achamos possível deduzir princípios curriculares críticos ou progressistas em termos absolutos e abstratos. Ao invés disso, devemos pensar em formas e variedades de currículos críticos e progressistas, os quais surgiram e vão surgir a partir do encontro de educadores, estudantes e das outras pessoas envolvidas na educação com as situações concretas de suas lutas específicas. O que as lições da teoria, como as que resumimos acima, podem fazer é ajudar a iluminar essas múltiplas experiências, como resultado de elaborações, também elas, de práticas educacionais passadas. É no encontro da teoria [da Educação Física] com a história que residem nossas esperanças de uma educação e de uma sociedade mais democrática. (Silva, 1992, p. 91)6

NOTAS

A presente resenha foi elaborada pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia e Teoria Crítica do Currículo mantido pela FEF/UFG, como atividade de encerramento do seu primeiro módulo de estudos.

Acadêmicos de Educação Física da FEF/UFG.

Professora especialista em Educação Física Escolar pela FEF/UFG.

Professor da FEF/UFG.

1 A esse respeito ver mais em MOREIRA, Antônio Flávio. Sociologia do currículo: origem, desenvolvimento e contribuições. Rio de Janeiro: 1990. Mimeografado. Ver também MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs.). Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. São Paulo: Cortez, 1994. Sobre a origem e o desenvolvimento do campo do currículo no Brasil, ver MOREIRA, Antônio Flávio. Currículos e programas no Brasil. Campinas: Papirus, 1990.

2 Ver mais sobre estes estudos e suas relações com a educação, a escola e seu currículo em SILVA, Tomaz Tadeu. O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

3 Sobre a "nova" sociologia da educação, ver FORQUIN, Jean Claude. Escola e cultura: bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. Ver ainda FORQUIN, Jean Claude. Sociologia da educação: dez anos de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1995.

4 Evidentemente as contribuições sobre sociologia e teoria crítica do currículo não terminam aqui. Sabemos, por exemplo, da importância dos estudos sobre a história e a sociologia das disciplinas escolares. Referências clássicas nesse âmbito são: SANTOS, L. L. P. História das disciplinas escolares: perspectivas de análise. In: Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 2, 1990; CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 2, 1990. Outra fonte de contribuições são os estudos sobre o impacto do neoliberalismo e da qualidade total no campo educacional. A esse respeito, consultar, por exemplo: GENTILI, Pablo. (Org.). Pedagogia da exclusão: críticas ao neoliberalismo em educação. Petrópolis: Vozes, 1995; GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs.). Neoliberalismo, qualidade total e educação. Petrópolis: Vozes, 1995. Sobre as atuais transformações no mundo do trabalho e suas implicações no currículo escolar ver, entre outras obras: FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998; FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e crise do capitalismo real. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. Sobre a política de parâmetros curriculares e uma avaliação nacional, ver, por exemplo: APPLE, Michael. A política do conhecimento oficial: faz sentido um currículo nacional? In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs.). Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. São Paulo: Cortez, 1994; MOREIRA, Antônio Flávio. Neoliberalismo, currículo nacional e avaliação. In: SILVA, Luiz H. da; AZEVEDO, José C. (Orgs.). Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano escolar. Petrópolis: Vozes, 1995. Sobre currículo e globalização, ver, por exemplo: SANTOMÉ, Jurjo T. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 5 SILVA, Tomaz Tadeu. Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996. 6 SILVA, Tomas Tadeu. Currículo, conhecimento e democracia: as lições e dúvidas de duas décadas. O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

7. ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Geraldina Porto Witter
Professora emérita da Universidade Federal do Pará,
do Centro Universitário de João Pessoa e
da Universidade Camilo Castelo Branco.

O tema do livro aqui resenhado surgiu na área do trabalho e posteriormente alcançou a área educacional de maneira rápida e abrangente. É justamente seu uso educacional que Antoni Zabala e Laia Arnau focalizam. Ambos lecionam na Universidade de Barcelona.

O livro é composto por apresentação, 11 capítulos, epílogo e glossário, sendo o último de uso prático. Na apresentação, o leitor fica informado de aspectos gerais e questões básicas trabalhadas ao longo dos capítulos. É estabelecido que:

A competência, no âmbito da educação escolar, deve identificar o que qualquer pessoa necessita para responder ao problema aos quais será exposta ao longo da vida. Portanto, a competência consistirá na

intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, mediante ações nas quais se mobilizam, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais. (p. 11).

Os autores acrescentam que qualquer competência implica em conhecimentos relacionados a habilidades e atitudes.

O primeiro capítulo recupera aspectos que nortearam o surgimento e o uso de competências como propostas para superar as limitações detectadas no ensino, buscando mudanças nos referenciais educacionais vigentes até o começo dos anos 70 do século passado. Vale lembrar que no Brasil foram necessárias quase duas décadas a mais do que em países europeus, mesmo os de tradição católica como a Espanha. Foram os países de tradição calvinista os primeiros a adotarem uma nova percepção da matéria. Neste, como nos demais capítulos, o leitor encontra, nas margens esquerda e direita, chamadas para aspectos relevantes da matéria que o texto apresenta. Também, em todos eles, o leitor encontra um quadro com questões práticas envolvendo os aspectos tratados no capítulo.

O capítulo seguinte começa por um esforço em definir, mais especificamente, competência. É bem conduzido e traz também uma breve caracterização do processo desenvolvido para que a pessoa tenha uma ação competente diante de uma situação real. Os autores defendem que, para tanto é preciso dispor, na base, de conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais. Esses conteúdos devem viabilizar o planejamento de várias possibilidades de esquemas para atuação competente. Segundo Zabala e Arnau, a pessoa precisa selecionar um desses esquemas para usar, mas manter-se flexível para uso de outro se for necessário. A escolha deve levar em consideração a análise da situação que gerou a necessidade de um comportamento competente.

Além disso, quadros com sínteses e figuras facilitam a compreensão das propostas apresentadas.

No capítulo 3, os autores começam a entrelaçar os vários aspectos do tema. Nele, descrevem as inter-relações entre habilidades e atitudes, imprescindíveis para se alcançar a competência. São descritas as características da escola tradicional, enfocadas as falsas dicotomias entre memorização vs. compreensão; conhecimentos vs. procedimentos e feitas sugestões sobre encaminhamentos mais produtivos.

O termo competência representa a alternativa que supera as dicotomias: memorizar e compreender; conhecimentos e habilidades; teoria e prática [...]

A melhoria da competência implica a capacidade de refletir sobre sua aplicação e, para alcançá-la, é necessário o apoio do conhecimento teórico. (p. 49)

Neste capítulo os autores expõem necessidades estudadas no seguinte (capítulo 4), no qual retomam o tema do objetivo essencial da educação por competência, que é o desenvolvimento pleno da pessoa, e alertam que na literatura muitas expressões foram usadas, muito se discutiu e se discute com relação aos papéis desempenhados pela escola, e que modismos substituem modismos, especialmente no discurso pedagógico. O próprio uso das competências pode cair nesse mesmo limbo se não for adequadamente trabalhado desde o estabelecimento dos objetivos educacionais e dos sistemas educacionais e escolar. Apresentam um quadro muito útil de como as finalidades da Educação são vistas por instituições como a ONU, pela Constituição Espanhola, pela Declaração dos Direitos da Criança, pela UNESCO e pelo Fórum de Dakar.

Os autores dão prosseguimento ao tema, no capítulo 5, ao descreverem que no mundo escolar as competências devem abarcar o âmbito social, interpessoal, pessoal e profissional. Vale dizer que é um educar para a vida, portanto requer muito mais do que informar e compreender a informação. Apenas deve-se fazer uma ressalva à pouca atenção dada à dimensão afetiva ou emocional das atitudes, estando as cognitivas e comportamentais bem trabalhadas.

Os autores acrescentam, no entanto, que embora haja variação conceitual quanto às competências é denominador comum que devem abranger todas as capacidades do ser humano.

No capítulo seguinte o leitor é chamado a atentar para o fato de que a aprendizagem de competências é sempre funcional, o que implica em dar à aprendizagem o maior grau de relevância e funcionalidade possível. Consequentemente, isso requer mudanças nos princípios psicopedagógicos e a análise estrutural das competências e respectivas aprendizagens de seus componentes (aprendizagem de fatos, de conceitos, de procedimentos e de atitudes). Enfocam vários aspectos correlatos decorrentes do empenho do educador ao trabalhar dentro da proposta de desenvolvimento das competências nos seus alunos.

De acordo com os autores, para ensinar competências o ponto de partida deve ser trabalhar o contexto de situações e problemas reais (Capítulo 7). Zabala e Arnau lembram ainda que o ensino por competências tem por características essenciais: a relevância do que vai ser ensinado; a complexidade da situação, possuir um caráter procedimental; e a combinação dos componentes aprendidos considerando a funcionalidade. Isso implica em atender a critérios específicos sobre o significado do que vai ser ensinado, de sua complexidade, dos procedimentos a serem usados e dos componentes envolvidos, bem como os compromissos a serem assumidos.

É imprescindível o envolvimento dos alunos e o respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem.

Pelo exposto fica evidente que cuidar apenas do conteúdo das disciplinas é insuficiente para que o aluno aprenda competências. É o que os autores procuram mostrar no capítulo 8. Destacam como dimensões geralmente relevantes a social, a interpessoal, a profissional. O ensino, tendo em vista o desenvolvimento de competência, deve considerar os procedimentos metadisciplinares, interdisciplinares e de cada disciplina individualmente. O núcleo de disciplinas é um suporte ou núcleo para a organização curricular. A análise do exercício profissional na realidade oferece o conhecimento dos domínios de conhecimentos e domínios de habilidades que precisam compor as competências dos alunos que são formados para uma dada profissão.

O núcleo comum é tratado no capítulo seguinte.

Como não há uma disciplina científica para trabalhar as competências e seus componentes, essa preocupação deve ser comum a todas as disciplinas.

É preciso considerar esses aspectos ao selecionar as metodologias e estratégias de ensino a serem usadas na prática educativa. O ensino inclui exercícios, aplicação, modelos de vivências em todas as áreas, de modo que todas as disciplinas requeiram agir conforme as atitudes e valores desejados.

No que concerne aos métodos de ensino (capítulo 10), os autores indicam a necessidade de um enfoque globalizado. Essa é a matéria do penúltimo capítulo, no qual são expostos os critérios gerais para as escolhas metodológicas:

- relacionados à necessidade de que as aprendizagens sejam mais significativas possível;
- relacionados à complexidade da própria competência, especialmente, de todo o processo de atuação competente;
- relacionados ao caráter procedimental do processo de atuação competente;
- relacionados às características dos componentes das competências. (p. 144).

Além disso, os critérios precisam levar em conta que desenvolver competências tem caráter interdisciplinar. É necessário também considerar as variáveis da prática educacional, as sequências de conhecimento, as relações interativas entre professores e alunos e entre os alunos. São caracterizados na organização social da classe: o grande grupo, as equipes heterogêneas fixas, as homogêneas ou heterogêneas flexíveis e o trabalho individual.

O espaço e o tempo, a organização do conteúdo e os materiais a serem usados também representam cuidados a serem tomados pelos responsáveis pelo ensino-aprendizagem.

A avaliação das competências é o tema tratado no último capítulo, no qual os autores lembram que a ênfase deve ser no tipo de avaliação cujos resultados precisam ser considerados para enfocar a solução de problemas. Assim, explicitam que ela deve ter um caráter prospectivo, além

de propor que seja avaliado se o aluno, diante de uma situação da realidade, é capaz de solucionar e/ou propor um problema, analisar a situação, selecionar um esquema para atuação e agir flexível e estrategicamente.

Consideram imprescindível que os alunos frequentemente sejam informados de "como estão sendo competentes". (p. 180).

O epílogo é uma retomada da proposta como uma nova oportunidade para a Educação. Inclui a formação docente; a estrutura, a organização e gestão acadêmica; o envolvimento da escola-família-sociedade.

Zabala e Arnau finalizam propondo "a escola como o órgão que projete, coordene e supervisione as ações educacionais realizadas nos âmbitos formal, informal e não formal". (p. 188).

O livro é de leitura agradável. A bibliografia é adequada, mas poderia ser mais atual. Considerando o nível e relevância do tema é obra útil para professores, administradores e pesquisadores que atuam em qualquer nível educacional e lecionem qualquer disciplina.

Fonte: Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.6, n.1, p. 133-134, jan.-jun. 2011.

TESTES

1-Como deve ser feito um curriculum?

a) Os curriculum devem ser feitos através de ensinamentos pelos professores aos alunos com maioridade.

b) o currículo devem ser aceitos a partir dos conceitos de emancipação e liberdade, já que vê a pedagogia e o currículo como um campo cultural de lutas.

c) Já a 'nova' sociologia da educação construir um currículo que reflita mais as tradições culturais e epistemológicas dos grupos subordinados. Essa corrente se dissolveu numa variedade de perspectivas analíticas e teóricas: feminismo, estudo sobre gênero, etnia, estudos culturais, pós-modernismo, pós-estruturalismo etc.

d) Todas as alternativas estão corretas

2- O teorias- pós críticas precisa ser analisado para um curriculum:

a) Para ambas as vertentes o multiculturalismo representa um importante instrumento de luta política, pois ele remete à seguinte questão: o que conta como conhecimento oficial? Assim, ele também nos lembra que "a igualdade não se obtém simplesmente através da igualdade de acesso ao currículo hegemônico" (p. 90), sendo preciso mudanças substanciais do currículo existente

b) Existem as principais críticas realizadas pela sociedade pedagogia feminista introduz novas questões no tocante às formas de reprodução e gênero

c) Deve analisar a posição sexual informada no currículo

d) Todos os curriculum devem ser modernos

3- O que o pós-estruturalismo traz de novidade para o currículo?

a) pós-estruturalismo trata-se de um currículo mais elaborado com profissionais qualificados

b) Um currículo, para essa teoria, questionaria os significados transcendentais ligados à religião, à política, à pátria, à ciência etc., que povoam o currículo existente.

c) Os curriculum com boa estrutura faz com que seja bem visto pela sociedade

d) Todas as respostas estão corretas

4-O que podemos dizer sobre teorias críticas e pós-críticas?

a) Teorias críticas isso significa nunca esquecer, por exemplo, a determinação econômica e a busca de liberdade e emancipação; e para as pós-críticas significa questionar e/ou ampliar muito daquilo que a modernidade nos legou

b) Teorias críticas devem informar todos os desempenho realizado, pós-criticas devem informar as qualidades executadas

c) as teorias pós críticas informar os ensinamentos realizados. As teorias críticas são os trabalhos que foi deixado de desempenhar.

d) Nenhuma das alternativas está correta

5- O que a matéria de Educação Física pode ser interessante para um curriculum?

a) Pós-modernismo/estruturalismo, podemos dizer que eles possuem uma vertente crítica e outra conservadora, esta última um sustentáculo ideológico do capitalismo globalizado. Ambas se fazem presentes na Educação Física brasileira.

b) A Educação Física se faz necessário para um currículo, onde pode informar as experiências executadas nesta área

c) Todas as informações para um bom curriculum deve informadas, inclusive a aulas de Educação física

d) nenhuma das alternativas está corres

6-Para que constituem os fins?

a) não são uma extensão suplementar do trabalho humano.

b) Os fins constituem um modo fundamental de estruturação da atividade humana em geral e da atividade laboral em particular, concebidas enquanto ações finalizadas, temporais, instrumentais, teleológicas

c) Para elaborar uma representação mental de seu trabalho antes de realizá-lo e a fim de idealizá-lo.

d) Todas as alternativas estão incorretas

7-Quais são os principais trabalhos dos professores para ensinar os fins?

a) O professor que é responsável pelas matérias consideradas "nobres" no programa escolar (matemática, por exemplo) é diversamente avaliado pela administração escolar, pelos alunos e pelas famílias

b) O professor é responsável por manter os alunos atentos as matérias informadas

c) Deve aumentar o volume de matérias para que os alunos tenham aumento no aprendizado

d) Os professores devem ter uma relação com os pais fazendo com que os alunos não fiquem dispersos

8- O que a posição social das escolas interfere no trabalho dos professores?

a) O trabalho nas escolas menos favorecidas são as que tem o melhor desempenho dos professores

b) Não existe posição social, os professores conseguem desempenhar seu papel em qualquer ambiente

c) A posição social dá aos professores a dura tarefa de lidar com o público desfavorecido das escolas da periferia. Cabe a eles encontrar os meios de exercer a profissão e obter resultados de performance avaliados por critérios nacionais generalizados.

d) Os professores devem exercer seu trabalho diferente em cada escola com posição diferenciada

9-Quais são as categorias necessárias para um trabalho em sala de aula?

a) Todas as alternativas estão corretas
b) Liderança, Educação, Leitura Dinâmica
c) Organização, Conhecimentos Gerais, Histórias Geográficas
d) Multiplicidade, Imediatez, Rapidez, imprevisibilidade, visibilidade

10- Quais são as diferenças entre objeto material e objeto humano?

a) Essa dimensão individual significa que o objeto do trabalho docente não é portador de indeterminações, pois cada indivíduo trabalha em diferentes situações
b) As diferenças entre o objeto material e o objeto humano são inúmeras e importantes. Elas induzem atividades muito diferentes, conforme trabalhemos com a matéria ou as pessoas
c) os professores não podem agir de outro modo senão levar em conta que não existe diferenças individuais, pois são os indivíduos que aprendem e não a coletividade.
d) Mesmo trabalhando com coletividades, os professores podem tratar os alunos com igualdade

GABARITO

01.	C
02.	A
03.	B
04.	A
05.	B
01.	B
02.	A
03.	C
04.	D
05.	B

Anotações

Anotações

50 Dicas para fazer uma Redação

Melhores Cursos Agora

Site: Melhorescursosagora.com.br

E-Mail:

contato@melhorescursosagora.com.br

Fone/Whatsapp: (37) 8804-3427

Agradecimento:

Olá, tudo bem?

O Melhores Cursos Agora lhes dá as boas vindas e com prazer inclui seu nome em nossa lista de amigos.

Esperamos servi-lo cada vez melhor, e aproveitamos para informar que estamos em alerta permanente quanto ao controle de qualidade de nossos produtos, para que sua satisfação seja plena e nossos laços de amizade sejam cada vez mais fortes.

Nós estamos muito empenhados para ajudar VOCÊ a conquistar seus SONHOS.

Atenciosamente,

Mateus Gustavo – Melhores Cursos Agora.

www.melhorescursosagora.combr

E-mail: contato@melhorescursosagora.com.br

Telefone/whatsapp: (37) 8804-3427

50 Dicas para fazer uma redação.

Na maioria das vezes tiramos uma nota baixa na prova de Redação porque simplesmente cometemos uma série de erros gramaticais, às vezes, são alguns erros bobos que até pensamos: “nossa! Eu errei isso?” Por isso sempre devemos esta atentos na hora de escrever qualquer texto e depois que escrever fazer outra leitura conferindo se fez alguma coisa errada antes de passar para a folha oficial. Isto é uma regra básica que muitos já sabem, mas que às vezes não fazemos e perdemos algum ponto por bobeira.

A Finalidade deste livro digital é contribuir para que sua redação melhore.

Lembre-se sempre que em nossa vida não existe outra forma de melhorarmos em qualquer área, se não for pelo exercício e prática do exercitado. Traduzindo no popular, não adianta você receber dicas, comprar livros, cursos, se você não praticar o que aprende.

Desejo a você um excelente estudo e estou aqui para lhe ajudar no que for preciso, quero ajudar você na conquista de seus melhores sonhos.

Mateus Gustavo

Melhore Cursos Agora.com.br

1ª. A (minúsculo).

Faça-o um pouco achatado, com os contornos fechados (e não abertos), sem qualquer traço no meio dele.

2ª. ABAIXO-ASSINADO.

É um documento assinado por várias pessoas, que contém pedido, reivindicação ou manifestação de protesto.

3ª. ABREVIAÇÕES.

Escreva as palavras por extenso. As abreviações são consideradas incorretas. Portanto, não use abreviações quando no corpo do texto de sua redação.

ERRADO	CERTO
P/, c/, tá, pra, qdo	Para, com, está, para, quando
Prof., edif., pop	Professor, edifício, população
Fone, cine	Telefone, cinema

4ª. ACENTOS.

Coloque-os com clareza e corretamente, e não simples traços displicentes (em pé ou deitados). O acento grave, levemente voltado para a esquerda; o agudo, levemente inclinado para a direita.

Tanto o acento grave, quanto o agudo e o circunflexo, devem ser colocados bem próximos das respectivas letras e bem centralizados (e não distantes e de lado).

O acento não pode ser um *risquinho* qualquer, torto, deformado, ilegível. Tem que ser escrito de maneira correta, clara e precisa.

Faça-os de tamanho normal, nem demasiado grandes, nem demasiado pequenos.

5ª. ACENTUAÇÃO.

Verifique sempre a acentuação dos vocábulos.

Procure conhecer as regras de acentuação sem, contudo, decorá-las como papagaio.

Uma técnica de aprendizagem infalível: Estude o assunto, por exemplo, em mais de dois autores, fazendo, depois, os respectivos exercícios. Proceda da mesma forma com os demais assuntos de gramática, que jamais precisará tomar curso de Português desse capítulo.

6ª. ALFABETO.

Procure não inovar, por sua conta, o alfabeto da língua portuguesa, a ponto de tornar sua letra praticamente irreconhecível. Não precisa ter uma letra linda, mas precisa ter uma letra legível.

7ª. AMBIGUIDADE OU ANFIBOLOGIA.

Evite frases ambíguas (confusas) ou de duplo sentido. Ocorrem em consequência da má pontuação ou da má colocação das palavras.

A ambiguidade deve ser evitada com a utilização de termos que expressem clara e objetivamente o que se pretende mostrar.

FRASES AMBÍGUAS	CORRIJA AS EXPRESSÕES GRIFADAS PARA	OU
Alice saiu com **sua irmã**.	a irmã dela	a irmã de uma amiga
Vi José beijando **sua namorada**.	a namorada dele	a namorada de um amigo
Um ladrão foi preso **em sua casa**.	na casa dele	na casa da vítima
João ficou com Mariana **em sua casa**.	na casa dela	na casa dele
Pintaram o quarto da casa **em que durmo**.	no qual durmo	na qual durmo

8ª. ANULADA.

A redação poderá ser anulada, ou receber uma nota bem baixa, se:

Estiver ilegível.

Fugir do assunto.

For escrita a lápis.

For escrita com rasuras.

Não obedecer ao espaço e ao número de parágrafos determinados.

Não seguir as instruções relativas ao tema escolhido.

Tiver menos ou mais linhas do que a quantidade preestabelecida.

Contiver cópias das ideias do texto de motivação, quando este for dado.

9ª. APOSTO.

Use o aposto — explicação sobre um termo ou expressão da frase — quando, ao mesmo tempo que caracterizar, você pretender explicar a própria atitude da personagem.

Mariana, enfurecida, arremessou o valioso colar no rio.

O estudo do Romeno, língua neolatina como o Português, pode ser bastante facilitado com o uso de uma gramática comparativa.

10ª. ARGUMENTAR.

Não comece a redação com períodos longos. Exponha logo suas ideias.

Não fundamente seus argumentos com fatos que não sejam de domínio público.

Os argumentos do desenvolvimento da redação devem surpreender o leitor. Suas ideias precisam ser *saborosas* para atrair sua atenção.

Dê sua opinião, argumentando. Não use expressões como *eu acho*, *eu penso*, *para mim* ou *quem sabe*, pois denotam imprecisão em suas ponderações. É preciso mostrar conhecimento e domínio sobre o tema que está escrevendo.

11ª. ARTIGO, PREPOSIÇÃO: A, À, PARA, PARA A.

A (artigo): Fui a Salvador (fui e voltei logo).

PARA (preposição). Fui para Salvador (fui e vou passar alguns dias ou morar lá).

À (craseado): Fui à fazenda (fui e voltei logo).

PARA A (preposição + artigo): Fui para a fazenda (fui e vou passar alguns dias ou morar lá).

12ª. ASPAS.

Vêm entre aspas:

Os estrangeirismos (as palavras estrangeiras): "Pizzaria", "mobylette", "show", "vídeo game".

Os apelidos: "Zezinho", "Juca", "Nice".

As citações que não sejam de sua autoria: "Oxalá não se me fechem os olhos sem que o queira Deus". (Rui Barbosa). "Se viveres com dignidade, não melhorarás o mundo, mas uma coisa é certa, haverá na terra um canalha a menos" (Confúcio). Observação: As citações, quando não colocadas entre aspas, constituem plágio, o que é errado e desonesto. Plagiar, segundo o dicionário do Aurélio, é "assinar ou apresentar como seu, obra artística ou científica de outrem" (de outro autor).

As gírias. Isto é, as palavras usadas em sentido figurado. A festa foi um "barato" (ótima, "legal"). Não "saquei" (entendi) nada.

Aliás, evite usar gírias.

13ª. ASPECTO VISUAL.

Qualidade da letra, margem, espaços entre as palavras, legibilidade, limpeza, pontuação, facilidade de leitura, parágrafos (espaços), períodos (se não deixou períodos longos).

14ª. AVALIAÇÃO.

A autocrítica pode ser essencial quando se deseja melhorar o texto.

Avalie o texto. Verifique se as frases soam bem, se não contêm cacófatos ou rimas. Começou bem a redação e terminou-a melhor ainda?

A avaliação de uma redação segue um critério rigoroso, pois está relacionada à norma culta da língua portuguesa. Além da parte específica de gramática, muitas vezes recorre-se à grafologia para verificar-se o perfil psicológico e pendores vocacionais do candidato à função que pleiteia.

15ª. BARBARISMO OU ESTRANGEIRISMO.

É a utilização de palavras ou construções estranhas à língua portuguesa. Evite usá-lo.

ESTRANGEIRISMOS	PREFIRA
Show	espetáculo
Jeans	calça de brim

16ª. BATE-PAPO.

Evite a projeção de bate-papo, ou seja, escrever com estilo coloquial numa redação.

A Guerra do Iraque foi duramente criticada, vai daí que os americanos tiveram abalado seu conceito de democracia.

A expressão "vai daí que" é da fala coloquial, devendo ser substituída por uma construção mais adequada:

A Guerra do Iraque foi duramente criticada e, em função de sua postura, os americanos tiveram abalado seu conceito de democracia.

Ele repetia tudo o que dizia, que nem um papagaio de madame.

A palavra adequada é como; "que nem" desmerece o texto em que está inserido, a não ser que represente a fala popular da personagem.

17ª. BOM SENSO.

Evite construções complexas. Leia o texto várias vezes para ter certeza de que ficou claro e preciso. Somente após estas várias leituras, passe o texto para a folha oficial de redação.

18ª. *BRANCO*.

Em caso de *dar branco*, procure relaxar e tente escrever algo que esteja dentro do assunto e com um mínimo de sentido.

19ª. CABEÇALHO.

Não há pontuação após os dados do cabeçalho.

Faça o cabeçalho de sua redação completo, com todos os dados indispensáveis, dentro da estética, ou seja, organizado, perfeitamente alinhado um embaixo do outro e no centro do papel.

20ª. CACOFONIA OU CACÓFATO.

É o encontro de sílabas que formam palavras de sentido ridículo ou obsceno, com a produção de som desagradável.

ORAÇÕES COM CACÓFATOS	ESCREVA-AS ASSIM
Meu coração por ti gela.	Meu coração gela por ti.
Vou-me já para casa.	Já estou indo para casa.
O noivo beijou a boca dela.	O noivo beijou-a na boca.
Nunca gaste dinheiro com bobagens.	Jamais gaste dinheiro com bobagens.

21ª. CALIGRAFIA.

Escreva com capricho e nitidez, procurando tornar sua grafia clara, uniforme e bem legível.

Se tiver a grafia ruim, faça de tudo para melhorá-la, porque uma redação escrita com capricho e grafia bonita impressiona favoravelmente.

Não invente traços novos nas letras e não enfeite demais as maiúsculas, pois o leitor do texto pode não compreender o que você está escrevendo.

22ª. CARACTERÍSTICO.

Observe os seres no que têm de mais característico. Procure traduzir essas impressões ou os fatos sem se alongar em considerações desnecessárias, que nada acrescentem de importante à cena ou ao fato.

Ombros curvados, cabelos escuros que o pente mal vira, passos arrastados – um homem ainda moço, levando consigo a carga de uma pesada e infeliz vida.

Em um canto, calada, estava Maria, com seus grandes olhos negros, cabelos que caíam em cascata pelos ombros, dona de uma beleza intrigante e misteriosa. Para ela tudo era novo e assustador.

23ª. CHAVÕES, CLICHÊS, FRASES FEITAS, JARGÕES, LUGARES COMUNS, MODISMOS.

Evite-os, pois empobrecem o texto e demonstram a ausência de originalidade, falta de imaginação e de bom gosto.

A inflação galopante, rigoroso inquérito, vitória esmagadora, astro-rei.

Caixinha de surpresas, nos píncaros da glória, encerrar com chave de ouro, nos primórdios da humanidade.

Não é fácil falar a respeito de… Bem, eu acho que… A esperança é a última que morre. …um dos problemas mais discutidos da atualidade.

24ª. CLAREZA.

Redija frases curtas e, portanto, use ponto à vontade.

Escreva com toda a simplicidade e clareza, sem embolar o assunto. Ser claro é ser coerente, conciso, não se contradizer.

São inimigos da clareza: a desobediência às normas da língua, os períodos longos e o vocabulário difícil, rebuscado ou impreciso.

O segredo está em não deixar nada subentendido, nem imaginar que o leitor sabe o que se quer dizer. Evidencie todo o conteúdo da escrita. Lembre-se de que está dando uma opinião, desenvolvendo ideias, narrando um fato. O mais importante é fazer-se entender.

TEXTOS EMBOLADOS— CONFUSOS	CORREÇÃO
Participei de um campeonato tirei segundo lugar em ping-pong e ganhei medalha de prata.	*Participei de um campeonato de "ping-pong", no qual tirei segundo lugar, tendo ganhado uma medalha de prata*. NOTA: "Ping-pong", entre aspas, por ser estrangeirismo.

Comemoramos o aniversário de meu pai que foi uma surpresa para ele, fizemos um churrasco com muitas bebidas.	*Comemoramos o aniversário de meu pai e, como surpresa para ele, fizemos-lhe um churrasco com muitas bebidas*.

25ª. COERÊNCIA.

A coerência entre todas as partes do texto é fator primordial para se escrever bem. É necessário que elas formem um todo, ou seja, que estabeleçam uma ordem para as ideias, se completem e formem o corpo da narrativa. Explique, mostre as causas e as consequências.

Em muitas redações fica patente a falta de coerência. O candidato apresenta um argumento e o contradiz mais adiante. As ideias contidas no texto devem estar interligadas de maneira lógica. O vestibulando não pode expor uma opinião no início do texto e desmenti-la no final. Deve-se ter cuidado redobrado para não se cometer esse tipo de erro.

Em vestibular da FUVEST, o candidato saiu-se com a seguinte frase: "...*a palidez do sol tropical refletia nas águas do rio Amazonas*". Convenhamos que o sol tropical pode ser acusado de muitas coisas, menos de palidez. O riso provocado pela leitura do texto poético é derivado de um caso de incoerência no uso da imagem.

26ª. COESÃO.

A falta de coesão provoca a redundância. Fica-se dando voltas num assunto, sem acrescentar-lhe nada de novo. É

típico de quem não tem informação suficiente para compor o texto.

Em lugar de: Comprei sorvetes. Dei os sorvetes a meus filhos.

Deve-se usar: Comprei sorvetes. Dei-os a meus filhos.

27ª. COLISÃO.

É a sequência desagradável de consoantes ou sílabas idênticas.

ORAÇÕES COM COLISÃO	REDAÇÃO MELHOR
Jorge já jantou.	Jorge acabou de jantar.
O rato roeu a roupa da rainha.	O rato roeu os nobres tecidos que compunham os trajes da rainha.

28ª. COLOQUIALISMO.

Uso da língua na forma como é escrita, ou seja, é uma armadilha para o aluno o emprego de termos coloquiais, gíria e jargão. Expressões coloquiais só são aceitas na reprodução de diálogos. Isso não significa que o texto tenha de ser empolado, de difícil entendimento.

Evite usar as expressões: *só que*, *que nem*, *é o seguinte*, etc.

29ª. COLORIDA.

Procure dar, às suas personagens, uma linguagem não só adequada, mas, também, *colorida* por imagens pertinentes, ligadas a elas e ao assunto.

A senhora soltou um pequeno grito, e o rapaz, de vermelho que estava, fez-se cor de cera; mas Botelho procurou tranquilizá-los.

O primeiro raio do sol encontrou Tapirapé moreno, pele molhada, com cabelo e olho bem cor de noite sem lua, sentado na folha redonda do mururu.

30ª. COMEÇO.

Uma redação não é nenhum *bicho de sete cabeças*. Respire fundo. Três vezes. Devagarinho. Deixe o ar chegar lá embaixo, no fundão da barriga. Visualize o umbigo. Sorria para ele. Por dentro e por fora. Escolha uma frase bem atraente. Pode ser uma declaração, uma citação, uma pergunta, um verso, a letra de uma música. Depois desenvolva o seu tema. Cada ideia num parágrafo. Por fim, conclua. Com fecho de ouro.

31ª. COMPARAÇÃO.

É a aproximação de dois termos entre os quais existe alguma relação de semelhança, como na metáfora.

Quando usar comparações, escolha a conjunção que as introduz em função do tipo de linguagem que está empregada.

Use a comparação, hipotética ou não, quando perceber que estabeleceu entre o ser que você descreve e outro uma semelhança interessante e que ela vai enriquecer seu texto.

A liberdade das almas, frágil, frágil como o vidro.

A chuva caía como lágrimas de um céu entristecido.

As chamas, como língua de monstro, saíam pelas janelas.

32ª. COMUNICAÇÃO.

Em situações de comunicação descontraída e, sobretudo, oral, você pode, conforme o caso, substituir o futuro do presente pelo imperativo.

Não saia (sairás) até que tenhamos concluído esta conversa.

Eu não sabia que ele era o meu pai. Veja (verás) que não minto, basta que me dê a oportunidade de provar.

33. CONCISÃO.

Elimine palavras ou expressões desnecessárias.

Escreva com clareza e, na medida do possível, diga muito com poucas palavras.

Concisão, clareza, coesão e elegância: palavras-chaves que definem um texto competente num exame vestibular.

Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias.

O aluno deve expressar o pensamento com o menor número de palavras possível. Aquilo que é desnecessário deve ser eliminado. A concisão dá ênfase ao estilo. O prolixo prejudica e enfraquece o texto, além de tirar o brilho de suas ideias.

EM VEZ DE	EMPREGUE
...*neste momento nós acreditamos*.	...*acreditamos*.
Travar uma discussão.	*Discutir*.

34. CONCLUSÃO.

Não conclua sua redação, jamais, com as seguintes terminologias: *concluindo*, *em resumo*, *nada mais havendo*, *poderia ter feito melhor*, *como o tempo foi curto*, etc.

Termine-a, sim, com conclusões consistentes (e não com evasivas).

35. CONCORDÂNCIA.

Cuidado para não cometer erros gramaticais, como de concordância.

Lembre-se de que o verbo sempre concordará com o sujeito e os nomes devem estar concordando entre si.

ERRADO	CERTO
Falta cinco alunos.	Faltam cinco alunos.
Fazem dez dias que não chove.	Faz dez dias que não chove.

Minhas férias começou.	Minhas férias começaram. (plural, com plural, isto é, férias concordando com começaram).
Os meninos saltavam descalço sobre as poças d´água da rua.	Os meninos saltavam descalços sobre as poças d´água da rua.

36. CONHECIMENTO LINGUÍSTICO.

Use todo o seu conhecimento gramatical. Faça um rascunho e ao passar o texto a limpo, observe se faltam acentos, sinais de pontuação, se há erros de grafia, termos de gíria, impropriedade vocabular.

37. CONJUNÇÃO.

Seja cauteloso ao utilizar as conjunções *como*, *entretanto*, *no entanto*, *porém*. Quase sempre são dispensáveis.

Evite o exagero de conectivos (conjunções e pronomes relativos) para evitar a repetição e para não alongar períodos.

Para mostrar hipóteses diferentes, as dúvidas e conflitos de reflexão da personagem, explore as conjunções alternativas e adversativas.

Sim, sou homem e deixei-me levar por meus instintos. Como a senhora deve saber, sou respeitador. Nada farei que desabone a minha conduta.

Elvira era simplesmente uma entre as outras empregadas domésticas da mansão. Tinha, no entanto, seus sonhos, alguns até mesmo ousados, e uma quase certeza de conseguir alcançá-los. Mas como? Decidiu, após muito pensar. Se ficasse mais algum tempo naquele trabalho,

poderia conseguir uma promoção para chefe das serviçais ou, pelo menos, um aumento no ordenado, já que desempenhava com esmero suas funções. E, a partir dessa convicção, tornou-se exemplar.

38. CONJUNTO.

Quando quiser descrever um conjunto, empregue termos indicadores de lugar que revelem posição, aproximação ou afastamento de aspectos diferentes do conjunto.

Estavam todos os cavaleiros em volta da mesa. Nem todos, porém, tinham o mesmo prestígio na corte. Perto do rei estavam os mais destacados nobres: Marcelo, à esquerda; Eduardo, à direita. O primeiro trajava negro com as insígnias reais e o brasão de família. O segundo trajava azul e não trazia insígnias. Uma armadura reforçada cobria seu tórax.

39. CONSTRUÇÕES.

Não escreva construções como *lá em Recife*, *aqui em Salvador* mas, sim, *em Recife*, *em Salvador*.

40. COORDENAÇÃO.

Coordene suas ideias como se estivesse contanto uma história: o seu texto deve ter início (introdução), meio (desenvolvimento) e fim (conclusão).

41ª. CORREÇÃO GRAMATICAL.

A linguagem utilizada na redação precisa estar de acordo com a norma culta, ou seja, deve obedecer aos princípios estabelecidos pela gramática.

Tenha o máximo de cuidado para que sua redação não apresente, principalmente, nenhum erro de ortografia, acentuação, pontuação e concordância, seja ela verbal ou nominal.

Conhecer as normas que regem o uso da língua é fundamental para a produção de um texto correto. Em caso de dúvidas na redação, consulte sempre um bom livro de gramática.

42ª. CRASE.

Expressões com crase: À beça, à toa, etc.

Uso corriqueiro da crase, mas absolutamente errado: Marcelo reside à Rua (Avenida, Praça, etc). O correto é: Marcelo reside na Rua, na Avenida, na Praça, etc. (Quem reside, reside em algum lugar).

43ª. CRIATIVIDADE.

É claro que uma abordagem original do tema valoriza seu texto. No entanto, o vestibulando deve ter cuidado para não confundir criatividade com idéias esdrúxulas. Na gíria estudantil, não *viaje*.

Lembre-se: Ninguém pode exigir que escreva bem, como um escritor, pois isto pressupõe talento; as faculdades querem que se escreva certo.

44. DESCRIÇÃO.

Descrever é fazer um retrato com palavras, isto é, apresentar, detalhadamente, características de pessoas, animais, objetos, lugares, etc.

Quando quiser estabelecer uma ordem cronológica na sua descrição, mostrando as mudanças sucessivas da paisagem, use termos que indicam sucessão (sobretudo adjuntos adverbiais de tempo).

45. *DICAS*.

Ao escrever uma redação, faça, primeiramente, uma lista de tudo o que lhe vier à memória.

Quanto mais ideias, melhor.

Não se preocupe em saber se as ideias são boas ou más. Escreva-as, simplesmente.

Anote tudo, sem ordem, sem critério, sem censura.

Use palavras simples e frases curtas.

Selecione as ideias e estruture o seu texto.

46. DIMINUTIVO.

Use o diminutivo com muito cuidado, e sempre quando for importante marcar a dimensão dos seres, ou a afetividade (carinho, desprezo) da personagem com relação a esses seres.

Pegou o banquinho para apoiar o pé enquanto tocaria violão.

Disse para a avozinha que lhe traria o doce de goiaba de que tanto gostava.

47ª. DISSERTAÇÃO.

Nunca se inclua em sua dissertação, principalmente para contar fatos de sua vida particular.

É uma redação que, através do raciocínio, expõe idéias, doutrinas, impressões, pontos de vista.

Utilize sempre, em suas dissertações, a terceira pessoa do singular.

A dissertação é a forma mais comum de redação. É a mais solicitada nos exames vestibulares e provas de colégio.

Dissertar é defender uma opinião a respeito de determinada questão. Para isto, precisamos conhecer o assunto e refletir sobre ele.

É analisar um assunto proposto, emitindo opiniões gerais. Deve ser feito de modo impessoal e com total objetividade. Essa visão imparcial perde-se quando o autor confunde a problemática que está analisando com os problemas particulares que possa ter.

48ª. ELIPSE.

É a omissão de um termo previsível, subentendido, que deixa de ser expresso por ser óbvio, mas também confere elegância à frase.

Vida interessante, a dele...

Na rua, um malvado; em casa, um santo.

A casa era pobre. Os moradores, humildes.

49ª. EMBROMAÇÃO.

É o famoso enche linguiça. Cuidado, não fique fazendo isso. Fica-se dando voltas no mesmo lugar, usando-se palavras vazias e *embromatórias*.

A vida, única e exclusivamente, é tão complexa que, apesar de tudo, não obstante o que possam dizer, torna-se altamente problemática.

50ª. ÊNFASE.

Chame a atenção para o assunto com palavras fortes, cheias de significado, principalmente no início da narrativa. Use o mesmo recurso para destacar trechos importantes. Uma boa conclusão é essencial para mostrar a importância do assunto escolhido. Remeter o leitor à ideia inicial é uma boa maneira de fechar o texto.

Bom, até aqui coloquei para você 50 dicas sobre Redação, mas quero de dar mais algumas dicas valiosas...

10 ITENS QUE NÃO SE PODE FAZER EM UMA REDAÇÃO

1 - Trocar o tipo ou gênero Textual;

2 – Fugir do Tema;

3 – Uso impróprio da linguagem oral;

4 – Rebuscar demais. (escrever muitas palavras difíceis) ;

5 – Cometer erros de língua portuguesA;

6 – Usar clichês ou provérbios (água mole pedra dura... Desde os primórdios da humanidade...);

7 – Panfletar ou radicalizar (Vamos todos juntos fazer ...);

8 – Usar citações sem cuidado;

9 – Exagerar nas informações;

10 – Abusar da redundância ("Encher linguiça").

CASO VOCÊ AINDA NÃO TENHA ASSISTIDO, TENHO UM VÍDEO NO YOUTUBE QUE TAMBÉM FALA SOBRE 10 DICAS PARA UMA BOA REDAÇÃO, ALGUMAS SÃO PARECIDAS COM AS DICAS ACIMA OUTRAS NÃO, CASO QUEIRA CONHECER ACESSE O LINK:

http://www.youtube.com/watch?v=SltPCzg0Pk4

Gostaria de agradecer novamente pela confiança e espero que tenha gostado do material que foi feito com muito carinho.
Um grande abraço e qualquer dúvida entre em contato conosco.

Mateus Gustavo.

NOVA CONCURSOS

APOSTILA DE ACORDO COM EDITAL DE ABERTURA DE INSCRIÇÕES Nº.002/2018 - EDUCAÇÃO

PREFEITURA MUNICIPAL DE

SUZANO

DO ESTADO DE SÃO PAULO

Professor de Educação Básica II
Artes

- Língua Portuguesa
- Conhecimentos Pedagógicos e Legislação

Conhecimentos Específicos

NOVA CONCURSOS PASSAPORTE

Grátis Conteúdo Online dos Principais temas sobre o ECA

Acesse nosso site e complemente seus estudos.

Prefeitura Municipal de Suzano do Estado de São Paulo

SUZANO-SP

Professor de Educação Básica II - Artes

Edital de Abertura de Inscrições n°. 002/2018 - Educação

JL139-2018

NOVA CONCURSOS

DADOS DA OBRA

Título da obra: Prefeitura Municipal de Suzano do Estado de São Paulo

Cargo: Professor de Educação Básica II - Artes

(Baseado no Edital de Abertura de Inscrições n°. 002/2018 - Educação)

• Língua Portuguesa
• Conhecimentos Pedagógicos e Legislação
• Conhecimentos Específicos

Gestão de Conteúdos
Emanuela Amaral de Souza

Diagramação/ Editoração Eletrônica
Elaine Cristina
Igor de Oliveira
Ana Luiza Cesário
Thais Regis

Produção Editoral
Suelen Domenica Pereira
Julia Antoneli
Leandro Filho

Capa
Joel Ferreira dos Santos

NOVA CONCURSOS

APRESENTAÇÃO

PARABÉNS! ESTE É O PASSAPORTE PARA SUA APROVAÇÃO.

A Nova Concursos tem um único propósito: mudar a vida das pessoas.
Vamos ajudar você a alcançar o tão desejado cargo público.
Nossos livros são elaborados por professores que atuam na área de Concursos Públicos. Assim a matéria é organizada de forma que otimize o tempo do candidato. Afinal corremos contra o tempo, por isso a preparação é muito importante.
Aproveitando, convidamos você para conhecer nossa linha de produtos "Cursos online", conteúdos preparatórios e por edital, ministrados pelos melhores professores do mercado.
Estar à frente é nosso objetivo, sempre.
Contamos com índice de aprovação de 87%*.
O que nos motiva é a busca da excelência. Aumentar este índice é nossa meta.
Acesse **www.novaconcursos.com.br** e conheça todos os nossos produtos.
Oferecemos uma solução completa com foco na sua aprovação, como: apostilas, livros, cursos online, questões comentadas e treinamentos com simulados online.
Desejamos-lhe muito sucesso nesta nova etapa da sua vida!
Obrigado e bons estudos!

*Índice de aprovação baseado em ferramentas internas de medição.

CURSO ONLINE

PASSO 1
Acesse:
www.novaconcursos.com.br/passaporte

PASSO 2
Digite o código do produto no campo indicado no site.
O código encontra-se no verso da capa da apostila.
*Utilize sempre os 8 primeiros dígitos.
Ex: FV054-18

PASSO 3
Pronto!
Você já pode acessar os conteúdos online.

NOVA CONCURSOS

SUMÁRIO

Língua Portuguesa

Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários). 01
Sinônimos e antônimos. 07
Sentido próprio e figurado das palavras. 07
Pontuação. 14
Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem. 17
Concordância verbal e nominal. 55
Regência verbal e nominal. 60
Colocação pronominal. 66
Crase. 68

Conhecimentos Pedagógicos e Legislação

Relação entre educação, escola e sociedade: concepções de Educação e de Escola. A função social da escola, a educação inclusiva e o compromisso ético e social do educador. 01
Gestão democrática: a participação como princípio. 14
Organização da escola centrada no processo de desenvolvimento pleno do educando. 18
A integração entre educar e cuidar na Educação básica. 24
Projeto políticopedagógico: fundamentos para a orientação, o planejamento e a implementação das ações educativas da escola. 25
Currículo e cultura: visão interdisciplinar e transversal do conhecimento. 32
Currículo: a valorização das diferenças individuais, de gênero, étnicas e socioculturais e o combate à desigualdade. 32
Currículo, conhecimento e processo de aprendizagem: as tendências pedagógicas na escola. 43
Currículo nas séries iniciais: a ênfase na competência leitora (alfabetização eletramento) e o desenvolvimento dos saberes escolares da matemática e das diversas áreas de conhecimento. 50
Currículo em ação: planejamento, seleção, contextualização e organização dos diversos tipos de conteúdos; o trabalho por projetos. 75
A avaliação diagnóstica ou formadora e os processos de ensino e de aprendizagem. 84
A avaliação mediadora e a construção do conhecimento: acompanhamento dos processos de ensino e de aprendizagem. 84
A mediação do professor, dialogal e problematizadora, no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno; a inerente formação continuada do educador. 87
Construção participativa do projeto político-pedagógico e da autonomia da escola. 90
A educação escolar e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). 96

Bibliografia

AGUIAR, Márcia Ângela da Silva [et. al.]. Conselho Escolar e a relação entre a escola e o desenvolvimento com igualdade social. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 101
ARÊAS, Celina Alves. A função social da escola. Conferência Nacional da Educação Básica. AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos - relações de gênero na escola. São Paulo: Editora Contexto, 2016. 111
CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. Relações Contemporâneas Escola- Família. p. 28-32. In: CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. Interação escola- família: subsídios para práticas escolares. Brasília: UNESCO, MEC, 2009. 112
COLL, César. O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Editora Ática, 1999. (Capítulos 4 e 5). 137
CONTRERAS, José. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez Editora, 2002. (Capítulos 3 e 7). 140
DOWBOR, Ladislau. Educação e apropriação da realidade local. Estud. av. [online]. 2007, vol.21, n° 60, pp. 75-90. 151
FONTANA, Roseli Ap. Cação. Mediação Pedagógica em sala de aula. Campinas: Editora Autores Associados, 1996 (Primeiro tópico da Parte I - A gênese social da conceitualização). 159
GALVÃO, Izabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon, in: ARANTES, Valéria A. Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003. 161
GARCIA, Lenise Aparecida Martins. Transversalidade e Interdisciplinaridade. 173
HOFFMAN, Jussara. Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento. In: SE/SP/FDE. Revista Ideias, n° 22, pág. 51 a 59. 175

SUMÁRIO

LIBÂNEO, J.C. Democratização da Escola Pública - a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985. (Capítulo 6).....180
LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003, capítulo III, da 4a Parte.....182
LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013, capítulos 2,7 e 9.....185
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Abrindo as escolas às diferenças, capítulo 5, in: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). Pensando e Fazendo Educação de Qualidade. São Paulo: Moderna, 2001.....195
MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.4, n.12.p.13-21, maio/ago.2004.....199
MOURA, Daniela Pereira de. Pedagogia de Projetos: contribuições para uma educação transformadora.....203
PIAGET, Jean. Desenvolvimento e aprendizagem. Trad. Paulo Francisco Slomp. UFRGS- PEAD 2009/1.....208
PIMENTA, Selma, G.A. A Construção do Projeto Pedagógico na Escola de 1° Grau. Ideias, n° 8, 1.990, p 17-24.....214
QUEIROZ, Cecília T. A. P. de; MOITA, Filomena M. G. da S.C.. Fundamentos sócio-filosóficos da educação. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007. (MEC/SEB/SEED).....218
RESENDE, L. M. G. de. A perspectiva multicultural no projeto político-pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Escola: espaço do projeto político-pedagógico. Campinas: Papirus, 1998.....221
RIOS, Teresinha Azeredo. Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001 (capítulos 2 e 3).....223
ROPOLI, Edilene Aparecida. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação. SEESP. Universidade Federal do Ceará, 2010.....227
VEIGA, I. P. A. (org.). Projeto político-pedagógico da escola - uma construção possível. 2.a ed. Campinas: Papirus, 1996.....241
VINHA, Telma Pileggi. O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista. Revista do Cogeime, n° 14, julho/99, pág. 15-38.....249
WEIZ, T. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2a ed. São Paulo: Ática, 2000, (capítulos 4 e 8).....261
ZABALA, Antoni. A Prática educativa: Como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998, (capítulo 2).....269

Conhecimentos Específicos

1. Ensino da arte no Brasil: história; 01
2. Ensino da arte: Abordagem Triangular no Ensino da Arte; 11
3. Arte como sistema simbólico não verbal: leitura e interpretação; 13
4. Linguagens contemporâneas da arte; 14
5. Artes Cênicas: história; 24
6. Artes Cênicas: ensino; 24
7. Artes Cênicas: relações entre arte e jogo; 24
8. Artes Visuais: história; 28
9. Artes Visuais: ensino; 28
10. Artes Visuais: elementos da linguagem visual; 28
11. Música: história; 36
12. Música: ensino; 36
13. Música: elementos da linguagem musical; 36
14. Dança: história; 44
15. Dança: ensino; 44
16. Dança: corpo na dança; 44
17. Dança: Teoria de Laban; 50
18. Arte e manifestações culturais; 51
19. Arte e comunicação na contemporaneidade.....52

Bibliografia

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. Anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 9a edição, 2014.....54
John Dewey e o ensino da arte no Brasil. 8a edição. São Paulo: Cortez, 2015. 59
BENNET, Roy, Uma Breve História da Música, Rio de Janeiro, Zahar, 1989 66

SUMÁRIO

BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2000. 68
BOUCIER, Paul. História da dança no ocidente. (2a edição) São Paulo: Martins Fontes, 2001 71
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília: MEC /SEF, 1998. 73
CAZNOK, Yara Borges. Música: Entre o Audível e o Visível. (3a edição) São Paulo: Editora UNESP, 2015. 73
COLL, César e TEBEROSKY, Ana. Aprendendo arte, conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental. Ed. Ática, São Paulo, 2004. 74
FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do ensino de arte. (Coleção magistério 2a grau. Série formação do professor). 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999. 75
FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar. (Coleção Magistério 2° grau. Série formação geral). 2. Ed. Revista - São Paulo: Cortez, 2001. 79
Fonterrada, Marisa Trench de Oliveira. De tramas e fios: um ensaio de música e educação. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008. 80
IAVELBERG, R. - Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2017. 83
JEANDOT, Nicole. Explorando o universo da música. 2a ED. São Paulo: Scipione, 1993. 94
HERNÁNDEZ, F. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 2000. 95
KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos Teatrais. São Paulo: Perspectiva, 2001. 97
LABAN, R. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978. 102
MAGALDI, Sábato. Iniciação ao teatro. São Paulo. Ed. Ática, 1985. 103
MARQUES, Isabel. Linguagem da Dança: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010 104
PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Editora Ática, 1994. 105
REVERBEL, Olga. Jogos teatrais na escola. São Paulo: Scipione, 1996. 108
SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: arte. In: . Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias. 2. ed. São Paulo: SE, 2012. p. 27- 29, 187-222. 109

LÍNGUA PORTUGUESA

Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários). 01
Sinônimos e antônimos. 07
Sentido próprio e figurado das palavras. 07
Pontuação. 14
Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem. 17
Concordância verbal e nominal. 55
Regência verbal e nominal. 60
Colocação pronominal. 66
Crase. 68

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE DIVERSOS TIPOS DE TEXTOS (LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS).

Sabemos que a "matéria-prima" da literatura são as palavras. No entanto, é necessário fazer uma distinção entre a linguagem literária e a linguagem não literária, isto é, aquela que não caracteriza a literatura.

Embora um médico faça suas prescrições em determinado idioma, as palavras utilizadas por ele não podem ser consideradas literárias porque se tratam de um vocabulário especializado e de um contexto de uso específico. Agora, quando analisamos a literatura, vemos que o escritor dispensa um cuidado diferente com a linguagem escrita, e que os leitores dispensam uma atenção diferenciada ao que foi produzido.

Outra diferença importante é com relação ao tratamento do conteúdo: ao passo que, nos textos não literários (jornalísticos, científicos, históricos, etc.) as palavras servem para veicular uma série de informações, o texto literário funciona de maneira a chamar a atenção para a própria língua (FARACO & MOURA, 1999) no sentido de explorar vários aspectos como a sonoridade, a estrutura sintática e o sentido das palavras.

Veja abaixo alguns exemplos de expressões na linguagem não literária ou "corriqueira" e um exemplo de uso da mesma expressão, porém, de acordo com alguns escritores, na linguagem literária:

Linguagem não literária:

1- Anoitece.
2- Teus cabelos loiros brilham.
3- Uma nuvem cobriu parte do céu. ...

Linguagem literária:

1- A mão da noite embrulha os horizontes. (Alvarenga Peixoto)
2- Os clarins de ouro dos teus cabelos cantam na luz! (Mário Quintana)
3- um sujo de nuvem emporcalhou o luar em sua nascença. (José Cândido de Carvalho)

Como distinguir, na prática, a linguagem literária da não literária?

- A linguagem literária é conotativa, utiliza figuras (palavras de sentido figurado), em que as palavras adquirem sentidos mais amplos do que geralmente possuem.
- Na linguagem literária há uma preocupação com a escolha e a disposição das palavras, que acabam dando vida e beleza a um texto.
- Na linguagem literária é muito importante a maneira original de apresentar o tema escolhido.
- A linguagem não literária é objetiva, denotativa, preocupa-se em transmitir o conteúdo, utiliza a palavra em seu sentido próprio, utilitário, sem preocupação artística. Geralmente, recorre à ordem direta (sujeito, verbo, complementos).

Leia com atenção os textos a seguir e compare as linguagens utilizadas neles.

Texto A

Amor (ô). [Do lat. amore.] S. m. 1. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa: amor ao próximo; amor ao patrimônio artístico de sua terra. 2. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa; devoção, culto; adoração: amor à Pátria; amor a uma causa. 3. Inclinação ditada por laços de família: amor filial; amor conjugal. 4. Inclinação forte por pessoa de outro sexo, geralmente de caráter sexual, mas que apresenta grande variedade e comportamentos e reações.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Nova Fronteira.

Texto B

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer.

Luís de Camões. Lírica, Cultrix.

Você deve ter notado que os textos tratam do mesmo assunto, porém os autores utilizam linguagens diferentes.

No texto A, o autor preocupou-se em definir "amor", usando uma linguagem objetiva, científica, sem preocupação artística.

No texto B, o autor trata do mesmo assunto, mas com preocupação literária, artística. De fato, o poeta entra no campo subjetivo, com sua maneira própria de se expressar, utiliza comparações (compara amor com fogo, ferida, contentamento e dor) e serve-se ainda de contrastes que acabam dando graça e força expressiva ao poema (contentamento descontente, dor sem doer, ferida que não se sente, fogo que não se vê).

Questões

1-) Leia o trecho do poema abaixo.

O Poeta da Roça
Sou fio das mata, cantô da mão grosa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio.

Patativa do Assaré

A respeito dele, é possível afirmar que

(A) não pode ser considerado literário, visto que a linguagem aí utilizada não está adequada à norma culta formal.
(B) não pode ser considerado literário, pois nele não se percebe a preservação do patrimônio cultural brasileiro.
(C) não é um texto consagrado pela crítica literária.
(D) trata-se de um texto literário, porque, no processo criativo da Literatura, o trabalho com a linguagem pode aparecer de várias formas: cômica, lúdica, erótica, popular etc
(E) a pobreza vocabular – palavras erradas – não permite que o consideremos um texto literário.

Leia os fragmentos abaixo para responder às questões que seguem:

TEXTO I
O açúcar
O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.
Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.
Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.
Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.
Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Fonte: "O açúcar" (Ferreira Gullar. Toda poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980, pp.227-228)

TEXTO II

A cana-de-açúcar

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

2-) Para que um texto seja literário:
a) basta somente a correção gramatical; isto é, a expressão verbal segundo as leis lógicas ou naturais.
b) deve prescindir daquilo que não tenha correspondência na realidade palpável e externa.
c) deve fugir do inexato, daquilo que confunda a capacidade de compreensão do leitor.
d) deve assemelhar-se a uma ação de desnudamento. O escritor revela, ao escrever, o mundo, e, em especial, revela o Homem aos outros homens.
e) deve revelar diretamente as coisas do mundo: sentimentos, ideias, ações.

3-) Ainda com relação ao textos I e II, assinale a opção incorreta
a) No texto I, em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade.
b) No texto II, de expressão não literária, o autor informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil, etc.
c) O texto I parte de uma palavra do domínio comum – açúcar – e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar – branco, doce, puro – e a vida do trabalhador que o produz – dura, amarga, triste.
d) No texto I, a expressão literária desconstrói hábitos de linguagem, baseando sua recriação no aproveitamento de novas formas de dizer.
e) O texto II não é literário porque, diferentemente do literário, parte de um aspecto da realidade, e não da imaginação.

Gabarito

1-) D

2-) D – Esta alternativa está correta, pois ela remete ao caráter reflexivo do autor de um texto literário, ao passo em que ele revela às pessoas o "seu mundo" de maneira peculiar.

NOVA CONCURSOS

3-) E – o texto I também fala da realidade, mas com um cunho diferente do texto II. No primeiro há uma colocação diferenciada por parte do autor em que o objetivo não é unicamente passar informação, existem outros "motivadores" por trás desta escrita.

É muito comum, entre os candidatos a um cargo público, a preocupação com a interpretação de textos. Isso acontece porque lhes faltam informações específicas a respeito desta tarefa constante em provas relacionadas a concursos públicos.

Por isso, vão aqui alguns detalhes que poderão ajudar no momento de responder às questões relacionadas a textos.

Texto – é um conjunto de ideias organizadas e relacionadas entre si, formando um todo significativo capaz de produzir interação comunicativa (capacidade de codificar e decodificar).

Contexto – um texto é constituído por diversas frases. Em cada uma delas, há uma certa informação que a faz ligar-se com a anterior e/ou com a posterior, criando condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido. A essa interligação dá-se o nome de contexto. Nota-se que o relacionamento entre as frases é tão grande que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá ter um significado diferente daquele inicial.

Intertexto - comumente, os textos apresentam referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações. Esse tipo de recurso denomina-se intertexto.

Interpretação de texto - o primeiro objetivo de uma interpretação de um texto é a identificação de sua ideia principal. A partir daí, localizam-se as ideias secundárias, ou fundamentações, as argumentações, ou explicações, que levem ao esclarecimento das questões apresentadas na prova.

Normalmente, numa prova, o candidato é convidado a:

1. Identificar – é reconhecer os elementos fundamentais de uma argumentação, de um processo, de uma época (neste caso, procuram-se os verbos e os advérbios, os quais definem o tempo).
2. Comparar – é descobrir as relações de semelhança ou de diferenças entre as situações do texto.
3. Comentar - é relacionar o conteúdo apresentado com uma realidade, opinando a respeito.
4. Resumir – é concentrar as ideias centrais e/ou secundárias em um só parágrafo.
5. Parafrasear – é reescrever o texto com outras palavras.

Condições básicas para interpretar

Fazem-se necessários:

a) Conhecimento histórico–literário (escolas e gêneros literários, estrutura do texto), leitura e prática;

b) Conhecimento gramatical, estilístico (qualidades do texto) e semântico;

Observação – na semântica (significado das palavras) incluem-se: homônimos e parônimos, denotação e conotação, sinonímia e antonímia, polissemia, figuras de linguagem, entre outros.

c) Capacidade de observação e de síntese e

d) Capacidade de raciocínio.

Interpretar X compreender

Interpretar significa
- explicar, comentar, julgar, tirar conclusões, deduzir.
- Através do texto, infere-se que...
- É possível deduzir que...
- O autor permite concluir que...
- Qual é a intenção do autor ao afirmar que...

Compreender significa
- intelecção, entendimento, atenção ao que realmente está escrito.
- o texto diz que...
- é sugerido pelo autor que...
- de acordo com o texto, é correta ou errada a afirmação...
- o narrador afirma...

Erros de interpretação

É muito comum, mais do que se imagina, a ocorrência de erros de interpretação. Os mais frequentes são:

a) Extrapolação (viagem)

Ocorre quando se sai do contexto, acrescentado ideias que não estão no texto, quer por conhecimento prévio do tema quer pela imaginação.

b) Redução

É o oposto da extrapolação. Dá-se atenção apenas a um aspecto, esquecendo que um texto é um conjunto de ideias, o que pode ser insuficiente para o total do entendimento do tema desenvolvido.

c) Contradição

Não raro, o texto apresenta ideias contrárias às do candidato, fazendo-o tirar conclusões equivocadas e, consequentemente, errando a questão.

Observação - Muitos pensam que há a ótica do escritor e a ótica do leitor. Pode ser que existam, mas numa prova de concurso, o que deve ser levado em consideração é o que o autor diz e nada mais.

Coesão - é o emprego de mecanismo de sintaxe que relacionam palavras, orações, frases e/ou parágrafos entre si. Em outras palavras, a coesão dá-se quando, através de um pronome relativo, uma conjunção (NEXOS), ou um pronome oblíquo átono, há uma relação correta entre o que se vai dizer e o que já foi dito.

OBSERVAÇÃO – São muitos os erros de coesão no dia-a-dia e, entre eles, está o mau uso do pronome relativo e do pronome oblíquo átono. Este depende da regência do verbo; aquele do seu antecedente. Não se pode esquecer também de que os pronomes relativos têm, cada um, valor semântico, por isso a necessidade de adequação ao antecedente.

Os pronomes relativos são muito importantes na interpretação de texto, pois seu uso incorreto traz erros de coesão. Assim sendo, deve-se levar em consideração que existe um pronome relativo adequado a cada circunstância, a saber:

que (neutro) - relaciona-se com qualquer antecedente, mas depende das condições da frase.
qual (neutro) idem ao anterior.
quem (pessoa)
cujo (posse) - antes dele aparece o possuidor e depois o objeto possuído.
como (modo)
onde (lugar)
quando (tempo)
quanto (montante)

Exemplo:
Falou tudo QUANTO queria (correto)
Falou tudo QUE queria (errado - antes do QUE, deveria aparecer o demonstrativo O).

Dicas para melhorar a interpretação de textos

- Ler todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto;
- Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura;
- Ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos duas vezes;
- Inferir;
- Voltar ao texto tantas quantas vezes precisar;
- Não permitir que prevaleçam suas ideias sobre as do autor;
- Fragmentar o texto (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
- Verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
- O autor defende ideias e você deve percebê-las;

Segundo Fiorin:

-Pressupostos – informações implícitas decorrentes necessariamente de palavras ou expressões contidas na frase.
- Subentendidos – insinuações não marcadas claramente na linguagem.
- Pressupostos – verdadeiros ou admitidos como tal.
- Subentendidos – de responsabilidade do ouvinte.
- Falante não pode negar que tenha querido transmitir a informação expressa pelo pressuposto, mas pode negar que tenha desejado transmitir a informação expressa pelo subentendido.
- Negação da informação não nega o pressuposto.
- Pressuposto não verdadeiro – informação explícita absurda.
- Principais marcadores de pressupostos: a) adjetivos; b) verbos; c) advérbios; d) orações adjetivas; e) conjunções.

QUESTÕES

(Agente Estadual de Trânsito – DETRAN - SP – Vunesp/2013)

O uso da bicicleta no Brasil

A utilização da bicicleta como meio de locomoção no Brasil ainda conta com poucos adeptos, em comparação com países como Holanda e Inglaterra, por exemplo, nos quais a bicicleta é um dos principais veículos nas ruas. Apesar disso, cada vez mais pessoas começam a acreditar que a bicicleta é, numa comparação entre todos os meios de transporte, um dos que oferecem mais vantagens.

A bicicleta já pode ser comparada a carros, motocicletas e a outros veículos que, por lei, devem andar na via e jamais na calçada. Bicicletas, triciclos e outras variações são todos considerados veículos, com direito de circulação pelas ruas e prioridade sobre os automotores.

Alguns dos motivos pelos quais as pessoas aderem à bicicleta no dia a dia são: a valorização da sustentabilidade, pois as bikes não emitem gases nocivos ao ambiente, não consomem petróleo e produzem muito menos sucata de metais, plásticos e borracha; a diminuição dos congestionamentos por excesso de veículos motorizados, que atingem principalmente as grandes cidades; o favorecimento da saúde, pois pedalar é um exercício físico muito bom; e a economia no combustível, na manutenção, no seguro e, claro, nos impostos.

No Brasil, está sendo implantado o sistema de compartilhamento de bicicletas. Em Porto Alegre, por exemplo, o BikePOA é um projeto de sustentabilidade da Prefeitura, em parceria com o sistema de Bicicletas SAMBA, com quase um ano de operação. Depois de Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Sorocaba e outras cidades espalhadas pelo país aderirem a esse sistema, mais duas capitais já estão com o projeto pronto em 2013: Recife e Goiânia. A ideia do compartilhamento é semelhante em todas as cidades. Em Porto Alegre, os usuários devem fazer um cadastro pelo site. O valor do passe mensal é R$10 e o do passe diário, R$5, podendo-se utilizar o sistema durante todo o dia, das 6h às 22h, nas duas modalidades. Em todas as cidades que já aderiram ao projeto, as bicicletas estão espalhadas em pontos estratégicos.

A cultura do uso da bicicleta como meio de locomoção não está consolidada em nossa sociedade. Muitos ainda não sabem que a bicicleta já é considerada um meio de transporte, ou desconhecem as leis que abrangem a bike.

Na confusão de um trânsito caótico numa cidade grande, carros, motocicletas, ônibus e, agora, bicicletas, misturam-se, causando, muitas vezes, discussões e acidentes que poderiam ser evitados.

Ainda são comuns os acidentes que atingem ciclistas. A verdade é que, quando expostos nas vias públicas, eles estão totalmente vulneráveis em cima de suas bicicletas. Por isso é tão importante usar capacete e outros itens de segurança. A maior parte dos motoristas de carros, ônibus, motocicletas e caminhões desconhece as leis que abrangem os direitos dos ciclistas. Mas muitos ciclistas também ignoram seus direitos e deveres. Alguém que resolve integrar a bike ao seu estilo de vida e usá-la como meio de locomoção precisa compreender que deverá gastar com alguns apetrechos necessários para poder trafegar. De acordo com o Código de Trânsito Brasileiro, as bicicletas devem, obrigatoriamente, ser equipadas com campainha, sinalização noturna dianteira, traseira, lateral e nos pedais, além de espelho retrovisor do lado esquerdo.

(Bárbara Moreira, http://www.eusoufamecos.net. Adaptado)

01. De acordo com o texto, o uso da bicicleta como meio de locomoção nas metrópoles brasileiras

(A) decresce em comparação com Holanda e Inglaterra devido à falta de regulamentação.

(B) vem se intensificando paulatinamente e tem sido incentivado em várias cidades.

(C) tornou-se, rapidamente, um hábito cultivado pela maioria dos moradores.

(D) é uma alternativa dispendiosa em comparação com os demais meios de transporte.

(E) tem sido rejeitado por consistir em uma atividade arriscada e pouco salutar.

02. A partir da leitura, é correto concluir que um dos objetivos centrais do texto é

(A) informar o leitor sobre alguns direitos e deveres do ciclista.

(B) convencer o leitor de que circular em uma bicicleta é mais seguro do que dirigir um carro.

(C) mostrar que não há legislação acerca do uso da bicicleta no Brasil.

(D) explicar de que maneira o uso da bicicleta como meio de locomoção se consolidou no Brasil.

(E) defender que, quando circular na calçada, o ciclista deve dar prioridade ao pedestre.

(Oficial Estadual de Trânsito - DETRAN-SP - Vunesp 2013) Leia o texto para responder às questões de 3 a 5

Propensão à ira de trânsito

Dirigir um carro é estressante, além de inerentemente perigoso. Mesmo que o indivíduo seja o motorista mais seguro do mundo, existem muitas variáveis de risco no trânsito, como clima, acidentes de trânsito e obras nas ruas. E com relação a todas as outras pessoas nas ruas? Algumas não são apenas maus motoristas, sem condições de dirigir, mas também se engajam num comportamento de risco – algumas até agem especificamente para irritar o outro motorista ou impedir que este chegue onde precisa.

Essa é a evolução de pensamento que alguém poderá ter antes de passar para a ira de trânsito de fato, levando um motorista a tomar decisões irracionais.

Dirigir pode ser uma experiência arriscada e emocionante. Para muitos de nós, os carros são a extensão de nossa personalidade e podem ser o bem mais valioso que possuímos. Dirigir pode ser a expressão de liberdade para alguns, mas também é uma atividade que tende a aumentar os níveis de estresse, mesmo que não tenhamos consciência disso no momento.

Dirigir é também uma atividade comunitária. Uma vez que entra no trânsito, você se junta a uma comunidade de outros motoristas, todos com seus objetivos, medos e habilidades ao volante. Os psicólogos Leon James e Diane Nahl dizem que um dos fatores da ira de trânsito é a tendência de nos concentrarmos em nós mesmos, descartando o aspecto comunitário do ato de dirigir.

Como perito do Congresso em Psicologia do Trânsito, o Dr. James acredita que a causa principal da ira de trânsito não são os congestionamentos ou mais motoristas nas ruas, e sim como nossa cultura visualiza a direção agressiva. As crianças aprendem que as regras normais em relação ao comportamento e à civilidade não se aplicam quando dirigimos um carro. Elas podem ver seus pais envolvidos em comportamentos de disputa ao volante, mudando de faixa continuamente ou dirigindo em alta velocidade, sempre com pressa para chegar ao destino.

Para complicar as coisas, por vários anos psicólogos sugeriam que o melhor meio para aliviar a raiva era descarregar a frustração. Estudos mostram, no entanto, que a descarga de frustrações não ajuda a aliviar a raiva. Em uma situação de ira de trânsito, a descarga de frustrações pode transformar um incidente em uma violenta briga.

Com isso em mente, não é surpresa que brigas violentas aconteçam algumas vezes. A maioria das pessoas está predisposta a apresentar um comportamento irracional quando dirige. Dr. James vai ainda além e afirma que a maior parte das pessoas fica emocionalmente incapacitada quando dirige. O que deve ser feito, dizem os psicólogos, é estar ciente de seu estado emocional e fazer as escolhas corretas, mesmo quando estiver tentado a agir só com a emoção.

(Jonathan Strickland. Disponível em: http://carros.hsw.uol.com.br/furia-no-transito1 .htm. Acesso em: 01.08.2013. Adaptado)

3-) Tomando por base as informações contidas no texto, é correto afirmar que

(A) os comportamentos de disputa ao volante acontecem à medida que os motoristas se envolvem em decisões conscientes.

(B) segundo psicólogos, as brigas no trânsito são causadas pela constante preocupação dos motoristas com o aspecto comunitário do ato de dirigir.

(C) para Dr. James, o grande número de carros nas ruas é o principal motivo que provoca, nos motoristas, uma direção agressiva.

(D) o ato de dirigir um carro envolve uma série de experiências e atividades não só individuais como também sociais.

(E) dirigir mal pode estar associado à falta de controle das emoções positivas por parte dos motoristas.

4. A ira de trânsito

A) aprimora uma atitude de reconhecimento de regras.

(B) implica tomada de decisões sem racionalidade.

(C) conduz a um comportamento coerente.

(D) resulta do comportamento essencialmente comunitário dos motoristas.

(E) decorre de imperícia na condução de um veículo.

5. De acordo com o perito Dr. James,

(A) os congestionamentos representam o principal fator para a ira no trânsito.

(B) a cultura dos motoristas é fator determinante para o aumento de suas frustrações.

(C) o motorista, ao dirigir, deve ser individualista em suas ações, a fim de expressar sua liberdade e garantir que outros motoristas não o irritem.

(D) a principal causa da direção agressiva é o desconhecimento das regras de trânsito.

(E) o comportamento dos pais ao dirigirem com ira contradiz o aprendizado das crianças em relação às regras de civilidade.

(TRF 3ª região/2014) Para responder às questões de números 6 e 7 considere o texto abaixo.

Toda ficção científica, de Metrópolis ao Senhor dos anéis, baseia-se, essencialmente, no que está acontecendo no mundo no momento em que o filme foi feito. Não no futuro ou numa galáxia distante, muitos e muitos anos atrás, mas agora mesmo, no presente, simbolizado em projeções que nos confortam e tranquilizam ao nos oferecer uma adequada distância de tempo e espaço.

Na ficção científica, a sociedade se permite sonhar seus piores problemas: desumanização, superpopulação, totalitarismo, loucura, fome, epidemias. Não se imita a realidade, mas imagina-se, sonha-se, cria-se outra realidade onde possamos colocar e resolver no plano da imaginação tudo o que nos incomoda no cotidiano. O elemento essencial para guiar a lógica interna do gênero, cuja quebra implica o fim da magia, é a ciência. Por isso, tecnologia é essencial ao gênero. Parte do poder desse tipo de magia cinematográfica está em concretizar, diante dos nossos olhos, objetos possíveis, mas inexistentes: carros voadores, robôs inteligentes. Como parte dessas coisas imaginadas acaba se tornando realidade, o gênero reforça a sensação de que estamos vendo na tela projeções das nossas possibilidades coletivas futuras.

(Adaptado de: BAHIANA, Ana Maria. Como ver um filme. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. formato ebook.)

6-) Considere:

I. Segundo o texto, na ficção científica abordam-se, com distanciamento de tempo e espaço, questões controversas e moralmente incômodas da sociedade atual, de modo que a solução oferecida pela fantasia possa ser aplicada para resolver os problemas da realidade.

II. Parte do poder de convencimento da ficção científica deriva do fato de serem apresentados ao espectador objetos imaginários que, embora não existam na vida real, estão, de algum modo, conectados à realidade.

III. A ficção científica extrapola os limites da realidade, mas baseia-se naquilo que, pelo menos em teoria, acredita-se que seja possível.

Está correto o que se afirma APENAS em

(A) III.

(B) I e II.

(C) I e III.

(D) II e III.

(E) II.

7-) Sem prejuízo para o sentido original e a correção gramatical, o termo sonhar, em ... a sociedade se permite sonhar seus piores problemas... (2o parágrafo), pode ser substituído por:

(A) descansar.

(B) desprezar.

(C) esquecer.

(D) fugir.

(E) imaginar.

(TRF 3ª região/2014) Atenção: Para responder às questões de números 8 a 10 considere o texto abaixo.

Texto I

O canto das sereias é uma imagem que remonta às mais luminosas fontes da mitologia e da literatura gregas. As versões da fábula variam, mas o sentido geral da trama é comum.

As sereias eram criaturas sobre-humanas. Ninfas de extraordinária beleza, viviam sozinhas numa ilha do Mediterrâneo, mas tinham o dom de chamar a si os navegantes, graças ao irresistível poder de sedução do seu canto. Atraídos por aquela melodia divina, os navios batiam nos recifes submersos da beira-mar e naufragavam. As sereias então devoravam impiedosamente os tripulantes.

Doce o caminho, amargo o fim. Como escapar com vida do canto das sereias? A literatura grega registra duas soluções vitoriosas. Uma delas foi a saída encontrada por Orfeu, o incomparável gênio da música e da poesia.

Quando a embarcação na qual ele navegava entrou inadvertidamente no raio de ação das sereias, ele conseguiu impedir a tripulação de perder a cabeça tocando uma música ainda mais sublime do que aquela que vinha da ilha. O navio atravessou incólume a zona de perigo.

A outra solução foi a de Ulisses. Sua principal arma para vencer as sereias foi o reconhecimento franco e corajoso da sua fraqueza e da sua falibilidade – a aceitação dos seus inescapáveis limites humanos.

Ulisses sabia que ele e seus homens não teriam firmeza para resistir ao apelo das sereias. Por isso, no momento em que a embarcação se aproximou da ilha, mandou que todos os tripulantes tapassem os ouvidos com cera e ordenou que o amarrassem ao mastro central do navio. O surpreendente é que Ulisses não tapou com cera os próprios ouvidos – ele quis ouvir. Quando chegou a hora, Ulisses foi seduzido pelas sereias e fez de tudo para convencer os tripulantes a deixarem-no livre para ir juntar-se a elas. Seus subordinados, contudo, cumpriram fielmente a ordem de não soltá-lo até que estivessem longe da zona de perigo.

Orfeu escapou das sereias como divindade; Ulisses, como mortal. Ao se aproximar das sereias, a escolha diante do herói era clara: a falsa promessa de gratificação imediata, de um lado, e o bem permanente do seu projeto de vida – prosseguir viagem, retornar a Ítaca, reconquistar Penélope –, do outro. A verdadeira vitória de Ulisses foi contra ele mesmo. Foi contra a fraqueza, o oportunismo suicida e a surdez delirante que ele soube reconhecer em sua própria alma.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Auto-engano. São Paulo, Cia. das Letras, 1997. Formato eBOOK)

8-) Há no texto

(A) comparação entre os meios que Orfeu e Ulisses usam para enfrentar o desafio que se apresenta a eles.

(B) rivalidade entre o mortal Ulisses e o divino Orfeu, cujo talento musical causava inveja ao primeiro.

(C) juízo de valor a respeito das atitudes das sereias em relação aos navegantes e elogio à astúcia de Orfeu.

(D) crítica à forma pouco original com que Orfeu decide enganar as sereias e elogio à astúcia de Ulisses.

(E) censura à atitude arriscada de Ulisses, cuja ousadia quase lhe custou seu projeto de vida.

9-) Depreende-se do texto que as sereias atingiam seus objetivos por meio de

(A) intolerância.
(B) dissimulação.
(C) lisura.
(D) observação.
(E) condescendência.

10-) O navio atravessou <u>*incólume*</u> a zona de perigo. (4o parágrafo). Mantém-se o sentido original do texto substituindo-se o elemento grifado por

(A) insolente.
(B) inatingível.
(C) intacto.
(D) inativo.
(E) impalpável.

GABARITO

1- B 2-A 3-D 4-B 5-E
6- D 7-E 8-A 9-B 10-C

SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS. SENTIDO PRÓPRIO E FIGURADO DAS PALAVRAS.

Semântica é o estudo da significação das palavras e das suas mudanças de significação através do tempo ou em determinada época. A maior importância está em distinguir sinônimos e antônimos (sinonímia / antonímia) e homônimos e parônimos (homonímia / paronímia).

Sinônimos

São palavras de sentido igual ou aproximado: *alfabeto - abecedário; brado, grito - clamor; extinguir, apagar - abolir*.

Duas palavras são totalmente sinônimas quando são substituíveis, uma pela outra, em qualquer contexto (*cara* e *rosto*, por exemplo); são parcialmente sinônimas quando, ocasionalmente, podem ser substituídas, uma pela outra, em determinado enunciado (*aguardar* e *esperar)*.

Observação: A contribuição greco-latina é responsável pela existência de numerosos pares de sinônimos: *adversário e antagonista; translúcido e diáfano; semicírculo e hemiciclo; contraveneno e antídoto; moral e ética; colóquio e diálogo; transformação e metamorfose; oposição e antítese*.

Antônimos

São palavras que se opõem através de seu significado: *ordem - anarquia; soberba - humildade; louvar - censurar; mal - bem*.

Observação: A antonímia pode se originar de um prefixo de sentido oposto ou negativo: *bendizer e maldizer; simpático e antipático; progredir e regredir; concórdia e discórdia; ativo e inativo; esperar e desesperar; comunista e anticomunista; simétrico e assimétrico*.

Homônimos e Parônimos

- Homônimos = palavras que possuem a mesma grafia ou a mesma pronúncia, mas significados diferentes. Podem ser

a) **Homógrafas**: são palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia:

rego (subst.) e rego (verbo);
colher (verbo) e colher (subst.);
jogo (subst.) e jogo (verbo);
denúncia (subst.) e denuncia (verbo);
providência (subst.) e providencia (verbo).

b) **Homófonas**: são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita:

acender (atear) e ascender (subir);
concertar (harmonizar) e consertar (reparar);
cela (compartimento) e sela (arreio);
censo (recenseamento) e senso (juízo);
paço (palácio) e passo (andar).

c) **Homógrafas e homófonas** simultaneamente (ou **perfeitas**): São palavras iguais na escrita e na pronúncia:

caminho (subst.) e caminho (verbo);
cedo (verbo) e cedo (adv.);
livre (adj.) e livre (verbo).

- *Parônimos* = palavras com sentidos diferentes, porém de formas relativamente próximas. São palavras parecidas na escrita e na pronúncia: *cesta* (receptáculo de vime; cesta de basquete/esporte) e *sesta* (descanso após o almoço), *eminente* (ilustre) e *iminente* (que está para ocorrer), *osso* (substantivo) e *ouço* (verbo), *sede* (substantivo e/ou verbo "ser" no imperativo) e *cede* (verbo), *comprimento* (medida) e *cumprimento* (saudação), *autuar* (processar) e *atuar* (agir), *infligir* (aplicar pena) e *infringir* (violar), *deferir* (atender a) e *diferir* (divergir), *suar* (transpirar) e *soar* (emitir som), *aprender* (conhecer) e *apreender* (assimilar; apropriar-se de), *tráfico* (comércio ilegal) e *tráfego* (relativo a movimento, trânsito), *mandato* (procuração) e *mandado* (ordem), *emergir* (subir à superfície) e *imergir* (mergulhar, afundar).

Hiperonímia e Hiponímia

Hipônimos e hiperônimos são palavras que pertencem a um mesmo campo semântico (de sentido), sendo o hipônimo uma palavra de sentido mais específico; o hiperônimo, mais abrangente.

O hiperônimo impõe as suas propriedades ao hipônimo, criando, assim, uma relação de dependência semântica. Por exemplo: **Veículos** está numa relação de hiperonímia com **carros**, já que ***veículos*** é uma palavra de significado genérico, incluindo *motos, ônibus, caminhões*. *Veículos* é um hiperônimo de *carros*.

Um hiperônimo pode substituir seus hipônimos em quaisquer contextos, mas o oposto não é possível. A utilização correta dos hiperônimos, ao redigir um texto, evita a repetição desnecessária de termos.

Fontes de pesquisa:
http://www.coladaweb.com/portugues/sinonimos,-antonimos,-homonimos-e-paronimos
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 1 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.
XIMENES, Sérgio. *Minidicionário Ediouro da Lìngua Portuguesa* – 2ªed. reform. – São Paulo: Ediouro, 2000.

Denotação e Conotação

Exemplos de variação no significado das palavras:

Os domadores conseguiram enjaular a fera. (sentido literal)
Ele ficou uma fera quando soube da notícia. (sentido figurado)
Aquela aluna é fera na matemática. (sentido figurado)

As variações nos significados das palavras ocasionam o sentido denotativo (denotação) e o sentido conotativo (conotação) das palavras.

Denotação

Uma palavra é usada no sentido denotativo quando apresenta seu significado original, independentemente do contexto em que aparece. Refere-se ao seu significado mais objetivo e comum, aquele imediatamente reconhecido e muitas vezes associado ao primeiro significado que aparece nos dicionários, sendo o significado mais literal da palavra.

A denotação tem como finalidade informar o receptor da mensagem de forma clara e objetiva, assumindo um caráter prático. É utilizada em textos informativos, como jornais, regulamentos, manuais de instrução, bulas de medicamentos, textos científicos, entre outros. A palavra "pau", por exemplo, em seu sentido denotativo é apenas um pedaço de madeira. Outros exemplos:

O elefante é um mamífero.
As estrelas deixam o céu mais bonito!

Conotação

Uma palavra é usada no sentido conotativo quando apresenta diferentes significados, sujeitos a diferentes interpretações, dependendo do contexto em que esteja inserida, referindo-se a sentidos, associações e ideias que vão além do sentido original da palavra, ampliando sua significação mediante a circunstância em que a mesma é utilizada, assumindo um sentido figurado e simbólico. Como no exemplo da palavra "pau": em seu sentido conotativo ela pode significar castigo (dar-lhe um pau), reprovação (tomei pau no concurso).

A conotação tem como finalidade provocar sentimentos no receptor da mensagem, através da expressividade e afetividade que transmite. É utilizada principalmente numa linguagem poética e na literatura, mas também ocorre em conversas cotidianas, em letras de música, em anúncios publicitários, entre outros. Exemplos:

Você é o meu sol!
Minha vida é um mar de tristezas.
Você tem um coração de pedra!

* **Dica:** Procure associar **D**enotação com **D**icionário: trata-se de definição literal, quando o termo é utilizado com o sentido que consta no dicionário.

Fontes de pesquisa:
http://www.normaculta.com.br/conotacao-e-denotacao/
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 1 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Polissemia

Polissemia é a propriedade de uma palavra adquirir multiplicidade de sentidos, que só se explicam dentro de um contexto. Trata-se, realmente, de uma única palavra, mas que abarca um grande número de significados dentro de seu próprio campo semântico.

Reportando-nos ao conceito de Polissemia, logo percebemos que o prefixo "poli" significa multiplicidade de algo. Possibilidades de várias interpretações levando-se em consideração as situações de aplicabilidade. Há uma infinidade de exemplos em que podemos verificar a ocorrência da polissemia:

O rapaz é um tremendo gato.

O gato do vizinho é peralta.

Precisei fazer um gato para que a energia voltasse.

Pedro costuma fazer alguns "bicos" para garantir sua sobrevivência

O passarinho foi atingido no bico.

Nas expressões polissêmicas *rede de deitar, rede de computadores* e *rede elétrica,* por exemplo, temos em comum a palavra "rede", que dá às expressões o sentido de "entrelaçamento". Outro exemplo é a palavra "xadrez", que pode ser utilizada representando "tecido", "prisão" ou "jogo" – o sentido comum entre todas as expressões é o formato quadriculado que têm.

Polissemia e homonímia

A confusão entre polissemia e homonímia é bastante comum. Quando a mesma palavra apresenta *vários significados*, estamos na presença da *polissemia*. Por outro lado, quando duas ou mais palavras com origens e *significados distintos têm a mesma grafia e fonologia*, temos uma *homonímia*.

A palavra "manga" é um caso de homonímia. Ela pode significar uma fruta ou uma parte de uma camisa. Não é polissemia porque os diferentes significados para a palavra "manga" têm origens diferentes. "Letra" é uma palavra polissêmica: pode significar o elemento básico do alfabeto, o texto de uma canção ou a caligrafia de um determinado indivíduo. Neste caso, os diferentes significados estão interligados porque remetem para o mesmo conceito, o da escrita.

Polissemia e ambiguidade

Polissemia e ambiguidade têm um grande impacto na interpretação. Na língua portuguesa, um enunciado pode ser ambíguo, ou seja, apresentar mais de uma interpretação. Esta ambiguidade pode ocorrer devido à colocação específica de uma palavra (por exemplo, um advérbio) em uma frase. Vejamos a seguinte frase:

Pessoas que têm uma alimentação equilibrada frequentemente são felizes.

Neste caso podem existir duas interpretações diferentes:

As pessoas têm alimentação equilibrada porque são felizes ou são felizes porque têm uma alimentação equilibrada.

De igual forma, quando uma palavra é polissêmica, ela pode induzir uma pessoa a fazer mais do que uma interpretação. Para fazer a interpretação correta é muito importante saber qual o contexto em que a frase é proferida.

Muitas vezes, a disposição das palavras na construção do enunciado pode gerar ambiguidade ou, até mesmo, comicidade. Repare na figura abaixo:

(http://www.humorbabaca.com/fotos/diversas/corto-cabelo-e-pinto. Acesso em 15/9/2014).

Poderíamos corrigir o cartaz de inúmeras maneiras, mas duas seriam:

Corte e coloração capilar

ou

Faço corte e pintura capilar

Fontes de pesquisa:

http://www.brasilescola.com/gramatica/polissemia.htm

Português linguagens: volume 1 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Figura de Linguagem, Pensamento e Construção

Figura de Palavra

A figura de palavra consiste na substituição de uma palavra por outra, isto é, no emprego figurado, simbólico, seja por uma relação muito próxima (contiguidade), seja por uma associação, uma comparação, uma similaridade. Estes dois conceitos básicos - contiguidade e similaridade - permitem-nos reconhecer dois tipos de figuras de palavras: *a metáfora* e *a metonímia*.

Metáfora

Consiste em utilizar uma palavra ou uma expressão em lugar de outra, sem que haja uma relação real, mas em virtude da circunstância de que o nosso espírito as associa e percebe entre elas certas semelhanças. É o emprego da palavra fora de seu sentido normal.

Observação: toda metáfora é uma espécie de comparação implícita, em que o elemento comparativo não aparece.

Seus olhos são como luzes brilhantes.

O exemplo acima mostra uma comparação evidente, através do emprego da palavra *como*.

Observe agora: *Seus olhos são luzes brilhantes.*

Neste exemplo não há mais uma comparação (note a ausência da partícula comparativa), e sim símile, ou seja, qualidade do que é semelhante.

Por fim, no exemplo: *As luzes brilhantes olhavam-me.* Há substituição da palavra olhos por luzes brilhantes. Esta é a verdadeira metáfora.

Observe outros exemplos:

1) *"Meu pensamento é um rio subterrâneo."* (Fernando Pessoa)

Neste caso, a metáfora é possível na medida em que o poeta estabelece relações de semelhança entre um rio subterrâneo e seu pensamento (pode estar relacionando a fluidez, a profundidade, a inatingibilidade, etc.).

2) *Minha alma é uma estrada de terra que leva a lugar algum.*

Uma estrada de terra que leva a lugar algum é, na frase acima, uma metáfora. Por trás do uso dessa expressão que indica uma alma rústica e abandonada (e angustiadamente inútil), há uma comparação subentendida: *Minha alma é tão rústica, abandonada (e inútil) quanto uma estrada de terra que leva a lugar algum.*

A Amazônia é o pulmão do mundo.
Em sua mente povoa só inveja.

Metonímia

É a substituição de um nome por outro, em virtude de existir entre eles algum relacionamento. Tal substituição pode acontecer dos seguintes modos:

1 - Autor pela obra: *Gosto de ler Machado de Ass*is. (= Gosto de ler a obra literária de Machado de Assis).

2 - Inventor pelo invento: *Édson ilumina o mundo*. (= As lâmpadas iluminam o mundo).

3 - Símbolo pelo objeto simbolizado: *Não te afastes da cruz*. (= Não te afastes da religião).

4 - Lugar pelo produto do lugar: *Fumei um saboroso Havana*. (= Fumei um saboroso charuto).

5 - Efeito pela causa: *Sócrates bebeu a morte*. (= Sócrates tomou veneno).

6 - Causa pelo efeito: *Moro no campo e como do meu trabalho*. (= Moro no campo e como o alimento que produzo).

7 - Continente pelo conteúdo: *Bebeu o cálice todo*. (= Bebeu todo o líquido que estava no cálice).

8 - Instrumento pela pessoa que utiliza: *Os microfones foram atrás dos jogadores*. (= Os repórteres foram atrás dos jogadores).

9 - Parte pelo todo: *Várias pernas passavam apressadamente.* (= Várias pessoas passavam apressadamente).

10 - Gênero pela espécie: *Os mortais pensam e sofrem nesse mundo.* (= Os homens pensam e sofrem nesse mundo).

11 - Singular pelo plural: *A mulher foi chamada para ir às ruas na luta por seus direitos*. (= As mulheres foram chamadas, não apenas uma mulher).

12 - Marca pelo produto: *Minha filha adora danone*. (= Minha filha adora o iogurte que é da marca Danone).

13 - Espécie pelo indivíduo: *O homem foi à Lua*. (= Alguns astronautas foram à Lua).

14 - Símbolo pela coisa simbolizada: *A balança penderá para teu lado.* (= A justiça ficará do teu lado).

Saiba que: *Sinédoque* se relaciona com o conceito de extensão (como nos exemplos 9, 10 e 11, acima), enquanto que a *metonímia* abrange apenas os casos de analogia ou de relação. Não há necessidade, atualmente, de se fazer distinção entre ambas as figuras.

Catacrese

Trata-se de uma metáfora que, dado seu uso contínuo, cristalizou-se. A catacrese costuma ocorrer quando, por falta de um termo específico para designar um conceito, toma-se outro "emprestado". Assim, passamos a empregar algumas palavras fora de seu sentido original. Exemplos: *"asa da xícara", "batata da perna", "maçã do rosto", "pé da mesa", "braço da cadeira", "coroa do abacaxi".*

Perífrase ou Antonomásia

Trata-se de uma expressão que designa um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou. É a substituição de um nome por outro ou por uma expressão que facilmente o identifique:

A Cidade Maravilhosa (= Rio de Janeiro*) continua atraindo visitantes do mundo todo*.

A Cidade-Luz (=Paris)

O rei das selvas (=o leão)

Observação: **quando a perífrase indica uma pessoa, recebe o nome de antonomásia.** Exemplos:

O Divino Mestre (= Jesus Cristo) passou a vida praticando o bem.

O Poeta dos Escravos (= Castro Alves) morreu muito jovem.

O Poeta da Vila (= Noel Rosa) compôs lindas canções.

Sinestesia

Consiste em mesclar, numa mesma expressão, as sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido. É o cruzamento de sensações distintas.

Um grito áspero revelava tudo o que sentia. (grito = auditivo; áspero = tátil)

No silêncio escuro do seu quarto, aguardava os acontecimentos. (silêncio = auditivo; escuro = visual)

Tosse gorda. (sensação auditiva X sensação tátil)

Fontes de pesquisa:
http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil2.php
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 1 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Antítese

Consiste no emprego de palavras que se opõem quanto ao sentido. O contraste que se estabelece serve, essencialmente, para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos que não se conseguiria com a exposição isolada dos mesmos. Observe os exemplos:
"O mito é o nada que é tudo." (Fernando Pessoa)
O corpo é grande e a alma é pequena.
"Quando um muro separa, uma ponte une."
Não há gosto sem desgosto.

Paradoxo ou oximoro

É a associação de ideias, além de contrastantes, contraditórias. Seria a antítese ao extremo.
Era dor, sim, mas uma dor deliciosa.
Ouvimos as vozes do silêncio.

Eufemismo

É o emprego de uma expressão mais suave, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante.
Depois de muito sofrimento, entregou a alma ao Senhor. (= morreu)
O prefeito ficou rico por meios ilícitos. (= roubou)
Fernando faltou com a verdade. (= mentiu)
Faltar à verdade. (= mentir)

Ironia

É sugerir, pela entoação e contexto, o contrário do que as palavras ou frases expressam, geralmente apresentando intenção sarcástica. A ironia deve ser muito bem construída para que cumpra a sua finalidade; mal construída, pode passar uma ideia exatamente oposta à desejada pelo emissor.
Como você foi bem na prova! Não tirou nem a nota mínima.
Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.
O governador foi sutil como um elefante.

Hipérbole

É a expressão intencionalmente exagerada com o intuito de realçar uma ideia.
Faria isso milhões de vezes se fosse preciso.
"Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac)
O concurseiro quase morre de tanto estudar!

Prosopopeia ou Personificação

É a atribuição de ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos. Observe os exemplos:
As pedras andam vagarosamente.
O livro é um mudo que fala, um surdo que ouve, um cego que guia.
A floresta gesticulava nervosamente diante da serra.
Chora, violão.

Apóstrofe

Consiste na "invocação" de alguém ou de alguma coisa personificada, de acordo com o objetivo do discurso, que pode ser poético, sagrado ou profano. Caracteriza-se pelo chamamento do receptor da mensagem, seja ele imaginário ou não. A introdução da apóstrofe interrompe a linha de pensamento do discurso, destacando-se assim a entidade a que se dirige e a ideia que se pretende pôr em evidência com tal invocação. Realiza-se por meio do vocativo. Exemplos:
Moça, que fazes aí parada?
"Pai Nosso, que estais no céu"
Deus, ó Deus! Onde estás?

Gradação

Apresentação de ideias por meio de palavras, sinônimas ou não, em ordem ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax). Observe este exemplo:
Havia o céu, havia a terra, muita gente e mais Joana com seus olhos claros e brincalhões...

O objetivo do narrador é mostrar a expressividade dos olhos de Joana. Para chegar a este detalhe, ele se refere ao céu, à terra, às pessoas e, finalmente, a Joana e seus olhos. Nota-se que o pensamento foi expresso em ordem decrescente de intensidade. Outros exemplos:
"Vive só para mim, só para a minha vida, só para meu amor". (Olavo Bilac)
"O trigo... nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se." (Padre Antônio Vieira)

Fontes de pesquisa:
http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil5.php
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 1 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

As figuras de construção (ou sintática, de sintaxe) ocorrem quando desejamos atribuir maior expressividade ao significado. Assim, a lógica da frase é substituída pela maior expressividade que se dá ao sentido.

Elipse

Consiste na omissão de um ou mais termos numa oração e que podem ser facilmente identificados, tanto por elementos gramaticais presentes na própria oração, quanto pelo contexto.

A catedral da Sé. (a igreja catedral)

Domingo irei ao estádio. (no domingo eu irei ao estádio)

Zeugma

Zeugma é uma forma de elipse. Ocorre quando é feita a omissão de um termo já mencionado anteriormente.

Ele gosta de geografia; eu, de português. (eu gosto de português)

Na casa dela só havia móveis antigos; na minha, só modernos. (só havia móveis)

Ela gosta de natação; eu, de vôlei. (gosto de)

Silepse

A silepse é a concordância que se faz com o termo que não está expresso no texto, mas, sim, subentendido. É uma concordância anormal, psicológica, porque se faz com um termo oculto, facilmente identificado. Há três tipos de silepse: *de gênero, número* e *pessoa*.

Silepse de Gênero - Os gêneros são masculino e feminino. Ocorre a silepse de gênero quando a concordância se faz com a ideia que o termo comporta. Exemplos:

1) A bonita Porto Velho sofreu mais uma vez com o calor intenso.

Neste caso, o adjetivo *bonita* não está concordando com o termo *Porto Velho*, que gramaticalmente pertence ao gênero masculino, mas com a ideia contida no termo (*a cidade de Porto Velho*).

2) Vossa Excelência está preocupado.

O adjetivo *preocupado* concorda com o sexo da pessoa, que nesse caso é masculino, e não com o termo *Vossa Excelência*.

Silepse de Número - Os números são singular e plural. A silepse de número ocorre quando o verbo da oração não concorda gramaticalmente com o sujeito da oração, mas com a ideia que nele está contida. Exemplos:

A procissão saiu. Andaram por todas as ruas da cidade de Salvador.

O povo corria por todos os lados e gritavam muito alto.

Note que nos exemplos acima, os verbos *andaram* e *gritavam* não concordam gramaticalmente com os sujeitos das orações (que se encontram no singular, *procissão* e *povo*, respectivamente), mas com a ideia que neles está contida. Procissão e povo dão a ideia de muita gente, por isso que os verbos estão no plural.

Silepse de Pessoa - Três são as pessoas gramaticais: *eu*, *tu* e *ele* (as três pessoas do singular); *nós*, *vós, eles* (as três do plural). A silepse de pessoa ocorre quando há um desvio de concordância. O verbo, mais uma vez, não concorda com o sujeito da oração, mas sim com a pessoa que está inscrita no sujeito. Exemplos:

O que não compreendo é como os brasileiros persistamos em aceitar essa situação.

Os agricultores temos orgulho de nosso trabalho.

"Dizem que os cariocas somos poucos dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)

Observe que os verbos *persistamos*, *temos* e *somos* não concordam gramaticalmente com os seus sujeitos (*brasileiros, agricultores* e *cariocas*, que estão na terceira pessoa), mas com a ideia que neles está contida (*nós, os brasileiros, os agricultores* e *os cariocas*).

Polissíndeto / Assíndeto

Para estudarmos as duas figuras de construção é necessário recordar um conceito estudado em sintaxe sobre período composto. No período composto por coordenação, podemos ter orações sindéticas ou assindéticas. A oração coordenada ligada por uma conjunção (conectivo) é sindética; a oração que não apresenta conectivo é assindética. Recordado esse conceito, podemos definir as duas figuras de construção:

1) Polissíndeto - É uma figura caracterizada pela repetição enfática dos conectivos. Observe o exemplo: *O menino resmunga, e chora, e grita, e ninguém faz nada.*

2) Assíndeto - É uma figura caracterizada pela ausência, pela omissão das conjunções coordenativas, resultando no uso de orações coordenadas assindéticas. Exemplos:

Tens casa, tens roupa, tens amor, tens família.

"Vim, vi, venci." (Júlio César)

Pleonasmo

Consiste na repetição de um termo ou ideia, com as mesmas palavras ou não. A finalidade do pleonasmo é realçar a ideia, torná-la mais expressiva.

O problema da violência, é necessário resolvê-lo logo.

Nesta oração, os termos "*o problema da violência*" e "*lo*" exercem a mesma função sintática: objeto direto. Assim, temos um pleonasmo do objeto direto, sendo o pronome "lo" classificado como *objeto direto pleonástico*. Outro exemplo:

Aos funcionários, não lhes interessam tais medidas.

Aos funcionários, lhes = Objeto Indireto

Neste caso, há um pleonasmo do objeto indireto, e o pronome "lhes" exerce a função de objeto indireto pleonástico.

Observação: o pleonasmo só tem razão de ser quando confere mais vigor à frase; caso contrário, torna-se um *pleonasmo vicioso*:

Vi aquela cena com meus próprios olhos.
Vamos subir para cima.
Ele desceu pra baixo.

Anáfora

É a repetição de uma ou mais palavras no início de várias frases, criando, assim, um efeito de reforço e de coerência. Pela repetição, a palavra ou expressão em causa é posta em destaque, permitindo ao escritor valorizar determinado elemento textual. Os termos anafóricos podem muitas vezes ser substituídos por pronomes.

Encontrei um amigo ontem. Ele me disse que te conhecia.

"Tudo cura o tempo, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba." (Padre Vieira)

Anacoluto

Consiste na mudança da construção sintática no meio da frase, ficando alguns termos desligados do resto do período. É a quebra da estrutura normal da frase para a introdução de uma palavra ou expressão sem nenhuma ligação sintática com as demais.

Esses alunos da escola, não se pode duvidar deles.
Morrer, todo haveremos de morrer.
Aquele garoto, você não disse que ele chegaria logo?

A expressão "*esses alunos da escola*", por exemplo, deveria exercer a função de sujeito. No entanto, há uma interrupção da frase e esta expressão fica à parte, não exercendo nenhuma função sintática. O anacoluto também é chamado de "frase quebrada", pois corresponde a uma interrupção na sequência lógica do pensamento.

Observação: o anacoluto deve ser usado com finalidade expressiva em casos muito especiais. Em geral, evite-o.

Hipérbato / Inversão

É a inversão da estrutura frásica, isto é, a inversão da ordem direta dos termos da oração, fazendo com que o sujeito venha depois do predicado:

Ao ódio venceu o amor. (Na ordem direta seria: *O amor venceu ao ódio*)

Dos meus problemas cuido eu! (Na ordem direta seria: *Eu cuido dos meus problemas*)

*** Observação da Zê!**

O nosso Hino Nacional é um exemplo de hipérbato, já que, na ordem direta, teríamos:

"As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico".

Figuras de Som

Aliteração - Consiste na repetição de consoantes como recurso para intensificação do ritmo ou como efeito sonoro significativo.

Três pratos de trigo para três tigres tristes.
Vozes veladas, veludosas vozes... (Cruz e Sousa)
Quem com ferro fere com ferro será ferido.

Assonância - Consiste na repetição ordenada de sons vocálicos idênticos:

"Sou um mulato nato no sentido lato mulato democrático do litoral."

Onomatopéia - Ocorre quando se tentam reproduzir na forma de palavras os sons da realidade:

Os sinos faziam blem, blem, blem, blem.

Fontes de pesquisa:

http://www.soportugues.com.br/secoes/estil/estil8.php

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Português linguagens: volume 1 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Questões

1-) (DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – TÉCNICO SUPERIOR ESPECIALIZADO EM BIBLIOTECONOMIA – FGV/2014 - adaptada) Ao dizer que os shoppings são "cidades", o autor do texto faz uso de um tipo de linguagem figurada denominada

(A) metonímia.
(B) eufemismo.
(C) hipérbole.
(D) metáfora.
(E) catacrese.

1-) *A metáfora consiste em retirar uma palavra de seu contexto convencional (denotativo) e transportá-la para um novo campo de significação (conotativa), por meio de uma comparação implícita, de uma similaridade existente entre as duas.*

(Fonte:http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/metafora-figura-de-palavra-variacoes-e-exemplos.htm)

RESPOSTA: "D".

2-) (PREFEITURA DE ARCOVERDE/PE - ADMINISTRADOR DE RECURSOS HUMANOS – CONPASS/2014) Identifique a figura de linguagem presente na tira seguinte:

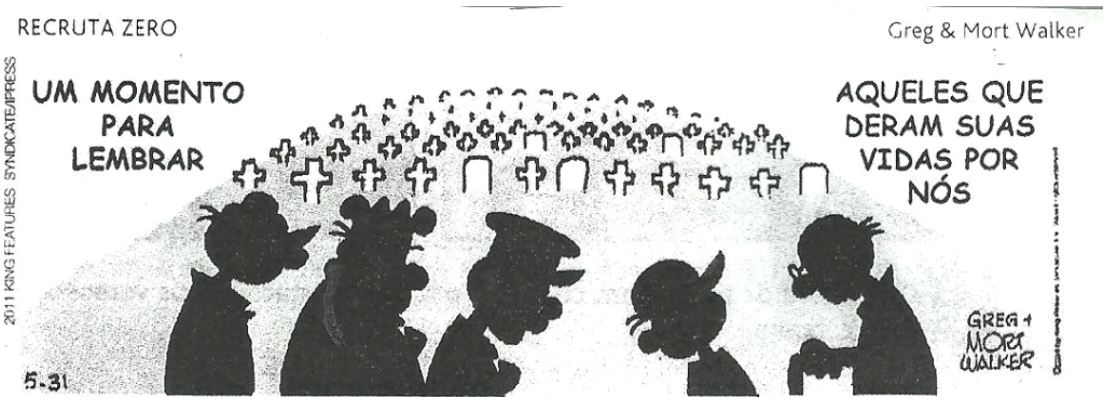

A) metonímia
B) prosopopeia
C) hipérbole
D) eufemismo
E) onomatopeia

2-) "Eufemismo = é o emprego de uma expressão mais suave, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma coisa áspera, desagradável ou chocante". No caso da tirinha, é utilizada a expressão "deram suas vidas por nós" no lugar de "que morreram por nós".
RESPOSTA: "D".

3-) (CASAL/AL - ADMINISTRADOR DE REDE - COPEVE/UFAL/2014)
Está tão quente que dá para fritar um ovo no asfalto.
O dito popular é, na maioria das vezes, uma figura de linguagem. Entre as 14h30min e às 15h desta terça-feira, horário do dia em que o calor é mais intenso, a temperatura do asfalto, medida com um termômetro de contato, chegou a 65ºC. Para fritar um ovo, seria preciso que o local alcançasse aproximadamente 90ºC.
Disponível em: http://zerohora.clicrbs.com.br. Acesso em: 22 jan. 2014.

O texto cita que o dito popular "está tão quente que dá para fritar um ovo no asfalto" expressa uma figura de linguagem. O autor do texto refere-se a qual figura de linguagem?
A) Eufemismo.
B) Hipérbole.
C) Paradoxo.
D) Metonímia.
E) Hipérbato.

3-) A expressão é um exagero! Ela serve apenas para representar o calor excessivo que está fazendo. A figura que é utilizada "mil vezes" (!) para atingir tal objetivo é a hipérbole.
RESPOSTA: "B".

PONTUAÇÃO.

Os ***sinais de pontuação*** são marcações gráficas que servem para compor a coesão e a coerência textual, além de ressaltar especificidades semânticas e pragmáticas. Um texto escrito adquire diferentes significados quando pontuado de formas diversificadas. O uso da pontuação depende, em certos momentos, da intenção do autor do discurso. Assim, os sinais de pontuação estão diretamente relacionados ao contexto e ao interlocutor.

Principais funções dos sinais de pontuação

Ponto (.)

1- Indica o término do discurso ou de parte dele, encerrando o período.

2- Usa-se nas abreviaturas: *pág.* (página), *Cia*. (Companhia). Se a palavra abreviada aparecer em final de período, este não receberá outro ponto; neste caso, o ponto de abreviatura marca, também, o fim de período. Exemplo: *Estudei português, matemática, constitucional, etc.* (e não "etc..")

3- Nos títulos e cabeçalhos é opcional o emprego do ponto, assim como após o nome do autor de uma citação:
Haverá eleições em outubro
O culto do vernáculo faz parte do brio cívico. (Napoleão Mendes de Almeida) (ou: *Almeida.)*

4- Os números que identificam o ano não utilizam ponto nem devem ter espaço a separá-los, bem como os números de CEP: *1975, 2014, 2006, 17600-250.*

Ponto e Vírgula (;)

1- Separa várias partes do discurso, que têm a mesma importância: *"Os pobres dão pelo pão o trabalho; os ricos dão pelo pão a fazenda; os de espíritos generosos dão pelo pão a vida; os de nenhum espírito dão pelo pão a alma..."* (VIEIRA)

2- Separa partes de frases que já estão separadas por vírgulas: *Alguns quiseram verão, praia e calor; outros, montanhas, frio e cobertor*.

3- Separa itens de uma enumeração, exposição de motivos, decreto de lei, etc.
Ir ao supermercado;
Pegar as crianças na escola;
Caminhada na praia;
Reunião com amigos.

Dois pontos (:)

1- Antes de uma citação
Vejamos como Afrânio Coutinho trata este assunto:

2- Antes de um aposto
Três coisas não me agradam: chuva pela manhã, frio à tarde e calor à noite.

3- Antes de uma explicação ou esclarecimento
Lá estava a deplorável família: triste, cabisbaixa, vivendo a rotina de sempre.

4- Em frases de estilo direto
Maria perguntou:
- Por que você não toma uma decisão?

Ponto de Exclamação (!)

1- Usa-se para indicar entonação de surpresa, cólera, susto, súplica, etc.
Sim! Claro que eu quero me casar com você!

2- Depois de interjeições ou vocativos
Ai! Que susto!
João! Há quanto tempo!

Ponto de Interrogação (?)

Usa-se nas interrogações diretas e indiretas livres.
"- Então? Que é isso? Desertaram ambos?" (Artur Azevedo)

Reticências (...)

1- Indica que palavras foram suprimidas: *Comprei lápis, canetas, cadernos...*

2- Indica interrupção violenta da frase.
"- Não... quero dizer... é verdad... Ah!"

3- Indica interrupções de hesitação ou dúvida: *Este mal... pega doutor?*

4- Indica que o sentido vai além do que foi dito: *Deixa, depois, o coração falar...*

Vírgula (,)

Não se usa vírgula

* separando termos que, do ponto de vista sintático, ligam-se diretamente entre si:
- entre sujeito e predicado:
Todos os alunos da sala *foram advertidos.*
Sujeito predicado

- entre o verbo e seus objetos:
O trabalho custou *sacrifício* *aos realizadores.*
V.T.D.I. O.D. O.I.

Usa-se a vírgula:

- Para marcar intercalação:
a) do adjunto adverbial: *O café, em razão da sua abundância, vem caindo de preço.*
b) da conjunção: *Os cerrados são secos e áridos. Estão produzindo, todavia, altas quantidades de alimentos.*
c) das expressões explicativas ou corretivas: *As indústrias não querem abrir mão de suas vantagens, isto é, não querem abrir mão dos lucros altos.*

- Para marcar inversão:
a) do adjunto adverbial (colocado no início da oração): *Depois das sete horas, todo o comércio está de portas fechadas.*

b) dos objetos pleonásticos antepostos ao verbo: *Aos pesquisadores, não lhes destinaram verba alguma.*

c) do nome de lugar anteposto às datas: *Recife, 15 de maio de 1982.*

- Para separar entre si elementos coordenados *(dispostos em enumeração):*

Era um garoto de 15 anos, alto, magro.

A ventania levou árvores, e telhados, e pontes, e animais.

- Para marcar elipse (omissão) do verbo:

Nós queremos comer pizza; e vocês, churrasco.

- Para isolar:

- o aposto: *São Paulo, considerada a metrópole brasileira, possui um trânsito caótico.*
- o vocativo: *Ora, Thiago, não diga bobagem.*

Observações:

- Considerando-se que "etc." é abreviatura da expressão latina *et cetera*, que significa "e outras coisas", seria dispensável o emprego da vírgula antes dele. Porém, o acordo ortográfico em vigor no Brasil exige que empreguemos etc. precedido de vírgula: *Falamos de política, futebol, lazer, etc.*

- As perguntas que denotam surpresa podem ter combinados o ponto de interrogação e o de exclamação: *Você falou isso para ela?!*

- Temos, ainda, sinais distintivos:

1-) a **barra (/)** = usada em datas (25/12/2014), separação de siglas (IOF/UPC);

2-) os **colchetes ([ ])** = usados em transcrições feitas pelo narrador ([vide pág. 5]), usado como primeira opção aos parênteses, principalmente na matemática;

3-) o **asterisco (*)** = usado para remeter o leitor a uma nota de rodapé ou no fim do livro, para substituir um nome que não se quer mencionar.

Fontes de pesquisa:

http://www.infoescola.com/portugues/pontuacao/

http://www.brasilescola.com/gramatica/uso-da-virgula.htm

Português linguagens: volume 3 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Questões

1-) (SAAE/SP - FISCAL LEITURISTA - VUNESP - 2014)

(SAAE/SP - FISCAL LEITURISTA - VUNESP - 2014) Segundo a norma-padrão da língua portuguesa, a pontuação está correta em:

A) Hagar disse, que não iria.

B) Naquela noite os Stevensens prometeram servir, bifes e lagostas, aos vizinhos.

C) Chegou, o convite dos Stevensens, bife e lagostas: para Hagar e Helga

D) "Eles são chatos e, nunca param de falar", disse, Hagar à Helga.

E) Helga chegou com o recado: fomos convidados, pelos Stevensens, para jantar bifes e lagostas.

1-) Correções realizadas:

A) Hagar disse que não iria. = não há vírgula entre verbo e seu complemento (objeto)

B) Naquela noite os Stevensens prometeram servir bifes e lagostas aos vizinhos. = não há vírgula entre verbo e seu complemento (objeto)

C) Chegou o convite dos Stevensens: bife e lagostas para Hagar e Helga.

D) "Eles são chatos e nunca param de falar", disse Hagar à Helga.

E) Helga chegou com o recado: fomos convidados, pelos Stevensens, para jantar bifes e lagostas.

RESPOSTA: "E".

2-) (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – MÉDICO DO TRABALHO – CESPE/2014 - adaptada)

A correção gramatical do trecho "Entre as bebidas alcoólicas, cervejas e vinhos são as mais comuns em todo o mundo" seria prejudicada, caso se inserisse uma vírgula logo após a palavra "vinhos".

( ) CERTO ( ) ERRADO

2-) Não se deve colocar vírgula entre sujeito e predicado, a não ser que se trate de um aposto (1), predicativo do sujeito (2), ou algum termo que requeira estar separado entre pontuações. Exemplos:

O Rio de Janeiro, cidade maravilhosa (1), está em festa!

Os meninos, ansiosos (2), chegaram!

RESPOSTA: "CERTO".

4-) (PRODAM/AM – ASSISTENTE – FUNCAB/2014) Em apenas uma das opções a vírgula foi corretamente empregada. Assinale-a.

A) No dia seguinte, estavam todos cansados.

B) Romperam a fita da vitória, os dois atletas.

C) Os seus hábitos estranhos, deixavam as pessoas perplexas.

D) A luta em defesa dos mais fracos, é necessária e fundamental.

E) As florestas nativas do Brasil, sobrevivem em pequena parte do território.

5-)

A) No dia seguinte, estavam todos cansados. = correta

B) Romperam a fita da vitória, os dois atletas = não se separa sujeito do predicado (o sujeito está no final).

C) Os seus hábitos estranhos, deixavam as pessoas perplexas = não se separa sujeito do predicado.

D) A luta em defesa dos mais fracos, é necessária e fundamental = não se separa sujeito do predicado.

E) As florestas nativas do Brasil, sobrevivem em pequena parte do território. = não se separa sujeito do predicado

RESPOSTA: "A".

CLASSES DE PALAVRAS: SUBSTANTIVO, ADJETIVO, NUMERAL, PRONOME, VERBO, ADVÉRBIO, PREPOSIÇÃO E CONJUNÇÃO: EMPREGO E SENTIDO QUE IMPRIMEM ÀS RELAÇÕES QUE ESTABELECEM.

Adjetivo é a palavra que expressa uma qualidade ou característica do ser e se relaciona com o substantivo, concordando com este em gênero e número.

As praias brasileiras estão poluídas.

Praias = substantivo; brasileiras/poluídas = adjetivos (plural e feminino, pois concordam com "praias").

Locução adjetiva

Locução = reunião de palavras. Sempre que são necessárias duas ou mais palavras para falar sobre a mesma coisa, tem-se uma locução. Às vezes, uma preposição + substantivo tem o mesmo valor de um adjetivo: é a Locução Adjetiva (expressão que equivale a um adjetivo). Por exemplo: aves ***da noite*** (aves ***noturnas***), paixão ***sem freio*** (paixão ***desenfreada***).

Observe outros exemplos:

de águia	aquilino
de aluno	discente
de anjo	angelical
de ano	anual
de aranha	aracnídeo
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
de campo	campestre ou rural
de chuva	pluvial
de criança	pueril
de dedo	digital
de estômago	estomacal ou gástrico
de falcão	falconídeo
de farinha	farináceo
de fera	ferino
de ferro	férreo
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de ilha	insular
de inverno	hibernal ou invernal
de lago	lacustre
de leão	leonino
de lebre	leporino
de lua	lunar ou selênico
de madeira	lígneo
de mestre	magistral
de ouro	áureo
de paixão	passional
de pâncreas	pancreático
de porco	suíno ou porcino
dos quadris	ciático
de rio	fluvial
de sonho	onírico
de velho	senil
de vento	eólico
de vidro	vítreo ou hialino
de virilha	inguinal
de visão	óptico ou ótico

* **Observação**: nem toda locução adjetiva possui um adjetivo correspondente, com o mesmo significado. Por exemplo: Vi as alunas ***da 5ª série***. / O muro ***de tijolos*** caiu.

Morfossintaxe do Adjetivo (Função Sintática):

O adjetivo exerce sempre funções sintáticas (função dentro de uma oração) relativas aos substantivos, atuando como adjunto adnominal ou como predicativo (do sujeito ou do objeto).

Adjetivo Pátrio (ou gentílico)

Indica a nacionalidade ou o lugar de origem do ser. Observe alguns deles:

Estados e cidades brasileiras:

Alagoas	*alagoano*
Amapá	*amapaense*
Aracaju	*aracajuano ou aracajuense*
Amazonas	*amazonense ou baré*
Belo Horizonte	*belo-horizontino*
Brasília	*brasiliense*
Cabo Frio	*cabo-friense*
Campinas	*campineiro ou campinense*

Adjetivo Pátrio Composto

Na formação do adjetivo pátrio composto, o primeiro elemento aparece na forma reduzida e, normalmente, erudita. Observe alguns exemplos:

África	*afro- / Cultura afro-americana*
Alemanha	*germano- ou teuto-/Competições teuto-inglesas*
América	*américo- / Companhia américo-africana*
Bélgica	*belgo- / Acampamentos belgo-franceses*
China	*sino- / Acordos sino-japoneses*
Espanha	*hispano- / Mercado hispano-português*
Europa	*euro- / Negociações euro-americanas*
França	*franco- ou galo- / Reuniões franco-italianas*
Grécia	*greco- / Filmes greco-romanos*
Inglaterra	*anglo- / Letras anglo-portuguesas*
Itália	*ítalo- / Sociedade ítalo-portuguesa*
Japão	*nipo- / Associações nipo-brasileiras*
Portugal	*luso- / Acordos luso-brasileiros*

Flexão dos adjetivos

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Gênero dos Adjetivos

Os adjetivos concordam com o substantivo a que se referem (masculino e feminino). De forma semelhante aos substantivos, classificam-se em:

Biformes - têm duas formas, sendo uma para o masculino e outra para o feminino: *ativo e ativa, mau e má*.

Se o adjetivo é composto e biforme, ele flexiona no feminino somente o último elemento: *o moço norte-americano, a moça norte-americana*.

* **Exceção**: *surdo-mudo e surda-muda*.

Uniformes - têm uma só forma tanto para o masculino como para o feminino: *homem feliz e mulher feliz*.

Se o adjetivo é composto e uniforme, fica invariável no feminino: *conflito político-social e desavença político-social*.

Número dos Adjetivos

Plural dos adjetivos simples

Os adjetivos simples se flexionam no plural de acordo com as regras estabelecidas para a flexão numérica dos substantivos simples: *mau e maus, feliz e felizes, ruim e ruins, boa e boas*.

Caso o a*djetivo seja uma palavra que também exerça função de substantivo, ficará invariável,* ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva. Exemplo: a palavra *cinza* é, originalmente, um substantivo; porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará, então, invariável. Logo: *camisas cinza, ternos cinza*.

Veja outros exemplos:
Motos vinho (mas: *motos verdes*)
Paredes musgo (mas: *paredes brancas*).
Comícios monstro (mas: *comícios grandiosos*).

Adjetivo Composto

É aquele formado por dois ou mais elementos. Normalmente, esses elementos são ligados por hífen. Apenas o último elemento concorda com o substantivo a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular. Caso um dos elementos que formam o adjetivo composto seja um substantivo adjetivado, todo o adjetivo composto ficará invariável. Por exemplo: a palavra "rosa" é, originalmente, um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável. Veja:
Camisas rosa-claro.
Ternos rosa-claro.
Olhos verde-claros.
Calças azul-escuras e camisas verde-mar.
Telhados marrom-café e paredes verde-claras.

* **Observação**:
- *Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta* e qualquer adjetivo composto iniciado por "*cor-de-...*" são sempre invariáveis: *roupas azul-marinho, tecidos azul-celeste, vestidos cor-de-rosa*.
- O adjetivo composto *surdo-mudo* tem os dois elementos flexionados: *crianças surdas-mudas*.

Grau do Adjetivo

Os adjetivos se flexionam em grau para indicar a intensidade da qualidade do ser. São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo**.

Comparativo

Nesse grau, comparam-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas ao mesmo ser. O comparativo pode ser de *igualdade*, de *superioridade* ou de *inferioridade*.

Sou tão alto como você. = Comparativo de Igualdade
No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como, quanto* ou *quão*.

Sou mais alto (do) que você. = Comparativo de Superioridade Analítico
No comparativo de superioridade analítico, entre os dois substantivos comparados, um tem qualidade superior. A forma é analítica porque pedimos auxílio a "*mais... do que*" ou "*mais...que*".

O Sol é maior (do) que a Terra. = Comparativo de Superioridade Sintético

Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles: *bom /melhor, pequeno/menor, mau/pior, alto/superior, grande/maior, baixo/inferior*.
Observe que:
a) As formas *menor e pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno e mais mau*, respectivamente.
b) *Bom, mau, grande e pequeno* têm formas sintéticas (*melhor, pior, maior e menor)*, porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo elemento, deve-se usar as formas analíticas *mais bom, mais mau,mais grande e mais pequeno*. Por exemplo:
Pedro é maior do que Paulo - Comparação de dois elementos.
Pedro é mais grande que pequeno - comparação de duas qualidades de um mesmo elemento.

Sou menos alto (do) que você. = Comparativo de Inferioridade
Sou menos passivo (do) que tolerante.

Superlativo

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo. Pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:
Superlativo Absoluto: ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada, sem relação com outros seres. Apresenta-se nas formas:

1-) Analítica: a intensificação é feita com o auxílio de palavras que dão ideia de intensidade (advérbios). Por exemplo: *O concurseiro é muito esforçado.*

2-) Sintética: nesta, há o acréscimo de sufixos. Por exemplo: *O concurseiro é esforçadíssimo.*

Observe alguns superlativos sintéticos:

benéfico - beneficentíssimo
bom - boníssimo ou ótimo
comum - comuníssimo
cruel - crudelíssimo
difícil - dificílimo
doce - dulcíssimo
fácil - facílimo
fiel - fidelíssimo

Superlativo Relativo: ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada em relação a um conjunto de seres. Essa relação pode ser:

1-) De Superioridade: *Essa matéria é a mais fácil de todas.*

2-) De Inferioridade: *Essa matéria é a menos fácil de todas.*

* Note bem:

1) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito, extremamente, excepcionalmente,* antepostos ao adjetivo.

2) O superlativo absoluto sintético se apresenta sob duas formas: uma erudita - de origem latina - outra popular - de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo, -imo ou érrimo*: *fidelíssimo, facílimo, paupérrimo.* A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*: *pobríssimo, agilíssimo.*

3-) Os adjetivos terminados em *–io* fazem o superlativo com dois "ii": *frio – friíssimo, sério – seriíssimo;* os terminados em *–eio,* com apenas um "i": *feio - feíssimo, cheio – cheíssimo*.

Fontes de pesquisa:

http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf32.php

Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Advérbio

Compare estes exemplos:

O ônibus chegou.
O ônibus chegou ontem.

Advérbio *é uma palavra invariável que modifica o sentido do verbo (acrescentando-lhe circunstâncias de tempo, de modo, de lugar, de intensidade), do adjetivo e do próprio advérbio.*

Estudei bastante. = modificando o verbo *estudei*

Ele canta muito bem! = intensificando outro advérbio (bem)

Ela tem os olhos muito claros. = relação com um adjetivo (claros)

Quando modifica um verbo, o advérbio pode acrescentar ideia de:

Tempo: *Ela chegou tarde*.
Lugar: *Ele mora aqui*.
Modo*: Eles agiram mal*.
Negação: *Ela não saiu de casa.*
Dúvida: *Talvez ele volte.*

Flexão do Advérbio

Os advérbios são palavras invariáveis, isto é, não apresentam variação em gênero e número. Alguns advérbios, porém, admitem a variação em grau. Observe:

Grau Comparativo

Forma-se o comparativo do advérbio do mesmo modo que o comparativo do adjetivo:

- de igualdade: tão + advérbio + quanto (como): *Renato fala tão alto quanto João.*

- de inferioridade: menos + advérbio + que (do que): *Renato fala menos alto do que João.*

- de superioridade:

1-) Analítico: mais + advérbio + que (do que): *Renato fala mais alto do que João.*

2-) Sintético: melhor ou pior que (do que): *Renato fala melhor que João*.

Grau Superlativo

O superlativo pode ser analítico ou sintético:

- Analítico: acompanhado de outro advérbio: *Renato fala muito alto*.

muito = advérbio de intensidade / alto = advérbio de modo

- Sintético: formado com sufixos: *Renato fala altíssimo*.

* **Observação**: as formas diminutivas (cedinho, pertinho, etc.) são comuns na língua popular.

Maria mora pertinho daqui. (muito perto)
A criança levantou cedinho. (muito cedo)

Classificação dos Advérbios

De acordo com a circunstância que exprime, o advérbio pode ser de:

Lugar: *aqui, antes, dentro, ali, adiante, fora, acolá, atrás, além, lá, detrás, aquém, cá, acima, onde, perto, aí, abaixo, aonde, longe, debaixo, algures, defronte, nenhures, adentro, afora, alhures, aquém, embaixo, externamente, a distância, à distância de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta.*

Tempo: *hoje, logo, primeiro, ontem, tarde, outrora, amanhã, cedo, dantes, depois, ainda, antigamente, antes, doravante, nunca, então, ora, jamais, agora, sempre, já, enfim, afinal, amiúde, breve, constantemente, entrementes, imediatamente, primeiramente, provisoriamente, sucessivamente, às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia.*

Modo: *bem, mal, assim, adrede, melhor, pior, depressa, acinte, debalde, devagar, às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão e a maior parte dos que terminam em "-mente": calmamente, tristemente, propositadamente, pacientemente, amorosamente, docemente, escandalosamente, bondosamente, generosamente.*

Afirmação: *sim, certamente, realmente, decerto, efetivamente, certo, decididamente, deveras, indubitavelmente*.

Negação: *não, nem, nunca, jamais, de modo algum, de forma nenhuma, tampouco, de jeito nenhum.*

Dúvida: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez, casualmente, por certo, quem sabe*.

Intensidade: *muito, demais, pouco, tão, em excesso, bastante, mais, menos, demasiado, quanto, quão, tanto, assaz, que (equivale a quão), tudo, nada, todo, quase, de todo, de muito, por completo, extremamente, intensamente, grandemente, bem* (quando aplicado a propriedades graduáveis).

Exclusão: *apenas, exclusivamente, salvo, senão, somente, simplesmente, só, unicamente*. Por exemplo: *Brando, o vento apenas move a copa das árvores.*

Inclusão: *ainda, até, mesmo, inclusivamente, também*. Por exemplo: *O indivíduo também amadurece durante a adolescência.*

Ordem: *depois, primeiramente, ultimamente*. Por exemplo: *Primeiramente, eu gostaria de agradecer aos meus amigos por comparecerem à festa.*

*** Saiba que:**

- Para se exprimir o limite de possibilidade, antepõe-se ao advérbio "o mais" ou "o menos". Por exemplo: *Ficarei o mais longe que puder daquele garoto. Voltarei o menos tarde possível.*

- Quando ocorrem dois ou mais advérbios em *-mente*, em geral sufixamos apenas o último: Por exemplo: *O aluno respondeu calma e respeitosamente.*

Distinção entre Advérbio e Pronome Indefinido

Há palavras como *muito, bastante*, que podem aparecer como advérbio e como pronome indefinido.

Advérbio: refere-se a um verbo, adjetivo, ou a outro advérbio e não sofre flexões. Por exemplo: *Eu corri muito*.

Pronome Indefinido: relaciona-se a um substantivo e sofre flexões. Por exemplo: *Eu corri muitos quilômetros.*

* **Dica:** Como saber se a palavra **bastante** é advérbio (não varia, não se flexiona) ou pronome indefinido (varia, sofre flexão)? Se der, na frase, para substituir o "bastante" por "muito", estamos diante de um advérbio; se der para substituir por "muitos" (ou muitas), é um pronome. Veja:

1-) *Estudei bastante para o concurso*. (*estudei muito*, pois "muitos" não dá!). = advérbio

2-) *Estudei bastantes capítulos para o concurso*. (estudei muitos capítulos) = pronome indefinido

Advérbios Interrogativos

São as palavras: *onde? aonde? donde? quando? como? por quê?* nas interrogações diretas ou indiretas, referentes às circunstâncias de lugar, tempo, modo e causa. Veja:

Interrogação Direta	Interrogação Indireta
Como aprendeu?	*Perguntei como aprendeu.*
Onde mora?	*Indaguei onde morava.*
Por que choras?	*Não sei por que choras.*
Aonde vai?	*Perguntei aonde ia.*
Donde vens?	*Pergunto donde vens.*
Quando voltas?	*Pergunto quando voltas.*

Locução Adverbial

Quando há duas ou mais palavras que exercem função de advérbio, temos a locução adverbial, que pode expressar as mesmas noções dos advérbios. Iniciam ordinariamente por uma preposição. Veja:

lugar: *à esquerda, à direita, de longe, de perto, para dentro, por aqui*, etc.

afirmação: *por certo, sem dúvida*, etc.

modo: *às pressas, passo a passo, de cor, em vão, em geral, frente a frente*, etc.

tempo: *de noite, de dia, de vez em quando, à tarde, hoje em dia, nunca mais*, etc.

*** Observações**:

- tanto a locução adverbial como o advérbio modificam o verbo, o adjetivo e outro advérbio:

Chegou muito cedo. (advérbio)

Joana é muito bela. (adjetivo)

De repente correram para a rua. (verbo)

- Usam-se, de preferência, as formas *mais bem* e *mais mal* antes de adjetivos ou de verbos no particípio:
Essa matéria é mais bem interessante que aquela.
Nosso aluno foi o mais bem colocado no concurso!
- O numeral "primeiro", ao modificar o verbo, é advérbio: *Cheguei primeiro.*

- Quanto a sua função sintática: o advérbio e a locução adverbial desempenham na oração a função de adjunto adverbial, classificando-se de acordo com as circunstâncias que acrescentam ao verbo, ao adjetivo ou ao advérbio. Exemplo:
Meio cansada, a candidata saiu da sala. = adjunto adverbial de intensidade (ligado ao adjetivo "cansada")
Trovejou muito ontem. = adjunto adverbial de intensidade e de tempo, respectivamente.

Fontes de pesquisa:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf75.php
Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Artigo

O artigo integra as dez classes gramaticais, definindo-se como o termo variável que serve para individualizar ou generalizar o substantivo, indicando, também, o gênero (masculino/feminino) e o número (singular/plural).
Os artigos se subdividem em **definidos** ("o" e as variações "a"[as] e [os]) e **indefinidos** ("um" e as variações "uma"[s] e "uns").

Artigos definidos – São aqueles usados para indicar seres determinados, expressos de forma individual:
O concurseiro estuda muito. Os concurseiros estudam muito.

Artigos indefinidos – São aqueles usados para indicar seres de modo vago, impreciso:
Uma candidata foi aprovada! Umas candidatas foram aprovadas!

Circunstâncias em que os artigos se manifestam:

* Considera-se obrigatório o uso do artigo depois do numeral "ambos":
Ambos os concursos cobrarão tal conteúdo.

* Nomes próprios indicativos de lugar admitem o uso do artigo, outros não:
São Paulo, O Rio de Janeiro, Veneza, A Bahia...

* Quando indicado no singular, o artigo definido pode indicar toda uma espécie:
O trabalho dignifica o homem.

* No caso de nomes próprios personativos, denotando a ideia de familiaridade ou afetividade, é facultativo o uso do artigo:
Marcela é a mais extrovertida das irmãs.
O Pedro é o xodó da família.

* No caso de os nomes próprios personativos estarem no plural, são determinados pelo uso do artigo:
Os Maias, os Incas, Os Astecas...

* Usa-se o artigo depois do pronome indefinido todo(a) para conferir uma ideia de totalidade. Sem o uso dele (o artigo), o pronome assume a noção de qualquer.
Toda a classe parabenizou o professor. (a sala toda)
Toda classe possui alunos interessados e desinteressados. (qualquer classe)

* Antes de pronomes possessivos, o uso do artigo é facultativo:
Preparei o meu curso. Preparei meu curso.

* A utilização do artigo indefinido pode indicar uma ideia de aproximação numérica:
O máximo que ele deve ter é uns vinte anos.

* O artigo também é usado para substantivar palavras pertencentes a outras classes gramaticais:
Não sei o porquê de tudo isso.

*** Há casos em que o artigo definido não pode ser usado:**
- antes de nomes de cidade e de pessoas conhecidas:
O professor visitará Roma.

Mas, se o nome apresentar um caracterizador, a presença do artigo será obrigatória: *O professor visitará a bela Roma.*

- antes de pronomes de tratamento:
Vossa Senhoria sairá agora?
Exceção: *O senhor vai à festa?*

- após o pronome relativo "cujo" e suas variações:
Esse é o concurso cujas provas foram anuladas?
Este é o candidato cuja nota foi a mais alta.

Fontes de pesquisa:
http://www.brasilescola.com/gramatica/artigo.htm
Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 1 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

NOVA CONCURSOS

Conjunção

Além da preposição, há outra palavra também invariável que, na frase, é usada como elemento de ligação: a conjunção. Ela serve para ligar duas orações ou duas palavras de mesma função em uma oração:

O concurso será realizado nas cidades de Campinas ***e*** *São Paulo.*

A prova não será fácil, ***por isso*** *estou estudando muito.*

Morfossintaxe da Conjunção

As conjunções, a exemplo das preposições, não exercem propriamente uma função sintática: são ***conectivos.***

Classificação da Conjunção

De acordo com o tipo de relação que estabelecem, as conjunções podem ser classificadas em **coordenativas** e **subordinativas**. No primeiro caso, os elementos ligados pela conjunção podem ser isolados um do outro. Esse isolamento, no entanto, não acarreta perda da unidade de sentido que cada um dos elementos possui. Já no segundo caso, cada um dos elementos ligados pela conjunção depende da existência do outro. Veja:

Estudei muito, ***mas*** *ainda não compreendi o conteúdo.*

Podemos separá-las por ponto:

Estudei muito. Ainda não compreendi o conteúdo.

Temos acima um exemplo de conjunção (e, consequentemente, orações coordenadas) coordenativa – "mas". Já em:

Espero ***que*** *eu seja aprovada no concurso!*

Não conseguimos separar uma oração da outra, pois a segunda "completa" o sentido da primeira (da oração principal):

Espero o quê? *Ser aprovada.* Nesse período temos uma oração subordinada substantiva objetiva direta (ela exerce a função de objeto direto do verbo da oração principal).

Conjunções Coordenativas

São aquelas que ligam orações de sentido completo e independente ou termos da oração que têm a mesma função gramatical. Subdividem-se em:

1) Aditivas: ligam orações ou palavras, expressando ideia de acréscimo ou adição. São elas: *e, nem (= e não), não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.*

A sua pesquisa é clara ***e*** *objetiva.*

Não só dança, ***mas também*** *canta.*

2) Adversativas: ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas: *mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.*

Tentei chegar mais cedo, ***porém*** *não consegui.*

3) Alternativas: ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja, talvez... talvez.*

Ou escolho agora, ou fico sem presente de aniversário.

4) Conclusivas: ligam a oração anterior a uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Marta estava bem preparada para o teste, ***portanto*** *não ficou nervosa.*

Você nos ajudou muito; terá, ***pois****, nossa gratidão.*

5) Explicativas: ligam a oração anterior a uma oração que a explica, que justifica a ideia nela contida. São elas: *que, porque, pois (antes do verbo), porquanto.*

Não demore, que o filme já vai começar.

Falei muito, ***pois*** *não gosto do silêncio!*

Conjunções Subordinativas

São aquelas que ligam duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de *oração subordinada.* Veja o exemplo: *O baile já tinha começado* ***quando ela chegou****.*

O baile já tinha começado: oração principal

quando: conjunção subordinativa (adverbial temporal)

ela chegou: oração subordinada

As conjunções subordinativas subdividem-se em ***integrantes*** e ***adverbiais***:

1. Integrantes - Indicam que a oração subordinada por elas introduzida completa ou integra o sentido da principal. Introduzem orações que equivalem a substantivos, ou seja, as orações subordinadas substantivas. São elas: *que, se.*

Quero que você volte. (Quero sua volta)

2. Adverbiais - Indicam que a oração subordinada exerce a função de adjunto adverbial da principal. De acordo com a circunstância que expressam, classificam-se em:

a) Causais: introduzem uma oração que é causa da ocorrência da oração principal. São elas: *porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que,* etc.

Ele não fez a pesquisa porque não dispunha de meios.

b) Concessivas: introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto,* etc.

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

c) Condicionais: introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para ocorrência da principal. São elas: *se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que,* etc.

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

**** Dica**: você deve ter percebido que a conjunção condicional "se" também é conjunção integrante. A diferença é clara ao ler as orações que são introduzidas por ela. Acima, ela nos dá a ideia da condição para que recebamos um telefonema (se for preciso ajuda). Já na oração:

*Não sei **se farei o concurso**...*

Não há ideia de condição alguma, há? Outra coisa: o verbo da oração principal (sei) pede complemento (objeto direto, já que "quem não sabe, não sabe algo"). Portanto, a oração em destaque exerce a função de objeto direto da oração principal, sendo classificada como oração subordinada substantiva objetiva direta.

d) Conformativas: introduzem uma oração que exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante*, etc.

O passeio ocorreu como havíamos planejado.

e) Finais: introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a oração principal. São elas: *para que, a fim de que, que, porque (= para que), que*, etc.

Toque o sinal para que todos entrem no salão.

f) Proporcionais: introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência do expresso na principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos... (menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (menos),* etc.

O preço fica mais caro à medida que os produtos escasseiam.

*** Observação**: são incorretas as locuções proporcionais *à medida em que, na medida que e na medida em que.*

g) Temporais: introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que),* etc.

A briga começou assim que saímos da festa.

h) Comparativas: introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais),* etc.

O jogo de hoje será mais difícil que o de ontem.

i) Consecutivas: introduzem uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho),* etc.

Estudou tanto durante a noite que dormiu na hora do exame.

Atenção: Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portanto, ser **classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto** (grifo da Zê!).

O bom relacionamento entre as conjunções de um texto garante a perfeita estruturação de suas frases e parágrafos, bem como a compreensão eficaz de seu conteúdo. Interagindo com palavras de outras classes gramaticais essenciais ao inter-relacionamento das partes de frases e textos - como os pronomes, preposições, alguns advérbios e numerais -, as conjunções fazem parte daquilo a que se pode chamar de **"a arquitetura textual"**, isto é, o conjunto das relações que garantem a coesão do enunciado. O sucesso desse conjunto de relações depende do conhecimento do valor relacional das conjunções, uma vez que estas interferem semanticamente no enunciado.

Dessa forma, deve-se dedicar atenção especial às conjunções tanto na leitura como na produção de textos. Nos textos narrativos, elas estão muitas vezes ligadas à expressão de circunstâncias fundamentais à condução da história, como as noções de tempo, finalidade, causa e consequência. Nos textos dissertativos, evidenciam muitas vezes a linha expositiva ou argumentativa adotada - é o caso das exposições e argumentações construídas por meio de contrastes e oposições, que implicam o uso das adversativas e concessivas.

Fontes de pesquisa:

http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf84.php

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Interjeição

Interjeição é a palavra invariável que exprime emoções, sensações, estados de espírito. É um recurso da linguagem afetiva, em que não há uma ideia organizada de maneira lógica, como são as sentenças da língua, mas sim a manifestação de um suspiro, um estado da alma decorrente de uma situação particular, um momento ou um contexto específico. Exemplos:

Ah, como eu queria voltar a ser criança!

ah: expressão de um estado emotivo = interjeição

Hum! Esse pudim estava maravilhoso!

hum: expressão de um pensamento súbito = interjeição

O significado das interjeições está vinculado à maneira como elas são proferidas. O tom da fala é que dita o sentido que a expressão vai adquirir em cada contexto em que for utilizada. Exemplos:

Psiu!

contexto: alguém pronunciando esta expressão na rua ; significado da interjeição (sugestão): *"Estou te chamando! Ei, espere!"*

Psiu!

contexto: alguém pronunciando em um hospital; significado da interjeição (sugestão): *"Por favor, faça silêncio!"*

Puxa! Ganhei o maior prêmio do sorteio!

puxa: interjeição; tom da fala: euforia

Puxa! Hoje não foi meu dia de sorte!

puxa: interjeição; tom da fala: decepção

As interjeições cumprem, normalmente, duas funções:

a) Sintetizar uma frase exclamativa, exprimindo alegria, tristeza, dor, etc.

Ah, deve ser muito interessante!

b) Sintetizar uma frase apelativa.

Cuidado! Saia da minha frente.

As interjeições podem ser formadas por:

a) simples sons vocálicos: *Oh!, Ah!, Ó, Ô*

b) palavras*: Oba! Olá! Claro*!

c) grupos de palavras (locuções interjetivas): *Meu Deus! Ora bolas!*

Classificação das Interjeições

Comumente, as interjeições expressam sentido de:

Advertência*:* *Cuidado! Devagar! Calma! Sentido! Atenção! Olha! Alerta!*

Afugentamento: *Fora! Passa! Rua!*

Alegria ou Satisfação: *Oh! Ah! Eh! Oba! Viva!*

Alívio: *Arre! Uf! Ufa! Ah!*

Animação ou Estímulo: *Vamos! Força! Coragem! Ânimo! Adiante!*

Aplauso ou Aprovação: *Bravo! Bis! Apoiado! Viva!*

Concordância: *Claro! Sim! Pois não! Tá!*

Repulsa ou Desaprovação: *Credo! Ih! Francamente! Essa não! Chega! Basta!*

Desejo ou Intenção: *Pudera! Tomara! Oxalá! Queira Deus!*

Desculpa: *Perdão!*

Dor ou Tristeza: *Ai! Ui! Ai de mim! Que pena!*

Dúvida ou Incredulidade: *Que nada! Qual o quê!*

Espanto ou Admiração: *Oh! Ah! Uai! Puxa! Céus! Quê! Caramba! Opa! Nossa! Hein? Cruz! Putz!*

Impaciência ou Contrariedade: *Hum! Raios! Puxa! Pô! Ora!*

Pedido de Auxílio: *Socorro! Aqui! Piedade!*

Saudação, Chamamento ou Invocação: *Salve! Viva! Adeus! Olá! Alô! Ei! Tchau! Psiu! Socorro! Valha-me, Deus!*

Silêncio: *Psiu! Silêncio!*

Terror ou Medo: *Credo! Cruzes! Minha nossa!*

*** Saiba que**: As interjeições são palavras invariáveis, isto é, não sofrem variação em gênero, número e grau como os nomes, nem de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em uso específico, algumas interjeições sofrem variação em grau. Não se trata de um processo natural desta classe de palavra, mas tão só uma variação que a linguagem afetiva permite. Exemplos: *oizinho, bravíssimo, até loguinho*.

Locução Interjetiva

Ocorre quando duas ou mais palavras formam uma expressão com sentido de interjeição: *Ora bolas!, Virgem Maria!, Meu Deus!, Ó de casa!, Ai de mim!, Graças a Deus!*

Toda frase mais ou menos breve dita em tom exclamativo torna-se uma locução interjetiva, dispensando análise dos termos que a compõem: *Macacos me mordam!, Valha-me Deus!, Quem me dera!*

*** Observações:**

1) As interjeições são como frases resumidas, sintéticas. Por exemplo:

Ué! (= Eu não esperava por essa!)

Perdão! (= Peço-lhe que me desculpe.)

2) Além do contexto, o que caracteriza a interjeição é o seu tom exclamativo; por isso, palavras de outras classes gramaticais podem aparecer como interjeições. Por exemplo:

Viva! Basta! (Verbos)

Fora! Francamente! (Advérbios)

3) A interjeição pode ser considerada uma "palavra-frase" porque sozinha pode constituir uma mensagem. Por exemplo:

Socorro! Ajudem-me! Silêncio! Fique quieto!

4) Há, também, as interjeições onomatopaicas ou imitativas, que exprimem ruídos e vozes. Por exemplo: *Miau! Bumba! Zás! Plaft! Pof! Catapimba! Tique-taque! Quá-quá-quá!,* etc.

5) Não se deve confundir a interjeição de apelo "ó" com a sua homônima "oh!", que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se uma pausa depois do "oh!" exclamativo e não a fazemos depois do "ó" vocativo. Por exemplo:

"Ó natureza! ó mãe piedosa e pura!" (Olavo Bilac)

Oh! a jornada negra!" (Olavo Bilac)

Fontes de pesquisa:

http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf89.php

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Português – Literatura, Produção de Textos & Gramática – volume único / Samira Yousseff Campedelli, Jésus Barbosa Souza. – 3. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2002.

Numeral

Numeral é a palavra variável que indica quantidade numérica ou ordem; expressa a quantidade exata de pessoas ou coisas ou o lugar que elas ocupam numa determinada sequência.

* Note bem: os numerais traduzem, em palavras, o que os números indicam em relação aos seres. Assim, quando a *expressão é colocada em números (1, 1.º, 1/3, etc.) não se trata de numerais, mas sim de algarismos*.

Além dos numerais mais conhecidos, já que refletem a ideia expressa pelos números, existem mais algumas palavras consideradas numerais porque denotam quantidade, proporção ou ordenação. São alguns exemplos: *década, dúzia, par, ambos(as), novena*.

Classificação dos Numerais

- Cardinais: indicam quantidade exata ou determinada de seres: *um, dois, cem mil*, etc. Alguns cardinais têm sentido coletivo, como por exemplo: *século, par, dúzia, década, bimestre*.

- Ordinais: indicam a ordem, a posição que alguém ou alguma coisa ocupa numa determinada sequência: *primeiro, segundo, centésimo,* etc.

*** Observação importante:**

As palavras *anterior, posterior, último, antepenúltimo, final e penúltimo* também indicam posição dos seres, mas são classificadas como adjetivos, não ordinais.

- Fracionários: indicam parte de uma quantidade, ou seja, uma divisão dos seres: *meio, terço, dois quintos,* etc.

- Multiplicativos: expressam ideia de multiplicação dos seres, indicando quantas vezes a quantidade foi aumentada: *dobro, triplo, quíntuplo,* etc.

Flexão dos numerais

Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas; quatrocentos/quatrocentas*, etc. Cardinais como milhão, bilhão, trilhão, variam em número: *milhões, bilhões, trilhões*. Os demais cardinais são invariáveis.

Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	*segundo*	*milésimo*
primeira	*segunda*	*milésima*
primeiros	*segundos*	*milésimos*
primeiras	*segundas*	*milésimas*

Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas: *Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.*

Quando atuam em funções adjetivas, esses numerais flexionam-se em gênero e número: *Teve de tomar doses triplas do medicamento.*

Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número. Observe: *um terço/dois terços, uma terça parte/duas terças partes.*

Os numerais coletivos flexionam-se em número: *uma dúzia, um milheiro, duas dúzias, dois milheiros.*

É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:

"Me empresta duzentinho..."

É artigo de primeiríssima qualidade!

O time está arriscado por ter caído na segundona. (= segunda divisão de futebol)

Emprego e Leitura dos Numerais

- Os numerais são escritos em conjunto de três algarismos, contados da direita para a esquerda, em forma de centenas, dezenas e unidades, tendo cada conjunto uma separação através de ponto ou espaço correspondente a um ponto: 8.234.456 ou 8 234 456.

- Em sentido figurado, usa-se o numeral para indicar exagero intencional, constituindo a figura de linguagem conhecida como hipérbole: *Já li esse texto mil vezes.*

- No português contemporâneo, não se usa a conjunção "e" após "mil", seguido de centena:

Nasci em mil novecentos e noventa e dois.

Seu salário será de mil quinhentos e cinquenta reais.

* **Mas**, se a centena começa por "zero" ou termina por dois zeros, usa-se o "e":

Seu salário será de mil e quinhentos reais. (R$1.500,00)

Gastamos mil e quarenta reais. (R$1.040,00)

- Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, utilizam-se os ordinais até décimo e, a partir daí, os cardinais, *desde que o numeral venha depois do substantivo;*

Ordinais	Cardinais
João Paulo II (segundo)	*Tomo XV (quinze)*
D. Pedro II (segundo)	*Luís XVI (dezesseis)*
Ato II (segundo)	*Capítulo XX (vinte)*
Século VIII (oitavo)	*Século XX (vinte)*
Canto IX (nono)	*João XXIII (vinte e três)*

- Se o numeral aparece antes do substantivo, será lido como ordinal: *XXX Feira do Bordado.* (trigésima)

**** Dica: Ord**inal lembra **ord**em. Memorize assim, por associação. Ficará mais fácil!

- Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.° (primeiro) *Artigo 10 (dez)*

Artigo 9.° (nono) *Artigo 21 (vinte e um)*

NOVA CONCURSOS

- Ambos/ambas = numeral dual, porque sempre se refere a dois seres. Significam "um e outro", "os dois" (ou "uma e outra", "as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres aos quais já se fez referência. Sua utilização exige a presença do artigo posposto: *Ambos os concursos realizarão suas provas no mesmo dia.* O artigo só é dispensado caso haja um pronome demonstrativo: *Ambos esses ministros falarão à imprensa.*

Função sintática do Numeral

O numeral tem mais de uma função sintática:
- se na oração analisada seu papel é de adjetivo, o numeral assumirá a função de adjunto adnominal; se fizer papel de substantivo, pode ter a função de sujeito, objeto direto ou indireto.

Visitamos cinco casas, mas só gostamos de duas.
Objeto direto = cinco casas
Núcleo do objeto direto = casas
Adjunto adnominal = cinco
Objeto indireto = de duas
Núcleo do objeto indireto = duas

Quadro de alguns numerais

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	-	-
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	-	onze avos
doze	décimo segundo	-	doze avos
treze	décimo terceiro	-	treze avos
catorze	décimo quarto	-	catorze avos
quinze	décimo quinto	-	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	-	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	-	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	-	dezoito avos
dezenove	décimo nono	-	dezenove avos
vinte	vigésimo	-	vinte avos
trinta	trigésimo	-	trinta avos
quarenta	quadragésimo	-	quarenta avos
cinqüenta	quinquagésimo	-	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	-	sessenta avos
setenta	septuagésimo	-	setenta avos
oitenta	octogésimo	-	oitenta avos
noventa	nonagésimo	-	noventa avos

cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	-	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	-	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	-	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	-	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	-	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	-	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	-	octingentésimo
novecentos	nongentésimo		
	ou noningentésimo	-	nongentésimo
mil	milésimo	-	milésimo
milhão	milionésimo	-	milionésimo
bilhão	bilionésimo	-	bilionésimo

fontes de pesquisa:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf40.php
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Preposição

Preposição é uma palavra invariável que serve para ligar termos ou orações. Quando esta ligação acontece, normalmente há uma subordinação do segundo termo em relação ao primeiro. As preposições são muito importantes na estrutura da língua, pois estabelecem a coesão textual e possuem valores semânticos indispensáveis para a compreensão do texto.

Tipos de Preposição

1. **Preposições essenciais**: palavras que atuam exclusivamente como preposições: *a, ante, perante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, sem, sob, sobre, trás, atrás de, dentro de, para com.*

2. **Preposições acidentais**: palavras de outras classes gramaticais que podem atuar como preposições, ou seja, formadas por uma derivação imprópria: *como, durante, exceto, fora, mediante, salvo, segundo, senão, visto*.

3. **Locuções prepositivas**: duas ou mais palavras valendo como uma preposição, sendo que a última palavra é uma (preposição): *abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com, em cima de, embaixo de, em frente a, ao redor de, graças a, junto a, com, perto de, por causa de, por cima de, por trás de.*

A preposição é invariável, no entanto pode unir-se a outras palavras e, assim, estabelecer concordância em gênero ou em número. Ex: *por + o = pelo por + a = pela.*

* Essa concordância não é característica da preposição, mas das palavras às quais ela se une.
Esse processo de junção de uma preposição com outra palavra pode se dar a partir dos processos de:

1. **Combinação**: união da preposição "a" com o artigo "o"(s), ou com o advérbio "onde": *ao, aonde, aos.* Os vocábulos não sofrem alteração.
2. **Contração**: união de uma preposição com outra palavra, ocorrendo perda ou transformação de fonema: *de + o =* ***do****, em + a =* ***na****, per + os =* ***pelos****, de + aquele =* ***daquele****, em + isso =* ***nisso****.*
3. **Crase**: é a fusão de vogais idênticas: ***à*** ("a" preposição + "a" artigo), ***àquilo*** ("a" preposição + 1.ª vogal do pronome "aquilo").

Dicas sobre preposição

- O "a" pode funcionar como preposição, pronome pessoal oblíquo e artigo. Como distingui-los? Caso o "a" seja um artigo, virá precedendo um substantivo, servindo para determiná-lo como um substantivo singular e feminino.
A matéria que estudei é fácil!

- Quando é preposição, além de ser invariável, liga dois termos e estabelece relação de subordinação entre eles.
Irei à festa sozinha.
Entregamos a flor à professora!
*o primeiro "a" é artigo; o segundo, preposição.

- Se for pronome pessoal oblíquo estará ocupando o lugar e/ou a função de um substantivo.
*Nós trouxemos a apostila. = Nós **a** trouxemos.*

Relações semânticas (= de sentido) estabelecidas por meio das preposições:

Destino = *Irei a Salvador.*
Modo = *Saiu aos prantos.*
Lugar = *Sempre a seu lado.*
Assunto = *Falemos sobre futebol.*
Tempo = *Chegarei em instantes.*
Causa = *Chorei de saudade.*
Fim ou finalidade = *Vim para ficar.*
Instrumento = *Escreveu a lápis.*
Posse = *Vi as roupas da mamãe.*
Autoria = *livro de Machado de Assis*
Companhia = *Estarei com ele amanhã.*
Matéria = *copo de cristal.*
Meio = *passeio de barco.*
Origem = *Nós somos do Nordeste.*
Conteúdo = *frascos de perfume.*
Oposição = *Esse movimento é contra o que eu penso.*
Preço = *Essa roupa sai por cinquenta reais.*

* Quanto à preposição "trás": não se usa senão nas locuções adverbiais (*para trás* ou *por trás*) e na locução prepositiva *por trás de.*

Fontes de pesquisa:
http://www.infoescola.com/portugues/preposicao/
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi.* 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Pronome

Pronome é a palavra variável que substitui ou acompanha um substantivo (nome), qualificando-o de alguma forma.

O homem julga que é superior à natureza, por isso o homem destrói a natureza...

Utilizando pronomes, teremos:

*O homem julga que é superior à natureza, por isso **ele a** destrói...*

Ficou melhor, sem a repetição desnecessária de termos (homem e natureza).

Grande parte dos pronomes não possuem significados fixos, isto é, essas palavras só adquirem significação dentro de um contexto, o qual nos permite recuperar a referência exata daquilo que está sendo colocado por meio dos pronomes no ato da comunicação. Com exceção dos pronomes interrogativos e indefinidos, os demais pronomes têm por função principal apontar para as pessoas do discurso ou a elas se relacionar, indicando-lhes sua situação no tempo ou no espaço. Em virtude dessa característica, os pronomes apresentam uma forma específica para cada pessoa do discurso.

Minha carteira estava vazia quando eu fui assaltada.
[minha/eu: pronomes de 1.ª pessoa = aquele que fala]
Tua carteira estava vazia quando tu foste assaltada?
[tua/tu: pronomes de 2.ª pessoa = aquele a quem se fala]
A carteira dela estava vazia quando ela foi assaltada.
[dela/ela: pronomes de 3.ª pessoa = aquele de quem se fala]

Em termos morfológicos, os pronomes são palavras variáveis em gênero (masculino ou feminino) e em número (singular ou plural). Assim, espera-se que a referência através do pronome seja coerente em termos de gênero e número (fenômeno da concordância) com o seu objeto, mesmo quando este se apresenta ausente no enunciado.

Fala-se de Roberta. Ele quer participar do desfile da nossa escola neste ano.
[nossa: pronome que qualifica "escola" = concordância adequada]
[neste: pronome que determina "ano" = concordância adequada]
[ele: pronome que faz referência à "Roberta" = concordância inadequada]

Existem seis tipos de pronomes: *pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos* e *interrogativos*.

Pronomes Pessoais

São aqueles que substituem os substantivos, indicando diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes "eu" ou "nós"; usa-se os pronomes "tu", "vós", "você" ou "vocês" para designar a quem se dirige, e "ele", "ela", "eles" ou "elas" para fazer referência à pessoa ou às pessoas de quem se fala.

Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, podendo ser do **caso reto** ou **do caso oblíquo**.

Pronome Reto

Pronome pessoal do caso reto é aquele que, na sentença, **exerce a função de sujeito:** *Nós lhe ofertamos flores.*

Os pronomes retos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3.ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão, uma vez que marca a pessoa do discurso. Dessa forma, o quadro dos pronomes retos é assim configurado:

- *1.ª pessoa do singular: eu*
- *2.ª pessoa do singular: tu*
- *3.ª pessoa do singular: ele, ela*
- *1.ª pessoa do plural: nós*
- *2.ª pessoa do plural: vós*
- *3.ª pessoa do plural: eles, elas*

*** Atenção**: esses pronomes não costumam ser usados como complementos verbais na língua-padrão. Frases como *"Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui"*, comuns na língua oral cotidiana, devem ser evitadas na língua formal escrita ou falada. Na língua formal, devem ser usados os *pronomes oblíquos* correspondentes: *"Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".*

*** Observação**: frequentemente observamos a omissão do pronome reto em Língua Portuguesa. Isso se dá porque as próprias formas verbais marcam, através de suas desinências, as pessoas do verbo indicadas pelo pronome reto: *Fizemos boa viagem*. (Nós)

Pronome Oblíquo

Pronome pessoal do caso oblíquo é aquele que, na sentença, **exerce a função de complemento verbal (objeto direto ou indireto):** *Ofertaram-**nos** flores*. (objeto indireto)

*** Observação**: o pronome oblíquo é uma forma variante do pronome pessoal do caso reto. Essa variação indica a função diversa que eles desempenham na oração: pronome reto marca o sujeito da oração; pronome oblíquo marca o complemento da oração.

Os pronomes oblíquos sofrem variação de acordo com a acentuação tônica que possuem, podendo ser átonos ou tônicos.

Pronome Oblíquo Átono

São chamados átonos os pronomes oblíquos que não são precedidos de preposição. Possuem acentuação tônica fraca: *Ele me deu um presente.*

Tabela dos pronomes oblíquos átonos

- *1.ª pessoa do singular* (eu)*: me*
- *2.ª pessoa do singular* (tu): *te*
- *3.ª pessoa do singular* (ele, ela)*: o, a, lhe*
- *1.ª pessoa do plural* (nós)*: nos*
- *2.ª pessoa do plural* (vós)*: vos*
- *3.ª pessoa do plural* (eles, elas)*: os, as, lhes*

*** Observações:**

- O "lhe" é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome "o" ou "a" e preposição "a" ou "para". Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome "lhe" exerce sempre a função de objeto indireto na oração.

Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem tanto ser objetos diretos como objetos indiretos.

Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos.

- Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as,* dando origem a formas como *mo, mos, ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas; no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las*. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

Trouxeste o pacote?
Sim, entreguei-to ainda há pouco.
Não contaram a novidade a vocês?
Não, no-la contaram.

No Brasil, essas combinações não são usadas; até mesmo na língua literária atual, seu emprego é muito raro.

*** Atenção:** Os pronomes *o, os, a, as* assumem formas especiais depois de certas terminações verbais.

- Quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida. Por exemplo:

fiz + o = fi-lo
fazeis + o = fazei-lo
dizer + a = dizê-la

- Quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*. Por exemplo:

viram + o: viram-no
repõe + os = repõe-nos
retém + a: retém-na
tem + as = tem-nas

Pronome Oblíquo Tônico

Os pronomes oblíquos tônicos são sempre precedidos por preposições, em geral as preposições *a, para, de* e *com*. Por esse motivo, os pronomes tônicos exercem a função de objeto indireto da oração. Possuem acentuação tônica forte.

Quadro dos pronomes oblíquos tônicos:

- *1.ª pessoa do singular* (eu)*: mim, comigo*
- *2.ª pessoa do singular* (tu): *ti, contigo*
- *3.ª pessoa do singular* (ele, ela)*: si, consigo, ele, ela*
- *1.ª pessoa do plural* (nós): *nós, conosco*
- *2.ª pessoa do plural* (vós): *vós, convosco*
- *3.ª pessoa do plural* (eles, elas): *si, consigo, eles, elas*

Observe que as únicas formas próprias do pronome tônico são a primeira pessoa (mim) e segunda pessoa (ti). As demais repetem a forma do pronome pessoal do caso reto.

- As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronome do caso reto. Nos contextos interlocutivos que exigem o uso da língua formal, os pronomes costumam ser usados desta forma:

Não há mais nada entre mim e ti.
Não se comprovou qualquer ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não vá sem mim.

*** Atenção**: Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, serve para introduzir uma oração cujo verbo está no infinitivo. Nesses casos, o verbo pode ter sujeito expresso; se esse sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto.

Trouxeram vários vestidos para eu experimentar.
Não vá sem eu mandar.

* A frase: "*Foi fácil para mim resolver aquela questão!*" está correta, já que "para mim" é complemento de "fácil". A ordem direta seria: *Resolver aquela questão foi fácil para mim!*

- A combinação da preposição "com" e alguns pronomes originou as formas especiais *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco.* Tais pronomes oblíquos tônicos frequentemente exercem a função de adjunto adverbial de companhia.

Ele carregava o documento consigo.

- A preposição "até" exige as formas oblíquas tônicas: *Ela veio até mim, mas nada falou.*

Mas, se "até" for palavra denotativa (com o sentido de) inclusão, usaremos as formas retas:

Todos foram bem na prova, até eu! (=inclusive eu)

- As formas "conosco" e "convosco" são substituídas por "com nós" e "com vós" quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral.

Você terá de viajar com nós todos.
Estávamos com vós outros quando chegaram as más notícias.
Ele disse que iria com nós três.

Pronome Reflexivo

São pronomes pessoais oblíquos que, embora funcionem como objetos direto ou indireto, referem-se ao sujeito da oração. Indicam que o sujeito pratica e recebe a ação expressa pelo verbo.

Quadro dos pronomes reflexivos:

- 1.ª pessoa do singular (eu): me, mim.
Eu não me lembro disso.

- 2.ª pessoa do singular (tu): te, ti.
Conhece a ti mesmo.

- 3.ª pessoa do singular (ele, ela): se, si, consigo.
Guilherme já se preparou.
Ela deu a si um presente.
Antônio conversou consigo mesmo.

- 1.ª pessoa do plural (nós): nos.
Lavamo-nos no rio.

- 2.ª pessoa do plural (vós): vos.
Vós vos beneficiastes com esta conquista.

- 3.ª pessoa do plural (eles, elas): se, si, consigo.
Eles se conheceram.
Elas deram a si um dia de folga.

* O pronome é reflexivo quando se refere à mesma pessoa do pronome subjetivo (sujeito): *Eu me arrumei e saí.*

** É pronome recíproco quando indica reciprocidade de ação:

Nós nos amamos.
Olhamo-nos calados.

Pronomes de Tratamento

São pronomes utilizados no tratamento formal, cerimonioso. Apesar de indicarem nosso interlocutor (portanto, a segunda pessoa), **utilizam o verbo na terceira pessoa**. Alguns exemplos:

Vossa Alteza (V. A.) = príncipes, duques
Vossa Eminência (V. E.ma) = cardeais
Vossa Reverendíssima (V. Ver.ma) = sacerdotes e religiosos em geral
Vossa Excelência (V. Ex.ª) = oficiais de patente superior à de coronel, senadores, deputados, embaixadores, professores de curso superior, ministros de Estado e de Tribunais, governadores, secretários de Estado, presidente da República (sempre por extenso)
Vossa Magnificência (V. Mag.ª) = reitores de universidades
Vossa Majestade (V. M.) = reis, rainhas e imperadores
Vossa Senhoria (V. S.ª) = comerciantes em geral, oficiais até a patente de coronel, chefes de seção e funcionários de igual categoria
Vossa Meritíssima (sempre por extenso) = para juízes de direito
Vossa Santidade (sempre por extenso) = tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência (sempre por extenso) = Deus

Também são pronomes de tratamento *o senhor, a senhora* e *você, vocês*. "O senhor" e "a senhora" são empregados no tratamento cerimonioso; "você" e "vocês", no tratamento familiar. *Você* e *vocês* são largamente empregados no português do Brasil; em algumas regiões, a forma *tu* é de uso frequente; em outras, pouco empregada. Já a forma *vós* tem uso restrito à linguagem litúrgica, ultraformal ou literária.

*** Observações:**

* Vossa Excelência X Sua Excelência: os pronomes de tratamento que possuem "**Vossa**(s)" são empregados em relação à pessoa com quem falamos: *Espero que V. Ex.ª, Senhor Ministro, compareça a este encontro.*

***** Emprega-se "Sua (s)" quando se fala a respeito da pessoa:*** *Todos os membros da C.P.I. afirmaram que Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, agiu com propriedade.*

- Os pronomes de tratamento representam uma forma indireta de nos dirigirmos aos nossos interlocutores. Ao tratarmos um deputado por Vossa Excelência, por exemplo, estamos nos endereçando à excelência que esse deputado supostamente tem para poder ocupar o cargo que ocupa.

- 3.ª pessoa: embora os pronomes de tratamento dirijam-se à 2.ª pessoa, **toda a concordância deve ser feita com a 3.ª pessoa**. Assim, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3.ª pessoa.

*Basta que V. Ex.ª **cumpra** a terça parte das **suas** promessas, para que **seus** eleitores **lhe** fiquem reconhecidos.*

- Uniformidade de Tratamento: quando escrevemos ou nos dirigimos a alguém, não é permitido mudar, ao longo do texto, a pessoa do tratamento escolhida inicialmente. Assim, por exemplo, se começamos a chamar alguém de "você", não poderemos usar "te" ou "teu". O uso correto exigirá, ainda, verbo na terceira pessoa.

Quando você vier, eu te abraçarei e enrolar-me-ei nos teus cabelos. (**errado**)

Quando você vier, eu a abraçarei e enrolar-me-ei nos seus cabelos. (**correto**) = terceira pessoa do singular

ou

Quando tu vieres, eu te abraçarei e enrolar-me-ei nos teus cabelos. (**correto**) = segunda pessoa do singular

Pronomes Possessivos

São palavras que, ao indicarem a pessoa gramatical (possuidor), acrescentam a ela a ideia de posse de algo (coisa possuída).

Este caderno é meu. (meu = possuidor: 1ª pessoa do singular)

NÚMERO	PESSOA	PRONOME
singular	primeira	*meu(s), minha(s)*
singular	segunda	*teu(s), tua(s)*
singular	terceira	*seu(s), sua(s)*
plural	primeira	*nosso(s), nossa(s)*
plural	segunda	*vosso(s), vossa(s)*
plural	terceira	*seu(s), sua(s)*

*** Note que**: A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere; *o gênero e o número concordam com o objeto possuído*: *Ele trouxe seu apoio e sua contribuição naquele momento difícil***.**

*** Observações**:

- A forma "seu" não é um possessivo quando resultar da alteração fonética da palavra senhor: *Muito obrigado, seu José*.

- Os pronomes possessivos nem sempre indicam posse. Podem ter outros empregos, como:

a) indicar afetividade: *Não faça isso, minha filha.*

b) indicar cálculo aproximado: *Ele já deve ter seus 40 anos*.

c) atribuir valor indefinido ao substantivo: *Marisa tem lá seus defeitos, mas eu gosto muito dela.*

- Em frases onde se usam pronomes de tratamento, o pronome possessivo fica na 3.ª pessoa: *Vossa Excelência trouxe sua mensagem?*

- Referindo-se a mais de um substantivo, o possessivo concorda com o mais próximo: *Trouxe-me seus livros e anotações*.

- Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivo: *Vou seguir-lhe os passos*. (= Vou seguir seus passos)

- O adjetivo "*respectivo*" equivale a "*devido, seu, próprio*", por isso não se deve usar "seus" ao utilizá-lo, para que não ocorra redundância: *Coloque tudo nos respectivos lugares.*

Pronomes Demonstrativos

São utilizados para explicitar a posição de certa palavra em relação a outras ou ao contexto. Essa relação pode ser de espaço, de tempo ou em relação ao discurso.

***Em relação ao espaço**:

- *Este(s), esta(s)* e *isto* = indicam o que está perto da pessoa que fala:

Este material é meu.

- *Esse(s), essa(s)* e *isso* = indicam o que está perto da pessoa com quem se fala:

Esse material em sua carteira é seu?

- *Aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* = indicam o que está distante tanto da pessoa que fala como da pessoa com quem se fala:

Aquele material não é nosso.

Vejam aquele prédio!

NOVA CONCURSOS

***Em relação ao tempo**:
- *Este(s), esta(s)* e *isto* = indicam o tempo presente em relação à pessoa que fala:
Esta manhã farei a prova do concurso!

- *Esse(s), essa(s)* e *isso* = indicam o tempo passado, porém relativamente próximo à época em que se situa a pessoa que fala:
Essa noite dormi mal; só pensava no concurso!

- *Aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* = indicam um afastamento no tempo, referido de modo vago ou como tempo remoto:
Naquele tempo, os professores eram valorizados.

***Em relação ao falado ou escrito (ou ao que se falará ou escreverá):**
- *Este(s), esta(s)* e *isto* = empregados quando se quer fazer referência a alguma coisa sobre a qual ainda se falará:
Serão estes os conteúdos da prova: análise sintática, ortografia, concordância.

- *Esse(s), essa(s)* e *isso* = utilizados quando se pretende fazer referência a alguma coisa sobre a qual já se falou:
Sua aprovação no concurso, isso é o que mais desejamos!

- *Este e aquele* são empregados quando se quer fazer referência a termos já mencionados; *aquele* se refere ao termo referido em primeiro lugar e *este* para o referido por último:

Domingo, no Pacaembu, jogarão Palmeiras e São Paulo; este está mais bem colocado que aquele. (= este [São Paulo], aquele [Palmeiras])
ou

Domingo, no Pacaembu, jogarão Palmeiras e São Paulo; aquele está mais bem colocado que este. (= este [São Paulo], aquele [Palmeiras])

- Os pronomes demonstrativos podem ser variáveis ou invariáveis, observe:
Variáveis: *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s)*.
Invariáveis: *isto, isso, aquilo.*

* Também aparecem como pronomes demonstrativos:
- *o(s), a(s)*: quando estiverem antecedendo o "que" e puderem ser substituídos por *aquele(s), aquela(s), aquilo.*
*Não ouvi **o** que disseste*. (Não ouvi aquilo que disseste.)
*Essa rua não é **a** que te indiquei*. (não é aquela que te indiquei.)

- *mesmo(s), mesma(s), próprio(s), própria(s)*: variam em gênero quando têm caráter reforçativo:
Estas são as mesmas pessoas que o procuraram ontem.
Eu mesma refiz os exercícios.
Elas mesmas fizeram isso.
Eles próprios cozinharam.
Os próprios alunos resolveram o problema.
- *semelhante(s)*: *Não tenha semelhante atitude*.

- *tal, tais*: *Tal absurdo eu não comenteria.*

*** Note que:**
- Em frases como: *O referido deputado e o Dr. Alcides eram amigos íntimos; aquele casado, solteiro este.* (ou então: *este solteiro, aquele casado)* - *este* se refere à pessoa mencionada em último lugar; *aquele*, à mencionada em primeiro lugar.

- O pronome demonstrativo *tal* pode ter conotação irônica: *A menina foi a tal que ameaçou o professor?*

- Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no,* etc: *Não acreditei no que estava vendo*. (no = naquilo)

Pronomes Indefinidos

São palavras que se referem à 3.ª pessoa do discurso, dando-lhe sentido vago (impreciso) ou expressando quantidade indeterminada.
Alguém entrou no jardim e destruiu as mudas recém -plantadas.

Não é difícil perceber que "alguém" indica uma pessoa de quem se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É uma palavra capaz de indicar um ser humano que seguramente existe, mas cuja identidade é desconhecida ou não se quer revelar. Classificam-se em:

- **Pronomes Indefinidos Substantivos**: assumem o lugar do ser ou da quantidade aproximada de seres na frase. São eles: *algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.*

Algo o incomoda?
Quem avisa amigo é.

- **Pronomes Indefinidos Adjetivos**: qualificam um ser expresso na frase, conferindo-lhe a noção de quantidade aproximada. São eles: *cada, certo(s), certa(s).*

Cada povo tem seus costumes.
Certas pessoas exercem várias profissões.

*** Note que**: Ora são pronomes indefinidos substantivos, ora pronomes indefinidos adjetivos:
algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), *demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias.*

Menos palavras e mais ações.
Alguns se contentam pouco.

Os pronomes indefinidos podem ser divididos em variáveis e invariáveis. Observe:

Variáveis = *algum, nenhum, todo, muito, pouco, vário, tanto, outro, quanto, alguma, nenhuma, toda, muita, pouca, vária, tanta, outra, quanta, qualquer, quaisquer**, *alguns, nenhuns, todos, muitos, poucos, vários, tantos, outros, quantos, algumas, nenhumas, todas, muitas, poucas, várias, tantas, outras, quantas.*

Invariáveis = *alguém, ninguém, outrem, tudo, nada, algo, cada.*

* *Qualquer* é composto de *qual* + *quer* (do verbo *querer*), por isso seu plural é *quaisquer* (única palavra cujo plural é feito em seu interior).

- *Todo* e *toda* no singular e junto de artigo significa *inteiro;* sem artigo, equivale a *qualquer* ou a *todas as:*
Toda a cidade está enfeitada. (= a cidade inteira)
Toda cidade está enfeitada. (= todas as cidades)
Trabalho todo o dia. (= o dia inteiro)
Trabalho todo dia. (= todos os dias)

São locuções pronominais indefinidas: *cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra,* etc.
Cada um escolheu o vinho desejado.

Indefinidos Sistemáticos

Ao observar atentamente os pronomes indefinidos, percebemos que existem alguns grupos que criam oposição de sentido. É o caso de: *algum/alguém/algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum/ninguém/nada,* que têm sentido negativo; *todo/tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum/nada*, que indicam uma totalidade negativa; *alguém/ninguém,* que se referem à pessoa, e *algo/nada*, que se referem à coisa; *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essas oposições de sentido são muito importantes na construção de frases e textos coerentes, pois delas muitas vezes dependem a solidez e a consistência dos argumentos expostos. Observe nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados imprimem às afirmações de que fazem parte:

Nada do que tem sido feito produziu qualquer resultado prático.

Certas pessoas conseguem perceber sutilezas: não são pessoas quaisquer.

**Nenhum* é contração de *nem um,* forma mais enfática, que se refere à unidade. Repare:
Nenhum candidato foi aprovado.
Nem um candidato foi aprovado. (**um,** nesse caso, é numeral)

Pronomes Relativos

São aqueles que representam nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relacionam. Introduzem as orações subordinadas adjetivas.

O racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros.

(*afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros* = oração subordinada adjetiva).

O pronome relativo "que" refere-se à palavra "sistema" e introduz uma oração subordinada. Diz-se que a palavra "sistema" é antecedente do pronome relativo *que*.

O antecedente do pronome relativo pode ser o pronome demonstrativo *o, a, os, as*.

Não sei o que você está querendo dizer.

Às vezes, o antecedente do pronome relativo não vem expresso.

Quem casa, quer casa.

Observe:
Pronomes relativos variáveis = *o qual, cujo, quanto, os quais, cujos, quantos, a qual, cuja, quanta, as quais, cujas, quantas*.
Pronomes relativos invariáveis = *quem, que, onde*.

Note que:
- O pronome "que" é o relativo de mais largo emprego, sendo por isso chamado relativo universal. Pode ser substituído por *o qual, a qual, os quais, as quais,* quando seu antecedente for um substantivo.

O trabalho que eu fiz refere-se à corrupção. (= o qual)

A cantora que acabou de se apresentar é péssima. (= a qual)

Os trabalhos que eu fiz referem-se à corrupção. (= os quais)

As cantoras que se apresentaram eram péssimas. (= as quais)

- *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos, por isso são utilizados didaticamente para verificar se palavras como "que", "quem", "onde" (que podem ter várias classificações) são pronomes relativos. Todos eles são usados com referência à pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições: *Regressando de São Paulo, visitei o sítio de minha tia, o qual me deixou encantado*. O uso de "que", neste caso, geraria ambiguidade. Veja: *Regressando de São Paulo, visitei o sítio de minha tia, que me deixou encantado* (quem me deixou encantado: o sítio ou minha tia?).

Essas são as conclusões sobre as quais pairam muitas dúvidas? (com preposições de duas ou mais sílabas utiliza-se *o qual / a qual*)

- O relativo "que" às vezes equivale a *o que, coisa que*, e se refere a uma oração: *Não chegou a ser padre, mas deixou de ser poeta, que era a sua vocação natural.*

- O pronome "cujo": exprime posse; não concorda com o seu antecedente (o ser possuidor), mas com o consequente (o ser possuído, com o qual concorda em gênero e número); não se usa artigo depois deste pronome; "cujo" equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais.*

Existem pessoas cujas ações são nobres.
(antecedente) (consequente)

*interpretação do pronome "cujo" na frase acima: *ações das pessoas*. É como se lêssemos "de trás para frente". Outro exemplo:

Comprei o livro cujo autor é famoso. (= autor do livro)

** se o verbo exigir preposição, esta virá antes do pronome:

*O autor, **a** cujo livro você se referiu, está aqui!* (referiu-se **a**)

- "Quanto" é pronome relativo quando tem por antecedente um pronome indefinido: tanto (ou variações) e tudo:

Emprestei tantos quantos foram necessários.
(antecedente)

Ele fez tudo quanto havia falado.
(antecedente)

- O pronome "quem" se refere a pessoas e vem sempre precedido de preposição.

É um professor a quem muito devemos.
(preposição)

- "Onde", como pronome relativo, sempre possui antecedente e só pode ser utilizado na indicação de lugar: *A casa onde morava foi assaltada.*

- Na indicação de tempo, deve-se empregar *quando* ou *em que*.

Sinto saudades da época em que (quando) morávamos no exterior.

- Podem ser utilizadas como pronomes relativos as palavras:

- *como* (= pelo qual) – desde que precedida das palavras *modo, maneira ou forma*:

Não me parece correto o modo como você agiu semana passada.

- *quando* (= em que) – desde que tenha como antecedente um nome que dê ideia de tempo:

Bons eram os tempos quando podíamos jogar videogame.

- Os pronomes relativos permitem reunir duas orações numa só frase.

O futebol é um esporte. / O povo gosta muito deste esporte.

= O futebol é um esporte de que o povo gosta muito.

- Numa série de orações adjetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo "que": *A sala estava cheia de gente que conversava,* (que) *ria, observava.*

Pronomes Interrogativos

São usados na formulação de perguntas, sejam elas diretas ou indiretas. Assim como os pronomes indefinidos, referem-se à 3.ª pessoa do discurso de modo impreciso. São pronomes interrogativos: *que, quem, qual* (e variações), *quanto* (e variações).

Com quem andas?
Qual seu nome?
Diz-me com quem andas, que te direi quem és.

Sobre os pronomes:

O pronome pessoal é do caso reto quando tem função de sujeito na frase. O pronome pessoal é do caso oblíquo quando desempenha função de complemento.

1. Eu não sei essa matéria, mas ele irá me ajudar.
2. Maria foi embora para casa, pois não sabia se devia lhe ajudar.

Na primeira oração os pronomes pessoais "eu" e "ele" exercem função de sujeito, logo, são pertencentes ao caso reto. Já na segunda oração, o pronome "lhe" exerce função de complemento (objeto), ou seja, caso oblíquo.

Os pronomes pessoais indicam as pessoas do discurso. O pronome oblíquo "lhe", da segunda oração, aponta para a segunda pessoa do singular (tu/você): *Maria não sabia se devia ajudar...* Ajudar quem? Você (lhe).

Os pronomes pessoais oblíquos podem ser átonos ou tônicos: os primeiros não são precedidos de preposição, diferentemente dos segundos, que são sempre precedidos de preposição.

- Pronome oblíquo átono: *Joana **me** perguntou o que eu estava fazendo.*

- Pronome oblíquo tônico: *Joana perguntou **para mim** o que eu estava fazendo.*

Fontes de pesquisa:

http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf42.php

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Substantivo

Substantivo é a classe gramatical de palavras variáveis, as quais denominam todos os seres que existem, sejam reais ou imaginários. Além de objetos, pessoas e fenômenos, os substantivos também nomeiam:

-lugares: *Alemanha, Portugal*
-sentimentos: *amor, saudade*
-estados: *alegria, tristeza*
-qualidades: *honestidade, sinceridade...*
-ações: *corrida, pescaria...*

Morfossintaxe do substantivo

Nas orações, geralmente o substantivo exerce funções diretamente relacionadas com o verbo: atua como núcleo do sujeito, dos complementos verbais (objeto direto ou indireto) e do agente da passiva, podendo, ainda, funcionar como núcleo do complemento nominal ou do aposto, como núcleo do predicativo do sujeito, do objeto ou como núcleo do vocativo. Também encontramos substantivos como núcleos de adjuntos adnominais e de adjuntos adverbiais - quando essas funções são desempenhadas por grupos de palavras.

Classificação dos Substantivos

Substantivos Comuns e Próprios

Observe a definição:

Cidade: *s.f. 1: Povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas (no Brasil, toda a sede de município é cidade). 2. O centro de uma cidade (em oposição aos bairros).*

Qualquer "povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas" será chamada *cidade*. Isso significa que a palavra *cidade* é um substantivo comum.

Substantivo Comum é aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica: *cidade, menino, homem, mulher, país, cachorro.*

Estamos voando para Barcelona.

O substantivo *Barcelona* designa apenas um ser da espécie *cidade*. *Barcelona* é um substantivo próprio – aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma particular: *Londres, Paulinho, Pedro, Tietê, Brasil*.

Substantivos Concretos e Abstratos

Substantivo Concreto: é aquele que designa o ser que existe, independentemente de outros seres.

Observação: os substantivos concretos designam seres do mundo real e do mundo imaginário.

Seres do mundo real: *homem, mulher, cadeira, cobra, Brasília.*

Seres do mundo imaginário: *saci, mãe-d'água, fantasma.*

Substantivo Abstrato: é aquele que designa seres que dependem de outros para se manifestarem ou existirem.

Por exemplo: a beleza não existe por si só, não pode ser observada. Só podemos observar a beleza numa pessoa ou coisa que seja bela. A beleza depende de outro ser para se manifestar. Portanto, a palavra *beleza* é um substantivo abstrato.

Os substantivos abstratos designam estados, qualidades, ações e sentimentos dos seres, dos quais podem ser abstraídos, e sem os quais não podem existir: *vida* (estado), *rapidez* (qualidade), *viagem* (ação), *saudade* (sentimento).

Substantivos Coletivos

Ele vinha pela estrada e foi picado por uma abelha, outra abelha, mais outra abelha.

Ele vinha pela estrada e foi picado por várias abelhas.

Ele vinha pela estrada e foi picado por um enxame.

Note que, no primeiro caso, para indicar plural, foi necessário repetir o substantivo: *uma abelha, outra abelha, mais outra abelha.* No segundo caso, utilizaram-se duas palavras no plural. No terceiro, empregou-se um substantivo no singular (*enxame*) para designar um conjunto de seres da mesma espécie (*abelhas*).

O substantivo enxame é um substantivo **coletivo**.

Substantivo Coletivo: é o substantivo comum que, mesmo estando no singular, designa um conjunto de seres da mesma espécie.

Substantivo coletivo	Conjunto de:
assembleia	pessoas reunidas
alcateia	lobos
acervo	livros
antologia	trechos literários selecionados
arquipélago	ilhas
banda	músicos
bando	desordeiros ou malfeitores
banca	examinadores
batalhão	soldados
cardume	peixes
caravana	viajantes peregrinos
cacho	frutas
cancioneiro	canções, poesias líricas
colmeia	abelhas
concílio	bispos
congresso	parlamentares, cientistas
elenco	atores de uma peça ou filme
esquadra	navios de guerra
enxoval	roupas

falange	soldados, anjos
fauna	animais de uma região
feixe	lenha, capim
flora	vegetais de uma região
frota	navios mercantes, ônibus
girândola	fogos de artifício
horda	bandidos, invasores
junta	médicos, bois, credores, examinadores
júri	jurados
legião	soldados, anjos, demônios
leva	presos, recrutas
malta	malfeitores ou desordeiros
manada	búfalos, bois, elefantes,
matilha	cães de raça
molho	chaves, verduras
multidão	pessoas em geral
nuvem	insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)
penca	bananas, chaves
pinacoteca	pinturas, quadros
quadrilha	ladrões, bandidos
ramalhete	flores
rebanho	ovelhas
repertório	peças teatrais, obras musicais
réstia	alhos ou cebolas
romanceiro	poesias narrativas
revoada	pássaros
sínodo	párocos
talha	lenha
tropa	muares, soldados
turma	estudantes, trabalhadores
vara	porcos

Formação dos Substantivos
Substantivos Simples e Compostos

Chuva - *subst. Fem. 1 - água caindo em gotas sobre a terra.*

O substantivo *chuva* é formado por um único elemento ou radical. É um substantivo simples.

Substantivo Simples: é aquele formado por um único elemento.

Outros substantivos simples: *tempo, sol, sofá*, etc. Veja agora: O substantivo *guarda-chuva* é formado por dois elementos (guarda + chuva). Esse substantivo é composto.

Substantivo Composto: é aquele formado por dois ou mais elementos. Outros exemplos: *beija-flor, passa-tempo***.**

Substantivos Primitivos e Derivados

Substantivo Primitivo: é aquele que não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa. O substantivo *limoeiro,* por exemplo, é derivado, pois se originou a partir da palavra *limão*.

Substantivo Derivado: é aquele que se origina de outra palavra.

Flexão dos substantivos

O substantivo é uma classe variável. A palavra é variável quando sofre flexão (variação). A palavra *menino,* por exemplo, pode sofrer variações para indicar:

Plural: *meninos* / Feminino: *menina* / Aumentativo: *meninão* / Diminutivo: *menininho*

Flexão de Gênero

Gênero é um princípio puramente linguístico, não devendo ser confundido com "sexo". O gênero diz respeito a todos os substantivos de nossa língua, quer se refiram a seres animais providos de sexo, quer designem apenas "coisas": *o gato/a gata; o banco, a casa.*

Na língua portuguesa, há dois gêneros: *masculino e feminino.* Pertencem ao gênero masculino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos *o, os, um, uns.* Veja estes títulos de filmes:

O velho e o mar
Um Natal inesquecível
Os reis da praia

Pertencem ao gênero feminino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos *a, as, uma, umas:*

A história sem fim
Uma cidade sem passado
As tartarugas ninjas

Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes

Substantivos Biformes (= duas formas): apresentam uma forma para cada gênero: *gato – gata, homem – mulher, poeta – poetisa, prefeito - prefeita*

Substantivos Uniformes: apresentam uma única forma, que serve tanto para o masculino quanto para o feminino. Classificam-se em:

- Epicenos: referentes a animais. A distinção de sexo se faz mediante a utilização das palavras "macho" e "fêmea": *a cobra macho e a cobra fêmea, o jacaré macho e o jacaré fêmea.*

- Sobrecomuns: substantivos uniformes referentes a pessoas de ambos os sexos: *a criança, a testemunha, a vítima, o cônjuge, o gênio, o ídolo, o indivíduo.*

- Comuns de Dois ou Comum de Dois Gêneros: indicam o sexo das pessoas por meio do artigo: *o colega e a colega, o doente e a doente, o artista e a artista.*

Saiba que: Substantivos de origem grega terminados em *ema* ou *oma* são masculinos: *o fonema, o poema, o sistema, o sintoma, o teorema.*

- Existem certos substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado:
o águia (vigarista) *e a águia* (ave; perspicaz)
o cabeça (líder) *e a cabeça* (parte do corpo)
o capital (dinheiro) *e a capital* (cidade)
o coma (sono mórbido) *e a coma* (cabeleira, juba)
o lente (professor) *e a lente* (vidro de aumento)
o moral (estado de espírito) *e a moral* (ética; conclusão)
o praça (soldado raso) *e a praça* (área pública)
o rádio (aparelho receptor) *e a rádio* (estação emissora)

Formação do Feminino dos Substantivos Biformes

- Regra geral: troca-se a terminação -o por –a: *aluno - aluna.*
- Substantivos terminados em -ês: acrescenta-se -a ao masculino: *freguês - freguesa*
- Substantivos terminados em -ão: fazem o feminino de três formas:
1- troca-se -ão por -oa. = *patrão – patroa*
2- troca-se -ão por -ã. = *campeão - campeã*
3- troca-se -ão por ona. = *solteirão - solteirona*

*** Exceções**: *barão – baronesa, ladrão- ladra, sultão - sultana*

- Substantivos terminados em -or:
acrescenta-se -a ao masculino = *doutor – doutora*
troca-se -or por -triz: = *imperador - imperatriz*

- Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa: *cônsul - consulesa / abade - abadessa / poeta - poetisa / duque - duquesa / conde - condessa / profeta - profetisa*

- Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a: *elefante - elefanta*

- Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino: *bode – cabra / boi - vaca*

- Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores: *czar – czarina, réu - ré*

Formação do Feminino dos Substantivos Uniformes

Epicenos:
Novo jacaré escapa de policiais no rio Pinheiros.

Não é possível saber o sexo do jacaré em questão. Isso ocorre porque o substantivo jacaré tem apenas uma forma para indicar o masculino e o feminino.
Alguns nomes de animais apresentam uma só forma para designar os dois sexos. Esses substantivos são chamados de epicenos. No caso dos epicenos, quando houver a necessidade de especificar o sexo, utilizam-se palavras macho e fêmea.
A cobra macho picou o marinheiro.
A cobra fêmea escondeu-se na bananeira.

***Sobrecomuns*:**
Entregue as crianças à natureza.

A palavra *crianças* se refere tanto a seres do sexo masculino, quanto a seres do sexo feminino. Nesse caso, nem o artigo nem um possível adjetivo permitem identificar o sexo dos seres a que se refere a palavra. Veja:
A criança chorona chamava-se João.
A criança chorona chamava-se Maria.

Outros substantivos sobrecomuns:
a criatura = *João é uma boa criatura. Maria é uma boa criatura.*
o cônjuge = *O cônjuge de João faleceu. O cônjuge de Marcela faleceu*

***Comuns de Dois Gêneros*:**
Motorista tem acidente idêntico 23 anos depois.

Quem sofreu o acidente: um homem ou uma mulher?
É impossível saber apenas pelo título da notícia, uma vez que a palavra motorista é um substantivo uniforme.
A distinção de gênero pode ser feita através da análise do artigo ou adjetivo, quando acompanharem o substantivo: *o colega - a colega; o imigrante - a imigrante; um jovem - uma jovem; artista famoso - artista famosa; repórter francês - repórter francesa*

- A palavra personagem é usada indistintamente nos dois gêneros.
a) Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino: *O menino descobriu nas nuvens os personagens dos contos de carochinha.*
b) Com referência a mulher, deve-se preferir o feminino: *O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam a personagem.*

- Diz-se: *o (ou a) manequim Marcela, o (ou a) modelo fotográfico Ana Belmonte.*

NOVA CONCURSOS

Observe o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos: *o tapa, o eclipse, o lança-perfume, o dó (pena), o sanduíche, o clarinete, o champanha, o sósia, o maracajá, o clã, o herpes, o pijama, o suéter, o soprano, o proclama, o pernoite, o púbis.*

Femininos: *a dinamite, a derme, a hélice, a omoplata, a cataplasma, a pane, a mascote, a gênese, a entorse, a libido, a cal, a faringe, a cólera (doença), a ubá (canoa).*

- São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em -ma: *o grama (peso), o quilograma, o plasma, o apostema, o diagrama, o epigrama, o telefonema, o estratagema, o dilema, o teorema, o trema, o eczema, o edema, o magma, o estigma, o axioma, o tracoma, o hematoma.*

* **Exceções:** *a cataplasma, a celeuma, a fleuma*, etc.

***Gênero dos Nomes de Cidades*:** Com raras exceções, nomes de cidades são femininos.
A histórica Ouro Preto.
A dinâmica São Paulo.
A acolhedora Porto Alegre.
Uma Londres imensa e triste.
Exceções: *o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre.*

Gênero e Significação

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Observe:
o baliza (soldado que, que à frente da tropa, indica os movimentos que se deve realizar em conjunto; o que vai à frente de um bloco carnavalesco, manejando um bastão), a baliza (marco, estaca; sinal que marca um limite ou proibição de trânsito), o cabeça (chefe), a cabeça (parte do corpo), o cisma (separação religiosa, dissidência), a cisma (ato de cismar, desconfiança), o cinza (a cor cinzenta), a cinza (resíduos de combustão), o capital (dinheiro), a capital (cidade), o coma (perda dos sentidos), a coma (cabeleira), o coral (pólipo, a cor vermelha, canto em coro), a coral (cobra venenosa), o crisma (óleo sagrado, usado na administração da crisma e de outros sacramentos), a crisma (sacramento da confirmação), o cura (pároco), a cura (ato de curar), o estepe (pneu sobressalente), a estepe (vasta planície de vegetação), o guia (pessoa que guia outras), a guia (documento, pena grande das asas das aves), o grama (unidade de peso), a grama (relva), o caixa (funcionário da caixa), a caixa (recipiente, setor de pagamentos), o lente (professor), a lente (vidro de aumento), o moral (ânimo), a moral (honestidade, bons costumes, ética), o nascente (lado onde nasce o Sol), a nascente (a fonte), o maria-fumaça (trem como locomotiva a vapor), maria-fumaça (locomotiva movida a vapor), o pala (poncho), a pala (parte anterior do boné ou quepe, anteparo), o rádio (aparelho receptor), a rádio (emissora), o voga (remador), a voga (moda).

Flexão de Número do Substantivo

Em português, há dois números gramaticais: o singular, que indica um ser ou um grupo de seres, e o plural, que indica mais de um ser ou grupo de seres. A característica do plural é o "s" final.

Plural dos Substantivos Simples

- Os substantivos terminados em vogal, ditongo oral e "n" fazem o plural pelo acréscimo de "s": *pai – pais; ímã – ímãs; hífen - hifens (sem acento, no plural).* Exceção: *cânon - cânones.*

- Os substantivos terminados em "m" fazem o plural em "ns": *homem - homens.*

- Os substantivos terminados em "r" e "z" fazem o plural pelo acréscimo de "es": *revólver – revólveres; raiz - raízes.*

* **Atenção**: O plural de caráter é caracteres.

- Os substantivos terminados em al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o "l" por "is": *quintal - quintais; caracol – caracóis; hotel - hotéis.* Exceções: *mal e males, cônsul e cônsules.*

- Os substantivos terminados em "il" fazem o plural de duas maneiras:
- Quando oxítonos, em "is": *canil - canis*
- Quando paroxítonos, em "eis": *míssil - mísseis.*

Observação: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras: *répteis ou reptis* (pouco usada).

- Os substantivos terminados em "s" fazem o plural de duas maneiras:
1- Quando monossilábicos ou oxítonos, mediante o acréscimo de "es": *ás – ases / retrós - retroses*
2- Quando paroxítonos ou proparoxítonos, ficam invariáveis: *o lápis - os lápis / o ônibus - os ônibus.*

- Os substantivos terminados em "ao" fazem o plural de três maneiras.
1- substituindo o -ão por -ões: *ação - ações*
2- substituindo o -ão por -ães: *cão - cães*
3- substituindo o -ão por -ãos: *grão - grãos*

- Os substantivos terminados em "x" ficam invariáveis: *o látex - os látex.*

Plural dos Substantivos Compostos

- A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples: *aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés, malmequer/malmequeres.*

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

- **Flexionam-se os dois elementos**, quando formados de:
substantivo + substantivo = *couve-flor e couves-flores*
substantivo + adjetivo = *amor-perfeito e amores-perfeitos*
adjetivo + substantivo = *gentil-homem e gentis-homens*
numeral + substantivo = *quinta-feira e quintas-feiras*

- **Flexiona-se somente o segundo elemento**, quando formados de:
verbo + substantivo = *guarda-roupa e guarda-roupas*
palavra invariável + palavra variável = *alto-falante e alto-falantes*
palavras repetidas ou imitativas = *reco-reco e reco-recos*

- **Flexiona-se somente o primeiro elemento**, quando formados de:
substantivo + preposição clara + substantivo = *água-de-colônia e águas-de-colônia*
substantivo + preposição oculta + substantivo = *cavalo-vapor e cavalos-vapor*
substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior: *palavra-chave - palavras-chave, bomba-relógio - bombas-relógio, homem-rã - homens-rã, peixe-espada - peixes-espada.*

- **Permanecem invariáveis**, quando formados de:
verbo + advérbio = *o bota-fora e os bota-fora*
verbo + substantivo no plural = *o saca-rolhas e os saca-rolhas*

* **Casos Especiais**

o louva-a-deus e os louva-a-deus
o bem-te-vi e os bem-te-vis
o bem-me-quer e os bem-me-queres
o joão-ninguém e os joões-ninguém.

Plural das Palavras Substantivadas

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivo, apresentam, no plural, as flexões próprias dos substantivos.
Pese bem os prós e os contras.
O aluno errou na prova dos noves.
Ouça com a mesma serenidade os sins e os nãos.

* **Observação**: numerais substantivados terminados em "s" ou "z" não variam no plural: *Nas provas mensais consegui muitos seis e alguns dez.*

Plural dos Diminutivos

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o "s" final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.

pãe(s) + zinhos = pãezinhos
animai(s) + zinhos = animaizinhos
botõe(s) + zinhos = botõezinhos
chapéu(s) + zinhos = chapeuzinhos
farói(s) + zinhos = faroizinhos
tren(s) + zinhos = trenzinhos
colhere(s) + zinhas = colherezinhas
flore(s) + zinhas = florezinhas
mão(s) + zinhas = mãozinhas
papéi(s) + zinhos = papeizinhos
nuven(s) + zinhas = nuvenzinhas
funi(s) + zinhos = funizinhos
túnei(s) + zinhos = tuneizinhos
pai(s) + zinhos = paizinhos
pé(s) + zinhos = pezinhos
pé(s) + zitos = pezitos

Plural dos Nomes Próprios Personativos

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoas sempre que a terminação preste-se à flexão.

Os Napoleões também são derrotados.
As Raquéis e Esteres.

Plural dos Substantivos Estrangeiros

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se "s" (exceto quando terminam em "s" ou "z"): *os shows, os shorts, os jazz.*

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua: *os clubes, os chopes, os jipes, os esportes, as toaletes, os bibelôs, os garçons, os réquiens.*

Observe o exemplo:
Este jogador faz gols toda vez que joga.
O plural correto seria gois (ô), mas não se usa.

Plural com Mudança de Timbre

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (o fechado / o aberto). É um fato fonético chamado metafonia (**plural metafônico**).

NOVA CONCURSOS

Singular	Plural
Corpo (ô)	*corpos (ó)*
esforço	*esforços*
fogo	*fogos*
forno	*fornos*
fosso	*fossos*
imposto	*impostos*
olho	*olhos*
osso (ô)	*ossos (ó)*
ovo	*ovos*
poço	*poços*
porto	*portos*
posto	*postos*
tijolo	*tijolos*

Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos, almoços, bolsos, esposos, estojos, globos, gostos, polvos, rolos, soros*, etc.

*** Observação**: distinga-se molho (ô) = caldo (molho de carne), de molho (ó) = feixe (molho de lenha).

Particularidades sobre o Número dos Substantivos

- Há substantivos que só se usam no singular: *o sul, o norte, o leste, o oeste, a fé,* etc.
- Outros só no plural: *as núpcias, os víveres, os pêsames, as espadas/os paus (naipes de baralho), as fezes*.
- Outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem (virtude) e bens (riquezas), honra (probidade, bom nome) e honras (homenagem, títulos)*.
- Usamos às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:

Aqui morreu muito negro.

Celebraram o sacrifício divino muitas vezes em capelas improvisadas.

Flexão de Grau do Substantivo

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. Classifica-se em:

- **Grau Normal** - Indica um ser de tamanho considerado normal. Por exemplo: *casa*

- **Grau Aumentativo** - Indica o aumento do tamanho do ser. Classifica-se em:

Analítico = o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza. Por exemplo: *casa grande*.

Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Por exemplo: *casarão*.

- **Grau Diminutivo** - Indica a diminuição do tamanho do ser. Pode ser:

Analítico = substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez. Por exemplo: *casa pequena*.

Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Por exemplo: *casinha*.

Fontes de pesquisa:

http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf12.php

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Português linguagens: volume 1 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Verbo

Verbo é a palavra que se flexiona em pessoa, número, tempo e modo. A estes tipos de flexão verbal dá-se o nome de **conjugação** (por isso também se diz que verbo é a palavra que pode ser conjugada)**.** Pode indicar, entre outros processos: ação (*amarrar*), estado (*sou*), fenômeno (*choverá*); ocorrência (nascer); desejo (querer).

Estrutura das Formas Verbais

Do ponto de vista estrutural, o verbo pode apresentar os seguintes elementos:

- ***Radical***: é a parte invariável, que expressa o significado essencial do verbo. Por exemplo: *fal-ei; fal-ava; fal-am*. (radical *fal-*)
- ***Tema***: é o radical seguido da vogal temática que indica a conjugação a que pertence o verbo. Por exemplo: *fala-r*. São três as conjugações:

1.ª - Vogal Temática - **A** - *(falar)*, 2.ª - Vogal Temática - **E** - *(vender)*, 3.ª - Vogal Temática - **I** - *(partir)*.

- ***Desinência modo-temporal***: é o elemento que designa o tempo e o modo do verbo. Por exemplo:

*falá**va**mos* (indica o pretérito imperfeito do indicativo) / *fala**sse*** (indica o pretérito imperfeito do subjuntivo)

- ***Desinência número-pessoal***: é o elemento que designa a pessoa do discurso (1.ª, 2.ª ou 3.ª) e o número (singular ou plural):

*fala**mos*** (indica a 1.ª pessoa do plural.) / *falava**m*** (indica a 3.ª pessoa do plural.)

*** Observação**: o verbo *pôr*, assim como seus derivados (*compor, repor, depor*), pertencem à 2.ª conjugação, pois a forma arcaica do verbo *pôr* era *poer*. A vogal "e", apesar de haver desaparecido do infinitivo, revela-se em algumas formas do verbo: *põe, pões, põem,* etc.

Formas Rizotônicas e Arrizotônicas

Ao combinarmos os conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de acentuação tônica, percebemos com facilidade que nas formas rizotônicas o acen-

to tônico cai no radical do verbo: *opino, aprendam, amo*, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não cai no radical, mas sim na terminação verbal (fora do radical): *opinei, aprenderão, amaríamos*.

Classificação dos Verbos

Classificam-se em:

- ***Regulares***: são aqueles que apresentam o radical inalterado durante a conjugação e desinências idênticas às de todos os verbos regulares da mesma conjugação. Por exemplo: comparemos os verbos "cantar" e "falar", conjugados no presente do Modo Indicativo:

*cant**o***	*fal**o***
*cant**as***	*fal**as***
*cant**a***	*fal**as***
*cant**amos***	*fal**amos***
*cant**ais***	*fal**ais***
*cant**am***	*fal**am***

* **Dica:** Observe que, retirando os radicais, as desinências modo-temporal e número-pessoal mantiveram-se idênticas. Tente fazer com outro verbo e perceberá que se repetirá o fato (desde que o verbo seja da primeira conjugação e regular!). Faça com o verbo "andar", por exemplo. Substitua o radical "*cant*" e coloque o "*and*" (radical do verbo andar). Viu? Fácil!

- ***Irregulares***: são aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências: *faço, fiz, farei, fizesse.*

*** Observação**: alguns verbos sofrem alteração no radical apenas para que seja mantida a sonoridade. É o caso de: *corrigir/corri**j**o, fingir/fin**j**o, to**c**ar/to**qu**ei*, por exemplo. Tais alterações não caracterizam irregularidade, porque o fonema permanece inalterado.

- ***Defectivos***: são aqueles que não apresentam conjugação completa. Os principais são *adequar, precaver, computar, reaver, abolir, falir.*

- ***Impessoais***: são os verbos que não têm sujeito e, normalmente, são usados na terceira pessoa do singular. Os principais verbos impessoais são:

* **haver**, quando sinônimo de *existir, acontecer, realizar-se* ou *fazer* (em orações temporais).

Havia muitos candidatos no dia da prova. (Havia = Existiam)
Houve duas guerras mundiais. (Houve = Aconteceram)
Haverá debates hoje. (Haverá = Realizar-se-ão)
Viajei a Madri há muitos anos. (há = faz)

* **fazer, ser e estar** (quando indicam tempo)

Faz invernos rigorosos na Europa.
Era primavera quando o conheci.
Estava frio naquele dia.

* Todos os *verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais*: *chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer,* etc. Quando, porém, se constrói, "*Amanheci cansado*", usa-se o verbo "amanhecer" em sentido figurado. Qualquer verbo impessoal, empregado em sentido figurado, deixa de ser impessoal para ser pessoal, ou seja, terá conjugação completa.

Amanheci cansado. (Sujeito desinencial: eu)
Choveram candidatos ao cargo. (Sujeito: candidatos)
Fiz quinze anos ontem. (Sujeito desinencial: eu)

* São impessoais, ainda:

- o verbo *passar* (seguido de preposição), indicando tempo: *Já passa das seis.*

- os verbos *bastar* e *chegar*, seguidos da preposição "de", indicando suficiência:

Basta de tolices.
Chega de promessas.

- os verbos *estar* e *ficar* em orações como "*Está bem, Está muito bem assim, Não fica bem, Fica mal*", sem referência a sujeito expresso anteriormente (por exemplo: "***ele** está mal*"). Podemos, nesse caso, classificar o sujeito como hipotético, tornando-se, tais verbos, pessoais.

- o verbo *dar* + *para* da língua popular, equivalente de "ser possível". Por exemplo:

Não deu para chegar mais cedo.
Dá para me arrumar uma apostila?

- ***Unipessoais***: são aqueles que, tendo sujeito, conjugam-se apenas nas terceiras pessoas, do singular e do plural. São unipessoais os verbos *constar, convir, ser* (= preciso, necessário) e todos os que indicam vozes de animais (*cacarejar, cricrilar, miar, latir, piar*).

*** Observação**: os verbos unipessoais podem ser usados como verbos pessoais na linguagem figurada:

Teu irmão amadureceu bastante.
O que é que aquela garota está cacarejando?

Principais verbos unipessoais:

1. *cumprir, importar, convir, doer, aprazer, parecer, ser* (preciso, necessário):

Cumpre estudarmos bastante. (Sujeito: estudarmos bastante)
Parece que vai chover. (Sujeito: que vai chover)
É preciso que chova. (Sujeito: que chova)

2. *fazer e ir*, em orações que dão ideia de tempo, seguidos da conjunção *que*.

Faz dez anos que viajei à Europa. (Sujeito: que viajei à Europa)
Vai para (ou *Vai em* ou *Vai por*) *dez anos que não a vejo.* (Sujeito: que não a vejo)

*** Observação**: **todos os sujeitos apontados são oracionais**.

NOVA CONCURSOS

- ***Abundantes***: são aqueles que possuem duas ou mais formas equivalentes, geralmente no particípio, em que, além das formas regulares terminadas em *-ado* ou *-ido*, surgem as chamadas formas curtas (particípio irregular).

O particípio regular (terminado em "*–do*") é utilizado na voz ativa, ou seja, com os verbos *ter* e *haver;* o irregular é empregado na voz passiva, ou seja, com os verbos *ser, ficar* e *estar.* Observe:

Infinitivo	Particípio Regular	Particípio Irregular
Aceitar	*Aceitado*	*Aceito*
Acender	*Acendido*	*Aceso*
Anexar	*Anexado*	*Anexo*
Benzer	*Benzido*	*Bento*
Corrigir	*Corrigido*	*Correto*
Dispersar	*Dispersado*	*Disperso*
Eleger	*Elegido*	*Eleito*
Envolver	*Envolvido*	*Envolto*
Imprimir	*Imprimido*	*Impresso*
Inserir	*Inserido*	*Inserto*
Limpar	*Limpado*	*Limpo*
Matar	*Matado*	*Morto*
Misturar	*Misturado*	*Misto*
Morrer	*Morrido*	*Morto*
Murchar	*Murchado*	*Murcho*
Pegar	*Pegado*	*Pego*
Romper	*Rompido*	*Roto*
Soltar	*Soltado*	*Solto*
Suspender	*Suspendido*	*Suspenso*
Tingir	*Tingido*	*Tinto*
Vagar	*Vagado*	*Vago*

* **Importante:**

- estes verbos e seus derivados possuem, apenas, o particípio irregular: *abrir/aberto, cobrir/coberto, dizer/dito, escrever/escrito, pôr/posto, ver/visto, vir/vindo.*

- ***Anômalos***: são aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação. Existem apenas dois: *ser* (*sou, sois,* fui) e *ir* (*fui, ia, vades*).

- ***Auxiliares:*** São aqueles que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. O ***verbo principal*** (aquele que exprime a ideia fundamental, mais importante), quando acompanhado de verbo auxiliar, é expresso numa das formas nominais: *infinitivo, gerúndio* ou *particípio*.

Vou *espantar* *todos!*
(verbo auxiliar) (verbo principal no infinitivo)

Está *chegando* *a* *hora!*
(verbo auxiliar) (verbo principal no gerúndio)

*** Observação**: os verbos auxiliares mais usados são: *ser, estar, ter e haver.*

Conjugação dos Verbos Auxiliares

SER - Modo Indicativo

Presente	Pret.Perfeito	Pret. Imp.	Pret.mais-que-perf.	Fut.do Pres.	Fut. Do Pretérito
sou	*fui*	*era*	*fora*	*serei*	*seria*
és	*foste*	*eras*	*foras*	*serás*	*serias*
é	*foi*	*era*	*fora*	*será*	*seria*
somos	*fomos*	*éramos*	*fôramos*	*seremos*	*seríamos*
sois	*fostes*	*éreis*	*fôreis*	*sereis*	*seríeis*
são	*foram*	*eram*	*foram*	*serão*	*seriam*

SER - Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro
que eu seja	*se eu fosse*	*quando eu for*
que tu sejas	*se tu fosses*	*quando tu fores*
que ele seja	*se ele fosse*	*quando ele for*
que nós sejamos	*se nós fôssemos*	*quando nós formos*
que vós sejais	*se vós fôsseis*	*quando vós fordes*
que eles sejam	*se eles fossem*	*quando eles forem*

SER - Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
sê tu	*não sejas tu*
seja você	*não seja você*
sejamos nós	*não sejamos nós*
sede vós	*não sejais vós*
sejam vocês	*não sejam vocês*

SER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
ser	*ser eu*	*sendo*	*sido*
	seres tu		
	ser ele		
	sermos nós		
	serdes vós		
	serem eles		

NOVA CONCURSOS

ESTAR - Modo Indicativo

Presente	Pret. perf.	Pret. Imp.	Pret.mais-q-perf.	Fut.doPres.	Fut.doPreté.
estou	*estive*	*estava*	*estivera*	*estarei*	*estaria*
estás	*estiveste*	*estavas*	*estiveras*	*estarás*	*estarias*
está	*esteve*	*estava*	*estivera*	*estará*	*estaria*
estamos	*estivemos*	*estávamos*	*estivéramos*	*estaremos*	*estaríamos*
estais	*estivestes*	*estáveis*	*estivéreis*	*estareis*	*estaríeis*
estão	*estiveram*	*estavam*	*estiveram*	*estarão*	*estariam*

ESTAR - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
esteja	*estivesse*	*estiver*		
estejas	*estivesses*	*estiveres*	*está*	*estejas*
esteja	*estivesse*	*estiver*	*esteja*	*esteja*
estejamos	*estivéssemos*	*estivermos*	*estejamos*	*estejamos*
estejais	*estivésseis*	*estiverdes*	*estai*	*estejais*
estejam	*estivessem*	*estiverem*	*estejam*	*estejam*

ESTAR - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
estar	*estar*	*estando*	*estado*
	estares		
	estar		
	estarmos		
	estardes		
	estarem		

HAVER - Modo Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imp.	Pret.Mais-Q-Perf.	Fut.do Pres.	Fut.doPreté.
hei	*houve*	*havia*	*houvera*	*haverei*	*haveria*
hás	*houveste*	*havias*	*houveras*	*haverás*	*haverias*
há	*houve*	*havia*	*houvera*	*haverá*	*haveria*
havemos	*houvemos*	*havíamos*	*houvéramos*	*haveremos*	*haveríamos*
haveis	*houvestes*	*havíeis*	*houvéreis*	*havereis*	*haveríeis*
hão	*houveram*	*haviam*	*houveram*	*haverão*	*haveriam*

HAVER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
ja	*houvesse*	*houver*		
hajas	*houvesses*	*houveres*	*há*	*hajas*
haja	*houvesse*	*houver*	*haja*	*haja*
hajamos	*houvéssemos*	*houvermos*	*hajamos*	*hajamos*
hajais	*houvésseis*	*houverdes*	*havei*	*hajais*
hajam	*houvessem*	*houverem*	*hajam*	*hajam*

HAVER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
haver	*haver*	*havendo*	*havido*
	haveres		
	haver		
	havermos		
	haverdes		
	haverem		

TER - Modo Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imp.	Preté.mais-q-perf.	Fut. Do Pres.	Fut. Do Preté.
tenho	*tive*	*tinha*	*tivera*	*terei*	*teria*
tens	*tiveste*	*tinhas*	*tiveras*	*terás*	*terias*
tem	*teve*	*tinha*	*tivera*	*terá*	*teria*
temos	*tivemos*	*tínhamos*	*tivéramos*	*teremos*	*teríamos*
tendes	*tivestes*	*tínheis*	*tivéreis*	*tereis*	*teríeis*
têm	*tiveram*	*tinham*	*tiveram*	*terão*	*teriam*

TER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
tenha	*tivesse*	*tiver*		
tenhas	*tivesses*	*tiveres*	*tem*	*tenhas*
tenha	*tivesse*	*tiver*	*tenha*	*tenha*
tenhamos	*tivéssemos*	*tivermos*	*tenhamos*	*tenhamos*
tenhais	*tivésseis*	*tiverdes*	*tende*	*tenhais*
tenham	*tivessem*	*tiverem*	*tenham*	*tenham*

- *Pronominais*: São aqueles verbos que se conjugam com os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos, se*, na mesma pessoa do sujeito, expressando reflexibilidade (*pronominais acidentais*) ou apenas reforçando a ideia já implícita no próprio sentido do verbo (*pronominais essenciais*). Veja:

1. Essenciais: são aqueles que sempre se conjugam com os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos, se*. São poucos: *abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se*, etc. Nos verbos pronominais essenciais a reflexibilidade já está implícita no radical do verbo. Por exemplo: *Arrependi-me de ter estado lá*.

A ideia é de que a pessoa representada pelo sujeito (eu) tem um sentimento (arrependimento) que recai sobre ela mesma, pois não recebe ação transitiva nenhuma vinda do verbo; o pronome oblíquo átono é apenas uma partícula integrante do verbo, já que, pelo uso, sempre é conjugada com o verbo. Diz-se que o pronome apenas serve de reforço da ideia reflexiva expressa pelo radical do próprio verbo.

Veja uma conjugação pronominal essencial (verbo e respectivos pronomes):

Eu me arrependo
Tu te arrependes
Ele se arrepende
Nós nos arrependemos
Vós vos arrependeis
Eles se arrependem

2. Acidentais: são aqueles verbos transitivos diretos em que a ação exercida pelo sujeito recai sobre o objeto representado por pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito; assim, o sujeito faz uma ação que recai sobre ele mesmo. Em geral, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos podem ser conjugados com os pronomes mencionados, formando o que se chama ***voz reflexiva***. Por exemplo: *A garota se penteava.*

A reflexibilidade é acidental, pois a ação reflexiva pode ser exercida também sobre outra pessoa. Por exemplo: *A garota penteou-me.*

*** Observações**:

- Por fazerem parte integrante do verbo, os pronomes oblíquos átonos dos verbos pronominais *não possuem função sintática.*

- Há verbos que também são acompanhados de pronomes oblíquos átonos, mas que não são essencialmente pronominais - são os **verbos reflexivos**. Nos verbos reflexivos, os pronomes, apesar de se encontrarem na pessoa idêntica à do sujeito, exercem funções sintáticas. Por exemplo:

Eu me feri. = **Eu** (sujeito) – 1.ª pessoa do singular; **me** (objeto direto) – 1.ª pessoa do singular

Modos Verbais

Dá-se o nome de modo às várias formas assumidas pelo verbo na expressão de um fato certo, real, verdadeiro. Existem três modos:

Indicativo - indica uma certeza, uma realidade: *Eu estudo para o concurso.*

Subjuntivo - indica uma dúvida, uma possibilidade: *Talvez eu estude amanhã.*

Imperativo - indica uma ordem, um pedido: *Estude, colega!*

Formas Nominais

Além desses três modos, o verbo apresenta ainda formas que podem exercer funções de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio), sendo por isso denominadas *formas nominais.* Observe:

1-) **Infinitivo**

1.1-) **Impessoal**: exprime a significação do verbo de modo vago e indefinido, podendo ter valor e função de substantivo. Por exemplo:

Viver é lutar. (= vida é luta)
É indispensável combater a corrupção. (= combate à)

O infinitivo impessoal pode apresentar-se no presente (forma simples) ou no passado (forma composta). Por exemplo:

É preciso ler este livro.
Era preciso ter lido este livro.

1.2-) **Infinitivo Pessoal**: é o infinitivo relacionado às três pessoas do discurso. Na 1.ª e 3.ª pessoas do singular, não apresenta desinências, assumindo a mesma forma do impessoal; nas demais, flexiona-se da seguinte maneira:

2.ª pessoa do singular: Radical + ES = *teres* (tu)
1.ª pessoa do plural: Radical + MOS = *termos* (nós)
2.ª pessoa do plural: Radical + DES = *terdes* (vós)
3.ª pessoa do plural: Radical + EM = *terem* (eles)
Foste elogiado por teres alcançado uma boa colocação.

2-) **Gerúndio**: o gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio. Por exemplo:

Saindo de casa, encontrei alguns amigos. (função de advérbio)
Água fervendo, pele ardendo. (função de adjetivo)

Na forma simples (1), o gerúndio expressa uma ação em curso; na forma composta (2), uma ação concluída:

Trabalhando (1)*, aprenderás o valor do dinheiro.*
Tendo trabalhado (2)*, aprendeu o valor do dinheiro.*

* Quando o gerúndio é vício de linguagem (gerundismo), ou seja, uso exagerado e inadequado do gerúndio:

1- *Enquanto você vai ao mercado, vou estar jogando futebol.*
2 – *Sim, senhora! Vou estar verificando!*

Em 1, a locução "vou estar" + gerúndio é adequada, pois transmite a ideia de uma ação que ocorre no momento da outra; em 2, essa ideia não ocorre, já que a locução verbal "*vou estar verificando*" refere-se a um futuro em andamento, exigindo, no caso, a construção "*verificarei*" ou "*vou verificar*".

3-) **Particípio**: quando não é empregado na formação dos tempos compostos, o particípio indica, geralmente, o resultado de uma ação terminada, flexionando-se em gênero, número e grau. Por exemplo: *Terminados os exames, os candidatos saíram.*

Quando o particípio exprime somente estado, sem nenhuma relação temporal, assume verdadeiramente a função de adjetivo. Por exemplo: *Ela é a aluna escolhida pela turma.*

(Ziraldo)

Tempos Verbais

Tomando-se como referência o momento em que se fala, a ação expressa pelo verbo pode ocorrer em diversos tempos.

1. Tempos do Modo Indicativo

- Presente - Expressa um fato atual: *Eu estudo neste colégio.*

- Pretérito Imperfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado: *Ele estudava as lições quando foi interrompido.*

- Pretérito Perfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado: *Ele estudou as lições ontem à noite.*

- Pretérito-mais-que-perfeito - Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado: *Ele já estudara as lições quando os amigos chegaram. (forma simples).*

- Futuro do Presente - Enuncia um fato que deve ocorrer num tempo vindouro com relação ao momento atual: *Ele estudará as lições amanhã.*

- Futuro do Pretérito - Enuncia um fato que pode ocorrer posteriormente a um determinado fato passado: *Se ele pudesse, estudaria um pouco mais.*

2. Tempos do Modo Subjuntivo

- **Presente** - Enuncia um fato que pode ocorrer no momento atual: *É conveniente que estudes para o exame.*

- **Pretérito Imperfeito** - Expressa um fato passado, mas posterior a outro já ocorrido: *Eu esperava que ele vencesse o jogo*.

Observação: o pretérito imperfeito é também usado nas construções em que se expressa a ideia de condição ou desejo. Por exemplo: *Se ele viesse ao clube, participaria do campeonato.*

- **Futuro do Presente -** Enuncia um fato que pode ocorrer num momento futuro em relação ao atual: *Quando ele vier à loja, levará as encomendas.*

Observação: o futuro do presente é também usado em frases que indicam possibilidade ou desejo. Por exemplo: *Se ele vier à loja, levará as encomendas.*

****** Há casos em que formas verbais de um determinado tempo podem ser utilizadas para indicar outro.

Em 1500, Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil.

descobre = forma do presente indicando passado (= *descobrira/descobriu*)

No próximo final de semana, faço a prova!

faço = forma do presente indicando futuro (= *farei*)

Modo Indicativo

Presente do Indicativo

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantO	vendO	partO	O
cantaS	vendeS	parteS	S
canta	vende	parte	-
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaIS	vendeIS	partIS	IS
cantaM	vendeM	parteM	M

Pretérito Perfeito do Indicativo

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantei	vendI	partI	I
cantaSTE	vendeSTE	partISTE	STE
cantoU	vendeU	partiU	U
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaSTES	vendeSTES	partISTES	STES
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RAM

Pretérito mais-que-perfeito

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação	Des. temporal	Desinência pessoal
			1.ª/2.ª e 3.ª conj.	
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantaRAS	vendeRAS	partiRAS	RA	S
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantáRAMOS	vendêRAMOS	partíRAMOS	RA	MOS
cantáREIS	vendêREIS	partíREIS	RE	IS
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RA	M

Pretérito Imperfeito do Indicativo

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3ª. conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantAVA	vendIA	partIA
cantAVAS	vendIAS	partAS
CantAVA	vendIA	partIA
cantÁVAMOS	vendÍAMOS	partÍAMOS
cantÁVEIS	vendÍEIS	partÍEIS
cantAVAM	vendIAM	partIAM

Futuro do Presente do Indicativo

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar ei	vender ei	partir ei
cantar ás	vender ás	partir ás
cantar á	vender á	partir á
cantar emos	vender emos	partir emos
cantar eis	vender eis	partir eis
cantar ão	vender ão	partir ão

Futuro do Pretérito do Indicativo

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarIAS	venderIAS	partirIAS
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarÍAMOS	venderÍAMOS	partirÍAMOS
cantarÍEIS	venderÍEIS	partirÍEIS
cantarIAM	venderIAM	partirIAM

Presente do Subjuntivo

Para se formar o presente do subjuntivo, substitui-se a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo pela desinência -E (nos verbos de 1.ª conjugação) ou pela desinência -A (nos verbos de 2.ª e 3.ª conjugação).

1.ª conjug.	2.ª conjug.	3.ª conju. 1.ª conj.	Desinên. pessoal 2.ª/3.ª conj.	Des. temporal	Des.temporal
CANTAR	VENDER	PARTIR			
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantES	vendAS	partAS	E	A	S
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantEMOS	vendAMOS	partAMOS	E	A	MOS
cantEIS	vendAIS	partAIS E		A	IS
cantEM	vendAM	partAM E		A	M

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Para formar o imperfeito do subjuntivo, elimina-se a desinência -STE da 2.ª pessoa do singular do pretérito perfeito, obtendo-se, assim, o tema desse tempo. Acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -SSE mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação 1.ª /2.ª e 3.ª conj.	Des. temporal	Desin. pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	Ø
cantaSSES	vendeSSES	partiSSES	SSE	S
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	Ø
cantáSSEMOS	vendêSSEMOS	partíSSEMOS	SSE	MOS
cantáSSEIS	vendêSSEIS	partíSSEIS	SSE	IS
cantaSSEM	vendeSSEM	partiSSEM	SSE	M

Futuro do Subjuntivo

Para formar o futuro do subjuntivo elimina-se a desinência -STE da 2.ª pessoa do singular do pretérito perfeito, obtendo-se, assim, o tema desse tempo. Acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -R mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação	Des. temporal	Desin. pessoal
		1.ª /2.ª e 3.ª conj.		
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaR	vendeR	partiR	Ø	
cantaRES	vendeRES	partiRES	R	ES
cantaR	vendeR	partiR	R	Ø
cantaRMOS	vendeRMOS	partiRMOS	R	MOS
cantaRDES	vendeRDES	partiRDES	R	DES
cantaREM	vendeREM	partiREM	R	EM

Modo Imperativo

Imperativo Afirmativo

Para se formar o imperativo afirmativo, toma-se do presente do indicativo a 2.ª pessoa do singular (tu) e a segunda pessoa do plural (vós) eliminando-se o "S" final. As demais pessoas vêm, sem alteração, do presente do subjuntivo. Veja:

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**	**Presente do Subjuntivo**
Eu canto	---	Que eu cante
Tu cantas	CantA tu	Que tu cantes
Ele canta	Cante você	Que ele cante
Nós cantamos	Cantemos nós	Que nós cantemos
Vós cantais	CantAI vós	Que vós canteis
Eles cantam	Cantem vocês	Que eles cantem

Imperativo Negativo

Para se formar o imperativo negativo, basta antecipar a negação às formas do presente do subjuntivo.

Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Que eu cante	---
Que tu cantes	Não cantes tu
Que ele cante	Não cante você
Que nós cantemos	Não cantemos nós
Que vós canteis	Não canteis vós
Que eles cantem	Não cantem eles

Observações:

- No modo imperativo não faz sentido usar na 3.ª pessoa (singular e plural) as formas ele/eles, pois uma ordem, pedido ou conselho só se aplicam diretamente à pessoa com quem se fala. Por essa razão, utiliza-se você/vocês.
- O verbo SER, no imperativo, faz excepcionalmente: *sê (tu), sede (vós).*

Infinitivo Pessoal

1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar	vender	partir
cantarES	venderES	partirES
cantar	vender	partir
cantarMOS	venderMOS	partirMOS
cantarDES	venderDES	partirDES
cantarEM	venderEM	partirEM

*** Observações**:

- o verbo *parecer* admite duas construções:

Elas parecem gostar de você. (forma uma locução verbal)

Elas parece gostarem de você. (verbo com sujeito oracional, correspondendo à construção: *parece gostarem de você*).

- o verbo *pegar* possui dois particípios (regular e irregular):

Elvis tinha pegado minhas apostilas.

Minhas apostilas foram pegas.

fontes de pesquisa:

http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf54.php

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Questões sobre Verbo

1-) (TRE/MS - ESTÁGIO – JORNALISMO - TRE/MS – 2014) A assertiva correta quanto à conjugação verbal é:

A) Houveram eleições em outros países este ano.

B) Se eu vir você por aí, acabou.

C) Tinha chego atrasado vinte minutos.

D) Fazem três anos que não tiro férias.

E) Esse homem possue muitos bens.

1-) Correções à frente:
A) Houveram eleições em outros países este ano = houve
C) Tinha chego atrasado vinte minutos = tinha chegado
D) Fazem três anos que não tiro férias = faz três anos
E) Esse homem possue muitos bens = possui
RESPOSTA: "B".

2-) (POLÍCIA CIVIL/SC – AGENTE DE POLÍCIA – ACAFE/2014) Complete as lacunas com os verbos, tempos e modos indicados entre parênteses, fazendo a devida concordância.
• O juiz agrário ainda não _____ no conflito porque surgiram fatos novos de ontem para hoje. (intervir - pretérito perfeito do indicativo)
• Uns poucos convidados _____-se com os vídeos postados no facebook. (entreter - pretérito imperfeito do indicativo)
• Representantes do PCRT somente serão aceitos na composição da chapa quando se _____ de criticar a atual diretoria do clube, (abster-se - futuro do subjuntivo)
A sequência correta, de cima para baixo, é:
A-) interveio - entretinham - abstiverem
B-) interviu - entretiveram - absterem
C-) intervém - entreteram - abstêm
D-) interviera - entretêm - abstiverem
E-) intervirá - entretenham - abstiveram

2-) O verbo "intervir" deve ser conjugado como o verbo "vir". Este, no pretérito perfeito do Indicativo fica "veio", portanto, "interveio" (não existe "interviu", já que ele não deriva do verbo "ver"). Descartemos a alternativa B. Como não há outro item com a mesma opção, chegamos à resposta rapidamente!
RESPOSTA: "A".
3-) (POLÍCIA MILITAR/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – VUNESP/2014) Considere o trecho a seguir.
Já _____ alguns anos que estudos a respeito da utilização abusiva dos *smartphones* estão sendo desenvolvidos. Os especialistas acreditam _____ motivos para associar alguns comportamentos dos adolescentes ao uso prolongado desses aparelhos, e _____ alertado os pais para que avaliem a necessidade de estabelecer limites aos seus filhos.
De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:
(A) faz ... haver ... têm
(B) fazem ... haver ... tem
(C) faz ... haverem ... têm
(D) fazem ... haverem ... têm
(E) faz ... haverem ... tem

3-) Já FAZ (sentido de tempo: não sofre flexão) alguns anos que estudos a respeito da utilização abusiva dos *smartphones* estão sendo desenvolvidos. Os especialistas acreditam HAVER (sentido de existir: não varia) motivos para associar alguns comportamentos dos adolescentes ao uso prolongado desses aparelhos, e TÊM (concorda com o termo "os especialistas") alertado os pais para que avaliem a necessidade de estabelecer limites aos seus filhos.
Temos: faz, haver, têm.
RESPOSTA: "A".

Vozes do Verbo

Dá-se o nome de *voz* à maneira como se apresenta a ação expressa pelo verbo em relação ao sujeito, indicando se este é paciente ou agente da ação. Importante lembrar que *voz verbal* não é flexão, mas aspecto verbal. São três as vozes verbais:

- <u>*Ativa*</u> = quando o sujeito é agente, isto é, pratica a ação expressa pelo verbo:

Ele fez o trabalho.
sujeito agente ação objeto (paciente)

- <u>*Passiva*</u> = quando o sujeito é paciente, recebendo a ação expressa pelo verbo:

O trabalho foi feito por ele.
sujeito paciente ação <u>agente da passiva</u>

- <u>*Reflexiva*</u> = quando o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente, isto é, pratica e recebe a ação:

O menino feriu-se.

* Observação: não confundir o emprego reflexivo do verbo com a noção de reciprocidade:
Os lutadores feriram-se. (um ao outro)
Nós nos amamos. (um ama o outro)

Formação da Voz Passiva

A voz passiva pode ser formada por dois processos: *analítico* e *sintético*.

<u>*1- Voz Passiva Analítica*</u> = Constrói-se da seguinte maneira:

Verbo SER + particípio do verbo principal. Por exemplo:
A escola será pintada pelos alunos. (na ativa teríamos: *os alunos pintarão a escola*)
O trabalho é feito por ele. (na ativa: *ele faz o trabalho*)

* Observação: o agente da passiva geralmente é acompanhado da preposição *por*, mas pode ocorrer a construção com a preposição *de*. Por exemplo: *A casa ficou cercada de soldados*.

- Pode acontecer de o agente da passiva não estar explícito na frase: *A exposição será aberta amanhã.*

- A variação temporal é indicada pelo verbo auxiliar (SER), pois o particípio é invariável. Observe a transformação das frases seguintes:

a) *Ele fez o trabalho*. (pretérito perfeito do Indicativo)
O trabalho foi feito por ele. (verbo *ser* no pretérito perfeito do Indicativo, assim como o verbo principal da voz ativa)

b) *Ele faz o trabalho*. (presente do indicativo)
O trabalho é feito por ele. (*ser* no presente do indicativo)

c) *Ele fará o trabalho.* (futuro do presente)
O trabalho será feito por ele. (futuro do presente)

- Nas frases com locuções verbais, o verbo SER assume o mesmo tempo e modo do verbo principal da voz ativa. Observe a transformação da frase seguinte:
O vento ia levando as folhas. (gerúndio)
As folhas iam sendo levadas pelo vento. (gerúndio)

2- Voz Passiva Sintética = A voz passiva sintética - ou pronominal - constrói-se com o verbo na 3.ª pessoa, seguido do pronome apassivador "se". Por exemplo:
Abriram-se as inscrições para o concurso.
Destruiu-se o velho prédio da escola.

* Observação: o agente não costuma vir expresso na voz passiva sintética.

Conversão da Voz Ativa na Voz Passiva

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase.

O concurseiro *comprou a apostila*. (Voz Ativa)
Sujeito da Ativa objeto Direto

A apostila *foi comprada pelo concurseiro*. (Voz Passiva)
Sujeito da Passiva Agente da Passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva; o sujeito da ativa passará a agente da passiva, e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Observe:
- *Os mestres têm constantemente aconselhado os alunos.*
Os alunos têm sido constantemente aconselhados pelos mestres.

- *Eu o acompanharei.*
Ele será acompanhado por mim.

* Observação: quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, não haverá complemento agente na passiva. Por exemplo: *Prejudicaram-me. / Fui prejudicado.*

** Saiba que:
- com os verbos neutros (*nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar, etc.*) não há voz ativa, passiva ou reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente.

Fontes de pesquisa:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf54.php
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 2 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Questões

1-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA/GO – ANALISTA JUDICIÁRIO – FGV/2014 - adaptada) A frase "que foi trazida pelo instituto Endeavor" equivale, na voz ativa, a:
(A) que o instituto Endeavor traz;
(B) que o instituto Endeavor trouxe;
(C) trazida pelo instituto Endeavor;
(D) que é trazida pelo instituto Endeavor;
(E) que traz o instituto Endeavor.

1-) Se na voz passiva temos dois verbos, na ativa teremos um: "que o instituto Endeavor trouxe" (manter o tempo verbal no pretérito – assim como na passiva).
RESPOSTA: "B".

2-) (PRODAM/AM – ASSISTENTE – FUNCAB/2014 - adaptada) Ao passarmos a frase "...e É CONSIDERADO por muitos o maior maratonista de todos os tempos" para a voz ativa, encontramos a seguinte forma verbal:
A) consideravam.
B) consideram.
C) considerem.
D) considerarão.
E) considerariam.

2-) É CONSIDERADO por muitos o maior maratonista de todos os tempos = dois verbos na voz passiva, então na ativa teremos UM: muitos o consideram o maior maratonista de todos os tempos.
RESPOSTA: "B".

3-) (TRT-16ª REGIÃO/MA - ANALISTA JUDICIÁRIO – ÁREA ADMINISTRATIVA – FCC/2014)
Transpondo-se para a voz passiva a frase "vou glosar uma observação de Machado de Assis", a forma verbal resultante deverá ser

NOVA CONCURSOS

(A) terei glosado
(B) seria glosada
(C) haverá de ser glosada
(D) será glosada
(E) terá sido glosada

3-) "vou glosar uma observação de Machado de Assis" – "vou glosar" expressa "glosarei", então teremos na passiva: uma observação de Machado de Assis será glosada por mim.
RESPOSTA: "D".

CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL.

Os concurseiros estão apreensivos.
Concurseiros apreensivos.

No primeiro exemplo, o verbo *estar* encontra-se na terceira pessoa do plural, concordando com o seu sujeito, *os concurseiros*. No segundo exemplo, o adjetivo "apreensivos" está concordando em gênero (masculino) e número (plural) com o substantivo a que se refere: *concurseiros*. Nesses dois exemplos, as flexões de pessoa, número e gênero correspondem-se.
A correspondência de flexão entre dois termos é a concordância, que pode ser verbal ou nominal.

Concordância Verbal

É a flexão que se faz para que o verbo concorde com seu sujeito.

a) Sujeito Simples - Regra Geral
O sujeito, sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa. Veja os exemplos:
A prova *para ambos os cargos* ***será*** *aplicada às 13h.*
3.ª p. Singular 3.ª p. Singular

Os candidatos *à vaga* ***chegarão*** *às 12h.*
3.ª p. Plural 3.ª p. Plural

Casos Particulares

1) Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (*parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de...)* seguida de um substantivo ou pronome no plural, **o verbo pode ficar no singular ou no plural**.
A maioria dos jornalistas aprovou / aprovaram a ideia.
Metade dos candidatos não apresentou / apresentaram proposta.

Esse mesmo procedimento pode se aplicar aos casos dos coletivos, quando especificados: *Um bando de vândalos destruiu / destruíram o monumento.*

Observação: nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

2) Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (*cerca de, mais de, menos de, perto de...*) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo.
Cerca de mil pessoas participaram do concurso.
Perto de quinhentos alunos compareceram à solenidade.
Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olimpíadas.

Observação: quando a expressão "*mais de um*" associar-se a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório: *Mais de um colega se ofenderam na discussão*. (ofenderam um ao outro)

3) Quando se trata de **nomes que só existem no plural**, a concordância deve ser feita levando-se em conta a **ausência ou presença de artigo**. Sem artigo, o verbo deve ficar no singular; com artigo no plural, o verbo deve ficar o plural.
Os Estados Unidos possuem grandes universidades.
Estados Unidos possui grandes universidades.
Alagoas impressiona pela beleza das praias.
As Minas Gerais são inesquecíveis.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.

4) Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (*quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários*) seguido por *"de nós"* ou "*de vós*", o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal.
Quais de nós são / somos capazes?
Alguns de vós sabiam / sabíeis do caso?
Vários de nós propuseram / propusemos sugestões inovadoras.

Observação: veja que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve *"Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos"*, ele está se incluindo no grupo dos omissos. Isso não ocorre ao dizer ou escrever *"Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram"*, frase que soa como uma denúncia.
Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular.
Qual de nós é capaz?
Algum de vós fez isso.

5) Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo.
25% do orçamento do país será destinado à Educação.
85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito.
1% do eleitorado aceita a mudança.
1% dos alunos faltaram à prova.

Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número.

25% querem a mudança.
1% conhece o assunto.

Se o número percentual estiver determinado por artigo ou pronome adjetivo, a concordância far-se-á com eles:

Os 30% da produção de soja serão exportados.
Esses 2% da prova serão questionados.

6) O pronome "que" não interfere na concordância; já o "quem" exige que o verbo fique na 3.ª pessoa do singular.

Fui eu que paguei a conta.
Fomos nós que pintamos o muro.
És tu que me fazes ver o sentido da vida.
Sou eu quem faz a prova.
Não serão eles quem será aprovado.

7) Com a expressão "um dos que", o verbo deve assumir a forma plural.

Ademir da Guia foi um dos jogadores que mais encantaram os poetas.
Este candidato é um dos que mais estudaram!

Se a expressão for de sentido contrário – *nenhum dos que, nem um dos que -*, não aceita o verbo no singular:

Nenhum dos que foram aprovados assumirá a vaga.
Nem uma das que me escreveram mora aqui.

*Quando "um dos que" vem entremeada de substantivo, o verbo pode:

a) ficar no singular – *O Tietê é um dos rios que atravessa o Estado de São Paulo*. (já que não há outro rio que faça o mesmo).

b) ir para o plural – *O Tietê é um dos rios que estão poluídos* (noção de que existem outros rios na mesma condição).

8) Quando o sujeito é um pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou plural.

Vossa Excelência está cansado?
Vossas Excelências renunciarão?

9) A concordância dos verbos *bater, dar* e *soar* faz-se de acordo com o numeral.

Deu uma hora no relógio da sala.
Deram cinco horas no relógio da sala.
Soam dezenove horas no relógio da praça.
Baterão doze horas daqui a pouco.

Observação: caso o sujeito da oração seja a palavra *relógio, sino, torre*, etc., o verbo concordará com esse sujeito.

***O tradicional relógio** da praça matriz **dá** nove horas.*
***Soa** quinze horas **o relógio da matriz**.*

10) Verbos Impessoais: por não se referirem a nenhum sujeito, são usados sempre na 3.ª pessoa do singular. São verbos impessoais: *Haver* no sentido de *existir; Fazer* indicando tempo; Aqueles que indicam fenômenos da natureza. Exemplos:

Havia muitas garotas na festa.
Faz dois meses que não vejo meu pai.
Chovia ontem à tarde.

b) Sujeito Composto

1) Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a concordância se faz no plural:

Pai e filho *conversavam longamente.*
Sujeito

Pais e filhos *devem conversar com frequência.*
Sujeito

2) Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância ocorre da seguinte maneira: a primeira pessoa do plural (nós) prevalece sobre a segunda pessoa (vós) que, por sua vez, prevalece sobre a terceira (eles). Veja:

*Teus irmãos, tu **e eu** tomaremos a decisão.*
Primeira Pessoa do Plural (**Nós**)

***Tu e teus** irmãos tomareis a decisão.*
Segunda Pessoa do Plural (**Vós**)

***Pais e filhos** precisam respeitar-se.*
Terceira Pessoa do Plural (**Eles**)

Observação: quando o sujeito é composto, formado por um elemento da segunda pessoa (tu) e um da terceira (ele), é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural (eles): "**Tu e teus** irmãos **tomarão** a decisão." – no lugar de "**tomaríeis**".

3) No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer concordância com o núcleo do sujeito mais próximo.

Faltaram coragem e competência.
Faltou coragem e competência.
Compareceram todos os candidatos e o banca.
Compareceu o banca e todos os candidatos.

4) Quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita no plural. Observe:

Abraçaram-se vencedor e vencido.
Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

Casos Particulares

1) Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo fica no singular.

Descaso e desprezo marca seu comportamento.
A coragem e o destemor fez dele um herói.

2) Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, verbo no singular:

Com você, meu amor, uma hora, um minuto, um segundo me satisfaz.

3) Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por "ou" ou "nem", o verbo deverá ficar no plural, de acordo com o valor semântico das conjunções:

Drummond ou Bandeira representam a essência da poesia brasileira.

Nem o professor nem o aluno acertaram a resposta.

Em ambas as orações, as conjunções dão ideia de "adição". Já em:

Juca ou Pedro será contratado.

Roma ou Buenos Aires será a sede da próxima Olimpíada.

* Temos ideia de exclusão, por isso os verbos ficam no singular.

4) Com as expressões "um ou outro" e "nem um nem outro", a concordância costuma ser feita no singular.

Um ou outro compareceu à festa.

Nem um nem outro saiu do colégio.

Com "um e outro", o verbo pode ficar no plural ou no singular: *Um e outro farão/fará a prova.*

5) Quando os núcleos do sujeito são unidos por "com", o verbo fica no plural. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra "com" tem sentido muito próximo ao de "e".

O pai com o filho montaram o brinquedo.

O governador com o secretariado traçaram os planos para o próximo semestre.

O professor com o aluno questionaram as regras.

Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento.

O pai com o filho montou o brinquedo.

O governador com o secretariado traçou os planos para o próximo semestre.

O professor com o aluno questionou as regras.

Observação: com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples, uma vez que as expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem. Veja:

"O pai montou o brinquedo com o filho."

"O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado."

"O professor questionou as regras com o aluno."

*Casos em que se usa o verbo no singular:

Café com leite é uma delícia!

O frango com quiabo foi receita da vovó.

6) Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como: *"não só...mas ainda", "não somente"..., "não apenas...mas também", "tanto...quanto",* o verbo ficará no plural.

Não só a seca, mas também o pouco caso castigam o Nordeste.

Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

7) Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a concordância é feita com esse termo resumidor.

Filmes, novelas, boas conversas, ***nada*** *o tirava da apatia.*

Trabalho, diversão, descanso, ***tudo*** *é muito importante na vida das pessoas.*

Outros Casos

1) O Verbo e a Palavra "SE"

Dentre as diversas funções exercidas pelo "se", há duas de particular interesse para a concordância verbal:

a) quando é índice de indeterminação do sujeito;

b) quando é partícula apassivadora.

Quando índice de indeterminação do sujeito, o "se" acompanha os verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:

Precisa-se de funcionários.

Confia-se em teses absurdas.

Quando pronome apassivador, o "se" acompanha verbos transitivos diretos (VTD) e transitivos diretos e indiretos (VTDI) na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração. Exemplos:

Construiu-se um posto de saúde.

Construíram-se novos postos de saúde.

Aqui não se cometem equívocos

Alugam-se casas.

** **Dica:** Para saber se o "se" é partícula apassivadora ou índice de indeterminação do sujeito, tente transformar a frase para a voz passiva. Se a frase construída for "compreensível", estaremos diante de uma partícula apassivadora; se não, o "se" será índice de indeterminação. Veja:

Precisa-**se** de funcionários qualificados.

Tentemos a voz passiva:

Funcionários qualificados são precisados (ou precisos)? Não há lógica. Portanto, o "se" destacado é índice de indeterminação do sujeito.

Agora:

Vendem-**se** casas.

Voz passiva: *Casas são vendidas*. Construção correta! Então, aqui, o "se" é partícula a**passiva**dora. (Dá para eu passar para a voz **passiva**. Repare em meu destaque. Percebeu semelhança? Agora é só memorizar!).

2) O Verbo "Ser"

A concordância verbal dá-se sempre entre o verbo e o sujeito da oração. No caso do verbo **ser**, essa concordância pode ocorrer também entre o verbo e o predicativo do sujeito.

Quando o sujeito ou o predicativo for:

a)Nome de pessoa ou pronome pessoal – o verbo SER concorda com a pessoa gramatical:

Ele é forte, mas não é dois.
Fernando Pessoa era vários poetas.
A esperança dos pais são eles, os filhos.

b)nome de coisa e um estiver no singular e o outro no plural, o verbo SER concordará, preferencialmente, com o que estiver no plural:

Os livros são minha paixão!
Minha paixão são os livros!

Quando o verbo SER indicar

a) horas e distâncias, concordará com a expressão numérica:

É uma hora.
São quatro horas.
Daqui até a escola é um quilômetro / são dois quilômetros.

b) datas, concordará com a palavra *dia(s),* que pode estar expressa ou subentendida:

Hoje é dia 26 de agosto.
Hoje são 26 de agosto.

c) Quando o sujeito indicar peso, medida, quantidade e for seguido de palavras ou expressões *como pouco, muito, menos de, mais de,* etc., o verbo SER fica no singular:

Cinco quilos de açúcar é mais do que preciso.
Três metros de tecido é pouco para fazer seu vestido.
Duas semanas de férias é muito para mim.

d) Quando um dos elementos (sujeito ou predicativo) for pronome pessoal do caso reto, com este concordará o verbo.

No meu setor, eu sou a única mulher.
Aqui os adultos somos nós.

Observação: sendo ambos os termos (sujeito e predicativo) representados por pronomes pessoais, o verbo concorda com o pronome sujeito.

Eu não sou ela.
Ela não é eu.

e) Quando o sujeito for uma expressão de sentido partitivo ou coletivo e o predicativo estiver no plural, o verbo SER concordará com o predicativo.

A grande maioria no protesto eram jovens.
O resto foram atitudes imaturas.

3) O Verbo "Parecer"

O verbo parecer, quando é auxiliar em uma locução verbal (é seguido de infinitivo), admite duas concordâncias:

a) Ocorre variação do verbo PARECER e não se flexiona o infinitivo: *As crianças parecem gostar do desenho.*

b) A variação do verbo parecer não ocorre e o infinitivo sofre flexão:

As crianças parece gostarem do desenho.
(essa frase equivale a*: Parece gostarem do desenho as crianças)*

Atenção: Com orações desenvolvidas, o verbo PARECER fica no singular. Por Exemplo: *As paredes parece que têm ouvidos. (Parece <u>que as paredes têm ouvidos</u>* = oração subordinada substantiva subjetiva).

Concordância Nominal

A concordância nominal se baseia na relação entre nomes (substantivo, pronome) e as palavras que a eles se ligam para caracterizá-los (artigos, adjetivos, pronomes adjetivos, numerais adjetivos e particípios). Lembre-se: normalmente, o substantivo funciona como núcleo de um termo da oração, e o adjetivo, como adjunto adnominal.

A concordância do adjetivo ocorre de acordo com as seguintes regras gerais:

1) O adjetivo concorda em gênero e número quando se refere a um único substantivo: *As <u>mãos trêmulas</u> denunciavam o que sentia*.

2) Quando o adjetivo refere-se a vários substantivos, a concordância pode variar. Podemos sistematizar essa flexão nos seguintes casos:

a) Adjetivo anteposto aos substantivos:

- O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Encontramos caídas as roupas e os prendedores.
Encontramos caída a roupa e os prendedores.
Encontramos caído o prendedor e a roupa.

- Caso os substantivos sejam nomes próprios ou de parentesco, o adjetivo deve sempre concordar no plural.

As adoráveis Fernanda e Cláudia vieram me visitar.
Encontrei os divertidos primos e primas na festa.

b) Adjetivo posposto aos substantivos:

- O adjetivo concorda com o substantivo mais próximo ou com todos eles (assumindo a forma masculina plural se houver substantivo feminino e masculino).

A indústria oferece localização e atendimento perfeito.
A indústria oferece atendimento e localização perfeita.
A indústria oferece localização e atendimento perfeitos.
A indústria oferece atendimento e localização perfeitos.

Observação: os dois últimos exemplos apresentam maior clareza, pois indicam que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.

NOVA CONCURSOS

- Se os substantivos possuírem o mesmo gênero, o adjetivo fica no singular ou plural.
A beleza e a inteligência feminina(s).
O carro e o iate novo(s).

3) Expressões formadas pelo verbo SER + adjetivo:
a) O adjetivo fica no masculino singular, se o substantivo não for acompanhado de nenhum modificador: *Água é bom para saúde.*

b) O adjetivo concorda com o substantivo, se este for modificado por um artigo ou qualquer outro determinativo: *Esta água é boa para saúde.*

4) O adjetivo concorda em gênero e número com os pronomes pessoais a que se refere: *Juliana encontrou-as muito felizes.*

5) Nas expressões formadas por pronome indefinido neutro (*nada, algo, muito, tanto*, etc.) + preposição DE + adjetivo, este último geralmente é usado no masculino singular: *Os jovens tinham algo de misterioso*.

6) A palavra "só", quando equivale a "sozinho", tem função adjetiva e concorda normalmente com o nome a que se refere:
Cristina saiu só.
Cristina e Débora saíram sós.

Observação: quando a palavra "só" equivale a "somente" ou "apenas", tem função adverbial, ficando, portanto, invariável: *Eles só desejam ganhar presentes*.
** **Dica:** Substitua o "só" por "apenas" ou "sozinho". Se a frase ficar coerente com o primeiro, trata-se de advérbio, portanto, invariável; se houver coerência com o segundo, função de adjetivo, então varia:
Ela está só. (ela está sozinha) – adjetivo
Ele está só descansando. (apenas descansando) - advérbio

** Mas cuidado! Se colocarmos uma vírgula depois de "só", haverá, novamente, um adjetivo:
Ele está só, descansando. (ele está sozinho e descansando)
7) Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:
a) O substantivo permanece no singular e coloca-se o artigo antes do último adjetivo: *Admiro a cultura espanhola e a portuguesa*.

b) O substantivo vai para o plural e omite-se o artigo antes do adjetivo: *Admiro as culturas espanhola e portuguesa.*

Casos Particulares

É proibido - É necessário - É bom - É preciso - É permitido

a) Estas expressões, formadas por um verbo mais um adjetivo, ficam invariáveis se o substantivo a que se referem possuir sentido genérico (não vier precedido de artigo).
É proibido entrada de crianças.
Em certos momentos, é necessário atenção.
No verão, melancia é bom.
É preciso cidadania.
Não é permitido saída pelas portas laterais.

b) Quando o sujeito destas expressões estiver determinado por artigos, pronomes ou adjetivos, tanto o verbo como o adjetivo concordam com ele.
É proibida a entrada de crianças.
Esta salada é ótima.
A educação é necessária.
São precisas várias medidas na educação.

Anexo - Obrigado - Mesmo - Próprio - Incluso - Quite

Estas palavras adjetivas concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem.
Seguem anexas as documentações requeridas.
A menina agradeceu: - Muito obrigada.
Muito obrigadas, disseram as senhoras.
Seguem inclusos os papéis solicitados.
Estamos quites com nossos credores.

Bastante - Caro - Barato - Longe

Estas palavras são invariáveis quando funcionam como advérbios. Concordam com o nome a que se referem quando funcionam como adjetivos, pronomes adjetivos, ou numerais.
As jogadoras estavam bastante cansadas. (advérbio)
Há bastantes pessoas insatisfeitas com o trabalho. (pronome adjetivo)
Nunca pensei que o estudo fosse tão caro. (advérbio)
As casas estão caras. (adjetivo)
Achei barato este casaco. (advérbio)
Hoje as frutas estão baratas. (adjetivo)

Meio - Meia

a) A palavra "meio", quando empregada como adjetivo, concorda normalmente com o nome a que se refere: *Pedi meia porção de polentas.*

b) Quando empregada como advérbio permanece invariável: *A candidata está meio nervosa.*

** **Dica!** Dá para eu substituir por "um pouco", assim saberei que se trata de um advérbio, não de adjetivo: "A candidata está um pouco nervosa".

Alerta - Menos

Essas palavras são advérbios, portanto, permanecem sempre invariáveis.
Os concurseiros estão sempre alerta.
Não queira menos matéria!

*** Tome nota!**
Não variam os substantivos que funcionam como adjetivos:
Bomba – *notícias bomba*
Chave – *elementos chave*
Monstro – *construções monstro*
Padrão – *escola padrão*

Fontes de pesquisa:
http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint49.php
Português linguagens: volume 3 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Questões

1-) (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – ANALISTA TÉCNICO ADMINISTRATIVO – CESPE/2014) Em "Vossa Excelência deve estar satisfeita com os resultados das negociações", o adjetivo estará corretamente empregado se dirigido a ministro de Estado do sexo masculino, pois o termo "satisfeita" deve concordar com a locução pronominal de tratamento "Vossa Excelência".
( ) CERTO ( ) ERRADO

1-) Se a pessoa, no caso o ministro, for do sexo feminino (ministra), o adjetivo está correto; mas, se for do sexo masculino, o adjetivo sofrerá flexão de gênero: satisfeito. O pronome de tratamento é apenas a maneira de como tratar a autoridade, não concordando com o gênero (o pronome de tratamento, apenas)**.**
RESPOSTA: "ERRADO".

2-) (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL – CADASTRO RESERVA PARA O METRÔ/DF – ADMINISTRADOR - IADES/2014 - adaptada) Se, no lugar dos verbos destacados no verso "*Escolho os filmes que eu não vejo no elevador*", fossem empregados, respectivamente, Esquecer e gostar, a nova redação, de acordo com as regras sobre regência verbal e concordância nominal prescritas pela norma-padrão, deveria ser
(A) Esqueço dos filmes que eu não gosto no elevador.
(B) Esqueço os filmes os quais não gosto no elevador.
(C) Esqueço dos filmes aos quais não gosto no elevador.
(D) Esqueço dos filmes dos quais não gosto no elevador.
(E) Esqueço os filmes dos quais não gosto no elevador.

2-) O verbo "esquecer" pede objeto direto; "gostar", indireto (com preposição): Esqueço os filmes dos quais não gosto.
RESPOSTA: "E".

3-) (SABESP – TECNÓLOGO – FCC/2014) Considerada a substituição do segmento grifado pelo que está entre parênteses ao final da transcrição, o verbo que deverá permanecer no singular está em:
(A) ... *disse o pesquisador à Folha de S. Paulo.* (os pesquisadores)
(B) *Segundo ele, a mudança climática contribuiu para a ruína dessa sociedade...* (as mudanças do clima)
(C) *No sistema havia também uma estação...* (várias estações)
(D) ... *a civilização maia da América Central tinha um método sustentável de gerenciamento da água.* (os povos que habitavam a América Central)
(E) *Um estudo publicado recentemente mostra que a civilização maia...* (Estudos como o que acabou de ser publicado).

3-)
(A) ... disse (disseram) (os pesquisadores)
(B) Segundo ele, a mudança climática contribuiu (contribuíram) (as mudanças do clima)
(C) No sistema havia (várias estações) = permanecerá no singular
(D) ... a civilização maia da América Central tinha (tinham) (os povos que habitavam a América Central)
(E) Um estudo publicado recentemente mostra (mostram) (Estudos como o que acabou de ser publicado).
RESPOSTA: "C".

REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL.

Dá-se o nome de ***regência*** à relação de subordinação que ocorre entre um verbo (regência verbal) ou um nome (regência nominal) e seus complementos.

Regência Verbal = Termo Regente: VERBO

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Há verbos que admitem mais de uma regência, o que corresponde à diversidade de significados que estes verbos podem adquirir dependendo do contexto em que forem empregados.
A mãe agrada o filho = agradar significa acariciar, contentar.
A mãe agrada ao filho = agradar significa "causar agrado ou prazer", satisfazer.
Conclui-se que "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém".

NOVA CONCURSOS

Saiba que:

O conhecimento do uso adequado das preposições é um dos aspectos fundamentais do estudo da regência verbal (e também nominal). As preposições são capazes de modificar completamente o sentido daquilo que está sendo dito.

Cheguei ao metrô.

Cheguei no metrô.

No primeiro caso, o metrô é o lugar a que vou; no segundo caso, é o meio de transporte por mim utilizado.

A voluntária distribuía leite às crianças.

A voluntária distribuía leite com as crianças.

Na primeira frase, o verbo "distribuir" foi empregado como transitivo direto (objeto direto: leite) e indireto (objeto indireto: às crianças); na segunda, como transitivo direto (objeto direto: crianças; com as crianças: adjunto adverbial).

Para estudar a regência verbal, agruparemos os verbos de acordo com sua transitividade. Esta, porém, não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em frases distintas.

1-) Verbos Intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complemento. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

- *Chegar, Ir*

Normalmente vêm acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar destino ou direção são: *a, para*.

*Fui **ao teatro**.*

Adjunto Adverbial de Lugar

*Ricardo foi **para a Espanha**.*

Adjunto Adverbial de Lugar

- *Comparecer*

O adjunto adverbial de lugar pode ser introduzido por *em* ou *a*.

Comparecemos ao estádio (ou no estádio) para ver o último jogo.

2-) Verbos Transitivos Diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Ao empregar esses verbos, lembre-se de que os pronomes oblíquos *o, a, os, as* atuam como objetos diretos. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em ***-r, -s*** ou ***-z***) ou *no, na, nos, nas* (após formas verbais terminadas em sons nasais), enquanto *lhe* e *lhes* são, quando complementos verbais, objetos indiretos.

São **verbos transitivos diretos,** dentre outros: *abandonar, abençoar, aborrecer, abraçar, acompanhar, acusar, admirar, adorar, alegrar, ameaçar, amolar, amparar, auxiliar, castigar, condenar, conhecer, conservar, convidar, defender, eleger, estimar, humilhar, namorar, ouvir, prejudicar, prezar, proteger, respeitar, socorrer, suportar, ver, visitar.*

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.

Amo aquela moça. / Amo-a.

Amam aquele rapaz. / Amam-no.

Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Observação: os pronomes *lhe, lhes* só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como *adjuntos adnominais*):

Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)

Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)

Conheço-lhe o mau humor! (= conheço seu mau humor)

3-) Verbos Transitivos Indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos *exigem uma preposição* para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são o *"lhe"*, o *"lhes"*, para substituir pessoas. Não se utilizam os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (*ele, ela*) em lugar dos pronomes átonos *lhe, lhes*.

Os **verbos transitivos indiretos** são os seguintes:

- *Consistir* - Tem complemento introduzido pela preposição "em": *A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.*

- *Obedecer* e *Desobedecer* - Possuem seus complementos introduzidos pela preposição "a":

Devemos obedecer aos nossos princípios e ideais.

Eles desobedeceram às leis do trânsito.

- *Responder* - Tem complemento introduzido pela preposição "a". Esse verbo pede objeto indireto para indicar "a quem" ou "ao que" se responde.

Respondi ao meu patrão.

Respondemos às perguntas.

Respondeu-lhe à altura.

Observação: o verbo *responder*, apesar de transitivo indireto quando exprime aquilo a que se responde, admite voz passiva analítica:

O questionário foi respondido corretamente.

Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- *Simpatizar* e *Antipatizar* - Possuem seus complementos introduzidos pela preposição "com".

Antipatizo com aquela apresentadora.

Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

4-) Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto **e** um indireto. Merecem destaque, nesse grupo: **agradecer, perdoar** e **pagar.** São verbos que apresentam objeto direto relacionado a coisas e objeto indireto relacionado a pessoas.

Agradeço *aos ouvintes* *a audiência.*
Objeto Indireto Objeto Direto

Paguei *o débito* *ao cobrador.*
Objeto Direto Objeto Indireto

- O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado:
Agradeci o presente. / Agradeci-o.
Agradeço a você. / Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

Informar
- Apresenta objeto direto ao se referir a coisas e objeto indireto ao se referir a pessoas, ou vice-versa.
Informe os novos preços aos clientes.
Informe os clientes dos novos preços. (ou sobre os novos preços)

- Na utilização de pronomes como complementos, veja as construções:
Informei-os aos clientes. / Informei-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou sobre eles)

Observação: a mesma regência do verbo *informar* é usada para os seguintes: *avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir*.

Comparar
Quando seguido de dois objetos, esse verbo admite as preposições "a" ou "com" para introduzir o complemento indireto: *Comparei seu comportamento ao (ou com o) de uma criança*.

Pedir
Esse verbo pede objeto direto de coisa (geralmente na forma de oração subordinada substantiva) e indireto de pessoa.

Pedi-lhe *favores.*
Objeto Indireto Objeto Direto

Pedi-lhe *que se mantivesse em silêncio.*
Objeto Indireto Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

Saiba que:
- A construção "pedir para", muito comum na linguagem cotidiana, deve ter emprego muito limitado na língua culta. No entanto, é considerada correta quando a palavra *licença* estiver subentendida.
Peço (licença) para ir entregar-lhe os catálogos em casa.

Observe que, nesse caso, a preposição "para" introduz uma *oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo* (para ir entregar-lhe os catálogos em casa).

Preferir
Na língua culta, esse verbo deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição "a":
Prefiro qualquer coisa a abrir mão de meus ideais.
Prefiro trem a ônibus.

Observação: na língua culta, o verbo "preferir" deve ser usado sem termos intensificadores, tais como: *muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes, mais*. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no próprio verbo (pre).

Mudança de Transitividade - Mudança de Significado

Há verbos que, de acordo com a mudança de transitividade, apresentam mudança de significado. O conhecimento das diferentes regências desses verbos é um recurso linguístico muito importante, pois além de permitir a correta interpretação de passagens escritas, oferece possibilidades expressivas a quem fala ou escreve. Dentre os principais, estão:

AGRADAR
- Agradar é transitivo direto no sentido de *fazer carinhos, acariciar, fazer as vontades de.*
Sempre agrada o filho quando.
Aquele comerciante agrada os clientes.

- Agradar é transitivo indireto no sentido de *causar agrado a, satisfazer, ser agradável a*. Rege complemento introduzido pela preposição "a".
O cantor não agradou aos presentes.
O cantor não lhes agradou.

*O antônimo "desagradar" é sempre transitivo indireto: *O cantor desagradou à plateia.*

ASPIRAR
- Aspirar é transitivo direto no sentido de *sorver, inspirar (o ar), inalar*: *Aspirava o suave aroma. (Aspirava-o)*

- Aspirar é transitivo indireto no sentido de *desejar, ter como ambição: Aspirávamos a um emprego melhor. (Aspirávamos a ele)*

***** Como o objeto direto do verbo "aspirar" não é pessoa, as formas pronominais átonas "lhe" e "lhes" não são utilizadas, mas, sim, as formas tônicas "a ele(s)", "a ela(s)". Veja o exemplo: *Aspiravam a uma existência melhor. (= Aspiravam a ela)*

NOVA CONCURSOS

ASSISTIR

- Assistir é transitivo direto no sentido de *ajudar, prestar assistência a, auxiliar*.

As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos.
As empresas de saúde negam-se a assisti-los.

- Assistir é transitivo indireto no sentido de *ver, presenciar, estar presente, caber, pertencer.*

Assistimos ao documentário.
Não assisti às últimas sessões.
Essa lei assiste ao inquilino.

*****No sentido de *morar, residir*, o verbo "assistir" é intransitivo, sendo acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição "em": *Assistimos numa conturbada cidade.*

CHAMAR

- Chamar é transitivo direto no sentido de *convocar, solicitar a atenção* ou *a presença de*.

Por gentileza, vá chamar a polícia. / Por favor, vá chamá-la.
Chamei você várias vezes. / Chamei-o várias vezes.

- Chamar no sentido de *denominar, apelidar* pode apresentar objeto direto e indireto, ao qual se refere predicativo preposicionado ou não.

A torcida chamou o jogador mercenário.
A torcida chamou ao jogador mercenário.
A torcida chamou o jogador de mercenário.
A torcida chamou ao jogador de mercenário.

- Chamar com o sentido de *ter por nome* é pronominal: *Como você se chama? Eu me chamo Zenaide.*

CUSTAR

- Custar é intransitivo no sentido de *ter determinado valor ou preço*, sendo acompanhado de adjunto adverbial: *Frutas e verduras não deveriam custar muito.*

- No sentido de ser *difícil, penoso,* pode ser intransitivo ou transitivo indireto, tendo como sujeito uma oração reduzida de infinitivo.

Muito custa viver tão longe da família.
Verbo Intransitivo Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Reduzida de Infinitivo

Custou-<u>me</u> (a mim) crer nisso.
Objeto Indireto Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Reduzida de Infinitivo

*****A Gramática Normativa condena as construções que atribuem ao verbo "custar" um sujeito representado por pessoa: *Custei para entender o problema.* = **Forma correta**: *Custou-me entender o problema.*

IMPLICAR

- Como transitivo direto, esse verbo tem dois sentidos:

a) *dar a entender, fazer supor, pressupor*: *Suas atitudes implicavam um firme propósito.*
b) *ter como consequência, trazer como consequência, acarretar, provocar*: *Uma ação implica reação.*

- Como transitivo direto e indireto, significa *comprometer, envolver*: *Implicaram aquele jornalista em questões econômicas*.

***** No sentido de *antipatizar, ter implicância*, é transitivo indireto e rege com preposição "com": *Implicava com quem não trabalhasse arduamente.*

NAMORAR

- Sempre transitivo direto: *Luísa namora Carlos há dois anos.*

OBEDECER - DESOBEDECER

- Sempre transitivo indireto:

Todos obedeceram às regras.
Ninguém desobedece às leis.

*Quando o objeto é "coisa", não se utiliza "lhe" nem "lhes": *As leis são essas, mas todos desobedecem a elas.*

PROCEDER

- Proceder é intransitivo no sentido de *ser decisivo, ter cabimento, ter fundamento* ou *comportar-se, agir*. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo.

As afirmações da testemunha procediam, não havia como refutá-las.
Você procede muito mal.

- Nos sentidos de *ter origem, derivar-se* (rege a preposição "de") e *fazer, executar* (rege complemento introduzido pela preposição "a") é transitivo indireto.

O avião procede de Maceió.
Procedeu-se aos exames.
O delegado procederá ao inquérito.

QUERER

- Querer é transitivo direto no sentido de *desejar, ter vontade de, cobiçar*.

Querem melhor atendimento.
Queremos um país melhor.

- Querer é transitivo indireto no sentido de *ter afeição, estimar, amar: Quero muito aos meus amigos.*

VISAR

- Como transitivo direto, apresenta os sentidos de *mirar, fazer pontaria* e de *pôr visto, rubricar.*

O homem visou o alvo.
O gerente não quis visar o cheque.

- No sentido de *ter em vista, ter como meta, ter como objetivo* é transitivo indireto e rege a preposição "a".
O ensino deve sempre visar ao progresso social.
Prometeram tomar medidas que visassem ao bem-estar público.

ESQUECER – LEMBRAR
- Lembrar algo – esquecer algo
- Lembrar-se de algo – esquecer-se de algo (pronominal)

No 1.º caso, os verbos são transitivos diretos, ou seja, exigem complemento sem preposição: *Ele esqueceu o livro.*
No 2.º caso, os verbos são pronominais (-se, -me, etc) e exigem complemento com a preposição "de". São, portanto, transitivos indiretos:
- *Ele se esqueceu do caderno.*
- *Eu me esqueci da chave.*
- *Eles se esqueceram da prova.*
- *Nós nos lembramos de tudo o que aconteceu.*

Há uma construção em que a *coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito* e o verbo sofre leve alteração de sentido. É uma construção muito rara na língua contemporânea, porém, é fácil encontrá-la em textos clássicos tanto brasileiros como portugueses. Machado de Assis, por exemplo, fez uso dessa construção várias vezes.
Esqueceu-me a tragédia. (cair no esquecimento)
Lembrou-me a festa. (vir à lembrança)
Não lhe lembram os bons momentos da infância? (= *momentos* é sujeito)

SIMPATIZAR - ANTIPATIZAR

- São transitivos indiretos e exigem a preposição "com":
Não simpatizei com os jurados.
Simpatizei com os alunos.

Importante: A norma culta exige que os verbos e expressões que dão ideia de movimento sejam usados com a preposição "a":
Chegamos a São Paulo e fomos direto ao hotel.
Cláudia desceu ao segundo andar.
Hoje, com esta chuva, ninguém sairá à rua.

Regência Nominal

É o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição. No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. Observe o exemplo: Verbo *obedecer* e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição ***a*.** Veja:

Obedecer a algo/ a alguém.
Obediente a algo/ a alguém.

Se uma oração completar o sentido de um nome, ou seja, exercer a função de complemento nominal, ela será completiva nominal (subordinada substantiva).

Regência de Alguns Nomes

Substantivos		
Admiração a, por	*Devoção a, para, com, por*	*Medo a, de*
Aversão a, para, por	*Doutor em*	*Obediência a*
Atentado a, contra	*Dúvida acerca de, em, sobre*	*Ojeriza a, por*
Bacharel em	*Horror a*	*Proeminência sobre*
Capacidade de, para	*Impaciência com*	*Respeito a, com, para com, por*
Adjetivos		
Acessível a	*Diferente de*	*Necessário a*
Acostumado a, com	*Entendido em*	*Nocivo a*
Afável com, para com	*Equivalente a*	*Paralelo a*
Agradável a	*Escasso de*	*Parco em, de*
Alheio a, de	*Essencial a, para*	*Passível de*
Análogo a	*Fácil de*	*Preferível a*
Ansioso de, para, por	*Fanático por*	*Prejudicial a*
Apto a, para	*Favorável a*	*Prestes a*
Ávido de	*Generoso com*	*Propício a*
Benéfico a	*Grato a, por*	*Próximo a*
Capaz de, para	*Hábil em*	*Relacionado com*
Compatível com	*Habituado a*	*Relativo a*
Contemporâneo a, de	*Idêntico a*	*Satisfeito com, de, em, por*
Contíguo a	*Impróprio para*	*Semelhante a*
Contrário a	*Indeciso em*	*Sensível a*
Curioso de, por	*Insensível a*	*Sito em*
Descontente com	*Liberal com*	*Suspeito de*
Desejoso de	*Natural de*	*Vazio de*

Advérbios
Longe de *Perto de*

Observação: os advérbios terminados em *-mente* tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: *paralela a; paralelamente a; relativa a; relativamente a.*

Fontes de pesquisa:
http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint61.php
Português linguagens: volume 3 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português: novas palavras: literatura, gramática, redação / Emília Amaral... [et al.]. – São Paulo: FTD, 2000.

Questões

1-) (PRODAM – AUXILIAR - MOTORISTA – FUNCAB/2014) Assinale a alternativa em que a frase segue a norma culta da língua quanto à regência verbal.
A) Prefiro viajar de ônibus do que dirigir.
B) Eu esqueci do seu nome.
C) Você assistiu à cena toda?
D) Ele chegou na oficina pela manhã.
E) Sempre obedeço as leis de trânsito.

1-)
A) Prefiro viajar de ônibus do que dirigir. = prefiro viajar de ônibus a dirigir
B) Eu esqueci do seu nome. = Eu me esqueci do seu nome
C) Você assistiu à cena toda? = correta
D) Ele chegou na oficina pela manhã. = Ele chegou à oficina pela manhã
E) Sempre obedeço as leis de trânsito. = Sempre obedeço às leis de trânsito
RESPOSTA: "C".

2-) (POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO/SP – MÉDICO LEGISTA – VUNESP/2014 - adaptada) Leia o seguinte trecho para responder à questão.
A pesquisa encontrou um dado curioso: homens com baixos níveis de testosterona tiveram uma resposta imunológica melhor a essa medida, similar _____ .
A alternativa que completa, corretamente, o texto é:
(A) das mulheres
(B) às mulheres
(C) com das mulheres
(D) à das mulheres
(E) ao das mulheres

2-) Similar significa igual; sua regência equivale à da palavra "igual": igual a quê? Similar a quem? Similar à (subentendido: *resposta imunológica*) das mulheres.
RESPOSTA: "D".

COLOCAÇÃO PRONOMINAL.

Colocação Pronominal trata da correta colocação dos pronomes oblíquos átonos na frase.

* **Dica:** Pronome Oblíquo é aquele que exerce a função de complemento verbal (objeto). Por isso, memorize:
OBlíquo = **OB**jeto!

Embora na linguagem falada a colocação dos pronomes não seja rigorosamente seguida, algumas normas devem ser observadas na linguagem escrita.

Próclise = É a colocação pronominal antes do verbo. A próclise é usada:

1) Quando o verbo estiver precedido de palavras que atraem o pronome para antes do verbo. São elas:
a) Palavras de sentido negativo: *não, nunca, ninguém, jamais*, etc.: *Não se desespere!*
b) Advérbios: *Agora se negam a depor.*
c) Conjunções subordinativas: *Espero que me expliquem tudo!*
d) Pronomes relativos: *Venceu o concurseiro que se esforçou.*
e) Pronomes indefinidos: *Poucos te deram a oportunidade.*

f) Pronomes demonstrativos: *Isso me magoa muito.*
2) Orações iniciadas por palavras interrogativas: *Quem lhe disse isso?*

3) Orações iniciadas por palavras exclamativas: *Quanto se ofendem!*

4) Orações que exprimem desejo (orações optativas): *Que Deus o ajude.*

5) A próclise é obrigatória quando se utiliza o pronome reto ou sujeito expresso:
Eu lhe entregarei o material amanhã.
Tu sabes cantar?

Mesóclise = É a colocação pronominal no meio do verbo. A mesóclise é usada:

Quando o verbo estiver no futuro do presente ou futuro do pretérito, contanto que esses verbos não estejam precedidos de palavras que exijam a próclise. Exemplos:
Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.
Repare que o pronome está "no meio" do verbo "realizará":
realizar – **SE** – á. Se houvesse na oração alguma palavra que justificasse o uso da próclise, esta prevaleceria. Veja: *Não se realizará...*
Não fossem os meus compromissos, acompanhar-te-ia nessa viagem.
(com presença de palavra que justifique o uso de próclise: *Não fossem os meus compromissos, EU **te** acompanharia nessa viagem*).

Ênclise = É a colocação pronominal depois do verbo. A ênclise é usada quando a próclise e a mesóclise não forem possíveis:

1) Quando o verbo estiver no imperativo afirmativo: *Quando eu avisar, silenciem-se todos.*

2) Quando o verbo estiver no infinitivo impessoal: *Não era minha intenção machucá-la.*

3) Quando o verbo iniciar a oração. (até porque não se inicia período com pronome oblíquo).
Vou-me embora agora mesmo.
Levanto-me às 6h.

4) Quando houver pausa antes do verbo: *Se eu passo no concurso, mudo-me hoje mesmo!*

5-) Quando o verbo estiver no gerúndio: *Recusou a proposta fazendo-se de desentendida.*

NOVA CONCURSOS

Colocação pronominal nas locuções verbais

- após verbo no particípio = pronome depois do verbo auxiliar (e não depois do particípio):

Tenho me deliciado com a leitura!
Eu tenho me deliciado com a leitura!
Eu me tenho deliciado com a leitura!

- não convém usar hífen nos tempos compostos e nas locuções verbais:

Vamos nos unir!
Iremos nos manifestar.

- quando há um fator para próclise nos tempos compostos ou locuções verbais: opção pelo uso do pronome oblíquo "solto" entre os verbos = *Não vamos nos preocupar* (e não: "*não nos vamos preocupar"*).

Observações importantes:

Emprego de o, a, os, as

1) Em verbos terminados em vogal ou ditongo oral, os pronomes: o, a, os, as não se alteram.

Chame-o agora.
Deixei-a mais tranquila.

2) Em verbos terminados em r, s ou z, estas consoantes finais alteram-se para *lo, la, los, las*. Exemplos:

(Encontrar) Encontrá-lo é o meu maior sonho.
(Fiz) Fi-lo porque não tinha alternativa.

3) Em verbos terminados em ditongos nasais (am, em, ão, õe), os pronomes *o, a, os, as* alteram-se para *no, na, nos, nas*.

Chamem-no agora.
Põe-na sobre a mesa.

* **Dica:**

Próclise – pró lembra pré; pré é prefixo que significa "antes"! Pronome antes do verbo!

Ênclise – "en"... lembra, pelo "som", /Ənd/ (*end*, em Inglês – que significa "fim, final!). Pronome depois do verbo!

Mesóclise – pronome oblíquo no **M**eio do verbo

Pronome Oblíquo – função de objeto

Fontes de pesquisa:

http://www.portugues.com.br/gramatica/colocacao-pronominal-.html

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.

Português linguagens: volume 3 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Questões

1-) (IBGE - SUPERVISOR DE PESQUISAS – ADMINISTRAÇÃO - CESGRANRIO/2014) Em "Há políticas que reconhecem a informalidade", ao substituir o termo destacado por um pronome, de acordo com a norma-padrão da língua, o trecho assume a formulação apresentada em:

A) Há políticas que a reconhecem.
B) Há políticas que reconhecem-a.
C) Há políticas que reconhecem-na.
D) Há políticas que reconhecem ela.
E) Há políticas que lhe reconhecem.

1-) Primeiramente identifiquemos se temos objeto direto ou indireto. Reconhece o quê? Resposta: a informalidade. Pergunta e resposta sem preposição, então: objeto direto. Não utilizaremos "lhe" – que é para objeto indireto. Como temos a presença do "que" – independente de sua função no período (pronome relativo, no caso!) – a regra pede próclise (pronome oblíquo antes do verbo): que a reconhecem.

RESPOSTA: "A".

2-) (SABESP – TECNÓLOGO – FCC/2014) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

(A) *que permitiu à civilização* = que lhe permitiu
(B) *envolveu diferentes fatores* = envolveu-os
(C) *para fazer a dragagem* = para fazê-la
(D) *que desviava a água* = que lhe desviava
(E) *supriam a necessidade* = supriam-na

2-)

(A) que permitiu à civilização = que lhe permitiu = correta
(B) envolveu diferentes fatores = envolveu-os = correta
(C) para fazer a dragagem = para fazê-la = correta
(D) que desviava a água = que lhe desviava = que a desviava
(E) supriam a necessidade = supriam-na = correta

RESPOSTA: "D".

3-) (TRT/AL - ANALISTA JUDICIÁRIO - FCC/2014)

cruzando **os desertos do oeste da China** – que contornam **a Índia** – adotam **complexas providências**

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos grifados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

(A) os cruzando - que contornam-lhe - adotam-as
(B) cruzando-lhes - que contornam-na - as adotam
(C) cruzando-os - que lhe contornam - adotam-lhes
(D) cruzando-os - que a contornam - adotam-nas
(E) lhes cruzando - que contornam-a - as adotam

3-) Não podemos utilizar "lhes", que corresponde ao objeto indireto (verbo "cruzar" pede objeto direto: cruzar o quê?), portanto já desconsideramos as alternativas "B" e "D". Ao iniciarmos um parágrafo (já que no enunciado temos uma oração assim) devemos usar ênclise: (cruzando-os)**;** na segunda oração temos um pronome relativo (dá para substituirmos por "o qual"), o que nos obriga a usar a próclise (que a contorna); "adotam" exige objeto direto (adotam quem ou o quê?), chegando à resposta: adotam-nas (quando o verbo terminar em "m" e usarmos um pronome oblíquo direto, lembre-se do alfabeto: jkl**M – N!**).

RESPOSTA: "D".

CRASE.

A crase se caracteriza como a fusão de duas vogais idênticas, relacionadas ao emprego da preposição "a" com o artigo feminino a(s), com o "a" inicial referente aos pronomes demonstrativos – *aquela(s), aquele(s), aquilo* e com o "a" pertencente ao pronome relativo *a qual (as quais)*. Casos estes em que tal fusão encontra-se demarcada pelo acento grave (`): *à(s), àquela, àquele, àquilo, à qual, às quais.*

O uso do acento indicativo de crase está condicionado aos nossos conhecimentos acerca da regência verbal e nominal, mais precisamente ao termo regente e termo regido. Ou seja, o termo regente é o verbo - ou nome - que exige complemento regido pela preposição "a", e o termo regido é aquele que completa o sentido do termo regente, admitindo a anteposição do artigo a(s).

Refiro-me a (a) funcionária antiga, e não a (a)quela contratada recentemente.

Após a junção da preposição com o artigo (destacados entre parênteses), temos:

Refiro-me à funcionária antiga, e não àquela contratada recentemente.

O verbo *referir*, de acordo com sua transitividade, classifica-se como transitivo indireto, pois sempre nos referimos *a alguém* ou *a algo*. Houve a fusão da preposição a + o artigo feminino (à) e com o artigo feminino a + o pronome demonstrativo aquela (àquela).

Observação importante: Alguns recursos servem de ajuda para que possamos confirmar a ocorrência ou não da crase. Eis alguns:

a) Substitui-se a palavra feminina por uma masculina equivalente. Caso ocorra a combinação a + o(s), a crase está confirmada.

Os dados foram solicitados à diretora.

Os dados foram solicitados ao diretor.

b) No caso de nomes próprios geográficos, substitui-se o verbo da frase pelo verbo *voltar*. Caso resulte na expressão "voltar da", há a confirmação da crase.

Faremos uma visita à Bahia.

Faz dois dias que voltamos da Bahia. (crase confirmada)

Não me esqueço da viagem a Roma.

Ao voltar de Roma, relembrarei os belos momentos jamais vividos.

Atenção: Nas situações em que o nome geográfico se apresentar modificado por um adjunto adnominal, a crase está confirmada.

Atendo-me à bela Fortaleza, senti saudades de suas praias.

** **Dica:** Use a regrinha "*Vou A volto DA, crase HÁ; vou A volto DE, crase PRA QUÊ?*" Exemplo: Vou a Campinas. = Volto de Campinas. (crase pra quê?)

Vou à praia. = Volto da praia. (crase há!)

ATENÇÃO: quando o nome de lugar estiver especificado, ocorrerá crase. Veja:

Retornarei à São Paulo dos bandeirantes. = mesmo que, pela regrinha acima, seja a do "VOLTO DE"

Irei à Salvador de Jorge Amado.

* A letra "a" dos pronomes demonstrativos *aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* receberão o acento grave se o termo regente exigir complemento regido da preposição "a".

Entregamos a encomenda àquela menina.

(preposição + pronome demonstrativo)

Iremos àquela reunião.

(preposição + pronome demonstrativo)

Sua história é semelhante às que eu ouvia quando criança. (àquelas que eu ouvia quando criança)

(preposição + pronome demonstrativo)

* A letra "a" que acompanha locuções femininas (adverbiais, prepositivas e conjuntivas) recebe o acento grave:

- locuções adverbiais: *às vezes, à tarde, à noite, às pressas, à vontade*...
- locuções prepositivas: *à frente, à espera de, à procura de*...
- locuções conjuntivas*: à proporção que, à medida que.*

*** Cuidado**: quando as expressões acima não exercerem a função de locuções não ocorrerá crase. Repare:

Eu adoro a noite!

Adoro o quê? Adoro quem? O verbo "adoro" requer objeto direto, no caso, a noite. Aqui, o "a" é artigo, não preposição.

Casos passíveis de nota:

*a crase é facultativa diante de nomes próprios femininos: *Entreguei o caderno a (à) Eliza.*

*também é facultativa diante de pronomes possessivos femininos: O diretor fez referência a (à) sua empresa.

*facultativa em locução prepositiva *"até a"*: *A loja ficará aberta até as (às) dezoito horas.*

* Constata-se o uso da crase se as locuções prepositivas *à moda de, à maneira de* apresentarem-se implícitas, mesmo diante de nomes masculinos: *Tenho compulsão por comprar sapatos à Luis XV.* (à moda de Luís XV)

* Não se efetiva o uso da crase diante da locução adverbial "*a distância*": *Na praia de Copacabana, observamos a queima de fogos a distância.*

Entretanto, se o termo vier determinado, teremos uma locução prepositiva, aí sim, ocorrerá crase: *O pedestre foi arremessado à distância de cem metros.*

- De modo a evitar o duplo sentido – a ambiguidade -, faz-se necessário o emprego da crase.
Ensino à distância.
Ensino a distância.

* Em locuções adverbiais formadas por palavras repetidas, não há ocorrência da crase.
Ela ficou frente a frente com o agressor.
Eu o seguirei passo a passo.

Casos em que não se admite o emprego da crase:

* Antes de vocábulos masculinos.
As produções escritas a lápis não serão corrigidas.
Esta caneta pertence a Pedro.

* Antes de verbos no infinitivo.
Ele estava a cantar.
Começou a chover.

* Antes de numeral.
O número de aprovados chegou a cem.
Faremos uma visita a dez países.

Observação:
- Nos casos em que o numeral indicar horas – funcionando como uma locução adverbial feminina – ocorrerá crase: *Os passageiros partirão às dezenove horas.*

- Diante de numerais ordinais femininos a crase está confirmada, visto que estes não podem ser empregados sem o artigo: *As saudações foram direcionadas à primeira aluna da classe.*

- Não ocorrerá crase antes da palavra casa, quando essa não se apresentar determinada: *Chegamos todos exaustos a casa.*
Entretanto, se vier acompanhada de um adjunto adnominal, a crase estará confirmada: *Chegamos todos exaustos à casa de Marcela.*

- não há crase antes da palavra "terra", quando essa indicar chão firme: *Quando os navegantes regressaram a terra, já era noite.*
Contudo, se o termo estiver precedido por um determinante ou referir-se ao planeta Terra, ocorrerá crase.
Paulo viajou rumo à sua terra natal.
O astronauta voltou à Terra.

- não ocorre crase antes de pronomes que requerem o uso do artigo.
Os livros foram entregues a mim.
Dei a ela a merecida recompensa.

Observação: Pelo fato de os pronomes de tratamento relativos *à senhora, senhorita* e *madame* admitirem artigo, o uso da crase está confirmado no "a" que os antecede, no caso de o termo regente exigir a preposição.
Todos os méritos foram conferidos à senhorita Patrícia.

*não ocorre crase antes de nome feminino utilizado em sentido genérico ou indeterminado:
Estamos sujeitos a críticas.
Refiro-me a conversas paralelas.

Fontes de pesquisa:
http://www.portugues.com.br/gramatica/o-uso-crase-.html
SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática completa Sacconi*. 30ª ed. Rev. São Paulo: Nova Geração, 2010.
Português linguagens: volume 3 / Wiliam Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 7ªed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

Questões

1-) (POLÍCIA CIVIL/SC – AGENTE DE POLÍCIA – ACAFE/2014) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase a seguir.
Quando_____ três meses disse-me que iria _____ Grécia para visitar ___ sua tia, vi-me na obrigação de ajudá-la _____ resgatar as milhas _____ quais tinha direito.
A-) a - há - à - à - às
B-) há - à - a - a – às
C-) há - a - há - à - as
D-) a - à - a - à - às
E-) a - a - à - há – as

1-) Quando HÁ (sentido de tempo) três meses disse-me que iria À ("vou a, volto da, crase há!") Grécia para visitar A (artigo) sua tia, vi-me na obrigação de ajudá-la A (ajudar "ela" a fazer algo) resgatar as milhas ÀS quais tinha direito (tinha direito a quê? às milhas – regência nominal). Teremos: há, à, a, a, às.
RESPOSTA: "B".

2-) (EMPLASA/SP – ANALISTA JURÍDICO – DIREITO – VUNESP/2014)
A ministra de Direitos Humanos instituiu grupo de trabalho para proceder _____ medidas necessárias _____ exumação dos restos mortais do ex-presidente João Goulart, sepultado em São Borja (RS), em 1976. Com a exumação de Jango, o governo visa esclarecer se o ex-presidente morreu de causas naturais, ou seja, devido ____ uma parada cardíaca – que tem sido a versão considerada oficial até hoje –, ou se sua morte se deve _____ envenenamento.
(http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,-governo-cria-grupo-exumar--restos-mortais-de- jango,1094178,0.htm 07. 11.2013. Adaptado)

Segundo a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da frase devem ser completadas, correta e respectivamente, por

(A) a ... à ... a ... a
(B) as ... à ... a ... à
(C) às ... a ... à ... a
(D) à ... à ... à ... a
(E) a ... a ... a ... à

2-) A ministra de Direitos Humanos instituiu grupo de trabalho para proceder a medidas (palavra no plural, generalizando) necessárias à (regência nominal pede preposição) exumação dos restos mortais do ex-presidente João Goulart, sepultado em São Borja (RS), em 1976. Com a exumação de Jango, o governo visa esclarecer se o ex-presidente morreu de causas naturais, ou seja, devido a uma (artigo indefinido) parada cardíaca – que tem sido a versão considerada oficial até hoje –, ou se sua morte se deve a (regência verbal) envenenamento. A / à / a / a

RESPOSTA: "A".

3-) (SABESP/SP – ADVOGADO – FCC/2014)

Para chegar a esta conclusão, os pesquisadores fizeram uma escavação arqueológica nas ruínas da antiga cidade de Tikal, na Guatemala.

O **a** empregado na frase acima, imediatamente depois de *chegar*, deverá receber o sinal indicativo de crase caso o segmento grifado seja substituído por:

(A) Uma tal ilação.
(B) Afirmações como essa.
(C) Comprovação dessa assertiva.
(D) Emitir uma opinião desse tipo.
(E) Semelhante resultado.

3-)

(A) Uma tal ilação – chegar a uma (não há acento grave antes de artigo)
(B) Afirmações como essa – chegar a afirmações (antes de palavra no plural e o "a" no singular)
(C) Comprovação dessa assertiva – chegar à comprovação
(D) Emitir uma opinião desse tipo – chegar a emitir (verbo no infinitivo)
(E) Semelhante resultado – chegar a semelhante (palavra masculina)

RESPOSTA: "C".

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS E LEGISLAÇÃO

Relação entre educação, escola e sociedade: concepções de Educação e de Escola. A função social da escola, a educação inclusiva e o compromisso ético e social do educador. 01
Gestão democrática: a participação como princípio. 14
Organização da escola centrada no processo de desenvolvimento pleno do educando. 18
A integração entre educar e cuidar na Educação básica. 24
Projeto políticopedagógico: fundamentos para a orientação, o planejamento e a implementação das ações educativas da escola. 25
Currículo e cultura: visão interdisciplinar e transversal do conhecimento. 32
Currículo: a valorização das diferenças individuais, de gênero, étnicas e socioculturais e o combate à desigualdade. 32
Currículo, conhecimento e processo de aprendizagem: as tendências pedagógicas na escola. 43
Currículo nas séries iniciais: a ênfase na competência leitora (alfabetização eletramento) e o desenvolvimento dos saberes escolares da matemática e das diversas áreas de conhecimento. 50
Currículo em ação: planejamento, seleção, contextualização e organização dos diversos tipos de conteúdos; o trabalho por projetos. 75
A avaliação diagnóstica ou formadora e os processos de ensino e de aprendizagem. 84
A avaliação mediadora e a construção do conhecimento: acompanhamento dos processos de ensino e de aprendizagem. 84
A mediação do professor, dialogal e problematizadora, no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno; a inerente formação continuada do educador. 87
Construção participativa do projeto político-pedagógico e da autonomia da escola. 90
A educação escolar e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). 96

Bibliografia

AGUIAR, Márcia Ângela da Silva [et. al.]. Conselho Escolar e a relação entre a escola e o desenvolvimento com igualdade social. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 101
ARÊAS, Celina Alves. A função social da escola. Conferência Nacional da Educação Básica. AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos - relações de gênero na escola. São Paulo: Editora Contexto, 2016. 111
CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. Relações Contemporâneas Escola- Família. p. 28-32. In: CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. Interação escola- família: subsídios para práticas escolares. Brasília: UNESCO, MEC, 2009. 112
COLL, César. O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Editora Ática, 1999. (Capítulos 4 e 5). 137
CONTRERAS, José. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez Editora, 2002. (Capítulos 3 e 7). 140
DOWBOR, Ladislau. Educação e apropriação da realidade local. Estud. av. [online]. 2007, vol.21, n° 60, pp. 75-90. 151
FONTANA, Roseli Ap. Cação. Mediação Pedagógica em sala de aula. Campinas: Editora Autores Associados, 1996 (Primeiro tópico da Parte I - A gênese social da conceitualização). 159
GALVÃO, Izabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon, in: ARANTES, Valéria A. Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003. 161
GARCIA, Lenise Aparecida Martins. Transversalidade e Interdisciplinaridade. 173
HOFFMAN, Jussara. Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento. In: SE/SP/FDE. Revista Ideias, n° 22, pág. 51 a 59. 175
LIBÂNEO, J.C. Democratização da Escola Pública - a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985. (Capítulo 6). 180
LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003, capítulo III, da 4a Parte. 182
LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013, capítulos 2,7 e 9. 185
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Abrindo as escolas às diferenças, capítulo 5, in: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). Pensando e Fazendo Educação de Qualidade. São Paulo: Moderna, 2001. 195
MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.4, n.12.p.13-21, maio/ago.2004. 199
MOURA, Daniela Pereira de. Pedagogia de Projetos: contribuições para uma educação transformadora. 203
PIAGET, Jean. Desenvolvimento e aprendizagem. Trad. Paulo Francisco Slomp. UFRGS- PEAD 2009/1. 208
PIMENTA, Selma, G.A. A Construção do Projeto Pedagógico na Escola de 1° Grau. Ideias, n° 8, 1.990, p 17-24. 214
QUEIROZ, Cecília T. A. P. de; MOITA, Filomena M. G. da S.C.. Fundamentos sócio-filosóficos da educação. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007. (MEC/SEB/SEED). 218

RESENDE, L. M. G. de. A perspectiva multicultural no projeto político-pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Escola: espaço do projeto político-pedagógico. Campinas: Papirus, 1998. 221
RIOS, Teresinha Azeredo. Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001 (capítulos 2 e 3). 223
ROPOLI, Edilene Aparecida. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação. SEESP. Universidade Federal do Ceará, 2010. 227
VEIGA, I. P. A. (org.). Projeto político-pedagógico da escola - uma construção possível. 2.a ed. Campinas: Papirus, 1996 241
VINHA, Telma Pileggi. O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista. Revista do Cogeime, n° 14, julho/99, pág. 15-38. 249
WEIZ, T. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2a ed. São Paulo: Ática, 2000, (capítulos 4 e 8). 261
ZABALA, Antoni. A Prática educativa: Como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998, (capítulo 2) 269

RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, ESCOLA E SOCIEDADE: CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E ESCOLA; A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA; EDUCAÇÃO INCLUSIVA E COMPROMISSO ÉTICO E SOCIAL DO EDUCADOR.

FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA E COMPROMISSO SOCIAL DO EDUCADOR.

O papel da escola / função social da escola

A sociedade tem avançado em vários aspectos, e mais do que nunca é imprescindível que a escola acompanhe essas evoluções, que ela esteja conectada a essas transformações, falando a mesma língua, favorecendo o acesso ao conhecimento que é o assunto crucial a ser tratado neste trabalho.

É importante refletirmos sobre que tipo de trabalho temos desenvolvido em nossas escolas e qual o efeito, que resultados temos alcançado. Qual é na verdade a função social da escola? A escola está realmente cumprindo ou procurando cumprir sua função, como agente de intervenção na sociedade? Eis alguns pressupostos a serem explicitados nesse texto. Para se conquistar o sucesso se faz necessário que se entenda ou e que tenha clareza do que se quer alcançar, a escola precisa ter objetivos bem definidos, para que possa desempenhar bem o seu papel social, onde a maior preocupação – o alvo deve ser o crescimento intelectual, emocional, espiritual do aluno, e para que esse avanço venha fluir é necessário que o canal (escola) esteja desobstruído.

A Escola no Passado

A escola é um lugar que oportuniza, ou deveria possibilitar as pessoas à convivência com seus semelhantes (socialização). As melhores e mais conceituadas escolas pertenciam à rede particular, atendendo um grupo elitizado, enquanto a grande maioria teria que lutar para conseguir uma vaga em escolas públicas com estrutura física e pedagógicas deficientes.

O país tem passado por mudanças significativas no que se refere ao funcionamento e acesso da população brasileira ao ensino público, quando em um passado recente era privilégio das camadas sociais abastadas (elite) e de preferência para os homens, as mulheres mal apareciam na cena social, quando muito as únicas que tinham acesso à instrução formal recebiam alguma iniciação em desenho e música.

Atuação da equipe pedagógica – coordenação

A política de atuação da equipe pedagógica é de suma importância para a elevação da qualidade de ensino na escola, existe a necessidade urgente de que os coordenadores pedagógicos não restrinjam suas atribuições somente à parte técnica, burocrática, elaborar horários de aulas e ainda ficarem nos corredores da escola procurando conter a indisciplina dos alunos que saem das salas durante as aulas, enquanto os professores ficam necessitados de acompanhamento. A equipe de suporte pedagógico tem papel determinante no desempenho dos professores, pois dependendo de como for a política de trabalho do coordenador o professor se sentirá apoiado, incentivado. Esse deve ser o trabalho do coordenador: incentivar, reconhecer, e elogiar os avanços e conquistas, em fim o sucesso alcançado no dia a dia da escola e consequentemente o desenvolvimento do aluno em todos os âmbitos.

Compromisso social do educador

Ao educador compete a promoção de condições que favoreçam o aprendizado do aluno, no sentido do mesmo compreender o que está sendo ministrado, quando o professor adota o método dialético; isso se torna mais fácil, e essa precisa ser a preocupação do mesmo: facilitar a aprendizagem do aluno, aguçar seu poder de argumentação, conduzir ás aulas de modo questionador, onde o aluno- sujeito ativo estará também exercendo seu papel de sujeito pensante; que dá ótica construtivista constrói seu aprendizado, através de hipóteses que vão sendo testadas, interagindo com o professor, argumentando, questionando em fim trocando ideias que produzem inferências.

O planejamento é imprescindível para o sucesso cognitivo do aluno e êxito no desenvolvimento do trabalho do professor, é como uma bússola que orienta a direção a ser seguida, pois quando o professor não planeja o aluno é o primeiro a perceber que algo ficou a desejar, por mais experiente que seja o docente, e esse é um dos fatores que contribuem para a indisciplina e o desinteresse na sala de aula. É importante que o planejar aconteça de forma sistematizada e contextualizado com o cotidiano do aluno – fator que desperta seu interesse e participação ativa.

Um planejamento contextualizado com as especificidades e vivências do educando, o resultado será aulas dinâmicas e prazerosas, ao contrário de uma prática em que o professor cita somente o número da página e alunos abrem seus livros é feito uma explicação superficial e dá-se por cumprido a tarefa da aula do dia, não houve conversa, dialética, interação.

Ação do gestor escolar

A cultura organizacional do gestor é decisiva para o sucesso ou fracasso da qualidade de ensino da escola, a maneira como ele conduz o gestionamento das ações é o foco que determinará o sucesso ou fracasso da escola. De acordo com Libâneo (2005), características organizacionais positivas eficazes para o bom funcionamento de uma escola: professores preparados, com clareza de seus objetivos e conteúdos, que planejem as aulas, cativem os alunos.

Um bom clima de trabalho, em que a direção contribua para conseguir o empenho de todos, em que os professores aceitem aprender com a experiência dos colegas.

Clareza no plano de trabalho do Projeto pedagógico-curricular que vá de encontro às reais necessidades da escola, primando por sanar problemas como: falta de professores, cumprimento de horário e atitudes que assegurem a seriedade, o compromisso com o trabalho de ensino e aprendizagem, com relação a alunos e funcionários.

Quando o gestor, com seu profissionalismo conquista o respeito e admiração da maioria de seus funcionários e alunos, há um clima de harmonia que predispõe a realização de um trabalho, onde, apesar das dificuldades, os professores terão prazer em ensinar e alunos prazer em aprender.

Função Social da Escola

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualiazada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem.

Eis o grande desafio da escola, fazer do ambiente escolar um meio que favoreça o aprendizado, onde a escola deixe de ser apenas um ponto de encontro e passe a ser, além disso, encontro com o saber com descobertas de forma prazerosa e funcional, conforme Libâneo (2005) devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos.

A escola deve oferecer situações que favoreçam o aprendizado, onde haja sede em aprender e também razão, entendimento da importância desse aprendizado no futuro do aluno. Se ele compreender que, muito mais importante do que possuir bens materiais, é ter uma fonte de segurança que garanta seu espaço no mercado competitivo, ele buscará conhecer e aprender sempre mais.

Analisando os resultados da pesquisa de campo (questionário) observamos que os jovens da turma analisada não possuem perspectivas definidas quanto à seriedade e importância dos estudos para suas vidas profissional, emocional, afetiva. A maioria não tem hábito de leitura, frequenta pouquíssimo a biblioteca, outros nunca foram lá. A escola é na verdade um local onde se encontram, conversam e até namoram. Há ainda, a questão de a família estar raramente na escola, não existe parceria entre a escola e família, comunidade a escola ainda tem dificuldades em promover ações que tragam a família para ser aliadas e não rivais, a família por sua vez ainda não concebeu a ideia de que precisa estar incluída no processo de ensino e aprendizagem independente de seu nível de escolaridade, de acordo com Libâneo (2005), "o grande desafio é o de incluir, nos padrões de vida digna, os milhões de indivíduos excluídos e sem condições básicas para se constituírem cidadãos participantes de uma sociedade em permanente mutação".

Políticas que fortaleçam laços entre comunidade e escola é uma medida, um caminho que necessita ser trilhado, para assim alcançar melhores resultados. O aluno é parte da escola, é sujeito que aprende que constrói seu saber, que direciona seu projeto de vida, assim sendo a escola lida com pessoas, valores, tradições, crenças, opções e precisa estar preparada para enfrentar tudo isso.

Informar e formar precisa estar entre os objetivos explícitos da escola; desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, e isso por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes e valores), fará com que se tornem cidadãos participantes na sociedade em que vivem.

Uma escola voltada para o pleno desenvolvimento do educando valoriza a transmissão de conhecimento, mas também enfatiza outros aspectos: as formas de convivência entre as pessoas, o respeito às diferenças, a cultura escolar. (Progestão 2001).

Ao ouvir depoimentos de alunos que afirmaram que a maioria das aulas são totalmente sem atrativos, professores chegam à sala cansados, desmotivados, não há nada que os atraem a participarem, que os desafiem a querer aprender. É importante ressaltar a importância da unidade de propostas e objetivos entre os coordenadores e o gestor, pois as duas partes falando a mesma linguagem o resultado será muito positivo que terá como fruto a elevação da qualidade de ensino.

Contudo, partindo do pressuposto de que a escola visa explicitamente à socialização do sujeito é necessário que se adote uma prática docente lúdica, uma vez que ela precisa estar em sintonia com o mundo, a mídia que oferece: informatização e dinamismo.

Considerando a leitura, a pesquisa e o planejamento ferramentas básicas para o desenvolvimento de um trabalho eficaz, e ainda fazendo uso do método dialético, o professor valoriza as teses dos alunos, cultivando neles a autonomia e autoestima o que consequentemente os fará ter interesse pelas aulas e o espaço escolar então deixará de ser apenas ponto de encontro para ser também lugar de crescimento intelectual e pessoal.

Para que a escola exerça sua função como local de oportunidades, interação e encontro com o outro e o saber, para que haja esse paralelo tão importante para o sucesso do aluno o bom desenvolvimento das atribuições do coordenador pedagógico tem grande relevância, pois a ele cabe organizar o tempo na escola para que os professores façam seus planejamentos e ainda que atue como formador de fato; sugerindo, orientando, avaliando juntamente os pontos positivos e negativos e nunca se esquecendo de reconhecer, elogiar, estimular o docente a ir em frente e querer sempre melhorar, ir além.

O fato de a escola ser um elemento de grande importância na formação das comunidades torna o desenvolvimento das atribuições do gestor um componente crucial, é necessário que possua tendência crítico-social, com visão de empreendimento, para que a escola esteja acompanhando as inovações, conciliando o conhecimento técnico à arte de disseminar ideias, de bons relacionamentos interpessoais, sobretudo sendo ético e democrático. Os

coordenadores por sua vez precisam assumir sua responsabilidade pela qualidade do ensino, atuando como formadores do corpo docente, promovendo momentos de trocas de experiências e reflexão sobre a prática pedagógica, o que trará bons resultados na resolução de problemas cotidianos, e ainda fortalece a qualidade de ensino, contribui para o resgate da autoestima do professor, pois o mesmo precisa se libertar de práticas não funcionais, e para isso a contribuição do coordenador será imprescindível, o que resultará no crescimento intelectual dos alunos.

A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO

A função da Educação é possibilitar condições para a atualização e uso pleno das potencialidades pessoais em direção ao autoconhecimento e auto-realização pessoal. A Educação não deve destruir o homem concreto e sim apoiar-se neste ser concreto. Não deve ir contra o homem para formar o homem. A Educação deve realizar-se a partir da própria vida e experiência do educando, apoiar-se nas necessidades e interesses naturais, expectativas do educando, e contribuir para seu desenvolvimento pessoal. Os três princípios básicos da Educação liberalista: liberdade, subjetividade, atividade.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS ESCOLAS INCLUSIVAS

Nesse texto, atenção especial é dada à teoria de Vygotsky e suas implicações para o debate sobre inclusão nos campos da educação na escola e na sociedade. O artigo focaliza também as relações que definem a política inclusiva e a complexidade que caracteriza este processo.

Segundo a educadora Mantoan (2005) afirma que na escola inclusiva professores e alunos aprendem uma lição que a vida dificilmente ensina: respeitar as diferenças. Ressalta ainda, que a inclusão é a nossa capacidade de reconhecer o outro e ter o privilégio de conviver com pessoas diferentes. Diferentemente do que muitos possam pensar, inclusão é mais do que rampas e banheiros adaptados.

Na perspectiva de Mantoan, um professor sem capacitação pode ensinar alunos com deficiência. O papel do professor é ser regente de classe e não especialista em deficiência, essa responsabilidade é da equipe de atendimento especializado, uma criança surda, por exemplo, aprende com especialista em libras e leitura labial.

Questionam-se os valores e padrões pré-estabelecidos, os critérios de avaliação e discriminação que prejudicam o desenvolvimento e a aprendizagem das habilidades e a independência destas crianças.

Neste sentido, observamos que Vygotsky, psicólogo russo e estudioso do tema desenvolvimento e aprendizagem, ao falar sobre deficiências educacionalmente consideradas como uma das necessidades educacionais especiais mostra a interação existente entre as características biológicas e as relações sociais para o desenvolvimento da pessoa. Segundo Vygotsky o conceito de Zona de Desenvolvimento proximal, conhecida como ZDP, que é a distância entre o desenvolvimento real e o potencial.

Abordando mais especificamente as questões da educação inclusiva temos um histórico amplo de várias significações no decorrer da história, que assinala registros de resistência à aceitação social dos portadores de necessidades educativas especiais. Práticas executadas como abandono, afogamentos, sacrifícios eram comuns até meados do século XVIII, quando o atendimento passa das famílias e da igreja, para a ciência, passando das instituições residenciais às classes especiais no século XX.

Conforme Cardoso (2003) os médicos passaram a dedicar-se ao estudo dos deficientes, nomenclatura adotada. Com esta institucionalização especializada dá se início o período de segregação, onde a política era separar, isolar e proteger a sociedade do convívio social, do contato com estas pessoas anormais, inválidas, incapazes de exercer qualquer atividade.

Espera-se que a escola tenha um papel complementar ao desempenhado pela família no processo de socialização das crianças com necessidades educacionais especiais. É uma tarefa difícil e delicada, que envolve boas doses de atitudes pessoais e coletivas, caracterizadas principalmente pelo diálogo, pela compreensão, pelo respeito às diferenças e necessidades individuais, pelo compromisso e pela ação.

As escolas inclusivas, portanto, propõem a constituição de um sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em razão dessas necessidades. A inclusão gera uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola; mas apoia a todos: professores, alunos e pessoal administrativo para que obtenham sucesso na escola convencional (MANTOAN, 1997).

Na inclusão, as escolas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, considerando tanto os estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos, por meio de currículo apropriado, de modificações organizacionais, de estratégias de ensino, de uso de recursos e de parcerias com a comunidade.

Os dois modelos de escola regular e especial podem ter características inclusivas e ser o melhor para determinado aluno, o processo de avaliação é que vai identificar a melhor intervenção, o mais importante salientar que muitos alunos têm passagens rápidas e eficientes pela escola especial, o que acaba garantindo uma entrada tranquila e bem assessorada no ensino fundamental convencional, evitando uma série de transtornos para o aluno, para os pais e para a escola.

Segundo Coll (1995) a igualdade educacional não pode ser obtida quando se oferece o mesmo cardápio a todos os alunos; a integração escolar das crianças com deficiências torna-se possível quando se oferece a cada aluno aquilo de que ele necessita.

Deficiência

As crianças no século XV portadores de deficiência eram deformadas e atiradas nos esgotos de Roma na Idade Média. Porém os portadores de deficiências eram abri-

gados nas igrejas e passaram a ganhar a função de bobo da corte. Segundo Martinho Lutero, as pessoas com deficiências eram seres diabólicos que mereciam castigos para serem purificados.

A partir do século XVI e XIX as pessoas com deficiências continuavam isoladas em asilos, conventos albergues, ou até mesmo em hospitais psiquiátricos como na Europa que não passava de uma prisão sem qualquer tipo de tratamento especializado. No entanto a partir do século XX, os portadores de deficiências começaram a ser considerados cidadãos com direitos e deveres da participação da sociedade, mas com a Declaração Universal dos Direitos Humanos começaram a surgir os movimentos organizadores por familiares com críticas à discriminação, para a melhorias de vida para os mutilados na guerra em 1970 só então começa a mudar a visão da sociedade nos anos 80, 90 onde passam a defender a inclusão.

Segundo Silva (1987): anomalias físicas ou mentais, deformações congênitas, amputações traumáticas, doenças graves e de consequências incapacitantes, sejam elas de natureza transitória ou permanente, são tão antigas quanto à própria humanidade.

Nas escolas de Anatomia da cidade de Alexandria, Segundo a afirmação de Silva (1987) existiu no período de 300 a. C, nela ficam registro da medicina egípcia utilizada para o tratamento de males que afetavam os ossos e os olhos das pessoas adulas. Pois havia passagem histórica sobre os cegos do Egito que faziam atividades artesanais.

Gugel (2008) expõe que na era primitiva, as pessoas com deficiência não sobreviviam, devido ao ambiente desfavorável. Afinal, para seu sustento, o homem primitivo tinha que caçar e colher frutos, além de produzir vestuário com peles de animais. Com as mudanças climáticas, os homens começam a se agrupar e juntos irem à busca de sustento e vestimenta. No entanto, somente os mais fortes resistiam e segundo pesquisadores, era comum nesta época desfazerem de crianças com deficiência, pois representava um fardo para o grupo.

Segundo Gugel (2008), no Egito Antigo, as múmias e os túmulos nos mostram que a pessoa com deficiência interagia com toda sociedade. Já na Grécia, as deficiências eram tratadas pelo termo "disformes." Devido à necessidade de manter um exército forte, os gregos eliminavam as pessoas com deficiências.

As famosas múmias do Egito, que permitiam a conservação dos corpos por muitos anos, possibilitaram o estudo dos restos mortais de faraós e nobres do Egito que apresentavam distrofias e limitações físicas, como Sipthah (séc. XIII a.C.) e Amon (séc. XI a.C.).

A construção da escola inclusiva exige mudanças nessa cultura e nas suas consequentes práticas. Segundo Perrenoud (2000) aponta alguns fatores que dificultam a construção de um coletivo, no contexto educacional, na limitação histórica da autonomia política e alternativa do profissional da educação.

O significado da inclusão escolar e que ela vem se desenvolvendo em todos os setores sociais, não somente na escola, mas em todos âmbitos sociais:

- Educação como direito de todos;
- Igualdade de oportunidades;
- Convívio social;
- Cidadania;
- Valorização da Diversidade;
- Transformação Social.

As mudanças da Inclusão a partir do século XXI

No Brasil a parir do ano 2000 Segundo os dados do Censo realizado pelo IBGE existem cerca de 25 milhões de pessoas portadoras de algum tipo de deficiência. Premida pela urgência de garantir o exercício pleno da cidadania a essa imensa população, a sociedade brasileira vai ganhando, pouco a pouco, a sensibilidade requerida para tratar do tema, ainda que seja bastante longo o caminho a percorrer.

A Constituição de 1988 dedicou vários artigos às pessoas com deficiência, de que é exemplo o artigo 7º, XXXI; artigo 23, II; artigo 24, XIV; artigo 37, VIII; artigo 203, V; artigo 227, p. 2º e o artigo 244. Eles tratam de pontos tão variados como a proibição da discriminação no tocante a salários e a admissão ao trabalho, saúde e assistência pública, proteção e integração social, o acesso a cargos e empregos públicos, garantia de salário mínimo mensal à pessoa com deficiência carente de recursos financeiros e a adaptação de logradouros, edifícios e veículos para transporte coletivo.

O primeiro documento que merece menção é o decreto n. 3298, de 20 de dezembro de 1999. Ele regulamentou a Lei n. 7853, de 24 de outubro de 1989, que consolidou as regras de proteção à pessoa portadora de deficiência. Segundo a Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República - SDH/PR Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - SNPD.

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Art. 18. O Poder Público programará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.

Art. 19. Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtitulação, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previsto em regulamento.

Para se ter a dimensão do entendimento que a sociedade tem sobre o indivíduo deficiente precisamos nos reportar ao passado, e localizar nas diferenças épocas, o retrato que se fixou, culturalmente, sobre a ideia das diferenças individuais e que se converteu no atual modelo de atendimento a este sujeito nas várias instituições, principalmente no ensino regular. (ROCHA, 2000).

Gugel (2008) expõe que na era primitiva, as pessoas com deficiência não sobreviviam, devido ao ambiente desfavorável. Afinal, para seu sustento, o homem primitivo tinha que caçar e colher frutos, além de produzir vestuário com peles de animais. Com as mudanças climáticas, os homens começam a se agrupar e juntos irem à busca de sustento e vestimenta. No entanto, somente os mais fortes resistiam e segundo pesquisadores, era comum nesta época desfazerem de crianças com deficiência, pois representava um fardo para o grupo.

Segundo Gugel (2008), no Egito Antigo, as múmias e os túmulos nos mostram que a pessoa com deficiência interagia com toda sociedade. Já na Grécia, as deficiências eram tratadas pelo termo "disformes" e devido à necessidade de se manter um exército forte os gregos eliminavam as pessoas com deficiências.

Considerações Finais

O Brasil é hoje uma referência mundial na reparação de vítimas da hanseníase que foram segregadas do convívio social no passado. E aprovou em 2008 a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, pela primeira vez com força de preceito constitucional, fato que balizará toda a discussão em torno de um possível estatuto dos direitos da pessoa com deficiência.

O termo deficiência para denominar pessoas com deficiência tem sido considerado por algumas ONGs e cientistas sociais inadequados, pois o termo leva consegue uma carga negativa depreciativa da pessoa, fato que foi ao longo dos anos se tornando cada vez mais rejeitado pelos especialistas da área e em especial pelos próprios indivíduos a quem se refira. Muitos, entretanto, consideram que essa tendência politicamente correta tende a levar as pessoas com deficiência a uma negação de sua própria situação e a sociedade ao não respeito da diferença.

Atualmente, porém, esta palavra está voltando a ser utilizada, visto que a rejeição do termo, por si só, caracteriza um preconceito de estigmatizarão contra a condição do indivíduo revertida pelo uso de um eufemismo, o que pode ser observado em sites voltados aos "deficientes" é que o termo deficiente é utilizado de maneira não pejorativa.

Referência:

NOQUELE, A.; SILVA, A. P. da. SILVA, R. Educação Inclusiva e o Processo de Ensino-Aprendizagem.

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

Introdução

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas.

Nesta perspectiva, o Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial apresenta a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que acompanha os avanços do conhecimento e das lutas sociais, visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos.

Marcos históricos e normativos

A escola historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da escola, evidencia-se o paradoxo inclusão/exclusão quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração, que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar.

A partir da visão dos direitos humanos e do conceito de cidadania fundamentado no reconhecimento das diferenças e na participação dos sujeitos, decorre uma identificação dos mecanismos e processos de hierarquização que operam na regulação e produção das desigualdades. Essa problematização explicita os processos normativos de distinção dos alunos em razão de características intelectuais, físicas, culturais, sociais e linguísticas, entre outras, estruturantes do modelo tradicional de educação escolar.

A educação especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levaram à criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. Essa organização, fundamentada no conceito de normalidade/anormalidade, determina formas de atendimento clínico-terapêuticos fortemente ancorados nos testes psicométricos que, por meio de diagnósticos, definem as práticas escolares para os alunos com deficiência.

No Brasil, o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império, com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, hoje denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro. No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi (1926), instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954, é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE; e, em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.

Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos "excepcionais" à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino.

A Lei nº 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, ao definir "tratamento especial" para os alunos com "deficiências físicas, mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados", não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender às necessidades educacionais especiais e acaba reforçando o encaminhamento dos alunos para as classes e escolas especiais.

Em 1973, o MEC cria o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, responsável pela gerência da educação especial no Brasil, que, sob a égide integracionista, impulsionou ações educacionais voltadas às pessoas com deficiência e às pessoas com superdotação, mas ainda configuradas por campanhas assistenciais e iniciativas isoladas do Estado.

Nesse período, não se efetiva uma política pública de acesso universal à educação, permanecendo a concepção de "políticas especiais" para tratar da educação de alunos com deficiência. No que se refere aos alunos com superdotação, apesar do acesso ao ensino regular, não é organizado um atendimento especializado que considere as suas singularidades de aprendizagem.

A Constituição Federal de 1988 traz como um dos seus objetivos fundamentais "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" (art.3º, inciso IV). Define, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a "igualdade de condições de acesso e permanência na escola" como um dos princípios para o ensino e garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90, no artigo 55, reforça os dispositivos legais supracitados ao determinar que "os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino". Também nessa década, documentos como a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994) passam a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva.

Em 1994, é publicada a Política Nacional de Educação Especial, orientando o processo de "integração instrucional" que condiciona o acesso às classes comuns do ensino regular àqueles que "(...) possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais" (p.19). Ao reafirmar os pressupostos construídos a partir de padrões homogêneos de participação e aprendizagem, a Política não provoca uma reformulação das práticas educacionais de maneira que sejam valorizados os diferentes potenciais de aprendizagem no ensino comum, mas mantendo a responsabilidade da educação desses alunos exclusivamente no âmbito da educação especial.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, no artigo 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades; assegura a terminalidade específica àqueles que não atingiram o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências; e assegura a aceleração de estudos aos superdotados para conclusão do programa escolar. Também define, dentre as normas para a organização da educação básica, a "possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado" (art. 24, inciso V) e "[...] oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames" (art. 37).

Em 1999, o Decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

Acompanhando o processo de mudança, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que:

"Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos."

As Diretrizes ampliam o caráter da educação especial para realizar o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização, porém, ao admitir a possibilidade de substituir o ensino regular, não potencializam a adoção de uma política de educação inclusiva na rede pública de ensino, prevista no seu artigo 2º.

O Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/2001, destaca que "o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana". Ao estabelecer objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, aponta um déficit referente à oferta de matrículas para alunos com deficiência nas classes comuns do ensino regular, à formação docente, à acessibilidade física e ao atendimento educacional especializado.

A Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, afirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. Este Decreto tem importante repercussão na educação, exigindo uma reinterpretação da educação especial, compreendida no contexto da diferenciação, adotado para promover a eliminação das barreiras que impedem o acesso à escolarização.

Na perspectiva da educação inclusiva, a Resolução CNE/CP nº 1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, define que as instituições de ensino superior devem prever, em sua organização curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.

A Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia.

A Portaria nº 2.678/02 do MEC aprova diretrizes e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do sistema Braille em todas as modalidades de ensino, compreendendo o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e a recomendação para o seu uso em todo o território nacional.

Em 2003, é implementado pelo MEC o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, com vistas a apoiar a transformação dos sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, promovendo um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, à oferta do atendimento educacional especializado e à garantia da acessibilidade.

Em 2004, o Ministério Público Federal publica o documento O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular, com o objetivo de disseminar os conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão, reafirmando o direito e os benefícios da escolarização de alunos com e sem deficiência nas turmas comuns do ensino regular.

Impulsionando a inclusão educacional e social, o Decreto nº 5.296/04 regulamentou as Leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00, estabelecendo normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Nesse contexto, o

Programa Brasil Acessível, do Ministério das Cidades, é desenvolvido com o objetivo de promover a acessibilidade urbana e apoiar ações que garantam o acesso universal aos espaços públicos.

O Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, visando ao acesso à escola dos alunos surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular.

Em 2005, com a implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S em todos os estados e no Distrito Federal, são organizados centros de referência na área das altas habilidades/superdotação para o atendimento educacional especializado, para a orientação às famílias e a formação continuada dos professores, constituindo a organização da política de educação inclusiva de forma a garantir esse atendimento aos alunos da rede pública de ensino.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em 2006 e da qual o Brasil é signatário, estabelece que os Estados-Partes devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social compatível com a meta da plena participação e inclusão, adotando medidas para garantir que:

a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência;

b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem (Art.24).

Neste mesmo ano, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, os Ministérios da Educação e da Justiça, juntamente com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, lançam o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que objetiva, dentre as suas ações, contemplar, no currículo da educação básica, temáticas relativas às pessoas com deficiência e desenvolver ações afirmativas que possibilitem acesso e permanência na educação superior.

Em 2007, é lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, reafirmado pela Agenda Social, tendo como eixos a formação de professores para a educação especial, a implantação de salas de recursos multifuncionais, a acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares, acesso e a permanência das pessoas com deficiência na educação superior e o monitoramento do acesso à escola dos favorecidos pelo Benefício de Prestação Continuada – BPC.

No documento do MEC, Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas é reafirmada a visão que busca superar a oposição entre educação regular e educação especial.

Contrariando a concepção sistêmica da transversalidade da educação especial nos diferentes níveis, etapas e modalidades de ensino, a educação não se estruturou na perspectiva da inclusão e do atendimento às necessidades educacionais especiais, limitando, o cumprimento do princípio constitucional que prevê a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e a continuidade nos níveis mais elevados de ensino (2007, p. 09).

Para a implementação do PDE é publicado o Decreto nº 6.094/2007, que estabelece nas diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, fortalecendo seu ingresso nas escolas públicas.

Diagnóstico da Educação Especial

O Censo Escolar/MEC/INEP, realizado anualmente em todas as escolas de educação básica, possibilita o acompanhamento dos indicadores da educação especial: acesso à educação básica, matrícula na rede pública, ingresso nas classes comuns, oferta do atendimento educacional especializado, acessibilidade nos prédios escolares, municípios com matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais, escolas com acesso ao ensino regular e formação docente para o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos.

Para compor esses indicadores no âmbito da educação especial, o Censo Escolar/MEC/INEP coleta dados referentes ao número geral de matrículas; à oferta da matrícula nas escolas públicas, escolas privadas e privadas sem fins lucrativos; às matrículas em classes especiais, escola especial e classes comuns de ensino regular; ao número de alunos do ensino regular com atendimento educacional especializado; às matrículas, conforme tipos de deficiência, transtornos do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação; à infraestrutura das escolas quanto à acessibilidade arquitetônica, à sala de recursos ou aos equipamentos específicos; e à formação dos professores que atuam no atendimento educacional especializado.

A partir de 2004, são efetivadas mudanças no instrumento de pesquisa do Censo, que passa a registrar a série ou ciclo escolar dos alunos identificados no campo da educação especial, possibilitando monitorar o percurso escolar. Em 2007, o formulário impresso do Censo Escolar foi transformado em um sistema de informações on-line, o Censo Web, que qualifica o processo de manipulação e tratamento das informações, permite atualização dos dados dentro do mesmo ano escolar, bem como possibilita o cruzamento com outros bancos de dados, tais como os das áreas de saúde, assistência e previdência social. Também são realizadas alterações que ampliam o universo da pesquisa, agregando informações individualizadas dos alunos, das turmas, dos professores e da escola.

Com relação aos dados da educação especial, o Censo Escolar registra uma evolução nas matrículas, de 337.326 em 1998 para 700.624 em 2006, expressando um crescimento de 107%. No que se refere ao ingresso em classes comuns do ensino regular, verifica-se um crescimento de 640%, passando de 43.923 alunos em 1998 para 325.316 em 2006.

Quanto à distribuição dessas matrículas nas esferas pública e privada, em 1998 registra-se 179.364 (53,2%) alunos na rede pública e 157.962 (46,8%) nas escolas privadas, principalmente em instituições especializadas filantrópicas. Com o desenvolvimento das ações e políticas de educação inclusiva nesse período, evidencia-se um crescimento de 146% das matrículas nas escolas públicas, que alcançaram 441.155 (63%) alunos em 2006.

Com relação à distribuição das matrículas por etapa de ensino em 2006: 112.988 (16%) estão na educação infantil, 466.155 (66,5%) no ensino fundamental, 14.150 (2%) no ensino médio, 58.420 (8,3%) na educação de jovens e adultos, e 48.911 (6,3%) na educação profissional. No âmbito da educação infantil, há uma concentração de matrículas nas escolas e classes especiais, com o registro de 89.083 alunos, enquanto apenas 24.005 estão matriculados em turmas comuns.

O Censo da Educação Especial na educação superior registra que, entre 2003 e 2005, o número de alunos passou de 5.078 para 11.999 alunos, representando um crescimento de 136%. A evolução das ações referentes à educação especial nos últimos anos é expressa no crescimento de 81% do número de municípios com matrículas, que em 1998 registra 2.738 municípios (49,7%) e, em 2006 alcança 4.953 municípios (89%).

Aponta também o aumento do número de escolas com matrícula, que em 1998 registra apenas 6.557 escolas e, em 2006 passa a registrar 54.412, representando um crescimento de 730%. Das escolas com matrícula em 2006, 2.724 são escolas especiais, 4.325 são escolas comuns com classe especial e 50.259 são escolas de ensino regular com matrículas nas turmas comuns.

O indicador de acessibilidade arquitetônica em prédios escolares, em 1998, aponta que 14% dos 6.557 estabelecimentos de ensino com matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais possuíam sanitários com acessibilidade. Em 2006, das 54.412 escolas com matrículas de alunos atendidos pela educação especial, 23,3% possuíam sanitários com acessibilidade e 16,3% registraram ter dependências e vias adequadas (dado não coletado em 1998). No âmbito geral das escolas de educação básica, o índice de acessibilidade dos prédios, em 2006, é de apenas 12%.

Com relação à formação inicial dos professores que atuam na educação especial, o Censo de 1998, indica que 3,2% possui ensino fundamental, 51% ensino médio e 45,7% ensino superior. Em 2006, dos 54.625 professores nessa função, 0,62% registram ensino fundamental, 24% ensino médio e 75,2% ensino superior. Nesse mesmo ano, 77,8% desses professores, declararam ter curso específico nessa área de conhecimento.

Objetivo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais, garantindo:

- Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- Atendimento educacional especializado;
- Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;

NOVA CONCURSOS

- Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;
- Participação da família e da comunidade;
- Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e
- Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Alunos atendidos pela Educação Especial

Por muito tempo perdurou o entendimento de que a educação especial, organizada de forma paralela à educação comum, seria a forma mais apropriada para o atendimento de alunos que apresentavam deficiência ou que não se adequassem à estrutura rígida dos sistemas de ensino.

Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da educação especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, em contraposição à sua dimensão pedagógica. O desenvolvimento de estudos no campo da educação e dos direitos humanos vêm modificando os conceitos, as legislações, as práticas educacionais e de gestão, indicando a necessidade de se promover uma reestruturação das escolas de ensino regular e da educação especial.

Em 1994, a Declaração de Salamanca proclama que as escolas regulares com orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e que alunos com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, tendo como princípio orientador que "as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras".

O conceito de necessidades educacionais especiais, que passa a ser amplamente disseminado a partir dessa Declaração, ressalta a interação das características individuais dos alunos com o ambiente educacional e social. No entanto, mesmo com uma perspectiva conceitual que aponte para a organização de sistemas educacionais inclusivos, que garanta o acesso de todos os alunos e os apoios necessários para sua participação e aprendizagem, as políticas implementadas pelos sistemas de ensino não alcançaram esse objetivo.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos.

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas.

Os estudos mais recentes no campo da educação especial enfatizam que as definições e uso de classificações devem ser contextualizados, não se esgotando na mera especificação ou categorização atribuída a um quadro de deficiência, transtorno, distúrbio, síndrome ou aptidão. Considera-se que as pessoas se modificam continuamente, transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, reforçando a importância dos ambientes heterogêneos para a promoção da aprendizagem de todos os alunos.

A partir dessa conceituação, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular.

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.

Dentre as atividades de atendimento educacional especializado são disponibilizados programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização e tecnologia assistiva. Ao longo de todo o processo de escolarização esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum. O atendimento educacional especializado é acompanhado por meio de instrumentos que possibilitem monitoramento e avaliação da oferta realizada nas escolas da rede pública e nos centros de atendimento educacional especializados públicos ou conveniados.

O acesso à educação tem início na educação infantil, na qual se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e desenvolvimento global do aluno. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança.

Do nascimento aos três anos, o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de estimulação precoce, que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social. Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino. Deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional.

Desse modo, na modalidade de educação de jovens e adultos e educação profissional, as ações da educação especial possibilitam a ampliação de oportunidades de escolarização, formação para ingresso no mundo do trabalho e efetiva participação social.

A interface da educação especial na educação indígena, do campo e quilombola deve assegurar que os recursos, serviços e atendimento educacional especializado estejam presentes nos projetos pedagógicos construídos com base nas diferenças socioculturais desses grupos.

Na educação superior, a educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação dos alunos. Estas ações envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvam o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para o ingresso dos alunos surdos nas escolas comuns, a educação bilíngue – Língua Portuguesa/Libras desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado para esses alunos é ofertado tanto na modalidade oral e escrita quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, orienta-se que o aluno surdo esteja com outros surdos em turmas comuns na escola regular.

O atendimento educacional especializado é realizado mediante a atuação de profissionais com conhecimentos específicos no ensino da Língua Brasileira de Sinais, da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, do sistema Braille, do Soroban, da orientação e mobilidade, das atividades de vida autônoma, da comunicação alternativa, do desenvolvimento dos processos mentais superiores, dos programas de enriquecimento curricular, da adequação e produção de materiais didáticos e pedagógicos, da utilização de recursos ópticos e não ópticos, da tecnologia assistiva e outros.

A avaliação pedagógica como processo dinâmico considera tanto o conhecimento prévio e o nível atual de desenvolvimento do aluno quanto às possibilidades de aprendizagem futura, configurando uma ação pedagógica processual e formativa que analisa o desempenho do aluno em relação ao seu progresso individual, prevalecendo na avaliação os aspectos qualitativos que indiquem as intervenções pedagógicas do professor. No processo de avaliação, o professor deve criar estratégias considerando que alguns alunos podem demandar ampliação do tempo para a realização dos trabalhos e o uso da língua de sinais, de textos em Braille, de informática ou de tecnologia assistiva como uma prática cotidiana.

Cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/intérprete de Libras e guia intérprete, bem como de monitor ou cuidador dos alunos com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras, que exijam auxílio constante no cotidiano escolar.

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial.

Para assegurar a intersetorialidade na implementação das políticas públicas a formação deve contemplar conhecimentos de gestão de sistema educacional inclusivo, tendo em vista o desenvolvimento de projetos em parceria com outras áreas, visando à acessibilidade arquitetônica, aos atendimentos de saúde, à promoção de ações de assistência social, trabalho e justiça.

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos. A acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação – incluindo instalações, equipamentos e mobiliários – e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações.

Referência:

http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf

ÉTICA: OS DESAFIOS E CONTRADIÇÕES NA PROFISSÃO DOCENTE

As várias transformações ocorridas no processo histórico nos exigem mudanças de modelos, de ações, de atitudes, de postura, enfim, de atuação pessoal e social. São muitas e significativas mudanças, vivemos um tempo em que as informações e a comunicação, essenciais para a compreensão e a participação no mundo, se processam rapidamente. Os avanços tecnológicos nos impulsionam até mesmo para novas formas de viver e sentir o mundo, novas formas de ver o próprio homem.

Em meio a tantas mudanças, questionamo-nos sobre o que fazer com elas, sobre sua validade, sua essência, sobre nosso fazer diário no processo de educar. Tantos avanços e tantas exigências, muitas vezes extemporâneos, que geram dúvidas, questionamentos, insegurança. O mundo nos pede rapidez, capacidade, conhecimento, mas não nos mostra o como utilizar tudo isso de maneira correta, de forma a promover maior equilíbrio e felicidade para as pessoas.

Desvelar o processo de construção e aplicação dos conhecimentos sempre foi a meta de vários estudos ao longo da história, que mesmo hoje, diante de tantos avanços e de um grande número de pesquisas, constitui-se como algo em constante interrogação. O que e para que aprendemos? Por que a escola ainda tem tanta dificuldade em formar também para a dimensão ética?

Quando se fala em ética na educação, precisamos considerar que as implicações educacionais desse fazer se dão a partir do apelo à humanidade advindo de outrem e a possibilidade de uma resposta incondicionalmente responsável. Uma pedagogia da ética começa pelo respeito ao outro, à humanidade que se mostra a partir de outrem.

Se nos preocupamos com a construção de uma sociedade ética, devemos reconhecer que o alicerce para um futuro digno é a educação, portanto, se faz necessária uma constante reflexão sobre as implicações educacionais a partir do apelo à humanidade advinda de e com o outro e a possibilidade de uma resposta incondicionalmente responsável.

Acredita-se na educação como espaço de encontro, de acolhida, de resposta ao outro em sua diferença, portanto a educação é concebida de modo eminentemente ético. Pensar a educação a partir de seu fundamento ético implica em pensá-la na perspectiva do encontro e da acolhida.

Assim, conhecer e educar para a ética ultrapassa as linhas da objetividade, da personalidade, das técnicas, da subjetividade, num processo dialético de ir e vir ao mundo e ao ser. É um definir o mundo e um definir-se diário, já que o conhecimento supõe, em primeiro lugar, o "conhecer-se a si mesmo", buscando algo que possa nos definir por dentro, interligando a humanidade ao seu destino e à sua busca pela felicidade.

A necessidade de revigorar a reflexão ética se dá pela percepção de uma grande banalização quanto aos conceitos da ética nas relações interpessoais, sejam elas formais ou informais. Vivemos uma enorme lacuna, nos sentimos profundamente distantes de interação com as pessoas, o que nos dá margem para o surgimento de posturas e condutas que se aproximam do descompromisso em suas várias dimensões.

Segundo Vázquez (1996), *"ética é a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade". É uma ciência, pois tem objeto próprio, leis próprias e método próprio. Assim, o objeto da Ética é a moral. A moral é um dos aspectos do comportamento humano. A expressão deriva da palavra romana mores, com o sentido de costumes, conjunto de normas adquiridas pelo hábito reiterado de sua prática. Portanto, "a moral se edifica com o bom exemplo, não com palavras. Nutre-se e afirma-se numa atitude que surge do ser interno como imperativo da consciência".*

A ética trata da conduta humana diante do bem e do mal. Ou, "daquilo que tem valor, do que realmente tem importância, do sentido da vida, do que torna a vida digna de ser vivida ou da maneira correta de viver".

Uma educação em sintonia com a prática da ética deve pressupor ação afetiva, que liga, toca, desperta, compreende, encaminha, partilha. Deve buscar apreender conceitos, técnicas, saberes, que sejam significativos, transformadores, construtores de pessoas, através de procedimentos relacionais, desafiadores, geradores de seres humanos e não apenas de pessoas. O conhecer assim transforma-se em uma atividade volitiva, que deve levar ao transcender, ao aperfeiçoar, ao ser e não apenas ao fazer, um instrumento de consciência do nosso agir no mundo.

O processo de educar precisa fazer com que saibamos utilizar as informações e os conhecimentos na efetivação de pessoas melhores e mais responsáveis por si mesmas e pelo mundo em que vivem. De nada adianta acumular saberes e informações, se estes não nos tornam melhores e mais capazes de agir e melhorar o meio em que convivemos e em que atuamos.

Educar é acreditar na perfeição humana, na capacidade inata de aprender sobre coisas, valores, memórias, fatos, que podem ser sabidos e merecem ser, e que nós, homens e mulheres, precisamos e podemos com aquilo que conhecemos, encontrar meios de melhorar a nós mesmos e o mundo em que vivemos. É um fazer de risco, um processo de ação e reação, rupturas e tecimentos, erros e acertos, dúvidas e certezas. É oferecer conhecimentos que transcendem e se transformam em sabedoria, e assim, nos faz querer o aperfeiçoar constante, na intenção de ser melhor e ajudar o outro a ser também, num despertar interno para uma vida produtiva, destinada a buscar os desígnios do bem.

Temos enxergado tanta destruição não só do meio, como também de nós mesmos. Vivemos momentos de perplexidade, de dúvidas provocadas pelas profundas transformações culturais, científicas, tecnológicas, políticas, morais, que atestam a decadência dos povos, a ausência de liberdade moral. Estamos carentes do humano, nos encontramos diante de situações-limite que nos envolvem e nos questionam sobre o que temos sido e o que temos feito a nós mesmos e ao mundo. É como se nos dissessem: "Vivam

o presente, porque não há futuro". Reflexo disso é esse imediatismo, esse consumismo, esse individualismo, essa falta de respeito pelo outro, pela própria vida. Estamos vivendo o "social conformismo".

Sentimos falta de valores, como respeito, temperança, coragem, solidariedade, amor. Valores que concretizam o caráter que é a nossa marca profunda, valores que nos tornam dependentes e responsáveis com e pelo mundo, que nos faz aderidos a uma causa humana, ao sentimento e opinião do e para o outro, da cultura da tolerância e do humano, do transcender a esfera do comum.

"Valores que continuam sendo cada vez mais desejados pela humanidade, e tratar deles constitui uma necessidade que deve ser assumida por todas as instituições que educam". No entanto, esta não é uma tarefa fácil e para que este trabalho seja efetivo na formação das virtudes, é imprescindível levar em conta a dimensão da manifestação dos sentimentos e emoções, da afetividade contida nas relações entre as pessoas, tão em falta nos dias atuais.

Diante desse cenário é que reconhecemos a dimensão do papel da educação, como também podemos observar que muito se tem inovado nas análises epistemológicas e metodológicas, mas ainda são poucas as ações educativas, que realmente efetivam teorias éticas em prática. Sabe-se que a educação é a socialização das gerações e, uma possibilidade de impulso à transformação. "A sociedade contemporânea tem na escola um lugar privilegiado para a concretização do ideal de humanidade construído em torno dos valores da democracia, da justiça, da paz e da solidariedade".

Neste universo de diferenças, de complexidades e de paradoxos, a dimensão axiológica se impõe por se tratar de uma ação de sujeitos sobre o contexto que os cerca e por se dar em um espaço de vida de educandos e de educadores.

Sendo assim, toda ação educativa deveria estar implicada com a construção de uma consciência ética e social, sendo imperativa a reflexão sobre as virtudes no cotidiano escolar e a discussão e efetivação de propostas pedagógicas que levem em conta a formação de um ambiente sociomoral cooperativo e participativo.

Em muitas situações, temos percebido que o tema das virtudes desapareceu das escolas. Casos de desrespeito, de falta de limites, de assédio têm sido comuns, mas a radicalidade da crise ética nos impõe o desafio de reinserir temas morais da formação humana nos processos educacionais em todas as suas dimensões. Conhecer e viver nossos limites nos leva a aprender o sentido da vida, de pertença, de conviver verdadeiramente.

O resgate das virtudes na educação implica conceber a construção da personalidade de pessoas com valores morais. As virtudes "são nossos valores morais, se quiserem, mais encarnados, tantos quanto quisermos, mas vividos, mas em ato".

Vejamos o que nos fala Silva sobre a importância de educar para os valores:

Somente uma educação pautada em sólidos valores altruístas poderá fazer surgir uma nova ética social que seja capaz de conciliar direitos individuais com responsabilidades interpessoais e coletivas. A aprendizagem altruísta é o único caminho possível para combatermos a cultura (...) pautada na insensibilidade interpessoal e na ausência da solidariedade coletiva.

Conforme alguns estudiosos, existem hoje três preocupações que devem orientar nossa reflexão sobre a educação para o século XXI: a ética, a política e a epistemológica, ou seja, precisamos de uma reflexão sobre a construção de uma pedagogia que compreenda aspectos cognitivos, morais e afetivos. Pergunta-se então, como esta questão está sendo vivida dentro das escolas e se existe uma formação que objetiva a qualidade formativa e humana.

São várias as teorias de produção e prática de conhecimentos analisadas por autores como Zabala, Coll, Morin, entre outros, afirmando que a educação se faz e se constrói através da inter-relação do conteúdo com a prática, sendo necessária a atribuição de significados ao que se aprende e que, no processo de práticas educativas é preciso incorporar uma visão crítica e questionadora quanto à prática das virtudes, que não aceita a realidade como estável e determinada.

A escola hoje tem dedicado pouco tempo ao problema da ética nas atividades escolares. A escola tem sido instrutiva e pouco formadora. Vejamos o que nos fala Chalita:

A disposição científica nos permite explicar os fenômenos da natureza, a disposição técnica possibilita que ajamos de modo a transformar o ambiente para torná-lo mais favorável aos nossos desejos, o discernimento nos possibilita o conhecimento do bem e do mal, a inteligência nos permite apreender os fundamentos dos diferentes conhecimentos e a sabedoria, por último, mas não menos importante, permite saber nosso lugar no mundo e em relação às outras pessoas, é ela o que possibilita nosso crescimento como pessoas e abre caminho para agirmos com justiça rumo à felicidade.

Portanto, superar esta relação muitas vezes linear e mecânica entre o conhecimento teórico e as práticas humanas se torna fundamental, almejando um perfil de escola, que tenha por objetivo formar para a cidadania e contribuir para socializar os valores e as práticas democráticas baseadas em valores que promovam a dignidade humana. Ética é mais do que apenas o dever, é eu me comover com o outro e me sentir feliz de poder ajudar o outro.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) apresentam a educação comprometida com o desenvolvimento total da pessoa. Aprender supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida. Portanto, é através de práticas educativas comprometidas, que o conhecimento sobre ética poderá ser reforçado, criando-se assim, condições que preparem as pessoas para assumir suas responsabilidades e construir ou reconstruir uma sociedade mais igualitária, mais justa, mais humana. Acreditamos que esta é a mais bela missão do processo educativo.

Também o artigo 2º da LDB (1996) considera que, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, é finalidade da educação nacional o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A LDB institui que a escola é um espaço de formação de cidadãos e de difusão de valores que expressem a cidadania e a ética, mas não considera que a ideia da educação como formação do homem e do cidadão pressupõe que a escola também deva ser pensada como um espaço no qual estes valores estejam presentes. Para que a escola seja inspiradora de valores éticos, é preciso que ela também seja um espaço ético, operando por meios éticos.

É possível então, que através de um processo educativo contínuo e integrado com várias instâncias sociais, utilizando de todos os recursos humanos e técnicos disponíveis, na constante perseguição de tornar possível o amanhã impossível de hoje, possamos vivenciar esta aprendizagem contextualizada, como também formar pessoas cientes da importância da prática e exercício ético em todos os ambientes em que se convive. Esta prática educativa da e na escola é certamente um projeto de 'criação histórica', pois visa transformar processos e práticas educativas tão arraigadas em técnicas e informações.

Analisando a História da educação brasileira, através de Romanelli (2001), percebemos que os sistemas educacionais no país ainda possuem estruturas muito frágeis e são alvos de frequentes reformas superficiais que pouco levam a mudar positivamente. Já Gadotti (1995) afirma que é por esse motivo que precisamos tornar-nos agentes dessa transformação necessária e sonhada, enxergando na educação um campo fértil para mudanças e práticas dos valores já que a escola é uma das mais importantes instituições, com capacidade de atingir um grande número de pessoas.

A educação assim, poderá ser vista como uma atividade humana participante da totalidade da organização social. Por outro lado, poderá também transformar cada um em agente, não só pelo que realiza, mas também pelos resultados e consequências da ação.

Educação e ética, desta forma, se imbricam necessariamente, e quanto a isso Saviani nos diz:

Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

Esta prática educativa provavelmente possibilitará a todos os envolvidos, a capacidade de conviver com ética e viver como cidadãos, substituindo o conceito distorcido de que a função da escola tem sido o de apenas preparar quadros para o mercado de trabalho. A escola, em todos os níveis, tem uma função, acima de tudo, civilizatória, ampla e profunda. Ela não existe apenas para informar, mas também para formar pessoas não só como homens, mas como civilizados, verdadeiros seres humanos.

Para que tudo isso se efetive e se faça cumprir é necessário o comprometimento dos professores. É preciso que eles acreditem que é possível ensinar a virtude, que é possível ensinar ética para a vivência da cidadania.

Contudo, ainda percebemos que "a educação foi quase inteiramente identificada com escolarização". Desta forma, a questão do papel do professor ganha uma relevância ainda maior porque será a partir dele, de suas atitudes, da maneira como organiza os conteúdos, como elabora suas aulas, como se relaciona com seus alunos, da forma como lida com seus preconceitos e conceitos que outros valores e virtudes poderão ser definidos.

Diante de tantos desafios que nos são postos a todo instante, o acesso ao conhecimento é um forte instrumento na capacitação e na formação de consciência humana, já que a sua ausência limita e dificulta a maneira de viver e os meios de atuação. Só que este conhecimento só é prolífico quando utilizado de maneira fecunda, através de princípios éticos, na busca do aperfeiçoamento humano. A arte de educar, de aprender, de ensinar, encontra sua máxima expressão na alma daqueles que têm consciência do seu papel como pessoas, que vivem e praticam os valores.

O acesso e uso do conhecimento consciente, o viver a educação em todos os meios e níveis, a prática da ética no ambiente da escola, reforçam nossa responsabilidade em assumir o que somos, nos possibilitando usar nossa liberdade, através da prática do livre-arbítrio, buscando o resgate cotidiano da vida em todas as suas instâncias. "O conhecimento pode e deve ser transformador e a sabedoria é exatamente essa capacidade de utilizá-lo a serviço do bem".

Já se disse que "fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas". A busca pelo resgate e prática dos valores através do processo de educar contribui, de maneira significativa, para a construção da paz pessoal e social, afinal, como humanos, recebemos dons especiais que nos tornam capazes de dividir, trocar, buscar o ser no lugar do ter, liberar nossas energias infinitas, nossa criatividade ilimitada, aplicar aquilo que somos capazes para alguma forma de bem comum. Uma das coisas mais nobres da vida é saber doar-se ao outro, é viver a generosidade, a solidariedade, a justiça, a tolerância, a temperança e tantos outros valores que nos são essenciais, e nessa dialogicidade vivida no processo do educar, ao invés de perder, acrescentamos, cada vez mais, naquilo que estamos nos tornando como gente.

Queremos uma escola, onde a ideia não amarre, mas liberte. Escola oficina da vida, que se faz saber do bem querer. Escolas que assumam, mesmo com tantas adversidades sociais e governamentais, não só a dimensão técnica, mas acima de tudo a de formação humana, pois estes são os saberes levados por toda a vida. Quem educa tem um papel muito mais amplo do que simplesmente transmitir saberes.

A cultura e a prática ética levar-nos-ão a perceber que, efetivamente, vida é uma obra de arte aberta, que os preceitos éticos são como técnicas de uma arte de viver melhor a vida, uma arte que envolve sempre a própria vida e a vida dos que estão ao lado, voluntária ou involuntariamente.

Ainda temos muito que caminhar, muito que transformar, mas acreditamos que os caminhos têm sido construídos, pois as relações entre as condições históricas, epistemológicas e pedagógicas, têm condicionando-nos a esta mudança e levando-nos a reformar a educação brasileira, construindo um modelo que se baseia na formação integral do ser humano, afinal, nós professores conjugamos o verbo fundamental e essencial que está acima de qualquer gramática, de qualquer moeda e de qualquer política, o verbo amar, razão de ser e de viver. É como já disse Fernando Pessoa: "Para ser grande é preciso ser inteiro".

Educar, se educar, dividir, acrescentar, fazer, ter coragem, seguir, ir até o fim.... Mas, não há fim, tudo termina no eterno recomeçar, com cada um de nós e, com o outro.

Fonte

LODI, I. G. M. Disponível em http://www.uniaraxa.edu.br/

GESTÃO DEMOCRÁTICA: A PARTICIPAÇÃO COMO PRINCÍPIO.

A GESTÃO DEMOCRÁTICA

As mudanças, atualmente refletidas no espaço escolar têm suas origens num processo mais amplo e complexo que antecede os anos 90. Destarte, para compreender o quadro atual, precisamos buscar na história os elementos constitutivos do processo de mudança nos aspectos econômicos, sociais e políticos.

De acordo com Silva Jr, a escola desenvolve seu trabalho no interior de uma sociedade capitalista; nela se manifestam as contradições e determinações; da mesma forma, são variadas e, frequentemente, conflitantes as interpretações sobre a função da escola e/ou organização do trabalho pedagógico. Essas contradições impostas pelo capitalismo permeiam a luta ideológica das ideias e convicções, assim, a escola tende a reproduzir as tensões e forças nas relações de poder e na própria organização do trabalho pedagógico.

Com base no pressuposto de que a organização do trabalho pedagógico traduz, na sua prática, esse movimento das políticas educacionais, da legislação, dos modelos de gestão, da formação inicial e continuada e das formas de participação, os profissionais da educação consideram relevante a gestão democrática para a organização do trabalho na escola. Mas não estão descartados os interesses ideológicos que este trabalho traz consigo no bojo das discussões e na prática.

Uma análise crítica a respeito da gestão democrática, da participação e do coletivo revelou os dois lados de uma mesma situação. Se, no aspecto ideológico, a gestão democrática tem sido usada para concretização das políticas educacionais de forma desvirtuada, visando a utilização da Associação de Pais e Mestres e Funcionários – APMF, e dos colegiados escolares para os interesses hegemônicos, por outro, é inegável a necessidade da participação de toda a comunidade escolar e as benesses dessa prática.

O que passa a caracterizar as teorias modernas da administração não são mais a coerção e a manipulação características da teoria Clássica e de relações Humanas, mas o dirigismo calcado nas práticas da motivação, cooperação e integração.

Procurou-se aqui relacionar a gestão democrática na organização do trabalho pedagógico, tendo como referência as políticas educacionais e apresentar o Projeto Político Pedagógico – PPP como colaborador nesse processo de gestão democrática. O PPP aponta um caminho possível para uma gestão democrática. Nesse sentido, nossa preocupação é analisar as possibilidades de práticas de participação no espaço escolar, buscando uma abordagem crítica.

Compreender e buscar o contraponto dessa discussão "parece" ser o caminho a ser percorrido pela comunidade escolar a ser construído pelo PPP. Esse caminho passa, necessariamente, pela organização do espaço escolar, pelo trabalho diário realizado por cada um dos sujeitos da comunidade escolar, considerando-se os aspectos de tempo, espaço, formação, legislação, administração, políticas educacionais, recursos financeiros e humanos, o que define a complexidade da educação vivenciada em seu espaço mais específico que é a escola.

Essa complexidade não pode significar o impedimento de mudanças no espaço escolar; uma visão crítica tem exatamente o objetivo de denunciar e de buscar caminhos alternativos.

A gestão democrática vista como uma forma diferente de encaminhar o trabalho pedagógico na escola deve articular todos os responsáveis pelo PPP de forma a interagirem com toda a comunidade escolar. A partir do momento em que se busca uma nova organização, também as relações de trabalho no espaço escolar deverão ser ressignificadas. Esta ressignificação deve ter como base a possibilidade de real participação dos diferentes segmentos, com ênfase no coletivo com espaços para trocas de conhecimentos e de responsabilidades.

Essa mudança exige uma ruptura com a cultura autoritária que perpassa a história da escola que, instalada em nossos hábitos, exige que se entenda a participação como um princípio da democracia. Portanto, a participação não pode ser privilégio de uns poucos, mas uma possibilidade para todos, oportunizada de forma efetiva e acessível a toda a comunidade escolar.

Um Pouco de História: Buscando As Origens da Gestão Democrática

Vivemos numa sociedade capitalista cujo princípio é a produção de mercadorias e serviços através do trabalho que depende das diferenças socioeconômicas entre aqueles que detêm ou controlam os meios de produção. Nesse sistema o objetivo é aumentar o capital, isto é, lucrar. O sistema capitalista passou por diversas fases desde as suas origens até os dias atuais.

Tomaremos como base as mudanças da década de noventa, na qual a globalização representa uma reestruturação econômica em âmbito mundial, tendo como aparato ideológico o neoliberalismo fundamentado em um discurso que privilegia a esfera econômica. Assim, temos a globalização como processo de integração mundial, via internacionalização do capital, ou seja, a transnacionalização.

Esse processo de reestruturação econômica inclui a redução do papel do Estado na diminuição do investimento do setor público, reformas administrativas, estabilização fiscal e redução do crédito interno e das barreiras de mercado.

Bruno explica que é praticamente impossível haver desenvolvimento fora deste quadro de economia internacionalizada.

Completa ainda a autora: [...] Entretanto, a integração das várias economias numa estrutura global não implica em homogeneização das condições econômicas e sociais existentes em cada uma delas. Antes, o que ocorre é a reprodução generalizada das desigualdades em escala mundial. Isto porque a divisão internacional do trabalho foi profundamente alterada e o que se observa é que esta integração não se dá em termos de nação, mas de setores da economia.

Esse processo aponta para um movimento de mudanças sem precedentes; soma-se a ordem econômica, a reestruturação do trabalho, as inovações tecnológicas e das próprias estruturas de poder, entre as quais os organismos multilaterias que têm expandido cada vez mais as suas ações, via empréstimos e financiamentos.

É dentro desse contexto de mudanças que se faz necessário reconhecer o papel que o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD, conhecido como Banco Mundial, tem desempenhado, especialmente em relação à educação. É a partir dos anos noventas, que o Banco adquire expressiva importância no âmbito das políticas públicas brasileiras. "Com a crescente mobilidade do capital, a educação deixou de ser uma questão nacional. Daí a interferência cada vez mais incisiva dos organismos transnacionais".

Dentro desse quadro de mudanças, a educação passa a ter função primordial, pois, enquanto política pública é considerada como serviço essencial que o Estado deve garantir.

De acordo com a ideologia neoliberal, as políticas educacionais também tomam forma adequada à lógica do mercado. O modelo de gestão administrativo empresarial será transferido para a gestão da escola. A racionalização custo/benefício, a descentralização e a busca por uma maior participação da comunidade é o modelo a ser alcançado. "Os conceitos de produtividade, eficácia, excelência e eficiência serão importados das teorias administrativas para as teorias pedagógicas".

Esse modelo tem como meta final a qualidade que, a partir dos anos noventa, já está incorporada aos discursos políticos educacionais aliando-se ao modelo neoliberal. Para Lima, essa qualidade preza o resultado, e a escola é o instrumento de efetivação das políticas educacionais de adequação dos alunos à sociedade capitalista. Para o autor, a escola tem servido aos interesses do Estado capitalista.

Essas mudanças representam o solo fecundo para o movimento das reformas implantadas tanto nos aspectos legais, quanto nos ideológicos e de políticas educacionais. A LDB 9394/96 torna a gestão democrática um princípio, além da criação dos Conselhos Escolares.

As diretrizes educacionais respondem a uma política educacional, que, dentro de uma sociedade capitalista, traz suas contradições e a luta pela superação de classes sociais e do poder hegemônico. Discutir políticas educacionais "implica, na verdade, em trazer informações sobre o passado (organização do capital) e, com elas, cotejar a forma de ser do presente (reorganização do mesmo sistema produtivo)". Ainda, segundo a autora, não é possível analisar a educação sem relacioná-la às mudanças da base produtiva e às exigências de reorganização do capital.

O quadro das mudanças atuais tem o seu "gérmen", a partir da crise capitalista dos anos setenta no Brasil e a difusão da ideologia neoliberal. Essa ideologia postulava que o Estado de Bem Estar estaria reduzindo a poupança e os investimentos do setor público, sendo responsável pelo fraco desenvolvimento da economia, aliada às políticas sociais que canalizavam investimentos de setores produtivos para os improdutivos.

Diante disto, o neoliberalismo propôs alterações para o papel do Estado, de acordo com as quais o mercado substituiria a política e um Estado Mínimo substituiria o Estado de Bem Estar. Para realizar essas medidas propostas, a privatização foi um dos caminhos apresentados, pois teoricamente diminuiria os gastos do Estado e incentivaria a livre competição do mercado, garantindo os interesses dos setores privados da economia.

Essa reorganização do capitalismo, em fase de desenvolvimento desde os anos setenta apresentou-se de forma mais clara nos últimos anos, através da globalização da economia, da transnacionalização das estruturas de poder e da reestruturação produtiva.

Seguindo a tese da autora, esta reorganização do capitalismo constitui-se um processo vasto e complexo e mostra as tendências de dois processos simultâneos, quais sejam: a nova fase de internacionalização do capital e a reorganização produtiva que, por sua vez, altera as estruturas de poder do capitalismo. Nesse mesmo sentido, a autora esclarece:

Assim, a novidade da forma atual de internacionalização do capital, comumente designada globalização, reside no fato de se constituir um processo de integração mundial que já não integra nações ou economias nacionais, mas conjuga a ação dos grandes grupos econômicos entre si e no interior de cada um deles, não só ultrapassando, mas ignorando, em suas ações e decisões, as fronteiras nacionais.

A partir dos anos noventa, a questão da qualidade já incorporada aos discursos políticos educacionais alia-se ao modelo neoliberal. "A qualidade educativa, nesta década de 90, é requerida numa perspectiva mercadológica, neocientificista, neoconservadora, orientada para implantar-se nos países em desenvolvimento, como o Brasil".

Portanto, a educação no que concerne ao mercado pode ser vista sob dois aspectos concretos:

- 1º, em relação à gestão da escola, com ênfase na reorganização das funções administrativas, da participação coletiva, das parcerias, do voluntariado;
- 2º, na busca da qualidade total.

Em relação ao primeiro aspecto, Bruno aponta para a necessidade de promover formas consensuais de tomada de decisões, com a participação dos sujeitos envolvidos, o que constitui uma estratégia para prevenir conflitos e resistências que possam obstruir a implementação das medidas consideradas necessárias. O segundo aspecto, transplantado do setor privado para o setor público, diz respeito ao modelo de qualidade total e busca a eficiência dos resultados com a redução de custos, enfatizando a relação entre consumidor e cliente.

Analisar as políticas educacionais requer a compreensão de um novo panorama na forma de organização das sociedades, do modo de produção e de relações entre as pessoas.

Nessa ótica, impossível pensar a educação sem pensar nas alterações da base produtiva, nas exigências de reorganização do capital, sempre explicitadas pela constante modernização do sistema. Nesse sentido, impossível pensar a educação fora do espectro da contradição que põe lado a lado a mudança e a permanência, que impõe novas formas de trabalho no interior da mesma relação de produção, que aciona velhas atitudes, apenas maquiadas pelo velho dogma do mercado.

O processo histórico como caminho para o entendimento da educação, enquanto prática social construída materialmente, nos auxilia a perceber que os fatos não acontecem por acaso e, sim que estão ligados por um conjunto de fatores materiais, que alteram nosso modo de vida e produção conforme os interesses hegemônicos do momento histórico.

O pressuposto básico é que a educação é impactada pela lógica do capital, ou seja, os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão intimamente interligados. Portanto, limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capital é uma contradição em termos. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente.

A clareza da relação entre educação e capital nos impele a buscar caminhos através da inter-relação das políticas educacionais e das mudanças na prática. Uma das formas de materializar as mudanças propostas pelas políticas educacionais é a legislação. A LDB 9394/96 traduz as orientações dos organismos internacionais, apontando para os princípios de produtividade, eficiência e qualidade total.

A LDB trouxe para a escola a questão da gestão democrática, tratando-a de forma específica nos artigos que se seguem, bem como a forma dessa construção coletiva através do PPP e da participação da comunidade em Conselhos Escolares ou Colegiados.

Art. 14 – Os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I- Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político-pedagógico da escola;

II- Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

PPP: Contribuições

O PPP representa a escola, ou seja, expõe, exibe, revela, mostra a sua organização, a sua prática pedagógica e administrativa num movimento contínuo que envolve diversos profissionais da educação e suas relações com a comunidade escolar inserida num dado tempo num dado local, como sujeitos históricos e críticos, revelando, ainda, as contradições presentes na função social da escola.

Portanto, a construção do PPP revela os interesses da comunidade escolar, suas expectativas dentro da esfera do coletivo, buscando uma gestão democrática na definição da ação de cada um e das ações conjuntas. Nesse sentido, a sua construção terá sempre o caráter político. "Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária".

Para efeito deste artigo, o PPP será entendido como elemento colaborador no processo de gestão democrática nas práticas diárias no trabalho pedagógico e na organização. Essa colaboração só poderá ser efetivada se o PPP representar, de fato, um projeto emancipador e não um simples documento organizado de forma a atender as exigências burocráticas.

Veiga explicita a diferença na construção do PPP enquanto inovação regulatória ou inovação emancipatória. Enquanto o primeiro está voltado para a burocratização, cumprindo normas técnicas, de cunho político-administrativo, que geram um produto, no caso, um documento pronto e acabado, no segundo, a opção pela inovação com a participação dos diferentes atores, em um contexto histórico e social, propicia a argumentação, a comunicação e a solidariedade.

Nesse aspecto, o PPP permite a realização de um trabalho mais comprometido com as ações definidas no conjunto dos participantes, podendo e devendo provocar mudanças na organização do trabalho pedagógico e rompendo com um modelo de trabalho isolado e fragmentado.

Sob esta ótica, o projeto é um meio de engajamento coletivo para integrar ações dispersas, criar sinergias no sentido de buscar soluções alternativas para diferentes momentos do trabalho pedagógico-administrativo, desen-

volver o sentimento de pertença, mobilizar os protagonistas para a explicitação de objetivos comuns comum, definindo o norte das ações a serem desencadeadas, fortalecer a construção de uma coerência comum, mas indispensável, para que a ação coletiva produza seus efeitos.

A atuação efetiva dos Conselhos Escolares, além de colaborar com a gestão democrática permite, concomitantemente, a construção de um PPP graças ao qual propicia espaço de participação nos processos decisórios da escola, evitando o corporativismo.

Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico

É necessário avançar e explicar o que entendemos por gestão democrática no espaço da escola pública, como prática cotidiana na organização do trabalho pedagógico. Para efeito deste ensaio, gestão, administração e coordenação serão utilizadas como sinônimos visando ampliar a perspectiva do entendimento sobre o tema porquanto a organização e a gestão constituem o conjunto das condições e dos meios utilizados para assegurar a qualidade da instituição escolar, buscando alcançar os objetivos propostos a partir das discussões de toda a comunidade escolar.

Conforme Paro, a administração de uma escola não pode estar reduzida a métodos, técnicas e aparato burocrático, como já foi dito anteriormente. A escola é portadora de uma especificidade na sua organização, o que a torna diferente da administração de uma empresa.

Portanto, a administração escolar, ou gestão escolar, diferencia-se da administração de organizações particulares, pois não visa o lucro, mas sim o interesse público, assegurando o caráter democrático da escola pública.

Compreendendo que não apenas a gestão democrática se configura como princípio na LDB 9394/96, mas também que o PPP é elemento aglutinador, ou seja, ambos representam a legalidade a ser implementada nas unidades escolares, não é intuito nosso fazer apologia do PPP como salvador da escola, mas apenas utilizá-lo de fato como elemento legal para colaborar com a escola.

A comunidade escolar, ou seja, professores, alunos, pais, direção e equipe pedagógica são considerados como sujeitos ativos de todo o processo, de forma que a participação de cada um implica em clareza e conhecimento do seu papel, em relação ao papel dos demais, como corresponsáveis. Além da participação, a autonomia constitui-se um princípio básico da gestão democrática. Para que os membros da comunidade escolar possam ser considerados sujeitos ativos do processo é necessário refletirmos sobre a forma de organização do trabalho escolar e as relações de poder neste espaço.

Para Dourado, a gestão democrática constitui-se como um processo de aprendizado e de luta política, possibilitando a criação e efetivação de canais de participação, de aprendizado do "jogo democrático", e tendo como resultado a reflexão das estruturas autoritárias, com vistas à sua transformação.

Apesar de partirmos do pressuposto de que há uma construção coletiva, de fato essa construção não passa de um agrupamento de ideias que busca um consenso. As discussões para a elaboração do PPP não conta com a presença de todos os professores. Neste item, poderíamos citar muitos motivos, mas indicaremos o que julgamos ser o principal, que é a divisão da carga horária do professor em diversas e diferentes escolas e sua rotatividade. Essa situação gera a sensação de que ele não pertence àquela comunidade, e a escola se torna apenas mais um local de trabalho. Essa situação tende a descomprometer o professor com os rumos da instituição e com a própria construção do PPP.

O professor não é vítima nem culpado pela situação vivenciada. Também não é o único profissional afetado por esse sistema, apesar de fazer parte da maioria na escola. O pedagogo dividido entre o administrativo e o pedagógico, exercendo funções burocráticas, entre outras atividades "corriqueiras", próprias do pedagogo tarefeiro, desvia-se da sua real função. Aliada a essa situação, a complexidade da escola e a falta de pessoal, impede o desenvolvimento de um trabalho voltado para as questões pedagógicas específicas e o próprio acompanhamento do PPP. Outra necessidade é o pedagogo posicionar-se, de fato, como articulador do trabalho pedagógico, exigindo pessoal para cumprir as atividades tarefeiras e emergenciais na escola, como inspetor de alunos, porteiro. É necessário observar se:

A ênfase no "administrativo" apresenta-se assim, ao mesmo tempo, como opção preferencial face às peculiaridades da disciplina e também como "proteção" face ao complexo universo teórico-metodológico em que a discussão sobre a educação se desenvolve.

É impossível fazer o Conselho de Classe de vinte turmas em um único sábado, exceto se destinarmos todos os sábados de um mês para concretizar esse objetivo. Logo, o calendário é burlado para dar conta de atender a demanda posta pelo número de alunos e turmas que exige tempo para discussões e busca de encaminhamentos para cada caso.

Considerações Finais:

A complexidade dos temas permitiu novos questionamentos que respostas, a busca por uma análise crítica revelou os aspectos que devem ser observados na prática e na necessidade de um aprofundamento teórico. Com a esperança de uma escola melhor, ousamos apontar alguns encaminhamentos possíveis para a construção de um PPP coletivo ou, pelo menos, para a discussão desses temas.

- Analisar o Projeto Político Pedagógico implica em considerar a gestão democrática para a sua construção;
- Discutir o Projeto Político Pedagógico significa discutir, concomitantemente, a organização do trabalho escolar;
- O pedagogo como articulador das questões pedagógicas necessita do coletivo para encaminhar o trabalho na escola;
- Não é possível propor intervenção na escola, sem, primeiramente, analisar de forma crítica a participação da comunidade escolar;

- O Colegiado Escolar pode representar um caminho para a discussão da gestão democrática, como uma forma de participação coletiva;
- Há necessidade da revisão dos "papéis" de cada um e o compromisso com metas comuns;
- É necessário, ainda, compreender a "lógica" das políticas educacionais e suas perspectivas para a escola pública.

Fonte
OLIVEIRA, S. B. Disponível em http://www.pucpr.br/

ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA CENTRADA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO PLENO DO EDUCANDO.

INOVAR NO INTERIOR DA ESCOLA

TRURLER, M. G

Organização do trabalho, lógicas de ação e autonomia

Os estabelecimentos escolares constituem formas organizacionais que sobrevivem a muitas mudanças em sua missão, seu meio, seus recursos e, na renovação permanente dos alunos, dos professores e dirigentes. Quando a busca de estabilidade passa a ser a lógica de uma organização, suas características positivas têm um custo elevado em rigidez, protecionismo territorial e medo da desordem.

Os trabalhos sobre inovação mostram que a organização burocrática e hierárquica do trabalho, não é o único freio a mudança. Nenhuma organização é tributária de uma só lógica, e a escola se situa na confluência da lógica burocrática e da lógica profissional.

Existem organizações do trabalho mais abertas que outras à mudança? Como conseguem encontrar um meio termo entre a necessidade de abertura e a tendência natural dos atores em querer preservar equilíbrios estáveis? Há lógicas organizacionais que favorecem a mudança, não como resposta a uma situação excepcional, nem porque seriam mais permeáveis do que outras às injunções das autoridades, mas por integrarem-na sem crise e sem pressa?

Os novos paradigmas organizacionais convidam a ultrapassar o pensamento científico clássico. À visão de um universo como um mecanismo de relojoaria opõe-se àquela de um sistema vivo, instável e imprevisível, mais aberto e criador. Vistos sob esse ângulo, os processos de mudança correspondem, inversamente, a uma dinâmica instável, expressão de uma multiplicidade de forças em interação que ora convergem, ora se defrontam. Essa imagem está mais próxima da realidade do que os modelos clássicos. Este primeiro capítulo tenta descrever tal evolução, confrontará lógica burocrática e lógica profissional, apresentará os novos princípios organizadores.

A lógica burocrática constrói a organização do trabalho sobre uma regulamentação bastante estrita dos papéis e das funções a serem preenchidas. O organograma estabelece relações de autoridade e cadeias hierárquicas explícitas, os membros da organização sabem quem concebe e quem executa. A ideia do estabelecimento escolar como estrutura local-padrão, é uma resposta burocrática à questão da educação escolar; em um sistema unificado apenas variam o tamanho e, o modo de direção dos estabelecimentos. A lógica burocrática é interiorizada pelos atores, eles percebem seu papel e seu estatuto, sua zona de autonomia, a divisão do trabalho, as relações de poder, a gestão dos processos da mudança, os mecanismos de controle, os atores não imaginam poder funcionar de outro modo. Os conteúdos das lições são definidos, não de acordo com as necessidades dos alunos, mas em função de um número global de horas disponíveis. Tais parâmetros gestionários representam uma matriz organizacional que condiciona a vida escolar, reduz fortemente o desenvolvimento das competências correspondentes, que se incumbem da elaboração e da introdução dos novos programas. Esse modelo permitiu ajustar as modalidades de gestão e controle das escolas, assegurando uma certa coerência e uma igualdade formal de tratamento. Ele somente provocará mudanças das práticas se a prescrição for traduzida de forma clara, for imposta de cima, for compatível com as práticas já em vigor, etc.

Enquanto a lógica burocrática define e impõe procedimentos de trabalho em vista dos objetivos fixados, a lógica profissional limita o trabalho prescrito em função da complexidade de situações singulares. A lógica profissional na escola permaneceu por muito tempo limitada ao relacionamento professores/alunos. Os professores inventam, menos do que pensam, seus gestos profissionais, muito mais se apropriam da trama fornecida pela cultura profissional e pela organização escolar. O impacto de tais fatores é diferente segundo o grau escolar: na escola de ensino fundamental, os docentes desempenham um papel importante, ao passo que a partir do ensino médio a ideologia própria de cada disciplina dita as regras de funcionamento. A lógica profissional representa a via menos explícita e formalizada da mudança, é um lento processo de adaptação durante o qual as novas práticas se instauram conforme as necessidades. As novas políticas educacionais levam a uma ampliação da lógica profissional, quando os professores são convidados a participar mais em todo o processo de inovação.

Entretanto, há o risco de, através da maior autonomia, se reforçar o isolamento e o individualismo dos diversos atores envolvidos no processo de inovação. Uma lógica profissional não harmonizada com um bom nível técnico leva os atores a confiarem mais em suas experiências pessoais do que nas informações que derivam da pesquisa em educação. Alguns sistemas percebem os laços dos novos princípios da gestão pública e os integram em seu discurso oficial, nem por isso passando ao ato no plano das práticas. Em alguns sistemas, essa orientação torna-se progressivamente da ordem do possível. A organização profissional

NOVA CONCURSOS

valoriza o funcionamento colegial e participativo, os processos de decisão são pesados, lentos e ineficientes só o que se busca é um amplo consenso. Daí o número limitado de decisões inovadoras. Em nome da colegiatura os atores estabelecem a lógica da confiança.

Priva-se então de um motor essencial da mudança: a análise lúcida dos funcionamentos, dos êxitos e fracassos de uns e de outros. A lógica profissional aplica-se para apagar as hierarquias. É mais agradável confessar que todos são pares, graças a esse igualitarismo, o clima de trabalho é mais agradável, mas é possível haver inovação na negação da heterogeneidade das competências e na recusa de reconhecer uma liderança? Uma organização dominada pela lógica profissional é tão conservadora quanto o conjunto de seus membros.

As duas lógicas estruturam o sistema escolar e as escolas. Elas influenciam tanto com a ordem quanto com a complexidade e garantem a estabilidade. Ao reunir as duas lógicas organizacionais, a escola dotou-se de um funcionamento irreversível que a encerra em um círculo vicioso difícil de romper.

Este círculo vicioso leva tanto as autoridades escolares quanto os diversos atores a uma estranha dança que só pode resultar no fechamento e no contrassenso.

É preciso, voltar-se para uma lógica mais flexível e adaptativa, capaz de ultrapassar o saber prático, tácito e artesanal de cada um, que é da ordem da consciência prática.

Atualmente, concebemos o excesso das lógicas organizacionais existentes como uma evolução incerta e local. Os atores devem inventar novas formas de organização sem poder referirem-se a um modelo claramente estabelecido. É preciso considerar estruturas flexíveis onde tudo se atenue e se adapte à evolução, cada um toma iniciativas que permitem garantir a qualidade. Tanto a coordenação e a codificação estrita das atividades quanto o isolamento e o "consenso frouxo" deixam o campo livre a uma lógica de arranjo, que permite a realização de acordos locais não previstos. Existe, pois, uma relação entre a organização do trabalho e a mudança. Quanto mais a escola esteja submetida a injunções de inovação, menos ela poderá regulamentar sua atividade.

Os atores do sistema escolar tentam satisfazer duas necessidades: estabilidade e mudança. A mudança os levará a valorizar a flexibilidade e a negociação, não poderão, entretanto, renunciar a um mínimo de estabilidade. Todo sistema escolar à procura de estabilidade proporcionar-se á uma organização de trabalho que lhe permita limitar os riscos. Nossa experiência mostra que a mudança se desenvolve nos espaços ainda não programados, a partir de novas combinações entre os diferentes recursos existentes, em um contexto que reconhece a divergência da maneira de pensar e fazer. Essas combinações organizam-se a partir da intuição, do engajamento e da "ousadia", dos atores do sistema escolar. A maneira pela qual eles construirão o - sentido da mudança – depende da flexibilidade organizacional que lhes permitirá ou impedirá de integrar os novos conceitos. Transposto ao sistema escolar e à escola, isso leva a um modelo de organização do trabalho que fica menos burocrático e mais centrado nos funcionamentos informais. As regras de organização são definidas em função da natureza das questões a resolver, a destinação de tarefas é variável e modulável conforme a quantidade e a natureza dos problemas, a capacidade e a vontade dos atores de mobilizarem-se para um projeto. Isso também significa que as escolas variarão no plano de seu nível de desempenho, enquanto se adaptarem a seu meio e explorarem novas vias para melhorar seu processo pedagógico.

Tais configurações são novas, algumas equipes de professores tentam, há anos, romper com a forma escolar tradicional, tais tentativas isoladas estiveram, na maioria das vezes, destinadas ao fracasso, pois permaneceram confinadas em um espaço muito limitado de flexibilidade para "irem ao fim de sua lógica". Por conseguinte, é lícito esperar que os estabelecimentos escolares que se voltam para esse tipo de nova configuração desenvolvam uma série de características que modifica favoravelmente a construção do sentido de mudança.

Quando as escolas funcionam de acordo com uma lógica flexível, os professores são levados a desenvolver uma série de competências que lhes permitem transformar a pedagogia. Em termos de organização do trabalho, significa que os professores se libertem das coações internas, que eles se concedem o direito de se organizarem de outro modo. Uma organização flexível introduz uma visão diferente da divisão do trabalho, as tarefas são analisadas e designadas de modo flexível, e não de acordo com regras e prerrogativas estabelecidas pela tradição.

A gestão por redes oferece um meio não apenas de assegurar a informação e o confronto entre os diversos grupos de atores, mas, de permitir-lhes uma compreensão sistêmica das dinâmicas implicadas; o sentido é construído por intermédio desta compreensão, ao sabor das controvérsias empreendidas e das experiências feitas por uns e outros.

Isso pode permitir que se veja mais longe e que se conscientize que, outros colegas, trabalhando em outras escolas, encontram problemas semelhantes, mas os percebem e resolvem de maneiras distintas, o que pode gerar novas idéias.

Nenhuma pessoa ou instituição é completamente autônoma, é importante, particularizar com muita clareza o terreno de autonomia buscado pelas escolas. Diante da grande diversidade das realidades e das necessidades do campo, a atitude predominante consiste em não mais investir energia para produzir uma aparência de homogeneidade, ao contrário, aceitar que possam existir modalidades organizacionais diferentes dentro de um quadro comum aceito pelos parceiros. As escolas assumem a responsabilidade de desenvolver os dispositivos de ensino-aprendizagem apropriados em função das necessidades locais. Trata-se, da vontade explícita de uma flexibilização em favor de uma maior liberdade de ação e decisão concedida aos indivíduos e/ou escolas. Alguns esperam que a descentralização leve os atores a resolverem os problemas com mais criatividade e responsabilidade, assim como a desenvolverem soluções menos caras. Imaginam que a diversidade de soluções introduzirá uma certa competição e, aumentará a busca de qualidade nas escolas. Outros temem que a competição acarrete consequências nefastas, em função de egoísmos e disputas de poder.

A escola é um lugar de exercício do poder, estruturado pelas estratégias de atores e seus jogos de poder. Dessas relações de poder depende, a autonomia da qual cada um dispõe. As relações de poder nunca se estabilizam, qualquer novo acontecimento pode ameaçar os equilíbrios estabelecidos.

A inovação é sempre suspeita de provocar uma ruptura nesta relação de poder pré-existente. Portanto a questão de saber quem se beneficia com a mu dança é sempre pertinente.

As relações sociais são arranjos que permitem viver em paz relativa com os outros, a mudança pode ameaçar esse arranjo, dividindo grupos, marginalizando professores, etc. A inovação modifica os dados do problema e os arranjos que permitam o modus vivendi, que deve às vezes ser reconstruído integralmente. É nesse sentido que os problemas produzidos devem levar os atores a se empenharem na busca constante de coerência, é uma questão de justiça e de justeza. A construção do sentido de mudança é fortemente influenciada por esse mecanismo.

Diante dos problemas de poder, de princípios de justiça e de território, a inovação leva os atores a empenharem-se na negociação e no regateio, a fim de construir novos acordos e convenções.

Autonomia parcial significa: projeto coletivo original, explícito e negociado entre os parceiros no âmbito de um conjunto de direitos e obrigações, relativamente ao Estado e suas leis. A autonomia das escolas deve ser concedida com um equilíbrio entre regulamentos centralizadores e iniciativas locais.

O sistema limita-se a prescrever os eixos de orientação e os regulamentos, e pede às escolas para explicarem como trabalham nos campos que acabam de ser evocados, se estabelece um sistema de acompanhamento e de avaliação externo que permite controlar a qualidade e a coerência da aplicação nos diversos estabelecimentos.

A autonomia parcial levará, professores e diretores de escolas, a afinarem os meios de autorregulação para alcançar os objetivos fixados, não só para eles mesmos como também para prestarem contas a seus parceiros externo.

Após a primeira fase de concepção e de elaboração do projeto, o exame da realidade obriga, a redimensionar as exigências de uns e outros, o que exigirá negociações para clarificarem as representações, e as novas responsabilidades que estas acarretam.

Uma gestão que conceda mais autonomia às escolas faz emergir um novo problema: como se vai, como se pode administrar a diversidade? Tais questões, tornam-se centrais quando a ação de projeto confronta os diversos parceiros com o indispensável controle de qualidade.

No contexto de uma organização do trabalho, a avaliação baseia-se na maneira como os atores obedecem às regras. Um dos grandes equívocos que espreitam as escolas consiste em crer que a autonomia concedida lhes permitirá fugir de toda obrigação de prestar contas, no entanto, mais autonomia implica também em mais responsabilidade e transparência. Para que o sistema escolar permaneça administrável ele é levado a estabelecer anteparos capazes de garantir a coerência da ação pedagógica, visando a: definir a qualidade dos serviços realizados; observar e avaliar os processos e condições básicas que determinam esses serviços realizados; colocar o resultado desse processo de avaliação a serviço dos desenvolvimentos ulteriores.

A avaliação interna começa com um diagnóstico empreendido, pelos professores e a direção da escola, a forma mais simples consiste em conduzir uma análise do funcionamento do estabelecimento escolar, consegue-se assim recolher um conjunto de dados que permitirão compreender melhor como a escola reage em face da mudança, antecipar problemas, compilar as estratégias de resolução, definir prioridades e os critérios de êxito para avaliar a eficácia dos procedimentos, prestando contas de seu funcionamento, uma equipe de professores, se conscientiza de suas forças e fraquezas. Esse passo não é fácil. Exige uma capacidade de descentração e vontade de mudança que não prosperam por si. Eis porque a avaliação interna só é realizável quando é acompanhada pelo desenvolvimento de um clima de confiança dentro da escola sua construção deve preceder o estabelecimento de uma avaliação interna. A avaliação interna constitui uma condição básica da transparência e da avaliação externa.

Não se trata de distribuir boas ou más notas, nem de ceder à última moda, mas sim a construção de um sistema escolar que permita a reflexão permanente sobre a eficácia das práticas, este é o objetivo principal de uma avaliação externa.

O sistema educativo só confiará na autoavaliação dos professores, se a sua lucidez estiver acima de qualquer suspeita, tendo sido feita com total profissionalismo.

A mudança bem-sucedida não é consequência da simples substituição de um modelo de gestão antigo por um novo. Trata-se sim do resultado de um processo de construção coletiva que tem sentido quando os atores se mobilizam, conseguem ultrapassar os jogos estratégicos e as relações de poder habituais para criarem e desenvolverem novos recursos e capacidades que permitirão ao sistema guiar-se ou tornar a se orientar como um conjunto humano e não como uma máquina.

A cooperação profissional

A cooperação profissional não corresponde ao funcionamento da maior parte dos professores e dos estabelecimentos escolares, o individualismo permanece no âmago da identidade profissional.

Entretanto, na maioria das escolas, já se verificam mudanças. Na busca de dispositivos de ensino – aprendizagem, os professores trabalham mais em equipe, por outro lado a maioria dos sistemas educacionais aplica-se em reformas que incitam uma maior cooperação entre os professores.

O modo de cooperação profissional inscrito na cultura de um estabelecimento escolar influencia na maneira como os professores reagem em face de uma mudança. Os modos de cooperação profissional seguem algumas tendências mais ou menos comuns, a saber:

Individualismo – oferece aos professores uma esfera quase "privada" contra os julgamentos e as intervenções externas. O professor operando sozinho introduz mudanças eficazes em suas classes.

Balcanização: em algumas escolas os professores têm a tendência de associarem-se, mais, a determinados colegas criando grupos, cada grupo defende suas posições em detrimento das idéias de outros, o consenso é praticamente impossível.

Grande família: um modo dentro do qual os membros do corpo docente chegam a uma forma de coexistência pacífica, que garante o respeito e o reconhecimento do outro, conquanto que cada qual se submeta a um determinado conjunto de regras explícitas ou implícitas.

Colegiatura forçada: este modo de relacionamento ocorre onde a direção impõe procedimentos, cuja finalidade é levar os professores a concederem mais tempo e atenção à planificação e a execução de uma inovação, tende a provocar desconfiança e estratégias defensivas.

Cooperação profissional: pode ser conceituada como um certo número de atitudes que devem ser construídas a fim de criar: o hábito da ajuda e do apoio mútuo; um capital de confiança e franqueza mútuas; a participação de cada um nas decisões coletivas. Essas atitudes representam uma clara evolução em relação aos funcionamentos mais individualistas. Convém lembrar que a cooperação profissional só se torna possível pela vontade obstinada de voltar o essencial do processo para a perseguição de um objetivo comum que vise à ampliação das competências individuais e coletivas que garantam o bom resultado dos alunos.

A relação com a mudança na cultura do estabelecimento escolar

Cada escola tem sua própria atmosfera, como reflexo de cultura, exerce uma forte influência sobre aqueles que ali trabalham. A cultura de uma escola é construída pelos atores, mesmo que essa construção permaneça, em grande parte, inconsciente. Ela é a soma das soluções que funcionaram bem para acabarem prosperando e serem transmitidas aos recém-chegados. A mudança é uma categoria básica do pensamento, até os professores mais conservadores formam projetos de mudança. A maneira como cada um pensa a mudança, funda-se em uma história pessoal e na integração a diversos grupamentos sociais, a cultura inerente a cada escola contribui também para influenciar cada um, ela é um código comum, que permite ficar no mesmo comprimento de onda quando sobrevém uma reforma.

De acordo com a situação do estabelecimento escolar e de suas culturas, pode-se prever que algumas reformas estariam destinadas ao fracasso antes mesmo de terem começado, a cultura local determinará as necessidades sentidas, a maneira como os professores irão julgar o valor da mudança, interagir, tentar e confrontar suas experiências. A cultura não tem chefe, mas os dirigentes e os professores que exercem liderança podem modificá-la progressivamente. Frente a uma inovação prescrita pelo sistema, a cultura da escola sugere prioridades que influenciam a interpretação do programa.

Quanto à eficácia, é objeto de diferentes percepções, uma vez que, nem todos têm a mesma ideia do que torna a escola eficaz.

A evolução da cultura depende da maneira como o corpo docente consegue manter uma reflexão e comunicação em torno dos problemas profissionais. Cria-se uma dinâmica pela qual os atores conciliam seus objetivos, negociando em relação aos objetivos visados, construindo o sentido da mudança.

Um estabelecimento escolar em projeto

As escolas que produzem efeitos notáveis sobre as aprendizagens dos alunos se apoiam nas mudanças que o sistema educativo introduz, aproveitam-se das reformas do sistema educativo, a não ser que as orientações de fora estejam em forte contradição com sua cultura. Tal atitude supõe que as escolas desenvolvam as competências e posturas necessárias para definirem seus objetivos e construírem um projeto comum. A existência de um projeto local poderia constituir um fator favorável às reformas de conjunto, substituídas pelo projeto de estabelecimento escolar, aumentando a oportunidade de uma aplicação das reformas. Essa visão da mudança dos sistemas escolares oferece uma perspectiva dinâmica. Nessa perspectiva, o desenvolvimento escolar é percebido como um processo que permite às escolas assimilarem as mudanças exteriores a seus próprios objetivos.

Nos interrogaremos, aqui, mais sobre o estabelecimento escolar em projeto, do que sobre o "projeto de estabelecimento escolar" desenvolvido por administrações centrais que de tanto normatizarem a ação de projeto correm o risco de esvaziá-la de seu sentido.

A realidade da escola é feita de urgências, e muitas decisões são tomadas na incerteza. Diante de tal realidade, uma parte dos atores investe em um processo de projeto para lutar contra a desmotivação e a avareza mental, fixando-se metas coletivas. Muitos sistemas escolares incentivam os estabelecimentos a colocarem o seu projeto por escrito, os estabelecimentos veem-se, assim, levados a explicitar o que, habitualmente, permanece implícito. Mas, afinal, o que é exatamente um processo de projeto? O projeto é a imagem de uma situação, de um estado pensado que se tem a intenção de alcançar. Nas sociedades modernas, a ideia de projeto tornou-se inseparável de nossa visão da ação e do sentido da ação seja ela individual ou coletiva.

As novas modalidades de gestão transformam necessidade em virtude; já que não se pode impedir os indivíduos e os grupos de terem uma identidade, um projeto e estratégias é melhor reconhecê-lo e integrar, transformando-o em vantagem gestionária, propiciando maior controle. Essa abordagem constitui os membros de um mesmo estabelecimento escolar como ator coletivo, o que os obriga a se colocarem em busca de um projeto comum. Quem pensa são indivíduos que converterão o processo de projeto em ilusão ou ferramenta para a ação. Sobre essa base, parece-nos possível apostar no processo de projeto na escala dos estabelecimentos escolares, visto que ele contribui para a construção cooperativa da mudança.

O projeto educativo corresponde ao projeto visada simbólica, como orientação global. Se ele existe e os professores a ele aderem, embasa o projeto de estabelecimento.

O projeto de estabelecimento escolar está mais próximo de um programa de ação que envolve o ator coletivo, constituído pelos professores que trabalham naquele estabelecimento escolar e que, se tornou pessoa moral. É importante que a maioria dos professores se associe a um projeto de estabelecimento escolar para que ele seja digno desse nome.

A preocupação de clarificar o projeto educativo comum leva uma comunidade pedagógica a indagar-se sobre sua identidade. Isso leva a enunciar valores que vão inspirar a ação.

Um projeto educativo ao qual os professores aderem convocará, uma mudança organizada que chamaremos aqui de projeto de estabelecimento escolar como programa de ação, cujas componentes definiremos do seguinte modo: uma fixação na história da organização e seu meio; um objetivo ambicioso a médio e longo prazo; um código de valores; cenários para realizar o objetivo principal; um plano a médio prazo e um plano de ação; dimensões econômicas, sociais, culturais e pedagógicas; uma intenção de comunicar-se e de avaliar; uma vontade explícita de capitalizar e teorizar a experiência.

Um projeto de estabelecimento pode fixar-se em um projeto educativo explícito ou implícito. A ação inovadora corre o risco de esvaziar-se de seu sentido se o projeto não se transformar em um processo. O processo de projeto não é um fim em si, mas, um dos componentes do estabelecimento escolar que contribui para tornar os professores atores da construção do sentido da mudança.

O projeto de estabelecimento escolar é levado a funcionar com três dimensões: capacidade individual e coletiva de se projetar (lançar) em um futuro incerto, identidade dos signatários do projeto representação coletiva, já que se trata de um processo de exploração cooperativa. Quando o projeto de estabelecimento escolar leva em conta essas três dimensões, ele passa a ser uma ferramenta de mudança, de aprendizagem organizacional.

Evocamos várias vezes a importância decisiva da coerência interna entre valores e ações, quando é o caso, é visível, para os alunos, que seus professores perseguem os mesmos objetivos e os acompanham em um percurso de aprendizagem cuja meta é partilhada por todos. Não se deve confundir projeto com plano de ação, um projeto deve evitar a definição de um plano de estudos demasiado estreito e rígido, deve permitir ajustes tanto nas estruturas quanto nas práticas. O importante é que subsista um quadro estável, que protegerá da dispersão e de um ativismo extenuante, mais ainda, não seja utilizado por alguns para fins de tomada de poder. O essencial consiste em estabelecer alguns princípios organizadores do pensamento e da ação. Um projeto de estabelecimento escolar terá maiores chances de êxito quando os objetivos visados forem realistas. Para que um projeto possa fazer a diferença, é necessário que ele se inscreva na "zona de desenvolvimento proximal" dos atores e seja capaz de penetrar em seus campos de consciência, é indispensável determinar tal "zona" a fim de saber a quais desafios é possível se exporem, para chegarem a transformações da identidade coletiva que permitam a utilização dos novos saberes de forma duradoura.

Os projetos garantem um desenvolvimento das competências profissionais que baste para produzir efeitos duráveis? Os projetos estão fundados em uma avaliação suficientemente sutil da pertinência das práticas em curso e garantem um acréscimo de valor?

Se essas possibilidades forem mal avaliadas é provável que o aluno não obtenha o benefício esperado da situação com que se acha confrontado. Para que a situação seja portadora de sentido, a mudança prevista deve estar próxima de suas preocupações, oferecendo, uma impressão de ruptura com as rotinas.

Entre investimentos a longo prazo, e resultados imediatos, a ação educativa muitas vezes hesita. A lógica "asseguradora" pode assim, parecer a única em condições de criar a calma para encarar ações inovadoras.

A multiplicação dos projetos de estabelecimento escolar fez evoluir a maneira de trabalhar em conjunto. Ao projeto como forma social, associam-se diversas práticas, reconhecidas como características. Não é pequeno o risco de ver a adoção dessas práticas fazer as vezes de projeto de estabelecimento escolar. É importante associar os processos de projeto a uma avaliação interna que verifique a coerência entre os objetivos visados e as ações empreendidas.

Estando a cultura de cooperação e a do projeto desabrochando, grande parte dos projetos nasce na mente de algumas pessoas conquistadas pela ideia, é verdadeiro para os projetos "espontâneos" e também para os projetos "solicitados" pelas autoridades escolares. Em ambos os casos, a questão é saber como passar da iniciativa de alguns a um consenso tão amplo quanto possível sobre o princípio, o conteúdo, e as orientações de um projeto de estabelecimento escolar. Durante o período em que a maioria vai aderindo a um "projeto de projeto", manifestam-se oposições, agravos, tomadas de poder, alianças e clivagens sem grande relação com o conteúdo. Procurar obter a adesão entusiasta de 99% dos professores da escola condenaria, qualquer projeto a ser rapidamente abandonado, em geral dá-se a partida com uma minoria ativa. Quais os fatores que determinam a adesão?

A adesão só ocorrerá se os interlocutores puderem entrever a manutenção de suas experiências ou a abertura de demais caminhos de acesso a vantagens simbólicas ou materiais é durante esta delicada passagem, da concepção por uma minoria à adesão coletiva, que se executa uma das etapas decisivas do projeto. Administrar essa etapa com atenção garante uma saída melhor para o projeto, baseada em confiança relativa, garantindo sua razão de ser, tanto no presente quanto na continuidade. A mobilização geral da maioria, o consenso na análise prévia das necessidades e a identificação coletiva dão lugar às divergências e à dispersão das forças nos momentos difíceis e precipitam os atores em uma fase de turbulências que pode representar um simples vazio do processo de implementação. Nume-

rosas equipes desistem diante da ausência de efeitos a curto ou médio prazo, ou mesmo diante da resistência dos principais interessados: os alunos. Mesmo um projeto de estabelecimento escolar que obtenha a concordância e o apoio de grande maioria dos parceiros não tem garantia de sua longevidade. Um projeto de longa duração nunca será totalmente aplicado por aqueles que o elaboraram. É necessário concebe-lo de maneira que seja possível fazê-lo durar, e utilizá-lo como instrumento de integração de recém-chegados. O projeto como explicação de uma identidade coletiva não significa fechamento sobre si mesmo, mas sim, abertura para o futuro e para fora.

Liderança e modos de exercício do poder

Os processos de mudança não se desenvolvem por si mesmos. Necessitam de uma orquestração ativa, a mudança choca-se com ações igualmente deliberadas para bloqueá-las. As influências não provêm unicamente daqueles que detêm uma autoridade formal.

As noções de líder e de liderança referem-se mais a uma influência real sobre o curso das coisas do que ao estatuto dos que a exercem. Qualquer membro de uma comunidade exerce, de vez em quando, alguma influência. Alguns com mais frequência do que outros, o que caracterizará uma liderança se esta se mostrar regularmente sobre as decisões de um grupo. A noção de liderança como influência regular define o líder, como "aquele que exerce uma liderança em um determinado contexto".

Os estabelecimentos escolares que se engajam em um processo de mudança deverão construir uma nova visão da gestão das relações de força e, se possível, substituir a liderança autoritária por uma liderança cooperativa. A ideia de liderança cooperativa designa uma liderança assumida de modo cooperativo por um conjunto de atores, nenhum dos quais é líder formal ou informal o tempo todo, mas está abertamente voltado para a ação comum. A liderança cooperativa rompe com a organização clássica do trabalho dentro de um estabelecimento escolar, os membros do grupo acham-se investidos de tarefas ou de funções que eles assumem sem monopolizá-las duradouramente. A liderança cooperativa não reconhece hierarquias estáveis nem líder permanente. A liderança é entendida como uma força de transformação cultural e de desenvolvimento. Ela não suprime a função de diretor de escola, mas redefine, o papel consistiria em tornar-se aquele que faz as competências emergirem, facilita a concepção e a aplicação de novas modalidades organizacionais, ele orquestra a ação coletiva para que esta possa tender para a transformação das práticas.

A liderança cooperativa produz para cada pessoa uma sobrecarga de trabalho, daí a necessidade de estabelecer uma instância de coordenação responsável por: acompanhar os esforços de colocação em prática; informar todas as partes envolvidas sobre o processo em curso; aproximar e ligar os diferentes grupos de trabalho; organizar e animar as sessões; instituir instâncias de conversa; criar lugares de decisão e de regulação. O papel dos líderes leva-os a verificar constantemente se os diferentes membros do grupo conseguem aderir aos objetivos visados, se estão convencidos de que as apostas valem a pena e pensam que eles têm mais a ganhar do que a perder.

O estabelecimento escolar como organização aprendente

Um estabelecimento escolar pode ou não favorecer a mudança. É sua capacidade de adquirir experiência que o torna uma organização aprendente; adota uma abordagem mais positiva e profissionalizante, centrada na obrigação de competências, visando à evolução tanto das representações da profissão quanto das práticas pedagógicas e à transformação da dinâmica do estabelecimento escolar, em uma coesão essencialmente pedagógica, constituindo este último em organização aprendente.

O estabelecimento escolar é definido como um grupo de professores que assumem a responsabilidade de desenvolver os dispositivos de ensino e aprendizagem mais eficazes.

No desenvolvimento organizacional, os projetos de formação comum se limitam a alguns seminários durante os quais os professores têm a ilusão de construir uma cultura comum em relação a um tema que lhes parece central, eles imaginam que realmente conseguirão modificar suas práticas, enquanto observadores externos notam apenas mudanças insignificantes.

Já, o desenvolvimento profissional ressalta as necessidades e apostas das pessoas que coexistem e cooperam dentro de um estabelecimento escolar, esboçando e realizando um projeto coletivo.

Tal interpretação da formação contínua coloca os atores do estabelecimento escolar no centro do processo de desenvolvimento e o liga à mudança.

De acordo com esse modelo, os professores são percebidos como membros de uma organização social, corresponsáveis por seu desenvolvimento ulterior. Visto que são responsáveis de seu desenvolvimento profissional, os atores transformam suas necessidades, formulando projetos coletivos e investindo-se em sua aplicação.

Para aumentar a eficácia da ação organizada dentro de uma instituição, é necessário compreender sua cultura, é indispensável que os atores meçam a dinâmica e a complexidade do funcionamento coletivo para depois decidirem e colocarem em prática novos funcionamentos.

A ação organizada não é redutível às aprendizagens individuais, trata-se de um sistema de aprendizagens coordenadas, sendo suficiente para fazer funcionar o conjunto, porque é de sua capacidade de transformar-se em organização aprendente que depende o resultado de uma maior eficácia da ação coletiva.

Conclusão

O estabelecimento escolar é um nível determinante do destino reservado aos projetos de mudança, porque é ali que os professores trabalham e constroem o sentido de suas práticas profissionais, bem como as transformações que lhes são propostas, venham elas de dentro ou de fora.

Seu resultado será coerente relativamente à cultura e às relações sociais instituídas, nas quais as conversações se estabelecerão em torno desse novo objeto, a partir das tentativas e das reposições em discussão que uns e outros devam ou queiram permitir.

Na verdade, a mudança leva tempo e só se realiza por etapas, conforme as quais os profissionais criam vínculos entre seus saberes de experiência e as novas idéias. O processo de mudança é, pois, um assunto de evolução conjunta dos valores, crenças, conceitos e práticas.

Ao começar este trabalho, já estávamos convencidos de que o sentido da mudança não é imposto, não é dado de antemão nem é imutável. A mudança é construída na regulação interativa entre atores.

Se a hipótese construtivista é válida não apenas para os indivíduos, mas para as coletividades, como conseguir comprometê-las em um processo de construção coletiva de longa duração?

Numerosos fóruns, publicações e debates são dedicados a essa problemática. Apesar dos debates, parece-nos que, nos encontramos atualmente, bem no início de um longo processo de "profissionalização" das práticas de inovação, seja na escala do sistema, do estabelecimento escolar ou da classe. Tal processo levará todos os atores a conduzirem a escola na aventura de uma "organização aprendente". Nessa aventura, o estabelecimento escolar pode e deve representar um nó estratégico.

Referência
TRURLER, M. G. Inovar no interior da escola.
THURLER, Mônica Gather e MAULINI, Olivier (org.). A organização do trabalho escolar: uma oportunidade para repensar a escola. Porto Alegre: Penso, 2012.

A INTEGRAÇÃO ENTRE EDUCAR E CUIDAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Educar

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores. As novas funções para a educação infantil devem estar associadas a padrões de qualidade. Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes fornecem elementos relacionados às mais diversas linguagens e ao contato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma.

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

Cuidar

Contemplar o cuidado na esfera da instituição da educação infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas.

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos.

O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados.

As atitudes e procedimentos de cuidado são influenciados por crenças e valores em torno da saúde, da educação e do desenvolvimento infantil. Embora as necessidades humanas básicas sejam comuns, como alimentar-se, proteger-se etc. as formas de identifica-las, valorizá-las e atendê-las são construídas socialmente. As necessidades básicas podem ser modificadas e acrescidas de outras de acordo com o contexto sociocultural. Pode-se dizer que além daquelas que preservam a vida orgânica, as necessidades afetivas são também base para o desenvolvimento infantil.

A identificação dessas necessidades sentidas e expressas pelas crianças, depende também da compreensão que o adulto tem das várias formas de comunicação que elas, em cada faixa etária possuem e desenvolvem. Prestar atenção e valorizar o choro de um bebê e responder a ele com um cuidado ou outro depende de como é interpretada a expressão de choro, e dos recursos existentes para responder a ele. É possível que alguns adultos conversem com o bebê tentando acalmá-lo, ou que peguem-no imediatamente no colo, embalando-o. Em determinados contextos socioculturais, é possível que o adulto que cuida da criança, tendo como base concepções de desenvolvimento e aprendizagem infantis, de educação e saúde, acredite que os bebês devem aprender a permanecer no berço, após serem alimentados e higienizados, e, portanto, não considerem o embalo como um cuidado, mas como uma ação que pode "acostumar mal" a criança. Em outras culturas, o embalo tem uma grande importância no cuidado de bebês, tanto que existem berços próprios para embalar.

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção à saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais.

Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado.

Além da dimensão afetiva e relacional do cuidado, é preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Assim, cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma.

Referência:

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Vol. 1. Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: FUNDAMENTOS PARA A ORIENTAÇÃO, O PLANEJAMENTO E A IMPLEMENTAÇÃO DAS AÇÕES EDUCATIVAS DA ESCOLA.

Para Veiga e colegas, o projeto políticopedagógico tem sido objeto de estudos para professores, pesquisadores e instituições educacionais em níveis nacional, estadual e municipal, em busca da melhoria da qualidade do ensino.

O presente estudo tem a intenção de refletir acerca da construção do projeto políticopedagógico, entendido como a própria organização do trabalho pedagógico de toda a escola.

A escola é o lugar de concepção, realização e avaliação de seu projeto educativo, uma vez que necessita organizar seu trabalho pedagógico com base em seus alunos. Nessa perspectiva, é fundamental que ela assuma suas responsabilidades, sem esperar que as esferas administrativas superiores tomem essa iniciativa, mas que lhe deem as condições necessárias para levá-la adiante. Para tanto, é importante que se fortaleçam as relações entre escola e sistema de ensino.

Para isso, começaremos conceituando projeto políticopedagógico. Em seguida, trataremos de trazer nossas reflexões para a análise dos princípios norteadores. Finalizaremos discutindo os elementos básicos da organização do trabalho pedagógico, necessários à construção do projeto políticopedagógico.

O que é projeto políticopedagógico?

No sentido etimológico, o termo projeto vem do latim projectu, participio passado do verbo projicere, que significa lançar para diante. Plano, intento, designio. Empresa, empreendimento. Redação provisoria de lei. Plano geral de edificação.

Ao construirmos os projetos de nossas escolas, planejamos o que temos intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para diante, com base no que temos, buscando o possível. É antever um futuro diferente do presente. Nas palavras de Gadotti: *Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores.*

Nessa perspectiva, o projeto políticopedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. E político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. "A dimensão política se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica". Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. É pedagógico no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas para cumprir seus propósitos e sua intencionalidade.

Político e pedagógico têm, assim, uma significação indissociável. Nesse sentido é que se deve considerar o projeto políticopedagógico como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade, que "não é descritiva ou constatativa, mas é constitutiva". Por outro lado, propicia a vivência democrática necessária para a participação de todos os membros da comunidade escolar e o exercício da cidadania. Pode parecer complicado, mas se trata de uma relação recíproca entre a dimensão política e a dimensão pedagógica da escola.

O projeto políticopedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão.

Desse modo, o projeto políticopedagógico tem a ver com a organização do trabalho pedagógico em dois níveis: como organização de toda a escola e como organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade. Nesta caminhada será importante ressaltar que o projeto políticopedagógico busca a organização do trabalho pedagógico da escola na sua globalidade.

A principal possibilidade de construção do projeto políticopedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isso significa resgatar a escola como espaço público, como lugar de debate, do diálogo fundado na reflexão coletiva. Portanto, é preciso entender que o projeto políticopedagógico da escola dará indicações necessárias à organização do trabalho pedagógico que inclui o trabalho do professor na dinâmica interna da sala de aula, ressaltado anteriormente.

Buscar uma nova organização para a escola constitui uma ousadia para educadores, pais, alunos e funcionários. Para enfrentarmos essa ousadia, necessitamos de um referencial que fundamente a construção do projeto políticopedagógico. A questão é, pois, saber a qual referencial temos que recorrer para a compreensão de nossa prática pedagógica. Nesse sentido, temos que nos alicerçar nos pressupostos de uma teoria pedagógica crítica viável, que parta da prática social e esteja compromissada em solucionar os problemas da educação e do ensino de nossa escola; uma teoria que subsidie o projeto políticopedagógico. Por sua vez, a prática pedagógica que ali se processa deve estar ligada aos interesses da maioria da população. Faz-se necessário, também, o domínio das bases teóricometodológicas indispensáveis à concretização das concepções assumidas coletivamente. Mais do que isso, afirma Freitas, (...) as novas formas têm que ser pensadas em um contexto de luta, de correlações de força - às vezes favoráveis, às vezes desfavoráveis. Terão que nascer no próprio "chão da escola", com apoio dos professores e pesquisadores. Não poderão ser inventadas por alguém, longe da escola e da luta da escola.

Isso significa uma enorme mudança na concepção do projeto políticopedagógico e na própria postura da administração central. Se a escola se nutre da vivência cotidiana de cada um de seus membros, coparticipantes de sua organização do trabalho pedagógico à administração central, seja o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação Estadual ou Municipal, não compete a eles definir um modelo pronto e acabado, mas sim estimular inovações e coordenar as ações pedagógicas planejadas e organizadas pela própria escola. Em outras palavras, as escolas necessitam receber assistência técnica e financeira decidida em conjunto com as instâncias superiores do sistema de ensino.

Isso pode exigir, também, mudanças na própria lógica de organização das instâncias superiores, implicando uma mudança substancial na sua prática.

Para que a construção do projeto políticopedagógico seja possível não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais, ou mobilizá-los de forma espontânea, mas propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente.

O ponto que nos interessa reforçar é que a escola não tem mais possibilidade de ser dirigida de cima para baixo e na ótica do poder centralizador que dita as normas e exerce o controle técnico burocrático. A luta da escola é para a descentralização em busca de sua autonomia e qualidade.

Do exposto, o projeto políticopedagógico não visa simplesmente a um rearranjo formal da escola, mas a uma qualidade em todo o processo vivido. Vale acrescentar, ainda, que a organização do trabalho pedagógico da escola tem a ver com a organização da sociedade. A escola nessa perspectiva é vista como uma instituição social, inserida na sociedade capitalista, que reflete no seu interior as determinações e contradições dessa sociedade.

Princípios norteadores do projeto políticopedagógico

A abordagem do projeto políticopedagógico, como organização do trabalho de toda a escola, está fundada nos princípios que deverão nortear a escola democrática, pública e gratuita:

a) Igualdade de condições para acesso e permanência na escola. Saviani alerta-nos para o fato de que há uma desigualdade no ponto de partida, mas a igualdade no ponto de chegada deve ser garantida pela mediação da escola. O autor destaca que "só é possível considerar o processo educativo em seu conjunto sob a condição de se distinguir a democracia como possibilidade no ponto de partida e democracia como realidade no ponto de chegada".

Igualdade de oportunidades requer, portanto, mais que a expansão quantitativa de ofertas; requer ampliação do atendimento com simultânea manutenção de qualidade.

b) Qualidade que não pode ser privilégio de minorias econômicas e sociais. O desafio que se coloca ao projeto políticopedagógico da escola é o de propiciar uma qualidade para todos.

A qualidade que se busca implica duas dimensões indissociáveis: a formal ou técnica e a política. Uma não está subordinada à outra; cada uma delas tem perspectivas próprias.

A primeira enfatiza os instrumentos e os métodos, a técnica. A qualidade formal não está afeita, necessariamente, a conteúdos determinados. Demo afirma que a qualidade formal "significa a habilidade de manejar meios, instrumentos, formas, técnicas, procedimentos diante dos desafios do desenvolvimento".

A qualidade política é condição imprescindível da participação. Está voltada para os fins, valores e conteúdos. Quer dizer "a competência humana do sujeito em termos de se fazer e de fazer história, diante dos fins históricos da sociedade humana".

Nessa perspectiva, o autor chama atenção para o fato de que a qualidade se centra no desafio de manejar os instrumentos adequados para fazer a história humana. A qualidade formal está relacionada com a qualidade política e esta depende da competência dos meios.

A escola de qualidade tem obrigação de evitar de todas as maneiras possíveis a repetência e a evasão. Tem que garantir a meta qualitativa do desempenho satisfatório de todos. Qualidade para todos, portanto, vai além da meta quantitativa de acesso global, no sentido de que as crianças em idade escolar entrem na escola. É preciso garantir a permanência dos que nela ingressarem. Em síntese, qualidade "implica consciência crítica e capacidade de ação, saber e mudar".

O projeto políticopedagógico, ao mesmo tempo em que exige de educadores, funcionários, alunos e pais a definição clara do tipo de escola que intentam, requer a definição de fins. Assim, todos deverão definir o tipo de sociedade e o tipo de cidadão que pretendem formar. As ações específicas para a obtenção desses fins são meios. Essa distinção clara entre fins e meios é essencial para a construção do projeto políticopedagógico.

c) Gestão democrática é um princípio consagrado pela Constituição vigente e abrange as dimensões pedagógica, administrativa e financeira. Ela exige uma ruptura histórica na prática administrativa da escola, com o enfrentamento das questões de exclusão e reprovação e da não-permanência do aluno na sala de aula, o que vem provocando a marginalização das classes populares. Esse compromisso implica a construção coletiva de um projeto políticopedagógico ligado à educação das classes populares.

A gestão democrática exige a compreensão em profundidade dos problemas postos pela prática pedagógica. Ela visa romper com a separação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre teoria e prática. Busca resgatar o controle do processo e do produto do trabalho pelos educadores.

A gestão democrática implica principalmente o repensar da estrutura de poder da escola, tendo em vista sua socialização. A socialização do poder propicia a prática da participação coletiva, que atenua o individualismo; da reciprocidade, que elimina a exploração; da solidariedade, que supera a opressão; da autonomia, que anula a dependência de órgãos intermediários que elaboram políticas educacionais das quais a escola é mera executora.

A busca da gestão democrática inclui, necessariamente, a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos da escola nas decisões/ações administrativo-pedagógicas ali desenvolvidas. Nas palavras de Marques: "A participação ampla assegura a transparência das decisões, fortalece as pressões para que sejam elas legítimas, garante o controle sobre os acordos estabelecidos e, sobretudo, contribui para que sejam contempladas questões que de outra forma não entrariam em cogitação".

Nesse sentido, fica claro entender que a gestão democrática, no interior da escola, não é um princípio fácil de ser consolidado, pois se trata da participação crítica na construção do projeto políticopedagógico e na sua gestão.

d) Liberdade é outro princípio constitucional. O princípio da liberdade está sempre associado à ideia de autonomia. O que é necessário, portanto, como ponto de partida, é o resgate do sentido dos conceitos de autonomia e liberdade. A autonomia e a liberdade fazem parte da própria natureza do ato pedagógico. O significado de autonomia remete-nos para regras e orientações criadas pelos próprios sujeitos da ação educativa, sem imposições externas.

Para Rios, a escola tem uma autonomia relativa e a liberdade é algo que se experimenta em situação e esta é uma articulação de limites e possibilidades. Para a autora, a liberdade é uma experiência de educadores e constrói-se na vivência coletiva, interpessoal. Portanto, "somos livres com os outros, não apesar dos outros". Se pensamos na liberdade na escola, devemos pensá-la na relação entre administradores, professores, funcionários e alunos que aí assumem sua parte de responsabilidade na construção do projeto políticopedagógico e na relação destes com o contexto social mais amplo.

Heller afirma que:

A liberdade é sempre liberdade para algo e não apenas liberdade de algo. Se interpretarmos a liberdade apenas como o fato de sermos livres de alguma coisa, encontramo-nos no estado de arbítrio, definimo-nos de modo negativo. A liberdade é uma relação e, como tal, deve ser continuamente ampliada. O próprio conceito de liberdade contém o conceito de regra, de reconhecimento, de intervenção recíproca. Com efeito, ninguém pode ser livre se, em volta dele, há outros que não o são!

Por isso, a liberdade deve ser considerada, também, como liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a arte e o saber direcionados para uma intencionalidade definida coletivamente.

e) Valorização do magistério é um princípio central na discussão do projeto políticopedagógico.

A qualidade do ensino ministrado na escola e seu sucesso na tarefa de formar cidadãos capazes de participar da vida socioeconómica, política e cultural do país relacionam-se estreitamente a formação (inicial e continuada), condições de trabalho (recursos didáticos, recursos físicos e materiais, dedicação integral à escola, redução do número de alunos na sala de aula etc), remuneração, elementos esses indispensáveis à profissionalização do magistério.

A melhoria da qualidade da formação profissional e a valorização do trabalho pedagógico requerem a articulação entre instituições formadoras, no caso as instituições de ensino superior e a Escola Normal, e as agências empregadoras, ou seja, a própria rede de ensino. A formação profissional implica, também, a indissociabilidade entre a formação inicial e a formação continuada.

O reforço à valorização dos profissionais da educação, garantindo-lhes o direito ao aperfeiçoamento profissional permanente, significa "valorizar a experiência e o conhecimento que os professores têm a partir de sua prática pedagógica".

A formação continuada é um direito de todos os profissionais que trabalham na escola, uma vez que ela não só possibilita a progressão funcional baseada na titulação, na qualificação e na competência dos profissionais, mas também propicia, fundamentalmente, o desenvolvimento profissional dos professores articulado com as escolas e seus projetos.

A formação continuada deve estar centrada na escola e fazer parte do projeto políticopedagógico. Assim, compete à escola: a) proceder ao levantamento de necessidades de formação continuada de seus profissionais; b) elaborar seu programa de formação, contando com a participação e o apoio dos órgãos centrais, no sentido de fortalecer seu papel na concepção, na execução e na avaliação do referido programa.

Assim, a formação continuada dos profissionais da escola compromissada com a construção do projeto políticopedagógico não deve se limitar aos conteúdos curriculares, mas se estender à discussão da escola de maneira geral e de suas relações com a sociedade. Daí, passarem a fazer parte dos programas de formação continuada questões como cidadania, gestão democrática, avaliação, metodologia de pesquisa e ensino, novas tecnologias de ensino, entre outras.

Veiga e Carvalho afirmam que "o grande desafio da escola, ao construir sua autonomia, deixando de lado seu papel de mera 'repetidora' de programas de 'treinamento', é ousar assumir o papel predominante na formação dos profissionais".

Inicialmente, convém alertar para o fato de que essa tomada de consciência dos princípios norteadores do projeto políticopedagógico não pode ter o sentido espontaneísta de cruzar os braços diante da atual organização da escola, inibidora da participação de educadores, funcionários e alunos no processo de gestão.

É preciso ter consciência de que a dominação no interior da escola efetiva-se por meio das relações de poder que se expressam nas práticas autoritárias e conservadoras dos diferentes profissionais, distribuídos hierarquicamente, bem como por meio das formas de controle existentes no interior da organização escolar. Como resultante dessa organização, a escola pode ser descaracterizada como instituição histórica e socialmente determinada, instância privilegiada da produção e da apropriação do saber. As instituições escolares representam «armas de contestação e luta entre grupos culturais e econômicos que têm diferentes graus de poder». Por outro lado, a escola é local de desenvolvimento da consciência crítica da realidade.

Acreditamos que os princípios analisados e o aprofundamento dos estudos sobre a organização do trabalho pedagógico trarão contribuições relevantes para a compreensão dos limites e das possibilidades dos projetos político-pedagógicos voltados para os interesses das camadas menos favorecidas.

Veiga acrescenta, ainda, que "a importância desses princípios está em garantir sua operacionalização nas estruturas escolares, pois uma coisa é estar no papel, na legislação, na proposta, no currículo, e outra é estar ocorrendo na dinâmica interna da escola, no real, no concreto".

Construindo o projeto políticopedagógico

O projeto políticopedagógico é entendido, neste estudo, como a própria organização do trabalho pedagógico da escola. A construção do projeto políticopedagógico parte dos princípios de igualdade, qualidade, liberdade, gestão democrática e valorização do magistério. A escola é concebida como espaço social marcado pela manifestação de práticas contraditórias, que apontam para a luta e/ou acomodação de todos os envolvidos na organização do trabalho pedagógico.

O que pretendemos enfatizar é que devemos analisar e compreender a organização do trabalho pedagógico, no sentido de gestar uma nova organização que reduza os efeitos de sua divisão do trabalho, de sua fragmentação e do controle hierárquico. Nessa perspectiva, a construção do projeto políticopedagógico é um instrumento de luta, é uma forma de contrapor-se à fragmentação do trabalho pedagógico e sua rotinização, à dependência e aos efeitos negativos do poder autoritário e centralizador dos órgãos da administração central.

A construção do projeto políticopedagógico, para gestar uma nova organização do trabalho pedagógico, passa pela reflexão anteriormente feita sobre os princípios. Acreditamos que a análise dos elementos constitutivos da organização trará contribuições relevantes para a construção do projeto políticopedagógico.

Pelo menos sete elementos básicos podem ser apontados:

a) as finalidades da escola;
b) a estrutura organizacional; c
) o currículo;
d) o tempo escolar;
e) o processo de decisão;

NOVA CONCURSOS

f) as relações de trabalho;
g) a avaliação.

a) As finalidades da escola

A escola persegue finalidades. É importante ressaltar que os educadores precisam ter clareza das finalidades de sua escola. Para tanto, há necessidade de refletir sobre a ação educativa que a escola desenvolve com base nas finalidades e nos objetivos que ela define. As finalidades da escola referem-se aos efeitos intencionalmente pretendidos e almejados.

- Das finalidades estabelecidas na legislação em vigor, o que a escola persegue, com maior ou menor ênfase?

- Como é perseguida sua finalidade cultural, ou seja, a de preparar culturalmente os indivíduos para uma melhor compreensão da sociedade em que vivem?

- Como a escola procura atingir sua finalidade política e social, ao formar o indivíduo para a participação política que implica direitos e deveres da cidadania?

- Como a escola atinge sua finalidade de formação profissional, ou melhor, como ela possibilita a compreensão do papel do trabalho na formação profissional do aluno?

- Como a escola analisa sua finalidade humanística, ao procurar promover o desenvolvimento integral da pessoa?

As questões levantadas geram respostas e novas indagações por parte da direção, de professores, funcionários, alunos e pais. O esforço analítico de todos possibilitará a identificação de quais finalidades precisam ser reforçadas, quais as que estão relegadas e como elas poderão ser detalhadas de acordo com as áreas do conhecimento, das diferentes disciplinas curriculares, do conteúdo programático.

É necessário decidir, coletivamente, o que se quer reforçar dentro da escola e como detalhar as finalidades para atingir a almejada cidadania.

Alves afirma que é preciso saber se a escola dispõe de alguma autonomia na determinação das finalidades e dos objetivos específicos. O autor enfatiza: "Interessará reter se as finalidades são impostas por entidades exteriores ou se são definidas no interior do 'território social' e se são definidas por consenso ou por conflito ou até se são matéria ambígua, imprecisa ou marginal" (p. 19).

Essa colocação está sustentada na ideia de que a escola deve assumir, como uma de suas principais tarefas, o trabalho de refletir sobre sua intencionalidade educativa. Nesse sentido, ela procura alicerçar o conceito de autonomia, enfatizando a responsabilidade de todos, sem deixar de lado os outros níveis da esfera administrativa educacional. Nóvoa nos diz que a autonomia é importante para "a criação de uma identidade da escola, de um ethos científico e diferenciador, que facilite a adesão dos diversos atores e a elaboração de um projeto próprio" (1992, p. 26).

A ideia de autonomia está ligada à concepção emancipadora da educação. Para ser autônoma, a escola não pode depender dos órgãos centrais e intermediários que definem a política da qual ela não passa de executora. Ela concebe seu projeto políticopedagógico e tem autonomia para executá-lo e avaliá-lo ao assumir uma nova atitude de liderança, no sentido de refletir sobre suas finalidades sociopolíticas e culturais.

b) A estrutura organizacional

A escola, de forma geral, dispõe basicamente de duas estruturas: as administrativas e as pedagógicas. As primeiras asseguram, praticamente, a locação e a gestão de recursos humanos, físicos e financeiros. Fazem parte, ainda, das estruturas administrativas todos os elementos que têm uma forma material, como, por exemplo, a arquitetura do edifício escolar e a maneira como ele se apresenta do ponto de vista de sua imagem: equipamentos e materiais didáticos, mobiliário, distribuição das dependências escolares e espaços livres, cores, limpeza e saneamento básico (água, esgoto, lixo e energia elétrica).

As pedagógicas, que, teoricamente, determinam a ação das administrativas, "organizam as funções educativas para que a escola atinja de forma eficiente e eficaz as suas finalidades".

As estruturas pedagógicas referem-se, fundamentalmente, às interações políticas, às questões de ensino e aprendizagem e às de currículo. Nas estruturas pedagógicas incluem-se todos os setores necessários ao desenvolvimento do trabalho pedagógico.

A análise da estrutura organizacional da escola visa identificar quais estruturas são valorizadas e por quem, verificando as relações funcionais entre elas. É preciso ficar claro que a escola é uma organização orientada por finalidades, controlada e permeada pelas questões do poder.

A análise e a compreensão da estrutura organizacional da escola significam indagar sobre suas características, seus polos de poder, seus conflitos - O que sabemos da estrutura pedagógica? Que tipo de gestão está sendo praticada? O que queremos e precisamos mudar na nossa escola? Qual é o organograma previsto? Quem o constitui e qual é a lógica interna? Quais as funções educativas predominantes? Como são vistas a constituição e a distribuição do poder? Quais os fundamentos regimentais? -, enfim, caracterizar do modo mais preciso possível a estrutura organizacional da escola e os problemas que afetam o processo de ensino e aprendizagem, de modo a favorecer a tomada de decisões realistas e exequíveis.

Avaliar a estrutura organizacional significa questionar os pressupostos que embasam a estrutura burocrática da escola que inviabiliza a formação de cidadãos aptos a criar ou a modificar a realidade social. Para poderem realizar um ensino de qualidade e cumprir suas finalidades, as escolas têm que romper com a atual forma de organização burocrática que regula o trabalho pedagógico - pela conformidade às regras fixadas, pela obediência a leis e diretrizes emanadas do poder central e pela cisão entre os que pensam e executam -, que conduz à fragmentação e ao consequente controle hierárquico que enfatiza três aspectos inter-relacionados: o tempo, a ordem e a disciplina.

Nessa trajetória, ao analisar a estrutura organizacional, ao avaliar os pressupostos teóricos, ao situar os obstáculos e vislumbrar as possibilidades, os educadores vão desvelando a realidade escolar, estabelecendo relações, definindo finalidades comuns e configurando novas formas de organizar as estruturas administrativas e pedagógicas para a melhoria do trabalho de toda a escola na direção do que

se pretende. Assim, considerando o contexto, os limites, os recursos disponíveis (humanos, materiais e financeiros) e a realidade escolar, cada instituição educativa assume sua marca, tecendo, no coletivo, seu projeto políticopedagógico, propiciando consequentemente a construção de uma nova forma de organização.

c) O currículo

Currículo é um importante elemento constitutivo da organização escolar. Currículo implica, necessariamente, a interação entre sujeitos que têm um mesmo objetivo e a opção por um referencial teórico que o sustente.

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que essa construção se efetive; é a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los; portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. Nesse sentido, o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar.

O conhecimento escolar é dinâmico e não uma mera simplificação do conhecimento científico, que se adequaria à faixa etária e aos interesses dos alunos. Daí a necessidade de promover, na escola, uma reflexão aprofundada sobre o processo de produção do conhecimento escolar, uma vez que ele é, ao mesmo tempo, processo e produto. A análise e a compreensão do processo de produção do conhecimento escolar ampliam a compreensão sobre as questões curriculares.

Na organização curricular é preciso considerar alguns pontos básicos. O primeiro é o de que o currículo não é um instrumento neutro. O currículo passa ideologia, e a escola precisa identificar e desvelar os componentes ideológicos do conhecimento escolar que a classe dominante utiliza para a manutenção de privilégios. A determinação do conhecimento escolar, portanto, implica uma análise interpretativa e crítica, tanto da cultura dominante, quanto da cultura popular. O currículo expressa uma cultura.

O segundo ponto é o de que o currículo não pode ser separado do contexto social, uma vez que ele é historicamente situado e culturalmente determinado.

O terceiro ponto diz respeito ao tipo de organização curricular que a escola deve adotar. Em geral, nossas instituições têm sido orientadas para a organização hierárquica e fragmentada do conhecimento escolar. Com base em Bernstein (1989), chamo a atenção para o fato de que a escola deve buscar novas formas de organização curricular, em que o conhecimento escolar (conteúdo) estabeleça uma relação aberta e inter-relacione-se em torno de uma ideia integradora. Esse tipo de organização curricular, o autor denomina de currículo-integração. O currículo integração, portanto, visa reduzir o isolamento entre as diferentes disciplinas curriculares, procurando agrupá-las num todo mais amplo.

Como alertaram Domingos et al., "cada conteúdo deixa de ter significado por si só, para assumir uma importância relativa e passar a ter uma função bem determinada e explícita dentro do todo de que faz parte".

O quarto ponto refere-se à questão do controle social, já que o currículo formal (conteúdos curriculares, metodologia e recursos de ensino, avaliação e relação pedagógica) implica controle. Por outro lado, o controle social é instrumentalizado pelo currículo oculto, entendido este como as "mensagens transmitidas pela sala de aula e pelo ambiente escolar". Assim, toda a gama de visões do mundo, as normas e os valores dominantes são passados aos alunos no ambiente escolar, no material didático e mais especificamente por intermédio dos livros didáticos, na relação pedagógica, nas rotinas escolares. Os resultados do currículo oculto "estimulam a conformidade a ideais nacionais e convenções sociais ao mesmo tempo que mantêm desigualdades socioeconómicas e culturais".

Moreira (1992), ao examinar as teorias de controle social que têm permeado as principais tendências do pensamento curricular, procurou defender o ponto de vista de que controle social não envolve, necessariamente, orientações conservadoras, coercitivas e de conformidade comportamental. De acordo com o autor, subjacente ao discurso curricular crítico, encontra-se uma noção de controle social orientada para a emancipação. Faz sentido, então, falar em controle social comprometido com fins de liberdade que deem ao estudante uma voz ativa e crítica.

Com base em Aronowitz e Giroux (1985), o autor chama a atenção para o fato de que a noção crítica de controle social não pode deixar de discutir "o contexto apropriado ao desenvolvimento de práticas curriculares que favoreçam o bom rendimento e a autonomia dos estudantes e, em particular, que reduzam os elevados índices de evasão e repetência de nossa escola de primeiro grau".

A noção de controle social na teoria curricular crítica é mais um instrumento de contestação e resistência à ideologia veiculada por intermédio dos currículos, tanto do formal quanto do oculto.

Orientar a organização curricular para fins emancipatórios implica, inicialmente, desvelar as visões simplificadas de sociedade, concebida como um todo homogêneo, e de ser humano, como alguém que tende a aceitar papéis necessários à sua adaptação ao contexto em que vive. Controle social, na visão crítica, é uma contribuição e uma ajuda para a contestação e a resistência à ideologia veiculada por intermédio dos currículos escolares.

d) O tempo escolar

O tempo é um dos elementos constitutivos da organização do trabalho pedagógico. O calendário escolar ordena o tempo: determina o início e o fim do ano, prevendo os dias letivos, as férias, os períodos escolares em que o ano se divide, os feriados cívicos e religiosos, as datas reservadas à avaliação, os períodos para reuniões técnicas, cursos etc.

O horário escolar, que fixa o número de horas por semana e que varia em razão das disciplinas constantes na grade curricular, estipula também o número de aulas por professor. Tal como afirma Enguita: "Às matérias tornam-se equivalentes porque ocupam o mesmo número de horas por semana, e são vistas como tendo menor prestígio se ocupam menos tempo que as demais".

A organização do tempo do conhecimento escolar é marcada pela segmentação do dia letivo, e o currículo é, consequentemente, organizado em períodos fixos de tempo para disciplinas supostamente separadas. O controle hierárquico utiliza o tempo que muitas vezes é desperdiçado e controlado pela administração e pelo professor.

Em resumo, quanto mais compartimentado for o tempo, mais hierarquizadas e ritualizadas serão as relações sociais, reduzindo, também, as possibilidades de se institucionalizar o currículo-integração que conduz a um ensino em extensão.

Enguita, ao discutir a questão de como a escola contribui para a inculcação da precisão temporal nas atividades escolares, assim se expressa:

A sucessão de períodos muito breves - sempre de menos de uma hora -dedicados a matérias muito diferentes entre si, sem necessidade de sequência lógica entre elas, sem atender à melhor ou à pior adequação de seu conteúdo a períodos mais longos ou mais curtos e sem prestar nenhuma atenção à cadência do interesse e do trabalho dos estudantes; em suma, a organização habitual do horário escolar ensina ao estudante que o importante não é a qualidade precisa de seu trabalho, a que o dedica, mas sua duração. A escola é o primeiro cenário em que a criança e o jovem presenciam, aceitam e sofrem a redução de seu trabalho a trabalho abstrato.

Para alterar a qualidade do trabalho pedagógico torna-se necessário que a escola reformule seu tempo, estabelecendo períodos de estudo e reflexão de equipes de educadores, fortalecendo a escola como instância de educação continuada.

É preciso tempo para que os educadores aprofundem seu conhecimento sobre os alunos e sobre o que estão aprendendo. E preciso tempo para acompanhar e avaliar o projeto políticopedagógico em ação. É preciso tempo para os estudantes se organizarem e criarem seus espaços para além da sala de aula.

e) O processo de decisão

Na organização formal de nossa escola, o fluxo das tarefas, das ações e principalmente das decisões é orientado por procedimentos formalizados, prevalecendo as relações hierárquicas de mando e submissão, de poder autoritário e centralizador.

Uma estrutura administrativa da escola, adequada à realização de objetivos educacionais, de acordo com os interesses da população, deve prever mecanismos que estimulem a participação de todos no processo de decisão. Isso requer uma revisão das atribuições específicas e gerais, bem como da distribuição do poder e da descentralização do processo de decisão. Para que isso seja possível é necessário que se instalem mecanismos institucionais visando à participação política de todos os envolvidos com o processo educativo da escola. Paro (1993, p. 34) sugere a instalação de processos eletivos de escolha de dirigentes, colegiados com representação de alunos, pais, associação de pais e professores, grêmio estudantil, processos coletivos de avaliação continuada dos serviços escolares etc.

f) As relações de trabalho

E importante reiterar que, quando se busca uma nova organização do trabalho pedagógico, está se considerando que as relações de trabalho, no interior da escola, deverão estar calcadas nas atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva, em contraposição à organização regida pelos princípios da divisão do trabalho, da fragmentação e do controle hierárquico. É nesse movimento que se verifica o confronto de interesses no interior da escola. Por isso, todo esforço de gestar uma nova organização deve levar em conta as condições concretas presentes na escola. Há uma correlação de forças e é nesse embate que se originam os conflitos, as tensões, as rupturas, propiciando a construção de novas formas de relações de trabalho, com espaços abertos à reflexão coletiva que favoreçam o diálogo, a comunicação horizontal entre os diferentes segmentos envolvidos com o processo educativo, a descentralização do poder. A esse respeito, Machado assume a seguinte posição: "O processo de luta é visto como uma forma de contrapor-se à dominação, o que pode contribuir para a articulação de práticas emancipatórias".

A partir disso, novas relações de poder poderão ser construídas na dinâmica interna da sala de aula e da escola.

g) A avaliação

Acompanhar e avaliar as atividades leva-nos à reflexão, com base em dados concretos sobre como a escola se organiza para colocar em ação seu projeto políticopedagógico. A avaliação do projeto políticopedagógico, numa visão crítica, parte da necessidade de conhecer a realidade escolar, busca explicar e compreender criticamente as causas da existência de problemas, bem como suas relações, suas mudanças e se esforça para propor ações alternativas (criação coletiva). Esse caráter criador é conferido pela autocrítica.

Avaliadores que conjugam as ideias de uma visão global analisam o projeto políticopedagógico não como algo estanque, desvinculado dos aspectos políticos e sociais; não rejeitam as contradições e os conflitos. A avaliação tem um compromisso mais amplo do que a mera eficiência e eficácia das propostas conservadoras. Portanto, acompanhar e avaliar o projeto políticopedagógico é avaliar os resultados da própria organização do trabalho pedagógico.

Considerando a avaliação dessa forma, é possível salientar dois pontos importantes. Primeiro, a avaliação é um ato dinâmico que qualifica e oferece subsídios ao projeto políticopedagógico. Segundo, ela imprime uma direção às ações dos educadores e dos educandos.

O processo de avaliação envolve três momentos: a descrição e a problematização da realidade escolar, a compreensão crítica da realidade descrita e problematizada e a proposição de alternativas de ação, momento de criação coletiva.

A avaliação, do ponto de vista crítico, não pode ser instrumento de exclusão dos alunos provenientes das classes trabalhadoras. Portanto, deve ser democrática, deve favorecer o desenvolvimento da capacidade do aluno de apropriar-se de conhecimentos científicos, sociais e tecnológicos produzidos historicamente e deve ser resultante de um processo coletivo de avaliação diagnostica.

Gestão educacional decorrente da concepção do projeto políticopedagógico

A escola, para se desvencilhar da divisão do trabalho, de sua fragmentação e do controle hierárquico, precisa criar condições para gerar uma outra forma de organização do trabalho pedagógico.

A reorganização da escola deverá ser buscada de dentro para fora. O fulcro para a realização dessa tarefa será o empenho coletivo na construção de um projeto político-pedagógico, e isso implica fazer rupturas com o existente para avançar.

É preciso entender o projeto políticopedagógico da escola como uma reflexão de seu cotidiano. Para tanto, ela precisa de um tempo razoável de reflexão e ação necessário à consolidação de sua proposta.

A construção do projeto políticopedagógico requer continuidade das ações, descentralização, democratização do processo de tomada de decisões e instalação de um processo coletivo de avaliação de cunho emancipatório.

Finalmente, é importante destacar que o movimento de luta e resistência dos educadores é indispensável para ampliar as possibilidades e apressar as mudanças que se fazem necessárias dentro e fora dos muros da escola.

Referência:

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.) Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Papirus, 2002.

CURRÍCULO E CULTURA: VISÃO INTERDISCIPLINAR E TRANSVERSAL DO CONHECIMENTO. CURRÍCULO: A VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS, DE GÊNERO, ÉTNICAS E SOCIOCULTURAIS E O COMBATE À DESIGUALDADE.

CURRÍCULO, CONHECIMENTO E CULTURA

O texto **Currículo, Conhecimento e Cultura**[1], de Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau, apresenta elementos para reflexão texto sobre questões consideradas significativas no desenvolvimento do currículo nas escolas. Analisa a estreita vinculação que há entre a concepção de currículo e as de Educação debatidas em um dado momento. Nessa perspectiva, aborda a passagem recente da preocupação dos pesquisadores sobre as relações entre currículo e conhecimento escolar para as relações entre currículo e cultura. Apresenta a construção do conhecimento escolar como característica da escola democrática que reconhece a multiculturalidade e a diversidade como elementos constitutivos do processo ensino-aprendizagem.

1 http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf

Os estudos de currículo: desenvolvimento e preocupações

Questões referentes ao currículo têm-se constituído em frequente alvo da atenção de autoridades, professores, gestores, pais, estudantes, membros da comunidade. Quais as razões dessa preocupação tão nítida e tão persistente? Será mesmo importante que nós, profissionais da educação, acompanhemos toda essa discussão e nela nos envolvamos? Não será suficiente deixarmos que as autoridades competentes tomem as devidas decisões sobre o que deve ser ensinado nas salas de aula? Para examinarmos possíveis respostas a essas perguntas, talvez seja necessário esclarecer o que estamos entendendo pela palavra currículo, tão familiar a todos que trabalhamos nas escolas e nos sistemas educacionais. Por causa dessa familiaridade, talvez não dediquemos muito tempo a refletir sobre o sentido do termo, bastante frequente em conversas nas escolas, palestras a que assistimos, textos acadêmicos, notícias em jornais, discursos de nossas autoridades e propostas curriculares oficiais. À palavra currículo associam-se distintas concepções, que derivam dos diversos modos de como a educação é concebida historicamente, bem como das influências teóricas que a afetam e se fazem hegemônicas em um dado momento. Diferentes fatores sócioeconômico, políticos e culturais contribuem, assim, para que currículo venha a ser entendido como:

(a) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos;

(b) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos;

(c) os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais;

(d) os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino;

(e) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização.

Sem pretender considerar qualquer uma dessas ou de outras concepções como certa ou como errada, já que elas refletem variados posicionamentos, compromissos e pontos de vista teóricos, podemos afirmar que as discussões sobre o currículo incorporam, com maior ou menor ênfase, discussões sobre os conhecimentos escolares, sobre os procedimentos e as relações sociais que conformam o cenário em que os conhecimentos se ensinam e se aprendem, sobre as transformações que desejamos efetuar nos alunos e alunas, sobre os valores que desejamos inculcar e sobre as identidades que pretendemos construir. Discussões sobre conhecimento, verdade, poder e identidade marcam, invariavelmente, as discussões sobre questões curriculares. Como estamos concebendo, então, a palavra currículo neste texto? Procurando resumir os aspectos acima mencionados, estamos entendendo currículo como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes. Currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas. Por esse motivo, a palavra tem sido usada para todo e qualquer espaço orga-

nizado para afetar e educar pessoas, o que explica o uso de expressões como o currículo da mídia, o currículo da prisão etc. Nós, contudo, estamos empregando a palavra currículo apenas para nos referirmos às atividades organizadas por instituições escolares. Ou seja, para nos referirmos à escola. Cabe destacar que a palavra currículo tem sido também utilizada para indicar efeitos alcançados na escola, que não estão explicitados nos planos e nas propostas, não sendo sempre, por isso, claramente percebidos pela comunidade escolar. Trata-se do chamado currículo oculto, que envolve, dominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. Fazem parte do currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por grupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos(as) professores(as) e nos livros didáticos. São exemplos de currículo oculto: a forma como a escola incentiva a criança a chamar a professora (tia, Fulana, Professora etc); a maneira como arrumamos as carteiras na sala de aula (em círculo ou alinhadas); as visões de família que ainda se encontram em certos livros didáticos (restritas ou não à família tradicional de classe média). Que consequências tais aspectos, sobre os quais muitas vezes não pensamos, podem estar provocando nos alunos? Não seria importante identificá-los e verificar como, nas práticas de nossa escola, poderíamos estar contribuindo para um currículo oculto capaz de oprimir alguns de nossos(as) estudantes (por razões ligadas a classe social, gênero, raça, sexualidade)? Julgamos importante ressaltar que, qualquer que seja a concepção de currículo que adotamos, não parece haver dúvidas quanto à sua importância no processo educativo escolar. Como essa importância se evidencia? Pode-se afirmar que é por intermédio do currículo que as "coisas" acontecem na escola. No currículo se sistematizam nossos esforços pedagógicos. O currículo é, em outras palavras, o coração da escola, o espaço central em que todos atuamos, o que nos torna, nos diferentes níveis do processo educacional, responsáveis por sua elaboração. O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula. Daí a necessidade de constantes discussões e reflexões, na escola, sobre o currículo, tanto o currículo formalmente planejado e desenvolvido quanto o currículo oculto. Daí nossa obrigação, como profissionais da educação, de participar crítica e criativamente na elaboração de currículos mais atraentes, mais democráticos, mais fecundos. Nessas reflexões e discussões, podemos e devemos recorrer aos documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases, as Diretrizes Curriculares Nacionais, as Propostas Curriculares Estaduais e Municipais. Neles encontraremos subsídios fundamentais para o nosso trabalho. Podemos e devemos também recorrer aos estudos que vêm sendo feitos, em nosso país, por pesquisadores e estudiosos do campo. Tais estudos têm-se intensificado, principalmente a partir da década de 1990, têm sido apresentados em inúmeros congressos e seminários, bem como publicados em periódicos de expressiva circulação nacional. Recentes análises desses estudos destacam como as preocupações dos pesquisadores têm-se deslocado das relações entre currículo e conhecimento escolar para as relações entre currículo e cultura. Que aspectos têm provocado essa virada? Por que o foco tão forte em questões culturais? Resumidamente, cabe reconhecer, hoje, a preponderância da esfera cultural na organização de nossa vida social, bem como na teoria social contemporânea. O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula.

Stuart Hall, conhecido intelectual caribenho radicado na Grã-Bretanha e um dos fundadores do centro de pesquisas que foi o berço dos Estudos Culturais, na Universidade de Birmingham (Inglaterra), é especialmente incisivo nessa perspectiva.

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma política cultural.

Ainda, é inegável a pluralidade cultural do mundo em que vivemos e que se manifesta, de forma impetuosa, em todos os espaços sociais, inclusive nas escolas e nas salas de aula. Essa pluralidade frequentemente acarreta confrontos e conflitos, tornando cada vez mais agudos os desafios a serem enfrentados pelos profissionais da educação. No entanto, essa mesma pluralidade pode propiciar o enriquecimento e a renovação das possibilidades de atuação pedagógica. Antes, porém, de analisarmos as relações entre currículo e cultura, examinaremos o outro tema central das discussões sobre currículo – o conhecimento escolar. Procuraremos realçar sua importância para todos os que se envolvem no processo curricular e destacaremos o processo de sua elaboração em diferentes níveis do sistema educativo. Subjacente aos nossos comentários está a crença de que a escola precisa preparar-se para bem socializar os conhecimentos escolares e facilitar o acesso do(a) estudante a outros saberes. Subjacente aos nossos comentários está a crença de que os conhecimentos que se constroem e que circulam nos diferentes espaços sociais constituem direito de todos. ... A escola precisa preparar-se para bem socializar os conhecimentos escolares e facilitar o acesso do(a) estudante a outros saberes.

<u>Esclarecendo o que entendemos por conhecimento escolar</u>

Que devemos entender por conhecimento escolar? Reiteramos que ele é um dos elementos centrais do currículo e que sua aprendizagem constitui condição indispensável para que os conhecimentos socialmente produzidos possam ser apreendidos, criticados e reconstruídos por todos/as os/as estudantes do país. Daí a necessidade de um ensino ativo e efetivo, com um/a professor/a comprometido(a), que conheça bem, escolha, organize e trabalhe os conhecimentos a serem aprendidos pelos(as) alunos(as).

Daí a importância de selecionarmos, para inclusão no currículo, conhecimentos relevantes e significativos. Mas, para que nossos pontos de vista sejam bem compreendidos, é preciso esclarecer o que estamos considerando como qualidade e relevância na educação e no currículo. A nosso ver, uma educação de qualidade deve propiciar ao(à) estudante ir além dos referentes presentes em seu mundo cotidiano, assumindo-o e ampliando-o, transformando-se, assim, em um sujeito ativo na mudança de seu contexto. Que se faz necessário para que esse movimento ocorra? A nosso ver, são indispensáveis conhecimentos escolares que facilitem ao(à) aluno(a) uma compreensão acurada da realidade em que está inserido, que possibilitem uma ação consciente e segura no mundo imediato e que, além disso, promovam a ampliação de seu universo cultural. Entendemos relevância, então, como o potencial que o currículo possui de tornar as pessoas capazes de compreender o papel que devem ter na mudança de seus contextos imediatos e da sociedade em geral, bem como de ajudá-las a adquirir os conhecimentos e as habilidades necessárias para que isso aconteça. Relevância sugere conhecimentos e experiências que contribuam para formar sujeitos autônomos, críticos e criativos que analisem como as coisas passaram a ser o que são e como fazer para que elas sejam diferentes do que hoje são. Que implicações esses pontos de vistas têm para a prática curricular? Julgamos que uma educação de qualidade, como a que defendemos, requer a seleção de conhecimentos relevantes, que incentivem mudanças individuais e sociais, assim como formas de organização e de distribuição dos conhecimentos escolares que possibilitem sua apreensão e sua crítica. Tais processos necessariamente implicam o diálogo com os saberes disciplinares assim como com outros saberes socialmente produzidos. Referimo-nos a conhecimentos escolares relevantes e significativos. Mas talvez não tenhamos, até o momento, esclarecido suficientemente o que estamos denominando de conhecimento escolar. Que aspectos o caracterizam? Quem o constrói? Onde? Inicialmente, cabe ressaltar que concebemos o conhecimento escolar como uma construção específica da esfera educativa, não como uma mera simplificação de conhecimentos produzidos fora da escola. Consideramos, ainda, que o conhecimento escolar tem características próprias que o distinguem de outras formas de conhecimento. Ou seja, vemos o conhecimento escolar como um tipo de conhecimento produzido pelo sistema escolar e pelo contexto social e econômico mais amplo, produção essa que se dá em meio a relações de poder estabelecidas no aparelho escolar e entre esse aparelho e a sociedade. O currículo, nessa perspectiva, constitui um dispositivo em que se concentram as relações entre a sociedade e a escola, entre os saberes e as práticas socialmente construídos e os conhecimentos escolares. Podemos dizer que os primeiros constituem as origens dos segundos.

Em outras palavras, os conhecimentos escolares provêm de saberes e conhecimentos socialmente produzidos nos chamados "âmbitos de referência dos currículos". Que são esses âmbitos de referência? Podemos considerá-los como correspondendo:

(a) às instituições produtoras do conhecimento científico (universidades e centros de pesquisa);
(b) ao mundo do trabalho;
(c) aos desenvolvimentos tecnológicos;
(d) às atividades desportivas e corporais;
(e) à produção artística;
(f) ao campo da saúde;
(g) às formas diversas de exercício da cidadania;
(h) aos movimentos sociais.

Nesses espaços, produzem-se os diferentes saberes dos quais derivam os conhecimentos escolares. Os conhecimentos oriundos desses diferentes âmbitos são, então, selecionados e "preparados" para constituir o currículo formal, para constituir o conhecimento escolar que se ensina e se aprende nas salas de aula. Ressalte-se que, além desses espaços, a própria escola constitui local em que determinados saberes são também elaborados, ensinados e aprendidos. Exemplifique-se com a gramática escolar, historicamente criada pela própria escola, na escola e para a escola. Que importância tem para nós, professores e gestores, compreender o que se chama de conhecimento escolar? De que modo conhecer essa noção modifica nossa prática? Cientificamo-nos de que os conhecimentos ensinados na escola não são cópias exatas de conhecimentos socialmente construídos. Assim, não há como inserir, nas salas de aula e nas escolas, os saberes e as práticas tal como funcionam em seus contextos de origem. Para se tornarem conhecimentos escolares, os conhecimentos de referência sofrem uma descontextualização e, a seguir, um processo de recontextualização.

A atividade escolar, portanto, supõe uma certa ruptura com as atividades próprias dos campos de referência. Essa constatação certamente afeta o trabalho pedagógico. Como? Cientes das transformações por que passam os conhecimentos de referência até se tornarem conhecimentos escolares, não iremos mais supor que a escola possa ser organizada, para o ensino de Ciências, por exemplo, como um pequeno laboratório, similar aos que existem em outros locais. A investigação científica, tal como se desenvolve em um laboratório de pesquisas, é bem distinta da sequência de passos estipulados em um manual didático de experiências científicas escolares. Outro exemplo pode ser encontrado no campo das atividades desportivas. A prática do desporto apresenta, em locais de treinamento de atletas profissionais, características bem diferenciadas das experiências oferecidas ao(à) estudante nas aulas de Educação Física. Torna-se sem sentido, portanto, qualquer tentativa de transformar tais aulas em momentos de preparação de futuros atletas. Os dois exemplos citados permitem-nos perceber como a concepção de conhecimento escolar que propomos pode influir na seleção e na organização das experiências de aprendizagem a serem vividas por estudantes e docentes. Em síntese, a visão de conhecimento escolar por nós adotada, bem como o reconhecimento de que devemos trabalhar com conhecimentos significativos e relevantes, terão certamente efeitos no processo de elaboração do projeto político-pedagógico da escola. Mas em que consistem os mencionados processos de descontextualização e recontextualização do conhecimento escolar? Que processos são empregados na "fabricação" dos conhecimentos escolares? Mencionaremos alguns deles,

NOVA CONCURSOS

apoiando-nos em Terigi. Em primeiro lugar, destacamos a descontextualização dos saberes e das práticas, que costuma fazer com que o conhecimento escolar dê a impressão de "pronto", "acabado", impermeável a críticas e discussões. O processo de produção, com todos os seus conflitos e interesses, tende a ser omitido. Qual a consequência dessa omissão? O estudante acaba aprendendo simplesmente o produto, o resultado de um longo trajeto, cuja complexidade também se perde. Ao observarmos com cuidado os livros didáticos, podemos verificar que eles não costumam incluir, entre os conteúdos selecionados, os debates, as discordâncias, os processos de revisão e de questionamento que marcam os conhecimentos e os saberes em muitos de seus contextos originais. Dificilmente encontramos, em programas e em materiais didáticos, menções às disputas que se travam, por exemplo, no avanço do próprio conhecimento científico.

Devemos avaliar o processo de descontextualização que vimos discutindo como totalmente nocivo ao processo curricular? A nosso ver, certo grau de descontextualização se faz necessário no ensino, já que os saberes e as práticas produzidos nos âmbitos de referência do currículo não podem ser ensinados tal como funcionam em seu contexto de origem. Todavia, precisamos estar atentos para o risco de perda de sentido dos conhecimentos, possível de acontecer se trabalharmos com uma forte descontextualização. Conhecimentos totalmente descontextualizados, aparentemente "puros", perdem suas inevitáveis conexões com o mundo social em que são construídos e funcionam. Conhecimentos totalmente descontextualizados não permitem que se evidencie como os saberes e as práticas envolvem, necessariamente, questões de identidade social, interesses, relações de poder e conflitos interpessoais. Conhecimentos totalmente descontextualizados desfavorecem, assim, um ensino mais reflexivo e uma aprendizagem mais significativa. Não seria oportuno, então, que buscássemos, na escola, verificar se e como tais questões se expressam nos livros didáticos com que trabalhamos? Como, tendo em vista o que vimos apresentando, poderíamos pensar em novas estratégias de crítica e de utilização dos livros? Como poderíamos preencher algumas das "lacunas" neles observadas? Não seria pertinente procurarmos complementar os conhecimentos incluídos nos livros com informações e discussões referentes aos processos de construção dos conhecimentos de referência, tais como ocorrem em outros espaços sociais? Que interesses, conflitos e disputas os têm marcado? Como podemos nos informar melhor sobre tais processos? A quem podemos recorrer? Julgamos que o debate dessas e de outras questões similares pode, na escola, estimular novas e criativas formas de se trabalhar tanto o livro didático quanto outros materiais e outras fontes que nos auxiliam no complexo processo de favorecer a aprendizagem de nossos(as) estudantes. Em segundo lugar, ressaltamos a subordinação dos conhecimentos escolares ao que conhecemos sobre o desenvolvimento humano. Ou seja, os conhecimentos escolares costumam ser selecionados e organizados com base nos ritmos e nas sequências propostas pela psicologia do desenvolvimento. É bastante comum, em nossas salas de aula, o esforço do(a) professor(a) por escolher atividades e conteúdos que se mostrem adequados à etapa do desenvolvimento em que supostamente se encontra o(a) aluno(a). Em muitos casos, a consequência é ignorarmos o quanto muitos(as) de nossos(as) estudantes conseguem "queimar etapas" e aprender, de modo que nos surpreende, conhecimentos que julgávamos acima de seu alcance. Para o adolescente familiarizado com as inúmeras possibilidades oferecidas pela internet, o acesso a informações e saberes se faz, frequentemente, de modo não linear e não gradativo. Será que, na escola, estamos sabendo tirar suficiente proveito das vantagens resultantes do uso de novas tecnologias? Como poderíamos aproveitá-las melhor?

Em terceiro lugar, os conhecimentos escolares tendem a se submeter aos ritmos e às rotinas que permitem sua avaliação. Ou seja, tendemos a ensinar conhecimentos que possam ser, de algum modo, avaliados. Mas, é claro, nem todos os conteúdos são avaliados da mesma forma. Os que historicamente têm sido vistos como os mais "importantes" costumam ser avaliados segundo padrões vistos como mais "rigorosos", ainda que não se problematize quem ganha e quem perde com essa "hierarquia". Chega- se mesmo a aceitar, sem questionamentos, que as vozes de docentes de determinadas disciplinas sejam ouvidas, nos Conselhos de Classe, com mais intensidade que as de docentes de disciplinas em que o processo de avaliação não se centra em provas ou testes escritos. Em quarto lugar, o processo de construção do conhecimento escolar sofre, inegavelmente, efeitos de relações de poder. Recorrendo mais uma vez ao Conselho de Classe: a "hierarquia" que se encontra no currículo, com base na qual se valorizam diferentemente os conhecimentos escolares e se "justifica" a prioridade concedida à matemática em detrimento da língua estrangeira ou da geografia, deriva, certamente, de relações de poder. Nessa hierarquia, se supervalorizam as chamadas disciplinas científicas, secundarizando-se os saberes referentes às artes e ao corpo. Nessa hierarquia, separam-se a razão da emoção, a teoria da prática, o conhecimento da cultura. Nessa hierarquia, legitimam-se saberes socialmente reconhecidos e estigmatizam-se saberes populares. Nessa hierarquia, silenciam-se as vozes de muitos indivíduos e grupos sociais e classificam-se seus saberes como indignos de entrarem na sala de aula e de serem ensinados e aprendidos. Nessa hierarquia, reforçam-se relações de poder favoráveis à manutenção das desigualdades e das diferenças que caracterizam nossa estrutura social. De que modo a compreensão dos processos de construção do conhecimento escolar é útil ao(à) professor(a)? Se o(a) professor(a) entende como o conhecimento escolar se produz, saberá melhor distinguir em que momento os mecanismos implicados nessa produção estão favorecendo ou atravancando o trabalho docente. Em outras palavras, a compreensão do processo de construção do conhecimento escolar facilita ao professor uma maior compreensão do próprio processo pedagógico, o que pode estimular novas abordagens, na tentativa tanto de bem selecionar e organizar os conhecimentos quanto de conferir uma orientação cultural ao currículo. Vejamos, então, como abordar, nas decisões curricu-

lares, a diversidade cultural que marca nossa sociedade. ... O processo de construção do conhecimento escolar sofre, inegavelmente, efeitos de relações de poder.

Cultura, diversidade cultural e currículo

Que entendemos pela palavra cultura? Talvez seja útil esclarecermos, inicialmente, como a estamos concebendo, já que seus sentidos têm variado ao longo dos tempos, particularmente no período da transição de formações sociais tradicionais para a modernidade (Bocock, 1995; Canen e Moreira, 2001). Acreditamos que tal esclarecimento pode subsidiar a discussão das relações entre currículo e cultura. O primeiro e mais antigo significado de cultura encontra-se na literatura do século XV, em que a palavra se refere a cultivo da terra, de plantações e de animais. É nesse sentido que entendemos palavras como agricultura, floricultura, suinocultura. O segundo significado emerge no início do século XVI, ampliando a ideia de cultivo da terra e de animais para a mente humana. Ou seja, passa-se a falar em mente humana cultivada, afirmando-se mesmo que somente alguns indivíduos, grupos ou classes sociais apresentam mentes e maneiras cultivadas e que somente algumas nações apresentam elevado padrão de cultura ou civilização. No século XVIII, consolida-se o caráter classista da ideia de cultura, evidente na ideia de que somente as classes privilegiadas da sociedade europeia atingiriam o nível de refinamento que as caracterizaria como cultas. O sentido de cultura, que ainda hoje a associa às artes, tem suas origens nessa segunda concepção: cultura, tal como as elites a concebem, corresponde ao bem apreciar música, literatura, cinema, teatro, pintura, escultura, filosofia. Será que não encontramos vestígios dessa concepção tanto em alguns de nossos atuais currículos como em textos que se escrevem sobre currículo? Para alguns docentes, o estudo da literatura, por exemplo, ainda tende a se restringir a escritores e livros vistos como clássicos.

Para alguns estudiosos da cultura e da educação, os grandes autores, as grandes obras e as grandes ideias deveriam constituir o núcleo central dos currículos de nossas escolas. Já no século XX, a noção de cultura passa a incluir a cultura popular, hoje penetrada pelos conteúdos dos meios de comunicação de massa. Diferenças e tensões entre os significados de cultura elevada e de cultura popular acentuam-se, levando a um uso do termo cultura que se marca por valorizações e avaliações. Será que algumas de nossas escolas não continuam a fechar suas portas para as manifestações culturais associadas à cultura popular, contribuindo, assim, para que saberes e valores familiares a muitos(as) estudantes sejam desvalorizados e abandonados na entrada da sala de aula? Poderia ser diferente? Como? Um terceiro sentido da palavra cultura, originado no Iluminismo, a associa a um processo secular geral de desenvolvimento social. Esse significado é comum nas ciências sociais, sugerindo a crença em um processo harmônico de desenvolvimento da humanidade, constituído por etapas claramente definidas, pelo qual todas as sociedades inevitavelmente passam. Tal processo acaba equivalendo, por "coincidência", aos rumos seguidos pelas sociedades europeias, as únicas a atingirem o grau mais elevado de desenvolvimento. Há ainda reflexos dessa visão no currículo? Parece-nos que sim. Em alguns cursos de História, por exemplo, as referências se fazem, dominantemente, às histórias dos povos "desenvolvidos", o que nos aliena dos esforços e dos rumos seguidos na maioria dos países que formam o chamado Terceiro Mundo Em um quarto sentido, a palavra "culturas" (no plural) corresponde aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos (nações, classes sociais, grupos étnicos, culturas regionais, geracionais, de gênero etc) e períodos históricos. Trata-se de uma visão antropológica de cultura, em que se enfatizam os significados que os grupos compartilham, ou seja, os conteúdos culturais. Cultura identifica-se, assim, com a forma geral de vida de um dado grupo social, com as representações da realidade e as visões de mundo adotadas por esse grupo. A expressão dessa concepção, no currículo, poderá evidenciar-se no respeito e no acolhimento das manifestações culturais dos(as) estudantes, por mais desprestigiadas que sejam. Finalmente, um quinto significado tem tido considerável impacto nas ciências sociais e nas humanidades em geral. Deriva da antropologia social e também se refere a significados compartilhados. Diferentemente da concepção anterior, porém, ressalta a dimensão simbólica, o que a cultura faz, em vez de acentuar o que a cultura é. Nessa mudança, efetua- se um movimento do que para o como. Concebe-se, assim, a cultura como prática social, não como coisa (artes) ou estado de ser (civilização). Nesse enfoque, coisas e eventos do mundo natural existem, mas não apresentam sentidos intrínsecos: os significados são atribuídos a partir da linguagem. Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem. A palavra cultura implica, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo. São os arranjos e as relações envolvidas em um evento que passam, dominantemente, a despertar a atenção dos que analisam a cultura com base nessa quinta perspectiva, passível de ser resumida na ideia de que cultura representa um conjunto de práticas significantes. Não será pertinente considerarmos também o currículo como um conjunto de práticas em que significados são construídos, disputados, rejeitados, compartilhados? Como entender, então, as relações entre currículo e cultura? Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem. A palavra cultura implica, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo.

Se entendermos o currículo, como propõe Williams, como escolhas que se fazem em vasto leque de possibilidades, ou seja, como uma seleção da cultura, podemos concebê-lo, também, como conjunto de práticas que produzem significados. Nesse sentido, considerações de Silva podem ser úteis. Segundo o autor, o currículo é o espaço em que se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e sobre o político.

É por meio do currículo que certos grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua "verdade". O currículo representa, assim, um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais. O currículo é, por consequência, um dispositivo de grande efeito no processo de construção da identidade do(a) estudante. Não se mostra, então, evidente a íntima relação entre currículo e cultura? Se, em uma sociedade cindida, a cultura é um terreno no qual se processam disputas pela preservação ou pela superação das divisões sociais, o currículo é um espaço em que esse mesmo conflito se manifesta. O currículo é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura. O currículo é um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados. O currículo não é um veículo que transporta algo a ser transmitido e absorvido, mas sim um lugar em que, ativamente, em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura. Currículo refere-se, portanto, a criação, recriação, contestação e transgressão. Como todos esses processos se "concretizam" no currículo? Pode-se dizer que no currículo se evidenciam esforços tanto por consolidar as situações de opressão e discriminação a que certos grupos sociais têm sido submetidos, quanto por questionar os arranjos sociais em que essas situações se sustentam. Isso se torna claro ao nos lembrarmos dos inúmeros e expressivos relatos de práticas, em salas de aulas, que contribuem para cristalizar preconceitos e discriminações, representações estereotipadas e desrespeitosas de certos comportamentos, certos estudantes e certos grupos sociais. Em Conselhos de Classe, algumas dessas visões, lamentavelmente, se refletem em frases como: "vindo de onde vem, ele não podia mesmo dar certo na escola!". Ao mesmo tempo, há inúmeros e expressivos relatos de práticas alternativas em que professores(as) desafiam as relações de poder que têm justificado e preservado privilégios e marginalizações, procurando contribuir para elevar a autoestima de estudantes associados a grupos subalternizados. O currículo é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura. O currículo é um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados.

Ou seja, no processo curricular, distintas e complexas têm sido as respostas dadas à diversidade e à pluralidade que marcam de modo tão agudo o panorama cultural contemporâneo. Cabe também ressaltar a significativa influência exercida, junto às crianças e aos adolescentes que povoam nossas salas de aula, pelos "currículos" por eles "vividos" em outros espaços socioeducativos (shoppings, clubes, associações, igrejas, meios de comunicação, grupos informais de convivência etc), nos quais se fazem sentir com intensidade muitos dos complexos fenômenos associáveis ao processo de globalização que hoje vivenciamos. Nesses outros espaços extraescolares, os currículos tendem a se organizar com objetivos distintos dos currículos escolares, o que faz com que valores como padronização, consumismo, individualismo, sexismo e etnocentrismo possam entrar em acirrada competição com outras metas, visadas por escolas e famílias. Vale perguntar: como temos, nas salas de aula, reagido a esse "confuso" panorama em que a diversidade se faz tão presente? Como temos nos esforçado para desestabilizar privilégios e discriminações? Como temos buscado neutralizar influências "indesejáveis"? Como temos, na escola, dialogado com os "currículos" desses outros espaços? Em resumo, o complexo, variado e conflituoso cenário cultural em que estamos imersos se reflete no que ocorre em nossas salas de aula, afetando sensivelmente o trabalho pedagógico que nelas se processa. Voltamos a perguntar: como as diferenças derivadas de dinâmicas sociais como classe social, gênero, etnia, sexualidade, cultura e religião têm "contaminado" nosso currículo, tanto o currículo formal quanto o currículo oculto? Como temos considerado, no currículo, essa pluralidade, esse caráter multicultural de nossa sociedade? Como articular currículo e multiculturalismo? Que estratégias pedagógicas podem ser selecionadas? Temos, professores e gestores, reservado tempo e espaço suficientes para que essas discussões aconteçam nas escolas? Como nossos projetos político-pedagógicos têm incorporado tais preocupações? Como temos atendido ao que determina a Lei nº 10639/2003, que torna obrigatório, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, o ensino sobre História e Cultura afro-brasileira? De que modo os professores se têm inteirado das lutas e conquistas dos negros, das mulheres, dos homossexuais e de outros grupos minoritários oprimidos? Sem pretender oferecer respostas prontas a serem aplicadas em quaisquer situações, move-nos a intenção de apresentar alguns princípios que possam nortear a construção coletiva, em cada escola, de currículos que visem a enfrentar alguns dos desafios que a diversidade cultural nos tem trazido. Fundamentamo-nos, nesse propósito, em estudos, pesquisas, práticas e depoimentos de docentes comprometidos com uma escola cada vez mais democrática. Nossa intenção é convidar o profissional da educação a engajar- se no instigante processo de pensar e desenvolver currículos para essa escola.

Desejamos, com os princípios que vamos sugerir, intensificar a sensibilidade do(a) docente e do gestor para a pluralidade de valores e universos culturais, para a necessidade de um maior intercâmbio cultural no interior de cada sociedade e entre diferentes sociedades, para a conveniência de resgatar manifestações culturais de determinados grupos cujas identidades se encontram ameaçadas, para a importância da participação de todos no esforço por tornar o mundo menos opressivo e injusto, para a urgência de se reduzirem discriminações e preconceitos. O objetivo maior concentra-se, cabe destacar, na contextualização e na compreensão do processo de construção das diferenças e das desigualdades. Nosso propósito é que os currículos desenvolvidos tornem evidente que elas não são naturais; são, ao contrário, "invenções/construções" históricas de homens e mulheres, sendo, portanto, passíveis de serem desestabilizadas e mesmo transformadas. Ou seja, o existente nem pode ser aceito sem questionamento nem é imutável; constitui-se, sim, em estímulo para resistências, para críticas e para a formulação e a promoção de novas situações pedagógicas e novas relações sociais.

Princípios para a construção de currículos multiculturalmente orientados

Passemos aos nossos princípios. Insistimos, inicialmente, na necessidade de uma nova postura, por parte do professorado e dos gestores, no esforço por construir currículos culturalmente orientados. Propomos, a seguir, que se reescrevam os conhecimentos escolares, que se evidencie a ancoragem social desses conhecimentos, bem como que se transforme a escola e o currículo em espaços de crítica cultural, de diálogo e de desenvolvimento de pesquisas. Esperamos que nossos princípios possam nortear a escolha de novos conteúdos, a adoção de novos procedimentos e o estabelecimento de novas relações na escola e na sala de aula.

A necessidade de uma nova postura

Elaborar currículos culturalmente orientados demanda uma nova postura, por parte da comunidade escolar, de abertura às distintas manifestações culturais. Faz-se indispensável superar o "daltonismo cultural", ainda bastante presente nas escolas. O professor "daltônico cultural" é aquele que não valoriza o "arco-íris de culturas" que encontra nas salas de aulas e com que precisa trabalhar, não tirando, portanto, proveito da riqueza que marca esse panorama. É aquele que vê todos os estudantes como idênticos, não levando em conta a necessidade de estabelecer diferenças nas atividades pedagógicas que promove. O daltonismo cultural a que nos referimos expressa-se, por exemplo, na visão da professora de uma escola normal que desencoraja uma pesquisadora interessada em compreender o tratamento dado, na escola, a questões referentes a racismo na formação docente. "Lamento, mas aqui você não terá material para seu estudo. Não temos problema nenhum de racismo aqui. Eu, por exemplo, ao entrar em sala, trato todos os meus alunos como se fossem brancos". O daltonismo é tão intenso que chega a impedir que a professora reconheça a presença da diversidade (e de suas consequências) na escola. Em casos como esse, pode ser útil, em um primeiro momento, buscarmos sensibilizar o corpo docente para a pluralidade e para a diversidade. Como fazê-lo? Que estratégias empregar nessa tarefa, para que se possa ter a maior adesão possível dos que ainda não perceberam a importância de tais aspectos? Nessa perspectiva, é importante articular o aprofundamento teórico com vivências de experiências em que os/as profissionais da educação são convidados/as a se colocar "em situação" e analisar as suas próprias reações. Como se sentiriam e reagiriam, por exemplo, se, como algumas pessoas negras ainda têm sido, fossem impedidos(as) de entrar pela "porta da frente" em um edifício residencial ou em um hotel de luxo?

Outra estratégia possível diz respeito ao resgate de histórias de vida e análise de estudos de caso reais, trazidos pelos próprios educadores ou registrados em pesquisas realizadas sobre tal temática. Talvez alguns docentes se estimulem a apresentar e a discutir situações em que se viram, eles próprios, discriminados, ou em que presenciaram pessoas sendo depreciadas e desrespeitadas. Como se comportaram nesses momentos? Em resumo, a ruptura do daltonismo cultural e da visão monocultural da dinâmica escolar é um processo pessoal e coletivo que exige desconstruir e desnaturalizar estereótipos e "verdades" que impregnam e configuram a cultura escolar e a cultura da escola. Após a adoção de uma nova postura frente à pluralidade, outros princípios e propósitos podem mostrar-se úteis na formulação dos currículos. Vejamos alguns deles.

O currículo com um espaço em que se reescreve o conhecimento escolar

Sugerimos que se procure, no currículo, reescrever o conhecimento escolar usual, tendo-se em mente as diferentes raízes étnicas e os diferentes pontos de vista envolvidos em sua produção. No processo de construção do conhecimento escolar, que já abordamos, se "retiram" os interesses e os objetivos usualmente envolvidos na pesquisa e na produção do conhecimento de origem. O conhecimento escolar tende a ficar, em decorrência desse processo, "asséptico", "neutro", despido de qualquer "cor" ou "sabor". O que estamos desejando, em vez disso, é que os interesses ocultados sejam identificados, evidenciados e subvertidos, para que possamos, então, reescrever os conhecimentos. Desejamos que o aluno perceba o quanto, em Geografia, os conhecimentos referentes aos diversos continentes foram construídos em íntima associação com o interesse, de certos países, em aumentar suas riquezas pela conquista e colonização de outros povos. Em conformidade com essa proposta, encontram-se já numerosos(as) professores(as) de História que não mais se contentam em ensinar aos(às) estudantes apenas a visão do dominante, do vencedor. Já se fazem frequentes, em suas aulas na escola fundamental, discussões como: o Brasil foi descoberto ou invadido pelos portugueses? A Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, pretendeu de fato beneficiar os escravos? Domingos Fernandes Calabar deve ser mesmo considerado um traidor? Em 1964 houve uma revolução ou um golpe? Esses e outros inúmeros pontos controversos de nossa História são discutidos por docentes e alunos(as), o que faz brotar uma análise bem mais lúcida dos diferentes e conflitantes motivos implicados nos fatos históricos, antes vistos como "objetivos" e tratados com base em uma única versão, aceita sem questionamento.

A consequência é que a análise se amplia e se enriquece pelo confronto de pontos de vista. Além dessa ampliação da análise, muitos docentes têm também procurado incluir no currículo outras Histórias: a das mulheres, a dos povos indígenas, a dos negros, por exemplo. Tais inclusões preenchem algumas das lacunas mais encontradas nas propostas curriculares oficiais, trazendo à cena vozes e culturas negadas e silenciadas no currículo. Segundo Torres Santomé, as culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ ou marginalizados que não dispõem de estruturas de poder costumam ser excluídas das salas de aula, chegando mesmo a ser deformadas ou estereotipadas, para que se dificultem (ou de fato se anulem) suas possibilidades de reação, de luta e de afirmação de direitos. Cabe

evitar atribuir qualquer caráter exótico às manifestações culturais de grupos minoritários. Ademais, sua presença no currículo não deve assumir o tom fortuito, "turístico", tão criticado por Torres Santomé. É preciso que os estudos desenvolvidos venham a catalisar, junto aos membros das culturas negadas e silenciadas, a formação de uma auto-imagem positiva. Para esse mesmo propósito, pode ser útil a discussão, em diferentes disciplinas, dos rumos de diferentes movimentos sociais (negros, mulheres, indígenas, homossexuais), para que se compreendam e se acentuem avanços, dificuldades e desafios. Líderes desses grupos podem ser convidados a participar das atividades. Exposições e cartazes podem ilustrar trajetórias e conquistas. Cabe esclarecer que não estamos argumentando a favor do efeito Robin Hood, segundo o qual se tira de um para dar ao outro, ou seja, não estamos recomendando que simplesmente se substitua um conhecimento por outro. O que estamos sugerindo é que se explorem e se confrontem perspectivas, enfoques e intenções, para que possam vir à tona propósitos, escolhas, disputas, relações de poder, repressões, silenciamentos, exclusões. O trabalho com notícias difundidas pela mídia, frequentemente derivadas de leituras distintas e até mesmo contraditórias dos fatos, assim como com músicas, vídeos e outras produções culturais, permite ilustrar com clareza os confrontos que pretendemos ver explicitados. Examinando diferentes interpretações, os(as) alunos(as) poderão melhor perceber, por exemplo, os objetivos e os jogos, por vezes escusos, implicados em muitas medidas de nossos políticos e governantes. Certamente a análise atenta e a discussão crítica de notícias referentes à decisão de invadir o Iraque, tomada pelo presidente George Bush, após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, poderão ajudar o(a) aluno(a) a contrapor à versão oficial norte-americana uma outra versão dos acontecimentos em pauta.

A leitura crítica de jornais permite também verificar como, na França, se tenta impedir que meninas muçulmanas frequentem as salas de aula usando seus véus. A justificativa é que as escolas francesas são seculares e que os símbolos religiosos, portanto, devem ser banidos de suas práticas. Proibições similares têm ocorrido também na Alemanha, vetando-se às professoras o uso do véu. O que não se divulga é como tal medida acaba por solapar importante elemento da identidade dessas jovens, desrespeitando o direito à diferença que deve pautar toda sociedade que se quer democrática, plural e inclusiva. Ou seja, a compreensão dos diferentes pontos de vista envolvidos na contenda permite que o(a) aluno(a) desconstrua o olhar do poder hegemônico e infira que outros olhares descortinam outros ângulos, outras razões, outros interesses. Leva-o(a) a compreender melhor alguns dos elementos que promovem a persistência, no mundo de hoje, do ódio, da violência, do racismo, da xenofobia, do fundamentalismo. Não será indispensável que a escola procure denunciar e colocar em xeque essa persistência? Professores dos primeiros anos do ensino fundamental podem também estimular o(a) aluno(a) a reescrever conhecimentos, saberes, mitos, costumes, lendas, contos. Inúmeras histórias infantis, por exemplo, têm sido reescritas com base no emprego de pontos de vista distintos dos usuais. O caso dos Três Porquinhos pode surpreender se a figura do Lobo representar o especulador imobiliário que tão bem conhecemos.

As atitudes da Cigarra e da Formiga podem ser reavaliadas, tendo-se em mente a forma como se concebem e se organizam trabalho e lazer na sociedade contemporânea. O desfecho do passeio de Chapeuzinho Vermelho à casa da avó pode ser outro, caso imaginemos novos perfis e novas relações para os personagens da história. Ou seja, de novos patamares podemos perceber novos horizontes, novas trajetórias, novas possibilidades. O que estamos sugerindo é que nos situemos, na prática pedagógica culturalmente orientada, além da visão das culturas como inter-relacionadas, como mutuamente geradas e influenciadas, e procuremos facilitar a compreensão do mundo pelo olhar do subalternizado. No currículo, trata-se de desestabilizar o modo como o outro é mobilizado e representado. "O olhar do poder, suas normas e pressupostos, precisa ser desconstruído". Ou seja, trata-se de desafiar a ótica do dominante e de promover o atrito de diferentes abordagens, diferentes obras literárias, diferentes interpretações de eventos históricos, para que se favoreça ao(à) aluno(a) entender como o conhecimento socialmente valorizado tem sido escrito de uma dada forma e como pode, então, ser reescrito. Não se espera, cabe reiterar, substituir um conhecimento por outro, mas sim propiciar aos(às) estudantes a compreensão das relações de poder envolvidas na hierarquização das manifestações culturais e dos saberes, assim como nas diversas imagens e leituras que resultam quando certos olhares são privilegiados em detrimento de outros. Nessa perspectiva, é importante que consideremos a escola como um espaço de cruzamento de culturas e saberes. A escola deve ser concebida como um espaço ecológico de cruzamento de culturas. A responsabilidade específica que a distingue de outros espaços de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia é exatamente a possibilidade de promover análises e interações das influências plurais que as diferentes culturas exercem, de forma permanente, sobre as novas gerações.

O responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e as alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletidas nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social, constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional, presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.

Conceber a dinâmica escolar nesse enfoque supõe repensar seus diferentes componentes e romper com a tendência homogeneizadora e padronizadora que impregna suas práticas. Para Moreira e Candau, a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortá-

vel com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar.

A escola precisa, assim, acolher, criticar e colocar em contato diferentes saberes, diferentes manifestações culturais e diferentes óticas. A contemporaneidade requer culturas que se misturem e ressoem mutuamente, que convivam e se modifiquem. Que se modifiquem modificando outras culturas pela convivência ressonante. Ou seja, um processo contínuo, que não pare nunca, por não se limitar a um dar ou receber, mas por ser contaminação, ressonância.

O currículo como um espaço em que se explicita a ancoragem social dos conteúdos

Sugerimos, como outra estratégia (intimamente relacionada à anterior), que se desenvolva nos(as) estudantes a capacidade de perceber o que tem sido denominado de ancoragem social dos conteúdos. Pretendemos que se propicie uma maior compreensão de como e em que contexto social um dado conhecimento surge e se difunde. Nesse sentido, vale examinar como um determinado conceito foi proposto historicamente, por que se tornou ou não aceito, por que permaneceu ou foi substituído, que tipos de discussões provocou, de que forma promoveu o avanço do conhecimento na área em pauta e, ainda, como esse avanço propiciou benefícios (ou não) à humanidade (ou a certos grupos da humanidade). Não seria estimulante envolvermos nossos(as) estudantes nas lutas travadas em torno da aceitação do modelo heliocêntrico do universo? Não seria enriquecedor acompanharmos e situarmos na história o surgimento e as transformações dos modelos de átomo, discutindo suas contribuições para o avanço da ciência e da tecnologia? O que estamos propondo é que se evidenciem, no currículo, a construção social e os rumos subsequentes dos conhecimentos, cujas raízes históricas e culturais tendem a ser usualmente "esquecidas", o que faz com que costumem ser vistos como indiscutíveis, neutros, universais, intemporais.

Trata- se de questionar a pretensa estabilidade e o caráter aistórico do conhecimento produzido no mundo ocidental, cuja hegemonia tem sido incontestável. Trata- se, mais uma vez, de caminhar na contramão do processo de transposição didática, durante o qual usualmente se costumam eliminar os vestígios da construção histórica dos saberes. Procurando ilustrar nosso ponto de vista com outros exemplos, sugerimos perguntas que, no ensino das Ciências Naturais, podem se revelar bastante pertinentes. Eis algumas delas:

(a) onde situar as origens da ciência: em culturas europeias ou culturas não europeias?

(b) em que medida a ciência moderna pode ser considerada ocidental?

(c) existem ou podem vir a existir ciências, elaboradas em outras culturas, que também "funcionem", que também expliquem a realidade?

(d) por que a escola insiste em apresentar a ciência ocidental como a única possibilidade?

(e) que conflitos se encontram subjacentes aos processos de construção e de difusão do conhecimento científico?

(f) que debates têm sido gerados pela introdução, na comunidade científica, de novas teorias?

(g) por que a escola insiste em apresentar uma teoria consensual da ciência, subestimando as divergências referentes a temáticas priorizadas, metodologias, fundamentos teóricos, objetivos?

Acreditamos que a exploração de questões como essas, em um curso de Ciências Naturais, tanto ajuda a desafiar a suposta neutralidade cultural da ciência quanto a iluminar perspectivas e possibilidades insuspeitadas de desenvolvimento científico.

O princípio que estamos defendendo nos instiga também a relacionar os conteúdos curriculares às experiências culturais dos(as) estudantes e ao mundo concreto, o que permite analisar quem lucra e quem perde com as formas de emprego desses conhecimentos. Experiência desenvolvida por um pesquisador canadense, John Willinsky, pode ser associada a esse enfoque. Bastante crítico da forma como habitualmente se analisam obras poéticas nas salas de aula, despindo-as de seus propósitos culturais e estéticos, o autor, ao ser desafiado por um estudante para dar uma unidade de Literatura em uma turma de ensino médio, abandonou a antologia tradicionalmente empregada. Optou, então, por formular, com os(as) alunos(as), uma antologia alternativa que abrigasse as diferentes vozes e identidades que hoje povoam o Canadá e que pudesse trazer à cena cultura, vida, dor, sangue, paixão, sensibilidade, assim como desafiar relações de poder que garantem a continuidade de diferenças e desigualdades no mundo contemporâneo. O que os(as) estudantes escolheram para compor a nova antologia abriu as portas da sala de aula para suas posições históricas, experiências, visões de mundo. Ainda: denunciou a persistente hegemonia da cultura de origem europeia, claramente expressa na herança colonial que continua a se infiltrar no currículo. Não se está diante de uma confirmação de que visões da cultura como mente cultivada ou como desenvolvimento social atrelado aos padrões europeus continuam presentes nos currículos escolares? O mesmo autor nos oferece outro exemplo que também se harmoniza com o princípio que estamos defendendo. Pergunta- nos se é possível dividirmos a realidade humana em culturas, raças, histórias, tradições e sociedades claramente diferentes e conseguirmos suportar, com dignidade, as consequências dessas classificações. Insiste, então, no questionamento do caráter aparentemente natural, científico mesmo, dessas divisões. Para isso, acrescenta, há que se compreender a dinâmica histórica das categorias por meio das quais temos sido rotulados, identificados, definidos e situados na estrutura social. Para isso, há que se focalizar, no currículo, a construção dessas categorias. Somente assim iremos desafiar seus significados e abrir espaço, na escola e na sala de aula, para a diversidade. Ou seja, Willinsky rejeita a ideia de que existe uma verdade, uma essência ou um núcleo em qualquer categoria. Incentiva-nos, nas diferentes disciplinas curriculares, a tornar evidente e a desestabilizar a construção histórica de categorias que nos têm marcado, tais como

raça, nação, sexualidade, masculinidade, feminilidade, idade, religião etc. Com essa estratégia, pretende explicitar como o mundo tem sido dividido.

Aceitando e seguindo a orientação de Willinsky, poderíamos planejar coletivamente, na escola, nas distintas disciplinas, a análise, durante determinado período de tempo, de como a ideia de raça, por exemplo, vem sendo empregada para garantir privilégios e legitimar atos de opressão. Exemplifiquemos. Em Ciências, poderíamos problematizar o caráter supostamente científico da categoria, até hoje evocado em muitos textos. Em História, poderíamos examinar como a categoria tem justificado processos de colonização, de rotulação, de hierarquização de grupos e culturas, de escravidão, de restrição a migrações. Em Geografia, poderíamos explicitar como a categoria raça se tem acrescentado, de modo harmônico, às razões apresentadas para conquistas, novas distribuições de espaços, novos mapas. Em Literatura, a discussão de representações das raças em diferentes textos literários propiciaria verificar o que essas representações têm valorizado, distinguido, incluído e excluído. Em Educação Física, poderíamos desmistificar a imagem do negro como o "atleta perfeito", como o corpo que melhor se presta para o salto, a corrida, o jogo, a dança, o movimento.

O currículo como espaço de reconhecimento de nossas identidades culturais

Um aspecto a ser trabalhado, que consideramos de especial relevância, diz respeito a se procurar, na escola, promover ocasiões que favoreçam a tomada de consciência da construção da identidade cultural de cada um de nós, docentes e gestores, relacionando-a aos processos socioculturais do contexto em que vivemos e à história de nosso país. O que temos constatado é a pouca consciência que, em geral, temos desses processos e do cruzamento de culturas neles presente. Tendemos a uma visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos e de nossos alunos e alunas, em que a identidade cultural é muitas vezes vista como um dado, como algo que nos é impresso e que perdura ao longo de toda nossa vida. Desvelar essa realidade e favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das identidades culturais é fundamental, articulando- se as dimensões pessoal e coletiva desses processos. Constitui um exercício fundamental tornarmo-nos conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos em que misturam ou se silenciam determinados pertencimentos culturais, bem como sermos capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los. Constitui um exercício fundamental tornarmo-nos conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos em que misturam ou se silenciam determinados pertencimentos culturais, bem como sermos capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los.

Como favorecer essa tomada de consciência? Alguns exercícios podem ser propostos, buscando-se criar oportunidades em que o profissional da educação se estimule a falar sobre como percebe a construção de sua identidade. Como vêm sendo criadas nossas identidades de gênero, raça, sexualidade, classe social, idade, profissão? Como temos aprendido a ser quem somos, como profissionais da educação, brasileiros(as), homens, mulheres, casados(as), solteiros(as), negros(as), brancos(as), jovens ou idosos(as)? Nesses momentos, tem sido bastante frequente a afirmação "nunca pensei na formação da minha identidade cultural", ou então "me considero uma órfã do ponto de vista cultural", expressão usada por uma professora jovem, querendo se referir à dificuldade de nomear os referentes culturais configuradores de sua trajetória de vida. A socialização em pequenos grupos, entre os(as) educadores(as), dos relatos sobre a construção de suas identidades culturais pode se revelar uma experiência profundamente vivida, muitas vezes carregada de emoção, que dilata tanto a consciência dos próprios processos de formação identitária do ponto de vista cultural, quanto a sensibilidade para favorecer esse mesmo dinamismo nas práticas educativas que organizamos. Nesses processos, podemos nos dar conta da complexidade envolvida na configuração dos distintos traços identitários que coexistem, por vezes contraditoriamente, na construção das diferenças de que somos feitos.

O currículo como espaço de questionamento de nossas representações sobre os "outros"

Junto ao reconhecimento da própria identidade cultural, outro elemento a ser ressaltado relaciona-se às representações que construímos dos outros, daqueles que consideramos diferentes. As relações entre nós e os outros estão carregadas de dramaticidade e ambiguidade. Em sociedades nas quais a consciência das diferenças se faz cada vez mais forte, reveste-se de especial importância aprofundarmos questões como: quem incluímos na categoria nós? Quem são os outros? Quais as implicações dessas questões para o currículo? Como nossas representações dos outros se refletem nos currículos? Esses são temas fundamentais que estamos desafiados a trabalhar nas relações sociais e, particularmente, na educação. Nossa maneira de nos situarmos em relação aos outros tende a construir-se em uma perspectiva etnocêntrica. Quem são os nós? Tendemos a incluir na categoria nós todas aquelas pessoas e aqueles grupos sociais que têm referenciais semelhantes aos nossos, que têm hábitos de vida, valores, estilos e visões de mundo que se aproximam dos nossos e os reforçam. Quem são os outros? Tendem a ser os que entram em choque com nossas maneiras de nos situarmos no mundo, por sua classe social, etnia, religião, valores, tradições, sexualidade etc.

Como temos entendido esse outro? Para Skliar e Duschatzky, principalmente de três formas distintas: o outro como fonte de todo mal, o outro como sujeito pleno de um grupo cultural, o outro como alguém a tolerar. A primeira perspectiva, segundo os autores, marcou predominantemente as relações sociais durante o século XX e pode se revestir de diferentes formas, desde a eliminação física do outro, até a coação interna, mediante a regulação de costumes e moralidades. Nesse modo de nos situarmos diante do outro, assumimos uma visão binária e dicotômica. Em um lado separamos os bons, os verdadeiros, os autênticos, os civilizados, cultos, defensores da liberdade e da paz. Em

outro, deixamos os outros: os maus, os falsos, os bárbaros, os ignorantes e os terroristas. Se nos identificamos com os primeiros, o que temos a fazer é eliminar, neutralizar, dominar ou subjugar os outros. Caso nos sintamos representados como integrantes do pólo oposto, ou internalizamos a nossa maldade e nos deixamos salvar, passando para o lado dos bons, ou nos confrontamos violentamente com eles. Como essa primeira perspectiva se traduz na escola? Mostra-se presente quando: (a) atribuímos o fracasso escolar dos(as) alunos(as) às suas características sociais ou étnicas; (b) diferenciamos os tipos de escolas segundo a origem social dos(as) estudantes, considerando que alguns têm maior potencial que outros e, para desenvolvermos uma educação de qualidade, não podemos misturar estudantes de diferentes potenciais; (c) nos situamos, como professores(as), diante dos(as) alunos(as), com base em estereótipos e expectativas diferenciadas segundo a origem social e as características culturais dos grupos de referência; (d) valorizamos exclusivamente o racional e desvalorizamos os aspectos afetivos presentes nos processos educacionais; (e) privilegiamos somente a comunicação verbal, desconsiderando outras formas de comunicação humana, como a corporal, a artística etc.

Ao considerarmos o outro como sujeito pleno de uma marca cultural, estamos concebendo-o como membro de uma dada cultura, vista como uma comunidade homogênea de crenças e estilos de vida. O outro, ainda que não seja a fonte de todo mal, é diferente de nós, tem uma essência claramente definida, distinta da que nos caracteriza. Na área da educação, essa visão se expressa, por exemplo, quando nos limitamos a abordar o outro de forma genérica e "folclórica", apenas em dias especiais, usualmente incluídos na lista dos festejos escolares, tais como o Dia do Índio ou Dia da Consciência Negra. Já a expressão o outro como alguém a tolerar convida tanto a admitir a existência de diferenças quanto a aceitá-las. Nessa admissão, contudo, reside um paradoxo. Se aceitamos, por princípio, todo e qualquer diferente, deveríamos aceitar os grupos cujas marcas são comportamentos anti-sociais ou opressivos, como os racistas. Que consequências a adoção dessa perspectiva pode ter para a prática pedagógica? Julgamos que a simples tolerância pode nos situar em uma posição débil, evitando que tomemos posição em relação aos valores que dominam a cultura contemporânea. Pode impedir que polemizemos, levando-nos a assumir a conciliação como valor último. Pode incentivar-nos a não questionar a "ordem", vendo-a como comportamentos a serem inevitavelmente cultivados. Poderíamos acrescentar outras formas de nos situar diante dos outros. No entanto, acreditamos que a tipologia proposta por Skliar e Duschatzky expressa as posições mais presentes na nossa sociedade hoje, evidenciando a complexidade das questões relacionadas à alteridade e à diferença. O que desejamos destacar é que o modo como concebemos a condição humana pode bloquear nossa compreensão dos outros. Portanto, é importante promovermos processos educacionais nos quais identifiquemos e desconstruamos nossas suposições, em geral implícitas, que não nos permitem uma aproximação aberta e empática à realidade dos outros.

O currículo como um espaço de crítica cultural

Apresentamos agora outro princípio, fortemente relacionado aos anteriores: sugerimos que se expandam os conteúdos curriculares usuais, de modo a neles incluir alguns dos artefatos culturais que circundam o(a) aluno(a). A ideia é tornar o currículo um espaço de crítica cultural. Como fazê-lo? Um dos caminhos é abrir as portas, na escola, a diferentes manifestações da cultura popular, além das que compõem a chamada cultura erudita. Músicas populares, danças, filmes, programas de televisão, festas populares, anúncios, brincadeiras, jogos, peças de teatro, poemas, revistas e romances precisam fazer-se presentes nas salas de aula. Da mesma forma, levando-se em conta a importância de ampliar os horizontes culturais dos(as) estudantes, bem como de promover interações entre diferentes culturas, outras manifestações, mais associadas aos grupos dominantes, precisam ser incluídas no currículo. A intenção é que a cultura dos estudantes e da comunidade possa interagir com outras manifestações e outros espaços culturais como museus, exposições, centros culturais, música erudita, clássicos da literatura. Se aceitarmos a inexistência, no mundo contemporâneo, de qualquer "pureza cultural", se pretendermos abrir espaço na escola para a complexa interpenetração das culturas e para a pluralidade cultural, tanto as manifestações culturais hegemônicas como as subalternizadas precisam integrar o currículo e ser objeto de apreciação e crítica. Talvez fosse útil, para o desenvolvimento do que sugerimos, que discutíssemos, na escola, com que recursos podemos contar em nossa comunidade e como fazer para que outros recursos venham, de alguma forma, a tornar-se familiares a nossos(as) alunos(as). ... Abrir as portas, na escola, a diferentes manifestações da cultura popular, além das que compõem a chamada cultura erudita.

Nessa perspectiva, há um ponto que desejamos destacar. Ao intentarmos transformar a escola em um espaço cultural, estamos convidando cada professor(a), como intelectual que é, a desempenhar o papel de crítico(a) cultural. Estamos considerando que a atividade intelectual implica o questionamento do que parece inscrito na natureza das coisas, do que nos é apresentado como natural, questionamento esse que visa, fundamentalmente, a mostrar que as coisas não são inevitáveis. A atividade intelectual centra-se, assim, na crítica da cultura em que estamos imersos. Como se expressa essa atividade na prática curricular? Julgamos que cabe à escola, por meio de suas atividades pedagógicas, mostrar ao aluno que as coisas não são inevitáveis e que tudo que passa por natural precisa ser questionado e pode, consequentemente, ser modificado. Cabe à escola levá-lo a compreender que a ordem social em que está inserido define-se por ações sociais cujo poder não é absoluto. O que existe precisa ser visto como a condição de uma ação futura, não como seu limite. Nossos questionamentos devem, então, provocar tensões e desafiar o existente. Podem não mudar o mundo, mas podem permitir que o aluno o compreenda melhor. Como nos diz Bauman, "para operar no mundo (por contraste a ser 'operado' por ele) é preciso entender como o mundo opera". A crítica de

diferentes artefatos culturais na escola pode, por exemplo, levar-nos a identificar e a desafiar visões estereotipadas da mulher propagadas em anúncios; imagens desrespeitosas de homossexuais difundidas em programas cômicos de televisão; preconceitos contra povos não ocidentais evidentes em desenhos animados; mensagens encontradas em revistas para adolescentes do sexo feminino (e da classe média) que incentivam o uso de drogas, o consumismo e o individualismo; estímulos à erotização precoce das meninas, visíveis em brinquedos e programas infantis; presença e aceitação da violência em filmes, jogos e brinquedos. Outros exemplos poderiam ser citados, reforçando-nos o ponto de vista de que os produtos culturais à nossa volta nada têm de ingênuos ou puros; ao contrário, incorporam intenções de apoiar, preservar ou produzir situações que favorecem certos grupos e outros não. Tais artefatos, como se tem insistentemente acentuado, desempenham, junto com o currículo escolar, importante papel no processo de formação das identidades de nossas crianças e nossos adolescentes, devendo constituir- se, portanto, em elementos centrais de crítica em processos curriculares culturalmente orientados.

O currículo como um espaço de desenvolvimento de pesquisas

Como intelectual que é, todo(a) profissional da educação precisa comprometer-se com o estudo e com a pesquisa, bem como posicionar-se politicamente. Precisa, assim, situar-se frente aos problemas econômicos, sócio-políticos, culturais e ambientais que hoje nos desafiam e que desconhecem as fronteiras entre as nações ou entre as classes sociais. Sem esse esforço, será impossível propiciar ao(à) aluno(a) uma compreensão maior do mundo em que vive, para que nele possa atuar autonomamente. Sem esse esforço, será impossível a proposição de alternativas viáveis, decorrentes de reflexões e investigações cuidadosas e rigorosas. Daí a necessidade de um posicionamento claro e de um comprometimento com a pesquisa. Será possível e desejável que nós, profissionais da educação infantil e do ensino fundamental, venhamos a nos envolver com pesquisa? Julgamos que sim. Propomos que todo(a) profissional da educação venha, de algum modo, a participar de pesquisas sobre sua prática pedagógica ou administrativa, sobre a disciplina que ensina, sobre os saberes docentes, sobre o currículo, sobre a avaliação, sobre a educação em geral, sobre a sociedade em que vivemos ou sobre temas diversificados (não incluídos no currículo). Consideramos que gestores e docentes precisam organizar os tempos e os espaços escolares para abranger as atividades de pesquisa aqui propostas. É fundamental que, nesse esforço, se verifiquem os recursos necessários e os recursos com que se pode contar. A comunidade em que a escola se situa pode e deve participar tanto do planejamento como da implementação dos estudos.

A Secretaria de Educação deve ser chamada a colaborar. A pesquisa do(a) professor(a) da escola básica certamente difere da pesquisa levada a cabo na universidade e nos centros de pesquisa, o que, entretanto, não a torna inferior. A participação em pesquisa pode mesmo contribuir para que o trabalho do profissional da educação venha a ser mais valorizado. Estamos defendendo, em resumo, que se torne o currículo, em cada escola, um espaço de pesquisa. A pesquisa, concebida em um sentido mais amplo, reiteramos, não está restrita à universidade. Como professores(as)/ intelectuais que atuamos na escola, precisamos enfrentar esse desafio, tornando-nos pesquisadores(as) dos saberes, valores e práticas que ensinamos e/ou desenvolvemos, centrando nosso ensino na pesquisa. Nesse processo, poderemos aperfeiçoar nosso desempenho profissional, poderemos nos situar melhor no mundo, poderemos, ainda, nos engajar na luta por melhorá-lo. Nesse processo, poderemos despertar nos alunos e nas alunas o espírito de pesquisa, de busca, de ter prazer no aprender, no conhecer coisas novas. Não deveríamos, então, começar, já na próxima reunião de professores(as) de nossa escola, a refletir sobre como tornar o currículo um espaço de estudos e de pesquisas? Estamos certos de que essa discussão pode ser extremamente estimulante e proveitosa.

Referência:

BRASIL: Ministério da Educação. Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura / [Antônio Flávio Barbosa Moreira, Vera Maria Candau; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília, 2007.

CURRÍCULO, CONHECIMENTO E PROCESSO DE APRENDIZAGEM: AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA.

Neste texto objetiva-se sistematizar as características do pensamento pedagógico de diferentes autores sobre a contextualização dos ambientes educativos de onde emergem a compreensão de homem, mundo e sociedade; compreender o papel do professor, do aluno, da escola e dos elementos que compõem o ambiente escolar; estabelecer relação entre as tendências pedagógicas e a prática docente que os professores adotam na sala de aula. Além disso, busca-se verificar os pressupostos de aprendizagem empregados pelas diferentes tendências pedagógicas na prática escolar brasileira, numa tentativa de contribuir, teoricamente, para a formação continuada de professores.

As tendências pedagógicas definem o papel do homem e da educação no mundo, na sociedade e na escola, o que repercute na prática docente em sala de aula graças a elementos constitutivos que envolvem o ato de ensinar e de aprender.

A seguir, serão apresentados, os pensamentos pedagógicos dos estudiosos Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Fernando Becker e Maria das Graças Nicoletti Mizukami.

a) Paulo Freire: Educação Bancária e Problematizadora

Abordar o pensamento pedagógico de Paulo Freire não significa enquadrá-lo em um campo teórico determinado nem testar a validade científica da sua pedagogia. Todavia, é de fundamental importância para a formação de qualquer profissional de Educação que se faça uma leitura e reflexão sobre sua obra, buscando estabelecer uma vivência teórico-prática durante toda a nossa ação docente. A esse respeito, o próprio Freire sempre chamava a atenção para um novo conhecimento que é gerado e produzido na tensão entre a prática e a teoria.

A história de Paulo Freire nos deixa uma grande herança: a sua práxis político-pedagógica e a luta pela construção de um projeto de sociedade inclusiva. Discutir a sua pedagogia é um compromisso de todos nós que lutamos por inclusão social, por ética, por liberdade, por autonomia, pela recuperação da memória coletiva e pela construção de um projeto para uma escola cidadã.

Em Pedagogia do Oprimido (1982), Paulo Freire fala sobre a prática docente sob a forma de Educação Bancária e Educação Problematizadora – também chamada de Libertadora, pois se propõe a conscientizar o educando de sua realidade social. Para Freire, há duas concepções de educação: uma bancária, que serve à dominação e outra, problematizadora, que serve à libertação. Nesse sentido, faz uma opção pela educação problematizadora que desde o início busca a superação educador-educando. Isso nos leva a compreender um novo termo: educador-educando com educando-educador.

Quadro-síntese da concepção da Educação Bancária e Educação Problematizadora de Paulo Freire (1982).

	Educação Bancária	**Educação Problematizadora**
Ensino	O aluno é o banco em que o mestre deposita o seu saber que vai render largos juros, em favor da ordem social que o professor representa.	"Para o educador-educando [...] o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada".
Método	A narração é a técnica utilizada pelo educador para depositar conteúdo nos educandos e conduzi-los à memorização mecânica.	Reforça a imprescindibilidade de uma educação realmente dialógica, problematizadora e marcadamente reflexiva, combinações indispensáveis para o desvelamento da realidade e sua apreensão consciente pelo educando.
Professor-aluno	O saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância.	A ação dialógica se dá entre os sujeitos "ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade somente pode realizar-se na comunicação". Abomina, dentre outras coisas, a dependência dominadora.
Aprendizagem	Conhecimento é algo que, por ser imposto, passa a ser absorvido passivamente.	O comprometimento com a transformação social é a premissa da educação Libertadora.

A partir desse quadro-síntese constata-se que a Educação Bancária fundamenta-se numa prática narradora, sem diálogo, para a transmissão e avaliação de conhecimento numa relação vertical – o saber é fornecido de cima para baixo – e autoritária, pois manda aquele que sabe.

O método da concepção bancária é a opressão, o antidiálogo. Configura-se então a educação exercida como uma prática da dominação, "em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam".

Na educação problematizadora, o conhecimento deve vir do contato do homem com o seu mundo, que é dinâmico, e não como um ato de doação. Supera-se, pois a relação vertical e se estabelece a relação dialógica, que supõe uma troca de conhecimento.

Freire (1982) destaca que o "educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa". Para o autor a dialogicidade é a essência da Educação Libertadora. Além disso, outras características são necessárias para que ela se concretize tais como: colaboração, união, organização e síntese cultural.

Ao desenvolver uma epistemologia do conhecimento, Freire parte de uma reflexão acerca de uma experiência concreta para desenvolver sua metodologia dialética: ação-reflexão- ação. Metodologia que parte da problematização da prática concreta, vai à teoria estudando-a e reelaborando-a criticamente e retorna à prática para transformá-la. Nesta concepção, o diálogo se apresenta como condição fundamental para sua concretização.

Ele nos apresenta sua teoria metodológica a partir da sua prática refletida na alfabetização de jovens e adultos, iniciada na década de 1960. O trabalho, que foi denominado como "método Paulo Freire", ou "método de conscientização" foi desenvolvido, a partir de uma leitura de mundo, em cinco fases: levantamento do universo vocabular, temas geradores e escolha de palavras geradoras, criação de situações existenciais típicas do grupo, elaboração de fichas-roteiro e leitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas. Apesar do reconhecimento da qualidade emancipatória do processo de alfabetização divulgada e experienciada em vários países, Freire insistiu que as experiências não podem ser transplantadas, mas reinventadas. Nesse sentido, o da reinvenção, é que acreditamos nas possibilidades didáticas das experiências com a pedagogia freireana.

Ele reforça a importância da participação democrática e o exercício da autonomia para construção dos projetos político-pedagógicos. Em oposição, condena os novos pacotes pedagógicos impostos sem a participação da comunidade escolar e incentiva a incorporação de múltiplos saberes necessários à prática de educação crítica. Para isso, referencia o respeito aos saberes socialmente construídos na prática comunitária e sugere que se discuta com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos e às razões políticas ideológicas.

b) José Carlos Libâneo: Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressista

Libâneo classifica as tendências pedagógicas, segundo a posição que adotam em relação aos condicionantes sociopolíticos da escola, em Pedagogia Liberal – subdividida em tradicional, renovada progressivista, renovada não-diretiva e tecnicista – e Pedagogia Progressista – que se subdivide em libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos.

Segundo LIBÂNEO (1994), a pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Isso pressupõe que o indivíduo precisa adaptar-se aos valores e normas vigentes na sociedade de classe, através do desenvolvimento da cultura individual. Devido a essa ênfase no aspecto cultural, as diferenças entre as classes sociais não são consideradas, pois, embora a escola passe a difundir a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições.

As Tendências Pedagógicas Liberais tiveram seu início no século XIX, tendo recebido as influências do ideário da Revolução Francesa (1789), de "igualdade, liberdade, fraternidade", que foi, também, determinante do liberalismo no mundo ocidental e do sistema capitalista, onde estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, o que se denominou como sociedade de classes. Sua preocupação básica é o cultivo dos interesses individuais e não-sociais. Para essa tendência educacional, o saber já produzido (conteúdos de ensino) é muito mais importante que a experiência do sujeito e o processo pelo qual ele aprende, mantendo o instrumento de poder entre dominador e dominado.

Na Tendência Liberal Tradicional, é tarefa do educador fazer com que o educando atinja a realização pessoal através de seu próprio esforço. O cultivo do intelecto é descontextualizado da realidade social, com ênfase para o estudo dos clássicos e das biografias dos grandes mestres. A transmissão é feita a partir dos conteúdos acumulados historicamente pelo homem, num processo cumulativo, sem reconstrução ou questionamento. A aprendizagem se dá de forma receptiva, automática, sem que seja necessário acionar as habilidades mentais do educando além da memorização.

Seu método enfatiza a transmissão de conteúdos e a assimilação passiva. É ainda intuitivo, baseado na estimulação dos sentidos e na observação. Através da memorização, da repetição e da exposição verbal, o educador chega a um interrogatório (tipo socrático), estimulando o individualismo e a competição. Envolve cinco passos que, segundo Friedrich Herbart, são os seguintes: preparação, recordação, associação, generalização e aplicação.

Libâneo (1994) afirma ainda que o ensino é centrado no professor que expõe e interpreta o conhecimento. Às vezes, o conteúdo de ensino é apresentado com auxílio de objetos, ilustrações ou exemplos, embora o meio principal seja a palavra, a exposição oral. Supõe-se que ouvindo e fazendo exercícios repetitivos, os alunos "gravam" o assunto para depois reproduzi-lo quando forem interrogados pelo professor ou através das provas. Para isso, é importante que o aluno "preste atenção" para que possa registrar mais facilmente, na memória, o que é transmitido.

Desse modo, o aluno é um recebedor do conteúdo, cabendo-lhe a obrigação de memorizá-lo. Os objetivos das aulas, explícitos ou não no planejamento dos professores, referem-se à formação de um aluno ideal, desvinculado da sua realidade concreta. O professor tende a encaixar os alunos num modelo idealizado de homem que nada tem a ver com a vida presente e futura.

O conteúdo a ser ensinado é tratado isoladamente, isto é, desvinculado dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade e da vida. O método de ensino é dado pela lógica e sequência do assunto, modo pelo qual o professor se apoia para comunicar-se desconsiderando o processo cognitivo desenvolvido pelos alunos para aprender. Todavia, alguns 5 métodos intuitivos foram incorporados ao ensino tradicional, baseando-se na apresentação de dados ligados à sensibilidade dos alunos de modo que eles pudessem observá-los e, a partir daí, formar imagens mentais. Muitos professores ainda acham que "partir do concreto" constitui-se na chave do ensino atualizado. Essa ideia, entretanto, já fazia parte da Pedagogia Tradicional porque o concreto (mostrar objetos, ilustrações, gravuras, entre outros) serve apenas para que o aluno grave na mente o que é captado pelos sentidos. O material concreto é mostrado, demonstrado, manipulado, mas o aluno não lida mentalmente com ele, não o repensa, não o reelabora com o seu próprio pensamento. A aprendizagem é, portanto, receptiva, automática, não mobilizando a atividade mental do aluno e o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, embora tenham surgido nos últimos anos inúmeras propostas de renovação das abordagens do processo ensinoaprendizagem, como as sugestões presentes nos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais.

A Pedagogia Renovada, por outro lado, retoma aspectos referentes às perspectivas progressivistas baseadas em John Dewey, bem como a não-diretiva inspirada em Carl Rogers, a culturalista, a piagetiana, a montessoriana e outras. Todavia, o que caracteriza fortemente os conhecimentos e a experiência da Didática brasileira vem, em sua maioria, do movimento da Escola Nova (entendida como "direção da aprendizagem" e que considera o aluno como sujeito da aprendizagem). Nessa concepção pedagógica, o professor deve deixar o aluno em condições mais adequadas possíveis para que possa partir das suas necessidades e ser estimulado pelo ambiente para vivenciar experiências e buscar por si mesmo o conhecimento.

Segundo Libâneo (1994), essa tendência, no Brasil, segue duas versões distintas: a Renovada Progressivista (que se refere a processos internos de desenvolvimento do indivíduo; não confundir com progressista, que se refere a processos sociais) ou Pragmatista, inspirada nos Pioneiros da Escola Nova, e a Tendência Renovada não-Diretiva, inspirada em Carl Rogers e A. S. Neill, que se volta muito mais para os objetivos de desenvolvimento pessoal e relações interpessoais (sendo que este último não chegou a desenvolver um sistema a respeito dos métodos da educação). Seu método de ensino é o ativo, que inicialmente se caracteriza pelo método "aprender fazendo" e, após a junção dos cinco passos propostos por Dewey (experiência, problema, pesquisa, ajuda discreta do professor, estudo do meio natural e social), desenvolve o "aprender a aprender", que, privilegiando os estudos independentes e também os estudos em grupo, seleciona uma situação vivida pelo educando que seja desafiante e que careça de uma solução para um problema prático. Para Saviani, por estes motivos e outros de ordem política, a Escola Nova, seguidora dessas vertentes, acaba por aprimorar o ensino das elites e rebaixar o das classes populares. Mas, mesmo recebendo esse tipo de crítica, podemos considerá-la como o mais forte movimento "renovador" da educação brasileira.

Para a tendência renovada, o papel da educação é o de atender as diferenças individuais, as necessidades e interesses dos educandos, enfatizando os processos mentais e 6 habilidades cognitivas necessárias à adaptação do homem ao meio social. O educando é, portanto, o centro e sujeito do conhecimento.

Nessa perspectiva, Libâneo (1994) afirma que o aluno aprende melhor tudo o que faz por si próprio. Não se trata apenas de aprender fazendo, no sentido de trabalho manual, de ações de manipulação de objetos. Trata-se de colocar o aluno frente a situações que mobilizem suas habilidades intelectuais de criação, de expressão verbal, escrita, plástica, entre outras formas de exercício cognitivo. O centro da atividade escolar, portanto, não é o professor nem a matéria, mas o aluno em seu caráter ativo e investigador. O professor incentiva, orienta, organiza as situações de aprendizagem, adequando-as às capacidades de características individuais dos alunos.

Assim, essa didática ativa valoriza métodos e técnicas como o trabalho em grupo, as atividades cooperativas, o estudo individual, as pesquisas, os projetos, as experimentações, dentre outros, bem como os métodos de reflexão e método científico de descobrir conhecimentos. Tanto na organização das experiências de aprendizagem como na seleção de métodos, importa o processo de aprendizagem e não diretamente o ensino. O melhor método é aquele que atende às exigências psicológicas do aprender.

Em síntese, a tendência dessa escola é deixar os conhecimentos sistematizados em segundo plano, valorizando mais o processo de aprendizagem e os fatores que possibilitam o desenvolvimento das capacidades e habilidades intelectuais de quem aprende. Desse modo, os adeptos dessa tendência didática acreditam que o professor não ensina, mas orienta o aluno durante o processo de aprendizagem, sugerindo assim uma didática não diretiva no ensinoaprendizagem. Isso porque o conhecimento ocorre a partir de um processo ativo de busca do aprendiz e orientado pelo professor, constituindo-se, então, o eixo norteador da ação educativa, centrada nas atividades de investigação.

A Tendência Liberal Tecnicista tem seu início com o declínio, no final dos anos 60, da Escola Renovada, quando, mais uma vez, sob a instalação do regime militar no país, as elites dão ênfase a um outro tipo de educação direcionada às massas, a fim de conservar a posição de dominação, ou seja, manter o status quo dominante.

Atendendo os interesses da sociedade capitalista, inspirada especialmente na teoria behaviorista, corrente comportamentalista organizada por Skinner e na abordagem sistêmica de ensino, traz como verdade absoluta a neutralidade científica e a transposição dos acontecimentos naturais à sociedade.

Negando os determinantes sociais, o tecnicismo tinha como princípios a racionalidade, a eficiência, a produtividade e a neutralidade científica, produzindo, no âmbito educacional, uma enorme distância entre o planejamento - preparado por especialistas e não por educadores, seus meros executores - e a prática educativa.

Nesse período, a educação passa a ter seu trabalho parcelado, fragmentado, a fim de produzir determinados produtos desejáveis pela sociedade capitalista e industrial. Muitas propostas surgem como enfoque sistêmico, o microensino, o tele-ensino, a instrução programada, entre outras. Subordina a educação à sociedade, tendo como função principal a produção de indivíduos competentes, ou seja, a preparação da mão-de-obra especializada para o mercado de trabalho a ser consolidado. Neste contexto, a pedagogia tecnicista termina contribuindo ainda mais para o caos no campo educativo, gerando, assim, a inviabilidade do trabalho pedagógico.

Seu método é o da transmissão e recepção de informações. Nele, o educando é submetido a um processo de controle do comportamento, a fim de que os objetivos operacionais previamente estabelecidos possam ser atingidos. Trata-se do "aprender fazendo".

Trata-se de uma tendência pedagógica que ganhou certa autonomia quando se constituiu especificamente como tendência independente, inspirada na teoria behaviorista da aprendizagem. De acordo com Libâneo (1994), essa orientação acabou sendo imposta às escolas pelos organismos oficiais ao longo de boa parte das décadas

que constituíram o regime militar de governo, por ser compatível com a orientação econômica, política e ideológica desse regime político, então vigente.

Atualmente, ainda percebemos a predominância dessas características tecnicistas em alguns cursos de formação de professores, principalmente das áreas de Ciências e Matemática, com relação ao uso de manuais didáticos com essas características (tecnicistas), especificamente instrumentais. Essa tendência didática tem como objetivo a racionalização do ensino, o uso de meios e técnicas mais eficazes, cujo sistema de instrução é composto de:

- Especificação de objetivos instrucionais a serem operacionalizados;

- Avaliação prévia dos alunos para estabelecer pré-requisitos visando alcançar os objetivos;

- Ensino ou organização das experiências de aprendizagem;

- Avaliação dos alunos relativa ao que se propôs nos objetivos iniciais.

O arranjo mais simplificado dessa sequência resultou na seguinte sequência: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. O professor é um administrador e executor do planejamento, o meio de previsão das ações a serem executadas e dos meios necessários para se atingir os objetivos. De acordo com essa tendência, os livros didáticos usados nas escolas eram, e ainda são, elaborados, em sua maioria, com base na tecnologia da instrução, ou seja, sob a forma de atividades dirigidas nas quais os alunos seguem etapas sequenciadas que os levem ao alcance dos objetivos previamente estabelecidos, sem que possam exercitar a sua criatividade cognitiva.

Se, nas Tendências Liberais, a escola possuía uma função equalizadora, nas Tendências Progressistas, derivada das teorias críticas, ela passa a ser analisada como reprodutora das desigualdades de classe e reforçadora do modo de produção capitalista.

Tendo surgido na França a partir de 1968 e no Brasil com a Revolução Cultural, nas Tendências Progressistas, a escola passa a ser vista não mais como redentora, mas como reprodutora da classe dominante. Snyders (1994) foi o primeiro a usar o termo "Pedagogia Progressista", partindo de uma análise crítica da realidade social, sustentando, implicitamente, as finalidades sociais e políticas da educação.

Nessa perspectiva, Libâneo (1994), designa à Pedagogia Progressista três tendências:

A Pedagogia Progressista Libertadora que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustenta os fins sociopolíticos da educação. Teve seu início com Paulo Freire, nos anos 60, rebelando-se contra toda forma de autoritarismo e dominação, defendendo a conscientização como processo a ser conquistado pelo homem, através da problematização de sua própria realidade. Sendo revolucionária, ela preconizava a transformação da sociedade e acreditava que a educação, por si só, não faria tal revolução, embora fosse uma ferramenta importante e fundamental nesse processo.

A teoria educacional freireana é utópica, em seu sentido de vir-a-ser, de inédito viável, expressões usadas por Freire, e esperançosa, porque deposita na transformação do homem a ideia de que mudar é possível e de que não estamos necessariamente imobilizados por estarmos submetidos a papéis pré-determinados em uma sociedade de classes. Segundo ele, apesar de os seguidores dessa tendência não terem tido a preocupação com uma proposta pedagógica explícita, havia uma didática implícita em seus "círculos de cultura", sendo cerne da atividade pedagógica a discussão de temas sociais e políticos, que a nós parece ser claro o método dialógico, usado para o despertar da consciência política.

A Pedagogia Progressista Libertária tem como ideia básica modificações institucionais, que, a partir dos níveis subalternos, vão "contaminando" todo o sistema, sem modelos e recusando-se a considerar qualquer forma de poder ou autoridade.

Percebemos esta tendência como decorrência de uma abertura para uma sociedade democrática, que vai se firmando lentamente a partir do início dos anos 80, com a volta dos exilados políticos e a liberdade de expressão nos meios acadêmicos, políticos e culturais do país. Firmando-se os interesses por escolas realmente democráticas e inclusivas e a ideia do projeto políticopedagógico da escola como forma de identificação política que atenda aos interesses locais e regionais, primando por uma educação de qualidade para todos. A participação em grupos e movimentos sociais na sociedade, além dos muros escolares, é incentivada e ampliada, trazendo para dentro dela a necessidade de concretizar a democracia, através de eleições para conselhos, direção da escola, grêmios estudantis e outras formas de gestão participativa.

No Brasil, os libertários recebem a influência do pensamento de Celestin Freinet e suas técnicas nas quais os próprios alunos organizavam os seus planos de trabalho. O método de ensino é a própria autogestão, tornando o interesse pedagógico dependente de suas necessidades ou do próprio grupo.

Para Libâneo (1994), na didática centrada na Pedagogia Libertadora, o professor busca desenvolver o processo educativo como tarefa que se dá no interior dos grupos sociais e, por isso, ele é o coordenador ou o animador das atividades que se organizam sempre pela ação conjunta dele e dos alunos. Não há, portanto, uma proposta explícita de Didática e muitos dos seus seguidores, entendendo que toda didática resumir-se-ia ao seu caráter tecnicista, instrumental, meramente prescritivo, até recusam admitir o papel dessa disciplina na formação dos professores.

Há, nessa perspectiva pedagógica, uma didática implícita na orientação das atividades escolares de modo que o professor se coloque diante de sua classe como um orientador da aprendizagem dos seus alunos. Entretanto, essas atividades estão centradas na discussão de temas sociais e políticos, ou seja, o foco do ensino é a realidade social, em que o professor e os alunos estão envolvidos. Assim, eles analisam os problemas da realidade do contexto sócioeconômico e cultural da sua comunidade com seus recursos e necessidades, visando ao desenvolvimento de ações coletivas para a busca de descrição, análise e soluções para os problemas extraídos da realidade.

As atividades escolares não se constituem meramente da exploração dos conteúdos de ensino, já sistematizados nos livros didáticos ou previstos pelos programas oficiais, mas sim em um processo de participação ativa nas discussões e nas ações práticas sobre as questões da realidade social de todos os envolvidos. Nesse processo, a discussão, os relatos da experiência vivida, a socialização das informações, a pesquisa participante, o trabalho de grupo, entre outros atos educativo-reflexivos, fazem emergir temas geradores que podem ser sistematizados de modo a consolidar o conhecimento pelo aluno, com as orientações do professor.

A tendência libertadora tem sido a perspectiva didática mais praticada com muito êxito em vários setores dos movimentos sociais, como sindicatos, associações de bairro, comunidades religiosas, entre outros. Parte desse êxito deve-se ao fato de tal tendência ser utilizada entre adultos que vivenciam uma prática política e em situações nas quais o debate sobre a problemática econômica, social e política pode ser aprofundado com a orientação de intelectuais comprometidos com os interesses populares.

A Pedagogia Progressista Crítico-Social dos Conteúdos, tendo sido fortalecida a princípio na Europa e depois no Brasil, a partir da década de 80, foi considerada como sinônimo de pedagogia dialética, no sentido da "dialógica". Firmando-se como teoria que busca captar o movimento objetivo do processo histórico, uma vez que concebe o homem através do materialismo histórico-marxista, trata-se de uma síntese superadora do que há de significado na Pedagogia Tradicional e na Escola Nova, direcionando o ensino para a superação dos problemas cotidianos da prática social e, ao mesmo tempo, buscando a emancipação intelectual do educando, 10 considerado um ser concreto, inserido num contexto de relações sociais. Da articulação entre a escola e a assimilação dos conteúdos por parte deste aluno concreto é que resulta o saber criticamente elaborado (Libâneo, 1990).

Essa tendência prioriza o domínio dos conteúdos científicos, os métodos de estudo, habilidades e hábitos de raciocínio científico, como modo de formar a consciência crítica face à realidade social, instrumentalizando o educando como sujeito da história, apto a transformar a sociedade e a si próprio. Seu método de ensino parte da prática social, constituindo tanto o ponto de partida como o ponto de chegada, porém, melhor elaborado teoricamente.

c) Fernando Becker: Pedagogia Diretiva, Pedagogia Não-Diretiva e Pedagogia Relacional

Fernando Becker (2001) desenvolveu a ideia de modelos pedagógicos e modelos epistemológicos para explicar os pressupostos pelos quais cada professor atua. Apresenta, então, três modelos: Pedagogia Diretiva, Pedagogia Não-Diretiva e Pedagogia Relacional.

Pedagogia Diretiva

Na Pedagogia Diretiva o professor acredita que o conhecimento é transmitido para o aluno. Este por sua vez, não tem nenhum saber, não o tinha no nascimento e não o tem a cada novo conteúdo. O professor, com essa prática, fundamenta-se numa epistemologia pela qual o sujeito é o elemento conhecedor, totalmente determinado pelo mundo do objeto ou pelos meios físicos e sociais. Essa epistemologia é representada da seguinte forma:

S O

O professor representa esse mundo na sala de aula, entendendo que somente ele, o professor, é o detentor do saber e pode produzir algum conhecimento novo ao aluno. Cabe ao aluno ouvir, prestar atenção, permanecer quieto e em silêncio e repetir, quantas vezes forem necessárias, escrevendo, lendo, até aderir ao que o professor deu como conteúdo.

Traduzindo o modelo epistemológico em modelo pedagógico temos:

A P

Assim, o professor ensina e o aluno aprende. Nesse modelo, nada de novo acontece na sala de aula, e se caracteriza por ser reprodução de ideologia e repetição.

Pedagogia Não-Diretiva

O professor torna-se um facilitador da aprendizagem, um auxiliar do aluno. O educando já traz um saber e é preciso apenas organizá-lo ou recheá-lo de conteúdo. O professor deve interagir o mínimo possível, pois acredita que o aluno aprende por si mesmo. A epistemologia que fundamenta essa postura pedagógica é apriorista:

S O

Apriorismo vem de a priori, o que significa que aquilo que é posto antes vem como condição do que vem depois. Essa epistemologia sustenta a ideia de que o ser humano nasce com o conhecimento já programado na sua herança genética, bastando o mínimo de interferência do meio físico ou social para o seu desenvolvimento.

Segundo Becker (2001), o professor que segue essa epistemologia apriorista renuncia àquilo que seria a característica fundamental da ação docente: a intervenção no processo de aprendizagem do aluno.

A P

Pedagogia Relacional

O professor admite que tudo que o aluno construiu até hoje em sua vida serve de patamar para construir novos conhecimentos. Para esse professor, o aluno tem uma história de conhecimento percorrida e é capaz de aprender sempre. A disciplina rígida e a postura autoritária do professor são superadas através da construção de uma disciplina intelectual e regras de convivência que permitam criar um ambiente favorável à aprendizagem.

O professor acredita que o aluno aprenderá novos conhecimentos se ele agir e problematizar sua ação. Para que isso aconteça, torna-se necessário que o aluno aja (assimilação) sobre o material que o professor traz para a sala de

aula e considera significativo para sua aprendizagem que o aluno responda para si mesmo às perturbações (acomodação) provocadas pela assimilação do material.

S O

O sujeito constrói seu conhecimento nas dimensões do conteúdo e da forma ou estrutura como condição prévia de assimilação. Nessa tendência, o professor além de ensinar, passa a aprender e o aluno, além de aprender, passa a ensinar.

A P

d) Maria da Graça Nicoletti Mizukami: tendências pedagógicas e processo de ensino e aprendizagem Mizukami (1986) classifica o processo de ensino nas seguintes abordagens:

Abordagem tradicional A abordagem tradicional trata-se de uma concepção e uma prática educacional que persiste no tempo, em suas diferentes formas, e que passaram a fornecer um quadro diferencial para todas as demais abordagens que a ela se seguiram. Na concepção tradicional, o ensino é centrado no professor. O aluno apenas executa prescrições que lhe são fixadas por autoridades exteriores.

A construção do conhecimento parte do pressuposto de que a inteligência seja uma faculdade capaz de acumular/armazenar informações. Aos alunos são apresentados somente os resultados desse processo, para que sejam armazenados. Evidencia-se o caráter cumulativo do conhecimento humano, adquirido pelo indivíduo por meio de transmissão, de onde se supõe o papel importante da educação formal e da instituição escola. Atribui-se ao sujeito um papel insignificante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está "adquirindo" conhecimento compete memorizar definições, anunciando leis, sínteses e resumos que lhes são oferecidos no processo de educação formal.

A educação é entendida como instrução, caracterizada como transmissão de conhecimentos e restrita à ação da escola. Às vezes, coloca-se que, para que o aluno possa chegar, e em condições favoráveis, há uma confrontação com o modelo, é indispensável uma intervenção do professor, uma orientação do mestre. Trata-se, pois, da transmissão de ideias selecionadas e organizadas logicamente.

No processo de ensino-aprendizagem a ênfase é dada às situações de sala de aula, onde os alunos são "instruídos" e "ensinados" pelo professor. Os conteúdos e as informações têm de ser adquiridos, os modelos imitados. Seus elementos fundamentais são imagens estáticas que progressivamente serão "impressas" nos alunos, cópias de modelos do exterior que serão gravadas nas mentes individuais. Uma das decorrências do ensino tradicional, já que a aprendizagem consiste em aquisição de informações e demonstrações transmitidas, é a que propicia a formação de reações estereotipadas, de automatismos denominados hábitos, geralmente isolados uns dos outros e aplicáveis, quase sempre, somente às situações idênticas em que foram adquiridos. O aluno que adquiriu o hábito ou que "aprendeu" apresenta, com frequência, compreensão apenas parcial. Ignoram-se as diferenças individuais.

A relação professor-aluno é vertical, sendo que (o professor) detém o poder decisório quanto a metodologia, conteúdo, avaliação, forma de interação na aula etc. O professor detém os meios coletivos de expressão. A maior parte dos exercícios de controle e dos de exames se orienta para a reiteração dos dados e informações anteriormente fornecidos pelos manuais.

A metodologia se baseia na aula expositiva e nas demonstrações do professor a classe, tomada quase como auditório. O professor já traz o conteúdo pronto e o aluno se limita exclusivamente a escutá-lo.

Abordagem comportamentalista

O conhecimento é uma "descoberta" e é nova para o indivíduo que a faz. O que foi descoberto, porém, já se encontrava presente na realidade exterior. Os comportamentalistas consideram a experiência ou a experimentação planejada como a base do conhecimento, o conhecimento é o resultado direto da experiência.

Aos alunos caberia o controle do processo de aprendizagem, um controle científico da educação, o professor teria a responsabilidade de planejar e desenvolver o sistema de ensinoaprendizagem, de forma tal que o desempenho do aluno seja maximizado, considerando-se igualmente fatores tais como economia de tempo, esforços e custos.

Nessa abordagem, se incluem tanto a aplicação da tecnologia educacional e estratégias de ensino, quanto estratégias de reforço no relacionamento professor-aluno.

Abordagem Humanista

Nesta abordagem é dada a ênfase no papel do sujeito como principal elaborador do conhecimento humano. Da ênfase ao crescimento que dela se resulta, centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo na sua capacidade de atuar como uma pessoa integrada. O professor em si não transmite o conteúdo, dá assistência sendo facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências do aluno o professor não ensina: apenas cria condições para que os alunos aprendam.

Trata-se da educação centrada na pessoa, já que nessa abordagem o ensino será centrado no aluno. A educação tem como finalidade primeira a criação de condições que facilitam a aprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual como emocional seria a criação de condições nas quais os alunos pudessem tornar-se pessoas de iniciativas, de responsabilidade, autodeterminação que soubessem aplicar-se a aprendizagem no que lhe servirão de solução para seus problemas servindo-se da própria existência. Nesse processo os motivos de aprender deverão ser do próprio aluno. Autodescoberta e autodeterminação são características desse processo.

Cada professor desenvolverá seu próprio repertório de uma forma única, decorrente da base percentual de seu comportamento. O processo de ensino irá depender do caráter individual do professor, como ele se relaciona com o caráter pessoal do aluno. Assume a função de facilitador

da aprendizagem e nesse clima entrará em contato com problemas vitais que tenham repercussão na existência do estudante.

Isso implica que o professor deva aceitar o aluno tal como é e compreender os sentimentos que ele possui. O aluno deve responsabilizar-se pelos objetivos referentes a aprendizagem que tem significado para eles. As qualidades do professor podem ser sintetizadas em autenticidade compreensão empática, aceitação e confiança no aluno.

Não se enfatiza técnica ou método para facilitar a aprendizagem. Cada educador eficiente deve elaborar a sua forma de facilitar a aprendizagem no que se refere ao que ocorre em sala de aula é a ênfase atribuída a relação pedagógica, a um clima favorável ao desenvolvimento das pessoas que possibilite liberdade para aprender.

Abordagem Cognitivista

A organização do conhecimento, processamento de informações estilos de pensamento ou estilos cognitivos, comportamentos relativos à tomada de decisões, etc.

O conhecimento é considerado como uma construção contínua. A passagem de um estado de desenvolvimento para o seguinte é sempre caracterizada por formação de novas estruturas que não existiam anteriormente no indivíduo.

O processo educacional, consoante a teoria de desenvolvimento e conhecimento, tem um papel importante, ao provocar situações que sejam desequilibradoras para o aluno, desequilíbrios esses adequados ao nível de desenvolvimento em que a criança vive intensamente (intelectual e afetivamente) cada etapa de seu desenvolvimento.

Segundo Piaget, a escola deveria começar ensinando a criança a observar. A verdadeira causa dos fracassos da educação formal, diz, decorre essencialmente do fato de se principiar pela linguagem (acompanhada de desenhos, de ações fictícias, narradas etc.) ao invés do fazer pela ação real e material.

Nesta abordagem, o ensino procura desenvolver a inteligência priorizando as atividades do sujeito, considerando-o inserido numa situação social. Caberá ao professor criar situações, propiciando condições onde possam se estabelecer reciprocidade intelectual e cooperação ao mesmo tempo moral e racional.

Uma das implicações fundamentais para o ensino é a de que a inteligência se constrói a partir da troca do organismo como o meio, por meio das ações do indivíduo. A ação do indivíduo, pois, é centro do processo e o fator social ou educativo constitui uma condição de desenvolvimento.

Abordagem Sociocultural

Podemos situar Paulo Freire com sua obra, enfatizando aspectos sócio-político-cultural, havendo uma grande preocupação com a cultura popular, sendo que tal preocupação vem desde a II Guerra Mundial com um aumento crescente até nossos dias. Toda ação educativa, para que seja válida, deve, necessariamente, ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque.

Logo, a escola deve ser um local onde seja possível o crescimento mútuo, do professor e dos alunos, no processo de conscientização o que indica uma escola diferente de que se tem atualmente, coma seus currículos e prioridades. A situação de ensino-aprendizagem deverá procurar a superação da relação opressor-oprimido. A estrutura de pensar do oprimido está condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial em que o oprimido se forma. Nesta situação, a relação professor-aluno é horizontal, sendo que o professor se empenhará numa prática transformadora que procurará desmitificar e questionar, junto com o aluno.

Referências

BECKER, Fernando. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Vozes, 1982.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

CURRÍCULO NAS SÉRIES INICIAIS: A ÊNFASE NA COMPETÊNCIA LEITORA (ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO) E O DESENVOLVIMENTO DOS SABERES ESCOLARES DA MATEMÁTICA E DAS DIVERSAS ÁREAS DE CONHECIMENTO.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CAMINHOS E DESCAMINHOS

Um olhar histórico sobre a alfabetização escolar no Brasil revela uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e, consequentemente, metodológicas. Atualmente, parece que de novo estamos enfrentando um desses momentos de mudança – é o que prenuncia o questionamento a que vêm sendo submetidos os quadros conceituais e as práticas deles decorrentes que prevaleceram na área da alfabetização nas últimas três décadas: pesquisas que têm identificado problemas nos processos e resultados da alfabetização de crianças no contexto escolar, insatisfações e inseguranças entre alfabetizadores, perplexidade do poder público e da população diante da persistência do fracasso da escola em alfabetizar, evidenciada por avaliações nacionais e estaduais, vêm provocando críticas e motivando propostas de reexame das teorias e práticas atuais de alfabetização. Um momento como este é, sem dúvida, desafiador, porque estimula a revisão dos caminhos já trilhados e a busca de novos caminhos, mas é também ameaçador, porque pode conduzir a uma rejeição simplista dos caminhos trilhados e a propostas de solução que representem desvios para indesejáveis descaminhos. Este artigo pretende discutir esses caminhos e descaminhos,

de que se falará mais explicitamente no tópico final; a esse tópico final se chegará por dois outros que o fundamentam e justificam: um primeiro que busca esclarecer e relacionar os conceitos de alfabetização e letramento, e um segundo que pretende encontrar, nas relações entre esses dois processos, explicações para os caminhos e descaminhos que vimos percorrendo, nas últimas décadas, na área da alfabetização.

Alfabetização, letramento: conceitos

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto. Em um primeiro momento, essa visibilidade traduziu-se ou em uma adjetivação da palavra alfabetização – alfabetização funcional tornou-se expressão bastante difundida – ou em tentativas de ampliação do significado de alfabetização/alfabetizar por meio de afirmações como "alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever", "alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar", e outras semelhantes. A insuficiência desses recursos para criar objetivos e procedimentos de ensino e de aprendizagem que efetivamente ampliassem o significado de alfabetização, alfabetizar, alfabetizado, é que pode justificar o surgimento da palavra letramento, consequência da necessidade de destacar e claramente configurar, nomeando-os, comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e/ ou a escrita estejam envolvidas. Entretanto, provavelmente devido ao fato de o conceito de letramento ter sua origem em uma ampliação do conceito de alfabetização, esses dois processos têm sido frequentemente confundidos e até mesmo fundidos. Pode-se admitir que, no plano conceitual, talvez a distinção entre alfabetização e letramento não fosse necessária, bastando que se ressignificasse o conceito de alfabetização; no plano pedagógico, porém, a distinção torna-se conveniente, embora também seja imperativamente conveniente que, ainda que distintos, os dois processos sejam reconhecidos como indissociáveis e interdependentes.

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Distinção, mas indissociabilidade e interdependência: quais as consequências disso para a aprendizagem da língua escrita na escola?

Aprendizagem da língua escrita: alfabetização e/ou letramento?

Uma análise das mudanças conceituais e metodológicas ocorridas ao longo da história do ensino da língua escrita no início da escolarização revela que, até os anos 80, o objetivo maior era a alfabetização (tal como acima definida), isto é, enfatizava-se fundamentalmente a aprendizagem do sistema convencional da escrita. Em torno desse objetivo principal, métodos de alfabetização alternaram-se em um movimento pendular: ora a opção pelo princípio da síntese, segundo o qual a alfabetização deve partir das unidades menores da língua – os fonemas, as sílabas – em direção às unidades maiores – a palavra, a frase, o texto (método fônico, método silábico); ora a opção pelo princípio da análise, segundo o qual a alfabetização deve, ao contrário, partir das unidades maiores e portadoras de sentido – a palavra, a frase, o texto – em direção às unidades menores (método da palavração, método da sentenciação, método global). Em ambas as opções, porém, a meta sempre foi a aprendizagem do sistema alfabético e ortográfico da escrita; embora se possa identificar, na segunda opção, uma preocupação também com o sentido veiculado pelo código, seja no nível do texto (método global), seja no nível da palavra ou da sentença (método da palavração, método da sentenciação), estes – textos, palavras, sentenças – são postos a serviço da aprendizagem do sistema de escrita: palavras são intencionalmente selecionadas para servir à sua decomposição em sílabas e fonemas, sentenças e textos são artificialmente construídos, com rígido controle léxico e morfossintático, para servir à sua decomposição em palavras, sílabas, fonemas.

Assim, pode-se dizer que até os anos 80 a alfabetização escolar no Brasil caracterizou-se por uma alternância entre métodos sintéticos e métodos analíticos, mas sempre com o mesmo pressuposto – o de que a criança, para aprender o sistema de escrita, dependeria de estímulos externos cuidadosamente selecionados ou artificialmente construídos – e sempre com o mesmo objetivo – o domínio desse sistema, considerado condição e pré-requisito para que a criança desenvolvesse habilidades de uso da leitura e da escrita, isto é, primeiro, aprender a ler e a escrever, verbos nesta etapa considerados intransitivos, para só depois de vencida essa etapa atribuir complementos a esses verbos: ler textos, livros, escrever histórias, cartas, etc.

Nos anos 80, a perspectiva psicogenética da aprendizagem da língua escrita, divulgada entre nós, sobretudo pela obra e pela atuação formativa de Emília Ferreiro, sob a denominação de "construtivismo", trouxe uma significativa mudança de pressupostos e objetivos na área da alfabetização, porque alterou fundamentalmente a concepção do processo de aprendizagem e apagou a distinção entre aprendizagem do sistema de escrita e práticas efetivas de leitura e de escrita. Essa mudança paradigmática permitiu identificar e explicar o processo através do qual a criança constrói o conceito de língua escrita como um sistema de representação dos sons da fala por sinais gráficos, ou seja, o processo através do qual a criança torna-se alfabética; por outro lado, e como consequência disso, sugeriu as condições em que mais adequadamente se desenvolve esse processo, revelando o papel fundamental de uma interação intensa e diversificada da criança com práticas e materiais reais de leitura e escrita a fim de que ocorra o processo de conceitualização da língua escrita.

No entanto, o foco no processo de conceitualização da língua escrita pela criança e a ênfase na importância de sua interação com práticas de leitura e de escrita como meio para provocar e motivar esse processo têm subestimado, na prática escolar da aprendizagem inicial da língua escrita, o ensino sistemático das relações entre a fala e a escrita, de que se ocupa a alfabetização, tal como anteriormente definida. Como consequência de o construtivismo ter evidenciado processos espontâneos de compreensão da escrita pela criança, ter condenado os métodos que enfatizavam o ensino direto e explícito do sistema de escrita e, sendo fundamentalmente uma teoria psicológica, e não pedagógica, não ter proposto uma metodologia de ensino, os professores foram levados a supor que, apesar de sua natureza convencional e com frequência arbitrária, as relações entre a fala e a escrita seriam construídas pela criança de forma incidental e assistemática, como decorrência natural de sua interação com inúmeras e variadas práticas de leitura e de escrita, ou seja, através de atividades de letramento, prevalecendo, pois, estas sobre as atividades de alfabetização. É, sobretudo essa ausência de ensino direto, explícito e sistemático da transferência da cadeia sonora da fala para a forma gráfica da escrita que tem motivado as críticas que atualmente vêm sendo feitas ao construtivismo. Além disso, é ela que explica por que vêm surgindo, surpreendentemente, propostas de retorno a um método fônico como solução para os problemas que estamos enfrentando na aprendizagem inicial da língua escrita pelas crianças.

Cabe salientar, porém, que não é retornando a um passado já superado e negando avanços teóricos incontestáveis que esses problemas serão esclarecidos e resolvidos. Por outro lado, ignorar ou recusar a crítica aos atuais pressupostos teóricos e a insuficiência das práticas que deles têm decorrido resultará certamente em mantê-los inalterados e persistentes. Em outras palavras: o momento é de procurar caminhos e recusar descaminhos.

Caminhos e descaminhos

A aprendizagem da língua escrita tem sido objeto de pesquisa e estudo de várias ciências nas últimas décadas, cada uma delas privilegiando uma das facetas dessa aprendizagem. Para citar as mais salientes: a faceta fônica, que envolve o desenvolvimento da consciência fonológica, imprescindível para que a criança tome consciência da fala como um sistema de sons e compreenda o sistema de escrita como um sistema de representação desses sons, e a aprendizagem das relações fonemagrafema e demais convenções de transferência da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita; a faceta da leitura fluente, que exige o reconhecimento holístico de palavras e sentenças; a faceta da leitura compreensiva, que supõe ampliação de vocabulário e desenvolvimento de habilidades como interpretação, avaliação, inferência, entre outras; a faceta da identificação e do uso adequado das diferentes funções da escrita, dos diferentes portadores de texto, dos diferentes tipos e gêneros de texto, etc. Cada uma dessas facetas é fundamentada por teorias de aprendizagem, princípios fonéticos e fonológicos, princípios linguísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos, teorias da leitura, teorias da produção textual, teorias do texto e do discurso, entre outras. Consequentemente, cada uma dessas facetas exige metodologia de ensino específica, de acordo com sua natureza, algumas dessas metodologias caracterizadas por ensino direto e explícito, como é o caso da faceta para a qual se volta a alfabetização, outras caracterizadas por ensino muitas vezes incidental e indireto, porque dependente das possibilidades e motivações das crianças, bem como das circunstâncias e do contexto em que se realize a aprendizagem, como é caso das facetas que se caracterizam como de letramento.

A tendência, porém, tem sido privilegiar na aprendizagem inicial da língua escrita apenas uma de suas várias facetas e, por conseguinte, apenas uma metodologia: assim fazem os métodos hoje considerados como "tradicionais", que, como já foi dito, voltam-se predominantemente para a faceta fônica, isto é, para o ensino e a aprendizagem do sistema de escrita; por outro lado, assim também tem feito o chamado "construtivismo", que se volta predominantemente para as facetas referentes ao letramento, privilegiando o envolvimento da criança com a escrita em suas diferentes funções, seus diferentes portadores, com os muitos tipos e gêneros de texto. No entanto, os conhecimentos que atualmente esclarecem tanto os processos de aprendizagem quanto os objetos da aprendizagem da língua escrita, e as relações entre aqueles e estes, evidenciam que privilegiar uma ou algumas facetas, subestimando ou ignorando outras, é um equívoco, um descaminho no ensino e na aprendizagem da língua escrita, mesmo em sua etapa inicial. Talvez por isso temos sempre fracassado nesse ensino e aprendizagem; o caminho para esse ensino e aprendizagem é a articulação de conhecimentos e metodologias fundamentados em diferentes ciências e sua tradução em uma prática docente que integre as várias facetas, articulando a aquisição do sistema de escrita, que é favorecida por ensino direto, explícito e ordenado, aqui

compreendido como sendo o processo de alfabetização, com o desenvolvimento de habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais de leitura e de escrita, aqui compreendido como sendo o processo de letramento.

O emprego dos verbos integrar e articular retoma a afirmação anterior de que os dois processos – alfabetização e letramento – são, no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, indissociáveis, simultâneos e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita. Esse alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, é, sem dúvida, o caminho para a superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta, como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando em fracasso, esse reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo e competente ao mundo da escrita.

Referência:

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos. Artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, pela Artmed Editora.

MATEMÁTICA

Apesar da crença que aflora do senso comum de que, para aprender Matemática, o sujeito primeiro precisa ser alfabetizado, e apesar do esforço de estudiosos da área para desmistificá-la, a compreensão de que processos de apropriação dos conhecimentos matemáticos ocorrem associados aos de alfabetização e letramento não chega, ainda, a ser facilmente constatada nas práticas de escolarização das crianças das escolas brasileiras.

Se compreendermos que as crianças não precisam, primeiramente, aprender as letras para só depois aprenderem números, formas e outros entes matemáticos, é possível pensarmos em processos de organização do ensino que, ao mesmo tempo que considerem a especificidade da infância, favoreçam e potencializem diferentes aprendizagens. Como afirma Vigostki (2010, p. 325),

[...] o desenvolvimento intelectual da criança não é distribuído nem realizado pelo sistema de matérias. Não se verifica que a aritmética desenvolve isolada e independentemente umas funções enquanto a escrita desenvolve outras.

Uma vez que a criança não aprende por "fatias" separadas por áreas do conhecimento, também a prática escolar para crianças pequenas deve priorizar situações de ensino nas quais diferentes conhecimentos possam se integrar. No desenvolvimento dessas situações de ensino intencionalmente selecionadas, os conteúdos específicos manifestam-se de forma mediada pela ação dos professores e socialmente significada na atividade infantil.

Alguns recursos teóricos e metodológicos podem auxiliar os professores a planejar uma prática pautada nessa integração. A importância da mediação e das situações lúdicas, por exemplo, não pode ser ignorada na busca dessa prática para o ensino da Matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, propomos estabelecer aqui, com aqueles que se dedicam ao ensino nesta etapa da formação infantil, um diálogo sobre alguns elementos que possam fundamentar as práticas pedagógicas voltadas para o ensino da Matemática, no intuito de proporcionar às crianças a apropriação do conhecimento matemático de maneira lúdica e repleta de significado.

Alfabetização matemática ou letramento em matemática?

Assim como na língua materna, a aprendizagem de noções básicas de diferentes áreas do conhecimento constitui-se como condição essencial para a construção de uma cidadania crítica, por meio da qual os sujeitos não apenas se integrem passivamente à sociedade, mas tenham condições e instrumentos simbólicos para intervir ativamente na busca da transformação dessa realidade social.

A escrita traz consigo uma história atrelada às necessidades do homem em comunicar de modo eficaz suas descobertas, nos mais diversos campos do conhecimento, para atender variados interesses sociais. Na sua evolução, civilizações tais como a dos babilônios, egípcios, fenícios, gregos e romanos se destacaram, tanto para a evolução da escrita que comunica descobertas no amplo sentido, como na escrita que se refere à linguagem matemática especificamente.

No caso do ensino da Matemática, a aprendizagem dos números e suas operações; de instrumentos para a leitura e análise de dados em listas, gráficos e tabelas; de estratégias de medição de grandezas, uso de unidades de medidas e produção de estimativas; de noções geométricas básicas, constituem, de forma geral, o foco do trabalho pedagógico esperado para as primeiras séries do Ensino Fundamental (Brasil, 1997; 2012).

No entanto, embora muitos dos conceitos que fundamentam tais aprendizagens se manifestem no uso cotidiano dos números, de medidas ou mesmo no trato de formas geométricas, isso não significa, necessariamente, a aprendizagem dos conceitos. Não é pelo fato de uma criança utilizar estratégias de contagem em determinada prática social (na feira, por exemplo) que ela se apropriou teoricamente do número ou tenha consciência da estrutura do sistema de numeração decimal. Mas, se ela "usa" o número, isso não é suficiente? Qual é o problema? O problema é que

o uso não garante a apropriação do conceito e, sem ele, é impossível avançar com consistência na aprendizagem. No exemplo, a criança que apenas "usa" o número provavelmente terá dificuldades para compreender o sentido das operações aritméticas e sua generalização algébrica.

Por outro lado, nas práticas sociais os conceitos podem ser apropriados de forma socialmente significada, além de favorecerem que o sujeito possa externar e materializar a sua aprendizagem. A discussão sobre a relevância das práticas sociais na aprendizagem tem se refletido nas pesquisas sobre a alfabetização e o letramento, ao indicarem inicialmente a alfabetização com o processo de aquisição do código da escrita e o letramento como o uso da escrita em práticas e situações sociais (Kleiman, 1995).

No entanto, segundo Soares (2004, p. 14), não se trata de optar por um ou outro caminho, mas de compreender a interdependência desses processos, uma vez que

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonemagrafema, isto é, em dependência da alfabetização.

De forma semelhante, alguns pesquisadores da área da educação matemática têm proposto o uso das expressões "alfabetização matemática" e "letramento matemático" (ou numeramento), associando a primeira à "aquisição da linguagem matemática formal e de registro escrito" (Fonseca, 2007), e a segunda expressão a processos de uso de conceitos matemáticos em práticas sociais. Há ainda, segundo a autora, uma vertente da educação matemática que relaciona o numeramento a uma noção mais ampla de letramento, a qual incluiria tanto as práticas sociais quanto as condições do sujeito para se inserir e atender às demandas dessas práticas permeadas pela linguagem escrita.

Compreendida a noção de letramento dessa forma mais abrangente, também a noção de numeramento assumiria outra dimensão. Assim, segundo Fonseca (2007), "não se trataria, portanto, de um fenômeno de letramento matemático, paralelo ao do letramento, mas de numeramento como uma das dimensões do letramento" (grifos do autor).

Segundo Mendes (2005), compreender o numeramento como uma dimensão do letramento implica rever a própria visão de escrita, ampliando-a de modo que envolva também outros códigos de representação para além do alfabético, por exemplo, o numérico e o simbólico.

Na dimensão histórico-cultural do conhecimento os conceitos trazem em si encarnados processos de significação gestados nas relações humanas historicamente estabelecidas entre os sujeitos que, segundo Moura (2013a), "participaram de sua criação ao resolverem um problema que requereu partilhar ações em que a linguagem foi necessária.". A escola é o espaço privilegiado no qual, de modo intencional, os conteúdos constituem-se como "objetos de uma atividade que tem como finalidade fazer com que os sujeitos que dela participam se apropriem tanto desses objetos como do modo de lidar com eles" (p. 88-89).

Embora os termos "numeramento", "alfabetização matemática" e "letramento matemático" apareçam em diferentes publicações e documentos, seu uso e o sentido que lhes é atribuído não é consenso. Concordamos com Moura (2013, p. 131-132) quando afirma que, para além dos termos utilizados na aprendizagem matemática, é fundamental a compreensão acerca dos processos humanos de significação dos conhecimentos matemáticos básicos, seus signos e o que representam, de modo a garantir "a aprendizagem de um modo geral de lidar com os símbolos de forma a permitir o permanente acesso a outros conhecimentos nos quais a matemática se faz presente".

Educação matemática, apropriação de conceitos e desenvolvimento do pensamento teórico

O entendimento de que a apropriação de conceitos matemáticos pode se dar de forma mais efetiva, de forma significada, em sua relação com as práticas sociais não significa que o uso de noções matemáticas diluídas nas práticas sociais seja suficiente para a aprendizagem dos conceitos matemáticos. Tais distorções esvaziam o papel social da escola de socialização dos conhecimentos humanos historicamente produzidos e considerados relevantes de serem aprendidos pelas novas gerações. Segundo Moura (2013),

As visões culturalistas podem levar à falsa ideia de que as crianças estão impregnadas pela visão dos números no seu meio e que já têm o motivo necessário para buscar compreendê-los. Não, isto não corresponde à verdade. Apropriar-se de um conceito, como é para todo o processo de apropriação de significado, deve ser resultado de uma atividade do sujeito, motivado, que se apropria das significações a partir de suas potencialidades e de um motivo pessoal (Moura, 2013, p. 134).

A distinção entre a utilização de conceitos em situações cotidianas e a apropriação conceitual voltada para generalização tem como fundamento a distinção proposta por Vigotski (2009) entre conceitos cotidianos (ou espontâneos) e conceitos científicos. Sforni (2006) destaca que uma das principais distinções entre ambos se refere à tomada de consciência pelo sujeito, uma vez que, no processo de apropriação de conceitos cotidianos, a consciência está focada no contexto de utilização; por sua vez, no caso da apropriação de conceitos científicos, é necessária a consciência voltada intencionalmente para o conceito. Nas palavras de Vigotski (2009, p. 243), temos que "no campo dos conceitos científicos ocorrem níveis mais elevados de tomada de consciência do que nos conceitos espontâneos".

[...] apesar de na sua origem histórica a matemática apresentar vínculos diretos com as necessidades práticas, mais tarde evoluiu sobre proposições abstratas que, com ajuda da lógica formal, culminaram em sistemas dedutivos, como ocorre, por exemplo, com os conceitos geométricos euclidianos que, segundo Sánchez Vázquez (2007), "têm sua origem nos objetos reais sobre os quais se exercia sua atividade prática, objetos cujas propriedades reais foram submetidas a um processo de generalização e abstração" (p. 246).

Podemos verificar essa diferenciação entre a apropriação de conceitos cotidianos e de conceitos científicos analisando uma situação bastante comum no ensino de medidas e grandezas nas séries iniciais que é o seu uso em receitas culinárias. Em geral, é proposto às crianças o uso de diferentes unidades de medida (colher, xícara, copo etc.). O fato de a criança utilizar essas medidas possui o mérito de favorecer uma aproximação com diferentes unidades de medida não padronizadas, porém não permite a apropriação do conceito de medida. Se a proposta se reduz a esse uso, sendo o preparo da receita o foco da ação da criança, podemos dizer que sua abordagem é o conceito cotidiano.

Por outro lado, se, tomando como situação desencadeadora a receita, os professores estabelecerem mediações com o objetivo de tornar explícito para as crianças o conceito de medição (a diferenciação entre grandezas discretas e contínuas, a necessidade da criação de unidade, a comparação entre a unidade e a grandeza a ser medida, a quantificação dessa comparação), então esse processo pode tornar-se consciente para a criança e possibilitar a apropriação do conceito científico de modo que esse "possa ser conscientizado pelos alunos na condição de um instrumento de generalização" (Sforni, 2006, p. 6).

A apropriação de conceitos científicos dá-se dessa forma, por meio de uma atividade humana consciente, na qual as ações realizadas pelo sujeito são repletas de sentido, de modo que "a interiorização não é resultado mecânico da atividade externa em detrimento de seus componentes psíquicos internos" (Martins, 2007, p.70). Portanto, em qualquer idade, ou fase, ou etapa do processo de aprendizagem do homem, estar em atividade é condição para a aprendizagem, o que vem a ocorrer se o aprendiz for movido por alguma necessidade e por motivos que o levem a se aproximar do conhecimento que os professores pretendem ensinar (Leontiev, 1983).

Uma vez que a aprendizagem dos conceitos científicos não se dá de maneira espontânea, cabe à escola organizar situações de ensino que coloquem as crianças diante de situações cuja resolução necessite do conceito que se deseja ensinar e, ao mesmo tempo, de forma mediada pelos professores, possibilitem a superação da superficialidade do contexto e a exploração de características essenciais dos conceitos, em direção à abstração.

De forma geral, podemos dizer que educar pressupõe uma mediação entre a cultura e os educandos, de tal modo que, nesse processo, o sujeito interioriza, transforma e garante a continuidade desta cultura. Nos ambientes escolares, elementos da cultura tornam-se objeto de ensino ao serem intencionalmente selecionados e socialmente validados como conteúdos escolares (Moura, 1996a).

Em um sentido histórico-cultural, o conhecimento matemático que se torna objeto de ensino traz em si, nos elementos que o constituem, a história de sua produção e de seu desenvolvimento e suas formas de organização. Segundo Leontiev (1978), tais elementos estão impregnados nos objetos porque são produtos de transformações realizadas pelos seres humanos ao longo de um processo histórico de produção material e intelectual que foi culturalmente estruturado, constituindo a sua significação ou significado social.

No ensino da Matemática, o conhecimento sobre a história da produção do conceito (as necessidades que o motivaram, as soluções encontradas para responder a essa necessidade, suas contradições e seus impasses) permite que os professores proponham situações de ensino que coloquem para as crianças necessidades análogas, o que não significa reproduzir o seu contexto histórico de produção. As mediações feitas pelos educadores no sentido da explicitação do conceito matemático para a criança precisam considerar que cada conhecimento "tem uma história, um desenvolvimento que se fez dentro de certas lógicas [...] o modo de se conhecer certos conteúdos é quase que perseguir o modo de construí-los" (Moura, 2001, p. 159).

A educação escolar diferencia-se de outras instâncias educativas pela intencionalidade de ensinar conceitos científicos e favorecer o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes; ou seja, é o pensamento que se utiliza dos próprios conceitos, e não de situações particulares que os representem (Davídov, 1982).

Pensando desse modo, os processos de apropriação dos conceitos matemáticos básicos relacionam-se com processos mais gerais de letramento, quando se considera um indivíduo letrado como aquele que aprende não somente determinadas técnicas para ler, escrever e contar, mas sim a usá-las de forma consciente em diferentes contextos e práticas sociais. Isso porque apenas a apropriação conceitual que compreende as relações internas e externas do próprio conceito permite ao sujeito tal autonomia em seu uso. De acordo com Leontiev (1983, p. 193), para se apropriar de um conceito,

[...] não basta memorizar as palavras, não basta compreender inclusive as ideias e os sentimentos nelas contidos, é necessário ademais que essas ideias e sentimentos se tornem determinantes internos da personalidade.

A relação entre a matemática e as necessidades práticas é por vezes mais direta. É indiscutível a contribuição dos grandes descobrimentos marítimos da Idade Moderna no desenvolvimento da trigonometria. Segundo Sánchez Vázquez (2007), "[...] o cálculo probabilístico converteu-se [...], em uma necessidade na medida em que se estendia o comércio exterior inglês em relação com o crescimento do poderio colonial da Inglaterra, o que elevava as perdas e riscos comerciais" (p. 247). Contudo, tem-se que considerar a autonomia da teoria "para constituir-se em relação direta, seja como prolongamento ou negação dela, com uma teoria já existente" (p. 247). Deve-se então destacar a importância de se considerar que em seu desenvolvimento a Matemática se estrutura para atender exigências teóricas de outras ciências e necessidades da própria técnica.

Do ponto de vista das tarefas atribuídas aos professores, organizar o ensino para o desenvolvimento dos conceitos científicos nas crianças é um importante compromisso de sua prática pedagógica, o que demanda a organização intencional das ações. Assim sendo, o processo de ensino pode ser considerado como a passagem da atividade espontânea da criança para "a atividade organizada e dirigida para o objetivo" (Talizina, 2009). Uma vez que a aprendizagem ocorre em atividade, o desafio da organiza-

ção do ensino é planejar situações educativas que sejam desafiadoras e lúdicas e, ao mesmo tempo, coloquem para as crianças a necessidade do conceito que se quer ensinar. Assim, se o objetivo é ensinar as primeiras noções de fração, a criança precisa se deparar com a necessidade de representar partes de um todo contínuo; por exemplo, em situações de medição, o que se relaciona com a necessidade histórica que levou à criação dessa representação de partes pelos egípcios.

A resolução dessas situações deve dar-se sempre de modo mediado e compartilhado entre as crianças. Os professores devem explorar também a relação entre os conceitos e seus usos sociais, além do interesse e a curiosidade da criança no compartilhamento de experiências, interpretações e descobertas sobre as características essenciais dos fenômenos inerentes aos conteúdos a serem estudados. A mediação dos docentes durante todo o processo de resolução é condição fundamental para explicitar o conceito presente no contexto explorado, superando a atividade apenas empírica e favorecendo o desenvolvimento do pensamento teórico.

O jogo no ensino e a atividade principal da criança

No decorrer da vida, diferentes atividades têm a possibilidade de potencializar a aprendizagem. Isso porque se relacionam com os interesses e motivos de os sujeitos realizarem-nas. Para Leontiev (1988), elas são denominadas "atividades principais", não porque ocorram com maior frequência ou porque sejam predominantes no tempo que o sujeito lhe dedica, mas porque são aquelas nas quais ocorre mais intensamente a apropriação uma vez que se constituem como a principal forma de relacionamento do sujeito com a realidade (Facci, 2004, p. 66).

Assim, a atividade principal não se trata daquela frequentemente encontrada em certo nível de desenvolvimento, mas, segundo Leontiev (1988, p. 122), é aquela

[...] em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças do desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento.

Compreendida dessa forma, a atividade principal da criança "pré-escolar" é a atividade lúdica, o jogo ou a brincadeira (Leontiev, 1988). No entendimento de Vigotski (1991), a relação brinquedo-desenvolvimento pode, em muitos sentidos, ser comparada com a relação instrução-desenvolvimento. Uma de suas principais características é que, em ambos os contextos, as crianças elaboram e desenvolvem habilidades e conhecimentos socialmente disponíveis, os quais internalizará.

Para Leontiev (1988), isso se dá pelo fato de que o mundo objetivo do qual a criança é consciente está continuamente se expandindo, pois, além dos objetos que constituem seu ambiente próximo (com os quais ela vinha até então operando em suas atividades), esse mundo inclui também os objetos com os quais os adultos operam, mas a criança não consegue operar, por estarem ainda além de sua capacidade física. O domínio desses objetos desafia a criança, que, pelas ações com eles realizadas, expande o domínio do seu mundo. No brincar, ela amplia sua possiblidade real de realizar atividades como cozinhar, dirigir um carro, ser professor ou mecânico, por exemplo. Assim, podemos entender que as "brincadeiras das crianças não são instintivas e o que determina seu conteúdo é a percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos" (Facci, 2004, p. 69).

Da discrepância entre o motivo da criança e a sua ação, nasce a situação imaginária. Porém, a ação no brinquedo não é imaginária. Ao contrário, há uma ação real, uma operação real e imagens reais de objetos reais enquanto que a criança cria uma situação imaginária para o desenvolvimento da ação. Assim é que, por exemplo, um pedaço de madeira assume a função de uma colher ou uma argola assume a função do volante de um carro. Para Vigotski (1991), a ação em uma situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação, em que as ações surgem das ideias e não das coisas. Ao brincar, a criança passa a entender o que na vida real passou despercebido, experimentando e transformando as regras de comportamento às situações imaginárias criadas na ação de brincar.

Ao brincar ou jogar, a criança potencializa sua possibilidade de aprender e de se apropriar de novos conhecimentos. Isso se dá porque, segundo Vigotski (1991), ao brincar, a criança se coloca um nível acima da sua atual situação de aprendizagem, do que realiza fora do jogo. Assim, o jogo cria uma "zona de desenvolvimento próximo", permitindo que a criança atue acima de seu "nível de desenvolvimento real".

Segundo Vigotski (1991), o nível de desenvolvimento real é determinado pela capacidade de solucionar problemas de modo independente, e o nível de desenvolvimento potencial é determinado pela capacidade de solucionar problemas com a orientação, ou ajuda de adultos e, ainda, com a colaboração de parceiros mais capazes.

Relacionando a atividade lúdica com a aprendizagem, temos que "as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade" (Vigotski, 1991, p. 131).

No desenvolvimento de jogos com regras, a atividade lúdica subordina-se a certas condições atreladas à realização de certo objetivo. A partir dos jogos com regras ocorre, segundo Leontiev (1988), um momento essencial para o desenvolvimento da psique da criança, quando ela introduz em sua atividade um elemento moral manifesto pela obediência à regra. Para o autor, a relevância desse acontecimento está no fato de que este elemento moral surge da própria atividade da criança e não sob a forma de "uma máxima moral abstrata que ela tenha ouvido" (p. 139).

Assim, o jogo ou a brincadeira pode constituir-se como importante recurso metodológico nos processos de ensino e de aprendizagem, se considerado de forma intencional e em relação com o conceito que se pretende ensinar. No

caso da Matemática, é possível planejar situações nas quais, por meio da brincadeira desencadeada por jogos ou por histórias, as crianças se deparem com as necessidades de contar, registrar contagens, socializar esses registros, organizar dados. Por meio dos jogos e na ação compartilhada entre as crianças sob a mediação dos professores, tais necessidades passam a ser necessidades para as crianças em atividade lúdica, explorando a imaginação e a criatividade. A atividade lúdica pode ser explorada no ensino da Matemática por favorecer aprendizagens de "estruturas matemáticas, muitas vezes de difícil assimilação", desenvolvendo "sua capacidade de pensar, refletir, analisar, compreender conceitos matemáticos, levantar hipóteses, testá-las e avaliá-las" (Grando, 2008, p. 26).

Algumas ações desenvolvidas pelas crianças ao jogar podem ser comparadas com as ações adequadas ao processo de resolução de problemas. Além disso, é possível estabelecermos paralelos entre as etapas do jogo e as etapas da resolução de problemas (Moura, 1991; 1996; Grando, 2008). Em ambos, parte-se de uma situação desencadeadora (jogo ou problema), há uma exploração inicial do conceito presente na situação, levantamento de hipóteses ou estratégias, verificação de hipótese ou testagem de estratégias, avaliação, reelaboração na direção de atingir o objetivo (vencer o jogo ou resolver o problema).

Para exemplificar essa possibilidade de articulação entre jogo e resolução de problema, Moura (1991, p. 52) apresenta uma proposta de organização do ensino para favorecer a aprendizagem do signo numérico:

Algumas formas de levar as crianças à compreensão do signo numérico podem ser, por exemplo, contando-lhes uma história, fazendo-as viver uma situação na qual seja necessário o controle de quantidades ou ainda sugerindo-lhes um jogo em que se deve marcar a quantidade de pontos a ser comunicada à classe vizinha através de um símbolo criado pelos jogadores. Isto deve ser feito de forma que vá ficando claro o sentido da representação, o caráter histórico-social do signo e como se pode melhorar os processos de comunicações humanas.

Esse autor defende ainda que, nos anos iniciais, é possível explorar mais intensamente a perspectiva da resolução de problemas como um jogo para a criança uma vez que o que os aproxima é o lúdico. Ele propõe que situações-problema possam ser trabalhadas pedagogicamente com a estrutura do jogo, em situações coletivas e por meio de um "problema em movimento", como exposto na proposta apresentada pelo autor.

Fonte

MORETTI Vanessa Dias, Neusa Maria Marques de Souza. Educação matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental: princípios e práticas pedagógicas. Editora Cortez. 2015

HISTÓRIA

O ensino e a aprendizagem de História envolvem uma distinção básica entre o saber histórico, como um campo de pesquisa e produção de conhecimento do domínio de especialistas, e o saber histórico escolar, como conhecimento produzido no espaço escolar.

Considera-se que o saber histórico escolar reelabora o conhecimento produzido no campo das pesquisas dos historiadores e especialistas do campo das Ciências Humanas, selecionando e se apropriando de partes dos resultados acadêmicos, articulando-os de acordo com seus objetivos. Nesse processo de reelaboração, agrega-se um conjunto de "representações sociais" do mundo e da história, produzidos por professores e alunos. As "representações sociais" são constituídas pela vivência dos alunos e professores, que adquirem conhecimentos dinâmicos provenientes de várias fontes de informações veiculadas pela comunidade e pelos meios de comunicação. Na sala de aula, os materiais didáticos e as diversas formas de comunicação escolar apresentadas no processo pedagógico constituem o que se denomina saber histórico escolar.

O saber histórico escolar, na sua relação com o saber histórico, compreende, de modo amplo, a delimitação de três conceitos fundamentais: o de fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico. Os contornos e as definições que são dados a esses três conceitos orientam a concepção histórica, envolvida no ensino da disciplina. Assim, é importante que o professor distinga algumas dessas possíveis conceituações.

Os fatos históricos podem ser traduzidos, por exemplo, como sendo aqueles relacionados aos eventos políticos, às festas cívicas e às ações de heróis nacionais, fatos esses apresentados de modo isolado do contexto histórico em que viveram os personagens e dos movimentos de que participaram.

Em outra concepção de ensino, os fatos históricos podem ser entendidos como ações humanas significativas, escolhidas por professores e alunos, para análises de determinados momentos históricos. Podem ser eventos que pertencem ao passado mais próximo ou distante, de caráter material ou mental, que destaquem mudanças ou permanências ocorridas na vida coletiva. Assim, por exemplo, dependendo das escolhas didáticas, podem se constituir em fatos históricos as ações realizadas pelos homens e pelas coletividades que envolvem diferentes níveis da vida em sociedade: criações artísticas, ritos religiosos, técnicas de produção, formas de desenho, atos de governantes, comportamentos de crianças ou mulheres, independências políticas de povos.

Os sujeitos da História podem ser os personagens que desempenham ações individuais ou consideradas como heroicas, de poder de decisão política de autoridades, como reis, rainhas e rebeldes. A História pode ser estudada, assim, como sendo dependente do destino de poucos homens, de ações isoladas e de vontades individuais de poderosos, em que pouco se percebe a dimensão das ações coletivas, das lutas por mudanças ou do poder exercido por grupos sociais em favor das permanências nos costumes ou nas divisões do trabalho.

O sujeito histórico pode ser entendido, por sua vez, como sendo os agentes de ação social, que se tornam significativos para estudos históricos escolhidos com fins didáticos, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais. Podem ser, assim, todos aqueles que, localizados em contextos históricos, exprimem suas especificidades e carac-

terísticas, sendo líderes de lutas para transformações (ou permanências) mais amplas ou de situações mais cotidianas, que atuam em grupo ou isoladamente, e produzem para si ou para uma coletividade. Podem ser trabalhadores, patrões, escravos, reis, camponeses, políticos, prisioneiros, crianças, mulheres, religiosos, velhos, partidos políticos, etc.

O conceito de tempo histórico pode estar limitado ao estudo do tempo cronológico (calendários e datas), repercutindo em uma compreensão dos acontecimentos como sendo pontuais, uma data, organizados em uma longa e infinita linha numérica. Os acontecimentos, identificados pelas datas, assumem a ideia de uniformidade, de regularidade e, ao mesmo tempo, de sucessão crescente e acumulativa. A sequenciação dos acontecimentos sugere ainda que toda a humanidade seguiu ou deveria seguir o mesmo percurso, criando assim a ideia de povos "atrasados" e "civilizados" e ainda limitando as ações humanas a uma ordem evolutiva, representando o tempo presente um estágio mais avançado da história da humanidade.

O tempo histórico pode ser dimensionado diferentemente, considerado em toda sua complexidade, cuja dimensão o aluno apreende paulatinamente. O tempo pode ser apreendido a partir de vivências pessoais, pela intuição, como no caso do tempo biológico (crescimento, envelhecimento) e do tempo psicológico interno dos indivíduos (ideia de sucessão, de mudança). E precisa ser compreendido, também, como um objeto de cultura, um objeto social construído pelos povos, como no caso do tempo cronológico e astronômico (sucessão de dias e noites, de meses e séculos).

O tempo histórico compreendido nessa complexidade utiliza o tempo institucionalizado (tempo cronológico), mas também o transforma à sua maneira. Isto é, utiliza o calendário, que possibilita especificar o lugar dos momentos históricos na sucessão do tempo, mas procura trabalhar também com a ideia de diferentes níveis e ritmos de durações temporais.

Os níveis das durações estão relacionados à percepção das mudanças ou das permanências nas vivências humanas. As mudanças podem ser identificadas, por exemplo, apenas nos acontecimentos pontuais, como no caso da queda de um governo, da implantação de uma lei, do início de uma revolta popular. Podem ser identificadas, por outro lado, a partir de acontecimentos que possuem durações mais longas, como nas permanências e nas transformações econômicas regidas por governos ou partidos políticos, na permanência de crises financeiras ou na duração de uma lei ou costume. Podem, ainda, ser identificadas em acontecimentos de longuíssimo tempo, como os comportamentos coletivos mais enraizados, os valores e as crenças que permanecem por gerações, as relações de trabalho que atravessam séculos.

A Independência do Brasil, por exemplo, representou no plano político uma mudança no regime de governo, que pode ser relacionada a uma data (7 de setembro de 1822). No plano econômico, as mudanças não foram, todavia, imediatas, já que o rompimento com a dominação portuguesa se manifestou, inclusive, nas políticas de D. João VI no Brasil, desde 1808. No plano das relações de trabalho, por sua vez, a Independência não representou mudanças significativas, já que a escravidão permaneceu ainda por muitas décadas (século XVI ao final do XIX).

Os ritmos da duração, por sua vez, possibilitam identificar a velocidade com que as mudanças ocorrem. Assim, podem ser identificados três tempos: o tempo do acontecimento breve, o da conjuntura e o da estrutura.

O tempo do acontecimento breve é aquele que representa a duração de um fato de dimensão breve, correspondendo a um momento preciso, marcado por uma data. Pode ser, no caso, um nascimento, a assinatura de um acordo, uma greve, a independência política de um país, a exposição de uma coleção artística, a fundação de uma cidade, o início ou o fim de uma guerra.

O tempo da conjuntura é aquele que se prolonga e pode ser apreendido durante uma vida, como o período de uma crise econômica, a duração de uma guerra, a permanência de um regime político, o desenrolar de um movimento cultural, os efeitos de uma epidemia ou a validade de uma lei.

O tempo da estrutura é aquele que parece imutável, pois as mudanças que ocorrem na sua extensão são quase imperceptíveis nas vivências contemporâneas das pessoas. É a duração de um regime de trabalho como a escravidão, de hábitos religiosos e de mentalidades que perduram, o uso de moedas nos sistemas de trocas ou as convivências sociais em organizações como as cidades.

Os diferentes conceitos — de fato histórico, sujeito histórico e tempo histórico — refletem distintas concepções de História e de como ela é estruturada e constituída. Orientam, por exemplo, na definição dos fatos que serão investigados, os sujeitos que terão a voz e as noções de tempo histórico que serão trabalhadas.

O conhecimento histórico escolar, além de se relacionar com o conhecimento histórico de caráter científico nas especificações das noções básicas da área, também se articula aos fundamentos de seus métodos de pesquisa, adaptando-os para fins didáticos.

A transposição dos métodos de pesquisa da História para o ensino de História propicia situações pedagógicas privilegiadas para o desenvolvimento de capacidades intelectuais autônomas do estudante na leitura de obras humanas, do presente e do passado. A escolha dos conteúdos, por sua vez, que possam levar o aluno a desenvolver noções de diferença e de semelhança, de continuidade e de permanência, no tempo e no espaço, para a constituição de sua identidade social, envolve cuidados nos métodos de ensino.

Assim, os estudos da história dos grupos de convívio e nas suas relações com outros grupos e com a sociedade nacional, considerando vivências nos diferentes níveis da vida coletiva (sociais, econômicas, políticas, culturais, artísticas, religiosas), exigem métodos específicos, considerando a faixa etária e as condições sociais e culturais dos alunos. Existe uma grande diversidade cultural e histórica no País, explicada por sua extensão territorial e pela história de seu povoamento. As diferenças sociais e econômicas da população brasileira acarretaram formas diversas de registros históricos. Assim, há um grande número de pessoas

que não fazem uso da escrita, tanto porque não tiveram acesso a processos formais de alfabetização como porque pertencem a culturas ágrafas, como no caso de populações indígenas. Nesse sentido, o trabalho pedagógico requer estudo de novos materiais (relatos orais, imagens, objetos, danças, músicas, narrativas), que devem se transformar em instrumentos de construção do saber histórico escolar.

Ao se recuperar esses materiais, que são fontes potenciais para construção de uma história local parcialmente desconhecida, desvalorizada, esquecida ou omitida, o saber histórico escolar desempenha outro papel na vida local, sem significar que se pretende fazer do aluno um "pequeno historiador" capaz de escrever monografias, mas um observador atento das realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações, comparações e relativizando sua atuação no tempo e espaço.

A escolha metodológica representa a possibilidade de orientar trabalhos com a realidade presente, relacionando-a e comparando-a com momentos significativos do passado. Didaticamente, as relações e as comparações entre o presente e o passado permitem uma compreensão da realidade numa dimensão histórica, que extrapola as explicações sustentadas apenas no passado ou só no presente imediato.

Ensino e aprendizagem de História no primeiro ciclo[2]

O ensino e a aprendizagem da História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas.

As crianças, desde pequenas, recebem um grande número de informações sobre as relações interpessoais e coletivas. Entretanto, suas reflexões sustentam-se, geralmente, em concepções de senso comum. Cabe à escola interferir em suas concepções de mundo, para que desenvolvam uma observação atenta do seu entorno, identificando as relações sociais em dimensões múltiplas e diferenciadas.

No caso do primeiro ciclo, considerando-se que as crianças estão no início da alfabetização, deve-se dar preferência aos trabalhos com fontes orais e iconográficas e, a partir delas, desenvolver trabalhos com a linguagem escrita. De modo geral, no trabalho com fontes documentais — fotografias, mapas, filmes, depoimentos, edificações, objetos de uso cotidiano —, é necessário desenvolver trabalhos específicos de levantamento e organização de informações, leitura e formas de registros.

O trabalho do professor consiste em introduzir o aluno na leitura das diversas fontes de informação, para que adquira, pouco a pouco, autonomia intelectual. O percurso do trabalho escolar inicia, dentro dessa perspectiva, com a identificação das especificidades das linguagens dos documentos — textos escritos, desenhos, filmes —, das suas simbologias e das formas de construções dessas mensagens.

2 O primeiro ciclo corresponde aos primeiros anos do ensino fundamental.

Intervenções pedagógicas específicas, baseadas no trabalho de pesquisa histórica, provocam significativas mudanças nas compreensões das crianças pequenas sobre quem escreve a História.

Por exemplo: passam a considerar a diversidade de fontes para obtenção de informações sobre o passado, discernindo sobre o fato de que épocas precedentes deixaram, intencionalmente ou não, indícios de sua passagem que foram descobertos e conservados pelas coletividades. Podem compreender que os diferentes registros são fontes de informação para se conhecer o passado.

Na organização de dados históricos obtidos, cabe ao professor incentivar os alunos a compreenderem os padrões de medida de tempo, como calendários, que permitem entender a ordenação temporal do seu cotidiano e comparar acontecimentos a partir de critérios de anterioridade ou posteridade e simultaneidade.

Objetivos de História para o primeiro ciclo

Espera-se que ao final do primeiro ciclo os alunos sejam capazes de:

- comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade;
- reconhecer algumas semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais, de dimensão cotidiana, existentes no seu grupo de convívio escolar e na sua localidade;
- reconhecer algumas permanências e transformações sociais, econômicas e culturais nas vivências cotidianas das famílias, da escola e da coletividade, no tempo, no mesmo espaço de convivência;
- caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena, que vive ou viveu na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas;
- identificar diferenças culturais entre o modo de vida de sua localidade e o da comunidade indígena estudada;
- estabelecer relações entre o presente e o passado;
- identificar alguns documentos históricos e fontes de informações discernindo algumas de suas funções.

Conteúdos de História para o primeiro ciclo

Eixo Temático: História Local e do Cotidiano

Os conteúdos de História para o primeiro ciclo enfocam, preferencialmente, diferentes histórias pertencentes ao local em que o aluno convive, dimensionadas em diferentes tempos.

Prevalecem estudos comparativos, distinguindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações de costumes, modalidades de trabalho, divisão de tarefas, organizações do grupo familiar e formas de relacionamento com a natureza. A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia.

Ao ingressarem na escola, as crianças passam a diversificar os seus convívios, ultrapassando as relações de âmbito familiar e interagindo, também, com outro grupo social — estudantes, educadores e outros profissionais —, caracterizado pela diversidade, e, ao mesmo tempo, por relações entre iguais. A própria classe possui um histórico no qual o aluno terá participação ativa. Sendo um ambiente que abarca uma dada complexidade, os estudos históricos aprofundam, inicialmente, temas que dão conta de distinguir as relações sociais e econômicas submersa nessas relações escolares, ampliando-as para dimensões coletivas, que abarcam as relações estabelecidas na sua localidade.

Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço.

Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais, classificando-os como mais "evoluídos" ou "atrasados".

Como se trata de estudos, em parte, sobre a história local, as informações propiciam pesquisas com depoimentos e relatos de pessoas da escola, da família e de outros grupos de convívio, fotografias e gravuras, observações e análises de comportamentos sociais e de obras humanas: habitações, utensílios caseiros, ferramentas de trabalho, vestimentas, produção de alimentos, brincadeiras, músicas, jogos, entre outros.

Considerando o eixo temático "História local e do cotidiano", a proposta é a de que, no primeiro ciclo, os alunos iniciem seus estudos históricos no presente, mediante a identificação das diferenças e das semelhanças existentes entre eles, suas famílias e as pessoas que trabalham na escola. Com os dados do presente, a proposta é que desenvolvam estudos do passado, identificando mudanças e permanências nas organizações familiares e educacionais.

Conhecendo as características dos grupos sociais de seu convívio diário, a proposta é de que ampliem estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade no presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes; e desenvolvam estudos sobre o passado da localidade, identificando as mudanças e as permanências nos hábitos, nas relações de trabalho, na organização urbana ou rural em que convivem, etc.

Identificando algumas das características da sociedade em que os alunos vivem, podem-se introduzir estudos sobre uma comunidade indígena que habita ou habitava a mesma região onde moram atualmente. A opção de introduzir estudos de povos indígenas é relevante por terem sido os primeiros habitantes das terras brasileiras e, até hoje, terem conseguido manter formas de relações sociais diferentes das que são predominantes no Brasil. A preocupação em identificar os grupos indígenas que habitam ou habitaram a região próxima do convívio dos alunos é a de possibilitar a compreensão da existência de diferenças entre os próprios grupos indígenas, com especificidades de costumes, línguas diferentes, evitando criar a imagem do índio como povo único e sem história. O conhecimento sobre os costumes e as relações sociais de povos indígenas possibilita aos alunos dimensionarem, em um tempo longo, as mudanças ocorridas naquele espaço onde vivem e, ao mesmo tempo, conhecerem costumes, relações sociais e de trabalho diferentes do seu cotidiano.

Diante da proposta ampla de possibilidades de aprofundamentos de estudos, cabe ao professor:

• fazer recortes e selecionar alguns aspectos considerados mais relevantes, tendo em vista os problemas locais e/ou contemporâneos;

• desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de história com outras áreas de conhecimento;

• avaliar o seu trabalho ao longo do ano, refletindo sobre as escolhas dos conteúdos priorizados, as atividades propostas e os materiais didáticos selecionados, para replanejar a sua proposta de ensino de um ano para o outro.

A localidade

- Levantamento de diferenças e semelhanças individuais, sociais, econômicas e culturais entre os alunos da classe e entre eles e as demais pessoas que convivem e trabalham na escola:

- idade, sexo, origem, costumes, trabalho, religião, etnia, organização familiar, lazer, jogos, interação com meios de comunicação (televisão, rádio, jornal), atividade dos pais, participação ou conhecimento artístico, preferências em relação à música, à dança ou à arte em geral, acesso a serviços públicos de água e esgoto, hábitos de higiene e de alimentação.

- Identificação de transformações e permanências dos costumes das famílias das crianças (pais, avós e bisavós) e nas instituições escolares:

- número de filhos, divisão de trabalhos entre sexo e idade, costumes alimentares, vestimentas, tipos de moradia, meios de transporte e comunicação, hábitos de higiene, preservação da saúde, lazer, músicas, danças, lendas, brincadeiras de infância, jogos, os antigos espaços escolares, os materiais didáticos de outros tempos, antigos professores e alunos.

- Levantamento de diferenças e semelhanças entre as pessoas e os grupos sociais que convivem na coletividade, nos aspectos sociais, econômicos e culturais:

- diferentes profissões, divisão de trabalhos e atividades em geral entre idades e sexos, origem, religião, alimentação, vestimenta, habitação, diferentes bairros e suas populações, locais públicos (igrejas, prefeitura, hospitais, praças, mercados, feiras, cinemas, museus), locais privados (residências, fábricas, lojas), higiene, atendimento médico, acesso a sistemas públicos de água e esgoto, usos e aproveitamento dos recursos naturais e fontes de energia (água, terra e fogo), locais e atividades de lazer, museus, espaços de arte, diferentes músicas e danças.

- Identificação de transformações e permanências nas vivências culturais (materiais e artísticas) da coletividade no tempo:

- diferentes tipos de habitações antigas que ainda existem, observações de mudanças no espaço, como reformas de prédios, construções de estradas, pontes, viadutos, diferenciação entre produtos manufaturados e industrializados, mecanização da agricultura, ampliação dos meios de comunicação de massa, sobrevivência de profissões artesanais (ferreiros, costureiras, sapateiros, oleiros, seleiros), mudanças e permanências de instrumentos de trabalho, manifestações artísticas, mudanças nas vestimentas, sistema de abastecimento de alimentos, técnicas de construção de casas e suas divisões de trabalho, as músicas e danças de antigamente, as formas de lazer de outros tempos.

Comunidade indígena

- Identificação do grupo indígena da região e estudo do seu modo de vida social, econômico, cultural, político, religioso e artístico:

- o território que habitam e que já habitaram, organização das famílias e parentesco, a produção e distribuição de alimentos, a divisão de trabalho entre os sexos e as idades, as moradias e a organização do espaço, os rituais culturais e religiosos, as relações materiais e simbólicas com a natureza (os animais e a flora), a língua falada, as vestimentas, os hábitos cotidianos de higiene, a medicina, as técnicas de produção de artefatos, as técnicas de coleta ou de produção de alimentos, a delimitação do território geográfico e de domínio da comunidade, os espaços que são públicos e os espaços considerados privados, as transformações sofridas pela cultura no contato com outros povos, as relações de amizade, trocas ou identidade com outras comunidades indígenas, as brincadeiras e as rotinas das mulheres, dos homens, das crianças e dos velhos, a medição do tempo, o contar histórias, as crenças, lendas e mitos de origem, as manifestações artísticas, como músicas, desenhos, artesanato, danças.

- Identificação de semelhanças e diferenças entre o modo de vida da localidade dos alunos e da cultura indígena:

- existem vários aspectos da coletividade dos alunos que são diferentes do modo de vida da comunidade indígena estudada : na ocupação do território, no relacionamento com a natureza (produção de alimentos, uso da água, do solo e da vegetação, mitos, medicina, preservação), nas construções de moradias (materiais, técnicas, construtores, distribuição e uso do espaço interno), na divisão de tarefas entre as pessoas na realização de trabalhos, nos tipos e confecção de vestimentas, nos tipos de lazer, na religiosidade, nos mitos de origem, nas técnicas de fabricação e uso de instrumentos nas mais diversas atividades de trabalho, no uso do espaço geográfico, nos hábitos de higiene, nos meios de comunicação, nos meios de transporte, nos diferentes modos de medir o tempo.

Conteúdos comuns as Temáticas Históricas

Todas as temáticas são permeadas pelos conteúdos que se seguem, cuja aprendizagem favorece a construção de noções históricas. É necessário que o professor oriente e acompanhe passo a passo a realização desses procedimentos pelos alunos, de forma que a aprendizagem seja bem-sucedida.

- Busca de informações em diferentes tipos de fontes (entrevistas, pesquisa bibliográfica, imagens, etc.).
- Análise de documentos de diferentes naturezas.
- Troca de informações sobre os objetos de estudo.
- Comparação de informações e perspectivas diferentes sobre um mesmo acontecimento, fato ou tema histórico.
- Formulação de hipóteses e questões a respeito dos temas estudados.
- Registro em diferentes formas: textos, livros, fotos, vídeos, exposições, mapas, etc.
- Conhecimento e uso de diferentes medidas de tempo.

Critérios de avaliação de História para o primeiro ciclo

Ao final do primeiro ciclo, depois de terem vivenciados inúmeras situações de aprendizagem, os alunos dominam alguns conteúdos e procedimentos. Para avaliar esses domínios, esta proposta destaca, de modo amplo, os seguintes critérios:

- Reconhecer algumas semelhanças e diferenças no modo de viver dos indivíduos e dos grupos sociais que pertencem ao seu próprio tempo e ao seu espaço

Este critério pretende avaliar se, a partir dos estudos desenvolvidos, o aluno se situa no tempo presente, reconhece diversidades e aproximações de modo de vida, de culturas, de crenças e de relações sociais, econômicas e culturais, pertencentes às localidades de seu próprio tempo e localizadas no espaço mais próximo com que convive (na escola, na família, na coletividade e em uma comunidade indígena de sua região).

- Reconhecer a presença de alguns elementos do passado no presente, projetando a sua realidade numa dimensão histórica, identificando a participação de diferentes sujeitos, obras e acontecimentos, de outros tempos, na dinâmica da vida atual

Este critério pretende avaliar as conquistas do aluno no reconhecimento de que sua realidade estabelece laços de identidade histórica com outros tempos, que envolvem outros modos de vida, outros sujeitos e outros contextos.

GEOGRAFIA

Independentemente da perspectiva geográfica, a maneira mais comum de se ensinar Geografia tem sido pelo discurso do professor ou pelo livro didático. Este discurso sempre parte de alguma noção ou conceito chave e versa sobre algum fenômeno social, cultural ou natural que é descrito e explicado, de forma descontextualizada do lugar ou do espaço no qual se encontra inserido. Após a exposição, ou trabalho de leitura, o professor avalia, pelos exercícios de memorização, se os alunos aprenderam o conteúdo.

Abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno em diferentes

momentos da escolaridade, de modo que os alunos possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito.

Espera-se que, dessa forma, eles desenvolvam a capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, compreendendo a relação sociedade-natureza. Essas práticas envolvem procedimentos de problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, na busca e formulação de hipóteses e explicações das relações, permanências e transformações que aí se encontram em interação.

Para tanto, o estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma conjunta. No ensino, professores e alunos deverão procurar entender que ambas — sociedade e natureza — constituem a base material ou física sobre a qual o espaço geográfico é construído.

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar esses procedimentos. A observação, descrição, experimentação, analogia e síntese devem ser ensinadas para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e até mesmo representar os processos de construção do espaço e dos diferentes tipos de paisagens e territórios. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmos: observar, descrever, experimentar e comparar servem para construir noções, espacializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas, enfim, para conhecer e começar a operar com os procedimentos e as explicações que a Geografia como ciência produz.

A paisagem local, o espaço vivido pelos alunos deve ser o objeto de estudo ao longo dos dois primeiros ciclos. Entretanto, não se deve trabalhar do nível local ao mundial hierarquicamente: o espaço vivido pode não ser o real imediato, pois são muitos e variados os lugares com os quais os alunos têm contato e, sobretudo, que são capazes de pensar sobre. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho que deve ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais.

Além disso, o estudo da paisagem local não deve se restringir à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. Deve-se também buscar as relações entre a sociedade e a natureza que aí se encontram presentes, situando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando-as, conferindo-lhes significados, compreendendo-as. Estudar a paisagem local ao longo dos primeiro e segundo ciclos é aprender a observar e a reconhecer os fenômenos que a definem e suas características; descrever, representar, comparar e construir explicações, mesmo que aproximadas e subjetivas, das relações que aí se encontram impressas e expressas.

Nos ciclos subsequentes, o ensino de Geografia deve intensificar ainda mais a compreensão, por parte dos alunos, dos processos envolvidos na construção do espaço geográfico. A territorialidade e a temporalidade dos fenômenos estudados devem ser abordadas de forma mais aprofundada, pois os alunos já podem construir compreensões e explicações mais complexas sobre as relações que existem entre aquilo que acontece no dia-a-dia, no lugar no qual se encontram inseridos, e o que acontece em outros lugares do mundo. Os problemas socioambientais e econômicos — como a degradação dos ecossistemas, o crescimento das disparidades na distribuição da riqueza entre países e grupos sociais, por exemplo — podem ser abordados a fim de promover um estudo mais amplo de questões sociais, econômicas, políticas e ambientais relevantes na atualidade. O próprio processo de globalização pelo qual o mundo de hoje passa demanda uma compreensão maior das relações de interdependência que existem entre os lugares, bem como das noções de espacialidade e territorialidade intrínsecas a esse processo.

Tal abordagem visa favorecer também a compreensão, por parte do aluno, de que ele próprio é parte integrante do ambiente e também agente ativo e passivo das transformações das paisagens terrestres. Contribui para a formação de uma consciência conservacionista e ambiental, na qual se pensa sobre o ambiente não somente em seus aspectos naturais, mas também culturais, econômicos e políticos.

Para tanto, as noções de sociedade, cultura, trabalho e natureza são fundamentais e podem ser abordadas por meio de temas nos quais as dinâmicas e determinações existentes entre a sociedade e a natureza sejam estudadas de forma conjunta. Porém, para além de uma abordagem descritiva da manifestação das forças materiais, é possível também nos terceiro e quarto ciclos propor estudos que envolvam o simbólico e as representações subjetivas, pois a força do imaginário social participa significativamente na construção do espaço geográfico e da paisagem.

A Geografia, ao pretender o estudo dos lugares, suas paisagens e território, tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura do espaço e da paisagem. É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental pela leitura de autores brasileiros consagrados — Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros — cujas obras retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais.

Também as produções musicais, a fotografia e até mesmo o cinema são fontes que podem ser utilizadas por professores e alunos para obter informações, comparar, perguntar e inspirar-se para interpretar as paisagens e construir conhecimentos sobre o espaço geográfico.

A Geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. Pede uma cartografia conceitual, apoiada numa fusão de múltiplos tempos e numa linguagem específica, que faça da localização e da espacialização uma referência da leitura das paisagens e seus movimentos.

Na escola, assim, fotos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras e vídeos também podem ser utilizados como fontes de informação e de leitura do espaço e da paisagem. É

preciso que o professor analise as imagens na sua totalidade e procure contextualizá-las em seu processo de produção: por quem foram feitas, quando, com que finalidade, etc., e tomar esses dados como referência na leitura de informações mais particularizadas, ensinando aos alunos que as imagens são produtos do trabalho humano, localizáveis no tempo e no espaço, cujas intencionalidades podem ser encontradas de forma explícita ou implícita.

O estudo da linguagem cartográfica, por sua vez, tem cada vez mais reafirmado sua importância, desde o início da escolaridade. Contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, os mapas, como também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço.

A cartografia é um conhecimento que vem se desenvolvendo desde a pré-história até os dias de hoje. Por intermédio dessa linguagem é possível sintetizar informações, expressar conhecimentos, estudar situações, entre outras coisas — sempre envolvendo a ideia da produção do espaço: sua organização e distribuição.

A forma mais usual de se trabalhar com a linguagem cartográfica na escola é por meio de situações nas quais os alunos têm de colorir mapas, copiá-los, escrever os nomes de rios ou cidades, memorizar as informações neles representadas. Mas esse tratamento não garante que eles construam os conhecimentos necessários, tanto para ler mapas como para representar o espaço geográfico.

Para isso, é preciso partir da ideia de que a linguagem cartográfica é um sistema de símbolos que envolve proporcionalidade, uso de signos ordenados e técnicas de projeção. Também é uma forma de atender a diversas necessidades, das mais cotidianas (chegar a um lugar que não se conhece, entender o trajeto dos mananciais, por exemplo) às mais específicas (como delimitar áreas de plantio, compreender zonas de influência do clima). A escola deve criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre essa linguagem nos dois sentidos: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela.

Ensino e aprendizagem de Geografia no primeiro ciclo

No primeiro ciclo, o estudo da Geografia deve abordar principalmente questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e, de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico. Para tanto, a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho.

O estudo das manifestações da natureza em suas múltiplas formas, presentes na paisagem local, é ponto de partida para uma compreensão mais ampla das relações entre sociedade e natureza.

É possível analisar as transformações que esta sofre por causa de atividades econômicas, hábitos culturais ou questões políticas, expressas de diferentes maneiras no próprio meio em que os alunos estão inseridos. Por exemplo, por meio da arquitetura, da distribuição da população, dos hábitos alimentares, da divisão e constituição do trabalho, das formas de lazer e inclusive por suas próprias características biofísicas pode-se observar a presença da natureza e sua relação com a vida dos homens em sociedade. Do mesmo modo, é possível também compreender por que a natureza favorece o desenvolvimento de determinadas atividades e não de outras e, assim, conhecer as influências que uma exerce sobre outra, reciprocamente.

Quando se estuda a paisagem local, deve-se procurar estabelecer relações com outras paisagens e lugares distantes no tempo ou no espaço, para que elementos de comparação possam ser utilizados na busca de semelhanças e diferenças, permanências e transformações, explicações para os fenômenos que aí se encontram presentes. Inicia-se, assim, um processo de compreensão mais ampla das noções de posição, sítio, fronteira e extensão, que caracterizam a paisagem local e as paisagens de forma geral.

É fundamental também que o professor conheça quais são as ideias e os conhecimentos que seus alunos têm sobre o lugar em que vivem, sobre outros lugares e a relação entre eles. Afinal, mesmo que ainda não tenham tido contato com o conhecimento geográfico de forma organizada, os alunos são portadores de muitas informações e ideias sobre o meio em que estão inseridos e sobre o mundo, têm acesso ao conhecimento produzido por seus familiares e pessoas próximas e, muitas vezes, às informações veiculadas pelos meios de comunicação.

Esses conhecimentos devem ser investigados para que o professor possa criar intervenções significativas que provoquem avanços nas concepções dos alunos. O principal cuidado é ir além daquilo que já sabem, evitando estudos restritos às ideias e temas que já dominam e pouco promovem a ampliação de seus conhecimentos e hipóteses acerca da presença e do papel da natureza na paisagem local.

Desde o primeiro ciclo é importante que os alunos conheçam alguns procedimentos que fazem parte dos métodos de operar da Geografia. Observar, descrever, representar e construir explicações são procedimentos que podem aprender a utilizar, mesmo que ainda o façam com pouca autonomia, necessitando da presença e orientação do professor. Por exemplo, em relação à observação, o professor pode levá-los a compreender que não se trata apenas de olhar um pouco mais detidamente, mas sim de olhar intencionalmente, em busca de respostas, nem sempre visíveis de imediato, disparadas pelo assunto ou problema em estudo. A descrição, por sua vez, não deve ser apenas uma listagem aleatória do que se observa, mas sim a seleção das informações que sugerem certas explicações e possuem relação com as hipóteses daquele que observa e descreve.

Vale lembrar que esse ciclo é, na maioria das vezes, o momento de ingresso da criança na escola. Ensinar os alunos a ler uma imagem, a observar uma paisagem ou ainda a ler um texto — mesmo que a leitura não seja realizada diretamente por eles — para pesquisar e obter informações faz parte do trabalho do professor desse ciclo. Do mesmo modo, cabe a ele estimular e intermediar discussões entre os próprios alunos, para que possam aprender a compartilhar seus conhecimentos, elaborar perguntas, confrontar suas opiniões, ouvir seus semelhantes e se posicionar diante do grupo.

Assim, mesmo os alunos estando em processo de alfabetização, fontes escritas devem estar presentes nos estudos realizados, da mesma forma que o conhecimento construído expresso por meio de textos. Propor que os alunos registrem por escrito, individual ou coletivamente, aquilo que observaram ou aprenderam é uma maneira de aproximá-los de procedimentos essenciais — ler e escrever — não apenas para o campo da Geografia, mas também para o desenvolvimento de procedimentos importantes na vida de todo estudante.

A imagem como representação também pode estar presente. Desenhar é uma maneira de se expressar característica desse segmento da escolaridade e um procedimento de registro utilizado pela própria Geografia. Além disso, é uma forma interessante de propor que os alunos comecem a utilizar mais objetivamente as noções de proporção, distância e direção, fundamentais para a compreensão e uso da linguagem cartográfica.

O trabalho com a construção da linguagem cartográfica, por sua vez, deve ser realizado considerando os referenciais que os alunos já utilizam para se localizar e orientar no espaço. A partir de situações nas quais compartilhem e explicitem seus conhecimentos, o professor pode criar outras nas quais possam esquematizar e ampliar suas ideias de distância, direção e orientação.

O início do processo de construção da linguagem cartográfica acontece mediante o trabalho com a produção e a leitura de mapas simples, em situações significativas de aprendizagem nas quais os alunos tenham questões a resolver, seja para comunicar, seja para obter e interpretar informações.

E como na construção de outras linguagens mesmo inicialmente não se deve descaracterizá-la nem na produção, nem na leitura. É importante, assim, que o professor desse ciclo trabalhe com diferentes tipos de mapas, atlas, globo terrestre, plantas e maquetes — de boa qualidade e atualizados —, mediante situações nas quais os alunos possam interagir com eles e fazer um uso cada vez mais preciso e adequado deles.

O estudo do meio, o trabalho com imagens e a representação dos lugares são recursos didáticos interessantes pelos quais os alunos poderão construir e reconstruir, de maneira cada vez mais ampla e estruturada, as imagens e as percepções que têm da paisagem local, conscientizando-se de seus vínculos afetivos e de identidade com o lugar no qual se encontram inseridos.

Além disso, a interface com a História é essencial. A Geografia pode trabalhar com recortes temporais e espaciais distintos dos da História, embora não possa construir interpretações de uma paisagem sem buscar sua historicidade. Uma abordagem que pretende ler a paisagem local, estabelecer comparações, interpretar as múltiplas relações entre a sociedade e a natureza de um determinado lugar, pressupõe uma inter-relação entre essas disciplinas, tanto nas problematizações quanto nos conteúdos e procedimentos. Com a área de Ciências também há uma afinidade peculiar nos conteúdos desse ciclo, uma vez que o funcionamento da natureza e suas determinações na vida dos homens devem ser estudados. Sem perder de vista as especificidades de cada uma das áreas, o professor pode aproveitar o que há em comum para tratar um mesmo assunto sob vários ângulos.

O estudo da paisagem local

São muitos e variados os temas que podem ser pesquisados a partir do estudo da paisagem local. Embora cada unidade escolar e cada professor possa propor os seus, a depender das necessidades e problemáticas que julgarem importantes de serem abordadas, aqueles selecionados devem tratar da presença e do papel da natureza e sua relação com a vida das pessoas — seja em sociedade, coletiva ou individualmente — na construção do espaço geográfico.

Seguem sugestões de blocos temáticos que podem ser estudados com os alunos, apresentados de modo amplo, pois se configuram como sugestões e não devem ser compreendidos como uma sequência de assuntos a serem aprendidos ou ainda como blocos isolados que não se comunicam entre si. O professor pode, por exemplo, trabalhar com um ou mais blocos ao mesmo tempo, reunidos no estudo da paisagem local.

Tudo é Natureza

A principal noção a ser trabalhada por este tema é a presença da natureza em tudo que está visível ou não na paisagem local. Por meio da observação e descrição, os alunos podem reconhecer essa presença em seus hábitos cotidianos, na configuração e localização de seu bairro e de sua cidade ou ainda nas atividades econômicas, sociais e culturais com as quais têm contato direto ou indireto. Essa percepção pode ser ampliada mediante a comparação com a presença da natureza em outros bairros, em diferentes regiões do Brasil e em outros lugares do mundo. A visão global de natureza expressa na paisagem local pode ser realizada por meio dos hábitos de consumo, pesquisando os produtos que participam da vida cotidiana, como são feitos e qual a origem dos recursos naturais que estão envolvidos em sua produção. É possível, ainda, aproximar os alunos do papel do trabalho na transformação da natureza, investigando como pessoas de diferentes espaços e tempos utilizam técnicas e instrumentos distintos de trabalho na apropriação e transformação dos elementos naturais disponíveis na paisagem local. Entretanto, a dimensão utilitária da natureza como recurso natural pode ser ultrapassada ao se abordarem também suas características biofísicas e as relações afetivas e singulares que as pessoas estabelecem com ela e manifestam por meio das artes e das formas de lazer, por exemplo.

Conservando o Ambiente

Este tema proporciona a compreensão das diferentes relações que indivíduos, grupos sociais e sociedades estabelecem com a natureza no dia-a-dia. Por meio de problematizações de situações vividas no lugar no qual os alunos

se encontram inseridos — seja ele o bairro, a cidade ou o país — pode-se discutir o comportamento social e suas relações com a natureza. Devem ser estudados o modo de produzir e fazer do cotidiano, as tecnologias e as possibilidades de novas formas de se relacionar com a natureza, como as atitudes conservacionistas em relação ao lixo, saneamento básico, abastecimento de água, produção e conservação de alimentos, por exemplo. É possível ainda introduzir os modos de produzir considerados alternativos, como a produção de energia solar e as técnicas agrícolas alternativas. Pode-se também abordar a categoria território ao se tratar da questão ambiental como política de conservação e apresentar aos alunos o conceito de Áreas

Protegidas e Unidades de Conservação por meio da pesquisa sobre suas tipologias e seus objetivos, identificando como elas estão próximas ou distantes de seu cotidiano e quais as suas implicações na vida das pessoas.

Transformando a Natureza: Diferentes Paisagens

Este tema proporciona um estudo sobre os motivos, as técnicas e as consequências da transformação e do uso da natureza. Pode-se integrá-lo ao estudo da História no que se refere às relações sociais, culturais e econômicas. Por meio da leitura de imagens, pode-se conhecer a trajetória da constituição da paisagem local e compará-la com a trajetória de diferentes paisagens e lugares, enfocando as múltiplas relações e determinações dos homens em sociedade com a natureza nessa trajetória. Este tema evoca também pesquisas sobre como diferentes grupos sociais — índios, negros, imigrantes, caiçaras, dentre os muitos que fazem parte da sociedade brasileira — relacionaram-se ao longo de suas trajetórias com a natureza na construção do lugar e da paisagem onde vivem, podendo-se inclusive eleger como objeto de estudo grupos sociais inseridos em paisagens distintas daquelas características do Brasil.

O Lugar e a Paisagem

Este tema trata das relações mais individualizadas dos alunos com o lugar em que vivem.

Quais foram as razões que os fizeram morar ali (vínculos familiares, proximidade do trabalho, condições econômicas, entre outras) e quais são as condições do lugar em que vivem (moradia, asfalto, saneamento básico, postos de saúde, escolas, lugares de lazer, tratamento do lixo). Pode-se aprofundar a compreensão desses aspectos a partir da forma como percebem a paisagem local em que vivem e procurar estabelecer relações entre o modo como cada um vê seu lugar e como cada lugar compõe a paisagem. Outro ponto a ser discutido são as normas dos lugares: como é que se deve agir na rua, na escola, na casa; como essas regras são expressas de forma implícita ou explícita nas relações sociais e na própria paisagem local; como as crianças percebem e lidam com as regras dos diferentes lugares. É importante discutir tentando encontrar as razões pelas quais elas são estabelecidas dessa forma e não de outra, sua utilidade, legitimidade e como alteram e determinam a configuração dos lugares.

Esses blocos temáticos contemplam conteúdos de diferentes dimensões: conceituais, procedimentais e atitudinais que, segundo esta proposta de ensino, são considerados como fundamentais para atingir as capacidades definidas para esse segmento da escolaridade. A seguir, são apresentados em forma de lista, de modo a destacar suas dimensões e as principais relações que existem entre eles:

- observação e descrição de diferentes formas pelas quais a natureza se apresenta na paisagem local: nas construções e moradias, na distribuição da população, na organização dos bairros, nos modos de vida, nas formas de lazer, nas artes plásticas;
- identificação de motivos e técnicas pelos quais sua coletividade e a sociedade de forma geral transforma a natureza: por meio do trabalho, da tecnologia, da cultura e da política, no passado e no presente;
- caracterização da paisagem local: suas origens e organização, as manifestações da natureza em seus aspectos biofísicos, as transformações sofridas ao longo do tempo;
- conhecimento das relações entre as pessoas e o lugar: as condições de vida, as histórias, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem;
- identificação da situação ambiental da sua localidade: proteção e preservação do ambiente e sua relação com a qualidade de vida e saúde;
- produção de mapas ou roteiros simples considerando características da linguagem cartográfica como as relações de distância e direção e o sistema de cores e legendas;
- leitura inicial de mapas políticos, atlas e globo terrestre;
- valorização de formas não-predatórias de exploração, transformação e uso dos recursos naturais;
- organização, com auxílio do professor, de suas pesquisas e das conquistas de seus conhecimentos em obras individuais ou coletivas: textos, exposições, desenhos, dramatizações, entre outras.

Critérios de avaliação de Geografia para o primeiro ciclo

Ao final do primeiro ciclo, os alunos devem ter avaliadas suas conquistas numa perspectiva de continuidade aos seus estudos. A avaliação deve ser planejada, assim, relativamente aos conhecimentos que serão recontextualizados e utilizados em estudos posteriores. Para isso é necessário estabelecer alguns critérios. De modo amplo, são eles:

- Reconhecer algumas das manifestações da relação entre sociedade e natureza presentes na sua vida cotidiana e na paisagem local

Com este critério avalia-se o quanto o aluno se apropriou da ideia de interdependência entre a sociedade e a natureza e se reconhece aspectos dessa relação na paisagem local e no lugar em que se encontra inserido. Também deve-se avaliar se conhece alguns dos processos de transformação da natureza em seu contexto mais imediato.

- Reconhecer e localizar as características da paisagem local e compará-las com as de outras paisagens

Com este critério avalia-se se o aluno é capaz de distinguir, por meio da observação e da descrição, alguns aspectos naturais e culturais da paisagem, percebendo nela

elementos que expressam a multiplicidade de tempos e espaços que a compõe. Se é capaz também de comparar algumas das diferenças e semelhanças existentes entre diferentes paisagens.

- Ler, interpretar e representar o espaço por meio de mapas simples

Com este critério avalia-se se o aluno sabe utilizar elementos da linguagem cartográfica como um sistema de representação que possui convenções e funções específicas, tais como cor, símbolos, relações de direção e orientação, função de representar o espaço e suas características, delimitar as relações de vizinhança.

CIÊNCIAS NATURAIS

Os avanços das pesquisas na didática das Ciências, resumidos na introdução, apontam a importância da análise psicológica e epistemológica do processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais para compreendê-lo e reestruturá-lo.

Para o ensino de Ciências Naturais é necessária a construção de uma estrutura geral da área que favoreça a aprendizagem significativa do conhecimento historicamente acumulado e a formação de uma concepção de Ciência, suas relações com a Tecnologia e com a Sociedade. Portanto, é necessário considerar as estruturas de conhecimento envolvidas no processo de ensino e aprendizagem — do aluno, do professor, da Ciência.

De um lado, os estudantes possuem um repertório de representações, conhecimentos intuitivos, adquiridos pela vivência, pela cultura e senso comum, acerca dos conceitos que serão ensinados na escola. O grau de amadurecimento intelectual e emocional do aluno e sua formação escolar são relevantes na elaboração desses conhecimentos prévios. Além disso, é necessário considerar, o professor também carrega consigo muitas ideias de senso comum, ainda que tenha elaborado parcelas do conhecimento científico. De outro lado, tem-se a estrutura do conhecimento científico e seu processo histórico de produção, que envolve relações com várias atividades humanas, especialmente a Tecnologia, com valores humanos e concepções de Ciência.

Os campos do conhecimento científico — Astronomia, Biologia, Física, Geociências e Química — têm por referência as teorias vigentes, que se apresentam como conjuntos de proposições e metodologias altamente estruturados e formalizados, muito distantes, portanto, do aluno em formação. Não se pode pretender que a estrutura das teorias científicas, em sua complexidade, seja a mesma que organiza o ensino e a aprendizagem de Ciências Naturais no ensino fundamental.

As teorias científicas oferecem modelos lógicos e categorias de raciocínio, um painel de objetos de estudo — fenômenos naturais e modos de realizar transformações no meio —, que são um horizonte para onde orientar as investigações em aulas e projetos de Ciências.

A história das Ciências também é fonte importante de conhecimentos na área. A história das ideias científicas e a história das relações do ser humano com seu corpo, com os ambientes e com os recursos naturais devem ter lugar no ensino, para que se possa construir com os alunos uma concepção interativa de Ciência e Tecnologia não-neutras, contextualizada nas relações entre as sociedades humanas e a natureza. A dimensão histórica pode ser introduzida nas séries iniciais na forma de história dos ambientes e das invenções. Também é possível o professor versar sobre a história das ideias científicas, conteúdo que passa a ser abordado com mais profundidade nas séries finais do ensino fundamental.

Pela abrangência e pela natureza dos objetos de estudo das Ciências, é possível desenvolver a área de forma muito dinâmica, orientando o trabalho escolar para o conhecimento sobre fenômenos da natureza, incluindo o ser humano e as tecnologias mais próximas e mais distantes, no espaço e no tempo. Estabelecer relações entre o que é conhecido e as novas ideias, entre o comum e o diferente, entre o particular e o geral, definir contrapontos entre os muitos elementos no universo de conhecimentos são processos essenciais à estruturação do pensamento, particularmente do pensamento científico.

Aspectos do desenvolvimento afetivo, dos valores e das atitudes também merecem atenção ao se estruturar a área de Ciências Naturais, que deve ser concebida como oportunidade de encontro entre o aluno, o professor e o mundo, reunindo os repertórios de vivências dos alunos e oferecendo-lhes imagens, palavras e proposições com significados que evoluam, na perspectiva de ultrapassar o conhecimento intuitivo e o senso comum.

Se a intenção é que os alunos se apropriem do conhecimento científico e desenvolvam uma autonomia no pensar e no agir, é importante conceber a relação de ensino e aprendizagem como uma relação entre sujeitos, em que cada um, a seu modo e com determinado papel, está envolvido na construção de uma compreensão dos fenômenos naturais e suas transformações, na formação de atitudes e valores humanos.

Dizer que o aluno é sujeito de sua aprendizagem significa afirmar que é dele o movimento de ressignificar o mundo, isto é, de construir explicações norteadas pelo conhecimento científico.

Os alunos têm ideias acerca do seu corpo, dos fenômenos naturais e dos modos de realizar transformações no meio; são modelos com uma lógica interna, carregados de símbolos da sua cultura. Convidados a expor suas ideias para explicar determinado fenômeno e a confrontá-las com outras explicações, eles podem perceber os limites de seus modelos e a necessidade de novas informações; estarão em movimento de ressignificação.

Mas esse processo não é espontâneo; é construído com a intervenção do professor. É o professor quem tem condições de orientar o caminhar do aluno, criando situações interessantes e significativas, fornecendo informações que permitam a reelaboração e a ampliação dos conhecimentos prévios, propondo articulações entre os conceitos construídos, para organizá-los em um corpo de conhecimentos sistematizados.

Ao longo do ensino fundamental a aproximação ao conhecimento científico se faz gradualmente. Nos primeiros ciclos o aluno constrói repertórios de imagens, fatos e noções, sendo que o estabelecimento dos conceitos científicos se configura nos ciclos finais.

Ao professor cabe selecionar, organizar e problematizar conteúdos de modo a promover um avanço no desenvolvimento intelectual do aluno, na sua construção como ser social.

Pesquisas têm mostrado que muitas vezes conceitos intuitivos coexistem com conceitos científicos aprendidos na escola. Nesse caso o ensino não provocou uma mudança conceitual, mas, desde que a aprendizagem tenha sido significativa, o aluno adquiriu um novo conceito. Além disso, desde que o professor interfira adequadamente, o aluno pode ganhar consciência da coexistência de diferentes sistemas explicativos para o mesmo conjunto de fatos e fenômenos, estando apto a reconhecer e aplicar diferentes domínios de ideias em diferentes situações. Ganhar consciência da existência de diferentes fontes de explicação para as coisas da natureza e do mundo é tão importante quanto aprender conceitos científicos.

Sabe-se também que nem sempre todos os alunos de uma classe têm ideias prévias acerca de um objeto de estudo. Isso não significa que tal objeto não deva ser estudado. Significa, sim, que a intervenção do professor será a de apresentar ideias gerais a partir das quais o processo de investigação sobre o objeto possa se estabelecer. A apresentação de um assunto novo para o aluno também é instigante, e durante as investigações surgem dúvidas, constroem-se representações, buscam-se informações e confrontam-se ideias.

É importante, no entanto, que o professor tenha claro que o ensino de Ciências não se resume à apresentação de definições científicas, em geral fora do alcance da compreensão dos alunos. Definições são o ponto de chegada do processo de ensino, aquilo que se pretende que o aluno compreenda ao longo de suas investigações, da mesma forma que conceitos, procedimentos e atitudes também são aprendidos.

Em Ciências Naturais são procedimentos fundamentais aqueles que permitem a investigação, a comunicação e o debate de fatos e ideias. A observação, a experimentação, a comparação, o estabelecimento de relações entre fatos ou fenômenos e ideias, a leitura e a escrita de textos informativos, a organização de informações por meio de desenhos, tabelas, gráficos, esquemas e textos, a proposição de suposições, o confronto entre suposições e entre elas e os dados obtidos por investigação, a proposição e a solução de problemas, são diferentes procedimentos que possibilitam a aprendizagem.

Da mesma forma que os conteúdos conceituais, os procedimentos devem ser construídos pelos alunos por meio de comparações e discussões estimuladas por elementos e modelos oferecidos pelo professor.

No contexto da aprendizagem ativa, os alunos são convidados à prática de tais procedimentos, no início imitando o professor, e, aos poucos, tornando-se autônomos. Por exemplo, ao trabalhar o desenho de observação, o professor inicia a atividade desenhando na lousa, conversando com as crianças sobre os detalhes de cores e formas que permitem que o desenho seja uma representação do objeto original. Em seguida, os alunos podem fazer seu próprio desenho de observação, sendo esperado que esse primeiro desenho se assemelhe ao do professor. Em outras oportunidades as crianças poderão começar o desenho de observação sem o modelo do professor, que ainda assim conversa com os alunos sobre detalhes necessários ao desenho. O ensino desses procedimentos só é possível pelo trabalho com diferentes temas de interesse científico, que serão investigados de formas distintas. Certos temas podem ser objeto de observações diretas e/ou experimentação, outros não.

Quanto ao ensino de atitudes e valores, embora muitas vezes o professor não se dê conta estará sempre legitimando determinadas atitudes com seus alunos. Afinal é ele uma referência importante para sua classe. É muito importante que esta dimensão dos conteúdos seja objeto de reflexão e de ensino do professor, para que valores e posturas sejam desenvolvidos tendo em vista o aluno que se tem a intenção de formar.

Em Ciências Naturais é relevante o desenvolvimento de posturas e valores pertinentes às relações entre os seres humanos, o conhecimento e o ambiente. O desenvolvimento desses valores envolve muitos aspectos da vida social, como a cultura e o sistema produtivo, as relações entre o homem e a natureza. Nessas discussões, o respeito à diversidade de opiniões ou às provas obtidas por intermédio de investigação e a colaboração na execução das tarefas são elementos que contribuem para o aprendizado de atitudes, como a responsabilidade em relação à saúde e ao ambiente.

Incentivo às atitudes de curiosidade, de respeito à diversidade de opiniões, à persistência na busca e compreensão das informações, às provas obtidas por meio de investigações, de valorização da vida em sua diversidade, de preservação do ambiente, de apreço e respeito à individualidade e à coletividade, têm lugar no processo de ensino e aprendizagem.

No planejamento e no desenvolvimento dos temas de Ciências em sala de aula, cada uma das dimensões dos conteúdos deve ser explicitamente tratada. É também essencial que sejam levadas em conta por ocasião das avaliações, de forma compatível com o sentido amplo que se adotou para os conteúdos do aprendizado.

Ciências Naturais no primeiro ciclo

O processo de aprendizagem das crianças, tendo ou não cursado a educação infantil, inicia-se muito antes da escolaridade obrigatória. São frequentemente curiosas, buscam explicações para o que veem, ouvem e sentem. O que é isso? Como funciona? Como faz? E os famosos porquês.

São perguntas que fazem a si mesmas e às pessoas em muitas situações de sua vida.

As fontes para a obtenção de respostas e de conhecimentos sobre o mundo vão desde o ambiente doméstico e a cultura regional, até a mídia e a cultura de massas. Portanto, as crianças chegam à escola tendo um repertório de representações e explicações da realidade. É importante que tais representações encontrem na sala de aula um lugar para manifestação, pois, além de constituírem importante

fator no processo de aprendizagem, poderão ser ampliadas, transformadas e sistematizadas com a mediação do professor. É papel da escola e do professor estimular os alunos a perguntarem e a buscarem respostas sobre a vida humana, sobre os ambientes e recursos tecnológicos que fazem parte do cotidiano ou que estejam distantes no tempo e no espaço.

Entretanto, crianças pequenas compreendem e vivem a realidade natural e social de modo diferente dos adultos. Fora ou dentro da escola, as crianças emprestam magia, vontade e vida aos objetos e às coisas da natureza ao elaborar suas explicações sobre o mundo. De modo geral, em torno de oito anos as crianças passam a exibir um modo menos subjetivo e mais racional de explicar os acontecimentos e as coisas do mundo. São capazes de distinguir os objetos das próprias ações e organizar etapas de acontecimentos em intervalos de tempo.

No primeiro ciclo são inúmeras as possibilidades de trabalho com os conteúdos da área de Ciências Naturais. Nas classes de primeiro ciclo é possível a elaboração de algumas explicações objetivas e mais próximas da Ciência, de acordo com a idade e o amadurecimento dos alunos e sob influência do processo de aprendizagem, ainda que explicações mágicas persistam. Também é possível o contato com uma variedade de aspectos do mundo, explorando-os, conhecendo-os, explicando-os e iniciando a aprendizagem de conceitos, procedimentos e valores importantes.

Desde o início do processo de escolarização e alfabetização, os temas de natureza científica e técnica, por sua presença variada, podem ser de grande ajuda, por permitirem diferentes formas de expressão. Não se trata somente de ensinar a ler e a escrever para que os alunos possam aprender Ciências, mas também de fazer usos das Ciências para que os alunos possam aprender a ler e a escrever.

Essa fase é marcada por um grande desenvolvimento da linguagem oral, descritiva e narrativa, das nomeações de objetos e seres vivos, suas partes e propriedades. Esta característica permite que os alunos possam enriquecer relatos sobre observações realizadas e comunicá-las aos seus companheiros.

A capacidade de narrar ou descrever um fato, nessa fase, é enriquecida pelo desenho, que progressivamente incorpora detalhes do objeto ou do fenômeno observado. O desenho é uma importante possibilidade de registro de observações compatível com esse momento da escolaridade, além de um instrumento de informação da própria Ciência. Conhecer desenhos informativos elaborados por adultos — em livros, enciclopédias ou o desenho do professor — contribui para a valorização desse instrumento de comunicação das informações.

Além do desenho, outras formas de registro se configuram como possibilidades nessa fase: listas, tabelas, pequenos textos, utilizando conhecimentos adquiridos em Língua Portuguesa e Matemática.

Muito importante no ensino de Ciências é a comparação entre fenômenos ou objetos de mesma classe, por exemplo: diferentes fontes de energia, alimentação dos animais, objetos de mesmo uso.

Orientados pelo professor, que lhes oferece informações e propõe investigações, os alunos realizam comparações e estabelecem regularidades que permitem algumas classificações e generalizações. Por exemplo, podem compreender que existem diferentes fontes de calor; que todos os animais se alimentam de plantas ou de outros animais e que objetos são feitos de determinados materiais apropriados ao seu uso.

Outra característica deste momento da criança é o desenvolvimento da linguagem causal. A criança é capaz de estabelecer sequências de fatos, identificando causas e consequências relacionadas a essas sequências, mas ainda não as associa a princípios ou leis gerais das Ciências. Essa característica possibilita o trabalho de identificação e registro de encadeamento de eventos ao longo do tempo, estabelecendo-se a distinção entre causas e consequências.

Também é de grande importância que o professor incentive o aluno a formular suposições e perguntas, pois esse procedimento permite conhecer as representações e conceitos intuitivos dos alunos, orientando o processo de construção de conhecimentos.

Observar, comparar, descrever, narrar, desenhar e perguntar são modos de buscar e organizar informações sobre temas específicos, alvos de investigação pela classe. Tais procedimentos por si só não permitem a aquisição do conhecimento conceitual sobre o tema, mas são recursos para que a dimensão conceitual, a rede de ideias que confere significado ao tema, possa ser trabalhada pelo professor.

Conteúdos de Ciências Naturais para o primeiro ciclo

No primeiro ciclo as crianças têm uma primeira aproximação das noções de ambiente, corpo humano e transformações de materiais do ambiente por meio de técnicas criadas pelo homem. Podem aprender procedimentos simples de observação, comparação, busca e registro de informações, e também desenvolver atitudes de responsabilidade para consigo, com o outro e com o ambiente.

Os textos seguintes buscam explicitar os alcances dos conteúdos em cada bloco temático, apontando-se possíveis conexões entre blocos, com outras áreas e com os temas transversais, tendo-se o tratamento didático em perspectiva.

Ambiente

No primeiro ciclo, os conteúdos pretendem uma primeira aproximação da noção do ambiente como resultado das interações entre seus componentes — seres vivos, ar, água, solo, luz e calor — e da compreensão de que, embora constituídos pelos mesmos elementos, os diversos ambientes diferenciam-se pelos tipos de seres vivos, pela disponibilidade dos demais componentes e pelo modo como se dá a presença do ser humano.

A observação direta ou indireta de diferentes ambientes, a identificação de seus componentes e de algumas relações entre eles, bem como a investigação de como o homem se relaciona com tais ambientes, permite aos alunos

NOVA CONCURSOS

uma primeira noção e a diferenciação de ambiente natural e ambiente construído. Os seres vivos — animais e vegetais — destacam-se entre os componentes dos ambientes, estudando-se suas características e hábitos — alimentação, reprodução, locomoção — em relação ao ambiente em que vivem. É possível uma primeira aproximação ao conceito de ser vivo por meio do estudo do ciclo vital: nascimento, crescimento, reprodução e morte. Todos esses conteúdos também fazem parte do documento Meio Ambiente. Para a realização das investigações sugeridas, o professor pode tomar como referência ambientes e seres vivos da sua região e outros distantes, no tempo e no espaço.

Comparando-se ambientes diferentes — floresta, rio, represa, lago, plantação, campo, cidade, horta, etc. —, busca-se identificar suas regularidades (os componentes comuns) e suas particularidades (disponibilidade dos diferentes componentes, tipos de seres vivos, o modo e a intensidade da ocupação humana).

Cabe ao professor orientar os alunos sobre o que e onde observar, de modo que se coletem dados importantes para as comparações que se pretende, pois, a habilidade de observar implica um olhar atento para algo que se tem a intenção de ver.

As observações realizadas resultam em um conjunto de dados que são organizados por meio de desenhos e listas, de modo que as características de cada ambiente fiquem registradas. Ao realizar registros os alunos têm a oportunidade de sistematizar os conhecimentos que adquiriram. Entretanto, parte das comparações no primeiro ciclo são feitas oralmente, quando os alunos descrevem os ambientes investigados, apontando suas diferenças e semelhanças, e comparam seus resultados às suposições iniciais.

Durante esses trabalhos os alunos adquirem um repertório de imagens e alguns novos significados para ideias de ambiente, solo, seres vivos, entre outras que forem exploradas. Desenvolvem a habilidade de descrever os ambientes, identificando, comparando e classificando seus diferentes componentes. Portanto, ampliam suas noções, verificando por diferentes que sejam todos apresentam componentes comuns e a ocupação humana possibilita diferentes transformações. Aspecto a ser considerado ao se tratar de ambientes construídos é o fato de apresentarem, geralmente, menor diversidade de seres vivos, presença de habitações individuais e coletivas e condições ambientais de vida humana bastante variadas.

Focalizando-se os ambientes construídos pelo homem, como uma horta, uma pastagem ou as cidades, evidencia-se a necessidade humana de transformar os ambientes a fim de utilizar os seus recursos e ocupar espaços. É pertinente a abordagem da degradação ambiental como consequência de certos modos de interferência humana. Esses assuntos são tratados em conexão com o bloco "Recursos tecnológicos" e com o documento Meio Ambiente.

Os estudos sobre ambientes se complementam com as investigações sobre os seres vivos que os habitam, na perspectiva de conhecer como determinado ser vivo se relaciona com outros seres vivos e demais componentes de seu ambiente. Cada animal ou planta apresenta modos de alimentação, sustentação e locomoção, forma do corpo, reprodução e outras características que o capacitam a explorar e sobreviver em seu meio específico.

Estudos sobre determinados animais e plantas também oferecem oportunidades para a compreensão do processo do ciclo vital, que tem peculiaridades em seres vivos determinados, mas é comum a todos: nascer, crescer, reproduzir e morrer. É importante que se tenha claro que o ciclo vital é um processo de cada espécie e não do indivíduo; é a espécie que se mantém por meio da reprodução.

É necessário considerar que as descrições e explicações que os alunos conceberão a cada investigação proposta serão realizadas, inicialmente, com a utilização de seu próprio vocabulário, que deverá se aperfeiçoar ao longo dos trabalhos, embora não se deva exigir a utilização da nomenclatura científica em sua complexidade.

A coleta de informações sobre a vida de determinados animais em seus ambientes pode ser feita pela observação de figuras, leituras de pequenos textos realizadas pelo professor para a classe, cultivo de plantas, criação de pequenos animais (tatuzinhos de jardim, minhocas, borboletas, besouros), em que se preservem as condições de sua vida na natureza, ou ainda por meio de filmes e de contato com pessoas que conheçam a vida dos animais e das plantas.

Criações de pequenos animais em sala de aula oferecem oportunidades para que os alunos se organizem nos cuidados necessários à manutenção das criações, para a realização de observações a longo prazo a respeito das características do corpo e dos hábitos dos animais selecionados. Da mesma forma, o cultivo de plantas constitui excelente oportunidade para que se trabalhe com os alunos atitudes de valorização da vida em sua diversidade. Criações ou cultivo de plantas podem ser feitos utilizando-se pequenos espaços e materiais de sucata, como latas ou caixotes.

Parte significativa do conhecimento sobre seres vivos é obtida por meio de leitura de livros, revistas e enciclopédias, buscando-se informações sobre as características das plantas e hábitos de animais habitantes de diferentes ambientes. Este conhecimento tem duplo papel: sugerir observações sobre seres vivos que estão sendo investigados e ainda informar sobre seres vivos distantes no tempo e no espaço. Por exemplo, pode-se conhecer habitantes das profundezas dos mares e de florestas virgens, sobre animais selvagens (não-domesticados), animais extintos ou em extinção, plantas ornamentais, plantas medicinais, etc.

São inúmeros os temas que permitem trabalhar as relações dos seres vivos entre si e destes com os demais componentes dos ambientes; relações de alimentação, relações entre as características do corpo e do comportamento e as condições do ambiente.

A respeito das relações alimentares explora-se a existência de diferentes hábitos — herbívoros, carnívoros e onívoros — e da dependência alimentar entre todos os seres vivos, incluindo o ser humano. A forma de obtenção de alimentos e água pelos animais na natureza, e por aqueles domesticados, mostra comportamentos interessantes. Compará-los às formas de obtenção de alimentos pelo ser humano em diferentes culturas permite a investigação do poder transformador da espécie humana.

Sobre sustentação e locomoção explora-se a presença de coluna vertebral, carapaças e musculatura em animais aquáticos e terrestres, apontando-se para a relação porte do animal, meio em que ele vive e presença de esqueleto. Por exemplo: no ambiente terrestre não são encontrados animais invertebrados de grande porte; já no aquático são conhecidos polvos e lulas muito grandes. Como a água sustenta o peso dos corpos, tais animais podem sobreviver no meio aquático.

Outro aspecto a ser considerado é a relação forma do corpo e locomoção no meio. Exemplo: os peixes são animais aquáticos que nadam e apresentam o corpo em forma de fuso; essa forma permite melhor deslocamento na água, o que é importante para caçar alimento e fugir de predadores. A respeito dos vegetais estuda-se o caule como estrutura de sustentação, importante para a sobrevivência de grande parte dos vegetais terrestres.

A reprodução nos animais pode ser estudada enfocando-se o desenvolvimento dos filhotes no interior do corpo materno ou em ovos postos no ambiente, a alimentação dos filhotes e o cuidado com a prole, os rituais de acasalamento, as épocas de cio, o tempo de gestação, o tempo que os filhotes levam para atingir a maturidade e o tempo de vida. São funções rítmicas, interessantes e importantes de serem estudadas.

Para o estudo da reprodução nos vegetais, é conveniente o cultivo daqueles com ciclo vital curto, que apresentem flores, como as hortaliças, o feijão e a batata-doce. Estuda-se a participação de insetos e pássaros na polinização, a formação dos frutos, sua variedade; condições de germinação e crescimento das sementes — influência da luz, do calor, da água e do ar.

Muito interessante é o trabalho com funções rítmicas nos vegetais: a frutificação de algumas plantas e as estações do ano, a abertura e o fechamento de flores ao longo do dia. Esse assunto permite que se construa a noção de que os vegetais (como todos os seres vivos) apresentam funções que se repetem com o mesmo intervalo de tempo (funções rítmicas), ajustadas ao dia, à noite e às estações do ano (ciclos geofísicos).

Vários temas de estudo sobre seres vivos podem ser realizados em conexão com o bloco "Ser humano e saúde", comparando-se características do corpo e do comportamento dos seres humanos aos demais seres vivos, particularmente aos animais. Também podem ser explorados vínculos com o bloco "Recursos tecnológicos", nas questões relativas à produção de alimentos, medicamentos, vestuário, materiais de construção, etc.

Conteúdos para o primeiro ciclo referentes a fatos, conceitos, procedimentos, valores e atitudes:

- comparação de diferentes ambientes naturais e construídos, investigando características comuns e diferentes, para verificar que todos os ambientes apresentam seres vivos, água, luz, calor, solo e outros componentes e fatos que se apresentam de modo distinto em cada ambiente;
- comparação dos modos com que diferentes seres vivos, no espaço e no tempo, realizam as funções de alimentação, sustentação, locomoção e reprodução, em relação às condições do ambiente em que vivem;
- comparação do desenvolvimento e da reprodução de diferentes seres vivos para compreender o ciclo vital como característica comum a todos os seres vivos;
- formulação de perguntas e suposições sobre os ambientes e os modos de vida dos seres vivos;
- busca e coleta de informações por meio de observação direta e indireta, experimentação, entrevistas, leitura de textos selecionados;
- organização e registro de informações por meio de desenhos, quadros, esquemas, listas e pequenos textos, sob orientação do professor;
- interpretação das informações por intermédio do estabelecimento de relações, de semelhanças e diferenças e de sequências de fatos;
- utilização das informações obtidas para justificar suas ideias;
- comunicação oral e escrita de suposições, dados e conclusões, respeitando diferentes opiniões.

Ser Humano e Saúde

O bloco "Ser humano e saúde" aborda neste ciclo os primeiros estudos sobre as transformações durante o crescimento e o desenvolvimento, enfocando-se as principais características — relativas ao corpo, aos comportamentos e às atitudes — nas diferentes fases da vida. Com atenção especial, estudam-se as condições essenciais à manutenção da saúde da criança, medidas de prevenção às doenças infectocontagiosas, particularmente a AIDS, aspectos também tratados nos documentos de Orientação Sexual e de Saúde.

Ao falar de assuntos relativos ao corpo humano, é frequente o surgimento, entre os alunos, de vergonha e de "brincadeiras" dirigidas aos mais gordos ou mais magros, muito altos ou muito baixos. Qualquer traço diferente pode ser alvo das "brincadeirinhas". É importante que o professor incentive seus alunos a valorizarem as diferenças individuais, seja quanto à cor, à idade, ao corpo, seja quanto ao ritmo de aprendizagem ou às diferenças socioculturais. O professor, trabalhando num clima de cooperação e solidariedade com sua classe, favorece a autoestima e a formação de vínculos entre os integrantes do grupo.

Ao investigar o ciclo de vida dos seres humanos o professor pode solicitar aos alunos que coletem algumas figuras ou retratos de pessoas em diferentes fases da vida: bebê, criança, jovem, adulto e idoso. A partir dessa coleção, professor e alunos podem organizar um painel em que as diferentes idades sejam apresentadas em sequência, construindo-se, assim, uma representação do ciclo de vida do ser humano. Essa representação se enriquece com figuras de mulheres grávidas, iniciando novos ciclos.

As mesmas figuras e fotos do painel permitem a introdução da questão dos comportamentos, hábitos e características do corpo nas diferentes idades. Como são as pessoas? O que parecem estar fazendo? Como imaginam

o cotidiano delas: o que comem, como realizam sua higiene? Como se divertem e descansam? São questões que os alunos respondem revelando o que já conhecem e o que imaginam sobre os assuntos que se pretende trabalhar.

A questão das transformações no desenvolvimento envolve vários aspectos, alguns relativos à biologia do ser humano, outros a hábitos — de asseio, de alimentação, de lazer — e outros, ainda, a valores associados à cultura e às escolhas realizadas por cada um.

É importante que as crianças entrem em contato com a ideia de que a vida compreende a morte, parte do ciclo vital da espécie humana e de todos os seres vivos.

No primeiro ciclo os alunos podem conhecer as características externas do corpo humano, comparando crianças, adolescentes e adultos dos dois sexos. Podem identificar as características gerais do corpo humano, que nos identificam como espécie, e as características particulares de sexo, idade e etnia. É interessante, além de estabelecer comparações entre diferentes seres humanos, compará-los a vários animais. A estrutura geral, revestimento do corpo, postura bípede, limites e alcances das formas de percepção do meio (aspectos relativos aos órgãos dos sentidos) podem ser explorados. Constituem-se assuntos que conectam este bloco temático ao bloco "Ambiente".

É possível encontrarem dificuldade de diferenciar meninos e meninas pequenas, desde que vestidos; dificuldade que deixa de existir na identificação de jovens e adultos. O surgimento de pelos no rosto e no corpo, crescimento muscular acentuado no homem, surgimento de seios das meninas, mudanças na voz — diferente no homem e na mulher —, enfim, todo o conjunto de características sexuais secundárias permite a distinção entre os dois sexos a partir da puberdade. São indicadores de transformações externas que acompanham o amadurecimento interno, psíquico, fisiológico e anatômico, que podem ser apontados aos alunos deste ciclo e se constituem objeto de estudo a partir do segundo ciclo.

Acompanham essas mudanças no corpo transformações de comportamento e interesses, que variam segundo as diferenças culturais e merecem ser abordadas.

Também com relação aos comportamentos cabem comparações entre os seres humanos e os demais animais. Essas comparações permitem identificar comportamentos semelhantes, como a alimentação dos filhotes, particularmente em aves e mamíferos, os cuidados com a prole, alguns rituais de conquista e acasalamento, e estabelecer diferenças nesses mesmos comportamentos que, nos seres humanos, são também aprendidos e impregnados pela cultura, mas guardam elementos do mundo animal ao qual pertencem.

É interessante verificar que bebês humanos, como os de outras espécies, são totalmente dependentes dos que deles cuidam. A atenção que recebem, a alimentação e o asseio especiais são determinantes de sua saúde e seu desenvolvimento.

Quanto à sua fase de desenvolvimento, a infância, os alunos podem verificar que, sob orientação dos adultos, são capazes de cuidar de sua higiene, das tarefas escolares, de se alimentarem, de escolher as formas de lazer e de repousar. Isto é, na infância já existe relativa autonomia. Durante esses trabalhos o professor incentiva os alunos a desenvolverem essas capacidades, valorizando os modos saudáveis de alimentação, de cuidados com o corpo, de lazer e repouso, a organização e limpeza do espaço e dos materiais escolares, bem como a cultura e o conhecimento. Atenção especial deve ser dedicada ao estudo da formação da dentição permanente e aos cuidados com os dentes.

Ainda na infância inicia-se a tomada de consciência acerca do esquema geral do corpo. A criança deve ser incentivada a perceber seu corpo, limites e capacidades, externar as sensações de desconforto e prazer, ampliando sua capacidade de se expressar sobre o que sente, percebe e deseja.

Acerca da juventude os alunos verificam a crescente independência e as acentuadas mudanças no corpo, sendo momento de transição da infância para a vida adulta. Os alunos poderão compreender que essa é uma fase de muitas e fundamentais escolhas para a vida, com novas responsabilidades e dificuldades a serem resolvidas. É um momento de profundas modificações no corpo, no modo de se relacionar com o mundo, com sua sexualidade e com o sexo oposto. A consciência do corpo que se inicia na infância continua a se desenvolver e se amplia nessa fase, o que é facilitado pelo incentivo do adulto.

Sobre a vida adulta os alunos podem reconhecer a conquista da autonomia e a ampliação das responsabilidades relativas ao trabalho, à família, à comunidade e a si próprio, a permanente necessidade de vínculos afetivos, cuidados com a higiene, alimentação, repouso e lazer. Nessa fase da vida a consciência do corpo é significativa, principalmente quando a pessoa adquiriu conhecimentos básicos a esse respeito.

Muito importante é a investigação sobre a velhice, fase da vida geralmente apresentada como sinônimo de aposentadoria: sem trabalho, sem sonhos, sem necessidades pessoais, só doenças. É preciso reverter esse quadro de valores, incentivando as crianças desde cedo a valorizarem a experiência dos idosos, cuja importância para a família e a comunidade cresce à medida que se reconhece no idoso uma pessoa que pode produzir, que tem projetos a realizar e necessidades que não podem ser esquecidas.

O enriquecimento do conhecimento do aluno sobre as diferentes fases do ciclo vital e sobre as transformações que ocorrem durante esse desenvolvimento pode ser alcançado por meio de busca e organização de informações em fontes diversas: visitas ao posto de saúde local, leituras que o professor realiza para seus alunos e entrevistas com pessoas de diferentes idades da comunidade.

Junto com os alunos, o professor prepara as entrevistas, organizando questões a respeito do cotidiano das pessoas, no presente e no passado, de modo que as informações a serem obtidas sejam relevantes para a formação da noção de transformação no desenvolvimento humano.

O posto de saúde local, ou outro equipamento de saúde, pode fornecer referências quanto aos cuidados para a higiene e alimentação dos bebês, das crianças em idade escolar, dos jovens, dos adultos e dos idosos. Também no posto de saúde, professor e alunos podem se informar so-

bre as verminoses, doenças muito frequentes na infância, e sobre a AIDS: as formas de transmissão e de contágio, cuidados necessários para evitá-las e formas de tratamento do doente.

Ao planejar os conteúdos deste tema, especial atenção deve ser dada às doenças e aos problemas de higiene, saúde pessoal e ambiental que incidem sobre a comunidade local.

Conteúdos para o primeiro ciclo referentes a fatos, conceitos, procedimentos, valores e atitudes:

- comparação do corpo e de alguns comportamentos de homens e mulheres nas diferentes fases de vida — ao nascer, na infância, na juventude, na idade adulta e na velhice — para compreender algumas transformações, valorizar e respeitar as diferenças individuais;
- conhecimento de condições para o desenvolvimento e preservação da saúde: atitudes e comportamentos favoráveis à saúde em relação a alimentação, higiene ambiental e asseio corporal; modos de transmissão e prevenção de doenças contagiosas, particularmente a AIDS;
- comparação do corpo e dos comportamentos do ser humano e de outros animais para estabelecer semelhanças e diferenças;
- elaboração de perguntas e suposições acerca das características das diferentes fases da vida e dos hábitos de alimentação e de higiene para a manutenção da saúde, em cada uma delas;
- observação, representação e comparação das condições de higiene dos diferentes espaços habitados, desenvolvendo cuidados e responsabilidades para com esses espaços;
- busca e coleta de informações por meio de leituras realizadas pelo professor para a classe, interpretação de imagens, entrevistas a familiares, pessoas da comunidade e especialistas em saúde;
- confrontação das suposições individuais e coletivas com as informações obtidas;
- organização e registro de informações por meio de desenhos, quadros, listas e pequenos textos, sob orientação do professor;
- comunicação oral e escrita de suposições, dados e conclusões, respeitando diferentes opiniões.

Recursos tecnológicos

A transformação da natureza para a utilização de recursos naturais — alimentos, materiais e energia — é inseparável da civilização. Produtos industriais ou artesanais são partes do cotidiano. Depende-se de materiais básicos, como minérios e madeira, do plantio, da criação de animais, da pesca, assim como de uma enorme variedade de bens produzidos industrialmente — de roupas a veículos, de medicamentos a aparelhos.

Desde o primeiro ciclo os alunos poderão investigar sobre os produtos que consomem, sobre as técnicas diversas para obtenção e transformação de alguns componentes dos ambientes, que são considerados como recursos naturais essenciais à existência.

Alguns processos, por meio dos quais vegetais, animais, materiais e energia são utilizados, podem ser estudados realizando-se uma primeira aproximação da ideia de técnica.

Não é possível nem desejável o estudo exaustivo sobre todos os processos citados. O importante é a seleção e a investigação de alguns dos temas apontados, para que o aluno se informe, de modo geral, sobre a origem e os modos de obtenção de alguns alimentos, objetos de consumo e energia. É recomendável, ao planejar essa seleção, que o professor leve em conta as possibilidades reais de realização de procedimentos de observação e experimentação, bem como as visitas e utilização de diversas fontes de informação. Investigações das produções de interesse local e regional cumprem muito bem esse papel. Os produtos regionais e os processos de produção podem ser comparados àqueles de outras regiões, ou de outros tempos, possibilitando a ampliação dos conhecimentos e a verificação da variedade de transformações.

A utilização dos seres vivos como recursos naturais pode ser abordada em conexão com o bloco "Ambiente". Por exemplo, com relação à utilização dos vegetais pelo homem, focalizam-se seus possíveis usos como alimentos, remédios, tecidos, embalagens, fonte de materiais para a habitação, produção de papel e também como combustível (carvão vegetal). Investigam-se técnicas que possibilitam a obtenção e utilização desses recursos, tais como extração ou cultivo das plantas que são alimento, nas hortas, pomares e lavouras; a criação de animais em granjas, viveiros e pastagens; a caça e a pesca, destacando-se as questões da pesca e da caça depredatórias.

A produção e a manutenção de uma horta na escola serve ao estudo do ciclo vital e das características de diferentes plantas; pode ser de grande valor para a formação de atitudes de cooperação na realização de tarefas e oferecer oportunidades de trabalhar a valorização da máxima utilização dos recursos disponíveis para a obtenção de alimentos.

Portanto, crianças pequenas poderão trabalhar com temas bastante diversos para investigar os animais e os vegetais como recursos da natureza e as técnicas mais comuns utilizadas nessas explorações. Considerando a realidade local, o professor seleciona temas para investigações: estudar a vida dos vegetais e plantar uma horta; estudar os peixes, entrevistar um pescador e organizar visita ao mercado; estudar os derivados do leite e pesquisar as condições de vida de rebanhos leiteiros são algumas das possibilidades.

Os estudos sobre transformações de materiais em objetos estabelecem possibilidades ricas para o desenvolvimento das habilidades de observar, generalizar (sintetizar) e relacionar, por meio do ensino e aprendizagem dos procedimentos correlatos. Os alunos também poderão verificar a existência de alguns fenômenos físicos e químicos representados pelas propriedades de condução elétrica e de calor pelos metais, a transparência dos vidros, entre tantas outras que podem ser identificadas pela observação direta, pela experimentação ou pela busca de informação realizada pelo professor ou com seu auxílio.

A exploração de materiais e objetos pode ser realizada de diferentes modos. A observação direta no entorno — escola, casa, meios de transportes — possibilita a identificação de alguns objetos e os materiais de que são feitos.

Com a participação e sob incentivo do professor, os alunos podem organizar coleções de objetos ou figuras de objetos que cumprem a mesma finalidade e são feitos de diferentes materiais: panelas (de barro e de alguns tipos de metal), calçados (de couro, plástico, tecido, etc.), colheres (de pau, metal ou plástico). Podem colecionar também objetos ou figuras de objetos diferentes feitos com o mesmo material: coleções de objetos de papel, de metal, de vidro, etc., e situá-los como produtos socioculturais.

A partir desses levantamentos, algumas relações podem ser traçadas quanto ao uso dos diferentes materiais em objetos específicos, relacionando-se a conveniência do material escolhido ao objeto elaborado e buscando informações que permitam explicar por que se usa determinado material para a confecção de certos objetos.

Alguns experimentos são modos interessantes de buscar informações para a verificação das propriedades dos materiais. As relações de diferentes materiais com a água, a luz, o calor; as alterações produzidas nos diferentes materiais pela ação de forças; as possibilidades de ser ou não decomposto ("desmanchado") quando enterrado no solo, são algumas possibilidades de investigação.

Os processos de transformação artesanal e industrial de materiais em objetos podem ser investigados utilizando-se diferentes estratégias: trazendo para a escola trabalhadores de indústria ou de oficinas artesanais, realizando visitas previamente preparadas a locais de produção na região e realizando na escola pequenas oficinas — marcenaria, cerâmica, reciclagem de papel. Também aqui a escolha dos temas de estudo é realizada tomando como referência processos importantes realizados na região.

Todo processo produtivo deve ser investigado considerando-se os materiais ou as matérias primas necessárias, os instrumentos e as máquinas que operam as transformações e suas etapas. A partir desses pontos básicos, o professor poderá elaborar com seus alunos questões para entrevistas, roteiro para visitas e planejar oficinas de produção de objetos na escola, com apoio da comunidade. As informações coletadas pelos alunos, sob orientação desses pontos básicos, são registradas na forma de desenhos com legendas para os materiais e instrumentos, e desenhos com legendas sequenciados para as transformações.

É importante que, ao lado do conhecimento sobre a utilização dos recursos naturais, os alunos recebam algumas informações acerca das consequências da prática predatória ambiental. Tais informações contribuem para o início da formação de atitudes de preservação do meio ambiente.

Conteúdos para o primeiro ciclo referentes a fatos, conceitos, procedimentos, valores e atitudes:

- investigação de processos artesanais ou industriais da produção de objetos e alimentos, reconhecendo a matéria-prima, algumas etapas e características de determinados processos;
- conhecimento de origens e algumas propriedades de determinados materiais e formas de energia, para relacioná-las aos seus usos;
- formulação de perguntas e suposições sobre os processos de transformação de materiais em objetos;
- busca e coleta de informações por meio de observação direta e indireta, experimentação, interpretação de imagens e textos selecionados;
- organização e registro de informações por intermédio de desenhos, quadros, esquemas, listas e pequenos textos;
- interpretação das informações por meio do estabelecimento de regularidades e das relações de causa e efeito;
- utilização das informações obtidas para justificar suas ideias;
- comunicação oral e escrita de suposições, dados e conclusões, respeitando diferentes opiniões.

Critérios de avaliação de Ciências Naturais para o primeiro ciclo

Os critérios de avaliação estão referenciados nos objetivos, mas, como se pode notar, não coincidem integralmente com eles. Os objetivos são metas, balizam e orientam o ensino, indicam expectativas quanto ao desenvolvimento de capacidades pelos alunos ao longo de cada ciclo. Sabe-se, porém, que o desenvolvimento de todas as capacidades não se completa dentro da duração de um ciclo. Assim, é necessário o estabelecimento de critérios de avaliação que indiquem as aprendizagens imprescindíveis, básicas para cada ciclo, dentro do conjunto de metas que os norteia.

- Identificar componentes comuns e diferentes em ambientes diversos a partir de observações diretas e indiretas.

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno, utilizando dados de observação direta ou indireta, reconhece que todo ambiente é composto por seres vivos, água, ar e solo, e os diversos ambientes diferenciam-se pelos tipos de seres vivos e pelas características da água e do solo.

- Observar, descrever e comparar animais e vegetais em diferentes ambientes, relacionando suas características ao ambiente em que vivem

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno é capaz de identificar características dos seres vivos que permitem sua sobrevivência nos ambientes que habitam, utilizando dados de observação.

- Buscar informações mediante observações, experimentações ou outras formas, e registrá-las, trabalhando em pequenos grupos, seguindo um roteiro preparado pelo professor, ou pelo professor em conjunto com a classe.

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno, tendo realizado várias atividades em pequenos grupos de busca de informações em fontes variadas, é capaz de cooperar nas atividades de grupo e acompanhar adequadamente um novo roteiro.

- Registrar sequências de eventos observadas em experimentos e outras atividades, identificando etapas e transformações.

Com este critério pretende-se avaliar a capacidade do aluno de identificar e registrar sequências de eventos — as etapas e as transformações — em um experimento ou em outras atividades.

- Identificar e descrever algumas transformações do corpo e dos hábitos — de higiene, de alimentação e atividades cotidianas — do ser humano nas diferentes fases da vida.

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno relaciona os hábitos e as características do corpo humano a cada fase do desenvolvimento e se identifica as transformações ao longo desse desenvolvimento.

- Identificar os materiais de que os objetos são feitos, descrevendo algumas etapas de transformação de materiais em objetos a partir de observações realizadas

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno é capaz de compreender que diferentes materiais são empregados para a confecção de diferentes objetos. Pretende-se avaliar também a capacidade do aluno de descrever as etapas de transformação de materiais em objetos.

ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o aluno realiza com aqueles que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem (outros alunos, professores, artistas, especialistas), com fontes de informação (obras, trabalhos dos colegas, acervos, reproduções, mostras, apresentações) e com o seu próprio percurso de criador.

Fazer arte e pensar sobre o trabalho artístico que realiza, assim como sobre a arte que é e foi concretizada na história, podem garantir ao aluno uma situação de aprendizagem conectada com os valores e os modos de produção artística nos meios socioculturais.

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno, significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. E tudo isso integrado aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística.

Assim, aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado. Para tanto, os conteúdos da arte não podem ser banalizados, mas devem ser ensinados por meio de situações e/ou propostas que alcancem os modos de aprender do aluno e garantam a participação de cada um dentro da sala de aula. Tais orientações favorecem o emergir de formulações pessoais de ideias, hipóteses, teorias e formas artísticas. Progressivamente e por meio de trabalhos contínuos essas formulações tendem a se aproximar de modos mais elaborados de fazer e pensar sobre arte. Introduzir o aluno do primeiro ciclo do ensino fundamental às origens do teatro ou aos textos de dramaturgia por meio de histórias narradas pode despertar maior interesse e curiosidade sem perder a integridade dos conteúdos e fatos históricos.

Cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações, observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz. Em outras palavras, o texto literário, a canção e a imagem trarão mais conhecimentos ao aluno e serão mais eficazes como portadores de informação e sentido. O aluno, em situações de aprendizagem, precisa ser convidado a se exercitar nas práticas de aprender a ver, observar, ouvir, atuar, tocar e refletir sobre elas.

É papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional, compreendendo criticamente também aquelas produzidas pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno.

Ressalta-se que o percurso criador do aluno, contemplando os aspectos expressivos e construtivos, é o foco central da orientação e planejamento da escola.

O ensino fundamental configura-se como um momento escolar especial na vida dos alunos, porque é nesse momento de seu desenvolvimento que eles tendem a se aproximar mais das questões do universo do adulto e tentam compreendê-las dentro de suas possibilidades. Ficam curiosos sobre temas como a dinâmica das relações sociais, as relações de trabalho, como e por quem as coisas são produzidas.

No que se refere à arte, o aluno pode tornar-se consciente da existência de uma produção social concreta e observar que essa produção tem história.

O aluno pode observar ainda que os trabalhos artísticos envolvem a aquisição de códigos e habilidades que passa a querer dominar para incorporar em seus trabalhos. Tal desejo de domínio está correlacionado à nova percepção de que pode assimilar para si formas artísticas elaboradas por pessoas ou grupos sociais, ao trilhar um caminho de trabalho artístico pessoal. Esse procedimento diminui a defasagem entre o que o aluno projeta e o que quer alcançar.

Assim sendo, é no final desse período que o aluno, desenvolvendo práticas de representação mediante um processo de dedicação contínua, dominará códigos construídos socialmente em arte, sem perder seu modo de articular tais informações ou sua originalidade.

A aprendizagem em arte acompanha o processo de desenvolvimento geral da criança e do jovem desse período, que observa que suas participações nas atividades do cotidiano social estão envoltas nas regularidades, acordos, construções e leis que reconhece na dinâmica social da comunidade à qual pertence, pelo fato de se perceber como parte constitutiva desta.

Também cabe à escola orientar seu trabalho com o objetivo de preservar e impulsionar a dinâmica do desenvolvimento e da aprendizagem, preservando a autonomia do aluno e favorecendo o contato sistemático com os conteúdos, temas e atividades que melhor garantirão seu progresso e integração como estudante.

Tal conjunto de considerações sobre os modos de aprender e ensinar arte possibilitam uma revisão das teorias sobre a arte da criança e do adolescente.

A ação artística também costuma envolver criação grupal: nesse momento a arte contribui para o fortalecimento do conceito de grupo como socializador e criador de um universo imaginário, atualizando referências e desenvolvendo sua própria história. A arte torna presente o grupo para si mesmo, por meio de suas representações imaginárias. O aspecto lúdico dessa atividade é fundamental.

Quando brinca, a criança desenvolve atividades rítmicas, melódicas, fantasia-se de adulto, produz desenhos, danças, inventa histórias. Mas esse lugar da atividade lúdica no início da infância é cada vez mais substituído, fora e dentro da escola, por situações que antes favorecem a reprodução mecânica de valores impostos pela cultura de massas em detrimento da experiência imaginativa.

Embora o jovem tenha sempre grande interesse por aprender a fazer formas presentes no entorno, mantém o desenvolvimento de seu percurso de criação individual, que não pode se perder.

O aluno pode e quer criar suas próprias imagens partindo de uma experiência pessoal particular, de algo que viveu ou aprendeu, da escolha de um tema, de uma técnica, ou de uma influência, ou de um contato com a natureza e assim por diante.

Cabe também ao professor tanto alimentar os alunos com informações e procedimentos de artes que podem e querem dominar quanto saber orientar e preservar o desenvolvimento do trabalho pessoal, proporcionando ao aluno oportunidade de realizar suas próprias escolhas para concretizar projetos pessoais e grupais.

A qualidade da ação pedagógica que considera tanto as competências relativas à percepção estética quanto aquelas envolvidas no fazer artístico pode contribuir para o fortalecimento da consciência criadora do aluno.

O aluno fica exigente e muito crítico em relação à própria produção, justamente porque nesse momento de seu desenvolvimento já pode compará-la, de modo mais sistemático, às do círculo de produção social ao qual tem acesso. Essa caracterização do aluno tem levado à crença de que nesse período a criança é menos espontânea e menos criativa nas atividades artísticas que no período anterior à escolaridade.

O aluno dos anos iniciais do ensino fundamental busca se aproximar da produção cultural de arte. Entretanto, tais interesses não podem ser confundidos com submissão aos padrões adultos de arte. A vivência integral desse momento autorizará o jovem a estruturar trabalhos próprios, com marca individual, inaugurando proposições poéticas autônomas que assimilam influências e transformam o trabalho que desenvolvem dentro do seu percurso de criação nas diversas formas da arte.

A área deve ser incorporada com objetivos amplos que atendam às características das aprendizagens, combinando o fazer artístico ao conhecimento e à reflexão em arte. Esses objetivos devem assegurar a aprendizagem do aluno nos planos perceptivo, imaginativo e produtivo.

Com relação aos conteúdos, orienta-se o ensino da área de modo a acolher a diversidade do repertório cultural que a criança traz para a escola, a trabalhar com os produtos da comunidade na qual a escola está inserida e também que se introduzam informações da produção social a partir de critérios de seleção adequados à participação do estudante na sociedade como cidadão informado.

A formação em arte, que inclui o conhecimento do que é e foi produzido em diferentes comunidades, deve favorecer a valorização dos povos pelo reconhecimento de semelhanças e contrastes, qualidades e especificidades, o que pode abrir o leque das múltiplas escolhas que o jovem terá que realizar ao longo de seu crescimento, na consolidação de sua identidade.

O fenômeno artístico está presente em diferentes manifestações que compõem os acervos da cultura popular, erudita, modernos meios de comunicação e novas tecnologias.

Além disso, a arte nem sempre se apresenta no cotidiano como obra de arte. Mas pode ser observada na forma dos objetos, no arranjo de vitrines, na música dos puxadores de rede, nas ladainhas entoadas por tapeceiras tradicionais, na dança de rua executada por meninos e meninas, nos pregões de vendedores, nos jardins, na vestimenta, etc. O incentivo à curiosidade pela manifestação artística de diferentes culturas, por suas crenças, usos e costumes, pode despertar no aluno o interesse por valores diferentes dos seus, promovendo o respeito e o reconhecimento dessas distinções; ressalta-se assim a pertinência intrínseca de cada grupo e de seu conjunto de valores, possibilitando ao aluno reconhecer em si e valorizar no outro a capacidade artística de manifestar-se na diversidade.

O ensino de Arte é área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno.

Referencias:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Artes/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CURRÍCULO EM AÇÃO: PLANEJAMENTO, SELEÇÃO, CONTEXTUALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS; O TRABALHO POR PROJETOS.

CURRÍCULO EM AÇÃO: PLANEJAMENTO, SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS.

O currículo escolar e suas implicações no processo do conhecimento

Na busca da constituição do conhecimento, outro termo a ser levado em consideração é o currículo, palavra de origem latina currere, que se refere à carreira, a um percurso, que deve ser realizado.

A escola está e não está em crise, ela reproduz a ideologia do capital, e ao mesmo tempo oferece condições de emancipação humana. Podendo assim, conservar ou reproduzir, e é nesta contradição que é preciso analisar o currículo da escola, pois, ele deve refletir as mais diversas formas de cultura.

Segundo Saviani "o currículo deve expressar um caminho pelo qual teoricamente todos deveriam percorrer rumo ao projeto social, passando a ser entendido como forma de contestação do poder".

Um sistema escolar é complexo, frequentado por muitos alunos e, portanto, deve organizar-se. O que se deve então ensinar já que o currículo também é uma seleção limitada da cultura? Com certeza um currículo que compreenda um projeto de vida, socializado e cultural, com um conjunto de objetivos de aprendizagem selecionados que possam dar lugar à criação de experiências, para que nele se operem as oportunidades, que se privilegiem conhecimentos necessários para entender o mundo e os problemas reais e que mobilize o aluno para o entendimento e a participação na vida social. Sendo pertinente formar um aluno crítico, reflexivo e participativo das tomadas de decisões da sociedade, que não sejam apenas cidadãos, mas que saibam praticar e exercer sua cidadania ativa conectada com seus direitos e deveres.

A produção do conhecimento deve ser o resultado da relação entre o homem e as relações sociais, através da atividade humana, ou seja, o trabalho como práxis humana e produtiva.

Para Saviani "é preciso privilegiar a relação entre o que precisa ser conhecido e o caminho que precisa ser trilhado para conhecer, ou seja, entre conteúdo e método, na perspectiva da construção da autonomia intelectual e ética".

Hoje, há um consenso entre educadores de que o "aprender" é o papel mais importante de toda e qualquer instituição educacional. E que nesta linha, o compromisso político do professor apoiada pela equipe e direção se exigem mutuamente e se interpenetram, não sendo mais possível dissociar uma da outra.

Para Sacristán: organizar currículo e programas de conteúdo é contribuir na formação das novas gerações da humanidade com possibilidades de traçar caminhos possíveis para superar dificuldades. E, que nós cidadãos participantes deste processo, professores pedagogos e gestores, consigamos construir outra escola, onde todos possam ser sujeitos de suas próprias histórias e parceiros na construção de uma sociedade mais democrática e mais humana.

Sob este ponto de vista o currículo caracteriza-se por uma estratégia de abordagem do objeto, que é o aluno. Estratégia esta que significa um modo de observar, de pensar e de agir do educador sobre o alunado, construindo a partir das teorias que suportam a formação profissional do educador como sobre a sua experiência, sistema de valores, ideologia e estilo pessoa.

A didática, o plano de trabalho docente e a hora atividade como possibilidades de aprendizagem

Para Pimenta & Anastasiau "a pedagogia possibilita aos profissionais se apropriarem criticamente da cultura pedagógica para compreender e alargar sua visão da situação concreta, nas quais realizam seu trabalho, a fim de transformar a realidade, incluindo a atividade de ensinar que é a didática".

A didática, por sua vez, é o principal ramo da Pedagogia que investiga os fundamentos, as condições e os modos de realizar a educação mediante o ensino.

Sendo o ensino uma ação historicamente situada, a didática constitui-se como teoria de ensino.

A didática possibilita fazer um julgamento ou uma crítica do valor dos métodos de ensino. Pode-se dizer que a metodologia nos dá juízos da realidade e a didática, juízos de valor. Com isso pode-se concluir que pode ser metodológico, sem ser didático, mas não pode ser didático, sem ser metodológico, pois não se pode julgar sem conhecer.

Segundo Pimenta & Anastasiau "a didática neste sentido ocupa-se da busca do conhecimento necessário para a compreensão da prática pedagógica e da elaboração de formas adequadas de intervenção, de modo que o processo ensino- aprendizagem se realize de maneira que de fato viabilize a aprendizagem do educando".

A educação tem passado por várias concepções, em suas práticas escolares, mas precisamos nos deter neste momento da história, com a Concepção Pedagógica Histórica Crítico, pois ela nos propõe uma síntese superada da Pedagogia Tradicional e renovada, valorizando a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta. Entende a escola como mediação entre o individual e o social, exercendo a articulação entre transmissão dos conteúdos e assimilação ativa por parte do aluno concreto, ou seja, inserido num contexto de relações sociais, resultando dessa articulação o saber crítico e elaborado de forma a eliminar a seletividade social e torná-la democrática.

Dentro desta linha de pensamento destacamos vários estudiosos como: Makarenko, B. Charlot, Manacorda, Snyders, Dermeval Saviani e tantos outros, que concebem os conteúdos como culturais e autônomos, incorporados pela humanidade, mas reavaliados criticamente face às realidades sociais. Fundamentam a concepção de uma proposta educacional universal, mas não numa análise superficial de tornar "acessível à escolarização"; mas numa reflexão fundamentada no "acesso à educação", garantindo qualidade nos objetivos educacionais, de não servir apenas como reprodutora de um sistema excludente, mas incluir todos os indivíduos no empenho de compreender a realidade social e poder contribuir com sua transformação.

Outra prática a ser refletida é o plano de ação da escola e o Plano de Trabalho Docente, sempre a luz da Proposta Pedagógica Curricular. Se partirmos do princípio que planejar é assumir uma atitude séria, diante de uma situação problema, hoje mais do que nunca em todos os campos da atividade humana, precisamos do planejamento, pois ele requer ações e procedimentos capazes de resolver a especificidade de cada situação.

O planejamento de ensino é a especificação e operacionalização do plano curricular e parte integrada do Projeto Político Pedagógico, em toda sua extensão. Ao reportar sobre o processo ensinoaprendizagem, é preciso fazer uma reflexão profunda sobre o que é ensinar e o que é aprender. Pois o ensino e a aprendizagem são processos tão antigos quanto à própria humanidade.

O professor mantém seu profissionalismo pedagógico quando dialoga e partilha os princípios de um novo olhar sobre o aluno com Necessidades Educacionais Especiais, engajando na educação geral, as famílias, alunos, outros profissionais da educação e gestores das políticas públicas.

Continuar buscando resposta para esta questão é acreditar que ensinar, em seu verdadeiro sentido, é reconhecer valores ter compreensão, solidariedade e crença no potencial humano superando atitudes de preconceito e discriminação em relação às diferenças.

O compromisso é um convite a um novo olhar sobre a educação e a diversidade, em que currículos que marginalizam as diferenças deem espaço à construção de práticas curriculares calcadas no compromisso com a pluralidade das manifestações humanas presentes nas relações cotidianas da escola.

Para Vasconcelos "a sua atuação profissional enquanto docente, não há como ignorar o fato de que o centro de toda e qualquer ação didáticopedagógica está sempre no aluno e, mais precisamente, na aprendizagem que esse aluno venha a realizar".

Uma educação integradora na qual professor e aluno possa produzir conhecimentos que possibilitam contribuir para a transformação da sociedade.

Para Bloon a formulação dos objetivos tem a finalidade de classificar para os professores as mudanças desejadas, orientar na escolha dos conteúdos, metodologias, experiências de aprendizagem e processo de avaliação.

Nesta perspectiva, Czakalski a organização da hora atividade deve garantir o fortalecimento, o desenvolvimento de ações de enfrentamento de problemas diagnosticados que visem à melhoria e a qualidade do ensino e aprendizagem.

Fazendo uso da hora atividade, no planejamento das práticas docente, há sempre uma preocupação em abordar a questão da indissociabilidade entre teoria e prática.

É nos momentos de hora-atividade que a equipe pedagógica com apoio da direção escolar, oportunizam espaço de reflexão das práticas pedagógicas. Auxiliando o professor em seu trabalho, discutindo e encaminhando alunos para avaliações, redirecionando práticas para alunos com dificuldades de aprendizagem e para alunos repetentes, promover ações e reflexão, com o objetivo fundamental de assegurar aprendizagem.

Como garantia de sua especificidade a escola utiliza esses momentos coletivos para com os professores, a fim de que haja uma organização coletiva para melhorar suas práticas. Um momento de rever seu trabalho, metodologia, critérios para retomar as ações, proporcionando ao professor e ao coletivo escolar, uma análise de sua prática sobre as reais condições de trabalho, privilegiando o conhecimento e o aperfeiçoamento do processo educativo, viabilizando a utilização de estudos com atividades teóricas e práticas que se fundem numa totalidade, pois o planejamento das práticas escolares envolve todo um trabalho pedagógico.

O espaço de sala de aula não é o único onde se constrói o conhecimento e se aprende sobre cidadania. Mas deve propiciar espaços alternativos onde a pesquisar construa conhecimento que possa interferir favoravelmente na construção de cidadãos conscientes, responsáveis e atuantes em seus diferentes papéis sociais.

Para Gadotti "educar significa formar para a autonomia, isto é, para se autogovernar. Um processo educacional somente será verdadeiramente autônomo e libertador se for capaz de preparar cidadãos críticos, dotados das condições que lhes permitam entender os contextos históricos, sociais e econômicos em que estão inseridos".

Nosso tempo requer postura de um novo cidadão consciente, sensível, que possa intervir e modificar a realidade social excludente, tornando-se sujeito da própria história.

Para isso a gestão escolar, precisa ser autônoma e democrática. Reconhecendo toda a comunidade escolar e instâncias colegiadas com suas diversidades culturais, com as múltiplas possibilidades e diferentes saberes. Desafiando as incertezas e procurando as soluções diante de cada desafio.

Planejar para construir o ensino

Em uma sala de aula, durante a fala do professor, um aluno formula uma pergunta. O professor ouve atentamente e se vê diante de um dilema: O que fazer? Responder a

pergunta objetivamente e continuar a exposição? Anotar a questão no quadro e dizer que responderá ao terminar o que está expondo? Anotar a pergunta e pedir a toda classe que pense na resposta? Solicitar ao aluno que anote a pergunta e a repita ao final da exposição? Qual a conduta mais correta?

Escolher uma resposta adequada depende de vários fatores que devem ser considerados pelo professor. Entre eles, se a pergunta contribui para o desenvolvimento da atividade de ensino e aprendizagem naquele momento, ou ainda se existe pertinência em relação ao conteúdo em jogo na atividade.

A pergunta pode evidenciar um nível de compreensão conceitual mais elaborado de um aluno se comparado à maioria da classe. Respondê-la naquele momento transformaria a aula em uma conversa entre o professor e aquele aluno, que dificilmente seria acompanhada pelos demais. Pode também revelar uma criança ou jovem com dificuldade de compreender o conceito em questão, o que sugere algum tipo de atenção mais individualizada. É possível concluir ainda que a questão seria uma ótima atividade de aprendizagem em um momento posterior, quando certos aspectos do conteúdo já estiverem esclarecidos.

Planejar: coerência para as ações educativas

O professor tem um papel fundamental de coordenar o processo de ensino e aprendizagem da sua classe. "É preciso organizar todas as suas ações em torno da educação de seus alunos. Ou seja, promover o crescimento de todos eles em relação à compreensão do mundo e à participação na sociedade". Para isso, ele precisa ter claro quais são as intenções educativas que presidem esta ou aquela atividade proposta. Na verdade, ele precisa saber que atitudes, habilidades, conceitos, espera que seus alunos desenvolvam ao final de um período letivo.

Certamente isso significa fazer opções quanto aos conteúdos, às atividades, ao modo como elas serão desenvolvidas, distribuir o tempo adequadamente, assim como fazer escolhas a respeito da avaliação pretendida. Se essas intenções estiverem claras, as respostas a esta ou àquela pergunta ou a diferentes situações do cotidiano de uma sala de aula serão mais coerentes com os objetivos e propósitos definidos.

O Planejamento do Ensino tem como principal função garantir a coerência entre as atividades que o professor faz com seus alunos e as aprendizagens que pretende proporcionar a eles.

Planejamento de Ensino

Em muitos casos, quando o professor atua junto à sua classe sem ter refletido sobre a atividade que está em desenvolvimento, sem ter registrado de alguma forma suas intenções educativas, a atividade pode se revelar contraditória com os objetivos educativos que levaram o professor a selecioná-la.

Esse tipo de contradição é muito mais comum do que parece. No ensino da leitura, por exemplo, é frequente o professor exigir de um aluno uma leitura em voz alta de um texto que o próprio aluno lerá pela primeira vez. Logo após essa leitura, o professor pede que ele comente o que leu, ou faça um resumo. Faz perguntas sobre as informações contidas no texto e pede-lhe que relacione ideias com outras anteriormente tratadas em classe. Geralmente, os professores que propõem essa atividade a seus alunos dizem que ela tem o objetivo de desenvolver a capacidade de ler e interpretar um texto. Mas esses professores se esquecem de que, para ler em voz alta, principalmente um texto que está sendo lido pela primeira vez, a atenção do leitor volta-se para a emissão da voz, a entonação, os cuidados com a pontuação.

Ou seja, o leitor, nessas ocasiões, preocupa-se em garantir a audição de sua leitura, não a compreensão lógica e conceitual do que está lendo. Já uma leitura voltada à compreensão de um texto deve ser silenciosa, visando o entendimento dos raciocínios e, por isso, com idas e vindas constantes. Se um parágrafo apresenta uma ideia mais difícil, pode-se lê-lo várias vezes. Se uma palavra tem significado desconhecido, usa-se o dicionário. A leitura em voz alta é contraditória com uma leitura voltada ao estudo, à confecção de um resumo do texto. A atividade proposta pelo professor fica comprometida por essa contradição.

Quem faz o planejamento

O planejamento é um trabalho individual e de equipe. A elaboração do Planejamento do Ensino é uma tarefa que cada professor deve realizar tendo em vista o conjunto de alunos de uma determinada classe, sendo, por isso, intransferível. O ideal é desenvolver esse Planejamento em cooperação com os demais professores, com a ajuda da coordenação pedagógica e mesmo da direção da escola, mas cada professor deve ser o autor de seu Planejamento do Ensino. Quantas vezes nós, professores, ouvimos um aluno perguntar: - Professor, por que a gente precisa saber isso? Quantas vezes, no tempo em que éramos alunos, fizemos essa mesma pergunta a nossos professores, sem nunca obter uma resposta satisfatória?

Flexibilidade

Vale lembrar que nenhum Planejamento deve ser uma camisa-de-força para o professor. Existem situações da vida dos alunos, da escola, do município, do país e do mundo que não podem ser desprezadas no cotidiano escolar e, por vezes, elas têm tamanha importância que justificam por si adequações no Planejamento do Ensino.

No processo de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, novos conteúdos e objetivos podem entrar em jogo; outros, escolhidos na elaboração do plano, podem ser retirados ou adiados. É aconselhável que o professor reflita sobre suas decisões durante e após as atividades, registrando suas ideias, que serão uma das fontes de informação para melhor avaliar as aprendizagens dos alunos e decidir sobre que caminhos tomar.

Além disso, as pessoas aprendem o mesmo conteúdo de formas diferentes; portanto, o Planejamento do Ensino é um orientador da prática pedagógica e não um "ditador de ritmo", no qual todos os alunos devem seguir uniformemente. Ao longo do ano letivo e a partir das avaliações, algumas atividades podem se mostrar inadequadas, e será necessário redirecionar e diversificá-las, rever os conteúdos, fazer ajustes.

Registro

Registrar ajuda a avaliação. Vale destacar que a forma de organizar o Planejamento do Ensino aqui apresentado é uma escolha. O importante é o professor ter alguma forma de registro de suas intenções, procurando agir pedagogicamente de forma coerente com os objetivos específicos e gerais traçados no Projeto de Escola e em seu Planejamento do Ensino. A forma como cada professor registra seu Planejamento não deve ser fixa, para que cada profissional possa fazê-lo da forma como se sente melhor. Mas, se um educador deseja ser um profissional reflexivo, que pensa criticamente sobre sua prática pedagógica e se desenvolve profissionalmente com esse processo, ele precisa registrar seu Planejamento do Ensino.

Redigir o projeto não é uma simples formalidade administrativa. É a tradução do processo coletivo de sua elaboração [...]. Deve resultar em um documento simples, completo, claro, preciso, que constituirá um recurso importante para seu acompanhamento e avaliação.

Componentes do planejamento do ensino

O Planejamento do Ensino, chamado também de planejamento da ação pedagógica ou planejamento didático, deve explicitar:

- as intenções educativas – por meio dos conteúdos e dos objetivos educativos, ou das expectativas de aprendizagem;
- como esse ensino será orientado pelo professor – as atividades de ensino e aprendizagem que o professor seleciona para coordenar em sala de aula, com o propósito de cumprir suas intenções educativas, o tempo necessário para desenvolvê-las;
- como será a avaliação desse processo.

Conteúdos e objetivos

Conteúdo é uma forma cultural, um tipo de conhecimento que a escola seleciona para ensinar a seus alunos. Informações, conceitos, métodos, técnicas, procedimentos, valores, atitudes e normas são tipos diferentes de conteúdos. Informações, por exemplo, podem ser aprendidas em uma atividade, já o algoritmo da multiplicação de números inteiros, que é um procedimento, não. Esse é um tipo de conteúdo cuja aprendizagem envolve grandes intervalos de tempo e que necessita de atividades planejadas ao longo de meses, pelo menos.

Valores são conteúdos aprendidos nas relações humanas, ocorram elas no espaço escolar ou não. Muitas vezes, aprender um valor pode significar também mudar de valor, o que torna o ensino e a aprendizagem de valores, e de atitudes também, um processo complexo, que não se resolve apenas com a preparação de atividades localizadas. Em uma escola onde o respeito mútuo e o combate a qualquer tipo de preconceito de gênero, de etnia ou de classe social estejam ausentes no dia-a-dia, não há como ensinar valores e atitudes por meio de atividades ou "sérias conversas" sobre esses temas.

Os conteúdos do Planejamento do Ensino são aqueles que guiaram a escolha das atividades na elaboração do plano e são os conteúdos em relação aos quais o professor tentará observar, e avaliar, como se desenvolvem as aprendizagens, pois isso não seria possível fazer com relação a "todos" os conteúdos presentes na atividade.

Conteúdo do planejamento X Conteúdo das atividades

Em uma atividade de ensino e aprendizagem, os alunos trabalham com vários tipos de conteúdos ao mesmo tempo. Pensando sobre um conceito de Matemática, os alunos podem estar mais ou menos mobilizados para essa ação, e a mobilização necessária pode ser fruto de um valor anteriormente aprendido: são alunos que gostam do desafio de aprender, e que identificam na atividade problemas interessantes que aguçam seu pensamento lógico.

Para resolver uma questão de História ou de Geografia, o aluno precisa mobilizar seus conhecimentos de leitura, lembrar dados e relações que ele já aprendeu e que lhe permitam compreender a questão feita e pensar em possíveis respostas, ou em possíveis fontes para obter informações ou esclarecer conceitos. Por fim, terá que mobilizar seus conhecimentos de escrita para redigir a resposta.

Durante uma atividade, alunos interagem com outros alunos e com o educador, e nessas relações inúmeros valores e atitudes entram em jogo. Quando o professor, ao iniciar um debate, relembra as regras de participação com sua classe, está trabalhando conteúdos atitudinais ainda que o debate seja sobre reprodução celular.

É preciso lembrar, ainda, que existem conteúdos, geralmente, valores ou atitudes, que são eleitos no Projeto de Escola, e que devem ser trabalhados em todas as atividades de sala de aula, bem como em todas as relações pessoais ocorridas no espaço escolar. Respeito mútuo e intolerância com qualquer tipo de discriminação étnica, de gênero ou classe social são dois exemplos desses conteúdos.

Objetivos

Os objetivos educativos do Planejamento do Ensino, também chamados objetivos didáticos ou específicos, ou ainda de expectativas de aprendizagem, definem o que os professores desejam que seus alunos aprendam sobre os conteúdos selecionados. A forma tradicional de redigir um objetivo é utilizar a frase "ao final do conjunto de atividades, cada aluno deverá ser capaz de...". Não há problema em definir dessa forma os objetivos no Planejamento do Ensino, desde que os alunos não sejam obrigados a atingi-los todos ao mesmo tempo. É possível definir esses objetivos descrevendo as expectativas de aprendizagem da forma que for mais fácil de compreendê-las.

Os objetivos educativos do Planejamento do Ensino são importantes porque muitos conteúdos, os conceitos científicos entre eles, são aprendidos em processos que se complementam ao longo da escolaridade. Por exemplo, se um aluno das séries iniciais do Ensino Fundamental afirmar que célula é uma "coisa" muito pequena que forma o corpo dos seres vivos, pode-se considerar que seu conhecimento sobre o conceito de célula está em bom andamento. Mas, se esse for um aluno de 1a série do Ensino Médio, então, ele está precisando aprender mais sobre esse conceito.

Os objetivos educativos do Planejamento do Ensino definem o grau de aprendizagem a que se quer chegar com o trabalho pedagógico. São faróis, guias para os professores, mas não devem se tornar "trilhos fixos", em sequências que se repetem independentemente da aprendizagem de cada aluno.

Organização das atividades

Organizar as atividades: A principal função do conjunto articulado de atividades de ensino e aprendizagem que devem compor o Planejamento do Ensino é provocar nos alunos uma atividade mental construtiva em torno de conteúdo(s) previamente selecionado(s), no Projeto de Escola, no Planejamento do Ensino ou durante sua realização.

Ao escolher uma atividade de ensino e aprendizagem para desenvolver com seus alunos, o professor precisa considerar principalmente a coerência entre suas intenções – explicitadas pelos conteúdos e objetivos – e as ações que vai propor a eles. Precisa também pensar em como aquela atividade irá se articular com a(s) anterior (es) e com a(s) seguinte(s). Uma atividade que está iniciando o trabalho sobre um ou mais conteúdos é muito diferente de uma atividade na qual os alunos estão discutindo um problema real, visto no jornal, por exemplo, baseados em seus estudos anteriores sobre conceitos que estão em jogo no problema.

As atividades devem ser de acordo com aquilo que se quer ensinar, seja a curto, médio ou longo prazo. A diversidade é uma de suas características principais: assistir a um filme, a uma peça teatral ou a um programa de TV; realizar produções em equipe; participar de debates e praticar argumentação e contra argumentação; fazer leituras compartilhadas (em voz alta); práticas de laboratório; observações em matas, campos, mangues, áreas urbanas e agrícolas; observações do céu; acompanhamento de processos de médio e longo prazo em Biologia e Astronomia. Idas a museus, bibliotecas públicas, exposições de arte. Pesquisa em livros e revistas, com ou sem uso de informática e Internet. Assistir a uma exposição por parte do professor.

Novamente, deve-se insistir no fato de que a sequência de atividades que compõe o Planejamento do Ensino deve levar em conta as experiências dos próprios alunos no decorrer de cada atividade escolhida. Existem planos que se realizam quase integralmente, os que se realizam em grande parte, ou aqueles que, simplesmente, precisam ser refeitos tendo como critério a avaliação da aprendizagem dos alunos.

Fonte
OST, N. M.

TRABALHO POR PROJETOS

Segundo Fêo[3], antigamente, quando o aluno ia à escola, via um quadro negro e um giz na mão de um professor que a tudo comandava. Hoje, ele vê um quadro branco, um pincel colorido e quase o mesmo professor, exceto pelo fato dele já não saber tanta coisa. Muitas escolas e professores ainda insistem em realizar a prática de ensino do mesmo jeito que antes, mudou-se a forma, mas a essência continua a mesma.

O objetivo de antes era transmitir conteúdos e o objetivo de hoje deveria ser propor tarefas aos alunos que os tornem capazes de identificar, avaliar, reconhecer e questionar para que eles possam ser cidadãos deste novo mundo, (Perrenoud, 2000). O MEC sinaliza para a necessidade de se promover formas de aprendizagem que desenvolvam no aluno sua criatividade, análise crítica, atitudes e valores orientados para a cidadania, atentas às dimensões éticas e humanísticas e que supere o conteudismo do ensino reduzido à condição de meros instrumentos de transmissão de conhecimento e informações. Então, faz-se necessário repensar os objetivos da educação de modo a permitir que o aluno compreenda o mundo, que dele se aproprie e que o possa transformar. Sugere Castilho (2001) que o método de ensino é a variável que mais pesa nos resultados do desempenho do aluno. Almeida (1999) argumenta que a forma de conceber a educação envolvendo o aluno, promovendo sua autonomia e garantindo uma aprendizagem significativa deveria ser por meio do desenvolvimento de projetos. À medida que suas competências são desenvolvidas, suas possibilidades de inclusão na sociedade da informação são ampliadas.

A Pedagogia de projetos

Na visão de Perrenoud (1999) a escola deveria estar se contagiando com a noção de competência utilizada no mundo do trabalho e das empresas. É pensamento comum, entre os autores pesquisados, que para isso ocorrer é necessária a superação da visão fragmentada do conhecimento fornecida pela escola através das disciplinas. Fazenda (2001) enfatiza que a escola, na medida que organiza os currículos em disciplinas tradicionais, fornece ao aluno apenas um acúmulo de informações que de pouco ou nada valerão na sua vida profissional, principalmente por que o ritmo das mudanças tecnológicas não tem contrapartida com a velocidade que a escola pode se adequar.

3 FÊO, E. A. A prática pedagógica por meio do desenvolvimento de projetos. Disponível em: http://www.drb-assessoria.com.br/1.Apraticapedagogicapormeiododesenvolvimentodeprojetos.pdf

Para Almeida, (1999), a utilização do projeto seria uma forma de envolver o aluno em interações com recursos tecnológicos e sociais a fim de desenvolver sua autonomia e de construir conhecimentos de distintas áreas do saber, por meio da busca de informações significativas para a compreensão, apresentação e resolução de uma situação--problema.

Nogueira (2001) esclarece que a totalidade das pesquisas a respeito do ensino-aprendizagem está sempre voltada ao aluno como centro do problema de aprendizagem, todavia se podem localizar problemas também no sistema e no professor. Este autor afirma que em suas pesquisas constatou que as práticas nas quais se realizam experenciação, pesquisa de campo, construção de maquetes, representações, dramatizações, etc. provaram ser eficiente tanto em termos de resultados de aprendizado como em motivação dos alunos. Assim, também se espera do trabalho com projetos. Segundo Antunes (2001) é possível viabilizar com intensidade invulgar o uso das múltiplas inteligências e, por consequência, os alunos, conhecendo melhor suas aptidões, podem se expressar através delas. Em resumo, a finalidade dos projetos é favorecer o ensino para a compreensão e compreender é ser capaz de ir além da informação dada, é também de acordo com Perkins e Blythe (1994) apud Hernandez (1998), " ... a capacidade de investigar um tema mediante estratégias como explicar, encontrar evidências e exemplos, generalizar, aplicar, estabelecer analogias, e representar um tema por meio de uma nova forma". Perrenoud (2003) define a Pedagogia de Projeto como: - ***Uma empreitada coletiva gerada pelo grupo-classe, na qual o professor coordena, mas não decide tudo; Uma orientação para uma produção concreta (textos, jornais, espetáculos, exposições, maquetes, experiências científicas, festas, passeios, eventos esportivos, concurso, etc.); Um conjunto de tarefas nas quais todos os alunos possam participar e tenham uma função ativa, a qual poderá variar em função de seus recursos e interesses; Um aprendizado de saberes e conhecimentos no âmbito da gestão de projetos (decidir, planejar, coordenar, etc.); Um aprendizado identificável e que conste do programa de uma ou mais disciplinas; Uma atividade emblemática e regular, colocada a serviço do programa.***

No entanto, o processo de implantação dessa prática em estabelecimentos que há muito tempo se limita ao ensino tradicional não é uma tarefa fácil. Para sua utilização, a Pedagogia do Projeto exige o desenvolvimento de competências do professor e que ele deseje as mudanças, mas isto não basta. De acordo com Piconez (1998) de nada adiantam modificações no planejamento do professor se a escola não possuir um projeto políticopedagógico que esboce o cidadão que se pretende ajudar constituir pela educação escolar.

Contudo, com este trabalho procurou-se esclarecer a prática do projeto e sua contribuição para a construção da aprendizagem significativa, alertando para alguns princípios que não devem ser esquecidos como: a autonomia do aluno, a avaliação constante e o necessário treinamento do professor.

Entretanto, destacou-se que o professor não está preparado e está pouco à vontade com os jovens e as suas realidades por isso deverá refletir com seus pares como promover a melhoria de sua profissão. A prática de projetos pode envolver os alunos em um trabalho de equipe, no qual o aprendizado acontece no fazer, no pesquisar, no levantar e organizar informações. Nesse modelo, o professor exerce o papel de tutor, de organizador, aquele que reconhece e orienta adequadamente as competências dos diferentes alunos.

Referências:

Almeida, M. E. B. de. Projeto: uma nova cultura de aprendizagem. PUC/SP, jul.1999.2f.(apostila mimeo). Antunes, C. Um método para o ensino fundamental: o projeto. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 44p. Castilho, S. As competências essenciais. Jornal Público, Lisboa, p.3, 20 out. 2001.

Fazenda, I. C. A. (Coord.) Práticas interdisciplinares na escola. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2001. 147 p. Hernandez, F. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1998,

150 p. Nogueira, N. R. Pedagogia dos Projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001. 220 p.

Perrenoud, P. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 90p.

_____ Pedagogia diferenciada: das intenções à ação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 183 p.

_____ A pedagogia do projeto a serviço do desenvolvimento de competências. In: 3º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO. São Paulo: 2003. 40 p.

Piconez, S.C.B. A pedagogia de projeto como alternativa para o ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos. Cadernos Pedagógicos-Reflexões. São Paulo: USP/FE/NEA, n.16, 1998, 12 p.

Projetos de Trabalho

Para Moura[4], os Projetos de Trabalho traduzem, portanto, uma visão diferente do que seja conhecimento e currículo e representam uma outra maneira de organizar o trabalho na escola. Caracterizam-se pela forma de abordar um determinado tema ou conhecimento, permitindo uma aproximação da identidade e das experiências dos alunos, e um vínculo dos conteúdos escolares entre si e com os conhecimentos e saberes produzidos no contexto social e cultural, assim como com problemas que dele emergem. Dessa forma, eles ultrapassam os limites das áreas e conteúdos curriculares tradicionalmente trabalhados pela escola, uma vez que implicam o desenvolvimento de atividades práticas, de estratégias de pesquisa, de busca e uso de diferentes fontes de informação, de sua ordenação, análise, interpretação e representação. Implicam igualmente atividades individuais, de grupos/quipes e de turma(s), da escola, tendo em vista os diferentes conteúdos trabalhados (atitudinais, procedimentos, conceituais), as necessidades e interesses dos alunos.

4 MOURA, D. P. de. Pedagogia de Projetos: Contribuições para Uma Educação Transformadora. 2010.

Ao estudá-los, as crianças e os jovens realizam contato com o conhecimento não como algo pronto e acabado, mas como algo controverso. Um dos aspectos mais importantes, no trabalho como Projetos, é que ele permite que o aluno desenvolva uma atitude ativa e reflexiva diante de suas aprendizagens e do conhecimento, na medida em que percebe o sentido e o significado do conhecimento para a sua vida, para a sua compreensão do mundo.

Pedagogia de projetos: método ou postura pedagógica?

Não podemos entender a prática por projetos como uma atividade meramente funcional, regular, metódica.

A Pedagogia de Projetos não é um método, pois a ideia de método é de trabalhar com objetivos e conteúdos pré-fixados, pré-determinados, apresentando uma sequência regular, prevista e segura, refere-se à aplicação de fórmulas ou de uma série de regras.

Trabalhar por meio de Projetos é exatamente o oposto, pois nele, o ensino-aprendizagem se realiza mediante um percurso que nunca é fixo, ordenado. O ato de projetar requer abertura para o desconhecido, para o não-determinado e flexibilidade para reformular as metas e os percursos à medida que as ações projetadas evidenciam novos problemas e dúvidas.

Fernando Hernández (1998) vem discutindo o tema e define os projetos de trabalho não como uma metodologia, mas como uma concepção de ensino, uma maneira diferente de suscitar a compreensão dos alunos sobre os conhecimentos que circulam fora da escola e de ajudá-los a construir sua própria identidade.

O trabalho por projetos requer mudanças na concepção de ensino e aprendizagem e, consequentemente, na postura do professor. Hernández (1988) enfatiza ainda que o trabalho por projeto não deve ser visto como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de repensar a função da escola. Leite (1996) apresenta os Projetos de Trabalho não como uma nova técnica, mas como uma pedagogia que traduz uma concepção do conhecimento escolar.

Em se tratando dos conteúdos, a pedagogia de projetos é vista pelo seu caráter de potencializar a interdisciplinaridade. Isto de fato pode ocorrer, pois o trabalho com projetos permite romper com as fronteiras disciplinares, favorecendo o estabelecimento de elos entre as diferentes áreas de conhecimento numa situação contextualizada da aprendizagem.

A Pedagogia de Projetos é um meio de trabalho pertinente ao processo de ensino-aprendizagem que se insere na Educação promovendo-a de maneira significativa e compartilhada, auxiliando na formação integral dos indivíduos permeado pelas diversas oportunidades de aprendizagem conceitual, atitudinal, procedimental para os mesmos. Os projetos de trabalho não se inserem apenas numa proposta de renovação de atividades, tornando-as criativas, e sim numa mudança de postura que exige o repensar da prática pedagógica, quebrando paradigmas já estabelecidos.

Possibilita que os alunos, ao decidirem, opinarem, debaterem, construam sua autonomia e seu compromisso com o social, formando-se como sujeitos culturais e cidadãos.

Será necessário oportunizar situações em que os alunos participem cada vez mais intensamente na resolução das atividades e no processo de elaboração pessoal, em vez de se limitar a copiar e reproduzir automaticamente as instruções ou explicações dos professores. Por isso, hoje o aluno é convidado a buscar, descobrir, construir, criticar, comparar, dialogar, analisar, vivenciar o próprio processo de construção do conhecimento. (ZABALLA, 1998)

O fato de a pedagogia de projetos não ser um método para ser aplicado no contexto da escola dá ao professor uma liberdade de ação que habitualmente não acontece no seu cotidiano escolar. O compromisso educacional do professor é justamente saber O QUÊ, COMO, QUANDO e POR QUE desenvolver determinadas ações pedagógicas. E para isto é fundamental conhecer o processo de aprendizagem do aluno e ter clareza da sua intencionalidade pedagógica.

Mais do que uma técnica atraente para transmissão dos conteúdos, como muitos pensam, a proposta da Pedagogia de Projetos é promover uma mudança na maneira de pensar e repensar a escola e o currículo na prática pedagógica. Com a reinterpretação atual da metodologia, esse movimento tem fornecido subsídios para uma pedagogia dinâmica, centrada na criatividade e na atividade discentes, numa perspectiva de construção do conhecimento pelos alunos, mais do que na transmissão dos conhecimentos pelo professor.

Analogia entre construtivismo e pedagogia de projetos

O Construtivismo e a Pedagogia de Projetos tem em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima em continuar essa forma particular de transmissão que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é, pela sociedade.

Na Pedagogia de Projetos a relação ensino/aprendizagem é voltada para a construção do conhecimento de maneira dinâmica, contextualizada, compartilhada, que envolva efetivamente a participação dos educandos e educadores num processo mútuo de troca de experiências. Nessa postura a aprendizagem se torna prazerosa, pois ocorre a partir dos interesses dos envolvidos no processo, da realidade em que estes estão inseridos, o que ocasiona motivação, satisfação em aprender.

O Construtivismo leva o educando a pensar, expandindo seu intelecto através de uma aprendizagem significativa, ou seja, que tenha sentido, e contextualizada. O conhecimento é construído a cada instante com a mediação do educador, respeitando o nível de desenvolvimento mental de cada educando.

"*O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador.*".

Então, tanto no Construtivismo como na Pedagogia de Projetos, o educando é o próprio agente de seu desenvolvimento, o conhecimento é assimilado de maneira própria, mas sempre com o auxílio da mediação do educador. Aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos. O aluno deixa de ser um sujeito passivo, sempre à mercê das ordens do professor, lidando com um conteúdo completamente alienado de sua realidade e em situações artificiais de ensino-aprendizagem. Aprender passa então a ser um processo global e complexo, onde conhecer e intervir na realidade não se dissocia. O aluno é visto como sujeito ativo que usa sua experiência e conhecimento para resolver problemas.

Aprende-se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos. Ensina-se não só pelas respostas dadas, mas principalmente pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados, pela ação desencadeada.

Suas concepções e conhecimentos prévios são levantados e analisados para que o educador possa problematizá-los e oferecer-lhes desafios que os façam avançar, atingindo o processo de equilibração/desequilibração que é a base do Construtivismo e ao mesmo tempo da Pedagogia de Projetos.

Então podemos dizer que a aprendizagem é o resultado do esforço de atribuir e encontrar significados para o mundo, o que implica a construção e revisão de hipóteses sobre o objeto do conhecimento, ela é resultado da atividade do sujeito, e o meio social tem fundamental importância para que ela ocorra, pois necessitamos de orientação para alcançá-la e aí surge a teoria do pensador russo Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal que é a distância entre o nível de desenvolvimento real (conhecimento prévio, o que o indivíduo já sabe) e o nível de desenvolvimento potencial (onde ele pode chegar com a ajuda do outro), isto é, a possibilidade que o indivíduo (educando) tem de resolver problemas sob a orientação de outrem (educador).

A metodologia do trabalho por projetos

A Pedagogia de Projetos surge da necessidade de desenvolver uma metodologia de trabalho pedagógico que valorize a participação do educando e do educador no processo ensino/aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de cada projeto de trabalho.

O trabalho por meio dos projetos vem contribuir para essa valorização do educando e tem-se mostrado um dos caminhos mais promissores para a organização do conhecimento escolar a partir de problemas que emergem das reais necessidades dos alunos.

Mas como se dá essa participação? Inicialmente, para se propor um projeto este deve ser subsidiado por um tema. A escolha deste tema e dos conteúdos a serem trabalhados é de responsabilidade de todos e deve ser pensada de forma a contemplar a realidade do educando.

O trabalho por Projetos pode ser dividido em 4 etapas: problematização, desenvolvimento, aplicação e avaliação.

a) problematização: é o início do projeto. Nessa etapa, os alunos irão expressar suas ideias e conhecimentos sobre o problema em questão. Essa expressão pode emergir espontaneamente, pelo interesse despertado por um acontecimento significativo dentro ou fora da escola ou mesmo pela estimulação do professor. É fundamental detectar o que os alunos já sabem o que querem saber e como poderão saber. Cabe ao educador incentivar a manifestação dos alunos e saber interpretá-las para perceber em que ponto estão, para aprender suas concepções, seus valores, contradições, hipóteses de interpretação e explicação de fatos da realidade.

b) desenvolvimento: é o momento em que se criam as estratégias para buscar respostas às questões e hipóteses levantadas na problematização. Os alunos e o professor definem juntos essas estratégias. Para isso, é preciso que criem propostas de trabalho que exijam a saída do espaço escolar, a organização em pequenos ou grandes grupos para as pesquisas, a socialização do conhecimento através de trocas de informações, vivências, debates, leituras, sessões de vídeos, entrevistas, visitas a espaços ora da escola e convites a especialistas no tema em questão. Os alunos devem ser colocados em situações que os levem a contrapor pontos de vista, a defrontação com conflitos, inquietações que as levarão ao desequilíbrio de suas hipóteses iniciais, problematizando, refletindo e reelaborando explicações.

c) aplicação: estimular a circulação das ideias e a atuação no ambiente da escola ou da comunidade ligada à escola dá ao educando a oportunidade de se colocar como sujeito ativo e transformador do seu espaço de vivência e convivência, por meio da aplicação dos conhecimentos obtidos na execução do projeto na sua realidade.

d) avaliação: numa concepção dinâmica e participativa, a avaliação tem, para o educador, uma dimensão diagnóstica, investigativa e processual. Avaliamos para investigar o desenvolvimento dos alunos, para decidir como podemos ajudá-los a avançar na construção de conhecimentos, atitudes e valores e para verificar em que medida o processo está coerente com as finalidades e os resultados obtidos. Para o aluno, a avaliação é instrumento indispensável ao desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender por meio do reconhecimento das suas possibilidades e limites.

O registro (a escrita, o desenho, os gráficos, mapas, relatórios, a reunião de materiais etc.) é uma prática fundamental no trabalho com Projetos e deve ser desenvolvida ao longo de todo o processo.

Durante o processo de levantamento e análise dos dados, a mediação do professor é essencial no sentido de construir entre os alunos uma atitude de curiosidade e de cooperação, de trabalho com fontes diversificadas, de estabelecimento de conexões entre as informações, de escuta e respeito às diferentes opiniões e formas de aprender e elaborar o conhecimento, de fazê-los perceber a importância do registro e as diversas formas de realizá-lo.

Se os projetos de trabalho possibilitam um repensar do significado de aprender e ensinar e do papel dos conteúdos curriculares, isto repercute também no sentido que se dá à avaliação e nos instrumentos usados para acompanhar o processo de formação ocorrido durante todo o percurso.

Tradicionalmente, a avaliação do processo ensino-aprendizagem tem sido feita no sentido de medir a quantidade de conhecimentos aprendidos pelos educandos. A avaliação na Pedagogia de Projetos é global, ou seja, considera o educando e sua aprendizagem de forma integral, concilia o resultado da verificação do processo com a verificação do desempenho. Esse tipo de avaliação considera, portanto, não só aspectos conceituais: de assimilação dos conteúdos utilizados para a problematização do tema, mas também aspectos atitudinais: comportamento, atitudes, capacidade de trabalhar em grupo, espírito de liderança, iniciativa; atributos que se referem ao modo de interação com os demais.

Essa metodologia de avaliação potencializa as diferenças, dá lugar a diversidade de opiniões, de singularidade de cada sujeito, faz da heterogeneidade um elemento significativo para o processo de ampliação dos conhecimentos.

A diferença nos ajuda a compreender que somos sujeitos com particularidades, com experiências próprias, constituídas nos processos coletivos de que participamos dentro e fora da escola; posta em diálogo, enriquece a ação pedagógica.

Assim, a avaliação não trabalha a partir de uma resposta esperada, mas indaga as muitas respostas encontradas com o sentido de ampliação permanente dos conhecimentos existentes. Nesse caso, o erro deixa de representar a ausência de conhecimento, sendo apreendido como pista que indica como os educandos estão articulando os conhecimentos que já possuem com os novos conhecimentos que vão sendo elaborados.

Deste modo, a avaliação nos projetos de trabalho passa a fazer parte de todo o processo, sendo entendida como a possibilidade do aluno tomar consciência do seu processo de aprendizagem, descobrindo o que sabe, o que aprendeu, o que ainda não domina. Para isto, é preciso que ao longo de todo o percurso do trabalho, haja um trabalho constante de avaliação.

Dentro da perspectiva dos projetos, o acompanhamento e a avaliação do trabalho têm sido feitos, principalmente, a partir dos registros, sejam eles coletivos ou individuais. Estes registros fazem parte do cotidiano da sala de aula e servem para organizar o trabalho, socializar as descobertas, localizar dúvidas e inquietações, enfim, explicitar o processo vivido.

O Portifólio é o instrumento mais apropriado para a avaliação de um Projeto de Trabalho, na medida em que ele representa a reconstrução do processo vivido e a reflexão do aluno sobre a sua aprendizagem.

Hernandéz (1998), ao falar da importância do portfólio como instrumento de avaliação, afirma que:

A avaliação do portfólio como recurso de avaliação é baseada na ideia da natureza evolutiva do processo de aprendizagem. O portfólio oferece aos alunos e professores uma oportunidade de refletir sobre o progresso dos educandos em sua compreensão da realidade, ao mesmo tempo em que possibilita a introdução de mudanças durante o desenvolvimento do programa de ensino. Além disso, permite aos professores aproximar-se do trabalho dos alunos não de uma maneira pontual e isolada, como acontece com as provas e exames, mas sim, no contexto do ensino e como uma atividade complexa baseada em elementos e momentos da aprendizagem que se encontram relacionados. Por sua vez, a realização do portfólio permite ao alunado sentir a aprendizagem institucional como algo próprio, pois cada um decide que trabalhos e momentos são representativos de sua trajetória, estabelece relações entre esses exemplos, numa tentativa de dotar de coerência as atividades de ensino, com as finalidades de aprendizagem que cada um e o grupo se tenham proposto.

É interessante destacar que a criação do portfólio, por si só, não garante um processo de avaliação significativo. É preciso que se discutam seus usos e funções.

Referência:
Texto disponível em:

PERRENOUD, Philippe. Pedagogia diferenciada: das intenções à ação. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

ZABALA, Antoni. A Prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA OU FORMADORA E OS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM. A AVALIAÇÃO MEDIADORA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: ACOMPANHAMENTO DOS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM.

Avaliação Diagnóstica, Formativa e Somativa: Discutindo Conceitos

Alguns estudos como os realizados por Fernandes (2006), Leite (2009), Mendes (2005), Santos e Varela (2007), classificam a avaliação em três tipos: diagnóstica, formativa e somativa.

Segundo Santo e Varela (2007) a avaliação diagnóstica fornece dados que permitem diagnosticar os conteúdos aprendidos ou não pelos alunos, que se forma-se através da soldagem, projeção e retrospecção do desenvolvimento dos alunos. Esta avaliação almeja verificar as aprendizagens anteriores, para posterior planejamento e superação dos obstáculos encontrados.

Segundo Leite (2009), a concepção da avaliação diagnóstica sugere atitudes a favor do aluno, proporcionando momentos de reflexões, o que possibilita a aprendizagem das crianças.

De acordo com Santos e Varela (2007) os planos de ação dos professores e alunos são reajustados, a partir da avaliação diagnóstica. Esta concepção de avaliação deve realizar-se no início de cada ciclo de estudo, para que ocorra uma reflexão constante, crítica e participativa.

A referida função diagnóstica da avaliação obriga a uma tomada de decisão posterior em favor do ensino, estando a serviço de uma pedagogia que visa à transformação social. A avaliação deve estar comprometida, assim com uma proposta histórico-crítica.

Muitas vezes verificamos que a avaliação diagnóstica é aplicada apenas no início do ano. Percebemos também que a avaliação diagnóstica não acontece realmente, muitos a utilizam como forma de "conhecer" e "repensar" o trabalho desenvolvido na escola.

Outro tipo de avaliação é a formativa. De acordo com Fernandes (2006), este tipo de avaliação deve realizar-se ao término de um tópico do currículo proposto, antecedendo a avaliação somativa.

De acordo com Gonçalves (2010) a avaliação formativa tem como princípio contemplar a diversidade dos estudantes. Ela admite que os recursos da aprendizagem tenham extensão, diversificação e pluralização. Permite que o professor tenha mobilidade em suas aulas, pois pode alterar suas práticas pedagógicas em relação à avaliação e ao ensino, de acordo com as necessidades dos alunos.

A avaliação formativa é uma estratégia pedagógica de luta contra fracassos educacionais e diferenças de aprendizagem. Para isso, é importante o docente, detectar o caminho já percorrido pelo aluno em relação à aprendizagem e ao gênero e o que ele ainda falta percorrer, para fazer intervenções didáticas acertadas.

Podemos concluir então que a avaliação formativa é um excelente instrumento para que tanto os alunos como os professores, possam superar os obstáculos encontrados ao longo da trajetória escolar, ou seja, estabelece uma relação de cooperação.

Outro importante tipo de avaliação intitula-se somativa. No dizer de (2007), esta se refere a um juízo global e de síntese, permitindo decidir a progressão ou retenção do estudante, baseado em resultados globais, possibilitando assim constatar a progressão do aluno de acordo com objetivos definidos.

A avaliação somativa, pode ser facilmente utilizada como um instrumento de certificação social na medida em que permite seriar os alunos de acordo com seu mérito social, constituindo a função social da avaliação.

Acreditamos que a prática de avaliação que predomina nas instituições escolares é a somativa, na qual o sistema escolar estabelece uma "média" que os alunos devem atingir.

Para Horta Neto (2010), as avaliações somativas não avaliam os processos utilizados para que a aprendizagem ocorra, apenas analisam os resultados desta. Portanto este tipo de avaliação tem como princípio que todos os estudantes possuem o mesmo nível de aprendizagem, ou seja, todos aprendem o mesmo conteúdo ao mesmo tempo.

De acordo com Tavares (2008), para que se ocorra uma aprendizagem significativa, é necessário que o aluno utilize o conhecimento aprendido em situações concretas do seu dia-a-dia.

Segundo Mendes (2005) para que a avaliação formativa possa acontecer é necessário que ela ocorra durante todo o processo ensino-aprendizagem, e não apenas como uma verificação no final de um conteúdo.

Para Fernandes (2006), a avaliação formativa se trata de uma avaliação que tem como objetivo regular e melhorar as aprendizagens. O autor afirma que, a avaliação formativa, deve estabelecer um paralelo entre suas funções, pois ao mesmo tempo que deve permitir ao professor informações sobre seus alunos, tais como estágio de desenvolvimento, capacidades desenvolvidas ou não, também devem indicar caminhos que professor deve seguir para alcançar os objetivos. Desta forma os educadores e alunos precisam compartilhar as experiências e ideias para que o objetivo seja realmente concretizado, ou seja, deve ocorrer a aprendizagem dos alunos.

A partir dessas discussões sobre os diferentes tipos de avaliação, podemos afirmar que também encontramos diversos instrumentos que, ser utilizados para avaliar os alunos, entre eles podemos citar o portfólio, conselho de classe, trabalhos, autoavaliação, provas entre outros. Porém percebemos que o instrumento mais utilizado ainda são as provas com suas tradicionais rotinas e calendários.

No dizer de Mendes (2005), os alunos podem ser avaliados em diversos momentos na sala de aula, entre eles, na solicitação deste para resolver uma questão; correção de exercícios; dúvidas que surgiram em atividades realizadas em ambientes diferentes da sala de aula; desenvolvimento de experiências; organização e apresentação de trabalhos; comportamento; e por fim com aplicação de provas com questões discursivas ou objetivas.

Segundo Leal (2006), a variação dos instrumentos avaliativos permite que se obtenham informações importantes sobre a prática do professor e também os níveis de aprendizagem dos alunos, além de permitir que se faça uma reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Ainda segundo Leal (2006), podemos avaliar de diversas formas, porém todos os instrumentos devem diagnosticar e também contribuir para que o educador reveja suas práticas. Para que o professor consiga diagnosticar se os alunos realmente aprenderam de forma significativa determinados conteúdos, pode-se utilizar produções diárias dos estudantes sejam elas escritas ou orais como, textos que escrevem, comentários e participação durante as aulas, ou então instrumentos específicos entre eles, tarefas, provas, trabalhos, que fornecem resultados mais concretos sobre os conhecimentos aprendidos.

Sabemos que muitos professores ainda encontram-se resistentes a aplicar outros tipos de instrumentos para avaliar a aprendizagem dos alunos. Muitos profissionais ainda consideram que a prova é o melhor instrumento.

De acordo Leal (2006), para que o educador alcance cada vez mais conquistas é necessário repensar se os instrumentos utilizados estão corretos, se as decisões tomadas tanto no planejamento quanto em relação as ações tomadas em sala estão adequadas. É importante também que o professor sempre se autoavalie e repense em suas estratégias e recursos utilizados.

Vasconcellos (2000) destaca que as provas da forma como são muitas vezes aplicadas prejudicam o processo de aprendizagem, pois colocam a nota como principal objetivo de todo processo, funcionando como um instrumento classificatório.

Vale destacar que para Vasconcellos (2000), quando a apreensão com a avaliação durante as aulas torna-se maior que o interesse pela aprendizagem, os alunos começam a sofrer pressões que desencadeiam distúrbios como: mal-estar, medo, angústia, perda do sono, vergonha, enjoo, ansiedade, diurese, nervoso, o famoso "branco", esquecimento, decepção com sua nota, criação de imagem negativa de si mesmo. Para o autor muitas escolas afirmam que, todo este clima é necessário para que os alunos se preparem para o vestibular, por tanto eles devem habituarem-se as tensões, "frios na barriga", esquecendo-se que a melhor preparação para o vestibular que a escola poderia oferecer seria uma excelente aprendizagem dos conteúdos ao estudante, de forma qualitativa e não quantitativa.

Diante desta situação, pode-se dizer que esses "rituais" do dia de prova, muitas vezes conduz os alunos a colarem por não terem confiança em si mesmo, pois sua única preocupação é atingir a média ou tirar uma boa nota. Percebe-se então que a escola deve estar atenta e tentar acabar com este "instrumento maléfico" que podem impedir que o processo ensino aprendizagem seja concretizado.

No dizer de Leite (2009), da mesma maneira que a avaliação é utilizada na escola como um instrumento de poder, ameaça e controle, o aluno cria táticas para sua sobrevivência. Ou seja, o aluno quer a nota independente da maneira que utiliza para conseguir, estando correta ou não, sendo que na maioria das vezes o "instrumento" utilizado é a cola, ou então a memorização mecânica sem aprendizagem. Por tanto pode-se concluir que nota não significa aprendizagem, o estudante deduz o jogo da escola e se adapta através de várias atitudes, sendo elas positivas ou não.

Um instrumento que tem sido bastante discutido no meio educacional são os portfólios. De acordo com Boas (2005), por meio do portfólio todas as atividades que foram realizadas em um determinado período de tempo, são avaliadas tanto pelo professor como pelo aluno. Suas características não são classificatórias nem punitivas. Podemos ao final do trabalho fazer uma comparação das atividades iniciais e finais, para acompanhar a progressão ou dificuldades dos alunos.

Segundo Silva (2009), o portfólio permite que os professores e alunos possam avaliar, autoavaliar, ler e reler todo o seu aprendizado sobre determinado conteúdo. Diante disto o professor poderia relembrar ou reforçar alguns conteúdos com os alunos para aumentar o desenvolvimento dos estudantes.

Para Leal (2006), os portfólios permitem que outras pessoas inseridas no contexto escolar como, pais, alunos, outros professores, diretores e supervisores, avaliem o processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, este instrumento não é utilizado em uma escola com a prática tradicional, onde o objetivo da avaliação é única e exclusivamente classificar e selecionar os alunos entre os "bons" e os "ruins", pois neste caso apenas o professor avalia e é tido como o "dono da razão".

Leal (2006) afirma ainda que de nada adianta selecionar, ordenar e colocar em uma pasta confirmações do processo ensino-aprendizagem, mas é necessário a partir da análise organizar momentos de reflexão sobre o que realmente se aprendeu e quais foram as dúvidas que surgiram, além de refletir as estratégias que precisam de alteração e as que devem permanecer.

Outra função do portfólio, segundo Mendes (2005) é proporcionar ao aluno um registro de seus conhecimentos durante o semestre, mostrando todo seu desenvolvimento, além de permitir que este reflita sobre suas práticas e acompanhe toda sua evolução ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Outro instrumento avaliativo é o conselho de classe. De acordo com Mendes (2005), este tipo de avaliação ocorre de forma coletiva, onde professores e alunos discutem as dificuldades que foram percebidas no processo ensino-aprendizagem, e em seguida sugerem alternativas para tentar solucioná-las. Ressalta que o conselho deve reunir-se não apenas no final do semestre, mas ao longo do desenvolvimento de todo o semestre.

Concluímos que este instrumento é de grande importância, pois permite também que os professores compartilhem experiências como, por exemplo, dificuldades enfrentadas com alguns alunos, com determinadas classes entre outros problemas. Desta forma as conversas seriam construtivas e positivas.

Para Mendes (2005) a aplicação deste instrumento pelos professores deve permitir que o professor discuta sua prática na preparação das aulas e seu desenvolvimento, relação professor-aluno, elaboração das avaliações.

No dizer de Vasconcellos (2000), os conselhos de classe não deveriam ocorrer apenas no final do ano quando já não se pode tomar muitas atitudes com os alunos, mas sim de uma forma contínua; é necessário a participação de vários membros da comunidade como professores, auxiliares da escola, direção, pais, alunos ou ao menos os representantes de cada sala para que assim diferentes opiniões sejam expressas e o enfoque principal deve ser o processo ensino aprendizagem.

A aplicação de trabalhos também pode ser compreendida como um instrumento avaliativo, porém estes na maioria das vezes não produzem resultados positivos, pois o seu único objetivo para muitos professores é a nota. De acordo com Vasconcellos (2000), o professor aplica um trabalho extra quando a maioria dos alunos não atingiram as notas esperadas na avaliação. No entanto esta não deveria ser atitude do professor, mas sim refletir qual é o problema, se a avaliação não foi bem elaborada ou se os alunos não aprenderam determinado conteúdo e precisam passar por uma recuperação.

Outro instrumento avaliativo é a autoavaliação que não ocorre com grande frequência nas escolas, na maioria das vezes pelo fato dos professores não "acreditarem" na veracidade das palavras dos alunos. Segundo Vasconcellos (2000) esta prática não deve produzir nota, pois caso contrário acaba com seu caráter formativo, pois sofrerá alteração com a correção do professor.

No dizer de Mendes (2005), a autoavaliação tem como objetivo desenvolver intelectualmente nos alunos através da autocrítica e corresponsabilidade, além de promover o amadurecimento e socialização destes. Necessita de ser aplicada por meio de roteiros que avaliem diferentes aspectos.

Em linhas gerais percebemos que muitos professores não se preocupam com o que fazer perante os resultados das avaliações, com o intuito de garantir a aprendizagem dos alunos, mas preocupam-se apenas em entregar as notas para a secretaria, estudantes e pais.

Concordamos assim com Mendes (2005) quando afirma que, alguns professores podem até modificar os instrumentos para avaliação, porém a atitude diante dos resultados obtidos sempre são as mesmas. Os professores cumprem o conteúdo proposto, em seguida aplicam seminários, trabalhos, pesquisas e exercícios, mas não diversificam suas atitudes diante dos resultados, apenas corrigem as atividades e entregam as notas. Esse é nosso desafio.

Referência:

FUZARO, K.; SILVA, F. D. A. Algumas reflexões sobre tipos de avaliação e instrumentos avaliativos. Revista Partes, 2013.

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR, DIALOGAL E PROBLEMATIZADORA, NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DO ALUNO; A INERENTE FORMAÇÃO CONTINUADA DO EDUCADOR.

O Papel do Professor no Ensino e Aprendizagem

Nessa análise, será discutido o papel desempenhado pelo professor e pelos alunos em sala de aula, de modo a destacar, a atuação do professor na interação do aluno com o conhecimento.

Saviani (2003), ao defender uma pedagogia crítico-social dos conteúdos na qual professor e alunos se encontram numa relação social específica – que é a relação de ensino - com o objetivo de estudar os conhecimentos acumulados historicamente, a fim de construir e aprimorar novas elaborações do conhecimento, aponta que o ponto de partida da ação pedagógica não seria a preparação dos alunos, cuja iniciativa é do professor (Pedagogia Tradicional) nem a atividade, que é de iniciativa dos alunos (Pedagogia Nova), mas seria a prática social comum a professor e alunos, considerando que do ponto de vista pedagógico há uma diferença essencial em que professor, de um lado, e os alunos de outro, encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimento e experiências) da prática social.

Assim sendo, Fontana (2000) afirma que é preciso que o adulto assuma o seu papel com o objetivo claro da relação de ensino (que é o de ensinar), levando em consideração a condição de ambos os lados dessa prática, como parceiros intelectuais, desiguais em termos de desenvolvimento psicológico e dos lugares sociais ocupados no processo histórico, mas por isso mesmo, parceiros na relação contraditória do conhecimento.

É justamente, pensando nessa "prática social" que o professor deve estar ciente de que não basta tratar somente de conteúdos atuais em sala de aula, mas sim, também, resgatar conhecimentos mais amplos e históricos, para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social.

Por isso, como afirma Kramer (1989), para que essa função se efetive na prática: [...] o trabalho pedagógico precisa se orientar por uma visão das crianças como seres sociais, indivíduos que vivem em sociedade, cidadãs e cidadãos. Isso exige que levemos em consideração suas diferentes características, não só em termos de histórias de vida ou de região geográfica, mas também de classe social, etnia e sexo. Reconhecer as crianças como seres sociais que são implica em não ignorar as diferenças.

É exatamente nesse sentido que devemos considerar as experiências sociais acumuladas de cada aluno e seu contexto social, de modo a construir a partir daí um ambiente escolar acolhedor em que o aluno se sinta parte do todo e esteja totalmente aberto a novas aprendizagens.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), o enfoque social oferecido aos processos de ensino e aprendizagem traz para a discussão pedagógica aspectos de excepcional importância, em particular no que se refere ao modo como se devem entender as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, à relevância da relação interpessoal nesse processo, à relação entre educação e cultura e ao papel da ação educativa ajustada às situações de aprendizagem e às características da atividade mental construtiva do aluno em cada momento de sua escolaridade. Nesse sentido, o segundo passo ao se discutir uma pedagogia crítico-social dos conteúdos, de acordo com Saviani (2003), não seria a apresentação de novos conhecimentos pelo professor (Pedagogia Tradicional) nem o problema como um obstáculo que interrompe a atividade dos alunos (Pedagogia Nova). Caberia, neste momento, a identificação dos principais problemas postos pela prática social. E a este segundo passo, Saviani (2003) chama de problematização, através da qual se detectam questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar.

Percebe-se então, a importância do enfoque social na aprendizagem da criança. É através da problematização desse "social" que o conhecimento começa a ser construído individualmente e socializado através da mediação do professor.

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho.

Dessa forma, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), se potencialmente não podemos mais deixar de ter inquietações com o domínio de conhecimentos formais para a participação crítica na sociedade, considera-se também que é indispensável uma adequação pedagógica às características de um aluno que pensa, de um professor que sabe e de conteúdos com valor social e formativo.

O ensino tem, portanto, de acordo com Libâneo (1994), como função principal garantir o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar e, através desse processo, o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas dos alunos, de maneira que, o professor planeje, dirija e comande o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem.

É justamente o que defende Saviani (2003) como terceiro passo no processo de ensino, que não coincide com assimilação de conteúdos transmitidos pelo professor por comparação com conhecimentos anteriores (Pedagogia Tradicional) nem com a coleta de dados (Pedagogia Nova), ainda que por certo envolva transmissão e assimilação de conhecimentos podendo, eventualmente, envolver levantamento de dados. Trata-se de uma instrumentalização, da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais produzidas socialmente e preservados historicamente de modo que a sua apropriação pelos alunos está na dependência de sua transmissão direta ou indireta pelo professor.

Essencialmente, é o que nos coloca Fontana e Cruz ao afirmarem que "deixa-se de esperar das crianças a postura de ouvinte valorizando-se sua ação e sua expressão. Possibilitar à criança situações em que ela possa agir e ouvi-la expressar suas elaborações passam a ser princípios básicos da atuação do professor".

De fato, a criança precisa ser ouvida para que através de suas palavras e da problematização feita a partir delas, ocorra uma aprendizagem ativa e crítica.

Desse modo, segundo Fontana e Cruz (1997), pensar sobre o modo como a criança utiliza a palavra, é pensar em uma atividade intelectual nova e complexa. Assim, o que a professora faz é levar as crianças a desenvolverem um tipo de atividade intelectual que elas ainda não realizam por si mesmas.

É neste sentido que consiste a intervenção e o papel do professor na prática educativa.

Sem dúvida, através de suas orientações, intervenções e mediações, o professor deve provocar e instigar os alunos a pensarem criticamente e a se colocarem como sujeitos de sua própria aprendizagem.

Portanto, como afirmam Fontana e Cruz (1997), o professor através de suas perguntas, não nega nem exclui as definições iniciais das crianças, ao contrário, ele as problematiza e as "empurra" para outro patamar de generalização, levando as crianças a considerarem relações que não foram incluídas nas suas primeiras definições, provocando reelaborações na argumentação desenvolvida por elas.

Efetivamente, neste momento chegamos ao quarto passo defendido por Saviani (2003), que não é a generalização (Pedagogia Tradicional) nem a hipótese (Pedagogia Nova), trata-se de "catarse", entendida como: *Elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens, em que ocorre a efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social.*

Nesse processo de entrecruzamento e incorporação se fazem presentes e atuantes, como afirmam Fontana e Cruz (1997), as maneiras de dizer e pensar da criança e o papel do professor como parceiro social de sua aprendizagem, que considera os saberes trazidos em sala de aula, provocando outros significados e sentidos além do que os alunos já conhecem, buscando articular conhecimentos e chegar ao conhecimento sistematizado.

Segundo Libâneo):

O trabalho docente é atividade que dá unidade ao binômio ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão-assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo.

Desse modo, percebemos uma interrelação entre dois momentos do processo de ensino – transmissão e assimilação ativa – que supõe o confronto entre os conteúdos sistematizados, trazidos pelo professor, e a experiência sociocultural do aluno e por suas forças cognoscitivas, enfrentando as situações escolares de aprendizagem por meio da orientação do professor.

Finalmente então, chega-se ao quinto passo, no qual Saviani (2003) nos coloca que não será a aplicação (Pedagogia Tradicional) nem a experimentação (Pedagogia Nova), mas o ponto de chegada que será a própria prática social, compreendida agora não mais em termos sincréticos pelos alunos. Neste momento, ocorre uma elevação dos alunos ao nível do professor, posto que em consequência de todo o processo, manifesta-se nos alunos a competência de expressarem um entendimento da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao professor.

Dessa forma, observa-se uma desigualdade no ponto de partida (primeiro passo) e uma igualdade no ponto de chegada. Através da ação pedagógica é possível formar sujeitos sociais críticos e ativos numa sociedade pensante.

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.

É justamente, pela formação de sujeitos autônomos e produtivos que a educação deve se destacar, pois por meio dela, professores e alunos, reciprocamente aprendem, de modo que assim ambos possam inserir-se criticamente em seu processo histórico e na sociedade.

Contudo, consideramos, neste trabalho, que cabe ao professor, mediar o chamado "saber elaborado" acumulado historicamente pela sociedade com as vivências do aluno possibilitando uma aprendizagem crítica para sua atuação como sujeito na sociedade, enfocando o ensino dos conhecimentos do passado, da tradição, para o entendimento das situações presentes e formas de se redefinir as ações futuras.

Portanto, a ação pedagógica no processo de ensino consiste, basicamente, na "prática social". De modo que, inicialmente cabe ao educador, mediar conhecimentos historicamente acumulados bem como os conhecimentos atuais, possibilitando, ao fim de todo o processo, que o educando tenha a capacidade de reelaborar o conhecimento e de expressar uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao educador.

Percebe-se então, que tal prática social só pôde ser alcançada através de uma ação pedagógica mediadora e problematizadora dos conteúdos sistematizados, das vivências dos alunos e dos acontecimentos da sociedade atual.

Assim sendo, na relação de ensino estabelecida na sala de aula, o professor precisa ter o entendimento de que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas, ao contrário, é possibilitar ao aluno momentos de reelaboração do saber dividido, permitindo o seu acesso critico a esses saberes e contribuindo para sua atuação como ser ativo e crítico no processo históricocultural da sociedade.

De fato, este é o verdadeiro papel do professor mediador que almeja através da sua ação pedagógica ensinar os conhecimentos construídos e elaborados pela humanidade ao longo da história e assim contribuir na formação de uma sociedade pensante.

Referência:

BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010.

FORMAÇÃO CONTINUADA

Os estudos de Libâneo (2003) contribuem para o entendimento de que a formação continuada "é a condição para a aprendizagem permanente e o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional". Acrescenta que é no contexto de trabalho que as pessoas envolvidas com o processo educativo têm a possibilidade de promover mudanças pessoais e profissionais, resolver problemas, criar e recriar procedimentos e estratégias de trabalho.

Fundamentado em sua visão de formação continuada, Libâneo reforça, ainda, a importância da formação inicial, a qual "refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, frequentemente completados por estágios". Com isso, a prática se articula à teoria como complementaridade. Entretanto, a formação continuada, entendida como prolongamento da formação inicial visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho, e ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional, também se torna essencial de modo a acompanhar as mudanças que ocorrem a todo o momento, em diversos lugares e pessoas.

Partindo desse pressuposto, a reflexão sobre a legislação vigente no Brasil relacionada a educação, tendências pedagógicas, metodologias de ensino, acesso a novas tecnologias e impactos dessas informações em ambientes educativos, entre outros assuntos – quando discutidos por pessoas com experiências similares – é bastante válida pela possibilidade de troca de experiências e busca de soluções embasadas em conhecimentos teóricos. Além, disso, ao compartilhar com profissionais que vivenciam situações semelhantes, torna-se imediatamente possível a prática reflexiva (práxis) em seus ambientes de trabalho.

O educador, especificamente, articula teoria e prática durante todo o processo de mediação de conhecimentos com os alunos. É nesse contexto que a formação continuada se torna fundamental, visto que trata da reflexão sobre a prática, com embasamento teórico no contexto do trabalho pedagógico.

O autor menciona que a profissionalidade significa um conjunto de requisitos profissionais que o tornam educador, o qual supõe a profissionalização e o profissionalismo. A profissionalização trata das condições ideais que venham a garantir o exercício profissional de qualidade e, o profissionalismo, relaciona-se ao "desempenho competente e compromissado dos deveres e responsabilidades que constituem a especificidade de ser professor e ao comportamento ético e político expresso nas atitudes relacionadas à prática profissional" Ibidem, 2003, p.63). Constata-se, portanto, complementaridade entre as noções apresentadas, visto que ambas se complementam para dar sentido à prática profissional.

A profissionalidade é de fundamental importância para a educação ou formação continuada, na medida em que integra o desenvolvimento pessoal e profissional no ambiente de trabalho. Antes de tudo, a formação inicial favorece a construção de conhecimentos, atitudes e convicções que fazem parte da identidade profissional do sujeito, entretanto, é na formação continuada que ocorre a consolidação dessa identidade, no contexto do seu ambiente de trabalho.

Para esse autor:

A formação continuada é uma maneira diferente de ver a capacitação profissional de professores. Ela visa ao desenvolvimento pessoal e profissional mediante práticas de envolvimento dos professores na organização da escola, na organização e articulação do currículo, nas atividades de assistência pedagógico-didática junto com a coordenação pedagógica, nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe etc. O professor deixa de estar apenas cumprindo a rotina e executando tarefas, sem tempo de refletir e avaliar o que faz.

Nessa perspectiva, ressalta-se que a formação continuada se refere às ações de formação que ocorrem dentro da jornada de trabalho (no ambiente escolar) e fora (congressos, cursos). Um ponto em comum entre essas ações

consiste em possibilitar ao docente a reflexão, a discussão e a confrontação das experiências oriundas da prática profissional e articulá-las às teorias que existem no tema em foco. Além de ser papel da instituição proporcionar ao professor eventos de formação profissional, o próprio docente deve ser responsável por buscar aprimorar sua formação. Para subsidiar nossas reflexões, observe um trecho do artigo publicado por Libâneo (2003), ao mencionar os estudos de Abdalla (1999), em que analisou, em sua tese de doutorado, o papel da escola como contexto de ação e de formação continuada de educadores.

Referência:

RAPOSO, D. M. S. P. Formação Continuada do Profissional de Educação. In. Fundamentos da Educação Brasileira, 2010.

CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E DA AUTONOMIA DA ESCOLA.

O trabalho escolar é uma ação de caráter coletivo, realizado a partir da participação conjunta e integrada dos membros de todos os segmentos da comunidade escolar. Portanto, afirmar que sua gestão pressupõe a atuação participativa representa um pleonasmo de reforço a essa importante dimensão da gestão escolar. Assim, o envolvimento de todos os que fazem parte, direta ou indiretamente, do processo educacional no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões, na proposição, implementação, monitoramento e avaliação de planos de ação, visando os melhores resultados do processo educacional, é imprescindível para o sucesso da gestão escolar participativa, (Luck, Freitas, Girling, Keith, 2002).

Esta modalidade de gestão se assenta no entendimento de que o alcance dos objetivos educacionais, em seu sentido amplo, depende da canalização e emprego adequado da energia dinâmica das relações interpessoais que ocorrem no contexto da organização escolar, em torno de objetivos educacionais, entendidos e assumidos por seus membros, com empenho coletivo em torno da sua realização.

A participação dá às pessoas a oportunidade de controlar o próprio trabalho, sentirem-se autoras e responsáveis pelos seus resultados, construindo, portanto, sua autonomia. Ao mesmo tempo, sentem-se parte orgânica da realidade e não apenas um simples instrumento para realizar objetivos institucionais. Mediante a prática participativa, é possível superar o exercício do poder individual e de referência e promover a construção do poder da competência, centrado na unidade social escolar como um todo.

O sentido da participação

A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma força de atuação consciente pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade, de sua cultura e seus resultados. Esse poder é resultante da competência e vontade de compreender, decidir e agir sobre questões que lhe são afetas, dando à unidade social vigor e direcionamento firme.

Conforme indicado por Marques (1987: 69), "a participação de todos, nos diferentes níveis de decisão e nas sucessivas faces de atividades, é essencial para assegurar o eficiente desempenho da organização". No entanto, a participação deve ser estendida como processo dinâmico e interativo que vai muito além da tomada de decisão, pois é caracterizado pelo inter-apoio na convivência do cotidiano da escola, na busca, pelos seus agentes, da superação das dificuldades e limitações e do bom cumprimento da sua finalidade social.

Cabe lembrar que toda pessoa tem poder de influência sobre o contexto de que faz parte, exercendo-o, independentemente da consciência desse fato e da direção e intenção de sua atividade. No entanto, a falta de consciência dessa interferência resulta em falta de consciência do poder de participação que tem; disso decorrem resultados negativos para a organização e para as próprias pessoas que constituem o ambiente escolar. Faltas, omissões, descuidos, incompetência são aspectos que exercem esse poder negativo.

Por conseguinte, a participação em sentido pleno é caracterizado por mobilização efetiva dos esforços individuais para superar atitudes de acomodação, alienação, marginalidade, comportamentos individualistas e estimular a construção de espírito e equipe.

Variações de significado e alcance da participação

Registram-se várias formas de participação, com significado, abrangência e alcance variados: da simples presença física em um contexto, até o assumir responsabilidade por eventos, ações e situações. Assim, é coerente o reconhecimento de que, mesmo na vigência da administração científica, preconiza-se a prática da participação: em toda e qualquer atividade humana, por mais limitado que seja seu alcance e escopo, há a participação do ser humano, seguindo-a, sustentando-a, analisando-a, revisando-a, criticando-a.

De fato, o processo de participação tem sido evocado na escola em várias circunstâncias, das quais serão ressaltadas algumas, apenas para exemplificar a limitação das práticas levadas a efeito sob essa denominação, em seu alcance e sentido.

Uma das circunstâncias escolares mais comuns sobre as quais exige participação de professores, diz respeito a realização de festividades, como, por exemplo, festas juninas, promoções de campanhas para arrecadar fundos ou outras atividades do gênero. Ou outra circunstância é a da realização de reuniões para a tomada de decisões a respei-

to de problemas apontados pela direção da escola (muitas vezes indicados por autoridades do sistema de ensino, e cujas soluções alternativas são sugeridas pela própria direção, servindo a assembleia para referendar, por meio de manipulações essas decisões). Essa forma inadequada de participação é, aliás, notória em assembleias de professores - não sendo privilégio de dirigentes de sistemas e de escolas -, quando são convocados por líderes de classe para "tirar" moções de greve já decididas em fórum externo à assembleia com qualquer manifestação contrária sendo repudiada de plano pelos dirigentes da assembleia.

É importante ressaltar que essas circunstâncias deixam de caracterizar a participação efetiva dos professores, uma vez que eles se sentem usados – e se deixam usar -, no primeiro caso como simples mão de obra, e no segundo como sujeitos manipuladores por concordar em realizar o que, de antemão, já foram determinado por um grupo restrito. Essa prática embora pareça oferecer alguns resultados positivos, do ponto de vista de quem conduz, a médio prazo, produz resultados altamente negativos, que deterioram a cultura organizacional da escola, por destruir qualquer possibilidade de colaboração benéfica; promover o descrédito nas ações de direção e nas pessoas que detêm autoridade; gerar desconfiança, insegurança e destruir as sementes e motivações de participação efetiva das pessoas que, ao se sentirem usadas, passam a negar o processo e sua legitimidade.

A participação efetiva pressupõe que os professores, coletivamente organizados discutam e analisem a problemática pedagógica que vivenciam em interação com a organização escolar e que, a partir dessa análise, determinem um caminho para superar as dificuldades que julgarem mais carentes de atenção. Portanto os problemas são apontados pelo próprio grupo, e não pelo diretor da escola ou sua equipe técnico-pedagógica.

De acordo com um entendimento limitado de participação, em sala de aula, professores indicam a importância da participação dos alunos, propondo até mesmo a "avaliação por participação", conhecida como simples e eventual manifestação verbal indicativa de estarem acompanhando e prestando atenção na aula. Nesse caso, cria-se uma cultura de faz-de-conta, do qual participam apenas os alunos que julgam saber o que os professores desejam ouvir, uma vez que julgam poderem dizer apenas isso. Em trabalhos em grupo observa-se até mesmo a distorção do sentido de grupo – é comum, em vez dos grupos servirem para promover a aprendizagem coletiva, a partir da troca e reciprocidade de ideias, realizar a divisão de trabalho e tarefas.

Valores orientadores da ação participativa

A ação participativa depende de que sua prática seja realizada a partir do respeito a certos valores substanciais, como ética, solidariedade, equidade e compromisso.

A ética é representada mediante a ação orientada pelo respeito ao ser humano, às instituições sociais e aos elevados valores necessários ao desenvolvimento da sociedade com qualidade de vida, que se faz traduzir nas ações de cada um. De acordo com esse valor, a ação participativa é orientada pelo cuidado e atenção aos interesses humanos e sociais como valor.

A solidariedade é manifestada pelo reconhecimento do valor inerente a cada pessoa e o sentido de que os seres humanos se desenvolvem em condições de troca e reciprocidade, em vista do que são necessárias redes abertas de apoio recíproco.

A equidade é representada pelo reconhecimento de que pessoas e grupos em situações desfavoráveis necessitam de atenção e condições especiais, para igualar-se a seus semelhantes no processo de desenvolvimento. Vale dizer que os benefícios da atenção são distribuídos de forma diferente, de modo a possibilitar aos que apresentam maior dificuldade de participação condições favoráveis para superar essa dificuldade.

O compromisso se traduz na ação dos envolvidos no processo pedagógico, focada e identificada com objetivos, valores, princípios e estratégias de desenvolvimento. Pressupõe o entendimento pleno dessas questões e o empenho pela sua realização, traduzida em melhor aprendizagem pelos alunos.

Portanto, a ação participativa hábil em educação é orientada pela promoção solidária da participação por todos da comunidade escolar, na construção da escola como organização dinâmica e competente, tomando decisões em conjunto, orientadas pelo compromisso com valores, princípios e objetivos educacionais elevados, respeitando os demais participantes e aceitando a diversidade de posicionamentos.

TEXTO 2:
POSTURAS E ATITUDES DE GESTÃO RESPONSÁVEIS PELOS BONS RESULTADOS DA ESCOLA

- Comprometimento e divisão de responsabilidades, facilitando a participação dos envolvidos.
- Reconhecimento dos esforços, avanços e iniciativas dos envolvidos, para estimular, motivar e tornar as pessoas mais eficazes e felizes.
- Realização de parcerias para atender as necessidades da escola, sendo que a grande parceria é com os professores e funcionários.
- Exposição e transparências das metas pessoais de todos.
- Tranquilidade e discernimento para lidar com conflitos e adversidades.
- Superação do ego e da vaidade, mantendo a autoridade necessária, lembrando na gestão coletiva o que predomina são as ações conjuntas.
- Garantia de que os procedimentos têm como referência a legislação vigente e os documentos que norteiam as ações da escola, bem como as decisões tomadas em reuniões de professores, funcionários e pais
- Criação de cultura de participação comunitária, incitando as pessoas a se pronunciarem, colaborando para eliminar o medo da manifestação.
- Acompanhamento e auxílio na organização das regras e acordos e atenção para o seu cumprimento.
- Constância e persistência em relação aos resultados.

- Intervenção em situações que afetam a rotina, os relacionamentos ou que tragam prejuízo para a escola.

Fonte
LÜCK, Heloísa. A gestão participativa na escola. Petrópolis: Vozes, 2010

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

O Planejamento é um processo de tomada de decisões e, como tal, é um instrumento capaz de intervir na realidade concreta, seja para mantê-la, qualificá-la ou transformá-la.

Planejar é preciso para organizar e dar transparência ao trabalho; articular ações administrativas e pedagógicas com a política educacional; superar a fragmentação de ações, o ativismo, o imediatismo e o espontaneísmo; rever concepções arraigadas, em que persiste a dicotomia entre as dimensões políticas, pedagógicas e organizacionais do processo educacional.

Com o planejamento é possível prever as possibilidades do amanhã. Portanto, possibilita que se tomem iniciativas no presente, quer para evitar como para viabilizar um "estado futuro".

Há várias definições de Planejamento; entretanto, todas apontam que o Planejamento é um processo e, como processo, não é algo estático, mas em permanente movimento. Isso quer dizer que, sistematicamente, é preciso projetar, prever e decidir ações para o alcance de determinados fins (político-administrativo pedagógicos), tendo em vista a realidade global, ou seja, o objeto do Planejamento como um todo.

A forma de se planejar, a maneira de se construir o processo (para o alcance dos fins almejados), caracteriza o tipo de Planejamento a ser adotado.

O que é o planejamento participativo?

O Planejamento Participativo é uma prática social; portanto, não possui receita. Trata-se de uma prática participativa, de um processo social dinâmico, dialético, umas práxis não prescritas, pré-construída, e sim construída, reconstruída e recriada sistematicamente pela ação coletiva, a partir da reflexão crítica da realidade, da tomada de decisões, ações e avaliações coletivas.

O Planejamento Participativo requer a participação de todos os sujeitos sociais da comunidade escolar em todo o processo:

- Na análise (diagnóstico da realidade);
- Na decisão (definição de prioridades);
- Na execução de ações (acompanhamento e controle social das ações planejadas); e
- Na avaliação (análise dos resultados), que servirá de ponto de partida para o (re) planejamento.

Por ser uma prática social, o Planejamento Participativo deve "articular em seu bojo duas práticas: uma prática científica de produção de conhecimento, e por isso se baseia em pesquisa e deve, na medida do possível, se impregnar de rigor, de sistemática e disciplina e uma prática pedagógica".

A articulação da prática científica, da produção de conhecimentos com a prática pedagógica cotidiana é importante e necessária para a transformação das percepções, das práticas e do agir individual.

Não basta conhecer a realidade a partir das leituras e representações individuais. É necessário construir coletivamente a síntese crítica destas representações, como investigar, pesquisar as causas e as consequências (se nada for feito).

A construção desse conhecimento culminará numa nova visão da realidade, - uma visão mais próxima à realidade -, o que permitirá a transformação das condutas individuais em condutas coletivas.

Assim, "toda prática traz uma teoria da realidade. Não há separação entre teoria e prática. Qualquer ação tem implícita, consciente ou não, uma teoria da realidade, uma teoria do social e uma teoria da própria consciência".

Na gestão da escola, como podemos transformar esses conhecimentos produzidos (pesquisa da realidade e das representações) num instrumento de transformação:

- Das visões, leituras e representações individuais da realidade em condutas coletivas? Ou,
- Num plano de ação que supere os índices de reprovação e abandono?
- Numa gestão compartilhada, democrática e humanista?
- Num instrumento de superação das avaliações seletivas em processos investigativos, emancipatórios e participativos?

As produções do conhecimento, através do Planejamento Participativo, bem como a utilização desse conhecimento para a transformação da realidade e das práticas, devem acontecer em todas as instâncias da escola, e ser objeto de uma reflexão crítica permanente.

É importante lembrar que a escola não é uma ilha. Ela está inserida numa realidade sóciohistórica, econômica e cultural concreta. Portanto, ela sofre as influências externas, bem como pode agir e se construir como uma dimensão social de superação das desigualdades e das injustiças sociais.

A escola pode praticar e se construir como um espaço de vivência da democracia participativa, criando mecanismos e canais que garantem a participação como um direito e não como concessão.

Nesse sentido, o Planejamento Participativo é um instrumento através do qual podemos construir a escola que todos queremos – de qualidade social, com democracia participativa – como espaço de inclusão social, de respeito às diferenças e aos diferentes saberes; um espaço em que as decisões são tomadas coletivamente (professores, alunos, pais e funcionários); um espaço pedagógico que propicie a aprendizagem para todos, onde a organização curricular está preocupada com a qualidade social do conhecimento; com a provisoriedade do mesmo; com a contextualização da realidade em que a escola está inserida, para que os alunos conheçam criticamente esta realidade, como os fatos e os fenômenos se interrelacionam e como é possível, pela ação coletiva, transformá-la; uma escola onde todas as ações são frutos de um Planejamento Participativo, onde toda comunidade escolar é protagonista do Projeto Político Pedagógico.

O Planejamento Participativo permite recuperar a totalidade de um sistema fragmentado, invertendo a tendência tradicional do Planejamento de cima para baixo, do ápice, centralizando decisões e descentralizando a execução.

É preciso descentralizar o poder de decisão, a participação em todas as etapas do Planejamento. O poder deve ser compartilhado. A base deve participar da tomada de decisões.

A escola está na base do sistema; portanto, é a primeira instância de deliberação. A escola é a instância onde a totalidade do sistema se manifesta.

Segundo Paulo Freire, escola é o lugar onde o diverso se torna uno, e, ao mesmo tempo, o que é uno se revela sob diversas formas.

A participação é um processo inerente a toda ação humana e o Planejamento Participativo é um processo inerente ao exercício de cidadania.

Este exercício de cidadania deve ser garantido como um direito do cidadão e cidadã. Por isso se torna necessário que todos participem em condições de igualdade. Para que esta igualdade seja assegurada, é preciso buscar formas de auxiliar a comunidade escolar – no Planejamento Participativo da Escola – a ultrapassar a percepção empírica da realidade escolar, avançando no sentido de deter o conhecimento global das carências, das potencialidades da escola, do sistema estadual de ensino, para tomar decisões sobre as dimensões, indicadores e descritores escolares, sobre as prioridades estratégicas e os investimentos a serem feitos com os recursos públicos de forma mais pertinente.

Nessa visão, o Planejamento é mais que um instrumento de participação; é um instrumento de mobilização social, pois estimula e alimenta a participação.

Nessa concepção, o Planejamento deixa de ser uma questão tecnocrática, passando a ser um processo de Planejamento Participativo.

Como processo, tem momentos interligados, os quais não são estanques. Reflexão, decisão, ação e avaliação, no processo de planejamento, não acontecem de forma linear, mecânica ou sequencial. Os momentos se "perpassam".

Para fins de sistematização, estes momentos são:

- Diagnóstico participativo da realidade

O diagnóstico pode ser o marco inicial do planejamento; entretanto, ele perpassa todo o processo, assim como os demais momentos ou etapas.

Para haver planejamento, deve haver uma realidade, deve haver um profundo conhecimento desta realidade, caso contrário, não há planejamento.

Como o Planejamento é Participativo, deve haver um Diagnóstico Participativo, ou melhor, uma Pesquisa Diagnóstico-Participativa. Todos devem investigar, pesquisar, buscar informações necessárias à visão global de sua realidade (informações quantitativas e qualitativas da totalidade); conhecer suas representações (seus valores socioculturais), suas potencialidades, os avanços, problemas, dificuldades e carências; devem investigar as causas e identificar as consequências, em busca de soluções.

"Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. "

- **Análise/Reflexão Crítica**

É o momento de aprofundamento das investigações sobre as causas, as origens dos problemas. Esta análise não pode ser pontual. E preciso contextualizá-la e relacioná-la com realidades mais amplas, em busca de soluções. Assim, os problemas não são enfrentados somente nas suas consequências, mas nas suas origens, nas suas causas.

Esta análise instrumentalizará os partícipes do processo, para que ultrapassem a percepção empírica da realidade e avancem na construção de novos conhecimentos, o que lhes permitirá tomarem decisões pertinentes sobre as prioridades definidas coletivamente.

Ao se estabelecer uma análise entre as causas que condicionaram o surgimento da situação-problema e suas consequências, concomitantemente levantaremos as necessidades e alternativas de solução.

Como não existem recursos suficientes para todas, as necessidades devem ser priorizadas. Para priorizá-las é preciso estabelecer critérios de seleção. Esse é um momento muito importante do planejamento, uma vez que os mesmos poderão ser os responsáveis pela qualidade das propostas no amanhã (futuro).

"Não é no silêncio que os seres humanos se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão".

- Programação de ações

Com a priorização das necessidades é importante elencar as alternativas, ou seja, as ações estratégicas possíveis para superar os problemas detectados ou qualificar as ações em execução, a partir dos resultados do diagnóstico da realidade global da escola, considerando as dimensões, os indicadores e descritores e demais dados.

As ações priorizadas pelo conjunto da comunidade escolar devem estar interrelacionadas e considerar a viabilidade técnica e financeira e o tempo histórico/ cronológico de sua execução.

No Planejamento é preciso considerar os recursos existentes, as condições operacionais, as possibilidades reais de execução das ações; portanto, é o momento de confrontar necessidades, condições e recursos para o atendimento das prioridades selecionadas pelo coletivo, assim como o tempo, o momento de sua execução.

Este é o momento privilegiado de democratizar o planejamento, tornando público as potencialidades, as boas práticas e os problemas existentes para se construir, de forma dialógica e participativa, as condições possíveis para a execução das ações estratégicas com a participação de todos os envolvidos.

- Execução, acompanhamento e avaliação participativa

Na execução das ações, como nos demais momentos do planejamento, a direção da escola e a presidência do Conselho Escolar (como órgão máximo da escola), têm papel fundamental na coordenação do processo de planejamento, no acompanhamento da execução e na avaliação sistemática ao longo do processo.

O acompanhamento e a avaliação devem ser de caráter processual e não só ao final da execução. A avaliação deve iniciar já no momento do diagnóstico, na definição de critérios, na priorização das necessidades/ações e na execução das mesmas.

Sistematicamente, a comunidade escolar deve comparar os resultados da execução com as finalidades, com os objetivos finais do Planejamento Participativo, afim de que as ações sejam redimensionadas, repensadas ou até excluídas se for comprovado que não são viáveis, pertinentes ou necessárias.

O acompanhamento e a avaliação devem preocupar-se com os aspectos qualitativos/quantitativos – ou seja, com as transformações, as mudanças e os resultados sociais, educativo, as práticas pedagógicas, a democratização da gestão, a construção de sujeitos plenos e os conhecimentos formais necessários à inserção crítica e transformadora da realidade.

Referência:

OCAMPOS, D. T. G. de. O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO: elementos para uma fundamentação teórica. In: Reflexões e orientações sobre o processo de planejamento participativo à luz do SEAP-RS. – Porto Alegre, 2014.

AUTONOMIA:
UMA BUSCA DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DA ESCOLA PÚBLICA

Pensar e buscar a autonomia da escola pública é uma tarefa que se apresenta de forma complexa, pois, é complexo alcançar a liberdade total ou independência, principalmente, quando se tem que considerar os diferentes agentes sociais e as muitas interfaces e interdependências que fazem parte da organização educacional. Por isso, a busca pela autonomia deve ser muito bem trabalhada, haja vista que só ela é capaz de equacionar a problemas e questões que envolvem a escola.

Sabe-se que a descentralização do sistema educacional brasileiro e a autonomia da escola pública são processos complementares e interdependentes. Assim, tanto a descentralização como a autonomia são limitadas por essas relações, visto que a escola é parte de um sistema e com ele se relaciona institucionalmente, observando e participando das definições macropolíticas, prestando conta das atividades e resultados e cumprindo as normas gerais do sistema educacional e que garantem sua unidade.

É preciso assumir que para mudar a educação tem-se que mudar a escola, principalmente em sua gestão descentralizando suas atividades administrativas e pedagógicas. Para isto, ela tem que estar mais perto de seus usuários. Não há dúvida que a escola tem sido uma das instituições mais sacrificada da nossa sociedade, pois, em geral, as decisões mais importantes para seu funcionamento são decididas fora dela, sem a participação direta dos seus atores, tal como a nomeação de seus professores e diretores, o currículo, as avaliações, o destino de seus recursos, entre outros. A própria formação e capacitação de seus docentes tem respondido mais a planejamentos feitos de forma centralizada sem muita consideração às suas necessidades. Além de tudo isso, não recebem recursos para realizar o que estimam necessário.

Igualmente, é válido enfatizar que para ser eficaz, uma escola tem que possuir autonomia para decidir sobre temas importantes, tais como a aplicação dos seus recursos, seu currículo e seu calendário escolar, o processo de formação continuada dos seus profissionais, além de suas estratégias para avaliar a aprendizagem dos alunos. Desse modo, além dos temas de interesse comum a todos os alunos, a escola deve ter competência para incluir em seu currículo temas de interesse da comunidade na qual está inserida. Entende-se, dessa forma, que as escolas devem ser pensadas como um espaço de gestão compartilhada entre docentes, pais e autoridades locais, numa administração colegiada com total caráter de descentralização. Esta prática, entretanto, deve favorecer para a criação e manutenção de um ambiente escolar onde o clima organizacional seja favorável à aprendizagem e os professores e demais educadores desenvolvam seu trabalho em equipe.

A autonomia é assim entendida como um princípio regulador das relações entre a escola, o sistema educacional e o sistema social e somente sua construção poderá levar a uma articulação entre os âmbitos endógeno e exógeno, macro e micro, responsabilização pelo todo (LUCK, 2000).

Para que se entenda o que vem a ser autonomia é relevante que se busque analisar seus conceitos. A principal concepção de autonomia é aquela já compreendida pelo senso comum que a vê como uma possibilidade de alguém ou algo ter plena liberdade para construção dos atos e projetos.

Esta concepção vê a autonomia como independência, isolamento, onde o sujeito assume o completo poder / controle em completa oposição ao poder / controle exercido por outros. Ser autônomo implica desta forma, um corte radical e uma ausência total de qualquer dependência dos outros. Contudo, esta percepção corresponde muito pouco ao verdadeiro significado da autonomia que prever liberdade, mas também exige responsabilidade coletiva do grupo onde ela é exercida.

Barroso (1996) observa que o conceito de autonomia está ligado à ideia de "autogoverno", onde os sujeitos se regulam por regras próprias. Contudo, isto não é sinônimo de indivíduos independentes:

A autonomia é um conceito relacional (somos sempre autônomos de alguém ou de alguma coisa) pelo que a sua ação se exerce sempre num contexto de interdependência e num sistema de relações. A autonomia é também um conceito que exprime um certo grau de relatividade: somos mais, ou menos, autônomos; podemos ser autônomos em relação a umas coisas e não o ser em relação a outras. A autonomia é, por isso, uma maneira de gerir, orientar, as diversas dependências em que os indivíduos e os grupos se encontram no seu meio biológico ou social, de acordo com as suas próprias leis. "

Macedo (1991) declara que "a autonomia pressupõe auto-organização. "Ao auto organizarem-se, isto é, ao estruturar-se na realização de objetivos que define o sistema diferencia-se de outros sistemas com quem está em inter--relação, criando a sua própria identidade. É um sistema autônomo. ". Assim, a autonomia pressupõe que se seja capaz de identificar, e assim, se diferenciar dos outros. Mas, esta capacidade de diferenciação só é possível na inter-relação com os outros. "Quanto mais são as trocas de energia, informação e matéria que um sistema estabelece com o „meio", maior é a sua riqueza, a sua complexidade, as possibilidades de construção da autonomia.".

Para Macedo (1991), "a essência da autonomia da escola passa pela capacidade de efetuar trocas com os outros sistemas que envolvem a escola". Dentro dessa ótica, a autonomia da escola não é algo adquirido, mas sim algo que se vai construindo na interrelação, pois só assim a escola vai criando a sua própria identidade.

É pertinente refletir sobre algumas formas de concretização da autonomia da escola, permitindo perceber quais os princípios teóricos, ideológicos, ou políticos que estão na base de uma determinada visão da autonomia escolar. Além disso, esta reflexão contribui também para uma melhor compreensão dos diversos caminhos possíveis na construção da autonomia da escola, não sendo, contudo, uma descrição exaustiva.

Como se vê, a autonomia se presta para permitir que pessoas competentes na escola pública tomem decisões que favoreçam a aprendizagem; dar voz à comunidade escolar nas decisões cruciais; acentuar a prestação de contas das decisões; conduzir a uma maior criatividade na formulação dos programas; redirecionar recursos a fim de suportar os objetivos desenvolvidos em cada escola; permitir a realização de orçamentos realistas devido a pais e professores estarem mais cientes da situação financeira da escola, dos limites de duração e custo dos programas; valorizar melhor os professores e ajudar a sua liderança a todos os níveis.

A escola é, pois, uma organização social onde coabitam pessoas das mais variadas faixas etárias (adultos, crianças, adolescentes, jovens), sendo, portanto, uma organização com fins educativos. Dessa forma, Barroso (1996, p. 185) considera que "a autonomia da escola deve ser construída e não decretada". Com certeza, a autonomia da escola tem de ter em conta a especificidade da organização escolar, sendo construída pela interação dos diferentes atores organizacionais em cada escola.

Como se pode ver, a autonomia, é, pois, o resultado do equilíbrio de forças numa escola entre os diversos detentores de influência e pressupõe a autonomia dos seus atores. Na realidade, a autonomia da escola não se constrói por decreto; pelo contrário "esta perspectiva retira sentido à tentativa de encontrar, a partir das chamadas „escolas eficazes", estruturas e modalidades de gestão que funcionem como padrão da autonomia para todas as escolas.".

Desse modo, observa-se que a autonomia da escola pública passa pela capacidade da mesma se identificar e, por isso mesmo, de se diferenciar daquilo que a envolve. Mas, esta capacidade de se diferenciar implica que seja capaz de se relacionar e interagir com o meio que a envolve. Autonomia não significa independência, mas sim interdependência.

A construção de identidade própria pressupõe a participação de todos os atores que interagem entre si. A nova concepção das organizações implica a „recuperação" da importância dos atores. Não se trata de uma concepção de racionalidade ilimitada, mas sim de uma concepção onde atores e sistema se condicionam mutuamente: se os atores são constrangidos pelas regras do sistema, eles contribuem também para a transformação e alteração dessas mesmas regras.

Para alcançar tais objetivos, será necessário grande esforço e vontade política do governo e da sociedade civil, envolvendo vários atores e recursos. Entretanto, não há dúvida de que, no centro desses desafios, encontra-se a escola, como agência educativa de formar os futuros cidadãos e de prestação dos serviços educacionais diretamente a população.

Nesse contexto, é relevante frisar que se faz necessário à escola e seus profissionais que ampliem a consciência sobre esse quadro e reconstruam suas práticas organizativas e pedagógicas em consonância com as expectativas sociais em torno da função da escola na sociedade contemporânea e, consequentemente, dos resultados a serem obtidos no desempenho de seus alunos.

Projeto Político-Pedagógico: e a construção coletiva da autonomia da Escola

É do consenso de todos que o Projeto Político Pedagógico ultrapassa a mera elaboração de planos, que só se prestam a cumprir exigências burocráticas. Isso é confirmado por Veiga quando afirma que:

O projeto político-pedagógico busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sócio-político e com os interesses reais e coletivos da população majoritária. (...) Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de se definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade. (VEIGA, 1995)

Dentro desse entendimento, pode-se ver que o projeto político-pedagógico é o fruto da interação entre os objetivos e prioridades estabelecidas pela coletividade, que estabelece, através da reflexão, as ações necessárias à construção de uma nova realidade. É, antes de tudo, um trabalho que exige comprometimento de todos os envolvidos no processo educativo: professores, equipe técnica, alunos, seus pais e a comunidade como um todo.

Essa prática de construção de um projeto deve estar amparada por concepções teóricas sólidas e supõe o aperfeiçoamento e a formação de seus agentes. Só assim serão rompidas as resistências em relação a novas práticas educativas. Os agentes educativos devem sentir-se atraídos por essa proposta, pois só assim terão uma postura comprometida e responsável. Trata-se, portanto, da conquista coletiva de um espaço para o exercício da autonomia.

Fonte

MOURA, M. M. Autonomia e gestão democrática: caminhos para a valorização da escola pública, 2011.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC).

Reconhecer que vivemos em uma sociedade cada vez mais tecnológica é reconhecer também a importância da capitação e das habilidades do educador em lidar com as novas tecnologias.

As tecnologias da informação e da comunicação (TIC) requerem do educador novas formas de organização de trabalho, articulação dos saberes, transdiciplinaridade, interdisciplinaridade e a consideração de que o conhecimento tem um valor precioso nesse processo de organização.

Agora, a educação e o educador ganham novos conceitos frente ao uso das tecnologias. O educador pode desenvolver um trabalho buscando práticas pedagógicas mais próximas do uso das tecnologias, auxiliando o educando na aprendizagem dessas "novas" ferramentas.

As instituições escolares além de incorporarem novas tecnologias têm a possibilidade de desenvolver uma prática que leve o educando a reflexão sobre os conhecimentos e usos tecnológicos.

Em nossos dias atuais, a informação, o uso das tecnologias são ferramentas para a elaboração do conhecimento. As tecnologias, os recursos digitais são meios para a obtenção de informações e matéria prima para a elaboração do conhecimento.

Assim, é importante destacar que o conceito de conhecimento se diferencia do conceito de informação, pois o conhecimento tem seu caráter enraizado na subjetividade, ultrapassando o limite de um rol de informações e de um caráter mais objetivo.

Destacar a diferença entre conhecimento e informação é de suma importância, visto que a utilização das tecnologias amplia a possibilidade de não apenas obtermos informações, mas sim, as múltiplas possibilidades de elaboração do conhecimento, mesmo, que não haja garantias de que esse acesso seja efetivado com sucesso.

(...) *A tecnologia amplia as condições de acesso às fontes de informações, mas não há nenhuma garantia que tal recurso seja suficiente, por si mesmo, para efetivar a síntese representada pela cognição.*

Assim, surgem novos desafios para a prática educativa, sinalizando para a necessidade de uma competência mais adequada para o educador que é repensar sua ação perante esses desafios de nossa sociedade, que é regida pela informação e comunicação, ou seja, pelas TIC.

De forma geral, espera-se que a educação esteja em sintonia com os desafios ditados pela sociedade na qual a escola está inserida, caso contrário pode-se gerar consequências negativas, erros que podem favorecer a exclusão social.

As tecnologias de informação e da comunicação (TIC) podem produzir mudanças significativas para a sociedade, influenciando culturas, o mercado de trabalho e padrões de consumo. No entanto, enquanto o acesso a uma tecnologia não for estendido a uma parte mais expressiva da sociedade, permanecerá o estigma de ser um benefício das classes privilegiadas. Por outro lado, pensar as tecnologias apenas sob o aspecto econômico é desconsiderar suas influências sobre a educação.

E para além do aspecto econômico, as TIC podem ser vistas como forma de atingir as exigências da sociedade em que vivemos, no entanto, garantias quanto às transformações qualitativas na prática pedagógica é outra questão que ainda merece ser discutida com cautela.

A apropriação educacional das novas tecnologias exige a mudança do modelo de comunicação que tem sustentado as práticas escolares.

As TIC não podem ser analisadas de forma autônoma e desvinculadas das condições políticas, humanas e sociais, mas, como meio de contribuição da minimização das restrições relacionadas ao tempo e ao espaço e da agilização da comunicação entre educadores e educandos.

A sala de aula é a "ferramenta" mestra quando falamos de escola, ensino e aprendizagem e com as TIC surgem novos espaços para o processo de ensinoaprendizagem que modificam a "ação" do educador em sala de aula, com isso, novas propostas vêm surgindo, tanto tecnológicas quanto pedagógicas.

As informações adquiridas por essas tecnologias pelo educador e educando tem modificado o processo de ensino-aprendizagem?

Agora, a tarefa do educador não precisa delimitar-se ao espaço de sala de aula, mas, gerenciar atividades a distância, técnicas, projetos, flexibilizando o tempo das aulas e da aprendizagem.

É preciso garantir o direito a TV, vídeo, computador, etc. (Alves apud Barreto, 2000) porque a esmagadora maioria dos alunos tem na escola a única possibilidade de acesso ao conjunto destas tecnologias.

Os recursos tecnológicos devem estar a serviço de mudanças na postura do educador, que não é apenas coletar informações, mas trabalhá-las, selecioná-las e aplicá-las às situações de interesse do educando, confrontando visões, metodologias e resultados. O educador terá que se atualizar e abrir-se para o que o educando trazer, aprender acerca das TIC e interagir com este, ou seja, redefinir a sua própria prática, incorporando a esta as TIC no processo de sua formação.

Barreto (2002) afirma que precisamos de ferramentas cada vez mais sofisticadas, não para operar mágicas, mas sim para não permitir a simplificação da matéria a ser trabalhada.

Segundo Barreto (2002) a atratividade e a interatividade são características atribuídas à presença das TIC nas salas de aula e que para, além disso, as TIC incluem possibilidades de mudanças no espaço escolar que se opõem as velhas tecnologias, onde as carteiras em filas dão espaço para uma organização em semicírculo, possibilitando uma relação de interações verbais e não - verbais incluindo novas possibilidades de troca e discussão.

A ação pedagógica não se resume a uma representação linear e sequencial de conteúdos. A formação de conceitos, envolvendo articulações, rupturas e superação para a elaboração do conhecimento, no plano individual e social são pontos importantes na aprendizagem do educando.

Do ponto de vista metodológico o educador precisa aprender a equilibrar processos de organização e de "provocação" na sala de aula e buscar novos desafios, posicionamentos, valores. No entanto, o educador tem utilizado essas tecnologias como um agente provocador de mudanças tanto na educação formal ou informal ou tem as utilizado como apenas um complemento, uma incorporação?

Educar para além da burocratização, impulsionando, questionando, inovando, esse pode ser um dos caminhos das "ações" do educando frente as TIC.

As TIC nas escolas podem ter diferentes finalidades, por exemplo, ser utilizadas como forma de aperfeiçoar o trabalho educativo que já feito outrora; como parte do projeto educacional; como implantação efetiva da integração das TIC no projeto educacional, entre outras.

O educador possui domínio técnico-pedagógico para fazer a gestão das novas tecnologias no contexto de ensino - aprendizagem?

Combinar o que podemos fazer melhor em sala de aula, pensar o currículo de cada projeto educacional, ampliar conceitos de teoria-prática é uma forma de compreender e vivenciar a "ação" do educador.

No sentido do preenchimento do que ficou em aberto, vale insistir que trabalhar os novos textos, a multimídia e as novas tecnologias implicam novos multidesafios que não podem ser desvinculados da discussão do trabalho como um todo, com seus materiais e ferramentas.

Ao contrário de deturpar, a introdução que esses novos conceitos tendem a enriquecer os propósitos centrais do processo pedagógico no desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico. Lembrando-nos do conceito que educar é também oportunizar novas formar de conhecermos o mundo, a necessidade de domínio das TIC torna-se fundamental.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. (Freire, 1996).

A diferença não está no uso ou não uso das novas tecnologias, mas na compreensão das suas possibilidades. Mais ainda, na compreensão da lógica que permeia a movimentação entre os saberes no atual estágio da sociedade tecnológica.

O educador, além da possibilidade de difundir o conhecimento, em todos os aspectos do ensino, conhecimento este que tenha como proposta a melhoria da qualidade de vida da sociedade, ser produtor de si próprio e reconhecer também que o conhecimento, a cultura e a sociedade são conceitos que indissociáveis.

Referência:

ALMEIDA, N. R. de. A atuação do educador e as tecnologias: uma relação possível? CNPq. Disponível em: http://www.educacaoecomunicacao.org/leituras_na_escola/textos/oficinas/textos_completos/a_atuacao_do_educador.pdf

QUESTÕES

01. (MOURA MELO/2016) Com relação à Educação para a Cidadania, podemos afirmar, exceto:

a) Estimula o desenvolvimento de competência.

b) Não se atém à abordagem de temas transversais.

c) Valoriza o desenvolvimento do espírito crítico.

d) Preocupa-se com o apreço pelos valores democráticos.

02. (MOURA MELO/2016) Para que o conhecimento seja pertinente, a educação deverá tornar certos fatores evidentes. São eles, exceto:

a) O global.

b) O complexo.

c) O contexto.

d) O unidimensional.

03. (MOURA MELO/2016) O acesso ao ensino fundamental é direito:

a) Privado objetivo.

b) Privado subjetivo.

c) Público objetivo.

d) Público subjetivo.

04. (CETRO - 2017) As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileira e Africana constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação e

a) têm por meta promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de uma nação democrática.

b) devem ser observadas pelas instituições de ensino que atuam na educação básica, ficando a critério das instituições de Ensino Superior incluí-las, ou não, nos conteúdos das disciplinas dos cursos que ministram.

c) preveem o ensino sistemático de História e Culturas Afro-Brasileira e Africana na educação básica, especificamente como conteúdo do componente curricular de História do Brasil.

d) definem que os estabelecimentos de ensino estabeleçam canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, para que estes forneçam as bases do projeto pedagógico da escola.

e) alertam os órgãos colegiados dos estabelecimentos de ensino para evitar o exame dos casos de discriminação, pois caracterizados como racismo, devem ser tratados como crimes, conforme prevê a Constituição Federal em vigor.

05. (CONSULPLAN/2017) O currículo tem um papel tanto de conservação quanto de transformação e construção dos conhecimentos historicamente acumulados. A perspectiva teórica que trata o currículo como um campo de disputa e tensões, pois o vê implicado com questões ideológicos e de poder, denomina-se

(A) tecnicista.

(B) crítica.

(C) tradicional.

(D) pós-crítica.

06. (SEDUC-AM/2017) A respeito da formação de professores para a Educação Especial, assinale a afirmativa incorreta.

(A) A proposta inclusiva envolve uma escola cujos professores tenham um perfil compatível com os princípios educacionais humanistas.

(B) Os professores estão continuamente atualizando-se, para conhecer cada vez mais de perto os seus alunos, promover a interação entre as disciplinas escolares, reunir os pais, a comunidade, a escola em que exercem suas funções, em torno de um projeto educacional que estabeleceram juntos.

(C) A formação continuada dos professores é, antes de tudo, uma auto formação, pois acontece no interior das escolas e a partir do que eles estão buscando para aprimorar suas práticas.

(D) As habilitações dos cursos de Pedagogia para formação de professores de alunos com deficiência ainda existem em diversos estados brasileiros.

(E) A inclusão diz respeito a uma escola cujos professores tenham uma formação que se esgota na graduação ou nos cursos de pós-graduação em que se diplomaram.

07. (ESAF/2016) Considerando a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, assinale a opção correta.

(A) A transversalidade da educação especial é uma exigência da educação básica.

(B) Não requer atendimento educacional especializado, pois o aluno deve inserir-se no contexto regular de ensino.

(C) Não tem condições de garantir a continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino.

(D) Requer a formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar.

(E) Restringe a participação da família e da comunidade, pois não possuem formação apropriada para lidar com as demandas do aluno.

08. (IBFC/2016) A Educação Inclusiva não deve ser confundida como Educação Especial, porém, a segunda esta inclusa na primeira. Em outras palavras, a Educação Inclusiva é a forma de:

(A) Promover a aprendizagem e o desenvolvimento de todos.

(B) Inclusão de jovens e adultos no ensino médio.

(C) Promover a aprendizagem de crianças somente na educação infantil.

(D) Inclusão de crianças no ensino fundamental.

09. (AOCP/2016) De acordo com a Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva, NÃO podemos afirmar que

(A) na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

(B) constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

(C) o atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.

(D) tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais.

(E) para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência, bem como conhecimentos gerais da área.

10. (SEDUC-AM- FGV/2017) De acordo com o documento "Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva", a respeito da formação do professor para atuar na Educação Especial, assinale a afirmativa correta.

(A) O professor deve ter, como base da sua formação, conhecimentos gerais para o exercício da docência, sem necessidade de conhecimentos específicos da área.

(B) A formação não deve possibilitar a sua atuação no atendimento educacional especializado.

(C) A formação deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular para a oferta dos serviços e recursos de educação especial.

(D) A formação não precisa contemplar conhecimentos de gestão de sistema educacional inclusivo.

(E) A formação deve favorecer conhecimentos de gestão de sistema educacional inclusivo, mas sem precisar considerar o desenvolvimento de projetos em parceria com outras áreas.

11. (SEDUC/AM-FGV/2017) A respeito da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, assinale V para a afirmativa verdadeira e F para a falsa.

( ) Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

( ) A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas.

( ) A atuação pedagógica deve ser direcionada a manter a situação de exclusão, reforçando a importância dos ambientes homogêneos para a promoção da aprendizagem de todos os alunos.

As afirmativas são, respectivamente,

(A) V, V e V.
(B) V, V e F.
(C) V, F e V.
(D) F, F e V.
(E) F, V e F.

12. (VUNESP/2016) Para Vygotsky, o tema do pensamento e da linguagem situa-se entre as questões de psicologia, em que aparece em primeiro plano, a relação entre as diversas funções psicológicas e as diferentes modalidades de atividade da consciência. O ponto central de toda essa questão é (A) a relação entre o pensamento e a palavra.

(B) a relação entre o desenvolvimento e a linguagem.

(C) a priorização das diversas funções psicológicas.

(D) os diversos modos de desenvolver a consciência.

(E) o pensamento e o desenvolvimento ampliado das relações morais.

13. (VUNESP/2016) O conceito de currículo está associado às diferentes concepções, que derivam dos diversos modos como a educação é concebida historicamente, e pode ser entendido como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades dos alunos. Assim, um currículo precisa contemplar

(A) um rol de conteúdos a serem transmitidos para os alunos.

(B) o plano de atividades de ensino dos professores.

(C) o uso de textos escolares, efeitos derivados das práticas de avaliação.

(D) uma série de estudos do meio que contemplem as relações sociais.

(E) conhecimentos, valores, costumes, crenças e hábitos.

14. (VUNESP/2016) O sentido social que se atribui à profissão docente está diretamente relacionado à compreensão política da finalidade do trabalho pedagógico, ou seja, da concepção que se tem sobre a relação entre sociedade e escola. Assim, a escola é o cenário onde alunos e professores, juntos, vão construindo uma história que se modifica, amplia, transforma e interfere em diferentes âmbitos: o da pessoa, o da comunidade na qual está inserida e o da sociedade, numa perspectiva mais ampla. É correto afirmar que a escola

(A) é suprassocial, não está ligada a nenhuma classe social específica e serve, indistintamente, a todas.

(B) não é capaz de funcionar como instrumento para mudanças, serve apenas para reproduzir as injustiças.

(C) não tem, de forma alguma, autonomia, é determinada, de maneira absoluta, pela classe dominante da sociedade.

(D) é o lugar especialmente estruturado para potencializar a aprendizagem dos alunos.

(E) tem a tarefa primordial de servir ao poder e não a de atuar no âmbito global da sociedade.

15. (IFRO/ 2017) O Projeto Políticopedagógico é por si a própria organização do espaço escolar. Ele organiza as atividades administrativas, pedagógicas, curriculares e os propósitos democráticos. Dizer que o Projeto Políticopedagógico abrange a organização do espaço escolar significa dizer que o ambiente escolar é normatizado por ideais comuns a todos que constitui esse espaço, visto que o Projeto Político Pedagógico deve ser resultado dos atributos participativos. Dessa forma, Libâneo (2001) elenca quatro áreas de ação em que a organização do espaço escolar deve abranger.

Qual das alternativas não se refere às áreas elencadas pelo autor?

a) A organização da vida escolar, relacionado à organização do trabalho escolar em função de sua especificidade de seus objetivos.

b) Organização do processo de ensino e aprendizagem – refere-se basicamente aos aspectos de organização do trabalho do professor e dos alunos na sala de aula.

c) Organização das atividades de apoio técnico administrativo – tem a função de fornecer o apoio necessário ao trabalho docente.

d) Orientação de atividades que vinculam escola e família – refere-se às relações entre a escola e o ambiente interno: com os alunos, professores e famílias.

e) Organização de atividades que vinculam escola e comunidade – refere-se às relações entre a escola e o ambiente externo: com os níveis superiores da gestão de sistemas escolar, com as organizações políticas e comunitárias.

16. (IFRO/ 2017) O Projeto Políticopedagógico é por si a própria organização do espaço escolar. Ele organiza as atividades administrativas, pedagógicas, curriculares e os propósitos democráticos. Dizer que o Projeto Políticopedagógico abrange a organização do espaço escolar significa dizer que o ambiente escolar é normatizado por ideais comuns a todos que constitui esse espaço, visto que o Projeto Político Pedagógico deve ser resultado dos atributos participativos. Dessa forma, Libâneo (2001) elenca quatro áreas de ação em que a organização do espaço escolar deve abranger.

Qual das alternativas não se refere às áreas elencadas pelo autor?

a) A organização da vida escolar, relacionado à organização do trabalho escolar em função de sua especificidade de seus objetivos.

b) Organização do processo de ensino e aprendizagem – refere-se basicamente aos aspectos de organização do trabalho do professor e dos alunos na sala de aula.

c) Organização das atividades de apoio técnico administrativo – tem a função de fornecer o apoio necessário ao trabalho docente.

d) Orientação de atividades que vinculam escola e família – refere-se às relações entre a escola e o ambiente interno: com os alunos, professores e famílias.

e) Organização de atividades que vinculam escola e comunidade – refere-se às relações entre a escola e o ambiente externo: com os níveis superiores da gestão de sistemas escolar, com as organizações políticas e comunitárias.

17. **(IFRO/ 2016)** Para Vygotsky (1998), não basta delimitar o nível de desenvolvimento alcançado por um indivíduo. Dessa forma, ele demarca dois níveis de desenvolvimento:

a) NDR (Nível de Desenvolvimento Real) onde as funções mentais da criança já estão completadas e NDP (Nível de Desenvolvimento Pessoal) onde a criança consegue realizar tarefas com a ajuda de adultos ou colegas mais próximos.

b) NDR (Nível de Desenvolvimento Real) onde as funções mentais da criança ainda já estão completadas e ZDP (Zona de Desenvolvimento Processual) que define funções ainda não amadurecidas, mas em processo de maturação.

c) NDR (Nível de Desenvolvimento Real) onde as funções mentais da criança já estão completadas e NDP (Nível de Desenvolvimento Proximal) onde a criança consegue realizar tarefas com a ajuda de adultos ou colegas mais avançados.

d) NDR (Nível de Desenvolvimento Real) onde as funções mentais da criança ainda não estão completadas e NDP (Nível de Desenvolvimento Processual) onde a criança não consegue realizar tarefas com a ajuda de adultos ou colegas mais avançados.

e) NDR (Nível de Desenvolvimento Real) onde as funções mentais da criança ainda não estão completadas e ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que define funções ainda não amadurecidas, mas em processo de maturação.

18. (IFRO/ 2016) Dentro do processo de ensino e aprendizagem, aponte qual o teórico que defende que a criança nasce inserida em um meio social, que é a família, e é nele que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros. (Nas interações cotidianas, a mediação (necessária intervenção de outro entre duas coisas para que uma relação se estabeleça) com o adulto acontecem espontaneamente no processo de utilização da linguagem, no contexto das situações imediatas.)
a) Jean Piaget.
b) Henry Wallon.
c) Paulo Freire.
d) Louis Althusser.
e) Lev Vygotsky.

19. (FUNCAB/2016) "Organizar os conteúdos é estruturar a sequência lógica em que eles serão apresentados ao aluno." (MALHEIROS, Bruno T. Didática Geral. Rio de Janeiro: LTC, 2012, p. 97)

Dessa forma, os conteúdos devem ser organizados, considerando-se três critérios. São eles:

(A) importância do conteúdo; grau de dificuldade; novidade.
(B) continuidade; grau de dificuldade; importância do conteúdo.
(C) continuidade; sequência; integração.
(D) sequência; importância do conteúdo; grau de dificuldade.
(E) integração; facilidade de ensino; importância do conteúdo.

20. (FEPESE/2016) O ensino fundamental, no Brasil, passou a ter nove anos de duração e inclui as crianças de seis anos de idade. Pesquisadores defendem que os direitos sociais precisam ser assegurados e que o trabalho pedagógico precisa levar em conta:
a. ( ) As necessidades exclusivas dos professores na realização do trabalho docente.
b. ( ) A singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural.
c. ( ) Que o currículo escolar deve explorar somente a dimensão cognitiva.
d. ( ) Que as crianças precisam ser ensinadas e disciplinadas com rigor.
e. ( ) Que no ensino fundamental as crianças devem ser concebidas apenas como estudantes.

GABARITO

01-B/ 02- D/ 03- D/ / 04 – A/ 05- B/ 06. E/ 07. D/ 08. A/ 09. E/ 10. C/ 11. B 12- A/ 13- E/ 14- D/ 15. D/ 16. E/ 17. C/ 18. E 19. C/ 20. B

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, MÁRCIA ÂNGELA DA SILVA [ET. AL.]. CONSELHO ESCOLAR E A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO COM IGUALDADE SOCIAL. BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2006.

Introdução

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
I. construir uma sociedade livre, justa e solidária;
II. garantir o desenvolvimento nacional;
III. erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
IV. promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. CF 1988

A igualdade é um tema que tem exercido enorme fascínio entre os homens e mulheres, desde que os gregos atenienses instituíram a ágora – a praça pública na qual os cidadãos se reuniam para discutir e deliberar as questões políticas que diziam respeito à polis, à sua cidade. O ideal de igualdade tem sido perseguido pela humanidade e está presente em todas as épocas e em todos os países, em que pesem as inúmeras controvérsias e polêmicas que sempre suscita. Nos tempos atuais, no Brasil, o ideal da igualdade também emerge no debate sobre as políticas públicas direcionadas ao atendimento da população em um país marcado pela injustiça e por desigualdades socioeconômicas.

De fato, no Brasil, com uma população de quase 180 milhões, verifica-se que é muito grande o número de pessoas que vivem em condições de extrema pobreza – mais de 20 milhões, estimado em 2003, o que corresponde a "mais de duas vezes a população de Portugal". O contingente de pessoas pobres no país foi estimado em 54 milhões em 2003, ou seja, "mais do que a população total combinada dos outros três países do Mercosul (Argentina, Paraguai e Uruguai)". Além disso, a distância entre os muito pobres e os ricos no Brasil permanece: "o quinto mais rico da população tem uma renda 30 vezes maior do que a renda do quinto mais pobre da população". Esse quadro faz o Brasil ser considerado uma das cinco sociedades mais desiguais do mundo.

Nessa situação de exclusão encontra-se também parte significativa das crianças e dos 35 milhões de jovens entre 15 e 24 anos que enfrentam a violência, o desemprego, o tráfico, a gravidez indesejada e precoce, a ausência de oportunidades para o seu pleno desenvolvimento pessoal e sociocultural.

Reverter esse quadro exige esforços gigantescos dos governos e da sociedade e requer a definição e o desenvolvimento de políticas públicas que visem à superação das desigualdades que se manifestam em todos os setores. A

definição dessas políticas, contudo, não se dá de forma automática nem linear, tendo em vista que se situam no interior de processos políticos e sociais complexos e contraditórios onde sobressaem interesses diversificados de diferentes grupos e classes sociais.

Nesse cenário, não surpreende que o debate sobre as políticas públicas seja demarcado por posições conflitantes em relação à sociedade, ao mundo do trabalho, ao Estado e aos direitos do cidadão e que se manifestam com muita clareza nas lutas sociais. Essas visões estão presentes na definição do papel do Estado nos diferentes contextos sociopolíticos, na formulação das políticas de desenvolvimento que se materializam nos programas e projetos governamentais e nas iniciativas da sociedade civil. Estão presentes também nas concepções sobre o mundo do trabalho, e nas orientações que predominam no tocante à destinação dos frutos do trabalho humano. Estão presentes ainda nas decisões que afetam todas as esferas da convivência social e humana.

O princípio da igualdade integra também o ideário da "educação para todos" e tem sido objeto de variadas interpretações com desdobramentos nas práticas sociais e educativas. No Brasil, nos anos recentes, a igualdade referenciada à educação é um dos princípios da Constituição Federal de 1988. Cury, ao analisar o direito à educação, destaca que "o pressuposto do direito ao conhecimento é a igualdade. Essa igualdade pretende que todos os membros da sociedade tenham iguais condições de acesso aos bens trazidos pelo conhecimento, de tal maneira que possam participar em termos de escolhas ou mesmo de concorrência no que uma sociedade considera como significativo e onde tais membros possam ser bem-sucedidos e reconhecidos como iguais".

Garantir, portanto, o princípio da igualdade social em um projeto de desenvolvimento que tenha o homem como cerne constitui um desafio para todos aqueles que lutam por uma sociedade justa, o que compreende a luta por uma escola que se constitua efetivamente um espaço de formação para a cidadania. É evidente que uma escola que busque cumprir o papel acima destacado desenvolve ritos e práticas no seu cotidiano que vão além do processo de ensino e aprendizagem de conteúdos reservados a cada nível e modalidade de ensino. A questão central, nesse caso, é o modo como se desenvolve o processo educativo, no que está implicado desde as formas de exercício da gestão da escola até as relações professor-aluno em sala de aula. Dessa perspectiva é que se pode entender a importância em compreender e debater a vinculação entre o Conselho Escolar, a gestão da educação, os processos de ensino e aprendizagem e a busca de padrões de igualdade na relação entre educação e desenvolvimento social.

Neste caderno, intitulado Conselho Escolar e a relação entre a Escola e o Desenvolvimento com Igualdade Social, procura-se, junto aos Conselhos Escolares, ampliar o debate em torno do princípio da igualdade e do desenvolvimento focalizando algumas questões cruciais para a educação no cotidiano das escolas, a saber:

Como combater a exclusão e a discriminação?

Como promover um clima de acolhimento para crianças e jovens? Como reforçar a construção do projeto político-pedagógico considerando o entorno da escola e a comunidade local sem perder de vista a relação com o mundo?

O aprofundamento desse debate na escola é potencialmente rico por possibilitar a todos os profissionais da educação, aos pais e aos estudantes ampliarem a compreensão das vinculações da escola com a sociedade e com os projetos socioeducativos, bem como o (re)conhecimento dos mecanismos de exclusão e discriminação de quaisquer ordens, presentes na sociedade e na escola, para melhor enfrentá-los e superá-los. Como afirma Cury, "a igualdade torna-se, pois, o pressuposto fundamental do direito à educação, sobretudo nas sociedades politicamente democráticas e socialmente desejosas de uma maior igualdade entre as classes e entre os indivíduos que as compõem e as expressam".

I – Desenvolvimento com igualdade social: de quê estamos falando?

Para ampliar a compreensão a respeito da temática focalizada neste caderno – educação e desenvolvimento com igualdade social –, é necessário, inicialmente, alertar o leitor sobre a existência de perspectivas diversas sobre o que seja desenvolvimento. Com efeito, existem óticas diferenciadas a respeito desse tema decorrentes de posicionamentos político ideológicos diversos. Isso também ocorre quando o debate focaliza a temática do desenvolvimento local sustentável. Dentre estudiosos do tema, Deluiz e Novicki apontam para três concepções de desenvolvimento sustentável.

Uma primeira concepção de desenvolvimento sustentável pode ser encontrada no Relatório Brundtland, de 1987, produzido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU. Neste relatório, o desenvolvimento sustentável é aquele que "atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades", ou seja, aquele que "garante um crescimento econômico vigoroso e, ao mesmo tempo, social e ambientalmente sustentável". Esta concepção de desenvolvimento sustentável tem como princípio norteador o crescimento econômico e a eficiência na lógica do mercado. Nessa concepção, o livre mercado é o instrumento que permite a distribuição eficiente dos recursos planetários e, neste sentido, a relação trabalho e meio ambiente está subordinada ao capital, com sérias consequências para o mundo do trabalho e para os recursos naturais.

Uma segunda concepção de desenvolvimento sustentável entende que a sustentabilidade seria alcançada, por um lado, com a preservação e construção de comunidades sustentáveis "que desenvolvem relações tradicionais com o meio físico natural de que depende sua sobrevivência" e, por outro lado, com o fortalecimento dos Estados nacionais, que poderiam implementar políticas em oposição aos objetivos do livre comércio e à erosão das fronteiras nacio-

nais. Esta concepção, como observam os citados autores, muito embora seja portadora de uma crítica ao capitalismo globalizado e seus impactos sobre a autonomia dos Estados nacionais, propõe uma volta ao passado e o homem é visto em posição de subserviência em relação à natureza.

Por fim, uma terceira concepção de desenvolvimento sustentável tem como perspectiva a "sustentabilidade democrática". Tal concepção supõe uma mudança na orientação do desenvolvimento econômico, contemplando a justiça social, a superação da desigualdade socioeconômica e os processos democráticos. A questão da sustentabilidade é discutida no campo das relações sociais e há o entendimento de que "as noções de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável são construções sociais fruto do embate político entre os vários atores em busca de hegemonia de suas posições" (idem). Nesta perspectiva, o mercado e a visão economicista deixam de ter a centralidade e cedem lugar "a uma perspectiva de desenvolvimento democrático, que se realiza na partição da riqueza social e na distribuição do controle sobre os recursos, inclusive os provenientes da natureza, explicitando o cunho político desta apropriação" (idem). Em tal concepção de desenvolvimento, que tem "a equidade como princípio da sustentabilidade", fica claro que a desigualdade social e a degradação ambiental têm suas raízes no sistema capitalista.

Considerando esta última visão, entende-se, neste texto, que a consolidação de um projeto de desenvolvimento no Brasil requer: a) a articulação entre democracia participativa e democracia representativa; b) a inclusão social nos processos concernentes à ampliação das oportunidades produtivas e à melhoria da qualidade de vida; e c) a articulação institucional entre os entes e as diversas instâncias da Federação que seja expressa nos processos de formulação, implementação e avaliação das políticas públicas.

Esta posição apoia-se, de um lado, no pressuposto de que o desenvolvimento se situa num campo de conflitos de interesse de grupos e classes sociais e, portanto, não é um fenômeno ou processo neutro; e, de outro lado, que o desenvolvimento, por não se constituir em um fenômeno padronizado, é uma possibilidade aberta de construção de novas regras e práticas institucionais, a partir do envolvimento de múltiplos atores sociais. Essa compreensão está subjacente aos conceitos de desenvolvimento local e desenvolvimento local sustentável, termos que aparecem constantemente na mídia, nos discursos e nos programas e projetos de desenvolvimento. São termos igualmente polissêmicos, ou seja, termos que têm muitas significações e que geram múltiplas interpretações.

Nessa concepção de desenvolvimento local é atribuído ao indivíduo, na sua inter-relação com a sociedade local, o protagonismo no desencadeamento de ações que visam à mudança. Esse assumir de responsabilidade é considerada como uma das formas de garantir a sua sustentabilidade, o que implica uma mudança de postura e de comportamento do indivíduo em sua relação com o contexto social e da comunidade na qual está inserido. Têm sido várias as iniciativas oficiais e de instituições da sociedade civil que visam estimular as comunidades a assumirem um papel central na história de construção de seu território. Isso tem sido feito mediante o investimento em situações que propiciem a formação da consciência crítica e induzam a ampliação da democracia representativa no sentido da ampliação da democracia participativa.

Contudo, essas situações somente são viabilizadas quando há o reconhecimento de parte das comunidades envolvidas que não se trata de uma questão a ser conduzida de forma individual, mas na ação coletiva, abrangendo as dimensões social política, econômica e cultural. Isso implica o reconhecimento da necessidade de investimento em processos formativos que favoreçam o domínio de conhecimentos para alargar a compreensão dos processos históricos sociais e ampliar a capacidade de intervenção na sociedade tendo em vista a construção da justiça e igualdade social.

Essa é, sem dúvida, uma das razões da centralidade da educação para as estratégias de desenvolvimento defendida por diversos grupos no mundo, ao lado daqueles que consideram a importância da educação seja em função das exigências decorrentes das mudanças científico-tecnológicas que ocorrem no mundo da produção e do trabalho, seja em função de novas condições que as sociedades cada vez mais complexas impõem à efetivação da cidadania.

Dessa forma, espera-se da educação e da escola que, além do cumprimento das funções sociais e pedagógicas que lhes são próprias, sejam indutoras de novas formas de sociabilidade humana que influenciem o padrão de desenvolvimento e democracia.

Há autores que advogam uma articulação estreita entre a ação pedagógica e o desenvolvimento, daí decorrendo uma agenda a ser cumprida pela escola. Nessa visão, a escola teria um papel central a desempenhar no projeto de desenvolvimento. Todavia, muito embora seja uma variável importante num projeto de desenvolvimento o envolvimento da escola com a comunidade, é necessário ter cautela nessa questão para evitar que a finalidade última da escola – a aprendizagem dos estudantes e a sua formação como cidadãos –, seja subordinada aos objetivos de projetos econômicos. Defende-se a tese de que quanto mais cumpre sua função social mais a escola contribui para a formação de homens e cidadãos íntegros, críticos e participativos. Dessa forma, a inserção da escola na comunidade orienta-se por objetivos pedagógicos e valores da cidadania.

Com essa perspectiva, abordaremos, neste tópico, aspectos importantes da escola pública, considerando o contexto sócio-político-econômico e os processos de globalização em curso no mundo e no Brasil, com seus desdobramentos no plano educacional. Para tanto, procuramos refletir sobre os limites e as potencialidades de a escola pública exercer sua função na realidade brasileira, mediante o levantamento de indicadores que sinalizam, de um lado, para a continuidade do padrão excludente e seletivo vigente na sociedade e, de outro lado, para as mudanças positivas que estão ocorrendo em muitas esferas.

Vale a pena, contudo, enfatizar que debater a responsabilidade da escola quanto à inclusão social significa, no fundo, discutir a possibilidade de uma nova organização societal capaz de garantir a plena cidadania de todos os

segmentos que a integram. Assim, quando se faz referência à possibilidade de a escola, no Brasil, contribuir efetivamente para o combate à exclusão social não se pode deixar de levar em conta que tal situação só será modificada quando questões de ordem social, política e econômica forem equacionadas. Nessa direção, um passo importante será dado quando os governos, numa ação de colaboração entre os entes federados, forem efetivamente capazes de estabelecerem políticas globais que favoreçam a inclusão.

Muito embora o Brasil, nas últimas décadas, tenha avançado no tocante à garantia dos direitos econômicos, sociais e culturais, há certamente um longo caminho a percorrer para que sua aplicabilidade seja universal. É importante reconhecer o fosso que existe entre aqueles que gozam plenamente dos direitos de cidadania e aqueles que não desfrutam das mínimas condições de sobrevivência. E esses cidadãos, que constituem um grande contingente da população brasileira, estão a clamar por justiça social e igualdade de oportunidades em todos os campos.

Para diminuir essa distância, é necessário que o poder público, nas diversas instâncias, desenvolva políticas públicas em todos os campos, de modo a garantir a efetivação desses direitos, e que a população, mediante ação dos setores organizados, participe ativamente da formulação e implementação das políticas que tenham a igualdade como cerne. Nesse processo, vale destacar, a educação é portadora de uma promessa fundamental: contribuir para dotar a sociedade de mecanismos e instrumentos que possibilitem acessar e cobrar legitimamente os direitos da cidadania, os quais, no Brasil, estão inscritos na Constituição Federal.

O retrato da escola no Brasil revela com muita nitidez a existência desse enorme fosso social e as estatísticas mostram em que medida a desigualdade tem decrescido no país. O conhecimento desses dados e a discussão contextualizada sobre os mesmos constituem requisitos importantes para a construção solidária de caminhos que permitam à escola cumprir a sua função social em favor da formação cidadã.

Muito embora o Brasil, nas últimas décadas, tenha avançado no tocante à garantia dos direitos econômicos, sociais e culturais, há certamente um longo caminho a percorrer para que sua aplicabilidade seja universal.

1.1 Manchete de jornal: "Rico empobrece e desigualdade diminui"

"Rico empobrece e desigualdade diminui". Essa é a manchete publicada no jornal noticiando, mais uma vez, os resultados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2004, divulgada em 25 de novembro de 2005, pelo IBGE. Tal manchete poderia induzir o leitor a ver com otimismo a situação nacional, nos primeiros anos deste século, se não atentasse para o que esses números revelam sobre a situação dos brasileiros e brasileiras no tocante à renda, ao trabalho e à educação, entre outros indicadores.

A PNAD traça um retrato bem detalhado do país. Vamos ver o que dizem as estatísticas para que se possa melhor entender o cenário no qual se insere a escola no Brasil. Os dados sobre a taxa de desemprego, a renda do trabalhador, escolaridade, dentre outros, possibilitam uma compreensão mais ampliada dos fatores socioeconômicos que interferem na escola frequentada pelos brasileiros e os caminhos que se vislumbram para sua melhoria.

Diminuiu o desemprego no Brasil?

Nesse sentido, uma primeira pergunta se impõe: será que diminuiu o desemprego no país? Vamos procurar a resposta na PNAD: esta mostra que, muito embora tenha aumentado o número de empregos (3,3% em relação a 2003), com o acréscimo de 2,7 milhões de trabalhadores ocupados, durante o ano de 2003, o que fez cair a taxa de desemprego de 9,7% para 9%, o país ainda apresenta um quadro preocupante, com 8,2 milhões de desempregados. Diante desse quadro, pode-se perguntar: quais são os principais fatores que concorrem para o desemprego no país? Muitas são as respostas que os analistas da política econômica apresentam, contudo, duas explicações, dentre outras, parecem ser mais convincentes. Na perspectiva de alguns analistas, deve-se essa taxa de desemprego no país, principalmente, a dois fatores: a) as mudanças que ocorreram na economia brasileira provocadas pela abertura comercial, com ganhos expressivos de produtividade e corte de postos de trabalho; e b) o baixo crescimento econômico que marcou a segunda metade da década de 1990 e o começo dos anos 2000.

A indústria procurou se modernizar para se adaptar à competição, demitindo mais ou contratando menos e elevando a produtividade. Como demanda serviços de outros setores, o ajuste da indústria se espalhou por toda a economia. Um dos desdobramentos dessa situação pode ser visto em relação aos jovens, às mulheres e aos negros: são os mais afetados no que tange aos problemas relacionados ao emprego. Os jovens, que representam 47% da população desempregada, continuam com grandes dificuldades de encontrar oportunidades de emprego, mesmo quando terminam a universidade. Os empregos mais acessíveis são, em geral, de baixa remuneração, precários e sem atrativos. No caso das mulheres e dos negros, além de se defrontarem, frequentemente, com práticas preconceituosas e discriminatórias, que se traduzem nas dificuldades de conseguirem emprego, ainda recebem baixos salários ao realizarem o mesmo trabalho. Analisando-se esse quadro, observa-se que a taxa de desemprego das mulheres é 50% mais alta do que a dos homens e que o desemprego é mais alto entre mulheres e negros do que entre homens brancos, com os mesmos níveis de escolaridade.

Diminui o número de empregos na faixa com ensino fundamental incompleto

Analisando-se a situação de emprego no país, verifica-se que o mercado de trabalho se fecha para os trabalhadores com menor índice de escolaridade: de 2003 para 2004, o número de empregos na faixa com ensino fundamental incompleto (até sete anos de estudo) caiu 1,1%,

equivalente a 436 mil vagas a menos nesse contingente. O ganho de emprego se concentrou entre os que estudaram mais. No segmento com mais de 11 anos de estudo (ao menos o ensino médio completo) ocorreu um crescimento de 8,1% em relação a 2003. Analisando esses dados, o economista Marcelo de Ávila, do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), chama a atenção para o lado perverso deste movimento, tendo em vista que "a grande oferta de trabalhadores qualificados impede o avanço do rendimento, já que sobra mão-de-obra de qualidade e as firmas podem contratar esses profissionais pagando menos". Os dados comprovam que o contingente com menos de sete anos de estudo perdeu espaço no mercado de trabalho: a taxa passou de 50,6% em 2003 para 48,6%. Esses dados mostram, de uma determinada perspectiva, a necessidade que o país tem de ampliar a oferta da escolarização básica, ou seja, de garantir que o estudante efetivamente cumpra as etapas do Ensino Fundamental e Médio, muito embora todos saibam que as razões que geram essa situação estão situadas no plano econômico-político. Examinemos um pouco mais a PNAD e vejamos como se comportam as estatísticas em relação à situação da mulher no mercado de trabalho.

O nível de ocupação das mulheres foi o mais alto desde 1992

Quando a análise focaliza a situação da mulher no mercado do trabalho, os dados permitem constatar que apesar de ter elevado a presença no emprego, esse é de pior qualidade e menor remuneração. Com efeito, o emprego feminino cresceu mais (4,5%) do que o masculino (2,4%), no entanto, o emprego sem carteira, que paga salários menores, aumentou 12,3% em 2004. Uma outra situação correlata chama a atenção: persiste a diferença de renda – os homens ganhavam, em média, R$ 835, e as mulheres, R$ 579. Permanece ainda a discriminação com relação à participação das mulheres no mercado de trabalho quando se observa que tal participação ainda está 20 pontos abaixo da taxa masculina. Essa diferença ganha cores vivas quando se verifica que, muito embora a oferta de emprego seja crescente para as mulheres, "há nichos ocupacionais de pouco prestígio, pouco poder e salários baixos que concentram muito da força de trabalho feminina. O principal dentre tais nichos é a área de serviços domésticos, onde 95% do setor é composto por mulheres" (UNCT, p. 9). É, também, reduzido o acesso das mulheres às posições de gerência e os salários são mais baixos para as mulheres nos mesmos cargos. Observa-se que, dada esta permanente discriminação, quanto mais elevado o nível educacional, maior a diferença. As mulheres enfrentam também taxas mais elevadas de desemprego e subemprego. Passemos a observar, a seguir, o que vem acontecendo em relação à renda obtida pelo trabalhador, o que nos permite refletir sobre a qualidade de vida numa economia de mercado, considerando o quadro de desigualdade do país.

O que muda na desigualdade da renda do trabalho?

Os dados revelam que a renda média do trabalhador permaneceu estagnada, sem apresentar recuperação das perdas que ocorrem desde 1996, quando a renda atingiu seu ponto mais alto. Todavia, considerando esse quadro, analistas mostram que, mesmo não ocorrendo um crescimento na renda, outros fatores como o recuo da inflação e o aumento real do salário mínimo contribuíram para uma melhor distribuição da renda e do trabalho. Com efeito, a renda média cresceu 3,2% para a metade dos trabalhadores que ganham menos e caiu 0,6% nos 50% que ganham mais.

A participação na renda dos 50% mais pobres cresceu entre 2002 e 2004

Os dados apresentados reforçam o que tem sido uma das características do Brasil: a permanência da forte concentração de renda mesmo quando se observa alguma variação em relação àqueles que se encontram na base da pirâmide social. Com efeito, em relação à concentração de renda, verifica-se uma queda no rendimento dos mais ricos: de 1966 a 2004, a renda média dos 10% com maiores ganhos caiu 22,7% e o rendimento médio dos 50% de trabalhadores com menor renda teve uma queda menor, de 4,31%. Esse quadro mostra que, embora ambos os grupos tenham perdido, houve uma melhoria na distribuição de renda, tendo em vista que os mais pobres perderam menos do que os mais ricos. Todavia, é importante destacar que ainda estamos longe de um patamar de equidade de renda no Brasil, considerando o elevado grau de concentração de renda e a magnitude das desigualdades sociais que ainda imperam no país.

A população brasileira está mais velha

Em relação à estrutura etária da população, a tendência revelada nas pesquisas do IBGE mostra que a população brasileira está mais velha. O país já tem 120 idosos para cada 100 crianças. O número de idosos passou a ser maior do que o de criança a partir de 2002. Em 2004, a relação já era de 120,1 idosos para cada 100 brasileiros com menos de cinco anos de idade. Tal quadro interfere nas opções concernentes às políticas públicas.

Alguns analistas observam que se há um contingente menor de crianças, poderão sobrar mais recursos para aumentar o gasto com a escola pública. Por outro lado, haverá um contingente crescente de aposentados que devem ser sustentados, do ponto de vista da previdência pública, por um número cada vez menor de jovens e adultos em idade ativa, o que é um fenômeno mundial. Uma das explicações para este fenômeno é a queda na taxa de fecundidade da mulher brasileira. Neste ano, assim como já havia acontecido no ano anterior, ela chegou a 2,1 filhos por mulher. Ao mesmo tempo em que nascem menos brasileiros, aumenta também a expectativa de vida dos mais idosos. A queda na fecundidade e o aumento da população idosa são uma tendência verificada em todas as regiões do Brasil,

mas seus efeitos estão mais acelerados nas regiões Sul e Sudeste. Tendo em vista que esse fenômeno é decorrente, sobretudo, do acesso às informações entre as mulheres em termos de opção do controle da natalidade e, de outro lado, por conta do acesso aos serviços de saúde pública e avanços das ciências médicas no controle das doenças, melhor padrão de alimentação, cuidado com o corpo, disseminação das informações sobre saúde e doença, pode-se afirmar que é necessário investir nesse segmento para sua maior qualificação, o que tem a ver com as condições socioeconômicas e com a educação.

Acréscimo de 1 milhão de novos estudantes entre 2002 e 2004

Em relação ao ensino, constata-se que o setor privado ampliou seu espaço na educação brasileira de 2001 a 2004. As escolas e universidades particulares atendiam, em 2001, a 9,1 milhões de alunos. Quatro anos depois, passaram a atender a 10,3 milhões, ou seja, sua participação no total de estudantes passou de 17,9% para 19,4% do total. Contudo, essa variação foi diferenciada entre os níveis de ensino. No nível superior, as instituições de ensino particulares cresceram 36,4% em número de alunos, passando a absorver 948 mil estudantes a mais. Já no ensino médio, o efeito foi justamente o contrário, e o setor privado diminuiu 24,9%, perdendo 477 mil alunos. Com isso, as escolas privadas de ensino médio, que antes atendiam a 21,4% do total de estudantes, perderam espaço para as públicas e representavam, no ano passado, apenas 15,1% do total de alunos. Alguns analistas, para explicarem esta situação, consideram a possibilidade de estar havendo alguma migração das escolas particulares para as públicas, tendo em vista a dinâmica de expansão da educação pública que pode absorver parte da demanda que era da rede privada. A PNAD 2004 mostra também que o ritmo de redução na taxa de analfabetismo adulto continua lento.

Cai a taxa de analfabetismo das pessoas acima de 15 anos

De fato, observa-se que o número de analfabetos com mais de 15 anos de idade, que era de 14,788 milhões em 2002, caiu para 14,654 milhões em 2004, o que constituiu uma redução de 134 mil analfabetos. Com isso, a taxa foi diminuída de 11,8% em 2002 para 11,2% no naquele ano. Analisando esta situação, José Marcelino Pinto observa que "A redução do analfabetismo parece ocorrer muito mais por um movimento inercial, em razão da morte das gerações mais velhas, do que pelo efeito de eventuais políticas para a área, que são inconsistentes e intermitentes". Contudo, de outro lado, não se pode deixar de reconhecer que ocorreram algumas mudanças positivas.

Aumentou o número de anos médio de estudo

Todos os dados de alfabetização e escolarização demonstraram avanços quando comparados com os da década passada. Na comparação de 2003 para 2004, a única faixa etária do ensino básico onde foi verificado avanço foi na de 5 e 6 anos, onde a porcentagem de crianças fora da escola caiu de 21,3% para 18,2%. Na faixa de 7 a 14 anos não houve variação de 2003 para 2004 nesse percentual, que ficou em 2,8%. De 15 a 17 anos também houve tendência de estabilidade, mas com ligeiro aumento de 17,6% para 17,8%. Esses dados levam o mesmo pesquisador a considerar que "a estabilidade na taxa de escolarização de 7 a 14 anos é preocupante. O aumento de 9.400 no número de crianças fora da escola de 2003 a 2004 de 7 a 14 não é nada positivo, já que o ensino nesta faixa é obrigatório desde 1971". Mas aponta um dado positivo importante: "O que é positivo é a melhora da média de anos de estudo, fato que provavelmente está ligado aos programas de correção de fluxo escolar". Esses dados relativos à educação que foram aqui retratados traduzem, de certo modo, a desigualdade no país e induzem a uma reflexão crítica a respeito da máxima anunciada, ao longo das décadas, que a educação, como direito inalienável dos seres humanos, é indispensável para promoção do desenvolvimento. A análise do padrão educacional brasileiro suscita perguntas quanto à situação da educação básica de outros países.

1.2 O que ocorre com a educação em outros países?

Com efeito, se nos reportarmos aos objetivos de desenvolvimento que os Chefes de Estado e de Governo de 189 países se comprometeram a cumprir, para o ano de 2015, durante a Cúpula do Milênio das Nações Unidas, celebrada em 2000, ficaremos com a sensação de otimismo. Naquela ocasião foram priorizados como Objetivos do Milênio – componentes da agenda global do século XXI, o que segue:

1. Erradicar a extrema pobreza e a fome;
2. Atingir o ensino básico universal;
3. Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres;
4. Reduzir a mortalidade infantil;
5. Melhorar a saúde materna;
6. Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças;
7. Garantir a sustentabilidade ambiental;
8. Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

Contudo, o otimismo logo diminui quando se tem em mãos, cinco anos depois, os números apresentados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em seu último informe, no qual ressalta que ainda falta muito para se alcançar um direito básico: a alfabetização. A Unesco aponta, neste trabalho, que a quinta parte da população adulta do planeta não tem acesso à educação e, portanto, não sabe ler nem escrever. Destaca que em 12 países se reúnem as três quartas partes dos analfabetos do mundo. A Ásia meridional e ocidental apresenta uma taxa de alfabetização de apenas 58,6%, seguida pela África Subsahariana (59,7%) e os estados árabes (62,7%). A situação na América Latina e Caribe também é preocupante. Segundo este informe, mais da metade dos países da região investem em educação menos de 5% de

seu produto interno bruto (PIB), e alguns governos apenas 1% a este setor. Como podemos verificar, a problemática relativa à educação dos povos constitui uma preocupação mundial o que se explica pela centralidade que o conhecimento assumiu nos processos produtivos e nos desafios para o exercício da cidadania plena no mundo contemporâneo.

1.3 As políticas e a gestão da educação básica no cenário de desigualdades

Considerando essas informações que nos permitem ter mais clareza sobre diversos aspectos da educação no contexto mundial, vamos analisar de modo sucinto o que tem sido feito pelo poder público nesta seara, no Brasil. Um dos caminhos para efetivar tal análise é considerar o que reza a Constituição Federal de 1988 sobre a educação. A educação é definida no artigo 205, transcrito a seguir, como um direito de todos e um dever do Estado: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Isso significa que todo cidadão tem direito ao acesso, à permanência e de ser bem-sucedido na educação escolar básica.

A responsabilidade de assegurar este direito é, sobretudo, do Estado e, por conseguinte, dos governos nas três esferas jurídico-administrativas: União, estados e municípios. Sem dúvida, a ação do Estado, com a colaboração da família e da sociedade, é imprescindível neste campo, principalmente em um país que apresenta um quadro de desigualdades sociais como o Brasil, produzidas que são no âmbito do capitalismo mundial. O Estado intervém no campo educacional mediante um conjunto de políticas públicas que são formuladas e desenvolvidas nessas três instâncias, muitas vezes com a participação da sociedade civil (comunidades, entidades não-governamentais, sindicatos, entre outros) e que são traduzidas em programas, projetos e ações, sejam de abrangência nacional, estadual ou municipal. A Constituição Federal atribui ao Estado a obrigatoriedade de garantir os direitos econômicos, sociais e culturais para todos os brasileiros. Isso significa que a Constituição brasileira incorpora a universalidade e a indivisibilidade dos direitos humanos que se expressam na garantia dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à segurança, à previdência social, à proteção à maternidade e à infância e à assistência aos desamparados.

Cada governante, ao assumir o cargo, tem, como é de praxe (pelo menos, formalmente), um programa a ser executado e, ao mesmo tempo, é chamado a decidir sobre a continuidade de certas ações iniciadas no governo anterior. Tem ocorrido, com muita frequência, com a mudança dos governos, uma interrupção nas ações pedagógico-administrativas que vêm dando certo, o que prejudica o atendimento das demandas da população. Constatada tal situação, cabe aos setores organizados da sociedade mediar o processo de demandas da população junto a essas instâncias, especialmente no que diz respeito à garantia de acesso e permanência bem-sucedida dos estudantes nas redes escolares. As obrigações do poder público em relação ao campo educacional estão também definidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Em relação ao acesso à escola, a LDB, no art. 5º (incisos I, II, III), é muito clara ao definir as responsabilidades das diversas instâncias e dos gestores da escola, a saber:

I – recensear a população em idade escolar para o ensino fundamental, e os jovens e adultos que a ele não tiveram acesso;

II – fazer-lhes a chamada pública;

III – zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola;

Cumprir essas exigências da LDB requer dos sistemas de ensino e das escolas capacidade pedagógica e administrativa para a instituição de condições favoráveis ao desempenho das mencionadas responsabilidades. Isso não constitui, no entanto, uma tarefa simplesmente técnica, dado que implica tomada de decisão política de governos nas diversas instâncias.

Vejamos alguns exemplos: se em um determinado município não ocorreu, nas instâncias competentes, uma definição política no sentido de priorizar investimentos na rede de ensino, como poderá ser ampliado o parque escolar ao ser constatado um aumento de demanda por ensino fundamental? Se não forem criados mecanismos que permitam acompanhar o desempenho pedagógico dos estudantes como um dos requisitos do Projeto Político-Pedagógico da escola, como será possível "zelar pela frequência à escola" exigida em lei, sem que isso se torne uma tarefa meramente burocrática sem efeitos relevantes para a aprendizagem? Nessa mesma linha de raciocínio, passemos a analisar o artigo 12, incisos VII e VIII da LDB, quando explicita mais uma vez as obrigações e responsabilidades dessas instâncias, ou seja:

VII - informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica;

VIII – notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação de alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido.

Atender ao disposto no inciso VII deste artigo da LDB implica, para as redes de ensino e para as escolas, o comprometimento com a construção de um projeto político-pedagógico cujas dimensões pedagógicas e administrativas sejam contempladas em ações concretas do cotidiano. Nessa perspectiva, o fato de manter os pais e responsáveis atualizados quanto ao desempenho escolar do estudante já se configura como resultado de determinadas concepções, opções e práticas pedagógicas efetivadas no dia-a-dia da escola. Sabemos todos que, por várias razões, nem sempre a lei é cumprida. Em relação a tal circunstância, o povo é sábio quando menciona que a "lei é morta". Ora, é preciso atentar ao fato de que manter viva a lei que traduz o direito à educação não só depende do nível de organiza-

ção da população como também da capacidade que tenha esta população organizada de exigir a sua aplicação. Não podemos esquecer: foi fruto dessa organização e das lutas sociais que se configuraram ao longo do tempo os sistemas educacionais.

II – A garantia do acesso a uma escola de qualidade como uma das condições de desenvolvimento do país

Os sistemas nacionais de educação, no formato que temos hoje, surgiram, no mundo ocidental, no momento em que despontavam os Estados Nacionais e se firmavam as bases da moderna sociedade democrática. "A emergência do indivíduo – o ser livre para tomar decisões, ter e exprimir opiniões – e a de um ideal de igualdade conduziram à construção de um conceito de cidadania onde todas as pessoas participam da vida nacional, reivindicando e exercendo direitos, conhecendo e praticando deveres, a partir de um conjunto de normas jurídico-políticas que regulamentam o convívio social, determinando os limites entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado. E caberia à escola a transmissão e consolidação desses novos valores" (Fogaço 1998: 11). A educação escolar, ao internalizar princípios e valores, teria como um de seus principais objetivos contribuir a socialização, em sentido amplo, envolvendo todos os aspectos da vida em sociedade. Tendo em vista o cumprimento deste papel, a escola não deve se descurar da preparação para o exercício da cidadania. Nessa direção, a história mostra que nos países que investiram na educação, os sistemas nacionais de educação chegaram, mais rapidamente, à universalização do ensino elementar, inclusive como um produto das lutas sociais por maior igualdade de oportunidades.

De fato, nos países do capitalismo avançado, ainda que a universalização do ensino elementar não tenha significado para todos o mesmo patamar de ascensão social, certamente garantiu a disseminação de princípios e valores relativos ao exercício da cidadania, bem como a base de conhecimentos necessária a todos os indivíduos, o que influenciou a estruturação de sociedade menos desiguais. De fato, "sem querer atribuir à escola uma influência maior do que ela possa ter, pode-se afirmar que, no mundo desenvolvido, a educação escolar colaborou fortemente para que se estruturassem sociedades menos desiguais, instrumentalizando os indivíduos para uma participação mais efetiva tanto no nível sócio-político quanto no nível produtivo" (idem). Na América Latina, este movimento ocorreu diferentemente. Como afirma Fogaço, ao subdesenvolvimento econômico correspondeu um "subdesenvolvimento sócio-político", gerando sociedades marcadas pelas desigualdades, nas quais CIDADANIA quase sempre é sinônimo de PODER ECONÔMICO. A educação escolar se implantou com um caráter altamente seletivo, transformando-se em importante instrumento de legitimação das desigualdades existentes. O que ocorreu no Brasil não foi diferente.

2.1 A escola e o desenvolvimento local: a interação possível

Com as críticas crescentes à globalização neoliberal que aprofunda a desigualdade social e que se expressa na exclusão social, o desenvolvimento local passa a ser considerado uma saída para a questão da pobreza, das desigualdades pessoais e regionais e da própria questão da sustentabilidade. Mesmo que o debate sobre esta questão ainda mostre muitas ambiguidades, importa destacar que o tema desenvolvimento local sustentável está na pauta. Esta proposta, que contempla uma concepção de desenvolvimento "de baixo para cima", incorpora uma visão mais orgânica do desenvolvimento. Tem como característica principal a valorização da identidade sociocultural de cada território, apoiando-se nas associações comunitárias e nas instituições locais. Visa ao fortalecimento e à diversificação da economia local como condição para alcançar uma verdadeira melhoria na qualidade de vida das pessoas.

Os setores que defendem essa concepção afirmam que uma proposta dessa natureza não pode ser concretizada apenas pelo Estado. Ela requer a congregação de esforços de outros agentes e instâncias e a participação dos setores organizados da sociedade civil. Nessa dinâmica, a escola também é envolvida no que se relaciona com os processos formativos. A escola está situada em um determinado espaço e pode desempenhar um papel importante no seu entorno visando contribuir para o exercício coletivo da cidadania. Dependendo do nível de inserção e compromisso com a comunidade, a escola constitui um espaço estratégico para o desenvolvimento de ações coletivas que materializam o exercício de sua função social. Esse papel não é fácil de ser exercido, haja vista que a escola, no Brasil, está imersa nas relações sociais capitalistas que põem limites à sua ação. Contudo, de modo contraditório, a escola pode contribuir, sobretudo, com a indução sistemática quanto à necessária articulação entre as ações pedagógicas e políticas para a formação de um cidadão crítico e criativo capaz de concorrer para as mudanças profundas na sociedade. Daí a importância de se buscar a construção coletiva do projeto político-pedagógico que se constitua efetivamente o norte das ações pedagógicas e curriculares desenvolvidas pela escola.

A realidade socioeconômica brasileira traz para o interior da escola situações e problemas que ultrapassam a sua capacidade de atuação, a exemplo do desemprego estrutural que atinge os jovens. Como já referido, os dados do IBGE mostram que parcela significativa dos jovens não encontra trabalho. Os jovens são vítimas desse processo e são atingidos em sua autoestima, tomando, muitas vezes, caminhos que deságuam na violência. Apresenta-se, assim, nesse contexto, um grande desafio para a escola: contribuir com a formação cidadã dos jovens. O desafio maior é exercer essa função em ambientes desfavoráveis. Todavia, em que pese a baixa expectativa que reina na sociedade em função da falta de oportunidades de trabalho, a escola precisa participar no esforço de favorecer a construção de perspectivas para os estudantes, bem como para a comunidade em que está inserida. A cidade e o bairro são espaços

sociais que compõem, juntamente com a escola, o ambiente de formação das crianças e jovens matriculados no sistema público de ensino. A escola precisa nesse território promover o debate do contexto social, das políticas públicas, com a finalidade de contribuir para a ampliação de espaços onde a juventude possa exercitar uma ocupação cidadã. Projeto de vida do estudante, projeto de desenvolvimento local e projeto político-pedagógico precisam ter estreita relação. A escola precisa saber o que está acontecendo no seu bairro. A escola precisa saber e colaborar com a construção de novas perspectivas para os estudantes.

2.2 A realidade local como objeto de atenção e estudo da escola

Para exercer um papel ativo junto aos estudantes, no sentido de assegurar condições satisfatórias às aprendizagens significativas, a escola precisa debater os aspectos econômicos, políticos e sociais do local em que está inserida. Desse modo, em relação à dimensão econômica, é necessário tomar conhecimento e pôr em discussão o Plano Diretor da cidade que lhe permita identificar a projeção de empreendimentos que vão alterar a vida do bairro, quer seja em decorrência da implantação de indústria ou de pólo industrial, comercial ou de serviço, quer seja em virtude da implantação de projeto de urbanização ou construção de rodovias de grande porte que terá impacto no bairro, entre outros. Impõe-se, do mesmo modo, o conhecimento das potencialidades locais, das riquezas materiais e culturais, da vocação econômica local, da economia informal, dentre outras. Apreender a dimensão sociocultural implica o conhecimento de lugares de aprendizagens diversos, sejam institucionais – como espaços culturais governamentais, as organizações não-governamentais (ONGs) que desenvolvem projetos socioeducativos na busca da atenção e do reforço da aprendizagem escolar – ou não institucionais.

Neste caso, há diversas comunidades de interesse organizadas pelos jovens que promovem as festas do bairro, a vida religiosa, a comunicação (jornais, rádio comunitária, novenas, cultos religiosos diversos, associação de amigos), entre outras. Em se tratando de esportes e lazer, é possível encontrar diversos grupos de jovens executando ou interessados em iniciar algum tipo de atividade dessa natureza. É importante considerar como lugares de aprendizagens o movimento ecológico, de gênero, étnico ou de defesa de direitos, a exemplo do movimento de defesa dos direitos dos meninos e meninas de rua e do movimento dos sem-terra. A escola deve estar atenta, também, ao fato de que nas periferias das grandes cidades, particularmente, crianças e jovens vivem em contextos socioeconômicos que os colocam em situação de vulnerabilidade e risco social. Nas ruas, ou imersos no mundo do trabalho infantil, crianças e jovens transformam-se em ambulantes, biscateiros, catadores de lixo, carregadores de compras, marisqueiros, empregadas domésticas, babás, ajudantes de oficinas etc., muitos deles constrangidos a fazer "bicos" para auxiliar o orçamento familiar ou participar de outros tipos de atividades que se conflitam com a lei. São circunstâncias determinadas pela conjuntura sócio-histórica que estão a exigir medidas políticas que garantam às crianças e aos jovens a inserção no mundo do trabalho, na convivência social e familiar exercitando a sua cidadania. Isso, por certo, constitui um processo, mas, enquanto não avança a escola de tempo integral, é importante a construção de espaços que oportunizam sua ocupação cidadã. Espaços que contribuam para que estes se tornem sujeitos de direito capazes de intervenção no espaço público e na organização da população juvenil; que ampliem a sua capacidade de sonhar, de defender seus direitos, de exercer a cidadania e de projetar o futuro.

III – Conselho Escolar: incentivador da articulação escola/sociedade

Pretende-se neste tópico possibilitar aos diferentes segmentos que compõem a unidade escolar e a comunidade local, especialmente aos membros do Conselho Escolar, identificar na sociedade brasileira práticas emergentes que favorecem a construção da cidadania. Práticas sociais as mais diversas, que são traduzidas numa intensa efervescência cultural e social, passam despercebidas ou não são legitimadas ou apoiadas não só pela escola, como também pelos sistemas de ensino, ou mesmo, pela sociedade. O que mais se evidencia é a existência de um discurso institucional que insiste em ignorar a capacidade de intervenção e as ações que estão em marcha, organizadas pelas comunidades, visando à construção de um mundo mais igual, ético, fraterno e solidário.

Perceber, compreender, criticar e, se necessário, alterar a sua prática pedagógica constitui um desafio para a escola, o que pode ser efetivado mediante um conjunto de ações norteadas pelo projeto político-pedagógico construído coletivamente. Nessa direção, pode-se considerar a multiplicidade de formas de atuação ao alcance das escolas e de seus profissionais, tais como: ν mapear as organizações populares existentes no bairro; ν promover assembleias externas, em parceria com as entidades da sociedade civil, para analisar ou propor políticas de desenvolvimento local; ν inventariar a situação do bairro com o objetivo de compreender o contexto social, econômico e político, o que significa entender o bairro, suas perspectivas, potencialidades, projetos do setor público e do setor privado que modificarão a vida local.

Há um razoável consenso entre os educadores que o projeto político-pedagógico, construído de forma coletiva e participativa, constitui o norte orientador das práticas curriculares e pedagógicas na escola. De fato, no âmbito da escola, o exercício da participação que caracteriza a gestão democrática abre novas possibilidades de organização pedagógica que favorecem, de um lado, a instauração do respeito à individualidade do estudante e ao seu percurso de aprendizagem e, de outro lado, contribuem para o crescimento profissional dos educadores que partilham do trabalho coletivo. O Conselho Escolar pode exercer um papel relevante na gestão escolar (pedagógico-administrativa) contribuindo para a construção e implementação do projeto político-pedagógico da escola e para o alargamento do horizonte cultural dos estudantes. Nesse processo,

o Conselho Escolar, ao atuar plenamente, no sentido de contribuir com a ampliação das oportunidades de aprendizagens dos estudantes, não só se fortalece como instância de controle social como também auxilia a escola pública no cumprimento de sua função social.

3.1 Conselho Escolar e a articulação com a comunidade

Nessa direção, a escola pode propiciar a organização de situações que favoreçam ao estudante efetivar aprendizagens que o leve a valorizar a história do seu bairro, dos líderes populares do seu lugar, da sua raça, do seu gênero e da sua classe social. Incentivar no corpo discente o desenvolvimento de posturas solidárias, críticas e criativas e propiciar a organização de situações que induzam o estudante a lutar pelos seus sonhos são tarefas de uma escola comprometida com a formação cidadã. Nesse sentido, a escola pode realizar atividades que despertem o senso estético, concorrendo, assim, para a vivência mais plena dos estudantes, como seres humanos sensíveis, mesmo que estes convivam em ambientes pouco estimuladores da beleza que a natureza e a produção cultural da humanidade oferecem. Incentivar e desenvolver atividades pedagógicas que permitam aflorar a sensibilidade e o bom gosto dos estudantes pode ser um objetivo relevante da escola.

Quantas e quantas vezes os estudantes se deparam, em seu dia-a-dia, com paisagens portadoras de beleza que suscitam emoções, como uma árvore florida que reluz quando os raios de sol iluminam sua copa, e não chegam a perceber essa dádiva generosa que a natureza oferece pois não tiveram a oportunidade de aprender a observar e a curtir o que de valioso lhes cercam? Cabe à escola propiciar tais oportunidades de vivências de experiências positivas e gratificantes, concorrendo, assim, para, de um lado, suavizar um pouco o desgastante cotidiano da maioria das crianças e jovens do Brasil e do planeta e, de outro lado, suscitar nos estudantes o desejo de lutar para transformar as condições adversas que tanto dificultam a realização plena dos homens e das mulheres nessa sociedade marcada pelo signo da exploração econômica.

É necessário atentar que para possibilitar um ambiente favorável às aprendizagens significativas das crianças e jovens que se encontram em situação de maior vulnerabilidade (como bem evidenciam as manchetes que apontam para as estatísticas de violência, desemprego, gravidez indesejada e precoce e restritas oportunidades culturais e de lazer), a escola depende, em boa parte, da ação solidária e colaborativa da comunidade local em relação às suas propostas pedagógicas. Crianças e jovens, habituados e fascinados pela vida livre das ruas, sem limites e regras, têm dificuldade de adaptação à "estrutura tradicional" da escola. Ou seja, encontram sérias dificuldades em cumprir os rituais característicos da escola, tais como observar os horários, acatar determinações superiores, respeitar as regras de convivência social, realizar tarefas de forma disciplinada etc. Fazer da escola um ambiente atrativo, que mobilize a atenção desse contingente de estudantes, não constitui certamente uma tarefa fácil para os profissionais da educação. Mesmo porque esses profissionais também enfrentam situações desgastantes na luta pela sua afirmação pessoal e profissional numa sociedade competitiva e excludente.

O que pode contribuir para alterar esse quadro de incertezas e de dificuldades de toda ordem é levar todas essas questões ao debate no coletivo da escola, expor as contradições que afloram permanentemente na prática pedagógica, não se deixar intimidar pelo volume dos problemas e pela precariedade de recursos que poderiam ser acionados visando à sua superação. Debater as situações problemáticas, tomar decisões, desenvolver e avaliar as ações pedagógicas e administrativas, nos colegiados, parecem ser formas bem-sucedidas de lidar com as inúmeras questões sociais e pedagógicas que emergem no cotidiano da escola.

3.2 A participação nos projetos comunitários

Nessa perspectiva, a escola pode procurar interagir com os projetos comunitários, de natureza socioeducativa, que visem promover o ingresso, o regresso, a permanência e o sucesso dos estudantes na escola. Estrategicamente, a escola e o sistema de ensino podem aproveitar a existência desses projetos para discutir, apreciar e avaliar as condições de infraestrutura e pedagógicas locais, com o propósito de implantar de forma progressiva e criativa o tempo integral, já sinalizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, de há muito tempo, uma realidade em países que alcançaram melhores patamares na oferta da escolarização às suas populações.

Enfim, incentivar a constituição de projetos de vida dos estudantes articulados aos movimentos que visam à construção coletiva do projeto de bairro, da cidade e da nação é um desafio. Projetos de vida que significam crescimento pessoal e profissional, considerando a sociedade complexa e contraditória na qual o estudante se situa. Contribuir para que o estudante se reconheça como ser histórico e que faz a história em suas ações cotidianas e em interação com o outro é papel da escola. Esse reconhecimento do estudante como ser histórico, capaz de, ao longo do tempo e em processos de lutas coletivas, mudar as condições de vida e as relações sociais de trabalho nessa sociedade, valoriza a ação da escola. Nessa direção, são variadas as atividades de cunho pedagógico que podem ser desenvolvidas na escola e na comunidade com a participação decisiva do Conselho Escolar. São atividades propostas, discutidas, desenvolvidas e avaliadas por docentes em sua relação com os estudantes, bem como por outras instâncias da escola e pelo Conselho Escolar. Atividades essas que mantém um vínculo direto com os objetivos e propósitos do projeto político-pedagógico, como pode ser observado nos itens que seguem.

Algumas considerações finais

Ficou claro ao longo do texto que a escola vive permanentemente contradições que resultam da sua própria inserção no mundo capitalista. De fato, a escola, no Brasil, atende a um grande contingente de estudantes oriundos de famílias que vivem em situação de pobreza e em ambientes socialmente degradados. Contudo, ao mesmo tempo em que reproduz as estruturas de dominação da sociedade, a escola é um campo aberto à possibilidade de questionamento desse padrão de dominação.

Quando a escola oferece situações de desafio e de aprendizagens que levam ao questionamento do senso comum, ao desenvolvimento das capacidades de argumentação, de crítica e da criatividade, ela possibilita a mudança para patamares superiores. Tudo isso implica decisões político-pedagógicas. Quando há uma decisão política de situar a educação escolar com qualidade social, isso significa optar por um projeto educativo que contempla a maioria da população e tem como pressupostos a igualdade e o direito à educação. Nessa perspectiva, as iniciativas e políticas que apontam para a inclusão social não se confundem com ações compensatórias e localizadas que pouco alteram as condições de desigualdade da sociedade. Levam em consideração o local e o agora, mas ultrapassam essa visão restrita projetando-se para o todo social e para o futuro. Nessa perspectiva, um projeto educacional que possibilita a articulação de todos os segmentos, que estimula práticas coletivas de solidariedade e que proporciona as condições de desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras é portador de uma mensagem de mudança da sociedade que se revela na superação dos preconceitos e de todos os fatores que têm contribuído historicamente para a negação do direito do acesso e da permanência na educação escolar. Participar da construção de um projeto educacional dessa magnitude requer do Conselho Escolar a organização de situações de debate e de estudos que permita a todos os segmentos da comunidade escolar avançar na compreensão das vinculações do fazer pedagógico com as demais práticas sociais. Assim, perceberá que o projeto político-pedagógico da escola tem suas bases de sustentação num projeto social mais amplo cujo ponto central é sempre o respeito à dignidade do ser humano. Nesse sentido, o Conselho Escolar buscará formas de incentivar a participação de todos os segmentos envolvidos no processo educativo, de modo a assegurar a sua adesão e comprometimento com os ideais de renovação democrática dos espaços e das práticas escolares.

ARÊAS, CELINA ALVES. A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA. CONFERÊNCIA NACIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA.
AUAD, DANIELA. EDUCAR MENINAS E MENINOS - RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA. SÃO PAULO: EDITORA CONTEXTO, 2016.

FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Princípios

1. Defesa da escola pública, gratuita e laica em todos os níveis;
2. Educação como direito de todos e dever do Estado;
3. Regulamentação do ensino privado sob o controle do Estado;
4. Não inclusão do setor na Educação na OMC;
5. Não intromissão dos organismos internacionais nos rumos da educação nacional;
6. Defesa de um Sistema Nacional de Educação (rede pública e setor privado).

Texto referência da CONEB

• Educação é:

a) Processo e prática social constituída e constituinte das relações sociais mais amplas; b) Processo contínuo de formação;

c) Direito inalienável do cidadão.

• A prática social da Educação deve ocorrer em espaços e tempos pedagógicos diferentes, para atender às diferenciadas demandas

• Como prática social, a educação tem como lócus privilegiado a escola, entendida como espaço de garantia de direitos;

• Devemos trabalhar em defesa da educação pública, gratuita, democrática, inclusiva e de qualidade social para todos;

• É fundamental a universalização do acesso, a ampliação da jornada escolar e a garantia da permanência bem-sucedida para crianças, jovens e adultos, em todas as etapas e modalidades de educação básica.

É indispensável à escola, portanto:

• Socializar o saber sistematizado;

• Fazer com que o saber seja criticamente apropriado pelos alunos;

• Aliar o saber científico ao saber prévio dos alunos (saber popular);

• Adotar uma gestão participativa no seu interior;

• Contribuir na construção de um Brasil como um país de todos, com igualdade, humanidade e justiça social.

Constituição Federal 1988

• Artigo 205

"A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

- LDBEN - 1996

TÍTULO I
Da Educação

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

TÍTULO II
Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

- Outras Concepções

• Paulo Freire:

a) A formação do sujeito deve contemplar o desenvolvimento do seu papel dirigente na definição do seu destino, dos destinos de sua educação e da sua sociedade;

b) Formar o cidadão, construir conhecimentos, atitudes e valores que tornem o estudante solidário, crítico, ético e participativo;

• José Geraldo Bueno (PUC SP)

a) construção de um sistema de ensino que possa se constituir em fator de mudança social

b) responsável pela formação das novas gerações em termos de acesso à cultura, de formação do cidadão e de constituição do sujeito social.

c) distinção entre a função da escola em relação à origem social dos alunos trouxe importantes contribuições para uma melhor compreensão da complexidade dessa instituição, por outro, parece ter desembocado, novamente, numa concepção abstrata de escola, em particular em relação à escola pública, como sendo aquela que, voltada fundamentalmente para a educação das crianças das camadas populares, cumpre o papel de reprodutora das relações sociais e de apoio à manutenção do status quo.

• "Parece que, como sempre, os responsáveis pelas políticas sociais (entre elas a da educação), em nosso país, encontraram um novo 'bode expiatório': as unidades escolares. No passado, foram ou os alunos (por suas carências e/ou dificuldades) ou os professores e a sua falta de formação (como se essa falta de formação não fosse produto das políticas educacionais). Agora, parece que se transfere essa função social à escola".

• Pablo Gentili:

a) Visão neoliberal da função social da escola: "Na perspectiva dos homens de negócios, nesse novo modelo de sociedade, a escola deve ter por função a transmissão de certas competências e habilidades necessárias para que as pessoas atuem competitivamente num mercado de trabalho altamente seletivo e cada vez mais restrito.

b) A educação escolar deve garantir as funções de classificação e hierarquização dos postulantes aos futuros empregos (ou aos empregos do futuro). Para os neoliberais, nisso reside a 'função social da escola'. Semelhante 'desafio' só pode ter êxito num mercado educacional que seja, ele próprio, uma instância de seleção meritocrática, em suma, um espaço altamente competitivo".

Conclusão

• Função social da escola:

Compromisso com a formação do cidadão e da cidadã com fortalecimento dos valores de solidariedade, compromisso com a transformação dessa sociedade.

Fonte

ARÊAS, Celina Alves. A função social da escola. Conferência Nacional da Educação Básica.

CASTRO, JANE MARGARETH; REGATTIERI, MARILZA. RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS ESCOLA- FAMÍLIA. P. 28-32. IN: CASTRO, JANE MARGARETH; REGATTIERI, MARILZA. INTERAÇÃO ESCOLA- FAMÍLIA: SUBSÍDIOS PARA PRÁTICAS ESCOLARES. BRASÍLIA: UNESCO, MEC, 2009.

INTERAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA:
SUBSÍDIOS PARA PRÁTICAS ESCOLARES

I – INTRODUÇÃO

Professoras da rede pública de uma típica cidade de periferia metropolitana começam a visitar as casas de seus alunos para ver mais de perto a vida das crianças e de seus pais. Conhecendo o ambiente doméstico, esperam compreender melhor seus alunos e passar a contar com a ajuda dos familiares para melhorar o desempenho escolar das crianças. Como toda visita gentil, cada professora leva para a família uma lembrança: uma muda de árvore. Os educadores optaram por este brinde porque o município perdeu quase toda a sua cobertura vegetal. Eles consideram válida qualquer iniciativa para tentar reflorestá-lo. Mesmo honrada com o presente, a mãe (ou o pai ou a avó ou outro responsável), dias depois, é obrigada a devolvê-lo à escola porque simplesmente não há onde plantar a árvore. Lembrem-se: é uma típica periferia de nossas grandes cidades, onde se amontoam, de forma desordenada, milhares de pequenas moradias. Sem quintal, jardim, muro, portão ou mesmo rua. Nos poucos dias em que, hesitantes, os responsáveis pelas crianças decidiam que destino dar à nobre mudinha, ela murchou e desfolhou. Estava seca, quando

chegou de volta ao pátio da escola. E foi colocada ao lado de outras centenas como ela. Nas várias escolas municipais, o mesmo se repetiu: via-se um mundo de arvorezinhas raquíticas em saquinhos pretos, um quase cemitério de plantinhas recém-nascidas...

Como esta história poderia continuar? Há diferentes possibilidades de desfecho, dependendo das escolhas feitas pelos principais personagens. Podemos partir da mais previsível: desolado com o insucesso de suas boas intenções, o pessoal das escolas põe-se a procurar o erro e a buscar culpados. Algumas professoras veteranas acharam que tudo aquilo evidenciava a conhecida má vontade e desinformação dos familiares. Pois certamente, se procurassem com carinho, encontrariam um lugarzinho para plantar a mudinha. Diante de tal ingratidão, era melhor não tentar mais esse tipo de aproximação, defenderam. Outro grupo de professoras tratou de apontar suas críticas para a coordenação, a direção da escola e a Secretaria Municipal de Educação pela ideia da planta. Como esqueceram que estamos na área mais pobre e densamente povoada do Estado?, repreendiam. Claro que ninguém tem onde plantar uma árvore, todas foram cortadas justamente para dar espaço para mais gente.

Enquanto o debate prosseguia, a sobrevivência das mudas estava por um triz. Será que morreria toda a promessa de floresta? Os muitos saquinhos pretos enfileirados, como que prontos para o funeral, chamaram a atenção de um grupo de alunos. Eles perguntaram aos adultos: o que vocês vão fazer com as plantas? Fez-se silêncio. Todos sabiam que também na escola não havia onde plantar todas aquelas árvores. Nem em seu entorno, com poucas ruas urbanizadas. Devolvê-las a quem fez a doação seria uma prova cabal de incompetência. Abandoná-las, um ato insensível e totalmente antieducativo. Como proceder? Alguém então sugeriu que se tentasse saber o que a escola mais próxima pensava em fazer, já que o problema era comum.

Na procura por soluções, descobriram que o último grande terreno existente na região acabara de ser desapropriado pela prefeitura – para que se construísse ali perto uma área integrada de equipamentos sociais. Conversa vai, conversa vem, gestores municipais, diretores de escola, professores, pais, avós, tios e alunos conseguiram liberar parte do terreno para o plantio das mudas e assim iniciaram o que viria a se transformar na maior área verde do município. Até lá, compartilhariam, sem perceber, o equivalente a muitas e muitas aulas de Ciências e aprenderiam bem mais do que uma lição de Ecologia. E não pararam por aí: depois de garantir que as mudas crescessem, as famílias e os profissionais da escola abandonaram antigos hábitos e renovaram seu dia a dia – tudo para que, todos os anos, continuasse a florescer em seus filhos/alunos o desejo de aprender.

PARA ALÉM DAS SEMELHANÇAS E COINCIDÊNCIAS

Esta história, uma ficção de final feliz, levemente inspirada em fatos reais, espelha o que vem acontecendo na rede de ensino das pequenas ou grandes cidades brasileiras: cada vez mais as redes de escolas públicas buscam, por diferentes meios, aproximar-se das famílias de seus alunos, conhecer suas condições de vida e envolvê-las na produção de bons resultados educacionais. Projetos, ideias e práticas inovadoras, como a visita domiciliar da história, nascem nos gabinetes das Secretarias, nas salas de aula e até em iniciativas isoladas de professores.

Como construir uma relação entre escola e família que favoreça a aprendizagem das crianças e adolescentes?

Esta pergunta é o fio condutor deste estudo.

O presente trabalho faz parte de um esforço de gerar conhecimentos educacionais, por meio de estudos, pesquisas, avaliação e projetos piloto, que contribuam para as práticas educativas em sala de aula e para a formulação de projetos e políticas públicas. A participação das famílias na vida escolar de seus filhos, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental, é destacada como estratégia importante de apoio à aprendizagem em publicações técnicas e nas cartas e declarações internacionais resultantes de reuniões e conferências convocadas pela UNESCO desde os anos 1980. Entre elas, vale lembrar como marcos a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (JOMNTIEN,1990), reafirmada pela Conferência de Dacar (2000), que estabeleceu como um de seus objetivos assegurar, até 2015, o atendimento das necessidades de aprendizado de todas as crianças, jovens e adultos em processo equitativo. Como país-membro da UNESCO, o Brasil, por meio do Ministério da Educação, também tem renovado, ano a ano, este compromisso.

O presente estudo – uma iniciativa da UNESCO e do MEC – tem como objetivo oferecer aos gestores educacionais e escolares informações qualificadas para o desenvolvimento de projetos e políticas de interação escola-família em função da sua missão de garantir aos alunos o direito de aprender.

Como construir uma relação entre escola e família que favoreça a aprendizagem das crianças e adolescentes? Esta pergunta é o fio condutor deste estudo. Partimos de duas crenças: a primeira é que, para entender o que se passa no presente, é necessário um mergulho na nossa história. A segunda é que o Brasil é muito grande e diversos para caber em uma única fórmula ou receita. O desafio ao qual nos propusemos foi organizar informações disponíveis em pesquisas acadêmicas, articuladas a algumas iniciativas relevantes que vêm sendo desenvolvidas nos municípios, em escolas isoladas ou em coordenação com as Secretarias Municipais de Educação, e apresentá-las de forma acessível.

A fim de identificar as iniciativas que já estão ocorrendo no Brasil, foi feita uma chamada via internet para que as Secretarias Municipais de Educação (SMEs) e escolas relatassem suas boas experiências de parceria com famílias. Além de uma breve explicação sobre o propósito deste projeto, apresentamos uma ficha para coleta de informações nos sítios da UNESCO e da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), entre 28 de outubro e 28 de novembro de 2008. O Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) enviou correspondência a todos os seus filiados. Assim foi possível disponibilizar, para a totalidade dos municípios brasileiros, a oportunidade de apresentar sua iniciativa.

Outras formas de prospecção das experiências foram: contatos com redes de pesquisadores, professores universitários, gestores públicos e avaliadores que conhecessem várias SMEs e pudessem indicar experiências de interação escola-família; pesquisa junto a bancos de experiências de organismos governamentais, internacionais ou privados e busca direta na internet. Conseguimos localizar experiências coordenadas por Secretarias Municipais de Educação e realizadas por escolas sem a intervenção direta das SMEs.

As informações sobre tais experiências foram obtidas por meio de fichas preenchidas por Secretarias Municipais e escolas e de entrevistas por telefone. O passo seguinte foi selecionar experiências a serem visitadas, para uma análise mais aprofundada daquela iniciativa. Adotaram-se como critérios de seleção: projetos centrados no tema da relação escola-família, articulados com a aprendizagem dos alunos e coordenados pelas Secretarias Municipais de Educação. Privilegiamos experiências que tivessem estratégias distintas entre si para obter um repertório mais amplo. Os municípios visitados foram: Iguatu (CE), Itaiçaba (CE), Taboão da Serra (SP) e Teresina (PI).

Belo Horizonte (MG), embora não tenha sido visitada naquela ocasião, acabou impondo-se como experiência importante para os objetivos pretendidos. Ao longo deste trabalho, tivemos contato direto com os gestores estratégicos do Programa Família-Escola e, como já havia informações qualificadas sobre o histórico desta iniciativa, foi possível incluí-la no estudo.

A fim de identificar o que as pesquisas e ensaios dizem sobre as interações escola-família, fizemos um levantamento documental, selecionando principalmente textos nacionais produzidos a partir de 1990. O campo priorizado foi o da Sociologia da Educação, no qual a questão da relação escola-família entre essas duas instâncias é um tema recorrente. Selecionamos cerca de 100 títulos entre relatos de pesquisa, ensaios e notas de síntese. Estes foram classificados e lidos de forma a destacar os principais achados que pudessem ser incorporados ao presente trabalho. Para facilitar a leitura por um público amplo, optamos por utilizar as informações sem mencionar a cada frase ou parágrafo sua origem. Ao final, apresentamos a bibliografia utilizada.

Outro aspecto metodológico a destacar é a interlocução com diferentes leitores e especialistas antes de finalizar o estudo. Sua primeira versão foi submetida à leitura das instituições proponentes – MEC e UNESCO – e, em seguida, apresentada em seminários com dirigentes educacionais; equipes técnicas das SMEs; diretores de escolas, coordenadores pedagógicos e professores. Participaram ainda especialistas que têm contribuído significativamente para a construção de conhecimento sobre o tema. Desta forma, podemos dizer que este trabalho foi escrito a muitas mãos.

Assim, depois de entrevistar e ouvir os que criam e os que executam projetos nas escolas de ensino fundamental Brasil afora, interagir com especialistas e pesquisar a literatura acadêmica, entendemos que o melhor a fazer seria compartilhar uma série de reflexões e desejar que elas inspirem nos educadores ações inovadoras e responsáveis.

Embora nossa intenção seja direcionada à construção de novas práticas, este documento não é nem um guia, nem um manual. A relação escola-família é complexa e os assuntos a ela relacionados são extensos e polêmicos demais para serem abordados numa única publicação. Assim, fizemos recortes, escolhas e decidimos propor um trabalho que é, em boa medida, aberto ao necessitar de adaptações de acordo com cada realidade local. Todo esse esforço pretende provocar mudanças positivas nas condições de aprendizagem de crianças e adolescentes, posicionando a escola também como local estratégico para a construção de uma efetiva rede de proteção integral de seus alunos.

O estudo está organizado em três partes. A primeira traz reflexões históricas e conceituais, além de localizar os marcos legais que pautam esta relação. A segunda articula os conceitos com as lições da prática, destacando elementos para a construção de uma política de interação escola-família. A terceira apresenta um cardápio de políticas em curso que podem compor a estratégia de intersetorialidade, além da bibliografia que serviu de base para as afirmações aqui colocadas.

Boa leitura!

II – CAMINHOS E ESCOLHAS

A perspectiva deste trabalho coloca no centro da cena os alunos da escola pública que estão nos anos iniciais do ensino fundamental. Ao olharmos com cuidado para esses meninos e meninas, vemos que é impossível entendê-los sem considerar seu contexto familiar de referência. Como dizia José Ortega y Gasset "eu sou eu e minhas circunstâncias", ou seja, não é possível dizer quem é o aluno sem considerar suas circunstâncias sociais.

Na nossa sociedade, a responsabilidade pela educação das crianças e dos adolescentes recai, legal e moralmente, sobre duas grandes agências socializadoras: a família e a escola.

A educação abrange os processos formativos amplos que se desenvolvem na convivência humana ao longo da vida. Trataremos aqui especialmente da educação escolar obrigatória, tendo o Estado a responsabilidade de oferta primária e as famílias o dever de matricular e enviar seus filhos à escola.

DEFININDO OS TERMOS

Escola: Parte do sistema público de ensino que é responsável primário pela educação escolar. Segundo a LDB (1996), a educação escolar tem como objetivo, no ensino fundamental, "a formação básica do cidadão compreendida como:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV – o fortaleci-

mento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social".

Família: Utilizamos aqui o conceito amplo de família, no sentido de quem exerce as funções de cuidados básicos de higiene, saúde, alimentação, orientação e afeto, mesmo sem laços de consanguinidade.

No mundo familiar as crianças são filhos; no mundo escolar elas são alunos. A passagem de filho a aluno não é uma operação automática e, dependendo da distância entre o universo familiar e o escolar, ela pode ser traumática. Dentro da escola, o responsável direto pela condução dos alunos é o professor, um adulto que também passou por um processo de formação para alcançar a condição de profissional da educação.

As crianças que chegam à escola são membros-dependentes de um núcleo familiar que lhes dá um nome e um lugar no mundo. Os professores, conectados ou não com o lugar social deste aluno, têm como principal função garantir o direito educacional de cada menino e menina, guiando-se pelas diretrizes do sistema/estabelecimento de ensino com o qual tem vínculo de trabalho. O conjunto de professores, funcionários, coordenadores pedagógicos, diretores escolares e familiares configura uma comunidade escolar, que tem funções deliberativas sobre vários aspectos do projeto da escola.

As famílias estão inseridas em uma comunidade, localizada em determinado território, com seus costumes, valores e histórias a que chamaremos de contexto social. As escolas fazem parte de um sistema ou rede de ensino, sob coordenação da Secretaria Municipal de Educação, que compartilha um mesmo marco regulatório (leis, decretos, atos normativos do Conselho Nacional de Educação etc.) com as Secretarias de Estado e o Ministério da Educação. A essas relações denominaremos contexto institucional.

A comunidade local se organiza como sociedade civil para exercer direitos e deveres, enquanto o sistema de ensino representa o poder público que, em um Estado democrático de direito, tem obrigação de cobrar deveres e garantir o exercício da cidadania também pela oferta de serviços sociais a toda a população.

No mundo globalizado e complexo em que vivemos, as relações entre setores, instituições e atores sociais estão muito imbricadas. Fica cada vez mais difícil entender os problemas educacionais apontando apenas para as dificuldades originadas fora da escola ou somente pelos processos internos a ela. Se, por um lado, não podemos desconsiderar a influência da situação socioeconômica, da violência, das mudanças de costumes sobre o comportamento e desempenho dos alunos, por outro, não podemos admitir que a escola se transforme numa agência de assistência social e negligencie sua função específica de zelar pela aprendizagem escolar.

É recomendável optar por uma abordagem relacional entre educação e contexto social. Sempre com foco nos processos de ensino-aprendizagem, enxergamos as relações professor-aluno em uma perspectiva ampliada que considera a cadeia de relações que está por trás e entre esses dois atores, conforme sugere o esquema da página seguinte.

Fonte: Néstor López et alli, 2009.

Podemos dizer que a relação entre escola e família está presente, de forma compulsória, desde o momento em que a criança é matriculada no estabelecimento de ensino. De maneira direta ou indireta, essa relação continua viva e atuante na intimidade da sala de aula. Assim, sempre que a escola se perguntar o que fazer para apoiar os professores na relação com os alunos, provavelmente surgirá a necessidade de alguma interação com as famílias. Nesta corrente, cabe aos sistemas de ensino o estabelecimento de programas e políticas que ajudem as escolas a interagir com as famílias, apoiando assim o processo desenvolvido pelos professores junto aos alunos.

Apesar de ser uma atribuição formal e inevitável da escola, a interação escola-família não será tratada neste estudo como um fim em si mesmo. Sabemos que ela pode estar a serviço de diversas finalidades, tais como: o cumprimento do direito das famílias à informação sobre a educação dos filhos; o fortalecimento da gestão democrática da escola; o envolvimento da família nas condições de aprendizagem dos filhos; o estreitamento de laços entre comunidade e escola; o conhecimento da realidade do aluno; entre outras.

As ideias aqui expostas não devem ser entendidas como "mais um pacote pronto" que cai na cabeça de quem está nas salas de aula. Pelo contrário: ao começar a elaborar projetos e políticas, cada município ou escola estaria criando e estruturando suas próprias ações, conectadas ao conjunto das demais práticas educacionais consideradas válidas para a sua realidade.

A possibilidade de várias abordagens e usos da interação escola-família exige que explicitemos algumas reflexões e escolhas que norteiam o estudo:

• A expressão interação escola-família se baseia na ideia de reciprocidade e de influência mútua, considerando as especificidades e mesmo as assimetrias existentes nessa relação.

• O Dicionário Houaiss traz definições da palavra interação: a) atividade ou trabalho compartilhado, em que há trocas e influências recíprocas e b) comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato.

• A assimetria das posições está vinculada também às diferentes responsabilidades que a família e o Estado têm em relação à educação escolar das crianças e adolescentes. Para assegurar a oferta de educação escolar, o Estado institui um sistema de ensino operado por profissionais especializados, encarregados de transmitir saberes socialmente validados. A família, por sua vez, desempenha seu papel educacional a partir de um contexto sociocultural específico.

• O reconhecimento dessa diferença é fundamental para a interação: o desafio é fazer com que essa assimetria produza complementaridade, e não exclusão ou superposição de papéis.

• Outro detalhe que faz toda a diferença é a ordem escolhida para descrever a relação: escola-família e não família-escola. Estamos assumindo que a aproximação com as famílias é parte do trabalho escolar, uma vez que as condições familiares estão presentes de forma latente ou manifesta na relação professor-aluno e constituem chaves de compreensão importantes para o planejamento da ação pedagógica.

• É preciso colocar a interação escola-família em uma perspectiva processual que estabeleça horizontes de curto, médio e longo prazos. No primeiro momento faz-se o conhecimento mútuo; no segundo são estabelecidas as condições de negociação das responsabilidades específicas sobre a educação das crianças, e, por fim, no terceiro, são construídos espaços de corresponsabilidade, abertos também à participação de outros atores importantes no processo de educação dos filhos/alunos. Percebemos neste estudo que geralmente o processo escola-família é desencadeado sem os devidos e desejáveis cuidados preliminares: é muito comum os sistemas de ensino e escolas partirem direto para a negociação/cobrança de responsabilidades das famílias, antes de compreenderem as condições dos diversos grupos de familiares dos alunos. Ao suprimir a etapa inicial, os projetos de aproximação podem gerar mais desencontros. Por essa razão, enfatizamos especialmente o movimento inicial de aproximação para (re) conhecimento mútuo, tendo em mente que ele deve ser apenas o início de uma longa relação.

Este trabalho pretende refletir como a interação das escolas com as famílias pode ser apoiada pelas redes de ensino para incidir sobre a relação professor-aluno (que estrutura a relação aluno-saber escolar).

Por isso, priorizamos, dentre todas as finalidades que a interação escola-família pode ter, o conhecimento do aluno no seu contexto social como insumo para revisão das práticas pedagógicas, escolares e educacionais.

DO ALUNO ESPERADO AO ALUNO REAL

Voltemos a pensar no que é necessário para que uma criança incorpore a identidade de aluno. Será que todos têm as mesmas condições de fazer essa passagem? Quais características uma criança precisa trazer consigo para transitar bem pelos códigos e regras escolares? Que tipo de situação familiar facilita a entrada e permanência das crianças e adolescentes na escola e que tipo dificulta?

Assumimos que a educação é para todos e, sob a perspectiva inclusiva, não podemos usar características individuais ou sociais para negar o acesso e progresso de qualquer um na escola. No entanto, não podemos ignorar que o trabalho escolar, em geral, pressupõe que uma criança chegue à escola com uma série de características: físicas – deve estar saudável e bem alimentada; linguísticas – precisa entender bem a língua usada pelos professores e pelos colegas; e atitudinais – tem de respeitar os professores, cumprir acordos, assumir compromissos, saber se controlar etc.

Parte das características fundamentais para o sucesso escolar, no entanto, não é ensinada pela ou na escola: ela deve vir como pré-requisito do aluno, desde o seu primeiro dia de aula. Se a criança não está desde cedo no sistema educacional, por falta, por exemplo, de acesso à educação infantil, espera-se que ela aprenda estes comportamentos no convívio familiar.

Uma família cujos membros mais velhos frequentaram a escola por um tempo significativo tende a entender e valorizar o que acontece nesta instituição. Isso facilita a transmissão das regras escolares aos seus membros mais jovens. A importância do uniforme, a capacidade de esperar a vez de falar, por exemplo, são normas que têm de ser aprendidas. O acompanhamento do dever de casa é outro exemplo de como a escola requisita espaço e tempo do cotidiano familiar. Entretanto, muitas famílias simplesmente não sabem ou não conseguem realizar esse acompanhamento com a disponibilidade e/ou competência que se espera delas.

Assim, os alunos cujas famílias têm experiências e valores próximos aos da escola, além de recursos para investir no apoio a sua carreira escolar, ocupam o lugar do "aluno esperado". Já os alunos cujas famílias têm culturas, valores diferentes dos da escola e têm poucos recursos para empregar no suporte à escolarização dos filhos são, muitas vezes, classificados simplesmente pela distância que os separa do aluno esperado. Esta identidade marcada pelo que falta à criança para se transformar no aluno dentro dos "moldes desejados" tende a afetar sua relação com os professores, coordenadores escolares e diretores. Como os projetos político-pedagógicos – e as práticas deles decorrentes – irão considerar essa criança, se a comunidade escolar só a conhece pelo que ela não é e não conhece seu rosto? É difícil incluir e valorizar o que não se conhece.

Historicamente, as práticas pedagógicas na instituição escolar baseiam-se com frequência na homogeneização do grupo de alunos: os que se encaixavam no padrão esperado seguiam em frente, enquanto os que não se encaixavam fracassavam até desistir. Convivemos, durante muito tempo, com a produção do insucesso escolar em massa, sem nos escandalizarmos.

Com a conquista paulatina de direitos infanto-juvenis, a simples exclusão de alunos do sistema de ensino passou a ser uma via institucionalmente bloqueada. Os educadores começaram a perceber a magnitude do problema: com a população infanto-juvenil toda dentro do sistema de ensino, muitas crianças não sabiam transitar pelas regras institucionais, não dispunham de recursos materiais necessários ou nem podiam contar, fora da escola, com apoio de um adulto que tivesse tempo, afeto e conhecimento para lhes oferecer.

Entretanto, o conhecimento da realidade precária, que comprometia as condições de escolarização de uma grande parcela do alunado, em vez de abrir caminho para novas práticas educacionais, acabou sendo usado, muitas vezes, como álibi: sentindo-se sobrecarregada, a escola eximiu-se de responsabilidades e jogou sobre as crianças e suas famílias o ônus do fracasso. Muitos professores e diretores apostaram que, elegendo e reforçando os alunos bem-su-

cedidos, estariam incitando os demais a se esforçar para seguir o mesmo modelo. Neste movimento, desvalorizaram aqueles que não traziam em sua bagagem familiar os comportamentos e recursos necessários para enfrentar a vida escolar. As diferenças (étnicas, culturais, sociais, corporais etc.) foram convertidas em carências e déficits que deviam ser compensados e ultrapassados até que o aluno real se transformasse no "aluno ideal".

A tese do déficit cultural gerou programas que ofereciam às crianças das classes sociais marginalizadas condições para recuperar o seu "atraso". Aplainando as carências afetivas, nutricionais, linguísticas, todos os alunos se transformariam no aluno esperado e a escola poderia seguir seu projeto sem grandes mudanças. As críticas à educação compensatória denunciaram que ela contribuía para reforçar e difundir uma visão preconceituosa sobre o modo de vida das camadas populares, retratando-as como uma cultura inferior.

Passadas algumas décadas, a situação de desigualdade social no Brasil ainda permanece grave, mas consolida-se cada vez mais a compreensão sobre as formas de se alcançar justiça social e se manter a conquista de direitos.

Chegamos então a uma questão que é crucial na perspectiva deste trabalho: a equidade educacional.

Desde o final dos anos 1980, as lutas pelos direitos das minorias e em defesa da diversidade confrontaram os discursos consolidados sobre a igualdade vigentes até então. A fórmula "somos todos iguais" começou a ser revista a partir do reconhecimento de que somos todos diferentes: a igualdade não deve ser tomada como um ponto de partida, mas sim como um horizonte a ser alcançado. Coloca-se assim a noção de equidade como base de um projeto político de igualdade que parte do reconhecimento das desigualdades iniciais.

Mas como essa noção se aplica à educação? Inicialmente, é preciso reconhecer que a concepção de que todos somos iguais, por desconsiderar as diferenças de origem, contribuiu para converter desigualdades sociais em desigualdades escolares. A oferta educativa homogênea, pensada para atender o grupo dos alunos esperados, reforçava a desvantagem inicial dos alunos que se distanciavam desse perfil.

No Brasil, com a quase universalização do acesso ao ensino fundamental, a desigualdade nas condições de aprendizagem e no alcance dos resultados educacionais está sendo assumida como um problema de qualidade da escola/sistema – além de ser uma questão prioritária na agenda social nacional.

A busca pela qualidade com equidade, ou seja, todos os alunos aprendendo e progredindo na carreira escolar na idade certa, está presente na pauta das políticas, nos projetos e também nos programas de pesquisa na área da Educação.

Na empreitada pela equidade, a relação escola-família ressurge como um fator-chave. Mesmo que não haja uma comprovação científica da influência direta da interação escola família na melhoria do aprendizado dos alunos, inúmeras pesquisas no Brasil e no mundo todo têm mostrado que as condições socioeconômicas, as expectativas e a valorização da escola e o reforço da legitimidade dos educadores são fatores que emanam da família e estão altamente relacionados com o desempenho dos alunos.

A proposta deste estudo é organizar uma compreensão mais acurada do que está em jogo quando os agentes educacionais tomam a iniciativa do contato com as famílias dos alunos. Esperamos que contribua para o resgate da disposição dos profissionais da escola em conhecer a realidade de cada aluno e entender o alcance da sua prática social.

Para isso, frisamos mais uma vez, os professores precisarão ser apoiados pela equipe de gestão escolar – que, por sua vez, terá de contar nesta tarefa com o suporte da Secretaria de Educação.

O conhecimento das condições de vida das crianças e adolescentes em idade de escolarização obrigatória pode dar origem a ações interligadas em dois níveis: 1) a revisão dos projetos e práticas educacionais, pensando na diversidade dos alunos e não apenas no aluno esperado;

2) a convocação de novos atores e a articulação das políticas educacionais com políticas setoriais capazes de apoiar as famílias dos alunos para que elas possam exercer suas funções.

III – PRINCÍPIOS PARA UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

O presente estudo assume uma proposta de interação escola-família que está baseada nos seguintes princípios norteadores:

• A educação de qualidade, como direito fundamental de todas as pessoas, tem como elementos essenciais a equidade, a relevância e a pertinência, além de dois elementos de caráter operativo: a eficácia e a eficiência.

• O Estado (nos níveis federal, estadual e municipal) é o responsável primário pela educação escolar.

• A escola não é somente um espaço de transmissão da cultura e de socialização. É também um espaço de construção de identidade.

• O reconhecimento de que a escola atende alunos diferentes uns dos outros possibilita a construção de estratégias educativas capazes de promover a igualdade de oportunidades.

• É direito das famílias ter acesso a informações que lhes permitam opinar e tomar decisões sobre a educação de seus filhos e exercer seus direitos e responsabilidades.

• O sistema de educação, por meio das escolas, é parte indispensável da rede de proteção integral que visa assegurar outros direitos das crianças e adolescentes.

• A proteção integral das crianças e adolescentes extrapola as funções escolares e deve ser articulada por meio de ações que integrem as políticas públicas intersetoriais.

IV – BREVE HISTÓRIA DA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA NO BRASIL

Tanto a escola quanto a família, as duas instituições cuja relação é nosso objeto de análise, sofreram transformações profundas ao longo da nossa história. Mediador

e regulador dessa relação, o papel do Estado também foi se modificando. Ao percorrer esta história, podemos compreender a origem de algumas ideias que ainda hoje estão presentes no pensamento educacional e verificar sua atualidade ou anacronismo. A recuperação deste fio de meada pode inspirar cada município a identificar conexões desse cenário geral com a história local, com seus traços específicos, e assim melhor compreender o terreno simbólico no qual irá atuar.

DE ONDE VEM A ESCOLA QUE CONHECEMOS E AS IDEIAS QUE AINDA ACEITAMOS?

Com a instituição da República em 1889, surge no Brasil a escola como a conhecemos hoje, considerada fundamental para a construção da sociedade: a escola contemporânea nasce marcada pelo ideário da civilização e do progresso para todos. A ação educacional no Brasil começou, ainda no período colonial, como uma ação para as elites, calcada nos valores da cultura europeia, de conteúdo livresco e aristocrático. Para as classes populares, a educação, quando existia, voltava-se para a preparação para o trabalho e era quase uma catequese – o objetivo principal era moralizar, controlar e conformar os indivíduos às regras sociais.

Configurou-se assim, desde o início da história da educação brasileira, uma proposta educacional marcada pela diferenciação de atendimento para ricos e pobres.

Nos primeiros anos da República, as poucas escolas primárias existentes – criadas ainda no período do Império – atendiam cerca de 250 mil alunos, em um país com cerca de 14 milhões de habitantes, dos quais 85% eram analfabetos. Até o final do século XIX, o abismo entre os setores da sociedade brasileira no que se refere à educação manteve-se praticamente inalterado: enquanto os filhos dos fazendeiros eram enviados à Europa para aprofundar seus estudos, formando a elite política e intelectual do país, a imensa maioria da população era analfabeta. Durante todo o período imperial e ainda no início da República, a escolarização doméstica de iniciativa privada, às vezes organizada em grupos de parentes ou vizinhos em áreas rurais, atendia um número considerável de alunos, ultrapassando inclusive a rede de escolas públicas existente.

Foi especialmente a partir da proclamação da República em 1889 que a escolarização ganhou impulso em direção à forma escolar que conhecemos atualmente. Pode-se mesmo afirmar que a escola se transforma numa instituição fundamental para a sociedade brasileira há pouco mais de 100 anos, e nesse sentido, ela pode ser considerada uma instituição republicana. No ideário republicano a educação escolar se associava à crença na civilização e no progresso. A importância crescente da escola primária teve como contraponto a desqualificação das famílias para a tarefa de oferecer a instrução elementar, progressivamente delegada à instituição escolar, cujos profissionais estariam tecnicamente habilitados para isso. Apesar da importância conferida à educação pela República, não se verificou uma substancial melhoria da situação de ensino: o recenseamento de 1906 apresentou uma média nacional de analfabetismo de 74,6%.

Com a criação das escolas públicas pelo novo regime, começa-se a questionar a capacidade da família para educar os filhos. É neste quadro de contraposição da educação moderna à educação doméstica que se consolidam as primeiras ideias – que resistem ao tempo, mesmo fora de contexto –, de que as famílias não estavam mais qualificadas para as tarefas do ensino. Além de terem de mandar os filhos à escola, os familiares precisavam também ser educados sobre os novos modos de ensinar. O Estado passa a ter um maior poder diante da família, regulando hábitos e comportamentos ligados à higiene, saúde e educação.

A construção dos grupos escolares durante o período da Primeira República (1889-1930) colocava em circulação o modelo das escolas seriadas. O novo sistema educacional permitia aos republicanos romper com o passado monárquico e projetar um futuro. A arquitetura com dimensões grandiosas, a racionalização e a higienização dos espaços faziam com que o prédio escolar se destacasse em relação às outras edificações que o cercavam. O objetivo era incutir nos alunos o apreço à educação racional e científica, valorizando uma simbologia estética, cultural e ideológica construída pela República. A cultura elaborada tendo como eixo articulador os grupos escolares atravessaram o século XX, constituindo-se em referência para a organização seriada das classes, para a utilização racionalizada do tempo e dos espaços e para o controle sistemático do trabalho docente.

A disciplina e a moral da Era Vargas

No fim da Primeira República e início do governo de Getúlio Vargas, consolida-se a dimensão reformista da escola, sobretudo no que se refere às camadas mais pobres. Nessa cruzada pelos bons costumes, com destaque para higiene e alimentação, a mulher é identificada como a grande responsável por garantir a boa ordem no lar e precisa ser reeducada para conhecer e compreender as necessidades infantis. Dá-se especial importância à estratégia de utilizar o próprio aluno como intermediário entre a escola e a família, influenciando a educação dos adultos, expediente até então muito utilizado pela Igreja Católica.

Nesse contexto, a família inicialmente perde sua função de educadora em favor da sociedade política, mas, em seguida, é chamada de volta ao terreno da educação para auxiliar o Estado educador. Enquanto a escola continua a comandar o processo, os pais e responsáveis passam a ocupar uma posição de auxiliar... Com seu status de serviço de interesse público, a educação passa a ser exercida por profissionais com saberes, poderes, técnicas e métodos próprios. Essa demarcação separa familiares e profissionais da educação, distinguindo leigos e doutos na promoção da aprendizagem escolar. A escola afirmava-se como instituição especializada na socialização das crianças, sobrepondo-se à família, às igrejas ou a quaisquer outras iniciativas de organização social.

As famílias, também atingidas pela complexidade que tomou conta do mundo e da escola, também se reorganizam. Não surpreende então que família e escola, obrigadas a conviver e partilhar desigualmente a responsabilidade pela educação das novas gerações, às vezes conduzam o trabalho de forma substancialmente diferente e até mesmo conflitante.

Uma experiência dos pioneiros da escola nova

Em 1921, em plena República Velha, uma professora chamada Armanda Álvaro Alberto fundou a Escola Proletária de Meriti, localizada em Duque de Caxias, onde criou o Círculo de Mães – uma experiência institucional inédita na busca de aproximação entre a escola e a família. A escola, que foi a primeira também a fornecer almoço para os alunos, dispunha de uma biblioteca e um museu. Esses espaços eram desconhecidos numa época em que os alunos só aprendiam o que estava nos livros e nem se falava em pesquisa escolar.

A professora Armanda Álvaro Alberto fazia parte do Movimento dos Pioneiros da Escola Nova, que surgiu na década de 1920 e teria forte presença e influência no cenário educacional das décadas seguintes. Os escolanovistas lutavam pela garantia de educação como direito básico e trabalharam pela modernização não apenas dos espaços escolares, mas também das práticas pedagógicas. Neste período, muitos desses educadores realizaram reformas educacionais nos estados, como a de Lourenço Filho, no Ceará, em 1923, a de Francisco Campos e Mario Casassanta, em Minas Gerais em 1927, a de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (atual Rio de Janeiro) em 1928 e a de Carneiro Leão, em Pernambuco, em 1928 e a do próprio Anísio Teixeira na Bahia em 1925.

Já sob o governo Vargas, em 1932, os Pioneiros da Escola Nova divulgaram o Manifesto "A Reconstrução Educacional no Brasil – Ao Povo e ao Governo". Armanda foi uma das três mulheres signatárias do documento – que retratava o inconformismo com a educação no país e defendia a montagem de um sistema de educação pública, laica, gratuita e obrigatória para todos. O Manifesto, marco inaugural do projeto de renovação educacional, consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que via a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira a partir da educação.

Entre as várias propostas, trataram da função social da escola, reconhecendo a importância da família como agente de educação vale destacar: "A educação não se faz somente pela escola, cuja ação é favorecida ou contrariada, ampliada ou reduzida pelo jogo de forças que concorrem ao movimento das sociedades modernas. Numerosas e variadíssimas são as influências que formam o homem através da existência. Há a herança que é a escola da espécie, a família que é a escola de pais, o ambiente social que é a escola da comunidade".

À medida que o regime de Vargas se fechava e caminhava para a ditadura, a educação voltava-se cada vez mais para o culto da nacionalidade, da disciplina e da moral. As concepções, os formatos e as práticas da Era Vargas moldaram o ensino brasileiro por várias décadas. Estabeleceu-se no Estado Novo a associação entre educação e segurança nacional, sendo a educação utilizada como instrumento de controle, dentro de um projeto de mobilização vigiada, para a implantação dos conceitos fundamentais de disciplina, hierarquia, solidariedade e cooperação, vistos como garantia de segurança da nação.

A campanha pela escola pública

Após a queda do Estado Novo, a Constituição de 1946 concedeu grande autonomia aos estados e restabeleceu o ensino primário obrigatório e gratuito, mantido por um percentual da receita dos impostos dos estados e municípios. Os governos municipais e estaduais responderam à crescente demanda educacional da população em acelerado processo de urbanização (na década de 1950 a população urbana já representava 35% do total no Brasil), expandindo a rede de escolas, ao mesmo tempo em que o ensino particular também se ampliava. Em 1948, o Ministério da Educação e Cultura passa a ter atuação independente do Ministério da Saúde e lança-se o primeiro Plano Nacional de Educação, propondo um modelo único de educação para todo o país. Ainda assim, em fins dos anos 1950, metade da população do país ainda era analfabeta e apenas 50% das crianças na faixa de 7 a 14 anos frequentavam a escola primária (séries iniciais do atual ensino fundamental). Nessa época, diversos grupos organizados da sociedade se articulam em torno da Campanha de Defesa da Escola Pública, liderada por educadores aos quais se juntam profissionais liberais, estudantes, intelectuais e líderes sindicais. Frente à participação tímida e ineficiente do Estado para atender a demanda por matrículas pressionada pela industrialização e urbanização do país, a expansão do ensino privado garantiu o aumento quantitativo na escolarização.

O Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) quase não contemplou os investimentos sociais em educação. Em 1961 foi aprovada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação. A lei tratava dos fundos nacionais e da aplicação e distribuição de recursos financeiros destinados à educação. No início dos anos 1960, foram definidos um novo Plano Nacional de Educação e o Programa Nacional de Alfabetização, inspirado no Método Paulo Freire de alfabetização de adultos. Este programa, percebido como um ato político por privilegiar a educação popular, viria a ser extinto logo após o golpe militar.

A ditadura militar e a desvalorização da profissão docente

O índice de analfabetismo no Brasil era de 32,05% no final da década de 1960. Durante a ditadura militar, o repasse às escolas privadas de recursos do salário-educação como "amparo técnico e financeiro" contribuiu para a expansão da rede privada de ensino, em um ambiente de confiança na eficácia da competição empresarial como instrumento de ampliação da oferta educacional reclamada pela sociedade.

A Constituição de 1967 classificou a educação como dever do Estado e ampliou a obrigatoriedade do ensino de quatro para oito anos, porém suprimiu o preceito que obrigava a destinação de um percentual de recursos públicos para a educação. Sem financiamento contínuo e garantido, as instalações e condições físicas das escolas públicas pioram e a qualidade do ensino também cai. Ainda assim observa-se a gradativa expansão da rede pública de ensino, que prioriza a construção de novas unidades escolares,

mesmo à custa da precarização da manutenção e da garantia de condições dignas de trabalho para os profissionais da educação. As longas jornadas, os baixos salários e uma mudança no perfil da clientela contribuíram para que a carreira de professor primário (séries iniciais do ensino fundamental) perdesse o encanto e parte do reconhecimento social. Observou-se o progressivo declínio da dignidade e do valor da profissão docente, particularmente na educação básica.

A necessidade de formação da força de trabalho que pudesse subsidiar o crescimento econômico dos anos 1970 favoreceu a construção de inúmeros estabelecimentos de ensino, e a escola chegou a partes significativas da classe trabalhadora, que até então quase não se escolarizava. A rede pública de ensino passa a atender crianças provenientes de famílias com muito pouca ou nenhuma escolaridade. Para lidar com as diferenças sociais e culturais da nova clientela, surge a proposta da "educação compensatória", que se dispunha a aplainar as deficiências advindas das condições sociais dos filhos de famílias pobres.

Nas décadas de 1970 e 1980 os setores urbanos, cada vez mais numerosos, continuaram a pressionar pela ampliação da oferta de escolarização básica, demanda que seguia sendo muito superior à capacidade e à vontade política do poder público de atendê-la. Nesse contexto, cresce o movimento das famílias de classe média de enviar suas crianças para escolas particulares, iniciando-se uma forte associação entre escola pública e ensino para pobres.

Mesmo com a expansão das matrículas no sistema educacional desde as décadas de 1960 e 70, o Censo Demográfico de 1980 dava conta que, de uma população em idade escolar de 23 milhões, cerca de um terço não frequentava a escola. Na área rural, onde a população em idade escolar era na época de cerca de nove milhões, menos da metade frequentava a escola. Também em 1980, o índice de analfabetismo no Brasil era de 25,5%.

Criada como instituição especializada, dotada das competências específicas, a escola assumiu a função de promover o ensino. Família e escola compartilharam, ao longo do século XX, a responsabilidade por criar condições para que o aluno pudesse aprender.

A partir dos anos 1950, crescem a importância que as famílias atribuem à educação e a aproximação entre escola e família. Esse processo, entretanto, esteve sujeito a idas e vindas: durante os períodos autoritários, por exemplo, a escola pública brasileira esteve menos permeável ao diálogo com as famílias e as comunidades.

Por outro lado, as várias mudanças políticas, econômicas e culturais ocorridas, sobretudo na segunda metade do século XX, tiveram forte impacto sobre o papel da mulher e sobre a configuração das famílias, que se tornaram menos numerosas e menos sujeitas ao controle patriarcal.

Assim as famílias contemporâneas assumem novos formatos com mães responsáveis pelo sustento dos filhos, pais solteiros, madrastas e padrastos de segundos casamentos, união entre pessoas do mesmo sexo com direito a adoção de filhos etc. A organização das famílias passa a incluir novos arranjos que refletem mudanças socioculturais.

Dessa forma, não tem sentido fazer referência a essas diferentes configurações como "famílias desestruturadas", uma vez que na verdade elas configuram novas estruturas e não a falta de estrutura. Isso não significa dizer que não existam famílias negligentes ou omissas, nem implica em negar a situação de vulnerabilidade de muitas – mas é preciso discernir entre o que realmente traz problemas para as crianças e o que é apenas sinal de novos tempos. Vale lembrar que estas transformações e rearranjos familiares se encontram atualmente presentes em todos os grupos sociais e nem todas as crianças oriundas destas novas estruturas familiares vivenciam problemas escolares ou sociais.

Nas últimas décadas do século XX, a revolução tecnológica, a globalização, a comunicação e a computação criam novos costumes e demandas. Nesse período, especialmente nos grandes centros urbanos do Brasil, os altos índices de violência e de conflitos sociais impactam a vida das famílias e a rotina das escolas públicas. Ao mesmo tempo, a consolidação da democracia e a busca conjunta pela qualidade do ensino parecem abrir espaço para o maior entendimento e colaboração entre escola e família.

Estudos sociológicos recentes iluminam de modo mais específico essa relação, buscando, entre outros objetivos, identificar os efeitos do envolvimento dos responsáveis na escolaridade dos filhos. Os estudiosos do tema atestam que hoje a escola e a família intensificaram como nunca suas relações. A presença e a participação dos responsáveis nas atividades escolares são cotidianas e acontecem além das instâncias formais. A relação entre responsáveis e profissionais da educação é cada vez mais individualizada, em favor não apenas do desenvolvimento intelectual da criança, mas de seu bem-estar emocional.

A democracia e a busca da qualidade

Com a redemocratização do país na década de 1980 e a convocação da Assembleia Nacional Constituinte, os direitos sociais da população são evidenciados. A Carta de 1988, que pela primeira vez incorporou ao sistema de ensino a educação infantil e retomou o direito à educação para todos, inclusive os adultos, definiu a educação como direito social (artigo 6º) "fundante" da cidadania e instituiu o ensino fundamental gratuito e obrigatório universal (para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos de qualquer idade) como direito público subjetivo (artigo 208, parágrafos 1º e 2º).

A partir de então, atendendo democraticamente à pressão da sociedade, os governos passaram a dar mais atenção à área da educação, estabelecendo novos planos e estratégias para financiar o sistema educacional – que a partir da nova Constituição volta a ter garantia de percentuais de impostos para seu desenvolvimento e manutenção –, qualificar professores e avaliar os resultados das escolas públicas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996, traz pela primeira vez a dimensão da autonomia das escolas para concepção do projeto político pedagógico, com apoio das Secretarias Municipais de Educação. Até então, as escolas eram um espaço de implementação de políticas e programas e não respondiam pela construção de seus projetos.

Como resultado da obrigatoriedade constitucional e das novas políticas públicas desenvolvidas a partir da redemocratização do país, a taxa de escolarização da população de sete a 14 anos subiu em 2000 para 97%. Dessa forma, o desafio prioritário no ensino fundamental deixa de ser a garantia do acesso à escola. Superada a exclusão pela falta de capacidade de atendimento, visualiza-se a exclusão pelo aprendizado insuficiente.

A escola brasileira continua a reproduzir desigualdades, uma vez que meninos negros e pobres são mais reprovados, abandonam mais os estudos e concluem menos o ensino fundamental. De acordo com o Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos, lançado pela UNESCO em abril de 2008, o Brasil precisará de um grande esforço para cumprir, até 2015, o conjunto de metas do compromisso da Conferência Mundial de Educação em Dacar, Senegal, em 2000. O combate ao analfabetismo, a paridade de gênero – o Brasil tem mais meninas do que meninos na escola –, a educação infantil e a qualidade da educação são metas nas quais o país está mais atrasado.

Atualmente, portanto, a democratização do ensino se traduz pela qualidade do ensino oferecido que viabiliza a permanência com sucesso do estudante na escola e contribui para sua formação cidadã.

V – RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS ESCOLA-FAMÍLIA

MARCOS LEGAIS

Ao longo das últimas décadas, a criança foi sendo deslocada da periferia para o centro da família. Do mesmo modo, ela passou a ser o foco principal do sistema educativo. O deslocamento é fruto de uma longa história de emancipação, na qual as propostas educacionais têm peso importante. Esse movimento alinha-se ao dos direitos humanos e consolida-se na Carta Internacional dos Direitos da Criança, de 1987, que registra o acesso da criança ao estatuto de sujeito de direitos e à dignidade da pessoa. Tais conquistas invertem a concepção de aluno como página em branco, encerrada no projeto inicial da escola de massa e que organizava a hierarquia das posições no sistema escolar. Estas mudanças incidem diretamente nas transformações das relações entre as gerações, tanto de pais e filhos quanto entre professores e alunos. Com relações mais horizontais, o exercício da autoridade na família e na escola como estava configurado até então – adultos mandavam e crianças/adolescentes obedeciam – tende a entrar em crise. Na consolidação dos direitos das crianças, as responsabilidades específicas dos adultos que as cercam vão sendo modificadas e a relação escola-família passa a ser regida por novas normas e leis. No Brasil, em termos legais, os direitos infanto-juvenis estão amparados pela Constituição e desdobrados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 1990, e na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996. Segundo a LDB, os profissionais da educação devem ser os responsáveis pelos processos de aprendizagem, mas não estão sozinhos nesta tarefa. A lei prevê a ação integrada das escolas com as famílias:

Ação integral das escolas com as famílias prevista na LDB

"Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: (...) VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; (...) Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de: (...) VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: (...) II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes".

Como a educação básica é dirigida, em princípio, a alunos de zero a 17 anos, o ECA se aplica às escolas e diz explicitamente:

Capítulo IV
Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer.

"Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV – direito de organização e participação em entidades estudantis;

V – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência. Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. (...)

Art. 55. Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Art. 56. Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I – maus-tratos envolvendo seus alunos;

II – reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;

III – elevados níveis de repetência".

Tanto no ECA quanto na LDB, a efetividade do direito à educação das crianças e dos adolescentes deve contar com a ação integrada dos agentes escolares e pais ou responsáveis. Esse novo ambiente jurídico-institucional inaugura um período sem precedentes de consolidação de direitos sociais e individuais dos alunos e suas famílias. De todos os equipamentos do Estado, a escola é o que tem o mais amplo contato contínuo e frequente com os sujeitos destes direitos, daí sua responsabilidade de atuar junto a outros atores da rede de proteção social. Isso não significa mudar o papel da escola e transformá-la em instituição assistencialista, mas sim dar relevo a seu papel de ator fundamen-

tal – embora não exclusivo – na realização do direito da criança e do adolescente à educação. É comum se ouvir discussões acaloradas entre professores sobre o ECA, principalmente quando ocorre alguma infração envolvendo adolescentes que recebem a proteção indicada pelo Estatuto. De fato, o respeito deve ser exercido em "mão dupla", ou seja, não apenas crianças e adolescentes têm direitos a serem respeitados, mas também seus educadores e demais profissionais. As discussões em torno do tema devem ocorrer a partir de uma compreensão acurada da doutrina da proteção integral, que precisa estar incorporada à formação inicial e continuada de professores, gestores escolares e educacionais. Com o envolvimento consciente desses profissionais, a realização do direito à educação da criança e do adolescente certamente será mais facilmente alcançada. Outra questão é que, para a efetivação do Estatuto, novos atores, como o Conselho Tutelar – órgão permanente e autônomo, não jurisdicional – e o Ministério Público, passam a ser interlocutores dos agentes educacionais e das famílias. Essas mediações afetam o equilíbrio das relações de poder dentro das escolas, das famílias e entre escolas e famílias. Conflitos antes tratados na esfera privada ganham os holofotes e os rigores da esfera pública. Atualizando os marcos existentes, o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), formalizado pelo Decreto nº 6.094, de 24/4/2007, reforça a importância da participação das famílias e da comunidade na busca da melhoria da qualidade da educação básica. O Plano de Metas estabelece as seguintes diretrizes para gestores e profissionais da Educação:

Diretrizes do Plano de Metas

"XIX – divulgar na escola e na comunidade os dados relativos à área da educação, com ênfase no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb, referido no art. 3º;

XX – acompanhar e avaliar, com participação da comunidade e do Conselho de Educação, as políticas públicas na área de educação e garantir condições, sobretudo institucionais, de continuidade das ações efetivas, preservando a memória daquelas realizadas;

XXI – zelar pela transparência da gestão pública na área da educação, garantindo o funcionamento efetivo, autônomo e articulado dos conselhos de controle social; (...)

XXIV – integrar os programas da área da educação com os de outras áreas como saúde, esporte, assistência social, cultura, dentre outras, com vista ao fortalecimento da identidade do educando com sua escola;

XXV – fomentar e apoiar os conselhos escolares, envolvendo as famílias dos educandos, com as atribuições, dentre outras, de zelar pela manutenção da escola e pelo monitoramento das ações e consecução das metas do compromisso;

XXVI – transformar a escola num espaço comunitário e manter ou recuperar aqueles espaços e equipamentos públicos da cidade que possam ser utilizados pela comunidade escolar".

NOVAS FRONTEIRAS ESCOLA-FAMÍLIA

No movimento histórico apresentado anteriormente, vimos que houve transferência de parte das funções educativas da esfera familiar para a estatal. Nesse deslocamento, ao mesmo tempo em que o saber familiar, sobretudo das famílias pobres, foi desqualificado, ocorreu a profissionalização das funções educativas, reorganizando a interseção de funções e responsabilidades entre as famílias e as escolas. É importante ressaltar que ainda hoje mães, pais e os demais agentes escolares se encontram em condições bastante distintas dentro do processo educativo. Como instituição do Estado encarregada legalmente de conduzir a educação formal, a escola, por meio de seus profissionais, tem a prerrogativa de distribuir os diplomas que certificam o domínio de conteúdos considerados socialmente relevantes. Esses certificados são pré-requisitos para estudos futuros e credenciais importantes no acesso das pessoas às diferentes posições de trabalho na sociedade. Essas duas instituições, que deveriam manter um espaço de interseção por estarem incumbidas da formação de um mesmo sujeito, podem, dependendo das circunstâncias, se distanciar até chegar a uma cisão. Normalmente, quando o aluno aprende, tira boas notas e se comporta adequadamente, mães, pais e professores se sentem como agentes complementares, corresponsáveis pelo sucesso.

Todos compartilham os louros daquela vitória. Mas, quando os alunos ficam indisciplinados ou têm baixo rendimento escolar, começam as disputas em torno da divisão de responsabilidades pelo insucesso. O insucesso escolar deveria suscitar a análise de causas dos problemas que interferiram na aprendizagem, avaliando o peso das condições escolares, familiares e individuais do aluno. O que se constata é que, em vez disso, o comportamento mais comum diante do fracasso escolar é a atribuição de culpas, que geralmente provoca o afastamento mútuo. Para ilustrar essa questão, colocamos lado a lado duas falas recorrentes nas entrevistas realizadas para este estudo: – Dos professores, ouvíamos: "os pais dos alunos que mais precisam de ajuda são sempre os mais difíceis de trazer até a escola". – Dos pais desses alunos que mais precisam, ouvíamos: "nós, que mais precisamos de ajuda, somos os mais cobrados pelas escolas". E uns não escutam os outros. Neste jogo de busca de culpados, a assimetria de poder entre profissionais da educação e familiares costuma pesar a favor dos educadores, principalmente quando temos, de um lado, os detentores de um saber técnico e, de outro, sujeitos de uma cultura iletrada. Novamente, se essas diferenças são convertidas em desigualdade, a distância entre alguns tipos de famílias e as escolas que seus filhos frequentam se amplia. Podemos dizer que usar a assimetria de poder para transferir da escola para o aluno e sua família o peso do fracasso transforma pais, mães, professores, diretores e alunos em antagonistas, afastando estes últimos da garantia de seus direitos educacionais. É uma armadilha completa. Mas seria possível, ou desejável, anular a assimetria entre os familiares dos alunos e os profissionais da educação? Entendemos que por trás da assimetria há diferenças reais. Os educadores escolares são profissionais especializados

que têm autorização formal para ensinar e, conforme já mencionado, para emitir certificações escolares. Eles formam um coletivo com interesses profissionais e institucionais a zelar, enquanto os familiares, geralmente pouco organizados, são movidos por interesses individuais centrados na defesa do próprio filho.

Mais recentemente, além de representantes dos filhos, os familiares têm sido estimulados – inclusive pela legislação educacional – a interagir com os profissionais da educação também como cidadãos que compõem a esfera pública da instituição escolar. A participação em conselhos escolares (ou associações de pais e mestres), em conselhos do Fundeb, conselhos de merenda etc. é parte desta tarefa de representação da sociedade civil e de controle social. Essa dupla função – representante do filho e representante da comunidade – torna mais complexa a delimitação dos lugares reservados aos pais e mães na escola, mas abre possibilidades importantes de exercício democrático de participação que podem beneficiar todos.

Quando falamos em interação, pensamos em atores distintos que têm algum grau de reciprocidade e de abertura para o diálogo. Nessa perspectiva, é importante identificar e negociar, em cada contexto, os papéis que vão ser desempenhados e as responsabilidades específicas entre escolas e famílias. Por exemplo, considera-se que o ensino é uma atribuição prioritariamente da escola. Esta, porém, divide essa responsabilidade com as famílias, quando prescreve tarefas para casa e espera que os pais as acompanhem. Em um contexto de pais pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, essa divisão pode mostrar-se ineficaz. Por isso, da mesma forma como procura diagnosticar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades individuais, a escola deve identificar as condições de cada família, para então negociar, de acordo com seus limites e possibilidades, a melhor forma de ação conjunta. Assim como não é produtivo exigir que um aluno com dificuldades de aprendizagem cumpra o mesmo plano de trabalho escolar dos que não têm dificuldades, não se deve exigir das famílias mais vulneráveis aquilo que elas não têm para dar.

VI – TIPOS IDENTIFICADOS DE RELAÇÃO DAS ESCOLAS COM AS FAMÍLIAS

O levantamento realizado para este estudo revelou ser pequeno o número de iniciativas (projetos, programas ou políticas) em curso no Brasil desenhadas especificamente para estimular a relação escola-família. Constatamos também que várias experiências, localizadas via internet, haviam sido interrompidas com pouco tempo de duração. Isso pode indicar tanto que tais experiências foram projetadas como eventos pontuais – dia da família na escola, ação comunitária, festividades –, quanto a dificuldade de conceber e implementar uma proposta mais consistente. Estes fatos contrastam com o discurso difundido por pesquisadores, educadores, gestores educacionais e legisladores sobre a importância de se trabalhar em conjunto com a família dos alunos. Como ler esta distância entre o suposto consenso sobre a relevância de aproximação das escolas com as famílias e a dificuldade de se conceber e implementar programas ou políticas nessa direção? Parte da explicação parece estar na conjunção da complexidade do tema e das inúmeras dificuldades que as escolas públicas brasileiras enfrentam para acolher o universo das crianças em idade de escolarização obrigatória.

As pesquisas mostram também que esta interação nem sempre é cordial e solidária. Ela pode ser uma relação armadilhada, onde nem tudo o que reluz é ouro ou um diálogo (im)possível, como descrevem alguns teóricos mais influentes sobre a questão. Um agravante da dificuldade do empreendimento pode ser, justamente, a falta de referências concretas de experiências municipais e escolares que obtiveram resultados comprovados de uma interação que resultasse em melhoria na qualidade educacional. O presente estudo pretende avançar, mesmo que de forma exploratória, na remoção deste último obstáculo. Com base nas informações coletadas, fizemos uma leitura transversal que aglutinou as experiências em quatro tipos de intencionalidade.

TIPOS DE PROPOSTA DE INTERAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

Foco	Objetivos	Estratégias	Resultados
Educar as famílias	Estabelecer espaço permanente de reflexão e construção sobre a importância da escola e da família na vida dos alunos. Conscientizar os responsáveis sobre seus papéis na educação dos filhos. Apresentar a proposta da escola.	Convite às famílias para assistirem a reuniões, palestras e festas na escola. Organização de encontros temáticos para ensinar às famílias como lidar com seus filhos.	Familiares frequentando a escola com mais assiduidade. Aumento da informação dos responsáveis em relação a diversos assuntos que tocam a vida familiar. Maior informação sobre a proposta e as regras da escola.

Foco	Objetivos	Estratégias	Resultados
Abrir a escola para participação familiar	Fortalecer as condições para que as famílias participem da gestão da escola. Construir relação de colaboração das famílias no ambiente escolar, por meio do envolvimento voluntário dos responsáveis, em atividades da escola.	Valorização da atuação dos representantes dos familiares nos conselhos escolares e outras instâncias deliberativas da escola. Envolvimento dos responsáveis em atividades para arrecadar recursos a serem aplicados na escola. Autorização de uso do espaço escolar para atividades de interesse da comunidade.	Maior participação (quantidade e qualidade) dos responsáveis nas decisões pedagógicas da escola. Maior participação dos familiares e comunidade nos projetos da escola. Maior entrosamento entre pais e professores com consequente fortalecimento da comunidade escolar.
Interagir com a família para melhorar os indicadores educacionais	Reduzir as taxas de abandono e repetência dos alunos. Reduzir os episódios de indisciplina dos alunos. Conscientizar os familiares da importância de seu envolvimento para o sucesso escolar do aluno.	Reuniões envolvendo pais, professores e gestores educacionais focadas na aprendizagem dos alunos. Discussão sobre os direitos e deveres dos responsáveis em relação à escolaridade dos filhos. Busca conhecer melhor a organização e condição das famílias – questionários e visitas domiciliares. Articulação com conselho tutelar para cuidar de casos de infrequência e evasão.	Maior clareza sobre os papéis familiares e escolares no apoio à vida escolar do aluno. Maior credibilidade do trabalho da escola pela comunidade escolar e de entorno. Melhora do índice de frequência e participação dos alunos na escola. Organização de serviços de apoio escolar aos alunos.
Incluir o aluno e seu contexto	Garantir aos alunos o direito a educação de qualidade e a salvo de toda forma de negligência e de discriminação. Promover ensino de qualidade, envolvendo a família no processo educativo.	Participação da rede de proteção social para ajudar no encaminhamento de problemas familiares dos alunos. Educadores são preparados para conhecer melhor as condições de vida de seus alunos por meio de uma aproximação da família (visita, questionário, entrevistas etc.). As práticas pedagógicas e de gestão escolar são revistas em reuniões periódicas que incluem o conhecimento adquirido sobre o contexto dos alunos.	Alunos, independente da condição familiar, com melhores condições de aprendizagem e proteção social. Políticas sociais mais coordenadas. Identificação de políticas necessárias e ainda inexistentes naquele território. Práticas pedagógicas e de gestão enriquecidas.

Toda tipologia deve ser tomada como uma das possíveis interpretações dos dados e tem efeito simplificador que redunda em perdas. Perdem-se a riqueza dos contextos, as nuances de situações muito distintas e os detalhes de cada experiência concreta. Na realidade, uma mesma experiência pode ter simultaneamente objetivos, estratégias e resultados de diferentes tipos, de forma que eles não são mutuamente excludentes. Nossa expectativa com esta classificação é ajudar os gestores e educadores a reconhecer em que medida já realizam atividades de interação escola-família e refletirem como podem ampliá-las, redirecioná-las ou iniciar novos cursos de ação segundo as necessidades diagnosticadas.

Educar as famílias

Praticamente todas as escolas e redes de ensino fazem reuniões de pais e promovem debates sobre as mudanças sociais que afetam as crianças, jovens e consequentemente escolas e famílias. Nessas ocasiões apresentam seus projetos pedagógicos, falam de seus planos e convidam palestrantes para esclarecer sobre o perigo do envolvimento com drogas, o risco de uma gravidez precoce, a dificuldade de impor limites e manter a autoridade do adulto etc. Às vezes, as reuniões são organizadas de forma mais lúdica, com técnicas de dinâmica de grupo para que as pessoas se sintam mais acolhidas. Mas, na medida em que a escola defende seu lugar de protagonista e abre poucos canais de escuta sobre o que os pais têm a dizer, esse acolhimento fica num nível muito superficial.

Não estamos negando a importância desse tipo de atividade, mas é importante também analisar alguns de seus limites. A ideia de educar as famílias costuma ter por base a suposição de que elas são omissas em relação à criação de seus filhos. Essa "omissão parental" que alguns autores nomeiam como um mito, aparece reiteradamente no discurso dos educadores como uma das principais causas dos problemas escolares. Esse tipo de explicação incorre numa inversão perigosa de responsabilidades: uma coisa é valorizar a participação dos pais na vida escolar dos filhos; outra é apontar como principal problema da educação escolar a falta de participação das famílias.

Abrir a escola para a participação familiar

Essa é uma das formas de aproximação mais difundidas hoje no meio escolar. É onde se inscrevem políticas federais como o Escola Aberta, o Mais Educação e também as ações que visam cumprir as diretrizes de gestão democrática da escola. O espaço da escola é visto como equipamento público a serviço da comunidade cuja utilização deve ser ampliada com a realização de atividades comunitárias, como oficinas para geração de renda e trabalho. Os responsáveis pelos alunos são tratados como parte da comunidade escolar representando seus pares em conselhos escolares, associações de pais, e até participando escola família como voluntários em ações cotidianas da escola, inclusive em alguns casos como auxiliares das professoras em salas de aula.

Os eventos abertos ao público costumam ser planejados conjuntamente por representantes de pais e equipe escolar. No entanto, a ação propriamente pedagógica continua sendo uma questão de especialistas e um pedaço da conversa onde não cabe bem a opinião familiar. Embora o diálogo neste tipo de interação seja mais fecundo do que no tipo descrito anteriormente, os estudos que focam especificamente a participação dos pais na escola revelam que as oportunidades e espaços destinados a esta participação costumam privilegiar um tipo de família, que geralmente já se encontra mais próxima da cultura escolar, em detrimento de outros20. Em outras palavras: são sempre os mesmos e poucos pais e mães que participam da gestão escolar. Nesse sentido a ideia de representação é questionada diante da dificuldade em reunir um número realmente significativo de pais para a tomada de decisões coletivas. Assim, aqueles familiares que assumem os postos de representação tendem a defender visões particulares, muitas vezes a favor dos seus próprios filhos – e não exatamente os interesses de seus pares. Isso pode contribuir para manter afastadas as famílias menos escolarizadas e reforçar as desigualdades sociais dentro da escola, barrando oportunidades de equidade educacional. Sendo assim – e sem deixar de reconhecer que os mecanismos de participação e gestão democrática são conquistas preciosas e relevantes –, a forma como eles são praticados deve ser objeto de atenção cuidadosa por parte das escolas e redes de ensino.

A legitimidade é uma moeda importante na gestão escolar/educacional. Além disso, cabe lembrar que há hoje programas de formação de conselhos municipais de educação, conselhos escolares e outros, que ajudam a qualificar esses processos de decisão coletiva. Interagir para melhorar os indicadores educacionais Uma das principais causas diagnosticadas da fragilidade da interação das famílias com as escolas é que a maioria dos usuários do ensino público não tem a cultura de exigir educação de qualidade para seus filhos. Pesquisas envolvendo pais de alunos de escolas públicas atestam que, para a maior parte destes, o direito à educação continua sendo confundido com vaga na escola, acesso ao transporte, ao uniforme e à merenda escolar. Em resposta a isso, cartilhas orientando sobre os direitos e deveres das famílias e sugerindo formas de envolvimento dos pais e mães na educação dos filhos têm sido largamente divulgadas. Igrejas, empresas e ONGs conclamam seus fiéis, empregados e beneficiados a atuar na busca por uma escola pública mais eficaz. Mais recentemente, com a criação do Ideb, estamos vendo uma série de iniciativas governamentais e não governamentais de mobilização da sociedade civil (familiares incluídos) para monitorar as metas estabelecidas para cada município e escola. Muitas redes de ensino começam a estabelecer incentivos com base nestas medidas.

Cumprindo a determinação legal, neste tipo de interação as informações são compartilhadas com os familiares e as metas estabelecidas para os alunos são colocadas como um horizonte de interesse comum. Profissionais da educação orientam familiares a atuarem complementarmente ao trabalho da escola, valorizando e acompanhando a vida escolar dos filhos. Ajudam também a encontrar alternativas, quando a família não consegue auxiliar nas atividades de apoio escolar. Coloca-se assim o princípio de responsabilização de cada parte para a mesa de negociações e novos atores entram em cena, como o Conselho Tutelar – convocado para ajudar no combate à infrequência e ao abandono escolar, por exemplo. Neste tipo de interação, o foco está posto nos resultados da educação escolar. Mediada por resultados de avaliações escolares, este tipo de interação ajuda a organizar um diálogo mais produtivo. As questões de disciplina são tratadas como um problema comum e não como falha da educação familiar. As funções e metas de ensino ajudam a estabelecer os compromissos a serem assumidos pela escola. A dificuldade que se apresenta é que isso exige dos professores e gestores escolares

segurança para defender seu trabalho educacional e abertura para ouvir críticas em caso de resultados negativos, além da necessária disposição para buscar soluções de forma compartilhada.

No contexto atual, as ações de interação com a família para melhorar os indicadores educacionais tendem a se multiplicar. Incluir o aluno e seu contexto. Este tipo foi identificado em apenas três das experiências realizadas pelas Secretarias – e mesmo assim de forma parcial. Essas experiências, ainda que raras, incorporam de maneira mais completa os princípios propagados neste estudo, apontando para possibilidades de interação escola-família menos difundidas, mas promissoras. Nesse tipo de abordagem, a aproximação das famílias tem como ponto inicial o conhecimento sobre as condições de vida dos alunos e sobre como elas podem interferir nos processos de aprendizagem. Para estabelecer o diálogo, a escola tanto recebe as famílias quanto vai até elas por meio de visitas domiciliares, entrevistas com familiares, enquetes, troca de informações com outros agentes sociais que interagem com as famílias, como os agentes de saúde do Programa Saúde da Família etc. A equipe de gestão escolar atua na preparação dessa aproximação e no planejamento das atividades pedagógicas a partir do que foi apreendido sobre os alunos e seu contexto familiar. A interação com as famílias é universal, isto é, atinge todos os alunos, mas as consequências do programa dão origem a formas diferenciadas de atendimento aos alunos. Por exemplo: os casos de vulnerabilidade e abuso são notificados, encaminhados e acompanhados em conjunto com outros órgãos públicos.

A partir daí, serviços de atendimento educacional aos alunos com menos apoio familiar podem ser organizados e assumidos pelas escolas. Este é um tipo de relação que requer uma disposição de revisão permanente das práticas e posturas da instituição escolar e também a articulação de outros profissionais para compor uma rede de proteção à criança e ao adolescente que seja realmente integral. Reflexões sobre a prática A diversidade de experiências que encontramos reforça o que já dissemos sobre as múltiplas funções e possibilidades que a interação escola-família pode cumprir. Podemos fazer uma aproximação desta tipologia com uma outra, proposta por Jorge Ávila de Lima, que classifica o envolvimento dos pais na escola em três tipos:

1) Mera recepção de informação;

2) Presença dos pais nos órgãos de gestão da escola; e

3) Envolvimento significativo na vida da sala de aula.

É oportuno fazermos aqui uma observação: na construção de uma interação escola-família, importa mais o tipo de relação que a atividade favorece do que a modalidade da atividade em si. Nas duas formas de classificação de atividades citadas anteriormente, percebemos que a interação com as famílias ou participação parental pode ser mais ou menos superficial, dependendo do objetivo estabelecido por cada escola ou rede/sistema de ensino. Há casos em que a comunidade se impõe no espaço escolar, mas, na maioria das situações, o tipo de interação é decidido pelos educadores.

Algumas conquistas formais, como a participação de representantes de pais e mães e mesmo alunos na gestão escolar, muitas vezes não passam de rituais burocráticos travestidos de democracia. Para que um programa de interação cumpra seus objetivos de igualdade de oportunidades entre os alunos, é preciso analisar que participação é essa, em que medida ela é representativa do conjunto das famílias, e que fatores podem inibir a participação mais igualitária dos diversos grupos familiares. Destacamos também que a presença de familiares na escola nem sempre é um bom indicador de uma interação a serviço da aprendizagem dos alunos/filhos.

Uma escola que promove muitos e concorridos eventos pode estar se comportando mais como um centro cultural/social e perdendo de vista o que lhe é específico, isto é, garantir uma educação escolar de qualidade. Assim, é importante fazer uma diferenciação entre participação familiar nos espaços escolares e participação na vida escolar dos filhos – o que também nem sempre depende da presença dos responsáveis no estabelecimento de ensino. Chama a atenção o fato de que em boa parte das experiências identificadas a interação com as famílias não é pensada como uma estratégia de conhecimento da situação familiar para a construção de um diálogo em torno da educação escolar, mas sim como uma intervenção no ambiente familiar para que ele responda de forma mais efetiva às demandas da escola. Essa diferença pode parecer sutil – porém é bastante significativa. Para ilustrá-la, vamos pensar em posturas diferentes diante de uma atividade que está presente em todos os estabelecimentos de ensino: as reuniões de pais na escola. Uma reunião pode ter elementos muito semelhantes, mas, dependendo da sua condução, pode aumentar a distância entre os participantes ou abrir canais de diálogo.

A reunião poder ser marcada no horário de conveniência da escola sem consultar a disponibilidade dos responsáveis, ter como conteúdo mensagens que a escola quer passar aos familiares, independentemente de qualquer tipo de demanda destes, e a dinâmica pode ser os profissionais da educação falarem e os familiares escutarem. Nesses casos, os cuidados com acolhimento e participação são pequenos e podem acontecer situações nas quais os pais se sentem excluídos, como a projeção de textos escritos para uma plateia com muitos analfabetos ou o uso de linguagem técnica que não é compreendida pela audiência. A equipe escolar, ao fim desse tipo de encontro, só sabe o que quis dizer e não o que foi compreendido pelas famílias.

A consequência é continuar trabalhando com suposições sobre as famílias, sem ter avançado no conhecimento sobre elas e muito menos na construção de uma agenda de colaboração mútua. Numa reunião em que há uma preocupação maior com a interação, a equipe da escola organiza informações sobre o desempenho dos alunos (geral e individual) e também orientações sobre como as famílias podem estimular os alunos a se empenharem nas atividades escolares. Esse tipo de interação exige maior clareza dos papéis dos agentes educacionais, que ajudam a delinear para pais e mães os lugares que podem ocupar no apoio/complementação da educação escolar. Como a interação

pretende influenciar positivamente o desempenho dos alunos, toma-se mais cuidado com a linguagem e procura-se criar espaços de manifestação e esclarecimento de dúvidas.

Os horários das reuniões são normalmente marcados após consulta aos familiares, os assuntos são registrados em ata e os compromissos de cada um são estabelecidos e acompanhados tanto pela escola, como pelos responsáveis junto com a avaliação processual dos alunos. Nos casos onde a relação escola-família já está mais desenvolvida, os motivos apresentados pelas famílias para não participar dos encontros das escolas são pesquisados e utilizados para o planejamento das próximas atividades. Em vez de uma série de respostas, os profissionais da escola fazem também perguntas e dialogam com os pais antes de propor ações de responsabilidade conjunta.

Para os pais ausentes, são pensadas estratégias não somente para disseminar as informações da reunião, mas também para apoiá-los, se for o caso, com ações da rede comunitária ou de proteção social disponível. Os familiares podem propor temas para a reunião com a escola. Os agentes escolares se posicionam claramente como responsáveis pelo ensino e negociam com as famílias suas possibilidades de ajudar na escolarização dos filhos. Observa-se, enfim, nesse tipo de reunião, uma efetiva abertura para tomar os pais como sujeitos e parceiros do processo de escolarização, buscando compreender seus pontos de vista e evitando-se exagerar nas expectativas em relação a eles.

Concluindo, queremos dizer que vão existir sempre reuniões e reuniões – poderão ser produtivas ou infrutíferas, dependendo da forma como são construídas. Ao organizar encontros e palestras, a escola precisa ter em seu horizonte algumas questões, como por exemplo: qual lugar é reservado para as famílias? A atividade reforça a assimetria entre quem sabe/quem não sabe, quem é especialista ou formado/quem não é, ou estabelece um espaço efetivo de diálogo em que todos são interlocutores válidos? Nessa segunda perspectiva, educadores escolares e famílias podem ter a chance de se educarem juntos.

O calor não dava trégua, mesmo no final da tarde. Não havia nem ventilador, muito menos ar refrigerado. Mesmo assim cerca de 60 mães/pais/avós de alunos da Escola Municipal Santa Maria de Vassouras se reuniram para ouvir um texto, assistir a um filme e, depois, bater um papo sobre o que ouviram e viram com a diretora e técnicos da Secretaria de Educação. O texto Nó do Afeto dizia que, mesmo com pouco tempo, um pai e uma mãe podem mostrar ao filho que o amam e se interessam por sua vida escolar. O filme Vida Maria mostrava o efeito do trabalho precoce e da falta ou interrupção da escola na vida de crianças de um meio rural.

O legado de uma geração para a outra era só a miséria. A tristeza do filme emudeceu um pouco as mães. Mas uma avó logo soltou a voz: "no meu tempo, era assim mesmo. A gente não ia para a escola porque era longe e porque precisava trabalhar. Ninguém aprendia nada", disse. Perguntada se via mudanças, afirmou: "hoje tem escola em todo o lugar e ajuda para estudar", resumiu. Esta reunião foi uma das várias realizadas em 2008 nas escolas de Teresina, dentro do projeto "Conversando a Gente se Entende". O pessoal das escolas e os familiares têm gostado dessas reuniões: dizem que são diferentes, interessantes e agradáveis. Depois de sensibilizar os pais para o debate, a estratégia do "Conversando a Gente se Entende" tem sido exortar a participação deles na busca de uma educação de qualidade para os filhos.

VII – ELEMENTOS PARA UMA POLÍTICA DE INTERAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

Esta seção aponta alguns elementos para a elaboração de uma política ou programa de interação escola-família, reconhecendo que a base empírica do estudo não nos permite ir muito além disto. Inicialmente retomaremos aspectos mais estratégicos, como a definição de ações (que podem configurar um projeto, um programa, uma política), para, num segundo momento, detalharmos aspectos que ajudem a pensar a operacionalização do programa/política. Reiteramos que este estudo não pretende ser normatizador e sim sinalizar um caminho de reflexões para repensar as práticas estruturantes do fazer pedagógico a partir da interação entre escolas e famílias.

VII. 1 – Pensando estrategicamente a Interação Escola-Família

Os argumentos sobre a importância e necessidade do trabalho integrado entre essas duas instituições são tão numerosos que, muitas vezes, nos esquecemos de fazer algumas perguntas simples, porém fundamentais:

AS ESCOLAS PODEM TRABALHAR SEM AS FAMÍLIAS?

É claro que o trabalho conjugado entre as duas instâncias socializadoras favorece o desenvolvimento integral (incluindo a carreira escolar) das crianças e adolescentes. Mas não podemos esquecer que, sendo o Estado o responsável primário pela educação pública, deve procurar meios para priorizar e garantir esse direito. Ou seja, o sistema de ensino que deposita todas suas expectativas ou a culpa dos resultados escolares de seus alunos exclusivamente na família está de alguma forma renunciando a sua missão. O dever da família quanto à educação escolar obrigatória é matricular e enviar regularmente seus filhos às escolas. O não cumprimento deste dever caracteriza negligência passível de punição legal.

É preciso que as escolas conheçam as famílias dos alunos para mapearem quantas e quais famílias podem apenas cumprir seu dever legal, quantas e quais famílias têm condições para um acompanhamento sistemático da escolarização dos filhos e quantas e quais podem, além de acompanhar os filhos, participar mais ativamente da gestão escolar e mesmo do apoio a outras crianças e famílias. É nesse sentido que a interação com famílias para conhecimento mútuo destaca-se como uma estratégia importante de planejamento escolar e educacional.

O levantamento sistemático de informações objetivas sobre os recursos e as atitudes das famílias frente à escolarização dos filhos deve substituir ações baseadas em

suposições genéricas do que, em tese, toda família deveria fazer para o bom desenvolvimento dos filhos. De novo, temos que passar da "família esperada" à "família real" para traçar estratégias mais eficazes visando o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos. Uma política ou programa de interação escola-família é uma forma de estabelecer uma racionalidade produtiva para essa delicada relação, de modo a tirá-la tanto do lugar de bode expiatório – situação na qual a ausência das famílias é, reiteramos, motivo alegado para os maus resultados da rede de escolas –, quanto do otimismo ingênuo – segundo o qual basta haver vínculos amistosos entre professores, gestores, mães, avós e demais parentes para se julgar que há complementaridade entre os dois universos de referência das crianças.

UMA POLÍTICA PARA QUÊ?

Guiada pelos princípios já expostos, a política de interação deve estar alinhada com objetivos gerais, tais como:

• Garantir aos alunos o direito a educação de qualidade e a salvo de toda forma de negligência e discriminação;

• Promover ensino de qualidade, compreendendo e incluindo o contexto familiar e social do aluno no processo educativo;

• Conhecer as situações das famílias dos alunos, buscando envolvê-las, na medida de suas possibilidades, na educação escolar dos filhos. O que a interação com as famílias tem a ver com a qualidade de ensino-aprendizagem? Recuperando a ideia de que a relação escola-família começa pelo tratamento que é dado aos alunos em sala de aula, vemos que as iniciativas de interação podem ter conexão direta com as práticas pedagógicas propriamente ditas.

Independentemente da estratégia de aproximação das escolas dos contextos familiares dos alunos, é importante que ela seja pensada para incidir diretamente no conhecimento que a escola tem sobre as condições de apoio educacional que cada aluno tem na dinâmica do seu grupo familiar. Ao conhecer as condições reais das famílias – simbólicas e materiais –, as escolas conseguem delimitar melhor o seu espaço de responsabilidade específica e planejar de forma mais concreta os apoios necessários para o grupo de alunos cujas famílias não têm condições (mesmo que temporariamente) de se envolver na escolaridade dos filhos. Além disso, quando os alunos percebem que seus professores os conhecem, sabem com quem moram, em que situação vivem, sentem-se mais seguros para expressar seus medos e dúvidas na sala de aula. Esse conhecimento pode vir por meio de visita domiciliar, realizada pelo próprio professor ou outro agente educacional, por informações organizadas via questionário, pela presença de pais nos espaços escolares e mesmo por atividades realizadas diretamente com os alunos.

Muitos professores ouvidos nesse estudo afirmam que, ao verem com mais nitidez a realidade de alunos, modificavam sua interpretação sobre seu comportamento em sala de aula, deixando de lado a expectativa de aluno ideal e abraçando o aluno real. Vários exemplos apareceram nos municípios visitados. Em um deles, uma professora relatou que tinha dificuldades para lidar com um aluno que atrapalhava o ritmo dos colegas: ficava sempre brincando, circulando pela sala, e não se concentrava nos seus afazeres. Quando conversou com sua mãe, se deu conta de que ele tinha uma série de atribuições domésticas e era responsável, na ausência dos adultos, pelos irmãos mais novos. Assim, o único espaço que ele tinha para relaxar e ser criança era a escola.

Numa outra história, a professora de educação física contou que não conseguia envolver vários de seus alunos nas atividades de dança. Ela argumentava com a turma o quanto soltar o corpo era bom e prazeroso e tinha como resposta os olhares desconfiados de boa parte da turma. Quando se aproximou das famílias, percebeu que a orientação religiosa da maioria das mães e pais pregava que a dança era um ato pecaminoso. Assim, a professora percebeu que, ao insistir na atividade, gerava um sério conflito moral em seus alunos. Os exemplos acima sinalizam que uma compreensão mais apurada das condições de vida e da cultura dos alunos pode gerar mudanças produtivas no planejamento pedagógico e na relação professor-aluno. Este ponto merece especial atenção, pois, desde o fim dos anos 1960, pesquisas já constatavam que as expectativas dos docentes funcionam como uma profecia autorrealizadora para seus alunos.

A profecia autorrealizadora, também conhecida como efeito pigmaleão, foi fundamentada por Rosenthal e Jacobson (1968). O estudo mostrou que os professores tendem a tratar os alunos conforme expectativas prévias que terminam por influenciar o desempenho efetivo dos estudantes. Por exemplo, um professor classifica um aluno como desatento e passa então a agir em relação a este aluno sempre segundo este pensamento. Com o tempo, o aluno acaba se convencendo de que é mesmo desatento, intensificando comportamentos nesse sentido. Se a percepção de um professor sobre cada um de seus alunos é decisiva para a promoção de uma boa relação escola-aluno, um diagnóstico baseado em suposições e não em evidências sobre os fatores que estão interferindo nos problemas de aprendizagem pode gerar intervenções pedagógicas pouco eficazes e com resultados possivelmente desastrosos.

Além disso, os julgamentos escolares costumam influenciar a expectativa das famílias – o que, por sua vez, impacta consideravelmente as chances de uma criança, adolescente ou jovem ter sucesso como aluno. O círculo vicioso se quebra quando "a escola abraça até o mau aluno", como disse uma coordenadora pedagógica entrevistada. A interação com as famílias nos moldes como estamos concebendo aqui é recente na história da educação brasileira, por isso ela requer mudanças de mentalidade de todos os envolvidos. Segundo várias pesquisas, as escolas frequentemente representam as famílias como uma extensão de si mesmas, sem perceber as diferenças de lógica de um espaço a outro. Esse traço, de colocar a lógica da instituição escolar no centro do diálogo, é chamado escolacentrismo e costuma impedir que os agentes escolares escutem e compreendam o ponto de vista das famílias.

O estudo Participación de las familias en la educación infantil latino-americana destaca alguns fatores que costumam inibir uma boa interação com algumas famílias. Todos esses fatores podem, de alguma forma, ser relacionados com a ideia de "escolacentrismo":

• Os professores sentem-se incomodados quando os pais opinam na área que julgam de sua competência exclusiva. Não veem importância ou não acreditam que as famílias possam participar dessa relação de contornos mais pedagógicos.

• Educadores culpam a família pelas dificuldades apresentadas pelos alunos e alunas. É comum ouvir: a mãe não se preocupa, abandona o filho, não estabelece limites em casa.

• Professores criticam os pais (principalmente as mães) por não ajudarem no dever e nos pedidos da escola, ignorando as mudanças do papel da mulher na sociedade. Assim, o aluno que se apresenta sem o apoio do adulto é desprestigiado em sala de aula e tende a piorar seu rendimento.

• Gestores e docentes desqualificam aspectos da cultura familiar sem sequer conhecer o sentido das práticas, o espaço e a rotina familiar.

• A escola persiste com atividades dirigidas a modelos de famílias tradicionais, apesar das mudanças na sociedade.

• A escola mantém a mesma rotina de reuniões, oficinas, palestras e atividades, sem consultar os pais sobre temas de seu interesse, necessidade e horários adequados.

A identificação das práticas e atitudes que distanciam as famílias de um diálogo focado no desenvolvimento escolar dos seus filhos é importante para, por exemplo, rever os conteúdos de formação dos docentes, reorganizar a forma como as escolas convocam e recebem familiares dos alunos, repensar as instâncias de participação na gestão da escola, entre outras providências.

QUEM PROPÕE A POLÍTICA?

Ao considerarmos as instituições escolares como iniciadoras do movimento de aproximação com as famílias, as orientações aqui contidas se dirigem prioritariamente aos gestores educacionais, gestores escolares e professores. Embora tenhamos encontrado experiências interessantes acontecendo em escolas, percebemos que a interferência direta ou a liderança da Secretaria de Educação aumenta as chances de sucesso de um programa de interação. Além disso, é importante que a política conte com a participação da sociedade, representada, por exemplo, pelo Conselho Municipal de Educação, Conselho Municipal da Criança e do Adolescente etc.

UMA POLÍTICA COM QUEM?

A experiência tem mostrado que, quando a escola vai ao encontro das famílias dos alunos, principalmente quando há contato direto como nas visitas domiciliares, os educadores se deparam com situações e demandas de várias ordens: alcoolismo, vício em drogas, violência, precariedade das condições das moradias, necessidade de atendimento médico, trabalho infantil doméstico etc. Esses problemas extrapolam a função dos educadores e, muitas vezes, causam-lhes uma sensação de impotência que os fragiliza emocionalmente. Não se espera que a Educação resolva todos os problemas sociais. A Assistência Social do município geralmente tem a atribuição de formar a Rede de Proteção Integral para crianças e adolescentes, conforme prevê o ECA. As Secretarias de Educação e as escolas são uma parte estratégica desta rede de proteção, especialmente porque têm contato cotidiano com as crianças e jovens e, por meio deles, também com suas famílias.

O papel dos agentes educacionais é identificar as demandas e encaminhá-las aos serviços de apoio social existentes no município/bairro, estruturados especificamente para as necessidades não escolares, por exemplo: grupos de alcoólicos anônimos, programas de erradicação de trabalho infantil, serviços de saúde etc. Ou seja, é preciso que os gestores e demais responsáveis pela educação tenham uma visão intersetorial. No desenho de políticas e ações intersetoriais, a coordenação costuma ficar a cargo do prefeito municipal, já que exerce poder de articulação entre os diversos setores governamentais e pode ainda mobilizar organizações não governamentais, meios de comunicação e a população em geral. Essa liderança é um respaldo fundamental e até mesmo um pré-requisito para desencadear as ações multissetoriais necessárias ao desenvolvimento de uma política educacional de interação responsável e eficiente.

Significa dizer que, se dos prefeitos espera-se o papel de coordenador das políticas intersetoriais, do gestor educacional esperam-se iniciativa, disposição e capacidade de articulação horizontal com seus pares da Saúde, Assistência Social etc., pois muitas vezes é necessário agilidade para que os problemas sociais não se alojem apenas nos estabelecimentos de ensino. Caso o serviço não esteja disponível, mas seja uma demanda legítima da população, a secretaria ou órgão responsável deverá ser apoiado, com dados coletados pela rede educacional, para pleitear junto à administração municipal a instalação deste serviço ou política. Como alertam os estudos de casos de articulação intersetorial, a construção de compromissos comuns a partir de referências disciplinares, técnicas, políticas e de foco distintos é um grande desafio.

Apesar das dificuldades, constata-se que se a colaboração de vários setores é bem- -sucedida, ela oferece uma série de vantagens para a população tais como: aumenta o conhecimento e a compreensão entre os setores; evita superposição de funções que geram rivalidades; ajuda a estabelecer uma matriz de papéis e responsabilidades; assegura o planejamento baseado no conhecimento ampliado das necessidades da comunidade; e disponibiliza para o público informações mais coerentes e uniformes. Programas como o Bolsa Família, de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), Saúde na Família (PSF), Saúde na Escola (PSE), entre outros, são exemplos de aplicação da estratégia intersetorial em interface com a educação.

Tal estratégia é reforçada pela Diretriz XXIV do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação do PDE – "integrar os programas da área da educação com os de outras áreas como saúde, esporte, assistência social, cultura, dentre outras, com vista ao fortalecimento da identidade do educando com sua escola". "Gente, é o mesmo menino!" Benjamin é um menino de 11 anos, bem alto para sua

idade, que aproveita, todas as tardes, as atividades de lazer oferecidas por um dos Centros de Referência de Ação Social (Cras) de Teresina, onde sua família credenciou-se para receber o Programa Bolsa Família. O pessoal do Cras conhece Benjamin, sua preferência por basquete e acostumou-se a ouvir, todas as tardes, sua risada alta, quando faz uma cesta. Para eles, Benjamin, e também sua família, são participantes ativos do programa. Entretanto, o boletim de controle de frequência da escola do bairro, que fica ali perto do Cras, mostra que Benjamin faltou às aulas muito mais do que o permitido.

Ele corre, portanto, o risco de ter o benefício suspenso. Os gestores sabem que o dinheiro fará falta à família e não querem fazer isso, mas têm de cumprir as regras. E não entendem uma coisa: por que o menino está presente no Cras e não na escola? E por que não souberam disso antes? Na escola, a surpresa é a mesma: por que o menino e sua família prestigiam o Cras e não a escola? E por que não souberam disso antes? Na realidade, professores e assistentes sociais nem saberiam a reação e as dúvidas uns dos outros. Por quê? Porque simplesmente não conversavam uns com os outros. Assim como também não saberiam dizer se Benjamin está em dia com o posto de saúde. Já que faltou tanto, comprometendo seu desempenho escolar, poderia estar doente. E olha que o posto, encarregado de verificar o calendário de vacinas, fica bem ao lado da escola. Localizados no mesmo território, os gestores municipais de educação, saúde e assistência social cuidavam de suas atribuições, mas não entendiam o que tinham em comum. "Gente, é o mesmo menino", resumiria a diretora da escola, quando o grupo finalmente sentou-se à mesma mesa para conversar. Sim: o mesmo menino – de manhã na escola, de tarde no Cras, e com passagens pelo posto de saúde. No caso de Teresina, como 80% dos alunos da rede municipal estão inscritos no Programa Bolsa Família, a necessidade de articulação desses serviços é ainda maior.

Mas, como cada área só cuidava de sua parte, ninguém via o Benjamin inteiro: para uns ele estava bem, para outros, mal. Teresina decidiu encarar o desafio da intersetorialidade – tarefa que já se consolida em outras capitais, como Belo Horizonte (MG), como veremos a seguir. Em outubro de 2008, os principais gestores municipais de Teresina – pedagogos, médicos e assistentes sociais – estavam se transferindo para o mesmo prédio para facilitar o trabalho conjunto. O município havia realizado também nessa época um inédito Ciclo de Oficinas de Integração entre esses profissionais, para organizar a rede de proteção social. A proposta é construir um planejamento conjunto de atendimento às famílias, por território.

A iniciativa tem o nome de Ciclo de Oficinas de Articulação e Integração das Ações dos Centros de Referência da Assistência Social (Cras) com as Políticas de Educação e Saúde. Resultou da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Semec), a Secretaria Municipal do Trabalho, Cidadania e Assistência Social (SEMTCAS) e a Fundação Municipal de Saúde (FMS). A expectativa é que, ao fazer o encaminhamento familiar para a rede de proteção social, a escola estará também garantindo as condições de educabilidade de seus alunos. Com 177 mil alunos e 118 mil famílias, Belo Horizonte (MG) consolidou nos últimos anos, a partir da criação do Programa Família-Escola, ações integradas no território. São quatro grandes linhas de atuação: controle da frequência escolar, transferência de renda, promoção da saúde e mobilização social.

Essa estratégia orienta a descentralização em administrações regionais, a formação dos gestores escolares – para se verem como agentes de ações intersetoriais –, e chega até as crianças de muitas formas. Um exemplo de desdobramento possível de um olhar mais de perto e em conjunto sobre cada aluno é o fornecimento de merenda diferenciada para os alunos com problemas metabólicos, alérgicos ou outros. Numa articulação entre as Secretarias de Abastecimento, Saúde e Educação, alunos com restrições alimentares foram identificados e passaram a ter um cardápio montado exclusivamente para eles. A dieta passou também a fazer parte do planejamento e da distribuição alimentar nas escolas. Assim, os alunos se sentem incluídos e atendidos nas suas necessidades específicas.

A Secretaria Municipal de Educação (SMED) apoia, além das atividades internas a cada escola, o Fórum Família-Escola – encontros nos quais os familiares expõem suas dúvidas, queixas e sugestões sobre a educação e a escola de seus filhos. Todas as famílias também recebem trimestralmente o Jornal Famíla-Escola e contam com o serviço de relacionamento por telefone chamado Alô, Educação! Todas essas atividades orientam-se, segundo a SMED, para criar uma rede de colaboração, diálogo e parceria entre famílias, escolas, comunidades e serviços públicos, garantindo não só a permanência dos alunos em sala de aula, mas também o aprendizado de crianças, adolescentes e jovens.

UMA POLÍTICA COM QUE RECURSOS?

Sabemos que a descontinuidade dos programas na mudança de gestores públicos é um problema grave na gestão educacional. Quando a política envolve custos elevados, fica mais vulnerável a cortes orçamentários. Nas experiências visitadas para esta pesquisa, os recursos materiais e humanos necessários para implementar ações dependiam diretamente da estratégia de aproximação com as famílias. Encontramos iniciativas com custo mínimo, apenas com a cessão de técnicos da SME para acompanhar esporadicamente os trabalhos nas escolas. Já as iniciativas que incluíam visitas domiciliares contavam com a provisão de recursos para custear os deslocamentos e o trabalho dos agentes educacionais. A frequência e abrangência dessas visitas definem o custo do programa. Chama atenção a existência de decretos municipais amparando legalmente esse tipo de função.

Esse procedimento institucional fortalece as ações de interação escola-família, tornando-as menos sujeitas a mudanças conjunturais. Além dos encontros diretos com familiares, é preciso prever recursos e prazos também para atividades de formação dos profissionais de educação envolvidos, e também para reuniões periódicas de troca de experiências, cursos ou outras atividades de formação continuada, reuniões ou fóruns de pais, além da avaliação dos resultados e replanejamento das ações. Em municípios

NOVA CONCURSOS

maiores, publicações enviadas às casas das famílias, fórum de pais, serviços de ouvidoria (0800), programas de rádio e outras estratégias de comunicação também foram localizadas.

VII. 2 – Pensando a Operacionalização do Programa/Política

FORMAS DE ATUAÇÃO DA SME JUNTO ÀS ESCOLAS

Sabemos que nem todos os programas educacionais começam com um projeto escrito, mas em algum momento seus proponentes percebem a importância e a necessidade de colocar as ideias no papel. Pode acontecer também que, depois de implementado, um projeto ou programa passe a ser uma atividade permanente, um eixo transversal do trabalho escolar/educacional. No levantamento realizado, encontramos projetos criados por iniciativa de uma ou mais professoras, projetos elaborados por SMEs, assim como outros originados pela pressão da comunidade local que, com o tempo e os bons resultados, acabaram virando política municipal.

DO NÃO ESCRITO A UMA POLÍTICA MUNICIPAL

Itaiçaba é uma pequena cidade do Ceará com apenas 2.500 alunos, distribuídos em sete escolas municipais e uma estadual. Dividem as mesmas salas de aula da rede pública os filhos de trabalhadores do campo e de fazendeiros, de comerciários e comerciantes, das domésticas e das professoras, dos dirigentes e dos funcionários municipais. Há dois anos, não só os filhos, mas também os pais e os parentes começaram a frequentar todos os dias a escola, dispostos a contribuir como pudessem para diminuir os altos índices de evasão, de repetência e absenteísmo verificados no município. A ideia de chamar os pais para a escola não estava escrita em lugar algum. Partiu da Secretaria Municipal de Educação a iniciativa de reunir as famílias para algo além da divulgação periódica dos boletins.

O primeiro encontro para propor uma parceria escola-família ocorreu na escola Dom Aureliano Matos, na zona rural. A reunião, descrita como descontraída e prazerosa, terminou com oito mães se prontificando para irem diariamente à escola. Basicamente, sentiram-se capazes de realizar as seguintes atividades: organizar brincadeiras com as crianças na hora do recreio, ajudar no reforço escolar do contraturno e levar um grupo de crianças para casa para que fizessem juntas o dever.

Nas outras escolas, o mesmo processo foi se repetindo: além de pais e mães, avós, tias e primas mais velhas foram se apresentando à escola como responsáveis pelos alunos e se colocando à disposição para ajudar, dentro de suas possibilidades e horários. Já havia algum tempo que os adultos podiam ser vistos nos pátios e salas de aula das escolas quando o projeto Família Presente, Aluno Ideal foi escrito. Ele passou então a ser apresentado nas igrejas, quadras, auditórios e divulgado por um grupo de alunos por meio da Rádio Itinerante, espaço semanal dos alunos na rádio comunitária local, nas sete escolas municipais. Em Itaiçaba, os envolvidos no projeto veem muitos benefícios. "Eu estudo mais porque minha mãe está ali me olhando e ajudando a professora", disse um aluno. "Até a merenda está melhor", completa uma mãe. "Eu vi quando minha filha aprendeu a ler e escrever as primeiras palavras", testemunhou um pai emocionado.

O projeto produziu ainda efeito cascata, ativando e revitalizando outras ações no ambiente escolar. Um desses programas é o Laboratório de Redação, onde pais, mães, alunos e professores escrevem sobre temas eleitos em conjunto e debatem semanalmente suas produções. Depois do Laboratório de Redação, a visita dos alunos à Biblioteca Pública, uma iniciativa do Governo do Estado denominada Amigos da Leitura, virou programa familiar. Junto com as professoras, seguem para a biblioteca pais, mães, avós, tias, primas, irmãs mais velhas. Não só para ouvir a leitura das crianças, mas também para desfrutar, em sossego, de um bom livro. A experiência de Itaiçaba tem um contexto muito particular de envolvimento comunitário que facilitou a mobilização espontânea de pais e mães e a abertura completa das escolas a sua participação em todos os espaços. Essa não é uma estratégia simples de se implantar nem livre de problemas de delimitação de competências entre professores e familiares sobre a tarefa de ensino.

No entanto, naquele município, essa experiência tem sido um estímulo para a renovação das práticas pedagógicas e, junto com uma série de outros programas de formação, avaliação e fortalecimento da gestão, tem contribuído para a melhoria dos indicadores educacionais. As experiências identificadas neste estudo foram implantadas pelas SMEs de duas formas básicas. Na primeira, a Secretaria, ouvindo as equipes escolares, elaborou o projeto e apresentou-o às escolas para que manifestassem o interesse em aderir a ele. Dependendo do porte da rede, pode ser necessário dimensionar a proposta fazendo um projeto piloto, envolvendo poucas escolas e, depois de analisar os resultados, ampliar para as demais. Neste e em outros casos de seleção de escolas, os técnicos da Secretaria elaboram critérios para priorizar os estabelecimentos de ensino que têm problemas mais agudos relacionados à aprendizagem, abandono ou vulnerabilidade das condições de vida dos alunos.

Na segunda, a SME constata que as escolas já estão desenvolvendo, por conta própria, ações de interação com as famílias de seus alunos e resolvem apoiá-las. Implantam uma coordenação técnica para que os projetos não ocorram de forma isolada e mantenham suas especificidades. Este é o caso de Itabuna (BA), que tem a integração escola-família como uma política pública aplicada nas 127 escolas urbanas e 37 rurais que compõem a rede. Cada escola apresentou uma proposta e a SME designou três coordenadoras, dentro da gerência de ensino básico, para cuidar da interação com a comunidade, além de organizar uma coordenadoria exclusiva das relações escolas-famílias. Sudmenucci (SP), cuja rede é constituída de apenas sete escolas, também preferiu não ter um projeto único e sim apoiar os projetos de cada escola. Seja qual for a opção, uma aprendizagem importante é que essa política não pode ser imposta. As Secretarias precisam informar e dar condições para que as escolas se posicionem.

Antes de aderirem, os gestores escolares devem avaliar sua relação com as famílias de seus alunos e com a comunidade do entorno, sua estrutura funcional e, principalmente, o engajamento de seus profissionais na proposta. Essa não é uma política sem riscos que possa ser executada de forma burocrática. Como a base de uma boa interação é a relação de confiança, se os compromissos subjacentes, a esta política, não forem bem compreendidos, ela pode gerar o efeito inverso ao pretendido, ou seja, afastar ainda mais o universo escolar do universo familiar de referência dos alunos.

FORMAS DE APROXIMAÇÃO DAS ESCOLAS EM DIREÇÃO ÀS FAMÍLIAS

No levantamento que fizemos, encontramos diversas estratégias de aproximação dos agentes escolares das famílias dos alunos. Essa diversidade de estratégias nos parece válida e necessária num país tão plural quanto o nosso. É importante pensar nos riscos e possibilidades de cada uma dessas estratégias. Em alguns lugares, os professores fazem visitas se deslocando até o domicílio dos alunos. Em outros, quem está encarregado da visita domiciliar é o agente da educação. Essas visitas precisam ser bem preparadas e são atividades formadoras muito importantes.

No entanto, questiona-se até que ponto os professores, que já têm uma vida profissional tão atribulada, têm condições de assumir mais essa função e até que ponto ela deveria fazer parte de suas atribuições profissionais. No debate da versão preliminar deste documento, que contou com a participação de professores, coordenadores e diretores escolares, as vantagens desse tipo de ação foram consideradas mais relevantes quando ela é percebida como estruturante do planejamento do trabalho pedagógico com os alunos. Inversamente, se esta ação não está articulada com os demais programas da Secretaria e da escola, ela foi considerada pouco importante.

Deve-se observar que outras políticas setoriais também costumam utilizar a estratégia da visita – o que pode acabar sobrecarregando o mesmo grupo familiar com perguntas, tarefas e orientações diversas. Há riscos de se gerar procedimentos duplicados, confusos e ineficazes. Nesse sentido, ouvimos sugestões de formar os agentes do Programa Saúde da Família como parceiros da Educação para, por exemplo, verificar motivos de infrequência escolar. Além disso, fatores como a distância da casa dos alunos, risco de circulação em áreas inseguras, são reais e precisam ser levados em consideração ao se optar pela visita domiciliar. Algumas Secretarias criaram serviços especiais, com psicólogos e assistentes sociais, encarregados de fazer a ponte entre as escolas e as famílias. A vantagem alegada é que estes profissionais têm uma formação mais adequada para a aproximação domiciliar e conseguem mediar relações tensas entre famílias e escolas.

A desvantagem é que geralmente esses profissionais são pouco numerosos e não conseguem cobrir o universo das famílias. As informações coletadas por eles não são também imediatamente repassadas às escolas e professores. Em redes maiores, os mecanismos para falar e ouvir as famílias incluíram fóruns, serviços de telefone gratuito e publicações distribuídas em domicílio. Iguatu (CE) e Pedras de Fogo (PB) são municípios que selecionam e formam jovens universitários ou concluintes do ensino médio para irem periodicamente à casa dos alunos, ajudando a controlar a infrequência, evasão e mesmo informar sobre problemas de aprendizagem e comportamento.

Vimos também iniciativas nas quais os familiares dos alunos se fazem presentes em vários espaços escolares: auxiliam no recreio, apoiam os professores em sala de aula, abrem suas casas para a realização de reforço escolar para seus filhos e vizinhos etc. É importante salientar, conforme indicam outras pesquisas, que a participação das famílias nas atividades escolares pode gerar conflitos com professores, que veem suas salas de aula ocupadas por adultos que não têm as mesmas responsabilidades institucionais nem a formação requerida para desempenhar funções de ensino. Além disso, a presença voluntária de mães e pais no cotidiano escolar tem de respeitar a disponibilidade destes para não gerar uma pressão extra sobre a carga de responsabilidades parentais.

Na experiência de Itaiçaba, no entanto, como esta aproximação foi feita de forma paulatina e fruto da boa relação escola comunidade, os efeitos dessa presença foram relatados como benéficos para alunos, responsáveis e docentes. Seja qual for a estratégia de aproximação, é fundamental preparar todos os profissionais envolvidos no programa para que atuem com segurança. Para isso, o dirigente municipal e sua equipe técnica devem estruturar linhas de formação continuada, apoio e monitoramento das atividades que serão planejadas e executadas pelos professores e gestores escolares. Algumas decisões prévias são definidoras do escopo do plano de ação.

Por exemplo: numa ação de aproximação com as famílias, todos os alunos serão contemplados? Comparando as experiências, concluímos que, desde que as famílias permitam, todas devem ter a oportunidade de um encontro no qual possam se apresentar e conhecer melhor o ambiente e as pessoas encarregadas da formação escolar de seus filhos. Esse é o momento para a família se dar a conhecer. Observamos que, quando a aproximação está ligada apenas a problemas como infrequência, evasão e mau desempenho, ela ganha uma conotação negativa que estigmatiza os alunos visitados e faz com que os demais não queiram os agentes escolares em seus lares. Pais e mães, quando sentem que a escola só pensa na repreensão, costumam se afastar do ambiente escolar.

Como a experiência mais sistematizada que encontramos foi a de Taboão da Serra (SP), que está em vigor há mais de cinco anos, disponibilizamos a seguir um exemplo mais operacional da estratégia de aproximação escolhida, que no caso se realiza por meio da visita domiciliar realizada por professores a todos os alunos. Ressaltamos, mais uma vez, que essa é apenas uma das possibilidades de interação escola-família. É sempre importante que as famílias tenham o direito de dizer se desejam ou não receber uma visita, por exemplo, e possam participar de outro tipo de atividade.

PASSO A PASSO DA PREPARAÇÃO DAS VISITAS NO PROJETO DE TABOÃO DA SERRA

1) Envio de correspondência da escola para as famílias, informando da intenção da visita e solicitando que a família responda, autorizando formalmente a realização desta.

2) Agendamento da visita, de acordo com as disponibilidades do professor e da família, sempre fora do horário escolar.

• As visitas podem ser marcadas pelo(a) professor(a) aleatoriamente – por ordem alfabética dos alunos, por exemplo – ou priorizando as crianças que apresentam algum problema de aprendizagem ou comportamento.

• Em qualquer situação, a orientação é de não fazer visitas "de surpresa", sem agendamento prévio. 3) Realização da visita na data marcada (obs.: Cada visita tem a duração aproximada de uma hora).

• O professor da turma vai até a casa do aluno e estabelece uma conversa informal sobre a família e o aluno, de acordo com as orientações gerais fornecidas pela Secretaria de Educação.

• O professor deve fornecer informações sobre o desempenho escolar do aluno e ouvir da família sua percepção sobre o mesmo, assim como entender as principais demandas de ajuda (serviços sociais públicos) daquele grupo ou comunidade.

• O professor é orientado a não fazer anotações durante a visita, a fim de manter o caráter informal.

• Pode ser marcada nova visita, ou tantas outras quantas o professor julgar serem necessárias. 4) Elaboração do relatório após a visita, o professor faz um relatório e entrega à coordenação da escola.

• Cada escola estabelece seu modelo e/ou roteiro para elaboração do relatório.

• Os relatórios são discutidos com a coordenação pedagógica da escola para identificar as necessidades de intervenção (escolar ou não) e orientar as decisões sobre os encaminhamentos que sejam necessários.

• Os relatórios são confidenciais e arquivados na própria escola.

5) Leitura e discussão coletiva dos relatórios e troca de experiências que ocorrem uma ou duas vezes por mês; os relatórios são socializados com os demais professores, nos horários coletivos utilizados para planejamento do trabalho pedagógico. Nestas ocasiões, os professores podem tratar de situações específicas detectadas nas visitas e recebem sugestões dos demais.

6) Mensalmente a equipe de direção/coordenação da escola encaminha ficha de controle das visitas realizadas pelos seus professores à Secretaria, para que seja efetuado o pagamento da ajuda de custo correspondente aos professores. Caso sejam detectadas situações que a escola não se sinta apta a resolver, pode ser encaminhado relatório específico descritivo dos problemas para a Secretaria.

VII. 3 – ASPECTOS A SEREM CONSIDERADOS NA OPERACIONALIZAÇÃO DO PROGRAMA OU POLÍTICA

A seguir apresentamos mais algumas aprendizagens da interlocução entre teoria e prática, que indicam aspectos a serem considerados na operacionalização de programas, políticas ou práticas de interação escola-família: Coleta e organização das informações sobre alunos e familiares A qualidade de informações que as redes municipais têm sobre seus alunos é um fator importante para seu planejamento geral e também das formas de aproximação das famílias dos alunos. Hoje, não faltam questionários contextuais direcionados a alunos, professores e gestores e aplicados nas avaliações externas efetuadas pelos governos federal, estadual e municipal.

Para os alunos que participam do Programa Bolsa Família, que pertencem aos grupos familiares mais vulneráveis, está disponível um banco de dados com as informações necessárias ao acompanhamento do seu contexto social. Mas nem sempre as informações geradas em nível local são apropriadas neste mesmo nível. Isso ocorre, muitas vezes, porque a capacidade de analisar as informações não está instalada na escola ou até mesmo na Secretaria. Assim, é importante localizar parceiros (universidades, por exemplo) para investirem na formação profissional dos técnicos ou apoiarem o desenvolvimento desse tipo de competência. É preciso levantar as informações que a escola/rede já dispõe para então definir quais dados devem ser buscados junto às famílias. Há dois blocos de questões interligadas a se considerar: um bloco ligado às características sociais, econômicas e culturais e outro às formas de apoio para a escolarização.

Para uma primeira abordagem das condições de vida das famílias, é importante organizar informações sobre:

• Configuração familiar – número de membros e relações entre eles;

• Condições de moradia – número de cômodos e condições de conservação das instalações;

• Renda per capita familiar;

• Situação de escolaridade e de trabalho dos responsáveis;

• Participação em programas governamentais (ex.: Bolsa Família). Caso estes dados já estejam disponíveis e organizados na secretaria ou na escola, eles podem orientar a organização e roteiro das visitas, reuniões coletivas e individuais e entrevistas. Estas, por sua vez, podem atualizar as informações obtidas anteriormente.

O contato mais permanente pode captar acontecimentos familiares – separações, nascimentos, morte, doença – que são dinâmicos e não são captados apenas no momento da matrícula. Uma referência para eleger dados que permitem relacionar a influência do contexto familiar no desempenho dos alunos é o Estudo Internacional Comparativo entre vários países – inclusive o Brasil –, que se propôs a identificar os fatores associados ao desempenho em linguagem e matemática para alunos do terceiro e do quarto anos do ensino fundamental. O estudo construiu um índice correlacionando o desempenho dos alunos em testes padronizados com aspectos do contexto familiar tais como:

• O nível de educação dos responsáveis;
• O número de horas que os responsáveis passam em casa nos dias de trabalho;
• Os recursos de leitura que estão disponíveis na moradia; e
• A estrutura do núcleo familiar (se tem pai e mãe, mesmo que não sejam formalmente casados).

A análise das respostas mostrou que o aumento da média de anos de escolaridade dos responsáveis resulta no aumento dos rendimentos escolares de seus filhos. Mostrou também que as crianças/adolescentes cujos responsáveis leem para eles, costumam ganhar entre três a seis pontos, especialmente em linguagem, acima daqueles cujos responsáveis não o fazem.

O efeito combinado de ler com frequência para os filhos e dispor de livros em casa é poderoso para melhorar o rendimento na escola. Essas informações ajudam a pautar práticas pedagógicas que não deixem em desvantagem as crianças e adolescentes que não contam em casa com os recursos (família nuclear, pais escolarizados e disponíveis, livros em casa) de apoio para sua escolarização. Além disso, conhecer os hábitos da criança, o que gosta de fazer – que atividades culturais frequenta, que responsabilidades assume em casa e como faz as tarefas escolares -, são informações relevantes para a equipe escolar organizar seu trabalho.

Ações de formação dos educadores.

Embora as informações dos questionários sejam muito importantes, elas não são suficientes para preparar os profissionais da educação para tomar a iniciativa de se aproximar das famílias dos alunos. A formação dos educadores deve ser pensada no seu conjunto, desde a preparação de informações sobre o desenvolvimento do aluno que serão levadas até as famílias, passando pelo tipo de informação que a escola precisa observar/coletar sobre o contexto de vida familiar, até a capacidade dos agentes escolares trabalharem com essas informações para, enfim, incorporá-las ao planejamento das práticas pedagógicas e/ou de gestão.

Nos encontros de formação, recomenda-se que os educadores discutam as pesquisas que trabalham a revisão dos mitos sobre o descaso das famílias em relação à educação dos filhos, sobre as novas configurações familiares e as transformações sociais que impactam as instituições escola e família. O presente estudo pode ser um subsídio interessante para organizar conteúdos de formação. Na parte inicial, a síntese histórica, os marcos legais e as reflexões podem ser um ponto de partida para as discussões.

Além disso, no final desta publicação está apresentada uma extensa bibliografia sobre o tema. Professores e coordenadores pedagógicos entrevistados que participaram de programas de interação direta com as famílias relataram seu crescimento pessoal e a conquista de um novo lugar profissional, considerado importante e relevante por seus alunos, familiares e comunidade. Mas ouvimos também histórias de dificuldade, frustração e desencontro. Por isso, na preparação de profissionais para o encontro com as famílias dos alunos, seja indo até elas, seja abrindo o espaço escolar para sua maior presença e participação, duas questões merecem atenção: de um lado, a idealização que costuma haver sobre o arranjo parental que as famílias devem ter; de outro lado, a idealização de si mesmo que, muitas vezes, coloca os agentes escolares como detentores de uma posição cultural supostamente superior à da família, impedindo que ela expresse seu saber sobre si e sobre o mundo.

É preciso reconhecer ainda que, muitas vezes, faltam aparatos conceituais que permitam aos profissionais da educação enxergar os novos arranjos de convivência humana como estruturas familiares legítimas. O trabalho de formação deve sempre alertar os professores de que o julgamento moral do outro baseado nos valores pessoais pode gerar mais preconceito. As redes de ensino precisam apoiar as escolas para que aposentem gradualmente o discurso da família desestruturada como disfunção a ser tratada e comecem a construir nas escolas competências para discernir situações de negligência e vulnerabilidade socioeconômica que precisam ser encaminhadas, de arranjos familiares pouco usuais.

O fundamental é que a escola consiga integrar ao seu planejamento um saber sobre: quais grupos familiares são capazes de cumprir bem a função de pátrio poder (e isso não depende apenas da condição socioeconômica) e quais grupos familiares são capazes de dar suporte à vida escolar dos filhos. A inclusão dos saberes mais aprofundados sobre o aluno e seu contexto social no planejamento do trabalho pedagógico é especialmente importante, pois, sem mudanças na cultura escolar e em suas práticas, todo esse esforço pode se perder no meio do caminho e não beneficiar de fato os alunos. Como grande parte das escolas brasileiras já tem instituído o horário de trabalho pedagógico, sugere-se que o tema da interação escola família seja incluído na pauta dessas reuniões e demais atividades de formação na escola.

Ou seja, todo o conhecimento sobre os alunos deve ser incorporado ao trabalho cotidiano da equipe escolar. Ele deve servir para rever a comunicação com os familiares, os contatos com a comunidade, os mecanismos de participação na gestão da escola, as atividades e linguagem utilizada junto aos alunos, a avaliação dos alunos e a retroalimentação da interação permanente das relações que incidem sobre as condições de vida e aprendizagem das crianças. Isso pode exigir, num primeiro momento, um trabalho mais intenso dos coordenadores pedagógicos, equipe de direção, professores e funcionários da escola. Mas escola com o passar do tempo esse trabalho tende a ser absorvido pela rotina e, melhor, pode renovar o repertório de práticas pedagógicas e estimular a revitalização do trabalho escolar.

Concluímos que, para lidar com as famílias dos alunos sem reproduzir os mecanismos que reforçam a desigualdade, a formação dos educadores não deve ser pensada apenas como mais informação técnica: ela deve ser um espaço de revisão de pressupostos e de exposição de conflitos e receios, ou seja, deve abranger também as dimensões pessoais, éticas e políticas. Acompanhamento, apropriação das aprendizagens e avaliação das ações Os três efeitos mais

importantes da aproximação com as famílias nas experiências contatadas foram: a incorporação das aprendizagens obtidas no contato com as famílias dos alunos para organizar serviços e atendimento a necessidades específicas; a ampliação da participação das famílias na vida escolar dos alunos e na relação com os agentes escolares; e a articulação de programas e instituições para ajudar a escola a apoiar os alunos em situação mais vulnerável. Estes efeitos geraram encaminhamentos em duas direções – para dentro e para fora da rede de escolas. Na direção intraescolar, a possibilidade de tirar o aluno real da sombra do aluno esperado abre muitas oportunidades de transformação.

Pode implicar a revisão da linguagem, metodologias e conteúdos utilizados em sala de aula, que, por sua vez, alteram os projetos político-pedagógicos, podendo impactar até os planos municipais de educação. Embora trabalhosa, essa revisão das práticas é gratificante pois, afinal, há algo mais frustrante para um professor do que não conseguir se comunicar e interagir com seus alunos? Desse ponto de vista, a experiência de Taboão da Serra sinalizou um avanço ao organizar um Grupo de Apoio Pedagógico (GAP) em cada escola. O GAP promove encontros quinzenais de formação e apoio aos professores, além de atendimento individualizado para os alunos que não têm suporte no ambiente familiar para realizar suas atividades escolares.

Outro encaminhamento interno da aproximação com as famílias é a necessidade de aperfeiçoamento dos instrumentos de avaliação. É avaliando que podemos prestar contas do que estamos fazendo, disseminar boas experiências e corrigir rumos. Embora a avaliação da aprendizagem dos alunos esteja hoje consolidada nos sistemas de ensino, o monitoramento e a avaliação das políticas e dos projetos especiais das Secretarias e escolas nem sempre são realizados. Embora seja comum a alegação de falta de tempo e de excesso de funções burocráticas, constatou-se também que ainda faltam instrumentos e capacidade técnica em muitas secretarias de educação para avaliar internamente ou contratar avaliações externas. Este foi o ponto mais frágil das experiências localizadas neste estudo. Mesmo as já consolidadas. A avaliação é uma atribuição eminentemente de Gestão Educacional e está contemplada no PAR por meio do indicador: Existência, acompanhamento e avaliação do Plano Municipal de Educação, com base no Plano Nacional de Educação não haviam passado por uma avaliação, apesar de este mecanismo estar previsto em vários dos projetos e de sua importância ser reconhecida. Por isso enfatizamos a importância e o cuidado que é preciso ter com os registros sobre as experiências: sem registros não há memória e muito menos avaliação ou aprendizado consistente e cumulativo para o aperfeiçoamento das ações. O registro organizado e sistemático das atividades possibilita a sistematização do conhecimento adquirido, bem como a possibilidade de socialização e integração das novas informações no planejamento continuado da ação educativa. Participação no grupo articulador das políticas intersetoriais.

Com relação aos aspectos relacionados aos alunos, que extrapolam a alçada da escola e da educação, é preciso acionar as instâncias que compõem o grupo de gestão intersetorial. Como já abordado anteriormente, deve haver vontade política do executivo municipal para liderar e sustentar um grupo de trabalho com representantes das diversas secretarias e demais órgãos de governo. Um avanço em relação a este ponto é a promoção do planejamento integrado de escolas, postos de saúde e centros de assistência social, por território. Os diretores de cada um desses estabelecimentos públicos se reúnem periodicamente para traçar juntos metas de atendimento às demandas da população local. A combinação desses dois vetores de encaminhamento – intra e extraescolares – potencializa que os profissionais da educação sintam-se seguros para ajudar seus alunos a enfrentar eventuais adversidades vividas pelo seu grupo familiar, assumindo seu papel na rede de proteção social. A família, por sua vez, pode passar a ter, além de maior respeito pela instituição escolar, a confiança necessária para assumir tarefas para as quais se julgava incapacitada. Como diz um slogan bastante propagado na área de projetos sociais, é preciso ajudar a família a se ajudar.

VIII – CONSIDERAÇÕES PARA FINALIZAR

Este estudo se propôs a dar um passo para a articulação de esforços teóricos e práticos a partir do levantamento de experiências já implementadas e de pesquisas sobre a relação escola-família no Brasil. Será bem-sucedido na medida em que conseguir mostrar que, apoiados pelas Secretarias de Educação, os programas de interação têm possibilidades de realmente impactar o trabalho cotidiano da escola. Não encontramos nem criamos um modelo pronto de interação. Organizamos um conjunto de informações e reflexões que podem ser úteis se bem adaptadas às situações de cada município brasileiro. Vimos que as fronteiras e as relações entre escola e família mudaram vertiginosamente no Brasil e no mundo nos últimos 60 anos. De uma escola para poucos, chegamos a uma escola de massas com um alunado com características completamente diferentes daquelas apresentadas nos tradicionais cursos de formação de professores. Esse novo aluno e essa nova família desafiam os educadores. No passado recente, quando nos deparamos com os problemas sociais do entorno, trazidos para a escola na bagagem de seus novos alunos, cometemos alguns erros que devem ser evitados:

1 – Não podemos retomar a mítica de que a escola como sistema educativo é o único e principal fator da mudança social. Uma das poucas certezas que temos hoje é que o desafio de garantir o direito de todas as crianças a uma educação de qualidade transcende as políticas educativas e se inscreve no centro das políticas sociais de desenvolvimento. Isso não significa retirar da escola seu papel específico na socialização do saber e na formação de atitudes compatíveis com a vida em sociedade, mas sim atribuir-lhe novas funções de articulação de outros atores para que não se sobrecarregue tentando resolver os problemas do mundo, que atravessam as salas de aulas.

2 – Não podemos persistir em práticas homogêneas que desconsiderem as diferenças dos alunos e obriguem todos a se conformar a um modelo de aluno esperado. Além de não ser desejável, isso não é possível. As diferen-

ças linguísticas, culturais, étnicas, econômicas, físicas etc. não podem ser convertidas em desigualdade de desempenho e de oportunidades. Isso significa pensar em projetos político-pedagógicos, políticas e programas que contemplem todos e cada um dos alunos – o que não impede que se pense em atendimentos e serviços diferenciados de acordo com suas necessidades. Vivemos um momento em que todas as crianças e adolescentes dos mais diversos grupos familiares têm reconhecido o seu direito de serem bem acolhidos pela escola. Como já destacamos, a relação escola-família é inevitável, compulsória (no caso do ensino fundamental, pelo menos) e importante. Ocorre que não é fácil para as escolas lidar com tantos públicos diferentes. Professores, coordenadores e diretores simplesmente não foram preparados nas faculdades para isso. Além disso, a velocidade das transformações socioculturais foi maior fora do que dentro do sistema educacional, o que gerou escola anacronismos nas relações escola-família que precisam ser revistos.

Boa parte desses profissionais, infelizmente, atribuiu ou ainda atribui o insucesso escolar à ausência ou omissão dos responsáveis. Dizer que as condições para o sucesso da educação escolar estão nas mãos das famílias é o mesmo que admitir que a escola só é capaz de ensinar a alunos que já vêm educados de casa. As pesquisas revelam que há um conhecimento ainda precário sobre os alunos e suas condições de vida. Isso significa que o trabalho desenvolvido nas escolas pode não estar considerando a diversidade e as reais necessidades de seu público. Iniciar um movimento da escola em direção às famílias está no escopo da responsabilidade legalmente atribuída aos sistemas de ensino, mas o conhecimento gerado nesta aproximação e sua utilização no planejamento pedagógico têm sido pouco enfatizados.

Por isso, das várias funções que a interação escola-família pode ter – informar os pais, orientá-los para se envolverem na vida escolar dos filhos, fortalecer a participação em conselhos e outras instâncias de democratização da escola etc –, privilegiamos o conhecimento dos alunos no seu contexto como um primeiro passo necessário para o estabelecimento de uma relação que vai se desenvolvendo ao longo do tempo. Muitos se perguntam se a estratégia de deslocar os educadores do seu espaço institucional para compreender o território no qual está situada a escola e seus alunos não produzirá uma perda de foco da função específica da educação escolar, chamando para si demandas que a ultrapassam. Isso não seria assistencialismo, ou seja, um retrocesso? No contexto aqui proposto, aproximar-se da vida de cada um dos alunos é uma forma de conhecer, reconhecer e utilizar as lições da realidade a favor de sua aprendizagem.

Está, portanto, intrinsecamente relacionada com a missão da instituição escolar. Devemos sempre lembrar que o fato de a escola não ter como lidar sozinha com todas as questões que afetam a vida de seus alunos não fará com que esses problemas deixem de existir ou de desafiá-la. Pelo contrário: se não forem enfrentados, eles tenderão a se agravar e continuarão a se manifestar dentro da escola. Pois é para a escola que as crianças e adolescentes diariamente trazem seus pedidos de ajuda, ainda que balbuciantes ou silenciosos. E é na escola que pode ser garantido o direito a uma aprendizagem de qualidade. Diante da complexidade que afeta a vida dos alunos, e para cumprir sua missão de assegurar um ensino público de qualidade, a estrutura educacional deve assumir a iniciativa da aproximação com as famílias, tendo sempre em seu horizonte a articulação de políticas com outros atores e serviços sociais. Para isso, as escolas e os sistemas de ensino poderiam responder perguntas simples, tais como:

1 – Por que chamar as famílias à escola?

2 – Quando e por que ir às famílias?

3 – Nos encontros programados pelos educadores, os familiares têm oportunidades para falar o que pensam?

4 – As situações de interação contribuem realmente para aproximar escola e famílias, ou acabam aumentando as distâncias sociais e culturais entre elas?

5 – A escola está aberta para conhecer e respeitar a cultura, a organização e os saberes dos grupos familiares mais distanciados do padrão tradicional?

6 – Os familiares têm mesmo poder de interferência nos conselhos, assembleias, colegiados?

7 – A escola utiliza o conhecimento mais acurado que tem ao se aproximar das famílias para se planejar, rever suas práticas e formas de tratar os alunos?

8 – Quando a escola se aproxima das famílias e percebe situações de vulnerabilidade social, ela consegue convocar novos atores para encaminhar os apoios necessários? Reconhecemos que relacionar diretamente as ações de um projeto ou política de interação escola-família com os indicadores de qualidade educacionais é um grande desafio que ainda está por ser encarado.

Os resultados que conseguimos evidenciar neste estudo – maior compromisso dos professores com seus alunos, maior conhecimento da SME e das escolas sobre as condições que interferem na aprendizagem de seus alunos, maior participação dos pais e comunidade na escolarização dos alunos, menor evasão e infrequência etc. – foram captados por meio de depoimentos de agentes e das informações fornecidas pelos coordenadores dos projetos/programas.

O que ajudou a dar lastro para sugerir alguns caminhos de ação foram pesquisas que investigaram políticas públicas ou outras experiências ligadas ao tema. Como este tipo de política ainda está em estágio de maturação no país, o acompanhamento das experiências em curso torna-se particularmente relevante. O monitoramento e a avaliação podem ajudar a aprimorar a tecnologia social de interação escola-família em favor da garantia do direito de aprender. Desejamos a todos os educadores que se sintam inspirados por esse estudo que sejam zelosos e que guardem fôlego para avaliar suas iniciativas e compartilhar suas aprendizagens.

Assim poderemos consolidar uma política de interação escola-família bem estruturada e capaz de gerar avanços importantes na garantia de uma educação de qualidade para todos. Um indicador chamado alegria Watson não aguentava mais. Todo dia, tinha de ficar ouvindo os colegas se exibindo: "a professora foi lá em casa ontem, conversou um tempão com mãe e pai, comeu bolo de chocolate, to-

mou café e falou bem de mim". O problema é que parecia que nunca chegava a sua vez. "Isso é que dá ter nome que começa com W, fica no fim da fila, depois dele na chamada só X-Y-Z. Deve ser por isso que a professora está demorando tanto para ir lá em casa", pensava o menino. Na volta do recreio, o menino finalmente recebeu o que tanto esperava: a autorização, que deveria ser assinada pela mãe ou pai, para que a professora Vânia, a sua professora, visitasse sua casa. Eufórico, lia o papel, mas quando terminou seu sorriso havia murchado. E se o pai ou a mãe não quisessem, por algum motivo, a visita? Watson resolveu pôr fim à dúvida: assinou seu nome na autorização e entregou-a na mesma hora para a professora. "Eles sempre dizem que eu também sou dono da casa", justificou, abrindo novamente o sorriso. Falamos, durante todo este estudo, dos efeitos favoráveis da implantação de um programa de interação entre profissionais da educação e familiares, para o processo educacional e até para a consolidação de políticas sociais.

Mas reservamos para o final destacar a mudança mais visível, imediata e incontestável: a elevação da autoestima dos alunos. Quando ocorre um bem conduzido processo de aproximação entre escola e família, as crianças tornam-se mais participativas em salas de aula, animadas com os estudos e alegres com a escola. Ou seja: alunos felizes.

Fonte

Interação escola-família: subsídios para práticas escolares / organizado por Jane Margareth Castro e Marilza Regattieri. – Brasília: UNESCO, MEC, 2009.

COLL, CÉSAR. O CONSTRUTIVISMO NA SALA DE AULA. SÃO PAULO: EDITORA ÁTICA, 1999. (CAPÍTULOS 4 E 5).

1. Os professores e a concepção construtivista

O construtivismo não é uma teoria, e sim uma referência explicativa, composta por diversas contribuições teóricas, que auxilia os professores nas tomadas de decisões durante o planejamento, aplicação e a avaliação do ensino. Ou seja, o construtivismo não é uma receita, um manual que deve ser seguido à risca sem se levar em conta as necessidades de cada situação particular. Ao contrário, os profissionais da educação devem utilizá-lo como auxílio na reflexão sobre a prática pedagógica; sobre o como se aprende e se ensina, considerando-se o contexto em que os agentes educativos estão inseridos. Essas afirmações demonstram a necessidade de se compreender os conteúdos da aprendizagem como produtos sociais e culturais, o professor como agente mediador entre indivíduo e sociedade, e o aluno como aprendiz social.

Tendo em vista uma educação de qualidade, entendida como aquela que atende a diversidade, o processo educativo não é responsabilidade do professor somente. Desse modo, o trabalho coletivo dos professores, normas e finalidades compartilhadas, uma direção que tome decisões de forma colegiada, materiais didáticos preparados em conjunto, a formação continuada e a participação dos pais são pontos essenciais para a construção da escola de qualidade.

A instituição escolar é identificada pelo seu caráter social e socializador. É por meio da escola que os seres humanos entram em contato com uma cultura determinada. Nesse sentido, a concepção construtivista compreende um espaço importante à construção do conhecimento individual e interação social, não contrapondo aprendizagem e desenvolvimento. Aprender não é copiar ou reproduzir, mas elaborar uma representação pessoal da realidade a partir de experimentações e conhecimentos prévios. É preciso aprender significativamente, ou seja, não apenas acumular conhecimentos, mas construir significados próprios a partir do relacionamento entre a experiência pessoal e a realidade. A pré-existência de conteúdos confere certa peculiaridade à construção do conhecimento, que deve ser entendida como a atribuição de significado pessoal aos conteúdos concretos, produzidos culturalmente.

Pensando especificamente o trabalho do professor, o construtivismo é uma concepção útil à tomada de decisões compartilhadas, que pressupõe o trabalho em equipe na construção de projetos didáticos e rotinas de trabalho. Por fim, é importante ressaltar que o construtivismo não é um referencial acabado, fechado a novas contribuições; sua construção acontece no âmbito da situação de ensino/aprendizagem e a ela deve servir.

2. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem

A aprendizagem é motivada por um interesse, uma necessidade de saber. Mas o que determina esse interesse, essa necessidade? Não é possível elaborar uma única resposta a essa questão. No entanto, um bom caminho a seguir é compreender que além dos aspectos cognitivos, a aprendizagem envolve aspectos afetivo-relacionais. Ao construir os significados pessoais sobre a realidade, constrói-se também o conceito que se tem de você mesmo (autoconceito) e a estima que se professa (autoestima), características relacionadas ao equilíbrio pessoal. O autoconceito e a autoestima influenciam a forma como o aluno constrói sua relação com os outros e com o conhecimento; reconhecer essa dimensão afetivo-relacional é imprescindível ao processo educativo.

Em relação à motivação para conhecer, é necessário compreender a maneira como alunos encaram a tarefa de estudar, que pode ser dividida em dois enfoques: o enfoque profundo e o enfoque superficial. No enfoque profundo, o aluno se interessa por compreender o significado do que estuda e relaciona os conteúdos aos conhecimentos prévios e experiências. Já no enfoque superficial, a intenção do aluno limita-se a realizar atarefas de forma satisfatória, limitando-se ao que o professor considera como relevante, uma resposta desejável e não a real compreensão do conteúdo. Importante ressaltar que o enfoque com que o aluno aborda a tarefa pode variar; dessa forma, o enfoque

profundo pode ser a abordagem de uma relação a uma tarefa e o enforque superficial em relação a outras pelo mesmo aluno. A inclinação dos alunos para um enfoque ou outro vai depender, dentre outros fatores, da situação de ensino da qual esse aluno participa.

Entretanto, o enfoque profundo pode ser trabalhado com os alunos de maneira intencional. Para isso, é preciso conhecer as características da tarefa trabalhada, o que se pretende com determinado conteúdo e a sua necessidade. Tudo isso demanda tempo, esforço e envolvimento pessoal. Outro ponto importante a ser ressaltado é que o professor, ao entrar numa sala de aula, carrega consigo certa visão de mundo e imagem de si mesmo, que influenciam seu trabalho e sua relação com os alunos. Da mesma forma, os alunos constroem representações sobre seus professores. Reconhecer esses aspectos afetivos e relacionais é fundamental para motivação e interesse pela construção de conhecimento, tendo em vista que o autoconceito e a autoestima, ligados às representações e expectativas sobre o processo educativo, possuem um papel mediador na aprendizagem escolar.

As interações, no processo de construção de conhecimento, devem ser caracterizadas pelo respeito mútuo e o sentimento de confiança. É a partir dessas interações, das relações que se estabelecem no contexto escolar, que as pessoas se educam. Levar isto em consideração é compreender o papel essencial dos aspectos afetivo-relacionais no processo de construção pessoal do conhecimento sobre a realidade.

3. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios

Quando se inicia um processo educativo, as mentes dos alunos não estão vazias de conteúdo como lousas em branco. Ao contrário, quando chegam à sala de aula os alunos já possuem conhecimentos prévios advindos da experiência pessoal. Na concepção construtivista é a partir desses conhecimentos que o aluno constrói e reconstrói novos significados. Identificam-se alguns aspectos globais como elementos básicos que auxiliam na determinação do estado inicial dos alunos: a disposição do aluno para realizar a tarefa proposta, que conta com elementos pessoais e interpessoais com sua autoimagem, autoestima, a representação e expectativas em relação à tarefa a ser realizada, seus professores e colegas; capacidades, instrumentos, estratégias e habilidades compreendidas em certos níveis de inteligência, raciocínio e memória que possibilitam a realização da tarefa.

Os conhecimentos prévios podem ser compreendidos como esquemas de conhecimento, ou seja, a representação que cada pessoa possui sobre a realidade. É importante ressaltar que esses esquemas de conhecimento são sempre visões parciais e particulares da realidade, determinadas pelo contexto e experiências de cada pessoa. Os esquemas de conhecimento contêm, ainda, diferentes tipos de conhecimentos, que podem ser, por exemplo, de ordem conceitual (saber que o coletivo de lobos é alcateia), normativa (saber que não se deve roubar), procedimental (saber como se planta uma árvore). Esses conhecimentos são diferentes, porém não devem ser considerados melhores ou piores que outros. Para o ensino coerente, é preciso considerar o estado inicial dos alunos, seus conhecimentos prévios e esquemas de conhecimentos construídos. Esse deve ser o início do processo educativo: conhecer o que se tem para que se possa, sobre essa base, construir o novo.

4. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? A natureza ativa e construtiva do conhecimento.

Entre as concepções de ensino e aprendizagem sustentadas pelos professores, destacam-se três, cada uma considerando que aprender é:

1) Conhecer as respostas corretas: Nessa concepção entende-se que aprender significa responder satisfatoriamente as perguntas formuladas pelos professores. Reforçam-se positivamente as respostas corretas, sancionando-as. Os alunos são considerados receptores passivos dos reforços dispensados pelos professores.

2) Adquirir os conhecimentos relevantes: Nessa concepção, entende-se que o aluno aprende quando apreende informações necessárias. A principal atividade do professor é possuir essas informações e oferecer múltiplas situações (explicações, leituras, vídeos, conferências, visitas a museus) nas quais os alunos possam processar essas informações. O conhecimento é produto da cópia e não processo de significação pessoal.

3) Construir conhecimentos: Os conteúdos escolares são aprendidos a partir do processo de construção pessoal do mesmo. O centro do processo educativo é o aluno, considerado como ser ativo que aprende a aprender. Auxiliar a construção dessa competência é o papel do professor.

A primeira concepção está ligada às concepções tradicionais, diferenciada em relação às duas restantes por enfatizar o papel supremo do professor na elaboração das perguntas. As outras duas concepções, pelo contrário, ocupam-se de como os alunos adquirem conhecimentos; no entanto, entendem de formas diferentes esse processo. Compreendendo-se que aprender é construir conhecimentos, identifica-se a natureza ativa dessa construção e a necessidade de conteúdos ligados ao ato de aprender conceitos, procedimentos e atitudes.

Nesse sentido, é preciso organizar e planejar intencionalmente as atividades didáticas tendo em vista os conteúdos das diferentes dimensões do saber: procedimental (como a observação de plantas); conceitual (tipos e parte das plantas); e atitudinal (de curiosidade, rigor, formalidade, entre outras). O trabalho com esses conteúdos demonstra a atividade complexa que caracteriza o processo educativo, trabalho que demanda o envolvimento coletivo na escola.

5. Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir.

O ensino na concepção construtivista deve ser entendido como uma ajuda ao processo de ensino-aprendizagem, sem a qual o aluno não poderá compreender a realidade e atuar nela. Porém, deve ser apenas ajuda porque não pode substituir a atividade construtiva do conhecimento pelo aluno. A análise aprofundada do ensino enquanto ajuda leva ao conceito de "ajuda ajustada" e de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). No conceito de "ajuda ajustada" observa-se que o ensino, enquanto ajuda o processo de construção do conhecimento, deve ajustar-se a esse processo de construção. Para tanto, conjuga duas grandes características:

1) a de levar em conta os esquemas de conhecimento dos alunos, seus conhecimentos prévios em relação aos conteúdos a serem trabalhados;

2) e, ao mesmo tempo, propor desafios que levem os alunos a questionarem esses conhecimentos prévios. Ou seja, não se ignora aquilo que os alunos já sabem, porém aponta-se para aquilo que eles não conhecem, não realizam ou não dominam suficientemente, incrementando a capacidade de compreensão e atuação autônoma dos alunos.

O conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) foi proposto pelo psicólogo soviético L. S. Vygotsky, partindo do entendimento de que as interações e relações com outras pessoas são a origem dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Nesse sentido, a ZDP pode ser identificada como o espaço no qual, com a ajuda dos outros, uma pessoa realiza tarefas que não seria capaz de realizar individualmente. A contribuição do conceito de ZDP está relacionada à possibilidade de se especificar as formas em aula, ajudando os alunos no processo de significação pessoal e social da realidade.

Para o trabalho com os conceitos acima arrolados, indicam-se os seguintes pontos:

1) Inserir atividades significativas na aula;
2) Possibilitar a participação de todos os alunos nas diferentes atividades, mesmo que os níveis de competência, conhecimento e interesses forem diferenciados;
3) Trabalhar com as relações afetivas e emocionais;
4) Introduzir modificações e ajustes ao logo da realização das atividades;
5) Promover a utilização e o aprofundamento autônomo dos conhecimentos que os alunos estão aprendendo;
6) Estabelecer relações entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios dos alunos;
7) Utilizar linguagem clara e objetiva evitando mal-entendidos ou incompreensões;
8) Recontextualizar e reconceitualizar a experiência.

Trabalhar a partir dessas concepções caracteriza desafios à prática educativa que não está isenta de problemas e limitações. No entanto, entende-se que esse esforço, mesmo que acompanhado de lentos avanços, é decisivo para a aprendizagem e o desenvolvimento das escolas e das aulas.

6. Os enfoques didáticos

A concepção construtivista considera a complexidade e as distintas variáveis que intervêm nos processos de ensino na escola. Por isso, não receita formas determinadas de ensino, mas oferece elementos para a análise e reflexão sobre a prática educativa, possibilitando a compreensão de seus processos, seu planejamento e avaliação. Um método educacional sustenta-se a partir da função social que atribui ao ensino e em determinadas ideias sobre como as aprendizagens se produzem. Nesse sentido, a análise das tarefas que propõem e conteúdos trabalhados, explícita ou implicitamente (currículo oculto), requer a compreensão do determinante ideológico que embasam as práticas dos professores. A discriminação tipológica dos conteúdos, ou seja, a análise dos conteúdos trabalhados segundo a natureza conceitual, procedimental ou atitudinal, mostra-se como importante instrumento de entendimento do que acontece na sala de aula.

Outro instrumento importante para a compreensão do processo educativo é a concepção construtivista da aprendizagem, que estabelece a aprendizagem como uma construção pessoal que o aluno realiza com a ajuda de outras pessoas; processo que necessita da contribuição da pessoa que aprende, implicando o interesse, disponibilidade, conhecimentos prévios e experiência; implica também a figura do outro que auxilia na resolução do conflito entre os novos saberes e o que já se sabia, tendo em vista a realização autônoma da atividade de aprender a aprender.

O problema metodológico para o fazer educativo não se encontra no âmbito do "como fazemos", mas antes na compreensão do "que fazemos" e "por que". Na elaboração das sequências didáticas que devem auxiliar a prática educativa deve-se levar em consideração os objetivos e os meios que se tem para facilitar o alcance desses objetivos.

7. A avaliação da aprendizagem no currículo escola: uma perspectiva construtivista.

A questão da avaliação do processo educativo tem sido muito discutida. Com o desenvolvimento de propostas teóricas, metodológicas e instrumentais, expressões e conceitos como o de avaliação inicial, formativa e somatória povoam o vocabulário educacional. Junto a isso, construiu-se o consenso de que não se deve avaliar somente o aluno, mas também a atuação do professor, o planejamento de atividades e também sua aplicação. No entanto, muitas questões ainda se encontram sem respostas e se configuram como desafios aos envolvidos com o tema.

Uma primeira questão a ser levantada é a relação entre a avaliação e uma série de decisões relacionadas a ela, como promoção, atribuição de crédito e formatura de alu-

nos. Essas decisões não fazem parte, em sentido estrito, do processo de avaliação, porém essas decisões devem ser coerentes com as avaliações realizadas. O desafio é alcançar a máxima coerência entre os processos avaliativos e as decisões a serem tomadas. Todo processo avaliativo deve levar em conta os elementos afetivos e relacionais da avaliação. Desse modo, o planejamento das atividades avaliativas parte do entendimento de que o aluno atribui certo sentido a essa atividade, sentido que depende da forma como a avaliação lhe é apresentada e também de suas experiências e significações pessoais e sociais da realidade. É preciso levar em conta também o caráter sempre parcial dos resultados obtidos por meio das avaliações, devido à complexidade e diversificação das situações de aprendizagem vivenciadas pelos alunos. Assim, as práticas avaliativas privilegiadas devem ser aquelas que consideram a dinâmica dos processos de construção de conhecimentos.

Ao contrário das concepções que buscam neutralizar as influências do contexto nos resultados das avaliações, a concepção construtivista ressalta a necessidade de considerar as variáveis proporcionadas pelos diversos contextos particulares. Para isso, recomenda-se a utilização de uma gama maior possível de atividades de avaliação ao longo do processo educativo.

Partindo da consideração que é na prática que se utiliza o que se aprende, um dos critérios, que devem ser levantados nas atividades avaliativas, é o menor ou maior valor instrumental das aprendizagens realizadas, ou seja, em que grau pode-se utilizar o que se aprendeu, o que se construiu na significação dos saberes. Na medida em que aprender a aprender significa a capacidade para adquirir, de forma autônoma, novos conhecimentos, avaliar os aspectos instrumentais, é de suma importância a qualidade da educação. Por fim, ressalta-se a necessidade da abordagem da avaliação em estreita ligação com o planejamento didático e o currículo escolar. Dessa forma, "o quê", "como" e "quando" ensinar e avaliar se unem configurando uma prática educativa global, na qual as atividades avaliativas não estão separadas das demais atividades de construção de conhecimento pelos alunos.

Fonte

COLL, César. O construtivismo na sala de aula. São Paulo. Editora Ática, 1999

CONTRERAS, JOSÉ. A AUTONOMIA DE PROFESSORES. SÃO PAULO: CORTEZ EDITORA, 2002. (CAPÍTULOS 3 E 7).

A AUTONOMIA DOS PROFESSORES

CONTRERAS, José. A autonomia dos professores. São Paulo: Cortez, 2002.

A Autonomia dos professores, bem como a própria ideia de seu profissionalismo, são temas recorrentes nos últimos tempos nos discursos pedagógicos. No entanto, sua profusão está se dando, sobretudo, na forma de slogans, que como tal de desgastam e seus significados se esvaziam com o uso frequente. Pode-se dizer que, por serem slogans, são utilizados em excesso para provocar uma atração emocional, sem esclarecer nunca o significado que se lhes quer atribuir.

Há casos em que este sentido de slogan, de palavra com aura, é muito mais evidente. Tomemos o exemplo da qualidade da educação. Atualmente, todo programa, toda política, toda pesquisa, toda reivindicação educativa é feita em nome da qualidade, porém citá-la sem mais nem menos é, às vezes, um recurso para não defini-la. Remeter à expressão "qualidade da educação", em vez de explicitar seus diversos conteúdos e significados para diferentes pessoas, e em diferentes posições ideológicas, é uma forma de pressionar para um consenso sem permitir discussão. Evidentemente esse é um recurso que pode ser utilizado por quem tem poder para dispor e difundir slogan como forma de legitimar seu ponto de vista sem discuti-lo.

Em relação à autonomia dos professores, estamos diante de um caso parecido. Uma vez que a expressão passou a fazer parte dos slogans pedagógicos, já não podemos evitá-la. Porém, usá-la como slogan é apoiar os que têm a capacidade de exercer o controle discursivo, os que se valem da retórica para criar consenso evitando a discussão.

Deste modo, temos que aproveitar o processo de esclarecimento para recuperar e repensar aqueles significados que supõem uma defesa expressa de certas opções; e que, mais do que nos limitarmos a repeti-las, possamos descobrir seu valor educativo e social.

Esta é a pretensão deste livro. Esclarecer o significado da autonomia de professores, tentando diferenciar os diversos sentidos que lhe podem ser atribuídos, bem como avançar na compreensão dos problemas educativos e políticos que encerra. Deve-se compreender, no entanto, que apesar da pretensão de esclarecer os diferentes significados da autonomia, isto não quer dizer que o propósito seja puramente conceitual. Contreras pretende captar a significação no contexto de diferentes concepções educativas e sobre o papel daqueles que ensinam. O esclarecimento da autonomia é por sua vez a compreensão das formas ou dos efeitos políticos dos diferentes modos de conceber os docentes, bem como as atribuições da sociedade na qual esses profissionais atuam. Ao falar da autonomia

do professor, estamos falando também de sua relação com a sociedade e, por conseguinte, do papel da mesma com respeito à educação.

O presente texto está estruturado em três partes:

• na Parte I, analisa-se o problema do profissionalismo no ensino, situando essa questão no debate sobre a proletarização do professor, as diferentes formas de entender o que significa ser profissional e as ambiguidades e contradições ocultas na aspiração à profissionalidade.

• na Parte II, o autor discute as três tradições diferentes com respeito à profissionalidade de professores: a que entende os professores como técnicos, a que defende o ensino como uma profissão de caráter reflexivo e a que adota para o professor o papel do intelectual crítico.

A Parte III é dedicada a estabelecer uma visão global do que se deve entender por autonomia de professores, mostrando o equilíbrio necessário requerido entre diferentes necessidades e condições de realização da prática docente, e propondo as condições pessoais, institucionais e sociopolíticas que uma autonomia profissional deveria ter que não signifique nem individualismo, nem corporativismo, tampouco submissão burocrática ou intelectual. Segundo o autor, este não é um livro no qual se façam propostas concretas, se entendermos por isso planos de ação. Ao contrário, o livro possui, sim, um sentido muito prático, se aceitarmos que a forma com que pensamos tem muito a ver com a forma com que encaramos a realidade e decidimos nela nos inserir. A Autonomia não é isolamento e não é possível sem o apoio, a relação, o intercâmbio.

Nem sempre as sugestões provêm das leituras dos rascunhos. Provêm também, e neste caso especialmente, do clima intelectual e profissional no qual se criam oportunidades para discussões interessantes ou para análise de nós mesmos como docentes e de nossas circunstâncias profissionais.

A AUTONOMIA PERDIDA: A PROLETARIZAÇÃO DOS PROFESSORES

Uma das ideias mais difundidas na atualidade com respeito aos professores e, ao mesmo tempo, uma das mais polêmicas é a sua condição de profissional. Uma das razões que torna esse assunto problemático é que a palavra "profissional", e suas derivações, embora em princípio pareçam apenas referir-se às características e qualidades da prática docentes, não são sequer expressões neutras. O tema do profissionalismo – como todos os temas em educação – está longe de ser ingênuo ou desprovido de interesse e agendas mais ou menos escusas. O ensino, enquanto um ofício, não pode ser definido apenas de modo descritivo, ou seja, pelo que encontramos na prática real dos professores em sala de aula, já que a docência se define também por suas aspirações e não só por sua materialidade. Por isso, se quisermos entender as características e qualidades do ofício de ensinar, temos de discutir tudo o que se diz sobre ele ou o que dele se espera. E também o que é e o que não deveria ser; o que se propõe, mas que se torna, ao menos, discutível.

Esta é a razão pela qual, se quisermos abordar o tema da autonomia profissional, precisamos discutir os aspectos contraditórios e ambíguos que encerra. A aspiração do autor com essa discussão é, portanto, conseguir manter o confronto ideológico, com o objetivo de resgatar uma posição comprometida com determinados valores para a prática docente. O tema da proletarização dos professores nos oferece uma perspectiva adequada para essa preocupação. A tese básica da proletarização de professores é que o trabalho docente sofreu uma subtração progressiva de uma série de qualidades que conduziram os professores à perda de controle e sentido sobre o próprio trabalho, ou seja, à perda da autonomia. O debate sobre a proletarização dos professores

Embora não se possa falar em unanimidade entre os autores que defendem a teoria da proletarização de professores, a tese básica dessa posição é a consideração de que os docentes, enquanto categoria, sofreram ou estão sofrendo uma transformação, tanto nas características de suas condições de trabalho como nas tarefas que realizam as quais os aproxima cada vez mais das condições e interesses da classe operária. Autores como Apple (1987; 1989b; Apple e Jungck, 1990), Lawn e Ozga (1988; Ozga, 1988), ou Densmore (1987) são representantes de tal perspectiva.

Este tipo de análise, segundo Jimenez Jaén (1988), tem como base teórica a análise marxista das condições de trabalho do modo de produção capitalista e o desenvolvimento e aplicação dessas propostas realizadas por Braverman (1974). Com o objetivo de garantir o controle sobre o processo produtivo, este era subdividido em processos cada vez mais simples, de maneira que os operários eram especializados em aspectos cada vez mais reduzidos da cadeia produtiva, perdendo deste modo a perspectiva do conjunto, bem como as habilidades e destrezas que anteriormente necessitavam para o seu trabalho. O produto dessa atomização significava, por conseguinte, a perda da qualificação do operário. Agora, o trabalhador passa a depender inteiramente dos processos de racionalização e controle de gestão administrativa da empresa e do conhecimento científico e tecnológico dos experts. Deste modo, os conceitos-chave que explicam esse fenômeno de racionalização do trabalho são:

a) A separação entre concepção e execução no processo produtivo;

b) A desqualificação;

c) A perda de controle sobre o seu próprio trabalho.

Esta lógica racionalizadora transcendeu o âmbito da empresa, como âmbito privado e de produção, enquanto processo de acumulação de capital para invadir a esfera do Estado. No caso do ensino, a atenção a essas necessidades realizou-se historicamente mediante a introdução do mesmo espírito de "gestão científica", tanto no que se fere ao conteúdo da prática educativa como ao modo de organização e controle do trabalho do professor. Assim, o currículo começou a conceber também uma espécie de processo de produção, organizado sob os mesmos parâmetros de decomposição em elementos mínimos de realização – os objetivos -, os quais corresponderiam a uma descrição das

atividades particulares e específicas da vida adulta para as quais haveria que se preparar (Bobbit, 1918).A determinação cada vez mais detalhada do currículo a ser adotado nas escolas, a extensão de todo tipo de técnicas e diagnóstico e avaliação dos alunos, a transformação dos processos de ensino em microtécnicas dirigidas à consecução de aprendizagens concretas perfeitamente estipuladas e definidas de antemão, as técnicas de modificação de comportamento, dirigidas fundamentalmente ao controle disciplinar dos alunos, toda a tecnologia de determinação de objetivos operativos ou finais, projetos curriculares nos quais se estipula perfeitamente tudo o que deve fazer o professor passo a passo ou, em sua carência, os textos e manuais didáticos que enumeram i repertório de atividades que professores e alunos devem fazer etc. (Jimenez Jaen, 1988). Tudo isso reflete o espírito de racionalização tecnológica do ensino.

A degradação do trabalho, privado de suas capacidades intelectuais e de suas possibilidades de ser realizado como produto de decisões pensadas e discutidas coletivamente, regulamentado na enumeração de suas diferentes tarefas e conquistas a que se deve dar lugar, fez com que os professores fossem perdendo aquelas habilidades e capacidades e aqueles conhecimentos que tinham conquistado e acumulado "ao longo de dezenas de anos de duro trabalho" (Apple e Jungck, 1990:154).

Profissionalismo e proletarização

Um dos mecanismos que, segundo teóricos da proletarização, tem sido utilizado entre os professores como modo de resistência à racionalização de seu trabalho e à desqualificação, tem sido a reivindicação de seus status de profissionais (Densmore, 1987). Para Densmore, a pretensão dos docentes de serem reconhecidos como profissionais não reflete mais que uma aspiração para fugir de sua assimilação progressiva às classes trabalhadoras. Com efeito, a base social que se nutriu do trabalho dos professores foi evoluindo também à proporção que este se foi degradando.

Segundo Apple (1989b), não se pode explicar o surgimento do profissionalismo como defesa ideológica diante da desqualificação, sem entender a forma de evolução do sentido de responsabilidade entre os professores. Conforme aumenta o processo de controle, da tecnicidade e da intensificação, os professores e professoras tendem a interpretar esse incremento de responsabilidades técnicas como um aumento de suas competências profissionais. A tese definida por Lawn e Ozga sobre este particular: "Entre os professores, o profissionalismo pode ser considerado uma expressão do serviço à comunidade, bem como em outros tipos de trabalho (...). Também se pode considerar uma força criada externamente que os une numa visão particular de seu trabalho (...). O profissionalismo é, em parte, uma tentativa social de construir uma "qualificação"; a autonomia era, em parte, a criação por parte dos professores de um espaço defensivo em torno da referida 'qualificação'". (Lawn e Ozga, 1988:213).

Em contrapartida, isso permitiria entender fenômenos segundo os quais, em algumas ocasiões, os professores se comprometem com as políticas de legitimação do Estado, por meio de seus sistemas educativos: "Muitos mestres se comprometerão com elas (as metas de políticas reformistas) acreditando que vale a pena alcançá-las, e investirão quantidades excepcionais de tempo necessárias, tratando de assumi-las com seriedade. Estes mestres explorarão a si mesmos trabalhando inclusive mais duramente, com baixa remuneração e em condições intensificadas, fazendo tudo para vencer as contraditórias pressões às quais estarão submetidos. Aos mesmo tempo, porém, a carga adicional de trabalho criará uma situação na qual será impossível alcançar plenamente essas metas" (Apples e Jungck, 1990:169).

A Proletarização em nosso contexto recente

Outro aspecto crítico que convém considerar com respeito à análise da profissão do professor afetada por um processo de proletarização é que a maioria dos estudos sobre essa questão provêm de uma realidade social e educacional muito diferente da nossa, a maioria dos estudos é realizada na Europa. Estão se perdendo muitas das habilidades e conhecimentos profissionais que possuíam e estão sendo afastados de funções para determinação do currículo que anteriormente lhes correspondiam.

O professor do ensino fundamental passa atualmente por sucessivas transformações que elevam sua categoria até transformá-lo em estudos universitários, enquanto que para o professor do ensino médio se institui também uma formação pedagógica ainda mínima. (Varela e Ortega, 1984).

O certo é que essa requalificação permite transformar e ocultar a forma de controle, ao justificar-se por seu valor técnico para a eficácia, "neutralizando" o conteúdo anterior puramente ideológico. Desta maneira, embora pudéssemos falar de um processo de regulação, burocracia e tecnicidade cada vez mais detalhadas, isto não ocorre em um processo de anterior domínio e independência profissional. O modo de assegurar o controle e a dedicação dos professores, como vimos, reside em obter sua colaboração nos processos de racionalização, os novos mecanismos de racionalização que a reforma pôs em prática conseguirão eliminar as possíveis resistências dos professores à medida que consigam sua aceitação.

O controle ideológico e controle técnico no ensino

Em primeiro lugar, embora a análise dos processos de proletarização costume fazer referência fundamentalmente à perda das competências técnicas e a seu desprendimento das funções de concepção, com as quais se atribui significação ao trabalho, o certo é que no âmbito educativo há um aspecto mais importante que o da desqualificação técnica e que é mais de natureza ideológica. No contexto educativo, a proletarização, se ela significa alguma coisa, é sobretudo a perda de um sentido ético implícito no trabalho do professor. Há processos de controle ideológico sobre os professores que podem ficar encobertos por um aumento de sofisticação técnica e pela aparência de uma maior qualificação profissional. Um determinado resgate de habilidades e decisões profissionais pode se transformar em uma forma mais sutil de controle ideológico. Se a posição clássica da proletarização era a perda da autonomia ocasio-

nada pela redução de professores a meros executores de decisões externas, a recuperação de determinado controle pode não ser mais que a passagem da simples submissão a diretrizes alheias à "autogestão do controle externo".

A RETÓRICA DO PROFISSIONALISMO E SUAS AMBIGUIDADES

A discussão sobre o profissionalismo dos professores está atravessada de ponta a ponta pelas ambiguidades que a própria denominação "profissional" acarreta, bem como pelos interesses no uso desse termo. Algo desse assunto pode ser observado ao analisar o modo conflitivo e contraditório com que o termo é usado quando os professores tratam de fugir da proletarização. Passa a ser ambíguo porque sua fuga é tanto uma resistência à perda de qualidade em suas atividades de docência, como uma resistência a perder – ou não obter – um prestígio, um status ou uma remuneração que se identifique com a de outros profissionais.

Imagens e características

Em geral, parece que a reivindicação de profissionalismo ou o sentimento de "profissionais" por parte dos professores obedece a uma série de características que normalmente eles expressam como se pertencessem por direito próprio a seu trabalho. É o caso, por exemplo, da reivindicação de condições de trabalho como a remuneração, horas de trabalho, facilidade para atualização como profissionais e reconhecimento de sua formação permanente, tudo isso em conformidade com a importância da função social que cumprem. Mas é também um pedido de reconhecimento "como profissionais", isto é, como dignos de respeito e como especialistas em seu trabalho e, portanto, a rejeição à ingerência de "estranhos" em suas decisões e atuações. Isso significa, ao menos em certo sentido, "autonomia profissional", mas também dignificação e reconhecimento social de seu trabalho, sobretudo em épocas em que se sentem questionados pelos pais nos conselhos escolares. São muitos os quadros elaborados tentando expor quais são esses traços determinantes de uma profissão. Para Skopp, são eles:

• Um saber sistemático e global (o saber profissional)

• Poder sobre o cliente (disposição deste de acatar suas decisões)

• Atitude de serviço diante de seus clientes

• Autonomia ou controle profissional independente

• Prestígio social e reconhecimento legal e público de seu status

• Subcultura profissional especial

Já Fernandez Enoita (1990), por sua vez, assinalou os seguintes traços:

• Competência (ou qualificação num campo de conhecimentos)

• Vocação (ou sentido de serviço a seus semelhantes)

• Licença (ou exclusividade em seu campo de trabalho)

• Independência (ou autonomia, tanto frente às organizações como frente a seus clientes

• Autorregulação (ou regulação e controle exercido pela própria categoria profissional).

Assim quando se compara os professores com essas características, a conclusão mais habitual que se chega é que a única denominação possível a ser atribuída é a de semiprofissionais.

O profissionalismo como ideologia

Estudos de Larson (1977) colocaram em evidência que as teorizações sobre os traços não são senão formalizações de supostos ideológicos que as próprias profissões sustentam, com o objetivo de manter a legitimidade de seu status e privilégios, e para manter sua diferenciação com respeito a outras ocupações.

No entanto, segundo Larson, esse suposto poder autônomo não corresponde à realidade e hoje menos do que nunca. A necessidade de depender do poder do Estado para a defesa de seus interesses e do capitalismo monopolista modificaram as condições de trabalho dos profissionais, tornando-se agora um especialista assalariado em uma grande organização empresarial ou burocrática.

Essa transformação fez com que o status tradicional de muitos profissionais não seja agora mais que o de trabalhadores assalariados e burocratizados.

Além disso, se o profissionalismo como ideologia se encontra ligado à capacidade de impor um conhecimento como exclusivo, despolitizando e tornando tecnocrática a atuação social, está longe de ficar claro que isso seja uma conquista social, esta é uma advertência que Popkewitz (1990) faz.

O controle sobre o conhecimento e as profissões do ensino.

A profissionalização encontrou seu processo mais forte de legitimação na posse do conhecimento cientifico. O profissionalismo, como assessoria de experts no planejamento e regulação escolar, transformava a administração política educativa em um problema meramente racional, que poderia ser resolvido mediante habilidades técnicas adquiridas pelos especialistas graças ao caráter científico de seu conhecimento. (Popkewitz, 1991)"A formação de professores existe e está historicamente ligada ao desenvolvimento institucional do ensino. Conforme o ensino evoluiu como forma social de preparar as crianças para a vida adulta, também se desenvolveu um grupo ocupacional especializado em elaborar o plano de sua vida diária. Este grupo desenvolveu algumas corporações especializadas em imagens, alegorias e rituais que explicam a 'natureza' do ensino e sua divisão do trabalho. A formação de professores pode ser entendida, em parte, como um mecanismo para fixar e legitimar as pautas ocupacionais de trabalho para os futuros professores" (Popkewitz, 1987)

O resultado é que os professores ocupam uma posição subordinada na comunidade discursiva da educação. Quem detém o status de profissional no ensino é, fundamentalmente, o grupo de acadêmicos e pesquisadores universitários, bem como o de especialistas com funções administrativas, de planejamento e de controle no sistema educacional.

As armadilhas do profissionalismo

Em nome da profissionalização, ou de atributos que lhe são associados, com o objetivo de garanti-la, ou ampliá-la, justificam-se transformações administrativas e trabalhistas para os docentes, exigindo-se sua colaboração. Evidentemente, não se pode defender a oposição a uma reforma se, como consequência da mesma, começarmos a ser reconhecidos como melhores profissionais ou, se nós negamos a fazê-la, estaremos abandonando nossas responsabilidades profissionais.

Smyth (1991a), por exemplo, explica a forma em que o profissionalismo dos professores está se redefinindo e utilizando, como fator de legitimação, as novas políticas de reforma, as quais se caracterizam por uma combinação entre as decisões centralizadas e pelas metas curriculares claramente definidas e fixadas pelo Estado, por um lado, e a participação local e a decisão colegiada nos centros escolares por outro.

Dessa perspectiva, a profissionalização atua como modo de garantir a colaboração sem discutir os limites de atuação. Isto é o que Hargreaves e Dave (1990) chamam de "colegização artificial".

Autonomia no profissionalismo

A reivindicação de autonomia do profissionalismo parece mais uma defesa contra a intrusão. É previsível que essa reação contra a intervenção externa possa se sustentar com mais facilidade diante dos setores mais fracos da sociedade, do que frente às organizações ou aos poderes públicos; isto é, ante os receptores de seus serviços e não frente a seus empregadores (Fernandez Enguita, 1993; Gil, 1996). Nesse sentido, os movimentos de profissionalização podem obter mais êxito em preservar suas atuações da crítica e da participação social, do que na determinação do conteúdo ou das condições de seu trabalho nas instituições nas quais se integram. A autonomia como não intromissão costuma ser, por um lado, uma descrição equivocada da função desempenhada pelo ensino, já que este se situa no terreno da transmissão de valores e saberes sancionados socialmente.

OS VALORES DA PROFISSIONALIZAÇÃO E A PROFISSIONALIDADE DOCENTE

A profissionalidade docente e as qualidades do trabalho educativo

Como afirmaram Lawn e Ozga (1988), ou Carlson (1987;1992), as exigências profissionais que os professores podem fazer não se diferenciam em muitas ocasiões das que podem ser feitas por outros trabalhadores. Pretender um maior controle sobre o próprio trabalho não é privativo dos trabalhadores da área de ensino, porém essa reivindicação não se reduz a um desejo de maior status. A educação requer responsabilidade e não se pode ser responsável se não é capaz de decidir, seja por impedimentos legais ou por falta de capacidades intelectuais e morais. Autonomia, responsabilidade, capacitação são características tradicionalmente associadas a valores profissionais que deveriam ser indiscutíveis na profissão de docente. E a profissionalização pode ser, nessa perspectiva, uma forma de defender não só os direitos dos professores, mas da educação.

A obrigação moral

A primeira dimensão da profissionalidade docente deriva do fato de que o ensino supõe um compromisso de caráter moral para quem a realiza (Contreras, 1990). Este compromisso ou obrigação moral confere à atividade de ensino um caráter que, como assinalou Sockett (1989:100), se situa acima de qualquer obrigação contratual que possa ser estabelecida na definição do emprego. É preciso atender o avanço na aprendizagem de seus alunos, enquanto que não se pode esquecer das necessidades e do reconhecimento do valor que, como pessoas, merece todo o alunado. É inevitável o fato de que o trabalho de ensinar consista na relação direta e continuada com pessoas concretas sobre as quais se pretende exercer uma influência, com a bondade das pretensões e com os aspectos mais pessoais de evolução, os sentimentos e o cuidado e atenção que podem exigir como pessoas (Noddings, 1986). O aspecto moral do ensino está muito ligado à dimensão emocional presente na relação educativa. Na verdade, sentir-se comprometido ou "obrigado" moralmente reflete este aspecto emocional na vivência das vinculações com o que se considera valioso. O professor ou professora, inevitavelmente, se defronta com sua própria decisão sobre a prática que realiza, porque ao ser ele ou ela quem pessoalmente se projeta em sua relação com alunos e alunas, tratando de gerar uma influência, deve decidir ou assumir o grau de identificação ou de compromisso com as práticas educativas que desenvolve, os níveis de transformação da realidade que enfrenta etc.

O compromisso com a comunidade

A educação não é um problema da vida privada dos professores, mas uma ocupação socialmente encomendada e responsabilizada publicamente. É também necessário entender que a responsabilidade pública envolve a comunidade na participação das decisões sobre o ensino. Se a educação for entendida como um assunto que não se reduz apenas às salas de aula, mas que tem uma clara dimensão social e política, a profissionalidade pode significar uma análise e uma forma de intervir nos problemas sociopolíticos que competem ao trabalho de ensinar. Todos os campos de compromisso social da prática docente supõem para os professores, em muitas ocasiões, um conflito com as definições institucionais da escola, a regulação de suas funções e as inércias tradições assentadas. Já não estamos falando do professor ou da professora, isolados na sua sala de aula, como forma de definir o lugar da sua competência profissional, mas da ação coletiva e organizada e da intervenção naqueles lugares que restringem o reconhecimento das consequências sociais e da política do exercício profissional do ensino.

A competência profissional

A obrigação moral dos professores e o compromisso com a comunidade requerem uma competência profissional coerente com ambos. Temos que falar de competên-

cias profissionais complexas que combinam habilidades, princípios e consciência do sentido das consequências das práticas pedagógicas. Dificilmente, pode-se assumir uma obrigação moral ou um compromisso com o significado e as repercussões sociais do ensino se não se dispuser desta competência (Sockett, 1993).É necessário destacar, de qualquer modo, que a atenção a competências profissionalizadoras que requerem um distanciamento dos contextos imediatos para entender os fatores de determinação da prática educativa há de ser compensada e simultaneamente sustentada com a atenção e cuidado às pessoas concretas que se deduz da obrigação moral. Da mesma maneira, podemos dizer que a competência profissional é o que capacita o professor para assumir responsabilidades, mas ele ou ela dificilmente pode desenvolver sua competência sem exercitá-la, isto é, se carecer de autonomia profissional, porque, como afirmou Gimeno: "(...) um professor não pode se tornar competente naquelas facetas sobre as quais não tem ou não pode tomar decisões e elaborar juízos arrazoados que justifiquem suas intervenções" (Gimeno, 1989:15).

MODELOS DE PROFESSORES:
EM BUSCA DA AUTONOMIA PROFISSIONAL DO DOCENTE

A Autonomia Ilusória: o professor como profissional técnico

Trata-se mais precisamente de aprofundar o entendimento da autonomia como chave para compreensão de um problema específico do trabalho educativo, característica que se mostrará essencial na possibilidade de desenvolvimento das qualidades essenciais da prática educativa.

A prática profissional do ensino a partir da racionalidade técnica

Como afirmou Schön (1983;1992), o modelo dominante que tradicionalmente existiu sobre como atuam os profissionais na prática, e sobre a relação entre pesquisa, conhecimento e prática profissional, foi o da racionalidade técnica. A ideia básica deste modelo é que a prática profissional consiste na solução instrumental de problemas mediante a aplicação de um conhecimento teórico e técnico, previamente disponível, que procede da pesquisa científica. Segundo essa perspectiva, Schein identificou no conhecimento profissional três componentes essenciais:

a) Ciência ou disciplina básica, sobre o qual a prática se apoia e a partir do qual se desenvolve.

b) Ciência aplicada ou de engenharia, a partir do qual deriva a maioria dos procedimentos cotidianos de diagnóstico e de solução de problemas.

c) Habilidade e atitude, que se relaciona com a atuação concreta a serviço do cliente, utilizando para isso os dois componentes anteriores da ciência básica e aplicada. "A racionalidade técnica impõe, então, pela própria natureza da produção do conhecimento, uma relação de subordinação dos níveis mais aplicados e próximos da prática aos níveis mais abstratos de produção do conhecimento, ao mesmo tempo em que se preparam as condições para o isolamento dos profissionais e seu confronto gremial" (Pérez Gómez, 1991).

Domínio Técnico e dependência profissional

No campo da educação, a falta de aplicação técnica de grande parte do conhecimento pedagógico, juntamente com a natureza ambígua e, por vezes, conflituosa de seus fins, levou a que se considere o ensino como uma profissão somente em um sentido muito fraco e limitado. O reconhecimento que, como profissionais, os professores possuem, sob essa concepção, relaciona-se com o domínio técnico demonstrado na solução de problemas, ou seja, no conhecimento dos procedimentos adequados de ensino e em sua aplicação inteligente. O conhecimento pedagógico relevante, a partir da mentalidade da racionalidade técnica, é sobretudo aquele que estabelece quais os meios mais eficientes para levar a cabo alguma finalidade predeterminada, ou seja, aquele que se pode apresentar como técnica ou método de ensino (Holiday, 1990).

A irredutibilidade técnica do ensino.

O professor, como profissional técnico, compreende que sua ação consiste na aplicação de decisões técnicas. Ao reconhecer o problema diante do qual se encontra, ao ter claramente definidos os resultados que deve alcançar, ou quando tiver decidido qual é a dificuldade de aprendizagem de tal aluno ou grupo, seleciona entre o repertório disponível o tratamento que melhor se adapta à situação e o aplica. A prática docente é, em grande medida, um enfrentamento de situações problemáticas nas quais conflui uma multidão de fatores e em que não se pode apreciar com clareza um problema que coincida com as categorias de situações estabelecidas de situações para as quais dispomos de tratamento. Aqueles professores que entendem que seu trabalho consiste na aplicação de habilidades para alcançar determinadas aprendizagens, tendem a resistir à análise de circunstâncias que ultrapassa a forma pela qual já compreenderam seu trabalho. Por outro lado, os que se sensibilizam diante dessas questões, terão de aceitar o contexto mais amplo nas origens e consequências de sua prática educativa como parte de seu compromisso profissional, embora percam necessariamente a segurança que lhes dava a redução de sua competência profissional, e se abrirão à complexidade, à instabilidade e à incerteza.

A autonomia ilusória: a incapacitação política

Eliot (1991b) denominou de "expert infalível" aquele tipo de professor que demonstra uma preocupação pelo rigor maior do que pela relevância. Segundo este autor, o expert infalível não está preocupado em desenvolver uma visão global da situação na qual atua, mas, sim, em função das categorias extraídas do conhecimento especializado que possui. Ainda segundo Elliott, dada a lacuna existente na epistemologia positivista, da prática entre o domínio do conhecimento técnico e seu uso nas situações reais, o "expert infalível" aplica esse conhecimento de forma intuitiva, baseando-se no saber do senso comum, que se manipula na cultura profissional. Um dos efeitos evidentes da concepção dos professores como "experts técnicos" é o que se refere às finalidades do ensino. Em termos da prática de ensino, tanto a fixação externa de objetivos educacionais

como sua redução a resultados, não resolvem os problemas de obrigação moral, os quais os professores necessariamente enfrentarão.

O DOCENTE COMO PROFISSIONAL REFLEXIVO

O que o modelo de racionalidade técnica - como concepção da atuação profissional - revela é a sua incapacidade para resolver e tratar tudo o que é imprevisível, tudo o que não pode ser interpretado como um processo de decisão e atuação regulado segundo um sistema de raciocínio infalível a partir de um conjunto de premissas. Por isso, é necessário resgatar a base reflexiva da atuação profissional, com o objetivo de entender a forma pela qual realmente se abordam situações problemáticas da prática. A partir da descrição que Schön realizou, observando a forma com que diferentes profissionais realizam realmente seu trabalho, foi se caracterizando essa perspectiva, apresentada a seguir.

Schön e os profissionais reflexivos

A ideia de profissional reflexivo desenvolvida por Schön (1983;1992) trata justamente de dar conta da forma pela qual os profissionais enfrentam aquelas situações que não se resolvem por meio de repertórios técnicos; aquelas atividades que, como o ensino, se caracterizam por atuar sobre situações que são incertas, instáveis, singulares e nas quais há um conflito de valor. Essa ideia de reflexão na ação habitual, na vida cotidiana, adota determinadas características próprias na prática profissional. Conforme sua prática fica estável e repetitiva, seu conhecimento na prática se torna mais tácito e espontâneo. É esse conhecimento profissional o que lhe permite confiar em sua especialização. Os professores podem se encontrar em processos imediatos de reflexão na ação no caso de terem de responder a uma alteração imprevista no ritmo da classe. Este processo de reflexão na ação transforma o profissional, segundo Schön, em um "pesquisador no contexto da prática" (1983:69). A prática constitui-se, desse modo, um processo que se abre não só para a resolução de problemas de acordo com determinados fins, mas à reflexão sobre quais devem ser os fins, qual o seu significado concreto em situações complexas e conflituosas, "que problemas valem a pena ser resolvidos e que papel desempenhar neles" (ibid.:130)."Um profissional que reflete na ação tende a questionar a definição de sua tarefa, as teorias na ação das quais ela parte e as medidas de cumprimento pelas quais é controlado. E, ao questionar essas coisas, também questiona elementos da estrutura do conhecimento organizacional na qual estão inseridas suas funções (...). A reflexão na ação tende a fazer emergir não só os pressupostos e as técnicas, mas também os valores e propósitos presentes no conhecimento organizacional". (Schön, 1983:338-9)

Stenhouse e o professor como pesquisador

A concepção do ensino como prática reflexiva, e dos professores como profissionais reflexivos, transformaram-se em denominações habituais na atual literatura pedagógica, de tal maneira que, como veremos mais adiante, chegou-se inclusive, a obscurecer algumas vezes o sentido que Schön quis dar a esses termos. Para Stenhouse, o ensino é uma arte, visto que significa a expressão de certos valores e de determinada busca que se realiza na própria prática do ensino. Por isso, pensa que os docentes são como artistas, que melhoram sua arte experimentando-a e examinando-a criticamente. E compara a busca e experimentação de um professor com a que realiza, por exemplo, um músico tentando extrair o que há de valioso em uma partitura, tentando experimentá-la, pesquisando possibilidades, examinando efeitos, até encontrar o que para ele expressa seu autêntico sentido musical. (Stenhouse, 1985). Tanto Stenhouse com Schön expõem sua posição em relação aos professores ou aos profissionais como resistência e oposição aos modelos de racionalidade técnica. Uma das ideias básicas no pensamento de Stenhouse foi a da singularidade das situações educativas. Não é possível saber o que é, ou o que será, uma situação de ensino até que se realize. Desta forma, é impossível dispor de um conhecimento que nos proporcione os métodos que devam ser seguidos no ensino, porque isso seria como aceitar que há ações cujo significado se estabelece à margem dos que o atribuem, ou que é possível depender de generalizações sobre métodos, quando o importante na educação é atender as circunstâncias que cada caso apresenta e não pretender a uniformização dos processos educativos, ou dos jovens. Como a prática docente supõe o ensino de algo, a criação de determinadas situações de aprendizagem, a busca de certas qualidades na aprendizagem dos alunos etc., é o currículo que reflete o conteúdo do ensino. O currículo necessita ser sempre interpretado, adaptado e, inclusive, (re) criado por meio do ensino que o professor realiza. Como expressa J. Mac Donald: "O ensino não é a aplicação do currículo, mas a contínua invenção, reinvenção e improvisação do currículo.

O professor, como pesquisador de sua própria prática, transforma-a em objeto de indagação dirigida à melhoria de suas qualidades educativas. O currículo, enquanto expressão de sua prática e das qualidades pretendidas, é o elemento que se reconstrói na indagação, da mesma maneira que também se reconstrói a própria ação. A ideia do professor como pesquisador está ligada, portanto, à necessidade dos professores de pesquisar e experimentar sobre sua prática enquanto expressão de determinados ideais educativos.

O fundamento aristotélico: a racionalidade prática.

Tanto o trabalho de Schön como o de Stenhouse, e seus seguidores, podem ser assumidos perfeitamente sob a perspectiva da racionalidade prática aristotélica. Para Aristóteles, há uma diferença clara entre o que se chama de atividades técnicas e as atividades práticas. De acordo com essa ética, é evidente que a educação é um tipo de atividade prática se for entendida como dirigida não à consecução de produtos, mas à realização de qualidades intrínsecas ao próprio processo educativo.

Autonomia das decisões profissionais e responsabilidade social

Ser sensível às características do caso, e atuar em relação ao mais apropriado para o mesmo, é algo que requer processos reflexivos, os quais não podem manipular elementos que não estiverem assimilados por seus protagonistas, seja a partir de sua própria experiência ou da proposição de uma tradição. Se a deliberação é sobre a forma de realizar o bem, nenhum professor poderá evitar agir em relação à sua própria concepção do que é o bem na educação, independentemente das restrições ou das ordens às quais estejam submetidos. A conclusão que se extrai é a de que a educação não pode ser determinada a partir de fora; entenda-se a partir disto a ideia de que a prática educativa não pode ser a realização de valores educativos formulados por agentes externos à própria ação. São os próprios profissionais do ensino que, em última instância, decidem a forma com que planejam suas aulas, por meio das quais as tentativas de influência externa são transformadas em práticas que nem sempre têm muito a ver com a essência das mudanças pretendidas. "Como poderemos nós, professores, conhecer o que se deve fazer: Uma resposta possível é que teremos de receber instruções em forma de currículo e de especificações sobre os métodos pedagógicos.

Pessoalmente, rejeito essa ideia. A educação é um aprendizado no contexto de uma busca da verdade. A verdade não pode estar definida pelo Estado, nem sequer por meio de processos democráticos: um controle estrito do currículo e dos métodos pedagógicos nas escolas é equivalente ao controle totalitário da arte. Alcançar a verdade por meio da educação é um assunto de juízo profissional em cada situação concreta, e os professores de educação ou os administradores não podem nos indicar o que devemos fazer. As recomendações vão variar em cada caso. Não necessitaremos de um médico se o que este nos indicar for um tratamento prescrito pelo Estado ou sugerido por seu professor, sem sequer nos ter examinado e diagnosticado previamente" (Stenhouse, 1985:44-5)

CONTRADIÇÕES E CONTRARIEDADES:
DO PROFISSIONAL REFLEXIVO AO INTELECTUAL CRÍTICO

Não vivemos em uma sociedade simplesmente pluralista, mas estratificada e dividida em grupos com status desigual, poder e acesso a recursos materiais e culturais (Warnke, 1992:150). A prática profissional não é só a realização de pretensões educativas. Nós, docentes, em um mundo não só plural, mas também desigual e injusto, nos encontramos submetidos a pressões e vivemos contradições e contrariedades das quais nem sempre é fácil sair, ou nem sequer captar com lucidez.

É essa fraqueza ou insuficiência de argumentação do profissional reflexivo que conduz à busca de uma concepção que, sem renunciar ao que anuncia a pretensão reflexiva (uma prática consciente e deliberativa, guiada pela busca da coerência pessoal entre as atuações e convicções), dê conta dessas preocupações em relação a qual deveria ser a orientação para a reflexão do professor.

Apropriação generalizada do termo reflexivo

Desde que se publicou a obra de Schön (1983), a ideia do docente como profissional reflexivo passou a ser moeda corrente na literatura pedagógica. Vários autores tentaram fazer uma revisão sobre o enfoque reflexivo. De um lado, não se sabe, em muitas ocasiões, o que querem dizer os autores com o termo reflexão, fora do uso comum utilizado pela maioria dos professores. Zeichner (1993), por exemplo, em uma tentativa de esclarecer o campo, identificou na literatura pedagógica cinco variedades da prática reflexiva:

• Versão acadêmica: que acentua a reflexão sobre as disciplinas, e a representação e tradução do conhecimento disciplinar em matérias, para promover a compreensão dos estudantes;

• Versão de eficiência social: que ressalta a aplicação minuciosa de estratégias particulares de ensino que vêm sugeridas por um "conhecimento básico" externo à prática e que se deduz da pesquisa sobre o ensino;

• Versão evolutiva que prioriza um ensino sensível ao pensamento, aos interesses e às pautas do desenvolvimento evolutivo dos estudantes, bem como da própria evolução do professor como docente e como pessoa;

• Versão de reconstrução social que acentua a reflexão sobre os contextos institucionais, sociais e políticos, bem como a valorização das atuações em sala de aula em relação à sua capacidade para contribuir para uma igualdade maior, justiça e condições humanas, tanto no ensino como na sociedade;

• Versão genética, na qual se defende a reflexão em geral, sem especificar grande coisa em relação aos propósitos desejados ou ao conteúdo da reflexão

Crítica à concepção reflexiva de Schön

Liston e Zeichner (1991) apontaram os limites da teoria de Schön. Para eles, este é um enfoque reducionista e estreito, que limita, por conseguinte, o sentido do que deveria ser uma prática reflexiva. "A prática reflexiva competente pressupõe uma situação institucional que leve a uma orientação reflexiva e a uma definição de papéis, que valorize a reflexão e a ação coletivas orientadas para alterar não só as interações dentro da sala de aula e na escola, mas também entre a escola e a comunidade imediata e entre a escola e as estruturas sociais mais amplas" (Liston e Zeichner, 1991: 81).

A crítica de Liston e Zeichner se dirige à falta de especificidade de Schön em relação ao fato de que os professores reflitam sobre sua linguagem, seu sistema de valores, de compreensão sobre a forma com que definem seu papel, pois é necessário propor a forma com que isto se constitui como parte importante do processo de reflexão na ação.

Os limites do professor como artista reflexivo

Da mesma forma que no caso de Schön, há outros autores que criticaram as limitações do pensamento de Stenhouse em relação a sua concepção do professor como pesquisador. A ideia do artista reflete o fato de que uma pessoa se autoanalisa, com seus próprios recursos e sua própria compreensão, para desenvolver as qualidades artísticas de sua obra, dentro de uma tradição estética. Quando se define a ideia do professor como artista ou como

pesquisador, bem como a do profissional reflexivo, estamos diante do mesmo problema: define-se uma configuração das relações entre determinadas pretensões e as práticas profissionais, em um contexto de atuação, mas não se está revelando nenhum conteúdo para essa reflexão.

As práticas institucionais dos professores e as limitações da reflexão

Não poderemos compreender as possibilidades que a reflexão tem em si mesma para detectar os interesses de dominação da prática escolar, e para transcender os limites que esta impõe à emancipação, se não tivermos em conta a forma com que professores e professoras, no contexto da instituição escolar, constroem seu papel. O ensino, enquanto prática social, não é definido ex novo pelos docentes, mas estes se incorporam a uma instituição, a qual já responde a certas pretensões, uma história, rotinas e estilos estabelecidos. Contudo, a lógica do controle tecnocrático entra em contradição com a forma pela qual as instituições expressam o sentido da missão encomendada. Enquanto que por um lado, se formulam as finalidades educativas como formas de preparação para uma vida adulta com capacidade crítica em uma sociedade plural, por outro lado a docência e a vida na escola se estruturam negando essas pretensões.

A crítica teórica como superadora das limitações da reflexão

Muitos professores, em virtude das características da instituição educacional e da forma pela qual nela se socializam, tendem a limitar seu universo de ação e de reflexão à sala de aula. O excesso de responsabilidade e a insegurança em que vivem os levam a aceitar as concepções regulamentares e tecnocráticas, que lhes oferecem uma segurança aparente, porém, ao mesmo tempo, a regulamentação burocrática e externa lhes impede de atender simultaneamente às necessidades de seus alunos e às exigências de controle. Em sua insatisfação, os sentimentos de responsabilidade conduzem ao isolamento e ao deslocamento da culpa para os contextos mais imediatos: os alunos, os colegas, o funcionamento da escola. Segundo expressa Giroux: "Os professores podem não ser conscientes da natureza de sua própria alienação, ou podem não reconhecer o problema como tal (...). Esta é precisamente a ideia da teoria crítica: ajudar os professores a desenvolver uma apreciação crítica da situação na qual se encontram".

Giroux e o professor como intelectual crítico

Foi Giroux quem melhor desenvolveu essa ideia dos professores como intelectuais. Baseando-se nas ideias de Gramsci sobre o papel dos intelectuais na produção e reprodução da vida social, para Giroux, o sentido dos professores compreendidos como intelectuais reflete todo um programa de compreensão e análise do que, para ele, devem ser os professores. Por um lado, permite entender o trabalho do professor como tarefa intelectual, em oposição às concepções puramente técnicas ou instrumentais. "O ensino para a transformação social significa educar os estudantes para assumir riscos e para lutar no interior das contínuas relações de poder, tornando-os capazes de alterar as bases sobre as quais se vive a vida. Atuar como intelectuais transformadores significa ajudar os estudantes a adquirir um conhecimento crítico sobre as estruturas sociais básicas, tais como a economia, o Estado, o mundo do trabalho e a cultura de massas, de modo que estas instituições possam se abrir a um potencial de transformação. Uma transformação, neste caso, dirigida à progressiva humanização da ordem social" (Giroux, 1991:90).

A reflexão crítica

Facilitar a ligação de uma concepção libertadora da prática de ensino com um processo de emancipação dos próprios professores para sua configuração como intelectuais críticos requer, na opinião de Smyth (1991b; 1986; 1987) e Kemmis (1985; 1987), a constituição de processos de colaboração com os professores para favorecer sua reflexão crítica. A reflexão crítica não se pode ser concebida como um processo de pensamento sem orientação. Pelo contrário, ela tem um propósito muito claro de "definir-se" diante dos problemas e atuar consequentemente, considerando-os como situações que estão além de nossas próprias intenções e atuações pessoais, para incluir sua análise como problemas que têm uma origem social e histórica.

Para Kemmis (1987), refletir criticamente significa colocar-se no contexto de uma ação, na historiada situação, participar de uma atividade social e ter uma determinada postura diante dos problemas. Significa explorar a natureza social e histórica, tanto de nossa relação como atores nas práticas institucionalizadas da educação, quanto da relação entre nosso pensamento e ação educativos. Colmo essa maneira de atuar tem consequências públicas, a reflexão crítica induz a conceber como uma atividade também pública, exigindo, por conseguinte, a organização das pessoas envolvidas e dirigindo-se à elaboração de processos sistemáticos de crítica que permitiriam a reformulação de sua teoria e prática social e de suas condições de trabalho.Com o objetivo de poder articular a forma pela qual a prática reflexiva se relaciona com um compromisso crítico, Kemmis (1985) chamou a atenção para os elementos que configuram como processo. São os seguintes:

1. A reflexão não está biológica ou psicologicamente determinada, nem é tampouco "pensamento puro"; expressa uma orientação à ação e tem a ver com a relação entre pensamento e ação nas situações reais históricas nas quais nos encontramos.

2. A reflexão não é o trabalho individualista da mente, como se fosse um mecanismo ou mera especulação; pressupõe e prefigura relações sociais.

3. A reflexão não está livre de valores nem é neutra; expressa e serve a particulares interesses humanos, sociais, culturais e políticos.

4. A reflexão não é indiferente ou passiva em relação à ordem social, nem se reduz a discutir os valores sobre os quais exista acordo social; ativamente, reproduz ou transforma as práticas ideológicas que estão na base da ordem social.

5. A reflexão não é um processo mecânico nem tampouco um exercício puramente criativo na construção de novas ideias; é uma prática que expressa nosso poder para

reconstruir a vida social pela forma de participação por meio da convivência, da tomada de decisões ou da ação social (Kemmis, 1985:149).

O fundamento habermasiano da reflexão crítica

Todas estas discussões sobre a reflexão crítica encontram seu fundamento na Teoria Crítica e, mais especificamente, nas ideias de Habermas. O projeto teórico de Habermas está baseado nas ideias da emancipação, no aprofundamento de seu significado, na fundamentação de sua razão de ser e no papel do conhecimento nela contido.

A partir de sua teoria dos interesses constitutivos do conhecimento, Habermas (1982; 1984) defende que as concepções práticas, ou seja, aquelas que supõem uma ação comunicativa dirigida ao entendimento e ao acordo (e sobre as quais se sustenta o modelo profissional reflexivo), não são possíveis em uma sociedade em que os modos dominantes de produção, o imperativo da mentalidade tecnológica, aplicada aos sistemas de relações humanas, e dos interesses dos grupos que detêm o poder, forçaram certas relações que estão enraizadas em uma comunicação distorcida, ou em sistemas diretamente coercitivos, que dão lugar a consciências deformadas pela ideologia.

Nas relações que Habermas estabelece em todo este plano de conhecimento dirigido à ação política, a figura do teórico (e de sua teoria) fica esboçada de forma problemática, já que reconhece por um lado um momento de privilégio, simultâneo à incapacidade de justificar-se conclusivamente. "A reivindicada superioridade do ilustrador sobre aquele que ainda deve se ilustrar é teoricamente inevitável, mas é, ao mesmo tempo, fictícia e necessita de autocorreção: em um processo de ilustração há somente participantes" (Habermas, 1987).

Diversos entendimentos sobre crítica

A importância deste fato para nós é que, quando se trata de estimular professores a buscarem processos de emancipação guiados pela reflexão crítica, à maneira do que propunham Kemmis ou Smyth, não é nem um pouco evidente que estejamos diante de um caso semelhante aos dos grupos organizados por interesses comuns e por intenção política. Em todo o caso, o que se propunha era mais o desejo de que a reflexão crítica conduzisse à necessidade de uma ação transformadora.

Autonomia ou emancipação

O que o modelo dos professores como intelectuais críticos sugere é que tanto a compreensão dos fatores sociais e institucionais que condicionam a prática educativa, como a emancipação das formas de dominação que afetam nosso pensamento e nossa ação não são processos espontâneos que se produzem "naturalmente" pelo mero fato de participarem de experiências que se pretendem educativas. Do esforço também para descobrir as formas pelas quais os valores ideológicos dominantes, as práticas culturais e as formas pelas quais os valores ideológicos dominantes, as possibilidades de ação do professor, mas também as próprias perspectivas de análise e compreensão do ensino, de suas finalidades educativas e de sua função social. Igualmente o intelectual crítico está preocupado com a captação e potencialização dos aspectos de sua prática profissional, que conservam uma possibilidade de ação educativamente valiosa, enquanto busca a transformação ou a recondução daqueles aspectos que não a possuem, sejam eles pessoais, organizacionais ou sociais.

AUTONOMIA E SEU CONTEXTO
A CHAVE DA AUTONOMIA DOS PROFESSORES

Concepção da autonomia profissional

Autonomia como status ou como atributo. Autoridade unilateral do especialista. Não ingerência. Autonomia ilusória: dependência de diretrizes técnicas, insensibilidade para os dilemas, incapacidade de resposta criativa diante da incerteza Autonomia como responsabilidade moral individual, considerando os diferentes pontos de vista. Equilíbrio entre a independência de juízo e a responsabilidade social. Capacidade para resolver as situações-problema para a realização prática das pretensões educativas. Autonomia como emancipação: liberação profissional e social das opressões. Superação das distorções ideológicas. Consciência crítica. Autonomia como processo coletivo (configuração discursiva de uma vontade comum), dirigido à transformação das condições institucionais e sociais de ensino

As novas políticas educacionais e a autonomia de professores.

Não é possível falar da autonomia de professores sem fazer referência ao contexto trabalhista, institucional e social em que os professores realizam seu trabalho. As condições reais de desenvolvimento de sua tarefa, bem como o clima ideológico que a envolve, são fatores fundamentais que a apoiam ou a entorpecem. E sem condições adequadas, o discurso sobre a autonomia pode cumprir apenas duas funções: ou é uma mensagem de resistência, de denúncia de carências para um trabalho digno e com possibilidades de ser realmente educativo, ou é uma armadilha para os professores, que só pretende fazê-los crer falsamente que possuem condições adequadas de trabalho e que, portanto, o problema é só deles.

A autonomia necessária: diagnóstico de uma mudança de perspectiva sobre os professores

A comunicação ou disseminação das inovações se transformam em um fator-chave: como conseguir que o receptor, os professores, as entenda, aceite e as leve a cabo. Como vencer suas resistências. Grande parte da teoria e da pesquisa sobre a inovação educativa moveu-se sob os pressupostos anteriores, de maneira que se entendeu que a formulação de uma inovação, que emanava dos técnicos e especialistas, externos às salas de aula e às escolas, significavam um elemento em si positivo.

Tudo isso não fizeram senão aumentar a perspectiva dominante sobre os professores, os quais não só tinham uma imagem de passividade, como de realizadores de atuações que outros planejavam, e que os inovadores e reformadores se moveram durante muito tempo no dese-

jo de que fossem mais obedientes do que autônomos. A autonomia, mais do que uma pretensão para os professores, poderia chegar a ser um estorvo na realização fiel das reformas esboçadas. As modificações que os professores poderiam introduzir nas inovações planejadas significavam um fracasso, uma adulteração das mesmas, e era necessário contê-las. Planejar bem uma inovação era reduzir ao máximo a possibilidade de que fosse "deformada" pelos professores.

As experiências de desenvolvimento do currículo baseadas nos professores. Como alternativas às concepções tecnológicas do currículo, nas quais o docente ficava reduzido ao papel do técnico aplicador de planos alheios, surgiram experiências em que os professores eram protagonistas do desenvolvimento curricular. Nesses casos, não se pretendia a fidelidade dos professores ao programa curricular, mas o contrário, apelava-se para sua capacidade de experimentação das propostas de ensino, para que eles mesmos testassem suas possibilidades educativas. Mudança de perspectiva na compreensão dos professores. Um dos fatores fundamentais nesta mudança de mentalidade foi a aceitação, por parte da comunidade de pesquisadores, de que os professores não poderiam ser compreendidos o suficiente em termos de suas condutas ou como simples aplicadores de diretrizes.

Com o advento do behaviorismo e o assentamento dos modelos cognitivos surgiu uma nova linha de pesquisa que entendia em uma nova fonte de compreensão dos professores como mediadores cognitivos das ideias e propostas educativas, bem como pensadores dinâmicos de sua própria realidade de ensino (Clark e Peterson, 1989). A escola como unidade de ação e mudança. Após sucessivas experiências de inovação e diversas tentativas de transformação curricular, foi-se descobrindo também que era insuficiente pensar no ensino e em sua melhoria com professores isolados em suas salas de aula. No entanto, o reconhecimento do papel mediador das escolas não se pode realizar sem levar em conta que são as pessoas concretas que as habitam, ou seja, aqueles que vivem, interpretam, transmitem e transformam os costumes, relações e crenças que constituem a cultura da escola. A crise das ideias de mudança como solução definitiva de problemas. Uma das razões para a perda de fé nos clássicos modelos de inovação encontra-se no fato de que cada vez mais se desconfia da aspiração para encontrar a solução definitiva dos problemas que afligem a educação ou sua organização institucional. Os problemas e suas circunstâncias mudam no tempo e no espaço, transformando-se e singularizando-se, e as soluções devem ser aceitas como aproximações provisórias que se tentam adequar como tentativa de circunstâncias concretas de casa caso ou escola em particular. A realidade é sempre mutante e as organizações educativas devem aprender a se adaptar e a encontrar suas próprias estratégias de ação. Isto supõe a transformação da própria noção de mudança escolar.

A descentralização administrativa das reformas

Um fenômeno bastante comum na maioria dos países ocidentais, na década de 1990, foi o surgimento de reformas educacionais que estão apresentando três âmbitos fundamentais de preocupação: o currículo, as escolas e os professores. Embora de forma bastante ambígua, quando não claramente contraditória, a descentralização e a autonomia estão sendo utilizadas como princípios nos quais se dizem baseadas as mudanças propostas: a descentralização do currículo associada à autonomia de escolas e professores. Em termos de política educativa, poderíamos dizer que uma das coisas que o princípio de descentralização supôs foi o reconhecimento, no processo de planejamento curricular, deste fato.

Razão pela qual se tende a pensar cada vez mais no currículo oficial como aquele documento que deve ser adaptado, desenvolvido ou concretizado nas circunstâncias particulares de ensino. Este princípio passou a fazer parte do discurso público e da retórica da administração em relação ao currículo, e que, não sendo tão novo na experiência dos professores, não justificou por si só as atuais tendências de descentralização curricular. Especialistas e administradores insistem na importância de que as escolas se considerem unidades de autogestão, sensíveis a seu contexto, tratando de atender às suas demandas e em contínuo desenvolvimento profissional e institucional.

Os professores tornarão sua a reforma se tomarem o currículo como seu e se comprometerem com sua escola, conferindo-lhe um caráter próprio e singular. A qualidade da educação depende da qualidade das escolas, e estas, por sua vez, dependem de que os professores se comprometam com elas, de que trabalhem em colaboração com seus colegas para sua permanente melhoria, atendendo às necessidades do contexto e respondendo às demandas. Que cada escola assuma "autonomamente" a responsabilidade de seu próprio projeto educacional tem sua tradução na prática no assumir tal responsabilidade perante a "sociedade", entendendo-se, neste caso, as famílias concretas que buscam as escolas concretas. A sociedade, particularizada nas famílias singulares com filhos em idade escolar, assume as responsabilidades "devolvidas" pelo Estado, adquirindo a obrigação de exigir das escolas uma educação de qualidade.

A forma pela qual se entende esse princípio de participação das famílias é, sobretudo, incentivando e facilitando a escolha das escolas. Dessa forma, a devolução de responsabilidades é entendida como entrega, aos atores concretos (as escolas específicas e as famílias envolvidas em cada uma delas), da responsabilidade dos efeitos de suas decisões isoladas. Efeitos que, entretanto, por vezes só podem ser entendidos em sua dimensão sociológica, cultural e política, e não só na dimensão particular em que se tomam estas decisões.

O que há por trás? As mudanças ideológicas de fundo

Até o momento, as razões dessas tendências reformistas, que podem ser observadas tanto na Espanha como internacionalmente, estão presentes, de um modo ou de outro, nos discursos públicos e na retórica das administrações. Entretanto, devemos compreender o fenômeno da

descentralização atendendo às motivações profundas que animam esse tipo de tendência. "O problema com a legitimidade do Estado parece se basear, ao menos em parte, em sua natureza supercentralizadora (real ou percebida), na distância entre a base e o sistema político, em seu caráter monopolista, sua incapacidade estrutural para atender as variações importantes dentro da sociedade e na qualidade amiúde impessoal, coercitiva e desumana de sua burocracia administrativa. Se esta avaliação for correta, então tudo o que pareça com um Estado menos centralizado e monopolista, mais atento às variações de necessidades internas, pode ser visto como fonte potencial de ampliação de legitimidade". (Weiler, 1990:441-2).

O currículo descentralizado e a autonomia nas escolas podem ser, portanto, o lugar em que os conflitos se diluem ou se reduzem a casos particulares. As diferenças sociais da sociedade em geral são muito perceptíveis em cada escola em particular. Vistas individualmente, cada uma pode ser internamente mais homogênea, podendo concretizar o currículo de forma aparentemente menos conflituosa. Ou, ainda, as escolas em que se produzem conflitos sociais ou ideológicos podem ser menores em quantidade, ficando isoladas do resto do sistema. É este o modelo que agora se afirma estar em crise. Tanto suas dificuldades internas como o ataque ideológico a que foi submetido foram assinalando aspectos controversos do mesmo e ocasionando mudanças ideológicas e políticas de longo alcance. Entre as múltiplas mudanças que vêm sendo produzidas, vamos destacar três delas:

A) A crise fiscal do Estado: os Estados se transformaram em máquinas enormes, intrincadas e complexas, que geram um gasto muito grande, e, com isso, o Estado entrou em uma crise fiscal cada vez mais difícil de ser sustentada, o que está gerando uma discussão sobre o papel do Estado na cidadania.

B) A crise de motivação da sociedade: o modelo de Estado de bem-estar, ao atuar como provedor das necessidades sociais, o fez assumindo quais eram elas e como deveriam ser satisfeitas, dando alento ao consumo passivo da provisão nacional, minando a confiança dos cidadãos em dirigir suas próprias vidas e aumentando continuamente à burocracia, a vigilância, a imposição de ordens e o controle nacional (Keane, 1992)

C) A crise de motivação dos serviços públicos: a mesma apatia que se observava na sociedade em geral pode se apreciar também nos serviços públicos. Na medida em que estes são organismos planejados de forma centralizadora, burocraticamente complicados, dependentes de diferentes organismos, ao mesmo tempo centrais, periféricos e locais, perderam progressivamente coerência e capacidade de adaptação e de mudança.

A autonomia aparente

Se relacionarmos hoje as transformações ideológicas e políticas que vêm sendo produzidas ao papel do Estado, dos serviços públicos, da cidadania e da democracia, com as mudanças das reformas educacionais, poderemos entender de forma mais global a direção em que pode estar se encaminhando o sistema escolar. E, além das mudanças legislativas (onde se pode situar a maior vitória do neoliberalismo como ideologia), poderemos também analisar qual o tipo de mentalidade que parece estar se estendendo no mundo educacional. Ou seja, se as escolas forem mais diferenciadas entre si, isto leva às escolas à competitividade em que o mercado de oferta e procura deve se ajustar.

É evidente que essa discussão da competitividade e do ajuste entre a oferta e a demanda tem suas perversões. Em primeiro lugar, os recursos econômicos e de influência, para saberem se mover dentro do sistema na busca da melhor escolha, devem levar em conta que as escolas são bens escassos ou justos no mercado; as "boas" escolas, seja elas o que forem, serão ainda mais escassas; pode optar por uma "boa" escola depende da capacidade do consumidor para isso. Em segundo lugar, a competitividade como motivação da sociedade não é neutra. O critério a partir do qual se compete não é livremente escolhido pela sociedade, posto que venha decidido pela capacidade de rendimento em termos fixados pelo currículo oficial (Hatcher, 1994).

Conclusão

O que tudo isso reflete é efetivamente um modelo de ajuste e demanda, mas não um modelo de diálogo social na definição da escolaridade. A escola começa a se movimentar para oferecer o que atrai a clientela. E a clientela se movimenta em função do que sente como competitivo no mercado social. Assim, enquanto a escola e usuários não se sentarem para discutir o que acreditam que deveria ser a prática educativa, ambos estarão fazendo movimentos de ajuste a partir de demandas e necessidades que eles próprios não controlam, porque não atuam enquanto grupo que toma decisões deliberativas e compartilhadas, senão como agentes isolados guiados por interesses individuais, não sociais.

Fonte
Disponível em:
http://educacadoresemluta.blogspot.com.br/2009/12/contreras-jose-autonomia-dos_14.html

DOWBOR, LADISLAU. EDUCAÇÃO E APROPRIAÇÃO DA REALIDADE LOCAL. ESTUD. AV. [ONLINE]. 2007, VOL.21, N° 60, PP. 75-90.

EDUCAÇÃO E APROPRIAÇÃO DA REALIDADE LOCAL

Ladislau Dowbor

NO MUNICÍPIO de Pintadas, na Bahia, pequeno município distante da modernidade do asfalto, todo ano quase a metade dos homens viajava para o Sudeste para o corte de cana. A parceria de uma prefeita dinâmica, de alguns produtores e de pessoas com visão das necessidades locais permitiu que os que buscavam emprego em lugares

distantes se voltassem para a construção do próprio município. Começaram com uma parceria da Secretaria da Educação local com uma universidade de Salvador, para elaborar um plano de saneamento básico da cidade, o que reduziu os custos de saúde, liberou terras e verbas para a produção, e assim por diante. A geração de conhecimentos sobre a realidade local e a promoção de uma atitude proativa para o desenvolvimento fazem parte evidente de uma educação que pode se tornar no instrumento científico e pedagógico da transformação local.

A iniciativa partiu de uma prefeita eleita por uma rede de organizações sociais, portanto diretamente vinculada às necessidades das comunidades. Em retribuição, o governador mandou fechar a única agência bancária da cidade. A resposta da comunidade foi reativar uma cooperativa de crédito local, passando a financiar localmente grande parte das iniciativas. E a educação nisso? Os promotores dessas iniciativas deram-se conta de que Pintadas fica no semiárido, e que as crianças nunca tinham tido uma aula sobre o semiárido, sobre as limitações e potencialidades da sua própria realidade. Hoje se ensina o semiárido nas escolas de Pintadas. É natural que esse ensino, que permite às crianças a compreensão da sua região, das dificuldades dos seus próprios pais nas diversas esferas profissionais, estimule as crianças e prepare cidadãos que verão a educação como instrumento de transformação da própria realidade.

Em Santa Catarina, sob orientação do falecido Jacó Anderle, foi desenvolvido o programa "Minha Escola, Meu Lugar". Trata-se de uma orientação sistemática de inclusão da realidade local nos currículos escolares, envolvendo a formação de professores – que, em geral, pela própria formação, também desconhecem as suas regiões –, a elaboração de material didático, articulação dos currículos de diversas disciplinas, e assim por diante.

A região de São Joaquim, no sul do Estado de Santa Catarina, era um local pobre, de pequenos produtores sem perspectiva, e com os indicadores de desenvolvimento humano mais baixos do Estado. Como outras regiões do país, São Joaquim e os municípios vizinhos esperavam que o desenvolvimento "chegasse" de fora, sob forma de investimento de uma grande empresa, ou de um projeto do governo. Há poucos anos, vários residentes da região decidiram que não iriam mais esperar, e optaram por uma outra visão de solução dos seus problemas: enfrentá-los eles mesmos. Identificaram características diferenciadas do clima local, que constataram ser excepcionalmente favorável à fruticultura. Organizaram-se, e com os meios de que dispunham fizeram parcerias com instituições de pesquisa, formaram cooperativas, abriram canais conjuntos de comercialização para não depender de atravessadores, e hoje constituem uma das regiões que mais rapidamente se desenvolvem no país. E não estão dependendo de uma grande corporação que de um dia para outro pode mudar de região: dependem de si mesmos.

É importante pensar a dimensão educativa desses processos. Há tempos, com a recomendação do Banco Mundial, promoveu-se o que se chamava na época de "educação para o desenvolvimento". A visão restringia os currículos, centrando-os na formação de pessoas úteis para as empresas, em conhecimentos tidos como mais "práticos". Hoje essa tendência se manifesta em grandes instituições privadas, como a Phoenix, nos Estados Unidos, universidade de fins lucrativos, cotada em bolsa, que eliminou visões humanistas e ensina o que caracteriza como marketable skills, ou seja, habilidades comercializáveis. É ir contra a corrente, na linha da velha dicotomia entre teoria e prática.

Essa visão de que podemos ser donos da nossa própria transformação econômica e social, de que o desenvolvimento não se espera, mas se faz, constitui uma das mudanças mais profundas que estão ocorrendo no país. Tira-nos da atitude de espectadores críticos de um governo sempre insuficiente, ou do pessimismo passivo. Devolve ao cidadão a compreensão de que pode tomar o seu destino em suas mãos, conquanto haja uma dinâmica social local que facilite o processo, gerando sinergia entre diversos esforços.

A ideia da educação para o desenvolvimento local está diretamente vinculada a essa compreensão e à necessidade de se formarem pessoas que amanhã possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno, de gerar dinâmicas construtivas. Hoje, quando se tenta promover iniciativas desse tipo, constata-se que não só as crianças, mas mesmo os adultos desconhecem desde a origem do nome da sua própria rua até os potenciais do subsolo da região onde se criaram. Para termos cidadania ativa, temos de ter uma cidadania informada, e isso começa cedo. A educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la.

Numa região da Itália, visitamos uma cidade onde o chão da praça central era um grande baixo-relevo da própria cidade e das regiões vizinhas, permitindo às pessoas visualizar os prédios, as grandes vias de comunicação, o desenho da bacia hidrográfica, e assim por diante. Entre outros usos, a praça é utilizada pelos professores para discutir com as crianças a distribuição territorial das principais áreas econômicas, mostrar-lhes como a poluição num ponto se espalha para o conjunto da cidade, e assim por diante. Há cidades que elaboraram um Atlas local para que as crianças pudessem entender o seu espaço, outras estão dinamizando a produção de indicadores para que os problemas locais se tornem mais compreensíveis, e mais fáceis de ser incorporados ao currículo escolar. Os meios são numerosos e variados, e os detalharemos no presente texto, mas o essencial é essa atitude de considerar que as crianças podem e devem se apropriar, por meio de conhecimento organizado, do território onde são chamadas a viver, e que a educação tem um papel central a desempenhar nesse plano.

Há uma dimensão pedagógica importante nesse enfoque. Ao estudarem de forma científica e organizada a realidade que conhecem por vivência, mas de forma fragmentada, as crianças tendem a assimilar melhor os próprios conceitos científicos, pois é a realidade delas que passa a adquirir sentido. Ao estudarem, por exemplo, as dinâmicas migratórias que constituíram a própria cidade onde vivem,

as crianças tendem a encontrar cada uma a sua origem, segmentos de sua identidade, e passam a ver a ciência como instrumento de compreensão da sua própria vida, da vida da sua família. A ciência passa a ser apropriada, e não mais apenas uma obrigação escolar.

Globalização e desenvolvimento local

Quando consultamos a imprensa, ou até revistas técnicas, parece-nos que tudo está globalizado, só se fala em globalização, no cassino financeiro mundial, nas corporações transnacionais. A globalização é um fato indiscutível, diretamente ligado a transformações tecnológicas da atualidade e à concentração mundial do poder econômico. Mas nem tudo foi globalizado. Quando olhamos dinâmicas simples, mas essenciais para a nossa vida, encontramos o espaço local. Assim, a qualidade de vida no nosso bairro é um problema local, envolvendo o asfaltamento, o sistema de drenagem, as infraestruturas do bairro.

Esse raciocínio pode ser estendido a inúmeras iniciativas, como a de São Joaquim aqui citada, mas também a soluções práticas, como a decisão de Belo Horizonte de tirar os contratos da merenda escolar da mão de grandes intermediários, contratando grupos locais de agricultura familiar para abastecer as escolas, o que dinamizou o emprego e o fluxo econômico da cidade, além de melhorar sensivelmente a qualidade da comida – foram incluídas cláusulas sobre agrotóxicos – e de promover a construção da capital social. Dependem essencialmente da iniciativa local a qualidade da água, da saúde, do transporte coletivo, bem como a riqueza ou pobreza da vida cultural. Enfim, grande parte do que constitui o que hoje chamamos de qualidade de vida não depende muito – ainda que possa sofrer os seus impactos – da globalização: depende da iniciativa local.

A importância crescente do desenvolvimento local encontra-se hoje em inúmeros estudos, do Banco Mundial, das Nações Unidas, de pesquisadores universitários. Iniciativas como a que mencionamos antes vêm sendo estudadas regularmente. O Programa Gestão Pública e Cidadania, por exemplo, desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, tem cerca de 7.500 experiências desse tipo cadastradas e estudadas. O Cepam, que estuda a administração local no Estado de São Paulo, acompanha centenas de experiências. O Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam) do Rio de Janeiro acompanha experiências no Brasil inteiro, como é o caso de Instituto Pólis, da Fundação Banco do Brasil, que promoveu a Rede de Tecnologias Sociais, e assim por diante.

É interessante constatar que quanto mais se desenvolve a globalização, mais as pessoas estão resgatando o espaço local e buscando melhorar as condições de vida no seu entorno imediato. Naisbitt, um pesquisador americano, chegou a chamar esse processo de duas vias, de globalização e de localização, de "paradoxo global". Na realidade, a nossa cidadania se exerce em diversos níveis, mas é no plano local que a participação pode se expressar de forma mais concreta.

A grande diferença, para municípios que tomaram as rédeas do próprio desenvolvimento, é que, em vez de serem objetos passivos do processo de globalização, passaram a direcionar a sua inserção segundo os seus interesses. Promover o desenvolvimento local não significa voltar as costas para os processos mais amplos, incluindo os planetários: significa utilizar as diversas dimensões territoriais segundo os interesses da comunidade.

Há municípios turísticos, por exemplo, onde um gigante do turismo industrial ocupa uma imensa parte da orla marítima, joga a população ribeirinha para o interior e obtém lucros a partir da beleza natural da região, na mesma proporção em que dela priva os seus habitantes. Outros municípios desenvolveram o turismo sustentável e aproveitam a tendência crescente da busca de lugares mais sossegados, com pousadas simples, mas em ambiente agradável, ajudando, e não desarticulando, as atividades preexistentes, como a pesca artesanal, que aliás se torna um atrativo. Tanto o turismo de resorts como o turismo sustentável participam do processo de globalização, mas na segunda opção há um enriquecimento das comunidades, que continuam a ser donas do seu desenvolvimento.

Com o peso crescente das iniciativas locais, é natural que da educação se esperem não só conhecimentos gerais, mas a compreensão de como os conhecimentos gerais se materializam em possibilidades de ação no plano local.

Urbanização e iniciativas sociais

Boa parte da atitude passiva de "espera" do desenvolvimento se deve ao fato de a nossa urbanização ainda ser muito recente. Nos anos 1950, éramos, como ordem de grandeza, dois terços de população rural; hoje somos 82% de população urbana. A urbanização muda profundamente a forma de organização da sociedade em torno às suas necessidades. Uma família no campo resolve individualmente os seus próprios problemas de abastecimento de água, de lixo, de produção de hortifrutigranjeiros, de transporte.

Na cidade, não é viável cada um ter o seu poço, mesmo porque o adensamento da população provoca a poluição dos lençóis freáticos pelas águas negras. O transporte é em grande parte coletivo, o abastecimento depende de uma rua comercial, as casas têm de estar interligadas com redes de água, esgotos, telefonia, eletricidade, frequentemente com cabos de fibras ópticas, sem falar da rede de ruas e calçadas, de serviços coletivos de limpeza pública e de remoção de lixo, e assim por diante. A cidade é um espaço no qual predomina o sistema de consumo coletivo em rede.

No espaço adensado urbano, as dinâmicas de colaboração passam a predominar. Não adianta uma residência combater o mosquito da dengue se o vizinho não colabora. A poluição de um córrego vai afetar toda a população que vive rio abaixo. Assim, enquanto a qualidade de vida da era rural dependia em grande parte da iniciativa individual, na cidade passa a ser essencial a iniciativa social, que envolve muitas pessoas e a participação informada de todos.

O próprio entorno rural passa cada vez mais a se articular com a área urbana, tanto por meio do movimento de chácaras e lazer rural da população urbana como pelas atividades rurais que se complementam com a cidade,

como é o caso do abastecimento alimentar, das famílias rurais que complementam a renda com trabalho urbano, ou da necessidade de serviços descentralizados de educação e saúde. Gera-se assim um espaço articulado de complementaridades entre o campo e a cidade. Onde antes havia a divisão nítida entre o "rural" e o "urbano" aparece o que tem sido chamado de "urbano".

No território assim constituído, as pessoas passam a se identificar como comunidade, a administrar conjuntamente problemas que são comuns. Esse "aprender a colaborar" se tornou suficientemente importante para ser classificado como um capital, uma riqueza de cada comunidade, sob forma de capital social. Em outros termos, se antigamente o enriquecimento e a qualidade de vida dependiam diretamente, por exemplo, numa propriedade rural, do esforço da família, na cidade a qualidade de vida e o desenvolvimento vão depender cada vez mais da capacidade inteligente de organização das complementaridades, das sinergias no interesse comum.

É nesse plano que desponta a imensa riqueza da iniciativa local: como cada localidade é diferenciada, segundo o seu grau de desenvolvimento, a região onde se situa, a cultura herdada, as atividades predominantes na região, a disponibilidade de determinados recursos naturais, as soluções terão de ser diferentes para cada uma. E só as pessoas que vivem na localidade, que a conhecem efetivamente, é que sabem realmente quais são as necessidades mais prementes, os principais recursos subutilizados, e assim por diante. Se elas não tomarem iniciativas, dificilmente alguém o fará para elas.

O Brasil possui quase 5.600 municípios. Não é viável o governo federal, ou mesmo o governo estadual, conhecer todos os problemas de tantos lugares diferentes. E tampouco está na mão de algumas grandes corporações resolver tantos assuntos, ainda que tivessem interesse. De certa forma, os municípios formam os "blocos" com os quais se constrói o país, e cada bloco ou componente tem de se organizar de forma adequada segundo as suas necessidades, para que o conjunto – o país – funcione.

Assim passamos de uma visão tradicional dicotômica, na qual ficava de um lado a iniciativa individual e de outro a grande organização, estatal ou privada, para uma visão de iniciativas colaborativas no território. As inúmeras organizações da sociedade civil organizada, as ONG, as organizações comunitárias, os grupos de interesse, fazem parte dessa construção de uma sociedade que gradualmente aprende a articular interesses que são diferenciados, mas nem por isso deixam de ter dimensões complementares.

A educação não pode se limitar a constituir para cada aluno um tipo de estoque básico de conhecimentos. As pessoas que convivem num território têm de passar a conhecer os problemas comuns, as alternativas, os potenciais. A escola passa, assim, a ser uma articuladora entre as necessidades do desenvolvimento local e os conhecimentos correspondentes. Não se trata de uma diferenciação discriminadora, do tipo "escola pobre para pobres": trata-se de uma educação mais emancipadora na medida em que assegura à nova geração os instrumentos de intervenção sobre a realidade que é a sua.

Informação, educação e cidadania

A pesquisadora americana Hazel Henderson traz uma imagem interessante. Imaginemos um trânsito atravancado numa região da cidade. Uma das soluções é deixar cada um se virar como pode, um tipo de liberalismo exacerbado. O resultado será, provavelmente, que todos buscarão maximizar as suas vantagens individuais, gerando um engarrafamento-monstro, pois a tendência é ocupar todos os espaços vazios, e a maioria vai ter um comportamento semelhante. Outra solução é colocar guardas que irão direcionar todo o fluxo de trânsito, de forma imperativa, a fim de desobstruir a região. A solução pode ser mais interessante, mas não respeita as diferenças de opção ou mesmo de destino dos diversos motoristas. Uma terceira saída é deixar a opção ao cidadão, mas assegurar, por meio de rádio ou de painéis, ampla informação sobre o local onde ocorre o engarrafamento, os tempos previstos de demora e as opções. Esse tipo de decisão, democrática, mas informada, permite o comportamento inteligente de cada indivíduo, segundo os seus interesses e situação particular, e ao mesmo tempo o interesse comum.

Sempre haverá, naturalmente, um pouco de cada opção nas diversas formas de organizar o desenvolvimento, mas o que nos interessa particularmente é a terceira opção, pois mostra que além do "vale tudo" individual, ou da disciplina da "ordem", pode haver formas organizadas e inteligentes de ação sem que seja preciso mandar nas pessoas, respeitando a sua liberdade. Em outros termos, um bom conhecimento da realidade, sólidos sistemas de informação, transparência na sua divulgação podem permitir iniciativas inteligentes por parte de todos.

Há algum tempo, a cidade de Porto Alegre colocou em mapas digitalizados todas as informações sobre unidades econômicas da cidade, que estão registradas na Secretaria da Fazenda para obter o alvará de funcionamento. Quando, por exemplo, um comerciante quer abrir uma farmácia, mostram-lhe o mapa de distribuição das farmácias na cidade. Com isso, o comerciante localiza as áreas onde já há várias farmácias, e onde há falta delas. Assim, com boa informação, o comerciante irá localizar a sua farmácia onde há clientela que esteja precisando, servindo melhor os seus próprios interesses e prestando um serviço socialmente mais útil.

Em outros termos, a coerência sistêmica de numerosas iniciativas de uma cidade, de um território depende fortemente de uma cidadania informada. A tendência que temos hoje é que só alguns políticos ou chefes econômicos locais dispõem da informação, e ditam o seu programa à cidade. Assim, a democratização do conhecimento do território, das suas dinâmicas mais variadas é uma condição central do desenvolvimento. E onde o cidadão vai colher conhecimento sobre a sua região se discussões sobre a cidade só aparecem uma vez a cada quatro anos nos discursos eleitorais?

NOVA CONCURSOS

Um relatório recente do Instituto de Estudos Sócio-Econômicos (Inesc), uma ONG que trabalha sobre o controle do dinheiro público, é nesse sentido interessante:

O fato de termos uma sociedade com baixo nível de escolaridade, constitui um desafio a mais, não só para melhorar a escolaridade, mas para educar para a cidadania, para que os cidadãos saibam suas responsabilidades e saibam cobrar dos seus legisladores e do poder público em geral, a transparência, a decomposição dos números que não entendem. Apesar disso, e embora não haja uma cultura disseminada do controle social na população, muitos cidadãos exercem o controle social com extrema eficácia porque têm noção de prioridade e fazem comparações, em termos de resultados das políticas, mesmo sem saber ler, e mesmo quando o próprio poder público tenta desqualificá-los, principalmente quando se apontam irregularidades nos Conselhos. Quanto mais as informações são monopólio, ou herméticas e confusas, menor é a capacidade de a sociedade participar e de influenciar o Estado, o que acaba enfraquecendo a noção de democracia, que pode ser medida pelo fluxo, pela qualidade e quantidade das informações que circulam na sociedade. O grande desafio é a transparência no sentido do empoderamento, que significa encontrar instrumentos para que a população entenda o orçamento e fiscalize o poder público.

O objetivo da educação não é desenvolver conceitos tradicionais de "educação cívica" com moralismos que cheiram a mofo, mas permitir que os jovens tenham acesso aos dados básicos do contexto que regerá as suas vidas. Entender o que acontece com o dinheiro público, quais são os indicadores de mortalidade infantil, quem são os maiores poluidores da sua região, quais são os maiores potenciais de desenvolvimento – tudo isso é uma questão de elementar transparência social. Não se trata de privilegiar o "prático" relativamente ao teórico, trata-se de dar um embasamento concreto à própria teoria.

Os parceiros do desenvolvimento local

Uma educação que insira nas suas formas de educar uma maior compreensão da realidade local terá de organizar parcerias com os diversos atores sociais que constroem a dinâmica local. Em particular, as escolas, ou o sistema educacional local de forma geral, terão de articular-se com universidades locais ou regionais para elaborar o material correspondente, organizar parcerias com ONG que trabalham com dados locais, conhecer as diferentes organizações comunitárias, interagir com diversos setores de atividades públicas, buscar o apoio de instituições do sistema S como Sebrae ou Senac, e assim por diante.

O processo é de duplo sentido, pois, por um lado, leva a escola a formar pessoas com maior compreensão das dinâmicas realmente existentes para os futuros profissionais, e, por outro, leva a que essas dinâmicas penetrem o próprio sistema educacional, enriquecendo-o. Assim, os professores terão maior contato com as diversas esferas de atividades, tornar-se-ão de certa maneira mediadores científicos e pedagógicos de um território, de uma comunidade. A requalificação dos professores que isso implica poderá ser muito rica, pois esses serão naturalmente levados a confrontar o que ensinam com as realidades vividas, sendo de certa maneira colocados na mesma situação que os alunos, que escutam as aulas e enfrentam a dificuldade em fazer a ponte entre o que é ensinado e a realidade concreta do seu cotidiano.

O impacto em relação à motivação, para uns e outros, poderá ser grande, sobretudo para os alunos a quem sempre se explica que "um dia" entenderão por que o que estudam é importante. O aluno que tiver aprendido em termos históricos e geográficos como se desenvolveu a sua cidade, o seu bairro, terá maior capacidade e interesse em contrastar esse desenvolvimento com o processo de urbanização de outras regiões, de outros países, e compreenderá melhor os conceitos teóricos das dinâmicas demográficas em geral.

Envolve ainda mudanças dos procedimentos pedagógicos, pois é diferente fazer os alunos anotarem o que o professor diz sobre D. Carlota Joaquina, e organizar de maneira científica o conhecimento prático, mas fragmentado que existe na cabeça dos alunos. Em particular, seria natural organizar de forma regular e não esporádica discussões que envolvam alunos, professores e profissionais de diversas áreas de atividades, desde líderes comunitários a gerentes de banco, de sindicalistas a empresários, de profissionais liberais e desempregados, apoiando esses contatos sistemáticos com material científico de apoio.

Na sociedade do conhecimento para a qual evoluímos rapidamente, todos – e não só as instituições de ensino – se defrontam com as dificuldades de se lidar com muito mais conhecimento e informação. As empresas realizam regularmente programas de requalificação dos trabalhadores, e hoje trabalham com o conceito de knowledge organization, ou de learning organizations, na linha da aprendizagem permanente.

Acabou o tempo em que as pessoas primeiro estudam, depois trabalham, e depois se aposentam. A relação com a informação e o conhecimento acompanha cada vez mais as pessoas durante toda a sua vida. É um deslocamento profundo entre a cronologia da educação formal e a cronologia da vida profissional.

Nesse sentido, todas as organizações, e não só as escolas, se tornaram instituições onde se aprende, reconsideram-se os dados da realidade. A escola precisa estar articulada com esses diversos espaços de aprendizagem para ser uma parceira das transformações necessárias.

Um exemplo interessante nos vem de Jacksonville, nos Estados Unidos. A cidade produz anualmente um balanço de evolução da sua qualidade de vida, avaliando a saúde, a educação, a segurança, o emprego, as atividades econômicas, e assim por diante. Esse relatório anual é produzido com a participação dos mais variados parceiros e permite inserir o conhecimento científico da realidade no cotidiano dos cidadãos. O mundo da educação tem por vocação ensinar a trabalhar de forma organizada o conhecimento. Pode ficar fora de esforços desse tipo?

Aparecem como parceiros necessários as universidades regionais, as empresas, o sistema S, diversos órgãos da prefeitura, as ONG ambientais, as organizações comunitárias, a mídia local, as representações locais do IBGE, da Embrapa e de outros organismos de pesquisa e desenvolvimento. Enfim, há um mundo de conhecimentos dispersos e subutilizados, que podem se tornar matéria-prima de um ensino diferenciado.

O que visamos é uma escola um pouco menos lecionadora, e um pouco mais articuladora dos diversos espaços do conhecimento que existem em cada localidade, em cada região; e educar os alunos de forma a que se sintam familiarizados e inseridos nessa realidade.

O impacto das tecnologias

É impressionante a solidão do professor ante a sua turma, com os seus cinquenta minutos e uma fatia de conhecimento predefinida a transmitir. Alguns serão melhores, outros piores, para enfrentar esse processo, mas no conjunto esse universo fatiado corresponde pouco à motivação dos alunos, e tornou-se muito difícil para o professor, individualmente, modificar os procedimentos. Isso levou a uma situação interessante, de um grande número de pessoas na área educacional querendo introduzir modificações, ao mesmo tempo que pouco muda. É um tipo de impotência institucional, em que uma engrenagem tem dificuldade de alterar algo, na medida em que depende de outras engrenagens. A mudança sistêmica é sempre difícil. E sobretudo, as soluções individuais não bastam.

Um dos paradoxos que enfrentamos é o contraste entre a profundidade das mudanças das tecnologias do conhecimento e o pouco que mudaram os procedimentos pedagógicos. A maleabilidade dos conhecimentos foi e está sendo profundamente revolucionada. Pondo de lado os diversos tipos de exageros sobre a "inteligência artificial", ou as desconfianças naturais dos desinformados, a realidade é que a informática, associada às telecomunicações, permite:

- estocar de forma prática, em disquetes, em discos rígidos e em discos laser, ou simplesmente em algum endereço da rede, gigantescos volumes de informação. Estamos falando de centenas de milhões de unidades de informação que cabem no bolso, e do acesso universal a qualquer informação digitalizada;

- trabalhar essa informação de forma inteligente, permitindo a formação de bancos de dados sociais e individuais de uso simples e prático, e eliminando as rotinas burocráticas que tanto paralisam o trabalho científico. Pesquisar dezenas de obras para saber quem disse o quê sobre um assunto particular, "navegando" entre as mais diversas opiniões, torna-se uma tarefa extremamente simples;

- transmitir de forma muito flexível a informação por meio da internet, de forma barata e precisa, inaugurando uma nova era de comunicação de conhecimentos. Isso implica que, de qualquer sala de aula ou residência, podem ser acessados dados de qualquer biblioteca do mundo, ou ainda, que um conjunto de escolas pode transmitir informações científicas de uma para outra, ou de um conjunto de instituições regionais em redes educacionais articuladas;

- integrar a imagem fixa ou animada, o som e o texto de maneira muito simples, ultrapassando a tradicional divisão entre a mensagem lida no livro, ouvida no rádio ou vista numa tela, envolvendo aliás a possibilidade hoje de qualquer escola ter uma rádio comunitária, tornando-se um articulador local poderoso no plano do conhecimento;

- manejar os sistemas sem ser especialista: acabou-se o tempo em que o usuário tinha de aprender uma "linguagem", ou simplesmente tinha que parar de pensar no problema do seu interesse científico para pensar no como manejar o computador. A geração dos programas user-friendly, ou seja, "amigos" do usuário, torna o processo pouco mais complicado que o da aprendizagem do uso da máquina de escrever, mas exige também uma mudança de atitudes ante o conhecimento de forma geral, mudança cultural que, essa sim, é frequentemente complexa.

Trata-se aqui de dados muito conhecidos, e o que queremos notar, ao lembrá-los brevemente, é que estamos perante um universo que se descortina com rapidez vertiginosa, e que será o universo do cotidiano das pessoas que hoje formamos.

Somente agora, contudo, as pessoas começam a se dar conta de que o custo total de um equipamento de primeira linha, com enorme capacidade de estocagem de dados, impressora, modem, escâner para transporte direto de textos ou imagens do papel para a forma magnética, continua caindo regularmente.

Há um potencial de democratização radical do apoio aos professores, e de nivelamento por cima do conjunto do mundo educacional no país, que as tecnologias hoje permitem, e a luta por essa democratização tornou-se essencial na mudança sistêmica, que ultrapassa o nível de iniciativa do educador individual ou da escola isoladamente. Não há dúvida de que o educador frequentemente ainda se debate com os problemas mais dramáticos e elementares. Mas a implicação prática que vemos, ante a existência paralela desse atraso e da modernização, é que temos que trabalhar em "dois tempos", fazendo o melhor possível no universo preterido que constitui a nossa educação, mas criando rapidamente as condições para uma utilização "nossa" dos novos potenciais que surgem.

No plano da implantação local de tecnologias a serviço da educação, o exemplo de Piraí, pequena cidade do Estado do Rio, é importante. O projeto, de iniciativa municipal, envolveu convênios com as empresas que administram torres de retransmissão de sinal de TV e de telefonia celular, para instalação de equipamento de retransmissão de sinal de internet por rádio. Assim se assegura a cobertura de todo o território municipal. A partir de alguns pontos de recepção, fez-se uma distribuição do sinal banda larga por cabo, dando acesso a todas as escolas, instituições públicas, empresas. Como a gestão do sistema é pública, utilizou-se a diferenciação de tarifas para que o lucro maior das empresas cobrisse uma subvenção ao acesso domiciliar, e hoje qualquer família humilde pode ter acesso banda larga em casa por R$ 35 por mês. Convênios de crédito com bancos oficiais permitem a compra de equipamentos particulares com juros baixos. O resultado prático é que o conjunto

do município "banha" no espaço da internet, gerando uma produtividade sistêmica maior do esforço de todos, além de mudança de atitudes de jovens, de maior facilidade de trabalho dos professores que têm possibilidade de acesso em casa, e assim por diante.

O que temos hoje é uma rápida penetração das tecnologias, e uma lenta assimilação das implicações que essas tecnologias trazem para a educação. Convivem, assim, dois sistemas pouco articulados, e frequentemente vemos escolas que trancam computadores numa sala, o "laboratório", em vez de inserir o seu uso em dinâmicas pedagógicas repensadas.

Educação e gestão do conhecimento

Com o risco de dizer o óbvio, mas visando à sistematização, podemos considerar que, em relação à gestão do conhecimento, os novos pontos de referência, ou transformações mais significativas, seriam os seguintes:

- é necessário repensar de forma mais dinâmica e com novos enfoques a questão do universo de conhecimentos a trabalhar: ninguém mais pode aprender tudo, mesmo de uma área especializada; a opção entre "cabeça bem cheia" ou "cabeça bem-feita" nos deixa poucas opções;
- nesse universo de conhecimentos, assumem maior importância relativa as metodologias, o aprender a "navegar", reduzindo-se ainda mais a concepção de "estoque" de conhecimentos a transmitir;
- torna-se cada vez mais fluida a noção de área especializada de conhecimentos, ou de "carreira", quando do engenheiro se exige cada vez mais uma compreensão da administração, quando qualquer cientista social precisa de uma visão dos problemas econômicos, e assim por diante, devendo-se, aliás, colocar em questão os corporativismos científicos;
- aprofunda-se a transformação da cronologia do conhecimento: a visão do homem que primeiro estuda, depois trabalha, e depois se aposenta torna-se cada vez mais anacrônica, e a complexidade das diversas cronologias aumenta;
- modifica-se profundamente a função do educando, em particular do adulto, que deve se tornar sujeito da própria formação, ante a diferenciação e riqueza dos espaços de conhecimento nos quais deverá participar;
- a luta pelo acesso aos espaços de conhecimento vincula-se ainda mais profundamente ao resgate da cidadania, em particular para a maioria pobre da população, como parte integrante das condições de vida e de trabalho;
- finalmente, longe de tentar ignorar as transformações, ou de atuar de forma defensiva ante as novas tecnologias, precisamos penetrar as dinâmicas para entender sob que forma os seus efeitos podem ser invertidos, levando a um processo reequilibrador da sociedade, quando hoje tendem a reforçar as polarizações e a desigualdade.

De forma geral, todas essas transformações tendem a nos atropelar, gerando frequentemente resistências fortes, sentimentos de impotência, reações pouco articuladas. No conjunto, no entanto, há o fato essencial de as novas tecnologias representarem uma oportunidade radical de democratização do acesso ao conhecimento.

A palavra-chave é a conectividade. Uma vez feito o investimento inicial de acesso banda larga de uma escola, ou de uma família, é a totalidade do conhecimento digitalizado do planeta que se torna acessível, representando uma mudança radical, particularmente para pequenos municípios, para regiões isoladas, e na realidade qualquer segmento relativamente pouco equipado, mesmo das metrópoles. Quando se olha o que existe em geral nas bibliotecas escolares, e a pobreza das livrarias – centradas em livros de autoajuda, volumes traduzidos sobre como ganhar dinheiro e fazer amigos, além de algumas bobagens mais –, compreende-se a que ponto o aproveitamento adequado da conectividade pode tornar-se uma forma radical de democratização do acesso ao conhecimento mais significativo.

Ao mesmo tempo, essa conectividade permite que mesmo pequenas organizações comunitárias, ONG, pequenas empresas, núcleos de pesquisa relativamente isolados, podem articular-se em rede. O problema de "ser grande" já está deixando de ser essencial, quando se é bem conectado, quando se pertence a uma rede interativa.

Em outros termos, a era do conhecimento exige muito mais conhecimento atualizado e inserido nos significados locais e regionais, e ao mesmo tempo as tecnologias da informação e comunicação tornam o acesso a esse conhecimento muito mais viável. A educação precisa, de certa forma, organizar essa transição, e preparar as crianças para o mundo realmente existente.

O desafio educacional local e os conselhos municipais

Um diretor de escola anda em geral assoberbado por problemas do cotidiano, com muita visão do imediato, e pouco tempo para a visão mais ampla. O professor enfrenta a gestão da sala de aula, e frequentemente está muito centrado na disciplina que ministra. Nesse sentido, o Conselho Municipal de Educação, reunindo pessoas que ao mesmo tempo conhecem o seu município, o seu bairro e os problemas mais amplos do desenvolvimento local, e a rede escolar da região, pode se tornar o núcleo irradiador da construção do enriquecimento científico mais amplo do local e da região.

Essas visões implicam, sem dúvida, uma atitude criativa por parte dos conselheiros de educação. Um documento endereçado ao Pró-Conselho ressalta o respaldo formal que essas iniciativas podem encontrar:

Importa dizer que o Conselho desempenha importante papel na busca de uma inovação pedagógica que valorize a profissão docente e incentive a criatividade. Por outro lado, ele pode ser um pólo de audiências, análises e estudos de políticas educacionais do seu sistema de ensino. Finalmente, importa não se esquecer da fundamentação ética, legal de suas atribuições para se ganhar em legitimidade perante a sociedade e os poderes públicos... Sob esses aspectos, o conselheiro será visto como um gestor cuja natureza remete ao verbo gerar e gerar é produzir o novo: um novo desenho para a educação municipal consoante os mais lídimos princípios democráticos e republicanos.

Outro documento, de Eliete Santiago, insiste no papel dos Conselhos Municipais de Educação como "forma de participação da sociedade no controle social do Estado. Configura-se como um espaço para a discussão efetiva da política educacional e consequentemente seu controle e avaliação propositiva. Nesse caso, espera-se a afirmação do seu caráter deliberativo de modo a avançar cada vez mais em relação à sua função consultiva". Isso envolve "a organização do espaço e do tempo escolar e do tempo curricular com ênfase na sua distribuição, organização e uso, e os resultados de aprendizagens com ênfase no conhecimento de experiências inovadoras".

No quadro do Ministério do Meio Ambiente, junto com o Ministério das Cidades, gerou-se o programa "Municípios Educadores Sustentáveis", que também permite inserir nas escolas uma nova visão tanto do estudo da problemática local como da responsabilização e do protagonismo infantil e juvenil relativamente ao seu meio. Assim, por exemplo, as escolas podem contribuir para elaborar indicadores regionais e sistemas de avaliação para o monitoramento e a avaliação da situação ambiental.

O Programa Municípios Educadores Sustentáveis propõe promover o diálogo entre os diversos setores organizados, colegiados, com os projetos e ações desenvolvidos nos municípios, bacias hidrográficas e regiões administrativas. Ao mesmo tempo, propõe dar-lhes um enfoque educativo, no qual cidadãs e cidadãos passam a ser editores/educadores de conhecimento socioambiental, formando outros editores/educadores, e multiplicando-se sucessivamente, de modo que o município se transforme em educador para a sustentabilidade.

A responsabilidade escolar nesse processo é essencial, pois precisamos construir uma geração de pessoas que entendam efetivamente o meio onde estão inseridas: o mesmo documento ressalta que todos somos responsáveis pela construção de sociedades sustentáveis. Isso significa promover a valorização do território e dos recursos locais (naturais, econômicos, humanos, institucionais e culturais), que constituem o potencial local de melhoria da qualidade de vida para todos. É preciso conhecer melhor este potencial, para chegar à modalidade de desenvolvimento sustentável adequada à situação local, regional e planetária.

No município de Vicência, em Pernambuco, encontramos o seguinte relato: "Educação é a principal condição para o desenvolvimento local sustentável. Nessa dimensão, a Secretaria de Educação do Município implantou o projeto 'Escolas rurais, construindo o desenvolvimento local', com a perspectiva de melhoria da qualidade do ensino e, consequentemente, a melhoria da qualidade de vida das comunidades rurais". O projeto permitiu "uma metodologia diferenciada que leva a uma contribuição para uma melhor compreensão de um verdadeiro exercício de cidadania. O projeto tem como objetivo tornar a escola o centro de produção de conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento local".8

São visões que vão se concretizando gradualmente, com experiências que buscam de forma diferenciada, segundo as realidades locais e regionais, caminhos práticos que permitam dar à educação um papel mais amplo de irradiador de conhecimentos para o desenvolvimento local, formando uma nova geração de pessoas conhecedoras dos desafios que terão de enfrentar.

Não há "cartilha" para esse tipo de procedimentos. Em alguns municípios, o problema central é de água; em outros, é de infraestruturas; em outros, ainda, é de segurança ou de desemprego. Alguns podem se apoiar numa empresa de visão aberta, outras se ligarão com universidades regionais. Há cidades com prefeitos dispostos a ajudar no desenvolvimento integrado e sustentável; há outras em que a compreensão do valor do conhecimento ainda é incipiente, e onde as autoridades acham que desenvolver um município consiste em inaugurar obras. Cada realidade é diferente, e não há como escapar ao trabalho criativo que cada conselho municipal deverá desenvolver.

Isso dito, apresentamos a seguir algumas sugestões, para servir de pontos de referência, baseadas que estão no conhecimento de coisas que deram certo, e de outras que deram errado, visando não servir de cartilha, mas de inspiração. Em termos bem práticos, a sugestão é que um Conselho Municipal de Educação organize essas atividades em quatro linhas:

- Montar um núcleo de apoio e desenvolvimento da iniciativa de inserção da realidade local nas atividades escolares.
- Organizar parcerias com os diversos atores locais passíveis de contribuir com o processo.
- Organizar ou desenvolver o conhecimento da realidade local, aproveitando a contribuição dos atores sociais do local e da região.
- Organizar a inserção desse conhecimento no currículo e nas diversas atividades da escola e da comunidade.

- Montar um núcleo de apoio é essencial, pois, sem um grupo de pessoas dispostas a assegurar que a iniciativa chegue aos resultados práticos, dificilmente haverá progresso. O Conselho poderá nomear um grupo de conselheiros mais interessados, traçar uma primeira proposta, ou visão, e associar à iniciativa alguns professores ou diretores de escola que queiram colocá-la em prática. É importante que haja um coordenador e um cronograma mínimo.

Quanto aos atores locais, a visão a se trabalhar é de uma rede permanente de apoio. Muitas instituições hoje têm na produção de conhecimento uma dimensão importante das suas atividades. Trata-se, evidentemente, das faculdades ou universidades locais ou regionais, das empresas, das repartições regionais do IBGE, de instituições como Embrapa, Emater e outras, de ONG que trabalham com dimensões particulares da realidade, de organizações comunitárias.

O objetivo da rede não é de simplesmente recolher informação, na visão de um grande banco de dados, mas de assegurar que seja disponibilizada, que circule entre os diversos atores sociais da região, e sobretudo que permeie o ambiente escolar. Na cidade de Santos, por exemplo, foi criado um centro de documentação da cidade, com dotação da prefeitura, mas dirigido por um colegiado que envolveu quatro reitores, quatro representantes de organizações da sociedade civil e quatro representantes da prefeitura. O objetivo era evitar que as informações sobre o município fossem "apropriadas" e transformadas em informação "chapa branca", e garantir acesso e circulação.

NOVA CONCURSOS

A diversidade de soluções aqui é imensa, pois temos desde poderosos centros metropolitanos até pequenos municípios rurais. O essencial é ter em conta que todos os atores sociais locais produzem informação de alguma forma, e que essa informação organizada e disponibilizada torna-se valiosa para todos. E para o sistema educacional local, em particular, torna-se fonte de estudo e aprendizagem.9

Os municípios particularmente desprovidos de infraestruturas adequadas poderão fazer parcerias com instituições científicas regionais e apresentar projetos de apoio a instâncias de nível mais elevado. Há municípios que recorrem também a articulações intermunicipais, como é o caso dos consórcios, podendo assim racionalizar os seus esforços.

Organizar o conhecimento local normalmente não envolve produzir informações novas. As diversas secretarias produzem informação, bem como as empresas e outras entidades mencionadas. Temos hoje também informação básica organizada por municípios no IBGE, no projeto correspondente do Ipea/Pnud e outras instituições, com diversas metodologias, e pouco articuladas, mas que podem servir de base. Essas informações hoje dispersas e fragmentadas deverão ser organizadas, e servir de ponto de partida para uma série de estudos do município ou da região.

Há igualmente, mesmo para as regiões pouco estudadas, relatórios antigos de consultoria, monografias nas universidades da região, relatos de viagem, estudos antropológicos e outros documentos acumulados, hoje subaproveitados, mas que podem se tornar preciosos na visão de se gerar uma compreensão, por parte da nova geração, da realidade em que vivem.

Sem recorrer a consultorias caras, é hoje bastante viável contratar o apoio metodológico para a organização e sistematização dessas informações, a elaboração de material de ensino, de textos de apoio para leitura, e assim por diante.

A inserção do conhecimento local no currículo e nas atividades escolares implica uma inflexão significativa relativamente à rotina escolar, mais afeita a cartilhas gerais rodadas no tempo. A dificuldade central é de inserir na escola um conhecimento local que os professores ainda não têm. Nesse sentido, parece razoável, enquanto se organiza a produção de material de apoio para os professores e alunos – as diversas informações e estudos sobre a realidade local e regional –, ir gradualmente inserindo o estudo da realidade local mediante um contato maior com a comunidade profissional local.

Há escolas hoje que realizam "trabalhos de campo" em que alunos de prancheta vão visitar uma cidade ou um bairro. São atividades úteis, mas formais e pouco produtivas, quando não são acompanhadas da construção sistemática do conhecimento da realidade regional. Qualquer cidade tem hoje líderes comunitários que podem trazer a história oral do seu bairro ou da sua região de origem, empresários ou técnicos de diversas áreas, gerentes de saúde ou mesmo de escolas que podem explicitar como se dão na realidade as dificuldades de administrar as áreas sociais, agricultores ou agrônomos que conhecem muito do solo local e das suas potencialidades, e assim por diante, artesãos que podem até atrair os jovens para a aprendizagem, e assim por diante.

Uma dimensão importante da proposta é a possibilidade de mobilizar os alunos e professores nas pesquisas do local e da região. Esse tipo de atividade assegura tanto a assimilação de conceitos como o cruzamento de conhecimentos entre as diversas áreas, rearticulando informações que nas escolas são segmentadas em disciplinas.

Em outros termos, é preciso "redescobrir" o manancial de conhecimentos que existe em cada região, valorizá-lo e transmiti-lo de forma organizada para as gerações futuras. Conhecimentos técnicos são importantes, mas têm de ser ancorados na realidade que as pessoas vivem, de maneira a serem apreendidos na sua dimensão mais ampla.

Fonte

DOWBOR, Ladislau. Educação e apropriação da realidade local. Estud. av. [online].2007, vol.21, nº 60, pp. 75-90.

FONTANA, ROSELI AP. CAÇÃO. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA. CAMPINAS: EDITORA AUTORES ASSOCIADOS, 1996 (PRIMEIRO TÓPICO DA PARTE I - A GÊNESE SOCIAL DA CONCEITUALIZAÇÃO).

O papel do professor é destacado por Fontana (1996) como aquele responsável em transformar os conhecimentos espontâneos carregados de significados em conhecimentos sistematizados. O conhecimento é algo elaborado coletivamente nas interações entre os sujeitos e cabe ao profissional da educação transformar o que era espontâneo em algo sistematizado. Para Fontana (1996) conceitos são produtos históricos da atividade mental utilizados para comunicação e conhecimento sendo indispensável à colaboração do adulto que apresenta graus de generalidade e operações intelectuais novos para a criança que passa a organizar seu processo de elaboração mental através do outro.

Há uma grande diferença na atividade mental cotidiana e a elaboração sistematizada na escola, pois interna e externamente são situações diferentes. No cotidiano, a mediação do adulto é espontânea e imediata, sempre centrada na situação e ato intelectual envolvido. A intervenção do adulto, no cotidiano, não é deliberada e nem planejada, enquanto em uma relação de ensino a finalidade é imediata e explícita pela hierarquização dos papéis sociais de professor e aluno. Assim sendo, a mediação é deliberada, instituída e busca a indução para utilização das operações intelectuais.

Os conceitos cotidianos e científicos: o papel da escola

Segundo Fontana (1996) um professor apaixonado que se intriga com os modos de ensinar, abandona temporariamente seu lugar "oficial" e se torna pesquisador participante do cotidiano da escola.

Fontana (1996) através de seus estudos demonstra que ao internalizarmos as ações, papéis e funções sociais através das interações, o sujeito dirigi o próprio comportamento e a auto regulação redimensiona e reorganiza a atividade mental. Fontana (1996, p.13) através dos estudos de Luria (1987) destaca que "a palavra é o meio de generalização criado no processo histórico-social do homem".

Portanto, para Fontana (1996), os conceitos são produtos históricos, significantes da atividade mental mobilizados para comunicação, conhecimento e resolução de problemas.

O papel do outro

O outro tem grande papel na mediação da formação dos conceitos cotidianos e científicos, Fontana (1996 nos diz que há uma coincidência de conteúdo nas palavras que crianças e adultos utilizam, a coincidência que permite a comunicação. "Essa coincidência ocorre porque a criança partilhando do sistema linguístico da palavra aprende desde muito cedo um grande número de palavras que significam, aparentemente as mesmas coisas para ambos". (FONTANA, 1996, p. 18).

Contudo no que diz respeito à função da palavra desempenhada na atividade mental da criança e do adulto não coincidem. Para Fontana (1996) crianças e adultos usam a palavra com graus de generalidade distintos, uma elaboração mental diferente que possibilita o desenvolvimento dos conceitos nas crianças.

O adulto, ao utilizar a palavra nas interações com a criança, apresenta graus de generalidade e operações intelectuais novos para a criança. Mesmo que ela não elabore ou aprenda o conceito da palavra, a criança passa a organizar seu processo de elaboração mental, assumindo ou recusando tais palavras. Portanto, a mediação do outro possibilita a emergência de funções que faz com que mesmo que a criança não domine o conceito, ela realiza uma operação mental de forma compartilhada.

"Dentro desta perspectiva Vygotsky defende a tese de que o ensino precede o desenvolvimento" (FONTANA, 1996, p.20), assim como o aprendizado, que está intrinsicamente ligado ao desenvolvimento, abre infinitas possibilidades de crescimento intelectual para a criança.

Portanto, a relação entre aprendizado e desenvolvimento é muito mais complexa dependendo de diversos elementos que são elaborados e reelaborados o tempo todo. Para isso, Vygotsky (1998) dá destaque principal à zona de desenvolvimento proximal.

O papel da escolarização

Fontana (1996) enfatiza que mesmo que a conceitualização seja um processo único e integrado, Vygotsky destaca a necessidade de diferenciarmos a atividade mental centrada na vida cotidiana e a elaboração sistematizada na escola, segundo condições externas e internas de elaboração em diferentes situações.

Cotidianamente, a mediação do adulto é espontânea durante o processo de utilização da linguagem nas situações imediatas. Fontana (1996) destaca que a atenção dos adultos e crianças está centrada na situação, nos seus elementos e não no ato intelectual envolvido. São raras às vezes em que ambos se dão conta da diferença de elaboração cognitiva entre eles.

No entanto, nas interações escolarizadas com orientação deliberada e explícita para aquisição do conhecimento sistematizado pela criança, Fontana (1996) diz que os processos de elaboração conceitual modificam-se em vários aspectos. Fontana ainda coloca que:

Nesse contexto, a criança é colocada diante de uma tarefa particular de "entender" as bases dos sistemas de concepções científicas, que se diferenciam nas elaborações conceituais espontâneas. Os conceitos sistematizados (científicos na expressão de Vygotsky) são parte de sistemas explicativos globais, organizados dentro de uma lógica socialmente construída, e reconhecida como legítima que procura garantir-lhes coerência interna. (FONTANA, 1996, p.21).

Fontana (1996) segue considerando que na interação entre adultos e crianças, a relação de ensino tem finalidade imediata e é explícita aos seus participantes, pois ocupam lugares sociais diferenciados e hierarquizados, sendo a mediação do adulto deliberada com sistemas conceituais instituídos e induzindo-a a utilizar operações intelectuais dos signos e modos de dizer que são veiculados na escola.

A imagem que a criança tem do professor é socialmente estabelecida e Fontana (1996, p.22) diz até mesmo do papel que é esperado da criança nesse contexto: "realizar as atividades propostas, seguindo as indicações e explicações dadas". Junto a seus conceitos espontâneos, a criança busca raciocinar com o professor tentando reproduzir operações lógicas utilizadas por ele.

Na elaboração interpessoal, Fontana (1996, p. 22) analisa que a criança imita a análise intelectual do adulto mesmo sem compreendê-la completamente. Ao utilizá-la passa a elaborá-la articulando-se dialeticamente.

Frente a um conhecimento sistematizado desconhecido, a criança busca significá-lo através de sua aproximação com outros signos já conhecidos, já elaborados e internalizados. Ela busca enraizá-lo nas suas experiências consolidadas. Do mesmo modo, um conceito espontâneo nebuloso, que a criança utiliza sem saber explicar com, aproximando a um conceito sistematizado, coloca-se num outro quadro das relações de generalização. (FONTANA, 1996, p. 22).

Assim, Fontana (1996) vai demonstrando como a criança internaliza e passa a utilizar os vários conceitos, sistematizados ou não, os quais ela adquire nas suas relações interpessoais realizadas na escola ou fora dela. Ambos os conceitos (espontâneo e sistematizado) articulam-se e transformam em uma relação recíproca, pois os conceitos espontâneos, segundo Vygotsky (2008), criam as estruturas necessárias para a evolução dos aspectos primitivos e elementares dos conceitos.

Assim também são os conhecimentos sistematizados que criam estruturas para os conhecimentos espontâneos quanto à sistematização, consciência e uso deliberado de algo que é tão novo para a criança em idade escolar.

Fontana (1996) descreve que para Vygotsky o aprendizado escolar tem papel decisivo no desenvolvimento da elaboração conceitual e tomada de consciência pela criança de seus processos mentais.

Por essas e muitas outras razões o professor deve sempre estar atualizado, ativo, ser comunicativo e paciente, pois é ele o interlocutor, mediador da criança com o saber, mais necessariamente o saber no âmbito escolar.

Conclusão

Torna-se relevante retomar e discutir os modos pelos quais o processo de conceitualização tem sido produzido no interior das relações de ensino. Não para avaliar e/ou prescrever o que/ como se deve fazer (ou não) proceder na escola, e sim como um esforço de explicitação das relações de poder aí implicadas, e que nos ajudam a compreender a elaboração conceitual como parte de uma luta constante pela constituição da identidade social, num processo que é dinâmico e passa também pela escola. (FONTANA, 1996, p.161)

Fontana (1996) ao discorrer sobre elaboração conceitual no campo pedagógico analisa que esta ocorre de duas maneiras: "Numa relação pedagógica tradicional, professor e criança relacionam-se com sistemas ideológicos constituídos (palavras alheias) como palavras que devem ser aprendidas independente de sua persuasão anterior". (FONTANA, 1996, p.162). É este, ainda, o modo preponderante de ensino; os alunos não são instigados a buscar o conhecimento, a se relacionar com ele, o professor fornece respostas rápidas e diretas, isso na maior parte do tempo, pois é uma forma mais rápida e fácil de ensinar.

Em um ensino não tradicional Fontana (1996, p.163) diz que "os 'conceitos científicos' também são assumidos como 'conceitos verdadeiros', mas o processo através do qual são 'assimilados' é outro." Esse seria um processo de ensino-aprendizagem onde o conhecimento parte da criança e ela "constrói" com seus próprios recursos os sentidos das operações mentais e a interação com o adulto, escolar ou não, que não interfere diretamente, com conceitos já elaborados, a autora vai ainda mais longe quando defende que as formas adultas de pensamento são internalizadas pela criança ao longo de sua vida escolar. (FONTANA, 1996).

O adulto é o mediador do processo de elaboração conceitual da palavra, lembrando que em uma situação ideal isso seria constante, mas a escola como a concebemos tem pouco espaço para isso. Muito presa ao modelo tradicional e cumpridora de "tarefas" (no caso da escola de Campo seria a apostila e as datas comemorativas), ainda se encontra muito preso a um ensino tradicional. Não se pode negar que há momentos em que o professor faz seu papel de "mediador", mas a incidência é muito baixa perante o que se é esperado para uma garantia plena do desenvolvimento do aluno, sujeito e foco da aprendizagem.

Fonte

MANOEL, V. K.; CRISTOFOLETI, R. C. O processo de elaboração conceitual das palavras nas crianças. Revista Conteúdo, Capivari, v.10, n.1, jan./jul. 2016 – ISSN 1807-9539

Referência

FONTANA, Roseli Ap. Cação. Mediação Pedagógica em sala de aula. Campinas: Editora Autores Associados, 1996

GALVÃO, IZABEL. EXPRESSIVIDADE E EMOÇÕES SEGUNDO A PERSPECTIVA DE WALLON, IN: ARANTES, VALÉRIA A. AFETIVIDADE NA ESCOLA: ALTERNATIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS. SÃO PAULO: SUMMUS, 2003.

Isabel Galvão, no texto "Expressividade e emoções", explora a teoria psicogenética de Henry Wallon, aborda seus estudos sobres as expressões emocionais e postula a indissociabilidade entre os processos afetivos e os cognitivos, propondo uma ressignificação das práticas pedagógicas

EXPRESSIVIDADE E EMOÇÃO

Isabel Galvão

Interação social, aprendizagem e desenvolvimento são termos indissociáveis. A aprendizagem de hábitos, valores e conceitos depende da inserção do sujeito numa determinada cultura e é, ao mesmo tempo, condição para sua inserção nesta cultura. Por outro lado, sabemos que o desenvolvimento das funções psíquicas que caracterizam a espécie humana, como a fala, a representação simbólica e a memória, dependem da aprendizagem, isto é, da apropriação que o sujeito faz dos elementos a ele transmitidos num dado ambiente cultural, como bem nos esclarece Vygotsky (1989). Assim, a interação social é condição indispensável para a aprendizagem e para o desenvolvimento.

Os casos de crianças selvagens descritas na literatura, dos quais o relato de Jean Itard é o exemplo mais completo (Banks-Leite & Galvão, 2000), ilustram o efeito impressionante que causa, sobre o desenvolvimento, a privação do contato com as pessoas e com a cultura, mostrando que, em situação de isolamento social, o homem não se torna humano. Sendo o homem um ser "geneticamente social", segundo expressão cunhada por Wallon, seu desenvolvimento insere-se numa complexa imbricação entre fatores orgânicos e sociais.

O estado de imperícia em que se encontra o ser humano ao nascer – é a espécie em que o inacabamento orgânico no nascimento é mais pronunciado – torna o bebê totalmente dependente das outras pessoas para a satisfação de suas necessidades vitais. Nos primeiros meses de vida, as pessoas de seu entorno são o instrumento mediador de sua ação sobre o ambiente. Por meio de seus gestos

impulsivos, contorções ou espasmos corporais, bem como das mais primitivas expressões emocionais, como o choro ou o sorriso, o bebê humano mobiliza as pessoas numa espécie de contágio afetivo: quem consegue ficar imune ao choro de um recém-nascido, ou indiferente ao sorriso de um bebê? O adulto interpreta, conforme seus valores, costumes e expectativas, o significado das expressões emocionais do bebê, sendo levado a agir de acordo com seus parâmetros culturais e crenças individuais, envolto no clima de contágio próprio a essas manifestações.

Para Wallon (1934), o ser humano, primeiramente sob a dependência exclusiva de seus semelhantes, desenvolve aptidões de expressão bem antes das de realização, em consequência, a primeira orientação de sua vigilância é para as pessoas, e não diretamente para o mundo físico, como nas espécies animais. Estudos recentes (Stern, 1992; Trevarthen 1993) convergem com esta idéia ao demonstrar que o bebê mostra preferência pelas pessoas e que seria dotado de precoces capacidades para o reconhecimento das capacidades tipicamente humanas e para a compreensão das emoções.

Essas evidências colidem com uma visão largamente aceita no meio educacional, em que se considera as crianças pequenas incapazes de interação social, por serem "egocêntricas". Nesta visão o que se tem é uma transposição apressada de aspectos das primeiras formulações teóricas de Piaget, quando ele vinculava o "egocentrismo" ao comportamento social e verbal da criança. Uma descentração progressiva, com a possibilidade de considerar o ponto de vista de outros e de coordenar seu ponto de vista com os dos demais, e a capacidade plena de cooperação só seria possível a partir dos 7-8 anos.

Com um significado próprio no conjunto da teoria piagetiana, esses conceitos, se transpostos linearmente para situações de educação coletiva, seja como a finalidade de compreender o que ocorre ou de pautar as intervenções, impedem que se reconheça os primeiros recursos de interação de que dispõe a criança desde o nascimento e levam ao desperdício de um vasto campo de possibilidades pedagógicas.

Se considerarmos como interação social somente as situações em que há encadeamento entre as ações dos parceiros em direção a um objetivo comum, deixaremos de tratar como tal inclusive formas de interação entre coetâneos, como situações muito comuns no primeiro ano de vida, quando, por exemplo, uma criança realiza alguma ação (empurrar um carrinho, balançar um chocalho) e a outra permanece observando. Se restringirmos o conceito à cooperação, ao olharmos esta cena constataremos ausência de interação. Contudo, se nos pautarmos num conceito mais abrangente e se estivermos sensíveis para os componentes expressivo emocionais das condutas infantis, veremos nessas ações aparentemente paralelas e independentes, coesão e complementaridade: a criança que empurra o carrinho ou mexe o chocalho parece se exibir para o companheiro, como que alimentada pelo seu olhar atento; o observador, por sua vez, apresenta-se de tal forma absorto na atividade do outro, que é como se participasse dela, acompanhando-a por meio de seu corpo, mímica facial e outras variações posturais.

Uma definição que se pretenda abrangente não deve, tampouco, restringir o conceito de interação social às relações interpessoais, isto é, ao contato direto entre as pessoas. Numa definição ampla, devem estar incluídas também as relações das pessoas com as produções culturais historicamente acumuladas, fruto das relações entre os seres humanos e destes com a natureza. Mesmo na ausência de um parceiro concreto, nessas interações com os produtos da cultura, o outro encontra-se presente, mas mediado pela linguagem, pelas representações e demais manifestações culturais. Mas esta possibilidade de interação à distância é adquirida aos poucos, com o progressivo desenvolvimento das capacidades de representação mental e com o aprendizado das linguagens produzidas socialmente e de seus produtos.

Visando contribuir para a ampliação do olhar sobre as interações sociais este artigo apresenta elementos teóricos sobre a expressividade e a emoção, chamando atenção para os recursos expressivo-emocionais de que dispõe desde cedo a criança. Toma a psicogenética de Wallon como referência principal e a faz dialogar com estudos atuais sobre a emoção e suas expressões, tentando mostrar processos que intervêm na dinâmica emocional, sempre tendo em vista sua relação com o todo da pessoa e o seu desenvolvimento. Além deste objetivo propriamente teórico, o artigo pretende, ao sensibilizar o olhar para dimensões da conduta e interações infantis normalmente desconsideradas, suscitar reflexões sobre situações do cotidiano escolar e inspirar práticas que levem em conta a pessoa em sua complexidade.

Algumas perspectivas para o estudo da emoção e suas expressões

É a Charles Darwin que se atribui o papel de precursor do estudo científico das emoções. Seu livro A expressão das emoções no homem e no animal, publicado em 1872, é referência praticamente obrigatória nas pesquisas atuais no campo da psicologia. Com o objetivo de "fundamentar e determinar até onde as mudanças específicas nos traços e gestos são realmente expressões de certos estados de espírito", Darwin recorre a observações (suas próprias e encomendadas a colaboradores de diversas partes do mundo) de crianças, adultos, doentes mentais, povos de várias culturas e animais, bem como aos estudos sobre fisionomia da face humana. Constatando que um mesmo estado de espírito exprime-se nos seres humanos ao redor do mundo com "impressionante uniformidade" e que determinadas expressões emocionais são comuns ao ser humano e alguns animais, defende que as expressões das emoções teriam desempenhado importante papel na sobrevivência e na evolução da espécie humana.

Inserindo sua pergunta na problemática mais ampla da evolução das espécies, defende que os principais atos de expressão seriam vestígio de um tempo distante em que teriam tido uma função na sobrevivência propriamente dita. Formula três princípios para explicar as causas ou origem de expressões emocionais, como a da raiva, da tristeza, da alegria, da surpresa, do nojo, da vergonha. Pelo prin-

cípio dos hábitos associados úteis explica que ações, de início voluntárias e executadas com uma finalidade precisa, tornaram-se, pela repetição ao longo das gerações, habituais e hereditárias. Assim, a origem da tosse e do espirro poderia estar no hábito de expelir, das vias aéreas, partículas irritantes e a expressão de nojo poderia ter se originado no ato de cuspir algo perigoso ou venenoso. A repetição desses atos por seguidas gerações teria levado a associar a expressão facial ao estado afetivo concomitante, de modo que em outras situações em que uma associação ou sensação semelhante se verificasse o movimento expressivo tenderia a se produzir.

A abordagem darwiniana consolida, no estudo das emoções, a questão da funcionalidade dos comportamentos expressivos. Mesmo enfatizando a perspectiva filogenética ao priorizar a discussão sobre sua função na adaptação da espécie, reconhece o papel das expressões emocionais na ontogênese, sugerindo por exemplo, que os movimentos do corpo e do rosto são os primeiros meios de comunicação entre a mãe e a criança. Embora não se estenda nesse tópico, sugere a existência de precoces capacidades do bebê para o reconhecimento e compreensão das expressões faciais das emoções.

Até por volta de 1970, foi pequena a influência deste livro na comunidade científica, quando passou a ser enfaticamente resgatado por pesquisadores interessados no problema da emoção e de suas expressões. Em 1973, Paul Ekman, da Escola de Palo Alto, na Califórnia, organizou um livro em homenagem ao centenário do trabalho do biólogo inglês – "Darwin and facial expression: a century of research in review"- apresentando um balanço dos trabalhos feitos neste período de cem anos, numa espécie de manifesto neodarwiniano. Valorizando a atualidade das intuições de Darwin e as inúmeras frentes de pesquisa abertas por seu estudo pioneiro, Ekman apresenta, como uma das hipóteses para explicar o esquecimento em que caíra o livro de Darwin, a inconsistência metodológica de sua pesquisa.

A depuração metodológica de uma situação experimental realizada por Darwin é um dos pontos de partida para os pesquisadores da Escola de Palo Alto e de outros grupos de neodarwinianos que concentram seus estudos na expressão facial das emoções. As pesquisas que se inserem nesse enfoque desenvolvem-se segundo dois paradigmas experimentais principais: inserem os sujeitos em situações potencialmente desencadeadoras de emoções previamente definidas pelo pesquisador, como por exemplo um filme, e verificam suas expressões faciais - é o estudo do modo como as emoções se exteriorizam em expressões faciais - confrontam os sujeitos com expressões faciais específicas (em fotografias, filmes ou desenhos) e pedem que identifiquem as emoções que estão sendo expressas - é o estudo do reconhecimento das expressões emocionais. A partir desses paradigmas, inúmeras variações experimentais são possíveis.

Em geral, esses estudos se utilizam de uma espécie de protocolo que estabelece a correspondência entre emoções específicas e suas expressões faciais. O mais utilizado desses protocolos é o FACS - Facial Action Coding System, sistema de codificação das expressões faciais elaborado por Ekman & Friesen (1978). A partir de minuciosa análise de uma amostra de 5000 expressões faciais de adultos, gravadas em vídeo, os autores mediram os movimentos faciais feitos por cada sujeito, chegando a um protótipo morfológico de cada emoção, isto é, das que consideram básicas - alegria, tristeza, raiva, nojo, surpresa, medo. Com esses protótipos, que indicam o movimento das unidades de ação, ou seja, de músculos isolados ou em combinação com outros que são envolvidos em cada emoção básica, os autores pretendem uma análise objetiva das expressões faciais.

Segundo Ekman, existiria na espécie humana uma programação, no nível do sistema nervoso, que estabelece uma conexão entre as emoções específicas e determinados movimentos musculares, correspondência essa que seria invariável. Dos diversos estudos interculturais desenvolvidos, os pesquisadores da corrente neodarwiniana (Ekman, 1980) sustentam que o que pode variar de acordo com as culturas são as regras de expressão das emoções ou as condições de desencadeamento de uma ou outra emoção.

Essa idéia não é, contudo, consensual. Russell (1994) debate a questão, chamando a atenção para a importância dos fatores linguísticos implicados nos experimentos, fatores esses mergulhados nos diferentes modos de cada língua nomear estados emocionais. Para este autor, o elemento universal estaria no reconhecimento de dimensões emocionais expressas facialmente, isto é, no reconhecimento da dimensão prazer/desprazer ou do grau de ativação, isto é, da intensidade da emoção. Já as categorias emocionais, ou seja, os termos específicos correspondentes, seriam próprios de cada cultura.

No que se refere à gênese das competências emocionais, existem várias linhas de pesquisa. Os estudos com recém-nascidos se utilizam de sofisticadas técnicas experimentais desenvolvidas nas três últimas décadas. Tomam comportamentos observáveis durante os períodos em que o bebê está em estado de alerta - orientação da cabeça, a direção do olhar, o batimento cardíaco e o ritmo de sucção (cujas variações são monitoradas por chupetas com receptores) - como indícios de suas capacidades e de suas preferências (Baudonnière, 1985; Bloch, 1985; Stern, 1992). Ao lado desses indícios, os experimentos recorrem também à habituação, isto é, tendência do bebê a desviar a atenção de um estímulo que se torna repetitivo e dirigi-la para um estímulo novo, o que permite inferir sua capacidade de discriminação dos estímulos.

Para a investigação das capacidades de discriminação entre expressões emocionais, recorre-se a situações como mostrar ao bebê a imagem de um rosto com um sorriso (alegria) até que ele perca interesse pelo mesmo e, quando isso ocorre, essa imagem é trocada pela de um rosto manifestando outra emoção; se o bebê fixa a atenção na nova imagem tal fato é tomado como indício de que a discriminou da primeira, diferenciando-as.

Com base nesses dispositivos, estudos mostram dados interessantes como, por exemplo, que os bebês manifestam interesse particular pela voz humana e preferência por esta em relação a outros sons de mesma altura e mesma

intensidade (Friedlander, 1970) que manifestam preferência por figuras com simetria vertical, disposição semelhante à do rosto humano (Sherrod, 1981) e que preferem o rosto humano a outras composições visuais (Fantz, 1963).

Uma revisão de literatura dos estudos com crianças sobre a gênese das competências para reconhecimento de expressões emocionais, realizados entre 1920 e 1970, pode ser encontrada em Charlesworth & Kreutzer (1973), tarefa continuada por Gross & Ballif (1991). Ambos fazem ressalvas a procedimentos metodológicos que, para estudar as competências para reconhecer o conteúdo emocional de expressões faciais se utilizam de expedientes tais como a apresentação de estímulos estáticos para as crianças (fotos ou desenhos) ou o procedimento demasiadamente escolar das tarefas experimentais, pois trazem o risco de que se avalie mais a capacidade de leitura de imagem do que a de reconhecimento das expressões emocionais.

Como constatação consensual dos experimentos, os estudos apontam a idéia de que a habilidade para identificar respostas emocionais básicas tende a se acurar com a idade, mas varia conforme a expressão emocional a ser reconhecida. Experiência de Gosselin, Roberge & Lavallée (1996) ilustra esta idéia ao mostrar que as crianças reconhecem expressões de alegria e de raiva antes do que as de surpresa e nojo - as primeiras já aos cinco/seis anos, as últimas só a partir dos sete/oito anos.

Nelson (1987) realiza revisão dos estudos que investigam as competências de reconhecimento das expressões faciais da emoção nos dois primeiros anos de vida, que apontam que somente após os quatro meses a criança seria capaz de discriminar o conteúdo emocional das expressões, provavelmente com base em categorias bem amplas e gerais, ligadas à dimensão do prazer ou desprazer. A possibilidade de identificar o conteúdo emocional específico de uma expressão facial separada do contexto em que se produziu ("congelada" numa foto ou num filme) desenvolve se tardiamente. Esta constatação não surpreende se pensarmos que o reconhecimento descontextualizado de expressões faciais já equivale a uma conceituação das emoções, requerendo, portanto, um forte apoio da linguagem.

Tendo em vista a função eminentemente social das emoções, vemos com ressalvas os estudos que investigam as competências para reconhecimento das expressões faciais das emoções destacando-as dos seus contextos de ocorrência, sobretudo no caso das crianças. No caso das pesquisas com recém-nascidos, o cuidado a se tomar é que, embora os dispositivos experimentais possam informar sobre competências não passíveis de serem diagnosticadas em situação natural, não informam sobre o modo como essas competências são utilizadas pelos sujeitos. Concordamos com Gross & Ballif (1991) quanto à necessidade de que sejam realizados mais estudos de observação das interações da vida real. Destacamos que o cotidiano escolar se constitui num meio especialmente profícuo a esse tipo de observação.

Aproximam-se desta preocupação estudos que, para melhor compreender o desenvolvimento das competências de expressão e reconhecimento das emoções, concentram suas pesquisas nas interações mãe-bebê, contexto "natural" em que se manifestam e se desenvolvem essas competências.

Um exemplo são as pesquisas que se inserem no modelo intitulado "social referencing" (referenciação social) que consiste em pôr a criança, antes do final do primeiro ano, em situação de ambiguidade ou de suposto perigo enquanto a mãe, ou outro adulto familiar, realiza determinada expressão facial. No experimento conhecido como da falésia visual (Sorce, Emde, Campos & Klinnert, 1985), um bebê é separado da mãe por uma placa de vidro, sob a qual se forma um vão com altura ambígua, de modo a dar a impressão para a criança de que ela está diante de um precipício (uma falésia). Esse tipo de situação propicia a procura ativa de informações emocionais para a regulação do comportamento, a fim de eliminar a ambiguidade de uma situação, o que é um interessante termômetro sobre a capacidade de discriminar o conteúdo emocional da expressão. Ao se aproximar da placa de vidro, a tendência do bebê é de olhar para a mãe. O que se observa é que o comportamento da criança se modifica conforme a expressão da mãe: se esta expressa alegria, a criança tende a avançar para a placa, atravessando a falésia, mas se a expressão da mãe é de medo, a tendência da criança é de se recusar a prosseguir.

Trevarthen (1993) realiza experiências em que procura demonstrar as capacidades sensoriais e expressivas do bebê de menos de três meses e o efeito delas na interação com a mãe, defendendo a existência de emoções instintivas desde o nascimento, as quais agiriam como reguladoras da intersubjetividade. Mostra que, na protoconversação mãe-bebê, há uma dinâmica de reciprocidade e sincronia, que configura verdadeiros diálogos afetivos, nos quais a confluência de afetos que enseja pode ser comparada a uma dupla de músicos experientes que tocam de improviso.

Esse envolvimento recíproco que se estabelece entre mãe-bebê é engenhosamente ilustrado no experimento " Double-Video". Trata-se de uma experiência em que mãe e bebê interagem por meio de um sistema de vídeos. A mãe, sozinha numa sala, vê as imagens de seu filho no monitor de TV que tem diante de si.

Paralelamente, o bebê (entre seis e doze semanas), acomodado noutra sala, vê a mãe por meio do monitor colocado em frente ao seu bebê-conforto. Entre as duas salas, há um técnico de vídeo que controla a gravação e o envio das imagens. À mãe, solicita-se que converse com o filho. Numa primeira etapa, a conversa se faz ao vivo, isto é, os sujeitos acompanham, em tempo real, as reações um do outro. Numa segunda etapa (de 30 segundos a um minuto, aproximadamente), passa a ser enviada para o monitor do bebê a imagem da mãe em videoteipe, gravação do período de conversação imediatamente anterior. Numa terceira etapa, retomam-se as condições da primeira, isto é, são enviadas ao monitor do bebê imagens ao vivo da mãe.

Um primeiro aspecto que chama a atenção é o pouco impacto do vídeo sobre as reações do bebê, que age como se estivesse com a mãe face a face. O ponto mais importante, porém, é o impacto causado pela interrupção do

NOVA CONCURSOS

envio das imagens ao vivo. Na primeira condição, quando conversam em tempo real, constata-se uma exata sincronia entre os comportamentos da mãe e do bebê, visível sobretudo pela quase simultaneidade dos sorrisos e pela convergência na direção dos olhares. Na segunda etapa, quando o bebê interage com uma mãe que, embora alegre e conversadeira, está pré-gravada em videoteipe, as diferenças em seu comportamento se fazem ver rapidamente. Conforme percebe a falta de correspondência nas reações da mãe, vai parando de sorrir, faz algumas caretas e termina por virar a cabeça. Na terceira etapa, é a mãe quem se mostrará sensível ao "desânimo" do bebê, tornando -se ela própria menos exuberante em suas emissões após algumas tentativas sem resposta (Murray & Trevarthen, 1985; Trevarthen, 1993)

O incômodo expresso pelo bebê ao se ver diante de uma mãe sorridente cujas reações não encaixam com as suas evidencia uma complexa e coerente integração entre os comportamentos da criança e sua precoce capacidade para captar a estrutura do comportamento da mãe (Murray & Trevarthen, 1985). Nesse sentido, um encaixe não fluente, que pode originar-se tanto da mãe (em depressão pós-parto, por exemplo) como da criança (autismo, surdez, etc.), poderia resultar em dificuldades de comunicação de diferentes graus. Essas poderiam trazer consequências diversas, por exemplo, sobre o amadurecimento orgânico, já que as respostas do outro (no caso, a mãe) são chave para a autorregulação do rápido desenvolvimento do sistema nervoso do recém-nascido, ou sobre o desenvolvimento da linguagem, dado que desse envolvimento recíproco que se estabelece entre mãe e bebê dependeria o desenvolvimento de todos os sistemas de sinalização ulteriores.

Stern (1977), ao estudar as interações entre mãe e recém-nascido, descreve em detalhes os traços expressivos deste diálogo, em que ambos têm papel ativo. O autor propõe a existência, por parte do adulto, de uma linguagem intuitiva com características próprias para facilitar a compreensão pelo bebê; uma espécie de "língua bebê" que seria composta por palavras simples, frases curtas e repetidas, faladas com certo espaçamento e entonação melódica, bem marcada, constituindo um conjunto de traços comuns a despeito das variações culturais e linguísticas. É como se o recém-nascido despertasse, no adulto, determinados comportamentos sociais. Além de um jeito específico de falar, em que a ênfase está na prosódia, na melodia, há toda uma mímica facial, posição da cabeça e do corpo que são intuitivamente adotados pelos adultos que querem comunicar-se com o bebê pequeno.

Essa linguagem tenderia a ir mudando conforme o desenvolvimento do bebê. Ele situa por volta dos nove meses o início do que propõe chamar de sintonia de afetos. Cenas tais como a de uma mãe que acompanha, com a voz, os gestos alegres que seu bebê faz com o brinquedo, ou daquela que balança a cabeça no mesmo ritmo em que o filho agita o chocalho, são utilizadas por Stern para ilustrar essa sintonia de afetos em que há uma correspondência transmuda entre os canais de expressão. Nos exemplos: voz da mãe /gesto do bebê, movimento da cabeça da mãe/gesto das mãos do bebê, em que o comportamento "devolvido" pelo parceiro reflete não o estado exterior do primeiro comportamento, mas o estado emocional que ele exprime, expressões que podem distinguir-se em seu modo ou forma, mas são em certa medida intercambiáveis enquanto manifestações de um mesmo estado interno reconhecível (Stern, 1992, p.125).

Todas essas noções referentes às interações mãe-bebê sugerem que tais interações possuem uma regulação emocional. Para Sroufe (1996), a qualidade dessas interações diádicas básicas imprimem sua marca na posterior autorregulação emocional, possibilidade que depende de progressos no plano neurológico. Este autor, fundamentado em Vygotsky e Bruner, propõe que ocorreria com a regulação emocional, mecanismo análogo ao que ocorre com qualquer função psíquica superior, ou seja, aparece primeiro no nível interpsíquico e depois passa a ser regulada no plano intrapsíquico.

Na teoria psicogenética de Henri Wallon (1879-1962), que tem por objeto a pessoa, o estudo das emoções ocupa lugar de destaque. Esboçada já em sua tese de medicina intitulada "L'enfant turbulent", de 1925, onde propõe as bases do que seria o estágio emocional, sua teoria das emoções5 se consolida em "Origens do Caráter na Criança" (1934), livro em que Wallon aborda os três primeiros anos de vida e o processo de constituição da consciência de si. O tema será tratado ainda em obras posteriores, como "A evolução Psicológica da Criança" e no tomo da Enciclopédia Francesa dirigida por Wallon, cujo capítulo sobre a vida afetiva é escrito pelo ele mesmo.

Podemos identificar, também em Wallon, inspiração darwiniana no que diz respeito ao reconhecimento das expressões emocionais como primeiro indício de sociabilidade. A exuberância expressiva do bebê e suas precoces capacidades de interação emocional são apontadas como compensação à sua imperícia para agir diretamente sobre o meio físico ou suprir, sem a ajuda do outro, suas necessidades vitais.

Contudo, diferente de Darwin que enfatizou as expressões faciais, Wallon voltou sua atenção para os efeitos da expressividade sobre o corpo como um todo. Um segundo aspecto que distingue as abordagens é o modo como compreendiam a origem da expressividade: preocupado com a evolução da espécie, Darwin não reconhece autonomia da capacidade expressiva do ser humano, explicando-a sempre como vestígio de um gesto ou movimento dirigido para a adaptação a situações concretas, ligadas ao mundo físico: "até onde posso perceber, não há subsídios para acreditar que algum músculo tenha sido desenvolvido ou mesmo modificado exclusivamente em benefício da expressão" (Darwin, 1872, p.330)

Para Wallon, ao contrário, características do funcionamento do tônus musculares definiriam a possibilidade de a expressividade se desenvolver independentemente de acompanharem os gestos úteis na relação com o meio físico. Aliás, uma das originalidades desta abordagem é chamar atenção para o fato de que o gesto, estabilizado em postura, em atitude corporal, desempenha outro papel que não o de executar: ele pode exprimir as disposições

afetivas do sujeito (Nadel, 1980). Assim, já os primeiros movimentos do recém-nascido (impulsos, espasmos, reflexos) são expressivos, pela coloração afetiva que carregam ao sinalizar disposições individuais. Mesmo que não respondam a algum estado específico (dor, sofrimento, alegria) essas manifestações expressivas tendem a causar impacto no meio humano, que vai interpretar essas expressões e reagir de acordo com essa interpretação. Deste jogo entre o indivíduo e o meio, vão se constituindo significados para as expressões, que vão passando a constituir emoções mais definidas e diferenciadas. A relação entre emoções e expressão é central nesta concepção, para quem a emoção é uma atividade "proprioplástica", primitivamente a "modelagem do organismo por suas disposições próprias" (Wallon, 1938, p.145).

Apesar da ênfase dada ao caráter expressivo das emoções, Wallon leva em conta também sua dimensão subjetiva, ligada aos estados afetivos vividos pelo sujeito que experimenta determinada emoção: "uma modificação visceral sem reverberação afetiva não tem nada de uma emoção" (Wallon, 1941). Devido à relação imediata entre as contrações tônicas e a sensibilidade delas resultante, seriam as emoções o fato psíquico mais primitivo. A percepção, pelo sujeito, das flutuações tensionais do seu organismo constituiria a forma mais primitiva da consciência, sendo por meio de suas próprias atitudes que a criança começa a tomar consciência das realidades externas.

A partir da capacidade de modelar o próprio corpo, a emoção permite a organização de um primeiro modo de consciência dos estados mentais e de uma primeira percepção das realidades externas. A passagem desta percepção corporal - que se dá sob a forma de atitudes posturais - à capacidade de representação mental se fará mediante a intervenção da linguagem à qual a criança pequena tem acesso muito antes de dominá-la, pelo simples fato de estar em conexão permanente com o ambiente. Sendo a vida emocional a condição primeira das relações interindividuais, podemos dizer que ela está também na origem da atividade representativa, logo, da vida intelectual.

A atualidade da abordagem walloniana deve-se, a nosso ver, sobretudo à atitude que adota para o estudo do tema, pela qual procura compreender a imbricação entre os fatores de origem orgânica e social, bem como as contradições e complementariedades existentes entre a afetividade/emoção e outros campos funcionais que enfoca no desenvolvimento da pessoa. Esta atitude, ao fugir de esquematizações simplificadoras de um tema tão complexo, abre uma matriz abrangente que permite integrar muito dos estudos atuais sobre as emoções.

Dinâmica e desenvolvimento

É grande a importância que Wallon atribui à função tônico-postural da musculatura, esta dimensão mais propriamente expressiva da motricidade que, além de seu papel na afetividade, teria importante papel no movimento propriamente dito (equilíbrio e estabilidade do corpo e gestos) e na cognição, ao servir de apoio à percepção e à reflexão mental. A serviço da expressão das emoções, as variações tônico-posturais atuam também como produtoras de estados emocionais; entre movimento e emoção a relação é de reciprocidade. Assim, de um lado as alterações na mímica facial e na postura corporal expressam variações dos estados internos, de outro, elas podem também provocá-las. Trata-se de uma complexa dinâmica de desencadeamento, em que seus vários componentes podem ser, ao mesmo tempo consequência ou fator desencadeador.

Mesmo se, conforme propõe Galifret (1979), for necessária uma atualização das bases fisiológicas que Wallon propõe para o tônus muscular, a hipótese quanto à sua influência nos estados emocionais constitui interessante possibilidade para compreender algumas de suas características. Este é o caso da labilidade, isto é, a fragilidade da emoção, sujeita a mudar de natureza e direção no decorrer de sua manifestação. O exemplo mais comum é o do choro que vira risada e vice-versa. Para Wallon (1934), a manifestação mais primitiva da labilidade estaria nas cócegas que, até certo limiar podem produzir risadas e uma vivência de prazer e, ultrapassando esse limite, podem provocar choro e dor. A brusca mudança de sentido do fluxo tônico ajudaria a explicar as bruscas inversões na tonalidade emocional.

Além de responsáveis por sua labilidade, os componentes tônico-posturais das emoções influenciariam também no fato comum de uma reação emocional ter suas manifestações prolongadas independentemente de sua causa primeira, nutrida pelos seus próprios efeitos. Na experiência adulta, esse fenômeno, a que Martinet (1972) chamou narcisismo das emoções, pode ser facilmente ilustrado, por exemplo, nas situações em que começamos a rir por causa de algo engraçado e não paramos mais, embalados em nossa própria risada.

Essa ideia de uma auto-alimentação das emoções, embora passível de ser constatada na vivência de qualquer pessoa, contraria a difundida concepção de senso comum que diz que a melhor forma de se livrar de uma emoção é dar vazão a ela, "descarregar". Dependendo da forma que se escolher para dar plena vazão a uma manifestação emocional, o resultado pode ser, ao contrário, uma intensificação dos seus efeitos. Este fato é de observação corrente para professores que se surpreendem quando seus alunos voltam do recreio, onde pularam, correram, e gritaram à vontade, ainda mais agitados do que quando saíram, contrariando a expectativa de que voltassem mais "tranquilos", dada a oportunidade de descarga.

Além de poder ter seus efeitos prolongados independentemente de sua causa primeira, uma emoção pode ser desencadeada por fragmentos de situações aparentemente fortuitos - como acontece, por exemplo, quando uma pessoa, ao escutar determinada música, mergulha num intenso estado emocional, o mesmo que viveu em determinada situação em que ouvira aquela música. Dada a percepção global e de conjunto que acompanha a vivência emocional, existe a tendência de que se associem traços externos da situação concomitante com a vivência subjetiva e o conjunto de componentes que constituem a emoção, num amálgama que pode ser restaurado pelo surgimento de um de seus componentes.

Com o desenvolvimento psíquico, as fontes dos estados emocionais se ampliam e se complexificam, a preponderância inicial das reações orgânicas e expressivas vai sendo substituída pelas imagens e impressões subjetivas. A afetividade vai adquirindo relativa (nunca total) independência de fatores corporais, o recurso à fala e à representação mental faz com que variações nas disposições afetivas possam ser provocadas por situações abstratas e ideias, e possam ser expressas por palavras. A dimensão expressiva tenderia, então, a se reduzir, pois o fortalecimento do processo ideativo possibilita que a pessoa experimente a emoção por uma espécie de desdobramento íntimo, isto é, por imagens mentais. Outra consequência que traz o fortalecimento do pensamento e da linguagem é o aumento das possibilidades de controle sobre as próprias manifestações emocionais. É claro que tanto esta tendência de interiorização como a de progressivo controle da emoção são fortemente balizadas pelos parâmetros culturais próprios a cada contexto, e traduzidas num jeito muito singular de expressar e vivenciar as emoções que cada um vai construindo ao longo de sua história pessoal.

Mesmo que predominante no início da vida, o potencial desencadeador dos componentes tônico-posturais mantém-se presente também em adultos, conforme ilustra experimento de Bloch (1992). Partindo da suposição de que existe, ao longo dos estados emocionais, uma interdependência entre os movimentos respiratórios, a expressão corporal e facial e a experiência subjetiva, o experimento procurou produzir, em adultos, estados emocionais específicos a partir da adoção de componentes expressivos que compõem algumas emoções específicas.

Aos sujeitos experimentais, depois que tivessem atingido um estado emocional neutro, solicitava-se, por meio de instruções meramente técnicas, que reproduzissem uma determinada configuração respiratória e que adotassem a postura e a expressão facial correspondente a uma emoção cujo nome não lhes era dado. No final, os sujeitos falam sobre a experiência subjetiva que acompanhou a realização dos comportamentos específicos e os resultados apontam a coincidência entre a emoção tomada como modelo para as instruções dadas pelo experimentador e as emoções vividas pelos sujeitos, ou seja, a reprodução de componentes neurovegetativos e posturais teria desencadeado a experiência subjetiva correspondente à emoção tomada como modelo.

Paralelamente ao impacto que as conquistas feitas no plano cognitivo têm sobre a vida afetiva, a dinâmica emocional terá sempre um impacto sobre a vida intelectual. Wallon insiste na indissociabilidade desses campos funcionais, propondo que é graças à coesão social provocada pela emoção que a criança tem acesso à linguagem, instrumento fundamental da atividade intelectual. Deixando bem claro o papel da emoção na origem da cognição, o autor vai insistir também na relação de antagonismo que se estabelece entre essas duas dimensões. O poder subjetivador da emoção, isto é, o fato de quando vivida com intensidade constituir-se numa espécie de tumulto orgânico que restringe a percepção do sujeito a suas disposições do momento, sobretudo as de natureza intero e proprioceptiva, pode representar um entrave à evocação ou combinação de representações, sobretudo quando essas dependem de uma percepção mais objetiva do real.

Por outro lado, também a reflexão mental terá o poder de reduzir as manifestações da emoção, por exemplo, quando o sujeito que a vivencia se põe a pensar sobre suas causas ou seus efeitos. "A emoção traz consigo a tendência para reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo; neste sentido ela é regressiva. Mas a qualidade final do comportamento do qual ela está na origem dependerá da capacidade cortical para retomar o controle da situação. Se ele for bem-sucedido, soluções inteligentes serão mais facilmente encontradas, e neste caso a emoção, embora sem dúvida não desapareça completamente, se reduzirá" (Dantas,1992, p.88). Somente quando não consegue transmutar-se em ação motora ou mental, quando permanece emoção pura e intensa, é que produziria efeitos desorganizadores. Assim, embora constitua-se numa etapa necessária ao acesso à atividade simbólica, a emoção não se confunde com ela, não podendo, pois, ser chamada de linguagem.

A investigação da imbricação entre processos afetivos e cognitivos tem sido alvo de interessantes estudos no campo da neurologia. Um bom exemplo são os estudos de António Damásio (1996), feitos com pacientes adultos, que mostram a importância do processo de avaliação mental das situações no desencadeamento de uma emoção e, ao mesmo tempo, a da emoção na cognição e no comportamento.

Segundo ele, em seguida a um momento inicial de independência (e primazia) da emoção em relação à cognição, a vida emocional e a cognitiva estarão sempre ligadas. Ao nascer, o ser humano dispõe de emoções primárias, pré-organizadas e inatas que garantem a regulação biológica e que são controladas no nível subcortical, sobretudo pela amígdala e cíngulo. Contudo, logo se constituem emoções secundárias, reguladas em nível cortical (córtices pré-frontal e somatossensorial) nas quais intervêm imagens mentais ligando, de um lado as emoções primárias, de outro, categorias de objetos e situações.

Na experiência adulta, a vivência emocional será "uma combinação de um processo avaliatório mental, simples ou complexo, com respostas dispositivas a esse processo, em sua maioria dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro, resultando em alterações mentais adicionais" (Damásio, 1996, p.168). Essa combinação que implica tanto a vida emocional como a intelectual, dependerá do funcionamento integrado das regiões subcortical e cortical.

É por causa desta imbricação que pacientes com lesão cerebral em regiões em princípio responsáveis pela emoção apresentam sérias dificuldades no raciocínio e na capacidade de tomar decisões. Para explicar o papel específico da emoção na tomada de decisão, conduta supostamente dependente da 'razão pura', Damásio formula a hipótese dos marcadores-somáticos. Constituir-se-iam em sinais de alerta corporal (não necessariamente visíveis) que fazem convergir a atenção do sujeito para o resultado negativo que uma determinada alternativa em situação de decisão

pode acarretar. Pacientes com lesões cerebrais em regiões responsáveis pelas emoções secundárias (as mesmas que controlariam os marcadores-somáticos) ilustram como a razão pura, que poderia ser traduzida no procedimento de arrolar extensivamente todos os cenários possíveis conforme as alternativas, dificulta ou até mesmo impede a boa tomada de decisão. Os sinais corporais ativados no momento de decisão ajudam, ao dar destaque a algumas opções, ou simplesmente ao indicar um mal-estar que sugere que a estratégia está inadequada. Damásio pondera que, como é comum em biologia (campo em que um mesmo fator poder ser negativo ou positivo) esses sinais, conforme sua intensidade, podem também prejudicar a qualidade do raciocínio.

Contágio emocional e grupo

Para Wallon, o potencial mobilizador das emoções resulta de um traço que lhes é essencial: sua extrema contagiosidade de indivíduo a indivíduo. Esse traço estaria na base das interações mãe-bebê - na sintonia de afetos e na espécie de simbiose afetiva em que os parceiros parecem mergulhados - e também das relações entre os membros de grupos adultos. E explicaria também a facilidade pela qual a atmosfera emocional domina eventos que reúnem grande concentração de pessoas, como comícios, concertos de música, rituais religiosos, situações que podem levar à profunda comunhão e solidariedade entre as pessoas ou à manipulação das pessoas.

Ele faz um paralelo entre o papel desempenhado pelas emoções na psicogênese e aquele que teria tido na história das civilizações. Tomando por base descrições antropológicas de sociedades ditas primitivas destaca o importante papel desempenhado por elas nos ritos coletivos, em que os elementos rítmico e emocional são constituintes importantes. As danças e rituais coletivos em que os diversos elementos do grupo realizam os mesmos movimentos, no mesmo ritmo, provocam uma espécie de coesão no grupo, de união que independe de acordo verbal e precede o entendimento intelectual. Dada a relação que as manifestações rítmicas e posturais mantêm com os estados afetivos, a realização dos gestos, sons e outros elementos que compõem o ritual provoca uma comunhão de sentimentos e sensibilidade, um estado de participação mútua que seria a forma mais arcaica de trocas psíquicas.

A propagação "epidérmica" das emoções, ao provocar um estado de comunhão e de uníssono, pode levar a esforços e intenções em torno de um objetivo comum. Permitiria, assim, relações de solidariedade quando a cooperação não fosse possível por deficiência de meios intelectuais ou por falta de consenso conceitual, contribuindo, portanto, para a constituição de um grupo e para as realizações coletivas.

Todavia, desta dinâmica que está na base da solidariedade e união, podem resultar também ações de manipulação graças a "seus efeitos instantâneos e totalitários que desorientam a reflexão" (Wallon, 1938, p.146). Isto fica bem patente nos atos públicos com finalidades políticas eleitorais, quando os políticos se servem com maestria desse potencial unificador das emoções. Nos comícios, o político consegue, por meio do discurso, produzir reações emocionais que, ao mesmo tempo que unem as pessoas em favor das ideias apresentadas, dissolvem nelas o discernimento crítico, podendo levá-las a aderir a ideias que, examinadas a frio não obteriam adesão. Quantos de nós já não se flagraram arrependidos de se ter empolgado com um discurso cujo conteúdo, examinado posteriormente sem o impacto da emoção partilhada no grupo, parecia muito diferente?

Já a Retórica de Aristóteles apresenta esta questão (Francisco, 1996). O filósofo define as emoções ("pathé") como reações acompanhadas de dor ou prazer que provocam modificações nas pessoas, fazendo-as mudar o seu juízo. Ao lado da prova pelo "ethos", em que a adesão do ouvinte se apoia no caráter de quem fala ou na imagem que o ouvinte tem dele, a arte retórica deveria então fazer uso da prova pelo "pathos". Isto é, o orador deveria usar deliberadamente emoções para provocar as disposições esperadas no ouvinte e assim obter sua adesão, independentemente da justeza do argumento. Ao partilharem as mesmas emoções com o orador, os ouvintes seriam levados a dispensar aquele de apresentar dados lógicos sobre os quais pudessem embasar, com objetividade, a adesão, podendo então ser levados a falsas opiniões.

Os movimentos fascistas foram muito hábeis em utilizar esses fenômenos, aliando-os ao aspecto ritual das cerimônias tribais. Além do conteúdo do discurso interferir diretamente sobre o discernimento dos ouvintes, a organização ritual dos atos coletivos a que recorriam com insistência certamente fortalecia a adesão dos ouvintes, ao produzir " pathos". "O triunfo da Vontade", uma montagem de filmes realizados pela cineasta oficial de Hitler, mostra imagens das manifestações públicas durante o auge do nazismo: multidões perfiladas em marcha, fazendo sempre os mesmos movimentos, no mesmo ritmo, repetindo palavras de ordem num mesmo tom; como se a fala de cada um se fundisse numa única voz, como se os milhares de corpos se desmanchassem numa massa única.

Na nossa cultura, a ação da torcida em jogos de futebol fornece uma ilustração bem viva das diferentes direções para onde podem apontar as emoções: união ou conflito entre os torcedores, estímulo ou obstáculo para o desempenho dos jogadores.

Esse estado de diluição do eu no grupo que atinge os adultos em circunstâncias gregárias de elevada intensidade emocional nos remete à díade mãe-bebê, em que termos como simbiose afetiva, sintonia de afeto e diálogo tônico8 são utilizados para descrever o estado de fusão e indiferenciação em que se encontram os envolvidos, bem como a natureza predominantemente afetiva da relação.

Sociabilidade sincrética

Na psicogênese, enquanto as emoções e seus recursos expressivos figurarem como meio privilegiado de interação social, o que teremos é um estado de sociabilidade sincrética, em que o eu está misturado no outro e nas circunstâncias concretas de sua existência. Wallon (1959) destaca o

estado de dispersão em que se encontra a personalidade; é frágil a consciência de si e, paralelamente, a consciência do outro. O estado inicial da consciência pode ser comparado a uma nebulosa, uma massa difusa na qual se confundem o próprio sujeito e a realidade exterior. A criança não se vê como entidade permanente e coesa; instável, sua personalidade pode ver-se fragmentada, dispersa, ou fundida em elementos das circunstâncias exteriores.

A observação espontânea feita por pessoas que convivem ou trabalham com crianças nessa faixa etária é capaz de fornecer ilustrativos exemplos do pitoresco deste estágio das personalidades permutáveis (Wallon, 1934). Nossos encontros com profissionais de educação têm-se revelado particularmente fecundos para a obtenção de exemplos que ilustram questões teóricas do desenvolvimento infantil.

O primeiro exemplo, relatado por uma professora, é o de um menino de aproximadamente três anos que se recusa a ir para a escola no dia da festa junina. Em casa, já todo paramentado de caipira, chora sem que a mãe possa entender o motivo de tanta desolação, até que o próprio menino revela: " como meus amigos vão saber que sou eu?"

Nessa cena, o que se vê é a instabilidade pessoal refletida na instabilidade quanto ao reconhecimento da própria imagem, a reação do menino sugere que, em sua ótica, a fantasia de caipira ameaçava a permanência de sua identidade. Estando, ele mesmo, pouco convicto da permanência de sua identidade sob a fantasia junina, o menino teme que aos outros ocorra a mesma dúvida. Constata-se, pois, um paralelo entre o modo como a criança vê a si e o modo como acha que é vista pelo outro

O segundo exemplo é o caso de um garoto com menos de três anos, chamado Daniel, que, assistindo à televisão com a família, mostra-se surpreso quando aparece na tela um personagem também chamado Daniel. Pergunta aos pais, apontando o homônimo, "sou eu?"

Essa pergunta revela que a criança não se constrange em achar que poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, parecendo não ver inconvenientes na noção de ubiquidade. É como se o nome fosse colado à pessoa e, ao constatar o seu nome no personagem da televisão, supusesse que ele poderia estar ao mesmo tempo em casa, com a família, e na televisão, sob a pessoa do outro.

Wallon (op. cit., p.262) cita um exemplo em que o não-constrangimento face à noção de ubiquidade aparece também em relação ao outro. Refere-se a uma menina de dois anos que já estava há várias semanas no campo, acompanhada de sua mãe, quando repentinamente vê o pai, recém-chegado de Viena. Confusa diante dele, quando lhe perguntam se não o está reconhecendo, ela murmura: "meu outro pai está em Viena". Tendo-lhe o pai afirmado que era ele o papai de Viena, ela então lhe pergunta: "então você veio de trem?"

Para a menina a figura do pai estava de tal modo fundida com Viena, que foi difícil reconhecer o pai à sua frente. Foi preciso recorrer à lembrança da viagem, a mesma que ela própria havia feito, para conseguir admitir que os dois pais eram, na verdade, um só.

A superação deste estado de dispersão e fragmentação do eu será em grande parte impulsionada pelas conquistas no plano da linguagem. É como se as possibilidades que esta oferece na relação com o real - dentre outras a de estabilizar os elementos percebidos sob a forma de signos e redes de significados partilhados - fossem estendidas para a relação consigo mesma e com os outros. Além do mais, a consolidação da linguagem como recurso de interação social possibilita o rebaixamento da intensidade emocional das interações, o que tende a reduzir a suscetibilidade ao contágio, contribuindo para a diferenciação entre as individualidades.

Embora este processo de diferenciação se faça de forma gradual, nas e pelas interações, será necessária uma ruptura nos modos de a criança relacionar-se com o meio, ruptura esta que se constituirá numa das crises funcionais que, segundo a perspectiva walloniana, são fundamentais ao desenvolvimento da pessoa.

A crise do personalismo constituir-se-ia numa brusca reviravolta nas condutas da criança e nas suas relações com o meio, sendo a oposição um elemento-chave. É somente opondo-se ao outro, isto é, negando o não-eu, que vai se destacando uma identidade estável, permanente, não mais fundida nas situações de que participa, ou misturada no outro. A criança adotaria "um ponto de vista exclusivo e unilateral, o seu, aquele de uma personalidade peculiar e constante, tendo sua perspectiva própria e distribuindo os outros em relação a si própria" (idem, p.267). A estabilização da autodesignação pelo pronome na primeira pessoa e o desaparecimento dos diálogos estabelecidos consigo mesma seriam indicadores de que houve avanços na constituição da consciência de si.

Enquanto isso, é possível identificar vários mecanismos de interação próprios do período de sociabilidade sincrética. Como já foi dito, o contágio emocional seria um mecanismo básico das interações na fase inicial do desenvolvimento, do qual resultaria uma atmosfera de participação afetiva, isto é, uma espécie de mimetismo que leva os parceiros a um estado afetivo semelhante. Vale ressaltar que, se tal atmosfera de participação é resultado da natureza emocional que predomina na interação, ela é, ao mesmo tempo, condição para que haja encadeamento entre as ações dos parceiros. Isto é, para que as crianças pequenas se relacionem entre si é preciso que haja uma "certa concordância de interesses, de expressão, de ritmos e de gestos" (idem, p.234).

Ao lado do mimetismo afetivo - esse processo de desencadeamento de reações afetivas por consonância mútua - Wallon aponta o mecanismo da contemplação-exibição, já descrito nas páginas iniciais deste artigo, como importante esquema de interação no segundo semestre de vida. A despeito do alto grau de fusão implicado, esse tipo de interação já introduz uma diferenciação de papéis - o que se mostra, o que se exibe - distinguindo os polos da situação, como se uma estrutura bipolar estivesse subjacente. Esta estrutura bipolar, dinâmica e dialética, está presente nas brincadeiras, muito comuns no segundo ano de vida, chamadas de jogos de alternância, em que há um rodízio entre os atos de um e outro parceiro - dar e receber, esconder e procurar - de forma que ambos possam viver os dois polos da situação.

Na fala, o exercício dessa diferenciação entre os dois polos de uma situação aparece nos diálogos que a criança estabelece consigo mesma, como se fizesse os dois papéis ao mesmo tempo: abre a porta e diz "obrigado", como que agradecendo a si mesma; lança-se num ato perigoso e previne o risco " tome cuidado".

Podemos inserir nesta matriz bipolar as relações de transitivismo, apresentado por Wallon como mais uma forma assumida pela confusão do sujeito com seu ambiente. Ele o descreve como uma simpatia às avessas, em que o sujeito atribui a outro o que é exclusivamente seu, tomando a si mesmo como objeto de compaixão. Um exemplo possível é a corriqueira situação em que a criança repreende seu ursinho ou sua boneca por uma transgressão que ela mesma cometeu. Os exemplos que Wallon dá do adulto são bem esclarecedores: o doente que identifica no rosto de pessoas saudáveis os traços de sua própria doença; aquele cujos cabelos encanecem e que se apraz em descobrir, nos outros, fios de cabelo branco (op. cit., p.264).

Um potente recurso de interação nesta fase de sociabilidade sincrética, mais especificamente durante o terceiro ano de vida, é a imitação simultânea. Foi o que mostrou Nadel (1986) por meio de uma situação experimental que se baseia no pressuposto da necessária relação entre o grau de diferenciação pessoal atingido e os recursos de interação predominantes.

Apesar do referencial walloniano adotado, a autora utiliza-se de um conceito mais abrangente de imitação, recusando a definição que reserva este nome à reprodução de um comportamento na ausência do modelo, ou seja, à imitação diferida. Segundo ela, esta restrição deixa a descoberto toda uma gama de comportamentos que se localizam entre o mimetismo afetivo e a imitação diferida. No primeiro, os efeitos do contágio mímico submergem completamente o sujeito, sem que esse tenha optado pela manifestação da expressão alvo do contágio. Na imitação diferida, a reprodução do modelo depende de a capacidade do sujeito apropriar-se dele, quer sob a forma de imagem mental, quer sob a forma de atitude postural, esta última uma espécie de protoimagem em que o modelo se imprime no próprio corpo do imitador. Na imitação imediata e direta dos atos do parceiro, ao contrário da diferida, não se fazem obrigatórios recursos de representação (simbólica ou postural) mas, ao contrário do mimetismo, ocorre uma seleção dos atos ou expressões a serem reproduzidos, o que se faz mediante intenção deliberada do sujeito e não por simples efeito de contágio.

No terceiro ano, a despeito dos sucessivos progressos no processo de diferenciação eu-outro, ainda se mantém a base emocional da comunicação, sendo a criança muito sensível aos aspectos expressivos do comportamento alheio. Isso significa que um uníssono emocional e um estado de identificação é necessário para a comunicação. Permanece a subordinação das atitudes individuais à fórmula do grupo. Assim, o ato de pegar um mesmo objeto simultaneamente ao parceiro e fazer com ele a mesma coisa que este (isto é, imitá-lo) garantiria o acordo mínimo necessário para o encadeamento de ações recíprocas. Diferente de outros atos sociais típicos desta fase, a imitação simultânea é uma duplicação da atividade e não dos humores do parceiro (o que ocorre na sintonia de afetos descrita por Stern), refletindo um progresso na diferenciação eu-outro.

Ao mesmo tempo que permite a identidade entre os parceiros, a imitação sincrônica permite uma diferenciação das individualidades, já que ela realiza condições objetivas para que sejam sentidas por si mesmo, ao longo da repetição dos atos e gestos, as emoções expressas pelo outro. Assim, o exercício da imitação simultânea ao mesmo tempo nutre uma necessidade atual e favorece sua superação.

Com o fortalecimento da linguagem e dos processos simbólicos, os recursos expressivos emocionais deixam de ser predominantes e atinge-se estados de progressiva diferenciação do eu. Tal como ocorre com os primeiros, que sempre continuarão tendo um papel nas interações sociais, pois as emoções continuam a subsistir em estado mais ou menos latente como o fundamento necessário das relações entre os indivíduos, a diferenciação entre o eu e o outro nunca será total, pois "o outro é um parceiro permanente do eu na vida psíquica. " (Wallon, 1959, p. 165)

Na prática pedagógica: elementos para uma reflexão

A idéia de que o ser humano se constrói na interação social, no confronto com o outro, traz importantes consequências para a compreensão, na escola, dos sujeitos em formação e de seus processos. Sujeitos concretos e contextualizados, os alunos têm na escola e na família, dentre outros ambientes concretos ou simbólicos com os quais interagem, meios nos quais se constituem. A consideração da complexidade das relações que se estabelecem entre o sujeito e os meios nos quais se insere impõe, no mínimo, que se tenha prudência nos julgamentos tão peremptórios e automáticos que a escola costuma fazer de seus alunos, o que se agrava, é claro, nos julgamentos negativos, quando facilmente se elege determinantes únicos - por exemplo, a qualidade degradada do ambiente familiar - como responsáveis por distúrbios de comportamento e de aprendizagem. Além do estigma que explicações simplistas como estas provocam, elas são ineficazes, pois ao atribuir a um fator único e externo a responsabilidade por comportamentos que são vistos como problemáticos, eximem o meio escolar de qualquer participação na construção do dito problema. Essa ausência de participação, além de se constituir numa avaliação imprecisa, é ineficaz porque afasta da escola também a possibilidade de lidar com o problema, pois sua solução dependeria sempre da ação do outro.

Ver a escola como um meio de interação no qual se constituem pessoas não significa, em absoluto, vê-la como entidade todo poderosa e isolada de um contexto mais amplo, mas assumir-se como coparticipante e corresponsável de um processo de formação. A reflexão sobre as possibilidades de interação entre as pessoas e destas com a cultura e sobre seus possíveis impactos na formação dos sujeitos é um exercício a ser feito em permanência, do qual podem resultar valiosas pistas para o ajuste das práticas educativas.

Uma outra implicação interessante dos aspectos teóricos que apresentamos é a possibilidade de, ao vislumbrar a complexidade da relação que existe entre os vários campos que compõem a atividade psíquica, romper falsas verdades normalmente aceitas no espaço escolar. Por exemplo, aquela que diz que o bom desempenho intelectual depende de um estado afetivo saudável. É claro que, por mais vaga que seja a definição do que é um estado afetivo saudável, o estado contrário (de definição igualmente vaga) é facilmente, e comumente, assimilável a distúrbios vividos na esfera familiar; de novo aí escolhe-se um fator exterior como responsável e a escola fica sem ação. Ora, partindo da reflexão anterior, temos que a família não é a única responsável pela dimensão afetiva do aluno e, juntando a esta idéia a de que inteligência e afetividade constroem-se reciprocamente, numa complexa relação de interdependência, podemos vislumbrar várias perspectivas de atuação.

Um exemplo de ação inspirada nesta relação de reciprocidade é o Projeto Letras e Livros, realizado na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP (Dantas & Prado, 1994; Isepi, 1999). Concebido por Heloysa Dantas junto à equipe de Orientação Educacional da escola, destina-se a crianças das duas primeiras séries do Ensino Fundamental com dificuldades de alfabetização. Apoia-se no pressuposto de que, para algumas crianças, a aprendizagem depende da elevação da temperatura afetiva (isto é, intensificação do vínculo) possível numa situação de mais intimidade. Diferente de ações que decorrem de uma concepção linear da relação entre inteligência e afetividade e que, nos casos de dificuldade de aprendizado das crianças prescrevem encaminhamentos clínicos, o projeto aposta que uma atmosfera afetiva mais adequada pode ser obtida na própria escola, com uma intervenção de natureza iminentemente escolar, e não clínica.

As atividades do Projeto consistem em sessões de leitura individualizadas que ocorrem na biblioteca da própria escola. Vários são os recursos utilizados para criar uma atmosfera propícia à aprendizagem: em primeiro lugar, garante-se o entendimento (possível num espaço de intimidade) dos gostos e fantasias pessoais do aluno, em segundo, mantém-se permanente atenção aos traços expressivos de seu comportamento, procurando descobrir, por exemplo, o que há por trás de uma inquietação postural: cansaço mental, cansaço físico, desinteresse.

Por fim, para afugentar o medo tão freqüente nas crianças ameaçadas (ou já vitimadas) pelo fracasso escolar, o professor procura escolher tarefas que garantam êxito na leitura – "nada ilustra com tanta nitidez a hipótese walloniana de antagonismo entre razão e emoção quanto o bloqueio cognitivo das crianças assustadas" (op. cit., p. 109) supondo que o "destravamento" das inteligências depende do "saneamento" da atmosfera emocional. Trata-se um uma prática muito simples, factível sem grandes recursos e que pode mostrar resultados surpreendentes.

Os subsídios teóricos apresentados neste artigo pretendem contribuir para a sensibilização do olhar sobre características normalmente não compreendidas ou pouco valorizados das condutas e interações infantis. Devido à primazia ontogenética das emoções, há uma preponderância da expressividade nos diversos campos da atividade da criança. No plano da motricidade, no qual os sistemas de expressão desenvolvem-se antes dos gestos de realização (instrumentais), resulta como característica uma certa tendência ao transbordamento e à exuberância em que os gestos nem sempre se ajustam aos aspectos objetivos do mundo exterior, isto é, ou ao uso que lhes é definido pela cultura. Também no plano da inteligência podemos identificar essa preponderância expressiva numa fase em que o pensamento se faz acompanhar por gestos, ou em que se exerce muito mais em função da expressão do sujeito do que do ajuste à realidade exterior. A atenção aos traços expressivos das crianças - olhar, mímica fisionômica, entonação da fala, qualidade dos gestos, variações posturais - pode fornecer importantes indícios sobre diversos aspectos da atividade cognitiva e dos estados afetivos. Se a relação é mais direta com crianças na fase da vida que foi predominantemente enfocada na apresentação teórica, esses subsídios não se restringem a uma faixa etária específica. Pois o que estamos propondo não é a aplicação direta de conteúdos teóricos sobre o contexto educacional: primeiro, porque a própria seleção de conteúdos teóricos já foi em grande parte pautada com base em questões que emergem no cotidiano escolar; em segundo, porque a idéia é de, ao ampliar o olhar, inspirar reflexões e não apresentar prescrições.

Ao apurarmos o olhar sobre a dimensão expressiva das interações, podemos perceber, por exemplo, que algumas condutas normalmente vistas no cotidiano escolar como disruptivas, podem ter um significado positivo e necessário na interação que se estabelece entre as crianças, e não se constituírem em atos deliberados contra a ordem estabelecida, como são muitas vezes entendidas, por exemplo, a troca de olhares ou de gestos, ou ainda as consequências da exuberância expressiva da criança em sua relação com os objetos do mundo físico, nem sempre utilizados com a função ou do modo específico que a cultura adulta define.

Ao despojar o olhar da hipótese quase obrigatória da indisciplina - que, ao se impor ao educador de modo praticamente automático sempre que algo sai do previsto acaba por cegar-lhe para a diversidade de significados que podem ter as condutas infantis - uma infinitude de outras hipóteses se abre. Ampliando-se as possibilidades de compreensão quanto às condutas infantis, escapa-se da armadilha de sempre atribuir uma conotação moral a atos que muitas vezes são simplesmente a expressão de peculiaridades próprias a fases do desenvolvimento humano. Livre desta armadilha, o educador pode chegar a modos de compreensão mais apropriados para cada situação específica e então ter mais flexibilidade, até mesmo para exercer o necessário papel daquele que, ao impor parâmetros, limita.

Componentes indissociáveis da ação humana, as manifestações emocionais têm importante impacto nas dinâmicas de interação que se criam nas situações escolares. O conhecimento das funções, características e dinâmica das emoções pode ser muito útil para que o educador entenda melhor situações comuns ao cotidiano escolar. Tanto no

sentido de conseguir um melhor envolvimento dos alunos e com os mesmos, como no de evitar cair em circuitos perversos em que pode perder o controle da dinâmica do grupo e da sua própria atuação.

Apropriar-se do papel que têm as manifestações expressivas e emocionais na coesão do grupo pode inspirar interessantes recursos para o professor obter o envolvimento dos alunos em suas propostas e explicações. Assim, à preocupação com a clareza e coerência lógica de suas explicações e propostas, o professor pode aliar a atenção aos aspectos expressivos de seu comportamento. O entusiasmo pelo conhecimento que ensina pode, se expresso em sua postura, na tonalidade e melodia da voz, ser mais facilmente transmitido, digo, contagiado, aos alunos. Não creio, contudo, que esse entusiasmo possa ser simplesmente forjado por técnicas teatrais de dramatização, prefiro crer que este tem que ser genuíno e verdadeiro.

A referência à Snyders (1998), em seu A alegria na escola ajuda a discutir essa idéia. Para ele, a alegria na escola, embora não descarte aquela que deriva de jogos, métodos agradáveis e de relações simpáticas entre professor e alunos, advém sobretudo da relação com o conhecimento. Snyders refere-se a uma "alegria cultural", que resultaria, mais especificamente, da aproximação e esforço de compreensão da cultura elaborada e da obra de arte. A aproximação desta "alegria trágica" (da qual a angústia nunca está ausente), é fruto de elaborada atividade intelectual e depende fortemente do entusiasmo cultural do professor, numa dinâmica que pode ser aproximada à do contágio; mas trata-se, neste caso, de emoção mediada pelo conhecimento elaborado.

Ao se apropriar de recursos expressivos para obter maior envolvimento dos alunos, o professor pode ainda deparar-se com situações inesperadas. Devido à complexa dinâmica de desencadeamento das emoções, recursos que até certo momento se mostram bem-sucedidos para obter a adesão dos alunos podem, de uma hora para outra, serem responsáveis pela instalação de um clima de dispersão e turbulência. É o que acontece quando, por exemplo, uma proposta feita em tom animado pelo professor, além do interesse que provoca nos alunos, gera uma animação muito além daquela desejada pelo ele. Os efeitos da emoção são imprevisíveis e podem surpreender, além disso, características como a labilidade, o narcisismo e o contágio têm seus efeitos potencializados em contextos coletivos, como é o caso da situação típica de uma aula. Se, por um lado, a compreensão da dinâmica de desencadeamento das emoções pode ajudar a controlar seus efeitos sobre a dinâmica das interações sociais, por outro, não há conhecimento teórico capaz de eliminar as possíveis turbulências provocadas por elas, é preciso, pois, aprender a conviver com esse risco inerente às interações. Contudo, desconfio que querer eliminar esse risco é desejo recôndito de boa parte de nós, professores, que sonha em ter diante de si um grupo ordenado, nem muito agitado nem muito apático, com reações previsíveis e controláveis.

Uma das hipóteses para explicar porque as dinâmicas de turbulência que, em geral surpreendem o professor, nos são tão insuportáveis, pode ser o fato de, em geral, elas tragarem também o adulto e o emergirem num estado de "cegueira emocional". O educador é frequentemente envolvido pelas intensas manifestações que partem das crianças. Dada a associação positiva entre emoção e imperícia, a maior suscetibilidade do educador ao contágio corresponderia justamente aos momentos em que lhe faltam recursos, ou seja, em situações de dificuldade ou confusão, quando ele não sabe como agir. Dantas (1993) chamou essas situações em que a elevação emocional provocada pela inépcia tende a gerar mais inépcia de circuitos perversos. Podemos associar esse conceito a inúmeras situações vividas pelo educador no cotidiano escolar, as quais tendem a gerar um clima de tensão e muito desgaste.

O rompimento desses circuitos dependeria de um arrefecimento na atmosfera emocional, obtido principalmente pelo distanciamento da situação e pela reflexão analítica sobre seus condicionantes. O distanciamento necessário pode ser mais facilmente obtido se o professor contar com algum instrumento mais sistemático de reflexão, como o registro escrito das situações vividas - sob a forma, por exemplo, de um diário de bordo - ou com a interlocução de um outro profissional, que pode ajudá-lo a ver a situação por ângulos que ele, por estar imerso nela, não pode enxergar.

Ao analisar a situação, bem como suas próprias reações emocionais, o educador tem maiores chances de compreendê-la, desde que se veja implicado nela. Ao se permitir assumir suas próprias emoções, por menos nobre que sejam, como a raiva que sente de um aluno específico ou o desespero em que se vê em determinadas situações, o educador pode perceber melhor o modo como ele vive as situações e como ele as influencia. Vendo as situações com mais clareza, é menor o risco de cair em circuitos perversos e maior as chances de ter atitudes mais acertadas.

Com esta atitude de reflexão e de implicação é possível inclusive ter maior discernimento para avaliar até que ponto a turbulência enfrentada é uma decorrência fortuita da dinâmica emocional, o resultado de processos ligadas à constituição do sujeito (por exemplo, crise de oposição) ou o indício de resistências dos alunos às propostas escolares. O resultado dessa avaliação apontará, em cada caso, as melhores formas de atuação, das quais nunca deve ser excluída a necessidade de possíveis alterações nas práticas.

A simples disposição para esta reflexão e para eventuais ajustamentos nas ações escolares - que visam não só o bem-estar do aluno, mas também o do professor - representam, por si, fator fundamental para uma prática pedagógica de qualidade. A compreensão quanto aos tipos mais primitivos de interação e ao impacto da emoção e da expressividade na dinâmica de interações é um ingrediente importante para a gestão dos conflitos e consequente obtenção de um bom clima de sociabilidade. É condição também para que não se construa uma equação de igualdade entre conflito e violência.

A questão do clima escolar aparece formulada já por Kurt Lewin (1890-1947), que se mostrava preocupado com os efeitos da atmosfera do grupo sobre a conduta do indivíduo e sua aprendizagem afirmando que o clima social em que uma criança vive é, para ela, tão importante quanto o

ar que respira (Lewin, 1948). Considerando a criação dessa atmosfera como parte do saber-fazer docente, afirma que o êxito de um professor na sala de aula depende, em grande parte, da atmosfera que cria. De difícil definição, a questão do clima escolar tem sido discutida no âmbito dos estudos atuais sobre violência escolar, considerando-se que é em geral nas relações e nas práticas do dia-a-dia que a violência pode se fazer mais presente.

Para acabar essa discussão que está longe de estar concluída, vale lembrar que frente à questão das emoções, a ação pedagógica não deve se restringir à compreensão e ao controle, mas deve incluir também a oferta de possibilidades de expressão. É preciso que a escola reflita sobre as possibilidades que oferece, buscando situações em que a expressão seja de fato o objetivo da atividade e não um transbordamento indesejado que tenderá a ser contido. A preocupação com a dimensão estética, num currículo em que a Arte seja colocada no mesmo patamar que a Ciência parece-nos um caminho profícuo e necessário.

Fonte

GALVÃO, Isabel. Expressividade e Emoção: Ampliando O Olhar sobre as Interações Sociais. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.4, p.15-31, 2001

Questões

01. Wallon acreditava que o ser humano é organicamente social. Cada sujeito humano constitui sua identidade e seu conhecimento nos relacionamentos sociais. Wallon propôs três centros que se entrelaçam diferentemente ao longo do desenvolvimento da criança:

A o biológico, o inato e a organização interna.
B a cultura, a diversidade e a historicidade.
C a afetividade, a motricidade e a cognição.
D a organicidade, a sexualidade e a inteligência.

02. De acordo com Wallon, informe se é falso (F) ou verdadeiro (V) o que se afirma a seguir e assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O homem é um ser geneticamente social pois o meio social sobrepõe-se ao meio físico e biológico e é responsável pelo nascimento do psiquismo na criança

( ) Resulta em quatro temas centrais a sua teoria: emoção, movimento, inteligência, afetividade.

( ) Respeitar a criança significa poupá-la das intervenções externas, visto que seu desenvolvimento se dá por fontes exclusivamente endógenas.

A V – V – V.
B V – V – F.
C F – V – V.
D V – F – F

03. (VUNESP/2017) Na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Ambos se iniciam num período que se estende ao longo do primeiro ano de vida e que o autor denomina de

(A) cognitivo-emocional.
(B) afetivo-compulsivo.
(C) impulsivo-cognitivo.
(D) impulsivo-emocional.
(E) afetivo-cognitivo.

Respostas

01. Resposta: C

Wallon propôs três centros que se entrelaçam diferentemente ao longo do desenvolvimento da criança: a afetividade, a motricidade e a cognição. Num período inicial do desenvolvimento no recém-nascido, predomina a afetividade (a inteligência ou cognição não se separa da afetividade). É o período denominado por ele como impulsivo-emocional (até 2 anos). Conforme os movimentos se expandem e desenvolve-se o pegar, o andar e o deslocar-se no espaço, também aparecem os movimentos simbólicos. Trata-se do que Wallon denomina primeiros ideomovimentos, característicos do período sensório-motor projetivo (entre 2 e 4 anos). A cognição, ou a produção de conhecimento, acontece no domínio das interações de todo o sistema autopoietico (onde a produção de sujeito e de mundo acontece simultaneamente). Portanto, o conhecimento não é algo que acontece na mente, mas em todo o corpo.

02. Resposta: D

Wallon afirmava que o ser humano é organicamente social. Cada sujeito humano se torna o que é, constitui sua identidade e seu conhecimento, nos relacionamentos sociais. Somos sujeitos a partir do outro, pela mediação do outro, ou seja, a partir da linguagem, que se coloca entre nós e o mundo, para organizar a nossa relação com ele

03. Resposta: D

Período impulsivo emocional – quando o bebê se diferencia do mundo que o cerca através do "diálogo tônico" (comunicação que se dá pelos gestos, toques, contato corporal). Predomina a afetividade.

GARCIA, LENISE APARECIDA MARTINS. TRANSVERSALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE.

TRANSVERSALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE.

A transversalidade e a interdisciplinaridade são modos de se trabalhar o conhecimento que buscam uma reintegração de aspectos que ficaram isolados uns dos outros pelo tratamento disciplinar. Com isso, busca-se conseguir uma visão mais ampla e adequada da realidade, que tantas vezes aparece fragmentada pelos meios de que dispomos para conhecê-la e não porque o seja em si mesma.

Vamos exemplificar lançando mão de uma comparação:

Quando a luz branca passa por um prisma, divide-se em diferentes cores (as cores do arco-íris). Ao estudarmos alguma realidade a fim de conhecê-la muitas vezes torna-se necessário fazer um trabalho semelhante. Enfocamos por diferentes ângulos, com a metodologia e os objetivos próprios das Ciências Naturais, da História, da Geografia... Podemos assim aprofundar em diferentes parcelas, fazendo um trabalho de análise. Esse aprofundamento é rico e muitas vezes necessário, mas é preciso ter consciência de que estamos fazendo um "recorte" do nosso objeto de estudo. A visão obtida é necessariamente fragmentada

Com a interdisciplinaridade questiona-se essa segmentação dos diferentes campos de conhecimento. Buscam-se, por isso, os possíveis pontos de convergência entre as várias áreas e a sua abordagem conjunta, propiciando uma relação epistemológica entre as disciplinas. Com ela aproximamo-nos com mais propriedade dos fenômenos naturais e sociais, que são normalmente complexos e irredutíveis ao conhecimento obtido quando são estudados por meio de uma única disciplina. As interconexões que acontecem nas disciplinas são causa e efeito da interdisciplinaridade.

Existem temas cujo estudo exige uma abordagem particularmente ampla e diversificada. Alguns deles foram inseridos nos parâmetros curriculares nacionais, que os denomina Temas Transversais e os caracteriza como temas que "tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação a intervenção no âmbito social mais amplo quanto a atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões". Estes temas envolvem um aprender sobre a realidade, na realidade e da realidade, destinando-se também a um intervir na realidade para transformá-la. Outra de suas características é que abrem espaço para saberes extraescolares. Na verdade, os temas transversais prestam-se de modo muito especial para levar à prática a concepção de formação integral da pessoa.

Considera-se a transversalidade como o modo adequado para o tratamento destes temas. Eles não devem constituir uma disciplina, mas permear toda a prática educativa. Exigem um trabalho sistemático, contínuo, abrangente e integrado no decorrer de toda a educação.

Na verdade, estes temas sempre estão presentes, pois se não o estiverem explicitamente estarão implicitamente. Tomemos como exemplo a ética. Não falar de aspectos éticos, em muitos casos, é uma omissão que por si só representa uma postura. Não apenas por palavras, mas por ações, a escola sempre fornece aos alunos uma formação (quem sabe uma deformação?) ética. Podemos dizer o mesmo com relação ao meio ambiente; o próprio tratamento dado ao ambiente escolar caracteriza a visão das pessoas que ali trabalham e pode ser parte importante na formação dos alunos sobre essa questão.

Como os temas transversais não constituem uma disciplina, seus objetivos e conteúdos devem estar inseridos em diferentes momentos de cada uma das disciplinas. Vão sendo trabalhados em uma e em outra, de diferentes modos.

Interdisciplinaridade e transversalidade alimentam-se mutuamente, pois para trabalhar os temas transversais adequadamente não se pode ter uma perspectiva disciplinar rígida. Um modo particularmente eficiente de se elaborar os programas de ensino é fazer dos temas transversais um eixo unificador, em torno do qual organizam-se as disciplinas. Todas se voltam para eles como para um centro, estruturando os seus próprios conteúdos sob o prisma dos temas transversais.

As disciplinas passam, então, a girar sobre esse eixo. De certo modo podemos dizer que temos então um fenômeno similar ao observado na Física com o disco de Newton: neste, a mistura das cores recupera a luz branca; no nosso caso, a total interação entre as disciplinas faz com que possamos recuperar adequadamente a realidade, superando a fragmentação e tendo a visão do todo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental preveem seis Temas Transversais a serem trabalhados durante todo o processo de ensino / aprendizagem: ética, meio ambiente, saúde, trabalho e consumo, orientação sexual e pluralidade cultural. Sejam ou não trabalhados como um eixo unificador, tal como sugerido acima, é importante ressaltar que:

1. Os Temas Transversais não constituem uma disciplina à parte.

Isso já foi colocado, mas convém salientá-lo. Como estamos acostumados a trabalhar em uma perspectiva disciplinar, a tendência muitas vezes será ter essa visão também para os Temas Transversais. Entretanto, o próprio destes temas é exatamente permear toda a prática educativa.

Usemos novamente um exemplo: se pensarmos que estamos estudando um bolo, e que cada fatia do bolo corresponde a uma disciplina, o tema transversal irá aparecer como um ingrediente totalmente diluído na massa, e não como uma fatia a mais.

2. Devem ser trabalhados de modo coordenado e não como um intruso nas aulas.

O risco de que um tema transversal apareça como um "intruso" é grande. Não sendo algo diretamente pertinente às disciplinas e principalmente não havendo o hábito do professor de ocupar-se dele, pode acontecer que seja visto não como um enfoque a ser colocado ao longo de toda a aprendizagem, mas como algo que aparece esporadicamente, interrompendo as demais atividades.

Seguindo no exemplo do bolo, o tema transversal não pode ser um caroço que se encontra repentinamente e no qual corremos o risco de quebrar um dente... No máximo, pode aparecer como uma uva passa ou uma fruta cristalizada, algo que percebemos ser diferente, mas que se harmoniza com o restante do bolo. Entretanto, quanto mais diluído ele estiver na massa, melhor.

Por exemplo, não faz sentido que um professor de História, ou de Biologia, de repente interrompa o seu assunto para dizer: agora vamos tratar de ética. Mas, sempre que

estiver fazendo uma análise histórica, o professor terá a preocupação de abordar os aspectos éticos envolvidos; ao dar uma aula sobre problemas ambientais ou sobre biotecnologia, haverá também um enfoque ético.

3. Não aparecerão "espontaneamente", com facilidade, principalmente no começo.

O modo e o momento em que serão tratados os temas transversais deve ser cuidadosamente programado em conjunto pelas diversas disciplinas. É preciso lembrar que cada um deles tem os seus próprios objetivos educacionais a serem atingidos, ou seja, não se trata apenas de tocar um determinado tema, mas também de verificar se será totalmente contemplado ao longo do programa de ensino, podendo-se prever o cumprimento dos objetivos.

4. "O que é de todos não é de ninguém."

Temos essa experiência, infelizmente, com a maior parte das coisas que são "públicas". Se não se definem encarregados para uma determinada função, porque todos deveriam preocupar-se com aquilo, é muito freqüente que na verdade aquela necessidade fique a descoberto. Por isso, convém salientar novamente que é necessário um estudo conjunto, por parte da escola, para definir como cada disciplina irá tratar os temas transversais e verificar se eles estão sendo suficientemente abordados.

Isso não exclui, naturalmente, certa flexibilidade com o planejamento. Temas que têm tamanha relação com a vida, com o cotidiano, certamente aparecem nos momentos mais inesperados e o professor deve estar preparado para não desperdiçar ocasiões que muitas vezes são preciosas.

Fonte

GARCIA, Lenise Aparecida Martins. Transversalidade e Interdisciplinaridade. Disponível em:

<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/garcia-transversalidadeprint.pdf>

HOFFMAN, JUSSARA. AVALIAÇÃO MEDIADORA: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO. IN: SE/SP/FDE. REVISTA IDEIAS, N° 22, PÁG. 51 A 59.

O paradigma de avaliação que se opõe ao paradigma sentencioso, classificatório é o que denomino de "avaliação mediadora".

"O que pretendo introduzir neste texto é a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as. "(HOFFMANN, 1991, p. 67)

Tal paradigma pretende opor-se ao modelo do "transmitir-verificar-registrar" e evoluir no sentido de uma ação avaliativa reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de ideias entre e com seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados.

E, de fato, o que se observa na investigação da prática avaliativa dos três graus de ensino é, ao contrário de uma evolução, um fortalecimento da prática de julgamento de resultados alcançados pelo aluno e definidos como ideais pelo professor.

Alguns fatores parecem contribuir para a manutenção de tal concepção: a autonomia didática dos professores, decorrente de suas especializações em determinadas disciplinas e/ou áreas de pesquisa, que dificulta a articulação necessária entre os docentes, a ponto de suscitar uma reflexão conjunta sobre essa questão; a estrutura curricular, por exemplo, do 39 Grau, com o regimento de matrícula por disciplinas que, desobrigando à seriação conjunta dos alunos, impede os professores de avaliarem a trajetória do estudante em seu curso superior, em termos do acompanhamento efetivo de seus avanços e de suas dificuldades; além desses, a natureza da formação didática dos professores, que se revela, na maioria das vezes, por um quadro de ausência absoluta de aprofundamento teórico em avaliação educacional.

Tomando ainda mais grave a postura conservadora dos professores, observamos que a avaliação é um fenômeno com características seriamente reprodutivistas, ou seja, a prática que se instala nos cursos de Magistério e Licenciatura é o modelo que vem a ser seguido no 1° e 2° Graus. Muito mais forte do que qualquer influência teórica que o aluno desses cursos possa sofrer, a prática vivida por ele enquanto estudante passa a ser modelo seguido quando professor. O que tal fenômeno provoca é, muitas vazes, a reprodução de práticas avaliativas ora permissivas (a partir de cursos de formação que raramente reprovam os estudantes), ora reprovativas (a partir de cursos, como os de Matemática, que apresentam abusivos índices de reprovação nas disciplinas).

Muitos professores nem mesmo são conscientes da reprodução de um modelo, agindo sem questionamento, sem reflexão, a respeito do significado da avaliação na Escola.

Aponto, então, algumas perguntas relacionadas à complexidade dessa questão:

• Como superar o descrédito de muitos professores relativo a sua perspectiva de avaliação enquanto ação mediadora?

• Quais serão as questões emergências na discussão dessa perspectiva, levando-se em conta a superficialidade da formação dos professores nessa área?

• Em que medida prevalece uma visão de conhecimento positivista fortalecedora da concepção classificatória da avaliação?

O que se pretende é refletir sobre as origens desse descrédito e sobre o impacto que tal postura pode causar nas relações que se estabelecem entre professor e aluno e em todas as estruturas do ensino.

"Uma vez estabelecidos os procedimentos de avaliação, os instrumentos e as medidas, a atribuição de conceitos e sua aplicação, ou seja, as classificações segundo determinados padrões, passam (esses procedimentos) a ser vistos como atividades técnicas e neutras ao invés de formas interpretativas e expressivas das relações sociais que estão incorporadas dentro da própria idéia de avaliação." (BARBOSA et alii, p. 2)

Considero reveladoras de tal postura de resistência dos professores algumas perguntas formuladas por eles em seminários e encontros para discussão do tema Avaliação.

Algumas questões, repetidamente formuladas, serão ponto de partida dessa análise:

• Não estaremos nós, professores, sendo responsabilizados pelo fracasso de alunos desinteressados e desatentos?

• Como é possível alterar nossa prática, considerando o número de alunos com que trabalhamos e o reduzido tempo em que permanecemos com as turmas?

• Não é necessário, nessa proposta, uma enorme disponibilidade do professor para atendimento aos alunos?

• Em que medida formaremos um profissional competente sem uma prática avaliativa exigente e classificatória (competitiva)?

• Será possível alterar o paradigma da avaliação diante das exigências burocráticas do sistema? Não se deveria começar por alterá-las?

Pretendo, inicialmente, analisar o conteúdo das perguntas que vêm sendo formuladas pelos professores e refletir sobre suas concepções. É preciso dizer que serão apontadas algumas hipóteses sobre concepções implícitas às perguntas formuladas como tentativa preliminar de análise do seu significado. Outras hipóteses, sem dúvida, poderão ser sugeridas, ampliando-se essa discussão.

PERGUNTAS DOS PROFESSORES	HIPÓTESES DE CONCEPÇÕES
Não estaremos nós, professores, sendo responsabilizados pelo fracasso de alunos desinteressados e desatentos?	Os alunos não aprendem porque não estudam a matéria e não prestam atenção à aula.
Como é possível alterar nossa prática, considerando o número de alunos com que trabalhamos e o reduzido tempo em que permanecemos com as turmas?	Um paradigma de avaliação mediadora exige do professor maior tempo de permanência em sala de aula com os alunos.
Não é necessário, para tanto, uma enorme disponibilidade do professor para atendimento aos alunos?	Um paradigma de avaliação mediadora exige atendimento direto e individualizado ao aluno.
Em que medida formaremos um profissional competente sem uma prática avaliativa exigente e classificatória?	A avaliação comparativa e classificatória garante a qualidade de ensino.
Será possível alterar o paradigma de avaliação diante das exigências burocráticas do sistema? Não se deveria começar por alterá-las?	A avaliação classificatória não é opção do professor, mas exigência do sistema.

A primeira pergunta e a hipótese apontada poderiam introduzir a análise da relação entre a concepção de avaliação e a visão de conhecimento do professor. Ou seja: em que medida o repensar sobre a avaliação exigiria investigar como o professor concebe a relação sujeito-objeto na produção de conhecimento?

Se concebe a aprendizagem do ponto de vista comportamentalista, o professor defines como uma modificação de comportamento produzida por alguém que ensina em alguém que aprende. O conhecimento do aluno vem dos objetos e cabe ao professor organizar os estímulos com os quais o aluno entrará em contato para aprender. A prática pedagógica consistirá, então, na transmissão clara e explícita dos conteúdos pelo professor, apresentando exemplos preferentemente concretos (organização de estímulos). Essa situação, por si só, promoverá a aprendizagem, desde que o aluno entre em contato com tais estímulos, esteja atento às situações. Assim, se o professor oferecer explicações claras, textos explicativos consistentes e organizar o ambiente pedagógico, o aluno aprenderá, exceto se não estiver presente, ou não estiver atento às explicações, ou não memorizar os dados transmitidos pelo professor, ou não cumprir as tarefas de leitura solicitadas.

A hipótese que anuncio é que uma tal visão de conhecimento positivista vincula-se a uma prática avaliativa de observação e registro de dados.

Assim como supervaloriza as informações que transmite ao aluno e exige que ele permaneça alerta a tais informações, o professor também o toma como seu objeto de conhecimento, ou seja, permanece atento aos "fatos objetivos": o aluno passa a ser um objeto de estudo do professor, que o capta apenas em seus atributos palpáveis, mensuráveis, observáveis. Sua prática avaliativa revela intenções de coleta de dados em relação ao aluno, dele registrando dados precisos e fidedignos.

Dessa forma, o professor não assume absolutamente a responsabilidade em relação ao fracasso do aluno. Em primeiro lugar, porque representaria assumir sua incompetência na organização do trabalho pedagógico, uma apresentação inadequada de estímulos à aprendizagem. Em segundo lugar, porque aquilo que faz geralmente se traduz em resultados positivos. Ou seja, alguns alunos, ou a maioria, aprendem. Se a ação produz modificação de comportamentos em alguns alunos, então o problema está nos alunos e não na ação do professor. Sem ultrapassar a visão comportamentalista de conhecimento, nenhuma outra hipótese é levantada pelo professor sobre as dificuldades que os alunos apresentam, senão a sua desatenção e desinteresse. Em terceiro lugar, porque, coerente com tal visão de conhecimento, o avaliar reduz-se, para ele, à observação e ao registro dos resultados alcançados pelos alunos ao final de um período. Tal visão não absorve uma perspectiva reflexiva e mediadora da avaliação.

O que pretendo argumentar é que a visão comportamentalista dos professores parece manifestar-se de forma radical em sua prática avaliativa, e é muito grave a sua resistência em perceber o autoritarismo inerente a tal concepção. Sem considerarem possíveis outras explicações para o fracasso dos estudantes que não o comprometimento deles (o que também é importante, mas não razão absoluta), não podem evoluir no sentido de dois princípios presentes a uma avaliação enquanto mediação: o do acompanhamento reflexivo e o do diálogo.

Introduzindo esses princípios, estaríamos, assim, analisando as concepções implícitas às seguintes perguntas dos professores:

• Como é possível alterar nossa prática, considerando o número de alunos com que trabalhamos e o reduzido tempo em que permanecemos com as turmas?

• Não é necessário, nessa proposta, uma enorme disponibilidade do professor para atendimento aos alunos?

As hipóteses que aponto dizem respeito a uma percepção de que os professores estariam considerando a perspectiva de avaliação mediadora uma prática impossível, ou difícil, porque tal perspectiva exigiria deles uma relação intensa em tempo com seus alunos e direta, a partir de um atendimento que se processaria individualmente e através de uma comunicação verbal por meio de explicações, orientações e encaminhamentos. Tal prática seria dificultada, assim, pelo panorama da Escola atual: número de alunos por turma, carga horária das disciplinas, tempo disponível do professor para atendimento individual aos alunos etc.

É preciso investigar, então, a compreensão pelos professores dos termos acompanhamento e diálogo. Entendo que ambos podem receber definições diferenciadas, conforme estiverem atrelados a uma ou a outra matriz epistemológica.

O termo diálogo, por exemplo, pode significar simplesmente conversa, não querendo, contudo, dizer que haja entendimento entre as pessoas que conversam. Ora, se compreendido dessa forma, o princípio do diálogo como linha norteadora de uma avaliação mediadora pode provocar um sentimento de impossibilidade nos professores, principalmente nos de 2o. e 3o. Graus. Isto porque é impossível haver tempo para conversar com todos os alunos de todas as turmas, sobre todas as questões que levantam. Suspeito daí que alguns professores considerariam possível tal prática apenas no 1° Grau, nas séries iniciais por exemplo, pelo contato permanente dos professores com suas crianças.

Da mesma forma, o significado do termo acompanhar também pode ser o de estar junto a, caminhar junto de. E isto exigiria igualmente do professor maior tempo com seus alunos.

Estes dois termos, atrelados a uma visão de conhecimento positivista, podem estar sendo utilizados de forma reducionista. Através do diálogo, entendido como momento de conversa com os alunos, o professor despertaria o interesse e a atenção pelo conteúdo a ser transmitido. O acompanhamento significaria estar junto aos alunos, em todos os momentos possíveis, para observar passo a passo seus resultados individuais.

O que significa que tanto o acompanhamento quanto o diálogo, assim concebidos, não conduziriam o professor, obrigatoriamente, a uma prática avaliativa mediadora.

Em uma investigação sobre o significado do termo acompanhar, 29 professores de 1o. Grau, dentre 32 respondentes, disseram que acompanhavam os alunos todos os dias, continuamente, em todas as situações de sala de aula. Entretanto, todos os 32 professores definiram avaliação por verificação de resultados alcançados (através de enunciados diversos). Quero dizer que se os professores disseram acompanhar os alunos, o sentido do seu acompanhar pode ter sido o de observar e registrar todo o tempo o que o aluno é capaz de demonstrar.

Meus estudos buscam contrapor-se a essa perceptível resistência de muitos professores, hipoteticamente justificada por uma compreensão reducionista e positivista de alguns princípios essenciais da avaliação mediadora.

A avaliação, enquanto relação dialógica, vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. Dessa forma, a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o aluno - uma conexão entendida como reflexão aprofundada a respeito das formas como se dá a compreensão do educando sobre o objeto do conhecimento.

"O confronto que se passa na sala de aula não se passa entre alguém que sabe um conteúdo (o professor) e alguém que não sabe (o aluno) mas entre pessoas e o próprio conteúdo, na busca de sua apropriação." (CHAUÍ, 1980, in: WACHOWICZ, 1991, p. 42)

O diálogo, entendido a partir dessa relação epistemológica, não se processa obrigatoriamente através de conversa enquanto comunicação verbal com o estudante. É mais amplo e complexo e, até mesmo, dispensa a conversa.

"Antes de mais nada, Ire, penso que deveríamos entender o diálogo' não como uma técnica apenas que podemos usar pare conseguir bons resultados. Também não podemos, não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos pare fazer dos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica pare a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico, do caminho pare nos tomarmos seres humanos. (...) o diálogo é o momento em que os humanos se encontrem pare refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem". (SHOR, FREIRE, 1986, p. 122-123)

Em que medida o professor reflete sobre as tarefas dos seus alunos? Como se dá tal reflexão? Percebe-se que as tarefas produzidas pelos alunos são solicitadas apenas ao final dos períodos letivos. Qual o significado desse procedimento? É possível encaminhar o aluno a uma reflexão crítica sobre seus posicionamentos, após concluídos os períodos? Justificam-se trabalhos, provas e relatórios que jamais serão discutidos ou analisados em conjunto pelo educador e educando?

"*Como bem o expressa P. Meirieu, a aprendizagem supõe duas exigências complementares: é preciso que o mestre se adapte ao aluno, se faça epistemólogo de sua inteligência, estando atento ás eventualidades de sua história pessoal, e é precisamente porque o mestra terá gasto tempo para isso que ele estará à altura de confrontar o aluno com a alteridade, de ajudá-lo a se superar.*" (ASTOLFI, 1990, p. 87-88)

Se o aluno é considerado um receptor passivo dos conteúdos que o docente sistematiza, suas falhas, seus argumentos incompletos e inconsistentes não são considerados senão algo indesejável e digno de um dado de reprovação. Contrariamente, se introduzimos a problemática do erro numa perspectiva dialógica e construtivista, então o erro é fecundo e positivo, um elemento fundamental à produção de conhecimento pelo ser humano. A opção epistemológica está em corrigir ou refletir sobre a tarefa do aluno. Corrigir para ver se aprendeu reflete o paradigma positivista da avaliação. Refletir a respeito da produção de conhecimento do aluno para encaminha-lo à superação, ao enriquecimento do saber significa desenvolver uma ação avaliativa mediadora.

O termo acompanhamento, conforme o entendermos, complementa ou não esse significado. Acompanhar pode ser definido por favorecer, e não simplesmente por estar junto a. Ou seja, o acompanhamento do processo de construção de conhecimento implica favorecer o desenvolvimento do aluno, orientá-lo nas tarefas, oferecer-lhe novas leituras ou explicações, sugerir-lhe investigações, proporcionar-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à sua ampliação do saber. Não significa acompanhar todas as suas ações e tarefas para dizer que está ou não apto em determinada matéria. Significa, sim, responsabilizar-se pelo seu aprimoramento, pelo seu "ir além". De forma alguma é uma relação puramente afetiva ou emotiva; significa uma reflexão teórica sobre as possibilidades de abertura do aluno a novas condutas, de elaboração de esquemas de argumentação, contra-argumentação, para o enfrentamento de novas tarefas.

O esquema a seguir delineie as possíveis relações de investigação entre as diferentes concepções sobre o aprender e o avaliar, bem como o entendimento dos termos acompanhamento e diálogo a partir dessas concepções.

APRENDER ☞ **AVALIAR**

Aprendizagem significa **modificação** de **comportamento** que alguém que ensina produz em alguém que aprende.

- **Avaliação** significa o **controle** permanentemente exercido sobre o aluno no intuito de ele chegar a demonstrar **comportamentos** definidos como ideais pelo professor.
- **Dialogar** é **perguntar** e ouvir respostas.
- **Acompanhar** significa estar sempre **junto** para **observar** e **registrar** resultados.

Aprendizagem significa **descobrir** a razão das coisas e pressupõe a **organização** das **experiências** vividas pelos sujeitos numa **compreensão progressiva** das noções.

☞

- **Avaliação** significa **ação provocativa** do professor, **desafiando** o educando a **refletir** sobre as situações vividas, a **formular** e a **reformular** hipóteses, encaminhando-se a um **saber enriquecido**.
- **Dialogar** é **refletir em conjunto** (professor e aluno) sobre o objeto de conhecimento. Exige **aprofundamento** em teorias de conhecimento e nas diferentes áreas do saber.
- **Acompanhar** é **favorecer** o "**vir a ser**", desenvolvendo ações educativas que possibilitem novas descobertas.

Complementando a análise das falas dos professores, restam-nos duas últimas perguntas apontadas no início deste estudo:

• Em que medida formaremos um profissional competente sem uma prática avaliativa exigente e classificatória?

• Será possível alterar a prática avaliativa diante das exigências burocráticas do sistema? Não se deveria começar por alterá-las?

Parece-me que a concepção positivista de Educação, aliada a uma função capitalista e liberal da sociedade, reforça a prática avaliativa em sua feição de "competência", através das armas da classificação e da competição.

Os professores dizem perseguir uma "Escola de qualidade", sendo exigentes na avaliação; no entanto, contribuem sobremaneira para o afastamento de milhares de crianças e jovens da Escola e da Universidade através do fator de reprovação continuada. Escolas públicas de 1a. Grau iniciam seu ano letivo com dez turmas de 1a. série e, concomitantemente, com turmas únicas de 8a. série (com poucos alunos). Há uma discrepância enorme entre o número de escolas públicas de 1a. Grau e a oferta de vagas no 2°- Grau. A reprovação no vestibular, por sua vez, é maciça, além de ocorrer um alto índice de evasão nos cursos universitários. Esse panorama é representativo de um "ensino de qualidade"? As exigências avaliativas, desprovidas muitas vezes de significado quanto ao desenvolvimento efetivo das crianças e dos jovens, favorecem a manutenção de uma Escola elitista e autoritária. Os pronunciamentos dos professores formam um todo vinculado e consistente em torno de um mesmo significado liberal.

No aprofundamento desse fenômeno, proponho a tomada de consciência dós educadores quanto ao sentido da avaliação na Escola. Hoje é difícil até mesmo iniciar essa discussão.

Muitos professores nem chegam a participar dessas discussões, porque não se sentem sequer incomodados diante desse panorama.

As questões e considerações deste estudo pretendem, justamente, delinear uma investigação que julgo necessária. Ou seja, sobre a força da relação entre concepções do aprender e do avaliar nos três graus de ensino; uma relação que ainda não percebo em sua total complexidade, mas que se refere essencialmente ao descrédito que se estabelece quanto a uma perspectiva de avaliação mediadora devido à postura comportamentalista e conservadora dos educadores.

O que busco enunciar é uma necessária investigação no que diz respeito ao significado da avaliação enquanto relação dialógica na construção do conhecimento, privilegiando a feição de mediação sobre a de informação na avaliação do aluno e buscando a compreensão da prática avaliativa dos professores.

Fonte

HOFFMAN, Jussara. Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento In: SE/SP/FDE. Revista IDEIAS nº 22, pág. 51 a 59.

LIBÂNEO, J.C. DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA - A PEDAGOGIA CRÍTICO-SOCIAL DOS CONTEÚDOS. SÃO PAULO: LOYOLA, 1985. (CAPÍTULO 6).

TENDÊNCIA PROGRESSISTA "CRÍTICO-SOCIAL DOS CONTEÚDOS"

Papel da escola - A difusão de conteúdos é a tarefa primordial. Não conteúdos abstratos, mas vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais. A valorização da escola como instrumento de apropriação do saber é o melhor serviço que se presta aos interesses populares, já que a própria escola pode contribuir para eliminar a seletividade social e torná-la democrática. Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade. Se o que define uma pedagogia crítica é a consciência de seus condicionantes histórico-sociais, a função da pedagogia "dos conteúdos" é dar um passo à frente no papel transformador da escola, mas a partir das condições existentes. Assim, a condição para que a escola sirva aos interesses populares é garantir a todos um bom ensino, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham ressonância na vida" dos átimos. Entendida nesse sentido, a educação é "uma atividade mediadora no seio da prática social global", ou seja, uma das mediações pela qual o aluno, pela intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética), a uma visão sintética, mais organizada e unificada.

Em síntese, a atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

Conteúdos de ensino - São os conteúdos culturais universais que se constituíram em domínios de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade, mas permanentemente reavaliados face às realidades sociais. Embora se aceite que os conteúdos são realidades exteriores ao aluno, que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados e refretários às realidades sociais. Não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados; é preciso que se liguem, de forma indissociável, à sua significação humana e social.

Essa maneira de conceber os conteúdos do saber não estabelece oposição entre cultura erudita e cultura popular, ou espontânea, mas uma relação de continuidade em que, progressivamente, se passa da experiência imediata e desorganizada ao conhecimento sistematizado. Não que a primeira apreensão da realidade seja errada, mas é necessária à ascensão a uma forma de elaboração superior, conseguida pelo próprio aluno, com a intervenção do professor.

A postura da pedagogia "dos conteúdos" - Ao admitir um conhecimento relativamente autônomo - assume o saber como tendo um conteúdo relativamente objetivo, mas, ao mesmo tempo, introduz a possibilidade de uma reavaliação crítica frente a esse conteúdo. Como, sintetiza Snvders, ao mencionar o papel do professor, trata-se, de um lado, de obter o acesso do aluno aos conteúdos, ligando-os com a experiência concreta dele - a continuidade; mas, de outro, de proporcionar elementos de análise crítica que ajudem o aluno a ultrapassar a experiência, os estereótipos, as pressões difusas da ideologia dominante - é a ruptura.

Dessas considerações resulta claro que se pode ir do saber ao engajamento político, mas não o inverso, sob o risco de se afetar a própria especificidade do saber e até cair-se numa forma de pedagogia ideológica, que é o que se critica na pedagogia tradicional e na pedagogia nova.

Métodos de ensino - A questão dos métodos se subordina à dos conteúdos: se o objetivo é privilegiar a aquisição do saber, e de um saber vinculado às realidades sociais, é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos com os interesses dos alunos, e que estes possam reconhecer nos conteúdos o auxílio ao seu esforço de compreensão da realidade (prática social). Assim, nem se trata dos métodos dogmáticos de transmissão do saber da pedagogia tradicional, nem da sua substituição pela descoberta, investigação ou livre expressão das opiniões, como se o saber pudesse ser inventado pela criança, na concepção da pedagogia renovada.

Os métodos de uma pedagogia crítico-social dos conteúdos não partem, então, de um saber artificial, depositado a partir de fora, nem do saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno, confrontada com o saber e relaciona a prática vivida pelos alunos com os conteúdos propostos pelo professor, momento em que se dará a "ruptura" em relação à experiência pouco elaborada. Tal ruptura apenas é possível com a introdução explícita, pelo professor dos elementos novos de análise a serem aplicados criticamente à prática do aluno. Em outras palavras, uma aula começa pela constatação da prática real, havendo, em seguida, a consciência dessa prática no sentido de referi-la aos termos do conteúdo proposto, na forma de um confronto entre a experiência e a explicação do professor. Vale dizer: vai-se da ação à compreensão e da compreensão à ação, até a síntese, o que não é outra coisa senão a unidade entre a teoria e a prática.

Relação professor-aluno – Se, como mostramos anteriormente, o conhecimento resulta de trocas que se estabelecem na interação entre o meio (natural, social, cultural) e o sujeito, sendo o professor o mediador, então a relação pelica consiste no provimento das condições em que professores e alunos possam colaborar para fazer progredir essas trocas. O papel do adulto é insubstituível, mas acentua-se também a participação do aluno no processo. Ou seja, o aluno, com sua experiência imediata num contexto cultural, participa na busca da verdade, ao confrontá-la com os conteúdos e modelos expressos pelo professor. Mas esse esforço do professor em orientar, em abrir perspectivas a partir dos conteúdos, implica um envolvimento com o estilo de vida dos alunos, tendo consciência inclusive

dos contrastes entre sua própria cultura e a do aluno. Não se contentará, entretanto, em satisfazer apenas as necessidades e carências; buscará despertar outras necessidades, acelerar e disciplinar os métodos de estudo, exigir o esforço do aluno, propor conteúdos e modelos compatíveis com suas experiências vividas, para que o aluno se mobilize para uma participação ativa.

Evidentemente o papel de mediação exercido em torno da análise dos conteúdos exclui a não-diretividade como forma de orientação do trabalho escolar, porque o diálogo adulto-aluno é desigual. O adulto tem mais experiência acerca das realidades sociais, dispõe de uma formação (ao menos deve dispor) para ensinar, possui conhecimentos e a ele cabe fazer a análise dos conteúdos em confronto com as realidades sociais. A não-diretividade abandona os alunos a seus próprios desejos, como se eles tivessem uma tendência espontânea a alcançar os objetivos esperados da educação. Sabemos que as tendências espontâneas e naturais não são tributárias das condições de vida e do meio. Não são suficientes o amor, a aceitação, para que os filhos dos trabalhadores adquiram o desejo de estudar mais, de progredir; é necessária a intervenção do professor para levar a aluna a acreditar nas suas possibilidades, a ir mais longe, a prolongar a experiência vivida.

Pressupostos de aprendizagem - Por um esforço próprio, o aluno; se reconhece nos conteúdos e modelos sociais apresentados pelo professor; assim, pode ampliar sua própria experiência. O conhecimento novo se apoia numa estrutura cognitiva já existente, ou o professor provê a estrutura de que o aluno ainda não dispõe. O grau de envolvimento na aprendizagem depende tanto da prontidão e disposição do aluno, quanto do professor e do contexto da sala de aula.

Aprender, dentro da visão da pedagogia dos conteúdos, é desenvolver a capacidade de processar informações e lidar com os estímulos, do ambiente, organizando os dados disponíveis da experiência. Em consequência, admite-se o princípio da aprendizagem significativa que supõe, como passo inicial, verificar aquilo que o aluno já sabe. O professor precisa saber (compreender) o que os alunos dizem ou fazem, o aluno precisa compreender o que o professor procura dizer-lhes. A transferência da aprendizagem se má a partir do momento da síntese, isto é, quando o aluno supera sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora.

Resulta com clareza que o trabalho escolar precisa ser avaliado, não como julgamento definitivo e dogmático do professor, mas como uma comprovação para o aluno do seu progresso em direção a noções mais sistematizadas.

Manifestações na prática escolar - O esforço de elaboração de uma pedagogia "dos conteúdos" está em propor modelos de ensino voltados para a interação conteúdos-realidades sociais; portanto, visando avançar em termos de uma articulação do político e do pedagógico, aquele como extensão deste, ou seja, a educação "a serviço da transformação das relações de produção". Ainda que a curto prazo se espere do professor maior conhecimento dos conteúdos de sua matéria e o domínio de formas de transmissão, a fim de garantir maior competência técnica, sua contribuição "será tanto mais seja eficaz quanto mais seja capaz de compreender os vínculos de sua prática com a prática social global", tendo em vista (...) "a democratização da sociedade brasileira, o atendimento aos interesses das camadas populares, a transformação estrutural da sociedade brasileira".

Dentro das linhas gerais expostas aqui, podemos citar a experiência pioneira, mas mais remota, do educador e escritor russo, Makarenko. Entre os autores atuais citamos B. Charlot, Suchodolski, Manacorda e, de maneira especial, G. Skyders, além dos autores brasileiros que vêm desenvolvendo investigações relevantes, destacando-se Dermeval Saviani. Representam também as propostas aqui apresentadas os inúmeros professores da rede escolar pública que se ocupam, competentemente, de uma pedagogia de conteúdos articulada com a adoção de métodos que garantam a participação do aluno que, muitas vezes sem saber, avançam na democratização efetiva do ensino para as camadas populares.

4. Em favor da pedagogia crítico-social dos conteúdos

Haverá sempre objeções de que estas considerações levam a posturas antidemocráticas, ao autoritarismo, à centralização no papel do professor e à submissão do aluno.

Mas o que será mais democrático: excluir toda forma de direção, deixar tudo à livre expressão, criar um clima amigável para alimentar boas relações, ou garantir aos alunos a aquisição de conteúdos, a análise de modelos sociais que vão lhes fornecer instrumentos para lutar por seus direitos? Não serão as relações democráticas no estilo não-diretivo uma forma sutil de adestramento, que levaria a reivindicações sem conteúdo? Representam as relações não-diretivas as reais condições do mundo social adulto? Seriam capazes de promover a efetiva libertação do homem da sua condição de dominado?

Um ponto de vista realista da relação pedagógica não recusa a autoridade pedagógica expressa na sua função de ensinar. Mas não se deve confundir autoridade com autoritarismo. Este se manifesta no receio do professor em ver sua autoridade ameaçada; na falta de consideração para com o aluno ou na imposição do medo como forma de tomar mais cômodo e menos estafante o ato de ensinar.

Além do mais, são incongruentes as dicotomias, tão difundidas por muitos educadores, entre "professor-policial" e "professor-povo", entre métodos diretivos e não-diretivos, entre ensino centrado no professor e ensino centrado no estudante. Ao adotar tais dicotomias, amortece-se a presença do professor como mediador pelos conteúdos que explicita, como se eles fossem sempre imposições dogmáticas e que nada trouxessem de novo.

Evidentemente que, ao se advogar a intervenção do professor, não se está concluindo pela negação da relação professor-aluno. A relação pedagógica é uma relação com um grupo e o clima do grupo é essencial na pedagogia. Nesse sentido, são bem-vindas as considerações formuladas pela "dinâmica de grupo", que ensinam o professor a relacionar-se com a classe; a perceber os conflitos; a saber

que está lidando com uma coletividade e não com indivíduos isolados, a adquirir-se a confiança dos alunos. Entretanto, mais do que restringir-se ao malfadado "trabalho em grupo", ou cair na ilusão da igualdade professor-aluno, trata-se de encarar o grupo-classe como uma coletividade onde são trabalhados modelos de interação como a ajuda mútua, o respeito aos outros, os esforços coletivos, a autonomia nas decisões, a riqueza da vida em comum, e ir ampliando progressivamente essa noção (de coletividade) para à escola, a cidade, sociedade toda.

Por fim, situar o ensino centrado no professor e o ensino centrado no aluno em extremos opostos é quase negar pedagógica porque não há um aluno, ou grupo de alunos, aprendendo sozinho, nem um professor ensinando para ás paredes. Há um confronto do aluno entre sua cultura e a herança cultural da humanidade, entre seu modo de viver e os modelos sociais desejáveis para um projeto novo de sociedade. E há um professor que intervém, não para se opor aos desejos e necessidades ou à liberdade e autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras, para ganhar autonomia, para ajudá-lo no seu esforço de distinguir a verdade do erro, para ajudado a compreender as realidades sociais e sua própria experiência.

Fonte
LIBÂNEO, J.C. Democratização da Escola Pública - a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985. (Capítulo 6).

Questões

01. (TJ-DF - Analista Judiciário – Pedagogia – CESPE/2016) A partir das concepções pedagógicas, julgue os itens subsequentes.

As escolas que utilizam o método montessoriano são consideradas uma manifestação da concepção liberal tradicional.

( ) Certo
( ) Errado

02. (TJ-DF - Analista Judiciário – Pedagogia – CESPE/2016) A partir das concepções pedagógicas, julgue os itens subsequentes.

A Lei n.º 5.692/1971, que organizou a educação brasileira durante um longo período, é uma manifestação da tendência liberal tecnicista nas políticas educacionais

( ) Certo
( ) Errado

03. (TSE - Analista Judiciário - Pedagogia - CONSULPLAN/2017) O currículo tem um papel tanto de conservação quanto de transformação e construção dos conhecimentos historicamente acumulados. A perspectiva teórica que trata o currículo como um campo de disputa e tensões, pois o vê implicado com questões ideológicos e de poder, denomina-se

(A) tecnicista.
(B) crítica.
(C) tradicional.
(D) pós-crítica.

Respostas

01. Resposta: Errado

O Método Montessoriano é um Método da Tendência Liberal, mas não é Tradicional é Renovador Progressivista.

Tendência Liberal Renovadora Progressiva. Tem como bases a Individualidade, atividade e liberdade do aluno com ênfase para o conceito de indivíduo como, simultaneamente, sujeito e objeto do ensino.

02. Resposta: Certo

A Lei nº 5.692, que regulamentava o ensino de primeiro e segundo graus. Entre outras determinações, ampliou a obrigatoriedade escolar de quatro para oito anos, aglutinando o antigo primário com o ginasial, suprimindo o exame de admissão e criando a escola única profissionalizante.

03. Resposta: B

Teorias críticas: argumenta que não existe uma teoria neutra, já que toda teoria está baseada nas relações de poder. Percebe o currículo como um campo que prega a liberdade e um espaço cultural e social de lutas. Crítica: CORRETA.

LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. EDUCAÇÃO ESCOLAR: POLÍTICAS, ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO. SÃO PAULO: CORTEZ, 2003, CAPÍTULO III, DA 4A PARTE.

EDUCAÇÃO ESCOLAR: POLÍTICAS, ESTRUTURAS E ORGANIZAÇÃO

O sistema educativo e as escolas estabelecem relações entre si e existem duas importantes razões para conhecer e analisá-las. A primeira faz referência às políticas educacionais e as diretrizes organizacionais e curriculares que são as ideias, valores, atitudes e práticas capazes de influenciar as escolas e seus profissionais no que diz respeito às práticas formativas dos alunos. A segunda está pautada aos profissionais das escolas os quais podem aceitar ou rejeitar essas políticas e diretrizes educacionais, ou até mesmo, dialogar com elas e então formular, de modo coletivo, práticas formativas e inovadoras.

Para tanto, é preciso conhecer e analisar como se inter-relacionam as políticas educacionais, a organização e gestão das escolas e as práticas pedagógicas na sala de aula. O professor não pode se contentar apenas em desenvolver saberes e competências para ter uma boa atuação em sala de aula, é preciso tomar consciência do sistema escolar e enxergar além.

Outra razão torna esses estudos importantes que é o fato de que as normas, leis e diretrizes da educação, estão sujeitas a decisões políticas. Cabe ao sistema de ensino e as escolas contribuírem de maneira significativa para a construção de um projeto de nação e, para a formação de sujeitos capazes de participar ativamente desse processo.

As políticas educacionais e organizacionais que vemos hoje estão diretamente relacionadas às transformações econômicas, políticas, culturais e geográficas que qualificam o mundo atual. A exemplo disso nós temos as várias reformas educativas realizadas nos países da Europa e América durante os últimos 20 anos.

Tais reformas se justapõem com a recomposição do sistema capitalista mundial que trouxe consigo a doutrina neoliberal, caracterizada por três traços particulares: mudanças no processo de produção (avanços científicos e tecnológicos), superioridade do livre funcionamento do mercado e redução do papel do Estado que por sua vez, afetam diretamente a educação tendo em vista que para o neoliberalismo, o desenvolvimento econômico fomentado pelo desenvolvimento técnico-científico garante, por si só, o desenvolvimento social.

Essa falta de consideração com as implicações sociais e humanas geram vários problemas sociais como desemprego, fome e desigualdade entre países, classes e grupos sociais. E também, problemas globais como a devastação ambiental, o desequilíbrio ecológico, o esgotamento dos recursos naturais e problemas atmosféricos.

Progredindo na mesma proporção, mudanças significativas nos processos de produção e transformações nas condições de vida e de trabalho devido à associação entre ciência e técnica, proporcionou uma necessidade de se ter conhecimento e informação a tal ponto que influenciaram a economia e seu desenvolvimento. Os países industrializados então viram a necessidade de se rever o lugar das instituições encarregadas de produzir conhecimento e informação, tornando-se prioridade, a reforma dos sistemas educacionais os quais giram em quatro pontos: o currículo nacional, a profissionalização dos professores, a gestão educacional e a avaliação institucional.

No Brasil, também houve algumas transformações, no que diz respeito ao sistema educacional. Que ocorreu a partir do ano de 1990, início do governo Collor, e também ano em que se realizou a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, ocasião em que se estabeleceram prioridades para a educação, entre elas, a universalização do ensino fundamental. Em 1993, no governo de Itamar Franco, cria-se o Plano Decenal de Educação para Todos e em 1995, no governo de Fernando Henrique Cardoso, estabeleceram-se metas pontuais, que são: descentralização da administração das verbas federais, elaboração do currículo nacional, educação à distância, avaliação nacional das escolas, incentivo a formação de professores, parâmetros de qualidade para o livro didático, entre outras. Já essas, acompanham as tendências internacionais se alinhando à política neoliberal e às orientações dos organismos financeiros como o Banco Mundial e o FMI.

Nesse mesmo âmbito, se deu a elaboração e promulgação da LDB, do PNE, das diretrizes curriculares, normas e resoluções do Conselho Nacional de Educação.

No entanto, essas políticas e diretrizes demonstram ser, salvo raras exceções, intenções declaradas ao invés de medidas efetivas. Ocorre então um impasse, de um lado, políticas educativas que expressam intenções de se aumentar a autonomia e a participação das escolas e dos professores, do outro, há a questão da crise de legitimidade dos estados que dificulta a efetivação de investimentos em salários, carreira e formação do professorado, com o pretexto de que o Estado requer redução de despesas, transmitindo uma lógica contábil e economista ao sistema educacional.

Desde a estruturação do curso de Pedagogia, em 1939, sempre houve a preocupação com os aspectos legais e administrativos da escola, geralmente vistos na disciplina Administração Escolar.

Está mencionado, no Parecer 292/62 – do Conselho Federal de Educação – a disciplina Elementos de Administração Escolar a qual tinha como finalidade proporcionar o conhecimento, por parte do licenciado, da escola em que iria atuar (seus objetivos, estrutura e seus aspectos de seu funcionamento), além de proporcionar uma visão única do aspecto escola-sociedade.

Em 1968, houve a homologação dos Pareceres 252/69 e 672/69 como forma de se adequar os currículos de Pedagogia e das licenciaturas à Lei 5.540/68. Esses pareceres incluíram a disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau, substituindo a disciplina Administração Escolar. O motivo pelo qual se deu essa substituição foi o fato de que com a denominação Administração Escolar, se fazia ressaltar o aspecto administrativo, não levando em conta aspectos referente à estrutura e ao funcionamento do ensino.

Já nos anos 80, propostas curriculares alternativas surgiram com conteúdos semelhantes à Administração Escolar e à Estrutura e Funcionamento do Ensino do 2º Grau, mas como denominações diferentes: Educação Brasileira, Políticas Educacionais, Organização do Trabalho Pedagógico (ou Escolar).

As Resoluções 2/69 e 9/69 foram as primeiras a apresentarem a denominação Estrutura e Funcionamento do Ensino. Está fixava os mínimos de conteúdos das disciplinas e a duração do curso de Pedagogia, aquela, estabelecia os mínimos de conteúdos e a duração dos cursos para a formação pedagógica em nível de licenciatura.

Segundo a Resolução 9/69, os currículos de licenciatura deveriam abranger as seguintes matérias: Psicologia da Educação, Didática, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau e Prática de Ensino, sob forma de estágio supervisionado, mas em conformidade com a Lei 5.692/71, na qual instituiu o ensino de primeiro e segundo graus, a denominação alterou-se para Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus.

De acordo com a legislação, há dois elementos básicos na disciplina: a escola e o ensino, onde, primeiramente, apresenta-se a organização e o funcionamento da escola e em seguida, o ensino.

Contudo, essas abordagens mostram a escola e o ensino como elementos prontos e acabados no interior de um sistema educacional racionalmente organizado e de uma sociedade organicamente constituída e funcional fazendo com que se torna evidente a importância da legislação como eixo básico da disciplina. Obrigatória em algumas habilitações do curso de Pedagogia, a disciplina Legislação do Ensino de 1º e 2º Graus tornou-se base da Estrutura e Funcionamento do Ensino. Já na organização do ensino escolar, se tem a descrição dos órgãos e seu funcionamento e, a análise de seus componentes administrativos e curriculares, através de textos legais.

Os currículos de Pedagogia e das licenciaturas, atualmente, apresentam várias denominações, entre elas, as mais corriqueiras são: Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio – oferecida no segundo ou no terceiro ano do curso de Pedagogia, com carga anual que varia entre 60 128 horas e ministrada em um ano ou seis meses – e, Didática e Prática de Ensino de Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio – disciplina em forma de estágio supervisionado, geralmente com carga anual de 128 horas, no último ano do curso de Pedagogia. Em geral, os conteúdos e objetivos dessa disciplina, assumem três abordagens distintas:

Abordagem legalista e formal: Os textos legais e os documentos são apresentados e analisados sistêmica e funcionalmente. Essa abordagem acosta-se à letra, linhas e ao texto legal. O estudo aí acaba por se tornar árido, insípido e aversivo.

Abordagem político-ideológica: Dá ênfase aos textos críticos, procura-se mostrar o real com base em uma postura e visão político-ideológica. Essa abordagem aproxima-se mais ao contexto, ao espírito e às entrelinhas dos textos legais. O estudo aí acaba por se tornar parcial e partidário.

Abordagem histórico-crítica: Os textos legais são usados como referencial para a análise crítica da organização escolar e como forma de confrontar a situação proclamada (ideal) com a situação real. O estudo aí acaba por se tornar mais fértil, dinâmico, investigativo e crítico-reflexivo.

O desenvolvimento dos conteúdos, por uma ótica metodológica, deve estar alinhado à articulação de três elementos, segundo Monteiro (1995): visão oficial (conhecimento da legislação educacional, programas e planos de governo); visão da realidade (comparação da visão oficial com o que realmente acontece no funcionamento do ensino) e visão crítica (após o conhecimento das anteriores, pratica-se a leitura fundamentada, para geração de novos conhecimentos.

Para Saviani (1987), há três etapas no exame crítico da legislação de ensinos: contato com a lei (análise textual, para captar a estrutura do texto); exame das razões manifestas (leitura da exposição de motivos, dos pareceres, dos relatórios, etc.) e busca das razões reais (exame do contexto – processo histórico socioeconômico e político – exame da gênese da lei – processo de elaboração da lei, os autores e seus papéis).

Textos legais, documentos e textos críticos, também podem ser usados como auxilio ao estudo de alguns temas da disciplina (municipalização do ensino, organização formal e informal da escola, financiamento do ensino, etc.), servindo de fundamento para elucidar uma situação/questão norteadora de investigação, aliando assim, ensino e pesquisa, tornando o método de ensino e aprendizagem mais dinâmico e reflexivo, desenvolvendo também, a habilidade de investigação, proporcionando, assim, que o trabalho acadêmico seja um momento em que o aluno possa procurar, investigar e produzir conhecimento, orientado pelo professor.

As abordagens identificadas e os aspectos metodológicos de tratamento dos conteúdos se relacionam ao conhecimento do objeto de estudo, tendo em vista que refletem a trajetória da disciplina. Contudo, percebe-se que houve uma significativa evolução na abordagem da disciplina, em sua ampliação e diversificação, o mesmo não ocorreu com objeto de estudo, não com clareza. Qual é e qual era ele?

Vemos que houve uma mudança na ênfase da disciplina, de aspectos estruturais e formais do ensino para as questões de funcionamento onde o foco saiu do ensino de primeiro e segundo graus para a concreta escola de primeiro e segundo graus. Proporcionando assim que a perspectiva legalista, descontextualizada e limitada fosse modificada com a finalidade de se privilegiar a discussão de alternativas para a reconstrução da escola e do sistema educacional brasileiro.

Houve assim uma transformação democrática de um ensino genérico para uma abordagem de uma escola e ensino concretos, todavia, cabe-se questionar se a mudança ocorreu somente na abordagem/compreensão do objeto; se o objeto de estudo da disciplina continuou a ser a escola e a organização do ensino e até mesmo se a legislação e os documentos constituem o eixo básico da apreensão da escola e do ensino.

A escola e o ensino ainda continuam como foco da disciplina, mas agora contextualizados de maneira concreta, crítica e histórica. Dá ótica sistêmica/tecnicista para a ótica histórico-crítica, onde as políticas de educação são tratadas com maior intensidade, uma vez em que são elas as responsáveis por definirem, em grande parte, a legislação educacional, a escola e o ensino.

É apropriado adotar então a denominação Estrutura e Organização da Educação Escolar – Políticas Educacionais e Funcionamento da Escola, tendo como ideia principal a possibilidade em aprender as imbricações entre decisões centrais e decisões locais, a fim de articular, em torno da escola, as abordagens mais gerais de cunho sociológico, político e econômico e os processos escolares internos de cunho pedagógico, curricular, psicológico e didático.

A partir da leitura da obra, é possível fazer uma reflexão a respeito da educação escolar como um todo, bem como as suas políticas educacionais e educativas. No decorrer da leitura do livro os autores trazem informações importantes relacionadas à história das políticas educacionais, como surgiram, porque surgiram e como foram transformadas para atenderem as necessidades que se apresentaram.

NOVA CONCURSOS

Percebe-se a dedicação dos autores em levar ao conhecimento do leitor os processos pelos quais ocorre a formação de professores, as disciplinas que são oferecidas, as leis que regulam essa formação e também as mudanças que essas leis trouxeram ao longo do tempo.

Recomenda-se a leitura e a apreciação dessa obra a estudantes de pedagogia e das licenciaturas, para que possam entender melhor o seu futuro ambiente de trabalho, a escola – seus objetivos e estruturas e professores, para que possam conhecer ainda mais o seu local de trabalho e assim, se tornar um agente ativo no processo de construção da educação e das políticas educacionais.

Fonte
Disponível em http://simboraestudar.blogspot.com.br/

LIBÂNEO, J.C. DIDÁTICA. SÃO PAULO: CORTEZ, 2013, CAPÍTULOS 2,7 E 9.

Apresentação

Na abertura, o autor determina os princípios que norteiam a narrativa durante a obra, da importância da didática e seu caráter aglutinador dos conteúdos e procedimentos, da sua característica de englobar conhecimentos da área da psicologia da educação, sociologia da educação, filosofia da educação, entre outras áreas a fim para explicar o ato e a forma do aprender. Logo no início, o autor mostra o que irá falar: Percepção e compressão reflexiva e crítica das situações didáticas; compreensão crítica do processo de ensino; a unidade objetivos-conteúdos-métodos como a espinha dorsal das tarefas docentes e o domínio de métodos e procedimentos para usar em situações de didáticas concretas.

Verifica-se a intenção do autor de construir um conteúdo e organizar uma discussão que tenha um caráter prático no processo educativo. Isto também se demonstra da divisão dos capítulos que contemplam as diversas áreas de abrangência da didática.

CAPÍTULO 01 - Prática educativa, Pedagogia e Didática

O autor começa o tema situando a didática no conjunto dos conhecimentos pedagógicos, demonstrando a fundamental importância do ato de ensinar na formação humana para vivermos em sociedade. Neste capítulo, o autor aborda a prática educativa em sociedade, a diferença entre a educação, instrução e ensino; a educação, o escolar, pedagogia e didática, e a didática e sua importância na formação dos professores.

Prática educativa e sociedade

Os professores são parte integrante do processo educativo, sendo importantes para a formação das gerações e para os padrões de sociedade que buscamos. Neste subtítulo, o autor situa a educação como fenômeno social universal determinando o caráter existencial e essencial da mesma. Estuda também os tipos de educação, a não intencional, refere-se a influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos. Já a intencional refere-se àquelas que têm objetivos e intenções definidos. A educação pode ser também, formal ou não-formal, dependendo sempre dos objetivos. A educação não-formal é aquela realizada fora dos sistemas educacionais convencionais, e a educação formal é a que acontece nas escolas, agências de instrução e educação ou outras.

Libâneo também relata o papel social da educação e como seus conteúdos objetivos são determinados pelas sociedades, política e ideologia predominantes. Fala desta relação importante da educação com os processos formadores da sociedade "desde o início da historia da humanidade, os indivíduos e grupos travavam relações recíprocas diante da necessidade de trabalharem conjuntamente para garantir sua sobrevivência" (Libâneo, 1994, p.19).O autor considera estas influencias como fatores fundamentais das desigualdades entre os homens, sendo um traço fundamental desta sociedade. Coloca as ideologias como valores apresentados pela minoria dominante, politizando a prática educativa e demonstrando o seu envolvimento com o social.

Ele afirma que escola é o campo específico de atuação política do professor, politizando ainda mais o ambiente escolar.

Educação, instrução e ensino

Neste subtítulo, o autor define as três palavras chaves, suas diferenças e sentidos diversos. A educação que é apresentada com um conceito amplo, que podemos sintetizar como uma modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação da personalidade social e o caráter, sendo assim uma instituição social.

Já a instrução está relacionada à formação e ao desenvolvimento das capacidades cognoscitivas, mediante o domínio de certos conhecimentos. O ensino por sua vez é conceituado aqui como as ações, meios, condições para que aconteça a instrução.

Observa-se que a instrução esta subordinada à educação. Estas relações criam uma relação intrincada destes três conceitos que são responsáveis pelo educar. Destaca que podemos instruir sem educar ou vice-versa, pois a real educação depende de transformarmos estas informações em conhecimento, tendo nos objetivos educativos uma forma de alcançarmos esta educação. Coloca que a educação escolar pode ser chamada também de ensino.

Educação escolar, Pedagogia e Didática

A educação escolar é um sistema de instrução e ensino de objetivos intencionais, sistematizados e com alto grau de organização, dando a importância da mesma para uma democratização maior dos conhecimentos. O autor coloca que as práticas educativas é que verdadeiramente podem determinar as ações da escola e seu comprometimento social com a transformação. Afirma que a pedagogia investiga estas finalidades da educação na sociedade e a sua inserção na mesma, diz que a Didática é o principal ramo de estudo da pedagogia para poder estudar melhor os modos e condições de realizarmos o ensino e instrução. Ainda coloca a importância da sociologia da educação, psicologia da educação nestes processos de relação aluno-professor.

A Didática e a formação profissional do professor

Determina, o autor, que as duas dimensões da formação profissional do professor para o trabalho didático em sala de aula. A primeira destas dimensões é a teórico-científica formada de conhecimentos de filosofia, sociologia, história da educação e pedagogia.

A segunda é a técnico–prática, que representa o trabalho docente incluindo a didática, metodologias, pesquisa e outras facetas práticas do trabalho do professor. Neste subtítulo, Libâneo define a didática como a mediação entre as dimensões teórico-científica e a prática docente.

CAPÍTULO 02 - Didática e Democratização do Ensino

Neste capítulo, continua a discussão colocada no capítulo anterior, sobre a democratização do ensino e a importância de oferecer este de qualidade e a toda sociedade. Inicia com a colocação que a participação ativa na vida social é o objetivo da escola pública, o ensino é colocado como ações indispensáveis para ocorrer à instrução. Levanta e responde algumas perguntas envolvendo a escolarização, qualidade do ensino do povo e o fracasso escolar, fala também da Ética como compromisso profissional e social.

A Escolarização e as lutas democráticas

Realmente a escolarização é o processo principal para oferecer a um povo sua real possibilidade de ser livre e buscar nesta mesma medida participar das lutas democráticas, o autor endente democracia como um conjunto de conquistas de condições sociais, políticas e culturais, pela maioria da população para participar da condução de decisões políticas e sociais. Libâneo, (1994, 35) cita Guiomar Namo de Mello: "A escolarização básica constitui instrumento indispensável à construção da sociedade democrática", fala também dos índices de escolarização no Brasil, mostrando a evasão escolar e a repetência como graves problemas advindos da falta de uma política pública, de igualdade nas oportunidades em educação, deixando como resultado um enorme número de analfabetos na faixa de 5 a 14 anos. A transformação da escola depende da transformação da sociedade, afirma Libâneo, e continua dizendo que a escola é o meio insubstituível de contribuição para as lutas democráticas.

O Fracasso escolar precisa ser derrotado

Nessa parte, o autor fala mais detalhadamente deste grave problema do nosso sistema escolar, detalha gráficos que apontam para um quadro onde a escola não consegue reter o aluno no sistema escolar. Aponta muitos motivos para isto, mas considera, como principal, a falta de preparo da organização escolar, metodológica e didática de procedimentos adequados ao trabalho com as crianças pobres. Isto acontece devido aos planejamentos serem feitos prevendo uma criança imaginada e não a criança concreta, aquela que esta inserida em um contexto único. Somente o ingresso na escola pode oferecer um ponto de partida no processo de ensino aprendizagem.

Levanta, também, neste capítulo, outros fatores como dificuldades emocionais, falta de acompanhamento dos pais, imaturidade, entre outros. Cita aqui David Ausubel que afirma que o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já conhece, complementa dizendo que o professor deve descobri-lo e basear-se nisto em seus ensinamentos.

As tarefas da escola pública democrática

Todos sabemos da importância do ensino de primeiro grau para formação do indivíduo, da formação de suas capacidades, habilidades e atitudes, além do seu preparo para as exigências sociais que este indivíduo necessita, dando a ele esta capacidade de poder estudar e aprender o resto da vida. O autor lista as tarefas principais das escolas públicas, entre elas, destacam-se:

Proporciono escola gratuita pelos primeiros oito anos de escolarização;

Assegurar a transmissão e assimilação dos conhecimentos e habilidades;

Assegurar o desenvolvimento do pensamento crítico e independente;

Oferecer um processo democrático de gestão escolar com a participação de todos os elementos envolvidos com a vida escolar.

O compromisso social e ético dos professores

O primeiro compromisso da atividade profissional de ser professor (o trabalho docente) é certamente de preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na vida cultural e política. O trabalho docente visa também a mediação entre a sociedade e os alunos. Libâneo afirma que, como toda a profissão, o magistério é um ato político porque se realiza no contexto das relações sociais.

CAPÍTULO 03 - Didática: Teoria da Instrução e do Ensino

Neste capítulo, o autor aborda, em especial, os vínculos da didática com os fundamentos educacionais, explicita seu objetivo de estudar e relacionar os principais temas da didática indispensáveis para o exercício profissional.

A didática como atividade pedagógica escolar

Sabedores que a pedagogia investiga a natureza das finalidades da educação como processo social, a didática coloca-se para assegurar o fazer pedagógico na escola, na sua dimensão político, social e técnica, afirmando daí o caráter essencialmente pedagógico desta disciplina. Define assim a didática como mediação escolar entre objetivos e conteúdos do ensino. Define, o autor, mais alguns termos fundamentais nesta estruturação escolar, a instrução como processo e o resultado da assimilação sólida de conhecimentos; o currículo como expressão dos conteúdos de instrução; e a metodologia como conjunto dos procedimentos de investigação quanto a fundamentos e validade das diferentes ciências, sendo as técnicas recursos ou meios de ensino seus complementos.

Sintetizando, os temas fundamentais da didática são:

1. Os objetivos sócio-pedagógicos;
2. Os conteúdos escolares;
3. Os princípios didáticos;
4. Os métodos de ensino aprendizagem;

As formas organizadas do ensino;

Aplicação de técnicas e recursos;

Controle e avaliação da aprendizagem.

Objetivo de estudo: o processo de ensino

Sem dúvida, o objetivo do estudo da didática é o processo de ensino. Podemos definir, conforme o autor, o processo de ensino como uma seqüência de atividades do professor e dos alunos tendo em vista a assimilação de conhecimentos e habilidades. Destaca a importância da natureza do trabalho docente como a mediação da relação cognoscitiva entre o aluno e as mateiras de ensino. Libâneo ainda coloca que ensinar e aprender são duas facetas do mesmo processo, que se realiza em torno das matérias de ensino sob a direção do professor.

Os componentes do processo didático

O ensino, por mais simples que pareça, envolve uma atividade complexa, sendo influenciado por condições internas e externas. Conhecer estas condições é fator fundamental para o trabalho docente. A situação didática em sala de aula esta sujeita também a determinantes econômico-sociais e sócio–culturais, afetando assim a ação didática diretamente.

Assim sendo, o processo didático está centrado na relação entre ensino e aprendizagem.

Podemos daí determinar os elementos constitutivos da Didática:

1. Conteúdos da matérias;
2. Ação de ensinar;

Ação de aprender.

Desenvolvimento histórico da Didática e tendências pedagógicas

O autor afirma que a didática e sua história estão ligadas ao aparecimento do ensino.

Desde a Antigüidade clássica ou no período medieval já temos registro de formas de ação pedagógicas em escolas e mosteiros. Entretanto, a didática aparece em obra em meados do século XVII, com João Amos Comenio, ao escrever a primeira obra sobre a didática "A didática Magna", estabelecendo na obra alguns princípios com:

A finalidade da educação é conduzir a felicidade eterna com Deus.

O homem deve ser educado de acordo com o seu desenvolvimento natural, isto é de acordo com suas características de idade e capacidade.

A assimilação dos conhecimentos não se da de forma imediata.

O ensino deve seguir o curso da natureza infantil; por isto as coisas devem ser ensinadas uma de cada vez.

Já mais adiante, Jean Jacques Rousseau (1712-1778) propôs uma nova concepção de ensino, baseado nas necessidades e interesses imediatos da criança. Porém, este autor não colocou suas idéias em prática, cabendo mais adiante a outro pesquisador faze-lo, Henrique Pestalozzi (1746-1827), que trabalhava com a educação de crianças pobres. Estes três teóricos influenciaram muito Johann Friedrich Herbart (1776-1841), que tornou a verdadeira inspiração para pedagogia conservadora, determinando que o fim da educação é a moralidade atingida através da instrução de ensino. Estes autores e outros tantos formam as bases para o que chamamos modernamente de Pedagogia Tradicional e Pedagogia Renovada.

Tendências pedagógicas no Brasil e a Didática

Nos últimos anos, no Brasil, vêm sendo realizados muitos estudos sobre a história da didática no nosso país e suas lutas, classificando as tendências pedagógicas em duas grandes correntes: as de cunho liberal e as de cunho progressivista. Estas duas correntes têm grandes diferenças entre si. A tradicional vê a didática como uma disciplina normativa, com regras e procedimentos padrões, centrando a atividade de ensinar no professor e usando a palavra (transmissão oral) como principal recurso pedagógico. Já a didática de cunho progressivista é entendida como direção da aprendizagem, o aluno é o sujeito deste processo e o professor deve oferecer condições propícias para estimular o interesse dos alunos por esta razão os adeptos desta tendência dizem que o professor não ensina; antes, ajuda o aluno a prender.

Também temos aqui colocado pelo autor as tendências principais desta evolução e suas principais publicações na época. Vimos também que as tendências progressivas só tomaram força nos anos 80, com as denominadas "teorias críticas da educação". O autor lista também as várias divisões destas duas tendências e explica suas diferenças vitais.

A Didática e as tarefas do professor

O modo de fazer docente determina a linha e a qualidade do ensino, traça-se aqui, pelo autor, os principais objetivos da atuação docente:

Assegurar ao aluno domínio duradouro e seguro dos conhecimentos.

Criar condições para o desenvolvimento de capacidades e habilidades visando a autonomia na aprendizagem e independência de pensamento dos alunos.

Orientar as tarefas do ensino para a formação da personalidade.

Estes três itens se integram entre si, pois a aprendizagem é um processo. Depois, o autor levanta os principais pontos do planejamento escolar:

Compressão da relação entre educação escolar e objetivo sócio-políticos.

Domínio do conteúdo e sua relação com a vida prática.

Capacidade de dividir a matéria em módulos ou unidades.

Conhecer as características sócio-culturais e individuais dos alunos.

Domínio de métodos de ensino.

Conhecimento dos programas oficias.

Manter-se bem informado sobre livros e artigos ligados a sua disciplina e fatos relevantes.

Já a direção do ensino e aprendizagem requer outros procedimentos do professor:

Conhecimento das funções didáticas

Compatibilizar princípios gerais com conteúdos e métodos da disciplina

Domínio dos métodos e de recursos tauxiares

Habilidade de expressar idéias com clareza

Tornar os conteúdos reais

Saber formular perguntas e problemas

Conhecimento das habilidades reais dos alunos

Oferecer métodos que valorizem o trabalho intelectual independente

Ter uma linha de conduta de relacionamento com os alunos

Estimular o interesse pelo estudo

Para a avaliação os procedimentos são outros por parte do professor:

Verificação continua dos objetivos alcançados e do rendimento nas atividades

Dominar os meios de avaliação diagnóstica

Conhecer os tipos de provas e de avaliação qualitativa

Estes requisitos são necessários para o professor poder exercer sua função docente frente aos alunos e institutos em que trabalha. Por isto, o professor, no ato profissional, deve exercitar o pensamento para descobrir constantemente as relações sociais reais que envolvem sua disciplina e a sua inserção nesta sociedade globalizada, desconfiando do normal e olhando sempre por traz das aparências, seja do livro didático ou mesmo de ações pré-estabelecidas.

CAPÍTULO 04 -O Processo de Ensino na Escola

O magistério se caracteriza nas atividades de ensino das matérias escolares criando uma relação recíproca entre a atividade do professor (ensino) e a atividade de estudo dos alunos (aprendizagem). Criar esta unidade entre o ensino-aprendizagem é o papel fundamental dos processos de ensino na escola, pois as relações entre alunos, professores e matérias são dinâmicas.

As características do processo de ensino

Inicia-se analisando as características do ensino tradicional e suas principais limitações pedagógicas: o professor só passa a matéria e o aluno recebe e reproduz mecanicamente o que absorve; é dada uma excessiva importância a matéria do livro sem dar a ele um caráter vivo; o ensino é somente transmitido com dificuldades para detectar o ritmo de cada aluno no aprender; o trabalho docente está restrito às paredes da sala de aula.

O autor propõe que entendamos o processo de ensino como visando alcançar resultados tendo com ponto de partida o nível de conhecimentos dos alunos e determinando algumas características como: o ensino é um processo, por isto obedece a uma direção, este processo visa alcançar determinados resultados como domínio de conhecimentos, hábitos, habilidades, atitudes, convicções e desenvolvimento das capacidades cognoscitivas, dando ao ensino este caráter bilateral, combinando as atividades do professor com as do aluno.

Processos didáticos básicos: ensino e aprendizagem

O livro mostra novamente a importância de garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem e propõe que analisemos cada parte deste processo separadamente.

A aprendizagem esta presente em qualquer atividade humana em que possamos aprender algo. A aprendizagem pode ocorrer de duas formas: casual, quando for espontânea ou organizada quando for aprender um conhecimento específico.

Com isto defini-se a aprendizagem escolar como um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental. Isto significa que podemos aprender conhecimentos sistematizados, hábitos, atitudes e valores. Neste sentido, temos o processo de assimilação ativa que oferece uma percepção, compreensão, reflexão e aplicação que se desenvolve com os meios intelectuais, motivacionais e atitudes do próprio aluno, sob a direção e orientação do professor. Podemos ainda dizer que existem dois níveis de aprendizagem humana: o reflexo e o cognitivo. Isto determina uma interligação nos momentos da assimilação ativa, implicando nas atividades mental e práticas.

O livro coloca a aprendizagem escolar como uma atividade planejada, intencional e dirigida, não sendo em hipótese alguma casual ou espontânea. Com isto, pode pensar que o conhecimento se baseia em dados da realidade.

De início, é importante definir o ensino e o autor coloca-o como o meio fundamental do processo intelectual dos alunos, ou seja, o ensino é a combinação entre a condução do processo de ensino pelo professor e a assimilação ativa do aluno. O ensino tem três funções inseparáveis:

Organizar os conteúdos para transmissão, oferecendo ao aluno relação subjetiva com os mesmos.

Ajuda os alunos nas suas possibilidade de aprender.

Dirigir e controlar atividade do professor para os objetivos da aprendizagem.

Mostra-se também a unidade necessária entre ensino e a aprendizagem, afinal o processo de ensino deve estabelecer apenas exigências e expectativas que os alunos possam cumprir para poder realmente envolve-los neste processo e mobilizar as suas energias.

Estrutura, componentes e dinâmica do processo de ensino

A estrutura e componentes explica o processo didático como a ação recíproca entre três componentes; os conteúdos, o ensino e a aprendizagem. Já o processo de ensino realizado no trabalho docente é um sistema articulado, formado pelos objetivos, conteúdos, métodos e condições, sendo, como sempre, o professor o responsável por esta condução. Neste quadro, o autor diz que o processo de ensino consiste ao mesmo tempo na condução do estudo e na auto-atividade do aluno, e levanta a contradição deste fato. Deixa clara a dificuldade de execução da tarefa docente e afirma que a Didática contribui justamente para tentar resolver esta contradição entre ensino e aprendizagem, em outras palavras, esta contradição acontece entre o saber sistematizado e o nível de conhecimento esperado. Existem algumas condições para que a contradição se transforme em forca motriz:

1. Dar ao aluno consciência das dificuldades que aparecem no confronto com um conhecimento novo que não conhecem.
2. O volume de atividades, conhecimento e exercícios devem considerar o preparo prévio do aluno.
3. Estas condições devem constar do planejamento.

A estruturação do trabalho docente

O autor reflete sobre este entendimento errôneo de que o trabalho docente na escola é o de "passar" a matéria de acordo, geralmente, com o livro didático. E mostra que a estrutura da aula deve ter um trabalho ativo e conjunto entre professor e aluno, ligado estreitamente com a metodologia específica das matérias, porém, não se identifica com leia. A cinco momentos da metodologia de ensino na sala de aula:

Orientação inicial dos objetivos de ensino aprendizagem;

Transmissão /assimilação da matéria nova;

Consolidação e aprimoramento dos conhecimentos, habilidades e hábitos;

Aplicação de conhecimentos, habilidades e hábitos;

Verificação e avaliação dos conhecimentos e habilidades.

O caráter educativo do processo de ensino e o ensino crítico

Este caráter educativo do processo de ensino está intimamente ligado com o ensino crítico, dando a ele uma característica mais ampla, determinada social e pedagogicamente. Este ensino é critico por estar engajamento social, político e pedagogicamente, determinando uma postura frente às relações sociais vigentes e à prática social real.

CAPÍTULO 05 - O Processo de Ensino e o Estudo Ativo

Neste capítulo, entende-se melhor a relação entre o processo de ensino (falado no capítulo anterior) e o estudo ativo, este definido aqui como uma atividade cujo fim direto e específico é favorecer a aprendizagem ativa. Nesta medida, o capítulo discutirá também como o professor pode dirigir, estimular e orientar as condições internas e externas do ensino.

O estudo ativo e o ensino

É necessário ter presente que os conteúdos representam o elemento em torno do qual se realiza a atividade de estudo. O estudo ativo é por conseqüência uma postura do aluno e do professor frente ao conteúdo, pois as atividades deste estudo ativo se baseiam nas atividades do aluno de observação e compreensão de fatos ligados a matéria, da atenção na explicação do professor, favorecendo o desenvolvimento das capacidades cogniscitivas do aluno. Não existe ensino ativo sem o trabalho docente.

A atividade de estudo e o desenvolvimento intelectual

Neste subtítulo, o autor declara algo muito importante e já dito em outros momentos humanos "O objetivo da escola e do professor é formar pessoas inteligentes..."

Neste aspecto, o professor deve se satisfazer se o aluno compreende a matéria e tem possibilidade de pensar de forma independente e criativa sobre ela. Levanta dificuldades do trabalho docente para estimular aos alunos, principalmente porque o professor usa um estilo convencional de aula, igual para todas as matérias, com falta de entusiasmo e sem adequação com o mundo prático e real do aluno.

Porém, estas dificuldades podem ser superadas com um domínio maior do conteúdo por parte do professor, eleger mais do que um livro de referência, estar atualizado com as notícias, conhecer melhor as características dos seus alunos, dominar técnicas, didáticas e metodologias. Com isto, cada tarefa didática será uma tarefa de pensamento para o aluno.

Algumas formas de estudo ativo

O estudo ativo envolve inúmeros procedimentos para despertar no aluno hábitos, habilidades de caráter permanente. Para isto temos várias tarefas e exercícios específicos para este fim, listados aqui como pelo autor:

Exercícios de reprodução - testes rápidos para verificar assimilação e domínio de habilidades.

Tarefa de preparação para o estudo - Diálogo estabelecido entre o professor/aluno, aluno/aluno e observa e revisão de matérias anteriores.

Tarefas de fases de assimilação de matérias - Atividades que favoreçam o confronto entre os conhecimentos sistematizados e a realidade dos alunos.

Tarefas na fase de consolidação e aplicação – compõem-se de exercícios e revisão de fixação.

Fatores que influenciam no estudo ativo

Há vários fatores que influenciam no ato de estudar e aprender, entre estes fatores destacam-se alguns que influenciam de sobremaneira no estudo ativo.

1. O incentivo ao estudo - conjunto de estímulos que estimulam no aluno sua motivação para aprender.

2. As condições de aprendizagem – para oferecermos condições mínimas de aprendizagem, temos que conhecer muito bem as condições sócio-culturais dos alunos.

3. A influência do professor e do ambiente escolar - certamente o professor e o meio exercem uma influencia muito forte no aluno.

O autor reitera aqui também a necessidade de uma sólida assimilação de conhecimentos para ocorrer uma verdadeira aprendizagem.

CAPÍTULO 06 - Os Objetivos e Conteúdos de Ensino

Neste capítulo, o autor aborda a relação entre s componentes do processo de ensino, determina a unidade entre objetivos-conteúdos e destes com os métodos.

Os objetivos determinam de antemão os resultados esperados do processo entre o professor e aluno, determinam também a gama de habilidades e hábitos a serem adquiridos. Já os conteúdos formam a base da instrução. O método por sua vez é a forma com que estes objetivos e conteúdos serão ministrados na prática ao aluno.

A importância dos objetivos educacionais

A prática educacional baseia-se nos objetivos por meio de uma ação intencional e sistemática para oferecer aprendizagem. Desta forma os objetivos são fundamentais para determinação de propósitos definidos e explícitos quanto às qualidades humanas que precisam ser adquiridas. Os objetivos têm pelo menos três referências fundamentais para a sua formulação.

Os valores e idéias ditos na legislação educacional.

Os conteúdos básicos das ciências, produzidos na história da humanidade.

As necessidades e expectativas da maioria da sociedade.

Ë importante destacar que estas três referências não devem ser tomadas separadamente, pois devem se apresentar juntos no ambiente escolar. Devemos ter claro que o trabalho docente é uma atividade que envolve opções sobre nosso conceito de sociedade, pois isto vai determinar a relação com os alunos. Isto prova que sempre conscientemente ou não, temos ou traçamos objetivos.

Objetivos gerais e objetivos específicos

Os objetivos são o marco inicial do processo pedagógico e social, segundo Libâneo. Os objetivos gerais explicam-se a partir de três níveis de abrangência. O primeiro nível é o sistema escolar que determina as finalidades educativas de acordo com a sociedade em que está inserido; o segundo é determinado pela escola que estabelece as diretrizes e princípios do trabalho escolar; o terceiro nível é o professor que concretiza tudo isto em ações práticas na sala de aula.

Alguns objetivos educacionais podem auxiliar os professores a determinar seus objetivos específicos e conteúdos de ensino. Entre estes objetivos educacionais destacam-se: a) colocar a educação no conjunto de lutas pela democratização da sociedade; b) oferecer a todos as crianças, sem nenhum tipo de discriminação cultural, racial ou política, uma preparação cultural e científica a partir do ensino das materiais; c) assegurar a estas crianças o desenvolvimento máximo de suas potencialidades; d) formar nos alunos a capacidade crítica e criativa em relação a matérias e sua aplicação; e) formar convicções para a vida futura; f) institucionalizar os processos de participação envolvendo todas as partes formadoras da realidade escolar.

Os conteúdos de Ensino

Desde o início do livro, o autor vem reiterando a idéia que as escolas têm, como tarefa fundamental, a democratização dos conhecimentos, garantindo uma base cultural para jovens e crianças. Sob este aspecto, muitos professores fazem a idéia que os conteúdos são o conhecimento corresponde a cada matéria, ou mesmo, que são a matéria do livro didático.O autor fala que esta visão não é complemente errada, pois há sempre três elementos no ensino: matéria, professor e o aluno. Neste aspecto, devemos estudar o ensino dos conteúdos como uma ação recíproca entre a matéria, o ensino e o estudo dos alunos. Por isto é muito importante que os conteúdos tenham em si momentos de vivências práticas para dar significado aos mesmos.

Definindo os conteúdos, eles são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudes, organizados pedagógica e didaticamente, buscando a assimilação ativa e aplicação prática na vida dos alunos.

Agora uma questão importante, apresentada no livro, é a de quem deve escolher os conteúdos de ensino? Certamente, deve-se considerar que cabe ao professor, em última instancia, esta tarefa. Nesta tarefa o professor enfrenta pelo menos dois questionamentos fundamentais: Que conteúdos e que métodos?

Para responder a primeira pergunta, o autor diz que há três fontes para o professor selecionar os seus conteúdos do plano de ensino, a primeira é a programação oficial para cada disciplina; a segunda, conteúdos básicos das ciências transformados em matérias de estudo; a terceira, exigências teóricas práticas colocadas na vida dos alunos e sua inserção social.

Porém, a escolha do conteúdo vai além destas três exigências, para entendermos, tem-se que observá-las em outros sentidos. Um destes sentidos é a participação na prática social; outro sentido fundamental é a prática da vida cotidiano dos alunos, da família, do trabalho, do meio cultural, fornecendo fatos a serem conectados ao estudo das matérias. O terceiro destes sentidos refere-se à própria condição de rendimento escolar dos alunos.

Nesta visão, há uma dimensão crítico-social dos conteúdos, e esta se manifesta no tratamento científico dado ao conteúdo, no seu caráter histórico, na intenção de vínculo dos conteúdos com a realidade da vida dos alunos. Em síntese, esta dimensão crítica-social dos conteúdos nada mais é do que uma metodologia de estudo e interpretação dos objetivos do ensino.

Na atual sociedade, apesar do que foi visto anteriormente, tem-se conteúdos diferentes para diversas esferas e classes sociais, estas diferenças ratificam os privilégios existentes na divisão de classes já estabelecida pelo sistema capitalista. Neste sentido, os livros didáticos oferecidos no ensino das disciplinas, além de sistematizar e difundir conhecimentos, servem também para encobrir estas diferenças, ou mesmo, escamotear fatos da realidade para evitar contradições com sua orientação sócio-cultural–política. Com isto, o professor deve sempre analisar os textos e livros que vai usar com os alunos, no sentido de oferecer um ensino igualitário que possa olhar criticamente estas máscaras da sociedade.

Conhecer o conteúdo da matéria e ter uma sensibilidade crítica pode facilitar esta tarefa por parte do professor.

Critérios de seleção

Aqui, o autor propõe uma forma mais didática de resolver esta difícil tarefa de selecionar os conteúdos a serem ministrados em sala de aula. Abaixo, coloca-se esta forma ordenada de elaborar os conteúdos de ensino:

Correspondência entre os objetivos gerais e os conteúdos.

Caráter científico.

Caráter sistemático.

Relevância social.

Acessibilidade e solidez.

CAPÍTULO 07 - Os Métodos de Ensino

Como já se viu anteriormente, os métodos são determinados pela relação objetivo-conteúdo, sendo os meios para alcançar objetivos gerais e específicos de ensino. Tem-se, assim, que as características dos métodos de ensino: estão orientados para os objetivos, implicam numa sucessão planejada de ações, requerem a utilização de meios.

Conceito de métodos de ensino

Um conceito simples de método é ser o caminho para atingir um objetivo. São métodos adequados para realizar os objetivos. É importante entender que cada ramo do conhecimento desenvolve seus próprios métodos, observa-se então métodos matemáticos, sociológicos, pedagógicos, entre outros. Já ao professor em sala de aula cabe estimular e dirigir o processo de ensino utilizando um conjunto de ações, passos e procedimentos que chamamos também de método. Agora não se pode pensar em método como apenas um conjunto de procedimentos, este é apenas um detalhe do método. Portanto, o método corresponde à seqüência de atividades do professor e do aluno.

A relação objetivo-conteúdo-método

Um entendimento global sobre esta relação é que os métodos não têm vida sem os objetivos e conteúdos, dessa forma a assimilação dos conteúdos depende dos métodos de ensino e aprendizagem. Com isto, a maior característica deste processo é a interdependência, onde o conteúdo determina o método por ser a base informativa dos objetivos, porém, o método também pode ser conteúdo quando for objeto da assimilação.

O que realmente importa é que esta relação de unidade entre objetivo-conteúdo–método constitua a base do processo didático.

Os princípios básicos do ensino

Estes princípios são os aspectos gerais do processo de ensino que fundamentam teoricamente a orientação do trabalho docente. Estes princípios também e fundamentalmente indicam e orientam a atividade do professor rumo aos objetivos gerais e específicos. Estes princípios básicos de ensino são:

Ter caráter científico e sistemático - O professor deve buscar a explicação científica do conteúdo; orientar o estudo independente, utilizando métodos científicos; certificar-se da consolidação da matéria anterior antes de introduzir as matérias novas; organizar a seqüência entre conceitos e habilidades; ter unidade entre objetivos-conteúdos-métodos; organizar a aula integrando seu conteúdo com as demais matérias; favorecer a formação, atitudes e convicções.

Ser compreensível e possível de ser assimilado - Na prática, para se entender estes conceitos, deve-se: dosar o grau de dificuldade no processo de ensino; fazer um diagnóstico periódico; analisar a correspondência entre o nível de conhecimento e a capacidade dos alunos; proporcionar o aprimoramento e a atualização constante do professor.

Assegurar a relação conhecimento-prática – Para oferecermos isto aos alunos deve-se: estabelecer vínculos entre os conteúdos e experiências e problemas da vida prática; pedir para os alunos sempre fundamentarem aquilo que realizam na prática; mostrar a relação dos conhecimentos com o de outras gerações.

Assentar-se na unidade ensino-aprendizagem - ou seja, na prática: esclarecer os alunos sobre os objetivos das aulas, a importância dos conhecimentos para a seqüência do estudo; provocar a explicitação da contradição entre idéias e experiências; oferecer condições didáticas para o aluno aprender independentemente; estimular o aluno a defender seus pontos de vista e conviver com o diferente; propor tarefas que exercitem o pensamento e soluções criativas; criar situações didáticas que ofereçam aplicar conteúdos em situações novas; aplicar os métodos de soluções de problemas.

Garantir a solidez dos conhecimentos

Levantar vínculos para o trabalho coletivo-particularidades individuais, deve-se adotar as seguintes medidas para isto acontecer: explicar com clareza os objetivos; desenvolver um ritmo de trabalho que seja possível da turma acompanhar; prevenir a influência de particularidades desfavoráveis ao trabalho do professor; respeitar e saber diferenciar cada aluno e seus ritmos específicos.

Classificação dos métodos de ensino

Sabe-se que existem vários tipos de classificação de métodos, seguindo determinados autores, no nosso estudo, o autor define os métodos de ensino como estando intimamente ligados com os métodos de aprendizagem, sob este ponto de vista o eixo do processo é a relação cognoscitiva entre o aluno e professor. Pode-se diferenciar estes métodos segundo suas direções, podendo ser externo e interno. A partir disto, o autor lista todos os métodos mais conhecidos de atividade em sala de aula por parte do professor.

Método de exposição pelo professor - Este método é o mais usado na escola, onde o aluno assume uma posição passiva perante a matéria explanada. Ele pode ser de vários tipos de exposição: verbal, demonstração, ilustração, exemplificação.

Método de trabalho independente – consiste em tarefas dirigidas e orientadas pelo professor para os alunos resolverem de maneira independente e criativa. Este método tem, na atitude mental do aluno, seu ponto forte.Tem também a possibilidade de apresentar fases com a tarefa preparatória, tarefa de assimilação de conteúdos, tarefa de elaborarão pessoal. Uma das formas mais conhecidas de trabalho independente é o estudo dirigido individual ou em duplas.

Método de elaboração conjunta – é um método de interação entre o professor e o aluno visando obter novos conhecimentos.

Método de trabalho de grupo - consiste em distribuir tarefas iguais ou não a grupos de estudantes, o autor cita de três a cinco pessoas. Têm-se também formas específicas de trabalhos de grupos comuns: debate, Philips 66, tempestade mental, grupo de verbalização, grupo de observação (GV-GO), seminário.

Atividades especiais – são aquelas que complementam os métodos de ensino.

Meios de ensino

São todos os meios e recursos materiais utilizados pelo professor ou alunos para organizar e conduzir o ensino e a aprendizagem. Os equipamentos usados em sala de aula (do quadro-negro até o computador) são meios de ensino gerais possíveis de serem usados em todas as matérias. É importante que os professores saibam e dominem estes equipamentos para poderem usá-los em sala de aula com eficácia.

CAPÍTULO 08 - A Aula como Forma de Organização do Ensino

A aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Neste capítulo, o professor Libâneo explica o conjunto de meios e condições necessárias para realizarmos um conjunto de aulas, estruturando sua relação entre tipos de aulas e métodos de ensino.

Características gerais da aula

Abaixo, o autor determina algumas exigências a serem seguidas nas aulas:

Ampliação do nível cultural e científico dos alunos.

Seleção e organização das atividades para prover um ensino criativo e independente.

Empenho na formação dos métodos e hábitos de estudo.

Formação de hábitos, atitudes e convicções ligadas à vida prática dos alunos.

Valorização da sala de aula como meio educativo.

Formação do espírito de coletividade, solidariedade e ajuda mútua sem esquecer o individual.

Estruturação didática da aula

A estruturação da aula deve ser indicada por etapas, planejadas e organizadas para favorecer o ensino e aprendizagem. Portanto, é importante no planejamento da aula que este processo seja criativo e flexível por parte do professor. Estes passos ou etapas didáticas da aula são os seguintes:

Preparação e introdução da matéria - visa criar as condições de estudo, motivacionais e de atenção.

Tratamento didático da matéria nova - se os passos do ensino não são mais que funções didáticas, este tratamento já esta sendo feito. Tem-se que entender que a assimilação da matéria nova é um processo de interligação entre percepção ativa, compreensão e reflexão, sendo o processo de transmissão-assimilação a base metodológica para o tratamento didático da matéria nova.

Consolidação e aprimoramento dos conhecimentos e habilidades - este é um importante momento de ensino e muitas vezes menosprezado ou diminuído na escola. A consolidação pode acontecer em qualquer etapa do processo didático, podendo ser reprodutiva, de generalização e criativa.

A aplicação – esta fase é a culminância do processo de ensino. Seu objetivo é estabelecer vínculos entre os conhecimentos e a vida.

Controle e avaliação dos resultados escolares – esta função percorre todas as etapas de ensino, cumprindo três funções: a pedagógica, diagnóstica e de controle. A integração destas funções dá à avaliação um caráter mais geral e não isolado.

Tipos de aulas e métodos de ensino

Neste estudo, o autor coloca que, na concepção de ensino, as tarefas docentes visam a organização e assimilação ativa. Isto significa que as aulas podem ser preparadas em correspondência com os passos do processo de ensino. Neste sentido, pode-se ter aulas de preparação e introdução, início de uma unidade, aula de tratamento sistematizado da matéria nova, consolidação, verificação da aprendizagem. Conforme o tipo de aula escolhe-se o método de ensino.

A tarefa de casa

Esta tarefa é um importante complemento das atividades didáticas de sala de aula. O autor considera que esta tarefa cumpre também uma função social integrando a família às atividades escolares, integrando os pais aos professores. Estas tarefas não devem ser apenas exercícios, devem ser também preparatórias ou de aprofundamento da matéria.

CAPÍTULO 09 - A Avaliação Escolar

A avaliação escolar é abordada em minúcias neste capitulo pelo autor. A avaliação é em última análise uma reflexão do nível qualitativo do trabalho escolar do professor e do aluno. Sabe-se também que ela é complexa e não envolve apenas testes e provas para determinar uma nota.

Uma definição de avaliação escolar

Segundo o professor Cipriano C. Luckesi, a avaliação é uma análise quantitativa dos dados relevantes do processo de ensino aprendizagem que auxilia o professor na tomada de decisões. Os dados relevantes aqui se referem às ações

didáticas. Com isto, nos diversos momentos de ensino a avaliação tem como tarefa: a verificação, a qualificação e a apreciação qualitativa. Ela também cumpre pelo menos três funções no processo de ensino: a função pedagógica didática, a função de diagnóstico e a função de controle.

Avaliação na prática escolar

Lamentavelmente a avaliação na escola vem sido resumida a dar e tirar ponto, sendo apenas uma função de controle, dando a ela um caráter quantitativo. Certamente, com isto, os professores não conseguem efetivamente usar os procedimentos de avaliar. Com estas ações, quando a avaliação se resume a provas, professores com critérios onde décimos às vezes reprovam alunos, há a exclusão do professor do seu papel docente, que é de fornecer os meios pedagógico-didáticos para os alunos aprenderem sem intimidação.

Características da avaliação escolar

Agora, o autor sintetiza as principais características da avaliação escolar.

Reflete a unidade objetivos-conteúdos-métodos.

Possibilita a revisão do plano de ensino.

Ajuda a desenvolver capacidades e habilidades.

Volta-se para a atividade dos alunos.

Ser objetiva.

Ajuda na autopercepcao do professor.

Reflete valores e expectativas do professor em relação aos alunos.

Esta frase marca este subtítulo "A avaliação é um ato pedagógico". (Libâneo, 1994, p.203).

Instrumentos de verificação do rendimento escolar

Uma das funções da avaliação é com certeza a de determinar em que nível de qualidade está sendo atendido os objetivos; para este fim, são necessários instrumentos e procedimentos. Alguns destes procedimentos ou instrumentos já são conhecidos, mas, neste subtítulo, o autor revisa e cita muitos deles ou os mais usados para verificar o rendimento escolar:

Prova escrita dissertativa.

Prova escrita de questões objetivas.

Questões certo-errado (C ou E).

Questões de lacunas (para completar).

Questões de correspondência.

Questões de múltipla escolha.

Questões do tipo "teste de respostas curtas" ou de evocação simples.

Questões de interpretação de texto.

Questões de ordenação.

Questões de identificação.

Procedimentos auxiliares de avaliação

11.1 A Observação;

A Entrevista;

Ficha sintética de dados dos alunos.

Atribuição de notas ou conceitos

As notas demonstram de forma abreviada os resultados do processo de avaliação. Esta avaliação tem também uma função de controle, expressando o resultado em notas e conceitos. O autor fala também da importância de se valorizar todas as formas de avaliação, ou instrumentos, e não apenas a prova no fim do bimestre como grande nota absoluta, que não valoriza o processo. Propõe uma escala de pontos ensinando como utilizar médias aritméticas para pesos diferentes, por fim, mostra como se deve aproximar notas decimais.

CAPÍTULO 10 - O Planejamento Escolar

O autor começa este capítulo dizendo que o planejamento, ensino e a avaliação são atividades que devem supor conhecimento do processo de ensino e aprendizagem.

O planejamento escolar propõe uma tarefa ao professor de previsão e revisão do processo de ensino completamente. Há três modalidades de planejamento: o plano da escola, o plano de ensino e o plano de aulas.

Importância do planejamento escolar

O planejamento do trabalho docente é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação do professor, tendo as seguintes funções: explicar princípios, diretrizes e procedimentos do trabalho; expressar os vínculos entre o posicionamento filosófico, político, pedagógico e profissional das ações do professor; assegurar a racionalização, organização e coordenação do trabalho; prever objetivos, conteúdos e métodos; assegurar a unidade e a coerência do trabalho docente; atualizar constantemente o conteúdo do plano; facilitar a preparação das aulas.

Tem-se que entender o plano como um guia de orientação devendo este possuir uma ordem seqüencial, objetividade e coerência entre os objetivos gerais e específicos, sendo também flexível.

Requisitos para o planejamento

Os principais requisitos para o planejamento são os objetivos e tarefas da escola democrática; as exigências dos planos e programas oficiais; as condições prévias dos alunos para a aprendizagem; e as condições do processo de transmissão e assimilação ativa dos conteúdos.

O plano da escola

O plano de escola é um plano pedagógico e administrativo que serve como guia de orientação para o planejamento e trabalho docente. O autor descreve os passos para a realização de um plano da escola, as principais premissas e perguntas que devemos formular para sua elaboração são: posicionamento da educação escolar na sociedade; bases teórico-metodológicas da organização didática e administrativa; características econômicas, social, política e cultural do contexto em que a escola está inserida; características sócio-culturais dos alunos; diretrizes gerais sobre sistema de matérias, critério de seleção de objetivos e conteúdos; diretrizes metodológicas, sistemáticas de avaliação; diretrizes de organização e administração.

O plano de ensino

O autor afirma o plano de ensino como o roteiro detalhado das unidades didáticas. Podemos chamar também de plano de curso ou plano e unidades didáticas.

Este plano de ensino é formado das seguintes componentes:

Justificativa das disciplinas;

Delimitação dos conteúdos;

Os objetivos gerais;

Os objetivos específicos;
Desenvolvimento metodológico;
Conteúdos;
Tempo provável;
Desenvolvimento metodológico.
O plano de aula

O plano de aula é certamente um detalhamento do plano de ensino, é uma especificação do mesmo. O detalhamento da aula é fundamental para obtermos uma qualidade no ensino, sendo assim o plano de aula torna-se indispensável. Em primeiro lugar, deve-se considerar que a aula é um período de tempo variável, sendo assim, as unidades devem ser distribuídas sabendo-se que às vezes é preciso bem mais do que uma aula para finalizar uma unidade ou fase de ensino. Nesta preparação, o professor deve reler os objetivos gerais das matérias e a seqüência dos conteúdos; desdobrar as unidades a serem desenvolvidas; redigir objetivos específicos por cada tópico; desenvolver a metodologia por assunto; avaliar sempre a própria aula.

CAPÍTULO 11 - Relações Professor-Aluno na Sala de Aula

Um fator fundamental do trabalho docente trata da relação entre o aluno e o professor, da forma de se comunicar, se relacionar afetivamente, as dinâmicas e observações são fundamentais para a organização e motivação do trabalho docente. O autor chama isto de "situação didática" para alcançarmos com sucesso os objetivos do processo de ensino.

Aspectos cognoscitivos da interação

O autor define como cognoscitivo o processo ou movimentos que transcorre no ato de ensinar e no ato de aprender. Sob este ponto de vista, o trabalho do professor é um constante vai e vem entre as tarefas cognoscitivas e o nível dos alunos. Para se ter um bom resultado de interação nos aspectos cognoscitivo deve-se: manejar os recursos de linguagem; conhecer o nível dos alunos; ter um bom plano de aula; objetivos claros; e claro, é indispensável o uso correto da língua Portuguesa.

Aspectos socioemocionais

Estes aspectos são os vínculos afetivos entre o professor e os alunos. É preciso aprender a combinar a severidade e o respeito. Deve-se entender que neste processo pedagógico a autoridade e a autonomia devem conviver juntas, a autoridade do professor e a autonomia do aluno, não de forma contraditória comum pode parecer mais de forma complementar.

Fonte
LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013

Questões

01. (FUNCAB/2017) Leia as afirmativas sobre o processo de ensino e aprendizagem, de acordo com o que Libâneo (2013) aborda no livro Didática, e assinale a sentença INCORRETA.

a) Ensino e aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo. O professor planeja, dirige e controla o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem.

b) A aprendizagem escolar é um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino.

c) A aprendizagem escolar surge naturalmente da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem. É uma atividade intencional, dirigida, casual e espontânea.

d) Na aprendizagem escolar há influência de fatores afetivos e sociais, tais como os que suscitam a motivação para o estudo, os que afetam as relações professor-alunos e os que interferem nas disposições emocionais dos alunos para enfrentar as tarefas escolares.

e) A atividade de ensino não pode se restringir a atividades práticas. Elas somente fazem sentido quando suscitam a atividade mental dos alunos, de modo que estes lidem com elas através dos conhecimentos sistematizados que vão adquirindo.

02. (Pref. RJ/2017) José Carlos Libâneo, em seu livro Didática, declara:

(...) A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes (...)

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1990. Pág.222

Nesse trecho, o autor destaca uma das características do planejamento pedagógico, que é:

a) a flexibilidade
b) a contextualidade
c) a intencionalidade
d) o rigor administrativo

03. (IDHTECD/2016) e acordo com Libâneo, a didática trata dos objetivos, condições e meios de realização do processo de ensino, unindo meios pedagógico-didáticos a objetivos sócio-políticos. Neste sentido,

a) Os conteúdos devem ser trabalhados de forma acrítica e inflexível para não intervir no produto.

b) O ensino deve ser planejado a partir de propósitos claros sobre a sua finalidade, tendo em vista que os alunos estão sendo preparados para viverem em sociedade.

c) As questões de ordem social sempre prevalecem sobre as de ordem pedagógica.

d) Os planejamentos indicam a necessidade de serem neutros e escolarizados.

e) Os estudantes são vistos enquanto seres passivos, daí porque a facilidade de aprendizagem.

Respostas

01. Resposta: C
Segundo Libâneo (1994), a aprendizagem escolar é uma atividade planejada, intencional e dirigida, não sendo em hipótese alguma casual ou espontânea.

02. Resposta: C
O planejamento escolar perde seu significado se for visto com atitude neutra e sem valor pedagógico, pois planejar requer reflexão, decisão, intencionalidade para originar a integração dos professores e alunos voltados para uma educação que qualificada.

03. Resposta: B
A didática é o ramo de estudo da Pedagogia partindo de vínculos entre finalidades sociopolíticas e pedagógicas e as bases teórico-científicas e técnicas da direção do processo de ensino e aprendizagem.

MANTOAN, MARIA TERESA EGLÉR. ABRINDO AS ESCOLAS ÀS DIFERENÇAS, CAPÍTULO 5, IN: MANTOAN, MARIA TERESA EGLÉR (ORG.). PENSANDO E FAZENDO EDUCAÇÃO DE QUALIDADE. SÃO PAULO: MODERNA, 2001.

Este livro focaliza concepções, ideias e práticas educativas para analisar o que existe hoje, apontando as questões a serem tratadas com urgência nas escolas, e mostrar possibilidades de mudança, adequando-as aos seus novos donos - os alunos de nosso tempo. O que se almeja é reformar a escola, ou seja, refazer o seu design, através da participação dos educadores.

ESCOLAS ABERTAS À DIVERSIDADE

Pensando e fazendo educação de qualidade
Maria Teresa Eglér Mantoan
Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Educação

As diferenças de classe social, idade, gênero, capacidade intelectual, raça, interesses entre os alunos como chave do aprimoramento do ensino e do sucesso na aprendizagem acadêmica são ainda parcialmente aceitas e constituem um forte impacto no conservadorismo dos sistemas educacionais, que insistem na eliminação dessas diferenças como meio para melhorar a qualidade do ensino em suas escolas. Questionam-se os limites da diversidade, além dos quais os alunos são inelegíveis para os programas escolares. A tendência é de se encorajar os alunos a ignorar suas próprias diferenças e as dos outros.

Não lidar com as diferenças é não perceber a diversidade que nos cerca, os muitos aspectos em que somos diferentes uns dos outros e transmitir, implícita ou explicitamente, que as diferenças devem ser ocultadas, tratadas à parte. Essa maneira de agir remete, entre outras formas de discriminação, à necessidade de se separar alunos com dificuldades em escolas e classes especiais, à busca da "pseudo" homogeneidade nas salas de aula, para o ensino ser bem-sucedido, enfim, à dificuldade que temos de conviver com pessoas que se desviam um pouco mais da média das diferenças, conduzindo-as ao isolamento, à exclusão, dentro e fora das escolas.

As escolas abertas à diversidade são aquelas em que todos os alunos se sentem respeitados e reconhecidos nas suas diferenças, ou melhor, são escolas que não são indiferentes às diferenças. Ao nos referirmos a essas escolas, estamos tratando de ambientes educacionais que se caracterizam por um ensino de qualidade, que não exclui, não categoriza os alunos em grupos arbitrariamente definidos por perfis de aproveitamento escolar e por avaliações padronizadas e que não admitem a dicotomia entre educação regular e especial. As escolas para todos são escolas inclusivas, em que todos os alunos estudam juntos, em salas de aulas do ensino regular. Esses ambientes educativos desafiam as possibilidades de aprendizagem de todos os alunos e as estratégias de trabalho pedagógico são adequadas às habilidades e necessidades de todos.

Todos os alunos experimentam em momentos de sua trajetória escolar um ou outro problema, obstáculo, dificuldade nas aprendizagens acadêmicas. As razões pelas quais os alunos fracassam em algumas situações escolares são complexas e não devem recair única e inteiramente no que é inerente ao aprendiz. Grande parte dessas dificuldades e incapacidades são devidas à própria escola. Nesse sentido, podemos afirmar que o número de pessoas com problemas de aprendizagem em uma escola está relacionado com a qualidade da educação nela oferecida.

Da mesma forma, todos os alunos devem se beneficiar do apoio escolar e de suportes individualizados, quando estão passando por situações que os impedem de conseguir sucesso nas atividades escolares.

Nas escolas inclusivas todos se apoiam mutuamente e são atendidos em suas necessidades específicas por seus pares, sejam colegas de classe, escola ou profissionais de áreas afins. A pretensão dessas escolas é a superação de todos os obstáculos que as impedem de avançar no sentido de garantir um ensino de qualidade, preocupado em desenvolver os talentos, as tendências naturais, as habilidades de cada aluno para esta ou aquela especialidade. Em cada turma os talentos se misturam às histórias de vida dos alunos, às suas experiências individuais e coletivas. Nesse ambiente é que os conteúdos acadêmicos ganham nuances de entendimento, versões, confrontos necessários à elaboração interdisciplinar das ideias, à compreensão do mundo. A intenção é de fazer com que os alunos percebam a importância de somar esses talentos e reconheçam a complementaridade de suas habilidades e vivências, para explorar temas de estudo, para compreender melhor as noções acadêmicas.

Temos de recusar e de acusar todos os desvios dos propósitos da educação para todos de seus verdadeiros fins. A retórica dos discursos públicos é envolvente e enganosa e esconde interesses que não são os das práticas

inclusivas nas escolas. Aumentar o número de matrículas das crianças com deficiência no ensino regular não significa caminhar em direção da inclusão e muito menos de uma escola de qualidade para todos. O mesmo se pode dizer da diminuição dos percentuais de reprovação e dos casos que milagrosamente se "reabilitam" nas classes de aceleração e em programas de reforço da aprendizagem tão comuns nas nossas escolas.

Os obstáculos ao acesso de todos a uma educação de qualidade variam de uma escola para outra, conforme o tipo e grau das deficiências escolares; os projetos de remoção dessas barreiras são sempre pontuais e localizados.

As propostas de ensino de qualidade para todos os alunos precisam ser explicitadas a partir de um verdadeiro repasse de conceitos e de posicionamentos teóricos e práticos que fundamentam o ensino tradicionalmente ministrado nas escolas.

Reconstruir os fundamentos e a estrutura organizacional das escolas, na direção de uma educação de qualidade para todos, remete, igualmente, a questões específicas, relacionadas ao conhecimento do objeto ensinado e ao sujeito que aprende. Trata-se de mais um desafio que implica na consideração da especificidade dos conteúdos acadêmicos e da subjetividade do aprendiz, ou seja, em um sistema duplo de interpretação do ato de educar, referendado por pressupostos de natureza epistemológica e psicológica e na concretização de propostas inovadoras, que revertem o que tradicionalmente se pratica nas salas de aula.

Há ainda a considerar que o ato de educar supõe intenções, representações que temos do papel da escola, do professor, das noções , do modo de aprender, do aluno e de sua aprendizagem e essas concepções variam, conforme os paradigmas, as ideologias, os fundamentos científicos que as sustentam Toda ação pedagógica ocorre em uma época, em um dado ambiente e estes influem sobre o que fazemos e compreendemos, definindo os contornos de nossos atos pedagógicos, dos mais elementares, aos mais expressivos e complexos. Nem sempre os fins gerais da educação e os fins que cada educando estabelece para a sua educação se integram, provocando quebras no movimento das ações educativas e na condução que os fins exercem sobre os meios pelos quais o ensino se efetiva.

A mediação do professor é outro ponto básico, que enfeixa os tópicos que ora destacamos neste preâmbulo de discussões. Sabemos que reduzido às suas próprias descobertas, ou seja, à mercê de seus recursos individuais, o aluno avança pouco, evolui lentamente e não consegue atualizar e explorar todas as suas possibilidades cognoscitivas.

Só combateremos a exclusão escolar, na medida em que as escolas se tornarem aptas para incluir, incondicionalmente, todos os seus alunos, em um único sistema de ensino.

Muitos sistemas têm se tornado inclusivos, por buscarem o aprimoramento constante da formação de seus professores e o sucesso na aprendizagem de seus alunos. Essa busca exige esforços contínuos, como veremos adiante. A luta pela inclusão de todos os alunos nas salas de aulas regulares está disseminada nos países, nas redes de ensino público, nas escolas particulares. Nossa experiência se circunscreve em sistemas municipais de ensino e é o trabalho em suas escolas, com seus alunos, pais e professores que iremos mesclar com as considerações que faremos, no desenrolar deste texto.

Valores, princípios e atitudes

A identificação de escolas que caminham no sentido de eliminar os obstáculos ao acesso de todos à educação é possível e observável, desde que não se busque em suas características um modelo pré-definido e fechado que possa ser adotado universalmente.

Existem, contudo, tendências e princípios básicos dessas escolas que estão na base de todos os processos pelos quais elas caminham para alcançar seus objetivos.

Podemos identificar entre esses princípios e tendências aspectos que dizem respeito à organização escolar, aos programas de ensino, processos de ensino e aprendizagem, serviços de suporte, formação inicial e continuada de professores, mudança de atitudes, valores, desenvolvimento de comunidade.

Uma característica marcante dessas escolas é o esforço que despendem no sentido de mudar atitudes com relação às diferenças entre os alunos. Essas atitudes se circunscrevem ao âmbito escolar e fora dele, estendendo-se às famílias e à comunidade.

Os obstáculos a serem vencidos nesse sentido são de natureza subjetiva e, ao nosso ver, os mais fortes, pois dizem respeito a questões que estão arraigadas à nossa formação e experiências pessoais em uma sociedade que não está habituada a reconhecer e a valorizar as diferenças.

A igualdade entre as pessoas é o valor fundamental, quando tratamos de escolas para todos. Podemos encará-lo de vários ângulos, mas em todos eles o sentido da igualdade não se esgota no indivíduo, expandindo as considerações para aspectos de natureza política, social, econômica,

A igualdade não se contradiz com o respeito às diferenças entre as pessoas, mas as reforça, na medida em que esse valor se desdobra em três princípios particulares. Esses autores referem-se inicialmente ao respeito pelas pessoas, no sentido de que "cada ser humano tem direito à dignidade, independentemente de suas capacidades ou de suas realizações"...(p."13). Apontam também o direito à satisfação das necessidades básicas e o princípio da igualdade de oportunidades e estabelecem uma distinção entre oportunidade igual e justa para todos e oportunidade igual e igualitária para todos. A primeira formulação prescreve que os avanços sociais ..."devem se basear unicamente no talento do indivíduo: assim, nenhuma pessoa está em desvantagem em razão de seu sexo, de sua raça, de sua religião, de seus antecedentes sociais ou de toda outra consideração"(p.13). A segunda supõe que ..."cada pessoa deve ter uma oportunidade real de desenvolver suas capacidades específicas de modo satisfatório e "uma medida substancial de realização pessoal deve ser disponível para cada indivíduo, independentemente de suas habilidades (idem, p.14). Doré (1996) destaca que este princípio

é invocado nos meios escolares, quando a discussão recai sobre a escolha de uma sala de aula regular ou especial para responder às necessidades particulares dos alunos. Acrescenta aos princípios citados a "discriminação positiva", que garante aos alunos e às pessoas em geral os recursos humanos e materiais de que necessitam para o seu desenvolvimento e adaptação social. No meio escolar este princípio não desaparece com a inclusão, mas deve estar disponível a todos os alunos que estiverem vivendo situações de desvantagem, frente aos demais, no desempenho de suas atividades.

Quando se trata de propiciar oportunidades iguais e justas para todos, temos muito ainda a fazer nas nossas escolas, para corresponder ao princípio pelo qual os seres humanos têm direito à dignidade, sejam quais forem as suas capacidades ou realizações.

Barreiras atitudinais são predisposições que levam as pessoas a responderem a situações ou a outras pessoas de modo desfavorável, tendo em vista um dado valor. No caso da igualdade entre as pessoas, as barreiras se materializam na recusa das pessoas em reconhecer e defender esse valor, através de comportamentos, reações, emoções e palavras. A existência dessas barreiras comprova a cultura marcadamente discriminatória, elitista e segregacionista de nossas escolas, influenciando todos os procedimentos e o discurso de seus membros, chegando mesmo a atingir os alunos e seus pais. Em uma palavra, a igualdade entre as pessoas é um valor esquecido nos padrões e concepções da escola tradicional.

Muitos diretores escolares, professores e pais ainda relutam em aceitar que o perfil dos alunos mudou, que as crianças e jovens de hoje não são mais os mesmos que tinham acesso às escolas anteriormente, reclamando da origem social destes e alegando a influência da origem no sucesso e no fracasso escolar. O preconceito é constatado, quando se trata de alunos que têm dificuldades para aprender por serem ou por estarem deficientes, do ponto de vista intelectual, social, afetivo, emocional, físico, cultural e outros. Existe também quando se trata de alunos de raça negra, de famílias de religiões populares, os chamados "crentes", de filhos de famílias desestruturadas, de mães solteiras e pais omissos, drogados, marginais.

Nossa experiência em escolas particulares demonstrou que é difícil trabalhar com as atitudes de professores, pais, coordenadores, diretores e/ou proprietários e até mesmo com alguns alunos para fazê-los perceber o quanto ainda estão marcados por ideias e sentimentos que lhes impedem de admitir que um aluno possa ser diferente daquele que acreditam ser os representativos de uma determinada classe social, de um dado grupo de pessoas que é bem-dotada social, cultural e intelectualmente. Os próprios pais de crianças com deficiência são os primeiros a admitir o preconceito e a discriminação, pois não matriculam nas mesmas escolas os seus outros filhos! Eles entendem que as escolas que acolhem a todas as crianças só o fazem porque estão menos comprometidas com a qualidade do ensino e a aprendizagem dos alunos e que os alunos sem deficiência serão prejudicados pela presença de colegas com déficits de compreensão e de desempenho, que comprometem a expectativa escolar, rebaixando-a para todos.

Para inúmeros outros autores que estão envolvidos em projetos de inclusão, na concepção de uma educação de qualidade para todos, (Forest, 1984, 1985, 1987; Richler, 1993; Stainback e Stainback,1990; Forest e Pearpoint, 1992; Kunc, 1992), o desenvolvimento do espírito comunitário é uma condição para que o valor e os princípios da igualdade se efetivem. De certo que o alto nível do espírito de coletividade, cultivado por sociedades diferenciadas, é a base do igualitarismo. Pertencer à comunidade é uma necessidade fundamental de toda pessoa, e um direito que deve ser garantido a todos.

Nos dois últimos séculos, a educação formal se caracterizou por ter excluído os alunos com deficiência, mais do que por tê-los incluído nas escolas. No começo do século vinte estendeu-se a educação pública para todas as crianças e foi nessa mesma época que, em paralelo, se criaram as estruturas da educação especial. O crescimento desse sistema segregado de educação refletiu a centralização, as especializações de funções, a hierarquia administrativa do modelo organizacional das corporações industriais. Esse momento influiu no incremento do ensino especial, como um sistema à parte. Mais e mais pessoas foram matriculadas nas escolas e classes especiais e "incluídas pela deficiência" (Bunch,1994). A educação especial, infelizmente, não cumpriu com a promessa que muitos tinham depositado nela. A sociedade jamais poderia pensar que as classes especiais falhariam em seus propósitos de superar as classes regulares no atendimento escolar aos deficientes, a despeito da especialização dos professores e do número reduzido de alunos (MacMillan and Hendrick, 1993).

Em toda parte, a maioria das crianças que entram nessas classes especiais nunca mais as deixam. A porta de saída é bem mais estreita do que a da entrada e forma-se o conhecido "buraco da agulha" dos sistemas de ensino especial.

A partir de 1990, o movimento em favor da Educação para Todos, defendido na conferência organizada pelas Nações Unidas em Jomtien, na Tailândia, começou a ser discutido e a influir na transformação das escolas e das comunidades mais sensíveis a esta inovação. Em 1993 foram adotadas as Normas Uniformes para as Pessoas com Incapacidade. Elas foram promulgadas pela Assembleia Geral das Nações Unidas e nos seus princípios fundamentais estabelecem que o termo "igualdade de oportunidades" alude ao processo mediante o qual os diversos sistemas da sociedade, o entorno físico, os serviços, as atividades, a informação e a documentação sejam colocadas à disposição de todos, especialmente das pessoas com incapacidades. O mesmo documento especifica que as pessoas com deficiência deveriam receber o apoio necessário nas estruturas comuns de educação, saúde, emprego e serviços. A educação foi considerada uma área crítica e estava vinculada ao princípio de inclusão. Aos países caberia o reconhecimento do princípio de igualdade de oportunidades de educação nos níveis fundamental, médio e superior para as crianças, jovens e adultos com deficiência e deveriam cuidar para que constituíssem uma parte integrante do sistema de ensino.

Foi a partir do final dos anos 80 que o movimento em favor da inclusão de alunos com deficiência nas salas de aulas regulares começou a se expandir em todo o mundo. Em 1994 em Salamanca, na Espanha, foi assinada a Declaração que convocou todos os governos a adotar com urgência, como questão legal ou de política, o princípio da educação inclusiva. No seu item 2, o referido documento da Unesco afirma que "as escolas regulares com orientação inclusiva são o meio mais efetivo para combater as atitudes discriminatórias, criar comunidades abertas, construir uma sociedade integrada e se obter uma educação para todos".

Outras manifestações ocorreram a partir da Declaração de Salamanca; em 1995, em Copenhague, no Encontro Mundial sobre o Desenvolvimento Humano, o compromisso 6 do documento final dessa reunião reafirmou a necessidade de serem asseguradas oportunidades educacionais igualitárias em todos os níveis de educandos, em ambientes integrados. Nesse mesmo ano o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (UNDP) edita um guia sobre a participação de pessoas com deficiência no desenvolvimento humano sustentável no qual assegura que "as pessoas com deficiência não devem ser excluídas(...). São necessários mudanças e esforços consideráveis para que sejam integradas e com sucesso nos programas regulares...".

Como se pode perceber, o movimento em favor de uma escola aberta à diversidade partiu da exclusão das pessoas com deficiência da sociedade, das escolas, da vida laboral, dos serviços comunitários. Todos são unânimes em destacar a importância da educação no processo global que conduz à participação plena das pessoas com deficiência. No Brasil, essas ideias apontaram a partir do documento de Salamanca e desde então muita polêmica e discussão têm sido criadas em torno do assunto, especialmente entre os dirigentes de instituições para deficientes, pais, profissionais da educação especial e áreas médica e paramédica está fervilhando e bem pouco assimilado pela comunidade escolar e pela sociedade em geral. O ensino especial lidera a discussão da inclusão nas escolas, o que tem contribuído decisivamente para restringir e esvaziar o seu sentido lato da educação inclusiva de não excluir ninguém das escolas, não apenas os deficientes e de lutar por aperfeiçoar o sistema educativo, de modo que possa oferecer educação de qualidade para todas as crianças, como já nos referimos anteriormente.

A liderança do ensino especial nessa discussão está, ao nosso ver, prejudicando significativamente o movimento em favor das escolas abertas à diversidade e ainda é resistente à inclusão, quando se trata de casos mais graves, ou seja, de alunos com maiores prejuízos sendo atendidos seja nas classes especiais como nas de ensino regular. O esclarecimento público a esse respeito está sendo enviesado por outros interesses, inclusive os de caráter corporativista, envolvendo classes de profissionais, que se sentem ameaçados pelas possíveis interferências do movimento no trabalho que estão presentemente desenvolvendo nas suas especialidades. O debate comunitário do tema prima por desviar a atenção dos interessados, inclusive a mídia, para questões que não são centrais ao debate da inclusão escolar - as escolas de qualidade para todos. Em outras palavras, o debate se concentra prioritariamente na deficiência nas escolas., quando deveria se centrar na eficiência das escolas, para corresponder às necessidades e interesses e peculiaridades de todos os seus alunos. São bem poucas as vozes que se manifestam, atualmente, no sentido de desviar o rumo das discussões e de relacionar o movimento inclusivo com as reformas do ensino regular e com isso a ideia da inclusão escolar vai se deformando e tomando rumos fora de sua rota principal. Sejam quais forem as intenções dos representantes da educação especial, na área da pesquisa, da administração e operacionalização de serviços educacionais e terapêuticos neste momento, o certo é que a reação dos que estão lutando pela inclusão de todos nas escolas regulares terá de se intensificar.

As comunidades escolares e a sociedade como um todo devem ser esclarecidas, pelo rebate das ideias equivocadas que estão sendo veiculadas, sem o que a questão será diluída no pessimismo, nas incertezas, na descrença de um grupo que, certamente, não se afina com os objetivos dessa inovação, não importam os seus motivos.

Não queremos negar que a inclusão na educação foi deflagrada pelos diretamente interessados na promoção e garantia dos direitos à participação plena e igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência, mas não somente essas pessoas têm seus direitos negados ou esquecidos, dentro ou fora das escolas.

A inclusão escolar de pessoas com deficiência é compreendida como parte de um contexto mais amplo de reivindicações sociais, que englobam a exclusão de todos as minorias. Nas escolas, a educação para todos constitui esse contexto, que uma vez apto a oferecer um ensino de qualidade para todos os seus alunos englobará também os deficientes. A maneira pela qual devemos avaliar as necessidades e buscar respostas educativas para solucionar problemas de desempenho escolar dos alunos e de aperfeiçoamento da formação dos profissionais de educação é mais do que uma revisão dos limites que separam as modalidades regular e especial de ensino escolar. Envolve novos valores e atitudes pessoais e profissionais, que se chocam com a cultura tradicional das escolas, inclusive com a nossa maneira de conceber as pessoas excluídas. Quando um sistema de ensino regular não está em condições de atender às necessidades de todos os seus alunos não pode se propor, ingenuamente, a incluir os excluídos, pois estes são exatamente os alunos que ela não dá ou não deu conta de educar !

A inclusão na educação é um desafio que não atinge somente as escolas, porque a escola é parte da comunidade e tem sua vida afetada pelos avanços e limites de ordem física, intelectual, cultural, social do meio em que se insere. A garantia do direito da educação em escolas que não excluem as pessoas sob nenhum pretexto é um sinal de desenvolvimento comunitário e de elevação de seus valores e atitudes, princípios e ideais.

Disponível em:
http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/ep403/txt2.htm

Referência

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Abrindo as escolas às diferenças, capítulo 5, in: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.) Pensando e Fazendo Educação de Qualidade. São Paulo: Moderna, 2001.

MORAN, JOSÉ MANUEL. OS NOVOS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DO PROFESSOR COM AS TECNOLOGIAS. IN: REVISTA DIÁLOGO EDUCACIONAL, CURITIBA, V.4, N.12.P.13-21, MAIO/AGO.2004.

A ampliação dos espaços de ensino-aprendizagem

Colocamos tecnologias na universidade e nas escolas, mas, em geral, para continuar fazendo o de sempre – o professor falando e o aluno ouvindo – com um verniz de modernidade. As tecnologias são utilizadas mais para ilustrar o conteúdo do professor do que para criar novos desafios didáticos.

Uma das reclamações generalizadas de escolas e universidades é de que os alunos não aguentam mais nossa forma de dar aula. Os alunos reclamam do tédio de ficar ouvindo um professor falando na frente por horas, da rigidez dos horários, da distância entre o conteúdo das aulas e a vida.

Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados. Abrem-se novos campos na educação on-line, pela Internet, principalmente na educação a distância. Mas também na educação presencial a chegada da Internet está trazendo novos desafios para a sala de aula, tanto tecnológicos como pedagógicos. As tecnologias sozinhas não mudam a escola, mas trazem mil possibilidades de apoio ao professor e de interação com e entre os alunos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2003).

O professor, em qualquer curso presencial, precisa hoje aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora. O primeiro espaço é o de uma nova sala de aula equipada e com atividades diferentes, que se integra com a ida ao laboratório para desenvolver atividades de pesquisa e de domínio técnico-pedagógico. Estas atividades se ampliam e complementam a distância, nos ambientes virtuais de aprendizagem e se complementam com espaços e tempos de experimentação, de conhecimento da realidade, de inserção em ambientes profissionais e informais.

Antes o professor só se preocupava com o aluno em sala de aula.

Agora, continua com o aluno no laboratório (organizando a pesquisa), na Internet (atividades a distância) e no acompanhamento das práticas, dos projetos, das experiências que ligam o aluno à realidade, à sua profissão (ponto entre a teoria e a prática).

Antes o professor se restringia ao espaço da sala de aula. Agora precisa aprender a gerenciar também atividades a distância, visitas técnicas, orientação de projetos e tudo isso fazendo parte da carga horária da sua disciplina, estando visível na grade curricular, flexibilizando o tempo de estada em aula e incrementando outros espaços e tempos de aprendizagem.

Educar com qualidade implica em ter acesso e competência para organizar e gerenciar as atividades didáticas em, pelo menos, quatro espaços:

Uma nova sala de aula

A sala de aula será, cada vez mais, um ponto de partida e de chegada, um espaço importante, mas que se combina com outros espaços para ampliar as possibilidades de atividades de aprendizagem.

O que deve ter uma sala de aula para uma educação de qualidade?

Precisa fundamentalmente de professores bem preparados, motivados e bem remunerados e com formação pedagógica atualizada. Isso é incontestável.

Precisa também de salas confortáveis, com boa acústica e tecnologias, das simples até as sofisticadas. Uma sala de aula hoje precisa ter acesso fácil ao vídeo, DVD e, no mínimo, um ponto de Internet, para acesso a sites em tempo real pelo professor ou pelos alunos, quando necessário.

Um computador em sala com projetor multimídia são recursos necessários, embora ainda caros, para oferecer condições dignas de pesquisa e apresentação de trabalhos a professores e alunos. São poucos os cursos até agora bem equipados, mas, se queremos educação de qualidade, uma boa infra-estrutura torna-se cada vez mais necessária.

Um projetor multimídia com acesso à Internet permite que o professores e alunos mostrem simulações virtuais, vídeos, jogos, materiais em CD, DVD, páginas WEB ao vivo. Serve como apoio ao professor, mas também para a visualização de trabalhos dos alunos, de pesquisas, de atividades realizadas no ambiente virtual de aprendizagem (um fórum previamente realizado, por exemplo). Podem ser mostrados jornais on-line, com notícias relacionadas com o assunto que está sendo tratado em classe. Os alunos podem contribuir com suas próprias pesquisas on-line. Há um campo de possibilidades didáticas até agora pouco desenvolvidas, mesmo nas salas que detêm esses equipamentos (SILVA, 2000).

Essa infra-estrutura deve estar a serviço de mudanças na postura do professor, passando de ser uma "babá", de dar tudo pronto, mastigado, para ajudá-lo, de um lado, na

organização do caos informativo, na gestão das contradições dos valores e visões de mundo, enquanto, do outro lado, o professor provoca o aluno, o "desorganiza", o desinstala, o estimula a mudanças, a não permanecer acomodado na primeira síntese.

Do ponto de vista metodológico, o professor precisa aprender a equilibrar processos de organização e de "provocação" na sala de aula. Uma das dimensões fundamentais do educar é ajudar a encontrar uma lógica dentro do caos de informações que temos, organizar numa síntese coerente (mesmo que momentânea) das informações dentro de uma área de conhecimento. Compreender é organizar, sistematizar, comparar, avaliar, contextualizar. Uma segunda dimensão pedagógica procura questionar essa compreensão, criar uma tensão para superá-la, para modificá-la, para avançar para novas sínteses, novos momentos e formas de compreensão. Para isso o professor precisa questionar, tensionar, provocar o nível da compreensão existente.

Predomina a organização no planejamento didático quando o professor trabalha com esquemas, aulas expositivas, apostilas, avaliação tradicional. O professor que dá tudo mastigado para o aluno, de um lado facilita a compreensão; mas, por outro, transfere para o aluno, como um pacote pronto, o nível de conhecimento de mundo que ele tem.

Predomina a "desorganização" no planejamento didático quando o professor trabalha em cima de experiências, projetos, novos olhares de terceiros: artistas, escritores...

Em qualquer área de conhecimento podemos transitar entre a organização da aprendizagem e a busca de novos desafios, sínteses. Há atividades que facilitam a organização e outras a superação. O relato de experiências diferentes das do grupo, uma entrevista polêmica pode desencadear novas questões, expectativas, desejos. Mas também há relatos de experiências ou entrevistas que servem para confirmar nossas ideias, nossas sínteses, para reforçar o que já conhecemos.

Por exemplo, na utilização do vídeo n a escola, vejo dois momentos ou focos que podem alternar-se e combinar-se equilibradamente:

1) Quando o vídeo provoca, sacode, provoca inquietação e serve como abertura para um tema, como uma sacudida para a nossa inércia. Ele age como tensionador, na busca de novos posicionamentos, olhares, sentimentos, ideias e valores. O contato de professores e alunos com bons filmes, poesias, contos, romances, histórias, pinturas alimenta o questionamento de pontos de vista formados, abre novas perspectivas de interpretação, de olhar, de perceber, sentir e de avaliar com mais profundidade.

2) Quando o vídeo serve para confirmar uma teoria, uma síntese, um olhar específico com o qual já estamos trabalhando. É o vídeo que ilustra, amplia, exemplifica.

O vídeo e as outras tecnologias tanto podem ser utilizados para organizar como para desorganizar o conhecimento. Depende de como e quando os utilizamos.

Educar um processo dialético, quando bem realizado, mas que, em muitas situações concretas, vê-se diluído pelo peso da organização, da massificação, da burocratização, da "rotinização", que freia o impulso questionador, superador, inovador.

O espaço do laboratório conectado

Um dia todas as salas de aula estarão conectadas às redes de comunicação instantânea. Como isso ainda está distante, é importante que cada professor programe em uma de suas primeiras aulas uma visita com os alunos ao "laboratório de informática", a uma sala de aula com micros suficientes conectados à Internet. Nessa aula (uma ou duas), o professor pode orientá-los a fazer pesquisa na Internet, a encontrar os materiais mais significativos para a área de conhecimento que ele vai trabalhar com os alunos; a que aprendam a distinguir informações relevantes de informações sem referência. Ensinar a pesquisar na WEB ajuda muito aos alunos na realização de atividades virtuais, depois a sentir-se seguros na pesquisa individual e grupal.

Uma outra atividade importante nesse momento é a capacitação para o uso das tecnologias necessárias para acompanhar o curso em seus momentos virtuais: conhecer a plataforma virtual, as ferramentas, como se coloca material, como se enviam atividades, como se participa num fórum, num chat, tirar dúvidas técnicas. Esse contato com o laboratório é fundamental porque há alunos pouco familiarizados com essas novas tecnologias e para que todos tenham uma informação comum sobre as ferramentas, sobre como pesquisar e sobre os materiais virtuais do curso.

Tudo isto pressupõe que os professores foram capacitados antes para fazer esse trabalho didático com os alunos no laboratório e nos ambientes virtuais de aprendizagem (o que muitas vezes não acontece).

Quando temos um curso parcialmente presencial, podemos organizar os encontros ao vivo como pontuadores de momentos marcantes. Primeiro, encontramo-nos fisicamente para facilitar o conhecimento mútuo de professores e alunos. Ao vivo é muito mais fácil que a distância e confiamos mais rapidamente ao estar ao lado da pessoa como um todo, ao vê-la, ouvi-la, senti-la. Depois, é mais fácil explicar e organizar o processo de aprendizagem, esclarecer, tirar dúvidas, organizar grupos, discutir propostas. É muito mais fácil também aprender a utilizar os ambientes tecnológicos da educação on-line. Podemos ir a um laboratório e nivelar os alunos, os que sabem se sentam junto com os que sabem menos e todos aprendem juntos. No presencial também é mais fácil motivar os alunos, atender às demandas específicas, fazer os ajustes necessários no programa.

O foco do curso deve ser o desenvolvimento de pesquisa, fazer do aluno um parceiro-pesquisador. Pesquisar de todas as formas, utilizando todas as mídias, todas as fontes, todas as formas de interação. Pesquisar às vezes todos juntos, outras em pequenos grupos, outras individualmente. Pesquisar às vezes na escola; outras, em outros espaços e tempos. Combinar pesquisa presencial e virtual. Comunicar os resultados da pesquisa para todos e para o professor. Relacionar os resultados, compará-los, contextualizá-los, aprofundá-los, sintetizá-los.

Mais tarde, depois de uma primeira etapa de aprendizagem on-line, a volta ao presencial adquire uma outra dimensão. É um reencontro tanto intelectual como afetivo. Já nos conhecemos, mas fortalecemos esses vínculos; trocamos experiências, vivências, pesquisas. Aprendemos

juntos, tiramos dúvidas coletivas, avaliamos o processo virtual. Fazemos novos ajustes. Explicamos o que acontecerá na próxima etapa e motivamos os alunos para que continuem pesquisando, se encontrando virtualmente, contribuindo.

Os próximos encontros presenciais já trazem maiores contribuições dos alunos, dos resultados de pesquisas, de projetos, de solução de problemas, entre outras formas de avaliação.

A utilização de ambientes virtuais de aprendizagem

Os alunos já se conhecem, já tem as informações básicas de como pesquisar e de como utilizar os ambientes virtuais de aprendizagem. Agora já podem iniciar a parte a distância do curso, combinando momentos em sala de aula com atividades de pesquisa, comunicação e produção a distância, individuais, em pequenos grupos e todos juntos.

O professor precisa hoje adquirir a competência da gestão dos tempos a distância combinado com o presencial. Gerenciar o que vale a pena fazer pela Internet, que ajuda a melhorar a aprendizagem, que mantém a motivação, que traz novas experiências para a classe, que enriquece o repertório do grupo.

Os ambientes virtuais aqui complementam o que fazemos em sala de aula. O professor e os alunos são "liberados" de algumas aulas presenciais e precisam aprender a gerenciar classes virtuais, a organizar atividades que se encaixem em cada momento do processo e que dialoguem e complementem o que estamos fazendo na sala de aula e no laboratório. Começamos algumas atividades na sala de aula: informações básicas de um tema, organização de grupos, explicitar os objetivos da pesquisa, tirar as dúvidas iniciais. Depois vamos para a Internet e orientamos e acompanhamos as pesquisas que os alunos realizam individualmente ou em pequenos grupos. Pedimos que os alunos coloquem os resultados em uma página, em um portfólio ou que nos as enviem virtualmente, dependendo da orientação dada. Colocamos um tema relevante para discussão no fórum ou numa lista e procuramos acompanhá-la sem sermos centralizadores nem omissos. Os alunos se posicionam primeiro e, depois, fazemos alguns comentários mais gerais, incentivamos, reorientamos algum tema que pareça prioritário, fazemos sínteses provisórias do andamento das discussões ou pedimos que alguns alunos o façam.

Podemos convidar um colega professor, um pesquisador ou um especialista para um debate com os alunos num chat, realizando uma entrevista a distância, atuando como mediadores. Os alunos gostam de participar deste tipo de atividade.

Nós mesmos, professores, podemos marcar alguns tempos de atendimento semanais, se o acharmos conveniente, para tirar dúvidas on-line, para atender grupos, acompanhar o que está sendo feito pelos alunos. Sempre que possível incentivaremos os alunos para que criem seu portfólio, seu espaço virtual de aprendizagem próprio e que disponibilizem o acesso aos colegas, como forma de aprender colaborativamente.

Dependendo do número de horas virtuais, a integração com o presencial é mais fácil. Um tópico discutido no fórum pode ser aprofundado na volta à sala de aula, tornando mais claros os pontos de divergência que havia no virtual. O aprofundamento do planejamento e desenvolvimento de atividades virtuais pode ser encontrado no livro Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço (PALLOF; PRATT, 2002).

Creio que há três campos importantes para as atividades virtuais: o da pesquisa, o da comunicação e o da produção. Pesquisa individual de temas, experiências, projetos, textos. Comunicação, realizando debates off e on-line sobre esses temas e experiências pesquisados. Produção, divulgando os resultados no formato multimídia, hipertextual, "linkada" e publicando os resultados para os colegas e, eventualmente, para a comunidade externa ao curso.

A Internet favorece a construção colaborativa, o trabalho conjunto entre professores e alunos, próximos física ou virtualmente. Podemos participar de uma pesquisa em tempo real, de um projeto entre vários grupos, de uma investigação sobre um problema de atualidade. O importante é combinar o qu e podem os fazer melhor em sala de aula: conhecer-nos, motivar-nos, reencontrar-nos, com o qu e podem os fazer a distância pela lista, fórum, chat ou blog – pesquisar, comunicar-nos e divulgar as produções dos professores e dos alunos. (SILVA, 2003; AZEVEDO, 2000).

É fundamental hoje pensar o currículo de cada curso como um todo e planejar o tempo de presença física em sala de aula e o tempo de aprendizagem virtual. A maior parte das disciplinas pode utilizar parcialmente atividades a distância. Algumas que exigem menos laboratório ou menos presença física podem ter uma carga maior de atividades e tempo virtuais. A flexibilização de gestão de tempo, espaços e atividades é necessária, principalmente no ensino superior ainda tão engessado, burocratizado e confinado à monotonia da fala do professor num único espaço que é o da sala de aula.

Inserção em ambientes experimentais e profissionais (prática/ teoria/prática)

Os cursos de formação, os de longa duração, como os de graduação, precisam ampliar o conceito de integração de reflexão e ação, teoria e prática, sem confinar essa integração somente ao estágio, no fim do curso. Todo o currículo pode ser pensando em inserir os alunos em ambientes próximos da realidade que ele estuda, para que possam sentir na prática o que aprendem na teoria e trazer experiências, cases, projetos do cotidiano para a sala de aula. Em algumas áreas, como administração ou engenharia, parece mais fácil e evidente essa relação, mas é importante que aconteça em todos os cursos e em todas as etapas do processo de aprendizagem, levando em consideração as peculiaridades de cada um.

Se os alunos fazem pontes entre o que aprendem intelectualmente e as situações reais, experimentais, profissionais ligadas aos seus estudos, a aprendizagem será mais significativa, viva, enriquecedora. As universidades e

os professores precisam organizar nos seus currículos e cursos atividades integradoras da prática com a teoria, do compreender com o vivenciar, o fazer e o refletir, de forma sistemática, presencial e virtualmente, em todas as áreas e ao longo de todo o curso.

Considerações finais

A Internet e as novas tecnologias estão trazendo novos desafios pedagógicos para as universidades e escolas. Os professores, em qualquer curso presencial, precisam aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora. O primeiro espaço é o de uma nova sala de aula equipada e com atividades diferentes, que se integra com a ida ao laboratório conectado em rede para desenvolver atividades de pesquisa e de domínio técnicopedagógico. Estas atividades se ampliam a distância, nos ambientes virtuais de aprendizagem conectados à Internet e se complementam com espaços e tempos de experimentação, de conhecimento da realidade, de inserção em ambientes profissionais e informais.

É fundamental hoje planejar e flexibilizar, no currículo de cada curso, o tempo e as atividades de presença física em sala de aula e o tempo e as atividades de aprendizagem conectadas, a distância. Só assim avançaremos de verdade e poderemos falar de qualidade na educação e de uma nova didática.

Fonte

MORAN, Jose. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.4, n.12.p.13-21, maio/ago.2004.

Questões

01. (UFAL – Pedagogo – COPEVE/2016) A tecnologia da Informação e da Comunicação se constitui em um conjunto de recursos que, integrados, proporcionam a comunicação dos processos de aprendizagem, ampliando as possibilidades de uma sociedade, bem como expandindo sua utilização. Dessa forma, a utilização das tecnologias pressupõe, exceto:

(A) a organização do trabalho e aprendizagem colaborativos.

(B) oportunidade para a aprendizagem para o estudo individualizado.

(C) compartilhamento entre instituições que se completam independentemente da localização.

(D) oferecimento de múltiplas perspectivas às pessoas embora dificulte o processo de assimilação.

02. (MPE/RO - Analista Judiciário – Pedagogia – FUNCAB/2017) As Novas Tecnologias em Educação, tais como o uso da informática, a utilização da internet, da multimídia e de outros recursos ligados às linguagens digitais de que atualmente se dispõe, estão cada vez mais presentes nas escolas para qualificar o processo educativo. Sobre elas, é correto afirmar:

(A) Em nada ou muito pouco vêm colaborar para tornar o processo ensino-aprendizagem mais prazeroso, eficiente e de qualidade.

(B) A integração das novas tecnologias à educação deverá ocorrer de forma aleatória, sem o estabelecimento de objetivos específicos ou projetos próprios, pois o que importa é oferecer aos alunos o acesso ao computador.

(C) São usadas para substituir as técnicas e metodologias convencionais, como, por exemplo, o livro, o quadro de giz e o mimeógrafo.

(D) A obtenção de resultados qualitativos no processo educacional escolar com o uso dessas tecnologias depende da forma como elas são introduzidas e utilizadas nesse processo.

03. (MPE/RO - Analista Judiciário – Pedagogia – FUNCAB/2018) Uma aprendizagem que aproxima o sujeito do objeto a conhecer a partir de experiências, interesses e conhecimentos prévios, denomina-se uma aprendizagem

(A) interativa.

(B) interpretativa.

(C) significativa.

(D) ativa.

Respostas

01. Resposta: D

As Tecnologias da Informação e da Comunicação têm vindo a provocar uma enorme mudança na Educação, originando novos modos de difusão do conhecimento, de aprendizagem, e, particularmente, novas relações entre professores e alunos.

As pesadas enciclopédias foram substituídas pelas enciclopédias digitais, pela consulta de portais acadêmicos e outros locais diversificados. Passamos a utilizar sistemas eletrônicos e apresentações coloridas para tornar as aulas mais atrativas e, frequentemente, deixamos de lado o tradicional quadro negro e o giz e passamos diretamente para as superfícies e projeções interativas. A revolução originada pela Internet possibilita que a informação produzida e disponibilizada em qualquer lugar esteja rapidamente disponível em todo o Mundo, originando uma mudança nas práticas de comunicação e, consequentemente, educacionais, em vários aspectos tais como na leitura, na forma de escrever, na pesquisa e até como instrumento complementar na sala de aula ou como estratégia de divulgar a informação, permitindo tanto o ensino individualizado como o trabalho cooperativo e em grupo entre alunos.

02. Resposta: D

Em um mundo tecnológico, integrar novas tecnologias à sala de aula ainda é pouco frequente e um desafio para docentes. Em muitos casos, a formação não considera essas tecnologias, e se restringe ao teórico, ou seja, o professor precisa buscar esse conhecimento em outros espaços. Isso nem sempre funciona, pois frequentar cursos de poucas

horas nem sempre garante ao professor segurança e domínio dessas tecnologias. Embora alguns ainda se sintam inseguros e despreparados, muitos educadores já perceberam o potencial dessas ferramentas e procuram levar novidades para a sala de aula, seja com uma atividade prática no computador, com videogame, tablets e até mesmo com o celular. O fato é que o uso dessas tecnologias pode aproximar alunos e professores, além de ser útil na exploração dos conteúdos de forma mais interativa. O aluno passa de mero receptor, que só observa e nem sempre compreende, para um sujeito mais ativo e participativo. O ideal seria testar as novas tecnologias e identificar quais se enquadram na realidade da escola e dos alunos. Uma das dificuldades é a falta de infraestrutura de algumas escolas e a falta de formação de qualidade para os professores quanto ao uso dessas novas tecnologias.

03. Resposta: C

Segundo Bessa (2008), o conceito de aprendizagem significativa consiste em um "[...] processo que envolve sucessivas ancoragens por meio da ligação do novo conhecimento ao conhecimento subsunçor.", "conhecimento subsunçor" significa "conhecimento anterior, prévio", ou seja, por meio desse termo é possível perceber que a questão acima trata de "aprendizagem significativa", conceito elaborado por David Ausubel, psicólogo cognitivista. Outra palavra-chave da questão é a palavra "interesse". Ausubel (apud Bessa, 2008) assevera que "[...] um conhecimento para ser compreendido por um aluno deve ser relacionável com outros conhecimentos [...]. Isso significa dizer que o conteúdo deve se relacionar com os interesses do aluno, ou seja, fazer sentido, para que o aluno continue estimulado para a aprendizagem.".

MOURA, DANIELA PEREIRA DE. PEDAGOGIA DE PROJETOS: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA.

PEDAGOGIA DE PROJETOS: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Daniela Pereira de Moura

A Educação de hoje precisa atender a uma clientela que exige e que também é exigida cada vez mais. Pois, o mundo está mudando e consequentemente, a educação deve inserir-se nessa mudança a fim de não perder sua finalidade. A Pedagogia de Projetos busca ressignificar a escola dentro da realidade contemporânea, transformando-a em um espaço significativo de aprendizagem para todos que dela fazem parte, sem perder de vista a realidade cultural dos envolvidos no processo. Diz respeito a uma mudança de postura, o que exige o repensar da prática pedagógica. Essa postura em se trabalhar com Projetos contribui de forma efetiva na formação integral do educando, criando condições de desenvolvimento cognitivo e social. Nessa postura, aprende-se participando, tomando decisões, discutindo problemas, trazendo uma nova perspectiva para entendermos o processo de ensino e aprendizagem e tornando-o mais democrático. Aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar simplesmente conteúdos prontos. No trabalho por Projetos o sujeito educando constrói seu processo de aquisição do conhecimento com a mediação do educador, assim, educandos e educadores têm a oportunidade de transformar a ação educativa, tornando-a prazerosa e mais significativa. Essa postura em se trabalhar com Projetos contribui de forma efetiva na formação integral do educando, criando condições de desenvolvimento cognitivo e social.

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo exige cada vez mais que o indivíduo seja um ser completo para atuar no mundo do trabalho e na sociedade. Este ser necessita, para isso, de conhecimento - visto aqui como as descobertas construídas ao longo da história humana - e de incorporar valores que irão permear suas atitudes de convivência saudável nas suas relações interpessoais.

Diante dessas aspirações, anseios e necessidades dos indivíduos e das exigências do mundo atual, a escola, enquanto instituição de educação tem um papel importante: promover uma educação que considere o educando em sua totalidade, vendo-o não só como aluno, mas como pessoa.

Assim, percebemos que os paradigmas que envolvem a educação precisam ser repensados e revistos de modo que atendam as expectativas da sociedade atual. Para isso, é necessária uma nova abordagem na prática educativa que contemplem a aquisição não só do conhecimento formalizado, mas também, de atitudes favoráveis como o respeito, a responsabilidade, a autonomia, a cooperação, enfim, valores éticos tão necessários no mundo de hoje.

Assim, o presente Artigo discorre sobre a importância do trabalho por projetos como um instrumento importante para uma construção significativa e compartilhada do conhecimento, contribuindo para uma educação transformadora, mostrando-se como um meio capaz de devolver à escola seu papel de espaço educativo e de transformação social.

Essa postura de se trabalhar por meio de projetos auxilia na formação integral dos indivíduos, já que cria diversas oportunidades de aprendizagem conceitual, atitudinal, procedimental para os mesmos.

A discussão deste tema tem o objetivo de contribuir para a reflexão de um novo olhar sobre o trabalho por projetos no ambiente escolar, onde a incorporação de novas atitudes e valores incentive a construção de uma mentalidade democrática entre educadores e educandos, bem como analisar as contribuições do trabalho por projetos para a formação integral do educando, objetiva ainda, compreender as novas reflexões e concepções exigidas na contemporaneidade no que se refere à educação/conhecimento/formação do aluno e também de identificar as vivências sociais dos alunos para que se possa valorizá-las e contextualizá-las na prática educativa.

A abordagem deste tema perpassa por uma extensa pesquisa bibliográfica apoiada por instrumentos bibliográficos diversos como livros, artigos de revistas especializadas no campo da educação, fitas em VHS, artigos encontrados em sites especializados em educação. O referencial teórico perpassa pelas teorias de Paulo Freire (1983), Fernando Hernandez (1998), Lúcia Helena Alvarez Leite e Verônica Mendez (2000), Antoni Zaballa (1998) e tantos outros relacionados na referência bibliográfica, que buscaram em seus estudos sobre o tema, mostrar sua importância e relevância para a contribuição de uma prática transformadora da educação, tão necessária nos tempos atuais.

Nesse trabalho buscaremos discutir sobre a relevância em se apoiar a ação educativa na prática do trabalho por Projetos, buscando uma formação globalizada que transforme o processo de construção do conhecimento, permitindo-o ser dinâmico, compartilhado, contextualizado, prazeroso e significativo para educandos e educadores.

PEDAGOGIA DE PROJETOS: PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO DOS NOVOS TEMPOS

Diante das transformações que vêm ocorrendo na sociedade moderna, a concepção de escola e sua função social precisa ser revista, repensada, pois a educação autoritária, compartimentada, com currículo fragmentado e distanciado das transformações sociais e das vidas dos alunos, onde o sujeito educando não tem autonomia e participação na construção de seus saberes, está perdendo seu significado. Esse modelo de escola vem sendo questionado o que leva a necessidade de mudança de paradigmas voltados para um ensino/aprendizagem que considerem os objetivos dos indivíduos frente a essa nova sociedade. Segundo ROSA (1994), *a educação brasileira precisa mudar. Ninguém discorda desta afirmação. Vivemos, e não é de hoje o que se costuma denominar de "crise do ensino". [...] não estamos diante de uma opção, mas de uma necessidade de mudança. Mudar é questão, agora, de sobrevivência!*

No mundo contemporâneo a escola tem lugar importante, mas é necessário que mudem o seu paradigma e se submetam a uma renovação permanente em termos de redefinição de sua missão e busca constante de sua identidade. Que sejam capazes de fazer a autocrítica de suas práticas e deixem de ser escolas congeladas numa postura autoritária e, por vezes até terrorista, de provas, reprovação, repetência e submissão. Modelo tirânico de destruição da autoestima, da curiosidade, da cooperação, do respeito mútuo, da responsabilidade, do compromisso, da autonomia, do bom caráter e da alegria de aprender.

Em meio a essa crise de identidade e função social da escola, começam a surgir novas reflexões e concepções de educação que devolvam à escola o seu papel de espaço educativo e de transformação social, visando recuperar os laços entre educação escolar significativa e a prática social, conciliando aprendizagem escolar com uma formação mais integral.

É nesse contexto e dentro dessa polêmica que a discussão sobre Pedagogia de Projetos, hoje, se coloca. Isso significa que é uma discussão sobre uma postura pedagógica e não sobre uma técnica de ensino mais atrativa para os alunos.

Hoje, muito se tem falado na formação de indivíduos capazes de atuarem na sociedade de maneira participativa, crítica, reflexiva, autônoma, solidária. Pois bem, o trabalho por projetos suscita nos educandos todas essas qualidades e muitas outras necessárias a formação integral que contribua não só para a vida escolar (preparação para a vida futura) como também para a vida social do educando (que acontece no momento presente). De acordo com o artigo 1º, parágrafo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN (1996), a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

"*A educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente - tão real e vital para o aluno como o que ele vive em casa, no bairro ou no pátio*" (DEWEY, 1897).

Com isso, Dewey quis dizer que além das preocupações em formar o aluno para ser capaz de ler, escrever, interpretar, realizar operações matemáticas, ter conhecimentos sobre as várias áreas do saber como a Física, Biologia, Química, por exemplo - preparando-o para se inserir na vida profissional - deve também se preocupar em formar os valores morais e éticos que são inerentes aos humanos, como a autonomia, a solidariedade, a coletividade, o respeito ao próximo, a autoestima positiva, para assim se tornarem indivíduos completos.

O trabalho por projetos contribui de forma significativa para a educação nesse mundo atual, indo de encontro com as exigências da sociedade moderna, pois o trabalho por projetos envolve um processo de construção, participação, cooperação, noções de valor humano, solidariedade, respeito mútuo, tolerância e formação da cidadania tão necessários à sociedade emergente.

Trabalhar com projetos possibilita:

- O resgate do educando para o processo de ensino-aprendizagem (conhecimento) através de um processo significativo;
- A recuperação da autoestima positiva do educando;
- Que o educando se reconheça como sujeito histórico;
- O desenvolvimento do raciocínio lógico, linguístico e a formação de conceitos;
- O desenvolvimento da capacidade de buscar e interpretar informações;
- A condução, pelo aluno, do seu próprio processo de aprendizagem;
- O desenvolvimento de atitudes favoráveis a uma vida cooperativa;
- A realização do ensino baseado na compreensão e na interdisciplinaridade .

A proposta do trabalho por Projetos deve estar fundamentada numa concepção do educando como sujeito de direitos, ser social e histórico, participante ativo no processo de construção de conhecimentos e deve assegurar:

- Princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum;
- Princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à democracia;
- Princípios estéticos e culturais da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade das manifestações artísticas e culturais;
- O respeito à identidade e particularidades pessoais;
- A integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais.

Com essas contribuições significativas do trabalho por Projetos o educando se insere de forma efetiva e prática na sociedade contemporânea. A educação e a prática educativa tornam-se fundamental para que o indivíduo alcance todas as condições necessárias para se tornar cidadão ativo. Com isso, a escola resgata e sustenta a sua finalidade que é formar cidadãos educados no real sentido que esta palavra implica.

CONCEITUANDO "PEDAGOGIA DE PROJETOS"

A origem da palavra projeto deriva do latim projectus, que significa algo lançado para frente é sair de onde se encontra em busca de novas soluções. O trabalho com projetos constitui uma das posturas metodológicas de ensino mais dinâmica e eficiente, sobretudo pela sua força motivadora e aprendizagens em situação real, de atividade globalizada e trabalho em cooperação.

O ato de projetar requer abertura para o desconhecido, para o não-determinado e flexibilidade para reformular as metas à medida que as ações projetadas evidenciam novos problemas e dúvidas.

A Pedagogia de Projetos é a construção de uma prática pedagógica centrada na formação global dos alunos.

Para que os processos de aprendizagem aconteçam nessa perspectiva, porém, é necessário que haja uma alteração profunda na forma de compreensão e organizar o conhecimento. Essa alteração supõe uma redefinição não apenas dos conteúdos escolares, mas também dos tempos, espaços e processos educativos, bem como do agrupamento de alunos, ou seja, daquilo que conhecemos por classe ou turma, e que se constituiu historicamente como a unidade organizativa do trabalho escolar.

Os Projetos de Trabalho traduzem, portanto, uma visão diferente do que seja conhecimento e currículo e representam uma outra maneira de organizar o trabalho na escola. Caracterizam-se pela forma de abordar um determinado tema ou conhecimento, permitindo uma aproximação da identidade e das experiências dos alunos, e um vínculo dos conteúdos escolares entre si e com os conhecimentos e saberes produzidos no contexto social e cultural, assim como com problemas que dele emergem. Dessa forma, eles ultrapassam os limites das áreas e conteúdos curriculares tradicionalmente trabalhados pela escola, uma vez que implicam o desenvolvimento de atividades práticas, de estratégias de pesquisa, de busca e uso de diferentes fontes de informação, de sua ordenação, análise, interpretação e representação. Implicam igualmente atividades individuais, de grupos/equipes e de turma(s), da escola, tendo em vista os diferentes conteúdos trabalhados (atitudinais, procedimentos, conceituais), as necessidades e interesses dos alunos.

Ao estudá-los, as crianças e os jovens realizam contato com o conhecimento não como algo pronto e acabado, mas como algo controverso. Um dos aspectos mais importantes, no trabalho como Projetos, é que ele permite que o aluno desenvolva uma atitude ativa e reflexiva diante de suas aprendizagens e do conhecimento, na medida em que percebe o sentido e o significado do conhecimento para a sua vida, para a sua compreensão do mundo.

PEDAGOGIA DE PROJETOS:
MÉTODO OU POSTURA PEDAGÓGICA?

Não podemos entender a prática por projetos como uma atividade meramente funcional, regular, metódica.

A Pedagogia de Projetos não é um método, pois a ideia de método é de trabalhar com objetivos e conteúdos pré-fixados, pré-determinados, apresentando uma sequência regular, prevista e segura, refere-se à aplicação de fórmulas ou de uma série de regras.

Trabalhar por meio de Projetos é exatamente o oposto, pois nele, o ensino-aprendizagem se realiza mediante um percurso que nunca é fixo, ordenado. O ato de projetar requer abertura para o desconhecido, para o não-determinado e flexibilidade para reformular as metas e os percursos à medida que as ações projetadas evidenciam novos problemas e dúvidas.

Fernando Hernández (1998) vem discutindo o tema e define os projetos de trabalho não como uma metodologia, mas como uma concepção de ensino, uma maneira diferente de suscitar a compreensão dos alunos sobre os conhecimentos que circulam fora da escola e de ajudá-los a construir sua própria identidade.

O trabalho por projetos requer mudanças na concepção de ensino e aprendizagem e, consequentemente, na postura do professor. Hernández (1988) enfatiza ainda que o trabalho por projeto não deve ser visto como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de repensar a função da escola. Leite (1996) apresenta os Projetos de Trabalho não como uma nova técnica, mas como uma pedagogia que traduz uma concepção do conhecimento escolar.

Em se tratando dos conteúdos, a pedagogia de projetos é vista pelo seu caráter de potencializar a interdisciplinaridade. Isto de fato pode ocorrer, pois o trabalho com projetos permite romper com as fronteiras disciplinares, favorecendo o estabelecimento de elos entre as diferentes áreas de conhecimento numa situação contextualizada da aprendizagem.

A Pedagogia de Projetos é um meio de trabalho pertinente ao processo de ensino-aprendizagem que se insere na Educação promovendo-a de maneira significativa e compartilhada, auxiliando na formação integral dos indivíduos permeado pelas diversas oportunidades de aprendizagem conceitual, atitudinal, procedimental para os mesmos. Os

projetos de trabalho não se inserem apenas numa proposta de renovação de atividades, tornando-as criativas, e sim numa mudança de postura que exige o repensar da prática pedagógica, quebrando paradigmas já estabelecidos.

Possibilita que os alunos, ao decidirem, opinarem, debaterem, construam sua autonomia e seu compromisso com o social, formando-se como sujeitos culturais e cidadãos.

Será necessário oportunizar situações em que os alunos participem cada vez mais intensamente na resolução das atividades e no processo de elaboração pessoal, em vez de se limitar a copiar e reproduzir automaticamente as instruções ou explicações dos professores. Por isso, hoje o aluno é convidado a buscar, descobrir, construir, criticar, comparar, dialogar, analisar, vivenciar o próprio processo de construção do conhecimento. (ZABALLA, 1998)

O fato de a pedagogia de projetos não ser um método para ser aplicado no contexto da escola dá ao professor uma liberdade de ação que habitualmente não acontece no seu cotidiano escolar. O compromisso educacional do professor é justamente saber O QUÊ, COMO, QUANDO e POR QUE desenvolver determinadas ações pedagógicas. E para isto é fundamental conhecer o processo de aprendizagem do aluno e ter clareza da sua intencionalidade pedagógica.

Mais do que uma técnica atraente para transmissão dos conteúdos, como muitos pensam, a proposta da Pedagogia de Projetos é promover uma mudança na maneira de pensar e repensar a escola e o currículo na prática pedagógica. Com a reinterpretação atual da metodologia, esse movimento tem fornecido subsídios para uma pedagogia dinâmica, centrada na criatividade e na atividade discentes, numa perspectiva de construção do conhecimento pelos alunos, mais do que na transmissão dos conhecimentos pelo professor.

ANALOGIA ENTRE CONSTRUTIVISMO E PEDAGOGIA DE PROJETOS

O Construtivismo e a Pedagogia de Projetos têm em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima em continuar essa forma particular de transmissão que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é, pela sociedade.

Na Pedagogia de Projetos a relação ensino/aprendizagem é voltada para a construção do conhecimento de maneira dinâmica, contextualizada, compartilhada, que envolva efetivamente a participação dos educandos e educadores num processo mútuo de troca de experiências. Nessa postura a aprendizagem se torna prazerosa, pois ocorre a partir dos interesses dos envolvidos no processo, da realidade em que estes estão inseridos, o que ocasiona motivação, satisfação em aprender.

O Construtivismo leva o educando a pensar, expandindo seu intelecto através de uma aprendizagem significativa, ou seja, que tenha sentido, e contextualizada. O conhecimento é construído a cada instante com a mediação do educador, respeitando o nível de desenvolvimento mental de cada educando.

"*O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador.*" (CHAUÍ,1980).

Então, tanto no Construtivismo como na Pedagogia de Projetos, o educando é o próprio agente de seu desenvolvimento, o conhecimento é assimilado de maneira própria, mas sempre com o auxílio da mediação do educador. Aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos. O aluno deixa de ser um sujeito passivo, sempre a mercê das ordens do professor, lidando com um conteúdo completamente alienado de sua realidade e em situações artificiais de ensino-aprendizagem. Aprender passa então a ser um processo global e complexo, onde conhecer e intervir na realidade não se dissocia. O aluno é visto como sujeito ativo que usa sua experiência e conhecimento para resolver problemas.

Aprende-se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos. Ensina-se não só pelas respostas dadas, mas principalmente pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados, pela ação desencadeada. (LEITE, 2000).

Suas concepções e conhecimentos prévios são levantados e analisados para que o educador possa problematizá-los e oferecer-lhes desafios que os façam avançar, atingindo o processo de equilibração/desequilibração que é a base do Construtivismo e ao mesmo tempo da Pedagogia de Projetos.

Então podemos dizer que a aprendizagem é o resultado do esforço de atribuir e encontrar significados para o mundo, o que implica a construção e revisão de hipóteses sobre o objeto do conhecimento, ela é resultado da atividade do sujeito, e o meio social tem fundamental importância para que ela ocorra, pois necessitamos de orientação para alcançá-la e aí surge a teoria do pensador russo Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal que é a distância entre o nível de desenvolvimento real (conhecimento prévio, o que o indivíduo já sabe) e o nível de desenvolvimento potencial (onde ele pode chegar com a ajuda do outro), isto é, a possibilidade que o indivíduo (educando) tem de resolver problemas sob a orientação de outrem (educador).

A METODOLOGIA DO TRABALHO POR PROJETOS

A Pedagogia de Projetos surge da necessidade de desenvolver uma metodologia de trabalho pedagógico que valorize a participação do educando e do educador no processo ensino/aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração e desenvolvimento de cada projeto de trabalho.

O trabalho por meio dos projetos vem contribuir para essa valorização do educando e tem-se mostrado um dos caminhos mais promissores para a organização do conhecimento escolar a partir de problemas que emergem das reais necessidades dos alunos.

Mas como se dá essa participação?

Inicialmente, para se propor um projeto este deve ser subsidiado por um tema. A escolha deste tema e dos conteúdos a serem trabalhados é de responsabilidade de todos e deve ser pensada de forma a contemplar a realidade do educando.

O trabalho por Projetos pode ser dividido em 4 etapas: problematização, desenvolvimento, aplicação e avaliação.

a) problematização: é o início do projeto. Nessa etapa, os alunos irão expressar suas ideias e conhecimentos sobre o problema em questão. Essa expressão pode emergir espontaneamente, pelo interesse despertado por um acontecimento significativo dentro ou fora da escola ou mesmo pela estimulação do professor. É fundamental detectar o que os alunos já sabem o que querem saber e como poderão saber. Cabe ao educador incentivar a manifestação dos alunos e saber interpretá-las para perceber em que ponto estão, para aprender suas concepções, seus valores, contradições, hipóteses de interpretação e explicação de fatos da realidade.

b) desenvolvimento: é o momento em que se criam as estratégias para buscar respostas às questões e hipóteses levantadas na problematização. Os alunos e o professor definem juntos essas estratégias. Para isso, é preciso que criem propostas de trabalho que exijam a saída do espaço escolar, a organização em pequenos ou grandes grupos para as pesquisas, a socialização do conhecimento através de trocas de informações, vivências, debates, leituras, sessões de vídeos, entrevistas, visitas a espaços ora da escola e convites a especialistas no tema em questão. Os alunos devem ser colocados em situações que os levem a contrapor pontos de vista, a defrontação com conflitos, inquietações que as levarão ao desequilíbrio de suas hipóteses iniciais, problematizando, refletindo e reelaborando explicações.

c) aplicação: estimular a circulação das ideias e a atuação no ambiente da escola ou da comunidade ligada à escola dá ao educando a oportunidade de se colocar como sujeito ativo e transformador do seu espaço de vivência e convivência, por meio da aplicação dos conhecimentos obtidos na execução do projeto na sua realidade.

d) avaliação: numa concepção dinâmica e participativa, a avaliação tem, para o educador, uma dimensão diagnóstica, investigativa e processual. Avaliamos para investigar o desenvolvimento dos alunos, para decidir como podemos ajudá-los a avançar na construção de conhecimentos, atitudes e valores e para verificar em que medida o processo está coerente com as finalidades e os resultados obtidos. Para o aluno, a avaliação é instrumento indispensável ao desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender por meio do reconhecimento das suas possibilidades e limites.

O registro (a escrita, o desenho, os gráficos, mapas, relatórios, a reunião de materiais etc.) é uma prática fundamental no trabalho com Projetos e deve ser desenvolvida ao longo de todo o processo.

Durante o processo de levantamento e análise dos dados, a mediação do professor é essencial no sentido de construir entre os alunos uma atitude de curiosidade e de cooperação, de trabalho com fontes diversificadas, de estabelecimento de conexões entre as informações, de escuta e respeito às diferentes opiniões e formas de aprender e elaborar o conhecimento, de fazê-los perceber a importância do registro e as diversas formas de realizá-lo.

Se os projetos de trabalho possibilitam um repensar do significado de aprender e ensinar e do papel dos conteúdos curriculares, isto repercute também no sentido que se dá à avaliação e nos instrumentos usados para acompanhar o processo de formação ocorrido durante todo o percurso.

Tradicionalmente, a avaliação do processo ensino-aprendizagem tem sido feita no sentido de medir a quantidade de conhecimentos aprendidos pelos educandos. A avaliação na Pedagogia de Projetos é global, ou seja, considera o educando e sua aprendizagem de forma integral, concilia o resultado da verificação do processo com a verificação do desempenho. Esse tipo de avaliação considera, portanto, não só aspectos conceituais: de assimilação dos conteúdos utilizados para a problematização do tema, mas também aspectos atitudinais: comportamento, atitudes, capacidade de trabalhar em grupo, espírito de liderança, iniciativa; atributos que se referem ao modo de interação com os demais.

Essa metodologia de avaliação potencializa as diferenças, dá lugar a diversidade de opiniões, de singularidade de cada sujeito, faz da heterogeneidade um elemento significativo para o processo de ampliação dos conhecimentos.

A diferença nos ajuda a compreender que somos sujeitos com particularidades, com experiências próprias, constituídas nos processos coletivos de que participamos dentro e fora da escola; posta em diálogo, enriquece a ação pedagógica. (ESTEBAN, 2002).

Assim, a avaliação não trabalha a partir de uma resposta esperada, mas indaga as muitas respostas encontradas com o sentido de ampliação permanente dos conhecimentos existentes. Nesse caso, o erro deixa de representar a ausência de conhecimento, sendo apreendido como pista que indica como os educandos estão articulando os conhecimentos que já possuem com os novos conhecimentos que vão sendo elaborados.

Deste modo, a avaliação nos projetos de trabalho passa a fazer parte de todo o processo, sendo entendida como a possibilidade do aluno tomar consciência do seu processo de aprendizagem, descobrindo o que sabe, o que aprendeu, o que ainda não domina. Para isto, é preciso que ao longo de todo o percurso do trabalho, haja um trabalho constante de avaliação.

Dentro da perspectiva dos projetos, o acompanhamento e a avaliação do trabalho têm sido feitos, principalmente, a partir dos registros, sejam eles coletivos ou individuais. Estes registros fazem parte do cotidiano da sala de aula e servem para organizar o trabalho, socializar as descobertas, localizar dúvidas e inquietações, enfim, explicitar o processo vivido.

O Portifólio é o instrumento mais apropriado para a avaliação de um Projeto de Trabalho, na medida em que ele representa a reconstrução do processo vivido e a reflexão do aluno sobre a sua aprendizagem.

Hernandéz (1998), ao falar da importância do portfólio como instrumento de avaliação, afirma que:

A avaliação do portfólio como recurso de avaliação é baseada na ideia da natureza evolutiva do processo de aprendizagem. O portfólio oferece aos alunos e professores uma oportunidade de refletir sobre o progresso dos educandos em sua compreensão da realidade, ao mesmo tempo em que possibilita a introdução de mudanças durante o desenvolvimento do programa de ensino. Além disso, permite aos professores aproximar-se do trabalho dos alunos não de uma maneira pontual e isolada, como acontece com as provas e exames, mas sim, no contexto do ensino e como uma atividade complexa baseada em elementos e momentos da aprendizagem que se encontram relacionados. Por sua vez, a realização do portfólio permite ao alunado sentir a aprendizagem institucional como algo próprio, pois cada um decide que trabalhos e momentos são representativos de sua trajetória, estabelece relações entre esses exemplos, numa tentativa de dotar de coerência as atividades de ensino, com as finalidades de aprendizagem que cada um e o grupo se tenham proposto.

É interessante destacar que a criação do portfólio, por si só, não garante um processo de avaliação significativo. É preciso que se discutam seus usos e funções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso dos educadores sobre a função da escola e sobre o seu papel é o de formar cidadãos ativos, críticos, reflexivos, autônomos, etc.

Mas o que vemos na maioria das situações de aprendizagem não é essa postura, a teoria que dialogam não é a prática que assumem na efetivação de seu trabalho, pois muitos continuam insistindo em ser um profissional preso às práticas autoritárias, num modelo tradicional de educação onde o professor é o dono do saber e a voz do processo de ensino/aprendizagem.

Muitas posturas como o Construtivismo rebatem essa metodologia. Temos a consciência de que a educação, para atender as exigências dessa sociedade que se apresenta hoje, deve assumir uma nova postura, uma postura que eleve o educando da simples condição de submissão para uma condição de opinar, questionar, construir com a mediação necessária, a sua aprendizagem.

A democracia hoje é um discurso presente em todas as áreas. E se a escola é o lugar representativo da sociedade, especialmente nesta instituição a democracia deve estar presente.

Hoje, mais do que nunca devemos assumir essa postura democrática na prática educativa e repensar as metodologias que usamos a fim de (re) orientar as ações, conduzindo-as na direção da participação coletiva.

A Pedagogia de Projeto se insere nessa postura, exigido dos sujeitos que a assume uma nova forma de conceber a educação escolar: mais flexível e aberta. Para isso, é necessário que os professores que assumem essa postura, enfrentem o desafio de superar uma cultura escolar fragmentada na qual foram formados, como alunos e como professores, passando a ser exigido um novo modelo de formação, onde não haja uma dicotomia entre formação e ação, entre discurso e prática.

Assim, alcançando os objetivos propostos neste trabalho, possibilitamos uma nova visão de prática educativa, de formação integral do indivíduo, de mentalidade democrática, de respeito às diferenças culturais e cognitivas do educando. A Pedagogia de Projetos, portanto, contribui de maneira significativa para uma prática globalizadora diante desse mundo globalizado, pois, fornece subsídios para o desenvolvimento cognitivo e também social do educando.

Fonte
Disponível em:
http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedegogiadeprojetos/index.php?pagina=0

PIAGET, JEAN. DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM. TRAD. PAULO FRANCISCO SLOMP. UFRGS- PEAD 2009/1.

Primeiramente gostaria de tornar claro a diferença entre dois problemas: o problema do desenvolvimento em geral, e o problema da aprendizagem. Penso que estes problemas são muito diferentes, ainda que algumas pessoas não façam esta distinção.

O desenvolvimento do conhecimento é um processo espontâneo, ligado ao processo global da embriogênese. A embriogênese diz respeito ao desenvolvimento do corpo, mas também ao desenvolvimento do sistema nervoso e ao desenvolvimento das funções mentais. No caso do desenvolvimento do conhecimento nas crianças, a embriogênese só termina na vida adulta. É um processo de desenvolvimento total que devemos re-situar no contexto geral biológico e psicológico. Em outras palavras, o desenvolvimento é um processo que se relaciona com a totalidade de estruturas do conhecimento.

A aprendizagem apresenta o caso oposto. Em geral, a aprendizagem é provocada por situações -- provocada por um experimentador psicológico; ou por um professor, com referência a algum ponto didático; ou por uma situação externa. Ela é provocada, em geral, como oposta ao que é espontâneo. Além disso, é um processo limitado a um problema simples ou uma estrutura simples.

Assim, considero que o desenvolvimento explica a aprendizagem, e esta opinião é contrária a opinião amplamente sustentada de que o desenvolvimento é uma soma de unidades de experiências de aprendizagem. Para alguns psicólogos o desenvolvimento é reduzido a uma série de itens específicos aprendidos, e então o desenvolvimento seria a soma, a acumulação dessa série de itens específicos. Penso que essa é uma visão atomísta que deforma o

estado real das coisas. Na realidade, o desenvolvimento é o processo essencial e cada elemento da aprendizagem ocorre como uma função do desenvolvimento total, em lugar de ser um elemento que explica o desenvolvimento. Começarei, então, com uma primeira parte tratando com o desenvolvimento e falarei sobre aprendizagem na segunda parte.

Para compreender o desenvolvimento do conhecimento, devemos começar com uma ideia que parece central para mim -- a ideia de uma operação. O conhecimento não é uma cópia da realidade. Para conhecer um objeto, para conhecer um acontecimento não é simplesmente olhar e fazer uma cópia mental, ou imagem, do mesmo. Para conhecer um objeto é necessário agir sobre ele. Conhecer é modificar, transformar o objeto, e compreender o processo dessa transformação e, consequentemente, compreender o modo como o objeto é construído. Uma operação é, assim, a essência do conhecimento. É uma ação interiorizada que modifica o objeto do conhecimento. Por exemplo, uma operação consistiria na reunião de objetos em uma classe, para construir uma classificação. Ou uma operação consistiria na ordenação ou colocação de coisas em uma série. Ou uma operação consistiria em contagem ou mensuração. Em outras palavras, é um grupo de ações modificando o objeto, e possibilitando ao sujeito do conhecimento alcançar as estruturas da transformação. (...)

CONCEPÇÃO DE JEAN PIAGET

Proposta teórica

Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, Suécia, 1896 – 1980. Sempre mostrou interesse pelas ciências naturais.

Seus estudos epistemológicos demonstravam que tanto as ações externas como os processos de pensamento implicam na organização lógica. Ele buscava conjugar duas variáveis - o lógico e o biológico – numa única teoria e, com isso, apresentar uma solução ao problema do conhecimento humano.

Piaget logo percebeu que a lógica não é inata; ao contrário, trata-se de um fenômeno que se desenvolve gradativamente. Assim, acreditar no procedimento experimental como um meio capaz de permitir a descoberta de uma espécie de embriologia ou gênese do conhecimento. A obra piagitiana, comprometida fundamentalmente com a explicação do processo de desenvolvimento do pensamento, compreende dois momentos: os trabalhos iniciais atribuem uma importância capital, na estrutura do pensamento, à linguagem e à interação entre as pessoas, revelando, dessa forma, um modelo mais comprometido com o social.

O modelo psicogenético mais difundido hoje é a obra de Piaget que se concentra na ação e manipulação de objetos que passam a construir, juntamente com a maturação biológica, os fatores essenciais na estrutura do pensamento.

Uma segunda frente teórica, em psicologia, com a qual Piaget se depara e que vinha ocupando cada vez mais espaço nas pesquisas desta área no início do século, é representada pelos psicólogos da Gestalt. A teoria da forma ou procurar mostrar que alguns fenômenos perceptivos e intelectuais não podem ser explicados por meio de descrições dos elementos da consciência nem tampouco pelas analises comportamentais baseadas na associação de estímulo/ resposta. Piaget encontra ainda uma psicologia fortemente influenciada pelas ideias de Freud que questiona a ênfase dada aos processos conscientes, afirmando o papel fundamental do inconsciente para a compreensão do desenvolvimento da personalidade humana.

Piaget realiza duas primeiras pesquisas em psicologia, a ciência psicológica mantém como objeto de estudo um sujeito cindido em matéria e espiritual, o que, consequentemente, determina uma divisão na comunidade científica.

Sem perder de ponto de vista o propósito de estudar a gênese do conhecimento humano, Piaget, no início de seu trabalho, vai elaborando, ao mesmo tempo, teoria e métodos próprios. Ambos mantêm entre si uma relação de reciprocidade garantida pela duplicidade funcional que caracteriza esse procedimento metodológico: o método clínico-experimental funciona ao mesmo tempo como um instrumento de diagnóstico e de descoberta.

Piaget introduz o método clinico – até então usado nas clinicas psiquiátricas – na pesquisa psicológica com o objetivo de obter informações mais precisas sobre o raciocínio na criança ou, em outras palavras, visando estudar como se estrutura o conhecimento humano. Uma das peculiaridades desde método é o diálogo não padronizado, mantido entre o pesquisador e a criança, que permite obter quadros mais reais do pensamento infantil bem como fugir ao modo tradicional de entrevistas compostas de perguntas elaboradas previamente.

Apesar de, em seus últimos trabalhos, Piaget ter minimizado o papel da linguagem na estrutura do pensamento, ela permanece como fator de extrema importância enquanto via de acesso à reflexão infantil. É por meio da linguagem que a criança justifica suas ações, afirmações e negociações e, ainda, é através dela que se pode verificar a existência ou não de reciprocidade entre ação e pensamento e, consequentemente, o estágio de desenvolvimento cognitivo da criança.

A postura teórico-metodológica de Jean Piaget e suas explicações acerta do desenvolvimento mental podem ser melhor compreendidas quando se considera a influência de sua formação (em biologia) na elaboração dos princípios básico que orientam sua teoria. Dentre os aspectos que a Piaget transfere da biologia para a concepção psicogenética, podem ser destacados: o ajustamento de antigas estruturas a novas funções e o desenvolvimento de novas estruturas para preencher funções antigas, o que pressupões, no desenvolvimento, uma corrente contínua onde cada função se liga a uma base pré-existente e, ao mesmo tempo, se transforma para ajustar-se a novas exigências do meio, ocorrendo, então, o que Piaget denomina de adaptação. Dos dois princípios básicos e universais da biologia – estrutura e adaptação – encontram-se também presentes na atividade mental, já que para ele a inteligência é uma característica biológica do ser humano.

De acordo com Chiarottino, as observações piagetianas sobre o comportamento infantil trazem implícitas as hipóteses que, assim como existem estruturas específicas

para cada função no organismo, da mesma forma existirão estruturas específicas para o ato de conhecer, capazes de produzir o conhecimento necessário e universal tão perseguido pela filosofia. Piaget acredita, ainda, que essas estruturas não aparecem prontas no organismo, antes sim, possuem uma gênese que justificaria o contraste entre lógica infantil e a lógica adulta. A partir do exercício dos reflexos biológicos, que se transformam em esquemas motores e através da ação a criança constrói, gradativamente, suas estruturas cognitivas que se manifestam numa organização sequencial chamado por Piaget de estágio de desenvolvimento cognitivo.

O conjunto de comportamentos reflexos de recém-nascido, por exemplo, transforma-se através de seu exercício nos primeiros esquemas de ação ou estruturas cognitivas identificáveis. Piaget afirma que o importante para o desenvolvimento cognitivo não é a sequência de ação empreendidas pelas crianças, consideradas isoladamente, mas sim o esquema dessas ações, isto é, que nelas em geral e pode ser transposto de uma situação para outra.

A compreensão do conceito de esquema na teoria piagetiana implica em se considerar os aspectos endógenos e exógenos envolvidos na constituição deste mecanismo. A troca permanente que o organismo estabelece com o meio possibilita tanto as transformações observáveis, que ocorrem no nível exógeno (as quais identificam a formação do sistema de esquemas), como as transformações internas ou endógenas (por meio das quais se constituem as estruturas mentais). É somente na troca do organismo com o meio que se dá a construção orgânica das referidas estruturas.

A função adaptativa compreende dois processos distintos e complementares: assimilação e acomodação. O primeiro refere-se à incorporação a novas experiências ou informações a estrutura mental, sem, contudo, alterá-la. Para Piaget, "... em seu início, a assimilação é, essencialmente a utilização do meio externo, pelo sujeito, tendo em vista alimentar seus esquemas hereditários ou adquiridos". (1975, p. 326). Por outro lado, a acomodação se define pelo processo de reorganização dessas estruturas, de tal forma que elas possam incorporar os novos conhecimentos, transformando-os para se ajustarem as novas exigências meio.

De acordo com a concepção piagetiana, o desenvolvimento cognitivo compreende quatro estágios ou períodos: o sensório-motor (do nascimento aos 2 anos); o pré-operacional (2 a 7 anos); o estágio das operações concretas (7 a 12 anos) e, por último, o estágio das operações formais, que corresponde período da adolescência (dos 12 anos em diante). Cada período define um momento do desenvolvimento como um todo, ao longo do qual a criança constrói determinadas estruturas cognitivas. Um novo estágio se diferencia dos precedentes pelas evidencias, no comportamento, o de que a criança dispõe de novos esquemas, contendo propriedades funcionais diferentes daquelas observadas nos esquemas anteriormente. O aparecimento de determinadas mudanças qualitativas indica o início de um outro estágio ou período de desenvolvimento intelectual.

O primeiro estágio denomina-se sensório-motor porque "... à falta de função simbólica, o bebê ainda não apresenta pensamento nem afetividade ligados a representações, que permitam evocar pessoas ou objetos na ausência deles". (Piaget e Inhleder, 1986, p. 11).

Piaget define o segundo estágio de desenvolvimento cognitivo como pré-operatório, e o principal progresso desse período em relação ao seu antecedente é o desenvolvimento da capacidade simbólica instalada em suas diferentes formas: a linguagem, o jogo simbólico, a imitação postergada, etc. a criança não depende mais unicamente das sensações e de seus movimentos. Ela dispõe de esquemas de ação interiorizados, também chamados de esquemas representativos, podendo desta forma, distinguir um significante (imagem, palavra ou símbolo) daquilo que ele significa (o objeto ausente), o significado. Mas, mesmo a criança dispondo de esquemas internalizados, nessa fase ela ainda não dispõe de um fator essencial ao desenvolvimento cognitivo, que é a reversibilidade no pensamento: não consegue assim, desfazer o raciocínio, no sentido de retornar do resultado ao ponto inicial.

As principais tarefas a serem cumpridas no pré-operacional é a descentração, o que significa sair da perspectiva do "eu" como único sistema e referência. Ela fixa apenas em um aspecto particular da realidade, o que determina, dentre outras limitações, um desequilíbrio em seu pensamento conceitual. Por exemplo, num jogo simbólico quando a criança assimila o modelo ao seu "eu", predomina a assimilação, enquanto na imitação, onde a criança ajusta sua ação a modelos externos, predomina a acomodação. Existem ainda outras estruturas típicas dessa fase que podem ser citadas, tais como: o raciocínio transdutivo ou intuitivo, de caráter pré-lógico, que se fundamenta exclusivamente na percepção.

No estágio das operações concretas, Piaget observa que as operações, ao contrário das ações, sempre implicam em relação de troca. A tendência para a socialização da forma de pensar o mundo acentua-se ainda mais neste período, evoluindo de uma configuração individualizada (egocêntrica), para outra mais socializada, onde as regras ou leis de raciocínios (quais sejam, as ditadas pela lógica) são usadas, em comum por todas as pessoas.

O último estágio de desenvolvimento mental é o operatório-formal e apresenta como principal característica a distinção entre o real e o possível. O adolescente é capaz de pensar em termos abstratos, de formular hipóteses e testá-las sistematicamente, independente da verdade. Nesse período, os esquemas de raciocínio, antes indutivos, sofrem importante evolução manifestada na incorporação do modelo hipotético-dedutivo.

Pressupostos Filosóficos e Epistemológicos

A filosofia kantiana, bem como algumas epistemológicas contemporâneas, especialmente a Fenomologia, o Evolucionismo bergsoniano e o Estruturalismo, exerceram uma influência decisiva na elaboração dos princípios que compõem a teoria psicogenética.

Com a preocupação de selecionar dentre os modelos epistemológicos aqueles de maior peso na teoria de Piaget, optou-se por deter-se nas ligações que o mesmo mantém com o pensamento de Kant, Husserl, Bergson e, fundamentalmente, com o Estruturalismo.

A influência Kantiana

Kant desenvolveu seu pensamento no contexto do iluminismo (séculos XVIII e XIX), objetivando resgatar, criticar e superar duas vertentes que o precederam: o racionalismo idealista (Descartes) e o empirismo (Hume). O confronto entre Kant e essas duas tendências epistemológicas se expressa, basicamente, na discussão de como se constrói o conhecimento, buscando explicar como se dá a relação entre os elementos do universo.

É, pois, a atividade do "eu", do sujeito formal a priori, somada às intuições empíricas, que possibilita a construção do fenômeno. A conjunção de ambas as perspectivas – razão e experiência – é a grande síntese que Kant faz, validando a ciência e negando a metafisica.

Segundo Kant, o homem não chega a conhecer a essência das coisas. A construção do fenômeno é o limite máximo ao qual o sujeito pode ascender. Admitindo a hipótese de que a conexão entre causa e efeito surge a repetição da experiência, ele concluiu que a razão se engana ao considerar estas ligações como criação sua. Se a razão tivesse a faculdade de conceber tais conexões, estas não passariam de simples ficções, assim como seus pretensos conhecimentos a priori não passariam de experiências mal rotuladas.

Kant se opõe também aos pensadores racionalistas que atribuem a causa dos fenômenos a uma inteligência divina. Para ele, o processo de conhecimento implica, de um lado a existência de um objeto a ser conhecido, que suscita a ação do pensamento humano e, de outro, a participação de um sujeito ativo capaz de pensar, de estabelecer relações entre conteúdos captado e pelas impressões sensíveis, a partir das suas próprias condições para conhecer, ou seja, a partir da razão.

Nessa perspectiva kantiana, o processo de conhecimento tem início na experiência. E através dela que os objetivos tocam os sentidos humanos produzindo representações que põem em movimento a faculdade ou atividade do entendimento. Entretanto, isso não significa que o conhecimento se origina da experiência. A atividade do entendimento é, apenas, provocada por impressões sensíveis, pois a verdadeira fonte do conhecimento consiste nos juízos a priori que se encontram na própria faculdade do conhecimento, na razão. Kant identifica e propõe a conjugação de duas formas para se conhecer o real: a empírica, proveniente da experiência pratica, e a intuição logica, pensada pela razão pura. Kant acredita ainda que o conhecimento sensível não representa as coisas como elas são, mas somente o modo como afetam o sentido. As intuições sensíveis fornecem ao entendimento, para reflexão, representações de fenômenos (ou da realidade) e não as próprias coisas.

O objeto equivalente ao esquema intuído só se encontra na experiência: aos sentidos compete intuir e ao entendimento representar, entendendo por representações sensíveis numa consciência. Para Kant, a natureza em geral (no sentido material) é acessível ao homem pela sua própria condição enquanto ser sensível, e a natureza no sentido formal (como complexo de regras) lhe é possível pela capacidade de entendimento; pela sua razão, através da qual as representações sensíveis devem, necessariamente, ser relacionadas em uma consciência.

No processo de conhecimento há um ponto que deve ser destacado: a filosofia kantiana traz implícita uma nova compreensão da relação entre o sujeito e o objeto. Os racionalistas acreditam na existência de um acordo entre a ordem das ideias e as coisas, sendo Deus o princípio desta harmonia.

O entendimento que Piaget tem dessa mesma questão guarda estreitas semelhanças com o raciocínio de Kant, onde o próprio Piaget admite estar envolvido em questões originárias da filosofia kantiana. Assim como Kant, ele também se preocupa com as condições prévias as quais o ser humano deve dispor para construir seu conhecimento.

Há muito de Kant em Piaget quando se trata da questão da linguagem (o conceito de Kant sobre a faculdade de julgar). No pensamento de Kant, a modalidade do juízo não diz respeito ao conteúdo do mesmo, mas sim à estruturação do nosso conhecimento. Logo, ele está pressupondo a existência e a validade dessa estrutura a toda inteligência humana.

Com o intuito de determinar as condições de todo conhecimento possível, Piaget retoma a problemática kantiana buscando explicar as relações entre lógica, linguagem e pensamento à luz da biologia e da concepção do ser humano como um animal simbólico.

A Contribuição da Fenomenologia Husserliana

A influência de Husserl sobre as ideias de Jean Piaget não é, absolutamente, determinante como foi o pensamento de Kant. A fenomenologia, originárias dos postulados de Edmund Husserl, nasce no século passado como uma contestação ao método experimental, especialmente enquanto instrumento a serviço das ciências do homem e, entre estas, em particular a psicologia.

A fenomenologia ocupa-se, fundamentalmente, com a descrição pura da realidade, ou seja, do fenômeno entendido como sendo aquilo que se oferece ao olhar intelectual, em outras palavras, significa estudar a constituição do mundo na consciência. Daí que, se a análise fenomenológica consiste em desvelar o ser absoluto das coisas, isto é, a essência, ela deve ocupar-se da realidade pura (fenomênica), dos significados intuídos pela razão.

Para Husserl, a relação entre sujeito e objeto, entre o pensamento e o ser, se estabelece pela intencionalidade, sendo, portanto, uma ligação indissociável da qual todo pesquisador deve partir quando pretende atingir o real. Em outras palavras, o mundo se apresenta à consciência e esta, por sua vez, lhe dá sentido.

Em última análise Piaget e Husserl, os dois epistemólogos em questão, empenharam-se em construir um conhecimento cuja validade fosse considerada universal. Salvo as especificidades de cada teoria, pode-se observar que, assim como Husserl empreende esforços no sentido de desvendar as essências nos fenômenos (por acreditar serem estas expressões de um conhecimento "puro" e atemporal, portanto válido impendentemente da época e contexto), Piaget também pretende, com sua teoria psicogenética, oferecer uma explicação universal para o processo por meio do qual o homem constrói seu conhecimento.

A Contribuição do Evolucionismo Bergsoniano

Essa metodologia tem três princípios fundamentais: o primeiro pauta-se na ideia de que sociedade e natureza põem ser, epistemologicamente, tratadas da mesma forma. Em seguida, admite-se que na vida social, assim como na natureza, reina uma harmonia natural, sem ambiguidades. Consequentemente, toda ruptura desse estado de harmonia é visto como sinônimo de desequilíbrio e desadaptação. O terceiro princípio caracteriza-se pela crença de que a sociedade é regida por leis naturais, invariáveis, e, portanto, independentes da vontade e da ação humana.

Esse sistema teórico coloca-se como uma continuidade ao "positivismo espiritualista", que insiste na impossibilidade de se fazer da psicologia uma ciência da natureza, uma vez que para atingir a essência do objeto ao qual se volta não pode abrir mão da introspecção, da análise da experiência interna.

Bergson acredita que a experiência interna, uma vez desvencilhada dos conceitos e construções por meio dos quais se exprime, mostra-se em sua autenticidade como aquilo que verdadeiramente é, ou seja, como pura qualidade e não como quantidade. Bergson prega ainda o retorno à ação cociente, ao "imediato". Para ele, a dificuldade em apreender consciência, no seu momento atual, enquanto fenômeno qualitativo em constante transformação, se deve à própria natureza da inteligência. A psicologia positivista, eliminando este aspecto qualitativo dos processos psicológicos, concebe uma inteligência composta, de unidades homogêneas e comparáveis, pois só assim a igualdade, a adição e a medida desses fenômenos tornam-se possíveis.

Para Bergson a intuição (valendo-se da introspecção) coloca-se como o único método através do qual se pode conhecer e explicar, de forma satisfatória, os processos psicológicos. O modelo filosófico sistematizado por Bergson é marcado por uma forte tendência metafísica: é através da intuição que o homem conhece a realidade. Defendendo uma nova concepção de metafísica, ele consegue conjugar – no método introspectivo – intuição e ação, destacando esta última no plano da consciência. Assim, o "eu" profundo, que consegue captar a essência do objeto, não é um a priori transcendental, configurado de forma única, pronta e acabada desde o início. O "eu" metafísico, tal como ele o descreve, refere-se exclusivamente à consciência do sujeito. Ocorre que a consciência imediata (aquela que o sujeito tem ao agir sobre o ambiente) não é a mesma para todos os objetos ou fenômenos. Cada fenômeno suscita uma percepção e uma construção particular.

Como Bergson, Piaget também acredita que a essência do fenômeno (no caso, o pensamento, a consciência) não é algo estalico. Ao contrário, trata-se de uma estrutura dinâmica, cujo movimento se caracteriza justamente por uma construção sucessiva e continua de fases que, mesmo tendo duas origens calcadas na experiência empírica, na ação, encaminham-se no sentido de atingir formas de pensamento cada vez mais independentes desde referencial prático. Assim, fica claro que Piaget, à semelhança de Bergson, pretende conjugar introspecção e experimentação na tentativa de explicar como se produz o conhecimento.

De maneira geral, é possível inferir que Piaget, não podendo fugir a sua sólida formação de biólogo e, ao mesmo tempo, não querendo curvar-se diante das teses o empirismo determinista, encontra em Bergson o apoio e o espaço dos quais necessitava para validar o conhecimento objetivo, sem destituí-lo de sua subjetividade.

A Influência Estruturalista

A maior influência exercida sobre o grande teórico da psicologia cognitiva deve-se à corrente estruturalista, cuja ideia fundamental de que o conhecimento se organiza em estruturas cognitivas hierarquicamente construídas. O estruturalismo não é representado por uma única linha de pensamento. Ao contrário, ele se caracteriza justamente pela diversificação. O que une e dá convergência às diferentes formas de pensamento estruturalista é a noção primordial de estrutura.

Contudo, a ideia de que uma estrutura consiste em um conjunto de elementos relacionados, onde toda modificação ocorrida num elemento ou relação, modifica os outros elementos ou relações, não garante ao estruturalismo uma escola única. Inúmeros teóricos têm invocado o método estruturalista para fins e em campos científicos diferentes. No campo específico desta epistemologia é a área das ciências humanas, onde as pesquisas estão voltadas para o estudo do indivíduo em sociedade e para sua cultura. Dentro deste enfoque, a linguagem adquire fundamental importância por ser ela veículo de comunicação e de ligação entre o homem e o mundo.

O estruturalismo morou nas ciências contemporâneas, pode-se destacar: na área da linguística, o pensamento de Saussure que, pretendendo estabelecer leis gerais de fundamento de uma língua e terminou transferido para campo das ciências humanas. Na antropologia, o estruturalismo etnológico nasce com Claude Lévi-Strauss, que tinha por objetivo atingir leis gerais de funcionamento de certas estruturas culturais, mais especificamente aquelas que regem os sistemas de parentesco e a produção dos mitos culturas primitivas. Michel Foucault, tomando como ponto de partida as teses estruturalistas defendidas por Lévi-Strauss, ocupou-se com o estudo da mentalidade (das representações humanas, da "episterme"), construindo sistemas que lhe permitissem explicar as relações, isto é a estrutura dessas representações nas áreas de linguística, biologia, história e, sobretudo, na área de economia política. A psicanalise tem em Lacan seu principal representante do pensamento estruturalista. Ele se utiliza da estrutura da linguagem para decifrar o inconsciente, por acreditar que a parte consciente da personalidade humana é largamente comandada pelo inconsciente.

Nesta perspectiva, o sujeito do conhecimento adquire primazia sobre o objeto de estudo, pois ele é o que pensa, e ele que elabora o sistema ou modelo teórico por meio do qual irá explicar a realidade. Três são os principais elementos que constituem essa capacidade: os ritmos, as regulações, ambos próprios de mecanismos estruturais, presentes em toas as escalas biológicas e as operações que, em outras palavras, referem-se às leis que orientam a totalidade. Em sendo o organismo a fonte do sujeito, ele é também fonte das totalidades e auto regulações. O conceito de transformação implica o de formação e o de auto regulação sugere capacidade de autoconstrução.

O processo de constituição das estruturas (que permanece constante até que sejam elaborados os esquemas do pensamento lógico-formal, quando então, já adolescente, o sujeito terá completado o desenvolvimento dos mecanismos cognitivos ou formas de operar) ocorre da seguinte maneira: uma estrutura é composta de um conjunto de elementos que se relacionam entre si. Toda vez que estas relações produzem novas combinações (dadas as novas condições maturacionais do organismo e os diferentes estímulos provenientes do meio ambiente), a estrutura se reequilibra, se reorganizando internamente, ultrapassando a estrutura precedente.

A teoria da forma, ou Gestalt, teve origem na Alemanha, durante a primeira metade do século XX, e desenvolveu-se nos EUA, em oposição à psicologia positivista. Essa teoria exerceu forte influência sobre o conhecimento produzido em psicologia, aliados à formação de físico que Köhler havia recebido, ele acreditava que determinados fenômenos psíquicos (como o desenvolvimento da inteligência) poderiam ser explicados transpondo-se conceitos da física para a psicologia. Nas teorias de campo, trata-se de uma totalidade previamente estruturada, desprovida de sua função estruturante.

Piaget adota outra conduta. Ele acredita que num sujeito ativo, que constrói e regula suas estruturas cognitivas na proporção de seus desenvolvimentos, através de um processo contínuo de abstrações reflexivas e equilibrações no sentido de auto regulação, tendo em vista suas necessidades e os estímulos do meio. Para ele, conhecimento é consequência da ação como um todo, onde a percepção constitui apenas, função de sinalização onde o sujeito só conhece um objeto na medida em que age sobre ele, transformando-o.

Piaget não acredita que o estruturalismo consista em uma crença ou filosofia e justifica: se assim o fosse, já teria sido ultrapassado. Segundo ele, trata-se de um método, e a tarefa que se apresenta ao pesquisador é recuar para então poder analisar, à luz do estruturalismo "autentico", "metódico" (estruturalismo psicogenético), tudo o que foi produzido até agora, sob a orientação desta matriz epistemológica.

A Relação entre Desenvolvimento e Aprendizagem

A relação entre desenvolvimento e aprendizagem está presente, ainda que de forma implícita, nas diferentes teorias psicológicas que se ocupam em estudar o comportamento, o pensamento ou o psiquismo humano. É sabido que todo conhecimento implica, necessariamente, uma relação entre dois polos, isto é, entre o sujeito que busca conhecer e o objeto de ser conhecido desenvolvimento da aprendizagem privilegia o sujeito, o endógeno, a organização interna, diminuindo o papel do objeto, do meio físico e social, do exógeno, da experiência. Esta situação se inverte quando o polo passa a ser a aprendizagem.

Inicialmente, Piaget se propôs a estudar o processo de desenvolvimento do pensamento e não a aprendizagem em si. Na perspectiva piagitiana, o outro polo desta relação, ou seja, o objeto do conhecimento refere-se a um meio genérico, que engloba tanto os aspectos físicos como os sociais. As estruturas mentais funcionam classificando e ordenando a experiência, este funcionamento é condição de extrema importância para o ato de conhecer, aprender ou atribuir significados. A construção do conhecimento (do real) é uma conquista do homem que se realiza através da ação.

Quando a criança descobre que a soma de um conjunto é independente da ordem espacial dos elementos, ela está abstraindo o conhecimento de sua própria ação e não dos objetos. De um sistema de ações ou operações de nível inferior o sujeito abstrai certas características (formas) que permitem a reflexão sobre ações ou operações de nível superior. O conhecimento provém das ações que o sujeito exerce sobre os objetos.

Para Piaget, o conhecimento compreende duas grandes fases da constatação, da abstração empírica, da compreensão, das explicações, da abstração reflexiva. As estruturas do conhecimento precedem todas as ações, estruturas que se encaminham para formas de pensamento cada vez mais ricas. O processo de construção do conhecimento obedece, pois, uma linha evolutiva que parte da ação consciente e conduz ao pensamento formal, ou seja, ao conhecimento lógico-matemático.

Na concepção de Piaget, o problema está estreitamente vinculado ao problema da aprendizagem: aprender é saber, fazer (realizar) e conhecer é compreender a situação distinguindo as relações necessárias das contingentes. É atribuir significado às coisas, considerando não apenas os aspectos explícitos do fenômeno, mas principalmente o implícito, o possível.

Piaget distingue aprendizagem de maturação que é baseada em processos fisiológicos e distingue aprendizagem de conhecimento, pois o conhecimento é a soma de coordenações. Já o conceito de aprendizagem são as contribuições provenientes do meio externo. Desta forma, Piaget diferencia a aprendizagem do processo de equilibração que regula o desenvolvimento dos esquemas operativos de acordo com as contribuições internas ao organismo. Toda aprendizagem pressupõe a utilização de um sistema lógico (ou pré-lógico) capaz de organizar as novas informações.

O sistema de equilibração coloca-se como elo de ligação entre o desenvolvimento e a aprendizagem, combinando os fatores de ação externa com os fatores de organização interna, inerente à estrutura cognitiva. Piaget identifica dois tipos de aprendizagem: num sentido estrito e num sentido amplo. No sentido estrito, aprendizagem re-

fere-se aos conteúdos adquiridos em função da experiência. Já a aprendizagem em sentido amplo compreende as aquisições que não são devidas diretamente à experiência, mas construídas por processos dedutivos.

Na verdade, aprendizagem propriamente dita equivale tão somente à aquisição de novos conteúdos. Como todo conteúdo só pode ser atingido pela mediação de uma forma, não é difícil perceber que, na concepção de Piaget, o processo de aprendizagem é subjugado ao processo de desenvolvimento, sendo por este condicionado.

Segundo Piaget, quanto mais uma teoria de aprendizagem se distancia das necessidades do sujeito, mais ela terá de apelar para fatores motivacionais (externo), a fim de explicar o desencadeamento do processo de aprendizagem. Ele lembra que a grande maioria das situações de aprendizagem (especialmente com as crianças que já desenvolveram o pensamento operatório) repousam numa estrutura logico matemática e, por isso, comporta uma razão necessária.

Ao proferir uma conferência no Centro Internacional de Epistemologia Genética sobre desenvolvimento e aprendizagem, Piaget faz uma distinção entre esses dois fenômenos. A aprendizagem é provocada por situações externas, enquanto o desenvolvimento é um processo espontâneo, ligado à embriogênese e que se refere à totalidade das estruturas de conhecimento é comparável ao crescimento orgânico: como este, o desenvolvimento do pensamento orienta-se sempre para um estado de equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo evolui até alcançar um nível relativamente estável (onde a maturidade e o crescimento dos órgãos se encontram concluídos), também a vida mental pode ser concebida como uma dinâmica que evolui rumo a uma forma de equilíbrio final, representada pelo pensamento adulto. Assim sendo, o desenvolvimento pode ser entendido como um processo de equilibração progressiva; uma passagem continua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. Quanto mais desenvolvidas forem as formas de pensamento, maior será sua estabilidade e plasticidade.

Fonte
Andreia STONA, S. A.

Referência
PIAGET, Jean. Desenvolvimento e aprendizagem. Trad. Paulo Francisco Slomp. UFRGS- PEAD 2009/1

PIMENTA, SELMA, G.A. A CONSTRUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO NA ESCOLA DE 1° GRAU. IDEIAS, N° 8, 1.990, P 17-24.

A CONSTRUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO NA ESCOLA DE 1 ° GRAU

A construção do projeto pedagógico na escola, a meu ver, é um trabalho coletivo de professores e pedagogos empenhados em colocar sua profissão a serviço da democratização do ensino em nosso país. Organizei esta exposição em três eixos, iniciando por explicitar o que entendo por democratização do ensino e o que entendo por Pedagogia, na tentativa de chegarmos a uma síntese sobre o trabalho pedagógico coletivo enquanto caminho para a efetiva democratização.

Democratização do Ensino - Conceito superado?

Quando iniciamos um tema com o nome "Democratização do Ensino", corremos o risco de provocar observações do tipo: "este é um conceito superado", 'Já ouvimos falar dele tantas vezes", como se democracia fosse uma moda passageira. Entendo que não. A democracia é absolutamente necessária para que possamos ter condições sociais justas. Falo, pois, da necessidade de batalharmos por uma democracia política e social. Como entender aí a democratização do ensino? Existem muitas formas.

Sem entrar em detalhes, abordarei a concepção liberal de democratização do ensino, uma vez que a evolução e os ecos que nos chegam hoje sobre o tema vêm no bojo da ideologia do liberalismo, para a qual democratização deve ser entendida como ampliação da escola para todos. (A escola para todos foi desenvolvida em alguns países, adjetivada como pública - o que não ocorreu em outros, como o nosso, onde a escola que se expandiu até a metade do século XX foi a particular.)

Esta concepção liberal tem sua formulação no bojo das conquistas da humanidade – em consequência da Revolução Francesa, da Revolução Industrial -, bem como no início da constituição do capitalismo.

Este reclamo de expansão da escolaridade afirma como pressuposto que a escola é um direito de todos os cidadãos, e que o Estado deveria oferecê-la e colocá-la ã disposição de todos. No Brasil, a relatividade da democracia está exatamente na maneira de se compreender este todo e na forma como a evolução da escolaridade se deu no bojo desta concepção liberal. Se é fato que a escola está ã disposição de todos, isto não significa que efetivamente é de direito de todos. A escola que se oferece para todas não está desenraizada das condições sociais. Muito ao contrário, é uma escola que está imbricada na própria forma como a sociedade está organizada.

Na medida em que a sociedade capitalista baseia-se na divisão de classes sociais, em que as diferenças são justificadas por uma pseudodesigualdade natural, temos aí uma forma ideológica de explicar a desigualdade social.

Então, desta forma, a escola "está" oferecida para todos. No entanto, se as pessoas não têm condições de ter acesso a ela e de nela permanecer, isto é interpretado como um problema delas. Ou seja, por esta ótica liberal, as pessoas não conseguem galgar os degraus que a escola oferece, porque nasceram com incapacidade para tal.

Em verdade, esta é uma falsa justificativa da desigualdade social. A democratização do ensino na ideologia liberal vai trazer como consequência a organização do aparelho escolar e da estrutura do ensino, subdividida conforme a divisão das classes sociais: a escola profissionalizante para os filhos das trabalhadores e a escola regular para os da elite, instituindo-se um sistema dual de ensino. A finalidade explícita do ensino profissionalizante é a preparação da mão-de-obra para o mercado de trabalho, ou seja, para a manutenção do método de produção capitalista.

Podemos concluir daí que a democracia liberal expande efetivamente a escolaridade; no entanto, não lhe interessa equacionar o problema da impossibilidade do acesso e da permanência, na medida em que sustenta um modelo de escola incapaz disto e expande um sistema dual de ensino, calcado na desigualdade social, portanto incapaz de ultrapassar essa mesma desigualdade.

Neste ponto, indagamos: como entender a questão da reivindicação da escola para todos, isto é, como entendera democratização do ensino?

A reivindicação da escola para todos permanece como princípio necessário, como princípio válido. No entanto, precisamos ter o cuidado de, no momento que defendermos esta tese, qualificar o que significa este para todos, porque se permanecermos numa leitura liberal teremos esta deturpação, que explica de alguma forma a degeneração da escola no Brasil, hoje.

Numa perspectiva crítica, a escola para todos requer que a definamos como pública, gratuita, de boa qualidade e única - ou seja, uma escola mantida pelo Estado enquanto equalizador das contribuições dos cidadãos, portanto gratuita, organizada e funcionando de forma a assegurar que todos tenham acesso a ela, que nela permaneçam, aprendam; por fim uma escola de formação geral, sem a dualidade de classes.

Há que se repensar, portanto, a própria organização, expansão e funcionamento da Escola Pública. Uma escola que trabalhe o conhecimento de forma a superar a divisão da sociedade em classes, bem como a dualidade escola acadêmica para a elite/escola profissionalizante para o pobre. Entretanto, deve ser uma escola de 1o. e 2o. Graus com a finalidade precípua de trabalhar o conhecimento, na perspectiva de socializá-lo, ou seja, de que todos os alunos tenham acesso e possibilidade efetiva de ter o domínio do conhecimento - o conhecimento que dê condições de entender, compreender, fazer a leitura das condições de dominação existentes no mundo historicamente situado, na sociedade brasileira historicamente situada, de tal maneira que os alunos consigam compreender o quanto e cano a apropriação do conhecimento científico tem-se dado contra os interesses da humanidade como um todo e o quanto o conhecimento tem sido apropriado como condição dos privilégios dominantes.

O que deixa isto saltar aos nossos olhos é um exemplo bastante simples. O avanço que podemos identificar hoje na Medicina é um avanço de conhecimento gigantesco, fabuloso, a ponto de realizar um transplante de órgãos, por exemplo. Isto requer um conhecimento altamente sofisticado e elaborado. No entanto, ao lado deste avanço do conhecimento científico na área da Medicina, temos a maioria das crianças e da população brasileira morrendo de doenças para as quais essa Ciência já encontrou remédio há muito tempo. Este exemplo mostra claramente o uso do conhecimento em favor de interesses dominantes.

Entendo que a democratização do ensino é a reivindicação pela expansão da educação escolar pública. Portanto, não admitindo a privatização nem a diferenciação de escola conforme interesses dominantes, e julgando que a finalidade precípua da escola é desenvolver formação geral nos alunos, colocando-os em condições de compreender este mundo no qual se situam e de perceber, pelos conhecimentos científicos, os mecanismos de dominação existentes no mundo, estando, com isto, de posse de um instrumento que lhes dê meios de interferir na sociedade.

Entendida a democratização do ensino nesta perspectiva crítica, é importante que situemos, ainda que em breves pinceladas, como esta questão tem-se apresentado na escolarização brasileira.

Inquestionavelmente, o sistema de escolas no Brasil foi ampliado de algumas décadas para cá. Todavia, esta ampliação, sobretudo da escola de 1° Grau, foi calcada no conceito liberal de democracia, o que nos permite encontrar uma explicação para o que ocorre hoje nas nossas escolas. De um lado esta ampliação não foi ainda generalizada na sua totalidade. Mais do que isto, de outro lado a generalização que ocorreu provocou ou foi trabalhada na perspectiva de manter a escola no limite da sobrevivência, em precárias condições.

A escola brasileira é uma escola que até existe. Contudo, está muito distante de responder aos anseios da população que a frequenta, muito distante de responder às mínimas condições de trabalho dos profissionais que nela exercem a sua profissão, muito distante de ser considerada, efetivamente, um serviço público.

Neste ponto, abrimos espaço para entender como, nesta reflexão, é possível e necessário imbricamos na questão pedagógica.

A Pedagogia é Necessária?

Para situarmos a importância da construção do projeto pedagógico na democratização do ensino, é necessário explicitarmos o entendimento que temos da Pedagogia.

O que é Pedagogia no Brasil? O que tem sido? Para que serve?

Com a ampliação desregrada dos cursos de Pedagogia no Brasil, na década de 70, bem como com a implantação da Lei n° 5.692/71, grande parte das Escolas Públicas passou a contar com o pedagogo -supervisor de ensino e orientador educacional - nos seus quadros.

Naquela época, uma reforma nos cursos de Pedagogia incorporou a visão tecnicista da Educação, enfatizando o fazer pedagógico fragmentado e destituído de uma compreensão teórica dos problemas da Educação e, em especial, da educação escolar brasileira, uma vez que estava calcada em modelos estrangeiros e numa formação aligeirada.

Assim, os pedagogos, incorporando as mazelas de sua formação, via de regra, passaram a atuar como burocratas do sistema, vigilantes da ordem estabelecida. Se lembrarmos que a ordem vigente era o autoritarismo do regime militar, que no avanço do capitalismo brasileiro manteve e acentuou a escola nos limites da precária sobrevivência, então concluiremos que a reformulação dos cursos de Pedagogia, bem como das licenciaturas que formam professores, associada ao descaso dos governos pela Educação, veio consolidar o empobrecimento da Escola Pública.

Por isso é que fomos tentados a imputar "a culpa" pelo fracasso da escola aos pedagogos, colocando-os como tradutores do modelo fabril e fragmentadores do processo educativo escolar, responsabilizando-os como expropriadores dos conhecimentos dos professores. Em que pese a importância da denúncia contida nestas afirmações, parece-me que tais teses estão a merecer análises aprofundadas, que examinem a Pedagogia na totalidade da educação escolar brasileira.

A Pedagogia entre nós é recente. O primeiro curso foi instituído legalmente em 1939. Nestes 50 anos ocorreram muitas idas e vindas. Tivemos uma Pedagogia importada, mal-importada, modelada ora na França, ora nos Estados Unidos, ora na Espanha, e acabamos incorporando-a, sem nos perguntarmos sobre sua validade. O que é uma Pedagogia brasileira? O que deve ser'? Em que a Pedagogia, na sua história, na sua vasta história, pode contribuir para a criação de um pensamento pedagógico brasileiro?

Estamos engatinhando nestas questões, podendo, no entanto, constatar avanços. O primeiro refere-se à conceituação de Pedagogia; o segundo, à já significativa produção pedagógica brasileira.

Hoje podemos dizer que temos alguma compreensão do que possa vir a ser a Pedagogia. É possível afirmá-la como uma teoria, uma teoria da Educação. Entendemos por teoria a constituição de um pensamento refletido sobre uma prática que se volta para a prática. Podemos, portanto, assumir com Francisco LARROYO (1944) que o fato pedagógico é anterior à teoria, como o é, aliás, em toda ciência. E ainda assumir com KOWARZICK (1974) que, para ultrapassarmos a constatação do fato, a teoria pedagógica deve ser dialética, isto é, ela deve encarar a sua tarefa conscientemente como a de ser ciência prática - ciência prática da e para a práxis educacional, ou seja, temos aqui um movimento da teoria à prática e desta à teoria. Nesta perspectiva, e assumindo o quanto de riqueza isto traz para o avanço do conhecimento da teoria pedagógica entre nós, podemos identificar um segundo aspecto positivo na Educação brasileira. É o fato de que desde 1980 temos tido possibilidade de nos debruçar sobre os fatos da Educação brasileira, orientados por visões teóricas, refletindo sobre eles e construindo novas teorias. Podemos situar em vários locais do Brasil profissionais que se debruçam sobre os fatos e a prática, e que estão fazendo teoria, publicando as conclusões dos últimos anos. Esta produção acadêmica é resultante da relação entre as universidades, as secretarias da Educação e os sistemas públicos, e está-nos possibilitando enxergar com mais clareza os fatos educacionais.

Nesta diretriz, um caminho que tem sido apontado é o de examinarmos o que ocorreu e ocorre na escola de 1° Grau e no sistema de ensino como um todo.

Particularmente, tenho-me debruçado sobre o fazer pedagógico intrínseco à educação escolar de 1° e 2° Graus, entendendo-o como campo de estudos dos especialistas. Nestes estudos temos destacado a complexidade dos fenômenos da aprendizagem, dos sistemas de organização administrativa do complexo chamado escola e das diferentes e múltiplas formas de organização que apontam para a direção de uma escola na democratização do ensino. Nesta perspectiva, entendo que a teoria da Educação, como reflexão sobre a prática, aponta para a importância de os profissionais denominados pedagogos atuarem neste complexo chamado escola. Assim, a formação destes profissionais precisa estar voltada na direção de responder aos reclamos da realidade escolar.

Neste sentido, o trabalho dos pedagogos circunda a atividade mais importante da escola - que é a sala de aula. Mas o trabalho que determina o fazer pedagógico não se limita à sala de aula; ele a extrapola

Assim, todas as questões ligadas à administração da organização escolar, todas as questões ligadas à interdisciplinaridade, todas as questões relacionadas ao trabalho coletivo, às formas de organização escolar que melhor propiciam o trabalho coletivo, todas as questões vinculadas à articulação da escola com a sua realidade imediata, ligadas, portanto, a horário, grade, organização do funcionamento didático-pedagógico, todas as questões ligadas à discussão do que é necessário na perspectiva de democratização, à insuficiência existente na formação dos professores, à questão salarial, à administração da educação mais ampla, enfim, são questões pedagógicas; são questões que se traduzem no fazer pedagógico e que requerem profissionais competentes para isto.

É evidente que, ao acentuar esta competência, penso que tenha ficado bem claro que esta é necessariamente uma competência política, uma competência que aponta para a formação e o exercício da profissão em determinadas condições histórico-sociais da educação escolar. Por isso é que me parece extremamente importante que se tenha muita clareza quando falamos em democratização do ensino.

Construção do Projeto Pedagógico - Um fazer coletivo

Admitir um projeto significa ter consciência do que se quer, ou seja, se falo em projeto pedagógico tenho de ter, previamente, clareza de que me estou pautando em determinadas concepções de Educação e de ensino. Acredito que o ponto de partida para o projeto real é a explicitação de que queremos uma Escola Pública democrática - daí a importância de firmarmos o que entendemos por democracia.

A escola que se quer democrática precisa definir, a priori, uma nova qualidade, que passa, dentre outras, pelas questões de organização escolar - uma organização escolar que modifique a realidade que aí está, a partir dessa realidade encontrada.

Um dos requisitos de uma nova qualidade pode ser definido por professores capacitados, com formação específica e experiência, selecionados por critérios de competência, conforme um quadro de carreira que impeça influências clientelísticas. A organização administrativa da escola precisa colocar-se a serviço do pedagógico, o que significa:

• compor turmas, turnos e horários adequados a critérios pedagógicos que favoreçam a aprendizagem;

• prever capacitação em serviço e assistência didático-pedagógica constante aos professores, de forma a assegurar o retomo dos benefícios para a escola;

• definir equipes didático-pedagógicas (orientação pedagógica e educacional) de assessoria à atividade docente na escola;

• assegurar horários para reuniões pedagógicas, abrindo espaço para a discussão sobre questões do ensino, para a troca de experiências, para o estudo sobre temas de Educação que favoreçam a melhoria da qualidade do trabalho docente;

• articular as disciplinas do currículo de modo a assegurar conteúdos orgânicos;

• acompanhar o rendimento dos alunos e prever formas de suprir possíveis requisitos, sem rebaixar o nível do ensino.

A organização escolar que se faz necessária é uma organização competente pedagogicamente, de forma a alterar o atual quadro da escola que aí está.

A organização escolar é, por assim dizer, o conteúdo do trabalho coletivo de professores e pedagogos na construção do projeto pedagógico - projeto este com clareza de seus fins, que se efetive no cotidiano; por isso é construção, não está pronto, acabado, mas se faz com profissionais competentes/comprometidos.

A construção do projeto pedagógico pelo coletivo dos educadores escolares objetiva a democratização do ensino, cujo núcleo é a democratização do saber, que passa agora a se diferenciar da democratização das relações internas, sem, no entanto, se desvincular delas.

A democratização das relações internas da escola constitui mediação para a democratização da Educação, o que não significa diminuir sua importância; pelo contrário, admitir a democratização das relações internas como mediação para a democratização da educação significa considerá-la condição sine qua non desta, porém não a única. As relações democráticas na escola, a participação nas decisões, o envolvimento da equipe de professores no trabalho são mediações básicas do objetivo do trabalho docente - ensinar de modo a que os alunos aprendam -, mas não são suficientes nem exclusivas.

Portanto, opor a democratização do saber à democratização das relações internas, como se fossem polos excludentes, é um falso problema. Cumpre reafirmar que o núcleo de trabalho docente é o ensino-aprendizagem, enquanto mediação entre os indivíduos que compõem uma sociedade e os modelos sociais vigentes nessa sociedade - o que se faz pelo ensino crítico dos conteúdos. As relações democráticas de trabalho na escola favorecem a consecução deste núcleo. A participação dos professores na organização da escola, nos conteúdos a serem ensinados, nas suas formas de administração, será tão mais efetivamente democrática na medida em que estes dominarem os conteúdos e as metodologias dos seus campos específicos, bem como o seu significado social, pois só quem domina as suas especificidades numa perspectiva de totalidade (significado social da prática de cada um) é capaz de exercer a autonomia na reorganização da escola, a fim de melhor propiciar a sua finalidade: democratização da sociedade pela democratização do saber.

Que organização escolar favorece a consecução do objetivo de torná-la um instrumento de emancipação das camadas populares?

A esta indagação a resposta imediata é que certamente não é a escola que aí está, pois esta há anos cumpre a função de expulsar os alunos provenientes das camadas médias e baixas que têm tido acesso a ela, pela ampliação quantitativa de vagas. Tal escola está organizada a partir do aluno "ideal". Calcada no modelo da classe dominante, ela se estrutura segundo o princípio da homogeneidade, que, partindo de uma suposta uniformidade das características de ingresso da população, tem de se conformar com um critério de prioridade estatística, com base na qual se definiu o aluno médio, isto é, dotado suficientemente das qualidades necessárias para aprender e só ter de reproduzir na salda a mesma variabilidade real das condições de entrada. Este aluno sempre teve o acesso e a permanência na escola garantidos. Assim, do ponto de vista dos conteúdos de ensino, dosagem, ritmo etc.; das metodologias de ensino; do tipo de relação entre professor e aluno, aluno e escola, escola e pais, professores e técnicos, professores entre si; da grade horária, distribuição das aulas na semana, horários; da sistemática de avaliação, aprovação, reforço etc., a Escola Pública que aí está tem cumprido a função seletiva e de evasão que privilegia os já privilegiados.

No entanto, à indagação feita - que organização escolar favorece a consecução do objetivo de torná-la um instrumento de emancipação das camadas populares? - é preciso responder que é a partir da escola que está aí que se deve construir a "nova". Ou seja, a organização escolar que possibilitará a consecução do objetivo de emancipação das camadas populares será engendrada a partir das condições existentes, porque, dentre outras razões, é na escola que aí está que encontramos elementos válidos que mostram possibilidades para o que deve ser a nova organização escolar. Em outras palavras, não se trata de conceber previamente um tipo de organização escolar ideal, mas de garimpar no já existente os elementos que, fortalecidos, apontam para novas práticas, o que requer pesquisas, análises, observações e experimentação, conduzidas a partir da finalidade de colocar a escola como instância socializadora do saber para as camadas populares.

A organização da escola é competência tanto dos profissionais docentes como dos não-docentes. Seria ingênuo advogar que o professor de sala de aula deve suprir todas

as funções que estão fora da sala de aula, mas que nela interferem, quer dizer, interferem no trabalho docente, o que não significa que este só atue na sala de aula. Assim, as tarefas que são objeto do trabalho social coletivo dos profissionais da escola podem ser listadas como segue:

• Seleção, distribuição e organização dos conteúdos a serem ensinados, considerados relevantes na prática social. Os conteúdos têm objetivos sociopolíticos- por isso devem ser selecionados a partir da prática social existente, a qual deve passar pelo crivo da crítica, a fim de que se construa uma prática social transformadora. Desta forma, as fontes para a seleção dos conteúdos são a natureza primária enquanto objeto de conhecimentos; a natureza transformada pela ação dos homens (natureza secundária); as relações sociais; o conhecimento em si. Impõe-se como tarefa necessária, pois, a revisão dos conteúdos, cujos princípios norteadores devem ser a visão política da educação escolar como prática social situada numa sociedade de classes; o domínio dos conteúdos específicos pelos diferentes professores; o conhecimento e a constante identificação das possibilidades socioculturais individuais dos alunos; a articulação das matérias (conteúdos) do ensino. A revisão dos conteúdos se dá a partir do que é historicamente necessário (a transformação da situação de desigualdades sociais), articulado com o que é historicamente possível (a situação de desigualdades sociais).

O trabalho de revisão dos conteúdos requer o concurso de todos os profissionais da escola. Para cada princípio de seleção e organização dos conteúdos ora expostos é preciso que os profissionais da educação escolar, partindo das condições existentes, tomem decisões e estabeleçam formas de suprir aquilo que inexiste: as condições de trabalho para a consecução do núcleo do trabalho docente que é o ensino-aprendizagem.

• A complexidade da organização escolar requer o concurso de profissionais não-docentes que, tendo determinadas competências, devem cuidar de tarefas relativas ã articulação dos conteúdos; à composição de turmas homogêneas, heterogêneas, bem como ao que fazer com cada uma delas; ao acompanhamento didático-pedagógico aos professores, em virtude de novos tipos de organização curricular - por exemplo, a do Ciclo Básico -, em face das questões metodológicas e de articulação de conteúdos--métodos, em virtude da avaliação que deve ser constantemente diagnosticada, requerendo conhecimentos técnicos específicos, bem como das dificuldades de aprendizagem que os alunos apresentam. É importante ressaltar, ainda, que as decisões quanto a horários adequados às possibilidades dos alunos, dos períodos escolares - quantos, como organizá-los, número de alunos em sala, distribuição das matérias na semana, combinação dos horários de estudo e de trabalho em aula e os horários de merenda e recreação de tal forma a possibilitar o aproveitamento máximo dos trabalhos escolares; os dias letivos -, sua utilização favorável para ampliar as possibilidades de estudo e trabalho escolar, a atribuição de aulas e distribuição dos professores nas turmas de forma a propiciar a melhoria qualitativa do trabalho em aulas são questões administrativas que requerem a competência, não exclusiva, do pedagogo, especialista da Educação.

Enfim, trata-se de os educadores propiciarem, no interior da escola, condições as mais favoráveis possíveis para a democratização do ensino, lembrando com B. CHARLOT (A mistificação pedagógica p. 293) que: "Elaborar um sistema pedagógico é definir um projeto de sociedade e tirar dele as consequências pedagógicas".

Fonte

PIMENTA, Selma, G.A. A Construção do Projeto Pedagógico na Escola de 1º Grau. Ideias nº 8. 1.990, p 17-24.

QUEIROZ, CECÍLIA T. A. P. DE; MOITA, FILOMENA M. G. DA S.C.. FUNDAMENTOS SÓCIO- FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO. CAMPINA GRANDE; NATAL: UEPB/UFRN, 2007. (MEC/SEB/SEED).

A tendência liberal tradicional

A tendência tradicional está no Brasil, desde os jesuítas. O principal objetivo da escola era preparar os alunos para assumir papéis na sociedade, já que quem tinha acesso às escolas eram os filhos dos burgueses e a escola tomava como seu papel principal, fazer o repasse do conhecimento moral e intelectual porque através deste estaria garantida a ascensão dos burgueses e, consequentemente, a manutenção do modelo social e político vigente. Para tanto, a proposta de educação era absolutamente centrada no professor, figura incontestável, único detentor do saber que deveria ser repassado para os alunos. O papel do professor estava focado em vigiar os alunos, aconselhar, ensinar a matéria ou conteúdo, que passivos. Nessa concepção de ensino o processo de avaliação carregava em seu bojo o caráter de punição, muitas vezes, de redução de notas em função do comportamento do aluno em sala de aula. Essa tendência pedagógica foi/é muito forte em nosso modelo de educação, ainda hoje, tanto no ensino fundamental e médio como no ensino superior, que vive uma salada de concepções pedagógicas. Sabemos que os professores são fruto da sua formação escolar, social e política, que esta se reflete na sua prática pedagógica, quando esta não é pensada/refletida cotidianamente, nesse caso, temos um ciclo vicioso: formado sem reflexão –formo alunos sem reflexão, também.

A tendência liberal renovada (subtítulo)

Novos ventos mudaram o mundo, no que diz respeito às concepções filosóficas e sociológicas da educação. Por volta dos anos 20 e 30, o pensamento liberal democrático chega ao Brasil e à Escola Nova

, chega defendendo a escola pública para todas as camadas da sociedade.

Para Saviani, apud Gasparin (2005), a Escola Nova acaba por aprimorar o ensino das elites, rebaixando o das classes populares. Mas, mesmo recebendo esse tipo de

crítica, podemos considerá-la como o mais forte movimento "renovador" da educação brasileira. A tendência liberal renovada manifesta-se por várias versões: a renovada progressista ou pragmática, que tem em Jonh Dewey e Anísio Teixeira seus representantes mais significativos; a renovada não-diretiva, fortemente inspirada em Carl Rogers, o qual enfatiza também a igualdade e o sentimento de cultura como desenvolvimento de aptidões individuais; a culturalistas; a piagetiana; a montessoriana; todos relacionadas com os fundamentos da Escola Nova ou Escola Ativa. Por educação nova entendemos a corrente que trata de mudar o rumo da educação tradicional, intelectualista e livresca, dando-lhe sentido vivo e ativo. Por isso se deu também a esse movimento o nome de `escola ativa´" (LUZURIAGA, 1980, p. 227).

Enfim, considerando suas especificidades e propostas de práticas pedagógicas diferentes, as versões da pedagogia liberal renovada têm em comum a defesa da formação do indivíduo como ser livre, ativo e social. "Do ponto de vista da Escola Nova, os conhecimentos já obtidos pela ciência e acumulados pela humanidade não precisariam ser transmitidos aos alunos, pois acreditava-se que, passando por esses métodos, eles seriam naturalmente encontrados e organizados" (FUSARI e FERRAZ, 1992, p. 28). Essa tendência retira o professor e os conteúdos disciplinares do centro do processo pedagógico e coloca o aluno como fundamental, que deve ter sua curiosidade, criatividade, inventividade, estimulados pelo professor, que deve ter o papel de facilitador do ensino. Defende uma escola que possibilite a aprendizagem pela descoberta, focada no interesse do aluno, garantindo momentos para a experimentação e a construção do conhecimento, que devem partir do interesse do aluno. Essa concepção pedagógica sofreu e sofre distorções fortes por parte de alguns educadores. Muitos defendiam essa tendência, mas na prática, abriam mão de um trabalho planejado, deixando de organizar o que deveria ser ensinado e aprendido com a falsa desculpa de que o aluno é o condutor do processo. Nova parada para relembrar e resumir o que foi estudado:

A tendência liberal tecnicista

A Tendência Liberal Tecnicista começa a se destacar no final dos anos 60, quando do desprestígio da Escola Renovada, momento em que mais uma vez, sob a força do regime militar no país, as elites dão destaque a um outro tipo de educação direcionada às grandes massas, a fim de se manterem na posição de dominação. Tendo como principal objetivo atender aos interesses da sociedade capitalista, inspirada especialmente na teoria behaviorista, corrente comportamentalista organizada por Skinner que traz como verdade inquestionável a neutralidade científica e a transposição dos acontecimentos naturais à sociedade. O chamado "tecnicismo educacional", inspirado nas teorias da aprendizagem e da abordagem do ensino de forma sistêmica, constituiu-se numa prática pedagógica fortemente controladora das ações dos alunos e, até, dos professores, direcionadas por atividades repetitivas, sem reflexão e absolutamente programadas, com riqueza de detalhes. O tecnicismo defendia, além do princípio da neutralidade, já citada, à racionalidade, a eficiência e a produtividade. A educação, a escola passa a ter seu trabalho fragmentado com o objetivo de produzir os "produtos" sonhados e demandados pela sociedade capitalista e industrial. Tais como: o microensino, o tele-ensino, a instrução programada, entre outras. Subordina a educação à sociedade capitalista, tendo como tarefa principal à produção de mão de obra qualificada para atender ao mercado, trazendo para os alunos e para as escolas consequências perversas, a saber:

1. A sociedade passou a atribuir a escola e a sua tecnologia toda a responsabilidade do processo de aprendizagem, negando os saberes trazidos pelos alunos e pelos professores;
2. Incutiu a ideia errada de que aprender não é algo inerente ao ser humano e sim um processo que ocorre apenas a partir de técnicas específicas e pré-definidas por especialistas;
3. O professor passou a ser refém da técnica, repassada pelos manuais e o aluno a ser um mero reprodutor de respostas pré-estabelecidas pela escola. Assim, se o aluno quisesse lograr sucesso na vida e na escola, precisava apenas responder ao que lhe foi ensinado e reproduzir, sem questionar e/ou criar algo novo;
4. O bom professor deveria observar o desempenho do aluno, apenas com o intuito de ajustar seu processo de aprendizagem ao programa vivenciado;
5. Cada atividade didática passou a ter momento e local próprios para ser realizada, dentre outras. Naturalmente que este modelo, que defende a fragmentação do conhecimento, calcado na crescente especialização da ciência compromete a construção de uma visão global por parte dos educadores, impossibilitando ou dificultando, muitíssimo, o desenvolvimento de um ser humano mais integrado interiormente e participante socialmente. Vele salientar, que essa tendência pedagógica marcou fortemente as décadas de 70 e 80 e tem influência ainda hoje.

As Tendências Progressistas surgem, também, na França a partir de 1968, e no Brasil coincide com o início da abertura política e com a efervescência cultural. Nesta concepção a escola passa a ser vista não mais como redentora, mas como reprodutora da classe dominante. Em nível mundial, três teorias em especial deram a base para o desvelamento da concepção ingênua e acrítica da escola: Bourdieu e Passeron (1970) com a teoria do Sistema enquanto Violência Simbólica; Louis Althusser (1968) com a teoria da escola enquanto Aparelho Ideológico do Estado; e Baudelot e Establet (1971) com a teoria da Escola Dualista. Todas elas classificadas como "crítico-reprodutivistas", mas nenhuma delas apresenta uma proposta pedagógica explicita, buscam apenas, a explicar as razões do fracasso escolar e da marginalização da classe trabalhadora. Defendem a necessidade de superação, tanto da "ilusão da escola como redentora, como da impotência e o imobilismo da escola reprodutora" (Saviani, 2003). Nessa perspectiva, Libâneo (1994), divide a Pedagogia Progressista em três

tendências: A Pedagogia Progressista Libertadora, A Pedagogia Progressista Libertária, A Pedagogia Progressista Crítico-Social dos Conteúdos, que vamos ver mais detalhadamente.

A tendência progressista libertadora

No final dos anos 70 e início dos 80, a abertura política decorrente do final do regime militar coincidiu com a intensa mobilização dos educadores para buscar uma educação crítica, tendo em vista a superação das desigualdades existentes no interior da sociedade. Surge, então a "pedagogia libertadora" que é oriunda dos movimentos de educação popular que se confrontavam com o autoritarismo e a dominação social e política. Nesta tendência pedagógica, a atividade escolar deveria centrar-se em discussões de temas sociais e políticos e em ações concretas sobre a realidade social imediata.

O professor deveria agir como um coordenador de atividades, aquele que organiza e atua conjuntamente com os alunos. Seus defensores, dentre eles o educador pernambucano Paulo Freire, lutavam por uma escola conscientizadora, que problematizasse a realidade e trabalhasse pela transformação radical da sociedade capitalista. Os seguidores da tendência progressista libertadora não tiveram a preocupação de consolidar uma proposta pedagógica explícita, havia opção didática já aplicada nos chamados "círculos de cultura". Devido às suas características de movimento popular, essa tendência esteve muito mais presente em escolas públicas de vários níveis e em universidades, do que em escolas privadas. Pierre Bourdieu Filósofo e sociólogo francês escreveu em parceria com Passeron, a obra La Reproduction (A Reprodução), publicada em 1970.

Desenvolveram trabalhos abordando a questão da dominação, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. Sua discussão sociológica centralizou-se, ao longo de sua obra, na tarefa de desvendar os mecanismos da reprodução social que legitimam as diversas formas de dominação. O mundo social, para Bourdieu, deve ser compreendido à luz de três conceitos fundamentais: campo, habitus e capital.

A tendência progressista libertária

Essa tendência teve como fundamento principal realizar modificações institucionais, acreditando que a partir dos níveis menores (subalternos), irão modificando "contaminando" todo o sistema, sem definir modelos a priori e negando-se a respeitar qualquer forma autoridade ou poder. Suas ideias surgem como fruto da abertura democrática, que vai se consolidando lentamente a partir do início dos anos 80, com o retorno ao Brasil dos exilados políticos e com a conquista paulatina da liberdade de expressão, através dos veículos de comunicação de massa, dos meios acadêmicos, políticos e culturais do país. Cresce o interesse por escolas verdadeiramente democráticas e inclusivas e solidifica- se o projeto de escola que corresponda aos anseios da classe trabalhadora, respeitando as diferenças e os interesses locais e regionais, objetivando uma educação de qualidade e garantida a todos os cidadãos. Essa tendência defende, apoia e estimula a participação em grupos e movimentos sociais: sindicatos, grupos de mães, comunitários, associações de moradores etc.., para além dos muros escolares e, ao mesmo tempo, trazendo para dentro dela essa realidade pulsante da sociedade. A necessidade premente era concretizar a democracia, recém-criada, através de eleições para conselhos, direção da escola, grêmios estudantis e outras formas de gestão participativa.

No Brasil, os educadores chamados de libertários têm inspiração no pensamento de Celestin Freinet. Buscam a aplicação concreta de suas técnicas, na qual os próprios alunos organizavam seu trabalho escolar. A metodologia vivenciada é a própria autogestão, tornando o interesse pedagógico intrínseco às necessidades e interesses do grupo.

A tendência progressista crítico social dos conteúdos ou histórico-crítica Essa tendência se constitui no final da década de 70 e início dos 80 com o propósito de ser contrária à "pedagogia libertadora", por entender que essa tendência não dá o verdadeiro e merecido valor ao aprendizado do chamado "saber científico", historicamente acumulado, e que constitui nosso identidade e acervo cultural, A "pedagogia crítico-social dos conteúdos" defende que a função social e política da escola deve ser assegurar, através do trabalho com conhecimentos sistematizado, a inserção nas escolas, com qualidade, das classes populares garantindo as condições para uma efetiva participação nas lutas sociais. Esta tendência prioriza, na sua concepção pedagógica, o domínio dos conteúdos científicos, a prática de métodos de estudo, a construção de habilidades e raciocínio científico, como modo de formar a consciência crítica para fazer frete à realidade social injusta e desigual. Busca instrumentalizar os sujeitos históricos, aptos a transformar a sociedade e a si próprio. Sua metodologia defende que o ponto de partida no processo formativo do aluno seja a reflexão da prática social, ponto de partida e de chegada, porém, embasada teoricamente. Entende que não basta repassar conteúdo escolar que aborde às questões sociais. Complementa que se faz necessário, que os alunos tenham o domínio dos conhecimentos, das habilidades e capacidades para interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe. Agora você verá um quadro resumo, construído pela professora Terezinha Machado, que irá lhe ajudar a visualizar as diferentes tendências pedagógicas que estudamos até aqui. É importante que você saiba que estas tendências predominaram em determinado período histórico, o que não significa que deixaram de coexistir no momento em que outra tendência começava a ser difundida; pensar assim seria simplificar demais as complexidades da educação, também estas caracterizações estão num plano geral e não aprofundado; pois, como já foi dito, a intenção é discutir as tendências, situá-las a fim de relacionar com a prática pedagógica dos professores no intuito de trazer rotas, mapas para a sua prática como professor de Geografia, nesse momento, em formação. Temos consciência que na prática mesmo, no dia a dia de sala de aula e de vida profissional, o que vai definir sua atuação é a sua opção teórica, sua opção de classe, sua cidadania, que você irá articular a sua ação docente.

Quadro síntese das tendências pedagógicas

Nome da Tendência Pedagógica	Papel da Escola	Conteúdos	Métodos	Professor x aluno	Aprendizagem	Manifestações
1. Tendência Liberal Tradicional.	Preparação intelectual e moral dos alunos para assumir seu papel na sociedade.	Conhecimentos e valores sociais acumulados através dos tempos e repassados aos alunos como verdades absolutas.	Exposição e demonstração verbal da matéria e/ ou por meios de modelos.	Autoridade do professor que exige atitude receptiva do aluno.	A aprendizagem é receptiva e mecânica, sem se considerar as características próprias de cada idade.	Nas escolas que adotam filosofias humanistas clássicas ou científicas.
2. Tendência Liberal Renovada	A escola deve adequar as necessidades individuais ao meio social.	Estabelecidos a partir das experiências vividas pelos alunos frente às situações problemas.	Por meio de experiências, pesquisas e método de solução de problemas.	O professor é auxiliador no desenvolvimento livre da criança.	É baseada na motivação e na estimulação de problemas.	Montessori, Decroly, Dewey, Piaget, Lauro de oliveira Lima
3. Tendência Liberal Renovadora não-diretiva (Escola Nova)	Formação de atitudes.	Baseados na busca dos conhecimentos pelos próprios alunos.	Método baseado na facilitação da aprendizagem.	Educação centralizada no aluno e o professor é quem garantirá um relacionamento de respeito.	Aprender é modificar as percepções da realidade.	Carl Rogers, "Sumerhill" escola de A. Neill.
4. Tendência Liberal Tecnicista.	É modeladora do comportamento humano através de técnicas específicas.	Informações ordenadas numa seqüência lógica e psicológica.	Procedimentos e técnicas para a transmissão e recepção de informações.	Relação objetiva onde o professor transmite informações e o aluno vai fixá-las.	Aprendizagem baseada no desempenho.	Leis 5.540/68 e 5.692/71.
5. Tendência Progressista Libertadora	Não atua em escolas, porém visa levar professores e alunos a atingir um nível de consciência da realidade em que vivem na busca da transformação social.	Temas geradores.	Grupos de discussão.	A relação é de igual para igual, horizontalmente.	Resolução da situação problema.	Paulo Freire.
6. Tendência Progressista Libertária.	Transformação da personalidade num sentido libertário e autogestionário.	As matérias são colocadas mas não exigidas.	Vivência grupal na forma de auto-gestão.	Não diretiva, o professor é orientador e os alunos livres.	Aprendizagem informal, via grupo.	C. Freinet Miguel Gonzales Arroyo.
7. Tendência Progressista "crítico social dos conteúdos ou "histórico-crítica"	Difusão dos conteúdos.	Conteúdos culturais universais que são incorporados pela humanidade frente à realidade social.	O método parte de uma relação direta da experiência do aluno confrontada com o saber sistematizado.	Papel do aluno como participador e do professor como mediador entre o saber e o aluno.	Baseadas nas estruturas cognitivas já estruturadas nos alunos.	Makarenko B. Charlot Suchodoski Manacorda G. Snyders Demerval Saviani.

Disponível em: www.tereshamachado.veranda.org/textos/doc_30.doc **Acesso em:** 13/julho/2007

Fonte

QUEIROZ, Cecília T. A. P. de; MOITA, Filomena M. G. da S.C. Fundamentos sócio-filosóficos da educação. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007

RESENDE, L. M. G. DE. A PERSPECTIVA MULTICULTURAL NO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. IN: VEIGA, ILMA PASSOS ALENCASTRO. ESCOLA: ESPAÇO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. CAMPINAS: PAPIRUS, 1998.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: UM CONVITE À REFLEXÃO

O projeto pedagógico exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim como a explicitação de seu papel social e a clara definição de caminhos, formas operacionais e ações a serem empreendidas por todos os envolvidos com o processo educativo. Seu processo de construção aglutinará crenças, convicções, conhecimentos da comunidade escolar, do contexto social e científico, constituindo-se em compromisso político e pedagógico coletivo Ele precisa ser concebido com base nas diferenças existentes entre seus autores, sejam eles professores, equipe técnico- administrativa, pais, alunos e representantes da comunidade local.

É, portanto, fruto de reflexão e investigação. Nesse sentido, e mediante observação e análise que se caracterizam por um contato direto do professor-pesquisador com a situação pesquisada e que vão ocorrendo ao longo de um tempo, no dia-a-dia da escola, os profissionais, do seu cotidiano, observam o que ocorre, ouvem o que é dito, lêem o que é escrito, levantam questões, observam e registram tudo. Documentam o não-documentado, procurando entender como ocorrem no interior da escola e das salas de aula as relações pedagógicas, como é concebido, executado e avaliado o currículo escolar, quais atitudes, valores e crenças são perseguidos, quais as formas de organização do trabalho pedagógico. Tais dados servem para clarificar ás questões prioritárias e propor alternativas de solução. André (1995, p. 111) afirma: Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem seu dia-a-dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar, analisando a dinâmica de cada sujeito nesse complexo interacional.

Esse imprescindível esforço coletivo implica a seleção de valores a serem consolidados, a busca de pressupostos teóricos e metodológicos postulados por todos, a identificação das aspirações maiores das famílias, em relação ao papel da escola na educação da população e na contribuição específica que irá oferecer para "o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho"(art. 2° da Lei n° 9.394/96).A análise do contexto externo consiste no estudo do meio no qual a escola está inserida e das suas interações,, Para fazer a análise do contexto externo, é necessário identificar os principais participantes que interagem com a escola e analisar ás influências das dimensões geográficas, políticas, econômicas e culturais. No decorrer do processo de construção do projeto pedagógico, consideram-se dois momentos interligados e permeados pela avaliação: o da concepção é o da execução. Para que possam construir esse projeto, é necessário que as escolas, reconhecendo sua história e a relevância de sua contribuição, façam autocrítica e busquem uma nova forma de organização do trabalho pedagógico; que "reduza os efeitos da divisão do trabalho, da fragmentação e do controle hierárquico" (Veiga 1996, p. 22). Quanto a concepção, um projeto pedagógico de qualidade deve apresentar as seguintes características:

a) ser um processo participativo de decisões

b) preocupar-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que desvele.

Neste contexto, Resende (1998) nos lembra que a gestão democrática está em processo de construção devido à pouca experiência que temos com o exercício democrático. Além disso, no cotidiano escolar segundo a mesma autora, "Antes mesmo de se buscar sistematizar o projeto político-pedagógico é indispensável analisar e atuar em espaços onde formas veladas de autoritarismo se transvertem criando verdadeiras barreiras contra criatividade, criticidade e a expressão das experiências vividas. [...]". Consequentemente, a chamada Gestão Democrática na escola é ainda objeto de analises e reflexão (RESENDE, 1998, p 40).

No que se refere ao princípio de liberdade da escola ou na escola, segundo Veiga (2006), pode ser visualizado em dois aspectos: enquanto autonomia da escola ou enquanto liberdade na relação entre os diversos sujeitos na escola, diretor, professor, aluno e funcionário. Como um dos grandes eixos que deveriam nortear a construção dos PPP está centralizada na liberdade, Medel (2013) define que, "[...] o eixo da liberdade que se expressa no âmbito do pluralismo de ideias e concepções pedagógicas e da proposta de gestão democrática do ensino, que será definida em cada sistema de ensino". A condição para valorização dos profissionais da educação na escola, por sua vez, está ligada a formação acadêmica e continuada e a condição de trabalho do professor.

Apesar de estarem também como preocupação nos PPPs, o campo de ação da escola é limitado, pois em geral, a formação continuada é uma preocupação que vai além dos muros da escola. No Paraná, por exemplo, esta formação é ofertada pela Secretaria de Educação; sindicatos; universidades; entre outros. Nesse cenário, as escolas competem: a) proceder ao levantamento de necessidades de formação continuada de seus profissionais; b) elaborar seu programa de formação, contando com a participação e o apoio dos órgãos centrais, no sentido de fortalecer seu papel na concepção, na execução e na avaliação do referido programa (VEIGA, 2006, p. 20).

Restam-nos agora, os princípios de igualdade e qualidade. Igualdade segundo Veiga (2006), na concepção que estamos utilizando, é igualdade de condição de acesso e permanência na escola. Já qualidade, nesta mesma concepção, representa qualidade de educação para todos, o que implica não apenas uma qualidade formal técnica, mas política. Sendo que a qualidade formal está ligada as questões dos instrumentos, métodos e técnicas e a qualidade política é vinculado à questão da participação.

Poderíamos dizer que essa qualidade política é o que permitiria a participação atuante e consciente da criança, do educando na escola, na sociedade, pois partiria de um projeto de educação plural, heterogêneo e multicultural que reconhece a diversidade dos sujeitos na escola. E aqui reside um problema que tem posta em xeque a qualidade política da escola, pois o que vem acontecendo na escola em geral é o contrário, pois percebemos ao longo da história no sistema de educação, que privilegia um padrão monocultural e homogêneo, que é considerado padrão de normalidade e ignorando a composição multicultural e a heterogeneidade considerada anormal: [...]. o que parece imperar é uma cultura da "objetividade ", entendida como uniformismo, como ataque à diversidade, com finalidade de favorecer a articulação de sociedade "mono": monoculturais, mono linguísticas, monoétnicas, monoideológicas etc. Pretende-se negar a diversidade para impor uma única cultura que se anuncia e se faz pública como "comum", "consensual", "valiosa" e "histórica (a de sempre) ".

Esta homogeneização cultural na escola para estudiosos do tema tenderia a comprometer está qualidade da educação para todos, pois é considerada uma das principais causas da repetência e evasão. Todavia, é oportuno esclarecer que: a escola de qualidade tem obrigação de evitar

de todas as maneiras possíveis a repetência e a evasão. Tem que garantir a meta qualitativa do desempenho satisfatório a todos. Qualidade para todos, portanto vai além da meta quantitativa de acesso global, no sentindo que as crianças, em idade escolar, entrem na escola. É preciso garantir a permanência dos que nela ingressarem[...].

Um dos primeiros passos para a desconstrução desta homogeneizadora e monocultural seria a construção coletiva, de fato, do PPP, envolvendo professores, funcionários, diretores, pais e/ou responsáveis, alunos e comunidade. Tal conduta seria por si só, um passo importante na construção de uma escola que respeite e reconheça as diferenças e a pluralidades, haja vista a diversidade cultural, religiosa, de gênero, de classe, de etnia que estes agentes trazem em si. Como lembra Medel (2013.), "Numa visão multicultural, ao representar a identidade 9706 institucional da escola, o PPP representa um esforço coletivo de conferir unidade a partir da pluralidade. Essa unidade deve comportar espaços de pluralidade na sua definição e na sua implementação".

Outro caminho que tem se apresentado é pensar que a educação nas relações étnico raciais vem a partir de uma perspectiva teórica-filosófica multicultural ou do multiculturalismo. Pensando que a abordagem multicultural permite demonstrar o conservadorismo e as práticas discriminatórias que tem se perpetuado na sociedade e na escola ao resgatar a diversidade cultural e as relações de poder que estão implícitas nas interrelações destes diferentes grupos étnicos, culturais religiosos, etc: nas reflexões que desenvolvo neste artigo, tomarei o multiculturalismo na imbricação dos dois significados, quais sejam, no reconhecimento da diversidade e no caráter intervencionista das ações desvelando o cotidiano das pessoas, que é identificado como natural e comum a todos, embora não o seja, permeado que é pelas disputas de relações de poder construídas socialmente de forma desigual. (RESENDE, 2003, p. 33).

O multiculturalismo pode ser definido, a partir de Gonçalves e Silva (1998, p 13), como uma estratégia política ou ainda como um corpo teórico, que deve auxiliar ou orientar a produção do conhecimento. Já Peter Mclaren (2000), em seu livro intitulado como "Multiculturalismo crítico", indica que há quatro tipos distintos de multiculturalismo, sendo eles: o conservador ou empresarial; o humanista liberal; o multiculturalismo liberal de esquerda e o multiculturalismo crítico. O autor ainda ressalta, no entanto que, não é uma divisão fechada, mas há diálogos entre elas. Assim, pensar a educação a partir do multiculturalismo, especificamente o multiculturalismo crítico, seria uma maneira de romper com a visão homogeneizadora e monocultural, pois traria no seu bojo as vozes de sujeitos que até então foram relegados a segundo plano, no currículo e na sociedade. Medel (2013) destaca ainda que, é de suma importância pensar o multiculturalismo para se pensar as tensões e conflitos que permeiam a escola, no qual afirma que: o multiculturalismo expõe como reflexão obrigatória voltar-se ás tensões que envolvem a escola e a cultura e a cultura da escola e sua inclusão em políticas curriculares e avaliativas estaduais e nacionais, de modo que não apenas busque estratégias para que as diferenças culturais possam coexistir democraticamente, mas principalmente, que se mantenha um olhar constante acerca da tensão universal e particular no âmbito da gestão escolar (MEDEL, 2013, p. 20).

Fonte

DUARTE, A.; SILVA, R. T. C. Análise dos projetos político-pedagógico

Referência

RESENDE, L. M. G. de. A perspectiva multicultural no projeto político-pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Escola: espaço do projeto político-pedagógico. Campinas: Papirus, 1998.

RIOS, TERESINHA AZEREDO. COMPREENDER E ENSINAR: POR UMA DOCÊNCIA DE MELHOR QUALIDADE. SÃO PAULO: CORTEZ, 2001 (CAPÍTULOS 2 E 3).

A autora apresenta neste texto, sua tese de doutorado defendida em agosto de 2000 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo apreciada por Selma Garrido Pimenta, (sua orientadora), Mário Sergio Cortella e José Carlos Libâneo. Ensinar é o enfoque do livro, que a autora faz com muita propriedade, uma vez que "fazer aulas " e "ensinar" é a sua alegria. Fala de seus limites, o "largar tudo", mas retorna com esperança refletindo sua prática numa mistura de razão e paixão, é uma reflexão que empreende uma busca de compreensão da realidade através da Filosofia e da Didática, chamada de ciência do ensino.

COMPREENDER E ENSINAR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

É a articulação entre Filosofia e Didática - saberes que contribuem para a construção contínua da competência do professor. Filosofia - é a reflexão e a compreensão da atuação dos seres humanos no mundo. Didática - é a preocupação com o ensino, a socialização, criação e recriação. Tanto a Filosofia como a Didática são saberes humanos historicamente situados e é preciso verificar as caraterísticas do contexto, nos quais eles desempenham suas funções e quais as alternativas para que estes sujeitos possam «fazer acontecer». A responsabilidade pelo ensino está dispersa, mas há uma grande preocupação com ele e pode-se constatar que as demandas colocadas à Filosofia ainda são muito grandes. Assim sendo, encontra-se no campo da educação a perspectiva de uma ressignificação da ciência do ensinar.

Nosso mundo, nosso tempo - precariedade e urgências – É necessário refletir sobre os possíveis caminhos através da Filosofia e da Didática. Na passagem do novo milênio, do novo século, o que se afirma é que se enfrenta uma

crise de significados da vida humana, das relações entre as pessoas, instituições e comunidades. A crise aponta para duas perspectivas - perigo e oportunidades. Quando consideramos o perigo, estamos envolvidos por uma atitude negativa, ignorando as alternativas de superação, e quando considera-se a perspectiva de oportunidade, estamos à mercê da crítica, da reflexão e a da reorientação da prática.

Este mundo, definido como pós- moderno, tem a referência de uma modernidade antecedente. A modernidade caracterizou-se como um período em que a razão é como um elemento explicador e transformador do mundo. Ser moderno implicava em lançar-se à aventura da razão instrumental, tecnológica. Do ponto de vista político-econômico instalou-se o modelo liberal, a defesa do livre mercado, o incentivo à especialização, a discussão sobre os ideais de liberdade e igualdade. Globalização - fenômeno da expansão de inter-relações, principalmente de natureza econômica, em uma escala mundial, entre países e sociedades de todo o mundo, reflete o progresso tecnológico e o crescimento da pobreza em todas as regiões do mundo. É a convivência com a exclusão social. É um mundo desencantado que despreza alguns valores fundamentais na construção do mundo e do ser humano. Neste mundo complexo, também se tornam mais complexas as tarefas dos educadores. E neste contexto, qual será a atitude a se tomar no campo do trabalho docente, na perspectiva da educação e da filosofia? A autora ressalta algumas demandas que se configuram como desafios:

- um mundo fragmentado exige para a superação da fragmentação, uma visão de totalidade, um olhar abrangente e, no que diz respeito ao ensino, a articulação estreita dos saberes e capacidades;

- um mundo globalizado requer, para evitar a massificação e a homogeneidade redutora, o esforço de distinguir, para unir a percepção clara de diferenças e desigualdades e, no que diz respeito ao ensino, o reconhecimento de que é necessário um trabalho interdisciplinar que só ganhará sentido se partir de uma efetiva disciplinaridade; - num mundo em que se defronta a afirmação de uma razão instrumental e a de um irracionalismo é preciso encontrar o equilíbrio, fazendo a recuperação do significado da razão articulada ao sentimento e, no que diz respeito ao ensino, à reapropriação do afeto no espaço pedagógico.

Compreender o mundo - Através da Filosofia faz-se uma reflexão e objetiva-se um saber inteiro com clareza, abrangência e profundidade, orienta-se num esforço de compreensão que é o desvelamento da significação, o valor dos objetos sobre os quais se volta. Conceito de compreensão - uma referência a uma dimensão intelectual e a uma dimensão afetiva. Faz-se necessária também uma atitude de admiração diante do conhecido. Aristóteles afirmava que a admiração é o primeiro estímulo que o ser humano tem para filosofar. Na prática, o que fascina e intriga? A resposta está na vivência das situações-limite, ou situações problemáticas. Quando se faz uma reflexão sobre o próprio trabalho, questiona-se a sua validade, o seu significado. As respostas são encontradas em dois espaços: na prática - na experiência cotidiana; na reflexão crítica - sobre os problemas que esta prática faz surgir como desafios.

Ensinar o mundo - Etimologicamente; didática em grego didaktika, derivado do verbo didasko - significado "relativo ao ensino". Para Coménio - "a arte de ensinar". A definição de Didática engloba duas perspectivas: uma ciência que tem um objeto próprio, como um saber, um ramo do conhecimento, e uma disciplina que compõe a grade curricular dos cursos de formação de professores.

O ensino como objeto da Didática, é considerado como uma prática social que se dá no interior de um processo de educação e que ocorre informalmente, seja espontânea, ou formalmente, de maneira sistemática, intencional e organizada. De maneira organizada, se desenvolve na instituição escolar realizado a partir da definição de objetivos, conteúdos a serem explorados no processo educacional. A relação professor-aluno, por intermédio do gesto de ensinar, propicia um exercício de meditação, é o encontro com a realidade, considerando o saber já existente, e procura articular a novos saberes. Este processo possibilita aos alunos a formação e o desenvolvimento de capacidades, habilidades cognitivas e operativas. Logo, o ensino através da ação específica do docente caracteriza-se como uma ação que se articula à aprendizagem. Diante desta apresentação, a autora faz um alerta reflexivo na seguinte frase: "O professor afirma que ensinou e que infelizmente os alunos não aprenderam". A Didática é um elemento fundamental para o desenvolvimento do trabalho docente. "Um bom professor é reconhecido pela sua didática". Esse conceito é identificado como um "saber fazer". A Didática deve ser entendida em seu caráter prático de contribuição ao desenvolvimento do trabalho de ensino, realizado no dia- a-dia da escola. (Oliveira, M.R.S., 1993:133-134).

Didática e Filosofia da Educação: uma interlocução - Na música de Gilberto Gil "Hoje o mundo é muito grande, porque a Terra é pequena" e no Vasto mundo de Drumond de Andrade. O mundo cuja extensão se torna maior em função da intervenção contínua dos seres humanos, construindo e modificando a cultura e a história. Como ser professor neste mundo? O que é ensinar? Como e de que modo os alunos aprendem?

A fragmentação do conhecimento, da comunicação e das relações comprometem a prática educativa. Portanto, é preciso um novo olhar e uma articulação estreita de saberes e capacidades para que a Filosofia da Educação abranja o processo educativo em todos os aspectos. A Didática necessita dialogar com a diversidade dos saberes da docência, enfrentar os desafios e buscar alternativas para pensar e repensar o ensino. Este contexto implica a revisão de conteúdos, de métodos, do processo de avaliação, novas propostas e novas organizações curriculares. Ensinar - Muitas questões se apropriam da prática docente, com o objetivo de estabelecer vínculos entre o conhecimento e a formação cultural, o desenvolvimento de hábitos, atitudes e valores.

A autora ressalta com base em Selma G. Pimenta em "O estágio na formação de professores"- 1994, que são necessárias novas questões para um novo cenário educacional e para o novo milênio. O fenômeno da globalização é uma percepção clara das diferenças e especificidades dos saberes, e das práticas para realizar um trabalho coletivo e interdisciplinar. Interdisciplina - ressalta "mistura de tra-

balhos" que é a maneira equivocada em que ocorre a interdisciplinaridade, em torno de um tema. Na verdade, a interdisciplinaridade é algo mais complexo, que só ocorre quando trata verdadeiramente de um diálogo ou de uma parceria, que é constituída exatamente na diferença, na especificidade da ação de grupos ou indivíduos que querem alcançar objetivos comuns. É preciso ter muita clareza do tipo de contribuição que cada grupo pode trazer, na especificidade desta contribuição, que é a disciplinaridade.

Competência e Qualidade na Docência

É uma reflexão sobre a articulação dos conceitos de competência e de qualidade no espaço da profissão docente. Estes termos são empregados com múltiplas significações, gerando equívocos e contradições. A ideia de ensino competente é um ensino de boa qualidade. É fazer a conexão estreita entre as dimensões: técnica, política, ética e estética da atividade docente. Trata-se de refletir sobre os saberes que se encontram em relação à formação e à prática dos professores. O conceito de qualidade é abrangente, é multidimensional. Na análise crítica da qualidade, devem ser considerados os aspectos que possam articular a ordem técnica e pedagógica aos de caráter político - ideológico. A reflexão sobre os conceitos de competência e qualidade têm o propósito de ir a busca de uma significação que se alterou exatamente em virtude de certas imposições ideológicas.

Em busca da significação dos conceitos: o recurso à lógica - A lógica formal permite analisar os conceitos em sua própria constituição. Para Aristóteles, a lógica foi chamada de organon, necessária em todos os campos do conhecimento. A compreensão dos termos tem sofrido modificações em virtude das características dos contextos em que são utilizados. Assim, o termo Competência, frequentemente é usado para designar múltiplos conceitos como: capacidade, saber, habilidade, conjunto de habilidades, especificidade. Portanto, no que se refere à Qualidade observa-se: programa de computadores, qualidade de um atleta, o controle de qualidade de produtos industriais. O que realmente é importante não são as palavras, os termos, e sim os objetos da realidade que eles designam. No que diz respeito à educação de qualidade refere-se à história da educação brasileira. Recentemente, menciona-se com frequência a necessidade de competência no trabalho do educador.

Qualidade ou qualidades? - Há uma multiplicidade de significados: educação de qualidade, está se referindo a uma série de atributos que teria essa educação, ou seja, um conjunto de atributos que caracteriza a boa educação. Usando a palavra Qualidade com a maiúscula, é na verdade um conjunto de "qualidades".

Conforme a citação da autora, para Aristóteles, "a qualidade é uma das categorias que se encontram em todos os seres e indicam o que eles são ou como estão. As categorias são: substância, quantidade, qualidade, relação, tempo, lugar, ação, paixão, posição e estado". São breves referências no que diz respeito à noção de qualidade, e pode-se trabalhar no campo da educação. A educação é um processo de socialização da cultura, no qual se constroem, se mantêm e se transformam os conhecimentos e os valores. A esta definição chama-se categoria da "substância". Se este processo de socialização se faz com a imposição de conhecimentos e valores, ignorando as características dos educandos, diremos que é uma má educação. Toda educação tem qualidades. A boa educação pela qual desejamos e lutamos, é uma educação cujas qualidades carregam um valor positivo.

Competência ou competências? - Como se abriga qualidade no conceito de competência? O termo é recente e passa a ser uma referência constante. Perrenoud reconhece que "a noção de competência tem múltiplos sentidos" e segundo sua afirmação: (...) uma competência como uma capacidade de agir eficazmente em um tipo definido de situação, capacidade que se apoia em conhecimentos, mas não se reduz a eles. Para enfrentar da melhor maneira possível uma situação, devemos em geral colocar em jogo e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais os conhecimentos. As competências utilizam, integram, mobilizam conhecimentos para enfrentar um conjunto de situações complexas. "Como guia, um referencial de competências adotado em Genebra - 1996 para a formação contínua", (lista das 10 competências):

1 - Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
2 - Administrar a progressão das aprendizagens;
3 - Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
4 - Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
5 - Trabalhar em equipe;
6 - Participar da administração da escola;
7 - Informar e envolver os pais;
8 - Utilizar novas tecnologias;
9 - Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão;
10- Administrar sua própria formação contínua.

Com referência às 10 competências de Perrenoud, a autora ressalta: "competências são as capacidades que se apoiam em conhecimentos", é usado como sinônimo de outros termos como: capacidade, conhecimento, saber. Apresenta também, quatro tipos diferentes de competências: (1998:14-16):

1. competência intuitiva;
2 - competência intelectiva;
3 - competência prática;
4 - competência emocional.

Completando este capítulo, é preciso trabalhar com a perspectiva coletiva presente nas noções de qualidade e competência que são ampliadas na construção coletiva.

Dimensões de Competência

Uma definição de competência apresenta uma totalidade, ou seja, uma pluralidade de propriedades (conjunto de qualidades de caráter positivo) mostrando suas dimensões: Técnica, Política, Ética, Estética e a estreita relação entre elas. A docência da melhor qualidade tem que se buscar, continuamente, e se afirmar na explicitação desta qualidade no que se refere a: o quê, por que, para que, para quem. Essa explicitação se dará em cada dimensão da docência:

- dimensão técnica - a capacidade de lidar com os conteúdos, conceitos, comportamentos e atitudes, e a habilidade de construí-los e reconstruí-los com os alunos;
- dimensão estética - diz respeito à presença da sensibilidade e sua orientação numa perspectiva criadora;
- dimensão política - diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres;
- dimensão ética - diz respeito à orientação da ação fundada no princípio do respeito e da solidariedade, na direção da realização de um bem coletivo.

Felicidadania

Apresenta a re-significação da cidadania, como realização individual e coletiva. Cidadania - Identifica-se com a participação eficiente e criativa no contexto social. Democracia - A participação através do voto - "as decisões políticas". É necessário criar espaço para que se possa construir conjuntamente as regras e estabelecer os caminhos. Felicidade - Na articulação entre cidadania e democracia retoma-se a articulação entre a ética e política. Alteridade e autonomia - É no convívio que se estabelece a identidade de cada pessoa na sociedade.

A ação docente e a construção da felicidadania:

1. Construir a felicidadania na ação docente - é reconhecer o outro;
2. Construir a felicidadania na ação docente - é tomar como referência o bem coletivo;
3. Construir a felicidadania na ação docente - é envolver-se na elaboração e desenvolvimento de um projeto coletivo de trabalho;
4. Construir a felicidadania na ação docente - é instalar na escola e na aula uma instância de comunicação criativa;
5. Construir a felicidadania na ação docente - é criar espaço no cotidiano da relação pedagógica para a afetividade e a alegria;
6. Construir a felicidadania na ação docente - é lutar pela criação e pelo aperfeiçoamento constante de condições viabilizadoras do trabalho de boa qualidade.

Certezas Provisórias

Uma reflexão sobre a formação e a prática docente. Articular os conceitos de competência e de qualidade que visam à possibilidade de uma intervenção significativa no contexto social. A melhor qualidade se revela na escolha do melhor conteúdo, para poder reverter conceitos, comportamentos e atitudes. A melhor qualidade se revela na definição dos caminhos para se fazer a mediação entre o aluno e o conhecimento. O critério que orienta a escolha do melhor conteúdo é o que aponta para a possibilidade dos exercícios da cidadania e da inserção criativa na sociedade. A melhor metodologia é a que tem como referência as características do contexto em que se vive, no desejo de criar, superar limites e ampliar possibilidades.

A melhor qualidade revela-se na sensibilidade do gesto docente na orientação de sua ação, para trazer o prazer e a alegria ao contexto de seu trabalho e da relação com os alunos. Alegria no melhor sentido, resultante do contato com o mundo e da ampliação do conhecimento sobre ele. O ensino da melhor qualidade é aquele que cria condições para a formação de alguém que sabe ler, escrever e contar. Ler não apenas as cartilhas, mas os sinais do mundo, a cultura de seu tempo. Escrever não apenas nos cadernos, mas no contexto de que participa, deixando seus sinais, seus símbolos. Contar não apenas números, mas sua história, espalhar sua palavra, falar de si e dos outros. Contar e cantar nas expressões artísticas, nas manifestações religiosas, nas múltiplas e diversificadas investigações científicas.

Fonte
http://pt.slideshare.net/marcaocampos/rios-terezinha--azeredo-compreender-e-ensinar

Questões

01. (FUNIVERSA/2016) De acordo com Terezinha Rios, são três as competências da profissão docente: técnica, política e ética. A propósito desse assunto, assinale a alternativa correta.

a) A competência política aparece no espaço da objetividade e da escolha dos conteúdos a serem ministrados.
b) A competência ética é estabelecida no posicionamento em relação aos valores que são professados, por isso interfere nas competências técnica e política.
c) A competência técnica fica explícita na escola em que cada um faz seus posicionamentos em relação à realidade.
d) Cada tipo de competência é independente das demais, não existindo relação entre elas.
e) A competência ética é a mais importante das três pelo fato de nela se congregarem os valores morais essenciais para a vida em comunidade.

02. (VUNESP/2016) Em seu tempo livre, a professora Edna costuma se inteirar dos problemas sociais da comunidade na qual reside a maioria de seus alunos. E, em sala de aula, discute com seus alunos questões que dizem respeito à construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres.

Segundo Rios (2005), essa preocupação da professora Edna caracteriza-se como um trabalho na dimensão

(A) ética.
(B) política.
(C) estética.
(D) técnica.
(E) epistemológica.

03. (VUNESP/2016) Para Rios (2005), a "tarefa fundamental da educação, da escola, ao construir, reconstruir e socializar o conhecimento, é

(A) formar cidadãos, portanto contribuir para que as pessoas possam atuar criativamente no contexto social de que fazem parte..."
(B) capacitar os educandos para o acesso aos níveis mais elevados da pesquisa e da ciência..."
(C) instrumentalizar o indivíduo com as ferramentas necessárias para a superação dos desafios que se lhe impõem em um mundo globalizado."
(D) desenvolver a autonomia em seus educandos, de modo que se tornem capazes de 'aprender a aprender' ao concluírem seus estudos."
(E) suprir as necessidades concretas do mercado de trabalho, garantindo recursos humanos indispensáveis ao crescimento das indústrias."

Respostas

01. Resposta: B
Dimensão ética, diz respeito à orientação da ação fundada no princípio do respeito e da solidariedade, na direção da realização de um bem coletivo.

02. Resposta: B
Dimensão política - diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres.

03. Resposta: A
Rios desenvolve o conceito de cidadania e trabalho docente. O "trabalho docente competente é um trabalho que faz bem" (RIOS, 2008, p. 107) O docente acionado pelo desejo de 'fazer bem' algo para seus alunos e para sociedade, coloca à disposição deste 'fazer bem', todos os recursos que são naturalmente seus e os recursos que estão ao seu redor, em seu contexto para essa realização. É tarefa fundamental da educação e da escola formar o cidadão ao construir, reconstruir e socializar o conhecimento.

ROPOLI, EDILENE APARECIDA. A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR: A ESCOLA COMUM INCLUSIVA. BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SEESP. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2010.

A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR

A ESCOLA COMUM INCLUSIVA

PARTE I

1. SOBRE IDENTIDADE E DIFERENÇAS NA ESCOLA

A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo das escolas, contestando os sistemas educacionais em seus fundamentos. Ela questiona a fixação de modelos ideais, a normalização de perfis específicos de alunos e a seleção dos eleitos para frequentar as escolas, produzindo, com isso, identidades e diferenças, inserção e/ou exclusão.

O poder institucional que preside a produção das identidades e das diferenças define como normais e especiais não apenas os alunos, como também as suas escolas. Os alunos das escolas comuns são normais e positivamente valorados. Os alunos das escolas especiais são os negativamente concebidos e diferenciados.

Os sistemas educacionais constituídos a partir da oposição - alunos normais e alunos especiais - sentem-se abalados com a proposta inclusiva de educação, pois não só criaram espaços educacionais distintos para seus alunos, a partir de uma identidade específica, como também esses espaços estão organizados pedagogicamente para manter tal separação, definindo as atribuições de seus professores, currículos, programas, avaliações e promoções dos que fazem parte de cada um desses espaços.

Os que têm o poder de dividir são os que classificam, formam conjuntos, escolhem os atributos que definem os alunos e demarcam os espaços, decidem quem fica e quem sai destes, quem é incluído ou excluído dos agrupamentos escolares.

Ambientes escolares inclusivos são fundamentados em uma concepção de identidade e diferenças, em que as relações entre ambas não se ordenam em torno de oposições binárias (normal/especial, branco/negro, masculino/feminino, pobre/rico). Neles não se elege uma identidade como norma privilegiada em relação às demais.

Em ambientes escolares excludentes, a identidade normal é tida sempre como natural, generalizada e positiva em relação às demais, e sua definição provém do processo pelo qual o poder se manifesta na escola, elegendo uma identidade específica através da qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.

Esse poder que define a identidade normal, detido por professores e gestores mais próximos ou mais distantes das escolas, perde a sua força diante dos princípios educacionais inclusivos, nos quais a identidade não é entendida como natural, estável, permanente, acabada, homogênea, generalizada, universal. Na perspectiva da inclusão escolar, as identidades são transitórias, instáveis, inacabadas e, portanto, os alunos não são categorizáveis, não podem ser reunidos e fixados em categorias, grupos, conjuntos, que se definem por certas características arbitrariamente escolhidas.

É incorreto, portanto, atribuir a certos alunos identidades que os mantêm nos grupos de excluídos, ou seja, nos grupos dos alunos especiais, com necessidades educacionais especiais, portadores de deficiências, com problemas de aprendizagem e outros tais. É incabível fixar no outro uma identidade normal, que não só justifica a exclusão dos demais, como igualmente determina alguns privilegiados.

A educação inclusiva questiona a artificialidade das identidades normais e entende as diferenças como resultantes da multiplicidade, e não da diversidade, como comumente se proclama. Trata-se de uma educação que garante o direito à diferença e não à diversidade, pois assegurar o direito à diversidade é continuar na mesma, ou seja, é seguir reafirmando o idêntico.

A diferença (vem) do múltiplo e não do diverso. Tal como ocorre na aritmética, o múltiplo é sempre um processo, uma operação, uma ação. A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças - diferenças que são irredutíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. A diversidade é um dado - da natureza ou da cultura. A multiplicidade é um movimento. A diversidade reafirma o idêntico. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o idêntico (SILVA, 2000, p.100-101).

De fato, a diversidade na escola comporta a criação de grupos de idênticos, formados por alunos que têm uma mesma característica, selecionada para reuni-los e separá-los. Ao nos referirmos a uma escola inclusiva como aberta à diversidade, ratificamos o que queremos extinguir com a inclusão escolar, ou seja, eliminamos a possibilidade de agrupar alunos e de identificá-los por uma de suas características (por exemplo, a deficiência), valorizando alguns em detrimento de outros e mantendo escolas comuns e especiais.

Atenção, pois ao denominarmos as propostas, programas e iniciativas de toda ordem direcionadas à inclusão, insistimos nesse aspecto, dado que somos nós mesmos quem atribuímos significado, pela escolha das palavras que utilizamos para expressá-lo. É por meio da representação que a diferença e a identidade passam a existir e temos, dessa forma, ao representar o poder de definir identidades, currículos e práticas escolares.

2. ESCOLA DOS DIFERENTES OU ESCOLA DAS DIFERENÇAS?

A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas diferenças.

Nas escolas inclusivas, ninguém se conforma a padrões que identificam os alunos como especiais e normais, comuns. Todos se igualam pelas suas diferenças!

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os excluirá das suas turmas.

Como garantir o direito à diferença nas escolas que ainda entendem que as diferenças estão apenas em alguns alunos, naqueles que são negativamente compreendidos e diagnosticados como problemas, doentes, indesejáveis e a maioria sem volta?

O questionamento constante dos processos de diferenciação entre escolas e alunos, que decorre da oposição entre a identidade normal de alguns e especial de outros, é uma das garantias permanentes do direito à diferença. Os alvos desse questionamento devem recair diretamente sobre as práticas de ensino que as escolas adotam e que servem para excluir.

Os encaminhamentos dos alunos às classes e escolas especiais, os currículos adaptados, o ensino diferenciado, a terminalidade específica dos níveis de ensino e outras soluções precisam ser indagados em suas razões de adoção, interrogados em seus benefícios, discutidos em seus fins, e eliminados por completo e com urgência. São essas medidas excludentes que criam a necessidade de existirem escolas para atender aos alunos que se igualam por uma falsa normalidade - as escolas comuns - e que instituem as escolas para os alunos que não cabem nesse grupo - as escolas especiais. Ambas são escolas dos diferentes, que não se alinham aos propósitos de uma escola para todos.

Quando entendemos esses processos de diferenciação pela deficiência ou por outras características que elegemos para excluir, percebemos as discrepâncias que nos faziam defender as escolas dos diferentes como solução privilegiada para atender às necessidades dos alunos. Acordamos, então, para o sentido includente das escolas das diferenças. Essas escolas reúnem, em seus espaços educacionais, os alunos tais quais eles são: únicos, singulares, mutantes, compreendendo-os como pessoas que diferem umas das outras, que não conseguimos conter em conjuntos definidos por um único atributo, o qual elegemos para diferenciá-las.

3. A ESCOLA COMUM NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

A escola das diferenças é a escola na perspectiva inclusiva, e sua pedagogia tem como mote questionar, colocar em dúvida, contrapor-se, discutir e reconstruir as práticas que, até então, têm mantido a exclusão por instituírem uma

organização dos processos de ensino e de aprendizagem incontestáveis, impostos e firmados sobre a possibilidade de exclusão dos diferentes, à medida que estes são direcionados para ambientes educacionais à parte.

A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas. Não é fácil e imediata a adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula. Para que essa escola possa se concretizar, é patente a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão.

Um ensino para todos os alunos há que se distinguir pela sua qualidade. O desafio de fazê-lo acontecer nas salas de aulas é uma tarefa a ser assumida por todos os que compõem um sistema educacional. Um ensino de qualidade provém de iniciativas que envolvem professores, gestores, especialistas, pais e alunos e outros profissionais que compõem uma rede educacional em torno de uma proposta que é comum a todas as escolas e que, ao mesmo tempo, é construída por cada uma delas, segundo as suas peculiaridades.

O Projeto Político Pedagógico é o instrumento por excelência para melhor desenvolver o plano de trabalho eleito e definido por um coletivo escolar; ele reflete a singularidade do grupo que o produziu, suas escolhas e especificidades.

Nas escolas inclusivas, a qualidade do ensino não se confunde com o que é ministrado nas escolas-padrão, consideradas como as que melhor conseguem expressar um ideal pedagógico inquestionável, medido e definido objetivamente e que se apresentam como modelo a ser seguido e aplicado em qualquer contexto escolar. As escolas-padrão cabem na mesma lógica que define as escolas dos diferentes, em que as iniciativas para melhorar o ensino continuam elegendo algumas escolas e valorando-as positivamente, em detrimento de outras. Cada escola é única e precisa ser, como os seus alunos, reconhecida e valorizada nas suas diferenças.

3.1. MUDANÇAS NA ESCOLA

Para atender a todos e atender melhor, a escola atual tem de mudar, e a tarefa de mudar a escola exige trabalho em muitas frentes. Cada escola, ao abraçar esse trabalho, terá de encontrar soluções próprias para os seus problemas. As mudanças necessárias não acontecem por acaso e nem por Decreto, mas fazem parte da vontade política do coletivo da escola, explicitadas no seu Projeto Político Pedagógico - PPP e vividas a partir de uma gestão escolar democrática.

É ingenuidade pensar que situações isoladas são suficientes para definir a inclusão como opção de todos os membros da escola e configurar o perfil da instituição. Não se desconsideram aqui os esforços de pessoas bem-intencionadas, mas é preciso ficar claro que os desafios das mudanças devem ser assumidos e decididos pelo coletivo escolar.

A organização de uma sala de aula é atravessada por decisões da escola que afetam os processos de ensino e de aprendizagem. Os horários e rotinas escolares não dependem apenas de uma única sala de aula; o uso dos espaços da escola para atividades a serem realizadas fora da classe precisa ser combinado e sistematizado para o bom aproveitamento de todos; as horas de estudo dos professores devem coincidir para que a formação continuada seja uma aprendizagem colaborativa; a organização do Atendimento Educacional Especializado - AEE não pode ser um mero apêndice na vida escolar ou da competência do professor que nele atua.

Um conjunto de normas, regras, atividades, rituais, funções, diretrizes, orientações curriculares e metodológicas, oriundo das diversas instâncias burocrático-legais do sistema educacional, constitui o arcabouço pedagógico e administrativo das escolas de uma rede de ensino. Trata-se do que está INSTITUÍDO e do que Libâneo e outros autores (2003) analisaram pormenorizadamente.

Nesse INSTITUÍDO, estão os parâmetros e diretrizes curriculares, as leis, os documentos das políticas, os regimentos e demais normas do sistema.

Em contrapartida, existe um espaço e um tempo a serem construídos por todas as pessoas que fazem parte de uma instituição escolar, porque a escola não é uma estrutura pronta e acabada a ser perpetuada e reproduzida de geração em geração. Trata-se do INSTITUINTE.

A escola cria, nas possibilidades abertas pelo INSTITUINTE, um espaço de realização pessoal e profissional que confere à equipe escolar a possibilidade de definir o seu horário escolar, organizar projetos, módulos de estudo e outros, conforme decisão colegiada. Assim, confere autonomia a toda equipe escolar, acreditando no poder criativo e inovador dos que fazem e pensam a educação.

3.2. O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, AUTONOMIA E GESTÃO DEMOCRÁTICA

Autora
Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos Santos

A constatação de que a realidade escolar é dinâmica e depende de todos dá força e sentido à elaboração do PPP, entendido não apenas como um mero documento exigido pela burocracia e administração escolar, mas como registro de significados a serem outorgados ao processo de ensino e de aprendizagem, que demanda tomada de decisões e acompanhamento de ações consequentes.

O PPP não pode ser um documento paralelo que não diz respeito, que não atravessa o cotidiano escolar e fica restrito à categoria de um arquivo ou de uma alegoria, de caráter residual. Ele altera a estrutura escolar e escrevê-lo e arquivá-lo nos registros da escola só serve para acomodar a consciência dos que não têm um verdadeiro compromisso com uma escola de todos, por todos e para todos.

Nossa legislação educacional é clara no que toca à exigência de a escola ter o seu PPP; ela não pode se furtar ao compromisso assumido com a sociedade de formação e de desenvolvimento do processo de educação, devidamente planejado.

A exigência legal do PPP está expressa na LDBEN - Lei Nº. 9.394/96 que, em seu artigo 12, define, entre as atribuições de uma escola, a tarefa de "[...] elaborar e executar sua proposta pedagógica", deixando claro que ela precisa fundamentalmente saber o que quer e colocar em execução esse querer, não ficando apenas nas promessas ou nas intenções expostas no papel.

Ao sistematizar estas escolhas e decisões, o PPP, a partir de um estudo da demanda da realidade escolar cria as condições necessárias para a elaboração do planejamento e o desenvolvimento do trabalho da sua equipe e da avaliação processual das etapas e metas propostas.

Para Gadotti e Romão (1997), o Projeto Político Pedagógico deve ser entendido como um horizonte de possibilidades para a escola. O Projeto imprime uma direção nos caminhos a serem percorridos pela escola. Ele se propõe a responder a um feixe de indagações de seus membros, tais como: qual educação se quer e qual tipo de cidadão se deseja, para qual projeto de sociedade? O PPP propõe uma organização que se funda no entendimento compartilhado dos professores, alunos e demais interessados em educação.

Todas as intenções da escola, reunidas no Projeto Político Pedagógico, conferem-lhe o caráter POLÍTICO, porque ele representa a escolha de prioridades de cidadania em função das demandas sociais. O PPP ganha status PEDAGÓGICO ao organizar e sistematizar essas intenções em ações educativas alinhadas com as prioridades estabelecidas.

O caráter coletivo e a necessidade de participação de todos é inerente ao PPP, pois ele não se resume a um mero plano ou projeto burocrático, que cumpre as exigências da lei ou do sistema de ensino. Trata-se de um documento norteador das ações da escola que, ao mesmo tempo, oportuniza um exercício reflexivo do processo para tomada de decisões no seu âmbito.

O professor, portanto, ao contribuir para a elaboração do PPP, bem como ao participar de sua execução no cotidiano da escola, tem a oportunidade de exercitar um ensino democrático, necessário para garantir acesso e permanência dos alunos nas escolas e para assegurar a inclusão, o ensino de qualidade e a consideração das diferenças dos alunos nas salas de aula. Exercer esse papel como um dos mentores do PPP não é uma obrigação formal, mas o resultado de um envolvimento pessoal do professor. Nesse sentido, vem antes a sua disposição de participar, porque contribuir é reconhecer a importância de sua colaboração para que o projeto se execute.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 206, explicita, como um dos princípios para a educação no Brasil, "[...] a gestão democrática do ensino público". Essa preocupação é reiterada na LDBEN (Lei nº 9394/96), no artigo 3º, ao assinalar que a gestão democrática, além de estar em conformidade com a Lei, deve estar consoante à legislação dos sistemas de ensino, pois como Lei que detalha a educação nacional, acrescenta a característica das variações dos sistemas nas esferas federal, estadual e municipal. Ainda nesse detalhamento, a LDBEN avança, no seu artigo 14, afirmando que:

[...] Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Nos textos legais, fica clara a ênfase dada ao Projeto Político Pedagógico de cada escola, bem como a reiteração de que a proposta seja construída e administrada à luz de uma gestão democrática.

Outra legislação que vem corroborar nesse sentido é o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei Nº. 8.069/90), que, no seu artigo 53, enfatiza os objetivos da educação nacional, repetindo os princípios constitucionais e os da LDBEN, mas deixando claro em seu parágrafo único que "[...] é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais". Evidencia-se na legislação o caráter da comunidade escolar participativa e ampliada para além dos muros escolares, com compromisso conjunto nos rumos da educação dos cidadãos. A gestão democrática ampliada nos contornos da comunidade ganha, por meio do texto legal, condições de ser exercida com autonomia.

Embora a escola não seja independente de seu sistema de ensino, ela pode se articular e interagir com autonomia como parte desse sistema que a sustenta, tomando decisões próprias relativas às particularidades de seu estabelecimento de ensino e da sua comunidade. Entretanto, mesmo outorgada por lei, a autonomia escolar é construída aos poucos e cotidianamente. Do ponto de vista cultural e educacional, encontram-se poucas experiências de construção da autonomia e do cultivo de hábitos democráticos.

A democracia, frequentemente proclamada, mas nem sempre vivenciada nas redes de ensino, tem no PPP a oportunidade de ser exercida, e essa oportunidade não pode ser perdida, para que consiga espalhar-se por toda a instituição. Gadotti e Romão (1997) manifestam suas posições sobre a construção da democracia na escola e afirmam que esse tipo de gestão constitui um passo relevante no aprendizado da democracia.

Os professores constroem a democracia no cotidiano escolar por meio de pequenos detalhes da organização da prática pedagógica. Nesse sentido, fazem a diferença: o modo de trabalhar os conteúdos com os alunos; a forma de sugerir a realização de atividades na sala de aula; o controle disciplinar; a interação dos alunos nas tarefas escolares; a sistematização do AEE no contraturno; a divisão do horário; a forma de planejar com os alunos; a avaliação da execução das atividades de forma interativa.

Embora já tenhamos uma Constituição, estatutos, legislação, políticas educacionais e decretos que propõem e viabilizam novas alternativas para a melhoria do ensino nas escolas, ainda atendemos a alunos em espaços escolares semi ou totalmente segregados, tais como as classes especiais, as turmas de aceleração, as escolas especiais, as aulas de reforço, entre outros.

O salto da escola dos diferentes para a escola das diferenças demanda conhecimento, determinação, decisão. As propostas de mudança variam e dependerão de disposição, discussões, estudos, levantamento de dados e iniciativas a serem compartilhadas pelos seus membros, enfim, de gestões democráticas das escolas, que favoreçam essa mudança.

Muitas decisões precisam ser tomadas pelas escolas ao elaborarem seus Projetos Político Pedagógicos, entre as quais destacamos algumas, que estão diretamente relacionadas com as mudanças que se alinham aos propósitos da inclusão: fazer da aprendizagem o eixo das escolas, garantindo o tempo necessário para que todos possam aprender; reprovar a repetência; abrir espaço para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam praticados por seus professores, gestores, funcionários e alunos, pois essas são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania; valorizar e formar continuamente o professor, para que ele possa atualizar-se e ministrar um ensino de qualidade.

É freqüente a escola seguir outros caminhos, adotando práticas excludentes e paliativas, que as impedem de dar o salto qualitativo que a inclusão demanda. Elas se apropriam de soluções utilitárias, prontas para o uso, alheias à realidade de cada instituição educacional. Essas práticas admitem: ensino individualizado para os alunos com deficiência e/ou problemas de aprendizagem; currículos adaptados; terminalidade específica; métodos especiais para ensino de pessoas com deficiência; avaliação diferenciada; categorização e diferenciação dos alunos; formação de turmas escolares buscando a homogeneização dos alunos.

No nível da sala de aula e das práticas de ensino, a mobilização do professor e/ou de uma equipe escolar em torno de uma mudança educacional como a inclusão não acontece de modo semelhante em todas as escolas. Mesmo havendo um Projeto Político Pedagógico que oriente as ações educativas da escola, há que existir uma entrega, uma disposição individual ou grupal de sua equipe de se expor a uma experiência educacional diferente das que estão habituados a viver. Para que, qualquer transformação ou mudança seja, verdadeira, as pessoas têm de ser tocadas pela experiência. Precisam ser receptivas, disponíveis e abertas a vivê-la, baixando suas guardas, submetendo-se, entregando-se à experiência [...] sem resistências, sem segurança, poder, firmeza, garantias (BONDÍA, 2002).

As mudanças não ocorrem pela mera adoção de práticas diferentes de ensinar. Elas dependem da elaboração dos professores sobre o que lhes acontece no decorrer da experiência educacional inclusiva que eles se propuseram a viver. O que vem dos livros e o que é transmitido aos professores nem sempre penetram em suas práticas. A experiência a que nos referimos não está relacionada com o tempo dedicado ao magistério, ao saber acumulado pela repetição de uma mesma atividade utilitária, instrumental. Estamos nos referindo ao saber da experiência, que é subjetivo, pessoal, relativo, adquirido nas ocasiões em que entendemos e atribuímos sentidos ao que nos acontece, ao que nos passa, ao que nos sucede ao viver a experiência (BONDÍA, 2002).

O reconhecimento de que os alunos aprendem segundo suas capacidades não surge de uma hora para a outra, só porque as teorias assim afirmam. Acolher as diferenças terá sentido para o professor e fará com que ele rompa com seus posicionamentos sobre o desempenho escolar padronizado e homogêneo dos alunos, se ele tiver percebido e compreendido por si mesmo essas variações, ao se submeter a uma experiência que lhe perpassa a existência. O professor, então, desempenhará o seu papel formador, que não se restringe a ensinar somente a uma parcela dos alunos que conseguem atingir o desempenho exemplar esperado pela escola. Ele ensina a todos, indistintamente.

O caráter de imprevisibilidade da aprendizagem é constatado por professores que aproveitam as ocasiões para observar, abertamente e sem ideias pré-concebidas, a curiosidade do aluno que vai atrás do que quer conhecer, que questiona, duvida, que se detém diante do que leu, do que lhe respondemos, procurando resolver e encontrar a solução para o que lhe perturba e desafia com avidez, possuído pelo desejo de chegar ao que pretende.

Ao se deixar levar por uma experiência de ensinar dessa natureza, querendo entender o que ela revela e compartilhando-a com seus colegas, o professor poderá deduzir que certas práticas e aparatos pedagógicos, como os métodos especiais e o ensino adaptado para alguns alunos, não correspondem ao que se espera deles. Ambos provêm do controle externo da aprendizagem, de opiniões que circulam e se firmam entre os professores, que são creditadas pelo conhecimento livresco e generalizado e pelas informações equivocadas que se naturalizam nas escolas e fora delas.

Opor-se a inovações educacionais, resguardando-se no despreparo para adotá-las, resistir e refutá-las simplesmente, distancia o professor da possibilidade de se formar e de se transformar pela experiência. Oposições e contraposições à inclusão incondicional são freqüentes entre os professores e adiam projetos do ensino comum e especial focados na inserção das diferenças nas escolas.

É nos bancos escolares que se aprende a viver entre os nossos pares, a dividir as responsabilidades, a repartir tarefas. Nesses ambientes, desenvolvem-se a cooperação e a produção em grupo com base nas diferenças e talentos de cada um e na valorização da contribuição individual para a consecução de objetivos comuns de um mesmo grupo.

A interação entre colegas de turma, a aprendizagem colaborativa, a solidariedade entre alunos e entre estes e o professor devem ser estimuladas. Os professores, quando buscam obter o apoio dos alunos e propõem trabalhos diversificados e em grupo, desenvolvem formas de compartilhamento e difusão dos conhecimentos nas salas de aula.

A formação de turmas tidas como homogêneas é um dos argumentos de defesa dos professores, gestores e especialistas em favor da qualidade do ensino, que precisa ser refutado, porque se trata de uma ilusão que compromete o ensino e exclui alunos.

A avaliação de caráter classificatório, por meio de notas, provas e outros instrumentos similares, mantém a repetência e a exclusão nas escolas. A avaliação contínua e qualitativa da aprendizagem, com a participação do aluno,

tendo, inclusive, a intenção de avaliar o ensino oferecido e torná-lo cada vez mais adequado à aprendizagem de todos os alunos conduz a outros resultados. A adoção desse modo de avaliar com base na qualidade do ensino e da aprendizagem já diminuiria substancialmente o número de alunos que são indevidamente avaliados e categorizados como deficientes nas escolas comuns.

Os professores em geral concordam com novas alternativas de se avaliar os processos de ensino e de aprendizagem e admitem que as turmas são naturalmente heterogêneas. Sentem-se, contudo, inseguros diante da possibilidade de fazer uso dessas alternativas em sala de aula e inovar as rotinas de trabalho, rompendo com a organização pedagógica pré-estabelecida.

Ao contrário do que se pensa e se faz, as práticas escolares inclusivas não implicam um ensino adaptado para alguns alunos, mas sim um ensino diferente para todos, em que os alunos tenham condições de aprender, segundo suas próprias capacidades, sem discriminações e adaptações.

A idéia do currículo adaptado está associada à exclusão na inclusão dos alunos que não conseguem acompanhar o progresso dos demais colegas na aprendizagem. Currículos adaptados e ensino adaptado negam a aprendizagem diferenciada e individualizada. O ensino escolar é coletivo e deve ser o mesmo para todos, a partir de um único currículo. É o aluno que se adapta ao currículo, quando se admitem e se valorizam as diversas formas e os diferentes níveis de conhecimento de cada um.

A aprovação e a certificação por terminalidade específica, como propõe a LDBEN/1996, não faz sentido, quando se entende que a aprendizagem é diferenciada de aluno para aluno, constituindo-se em um processo que não pode obedecer a uma terminalidade prefixada com base na condição intelectual de alguns.

Outra prática usual nas escolas é o ensino dos conteúdos das áreas disciplinares (Matemática, Língua Portuguesa, Geografia, Ciências, etc.) como fins em si mesmos e tratados de modo fragmentado nas salas de aulas.

A afirmação da interdisciplinaridade é a afirmação, em última instância, da disciplinarização: só poderemos desenvolver um trabalho interdisciplinar se fizermos uso de várias disciplinas. [...] A interdisciplinaridade contribui para minimizar os efeitos perniciosos da compartimentalização, mas não significaria, de forma alguma, o avanço para um currículo não disciplinar (GALLO, 2002, p. 28-29).

Um currículo não disciplinar implica um ensino sem as gavetas das disciplinas, em que se reconhece a multiplicidade das áreas do conhecimento e o trânsito livre entre elas. O ensino não disciplinar não deve ser confundido com os Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais não superam a disciplinarização, continuando a organizar o currículo em disciplinas, pelas quais perpassam assuntos de interesse social, como o meio ambiente, sexualidade, ética e outros.

Segundo Gallo (2002), transversalidade em educação e currículo não disciplinar tem a ver com processos de ensino e de aprendizagem em que o aluno transita pelos saberes escolares, integrando-os e construindo pontes entre eles, que podem parecer caóticas, mas que refletem o modo como aprendemos e damos sentido ao novo.

As propostas curriculares, quando contextualizadas, reconhecem e valorizam os alunos em suas peculiaridades de etnia, de gênero, de cultura. Elas partem das vidas e experiências dos alunos e vão sendo tramadas em redes de conhecimento, que superam a tão decantada sistematização do saber. O questionamento dessas peculiaridades e a visão crítica do multiculturalismo trazem uma perspectiva para o entendimento das diferenças, a qual foge da tolerância e da aceitação, atitudes estas tão carregadas de preconceito e desigualdade.

O multiculturalismo crítico, segundo Hall (2003), um estudioso das questões da pós-modernidade e das diferenças na atualidade, é uma das concepções do multiculturalismo. Essa concepção questiona a exclusão social e demais formas de privilégios e de hierarquias das sociedades contemporâneas, indagando sobre as diferenças e apoiando movimentos de resistência dos dominados.

O multiculturalismo crítico toma como referência a liberdade e a emancipação e defende que a justiça, a democracia e a equidade não são dadas, mas conquistadas. Difere do multiculturalismo conservador, em que os dominantes buscam assimilar as minorias aos costumes e tradições da maioria.

Outras práticas educacionais inclusivas que derivam dos propósitos de se ensinar à turma toda, sem discriminações, por vezes são refutadas pelos professores ou aceitas com parcimônia, desconfiança e sob condições. Motivos não faltam para que eles se comportem desse modo. Muitos receberam sua própria formação dentro do modelo conservador, que foi sendo reforçado dentro das escolas.

PARTE II

1. O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - AEE

Uma das inovações trazidas pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) é o Atendimento Educacional Especializado - AEE, um serviço da educação especial que "[...] identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas" (SEESP/MEC, 2008).

O AEE complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando a sua autonomia na escola e fora dela, constituindo oferta obrigatória pelos sistemas de ensino. É realizado, de preferência, nas escolas comuns, em um espaço físico denominado Sala de Recursos Multifuncionais. Portanto, é parte integrante do projeto político pedagógico da escola.

São atendidos, nas Salas de Recursos Multifuncionais, alunos público-alvo da educação especial, conforme estabelecido na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e no Decreto N.6.571/2008.

- Alunos com deficiência: aqueles [...] que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (ONU, 2006).

- Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. (MEC/SEESP, 2008).

- Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (MEC/SEESP, 2008).

A matrícula no AEE é condicionada à matrícula no ensino regular. Esse atendimento pode ser oferecido em Centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou privada, sem fins lucrativos. Tais centros, contudo, devem estar de acordo com as orientações da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e com as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (MEC/SEESP, 2009).

Na perspectiva da educação inclusiva, o processo de reorientação de escolas especiais e centros especializados requer a construção de uma proposta pedagógica que institua nestes espaços, principalmente, serviços de apoio às escolas para a organização das salas de recursos multifuncionais e para a formação continuada dos professores do AEE.

Os conselhos de educação têm atuação primordial no credenciamento, autorização de funcionamento e organização destes centros de AEE, zelando para que atuem dentro do que a legislação, a Política e as Diretrizes orientam. No entanto, a preferência pela escola comum como o local do serviço de AEE, já definida no texto constitucional de 1988, foi reafirmada pela Política, e existem razões para que esse atendimento ocorra na escola comum.

O motivo principal de o AEE ser realizado na própria escola do aluno está na possibilidade de que suas necessidades educacionais específicas possam ser atendidas e discutidas no dia a dia escolar e com todos os que atuam no ensino regular e/ou na educação especial, aproximando esses alunos dos ambientes de formação comum a todos. Para os pais, quando o AEE ocorre nessas circunstâncias, propicia-lhes viver uma experiência inclusiva de desenvolvimento e de escolarização de seus filhos, sem ter de recorrer a atendimentos exteriores à escola.

2. ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA COMUM E EDUCAÇÃO ESPECIAL: AÇÕES E RESPONSABILIDADES COMPARTILHADAS

Ao se articular com a escola comum, na perspectiva da inclusão, a Educação Especial muda seu rumo, refazendo caminhos que foram abertos tempos atrás, quando se propunha a substituir a escola comum para alguns alunos que não correspondiam às exigências do ensino regular.

A mudança de rumos implica uma articulação de propósitos entre a escola comum e a Educação Especial, ao contrário do que acontece quando tanto a escola comum como a especial constituem escolas dos diferentes, dividindo os alunos em normais e especiais e estabelecendo uma cisão entre esses grupos, que se isolam em ambientes educacionais excludentes.

A escola das diferenças aproxima a escola comum da Educação Especial, porque, na concepção inclusiva, os alunos estão juntos, em uma mesma sala de aula. A articulação entre Educação Especial e escola comum, na perspectiva da inclusão, ocorre em todos os níveis e etapas do ensino básico e do superior. Sem substituir nenhum desses níveis, a integração entre ambas não deverá descaracterizar o que é próprio de cada uma delas, estabelecendo um espaço de intersecção de competências resguardado pelos limites de atuação que as especificam.

Para oferecer as melhores condições possíveis de inserção no processo educativo formal, o AEE é ofertado preferencialmente na mesma escola comum em que o aluno estuda. Uma aproximação do ensino comum com a educação especial vai se constituindo à medida que as necessidades de alguns alunos provocam o encontro, a troca de experiências e a busca de condições favoráveis ao desempenho escolar desses alunos.

Os professores comuns e os da Educação Especial precisam se envolver para que seus objetivos específicos de ensino sejam alcançados, compartilhando um trabalho interdisciplinar e colaborativo. As frentes de trabalho de cada professor são distintas. Ao professor da sala de aula comum é atribuído o ensino das áreas do conhecimento, e ao professor do AEE cabe complementar/suplementar a formação do aluno com conhecimentos e recursos específicos que eliminam as barreiras as quais impedem ou limitam sua participação com autonomia e independência nas turmas comuns do ensino regular.

As funções do professor de Educação Especial são abertas à articulação com as atividades desenvolvidas por professores, coordenadores pedagógicos, supervisores e gestores das escolas comuns, tendo em vista o benefício dos alunos e a melhoria da qualidade de ensino.

São eixos privilegiados de articulação:

- a elaboração conjunta de planos de trabalho durante a construção do Projeto Pedagógico, em que a Educação Especial não é um tópico à parte da programação escolar;

- o estudo e a identificação do problema pelo qual um aluno é encaminhado à Educação Especial;

- a discussão dos planos de AEE com todos os membros da equipe escolar; l o desenvolvimento em parceria de recursos e materiais didáticos para o atendimento do aluno em sala de aula e o acompanhamento conjunto da utilização dos recursos e do progresso do aluno no processo de aprendizagem;

- a formação continuada dos professores e demais membros da equipe escolar, entremeando tópicos do ensino especial e comum, como condição da melhoria do atendimento aos alunos em geral e do conhecimento mais detalhado de alguns alunos em especial, por meio do questionamento das diferenças e do que pode promover a exclusão escolar.

No caso do atendimento educacional especializado - AEE, por exemplo, as dimensões do INSTITUÍDO podem ser identificadas na existência de leis, políticas, decretos, diretrizes curriculares que chegam à escola definidas nos documentos oficiais, dando contornos à sistematização da oferta desse serviço na escola comum. Na dimensão do INSTITUINTE, muito pode ser criado nesse sentido: parcerias com setores da comunidade para a implementação de Planos de AEE; organização dos horários de oferta do AEE no horário oposto ao período escolar do aluno; projetos escolares interdisciplinares que incluam a necessidade da tecnologia assistiva - TA; planejamento para alterações na acessibilidade física da escola e assim por diante.

Do ponto de vista intraescolar, essas articulações mostram o impacto, os efeitos, a pertinência, os limites e mesmo as distorções dos atendimentos que estão sendo oferecidos aos alunos nas turmas comuns de ensino regular e nos serviços de Educação Especial, entre os quais o atendimento educacional especializado - AEE.

No plano extra-escolar, quando a escola se articula a outros serviços da comunidade, os efeitos dessas articulações se irradiam e se fazem sentir junto às famílias e demais profissionais que atendem aos alunos, dando destaque à escola no seu entorno e na rede de ensino, pois fortalece a sua posição e representatividade no conjunto das demais unidades e instituições filiadas à educação.

Há ainda certa dificuldade de se articular serviços dentro da escola. O que se entende equivocadamente por articulação entre a Educação Especial e a escola comum tem descaracterizado a interlocução entre ambas. Na perspectiva da educação inclusiva, os professores itinerantes, o reforço escolar e outras ações não constituem formas de articulação, mas uma justaposição de serviços, que continua incidindo sobre a fragmentação entre a Educação Especial e o ensino comum.

A efetivação dessa articulação é ensejada pela inserção do AEE no Projeto Político Pedagógico das escolas. Uma vez considerado esse serviço da Educação Especial como parte constituinte do Projeto, os demais eixos de articulação entre ensino comum e especial serão envolvidos e contemplados, e o ensino comum e especial terão seus propósitos fundidos em uma visão inclusiva de educação. O PPP já contém em si as premissas dessa articulação, que podemos apreciar no que ocorre quando o AEE se torna um de seus tópicos.

2.1. O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E O AEE

De acordo com as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, publicada pela Secretaria de Educação Especial SEESP/MEC, em abril de 2009, o Projeto Político Pedagógico da Escola deve contemplar o AEE como uma das dimensões da escola das diferenças. Nesse sentido, é preciso planejar, organizar, executar e acompanhar os objetivos, metas e ações traçadas, em articulação com as demais propostas da escola comum.

A democracia se exercita e toma forma nas decisões conjuntas do coletivo da escola e se reflete nas iniciativas da equipe escolar. Nessa perspectiva, o AEE integra a gestão democrática da escola. No PPP, devem ser previstos a organização e recursos para o AEE: sala de recursos multifuncionais; matrícula do aluno no AEE; aquisição de equipamentos; indicação de professor para o AEE; articulação entre professores do AEE e os do ensino comum e redes de apoio internos e externos à escola.

No caso da inexistência de uma sala de recursos multifuncionais na escola, os alunos não podem ficar sem este serviço, e o PPP deve prever o atendimento dos alunos em outra escola mais próxima ou centro de atendimento educacional especializado, no contraturno do horário escolar. O AEE, quando realizado em outra instituição, deve ser acordado com a família do aluno, e o transporte, se necessário, providenciado. Em tal situação, destaca-se, a articulação com os professores e especialistas de ambas as escolas, para assegurar uma efetiva parceria no processo de desenvolvimento dos alunos.

O PPP prevê ações de acompanhamento e articulação entre o trabalho do professor do AEE e os professores das salas comuns, ações de monitoramento da produção de materiais didáticos especializados, bem como recursos necessários para a confecção destes. Além das condições para manter, melhorar e ampliar o espaço das salas de recursos multifuncionais, inclui-se no PPP a previsão de outros tipos de recursos, equipamentos e suportes que forem indicados pelo professor do AEE ao aluno.

O PPP de uma escola considera, no conjunto dos seus alunos, professores, especialistas, funcionários e gestores, as necessidades existentes, buscando meios para o atendimento dessa demanda, a partir dos objetivos e metas a serem atingidas. Ao delimitar os tempos escolares, o PPP insere os calendários, os horários de turnos e contraturnos na organização pedagógica escolar, atendendo às diferentes demandas, de acordo com os espaços e os recursos físicos, humanos e financeiros de que a escola dispõe.

No caso do AEE, por fazer parte desta organização, o PPP estipulará o horário dos alunos, oposto ao que frequentam a escola comum e proporcional às necessidades indicadas no plano de AEE; e o horário do professor, previsto para que possa realizar o atendimento dos alunos, preparar material didático, receber as famílias dos alunos, os professores da sala comum e os demais profissionais que estejam envolvidos.

Enquanto serviço oferecido pela escola ou em parceria com outra escola ou centro de atendimento especializado, o PPP estabelece formas de avaliar o AEE, de alterar práticas, de inserir novos objetivos e de definir novas metas visando ao aprimoramento desse serviço. Na operacionalização do processo de avaliação institucional, caberá à gestão zelar para que o AEE não seja descaracterizado das suas funções e para que os alunos não sejam categorizados, discriminados e excluídos do processo avaliativo utilizado pela escola.

O PPP define os fundamentos da estrutura escolar e deve ser coerente com os propósitos de uma educação que acolhe as diferenças e, sendo assim, não poderá manter seu caráter excludente e próprio das escolas dos diferentes.

2.1.1. A ORGANIZAÇÃO E A OFERTA DO AEE

O Decreto Nº. 6.571, de 17 de setembro de 2008, que dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado, destina recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica - FUNDEB ao AEE de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular, admitindo o cômputo duplo da matrícula desses alunos em classes comuns de ensino regular público e no AEE, concomitantemente, conforme registro no Censo Escolar.

Esse Decreto possibilita às redes de ensino o investimento na formação continuada de professores, na acessibilidade do espaço físico e do mobiliário escolar, na aquisição de novos recursos de tecnologia assistiva, entre outras ações previstas na manutenção e desenvolvimento do ensino para a organização e oferta do AEE, nas salas de recursos multifuncionais.

As Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (2009) reiteram que, no caso de a oferta do AEE ser realizada fora da escola comum, em centro de atendimento educacional especializado público ou privado sem fins lucrativos, conveniado para essa finalidade, a oferta conste também do PPP do referido centro. Eles devem seguir as normativas estabelecidas pelo Conselho de Educação do respectivo sistema de ensino para autorização de funcionamento e seguir as orientações preconizadas nestas Diretrizes, como ocorre com o AEE nas escolas comuns.

Conforme as Diretrizes, para o financiamento do AEE são exigidas as seguintes condições:

a) matrícula na classe comum e na sala de recursos multifuncional da mesma escola pública;

b) matrícula na classe comum e na sala de recursos multifuncional de outra escola pública;

c) matrícula na classe comum e em centro de atendimento educacional especializado público;

d) matrícula na classe comum e no centro de atendimento educacional especializado privado sem fins lucrativos.

A organização do Atendimento Educacional Especializado considera as peculiaridades de cada aluno. Alunos com a mesma deficiência podem necessitar de atendimentos diferenciados. Por isso, o primeiro passo para se planejar o Atendimento não é saber as causas, diagnósticos, prognóstico da suposta deficiência do aluno. Antes da deficiência, vem a pessoa, o aluno, com sua história de vida, sua individualidade, seus desejos e diferenças.

Há alunos que frequentarão o AEE mais vezes na semana e outros, menos. Não existe um roteiro, um guia, uma fórmula de atendimento previamente indicada e, assim sendo, cada aluno terá um tipo de recurso a ser utilizado, uma duração de atendimento, um plano de ação que garanta sua participação e aprendizagem nas atividades escolares.

Na organização do AEE, é possível atender aos alunos em pequenos grupos, se suas necessidades forem comuns a todos. É possível, por exemplo, atender a um grupo de alunos com surdez para ensinar-lhes LIBRAS ou para o ensino da Língua Portuguesa escrita.

Foto 1 - Mostra uma sala de recursos multifuncional e a professora ensinando Língua Portuguesa escrita para crianças com surdez. Esse ambiente apresenta recursos visuais fixados na parede.

Os planos de AEE resultam das escolhas do professor quanto aos recursos, equipamentos, apoios mais adequados para que possam eliminar as barreiras que impedem o aluno de ter acesso ao que lhe é ensinado na sua turma da escola comum, garantindo-lhe a participação no processo escolar e na vida social em geral, segundo suas capacidades. Esse atendimento tem funções próprias do ensino especial, as quais não se destinam a substituir o ensino comum e nem mesmo a fazer adaptações aos currículos, às avaliações de desempenho e a outros. É importante salientar que o AEE não se confunde com reforço escolar. O professor de AEE acompanha a trajetória acadêmica de seus alunos, no ensino regular, para atuar com autonomia na escola e em outros espaços de sua vida social. Para tanto, é imprescindível uma articulação entre o professor de AEE e os do ensino comum.

Na perspectiva da inclusão escolar, o professor da Educação Especial não é mais um especialista em uma área específica, suas atividades desenvolvem-se, preferencialmente, nas escolas comuns, cabendo-lhes, no atendimento educacional especializado aos alunos, público-alvo da educação especial, as seguintes atribuições:

a) identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias, considerando as necessidades específicas dos alunos de forma a construir um plano de atuação para eliminá-las (MEC/SEESP, 2009).

Foto 2 - Mostra equipamentos e materiais pedagógicos para alunos com deficiência visual.

b) Reconhecer as necessidades e habilidades do aluno. Ao identificar certas necessidades do aluno, o professor de AEE reconhece também as suas habilidades e, a partir de ambas, traça o seu plano de atendimento. Se ele identifica necessidade de comunicação alternativa para o aluno, indica recursos como a prancha de comunicação, por exemplo; se observa que o aluno movimenta a cabeça, consegue apontar com o dedo, pisca, essas habilidades são consideradas por ele para a seleção e organização de recursos educacionais e de acessibilidade.

Com base nesses dados, o professor elaborará o plano de AEE, definindo o tipo de atendimento para o aluno, os materiais que deverão ser produzidos, a frequência do aluno ao atendimento, entre outros elementos constituintes desse plano. Outros dados poderão ser coletados pelo professor em articulação com o professor da sala de aula e demais colegas da escola.

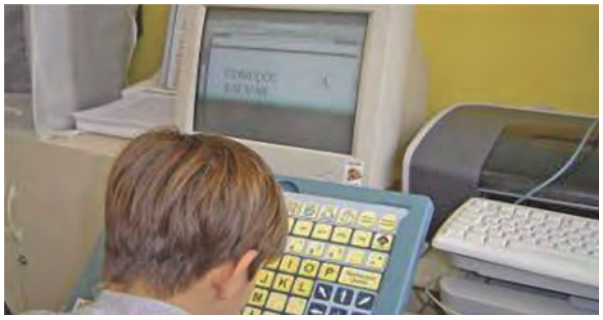

Foto 3 - Mostra um aluno com deficiência visual, utilizando os recursos da informática acessível.

c) Produzir materiais tais como textos transcritos, materiais didático-pedagógicos adequados, textos ampliados, gravados, como, também, poderá indicar a utilização de softwares e outros recursos tecnológicos disponíveis.

Foto 4 - Mostra uma aluna com paralisia cerebral em sala de aula comum, fazendo uso da prancha de comunicação alternativa.

Foto 5 - Exibe materiais produzidos com papel cartão para o ensino de LIBRAS. Cada imagem é acompanhada do sinal de Libras e da palavra em Língua Portuguesa.

d) Elaborar e executar o plano de AEE, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos educacionais e de acessibilidade (MEC/SEESP, 2009). Na execução do plano de AEE, o professor terá condições de saber se o recurso de acessibilidade proposto promove participação do aluno nas atividades escolares. O plano, portanto, deverá ser constantemente revisado e atualizado, buscando-se sempre o melhor para o aluno e considerando que cada um deve ser atendido em suas particularidades.

e) Organizar o tipo e o número de atendimentos (MEC/SEESP, 2009). O professor seleciona o tipo do atendimento, organizando, quando necessários, materiais e recursos de modo que o aluno possa aprender a utilizá-los segundo suas habilidades e funcionalidades. O número de atendimentos semanais/mensais varia de caso para caso. O professor vai prolongar o tempo ou antecipar o desligamento do aluno do AEE, conforme a evolução do aluno.

f) Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola (MEC/SEESP, 2009). O professor do AEE observa a funcionalidade e aplicabilidade dos recursos na sala de aula, as distorções, a pertinência, os limites desses recursos

NOVA CONCURSOS

nesse e em outros ambientes escolares, orientando, também, as famílias e os colegas de turma quanto ao uso dos recursos.

O professor de sala de aula informa e avalia juntamente com o professor do AEE se os serviços e recursos do Atendimento estão garantindo participação do aluno nas atividades escolares. Com base nessas informações, são reformuladas as ações e estabelecidas novas estratégias e recursos, bem como refeito o plano de AEE para o aluno.

Foto 6 - Mostra aluno no AEE aprendendo o uso do leitor de tela.

g) Ensinar e usar recursos de Tecnologia Assistiva, tais como: as tecnologias da informação e comunicação, a comunicação alternativa e aumentativa, a informática acessível, o soroban, os recursos ópticos e não ópticos, os softwares específicos, os códigos e linguagens, as atividades de orientação e mobilidade (MEC/SEESP, 2009).

h) Promover atividades e espaços de participação da família e a interface com os serviços de saúde, assistência social e outros (MEC/SEESP, 2009). O papel do professor do AEE não deve ser confundido com o papel dos profissionais do atendimento clínico, embora suas atribuições possam ter articulações com profissionais das áreas da Medicina, Psicologia, Fisioterapia, Fonoaudiologia e outras afins. Também estabelece interlocuções com os profissionais da arquitetura, engenharia, informática.

No decorrer da elaboração e desenvolvimento dos planos de atendimento para cada aluno, o professor de AEE se apropria de novos conteúdos e recursos que ampliam seu conhecimento para a atuação na Sala de Recursos Multifuncional.

São conteúdos do AEE: Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e LIBRAS tátil; Alfabeto digital; Tadoma; Língua Portuguesa na modalidade escrita; Sistema Braille; Orientação e mobilidade; Informática acessível; Sorobã (ábaco); Estimulação visual; Comunicação alternativa e aumentativa - CAA; Desenvolvimento de processos educativos que favoreçam a atividade cognitiva.

São recursos do AEE: Materiais didáticos e pedagógicos acessíveis (livros, desenhos, mapas, gráficos e jogos táteis, em LIBRAS, em Braille, em caracter ampliado, com contraste visual, imagéticos, digitais, entre outros); Tecnologias de informação e de comunicação (TICS) acessíveis (mouses e acionadores, teclados com colmeias, sintetizadores de voz, linha Braille, entre outros); e Recursos ópticos; pranchas de CAA, engrossadores de lápis, ponteira de cabeça, plano inclinado, tesouras acessíveis, quadro magnético com letras imantadas, entre outros.

O desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem é favorecido pela participação da família dos alunos. Para elaborar e realizar os Planos de AEE, o professor necessita dessa parceria em todos os momentos. Reuniões, visitas e entrevistas fazem parte das etapas pelas quais os professores de AEE estabelecem contatos com as famílias de seus alunos, colhendo informações, repassando outras e estabelecendo laços de cooperação e de compromissos.

As parcerias intersetoriais e com a comunidade onde a escola está inserida estão entre as prioridades do Projeto Político Pedagógico, pois a educação não é apenas uma área restrita aos órgãos do sistema educacional. Elas aparecem nas ações integradas da escola com todos os segmentos da sociedade civil e da sociedade política dos Municípios e Estados com as escolas.

Indicadores importantes das parcerias intersetoriais são as ações desenvolvidas entre as escolas e as Secretarias de Educação, de Saúde, Poder Executivo, Poder Legislativo, Poder Judiciário, Ministério Público, instituições, empresas e demais segmentos sociais. O PPP, ao propor essas parcerias, está consubstanciado em uma visão de complementação e de alinhamento da educação escolar com outras instituições sociais.

No caso do AEE, faz parte do seu Plano a previsão, desenvolvimento e avaliação de ações sincronizadas com a Saúde, Assistência Social, Esporte, Cultura e demais segmentos. As parcerias fortalecem esse Plano, sem correr o risco de perder o foco no AEE, na medida em que a participação de outros atores amplia o caráter interdisciplinar do serviço.

2.1.2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O AEE

Para atuar no AEE, os professores devem ter formação específica para este exercício, que atenda aos objetivos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Nos cursos de formação continuada, de aperfeiçoamento ou de especialização, indicados para essa formação, os professores atualizarão e ampliarão seus conhecimentos em conteúdos específicos do AEE, para melhor atender a seus alunos.

A formação de professores consiste em um dos objetivos do PPP. Um dos seus aspectos fundamentais é a preocupação com a aprendizagem permanente de professores, demais profissionais que atuam na escola e também dos pais e da comunidade onde a escola se insere. Neste documento, apresentam-se as ações de formação, incluindo os aspectos ligados ao estudo das necessidades específicas dos alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Este estudo perpassa o cotidiano da escola e não é exclusivo dos professores que atuam no AEE.

À gestão escolar compete implementar ações que garantam a formação das pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, nas unidades de ensino. Ela pode se dar por meio de palestras informativas e formações em nível de aperfeiçoamento e especialização para os professores que atuam ou atuarão no AEE.

As palestras informativas devem envolver o maior número de pessoas possível: professores do ensino comum e do AEE, pais, autoridades educacionais. De caráter mais amplo, essas palestras têm por objetivo esclarecer o que é o AEE, como ele está sendo realizado e qual a política que o fundamenta, além de tirar dúvidas sobre este serviço e promover ações conjuntas para fazer encaminhamentos, quando necessários.

Para a formação em nível de aperfeiçoamento e especialização, a proposta é que sejam realizadas ações de formação fundamentadas em metodologias ativas de aprendizagem, tais como Estudos de Casos, Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) ou Problem Based Learning (PBL), Aprendizagem Baseada em Casos (ABC), Trabalhos com Projetos, Aprendizagem Colaborativa em Rede (ACR), entre outras.

Essas metodologias trazem novas formas de produção e organização do conhecimento e colocam o aprendiz no centro do processo educativo, dando-lhe autonomia e responsabilidade pela sua aprendizagem por meio da identificação e análise dos problemas e da capacidade para formular questões e buscar informações para responder a estas questões, ampliando conhecimentos.

Tradicionalmente os cursos de formação continuada são centrados nos conteúdos, classificados de acordo com o critério de pertencimento a uma especificidade, tendo sua organização curricular pautada num perfil "ideal" de aluno que se deseja formar. Estes modelos de formação estão sendo cada vez mais questionados no contexto educacional e algumas metodologias começam a surgir com a finalidade de romper com esta organização e determinismo. Tais metodologias rompem com o modelo determinista de formação, considerando as diferenças entre os estudantes e apresentando uma nova perspectiva de organização curricular.

Zabala (1995) defende uma perspectiva de organização curricular globalizadora, na qual os conteúdos de aprendizagem e as unidades temáticas do currículo são relevantes em função de sua capacidade de compreender uma realidade global. Para Hernandez (1998), o conceito de conhecimento global e relacional permite superar o sentido da mera acumulação de saberes em torno de um tema. Ele propõe estabelecer um processo no qual o tema ou problema abordado seja o ponto de referência para onde confluem os conhecimentos.

É neste contexto que surgem as metodologias ativas de aprendizagem. Elas requerem uma mudança de atitude do docente. Uma delas refere-se à flexibilidade diante das questões que surgirão e dos conhecimentos que se construirão durante o desenvolvimento dos trabalhos. Este processo permite aos professores e aos alunos aprenderem a explicar as relações estabelecidas a partir de informações obtidas sobre determinado assunto e demonstra respeito às diferentes formas e procedimentos de organização do conhecimento.

Essas propostas colocam o aprendiz como protagonista do processo de ensino e aprendizagem e agrega valor educativo aos conteúdos da formação. Os conteúdos não se tornam à finalidade, mas os meios de ensino. As metodologias ativas de aprendizagem têm como característica o fato de se desenvolverem em pequenos grupos e de apresentarem problemas contextualizados. Trata-se de um processo ativo, cooperativo, integrado e interdisciplinar. Estimula o aprendiz a desenvolver os trabalhos em equipe, ouvir outras opiniões, a considerar o contexto ao elaborar as propostas das soluções, tornando-o consciente do que ele sabe e do que precisa aprender. Motiva-o a buscar as informações relevantes, considerando que cada problema é um problema e que não existem receitas para solucioná-los.

Entre as diversas metodologias, a Aprendizagem Colaborativa em Redes - ACR, construída a partir da metodologia de Aprendizagem Baseada em Problemas, foi desenvolvida para um programa de formação continuada a distância de professores de AEE. Seu foco é a aprendizagem colaborativa, o trabalho em equipe, contextualizado na realidade do aprendiz.

A ACR é composta de etapas que incluem trabalhos individuais e coletivos. As etapas compreendem a apresentação, a descrição e a discussão do problema; pesquisas em fontes bibliográficas para favorecer a compreensão do problema; apresentação de propostas de soluções para o problema em foco; elaboração do plano de atendimento; socialização; reelaboração da solução do problema e do plano de atendimento; avaliação.

A proposta de formação ACR prepara o professor para perceber a singularidade de cada caso e atuar frente a eles. Nesse sentido, a formação não termina com o curso, visto que a atuação do professor requer estudo e reflexões diante de cada novo desafio. Finalizada a formação, é importante que os professores constituam redes sociais para dar continuidade aos estudos, estudar casos, dirimir dúvidas e socializar os conhecimentos adquiridos a partir da prática cotidiana. Para contribuir com estas ações, a internet disponibiliza várias ferramentas de livre acesso que podem ser utilizadas pelos professores.

As tecnologias de informação e comunicação - TICs, em especial as tecnologias Web 2.0, possibilitam aos usuários o acesso às informações de forma rápida e constante. Elas permitem a participação ativa do usuário na grande rede de computadores e invertem o papel de usuário consumidor para usuário produtor de conhecimento, de agente passivo para agente ativo, o que pode ampliar as possibilidades dos programas de formação pautados em metodologias ativas de aprendizagem.

Estas e outras ferramentas possibilitam viabilizar a construção coletiva do conhecimento em torno das práticas de inclusão e, o mais importante, socializar estas práticas e fazer delas um objeto de pesquisa.

NOVA CONCURSOS

PARTE III

1. SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

As Salas de Recursos Multifuncionais são espaços localizados nas escolas de educação básica, onde se realiza o Atendimento Educacional Especializado - AEE. Essas salas são organizadas com mobiliários, materiais didáticos e pedagógicos, recursos de acessibilidade e equipamentos específicos para o atendimento aos alunos público alvo da educação especial, em turno contrário à escolarização.

O Ministério da Educação, com o objetivo de apoiar as redes públicas de ensino na organização e na oferta do AEE e contribuir com o fortalecimento do processo de inclusão educacional nas classes comuns de ensino, instituiu o Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, por meio da Portaria Nº. 13, de 24 de abril de 2007. Nesse processo, o Programa atende a demanda das escolas públicas que possuem matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou superdotados/altas habilidades, disponibilizando as salas de recursos multifuncionais, Tipo I e Tipo II. Para tanto, é necessário que o gestor do município, do estado ou do Distrito Federal garanta professor para o AEE, bem como o espaço para a sua implantação. As Salas de Recursos Multifuncionais Tipo I são constituídas de microcomputadores, monitores, fones de ouvido e microfones, scanner, impressora laser, teclado e colmeia, mouse e acionador de pressão, laptop, materiais e jogos pedagógicos acessíveis, software para comunicação alternativa, lupas manuais e lupa eletrônica, plano inclinado, mesas, cadeiras, armário, quadro melanínico.

Foto 7 - Mostra um aluno com deficiência física utilizando vocalizador em sala de aula comum.

As Salas de Recursos Multifuncionais Tipo II são constituídas dos recursos da sala Tipo I, acrescidos de outros recursos específicos para o atendimento de alunos com cegueira, tais como impressora Braille, máquina de datilografia Braille, reglete de mesa, punção, soroban, guia de assinatura, globo terrestre acessível, kit de desenho geométrico acessível, calculadora sonora, software para produção de desenhos gráficos e táteis.

Foto 8 - Mostra materiais didático-pedagógicos integrantes das salas de recursos multifuncionais.

1.1. CONHECENDO ALGUNS RECURSOS ACESSÍVEIS

a) Jogo Cara a Cara: O objetivo do jogo é encontrar a outra cara igual a que o outro participante tem em mãos. Crianças com cegueira têm a possibilidade de encontrar os pares em função das texturas, e crianças com baixa visão, em função das cores contrastantes. O jogo foi feito em borracha e com retângulos em tamanho grande para permitir que crianças com dificuldades motoras possam jogar. Dessa forma, o jogo permite a participação de todos.

Foto 9 - Mostra o jogo acessível cara a cara, feito de borracha recortada em retângulos.

b) Maquete da planta baixa: Uma maquete de planta baixa pode ser confeccionada com diferentes materiais, como o papel cartão, o papel camurça e outros. Esse material proporciona a percepção do ambiente, a orientação espacial e a mobilidade.

Foto 10 - Mostra maquete da planta baixa de uma escola da rede pública de ensino. A maquete foi feita com material simples, como o papel cartão e o papel camurça. Ela está sobre uma mesa. Três pessoas estão sentadas e uma delas tateia a maquete.

c) Máquina Braille

Foto 11 - Mostra a professora do AEE ensinando o aluno com cegueira a usar a máquina de datilografia Braille.

d) Jogo da velha e dominó: Estes jogos são constituídos de peças e tabuleiro em diferentes materiais, texturas, cores e formas geométricas que permitem acessibilidade para alunos com cegueira ou com baixa visão.

Foto 12 - Mostra o jogo da velha e de dominó feito de madeira, em cores contrastantes.

e) Teclado com colmeia: A colmeia é um recurso da tecnologia assistiva feita em acrílico transparente com furos coincidentes às teclas do teclado comum. A colmeia facilita a digitação do aluno com dificuldade motora.

Foto 13 - Mostra um teclado com colmeia para uso do aluno com dificuldades motoras.

f) Mouse e acionador de pressão: O acionador de pressão, conectado ao mouse, é utilizado por alunos com deficiência física. Por exemplo, em casos em que os alunos apresentam amputação de braços, o acionador poderá ser ativado com o queixo ou, se o aluno apresenta dificuldades motoras nas mãos, o acionador poderá ser ativado com o movimento do cotovelo.

Foto 14 - Mostra um mouse com o acionador de pressão conectado.

g) Aranha-mola: O recurso da tecnologia assistiva denominado Aranha-mola é produzido com um arame revestido, onde os dedos e a caneta são encaixados. O objetivo deste recurso é estabilizar ou auxiliar nos movimentos de pessoas com deficiência física nas atividades em que utilizam lápis, caneta ou pincel.

Foto 15 - Mostra um aluno escrevendo com caneta encaixada na aranha-mola.

Considerações Finais

A garantia de acesso, participação e aprendizagem de todos os alunos nas escolas contribui para a construção de uma nova cultura de valorização das diferenças. Este fascículo destacou em seus tópicos a importância de se rever a organização pedagógica e administrativa das escolas para que estas possam tornar-se espaços inclusivos.

Do ponto de vista da escola comum, ressaltou-se o papel do Projeto Político Pedagógico como instrumento orientador desses espaços e a participação e comprometimento dos professores na elaboração e execução desse Projeto. Quanto à Educação Especial, reiteramos a necessidade de esta modalidade de ensino ser parte integrante do PPP, para que seus serviços possam ser implementados na perspectiva da educação inclusiva, como prevê a Política Nacional da Educação Especial.

O entrelaçamento dos serviços de Educação Especial, entre os quais o Atendimento Educacional Especializado, conjuga igualdade e diferenças como valores indissociáveis e como condição de acolher a todos nas escolas. As ações para consolidação do AEE exigem firmeza e envolvimento de todos os que estão se empenhando para que as escolas se tornem ambientes educacionais plenamente inclusivos.

Nessa caminhada em favor de uma escola para todos, a educação especial brasileira tem tomado decisões e iniciativas que surpreendem pela ousadia de suas propostas e coerência de seus posicionamentos com o que nossa Constituição de 1988 prescreve como direito à educação.

A possibilidade de inventar o cotidiano (CERTEAU, 1994) tem sido a saída adotada pelos que colocam sua capacidade criadora para inovar, romper velhos acordos, resistências e lugares eternizados na educação. É a determinação e um forte compromisso com a melhoria da qualidade da educação brasileira que está subjacente a todas essas mudanças que estão propostas pela Política atual da Educação Especial.

VEIGA, I. P. A. (ORG.). PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA ESCOLA - UMA CONSTRUÇÃO POSSÍVEL. 2.A ED. CAMPINAS: PAPIRUS, 1996.

O projeto político-pedagógico, segundo Veiga, tem sido objeto de estudos para professores, pesquisadores e instituições educacionais em nível nacional, estadual e municipal, em busca da melhoria da qualidade do ensino.

O presente estudo tem a intenção de refletir acerca da construção do projeto político-pedagógico, entendido como a própria organização do trabalho pedagógico da escola como um todo.

A escola é o lugar de concepção, realização e avaliação de seu projeto educativo, uma vez que necessita organizar seu trabalho pedagógico com base em seus alunos. Nessa perspectiva, é fundamental que ela assume suas responsabilidades, sem esperar que as esferas administrativas superiores tomem essa iniciativa, mas que lhe deem as condições necessárias para levá-la adiante. Para tanto, é importante que se fortaleçam as relações entre escola e sistema de ensino.

Para isso, começaremos, na primeira parte, conceituando projeto político-pedagógico. Em seguida, na segunda parte, trataremos de trazer nossas reflexões para a análise dos princípios norteadores. Finalizaremos discutindo os elementos básicos, da organização do trabalho pedagógico, necessários à construção do projeto político-pedagógico.

CONCEITUANDO O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

O que é projeto político-pedagógico

No sentido etimológico, o termo projeto v e m do latim *projectu*, particípio passado do verbo *projicere*, que significa lançar para diante. Plano, intento, desígnio. Empresa, empreendimento. Redação provisória de lei. Plano geral de edificação.

Ao construirmos os projetos de nossas escolas, planejamos o que temos intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para diante, com base no que temos, buscando o possível. É antever um futuro diferente do presente. Nas palavras de Gadotti:

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável p ara arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado com o promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis o s campos de ação possível, comprometendo seu s atores e autores.

Nessa perspectiva, o projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola.

O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. "A dimensão política se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica". Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade.

Político e pedagógico têm assim uma significação indissociável. Neste sentido é que se deve considerar o projeto político-pedagógico como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de alternativas viáveis a efetivação de sua intencionalidade, que "não é descritiva ou constatativa, mas é constitutiva". Por outro lado, propicia a vivência democrática necessária para a participação de todos os membros da comunidade escolar e o exercício da cidadania. Pode parecer complicado, mas trata-se de uma relação recíproca entre a dimensão política e a dimensão pedagógica da escola.

O projeto político-pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão.

Desse modo, o projeto político-pedagógico tem a ver com a organização do trabalho pedagógico em dois níveis: como organização da escola como um todo e como organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade. Nesta caminhada será importante ressaltar que o projeto político-pedagógico busca a organização do trabalho pedagógico da escola na sua globalidade.

A principal possibilidade de construção do projeto político-pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva. Portanto, é preciso entender que o projeto político-pedagógico da escola dará indicações necessárias à organização do trabalho pedagógico, que inclui o trabalho do professor na dinâmica interna da sala de aula, ressaltado anteriormente.

Buscar uma nova organização para a escola constitui uma ousadia para os educadores, pais, alunos e funcionários. E para enfrentarmos essa ousadia, necessitamos de um referencial que fundamente a construção do projeto político-pedagógico. A questão é, pois, saber a qual referencial temos que recorrer para a compreensão de nossa prática pedagógica. Nesse sentido, temos que nos alicerçar nos pressupostos de uma teoria pedagógica crítica viável, que parta da prática social e esteja compromissada em solucionar os problemas da educação e do ensino de nossa escola. Uma teoria que subsidie o projeto político-pedagógico e, por sua vez, a prática pedagógica que ali se processa deve estar ligada aos interesses da maioria da população. Faz-se necessário, também, o domínio das bases teórico-metodológicas indispensáveis à concretização das concepções assumidas coletivamente. Mais do que isso, afirma Freitas que:

A s novas forma s têm q u e ser pensadas em um contexto de luta, de correlações de força – às vezes favoráveis, às vezes desfavoráveis. Terão que nascer no próprio " chã o da escola ", com apoio dos professores e pesquisadores. Não poderão ser inventadas por alguém, longe da escola e da luta da escola.

Isso significa uma enorme mudança na concepção do projeto político-pedagógico e na própria postura da administração central. Se a escola nutre-se da vivência cotidiana de cada um de seus membros, coparticipantes de sua organização do trabalho pedagógico à administração central, seja o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação Estadual ou Municipal, não compete a eles definir um modelo pronto e acabado, mas sim estimular inovações e coordenar as ações pedagógicas planejadas e organizadas pela própria escola. Em outras palavras, as escolas necessitam receber assistência técnica e financeira decidida em conjunto com as instâncias superiores do sistema de ensino.

Isso pode exigir, também, mudanças na própria lógica de organização das instâncias superiores, implicando uma mudança substancial na sua prática. Para que a construção do projeto político-pedagógico seja possível não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais, ou mobilizá-los de forma espontânea, mas propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente.

O ponto que nos interessa reforçar é que a escola não tem mais possibilidade de ser dirigida de cima para baixo e na ótica do poder centralizador que dita as normas e exerce o controle técnico burocrático. A luta da escola é para a descentralização em busca de sua autonomia e qualidade. Do exposto, o projeto político-pedagógica não visa simplesmente a um rearranjo formal da escola, mas a uma qualidade em todo o processo vivido. Vale acrescentar, ainda, que a organização do trabalho pedagógico da escola tem a ver com a organização da sociedade. A escola nessa perspectiva é vista como uma instituição social, inserida na sociedade capitalista, que reflete no seu interior as determinações e contradições dessa sociedade.

Princípios norteadores do projeto político-pedagógico

A abordagem do projeto político-pedagógico, como organização do trabalho da escola como um todo, está fundada nos princípios que deverão nortear a escola democrática, pública e gratuita:

a) Igualdade de condições para acesso e permanência na escola. Saviani alerta-nos para o fato de que há uma desigualdade no ponto de partida, mas a igualdade no ponto de chegada deve ser garantida pela mediação da escola. O autor destaca: *Portanto, só é possível considerar o processo educativo em seu conjunto sob a condição de se distinguir a democracia com o possibilidade no ponto de partida e democracia como realidade no ponto de chegada.* Igualdade de oportunidades requer, portanto, mais que a expansão quantitativa de ofertas; requer ampliação do atendimento com simultânea manutenção de qualidade.

b) Qualidade que não pode ser privilégio de minorias econômicas e sociais. O desafio que se coloca ao projeto político-pedagógico da escola é o de propiciar uma qualidade para todos. A qualidade que se busca implica duas dimensões indissociáveis: a formal ou técnica e a política. Uma não está subordinada a outra; cada uma delas tem perspectivas próprias. A primeira enfatiza os instrumentos e os métodos, a técnica. A qualidade formal não está afeita, necessariamente, a conteúdos determinados. Demo afirma que a qualidade formal: "(...) *significa a habilidade de manejar meios, instrumentos, formas, técnicas, procedimentos diante dos desafios do desenvolvimento*". A qualidade política é condição imprescindível da participação. Está voltada para os fins, valores e conteúdos. Quer dizer "a competência humana do sujeito em termos de se fazer e de fazer história, diante dos fins históricos da sociedade humana".

Nesta perspectiva, o autor chama atenção para o fato de que a qualidade centra-se no desafio de manejar os instrumentos adequados para fazer a história humana. A qualidade formal está relacionada com a qualidade política e esta depende da competência dos meios. A escola de qualidade tem obrigação de evitar de todas as maneiras possíveis a repetência e a evasão. Tem que garantir a meta qualitativa do desempenho satisfatório de todos. Qualidade para todos, portanto, vai além da meta quantitativa de acesso global, no sentido de que as crianças, em idade escolar, entrem na escola. É preciso garantir a permanência dos que nela ingressarem. Em síntese, qualidade "implica consciência crítica e capacidade de ação, saber e mudar".

O projeto político-pedagógico, ao mesmo tempo em que exige dos educadores, funcionários, alunos e pais a definição clara do tipo de escola que intentam, requer a definição de fins. Assim, todos deverão definir o tipo de sociedade e o tipo de cidadão que pretendem formar. As ações especificas para a obtenção desses fins são meios. Essa distinção clara entre fins e meios é essencial para a construção do projeto político-pedagógico.

c) Gestão democrática é um princípio consagrado pela Constituição vigente e abrange as dimensões pedagógica, administrativa e financeira. Ela exige uma ruptura histórica na prática administrativa da escola, com o enfrentamento das questões de exclusão e reprovação e da não-permanência do aluno na sala de aula, o que vem provocando a marginalização das classes populares. Esse compromisso implica a construção coletiva de um projeto político-pedagógico ligado à educação das classes populares. A gestão democrática exige a compreensão em profundidade dos problemas postos pela prática pedagógica. Ela visa romper com a separação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre teoria e prática. Busca resgatar o controle do processo e do produto do trabalho pelos educadores.

A gestão democrática implica principalmente o repensar da estrutura de poder da escola, tendo em vista sua socialização. A socialização do poder propicia a prática da participação coletiva, que atenua o individualismo; da reciprocidade, que elimina a exploração; da solidariedade, que supera a opressão; da autonomia, que anula a dependência de órgãos intermediários que elaboram políticas educacionais das quais a escola é mera executora.

A busca da gestão democrática inclui, necessariamente, a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos da escola nas decisões/ações administrativo-pedagógicas ali desenvolvidas. Nas palavras de Marques: A participação ampla assegura a transparência das decisões, fortalece as pressões para que sejam elas legítimas, garante o controle sobre os acordos estabelecidos e, sobretudo, contribui para que sejam contempladas questões que de outra forma não entraria m em cogitação.

Neste sentido, fica claro entender que a gestão democrática, no interior da escola, não é um princípio fácil de ser consolidado, pois trata-se da participação crítica na construção do projeto político-pedagógico e na sua gestão.

d) Liberdade é outro princípio constitucional. O princípio da liberdade está sempre associado à ideia de autonomia. O que é necessário, portanto, como ponto de partida, é o resgate do sentido dos conceitos de autonomia e liberdade. A autonomia e a liberdade fazem parte da própria natureza do ato pedagógico. O significado de autonomia remete-nos para regras e orientações criadas pelos próprios sujeitos da ação educativa, sem imposições externas.

Para Rios, a escola tem uma autonomia relativa e a liberdade é algo que se experimenta em situação e esta é uma articulação de limites e possibilidades. Para a autora, a liberdade é uma experiência de educadores e constrói-se na vivência coletiva, interpessoal. Portanto, "somos livres com os outros, não, apesar dos outros". Se pensamos na liberdade na escola, devemos pensá-la na relação entre administradores, professores, funcionários e alunos que aí assumem sua parte de responsabilidade na construção do projeto político-pedagógico e na relação destes com o contexto social mais amplo.

Heller afirma que:

A liberdade é sempre liberdade para algo e não a penas liberdade de algo. Se interpretarmos a liberdade apenas como o fato d e sermos livres de alguma coisa, encontramo-nos no estado de arbítrio, definimo-nos de modo negativo. A liberdade é u m a relação e, com o tal, deve ser continuamente ampliada. O próprio conceito de liberdade contém o

conceito d e regra, d e reconhecimento, d e intervenção recíproca. C o m efeito, ninguém pode ser livre se, em volta dele, há outros que não o são!

Por isso, a liberdade deve ser considerada, também, como liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a arte e o saber direcionados para uma intencionalidade definida coletivamente.

e) Valorização do magistério é um princípio central na discussão do projeto político-pedagógico. A qualidade do ensino ministrado na escola e seu sucesso na tarefa de formar cidadãos capazes de participar da vida socioeconômica, política e cultural do país relacionam-se estreitamente a formação (inicial e continuada), condições de trabalho (recursos didáticos, recursos físicos e materiais, dedicação integral à escola, redução do número de alunos na sala de aula etc.), remuneração, elementos esses indispensáveis à profissionalização do magistério.

A melhoria da qualidade da formação profissional e a valorização do trabalho pedagógico requerem a articulação entre instituições formadoras, no caso as instituições de ensino superior e a Escola Normal, e as agências empregadoras, ou seja, a própria rede de ensino. A formação profissional implica, também, a indissociabilidade entre a formação inicial e a formação continuada.

O reforço à valorização dos profissionais da educação, garantindo-lhes o direito ao aperfeiçoamento profissional permanente, significa "*valorizar a experiência e o conhecimento que os professores tem a partir de sua prática pedagógica*".

A formação continuada é um direito de todos os profissionais que trabalham na escola, uma vez que não só ela possibilita a progressão funcional baseada na titulação, na qualificação e na competência dos profissionais, mas também propicia, fundamentalmente, o desenvolvimento profissional dos professores articulado com as escolas e seus projetos.

A formação continuada deve estar centrada na escola e fazer parte do projeto político-pedagógico. Assim, compete à escola:

a) proceder ao levantamento de necessidades de formação continuada de seus profissionais;

b) elaborar seu programa de formação, contando com a participação e o apoio dos órgãos centrais, no sentido de fortalecer seu papel na concepção, na execução e na avaliação do referido programa.

Assim, a formação continuada dos profissionais, da escola compromissada com a construção do projeto político-pedagógico, não deve limitar-se aos conteúdos curriculares, mas se estender à discussão da escola como um todo e suas relações com a sociedade.

Daí, passarem a fazer parte dos programas de formação continuada, questões como cidadania, gestão democrática, avaliação, metodologia de pesquisa e ensino, novas tecnologias de ensino, entre outras.

Veiga e Carvalho afirmam que: *O grande desafio da escola ao construir sua autonomia, deixando de lado seu papel de mera "repetidora" de programas de treinamento é ousar assumir o papel predominante na formação dos profissionais.*

Inicialmente, convém alertar para o fato de que essa tomada de consciência, dos princípios norteadores do projeto político-pedagógico, não pode ter o sentido espontaneísta de se cruzar os braços diante da atual organização da escola, que inibe a participação de educadores, funcionários e alunos no processo de gestão.

É preciso ter consciência de que a dominação no interior da escola efetiva-se por meio das relações de poder que se expressam nas práticas autoritárias e conservadoras dos diferentes profissionais, distribuídos hierarquicamente, bem como por meio das formas de controle existentes no interior da organização escolar. Como resultante dessa organização, a escola pode ser descaracterizada como instituição histórica e socialmente determinada, instância privilegiada da produção e da apropriação do saber. As instituições escolares representam «armas de contestação e luta entre grupos culturais e econômicos que têm diferentes graus de poder». Por outro lado, a escola é local de desenvolvimento da consciência crítica da realidade.

Acreditamos que os princípios analisados e o aprofundamento dos estudos sobre a organização do trabalho pedagógico trarão contribuições relevantes para a compreensão dos limites e das possibilidades dos projetos político-pedagógicos voltados para os interesses das camadas menos favorecidas.

Veiga acrescenta, ainda que: *A importância desses princípios está em garantir sua operacionalização nas estruturas escolares, pois uma coisa é estar no papel, na legislação, na proposta, no currículo e outra é estar ocorrendo na dinâmica interna da escola, no real, no concreto.*

Construindo o projeto político-pedagógico

O projeto político-pedagógico é entendido, neste estudo, como a própria organização do trabalho pedagógico da escola. A construção do projeto político-pedagógico parte dos princípios de igualdade, qualidade, liberdade, gestão democrática e valorização do magistério. A escola é concebida como espaço social marcado pela manifestação de práticas contraditórias, que apontam para a luta e/ou acomodação de todos os envolvidos na organização do trabalho pedagógico.

O que pretendemos enfatizar é que devemos analisar e compreender a organização do trabalho pedagógico, no sentido de se gestar uma nova organização que reduza os efeitos de sua divisão do trabalho, de sua fragmentação e do controle hierárquico. Nessa perspectiva, a construção do projeto político-pedagógico é um instrumento de luta, é uma forma de contrapor-se à fragmentação do trabalho pedagógico e sua rotinização, à dependência e aos efeitos negativos do poder autoritário e centralizador dos órgãos da administração central.

A construção do projeto político-pedagógico, para gestar uma nova organização do trabalho pedagógico, passa pela reflexão anteriormente feita sobre os princípios. Acreditamos que a análise dos elementos constitutivos da organização trará contribuições relevantes para a construção do projeto político-pedagógico.

Pelo menos sete elementos básicos podem ser apontados: as finalidades da escola, a estrutura organizacional, o currículo, o tempo escolar, o processo de decisão, as relações de trabalho, a avaliação.

Finalidades

A escola persegue finalidades. É importante ressaltar que os educadores precisam ter clareza das finalidades de sua escola. Para tanto há necessidade de se refletir sobre a ação educativa que a escola desenvolve com base nas finalidades e nos objetivos que ela define. As finalidades da escola referem-se aos efeitos intencionalmente pretendidos e almejados.

- Das finalidades estabelecidas na legislação em vigor, o que a escola persegue, com maior ou menor ênfase?
- Como é perseguida sua finalidade cultural, ou seja, a de preparar culturalmente os indivíduos para uma melhor compreensão da sociedade em que vivem?
- Como a escola procura atingir sua finalidade política e social; ao formar o indivíduo para a participação política que implica direitos e deveres da cidadania?
- Como a escola atinge sua finalidade de formação profissional, ou melhor, como ela possibilita a compreensão do papel do trabalho na formação profissional do aluno?
- Como a escola analisa sua finalidade humanística, ao procurar promover o desenvolvimento integral da pessoa?

As questões levantadas geram respostas e novas indagações por parte da direção, de professores, funcionários, alunos e pais. O esforço analítico de todos possibilitará a identificação de quais finalidades precisam ser reforçadas, quais as que estão relegadas e como elas poderão ser detalhadas em nível das áreas, das diferentes disciplinas curriculares, do conteúdo programático.

É necessário decidir, coletivamente, o que se quer reforçar dentro da escola e como detalhar as finalidades para se atingir a almejada cidadania.

Alves afirma que há necessidade de saber se a escola dispõe de alguma autonomia na determinação das finalidades e, consequentemente, seu desdobramento em objetivos específicos. O autor enfatiza que:

Interessará reter se as finalidades são impostas por entidades exteriores ou se são definidas no interior do território social e se são definidas por consenso ou por conflito ou até se é matéria ambígua, imprecisa ou marginal.

Essa colocação está sustentada na ideia de que a escola deve assumir, como uma de suas principais tarefas, o trabalho de refletir sobre sua intencionalidade educativa. Nesse sentido, ela procura alicerçar o conceito de autonomia, enfatizando a responsabilidade de todos, sem deixar de lado os outros níveis da esfera administrativa educacional. Nóvoa nos diz que a autonomia é importante para: "a criação de uma identidade da escola, de um ethos científico e diferenciador, que facilite a adesão dos diversos atores e a elaboração de um projeto próprio".

A ideia de autonomia está ligada à concepção emancipadora da educação. Para ser autônoma, a escola não pode depender dos órgãos centrais e intermediários que definem a política da qual ela não passa de executora. Ela concebe seu projeto político-pedagógico e tem autonomia para executá-lo e avaliá-lo ao assumir um nova atitude de liderança, no sentido de refletir sobre as finalidades sociopolíticas e culturais da escola.

Estrutura organizacional

A escola, de forma geral, dispõe de dois tipos básicos de estruturas: administrativas e pedagógicas. As primeiras asseguram praticamente, a locação e a gestão de recursos humanos, físicos e financeiros. Fazem parte, ainda, das estruturas administrativas todos os elementos que têm uma forma material como, por exemplo, a arquitetura do edifício escolar e a maneira como ele se apresenta do ponto de vista de sua imagem: equipamentos e materiais didáticos, mobiliário, distribuição das dependências escolares e espaços livres, cores, limpeza e saneamento básico (água, esgoto, lixo e energia elétrica).

As pedagógicas, que, teoricamente, determinam a ação das administrativas, "organizam as funções educativas para que a escola atinja de forma eficiente e eficaz as suas finalidades". As estruturas pedagógicas referem-se, fundamentalmente, às interações políticas, às questões de ensino-aprendizagem e às de currículo. Nas estruturas pedagógicas incluem-se todos os setores necessários ao desenvolvimento do trabalho pedagógico.

A análise da estrutura organizacional da escola visa identificar quais estruturas são valorizadas e por quem, verificando as relações funcionais entre elas. É preciso ficar claro que a escola é uma organização orientada por finalidades, controlada e permeada pelas questões do poder. A análise e a compreensão da estrutura organizacional da escola significam indagar sobre suas características, seus polos de poder, seus conflitos.

O que sabemos da estrutura pedagógica?
Que tipo de gestão está sendo praticada?
O que queremos e precisamos mudar na nossa escola?
Qual é o organograma previsto?
Quem o constitui e qual é a lógica interna?
Quais as funções educativas predominantes?
Como são vistas a constituição e a distribuição do poder?
Quais os fundamentos regimentais?

Enfim, caracterizar do modo mais preciso possível a estrutura organizacional da escola e os problemas que afetam o processo ensino-aprendizagem, de modo a favorecer a tomada de decisões realistas e exequíveis.

Avaliar a estrutura organizacional significa questionar os pressupostos que embasam a estrutura burocrática da escola que inviabiliza a formação de cidadãos aptos a criar ou a modificar a realidade social. Para realizar um ensino de qualidade e cumprir suas finalidades, as escolas têm que romper com a atual forma de organização burocrática que regula o trabalho pedagógico – pela conformidade às regras fixadas, pela obediência a leis e diretrizes emanadas do poder central e pela cisão entre os que pensam e

executam –, que conduz a fragmentação e ao consequente controle hierárquico que enfatiza três aspectos inter-relacionados: o tempo, a ordem e a disciplina.

Nessa trajetória, ao analisar a estrutura organizacional, ao avaliar os pressupostos teóricos, ao situar os obstáculos e vislumbrar as possibilidades, os educadores vão desvelando a realidade escolar, estabelecendo relações, definindo finalidades comuns e configurando novas formas de organizar as estruturas administrativas e pedagógicas para a melhoria do trabalho de toda a escola na direção do que se pretende. Assim, considerando o contexto, os limites, os recursos disponíveis (humanos, materiais e financeiros) e a realidade escolar, cada instituição educativa assume sua marca, tecendo, no coletivo, seu projeto político-pedagógico, propiciando consequentemente a construção de uma nova forma de organização.

Currículo

Currículo é um importante elemento constitutivo da organização escolar. Currículo implica, necessariamente, a interação entre sujeitos que têm um mesmo objetivo e a opção por um referencial teórico que o sustente. Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. Neste sentido, o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar.

O conhecimento escolar é dinâmico e não uma mera simplificação do conhecimento científico, que se adequaria à faixa etária e aos interesses dos alunos. Daí, a necessidade de se promover, na escola, uma reflexão aprofundada sobre o processo de produção do conhecimento escolar, uma vez que ele é, ao mesmo tempo, processo e produto. A análise e a compreensão do processo de produção do conhecimento escolar ampliam a compreensão sobre as questões curriculares.

Na organização curricular é preciso considerar alguns pontos básicos. O primeiro é o de que o currículo não é um instrumento neutro. O currículo passa ideologia, e a escola precisa identificar e desvelar os componentes ideológicos do conhecimento escolar que a classe dominante utiliza para a manutenção de privilégios. A determinação do conhecimento escolar, portanto, implica uma análise interpretativa e crítica, tanto da cultura dominante, quanto da cultura popular. O currículo expressa uma cultura.

O segundo ponto é o de que o currículo não pode ser separado do contexto social, uma vez que ele é historicamente situado e culturalmente determinado.

O terceiro ponto diz respeito ao tipo de organização curricular que a escola deve adotar. Em geral, nossas instituições têm sido orientadas para a organização hierárquica e fragmentada do conhecimento escolar. Com base em Bernstein, chamo a atenção para o fato de que a escola deve buscar novas formas de organização curricular, em que o conhecimento escolar (conteúdo) estabeleça um relação aberta e inter-relacione-se em torno de uma ideia integradora. A esse tipo de organização curricular, o autor denomina de currículo integração. O currículo integração, portanto, visa reduzir o isolamento entre as diferentes disciplinas curriculares, procurando agrupá-las num todo mais amplo.

Como alertou Domingos "cada conteúdo deixa de ter significado por si só, para assumir uma importância relativa e passar a ter uma função bem determinada e explícita dentro do todo de que faz parte".

O quarto ponto refere-se a questão do controle social, já que o currículo formal (conteúdos curriculares, metodologia e recursos de ensino, avaliação e relação pedagógica) implica controle. Por outro lado, o controle social é instrumentalizado pelo currículo oculto, entendido este como as "mensagens transmitidas pela sala de aula e pelo ambiente escolar". Assim, toda a gama de visões do mundo, as normas e os valores dominantes são passados aos alunos no ambiente escolar, no material didático e mais especificamente por intermédio dos livros didáticos, na relação pedagógica, nas rotinas escolares. Os resultados do currículo oculto "estimulam a conformidade a ideais nacionais e convenções sociais ao mesmo tempo que mantêm desigualdades socioeconômicas e culturais".

Moreira, ao examinar as teorias de controle social que têm permeado as principais tendências do pensamento curricular, procurou defender o ponto de vista de que controle social não envolve, necessariamente, orientações conservadoras, coercitivas e de conformidade comportamental. De acordo com o autor, subjacente ao discurso curricular crítico encontra-se uma noção de controle social orientada para a emancipação. Faz sentido, então, falar em controle social comprometido com fins de liberdade que deem ao estudante uma voz ativa e crítica.

Com base em Aronowitz e Giroux, o autor chama a atenção para o fato de que a noção crítica de controle social não pode deixar de discutir:

O contexto apropriado ao desenvolvimento de práticas curriculares que favoreçam o bom rendimento e a autonomia dos seus estudantes e, em particular, que reduzem os elevados índices de evasão e repetência de nossa escola de primeiro grau.

A noção de controle social na teoria curricular crítica é mais um instrumento de contestação e resistência à ideologia veiculada por intermédio dos currículos, tanto do formal quanto do oculto.

Orientar a organização curricular para fins emancipatórios implica, inicialmente desvelar as visões simplificadas de sociedade, concebida como um todo homogêneo, e de ser humano como alguém que tende a aceitar papéis necessários à sua adaptação ao contexto em que vive. Controle social na visão crítica, é uma contribuição e uma ajuda para a contestação e a resistência à ideologia veiculada por intermédio dos currículos escolares.

O tempo escolar

O tempo é um dos elementos constitutivos da organização do trabalho pedagógico. O calendário escolar ordena o tempo: determina o início e o fim do ano, prevendo os dias letivos, as férias, os períodos escolares em que o ano se divide, os feriados cívicos e religiosos, as datas reservadas à avaliação, os períodos para reuniões técnicas, cursos etc.

O horário escolar, que fixa o número de horas por semana e que varia em razão das disciplinas constantes na grade curricular, estipula também o número de aulas por professor. Tal como afirma Enguita.

(...) *As matérias tornam-se equivalentes porque ocupam o mesmo número de horas por semana e, são vistas como tendo menor prestígio se ocupam menos tempo que as demais.*

A organização do tempo do conhecimento escolar é marcada pela segmentação do dia letivo, e o currículo é, consequentemente, organizado em períodos fixos de tempo para disciplinas supostamente separadas. O controle hierárquico utiliza o tempo que muitas vezes é desperdiçado e controlado pela administração e pelo professor.

Em resumo, quanto mais compartimentado for o tempo, mais hierarquizadas e ritualizadas serão as relações sociais, reduzindo, também, as possibilidades de se institucionalizar o currículo integração que conduz a um ensino em extensão.

Enguita ao discutir a questão de como a escola contribui para a inculcação da precisão temporal nas atividades escolares, assim se expressa:

A sucessão de períodos muito breves – sempre de menos de uma hora- dedicados a matérias muito diferente entre si, sem necessidade de consequência lógica entre elas, sem atender à melhor ou à pior adequação do seu conteúdo a períodos mais longos ou mais curtos sem prestar nenhuma atenção à cadencia do interesse e do trabalho dos estudantes; em suma, a organização habitual do horário escolar ensina ao estudante que o importante não é a qualidade precisa de seu trabalho a que o dedica, mas sua duração. A escola é o primeiro cenário em que a criança e o jovem presenciam, aceitam e sofrem a redução de seu trabalho a trabalho abstrato.

Para alterar a qualidade do trabalho pedagógico torna-se necessário que a escola reformule seu tempo, estabelecendo períodos de estudo e reflexão de equipes de educadores fortalecendo a escola como instância de educação continuada.

É preciso tempo para que os educadores aprofundem seu conhecimento sobre os alunos e sobre o que estão aprendendo. É preciso tempo para acompanhar e avaliar o projeto político-pedagógico em ação. É preciso tempo para os estudantes se organizarem e criarem seus espaços para além da sala de aula.

O processo de decisão

Na organização formal de nossa escola, o fluxo das tarefas das ações e principalmente das decisões é orientado por procedimentos formalizados, prevalecendo as relações hierárquicas de mando e submissão, de poder autoritário e centralizador.

Uma estrutura administrativa da escola adequada à realização de objetivos educacionais, de acordo com os interesses da população, deve prever mecanismos que estimulem a participação de todos no processo de decisão.

Isto requer uma revisão das atribuições especificas e gerais, bem como da distribuição do poder e da descentralização do processo de decisão. Para que isso seja possível há necessidade de se instalarem mecanismos institucionais visando à participação política de todos os envolvidos com o processo educativo da escola. Paro, sugere a instalação de processos eletivos de escolha de dirigentes, colegiados com representação de alunos, pais, associação de pais e professores, grêmio estudantil, processos coletivos de avaliação continuada dos serviços escolares etc.

As relações de trabalho

É importante reiterar que, quando se busca uma nova organização do trabalho pedagógico, está se considerando que as relações de trabalho, no interior da escola deverão estar calcadas nas atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva, em contraposição à organização regida pelos princípios da divisão do trabalho da fragmentação e do controle hierárquico. É nesse movimento que se verifica o confronto de interesses no interior da escola. Por isso todo esforço de se gestar uma nova organização deve levar em conta as condições concretas presentes na escola. Há uma correlação de forças e é nesse embate que se originam os conflitos, as tensões, as rupturas, propiciando a construção de novas formas de relações de trabalho, com espaços abertos à reflexão coletiva que favoreçam o diálogo, a comunicação horizontal entre os diferentes segmentos envolvidos com o processo educativo, a descentralização do poder. A esse respeito, Machado assume a seguinte posição: "*O processo de luta é visto como uma forma de contrapor-se à dominação, o que pode contribuir para a articulação de práticas emancipatórias*".

A partir disso novas relações de poder poderão ser construídas na dinâmica interna da sala de aula e da escola.

A avaliação

Acompanhar as atividades e avaliá-las levam-nos a reflexão com base em dados concretos sobre como a escola organiza-se para colocar em ação seu projeto político-pedagógico. A avaliação do projeto político-pedagógico, numa visão crítica, parte da necessidade de se conhecer a realidade escolar, busca explicar e compreender ceticamente as causas da existência de problemas bem como suas relações, suas mudanças e se esforça para propor ações alternativas (criação coletiva). Esse caráter criador é conferido pela autocrítica.

Avaliadores que conjugam as ideias de uma visão global, analisam o projeto político-pedagógico, não como algo estanque desvinculado dos aspectos políticos e sociais. Não rejeitam as contradições e os conflitos. A avaliação tem um compromisso mais amplo do que a mera eficiência e eficácia das propostas conservadoras. Portanto, acompanhar e avaliar o projeto político-pedagógico é avaliar os resultados da própria organização do trabalho pedagógico.

Considerando a avaliação dessa forma é possível salientar dois pontos importantes. Primeiro, a avaliação é um ato dinâmico que qualifica e oferece subsídios ao projeto político-pedagógico. Segundo, ela imprime uma direção às ações dos educadores e dos educandos.

O processo de avaliação envolve três momentos: a descrição e a problematização da realidade escolar, a compreensão crítica da realidade descrita e problematizada e a proposição de alternativas de ação, momento de criação coletiva.

A avaliação, do ponto de vista crítico, não pode ser instrumento de exclusão dos alunos provenientes das classes trabalhadoras. Portanto, deve ser democrática, deve favorecer o desenvolvimento da capacidade do aluno de apropriar-se de conhecimentos científicos, sociais e tecnológicos produzidos historicamente e deve ser resultante de um processo coletivo de avaliação diagnóstica.

Fonte
VEIGA, O projeto político pedagógico da escola.

Questões

01. (COSEAC/2016) Para Ilma Passos Veiga, quanto à execução, um projeto político-pedagógico é de qualidade quando:

a) é um documento que se reduz à dimensão curricular.

b) prescinde de um estudo do meio em que a escola está inserida.

c) desconhece a identidade da instituição e privilegia as idiossincrasias individuais.

d) implica ação articulada de todos os envolvidos com a realidade da escola.

e) é construído como produto acabado, não passível de modificações.

02. (Prefeitura de Palhoça – SC/2016) O PPP (Projeto político pedagógico) tem como princípios, segundo Sacristan (2001) e Veiga (2000):

a) Multiplicação de gestores educacionais com participação controlada no planejamento; integração pais e professores; treinamento de educadores em outras culturas.

b) A divulgação da cultura como princípio político pedagógico essencial, privilegiando a história estrangeira em detrimento da nacional; treinamento de professores e pagamento de índice de produtividade; valorização do corpo funcional da escola.

c) A difusão e o incremento do conhecimento e da cultura em geral; a inserção dos sujeitos no mundo; a custódia dos mais jovens, suprindo nessa missão a família; igualdade de condições para acesso e permanência; qualidade para todos; gestão democrática e valorização do magistério.

d) Isonomia para o acesso e permanência; qualidade para todos; gestão democrática de professores e administradores escolares; incremento salarial para o magistério evidenciando a produtividade de cada um; valorização de funcionários.

03. (IF-TO/2016) Veiga (2010) menciona alguns princípios norteadores do Projeto Político-pedagógico. Marque a alternativa que não contempla a proposição da referida autora:

a) Gestão democrática.

b) Igualdade.

c) Qualidade.

d) Valorização do estudante.

e) Liberdade.

Respostas

01. Resposta: D

"É necessário decidir, coletivamente, o que se quer reforçar dentro da escola e como detalhar as finalidades para se atingir a almejada cidadania"(VEIGA, 2000, p. 23).

02. Resposta: C

Princípios orientadores na construção do Projeto Político-Pedagógico:

A construção do PPP na perspectiva da gestão democrática fundamenta-se nos mesmos princípios que norteiam a escola pública e democrática. Gimeno Sacristan (2001), ao discutir a escola pública como um projeto da modernidade, destaca seus objetivos e suas finalidades em quatro grandes grupos:

a) a fundamentação da democracia

b) o estímulo ao desenvolvimento da personalidade do sujeito.

c) a difusão e o incremento do conhecimento e da cultura em geral.

d) a inserção dos sujeitos no mundo

e) a custódia dos mais jovens, suprindo nessa missão a família.

03. Resposta: D

A abordagem do projeto político-pedagógico, como organização do trabalho da escola como um todo, está fundada nos princípios que deverão nortear a escola democrática, pública e gratuita:

a) Igualdade de condições para acesso e permanência na escola.

b) Qualidade que não pode ser privilégio de minorias econômicas e sociais.

c) Gestão democrática é um princípio consagrado pela Constituição vigente e abrange as dimensões pedagógica, administrativa e financeira.

d) Liberdade é outro princípio constitucional.

e) Valorização do magistério é um princípio central na discussão do projeto político-pedagógico.

Assim, em nenhum momento a autora menciona a alternativa "d" Valorização do estudante.

VINHA, TELMA PILEGGI. O EDUCADOR E A MORALIDADE INFANTIL NUMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA. REVISTA DO COGEIME, N° 14, JULHO/99, PÁG. 15-38.

O que me levou a pesquisar a área da moralidade, a questão da autonomia, foi a minha experiência como coordenadora pedagógica. Quando eu trabalhava em Itatiba, cidade próxima a Campinas, como coordenadora, os professores costumavam me perguntar: "O que eu faço com aquele aluno que bate nos outros? O que eu faço com aquele que fala palavrão o tempo inteiro? E com aquele que não pára um minuto quieto, que fica correndo pela classe? Eu ponho para pensar e não adianta."

Eu também não sabia o que fazer. Sabíamos que não podia gritar, não podia estrangular, mesmo sendo nossa vontade, não podia colocar de castigo, não podia bater. Nós sabíamos o que não fazer, mas não sabíamos quais procedimentos eram adequados para lidar com essa questão do desenvolvimento da moralidade, da autonomia, da disciplina.

Estudamos um pouco de psicologia, lemos textos, lemos artigos e não queremos educar como educávamos algumas décadas atrás. Não queremos repetir um modelo de educação autoritária, como a que nós tivemos. Mas, ao mesmo tempo, nos sentimos inseguros de como agir diante de um mal comportamento de uma criança. Por vezes, os professores sentiam-se muito permissivos. Diziam: "Eu converso, converso, converso e não adianta. Não acontece nada. Ele continua da mesma maneira."

Em outros momentos, o professor não se continha e acabava estourando e sentia-se autoritário demais. A nossa preocupação era encontrar o limite da intervenção, de qual o procedimento que está mais coerente com o ser humano que eu quero formar. Que ser humano vocês querem formar? Autônomo, crítico, criativo, humano, responsável, que saiba conviver com o outro, cidadão, feliz, inteligente.

Humano, no sentido de pessoa humanizada, merece reflexão. Será que os nossos procedimentos pedagógicos, aqueles que utilizamos em sala de aula, são coerentes com esse homem que queremos construir?

Na escola tradicional, o professor também tem esses objetivos belos e nobres, e realmente gostaria de estar trabalhando para formar esse homem. Só que, na sala de aula, uma carteira está atrás da outra e as crianças não podem se comunicar, conversar. Cada um tem que ter o seu próprio material, não pode emprestar para o amigo. A professora é quem diz o que fazer, quando fazer, como começar, quando começar, a que horas terminar. Ela é quem determina, inclusive, a ida ao banheiro. É a própria professora que diz para as crianças quando está certo e quando está errado.

Como é que queremos formar pessoas cooperativas, se um não pode ajudar o outro, porque isso é visto como 'cola', como uma coisa negativa? Quando escrevem, eles colocam o braço sobre o trabalho para o outro não ver. Como é que eu posso formar pessoas solidárias, se cada um tem que ter o seu, se eu não posso compartilhar os meus materiais, se eu não posso compartilhar minhas atividades com o meu colega? Como é que eu quero formar pessoas que saibam decidir, se o professor decide até a hora das crianças irem ao banheiro, decide que atividade vai ser dada, como vai ser feita? Como é que eu quero crianças que saibam viver em uma democracia, conviver com os iguais, se eles não podem conversar?

Há muita incoerência entre o objetivo e os instrumentos utilizados para atingir esse objetivo. Se o objetivo é formar um ser humano autônomo, criativo etc, a sala tem que ter um ambiente em que tudo isso seja possível de acontecer. Essa é apenas uma reflexão inicial. O tema central é a construção da autonomia, o desenvolvimento moral.

O que se entende por moralidade? Qual é a ideia de moralidade? O que é certo? O que é íntegro, integridade, respeito, o bem, o caráter? Como isso é construído na criança, como a criança aprende isso no dia-a-dia? Ela segue exemplos, modelos?

Primeiramente, o desenvolvimento moral refere-se ao desenvolvimento das crenças, dos valores, das ideias dos sujeitos sobre a noção do certo, do errado, dos juízos. Quando me sinto culpado por uma atitude, estou emitindo um juízo. Esse julgamento reflete as minhas crenças, os meus valores, a noção do que é certo e do que é errado. Da mesma forma quando julgo a ação do outro e a maneira como eu acredito que o outro me vê.

Esse é o desenvolvimento moral. A moral se refere ao que eu devo ser, como eu devo agir perante o outro. Como eu devo e não como eu ajo. O estudo da moral, da ética, é como eu devo agir. O mais importante, para Piaget, não são os valores pessoais. O que mais importa para ele é por que eu sigo esses valores. Por exemplo, por que eu tenho que ser honesto numa relação com outra pessoa? Por que a sociedade me ensinou e todos cobram esse padrão

social? Se eu viver em uma sociedade que me ensine que a mentira, às vezes, é o melhor caminho, então eu posso mentir e tudo bem? Eu tenho que ser verdadeiro sempre? Por que isso é importante?

Piaget mostra o que vai fazer diferença entre uma moral autônoma – quando uma pessoa governa a si mesma, é responsável pelos seus atos, leva em conta o outro antes de tomar uma decisão – e uma moral heterônoma – quando a pessoa é governada pelos outros. É uma pessoa que justifica o que ela faz, justifica o que ela sente em nome do outro, do terceiro. "Eu penso assim porque a vida inteira me ensinaram a agir assim."

O que faz diferença entre uma moral heterônoma, em que a moral é externa, e a autônoma, em que o centro, a ética, os meus valores, são interiorizados, são internos é justamente a razão de eu seguir os meus valores. Por que os professores querem que as crianças cumpram as regras da classe? Porque as regras são necessárias para organizar os trabalhos, para formar os cidadãos do futuro e não por medo da criança de ficar sem recreio ou receber uma punição ou uma recompensa do professor depois.

O fundamental para Piaget é que as pessoas autônomas seguem determinadas normas porque elas acreditam que isso é o melhor para elas. Elas não seguem essas normas para receber uma recompensa, por medo do olhar externo, por medo de uma punição, de uma censura. O importante não é ser leal ou não, mas por que eu estou sendo leal.

É preciso saber que numa relação entre pessoas, se uma começar a falar mentiras, o elo de confiança é rompido, desestabilizando a relação. O importante é refletir a respeito de por que seguimos as normas, os nossos valores. É por medo ou para agradar os pais, o diretor, as crianças?

Para serem coerentes com isso, os educadores devem estar pensando por que estão transformando a sala de aula, aderindo ao construtivismo. Se é porque eu sigo os meus valores e estou me transformando ou se é por uma recompensa ou uma punição. É isso que vai fazer diferença entre uma moral autônoma e uma moral heterônoma.

Para a criança, a construção da inteligência se dá a partir da interação com o meio. O mesmo vale para a moralidade. A construção dos valores, o desenvolvimento moral, se dá a partir da interação da criança com pessoas e situações. Não existe moral sem o outro. A moral, necessariamente, envolve o outro, porque se refere a regras, a normas, como as pessoas devem agir perante o outro. A construção dos valores se dá a partir das experiências com o outro.

Será que a moralidade é ensinada diretamente? É muito comum usarmos histórias infantis – contar que o Pinocchio mentiu e o nariz dele cresceu. Quando as crianças brigam, contamos uma história de briga entre os personagens, que tiveram um final trágico. Com a história da cigarra e da formiga, ensinamos a questão da solidariedade, da cooperação, e assim por diante, sempre utilizando a moral da história.

Na realidade, a moralidade não se aprende assim. A moralidade não é ensinada por sermões. A moralidade vai se dando a partir das pequenas experiências diárias que a criança tem ao se relacionar com o outro.

O pai ensina a não mentir, mas quando, por exemplo, encontra uma morena na padaria, diz para o filho: "não fala para tua mãe que eu encontrei com a fulana". Ou a mãe bate o carro e diz: "não conta para o teu pai que fui eu!". Ou ainda quando a criança fala a verdade, é punida, mais pelo que ela contou do que por ter falado a verdade. No entanto, para a criança, o sentimento é de que falou a verdade e foi castigada. O que ela está aprendendo?

A criança vai percebendo que, às vezes, ela mente e não é descoberta e que a mentira é necessária para escapar de um castigo. Essas são as experiências que ela está tendo com as pessoas, mostrando que nem sempre ser honesto é um bom negócio.

Para falar da moralidade infantil é preciso considerar que a criança tem uma concepção do que é certo, do que é errado, do valor de verdade, do valor de mentira, completamente diferente do adulto. Para uma criança pequena, uma mentira que é considerada grave é uma mentira em que você não pode acreditar. É, por exemplo, você dizer que encontrou um homem do tamanho de um prédio. Para ela, essa é uma mentira muito grave, porque não existe um homem do tamanho de um prédio. Assim, o exagero para a criança é mentira. Por outro lado, ela falar que tirou uma nota alta na prova, sendo que não tirou, não é uma mentira assim tão séria, porque ela poderia ter tirado mesmo! Como ela poderia ter tirado, é uma mentirinha boba.

Um adulto que disser que trocou de carro e não trocou cometeu uma mentira séria, porque está querendo aparecer, teve a intenção de mentir e enganar. Mas se alguém disser: "eu vi um caminhão que parecia um navio de tão grande", as pessoas vão perceber que é um exagero, não é uma mentira tão séria. Para a criança é o contrário.

A criança também considera o engano e a mentira a mesma coisa. A partir daí, como podemos lidar com a mentira na criança? Constance Camille deixa claro que, primeiramente, devemos perceber que a própria inteligência da criança – de educação infantil, com dois a sete anos – é pré-operatória, é intuitiva.

Muitas vezes acontece que o adulto é capaz, a partir de indícios, deduzir que a criança comeu biscoitos – a lata de biscoito está diminuindo, a boquinha da criança está suja. Em vez de afirmar: "você comeu biscoito", diz: "o seu coração está me dizendo que você comeu biscoito." Ou: "deixa eu olhar nos seus olhos. Você comeu biscoito e está mentindo" Isso é um abuso da autoridade do adulto que trata a criança como se fosse transparente. Isso só é possível porque essa criança ainda é pré-operatória, incapaz de tirar a conclusão como o adulto.

Eles realmente acreditam que são transparentes e que os adultos são mágicos, têm o poder de, olhando dentro dos olhos, ouvindo o coração, adivinhar. É diferente se o adulto falar "eu não posso acreditar no que você está me dizendo por causa disso".

A primeira atitude do adulto é não abusar da autoridade de adulto, porque a criança constrói a privacidade com muito custo. É preciso dizer para a criança o porquê

de você não acreditar no que ela está dizendo e mostrar onde está a mentira no que ela falou. Explicar quais são as consequências da mentira na relação entre duas pessoas.

Quando queremos crianças e pessoas sinceras, devemos estar preparados para ouvir verdades agradáveis e desagradáveis. Valorizar o fato de a criança ter contado a verdade, mas não deixar de conversar sobre o que ela fez. Deixar claro que contar a verdade é algo saudável, e refletir sobre o ato em si.

Moralidade envolve uma série de regras e essas regras só existem porque na convivência entre as pessoas são necessárias. Com o tempo, a criança vai percebendo as consequências do não cumprimento da regra ou da necessidade dessa regra existir. Na educação, é isso que tem de ser mostrado para as crianças.

É muito comum as regras serem associadas ao medo da criança ser punida, ao medo dela ser castigada por Deus, ou por um anjinho que está vendo tudo. Ou ainda a uma recompensa. Se ela for boazinha, vai ganhar um sorvete. Na realidade, se a criança só deixa de mentir porque tem medo de o nariz crescer, ou deixa de mentir porque a mamãe não gosta que mente, ou porque a mamãe acha feio, ela cresce com medo de descobrirem. O que fazia essa criança legitimar a norma de falar a verdade eram coisas que, provavelmente, quando ela crescer já não vai acreditar mais. Haverá situações em que ela vai mentir e ninguém vai descobrir, o nariz não vai crescer. Ela vai experimentar situações em que a opinião da mãe dela não pesa tanto quanto a dos amigos.

O que fazia a criança legitimar a norma já não existe mais. Ela não tem mais porque cumprir. Por isso é importante associar uma regra a um bem-estar e às consequências do não cumprimento dessa regra. Tem de haver sentido na existência da regra, para um bom convívio social.

Temas transversais

Atualmente, é comum os professores alegarem que, nas classes em que trabalham em grupos, as crianças têm mais conflitos. É claro, elas convivem mais, antes elas conviviam menos, então os conflitos não apareciam. A moralidade é justamente um tema transversal à ética por causa disso.

As crianças estão convivendo e, de repente acontece uma briga. Se o professor finge que não vê, ele está passando uma mensagem de que, nessa escola, a agressão é permitida. Ao contrário, se a briga é encerrada por um adulto e os dois são colocados de castigo, a mensagem é de que os adultos têm mais autoridade, e quando vocês tiverem um problema têm de procurar um adulto. O melhor seria interferir para revalidar a regra e deixar claro: "aqui nesta escola, as pessoas não devem se agredir. Vamos ver o que está acontecendo e uma maneira de resolver isso sem agressão."

Diante do mesmo conflito, o adulto pode ter respostas diferentes e, de qualquer maneira, ele está ensinando a moralidade nesse dia-a-dia. Com cada resposta que ele dá, ou com as que ele não dá, a moralidade e a ética são abordadas. Por isso é um tema transversal. A moralidade vai se dando a partir daquelas situações do cotidiano do professor, do pai, das crianças com as crianças. Nesses momentos é que estão sendo trabalhadas a ética e a moralidade.

Cada ato do relacionamento com o aluno serve para algo e faz parte da construção da personalidade que a criança está formando. Em cada ato, o educador tem que perceber que está trabalhando a moralidade, por isso que é um tema transversal. Vamos supor que duas crianças estejam brigando por causa de um balanço. O professor pode fingir que não está vendo. Ou pode ir lá e dizer: "Cada um balança dois minutos e eu vou ficar marcando." Ou ele pode chegar e falar: "Temos um balanço e duas crianças querendo balançar. Como vamos resolver isso? Como vamos fazer para que todos usem o balanço?"

Nos três casos, o professor está passando uma mensagem. Podem se pagar porque o problema é de vocês. Ou o adulto resolve o problema. Ou vamos resolver o problema sem agressão.

Quando as crianças começam a resolver os problemas, as soluções não são as mais adequadas. Mas elas só vão chegar a resolver os problemas de forma adequada, quando começarem a resolvê-los, percebendo as consequências.

Em nenhum momento afirma-se que o professor não deve intervir. Mas a intervenção deve ser adequada, construtiva. Atuar como interlocutor ou mediador do problema, da discussão para que as crianças possam chegar a uma conclusão.

O que as crianças podem fazer na sala, com relação aos limites, às normas, é justamente elaborar as regras. Há normas que são necessárias, não são negociadas. Por exemplo, não é permitido bater. É uma regra que não pode ser flexível – bater só de vez em quando ou de leve. Outro exemplo é escovar os dentes, também é uma regra que não tem negociação.

Nas salas de aula existem dois tipos de regras. As regras necessárias são as regras de boa saúde, de boa educação. São regras que não se negocia. A criança não pode escolher se ela quer ir na escola ou não. Este tipo de escolha não tem negociação.

Existem outras normas que são as que organizam o trabalho da sala e garantem a justiça. Da formulação dessas regras as crianças podem participar. Por exemplo, combinar algum sinal para avisar quando o barulho estiver muito alto. Há salas em que a criança incomodada com o barulho apaga a luz para avisar os colegas que abaixem o tom de voz. Diminuiu, ela acende a luz. Assim, até a cobrança da regra não fica só com o professor, mas também com quem estiver incomodado.

É muito comum acontecer uma visão reducionista da teoria de Piaget, quando as escolas acham que a criança pequena pode escolher qual a sanção ou castigo que vai ser dado à criança que está aprontando alguma coisa. Crianças de seis anos são egocêntricas e incapazes de coordenar pontos de vista diferentes, de se colocar no lugar do outro. Elas escolhem os castigos da maneira mais

severa, que é a ideia que elas têm de justiça. Para elas, é justo pagar o preço sofrendo, para ser perdoado e aceito no grupo, restabelecendo o elo que foi rompido.

Nesses casos, não se pode passar a autoridade da escolha de sanção para a criança, mas sim elaborar a regra com eles. Um problema é colocado, discutido e decidido pelo grupo, resultando numa regra. Mas não se combina com as crianças o que fazer com quem não segue a regra, porque isso é um problema do professor, que tem que ser bem preparado para saber qual é a sanção mais justa, com o aluno.

A criança tem uma interpretação de regra rígida, ao pé da letra. Ela não percebe que cada caso é um caso. Ela não tem essa noção de justiça. É um erro acharmos que as crianças podem escolher qual é a sanção mais justa. Quando pregamos a intervenção e a não intervenção, trata-se de uma intervenção adequada, porque o professor desempenha uma autoridade na classe. Até saber, inclusive, até onde as crianças podem ir.

A moralidade é um tema transversal porque, quer o professor queira, quer não queira, está trabalhando a moral. O problema é que a maioria das escolas trabalham a moralidade não em direção à autonomia e sim à manutenção da heteronomia. Toda escola – de Educação Infantil, Ensino fundamental, Ensino médio, professor de química, de física – trabalha a moral. Mas muito poucos professores a trabalham em direção a autonomia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais colocam temas transversais como orientação sexual, educação para a saúde, ética, pluralidade cultural, meio ambiente. Quando o professor pede para as crianças escovarem os dentes e a torneira fica aberta, ele está trabalhando o tema transversal meio ambiente, mas com o desperdício.

Em outra situação, ele vê duas crianças brincando de faz-de-conta de namorar ou se beijando e fica roxo de vergonha ou repreende. Ele também está trabalhando a orientação sexual. Nós precisamos conhecer muito bem os temas transversais porque, independentemente da nossa vontade, eles estão sendo trabalhados.

A moralidade é ensinada a todo momento. O professor passa mensagens e valores constantemente. Qualquer professor transmite valores e regras nos livros didáticos, na organização institucional. Para cada regra da escola, temos de pensar se ela é realmente necessária, se está prejudicando a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Tudo tem que ter um sentido de existir.

Outro aspecto refere-se a como o conteúdo é trabalhado. Se queremos "pessoas críticas", não ensinamos história com uma visão única, dando a crítica pronta. É preciso que eles comparem diferentes autores sobre história e discutam. Para ensinar o lógico-matemático, é preciso dar oportunidade para a criança reinventar, assim como no conhecimento físico, com as propriedades dos objetos, cor, sabor, odor.

Ensinar sem permitir que eles descubram, passando os conceitos como se fossem verdades prontas, ensinando a técnica para resolver sem deixá-los resolver por si mesmos, assim o educador deixa claro que a verdade vem da cabeça do professor. Assim, o que os alunos têm de fazer, mesmo que eles não entendam, é obedecer, é aceitar a autoridade, que hoje é o professor e amanhã pode ser o diretor, o chefe, o marido, o político.

As crianças vão aprendendo a engolir sem entender. Vão engolindo e achando que é assim mesmo e quando crescem, continuam acreditando que as verdades vêm de determinadas pessoas e não questionam essas verdades.

Avaliação

A forma de avaliação das crianças é outro aspecto. Por exemplo, perder ponto quando conversar e ganhar ponto quando entregar trabalho. A maneira de usar o instrumento de avaliação, ameaçando com frases como: "vocês vão ver na hora da prova, vou dar uma prova surpresa". Portanto, na avaliação, e se é avaliado o desenvolvimento da criança pequena, também está sendo trabalhada a moralidade.

A relação professor-aluno e a relação entre as próprias crianças são indicativas de valores, normas e regras. Se é permitida a discriminação e o desrespeito no relacionamento entre os alunos, isso é legitimado pela escola, que não tem esse direito e o professor não pode permitir esse tipo de atitude no ambiente escolar.

Nós precisamos, como educadores, ter uma postura extremamente exemplar. Somos modelos e sabemos que, nesse período pré-operatório, a criança aprende muito por imitação, que é inconsciente. O modelo tem que ser exemplar porque a criança não vai aprender o que é falado, mas com os atos de quem fala. Por isso, é fundamental que haja coerência no modo de agir e coerência no discurso.

Para a criança aprender o respeito, tem que viver em um ambiente de respeito. Para aprender a falar baixo, é preciso que se fale baixo com ela. Se as crianças utilizam uniforme, os professores têm de usar também. Se o professor quer que as crianças, por exemplo, respeitem uma fila, tem que respeitar também e, na hora da merenda, entrar na fila, e se quer que eles falem a verdade, tem que ser sincero.

O modelo tem que ser exemplar e isso é fundamental. A criança não vai seguir as mensagens passadas verbalmente, oralmente. Ela vai seguir o comportamento. Por isso a postura tem que ser muito exemplar.

Ambiente cooperativo

É muito comum na educação em geral, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, que se estudem técnicas e procedimentos de educação moral, mas o professor não faz o essencial que é construir um ambiente cooperativo. Não adianta pensar em trabalhar direitos e respeito com discurso e técnicas em cima de dilemas, e não construir na classe um ambiente em que tudo isso está presente.

A preocupação deve ser construir esse ambiente, em que as crianças interajam, pautado pelo respeito, sem coerção ou pressão. Favorecer que a criança tome pequenas

decisões e assuma responsabilidades. Ela estará construindo esse conhecimento e o professor também estará trabalhando com temas específicos, como os direitos.

Na verdade, a construção da personalidade moral vai se dar a partir da interação com os diversos ambientes: família, escola, amigos, meios de comunicação, etc. Cada um tem um peso. Na primeira infância, até os quatro anos, a família tem um peso muito grande. A interação com esses vários ambientes é que vai formando o desenvolvimento moral da criança.

Na realidade, o que faz uma criança desenvolver mais ou menos a sua moralidade e a sua autonomia, é justamente o convívio, se ela está interagindo num ambiente autoritário ou democrático. Mas a concepção de autoritário não é apenas o "não". Em um ambiente em que tudo é não, é natural que a criança tenha mais dificuldades de tomar decisões para assumir responsabilidades e ficar com medo de punições. Mas no construtivismo, o autoritário não é só esse ambiente.

Autoritário é o que o adulto faz pela criança que ela pode fazer por si mesma. Autoritário é quando o professor está ensinando ou instruindo algo que a criança pode descobrir ou reinventar a partir de situações que ele vai colocando, para que ela reinvente, para que ela descubra. Autoritário, é aquele professor que coloca as normas, que diz o que é melhor para a criança. É o professor que não permite que as crianças interajam, que elas troquem ideias. Autoritário é o professor que entrega o trabalho na mão, recolhe o trabalho, resolve os problemas, entrega o material, diz o horário de começar, de ir ao banheiro etc.

Eu brinco que "atire a primeira pedra quem nunca tiver pecado", porque no dia-a-dia do educador, acabamos amarrando o sapato, pondo comida no prato, ajudando a criança. E, muitas vezes, os pais que podem ter babá, podem estar prejudicando ainda mais as crianças, porque muitas vezes a babá tira a roupa, dá o banho, escolhe a roupa, põe a roupa, abotoa, amarra o sapato, penteia o cabelo, põe a comida no prato, dá a comida na boca, põe na frente da televisão, coisas que a criança poderia fazer sozinha.

Assim, um ambiente autoritário é um ambiente em que não é permitido que a criança faça as coisas por ela mesma. O democrático é o contrário, é aquele ambiente em que a criança planeja junto com o professor quais atividades vão ter naquele dia. Ela vai tomar decisões, escolher, dentre as opções oferecidas pelo professor, quais quer fazer. É o ambiente em que as crianças montam os cantinhos, pegam os materiais e estes são compartilhados. A criança é quem decide e o ritmo dela é respeitado.

Então, por exemplo, se uma criança demora mais para fazer um desenho e outra menos, a que terminou muda de canto. Não tem aquela comparação entre as pessoas: "olha, tá vendo, está todo o mundo te esperando, só falta você."

Nesse ambiente democrático, diante de um conflito, as crianças vão pensar outra maneira de resolvê-lo, sem usar as mãos, os dentes, cotovelo, joelho, pé. O professor evita fazer pela criança tudo aquilo que ela pode fazer por si mesma. Em casa é a mesma coisa.

A criança pequena não pode tomar grandes decisões. Por exemplo, não cabe à criança escolher em que escola quer estudar, nem se ela quer sair numa noite fria com casaco ou não. Isso ela não pode decidir. Mas ela pode decidir com qual casaco ela quer sair, se ela quer com o vermelho, com o roxo ou com o amarelo. Ela pode decidir, por exemplo na escola, se ela quer entrar com a mãe ou se prefere entrar sozinha. Ela não vai escolher se ela vai trabalhar ou não no dia, mas ela pode escolher quais atividades. A criança pequena, em um ambiente democrático, não toma qualquer decisão, mas está tomando pequenas decisões o tempo inteiro.

Em virtude da educação autoritária que nós tivemos, hoje em dia, diante de desafios, morremos de medo de errar. Quando alguém pede para a pessoa falar em público, ela treme na base. Para tomar decisões, justificamos o nosso agir em nome do outro: "Ah, mas fulano falou que era para eu fazer assim", ou: "eu reagi assim porque o porteiro foi mal-educado comigo", mas você poderia ter reagido de outra maneira.

Justamente pelo fruto dessa educação é que nós somos assim hoje. O mercado de trabalho, inclusive, exige mais do que apenas cumprir ordens. Exige pessoas que pensem por si mesmas, que tomem decisões, criativas, que estejam sempre se atualizando. A escola está formando pessoas que não estão atendendo às necessidades do próprio mercado profissional.

O Piaget diz que as pessoas verdadeiramente autônomas são raras. É claro, a vida inteira vivemos em um ambiente autoritário, quando não era a escola, era mãe, o pai que diziam que tinha que obedecer, que é o pai quem manda.

Cito o depoimento de um pai no livro "Liberdade sem medo": "meus pais foram autoritários, minha escola usava castigo e, se não fosse por isso, eu não seria a pessoa que eu sou hoje." E o Hill responde assim para ele: "olha, eu não conheço o senhor, mas quem disse que o senhor não poderia ser uma pessoa melhor do que é hoje?!". Temos que argumentar isso com os pais, mostrando que o mundo está mudando. Nós somos frutos de uma educação autoritária, mas queremos formar pessoas cada vez melhores.

Os limites vão situar a criança no espaço social e é preciso determinar os espaços da mãe, do colega, da professora. No desenvolvimento moral, para Piaget, os limites são necessários e eles precisam existir. A criança necessita disso para se sentir amada, protegida. Para chegar à autonomia, ela precisa primeiro dos limites colocados pelo adulto. Depois ela irá construindo os seus próprios limites.

Amor, temor e respeito

Ao mesmo tempo que eu amo, eu também temo. Esse sentimento é o respeito. Para Piaget, todo o respeito é uma mistura de amor e de temor.

Piaget percebeu que as crianças pequenas têm um sentimento que ele chama de sentimento de obrigação, de aceitação interior a uma norma, a uma recomendação dos adultos. Por exemplo, se a criança vai colocar a mão na tomada, a mãe diz assim: "não pode! ". Ela sabe que lá não é

para mexer, tanto que mexe escondido ou mexe e olha para a mãe. Isso porque essa criança aceita interiormente aquela recomendação. Ela sabe que não é para mexer e se ela for flagrada mexendo, fica constrangida, perturbada, porque sabe que fez algo errado.

O Piaget perguntou: "por que as crianças, em uma idade tão pequena, em que tudo é brincadeira, tudo é espontaneidade, por que essas crianças aceitam o que os adultos falam? Por que elas simplesmente não ignoram?

Ele descobriu que para a criança ter esse sentimento de aceitação interior a uma norma, a uma regra, é preciso que haja duas condições simultâneas. Primeiro essa criança precisa estar acostumada a receber normas e recomendações que são comuns, como não mexer na tomada, não atravessar a rua sozinha, não brincar com faca. Estar acostumada primeiro a receber limites, receber normas.

O segundo fator que faz com que essa criança apresente esse sentimento de obrigação é que ela só vai ter aceitação interior a uma regra quando essa norma parta de uma pessoa que ela respeita. Ela só tem aceitação interior a uma norma se essa norma vem de uma pessoa que ao mesmo tempo ela ame e tema.

Será que só o amor é suficiente para causar sentimento de obrigação? Não. Por exemplo, ela ama o irmão mais velho e não tem essa aceitação interior de uma regra posta por um irmão ou uma irmã.

A criança tem medo de uma pessoa estranha, tanto que se esconde atrás da perna da mãe. Mas a recomendação de um estranho, a ordem de um estranho, não faz com que uma criança se sinta obrigada a isso. O medo de uma pessoa só coage, a criança não faz enquanto ela sente medo. Depois que a pessoa que causa o medo sai, ela está livre para agir. Então o medo não causa aceitação interior à norma nenhuma.

Esse primeiro respeito, Piaget chama de respeito unilateral. É o respeito de um lado só, que a criança tem pelo adulto. A criança vê o adulto como o mais forte, como aquele que sabe mais. Então esse respeito é uma relação assimétrica entre o adulto e a criança. A criança por exemplo, nunca vê o professor como uma pessoa igual a ela.

A criança vê o professor como aquele que sabe mais. Entre os colegas, elas discutem, mas se o professor falar: "é isso, tá errado", elas não vão questionar.

Com o pai se dá o mesmo. É uma relação desigual. A criança nunca vê o adulto como igual. Se respeito é uma mistura de amor e temor, o temor do respeito unilateral é o seguinte: a criança tem medo de ser punida, tem medo de ser censurada e principalmente tem medo de perder o amor dos pais.

Inclusive, jamais devemos utilizar com a criança a retirada do amor como sanção. Por exemplo, falar assim: "eu não gosto mais de você, você é feio. A mamãe está triste, não quer mais falar com você." Não se usa a retirada de amor porque a criança só se atreve, só se arrisca, em relações frágeis. Aquelas relações em que se ela aprontar alguma coisa, o colega não vai querer mais brincar com ela. Isso porque existe uma segurança de ser amada, de estar em casa, de que nunca vai perder o amor dos pais, uma relação estável.

Moral heterônoma

O respeito unilateral, que a criança tem medo de perder o amor, medo de ser punida, de ser censurada, leva a uma moral que é chamada de moral heterônoma. É a moral da criança que é governada pelos adultos. O exemplo de moral heterônoma é que a criança justifica uma regra, uma norma, em cima da autoridade de um adulto.

As crianças têm uma ideia do adulto como se este fosse mágico, como se quando eles crescerem saberão tudo. O adulto desenvolveu determinadas estruturas que permitem raciocinar de uma maneira diferente da criança, e para ela, o adulto sabe muita coisa.

Isso é moral heterônoma e as relações dessa moral são justamente consequência de respeito unilateral. A criança pequena só estabelece com o adulto relações de respeito unilateral. Ela não consegue estabelecer uma relação de igual para igual, que são as relações de respeito mútuo, relações de mão dupla. Eu te respeito e você me respeita. A criança pequena tem aceitação interior do que o adulto fala.

Mas, e o adulto tem aceitação interior ao que a criança fala? Não. Muitas vezes nem aceitamos o que a criança fala. No respeito mútuo, não existe mais a presença da autoridade. A legalidade, quer dizer, o que é legal, o que é justo, predomina. Nas relações de respeito mútuo, o respeito não é amor e temor? Nas relações de respeito mútuo também existem amor e temor. Mas o temor nesse caso é o medo de eu decair aos olhos dos outros, não é mais o medo de ser censurado, de ser castigado, de ser punido, de perder o amor.

As relações de respeito mútuo, entre pessoas que se consideram iguais, levam à uma moral autônoma. Autônoma é a pessoa que governa a si mesma, mas considerando sempre o outro por vontade própria. Não é simplesmente eu fazer o que eu quero. É eu considerar o que é melhor para nós, ao tomar uma decisão.

Moral autônoma é dizer assim: "eu estou trabalhando com Piaget porque eu estudei e concordo com as ideias. Não porque ele falou e eu falo amém. Eu estou estudando e vejo que isso é coerente. " Autonomia é decorrente de relações de igual para igual.

A criança pequena não consegue ver o adulto como igual, mas quem ela consegue tratar como igual? Os colegas. Para a criança chegar à autonomia, ela precisa ter relações de respeito mútuo. Para isso, ela precisa conviver com crianças da mesma idade que ela.

Na escola, a criança vai poder conviver com crianças da mesma idade. No entanto, a escola põe uma carteira atrás da outra e não permite que as crianças troquem ideias. Se elas não tiverem essas relações em que vão discutir e resolver os conflitos, trocando ideias, percebendo que os pontos de vista são diferentes, dificilmente vão chegar à autonomia.

Na escola tradicional, só durante o recreio é permitido que as crianças troquem ideias. Assim, as crianças vão continuar heterônomas e se tornarão adultos heterônomos.

Um princípio básico da teoria Piagetiana é a interação social. Para chegar à autonomia moral e intelectual, tem que haver duas coisas: a ação do objeto sobre o conhecimento e a interação social.

É preciso colocar situações em que as crianças vão interagir socialmente. Mesmo quando cada criança faz o próprio desenho, o professor vai olhar para ela e conversar com ela. Quatro crianças em cada cantinho porque é um número que favorece essa interação social. Grupos de seis ou sete propiciam a formação de "panelinhas", não havendo interação com todos. Tem de haver um motivo para o que está acontecendo. As decisões pedagógicas têm de ser fundamentadas numa teoria científica. É fundamental saber porque fazer dessa maneira e não de outra, porque dessa maneira eu desenvolvo melhor a autonomia, daquela maneira não. As decisões têm de sair do senso comum entre os profissionais da educação.

Os limites

Está acontecendo que os limites estão se ampliando muito. Nenhuma criança gosta de limites, nenhum ser humano gosta. É natural e é saudável que a criança teste os limites, porque quando ela testa os limites, ela está testando a validade dos mesmos, se são necessários. Mas quando a mãe ameaça e chega na hora e não cumpre, a criança vai perdendo o temor que ela tem naturalmente pelo adulto. Ela sabe que não vai acontecer nada com a mãe, que a mãe não vai fazer nada, e os limites vão se ampliando.

Os limites situam a criança no espaço social: "até aqui eu posso ir. Aqui eu estou invadindo o espaço do outro". É fundamental que o adulto vá mostrando o limite: "até aqui você pode ir, aqui o espaço é meu."

Na escola ocorre o mesmo. Se uma criança vem de um ambiente sem limites, é terrível para o professor. Mas para a criança, talvez seja a única oportunidade que ela tem de estar interagindo em ambiente que coloca limites para ela de maneira adequada. É normal uma criança fazer com os professores o que ela faz em casa. Se em casa ela se joga no chão para conseguir uma coisa, é natural que no começo, quando ela for frustrada na escola, ela se jogue no chão para conseguir a mesma coisa do professor.

Mas a resposta que os educadores vão dar será diferente diante do mesmo ato, e isso é saudável. Se a criança não tem esses limites, o fato de o professor dar uma resposta adequada vai faze-la perceber algo e, talvez, seja o único ambiente em que ela interage que está auxiliando no desenvolvimento do respeito ao outro.

Se o ambiente oferecido na escola é pautado no respeito mútuo, é um ambiente em que as crianças decidem o que fazer, tomam decisões, elaboram as normas, sorte dessas crianças, que têm a possibilidade de estar interagindo em um ambiente saudável.

Também é fundamental saber por que e quando acionar os pais. Geralmente, quando há algum problema, primeiro coloca-se para a criança, antes de levar para os pais. Tem problemas que quem tem que trabalhar é a própria escola. Por exemplo, o problema de indisciplina de criança que corre demais na sala, ou que está falando muito, estão fora da alçada dos pais.

Temos que tomar muito cuidado em separar o que é problema de casa, o que é problema da escola. Muitas vezes, quando se leva o problema para o pai, a situação piora, porque essa criança decaiu mais ainda aos olhos do pai e a relação entre eles piora. Só devemos levar o problema para o pai quando ele tem condições de auxiliar de maneira adequada.

Em vez de o professor decair a criança aos olhos do pai, muitas vezes o remédio mais saudável é levantar a criança, mudar a maneira como o pai enxerga essa criança. Isso dá resultados.

Aprendendo a sentir

Quando nós estudamos ética, o limite da moral são os atos e não os sentimentos. Todo sentimento é permitido, é aceito, não existe sentimento bom ou ruim. Faz parte da natureza humana sentir raiva, sentir inveja, sentir amor, sentir ódio, sentir carinho. Mas o problema é que os atos são limitados. Eu posso desejar muito um homem, mas eu não posso agarrar o homem na rua. Eu posso ter vontade de te matar, mas eu não vou te matar.

Para lidar com a criança, nós devemos deixar claro que o problema está no ato de raiva e não no sentimento de raiva. O respeito mútuo é uma mistura de amor e temor de decair aos olhos do outro. Assim, o primeiro passo para mudar um comportamento de uma pessoa é criar um vínculo de afeto. Se não for criado um vínculo de afeto com a criança, não vai existir o amor do respeito mútuo, e só o temor não vai causar na criança o sentimento de aceitação interior. É preciso, para modificar uma criança, para trabalhar com ela, para auxiliá-la, que ela goste do adulto. Se isso não ocorrer, nada do que for falado ou tentado com essa criança vai ter efeito, a não ser recompensa e punição.

A criança pequena, ou mesmo maior, se não gostar de alguém, por que vai modificar o comportamento em função da censura dessa pessoa? Até um adulto reagiria assim.

Eu me lembro de uma professora que foi muito inteligente. Ela tinha um aluno de seis anos que falava muito palavrão. A professora foi conversar com a mãe, que argumentou: "ele fala a mesma coisa para mim?! Eu não sei o que fazer com esse moleque! Ele é uma boca suja!" E aí começou a desfiar os palavrões. A professora entendeu a origem do problema e a conversa ficou por isso mesmo.

Tudo o que a professora tentou trabalhar com a criança não teve efeito. Então ela começou a se aproximar da criança. Sentava com ele, jogava com ele. Quando ele fazia coisa legal, ela mostrava que tinha notado a atitude.

Fazia atividades individuais, como contar uma história e falava: "olha, eu li essa história e lembrei de você." Foi se aproximando da criança. Um dia, depois de um ou dois meses desse trabalho, ele falou um palavrão para ela. Ela simplesmente disse: "eu não gosto quando você me trata com palavrões. Eu não te trato com palavrões". Ele respondeu: "mas eu falo assim com a minha mãe." E ela: "Mas eu não sou sua mãe" e saiu de perto, não falou mais nada.

Essa criança nunca mais falou palavrão com a professora. A diferença é que agora ele gostava dela, ele não queria decair aos olhos dela. É muito comum que, quando eu recebo uma criança, vem com a "ficha criminal" e já se espera o pior dela.

Nós brincamos que sempre quem fica com a pior é o bonzinho, porque, em função do "terrível", paramos a roda diversas vezes, no recreio estamos atrás dele e até durante a noite pensamos nele. Ele acaba recebendo mais atenções pelo comportamento negativo.

Se você espera o pior dele, você envia mensagens que é isso que você espera. Quando você olha e diz assim: "só podia ser você, estava demorando", ou mesmo: "quantas vezes eu vou ter que te falar a mesma coisa. Será que você nunca vai aprender", você passa mensagens como se esperasse isso dele. É natural que essa criança não modifique o comportamento, porque ele já decaiu aos seus olhos, então, por que mudar?

O Yves De La Taille tem um trabalho muito interessante em que ele contou para crianças, desde cinco, seis anos até 14, 15 anos, duas histórias. Na primeira história ele dizia que em uma classe, um livro que pertencia a todos foi furtado e que a professora descobriu quem foi. Quando ela descobriu, ela tinha duas opções: deixar quem roubou o livro sem recreio, ou contar para todo mundo que havia sido ele quem roubou o livro. O Yves perguntava às crianças o que elas achavam que era melhor a professora fazer e por que.

Metade das crianças de cinco anos, por causa do egocentrismo, afirmou que era para deixar sem recreio. A outra metade disse que podia contar para todo mundo. A partir dos sete anos de idade, a maioria das crianças afirmou que não era para contar para todo mundo, que era melhor deixar sem recreio, porque elas ficavam com vergonha do que os outros iam pensar.

Depois de um tempo, o Yves contou outra história. Ele disse que numa classe a professora decidiu deixar esse aluno sem recreio e numa outra classe, onde aconteceu a mesma coisa, ela decidiu que ia contar para todo o mundo e contou para todos quem foi o menino que roubou o livro. Em uma das duas classes, um livro voltou a sumir. Em qual classe eles achavam que a criança tinha roubado – a que ficou sem recreio ou a que contou para todo o mundo? Uma criança de 12 anos, muito sabiamente, disse assim: "voltou a roubar naquela que contou para todo o mundo, porque ela já estava danada mesmo!"

Isso significa o que? Se eu já vejo essa criança como agressiva, como terrível, como difícil, como preguiçosa e eu passo mensagens, ela não vai mudar porque ela já decaiu aos meus olhos. Eu mudo quando não quero decepcionar o outro, quando não quero decair, quando eu gosto do outro. Se eu já estou danada aos olhos do outro, para que eu vou mudar? Se ele já não me acha grande coisa, por que eu vou ser grande coisa?

O caminho da educação nunca é o da humilhação, do ataque à dignidade, do grito, do castigo. É o contrário. Se eu quero modificar o comportamento de uma pessoa, eu tenho que mostrar que eu confio, que ela é capaz etc.

Uma professora chegou para uma criança que desenhava muito bem e pediu alguns desenhos para ela. Em alguns trabalhos ela colocou como ilustração o desenho que essa criança fez, acrescentando uma observação embaixo: "agradeço ao Felipe pela ilustração dos trabalhos". Os demais alunos exclamaram: "ô Felipão, você hein?!". Na verdade, ela fez um trabalho de levantar a autoestima da criança, para a própria criança e aos olhos de todo o grupo. Esse é o caminho de uma educação construtiva.

Linguagem de educador

Isso envolve muito a linguagem do educador, as sanções que ele utiliza. Essa linguagem deve ser construtiva, nunca destrutiva. O educador nunca deve julgar, mas simplesmente descrever as coisas. É fundamental, em uma educação, o vínculo de afeto, o cuidado em não decair a criança. Ao contrário, mudar a maneira de como eu vejo a criança.

As relações de respeito lateral não ocorrem só com a criança pequena em relação ao adulto. No nosso dia-a-dia, mantemos com os adultos, com as pessoas, relações de respeito lateral. Por exemplo, cada vez que a criança está crescendo e começa a questionar o adulto e este a repreende, porque "não se fala assim com a mamãe, porque o papai não quer que faça assim", justifica-se uma norma, uma conduta, com base no que a autoridade acha. Cada vez que você está associando o que a criança faz ao castigo, você está mantendo com essa criança relações de respeito lateral.

Isso pode ocorrer no casamento e até na relação que o professor mantém com o coordenador. Se o professor obedece e diz: "eu estou trabalhando assim porque ele quer", é hora de começar a questionar a sua própria moralidade, a sua concepção de autonomia.

É diferente ele estar mudando a proposta de trabalho porque está convencido, está estudando que é por aí, de estar fazendo porque uma autoridade quer que ele faça. É preciso refletir e rever isso.

Se queremos educar as crianças para a autonomia, como podemos manter no dia-a-dia relações de respeito lateral com as pessoas? Consequentemente, as crianças serão tratadas assim. O professor deve estar sempre no mesmo nível das crianças. Se as crianças sentam no chão, ele também senta no chão, ele se abaixa para conversar com elas, ele procura usar um tom de voz que não seja elevado. O professor quer que as regras valham para todos, inclusive para ele.

Tratar uma criança com respeito mútuo, mesmo que ela ainda não consiga tratar o professor com respeito mútuo, vai muito mais longe. Por exemplo, é comum, quando as crianças brigam, o professor dizer: "vai lá, pede desculpas para o seu amigo, dá o dedinho para o seu amigo." Mas se a própria professora brigou com o namorado, está chateada com ele, qual o adulto que vai dizer: "vai lá, pede desculpas e dá um abraço no seu namorado"?

É preciso ter com a criança o mesmo respeito com que se trata um adulto. Quem falaria para um adulto, a respeito de uma terceira pessoa presente: "não liga não, ela está querendo aparecer mesmo"? Mas falamos isso da criança para uma visita.

Quanto ao pedido de desculpas, só é válido quando é sincero, quando a criança está realmente arrependida do que fez. Esse desejo de desculpa tem que ser um de-

sejo interno dela, não por solicitação externa. O que podemos fazer é deixar claro para a criança, porque as crianças aprendem a pedir desculpas para se livrar do problema. Elas batem no colega e depois falam: "mas eu já pedi desculpas".

Nós temos culpa nisso, porque quando elas brigam, dizemos: "pede desculpas para o seu amigo." A criança vai aprendendo que pode ficar livre dos problemas dessa maneira. Ao invés de fazer isso, quando uma criança pede desculpas, temos que sentar com ela e falar: "o pedido de desculpas quer dizer que você está realmente sentido, arrependido do que você fez. É isso que você está sentindo? Pedido de desculpas significa modificar, significa que você não está querendo mais fazer o que fez. É isso que você quer dizer?"

Também é necessário ensinar à criança as consequências dos seus atos. Nós temos que tratar a criança com o mesmo respeito que dedicamos aos adultos. Não xingamos um adulto, não humilhamos, não colocamos de castigo um adulto. O que fazemos, com os adultos, é permitir que sintam as consequências dos atos, repararem o erro. É assim que devemos trabalhar com as crianças.

Em um ambiente de respeito mútuo, as regras e os limites são necessários. Piaget mostra que a criança é heterônoma. Ela é naturalmente governada pelos adultos e vai precisar de limites. Mas quando as crianças são pequeninininhas, elas precisam de limites necessários. Conforme vão crescendo, os limites podem ir se ampliando. Os limites são negociáveis, são combinados com ela.

Por exemplo, o pequeno não vai decidir se vai pôr casaco no dia frio. Mas com o adolescente, não há porque brigar se ele quiser sair de camiseta num dia frio. Ele já sabe que lá fora está frio.

Brigamos com os adolescentes por tudo. Por causa do cabelo, pela bagunça do quarto, pela chave do carro, porque não come direito, porque sai sem casaco, porque a calça dele é rasgada. Como brigamos por tudo, coisas passam, coisas não passam. Na realidade, quando vocês forem elaborar as normas na classe de vocês, ou na família é preciso pensar: isso é realmente importante, vale a pena eu brigar por isso? Se não valer a pena vocês brigarem por isso, esqueçam.

A característica de uma regra é justamente a regularidade. Isso significa que ela tem que servir para diversas situações. Se ora ela é cumprida, ora não é cumprida, não tem porque existir essa norma. A regra existe, é o contrato entre as partes que vai beneficiar a todos. A característica dessa regra é que ela tem que ser cumprida sempre, ela tem que estar presente sempre.

Da necessidade das regras

Ao combinar uma série de coisas bobas, muitas vão ser deixadas passar, e o adulto acaba caindo em descrédito aos olhos da criança. Quando fazemos uma regra com a criança, temos que ter autoridade para que se cumpra a regra. É preciso sempre questionar se vale a pena brigar por algo, a fim de definir-se uma regra é necessária ou não.

No caso de um adolescente não vale a pena brigar porque está frio lá fora e ele quer sair de camiseta, se ele comeu ou não comeu. Ele já sabe tudo isso. Mas vale a pena brigar pela chave do carro, se a regra for que antes dos dezoito anos não se dirige, e não abrir mão disso, deixando muito clara essa postura.

O adolescente tem que perceber que há aspectos como situações de respeito, de dignidade, de preconceito, de organização de determinado espaço. Pode ser que no quarto dele fique bagunçado, mas na sala o espaço é coletivo. Se brigarmos por tudo, esse jovem não saberá aquilo que é realmente importante, que é valorizado ou não.

Na escola é idêntico. É preciso separar na classe quais são as regras necessárias, que não são combinadas – como não bater, não falar palavrão, lavar as mãos, escovar dentes. Essas regras são só comunicadas. Por exemplo, se bateu, o professor revalida a regra: "não se bate em ninguém"; puxou o cabelo de alguém: "não se puxa o cabelo das pessoas"; "aqui nessa escola nós não falamos palavrões".

Quando se quer mostrar autoridade, deixar claro que se está falando sério, mostrar que é para valer, tem que falar pouco. Quanto menos falar, mais será ouvido. A Angie Noil diz isso: para passar autoridade tem que ser breve e objetivo. Em várias palavras a mensagem se perde. Isso vale para qualquer relacionamento, não é só com criança.

Não adianta desenterrar o passado ou antecipar o futuro. O incidente tem que ser lidado no momento específico. Por exemplo, aconteceu numa escola a criança subir na mesa da merenda e sair correndo. A professora disse: "Felipe, para que servem as mesas?! Quantas vezes eu vou ter que falar com você? Felipe, como é que vai ser?"

De repente, ela trabalhou a linguagem e resolveu mudar. Mas é preciso usar uma linguagem descritiva e só se descreve o que se está vendo. Aí ela falou: "Felipe, as mesas não foram feitas para as pessoas subirem nelas, desça." Em nenhum momento ela agrediu o Felipe, porque em nenhum momento admite-se qualquer ataque à dignidade de uma criança. É terminantemente proibido qualquer tipo de humilhação à criança. Ela conseguiu passar autoridade e o Felipe desceu.

Essa mesma criança, num outro dia, colocou a vassoura no ventilador. Aí a professora segurou a mão dela, contendo o ato, sem apertar, e disse: "Felipe, não se coloca nem se joga nada, absolutamente nada, no ventilador, entendeu?" É assim: tem que ser breve. Brincamos que o educador de Educação Infantil tem que falar menos e ouvir mais as crianças. Nós falamos demais, o tempo inteiro, com as crianças. Às vezes é preciso ouvir mais do que falar.

Quando se coloca uma limitação, por exemplo, não se joga pedra na janela, não há que explicar que não se pode jogar pedra na janela, porque a criança sabe isso. É simplesmente falar: "as janelas não foram feitas para serem quebradas". É preciso usar uma linguagem que descreve, mas seja breve. Com discursos, em qualquer situação, não se é ouvido.

Resumindo: para mostrar autoridade, ser breve; com as regras necessárias, também usar linguagem breve. Por exemplo, tem que lavar a mão na hora da merenda, não interessa se a mão está muito ou pouco suja.

As regras combinadas são muito mais importantes que as regras necessárias. Mas elas têm só dois objetivos: garantir a justiça na classe e organizar os trabalhos. Geralmente, logo no início do ano, combinamos as regras. Isso não é adequado, porque a criança precisa ter a necessidade dessa regra existir. Ela precisa sentir a necessidade dessa regra, e se a colocamos no começo do ano, antecipamos o processo.

Há regras que nós sabemos que são sempre necessárias – não bater, não falar alto etc –, mas as crianças não sabem. Elas precisam, num primeiro momento na roda, falarem todas ao mesmo tempo. Quando ninguém estiver ouvindo, pára para ver o que está acontecendo. "O que é preciso fazer para ouvir o que o fulano está falando?" Diante de um problema sentido pela criança, comentar e propor soluções.

Mas a solução não é assim: "quem falar alto, acontece tal coisa". Não se combina regra sanção. Combina-se: "falar um de cada vez." No começo, nós entrevistamos as crianças para perguntar o que elas achavam das regras. Era comum as crianças falarem assim: "regra é tudo o que não se pode fazer". "Tem regras que podem fazer?" e elas falavam: "não, se pode ser feito, para que fazer regra". Então colocou-se a regra: não gritar. "Ah, então não pode gritar, tem que ficar todo o mundo quieto?". "Não, tem que falar. Então como tem que falar? Pode falar baixo". E aí vai se combinando. Mas tem regras que não dá. Então vamos dar uma misturada, coisas que podem, coisas que não podem ser feitas.

As regras têm de ser em pequeno número para que os professores façam com que se cumpram. Se forem em quantidade, muitas coisas serão deixadas passar. Para fazer com que se cumpram, pode ser de uma maneira muito natural, muito espontânea. Por exemplo, uma criança saiu da classe e deixou o cantinho desarrumado. O professor deve ir até ela e, tranquilamente, dizer: "olha, você esqueceu de arrumar o cantinho, vamos lá, num minutinho a gente arruma." E fazer junto com ele. O que é importante é as crianças perceberem que não vai passar.

Quando a criança percebe que ora a regra é cumprida e ora não é cumprida, ela vai continuar tentando.

No filme apresentado, uma professora está trabalhando individualmente com uma criança. Existia uma regra de quando ela estivesse trabalhando individualmente com uma criança ela não seria interrompida. Ela combinou de fazer um sinal vermelho ou verde. Quando estivesse verde, as crianças poderiam vir e conversar com ela. Quando estivesse vermelho, significava que ela estava conversando com uma criança e era para esperar um pouquinho que depois ela atenderia.

Mas essas atividades individuais são rápidas, cinco ou dez minutos no máximo. O que acontecia é que a criança vinha falar alguma coisa, perguntar alguma coisa e ela dava atenção. Depois que ela resolvia o problema ela falava: "mas a gente não combinou de que quando estivesse vermelho não poderia interromper?!" Por seis vezes foi assim, ela não conseguia trabalhar individualmente, as outras crianças interrompiam. Então, ela resolveu cobrar a regra mesmo. A criança chegava, ela levantava o vermelho e falava: "é urgente? Então daqui a pouco eu vou lá". No começo, ela confessou que fazia com dor no coração, mas depois de um mês ela não tinha mais problema.

Com a ida ao banheiro também é assim. Há classes que têm dois colares, um verde e um vermelho, para menina e para menino. Uma menina coloca o colar verde e vai ao banheiro. No começo, é claro, eles formam uma fila para ir ao banheiro. Depois isso vai ficando normal. É comum eles irem juntos em três, quatro, no banheiro. Se o professor ora cobra, ora não cobra, deixa passar, vai ser assim o ano inteiro. Se na hora de ir ao cantinho, começar a ir em grupos de cinco, seis, e o professor finge que não vê, ora ele cobra, vai ser assim o ano inteiro.

Trabalhamos com 30, 32 crianças. Uma média tranquila na sala. É claro que o ideal é ter menos alunos. Acontece que o ideal é termos materiais adequados, espaço físico adequado, um grupo de alunos pequenos, por exemplo 20. Se esperarmos as condições ideais para trabalhar bem, não iremos trabalhar nunca. O importante é, apesar das dificuldades, adaptar-se bem à situação.

Observei o trabalho de uma professora que dava aula para crianças de seis anos numa classe em que, em outro período, funcionava o ensino técnico de Segundo Grau. As carteiras eram enormes, para adolescentes. Muito material, desenhos em que eles colocavam genitálias, xingavam crianças, destruíam.

Essa professora me ensinou muito. Ela e a turma de seis anos montavam e desmontavam a classe todos os dias. Cada aluno, durante 15 dias, era responsável por um pedaço da classe. Os cartazes e o varal do planejamento, mais o material da sucata e o canto da pintura eram por conta da professora. O restante era dividido entre as crianças.

Elas chegavam na escola e iam na sala do almoxarifado, pegavam o material, levavam para a classe e cada uma fazia a sua parte. Pegavam as carteiras, que ficavam uma atrás da outra, empurravam, para fazerem a roda. Depois, na hora dos cantinhos, eles juntavam duas carteiras, quatro cadeiras, as outras eles empurravam. No final do dia, na hora da limpeza, eles levavam todo o material de volta para o almoxarifado, punham uma carteira atrás da outra, deixavam do jeito que eles tinham encontrado a classe.

Se crianças de seis anos fazem isso, como é que os mais velhos, de sete, oito, dez ou doze, não podem fazer? Há o exemplo de uma classe em que a professora chegou tarde e as crianças trabalharam sozinhos. Isso mostra que o centro pedagógico está justamente no grupo, na classe, e não na mão do professor. É possível perceber claramente, em uma classe construtivista, que o centro pedagógico não está na mão do professor.

Numa classe construtivista, quando as crianças estão acostumadas a resolver os problemas, a tomar decisões, a montar e a organizar, o professor pode sair da sala. Pode trabalhar individualmente, pois o centro pedagógico não está mais na sua mão. O andamento, a disciplina, a aprendizagem não dependem mais do professor.

Se conseguirmos transformar essas relações que temos com as crianças, nós estamos caminhando em direção à autonomia dessas crianças. Vocês imaginem os futuros

NOVA CONCURSOS

adultos se isso for trabalhado nas séries iniciais, nos primeiros ciclos, se isso tiver continuidade. Nós percebemos que não há involução, que eles não regridem em um ambiente autoritário.

Por isso é fundamental que não se façam regras bobas, nem regras que reforcem relações de respeito lateral. Por exemplo: "tem que obedecer a professora." Ou "ficar quietos enquanto a professora estiver falando". Espera lá, tem que obedecer as regras da classe. Tem que ficar quieto quando alguém estiver falando. Quando um fala, os outros escutam.

Também existem regras que vão contra o desenvolvimento da criança, por exemplo: "devem emprestar o brinquedo ao amigo, não falar mentira". São regras feitas para não serem cumpridas. As regras têm que ser muito elaboradas, discutidas com as crianças, em cima de problemas reais.

Escola para os pais

Não tem escola para pais. Nós somos profissionais, estamos estudando e nos esforçando para quê? Para nos aperfeiçoarmos cada vez mais. E os pais acabam educando no bom senso. Às vezes, sentem-se culpados por trabalhar fora, por não dar atenção, e nos momentos que passam com o filho, confundem o "não" com o desamor. Falar "não" significa que eu não amo o meu filho. Ou mesmo para compensar, nessas poucas horas que passam com o filho, não querem frustá-lo de maneira alguma. Sabemos que pequenas frustrações não traumatizam. É importante que a criança saiba lidar com a tristeza, com a alegria, com o "não", porque na vida dela isso vai acontecer.

É comum, em palestras, às vezes o próprio professor perguntar: "como lidar com uma classe em que a gente não impõe limites porque ama muito as crianças?" As pessoas confundem amor com superproteção. Isso não é amar. Amar é justamente esse respeito que eu dou à criança, o respeito ao desenvolvimento, atender às necessidades dela. As necessidades que a criança tem, não é sufocá-la com atenções, não colocar limitações, superprotegendo.

Nós podemos trabalhar com esses pais e eles têm nos buscado, porque também estão perdidos a respeito de como educar. Se tiver espaço na escola, que seja uma palestra mensal, que os próprios professores estudem, por exemplo os limites, e montem uma palestra para quem esteja interessado em trabalhar os limites. Se for possível convidar profissionais para dar palestras, ótimo, porque ajudando a família, consequentemente, a criança está sendo ajudada e o trabalho da escola também.

Mas pode ser com os próprios professores, a cada mês um fica responsável por um tema, escreve um resumo, manda para os pais, indica livros. Acredito que também é função da escola orientar os pais, porque a consequência é direta na formação das crianças.

Vocês já viram crianças brincando com boneca, ou com o colega, de relação sexual. É porque ela já viu isso. Do mesmo jeito que viu o pai batendo na mãe ou o pai sendo preso. É importante que exista na sala, esse canto do jogo simbólico, de faz-de-conta, ou mesmo uma caixa de miniaturas em que ela possa brincar, para ter um espaço para simbolizar. É perceptível que as crianças, quando estão passando por determinados problemas, escolhem muito mais o local do jogo simbólico, porque é uma maneira de eles lidarem com tudo isso.

É importante que haja esse espaço para a criança brincar de faz-de-conta com a boneca. É preciso dar esse espaço para que ela lide com esses conflitos. É importante também falar sobre o episódio: "o que você sentiu quando isso aconteceu?" A criança ter oportunidade de colocar o que sentiu. O professor não deve fingir que não está acontecendo nada, mas até colocar histórias com conflitos e como podemos lidar com eles. Buscar também conversar com os pais. Mas é fundamental que a criança fale a respeito do que está sentindo, que ela verbalize isso, que ela converse com o professor e que ela perceba que os sentimentos dela são reconhecidos. Na sala de aula, precisamos abordar certos problemas diretamente.

Quando uma criança está presenciando uma situação de violência, é preciso lidar com ela – o que ela está sentindo –, e com os pais também. Precisamos lidar com essas realidades distintas.

A nossa atuação na família é até mais limitada. Por mais que conversemos com a criança, há determinadas famílias que não vamos conseguir mudar, por melhor que seja o nosso trabalho. Mas, apesar disso, o professor tem que trabalhar com a criança sobre o que ela sente nessa situação, o que ela pensa, como ela está lidando com essa situação. É o problema do cotidiano, muito mais importante que o ensino da matemática, do português, da religião, porque isso não é religião, é a vivência da religião.

Por isso deve existir o canto do desabafo, o local em que a criança pode desenhar o que a está entristecendo, o que a está preocupando, pode escrever sobre o que ela está sentindo, pode pintar tudo aquilo de preto, rasgar em mil pedacinhos e jogar no lixo, pode enviar a carta, enfim, pode expor o que ela está sentindo naquele dia.

Isso é chamado de "desvios simbólicos". São desvios que nós utilizamos para que a criança expresse a raiva, a tristeza, de uma maneira adequada, sem causar danos maiores. Por exemplo, eu posso estar com raiva de alguém, mas não posso socá-lo, mas eu posso socar uma almofada, um saco de serragem sem causar danos.

Não adianta tentar controlar a raiva de uma criança, ou mesmo de um adulto. Para lidar com a raiva, é preciso que na classe tenha o jogo simbólico, uma caixa de areia com miniaturas onde as crianças podem organizar, montar cenários, em que vão lidar com os sentimentos. Se uma criança não quiser falar com o grupo, ou falar individualmente com você, que ela possa desenhar como está se sentindo, que possa pintar sobre isso. Isso é estar lidando com esses sentimentos.

Quanto menor for a criança, mais ela vai resolver os problemas na ação, mais ela vai socar, morder. Quando ela fala "eu te amo", ela beija, abraça, sobe no colo, não fala apenas. O mesmo ocorre quando ela está com raiva. Ela não só fala que está com muita raiva, mas também chuta, morde, bate.

Nós precisamos ensinar essas crianças a outra maneira delas se expressarem, sem ser com as mãos, com os pés, com os dentes. Não basta, para a criança pequena, o professor falar: "eu gosto muito de você." Ele tem que abraçar e beijar a criança, o toque é importante. O mesmo vale quando eles estão lidando com briga.

Havia uma criança de quatro anos que mordia os amigos. A professora falou: "você sabia que nessa escola não se morde as pessoas?!" A criança respondeu: "não, não sabia". A professora disse: "mas agora você fica sabendo". Mas ela teve uma intervenção inadequada quando afirmou: "olha, você pode se morder, mas não se morde os amigos." Essa criança começou a morder a si mesma, aparecia com mordidas no braço. Ficou clara a necessidade que essa criança tinha de morder, porque senão ela não estaria mordendo a si mesma.

Em um caso como esse, é preciso deixar determinados objetos para que ela possa morder. Da mesma maneira que deixamos um canto onde ela possa socar, que ela possa bater: "Olha, quando você estiver com muita raiva, você vai ali e morde a boneca. Eu sei que você está bravo, está com raiva, mas no seu amigo não se bate." Não podemos permitir que a criança cause dano aos outros ou a si mesma.

Tem uma fase em que a mordida é normal, por volta dos dois anos, depois desaparece, dependendo muito do ambiente. Foi engraçado que depois que objetos grandes para morder foram colocados, a menina parou de morder. É preciso deixar também desvios simbólicos para as crianças, para que eles possam se extravasar de alguma forma.

Agimos de maneira semelhante quando apertamos a bochecha da criança. Conheci uma criança de dois anos que, quando gostava de alguém, externava esses sentimentos apertando as duas bochechas. Com um bebê pequeno, essa atitude acabava em choro, é claro. A nossa função é mostrar para essa criança outras maneiras de extravasar o afeto dela.

Uma solução muito criativa foi relatada por uma professora simples, que nem tinha magistério, lá do Norte. Ela tinha um aluno que chutava muito e ela não sabia o que fazer. O chão da classe era de barro e ela falou para as crianças ficarem descalças, trabalharem descalças. Quando o menino chutava, doía o pé dele. Ele chutou duas vezes e nunca mais, porque doía o pé. A criatividade da professora permitiu à criança sentir as consequências do chute. Às vezes, ao sentir as consequências dos atos, as crianças vão modificando as ações.

Recompensas e punições

Não usamos recompensas ou punições com as crianças de forma alguma. Quando o adulto usa uma recompensa, quando dá alguma coisa em troca, quando fala que quem for bonzinho vai ficar no recreio, ele está manipulando para que a criança aja como ele quer. O mesmo ocorre quando usa do castigo para que a criança não tenha alguns comportamentos. Nessas circunstâncias, a criança permanece heterônoma.

Castigo e recompensa funcionam. Quem falar que não funcionam, está mentindo. O problema é que deixam consequências na criança a longo prazo, como cálculo de risco. A criança fica calculando qual a chance de ela ser flagrada, mentir para escapar de punição.

Piaget diz que quando for necessário tomar uma atitude, o educador deve se valer de sanções por reciprocidade. São aquelas sanções que têm relação direta com aquilo que a criança fez. Por exemplo, as crianças estão brincando com um jogo e uma rouba. O que elas fazem? Não vão mais querer jogar com aquele menino.

Havia uma criança que, no meio do jogo, quando ele via que ia perder, dizia que não queria mais jogar. Foi assim na primeira vez, na segunda os meninos falaram que não queriam mais jogar com ele. É uma decorrência natural do ato.

O que o Piaget diz é que nós protegemos muito as crianças. Não permitimos que elas sintam a consequência do ato.

Quando brigam, vamos lá imediatamente e pedimos para se desculparem. É importante que o adulto permita que as crianças sintam as consequências dos atos. "Por que será que o grupo não quer mais jogar com você? O que você vai fazer para deixar claro que você está disposto a mudar."

Outros tipos de sanções por reciprocidade são: privar temporariamente a criança de algo que ela está estragando; reparar o dano causado, se ela quebrou algo; sujou, limpou.

A criança sabe exatamente o que pode fazer e em que ambiente. A criança sabe o que pedir para o pai, o que pedir para a mãe, o que um professor deixa, o que o outro não deixa. A coerência seria o ideal, mas nem sempre é possível, por isso investe-se em formação de professores.

Sempre que possível, nas reuniões pedagógicas, todos os profissionais devem participar, desde os zeladores ao professor de química, por exemplo, mesmo que ele ache que não tem nada a ver com o tema. Isso é fundamental para adquirirem uma linguagem única.

Fonte

VINHA, Telma Pileggi. O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista. Revista do Cogeime, nº 14, julho/99, pág. 15-38.

Questões

01. **(COPEVE-UFAL/016)** O estudo da justiça, bem familiar à teoria piagetiana, é apresentado e discutido no encerramento de seu ensaio sobre a moralidade infantil. Ele considera a justiça a mais racional de todas as noções morais. Qual opção abaixo está correta?

a) A justiça se cumpre enquanto que um dever se faz.

b) Os deveres são ideais enquanto que a justiça é um imperativo a ser obedecido.

c) A justiça deve, a cada momento, decidir como alcançar seu intento.

d) A justiça, para a criança pequena, não se confunde com a lei e com a autoridade.

e) Piaget encontrou evidências de autonomia que antecede a heteronomia.

02. (TCE-PI - Pedagogo – FCC/2016) Com base na concepção piagetiana de aprendizagem, conclui-se que cabe ao professor

(A) planejar as atividades intelectivas em conformidade com o ano escolar dos alunos.

(B) criar situações que estimulem o aluno a pensar, pesquisar, estudar e analisar a questão a ele apresentada.

(C) escolher os conteúdos e organizar materiais didáticos de acordo com os diversos interesses dos alunos.

(D) elaborar uma rotina de estudo para que o aluno conquiste sua autonomia de pensamento.

(E) ensinar primeiramente os conteúdos mais simples para gradativamente chegar aos mais complexos.

03. (ENADE – Pedagogia) A professora afirmou que a baleia é um mamífero. Inconformado, Pedro argumentou: "Mamífero é vaca, gato, cachorro, cujos filhotes mamam. A baleia vive dentro d'água, tem nadadeiras, é um peixe". A maioria dos colegas concordou com Pedro, mas todos começaram a mudar de idéia ao assistir a um filme em que apareciam baleias pequenas sendo amamentadas. Pedro começou a perceber que morar fora d'água não é algo que defina os mamíferos, e que ter rabo de peixe, nadadeiras e morar na água não são características apenas dos peixes.

A aprendizagem de Pedro foi gerada, segundo a teoria piagetiana, pelo processo de:

(A) anulação do conhecimento anterior e substituição deste por conteúdos novos e diferentes.

(B) associação de novos conteúdos àqueles que já faziam parte da sua estrutura cognitiva.

(C) comparação entre informações contrastantes e o reforço do conhecimento anterior.

(D) desequilíbrio, por conflito cognitivo, e acomodação do novo conhecimento ao anterior.

(E) reforço positivo por parte da professora, dos colegas e da família.

Respostas

01. Resposta: C

O fato é que enquanto um dever se cumpre, a justiça se faz. Os deveres costumam vir sob uma forma pronta e acabada, como imperativos a serem obedecidos. A justiça representa mais um ideal, uma meta, portanto algo a ser conquistado, um bem a ser realizado. A cada momento, deve-se decidir como fazer a justiça e, às vezes, não existem procedimentos precisos para que se alcance o intuito. Portanto, deve-se justamente avaliar, pesar, interpretar as diversas situações e então decidir o que fazer.

02. Resposta: B

De acordo com Jean Piaget a escola deve criar situações que estimulem o aluno a pensar, pesquisar, estudar, e analisar a questão apresentada. Visando desta maneira a construção do conhecimento.

01. Resposta: D

O enunciado da questão já propõe que a mesma seja analisada a partir da teoria de Jean Piaget, assim, é possível observar que as opções A, B, C e E apresentam termos que as afastam das conclusões a que o teórico em questão chegou através de suas pesquisas. A opção correta é a D, pois refere conceitos essenciais da teoria de Piaget a fim de explicar o aprender das crianças diante da ideia que tinham sobre a baleia e os mamíferos, pois há um desequilíbrio ao serem confrontados com uma nova informação que provoca um conflito cognitivo em relação a uma aprendizagem anterior. No entanto, ao serem levadas a ter um contato com o novo conhecimento, no caso, através do filme, as crianças puderam acrescentar informações e melhorar o que já sabiam. Dessa forma, a generalização anterior sobre os mamíferos teve que passar por uma ressignificação, enriquecida por novos conhecimentos, assim houve uma mudança qualitativa. Nesse sentido, não houve uma simples anulação do conhecimento anterior e substituição deste por novos, como afirma a opção A; tampouco foi um processo meramente associativo, como infere a opção B, pois as crianças tiveram a oportunidade de refletir sobre seu conflito e tirar conclusões através do que estavam observando. Da mesma forma, não é possível afirmar que houve qualquer tipo de reforço, pois o caminho percorrido para chegar à nova conclusão foi proporcionado pela vivência do conflito cognitivo, pela oportunidade de expressão desse conflito, pelo ensejo da argumentação, pela possibilidade de contato com a nova informação mostrada às crianças através do filme, ou seja, dinâmica que se opõe ao simples ato de reforçar verdades já construídas por outros; conforme opções C e E.

WEIZ, T. O DIÁLOGO ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM. 2A ED. SÃO PAULO: ÁTICA, 2000, (CAPÍTULOS 4 E 8).

Weisz cursou o Normal no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro, possivelmente influenciada pela professora de seu curso primário de quem gostava muito. Ao longo do curso, estando envolvida com outros interesses (artes plásticas) quis sair, mas seus pais a convenceram a continuar. Fez, então, o Instituto de Belas Artes (atual escola de Artes Visuais do Parque Lage). Em 1962, quando cursava o seu último ano do Curso Normal, constatou que a repetência fabricada pelas escolas tinha ultrapassado os limites, pelo fato de não haver, em consequência, vagas para alunos novos na 1ª série. O governador, então, tomou três providencias: aprovou as crianças por decreto - tendo ido todo mundo para a 2a. série, sabendo ou não ler; montou escolas de madeira, com telhado de zinco, e convocou todas as normalistas do último ano do curso para dar aulas. A partir daí ela foi dar aula, para um grupo de crianças que tinham

entre 11 e 12 anos e, que depois de terem repetido várias vezes a 1a. série, tinham passado para a 2ª em função do decreto do governador.

Eram 45 alunos, sendo que apenas 3 não eram negros. Não eram todos analfabetos, porém não se podia considerá-los alfabetizados. Apesar de empregar as técnicas de ensino, sentia-se como preenchendo o tempo de aula. Não conseguia avaliar os resultados do trabalho, nem o que deveria esperar das propostas que colocava em prática, sentindo-se confusa e impotente. Situações da sala revelavam o abismo existente entre o desempenho de seus alunos na escola e o que a vida fora da escola exigia deles. Nesse sentido, tinha a sensação de que a escola parecia uma armadilha montada para que esses meninos não pudessem se sair bem, e também, a convicção de que esse tipo de situação tinha um papel político muito importante que devia ser enfrentado durante toda a sua vida profissional. Ficava impressionada quando conversava com algumas mães e essas achavam natural que seus filhos não tivessem sucesso na escola. Diziam que ela poderia 'bater neles' para ver se estudavam.

Esse foi seu batismo de fogo que fez com que se afastasse por 12 anos da educação. A sensação mais profunda que ficou dessa experiência foi a de ignorância. Ficou claro, para ela, que as informações e ideias que circulavam na educação não davam conta do problema do ensino. O professor era um cego. Para ela, o professor continua chegando hoje à escola com as mesmas insuficiências com a qual ela chegou em 1962, sendo que a diferença, hoje, está na possibilidade que o professor tem de, se quiser, tentar resolver essa situação. Hoje, os professores têm à sua disposição um corpo de conhecimentos que, se não dá conta de tudo, pelo menos ilumina os processos através dos quais as crianças conseguem ou não aprender certos conteúdos. O entendimento que se tem do professor hoje é o de alguém com condições de ser sujeito de sua ação profissional.

Ao final de 1962, e durante os 12 anos seguintes trabalhou em áreas completamente diferentes, e como nenhuma outra atividade dava sentido à sua vida profissional, acabou voltando para a educação. Seu compromisso é com essas crianças - que são maioria nas escolas públicas - para que superem o fracasso e tenham sucesso na escola. Apesar de ser considerada especialista em alfabetização, sua questão é a aprendizagem, em especial, a aprendizagem escolar.

Capítulo 2 - Um novo olhar sobre a aprendizagem.

Apesar de ter iniciado sua docência em 1962, e de ter na época um certo conhecimento significativo quanto ao fato da criança conseguir escrever, mesmo que não ortograficamente, ela não tinha um conhecimento científico acumulado que lhe permitisse superar um ponto de vista "adultocêntrico", ou seja, a forma como se concebe a aprendizagem das crianças a partir da própria perspectiva do adulto que já domina o conteúdo que quer ensinar. A partir dessa perspectiva, não é possível compreender o ponto de vista do aprendiz, pois não se 'enxerga' o objeto de seu conhecimento com os olhos de quem ainda não sabe. A partir dessa perspectiva, o professor (do lugar de quem já sabe) define, a priori, o que é mais fácil e o que é mais difícil para os alunos e quais os caminhos que eles devem percorrer para realizar as atividades desejadas. Tal concepção, por parte do professor, gera um tipo de procedimento pedagógico que dificulta o processo de aprendizagem para uma parte das crianças, principalmente, aquelas que mais necessitam da ajuda da escola, por ter menos conhecimento construído sobre os conteúdos escolares. Assim, a adoção de uma postura adultocêntrica não é uma decisão voluntária dos professores, uma vez que, o conhecimento científico que trazem consigo, não lhes permite enxergar e acolher uma outra concepção de aprendizagem relacionada à perspectiva do aprendiz.

A metodologia embutida nas cartilhas de alfabetização contribui para o fracasso escolar.

A chamada Psicogênese da Língua Escrita, resultado das pesquisas realizadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1970), sobre o que pensam as crianças quanto ao sistema alfabético de escrita, evidencia os problemas que a metodologia embutida nas cartilhas (que faz uso do método da análise-síntese ou da palavra geradora) traz para as crianças. Por meio das pesquisas das autoras acima mencionadas, em uma sociedade letrada, as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita desde muito cedo, a partir do que observam na interação com o seu meio físico e social e das reflexões que fazem a esse respeito. As pesquisas evidenciaram que quando as crianças ainda não se alfabetizaram, buscam uma lógica que explique o que não compreendem, elaborando hipóteses muito interessantes sobre o funcionamento da escrita.

Esses estudos permitiram compreender que a metodologia das cartilhas pode fazer sentido para crianças convencidas de que para escrever uma determinada palavra, bastar uma letra para cada sílaba oral emitida (hipótese silábica), mas para aquelas que ainda cultivam ideias muito mais simples a respeito da escrita, ou seja, que ainda não estabeleceram relação entre a escrita e a fala (pré-silábica), o esforço de demonstrar que uma sílaba, geralmente, se escreve com mais de uma letra não faz nenhum sentido. São essas as crianças que não conseguem aprender com a cartilha e que ficam repetindo a 1ª série várias vezes, chegando a desistir da escola.

As crianças constroem hipóteses sobre a escrita e seus usos a partir da participação em situações nas quais os textos têm uma função social de fato. Frequentemente as crianças mais pobres são as que têm hipóteses mais simples, pois vivem poucas situações desse tipo. Para elas a oportunidade de pensar e construir ideias sobre a escrita é menor do que para as crianças que vivem em famílias típicas de classe média ou alta, nas quais ouvem a leitura de bons textos, ganham livros e gibis, observam os adultos manusearem jornais para buscar informações, recebem correspondências, fazem anotações, etc. Isso não quer dizer, que as crianças pobres não tenham acesso à escrita ou não façam reflexões sobre seu funcionamento fora da escola, mas habitualmente tais práticas não fazem parte do cotidiano do seu grupo social de origem e isso faz com que

o início de sua escolarização se dê em condições menos favoráveis do que para aquelas crianças que participam de práticas sociais letradas desde pequenas.

Assim, independente do fato de que as crianças venham de uma família pobre ou não, o que importe realmente é a ação pedagógica do professor, e esta dependerá da sua concepção de aprendizagem (todo o ensino se apoia numa concepção de aprendizagem). É possível enxergar o que o aluno já sabe a partir do que ele produz e pensar no que fazer para que aprenda mais. Nas últimas décadas muitas pesquisas pontuam uma concepção de aprendizagem que é resultado da ação do aprendiz. Dessa forma, a função do professor é criar condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam a atividade mental, ou seja, o exercício intelectual. Quando o professor entende que o aprendiz sempre sabe alguma coisa e pode usar esse conhecimento para continuar aprendendo ele pode identificar que informação é necessária para que o conhecimento do aluno avance. Essa percepção permite ao professor compreender que a intuição não é mais suficiente para guiar a sua prática e que ele precisa de um conhecimento que é produzido no território da ciência. É preciso considerar o conhecimento prévio do aprendiz e as contradições que ele enfrenta no processo. Em uma concepção de aprendizagem construtivista, o conhecimento é visto como produto da ação e reflexão do aprendiz. Esse aprendiz é compreendido como alguém que sabe algumas coisas e que, diante de novas informações que têm para ele sentido, realiza um esforço para assimilá-la, assim frente a um problema (conflito cognitivo) o aprendiz tem a necessidade de superá-lo.

O novo conhecimento aparece como aprofundamento do conhecimento anterior que ele já detém. É inerente à própria concepção de aprendizagem que o aprendiz busque o conhecimento prévio que ele possui sobre qualquer conteúdo. Através dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e demais colaboradores, sabemos que a criança representa a escrita de diferentes modos, como a expressão de um conhecimento sobre a escrita que precede a compreensão real do funcionamento do sistema alfabético. No caso da aprendizagem da escrita, o meio social coloca para as crianças uma série de contradições e de conflitos que a forçam a buscar soluções, superar as hipóteses inadequadas quanto ao sistema de escrita, através da construção de novas teorias explicativas. Nesses momentos, a atuação do professor é fundamental, pois a conquista de novos patamares de compreensão pelo aluno é algo que depende também das propostas didáticas e da intervenção que ele fizer.

Essas teorias explicativas são formas de interpretação não necessariamente conscientes, mas que orientam a ação de quem está aprendendo. Tais teorias são modificadas no embate com a realidade com a qual o aluno se depara a todo instante e especialmente quando o professor cria contextos adequados para que isso aconteça. Para aprender, a criança passa por um processo que não tem a lógica do conhecimento final, como é visto pelos adultos.

Do ponto de vista do referencial construtivista, nenhum conceito nasce com o sujeito ou é incorporado de fora, mas precisa ser construído através da interação do sujeito com o meio (físico, social, cultural); nesse processo de construção, as expressões do aprendiz não têm a lógica do conhecimento final, concebido pelo adulto. As pesquisas realizadas pelo psicólogo Jean Piaget quanto à conservação de quantidades (massa/ fichas), demonstram que para crianças com idade de 5/7 anos, o fato de oito fichas apresentarem-se juntas e oito fichas apresentarem-se espalhadas apresentam quantidades diferentes, simplesmente pela disposição / configuração dessas fichas (pensamento pré-operatório/perceptivo/ irreversível). Começa com Piaget, a construção de um novo olhar sobre a aprendizagem.

Piaget desenvolveu uma teoria do conhecimento (Epistemologia e Psicologia Genética) que explica como se avança de um conhecimento menos elaborado para um conhecimento mais elaborado, ressaltando que o conhecimento é resultado da interação do sujeito com o meio externo, que é um processo no qual o sujeito participa ativamente, modificando o meio no qual está inserido e sendo, também, modificado por esse mesmo meio.

Foram os estudos de Piaget que abriram a possibilidade de se estudar a construção de conhecimentos específicos, como o fez Emília Ferreiro que mostrou que era possível pensar o construtivismo - o modelo geral de construção do conhecimento, tal como formulado por Piaget e colaboradores da Escola de Genebra - como a moldura de uma investigação sobre a aquisição de um conhecimento particular, no caso de Emília Ferreiro, o da leitura e escrita. A Psicogênese da Língua Escrita é um modelo psicológico de aprendizagem específico da escrita que serve de informação ao educador, porém a maneira como essas informações são usadas na ação educativa pode variar muito porque nenhuma pedagogia responde apenas a um modelo psicológico. O modelo geral no qual se apoia a Psicogênese da Língua Escrita é de que há um processo de aquisição no qual a criança vai construindo hipóteses sobre a escrita, testando-as, descartando umas e reconstruindo outras. Durante a alfabetização, aprende-se mais do que escrever alfabeticamente. Aprendem-se, pelo uso, as funções da escrita, as características discursivas dos textos escritos, os gêneros utilizados para escrever e muito outros conteúdos.

O modelo de ensino atualmente relacionado ao construtivismo chama-se aprendizagem pela resolução de problemas (situações-problema). Aprender a aprender é algo possível apenas a quem já aprendeu muita coisa. Para aprender a aprender, o aprendiz precisa dominar conhecimentos de diferentes naturezas, como as linguagens, por exemplo. Nesse processo, a flexibilidade e a capacidade de se lançar com autonomia nos desafios da construção do conhecimento são extremamente importantes, pois há todo um saber necessário para poder aprender a aprender; e isso só é possível para quem aprendeu muito sobre muita coisa. Deste modo, é desejável que o aprendiz saiba buscar informações através do computador, porém é fundamental desenvolver a capacidade de estabelecer relações inteligentes entre os dados, as informações e os conhecimentos já construídos.

Nesse sentido, para ser capaz de aprender permanentemente, a bagagem básica necessária atualmente é acadêmico-cultural, em que se articulam conhecimentos de origem tradicionalmente escolar e aqueles relacionados aos movimentos culturais da sociedade (formação geral).

Assim, a escola tem uma tripla função:

1. levar o aluno a aprender a aprender;
2. dar-lhe os fundamentos acadêmicos e;
3. equalizar as enormes diferenças no repertório de conhecimentos dos aprendizes.

É praticamente impossível a escola realizar sozinha essa terceira função, mas sua contribuição é essencial, pois é preciso pensar como agir para democratizar o acesso à informação e às possibilidades e construção de conhecimento.

Capítulo 3 - O que sabe uma criança que parece não saber nada

Saber o que o aluno sabe e o que ele não sabe para poder atuar é uma questão complexa. Esse saber não está relacionado ao conteúdo a ser ensinado (perspectiva adulta) e sim ao ponto de vista do aprendiz porque é esse o conhecimento necessário para fazer o aluno avançar do que ele já sabe para o que não sabe. O que realmente importa são as construções e ideias que o aprendiz elaborou e que não foram ensinadas pelo professor e, sim, construídas pelo aprendiz. Quando uma criança escreve fazendo uso de uma concepção silábica de escrita, por exemplo, essa 'escrita' não é reconhecida como um saber, pois do ponto de vista de como se escreve em português, essa escrita não existe. Mas, para chegar a escrever em português (escrita alfabética), o aprendiz precisa passar por uma concepção de escrita desse tipo (silábica), imaginando que quando se escreve representa-se as emissões sonoras que ele consegue reconhecer (a sílaba), isolando-as pela via da audição.

Tal conhecimento é importante e o professor deve reconhecê-lo na aprendizagem da escrita. Caso contrário contribuirá muito pouco com os avanços do aluno em relação à escrita e, se a criança aprender a ler, provavelmente, será por conta própria.

Um olhar cuidadoso sobre o que a criança errou pode ajudar o professor a descobrir o que ela tentou fazer. Somente um olhar cuidadoso e despojado do professor sobre a produção do aprendiz (quanto ao saber não reconhecido), permitir-lhe-á descobrir o que pensa esse aprendiz, possibilitando-lhe levantar questões e perguntas sobre tal produção. Ao desconsiderar o esforço do seu aluno, dizendo-lhe que sua produção não está correta, acaba desvalorizando sua tentativa e esforço e, consequentemente, o aluno vai pensar duas vezes antes de produzir de novo. O conhecimento se constrói por caminhos diferentes daqueles que o ensino supõe. Isso acontece no processo de aquisição da escrita, na construção dos conceitos matemáticos e na aprendizagem de qualquer outro conteúdo e mesmo quando os alunos estão submetidos a um tipo de ensino convencional, pois o que impulsiona a criança é o esforço para acreditar que atrás das coisas que ela tem de aprender existe uma lógica. Se o professor não sabe nada sobre o que o aluno pensa ou conhece a respeito do conteúdo que quer que ele aprenda, o ensino que ele oferece não tem com quem dialogar. Conhecimentos prévios dos alunos não deve ser confundido com conteúdo já ensinado pelo professor.

Na perspectiva construtivista - de resolução de problemas - o professor não pode considerar como sinônimos o que o aluno já sabe e o que lhe foi ensinado, pois não são necessariamente a mesma coisa. Para que isso não aconteça, é preciso que o professor desenvolva uma sensibilidade e uma escuta atenta para a reflexão que as crianças fazem, supondo que o que elas pensam tem sentido e não é fruto de sua ignorância. O professor precisa criar um ambiente socioafetivo para que as crianças possam manifestar livremente/espontaneamente o que pensam; somente assim, poderá favorecer situações de aprendizagem significativas. Tal ambiente deve possibilitar que as crianças pensem sobre suas ideias. Do mesmo modo, cabe ao professor oferecer conflitos/situações problemas que possibilitem às crianças exercitarem o pensamento, na busca de soluções possíveis. Isso requer do professor estudo e uma postura reflexiva e investigativa. A psicogênese da língua escrita abriu a possibilidade de o professor olhar para a criança e acreditar que para aprender ela pensa, que aquilo que ela faz tem lógica e o que o professor não enxerga é porque não tem instrumentos suficientes para perceber o sentido que está sendo manifestado pela criança. Um casamento entre a disponibilidade da informação externa e a possibilidade da construção interna. Quando o professor não entende a produção da criança deve-se perguntar à criança, mesmo que não consiga entender suas explicações, uma atividade indicada para isso é o trabalho em dupla, pois trabalhando juntas as crianças dão explicações umas às outras e, então, o professor poderá compreender as hipóteses das crianças.

Assim, é importante observar os procedimentos dos alunos diante de uma atividade, para que o professor possa reconhecer esses procedimentos dos alunos, de modo, a saber quais são os menos e os mais avançados e que raciocínio os alunos mais avançados então realizando. O trabalho em grupo permite que as crianças observem os procedimentos de atuação de seus colegas, inclusive daqueles que utilizam procedimentos de resolução de problemas mais avançados. Ao perceberem a possibilidade de diferentes formas de execução, reconhecem o procedimento do colega como mais produtivo e econômico, construindo, assim, a lógica necessária para poder aprender (a criança aprendeu com outra que sabe mais).

Tem-se, assim, de um delicado casamento entre a disponibilidade da informação externa e a possibilidade da construção interna - construtivismo: um modelo explicativo da aprendizagem que considera, ao mesmo tempo, as possibilidades do sujeito e as condições do meio. Cabe ao professor tomar decisões importantes, seja na formação das parcerias entre alunos, seja nas questões que ele mesmo propõe no desenrolar da atividade. Todas as crianças sabem muitas coisas, só que umas sabem coisas diferentes

das outras. As crianças são provenientes de culturas diferentes e isso contribui para que saibam coisas diferentes, por isso é importante que o professor tenha claro que as crianças provenientes de um nível cultural valorizado pela escola apresentam enormes vantagens em relação às outras crianças. Para tais crianças a escola será muito mais fácil, porque está em consonância com a cultura da família e do seu ambiente. Por outro lado, as crianças provenientes de ambientes onde as pessoas possuem menor grau de escolaridade e distantes dos usos cotidianos dos conteúdos que a escola valoriza encontrarão dificuldades. Assim, a equalização das oportunidades de aprendizagem dessas crianças deve ser uma tarefa da escola que deve repensar sua própria prática, de modo a não prejudicar o sucesso escolar desses alunos. (...) "É preciso, pois, educar o olhar para enxergar o que sabem as crianças que aparentemente não sabem nada". (p, 49)

A equalização de oportunidades de aprendizagem não significa uma pedagogia compensatória. É preciso socializar os conteúdos pertencentes ao mundo da cultura: literatura, ciência, arte, informação tecnológica, etc., pois isso é uma questão de inserção social e, portanto, direito de todas as crianças. A escola não pode ser instrumento de exclusão social. Todo professor deve levar todos os seus alunos a participarem da cultura. O termo cultura é utilizado não em seu sentido antropológico e sim no do senso comum: a cultura erudita e a de larga difusão, mas produzida para e pela elite.

Todos os professores, principalmente, aqueles das classes iniciais que quiserem contribuir para que todos os alunos de sua classe tenham a mesma oportunidade de aprender, devem estimulá-los a participar da cultura. É papel do professor ler diferentes tipos de assuntos/textos (usar o jornal e outras fontes de informação e de pesquisa) em classe e levar as crianças para exposições de artistas importantes. É preciso oferecer às crianças a oportunidade de navegar na cultura, na Internet, na arte, em todas as áreas do conhecimento, em todas as linguagens, em todas as possibilidades.

Um exemplo de alguém que sabia como tratar as crianças era Monteiro Lobato que escrevia livros contando coisas da Antiguidade, falando de astronomia, da história do mundo. Porém, o que normalmente se oferece para as crianças lerem são histórias empobrecidas, versões resumidas e textos com supressões. Não é possível formular receitas prontas para serem aplicadas a qualquer grupo de alunos. Nos anos 1970, uma visão de escola como linha de montagem, denominada de tecnicista, voltada para criar máquinas de ensinar, métodos de ensino, sequências de passos programados, dominava a concepção de ensino e aprendizagem. No Brasil, esse modelo chamava-se ensino programado. A função do professor, nesse modelo, era simplesmente, a de administrar o ensino programado e foi, justamente, esse modelo o responsável por uma exigência cada vez mais baixa de qualificação dos professores.

O ensino programado permitia o que se chamava de 'ensino na medida do estudante', que embora considerasse os vários ritmos de aprendizagem da criança, todos aprendiam, pois, seguindo os passos programados chegariam todos, de alguma forma, ao final. O papel do professor dentro de uma proposta construtivista é bem diferente deste proposto pelo modelo tecnicista. Cabe ao professor construir conhecimentos de diferentes naturezas, que lhe permitam ter claros os seus objetivos, assim como selecionar conteúdos adequados, enxergando na produção de seus alunos o que eles já sabem e construindo estratégias que os levem a conquistar novos patamares de conhecimento. Não há receitas prontas a serem aplicadas a grupos de alunos, uma vez que, a prática pedagógica é complexa e contextualizada. O professor precisa ser alguém com autonomia intelectual.

Capítulo 4 - As ideias, concepções e teorias que sustentam a prática de qualquer professor, mesmo quando ele não tem consciência delas.

A prática pedagógica do professor é sempre orientada por um conjunto de ideias, concepções e teorias, mesmo que nem sempre tenha consciência disso. Para que possamos compreender a ação do professor, é preciso verificar de que forma seus atos expressam sua concepção sobre:

- o conteúdo que ele espera que o aluno aprenda;
- o processo de aprendizagem (os caminhos pelo quais a aprendizagem acontece);
- como deve ser o ensino.

Historicamente, a teoria empirista é a teoria que mais vem impregnando as representações sobre o que é ensinar, quem é o aluno, como ele aprende e o que e como se deve ensinar (modelo de ensino e aprendizagem conhecido como estímulo-resposta). Essa teoria define a aprendizagem como 'a substituição de respostas erradas por respostas certas', partindo da concepção de que o aluno precisa memorizar e fixar informações, as mais simples e parciais possíveis e ir acumulando com o tempo. A cartilha está fundamentada nesse modelo (palavras-chaves, famílias silábicas usadas exaustivamente, frases desconectadas, textos com mínimo de coerência e coesão). Como a metodologia de ensino expressa nas cartilhas concebe os caminhos pelas quais a aprendizagem acontece. Na concepção empirista, o conhecimento está 'fora' do sujeito (a fonte do conhecimento é externa ao sujeito - é o meio físico e social) e, é interiorizado através dos sentidos, ativado pela ação física e perceptual.

O sujeito é concebido como uma tábula rasa – 'vazio' na sua origem, sendo 'preenchido' pelas experiências que tem com o mundo (conceito de 'educação bancária' criticada por Paulo Freire). O aprendiz é alguém que vai juntando informações. O processo de ensino fundamentado nessa teoria caracteriza-se pela: cópia, ditado, memorização pura e simples, utilização da memória de curto prazo para reconhecimentos das famílias silábicas, leitura mecânica para posterior leitura compreensiva. Para mudar é preciso reconstruir toda a prática a partir de um novo paradigma teórico. Em uma concepção construtivista, o conhecimento

não é concebido como cópia do real, incorporado diretamente pelo sujeito. A teoria construtivista pressupõe uma atividade, por parte do aprendiz, que organiza e integra os novos conhecimentos aos já existentes. Isso acontece com alunos e professores em processo de transformação.

Uma preocupação, bastante pertinente, diz respeito ao fato do professor querer inovar a sua prática, adotando um modelo de construção de conhecimento sem compreender, suficientemente, as questões que lhe dão sustentação, correndo o risco de se deslocar de um modelo que lhe é familiar para o outro meio conhecido, mesclando teorias, como se costuma afirmar. Outra preocupação diz respeito ao entendimento destorcido por parte de professores, que acreditando ser o sujeito sozinho quem constrói o conhecimento, veem a intervenção pedagógica como desnecessária. Tais concepções não fazem nenhum sentido num modelo construtivista. Conteúdos escolares são objetos de conhecimento complexos, que devem ser dados a conhecer, aos alunos, por inteiro.

Para o referencial construtivista, a aprendizagem da leitura e da escrita é complexa e, portanto, deve ser apresentada / oferecida por inteiro ao aprendiz e de forma funcional. Para os construtivistas, o aprendiz é um sujeito, protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, alguém que vai produzir a transformação, convertendo informação em conhecimento próprio. Essa construção pelo aprendiz não se dá por si mesma e no vazio, mas a partir de situações nas quais age sobre o que é o objeto do seu conhecimento, pensa sobre ele, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas. A diferença entre o modelo empirista e o modelo construtivista é que no primeiro a informação é introjetada ou não; enquanto que no segundo, o aprendiz tem de transformar a informação para poder assimilá-la. Isso resulta em práticas pedagógicas muito diferentes. Afirmar que o conhecimento prévio é a base da aprendizagem não é defender pré-requisitos.

No modelo construtivista, o conhecimento não é gerado do nada, é uma permanente transformação a partir do conhecimento que já existe. Essa afirmação de que conhecimentos prévios constituem a base de novas aprendizagens não significa a crença ou a defesa de pré-requisitos e muito menos significa matéria ensinada anteriormente pelo professor.

Não informar nem corrigir significa abandonar o aluno à própria sorte. A crença espontaneísta de que o aluno constrói o conhecimento, não sendo necessário ensinar-lhe, faz com que o professor passe a não informar, a não corrigir e a se satisfazer com que o aluno faz ' do seu jeito'; isso significa abandonar o aluno à sua própria sorte. Cabe ao professor organizar a situação de aprendizagem de forma a oferecer informação adequada. A função do professor é observar a ação da criança, acolher ou problematizar / desestabilizar suas produções, intervindo sempre que achar que pode contribuir para que a concepção da criança sobre o objeto de conhecimento avance. É papel do professor apoiar a construção do conhecimento pelo aprendiz.

Capítulo 5 - Como fazer o conhecimento do aluno avançar.

O processo de ensino deve dialogar com o de aprendizagem. Isso mostra que não é o processo de aprendizagem (aluno) que deve se adaptar ao processo de ensino (professor), mas, sim, o processo de ensino que deve se adaptar ao processo de aprendizagem. Para tanto, o professor precisa compreender o caminho de aprendizagem que o aluno está percorrendo naquele momento e, a partir disso, identificar as informações e atividades que permitirão ao aluno avançar do patamar de conhecimento que conquistou para outro que é mais avançado. Para isso, é preciso que o professor organize situações de aprendizagem: atividades planejadas (propostas e dirigidas) com a intenção de favorecer a ação do aprendiz sobre um determinado objeto de conhecimento, sendo que essa ação está na origem de toda e qualquer aprendizagem.

Tais atividades devem reunir algumas condições e respeitar alguns princípios:

- os alunos devem por em jogo tudo que sabem e pensam sobre o conteúdo que se quer ensinar;
- devem ter problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõe produzir;
- a organização da tarefa pelo professor deve garantir a máxima circulação de informação possível;
- o conteúdo trabalhado deve manter suas características de objeto sociocultural real, sem se transformar em objeto escolar vazio de significado social.

Alunos põem em jogo tudo que sabem, têm problemas a resolver e decisões a tomar:

O aprendiz precisa testar suas hipóteses e enfrentar contradições, seja entre as próprias hipóteses, seja entre o que consegue produzir sozinho e a produção de seus pares ou entre o que pode produzir e o resultado tido como convencionalmente correto. Partindo-se de uma proposta construtivista, o conhecimento só avança quando o aluno tem bons problemas sobre os quais pensar. Para isso, o professor deve criar boas situações de aprendizagem para os alunos, atividades que representem possibilidades difíceis, porém dificuldades possíveis de serem resolvidas.

A escola precisa autorizar e incentivar o aluno a acionar seus conhecimentos de experiências anteriores, fazendo uso deles nas atividades escolares; é preciso criar atividades para que isso seja de fato requisitado, sendo útil para qualquer área de conhecimento. A organização da tarefa garante a máxima circulação de informação possível. Os livros e demais materiais escritos, a intervenção do professor, a observação de um colega na resolução de um problema, as dúvidas, as dificuldades, o próprio objeto de conhecimento que o aluno se esforça para aprender são situações que informam.

Por isso, é importante que se garanta a máxima circulação de informação possível na classe e o ambiente escolar deve permitir que as perguntas e as respostas circulem. Nesse processo, as informações que chegam até o aprendiz

precisam ser trabalhadas ou interpretadas por ele de acordo com que lhe é possível naquele momento. O professor precisa estar ciente de que o conhecimento avança quando o aprendiz se defronta com situações-problema nas quais não havia pensado anteriormente. Situações significativas de aprendizagem em sala de aula acontecem quando o professor abre mão de ser o único informante e quando o clima sócio afetivo se baseia no respeito mútuo e não no autoritarismo. É preciso incentivar a cooperação, a solidariedade, o respeito e o tutoramento (um aluno ajudando o outro) em sala de aula.

A interação entre os alunos é necessária não somente porque o intercâmbio é condição para o convívio social na escola, mas, também, porque informa a todos os envolvidos e potencializa quase infinitamente a aprendizagem. O conteúdo trabalhado deve manter suas características de objeto sociocultural real. O ensino da língua portuguesa está cheio de criações escolares que em nada coincidem com as práticas sociais de uso da língua, objeto de ensino na escola, baseadas no senso comum. Isso não acontece somente no ensino da língua portuguesa, mas em todas as outras áreas. Na escola, por exemplo, aprende-se a linguagem matemática escrita, que é pouco usada na rua. Porém, não se pode deixar de lado esta competência que o aluno já traz desenvolvida (devido a sua vivência de 'rua') e sobrepor a escolarização a ela.

Quando se trata de ciência ou prática social convertida em objeto de ensino, estas acabam por sofrer modificações. A arte é diferente na Educação Artística, o esporte é diferente da Educação Física, a linguagem é diferente do ensino de Língua Portuguesa, a ciência é diferente do ensino de Ciências. Porém, não se pode criar invenções pretensamente facilitadoras que acabem tendo existência própria. É papel da escola garantir a aproximação máxima entre o use social do conhecimento e a forma de tratá-lo didaticamente.

Capítulo 6 - Quando corrigir, quando não corrigir.

O professor desenvolve dois tipos de ação pedagógica: planejamento e intervenção, uma intervenção clássica é a correção que não é a única intervenção possível, nem a mais importante, porém é a que mais tem preocupado os professores. Numa concepção construtivista de aprendizagem, a função da intervenção é atuar de modo que os alunos transformem seus esquemas interpretativos em outros que deem conta de questões mais complexas que as anteriores. A correção é algo relacionado a qualquer situação de aprendizagem, o que varia é como ela é compreendida pelo professor.

A tradição escolar normalmente vê a correção realizada longe dos alunos na qual os erros são assinalados para que os alunos corrijam, como a mais importante (concepção empirista - exigente com a transmissão). Quando se trata de uma redação, o texto tem que ser passado a limpo, corrigido - o erro poderá ficar fixado na memória do aluno (concepção que supõe a percepção e a memória como núcleos na aprendizagem). Outra visão de correção é a informativa que carrega a ideia de que a correção deve informar o aluno e ser feita dentro da situação de aprendizagem (concepção de erro construtivo - que faz parte do processo de aprendizagem de qualquer pessoa).

Os erros devem ser corrigidos no momento certo. Que nem sempre é o momento em que foram corrigidos. A ideia do erro construtivo fascinou muitos educadores, que começaram a ver de outra forma os textos escritos dentro de um sistema silábico e mesmo os de escrita alfabética. Porém, depois que a criança compreendeu o sistema alfabético de escrita é necessário que o professor intervenha na questão ortográfica, considerando a melhor forma de fazer isso. O que deve ser repensado é a concepção tradicional de correção. Os alunos sabem o que achamos importantes que eles aprendam, mesmo que não falemos nada. Muitos professores, por não quererem bloquear a criatividade do aluno, acabam deixando que ele escreva de qualquer jeito. Tal procedimento acaba consolidando um contrato didático implícito, pois de alguma forma o aluno percebe que o professor não valoriza esse tipo de conhecimento e acaba por desvalorizá-lo investindo nessas aprendizagens. É importante que o professor tenha claro que depois de um tempo de escolaridade, são inaceitáveis.

Capítulo 7 – A necessidade e os bons usos da avaliação.

No que diz respeito à avaliação, é preciso ter claro o que o aluno já sabe no momento em que lhe é apresentado um conteúdo novo. O conhecimento prévio é o conjunto de ideias, representações e informações que servem de sustentação para a nova aprendizagem, ainda que não tenham, necessariamente, uma relação direta com o conteúdo que se quer ensinar. É importante investigar e explorar essas ideias e representações prévias porque permite saber de onde vai partir a aprendizagem que se quer que aconteça. Conhecer essas ideias e representações prévias ajuda muito na hora de construir uma situação na qual o aluno terá de usar o que já sabe para aprender o que ainda não sabe.

Após esta avaliação inicial, relacionada aos conhecimentos prévios, é preciso que o professor utilize um ou outro instrumento para verificar como os alunos estão progredindo, pois, o conhecimento não é construído igualmente, ao mesmo tempo e da mesma forma por todos. Esse instrumento é a avaliação de percurso - formativa ou processual - feita durante o processo de aprendizagem. Esse procedimento permitirá ao professor avaliar se o trabalho que está desenvolvendo com os alunos está sendo produtivo e se os alunos estão aprendendo com as situações didáticas propostas.

A avaliação da aprendizagem é também a avaliação do trabalho do professor.

Quando se avalia a aprendizagem do aluno, também se avalia a intervenção do professor, pois o ensino deve ser planejado e replanejado em função das aprendizagens conquistadas ou não. Assim, é importante a organização de espaços coletivos de discussão do trabalho pedagógico na escola, valorizando-se a prática de observação de aula pelo

coordenador ou orientador pedagógico - ou mesmo por um colega que ajude a olhar de fora. O professor está sempre tão envolvido que, às vezes, não lhe é possível enxergar o que salta aos olhos de um observador externo.

Se a maioria da classe vai bem e alguns não, estes devem receber ajuda pedagógica. Quando, numa verificação de aprendizagem, grande parte dos alunos apresenta dificuldades, é certo que o professor precisa rever o seu encaminhamento. Porém, quando a verificação aponta que alguns alunos não estão bem, estes devem ser atendidos imediatamente através de outras atividades que possibilitem a superação das dificuldades. A escola deve estar comprometida com a aprendizagem de todos e, dessa forma, criar um sistema de apoio para que os alunos não se percam no caminho. As dificuldades precisam ser detectadas rapidamente para que sejam sanadas e continuem progredindo, não desenvolvendo bloqueios. Tais crianças precisam ser atendidas por meio de realização de atividades diferenciadas durante a aula, trabalho conjunto com colegas que possam ajudá-los e intervenções.

Fonte

WEIZ, T. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2000

Questões

01. (VUNESP/2017) WEISZ faz um depoimento sobre as primeiras experiências como professora dos anos iniciais que a marcaram profundamente, fazendo com que, depois de "fugir" da educação por doze anos, voltasse a ela e buscasse entender o porquê do fracasso escolar na escola pública. Nessa busca, estudou o trabalho da dra. Emilia ferreiro, "que abriu uma perspectiva extraordinária nessa área e teve uma importância enorme na mudança da compreensão do papel do professor".

Odete, que prestou concurso para PEB I em um município do interior paulista, acertou a questão que perguntava qual concepção de formação do professor é coerente com o entendimento de aprendizagem que resultou de pesquisas das últimas décadas do século XX. Apoiando-se na leitura de WEISZ (2000), Odete escolheu a afirmação de que a formação docente

(A) deve privilegiar a formação em serviço, pois ela torna possível aos professores formadores prover aos docentes o que se constatou faltar a eles, em conteúdos e em métodos, para bem ensinar todo tipo de aluno.

(B) é uma habilitação profissional e, como tal, deve acompanhar as demandas da clientela que lhe é específica, no caso crianças e jovens, preponderantemente, o que exige atualização tecnológica das estratégias de ensino para fazer os alunos aprenderem.

(C) deve anteceder e acompanhar o exercício do magistério, por meio do estudo, da problematização da prática de sala de aula, da reflexão e do diálogo com os pares sobre essa prática, organizando situações de aprendizagem adequadas a seus alunos.

(D) precisa apoiar-se na vocação para a profissão e, ainda na formação inicial, municiar o estudante dos conteúdos teóricos e práticos que farão dele um bom professor em diferentes contextos, tratando também de atualizá-lo de quando em quando.

(E) exige, legalmente e pela sua própria natureza de tarefa intelectual, curso de nível universitário, não sendo suficiente apenas a graduação, mas havendo necessidade de especialização em pós-graduação, prevista e valorizada na carreira do magistério.

02. (VUNESP/2016) Weisz (2002), em O diálogo entre ensino e aprendizagem, afirma que o conhecimento avança quando o aprendiz enfrenta questões sobre as quais ainda não havia parado para pensar. A consequência didática dessa afirmativa é que o professor deve

(A) garantir a máxima circulação de informações em sala de aula, apresentando situações e materiais diversos, promovendo interação entre os alunos e situações que favoreçam a ação do aprendiz sobre aquilo que é seu objeto de conhecimento.

(B) propor questionários individuais nos quais os alunos possam mostrar aquilo que já sabem, situando os conteúdos que ainda não aprenderam, para posteriormente perguntar ao professor, sem atrapalhar o aprendizado dos demais colegas.

(C) manter um clima de ordem e silêncio na sala de aula, com pouca interação entre os alunos, para que não haja interferência de ideias e cada um possa pensar sobre temas novos, a partir dos saberes que tem e da ajuda do professor.

(D) impedir que os alunos misturem as experiências que possuem fora da escola com os conteúdos organizados didaticamente em sala de aula, para assim poderem pensar de uma forma diferente da que aprenderam na vida em sociedade.

(E) preparar-se bem quanto ao conteúdo a ser ensinado, antes de propor novas questões para a reflexão do aluno, de modo a não ficar vulnerável frente a dúvidas dos estudantes, já que se espera dele a orientação sobre a forma correta de pensar.

03. (VUNESP/2016) Todas as ações e relações que compõem o processo educativo escolar correspondem a objetivos gerais e específicos. São eles que guiam o planejamento dessas ações e relações. Eles dependem delas para serem alcançados, parcial ou plenamente. Isso acontece em diversos níveis: o nacional, o regional/local, o da unidade escolar e o do professor. No caso do nível de planejamento, que corresponde ao trabalho de cada professor com seus alunos, no cotidiano da sala de aula e da escola, pela natureza dialogal da relação entre o ensino e a aprendizagem, entre sujeitos que constroem conhecimento, podemos concordar com Weisz (2002) que é impossível ensinar algo a alguém sem saber o que essa pessoa já sabe sobre determinado objeto de estudo, ou seja, é impossível ensinar sem

(A) livro didático.
(B) poder reprovar.
(C) vocação.
(D) avaliar.
(E) internet.

Respostas

01. Resposta: C

Na perspectiva construtivista - de resolução de problemas - o professor não pode considerar como sinônimos o que o aluno já sabe e o que lhe foi ensinado, pois não são necessariamente a mesma coisa. Para que isso não aconteça, é preciso que o professor desenvolva uma sensibilidade e uma escuta atenta para a reflexão que as crianças fazem, supondo que o que elas pensam tem sentido e não é fruto de sua ignorância. O professor precisa criar um ambiente socioafetivo para que as crianças possam manifestar livremente/espontaneamente o que pensam; somente assim, poderá favorecer situações de aprendizagem significativas. Tal ambiente deve possibilitar que as crianças pensem sobre suas ideias. Do mesmo modo, cabe ao professor oferecer conflitos/situações problemas que possibilitem às crianças exercitarem o pensamento, na busca de soluções possíveis. Isso requer do professor estudo e uma postura reflexiva e investigativa. A psicogênese da língua escrita abriu a possibilidade de o professor olhar para a criança e acreditar que para aprender ela pensa, que aquilo que ela faz tem lógica e o que o professor não enxerga é porque não tem instrumentos suficientes para perceber o sentido que está sendo manifestado pela criança. Um casamento entre a disponibilidade da informação externa e a possibilidade da construção interna. Quando o professor não entende a produção da criança deve-se perguntar à criança, mesmo que não consiga entender suas explicações, uma atividade indicada para isso é o trabalho em dupla, pois trabalhando juntas as crianças dão explicações umas às outras e, então, o professor poderá compreender as hipóteses das crianças.

02. Resposta: A

A interação entre os alunos é necessária não somente porque o intercâmbio é condição para o convívio social na escola, mas, também, porque informa a todos os envolvidos e potencializa quase infinitamente a aprendizagem. O conteúdo trabalhado deve manter suas características de objeto sociocultural real. O ensino da língua portuguesa está cheio de criações escolares que em nada coincidem com as práticas sociais de uso da língua, objeto de ensino na escola, baseadas no senso comum. Isso não acontece somente no ensino da língua portuguesa, mas em todas as outras áreas. Na escola, por exemplo, aprende-se a linguagem matemática escrita, que é pouco usada na rua. Porém, não se pode deixar de lado esta competência que o aluno já traz desenvolvida (devido a sua vivência de 'rua') e sobrepor a escolarização a ela.

03. Resposta: D

No que diz respeito à avaliação, é preciso ter claro o que o aluno já sabe no momento em que lhe é apresentado um conteúdo novo. O conhecimento prévio é o conjunto de ideias, representações e informações que servem de sustentação para a nova aprendizagem, ainda que não tenham, necessariamente, uma relação direta com o conteúdo que se quer ensinar. É importante investigar e explorar essas ideias e representações prévias porque permite saber de onde vai partir a aprendizagem que se quer que aconteça. Conhecer essas ideias e representações prévias ajuda muito na hora de construir uma situação na qual o aluno terá de usar o que já sabe para aprender o que ainda não sabe.

ZABALA, ANTONI. A PRÁTICA EDUCATIVA: COMO ENSINAR. PORTO ALEGRE: ARTMED, 1998, (CAPÍTULO 2)

O conteúdo abaixo, será estudado conforme as ideias de Zabala, propostas no livro "A prática educativa: como ensinar"[5].

1. A prática educativa: unidades de análise

Buscar a competência em seu ofício é característica de qualquer bom profissional. Zabala elabora um modelo que seria capaz de trazer subsídios para a análise da prática profissional. Como opção, utiliza-se do modelo de interpretação, que se contrapõe àquele em que o professor é um aplicador de fórmulas herdadas da tradição, fundamentando-se no pensamento prático e na capacidade reflexiva do docente.

A finalidade da escola é promover a formação integral dos alunos, segundo Zabala, que critica as ênfases atribuídas ao aspecto cognitivo. Para ele, é na instituição escolar, através das relações construídas a partir de experiências vividas, que se estabelecem os vínculos e as condições que definem as concepções pessoais sobre si e os demais. A partir dessa posição ideológica acerca da finalidade da educação escolarizada, é conclamada a necessidade de uma reflexão profunda e permanente da condição de cidadania dos alunos, e da sociedade em que vivem.

Segundo, o autor, na nossa vida particular e profissional, vivemos questionando sobre o que e como fazemos, e os resultados daí decorrentes. Concluímos então que algumas coisas fazemos muito bem, outras mais ou menos e, por último, algumas que somos incapazes de realizar.

As variáveis que condicionam a prática educativa são difíceis de definir, dada a complexidade como se manifesta, pois nelas se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos, pedagógicos, etc.

5 Material consultado em: http://apeoespbebedouro.blogspot.com.br/2011/07/pratica-educativacomo-ensinar-antoni.html

2. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise

Sobre os conteúdos da aprendizagem, seus significados são ampliados para além da questão do que ensinar, encontrando sentido na indagação sobre por que ensinar. Deste modo, acabam por envolver os objetivos educacionais, definindo suas ações no âmbito concreto do ambiente de aula. Esses conteúdos assumem o papel de envolver todas as dimensões da pessoa, caracterizando as seguintes tipologias de aprendizagem: factual e conceitual (o que se deve aprender?); procedimental (o que se deve fazer?); e atitudinal (como se deve ser?).

Para o autor, o papel do objetivo educacional é a formação integral para a autonomia, equilíbrio pessoal, relações interpessoais, etc.

A primeira conclusão que o autor chega quanto ao conhecimento dos processos de aprendizagem é a atenção à diversidade.

Para o autor a diversidade deve fazer parte do trabalho do professor, pois alunos e alunas são diferentes em muitos aspectos (físico, emocional, cognitivo, etc.)

3. Construtivismo: concepção sobre como se produzem os processos de aprendizagem

O ensino tradicional está relacionado às diferentes disciplinas. Por conteúdos factuais se entende o conhecimento de fatos, acontecimentos, situações, dados e fenômenos concretos e singulares: a idade de uma pessoa, a conquista de um território. São conteúdoss em que as respostas são inequívocas.

Um conteúdo procedimental é um conjunto de ações ordenadas e com um fim, para a realização de um objetivo. São conteúdos procedimentais: ler, desenhar, observar, calcular, classificar, traduzir, recortar, saltar, inferir, espetar, etc.

Os conteúdos atitudinais englobam conteúdos agrupados em valores, atitudes e normas cada um destes com natureza diferenciada.

4. As sequências didáticas e as sequências de conteúdo

Certos questionamentos pareceram-nos relevantes: na sequência há atividades que nos permitam determinar os conhecimentos prévios? Atividades cujos conteúdos sejam propostos de forma significativa e funcional? Atividades em que possamos inferir sua adequação ao nível de desenvolvimento de cada aluno? Atividades que representam um desafio alcançável? Provoquem um conflito cognitivo e promovam a atividade mental? Sejam motivadoras em relação à aprendizagem de novos conteúdos? Estimulem a autoestima e o autoconceito? Ajudem o aluno a adquirir habilidades relacionadas com o aprender, sendo cada vez mais autônomo em suas aprendizagens?

A partir de nossas propostas de trabalho, aparecem para os alunos, diferentes oportunidades de aprender diversas coisas; para os educadores, uma diversidade de meios para captar os processos de construção que eles edificam, neles incidir e avaliar; nem tudo se aprende do mesmo modo, no mesmo tempo, nem com o mesmo trabalho; por que nosso desejo de que sejam tolerantes e respeitosos se vê frustrado justamente naquelas ocasiões em que é mais necessário exercer a tolerância e respeito?; refletir sobre o que aprender o que propomos pode nos conduzir a estabelecer propostas suscetíveis de ajudar mais os alunos e ajudar a nós mesmos.

5. As relações interativas em sala de aula: O papel dos professores e dos alunos

O autor expõe o valor das relações que se estabelecem entre os professores, os alunos e os conteúdos no processo ensino e aprendizagem. Comenta que essas se sobrepõem às sequências didáticas, visto que o professor e os alunos possuem certo grau de participação nesse processo, diferente do ensino tradicional, caracterizado pela transmissão/recepção e reprodução de conhecimentos. Examina, dentro da concepção construtivista, a natureza dos diferentes conteúdos, o papel dos professores e dos alunos, bem como a relação entre eles no processo, colocando que o professor necessita diversificar as estratégias, propor desafios, comparar, dirigir e estar atento à diversidade dos alunos, o que significa estabelecer uma interação direta com eles.

Das relações interativas para facilitar a aprendizagem se deduz uma série de funções dos professores, que podemos caracterizá-las da seguinte maneira:

- planejamento E plasticidade na aplicação: A complexidade dos processos educativos faz com que não se possa prever o que acontecerá na aula. Este inconveniente é o que aconselha que os professores contem com o maior número de meios e estratégias para poder atender às diferentes demandas que aparecerão no processo ensino/aprendizagem;
- Levar em conta as contribuições dos alunos tanto no início das atividades como durante o transcurso das mesmas;
- Ajudá-los a encontrar sentido no que fazem;
- Estabelecer metas alcançáveis;
- Oferecer ajuda contingente (a elaboração do conhecimento exige ajuda especializada, estímulo e afeto por parte dos professores e dos demais colegas);
- Promover canais de comunicação;

6. A organização social da classe

Antoni Zabala procurou analisar as diferentes formas de organização social dos alunos vivenciadas na escola e sua relação com o processo de aprendizagem. Percebeu que todo tipo de organização grupal dos alunos, assim como todas as atividades a serem programadas/desenvolvidas pela escola e a própria forma de gestão que esta emprega, devem levar em consideração os tipos de aprendizagens que estão proporcionando a seus alunos e os objetivos expressos pela própria escola. Desse modo, alertou

para o fato de que inconscientemente a instituição escolar, ao não refletir sobre esses aspectos, pode acabar por desenvolver uma aprendizagem inversa àquilo que apregoa.

A escola como grande grupo:

- Atividades gerais da escola (durante o ano, a maioria das escolas organiza uma série de atividades que em geral são de caráter social, cultural, lúdico ou esportivo);

- Tipos de gestão da escola: pragmática (efetuada com critérios relativos às necessidades de dinamização, organização e desenvolvimento das diferentes tarefas de uma instituição com funções complexas); colegiada (define determinadas relações interpessoais, uma maneira de conceber as relações de trabalho que podem ser de ajuda, de colaboração ou de confiança, ou exatamente o contrário).

7. A organização dos conteúdos

Ele defende a organização dos conteúdos pelo método de ensino global, pois os conteúdos de aprendizagem só podem ser considerados relevantes na medida em que desenvolvam nos alunos a capacidade para compreender uma realidade que se manifesta globalmente. No tocante aos métodos globalizadores, o autor descreve as possibilidades dos centros de interesse de Decroly, os métodos de projetos de Kilpatrick, o estudo do meio, e os projetos de trabalhos globais.

Podemos estabelecer três graus de relações disciplinares:

- A multidisciplinaridade = é a organização de conteúdo mais tradicional

- A interdisciplinaridade = é a interação entre duas ou mais disciplinas

- Elaboração do dossiê ou síntese= nesta fase se concretiza o produto do projeto que conduziu e justificou todo o trabalho

- Avaliação=avalia-se todo o processo em dois níveis: um de caráter interno onde cada aluno recapitula o que aprendeu, e outro, de caráter externo, com a ajuda do professor, os alunos tem que se aprofundar no processo de descontextualização.

8. Os materiais curriculares e outros recursos didáticos

Materiais curriculares são os instrumentos que proporcionam referências e critérios para tomar decisões: no planejamento, na intervenção direta no processo de ensino/aprendizagem e em sua avaliação. São meios que ajudam os professores a responder aos problemas concretos que as diferentes fases dos processos de planejamento, execução e avaliação lhes apresentam.

As críticas referentes aos conteúdos dos livros didáticos giram em torno das seguintes considerações:

- A maioria dos livros trata os conteúdos de forma unidirecional e se alimentam de estereótipos culturais;

- É fácil encontrar os livros com dose consideráveis de elitismo, sexismo, centralismo, classicismos, etc.;

- Apesar da grande quantidade de informação não podem oferecer toda a informação necessária para garantir a comparação;

9. Os centros de interesse de Decroly: Sequência de ensino/aprendizagem nas seguintes fases:

- Observação-Conjunto de atividades que tem por finalidade pôr os alunos em contato direto com as coisas, os seres, os fatos e os acontecimentos.

- Associação – através de exercícios os alunos relacionam o que observaram com outras ideias ou realidades e expressão.

- Expressão- pode ser concreta, quando utiliza os trabalhos manuais, ou abstrata, quando traduz o pensamento com a ajuda de simples convencionais.

- Justificativa: - a criança é o ponto de partida do método; o respeito à personalidade do aluno; a eficácia da aprendizagem é o interesse; a vida como educadora. A eficácia do meio é decisiva; os meninos (as) são seres sociais; a atividade mental está presidida pela função globalizadora e é influenciada pelas tendências preponderantes do sujeito.

O método de projetos de Kilpatrick: Sequência de ensino/aprendizagem compreende quatro fases:

-Intenção (os alunos escolhem o objeto ou a montagem que querem realizar e a maneira de se organizar);

-Preparação (consiste em fazer o projeto do objeto ou montagem);

- Execução (os meios e os processos a serem seguidos);

- Avaliação (momento de comprovar a eficiência e a validade do produto realizado);

Os projetos de trabalhos globais (nasce de uma evolução dos Project Works de língua e é uma resposta à necessidade de organizar os conteúdos na perspectiva da globalização)

10. A avaliação

Realiza-se uma severa crítica à forma como habitualmente é compreendida a avaliação. A pergunta inicial "por que temos que avaliar", necessária para que se entenda qual deve ser o objeto e o sujeito da avaliação, demora um pouco a ser respondida. A proposta elimina a ideia da avaliação apenas do aluno como sujeito que aprende e propõe também uma avaliação de como o professor ensina. Elabora a ideia de que devemos realizar uma avaliação que seja inicial, reguladora capaz de acompanhar o progresso do ensino, final e integradora. Esta divisão é empregada como necessária para se continuar fazendo o que se faz, ou o que se deve fazer de novo, o que é mais uma justificativa para a avaliação, o por quê avaliar.

Avaliação inicial, planejamento, adequação do plano (avaliação reguladora), avaliação final, avaliação integradora.

A partir de uma opção que contempla como finalidade fundamental do ensino a formação integral da pessoa, e conforme uma concepção construtivista, a avaliação sempre tem que ser formativa, de maneira que o processo avaliador, independentemente de seu objetivo de estudo, tem que observar as diferentes fases de uma intervenção que

deverá ser estratégica. Quer dizer, que permita conhecer qual é a situação de partida, em função de determinados objetivos gerais bem definidos (avaliação inicial); um planejamento da intervenção; uma atuação e, ao mesmo tempo, flexível , entendido como uma hipótese de intervenção; uma atuação na aula, em que as atividades , as tarefas e os próprios conteúdos de trabalho se adequarão constantemente (avaliação reguladora) às necessidade que vão se apresentando para chegar sobre o processo seguido, que permita estabelecer novas propostas de intervenção (avaliação integradora).

Nós, professores (as), temos que dispor de todos os dados que nos permitam reconhecer em todo momento que atividades cada aluno necessita para sua formação;

O aluno necessita de incentivos e estímulos. Sem incentivos, sem estímulo e sem entusiasmo dificilmente poderá enfrentar o trabalho que lhe é proposto;

A escola, as equipes docentes têm que dispor de todos os dados necessários para a continuidade e a coerência no percurso do aluno;

A administração educacional é gerida por educadores, portanto, seria lógico que a informação fosse o mais profissional possível, com critérios que permitissem a interpretação do caminho seguido pelos alunos, conforme modelos tão complexos como é complexa a tarefa educativa;

Por último, devemos ter presente que na sala de aula e na escola, avaliamos muito mais do que se pensa, inclusive mais do que temos consciência.

Referência:

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Editora: Artmed. 1998.

Questões

01. (COSEAC/2016) Segundo Zabala (1998), a corrente construtivista considera o ensino como "um processo de construção compartilhada de significados, orientados para a autonomia dos alunos." Para que esse processo ocorra de modo eficaz, o professor deve buscar metodologias que:

a) utilizem o apoio lúdico, a formação de equipes fixas de alunos, as aulas de recuperação e a ênfase na memorização de conteúdos

b) promovam a atividade mental autoestruturante, que possibilite estabelecer relações, generalizações, descontextualização e atuação autônoma

c) proponham ensino uniformizador, exercitação massiva, ambiente pedagógico imutável e papéis idênticos para alunos e professores

d) enfatizem atividades voltadas para a tecnologia, o domínio da norma culta na aquisição da língua escrita e a organização da turma em grande grupo

02. **(COSEAC/2016)**Zabala (1998) defende a concepção construtivista como aquela que permite compreender a complexidade dos processos de ensino-aprendizagem. São preceitos da concepção construtivista, EXCETO:

a) O ensino tem que ajudar a estabelecer tantos vínculos essenciais e não arbitrários entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios quanto permita a situação.

b) O papel ativo e protagonista do aluno não se contrapõe à necessidade de um papel também ativo do educador.

c) A natureza da intervenção pedagógica estabelece os parâmetros em que pode se mover a atividade mental do aluno, passando por momentos sucessivos de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio.

d) No processo de aprendizagem, intervêm, junto à capacidade cognitiva, fatores vinculados às capacidades de equilíbrio pessoal, de relação interpessoal e de inserção social.

e) A sequência de ensino-aprendizagem deve ser a aula magistral, que corresponde aos objetivos de caráter cognitivo, aos conteúdos conceituais e à concepção da aprendizagem como um processo acumulativo através de propostas didáticas transmissoras e uniformizadoras.

03. (COSEAC/2016) Segundo Zabala, para aprender é indispensável que haja um clima e um ambiente adequados, já que a aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço. Para tal, é necessário criar um ambiente seguro e ordenado que ofereça aos alunos:

a) desafios cognitivos que estejam além das capacidades e competências dos alunos.

b) exclusividade para trabalhos individuais voltados ao desenvolvimento da competitividade.

c) oportunidade de participação, em situações com multiplicidade de interações que promovam a cooperação e a coesão do grupo.

d) situações de rígida disciplina e controle, sendo a fala privilégio do professor.

e) situações que impeçam as modificações nos esquemas de conhecimento.

Respostas

01. Resposta: B

O professor deve trabalhar no sentido de desenvolver a atividade mental autoestruturante do aluno a qual possibilita estabelecer relações, generalizações, descontextualização e a atuação autônoma, supõe que o aluno entende o que faz e por que o faz e tem consciência, em qualquer nível, do processo que está seguindo. Mas alerta, que para o estudante atingir este nível o professor deve dar significado ao ensino, ajudando-o a compreender este significado, motivando-o, na medida em o faz sentir que sua contribuição será necessária para aprender.

02. Reposta: E

A concepção construtivista apresenta uma proposta de compreensividade e de formação integral, impulsionando a observar todas as capacidades e os diferentes tipos de conteúdo.

03. Resposta: C

A resposta correta compreende oportunidade de participação, em situações com multiplicidade de interações que promovam a cooperação e a coesão do grupo.

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS
Professor de Educação Básica II - Artes

1. Ensino da arte no Brasil: história; 01
2. Ensino da arte: Abordagem Triangular no Ensino da Arte; 11
3. Arte como sistema simbólico não verbal: leitura e interpretação; 13
4. Linguagens contemporâneas da arte; 14
5. Artes Cênicas: história; 24
6. Artes Cênicas: ensino; 24
7. Artes Cênicas: relações entre arte e jogo; 24
8. Artes Visuais: história; 28
9. Artes Visuais: ensino; 28
10. Artes Visuais: elementos da linguagem visual; 28
11. Música: história; 36
12. Música: ensino; 36
13. Música: elementos da linguagem musical; 36
14. Dança: história; 44
15. Dança: ensino; 44
16. Dança: corpo na dança; 44
17. Dança: Teoria de Laban; 50
18. Arte e manifestações culturais; 51
19. Arte e comunicação na contemporaneidade. 52

Bibliografia

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. Anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 9a edição, 2014. 54
John Dewey e o ensino da arte no Brasil. 8a edição. São Paulo: Cortez, 2015. 59
BENNET, Roy, Uma Breve História da Música, Rio de Janeiro, Zahar, 1989 66
BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2000. 68
BOUCIER, Paul. História da dança no ocidente. (2a edição) São Paulo: Martins Fontes, 2001. 71
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília: MEC /SEF, 1998. 73
CAZNOK, Yara Borges. Música: Entre o Audível e o Visível. (3a edição) São Paulo: Editora UNESP, 2015. 73
COLL, César e TEBEROSKY, Ana. Aprendendo arte, conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental. Ed. Ática, São Paulo, 2004. 74
FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do ensino de arte. (Coleção magistério 2a grau. Série formação do professor). 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999. 75
FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar. (Coleção Magistério 2° grau. Série formação geral). 2. Ed. Revista - São Paulo: Cortez, 2001. 79
Fonterrada, Marisa Trench de Oliveira. De tramas e fios: um ensaio de música e educação. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008. 80
IAVELBERG, R. - Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2017. 83
JEANDOT, Nicole. Explorando o universo da música. 2a ED. São Paulo: Scipione, 1993. 94
HERNÁNDEZ, F. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 2000. 95
KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos Teatrais. São Paulo: Perspectiva, 2001. 97
LABAN, R. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978. 102
MAGALDI, Sábato. Iniciação ao teatro. São Paulo. Ed. Ática, 1985. 103
MARQUES, Isabel. Linguagem da Dança: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010 104
PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Editora Ática, 1994. 105
REVERBEL, Olga. Jogos teatrais na escola. São Paulo: Scipione, 1996. 108
SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: arte. In: . Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias. 2. ed. São Paulo: SE, 2012. p. 27- 29, 187-222. 109

1. ENSINO DA ARTE NO BRASIL: HISTÓRIA;

Histórico do ensino de Arte no Brasil e perspectivas

Ao recuperar, mesmo que brevemente, a história do ensino de Arte no Brasil, pode-se observar a integração de diferentes orientações referentes às suas finalidades, à formação e atuação dos professores, mas, principalmente, aquelas devidas às políticas educacionais e aos enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos. A preocupação em identificar o espaço da área no currículo escolar e as tendências pedagógicas e estéticas predominantes nas práticas artísticas têm por fim conhecer melhor cada situação pela qual passou o ensino de Arte e como esse conjunto de fatores pode ter influenciado o momento atual.

Embora este documento analise apenas as abordagens sobre o ensino e aprendizagem de Arte ocorridas no século XX, é necessário lembrar que, desde meados do século XIX, já se encontram referências a matérias de caráter artístico introduzidas na educação escolar pública brasileira (por exemplo, em 1854, foi constituído, por decreto federal, o ensino de Música, abrangendo noções de música e exercícios de canto).

Ao ser introduzido na educação escolar brasileira, o ensino de Arte incorpora-se aos processos pedagógicos e de política educacional que vão caracterizar e delimitar sua participação na estrutura curricular. Nas primeiras décadas do século XX, o ensino de Arte é identificado pela visão humanista e cientificista que demarcou as tendências pedagógicas da escola tradicional e nova. Embora ambas se contraponham em proposições, métodos e entendimento dos papéis do professor e do aluno, as influências que exerceram nas ações escolares de Arte foram tão marcantes que ainda hoje permanecem mescladas na prática de professores de Arte.

Na primeira metade do século XX, as disciplinas Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento na transmissão de padrões e modelos das classes sociais dominantes. Na escola tradicional, valorizavam-se principalmente as habilidades manuais, os "dons artísticos", os hábitos de organização e precisão, mostrando ao mesmo tempo uma visão utilitarista e imediatista da arte. Os professores trabalhavam com exercícios e modelos convencionais selecionados por eles em manuais e livros didáticos. O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor. Competia a ele "transmitir" aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos de ordem imitativa, que variavam de linguagem para linguagem, mas que tinham em comum, sempre, a reprodução de modelos.

A disciplina Desenho, apresentada sob a forma de Desenho Geométrico, Desenho do Natural e Desenho Pedagógico, evidenciava-se pela busca e predominância de reprodução naturalista e figurativa das formas, preocupação com a utilização normativa de instrumentos e a reprodução de clichês; ou seja, era considerada mais por sua função do que uma experiência artística.

As atividades de teatro e dança não estavam incluídas no currículo escolar como práticas obrigatórias, e somente eram reconhecidas quando faziam parte das festividades escolares na celebração de datas como Natal, Páscoa ou Independência, ou nas festas de final de período escolar. O teatro era tratado com uma única finalidade: a da apresentação. Os alunos decoravam os textos e os movimentos cênicos eram marcados com rigor. Apesar da rigidez gestual e vocal dessa atividade, a relação com a plateia era de alguma forma contemplada, tanto que se privilegiava a aprendizagem da dicção. A dança também era regida por regras e organizada sobre coreografias fixas, reportando-se, algumas vezes, às festividades regionais

Em música, a partir dos anos 30 dominou o Canto Orfeônico, que teve à frente o compositor Villa-Lobos. Embora não tenha sido o primeiro programa de educação musical brasileiro sério, nem o único, pois coexistiu em um emaranhado de tendências diversas, notadamente a escolanovista (tratada a seguir), esse projeto pretendia levar a linguagem musical de maneira sistemática a todo o país. Com a criação e supervisão da Superintendência de Educação Musical e Arte do Distrito Federal (Sema), o Canto Orfeônico, além das orientações musicais, procurou difundir ideias de coletividade e civismo, princípios condizentes com o momento político de então (Estado Novo). O Canto Orfeônico acabou transformando a aula de música em uma teoria musical baseada nos aspectos matemáticos e visuais do código musical, com a memorização de peças orfeônicas que, refletindo a época, eram de caráter folclórico, cívico e de exaltação.

Depois de cerca de 30 anos de atividades em todo o Brasil, o Canto Orfeônico foi substituído pela Educação Musical, criada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961, vigorando efetivamente a partir de meados da década de 60.

Entre os anos 20 e 70, muitas escolas brasileiras viveram também outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de Arte, fortemente sustentadas pela estética modernista e com base nas tendências pedagógicas e psicológicas que marcaram o período. Contribuíram para essas influências os estudos de psicologia cognitiva, psicanálise, gestalt, bem como os movimentos filosóficos que embasaram os princípios da Escola Nova. O ensino de arte volta-se para o desenvolvimento natural do aluno, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo. As práticas pedagógicas, diretivas, com ênfase na repetição de modelos e no professor, são revistas, deslocando-se a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação.

As aulas de Desenho e Artes Plásticas das Escolas Experimentais e Vocacionais (em São Paulo), além de outros centros brasileiros, assumem concepções de caráter mais expressivo, buscando a espontaneidade e valorizando o

crescimento ativo e progressivo do aluno. As atividades de Artes Plásticas mostram-se como espaço de invenção, autonomia e descobertas, baseando-se principalmente na autoexpressão dos alunos.

Os professores da época estudam as novas teorias sobre o ensino de Arte divulgadas no Brasil e no exterior, as quais favorecem o rompimento com uma estética direcionada unicamente à mímese, que demarca a escola tradicional. Com essas novas orientações, observam-se mudanças nas ações pedagógicas de arte de muitos professores, embora ainda hoje essas tendências façam parte das escolas brasileiras.

No caso da música, é bem significativa a mudança que ocorre com a introdução da Educação Musical: incorporaram-se nas escolas os novos métodos que estavam sendo disseminados na Europa, como também as contribuições de pedagogos musicais brasileiros. Contrapondo-se ao Canto Orfeônico, passa a existir outro enfoque no ensino de música: ela pode ser sentida, tocada, dançada, além de cantada. Embora essa pedagogia musical fosse aplicada apenas por alguns professores que tiveram oportunidade de estudá-la no Brasil e no exterior, outros, tal como hoje, também sentiram necessidade de procurar cursos de capacitação profissional e livros com novos métodos e concepções filosóficas de educação em arte. Por meio das novas orientações e utilizando jogos, instrumentos de percussão, rodas e brincadeiras, buscava-se um desenvolvimento da percepção auditiva, rítmica, a expressão corporal e a socialização das crianças e jovens, estimulados a experimentar, improvisar e criar.

No período que vai dos anos 20 aos dias de hoje — faixa de tempo concomitante àquela em que se assistiu a várias tentativas de trabalhar a arte fora das escolas, tais como os Conservatórios Musicais e Dramáticos, as Escolas de Música, as Escolinhas de Arte —, vive-se o crescimento de movimentos culturais, anunciando a modernidade e vanguardas. Foi marcante para a caracterização de um pensamento modernista a "Semana de Arte Moderna de São Paulo", em 1922, na qual estiveram envolvidos artistas de várias modalidades: artes plásticas, música, poesia, dança etc. As novas concepções sobre a modernidade e o papel das artes no Brasil foram difundidas em depoimentos, revistas e movimentos, como a Revista Klaxon (SP, 1922), as revistas de música Ariel (SP, 1923) e Brasil Musical (RJ, 1923) e a Revista Nova (PA, 1923-29).

Em artes plásticas, acompanhou-se uma abertura crescente para as novas expressões e vanguardas e o surgimento dos museus de arte moderna e contemporânea em todo o país. A modernidade no teatro brasileiro se consolida com os movimentos dos teatros Arena e Oficina, que demonstraram tanto seu impulso criador quanto atuação social. Em continuidade, nos anos 60, é criado o Movimento Popular de Cultura, que atua tanto no Nordeste como no Sul do país junto aos sindicatos, centros estudantis e grupos populares, estando ligado às teorias e perspectivas pedagógicas então em desenvolvimento. Em música, o Brasil viveu progresso excepcional, tanto na criação musical erudita como na popular. A corrente musical erudita nacionalista que se fortaleceu com a Semana de 22 vai rivalizar-se com outra, a de vanguarda, após a década de 30, quando estão mais evidentes as inovações pelas quais passava a música européia, como a dodecafônica, entre outras. Na área popular, traça-se a linha que vem de Pixinguinha e Noel Rosa e chega, hoje, ao movimentado intercâmbio internacional de músicos, ritmos, sonoridades, técnicas, composições etc., passando por momentos de grande penetração da música nacional na cultura mundial.

Em fins dos anos 60 e na década de 70 nota-se a tentativa de aproximação entre as manifestações artísticas ocorridas fora do espaço escolar e a que se ensina dentro dele: é a época dos festivais da canção e das novas experiências teatrais, quando as escolas promovem festivais de música e teatro com grande mobilização dos estudantes.

Esses momentos de aproximação — que já se anunciaram quando algumas ideias e a estética modernista influenciaram o ensino de Arte — são importantes, pois sugerem um caminho integrado à realidade artística brasileira, que é original e rica.

O ENSINO DE ARTE NO CURRÍCULO ESCOLAR: LEGISLAÇÃO E PRÁTICA

A arte na escola já foi considerada matéria, disciplina, atividade, mas sempre mantida à margem das áreas curriculares tidas como mais "nobres". Esse lugar menos privilegiado corresponde ao desconhecimento, em termos pedagógicos, de como se trabalhar o poder da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento. Até aproximadamente fins da década de 60 existiam pouquíssimos cursos de formação de professores nesse campo, e professores de quaisquer matérias, artistas e pessoas vindas de cursos de belas artes, escolas de artes dramáticas, de conservatórios etc. poderiam assumir as disciplinas de Desenho, Desenho Geométrico, Artes Plásticas, Música e Arte Dramática.

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada "atividade educativa" e não disciplina, tratando de maneira indefinida o conhecimento.

A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente pelo aspecto de sustentação legal para essa prática e por considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas).

De maneira geral, entre os anos 70 e 80 os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém-formados em Educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino fundamental) em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor

polivalente em arte. Com isso, inúmeros professores tentaram assimilar e integrar as várias modalidades artísticas, na ilusão de que as dominariam em seu conjunto. Essa tendência implicou a diminuição qualitativa dos saberes referentes às especificidades de cada uma das formas de arte e, no lugar destas, desenvolveu-se a crença de que o ensino das linguagens artísticas poderia ser reduzido a propostas de atividades variadas que combinassem Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança, sem aprofundamento dos saberes referentes a cada uma delas.

Com a polivalência as linguagens artísticas deixaram de atender às suas especificidades, constituindo-se em fragmentos de programas curriculares ou compondo uma outra área. É de notar o que vem ocorrendo com a Dança. Embora em muitos países ela já faça parte do currículo escolar obrigatório há pelo menos dez anos, no Brasil, a sua presença oficial (curricular) nas escolas, na maioria dos Estados, apresenta-se como parte dos conteúdos de Educação Física (prioritariamente) e/ou de Educação Artística (quase sempre sob o título de Artes Cênicas, juntamente com Teatro). No entanto, a Dança é ainda predominantemente conteúdo extracurricular, estabelecendo-se de formas diversas: grupos de dança, festivais, campeonatos, centros comunitários de arte.

A implantação da Educação Artística abriu um novo espaço para a arte, mas ao mesmo tempo percebeu-se que o sistema educacional vinha enfrentando dificuldades de base na relação entre teoria e prática em arte e no ensino e aprendizagem desse conhecimento.

Nos primeiros anos de implantação, os professores de Educação Artística foram capacitados em cursos de curta duração e tinham como única alternativa seguir documentos oficiais (guias curriculares) que apresentavam listagens de atividades e livros didáticos em geral, que não explicitavam fundamentos, orientações teórico-metodológicas, ou mesmo bibliografias específicas. As faculdades que formavam para Educação Artística, criadas na época especialmente para cobrir o mercado aberto pela lei, não estavam instrumentadas para a formação mais sólida do professor, oferecendo cursos eminentemente técnicos, sem bases conceituais. Nessa situação, os professores tentavam equacionar um elenco de objetivos inatingíveis, com atividades múltiplas, envolvendo exercícios musicais, plásticos, corporais, sem conhecê-los bem e que eram justificados e divididos apenas pelas faixas etárias.

Pode-se dizer que nos anos 70, do ponto de vista da arte, em seu ensino e aprendizagem foram mantidas as decisões curriculares oriundas do ideário do início a meados do século XX, com ênfase em aspectos parciais da aprendizagem, privilegiando-se, respectivamente, a aprendizagem reprodutiva de modelos e técnicas, o plano expressivo e processual dos alunos e a execução de tarefas pré-fixadas e distribuídas em planejamentos desvinculados da realidade da escola e do aluno. Os professores passam a atuar em todas as linguagens artísticas, independentemente de sua formação e habilitação. Conhecer mais profundamente cada uma das modalidades artísticas, as articulações entre elas e artistas, objetos artísticos e suas histórias não fazia parte de decisões curriculares que regiam a prática educativa em arte nessa época.

A partir dos anos 80 constitui-se o movimento de organização de professores de arte, inicialmente com a finalidade de conscientizar e integrar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de educadores, tanto da educação formal como não-formal. Esse movimento denominado arte-educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre o compromisso, a valorização e o aprimoramento do professor, e se multiplicassem no país as novas ideias, tais como mudanças de concepções de atuação com arte, que foram difundidas por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte educadores, entidades públicas e particulares.

Acompanhado o processo de democratização vivido no país, na década de 80 aumentam as participações dos professores em associações e reflexões sobre a área, aliados aos programas de pesquisas de cursos de pós-graduação, o que faz surgir novas concepções e metodologias para o ensino e a aprendizagem de arte nas escolas.

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996. Convictos da importância de acesso escolar dos alunos de ensino básico também à área de Arte, houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida lei que retirava a obrigatoriedade da área.

Com a Lei no 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e a arte é considerada obrigatória na educação básica: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (artigo 26, parágrafo 2o).

É com esse cenário que se chega ao final dos anos 90, mobilizando diferentes tendências curriculares em arte. Nas décadas de 80 e 90, desenvolveram-se muitas pesquisas, entre as quais se ressaltaram as que investigam o modo de aprender dos artistas, das crianças e dos jovens. Tais trabalhos trouxeram dados importantes para as propostas pedagógicas, que consideram tanto os conteúdos a serem ensinados quanto os processos de aprendizagem dos alunos. As escolas brasileiras têm integrado às suas práticas as tendências ocorridas ao longo da história do ensino de arte em outras partes do mundo. Entre as várias propostas disseminadas no Brasil, na transição para o século XXI, destacam-se aquelas que se têm afirmado pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, estão interferindo na melhoria da aprendizagem e do ensino de arte. Trata-se das tendências que estabelecem as relações entre a educação estética e a educação artística dos alunos. É uma educação estética que não propõe apenas o código hegemônico, mas também a apreciação de cânones de valores de múltiplas culturas, do meio ambiente imediato e do cotidiano. Encontra-se ainda difundida no país a abordagem para o ensino da arte que postula a necessidade da apreciação da obra de arte, da história e do fazer artístico associados.

É característica desse novo marco curricular a reivindicação de se designar a área por Arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados à cultura artística, e não apenas como atividade.

Teoria e prática em Arte nas escolas brasileiras

No ensino de Arte no Brasil observa-se um enorme descompasso entre as práticas e a produção teórica na área, incluindo a apropriação desse conhecimento por uma parcela significativa dos professores. Tal descompasso é fruto de dificuldades de acesso a essa produção, tanto pela pequena quantidade de livros editados e divulgados sobre o assunto como pela carência de cursos de formação contínua na área. Nota-se ainda a manutenção de clichês ou práticas ultrapassadas em relação aos conhecimentos já desenvolvidos na área. De todas as linguagens artísticas, a de Dança é a que mais se recente dessa ausência de publicações ligadas à área de Arte. Aquilo que se tem geralmente expressa uma visão bastante espontaneísta e/ou tecnicista da dança, não se discutindo com a profundidade requerida, por exemplo, as relações entre dança, corpo, sociedade e cultura brasileiras e o processo educacional.

As práticas de ensino de Arte apresentam níveis de qualidade tão diversificados no Brasil que em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, modelos estereotipados para serem repetidos ou apreciados, empobrecendo o universo cultural do aluno. Em outras, ainda se trabalha apenas com a autoexpressão, sem introduzir outros saberes de arte. A polivalência ainda se mantém em muitas regiões. Por outro lado, já existem professores preocupados em também ensinar história da arte e levar alunos a museus, teatros e apresentações musicais ou de dança.

Essa pluralidade de ações ainda representa experiências isoladas dos professores, que têm pouca oportunidade de troca, a não ser em eventos, congressos, quando têm possibilidades de encontros.

Outro problema grave enfrentado pela área de Arte é sem dúvida o reduzido número de cursos de formação de professores em nível superior. Com relação aos cursos de licenciatura em Dança, então, há pouquíssimos e que certamente não atendem às demandas do ensino público fundamental. Na prática, tanto professores de Educação Física, licenciados em Pedagogia ou Escola Normal, assim como os licenciados nas outras linguagens de arte, vêm trabalhando com Dança nas escolas.

O importante neste estágio atual da educação brasileira é que os professores que se dispuserem a ensinar arte tenham um mínimo de experiências prático-teóricas interpretando, criando e apreciando arte, assim como exercitem a reflexão pedagógica específica para o ensino das linguagens artísticas. E para isso é necessário haver cursos de especialização, cursos de formação contínua, nos quais possam refletir e desenvolver trabalhos com a arte.

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não podem trabalhar. Só é possível fazê-lo a partir de um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica, material adequado para as práticas artísticas e material didático de qualidade para dar suporte às aulas.

A arte como conhecimento

A manifestação artística tem em comum com outras áreas de conhecimento um caráter de busca de sentido, criação, inovação. Essencialmente, por seu ato criador, em qualquer das formas de conhecimento humano, ou em suas conexões, o homem estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, em um constante processo de transformação de si e da realidade circundante.

O ser humano tem procurado distinguir e verificar os fenômenos da natureza, o ciclo das estações, os astros no céu, as diferentes plantas e animais, as relações sociais, políticas e econômicas, para compreender seu lugar no universo, buscando a significação da vida.

Tanto a ciência como a arte respondem a essa necessidade de busca de significações na construção de objetos de conhecimento que, juntamente com as relações sociais, políticas e econômicas, sistemas filosóficos, éticos e estéticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas das culturas. Ciência e arte são, assim, produtos que expressam as experiências e representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana. A própria idéia da ciência e da arte como disciplinas autônomas é produto recente da cultura ocidental. Na verdade, nas sociedades primitivas as formas artísticas não existem como atividades autônomas dissociadas da vida e impregnam as atividades da comunidade. Da mesma maneira como alguns rituais são celebrados pelo coletivo — cantos de trabalho, oferendas aos deuses por uma boa colheita ou um ano livre de intempéries — outros são da exclusiva alçada de curandeiros, sacerdotes ou chefes de tribos. No entanto, a ciência do curandeiro não está isolada dos rituais que se expressam no canto, na dança e nas invocações (preces), que poderiam ser considerados os ancestrais das nossas formas artísticas. Não há separação entre vida, arte e ciência, tudo é vida e manifestação de vida.

Entretanto, após o Renascimento, arte e ciência foram consideradas no Ocidente como áreas de conhecimento totalmente diferentes, gerando concepções que admitiam que a ciência era produto do pensamento racional e a arte da sensibilidade. Essa visão dicotomizada entre arte e ciência contradiz o pensamento de hoje, quando se entende que razão e sensibilidade compõem igualmente as duas áreas de conhecimento humano. O próprio conceito de verdade científica cria mobilidade, torna-se verdade provisória, o que muito aproxima estruturalmente os produtos da ciência e da arte.

Os dinamismos do homem que apreende a realidade de forma poética e os do homem que a pensa cientificamente são vias peculiares de acesso ao conhecimento. Há uma tendência cada vez mais acentuada, nas investigações contemporâneas, para dimensionar a complementaridade entre arte e ciência, precisando a distinção entre elas e, ao mesmo tempo, integrando-as em uma nova compreensão do ser humano. O fenômeno da criatividade e o próprio processo criador são objetos de estudos de cientistas, filósofos, artistas, antropólogos, educadores, psicólogos.

O processo criador pode ocorrer na arte e na ciência como algo que se revela à consciência do criador, vindo à tona independente de previsão, mas sendo posterior a um imprescindível período de muito trabalho sobre o assunto.

Assim, é papel da escola estabelecer os vínculos entre os conhecimentos escolares sobre a arte e os modos de produção e aplicação desses conhecimentos na sociedade. Por isso um ensino e aprendizagem de arte que se processe criadoramente poderá contribuir para que conhecer seja também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar muito, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. Porque o aluno desfruta na sua própria vida as aprendizagens que realiza.

Com o objetivo de relacionar a arte com a formação dos alunos do ensino fundamental, serão apresentadas a seguir algumas características do fenômeno artístico.

O CONHECIMENTO ARTÍSTICO COMO PRODUÇÃO E FRUIÇÃO

A obra de arte e o artista

As formas artísticas apresentam uma síntese subjetiva de significações construídas em imagens poéticas (visuais, sonoras, corporais, ou de conjuntos de palavras, como no texto literário ou teatral). Não se trata de um discurso linear sobre objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos. Antes, a forma artística é uma combinação de imagens que são objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos, ordenados pela objetividade da matéria articulada à lógica do imaginário. O artista seleciona, escolhe, reordena, recria, reedita os signos, transformando e criando novas realidades. Ele pode fazer uma árvore azul, o céu verde, aludir com sons à idéia de uma catedral. A arte não representa ou apenas reflete a realidade, mas é também realidade percebida, imaginada, idealizada, abstraída.

O artista desafia as coisas como são para revelar como poderiam ser, segundo um certo modo de significar o mundo.

• Arte, linguagem e comunicação

A produção do artista propicia um tipo de comunicação em que inúmeras significações se condensam na combinação de determinados elementos e conceitos, específicos de cada modalidade artística.

Existem, ainda, maneiras particulares de tratamentos dentro de cada linguagem. Em um texto jornalístico, por exemplo, a matéria pode informar sobre uma peça teatral de fim de ano ocorrida na escola X, feita por um grupo de alunos, descrevendo e relatando o acontecimento. Seu objetivo é informar o leitor sobre o fato. No conto "Pirlimpsiquice", Guimarães Rosa também fala de um acontecimento semelhante de modo completamente diferente. É um texto poético que se inicia com a seguinte frase: "Aquilo em nosso teatrinho foi de Oh!". Nessa frase, o texto não dá apenas uma informação ao leitor, mas concretiza uma multiplicidade de significações relativas à experiência de um grupo de alunos que fizeram uma peça de final de ano em um colégio de padres. A expressão "foi de Oh!" é uma síntese poética que ganha sentido para o leitor dentro do conjunto do texto e contém tudo o que é relatado a seguir, ao mesmo tempo que lhe propicia conferir a este "Oh!" Suas próprias significações. Essa expressão pode significar o quê? Espanto, maravilha, embevecimento, susto, medo e muitas outras coisas para cada leitor. O que importa é que, em vez de descrever minuciosamente o que foi a experiência, Guimarães Rosa condensa várias experiências numa frase síntese que, como imagem poética, é um modo particular de utilização das possibilidades da linguagem, criando um tipo diferenciado de comunicação entre as pessoas.

Assim como cada frase ganha sentido no conjunto do texto, realizando o todo da forma literária, cada elemento visual, musical, dramático ou de movimento tem seu lugar e se relaciona com os demais em cada obra.

• A forma artística vai além das intenções do artista

Diante de uma obra de arte o espectador pode realizar interpretações que têm tanto a dimensão subjetiva como a objetiva. Isso ocorre durante um processo em que se relacionam as imagens da obra do artista e a experiência do apreciador.

"Guernica", de Picasso, traz a idéia do repúdio aos horrores de uma guerra específica. Uma pessoa que não conheça as intenções conscientes de Picasso pode ver "Guernica" e sentir ou não impactos marcados pela intenção do artista; pode sentir outros gerados pela relação entre as imagens da obra de Picasso e os dados de sua experiência pessoal, como o adolescente que, vendo essa imagem, a relaciona a uma explosão nuclear.

Em síntese, a obra de arte pode significar coisas diferentes, resultantes da experiência de apreciação de cada um. Além da objetividade da obra, revelada em forma de alegoria, de formulação crítica, de identificação ideológica, de elaboração poética ela ganha outros significados no contato com cada espectador.

• A percepção é condição para a compreensão estética e artística

Diante de uma obra de arte, intuição, raciocínio e imaginação atuam tanto no artista como no espectador. A experiência da percepção rege o processo de conhecimento da arte, ou seja, a compreensão estética e artística.

O processo de conhecimento advém, então, de significações que partem da percepção das qualidades de linhas, texturas, cores, sons, movimentos, temas, assuntos, apresentados e/ou construídos na relação entre obra e receptor.

Quando Guimarães Rosa escreveu: "Nuvens, fiapos de sorvete de coco", criou uma metáfora em que reuniu elementos de naturezas diversas que se juntaram numa frase poética pela ação criadora do artista. Nessa apreciação estética, importa a capacidade do leitor para deixar-se tocar sensivelmente por meio da percepção de qualidades de peso, luz, textura, densidade e cor contidas nas imagens de nuvens e fiapos de sorvete de coco. Ao mesmo tempo, a experiência que essa pessoa tem ou não de observar nuvens, de gostar ou não de sorvete de coco, de saber ou não o que é uma metáfora, faz ressoar as imagens do texto nas suas próprias imagens e permite criar significações particulares que o texto revela. As significações não estão, portanto, apenas na obra, mas nas interações de natureza perceptiva e imaginativa entre a obra e o receptor .

• A cultura e a personalidade do artista fazem parte da obra

Van Gogh disse: "Quero pintar em verde e vermelho as paixões humanas". A cultura e a personalidade do artista podem ser apreciadas na obra, pois configuram o próprio conteúdo da obra de arte: aquilo que é percebido, selecionado, destacado, organizado pelo artista transforma-se em uma construção observável cujo resultado é expresso na obra de arte. O motor que organiza esse conjunto é a sensibilidade, a intuição, a imaginação, os conhecimentos, a emoção, que desencadeiam o dinamismo criador do artista. A obra que provoca impacto no apreciador faz ressoar, dentro dele, o movimento que propicia novas combinações significativas entre as suas imagens internas em contato com as imagens da obra de arte.

Nos dois casos, tanto no artista como no apreciador, a obra de arte favorece o conhecimento de si e do mundo, por intermédio de uma síntese criadora.

• A imaginação criadora

"Já pensou se fosse possível?" A imaginação criadora transforma a existência humana com essa pergunta que dá sentido à aventura de conhecer.

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, ideias e sentimentos que se realizam como imagens internas, a partir da articulação da linguagem. Essa capacidade de formar imagens acompanha a evolução da humanidade e o desenvolvimento de cada criança e adolescente. Visualizar situações que não existem abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata.

A emoção é movimento, a imaginação dá forma e densidade à experiência de perceber, sentir e pensar, criando imagens internas que se combinam para representar essa experiência. A faculdade imaginativa está na raiz de qualquer processo de conhecimento, seja científico, artístico ou técnico. A flexibilidade é o atributo característico da atividade imaginativa, pois é o que permite exercitar inúmeras composições entre imagens, para investigar possibilidades e não apenas reproduzir relações conhecidas.

No caso do conhecimento artístico, o domínio do imaginário é o lugar privilegiado de sua atuação: é no terreno das imagens (forma, cor, som, gesto, palavra, movimento) que a arte realiza sua força comunicativa.

A imaginação e a imagem são elementos indispensáveis na apreensão dos conteúdos, possibilitando que a aprendizagem estética se realize nos meios de conhecer de cada aluno e na materialidade da linguagem artística.

O CONHECIMENTO ARTÍSTICO COMO ARTICULAÇÃO DE SENTIDOS

A arte é um conhecimento que permite a aproximação entre indivíduos, mesmo os de culturas distintas, pois favorece a percepção de semelhanças e diferenças entre as culturas, expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, em um plano diferenciado da informação discursiva. Ao observar uma dança indígena, um estudante morador da cidade estabelece um contato com o índio que pode revelar mais sobre o valor e a extensão de seu universo do que apenas uma explanação sobre os ritos nas comunidades indígenas. E viceversa.

Nessa perspectiva, a arte na escola tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico dos alunos como fato humanizador, cultural e histórico, no qual as características da arte podem ser percebidas nos pontos de interação entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexistente. Não se trata de copiar a realidade ou a obra de arte, mas sim de gerar e construir sentidos.

Cada obra de arte é, ao mesmo tempo, produto cultural de uma determinada época e criação singular da imaginação humana, cujo sentido é construído pelos indivíduos a partir de sua experiência.

Por isso, uma obra de arte não é mais avançada, mais evoluída, nem mais correta do que outra qualquer, mas tem a qualidade de concretizar uma síntese que suscita grande número de significados.

• A obra de arte e seu contexto

O conhecimento artístico como experiência estética direta com a obra de arte pode ser progressivamente enriquecido e transformado pela ação de outra modalidade de conhecimento, gerado quando se pesquisa e contextualiza o campo artístico como atividade humana. Tal conhecimento delimita o fenômeno artístico:

• como produto e agente de culturas e tempos históricos;

• como construção formal, material e técnica na qual podem ser identificados os elementos que compõem os trabalhos artísticos e os princípios que regem sua combinação;

• como construção poética.

Em síntese, considerando-se a arte como conhecimento, é função da escola introduzir os alunos na compreensão dessas questões, em cada nível de desenvolvimento, para que sua produção artística possa se enriquecer.

A aprendizagem da arte envolve distintos âmbitos de experiência para abarcar o conhecimento artístico:

• a experiência de fazer formas artísticas incluindo tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte;

• a experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa;

• a experiência de investigar sobre a arte como objeto de conhecimento, no qual importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos.

A aprendizagem artística envolve, portanto, um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, que geram diferentes significações, exercitando no aluno a possibilidade de perceber-se como agente de transformações. Além

disso, encarar a arte como produção de significações que se transformam no tempo e no espaço permite tornar-se contemporâneo de si mesmo.

No convívio com o universo da arte, os alunos podem enfim conhecer:

• o fazer artístico como experiência poética (a técnica e o fazer como articulação de significados e experimentação de materiais, suportes e instrumentações variados);

• o fazer artístico como desenvolvimento de potencialidades: percepção, intuição, reflexão, investigação, sensibilidade, imaginação, curiosidade e flexibilidade;

• o fazer artístico como experiência de comunicação humana e de interações no grupo, na comunidade, na localidade e nas culturas;

• a obra artística como forma sígnica (sua estrutura e organização);

• a obra de arte como produção cultural (documento do imaginário humano, sua historicidade e sua diversidade).

Arte e questões sociais da atualidade: os temas transversais

A área de Arte, dada a própria natureza de seu objeto de conhecimento, apresenta-se como um campo privilegiado para o tratamento dos temas transversais propostos nestes Parâmetros Curriculares Nacionais e outros.

As manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos e expressam a riqueza criadora dos artistas de todos os tempos e lugares. Em contato com essas produções, o estudante pode exercitar suas capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas e imaginativas, organizadas em torno da aprendizagem artística e estética. Ao mesmo tempo, seu corpo se movimenta, suas mãos e olhos adquirem habilidades, o ouvido e a palavra se aprimoram, quando desenvolve atividades em que relações interpessoais perpassam o convívio social o tempo todo. Muitos trabalhos de arte expressam questões humanas fundamentais: falam de problemas sociais e políticos, de relações humanas, de sonhos, medos, perguntas e inquietações de artistas, documentam fatos históricos, manifestações culturais particulares e assim por diante. Nesse sentido, podem contribuir para a contextualização dos Temas Transversais, propiciando uma aprendizagem alicerçada pelo testemunho vivo de seres humanos que transformaram tais questões em produtos de arte.

A área de Arte contribui, portanto, para ampliar o entendimento e a atuação dos alunos ante os problemas vitais que estão presentes na sociedade de nossos dias. Tais problemas referem-se às ações de todas as pessoas para garantir a efetivação de uma cidadania ativa e participante na complexa construção de uma sociedade democrática que envolve, entre outras, as práticas artísticas.

A arte na escola constitui uma possibilidade para os alunos exercitarem suas corresponsabilidades pelos destinos de uma vida cultural individual e coletiva mais digna, sem exclusão de pessoas por preconceitos de qualquer ordem.

Nos cursos de Música, Teatro, Dança, Artes Visuais ao mesmo tempo que os professores e alunos se posicionam diante de questões sociais e culturais de arte podem também fazê-lo sobre as várias histórias das crenças, preferências, modos de interpretação, de valoração vividos pelas pessoas. Nesse processo vão aprender que existem complexos movimentos de avanços e recuos, acertos e conflitos, continuidades e descontinuidades nas múltiplas histórias das culturas humanas, da arte e da estética.

Em conjunto com as outras áreas de conhecimento trabalhadas na escola, na área de Arte pode-se problematizar situações em que os alunos tenham oportunidade de perceber a multiplicidade de pensamentos, ações, atitudes, valores e princípios relacionados, à ética; meio ambiente; orientação sexual; saúde; trabalho, consumo e cidadania; comunicação e tecnologia informacional; pluralidade cultural, além de outros temas locais definidos na organização escolar. Para trabalhar os temas transversais na área de Arte, deve-se ainda levar em consideração as especificidades da área, procurando nos conteúdos aspectos que os integrem a ela. É preciso ressaltar, ainda, que a elaboração e apreensão de noções, princípios e valores pelos alunos sobre as práticas de arte e questões emergentes do processo sociocultural se faz na interação com os professores.

Abordar ética no ensino e aprendizagem de Arte é, sobretudo, tratar da relação entre ética e estética. O conhecimento estético dos alunos e professores desenvolve-se em um complexo processo de elaboração no qual estão presentes as experiências pessoais fundamentadas na vida cultural; o desenvolvimento desse processo contribui para as práticas artísticas e vão muito além delas. Os sentidos de gostar e desgostar, de considerar agradável, desagradável, belo, feio, prazeroso, desprazeroso, experimentados em práticas artísticas e em outras ações humanas não se desenvolvem de um modo linear. Ao contrário, constituem uma confluência de fatos, de criações humanas em que aparecem complexos movimentos, ao mesmo tempo, de avanço, retrocesso, dependência, autonomia. É importante que professores e alunos de arte sintam, percebam, pensem na mobilidade desse conhecimento presente na história da arte e nos processos pessoais e coletivos.

Trabalhar ética e estética na produção de arte dos alunos e de artistas significa considerar suas possibilidades criadoras correlacionadas com as realidades socioculturais e comunicacionais em que vivem. Na elaboração artística, há questões e situações que são inerentes à arte e que podem ser problematizadas, como o respeito mútuo, a justiça, o diálogo, a solidariedade humana. No âmbito da arte e da dimensão estética, a produção sociocultural do gosto pode ser trabalhada em diversos momentos durante as aulas de Dança, Teatro, Música, Artes Visuais.

Os professores de Arte podem planejar experimentos e debates que ajudem os alunos a posicionar-se com sensibilidade e critérios éticos, diante de um conjunto de circunstâncias, por vezes contraditórias, que coexistem na vida das pessoas. São, entre outras, situações relacionadas a: corresponsabilidades referentes à conservação e degradação de patrimônios artísticos existentes nos locais em

que as pessoas moram, trabalham, divertem-se, estudam ou em outras regiões; diálogo ou autoritarismo na condução de trabalhos e comunicação em arte; manifestação de respeito ou desrespeito sobre as produções artísticas de diferentes grupos étnicos, religiosos, culturais.

Aspectos de ética estão presentes em situações humanas de todos os temas transversais, ou seja, às questões relativas ao meio ambiente, à orientação sexual, à saúde, ao trabalho, consumo e cidadania, à comunicação e informática, à pluralidade cultural etc.

O meio ambiente apresenta-se como fonte de conhecimento para a criação artística. Por intermédio das imagens, formas, cores, sons e gestualidades presentes no ambiente natural e simbólico, estabelece-se uma relação "ativo-receptiva" favorável à produção artística e recepção estética. O caráter ativo-receptivo desse encontro cria um universo particular de interação entre indivíduo/natureza e cultura, no qual pode-se estabelecer um diálogo estético e artístico, no qual as respostas também se dão por meio de ações no ambiente e na produção artística.

Por outro lado, nas aulas de Arte, os alunos podem ainda criar e apreciar produções artísticas que tratem de questões ambientais, pensando em melhorar a qualidade de vida hoje e no futuro. Para isso, professores e alunos precisam refletir sobre questões e processos muitas vezes contraditórios de: respeito e desrespeito quanto à vitalidade e diversidade do planeta Terra e de seus habitantes; corresponsabilidades na preservação, reabilitação ou depredação de espaços e patrimônios físicos, biológicos, socioculturais, entre os quais aqueles com características estéticas e artísticas; corresponsabilidades no manejo, conservação, transformação de estéticas ambientais no interior e no exterior dos lugares em que vivem as pessoas.

As produções artísticas podem contribuir para alargar as dimensões da compreensão que se têm da sexualidade humana, quando documentam ações de homens e mulheres em diferentes momentos da história e em culturas diversas.

Uma constante da história da arte é a representação da figura humana. As obras de arte que apresentam relações humanas existem nas mais variadas formas: pintura, gravura, escultura, canções sobre heróis e heroínas, cinema, peças de teatro. Por meio da apreciação dessas obras os alunos podem refletir e expressar-se sobre diferenças sexuais, diferenças de atitudes, valores e inter-relações humanas.

Com o intuito de ajudar os alunos a pensar e agir de maneira responsável com o corpo e a sexualidade, há processos artísticos e estéticos que podem ser trabalhados nas aulas de Arte. A esse respeito podem ser pensados criticamente os conceitos e preconceitos que se manifestam sobre: semelhanças e diferenças nas preferências e nas rejeições relativas ao gosto e escolhas pessoais, por exemplo de vestuários, embelezamentos, manifestações corporais de homens e de mulheres, em diversas idades, etnias e épocas, presentes na arte e no cotidiano.

Ressalta-se ainda a possibilidade de pensar-se criticamente sobre as imagens corporais que estão presentes nas mídias (televisão, rádio, imprensa, Internet). Nos dias de hoje é evidente a exaltação de corpos "fortes, jovens, vigorosos" associados frequentemente às manifestações artísticas, como às danças e novelas televisivas. Fruto de modismos, essas maneiras de ver o corpo passam pela vida e se instalam nos corpos sem que realmente se tenha uma atitude reflexiva em relação a elas. Artistas exibindo seus corpos em danças, representações, marcam gerações e impõem padrões corporais de beleza e, consequentemente, impingem valores em relação à sexualidade, saúde, convívio social, raça, etnia, gênero etc.

Com o corpo interligam-se emoções, sentimentos, sensações, ideias, desejos prazerosos ou não, intensos ou tênues, fortes ou fracos, solidários ou egoístas, justos ou injustos etc., diante da arte e de outras manifestações, transformando as pessoas ao longo do tempo.

Os cuidados para se conseguir a realização individual e coletiva dos corpos e vidas saudáveis, ou seja, os cuidados com saúde, com bem-estar físico, mental e social de todas as pessoas inserem-se no desenvolvimento e manutenção contínua, particularmente no que se refere às cidades saudáveis em um planeta Terra saudável. Nas escolas podem-se introduzir práticas e reflexões sobre arte articulados às possibilidades de ajudar e lutar por manter pessoas e cidades saudáveis. Tais ações podem ser vivenciadas pelos alunos e professores nas aulas de Arte, a partir de experiências que mostrem, por exemplo, a corresponsabilidade e a luta pela conservação de produções artísticas de ambientes públicos, comunitários, privados, incentivando diálogos com intuito de comunicação estética coletiva nos diversos ambientes das cidades.

O desenvolvimento de práticas que colaborem para a manutenção contínua de cidadãos ativos e saudáveis em cidades também saudáveis requer legitimações de valores e princípios de justiça, solidariedade, respeito mútuo, diálogo, dentre outros componentes éticos, quanto ao consumo de bens e trabalho, inclusive os artísticos. A elaboração, as vendas e as compras de produções ligadas a artes visuais/plásticas, dança, música, teatro incluem sempre o trabalho das pessoas envolvidas nesses processos e as condições de produção e de vida delas. Nas aulas de Arte alunos e professores podem expressar e discutir questões relativas a corresponsabilidades nas qualidades de consumos de diversos bens artísticos e estéticos. Podem ainda refletir sobre as condições justas e injustas que envolvem a produção desses bens artísticos e sobre as condições de vida e trabalho de seus produtores, bem como sobre os consumidores dessas produções, como os espectadores, ouvintes, leitores, telespectadores, apreciadores.

Intermediando o processo de produção e apreciação de arte encontram-se, entre outros, os meios de comunicação (as mídias), que podem ser informatizados, ou não. Os modos de praticar e pensar a comunicação sociocultural em arte mediados pelos meios de comunicação (mais tradicionais, novos e novíssimos), incluindo os informatizados, são por vezes contraditórios, o que implica encontrar maneiras de compreendê-los e superá-los. Nas aulas, alunos e professores podem vivenciar e refletir sobre situações comunicacionais em arte e suas propagações nas mídias. Haverá uma ampliação da compreensão do processo comunicacional e artístico se eles puderem relacionar questões

que tratem das contradições quanto às resistências e às rupturas nos princípios éticos e nos critérios de qualidades técnicas, expressivas e socioculturais presentes nas formas e conteúdos dos meios de comunicação em arte; às transformações necessárias e às possíveis de serem praticadas para aperfeiçoar os princípios éticos, os critérios de qualidade, inclusão e exclusão das pessoas e a ressignificação de valores estéticos, humanos nos meios de comunicação de arte.

Nas aulas, o professor tem de levar em conta que o domínio da tecnologia e da generalização das redes midiáticas fez com que nossos conceitos de tempo, espaço, corpo e, portanto, dança, se transformassem, independentemente de se possuírem ou não computadores, fornos de microondas, telefones celulares etc. No mundo de hoje, os valores, atitudes e maneiras de viver e conviver em sociedade estão em constante transformação por causa da presença das novas tecnologias.

O tema da pluralidade cultural tem relevância especial no ensino de arte, pois permite ao aluno lidar com a diversidade de modo positivo na arte e na vida. Na sala de aula interrelacionam-se indivíduos de diferentes culturas que podem ser identificados pela etnia, gênero, idade, locação geográfica, classe social, ocupação, educação, religião.

O estudo pluriculturalista considera como os diversos grupos culturais encontram um lugar para arte em suas vidas, entendendo que tais grupos podem ter necessidades e conceitos de arte distintos. O sentido pluriculturalista amplia a discussão sobre a função da arte e o papel do artista em diferentes culturas, assim como o papel de quem decide o que é arte e o que é arte de boa qualidade. Essas discussões podem contribuir para o desenvolvimento do respeito e reconhecimento de diferenças.

O pluriculturalismo no ensino de arte tem como objetivos: promover o entendimento de cruzamentos culturais pela identificação de similaridades, particularmente nos papéis e funções da arte, dentro e entre grupos culturais; reconhecer e celebrar a diversidade étnica e cultural em arte e em nossa sociedade, enquanto também se potencializa o orgulho pela herança cultural em cada indivíduo, seja ela resultante de processos de erudição ou de vivências do âmbito popular, folclórico ou étnico; possibilitar problematizações acerca do etnocentrismo, estereótipos culturais, preconceitos, discriminação e racismo nas ações que demarcam os eixos da aprendizagem; enfatizar o estudo de grupos particulares e/ou minoritários (do ponto de vista do poder) como mulheres, índios e negros; possibilitar a confrontação de problemas, como racismo, sexismo, excepcionalidade física ou mental, participação democrática, paridade de poder; examinar a dinâmica de diferentes culturas e os processos de transmissão de valores; desenvolver a consciência acerca dos mecanismos de manutenção da cultura dentro de grupos sociais; questionar a cultura dominante, latente ou manifesta e todo tipo de opressão; destacar a relevância da informação para a flexibilização do gosto e do juízo acerca de outras culturas.

Na prática da sala de aula, uma abordagem pluriculturalista não se limita a adicionar à cultura dominante conteúdos relativos a outras culturas, como fazer cocar no dia do índio, ovos de páscoa ucranianos na Páscoa, dobraduras japonesas ou qualquer outra atividade clichê de outra cultura. O que precisamos é manter uma atmosfera investigadora na sala de aula acerca das culturas compartilhadas pelos alunos.

A área de Arte dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais situa-se como um tipo de conhecimento que envolve tanto a experiência de aprender arte por meio de obras originais, de reproduções e de produções sobre a arte, tais como textos, vídeos, gravações, entre outros, como aprender o fazer artístico. Ou seja, entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também compreender o que fazem e o que os outros fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, no contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura na história humana e como conjunto de relações. É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico, ou seja, entendam que suas experiências de desenhar, cantar, dançar, filmar, videogravar ou dramatizar não são atividades que visam a distraí-los da "seriedade" das outras áreas. Sabese que, ao fazer e conhecer arte, o aluno percorre trajetos de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem contribuir para a consciência do seu lugar no mundo e para a compreensão de conteúdos das outras áreas do currículo.

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, mobilizado pelas interações que o aluno realiza no ambiente natural e sociocultural. Tais interações são realizadas:

- com pessoas que trazem informações para o processo de aprendizagem (outros alunos, professores, artistas, especialistas);
- com obras de arte (acervos, mostras, apresentações, espetáculos);
- com motivações próprias e do entorno natural;
- com fontes de informação e comunicação (reproduções, textos, vídeos, gravações, rádio, televisão, discos, Internet);
- com os próprios trabalhos e os dos colegas.

Fazer arte e pensar sobre o trabalho artístico que realiza, assim como pensar sobre a arte que vem sendo produzida na história, pode garantir ao aluno uma aprendizagem contextualizada em relação aos valores e modos de produção artística nos diversos meios socioculturais.

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno significa não isolar a escola da informação social e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais. Nesse contexto, o aluno aprende com prazer a investigar e compartilhar sua aprendizagem com colegas e outras pessoas, ao relacionar o que aprende na escola com o que se passa na vida social de sua comunidade e de outras.

Também cabe à escola orientar seu trabalho com o objetivo de preservar e impulsionar a dinâmica das relações entre o desenvolvimento e a aprendizagem, estimulando a autonomia do aluno e favorecendo o contato sistemático com os conteúdos, temas e atividades que melhor garantirão seu progresso e integração como estudante e cidadão.

Assim, aprender arte com sentido está associado à compreensão daquilo que é ensinado. Para tanto, os conteúdos da arte precisam ser transpostos didaticamente de maneira adequada. Não precisam ser ensinados obrigatoriamente do mais simples para o mais complexo ou do geral para o específico, mas sua ordem precisa considerar os conhecimentos anteriores dos alunos e seu nível de desenvolvimento cognitivo. A história da arte, por exemplo, não precisa ser apresentada sempre de maneira cronológica para que o aluno aprenda história da arte ou sua cronologia. O importante é que a escola possa ensinar arte com propostas que, além de ensinar variedade e profundidade nos conteúdos, ensinarão ao aluno prosseguir aprendendo por si — como aprender a pesquisar, por exemplo — que garantirão a ele poder aprender por toda a vida.

É desejável que o aluno aprenda de maneira balanceada os diferentes tipos de conteúdos: fatos, conceitos, princípios, procedimentos, valores e atitudes. Tal diversidade compõe um quadro inter-relacionado e não-estanque de tipos de conteúdos, ou seja, é impossível separar fatos de conceitos ou valores de conceitos, no conjunto das aprendizagens.

Cada tipo de conteúdo da área pode ser ensinado nos três eixos da experiência de aprendizagem significativa do estudante de arte, quais sejam: a experiência do fazer, a experiência do apreciar e a experiência do contextualizar. Entretanto, cada tipo de conteúdo demanda modos de ensino e aprendizagem distintos. Por exemplo, a aprendizagem de conceitos como Modernismo, Barroco ou Expressionismo requer que o aluno reconstrua esses conceitos em interações sucessivas, pesquise, escute narrativas, participe da fruição de obras, execute trechos escolhidos de obras musicais desses períodos, faça leitura de textos etc.

Para a assimilação de um princípio, assim como de um conceito, há necessidade de compreender seu significado, portanto, também é necessário que seja reconstruído pelo aluno. Por exemplo, o princípio da deformação presente na Arte Moderna, ou da simultaneidade temporal presente nos textos teatrais contemporâneos, ou da combinação de linguagens presente na Arte Contemporânea.

A cada momento de seu desenvolvimento o aluno poderá compreender conceitos e princípios de modos distintos até que por fim possa, progressivamente, deles se apropriar, compreendendo seus significados mais complexos.

A aprendizagem de um fato se dá de outra maneira e requer memorização; entretanto, não se trata de memorização mecânica, e sim compreensiva, pois o aluno correlacionará o fato a conceitos e outros conteúdos a ele relacionados. Por exemplo, a I Bienal de Arte de São Paulo ocorreu em 1951. Tal fato será assimilado compreensivamente quando o aluno relacioná-lo, por exemplo, à polêmica do realismo x abstracionismo, conceito de produção internacional de arte contemporânea e continuidade dessas mostras até hoje.

A aprendizagem de um procedimento, por outro lado, se dá pelo fazer. É papel do professor garantir situações para a execução de procedimentos. Por exemplo, fazer e desfazer maquiagem envolve cuidados na escolha, aplicação e retirada das tintas. Fazer uma xilogravura envolve manipulação cuidadosa das goivas para proteger o corpo.

O conjunto de ações que conduzem aos resultados precisa ser feito pelos alunos para que ocorra aprendizagem e o professor precisa dominar tais procedimentos para poder ensiná-los.

Inicialmente, na aprendizagem de procedimentos, o aluno pode precisar da ajuda do professor, conforme a complexidade da tarefa a ser realizada. É objetivo do ensino dos procedimentos que os alunos adquiram progressivamente autonomia para concretizá-los por si.

Os valores e atitudes são apreendidos nos modelos de convívio que envolvem os alunos e a equipe de educadores. Tais conjuntos de valores e atitudes devem ter coerência com os conceitos e práticas a eles relativos. São conteúdos do âmbito da afetividade e se referem às ações regidas por sentimentos de solidariedade, respeito mútuo, cooperação, tolerância à diversidade, diálogo, companheirismo.

Cabe aos professores balancear nos seus projetos conteúdos dos diversos tipos, recortando quantidades factíveis no cotidiano dos projetos escolares, buscando ensiná-los em profundidade e a variedade de acordo com cada realidade escolar.

A escola não dará conta de ensinar todos os conteúdos da arte, mas precisa garantir um determinado conjunto que possibilite ao aluno ter base suficiente para seguir conhecendo.

Progressivamente e com trabalhos contínuos, as formulações dos alunos sobre arte tendem a se aproximar de modos mais elaborados de fazer e pensar sobre arte. Para tanto, é necessário trabalhar com a leitura de textos e obras que mostrem a relação entre arte e cultura, história e contemporaneidade, por meio dos quais poderá criticar e encarar a história como diferentes enfoques de um fato, fenômeno ou objeto. Tal perspectiva incentiva a pesquisa e a formulação de concepções pessoais.

O objeto de estudo e de conhecimento de arte é a própria arte e o aluno tem de se confrontar com a arte nas situações de aprendizagem. Em outras palavras, o texto literário, a canção e a imagem trarão conhecimentos ao aluno em situações de aprendizagem, pois ele precisa ser incentivado tanto a exercitar-se nas práticas artísticas e aprender a fruir arte como exercitar a contextualização que envolve pesquisar e saber situar o conhecimento de arte.

É papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida e recebida nos âmbitos regional, nacional e internacional, compreendendo criticamente a difusão pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno na transformação de caracterizações geoculturais. Nesse sentido, as

categorias nacional, regional e internacional não indicam conjuntos diferentes de obras ou produções artísticas, pois não são estanques e excludentes. Por exemplo, a música "Garota de Ipanema", dos compositores brasileiros Vinicius de Moraes e Antonio Carlos Jobim, que celebra as garotas de um bairro da cidade do Rio de Janeiro, tornou-se uma música internacional por meio das mídias.

As propostas realizadas pelo professor para concretizar situações de aprendizagem precisam combinar momentos em que o aluno realiza tarefas — fazendo, fruindo e contextualizando arte. Esses momentos devem ser alternados e combinados com aqueles em que as intenções próprias dos alunos regem suas práticas artísticas, cuja execução depende da articulação de recursos pessoais e aprendizagens anteriores. Esses dois tipos de momentos, indissociáveis na prática educacional, garantem que não se transforme arte em arte escolarizada. Ou seja, deve-se dar oportunidade para viver arte na escola.

É necessário que a escola planeje para cada modalidade artística no mínimo duas aulas semanais e que a área de Arte esteja presente em todos os níveis de ensino. Para tanto, sugere-se que, por exemplo, se Artes Visuais e Teatro forem eleitos respectivamente em duas das séries de um ciclo, as demais formas de arte poderão ser abordadas por meios de projetos interdisciplinares, com visitas a espetáculos, apresentações ou apreciação de produções em vídeos, pôsteres etc. A mesma escola trabalhará com Dança e Música nas demais séries, invertendo a opção pelos projetos interdisciplinares.

É importante que o aluno, ao longo da escolaridade, possa se desenvolver e aprofundar conhecimento em cada modalidade artística.

Fonte

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental.

2. ENSINO DA ARTE: ABORDAGEM TRIANGULAR NO ENSINO DA ARTE;

O processo da Abordagem Triangular teve início na década de 1980 e foi sistematizada no período de 1987/1993 no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP. Essa proposta surge da necessidade de uma prática de ensino pós-moderno de arte e da procura de uma alternativa para prática de livre expressão do ensino moderno de arte que já não corresponde as inúmeras tendências e aspectos da realidade contemporânea. A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da arte no Brasil. Essa proposta procura englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais estão: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer).

Leitura de imagens, contextualização e prática artística

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Como disse Ana Mae saber ler imagens na contemporaneidade é fundamental, somos bombardeados por estímulos imagéticos o tempo todo, seja através da publicidade, na política, no supermercado, na Internet, acabamos recebendo a maioria dessas imagens de forma inconsciente e acrítica. Muitos membros de nossa sociedade, não só as crianças, ainda desconhecem e/ou menosprezam o poder da imagem e precisam se conscientizar do real valor de se saber ler essas imagens.

As imagens são usadas para alienar o povo desde os primórdios da humanidade, no Egito era usada para reafirmar a 'divindade' dos faraós e manter seu poder, na era bizantina e no Renascimento obras de arte com imagens de santos eram usadas para converter e manter os fiéis submissos a igreja. Na modernidade com a industrialização e a supremacia de um sistema capitalista baseado no consumo, para vender grandes quantias de produtos a publicidade se articula e com a chegada do aparelho de televisão, a relação com a imagem tornou-se ainda mais intensa e fugaz fazendo do saber ler imagens indispensável para a reflexão crítica da realidade.

No processo de educação do olhar, e em todo processo de ensino/aprendizagem, a postura do(a) educador(a) na mediação de leituras de imagens deve sempre partir de uma abordagem problematizadora instigando o olhar, a reflexão respeitando as interpretações e julgamentos dos(as) educandos(as), o educador(a) não é dono do saber e da verdade e deve estimular e respeitar a autonomia dos(as) educandos(as).

A contextualização de uma leitura de obra de arte não tem a obrigatoriedade de limitar-se a biografia do artista ou a história da arte, mas é importante esclarecer que também não as negamos quando estas se fazem necessárias para facilitar a análise da imagem.

Já a partir do fazer artístico espera-se proporcionar uma vivência e experiência durante toda a produção tornando o processo de ensino/aprendizagem completo e significativo para os(as) educandos(as) aplicando na prática os conceitos estéticos e poéticos abordados durante a leitura e contextualização.

Possíveis influências da Proposta Triangular

Alguns teóricos acusam a Proposta Triangular de ser cópia do Discipline-Based Art Education (DBAE) norte-americano, o que parece ser uma acusação, no mínimo,

ingênua. O DBAE é sim uma das referências dessa abordagem, segundo a própria Ana Mae, junto com o Basic Design Moviment inglês e as Escuelas al Aire Libre do México com sua proposta de educação libertária. Mas, não é preciso ir tão longe para buscarmos, o que parece ser, a principal referência dessa abordagem de ensino/aprendizagem da arte proposta pela educadora, basta olharmos para o nosso 'terreiro'.

Como a principal referência desse trabalho é a pedagogia freireana, e valendo-se do conhecimento de que a educadora Ana Mae foi aluna do professor Paulo Freire e só passou a se interessar por educação a partir desse contato. Não é difícil deduzir e perceber, em uma análise comparativa, que a principal e mais forte referência da Abordagem Triangular de Ana Mae é o pedagogo Paulo Freire.

Ao analisar a proposta se estabelece nesta pesquisa relações com a pedagogia de Freire que também propõe uma 'abordagem triangular' no processo de ensino/aprendizagem e seus pontos principais são: leitura de mundo, conscientização crítica a partir da contextualização da realidade dos(as) educando(as), e agir para transformar, ou seja, fazer. Apesar de Freire ter desenvolvido sua metodologia e teoria pedagógica em um campo mais amplo, e nunca ter se referido diretamente a especialidade do ensino da arte é bom lembrar que o pedagogo se valia de leitura de imagens com situações do cotidiano dos(as) educandos(as) para alfabetizar adultos em zonas rurais. Essas imagens eram acompanhadas por uma palavra geradora, por exemplo, a imagem de um menino em um determinado contexto cotidiano aos educandos(as) com a palavra menino logo abaixo. Essa imagem e essa palavra desconstruídas e decodificadas a partir de uma abordagem problematizadora geravam outras palavras ligadas ao contexto sociocultural dos educandos resultando em diálogos e reflexão crítica sobre a realidade e condições sociais ao quais eram submetidos. Ao mesmo tempo em que, se conscientizavam e se reconheciam como produtores de cultura deixando de ter um pensamento e/ou postura de inferioridade em relação a classe dominante. Ou seja, uma construção do orgulho e do poder popular através da educação partindo de leitura de imagens, contextos históricos, políticos, sociais etc. propondo uma ação, um movimento em direção a mudança para transformar essa realidade.

Em sua proposta Ana Mae aplica os ensinamentos do mestre explorando as potencialidades de sua proposta pedagógica de forma atualizada transpondo ao contexto de ensino/aprendizagem da arte.

Apesar da Proposta Triangular ser muito clara, a má interpretação de seus conceitos por parte de alguns educadores tem causado precipitações na sua aplicação. Entre os erros mais comuns estão: o entendimento limitador de contextualização como contexto histórico, e a confusão e aproximação entre os termos de releitura e cópia.

Em relação a contextualização, é importante lembrarmos que a arte, além de ser fruto de seu tempo produzida por artistas/autores, é uma área de conhecimento transdisciplinar, ou seja, está em constante diálogo com o mundo e suas diversas áreas de conhecimento como podemos ver nessa passagem de Ana Mae:

A metodologia de análise deve ser de escolha do professor e do fruidor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação acerca do contexto histórico, social, antropológico etc. (BARBOSA, 2009, p. 39)

Observando atividades de ensino/aprendizagem em arte constata-se que além dessa limitação de contextualização ao contexto histórico alguns educadores entendem a tríade leitura, contextualização e fazer como elementos complementares que acontecem em momentos completamente separados. Esses elementos são sim complementares, mas não precisam necessariamente acontecer em momentos separados, a própria obra carrega contextualização e durante a leitura feita com os(as) educandos(as) é possível contextualizar preparando para o fazer. Essa percepção das pontas do triangulo conceitual da abordagem como elementos completamente separados faz com que os momentos de leitura, contextualização e prática aconteçam também dessa maneira, como se não existisse uma interligação entre esses processos, dificultando a compreensão do conteúdo por parte dos(as) educandos(as) e causando um engessamento da proposta pedagógica. Os educadores precisam compreender que "não se tratam de fases da aprendizagem, mas de processos mentais que se interligam para operar a rede cognitiva da aprendizagem" (BARBOSA, 1998, p.40). Esse engessamento causado pela separação da tríade conceitual e a limitação da contextualização ao contexto histórico causa uma percepção errônea da Proposta Triangular como cópia do DBAE por aproximar as duas propostas uma vez que o segundo propõe estética crítica e história da arte como disciplinas separadas a serem estudadas em momentos distintos como se não existisse relação entre as duas disciplinas.

Durante os processos de leitura, contextualização e prática, mesmo que esses aconteçam em momentos distintos, e isso é natural que aconteça, para uma melhor compreensão do conteúdo por parte dos(as) educandos(as), é importante não existir barreiras definidas entre esses momentos fazendo relações entre um e outro o tempo todo mantendo uma dialógica entre esses conceitos deixando claro que são inter-relacionados.

Já sobre a confusão entre os conceitos de releitura e cópia me parece uma total incompreensão dos termos. Cópia é o ato de reproduzir de forma mais fiel possível manualmente ou através de equipamentos que nos permitam fazer isso, como a copiadora, por exemplo, algo. A cópia quando feita manualmente pode colaborar para o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas não diferenciar cópia de releitura é limitar a produção criativa dos(as) educandos(as) ao fazer por fazer, ou seja, ao tecnicismo inibindo o desenvolvimento estético e conceitual dos(as) educandos(as). Já releitura como a palavra já diz é o ato de reler, reinterpretar, ressignificar, recompor, citar, remixar, se apropriar de produções estéticas de outros indivíduos, ou seja, se apropriar de uma ou inúmeras referências e fazer à sua maneira.

O Hip Hop parece ter um especial potencial esclarecedor entre as diferenças desses dois termos (cópia e releitura) uma vez que suas manifestações artísticas se valem muito da apropriação das produções de outros, seja na dança, na música e no Graffiti ou pixação. A música RAP geralmente feita com samplers em repetições cíclicas, se analisada comparativamente com a música original, ou seja, a matriz apropriada para a produção do RAP, parece ser um exemplo perfeito para esclarecermos as diferenças entre os dois termos em questão. Deixo duas músicas de sugestão para uma análise comparativa: Ela Partiu de Tim Maia e Um Homem na Estrada do grupo Racionais MC's e as obras Las meninas de Velásquez (1656) e uma das 44 releituras de mesmo nome feitas por Pablo Picasso a partir de 1950.

Por que a confusão entre dois conceitos tão diferentes como os de cópia e releitura? Dois problemas fundamentais do ensino automatizado parecem contribuir para a indistinção entre esses dois termos (cópia e releitura) e muitos outros. Um dos problemas que contribuem para essa causa, já foi comentado anteriormente, é que a maioria da população ainda não sabe ler criticamente as imagens. O outro é o de ler e não compreender criticamente textos, um velho problema que atinge grande parte da população, inclusive educadores(as) como a indistinção entre esses os dois termos em discussão, cópia e releitura, nos comprova. Não é possível encontrar outra explicação, já que lendo o livro A imagem no ensino da arte de Ana Mae não lembro, se quer, ter me deparado com esses termos.

Paulo Freire há muito tempo vem chamando a atenção para o problema do ensino/aprendizagem da leitura e escrita a partir de métodos "bancários" de repetição que fazem com que os(as) educandos(as) memorizem a palavra e não realmente compreendam seu significado. Ou seja, os(as) educandos(as) (re)conhecem a palavra como imagem, mas não o seu significado, e quando se deparam com textos e conceitos encontram dificuldade de interpretar e compreender seus significados criticamente. Se os(as) educadores(as) de hoje foram os(as) educandos(as) de ontem ensinados a partir de métodos "bancários", infelizmente, é muito provável, e até "natural", que sofram desse mal e o repasse para seus aprendizes.

Daí a impossibilidade de vir a se tornar um professor crítico, se mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação com o que leu e o que vem ocorrendo em seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. (FREIRE, 1996, p. 27).

Essa indistinção entre cópia e releitura ocorre quando o(a) educador(a) recebe a Proposta Triangular mecanicamente, e sem a reflexão crítica a transforma numa fórmula estática deixando assim de ser proposta para se tornar uma regra a ser seguida sem questionamento. Quando o(a) leitor(a) não problematiza durante a leitura, não reflete. E sem reflexão não há consciência crítica e sem consciência crítica sobre a proposta, ou seja, qual for o conteúdo, o(a) educador(a) não conseguirá explorar todo seu potencial a limitando. A Abordagem Triangular e nenhuma outra proposta e/ou conceito deve ser recebido pelo(a) leitor(a) de forma automatizada.

E além de refletir sobre a abordagem, todo(a) educador(a) deve refletir sobre a escola e o contexto no qual essa está inserida (a comunidade), a atividade que pretende propiciar e o coletivo de educandos(as), e indivíduos deste coletivo, ao qual essa atividade é direcionada. Ou seja, toda ação educativa deve ser planejada. O(A) educador(a) deve se colocar dentro da realidade em que ele(a), a escola, e os(as) educandos(as) estão inseridos(as) de forma crítica. Deve conhecer a comunidade da qual a instituição faz parte, observar como a instituição se porta diante desse contexto sociocultural e como os(as) educandos(as) e membros da comunidade se portam diante da escola e de sua própria comunidade, para que assim, possa pôr em prática de forma funcional a sua ética educativa e/ou profissional.

Fonte
http://andersonbenelli.blogspot.com/2011/02/reflexoes-sobre-abordagem-triangular.html

3. ARTE COMO SISTEMA SIMBÓLICO NÃO VERBAL: LEITURA E INTERPRETAÇÃO;

LINGUAGENS VERBAIS E NÃO-VERBAIS

Antes de tudo, cumpre alertar para uma dimensão necessária: o século XX viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências da linguagem. Uma delas é a Linguística, ciência da linguagem verbal. A outra é a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem.

Como ponto de partida tentemos desatar o nó de um equívoco de base: a diferença entre língua e linguagem em conexão com a diferença, que buscaremos discriminar, entre linguagens verbais e não verbais.

Tão natural e evidente, tão profundamente integrado ao nosso próprio ser é o uso da língua que falamos, e da qual fazemos uso para escrever – língua nativa, materna ou prática, como costuma ser chamada -, que tendemos a nos desaperceber de que esta não é a única e exclusiva forma de linguagem que somos capazes de produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir, ou seja, ver-ouvir-ler para que possamos nos comunicar uns com os outros.

É tal a distração que a aparente dominância da língua provoca em nós que, na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças,

movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem.

Cumpre notar que a ilusória exclusividade da língua, como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados, é muito intensamente devida a um condicionamento histórico que nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal, oral ou escrita. O saber analítico, que essa linguagem permite, conduziu à legitimação consensual e institucional de que esse é o saber de primeira ordem, em detrimento e relegando para uma segunda ordem todos os outros saberes, mais sensíveis, que as outras linguagens, as não-verbais, possibilitam.

No entanto, em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux, os rituais de tribos "primitivas", danças, músicas, cerimoniais e jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia etc. E, quando consideramos a linguagem verbal escrita, esta também não conheceu apenas o modo de codificação alfabética criado e estabelecido no Ocidente a partir dos gregos. Há outras formas de codificação escrita, diferentes da linguagem alfabeticamente articulada, tais como hieróglifos, pictogramas, ideogramas, formas estas que se limitam com o desenho.

Em síntese: existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo.

Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdo-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. Enfim: todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propicia hoje uma enorme difusão.

De dois séculos para cá (pós-revolução industrial), as invenções de máquinas capazes de produzir, armazenar e difundir linguagens (a fotografia, o cinema, os meios de impressão gráfica, o rádio, a TV, as fitas magnéticas etc.) povoaram nosso cotidiano com mensagens e informações que nos espreitam e nos esperam. Para termos uma idéia das transmutações que estão se operando no mundo da linguagem, basta lembrar que, ao simples apertar de botões, imagens, sons, palavras (a novela das oito, um jogo de futebol, um debate político...) invadem nossa casa e a ela chegam mais ou menos do mesmo modo que chegam a água, o gás ou a luz.

É claro que no sistema social em que vivemos estamos fadados a apenas receber linguagens que não ajudamos a produzir, que somos bombardeados por mensagens que servem a inculcação de valores que se prestam ao jogo de interesses dos proprietários dos meios de produção de linguagem e não aos usuários.

Assim, que passemos aqui para a observação mais cuidadosa da extensão que um conceito lato de linguagem pode cobrir. Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido.

Iremos, contudo, mais além: de todas as aparências sensíveis, o homem – na sua inquieta indagação para a compreensão dos fenômenos – desvela significações. É no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos sinais (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em signos ou linguagens (produtos da consciência). Nessa medida, o termo linguagem se estende aos sistemas aparentemente mais inumanos como as linguagens binárias de que as máquinas se utilizam para se comunicar entre si e com o homem (a linguagem do computador, por exemplo), até tudo aquilo que, na natureza, fala ao homem e é sentido como linguagem. Haverá, assim, a linguagem das flores, dos ventos, dos ruídos, dos sinais de energia vital emitidos pelo corpo e, até mesmo, a linguagem do silêncio. Isso tudo, sem falar do sonho que, desde Freud, já sabemos que também se estrutura como linguagem.

Fonte

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. p. 9-13. São Paulo: Brasiliente, 1998.

4. LINGUAGENS CONTEMPORÂNEAS DA ARTE;

ARTE CONTEMPORÂNEA
ORIGENS, PROPOSTAS, CARACTERÍSTICAS E NOVAS LINGUAGENS

ACADEMICISMO

O termo academicismo está ligado à existência das academias e da arte que foi produzida naquelas instituições. A primeira academia de arte foi a Academia de Desenho de Florença, criada em 1562, na Itália. Outras Academias surgiram depois em Roma e em Paris. As Academias instituem

um ensino de arte « padronizado » baseado sobretudo nas aulas de desenho de observação, ou seja, a cópia do natural, no desenho de cópias de gesso de esculturas greco-romanas, integrando estudos de ciências como a geometria, anatomia e perspectiva, e de humanidades (história e filosofia). Com a academia o artista passa a ser mais valorizado. Rompe-se definitivamente com uma visão de arte como artesanato, o que acarreta uma mudança radical no seu status. Os artistas não são mais os artesãos medievais, mas sim teóricos e intelectuais. Além das atividades de ensino, as Academias vão ser responsáveis pela organização de exposições, concursos, prêmios, pinacotecas e coleções, o que significa o controle da atividade artística e a fixação rígida dos padrões de gosto baseados em um ideal de beleza que se firmou no período renascentista, que por sua vez, baseou-se nos padrões de beleza da Grécia antiga.

Arte Acadêmica é, então, a designação de um tipo de arte que corresponde aos princípios baseados na arte clássica, onde a beleza, a proporção, a unicidade, a harmonia e a semelhança com o real visível predominam. Este tipo de arte se impõe até o final do século XIX, quando os grandes artistas impressionistas e expressionistas, buscaram canais alternativos para mostrar suas obras, que traziam novas propostas filosóficas e estéticas e, portanto, enfrentavam grande resistência dos críticos de arte.

No Brasil, a origem da Arte Acadêmica está ligada ao aparecimento da Academia Imperial de Belas Artes, fundada em 1826, nos moldes da Academia francesa de Belas Artes. As academias mantinham uma estreita relação com o poder político, sendo financiadas pelos monarcas, o que lhes conferia, de certa forma, certa ditadura estética. Esta chancela oficial das academias, associada à defesa intransigente de certos ideais artísticos e padrões de gosto – definidos por prêmios e concursos como os Salões de Belas Artes - trazia consigo a recusa a mudanças, e a outras formas e concepções de arte que não aquela, reforçando o caráter conservador do academicismo. Caracterizam a arte tradicional ou acadêmica:

1.O naturalismo: a construção de imagens que pareçam reais, que pareçam « fotografias » (lembrem-se que a fotografia propriamente dita só entrou no cenário no início do século XIX, mais precisamente em 1825) mostrando o virtuosismo do artista através da sua capacidade de representação dos objetos e cenas exatamente como eles são.

2.Obediência a regras de composição, utilização da perspectiva (profundidade), de recursos de claro/escuro (luz e sombra), busca da perfeição e da beleza.

3.Pinturas feitas dentro dos ateliês dos artistas.

4.Temas utilizados: cenas religiosas, paisagens, cenas mitológicas (greco-romanas), cenas heroicas (guerras e batalhas), cenas domésticas, retratos.

ARTE MODERNA

Com a descoberta da fotografia, no século XIX, libertos da função de "retratar" o mundo real, vários artistas começaram a ter novos interesses no campo das artes plásticas. Precursores da Arte Moderna, os pintores impressionistas têm a mesma preocupação que os fotógrafos: a luz. Os expressionistas começam a usar a cor livremente. Artistas saem dos seus ateliês para pintar o mundo ao ar livre, recusando as regras acadêmicas. O mundo está mudando e a arte também, sinalizando os caminhos para a Arte Moderna.

Características da Arte Moderna:

- O rompimento com os temas tradicionais da arte acadêmica, a concentração nas questões formais e o abandono da proposta de reproduzir a realidade, resultam em pesquisas estéticas e filosóficas que levam ao surgimento de vários movimentos ou correntes artísticas – os "ismos": Fauvismo, Cubismo, Futurismo, Expressionismo, Abstracionismo, Dadaísmo, Surrealismo, Construtivismo.
- A recusa de se representar ilusionisticamente um espaço tridimensional sobre um suporte plano, modificando-se e/ou abolindo-se a perspectiva e a profundidade vão inaugurar o espaço moderno na pintura, um espaço que prioriza o plano, que compõe a superfície da tela. O Cubismo contribui para esta nova construção do espaço pictórico.
- As descobertas científicas e a psicanálise abrem caminho para novas atitudes na produção artística.

O Surrealismo com seu caráter onírico dá vazão a estas novas atitudes.

- A distorção e/ou a geometrização das formas estão presentes no Cubismo, no Abstracionismo e nas obras expressionistas, estilizando as formas tradicionais.
- A valorização dos elementos visuais (cor, luz, ponto, linha, plano) leva o artista a se concentrar na construção do espaço, das formas e das sensações visuais através das composições abstratas geométricas ou não–geométricas (informais). Os próprios elementos visuais e as questões formais passam a ser o assunto da obra.
- Nas pinturas figurativas (onde reconhecemos imagens da realidade) os temas se atualizam, refletindo o cotidiano da época, são pintados com liberdade, com livres usos da cor e do espaço, rompendo com a tradição acadêmica. Não há mais o compromisso com a beleza, mas sim com a liberdade de criação e expressão do artista.
- Apropriação de vários materiais e de várias técnicas artísticas em uma mesma obra (pintura, colagem e assemblage, ou colagem de objetos). O artista começa a se apropriar de objetos do cotidiano, buscando novos materiais e ideias para construir suas obras. Questiona-se o tradicional papel da arte e do artista na sociedade e o Dadaísmo, como movimento moderno, é o grande precursor da arte contemporânea.

Através de todos estes "ismos", a arte Moderna provoca o público e o chama à participação, propondo uma interação maior entre este e a obra de arte, e convoca, com sua subjetividade, um novo olhar para esta. Segundo Apollinaire "... as obras dos artistas devem apresentar simultaneamente um prazer estético puro, uma construção que

atinja os sentidos e uma significação sublime, quer dizer, o conteúdo. É a arte pura". Podemos dizer que a Arte Moderna é um movimento onde o como dizer passa a preocupar os artistas tanto quanto ou mais do que o que dizer. É a forma que se assume como conteúdo.

MOVIMENTOS QUE INFLUENCIARAM A ARTE CONTEMPORÂNEA

DADAÍSMO

Dentre os movimentos propostos pelo Modernismo, podemos destacar o Dadaísmo como especialmente provocador. No movimento dadaísta Marcel Duchamp dá um passo à frente de seu tempo, construindo alguns alicerces para o movimento de arte que surgiria a partir deste: a Arte Contemporânea. Observe e reflita sobre estes pensamentos de Duchamp:

"(...) era necessário achar algo que não fosse nada belo, agradável ou feio"(...)

"a arte é uma espécie de encontro... um encontro com ninguém cuja finalidade é a não contemplação".

"É a beleza da indiferença, essa é a liberdade; entronizar uma ninharia e, uma vez em seu trono, negá-la e negar-se a si mesmo".

Em 1913 o artista francês Marcel Duchamp inventou o termo ready-made (já pronto) para nomear os objetos que ele escolhia e designava como obra de arte.

Roda de bicicleta (1913) consiste em uma roda de bicicleta montada sobre um banco. Duchamp declara que simplesmente colocou uma roda de bicicleta sobre um banco e ficou olhando-a girar. Assim a idéia de movimento estava implícita no ready made. "E depois vieram os ready made sem movimento".

Fonte (1916) é um mictório de banheiro masculino assinado com o pseudônimo de "R. Mutt".

Com os ready-made, Duchamp provocava o observador e questionava vários aspectos que definiam a Arte e o seu valor: a idéia de obra de arte única, a figura do artista como um gênio iluminado, o conceito de beleza como um pressuposto para a obra, a noção de obra como um objeto produzido manualmente com técnicas específicas. Duchamp dizia que "queria se afastar do ato físico de pintar". Declarou ainda, que "dependia da linguagem verbal para completar o sentido do seu trabalho", usando a ironia para batizar suas obras, como no caso da sua Fonte. Como ele mesmo disse: "Para mim o título da obra era o mais importante [...] eu estava interessado em ideias e não em produtos meramente visuais. Eu queria colocar a arte mais uma vez a serviço da mente". Dizia ainda que queria uma arte cerebral e não retiniana (aquela que requer apenas contemplação). Desta forma, vinculou sua arte com a questão intelectual e teórica. O radicalismo de Duchamp era racional, elaborado. Duchamp traz para o terreno da arte, o objeto, que segundo Roland Barthes, "é a assinatura do homem no mundo". Duchamp entroniza o objeto no pedestal da arte, se apropria dele e o descontextualiza, questionando o próprio pedestal. O crítico de arte Aguinaldo Farias afirma que

"[...] mantemos uma relação seca com os objetos, rotineira, em função da sua ubiquidade, o ar doméstico de alguns. Quando então, à maneira de um trocadilho – jogo que Duchamp tanto gostava -, o doméstico passa a demoníaco, colocado em outro contexto, insurgente à sintaxe, ou visto com vagar, o objeto já é outro: obstáculo, corpo estranho".

Operação decisiva para a arte moderna e para a arte contemporânea, a apropriação dos objetos do cotidiano tornou-se um dispositivo emblemático no processo de rompimento com o espaço herdado do Renascimento ao indagar por que o artista deveria continuar representando ou simulando os objetos se ele os tinha à mão.

Por essas ideias e por suas obras, Marcel Duchamp foi considerado o grande precursor da Arte Contemporânea, especialmente da Arte Conceitual, tendo aderido ao dadaísmo e tornando-se o artista mais importante deste movimento.

O movimento artístico DADÁ surgiu no ano de 1916 por iniciativa de um grupo de artistas que, descrente de uma sociedade que consideravam responsável pelos estragos da Primeira Guerra Mundial, decidiu romper deliberadamente com todos os valores e princípios estabelecidos por ela anteriormente, inclusive os artísticos. A própria palavra DADÁ não tem outro significado senão a própria falta de significado, sendo um exemplo da essência desse movimento iconoclasta, que propunha esta antiarte. O Dadaísmo foi uma crítica irônica à aposta da civilização ocidental moderna na superioridade da razão e na noção de progresso. Para os dadaístas, naquela Europa caótica na qual viviam não cabia nenhuma ação "artística" convencional, mas somente atos que propusessem novos conceitos, uma nova arte, novas formas de expressão.

O principal foco de difusão desta nova corrente artística foi o Café Voltaire, fundado na cidade de Zurique pelo poeta Hugo Ball e ao qual se uniram os artistas Hans Arp e Marcel Janco e o poeta romeno Tristan Tzara. Suas atuações provocativas e a publicação de inúmeros manifestos fizeram que o dadaísmo logo ficasse conhecido em toda a Europa, obtendo a adesão de artistas de fora da Europa como Francis Picabia e Man Ray.

A palavra Dada pode ter vários significados dependendo da língua. Uma das versões sobre a origem do nome conta que o poeta Tristan Tzara, em 1916, abriu um dicionário e apontou para uma palavra aleatoriamente. Esta palavra era dada. Este fato chama atenção para uma das questões mais fundamentais do Dadaísmo que é a disposição de incorporar o acaso aos trabalhos propostos, pois para eles a arte faz parte da vida e na vida as coisas simplesmente acontecem, casualmente.

Não se deve estranhar o fato de artistas plásticos e poetas trabalharem juntos – o dadaísmo propunha uma atuação interdisciplinar como a única maneira possível de se renovar a linguagem criativa, incorporando, inclusive, elementos cenográficos e teatrais nos "espetáculos" dadaístas, nas apresentações e performances dos artistas. Como movimento artístico moderno, o dadaísmo foi uma exceção, por estar dezenas de anos à frente do seu tempo.

A Colagem Como Linguagem Artística

Os artistas do movimento cubista como Pablo Picasso e George Braque foram os primeiros artistas a utilizarem pedaços de papel, de tecidos, de forros de cadeiras, e outros materiais colados nas telas. Eles buscavam as texturas, formas e cores destes elementos para enriquecer visualmente seus trabalhos com uma preocupação formal e estética. Os dadaístas, no entanto, são os primeiros artistas que utilizam a colagem como linguagem, ou seja, que realizam trabalhos elaborados exclusivamente com colagens. Alguns deles incorporam textos manuscritos sobre o suporte da colagem. Ou seja, a colagem é o trabalho e não um fragmento ou parte dele.

Dentro desta linguagem artística encontraremos, no dadaísmo, as seguintes possibilidades:

1. Colagem de papéis coloridos cortados, onde o artista recortava papéis e arrumava as formas jogadas aleatoriamente em cima do suporte. Ou seja, colagem de papéis recortados e organizados ao acaso.
2. Colagem de palavras recortadas e retiradas aleatoriamente de um saco: Poesia dadaísta aleatória a partir de recorte e colagem.
3. Fotomontagem: recorte e colagem de imagens de revistas e de propagandas, ou seja, montagem de fragmentos de fotografias (técnica muito utilizada pelos surrealistas).
4. Colagem de frases retiradas de jornais, revistas e propagandas.
5. Colagem de frases impressas e de imagens impressas.
6. Colagem em relevo ou tridimensional com materiais variados, objetos e fragmentos de objetos (assemblages)

"Não é o Dadá que é absurdo - mas a essência da nossa era que é absurda." Os Dadaístas

POP ART

"Elvis I e II", Andy Warhol

Tudo o que vimos em História da Arte no Ensino Fundamental surgiu na Europa. No entanto, após a segunda-guerra mundial, o centro financeiro do mundo se desloca para os Estados Unidos. O mesmo aconteceu com a arte. Vários países estavam se recuperando das consequências da 2a guerra mundial, que havia arrasado a Europa, deixando-a em ruínas. Artistas de vanguarda, filósofos, intelectuais europeus migraram para os EUA fugindo da guerra e lá continuaram a produzir conhecimento.

O Pop Art surgiu na Inglaterra em meados dos anos 50, mas foi nos Estados Unidos, no começo dos anos 60 que ele se popularizou, tendo como assunto os objetos de consumo da sociedade. A Arte Pop é considerada o primeiro movimento contemporâneo.

De uma certa forma, o Pop Art surge como uma reação às obras de artes abstratas construtivas (abstracionismo geométrico) e ao expressionismo abstrato (abstracionismo informal), que tinha se popularizado no campo das artes plásticas naquela época. Os artistas do POP ART buscavam novamente a figuração. O tema das obras Pop eram as imagens do dia a dia da sociedade de consumo:

- "a arte elitista decai até os bastidores do cotidiano, enquanto os fenômenos ´subculturais´ se tornam apresentáveis". A inspiração Pop vinha dos produtos industriais da sociedade da época. Objetos das indústrias de consumo (vestiário, alimentação, eletrodomésticos, automotivos, etc.) e também dos produtos culturais: cinema, história em quadrinhos, informação, ou seja, a vida urbana, trazendo para dentro das galerias de arte o comum, o "brega", o popular (daí o nome POP, que em inglês significa também refrigerante).

Entre os principais artistas do movimento POP ART encontramos Andy Warhol. Filho de imigrantes tchecos, Warhol passou sua infância em Pittsburg, rodeado da cultura tcheca com suas Babuskas, a comida típica e o idioma tcheco. Sua mãe pouco falava o inglês. Seu pai trabalhou nas minas e morreu cedo, deixando a família passando necessidades. Muito jovem Warhol trabalhou em uma loja onde, fora do gueto cultural em que vivia, travou seu primeiro contato com o consumo americano. Warhol viu a cultura americana com os olhos fascinados de um imigrante estrangeiro.

Andy Warhol teve sua formação nas Artes Visuais inicialmente como decorador de vitrines.

Depois estudou artes em Pittsburg e em 1949 se mudou para Nova York, onde fez sua carreira artística. A serigrafia foi seu principal meio de expressão plástica. Ele se interessava pela multiplicidade e, principalmente, pela reprodutibilidade de uma imagem. A gravura não é uma obra de arte única, pelo contrário, é feita em série. Dessa forma ele questionava a "aura" da obra de arte única. Ele não a fazia sozinho. Ao invés de um atelier, Warhol dizia ter uma fábrica ("factory") com 18 trabalhadores, que faziam as telas para serigrafia e imprimiam as gravuras a partir de suas ideias. Assim, Warhol repensava a questão da autoria da obra de arte e do trabalho artesanal do artista. É importante notar que as gravuras não eram perfeitas. Havia com frequência borrões de tinta de impressão, como a reprodução de baixa qualidade de fotos de jornal.

Andy Warhol *Marilyn, 1962*

Andy Warhol, *auto-retrato*

Lata de sopa Campbell's I, Warhol, Col. Ludwig, Neue Galerie, Aachen

Andy Warhol entendeu como ninguém o funcionamento dos meios de comunicação de massa (Massmedia). É de sua autoria a frase e que "todo mundo deveria ter o direito de ficar famoso por 15 minutos". Mais uma vez ele fala da superficialidade e da transitoriedade das coisas e antevê o que aconteceria de fato com a relação das pessoas com a mídia e a produção instantânea de celebridades (um exemplo grosseiro disso se dá no programa Big Brother).

Warhol era, ele próprio, um pop star. Excêntrico com sua peruca branca, dizia que raramente artistas plásticos ficaram famosos, com exceção de Picasso, Salvador Dali e, é claro, ele próprio. De acordo com a ideologia de ascensão social americana do "self-made man" (aquele que se faz sozinho) ele se autodenominava um "business artist" (ao invés de um homem de negócios, um "artista de negócios"), já que nasceu pobre e enriqueceu aproveitando as oportunidades do mundo capitalista, em oposição à estagnação social do mundo comunista de onde vinham seus pais. (Vale à pena lembrar que o mundo vivia, neste momento, a guerra fria.) Warhol se dizia provocador, que a qualidade de um artista se media pelo dinheiro que ele obtinha com sua arte. Essas afirmativas seriam, no mínimo, constrangedoras para um outro artista qualquer.

Andy Warhol sintetizava o espírito do Pop Art americano, que foi crítico enquanto chamou a atenção para a frivolidade da sociedade de consumo e foi acrítico quando aceitou, e até venerou esta realidade. Segundo Osterworld, "a idéia de Warhol não era apenas fazer do banal e do vulgar a substância da arte, mas de tornar a própria arte banal e vulgar. Não

se contenta em transpor para a arte dados mediáticos ou industrias, a arte em si torna-se um produto mediático e industrial. Warhol inverte as noções de elevação e "baixeza". Os grandes formatos também são típicos das obras do POP ART. Quando superdimensiona objetos de uso diário, o artista pop monumentaliza a banalidade da vida urbana, que tem tanto significado e profundidade quando um imenso hambúrguer de Claes Oldenburg, outro artista que se destacou dentro do movimento.

Claes Oldenburg *Floor burger* 1962

Oldenburg, *Pregador de roupa*

Claes Oldenburg *Patisserire e bolo*

Outro artista importante deste movimento foi Roy Lichtenstein. Nascido em Nova York em 1923, Lichenstein é pintor, gravador e escultor. Estudou arte na Universidade de Ohio e ficou conhecido por ampliar, em suas pinturas a óleo e em tinta acrílica as características de anúncios comerciais e das imagens de histórias em quadrinhos, reproduzindo, à mão e com fidelidade, os procedimentos gráficos em suas criações. São imagens de grande dimensão, nas quais o artista deixa visível a retícula do off-set (processo de impressão). Mais uma vez imagens da sociedade de consumo são trabalhadas enquanto arte. O quadrinho era tido como literatura de baixa qualidade (ainda hoje existe este pensamento). Trazer estas imagens para ao meio artístico significava, na época, uma transgressão de valores.

Roy Lichehtenstein, *Maybe* -1963

Roy Lichenstein, *Whammm*

OS REFLEXOS DE DUCHAMP E DO POP ART NO BRASIL

Na arte brasileira, o interesse por construir obras a partir da apropriação de objetos do cotidiano data sobretudo dos anos 1960, seja pela „redescoberta" mundial da produção de Marcel Duchamp, seja pela influência direta do Pop Art americano, que trazia em seu repertório objetos de consumo banais. Daí em diante a distinção entre o „mundo cotidiano" e o da „arte" parece um terreno maleável e movediço. Mas é preciso que entendamos que a apropriação é uma postura de resistência contra aquilo visto como ligado às instituições conservadoras, tais como convenções de um modo tradicional de se entender a arte, a pintura de cavalete, a escultura como estátua, entre outras.

O Pop Art chegou no Brasil, segundo Rafael Cardoso, "alguns anos depois da Coca-Cola, no encalço de outro produto de exportação da Guerra Fria, a ditadura militar". Segundo este autor, as exposições Opinião 65 (Rio de Janeiro) e Propostas 65 (São Paulo) ajudaram a renovar as vanguardas artísticas do país, revelando nomes como Antonio Dias, Carlos Vergara, Rubens Gerchman, Waldemar Cordeiro, entre outros. Estes artistas mudam a postura da intelectualidade da época frente à ordem e o rigor da arte vigente: "a rigidez geométrica e a fria racionalidade das tendências construtivas (abstracionismo

geométrico) deram lugar a uma nova preocupação com a liberdade e o erotismo, com a brasilidade e o popular, com a rebeldia contra toda e qualquer forma de repressão". Ao contrário dos artistas americanos que celebraram ironicamente os símbolos da sociedade de consumo e do capitalismo, o espírito pop no Brasil foi alimentado por um compromisso político profundo, pela denúncia e pelo questionamento. "Se o Brasil não viveu da mesma forma a Guerra Fria, teve, porém, sua guerra suja, o que talvez explique a reticência da maioria dos artistas citados de se filiar abertamente a um movimento tão identificado com a cultura norte-americana". Mesmo recusando-se a serem chamados de Pop, é inegável a identidade visual do movimento na obra dos artistas brasileiros das vanguardas dos anos 60, que aconteceu numa época de totalitarismo, censura e violação aos direitos humanos.

Rubens Gerchman
Não há vagas, 1965

Cláudio Tozzi
Eu bebo chopp, ela pensa em casamento, 1968

Nos aproximando mais da atualidade, artistas como Jorge Barrão, que trabalha com eletrodomésticos, ou Marcos Cardoso e suas guimbas de cigarro, ou ainda Farnese de Andrade com os objetos em madeira e brinquedos, garimpam „coisas" da vida cotidiana, que muitas vezes iriam para o lixo, fazendo com elas arte da melhor qualidade poética, a partir do momento que eles ressignificam essas coisas em suas obras. Você pode imaginar como deve ser os ateliês destes artistas? Eles se tornam um observatório permanente do cotidiano, um depositário de coisas que, aos olhos destes colecionadores de curiosidades e arqueólogos do contemporâneo, vão ganhando novos significados.

Na história da arte do século XX não existem limites para as transformações de coisas banais e cotidianas em arte, nem para o exercício da imaginação. Vivemos numa era de coisas descartáveis, de consumo rápido, e na mesma velocidade entramos em desencantamento, tédio, e logo procuramos um novo modelo do mesmo produto. Por outro lado, nos apegamos às coisas que permanecem mais tempo nas nossas vidas: elas passam por uma metamorfose afetiva. „Vou levar meu tênis velho" – preferimos muitas vezes porque dá sorte! Essas relações com um coisário íntimo fazem parte de nossa história e identidade. Mas existem outras coisas em que nunca prestamos atenção. Coisas anônimas ou de ninguém que os artistas resolvem „reanimar" para uma nova vida de significados – como arte. Uma reanimação que, sem dúvida, nos proporciona um novo olhar sobre as coisas que nos cercam.

ARTE CONTEMPORÂNEA

É a arte do nosso tempo. Marcada pela quebra de padrões, pela liberdade total de criar, representar e propor situações e também pela pesquisa e uso das novas tecnologias (vídeo, holografia, som, computador, etc.). A arte contemporânea se aproxima da vida, nela, tudo pode ser incorporado, o expectador é provocado e convidado às mais variadas reflexões sobre a arte e sobre a vida. A arte se integra à própria vida. Beleza, feiura, ironia, política, percepções, sensações, sucata, lixo, e até o próprio corpo, tudo pode ser material artístico. Ainda na década de 60 surge a Arte Conceitual, cuja arte passa a questionar a própria função da arte. O suporte da arte passa a ser a idéia, o conceito. Em oposição à arte conceitual, na Arte Formal (principalmente a abstração geométrica) os artistas aprofundam as pesquisas dos elementos visuais iniciadas pelos pintores modernos. A arte é plural e permite uma multiplicidade nunca antes vista neste campo. As instalações imperam nas exposições contemporâneas. A arte não precisa mais ser eterna, nem é feita para perdurar. O efêmero, o momento, a passagem do tempo marca boa parte das obras contemporâneas.

A pesquisa e o uso de materiais variados e inusitados estão presentes nas obras. Na Arte Contemporânea há exploração de todos os sentidos, não só da visão, mas também o tato, paladar e audição, exigindo do público, muitas vezes, uma participação ativa para que a obra se realize.

Mudaram os tempos, mudou a arte e sua função. Não esqueçamos que a arte é histórica, e cada vez mais, política e provocativa; porém sempre original e criativa.

Vejamos alguns conceitos que se transformam na arte da contemporaneidade, no que diz respeito:

1- Ao público

Na Arte contemporânea, o espectador deixa de ser um contemplador passivo do estético, para se tornar um agente participante, um leitor ativo de mensagens. Muitas vezes a obra só se realiza na sua presença e com a sua participação.

Sensibilizar o espectador é, então, menos importante do que fazê-lo refletir.

2- Ao artista

Este, além de ser um criador, passa a ser um propositor de ideias e/ou experiências, um manipulador de signos.

3- À originalidade e a autoria

A apropriação de objetos do cotidiano questiona o conceito de originalidade.

A terceirização de etapas de construção da obra questiona o conceito de autoria.

4- Às relações entre as obras e o tempo

Obras efêmeras são criadas, fazendo-nos pensar sobre o conceito de obra-prima, que "dura para sempre".

Obras que se consomem no tempo, como as performances, permanecem apenas nos registros (fotografias, vídeos, etc.) e estes tomam o seu lugar como agentes nos espaços expositivos.

A obra pode deixar de ser um objeto autônomo, resultado de um trabalho terminado, para se tornar um processo em desenvolvimento, inacabado por sua própria natureza (work in progress).

Arte Conceitual

A Arte Conceitual é aquela que considera a idéia, o conceito, como obra. O importante não é o resultado do processo artístico, mas o processo em si, a idéia que a obra encerra. Surgiu como vanguarda artística no final da década de 1960 na Europa e nos Estados Unidos. Esta é a época do movimento hippie, dos protestos contra a guerra do Vietnan e das grandes contestações sociais, como o feminismo, o homossexualismo e as questões ambientais. A arte buscava chocar, protestar, instigando o espectador a refletir sobre o papel da arte na sociedade e da arte como mercadoria.

A arte deixa de ser primordialmente visual, feita para ser olhada, e passa a ser considerada como idéia e pensamento, como objeto. As ideias de Marcel Duchamp foram de uma enorme importância para os artistas conceituais. Ao questionar a arte através de seus ready-mades Duchamp tornou-se o grande precursor da Arte Conceitual.

Já que as ideias são o mais importante para a arte conceitual, não há exigência de que a obra artística seja construída pelas mãos do artista. Ele pode, muitas vezes, delegar o trabalho físico para outra pessoa que tenha habilidade técnica. O que importa é a invenção da obra, o conceito, que é elaborado antes de sua materialização.

A arte conceitual utiliza diversas linguagens como a fotografia, o vídeo, e a própria linguagem verbal oral ou escrita, sendo muitas obras conceituais constituídas somente do texto linguístico.

Joseph Kosuth (Ohio 1945)

Um importante artista da arte conceitual é Joseph Kosuth. Em sua instalação "Uma e três Cadeiras" ele expõe uma cadeira comum de madeira. Na parede do lado esquerdo da cadeira, ele cola uma fotografia dela em tamanho natural e do lado direito, o verbete do dicionário explicando o que é uma cadeira (substantivo feminino, assento com costas para uma pessoa, pode ser de palha, madeira, metal, plástico...).

O que Kosuth quer dizer com essa instalação é que o conceito é superior ao objeto em si ou sua representação imagética (a fotografia); já que o significado de uma cadeira abrange toda e qualquer cadeira no planeta e a cadeira "real" é apenas um exemplo individual do seu conceito. A fotografia representa apenas uma cadeira ou cadeiras de uma só espécie e simboliza a pintura na História da Arte. Desta forma Kosuth critica a representação da realidade na arte e coloca a questão do conceito em primeiro plano. Segundo ele: "Ser um artista hoje significa questionar a natureza da arte". E esta é, em última instância, a principal idéia da arte conceitual.

NOVAS LINGUAGENS

Na arte da contemporaneidade, novas linguagens artísticas são desenvolvidas (instalação, videoarte, videoinstalação, assemblage, performance, body-art, arte digital, etc.) de acordo com a incorporação das novas tecnologias e de novas formas de pensar. Vejamos mais detalhadamente algumas dessas novas linguagens:

Instalação É a partir da década de 60 que o termo "instalação", que até então significava a montagem (a instalação) de uma exposição, passa a nomear essa operação artística em que o espaço, o entorno, tornase parte constituinte da obra. A instalação como linguagem artística se popularizou na década de 70, designando ambientes construídos e ocupados por objetos diversos, podendo estimular outros sentidos além da visão, como olfato, tato e audição.

"Os trilhos avançam através de uma área desativada e erma, cortando a cidade como uma chaga. Abandonados, deixados à margem da circulação, estes lugares são palco de uma ocupação provisória, de pessoas de passagem, em busca de esconderijo. Tornaram-se focos de tráfico e assaltos. Inscrições alertando forasteiros ou relatando cenas de agressão só acrescentam mais uma camada de violência às paredes. Ao cobrir as paredes do que restou de uma sala da Matarazzo com 7.000 seringas, Cildo Meirelles não está

apenas aludindo às transações que se fazem por ali, mas amplificando o sofrimento que se afligiu aos lugares e às pessoas. As seringas, espetadas uma após a outra em paredes e pisos, formam um tapete que recobre tudo. A beleza resultante do líquido vermelho, destacado da parede, sangue e sublimação estética, é convulsiva".

A instalação nos traz algumas questões, como:

Quando se trata de instalações no tempo/espaço definido de um museu ou espaço público aberto, podemos nos perguntar sobre o que resta de uma obra quando for desmontada? Ou ainda: é legítimo remontar uma instalação em lugar diverso do proposto inicialmente e que transformações isto traria para a obra?

Performance

Assim com a instalação, a performance é um termo que muda de sentido ao se tornar uma linguagem artística das artes visuais. Os saraus futuristas e os eventos dadaístas e surrealistas são os precursores do que viria a ser nomeado na década de 70 como performance, incluindo os "hapennings", as "ações" e a "body art".

Performance é, então, uma forma de arte que pode combinar elementos do teatro, da música, da dança e das artes visuais. Situa-se no limite entre o teatro e as artes plásticas, onde o artista funciona como uma escultura viva, "interpretando" sua mensagem.

Performance realizada em maio de 2001
Duração: 2 horas

Tipo de obra efêmera, a performance muitas vezes se perde no tempo pela inexistência de registros, mas como obra do instante ou do desenrolar de um processo pode, de certo modo, perdurar no tempo pela documentação fotográfica, por vídeos e filmes que perenizam o gesto fugaz.

Assim, para o espectador, a performance é sempre uma visualização da consciência do tempo e, mesmo que haja registros, as percepções táteis, corporais e manipulatórias são limitadas pelas imagens fotográficas ou videográficas.

Essa associação com a fotografia e outras mídias eletrônicas traz mais uma questão na contemporaneidade:

Se vamos a um museu e vemos as fotos de uma performance realizada há alguns anos por um artista, que limites há entre obra e registro nesta situação, se este ocupa o lugar da obra e é a única forma de termos acesso à sua percepção? Essa "presença ausente" é o que caracteriza especialmente as performances, que dependem dos registros para se perpetuarem no tempo, contradizendo assim, sua própria estrutura fugaz. Mas a contradição não é um problema para a arte contemporânea, ela é, ao contrário, bem-vinda, pois é parte da vida. A arte contemporânea suporta a coexistência de ideias e conceitos díspares, é parte de sua proposta a convivência com conceitos contraditórios, não havendo a necessidade de se optar por um ou outro para a legitimação de cada um.

Dois artistas que marcaram presença nas décadas de 60 e 70 no Brasil com propostas artísticas experimentais foram Lygia Clark e Hélio Oiticica.

Videoarte

Linguagem artística que faz uso das imagens eletrônicas, rompendo com os padrões estéticos estabelecidos pelas narrativas da televisão e do cinema. No Brasil, o início da videoarte data do princípio da década de 70, em plena ditadura, quando a ficção estava em alta na TV e a videoarte surge como uma linguagem de contracultura, desmascarando uma realidade sufocante.

Como exemplo citamos o ato do artista Paulo Herkenhoff de engolir páginas de jornal cujo texto fora adulterado pela censura vigente. Esta ação simbólica foi captada pela câmera em tempo real, sem cortes, em filmagem direta, onde as falhas são significativamente incorporadas à narrativa.

Arte eletrônica

O acesso dos artistas ao computador lhes deu a oportunidade de explorar as possibilidades dessa tecnologia como um meio de expressão, criando uma nova linguagem artística. O acesso dos artistas ao computador lhes deu a oportunidade de explorar as possibilidades dessa tecnologia. Com o início da internet na década de 90 surge o primeiro site que apresenta uma linguagem visual artística na web, ele se apropria dos códigos da Html e imagens, propõe a interação com o internauta, onde um link leva a uma outra composição imagética, num movimento automático, guiado ao acaso. A internet oferece ao artista o acesso a um público mais amplo e menos especializado.

A utilização diária do computador pela pessoa comum trouxe reflexões filosóficas sobre essa nova forma de estar no mundo. O conceito de Telepresença é um exemplo disso. Segundo Ronaldo Lemos: "Duas pessoas, uma em Nova York e outra em Tóquio se falavam pelo Skype. Quando terminaram a conversa nenhum deles desligou. O assunto acabou, mas eles resolveram não desligar. Então, um ouvia o outro abrindo um armário, espirrando do outro lado, teclando... A grande característica da internet é a nova relação temporal e espacial que se estabelece. A rede nos traz uma nova concepção de presença não corpórea, que

nos dá a possibilidade, ou melhor, o poder de controlar o espaço, o tempo e o corpo. A telepresença reflete uma sociedade em rede e o caráter global das novas relações. Alguns trabalhos artísticos em meios como a internet exploram essa experiência presencial à distância. "

Seguindo este pensamento a arte dos novos meios seria uma resposta dos artistas à revolução das tecnologias da informação e a digitalização dos modelos culturais. A internet disponibiliza uma hiperabundância de imagens, sons e textos, que aliados à dupla função Ctrl C - Ctrl V, abre possibilidades de novas apropriações e combinações.

É importante, porém, percebermos que as novas tecnologias são recursos, que podem ser utilizados para o desenvolvimento de linguagens artísticas. Mas a tecnologia não é arte por si só. Para uma tecnologia se tornar arte é preciso que esteja inserida no processo de desenvolvimento da linguagem de um artista. Alguns sinônimos para esta nova tendência são: arte digital, arte eletrônica, arte multimídia, arte interativa, que se multiplicam em muitas possibilidades: software art, game art, Web art, internet art, site-specific.

Objetos Encontrados (Objet trouvé)

São objetos cotidianos colados em telas ou utilizados em assemblages ou instalações. A técnica foi inicialmente utilizada pelos cubistas, por volta de 1911, que incorporavam papéis impressos, palhas de encosto de cadeira, etc., em suas colagens.

O artista brasileiro Artur Bispo do Rosário (*Sergipe 1909 ou 1911, +Rio de Janeiro 1989) colava "objetos encontrados" numa superfície plana. Seu trabalho tem forte conteúdo autobiográfico. Por conta de sua doença mental ele foi interno da Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro por mais de 50 anos, onde colecionou objetos utilizados no dia a dia do hospital psiquiátrico, utilizando-os em suas obras, como por exemplo, xícaras de alumínio já desgastadas pelo uso, coladas sobre uma placa de madeira. Numa outra assemblage Biso colou vários chinelos usados sobre a madeira. Bispo também bordou mantos, que desenhava e escrevia com os fios que desfiava de seu próprio uniforme! Contava histórias de viagens (ele havia sido marinheiro), desenhava os navios, paisagens e pessoas.

Arte Ambiental (Land Art)

A Arte Ambiental é exposta ao ar livre, aproveitando o ambiente externo, das ruas e a natureza. O artista Walter de Maria realiza a obra "O Campo de Luz" em 1977. O artista colocou 100 pára-raios no deserto de Quemados no Novo México, EUA. A obra acontece nos dias de tempestade. Os espectadores têm que assinar um termo de responsabilidade, isentando o artista de culpa, caso sejam eletrocutados.

Além das instalações, das performances, da videoarte e da arte eletrônica, outras linguagens e outros termos surgem para definir novas poéticas, como internet art, holografia, xerografia, videoinstalação, work in progress, site-specific, etc. Pergunte a sua professora os significados destes termos ou pesquise sobre essas novas linguagens contemporâneas.

Os nomes vêm para designar as coisas e os fenômenos, logo, se estes se transformam e se ampliam, os nomes se transformam e se ampliam também. O importante é percebermos que as diversas técnicas ou as novas tecnologias são procedimentos que envolvem a utilização de materiais e recursos, sendo, portanto, meios que podem ser utilizados para o desenvolvimento de linguagens artísticas, mas não o são por si só. Para uma tecnologia se tornar uma linguagem artística é preciso que esteja inserida em um processo que envolve o desenvolvimento de uma linguagem. E este processo é de responsabilidade do artista. Os artistas estão sempre atentos aos novos meios e tecnologias que podem ser utilizados para que eles desenvolvam novas linguagens artísticas, são eles que fazem um simples objeto ou um material qualquer se transformar em uma obra de arte.

COMPARANDO A ARTE MODERNA COM A ARTE CONTEMPORÂNEA

Agora vamos olhar comparativamente para os movimentos modernos e contemporâneos na arte:

- Se a obra moderna faz de seu objeto principal a materialidade da cor e da forma, a obra contemporânea faz de si mesma, um objeto, a arte-objeto.
- Se a Arte Moderna propõe uma revolução no universo das sensações e da forma, a Arte Contemporânea a propõe no campo das ideias, abrangendo esferas não artísticas como a política, o corpo, a sexualidade, a filosofia, a ética e demais interfaces estabelecidas pela produção cultural de nossos dias.
- Enquanto a Arte Moderna ressalta a autonomia da obra de arte, separando-a da vida real, a Contemporânea contextualiza a obra, aproximando-a da vida e do seu contexto social.
- Com a Arte Contemporânea o espectador está definitivamente banido do seu lugar de mero contemplador da arte; ele é intimado a participar, a pensar, a penetrar no universo de criação.
- A Arte Contemporânea extrapola os limites anteriores, criando novas e infinitas linguagens e meios expressivos para a arte.
- Enquanto a arte moderna nega a arte do passado, a arte contemporânea não acredita que o passado seja algo de que é preciso se libertar, ou que tudo tenha que ser completamente diferente. Ao contrário, pretende que o passado esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar.

Podemos concluir, a partir do que vimos acima, que são bastante complexas as transformações propostas tanto pela modernidade como pela contemporaneidade na arte. Mas é importante que percebamos que os movimentos nascem uns dos outros, se desenvolvem uns a partir dos outros e de seus contextos. E, é importante destacar, se revisitam continuamente. Como diz o historiador da arte Giulio Argan, "em arte há mudança, sem progresso". O pensamento de Argan questiona o conceito de evolução linear associada à idéia de progresso. Ressalta o movimento de

ir e vir dos movimentos artísticos, o aspecto cíclico e consequentemente interligado entre os diversos momentos da história da arte e seus movimentos estéticos e filosóficos. Por isso, você vai ver em algumas obras contemporâneas, citações ou reminiscências de obras modernas e acadêmicas, assim como vai ver também, em obras modernas, antecipações de aspectos encontrados na Arte Contemporânea. Mas é fundamental lembrarmos que, assim como a arte moderna não pode ser analisada sob o ponto de vista da arte acadêmica, a arte contemporânea não pode ser pensada, estudada e compreendida da mesma maneira que a arte moderna. Não podemos analisar um tipo de arte a partir de parâmetros de outro tipo de arte. Cada movimento artístico deve ser analisado de acordo com o seu contexto e a partir dele.

Concluindo, lembremos sempre que uma obra de arte não é um ponto final, que condensa concepções e preceitos, ela implica em um processo iniciador, ponto de partida para se repensar e refletir a arte e a vida.

Fonte
https://jucienebertoldo.files.wordpress.com/2013/01/apostila-de-arte-contemporc3a2nea.pdf

Bibliografia:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo, Companhia das Letras, 1992

BLISTENE, Bernard, Une histoire de l'art du XX e siècle, Paris, Centre Pompidou, 2000 BUENO, Guilherme (curador). Folder da Exposição Coleção João Sattamini – apropriações, MAC, Niterói.

CARDOSO, Rafael, O Pop está morto? In Revista BRAVO, maio de 2006, São Paulo, D' Avila Ediouro

DANTO, Arthur C. A idéia de obra prima na arte contemporânea. In Glória Ferreira e Paulo Venâncio Filho (org.) Arte& Ensaios n.10. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ EBA, UFRJ, 2003.

FREIRE, Cristina. Arte Conceitual. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2006.

FORSTER, H. "Subversive Signs" apud MENEZES, Marina P. Tese de mestrado: A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes. Rio de Janeiro, UERJ, 2007.

OSTERWORLD, Tilman, Pop Art, Kohl, editora Taschen Verlag, 1974 PROENÇA, Graça. História da arte. Editora Ática, São Paulo, 2001.

STRICKLAND, Carol Da Pré-História ao Pós-Moderno Rio de Janeiro, Ediouro, 2002 VERGARA, L. Guilherme (diretor da divisão de arte educação do museu). Folder da Exposição Coleção João Sattamini.

Catálogo da Mostra do Descobrimento – Arte Contemporânea, São Paulo, Fundação Bienal

Apostila de Arte Contemporânea – Professora Gisela Vianna- Colégio Pedro II

Instituto Itaú cultural Enciclopédia de Artes Visuais (http://www.itaucultural.org.br)

5. ARTES CÊNICAS: HISTÓRIA; 6. ARTES CÊNICAS: ENSINO; 7. ARTES CÊNICAS: RELAÇÕES ENTRE ARTE E JOGO;

DA GRÉCIA ANTIGA PARA O MUNDO: ARTES CÈNICAS, UM LEGADO RELEVANTE

A arte cênica inclui em si outras artes, sendo composta por elementos das artes visuais como música, dança e literatura, no qual esses elementos acabam se interligando um com o outro, para que no final do trabalho possa ter possibilidade de haver uma qualidade harmoniosa. Esses elementos que compõem as artes cênicas são constituídos por itens que são fundamentais no processo como a plasticidade, expressividade, ritmo, sonoridade, palavras, poesias, perspectiva, fundo, forma, claro, escuro, sombra e luz, emoção e razão.

As imagens são composições plásticas que, no Teatro, envolvem personagens (corpos), movimento (dança), palavras (poesia/literatura), espaço cênico (perspectiva e planos) e tempo (ritmo). Ao pensarmos na origem do teatro ocidental, é possível perceber o entremear de artes que constituem a teatralidade. (DÓRIA, 2012)

De acordo com a autora, podemos compreender a importância das imagens para as artes cênicas, buscando introduzir uma imagem que é apresentada de forma ao vivo, pois se não existisse a imagem e os componentes das artes visuais não existiria as artes cênicas. Nessas imagens não podem ser consideradas apenas as imagens que estão presente pessoas, mas sim que possuem composições plásticas presentes nas artes cênicas. Compreendendo os inúmeros fragmentos que fazem parte da teatralidade, considerando a poesia que intercala a literatura, a expressão corporal, a dança, os planos que são utilizados para o desenvolvimento das artes cênicas, o ritmo e o cenário utilizados para desenvolvimento das peças teatrais.

Dessa forma Roubine (2013), diz que o teatro é ao mesmo tempo uma prática do ato de escrita e uma prática da representação, utilizando dessa forma em seu desenvolvimento os elementos das artes visuais, envolvendo as composições plásticas que auxiliam no entendimento da originalidade das artes envolvendo personagens, movimento, palavras, espaço cênico, e tempo.

Para que possa ser representada uma peça de teatro é necessário que existe um texto escrito, pois antes de ser colocado em prática a peça teatral é necessário que exista um planejamento, para entender o número de personagens que será utilizado para apresentação, a expressão oral de cada personagem, considerando a expressão corporal e também o espaço onde será desenvolvido a representação teatral.

No entanto através dessas principais ideias sobre o teatro, compreendendo o significado e a importância para as artes, Dória (2012) pesquisou sobre a origem das artes cênicas que teve início através do teatro grego, sendo registrado em livros, o qual parte da cultura ocidental,

se fazendo presente em fatos históricos marcados na tragédia grega. Iniciando sua história através de cerimônias que eram dedicadas ao deus Dionísio (Baco), considerado como o deus da primavera e do vinho, nesse momento do início das artes cênicas havia um profundo vínculo entre a religião e a arte, a qual era bastante trabalhada a mitologia grega.

Compreendemos que o teatro inicialmente se desenvolveu na Grécia, originado não apenas através das artes como também pela religião, possuindo uma ampla importância para a religião, pois era utilizado durantes as cerimônias que eram dedicadas para um deus, havendo um importante vinculo da religião com a arte, no qual o teatro era bastante trabalhado através da mitologia grega.

Na mitologia grega, Dionísio significa " aquele que nasce duas vezes". Zeus teria arrancado Dionísio do ventre de sua mãe e o colocado na sua perna, até o seu nascimento. Essa história é bastante emblemática, pois o teatro será sempre uma arte que fala de dualidades e contradições. No festival dedicado a adoração de Dionísio havia um coro de homens que cantava e dançava em torno de um altar, como um canto coral lírico que contava a vida de um Deus. (DÓRIA, 2012)

Segundo a autora, compreendermos que a mitologia grega foi de extrema importância para a origem das artes cênicas, sendo que através da mitologia entendemos de forma melhor quem foi o deus Dionísio, que segundo a mitologia obteve mais que um nascimento, por isso se considera como o deus da primavera e do vinho, a mitologia pode ser considerada como uma lenda utilizada para a apresentação de histórias.

Através da mitologia compreendemos uma história de muitos significados que necessitam de exemplos, porém a mitologia é o principal foco para citar a maneira da origem do teatro, considerando o teatro como uma arte que se utiliza através das contradições utilizando mais de uma arte durante a apresentação de um espetáculo.

Compreendendo que as artes cênicas se iniciaram na Grécia através da religião, no qual através de sua originalidade iniciou sua expansão pelo mundo, se destacando antes da educação em rituais religiosos.

CONHECENDO A HISTÓRIA DAS ARTES CÊNICAS NO BRASIL

As primeiras peças de Teatro que aconteceram no Brasil, foram realizadas pelos Jesuítas, dessa forma compreendemos que o teatro Brasileiro se originou através da Igreja Católica, o teatro inicialmente foi considerado como um importante instrumento de catequese, que os Jesuítas utilizavam para catequizar os povos indígenas.

Sendo assim, o primeiro teatro a se desenvolver no Brasil foi criado por um jesuíta desenvolvido através da poesia. Dessa forma Magaldi (1997) diz que o primeiro teatro ocorrido no Brasil foi definido como o Teatro Gil Vicente, extraordinariamente desenvolvido através da poesia, sendo implementado por artes cênicas e completado através de uma estrutura dramática. O primeiro teatro originado no Brasil foi desenvolvido por Anchieta, sendo ele um jesuíta, assim o primeiro teatro era filiado através da tradição religiosa medieval.

Os jesuítas utilizavam a arte cênica nas datas especiais, durante as festas, nos teatros utilizavam representações buscando mobilizar os habitantes das aldeias. Para a realização das representações, os índios participavam de ensaios liderados pelos jesuítas, durante os ensaios os índios recebiam diversos papéis para encenação, dessa forma o teatro teve origem através das festividades religiosas.

No momento em que foram criadas as primeiras peças de teatro, ainda não existiam as artes cênicas, sendo elaborados as peças sem ter o entendimento da significação das encenações. No entanto Prado (1999) diz que o padre jesuíta José de Anchieta, quando criou as primeiras peças de teatro no século XVI, ainda não conhecia as artes cênicas. A representação dos jesuítas se completava com danças e cantos, no qual havia a participação dos índios, sendo uma representação que se tornava em festividade, havendo muita alegria. No meio dessas representações durante as procissões, haviam paradas em diferentes lugares, se originando episódios, através do tema religioso geral.

Promovidos especialmente pela igreja, encaixam-se sem dificuldade, dentro do perfil das festas barrocas ibéricas. A representação teatral completa em programa que empenha toda a Cidade. Novas tendências, na medida em que elas existem um teatro tão fragmentário, só surgirão com o aparecimento de um novo gênero, a ópera italiana. (PRADO, 1999)

Segundo o autor, percebemos que o teatro foi originado principalmente através da igreja, por esse motivo foi de fácil acesso sua participação durante as festas barrocas ibéricas, no qual a representação do teatro criou um programa que permitia o desenvolvimento em toda a cidade, criando novas tendências, dessa forma buscando novos fragmentos para a prática do teatro, surgindo um novo gênero conhecido como a ópera italiana.

No Brasil, as primeiras peças teatrais aconteceram no período colonial, no qual as primeiras encenações vinham de fora, pelo motivo de ainda não existir teatro no Brasil. A primeira encenação do teatro surgiu em Rio de Janeiro, em um lugar conhecido como a casa de Ópera, nesse momento o Brasil era conhecido como um vice-reino. Esse primeiro teatro acontecido em Rio de Janeiro teve como ênfase as traduções de Pietro Metastásio, a qual teve como tema "Obras-primas de Metastásio", essa primeira peça teatral foi apresentada por uma companhia de mulatos que eram considerados como os grandes mestres da Itália.

As peças de Metastasio poderiam ser lidas ou eram disponibilizadas através dos compositores, possuía como fundo histórico a retratação das tragédias utilizando poucos personagens. Na casa de Ópera existem obras-primas de Metastasio, que tem como regente o Padre Ventura, além das obras de Metastasio na casa de Ópera também existem obras de autores que se incumbiram de difundir o mais rápido suas obras para a língua portuguesa, esses autores eram considerados como os mais ilustres sendo eles: Moliere, Voltaire, Goldoni.

No entanto Prado (1999) diz que o nível social dos atores e cantores improvisados, distribuídos em diferentes grupos, incluía desde negros alforriados e mulatos até estudantes, professores de primeiras letras, pequenos funcionários públicos, caixeiros de lojas e militares. Entre estes, os soldados entravam com a música e os oficiais não se acanhavam de subir ao palco. Os gêneros teatrais abordados iam do entremez ibérico,6 a ópera e a tragédia.

Esses atores e cantores vieram de outros países para o Brasil, dessa forma acabaram perdendo suas identidades, na qual precisaram iniciar tudo novamente no Brasil se adequando com as condições que o teatro simples que havia no Brasil oferecia. Dessa forma, os cantores e atores que foram improvisados para o Brasil buscaram impor novas ideias.

COMPREENDENDO O ENSINO DO TEATRO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

No momento em que buscamos analisar o ensino de teatro, precisamos se referir através de outras disciplinas além da arte. Um espetáculo teatral possui muitos significados podendo ser interpretado de diferente maneira, utilizando instrumentos que retratam as histórias do nosso dia a dia. Na escola é importante que não seja apenas apresentado o teatro, mas também que seja estudado de forma geral, para que o aluno possa entender para que finalidade uma peça teatral é construída.

As artes são consideradas como uma das principais disciplinas do campo educacional, porém são trabalhadas sem uma atenção necessária por parte dos responsáveis no momento de elaborar seus conteúdos durante a programação do curso. O método dramático que constitui as artes cênicas era considerado como um método bastante trabalhado no momento em que era mediada a aprendizagem na sala de aula.

O teatro acontece nos ambientes educacionais, formais e informais, em duas ocasiões: nas comemorações de datas festivas e cívicas ou como ferramenta de apoio a alguma atividade especifica de disciplinas consideradas sérias, desenvolvendo conteúdos de outras áreas do conhecimento, como se o teatro em si não tivesse seus conteúdos próprios e de suma importância a formação de um cidadão apto a relacionar-se com as mais diversas linguagens. (FERREIRA E FALKEMBACH, 2012).

Segundo as autoras, o teatro se desenvolve de melhor forma nos ambientes da educação, podendo ser trabalhado para fins de uma formação mas também para apenas uma apresentação teatral, porém é utilizado com mais frequência durante alguma comemoração festiva que ocorre nas escolas, o teatro se desenvolve através de conteúdos trabalhando as diferentes áreas do conhecimento, porém teatro não pode ser trabalhado sem ter sua importância, pois em si próprio também oferece conteúdos buscando formar a pessoa para que a mesma saiba como lidar com diferentes situações do dia a dia.

Através do teatro é importante destacar diferentes fragmentos que a arte oferece, podendo ser trabalhado como um meio de formação também como fragmento para explicar as diferentes situações do cotidiano. O teatro pode ser trabalhado através da ludicidade buscando desenvolver um crescimento pessoal e cultural, as pessoas que participam do teatro possuem um melhor desenvolvimento no domínio da comunicação e conseguem utilizar de uma melhor forma a interação da linguagem teatral, através da improvisação e do lúdico.

Dessa forma, Japiassu (2012) diz que ao longo do século XX, o teatro passou a ser incluso nas grandes sociedades ocidentais como um componente curricular da educação que buscava formar as crianças, jovens e adultos através do processo de escolarização. Podemos perceber que no século XX o teatro começou a ganhar foco principal na educação passando a ser trabalhado através da criatividade, sendo colocado em prática através da dramatização e das leituras das peças teatrais.

O teatro é utilizado desde o século XVI na educação através dos jesuítas que utilizavam como um instrumento para catequizar os índios, o teatro não é apenas utilizado na disciplina de artes, mas também nas pedagogias contemporâneas se baseando nos processos criativos e na ludicidade. O teatro pode ser organizado em diversas maneiras, podendo ser considerado como um jogo. Para a realização do teatro não existem espaços obrigatórios, podendo ser utilizado em diferentes locais, principalmente em sala de aula.

Para o desenvolvimento do teatro é importante ser realizado em um espaço simbólico, podendo ser transformada a sala de aula que possibilite que a imaginação, o corpo e a ação dos alunos possam integrar uma construção de novas habilidades e competências.

Importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e linguísticos em sua especificidade estética, o teatro passou a ser reconhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando-as, as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana culturalmente determinada. (JAPIASSU, 2012)

Segundo o autor, percebemos que o teatro após ser colocado em prática em sala de aula ele se desenvolveu por meio de muitos tópicos, no qual atualmente podemos considerar como uma importante ferramenta utilizada na comunicação buscando no momento do diálogo colocar em prática uma expressão que articula diferentes aspectos, dessa forma mobilizando através do conhecimento diferentes dimensões que transformam a realidade humana através de uma determinada cultura.

Para o desenvolvimento do teatro é importante buscarmos a criatividade durante a realização, para que seja demonstrado de uma melhor forma a encenação que retrata o texto criado através de uma história para a educação. Através do teatro surgem muitas descobertas que retratam um caráter pedagógico, podemos compreender qual a concepção que a arte oferece.

No teatro é introduzido a aprendizagem de conteúdo específicos das disciplinas, compreendendo as habilidades e competências, assim podemos considerar o teatro como

uma complexidade, sendo uma linguagem que envolve muitas outras, conseguindo entender as diferentes formas que existem no momento de perceber, viver e fazer o teatro.

A vivência do teatro é considerada muito importante pois auxilia na existência humana, ampliando o desenvolvimento de toda a pessoa, principalmente no momento de apresentar a peça teatral em um palco, desenvolvendo uma maior segurança no momento de se apresentar em público, podemos considerar o teatro como uma ação que desenvolvemos para nós mesmos e também para as outras pessoas, necessitando de um determinado tempo e espaço.

O teatro possui como objetivos comunicar os desejos, sentimentos e emoções, buscando transmitir informações através de vivências de experiências, disponibilizando inúmeras expressões que estão presentes na arte e no conhecimento, podendo ser apresentada as histórias que as pessoas adquiriram durante suas vidas, sendo apresentado em diversas situações como na família, na unidade escolar e também nas mídias, vivenciamos o teatro em muitos momentos do dia a dia.

Dessa forma Granero (2011) diz que podemos considerar a sala de aula como um espaço verdadeiro na expressão humana, sendo considerado como um espaço cênico no qual se encontra uma boa organização e expressão oral, no qual podemos observar os cartazes na sala de aula que retratam as histórias trabalhados em diversas disciplinas, complementando a importância dos cartazes em sala de aula pelo motivo de ser considerado como um dos recursos cênicos para o teatro, considerando um teatro didático.

Podemos entender que o teatro está presente em muitos momentos principalmente na sala de aula, sendo trabalhado não apenas na disciplina de artes mais também em outras disciplinas, considerado através da imagem, da expressão oral e da organização, dessa maneira o teatro não precisa ser apresentado, porém visualizamos muitos aspectos que são desconhecidos pelas pessoas, necessitando de possuir um maior momento de estudo para seu entendimento.

Conhecer os diferentes espaços cênicos não é somente uma curiosidade, pois favorece a compreensão de que o teatro é uma linguagem espaço-temporal, um acontecimento que se dá entre pessoas em um espaço-tempo definido e que, como esse espaço é ocupado, tanto por atores como por espectadores, é definitivo na relação construída entre eles. A forma como espectadores relacionam-se com um espetáculo ou performance cênica na rua é diferente do modo como se relacionam com um espetáculo em uma sala fechada. (FERREIRA E FALKEMBACH, 2012)

Segundo as autoras, percebemos uma importância que antes do momento de entendermos a maneira do funcionamento da peça teatral possamos conhecer os espaços cênicos para a realização, conhecendo o espaço e o tempo de como será colocado em prática a peça de teatro, pois existem diferentes maneiras de colocar o teatro em prática, considerando os diferentes espaços, também a maneira de como os espectadores vão apreciar a peça teatral.

O professor pode utilizar o teatro em diferentes maneiras de trabalho, sendo através de conversas, jogos ou então através de psicodrama utilizado como ferramenta de ensino, o teatro pode ser trabalhado em qualquer nível desde a educação infantil até o ensino médio, existindo pontos principais como jogos teatrais e psicodrama. No momento de utilização dos jogos teatrais no processo de ensino é interligado o teatro da disciplina de arte com o teatro pedagógico, através do jogo teatral conseguimos improvisar uma peça de teatro utilizando um fato que ocorreu durante algum momento, utilizando recursos dramáticos na didática do professor.

Podemos considerar o teatro como um método utilizado para alcançar conteúdos de diferentes disciplinas através dos objetivos pedagógicos, buscando desenvolver a criatividade, principalmente encenando uma história que ocorreu no tempo passado ou então para ensinar na prática, com o teatro conseguimos compreender o ensino de artes para a atualidade, considerando o caráter contextualista ou instrumental.

O teatro e as artes, são concebidos como linguagens, como sistemas semióticos de representação especificamente humanos. Trata-se de estudar a complexidade das linguagens artísticas e suas especificidades estético- comunicacionais como sistema arbitrário e convencionais de signos. Destacase a necessidade de apropriação pelo aluno das linguagens artística-instrumentos poderosos de comunicação, leitura e compreensão da realidade humana. (JAPIASSU, 2012)

Segundo o autor, é importante considerar que o teatro é realizado através de linguagens que apresentam significado importante, representando as histórias através dos sinais trabalhando acontecimentos culturais. O teatro busca estudar inúmeras linguagens para dramatizar um momento, sendo utilizado de uma melhor forma na disciplina de artes, utilizando como instrumento a comunicação, leitura e possibilitando ao espectador o entendimento da realidade humana.

No desenvolvimento do teatro se trabalha inúmeros exercícios, por isso é importante o professor possuir uma turma para lhe auxiliar a desenvolver o teatro, percebendo o lugar onde vai ser trabalhado e a linguagem oral que será utilizada, buscando representar diversos personagens através de um próprio corpo, porém no momento inicial de trabalho com uma turma é importante que o professor utilize a metade da turma para dramatização e a outra metade como espectadores.

A partir dessa ideia, Granero (2011) diz que é importante que o professor utilize atividades que desenvolvem percepções além do corpo no aluno, buscando a interação de imagens, sons e cores inusitados, utilizando durante seu trabalho uma didática, trabalhando através da criatividade, possibilitando ao aluno a concentração e percepção do seu próprio corpo.

Quando é trabalhado em sala de aula a utilização do corpo, a criança ou adolescente conseguem perceber que é possível criar inúmeros objetivos através do corpo e da imaginação, por isso existe uma importância em trabalhar a

ludicidade no momento de ensinar o teatro pois o aluno consegue perceber que cada gesto, movimentos realizados em cena devem apresentar um significado para o espectador.

Percebemos que qualquer pessoa pode ser considerada como espectador desde o momento em que presencia uma peça teatral, o espectador busca ensinar a pessoa como se relacionar no momento da apresentação, porém o apresentador precisa transmitir conhecimentos para a pessoa que está assistindo, para ser considerado como espectador não é necessário possuir algum curso mais gostar de assistir um espetáculo, obtendo contato com diferentes culturas.

A escola apresenta-se como a principal mediação entre as crianças e o teatro, já que é nas instituições de ensino que a maior parte das crianças tem seus primeiros e/ou únicos contatos com o fazer teatral e com a apreciação de espetáculos. Compreendendo-se a recepção como um processo, entende-se o espectador como um coautor da obra, como parte necessária e ativa de um artefato cultural ou de uma obra de arte, já que é ele quem constrói sentidos, significados e sensações a partir de seu repertório e da relação travada com o objeto. (FERREIRA E FALKEMBACH).

Segundo as autoras, podemos considerar a escola como instituição muito importante para o desenvolvimento das artes cênicas pois desenvolve como disciplina as artes, buscando trabalhar desde a educação infantil os diferentes aspectos que a arte oferece como a dança, música e teatro, buscando na maior parte o desenvolvimento das artes cênicas disponibilizando ao aluno a apreciação da peça teatral mais também a prática na qual o aluno pode participar como personagem.

No momento em que o professor desenvolve a criação de uma peça teatral é necessário que o mesmo possa ensinar a maneira da criação, utilizando a criatividade e o desenvolvimento do aluno para que o mesmo possa se sentir como alguém que tenha ajudado na criação da arte teatral, pois quem participa de uma peça de teatro utiliza além das falas os sentidos disponibilizando um significado durante o teatro, disponibilizando uma relação dos personagens, do autor com a plateia, buscando também o envolvimento do espectador durante a apresentação.

Fonte

RIPPLINGER, M. L. K.; DA SILVA, E. P. A importância das artes cênicas para a educação e a cultura.

8. ARTES VISUAIS: HISTÓRIA; 9. ARTES VISUAIS: ENSINO; 10. ARTES VISUAIS: ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL;

A Pedagogia Liberal Tradicional preocupava-se com a universalização do conhecimento. O treino intensivo, a repetição e a memorização eram as formas pelas quais o professor, elemento principal desse processo, transmitia o acervo de informações aos seus alunos, considerados agentes passivos, a quem não era permitida nenhuma forma de manifestação. Os conteúdos eram verdades absolutas, dissociadas da vivência dos alunos e de sua realidade social.

As aulas de artes na Pedagogia Tradicional transcorriam a partir de exercícios de reprodução de modelo, selecionados pelo professor, como estatuetas em gesso, vasos de porcelana, natureza morta em gesso e sólidos geométricos. As aulas seguiam normas e copiavam padrões, sendo os exercícios considerados primordiais ao aprimoramento.

A avaliação na Pedagogia Tradicional era feita pelo professor, o detentor do saber para avaliar e, às vezes, até punir o aluno por meio de provas escritas, orais, exercícios e trabalho de casa.

A Pedagogia Liberal renovada manifestava-se por meio de duas versões: Renovada Progressista e Renovada Não-diretiva. A Pedagogia Renovada Progressista tinha em Anísio Teixeira seu principal expoente. Essa pedagogia também era conhecida como Escola Nova e o objetivo do ensino e aprendizagem concentrava-se no aluno. Os educadores acreditavam em uma sociedade mais justa e igualitária, cabendo à educação a adaptação dos estudantes ao seu ambiente social.

Do ponto de vista da Escola Nova, os conhecimentos já obtidos pela ciência e acumulados pela humanidade não precisariam ser transmitidos aos alunos, pois acreditava- se que passando por esses métodos, eles seriam naturalmente encontrados e organizados.

Nas aulas de artes, o conhecimento era deixado de lado. A metodologia utilizada era a livre-expressão e o professor era apenas orientador. O objetivo principal era o desenvolvimento da criatividade, caindo no espontaneísmo.

Barbosa (2008), em seu livro "Ensino da Arte: Memória e História", comenta que a Escola Nova adotou, principalmente, a ideia de arte como experiência consumatória. Identificou esse conceito com a ideia de experiência final, colocando arte (desenho, colagem, modelagem, entre outras.) no final de uma experiência, ligando-se a ela por meio de conteúdo, para poder ajudar na compreensão dos conceitos, porque há elementos afetivos na cognição, sendo mobilizados por ela.

No final de 1920 e início de 1930, surgiram as primeiras tentativas de escolas de arte para crianças e adolescentes como atividade extracurricular. As Artes Visuais no Brasil tinham recém passado por uma grande transformação com a Semana de Arte Moderna de 22. A valorização das raízes nacionais era o ponto de partida para os artistas, que agora tinham liberdade para criar, sem as limitações que o academicismo impunha até o momento.

Após a Semana de 22, a cultura popular passou a ser mais valorizada na literatura de cordel e nas xilogravuras (gravura cujas matrizes são esculpidas em madeira). O folclore passou a ser objeto de estudo de muitos pesquisadores. A temática rural, simbolizada por montanhas, árvores e cursos d`água ou marinhas foi aos poucos sendo substituída por temas ligados à cidade. O homem e seu trabalho na zona urbana toma o lugar dos temas religiosos. A mulher, que frequentemente representava a mãe com a criança ou a alegoria de beleza do nu feminino, começou a ser pintada em outras atividades, como as mulatas dengosas de Di Calvalcanti, no lugar das modelos de tipo europeu, que posavam nas aulas de pinturas acadêmicas.

Nessa atmosfera, com o sentimento nacionalista pairando no ar, o ensino extracurricular de Theodoro Braga defendia um ensino voltado à natureza, à estilização da flora e da fauna brasileira. A orientação de Anita Malfatti era baseada na livre expressão e no espontaneísmo. Mario de Andrade ministrava curso de filosofia e de história da arte, comparando o espontaneísmo do desenho infantil à arte primitiva. Augusto Rodrigues criou a Escolinha de Arte no Rio de Janeiro em 1948. Ali, a criança podia criar com liberdade e o professor era um facilitador dessa autoexpressão, possibilitando-lhe o acesso aos materiais e às técnicas.

Com a ditadura de Vargas, em 1964, a prática de arte nas escolas foi dominada, em geral, pela sugestão de tema e por desenhos alusivos à comemorações cívicas, religiosas e outras festas. Em nível universitário foi destruída a experiência renovadora da UNB, baseada em pesquisa e em ideias aprendidas com a Bauhaus, em que a criança era circundada com bons desenhos.

Entre 1960 e 1970, foi introduzida no Brasil a Pedagogia Liberal Tecnicista, que tinha como função primordial a adequação do sistema educacional com a proposta econômica e política do regime militar, preparando, desta forma, mão-de-obra para ser aproveitada pelo mercado de trabalho. Foi um período de forte presença do autoritarismo do Estado e do Regime Militar. É nessa época que o espírito crítico e reflexivo foi banido das escolas e o ensino e aprendizagem centrou-se em técnicas e habilidades. O ensino da arte enfatizava o uso de materiais alternativos, como lixo limpo e sucata. A prática em sala de aula dominou a exploração de uma variedade de técnicas de pintura, de desenho, de impressão, etc. O importante era que no fim do ano o aluno tivesse tido contato com uma série de materiais e empregado uma sequência de técnicas estabelecias pelo professor.

Por volta de 1969, a arte fazia parte do currículo de todas as escolas particulares de prestígio, seguindo a linha metodológica de variação de técnicas. Eram, porém, raras as escolas públicas que desenvolviam um trabalho de arte.

A partir da década de 60, por resultado das inquietações de muitos educadores, deu-se início à Pedagogia Progressista, subdividindo-se em libertadora, libertária e histórico crítica. Nesse contexto, torna-se imprescindível a discussão da cultura popular versus cultura erudita, passando-se, enfim, necessariamente a discutir a problemática da democratização da cultura.

A tendência Progressiva Libertadora teve sua origem ligada ao contextualismo social, com influências de Paulo Freire. A escola deveria ser valorizada como instrumento de luta das camadas populares, propiciando o acesso ao saber historicamente acumulado pela realidade social na qual o aluno estava inserido.

A busca do conhecimento é inseparável da prática social e não deve basear-se no acúmulo de informações, mas sim em uma reelaboração mental, que deve surgir em forma de ação sobre o mundo social e buscando a transformação da realidade do aluno. Para Freire (2002), a educação deveria proporcionar a autonomia de ser e de saber do educando, valorizando e respeitando o seu conhecimento prévio, sua curiosidade, inquietude e linguagem, visto ser o aluno um sujeito social e histórico em construção. Ele também defendia a pesquisa. Para ele, todo educador é um pesquisador ou deveria ser, pois a pesquisa é o ponto inicial para o conhecimento do novo, podendo o educador, assim, alcançar um aprendizado eficaz.

Para Freire (2002), não há docência sem discência, pois o professor aprende ao ensinar. O professor não é superior ao aluno, mas também faz parte do ensino e aprendizagem e ambos são sujeitos importantes na construção do saber. "Quem forma se forma e reforma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (FREIRE, 2002, p.25). Portanto, para o autor a prática escolar do educador e do educando tem de ser avaliadas. O autor ainda acrescenta que essa avaliação deve ser democratizada. O professor deve discutir com os educandos a melhor maneira de avaliar o seu trabalho e dos alunos.

A contestação social e a luta por reivindicações de igualdade propostas por Paulo Freire e outros da Pedagogia Libertadora, continuaram também na Pedagogia Progressista Libertária, no final do século XIX e início do século XX. Os libertários valorizavam a experiência de autogestão, autonomia e não-diretividade. Kassick comenta sobre o surgimento da Pedagogia Libertária: "(...) andavam juntos: escola, jornais, centros de estudo sociais, militância, panfletagem, greves, enfim, todo um conjunto de atividades e ações diretas que visavam fundamentalmente à transformação da sociedade opressora e exploradora na qual viviam os operários" (KASSICK, 2008, p.139).

Essa tendência acreditava na liberdade total: educação livre de dogmas e de preconceitos, livres dos interesses da Igreja e do Estado, por isso dava mais importância ao processo de aprendizagem grupal do que aos conteúdos de ensino, repassando-os de forma igual para pobres e ricos, pensando numa convivência que possibilitasse a superação das discriminações sociais. Na tendência antiautoritária, o professor assumia a função de conselheiro, instrutor-monitor, um catalisador, que realizava reflexões em comum com os alunos, ajudando o grupo, auxiliando no desenvolvimento, superando os obstáculos da aprendizagem enraizados no indivíduo e no grupo e ajudando o coletivo a descobrir e a utilizar os diferentes métodos de pesquisa.

O professor era aconselhado a nunca fazer correções no próprio desenho do aluno, preservando, de certa forma, sua individualidade. A Educação Artística objetivava que o povo fosse educado tecnicamente e artesanalmente, preparando o aluno para a vida prática, não vendo nas atividades artísticas mera finalidade contemplativa.

A forma de avaliar nesse período não previa nenhum tipo de avaliação dos conteúdos. Ela ocorria em situações vividas, experimentadas, portanto incorporadas para serem utilizadas em novas situações.

Nesse período, os intelectuais tinham a necessidade de propagar a Educação Artística para todo o povo brasileiro, defendendo a obrigatoriedade em todas as escolas públicas. Em 1971, com a Lei Federal nº 5692, Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Artística tornou-se disciplina obrigatória nos currículos de 1ª e 2ª graus e na universidade nos cursos de Educação Artística e

licenciatura em Artes Plásticas, criados em 1973. Para formar professores para essa demanda, foram criados vários cursos de Educação Artística com duração de dois anos (licenciatura curta), preparando professores polivalentes, que deveriam ensinar conjuntamente Artes Plásticas, Artes Cênicas e Música da 1ª a 8ª séries do antigo primeiro grau, que hoje é do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Após esse curso, o professor poderia continuar seus estudos em direção à licenciatura plena, com habilitação específica em Artes Plásticas, Desenho, Artes Cênicas ou Música.

Em 1977, o MEC, diante do estado de indigência do ensino da arte, criou o Programa de Desenvolvimento Integral de Arte/Educadores – PRODIARTE. Seu objetivo era integrar a cultura da comunidade com a escola, estabelecendo convênios com órgãos estaduais e universidades. A partir desse ano, os artes-educadores começaram a reunir-se em grandes encontros, como a semana de Arte e Ensino, que reuniu mais de três mil educadores na USP em 1980. Em 1982/1983, foi criada na pós-graduação em artes a linha de pesquisa em arte educação da USP e com isso cresceu o número de pesquisa na área.

Nesse período, a Educação Artística conseguiu a obrigatoriedade nas escolas, mas não possuía conteúdos determinados e não exigia avaliações quantitativas, sendo vista como um descanso entre as outras disciplinas ditas "sérias", como afirma Osinski (1998, p. 163). A autora ainda afirma que:

Esse desprestígio da arte dentro do currículo escolar gerou, ao longo do tempo, um desânimo aliado à uma sensação de inferioridade no professor de educação artística. Por outro lado, a situação extremamente deficitária do ensino brasileiro configurada, entre outros fatores, na falta de professores licenciados na área, acrescentada ao fato de se ter de cumprir a exigência curricular, acabou fazendo com que licenciados de outras disciplinas, como Matemática ou Geografia, passassem a ministrar arte, numa suposta comprovação da crença generalizada de que arte qualquer um dá (OSINSKI, 1998, p. 163-164).

Para tentar mudar esse quadro, no início da década de 80, ocorreram várias discussões para a valorização da arte e para encontrar caminhos para uma melhor prática em sala de aula. Em 1984, na ECA/ USP, no I Encontro Nacional de Diretores e Professores das Faculdades de Educação Artística, foi decidido que se acabaria com a licenciatura curta e com a polivalência, sendo favoráveis às áreas específicas em arte.

Nesse período, década de 80, surgiu a tendência conhecida por Pedagogia Histórico-crítica, que enfatizava os conteúdos, confrontando-os com a realidade social. Sobre essa pedagogia, Gasparin situa e comenta que "(...) o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Torna-se necessário criar um clima de predisposição favorável à aprendizagem" (GASPARIN, 2007, p.15). O autor ainda acrescenta que uma das formas para motivar os alunos é conhecer sua prática social imediata, ouvindo-os sobre as relações sociais como um todo.

No ensino das Artes Visuais foi criada a proposta triangular por Ana Mae Barbosa, que se caracterizava pela entrada da imagem, sua decodificação e interpretações na sala de aula, junto a já conquistada expressividade. Essa proposta foi pesquisada entre 1987 e 1993 no MAC-USP. A autora queria:

(...) um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte, e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura (BARBOSA, 1994, p.35).

Ana Mae Barbosa afirma que a arte na educação é uma expressão pessoal e cultural. Por meio dela é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade analisada.

A partir de 1989, várias lutas políticas aconteceram pela defesa da obrigatoriedade da arte na Lei de Diretrizes e Bases Nacionais para mostrar que arte tem conteúdo, tem história e múltiplos sistemas de interpretação, mostrando que é uma área de conhecimento específica, que merece respeito como as outras.

Em 1997, o governo federal estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), apresentando como novidade e receitando a troca da nomenclatura dos componentes da aprendizagem triangular (produção, leitura e contextualização) para produção, apreciação e reflexão do primeiro ao quarto ano e produção, apreciação e contextualização do quinto ao nono ano. "Cada tipo de conteúdo da área pode ser ensinado nos três eixos da experiência de aprendizagem significativa do estudante de arte, quais sejam: a experiência do fazer, a experiência do apreciar e a experiência do contextualizar" (BRASIL, 1998, p.45).

Os três eixos estão articulados na prática, ao mesmo tempo que mantêm seus espaços próprios. Os conteúdos poderão ser trabalhados em qualquer ordem, conforme decisão do professor, em conformidade com o desenho curricular de sua equipe e segundo critérios de seleção e ordenação adequados a cada ciclo. Cabe ressaltar que as relações de ensino e aprendizagem de Arte não acontecem no vazio, mas sempre se ligam a determinado espaço cultural, tempo histórico e a condições particulares que envolvem aspectos sociais, ambientais, econômicos, culturais, etários. As relações entre arte e ensino-aprendizagem propiciam que o aluno seja capaz de situar o que conhece e de pensar sobre o que está fazendo a partir da experiência individual e compartilhada de aprender. Isso traz consciência do desenvolvimento de seu papel de estudante em arte e do valor e continuidade permanente dessas atitudes ao longo de sua vida (BRASIL, 1998, p.49-50).

Historicamente, o ensino de arte no Brasil oscila até 1961. O Programa de Ensino Fundamental e Médio era determinado e dava-se liberdade de organização de currículo à universidade. De 1971 a 1997, o currículo das universidades era determinado e livre do Ensino Fundamental. Agora,

vive-se um momento de falsa liberdade do ensino das artes na universidade, que explicitamente é regulado apenas quantitativamente, no número de horas aulas, mas implicitamente dominado pelo conteúdo no provão e o Ensino Médio e Fundamental determinado pelos PCN.

A legislação continua influenciando o ensino da arte, como a Lei 10.639/03 e a Lei 11. 645/2008, deixando de olhar somente para a produção artística ocidental e incluindo a obrigatoriedade das culturas indígenas, africanas e afro-brasileira no ensino Fundamental e Médio. Com isso, o ensino/aprendizagem transmite e valoriza as diversas culturas predominantes no Brasil. Quando o ensino respeita o educando, não pode haver segregação de culturas e os hábitos e as diferenças culturais devem ser respeitados e considerados. As diferenças são importantes na constituição do sujeito, especialmente em uma cultura híbrida como a brasileira.

Um dos caminhos que fundamentam a prática das diversas culturas é apontado pelo multiculturalismo crítico, que tem como objetivo propiciar uma educação inclusiva, respeitando e valorizando as culturas. Uma educação que parte do conhecimento do educando e segue em direção a novos horizontes, trocando experiências e conhecimentos. O educador deve estar atualizado e em constante processo de estudos e pesquisa para que possa dar conta do grau de especialização que a arte-educação requer. Ele precisa conhecer a história política e social das culturas, ter conhecimento de antropologia, sociologia, arqueologia e história.

Além do Multiculturalismo, também encontramos no ensino da arte o Interculturalismo, um movimento que envolve gênero e etnia vinculados ao cotidiano. Richter (2003) mostra um ensino intercultural das Artes Visuais dentro das escolas, que é constituído por dois eixos principais: a multiculturalidade do Brasil e a estética feminina do cotidiano. A autora discute tendências contemporâneas internacionais sobre educação intercultural e sobre o ensino das Artes Visuais. A estética do cotidiano é abordada por meio do conceito de "fazer especial", desenvolvido por Dissanayake e de "valor estético", desenvolvido por Rader e Jessup. Richter amplia o conceito de arte, usualmente utilizado na escola para um sentido mais amplo de experiência estética, incluindo, desta forma, as chamadas "artes menores". Em sua pesquisa, as práticas artísticas femininas do cotidiano foram associadas à arte de artistas contemporâneos, que utilizam o mesmo referencial de trabalho em sua obra, no entendimento de que os dois tipos de arte estão relacionados por uma mesma linha estética.

Outro caminho que o ensino da arte está abrindo é a Cultura Visual. Esse termo ultrapassa a esfera da arte tradicionalmente concebida para incorporar a ideia de movimento, luz e velocidade em todo o tipo de fenômeno visual, da propaganda à realidade virtual, com ênfase no cotidiano. Um ensino/aprendizagem aberto à inclusão de mídias, como filmes, fotografias, vídeos e registros digitais. Para Hernandes (2007), o professor deve se preocupar em escolher temas que sejam relevantes para o cotidiano dos alunos.

Significa optar por um tema que tenha a ver com suas inquietudes, que represente desafios para eles, que os convide a fazer relações e a desfrutar do prazer de aprender. Não se trata, contudo, de colocar em pauta o que eles "gostam" ou o que lhes "interessa", simplesmente, mas, propor algo que os incomode e desafie, colocando em circulação diferentes saberes e provocando o envolvimento dos sujeitos (HERNANDES, 2007, p.82-83).

Para Hernandez, um estudo sistemático da cultura visual pode proporcionar uma compreensão crítica do seu papel e das funções sociais, além das relações de poder às quais está vinculada, e da apreciação ou prazer que possam proporcionar. Um primeiro passo seria explorar as representações que cada um constrói da realidade a partir de suas características sociais, culturais e históricas, ou seja, compreender o que representa para compreender as próprias representações.

Outra autora que também reflete sobre o ensino da arte e mostra caminhos é Katia Helena Pereira. Em 2012, foi lançada a segunda edição do livro Como usar as Artes Visuais na sala de aula, que traz atividades para serem desenvolvidas na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I e II e no Ensino Médio. A autora faz reflexões sobre a história da arte, o desenho, a pintura, obras de artistas consagrados, sugerindo atividades práticas no campo das Artes Visuais, fazendo uma interface com outras áreas do conhecimento, como a Ciência, a Biologia, o Português, a Geografia, a História e a Matemática. Pereira (2012) valoriza o desenho, pois para ela quanto mais a pessoa desenhar, melhor ela produzirá conhecimento sobre a linguagem que utiliza e assim criando melhores soluções para os problemas que surgem durante o processo criativo.

A avaliação na tendência Pedagógica Histórico-crítico é importante, pois é um meio pelo qual o professor, no seu papel de propositor entre os conteúdos e a realidade social dos alunos e consciente das diferentes culturas, adquire subsídios para perceber de que forma o aluno internalizou os conceitos de artes e os valores trabalhados, como o aluno construiu conhecimentos a partir da mediação professor – aluno – grupo e como ele utilizou os diversos procedimentos, métodos, materiais e instrumentos, garantido um bom processo de ensino e aprendizagem. Isso possibilita ao professor a organização ou reorganização de seu plano de aula, orientando o caminho que deve seguir.

É importante que o instrumento avaliativo seja simples, prático e diversificado, refletindo o essencial daquela área de conhecimento estudada ou avaliada. Seu resultado deve ir ao encontro dos objetivos estabelecidos, o que tornará o processo avaliativo mais fácil e eficaz. A avaliação deve ser formativa, ou seja, feita ao longo do processo, com objetivo de reorientação. Um exemplo é o portfólio, que serve como instrumento de autoavaliação e de registro de memória. A autoavaliação desenvolve maior autonomia e compromisso ao aluno, levando-o à reflexão quanto ao papel de cada um, professor e aluno, no percurso do ensinar e do aprender.

Este trabalho por portfólio convida o aluno a contar a história do seu trabalho, força-o a questionar-se, e a base da educação é ensinar o aluno a pensar a partir da capacidade de síntese de informação, a partir da análise e avaliação. Outro aspecto que se destaca é o elemento socioemocional de reflexão, melhora a autoestima, do autoconceito positivo, da autoconfiança, quando os estudantes percebem o progresso (MARICATTO e OLIVEIRA SOUZA, 2009).

Outro instrumento de avaliação é o memorial, que se constitui em uma escrita livre do estudante acerca de suas vivências ao longo do ano: seus avanços, receios, sucessos, medo, etc. Os instrumentos avaliativos podem servir para uso e aplicação com ou para o aluno, para o professor e para a instituição escolar. É imprescindível que os critérios avaliativos sejam discutidos, aclarados e concretizados.

OS ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL

Como as imagens são construídas? Como podemos formar imagens? Quais são os elementos da linguagem visual? Se prestarmos atenção a um desenho, veremos que nele há pontos, linhas e cores. As formas em artes visuais são constituídas por pontos, linhas, planos, cores, que chamamos de elementos da linguagem visual. Ao combiná-los entre si, podemos criar imagens.

O PONTO

O ponto é o elemento mais simples da linguagem visual. Quando imaginamos um ponto, normalmente pensamos nele como um pequeno círculo. No entanto, o ponto pode ter outras formas, como um quadrado ou uma mancha, por exemplo. Então, o que é um ponto? É um elemento pequeno se compararmos com o restante da imagem; é o menor de todos os elementos da linguagem visual e, no entanto, com ele construímos imagens. Se o ponto estivesse unido a outro, e este a outro, e assim sucessivamente, o que viríamos seria uma linha. Um ponto isolado em uma obra chama muita atenção de quem observa. Quando se desenha ou se pinta uma obra usando muitos pontos, pode-se criar uma sensação de vibração.

AS LINHAS

A linha ou traço, pode ser definida como o rastro que um ponto deixa ao ser deslocar no espaço, ou como uma sucessão de pontos, muito juntos uns aos outros. Pode ser grossa, fina, colorida, contínua, firme, fraca, interrompida, etc. há muitos tipos de linha. Cada tipo sugere uma sensação diferente.

- RETA. A linha reta traçada de maneira firme, contínua, pode dar uma impressão de rigidez e dureza.
- CURVA. A linha curva, traçada da mesma maneira, pode sugerir suavidade e sinuosidade.
- VERTICAL. Indica equilíbrio. Aparece em muitas obras de arte como expressão de espiritualidade e elevação.
- HORIZONTAL. Indica repouso. Também pode expressar quietude.
- INCLINADA. Faz parecer que algo satã prestes a se movimentar. Sugere instabilidade, movimento.
- QUEBRADA. Indica movimento. Forma-se combinando-se linhas retas.
- ONDULADA. É um tipo de linha curva. Sugere movimento suave e rítmico.
- ESPIRAL. Indica um movimento envolvente, que vai do centro para fora ou o contrário. Também é um tipo de linha curva.

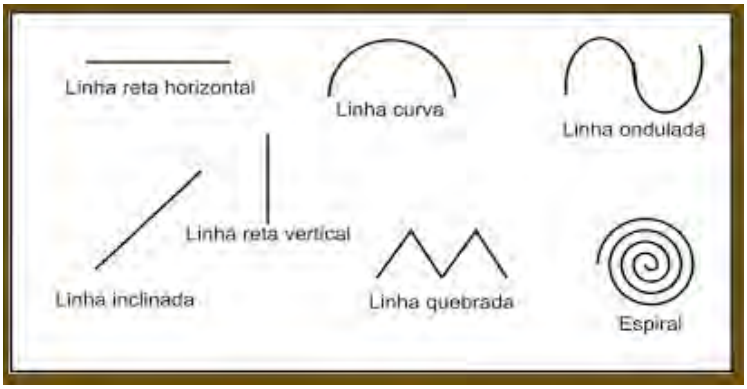

As figuras

Quando desenhamos uma linha fechada em uma superfície, separamos um espaço do resto do papel. Isso é uma figura. Em arte nem todas as figuras são delimitadas com uma linha. Também podem ser feitas com cores, texturas, papéis recortados, etc.

Há simples como o círculo, o triângulo, o quadrado, e figuras mais complexas. Quando vemos uma figura simples, podemos recordá-la com facilidade e até reproduzi-la. No entanto, quando vemos uma figura complexa, precisamos olhar atentamente para poder identificar os elementos visuais, a construção, etc.

Edvard Munch (O grito)

Tarcila do Amaral (São Paulo)

A textura

As superfícies dos objetos soam diferentes e podemos notar isso ao tocá-las. Uma rocha é áspera; o tronco de uma árvore é rugoso; o algodão é suave e macio. Para saber se um tecido, por exemplo, é liso ou áspero, não precisamos tocá-lo; basta olhar para ele. Esse aspecto da superfície dos objetos se chama textura.

A textura é explorada em arte de muitas maneiras. Na escultura, por exemplo, a textura pode ser sentida pelo tato. Um escultor pode talhar uma pedra e deixar zonas ásperas. Na pintura, também é possível conseguir diferentes texturas, usando-se camadas espessas de tinta ou pintando-se sobre uma superfície que tenha relevos. No desenho, não é possível fazer figuras com texturas diferentes, mas obter efeitos de texturas, com traços ou pontos repetidos, por exemplo. Nesse caso as texturas não são reais, ou seja, não são sentidas pelo toque.

Tarcila do Amaral

Renoar

A Cor

Ao nosso redor há uma variedade enorme de cores. Se escutamos a palavra "azul", sabemos a que cor a pessoa que fala se refere. No entanto, há tantos tipos de cores azuis! O céu é azul-claro em um dia de sol. O mar, à distância, nos parece azul-escuro. Existe uma grande variedade de tons azuis: claros, escuros, esverdeados, violáceos. E o mesmo acontece com o laranja, o vermelho, o verde. Se existem tantas cores como podemos estudá-las?

Cores primárias e secundárias

Para estudar as cores, o primeiro passo é sabermos que existem cores primárias e secundárias. As cores primárias são cores puras, sem mistura. É através das cores primárias que se formam todas as outras cores.

As cores primárias são VERMELHO-AZUL-AMARELO.

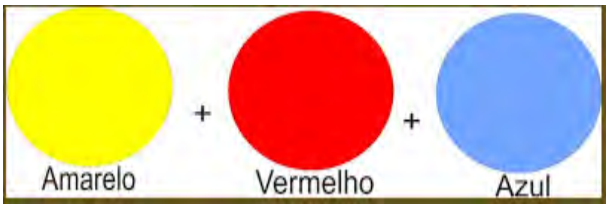

As secundárias, ao contrário, são as que resultam da mistura de duas cores primárias.

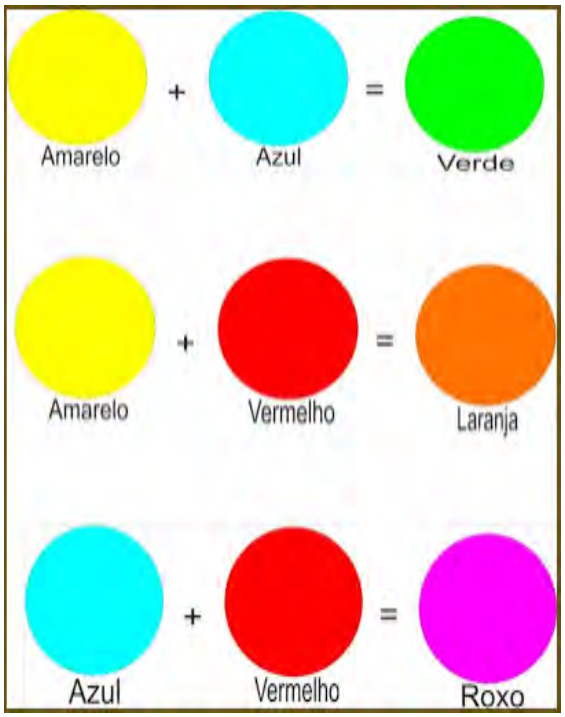

As cores terciárias são obtidas misturando uma cor primária e uma secundária.

As cores terciárias são:
- Vermelho-alaranjado=combinação do vermelho+laranja.
- Amarelo-alaranjado=combinação do amarelo+laranja.
- Amarelo-esverdeado=combinação do amarelo+verde.
- Azul-esverdeado=combinação do verde+azul.
- Azul-arroxeado=combinação do azul+roxo.
- Vermelho-arroxeado=combinação do roxo+vermelho.

Cores Neutras

São as cores que combinam com qualquer cor. As cores neutras são o preto, o branco e o cinza.

Cores Quentes e Cores Frias

As cores possuem seus valores de luminosidade.

Algumas são mais alegres, mais vivas, que classificamos de cores quentes.

As cores quentes nos lembram o fogo, o sol, e transmitem o arrojo, a aventura, o estímulo, o calor.

Outras são mais escuras e tristes, que classificamos de cores frias, que classificamos de cores frias, e transmitem a calma, o repouso, o frio, a sombra.

As cores quentes são derivadas do vermelho e as frias derivam do azul.

A cor amarela é equilibrada. Os tons de roxo podem ser classificados como quentes ou frios, pois apresentam tanto azul como o vermelho.

Harmonia das cores

Harmonia é a combinação entre duas ou mais cores.

São estas as principais maneiras de combinar cores:

Monocromia

É a harmonia conseguida quando utilizamos somente uma cor, com suas variações de tons, obtidas com o auxílio da cor branca ou preta.

Isocromia

É a harmonia conseguida através de uma cor e seus matizes.

Por exemplo: amarelo-alaranjado, amarelo-esverdeado, amarelo-amarronzado.

Policromia

É a harmonia conseguida através de várias cores.

Fonte

PERINI, J. A. O processo ensino e aprendizagem das artes visuais. Ensino & Multidisciplinaridade, São Luís, v. 1, n. 1, jan./jun. 2015

https://pointdaarte.webnode.com.br/news/os-elementos-da-linguagem-visual1/

11. MÚSICA: HISTÓRIA; 12. MÚSICA: ENSINO; 13. MÚSICA: ELEMENTOS DA LINGUAGEM MUSICAL;

Várias surpresas nos são possíveis quando olhamos com interesse e seriedade a um assunto tão cotidianamente superficializado como o ensino da música. Nesse contexto, umas das questões que se coloca é a dicotomia que foi estabelecida entre cada linguagem artística, não fazendo o professor-educador-artista vislumbrar uma realização mais simples, porém complexa, no ato da criação e expressão artística. Essa dicotomia foi, todavia, estabelecida ao longo do tempo e do desenvolvimento do sistema educacional brasileiro. Assim, faz-se relevante conhecer o passado do ensino de música nas escolas regulares e a situação em que este se encontra atualmente, no intuito de fornecer subsídios para a reflexão e o debate acerca de novas propostas de ensino musical para a educação básica, já que, a partir desta, podem-se desenvolver as habilidades artísticas de todos os que têm acesso à escola, disseminando-as para a comunidade.

Segundo Nóvoa (1992): "A escola como objeto autónomo de estudo das Ciências da Educação e como espaço privilegiado de inovação educacional é um fenómeno relativamente recente". Nesse sentido, a investigação histórica acerca de escola revela-se como um tema que começou a ser estudado ainda mais recentemente, sendo que a pesquisa histórica relativa à educação musical surgiu há pouco mais de uma década. Faz-se imprescindível destacar, por outro lado, que a história de instituições educacionais vem se tornando deveras presente no cenário da pesquisa em educação no Brasil, apesar dos obstáculos frente às fontes em precária organização.

Ao comentar as principais linhas de renovação da historiografia da educação, Magalhães (1998) considera a história das instituições educativas como um desafio interdisciplinar, ampliando o matiz investigativo historiográfico: nesse tipo de pesquisa, as análises sociológicas, organizacionais e curriculares complementam-se, gerando uma reconstrução historiográfica de valor. Também nesse sentido, Schaff (1995) coloca que a investigação historiográfica, como processo multidisciplinar em que conhecimentos diversos se inter-relacionam, gera conceitos qualitativos na visão da história, apesar de não provocar modificações quantitativas do saber.

Por outro lado, Le Goff (1998) coloca que a tentativa para se reconstituir o passado cada vez mais analogamente à sua realidade revela a intensa procura por respostas diante de fatos contemporâneos. Por isso, a história tem um papel formador do ser, proporcionando-lhe novas reflexões acerca do meio em que vive e interage.

Outra elaboração relevante acerca do estudo da educação escolar é realizada por Nóvoa (1992):

A análise das instituições escolares só tem sentido se for capaz de perceber seus limites. Mas, hoje, não se pode passar ao lado de uma reflexão estratégica, centrada nos estabelecimentos de ensino e nos seus projetos, porque é aqui que os desafios começam e importa agarrá-los com utopia e realismo; dito de outro modo, é preciso olhar para a escola como uma topia, isto é, como um tempo e um espaço onde podemos exprimir a nossa natureza pessoal e social.

Dessa forma, a presente investigação propõe-se a refletir e a debater alguns contextos históricos, educacionais e sociais inerentes ao rito educativo-musical na educação básica, por meio de uma revisão bibliográfica. Assim, além do desenvolvimento histórico da educação musical, pretende-se discutir os impactos no contexto educativo-musical provocados pelo desenvolvimento tecnocientífico e pela defasagem cultural, a (des)qualificação docente na educação básica e o posicionamento da escola frente ao ensino artístico.

As primeiras manifestações musicais e a regulamentação do ensino de música.

As primeiras informações musicais eruditas foram trazidas ao Brasil pelos portugueses, por intermédio dos jesuítas. Esses missionários, dispostos a conquistar novos servos para Deus, encontraram na arte um meio de sensibilizar os indígenas. A música que os jesuítas trouxeram era simples e singela, as linhas puras do cantochão, cujos acentos comoveram os indígenas, que, desde a primeira missa, deixaram-se enlear por tais melodias.

Com a vinda de D. João VI, a música recebeu especial tratamento, principalmente quando da reorganização da Capela Real pelo padre José Maurício Nunes Garcia, que lhe deu grande fulgor, mandando vir de Lisboa o organista José do Rosário. A música, porém, não podia se limitar às igrejas e, em 1813, se iniciou a edificação do Teatro São João, uma vez que o velho Teatro de Manuel Luiz não era mais "digno" da corte portuguesa.

Depois do tempo de D. João VI, projetou-se larga sombra sobre a música brasileira. Nesse período, só uma figura zelou pela conservação do patrimônio musical: Francisco Manuel da Silva (compositor do Hino Nacional), que fundou o Conservatório de Música do Rio de Janeiro (1841), padrão de todas as instituições congêneres no Brasil, como relata Almeida (1942).

Um decreto federal de 1854 regulamentou o ensino de música no país e passou a orientar as atividades docentes, enquanto que, no ano seguinte, um outro decreto fez exigência de concurso público para a contratação de professores de música.

Na primeira república, a legislação educacional evoluiu diversamente em cada estado, fazendo com que em cada região a estrutura e o funcionamento das escolas adquirissem características muito específicas. Um exemplo para o entendimento da vida escolar naqueles anos faz-se possível na observação da organização escolar paulista (Nagle, 1968).

Basicamente, o ensino primário oficial em São Paulo se organizou em dois cursos: o curso preliminar (para crianças entre 07 e 15 anos) e o curso complementar. O curso preliminar apresentava seis modalidades: as escolas preliminares, as escolas intermediárias, os grupos escolares (reunião de 04 a 10 escolas preliminares), as escolas provisórias, as escolas noturnas e as escolas ambulantes.

Uma escola preliminar (ou uma classe de 40 alunos) deveria fornecer ensino primário gratuito e laico, uma "conquista da república". É interessante ressaltar que o governo estadual não se incumbia da construção do prédio escolar, que ficava a cargo dos recursos do município. A administração do estado se incumbia apenas da tarefa de pagamento do professor (que deveria ser normalista ou ter prestado exame na escola normal da capital) e do fornecimento dos livros oficiais (os únicos permitidos). Estes cursos tinham a duração de quatro anos (Nagle, 1968).

A importância que se destaca para a presente análise é relativa ao currículo, que abrigava um rol imenso de disciplinas: leitura; escrita e caligrafia; moral prática; educação cívica; geografia geral; cosmografia; geografia do Brasil; noções de física; química e história natural (higiene); história do Brasil e leitura sobre a vida de grandes homens; leitura de música e canto; exercícios ginásticos e militares; e trabalhos manuais apropriados à idade e sexo. Nesse sentido, destaca-se a presença do ensino musical, concebido àquela época como relevante agente na formação cultural da sociedade.

Os exames eram rigorosos e cobravam o conhecimento aos alunos de forma oral e escrita. Também podiam participar de tais exames os alunos que eram atendidos por professores particulares: os filhos das oligarquias e da burguesia, especialmente as meninas, conforme comenta Nagle (1968).

Quanto ao ensino da música externamente à escola, um aspecto relevante tratou-se da criação do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo em 1906 – instituição baseada nos padrões pedagógicos do Conservatório de Paris –, que se relevou por estabelecer padrões artístico-pedagógicos para as demais escolas especializadas no estado de São Paulo, sendo também um marco do ensino musical no Brasil.

Transformações e novos ideais na educação brasileira.

No cerne das realizações previamente relatadas, está implicitamente colocado o que foi denominado de entusiasmo pela educação (primeiro momento significativo da primeira república, como comenta Nagle, 1968), um movimento com ideias, planos e soluções, oferecidos ao momento histórico nacional a partir de 1915. Conforme aborda Nagle (1968, p. 262), "Trata-se de um movimento de 'republicanização da República' pela difusão do processo educacional – movimento tipicamente estadual, de matiz nacionalista e principalmente voltado para a escola primária, a escola popular".

Nesse momento, o processo educacional foi fortemente valorizado e criou muitas expectativas, as quais não teve condições de responder, uma vez que não faziam parte de seu repertório de soluções, como as dificuldades da situação econômico-financeira e as estruturas do poder oligárquico.

Especialmente na década de vinte, o entusiasmo pela educação produziu estímulos para despertar constantes discussões, que foram expandidas para fora do Congresso Nacional, e frequentes reformas na escola brasileira, ampliando o espaço de profissionais atraídos pela problemática educacional. Fruto importante desta ampliação foi o surgimento dos profissionais da educação. Nagle (1968) concebe que, adjacente a esse fenômeno, multiplicou-se também a valorização cultural: nessa época, foram criados serviços como a Biblioteca de Educação e a Coleção Pedagógica, os conteúdos de revistas sofreram mudanças qualitativas e quantitativas e as conferências e congressos, tais como as Conferências Nacionais da Educação, multiplicaram-se pelo território nacional. Fato de extrema relevância foi, ainda, a criação das primeiras universidades oficiais do país: a Universidade do Rio de Janeiro (1920) e a Universidade de Minas Gerais (1927). Outro fator de destaque foi a reorganização da escola secundária e superior (1925) e a reformulação da escola profissional (1926). As reformas na escola primária e normal também se realizaram em diversos estados e, conjugando-se a todas as outras transformações citadas, estabeleceram uma nova organização educacional no país, influenciando, assim, todo o currículo escolar.

A crença nas virtudes de novos modelos definiu um outro momento de significação no período da Primeira República, que foi denominado de otimismo pedagógico. A diferenciação entre o entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico consiste em que, enquanto um é caracterizado pela alteração de alguns aspectos do processo educativo e pelo esforço de difundir a escola existente, o outro consiste na introdução de um novo modelo educacional (Nagle, 1968).

Dessa forma, foi somente a partir de 1927 que o otimismo apresentou um formato mais definido, especialmente com a introdução sistemática das ideias da Escola Nova, com um pensamento educacional completo, na medida em que compreendia uma política educacional, uma teoria de educação e de organização escolar e uma metodologia própria.

Acompanhando a modernização e a urbanização do país na década de 1920, vários estados brasileiros – sob a batuta de jovens intelectuais, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Francisco de Campos – promoveram reformas educacionais inspiradas nos princípios da Pedagogia Nova. O ciclo de reformas estaduais dos anos vinte, como ficou conhecido tal episódio, contribuiu para a penetração do escolanovismo no Brasil. Outros aspectos do desenvolvimento da educação durante a Primeira República são também destacados por Nagle (1968, p.291):

Especificando alguns dados, verificam-se estes indicadores: pequena difusão da escola primária; esforço para profissionalizar a escola normal; escolas técnico-profissionais conservando seu caráter assistencial; uma escola secundária segregada no sistema, feita parceladamente, e impossibilitada de se constituir numa instituição para a educação da adolescência; escolas superiores orientadas exclusivamente para as carreiras profissionais tradicionais e a universidade significando apenas reunião de escolas de especialização profissional, com um frouxo esquema burocrático.

No intuito de melhor apreensão é que foram realizadas essas elaborações acerca da Primeira República, na qual o ensino da música em diferentes níveis constou dos currículos escolares e garantiu uma transmissão de saberes específicos, apesar das diversas incongruências que esse momento histórico gerou no sistema educacional.

Mudanças na educação musical.

A partir da década de 1920, diversas transformações nos modelos e nas legislações relativas ao ensino de música ocorreram. Um fato relevante para a educação musical sucedeu-se no ano de 1923, quando as escolas públicas paulistas passaram a utilizar o método "tonic-solfa" como modelo de musicalização. Outro grande avanço foi a musicalização para crianças, a partir de sua instituição através de uma lei federal de 1928, a qual criou os jardins de infância com orientação especializada.

Um dos momentos mais ricos da educação musical no Brasil foi o período que compreendeu as décadas de 1930/ 40, quando se implantou o ensino de música nas escolas em âmbito nacional, com a criação da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA) por Villa-Lobos, a qual objetivava a realização da orientação, do planejamento e do desenvolvimento do estudo da música nas escolas, em todos os níveis. A perspectiva pedagógica da SEMA foi instaurada de acordo com os princípios: disciplina, civismo e educação artística (Esperidião, p. 196). Com a evolução do ensino de canto orfeônico em todo o território nacional, foi criado o Conservatório Brasileiro de Canto Orfeônico (CNCO), em 1942, com a finalidade de formar professores capacitados a ministrar tal matéria, constituindo-se numa notável realização a favor do ensino da música. A docência de canto orfeônico, a partir de 1945, passou a ser possível somente com o credenciamento fornecido pelo CNCO ou por outra instituição equivalente.

Durante o período republicano, cabe salientar a importância da Reforma Capanema (Leis Orgânicas do Ensino) e suas contribuições para o ensino da música: nessa concepção de escola, o canto orfeônico fazia parte do currículo durante quatro anos do primeiro ciclo e durante os três anos posteriores do segundo ciclo, com a denominação "música e canto orfeônico" (Xavier, Ribeiro e Noronha, 1994).

O curso de formação de professores de música foi criado em São Paulo, no ano de 1960, pela Comissão Estadual de Música, ligada ao Conselho Federal de Cultura, junto à Secretaria de Estado dos Negócios do Governo (Fonterrada, 1991).

A organização da música vocal na rede oficial de ensino, possibilitada pelas iniciativas relatadas, permitiu uma maior veiculação da música entre a população brasileira por muitas gerações, em um processo de democratização e de valorização cultural. Todavia, por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 4024/ 61), o Conselho Federal de Educação instituiu a educação musical, em substituição ao canto orfeônico (por meio do Parecer nº 383/62 homologado pela Portaria Ministerial nº 288/62), provocando grande alteração no cotidiano musical escolar, como bem relata Fonterrada (1991).

A educação musical transformou-se em disciplina curricular até o início da década de 1970, quando, com a LDB 5692/71, o Conselho Federal de Educação instituiu o curso de licenciatura em educação artística (Parecer nº 1284/73), alterando o currículo do curso de educação musical. Esse currículo passou a compor-se de quatro áreas artísticas distintas: música, artes plásticas, artes cênicas e desenho. Assim, a educação artística foi instituída como atividade obrigatória no currículo escolar do 1º e 2º graus (ensino fundamental e médio), em substituição às disciplinas artes industriais, música e desenho, e passando a ser um componente da área de comunicação e expressão, a qual trabalharia as linguagens plástica, musical e cênica (São Paulo, 1991). Essas transformações também abrangeram os currículos dos cursos superiores em música, que passaram a ter duas modalidades: licenciatura em educação artística (habilitação em música, artes plásticas, artes cênicas ou desenho) e bacharelado em música (habilitação em instrumento, canto, regência e/ ou composição).

Na elaboração tanto da lei 5540/ 68 (reforma do ensino superior) quanto da lei 5692/ 71 (reforma do ensino de primeiro e segundo graus), algumas influências passaram a ficar notadamente perceptíveis, como a dependência entre educação e mercado de trabalho, a racionalização do (mercado) sistema educacional, o ensino pago, a profissionalização do ensino médio e a reciclagem para atender à flexibilidade da mão de obra.

Cinco anos mais tarde, com a implantação das diretrizes contidas na lei 5692/71, as escolas da rede estadual de ensino passaram a compor sua estrutura curricular com um dos componentes relacionados no artigo 7º daquele dispositivo legal, voltado exclusivamente para o ensino de educação artística (São Paulo, 1992).

Diante desse quadro, a Secretaria da Educação de São Paulo, como exemplo, elaborou um único documento (o guia curricular) a fim de orientar o trabalho docente, já que o número de professores formados em educação artística era muito inferior ao grande número de aulas, e encontrou uma solução provisória para tal questão, conferindo o direito de atuar na área aos antigos professores de desenho, música e artes industriais. Esse guia, porém, não fundamentava filosófica, pedagógica e psicologicamente o ensino da arte na escola e nem apresentava uma linha metodológica que o orientasse; tampouco sugeria uma bibliografia de apoio aos professores.

Em 1986 iniciou-se o processo de construção da Proposta Curricular para o Ensino da Educação Artística (pela mesma Secretaria da Educação), em uma versão mais elaborada e na tentativa da superação das dificuldades de um desempenho competente por parte dos docentes (São Paulo, 1991; 1992). Entretanto, essas ações não permitiram a viabilização do desenvolvimento das capacidades artísticas dos alunos desprovidos de capital cultural, aqueles que já não eram incentivados no ambiente familiar a adquirir conhecimentos sobre arte.

Porém, a transformação de maior relevância na atualidade consistiu-se na LDB 9.394/96 – que estabeleceu o ensino da disciplina arte na educação básica –, sobre a qual Penna (2004, p. 23) comenta:

A atual LDB, estabelecendo que "o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (Lei 9.394/96 – art. 26, parágrafo 2º), garante um espaço para a(s) arte(s) na escola, como já estabelecido em 1971, com a inclusão da Educação Artística no currículo pleno. E continuam a persistir a indefinição e ambiguidade que permitem a multiplicidade, uma vez que a expressão "ensino de arte" pode ter diferentes interpretações, sendo necessário defini-la com maior precisão.

Também alude-se ao fato de que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados pelo Ministério da Educação como propostas pedagógicas, também não contribuem para uma definição concreta sobre como a música deve ser trabalhada em sala de aula e não definem se o professor de arte deve ter uma formação geral, com o conhecimento das várias linguagens artísticas, ou se deve ser especializado em uma só modalidade (teatro, dança, música ou artes visuais), conforme comentam Penna (2004) e Arroyo (2004). A tudo isso se soma a defasagem cultural em que vivemos, dificultando uma compreensão para um ensino da arte eficaz e global.

A defasagem cultural.

Nos nossos dias, estabeleceu-se uma grande defasagem cultural, que se manifesta nas formas mais variadas, muitas vezes imperceptíveis, desde a mudança de hábitos alimentares até a alteração de preferências musicais, em uma redundância predominantemente televisiva, que invade "com nossa permissão" as nossas casas. Em relação à educação, essa problemática nos apresenta como desafio a superação da defasagem que se instalou na formação escolar frente ao desenvolvimento tecnocientífico e, como objeto de estudo, apresenta múltiplos aspectos de investigação no que se refere ao impacto que ela causa na identidade cultural de todos os povos. Assim:

A necessidade de mudança em educação surge a partir de vários quadrantes, alguns dos quais como o desenvolvimento tecnológico e as mudanças demográficas refletem fatores sociais e económicos mais vastos, enquanto outros resultam de decisões políticas, de Acções administrativas ou de desenvolvimentos profissionais. (GLATTER, 1992).

Um dos aspectos desses impactos particulariza-se pela desorientação e desestruturação dos conceitos no mundo moderno, o que dificulta a compreensão e assimilação de tudo que nos cerca. Nesse sentido, convém questionar o sentido de música que predomina na atualidade, quando ao tratar, por exemplo, de uma obra produzida no sistema tonal, somos levados por caminhos conhecidos de resoluções do desenvolvimento musical sobre a tônica; no entanto, com o sistema dodecafônico, o campo de probabilidades é outro, permitindo a organização de novos tipos de discurso e, por conseguinte, de novos significados musicais, o que não permite, a priori, estabelecer um julgamento de valor estético por esta ou aquela concepção de linguagem musical.

Outra questão em relação ao conceito de música diz respeito ao fator popular, que recebe tratamentos variados por músicos de diferentes formações e concepções teóricas e estéticas, dentro do nacionalismo, do vanguardismo e de outras correntes, e, por outro lado, a música industrializada ou dita comercial, que absorve elementos de construção sonora nas mais variadas fontes, tendo como principal objetivo o simples e imediato retorno financeiro, sem questionar o valor intrínseco da obra de qualidade ou não. Dessa forma, o docente que atua no ensino de música na educação básica vive um processo de desorientação, sendo que se somou à defasagem cultural e à dicotomização da cultura e da educação a problemática da (des)qualificação de tais profissionais.

A questão da (des)qualificação docente.

A formação dos educadores musicais para a prática de ensino na educação básica tem sido um assunto bastante discutido. Segundo Figueiredo (2005), as conclusões dos debates acerca desse tema apontam para uma formação cada vez mais associada às realidades sociais escolares, preparando os futuros educadores musicais para uma prática de ensino condizente com o cotidiano da escola.

Esse reconhecimento de múltiplas e distintas realidades sociais acrescenta para os cursos formadores uma problemática extremamente complexa. Se no passado a ênfase estava na busca do equilíbrio entre a formação musical e a formação pedagógica do educador musical, hoje é necessário que se some a essa já complexa tarefa a questão do contexto para o qual diferentes ações educativo-musicais serão apresentadas. (Figueiredo, 2005, p. 22)

Todavia, ao contrário do desejado, várias investigações indicam a falta de qualificação dos professores de música na educação básica como uma questão com grande presença na escola regular. Santos (2005), por exemplo, coloca que a ausência de docentes capacitados acentua-se nas séries do ensino fundamental, onde a iniciação musical é empreendida por indivíduos que apreciam a música, porém, desprovidos de uma adequada formação musical.

Em pesquisa realizada junto a oito escolas estaduais da cidade de São Carlos-SP (Fucci Amato, 2006), foi detectado que o ensino de música é curricular em apenas uma escola. Com a exceção de duas instâncias investigadas – uma, onde a professora possui graduação em educação artística e é formada em canto orfeônico, e a outra, onde o docente possui formação em educação artística, com habilitação em desenho e música –, nas outras escolas pesquisadas a formação profissional predominante entre os docentes é a da graduação em educação artística, com habilitação em desenho e artes plásticas. Salienta-se também o fato de que, na maioria dos casos analisados, os profissionais possuem apenas habilitação referente ao ensino fundamental. Porém, devido à escassez de docentes capacitados na área, muitos deles ministram aulas de arte no ensino médio, sem possuírem formação adequada para tal. O caso mais surpreendente da amostragem realizada refere-se àquele em que um docente sem formação em educação artística (ou qualquer outra equivalente) foi autorizado a ministrar aulas de arte, o que revela um certo descaso para com o ensino de tal disciplina (Fucci Amato, 2006).

Outras pesquisas também apontam para o problema da qualificação docente. Spanavello e Bellochio (2005, p. 97), por exemplo, relatam:

Revisando e refletindo os objetivos que nortearam a pesquisa, foi possível constatar que a formação profissional (formal) dos unidocentes investigados aconteceu, em sua maioria, em cursos de magistério e cursos superiores (concluídos ou em curso), geralmente em habilitações como Pedagogia – Administração Escolar ou Supervisão, Filosofia, Estudos Sociais, História, entre outros. A respeito da formação específica em educação musical, percebeu-se uma certa carência curricular formal, em termos de disciplinas específicas de educação musical. Grande parte dos professores relataram que tiveram, ao longo de seus cursos de formação inicial, experiências musicais diluídas em outras disciplinas, geralmente atreladas à idéia de adorno ou complementação metodológica para estas últimas.

Penna (2002), ao analisar a questão dos professores de arte nas escolas regulares de educação básica, concluiu que, enquanto há um elevado número de professores formados em educação artística, é restrito o número de educadores habilitados em música.

Salienta-se, desse modo, que o problema da qualificação profissional/ musical é denso, pois o professor-educador que não é capaz de lidar internamente e em profundidade consigo mesmo não se encontra aparelhado para proporcionar experiência semelhante a uma outra pessoa humana; não será capaz de proporcionar ao educando uma experiência de implicação consigo próprio que não foi capaz de experimentá-la em si. (Barbosa, 1998, p. 9)

Também cabe reforçar que, sendo a música uma disciplina complexa, que abrange teoria e prática de execução, deve ser ensinada por pessoas qualificadas para isso. Sem concessões. Não permitiríamos que alguém que tivesse frequentado um curso de verão em Física ensinasse a matéria em nossas escolas. Por que haveríamos de tolerar essa situação com respeito à Música? Por acaso ela está menos vinculada a atos complexos de discernimento? Não. (Shafer, 1991)

Com essa falta de vivência e especialização musical que se instala atualmente entre os docentes de arte nas escolas, os inúmeros aspectos musicais que poderiam ser trabalhados, as vivências estéticas e sonoras e o universo de recursos expressivos de comunicação e produção artística, comentados por Visconti e Biagioni (2002), não são instaurados. Para Hutmacher (1992), "não é suficiente que a escola transmita conhecimentos, devendo também estimular o desenvolvimento de um conjunto de disposições e atitudes [...] Assim, o domínio operacional de várias línguas e linguagens é indispensável para todos [...]". Também se referindo aos efeitos gerados a partir da musicalização, Snyders (1992) avalia que, através desta, as habilidades e a sensibilidade dos educandos podem ser reconhecidas e reveladas. O autor também alude que:

O ensino da música pode dar um impulso exemplar à interdisciplinaridade, fazendo vibrar o belo em áreas escolares cada vez mais extensas e que [...] para alguns alunos é a partir da beleza da música, da alegria proporcionada pela beleza musical, tão frequentemente presente em suas vidas de uma outra forma, que chegarão a sentir a beleza na literatura, o misto de beleza e verdade existente na matemática, o misto de beleza e eficácia que há nas ciências e nas técnicas. (Snyders, 1992)

Assim, diante do perfil profissional destes educadores musicais, vale ressaltar a importância do desenvolvimento de projetos de capacitação, por meio de treinamentos que possibilitem a aquisição de conhecimentos nas áreas de música e educação e do acompanhamento contínuo das atividades desenvolvidas por esses agentes nas suas práticas musicais, possibilitando o aprimoramento das atividades que já vêm sendo exercidas e a concretização de novos projetos. Essa iniciativa já vem sendo tomada por algumas universidades, que oferecem cursos de extensão para professores, porém ainda merece maior difusão.

Reflexões sobre a arte e a educação musical na escola.

Um outro caminho de entendimento na criação, na constituição e no desenvolvimento do ensino da música é clareado pelas condições reais que a escola tradicional colocou diante das artes. A preocupação pedagógica com as outras matérias, não-artísticas, fez sucumbir o afloramento de certas habilidades específicas não utilizadas no cotidiano escolar.

Elaborando sobre a educação musical nas escolas da educação básica e nas universidades, Loureiro (2004) coloca:

A educação musical que hoje é praticada em nossas escolas mostra-se como um complexo heterogêneo onde encontramos a convivência de diversas práticas e discursos. Evidencia-se, entretanto, o distanciamento da prática, presente nas salas de aulas, e a teoria, produzida e circunscrita à academia.

Reflexões nesta direção também foram feitas por Verger (1982) e demonstram a universalidade da postura da instituição escolar frente ao conjunto de disciplinas ministradas e a importância classificatória de cada uma delas: nos boletins, por exemplo, as "matérias importantes" são colocadas acima das "matérias secundárias".

A escola estabelece, portanto, uma linha divisória que repercute nos diferentes níveis socioeconômicos e culturais de seus alunos e de suas famílias, desenhando uma fronteira entre as aprendizagens que exigem concentração (memória, raciocínio dedutivo, organização de ideias) e aquelas em que a expressão do saber pode ser realizada com maior liberdade (textos livres, desenhos livres etc.). Essa oposição entre a concentração e a liberdade faz com que, por exemplo, as atividades consideradas intelectuais sejam, no caso pesquisado por Verger (1982), agrupadas pela manhã (pois nesse período há mais concentração), enquanto que as disciplinas que privilegiam a liberdade possam ser praticadas à tarde. O par concentração/liberdade é, sem dúvida, a tradução atenuada da oposição trabalho/ ociosidade, que é expressa na distinção entre "matérias principais" e "matérias secundárias": logo, conclui-se que os sistemas de valores mantidos nas escolas não priorizam a arte.

A introspecção dessa dicotomia recebe respostas variadas e excludentes:

No momento que, dentro das famílias, o capital cultural é satisfatório, ou seja, na classe dominante e numa parte das classes médias, o julgamento é em geral mais favorável: a música, o desenho vem somar à escolaridade seu "suplemento da alma", que se traduzirá mais tarde em lucros simbólicos não desprezíveis, permitindo até um certo diletantismo. Em compensação, os membros das classes populares, cujas crianças acumulam dificuldades de primeiros níveis, unem-se espontaneamente aos educadores para desvalorizar as atividades consideradas como lúdicas e inúteis em proveito daquelas que são tidas como rentáveis. (Verger, 1982)

Bourdieu (1998a; 1998b) também reitera a questão, colocando que a escola, inserida na relação exclusiva entre o nível de instrução e a prática cultural, somente consegue atingir os seus objetivos de educação artística em indivíduos que já possuem familiaridade com o mundo da arte. Como lembram Good e Weinstein (1992, p. 79), a eficácia do ensino "depende de processos internos às escolas ou pode ser inteiramente explicada pelas diferenças entre as características dos alunos (por exemplo, diferenças de aptidão)".

A divisão entre teoria e prática é outra evidência no cotidiano escolar, refletindo-se como um paradigma a ser substituído.

Nas escolas (que no caso serão exemplos) – é fácil identificar – sempre há um lugar específico para a teoria e um outro (generalizadamente é um outro) que se reserva para a prática. [...] em alguns momentos, "estuda-se", em outros, "pratica-se". [...] o primeiro é o das salas de aula, o segundo é o dos laboratórios, oficinas, o dos estágios supervisionados... O importante é que, via de regra, eles são distintos, como se fossem opostos, quase antagônicos. Dicotômicos, certamente. (Bochniak, 1992, p. 21)

Figueiredo (2005), por sua vez, também ressalta a questão de que os sistemas educacionais não são preparados e dão pouca importância ao ensino da arte. O autor ainda coloca que os PCN, as diretrizes de estados e municípios e outros documentos emitidos pelas autoridades educacionais não apresentam contribuições para o desenvolvimento de um sistema educacional mais associado à realidade escolar. Analisa, ainda, que o fato da LDB conter um parágrafo instituindo o ensino da arte na educação básica é um claro exemplo de que a legislação não contribui para o desenvolvimento de um sistema educativo-musical eficiente.

A MÚSICA NOS PARÂMETROS CURRICULARES

Nas últimas décadas tem-se presenciado a profunda modificação no pensamento, na vida, no gosto dos jovens. Com o advento de novos paradigmas perceptivos, novas relações tempo e espaço, múltiplos interesses, poderes, modos tecnológicos de comunicação, verificam-se as transformações mais variadas que se processam simultaneamente, trazendo outras relações entre os jovens, as máquinas e os sons. O ritmo de pulsação excitante e envolvente da música é um dos elementos formadores de vários grupos que se distinguem pelas roupas que vestem, pelo comportamento que os identificam e pelos estilos musicais de sua preferência: rock, tecno, dance, reggae, pagode, rap, entre tantos outros.

Junto a essas mudanças ocorrem outras, o que faz com que muitos se perguntem: como são os hábitos musicais dos jovens? Como está se formando o gosto musical do adolescente/jovem? Muitas vezes o som que ele ouve está associado ao volume alto, a fatos de sua vida. Dependendo das condições econômicas ele compra, grava, regrava ou empresta fita, ouve bastante rádio, numa busca de escuta musical constante, fazendo do "som" um companheiro cotidiano, sendo comum cantar e/ou dançar ao escutá-lo. Em nosso país, a maioria dos jovens não toca um instrumento musical, mas gostaria de fazê-lo, diz que "não tem voz", mas gostaria muito de "saber cantar direito". E assim, junto aos amigos, comentando, discutindo e apreciando inúmeras músicas, vai se formando o gosto musical do adolescente. Acompanhando os sucessos musicais, assistindo a videoclipes, escolhendo programas específicos de rádio ou televisão, escutando discos, fitas, CDs, utilizando walkman, e outros envolve-se na rede das mídias. Ele é o grande receptor das músicas da moda. Produzindo música também... mas pouco!

E como a escola lida com essas pessoas, seus alunos? É necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais. Uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que saiba contribuir para a humanização de seus alunos.

Estabelecendo relações com grupos musicais da localidade e da região, procurando participar em eventos musicais da cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, a escola pode oferecer possibilidades de desenvolvimento estético e musical por meio de apreciações artísticas. Várias manifestações musicais, tais como os movimentos que têm vigorosa mistura entre som internacional e os ritmos locais permitem sentir e refletir sobre suas respectivas estéticas, percebendo influências culturais de várias ordens e a presença da cultura oral. O quando e como trabalhar os vários tipos de música levados para a sala de aula vai depender das opções feitas pelo professor, tendo em vista os alunos, suas vivências e o meio ambiente, e vai depender da bagagem que ele traz consigo: vai depender de seu "saber música" e "saber ser professor de música".

O adolescente/jovem dos terceiro e quarto ciclos da escola de ensino fundamental, em fase de muitas experimentações, pode aprender a explorar diferentes estruturas sonoras, contrastar e modificar ideias musicais. A partir de suas condições de interpretação musical, expressividade e domínio técnico básico, pode improvisar, compor, interpretar, explorando diversas possibilidades, meios e materiais sonoros, utilizando conhecimentos da linguagem musical, comunicando-se e expressando-se musicalmente. Conhecendo e apreciando músicas de seu meio sociocultural e

do conhecimento musical construído pela humanidade em diferentes períodos históricos e espaços geográficos, o aluno pode aprender a valorizar essa diversidade sem preconceitos estéticos, étnicos, culturais e de gênero.

Quanto ao aluno adulto de terceiro e quarto ciclos (realidade de escolarização fundamental ainda existente em nosso país), a escola deve também garantir-lhe uma educação musical em que seu imaginário e expressão musical se manifestem nos processos de improvisar, compor e interpretar, oferecendo uma dimensão estética e artística, articulada com apreciações musicais. A consciência estética de jovens e adultos é elaborada no cotidiano, nas suas vivências, daí a necessidade de propiciar, no contexto escolar, oportunidades de criação e apreciação musicais significativas.

Neste século, com os avanços da eletrônica refletindo-se na fabricação de novos instrumentos e equipamentos para produção sonora, o surgimento de novas linguagens musicais e respectivas estéticas refletem-se na criação de diversas técnicas de composição. São caminhos em aberto em que se encontram músicas eletrônicas resultantes de processos desenvolvidos no âmbito popular, como o rock; e músicas eletrônicas resultantes de processos de erudição, tais como as músicas eletroacústicas, bem como interpretações que têm ocorrido entre essas duas vertentes. Discussões e percepções sonoras dessa natureza podem estar presentes na educação musical proposta e desenvolvida na escola.

Paralelamente ao aumento progressivo da simultaneidade e intensidade dos sons, ocasionando mudanças no meio ambiente sonoro, apresenta-se hoje uma área emergente na educação musical: a Ecologia Acústica. Trabalhando com a percepção dos sons do meio ambiente, ela procura estudar os sons quanto à sua propagação e densidade em espaços diferenciados. Essa área tem como objetivo desenvolver no aluno uma atitude crítica diante das consequências da poluição sonora para o organismo humano, bem como maior sensibilidade e consciência ante o meio ambiente em que se vive. Com esse intuito, surgem propostas como: criação musical a partir de paisagens sonoras de diferentes épocas e espaços, audição de músicas que apresentem paisagens sonoras; escuta atenta, crítica e questionadora dos sons do meio ambiente, idealizando mudanças desejáveis na busca da saúde como qualidade de vida.

Aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano, que constantemente se modifica nessa rede em que se encontra, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música. Construindo sua competência artística nessa linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, o aluno poderá, ao conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano.

Música: objetivos gerais

• Alcançar progressivo desenvolvimento musical, rítmico, melódico, harmônico, tímbrico, nos processos de improvisar, compor, interpretar e apreciar.

• Desenvolver a percepção auditiva e a memória musical, criando, interpretando e apreciando músicas em um ou mais sistemas musicais, como: modal, tonal e outros.

• Pesquisar, explorar, improvisar, compor e interpretar sons de diversas naturezas e procedências, desenvolvendo autoconfiança, senso estético crítico, concentração, capacidade de análise e síntese, trabalho em equipe com diálogo, respeito e cooperação.

• Fazer uso de formas de registro sonoro, convencionais ou não, na grafia e leitura de produções musicais próprias ou de outros, utilizando algum instrumento musical, vozes e/ou sons os mais diversos, desenvolvendo variadas maneiras de comunicação.

• Utilizar e cuidar da voz como meio de expressão e comunicação musicais, empregando conhecimentos de técnica vocal adequados à faixa etária (tessitura, questões de muda vocal etc.).

• Interpretar e apreciar músicas do próprio meio sociocultural e as nacionais e internacionais, que fazem parte do conhecimento musical construído pela humanidade no decorrer de sua história e nos diferentes espaços geográficos, estabelecendo interrelações com as outras modalidades artísticas e as demais áreas do conhecimento.

• Conhecer, apreciar e adotar atitudes de respeito diante da variedade de manifestações musicais e analisar as interpenetrações que se dão contemporaneamente entre elas, refletindo sobre suas respectivas estéticas e valores.

• Valorizar as diversas culturas musicais, especialmente as brasileiras, estabelecendo relações entre a música produzida na escola, as veiculadas pelas mídias e as que são produzidas individualmente e/ou por grupos musicais da localidade e região; bem como procurar a participação em eventos musicais de cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, buscando enriquecer suas criações, interpretações musicais e momentos de apreciação musical.

• Discutir e refletir sobre as preferências musicais e influências do contexto sociocultural, conhecendo usos e funções da música em épocas e sociedades distintas, percebendo as participações diferenciadas de gênero, minorias e etnias.

• Desenvolver maior sensibilidade e consciência estético-crítica diante do meio ambiente sonoro, trabalhando com "paisagens sonoras" de diferentes tempos e espaços, utilizando conhecimentos de ecologia acústica.

• Refletir e discutir os múltiplos aspectos das relações comunicacionais dos alunos com a música produzida pelos meios tecnológicos contemporâneos (que trazem novos paradigmas perceptivos e novas relações de tempo/espaço), bem como com o mercado cultural (indústria de produção, distribuição e formas de consumo).

• Adquirir conhecimento sobre profissões e profissionais da área musical, considerando diferentes áreas de atuação e características do trabalho.

Conteúdos de Música

Expressão e comunicação em Música: improvisação, composição e interpretação.

• Improvisações, composições e interpretações utilizando um ou mais sistemas musicais: modal, tonal e outros, assim como procedimentos aleatórios, desenvolvendo a percepção auditiva, a imaginação, a sensibilidade e memória musicais e a dimensão estética e artística.

• Percepção e utilização dos elementos da linguagem musical (som, duração, timbre, textura, dinâmica, forma etc.) em processos pessoais e grupais de improvisação, composição e interpretação, respeitando a produção própria e a dos colegas.

• Experimentação, improvisação e composição a partir de propostas da própria linguagem musical (sons, melodias, ritmos, estilo, formas); de propostas referentes a paisagens sonoras de distintos espaços geográficos (bairros, ruas, cidades), épocas históricas (estação de trem da época da "Maria Fumaça", sonoridades das ruas); de propostas relativas à percepção visual, tátil; de propostas relativas a ideias e sentimentos próprios e ao meio sociocultural, como as festas populares.

• Audição, experimentação, escolha e exploração de sons de inúmeras procedências, vocais e/ou instrumentais, de timbres diversos, ruídos, produzidos por materiais e equipamentos diversos, acústicos e/ou elétricos e/ou eletrônicos, empregando-os de modo individual e/ou coletivo em criações e interpretações.

• Construção de instrumentos musicais convencionais (dos mais simples) e não-convencionais a partir da pesquisa de diversos meios, materiais, e de conhecimentos elementares de ciências físicas e biológicas aplicadas à música.

• Elaboração e leitura de trechos simples de música grafados de modo convencional e/ou não-convencional, que registrem: altura, duração, intensidade, timbre, textura e silêncio, procurando desenvolver a leitura musical e valorizar processos pessoais e grupais.

• Criação a partir do aprendizado de instrumentos, do canto, de materiais sonoros diversos e da utilização do corpo como instrumento, procurando o domínio de conteúdos da linguagem musical.

• Formação de habilidades específicas para a escuta e o fazer musical: improvisando, compondo e interpretando e cuidando do desenvolvimento da memória musical.

• Improvisação, composição e interpretação com instrumentos musicais, tais como flauta, percussão etc., e/ou vozes (observando tessitura e questão de muda vocal) fazendo uso de técnicas instrumental e vocal básicas, participando de conjuntos instrumentais e/ou vocais, desenvolvendo autoconfiança, senso crítico e atitude de cooperação.

• Interpretação, acompanhamento, recriação, arranjos de músicas do meio sociocultural, e do patrimônio musical construído pela humanidade nos diferentes espaços geográficos, épocas, povos, culturas e etnias, tocando e/ou cantando individualmente e/ou em grupo (banda, canto coral e outros), construindo relações de respeito e diálogo.

• Arranjos, acompanhamentos, interpretações de músicas das culturas populares brasileiras, utilizando padrões rítmicos, melódicos, formas harmônicas e demais elementos que as caracterizam.

• Criação e interpretação de jingles, trilha sonora, arranjos, músicas do cotidiano e as referentes aos movimentos musicais atuais com os quais os jovens se identificam.

Apreciação significativa em Música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical.

• Manifestações pessoais de ideias e sentimentos sugeridos pela escuta musical, levando em conta o imaginário em momentos de fruição.

• Percepção, identificação, comparação, análise de músicas e experiências musicais diversas, quanto aos elementos da linguagem musical: estilo, forma, motivo, andamento, textura, timbre, dinâmica, em momentos de apreciação musical, utilizando vocabulário musical adequado.

• Audição, comparação, apreciação e discussão de obras que apresentam concepções estéticas musicais diferenciadas, em dois ou mais sistemas, tais como: modal, tonal, serial e outros, bem como as de procedimento aleatório.

• Apreciação de músicas do próprio meio sociocultural, nacionais e internacionais, que fazem parte do conhecimento musical construído pela humanidade no decorrer dos tempos e nos diferentes espaços geográficos, estabelecendo inter-relações com as outras modalidades artísticas e com as demais áreas do conhecimento.

• Audição de músicas brasileiras de várias vertentes, considerações e análises sobre diálogos e influências que hoje se estabelecem entre elas e as músicas internacionais, realizando reflexões sobre respectivas estéticas.

• Participação, sempre que possível, em apresentações ao vivo de músicas regionais, nacionais e internacionais, músicas da cultura popular, étnicas, do meio sociocultural, incluindo fruição e apreciação.

• Discussões sobre músicas próprias e/ou de seu grupo sociocultural, apreciando-as, observando semelhanças e diferenças, características e influências recebidas, desenvolvendo o espírito crítico.

• Percepção, identificação e comparação de músicas de culturas brasileiras, observando e analisando características melódicas, rítmicas, dos instrumentos, das vozes, formas de articular os sons, interpretações, sonoridades etc.

• Considerações e comparações sobre usos e funções da música no cotidiano, manifestações de opiniões próprias e discussões grupais sobre estéticas e preferências por determinadas músicas e estilos, explicitando pontos de vista, discutindo critérios utilizados, observando influências culturais nas participações diferenciadas de gênero, minorias e etnias.

• Reflexões sobre os efeitos causados na audição, no temperamento, na saúde das pessoas, na qualidade de vida, pelos hábitos de utilização de volume alto nos aparelhos de som e pela poluição sonora do mundo contemporâneo, discutindo sobre prevenção, cuidados e modificações necessárias nas atividades cotidianas.

• Discussões e reflexões sobre a música que o aluno consome, tendo em vista o mercado cultural (indústria de produção, distribuição e formas de consumo), a globalização, a formação de seu gosto, a cultura das mídias.

• Identificação e descrição de funções desempenhadas por músicos: cantor, regente, compositor de jingles para comerciais, guitarrista de uma banda de rock etc.; e encontros com músicos e grupos musicais da localidade e região, discutindo interpretações, expressividade, técnicas e mercado de trabalho.

Compreensão da Música como produto cultural e histórico.

• Identificação da transformação dos sistemas musicais (modal, tonal, serial), ao longo da história e em diferentes grupos e etnias, e sua relação com a história da humanidade.

• Conhecimento de algumas transformações pelas quais passaram as grafias musicais ao longo da história e respectivas modificações pelas quais passou a linguagem musical.

• Identificação e caracterização de obras e estilos musicais de distintas culturas, relacionando-os com as épocas em que foram compostas.

• Pesquisa, reflexões e discussões sobre a origem, transformações e características de diferentes estilos da música brasileira.

• Conhecimento e adoção de atitudes de respeito diante das músicas produzidas por diferentes culturas, povos, sociedades, etnias, na contemporaneidade e nas várias épocas, analisando usos, funções, valores e estabelecendo relações entre elas.

• Discussão de características e aspectos de músicas do cotidiano, do meio sociocultural, nacionais e internacionais, observando apropriações e reelaborações que têm acontecido no decorrer dos tempos.

• Investigação da contribuição de compositores e intérpretes para a transformação histórica da música e para a cultura musical da época, correlações com outras áreas do conhecimento e contextualizações com aspectos histórico-geográficos, bem como conhecimento de suas vidas e importância de respectivas obras.

• Reflexão, discussão e posicionamento crítico sobre a discriminação de gênero, etnia e minorias, na prática da interpretação e criação musicais em diferentes culturas e etnias, em diversos tempos históricos.

• Contextualização no tempo e no espaço das paisagens sonoras de diversos meio ambientes, reflexão e posicionamento sobre as causas e consequências da qualidade atual de nosso ambiente sonoro, projetando transformações desejáveis.

• Discussão sobre a transformação de valores, costumes, hábitos e gosto musical, com os avanços da música eletrônica (nos processos desenvolvidos no âmbito popular ou de erudição) nessas últimas décadas e possíveis razões que têm influenciado essas transformações.

• Contatos com formas de registro e preservação (discos, partituras, fitas sonoras etc.), informação e comunicação musicais presentes em bibliotecas e midiatecas da cidade, região e conhecimento sobre possibilidades de utilização.

• Comparação e compreensão do valor e função da música de diferentes povos e épocas, e possibilidades de trabalho que ela tem oferecido.

Critérios de avaliação em Música

• Criar e interpretar com autonomia, utilizando diferentes meios e materiais sonoros.

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno improvisa, compõe, interpreta vocal e/ou instrumentalmente, pesquisando, experimentando e organizando diferenciadas possibilidades sonoras e se o aluno improvisa com desembaraço, se compõe pequenos trechos com desenvoltura, se interpreta com expressividade, sabendo trabalhar em equipe e respeitando a produção própria e a de colegas.

• Utilizar conhecimentos básicos da linguagem musical, comunicando-se e expressando-se musicalmente.

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno utiliza conhecimentos básicos da linguagem e grafia musical, como meios de comunicação e expressão de ideias e sentimentos e se manifesta cooperação, interagindo grupalmente em processos de criação e interpretação musicais.

• Conhecer e apreciar músicas de seu meio sociocultural e do conhecimento musical construído pela humanidade em diferentes períodos históricos e espaços geográficos.

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno conhece a música de seu meio sociocultural, bem como a transformação dela como produto cultural, histórico e geográfico e reconhece alguns estilos musicais de diferentes épocas, sociedades, etnias, e respectivos valores, características e funções. Se, ao apreciar músicas de distintas culturas e épocas, o aluno valoriza essa diversidade sem preconceitos estéticos, étnicos, culturais e de gênero.

• Reconhecer e comparar — por meio da percepção sonora — composições quanto aos elementos da linguagem musical.

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno identifica estilo, forma, motivo, andamento, textura, timbre e utiliza vocabulário musical adequado para comparar composições que apresentem estéticas diferenciadas.

• Refletir, discutir e analisar aspectos das relações socioculturais que os jovens estabelecem com a música pelos meios tecnológicos contemporâneos, com o mercado cultural.

Com este critério pretende-se avaliar se o aluno conhece e analisa criticamente as inter-relações do jovem com a cultura das mídias, tendo o cotidiano como ponto de partida e se o aluno reflete, analisa e discute questões do mercado cultural, funções e formas de consumo da música.

Fonte

AMATO, R. de C. F. Breve retrospectiva histórica e desafios do ensino de música na educação básica brasileira. Revista Opus 12 – 2006

Fonte

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental.

14. DANÇA: HISTÓRIA;
15. DANÇA: ENSINO;
16. DANÇA: CORPO NA DANÇA;

Com a chegada dos portugueses ao Brasil e com o processo de colonização os costumes, crenças e educação portuguesa foram impostos aos colonizados. Segundo Francisco Filho (2001) os jesuítas se utilizaram de conhecimentos de pinturas, músicas, danças, inclusive nativas, teatro e festas católicas auxiliando na catequese dos povos indígenas. Essa apropriação e transmissão da arte tinham o objetivo na domesticação dos índios e proliferação da doutrina católica.

João VI, para o Brasil, que trouxe hábitos das cortes europeias. Conforme Barbosa (1999), devido à presença da família real portuguesa nas terras brasileiras era necessária a criação de condições favoráveis para a sua permanência no Brasil.

Assim, surgiram as primeiras escolas técnicas e científicas, proporcionando também a iniciação de um ensino artístico no Brasil com a presença da missão Francesa. Entretanto, o ensino de artes nesse caso tornou-se acessível somente aos aristocratas.

A s danças que aconteciam nos palácios em comemorações à corte no século XVI chegaram ao Brasil com D. João VI. (1769 – 1826) que fugindo da invasão napoleônica, trouxe na bagagem professores de dança. No final do século XIX e início do século XX, companhias de ópera francesas e italianas se apresentaram no Brasil, com elas vieram os balés que faziam parte das apresentações.

N esse sentido a dança como espetáculo, era uma forma de diversão para a classe dominante. MORA N DI (2006) aponta que no âmbito educacional gestos contidos e polidos eram privilegiados, e a dança nessa época, tinha um caráter virtuoso e voltado ao espetáculo o que não se adequava ao âmbito escolar. Portanto, o ensino da dança em muitos momentos não correspondia aos processos educacionais e políticos da época.

Shiroma, Moraes e Evangelista (apud Gomes; Nogueira, 2008, P. 584) apontam que até meados de 1970, o caráter histórico da educação na política brasileira se direcionava para o fortalecimento do Estado. Então políticas públicas foram implementadas na educação, com um discurso de construção nacional, em que valores que engrandecessem a nação fossem aplicados às políticas educacionais. Assim a preocupação central a respeito da Arte no início do século XX era sua implantação nas escolas primárias e secundárias.

Nesse período, o ideário positivista vinha sendo extensamente divulgado no país, principalmente a partir da segunda metade do século XIX (BARBOSA, 1999), onde o desenho foi a principal linguagem artística presente nas escolas, pois, para os positivistas, ele auxiliava na educação da mente, contribuindo para o estudo da ciência, e, na visão liberal, ele contribuía na preparação do povo para o trabalho.

Com o projeto elaborado pelo compositor Heitor Villa-Lobos nos anos 30 e 40, a música ganhou destaque nas escolas brasileiras, que tinha como objetivo difundir de maneira sistemática a linguagem musical, juntamente com princípios de civismo e coletividade, condizentes com o pensamento político da época (BRASIL, 1997).

Em 1961 foi estabelecida a Lei de Diretrizes e Bases Educação "na prática, as escolas acabaram compondo o seu currículo de acordo com os recursos materiais e humanos de que já dispunham, ou seja, continuaram mantendo o mesmo currículo de antes", apesar de considerarem que "a possibilidade de os Estados e os estabelecimentos anexarem disciplinas optativas ao currículo mínimo" ter sido um avanço em matéria de educação.

Na década de 60, o regime militar apresentou-se como o novo cenário político no país. Observou-se um período de progresso técnico resultante da criação de novas fábricas, era o início da expansão e do desenvolvimento industrial, portanto buscava-se adequar o ensino ao modelo do desenvolvimento econômico da época. Segundo Fusari e Ferraz (apud GOMES; NOGUEIRA 2008, p. 585), o ensino passou a atender as necessidades do mundo industrial em expansão. O Estado estava voltado ao investimento num modelo de educação que formasse mão-de-obra qualificada e que viesse a favorecer o processo de importação tecnológica. Shiroma, Moraes e Evangelista afirmam que o "educador e educando haviam-se transformado em capital humano", para a produção de lucros individuais e sociais e Romanelli (1997, p. 196) relata que, a partir dos anos 60, o governo percebeu "a necessidade de se adotarem, em definitivo, as medidas para adequar o sistema educacional ao modelo do desenvolvimento econômico que então se intensificava no Brasil".

Nesse contexto a disciplina de ginástica, na educação física, e a de desenho em artes, colaboravam para a atual política de crescimento do Brasil (MORA N DI, 2006).

Posteriormente, surge a dança moderna contestando o rigoroso ensino do balé clássico, um deles foi Rudolf Laban (1990), ele foi um dos primeiros teóricos do movimento a se preocupar com a dança na educação escolar. Estudou profundamente as estruturas do movimento humano à arte da dança e, consequentemente a educação.

A chamada dança educativa, terminologia utilizada por Laban para designar seu trabalho, era um contraponto do ensino da dança clássica que se caracterizava pela rigidez técnica e mecânica do movimento. Segundo ele: "N as escolas onde se fomenta a Educação Artística, o que se procura não é a perfeição ou a criação e execução de danças sensacionais, mas o efeito benéfico que a atividade criativa da dança tem sobre o aluno". (LABAN, 1990).

Uma das responsáveis pela introdução e pela divulgação do trabalho de Laban, no Brasil, a partir da década de 1940 foi Maria Duschenes, coreografa e educadora, que implantou os conceitos de dança educativa com a qual havia entrado em contato.

A dança educativa surgiu paralelamente ao movimento escolanovista, que também se preocupava com a expressão e a liberdade criadora, condenando o modelo imitativo e repetitivo, característico da pedagogia tradicional, entretanto no campo das artes em geral a banalização da livre expressão resultou em um declínio de nível qualitativo das atividades pedagógicas em arte, então a dança considerada livre, permitiu que, nas escolas, qualquer atividade ligada ao movimento fosse considerada dança, e ainda permitindo que profissionais não capacitados promovessem seu ensino. A dança educativa, com seu caráter criativo expressivo, não se efetivou nas escolas no campo de arte, porém gerou o interesse de professores de educação física que passaram a introduzi-la em suas aulas.

Em 1971, após reformulações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a arte tornou-se obrigatória nas escolas, e passou a ser chamada de Educação Artística, sendo considerada somente uma atividade educativa, e não uma disciplina curricular. "Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus [...]". (BRASIL, 1971).

Por um lado, considerou-se um fator importante, a inserção da Educação Artística no currículo escolar pela LDBN, tanto relacionado ao aspecto de sustentação legal para esta prática, quanto por ter sido considerada importante na formação dos indivíduos. Porém vieram grandes dificuldades no campo educacional, pois a música, o teatro e as Artes Plásticas, que são atividades específicas foram agrupados num mesmo bloco, justificando essa mudança pela integração das dimensões artísticas, porém, não havia pessoal capacitado. Exigia-se a polivalência do professor da disciplina, sem, no entanto, ter-lhe proporcionado condições para exercê-la.

Cada um fazia o que podia. Para viabilizar esta idéia, criou- se, no Brasil, a Licenciatura Curta em Educação Artística, que em dois anos pretendia garantir a dita formação polivalente em artes o que também não funcionou na prática. Pelo contrário foi um grande equívoco em termos de prática artística. (SANTOS apud MOMENSOHN & PETRELLA, 2006, p.11).

Segundo Fusari e Ferraz (apud GOMES; NOGUEIRA, 2008, p. 285), os professores das escolas públicas encontraram dificuldades em apreender métodos de ensino nas salas de aula, resultando numa prática pouco ou nada fundamentada, necessitada de aprofundamentos teórico-metodológicos. Neste sentido, as autoras (FUSARI; FERRAZ, 2001, p. 43) afirmam que:

Dentre os problemas apresentados no ensino artístico, após a Lei 5692/71, encontram-se aqueles referentes aos conhecimentos básicos de arte e métodos para apreendê-los durante as aulas, sobretudo nas escolas públicas. O que se tem constatado é uma prática diluída, [...], na qual métodos e conteúdos de tendência tradicional e novista se misturam, sem grandes preocupações, com o que seria melhor para o ensino de Arte.

A dança começa a aparecer no cenário educacional, porém estava inserida juntamente com o teatro, considerada artes cênicas e, posteriormente, surgia na escola devido a sua contribuição para o desenvolvimento físico da criança, por isso esteve inserida muito mais no contexto da educação física do que no da arte. Também era utilizada como atividade recreativa e lúdica, não havendo por parte da escola a intenção de promover seu ensino, mas sim de utilizá-la como forma de distração e compensação, para as disciplinas intelectuais ou de ilustração de conteúdos de outras áreas.

O Brasil, a partir da década de 80, passou por profundas modificações de ordem econômica, política, social e cultural, resultando também em modificações no sistema educacional. Intensificavam as ações que de acordo com FONSÊCA (2001, p. 3) tinha finalidade de ajustar as políticas educacionais ao processo de reforma do Estado brasileiro, tendo em vista a reestruturação global da economia, seguindo recomendações do Banco Mundial e compromissos assumindo na Conferência Mundial de Educação para Todos, na Tailândia em 1990, que resultou na elaboração do Plano Decenal de Educação para Todos - 1993/2003.

Também a partir dos anos 80 consolidou-se um movimento que se denominou arte-educação, que pretendia rever os princípios da arte na escola. Este movimento teve grande influência na determinação dos rumos da arte na escola brasileira, pois a lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996), no que se refere à arte, introduziu no seu bojo as ideias defendidas pelos profissionais de arte educação daquela época e o ensino de arte torna-se obrigatório na Educação Básica. (SANTOS,

2006, p.11).

Além das críticas a polivalência e às práticas em Educação Artística, a nova visão de arte na escola entre outros objetivos, procurava promover o desenvolvimento cultural dos alunos caracterizando-se com arte e não mais educação artística, com conteúdo próprio e não mais como atividade, buscava-se recuperar os conhecimentos específicos de cada linguagem artística.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n°. 9.394/96 inicia o processo de tramitação em dezembro de 1988, e é aprovada e promulgada em dezembro de 1996. O artigo 26, parágrafo 2°, estabelece: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos". (BRASIL, 1996).

Mesmo sendo definido o ensino obrigatório de arte, o texto é abrangente, e não deixa claro suas especificidades, diversas interpretações podem ser dadas a artes, já que a mesma envolve várias áreas específicas.

Em 1996, O Ministério da Educação e Cultura elaborou uma série de documentos, chamados de Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em decorrência da reforma educacional preconizada através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n° 9.394/96, na qual consta como objetivo: assegurar, a formação básica comum para todos os alunos do ensino fundamental, bem como propõe orientações aos professores, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, como também à compreensão da arte como manifestação humana. (BRASIL, 1997, p. 15).

E em 1997 foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), trazendo algumas especificações a respeito da definição de conteúdos oferecendo uma orientação oficial para as práticas pedagógicas e que deram à área de Arte uma grande abrangência, propondo quatro modalidades artísticas: (1) Artes Visuais; (2) Música; (3) Teatro; e (4) Dança.

E pela primeira vez a dança passa a aparecer no contexto escolar como conhecimento específico e não mais atrelada a outras áreas artísticas, por meio dos PCNs, a dança é mencionada e sugerida em documentos nacional como parte integral da educação em Arte.

A DANÇA NOS PARÂMETROS CURRICULARES

Embora se costume dizer que o "brasileiro tem samba no pé", que aqui já "se nasce dançando", que o Brasil é um "país que dança", ainda existem muitas dúvidas, desacordos e até mesmo falta de conhecimento a respeito da dança como conteúdo escolar. As justificativas mais frequentemente apresentadas para que a dança esteja presente no currículo das escolas fundamentais também passa pela afirmação de que todos têm o "dom natural e espontâneo de dançar" (que acaba sendo "reprimido pela escola"), pois

no dia-a-dia o corpo e o movimento estão sempre presentes. Essas afirmações, ao contrário do que se pensaria, em muitas situações acabam até mesmo por alijar a dança da escola, ou, em outras circunstâncias, fazer com que ela se transforme em atividade aparentemente sem muito sentido no âmbito escolar. Ou seja, para que dançar na escola se já "se dança na vida"?

Essa visão de dança, e consequentemente de corpo, um tanto ingênua, não leva em consideração estudos sociológicos e antropológicos em relação à construção do corpo em sociedade e, muito menos, o fato de que muitos, por razões diversas, não possuem o "movimento nato" ou "a dança no sangue", tal qual alegam essas correntes. Na sociedade contemporânea, não se pode tampouco ignorar a presença da dança virtual, que se relaciona com os corpos físicos de maneira totalmente distinta da dos antepassados. Assim, não se tem, necessariamente, um corpo que se movimenta no tempo e no espaço sempre que se dança. Em suma, sempre se aprende, formal e/ou informalmente, como, por que e quando se movimentar e transformar esse movimento em dança.

Dessa forma, a escola pode desempenhar papel importante na educação dos corpos e do processo interpretativo e criativo de dança, pois dará aos alunos subsídios para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e, se for o caso, transformar as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade. Nos terceiro e quarto ciclos, essa função da escola torna-se ainda mais relevante, pois os alunos já começam a mais claramente tomar consciência de seus corpos e das diversas histórias, emoções, sonhos e projetos de vida que neles estão presentes.

Encarregada não de reproduzir, mas de instrumentalizar e de construir conhecimento em dança e por meio da dança com seus alunos, a escola pode proporcionar parâmetros para a apropriação crítica, consciente e transformadora dos seus conteúdos específicos. Com isso, poderá trabalhá-la como forma de conhecimento e elemento essencial para a educação do ser social que vive em uma cultura plural e multifacetada como a nossa. A escola tem a possibilidade de fornecer subsídios práticos e teóricos para que as danças que são criadas e aprendidas possam contribuir na formação de indivíduos mais conscientes de seu papel social e cultural na construção de uma sociedade democrática.

Não é, portanto, qualquer conteúdo na área de Dança que se presta a estabelecer essas relações. Tem-se necessidade também de orientações didáticas que estejam comprometidas com a realidade sociocultural brasileira e com valores éticos e morais que permitam a construção de um cidadania plena e satisfatória. A pura reprodução/ensaio de danças folclóricas na escola, por exemplo, pode ser tão alienante e opressora quanto repertórios do balé clássico, ensinados mecânica e repetidamente. Do mesmo modo, a dança chamada "criativa" ou "educativa" pode, dependendo de como for ensinada, isolar os alunos do mundo e da realidade sociopolítica e cultural que os cerca.

Outro fator importante, marcado pelo senso comum, é a tentação de encarar a dança como puro divertimento, desprovida de conteúdos e/ou de mensagens culturais que podem transformar a vida e, portanto, o convívio em sociedade. Ainda há, infelizmente, certa ingenuidade quanto ao corpo que dança e ao corpo na dança no ambiente escolar. Relegada na grande maioria dos casos a festas e comemorações, ou à imitação de modelos televisivos, frequentemente ignoram-se os conteúdos socioafetivos e culturais presentes tanto nos corpos como nas escolhas de movimentos, coreografias e/ou repertórios, eximindo os professores de qualquer intervenção para que a dança possa ser dançada, vista e compreendida de maneira crítica e construtiva.

Nos terceiro e quarto ciclos, pode-se trabalhar mais consciente e claramente com as relações que se estabelecem entre corpo, dança, sociedade e seus temas intrínsecos: modelos de corpo, atitudes, valores, promessas de felicidade, projetos de vida, relações entre gênero, entre etnias e assim por diante. Com os conteúdos específicos da Dança (habilidades de movimento, elementos do movimento, princípios estéticos, história, processos da dança), os alunos jovens poderão articular, relacionar e criar significados próprios sobre seus corpos em suas danças no mundo contemporâneo, exercendo, assim, plena e responsavelmente sua cidadania.

Se já introduzido na Dança durante os primeiros ciclos, nos terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, o aluno terá domínio elementar das habilidades básicas do corpo e dos elementos da dança (coreologia). O professor deve deter-se, portanto, no aperfeiçoamento dessas habilidades e gerar propostas mais complexas que desafiem as descobertas corporais iniciadas nos primeiros ciclos. Esse aperfeiçoamento deverá atentar, principalmente, para as relações entre esses elementos que se estabelecem nos corpos ao se dançar (percepção, sensação, sinestesia). Por exemplo, como minha respiração se relaciona com movimentos firmes, diretos, rápidos e com fluência livre? Ou ainda, ao se fazerem movimentos no nível baixo do espaço, de que tipo de dinâmica postural se necessita?

Mais adiante, deve-se concentrar em trabalhar como articular e relacionar esses elementos do corpo e do movimento com as vivências, expectativas, projetos e escolhas de vida dos alunos para que possam comunicar, expressar, imaginar e atribuir, articular, criar significados para viver em sociedade. Por exemplo, pode-se problematizar a questão da perfeição física na execução dos movimentos (é necessária? quando? por quê?), os conceitos de certo e errado (para quem? por quê?), o virtuosismo físico, os valores sociais acoplados à performance corporal (principalmente em seus aspectos de competitividade, exibicionismo etc. hoje vendidos como "bons").

No entanto, propõe-se que nesses ciclos se dê ênfase aos processos da dança e aos conteúdos que articulem o fazer artístico à sociedade global. Ou seja, busca-se que sejam trabalhados os diversos aspectos da improvisação, dos repertórios (interpretação) e da composição coreográfica, traçando relações diretas com a história da dança, a apreciação (dimensões socioculturais e estética) e com as outras linguagens artísticas. Serão enfatizadas a pesquisa individual e coletiva para elaboração dos processos criativos e as discussões e articulações entre fazer, apreciar e contextualizar a dança e a vida em sociedade (em seus aspectos de cooperação, inter-relação, autonomia e diversidade).

• Contribuições da Dança para a educação de alunos adolescentes/jovens.

Infelizmente, ainda são poucas as pesquisas nesta área, mas já são suficientes para nos fornecer bases para uma proposta educacional em Dança significativa para os jovens que vivem no mundo contemporâneo. Propomos que o professor que trabalhe com a Dança em localidades diferentes das pesquisadas sempre ouça atentamente o que seus alunos têm a dizer sobre seus corpos, sobre o que dançam e/ou gostariam de dançar; que observe atentamente as escolhas de movimento e como eles são articulados em suas criações de dança, para que possa escolher conteúdos e procedimentos não somente adequados, mas também problematizadores das realidades em que esses corpo/danças estão inseridos.

É importante, portanto, que o corpo não seja tratado como "instrumento" ou "veículo" da dança, como comumente se pensa. O corpo é conhecimento, emoção, comunicação, expressão. Ou seja, o corpo somos nós e nós somos o nosso corpo. Portanto, o corpo é a nossa dança e a dança é o nosso corpo. É simples verificar-se, por exemplo, que nossos alunos, graças à imensa variedade de corpos existentes em nossa sociedade, darão "temperos" diferentes às danças criadas quer pelo grupo classe, quer pelo professor ou pela sociedade (no caso dos repertórios das culturas). É esta uma das grandes riquezas e contribuições da dança no processo educacional: a possibilidade de conhecer, reconhecer, articular e imaginar a dança em diferentes corpos, e, portanto, com diferentes maneiras de viver em sociedade.

No entanto, quando alunos jovens se referem a seus corpos, constantemente desvalorizam esta diferença.

Em pesquisas com jovens sobre aulas de Dança na escola, o que mais tem chamado a atenção dos pesquisadores é o fato de os alunos se engajarem/gostarem dessas aulas porque são "divertidas". Acreditando no prazer e na diversão como fonte de significado para a vida, e não simplesmente como "descanso para as aulas pesadas", a pergunta que se segue é, obviamente, o que é "divertido" para eles?

Os alunos podem, por meio da Dança reforçar laços de amizade, trabalhar e conhecer o grupo, assim como conhecer a si próprios de outra maneira, dando importância à questão da autoestima. Alunos afirmam também que durante as aulas podem desafiar o corpo físico, criar danças que fazem sentido para eles, aprender bastante "para poder mostrar", experimentar novas formas de expressão que não são possíveis por meio das palavras.

Não ficam de fora as afirmações de que as aulas de Dança são importantes para aliviar o estresse do dia-a-dia e as tensões e pressões escolares, assim como a possibilidade de estarem se movendo pelo simples prazer de estar em contato com o corpo e com o movimento. Em suma, para os alunos dançar é uma possibilidade de se perceberem livres e estarem vivos.

Outra visão relaciona-se ao conceito de dança entre alunos desses ciclos que já podem estar até mesmo um pouco cristalizado por causa das relações com a mídia e com o conceito de corpo dessa geração. Muitas vezes, a dança é sinônimo de código (balé clássico, moderno, contemporâneo), de "coreografia pronta" (geralmente para ser apresentada em festivais e festas), de estilo musical (por exemplo, funk, rap, reggae, street dance, dance). Esta última merece destaque, pois há forte relação nessa faixa etária entre dança e música, sendo a segunda um dos principais elementos motivadores para aulas de Dança. Se por um lado a música estimula os movimentos, a dança, por outro, pode também restringi-los, pois a sociedade já tem modelos de danças que se "encaixam" a certos estilos de música.

Esse conceito de Dança pode dificultar o trabalho criativo em sala de aula que os próprios alunos atestam apreciar, pois há que primeiramente vencer as barreiras impostas pela sociedade. Ultrapassada, discutida e problematizada a necessidade de códigos externos, pode-se trabalhar com outros processos criativos em dança para que o vocabulário corporal e de movimento dos alunos seja ampliado. Esse enfoque possibilita ao aluno aprender a tomar decisões, a optar, a dialogar com as danças e com a sociedade.

Dança: objetivos gerais

A Dança para os terceiro e quarto ciclos relaciona-se mais diretamente às experiências corporais de movimento e de dança dos alunos, à vida em sociedade, possibilitando que o aluno seja capaz de:

• construir uma relação de cooperação, respeito, diálogo e valorização das diversas escolhas e possibilidades de interpretação e de criação em dança que ocorrem em sala de aula e na sociedade;

• aperfeiçoar a capacidade de discriminação verbal, visual e cinestésica e de preparo corporal adequado em relação às danças criadas, interpretadas e assistidas;

• situar e compreender as relações entre corpo, dança e sociedade, principalmente no que diz respeito ao diálogo entre a tradição e a sociedade contemporânea;

• buscar e saber organizar, registrar e documentar informações sobre dança em contato com artistas, documentos, livros etc., relacionando-os a suas próprias experiências pessoais como criadores, intérpretes e apreciadores de dança.

Conteúdos de Dança

Como qualquer outra manifestação artística, a dança é forma de conhecimento que envolve a intuição, a emoção, a imaginação e a capacidade de comunicação, assim como o uso da memória, da interpretação, da análise, da síntese e da avaliação crítica.

Os conteúdos específicos da Dança, portanto, podem ser agrupados em três aspectos principais que serão elencados e/ou privilegiados de acordo com as necessidades dos alunos e o contexto sociopolítico e cultural em que se encontram: dançar, apreciar e dançar e as dimensões sociopolíticas e culturais da dança.

A aprendizagem da dança no ambiente escolar envolve a necessidade de técnica/ conhecimento/habilidades corporais como caminho para criação e interpretação pessoais da/em dança. Nesses ciclos, recomenda-se que progressivamente os alunos comecem a conhecer os princípios do

movimento comuns às várias técnicas codificadas (equilíbrio, apoios, impulso etc.), princípios de condicionamento físico, elementos de consciência corporal e algumas técnicas codificadas que sejam significativas para suas realidades de alunos. Com isso, poderão estabelecer relações corporais críticas e construtivas com diferentes maneiras de ver/sentir o corpo em movimento e, portanto, com diferentes épocas e culturas.

Para dançar e apreciar, inclui-se o aprendizado da coreologia, ou seja, compreender a lógica da dança: o que, como, onde e com o que as pessoas se movem. Mesmo existindo muitas variações, acabam se resumindo em partes do corpo, dinâmicas, espaço, ações e relacionamentos. Em síntese, são esses elementos que indicam como o corpo se move no tempo, no espaço e o uso da energia. Nesses ciclos, a ênfase maior será na relação entre os elementos estruturais da dança para criar desafios corporais que articulem um processo criativo significativo. Será dada também maior atenção às relações que se estabelecem entre os elementos do movimento e seus códigos socioculturais e afetivos. Por exemplo, que significados são na sociedade (grupo social, localidade) atribuídos ao caminhar rápida, leve e diretamente em um espaço como o centro da cidade? Quais os significados atribuídos ao uso do espaço pessoal e à afetividade na sociedade? Por exemplo, a ocupação da kinesfera (espaço pessoal) do outro ao abraçar e beijar alguém para cumprimentá-lo: em alguns países, diferentemente do Brasil, essa ocupação do espaço é sentida como invasiva, agressiva e violenta. E assim por diante.

A improvisação, a composição coreográfica, a interpretação de repertórios de diferentes épocas, localidades e estilos são processos da dança que diferenciam da educação do/pelo movimento. Compreender esses processos corporal e mentalmente faz com que se possa diferenciar a dança do simples "mover-se" e com que se estabelecem relações diretas e indiretas entre corpo, dança, sociedade. Trabalhando com os processos da dança, pode-se problematizar e perceber, metaforicamente ou não, vários aspectos que relacionam o corpo, a dança e a convivência em sociedade. Por exemplo, coreografar para um grupo, diferencia-se de coreografar com o grupo (no segundo caso deve-se considerar as ideias e opiniões do grupo e trabalhá-las em relação a que se tem).

O conhecimento da história da dança, formas e estilos (jazz, moderna, balé clássico, sapateado etc.), estudos étnicos (inclui-se o estudo das danças folclóricas e populares) poderá possibilitar ao aluno traçar relações diretas entre épocas, estilos e localidades em que danças foram e são (re)criadas, podendo, assim, estabelecer relações com as dimensões sociopolíticas e culturais da dança. O estudo desses aspectos encorajará os alunos a apreciar as diferentes formas de dança, associando-as a diferentes escolhas humanas que dependem de suas vivências estéticas, religiosas, étnicas, de gênero, classe social etc., possibilitando maior abertura e intercâmbio entre tempos e espaços distintos dos seus.

Dançar

• Desenvolvimento das habilidades corporais adquiridas nos ciclos anteriores, iniciando trabalho de memorização e reprodução de sequências de movimentos quer criadas pelos alunos, pelo professor quer pela tradição da dança.

• Relacionamento das habilidades corporais adquiridas com as necessidades contidas nos processos da dança trabalhados em sala de aula.

• Reconhecimento das transformações ocorridas no corpo quanto à forma, sensações, percepções, relacionando-as às danças que cria e interpreta e às emoções, comportamentos, relacionamentos em grupo e em sociedade.

• Desenvolvimento de habilidades pessoais para trabalhar aquecimento, relaxamento e compensação do corpo, relacionando-as a noções de anatomia aprendidas.

• Reconhecimento da necessidade de trabalho de prevenção às lesões mais comuns nas aulas de dança (torções, luxações, fraturas etc.).

Apreciar e dançar

• Aperfeiçoamento e compreensão dos elementos do movimento: partes do corpo, dinâmicas do movimento, uso do espaço e das ações.

• Experimentação e diferenciação entre repertório, improvisação, composição coreográfica e apreciação, atentando para as diferentes sensações e percepções individuais e coletivas que ocorrem nos quatro processos.

• Experimentação, investigação e utilização de diferentes estímulos para improvisação (instruções diretas, descobertas guiadas, respostas selecionadas, jogos etc.) e para composição coreográfica (notícias de jornal, poesia, quadros, esculturas, histórias, elementos de movimento, sons e silêncio, objetos cênicos).

•Experimentação com as transições possíveis da improvisação à composição coreográfica e observação, conhecimento e utilização de alguns recursos coreográficos (AB, ABA, rondó etc.).

•Percepção das relações entre os diferentes estímulos utilizados nas composições e os diversos significados (pessoais, culturais, políticos) articulados e veiculados nas danças criadas.

•Observação e análise das tomadas de decisão pessoais e grupais em relação às consequências/resultados dos processos criativos.

• Identificação da relação/necessidade de "ajuste", cooperação e respeito entre as escolhas individuais e as relações grupais em sala de aula que ocorrem nos diferentes processos do fazer e apreciar da dança.

Dimensões histórico-sociais e culturais da dança e seus aspectos estéticos

• Conhecimento dos dançarinos/coreógrafos e grupos de dança brasileiros e estrangeiros que contribuíram para a história da dança nacional, reconhecendo e contextualizando épocas e regiões.

• Reflexão sobre os principais aspectos de escolha de movimento, estímulos coreográficos, gênero e estilo dos coreógrafos estudados às danças que criam em sala de aula, contextualizando as diferentes opções.

• Análise, registro e documentação dos próprios trabalhos de dança e dos utilizados por diferentes dançarinos e coreógrafos.

• Compreensão de parâmetros e métodos de análise de dança significativos para o grupo, diferenciando-os da interpretação pessoal de cada um.

• Reconhecimento de diversos pontos de vista, das subjetividades e das relações entre olhar-fazer em sala de aula e o contexto sociopolítico e cultural de cada um.

• Reflexão sobre o papel do corpo na dança em suas diversas manifestações artísticas.

Critérios de avaliação em Dança

• Saber mover-se com consciência, desenvoltura, qualidade e clareza dentro de suas possibilidades de movimento e das escolhas que faz.

Com este critério busca-se que o aluno conheça as possibilidades de movimento humano e possa fazer/criar movimentos/danças próprios de acordo com suas escolhas pessoais, respeitando e compreendendo seus limites/possibilidades físicas, emocionais e intelectuais.

• Conhecer as diversas possibilidades dos processos criativos em dança e suas interações com a sociedade.

Com este critério busca-se que o aluno possa escolher consciente e criticamente papéis e propostas criativas que sejam significativas para ele, para o desenvolvimento da arte e para a convivência em sociedade.

• Tomar decisões próprias na organização dos processos criativos individuais e de grupo em relação a movimentos, música, cenário e espaço cênico.

Com este critério busca-se que o aluno integre os diversos elementos que constituem o processo de elaboração de uma dança, relacionando-os entre si, com as outras linguagens artísticas e com a sociedade.

• Conhecer as principais correntes históricas da dança e as manifestações culturais populares e suas influências nos processos criativos pessoais.

Com este critério busca-se que o aluno possa situar os movimentos artísticos no tempo e no espaço para que estabeleça relações entre a história da dança e os processos criativos pessoais de forma crítica e transformadora.

• Saber expressar com desenvoltura, clareza, critério suas ideias e juízos de valor a respeito das danças que cria e assiste.

Com este critério espera-se que o aluno integre seu conhecimento corporal, intuitivo, sintético, imaginativo, perceptivo aos processos analíticos, mentais, lógicos e racionais da dança.

Fonte

CINTRA, R. C. G. G. A Dança no Brasil: Alguns Caminhos Percorridos até se tornar parte Integral da Educação em Arte. Revista Rascunhos Culturais. Coxim/MS. v.2. n.4. p. 125 – 139, jul/dez.2011.

Fonte

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental.

17. DANÇA: TEORIA DE LABAN;

Rudolf Laban (1879-1958), nascido na Áustria-Hungria. Trabalhou inicialmente como arquiteto, pintor, ilustrador, mas foi no campo da dança e do movimento que Laban deixou seu legado. Foi bailarino, coreógrafo, teórico, professor ou simplesmente, um "artista-pesquisador", como ele se autointitulada.

Laban concebe o movimento como um "processo constante de contínuas mudanças". "Ele aponta que essas mudanças, embora contínuas e sempre em mutação, tendem a se organizar no ser humano em determinadas ordenações rítmicas, que formam padrões singulares. Os gestos mudam, as posturas mudam, mas cada indivíduo tende a organizar suas frases de movimento de acordo com ritmos que são mais ou menos recorrentes, mesmo em circunstâncias diferentes" (MIRANDA, 2008: 71-72).

Laban percebe e estuda esses padrões de organização e começa a desenvolver uma espécie de partitura de movimento, semelhante a uma partitura musical – algo que indica um lugar de experiência, que te permite ter um acesso criativo ao movimento e possibilita múltiplas interpretações teórico/corporais. Laban então, decupou o movimento até seus elementos mais simples, como fonemas de uma gramática ou notas musicais, que podem se articular de maneiras diversas, chegando a sintaxes bastante complexas, como a própria linguagem e que, portanto, é portadora de sentido, de expressão. Para Laban o movimento é linguagem e como tal, portador de sentido.

Em seu artigo "Space, Effort and The Brain", Irmgard Bartenieff começa falando: "Toda a vida de Rudolf Laban – seja como bailarino/ coreógrafo, professor/ teórico, ou filósofo/ humanista – foi um envolvimento intenso e constante com todas as facetas do movimento. Foi um processo interminável de definição das manifestações internas/ externas dos fenômenos de movimento em tons cada vez mais sutis e em inter-relações mais complexas. Assim, nós o vemos trabalhando com constelações de qualidades mais do que com fatos isolados ou aspectos únicos: a tentativa era sempre de chegar ao cerne do processo, comportamento e expressão do movimento".

Então, é uma ferramenta para se descrever o movimento? Sim e não. Laban é um homem do seu tempo e, portanto, influenciado pelo cientificismo de sua época – em que a ciência e o pensamento racional tinham a ilusão de poder oferecer uma descrição de seus objetos de estudo que revelasse a sua verdade, a sua essência. Essa visão modernista ainda sobrevive e, por este viés, sim, podemos ver o Sistema Laban como uma ferramenta para se descrever e analisar o movimento. Porém, com olhos contemporâneos, sabemos que uma descrição, por mais que se aproxime do objeto real, não consegue dar conta de sua totalidade, por isso o Sistema Laban nos auxilia a observar, analisar e até descrever o movimento, sem, contudo, pretender ser um valor absoluto. É um sistema aberto a diferentes interpretações, reconstruções e experiências.

Laban desenvolveu suas teorias na primeira metade do séc. XX, influenciado pelo racionalismo da época, que buscava uma linguagem objetiva, científica e portadora da verdade e pela psicanálise nascente que via na subjetividade a fonte da verdade. Para suas teorias espaciais, Laban buscou apoio na geometria euclidiana.

O Corpo faz parte de uma relação estrutural que inclui ainda Esforço, Forma e Espaço, categorias que se inter-relacionam e informam-se mútua e continuamente.

Essa inter-relação de categorias e conceitos é intrínseca e fundamental ao Sistema Laban e podemos representá-la e apreendê-la através da Banda de Moebius: "Esta figura, descrita por Rudolf Laban como 'Lemniscate', é criada a partir da junção das duas extremidades invertidas de uma banda, cujas faces passam a ser simultaneamente externas e internas.(...) Os conceitos de Laban, muitas vezes interpretados como dualidades opostas, de fato dialogam nessa figura tridimensional que elimina a oposição e instala uma continuidade gradativa em constante transição, como é o movimento humano". (FERNANDES, 2002: 28)

Assim temos: teoria e prática, função e expressão, interno e externo, mobilidade e estabilidade, Peso leve e forte, etc, como exemplos de dualidades que dialogam em gradação contínua.

"Laban escreveu: não apenas a arte do movimento, mas qualquer movimento sem uma filosofia é árido. Enquanto uma filosofia oferece um propósito amplo à prática do movimento, o conteúdo detalhado de cada frase de movimento pode apenas ser alcançado por uma consciência de sua sintaxe. (...) Laban então tratou da gramática do comportamento, as regras do gestual através dos quais as pessoas entendem-se socialmente. 'Gesto e postura não mentem', ele escreveu, enquanto que as palavras podem mentir e o fazem. Ele elaborou a gramática para a arte do movimento, baseada na harmonização de princípios, no equilíbrio de opostos. Recolher é naturalmente equilibrado por espalhar, forte pelo fraco, largo por estreito. Curvo por reto, ação por reação, luta por cooperação, desequilíbrio por equilíbrio, assimetria por simetria – todos equilibram uns aos outros. Essa propensão para o equilíbrio é inata ao corpo, mente e espírito, e é o que dá sentido ao movimento do corpo. Movimentos disparatados, sem-sentido não se ajustam a essa gramática. Sem a consciência desta gramática, exercícios não fazem sentido a quem se move e não integram mente, corpo e alma, ou uma pessoa com outra". (Preston-Dunlop, 1998: p.103)

O Sistema Laban é, desse modo, um sistema aberto, em constante renovação, como a própria escrita do Laban indica. Essa linguagem dinâmica exige um olhar que se sabe parcial, ela nos permite versões sobre o movimento, indica lugares de experimentação sem pretender querer alcançar a verdade do objeto que observa. Em sua metodologia procura-se observar e estar atento, curioso, às diversas manifestações de movimento, diversos tipos e estilos de dança, corpos diferentes, peculiaridades e diferenças, atividades diversas, enriquecendo dessa forma o nosso olhar sobre o outro e ampliando a percepção das relações corpo-espaço.

Categorias de Análise de Movimento Laban – Corpo--Esforço-Forma-Espaço
(em inglês Body, Effort, Shape and Space – BESS)

Corpo: como este se organiza, suas conexões e isolamentos ou fragmentações, seus esquemas motores, seus gestos e posturas.

Esforço: enfatiza as qualidades do movimento, o ritmo dinâmico, a motivação interna/externa que aparece na escolha do movimento. Nesta categoria experimenta-se e reflete-se sobre "como" o indivíduo se move em relação a 4 fatores básicos: fluxo, peso, tempo e espaço, isoladamente e em suas múltiplas combinações.

Forma: refere-se ao corpo em suas dimensões plásticas: suas mudanças de volume, o contínuo processo de aparecimento e desaparecimento de novas formas e como este se adapta às suas necessidades internas e externas.

Espaço: situa a pessoa no mundo relacional. Esta categoria inclui explorações da esfera pessoal de movimento (kinesfera"), explorações das tensões dimensionais, planares, diagonais ou transversas e das formas cristalinas representativas dessas articulações espaciais (cubo, octaedro, icosaedro, dodecaedro, por ex.).

A separação em categorias é de natureza metodológica, possibilitando a observação, experimentação e análise. Elas estão sempre presentes no movimento, com diferentes graus de intensidades e em contínua relação.

Temas labanianos: Interno/ Externo; Mobilidade/ Estabilidade; Função/ Expressão; Ação/ Recuperação; Complexidade/ Simplicidade – dualidades, polaridades de um continuum. A compreensão da dualidade dentro de uma unidade está enraizada em nossa experiência de nossa forma física em nosso ambiente – assim temos, por exemplo, a vertical (em cima e embaixo) alinhada à tensão gravitacional; a experiência de nossa bilateralidade simétrica (lado direito e lado esquerdo; frente e atrás); nossa respiração (para dentro, para fora); estar acordado ou dormindo. Dualidade – contextual, relativa (eu sou baixa ou magra em relação à quê? Ou quem?).

18. ARTE E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS;

A Arte é uma das manifestações culturais mais antigas da humanidade. Suas origens se confundem com o estabelecimento de várias e diversificadas culturas ocidentais e orientais, sendo que, na atualidade, é impossível dissociar a relação entre arte e vida, bem como ignorar o papel vital que a Arte exerce na vida contemporânea.

No intuito de valorizar e estimular o saber desta área de conhecimento no contexto de ensino atual, de verificar o nível de domínio apresentado pelos candidatos e de servir como referência para o aprimoramento de seus cursos, os conteúdos de Artes são avaliados em conjunto com os demais conhecimentos requeridos pelo processo seletivo vestibular.

Ao longo de sua história, o ensino de Artes foi instaurado dentro de diferentes tendências pedagógicas e, desde 1996, tornou-se componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, contemplando a arte em seu contexto mais amplo e entendendo-a não mais como uma atividade curricular, mas sim como campo de conhecimento e atuação específicos, integrados à base de formação cultural do indivíduo e do cidadão como um todo. Portanto, as questões que tomam a Arte como referência propõem focá-la em suas diferentes modalidades expressivas e nos seus diferentes contextos, quer seja da sua produção, da sua apreciação, de seu estudo e sua difusão, sem perder de vista sua inserção sociocultural na relação com os outros campos de conhecimento, tanto na sua parte geral, quanto na específica.

Espera-se, desta forma, que os candidatos sejam capazes de manifestar certas habilidades relacionadas a este campo de conhecimento, sob o aspecto analítico crítico, mediante sua capacidade de síntese, em que demonstrem relacionar dados, fatos e eventos, permitindo-lhes compreender as interações sociais e culturais que relacionam o seu contexto vivencial e o conhecimento formal obtido no seu percurso escolar.

Quer ainda observá-los como elementos ativos no processo de transformação no qual estão inseridos na sociedade.

Para tanto, os candidatos serão avaliados de acordo com a sua capacidade de: apreciar as manifestações artísticas em suas diferentes modalidades expressivas no contexto das Artes Visuais, Teatro, Dança, Música,

Performance, de maneira interdisciplinar em relação à produção e leitura na sociedade; analisar, refletir e avaliar as manifestações artísticas por meio dos diferentes processos instituídos no contexto das teorias que observam, quer seja a sua relação com a História da Arte ou com a Estética; relacionar as manifestações artísticas ao contexto cultural, avaliando suas origens estéticas, suas raízes étnicas, suas funções sociais e abrangência de sua dimensão histórica.

Fonte
http://www.cops.uel.br/vestibular/2012/programa/artes.pdf

19. ARTE E COMUNICAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.

Interfaces entre Arte e as TICs no contexto educacional

A Arte e as TIC sempre fizeram e fazem parte da vida do homem, de sua cultura e de sua organização social; é um fator essencial no processo de humanização. Constituindo-se como um dos meios pelos quais o homem interage com o mundo em que vive, constrói conhecimento, responde e/ou elabora novos questionamento sobre si e o mundo, ordena, significa a vida e a consciência de existir.

Por meio da Arte e das TIC, o homem constrói e (re) constrói o percurso da história humana, produz artefatos, músicas, filmes, pinturas, danças, peças teatrais, entre outros que expressam as representações imaginárias das diferentes culturas. Constrói, assim, uma história social de produções culturais e compõem o patrimônio artístico e cultural da humanidade.

Desse modo, é importante compreender a Arte e as TIC´s em suas interrelações com a sociedade, a formação humana e a educação.

Estabelece-se como primeiro plano da discussão a articulação entre a educação, a cultura e as linguagens artísticas, com vistas a compreender a arte como um elemento cultural enriquecedor da formação humana omnilateral, uma educação integral, que abranja as dimensões intelectuais, criativas, estéticas, expressivas, emocionais e éticas.

Conforme explicita Snyders (1988), a produção cultural e artística possibilita o acesso a uma visão de mundo mais ampla; ou seja, ampliar a compreensão do mundo, da sensibilidade, da capacidade de significar e de ressignificar o mundo (p.31).

Assim, a experiência artística possibilita um olhar atento, curioso, inteligente, um diálogo com o outro, seus modos viver e pensar a vida, sobre o sentido da arte em nossas vidas e consequentemente, de nossas vidas. Nessa perspectiva, a arte abre uma arena de negociação entre os diversos conhecimentos e as diferentes culturas, um território de debates no qual a linguagem plástica, corporal, musical, poética, cinematográfica, entre outras, são provocadores de nossos olhares, de nossas crenças, de nossa forma de pensar e interpretar o mundo, o outro e a nós mesmos.

Portanto, a produção artística tem um compromisso com a interculturalidade, definida por Barbosa (2012), como "a interação entre as diferentes culturas", isto implica não privilegiar apenas os códigos e as manifestações artísticas e culturais dos povos europeus e norte-americanos brancos, mas respeitar, valorizar e difundir, como patrimônio da humanidade, as produções artísticas culturais dos diferentes grupos étnico-raciais, gêneros, classes sociais, entre outros. Portanto, é objetivo da arte "fornecer conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações" (p.19).

Nogueira (2002), alerta-nos para a necessidade inter-relacionar cultura e educação, experiências artísticas e estéticas à formação humana. Visto que fatores sociais, culturais e artísticos interferem nos saberes e nos processos de aprendizagem. Nas palavras da autora:

Entendemos formação cultural como o processo em que o indivíduo se conecta com o mundo da cultura, mundo esse entendido como um espaço de diferentes leituras e interpretações do real, concretizado nas artes (música, teatro, dança, artes visuais, cinema, entre outros) e na literatura. (NOGUEIRA, 2002, p. 45).

Nesse sentido, a arte educa o olhar, ao mesmo tempo em que desvela a realidade por meio do estranhamento, do questionamento, bem como por seu caráter inovador, criativo, utópico, o que possibilita uma releitura do mundo e é nesse processo que se deve efetivar a formação humana. Portanto, a formação cultural e artística possibilita um abrir-se para o mundo, afinal o contato com uma cultura

diversificada, enriquecida pela experiência humana e sua produção, favorece o aprender mil formas de ver, de ser e estar no mundo, outras formas de viver, de sonhar, de encantar-se, de questionar, de mudar e provocar deslocamentos, rupturas.

Por conseguinte, é mister compreender que a aproximação e a ressignificação das manifestações culturais e artísticas na formação humana requerem um olhar crítico sobre a cultura de massa. A qual segundo Snyders (1988) incorre no equívoco de tentar tornar o mundo compreensível por meio de um discurso que não questiona as estruturas sociais, a estrutura de poder, as imposições da cultura dominante, o que consequentemente reduz o mundo, sua complexidade e contradições.

Num segundo plano de discussão busca-se compreender a importância das TIC e da relação Arte-TIC na cultura contemporânea e na educação, segundo Pierre Lévy (1993) torna-se necessário "considerar a enorme incidência de meios eletrônicos e da informática" na organização cultural e na produção de conhecimentos. Para este autor a multimídia interativa presente na atualidade "favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face à matéria a ser assimilado", tornando assim um instrumento coerente com a chamada pedagogia ativa.

Conforme Belloni (1999, p. 25), as TIC estão cada vez mais presentes na vida das crianças, dos adolescentes e jovens e dos adultos, sendo, portanto, essa "razão principal da necessidade de sua integração à educação." E, ainda, segundo essa autora:

As TIC, ao mesmo tempo em que trazem grandes potencialidades de criação de novas formas mais performáticas de mediatização, acrescentam muita complexidade ao processo de mediatização do ensino/aprendizagem, pois há grandes dificuldades na apropriação destas técnicas no campo educacional e em sua domesticação para utilização pedagógica. Suas características essenciais – simulação, virtualidade, acessibilidade e superabundância e extrema diversidade de informação – são totalmente novas e demandam concepções metodológicas muito diferentes daquelas metodologias tradicionais de ensino, baseada num discurso científico linear, cartesiano e positivista. Sua utilização com fins educativos exige mudanças, radicais nos modos de compreender o ensino e a didática (BELLONI, 199, p. 27).

Diante dos desafios postos pelas TIC, questiona-se qual o papel da educação? Adaptar-se? Abrir para o mundo? Articular as novas linguagens de informação e comunicação ao processo ensino aprendizagem?

Para Belloni (2001) é preciso que a educação forme sujeitos "críticos, ativos, inteligentes, capazes" de apropriar-se e ressignificar as mensagens midiáticas, os recursos tecnológicos disponíveis – tv, computadores, máquinas fotográficas, celulares, entre outros – visando à qualificação técnica, ética e estética de seu uso no campo educacional, aliado a um projeto de construção de conhecimentos, isto é enquanto instrumentos pedagógicos capazes de dar suporte eficaz a melhoria da qualidade do ensino.

Ainda conforme, Belloni as TIC representam, evidentemente, novos desafios para a educação, que deverá aprender a lidar com a cultura midiática, muito mais interativa e participativa, com fronteiras mais amplas entre a produção de informação, comunicação, imagem, entre outros e a indústria cultural.

Por conseguinte, faz-se necessário compreender que a apropriação e a ressignificação das TIC no campo educacional requerer um olhar crítico sobre a indústria cultural, a coisificação do homem e a mercantilização dos bem culturais. Nessa perspectiva, há de se questionar e problematizar o uso das TIC como um mero comprometimento com a lógica mercadológica, superficial e efêmero, cujo fio condutor é consumo e os novos produtos a serem lançados.

Portanto, faz-se necessário romper com a perspectiva acrítica do processo de adaptação cultural, com vistas a construir uma leitura autônoma, instaurando-se uma nova política, novas possibilidades de democratização, de criticidade e criativa na apropriação, ressignificação e produção de conhecimentos por meio do uso das TIC no contexto educativo.

Verticalizando o olhar para o ensino da Arte por meio das TIC, Pimentel (2012) afirma que "o uso de tecnologias em Arte não acontece somente em nossos dias. A Arte, em todos os tempos, sempre se valeu das inovações tecnológicas para seus propósitos" (p.128). Portanto, as tecnologias contemporâneas, tanto no campo da pesquisa, do estudo e da produção, deverão compor as práticas educativas, isto é, tornar-se parte integrante do processo de ensino.

Assim quando se opta, segundo Pimentel (2012) pelo uso dos recursos tecnológicos nas aulas de Arte, este deve ampliar as possibilidades de acesso, reflexão e expressões artísticas, nas palavras da autora:

Ao se optar por usar um ou mais recursos tecnológicos, essa escolha deve justificar-se pela melhor adequação da expressão da expressão artística possibilitada por esse ou esses meios. O ideal é que o aluno tenha experiências com atividades e materiais diversos - câmera fotográfica (tradicional ou digital) / vídeo / scanner / computador / ateliê / fotocópia- para que, conhecendo-os, possa pensar Arte de forma mais abrangente (PIMENTAL, 2012, p.130).

Assim, para Pimentel (2012) as TIC devem ampliar e não restringir o estudo crítico e a elaboração artística, afinal promover práticas educativas que interrelacionam arte e tecnologias contemporâneas significa estar presente no próprio tempo, usufruir do patrimônio material e imaterial da cultura contemporânea.

Tendo como referência as artes visuais, o trabalho com a história da arte, o acesso à produção artística, visitas a museus, teatros e outros, assim como a ressignificação e recriação da obra por meio da utilização das tecnologias digitais, busca-se consolidar práticas educativas que além do uso dos recursos advindos das TIC propiciem novas formas de pensar e fazer arte.

Conforme os estudos de Pimentel (2012) o trabalho com imagens tem se beneficiado de forma significativa como os avanços tecnológicos, o uso da câmera digital, do scanner, da máquina de fotocopiar, dos programas de manipulação de imagens computadorizados e em celulares, vídeo, e outros permitem à criança, ao adolescente, o jovem e o adulto manipular e reelaborar imagens, capturar

imagens na internet, alterar sua redefinição – contrastes, cores, inserir objetos, fazer colagens, isto é, inúmeras formas de reelaboração, releituras, desconstruções e criação – de modo a possibilitar o acesso, a apropriação, a reflexão e a produção da Arte.

Fonte
ARANTES, M; VALADARES, F. O ensino da arte e as TICs: desafios e possibilidades. Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación

BIBLIOGRAFIA
BARBOSA, ANA MAE. A IMAGEM NO ENSINO DA ARTE. ANOS 1980 E NOVOS TEMPOS. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 9A EDIÇÃO, 2014.

Arte na educação não é mero exercício escolar

"Sempre me encomendam textos ou palestras com o título "A Importância da Arte na Escola". Para os que trabalham com arte é tão óbvia a importância da arte na vida e, portanto, em qualquer forma de institucionalização da vida, como a escola, que fico tentada a dizer apenas: Se a arte não fosse importante não existiria desde o tempo das cavernas, resistindo a todas as tentativas de menosprezo.

Entretanto, para escapar à acusação de simplismo que esta resposta poderia provocar, vamos pensar na necessidade da arte em duas etapas fundamentais do ser humano em sociedade: o momento de sua alfabetização e a adolescência.

Não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras.

Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa.

A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal.

As artes plásticas também desenvolvem a discriminação visual, que é essencial ao processo de alfabetização. Para uma criança de seis anos as palavras lata e bola são muito semelhantes porque têm a mesma configuração gestáltica, isto é, uma letra alta, uma baixa, seguida de outra alta e mais uma baixa. Só uma visualidade ativa pode, nesta idade, diferenciar as duas palavras pelo seu aspecto visual e esta capacidade de diferenciação visual é básica para a apreensão do código verbal que também é visual.

Aprende-se a palavra visualizando. Outra importante função da arte é a complementação da comunicação entre professor-aluno. (...) A representação plástica visual muito ajuda a comunicação verbal, que é restrita a umas setenta palavras para uma criança de seis anos.

Para a demonstração da necessidade da arte na adolescência prefiro recorrer a textos com os quais me identifico. Em primeiro lugar, Octavio Paz diz no Labirinto da Solidão:

A todos, em algum momento, se nos revelou nossa existência como algo particular, intransferível e precioso. Quase sempre esta revelação se situa na adolescência. O descobrimento de nós mesmos se manifesta como um saber - nós sós; entre o mundo e nós se abre uma impalpável, transparente muralha: a de nossa consciência. É certo que basta nascermos para nos sentirmos sós; mas as crianças e os adultos podem transcender sua solidão e esquecer-se de si mesmos através do jogo ou trabalho. Por outro lado, o adolescente, vacilante entre a infância e a juventude, fica suspenso um instante ante a infinita riqueza do mundo. O adolescente se assombra de ser. E ao pasmo sucede a reflexão: inclinado sobre o rio de sua Consciência pergunta se este rosto, que aflora lentamente do fundo deformado pela água, é o seu. A singularidade de ser - mera sensação na criança - se transforma em problema e pergunta, em consciência interrogante.

Regina Machado comenta este texto de Octavio Paz:

Que possibilidade o nosso sistema educacional oferece ao adolescente de exercer uma consciência interrogante? Acho desnecessário responder a esta questão, todos sabemos o quanto uma criança, desde mais ou menos sete anos está "formada" pelos padrões da lógica do certo e do errado, o quanto suas possibilidades de perguntar sobre o que pode ser enquandradas em regras pré-estabelecidas. Daí para a frente ela busca sempre acertar, guiando-se pelo que "parece estar de acordo" com o mundo adulto, pelas exigências exteriores do "vencer na vida". O momento da adolescência me parece crucial como oportunidade para que a escola preencha de significação esta revelação da existência como algo particular, intransferível de que fala Octavio Paz. É preciso que o adolescente tenha a possibilidade de se apoderar do ser único que ele é, das suas aptidões, sonhos, angústias e indagações; penso que isto ele pode conseguir se puder EXPRESSAR ou construir, de forma significativa, a reflexão sobre seu "assombrar-se de ser". É preciso ter espaço e condições que permitam, se eu tenho quinze anos, confrontar-me com quem eu sou enquanto individualidade, no momento em que eu a descubro como minha. Além da voz, que me diz o tempo todo como eu devo ser, como devo vestir-me, comportar-me, o que devo dizer, o que devo escolher, é preciso que me seja permitido escutar uma outra voz que pergunta dentro de mim o que eu PODERIA ou GOSTARIA de ser. É preciso enfim que eu possa IMAGINAR. Quero dizer, imaginar não no sentido pejorativo que esta palavra tem cada vez mais na nossa sociedade, ou seja, o de produzir ilusões, fantasias, "gostaria de ser uma princesa" etc. Mas falo da função primordial da imaginação, que é a de possibilitar ao indivíduo perguntar-se sobre o que pode ser, livre das amarras do certo e do errado, para que aquilo que é real seja significativo para quem pergunta. O real deixa de ser rígido, preestabelecido para sempre e passa a ser algo que possa olhar de vários ângulos para encontrar a melhor forma de compreendê-lo.

(...) Acredito que a arte tem, de fato, uma função específica nesta fase da vida do indivíduo, em que ele deixou de ser criança, em que se vê como consciência interrogante e ainda não é adulto. Comecei falando da Imaginação porque ela é indissociável da atividade artística, uma não

existe sem a outra. A princípio considerei a imaginação como potencialidade humana fundamental para qualquer idade ou atividade; não existe pensamento genuíno sem imaginação. Todos os relatos dos grandes cientistas, como por exemplo Poincaré ou Einstein, falando de seu trabalho, mostram o quanto a imaginação e a intuição estão na base de qualquer investigação científica. Para chegar a uma verdade nova, que contribua para o avanço da ciência, o investigador precisa arriscar, perguntar, transgredir o que já está dado como certo, como logicamente possível.

Se passamos pelo plano dos cientistas, pequena parcelada humanidade, para todos os outros seres humanos, o fenômeno é o mesmo. Um adulto equilibrado, que seja capaz de resolver satisfatoriamente os problemas que a vida lhe apresenta, necessita não apenas do pensamento lógico, mas também da intuição e da imaginação.

Regina Machado nos dá, no texto acima, as razões poéticas e cognitivas da arte na educação do adolescente, e quero lembrar também que não menos importantes são as razões catárticas e emocionais que incluem a saúde mental e o desenvolvimento do processo criador.

Como estas justificativas da arte na educação têm sido exaustivamente defendidas pelos arte-educadores, prefiro me referir às razões pragmáticas da arte na escola para os adolescentes e pré-adolescentes.

A adolescência é o momento de se testar pré-profissionalmente, é quando o jovem começa a se interrogar que carreira seguir ou, mais imediatamente, que vestibular fazer.

Mais de 25% das profissões neste país estão ligadas direta ou indiretamente às artes, e, seu melhor desempenho depende do conhecimento de arte que o indivíduo tem. O contato com a arte é essencial para várias profissões ligadas à propaganda, às editoras, na publicação de livros e revistas, à indústria dos discos e fitas cassetes. Não conheço nenhum bom designer de publicidade que desconheça a produção contemporânea das artes plásticas, como não conheço nenhum bom programador visual de editora que não conheça a produção gráfica da Bauhaus, nem bons profissionais que trabalham em gravadoras que não conheçam música para melhor julgar a qualidade do som que estão gravando.

O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público.

É paradoxal que ao mesmo tempo em que a sociedade moderna coloca na hierarquia cultural a arte como uma das mais altas realizações do ser humano, construindo "verdadeiros palácios que chamamos museus para expor os frutos da produção artística e construindo salas de concerto para atingir as mais altas experiências estéticas a que podemos chegar através da música", despreza a arte na escola (Eisner, 1985, p. 5).

Reconhecemos que a arte representa a apoteose cultural de uma sociedade, mas reservamos um espaço bem pequeno para ela na escola.

A METODOLOGIA TRIANGULAR: HISTÓRIA DA ARTE, LEITURA DA OBRA DE ARTE E FAZER ARTÍSTICO (Fragmentos do livro)

No Brasil tem dominado no ensino das artes plásticas o trabalho de atelier, isto é, o fazer arte.

Este fazer é insubstituível para a aprendizagem da arte e para o desenvolvimento do pensamento/linguagem *presentacional*, uma forma diferente do pensamento/linguagem discursivo, que caracteriza as áreas nas quais domina o discurso verbal, e também diferente do pensamento científico presidido pela lógica.

O pensamento *presentacional* das artes plásticas capta e processa a informação através da imagem.

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca.

Este mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem. Há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal se faz através da imagem a 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente.

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento.

Essa decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora e em relação ao passado.

Preparando-se para o entendimento das artes visuais se prepara a criança para o entendimento da imagem quer seja arte ou não.

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura.

Teremos assim equilíbrio entre as duas teorias curriculares dominantes: a que centra na criança os conteúdos e a que considera as disciplinas autônomas com uma integridade intelectual a ser preservada.

Este equilíbrio curricular começou a ser defendido na Inglaterra pelo "Basic Design Movement" ainda nos anos cinquenta.

Em um congresso, no Bretton Hall em 1956, sobre a Expressão do Adolescente, a Arte e Artesanato, duas correntes começaram a se digladiar. De um lado o grupo que passou a ser chamado de romântico, liderado por Barclay Russel e os discípulos de Marion Richardson, defendiam a intuição como origem de toda expressão e rejeitavam a idéia de processos lógicos e conscientes tomando parte do processo de criação em arte.

Este grupo falava cm termos místicos do trabalho de seus alunos, dizendo como Verônica Zabel que a beleza destes trabalhos "permanece misteriosa e além de qualquer explicação'",

De outro lado, o grupo liderado por Harry Thubron, do qual participavam Tom Hudson, Maurice de Suasmarez, Victor Pasmore e posteriormente Richard Hamilton, começou neste congresso a defender o desenvolvimento do profissionalismo na escola e a ideia de que os adolescentes necessitam informações e bases racionais sobre as quais se dá o desenvolvimento. Maurice de Suasmarez chegou a dizer que a atitude denegridora da inteligência estava tendo consequências danosas para a arte-educação acrescentando:

Richard Hamilton desenvolveu esta abordagem, acusada de racionalismo, associando ao fazer artístico, os ensinamentos dos., princípios do design, as informações científicas sobre o ver e o pensar com a ajuda da tecnologia.

Seus alunos estudavam a gramática visual, sua sintaxe e seu vocabulário, dominando elementos formais como ponto, linha, forma, espaço positivo e negativo, divisão de área. cor. percepção e ilusão, signo e simulação, transformação e projeção, e não só a imagem produzida por artistas, mas também a imagem da propaganda, como na embalagem de suco de laranja, eram assunto de suas aulas.

Nos anos sessenta, Richard Hamilton, com a ajuda de artistas professores como Richard Smith, Joe Tilson com Eduardo Paolozzi", em Newcastle University lançava as bases teórico-práticas do que hoje os americanos denominam DB AE, isto é, Disciplincd-Ba- sed-Art Education, a bandeira educacional do competente trabalho desenvolvido pelo Getty Center of Education the Arts. Precursor do DBAE foi também o trabalho desenvolvido nas "Escuelas ai Aire Libre", México, depois da revolução de 1910. Aquelas escolas seguiam a orientação de Best Maugard que pretendia através do ensino da arte, levar a uma leitura dos padrões estéticos da arte mexicana que aliada à histeria destes padrões e ao fazer artístico recuperariam a consciência cultural e política do povo. Buscava-se, com o desenvolvimento do fazer artístico, a leitura da arte nacional e sua história, a solidificação da consciência da cidadania do povo. Enfim, as Escuelas ai Aire Libre geraram o movimento muralista mexicano c podemos considerá-las, portanto o movimento de arte-educação mais bem-sucedido da América Latina.

O que é admirável no trabalho do Getty Center for Educational the Arls não com a novidade da proposta, mas a tenacidade com que este centro está preparando os professores de arte em todos os Estados Unidos, e até 110 Canadá, para um ensino que inclua produção de arte, história da arte, crítica e estética.

Para Elliot Eisner que junto com Brent Wilson e Ralph Smitli forma o team dos arte-educadores, mais conhecidos da Getty Trust, esta metodologia do ensino da arte corresponde "às quatro mais importantes coisas que as pessoas fazem com a arte. Elas a produzem, elas a vêem, elas procuram entender seu lugar a cultura através do tempo, elas fazem julgamento acerca de sua qualidade'^

Para ele o trabalho prático de estúdio ajuda a aprender e como criar imagens que tenham poder expressivo, coerência, insight e ingenuidade. A crítica de arte desenvolve a habilidade de ver e não apenas olhar as qualidades que constituem o mundo visual, um mundo que inclui e excede as obras de arte.

A história ela arte ajuda as crianças a entender algo elo lugar e tempo nos quais as obras ele arte são situadas. Nenhuma forma de arte existe no vácuo: parte elo significado ele qualquer obra depende do entendimento ele seu contexto. "A estética esclarece as bases teóricas para julgar a qualidade elo que é visto" .

Nos Estados Unidos estas áreas que compõem o conhecimento da arte estão sendo aprendidas ele forma integrada ou separadamente.

Acredito que a separação elas áreas vai levar rapidamente a um retorno ao academicismo e teremos escolas onde se ensinará somente história da arte e talvez algo que se aproxima mais ao que criticamente chamamos ele "história d os ide".

A grande conquista elo DBAE é a simultaneidade de diversas formas de pensar num mesmo ato de conhecimento.

A metodologia de ensino da arte usada no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo integra a história da arte, o fazer artístico, e a leitura da obra de arte. Esta leitura envolve análise crítica da materialidade da obra e princípios estéticos ou semiológicos, ou gestálticos ou iconográficos.

A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico.

As operações acima referidas se integram na busca de significações e o limite entre a história da arte e a leitura da obra é muito tênue.

Não adotamos um critério de história da arte objetivo que seja apenas prescritivo, eliminando a subjetividade. Sabemos que em história da arte é importante conhecer as características das classificações de estilo, a relação de uma forma de expressão com as características sociais e com a psicologia social da época, mas analisar as características formais do objeto no seu habitat de origem não pode ser o escopo máximo da história da arte. Cada geração tem direito de olhar e interpretar a história de uma maneira própria, dando um significado à história que não tem significação em si mesma. A esta idéia de Popper podemos juntar Benedetto Croce que dizia: "toda História verdadeira é História Contemporânea" e Ortega y Gasset com sua frase dramática "o passado sou eu".

A reconstrução do passado é apenas um dado e não tem um fim em si mesma, especialmente no que se refere à história da arte.

Na história da arte o objeto do passado está aqui hoje. Podemos ter experiência direta com a fonte de informação, o objeto.

Portanto, é de fundamental importância entender o objeto. A cognição em arte emerge do envolvimento existencial e total do aluno. Não se pode impor um corpo de informações emotivamente neutral.

Em palestra que assisti de Amaud Reid, pouco tempo antes de sua morte, cie dizia que o caminho do conhecimento da arte se inicia na intuição estética imediata do objeto, uma espécie de iluminação de interesse até a extrema acuidade, consequência do ver, ler, fazer *again and again*.

Por isso, a história da arte não pode estar separada daquilo que chamávamos antes do DB AE, "apreciação da obra". O termo "apreciação artística" caiu de moda, mas esta prática foi tão dominante nos anos sessenta que os historiadores da arte começaram a ver sua área ameaçada Quentin Bell chegou a ser explícito dizendo:

A história da arte é frequentemente confundida com a apreciação da arte que consiste numa espécie de exortação estética: deve-se dizer ao estudante o que é bom e o que é mau e a história transforma-se numa espécie de apologia do boml".

O que Bell estava criticando cm 1976 era já um desvio maniqueísta da apreciação artística tine não poderia substituir mesmo a história da arte, uma vez que para dominar a história temos, às vezes, que entender, ver e analisar muita obra de qualidade duvidosa, como é o caso dos retratos do século XVIII, essenciais para se conhecer a pintura inglesa daquela época.

William Hare!', dois anos antes do texto de Quentin Bell, escreveu um artigo iluminador do sentido da apreciação artística.

Começava o artigo procurando distinguir os sentidos, em linguagem cotidiana, da palavra "apreciação".

Lembrava ele que o mais comum, embutido na frase: "Eu apreciei o que você fez por mim", é o de gratidão, seguindo-se o de admiração, encontrado na frase: "Ele deu uma olhada apreciativa para a garota". Outro sentido com que usamos a palavra apreciação é o de entendimento. Em: "Eu apreciei seus argumentos", alguém analisou e entendeu os argumentos de outro.

Não são diferentes significados, mas diferentes implicações ou significações.

As diferenças estão relacionadas com a espécie de estimação feita. Eu posso admirar seu argumento sem ser grato a você por ele. Eu posso não admirar o argumento e ser grato a você por ele. Eu posso não admirar o argumento porque o estimei como trivial.

E mais difícil separar admiração de entendimento. Admiração pressupõe entendimento, entretanto podemos admirar Einstein sem entender sua teoria da relatividade porque entendemos sua significação para o mundo, para as conquistas modernas. Admiração pressupõe entendimento, gratidão pressupõe estima, portanto, admiração e entendimento.

De acordo com diferentes implicações, nos impomos diferentes espécies de avaliação, mas a estima do valor capta o significado essencial do que se pretendia com a apreciação estética dos anos sessenta. De acordo com este sentido, para entender a história da arte do século XVIII na Inglaterra era importante fazer uma estimativa do valor cultural dos retratistas daquela época, era importante "apreciar" os retratos que abundaram naquele período histórico, embora não gostássemos deles, embora não sejam esteticamente bons.

A apreciação artística não pretendia substituir a história da arte, como disse Bell, mas complementá-la. Entretanto, a crítica de Bell se justifica porque, na prática da sala de aula, apreciação artística passou a ter o sentido de *enjoyment*, de gozo apenas.

Aquela ideia de apreciação, como a possibilidade de ler, analisar e até reconhecer a obra como um bom exemplo de um estilo ou técnica embora não goste dela, passou a se chamar, *critical studies*, antes de ser dividida em estética e crítica, como o fizeram os teóricos da Getty Foundation através do DBAE.

Dois congressos, ambos na Inglaterra, foram importantes para determinar a importância dos estudos críticos da arte (criticai studies), ao lado do fazer artístico e da história da arte nas estruturas de ensino da arte.

Trata-se do congresso sobre "Art History, Criticism and The Teacher", na Universidade de Manchester, em outubro de 1972, e de outro sobre "Filosofia e o Ensino das Artes", organizado pela seção de Filosofia da Associação de Professores em Escolas e Departamentos de Educação no Madely College of Education, em julho de 1973.

Em ambos os congressos se reforçou a idéia de que "o estudo da arte contemporânea, da arte do passado, do trabalho de sociólogos, filósofos, psicólogos etc. e as atividades dos estudantes de arte hoje não podem ser áreas de estudos mutuamente exclusivas':".

Um problema real se colocou para os participantes destas conferências: o fato de que teoria e história da arte tinham se tornado, por seu papel descritivo e especulativo e sua preocupação em fazer julgamentos estéticos objetivos, numa função a posteriori. Apresentavam aos jovens artistas um conjunto de regras e o jogo artístico mudava, mas as regras continuavam imutáveis.

Por outro lado, o fazer artístico contemporâneo, que não tem "produto final", veio provocar uma crise da teoria e da história. Fazer julgamentos objetivos de quê?

Esta abordagem da contemporaneidade acerca do fazer artístico obrigou a história a refazer alguns dos critérios com os quais julgava obras anteriores.

O niilismo da era pós-Duchamp exigia outra forma de interrelacionamento teoria-prática-história apontando para a simultaneidade do julgamento e não para a sequência classificatória que era possível apenas depois do objeto artístico terminado.

"Um entendimento crítico de como conceitos visuais e formais apareceram na arte, como eles têm sido percebidos, redefinidos, redesenhados, distorcidos, descartados, reapropriados, reformulados, justificados e criticados em seu processo formativo?!', necessita da contribuição simultânea da história e de teorias da arte que iluminem a leitura da obra de arte assim como de uma prática problematizadora. A prática sozinha tem se mostrado impotente para formar o apreciador e fruidor da arte.

Nos Estados Unidos, o ensino livre expressivo da arte existe nas escolas públicas, portanto para todas as classes sociais, desde os anos trinta, nem por isso os americanos são apreciadores mais argutos da arte. Pelo contrário, a livre expressão, sem desenvolvimento da capacidade crítica para avaliar a produção, tem formado nos Estados Unidos um consumidor ávido e acrílico de imagens.

A ausência de contato com padrões avaliativos da arte, através da sua história, impede que aquele que apenas realiza sua catarse emocional através da arte seja capaz de ser um consumidor crítico da arte não só de agora, mas da arte do futuro também.

O conhecimento do relativismo dos padrões avaliativos através do tempo flexibiliza o indivíduo para criar padrões apropriados para avaliar o novo, o que ele ainda não conhece. Os defensores da arte na escola para a liberação das emoções devem lembrar que as emoções podem se revelar em múltiplas expressões catárticas e reativas, mas pouco aprendemos de nossas emoções se não somos levados a refletir acerca de nossas próprias respostas.

O subjetivo, a vida interior, a vida emocional deve navegar, mas não ao acaso.

Se a arte não é tratada como forma de conhecimento, mas como "um grito da alma" não estamos fazendo nem educação cognitiva nem educação emocional.

Lembro Wordsworth que disse: "As artes têm que ver com as emoções, mas não tão profundamente para levar às lágrimas".

Por outro lado, é bom lembrar que o desenvolvimento da capacidade criadora, tão caro aos defensores do que se convencionou chamar de livre expressão no ensino da arte, isto é, aos cultuadores do deixar fazer, também se dá no ato do entendimento, da compreensão, da de codificação das múltiplas significações de uma obra de arte.

Flexibilidade, fluência, elaboração, todos estes processos mentais envolvidos a criatividade são mobilizados no ato de decodificação da obra de arte.

Aliás as próprias teorias da criatividade, ainda nos anos sessenta defendiam a necessidade do desenvolvimento da capacidade criadora, propondo que o objeto criado fosse analisado em função de critérios bem definidos, Samuel Mcssick com Philip Jack, por exemplo, propunham que diante do objeto inquerissemos se ele representava uma resposta estética: surpresa, satisfação, estimulação com *saboreo*.

Qual o grau de surpresa que a obra provoca? Por quê? Esta pergunta verificaria o grau de originalidade, de inusualidade do objeto frente as normas conhecidas.

O choque de reconhecimento elimina a possibilidade da obviedade do objeto e afirma o seu poder de alterar a maneira convencional do observador ver e pensar as coisas.

Já a pergunta pela espécie de satisfação que a obra dá, aponta para a verificação de onde e de como ela responde ao contexto, sendo apropriada à sensibilidade do tempo e espaço em que está sendo examinada.

Surpresa e satisfação são critérios aparentemente opostos que que imbricam dialéticamente.

Enquanto a surpresa demonstra a inusualidade do objeto c exige que o observador assimile o objeto para fazê-lo parte de seu mundo cognoscível, a satisfação do objeto demonstra a adequação ao mundo conhecido do observador, obrigando-o a tomar consciência deste mundo. O critério de estimulação transformadora instiga à pergunta: esta obra muda alguma coisa a forma de representar o que ela pretende representar? Esta obra muda algo em mim? Esta obra muda algum conceito de arte? Esta obra opera alguma mudança a arte hoje? Qual a mudança que ela significa para a arte de outros tempos ou para a arte em diversos outros tempos?

Por último, temos o critério mais inusual: a idéia de que a obra de arte deve ser saboreada, que requer para isto uma concentração de significados que advêm de sua complexidade. A obra para ter qualidade estética deve ter o poder de surnarizar múltiplos significados. Daí se conclui que uma obra de significado único, evidente mente percebido à primeira olhada não tem a qualidade estética de saboreo para o espectador.

Ele a deglute de imediato. Um exemplo desta evidência de significado é a mão espalmada de Oscar Niemayer no Memorial da América Latina da qual escorre sangue formando uma poça em vermelho a base do punho. A obviedade de significado a constitui num *statement* e não numa obra de arte, enquanto a *Guernica* de Picasso, embora tenha um enunciado evidente, a destruição da cidade de Guernica durante a guerra civil espanhola possui um intrincado de relações formais que propõem múltiplos e particulares significados, individualizáveis de acordo com o observador.

O saboreo advêm do poder de surnarizar da obra, da condensação que implica a possibilidade de o observador exercitar sua capacidade de criar múltiplas interpretações.

Nos anos sessenta, os arte-educadores que trabalhavam com desenvolvimento da criatividade já exercitavam a capacidade das crianças e adultos analisarem seu próprio trabalho e o trabalho de artistas baseados nestes critérios, dando muita ênfase à exploração dos muitos significados prováveis que a condensação de uma obra tornasse possíveis.

No campo da teoria da arte-educação a idéia da educação estética ao lado da educação artística, isto é, o conhecimento e o valor da obra de arte ao lado do fazer artístico, foi muito divulgada nos escritos da Ralph Smith, Vincent Lanier, Kenneth Marantz, e Eiliot Eisner. Mas foi só nos anos setenta que a alfabetização visual e estética chegou aos livros de orientação didática para os professores. Muitos refletiam a influência da orientação que era dada em museus como a MaMA e o Cleveland Museurn, os museus de arte moderna foram pioneiros da arte-educação pós-moderna que enfatiza a leitura da obra de arte e até permite que a criança faça releituras gráficas expressivas de obras de arte.

Fonte

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

JOHN DEWEY E O ENSINO DA ARTE NO BRASIL. 8A EDIÇÃO. SÃO PAULO: CORTEZ, 2015.

Um breve percurso pela história

A intenção primeira deste trabalho consiste em destacar as potenciais contribuições da filosofia estética de John Dewey para o ensino da arte e, assim, mostrar a necessidade de retomar o exame dessa temática específica no interior da obra deweyana. Ao transportar as concepções do filósofo para o campo da educação, com o intuito de evidenciar a nova perspectiva que se abre para o desenvolvimento dos educandos, será possível notar também a relevância dessa discussão para esclarecer os requisitos que se impõem à formação do professor, contrariando a ênfase dos debates vigentes no Brasil na atualidade. O eixo dessas análises será o livro Arte como experiência, elaborado por Dewey quase vinte anos depois de sua obra educacional mais importante, Democracia e educação (Dewey, 1959), de 1916. Embora separadas por longo tempo, e apesar de Arte como experiência não ser um texto sobre educação, as teses educacionais deweyanas se beneficiam amplamente quando associadas às reflexões do autor sobre estética e arte.

Para alcançar essa meta, é preciso, antes de tudo, compor um breve percurso pela história, começando por notar que, até meados do século XX, o ensino da arte no Brasil caracterizou-se pela importação e decodificação de modelos estrangeiros, o que dificultou o desenvolvimento de uma cultura própria e a consolidação de projetos autorais nessa área, e mesmo na educação em geral (Barbosa, 2002). Na época do Império, encerrada em 1889 com a proclamação da República, houve várias tentativas de silenciar a arte barroca popular, tipicamente nacional, em benefício da orientação europeia neoclássica, em consonância com os ideais de modernização difundidos por setores da elite. No período pré-republicano verificou-se a influência norte-americana de Walter Smith, defendida por reformadores liberais que visavam à alfabetização e à preparação para o trabalho industrial, em contraposição aos positivistas de inspiração comtiana, que preferiam o estudo e a cópia de ornatos, almejando o aperfeiçoamento da capacidade criativa (Barbosa & Coutinho, 2011; Barbosa, 2012).

A inserção de John Dewey nessa área teve início na década de 1920, quando se articulou o amplo movimento de renovação das ideias e práticas educacionais genericamente denominado Escola Nova. O traço comum desse movimento era a tentativa de superar problemas metodológicos que limitavam a formação dos alunos e, consequentemente, impediam o progresso da nação. As propostas de solução, no entanto, dividiam-se em duas tendências: de um lado, sob a égide de uma perspectiva tecnicista e formalista, pretendia-se subordinar o indivíduo às ordenações do ambiente social, no intuito de produzir de maneira mais objetiva o avanço do país; de outro lado, sob a inspiração de concepções deweyanas, buscava-se a modernização educacional por meio da valorização dos traços psicológicos individuais dos educandos, sem desviar a escola de suas funções socializadoras. As teses de Dewey sobre educação, arte e estética foram interpretadas e apropriadas de diversas maneiras, com variadas tentativas de transformar os pressupostos do autor em práticas e métodos de ensino, especialmente na educação primária (Cunha & Garcia, 2009; Barbosa, 2002; Barbosa & Coutinho, 2011).

A difusão das teorias de Dewey por alguns intelectuais, com destaque para Anísio Teixeira, possibilitou a incorporação da arte às reformas dos sistemas públicos de ensino ocorridas no Distrito Federal e em vários estados da federação. No Distrito Federal o ensino da arte foi diretamente influenciado por Nereu Sampaio, professor de desenho da Escola Normal do Rio de Janeiro, que, interpretando as ideias deweyanas a seu modo, preconizava a mera apreciação fenomênica e a produção de representações realísticas de objetos observados, sem considerar o valor da imaginação. Em Pernambuco houve problema semelhante, uma vez que as teses deweyanas serviram de fundamento para colocar o trabalho artístico como prova fria da assimilação de conteúdos curriculares pelos alunos (Barbosa, 1998; Barbosa, 2002; Barbosa & Coutinho, 2011).

As propostas implementadas em Minas Gerais parecem ter sido mais fiéis a Dewey. Arthus Perrelet, professora vinda da Europa para auxiliar na remodelação do ensino, era admiradora confessa dos ideais deweyanos, entendendo que a experimentação e a exploração de materiais variados eram imprescindíveis ao desenvolvimento de hábitos de pensar e modos de expressão artísticos. O método criado por ela incorporava a ideia de que a ação e o movimento, constituindo a base dos conhecimentos artísticos, são fundamentais para ampliar as interações da criança com o mundo, com ênfase nas relações sociais. Seu projeto continha experiências com representações gráficas expressivas, afastando o desenho da limitação realística, para que os educandos alcançassem a significação das coisas. Com a saída de Perrelet do Brasil, suas propostas foram adaptadas mecanicamente ao cotidiano das escolas, sendo reduzidas à simples cópia de esquemas de figuras desenhados na lousa pelo professor (Barbosa, 1998; Barbosa, 2002; Barbosa & Coutinho, 2011).

Mário de Andrade, chefe do Departamento de Cultura do município de São Paulo na década de 1930, opôs-se à falta de senso crítico na utilização de tendências estrangeiras. Suas iniciativas podem ser vistas como associadas às concepções deweyanas difundidas por alguns escolanovistas, situando-se na vanguarda do movimento em prol da renovação do ensino, e do ensino da arte, em particular. A Escola Brasileira de Arte, fundada por ele, funcionava em uma sala anexa a uma escola pública, desenvolvendo projetos extracurriculares para crianças; os Parques Infantis por ele incentivados operavam em tempo integral, adotando programas de valorização das brincadeiras e outras formas de manifestação cultural; seus projetos foram especialmente relevantes por inaugurarem iniciativas autorais na associação entre arte e educação, levando em conta as necessidades dos alunos e as problemáticas sociais e culturais do momento (Faria, 1999; Barbosa, 1998; Barbosa & Coutinho, 2011).

Todas essas experiências inovadoras processadas desde a década de 1920 foram praticamente silenciadas durante o período ditatorial denominado Estado Novo, vigente entre 1937 e 1945. O interesse genuíno pela inserção da arte na educação foi retomado somente em 1947, com a redemocratização do país e a revisão dos ideais da Escola Nova. No final da década de 1950 o Brasil ingressou em uma era de intensa politização, em decorrência da crescente ineficiência do poder estatal para combater as desigualdades sociais; a educação foi entendida como parte do sistema cultural mais amplo, o que fomentou a produção de pesquisas sobre o ensino da arte e, igualmente, sobre a educação por meio da arte. Difundiu-se a abordagem que enfatizava o treino de técnicas e a profissionalização, mas foram também veiculadas teorias que privilegiavam a liberação emocional, sem direcionamentos que viessem a impedir o desabrochar da originalidade e da criatividade. Esse último modelo foi interpretado como decorrente dos princípios escolanovistas, e, consequentemente, do ideário deweyano, o qual, por sua vez, passou a ser caracterizado como portador de propostas espontaneístas que desvalorizavam os conteúdos e os procedimentos próprios do campo da arte. Sem o estudo adequado dos textos produzidos por Dewey, o conceito deweyano de experiência estética tornou-se sinônimo de mera liberação de sentimentos, e a arte, uma habilidade voltada exclusivamente à livre fruição (Barbosa, 1998; Barbosa & Coutinho, 2011).

Tais equívocos começaram a ser notados na década de 1980, quando Ana Mae Barbosa apresentou a Proposta Triangular para o ensino das artes visuais, cuja meta consistia em organizar o trabalho pedagógico com base na leitura de obras, imagens e objetos de arte. Barbosa destacava a necessidade de contextualizar as produções artísticas, as situando no âmbito da história e levando em conta fatores históricos, sociológicos, biológicos e psicológicos, para que os fazeres artísticos propiciassem experiências significativas. A pesquisadora informa que sua proposta era baseada nas Escuelas al Aire Libre do México, nos movimentos Critical Studies, da Inglaterra, e Disciplined-Based Art Education e Reader Responser, ambos oriundos dos Estados Unidos, e na Pedagogia Libertadora do brasileiro Paulo Freire (Barbosa, 1998; Barbosa, 2010). Mas é notória a assimilação da epistemologia deweyana pela autora, pois seus textos vinculam as noções de estética e arte a concepções filosóficas, educacionais e políticas defendidas por Dewey.

Naquela época as discussões sobre o ensino da arte começaram a ganhar espaço, caracterizando um «momento de transição», como afirma Penna (1999), aparentemente bastante promissor. Os problemas metodológicos voltaram a ser debatidos, reconhecendo-se a inadequação das abordagens tecnicistas que visavam à profissionalização do estudante por meio de práticas mecanicistas e conteúdos abstratos, formais e fragmentados; também se fez a crítica às propostas de base psicológica, muitas vezes identificadas com o escolanovismo, permeadas pelo espontaneísmo, pela ideia de livre expressão e pela ausência de conteúdos, com o que se almejava o desenvolvimento artístico natural, o desabrochar da natureza infantil genuinamente criadora.

Por intermédio de Ana Mae Barbosa, Dewey parecia assumir o lugar que lhe cabe como autêntico filósofo da arte e das relações entre arte e educação. No entanto, Arte como experiência (Dewey, 2015), seu mais importante trabalho sobre o tema, publicado em 1934, era «completamente ignorado» pelos intelectuais envolvidos com os assuntos da arte-educação na década de 1980, o que talvez se explique pelo fato de o livro não conter discussões concernentes ao ensino e, consequentemente, não apresentar indicações sobre como ministrar conteúdos artísticos nas escolas (Barbosa, 1982, p. 56). Esse fato não impediu o surgimento de um genuíno interesse pelas concepções deweyanas, tanto no campo da filosofia quanto no da educação, o que se evidencia pelo crescente número de publicações sobre o filósofo havidas nas últimas décadas, muitas delas baseadas em estudo direto de suas obras. O exame das teses de Dewey sobre estética, porém, apresenta ainda pouco desenvolvimento, o que reforça a necessidade de retomá-las, considerando o contexto atual.

A necessidade de retomar Dewey

Desde o final do século passado tem havido crescente diversificação temática no âmbito da pesquisa educacional, com destaque para trabalhos que investigam a produção da arte em sua diversidade histórica e social, em defesa de métodos pautados na concepção de arte como linguagem, o que remete ao exame dos conhecimentos específicos de cada manifestação artística (Iavelberg, 2013/2014). Tais avanços acadêmicos, no entanto, tendem a ser obscurecidos por outro assunto que atualmente ocupa os debates no Brasil; discute-se intensamente sobre a certificação formal dos professores responsáveis pelo ensino das linguagens artísticas, desviando o foco da questão principal – a formação dos professores que atuam na educação para crianças. Considerando o teor desses debates, é possível inferir que a obra de Dewey continua insuficientemente estudada, quase desconhecida.

Na celeuma hoje em andamento, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos registram que os componentes curriculares de arte do primeiro ciclo (para crianças entre 6 e 11 anos) poderão ficar a cargo de um professor generalista, licenciado em Pedagogia, responsável por ensinar todos os componentes curriculares (Brasil, 2010). As Diretrizes para a Educação Infantil, por sua vez, consideram o objetivo integrador da Educação Básica e reconhecem o Pedagogo como profissional habilitado para assumir os processos de ensino e aprendizagem, deixando implícita a responsabilidade do professor generalista pelo trabalho com as linguagens artísticas (Brasil, 2009). Em ambas as normatizações, não há restrições à atuação de professores especialistas no ensino para crianças, embora seja obrigatória a presença de profissionais formados em licenciaturas específicas (Educação Artística, Música, Artes Visuais etc.) para ministrarem as artes no segundo ciclo do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Argumenta-se, por um lado, que as licenciaturas específicas capacitam para a realização de um trabalho mais consolidado, no que tange aos conteúdos das linguagens

artísticas, o que traria inegável benefício à compreensão dos universos simbólicos visual, musical, teatral e corporal pela criança. A inadequação dos professores generalistas é justificada por haver cursos de licenciatura em Pedagogia cujas grades curriculares não contemplam disciplinas relacionadas à arte; além disso, ainda há professores generalistas com formação em nível médio, supostamente pouco qualificados para o exercício de funções tão complexas. Considera-se, também, que quem ministra todos os componentes do currículo costuma dedicar-se com mais afinco a uma área específica, em detrimento de outras, particularmente as que tratam das linguagens artísticas, as quais, aliás, são costumeiramente vistas por gestores como domínio de menor valor para o desenvolvimento infantil (Penna, 1999; Iavelberg, 2013/2014).

Por outro lado, em defesa do professor generalista, pondera-se que a ênfase demasiada nos conhecimentos específicos de cada linguagem artística pode ocasionar o retorno da tendência tecnicista, inviabilizando o necessário intercâmbio entre as várias artes, o que resultaria no empobrecimento da formação dos alunos. Avalia-se, ainda, que as licenciaturas específicas, ao valorizarem os conteúdos inerentes à área artística em detrimento da formação pedagógica, podem incapacitar o profissional para enfrentar toda a complexidade da situação escolar. Alguns estudos acrescentam que a orientação e o acompanhamento da prática dos generalistas, suprindo as carências de sua formação inicial e assegurando sua permanente atualização, pode levá-los a atuar de modo bastante produtivo no ensino das linguagens artísticas. Esse resultado pode ser potencializado se as universidades, seguindo alguns exemplos pioneiros já existentes, incluírem uma ou mais disciplinas voltadas a essa área nos programas dos cursos de licenciatura em Pedagogia (Penna, 1999; Iavelberg, 2013/2014; Martins & Lombardi, 2015).

Não há dúvida quanto ao valor legal dessa discussão ampla e polêmica, mas há que se admitir também que a sua conclusão, qualquer que seja ela, pouco ou nada acrescentará ao que constitui o cerne dessa área: a necessidade de haver professores – sejam eles generalistas ou não – munidos de sólida conceituação acerca de arte e de educação, bem como acerca das conexões possíveis entre esses dois territórios, não só no plano teórico, mas principalmente no plano metodológico. A iniciativa tomada por Ana Mae Barbosa na década de 1980, ao trazer as concepções de Dewey para o cenário da arte-educação, carece de continuidade, pois o ensino da arte requer clareza sobre os temas que lhe são próprios: o que é o desenvolvimento humano, o que é a educação, qual é o sentido da arte no contexto em que se almeja a transformação educacional e social; quais recursos metodológicos podem ser postos em ação para que a arte seja instrumento efetivo no processo de conferir significado às coisas e, assim, formar o aluno em sintonia com o mundo contemporâneo. As próximas seções do presente trabalho mostrar as respostas oferecidas por Dewey a esses problemas, focalizando prioritariamente, conforme já foi mencionado, o livro Arte como experiência (Dewey, 1959).

Arte como experiência e forma de linguagem

Quando se elabora uma definição pretende-se indicar o sentido correto de uma palavra ou esclarecer a conotação mais adequada de um conceito. As definições possuem caráter persuasivo, uma vez que mobilizam as disposições intelectuais e emocionais dos leitores, redirecionando as suas inclinações atuais no interior de um sistema de pensamento. Definir é uma operação complexa e, muitas vezes, arriscada, especialmente nas situações em que vigora uma definição bem estabelecida pela comunidade, sem oposição ou controvérsia acerca dos qualificativos de determinado objeto. Nesse caso, quem se propuser a definir o mesmo objeto incorrerá em atitude quase subversiva, posicionando-se no centro de uma disputa, para a qual deverá reunir vasto arsenal argumentativo.

Em Arte como experiência, Dewey (2015) define arte como experiência e como forma de linguagem, a situando no âmbito das práticas sociais. Assim, o autor contraria frontalmente a definição hegemonicamente aceita que atribui ao fazer artístico uma condição superior, um caráter perfectivo isolado das condições concretas de criação, uma prática que emana de instâncias metafísicas, realizada somente por quem possui um dom que o aproxima da esfera divina. Retomando o sentido atribuído pelos gregos antigos, Dewey considera que arte é techné, «processo de fazer ou criar»; implica ação intencional e manuseio, refinamento, combinação, montagem e demais processos aplicados a materiais e energias, até que tais elementos atinjam um novo estado e uma nova forma, proporcionando assim ao criador uma satisfação não sentida anteriormente, quando tudo ainda se encontrava em estado bruto.

Essa definição serve para explicar que vários objetos, como templos, quadros, músicas, esculturas, poemas etc., derivam da ação construtiva humana; mas não é suficiente para evidenciar por que alguns fazeres são identificados como arte, nomeados como obras – ou trabalhos – de arte. Torna-se, então, imprescindível complementar a definição com um esclarecimento sobre o que Dewey (2015) denomina «qualidade do fazer», noção situada no campo da estética, na qual residem as paixões suscitadas na pessoa que ouve, vê, toca, movimenta ou aprecia objetos derivados de produção humana; paixões que remetem à coordenação e unificação de qualidades antes separadas, concorrentes e difusas. Dewey (1958; 2015) associa intimamente a arte à estética, pois toda criação envolve sensibilidade e paixão; sempre que o homem participa de experiências estéticas, lapida sua imaginação e seu poder criativo.

Ao complementar sua definição, Dewey a torna ainda mais diretamente contrária ao pensamento hegemônico, pois afirma que a arte pertence aos domínios da vida do homem comum. Toda pessoa realiza arte quando tem uma experiência singular dotada de característica estética; quando vivencia um processo que, a despeito de suas diferentes partes constitutivas, alcança uma unidade enriquecida de significados, capaz de fornecer a sensação de ter explorado ao máximo todas as possibilidades de ação. Uma refeição, um banho, a escuta de uma história, o encontro com um amigo – coisas assim tão simples são experiências

com qualidades estéticas e artísticas quando sensibilizam os indivíduos, os conduzindo a se envolverem em atividades mentais e corporais, até alcançarem um desfecho coordenado e significativo (Dewey, 2015).

A poesia, a dança, o drama, o canto, os instrumentos musicais, os artefatos e as construções das civilizações antigas podem ser caracterizados como arte porque «se conformavam às necessidades e condições da experiência mais intensa, mais prontamente aprendida e mais longamente relembrada». Para os artistas que realizaram aquelas obras, a arte foi consumada por envolver experiências «em que os atos sucessivos são perpassados por um sentimento de significado crescente, que é conservado e se acumula em direção a um fim vivido como a consumação de um processo». No momento atual em que seus produtos são apreciados, pode-se dizer que elas são arte na medida em que se tornam experiências com qualidade ímpar para quem os vê, ouve, toca (Dewey, 2015).

As dimensões intelectual, emocional e prática do ser humano são unificadas nas experiências dotadas de qualidades artísticas; a partir de uma necessidade sentida, a pessoa passa a direcionar intencionalmente os eventos – quer usuais, naturais, ou fortuitos – no decorrer de um processo, até obter um resultado significativo, capaz de proporcionar o enriquecimento interior, ou o da própria experiência, bem como o sentimento de prazer, deleite, satisfação. O componente estético se faz presente tanto no estágio final da experiência artística, quando se dá a elaboração ou a reconstrução de significados e o consequente contentamento, quanto no decorrer de todo o processo de percepção e/ou produção que regula as atividades; por isso, é fundamental que a vida cotidiana seja constituída por experiências prazerosas, pois é no contexto desse ambiente comum que se forma a sensibilidade estética, sem a qual não há experiência artística.

Dewey (2015) afirma que todo ser humano nasce ativo e com energia para a vida, dotado de uma impulsão para se desenvolver, sobreviver, progredir e conquistar. O organismo, no entanto, vivencia obstáculos, rupturas que produzem desconfortos – movimentos abruptos que o mobilizam integralmente.

Na relação com o ambiente, essas novas impulsões são convertidas em agentes favorecedores da vida, ajudando a pessoa a seguir em frente. Como as experiências recorrentemente vividas são recriadas, adquirindo novo formato, solidez e significados, o ser vivo ganha consciência, apreende o sentido daquilo que faz e passa a agir visando «atingir uma consequência conscientemente pretendida»; seu fazer torna-se um ato de expressão, contendo intenção, expressando valores incorporados de experiências anteriores, ao mesmo tempo em que comunica algo próprio; como ato de expressão, o fazer também é um «ato de arte».

Toda experiência enriquecida por emoção e sentidos é «arte em estado germinal», pois, mesmo em suas formas rudimentares, uma experiência é «a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas», em que se apresenta a promessa da criação e da percepção prazerosa (Dewey, 2015). O que qualifica o trabalho artístico são as experiências unificadoras que envolvem «o desdobramento da vida emocional interna e o desenvolvimento ordenado das condições externas materiais», de modo que a pessoa desempenhe ações de pensamento e de controle da natureza, tornando-se capacitada para «perceber o significado do que se está fazendo e se regozijar com ele». Para que o mundo tenha mais arte, Dewey (2015) sugere «recuperar a continuidade da experiência estética com os processos normais do viver», uma vez que a participação contínua em eventos interessantes da vida e a imersão em atividades que intensificam os sentimentos imediatos derivados de ver, ouvir e sentir são elementos sine qua non da expressão e da formação estética e artística.

Dewey amplia sua definição de arte por intermédio da noção de linguagem, dizendo que a arte, entendida como experiência, é também uma forma de linguagem, uma vez que toda experiência consciente é um ato de expressão, comunicando intenções; «cada arte fala um idioma que transmite o que não pode ser dito em nenhuma outra língua», e esse processo se realiza por meio de uma relação que envolve «o falante, o dito e aquele com quem se fala» (Dewey, 2015). A comunicação artística não tem o mesmo caráter da comunicação que se efetiva por palavras, símbolos que substituem objetos e ações com o objetivo de indicar a sua correspondência com a realidade. A arte comunica a existência de objetos novos vivenciados, aos quais se associam significados singulares; a arte expressa tanto o conhecido – sejam experiências ou técnicas – quanto o que se exprime por meio da abstração individual, viabilizando obter distanciamento do significado exato das coisas. O processo de elaboração expressiva envolve ampla multiplicidade de significados decorrentes de experiências anteriores, os quais contribuem para a formação de interesses e propósitos que são reorganizados no processo de produção, até alcançar uma unidade nova.

A experiência rítmica

O cerne da contribuição oferecida pelas reflexões estéticas deweyanas à educação reside na tese de que as linguagens das artes precisam ser aprendidas, pois o desenvolvimento da sensibilidade artística não decorre de processos naturais, inatos (Dewey, 1958; 2015). Instaura-se, desse modo, um desafio aos educadores, o que, no vocabulário deweyano, recebe o nome de problema, situação ou objeto ainda obscuro que requer solução, esclarecimento: o problema consiste em elaborar meios para trabalhar com as referidas linguagens na escola. Na filosofia deweyana, a busca pela elucidação de problemas significativos constitui uma investigação, ou reflexão, a qual se efetiva pelo uso do raciocínio que opera com informações e ideias já existentes, e pelo levantamento de hipóteses a serem testadas em situação prática (Dewey, 1959).

Arte como experiência, portanto, não contém – e, por coerência com a filosofia do autor, não poderia conter – um método, entendido como conjunto de procedimentos sequenciais e inflexíveis para o ensino da arte. As situações de aprendizagem são únicas, irreproduzíveis; em cada situação particular, caberá ao professor colocar a si mesmo

como investigador, tomando seus alunos e as condições específicas da instituição de ensino como problemas a serem enfrentados pelo pensamento reflexivo. O que o livro traz são princípios baseados na definição de arte como experiência e forma de linguagem, oferecendo alicerces teóricos para que o educador construa, por si mesmo e com seus alunos, o edifício da educação.

O princípio básico defendido por Dewey é o que situa a aprendizagem no campo das experiências estéticas vividas cotidianamente; são elas que conduzem ao refinamento das percepções, dos interesses e propósitos, viabilizando a expressão, além de possibilitarem o domínio de linguagens específicas, mesmo que embrionariamente, seja na criação, seja na recriação de sentidos. Os meios de expressão – técnicas, materiais, modos de fazer, etc. – devem ser valorizados como veículos da significação, e seu uso deve ser continuamente revisto no decorrer do processo porque as temáticas e os procedimentos relativos à arte não habitam a esfera das sublimes inspirações metafísicas. O fazer artístico resulta da assimilação e da problematização de modelos já existentes, o que requer tempo, habilidade técnica e sensibilidade perante o mundo.

No que diz respeito à formação estética e artística da pessoa, a noção essencial elaborada por Dewey reside na metáfora experiência rítmica, a qual traduz a ideia de que a experiência é tão relevante para o desenvolvimento de formas expressivas quanto o ritmo é essencial para a forma musical. A experiência, portanto, é o ritmo do desenvolvimento de formas expressivas. A afirmação se restringe às experiências dotadas de caráter estético, evidentemente, pois somente elas podem ser caracterizadas como verdadeiramente educativas. É por intermédio da arte que «o eu se modifica», não somente por adquirir «facilidade e habilidade maiores» no trato com materiais novos, mas por incorporar atitudes e interesses que afetam seu modo habitual de ver, ouvir e sentir e, consequentemente, seu modo costumeiro de significar as coisas. Tal experiência requer acesso a um amplo capital cultural vivenciado, comunicado e constituído em meio a práticas significativas, possibilitando a formação de temas, assuntos, motivos e conteúdos (Dewey, 2015).

As experiências estéticas – e, portanto, rítmicas – influem no aprimoramento e no exercício da imaginação, o que acontece quando materiais de variadas qualidades emocionais, sensoriais e perceptuais, adquiridos em experiências passadas e presentes, são mobilizados e reunidos, determinando o desejo de formular e expressar algo próprio ou novo; o sentido da imaginação para a continuidade da vida está em sua capacidade de despertar emoções, levando o ser humano a ingressar «em outras formas de relacionamento e participação», diferentes das usuais (Dewey, 2015). O movimento da imaginação integra-se ao movimento da produção, canalizando conscientemente as emoções, as quais ultrapassam o estado de pura descarga de energia para assumir a forma de escolhas e procedimentos. Todo o processo, da ideação à consumação, é composto por diferentes forças, ou vozes, que se relacionam mutuamente, não de modo regular, homogêneo, pela justaposição e repetição de unidades isoladas, mas por meio de contraposições que ressaltam as particularidades das energias envolvidas na produção. As relações assim estabelecidas têm efeito cumulativo, permitindo que se alcance a percepção plena do todo, momento em que se pode visualizar a resolução de problemas ou desejos anteriormente sentidos.

Ao conceber o ritmo musical nesse registro psicológico e cognitivo, em contraposição a uma concepção mecânica, Dewey põe em primeiro plano o caráter aberto do fazer estético e artístico, como também o sentido da apreciação dos produtos da arte. O artista – aquele que cria – valoriza a particularidade de cada um dos elementos sobre os quais opera; as especificidades são potencializadas, não silenciadas, o que permite a sua conservação e, também, o seu tensionamento em prol da experiência total, como nos movimentos rítmicos que utilizam pausas, fechos e acentos para estabelecer ligações e promover avanços no todo composicional. A atuação do artista requer diálogo com as vozes da cultura, uma conversa consigo mesmo e com os outros, e é no contexto dessa rede de comunicação e significação que tomam forma a intencionalidade, o direcionamento e as enunciações subjetivas. O espectador, por sua vez, também precisa ser formado para obter o gozo inteligente da arte; sua participação em atividades de apreciação pode ser capturada por algum elemento da obra, mais do que por outro, envolvendo-se em interpretações e significações que lhe são próprias. Dewey (2015) afirma que as linguagens artísticas constituem «o órgão incomparável da instrução», pois é pela experiência rítmica – estética, artística e expressiva – que se torna possível exercitar a enunciação, ato de pensamento e ação que viabiliza transcender o existente.

Conceituada como vivência genuína de experiências rítmicas, a experiência estética tem papel fundamental na formação humana desde a mais tenra idade, pois a criança desenvolve a capacidade de criação e significação agindo no ambiente, auxiliada pelos mais velhos, muito antes de formular ideias por meio do discurso interno. Engajadas em atividades interessantes e ricas em significados sociais, as crianças se interessam por «o que» criar e, ao mesmo tempo, por «como» construir, elaborando um crescente conjunto de significações e domínio de habilidades, até a constituição do fazer artístico como capacidade e especialidade mental (Dewey, 2015). Ao se expressar por intermédio do desenho, o que interessa imediatamente à criança é o próprio agir; depois, o ritmo da composição é marcado pela ação gráfica, pelo significado que as coisas têm na vida e pelas variadas possibilidades de expressão; posteriormente, o processo rítmico e expressivo alia-se à «consciência da técnica», a qual, por sua vez, torna-se instrumento para «uma expressão imaginativa cada vez mais rica», ou seja, para enunciações cada vez mais elaboradas (Dewey, 2008).

Dewey (2015) considera que os signos e significados veiculados pelas artes fundam as tradições culturais; no plano da formação do eu, constituem elementos decisivos nas experiências rítmicas que influenciam os desejos, os interesses, as crenças, os objetivos e os modos de satisfação das pessoas, ou seja, todo o material que alicerça o

pensamento. A arte favorece a articulação de um repertório inovador, livre da censura dos costumes; enriquece os discursos internos, os solilóquios, mobilizando as reflexões e ações humanas que compõem o pensamento reflexivo. A arte, ainda, viabiliza os mecanismos de sublimação, pelos quais a energia explosiva é convertida em sentimentos voltados à percepção de injustiças sociais, por exemplo, da mesma forma que uma pulsão sexual pode ser direcionada a trabalhos artísticos. Como veículo de expressão, a experiência artística oferece oportunidade para o exercício da enunciação, levando a pessoa à satisfação de criar e significar, colocar-se no mundo mediante a apresentação de algo novo.

O impedimento do acesso às artes, à multiplicidade da cultura artística e a vivências estéticas pode resultar na desorganização da vida pessoal e social; «o impulso incontrolável de buscar experiências prazerosas em si encontra as válvulas de escape que o meio cotidiano proporciona» (Dewey, 2015). Não se pode estranhar, portanto, a eclosão de fenômenos como indisciplina, agressividade e recusa à autoridade, em escolas que não oferecem canais de expressão para as pulsões infantis; quando não encontram oportunidades para se tornarem sujeitos enunciadores de suas paixões, as crianças fazem uso do que está disponível – modelos de conduta oferecidos por ambientes sociais e meios de comunicação pouco ou nada afeitos a experiências educativas. A rejeição a expressões artísticas que não se enquadram nos padrões socialmente aceitos ou nos cânones acadêmicos traz risco semelhante, provocando o silenciamento de energias que poderão ser convertidas em comportamentos inacessíveis ao controle interno e externo; no plano da cultura, provocam males também significativos, impedindo a novidade e a transformação que fomentam a revisão da vida em sociedade (Dewey, 1958).

Uma pedagogia retórica

Desde a década de 1980, quando as concepções deweyanas voltaram a ser estudadas no Brasil, as ideias educacionais de Dewey têm recebido várias interpretações, sendo boa parte delas dedicada a incentivar o exame direto de suas produções com o intuito de evitar o que Cunha (2007) denomina «desleituras», ou seja, apropriações parciais que não levam em conta o vínculo indissociável entre a filosofia, as teses educacionais e a visão política do autor. Os grupos de pesquisa que participam desse renovado interesse pelo autor têm mantido intenso contato com estudiosos estrangeiros, em busca de situar Dewey no âmbito das tendências filosóficas contemporâneas.

As interpretações resultantes desse movimento permitem qualificar as ideias deweyanas como poéticas, denominação ampla que alude à palavra grega poïesis, cujo sentido remete a ação que busca criar, conferir existência algo até então inexistente, envolvendo a mobilização de técnicas, planejamento e energias intelectuais, como também disposições emocionais, sensibilidade e abertura para posicionar a individualidade no centro do processo de deliberar e agir. Essa denominação, acompanhada dos sentidos que lhe são correspondentes, vem sendo recentemente ampliada por estudos baseados em Nathan Crick (2010), para quem Dewey integra uma abrangente tradição retórica originada com os sofistas, em especial Protágoras e Górgias.

Trata-se de uma abordagem conceitual que atribui ao movimento sofístico características que contrariam os cânones da filosofia, pois entende a atuação daqueles professores de retórica como um empenho voltado à valorização da individualidade, da experiência estética e da inteligência criativa, qualificativos que vão além da transmissão de técnicas para a confecção de discursos persuasivos. A pedagogia dos sofistas era norteada pela meta de contribuir para a constituição de uma democracia radical por intermédio de práticas discursivas que buscavam formar o aprendiz para o exercício da deliberação racional, no interior de uma esfera pública igualitária. Os sofistas consideravam que todos podem arguir, debater e decidir, desde que se reconheçam como autores, como pessoas capazes de utilizar a linguagem como veículo de expressão de ideias e sentimentos, visando ao bem da coletividade.

Essa caracterização contém delineamentos metodológicos que exprimem finalidades políticas, consistindo em conferir poder ao educando, incentivar a liberação da individualidade, promover a expressão intelectual e emocional, tal qual o que se encontra nas propostas educacionais de Dewey, particularmente quando concebidas em associação com as suas reflexões sobre estética e arte. O que se apresenta em Dewey é uma pedagogia retórica, uma pedagogia radical que almeja produzir disposições em busca de uma democracia também radical cuja base é a formação de indivíduos capazes de compor e expressar o poder que emana de suas inclinações pessoais, não em benefício exclusivo de sua vida individual, mas visando à construção de um novo modo de vida, a democracia.

O modo de vida democrático teorizado por Dewey não implica a homogeneidade, a harmonia conquistada por intermédio do silêncio, mas o permanente debate efetuado no interior de um ambiente que acolhe a divergência. A pedagogia retórica deweyana valoriza o poder de criar e o domínio da enunciação, a sensibilidade para perceber a complexidade do mundo e a relevância de formar o eu para investigar e deliberar acerca de novos horizontes para a vida em comum. Dewey afirma que, dentre todas as linguagens existentes, a linguagem da arte é a que possui a maior potencialidade para alimentar as aventuras imaginativas do pensamento filosófico. Tal qual a arte, a filosofia se desenvolve impulsionada pela mente imaginativa, responsável por articular meios para a obtenção de fins harmônicos e comandar a busca por condições objetivas para efetuar ações que integrem conhecimentos já adquiridos e regras estabelecidas à possibilidade de renovar a vida por meio da expressão individual.

O potencial significador e expressivo da arte consubstancia e define a experiência, «tanto de quem enuncia quanto daqueles que escutam»; por isso a arte pode servir como referência para a experiência filosófica, cujo sentido reside no logos, elemento que confere poder ao ser humano como ser que controla a natureza e elabora os fins da

vida em coletividade (Dewey, 2015). Se a arte pode servir de base à filosofia, e se a filosofia, como Dewey sustenta em suas obras, é o que deve nortear a educação, é na arte que devem ser buscados os qualificativos necessários à renovação das práticas educacionais. O núcleo dessa renovação reside no conceito de experiência estética e artística, a experiência rítmica.

Ao transportar os princípios de Arte como experiência para a educação, fortalecendo a tese de que as concepções educacionais deweyanas constituem uma pedagogia retórica, observa-se que o problema central do ensino da arte não é o da certificação formal dos professores, como se discute atualmente no Brasil, mas o da formação dos professores, sejam eles generalistas ou especialistas. É preciso contar com docentes capazes de despertar a sensibilidade dos alunos, direcionar as suas emoções, canalizar os seus interesses e proporcionar a eles experiências com qualidade estética. O professor que emerge das teses estéticas deweyanas é uma pessoa profundamente envolvida nas tradições artísticas antigas e contemporâneas, capaz de reconhecer os produtos culturais como decorrências da vida cotidiana das sociedades em que foram gerados, e ciente de que todos os indivíduos, quando imersos em situações plenas de significado, podem ser produtores de arte.

As considerações de Dewey permitem compreender também que a estética e a arte devem permear todas as atividades regulares da escola, não podendo ficar restritas a um determinado horário do dia letivo em que são ministrados os conteúdos artísticos. A noção deweyana de experiência deve impactar a educação como um todo, produzindo verdadeiras transformações no ambiente educativo, mobilizando não somente os professores de arte, mas os professores em geral, os gestores e, mais ainda, todos setores que compõem o universo escolar, desde a jardinagem até a cozinha, incluindo a estrutura e ornamentação dos banheiros, a organização das salas de jogos, os espaços de lazer e de convivência informal. As linguagens artísticas possuem um poder mobilizador universal por afetarem as paixões, mas esse potencial só se realiza de modo pleno quando todas as pessoas estão engajadas em um ambiente moral formado estética e artisticamente, com pleno acesso às artes; em contextos culturais propícios, as artes «moldam ocupações coletivas» e «determinam a direção do interesse e da atenção», podendo afetar os propósitos pessoais e coletivos (Dewey, 2015). Como «toda arte é um processo de tornar o mundo um lugar melhor para se viver», é necessário haver mais arte e mais domínio de suas linguagens para a construção da democracia; um contexto estético e artístico possibilita comunicações poéticas, cujos sentidos e significados são compreendidos no interior de vivências mobilizadoras (Dewey, 1958).

A pedagogia retórica deweyana implica a produção de experiências rítmicas na totalidade da instituição de ensino, para que todos sejam formados como seres humanos sensíveis à diversidade da vida; experiências que agreguem criação e apreciação, conhecimento do que já foi produzido pela humanidade e desejo de produzir o novo; a regra e o impulso transgressor, os saberes formais e a emoção direcionada, por intermédio de linguagens e materiais diversificados; experiências rítmicas que viabilizem escolhas conscientes no decorrer de processos investigativos que não silenciem as vozes dos aprendizes, mas integrem a multiplicidade cultural que constitui o cenário do mundo contemporâneo. Havendo individualidades fortes e poderosas, munidas de autonomia para dialogar, torna-se possível potencializar as experiências significativas e projetar um modo de vida que incentive a percepção de que as escolhas referentes ao futuro da coletividade dependem de consensos a serem testados na prática, consolidando um autêntico processo reflexivo.

A formação do professor e a instauração de um ambiente escolar no escopo dessa pedagogia requer a cautela de não ceder às inclinações espontaneístas que equivocadamente são atribuídas às propostas educacionais de Dewey. A educação como experiência estética e artística destina-se a despertar a sensibilidade de todos os envolvidos no processo, sejam alunos, professores, gestores ou funcionários da escola; deve-se elevá-los à condição de criadores de significados, sujeitos dispostos a assumir formas variadas de autoria expressiva e enunciativa. Esse empreendimento, no entanto, não é sinônimo de esvaziamento dos conteúdos linguísticos específicos das diversas manifestações artísticas, nem de desprezo pelos conhecimentos relativos às condições sociais concretas que originaram as obras de arte.

Esse cuidado se faz necessário por causa do dualismo que historicamente acompanha o pensamento pedagógico e que encontra em Dewey forte oposição. A pedagogia deweyana visa promover o acesso a signos e significados que podem desenvolver a imaginação, levar as pessoas à elaboração de propósitos, atos de criação, reelaborações contínuas do próprio eu e também a sonhos esperançosos sobre o futuro. Sempre que uma proposta pedagógica se apresenta desse modo, com ênfase nas paixões e na construção de indivíduos autônomos, acredita-se que a sua efetivação dispense toda forma de planejamento e estruturação didática.

Mas nada é mais distante da filosofia deweyana do que esse tipo de dicotomia que mimetiza a célebre oposição entre razão e paixões, pois Dewey (2015), ao clamar por mais paixões, não menos, não pretende dispensar a racionalidade, mas propor uma revisão desse conceito. Racionalidade, diz ele, «não é uma força evocada contrariamente ao impulso e ao hábito»; a palavra razão, «como substantivo, significa a feliz cooperação de uma multiplicidade de disposições, como simpatia, curiosidade, exploração, experimentação, franqueza, perseverança – para seguir as coisas pensadas –, circunspecção, para olhar o contexto, etc., etc.». Racionalidade, para Dewey, é a disposição resultante do processo de reflexão, não um manancial de soluções prévias que repousa fornecendo orientações seguras, prontas para o uso.

Fonte

ANDRADE, E. N. F. de; CUNHA, M. V. da. A contribuição de John Dewey ao ensino da arte no Brasil. Espacio, Tiempo y Educación, v. 3, n. 2, July-December 2016

Referência

John Dewey e o ensino da arte no Brasil. 8a edição. São Paulo: Cortez, 2015.

BENNET, ROY, UMA BREVE HISTÓRIA DA MÚSICA, RIO DE JANEIRO, ZAHAR, 1989

Uma breve história da música faz parte de uma série de livros didáticos, ilustrados e em formato grande, que atende ao estudante e ao estudioso da música em seus mais variados aspectos. Nesse volume são trilhados os caminhos da música do Ocidente a partir do século IX, quando surgiram as primeiras "composições"; o desenvolvimento da escrita e das ideias musicais e também os instrumentos e práticas adotadas nos diversos períodos dessa evolução. Quadros sinópticos de cada período mostram os vários tipos de música, seus locais de origem, sua gênese cronológica e os principais compositores da época.

Música

A "musica" como arte combina os sons das notas musicais produzindo no silêncio uma grande diversificação de melodias. Os sons estão ao nosso redor, daí concluirmos que a música é parte integrante da vida, e por ser integrante da vida já é interdisciplinar, podemos cantar, batucar, dançar, ou ligarmos um aparelho eletrônico só para ouvirmos. Ela é universal, sentimos sua vibração e não importa em que país tenha nascido. Sua finalidade pode ter os mais diversos motivos, alguns religiosos, outros puramente comerciais, algumas são produzidas para protestos, outras simbolizam nações enfim, destinamos para onde nos convém.

É possível que a música tenha surgido a mais de cinquenta mil anos no continente africano e daí se expandindo para o planeta azul e belo. Cabe a cada grupo social mais ou menos desenvolvido culturalmente produzi-la.

Podem ser utilizadas por tribos nômades ou em grandes festivais. "E ao observarmos suas expressões verificamos os sentimentos ali existentes." Conta-se que na china antiga quando o imperador visitava cidades para analisar a situação econômica e social, ele pedia um grupo musical para tocar, se esse grupo estivesse afinado ele concluía que a sociedade local também estava".

Na arqueologia, em pinturas nas grutas, gravuras em pedras, apresentam imagens de figuras humanas com instrumentos e dançarinos, evidente que são instrumentos musicais sem sofisticação e rudimentares.

Os sumérios, os babilônios, os judeus, os egípcios que foram a grande expressão musical da época a cinco mil anos atrás. A cultura indiana e chinesa que usavam a expressão a magia da música, usadas nos grandes rituais religiosos sem contar que também eram usadas pelos exércitos antes e depois das guerras em defesa dos seus territórios.

O estudo musical surge pouco antes de Cristo e se estende para a idade média. São gregas as que foram guardadas até os dias atuais. O grande matemático Pitágoras acreditava que a música e a sua matemática poderiam revelar o segredo do mundo, dizia ele que o universo tinha som, é como justificava suas teorias sobre a importância da música.

Difícil precisar datas certas, porém sabe se que a igreja teve grande influência na periodização musical com os cantos antigos como o cantochão, os cantos gregorianos que era uma homenagem ao Gregório I (540-640). Não aceita músicas chamadas de profanas ou trévicas, ela ditava comportamentos na vida social, política e cultural.

Surge a música renascentista que data do século XIV, queriam os compositores se desvencilhar da igreja com músicas de variação melódica e universal, as composições eram escritas em suas próprias línguas e não mais em latim, eram os chamados madrigais cantados por duas ou três ou no máximo quatro pessoas. Depois vem a música barroca, músicas de conteúdo dramático e precisava ser muito elaborada, com o surgimento de grandes compositores tais como Vivaldi, Handel, Bach. Em seguida vem a música clássica marcada pelos compositores, Mozart, Beethoven, surgindo a música orquestrada, música para piano. A seguir vem o romantismo colocando a emoção como um dos fatores principais, buscando extrair do ser humano o seu pensamento mais profundo. Essa emoção foi demonstrada nas composições de Beethoven, Chopin, Schumann, Wagner, erdi, Tchaikovsky, Strauss e outros.

O que existe hoje é marcado por uma série de novas tendências e técnicas musicais. Algumas técnicas já se estabeleceram no decorrer do século XX e XXI. São elas: Impressionismo, Influências jazzísticas, Politonalidade, Atonalidade, Expressionismo, Serialismo, Neoclassicismo, Microtonalidade, Música concreta, Música eletrônica, Serialismo total, e Música Aleatória. Há também os músicos que criaram um estilo pessoal, restando-lhes apenas o adicional "tradicionalista".

Síntese

O quadro abaixo foi montado de acordo com Bennett e completa essa rápida caracterização dos períodos em questão. Abaixo dele se encontram algumas observações feitas por vocês durante as aulas.

Período Clássico	Período Romântico
Mais leve, de tessitura mais clara e menos complexa que a barroca; é principalmente homofônica – a melodia sustentada por acordes (mais o contraponto continua presente).	Tessituras mais densas e pesadas, com corajosos contrastes dramáticos, explorando uma gama maior de sonoridades, dinâmica e timbres.

Ênfase na beleza e na graça da melodia e da forma, proporção e equilíbrio, moderação e controle; refinada e elegante no caráter, com a estrutura formal e a expressividade em perfeito equilíbrio.	Maior liberdade de forma e concepção; plano emocional expresso com maior intensidade e de forma mais personalista, na qual a fantasia, a imaginação e o espírito de aventura desempenham importante papel.
Maior variedade e contraste em uma peça: de tonalidades, melodias, ritmos e dinâmica (agora utilizando o crescendo e o sforzando); frequentes mudanças de disposição e timbres.	
A forma sonata aparece como a concepção mais importante – usada para construir o primeiro movimento de quase todas as grandes obras, mas também em outros movimentos e em peças isoladas (como aberturas).	Em obras muito extensas, a forma e a unidade são obtidas pelo uso de temas recorrentes.
As melodias tendem a ser mais curtas que as barrocas, com frases bem delineadas e cadências bem definidas.	Ênfase em melodias líricas, do tipo canção; modulações ousadas, harmonias mais ricas, frequentemente cromáticas com o uso de surpreendentes dissonâncias.
A orquestra cresce em tamanho e âmbito;	Expansão da orquestra, por vezes a proporções gigantescas: invenção do sistema de válvulas, que propicia o desenvolvimento da seção dos metais (...)
O cravo é substituído pelo piano: as primeiras músicas para piano são pobres em tessitura, (...) mas depois se tornam mais sonoras, ricas e vigorosas (Beethoven).	Maior virtuosismo técnico, sobretudo dos pianistas e violinistas.
Atribui-se importância a música instrumental – muitos tipos: sonata, trio, quarteto de cordas, sinfonia, concerto, serenata, divertimento.	Rica variedade de tipos, desde canções e pequenas peças para piano até gigantescos empreendimentos musicais de longa duração, estruturados com espetaculares clímax dramáticos e dinâmicos.

Considerações da música:

Música do Período Clássico	Música do Período Romântico
Alegre, leve, divertida.	Pesada, grave, triste, sofrida, com mais emoções.
Mais pausas, intervalos	Mais notas
	- Maior uso dos graves; - Mais rápida; - Liberdade para expressar sentimentos, vontades; - Não respeita a pulsação (semelhante a fala); - Mais contrastes

Fonte
PAULINO, J. Música
https://revistas.pucsp.br/index.php/interespe/article/viewFile/17451/12974

REFERÊNCIAS
BENNETT, Roy. Uma breve história da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
COLL, César, TEBERO, Ana. Aprendendo Arte. São Paulo: Ática, 2000.

BERTHOLD, MARGOT. HISTÓRIA MUNDIAL DO TEATRO. SÃO PAULO, ED. PERSPECTIVA, 2000.

O TEATRO PRIMITIVO

Tão velho quanto a humanidade, o teatro manifesta-se desde os primórdios do homem. Sendo que, uma das formas arquetípicas da expressão humana é a magia da transformação de uma pessoa em outra.

O raio de atuação do teatro compreende desde a pantomima de caça dos povos da era glacial até as categorias dramáticas da atualidade.

Se o papel do xamã ou o dançarino mascarado é afastar os demónios, o ator tem, por função, interpretar a obra do poeta num movimento de conspiração contra a realidade prometendo outra mais verdadeira ainda. Nisso, reside o encanto do teatro que não nos permite perceber os artifícios para tal empreendimento.

Do ponto de vista da evolução cultural a principal diferença entre as formas de teatro primitivas e as mais avançadas é a quantidade de acessórios e adereços cénicos empregados na expressão da mensagem.

Nas culturas primitivas são explorados materiais com os quais o homem tem contato, como a pele de um animal, por exemplo. Ao passo que no período barroco o homem tinha toda uma parafernália de equipamentos que conferem suntuosidade a cena. Para depois, no século XX, alguém como lonesco subverter a ordem primando pela desordenação do palco.

No século XX, pratica-se a arte da redução fazendo com que qualquer coisa além de um ponto de luz pareça demasiado para a cena.

Há o expoente Mareei Marceau que representa um teatro atemporal. Seus espetáculos contam com o deslumbre dos recursos cénicos de sua época somados à Commedia deirarte, e a pantomima proveniente da Ásia e da mimica da Antiguidade.

Para a compreensão do teatro primitivo, é necessário pesquisar as seguintes fontes: as tribos aborígenes, as pinturas das cavernas pré-históricas e a inesgotável riqueza das danças, mímicas e costumes populares que sobreviveram pelo mundo afora.

A utilização de acessórios no teatro está presente desde o teatro primitivo. Isso, além da presença de aromas inebriantes e ritmos para estimular os efeitos do teatro.

Oskar Eberle escreve: O teatro primitivo é uma "grande ópera", O espaço de representação do teatro primitivo é a natureza, o chão de terra batida e constam de seus equipamentos algum totem fixo no centro, um animal abatido ou um monte de grãos.

Havia a presença da dança coral e do teatro em forma de arena, isso somado a procissões para a celebração de rituais. Isso quer dizer, que onde houvesse pessoas que se reunissem com o intuito de celebrar a magia que ali se manifestaria formas de teatro.

Por isso, o teatro pode ajudar na compreensão da rotina da vida, de onde podemos encontrar e ser encontrados como indivíduos.

EGITO E ANTIGO ORIENTE

As bases da civilização ocidental estão registradas na região do Egito e do Oriente Antigo. Na região que compreendia o Rio Nilo, o Rio Tigre e o Eufrates e ao planalto iraniano, do Bósforo ao Golfo Pérsico há três milénios a.C. Neste período, o Egito desenvolveu as artes plásticas, a Mesopotâmia desenvolveu uma ciência, e Israel uma religião.

Egito

O culto aos mortos no Egito antigo deu origem aos monumentos mais grandiosos e duradouros da história da humanidade. Foram construídos túmulos no período pré-histórico, nas pirâmides e câmaras mortuárias no Egito.

Nos templos onde estão esses túmulos foram retratadas cenas de dançarinas, banquetes e procissões, oferendas e sacrifícios nos murais dedicados aos mortos.

Tais imagens revelam a preocupação que os egípcios tinham com o mundo sobrenatural e revelam um caráter dramático. Estando contidos, em tais imagens, pedidos aos deuses em forma de pintura e escultura nas quais se escrevia uma palavra de invocação: Rá, o deus do paraíso. Esperava-se que esse deus recebesse o morto em seus reinos e o elevasse como seu igual.

Tais inscrições sepulcrais aparecem na forma de diálogo nas pirâmides. Por meio desses hieróglifos que possuem mais de cinco mil anos é possível especular sobre o teatro no Egito.

A impressão que se tem da imagem que representa a deusa Isis pronunciando uma formula mágica para proteger Horus, seu filho, é de que a mesma foi concebida dramaticamente.

Mesopotâmia

Ao que parece, no segundo milénio a.C, altera-se o perfil dos deuses na Mesopotâmia. A partir de então, apresentam-se menos despóticos e severos.

Enquanto isso, o povo egípcio fazia peregrinações em busca de graças divinas e erguendo monumentos comemorativos em homenagem aos seus deuses.

Desde então, considera-se que os deuses mesopotâmicos estavam descendo a terra e participando dos rituais o que provocaria o começo do teatro ali.

A lenda do "matrimónio sagrado" que mostra a união do deus ao homem é um dos mais antigos mistérios da Mesopotâmia. Sendo que, utilizou-se nos templos da Suméria de pantomima, encantamento e música para encenar este drama religioso.

De acordo, com pesquisas recentes, o famoso estandarte-mosaico de Ur, do terceiro milénio a.C, é uma das mais antigas representações do "casamento sagrado".

Trata-se de uma magnífica obra, com suas figuras compostas por fragmentos de conchas e calcário incrustados num fundo de *lápis-lazuli*, data de aproximadamente 2700 a.C.

Do segundo milénio em diante, o "casamento sagrado" foi quase com certeza celebrado uma vez por ano nos maiores templos do império sumeriano, com sacerdotes e sacerdotisas fazendo o papel de reis e rainhas.

Acredita-se que as disputas divinas dos sumérios possuem caráter teatral, dada presença de diálogos compostos durante o período em que a imagem dos deuses sumérios tornar-se mais humanizada no que diz respeito às características psicológicas dos deuses.

Há a presença de diálogos que apresentam a cada personagem tanto na forma como no conteúdo.

A partir de então é possível o desenvolvimento do drama com base num conflito simbolizado na ideia dos deuses e transportado para a psicologia humana, está esboçado o teatro.

AS CIVILIZAÇÕES ISLÂMICAS

As civilizações islâmicas abrigaram em seus territórios inúmeras transformações políticas, espirituais e intelectuais.

No Islã, a fé serviu como ponto de convergência para os povos do Oriente Próximo a partir do ano de 610, quando Maomé mercador a serviço da rica viúva Kadhija, recebeu a revelação do Islã no monte Hira perto de Meca.

Depois de então, pela primeira vez, os povos do Oriente Próximo experimentaram algum sentimento de solidariedade desenvolvendo um novo estilo cultural segundo os preceitos do Alcorão.

Aquele ambiente inibiu o crescimento do teatro e do drama mediante a proibição da personificação do Deus.

Porém, surgiria a taziyé que é tida como uma das mais impressionantes manifestações teatrais do mundo. A taziyé que resultou da divisão do Islã entre sunitas e xiitas nunca viajou além do Irã.

A presença do teatro no Islã estava em desacordo com os mandamentos do profeta, o que não impediu o cultivo de espetáculos populares ou o de sombra. Sendo que, para ludibriarem as proibições de representação da figura humana, se utilizava no teatro de sombras as figuras dos heróis-bonecos turcos Karagoz e Hadjeivat.

Os bonecos Karagoz e Hadjeivat eram confeccionados em couro de camelo, perfurados para deixar passar a luz e eram movimentados por ""meio de varas.

Pérsia

A prática da taziyé na Pérsia foi descrita e acompanhada por Sir Lewis Pelly, quando participou da missão diplomática inglesa à Pérsia entre os anos 1862 e 1873. Sendo que, ele coletou 52 peças e chegou a publicar 37 delas.

O primeiro teatro persa a abrigar uma obra de Shakespeare foi o Teatro Zoroastriano de Teerã, fundado em 1927.

Hoje, está instalado em Teerã um moderno teatro estadual, que devidamente equipado, abriga a representação de obras clássicas e de vanguarda do repertório internacional.

E, a população do campo demonstra predileção pelos espetáculos e danças tradicionais, apresentações de guerras acrobáticas e mitológicas e aos personagens folclóricos.

Turquia

Em 1922, com a extinção do sultanato, o império otomano chegou oficialmente ao fim, um ano mais tarde foi proclamada a República da Turquia. Os fatores que influenciaram o desenvolvimento histórico e cultural da Turquia foram os seguintes: primeiro, os rituais xamânicos trazidos da Ásia Central, que eram, até certo ponto, misturados com o culto frígio a Dionísio e que ainda existem nas danças e jogos anatólios; depois a influência da Antiguidade; em terceiro lugar vem a rivalidade com o Bizâncio; e por último, a influência decisiva do Islã a partir do século X.

A presença de músicos e dançarinos era abundante nas cortes e nos mercados, nos trens de bagagem das campanhas militares e entre as missões diplomáticas. Quando Manuel II Paleólogo, imperador do Bizâncio, visitou o sultão otomano Bayzed, admirou sua versátil trupe de músicos, dançarinos e atores.

Organizado segundo o padrão francês e italiano, o primeiro teatro turco com um fosso para orquestra e um cenário mecanicamente operado surgiu na primeira metade do século XIX. Foram apresentadas nesse teatro peças de Molière, Goldoni, Goethe e Lessíng.

A presença de malabaristas, mágicos e circenses continuava a agitar as plateias em galpões de madeira e tendas. Bem como nos cafés praticava-se a tradicional arte do *meddha*.

O orta oyunu de Gedik Paxá foi inaugurado em novembro de 1867, durante o Ramada, por um arménio de nome Gullu Agop. Este teatro tornou-se o centro do movimento nacional do teatro turco.

Porém, após a revolução de julho de 1908, o trabalho daquele autor estaria presente em teatros de todo o pais.

Atualmente, a Turquia conta com salas de teatro cuja programação consta de um repertório verdadeiramente internacional.

O teatro de Sombras de Karagõz

Karagõz é o nome da personagem herói e do espetáculo de sombras turco. Com personalidade espirituosa e sua rápida retórica engendra trocadilhos ásperos e críticos. Essa personagem difundiu-se pela Grécia, Balcãs e lugares longínquos da Ásia.

AS CIVILIZAÇÕES INDO-PACÍFICAS

Provenientes de uma só grande crença, a de prestar homenagem aos deuses, a dança e o drama eram os dois componentes de igual importância na Índia.

O deus Shiva, senhor da morte e do renascimento terreno, era representado como o rei dos dançarinos.

Na tradição hindu, o próprio Brahma também criou a arte do drama. Assim, antes de qualquer apresentação teatral, durante muitos séculos, realizava-se a cerimónia inicial de benção e purificação ligada a esse deus.

As grandes manifestações religiosas da Índia-bramanismo, jainismo e budismo cederam à dança, â pantomima exorcística e à recitação dramática, suas forças específicas do culto e sacrifício.

Índia

Na índia, a arte da dança agrada aos deuses e é uma expressão notável da homenagem dos homens. Sendo assim, a origem do teatro hindu está na ligação entre a dança e o culto no templo.

A representação da dança pode ser encontrada ao longo de 3500 anos de escultura hindu, desde a famosa estatueta de bronze da "Dançarina", nas ruinas da cidade de Mohenjo-Daro, no baixo Indo, aos relevos nas colunas do templo hindu em Citam-baram, exibem todas as 108 posições da dança clássica indiana de acordo com Natyasastra de Bharata.

Os jardins dos templos incluíam locais tradicionais para a dança e para a música religiosa. E. as dançarinas ficavam subordinadas à autoridade dos sacerdotes do templo e praticavam sua arte, na medida em que esta tinha a ver com o culto, dentro do espaço do templo.

Havia uma assembleia de dança especial denominada natamandira, e para objetivos mais gerais, uma sala de celebração denominada mandapa, na qual as dançarinas, músicos e recitadores homenageavam os deuses. Até hoje, em alguns templos da índia pratica-se o costume das devadasis dançarem no cerimonial vespertino.

Utiliza-se o termo "teatro-templo" para se referir à arquitetura dos templos indianos. Sendo que, desenvolveram-se na índia as seguintes formas teatrais: o nata mais ligado à arte dos templos e o Rig Veda, mais próximo da manifestação popular com danças e acrobacias.

O Natyasastra de Bharata

O que se sabe sobre o teatro clássico da índia é que o mesmo se derivou de uma única obra: o Natyasastra de Bharata. Estudiosos do sânscrito advogam que o autor Bharata viveu entre 200 a.C. e 200 d. C.

Está documentado por Bharata em Natyasastra toda a forma do teatro do Extremo Oriente, constando toda a arte expressiva e precisa do corpo humano.

Dança e atuação teatral são uma única coisa, sendo necessária atenção por parte do dançarino e do ator a cada detalhe. Desde a concentração extrema até as pontas dos dedos. Isso tudo, de acordo com uma lista que contém 24 posições para as pontas dos dedos, 13 movimentos de cabeça, 7 de sobrancelhas, 6 de nariz, 6 das bochechas, 9 do pescoço, 7 do queixo, 5 do tórax e 36 dos olhos.

O Drama Clássico

Englobando toda a extensão da vida, da terra aos céus, o drama clássico indiano possui a linguagem espiritual traçada no Rig Veda, expresso em forma de baladas, que eram recitadas antifonicamente nos ritos sagrados.

Indonésia

O teatro de sombra de wayang, surgido em Java, é tido como uma das formas teatrais mais belas desenvolvidas ao sudeste da Ásia. Sua origem remonta a época pré-hindu dos cultos ancestrais javaneses. E, suas quatro variantes características podem ser encontradas ainda hoje por todas as ilhas.

Assim, é possível encontrar por meio de colecionadores, exemplares de seus graciosos atores, confeccionados em couro transparente, ou bonecos esculpidos em madeira, em relevo inteiro ou semi-relevo com seus olhos bem estreitos e enigmáticos. O wayang adquiriu seus aspectos característicos durante o período áureo da civilização indiano-javanesa. Absorveu os velhos mitos védicos dos deuses, o Ramayana e o Mahabharata, e a riqueza das personagens desses dois grandes épicos e seus conflitos de guerra e paz.

O termo wayang purwa significa sombra antiga, ou da antiguidade. E, essa manifestação jamais se tomou profana ocupando até hoje uma função mágica entre o homem e o mundo metafísico.

Isso, ainda que o teatro wayang seja tão comercializado nas cidades da Indonésia quanto as danças indígenas e as danças com máscaras do wayang topeng, a famosa Dança das Ninjas, a Kiprah ou a djarankèpang. Ou, as formas de wayang wong que significa o teatro do humano.

CHINA

A história do teatro chinês remete a cinco mil anos atrás e envolve impérios e dinastias, rituais de fertilidade e de exorcismos xamânicos. Desde os primórdios da pantomima da corte e dos trocadilhos, sua mola propulsora foi o protesto contra o domínio mongólico. O drama chinês celebrou nos séculos XIII e XIV, seu triunfo nas colunas dos livros impressos e não nos palcos, ou seja, na forma de texto.

Até hoje, a arte dos acrobatas possui seu lugar de honra na Ópera de Pequim, numa das mais altamente consumadas formas de teatro do mundo. Sendo que, a acrobacia classifica-se como par da música.

Bertold Brecht incorporou ao teatro épico aquilo que chamou de "aspecto de exibição do antigo teatro asiático".

Origem e os "Cem Jogos"

O xamanismo foi grandemente desenvolvido no Norte e no centro da Ásia. Mágicos e exorcistas eram responsáveis pelo transcorrer seguro da vida rural, pelas boas colheitas e pela boa sorte na guerra. Apresentavam danças rituais como wu-wu em estado de êxtase.

O teatro de sombras chinês permaneceu como a forma favorita de teatro. Os bonecos de Pequim e de Szechuan, feitos de couro transparente de burro ou búfala, transmite uma impressão da imaginativa riqueza de ação e dos personagens épicos dos mitos folclóricos. É possível que o teatro de sombras chinês tenha surgido na época do imperador Wu-ti.

Os "Cem Jogos" envolviam pantomimas, dança e apresentações acrobáticas e muito provavelmente eram praticados sobre uma plataforma simples, elevada, coberta por um telhado e limitada por uma parede ao fundo.

Os estudantes do Jardim das Pêras

Em meio ao surgimento do livro impresso, da manufatura de porcelanas, do florescimento da pintura, da poesia lírica e da intensificação do comércio com a Arábia e a Pérsia, o período da dinastia Tang (618-906) deu lugar ao mais famoso evento da história do teatro da China: a fundação do chamado Jardim das Pêras.

O Jardim das Pêras è a academia teatral imperial da qual os atores de hoje subtraem sua designação poética de "estudantes do Jardim das Pêras".

O Caminho para o Drama

Gêngis Khan esperava que o contato com os principais artistas chineses lhe favorecesse uma visão íntima da mentalidade do povo conquistado, por isso promovia as artes.

Mas, como era de se esperar o drama tornou-se um centro de resistência subterrânea ao domínio dos mongóis.

Drama do Norte e Drama do Sul

O drama do Norte pode reivindicar a descendência direta de Kuang Han-King, nascido em 1214, em Tatsu. Isso porque esse teatro estava cronologicamente cerca de duas gerações à frente do teatro do Sul.

Tido como o pai do drama chinês Kuang Han-King foi um alto oficial de Estado da dinastia Kin. Escreveu sessenta e cinco peças - comédias de amor, peças cortesãs e dramas heroicos. Catorze dessas chegaram até nós.

A peça Musical do período Ming

O músico Wei Liang-fu desenvolveu a partir dos elementos da música do Norte e do Sul, um novo estilo musical baseado em sistemas tonais e ritmos fixos. Criava, assim, uma nova forma teatral a k'um-ch'u.

Suas reformas musicais e os dramas líricos e poéticos do mestre Yu-Ming, cujas quatro peças mais famosas são conhecidas pelo título conjunto de Quatro Sonhos da Sala Yu-Ming, fundaram a alta perfeição do estilo moderno da Ópera de Pequim.

A concepção Artística da Opera de Pequim

A peça musical lírica e poética começou a se desenvolver por volta da metade do século XVIII, durante a dinastia Ching. O imperador Ch'ien Lung (1736-1795) tinha um grande interesse pelas trupes teatrais da China e encontrava tempo, em suas viagens, para visitar os teatros das províncias.

O estilo da Ópera de Pequim combina os dois elementos dominantes do teatro chinês: a perfeição uniforme do conjunto e também o desempenho individual singular do ator principal.

No palco, o ator não se apoia em aparatos cénicos para apresentar sua arte. Pois, o palco do teatro chinês e o mesmo de séculos atrás. Uma simples plataforma com um fundo neutro. Há apenas a presença de uma mesa, de uma cadeira, um divã coberto com um precioso brocado.

O Teatro Chinês Hoje

Cerca de quatrocentos estudantes passam por um intensivo treinamento na Escola Nacional em Pequim.

A influência do teatro ocidental não constituiu padrão para a cultura teatral chinesa. O que faz da Ópera de Pequim a essência da arte chinesa

JAPÃO

A mola propulsora do teatro japonês está no poder sugestivo do movimento, do gesto e da palavra falada. Os japoneses desenvolveram uma forma de expressão total quase que exclusiva. Podendo ser descrita como uma celebração solene, formalizada, de emoções e sentimentos, cujos espetáculos evocam desde a pantomina até os mais sutis refinamentos da arte aristocrática.

Fonte

BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2000.

http://profleandrolopes.blogspot.com/2010/03/bertholt-margot-historia-mundial-do.html

BOUCIER, PAUL. HISTÓRIA DA DANÇA NO OCIDENTE. (2A EDIÇÃO) SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2001.

Paul Bourcier, professor de história da dança na Universidade de Paris, mostra nesta obra a evolução da arte da dança desde as primeiras manifestações de que se tem notícia, há mais de quinze mil anos, até a nossa época, com base em documentação rigorosamente controlada.

A PRIMEIRA DANÇA FOI UM ATO SAGRADO

O primeiro documento que apresenta um humano indiscutivelmente em ação de dança tem 14000 anos. Ainda é necessário elaborar um trabalho muito importante de levantamento e de comparação, pois os especialistas da pré-história se preocuparam muito pouco com a história do movimento. Por isso, o bom senso aconselha manter uma atitude objetiva e descritiva sobre os documentos iconográficos estudados. Ou seja, tem-se como regra, examinar bem os documentos, não ir além das constatações evidentes e não ceder ã tentação de imaginar sistemas de ritos mágicos.

A *orquèstica madaleniana*

O ecossistema paleolítico baseia-se nos animais; as danças só poderiam referir-se a eles.

As grutas são santuários. Comprova-os o uso da sepultura ritual. Portanto, não se deve excluir a ideia de uma dança religiosa.

Quatro documentos

É preciso considerar que o número de documentos é limitado e que há um rigor em sua seleção.

Numa parede de uma gruta do período pré-histórico, isolado de qualquer outra representação, fato raro, está representado o ancestral dos dançarinos sobre o qual seguem as constatações:

- Corpo e caráter da dança: o personagem executa um giro sobre si mesmo.

- Vestimentas: o traje apresentado é elaborado.

Por analogia, nota-se que em qualquer parte do mundo e em qualquer época as danças sagradas se executam através de giros.

Imitações desta figura foram encontradas em outras grutas de outras cidades. Deve-se acreditar que a humanidade dispunha de uma espécie de fundo cultural comum.

As representações de grupo começam a ser frequentes no período mesolítico, descobre-se uma cena gravada que apresenta uma roda de sete personagens dançando em torno de dois personagens centrais que se contorcem no chão.

O movimento vai da direita para a esquerda, ou seja, é o da direção aparente dos grandes astros, o Sol e a Lua. Observar que todas as rodas espontâneas, mesmo as das crianças, giram na mesma direção e que as rodas têm as virtudes de uma dinâmica de grupo, como acontece em geral nas danças africanas.

Em suma, os documentos conhecidos, a dança nos períodos mesolítico e paleolítico está sempre ligada a um ato cerimonial. O estado de despersonalização que parece ser procurado é favorecido pelo uso de máscaras de animais que fazem parte do rito. Observar que a máscara é substituída pela maquilagem.

A partir do período neolítico, a condição humana se transforma. De predador, o homem transforma-se em produtor; descobre as práticas da agricultura e da criação de animais, torna-se senhor do seu destino.

Esse fato traz duas consequências, a população aumenta e os homens passam a se organizarem em grupos mais poderosos do que a família.

Nascem as cidades, cada uma com sua personalidade própria, suas próprias divindades protetoras, com frequência um animal simbólico, um totem. Os mitos religiosos personalizam-se em cada grupo à medida que este descobre sua identidade. Cada grupo terá sua ou suas danças próprias.

Em nenhum lugar foram encontradas representações de danças agrárias miméticas muito antigas. Porém, foram resgatadas em grande número, representações de combates cerimoniais dançados.

Observa-se na África do Sul, cenas de dança, em solo ou coletivas, entre as pinturas rupestres, os participantes vestidos de animais de forma mais ou menos realista. Levam a supor um culto totêmico dançado. E mostra que os agrupamentos humanos tinham sua divindade-totem.

Assiste-se a uma mudança no sentido da dança: a identificação com o espírito conseguida pela dança com giro, passa-se a uma liturgia, a um culto de relação e não mais de participação. Enfim, os documentos mostram o nascimento da dança cerimonial leiga.

A dança nos antigos impérios

Por falta de documentação, fala-se com grande precaução da dança dos antigos impérios médio-orientais. Um grande período sem evidências estendesse entre o abandono da pintura parietal e o surgimento de uma iconografia *orquéstica* na cerimónia e em outras artes plásticas. Muito pouco chegou até os dias de hoje sobre a dança no oriente médio. Entretanto, o Egito praticou amplamente as danças sagrada, litúrgica (principalmente a litúrgica funerária) e. enfim, de recreação. São numerosos os documentos iconográficos sobre a dança no Egito, apesar de estarem dispersos, mal classificados e serem textos herméticos.

Os hebreus, por causa da religião, não representavam seres vivos, assim, o conhecimento sobre a dança hebraica baseou-se em textos escritos, essencialmente a Bíblia.

A dança tinha um caráter paralitúrgico abandonada à espontaneidade da multidão, porém praticada em um contexto religioso. Apresentava rodas, danças em fileiras, giros e era praticada sem máscaras. A dança do povo hebreu não foi transformada em arte.

DANÇA, DOM DOS IMORTAIS

A civilização grega è completamente impregnada pela dança, comprovam inúmeros documentos coletados em Creta. Muitas vezes abordada como dança da beleza ou dança da feiura.

Creta herda tradições que detectamos desde o início da história, as quais os Gregos transformarão completamente. Estes viam na dança a religiosidade, consideravam-na divina porque dava alegria.

Na concepção de Sócrates, a dança forma o cidadão completo, além de ser um exercício capaz de proporcionar uma postura correta ao corpo. É fonte de boa saúde e expulsa os maus humores da cabeça. Portanto, a educação deve conceder muito espaço à dança, pois o corpo também é um meio de se conquistar o equilíbrio mental, o conhecimento, a sabedoria.

A IDADE MÉDIA INVENTA A RETÓRICA DO CORPO

Sabe-se pouco sobre a dança na alta Idade Média, a evidência é que haviam retomado um papel quase para litúrgico. Dançavam a dança de roda fechada ou aberta e, geralmente, ao som do canto gregoriano. Entretanto, ela não foi integrada ã liturgia católica. Esta recusa é pelo fato de a dança estar ligada, muitas vezes, ao culto pagão.

Dessa forma, a Idade Média realizou uma ruptura brutal na evolução da coreografia, normal em todas as culturas precedentes que destacaram três fases da dança: dança sagrada; dança de rito tribal totêmico; e dança de espetáculo, de divertimento. Foi essa última fase que caracterizou a dança na Idade Média cristã. Sob esta visão, surge a dança espetáculo. Somente com o estabelecimento da cultura feudal (cultura leiga) é que começaria uma evolução interna.

O BALÉ DE CORTE

No século XII, a dança de corte assinalará uma nova etapa. A dança metrificada separa-se da dança popular e torna-se uma dança erudita, onde além de saber a métrica é preciso, também, saber os passos. Surge o profissionalismo, com dançarinos profissionais e mestres de dança, até então a dança era uma expressão corporal de forma livre.

A partir deste momento, toma-se consciência das possibilidades de expressão estética do corpo humano e da utilidade das regras para explorá-lo.

A INVENÇÃO DA DANÇA CLÁSSICA

A sociedade do balé de corte exclui a massa popular, que não tinha direito à cultura ou qualquer possibilidade de elaborá-la. É aprisionada num modo de vida rígido, submetido a regras minuciosas de horários.

Fonte
BOUCIER, Paul. História da dança no ocidente. (2a edição) São Paulo: Martins Fontes, 2001

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE. BRASÍLIA: MEC /SEF, 1998.

ATENÇÃO!
O conteúdo em questão já foi estudado no decorrer dos tópicos.

CAZNOK, YARA BORGES. MÚSICA: ENTRE O AUDÍVEL E O VISÍVEL. (3A EDIÇÃO) SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 2015.

Esta tese de Yara Borges Caznok foi apresentada à USP em 2001. O trabalhado trata de um tema pouco explorado pelos pesquisadores da área das artes: a unidade dos sentidos encarnada na própria obra de arte. Busca-se entender se existe uma dimensão visual na música. A abordagem adota pela autora é bastante incomum. "Distanciada da perspectiva estritamente científica, calcada nas pesquisas psicofisiológicas e neuropsicológicas que tratam a interconexão sensorial no plano do corpo objetivo, busca-se apoio na Filosofia e na psicologia comprometidas com a Estética e a Arte". Nesse sentido, é a perspectiva fenomenológica que é privilegiada, sobretudo a que se presentifica na filosofia de Merleau-Ponty na qual o corpo é espaço expressivo por excelência, transformador das intenções em realidades, meio de ser no mundo e fundamento da potência simbólica.

A autora nos explica que em um trabalho anterior ela buscou responder a seguinte questão: Como as pessoas escutam música? Através de entrevistas e relatos de escuta, procurou-se acompanhar os caminhos pelos quais a audição de cada sujeito se realizava, e afirma que chamou a atenção a presença de aspectos que poderiam ser qualificados como "visuais", no momento de escuta. Yara apresenta fragmentos de entrevistas onde pode se constatar a presença de formas geométricas, espaços vazios ou cheios, linhas, cores, direções e localizações no espaço. Análises mostram, por vezes, uma escritura musical tão comprometida com a visualização de certos gestos ou imagens que leva a pensar que, para muitos compositores, muitas idéias musicais eram ao mesmo tempo idéias visuais, apontando para a hipótese de uma criação sonora-visual originariamente fundida.

A crença nessa possibilidade, segundo a autora, definiu os caminhos tomados em sua tese, basicamente assentados sobre alguns aspectos sensíveis envolvidos na criação e na recepção de uma obra. O trabalho está divido em três partes. No capítulo 1, "O sonoro e o visual: aspectos históricos e estéticos", verifica-se, por meio de investigação histórico-bibliográfica e de análise de repertório, a hipótese de que a audição esteve sempre estreitamente ligada à visão, ou seja, o ouvir, na tradição da música ocidental, articula-se ao ver desde há muito tempo. Yara afirma que estudar as relações entre a visão e a audição implica, inicialmente, trazer para a discussão insolúveis questões ligadas à constituição, significado e natureza da linguagem musical, que vêm desde a Grécia antiga e que até hoje provocam discussões. Ao fazer o levantamento histórico a autora identifica duas correntes estético-filosóficas opostas, mas não excludentes, que polemizaram esse tema: a chamada vertente absolutista e a estética referencialista; ao longo do capítulo estas duas referências são desenvolvidas.

No capítulo 2, "a unidade dos sentidos", também por meio de pesquisa bibliográfica e análise de textos do início do século XX, levantaram-se relações da produção pictórica não figurativa (abstrata) com a linguagem musical, focalizando com especial atenção a presença de parâmetros até então considerados como pertencentes apenas ao domínio musical em obras de importantes pintores. Considerações sobre as sinestesias e contribuições da psicologia e da fenomenologia de Merleau-Ponty a respeito da vivência multissensorial foram trazidas pela autora para as discussões. As diferentes tendências pictóricas, dadaísmo, cubismo e surrealismo, conforme nos explica Yara Caznok, também tiveram um estreito relacionamento com música. Esta, por sua vez, trouxe para o âmbito de suas discussões alguns parâmetros e critérios de agenciamento estrutural e formal até então circunscritos ao domínio visual. Para a autora o que antes era considerado apenas uma metáfora – a textura sonora de uma obra, ou a ressonância de um quadro, por exemplo – passou a ser uma forma de expressão legítima.

No capítulo 3, a autora busca verificar como o compositor contemporâneo Gyorgy Ligeti (1923) constrói, em uma obra instrumental, relações multissensoriais que propiciam o aparecimento de um "ouvido vidente". As razões

para a presença de Ligeti em sua tese são muitas, conforme explica Caznok, pois suas obras buscam se aproximar do ouvinte de uma forma direta, global, sem mediações de teorias ou pressupostos ideológicos. É um convite a experiências auditivas mais intuitivas, no qual mesmo as pessoas não muito habituadas ao repertório contemporâneo se sentem incluídas. A maneira como Ligeti aborda as questões auditivas não implica espécie alguma de concessão a procedimentos ou fórmulas restauradoras que seduzem o ouvinte pela aparência "modernosa", mas que no fundo não passam de pastiches sem significado estético.

Segundo Caznok, também do ponto de vista histórico a sua poética se inscreve como um marco inovador. No momento em que os compositores europeus se debatiam entre os possíveis caminhos a serem trilhados para resolver o impasse provocado pelo esgotamento da vertente serialista, Ligeti mostrou que seria possível compor acusticamente sem que fosse preciso resgatar o pensamento tonal ou qualquer outro historicamente datado. Sua produção esteve sempre endereçada ao homem contemporâneo, que convive tanto com as ciências dos fractais e da teoria do caos quanto com as formas de pensamento de culturas pré-tecnológicas.

Com base nessas investigações e análises a autora almejou mostrar que as fronteiras que distanciam e atribuem funções delimitadas aos sentidos da audição e da visão, ou seja, as clássicas definição e divisão das terras em dois grupos – arte do tempo: música, poesia e dança; artes do espaço: arquitetura, escultura e pintura – são, no fundo, fruto de um pensamento teórico, técnico e analítico alheio à criação e vivência artística. Conforme afirma Caznok em suas considerações finais, uma das constatações a que se chegou é que, por maiores que tenham sido os esforços para separar e limitar cada linguagem artística a um território específico, fazendo-as corresponder a uma modalidade preceptiva também específica, as questões concernentes à multissensorialidade têm sido um aspecto recorrente na história da arte ocidental. No campo da música, as diferentes teorias e práticas levantadas revelam o quão frequente e importante tem sido esse debate na própria definição das linhas básicas dos questionamentos estético-musicais.

Fonte
SEREN, L.
http://lucasseren.blogspot.com/2008/07/resenha-msica-entre-o-audvel-e-o-visvel.html

Referência
CAZNOK, Yara Borges. Música: Entre o Audível e o Visível. (3a edição) São Paulo: Editora UNESP, 2015.

COLL, CÉSAR E TEBEROSKY, ANA. APRENDENDO ARTE, CONTEÚDOS ESSENCIAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. ED. ÁTICA, SÃO PAULO, 2004.

Segundo Coll e Teberosky (2000) tudo pode se transformar em Arte e ser repassado o ensinamento da Arte na escola, pois, desenhar, fotografar, produzir sons ou imitar são atividades artísticas que todos podemos realizar. Por outro lado, ver como os artistas trabalham ou apreciar suas obras nos possibilita aprender muitas coisas sobre a Arte. Realizar atividades artísticas, apreciar obras de Arte e perguntar sobre suas qualidades pode ser feito através de leituras, do uso do computador, de pesquisas via Internet, de observações, onde lendo, pesquisando e olhando as obras compreenderemos em que consiste a qualidade artística.

Pintura

A pintura pode ser definida com a arte da cor. Se no desenho o que mais se utiliza é o traço, na pintura o mais importante é a mancha da cor. Ao pintar, vamos colocando sobre o papel, a tela ou a parede cores que representam seres e objetos, ou que criam formas. (COLL; TEBEROSKY, 2004).

A pintura trabalhada com as crianças tem objetivos que vão além do simples prazer em manipular mãos e pincéis. Através do contato com diversos materiais disponíveis para a manipulação com as tintas, cola, álcool, entre outros, as crianças podem expressar sentimentos diversos na superfície trabalhada, além de desenvolver, assim como o desenho, sua habilidade motora que, futuramente, na sua alfabetização, será fundamental no desenvolver das letras.

Pintar é, antes de tudo, uma arte que deve ser usada também na Educação Infantil como fator de desenvolvimento motor, afetivo e social da criança. Interpretar obras, recriar imagens, pintar por observação são atividades que mostram possibilidades de transformações, de reconstrução, de reutilização e de construção de novos elementos, formas, texturas, etc.

A relação que a criança estabelece com os diferentes materiais se dá, no início, por meio da exploração sensorial e da utilização em diversas brincadeiras. Tudo isso influenciará na sua criatividade e imaginação.

Uma característica essencial da pintura é o que se pode ou não fazer com ela através do jogo de cores. A criança não constitui um conceito de cor olhando simplesmente algo colorido, mas durante repetidas ações de comparar, nomear, transformar, enfim, falar das relações entre as cores que são apenas três básicas (azul, vermelho, amarelo), que formam todas as outras. Percebendo isso, o lado sensível e imaginário da criança pode ser aguçado, ajudando-a a se formar como um ser completo, criativo, concentrado.

Recorte e colagem

O recorte e a colagem são um processo usado há muitos anos para decorar igrejas, praças, casas, quadros, usando diferentes materiais como, por exemplo, ladrilhos, pedras, papéis e outros. A junção desses materiais formava uma figura, denominada mosaico.

Com as crianças, esse processo também é muito utilizado:

Uma maneira interessante de trabalhar com colagem consiste em cortar ou rasgar formas de figuras de cores e texturas variadas. Começa-se recolhendo papéis, papelões e tecidos de texturas e cores diferentes. Podem ser empregados muitos tipos de papel: lisos, rugosos, brilhantes, grossos, finos... As fotografias das revistas são muito úteis, porque têm uma grande quantidade de cores diferentes. (COLL; TEBEROSKY, 2004, p. 64.).

Tendo uma folha de papel à sua frente, a criança pode explorar vários aspectos dela.

Surgem ideias sobre o que se pode fazer com ela; experimentam-se sensações passando a mão sobre ela. Toda exploração leva à aquisição de conhecimentos sobre suas características: se a folha é lisa ou áspera; se pode ser dobrada ou amarrotada; como ela fica se submetida a amassos, rasgões e picagem; se ela pode ficar de um jeito que expresse alegria ou tristeza...

Os trabalhos de recorte, colagem e aplicação propiciam à criança dos primeiros anos escolares o aperfeiçoamento de conteúdos de coordenação motora, criatividade e desenvolvimento da sensibilidade, noções de espaços e superfície. O primeiro interesse da criança, ainda pequena, é no recorte puro, sem a intenção de formar figuras. À medida que ganha segurança no domínio da tesoura sobre o papel, surge a ideia de transformar pedaços de papel em figuras significativas e de utilizá-las a fim de compor cenas. A partir daí, ela vai manifestando preferências dentro da atividade, distinguindo papéis e possibilidades de recortes, colagens e aplicações. Revistas, jornais, papéis de diferentes texturas e pequenos objetos passam a ser vistos como fonte de pesquisa.

A justaposição e a sobreposição de figuras levam a criança a aprimorar suas noções de orientação espacial, a partir da percepção das partes em relação ao todo. O trabalho pode evoluir para a aplicação sobre objetos de uso, como a intervenção em capas de caderno ou caixas, e o trabalho final também pode ser posto em moldura, valorizado como objeto de exposição.

A criança deve ter liberdade para exercer sua criatividade, executando ideias criativas e o capricho com o acabamento final das produções artísticas. Picando com as mãos, com o auxílio de uma tesoura ou simplesmente da forma como encontra o material desejado para a colagem, a criança trabalha o seu cognitivo ao perceber o tamanho, a espessura e o modo como encaixar a matéria no local desejado.

Como mediador do conhecimento, o professor é essencial para incentivar o aluno pelo caminho da arte ou por outra área do conhecimento, oferecendo os melhores suportes, de forma que venha a somar no seu crescimento e na sua formação.

Pode-se abordar na atividade de recorte e colagem a manipulação e a exploração de diferentes materiais, independentemente de sua utilização na realização de um produto final. A mistura de materiais propicia trabalhos muito interessantes, como a colagem de tecidos rústicos com beiradas desfiadas sobre cartões cortados em papel reciclado.

Fonte

SILVA, E. A. da; OLIVEIRA, F. R.; SCARABELLI, L; COSTA, M. L. de O.; OLIVEIRA, S. B. Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo. Pedagogia em ação, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010 – Semestral.

NUNES, C. A. K.; OESTERREICH, F. O estudo das cores e das formas através da informática.

Referência

COLL, César e TEBEROSKY, Ana. Aprendendo arte, conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental. Ed. Ática, São Paulo, 2004.

FERRAZ, MARIA HELOÍSA C. DE T; FUSARI, MARIA F. DE REZENDE E. METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE. (COLEÇÃO MAGISTÉRIO 2ª GRAU. SÉRIE FORMAÇÃO DO PROFESSOR). 2.ED. SÃO PAULO: CORTEZ, 1999.

As autoras discutem neste livro a importância da ARTE na formação de crianças e jovens, apontando a importância da mediação do educador, na construção e na vivência de um projeto pedagógico comprometido com a formação crítico-reflexiva de educandos e educadores

METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE

Determinantes socioculturais

As práticas educativas surgem de mobilizações sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso de arte, também artísticas e estéticas. Quando caracterizadas em seus diferentes momentos históricos, ajudam a compreender melhor a questão do processo educacional e sua relação com a própria vida.

No Brasil, por exemplo, foram importantes os movimentos culturais na correlação entre arte e educação desde o século XIX. Eventos culturais e artísticos, como a criação da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro e a presença da Missão Francesa e de artistas europeus de renome, definiram nesse século a formação de profissionais de arte ao nível institucional. No século XX, a Semana de 22, a criação de universidades (anos 30), o surgimento das Bienais de São Paulo a partir de 1951, os movimentos universitários ligados à cultura popular (anos 50/60), da contracultura (anos 70), a constituição da pós-graduação em ensino de arte e a mobilização profissional (anos 80), entre outros,

vêm acompanhando o ensino artístico desde sua introdução até sua expansão por meio da educação formal e de outras experiências (em museus, centros culturais, escolas de arte, conservatórios, etc.).

Isto nos faz ver que as correlações dos movimentos culturais com a arte e com a educação em arte não acontecem no vazio, nem desenraizadas das práticas sociais vividas pela sociedade como um todo. As mudanças que ocorrem são caracterizadas pela dinâmica social que interfere, modificando ou conservando as práticas vigentes.

Dentre as mais relevantes interferências sociais e culturais que marcam o ensino e aprendizagem artísticos brasileiros podemos destacar:

Os comprometimentos do ensino artístico (desenho) visando a uma preparação para o trabalho (operários), originado no século XIX durante o Brasil Imperial e presente no século XX;

Os princípios do liberalismo (ênfase na liberdade e aptidões individuais) e o positivismo (valorização do racionalismo e exatidão científica), por um lado, e da experimentação psicológica, por outro, influenciando na educação em arte, ao longo do século XX;

O caos, os conflitos, os tecnicismos e a dependência cultural delineados no ensino de arte após a implantação da Educação Artística nas escolas brasileiras na década de 70 (Lei de Diretrizes e Bases 5692/71):

- A retomada de movimentos de organização de educadores (principalmente as associações de arte-educadores), desde o início dos anos 80;

- A discussão e a luta para inclusão da obrigatoriedade de Arte na escola e redação da Nova Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, após a Constituição Brasileira de 1988;

- A retomada das investigações e experiências pedagógicas no campo da arte; sistematizações de cursos ao nível de pós-graduação;

- As novas concepções estéticas da arte contemporânea modificando os horizontes artísticos e consequentemente à docência em arte;

- Os debates sobre conceitos e metodologias do ensino de arte realizados em caráter nacional e internacional, a partir dos anos 80.

A preocupação com a educação em arte tem mobilizado pesquisadores, professores, estetas e artistas, os quais vêm procurando fundamentar e intervir nessas práticas educativas. No Brasil, desde o final dos anos 80 têm-se divulgado inúmeros trabalhos desta ordem, tanto aqueles elaborados aqui quanto os de outros países. São propostas que refletem atuações em arte e são baseadas:

- Nas necessidades psicológicas dos alunos ou em suas necessidades e problemas ambientais, comunitários e sociais;

- No ensino e aprendizagem pensado a partir da própria da própria arte, como um sistema de conhecimento do mundo; no conhecimento da arte advindo de fazer artístico e também da apreciação e história da arte;

- Nas articulações dos atos perceptivos e verbalizadores dos alunos como base da experiência estética;

- Nos alcances e limites da interdisciplinaridade e entre os diversos métodos de ensinar a aprender os conhecimentos em arte;

- Nas necessidades de mudanças da formação do educador em arte, visando à melhoria da qualidade de escolarização desde a infância.

A História que estamos considerando, portanto, é aquela que está sendo desenvolvida por professores e alunos em suas práticas e teorias pedagógicas. E, observando a história do ensino artístico, percebemos o quanto nossas ações também estão demarcadas pelas concepções de cada época. Para este estudo apresentaremos uma síntese das tendências pedagógicas mais influentes no ensino de arte e sua relação com a vida dos brasileiros.

Tendências Pedagógicas na Educação Em Arte

Com a criação da Academia Imperial de Belas artes no Rio de Janeiro, em 1816, tivemos entre nós a instalação oficial do ensino artístico, seguindo os modelos similares europeus; nessa época, a maior parte das academias de arte da Europa procurava atender à demanda de preparação e habilidades técnicas e gráficas, consideradas fundamentais à expansão industrial. Aqui, como na Europa, o desenho era considerado a base de todas as artes tornando-se matéria obrigatória nos anos iniciais de estudo da Academia Imperial. No ensino primário o desenho tinha por objetivo desenvolver também essas habilidades técnicas e o domínio da racionalidade. Nas famílias mais abastadas as meninas permaneciam em suas casas, onde eram preparadas com aulas de música e bordado, entre outras.

A "Pedagogia Tradicional" e As Aulas De Arte

Nas primeiras décadas do século XX o ensino de arte, no caso, desenho, continuou a apresentar-se com este sentido utilitário de preparação técnica para o trabalho. Na prática, o ensino de desenho nas escolas primárias e secundárias fazia analogias com o trabalho, valorizando o traço, o contorno e a repetição de modelos que vinham geralmente de fora do país; o desenho de ornatos, a cópia e o desenho geométrico visavam à preparação do estudante para a vida profissional- e para as atividades que se desenvolviam tanto em fábricas quanto em serviços artesanais.

Os programas de desenho do natural, desenho decorativo e. desenho geométrico eram centrados nas representações convencionais de imagens; os conteúdos eram bem discriminados, abrangendo noções de proporção, perspectiva, construções geométricas; composição, esquemas de luz e sombra. Nas Escolas Normais os cursos de desenho incluíam ainda o "desenho pedagógico", onde os alunos aprendiam esquemas de construções gráficas para "ilustrar" aulas".

Do ponto de vista metodológico, os professores, seguindo essa "pedagogia tradicional" (que permanece até hoje), encaminhavam os conteúdos através de atividades que seriam fixadas pela repetição. E tinham por finalidade exercitar a vista, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral. O ensino tradicional está interessado principalmente no produto do trabalho escolar e a relação professor e aluno mostra-se bem mais autoritária. Além disso, os conteúdos são considerados verdades absolutas.

A partir dos anos 50, além do Desenho, passaram a fazer parte do currículo escolar as matérias Música, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais, que mantinham de alguma forma o caráter e a metodologia do ensino artístico anterior. Ainda nesse momento, o ensino e a aprendizagem de arte concentram-se apenas na "transmissão" de conteúdo reprodutivistas. Desvinculando-se da realidade social e das diferenças - individuais. O conhecimento continua centrado no professor, que procura desenvolver em seus alunos também habilidades" manuais e hábitos de precisão, organização e limpeza.

A "Pedagogia Nova" e As Aulas De Arte

A. "Pedagogia Nova", também conhecida por Movimento da Escola Nova, tem suas origens na Europa e Estados Unidos (século XIX), sendo que no Brasil vai surgir a partir de... 1930) e ser disseminada a partir dos anos 50/60 com as escolas experimentais. Sua ênfase é a expressão, como um dado subjetivo. E individual em todas as atividades, que passam dos aspectos intelectuais para os afetivos. A preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo do trabalho caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada na Psicologia e na Biologia.

Diferentes autores vêm marcando os trabalhos dos professores de Arte, no século XX, no Brasil, firmando a tendência da "Pedagogia Nova", Entre eles destacam-se John Dewey (a partir de 19(0) e Viktor Lowenfeld (a partir de 1939), dos Estados Unidos, e Herbert Read (a partir de 1943), da Inglaterra, Com a publicação de seu livro Educação pela Arte (traduzido em vários países), Read contribuiu para a formação de um dos movimentos mais significativos do ensino artístico. Influenciado por esse movimento no Brasil, Augusto Rodrigues liderou a criação de uma "Escolinha de Arte", no Rio de Janeiro (em 1948), estruturada nos moldes e princípios da "Educação Através da Arte":

Estava muito preocupado em liberar a criança através do desenho. Da pintura. Comecei a ver que o problema não era esse, era um problema muito maior. Era ver a criança no seu aspecto global, a criança e a relação professor-aluno, a observação do comportamento delas. O estímulo e os meios para que elas pudessem, através das atividades, terem um comportamento mais criativo. Mais harmonioso.

As crianças vinham cada vez mais, e as idades eram as mais diferentes. Felizmente, tínhamos duas coisas muito positivas para um começo de experiência no campo de educação, através de uma escola. A experiência era feita em campo aberto, e a diferença de idades também foi outra coisa fundamental para que eu pudesse entender, um pouco, o problema da criança e o da educação através da, arte. Deveríamos ter um comportamento aberto, livre com a criança; uma relação em que a comunicação existisse através do fazer e não do que pudéssemos dar como tarefa ou ensinamento, mas através do fazer e do reconhecimento da importância do que era feito pela criança e da observação do que ela produzia. De estimulá-la a trabalhar sobre ela mesma, sobre o resultado último, desviando-a, portanto, da competição e desmontando a ideia de 2 que ali estavam para ser artistas.

As palavras de Augusto Rodrigues podem sintetizar as ideias da Escola Nova, que via o aluno como ser criativo, a quem se devia oferecer todas as condições possíveis de expressão artística, supondo-se que, assim, ao "aprender fazendo". Saberiam fazê-lo. Também, cooperativamente, na sociedade.

A "Pedagogia Tecnicista" e As Aulas De Arte

A "Pedagogia Tecnicista", presente ainda hoje, teve suas origens partir da segunda metade do século XX, no mundo, e a partir de 1%0/ 1970, no Brasil.

Na "Pedagogia Tecnicista", o aluno e o professor ocupam uma posição secundária, porque, o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso: Orientados por uma concepção mais mecanicista, os professores brasileiros entendiam seus planejamentos e planos de aulas centrados apenas nos objetivos que eram operacionalizados de forma minuciosa. Paz parte ainda desse contexto tecnicista o uso abundante de recursos tecnológicos e audiovisuais, sugerindo uma "modernização" do ensino. Nas aulas de Arte, os professores enfatizam um "saber construir": reduzido aos seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucatas, por exemplo), e um "saber exprimir-se" espontâneo, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com o conhecimento de linguagens artísticas. Devido à ausência de bases teóricas mais fundamentadas, muitos valorizam propostas e atividades dos livros didáticos que, nos anos.70/80, estão em pleno auge mercadológico, apesar de sua discutível qualidade enquanto recurso para o aprimoramento dos conceitos de arte.

Que História da Educação Escolar em Arte Queremos Fazer

Ao lado das tendências pedagógicas tradicional, escolanovista e tecnicista, surge no Brasil, entre 1961/1964, um importante trabalho desenvolvido por Paulo Freire, que repercutiu. Politicamente, pelo seu, método revolucionário de alfabetização de adultos. Voltado para o diálogo educador-educando e visando à consciência crítica, influencia principalmente movimentos populares e a educação não formal. Retomado a partir de 1971, é considerado nos dias de hoje como uma "Pedagogia Libertadora", em uma perspectiva de consciência crítica da sociedade.

A partir dos anos 80, acreditando em um papel específico que a escola tem com relação a mudanças nas ações sociais e culturais, educadores brasileiros mergulham em um esforço de conceber e discutir práticas e teorias de educação escolar para essa realidade. Conscientizam-se de como a escola se configura no presente, com vistas a transformá-la rumo ao futuro. E nos convidam a discutir as ações e as ideias que queremos modificar na educação em arte, como um desafio com compromisso com as transformações na sociedade.

Começa a se "desenhar" um redirecionamento pedagógico que incorpora qualidades das pedagogias tradicional, nova, tecnicista e libertadora e pretende ser mais "realista e crítica. Suas concepções podem ser sintetizadas nos seguintes aspectos:

(...) agir no interior da escola é contribuir para transformar a própria sociedade. Cabe à escola difundir os conteúdos vivos, concretos, indissoluvelmente ligados às realidades sociais. Os métodos de ensino não partem de um saber espontâneo, mas de urna relação direta com a experiência do aluno confrontada com o saber trazido de fora, () professor é mediador da relação pedagógica - um elemento insubstituível. É pela presença do professor que se torna possível urna "ruptura" entre a experiência pouco elaborada e dispersa dos alunos, rumo aos conteúdos culturais universais, permanentemente reavaliados face as realidades sociais.

A educação escolar deve assumir, através do ensino e da aprendizagem do conhecimento acumulado pela humanidade, a responsabilidade de dar ao educando o instrumental para que ele exerça uma cidadania mais consciente, crítica e participante. Tem-se buscado elaborar, discutir e explicitar: então, uma "Pedagogia-Histórico-Crítica" (Saviani, 1980), ou seja, uma prática e teoria da educação, escolar mais realista, mais "Crítico-Social dos Conteúdos" (Libâneo, 1985) sem deixar de considerar as contribuições das outras perspectivas pedagógicas. Essa pedagogia escolar procura propiciar a todos os estudantes o acesso e contato com os conhecimentos culturais básicos e necessários para uma prática social viva e transformadora.

Uma pedagogia que leve em conta esses objetivos, no dizer de Dermeval Saviani, valorizará a escola;

Não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Portanto, serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa doa alunos, sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão--assimilação dos conteúdos cognitivos.

Não se deve pensar, porém, que os métodos acima indicados terão um caráter eclético, isto é, constituirão uma somatória dos métodos tradicionais e novos. Não. Os métodos tradicionais assim como os novos implicam uma autonomização da pedagogia em relação à sociedade. Os métodos que preconizo mantêm continuamente presente a vinculação entre educação e sociedade. Enquanto no primeiro caso professor e alunos são sempre considerados em termos individuais, no segundo caso, professor e alunos são tomados como agentes sociais.

Libâneo (1985) também contribui para este "desenhar" do novo redirecionamento pedagógico, ressaltando a natureza do trabalho docente hoje, no qual "um saber, um saber ser e um saber fazer pedagógico" devem "integrar os aspectos material/formal do ensino e, ao mesmo tempo, articulá-los com os movimentos concretos tendentes à transformação da sociedade".

Percebendo a relevância de conhecer o processo histórico do ensino de arte e nele saber interferir com consciência, Ana Mae Barbosa apresenta-nos importantes análises e sínteses nessa área, em seus livros Arte-Educação no Brasil (1978), Recorte e Colagem: Influências de John Dewey no Ensino da Arte no Brasil (1982), Arte-Educação: Conflitos e Acertos (1984), História da Arte-Educação (1986), O Ensino da Arte e sua História (1990). Preocupada com a democratização do conhecimento da arte (isto é, com a necessidade de assumirmos o compromisso de ampliar o acesso da maioria da população aos domínios estéticos e artísticos, por meio de uma educação de qualidade), Ana Mae contribui com relatos e reflexões que podem conduzir nosso trabalho de professores a posicionamentos mais claros. Ela considera fundamental a recuperação histórica do ensino de arte para que se possam perceber "as realidades pessoais e sociais, aqui e agora e lidar criticamente com elas". Essas ideias aparecem nitidamente em todos os seus livros, que nos convidam a discutir e encontrar formas de ação na atualidade.

Uma das ações que está em processo, hoje, e que vem se afirmando por sua maior abrangência cultural, refere-se a um posicionamento teórico-metodológico, conhecido entre nós por "Metodologia Triangular". Esta proposta, difundida e orientada por Ana Mae Barbosa, e que está sem dúvida interferindo qualitativamente no processo e melhoria do ensino de arte, tem por base um trabalho pedagógico integrador de três facetas do conhecimento em arte: o "fazer artístico", a "análise de obras artísticas" e a "história da arte". Este trabalho vem sendo desenvolvido e pesquisado, desde o início dos anos 90, em São Paulo, no Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP) e no sul do país, pela Fundação Iochpe e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), dentre outras instituições de ensino.

Acreditamos que a consciência e a interferência sobre o processo educativo (e, neste caso, mais especificamente, de arte) é fundamental para o professor, para os alunos de Magistério, enfim, para todos que estão envolvidos com uma educação que se pretende transformadora. A consciência histórica e a reflexão crítica sobre os conceitos, as ideias e as ações educativas de nossa época possibilitam nossa contribuição efetiva na construção de práticas e teorias de educação escolar em arte que atendam às implicações individuais e sociais dos alunos, às suas necessidades e interesses, e, ao mesmo tempo, proporcionem o domínio de conhecimentos básicos da arte.

O compromisso com tal projeto educativo exige um competente trabalho docente. No caso da ação educativa em arte com crianças, o professor terá de entrelaçar a sua prática-teoria artística e estética a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese, é preciso saber arte e saber ser professor de arte junto a crianças.

Fonte
http://www.arteducacao.pro.br/metodologia-do-ensino-de-arte.html#t3a1xnp7

Referência
FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do ensino de arte. (Coleção magistério 2ª grau. Série formação do professor). 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FUSARI, MARIA FELISMINDA DE REZENDE E; FERRAZ, MARIA HELOÍSA CORRÊA DE TOLEDO. ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR. (COLEÇÃO MAGISTÉRIO 2º GRAU. SÉRIE FORMAÇÃO GERAL). 2. ED. REVISTA – SÃO PAULO: CORTEZ, 2001.

O objetivo do livro Arte na educação escolar, editado pela Cortez, é apresentar elementos para a fundamentação e desenvolvimento do trabalho com a arte. Segundo as autoras, saudosa Maria Rezende e Fusari, doutora na área de televisão e vídeo na formação de professores, e Maria Heloísa Ferraz, doutora em Artes, o trabalho foi escrito com o intuito de oferecer subsídios para repensar o processo de ensino e aprendizagem da arte na escola.

Para tanto, o livro foi organizado em três partes. Na primeira, examina a arte no currículo escolar, situando o ensino da arte num processo histórico de tendência idealista-liberal. Inicia com a pedagogia tradicional, com origens no século XIX, passando pela Escola Nova, que chega ao Brasil por volta de 1930, até a corrente tecnicista, que foi introduzida entre 1960 e 1970 nas escolas brasileiras. Atualmente, salientam as autoras, as aulas de arte apresentam influências das três pedagogias: tradicional, novista e tecnicista. "Acreditamos que o conhecimento dos principais aspectos pedagógicos, ideológicos e filosóficos que marcam o ensino-aprendizagem de Arte, pode auxiliar o professor a entender as raízes de suas ações, bem como o seu próprio processo de formação", explicam no primeiro capítulo do livro. Elas também montam um quadro histórico da tendência realista-progressista, com as ideias de Paulo Freire, Célestin Frenet, dentre outros.

Depois, na segunda parte do livro, abordam as bases para um saber arte e saber ser professor de arte. As autoras procuram responder, por exemplo, o que é ser um docente nessa área: "É atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações". Mas, além desse ofício, os professores também precisam aprofundar os estudos no saber estético e artístico. Em outras palavras, "os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional".

Na última parte do livro, temos a sugestão de um programa de curso com ênfase nas Artes Visuais, na Teoria da Arte e História da Arte. Inicialmente, tratam dos conteúdos, métodos e procedimentos escolares. Depois, indicam unidades de estudos como ponto de partida para a elaboração de cursos em diferentes realidades escolares. O livro traz ainda, ao final de cada capítulo, sugestões de atividades para estudos e análises, além de uma bibliografia de complementação.

REVENDO A NOMENCLATURA DO ENSINO DA ARTE

As autoras analisam nesta primeira parte do livro, o ensino da arte na escola através da contextualização histórica da disciplina. Partindo da nomenclatura do termo da disciplina, educação artística, até os dias de hoje. Revê e aponta algumas tendências que perpassam inevitavelmente por questões políticas e econômicas, destaca alguns movimentos significativos, tanto em âmbito positivo como representantes de um entrave no desenvolvimento da metodologia de ensino da arte, tal como a tecnicização das disciplinas como um todo e consideram estes conhecimentos históricos fundamentais para a formação do arte-educador de hoje.

Ao final do capítulo, as autoras, apontam sugestões metodológicas para análise e reestruturação do ensino da arte de maneira crítica e abrangente, partindo das realidades regionais e de um olhar crítico sobre a história e sociedade.

Segundo as autoras, "A Educação Através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. Pág. 15".

As autoras criticam a supervalorização da expressividade individual, isenta de orientação, discussão e contextualização histórica.

Define três tipos de pedagogia de tendência idealista-liberal: A pedagogia tradicional, a renovada ou escolanovista (início da década de 30) e a tecnicista. Todas acríticas e pautadas em modelos ultrapassados de educação e ideais liberais e positivistas. Tendências essas que impregnam a realidade escolar até hoje.

Nesta etapa do texto, encontra-se uma análise da metodologia de ensino do desenho nas escolas e de seu significado, incluindo desenho nas escolas e de seu significado, canto orfeônico e trabalhos manuais.

A Pedagogia Renovada tem suas origens nos pensamentos do filósofo americano John Dewey e em teorias da psicologia cognitiva, na psicanálise e na Gestalt com o intuito de situar o aluno como produtor de arte. Esta tendência prevalece no contexto nacional até a década de 90 privilegia o fazer, ou seja, o processo de produção, em lugar do produto final.

A pedagogia tecnicista, em síntese é importada dos EUA entre 1960 e 1970 e visa formar mão-de-obra especializada e consequentemente excedente para as necessidades industriais e de mercado vigentes na época e que de certa forma vigora até hoje em muitos setores da educação secundária e de nível superior.

As autoras finalizam o capítulo escrevendo sobre a tendência Realista-Progressista, segundo qual o termo progressista, designa as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sócio-políticas da educação. Tem como principal mentor o pedagogo brasileiro, Paulo Freire e sua Pedagogia Libertária. Por sua vez, resume-se na importância dada a experiências de autogestão, não-diretividade e

autonomia vivenciadas por grupos de alunos e seus professores. Valorizam o ensino público como direito de todos os cidadãos e por uma educação humanitária e democrática.

Considerando a prática social como ponto de partida e objetivo do trabalho pedagógico, através da mediação do professor, esse autor propõe os seguintes passos:

a) Situação orientadora inicial (síncrese) - Criação de uma situação, aguçamento de curiosidade, colocação clara do assunto; ligação com o conhecimento e a experiência que o aluno traz; proposição de um roteiro de trabalho; formulação de perguntas instigadoras;

b) Desenvolvimento operacional (análise); proposição de atividade ao aluno (pesquisa, estudo individual, seminários exercícios);

c) Integração e generalização (síntese): conclusões, generalizações, consolidação de conceitos.

Fonte

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação geral). 2. Ed. Revista – São Paulo: Cortez, 2001.

http://quasarte.blogspot.com/2007/06/revendo-nomenclatura-do-ensino-da-arte.html

http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/livros/livro.php?id=63509

FONTERRADA, MARISA TRENCH DE OLIVEIRA. DE TRAMAS E FIOS: UM ENSAIO DE MÚSICA E EDUCAÇÃO. SÃO PAULO: EDITORA UNESP; RIO DE JANEIRO: FUNARTE, 2008.

Ensaio que discute a educação musical e quanto ela decorre dos hábitos, valores, condutas e visão de mundo da sociedade a cada época. Após três décadas de ausência, desde 1996 a música recuperou seu status de disciplina educacional e voltou às escolas, entretanto, nesse período, perdeu-se a tradição da educação musical. Obra que aborda o que está por trás das atitudes tomadas em relação ao ensino de música, nas escolas especializadas e nas de educação geral, para que se tenha clareza a respeito do valor que lhe é atribuído e do papel que representa na sociedade contemporânea, e entender os motivos da dificuldade de afirmação da área no Brasil, especialmente no que se refere à educação pública.

DE TRAMAS E FIOS

Marisa Trench de Oliveira Fonterrada

A primeira geração

Émile-Jacques Dalcroze

Dalcroze baseava seu trabalho no movimento corporal e na habilidade de escuta. No início de seu trabalho viu as dificuldades de seus alunos a executarem certas atividades propostas. Seus alunos sabiam a parte teórica, mas mão faziam ligações entre a atividade cerebral e as sensações auditivas. Pois no ensino de música os alunos não eram permitidos a experimentarem os sons. Então Dalcroze prioriza a escuta e toca algum instrumento para que seus alunos trabalhassem a escuta e assim começavam a atividade proposta.

Assim ele reparou que até os alunos mais bem-dotados tinham dificuldades para executar as tarefas propostas. Os alunos compreendiam como fazê-lo, mas com a falta do movimento corporal bem trabalhado, os alunos não conseguiam realizar as tarefas adequadamente.

Portanto Dalcroze, refletia e analisava sobre esses assuntos, de como melhoraria essas deficiências que se encontravam no ensino de música, assim criou um novo modelo de ensino.

A primeira preocupação de Dalcroze era que na educação musical havia uma necessidade de unir a música, a escuta e o movimento corporal para melhor aprendizagem. A segunda preocupação era de buscar soluções para essas condições, com uma análise das questões do ensino musical, ele propunha aos professores e artistas de promoverem a educação das massas, e de como era importante o papel de música para o ensino do povo.

Dalcroze queria a forte presença de ensino de música nas escolas, mas para que isso desse certo era preciso formar profissionais capacitados para este trabalho.

Assim ele queria utilizar seu conhecimento e ensinamento para o bem do povo. Queria descobrir uma fórmula que o povo pudesse expressar seus sentimentos, com o propósito de cultivar os "ritmos naturais" e culturais do povo.

Com isso Dalcroze afirmava a importância da percepção musical aos movimentos. Suas propostas baseavam em pensamentos românticos, em que arte era a expressão de sentimentos e a crença de métodos racionais e definitivos.

Dalcroze mostra a importância da educação musical na escola, tanto no ensino das crianças quanto para os jovens, onde ele acreditava que "nenhuma evolução, nenhum progresso, podem ocorrer sem a participação da juventude, pois é nos espíritos jovens que as ideias deitam suas raízes mais profundas" (Dalcroze, "Un essai de réforme de l'enseignement musical dans les écoles", 1905, in 1965, p.14). Nesta época ocorre o enfraquecimento da Igreja, assim afastando o ensino de música nas escolas.

Mas a "utopia" de Dalcroze foi de que a música implantada na educação, reverteria o estado de coisas apontados e desenvolveria a capacidade sensoriomotoras, mentais e espirituais da criança, assim abrangendo totalmente a população. Dalcroze se dedicou a isso, mas não conseguiu atingir o que queria toda a população.

" Ritmo e gesto no drama musical diante da crítica"

Para Dalcroze todo tipo de ação artística era um ato educativo, sendo destinado ao cidadão. Seu sistema era de desenvolvimento de competências individuais, mas também pensava na educação coletiva.

Em seu artigo Dalcroze fala da importância união do movimento e música, onde ele faz críticas ao desempenho de cantores e dançarinos, onde eles não faziam essa união.

A rítmica

O sistema de educação de Dalcroze chamada "Rythmique" (Rítmica), tinha o objetivo de relacionar a educação geral e o fornecimento de instrumentos para o desenvolvimento integral das pessoas, com a música ativa, o movimento corporal e o espaço utilizado.

O sistema Dalcroze estimula a imersão dos aspectos musicais, levando a compreensão constituintes dos elementos e seus aspectos expressivos. O objetivo é levar o indivíduo à escuta consciente ao movimento, é de fazer uma ligação entre ritmo e atividade motora.

De acordo Marie-Laure Bachman, do Instituto Dalcroze em Genebra, fala do método de Dalcroze, em que ele tinha a intenção de superar a dicotomia entre corpo espírito e utilizar a música para a interação do mais primitivo ao mais evoluído do ser humano.

Dalcroze propunha à compreensão do movimento estático do ser humano para chegar a fruição e a conscientização e expressões musicais. A música não é um objeto externo, mas se encontra do lado de dentro e fora do corpo. O corpo transmite a música, pois há uma união com a música e o movimento.

Assim, ele apresenta a necessidade de uma ligação entre a liberdade e estrutura. A liberdade proposta por Dalcroze era que para melhor apresentação do movimento corporal, era preciso que as dançarinas, vestissem roupas que lhes davam liberdade nos movimentos, ou seja, roupas que deixassem os braços nus, pés descalços e malhas de dança, mas na época provocaram um choque, onde a corpo feminino era ocultado.

A estrutura se encontra na música, no corpo e espaço. O corpo interage com a música, assim se expressa liberdade e é apoiada numa estrutura complexa.

O sistema

O sistema parte da natureza motriz do sentido rítmico e numa experiência de afastar o seu caráter usual intelectual para ficar no corpo do indivíduo em sua experiência vivida. Ele trabalha a escuta ativa, a sensibilidade motora, o sentido rítmico e a expressão.

Dalcroze hoje

Até os dias de hoje, o método da Dalcroze é utilizado no ensino de música, pela importância que o estudo que ele realizou para o ensino musical, atualmente os professores que aderem a este método o utilizam e fazem adaptações às condições do mundo contemporâneo.

Edgar Willems

Edgar Willems foi aluno de Émile-Jacques Dalcroze e Mme. Lydia Malan, do qual Willems lhes atribuiu muita importância em sua formação. Que também traz consigo a idéia de Dalcroze, no qual da importância da educação musical para o povo.

Pressupostos

Willems prioriza a educação musical em bases racionais, e encontra relações entre a música e o homem, onde busca no modelo de Helmholtz, que estuda as sensações auditivas e os fundamentos materiais do som.

Na proposta de Willems ele se dedica aos elementos fundamentais da audição e da natureza humana, e a correlação entre homem e o som. Ele estuda a audição no seu modo afetivo, mental e sensorial, tendo três domínios da natureza, o físico, o afetivo e o mental.

Para ele há uma ordem construtiva que ordena a música, audição, ser humano e natureza. Willems fala da importância do preparo auditivo ser ensinado antes do ensino de um instrumento. De acordo com ele a audição apresenta aspectos sensoriais, a sensibilidade afetiva, auditiva e a inteligência auditiva.

O som

As vibrações são percebidas pelos sentidos, o som é percebido pela audição, onde Willems faz um estudo sobre o som em seu livro L'oreille musical, no qual é importante saber o modo de funcionamento do ouvido, servindo para o objetivo das vibrações sonoras e o subjetivo das imagens sonoras. Com o estudo da fisiologia da audição ele faz essa abordagem do aspecto sensorial, sensível e mental. Essa divisão feita por Willems não quer dizer que estes aspectos estão separados, mas na verdade na prática musical eles estão unidos.

Ele aborda sobre três verbos em francês – ouir, écouter e entendre – que explicariam as qualidades sensorial, afetiva e mental da audição, então ele diz:

Como existem funções auditivas em três domínios diferentes, seria preciso três palavras diferentes para exprimi-los. Assim, poder-se-ia dizer "ouir" para designar a função sensorial, "écouter" para designar aquela função em que a emoção se junta ao ato de "ouir", e "entendre" para indicar que toma consciência daquilo que se "ouit". O uso corrente dessas palavras, entretanto, não permite que se faça tais distinções. (Willems, 1985).

Mas na verdade estes três termos são bem válidos em francês, mas na língua portuguesa, a tradução destes verbos, não tem a mesma conotação em francês.

Voltando ao sistema sensorial auditivo, Willems acreditava que a capacidade sensorial é o ponto de partida para despertar de outras faculdades humanas.

Sensorialidade auditiva

Willems valorizava o fenômeno sonoro, do qual realizava exercícios de altura, duração, intensidade e timbre de sons.

A sensorialidade auditiva ajuda na base que permite liberdade de escuta, ajudando o indivíduo a aceitar vários tipos de organizações sonoras.

A sensibilidade afetiva auditiva

Willems aborda sobre a sensibilidade afetiva auditiva, como uma forma sensorial de "ouir". Quando se ouve, o ato de ouvir vem acompanhado de uma emoção, como alegria, tristeza e outros tipos de sentimentos.

Mas Willems via com frequência que a cultura das emoções estava sendo banidas do ensino musical, por causa da incompreensão da natureza da música e de suas relações com o ser humano. De acordo com Willems, a criança é muito emotiva, então é importante que o professor saiba trabalhar esse lado sensorial afetivo.

Com esse estudo Willems atribui no segundo volume de seu livro L'oreille musicale, onde cada intervalo possui uma emoção, que é abordada na Teoria dos Afetos (Quadro 1).

Quadro 1 – Intervalos harmônicos quanto à sua qualidade afetiva

Intervalos	Aspectos afetivos
Uníssono	Paz
Segunda menor	Nervosismo
Segunda maior	Vulgaridade
Terça menor	Pena
Terça maior	Felicidade
Quarta justa	Indiferença
Quarta aumentada	Excitação
Quinta diminuta	Inquietude
Quita justa	Calma
Sexta menor	Melancolia
Sexta maior	Gentileza
Sétima menor	Amor

(Willems, 1984, p.163).

Willems volta à questão afetiva pelo fato do impacto sonoro provindo do exterior produz uma reação de repulsão ou acolhimento. A sonoridade afetiva para Willems é o elemento central da escuta, assim como a melancolia é o elemento central da música.

A inteligência auditiva

Com a inteligência auditiva podemos tomar consciência do universo sonoro, onde se liga ao processo de criação, tendo a capacidade de imaginar e criar imagens sonoras.

É importante perceber que Willems queria desenvolver um ensino que suprisse as necessidades de sua época através de bases cientificas. Então Willems cria uma proposta de "ordenação construtiva", que presidi a atividade musical criativa em estreita semelhança com a vida e as leis cósmicas que regem o universo.

Zoltán Kodály

Nascido em Keskémet, na Hungria, em 1882, Kodály foi quem reconstruiu a cultura musical húngara.

Kodály era filho de músicos, quando era criança aprendeu a tocar piano e violino. Estudou na Academia de Música de Budapeste. Estudou sobre a música nacionalista e faz uma descoberta da música folclórica húngara.

A pesquisa musicológica

Com o enfraquecimento do sistema tonal, os compositores entenderam que o renascimento da música não estava na continuação das experiências provenientes do cromatismo. Assim começam a utilizar um sistema pentatônico e modal, que são utilizados na música folclórica húngara. Kodály e Bartók realizam um estudo do folclore húngaro e de como ele possa ser reconhecido culturalmente.

O estudo científico foi liderado por Kodály, e um ano depois Bartók entra neste trabalho, eles reunirão cerca de cem mil canções húngaras em sessenta anos.

A Hungria liberta-se do Império Austro-Húngaro, consequentemente fica mais fácil que as ideias de Kodály e Bartók expandissem. Assim os livros didáticos desses ensinamentos começam a proliferar na educação musical.

Aplicações

a) Arte

Com a redescoberta do estilo musical húngaro, Bartók, colega de Kodály, decide se focar no folclore romeno, eslovaco, turco e árabe e tenta encontrar a semelhança e diferenças que compõem a música húngara. E Kodály faz um estudo do folclore de sua própria terra e quais mudanças ela sofreu com o passar do tempo.

b) Ensino

Essas pesquisas folclóricas e a tradição húngara influenciaram no ensino de música, mas no início não era tão valorizado com atualmente está sendo valorizado. O importante papel da música húngara aborda três forças formativas: "pensamento, sentimento e vontade, que se reuniram num esforço coletivo que atingiu toda a nação. O primeiro desses itens – o pensamento – é da alçada do musicólogo, que analisa e organiza o material coletado; o segundo – o sentimento – dirigi a transformação do material em arte, e esse é o trabalho do compositor; a vontade, por sua vez, é reduto da educação e contempla tanto a formação do aluno quanto a do professor. Todas essas ordens têm o mesmo foco e são igualmente valorizadas, de modo que progridem paralelamente, e mutuamente se influenciam e inter-relacionam". (De tramas e fios, FONTERRADA; p.141)

Kodály e Bartók tentam reconstruir a identidade musical de seu povo, através do desenvolvimento musical individual e manter a cultura "natural" musical do povo.

A meta de Kodály era trazer o ensino de música para todas as pessoas, por meio de um programa de alfabetização musical, o objetivo era trazer a música para o cotidiano. O interesse de Kodály era valorizar os aspectos criativos e humanos com a prática musical.

O método

O método de Kodály era ensinar o espírito do canto a todas as pessoas e alfabetizá-las musicalmente, utilizando a música em seu cotidiano para o lazer. Ele incluía o desenvolvimento da leitura e escrita de música, o treinamento auditivo, rítmica, canto e percepção musical.

Kodály utiliza jogos para crianças, estes auxiliam no reconhecimento e compreensão sensorial dos modelos rítmicos, tanto oral quanto visualmente.

Os componentes do método Kodály não é novo, mas é utilizado em diversos países até hoje, contendo adaptações, estes componentes são:

• um sistema de símbolo de duração rítmica;

• um sistema de alturas relativas, conhecido como dó móvel (Tonic Solfa);

• um conjunto de sinais manuais que auxiliam o desenvolvimento de relações tonais, conhecido como manossolfa. (Mark, 1986, p.129)

Referência Bibliográfica

Fonterrada, Marisa Trench de Oliveira. De tramas e fios: um ensaio de música e educação. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

IAVELBERG, R. - ARTE/EDUCAÇÃO MODERNISTA E PÓS-MODERNISTA: FLUXOS NA SALA DE AULA. PORTO ALEGRE: PENSO, 2017.

Ensino de arte nos séculos XVIII e XIX

A Reforma de Pombal introduziu a escola pública no Brasil. Sem o preparo e a organização das escolas dos jesuítas, sem uma ordenação geral a reger o currículo, um professor único se responsabilizava por aulas régias em cada disciplina e os alunos nelas se matriculavam.

Para Ana Mae Barbosa (1986) a história do ensino da arte no Brasil foi marcada pela dependência cultural e o barroco como tendência europeia era praticado em oficinas na Bahia, em Minas e Pernambuco com marca nacional sob orientação de um mestre.

Neste contexto, afirma Barbosa (1986, p. 23), a primeira experiência de aula régia de desenho e figura, ministrada por Manoel Dias de Oliveira, não interferiu nas oficinas, então modalidades de educação popular.

Oliveira (1763-1837), pintor, gravador, escultor, professor e ourives brasileiro com formação em Portugal e na Itália, retorna ao Brasil e, em novembro de 1800, no final do Brasil Colônia, quando passa a ser regente na Aula Régia de Desenho e Pintura acima citada, rompeu com a didática da cópia e propôs o desenho do natural a partir de modelo vivo. Para Saviani (2005), as orientações pedagógicas introduzidas pelas reformas de Pombal ainda foram levadas por religiosos, de ordens diferentes das anteriores. As disciplinas avulsas ou aulas régias eram ministradas por professores nomeados e pagos pela Coroa portuguesa e seguiram até 1834.

A escola primária e secundária leiga e gratuita foi instituída com foco no ler, escrever e contar e a doutrina cristã como estudos básicos. Os alunos que iriam à Universidade de Coimbra teriam mais um ano de ética, retórica e filosofia. As meninas ficaram fora da escola pública, assim como não frequentaram as escolas jesuíticas, e só foram incluídas na educação pública de forma regular em 1827. (Cf. MARCÍLIO, 2005, p. 21-22)

Missão Francesa

Em 1740 é fundada em Paris a primeira Escola de Artes e Ofícios e, em 1808, com a vinda da família real ao Brasil, funda-se, no Rio de Janeiro, em 1816, a Escola Real das Ciências, de Artes e Ofícios, escola de orientação neoclássica.

A missão coordenada por Joaquim Le Breton, segundo Walter Zanini (1983, p. 383-384), trouxe para o Brasil

[...] um sistema de ensino em academia, ainda inexistente na própria metrópole lusa, que não havia atingido este estágio de educação e representatividade artísticas, que no século XVII já se generalizara em tantas cidades europeias de importância, ampliando-se no século XVIII, mas não chegando a Portugal.

[...]

Realmente predominaram na época colonial os dois sistemas: o da arte feita por escravos, mestiços ou homens humildes, em nível de artesanato mecânico, e o da arte elaborada por monges e irmãos religiosos em estrutura herdada da Idade Média e baseada no respeito à fé. O valor do artista como homem livre numa sociedade de cunho burguês implantou-se aqui muito mais rapidamente do que teria sido de esperar – dada a realidade brasileira – devido à vinda da Missão Francesa com sua expressão de elite (às vezes elite revolucionária) bem ou mal compreendida, todavia progressivamente aceita pelas nossas classes dirigentes.

Em arte, a cópia de modelos e o treino de habilidades eram duas orientações reiteradas. O ensino do desenho em modalidades técnicas e artísticas regeu as orientações propostas. Os métodos de ensino em arte aproximavam-se da orientação acadêmica, o domínio técnico em si era mais importante do que a expressão artística, o virtuosismo distanciava o aprendiz de um possível plano espontâneo ou pessoal em suas efetuações. Segundo Barbosa (2001a, p. 41), nas escolas secundárias o retrato e a cópia eram recorrentes, principalmente de estampas.

Origens e influências do ensino de arte moderno europeu no Brasil

As orientações do ensino moderno em escolas de arte europeias para adultos, como a Bauhaus (casa de construção), influenciaram sobremaneira, segundo Ana Mae Barbosa (1986), a passagem das orientações de ensino do desenho como técnica para orientações do desenho como arte no Brasil, principalmente depois da segunda guerra, firmando-se aqui o ensino moderno com bases inaugurais desde o século XIX.

Rainer Wick, em seu livro Pedagogia da Bauhaus (1989), no qual passaremos a apoiar o texto a seguir, discorre sobre as transformações na relação entre ensino e aprendizagem em arte ao longo da história. Cita, por exemplo, as corporações medievais do fim do século XII e do século XIII, formadas por artistas e artesãos com objetivo de construir, por exemplo, uma igreja com regras impostas ou aceitas por quem encomendou a obra.

Segundo Wick, as Bauhutten, comunidades de trabalho, que existiam na Alemanha, possuíam um sistema hierárquico rígido e as funções eram bem definidas: mestre de construção, mestre de outras modalidades de artesanato, aprendizes e ajudantes. O trabalho individual era totalmente submisso às exigências do trabalho artístico coletivo.

O fundamento didático de base era que artistas e artesãos aprendiam com o mestre, na prática, sem orientação demarcada e dependente do princípio proposto e, por imitação, aprendiam fazendo. A reorientação de tais bases didáticas deu-se no século XIV, quando a burguesia urbana, o clero e a nobreza consolidaram-se como interessados na arte. Os pintores e escultores até então associados às comunidades de trabalho passaram a se organizar de modo autônomo e, como outros artesãos, organizaram-se em corporações.

A orientação pedagógica nas corporações vislumbrava uma formação ligada à prática seguindo as tarefas a serem executadas. Ainda não se pode falar em personalidade artística, mas apenas em liberdade dos mestres. Os membros das corporações agindo de forma autônoma, foram os precursores do artista moderno independente.

A separação da ideia medieval entre prática e aprendizagem só começa a se modificar com a diminuição da presença das corporações de ofício. Aos poucos a formação artística muda das oficinas das corporações para institutos de aprendizagem, ou seja, as academias.

No final do século XV em Florença as academias predominaram como local de encontro cultural, intelectual e de formação de artistas e de jovens talentos como, por exemplo, Michelangelo. As orientações do ensino eram diferentes das oficinas de corporações, nas academias, além das oficinas práticas, existiam aulas teóricas complementares de geometria, perspectiva e anatomia.

Na Academia de Paris pode-se observar a orientação didática pelo programa proposto:

1º – desenhar a partir de outros desenhos
2º – desenhar a partir de modelos de gesso
3º – desenhar a partir de modelos vivos

Como se sabe artistas na vanguarda de seu tempo, como Delacroix, Courbet e os impressionistas, resistiram às orientações didáticas da Academia. Na Alemanha, o Romantismo foi corrente de resistência à Academia que foi identificada, pelos representantes da abertura ao moderno, como restrição à liberdade artística e, desde então, essa formação foi concebida como proposta rígida, conservadora e distante da vida.

Surgem no século XIX as Escolas de Artes e Ofícios. Com a mecanização produziam-se objetos sem qualidade em série e as escolas tentam recuperar o valor dos artesãos, com orientações didáticas com base na prática ao invés da cópia. Um passo para o ensino modernista.

A ARTE DA CRIANÇA E DO JOVEM NA ESCOLA MODERNA

O final do século XIX é considerado como o marco do desenvolvimento e da valorização da espontaneidade dos desenhos realizados pelas crianças, tão admirados pelos artistas do movimento modernista. (COLA, 2014, p. 22)

A arte-educação na escola moderna, ativa ou renovada, tem origem no pensamento pedagógico, mas também na prática de ensino de arte- educadores junto a crianças e jovens. Todos os modernistas que abordaremos criticaram os métodos acadêmicos de ensino de arte da escola formal, e tiveram a lucidez de produzir e socializar seus pensamentos e, no início do século XX, também suas ações e os trabalhos dos alunos que foram registrados e divulgados. Esta prática teve como intenção defender a criança das práticas artísticas escolares mecânicas, repetitivas e passivas da escola tradicional, tendo em vista que os métodos tradicionais tinham propósitos alheios às tendências da arte, da educação e da concepção moderna sobre crianças e jovens. Os arte-educadores modernos enalteceram a produção artística espontânea da criança para libertar seus atos criativos e, assim, a arte infantil ganhou existência e validação na educação. A mudança de paradigma da cultura da tradição para a cultura moderna na educação escolar teve início no século XVIII.

De meados do século XVIII até o mesmo período do XIX, a perspectiva de arte da criança de Rousseau (1712-1778) e de seu discípulo Pestalozzi (1746-1827) influenciaram Herbart (1776-1841) e Fröebel (1782-1852), pedagogos alemães, pioneiros a discorrerem sobre o valor da arte na educação escolar do ponto de vista estético. Os caminhos iniciais da pedagogia moderna transformaram o que era pensado na educação das crianças até então, elas ganharam uma lógica própria marcada por suas necessidades e interesses, mas as propostas educativas ainda eram distantes das alcançadas nos séculos XIX (TÖPFFER, 1858) e XX (CIZEK, 1910; LOWENFELD, 1961).

Os métodos pioneiros da educação moderna em arte eram compostos por regras rígidas, com ações planejadas passo a passo, de ordem exógena, para as crianças agirem. Os percursos propostos nas salas de aula não eram coerentes com a concepção da criatividade da infância defendida pelos teóricos da arte na educação do século XVIII até meados do XIX (KELLY, 2004, p. 33-34).

Rousseau (1712-1778), filósofo suíço, acreditava que o desenho era importante na educação das crianças por coordenar as atividades entre o olho e a mão. O desenho antes disso cabia aos artistas, engenheiros e construtores. Os passos eram planejados para que todas as crianças pudessem se apropriar do desenho, mas os esquemas da ação eram rígidos, uma didática com foco no professor conduzia a aprendizagem do desenho, passo a passo.

A simples coordenação do olho e da mão para desenhar, como uma habilidade técnica requerida, hoje se sabe, é falsa, pois a coordenação dos esquemas do olhar e da apreensão são parte da ação artística da criança que articula movimentos e o equilíbrio do corpo todo (LOWENFELD, 1961; MATTHEWS, 2003). Além disso, quando o corpo todo age para desenhar (PIAGET; INHELDER, 1994), opera diversos domínios sensório-motores, cognitivos e afetivos (MÈIRIEU, 1998), que podem ser constatados.

As propostas desde Rousseau até Fröebel foram muito transformadoras, propiciaram a saída do desenho de cópia de estampas na sala de aula e introduziram jogos organizados e a modalidade do desenho a partir da natureza, que tinha traços mais artísticos.

Gadotti (1999, p. 143) afirma que Fröebel influenciou a obra de Dewey, filósofo americano destacado, responsável pela renovação do ensino. As ideias de Dewey mudaram o papel da arte na educação americana e tiveram muita influência no Brasil (BARBOSA, 2001a). Ele associou a arte da criança a modos de criação que transitam por experiências específicas, que envolvem completamente o sujeito da ação, e passam por ritmos e sequências até que se consolidem como uma experiência consumada e singular. Esta experiência é ponto de partida para novas experiências da mesma natureza, de criação. Este "aprender fazendo", máxima do pensamento deweyano, mobilizado pela própria criança frente à materialidade dos objetos artísticos que cria, ressignifica o papel do professor, agora apenas um incitador que acompanha e orienta, sem conduzir, os processos inerentes à experiência artística.

No livro Arte como experiência, publicado em inglês em 1934 e em português em 2010, Dewey define a experiência singular, que é vivida e que tem um sentido vital para quem aprende, e a diferencia das experiências genéricas, que afirma serem da ordem da dispersão e da distração.

Em contraste com esta experiência, temos uma experiência singular quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução. Então, e só então, ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe sua solução; um jogo é praticado até o fim; uma situação, seja a de fazer uma refeição, jogar uma partida de xadrez, conduzir uma conversa, escrever um livro ou participar de um campanha política, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência. Trata-se de uma experiência. (DEWEY, 2010, p. 109-110)

Para Dewey, aprender é uma articulação entre a reflexão do sujeito e suas experiências singulares. O movimento de articulação entre experiência singular e reflexão tem um ritmo contínuo e as paradas se dão por necessidade da ordem própria dessas experiências. Há um movimento ascendente de aprendizagem no qual cognição e ação criativa, experiências vitais e críticas, andam juntas. Em arte, processo e produto, portanto, seriam respectivamente movimento e consumação (finalização e não cessação). A percepção tem um papel importante frente à consumação, assim a decisão intelectual está associada à prática criativa.

Dewey nos fala de processos criativos e envolvimento estético, ocorrências distintas de uma visão espontaneísta da arte infantil. A espontaneidade em sua concepção decorre de muito trabalho em arte e o espontaneísmo, laissez-faire, é esvaziado de expressão genuína da criança.

Predominantemente, o que Dewey enfatiza é a experiência singular que segue seu curso até se completar. Nesse fluxo, nos diz o autor, às vezes outras experiências podem participar do movimento principal da experiência. Para ele, como vimos, a experiência pode ser de diversas ordens e não apenas artística, pode se dar no cotidiano em atos de comer, jogar, conversar, etc.

Realizar, refletir e consumar são contínuos na experiência singular e na ordem das experiências que se sucedem. Compreendemos a experiência singular como aquela que ocorre nos percursos de criação dos artistas e das crianças nos quais processos e produtos são encadeados nesse movimento de consumação e novo começo. Do ponto de vista filosófico as ideias deweyanas vislumbravam um processo de trabalho criador vigoroso, não mecânico, individualizado, autoral, decorrente de muita dedicação, de caráter estético com a qualidade da experiência singular, realizado por indivíduos que, ao assim aprenderem, se preparavam para a participação política democrática visando à justiça social.

Esta visão da liberdade individual, distinta de egoísmo, tida como arma contra a opressão, também compôs o pensamento modernista de Lowenfeld e do filósofo Herbert Read, seu contemporâneo, que compartilhou destes princípios em seu livro Education through art (1943). Os pensadores do ensino de arte na escola moderna, validaram a educação através da arte, a autonomia, a criatividade e a livre expressão dos alunos. A proposta moderna visava a um futuro mais promissor com indivíduos sensíveis aos problemas dos demais e ao meio, almejando a participação democrática e a justiça social em contraposição a um mundo com oportunidades desiguais de desenvolvimento e cada vez mais materialista.

A FORMAÇÃO DO ARTISTA E DO PROFESSOR DE ARTE MODERNO E PÓSMODERNO

[...] Todos os pedagogos inovadores deste século, de Fröebel a Decroly, passando por Montessori, assim como os reformadores e filósofos da educação, de Rudolf Steiner a John Dewey, basearam seus projetos e programas em torno da criatividade, ou melhor, na crença da criatividade e na convicção de que a criatividade, e não a tradição, oferece o melhor ponto de partida para a educação.

Thierry de Duve, 2012, p. 44: Dar as costas à tradição caracterizou a postura da maioria dos artistas modernos e também das escolas de formação de artista. O modelo Bauhaus, escola de formação de artistas em arte, arquitetura e design, fundada em Weimar, em 1919 por Walter Gropius, foi um marco da formação moderna. Nessa escola ensinou-se no paradigma didático moderno, que influenciou e foi influenciado pelo trabalho dos teóricos da arte-educação.

Segundo Duve (2012), existem dois modelos, em oposição e mais frequentes, de ensino de arte nas escolas de formação de artistas: o Acadêmico e o Bauhaus. Acreditamos que no ensino de arte para crianças e jovens a escola tradicional seguiu o modelo Acadêmico e a Escola Renovada, o modelo Bauhaus.

Vamos situar as oposições de Duve (2012) entre modelo Bauhaus e Acadêmico, por nós abstraídas da leitura do primeiro capítulo de seu livro, para construir um quadro e compará-las às já encontradas em Lowenfeld (1961) que escreve sobre a escola renovada e a escola tradicional. Inicialmente, a arte-educação modernista colocou-se em oposição à tradicional, assim como as escolas modernas de formação de artista, similares à Bauhaus, opuseram-se ao modelo formativo anterior, o acadêmico. No Quadro III, alinhamos as oposições dos dois autores para compará-las. Isso nos permitiu visualizar os antagonismos entre a orientação academicista e a modernista na arte-educação junto a crianças e jovens e na última identificar a presença do modelo Bauhaus.

OPOSIÇÕES DE THIERY DE DUVE NA FORMAÇÃO DE ARTISTAS	
Modelo Acadêmico	**Modelo Bauhaus**
Talento	Criatividade
As artes por ofícios	As artes segundo os meios
Imitação	Invenção
OPOSIÇÕES DE LOWENFELD NA ARTE-EDUCAÇÃO	
Imitação (Escola Tradicional)	**Autoexpressão (Escola Modernista)**
Pensamento submetido ou dependente	Pensamento independente
Expressão que segue um nível que não é próprio, mas sim alheio	Expressão que está de acordo com o nível pessoal da criança
Frustração	Liberação ou descarga emocional
Inibições e limitações	Liberdade e flexibilidade
Aderências a formas estabelecidas	Fácil adaptação a situações novas
Dependência, rigidez, inclinação a seguir a outros	Progresso, bom êxito e felicidade

Quadro III Oposições, Duve e Lowenfeld

Duve se contrapõe aos teóricos modernos da arte:

[...] Além do mais, todos os teóricos importantes modernos de arte, de Herbert Read a E. H. Gombrich e Rudolf Arnheim, fizeram considerações semelhantes e dedicaram grande energia para separar a "linguagem visual" em componentes primários e demonstrar a universalidade de suas "leis" perceptivas e psicológicas. (DUVE, 2012, p. 44-45)

Lowenfeld se contrapõe ao estudo acadêmico como plano da educação moderna em arte:

O estudo acadêmico dos detalhes é completamente supérfluo dentro de um plano moderno de educação artística. A necessidade de estudar os detalhes se desenvolve a partir da necessidade individual de expressar-se. Mas esta necessidade é muito variada, individualizada e altamente subjetiva. (LOWENFELD, 1961, p. 320, tradução nossa)

A estas oposições acrescentam-se demais aspectos referidos à educação em arte considerados relevantes: criatividade e imitação. A universalidade da arte infantil foi enunciada no trabalho de Cizek, em seus depoimentos no livro de Viola (1936), seguiram em Lowenfeld (1961) e na edição depois de sua morte em coautoria com Brittain (1977). A criatividade foi a palavra de ordem da escola renovada, compreendida como capacidade potencial que todos possuem e que pode ser desenvolvida, segundo o que enuncia o título do livro de Viktor Lowenfeld Desarollo de la capacidad creadora (1961).

A imitação da arte, mesmo dos pares, para assimilar suas soluções gráficas, na maioria dos autores, estava fora das orientações modernistas, com exceção de Stern (1961, 1962, 1965). Os meios podiam servir à expressão, mas a forma, mesmo que fosse proposto um tema para incentivá-la, era parte da manifestação criativa com prerrogativa e invenção das crianças.

Os dois modelos, o Acadêmico e o Bauhaus, das escolas de formação de artistas, foram superados e transformados, surgindo novas proposições atuais e o mesmo fato ocorreu com os paradigmas da arte-educação Tradicional e Renovada. Não obstante, ainda encontramos os dois paradigmas, tal como foram tratados nas suas respectivas épocas, nas salas de aula das nossas escolas. Eles sobrevivem da reprodução dos professores, que ensinam como aprenderam. A formação segue desatualizada, apesar das novas orientações que demarcaram o ensino de arte na educação básica a partir dos anos 1980 e, principalmente, nas décadas de 1990, com a escrita e distribuição, aos professores de todo o país, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, nos quais concepções didáticas pós-modernistas ordenam a área de arte. Nos reportaremos adiante à formação dos professores de arte.

Como vimos no item 2.2.1 "Lowenfeld contexto de formação", no segundo capítulo deste trabalho, Wick (1989) afirmou que a reforma liberal da pedagogia de Rousseau (1712-1778), Pestalozzi (1746-1827), Fröebel (1782-1852), Montessori

(1870-1952) e de outros foi a base da pedagogia da Bauhaus, orquestrada por Johannes Itten (1888-1967), artista suíço que, supostamente, também sofreu influência de Franz Cizek (1865-1943). Porém o mais provável, como vimos, é que tenha sido o meio, em comum, no qual conviveram em Viena, que afetou as orientações de Itten na pedagogia da escola de Weimar. Antes de trabalhar na Bauhaus de Weimar, existente desde 1919, a convite de Walter Gropius, fundador da escola, Itten estudou na Kunstwerbeschule de Viena, Escola de Artes e Ofícios, onde estudou Lowenfeld e Cizek deu aulas para crianças. Os artistas que estudaram nessa escola percorreram uma formação modernista e alguns podem ter frequentado escolas progressistas quando crianças.

A tese de que artistas modernos já estudaram em escolas progressistas foi levantada por Juan Bordes (2007) em livro cujo próprio título defende sua ideia – La infância de las vanguardias: sus profesores desde Rousseau a la Bauhaus. Faz muito sentido pensar na educação escolar recebida por aqueles que estudaram em escolas que promoveram abertura à criação da arte moderna.

As teorias da educação progressista eram acessíveis e de interesse aos arte-educadores modernistas, a exemplo das ideias de Fröebel (1782-1852), que, segundo Kelly (2004), foi o primeiro a falar da importância da arte e da criatividade no currículo desde a educação infantil. Michael e Morris (1984) ao se referirem às aulas ministradas por Lowenfeld sobre História da Educação na Universidade de Ohio, afirmam que o pensamento de Fröebel e de outros pensadores progressistas foram apresentados. Diante do que discorremos nesse capítulo, pensamos, que se pode supor, que as proposições da arte-educação modernista abriram seu caminho simultaneamente às escolas de formação do artista moderno.

Do mesmo modo, a formação modernista recebida por Cizek e Lowenfeld, em Viena, foi uma determinante nos modos do ensino dos dois arte-educadores. No trabalho de ambos encontramos os marcos pioneiros da arte-educação modernista pensada, e ainda temos a arte da criança e do jovem documentada a partir de propostas de livre expressão.

Os artistas da modernidade abriram mão dos cânones do classicismo, mas, entre eles houve quem desse valor à técnica. Sobre a superfície da tela ou na obra tridimensional produziram gestos, formas e cores em trabalhos nos quais tematizaram, fundamentalmente, a própria linguagem da arte. Muitos partiram da arte já existente como referência para suas poéticas. Picasso, por exemplo, em segmentos de sua produção, voltou-se a obras da antiguidade clássica, com idas e vindas no tempo. David Harvey assim se refere ao fato em seu livro A condição pós-moderna:

Mas também havia algo muito consistente com o impulso modernista na criação e exploração de tal ruptura radical com o passado.

[...]

Se o modernismo significava, entre outras coisas, a sujeição do espaço a propósitos humanos, a ordenação e o controle racionais do espaço como parte integrante de uma cultura moderna fundada na racionalidade e na técnica, e na supressão de barreiras espaciais e da diferença, tinham de ser fundidos com alguma espécie de projeto histórico. A evolução de Picasso também é instrutiva. Abandonando o cubismo depois da "guerra cubista", ele se voltou

para o classicismo por um breve período depois de 1919, é provável que por causa de alguma tentativa de redescoberta de valores humanistas. Pouco depois, porém, ele retorna a suas explorações dos espaços interiores por meio de sua total pulverização para recuperar a destruição numa obra-prima criativa, Guernica, em que o estilo modernista é usado. (HARVEY, 2013, p. 253-254)

Os elementos da linguagem visual que regiam os sistemas de representação até o período moderno, como perspectiva linear; luz e sombra; figura e fundo deixaram de operar do mesmo modo. Os artistas partiram para a desconstrução da imagem e tenderam à acentuação da abstração. Em muitas obras modernas aqueles elementos são inoperantes, por exemplo, nas obras abstratas de Mondrian (1872-1944), artista holandês, ou nas de Pollock (1912-1956), artista americano. Nesses dois artistas encontramos formas poéticas opostas. Ambos produziram arte abstrata: o primeiro, ligado ao movimento construtivista, que reduziu os elementos poéticos a uma linguagem formal e geométrica; o segundo, filiado ao expressionismo abstrato, que revigorou a técnica de dripping. Interessante notar que Lowenfeld verificou duas tendências nos trabalhos de crianças e jovens e nomeou-as, caracterizando dois "tipos" expressos nos modos de fatura artística dos alunos: os hápticos, mais visuais e precisos, como é o caso de Piet Mondrian, e os sensoriais, mais perceptivos e gestuais, como Jackson Pollock.

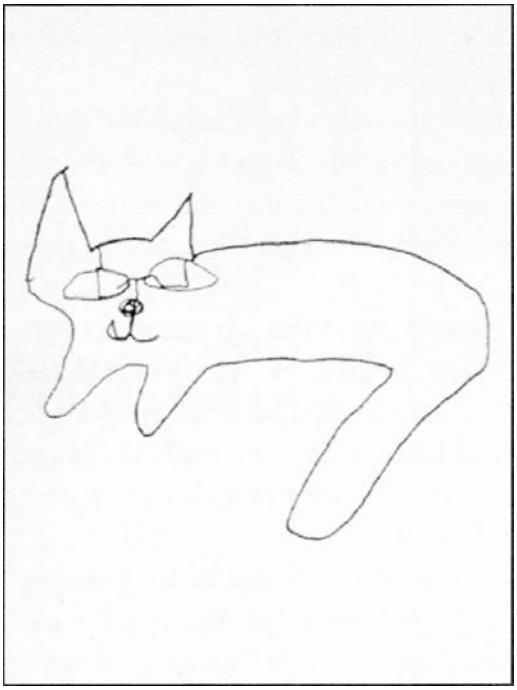

Figura A "gatice" do gato (EISNER, 2004, p. 162)

Elliot Eisner nos disse que aquilo que importa à criança é captar a "gatice" do gato e não o gato como ele é em si. Isto explica por que os modernos como Klee, Miró e Matisse, por exemplo, descobriram na arte infantil uma expressão exemplar ao trabalho dos artistas modernos.

Artistas, antropólogos, arte-educadores, educadores, cientistas, filósofos, psicanalistas, psicólogos, entre outros que produziram em suas respectivas áreas, teorias e práticas inovadoras relativas a crianças e jovens, principalmente na primeira metade do século XX, também colaboraram com a arte-educação moderna.

A imagem da "destruição criativa" é muito importante para a compreensão da modernidade, precisamente porque derivou dos dilemas práticos enfrentados pela implementação do projeto modernista. Afinal, como poderia um novo mundo ser criado sem se destruir boa parte do que viera antes? (HARVEY,2013, p. 26)

A influência da arte contemporânea, a partir da segunda metade do século XX, contagiou a arte-educação pós-modernista, nela a História da Arte é trabalhada de modo muito diferente do que foi praticado na Escola Tradicional, ou nas Academias. Na arte-educação pós-moderna desconstrói-se a ordenação cronológica no estudo dos movimentos artísticos ao longo da história, rompe-se com o ensino da arte europeia consagrada, se incluiu a pluralidade cultural, se propõe a aula invertida dando abertura à voz e à interpretação do conhecimento pelos alunos em ações individuais ou colaborativas. Na aprendizagem artística das crianças e jovens valoriza-se o contato direto com obras de arte e reproduções. O saber sobre arte, acredita-se, aperfeiçoa a criação artística e aprofunda o envolvimento do aluno no estudo da área.

O espaço da arte contemporânea – pós-moderna, para muitos – seria o espaço da arte moderna depurado de elementos espaciais não modernos ainda persistentes na sua fase de formação. A arte contemporânea seria a arte moderna sem resquícios pré-modernos. (TASSINARI, 2001, p. 10)

A arte contemporânea, mais difícil de ser enquadrada em movimentos de época, muitas vezes opera de maneira interdisciplinar associando várias linguagens e todo tipo de produção midiática. Na arte-educação pós-modernista a cultura visual dialoga, em condição de igualdade, com a arte dita "consagrada" nos desenhos curriculares, portanto, HQ, grafitti, animação e têm seus conteúdos estudados lado a lado aos do Barroco ou do Renascimento.

Thierry de Duve, historiador e filósofo da arte de origem Belga, professor emérito da Universidade de Lille 3, criticando a orientação da Bauhaus, ainda dominante em muitas escolas de formação de artistas da atualidade, questiona dois pontos vigentes nas orientações da escola em pauta, quais sejam, a ênfase na criatividade e a descoberta das regras da arte pelo artista em formação. As duas pontuações criticadas pelo autor são modernistas. Para Duve tais pontos estão calcados na máxima da arte moderna "todos são artistas", que reitera o mito da expressão pessoal, no qual cada aluno trabalha isolado. Entre outras coisas, nosso autor advoga o contrário, afirma que o isolamento impede que o erro de um aluno possa ensinar aos outros (Cf. DUVE, 2012, p. 70). Propõe, portanto, aprendizagem compartilhada.

Essa orientação nascente nas ideias de Duve é da mesma natureza das presentes nos autores contemporâneos da arte-educação e da educação construtivista. Thierry

acredita na necessidade de recuperação da palavra tradição na escola de formação de artistas e propõe aos seus alunos a retomada da transmissão daquilo que foi construído na cultura artística. Assim sendo, ele faz par com as proposições da escola construtivista no ensino e na aprendizagem em arte.

Duve propõe a estratégia da simulação como método de aprendizado para os artistas. Hoje a "simulação de aula" é aplicada na formação de professores de arte para que possam aprender a dar aulas.

A simulação é um método de aprendizado, não um objetivo. Não vamos lhe ensinar a fingir ser um artista, vamos lhe ensinar a fazer como se você fosse tal artista, em seguida tal outro, como se você pertencesse a tal cultura, depois tal outra, para que ao simular isso você assimile.

[...]

Ao contrário da imitação, a simulação não freia a invenção, ela está fora do plano formal. Seu papel não é disciplinar, é o de despertar os sentidos latentes cuja fonte não está no indivíduo e sua criatividade, mas na tradição simulada. (DUVE, 2012, p. 76-77)

Os alunos de Duve, por intermédio de suas propostas em aula, simulam serem renascentistas em ações não acadêmicas, mergulham na época, conhecem e também nela se reconhecem para entender o próprio saber fazer arte, sem alienação dos conteúdos fundantes da História da Arte. Os alunos de Duve fazem, por exemplo, arte de "modo renascentista", mas sabemos que isto é muito diferente de cópia de estilo ou da formação do artista clássico. Duve quer, com suas proposições didáticas, que seus alunos tenham competência para realizar julgamento estético. "Interpretar a arte dos outros" seria, aliás, uma excelente definição do que chamei de simulação nos dois primeiros capítulos. (DUVE, 2012, p. 172)

As práticas de simulação como método da didática de formação de artistas sugeridas por Duve também são usadas por arte-educadores contemporâneos em sala de aula e na formação dos professores de arte para que tenham experiências de criação artística com conhecimento da História da Arte. Essas orientações didáticas nas escolas e nos cursos de formação de professores merecem atenção especial, para evitar que os estilos dos artistas possam ser copiados mecanicamente deixando os alunos ou professores em formação sem a possibilidade de expressarem suas reais intenções poéticas. Portanto, para além dos conteúdos das obras, a arte dos alunos ou dos professores em formação, precisa ser regida pela poética de cada um, resguardado seu percurso de criação singular. Podemos concluir, lendo as propostas de ensino contemporâneo de Duve (2012), que na atualidade, tanto a formação do artista, como a arte-educação dialogam com a produção social e histórica da arte. Assim está proposto nos PCNs (BRASIL, PCN Arte, 1998, 2000).

A formação dos professores, sejam eles artistas ou não, requer fundamentação na didática. O que nos interessou no estudo das escolas de formação dos artistas analisadas por Duve (2012) foi verificar como sua análise serve para observar as questões da arte-educação.

A formação dos professores de arte

Hoje a formação inicial dos professores para o trabalho nas novas orientações curriculares em arte na Educação Básica, é realizada nos cursos de Pedagogia, nos de Magistério de Nível Médio, nas Licenciaturas em Arte (para dar aulas a partir do 6o ano e no Ensino Médio), ou em Instituto Normal Superior.

Em dezembro de 2010, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou a Resolução CEB nº 07, fixando diretrizes para o Ensino Fundamental de nove anos. Entre outras questões relevantes, o documento estipula que, "do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes" (art. 31). Ou seja, tanto um pedagogo quanto um professor formado no magistério de nível médio estão autorizados a dar aulas de Arte e Educação Física para os seus alunos. Contudo, esses profissionais não podem atuar com turmas do 6º ano em diante nem no Ensino Médio. (GIL, 2011)

Mas, veremos a seguir que, apesar das leis e dos documentos nacionais, criados para orientar a escrita curricular serem favoráveis à área de arte, ainda encontramos muitos entraves à concretização da proposta pós-moderna da arte-educação na maioria das escolas.

A formação continuada dos professores de arte ocorre em cursos, presenciais ou à distância, de extensão, especialização ou em outras modalidades como encontros, palestras, seminários, etc. A formação continuada também costuma ser realizada nas próprias escolas ou redes escolares reunindo professores e gestores.

Uma vertente atual da formação para o ensino da arte, em muitos países e no Brasil, consiste em considerar a história das tendências pedagógicas do ensino da arte na educação escolar, como base a ser conhecida por quem pratica a didática contemporânea. O conhecimento da história da arte-educação no país e no exterior é valorizado na formação dos arte-educadores, entre outros, nos textos de Barbosa e Sales (1990); Barbosa (2001a, 2003, 2014) e Ferraz e Fusari (2009). Acreditamos que as autoras citadas valorizam a consciência histórica da arte na educação como fonte de contextualização do presente.

As propostas avançadas da arte-educação operam uma dupla vertente inclusiva, por um lado, junto aos alunos, promovendo o conhecimento sobre a produção sócio-histórica da arte, base do patrimônio cultural, ampliando a possibilidade de participação social e, por outro, na luta pela inclusão do ensino da área nas escolas como direito na mentalidade de todos.

Formação de professores e o valor da arte na educação

A formação de professores de arte, no momento moderno da arte-educação, seguia as demandas do papel a eles atribuído, tais como desenvolver uma relação amistosa com a criança em um viés psicológico, respeitando seu

desenvolvimento artístico e estético em etapas evolutivas, valorizando os processos da livre expressão sem esperar que o aluno fizesse arte como um "pequeno adulto", ou que tivesse contato com a produção social e histórica da arte, com exceção feita aos adolescentes, em alguns casos e de modo restrito. Objetivou-se, primordialmente, o desenvolvimento da criatividade, o que requeria sensibilidade a problemas; fluência; flexibilidade; originalidade; redefinição ou habilidade de rearranjo; análise ou habilidade de abstrair; capacidade de síntese e coerência de organização (Cf. LOWENFELD, 1981, p. 48), ou seja, de categorias mais ligadas a condutas do que à aprendizagem de conteúdos do sistema da arte ou da produção social e histórica da arte.

Arno Stern, artista e arte-educador modernista que atuou na França, já estudado em nosso trabalho, ao se referir aos professores de arte e aos artistas modernos assim se posicionou, situando a arte da criança:

O educador não deve ser um artista; nem sequer é necessário que tenha uma cultura artística. Se conhece os problemas gerais da educação artística que estudamos aqui, o comportamento da criança que pinta lhe será familiar. Se ficou na presença de pinturas infantis, sem nenhuma preparação, como simples aficionado, pode ser que tenha pensado que a arte infantil é uma "escola" da arte moderna. Mesmo sabendo como a criança cria e o que é, exatamente, o mundo plástico da criança, ainda pode ficar um pouco desorientado ante as primeiras "criações" que encontra no "ateliê", pois a criança se expressa em formas e cores muito violentas. A pintura infantil está muito perto da arte moderna, ou seja, muito longe daquela pintura na qual o espectador reconhecia todos os detalhes fotográficos. O artista é frequentemente atraído pela expressão plástica infantil e fica extasiado diante de suas audácias e investigações surpreendentes; comprova também, às vezes, que a criança encontrou, espontaneamente, aquilo que ele buscava penosamente.

Este pensamento sobre a formação do arte-educador modernista de Stern saiu da pauta das propostas formativas dos professores de arte a partir dos anos 1980. Ocorreu uma grande reorientação na qual assimilou-se a formação artística e didática dos professores, como bases para formá-los de acordo com as demandas contemporâneas do currículo de arte nas escolas. Diferentemente da época moderna, onde não havia obrigatoriedade do ensino da arte e as aulas de livre expressão aconteciam em ateliês e "escolinhas de arte", hoje as práticas ocorrem em salas de aula ou em oficinas no espaço escolar.

A formação inicial e continuada dos professores de arte tem como objetivo promover práticas articuladas a bases teóricas avançadas que promovam a participação cultural na sociedade e a formação artística por meio da educação escolar.

Desde os anos 1980, reorientou-se a didática que chegou à maioria das escolas brasileiras com os PCN de Arte, elaborados à época a partir da LDB 5692/96. Os alunos das Creches e Pré-escolas da época, hipoteticamente, dezenove anos depois, poderiam ingressar no ensino superior com formação em arte, se tivessem cursado a Educação Básica na orientação dos documento s. Antes da obrigatoriedade do ensino de arte nos termos da última LDB, que visa de fato à formação na área, quem prestava vestibular para cursos onde se pedia tal habilitação, como Arquitetura ou bacharelado e licenciatura em Artes Visuais, por exemplo, cumpria com a totalidade das demandas do exame em cursinhos de preparação para o vestibular ou aulas particulares, devido à defasagem entre o currículo das escolas e as provas de seleção.

Entretanto, diante do difícil quadro da formação inicial dos professores na área, que abordaremos a seguir, a aprendizagem dos alunos em arte nas escolas ainda não se cumpriu nos termos dos documentos nacionais (PCN e DCNEB), temos um longo caminho pela frente. O vestibular não é nosso parâmetro para orientação da formação escolar ou do professor de arte, estamos apenas pontuando um fato.

O cenário atual da formação de professores de arte é difícil e complexo e urge ser melhorado, pois ele nos mostra que, para além dos aspectos qualitativos da formação, os quantitativos não podem ser subestimados quando se pensa em um plano nacional de promoção do ensino na área.

A formação inicial e continuada dos professores de arte

Em nossa experiência de pesquisa sobre formação de professores, algumas estratégias formativas mostraram-se eficazes à incorporação das novas modalidades do ensino da arte, entre elas a gravação das aulas ministradas pelos professores e a tematização destas práticas. Assim como cursos de formação continuada ou reuniões permanentes de estudo nas escolas mobilizam o desejo de mudança na sala de aula, a conscientização sobre a própria prática, revelada por intermédio de sua tematização videografada, gera reflexão tanto para o professor protagonista como para seus pares que participam da formação. Estas interações transformam e fazem avançar a didática de cada professor.

Ver fazer, ou melhor, ver o par "fazer aula" ativa aspectos procedimentais da formação dos professores que sem isto seriam incorporados apenas ao dar aulas, e com a desvantagem da falta de outros modelos de referência para orientar o trabalho junto aos alunos.

É preciso que os professores compreendam os benefícios da aprendizagem compartilhada para abrir suas práticas à tematização, crítica e visualização da necessidade de mudanças, mas também de sucessos e práticas modelares inspiradoras aos pares. (IAVELBERG, 2013

As leituras dos autores da arte-educação, da arte e da educação são tão fundamentais quanto conhecer e saber contextualizar esses textos na história das tendências pedagógicas, para saber se situar na contemporaneidade, consciente da origem e do percurso de transformação das ideias que regem a didática da área na atualidade.

Esse conhecimento corrobora com a formação de um professor investigador, que sabe analisar as próprias práticas, que associa os documentos oficiais ao currículo da escola, que elabora junto aos pares e pode modificá-lo ou adequá-lo ao seu contexto de trabalho, levando em consideração suas especificidades.

A familiaridade com instrumentos de avaliação das aprendizagens e das práticas nas escolas pode ser incentivada na formação dos professores, esses podem aprender a se responsabilizar por avaliar analisando a prática, que é fruto das teorias em ação que incidem nas intenções, procedimentos e tomada de decisões de quem ensina. Ser avaliado e avaliar, de modo compartilhado com a participação de formadores e gestores, é hoje um dos aspectos da formação continuada que promove o avanço dos paradigmas das equipes escolares e a articulação entre teoria e prática.

Muitas são as modalidades de formação continuada na área de arte, alguns museus brasileiros a oferecem para professores com cursos de História da Arte; oficinas de criação; oferta de materiais de apoio didático sobre o acervo ou mostra específica; projetos que levam obras e reproduções às escolas; palestras; visitas orientadas; e ainda, recepção de alunos e professores de escolas que aprendem nesta interlocução.

Os materiais de apoio didático elaborados nestas instituições, como ocorre com os livros didáticos de qualidade, podem ser usados com autonomia pelos professores e auxiliam na formação continuada. Os professores podem analisar esses materiais para compreender sobre seus conteúdos e a estrutura subjacente a eles para que saibam selecioná-los com mais critérios.

A internet permite a pesquisa em sites de museus de arte ou de artistas brasileiros e estrangeiros, assim ela passa a ser um recurso que colabora com a formação continuada e o planejamento de aulas do professor contemporâneo. Apesar de termos poucos sites de museus estrangeiros com materiais e textos em língua portuguesa, muitos deles são confiáveis e podem ser usados como fonte de estudo e informação.

É importante que não haja conflito entre a didática da formação e a da sala de aula. A orientação construtivista deve permear a formação continuada dos professores, neste sentido, é necessário trabalhar com os conhecimentos prévios dos educadores para promover avanços a níveis mais complexos de saber. É relevante que se possa verificar se os professores em formação estão aprendendo de maneira criadora e autoral em arte, do mesmo modo como queremos que aconteça com os alunos por eles ensinados nas escolas.

Os estereótipos e vícios arraigados nas práticas educativas podem ser desconstruídos de forma mais eficaz se os professores passarem por uma experiência de transformação em relação ao conhecer e ao fazer arte. O "conversive trauma" que Hargreaveas colocou como premissa aos alunos do Critical Studies (TAYLOR, 1986) que analisamos nesse trabalho, é um bom exemplo daquilo que desejamos para a formação dos professores de arte. Quereremos que eles incluam arte em suas vidas, assim poderão promovê-la nas dos estudantes.

Acreditamos que os professores em formação continuada precisam "viver arte" na própria formação. Uma experiência em movimento pendular na aprendizagem precisa ocorrer na formação dos professores e dos alunos. Tal experiência consiste em haver alternância entre as consignas do professor e as de livre decisão do aluno. Isso faz com que ele crie trabalhos autorais e cultivados, ou seja, influenciados pelas culturas advindas da produção social e histórica da arte, pois os atos de criação a partir de enunciados que o aluno faz a si mesmo, nesse contexto pendular, aproximam suas criações das práticas sociais, daqueles que fazem e pensam sobre arte na sociedade. (Cf. IAVELBERG, 2010)

Nas ações de formação continuada é necessário que os professores aprendam as teorias sobre a gênese do desenvolvimento do fazer artístico e da compreensão estética (saber ler trabalhos de arte) de crianças e jovens, porque tais fundamentos teóricos, em geral advindos de pesquisas, pautam a prática do professor em sala de aula. A ponte entre pesquisa ou reflexão sistematizada e educação deve ser realizada quando os resultados das investigações, nos dois casos, adequam-se e promovem o ensino escolar na área de arte.

A observação de trabalhos infantis, a tematização de sua evolução histórica e sua diversidade nas culturas, assim como a atualidade tecnológica que eles podem alcançar, precisam ser parte dos estudos teóricos e da tematização das práticas dos professores em formação.

Por fim, frente às proposições do ensino de arte na contemporaneidade, se requer do professor criar ao aprender nos momentos de formação inicial ou continuada, o que ocorrerá se os formadores conseguirem construir uma identificação com as proposições teóricas que norteiam o ensino e a aprendizagem articulando-as a suas práticas. É fundamental aos professores a compreensão dos processos de criação e formação artística e também dos procedimentos didáticos. O portfólio de cada professor, em formação inicial ou continuada, é um objeto importante, que conta a história de um processo formativo específico. Dele podem constar produções, como, por exemplo, um conjunto de trabalhos artísticos pessoais; os escritos produzidos; os registros de produções coletivas; um diário com reflexões sobre o próprio processo de criação e formação, pontuando alcances e faltas; textos de autoavaliação; estes são, entre outros, itens representativos das aprendizagens dos professores em formação, que podem ser compartilhados com seus pares.

A teoria e a prática são igualmente importantes na formação do professor de arte. A teoria porque constitui um conjunto de bases coerentes entre si de ordem filosófica, epistemológica, psicopedagógica, didática, artística e histórica que podem formar um profissional que se quer autoral, investigador e criador de seu trabalho. É importante ressaltar que a teoria não tem caráter condutista em relação à intuição, à imaginação, à percepção direta dos fenômenos, à fruição e à arte do ensinar, mas pode aperfeiçoar competências e habilidades ao alinhá-las em um sistema coerente internamente e em permanente transformação, dado que as teorias têm mobilidade no tempo e na interação entre elas. De qualquer modo, na contemporaneidade, são as teorias já alcançadas, selecionadas e praticadas

pelos professores de arte que farão interlocução com as bases teóricas apresentadas pelos formadores, para que, ao longo e ao fim do processo, os professores possam articular teoria e prática.

ARTE NO CURRÍCULO DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Mas por que se tornam cada vez mais diferenciados os desenhos dos estudantes na medida em que estes vão crescendo? Principalmente, porque aumenta sua capacidade cognitiva de processar informação e acumulam mais experiência, tanto com os objetos do mundo sensível como com os desenhos dos outros (estudantes maiores, adultos e artistas). Durante o período de formação e desenvolvimento de sua perícia gráfica, os objetos de seu desenho não alcançam a complexidade dos objetos do mundo e dos desenhos dos outros. Sentem-se insatisfeitos com seus desenhos simples e querem mais informações, detalhes e complexidade para eles. Então os alteram a fim de que se pareçam mais aos objetos do mundo exterior ou, na maioria dos casos, aos desenhos de outros. Tomar emprestado imagens de terceiros costuma motivar saltos no processo de desenvolvimento. (WILSON; WILSON; HURWITZ, 2004)

Acreditamos que a interação com arte forma e prepara o aluno para a vida contemporânea porque promove a imaginação, o pensamento crítico, a coexistência com a diversidade cultural e a capacidade de resolução de problemas como possibilidades de compreensão humanizada e histórica do mundo, ou seja, promove e orienta a participação social e cultural do estudante como agente de transformação pelo conhecimento e pela sensibilidade. Sabe-se que arte não transforma a sociedade, mas mobiliza formas críticas de fazê-lo que apontam para um mundo mais justo e equânime.

A educação para a participação social e cultural com equidade depende de fatores que transcendem o âmbito da sala de aula. Há que se ter uma rede com polos em escolas, instituições sociais e políticas públicas orientadas a melhorias no reconhecimento profissional e salarial dos professores, porque eles são os agentes mais importantes na promoção da educação.

Na contemporaneidade, a escola está sendo reestruturada para envolver o aluno no gosto por aprender, com significado positivo e importante da sua formação. O papel do professor precisa ganhar credibilidade e eficácia para garantir que a escola seja vista como espaço formativo de preparação para o presente e para o futuro. A inserção dos jovens no mundo do trabalho muda constantemente de perfil. Sabe-se também que as oportunidades de acesso aos bens culturais e científicos não são as mesmas entre as classes sociais em nosso país, e tal fato ainda não foi superado, e nem se transformou significativamente nas últimas décadas. A desigualdade é uma condição social determinante desde a educação infantil. As faltas iniciais na formação extraescolar, saúde, alimentação e moradia marcam os processos de aprendizagem. Se o conhecimento artístico promove a inserção social e cultural dos jovens das camadas menos favorecidas da população, a escola é uma das instituições privilegiadas para essa promoção com equidade e eliminação das injustiças por ter como objetivo democratizar o saber. Como a conquista da equidade é necessária, e pode criar alternativas satisfatórias à vida futura de todos os jovens estudantes, as políticas públicas e os currículos junto aos projetos políticopedagógicos das escolas podem colaborar nesse sentido.

Neste percurso, a discussão sobre a dinâmica dos processos cognitivos, com o redimensionamento dos papéis da percepção, da imaginação, da representação, com a caracterização do movimento de ir-e-vir entre os diversos níveis da pirâmide informacional, conduziu a que se evidenciasse a importância da capacidade de projetar, de antecipar o futuro, de manter-se não desiludido. Contudo, sem o reconhecimento explícito de que a escola é um local privilegiado para a semeadura dos valores fundamentais que garantem a tessitura e a articulação da sociedade, todas as considerações pedagógico/epistemológicas não passam de meras tecnicidades inócuas, eventualmente atraentes. (MACHADO,1995, p. 76)

Um dos pilares para a melhoria da escola pode vir de exigências expressas pela sociedade, que advoga a melhoria da educação com o objetivo de que ela cumpra sua agenda de educar e instruir. Arte pode mobilizar a atividade inteligente, crítica e criadora dos alunos e aperfeiçoar a eficácia da escola como instituição pública de qualidade. Uma educação escolar assim concebida ensina ao aluno conceitos e o saber pensar sobre eles, a dominar procedimentos e a saber fazer, a ter valores éticos e a saber se posicionar na sociedade e na relação com os demais. É importante que na escola sejam oferecidas condições para que o jovem possa fazer escolhas profissionais pela identidade e domínio de saberes associados a valores. Ele não precisa aprender competências orientadas apenas ao mercado, necessariamente, expandindo assim, a liberdade de escolha do jovem perante o ensino superior, ou mesmo profissionalizante. Os alunos não devem se preocupar em orientar sua formação exclusivamente para a sobrevivência e as necessidades do sistema produtivo, mas escolher visando também o próprio desejo de compromisso e relações éticas com o mundo e com o universo do conhecimento.

As propostas que orientam projetos de formação inicial e continuada de professores a partir dos PCNs e da LDB 9394/96 destacam-se porque nelas se sugerem a construção dos projetos curriculares pelos professores e gestores das escolas e redes, a participação da comunidade escolar no desenho do projeto político pedagógico, a autonomia dos agentes escolares na gestão da escola e da sala de aula e o protagonismo dos professores em relação à promoção do processo de aprendizagem, pois eles têm sido os mais acreditados como propulsores das mudanças e da melhoria nas aprendizagens. Em decorrência, busca-se formar professores para a produção de conhecimento didático na escola, escrita do desenho curricular e prática educativa autoral. Sem eles, tanto o currículo quanto as outras fontes potenciais de melhoria da escola, tais como o projeto político pedagógico (PPP), não se efetivarão. São nossos professores e gestores que darão orientação aos princípios filosóficos, políticos e aos conteúdos do desenho curricular. Eles delinearão "quem se quer formar"; "para quê se

quer educar" e "o quê e como se quer ensinar e avaliar" para que o aluno possa alcançar aprendizagens efetivas e capacidade de projetar sua vida futura. E, no que se refere ao papel dos alunos nas orientações curriculares contemporâneas, busca-se sua participação em projetos e tarefas de interesse pessoal, cultural e social, orientadas ou acompanhadas pelos professores, para que aprendam sabendo relacionar as aprendizagens à vida, à realidade próxima e à mais ampla.

Uma situação de aprendizagem envolve professor, aluno, objeto de conhecimento. A avaliação considera o sistema educativo como um todo verificando também a interface da sala de aula, com gestores, familiares, pares da comunidade e instituições parceiras. No currículo pós-modernista de arte o professor organiza múltiplas situações nas quais os alunos podem compartilhar e exercitar suas competências com entusiasmo por pertencer a um grupo que pensa e participa das aulas. Ele realiza trocas colaborativas mediadas pelos conteúdos da aprendizagem e dá destino ao que produz na escola junto à comunidade, por meio de exposições de trabalhos, construção de blogs e de outras formas de comunicação e socialização dos resultados da aprendizagem artística.

Em outras palavras: nas orientações educacionais contemporâneas, o professor de arte tem um papel importante na sala de aula para instigar no aluno o desejo de aprender, para que este seja envolvido nas experiências com os conteúdos ordenados pela escola. Considerando interesses e necessidades dos alunos e o contexto educativo identificando-se, pertencendo, colaborando, investigando e construindo conhecimento, interagindo enfim, com o que está contemplado no desenho curricular e no projeto político pedagógico (PPP).

Atender ao universo cultural do aluno no projeto escolar é aspecto importante à aprendizagem da arte. Significa isso que na ação didática considera-se a vida extraescolar do aluno, trazendo-a às discussões e atividades escolares, junto aos conteúdos planejados. Ao incluir estes aspectos, em todos os ciclos da escolaridade, objetiva-se promover a aprendizagem e a adesão do aluno à escola.

A aprendizagem compartilhada entre os alunos é um fator imprescindível nas aulas de arte, porque com isso se quer que cada estudante dialogue a partir dos seus saberes sobre arte e de suas poéticas, efetivando trocas simbólicas e "teóricas" instigantes com os pares no ambiente de aprendizagem.

Os conteúdos do ensino de cada área de conhecimento na escola têm suas especificidades e a arte, como tal, é uma área da educação contemporânea. O aluno em arte pode ser formado para conhecer e se reconhecer, via aprendizagem, nas práticas criativas dos profissionais da arte: artistas, críticos, curadores, filósofos, historiadores da arte, arte-educadores dentro e fora do espaço escolar. A expansão do espaço educativo no âmbito extraescolar pede participação do aluno nas situações de aprendizagem em museus, instituições culturais, ateliês de artistas, centros de preservação e documentação da arte, ações artísticas das comunidades, etc. Na pós-modernidade, compreendemos que a aprendizagem em arte precisa da educação para que o aluno possa protagonizar atos de criação próprios e leitura da produção sócio-histórica da arte com profundidade e capacidade de julgamento e contextualização do conjunto obras.

O bom ensino orienta o jovem aprendiz a articular o saber fazer arte com o saber sobre arte. Aprender a fazer arte perpassa a vida de todos os artistas, e é o que se quer para os alunos, incluindo os jovens. Pois, entre eles, sem a educação escolar, apenas os autodidatas aprenderão, porque inventam seus métodos, mas como a maioria dos alunos não pode fazê-lo por si, cabe à escola ensinar aos adolescentes, nas orientações didáticas do construtivismo, para que sigam aprendendo sem estagnar.

O conhecimento sobre arte é de autoria dos alunos e requer mediação do professor. A fruição espontânea não garante o aprofundamento necessário à assimilação do saber construído historicamente, que não está necessariamente inscrito na materialidade dos objetos artísticos, tendo sido deles abstraídos e sistematizados por muitos profissionais da área.

Considera-se que o êxito na aprendizagem que interessa à escola pode ser acompanhado pelos professores de arte e tem base psicopedagógica, envolve o saber aprender do aluno e resulta na construção da sua identidade de estudante na área de arte. É objetivo da proposição curricular pós-modernista que, ao aprender arte, o aluno acredite em si mesmo como alguém capaz de aprendizagem e alcance mais conhecimento, sendo que os conteúdos escolares foram por ele construídos e conquistados, em um caminho aberto e não pronto, mas trilhado. Por isso, afirma-se que a arte é importante na escola, porque ela promove o gosto de a ela pertencer e a construção da identidade estudantil se desdobra em postura investigativa, com papel capital na aprendizagem de todas as áreas de conhecimento.

Arte faz sentido na reorientação do significado da escola pois ela instaura um aprendiz protagonista de sua própria visão de mundo e construtor de poéticas. O ponto de vista sobre as coisas, de quem assim aprende, se enriquece porque o saber e o valor do saber estão associados.

Em conclusão, na escola pós-moderna, ao dialogar com a produção sóciohistórica da arte, o aluno trabalha com significados dos objetos artísticos e com o sistema da arte e, ainda, cria sua arte compartilhando ideias e poéticas. Este caminho possibilita trocas simbólicas com suporte nas produções artísticas e a construção progressiva da identidade com a arte, reconhecendo e respeitando as diferenças e aproximações entre os interlocutores, principalmente artistas e pares em formação.

Fonte

IAVELBERG, Rosa. Da arte-educação modernista à pós-modernista: fluxos. 2015. 258 fls. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

IAVELBERG, R. - Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula. Porto Alegre: Penso, 2017.

JEANDOT, NICOLE. EXPLORANDO O UNIVERSO DA MÚSICA. 2ª ED. SÃO PAULO: SCIPIONE, 1993.

EXPLORANDO O UNIVERSO DA MÚSICA

Este trabalho enfatiza a importância e a necessidade de um ambiente musical na escola, no qual a criança, além de cantar, ouvir música e dançar, possa manipular e confeccionar seus próprios instrumentos. Você vai ver neste livro: A música e a criança A confecção de instrumentos Jogos musicais Música brasileira

FRAGMENTO DO LIVRO

Numa cidade da França vivia uma menina com um trauma de nascimento, decorrente de um desastre de trem. Durante seus primeiros cinco anos, ela viveu num mundo inteiramente próprio, apática a tudo o que acontecia ao seu redor. Apenas andava, comia e dormia.

Seus pais e os médicos, preocupados, se perguntavam se essa menina permaneceria assim pelo resto da vida.

Sua mãe, que era uma das melhores violinistas do conservatório, ensinava aos outros filhos a arte da música. Um dia, por sugestão do médico, levou a filha problemática a uma dessas aulas. Milagre. O violino tocou-lhe a sensibilidade. Aproximando-se do instrumento, friccionou o arco na corda, de onde saíram sons grosseiros. Arrebentou o arco, mas a alegria, que nunca tinha aparecido em seus olhos, revelou que algo mudara.

Essa criança era eu. Foi assim que começou minha vida. Minha mãe, com muita paciência - hoje reconheço -, iniciou minha educação musical. Graças à música, comecei a me comunicar com meu ambiente, tornando-me, mais tarde, professora de música.

Mas a guerra, terrivelmente, haveria de me ensinar muito mais! Quantas crianças nasceram prematuras, com problemas, e quantas outras viviam assustadas, incapazes de fixar sua atenção nas aulas? Era a elas que eu me dirigia, lembrando-me da minha infância. E a música, pouco a pouco, fazia o milagre, a tal pouco que o psiquiatra da minha cidade, que não entendia nada de música - nem eu de psiquiatria - resolveu vir trabalhar comigo para recuperar todas essas crianças e preparar uma futura geração para um mundo melhor.

Cheguei ao Brasil em 1960. Durante muito tempo, dei aula para crianças, no serviço social da Casa da Infância. O abandono que sofriam por parte da família tornava-as difíceis, e a música ajudou a reequilibrá-las.

Outro dia, no ônibus, encontrei um grupo de rapazes, antigos alunos, que me reconheceram. A primeira pergunta que me dirigiram foi: "Tia Nicole, a senhora ainda ensina flauta e canto?". Como respondi afirmativamente, disseram: "Conte aos seus alunos o quanto é bom tocar música! Quando alguma coisa não vai bem, quando me sinto sozinho, pego minha flauta e toco. Tudo parece melhorar depois..."

Esta é a razão pela qual este livro existe, uma experiência de vários anos, em diversos ambientes, trabalhando a música com crianças. Ele reflete o amor por essa "linguagem privilegiada", essa arte que minha mãe me fez descobrir, na qual me aprofundei, e a qual continuo amando.

Imagem de Duy Huynh

De acordo com o autor, música é uma linguagem, e para ele, devemos seguir em relação à música, o mesmo processo de desenvolvimento que adotamos a linguagem falada, ou seja, devemos expor a criança à linguagem musical e dialogar com ela sobre e por meio da música. Como acontece com a linguagem cada civilização, cada grupo social, tem sua expressão musical própria. O educador antes de transmitir sua própria cultura musical, deve pesquisar o universo musical em que a criança pertence, e encorajar atividades relacionadas com a descoberta e com a criação de novas formas de expressão através da música. (JEANDOT, 1993).

Considerando que vivemos em um mundo musical, onde cada pessoa mesmo que não estude música, mas ouve, ou, participa desta arte, percebemos que a educação musical deve estar presente na vida dos indivíduos até mesmo não para formar músicos, mas sim para formar indivíduos críticos, para desenvolver uma escuta sensível e ativa. "Uma aprendizagem voltada apenas para os aspectos técnicos da música é inútil e até prejudicial, se ela não despertar o senso musical, não desenvolver a sensibilidade" (JEANDOT, 2002, p.21). A música é uma linguagem universal, mas com muitos dialetos, que variam de cultura para cultura, envolvendo a maneira de tocar, de cantar, de organizar os sons e de definir as notas básicas e seus intervalos. (JEANDOT, 1993).

Durante séculos fomos condicionados a acreditar que a música é uma combinação de notas dentro de uma escala, e temos dificuldade em concebê-la em termos diferentes. Ruídos de sapateado, sons de castanholas, estalos

de dedos ou de chicotes, golpes da palma da mão sobre um instrumento musical ou uma vestimenta, ou ainda gestos do cotidiano, são elementos atualmente considerados como legítimos participantes do universo musical. (JEANDOT, 1993).

Fonte

JEANDOT, Nicole. Explorando o universo da música. 2ª ED. São Paulo: Scipione, 1993.

https://webartigos.com/artigos/pedagogia-da-musica-uma-experiencia-com-alunos-do-magisterio-da-escola-nilton-

HERNÁNDEZ, F. CULTURA VISUAL, MUDANÇA EDUCATIVA E PROJETO DE TRABALHO. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2000.

As perspectivas e os exemplos apresentados nesse livro são um reflexo das discussões mantidas entre Fernado Hernández e vários professores. O resultado é a descrição de experiências desenvolvidas com alguns professores, na tentativa de romper barreiras e mitos sobre o que pode ser esse campo de estudos que deverá expandir os conhecimentos dos alunos de ensino fundamental e de ensino médio sobre a cultura visual da nossa época e que também ajude a compreender os significados da cultura visual de outras épocas.

Em sua obra Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho Hernández (2000), discute sobre o que se aborda na escola em momentos de informações intermediadas pelos mais diversos meios, em que a publicidade veicula imagens e mundos fabricados. Discorre sobre a pertinência de se pensar sobre o hoje e a cultura visual como contextualização para o ensino, trazendo o emergente e, sobre ele, refletir. Define a cultura: "[...] como um conjunto de valores crenças e significações que nossos alunos utilizam (quase sempre sem reconhecê-lo) para dar sentido ao mundo em que vivem" (HERNÁNDEZ, 2000, p.30). Nessa acepção diz que os professores, no intuito de trazer o que pode ser agradável para os alunos, apresentam elementos que estão presentes no dia a dia. No entanto, salienta o cuidado com que deve se pensar sobre as imagens que as escolas apresentam em suas salas e que representam pensamentos hegemônicos sob a forma de inocentes desenhos ou filmes, sem a menor reflexão.

As imagens não são livres de uma ideologia porque quem as produziu teve uma intenção, portanto, não são isentas. Ao trazê-las, quaisquer que sejam elas, desde as obras consagradas ou as veiculadas nos comerciais, ou pelos desenhos e jogos, devem ser acompanhadas de uma reflexão que permitam interpretações várias.

Hernández (2000) salienta a necessidade da compreensão da realidade e do conhecimento como produção cultural, enfatizando o conhecimento artístico como campo específico, entretanto, não demandando a mesma valorização em relação a outros conhecimentos veiculados na escola e que, por isso, precisa de constante justificativa sobre sua pertinência. Neste aspecto aponta as "formas de racionalidade" que referendam a arte na educação:

A racionalidade industrial considera as habilidades e destrezas[...] a racionalidade histórica [...] a arte não deve ser deixada de lado na educação [...] a racionalidade forasteira [...] a importância que essa matéria tem nos países desenvolvidos [...] a racionalidade moral [...]considera que arte contribui para a educação moral de meninos e meninas [...] a racionalidade expressiva [...] autoexpressão [...] a racionalidade cognitiva [...] favorece o desenvolvimento intelectual [...] a racionalidade perceptiva [...] racionalidade criativa [...] racionalidade comunicativa [...] que meninos e meninas aprendam a ler e produzir imagens [...] a racionalidade interdisciplinar [...] racionalidade cultural[...] (p. 44-45).

De acordo com o autor, cada uma das referidas racionalidades representa um momento histórico, estando a cultura visual, ancorada na última destas racionalidades, sendo a educação para a compreensão, um de seus fundamentos.

Baseada no que cada um pode interpretar do contato com o que vê, promovendo o diálogo e questionando sobre o que as produções culturais divulgam ou excluem.

Conforme Hernández (2000, p. 57) o professor deve favorecer aos alunos ao: "[...] ajudá-los a construir por eles mesmos uma infraestrutura epistemológica para interpretar os fenômenos com os quais se relacionam." Na cultura visual, salienta, não existem receptores nem leitores, mas, construtores, já que não se trabalha diante da passividade e sim da interação.

DISCUSSÃO DA OBRA

Primeiro conceito trabalhado é o de interpretação, que vem a ser compreender e manifestar explicitamente essa compreensão. Sempre estamos interpretando...

Os produtos culturais constituem representações ou expressões de experiência por intermédio de sistemas codificados de símbolos. Esse é o fundamento da cultura.

Interpretar é, portanto, decifrar. Implica decompor o objeto. Toda a interpretação é uma representação, por meio de símbolos, de uma concepção de algo. Então, existe graus de interpretação. Depende da familiaridade, da competência, do conhecimento.

Em Calabrese (1989), encontramos uma aproximação à interpretação que considero útil para a Compreensão da Cultura Visual (CCV) na escola. Implica levar em conta que:

- Descrever um fenômeno da cultura significa prescindir de sua qualidade, se por isso se entende emitir um juízo de valor.
- Busca-se achar algumas conexões entre objetos distantes, a descrição não depende só do autor.
- A interpretação é também a confirmação de um preconceito. Ninguém pode liberar-se de seus julgamentos prévios que, além do mais, são condição da experiência, mas a submissão aos mesmos reduz a interpretação ao rotulado.

CULTURA VISUAL; BASES PARA UMA DEFINIÇÃO TRANSDISCIPLINAR DE CONHECIMENTOS

Na educação escolar é preciso realizar uma empreitada através do cruzamento de olhares. Os do passado e os do presente. Isso significa que os objetos não têm vida, mas sim adquirem sentido pela experiência de quem os olha e os possui. Mas, ao mesmo tempo, os objetos são uma fonte de conhecimentos. O que nossa proposta curricular reivindica e a necessidade de pesquisar sobre esses objetos para aprender com eles.

A ARTE NA EDUCAÇÃO COMO ESTUDOS DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

Há uma ponte entre duas práticas sociais: a arte e a educação. Ambas se movimentam aparentemente sob posições ao mesmo tempo antagônicas ou confluentes. A arte é uma forma de conhecer e representar o mundo. A educação organiza o conhecimento privado em relação às formas públicas de representar o mundo.

Michael Parsons (1996) sugere uma série de questões para abordar essa relação. A primeira refere-se a finalidade e a importância de "fazer arte "na escola. A segunda é a relação entre os enfoques formalistas e a importância do contexto cultural. Por fim, é necessário enfrentar a problemática da relação da arte com o restante do currículo.

A NOÇÃO DE CULTURA VISUAL COMO EIXO DA EDUCAÇÃO PARA A COMPREENSÃO

A noção de cultura visual é interdisciplinar e busca referenciais da arte, da arquitetura, da história, da mediatologia, da psicologia cultural. Há os contestadores que acreditam que a Nova História tenha influenciado na criação de uma nova História da Arte. De NOSSA PARTE a noção de cultura visual corresponde as mudanças nas noções de arte, cultura, imagem, história, educação...

Walker e Chaplin (1997) a cultura visual tem como objeto de estudo os artefatos materiais produzidos pelo trabalho, ou seja, ação e pela imaginação dos seres humanos.

Baxandall (1976) e Alpers (1987) utilizam a noção de cultura visual com referência ao atributo de uma sociedade ou de um estrato da mesma. Baxandall utiliza aos grupos que, no Renascimento, desenvolveram algumas estratégias visuais e cognitivas específicas para poder facilitar sua apreciação das novas formas de pintar e representar a realidade. Por sua vez, Alpers se refere a pintura holandesa.

Na educação, os termos critico-critica aparecem de maneira frequente e com sentidos diversos, neste contexto critica significa ao mesmo tempo avaliação e juízo. Sobretudo se levarmos em conta a opinião de inúmeros autores. Para responder a novas questões departamentos de história da arte foram rebatizados de cultura visual, tendo em vista aumentar o leque de discussões. Porém, esta multiplicidade não é vale tudo. O OBJETIVO na verdade é explorar as representações que os indivíduos, segundo suas características sociais, culturais e históricas, constroem da realidade. Trata-se de compreender o que se representa para compreender as próprias representações. Na cultura visual não há leitores, mas sim construtores e interpretes na medida em que a apropriação não é passiva nem dependente.

Do ponto de vista da noção de patrimônio vinculada a reafirmação da identidade nacional de um grupo e relacionada a um território, uma língua ou uma religião, ao mesmo tempo em que é revisitada e questionada, tende a ser apresentada como o resultado do cruzamento dos olhares, valores, representações e histórias de diferentes grupos e tradições. Cito na validade de mestiçagem do patrimônio substituir a exclusividade de um só grupo.

COMO ORGANIZAR O CURRÍCULO PARA ENSINAR A COMPREENDER A CULTURA VISUAL?

Traça alguns pontos que podem ser adotados:

- A expansão, cada vez mais global, da informação e das fontes de conhecimento.
- As mudanças crescentes no mundo e nas nossas formas de entende-lo, devido à compreensão das tecnologias e do espaço e tempo.
- Contato crescente entre indivíduos, crenças e culturas.
- Relação mais forte e interativa entre pesquisa e desenvolvimento social devido a rapidez das comunicações e a reorientação e desenvolvimento constante do conhecimento.

TRÊS PROJETOS DE TRABALHO PARA A COMPREENSAO DE CULTURA VISUAL ALGUMAS DUVIDAS QUE SE APRESENTAM QUANDO SE MOSTRAM EXEMPLOS DE MATERIAL CURRICULAR

Quando se concretiza a experiência curricular e se pretende torna-la publica, surgem as seguintes perguntas que refletem, em boa parte, uma concepção dos materiais curriculares distanciada da norma e da réplica total e fragmentada.

- Como apresentar um material curricular para que seja aberto?
- Como se pode vencer a distância entre o reflexo de uma experiência rica em matizes e os limites de pôr no papel?
- Como refletir o sentido de compreensão que se encontra na pesquisa que o docente e os alunos realizam e que nem sempre aparece no que é lido como apresentação de atividades?
- Como mostrar as sensações individuais de forma grupal, dos docentes, alunos e colaboradores?
- Como refletir o conjunto de vozes?

ALGUMAS POSSIVEIS RESPOSTAS SOBRE O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES

Quem adapta material curricular depara-se com possíveis alternativas:

- Adaptar conceitos da matéria a qual é especialista ao nível educativo

- Parti de um tema no qual os conteúdos devam ser transmitidos, e apresentar diferentes propostas de atividades para que os professores (ou alunos) possam escolher.
- Propor a trajetória pelo tema como uma história que se organiza em diferentes momentos.
- Transladar a própria experiência, que se baseia no singular.
- Partir da própria experiência, avalia-la, relaciona-la com outras perspectivas e enfoques (e exemplos) e organizar o resultado, destacando o processo seguido.

AS NOÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM E ENSINO PRESENTES NESSES PROJETOS

Concebe a aprendizagem como uma produção ativa (não passiva) de significados em relação aos conhecimentos sociais e a própria bagagem do aprendiz. A ordenação ou sequencialização dos conteúdos não se articula como um sistema experimentado, em que o professor deva prever todas as decisões antes de realizar a tarefa de ensinar. Procede-se de acordo com a definição de alguns roteiros de ação.

A IDEIA EDUCATIVA QUE ORIENTA OS PROJETOS DE TRABALHO

Quando falamos de projetos, o fazemos pelo fato de imaginarmos que possam ser um meio de ajudar-nos a repensar a refazer a escola. Entre outros motivos, porque, por meio deles, estamos reorganizando a gestão do espaço, do tempo, da relação entre os docentes e os alunos, e sobre o discurso escolar.

No contexto atual de bombardeio de informações os projetos auxiliam na triagem do que pode ser mais significativo.

A NECESSIDADE DE REPENSAR O SABER ESCOLAR E DE POSICIONAR-SE DIANTE DAS MUDANÇAS

Os que procuram entender porque a escola está seccionada em períodos de 50 minutos. Popwick (1987), as matérias escolares são o resultado da alquimia reguladora que a instituição escolar exerce sobre os saberes culturais.

TRABALHAR POR PROJETOS NÃO É SEGUIR O MÉTODO DOS PROJETOS

- Inspirado pela Escola Nova de Dewey e Bruner
- Vão além dos limites escolares
- Implicam realizar atividades
- Os temas selecionados são de interesse de alunos e respeitam os estágios de desenvolvimento
- Fazem experiências de primeira mão
- Pesquisam alguma coisa
- Promovem atividades em grupo.

FAVORECER A COMPREENSÃO COMO FINALIDADE DOS PROJETOS

A finalidade do ensino é promover nos alunos a compreensão dos problemas que pesquisam. Compreender é ser capazes de ir além da informação dada, é poder reconhecer as diferentes versões de um fato e buscar explicações. Compreender é uma virtude cognoscitiva e experiencial de tradução-revelação entre um original, isto é, uma informação, um problema, e o conhecimento pessoal e grupal relacionado a ela. Essa relação implica estabelecer trajetórias entre o passado e o presente, entre os significados que diferentes culturas dão às manifestações simbólicas e às versões dos fatos que são objeto de estudo. Implica níveis de compreensão.

Perkins e Blythe (1994) relaciona-se com a capacidade de pesquisar um tema por meio de estratégias como explicar, encontrar evidências e exemplos, generalizar, aplicar, estabelecer analogias e representar um tema de uma forma nova.

Fonte

VAZ, A. B. C. A arte contemporânea e a cultura visual na sala de aula.

http://percursosmuseais.blogspot.com/2012/12/discussoes-teoricas-fernando-hernandez.html

Referência

HERNÁNDEZ, F. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

KOUDELA, INGRID DORMIEN. JOGOS TEATRAIS. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 2001.

Ingrid Dormien Koudela é professora livre-docente de Didática e Prática de Ensino em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Dedica-se ao desenvolvimento de projetos educacionais, ligados ao teatro, junto à Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e Faculdade de Educação da USP. Koudela também é escreveu "Jogos Teatrais e Brecht: Um Jogo de Aprendizagem", além de ter traduzido importantes obras no campo teatral e ter introduzido, no Brasil, os métodos de Viola Spolin.

Atualmente, no desenvolvimento de pesquisa que envolvem teatro e educação, destaca-se o trabalho de Koudela, relativos aos jogos teatrais. Em Jogos Teatrais, trabalho publicado pela editora Perspectiva, baseando-se nos pesquisadores Spolin, Piaget e Languer, a autora apresenta uma sistemática de trabalho de importante aplicabilidade no processo didático, pois visa servir de orientação aos professores que desejam reinventar os seus meios de ensino a partir de bases estruturais.

SÍNTESE DA OBRA

Segundo informações de KOUDELA (2001), a década de 1960 marca o início da reinvenção do teatro. Diversos grupos se colocaram a desenvolver novas técnicas de comunicação a partir de workshops. Deste processo experimental surgiu as técnicas de "Jogos Teatrais", de Viola Spolin.

O sistema de Spolin é apresentado em Improvisation for the Theater (1963) e Theater Game Files (1975), este último escrito em forma de fichário cujas partes podem ser estudadas de forma independe e em diferentes sequências. Enquanto Improvisation ainda traz muito do teatro formal (preparações para montagens), Theater Game é totalmente voltado ao jogo da improvisação, sendo que o objetivo é transmitir um sistema de atuação que pode ser desenvolvido por todos aqueles que desejem se expressar através do teatro.

Em Improvisation, a organização de cada jogo é apresentada de forma sistemática e a explicação classificada em: preparação; descrição do exercício; instrução; avaliação; notas; áreas de experiência. Já o corpo dos Theater Game está dividido em: seleção de jogos teatrais e jogos tradicionais; seleção de jogos teatrais acrescido de estrutura dramática; seleção adicional de jogos teatrais.

KOUDELA (2001) informa que Spolin tinha por intenção atingir professores e leigos em teatro, com o objetivo de promover a utilização do jogo em qualquer situação de aprendizagem. A nova didática, desenvolvida por Spolin, pode oferecer uma contribuição importante, pois permite libertar-se da preocupação de organizar as exposições somente com base na sequência de informações a serem transmitidas dentro de uma ordem sucessiva.

Para Spolin, com base no conceito de Foco, voltado para os pontos essenciais a serem comunicados aos alunos, é possível alterar a própria organização da matéria, pois por meio do envolvimento criado pela relação com o jogo, desenvolve-se liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria-se técnicas e habilidades pessoais. "À medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade", o indivíduo "se transforma em um jogador criativo". (KOUDELA, 2001, p. 43)

A autora ressalta ainda que os jogos possuem caráter social e baseiam-se em problemas a serem solucionados, ou seja, é o próprio objeto do jogo. "As regras do jogo incluem a estrutura (onde, quem, o que) e o objeto (foco) mais o acordo de grupo". (KOUDELA, 2001, p. 43)

Destacando as palavras de Spolin, a autora esclarece a diferença entre jogo dramático e jogo teatral:

"Como o adulto, a criança gasta muitas horas do dia fazendo jogo dramático subjetivo. Ao passo que a versão adulta consiste usualmente em contar estórias, devaneios, tecer considerações, identificar-se com os personagens da TV etc., a criança tem, além destes, o faz-de-conta onde dramatiza personagens e fatos de sua experiência, desde cowboys até pais e professores. Ao separar o jogo dramático da realidade teatral e, num segundo momento, fundindo o jogo com a realidade do teatro, o jovem ator aprende a diferença entre fingimento (ilusão) e realidade, no reino do seu próprio mundo. Contudo, essa separação não está implícita no jogo dramático. O jogo dramático e o mundo real frequentemente são confusos para o jovem e - ai de nós – para muitos adultos também".

Já nas palavras de KOUDELA (2001, p. 44), "o processo de jogos teatrais visa efetivar a passagem do jogo dramático (subjetivo) para a realidade objetiva do palco". Entende-se, portanto, que o jogo teatral é um processo que tem por objetivo gerar uma nova realidade. A autora conta que para Spolin a criança, dos sete/oito anos de idade em diante, já conta com capacidades que lhes permitem expressar-se através da linguagem artística do teatro. Desta forma, a transição entre o jogo dramático infantil (ou jogo de faz-de-conta) para o jogo teatral é comparável à "transformação do jogo simbólico (subjetivo) no jogo de regras (socializado)".

No jogo teatral, se busca pela solução do problema de atuação, ou seja, é realizado um esforço para se atingir o estado de acomodação. Assim, "a improvisação de uma situação no palco tem uma organização própria, como no jogo, pois se trabalha com o problema de dar realidade ao objeto". (KOUDELA, 2001, p. 44)

KOUDELA (2001) destaca as palavras de Hans Furth para explicar a passagem do jogo dramático para o jogo teatral:

"A principal diferença entre o jogo simbólico da primeira infância e a representação improvisada está na aplicação controlada de esquemas cognitivos no exercício de todas as partes do corpo, em cada movimento e em cada sequência de comportamento. As próprias crianças são as primeiras a perceber a diferença entre a brincadeira fantasista e a representação intencional. Da mesma forma como nos exercícios de pensamento as crianças não brincavam de pensar, mas estavam seriamente empenhadas na tarefa de pensar, também na representação não simulam mas dão vida aos objetos". (FURTH APUD KOUDELA, 2001, p. 45)

No sistema de jogos teatrais, através do Foco, ou ponto de concentração do ator, nota-se a possibilidade de se trabalhar com o significado do gesto, uma vez que a delimitação do campo de jogo leva ao nível de concentração que, por sua vez, garante o envolvimento do participante. Desta forma, a função que o jogo cumpre pode ser entendida como uma estratégia para se atingir objetivos específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações de KOUDELA (2001) podem ser complementadas pelos estudos de SLADE (1987) e de BRUHNS (1993). O primeiro, em sua obra, apresenta as conclusões de seus estudos relativos ao teatro infantil e trata justamente da transição entre o jogo dramático infantil e o jogo teatral entendido pelos adultos. Já BRUHNS (1993) dispõe-se a analisar as relações entre o jogo e os fatores de ordem social e cultural.

TEXTO COMPLEMENTAR

Profa. Dra. Ingrid Dormien Koudela
http://www2.eca.usp.br/ingrid/site/pdf/novaproposta-deensino.PDF

A atual legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, incluindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica.

No Ensino Fundamental, a Arte passa a vigorar a partir da implantação dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, MEC, 1998) enquanto área de conhecimento no currículo da escola brasileira, através de quatro linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Os PCN foram elaborados procurando, de um lado, respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas existentes no país, considerando de outro a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras.

Sem dúvida, o contexto educacional brasileiro é perpassado por questões de diferentes naturezas, entre as quais encontramos os dilemas do desenho curricular a ser proposto na contemporaneidade em um país de proporções continentais e os impasses em vista da escolha dos encaminhamentos metodológicos mais adequados às diferentes regiões do país.

Os documentos apresentados pelos PCN são resultado de um longo trabalho que contou com a participação de muitos educadores brasileiros e têm a marca de seus estudos e de suas experiências.

Inicialmente foram elaboradas versões preliminares, analisadas e debatidas por professores e especialistas. As críticas e sugestões apresentadas contribuíram para o processo de concretização deste documento. A versão atual, de acordo com o MEC, deverá ser revista periodicamente, com base no acompanhamento e na avaliação de sua implementação.

Os conteúdos de Arte buscam acolher a diversidade do repertório cultural que o aluno traz para a escola e trabalhar os produtos da comunidade em que a escola está inserida. A apreciação e o estudo da Arte devem contribuir tanto para o processo de criação dos alunos como para a experiência estética e conhecimento da arte como cultura.

Os conteúdos de Arte são articulados com vistas ao processo de ensino e aprendizagem na escola e foram explicitados por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar.

O Teatro é abordado nos PCN - Arte a partir de sua gênese em rituais de diferentes culturas e tempos e o jogo é conceituado a partir das fases da evolução genética do ser humano e entendido como instrumento de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento da criatividade, em direção à educação estética e práxis artística.

Nesse sentido, o jogo teatral é um jogo de construção em que a consciência do "como se" é gradativamente trabalhada, em direção à articulação da linguagem artística do teatro. No processo de construção dessa linguagem, a criança e o jovem estabelecem com seus pares uma relação de trabalho, combinando a imaginação dramática com a prática e a consciência na observação das regras do jogo teatral.

Um fator ressaltado no documento sobre a linguagem do Teatro é a tematização de textos poéticos que podem ser objeto de imitação crítica por crianças e jovens. O texto poético pode constituir-se em princípio unificador do processo pedagógico com o jogo teatral, permitindo liberdade e diversidade de construções.

Nessa perspectiva, os Temas Transversais incorporam as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual, do Trabalho e Consumo. Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana.

Os PCN são hoje objeto de ações educacionais em todo o país, promovido através do MEC e das secretarias de educação em vários estados e municípios brasileiros. É preciso ressaltar que para a área de Arte o documento significou um grande avanço, ao incorporar como eixos de aprendizagem a apreciação estética e a contextualização que se somam à expressividade/produção de arte pela criança e pelo jovem. Essa proposta vem promovendo o potencial do Teatro como exercício de cidadania e o crescimento da competência cultural dos alunos.

Com o objetivo de apontar para novas ações dos PCN com Teatro, trago depoimentos sobre dois projetos dos quais participei na cidade de São Paulo. Através de convênio entre a SME/FEUSP (2000) foi desenvolvido um projeto de formação em serviço com os professores de Arte do Ensino Fundamental, no qual atuei como coordenadora de oficinas pedagógicas, durante doze encontros de quatro horas, a intervalos mensais.

O segundo projeto ao qual me refiro tem apoio empresarial, fazendo a mediação entre espetáculos de teatro infanto-juvenil e escolas da rede municipal de ensino de São Paulo.

Em ambos os projetos o foco da prática e teoria recai sobre o receptor e na relação dialógica gerada através de obras de arte. Nos projetos de ensino do Teatro, é fundamental trabalhar tanto o fazer teatral com os alunos na sala de aula como levá-los ao teatro para aprenderem a apreciar o espetáculo.

Através desses projetos, tive a oportunidade de desenvolver a proposta de facilitar o acesso à produção teatral de segmentos sociais até então excluídos das salas de teatro da cidade e oferecer oportunidades para o desenvolvimento da competência profissional dos professores, especificamente dos que trabalham com Arte nas escolas, fornecendo subsídios e colocando à disposição da rede de ensino materiais de apoio educativo. Os materiais visam instigar em professores e alunos o debate sobre conteúdos temáticos e estéticos dos espetáculos.

Os materiais de apoio educativo podem apresentar exemplos de diversas possibilidades de leitura do espetáculo; propostas de atividades; textos de referência; análise

da dramaturgia; dados biográficos sobre o dramaturgo, o encenador, os atores, o cenógrafo; glossário; sugestões de bibliografia para pesquisa da História do Teatro e outros que visam mapear possibilidades de leitura do espetáculo.

Mesmo considerando a praticidade de contar com um espetáculo teatral a ser encenado nas dependências da própria escola, o deslocamento das crianças até o teatro possibilita uma experiência estética ímpar através do contato com os elementos fundamentais que compõem o espetáculo: iluminação; cenografia; sonoplastia; representação dos atores; música; o texto dramático ou poético; contrarregras; direção do espetáculo, entre outros. A apreciação e análise, por parte das crianças e jovens, de espetáculos teatrais de qualidade, bem como a participação em eventos artísticos, é uma forma de trabalhar a construção de valores estéticos e o conhecimento de teatro. O professor poderá desenvolver procedimentos variados para avaliar a fruição, apreciação e leitura do espetáculo, fazendo propostas para a tematização do conteúdo da peça.

A expressividade dramática evidencia a tendência do ser humano para a representação, experimentando papéis e vivendo situações. A capacidade de representação dramática está presente tanto nos jogos de faz-de-conta quanto num espetáculo de teatro representado por atores profissionais, assumindo diferentes formas que se desenvolvem através de um processo evolutivo e construtivo, da criança até o artista adulto.

Enquanto que o jogo de faz-de-conta, em suas formas iniciais, é totalmente improvisado ao sabor da imaginação dramática da criança, o espetáculo teatral, embora também necessite da espontaneidade, da improvisação e da intuição, resulta de um processo de criação e construção intencional, exigindo domínio da linguagem específica que só se completa com a presença do público.

Entre o jogo de faz-de-conta da criança e o teatro como espetáculo a ser apreciado por uma plateia é possível criar inúmeras gradações, promovendo atividades que relacionam o fazer e a leitura e apreciação do espetáculo.

Na relação com a dimensão artística do espetáculo, que se processa no aqui/agora, através da presença física e sensorial da forma de arte, os alunos têm uma experiência de fruição estética. Essa experiência será tanto mais rica quanto maior a familiaridade com a linguagem da representação dramática. Inata no ser humano e manifestação espontânea da inteligência, a capacidade de representação dramática pode ser embotada ou desenvolvida, na forma de jogos teatrais introduzidos no sistema de ensino.

Através dos jogos teatrais, os alunos podem ser alfabetizados na linguagem da representação dramática, ao mesmo tempo em que aprendem a fazer a leitura das cenas de teatro, que nascem na ação improvisada, através da contínua interação entre palco e plateia, inicialmente formada pelo grupo-classe. No depoimento de uma professora, encontramos:

(...) a questão é qual teatro deve ser mostrado às crianças. Este deve ser assunto de muita discussão dentro das escolas quanto à escolha de peças de qualidade, tema, atores e produção. Mas considero ainda que deve ser um assunto discutido também entre os profissionais que trabalham como teatro infantil para que pensem e façam um teatro que seja realmente para a infância, desde o espaço físico até a formação dos atores que vão estar em contato com esse público tão pequeno e tão grandioso!

A rotina de meu trabalho previa a ida ao teatro para assistir aos espetáculos indicados pelo júri do prêmio nesse projeto. Em média eram quatro espetáculos por trimestre. A partir da elaboração de um material didático que era confeccionado a cada espetáculo, trabalhei com imagens do espetáculo (fotos de cena), o texto da peça; a música; cenografia; figurino entre outros. Havia reuniões preparatórias para a ida das crianças ao teatro e novas reuniões para avaliação da produção das crianças. O jogo teatral passou a fazer parte do cotidiano da sala de aula.

Trago exemplos para elucidar o processo. O que mais marcou as crianças de 7 a 10 anos que foram ver Sonho de uma Noite de Verão de Shakespeare foi o personagem Puck. Nos desenhos feitos pelas crianças depois da ida ao teatro o personagem aparece de forma recorrente. Com o objetivo de aprofundar essa questão, indaguei às crianças:

Se você fosse um duende e tivesse o poder de Puck, o que faria para transformar a sua vida?

Se eu tivesse o poder de Puck, eu ia comer frango todos os dias ia transformar sapatos em roupas novas e ia transformar obturações em dentes novos e limpos. Ia transformar a minha bicicleta velha em uma grande de marcha. Ia transformar meus lápis velhos em novos.

Se eu fosse um duende eu ia dar saúde, comida, moradia e escola para todas as crianças e adultos do mundo e também ia fazer com que a violência, o desemprego e a pobreza acabassem. Faria com que todos não fossem discriminados, negros, brancos, pobres e ricos, afinal somos um só: filhos de Deus.

Se eu tivesse os poderes do Puck eu acabaria com a violência no mundo e também eu ia fazer um feitiço para ajudar as pessoas mais pobres que estão passando fome. E eu ia fazer só o bem para as pessoas porque é melhor fazer as coisas certas que ficar fazendo travessuras. E o sonho que as pessoas querem que aconteça eu ia realizar. E eu ia dar vida eterna para as pessoas.

Eu iria transformar São Paulo num estado maravilhoso. Eu queria trazer a paz ao nosso estado, iria consertar várias famílias, não faltaria comida nem abrigo aos pobres, as pessoas não dormiriam mais nas ruas, os pobres estariam sempre limpos e com roupas lavadas.

Se eu fosse um duende eu queria que a minha irmã encontrasse o seu legitimo pai que quando ela era pequena o pai dela abandonou ela e eu queria ser médico para salvar vidas e eu queria também ser governador e prefeito para ajudar os pobres e acabava com a favela e construiria no lugar casas e áreas verdes e também eu queria ver os meus avós que eu nunca vi e eu queria saúde e comida para todos.

Se eu fosse um duende ou um mágico eu transformaria o meu sonho em realidade. Tirar toda violência do mundo e tirar todas as pessoas da rua.

Eu queria ficar mais tempo com a minha família, com os meus irmãos e ter mais saúde. Eu queria paz no mundo eu queria estudar mais na escola com a professora e com

os meus colegas eu queria ter mais colegas eu queria que o nosso país não tivesse muita poluição eu queria que não tivesse ladrões no nosso país eu não gosto de ter amigos ruins eu só gosto de ter amigos bons eu gosto de jogar bola eu gosto de andar de bicicleta eu também gosto de andar de patins eu queria ser jogador de futebol.

Para os pobres que não tivesse casa eu fazia uma mágica e apareceria uma bem grande para eles. E num instante levaria os cachorros de rua que fica solto para um lugar bem grande onde eles podem brincar, pular, correr e se divertir como não podem na rua. As crianças que moram nas ruas iria pegar e levar para um lugar bom onde podem brincar e a mesma coisa com os adultos. Os mercados e lojas iam ser mais baratos. E aqui termina eu como duende.

Se eu fosse um duende eu me transformaria em uma borboleta ou em uma abelha.

O Puck aprontou muito e eu vou contar um pouco do que ele aprontou. Puck espremeu a flor amor perfeito na Titânia, a rainha das fadas. E também na Lisandra e no Demetrio. Ele fez Titânia se apaixonar pela maripozinha. Se eu tivesse o poder de Puck tiraria a violência do mundo. Eu viraria adulto, um homem bem bonito para arrumar uma namorada antes do dia dos namorados. É só isso que eu faria se eu tivesse o poder de Puck.

Se eu fosse o Puck eu fazia minha família rica, fazia uma fábrica de doces na minha casa, que eu não precisasse ir para a escola porque eu iria ser inteligente, que eu passasse de ano em todas as séries, teria uma biblioteca em minha casa, eu iria ter um zoológico com os animais que eu gostasse, eu iria ter o carro mais caro do mundo e eu iria para o espaço, eu ia ter uma casa ou chácara em todas as estradas do Brasil, eu colocaria um Mac Donald no meu quarto, um shopping...

Se eu fosse um duende eu ia jogar um pozinho nas pessoas para que elas abrissem os olhos e não entrassem na mira da violência. O que eu queria de bom para esse mundo é que as crianças saiam das ruas e que vão ter uma vida alegre e também os adultos saiam das ruas e vão para suas casas ter uma vida normal como as outras pessoas.

Os depoimentos das crianças refletem o contexto social da escola municipal paulistana. Os valores aí traduzidos e a esperança por um futuro melhor merecem toda a nossa atenção. A utopia é traduzida nesse discurso simbólico, sinalizando para nós adultos uma grave denúncia à miséria social.

Uma constatação frequente no projeto de formação em serviço da SME/FEUSP foi à falta de profissionais para a área de Arte nas escolas municipais. Alguns dos professores presentes nos encontros mensais que se realizaram nas diversas delegacias de ensino da cidade eram substitutos, na falta do profissional qualificado para a área.

A falta de tempo de reunião, de encontro entre os professores na escola foi um indicador para a dificuldade de elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola. Com a intenção de desenvolver a autonomia de cada escola, o PPP tem por objetivo traçar as metas pedagógico didáticas de cada instituição de ensino.

Para as aulas de Arte o tempo é curto, o espaço exíguo, o material pobre. Falta integração com outras áreas. Foram ressaltadas as qualidades do professor que "mata um leão por dia" e tem compromisso e interesse em mudar a escola. Apesar de ainda haver hierarquização das disciplinas, sendo a Arte vista como menos importante, os professores demonstraram uma atitude positiva diante dos novos parâmetros para a área.

Vários experimentos com Arte nas escolas foram aplaudidos como a grafitagem, o rap, saídas da escola para visita a museus, teatros e outros, o tema do meio ambiente e a navegação na Internet. Os professores levantaram questões como a agressividade no cotidiano e na sala de aula. Um barril sempre prestes a explodir! Os alunos não têm perspectiva de vida e de emprego, sendo que no ambiente social proliferam a droga, a prostituição, o roubo e até o crime!

Através dos depoimentos dos professores pudemos constatar o empobrecimento do patrimônio cultural do jogo, determinado pelo modo de vida contemporâneo que relega a criança a atividades solitárias, perdido o espaço comunitário da rua. Foi buscada aí uma das causas para a violência e falta de socialização de crianças e jovens, que são resistentes no estabelecimento de regras e acordo de grupo.

Foram realizados durante os encontros jogos teatrais que tinham por objetivo a percepção sensório-corporal do espaço. A substância do espaço permite a criação de objetos imaginários. Surgiram objetos no espaço como argila, areia, cano, fios de linha, bola e outros que revelaram aos atuantes/professores o princípio mágico da transformação do objeto imaginário a partir da percepção física, corporal.

Através dos jogos teatrais foram trabalhados com os professores vários procedimentos de apropriação do texto poético como leitura simultânea caminhando no espaço; leitura de frases com diferentes intenções; direção da fala para o parceiro de jogo e outros, desconstruindo hábitos de leitura mecanizados no processo de educação escolar. Resultou dessa experimentação uma releitura corporal do texto onde a espontaneidade no enunciado da fala/texto foi o marco.

Na programação para a ida à Mostra Brasil 500 Anos que foi privilegiada no projeto SME/FEUSP (2000), os professores escolheram aquelas imagens que pudessem ser articuladas com objetivos didáticopedagógicos nas escolas. A escolha de imagens pelos professores visou relaciona-las com os Temas Transversais. Dessa forma, a área pode ser o carro-chefe de projetos na escola, através das ações estético-pedagógicas potencializadas pelas obras de arte! Através da leitura densa dos significados da obra e da historicização de seus significados, os Temas Transversais poderão ser agentes de transformação no contexto social do aluno.

Foi dado especial relevo ao fato de que ao organizar, inventar, propor, desenvolver atividades pedagógicas junto aos alunos, o professor de Arte precisa levar em consideração que há saberes visuais, sonoros, cênicos, corporais, verbais que as crianças/jovens já detêm e apreendem no relacionamento com suas famílias, seus grupos de amigos,

de religião, de trabalho, de vizinhança, de espectadores dos meios de comunicação. Esses conhecimentos constituem o contexto cultural dos alunos, que será relacionado com novos referenciais propostos no processo educacional com Arte.

Ponto de partida para os projetos desenvolvidos nas escolas foram os materiais didáticos disponíveis para os professores como o material educativo da XXIV Bienal de São Paulo; levantamento e seleção de imagens via internet e outros, trazidos pelos professores, tais como jornais e cadernos especiais publicados pela imprensa em geral. A Mostra Brasil 500 Anos teve grande repercussão na cidade.

Nasceram aí várias questões, entre as quais destaco: como trabalhar com o preconceito contra o índio e o negro em sala de aula? Muitos testemunhos sobre a presença do preconceito foram trazidos e debatidos pelos professores. Aprofundamos essa questão através da leitura das obras da Mostra Brasil 500 Anos, que faziam desabar atitudes automatizadas e preconceituosas, face à evidência da participação da arte na construção da identidade cultural brasileira. A dimensão continental do Brasil traz complexidades para a concretização de empreendimentos educacionais ousados como a democratização do acesso à arte para todas as crianças e jovens. Projetos educacionais de qualidade estão sendo realizados por todo o país. Lidando de uma forma flexível com os PCN – Arte, muitos educadores brasileiros vêm desenvolvendo trabalhos com qualidade, fazendo adaptações aos diferentes contextos existentes no país, em cada estado, em cada cidade.

Se a implantação da Educação Artística (currículo em vigor anterior aos PCN) implicou na improvisação de professores no início dos anos setenta, ainda hoje os sistemas de ensino enfrentam dificuldades quanto à contratação de especialistas. A carência de profissionais existe até mesmo nas escolas das capitais e nas cidades do interior da grande maioria dos estados.

No Brasil, os conhecimentos inerentes ao teatro geralmente são pesquisados e ministrados em unidades acadêmicas de Teatro. Contudo, essa formação é também e necessariamente interdisciplinar. O professor de Teatro deve ser formado em institutos de Teatro ou de Educação? As respostas a essas questões serão sempre novas em cada contexto de ensino e a experiência brasileira tem demonstrado que a parceria entre ambos os trouxe bons resultados.

Independente da estrutura a ser privilegiada em cada instituição de ensino superior, o currículo deve ser pensado na dimensão ampla atribuída pelas novas tendências na área pedagógica.

Quanto à discussão que envolve a situação institucional e política do ensino do teatro em nível universitário, os documentos da área de Teatro foram recentemente (03/042002) aprovadas pela Câmara de Educação Superior do MEC. Participei da Comissão de Especialistas do Ensino das Artes, SESU (1997-1988) na elaboração do documento Diretrizes Curriculares para o Ensino das Artes Cênicas – Teatro e Dança, que pode ser consultado on line: http://www.mec.gov.br.sesu.ftp-teatro.

Um estudo exaustivo sobre a situação do ensino do teatro em nível universitário, com levantamento da situação institucional nas diferentes regiões brasileiras foi empreendido no Programa de Pós-Graduação em Artes da ECA/USP, através da Tese de Doutorado de Arão Paranaguá de Santana, com o tema Teatro e Formação de Professores (SANTANA, 2000). Considerando a reflexão brasileira sobre as propostas pedagógicas dos cursos de formação de professores de Teatro, ressalta-se a necessidade de uma composição interdisciplinar envolvendo a formação geral, através de conhecimentos que ultrapassam os domínios da especialidade e uma formação específica, voltada para os conteúdos epistemológicos que dimensionam o saber teatro, a prática teatral e o saber ensinar essa disciplina. Esses conhecimentos devem estar articulados com todas as outras dimensões do ato educativo, desenvolvendo a competência cultural da criança e do jovem.

Do ponto de vista epistemológico, se num primeiro momento os fundamentos do teatro na educação foram construídos a partir de questões dirigidas ou formuladas pela psicologia e educação como áreas capazes de fornecer os indicadores de caminho, hoje o vínculo com a área de formação fornece conteúdos e metodologias norteadoras para a teoria e prática educacional.

Podemos dizer que a situação se inverteu, sendo que especialistas de várias áreas e em vários níveis de ensino (desde a educação infantil) buscam a contribuição única que as linguagens artísticas podem trazer para a educação. Ainda que possa ser considerada em grande parte utópica, diante da miséria da educação brasileira, o caminho afigura-se como talvez uma das últimas possibilidades de resgate do ser humano e de sua historicidade diante do processo social conturbado que atravessamos na contemporaneidade.

Fonte
Angela FLORIANO, A.

Referência
KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos Teatrais. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LABAN, R. DOMÍNIO DO MOVIMENTO. SÃO PAULO: SUMMUS, 1978.

Qual o estilo de dança na educação?

Laban dedicou sua vida ao estudo do movimento humano em seus significados e relações com o meio, resgatando os atos espontâneos pela dança e considerando a rotina de movimentos como restrição à expressividade do homem. Sua proposta de dança não considera apenas a graciosidade, beleza das linhas e leveza dos movimentos, mas a liberdade que possibilita ao homem se expor por seus movimentos e encontrar a autossuficiência no próprio corpo.

A educação deve integrar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem.

(...) um professor diante dos alunos sentados em suas carteiras pode, através da compreensão, fazer tanto para ajudar toda a classe e cada criança individualmente como o professor de dança ou de ginástica, cujo interesse pelo movimento é mais imediato. O docente que ensina matérias do tipo acadêmico deve apreciar os esforços expressados por meio do movimento, assim como o professor de dança que tem que se dar conta de que há um esforço mental implícito em toda atividade. (Laban, 1978)

Sem vivências corporais e reflexão sobre a dança, o educador não pode conceber o movimento dançante como algo tão importante quanto falar ou efetuar operações matemáticas.

Dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É fundamental para a criança que nasce dançando, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante (...). (Béjart apud Garaudy, 1980)

Para Laban, a criança tem o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança. Cabe à escola levá-la a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a expressão criativa. O aprendizado da dança deve integrar o conhecimento intelectual e criatividade do aluno, desenvolvendo os pilares da educação.

Laban (1879-1958) foi contemporâneo. Laban, filho de militar, viveu em ambientes luxuosos, viajou por vários países e estudou na Escola de Belas Artes de Paris.

Apresentou no início do século XX ideias avançadas demais para a época, até hoje não incorporadas na prática da educação brasileira, como a proposta de dança de Laban. Para Laban, a sala de aula é espaço constrangedor e incômodo, com mesa e cadeiras unidas, que restringem a inclinação natural do corpo. Considera o homem como um ser integrado: corpo-mente, salientando a necessidade de respeitar o ritmo interno de cada um. Os atos e atividades espontâneas são uma forma de exteriorizar idéias e sentimentos. A educação não deve partir só de explicações teóricas, mas também do tateamento experimental.

Laban tem consciência de que o meio interfere na vida e na formação do ser humano, questionando os avanços da tecnologia por gerarem a imobilidade, o sedentarismo, prejudicial ao desenvolvimento.

Fonte
SCARPATO, M. T.

Referência
LABAN, R. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.

MAGALDI, SÁBATO. INICIAÇÃO AO TEATRO. SÃO PAULO. ED. ÁTICA, 1985.

O livro Iniciação ao Teatro de Sábato Magaldi, especificamente o capítulo 11: "Qualificativos em voga" apresenta o conceito de teatro, trazendo a relação do mesmo como pertencente ao meio social e popular. O autor segue suas afirmações com a intenção de apresentar o teatro como algo presente na vida e no cotidiano do homem contemporâneo, fazendo-se presente também no futuro, com a intenção de mostrar que a arte cênica sempre estará viva.

Com o desenvolver de sua escrita, Magaldi traz características do teatro com o objetivo de mostrar para o leitor que a dramaturgia é uma arte que tem um papel de extrema necessidade para a vida do ser humano, sendo assim, o homem passa direta ou indiretamente a fazer parte, passa participando como ator, ou mesmo na posição de espectador. O autor traz várias expressões de teatros, a fim de demonstrar diversas definições na hora da representação dramática, destacando:

O boulevard: o teatro onde a comédia é apresentada de forma rápida, sem muitos cunhos intelectuais, com a intenção mesmo de divertir o público.

A vanguarda: "com suas situações e linguagens de clichês". (p, 101), apresentando a subjetividade e liberdade dos valores burgueses.

Teatro político: com uma ideologia marxista, buscando aparentar os interesses da classe dominante com o interesse coletivo, a fim de criar-se um objetivo revolucionário, com luta de classes, fazendo referência a Erwin Piscator, Teatro político: "o valor pessoal de um ator é um valor independente da função em si, um elemento estético próprio (p. 80)" (p. 103).

Teatro épico: sendo uma representação mais natural, diferente da tragédia, onde faz do espectador um observador crítico, despertando-o sua atividade, obrigando-o a decisões e opondo-se nela.

Teatro social: parte integrante da dramaturgia com garras da sociedade, trazendo como exemplo os clássicos da literatura, instigando que o teatro em si tem a função social, onde todo um povo vive o teatro como uma arte.

Teatro popular: a forma prática de exprimir uma arte social, rompendo as barreiras de classes, com a participação ativa de todos os povos, estudantes, funcionários, operários, telegrafistas, donas de casas, a fim de levarem a representação cênica para toda uma massa, com a presença do ator, texto e público.

Teatro pobre: uma única resposta condiz com a essencial ao teatro: "a presença física do ator diante do espectador. Há teatro sem cenários, sem figurinos, sem música, sem maquilagem e até mesmo sem texto. Só não há teatro sem ator e ao menos um espectador". (p. 108).

Criação coletiva: "Quando se organiza um elenco, é melhor que seus integrantes tenham formação em comum, sintam afinidades profundas em relação aos problemas de qualquer natureza e desejam exprimir visão própria da arte e da vida". (p. 109).

O happening: "Toda a arte é mágica, ou, então, na é arte". (p. 111).

Teatro do oprimido: surge com a ideia de que o espectador se transforma em protagonista, o objeto em sujeito, o morto em vivo, e assim por diante, criando uma representação de que o oprimido no caso seria as classes nos seus interiores.

No capítulo 12: "Destino do teatro", Sábato traz o teatro como uma arte e sua representação universal, ao mesmo tempo com uma profunda existência de significados, aonde os participantes "vêm sofrer" consequências de uma escassa para a sociedade capitalista. Isso porque o teatro em meio a todo um processo político e histórico sofre certo preconceito. Segundo Peter Brook: "o teatro não é mais uma arte; ou é uma arte inútil". (p.114). Nessa concepção, por mais que o teatro chegue a sofrer suas recaídas, desilusões financeiras, pressupõe que, quem vive do teatro o vive pela emoção, satisfação pela arte, na vida e no palco.

O cinema e a televisão são apresentados no livro na perspectiva de mostrar que o teatro "foi" substituído por espetáculos de nosso tempo, nas telas do cinema e da televisão, repercutindo com apresentações em vasto poder de divulgação, intelectualidade e modernização. Enquanto isso, o teatro de palco continua existindo como um conceito artesanal, e ambos (cinema e TV), são frutos de uma industrialização, onde o meio é o produto e as massas os produtores. "Cada espetáculo teatral é único, não se repetindo nunca o desempenho dos intérpretes e a emoção do público. Um simples espectador inquieto altera o clima da sala, e a atuação naquela noite se ressente com a presença estranha". (p.116).

O palco é relatado como o local onde o ator vive sua comunicação direta com o público, com grande papel social: "Como o ator está no palco e a palavra é dom admirável do homem, a literatura pertence intrinsecamente à arte dramática. A cultura reclama a existência do teatro. E, queiram ou não os donos do poder, como as conquistas culturais atingirão paulatinamente as massas, a arte dramática não deixará de prosperar. Um mundo entregue aos lazeres culturais caminha para tonar-se amante do palco." (p. 118).

Assim, é visto em todo o percurso do desenvolvimento da história do teatro e nas afirmativas do autor, que a luta incessante de viver da arte, especificamente do teatro de palco, sempre foi, o é e ainda será "uma tarefa árdua", no sentido de que muitos dos artistas desanimam, com exemplos de grandes talentos que levados pelo cansaço, acabam trilhando para outras atividades, na intenção da rentabilidade financeira. Ainda assim, existem homens e mulheres (artistas), que continuam fiéis, vivendo do teatro, da satisfação em fazer de sua vida, uma arte, permanecendo focados, mesmo que as circunstâncias exteriores (o lado financeiro) não sejam favoráveis, ou talvez sim, mas com a certeza de que vale a pena viver em favor de um mundo melhor, do palco, do público, do teatro e duas artes.

Portanto, a presente obra é indicada a todos os estudantes do curso de Letras, Comunicação, Artes Cênicas e demais cursos da área das ciências humanas, como também a alunos, professores, pesquisadores, quem têm na leitura a satisfação em beber de significações, que valorizam a arte no geral, como também entre todos que têm pelo teatro a paixão, o prazer e amor que se deve ter pela vida.

Fonte
DANTAS, L. P.
http://ludembergdantas.blogspot.com/2012/08/resenha-magaldi-sabato-iniciacao-ao.html

Referência
MAGALDI, Sábato. Iniciação ao teatro. São Paulo. Ed. Ática, 1985.

MARQUES, Isabel. Linguagem da Dança: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010

Nos últimos anos vem sendo crescente as publicações de livros sobre o ensino de dança no Brasil, caracterizando um momento de maior interesse a respeito da linguagem da dança.

A importância em torno de bibliografias sobre dança tem crescido no Brasil principalmente após o reconhecimento, em 1997, da dança como conteúdo estruturante das áreas de Artes e Educação Física pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997). No entanto, ainda são poucos os intelectuais e artistas que publicam nessa área. Dentro desta minoria destaca-se a estudiosa Isabel Marques, autora do livro Linguagem da dança: arte e ensino, publicado em 2010 pela editora Digitexto.

Neste livro Isabel Marques sistematiza os seus últimos 15 anos de atividade docente, artística e de pesquisa. A autora é reconhecida como artista, pesquisadora e docente em dança. Seu trabalho na pesquisa metodológica na área do ensino de dança é pioneiro no Brasil, assim como é pioneira no Brasil a sistematização de uma pesquisa desenvolvida ao longo de quatorze anos. Com cinco capítulos e um total de 239 páginas, o livro coroa um trabalho desenvolvido desde 1996, em uma pesquisa sistemática sobre um tema relevante para profissionais do ensino de dança e dançarinos de uma maneira geral.

Linguagem da dança: arte e ensino esclarece de forma precisa a proposta metodológica da Dança no Contexto, traz entendimentos sobre o Sistema Laban de Movimento, propõe reflexões sobre a linguagem da dança e aborda conceitos, discussões e práticas acerca do ensino de dança. O principal teórico utilizado na obra é Rudolf Laban (Hungria 1879, Inglaterra 1958), artista plástico, coreógrafo e um dos maiores teóricos da dança. A obra é dividida em três partes. A primeira e a segunda parte do livro são dedicadas a discussões críticas sobre o trabalho de Laban. A terceira parte do livro aborda sobre a elaboração e a construção da proposta metodológica da Dança no Contexto.

A autora utiliza como diretriz analítica os estudos Co-

reológicos propostos por Rudolf Laban. A Coreologia foi desenvolvida por Laban na primeira metade do século XX. É o estudo sistemático e metodológico da dança e compreende diversos campos que se relacionam: o sistema de notação que permite a escrita da dança e o registro do movimento (Labanotation), a interação do corpo com o espaço e o potencial criativo advindo desta interação (Corêutica) e os fatores dinâmicos do movimento corporal e seu potencial funcional e expressivo (Eucinética). Segundo Valerie Preston-Dunlop, discípula e propagadora dos estudos de Laban, a Coreologia é "a ciência da dança, ou a lógica da dança; o estudo das regras escondidas no movimento que o fazem expressivo e funcional, e não arbitrário ou sem sentido"1.

De uma maneira dinâmica e atual, a autora utiliza os elementos estruturais da linguagem da dança, propostos por Rudolf Laban, na construção de programas para que a proposta metodológica da Dança no Contexto se realize. Ou seja, a partir dos princípios e estudos desenvolvidos por Laban Isabel Marques propõe construir, expandir e ramificar os encadeamentos e princípios metodológicos rascunhados por Laban lançando pontes para as vivencias contemporâneas (MARQUES, 1999). Assim, a autora amplia os processos de educação em dança, desenvolvidos por Laban, na sua proposta da Dança no Contexto.

A síntese da proposta metodológica da Dança no Contexto são as redes de relações entre a arte, o ensino e a sociedade. Suas ações inter-relacionam a formação e a leitura do tripé arte-ensino-sociedade e os entrelaçamentos entre as faces da quadra articuladora: problematização-articulação-crítica-transformação. Segundo a autora é o trânsito entre as redes formadas pelos tripés das relações que possibilita leituras de dança/mundo na construção de sentidos transformadores. Isabel Marques se baseia na Proposta Triangular para o ensino de artes (apreciar, fazer e contextualizar), da professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, na elaboração destas relações. Essa proposta tem em sua natureza epistemológica a leitura da obra de arte, o fazer artístico e a contextualização.

Ao sugerir que o ensino de dança/arte proponha articulações múltiplas entre as redes de relações formadas pelo tripé arte-ensino-sociedade, a autora entende a necessidade de propormos aulas de dança que busquem uma relação mais próxima entre os saberes específicos da própria dança – relações entre seus subtextos, textos e contextos (Marques, 1999).

Por isso, Isabel Marques escolheu trabalhar a dança como linguagem, mais especificamente como linguagem artística, pois a dança como linguagem implica diálogo com o mundo.

A leitura de Linguagem da dança: arte e ensino sugere que o ensino de dança tenha uma relação mais próxima e mais direta entre os saberes específicos da dança e as vivências pessoais de corpo-tempo-espaço daqueles que participam dos processos de ensino e aprendizagem dessa arte. Importa destacar que a proposta metodológica da autora e seus comentários analíticos fornecem elementos importantes para se refletir sobre o ensino de dança. Além disso, a diretriz analítica das observações desenvolvidas pela autora instiga a curiosidade do leitor para a busca de informações mais aprofundadas.

Nesse sentido, evidencio a importância da obra Linguagem da dança: arte e ensino por sua contribuição para uma reflexão sobre as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade, e por abordar temas fundamentais para que o ensino de dança se processe com qualidade, compromisso e responsabilidade.

Fonte
CASTRO, C. K.
www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/download/5021/4686

Referência
MARQUES, Isabel. Linguagem da Dança: arte e ensino

PROENÇA, GRAÇA. HISTÓRIA DA ARTE. SÃO PAULO: EDITORA ÁTICA, 1994.

A ARTE DA PRÉ-HISTÓRIA NOS PERÍODOS PALEOLÍTICO E NEOLÍTICO

A arte desenvolvida no paleolítico e no neolítico utilizou-se de técnicas que só foram utilizadas milhares de anos depois, mais especificamente na época da Renascença.

Pintura Rupestre encontrada na Caverna de Chauvet, França

A Pré-história é um momento longo da História. Graça Proença em seu livro História da Arte divide a arte pré-histórica em duas: A arte do Paleolítico Superior e a Arte do Neolítico. Observaremos que o homem do paleolítico superior trabalhava a sua arte de uma forma simplista e natural, por isso a principal característica desse momento é o naturalismo. O artista reproduzia exatamente aquilo que visualizava. Ele sabia utilizar as cores e dar um estilo próprio em suas produções artísticas. Por isso não podemos e nem devemos compará-las a desenhos feitos por uma criança.

A arte rupestre é o nome que se dá a essas representações pictóricas. Essas pinturas eram feitas, em sua maioria, em rochedos e parede das cavernas. As produções eram

representadas por figuras de animais, pessoas, misto de pessoas e animais, vegetais, figuras geométricas e símbolos solares. Representações numéricas semelhantes com os dias da semana e outras aparentando as estações do ano também foram encontradas.

Para os arqueólogos, muitas vezes a interpretação dessas figuras era complexa. A explicação mais lógica para elas era que essa arte foi produzida por caçadores e fazia parte de um ritual que os ajudaria na caçada, com isso o homem do paleolítico acreditava no sucesso da caçada e que mataria um animal verdadeiro desde que possuísse sua imagem pintada; para o artista, a figura de um animal não era apenas uma figura, mas o próprio animal.

Nessa época o homem era, na sua essência, caçador e coletor. Tais atividades tornavam o homem nômade, uma vez que ele era obrigado a percorrer longas distâncias para prover seus alimentos. Ao analisarmos essa situação percebemos que o homem do paleolítico não controlava e nem transformava a natureza em favor da sua subsistência. Na verdade, ele era parte integrante dela.

Pinturas rupestres foram encontradas em variadas partes do mundo, como nas Cavernas de Chauvet (França 1994), Lascaux (França 1994), Altamira (Espanha 1868), essa última, foi a primeira produção descoberta, porém a veracidade das pinturas só foi reconhecida em 1902. Na Gruta de Rodésia, no Continente Africano, existem produções datadas com mais de quarenta mil anos. Muitos trabalhos encontrados nas Cavernas de Chauvet são muito desenvolvidos em relação a outros da mesma época. Os homens pré-históricos utilizaram técnicas de sombreamento e perspectiva que só foram utilizadas milhares de anos depois, mais especificamente na época da Renascença.

Uma das pinturas rupestres encontradas na Caverna de Lascaux, França

Os artistas desse período também realizavam trabalho em esculturas, é possível notar a ausência da figura masculina, tanto nas pinturas quanto nas esculturas. Acredita-se que presença da representação feminina se dá em razão da crença de que as pequenas estatuetas femininas seriam amuletos relacionados com o culto à fertilidade, fator decisivo para a sobrevivência do grupo. Nesse trabalho destaca-se: a Vênus de Willendorf.

Escultura Rupestre intitulada Vênus de Willendorf

O último período da Pré-História, o Neolítico foi caracterizado pelas técnicas de construção de armas e instrumentos com pedras polidas mediante atrito, mas além desse aperfeiçoamento técnico, o acontecimento mais importante desse período foi o hábito de plantar, colher para a própria subsistência e a domesticação animal. Através disso as práticas nômades foram substituídas por um modo de vida mais estável.

Assim, o homem criou a técnica de tecer panos, fabricar cerâmica, criar esculturas e construir as primeiras moradias. Conseguiu ainda o domínio do fogo. A maneira de desenhar e pintar, bem como seus temas, sofreu transformações. Além de pintar animais, o artista desse período passou a representar as pessoas em suas atividades cotidianas, nas produções artísticas. O artista do Neolítico revelou preocupação com a beleza e não apenas com a utilidade do objeto

Nesse contexto ocorre um desafio na técnica artística, dar a ideia de movimento através da imagem fixa, então eles começaram a criar figuras com traços pequenos que aparentam leveza e agilidade. A escritora Graça Proença acredita que desses desenhos surge, portanto, a primeira forma de escrita, a escrita pictórica, que consiste em representar seres e ideias pelas figuras.

Leveza, movimento e traços nas pinturas do Período Neolítico

Grande Touro vermelho Rodeado de Caçadores.Catal Huyuk, Anatólia. Neolítico

Escultura Neolítica; Escultura Neolítica em Bronze, Museu Pigorini, Roma

Todas essas transformações tiveram grande reflexo na arte, agora o homem neolítico passou a ter os sentidos apurados não mais para a caça e sim para a abstração, a subjetividade e a racionalização. No neolítico os homens começaram a enterrar os mortos e esse ato demonstrou sentimentos mais direcionados para com os seus. O conhecimento desse tempo é o resultado de anos de pesquisa da antropologia, da história e da arqueologia, que reconstruíram a cultura desses homens. A importância da arte na pré-história não se deve apenas à possibilidade de interpretação das produções artísticas descobertas, mas muito ao esclarecimento da realidade de uma época, e não podemos esquecer o que dizia a Historiadora, o homem é o fruto do seu tempo.

Fonte
Lilian AGUIAR, L

Referência
PROENÇA, Graça. História da Arte. São Paulo: Editora Ática, 1994.

REVERBEL, OLGA. JOGOS TEATRAIS NA ESCOLA. SÃO PAULO: SCIPIONE, 1996.

Olga Reverbel (1997) é pedagoga, diretora, atriz e teatróloga, autora de dezoito livros, além de quatro em andamento, que tratam o teatro na educação. Foi professora do curso de pós-graduação em Teatro na Educação da Sorbonne, em Paris, e hoje ainda dirige uma escola de artes dramáticas, a Oficina de Teatro, por ela fundada, em Porto Alegre.

Na obra Teatrais na Escola pode-se encontrar o fruto de décadas de pesquisas e vivências que culminaram num conjunto de referências para educadores que trabalham nos ensinos fundamental e médio, arte-educadores e professores de teatro. Olga Reverbel (1996) constroi uma Pedagogia da Expressão acompanhada de guias metodológicos constituídos para a orientação da prática de profissionais da arte dramática e da educação. Essa pedagogia pretende estimular no aluno a capacidade de expressar suas idéias, pensamentos, anseios e desejos.

Em sua obra, pretende atribuir ao teatro um papel na formação da personalidade e cultura das crianças e dos adolescentes. Apresenta uma série de observações, técnicas, atividades de expressão e dramaturgia direcionadas à pré-escola e aos demais segmentos da educação de jovens. Os objetivos não visam, necessariamente, à formação de artistas, mas da personalidade da criança e do adolescente, considerando sua atuação no meio social.

Reverbel (1996) propõe atividades para desenvolver a autoexpressão do aluno, isto é, oferecer-lhe oportunidades para atuar efetivamente no mundo: opinar, criticar e sugerir, através de atividades passíveis de ser utilizadas em sala de aula, tendo em vista explorar as capacidades de relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção. E assim, ao desenvolver suas capacidades de expressão, a criança sentir-se-á preparada para todo tipo de aprendizagem. Para introduzir a proposição de atividades globais de expressão, a autora descreve o percurso do desenvolvimento da expressão na criança. Inicia pelos primeiros meses de vida, destacando o surgimento das formas iniciais de comunicação com o mundo, as quais, aos poucos vão sendo relacionadas aos objetos, transformando-se de expressões gratuitas a expressões voluntárias.

Imitando, criando ou recriando, a criança descobre seus dois mundos, o interior e o exterior, e do encontro destes nasce a expressão.

Posteriormente, inicia-se a construção da linguagem, e seu desenvolvimento culmina no estágio da palavra, que proporciona a realização efetiva de trocas entre o mundo interno da criança e o exterior em favor do desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo – a aprendizagem. A autora então afirma, em Um Caminho do Teatro na Escola que o jogo é o meio natural da aprendizagem para a criança e acrescenta:

Através do jogo, a criança dinamiza as capacidades que decorrem de sua estrutura particular e realiza os potenciais virtuais que afloram sucessivamente à superfície de seu ser. Ela os assimila e os desenvolve, une-os e complica-os, em suma, coordena seu ser e lhe dá vigor. (REVERBEL, 1996).

Jogar, para a criança, é brincar livremente. O jogo pode ser musical, plástico, ou dramático, às vezes é orientado e, outras vezes, espontâneo; e desse último originam-se os denominados jogos educativos. Os que envolvem a imitação e a criação encontram-se no início do desenvolvimento da expressão na criança e mostram-se presentes em todo ensino da arte. Diante disso, a autora destaca a atividade teatral como elemento fundamental para que a criança possa aprender sobre si própria, sobre o outro e o mundo que a rodeia, além de favorecer a aprendizagem da arte e das demais disciplinas que compõem os currículos escolares.

Afirma que o jogo dramático implica, primeiramente, o prazer e deve ser interrompido sempre que o prazer do jogo cessar. Entretanto, nele a criança é menos livre que no jogo espontâneo, pois o papel escolhido pelo participante deve ser mantido, seja durante uma sequência ou durante todo o jogo. Portanto, jogo dramático, como todo jogo, possui regras regidas perante os códigos do teatro, pois implica a obrigação de jogar (apresentar) para os outros.

A partir dessa introdução, Olga Reverbel (1996) propõe a prática de atividades globais de expressão a ser utilizadas coletivamente por crianças e adolescentes, em sala de aula e orientadas pelo professor. Essas atividades pretendem uma ação dramática, a partir de jogos, conjugada com elementos da música, da dança, das artes plásticas, da mímica, da literatura, da história, da geografia, assim como temas religiosos, políticos e sociais. Visam fornecer certa carga de informações, a estimular as habilidades artísticas, bem como o espírito crítico para que o jovem possa avaliar e selecionar os elementos assimilados no processo educativo.

Essas atividades se diferenciam do psicodrama, uma vez que os jogos são propostos pressupondo um destinatário, ou seja, o jogador deve ser visto e ouvido por todos.

E se diferenciam da prática do teatro escolar pelo fato de que esta parte de formas já fixadas, o texto, que traduz uma ação dramática e esgota-se ao revelar-se.

Em seguida, a autora descreve as etapas que compõem as atividades e seleciona uma série de exercícios e sugestões construídos, ao longo de suas práticas e vivências, mediante a contribuição de educadores, das crianças e jovens, e de adaptações e construções próprias. São agrupados em categorias, objetivos e nível de escolarização, direcionados a crianças entre 5 e 11 anos, e a adolescentes entre 12 e 16 anos. A autora sugere, ainda, temas a serem trabalhados de acordo com a faixa etária. As atividades devem ser compostas por quatro etapas: estímulo, sensibilização, objetivo e roteiro, as quais serão descritas a seguir.

A etapa do estímulo compreende um momento em que se pretende despertar o entusiasmo do aluno diante do trabalho através de jornais e revistas, visita a exposições, audição de concertos, participação em festas populares e campanhas comunitárias, acompanhamento de debates em assembleias de diferentes classes sociais. A sensibilização compreende a promoção de debates em torno do tema eleito para ser trabalhado, a criação de cenas de reprodução e a imitação dos aspectos observados pelos jovens, e ainda a interpretação de situações e de personagens, visando a explicar o "porquê" e o "como" dos acontecimentos envolvidos no tema. A etapa objetivo consiste na proposição, definição ou construção, por parte dos alunos e/ou do professor, do que se deseja alcançar com a atividade. E finalmente o roteiro, que consiste num esquema a ser elaborado pelos alunos, no qual deverá constar o desenvolvimento da atividade global, contendo os elementos de expressão e comunicação: personagem, ação, espaço cênico, local, tempo e duração.

A autora defende, também, ainda que o ensino da arte se define pelo binômio espontaneidade/técnica, e quanto mais desenvolvida a aprendizagem das técnicas, maior será sua espontaneidade. Portanto, para se realizarem as atividades globais de expressão, torna-se necessária a aprendizagem de técnicas de expressão por meio de atividades propostas aos alunos. O professor deve iniciar com um momento dedicado a brincar espontaneamente. No segundo momento e durante um longo período, que deve durar de dois a seis meses, inicia-se o trabalho com a expressão, através de atividades que exercitem as técnicas corporais, vocais, musicais, coreográficas, técnicas de mímica e, finalmente, técnicas dramáticas praticadas por meio dos jogos dramáticos de improvisação.

Esses jogos são sugeridos pela autora em função de esta considerar a prática da improvisação um excelente estímulo para o desenvolvimento da espontaneidade da criança e do adolescente. Esta é uma prática oriunda da commedia dell'arte, na Itália, na segunda metade do século XVI; os artistas representavam em lugares públicos, sem a presença do texto teatral, e apenas se orientavam por um canevas - um roteiro contendo a sequência das cenas.

Olga Reverbel (1996) considera dois tipos de improvisação: a espontânea e a planejada. Na primeira, os alunos são orientados apenas por um ponto de partida; na segunda, após a proposta de um tema, os alunos elaboram um roteiro sintético a ser seguido ao longo da atividade cênica. Segundo ela, na atividade em que a improvisação se apresenta como base a criança cria sua própria forma, movimento ou palavra, alcançando uma condição que lhe possibilite julgar e apreciar, em função da natureza e da linguagem próprias da arte que origina essa modalidade de jogo: o jogo teatral. Os jogos de improvisação, portanto, não visam a uma reprodução da realidade, mas possibilitam uma análise desta a partir de um discurso mantido por meio de uma linguagem artística original que se afasta do naturalismo. A autora, então, propõe um conjunto de atividades através dos jogos dramáticos de improvisação, ou jogos teatrais, agrupados em cinco categorias: de relacionamento grupal, de espontaneidade, de imaginação, de observação e de percepção.

Em suma, a autora constrói uma obra direcionada à escola, constituída de uma material claro e objetivo, contendo atividades e técnicas que auxiliam o educador a fazer uso do teatro na educação, em prol de objetivos pedagógicos que promovam a capacidade expressiva dos sujeitos e, desse modo, ampliam a possibilidade de leitura do mundo, de visão crítica dos acontecimentos, de uma postura social sensível, solidária, ética.

Fonte

Libéria Rodrigues NEVES, L. R. O uso dos jogos teatrais na educação: uma prática pedagógica

& uma prática subjetiva, 2006.

Referência

REVERBEL, Olga. Jogos teatrais na escola. São Paulo: Scipione, 1996.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO: ARTE. IN: ____. CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO: LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS. 2. ED. SÃO PAULO: SE, 2012. P. 27- 29, 187-222.

A CONCEPÇÃO DO ENSINO NA ÁREA DE LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

A área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, no Ensino Fundamental (Ciclo II) e no Médio, constitui-se de um conjunto de disciplinas: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna (LEM), Educação Física e Arte.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (2006), a linguagem é a capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido.

Mais do que objetos de conhecimento, as linguagens são meios para o conhecimento. O homem conhece o mundo por meio de suas linguagens e de seus símbolos. À medida que ele se torna mais competente nas diferentes linguagens, torna-se mais capaz de conhecer a si mesmo, a sua cultura e o mundo em que vive.

Com base nessa perspectiva, na escola, os estudos na área desenvolvem o conhecimento linguístico, musical, corporal, gestual, das imagens, do espaço e das formas. Assim, propõe-se uma mudança na maneira como as disciplinas devem ser ensinadas, ou seja, o desenvolvimento do conhecimento do aluno sobre as linguagens por meio do estudo dos conteúdos, historicamente construídos, associados a atividades que lhe possibilitem a interação com a sociedade e também o aumento do seu poder como cidadão, implicando mais acesso às informações e melhor possibilidade de interpretação dessas informações nos contextos sociais em que são apresentadas.

Com tal mudança, a experiência escolar transforma-se em uma vivência que permite ao aluno compreender e usar as diferentes linguagens como meios de organização da realidade, nela constituindo significados, em um processo centrado nas dimensões comunicativas da expressão, informação e argumentação. Esse processo exige que o aluno analise, interprete e utilize os recursos expressivos da linguagem, relacionando textos com seus contextos, confrontando opiniões e pontos de vista e respeitando as diferentes manifestações da linguagem utilizada por diversos grupos sociais, em suas esferas de socialização.

Utilizar-se da linguagem é saber colocar-se como agente do processo de produção/ recepção. É também entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associando-os aos conhecimentos científicos e às outras linguagens que lhes dão suporte.

O ser humano é um ser de linguagens, as quais são tanto meios de produção da cultura humana quanto sua parte fundante. Por cultura entendemos a urdidura de muitos fios que se interligam constantemente e que respondem às diferentes formas com que nos relacionamos com as coisas do mundo, com os outros seres humanos e com os objetos e as práticas materiais da vida. Cultura é, assim, uma trama tecida por um longo processo acumulativo que reflete conhecimentos originados da relação dos indivíduos com as diferentes coisas do mundo.

Somos herdeiros de um longo processo acumulativo que constantemente se amplia e se renova, sem anular a sua história, refletindo, dessa forma, o conhecimento e a experiência adquiridos pelas gerações anteriores. É a manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural que possibilita as inovações e as invenções humanas e o contínuo caminhar da sociedade.

No ensino das diversas linguagens artísticas, é fundamental desenvolver o estudo dos eixos poético (da produção), estético (da recepção) e crítico (acadêmico e histórico).

A Literatura e a Arte são manifestações culturais. O estudo da Literatura não pode ser reduzido à mera exposição de listas de escolas literárias, autores e suas características. Por contiguidade o estudo da Arte não pode equivaler apenas ao conhecimento histórico e à mera aquisição de repertório, e muito menos a um fazer por fazer, espontaneísta, desvinculado da reflexão e do tratamento da informação.

No ensino de Educação Física é fundamental compreender o sujeito mergulhado em diferentes realidades culturais nas quais não se dissociam corpo, movimento e intencionalidade. Seu estudo não se reduz mais ao condicionamento físico e ao esporte, quando praticados de maneira inconsciente ou mecânica. O aluno deve não só vivenciar, experimentar, valorizar e apreciar os benefícios advindos da cultura de movimento e deles desfrutar, mas também perceber e compreender os sentidos e significados das suas diversas manifestações na sociedade contemporânea.

Em relação à Língua Estrangeira Moderna (LEM), importa construir um conhecimento sistêmico sobre a organização textual e sobre como e quando utilizar a língua em situações de comunicação. A consciência linguística e a consciência crítica dos usos que se fazem da língua estrangeira devem possibilitar o acesso a bens culturais da humanidade. Os estudos de Língua Portuguesa e de Língua Estrangeira Moderna constituem-se em excelentes meios para a sensibilização dos alunos para os mecanismos de poder associados a uma língua.

No ensino das disciplinas da área, deve-se levar em conta que os alunos se apropriam mais facilmente do conhecimento quando contextualizado, ou seja, quando faz sentido dentro de um encadeamento de infor mações, conceitos e atividades. Dados, informaç ões, ideias e teorias não podem ser apresentados de maneira estanque, separados de suas condições de produção, do tipo de sociedade em que são gerados e recebidos, de sua relação com outros conhecimentos.

Do nosso ponto de vista, a contextualização na área pode se dar em três níveis:

• A contextualização sincrônica, que ocorre num mesmo tempo, analisa o objeto em relação à época e à sociedade que o gerou. Quais foram as condições e as razões de sua produção? De que maneira ele foi recebido em sua época? Como se deu o acesso a esse objeto? Quais as condições sociais, econômicas e culturais de sua produção e recepção? Como um mesmo objeto foi apropriado por grupos sociais diferentes?

• A contextualização diacrônica, que ocorre através do tempo, considera o objeto cultural no eixo do tempo. De que maneira aquela obra, aquela ideia, aquela teoria se inscrevem na história da Cultura, da Arte e das ideias? Como certa obra, por exemplo, foi apropriada por outros autores em períodos posteriores? De que maneira ela se apropriou de objetos culturais de épocas anteriores a ela própria?

• A contextualização interativa, que permite relacionar o objeto cultural com o universo específico do aluno. Como ele é visto hoje? Que tipo de interesse ele ainda desperta? Quais as características desse objeto que fazem com que ele ainda seja estudado, apreciado ou valorizado?

A questão da contextualização remete-nos à reflexão a respeito da intertextualidade e da interdisciplinaridade. De que maneira cada objeto cultural se relaciona com outros objetos culturais? Como uma mesma ideia, um mesmo sentimento, uma mesma informação são tratados pelas diferentes linguagens?

Aqui nos interessam, por exemplo, as novas tecnologias de informação, o hipertexto, os CD-ROMs, as páginas da web e as outras expressões artísticas como a pintura, a escultura, a fotografia etc.

A construção do conhecimento humano, o desenvolvimento das artes, da ciência, da filosofia e da religião foram possíveis graças à linguagem que permeia a construção de todas as atividades do homem. Não apenas a representação do mundo, da realidade física e social, mas também a formação da consciência individual, a regulação dos pensamentos e da ação, próprios ou alheios, ocorrem na e pela linguagem.

CURRÍCULO DE ARTE
ENSINO FUNDAMENTAL (CICLO II) E ENSINO MÉDIO

Este texto apresenta uma proposta de pensamento curricular para a disciplina Arte, estruturado numa cartografia que traz um mapeamento de territórios da Arte, propondo, a partir deles e em conexão entre eles, conceitos e conteúdos geradores de processos educativos da 5a série/6o ano do Ensino Fundamental à 2a série do Ensino Médio.

O ensino de Arte: breve histórico

Houve um tempo em que na escola se estudava desenho geométrico, artes plásticas e música. Em uma ou outra escola também se aprendia teatro. E, em quase todas, trabalhos manuais.

Houve um tempo de ditadura, e de mudanças radicais: Lei no 5692/71. Educação artística como atividade, professores das antigas disciplinas voltando às faculdades para complementar seus cursos na formação em "licenciatura curta":

Artes plásticas, música, teatro em dois anos.

A Proposta Curricular da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp) para o então chamado 1o grau marca os tempos dos anos 1990: a capa da proposta, vermelha. A busca era pela inter-relação dos conteúdos: estímulos geradores, como elementos desencadeadores de processos expressivos, capturando interesses dos alunos, centrando-se numa só linguagem ou estimulando a passagem de uma para outra.

Segundo a Proposta Curricular, esperava-se que o aluno passasse por experiências que lhe permitisse "compreender os fundamentos de pelo menos uma das áreas de expressão, as possibilidades de articulação de seus elementos, a utilização dos recursos expressivos e a sua dimensão estética". [SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular para o ensino de Educação Artística: 1o grau. São Paulo: SE/CENP, 1992. p. 81].

Para o 2o grau, a Proposta Curricular da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp) tornava-se mais complexa. Um esquema evidenciava a multiplicidade e a interdependência entre as dimensões da Arte. Impossível separá-las. Expressão, construção e representação de mundo ligam-se mutuamente em um conjunto em que estão presentes autor/artista, fruidor e a intermediação entre eles pelos meios de veiculação da Arte, todos inseridos no mundo físico-sociocultural-político-histórico.

O esquema também traz em si a ideia de movimento, de desenvolvimento crescente.

O QUE ESTÁ EM FOCO É O CONHECIMENTO ARTE.

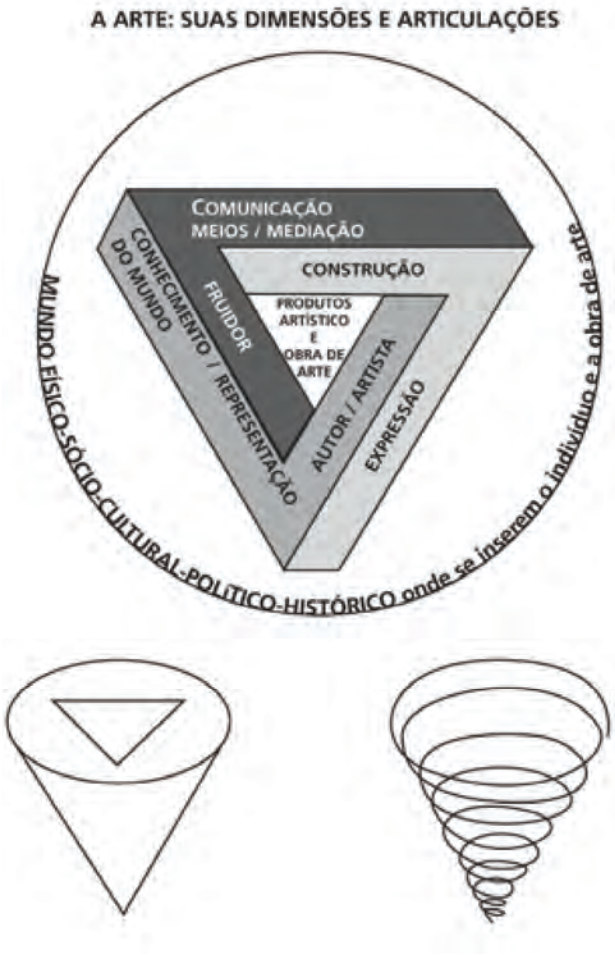

[SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular para o ensino de Educação Artística: 2o grau. São Paulo: SE/CENP, 1992. p. 31].

Houve um tempo de muita articulação política para que se chegasse à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) no 9394/96. A Arte deixa de ser uma atividade e passa a ser um componente curricular. Conexões entre suas linguagens podem ser feitas de modo mais aberto. Os Parâmetros Curriculares Nacionais não impõem nenhuma solução, mas se pode perceber que há uma expectativa no processo de educação em cada modalidade artística.

"Os conteúdos aqui relacionados estão descritos separadamente para garantir presença e profundidade das formas artísticas nos projetos educacionais. No entanto, os professores poderão reconhecer as possibilidades de interseção entre elas para o seu trabalho em sala de aula, assim como com as demais áreas do currículo. Cabe à equipe de educadores responsável pelo projeto curricular da escola trabalhar com os professores de artes visuais, dança, música ou teatro para fazer um diagnós tico do grau de conhecimento de seus alunos e procurar saber o que já foi aprendido, a fim de dar continuidade ao processo de educação em cada modalidade artística. A critério das escolas e respectivos professores, sugere-se que os projetos curriculares se preocupem em variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas artes visuais, dança, música ou teatro." (BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 62-63).

O que será "variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade"? Como lidar com a questão da formação específica nas várias linguagens em escolas com contextos tão diversos?

Essas questões continuam no Ensino Médio. Inseridas na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, aparecem, além de música, artes visuais, dança e teatro, as artes audiovisuais. Entre as competências gerais em Arte no Ensino Médio, espera-se que os alunos aprendam, "de modo sensível-cognitivo, [a] realizar produções artísticas e compreendê-las; apreciar produtos de arte e compreendê-los; analisar manifestações artísticas, conhecendo-as e compreendendo-as em sua diversidade histórico-cultural".

Historicamente, a Cenp tem realizado inúmeros projetos e publicações priorizando a qualidade do ensino de Arte. Parcerias com instituições culturais têm possibilitado a ampliação do repertório dos professores, também com materiais educativos repletos de imagens.

Essas narrativas sobre a arte na escola podem ser ainda complementadas pela reflexão sobre as tendências pedagógicas: a tradicional, a nova, a tecnicista etc., como referência histórica para a elaboração de um currículo que contemple conceitos e conteúdos bimestrais a partir da 5a série/6o ano do Ensino Fundamental até a 2a série do Ensino Médio.

De todos esses documentos permanecem de modo geral os objetivos e conteúdos. A diferença da tarefa, entretanto, é compor de maneira inventiva conteúdos/conceitos para a criação de aulas no tempo possível dos bimestres, tendo conhecimento da realidade da sala de aula.

Quando o intuito é mover a aproximação, a convivência e a investigação da Arte na escola como um saber, um conhecimento, é na realização do projeto que a arte e a cultura se colam para ser matérias centrais na sala de aula pelas mãos dos professores. Para isso, é preciso puxar o fio da invenção por caminhos inusitados. É esse o convite da Arte.

Fundamentos para o ensino de Arte

Arte. Essa linguagem de potência inquestionável que ousa e se aventura a falar de acontecimentos e percepções da vida pela voz de fazedores de práticas artísticas, sejam ou não artistas.

"Fazer arte é materializar sua experiência e percepção do mundo, transformando o fluxo de movimentos em algo visual, textual ou musical. A arte cria uma espécie de comentário."

Há nesse modo de comentar o mundo e as coisas da vida uma elaboração, uma construção que é somente configurada pela ação de um gesto criador. Pode nascer de um convite, de uma proposta, de um projeto, quer esse seja uma provocação de outro ou encontre seu embrião nas perguntas que o próprio fazedor de práticas artísticas se faz, lançando-as de volta ao mundo.

Quaisquer que sejam os modos, há a imersão num processo de criação específico que é exigido pela operação poética e que envolve um percurso de contínua experimentação e de pesquisa como procura da materialidade e de procedimentos que ofereçam a forma-conteúdo à obra de arte.

Se a obra de arte constitui uma complexa composição-construção de forma e matéria, essa matéria tanto pode ser o mármore como o som ou o corpo do ator ou bailarino. Isso faz com que cada arte tenha sua própria linguagem e seus modos e meios próprios de se fazer como linguagem, para ir chegando cada vez mais perto da natureza específica do que nomeamos de artes visuais, audiovisuais, teatro, música e dança.

Nesse sentido, seguindo o pensamento do professor e curador Agnaldo Farias, "cada obra de arte é um arquipélago porque cada boa obra engendra uma ilha, com topografia, atmosfera e vegetação particulares, eventualmente semelhante a outra ilha, mas sem confundir-se com ela. Percorrê-la com cuidado equivale a vivenciá-la, perceber o que só ela oferece". (FARIAS, Agnaldo. Arte brasileira hoje. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 20).

Para perceber a força poética que uma obra de arte oferece, mantendo uma relação íntima entre a obra e nós, há que se inserir a arte na teia de nossos interesses culturais.

Sabemos bem que ainda há fronteiras a serem superadas para que, diante de uma obra contemporânea de qualquer linguagem artística, aquela insistente e desconcertante pergunta "Isso é Arte?" ou a afirmação "Isso eu também faço" e suas variantes sejam substituídas por longas conversas sobre arte durante processos educativos movidos numa mediação cultural, quer seja no espaço da escola, no espaço expositivo de museus, de centros culturais ou após a nossa experiência como espectadores de espetáculos de teatro, de dança, como também depois da exibição de um filme no cinema.

E o que pensar quando se é tomado pelo assombro diante da notícia veiculada pela mídia acerca da ação de cinco jovens entre 15 e 18 anos que invadem o Museu de Orsay, em Paris (França), e praticam um ataque contra o quadro A Ponte de Argenteuil, do pintor francês Claude Monet, danificando a obra de 1874 com um rasgo de dez centímetros? Ou o que conhecem ou sabem sobre a arte como patrimônio cultural os jovens que praticam atos de vandalismo em prédios históricos brasileiros, por exemplo? Reagimos, sempre, com grande indignação diante de atos de vandalismo; porém, quais processos educativos são desencadeados nas escolas para que os bens materiais e imateriais da cultura produzam em crianças e jovens o sentimento de pertencimento?

Quando pensamos, olhamos, fazemos Arte ou escrevemos sobre ela, há diferentes saberes estéticos e culturais que dão extensão às nossas ideias e conceitos sobre arte. Nomeamos como saberes estéticos e culturais os saberes que muitas vezes se encontram na própria História da Arte que apresenta um discurso interpretativo e teórico sobre as obras de arte, como também outras formas de pensar a arte que nos chegam por meio da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia ou da Psicologia.

Mas para que ela venha a ser um interesse cultural de crianças, jovens, adultos e idosos, é preciso pensar em processos educativos que ofereçam modos de aproximação com a arte e suas linguagens artísticas.

Há perguntas inquietantes quando pensamos sobre isso. Como provocar o encontro com a arte no espaço escolar? Com quais campos da arte se faz um pensamento curricular para a área, tal qual a partitura de uma música nova? Com quais signos se fazem processos educativos que impulsionem a aprendizagem da arte como invenção?

Arte para o Ensino Fundamental (Ciclo II) e o Ensino Médio

O que será convocar em nós "estados de invenção" que germinem outras vias de acesso para processos educativos em arte no contexto escolar, outros horizontes que movam o pensamento pedagógico para ir além de metodologias de ensino ou de listagem de conteúdos?

O desejo nos faz procurar o que não é pensado, o que não é dito, o que não é olhado na construção de um pensamento curricular em Arte, como quem se arrisca na composição da partitura de uma música nova.

Toda composição implica a criação de algo. O termo compor traz em sua definição a ideia de "pôr com". Na construção de um pensamento curricular em Arte, que arranjos fazer, pôr o que, com o quê?

Nessa perspectiva, a organização que estamos propondo está presente na composição do texto que apresenta uma concepção para a área de arte. Ou seja, um pensamento curricular, em Arte, referenciado na concepção da área, mediante os campos que a constituem e que se articulam com a própria natureza da arte como produto cultural.

Partindo da concepção da área um pensamento curricular em Arte pode se mover em diferentes territórios da arte e cultura, mapeados como: linguagens artísticas, processo de criação, materialidade, forma conteúdo, mediação cultural, patrimônio cultural, saberes estéticos e culturais. A composição desses territórios oferece diferentes direções para estudo, tal qual o traçado de uma cartografia, um mapa de possibilidades, com trânsito por entre os saberes, articulando diferentes campos.

A imagem elaborada por Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque apresenta a criação e composição do pensamento curricular em Arte para mapeamento dos conteúdos direcionados no Currículo.

O mapa ajuda a visualizar os territórios da Arte como formas móveis de construção e organização de outro modo de estudo de Arte no contexto escolar. O mapa, assim, é utilizado como sendo um desenho, entre muitos outros possíveis, ligado ao conceito de rede, mostrando uma forma no tempo e espaço de caminhar por trilhas que trazem paisagens específicas para o estudo das artes visuais, da música, do teatro ou da dança.

A invenção dessa imagem para o mapa tem sua inspiração no curso da linha da obra Estudo para superfície e linha, da artista Iole de Freitas.

Iole de Freitas. Estudo para superfície e linha, 2005. Policarbonato e aço inox, 4,2 x 30,0 x 10,6 m. Instalação no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, RJ.

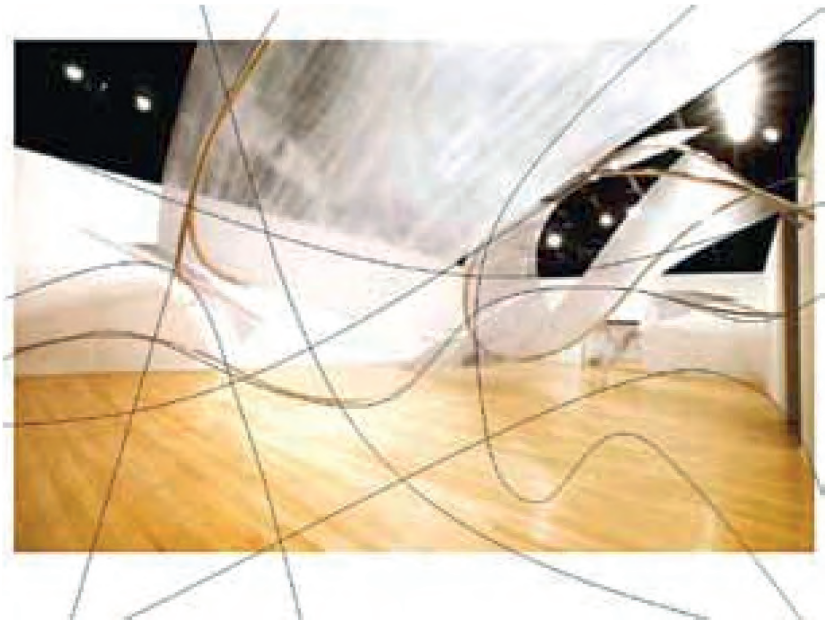

Linhas para a configuração do mapa dos territórios da arte a partir da obra de Iole de Freitas.

Na obra, superfícies de policarbonato e linhas tubulares se retesam ou se descomprimem em generosos arqueamentos, o que nos leva à sensação de uma arquitetura mole, em que o curso da linha nos põe em movimento, a bailar no espaço em superfícies múltiplas. Por proximidade, o curso da linha nos faz imaginar caminhos, veredas nos territórios da arte.

Um sobrevoo sobre os territórios

Linguagens artísticas.

Artes visuais, música, teatro, dança, artes audiovisuais constroem-se na inventiva criação de linguagens, elaboradas com códigos que se fazem signos artísticos. Artistas, obras e épocas geram linguagens ou cruzamentos e hibridismo entre elas, para ultrapassar limites processuais, técnicos, formais, temáticos, poéticos. O estudo das produções artísticas

coloca-nos em contato com a singularidade do modo de produção da linguagem da arte, seja para a compreensão da passagem como, por exemplo, da Arte Moderna para a Arte Contemporânea, seja para perceber e compreender as diferentes singularidades da linguagem da pintura quando estamos diante de uma obra de Michelangelo, de Van Gogh, de Pollock ou de Paulo Pasta.

Ao mesmo tempo, o estudo da linguagem da Arte nos faz parceiros estéticos quando interpretamos e criamos significação para uma obra que olhamos e que nos olha, despertando reações, abrindo espaços em nossa percepção, tocando nossa sensibilidade por meio de seus signos artísticos. Por isso que certos saberes, habilidades, sensibilidades só se formam inventivamente quando feitos experimentos nas linguagens artísticas, seja como fazedor ou leitor de

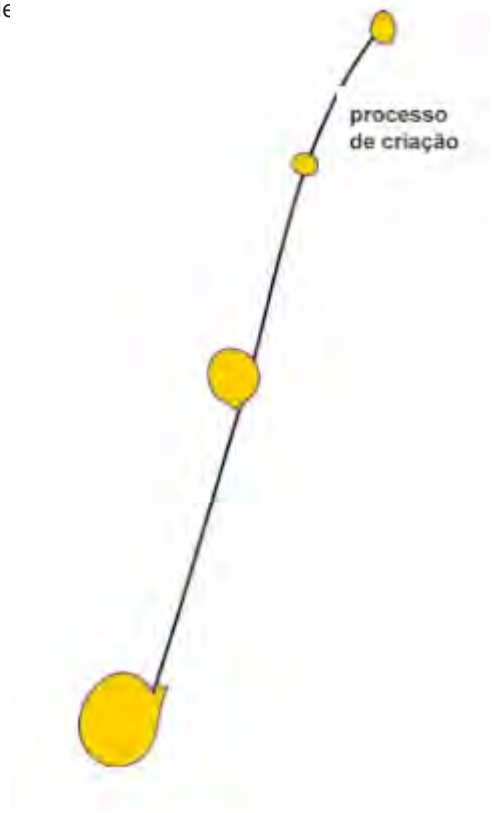

Processo de criação. Muitos são os mitos que cercam a criação artística, ancorados principalmente na ideia de genialidade e valorização de habilidades manuais específicas. O estudo da criação e da invenção artísticas (aqui entendidas como processos) oferece a oportunidade de compreensão do que vem a ser o percurso criador específico do fazer de práticas artísticas. Percurso esse que envolve projetos, esboços, estudos, protótipos, diálogos com a matéria, tempo de devaneio, de vigília criativa, do fazer sem parar, de ficar em silêncio e distante, de viver o caos criador.

Ao contrário do que se pensa, a criação artística envolve aprendizagem. Todo fazedor de arte forma-se trabalhando em processos de criação, com as informações, deformações e formações que os atos de criação propõem durante a procura incansável de uma poética pessoal, de tal maneira que, enquanto a obra se faz, inventa-se o seu próprio modo de fazer.

Materialidade. Em todo trabalho de arte sempre há combinações de materiais. Cada material dá consistência física à obra de arte. O corpo, o movimento do/no corpo, como o mármore, a parafina e o feltro, ou o som e o silêncio são matérias que deixam de ser o que são quando sujeitas à prática artística. Em outras palavras, perdem sua crueza pela passagem para o simbólico. Matérias são pele sobre a carne da obra. A materialidade é, portanto, sígnica, uma vez que dá sustento, suporta significação, na mesma relação de conteúdo e forma. O estudo da materialidade das produções artísticas aproxima-nos da poética dos materiais, do sentido que brota da própria matéria, pela sua simbolização. Matéria, procedimentos com a matéria, suportes e ferramentas estão envolvidos intrinsecamente. Podem, entretanto, ser analisados diferenciadamente, desde que não nos esqueçamos de que "separar a obra da sua matéria é impossível. A matéria é insubstituível: a obra nasce como adoção de uma matéria e triunfa como matéria formada". (PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 60).

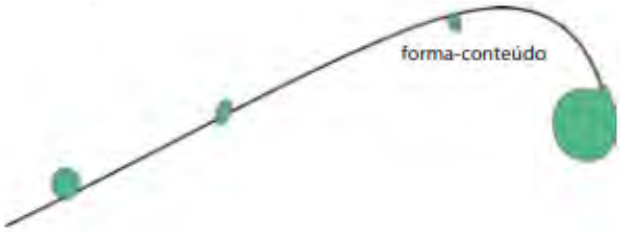

Forma-conteúdo. Onde se vê a forma, lá está o conteúdo. Wassily Kandinsky discute essa questão de modo certeiro. Para ele, "a forma é a expressão exterior do conteúdo interior". (KANDINSKY, Vasily. Sobre a questão da forma. In: Olhar sobre o passado. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 118).

A inseparabilidade da forma e do conteúdo revela identidades singulares de signos e sentidos estéticos, de expressão e produção. Para Pareyson, "o conteúdo nasce como tal no próprio ato em que nasce a forma, e a forma não é mais que a expressão acabada do conteúdo". (PAREYSON, Luigi. Os problemas da Estética.

O invisível do conteúdo só se torna visível pela forma, isto é, pelos próprios elementos que compõem a visualidade, a musicalidade, a teatralidade. O estudo desses elementos e de sua composição nas práticas artísticas nos leva a aguçar o olhar sobre a forma conjugada com a matéria, na procura pela expressão ligada aos significados que imprimem cada artista, período ou época. Forma e conteúdo são, assim, intimamente conectados, inseparáveis, imantados.

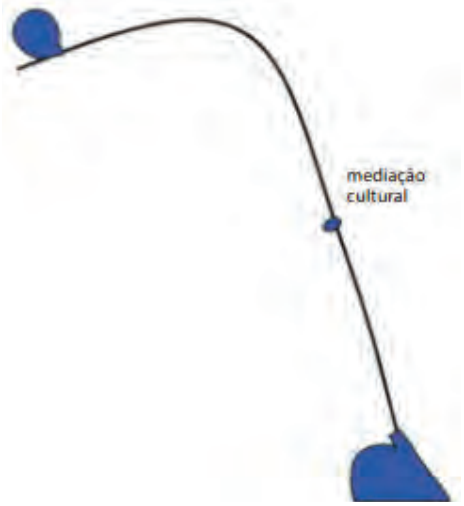

Mediação cultural. Museus, galerias, instituições culturais, salas de espetáculo e concerto abrigam práticas artísticas, acolhem apreciadores de arte. Curadores, museólogos, encenadores, maestros, cenógrafos, programas de ação educativa e todos os segmentos e agentes que envolvem uma produção cultural em arte trabalham para ativar culturalmente a produção artística, viabilizando, sem dúvida, o acesso a ela. Medeia-se, pois, de forma sensível e significativa para mover o público à experiência estética.

A experiência estética traduz-se em múltiplas sensações, percepções, reflexões; às vezes, solitária, em seu próprio ritmo; algumas vezes, compartilhada com outros numa conversa. O estudo sobre a experiência estética e os modos de provocá-la é a tônica da mediação cultural, tanto nos bastidores das instituições culturais como no espaço da escola, em que o professor, pode-se dizer, é também um curador quando privilegia algumas obras e artistas e não outros, quando exibe (sem recursos ou com a qualidade necessária) reproduções de obras, quando planeja uma visita a uma exposição ou a uma sala de espetáculos ou concertos, quando coordena a apresentação de trabalhos de seus alunos.

Patrimônio cultural. Obras de arte que habitam a rua, obras de arte que vivem em museus, obras de arte efêmeras que são registradas em diferentes mídias, manifestações artísticas do povo que são mantidas de geração em geração são bens culturais, materiais e imateriais, que se oferecem ao nosso olhar. Patrimônio de cada um de nós, memória do coletivo; bens culturais que apresentam a história humana pelo pensamento estético-artístico, testemunhando a presença do ser humano, seu fazer estético, suas crenças, sua organização, sua cultura. Se destruídos, empobrecemos. Quando conservados, enriquecemos. Patrimônio e preservação são, assim, quase sinônimos. O estudo da arte tendo como viés a ideia de patrimônio cultural oportuniza a ampliação do olhar acerca da cultura e das heranças culturais que marcam e dão referência sobre quem somos.

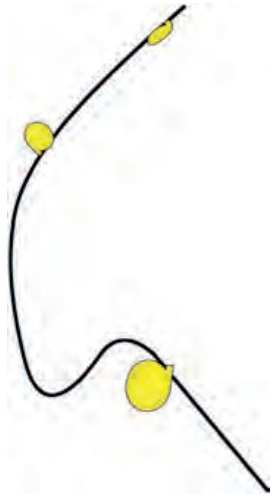

Saberes estéticos e culturais. Para conhecer Arte e Cultura, há saberes que são como estrelas para aclarar o olhar ou o pensamento sobre arte. Podemos chegar muito próximos ao que já se pensou sobre artistas ou obras de um período quando tomamos contato com o discurso da História da Arte. Podemos ter um olhar ampliado sobre a experiência estética e estésica quando apresentados às teorias estéticas produzidas pela Filosofia, ou, ainda, sobre a percepção e a imaginação estética quando olhamos o que a Psicologia da Arte tem a nos dizer acerca disso, ou mesmo investigar o papel do artista na sociedade pelas questões que a Sociologia da Arte nos provoca. Talvez seja na Antropologia da Arte que possamos procurar, por exemplo, os sentidos da arte indígena para seu povo; o sentido dos signos africanos em suas manifestações artísticas; ou a própria multiculturalidade no Brasil tão presente nas estéticas do cotidiano. O estudo da Arte por intermédio de campos de saberes estéticos e culturais embasa nosso pensamento sobre a Arte e seu sistema simbólico ou social, oferecendo outras referências para nossa atuação como intérpretes da cultura.

Uma linha aparece no mapa como "zarpando", indicando potencialidades para novas viagens por outros possíveis territórios.

Sobre a organização dos conteúdos básicos para o Ensino Fundamental (Ciclo II)

Dois territórios estão presentes em cada bimestre do Ensino Fundamental II. Um deles é o foco principal e o outro prepara a conexão para o próximo bimestre, quando se torna foco.

Dentre os territórios percorridos destacam-se os de Linguagens Artísticas, Forma-Conteúdo e Materialidade com mais ênfase. Processos de criação aparecem nos últimos anos do Ciclo II, assim como os territórios de Patrimônio Cultural e Mediação Cultural. Saberes Estéticos e Culturais apoiam a sistematização do que foi estudado.

Sobre a organização dos conteúdos básicos para o Ensino Médio

Três territórios estão presentes em cada bimestre do Ensino Médio, sendo um deles o foco principal. Considerando o jovem como um produtor cultural, a proposta convida este jovem para olhar o próprio contexto, a cidade e a escola, propondo intervenções, desenvolvendo poéticas em projetos individuais e coletivos, realizando festivais, mostras, exposições etc.

Dentre os territórios percorridos destacam-se os de Processo de Criação e Linguagens Artísticas com mais ênfase. Forma-conteúdo, Mediação Cultural e Patrimônio Cultural também estão presentes, assim como Materialidade. Saberes Estéticos e Culturais apoiam a sistematização do que foi estudado.

Sobre a metodologia de ensino-aprendizagem dos conteúdos básicos

Metodologicamente, de acordo com os PCN de Arte e o Currículo, o ensino de arte, visto como área de conhecimento e linguagem, deverá se dar de forma a articular três eixos metodológicos, a saber:

• Criação/produção em arte – o fazer artístico.
• Fruição estética – apreciação significativa da arte e do universo a ela relacionado, leitura, crítica.
• Reflexão: a arte como produto da história e da multiplicidade de culturas.

Esses três eixos metodológicos, presentes na proposta triangular de Ana Mae Barbosa, articulam-se com a fundamentação filosófica da proposta com a concepção dos territórios de Arte e Cultura, que abrem possibilidades para o mergulho em conceitos, conteúdos e experiências estéticas nas linguagens da Arte, colocando-a como objeto de estudo.

Sobre os subsídios para implantação do Currículo proposto

Arte como objeto de estudo no contexto escolar, por meio de uma cartografia, é a ideia que impulsiona os caminhos traçados para o Caderno do Professor e para o Caderno do Aluno, orientando os processos educativos em Arte da 5a série/6o ano do Ensino Fundamental à 2a série do Ensino Médio.

Sobre a organização das grades curriculares (série/ano por bimestre): conteúdos associados a habilidades

Desse modo, partindo da composição do mapa dos territórios da Arte, é que apresentamos a seguir os conteúdos e habilidades por bimestre. Os conteúdos traçados no presente Currículo serão estudados com ênfase na linguagem artística da formação do professor, sendo as demais linguagens apresentadas contempladas no processo educativo durante o ano letivo.

QUADRO DE CONTEÚDOS E HABILIDADES EM ARTES

5ª série/6º ano do Ensino Fundamental

1º Bimestre

Conteúdos

A tridimensionalidade nas linguagens artísticas

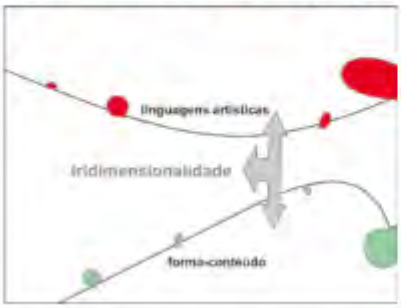

- Diferenciação entre o espaço bi e o tridimensional
- O som no espaço: melodia-ritmo
- Formas do espaço teatral e sua relação com o corpo dos atores
- Forma tridimensional do corpo em movimento, com ênfase nos eixos vertical (altura), horizontal (lateralidade) e sagital (profundidade)

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Estabelecer diferenciações entre o espaço bi e o tridimensional
- Reconhecer e interpretar a linguagem tridimensional em produções artísticas
- Operar com a tridimensionalidade na criação de ideias na linguagem da Arte

5ª série/6º ano do Ensino Fundamental

2º Bimestre

Conteúdos

O espaço no território das linguagens artísticas

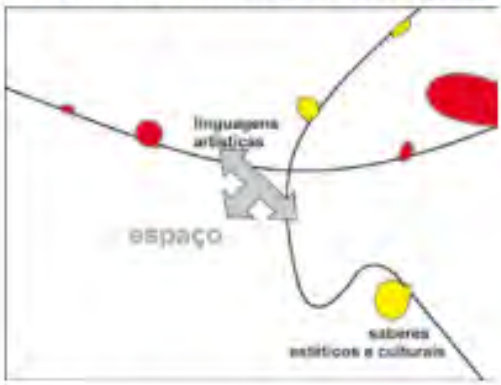

- Escultura, *assemblage*, *ready-made*, parangolé; objeto, instalação, intervenções urbanas, *site specific*, *land art*, *web art* etc.
- Cenografia e a cena contemporânea; topologia de cena
- Linguagem das danças clássica, moderna e contemporânea
- A mesma melodia em diferentes harmonizações; densidade e intensidade
- A dimensão artística do espaço no decorrer dos tempos: percursos de pesquisa na História da Arte

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Reconhecer, interpretar e estabelecer diferenciações entre as linguagens artísticas tendo o espaço como foco
- Analisar a percepção visual, a sonora, a espacial e a cinestésica na leitura e na criação de ideias na linguagem da Arte
- Operar o pensamento analítico na distinção dos modos de utilizar o espaço nas diferentes linguagens da Arte no decorrer do tempo

5ª série/6º ano do Ensino Fundamental

3º Bimestre

Conteúdos

Luz: suporte, ferramenta e matéria pulsante na Arte

- O claro e o escuro, a sombra e a luz, o foco, a atmosfera e a luz na construção de sentido
- A luz e a contraluz na dança, no teatro e nas artes visuais
- A luz e a sombra no teatro de sombras
- O som em diferentes espaços, estereofonia e gravação bináurea
- As relações entre luz e cor; a dimensão simbólica da luz e da cor
- A materialidade da luz nas linguagens artísticas

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Operar a luz como elemento, ferramenta e matéria presente nas diferentes linguagens artísticas
- Identificar a dimensão simbólica da luz como geradora de sentido e de múltiplas significações na Arte
- Reconhecer luz e sombra como qualidade estética e expressiva na obra de arte
- Distinguir a sonoridade provocada por fontes distintas

5ª série/6º ano do Ensino Fundamental

4º Bimestre

Conteúdos

Olhares sobre a matéria da arte

- Suportes, ferramentas, matérias
- Corpos perceptivos; improvisação, intuição, imaginação criadora, coleta sensorial; vigília criativa; repertório pessoal e cultural; poética pessoal; pensamento visual; pensamento corporal e cinestésico; pensamento musical
- Percurso de experimentação; perseguir ideias; esboços; séries; cadernos de anotações; estudo e pesquisa; apropriações; combinações; processo colaborativo
- O corpo e a voz como suporte e matéria da arte
- Conceitos, procedimentos e conteúdos investigados durante o ano

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Manejar e utilizar suportes, ferramentas e materiais em processos de criação em arte
- Experimentar e reconhecer as potencialidades do corpo como suporte e matéria das artes cênicas
- Experimentar e reconhecer as potencialidades da voz como suporte e matéria da música
- Identificar conceitos e procedimentos estudados e experimentados em Arte durante o ano letivo

wwww

6ª série/7º ano do Ensino Fundamental

1º Bimestre

Conteúdos

O desenho e a potencialidade do registro nas linguagens artísticas

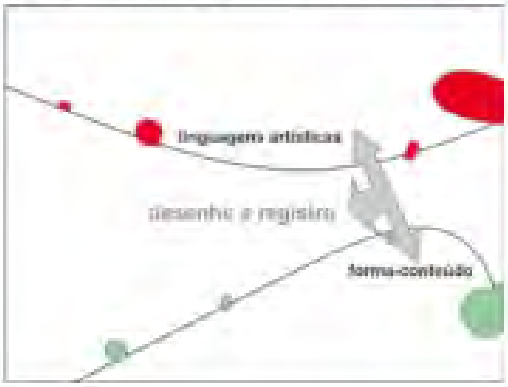

- Desenho de observação, de memória, de imaginação; o desenho como esboço, o desenho como obra
- Desenho de cenário; planta baixa como desenho do espaço cênico; desenho como croqui de figurino
- Desenho coreográfico que o olho vê
- Partituras não convencionais
- A linha e a forma como elemento e registro nas linguagens artísticas

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Distinguir e utilizar conceitos sobre a linguagem do desenho e suas conexões com as diferentes linguagens artísticas
- Relacionar e interpretar as potencialidades do desenho como registro
- Considerar o desenho como modo de pensar, perceber, observar, imaginar, projetar e expressar-se nas diferentes linguagens artísticas

6ª série/7º ano do Ensino Fundamental

2º Bimestre

Conteúdos

A forma como elemento e registro na arte

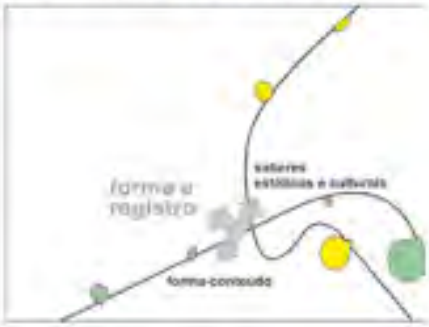

- A linha como um dos elementos formais da visualidade
- O desenho e a manipulação de marionetes, teatro de animação, teatro de bonecos, mamulengo; a forma tornando visível a singularidade da personagem
- A forma como registro: notações em dança e em música
- A dimensão artística da forma no decorrer dos tempos

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Ler a forma e suas potenciais significações nas diversas linguagens da Arte
- Interpretar e relacionar as potencialidades da forma como elemento básico das linguagens artísticas
- Operar com a forma para tornar visíveis ideias nas diferentes linguagens da Arte
- Operar com a forma na criação de notações na dança e na música

6ª série/7º ano do Ensino Fundamental

3º Bimestre

Conteúdos

O "trans-formar" matérico em materialidade na arte

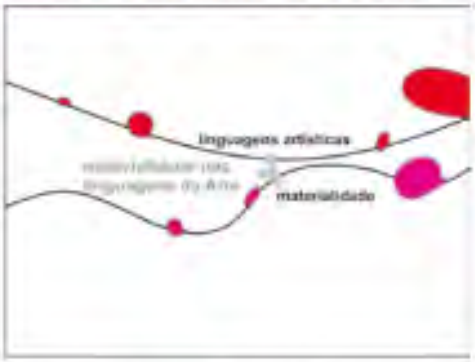

- A apropriação de matéria e ferramentas no fazer arte
- A produção de instrumentos e a materialidade do timbre
- A qualidade do movimento do corpo que dança: espaço, tempo, força, ritmo
- Os objetos do cotidiano; as relações entre matéria, forma simbólica e imaginário poético no teatro de objetos
- O papel como matéria: colagem, papelagem, papel machê
- As linguagens da arte: ampliações de referências a partir do diálogo com a materialidade

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Produzir trabalhos partindo de diálogos exploratórios entre matérias, ferramentas e linguagens artísticas
- Investigar matérias e ferramentas em obras de artistas, de várias modalidades artísticas, em tempos diversos
- Reconhecer e utilizar a matéria e as ferramentas na construção poética como materialidade da obra de arte
- Operar com diferentes materialidades, fazendo relações entre forma e imaginário poético

6ª série/7º ano do Ensino Fundamental

4º Bimestre

Conteúdos

Experimentação: uma fresta para respirar o poético

- Improvisação, acaso, ludicidade, espontaneidade
- Corpos perceptivos, intuição, acaso, imaginação criadora, coleta sensorial, vigília criativa, repertório pessoal e cultural, poética pessoal, pensamentos visual, musical, corporal e sinestésico
- Percurso de experimentação, perseguir ideias, esboços, séries, cadernos de anotação, estudo e pesquisa, apropriações, combinações, processo coletivo e colaborativo
- Linguagens da Arte e procedimentos criativos de experimentação
- Conceitos, procedimentos e conteúdos investigados durante o ano letivo

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Distinguir, nos processos de criação, a construção de linguagem da Arte por meio da improvisação, do acaso, da intuição, da ação lúdica e do espontâneo
- Operar com percursos de experimentação nos processos de criação de linguagens artísticas
- Identificar conceitos e procedimentos estudados e experimentados em arte durante o ano letivo

7ª série/8º ano do Ensino Fundamental

1º Bimestre

Conteúdos

O suporte na materialidade da arte

- Diferenciação, na música, entre instrumentos tradicionais e instrumentos elétricos e eletrônicos; *samplers*, música no computador; sintetizadores
- O corpo como suporte físico da dança; leveza; peso; flexões; ritmos; objetos cênicos
- O corpo como suporte físico do teatro; a ação física como elemento da expressividade no palco
- Diferenciação entre suportes tradicionais, não convencionais, imateriais; suporte flexível ou rígido; xerox; computador; grandes formatos; corpo

Habilidades

Espera-se que ao completar este bimestre os alunos desenvolvam as seguintes habilidades:

- Interpretar e relacionar, na leitura de obras de arte, a diferenciação de suportes convencionais, não convencionais e imateriais usados no fazer arte
- Manejar diferentes suportes na criação de ideias na linguagem da Arte
- Reconhecer e utilizar o suporte como matéria de construção poética na materialidade da obra de arte
- Distinguir suportes materiais e imateriais nas produções artísticas

Fonte
SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: arte. In: _____. Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias. 2. ed. São Paulo: SE, 2012. p. 27- 29, 187-222.

Questões

01. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Os artistas professores que chegaram ao Brasil com a Missão Francesa eram tributários do neoclassicismo, para o qual o desenho era

(A) identificado à concreção de um objeto.
(B) projeto mental.
(C) organização racional.
(D) registro gráfico, manifestação de formas em duas dimensões.
(E) sem valor artístico.

02. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) O conceito de "pensamento visual" foi elaborado por

(A) Viktor Lowenfeld.
(B) Herbert Read.
(C) Rhoda Kellog.
(D) Nancy Smith.
(E) Rudolf Arnheim.

03. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) As teorias da interpretação contemporâneas, como a semiologia, semiótica, deconstrucionismo, feminismo, têm em comum a

(A) origem a partir da filosofia francesa.
(B) ênfase no contexto cultural.
(C) elaboração a partir da década de 70.
(D) não inserção na universidade.
(E) origem a partir do pragmatismo norte-americano.

04. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Para Hernandez, a arte na educação para a compreensão tem como objetivo

(A) evidenciar a trajetória percorrida pelos olhares em torno das representações visuais das diferentes culturas para com elas confrontar os estudantes.
(B) desenvolver uma habilidade de reprodução ou de interpretação a partir de um código visual.
(C) desenvolver uma atitude liberadora de modo a proporcionar ferramentas de comunicação com o mundo.
(D) reconhecer os códigos analíticos nas imagens estáticas e em movimento.
(E) o domínio, por parte do aluno, das ferramentas de elaboração de imagens para o campo visual.

05. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) "A partir das políticas públicas constituídas para garantir o direito de acesso e permanência de alunos com deficiência na rede regular de ensino, cresceu o número de matrículas de alunos com deficiência nas escolas, predominantemente a partir da municipalização do ensino fundamental." A situação apontada por Reilly propõe para o campo educacional em arte

(A) campanhas para a alteração das políticas públicas que fixem os alunos com necessidades especiais em instituições específicas.
(B) a organização e formação em nível de doutorado para os professores de modo a poder atender a demanda.
(C) que inicialmente se incentivem pesquisas em nível de mestrado e doutorado para que depois se pense a formação de professores.
(D) uma urgente atualização das licenciaturas em arte de modo a instrumentalizar os futuros professores desde seus estágios para o contexto apresentado.
(E) que os professores interessados no campo da educação para a inclusão realizem sua formação fora do Brasil.

06. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Barbosa aponta uma triangulação na gênese da proposta triangular para o ensino de arte. Para a autora, a proposta foi sistematizada a partir de três outras abordagens, que são:

(A) Escuelas al Aire Libre (México), Critical Studies(Inglaterra) e o Disciplined based Art Education – DBAE (Estados Unidos).
(B) Escuelas al Aire Libre (México), Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil) e o Disciplined based Art Education – DBAE (Estados Unidos).
(C) Critical Studies (Inglaterra), Disciplined based Art Education – DBAE (Estados Unidos) e Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil).
(D) Reader Response (Estados Unidos), Disciplined based Art Education – DBAE (Estados Unidos) e Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil).
(E) Reader Response (Estados Unidos), Parâmetros Curriculares Nacionais = PCN (Brasil) e o Movimento Escolinha de Arte do Brasil (Brasil).

07. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) O Brasil abrigou trabalhos pioneiros no campo da arte e inclusão. A partir de 1930, em Belo Horizonte, professores eram formados para atender pessoas com necessidades especiais. O trabalho fundamentado a partir do escolanovismo enfatizava a importância da arte, com programas de exercícios de desenho, trabalhos manuais e canto. O protagonista desse processo, o primeiro a tentar assegurar o conteúdo da arte no currículo da educação especial, foi

(A) Ana Mae Barbosa.
(B) Augusto Rodrigues.
(C) Lucia Alencastro Valentim.
(D) Margareth Spencer.
(E) Helena Antipoff.

08. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Ecyla Castanheira Brandão e Sigrid Porto de Barros organizaram os primeiros serviços educativos em museus no Brasil, durante a década de (A) 1920, em São Paulo.

(B) 1940, no Rio de Janeiro.
(C) 1950, no Rio de Janeiro.
(D) 1960, em São Paulo.
(E) 1970, no Rio de Janeiro.

09. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) São pioneiros mundiais da moderna arte-educação em museus:

(A) Museu de Arte Contemporânea da USP e Modern Art Museum (NY).

(B) Museu Lasar Segall (SP) e Museu de Arte Moderna (SP).

(C) Museu de Cleveland e Vitoria and Albert Museum (Londres).

(D) Museu de Cleveland e Modern Art Museum (NY).

(E) Museu Guggenheim (NY) e Vitoria and Albert Museum (Londres).

10. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Quando se propõe um currículo cuja prioridade é o domínio dos elementos formais das imagens e o estudo das leis de composição que articulam tais elementos no âmbito físico da imagem, verifica-se um currículo orientado pela noção de ensino da arte como (A) expressão.

(B) linguagem.

(C) liberação.

(D) criatividade.

(E) compreensão.

11. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Ao propor uma atividade de leitura de obra, o professor indica um roteiro no qual os alunos descrevem a obra, analisa as relações entre os elementos apontados, interpreta a obra e, por fim, estabelecem critérios de juízo para avaliar aquela produção. A atividade proposta utiliza o processo criado por

(A) Marjorie e Robert Wilson.

(B) Viktor Lowenfeld.

(C) Abigail Housen.

(D) Michael Parsons.

(E) Edmund Feldman.

12. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) "Utiliza o pensamento visual, simbolizando seu sentir/pensar através das diversas modalidades expressivas das artes visuais? Como experimenta os códigos da linguagem visual? Como organiza o espaço? Utiliza-se tanto do bidimensional como do tridimensional? De que forma trabalha as cores? Cria cores novas? Elabora novas formas? Texturas? Como utiliza o material? Como representa o movimento, a profundidade, a perspectiva, a proporção, a deformação?".

O texto exemplifica uma série de perguntas que o professor faz no momento da avaliação em relação ao aprendiz no que diz respeito a(ao) (A) criação/produção.

(B) percepção/análise.

(C) processo/percepção.

(D) percepção/produção.

(E) criação/análise.

13. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Ao apresentar os inúmeros estudos realizados por Pablo Picasso sobre a obra "Las Meninas", de Velazquez, o professor está exemplificando o procedimento (A) da cópia.

(B) da intertextualidade implícita.

(C) da intertextualidade explícita.

(D) do ready made.

(E) da contextualização.

14. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Barbosa propõe que o ensino de arte na pós-modernidade implica contextualização e análise interpretativa, integradas ao trabalho de construção plástica. Assim, ao observar obras de arte e ser estimulado pelo professor a escolher uma delas como suporte de seu trabalho plástico, a avaliação do professor

(A) deve exigir uma cópia fiel porque a obra observada é modelo de representação a ser apreendido.

(B) não deve exigir uma representação fiel, pois a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para cópia.

(C) não deve exigir uma representação fiel, pois hoje em dia os alunos não têm paciência para o desenvolvimento de trabalhos manuais.

(D) deve exigir uma cópia fiel porque as tecnologias da contemporaneidade assim o permitem.

(E) não deve exigir uma representação fiel porque o original foi realizado por um adulto.

15. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) "Ai que coisa mais feia! Nem de presente eu não queria isso. Não gosto. Acho muito violento este quadro. As cores são horríveis. Só fala de violência. Acho que o artista teve dificuldade para pintar isto, pois estava sofrendo com alguma coisa. A própria linha é violenta. É uma loucura. Não colocaria na minha sala nem morta, nem que valesse milhões". Essas afirmações são de uma mulher de cinquenta anos ao observar uma reprodução de Guernica, de Picasso. Do ponto de vista da classificação dos estágios da compreensão estética – proposta por Abigail Housen – as afirmações caracterizam o estágio

(A) narrativo.

(B) construtivo.

(C) classificativo.

(D) interpretativo.

(E) recriativo.

16. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Barbosa aponta a influência de John Dewey de forma isolada em vários autores e professores atuantes no Brasil. Além disso, sua influência se evidencia de forma profunda (A) no movimento Escola Nova.

(B) na Pedagogia Tradicional.

(C) na Pedagogia Tecnicista.

(D) nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

(E) no Exame Nacional do Ensino Médio.

17. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Ao analisar a pintura de Tarsila do Amaral, "A Negra" (1923), Ana Mae Barbosa alinha os procedimentos e o tratamento estético presente na obra (Tarsila do Amaral, A negra. 1923)

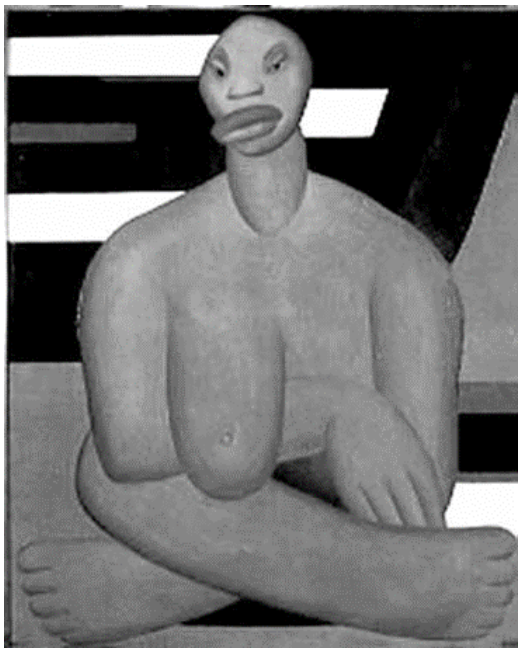

(A) ao Colonialismo.
(B) ao Pós-Colonialismo.
(C) à Antropofagia.
(D) ao Feminismo.
(E) ao Situacionismo.

18. (Pref. Suzano/SP - Professor de Educação Básica II - Artes – VUNESP/2012) Pablo Picasso conservou, de forma cuidadosa, e organizou, de forma cronológica, a extensa série de estudos (desenhos, gravuras, pinturas) para a execução do mural de Guernica. O material permite que interessados acompanhem o processo de constituição da obra. A história do mural tem função objetiva e documental de (A) relembrar a participação espanhola na Primeira Guerra.

(B) evocar a memória frente ao bombardeio nazista na cidade espanhola.

(C) relembrar as disputas territoriais entre diferentes grupos espanhóis.

(D) homenagear as vítimas da gripe espanhola.

(E) homenagear as vítimas dos atentados terroristas na Espanha.

Gabarito
01. D
02. E
03. B
04. A
05. D
06. A
07. E
08. C
09. D
10. B
11. E

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

Apostila de acordo com edital de
N° 212 DE 09 DE NOVEMBRO DE 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE

JUNDIAÍ-SP

DO ESTADO DE SÃO PAULO

Professor de Educação Básica I

- Português
- Conhecimentos Pedagógicos
- Legislação

Conhecimentos Específicos

NOVA CONCURSOS PASSAPORTE
Grátis Conteúdo Online do ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente
Acesse nosso site e complemente seus estudos.

NÍVEL SUPERIOR

Prefeitura Municipal de Jundiaí do Estado de São Paulo

JUNDIAÍ-SP

Professor de Educação Básica I

Edital N° 212 de 09 de Novembro de 2017

NB027-2017

NOVA CONCURSOS

DADOS DA OBRA

Título da obra: Prefeitura Municipal de Jundiaí do Estado de São Paulo

Cargo: Professor de Educação Básica I

(Baseado no Edital N° 212 de 09 de Novembro de 2017)

- Português
- Conhecimentos Pedagógicos
- Legislação
- Conhecimentos Específicos

Gestão de Conteúdos
Emanuela Amaral de Souza

Produção Editorial/Revisão
Elaine Cristina
Igor de Oliveira
Camila Lopes
Suelen Domenica Pereira

Capa
Joel Ferreira dos Santos

Editoração Eletrônica
Marlene Moreno

Gerente de Projetos
Bruno Fernandes

NOVA CONCURSOS

APRESENTAÇÃO

PARABÉNS! ESTE É O PASSAPORTE PARA SUA APROVAÇÃO.

A Nova Concursos tem um único propósito: mudar a vida das pessoas.
Vamos ajudar você a alcançar o tão desejado cargo público.
Nossos livros são elaborados por professores que atuam na área de Concursos Públicos. Assim a matéria é organizada de forma que otimize o tempo do candidato. Afinal corremos contra o tempo, por isso a preparação é muito importante.
Aproveitando, convidamos você para conhecer nossa linha de produtos "Cursos online", conteúdos preparatórios e por edital, ministrados pelos melhores professores do mercado.
Estar à frente é nosso objetivo, sempre.
Contamos com índice de aprovação de 87%*.
O que nos motiva é a busca da excelência. Aumentar este índice é nossa meta.
Acesse **www.novaconcursos.com.br** e conheça todos os nossos produtos.
Oferecemos uma solução completa com foco na sua aprovação, como: apostilas, livros, cursos on-line, questões comentadas e treinamentos com simulados online.
Desejamos-lhe muito sucesso nesta nova etapa da sua vida!
Obrigado e bons estudos!

*Índice de aprovação baseado em ferramentas internas de medição.

CURSO ONLINE

PASSO 1
Acesse:
www.novaconcursos.com.br/passaporte

PASSO 2
Digite o código do produto no campo indicado no site.
O código encontra-se no verso da capa da apostila.
*Utilize sempre os 8 primeiros dígitos.
Ex: FV054-17

PASSO 3
Pronto!
Você já pode acessar os conteúdos online.

NOVA CONCURSOS

Cronograma de

Aulas Online

AO VIVO

Toda Segunda e Quarta
uma aula diferente para você!

Assista em:

www.youtube.com/GrupoNovaConcursos

NOVA CONCURSOS

SUMÁRIO

Português

Técnicas de Redação, ... 01
Interpretação de Texto e Gramática. 12
As questões de Língua Portuguesa têm por objetivo verificar a capacidade de leitura, compreensão e interpretação de texto, bem como, a habilidade de usar a linguagem como meio para produzir, expressar e comunicar ideias em diferentes situações 12
- Tipos de Comunicação: Descrição - Narração - Dissertação - Tipos de Discurso - Qualidades de defeitos de um texto - Coesão Textual. 12
ESTILÍSTICA - Figuras e Vícios de Linguagem. Vocabulário técnico inerente à área. 42
Fonologia; 52
Ortografia, sistema oficial vigente. 54
Emprego das classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção (classificação e sentido que imprime às relações entre as orações). 58
Colocação pronominal. 58
Concordância verbal e nominal. 94
Regência verbal e nominal. 99
Análise sintática: termos da oração. 106
Emprego da Crase. 118

Conhecimentos Pedagógicos

Referências:

1. APPLE, Michel; NOVOA, Antonio. Paulo Freire: política e pedagogia. Lisboa: Porto editora, 1998. 01
2. ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: Imagens e Auto-imagens. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. 02
3. BOFF, Leonardo. O cuidado necessário. Petrópolis: Vozes, 2012. 05
4. BRASIL. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, MEC/SEESP, 2008. 08
5. GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais rumo a uma pedagógica crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997. 16
6. HERNANDEZ, Fernando; A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho. São Paulo: Penso, 2017. 19
7. LA TAILLE, Yves de. Limites: três dimensões educacionais: São Paulo: Ática, 1998. 20
8. JUNDIAÍ (SP). Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular da Educação Infantil e Ensino Fundamental. 22
9. JUNDIAÍ (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretrizes pedagógicas fundamentais iniciais da SME – Educação como ação política transformadora. Jundiaí, 2013. 22
10. SMOLE, Kátia S. A Matemática em Sala de Aula – Reflexões e Propostas para os anos iniciais do Ensino Fundamental. São Paulo: Penso, 2013. 24
11. SMOLE, Kátia S. A Matemática na Educação Infantil. São Paulo: Penso 2014. 24
12. VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (In)disciplina - Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 15 ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad). 26
13. WERNECK, Claudia. Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva. 2 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2000. 27

Legislação

Referências:

- Artigos 12 e 13 da Lei Federal 9394/96 – Incumbência dos estabelecimentos de ensino em relação às normas comuns e às do Sistema de Ensino ao qual pertencem. 01
- Resolução CNE/CEB nº 04/2010 - Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica 01
- Resolução CNE/CEB nº 07/2010: Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. - Resolução CNE/CEB nº 05/2009: Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 12

SUMÁRIO

- Resolução CNE/CEB nº 01/2012: Dispõe sobre a implementação do regime de colaboração mediante Arranjo de Desenvolvimento da Educação (ADE), como instrumento de gestão pública para a melhoria da qualidade social da educação. 20
- Resolução CNE/CEB nº 02/2012: Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. 23
- Diretrizes Curriculares da Educação Básica Municipal de Jundiaí/SP, 23/12/2016: Documento para orientar e inspirar as prerrogativas e obrigações da rede pública no campo da Educação. 24
- Resolução Nº 4, de 2/10/2009: Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. 29
- Lei Nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA), o Decreto-Lei no 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), ... 49
a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, a Lei no11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei no 12.662, de 5 de junho de 2012. 51
- Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 56
- Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. 76

Conhecimentos Específicos

1. BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. Aprender e Ensinar na Educação Infantil. Porto Alegre. ArtMed, 1999. 01
2. BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, M. Tizuko (Org.) O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, Thompson Learning, 2002, p. 19-32. 01
3. BROUSSEAU, G. Introdução ao estudo das situações didáticas: conteúdos e métodos de ensino. São Paulo: Ática, 2008. 02
4. CARBONELL, J. Pedagogias do século XXI: bases para a inovação educativa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016. 04
5. CHARTIER, R. (Org). Práticas da leitura. São Paulo. Estação liberdade, 1996. 06
6. FERREIRO, Emília. O ingresso na escrita e na cultura do escrito – Seleção de textos de pesquisa. Cortez. 2017. 06
7. FREITAS, M. C. O aluno incluído na Educação Básica – Avaliação e Permanência. São Paulo: Ed. Cortez, 2016. 120 p. 11
8. FREITAS, M. C. O aluno-problema: forma social, ética e inclusão. Coleção Educação e Saúde. São Paulo: Ed. Cortez, 2012. 128 p. 11
9. GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. 12
10. GOMES, Nilma Lino (Org.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 13
11. HADJI, Charles. Avaliação Desmistificada. Porto Alegre: Artmed, 2001. 14
12. HOFFMANN, Jussara. Avaliação e Educação Infantil – Um olhar Sensível e Reflexivo sobre a Criança. 20ª Ed.; 2015. 16
13. KISHIMOTO, M. Tizuko; FORMOSINHO O. Júlia (Orgs.) - Em busca da pedagogia da infância – pertencer e participar. Editora: Penso. 2013. 216p 18
14. LERNER, Delia. Ler e escrever na Escola – o Real, o Possível e o Necessário. Porto Alegre. Artmed. 2002. 19
15. MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO Rosângela G. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006. 24
16. MEC - Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / Orgs. BEAUCHAMP; Jeanete, PAGEL Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia R. do. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p.: il. 28
17. MORAIS, Artur G. de. Sistema de escrita alfabética. Coleção Como Eu Ensino. São Paulo: Melhoramentos, 2012. . 31
18. OLIVEIRA, R. Zilma / ABBUD, Ieda / MARANHÃO, Damaris. O trabalho do professor na Educação Infantil. 2ª Ed. 2014 Editora: Biruta. 2014. 31
19. OSTETTO, Luciana - Encontros e Encantamentos na Educação Infantil. Editora Papirus. 2000. 33
20. SANCHO GIL, J. M.; HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. (Org.). Professores na incerteza: aprender a docência no mundo atual. Porto Alegre: Penso, 2016. 34

SUMÁRIO

21. SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11.ed.rev. — Campinas, SP: Autores Associados, 2011. 34
22. SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2013. 36
23. SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2017. 37
24. VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 2007. 37
25. WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo, Ática, 2000. 38

PORTUGUÊS

Técnicas de Redação, ... 01
Interpretação de Texto e Gramática. 12
As questões de Língua Portuguesa têm por objetivo verificar a capacidade de leitura, compreensão e interpretação de texto, bem como, a habilidade de usar a linguagem como meio para produzir, expressar e comunicar ideias em diferentes situações 12
- Tipos de Comunicação: Descrição - Narração - Dissertação - Tipos de Discurso - Qualidades de defeitos de um texto - Coesão Textual. 12
ESTILÍSTICA - Figuras e Vícios de Linguagem. Vocabulário técnico inerente à área. 42
Fonologia; 52
Ortografia, sistema oficial vigente. 54
Emprego das classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção (classificação e sentido que imprime às relações entre as orações). 58
Colocação pronominal. 58
Concordância verbal e nominal. 94
Regência verbal e nominal. 99
Análise sintática: termos da oração. 106
Emprego da Crase. 118

TÉCNICAS DE REDAÇÃO,

Uma boa redação é aquela que permite uma leitura prazerosa, natural, de fácil compreensão. Para fazer bons textos é fundamental ter o hábito de leitura, utilizar todas as regras da língua Portuguesa e as técnicas de redação a seu favor.

***Principais dicas de redação*:**

- Organize seus argumentos sobre o tema proposto e os escreva de forma compreensível. Organize os argumentos em ordem crescente, ou seja, deixe o argumento mais forte para o final;
- Nas dissertações em que é necessário defender algo, não fique "em cima do muro", coloque claramente sua posição, pois muitas vezes os corretores estão interessados em avaliar sua capacidade de opinar, refletir e argumentar;
- Escreva com clareza;
- Seja objetivo e fiel ao tema;
- Escolha sempre a ordem direta das frases (sujeito + predicado);
- Evite períodos e parágrafos muito longos;
- Elimine expressões difíceis ou desnecessárias do texto;
- Não use termos chulos, gírias e regionalismos;
- Esteja sempre atualizado em tudo que acontece no mundo;
- Leia muito. A leitura enriquece o vocabulário, você olha visualmente as palavras e envia para a sua memória a forma correta de escrevê-las;
- Treine fazer redação com temas que poderão estar relacionados com as provas de concursos públicos, ou então faça com temas da atualidade e notícias constantes nos meios de comunicação;
- Seja crítico de si mesmo, revise os textos de treino, retire os excessos, deixe seu texto "enxuto";
- Cronometre o tempo que é gasto nas suas redações de treino e tente sempre diminuir o tempo gasto na próxima;
- Não ultrapasse as margens, nem o limite de linhas estabelecido na prova;
- Mantenha o mesmo padrão de letra do início ao fim do texto. Não inicie com letra legível e arredondada, por exemplo, e termine com ela ilegível e "apressada". Isso dará uma péssima impressão para o examinador da banca quando for ler;
- Não faça marcas, rabiscos, não suje e nem amasse sua redação; Tenha o máximo de asseio possível;
- Faça as redações de provas anteriores do concurso que você prestará;
- Fique focado no enunciado que a banca está pedindo, não redija um texto lindo, mas que está totalmente fora do tema. Nunca fuja do tema proposto;
- Use sinônimos, evite repetir as mesmas palavras;
- Tenha seus argumentos fundamentados. Seja coeso e coerente;
- Algo comum no mundo dos concurseiros é o grande temor pela redação nas provas. Muitas vezes o candidato prepara-se para a prova objetiva e deixa a redação de lado, perdendo grandes chances de passar. A única maneira eficaz de aprender a fazer uma boa redação é treinando. Faça redações sobre diversos temas, leia e releia quantas vezes precisar, e lembre-se: a prática pode levar à perfeição;
- Além dessas dicas é preciso saber, principalmente, as regras de acentuação gráfica, pontuação, ortografia e concordância.

Estrutura da Redação

Um texto é composto de três partes essenciais: *introdução, desenvolvimento e conclusão*. O correto é haver um elo entre as partes, como se formassem a costura do texto. Na introdução é onde o tema abordado é apresentado, não deve ser muito extensa, e aconselha-se que tenha apenas um parágrafo de quatro a seis linhas. O desenvolvimento é o "corpo" do texto, a parte mais importante dele. É onde se expõe o ponto de vista, e argumenta de uma forma lógica para que o leitor acompanhe seu raciocínio. Nesta parte do texto faz-se uso de, no mínimo, dois parágrafos. A conclusão é o fechamento. Mas é válido lembrar que a introdução, desenvolvimento e conclusão são ligados e dependentes entre si para que a coesão e coerência textual sejam mantidas e o texto faça sentido.

Introdução

A introdução (dependendo do número máximo de linhas) deve ter argumentos, dos quais você falará no desenvolvimento. Então, deixe para explicar o assunto da introdução depois. Apenas coloque os argumentos de forma conexa e, o mais importante, apenas os coloque se tiver certeza de que falará sobre eles depois.

Desenvolvimento

O desenvolvimento (dependendo do número máximo de linhas) deve ter, no mínimo, dois parágrafos. Cada parágrafo deve ter entre 2 a 4 linhas. O ideal seria três linhas, pois quanto mais linhas tiver, maiores as chances de você escrever algo confuso. Os parágrafos devem tratar dos argumentos apresentados na introdução. Cada parágrafo, ao menos, referente a um deles.

Conclusão

A conclusão não traz nenhum argumento novo. Ela ressalta o que já foi dito, ou traz uma POSSÍVEL solução.

Na dissertação NUNCA usamos: *eu, nós, temos, devemos, podemos, iremos, sei, sabemos*, e palavras conjugadas da mesma forma. Isto porque ela devem ser escrita na 3ª pessoa do singular. O certo seria: *sabe-se, deve-se, importante se faz, tem-se*. *"Todo mundo", "todo o planeta", "todas as pessoas", "todos"*: tais palavras devem ser evitadas, pois a dissertação não admite generalização. Logo, devemos

usar *"a maioria", "grande parte", "parcela da população", "um significativo número"* etc. *"Com certeza", "obviamente", definitivamente":* são palavras que também devem ser evitadas. A dissertação consiste numa argumentação, na qual se é exposto um pensamento, o qual poderá ser refutado por outro pensamento.

Vamos para um exemplo. O texto trata da redução da maioridade no Brasil.

A INTRODUÇÃO é a seguinte:

Na sociedade atual, muitos crimes vêm sendo cometidos por infratores menores de dezoito anos. As penas a eles aplicadas são relativamente pequenas e não os inibem de praticar novos delitos. A maioria destes jovens, contudo, SÃO de regiões periféricas e não têm o devido acesso á educação.

Lembra da regra dos assuntos (pelo menos três) da introdução? Então... vamos ver quais serão os assuntos.

Assunto 1: *na sociedade atual, muitos crimes vêm sendo cometidos por infratores menores de dezoito anos*

Assunto 2: *As penas a eles aplicadas são relativamente pequenas e não os inibe de praticar novos delitos*

Assunto 3: *A maioria destes jovens, contudo, são de regiões periféricas e não têm o devido acesso á educação*

Agora, vamos construir o texto, abordando cada assunto em um parágrafo do desenvolvimento.

Na sociedade atual, muitos crimes vêm sendo cometidos por infratores menores de dezoito anos. As penas a eles aplicadas são relativamente pequenas e não os inibem de praticar novos delitos. A maioria destes jovens, contudo, É de regiões periféricas e não TEM o devido acesso á educação.

É de se notar que o crescente número de infrações realizadas por crianças e adolescentes, aparentemente, só tende a aumentar, tal como vem acontecendo. Crimes como roubo e tráfico se mostram cada vez mais presente nas ações destes jovens. (assunto 1)

Se, por um lado, o número de crimes praticados por eles aumenta, por outro, diminui a severidade das medidas. O grande problema de medidas tão brandas consiste no fato de estas não cumprirem um de seus importantes deveres: o de inibir a ocorrência de novas infrações. (assunto 2)

A falta de estudo e de condições sociais favoráveis, certamente, é um ponto que fortalece o envolvimento com ações infratoras. Dispersos, tratados com descaso e sem perspectiva, muitos jovens veem no crime a possível solução para seus problemas. (assunto 3)

A necessidade de se diminuir a maioridade penal, nas condições atuais, de fato, se mostra gritante. Contudo, no dia que o país investir em educação e não em formas de conter os efeitos gerados pela falta desta, talvez, sequer seja necessária qualquer pena.

Planejando a Dissertação

Veja a seguir outro tipo de roteiro. Siga os passos:

1) Interrogue o tema;
2) Responda-o de acordo com a sua opinião;
3) Apresente um argumento básico;
4) Apresente argumentos auxiliares;
5) Apresente um fato-exemplo;
6) Conclua.

Vamos supor que o tema de redação proposto seja: *Nenhum homem vive sozinho.* Tente seguir o roteiro:

1. Transforme o tema em uma pergunta: *Nenhum homem vive sozinho?*

2. Procure responder a essa pergunta de um modo simples e claro, concordando ou discordando (ou concordando em parte e discordando em parte): *essa resposta é o seu ponto de vista.*

3. Pergunte a você mesmo o porquê de sua resposta, uma causa, um motivo, uma razão para justificar sua posição: *aí estará o seu argumento principal.*

4. Agora, procure descobrir outros motivos que ajudem a defender o seu ponto de vista, a fundamentar sua posição. *Estes serão os argumentos auxiliares.*

5. Em seguida, procure algum fato que sirva de exemplo para reforçar a sua posição. Este fato-exemplo pode vir de sua memória visual, das coisas que você ouviu, do que você leu. Pode ser um fato da vida política, econômica, social. Pode ser um fato histórico. Ele precisa ser bastante expressivo e coerente com o seu ponto de vista. *O fato -exemplo geralmente dá força e clareza à argumentação.* Além disso, pessoaliza o nosso texto, diferenciando-o dos demais.

6. A partir desses elementos, você terá o rascunho de sua redação.

Fontes:

http://www.okconcursos.com.br/como-passar/dicas-para-concurso/330-como-fazer-uma-boa-redacao#.Upoqg9Kfsfh

http://capaciteredacao.forum-livre.com/t5097-explicacao-como-fazer-uma-redacao

http://www.soportugues.com.br/secoes/Redacao/Redacao2.php

Redação Oficial

Pronomes de tratamento na redação oficial

A redação Oficial é a maneira para o poder público redigir atos normativos. Para redigi-los, muitas regras fazem-se necessárias. Entre elas, escrever de forma clara, concisa, sem muito comprometimento, bem como um uso adequado das formas de tratamento. Tais regras, acompanhadas de uma boa redação, com um bom uso da linguagem, asseguram que os atos normativos sejam bem executados.

No Poder Público, a todo momento nós nos deparamos com situações em que precisamos escrever – ou falar – com pessoas com as quais não temos familiaridade. Nesses casos, os pronomes de tratamento assumem uma condição e precisam estar adequados à categoria hierárquica da pessoa a quem nos dirigimos. E mais, exige-se, em discurso falado ou escrito, uma homogeneidade na forma de tratamento, não só nos pronomes como também nos verbos.

No entanto, as formas de tratamento não são do conhecimento de todos. Para tanto, a partir do Manual da Presidência da República, apresentaremos as discriminações de usos dos pronomes de tratamento:

São de uso consagrado: *Vossa Excelência*, para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo

Presidente da República;
Vice-Presidente da República;
Ministro de Estado;
Secretário-Geral da Presidência da República;
Consultor-Geral da República;
Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas;
Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República;
Chefe do Gabinete Pessoal do Presidente da República;
Secretários da Presidência da República;
Procurador – Geral da República;
Governadores e Vice-Governadores de Estado e do Distrito Federal;
Chefes de Estado – Maior das Três Armas;
Oficiais Generais das Forças Armadas;
Embaixadores;
Secretário Executivo e Secretário Nacional de Ministérios;
Secretários de Estado dos Governos Estaduais;
Prefeitos Municipais.

b) do Poder Legislativo:

Presidente, Vice–Presidente e Membros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal;
Presidente e Membros do Tribunal de Contas da União;
Presidente e Membros dos Tribunais de Contas Estaduais;
Presidente e Membros das Assembleias Legislativas Estaduais;
Presidente das Câmaras Municipais.

c) do Poder Judiciário:

Presidente e Membros do Supremo Tribunal Federal;
Presidente e Membros do Superior Tribunal de Justiça;
Presidente e Membros do Superior Tribunal Militar;
Presidente e Membros do Tribunal Superior Eleitoral;
Presidente e Membros do Tribunal Superior do Trabalho;
Presidente e Membros dos Tribunais de Justiça;
Presidente e Membros dos Tribunais Regionais Federais;
Presidente e Membros dos Tribunais Regionais Eleitorais;
Presidente e Membros dos Tribunais Regionais do Trabalho;
Juízes e Desembargadores;
Auditores da Justiça Militar."

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes do Poder é *Excelentíssimo Senhor*, seguido do cargo respectivo: *Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.*

E mais: As demais autoridades serão tratadas com o vocativo *Senhor,* seguido do cargo respectivo: *Senhor Senador, Senhor Juiz, Senhor Ministro, Senhor Governador.*

O Manual ainda preceitua que a forma de tratamento *"Digníssimo"* fica abolida para as autoridades descritas acima, afinal, a dignidade é condição primordial para que tais cargos públicos sejam ocupados.

Fica ainda dito que *doutor* não é forma de tratamento, mas titulação acadêmica de quem defende tese de doutorado. Portanto, é aconselhável que não se use discriminadamente tal termo.

AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS

1. ASPECTOS GERAIS DA REDAÇÃO OFICIAL

O que é Redação Oficial

Em uma frase, pode-se dizer que ***redação oficial é a maneira pela qual o Poder Público redige atos normativos e comunicações***. Interessa-nos tratá-la do ponto de vista do Poder Executivo.

A redação oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, uso do padrão culto de linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Fundamentalmente esses atributos decorrem da Constituição, que dispõe, no artigo 37: "*A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...)"*. Sendo a publicidade e a impessoalidade princípios fundamentais de toda administração pública, claro que devem igualmente nortear a elaboração dos atos e comunicações oficiais.

Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão. A transparência do sentido dos atos normativos, bem como sua inteligibilidade, são requisitos do próprio Estado de Direito: é inaceitável que um texto legal não seja entendido pelos cidadãos. A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão.

Fica claro também que as comunicações oficiais são necessariamente uniformes, pois há sempre um único comunicador (o Serviço Público) e o receptor dessas comunicações ou é o próprio Serviço Público (no caso de expedientes dirigidos por um órgão a outro) – ou o conjunto dos cidadãos ou instituições tratados de forma homogênea (o público).

A redação oficial não é necessariamente árida e infensa à evolução da língua. É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular, etc.

Apresentadas essas características fundamentais da redação oficial, passemos à análise pormenorizada de cada uma delas.

A Impessoalidade

A finalidade da língua é comunicar, quer pela fala, quer pela escrita. Para que haja comunicação, são necessários: a) alguém que comunique, b) algo a ser comunicado, e c) alguém que receba essa comunicação. No caso da redação oficial, quem comunica é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção); o que se comunica é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica; o destinatário dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo ou dos outros Poderes da União.

Percebe-se, assim, que o tratamento impessoal que deve ser dado aos assuntos que constam das comunicações oficiais decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado por Chefe de determinada Seção, é sempre em nome do Serviço Público que é feita a comunicação. Obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação, com duas possibilidades: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como público, ou a outro órgão público. Nos dois casos, temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: se o universo temático das comunicações oficiais restringe-se a questões que dizem respeito ao interesse público, é natural que não caiba qualquer tom particular ou pessoal.

Desta forma, não há lugar na redação oficial para impressões pessoais, como as que, por exemplo, constam de uma carta a um amigo, ou de um artigo assinado de jornal, ou mesmo de um texto literário. A redação oficial deve ser isenta da interferência da individualidade que a elabora.

A concisão, a clareza, a objetividade e a formalidade de que nos valemos para elaborar os expedientes oficiais contribuem, ainda, para que seja alcançada a necessária impessoalidade.

A Linguagem dos Atos e Comunicações Oficiais

A necessidade de empregar determinado nível de linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre, de um lado, do próprio caráter público desses atos e comunicações; de outro, de sua finalidade. Os atos oficiais, aqui entendidos como atos de caráter normativo, ou estabelecem regras para a conduta dos cidadãos, ou regulam o funcionamento dos órgãos públicos, o que só é alcançado se em sua elaboração for empregada a linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

As comunicações que partem dos órgãos públicos federais devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Para atingir esse objetivo, há que evitar o uso de uma linguagem restrita a determinados grupos. Não há dúvida de que um texto marcado por expressões de circulação restrita, como a gíria, os regionalismos vocabulares ou o jargão técnico, tem sua compreensão dificultada.

Ressalte-se que há necessariamente uma distância entre a língua falada e a escrita. Aquela é extremamente dinâmica, reflete de forma imediata qualquer alteração de costumes, e pode eventualmente contar com outros elementos que auxiliem a sua compreensão, como os gestos, a entoação, etc., para mencionar apenas alguns dos fatores responsáveis por essa distância. Já a língua escrita incorpora mais lentamente as transformações, tem maior vocação para a permanência e vale-se apenas de si mesma para comunicar.

Os textos oficiais, devido ao seu caráter impessoal e sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requerem o uso do padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se de que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.

Pode-se concluir, então, que não existe propriamente um "padrão oficial de linguagem"; o que há é o uso do padrão culto nos atos e comunicações oficiais. É claro que haverá preferência pelo uso de determinadas expressões, ou será obedecida certa tradição no emprego das formas sintáticas, mas isso não implica, necessariamente, que se consagre a utilização de uma forma de linguagem burocrática. O jargão burocrático, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

A linguagem técnica deve ser empregada apenas em situações que a exijam, sendo de evitar o seu uso indiscriminado. Certos rebuscamentos acadêmicos, e mesmo o vocabulário próprio a determinada área, são de difícil entendimento por quem não esteja com eles familiarizado. Deve-se ter o cuidado, portanto, de explicitá-los em comunicações encaminhadas a outros órgãos da administração e em expedientes dirigidos aos cidadãos.

Formalidade e Padronização

As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das já mencionadas exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível; mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

NOVA CONCURSOS

A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações. Ora, se a administração federal é una, é natural que as comunicações que expede sigam um mesmo padrão. O estabelecimento desse padrão exige que se atente para todas as características da redação oficial e que se cuide, ainda, da apresentação dos textos.

A clareza datilográfica, o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

Concisão e Clareza

A concisão é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente, ao princípio de economia linguística, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve, de forma alguma, entendê-la como economia de pensamento, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. No entanto a clareza não é algo que se atinja por si só: ela depende estritamente das demais características da redação oficial. Para ela concorrem:

- a impessoalidade, que evita a duplicidade de interpretações que poderia decorrer de um tratamento personalista dado ao texto;
- o uso do padrão culto de linguagem, em princípio, de entendimento geral e por definição avesso a vocábulos de circulação restrita, como a gíria e o jargão;
- a formalidade e a padronização, que possibilitam a imprescindível uniformidade dos textos;
- a concisão, que faz desaparecer do texto os excessos linguísticos que nada lhe acrescentam.

É pela correta observação dessas características que se redige com clareza. Contribuirá, ainda, a indispensável releitura de todo texto redigido. A ocorrência, em textos oficiais, de trechos obscuros e de erros gramaticais provém principalmente da falta da releitura que torna possível sua correção.

A revisão atenta exige, necessariamente, tempo. A pressa com que são elaboradas certas comunicações quase sempre compromete sua clareza. Não se deve proceder à redação de um texto que não seja seguida por sua revisão. *"Não há assuntos urgentes, há assuntos atrasados"*, diz a máxima. Evite-se, pois, o atraso, com sua indesejável repercussão no redigir.

Pronomes de Tratamento

Concordância com os Pronomes de Tratamento

Os pronomes de tratamento (ou de segunda pessoa indireta) apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal. Embora se refiram à segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), levam a concordância para a terceira pessoa. É que o verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: *"Vossa Senhoria nomeará o substituto"; "Vossa Excelência conhece o assunto"*.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: *"Vossa Senhoria nomeará seu substituto"* (e não "Vossa ... vosso...").

Já quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é *"Vossa Excelência está atarefado", "Vossa Senhoria deve estar satisfeito"*; se for mulher, *"Vossa Excelência está atarefada", "Vossa Senhoria deve estar satisfeita"*.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência*, terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70.064-900 – Brasília. DF
A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70.165-900 – Brasília. DF

Senhor Ministro,

Submeto a Vossa Excelência projeto (...)

Fechos para Comunicações

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria no 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Com o fito de simplificá-los e uniformizá-los, este Manual estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República: *Respeitosamente*,

b) para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior: *Atenciosamente,*

Ficam excluídas dessa fórmula as comunicações dirigidas a autoridades estrangeiras, que atendem a rito e tradição próprios, devidamente disciplinados no Manual de Redação do Ministério das Relações Exteriores.

Identificação do Signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República

(espaço para assinatura)
Nome
Ministro de Estado da Justiça

Para evitar equívocos, recomenda-se não deixar a assinatura em página isolada do expediente. Transfira para essa página ao menos a última frase anterior ao fecho.

Forma de diagramação

Os documentos do Padrão Ofício devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

- deve ser utilizada fonte do tipo Times New Roman de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações, e 10 nas notas de rodapé;
- para símbolos não existentes na fonte Times New Roman poder-se-á utilizar as fontes Symbol e Wingdings;
- é obrigatório constar a partir da segunda página o número da página;
- os ofícios, memorandos e anexos destes poderão ser impressos em ambas as faces do papel. Neste caso, as margens esquerda e direta terão as distâncias invertidas nas páginas pares ("margem espelho");
- o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3,0 cm de largura;
- o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;
- o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;
- deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas e de 6 pontos após cada parágrafo, ou, se o editor de texto utilizado não comportar tal recurso, de uma linha em branco;
- não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra forma de formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;
- a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;
- todos os tipos de documentos do Padrão Ofício devem ser impressos em papel de tamanho A-4, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;
- deve ser utilizado, preferencialmente, o formato de arquivo Rich Text nos documentos de texto;
- dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;
- para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira:

tipo do documento + número do documento + palavras-chaves do conteúdo

Ex.: "Of. 123 - relatório produtividade ano 2002"

Aviso e Ofício

Definição e Finalidade

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o *aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades*. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Forma e Estrutura

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Senhora Ministra
Senhor Chefe de Gabinete

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do ofício as seguintes informações do remetente:

– nome do órgão ou setor;
– endereço postal;
– telefone e e-mail.

OBS: Estas informações estão ausentes no memorando, pois trata-se de comunicação interna, destinatário e remetente possuem o mesmo endereço. No caso se o Aviso é de um Ministério para outro Ministério, também não precisa especificar o endereço. O Ofício é enviado para outras instituições, logo, são necessárias as informações do remetente e o endereço do destinatário para que o ofício possa ser entregue e o remetente possa receber resposta.

Memorando

Definição e Finalidade

O memorando é a *modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão*, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna.

Pode ter caráter meramente administrativo, ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes, etc. a serem adotados por determinado setor do serviço público.

Sua característica principal é a agilidade. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos ao memorando devem ser dados

NOVA CONCURSOS

no próprio documento e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões, e permitindo que se historie o andamento da matéria tratada no memorando.

Forma e Estrutura

Quanto a sua forma, o memorando segue o modelo do padrão ofício, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa. Ex:

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração
Ao Sr. Subchefe para Assuntos Jurídicos

Exposição de Motivos

Definição e Finalidade

Exposição de motivos é o expediente dirigido ao Presidente da República ou ao Vice-Presidente para: a) informá-lo de determinado assunto; b) propor alguma medida; ou c) submeter a sua consideração projeto de ato normativo.

Em regra, a exposição de motivos é dirigida ao Presidente da República por um Ministro de Estado.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de um Ministério, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os Ministros envolvidos, sendo, por essa razão, chamada de *interministerial*.

Forma e Estrutura

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do padrão ofício. A exposição de motivos, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto ao conhecimento do Presidente da República, sua estrutura segue o modelo antes referido para o padrão ofício.

Mensagem

Definição e Finalidade

É o instrumento de *comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo* para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Minuta de mensagem pode ser encaminhada pelos Ministérios à Presidência da República, a cujas assessorias caberá a redação final.

As mensagens mais usuais do Poder Executivo ao Congresso Nacional têm as seguintes finalidades:

- encaminhamento de projeto de lei ordinária, complementar ou financeira;
- encaminhamento de medida provisória;
- indicação de autoridades;
- pedido de autorização para o Presidente ou o Vice-Presidente da República ausentarem-se do País por mais de 15 dias;
- encaminhamento de atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e TV;
- encaminhamento das contas referentes ao exercício anterior;
- mensagem de abertura da sessão legislativa;
- comunicação de sanção (com restituição de autógrafos);
- comunicação de veto;
- outras mensagens.

Forma e Estrutura

As mensagens contêm: a) a indicação do tipo de expediente e de seu número, horizontalmente, no início da margem esquerda; b) vocativo, de acordo com o pronome de tratamento e o cargo do destinatário, horizontalmente, no início da margem esquerda (*Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal*); c) o texto, iniciando a 2 cm do vocativo; d) o local e a data, verticalmente a 2 cm do final do texto, e horizontalmente fazendo coincidir seu final com a margem direita.

A mensagem, como os demais atos assinados pelo Presidente da República, não traz identificação de seu signatário.

Telegrama

Definição e Finalidade

Com o fito de uniformizar a terminologia e simplificar os procedimentos burocráticos, passa a receber o título de telegrama toda comunicação oficial expedida por meio de telegrafia, telex, etc.

Por tratar-se de forma de comunicação dispendiosa aos cofres públicos e tecnologicamente superada, deve restringir-se o uso do telegrama apenas àquelas situações que não seja possível o uso de correio eletrônico ou fax e que a urgência justifique sua utilização e, também em razão de seu custo elevado, esta forma de comunicação deve pautar-se pela concisão.

Forma e Estrutura

Não há padrão rígido, devendo-se seguir a forma e a estrutura dos formulários disponíveis nas agências dos Correios e em seu sítio na Internet.

Fax

Definição e Finalidade

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-símile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da Internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, deteriora-se rapidamente.

Forma e Estrutura

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, juntamente com o documento principal, de folha de rosto, e de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]
[setor do órgão expedidor]
[endereço do órgão expedidor]
Destinatário:_____
No do fax de destino:_____ Data:__/__/__
Remetente: _____
Tel. p/ contato:_____ Fax/correio eletrônico:___
No de páginas: _____No do documento:_____

Observações:_____

Correio Eletrônico

Definição e finalidade

O correio eletrônico (*"e-mail"*), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Forma e Estrutura

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo "assunto" do formulário de correio eletrônico mensagem deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental tanto do destinatário quanto do remetente.

Para os arquivos anexados à mensagem deve ser utilizado, preferencialmente, o formato Rich Text. A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo.

Sempre que disponível, deve-se utilizar recurso de confirmação de leitura. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Valor documental

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha valor documental, e para que possa ser aceito como documento original, é necessário existir certificação digital que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

ELEMENTOS DE ORTOGRAFIA E GRAMÁTICA

Problemas de Construção de Frases

A clareza e a concisão na forma escrita são alcançadas principalmente pela construção adequada da frase, *"a menor unidade autônoma da comunicação"*, na definição de Celso Pedro Luft.

A função essencial da frase é desempenhada pelo predicado, que, para Adriano da Gama Kury, pode ser entendido como *"a enunciação pura de um fato qualquer"*. Sempre que a frase possuir pelo menos um verbo, recebe o nome de período, que terá tantas orações quantos forem os verbos não auxiliares que o constituem.

Outra função relevante é a do sujeito – mas não indispensável, pois há orações sem sujeito, ditas impessoais –, de quem se diz algo, cujo núcleo é sempre um substantivo. Sempre que o verbo o exigir, teremos nas orações substantivos (nomes ou pronomes) que desempenham a função de complementos (objetos direto e indireto, predicativo e complemento adverbial). Função acessória desempenham os adjuntos adverbiais, que vêm geralmente ao final da oração, mas que podem ser ou intercalados aos elementos que desempenham as outras funções, ou deslocados para o início da oração.

Temos, assim, a seguinte ordem de colocação dos elementos que compõem uma oração (Observação: os parênteses indicam os elementos que podem não ocorrer):

(sujeito) - verbo - (complementos) - (adjunto adverbial).

Podem ser identificados seis padrões básicos para as orações pessoais (i. é, com sujeito) na língua portuguesa (a função que vem entre parênteses é facultativa e pode ocorrer em ordem diversa):

1. Sujeito - verbo intransitivo - (Adjunto Adverbial)
O Presidente - regressou - (ontem).

2. Sujeito - verbo transitivo direto - objeto direto - (adjunto adverbial)
O Chefe da Divisão - assinou - o termo de posse - (na manhã de terça-feira).

3. Sujeito - verbo transitivo indireto - objeto indireto - (adjunto adverbial).
O Brasil - precisa - de gente honesta - (em todos os setores).

4. Sujeito - verbo transitivo direto e indireto - obj. direto - obj. indireto - (adj. Adv.)
Os desempregados - entregaram - suas reivindicações - ao Deputado - (no Congresso).

5. Sujeito - verbo transitivo indireto - complemento adverbial - (adjunto adverbial)
A reunião do Grupo de Trabalho - ocorrerá - em Buenos Aires - (na próxima semana).
O Presidente - voltou - da Europa - (na sexta-feira)

6. Sujeito - verbo de ligação - predicativo - (adjunto adverbial)
O problema - será - resolvido - prontamente.

NOVA CONCURSOS

Esses seriam os padrões básicos para as orações, ou seja, as frases que possuem apenas um verbo conjugado. Na construção de períodos, as várias funções podem ocorrer em ordem inversa à mencionada, misturando-se e confundindo-se. Não interessa aqui análise exaustiva de todos os padrões existentes na língua portuguesa. O que importa é fixar a ordem normal dos elementos nesses seis padrões básicos. Acrescente-se que períodos mais complexos, compostos por duas ou mais orações, em geral podem ser reduzidos aos padrões básicos (de que derivam).

Os problemas mais frequentemente encontrados na construção de frases dizem respeito à má pontuação, à ambiguidade da ideia expressa, à elaboração de falsos paralelismos, erros de comparação, etc. Decorrem, em geral, do desconhecimento da ordem das palavras na frase. Indicam-se, a seguir, alguns desses defeitos mais comuns e recorrentes na construção de frases, registrados em documentos oficiais.

Sujeito

Como dito, o sujeito é o ser de quem se fala ou que executa a ação enunciada na oração. Ele pode ter complemento, mas não ser complemento. Devem ser evitadas, portanto, construções como:

Errado: *É tempo do Congresso votar a emenda.*

Certo: *É tempo de o Congresso votar a emenda*.

Errado: *Apesar das relações entre os países estarem cortadas,* (...).

Certo: *Apesar de as relações entre os países estarem cortadas,* (...).

Errado: *Não vejo mal no Governo proceder assim.*

Certo: *Não vejo mal em o Governo proceder assim.*

Errado: *Antes destes requisitos serem cumpridos, (...*).

Certo: *Antes de estes requisitos serem cumpridos*, (...).

Errado: *Apesar da Assessoria ter informado em tempo,* (...).

Certo: *Apesar de a Assessoria ter informado em tempo*, (...).

Frases Fragmentadas

A fragmentação de frases "consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa". Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.:

Errado: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional. Depois de ser longamente debatido.*

Certo: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.*

Certo: *Depois de ser longamente debatido, o programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.*

Errado: *O projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou. Consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.*

Certo: *O projeto de Convenção foi oportunamente submetido ao Presidente da República, que o aprovou, consultadas as áreas envolvidas na elaboração do texto legal.*

Erros de Paralelismo

Uma das convenções estabelecidas na linguagem escrita "consiste em apresentar ideias similares numa forma gramatical idêntica", o que se chama de paralelismo. Assim, incorre-se em erro ao conferir forma não paralela a elementos paralelos. Vejamos alguns exemplos:

Errado: *Pelo aviso circular recomendou-se aos Ministérios economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.*

Nesta frase temos, nas duas orações subordinadas que completam o sentido da principal, duas estruturas diferentes para ideias equivalentes: a primeira oração (economizar energia) é reduzida de infinitivo, enquanto a segunda (que elaborassem planos de redução de despesas) é uma oração desenvolvida introduzida pela conjunção integrante *que*. Há mais de uma possibilidade de escrevê-la com clareza e correção; uma seria a de apresentar as duas orações subordinadas como desenvolvidas, introduzidas pela conjunção integrante que:

Certo: *Pelo aviso circular, recomendou-se aos Ministérios que economizassem energia e (que) elaborassem planos para redução de despesas.*

Outra possibilidade: as duas orações são apresentadas como reduzidas de infinitivo:

Certo: *Pelo aviso circular, recomendou-se aos Ministérios economizar energia e elaborar planos para redução de despesas.*

Nas duas correções respeita-se a estrutura paralela na coordenação de orações subordinadas.

Mais um exemplo de frase inaceitável na língua escrita culta:

Errado: *No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.*

O problema aqui decorre de coordenar palavras (substantivos) com orações (reduzidas de infinitivo).

Para tornar a frase clara e correta, pode-se optar ou por transformá-la em frase simples, substituindo as orações reduzidas por substantivos:

Certo: *No discurso de posse, mostrou determinação, segurança, inteligência e ambição.*

Atentemos, ainda, para o problema inverso, o falso paralelismo, que ocorre ao se dar forma paralela (equivalente) a ideias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: *O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma e o Papa.*

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (Paris, Bonn, Roma) e uma pessoa (o Papa). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (visitar):

Certo: *O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Mencionemos, por fim, o falso paralelismo provocado pelo uso inadequado da expressão "*e que*" num período que não contém nenhum *"que"* anterior.

Errado: *O novo procurador é jurista renomado, e que tem sólida formação acadêmica.*

Para corrigir a frase, ou suprimimos o pronome relativo:

Certo: *O novo procurador é jurista renomado e tem sólida formação acadêmica*.

Outro exemplo de falso paralelismo com "e que":

Errado: *Neste momento, não se devem adotar medidas precipitadas, e que comprometam o andamento de todo o programa.*

Da mesma forma com que corrigimos o exemplo anterior aqui podemos ou suprimir a conjunção:

Certo: *Neste momento, não se devem adotar medidas precipitadas, que comprometam o andamento de todo o programa.*

Erros de Comparação

A omissão de certos termos ao fazermos uma comparação, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo do que um médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "o salário de um professor" com "um médico".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente da Portaria.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra "outros" (ou "demais") acarretou imprecisão:

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os outros Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os demais Ministérios do Governo.*

Ambiguidade

Ambígua é a frase ou oração que pode ser tomada em mais de um sentido. Como a clareza é requisito básico de todo texto oficial, deve-se atentar para as construções que possam gerar equívocos de compreensão.

A ambiguidade decorre, em geral, da dificuldade de identificar--se a que palavra se refere um pronome que possui mais de um antecedente na terceira pessoa. Pode ocorrer com:

- pronomes pessoais:

Ambíguo: *O Ministro comunicou a seu secretariado que ele seria exonerado.*

Claro: *O Ministro comunicou exoneração dele a seu secretariado.*

Ou então, caso o entendimento seja outro:

Claro: *O Ministro comunicou a seu secretariado a exoneração deste.*

- pronomes possessivos e pronomes oblíquos:

Ambíguo: *O Deputado saudou o Presidente da República, em seu discurso, e solicitou sua intervenção no seu Estado, mas isso não o surpreendeu.*

Observe-se a multiplicidade de ambiguidade no exemplo acima, as quais tornam virtualmente inapreensível o sentido da frase.

Claro: *Em seu discurso o Deputado saudou o Presidente da República. No pronunciamento, solicitou a intervenção federal em seu Estado, o que não surpreendeu o Presidente da República.*

- pronome relativo:

Ambíguo: *Roubaram a mesa do gabinete em que eu costumava trabalhar.*

Não fica claro se o pronome relativo da segunda oração refere--se à mesa ou a gabinete. Essa ambiguidade se deve ao pronome relativo "que", sem marca de gênero. A solução é recorrer às formas *o qual, a qual, os quais, as quais*, que marcam gênero e número.

Claro: *Roubaram a mesa do gabinete no qual eu costumava trabalhar.*

Se o entendimento é outro, então:

Claro: *Roubaram a mesa do gabinete na qual eu costumava trabalhar.*

Há, ainda, outro tipo de ambiguidade, que decorre da dúvida sobre a que se refere a oração reduzida:

Ambíguo: *Sendo indisciplinado, o Chefe admoestou o funcionário.*

Para evitar o tipo de ambiguidade do exemplo acima, deve-se deixar claro qual o sujeito da oração reduzida.

Claro: *O Chefe admoestou o funcionário por ser este indisciplinado*.

Ambíguo: *Depois de examinar o paciente, uma senhora chamou o médico.*

Claro: *Depois que o médico examinou o paciente, foi chamado por uma senhora.*

Fontes:

http://www.redacaooficial.com.br/redacao_oficial_publicacoes_ver.php?id=2

http://portuguesxconcursos.blogspot.com.br/p/redacao-oficial-para-concursos.html

ATIVIDADES

1-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO ACRE – TÉCNICO EM MICROINFORMÁTICA - CESPE/2012) O correio eletrônico é uma forma de comunicação célere, na qual deve ser utilizada linguagem compatível com a comunicação oficial, embora não seja definida uma forma rígida para sua estrutura.

( ) Certo ( ) Errado

2-) (POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE ALAGOAS – AGENTE DE POLÍCIA – CESPE/2012) O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas ao chefe do Poder Executivo da República Federativa do Brasil é Excelentíssimo Senhor.

( ) Certo ( ) Errado

3-) (GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS – TÉCNICO FORENSE - CESPE/2013) A concisão, uma das qualidades essenciais ao texto oficial, para a qual concorrem o domínio do assunto tratado e a revisão textual, consiste em se transmitir, no texto escrito, o máximo de informações empregando-se um mínimo de palavras.

( ) Certo ( ) Errado

4-) (GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS – TÉCNICO FORENSE - CESPE/2013) Na parte superior do ofício, do aviso e do memorando, antes do assunto, devem constar o nome e o endereço da autoridade a quem é direcionada a comunicação.

( ) Certo ( ) Errado

5-) (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – ANALISTA TÉCNICO ADMINISTRATIVO – CESPE/2014) Em "Vossa Excelência deve estar satisfeita com os resultados das negociações", o adjetivo estará corretamente empregado se dirigido a ministro de Estado do sexo masculino, pois o termo "satisfeita" deve concordar com a locução pronominal de tratamento "Vossa Excelência".

( ) Certo ( ) Errado

6-) (ACADEMIA DE POLÍCIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS – TÉCNICO ASSISTENTE DA POLÍCIA CIVIL - FUMARC/2013) Sobre a Redação Oficial, NÃO é correto afirmar que

(A) exige emprego do padrão formal de linguagem.

(B) deve permitir uma única interpretação e ser estritamente impessoal.

(C) sua finalidade básica é comunicar com impessoalidade e máxima clareza.

(D) dispensa a formalidade de tratamento, uma vez que o comunicador e o receptor são o Serviço Público.

7-) (ACADEMIA DE POLÍCIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS – TÉCNICO ASSISTENTE DA POLÍCIA CIVIL - FUMARC/2013 - adaptada) "Na revisão de um expediente, deve-se avaliar, ainda, se ele será de fácil compreensão por seu destinatário. O que nos parece óbvio pode ser desconhecido por terceiros. O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral, o que nem sempre é verdade. Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos, o significado das siglas e abreviações e os conceitos específicos que não possam ser dispensados."

(Manual de Redação Oficial da Presidência da República. p. 14).

Sobre a Redação Oficial, pode-se concluir que

(A) a concisão de um texto está relacionada ao grau de especificação dos termos.

(B) a padronização de termos e conceitos viabiliza a uniformidade dos documentos.

(C) a revisão possibilita a substituição de termos, muitas vezes, desconhecidos pelo leitor.

(D) claro é o texto que exige releituras mais aprofundadas.

8-) (CNJ – TÉCNICO JUDICIÁRIO – CESPE/2013) O expediente adequado para a comunicação entre ministros de Estado é a mensagem.

( ) Certo ( ) Errado

9-) (ANP – CONHECIMENTO BÁSICO PARA TODOS OS CARGOS – CESPE/2013) Na redação de uma ata, devem-se relatar exaustivamente, com o máximo de detalhamento possível, incluindo-se os aspectos subjetivos, as discussões, as propostas, as resoluções e as deliberações ocorridas em reuniões e eventos que exigem registro.

( ) Certo ( ) Errado

10-) (TRE/PA- ANALISTA JUDICIÁRIO – FGV/2011) Segundo o Manual de Redação da Presidência da República, NÃO se deve usar Vossa Excelência para

(A) embaixadores.

(B) conselheiros dos Tribunais de Contas estaduais.

(C) prefeitos municipais.

(D) presidentes das Câmaras de Vereadores.

(E) vereadores.

Resolução

1-)

O correio eletrônico ("e-mail"), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos de comunicação por correio eletrônico é sua flexibilidade. Assim, não interessa definir forma rígida para sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial (v. 1.2 A Linguagem dos Atos e Comunicações Oficiais).

(Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm)

RESPOSTA: "CERTO".

2-)

(...) O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República (...)

(Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm)

RESPOSTA: "CERTO".

3-)

É a qualidade esperada de um bom texto, assim ele não se torna prolixo: "fala, fala, mas não diz nada!".

RESPOSTA: "CERTO".

4-)

O aviso, o ofício e o memorando devem conter as seguintes partes:

a) tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede:

b) local e data em que foi assinado, por extenso, com alinhamento à direita:

c) assunto: resumo do teor do documento
d) destinatário: o nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício deve ser incluído também o endereço.
e) texto;
f) fecho;
g) assinatura do autor da comunicação; e
h) identificação do signatário

(Fonte: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:omaLJnt2UtQJ:www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/Manual_Rich_RedPR2aEd.rtf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)

RESPOSTA: "ERRADO".

5-)
Se a pessoa, no caso o ministro, for do sexo feminino (ministra), o adjetivo está correto; mas, se for do sexo masculino, o adjetivo sofrerá flexão de gênero: satisfeito. O pronome de tratamento é apenas a maneira como tratar a autoridade, não regendo as demais concordâncias.

RESPOSTA: "ERRADO".

6-)
As comunicações oficiais devem ser sempre formais, isto é, obedecem a certas regras de forma: além das (...) exigências de impessoalidade e uso do padrão culto de linguagem, é imperativo, ainda, certa formalidade de tratamento. Não se trata somente da eterna dúvida quanto ao correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível (...); mais do que isso, a formalidade diz respeito à polidez, à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.
(Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/manual/manual.htm_)

RESPOSTA: "D".

7-)
Através da leitura do excerto e das próprias alternativas, chegamos à conclusão de que um texto, principalmente oficial, deve priorizar a revisão.
RESPOSTA: "C".

8-)
Mensagem – é o instrumento de comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes Públicos, notadamente as mensagens enviadas pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre fato da Administração Pública; expor o plano de governo por ocasião da abertura de sessão legislativa; submeter ao Congresso Nacional matérias que dependem de deliberação de suas Casas; apresentar veto; enfim, fazer e agradecer comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos e da Nação.

Aviso e Ofício - são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.
(Fonte: http://www.fontedosaber.com/portugues/redacao-oficial-dicas-e-macetes.html)

RESPOSTA: "ERRADO".

9-)
Ata é um documento administrativo que tem a finalidade de registrar de modo sucinto a sequência de eventos de uma reunião ou assembleia de pessoas com um fim específico. É característica da Ata apresentar um resumo, cronologicamente disposto, de modo infalível, de todo o desenrolar da reunião.
(Fonte: https://www.10emtudo.com.br/aula/ensino/a_redacao_oficial_ata/)

RESPOSTA: "ERRADO".

10-)
(...) O uso do pronome de tratamento Vossa Senhoria (abreviado V. Sa.) para vereadores está correto, sim. Numa Câmara de Vereadores só se usa Vossa Excelência para o seu presidente, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (1991).
(Fonte: http://www.linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=393)

RESPOSTA: "E".

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO E GRAMÁTICA. AS QUESTÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA TÊM POR OBJETIVO VERIFICAR A CAPACIDADE DE LEITURA, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO, BEM COMO, A HABILIDADE DE USAR A LINGUAGEM COMO MEIO PARA PRODUZIR, EXPRESSAR E COMUNICAR IDEIAS EM DIFERENTES SITUAÇÕES - TIPOS DE COMUNICAÇÃO: DESCRIÇÃO - NARRAÇÃO - DISSERTAÇÃO - TIPOS DE DISCURSO - QUALIDADES DE DEFEITOS DE UM TEXTO - COESÃO TEXTUAL.

É muito comum, entre os candidatos a um cargo público, a preocupação com a interpretação de textos. Por isso, vão aqui alguns detalhes que poderão ajudar no momento de responder às questões relacionadas a textos.

Texto – é um conjunto de ideias organizadas e relacionadas entre si, formando um todo significativo capaz de produzir interação comunicativa (capacidade de codificar e decodificar).

NOVA CONCURSOS

Contexto – um texto é constituído por diversas frases. Em cada uma delas, há uma certa informação que a faz ligar-se com a anterior e/ou com a posterior, criando condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido. A essa interligação dá-se o nome de contexto. Nota-se que o relacionamento entre as frases é tão grande que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá ter um significado diferente daquele inicial.

Intertexto - comumente, os textos apresentam referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações. Esse tipo de recurso denomina-se intertexto.

Interpretação de texto - o primeiro objetivo de uma interpretação de um texto é a identificação de sua ideia principal. A partir daí, localizam-se as ideias secundárias, ou fundamentações, as argumentações, ou explicações, que levem ao esclarecimento das questões apresentadas na prova.

Normalmente, numa prova, o candidato é convidado a:

- **Identificar** – é reconhecer os elementos fundamentais de uma argumentação, de um processo, de uma época (neste caso, procuram-se os verbos e os advérbios, os quais definem o tempo).
- **Comparar** – é descobrir as relações de semelhança ou de diferenças entre as situações do texto.
- **Comentar** - é relacionar o conteúdo apresentado com uma realidade, opinando a respeito.
- **Resumir** – é concentrar as ideias centrais e/ou secundárias em um só parágrafo.
- **Parafrasear** – é reescrever o texto com outras palavras.

Condições básicas para interpretar

Fazem-se necessários:
- Conhecimento histórico–literário (escolas e gêneros literários, estrutura do texto), leitura e prática;
- Conhecimento gramatical, estilístico (qualidades do texto) e semântico;

Observação – na semântica (significado das palavras) incluem--se: homônimos e parônimos, denotação e conotação, sinonímia e antonímia, polissemia, figuras de linguagem, entre outros.
- Capacidade de observação e de síntese e
- Capacidade de raciocínio.

Interpretar X compreender

Interpretar significa
- *Explicar, comentar, julgar, tirar conclusões, deduzir.*
- *Através do texto, infere-se que...*
- *É possível deduzir que...*
- *O autor permite concluir que...*
- *Qual é a intenção do autor ao afirmar que...*

Compreender significa
- *intelecção, entendimento, atenção ao que realmente está escrito.*
- *o texto diz que...*
- *é sugerido pelo autor que...*
- *de acordo com o texto, é correta ou errada a afirmação...*
- *o narrador afirma...*

Erros de interpretação

É muito comum, mais do que se imagina, a ocorrência de erros de interpretação. Os mais frequentes são:
- Extrapolação (viagem): Ocorre quando se sai do contexto, acrescentado ideias que não estão no texto, quer por conhecimento prévio do tema quer pela imaginação.

- Redução: É o oposto da extrapolação. Dá-se atenção apenas a um aspecto, esquecendo que um texto é um conjunto de ideias, o que pode ser insuficiente para o total do entendimento do tema desenvolvido.

- Contradição: Não raro, o texto apresenta ideias contrárias às do candidato, fazendo-o tirar conclusões equivocadas e, consequentemente, errando a questão.

Observação - Muitos pensam que há a ótica do escritor e a ótica do leitor. Pode ser que existam, mas numa prova de concurso, o que deve ser levado em consideração é o que o autor diz e nada mais.

Coesão - é o emprego de mecanismo de sintaxe que relaciona palavras, orações, frases e/ou parágrafos entre si. Em outras palavras, a coesão dá-se quando, através de um pronome relativo, uma conjunção (NEXOS), ou um pronome oblíquo átono, há uma relação correta entre o que se vai dizer e o que já foi dito.

OBSERVAÇÃO – São muitos os erros de coesão no dia -a-dia e, entre eles, está o mau uso do pronome relativo e do pronome oblíquo átono. Este depende da regência do verbo; aquele do seu antecedente. Não se pode esquecer também de que os pronomes relativos têm, cada um, valor semântico, por isso a necessidade de adequação ao antecedente.

Os pronomes relativos são muito importantes na interpretação de texto, pois seu uso incorreto traz erros de coesão. Assim sendo, deve-se levar em consideração que existe um pronome relativo adequado a cada circunstância, a saber:
- *que (neutro)* - relaciona-se com qualquer antecedente, mas depende das condições da frase.
- *qual (neutro)* idem ao anterior.
- *quem (pessoa)*
- *cujo (posse)* - antes dele aparece o possuidor e depois o objeto possuído.
- *como (modo)*
- *onde (lugar)*

quando (tempo)
quanto (montante)

Exemplo:
Falou tudo QUANTO queria (correto)
Falou tudo QUE queria (errado - antes do QUE, deveria aparecer o demonstrativo O).

Dicas para melhorar a interpretação de textos

- Ler todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto;
- Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura;
- Ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos duas vezes;
- Inferir;
- Voltar ao texto quantas vezes precisar;
- Não permitir que prevaleçam suas ideias sobre as do autor;
- Fragmentar o texto (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
- Verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
- O autor defende ideias e você deve percebê-las.

Fonte:
http://www.tudosobreconcursos.com/materiais/portugues/como-interpretar-textos

QUESTÕES

1-) (SABESP/SP – ATENDENTE A CLIENTES 01 – FCC/2014 - ADAPTADA) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

A marca da solidão

Deitado de bruços, sobre as pedras quentes do chão de paralelepípedos, o menino espia. Tem os braços dobrados e a testa pousada sobre eles, seu rosto formando uma tenda de penumbra na tarde quente.

Observa as ranhuras entre uma pedra e outra. Há, dentro de cada uma delas, um diminuto caminho de terra, com pedrinhas e tufos minúsculos de musgos, formando pequenas plantas, ínfimos bonsais só visíveis aos olhos de quem é capaz de parar de viver para, apenas, ver. Quando se tem a marca da solidão na alma, o mundo cabe numa fresta.

(SEIXAS, Heloísa. Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta negra bazar, 2010. p. 47)

No texto, o substantivo usado para ressaltar o universo reduzido no qual o menino detém sua atenção é
(A) fresta.
(B) marca.
(C) alma.
(D) solidão.
(E) penumbra.

2-) (ANCINE – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – CESPE/2012)

O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo.

Mikhail Bakhtin. A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 73 (com adaptações).

Na linha 1, o elemento "ele" tem como referente textual "O riso".
( ) CERTO ( ) ERRADO

3-) (ANEEL – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – CESPE/2010)

Só agora, quase cinco meses depois do apagão que atingiu pelo menos 1.800 cidades em 18 estados do país, surge uma explicação oficial satisfatória para o corte abrupto e generalizado de energia no final de 2009.

Segundo relatório da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), a responsabilidade recai sobre a empresa estatal Furnas, cujas linhas de transmissão cruzam os mais de 900 km que separam Itaipu de São Paulo.

Equipamentos obsoletos, falta de manutenção e de investimentos e também erros operacionais conspiraram para produzir a mais séria falha do sistema de geração e distribuição de energia do país desde o traumático racionamento de 2001.

Folha de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima apresentado, julgue os próximos itens.

A oração "que atingiu pelo menos 1.800 cidades em 18 estados do país" tem, nesse contexto, valor restritivo.
( ) CERTO ( ) ERRADO

4-) (CORREIOS – CARTEIRO – CESPE/2011)

Um carteiro chega ao portão do hospício e grita:
— Carta para o 9.326!!!
Um louco pega o envelope, abre-o e vê que a carta está em branco, e um outro pergunta:
— Quem te mandou essa carta?
— Minha irmã.
— Mas por que não está escrito nada?
— Ah, porque nós brigamos e não estamos nos falando!

Internet: <www.humortadela.com.br/piada> (com adaptações).

O efeito surpresa e de humor que se extrai do texto acima decorre
A) da identificação numérica atribuída ao louco.
B) da expressão utilizada pelo carteiro ao entregar a carta no hospício.
C) do fato de outro louco querer saber quem enviou a carta.
D) da explicação dada pelo louco para a carta em branco.
E) do fato de a irmã do louco ter brigado com ele.

NOVA CONCURSOS

5-) (DETRAN/RN – VISTORIADOR/EMPLACADOR – FGV PROJETOS/2010)

Painel do leitor (Carta do leitor)

Resgate no Chile

Assisti ao maior espetáculo da Terra numa operação de salvamento de vidas, após 69 dias de permanência no fundo de uma mina de cobre e ouro no Chile.

Um a um os mineiros soterrados foram içados com sucesso, mostrando muita calma, saúde, sorrindo e cumprimentando seus companheiros de trabalho. Não se pode esquecer a ajuda técnica e material que os Estados Unidos, Canadá e China ofereceram à equipe chilena de salvamento, num gesto humanitário que só enobrece esses países. E, também, dos dois médicos e dois "socorristas" que, demonstrando coragem e desprendimento, desceram na mina para ajudar no salvamento.

(Douglas Jorge; São Paulo, SP; www.folha.com.br – painel do leitor – 17/10/2010)

Considerando o tipo textual apresentado, algumas expressões demonstram o posicionamento pessoal do leitor diante do fato por ele narrado. Tais marcas textuais podem ser encontradas nos trechos a seguir, EXCETO:

A) "Assisti ao maior espetáculo da Terra..."
B) "... após 69 dias de permanência no fundo de uma mina de cobre e ouro no Chile."
C) "Não se pode esquecer a ajuda técnica e material..."
D) "... gesto humanitário que só enobrece esses países."
E) "... demonstrando coragem e desprendimento, desceram na mina..."

(DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Leia o texto para responder às questões de números 6 a 8.

Férias na Ilha do Nanja

Meus amigos estão fazendo as malas, arrumando as malas nos seus carros, olhando o céu para verem que tempo faz, pensando nas suas estradas – barreiras, pedras soltas, fissuras – sem falar em bandidos, milhões de bandidos entre as fissuras, as pedras soltas e as barreiras...*

Meus amigos partem para as suas férias, cansados de tanto trabalho; de tanta luta com os motoristas da contramão; enfim, cansados, cansados de serem obrigados a viver numa grande cidade, isto que já está sendo a negação da própria vida.

E eu vou para a Ilha do Nanja.

Eu vou para a Ilha do Nanja para sair daqui. Passarei as férias lá, onde, à beira das lagoas verdes e azuis, o silêncio cresce como um bosque. Nem preciso fechar os olhos: já estou vendo os pescadores com suas barcas de sardinha, e a moça à janela a namorar um moço na outra janela de outra ilha.

(Cecília Meireles, O que se diz e o que se entende. Adaptado)

*fissuras: fendas, rachaduras

6-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) No primeiro parágrafo, ao descrever a maneira como se preparam para suas férias, a autora mostra que seus amigos estão

(A) serenos.
(B) descuidados.
(C) apreensivos.
(D) indiferentes.
(E) relaxados.

7-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) De acordo com o texto, pode-se afirmar que, assim como seus amigos, a autora viaja para

(A) visitar um lugar totalmente desconhecido.
(B) escapar do lugar em que está.
(C) reencontrar familiares queridos.
(D) praticar esportes radicais.
(E) dedicar-se ao trabalho.

8-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) Ao descrever a Ilha do Nanja como um lugar onde, "à beira das lagoas verdes e azuis, o silêncio cresce como um bosque" (último parágrafo), a autora sugere que viajará para um lugar

(A) repulsivo e populoso.
(B) sombrio e desabitado.
(C) comercial e movimentado.
(D) bucólico e sossegado.
(E) opressivo e agitado.

9-) (DNIT – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – ESAF/2013)

Grandes metrópoles em diversos países já aderiram. E o Brasil já está falando sobre isso. O pedágio urbano divide opiniões e gera debates acalorados. Mas, afinal, o que é mais justo? O que fazer para desafogar a cidade de tantos carros? Prepare-se para o debate que está apenas começando.

(Adaptado de Superinteressante, dezembro2012, p.34)

Marque N(não) para os argumentos contra o pedágio urbano; marque S(sim) para os argumentos a favor do pedágio urbano.

( ) A receita gerada pelo pedágio vai melhorar o transporte público e estender as ciclovias.
( ) Vai ser igual ao rodízio de veículos em algumas cidades, que não resolveu os problemas do trânsito.
( ) Se pegar no bolso do consumidor, então todo mundo vai ter que pensar bem antes de comprar um carro.
( ) A gente já paga garagem, gasolina, seguro, estacionamento, revisão....e agora mais o pedágio?
( ) Nós já pagamos impostos altos e o dinheiro não é investido no transporte público.
( ) Quer andar sozinho dentro do seu carro? Então pague pelo privilégio!
( ) O trânsito nas cidades que instituíram o pedágio urbano melhorou.

A ordem obtida é:

a) (S) (N) (N) (S) (S) (S) (N)
b) (S) (N) (S) (N) (N) (S) (S)
c) (N) (S) (S) (N) (S) (N) (S)
d) (S) (S) (N) (S) (N) (S) (N)
e) (N) (N) (S) (S) (N) (S) (N)

10-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARANÁ – ADMINISTRADOR - UFPR/2013) Assinale a alternativa que apresenta um dito popular que parafraseia o conteúdo expresso no excerto: "*Se você está em casa, não pode sair. Se você está na rua, não pode entrar*".

a) "Se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come".
b) "Quando o gato sai, os ratos fazem a festa".
c) "Um dia da caça, o outro do caçador".
d) "Manda quem pode, obedece quem precisa".

Resolução

1-)
Com palavras do próprio texto responderemos: o mundo cabe numa fresta.
RESPOSTA: "A".

2-)
Vamos ao texto: O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo (...). Os termos relacionam-se. O pronome "ele" retoma o sujeito "riso".
RESPOSTA: "CERTO".

3-)
Voltemos ao texto: "depois do apagão que atingiu pelo menos 1.800 cidades". O "que" pode ser substituído por "o qual", portanto, trata-se de um pronome relativo (oração subordinada adjetiva). Quando há presença de vírgula, temos uma adjetiva explicativa (generaliza a informação da oração principal. A construção seria: "do apagão, que atingiu pelo menos 1800 cidades em 18 estados do país"); quando não há, temos uma adjetiva restritiva (restringe, delimita a informação – como no caso do exercício).
RESPOSTA: "CERTO'.

4-)
Geralmente o efeito de humor desses gêneros textuais aparece no desfecho da história, ao final, como nesse: "Ah, porque nós brigamos e não estamos nos falando".
RESPOSTA: "D".

5-)
Em todas as alternativas há expressões que representam a opinião do autor: Assisti ao maior espetáculo da Terra / Não se pode esquecer / gesto humanitário que só enobrece / demonstrando coragem e desprendimento.
RESPOSTA: "B".

6-)
"pensando nas suas estradas – barreiras, pedras soltas, fissuras – sem falar em bandidos, milhões de bandidos entre as fissuras, as pedras soltas e as barreiras..." = pensar nessas coisas, certamente, deixa-os apreensivos.
RESPOSTA: "C".

7-)
Eu vou para a Ilha do Nanja para sair daqui = resposta da própria autora!
RESPOSTA: "B".

8-)
Pela descrição realizada, o lugar não tem nada de ruim.
RESPOSTA: "D".

9-)
(S) A receita gerada pelo pedágio vai melhorar o transporte público e estender as ciclovias.
(N) Vai ser igual ao rodízio de veículos em algumas cidades, que não resolveu os problemas do trânsito.
(S) Se pegar no bolso do consumidor, então todo mundo vai ter que pensar bem antes de comprar um carro.
(N) A gente já paga garagem, gasolina, seguro, estacionamento, revisão....e agora mais o pedágio?
(N) Nós já pagamos impostos altos e o dinheiro não é investido no transporte público.
(S) Quer andar sozinho dentro do seu carro? Então pague pelo privilégio!
(S) O trânsito nas cidades que instituíram o pedágio urbano melhorou.
S - N - S - N - N - S - S
RESPOSTA: "B".

10-)
Dentre as alternativas apresentadas, a que reafirma a ideia do excerto (não há muita saída, não há escolhas) é: "Se você está em casa, não pode sair. Se você está na rua, não pode entrar".
RESPOSTA: "A".

TIPOLOGIA TEXTUAL

Tipo textual é a forma como um texto se apresenta. As únicas tipologias existentes são: ***narração, descrição, dissertação ou exposição, informação e injunção***. É importante que não se confunda tipo textual com gênero textual.

Texto Narrativo - tipo textual em que se conta fatos que ocorreram num determinado tempo e lugar, envolvendo personagens e um narrador. Refere-se a objeto do mundo real ou fictício. Possui uma relação de anterioridade e posterioridade. O tempo verbal predominante é o passado.

- expõe um fato, relaciona mudanças de situação, aponta antes, durante e depois dos acontecimentos (geralmente);
- é um tipo de texto sequencial;
- relato de fatos;
- presença de narrador, personagens, enredo, cenário, tempo;
- apresentação de um conflito;
- uso de verbos de ação;
- geralmente, é mesclada de descrições;
- o diálogo direto é frequente.

Texto Descritivo - um texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal ou um objeto. A classe de palavras mais utilizada nessa produção é o adjetivo, pela sua função caracterizadora. Numa abordagem mais abstrata, pode-se até descrever sensações ou

NOVA CONCURSOS

sentimentos. Não há relação de anterioridade e posterioridade. É fazer uma descrição minuciosa do objeto ou da personagem a que o texto refere. Nessa espécie textual as coisas acontecem ao mesmo tempo.

- expõe características dos seres ou das coisas, apresenta uma visão;
- é um tipo de texto figurativo;
- retrato de pessoas, ambientes, objetos;
- predomínio de atributos;
- uso de verbos de ligação;
- frequente emprego de metáforas, comparações e outras figuras de linguagem;
- tem como resultado a imagem física ou psicológica.

Texto Dissertativo - a dissertação é um texto que analisa, interpreta, explica e avalia dados da realidade. Esse tipo textual requer reflexão, pois as opiniões sobre os fatos e a postura crítica em relação ao que se discute têm grande importância. O texto dissertativo é temático, pois trata de análises e interpretações; o tempo explorado é o presente no seu valor atemporal; é constituído por uma introdução onde o assunto a ser discutido é apresentado, seguido por uma argumentação que caracteriza o ponto de vista do autor sobre o assunto em evidência. Nesse tipo de texto a expressão das ideias, valores, crenças são claras, evidentes, pois é um tipo de texto que propõe a reflexão, o debate de ideias. A linguagem explorada é a denotativa, embora o uso da conotação possa marcar um estilo pessoal. A objetividade é um fator importante, pois dá ao texto um valor universal, por isso geralmente o enunciador não aparece porque o mais importante é o assunto em questão e não quem fala dele. A ausência do emissor é importante para que a ideia defendida torne algo partilhado entre muitas pessoas, sendo admitido o emprego da 1ª pessoa do plural - nós, pois esse não descaracteriza o discurso dissertativo.

- expõe um tema, explica, avalia, classifica, analisa;
- é um tipo de texto argumentativo.
- defesa de um argumento: apresentação de uma tese que será defendida; desenvolvimento ou argumentação; fechamento;
- predomínio da linguagem objetiva;
- prevalece a denotação.

Texto Argumentativo - esse texto tem a função de persuadir o leitor, convencendo-o de aceitar uma ideia imposta pelo texto. É o tipo textual mais presente em manifestos e cartas abertas, e quando também mostra fatos para embasar a argumentação, se torna um texto dissertativo-argumentativo.

Texto Injuntivo/Instrucional - indica como realizar uma ação. Também é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos. Utiliza linguagem objetiva e simples. Os verbos são, na sua maioria, empregados no modo imperativo, porém nota-se também o uso do infinitivo e o uso do futuro do presente do modo indicativo. Ex: Previsões do tempo, receitas culinárias, manuais, leis, bula de remédio, convenções, regras e eventos.

Narração

A Narração é um tipo de texto que relata uma história real, fictícia ou mescla dados reais e imaginários. O texto narrativo apresenta personagens que atuam em um tempo e em um espaço, organizados por uma narração feita por um narrador. É uma série de fatos situados em um espaço e no tempo, tendo mudança de um estado para outro, segundo relações de sequencialidade e causalidade, e não simultâneos como na descrição. Expressa as relações entre os indivíduos, os conflitos e as ligações afetivas entre esses indivíduos e o mundo, utilizando situações que contêm essa vivência.

Todas as vezes que uma história é contada (é narrada), o narrador acaba sempre contando onde, quando, como e com quem ocorreu o episódio. É por isso que numa narração predomina a ação: o texto narrativo é um conjunto de ações; assim sendo, a maioria dos verbos que compõem esse tipo de texto são os verbos de ação. O conjunto de ações que compõem o texto narrativo, ou seja, a história que é contada nesse tipo de texto recebe o nome de **enredo**.

As ações contidas no texto narrativo são praticadas pelas **personagens**, que são justamente as pessoas envolvidas no episódio que está sendo contado. As personagens são identificadas (nomeadas) no texto narrativo pelos substantivos próprios.

Quando o narrador conta um episódio, às vezes (mesmo sem querer) ele acaba contando "onde" (em que lugar) as ações do enredo foram realizadas pelas personagens. O lugar onde ocorre uma ação ou ações é chamado de **espaço**, representado no texto pelos advérbios de lugar.

Além de contar onde, o narrador também pode esclarecer "quando" ocorreram as ações da história. Esse elemento da narrativa é o **tempo**, representado no texto narrativo através dos tempos verbais, mas principalmente pelos advérbios de tempo. É o tempo que ordena as ações no texto narrativo: é ele que indica ao leitor "como" o fato narrado aconteceu.

A história contada, por isso, passa por uma **introdução** (parte inicial da história, também chamada de prólogo), pelo **desenvolvimento** do enredo (é a história propriamente dita, o meio, o "miolo" da narrativa, também chamada de trama) e termina com a **conclusão** da história (é o final ou epílogo). Aquele que conta a história é o **narrador**, que pode ser **pessoal** (narra em 1ª pessoa: Eu...) ou **impessoal** (narra em 3ª pessoa: Ele...).

Assim, o texto narrativo é sempre estruturado por verbos de ação, por advérbios de tempo, por advérbios de lugar e pelos substantivos que nomeiam as personagens, que são os agentes do texto, ou seja, aquelas pessoas que fazem as ações expressas pelos verbos, formando uma rede: a própria história contada.

Tudo na narrativa depende do narrador, da voz que conta a história.

Elementos Estruturais (I):

- **Enredo**: desenrolar dos acontecimentos.
- **Personagens**: são seres que se movimentam, se relacionam e dão lugar à trama que se estabelece na ação. Revelam-se por meio de características físicas ou psicológicas. Os personagens podem ser lineares (previsíveis), complexos, tipos sociais (trabalhador, estudante, burguês etc.) ou tipos humanos (o medroso, o tímido, o avarento etc.), heróis ou anti-heróis, protagonistas ou antagonistas.
- **Narrador**: é quem conta a história.
- **Espaço**: local da ação. Pode ser físico ou psicológico.
- **Tempo**: época em que se passa a ação. **Cronológico**: o tempo convencional (horas, dias, meses); **Psicológico**: o tempo interior, subjetivo.

Elementos Estruturais (II):

Personagens - Quem? Protagonista/Antagonista
Acontecimento - O quê? *Fato*
Tempo - Quando? Época em que ocorreu o fato
Espaço - Onde? *Lugar onde ocorreu o fato*
Modo - Como? *De que forma ocorreu o fato*
Causa - Por quê? Motivo pelo qual ocorreu o fato
Resultado - previsível ou imprevisível.
Final - Fechado ou Aberto.

Esses elementos estruturais combinam-se e articulam-se de tal forma, que não é possível compreendê-los isoladamente, como simples exemplos de uma narração. Há uma relação de implicação mútua entre eles, para garantir coerência e verossimilhança à história narrada. Quanto aos elementos da narrativa, esses não estão, obrigatoriamente sempre presentes no discurso, exceto as personagens ou o fato a ser narrado.

Exemplo:

Porquinho-da-índia

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índía.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
- O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

Manuel Bandeira. Estrela da vida inteira. 4ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, pág. 110.

Observe que, no texto acima, há um conjunto de transformações de situação: ganhar um porquinho-da-índia é passar da situação de não ter o animalzinho para a de tê-lo; levá-lo para a sala ou para outros lugares é passar da situação de ele estar debaixo do fogão para a de estar em outros lugares; ele não gostava: "*queria era estar debaixo do fogão*" implica a volta à situação anterior; "*não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas*" dá a entender que o menino passava de uma situação de não ser terno com o animalzinho para uma situação de ser; no último verso tem-se a passagem da situação de não ter namorada para a de ter.

Verifica-se, pois, que nesse texto há um grande conjunto de mudanças de situação. É isso que define o que se chama o componente narrativo do texto, ou seja, narrativa é uma mudança de estado pela ação de alguma personagem, é uma transformação de situação. Mesmo que essa personagem não apareça no texto, ela está logicamente implícita. Assim, por exemplo, se o menino ganhou um porquinho-da-índia, é porque alguém lhe deu o animalzinho. Assim, há basicamente, dois tipos de mudança: aquele em que alguém recebe alguma coisa (o menino passou a ter o porquinho-da índia) e aquele alguém perde alguma coisa (o porquinho perdia, a cada vez que o menino o levava para outro lugar, o espaço confortável de debaixo do fogão). Assim, temos dois tipos de narrativas: de **aquisição** e de **privação**.

Existem três tipos de foco narrativo:

- **Narrador-personagem**: é aquele que conta a história na qual é participante. Nesse caso ele é narrador e personagem ao mesmo tempo, a história é contada em 1ª pessoa.
- **Narrador-observador**: é aquele que conta a história como alguém que observa tudo que acontece e transmite ao leitor, a história é contada em 3ª pessoa.
- **Narrador-onisciente**: é o que sabe tudo sobre o enredo e as personagens, revelando seus pensamentos e sentimentos íntimos. Narra em 3ª pessoa e sua voz, muitas vezes, aparece misturada com pensamentos dos personagens (discurso indireto livre).

Estrutura:

- **Apresentação**: é a parte do texto em que são apresentados alguns personagens e expostas algumas circunstâncias da história, como o momento e o lugar onde a ação se desenvolverá.
- **Complicação**: é a parte do texto em que se inicia propriamente a ação. Encadeados, os episódios se sucedem, conduzindo ao clímax.
- **Clímax**: é o ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando o desfecho inevitável.
- **Desfecho**: é a solução do conflito produzido pelas ações dos personagens.

Tipos de Personagens:

Os personagens têm muita importância na construção de um texto narrativo, são elementos vitais. Podem ser **principais** ou **secundários**, conforme o papel que desempenham no enredo, podem ser apresentados direta ou indiretamente.

A apresentação direta acontece quando o personagem aparece de forma clara no texto, retratando suas características físicas e/ou psicológicas, já a apresentação indireta se dá quando os personagens aparecem aos poucos e o leitor vai construindo a sua imagem com o desenrolar do enredo, ou seja, a partir de suas ações, do que ela vai fazendo e do modo como vai fazendo.

NOVA CONCURSOS

- **Em 1ª pessoa**:

Personagem Principal: há um "eu" participante que conta a história e é o protagonista. Exemplo:

"Parei na varanda, ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava."

(Machado de Assis. Dom Casmurro)

Observador: é como se dissesse: É verdade, pode acreditar, eu estava lá e vi. Exemplo:

"Batia nos noventa anos o corpo magro, mas sempre teso do Jango Jorge, um que foi capitão duma maloca de contrabandista que fez cancha nos banhados do Ibirocaí.

Esse gaúcho desabotinado levou a existência inteira a cruzar os campos da fronteira; à luz do Sol, no desmaiado da Lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas...; ainda que chovesse reiúnos acolherados ou que ventasse como por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada!...

(...)

Aqui há poucos – coitado! – pousei no arranchamento dele. Casado ou doutro jeito, afamilhado. Não no víamos desde muito tempo. (...)

Fiquei verdeando, à espera, e fui dando um ajutório na matança dos leitões e no tiramento dos assados com couro.

(J. Simões Lopes Neto – Contrabandista)

- **Em 3ª pessoa**:

Onisciente: não há um eu que conta; é uma terceira pessoa. Exemplo:

"Devia andar lá pelos cinco anos e meio quando a fantasiaram de borboleta. Por isso não pôde defender-se. E saiu à rua com ar menos carnavalesco deste mundo, morrendo de vergonha da malha de cetim, das asas e das antenas e, mais ainda, da cara à mostra, sem máscara piedosa para disfarçar o sentimento impreciso de ridículo."

(Ilka Laurito. Sal do Lírico)

Narrador Objetivo: não se envolve, conta a história como sendo vista por uma câmara ou filmadora. Exemplo:

Festa

Atrás do balcão, o rapaz de cabeça pelada e avental olha o crioulão de roupa limpa e remendada, acompanhado de dois meninos de tênis branco, um mais velho e outro mais novo, mas ambos com menos de dez anos.

Os três atravessam o salão, cuidadosamente, mas resolutamente, e se dirigem para o cômodo dos fundos, onde há seis mesas desertas.

O rapaz de cabeça pelada vai ver o que eles querem. O homem pergunta em quanto fica uma cerveja, dois guaranás e dois pãezinhos.

__ Duzentos e vinte.

O preto concentra-se, aritmético, e confirma o pedido.

__Que tal o pão com molho? – sugere o rapaz.

__ Como?

__ Passar o pão no molho da almôndega. Fica muito mais gostoso.

O homem olha para os meninos.

__ O preço é o mesmo – informa o rapaz.

__ Está certo.

Os três sentam-se numa das mesas, de forma canhestra, como se o estivessem fazendo pela primeira vez na vida.

O rapaz de cabeça pelada traz as bebidas e os copos e, em seguida, num pratinho, os dois pães com meia almôndega cada um. O homem e (mais do que ele) os meninos olham para dentro dos pães, enquanto o rapaz cúmplice se retira.

Os meninos aguardam que a mão adulta leve solene o copo de cerveja até a boca, depois cada um prova o seu guaraná e morde o primeiro bocado do pão.

O homem toma a cerveja em pequenos goles, observando criteriosamente o menino mais velho e o menino mais novo absorvidos com o sanduíche e a bebida.

Eles não têm pressa. O grande homem e seus dois meninos. E permanecem para sempre, humanos e indestrutíveis, sentados naquela mesa.

(Wander Piroli)

Tipos de Discurso:

Discurso Direto*:* o narrador passa a palavra diretamente para o personagem, sem a sua interferência. Exemplo:

Caso de Desquite

__ Vexame de incomodar o doutor (a mão trêmula na boca). Veja, doutor, este velho caducando. Bisavô, um neto casado. Agora com mania de mulher. Todo velho é sem-vergonha.

__ Dobre a língua, mulher. O hominho é muito bom. Só não me pise, fico uma jararaca.

__ Se quer sair de casa, doutor, pague uma pensão.

__ Essa aí tem filho emancipado. Criei um por um, está bom? Ela não contribuiu com nada, doutor. Só deu de mamar no primeiro mês.

__Você desempregado, quem é que fazia roça?

__ Isso naquele tempo. O hominho aqui se espalhava. Fui jogado na estrada, doutor. Desde onze anos estou no mundo sem ninguém por mim. O céu lá em cima, noite e dia o hominho aqui na carroça. Sempre o mais sacrificado, está bom?

__ Se ficar doente, Severino, quem é que o atende?

__ O doutor já viu urubu comer defunto? Ninguém morre só. Sempre tem um cristão que enterra o pobre.

__ Na sua idade, sem os cuidados de uma mulher...

__ Eu arranjo.

__ Só a troco de dinheiro elas querem você. Agora tem dois cavalos. A carroça e os dois cavalos, o que há de melhor. Vai me deixar sem nada?

__ Você tinha amula e a potranca. A mula vendeu e a potranca, deixou morrer. Tenho culpa? Só quero paz, um prato de comida e roupa lavada.
__ Para onde foi a lavadeira?
__ Quem?
__ A mulata.
(...)

(Dalton Trevisan – *A guerra Conjugal*)

***Discurso Indireto**:* o narrador conta o que o personagem diz, sem lhe passar diretamente a palavra. Exemplo:

Frio

O menino tinha só dez anos.

Quase meia hora andando. No começo pensou num bonde. Mas lembrou-se do embrulhinho branco e bem feito que trazia, afastou a idéia como se estivesse fazendo uma coisa errada. (Nos bondes, àquela hora da noite, poderiam roubá-lo, sem que percebesse; e depois?... Que é que diria a Paraná?)

Andando. Paraná mandara-lhe não ficar observando as vitrines, os prédios, as coisas. Como fazia nos dias comuns. Ia firme e esforçando-se para não pensar em nada, nem olhar muito para nada.

__ Olho vivo – como dizia Paraná.

Devagar, muita atenção nos autos, na travessia das ruas. Ele ia pelas beiradas. Quando em quando, assomava um guarda nas esquinas. O seu coraçãozinho se apertava.

Na estação da Sorocabana perguntou as horas a uma mulher. Sempre ficam mulheres vagabundeando por ali, à noite. Pelo jardim, pelos escuros da Alameda Cleveland. Ela lhe deu, ele seguiu. Ignorava a exatidão de seus cálculos, mas provavelmente faltava mais ou menos uma hora para chegar em casa. Os bondes passavam.

(João Antônio – Malagueta, Perus e Bacanaço)

***Discurso Indireto-Livre**:* ocorre uma fusão entre a fala do personagem e a fala do narrador. É um recurso relativamente recente. Surgiu com romancistas inovadores do século XX. Exemplo:

A Morte da Porta-Estandarte

Que ninguém o incomode agora. Larguem os seus braços. Rosinha está dormindo. Não acordem Rosinha. Não é preciso segurá-lo, que ele não está bêbado... O céu baixou, se abriu... Esse temporal assim é bom, porque Rosinha não sai. Tenham paciência... Largar Rosinha ali, ele não larga não... Não! E esses tambores? Ui! Que venham... É guerra... ele vai se espalhar... Por que não está malhando em sua cabeça?... (...) Ele vai tirar Rosinha da cama... Ele está dormindo, Rosinha... Fugir com ela, para o fundo do País... Abraçá-la no alto de uma colina...

(Aníbal Machado)

Sequência Narrativa:

Uma narrativa não tem uma única mudança, mas várias: uma coordena-se a outra, uma implica a outra, uma subordina-se a outra.

A narrativa típica tem quatro mudanças de situação:

- uma em que uma personagem passa a ter um querer ou um dever (um desejo ou uma necessidade de fazer algo);
- uma em que ela adquire um saber ou um poder (uma competência para fazer algo);
- uma em que a personagem executa aquilo que queria ou devia fazer (é a mudança principal da narrativa);
- uma em que se constata que uma transformação se deu e em que se podem atribuir prêmios ou castigos às personagens (geralmente os prêmios são para os bons, e os castigos, para os maus).

Toda narrativa tem essas quatro mudanças, pois elas se pressupõem logicamente. Com efeito, quando se constata a realização de uma mudança é porque ela se verificou, e ela efetua-se porque quem a realiza pode, sabe, quer ou deve fazê-la. Tomemos, por exemplo, o ato de comprar um apartamento: quando se assina a escritura, realiza-se o ato de compra; para isso, é necessário poder (ter dinheiro) e querer ou dever comprar (respectivamente, querer deixar de pagar aluguel ou ter necessidade de mudar, por ter sido despejado, por exemplo).

Algumas mudanças são necessárias para que outras se deem. Assim, para apanhar uma fruta, é necessário apanhar um bambu ou outro instrumento para derrubá-la. Para ter um carro, é preciso antes conseguir o dinheiro.

Narrativa e Narração

Existe alguma diferença entre as duas? Sim. A narratividade é um componente narrativo que pode existir em textos que não são narrações. A narrativa é a transformação de situações. Por exemplo, quando se diz "*Depois da abolição, incentivou-se a imigração de europeus*", temos um texto dissertativo, que, no entanto, apresenta um componente narrativo, pois contém uma mudança de situação: do não incentivo ao incentivo da imigração européia.

Se a narrativa está presente em quase todos os tipos de texto, o que é narração?

A narração é um tipo de narrativa. Tem ela três características:

- é um conjunto de transformações de situação (o texto de Manuel Bandeira – "Porquinho-da-índia", como vimos, preenche essa condição);
- é um texto figurativo, isto é, opera com personagens e fatos concretos (o texto "Porquinho-da-índia" preenche também esse requisito);
- as mudanças relatadas estão organizadas de maneira tal que, entre elas, existe sempre uma relação de anterioridade e posterioridade (no texto "Porquinho-da-índia" o fato de ganhar o animal é anterior ao de ele estar debaixo do fogão, que por sua vez é anterior ao de o menino levá-lo para a sala, que por seu turno é anterior ao de o porquinho-da-índia voltar ao fogão).

Essa relação de anterioridade e posterioridade é sempre pertinente num texto narrativo, mesmo que a sequência linear da temporalidade apareça alterada. Assim, por exemplo, no romance machadiano *Memórias póstumas de*

NOVA CONCURSOS

Brás Cubas, quando o narrador começa contando sua morte para em seguida relatar sua vida, a sequência temporal foi modificada. No entanto, o leitor reconstitui, ao longo da leitura, as relações de anterioridade e de posterioridade.

Resumindo: na narração, as três características explicadas acima (transformação de situações, figuratividade e relações de anterioridade e posterioridade entre os episódios relatados) devem estar presentes conjuntamente. Um texto que tenha só uma ou duas dessas características não é uma narração.

Esquema que pode facilitar a elaboração de seu texto narrativo:

- Introdução: citar o fato, o tempo e o lugar, ou seja, o que aconteceu, quando e onde.
- Desenvolvimento: causa do fato e apresentação dos personagens.
- Desenvolvimento: detalhes do fato.
- Conclusão: consequências do fato.

Caracterização Formal:

Em geral, a narrativa se desenvolve na prosa. O aspecto narrativo apresenta, até certo ponto, alguma subjetividade, porquanto a criação e o colorido do contexto estão em função da individualidade e do estilo do narrador. Dependendo do *enfoque* do redator, a narração terá diversas abordagens. Assim é de grande importância saber se o relato é feito em primeira pessoa ou terceira pessoa. No primeiro caso, há a participação do narrador; segundo, há uma inferência do último através da onipresença e onisciência.

Quanto à temporalidade, não há rigor na ordenação dos acontecimentos: esses podem oscilar no tempo, transgredindo o aspecto linear e constituindo o que se denomina "*flashback*". O narrador que usa essa técnica (característica comum no cinema moderno) demonstra maior criatividade e originalidade, podendo observar as ações ziguezagueando no tempo e no espaço.

Exemplo - Personagens

"Aboletado na varanda, lendo Graciliano Ramos, O Dr. Amâncio não viu a mulher chegar.

- Não quer que se carpa o quintal, moço?

Estava um caco: mal vestida, cheirando a fumaça, a face escalavrada. Mas os olhos... (sempre guardam alguma coisa do passado, os olhos)."

(Kiefer, Charles. A dentadura postiça. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 5O)

Exemplo - Espaço

Considerarei longamente meu pequeno deserto, a redondeza escura e uniforme dos seixos. Seria o leito seco de algum rio. Não havia, em todo o caso, como negar-lhe a insipidez."

(Linda, Ieda. As amazonas segundo tio Hermann. Porto Alegre: Movimento, 1981, p. 51)

Exemplo - Tempo

"Sete da manhã. Honorato Madeira acorda e lembra-se: a mulher lhe pediu que a chamasse cedo."

(Veríssimo, Érico. Caminhos Cruzados. p.4)

Tipologia da Narrativa Ficcional:

- Romance
- Conto
- Crônica
- Fábula
- Lenda
- Parábola
- Anedota
- Poema Épico

Tipologia da Narrativa Não-Ficcional:

- Memorialismo
- Notícias
- Relatos
- História da Civilização

Apresentação da Narrativa:

- visual: texto escrito; legendas + desenhos (história em quadrinhos) e desenhos.
- auditiva: narrativas radiofonizadas; fitas gravadas e discos.
- audiovisual: cinema; teatro e narrativas televisionadas.

Descrição

É a representação com palavras de um objeto, lugar, situação ou coisa, onde procuramos mostrar os traços mais particulares ou individuais do que se descreve. É qualquer elemento que seja apreendido pelos sentidos e transformado, com palavras, em imagens. Sempre que se expõe com detalhes um objeto, uma pessoa ou uma paisagem a alguém, está fazendo uso da descrição. Não é necessário que seja perfeita, uma vez que o ponto de vista do observador varia de acordo com seu grau de percepção. Dessa forma, o que será importante ser analisado para um, não será para outro. A vivência de quem descreve também influencia na hora de transmitir a impressão alcançada sobre determinado objeto, pessoa, animal, cena, ambiente, emoção vivida ou sentimento.

Exemplos:

(I) "De longe via a aleia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho.

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais."

(extraído de "Amor", Laços de Família, Clarice Lispector)

(II) Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

(Machado de Assis. "Conto de escola". Contos. 3ed. São Paulo, Ática, 1974, págs. 31-32.)

Esse texto traça o perfil de Raimundo, o filho do professor da escola que o escritor frequentava. Deve-se notar:

- que todas as frases expõem ocorrências simultâneas (ao mesmo tempo que gastava duas horas para reter aquilo que os outros levavam trinta ou cinquenta minutos, Raimundo tinha grande medo ao pai);
- por isso, não existe uma ocorrência que possa ser considerada cronologicamente anterior a outra do ponto de vista do relato (no nível dos acontecimentos, entrar na escola é cronologicamente anterior a retirar-se dela; no nível do relato, porém, a ordem dessas duas ocorrências é indiferente: o que o escritor quer é explicitar uma característica do menino, e não traçar a cronologia de suas ações);
- ainda que se fale de ações (como entrava, retirava-se), todas elas estão no pretérito imperfeito, que indica concomitância em relação a um marco temporal instalado no texto (no caso, o ano de 1840, em que o escritor frequentava a escola da rua da Costa) e, portanto, não denota nenhuma transformação de estado;
- se invertêssemos a sequência dos enunciados, não correríamos o risco de alterar nenhuma relação cronológica - poderíamos mesmo colocar o último período em primeiro lugar e ler o texto do fim para o começo: O mestre era mais severo com ele do que conosco. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes...

Evidentemente, quando se diz que a ordem dos enunciados pode ser invertida, está-se pensando apenas na ordem cronológica, pois, como veremos adiante, a ordem em que os elementos são descritos produz determinados efeitos de sentido.

Quando alteramos a ordem dos enunciados, precisamos fazer certas modificações no texto, pois este contém anafóricos (palavras que retomam o que foi dito antes, como ele, os, aquele, etc. ou catafóricos (palavras que anunciam o que vai ser dito, como este, etc.), que podem perder sua função e assim não ser compreendidos. Se tomarmos uma descrição como ***As flores manifestavam todo o seu esplendor. O Sol fazia-as brilhar***, ao invertermos a ordem das frases, precisamos fazer algumas alterações, para que o texto possa ser compreendido: ***O Sol fazia as flores brilhar. Elas manifestavam todo o seu esplendor***. Como, na versão original, o pronome oblíquo ***as*** é um anafórico que retoma ***flores***, se alterarmos a ordem das frases ele perderá o sentido. Por isso, precisamos mudar a palavra ***flores*** para a primeira frase e retomá-la com o anafórico ***elas*** na segunda.

Por todas essas características, diz-se que o fragmento do conto de Machado é descritivo. Descrição é o tipo de texto em que se expõem características de seres concretos (pessoas, objetos, situações, etc.) consideradas fora da relação de anterioridade e de posterioridade.

Características:

- Ao fazer a descrição enumeramos características, comparações e inúmeros elementos sensoriais;
- As personagens podem ser caracterizadas física e psicologicamente, ou pelas ações;
- A descrição pode ser considerada um dos elementos constitutivos da dissertação e da argumentação;
- É impossível separar narração de descrição;
- O que se espera não é tanto a riqueza de detalhes, mas sim a capacidade de observação que deve revelar aquele que a realiza.
- Utilizam, preferencialmente, verbos de ligação. Exemplo: "(...) Ângela tinha cerca de vinte anos; **parecia** mais velha pelo desenvolvimento das proporções. Grande, carnuda, sanguínea e fogosa, **era** um desses exemplares excessivos do sexo que **parecem** conformados expressamente para esposas da multidão (...)" **(Raul Pompéia – O Ateneu)**
- Como na descrição o que se reproduz é simultâneo, não existe relação de anterioridade e posterioridade entre seus enunciados.
- Devem-se evitar os verbos e, se isso não for possível, que se usem então as formas nominais, o presente e o pretério imperfeito do indicativo, dando-se sempre preferência aos verbos que indiquem estado ou fenômeno.
- Todavia deve predominar o emprego das comparações, dos adjetivos e dos advérbios, que conferem colorido ao texto.

A característica fundamental de um texto descritivo é essa inexistência de progressão temporal. Pode-se apresentar, numa descrição, até mesmo ação ou movimento, desde que eles sejam sempre simultâneos, não indicando progressão de uma situação anterior para outra posterior. Tanto é que uma das marcas linguísticas da descrição é o predomínio de verbos no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro expressa concomitância em relação ao momento da fala; o segundo, em relação a um marco temporal pretérito instalado no texto.

Para transformar uma descrição numa narração, bastaria introduzir um enunciado que indicasse a passagem de um estado anterior para um posterior. No caso do texto II inicial, para transformá-lo em narração, bastaria dizer: Reunia a isso grande medo do pai. Mais tarde, libertou-se desse medo...

Características Linguísticas:

O enunciado narrativo, por ter a representação de um acontecimento, fazer-transformador, é marcado pela temporalidade, na relação situação inicial e situação final, enquanto que o enunciado descritivo, não tendo transformação, é atemporal.

NOVA CONCURSOS

Na dimensão linguística, destacam-se marcas sintático-semânticas encontradas no texto que vão facilitar a compreensão:

- Predominância de verbos de estado, situação ou indicadores de propriedades, atitudes, qualidades, usados principalmente no presente e no imperfeito do indicativo (ser, estar, haver, situar-se, existir, ficar).
- Ênfase na adjetivação para melhor caracterizar o que é descrito;

Exemplo:

"Era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até à calva, vasta e polida, um pouco amolgado no alto; tingia os cabelos que de uma orelha à outra lhe faziam colar por trás da nuca - e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode; tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da boca. Era muito pálido; nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas grandes muito despegadas do crânio."

(Eça de Queiroz - O Primo Basílio)

- Emprego de figuras (metáforas, metonímias, comparações, sinestesias). Exemplo:

"Era o Sr. Lemos um velho de pequena estatura, não muito gordo, mas rolho e bojudo como um vaso chinês. Apesar de seu corpo rechonchudo, tinha certa vivacidade buliçosa e saltitante que lhe dava petulância de rapaz e casava perfeitamente com os olhinhos de azougue."

(José de Alencar - Senhora)

- Uso de advérbios de localização espacial. Exemplo:

"Até os onze anos, eu morei numa casa, uma casa velha, e essa casa era assim: na frente, uma grade de ferro; depois você entrava tinha um jardinzinho; no final tinha uma escadinha que devia ter uns cinco degraus; aí você entrava na sala da frente; dali tinha um corredor comprido de onde saíam três portas; no final do corredor tinha a cozinha, depois tinha uma escadinha que ia dar no quintal e atrás ainda tinha um galpão, que era o lugar da bagunça..."

(Entrevista gravada para o Projeto NURC/RJ)

Recursos:

- Usar impressões cromáticas (cores) e sensações térmicas. **Ex:** O dia transcorria amarelo, frio, ausente do calor alegre do sol.
- Usar o vigor e relevo de palavras fortes, próprias, exatas, concretas. **Ex:** As criaturas humanas transpareciam um céu sereno, uma pureza de cristal.
- As sensações de movimento e cor embelezam o poder da natureza e a figura do homem. **Ex:** Era um verde transparente que deslumbrava e enlouquecia qualquer um.
- A frase curta e penetrante dá um sentido de rapidez do texto. **Ex:** Vida simples. Roupa simples. Tudo simples. O pessoal, muito crente.

A descrição pode ser apresentada sob duas formas:

Descrição Objetiva: quando o objeto, o ser, a cena, a passagem são apresentadas como realmente são, concretamente. **Exemplo:**

"Sua altura é 1,85m. Seu peso, 70kg. Aparência atlética, ombros largos, pele bronzeada. Moreno, olhos negros, cabelos negros e lisos".

Não se dá qualquer tipo de opinião ou julgamento. Exemplo:

"A casa velha era enorme, toda em largura, com porta central que se alcançava por três degraus de pedra e quatro janelas de guilhotina para cada lado. Era feita de pau-a-pique barreado, dentro de uma estrutura de cantos e apoios de madeira-de-lei. Telhado de quatro águas. Pintada de roxo-claro. Devia ser mais velha que Juiz de Fora, provavelmente sede de alguma fazenda que tivesse ficado, capricho da sorte, na linha de passagem da variante do Caminho Novo que veio a ser a Rua Principal, depois a Rua Direita – sobre a qual ela se punha um pouco de esguelha e fugindo ligeiramente do alinhamento (...)."

(Pedro Nava – Baú de Ossos)

Descrição Subjetiva: quando há maior participação da emoção, ou seja, quando o objeto, o ser, a cena, a paisagem são transfigurados pela emoção de quem escreve, podendo opinar ou expressar seus sentimentos. **Exemplo:**

"Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe no peito como uma couraça de grilos. Ateneu! Ateneu! Aristarco todo era um anúncio; os gestos, calmos, soberanos, calmos, eram de um rei..."

("O Ateneu", Raul Pompéia)

"(...) Quando conheceu Joca Ramiro, então achou outra esperança maior: para ele, Joca Ramiro era único homem, par-de-França, capaz de tomar conta deste sertão nosso, mandando por lei, de sobregoverno."

(Guimarães Rosa – Grande Sertão: Veredas)

Os efeitos de sentido criados pela disposição dos elementos descritivos:

Como se disse anteriormente, do ponto de vista da progressão temporal, a ordem dos enunciados na descrição é indiferente, uma vez que eles indicam propriedades ou características que ocorrem simultaneamente. No entanto, ela não é indiferente do ponto de vista dos efeitos de sentido: descrever de cima para baixo ou vice-versa, do detalhe para o todo ou do todo para o detalhe cria efeitos de sentido distintos.

Observe os dois quartetos do soneto "Retrato Próprio", de Bocage:

Magro, de olhos azuis, carão moreno,
bem servido de pés, meão de altura,
triste de facha, o mesmo de figura,
nariz alto no meio, e não pequeno.

Incapaz de assistir num só terreno,
mais propenso ao furor do que à ternura;
bebendo em níveas mãos por taça escura
de zelos infernais letal veneno.

Obras de Bocage. Porto, Lello & Irmão, 1968, pág. 497.

O poeta descreve-se das características físicas para as características morais. Se fizesse o inverso, o sentido não seria o mesmo, pois as características físicas perderiam qualquer relevo.

O objetivo de um texto descritivo é levar o leitor a visualizar uma cena. É como traçar com palavras o retrato de um objeto, lugar, pessoa etc., apontando suas características exteriores, facilmente identificáveis (descrição objetiva), ou suas características psicológicas e até emocionais (descrição subjetiva).

Uma descrição deve privilegiar o uso frequente de adjetivos, também denominado adjetivação. Para facilitar o aprendizado desta técnica, sugere-se que o concursando, após escrever seu texto, sublinhe todos os substantivos, acrescentando antes ou depois deste um adjetivo ou uma locução adjetiva.

Descrição de objetos constituídos de uma só parte:

- Introdução: observações de caráter geral referentes à procedência ou localização do objeto descrito.
- Desenvolvimento: detalhes (Iª parte) - formato (comparação com figuras geométricas e com objetos semelhantes); dimensões (largura, comprimento, altura, diâmetro etc.)
- Desenvolvimento: detalhes (2ª parte) - material, peso, cor/brilho, textura.
- Conclusão: observações de caráter geral referentes a sua utilidade ou qualquer outro comentário que envolva o objeto como um todo.

Descrição de objetos constituídos por várias partes:
- Introdução: observações de caráter geral referentes à procedência ou localização do objeto descrito.
- Desenvolvimento: enumeração e rápidos comentários das partes que compõem o objeto, associados à explicação de como as partes se agrupam para formar o todo.
- Desenvolvimento: detalhes do objeto visto como um todo (externamente) - formato, dimensões, material, peso, textura, cor e brilho.
- Conclusão: observações de caráter geral referentes a sua utilidade ou qualquer outro comentário que envolva o objeto em sua totalidade.

Descrição de ambientes:
- Introdução: comentário de caráter geral.
- Desenvolvimento: detalhes referentes à estrutura global do ambiente: paredes, janelas, portas, chão, teto, luminosidade e aroma (se houver).
- Desenvolvimento: detalhes específicos em relação a objetos lá existentes: móveis, eletrodomésticos, quadros, esculturas ou quaisquer outros objetos.
- Conclusão: observações sobre a atmosfera que paira no ambiente.

Descrição de paisagens:
- Introdução: comentário sobre sua localização ou qualquer outra referência de caráter geral.
- Desenvolvimento: observação do plano de fundo (explicação do que se vê ao longe).
- Desenvolvimento: observação dos elementos mais próximos do observador - explicação detalhada dos elementos que compõem a paisagem, de acordo com determinada ordem.
- Conclusão: comentários de caráter geral, concluindo acerca da impressão que a paisagem causa em quem a contempla.

Descrição de pessoas (I):
- Introdução: primeira impressão ou abordagem de qualquer aspecto de caráter geral.
- Desenvolvimento: características físicas (altura, peso, cor da pele, idade, cabelos, olhos, nariz, boca, voz, roupas).
- Desenvolvimento: características psicológicas (personalidade, temperamento, caráter, preferências, inclinações, postura, objetivos).
- Conclusão: retomada de qualquer outro aspecto de caráter geral.

Descrição de pessoas (II):
- Introdução: primeira impressão ou abordagem de qualquer aspecto de caráter geral.
- Desenvolvimento: análise das características físicas, associadas às características psicológicas (1ª parte).
- Desenvolvimento: análise das características físicas, associadas às características psicológicas (2ª parte).
- Conclusão: retomada de qualquer outro aspecto de caráter geral.

A descrição, ao contrário da narrativa, não supõe ação. É uma estrutura pictórica, em que os aspectos sensoriais predominam. Porque toda técnica descritiva implica contemplação e apreensão de algo objetivo ou subjetivo, o redator, ao descrever, precisa possuir certo grau de sensibilidade. Assim como o pintor capta o mundo exterior ou interior em suas telas, o autor de uma descrição focaliza cenas ou imagens, conforme o permita sua sensibilidade.

Conforme o objetivo a alcançar, a descrição pode ser **não-literária** ou **literária**. Na descrição não-literária, há maior preocupação com a exatidão dos detalhes e a precisão vocabular. Por ser objetiva, há predominância da denotação.

Textos descritivos não-literários: A descrição técnica é um tipo de descrição objetiva: ela recria o objeto usando uma linguagem científica, precisa. Esse tipo de texto é usado para descrever aparelhos, o seu funcionamento, as peças que os compõem, para descrever experiências, processos, etc. Exemplo:

NOVA CONCURSOS

Folheto de propaganda de carro

Conforto interno - É impossível falar de conforto sem incluir o espaço interno. Os seus interiores são amplos, acomodando tranquilamente passageiros e bagagens. O Passat e o Passat Variant possuem direção hidráulica e ar condicionado de elevada capacidade, proporcionando a climatização perfeita do ambiente.

Porta-malas - O compartimento de bagagens possui capacidade de 465 litros, que pode ser ampliada para até 1500 litros, com o encosto do banco traseiro rebaixado.

Tanque - O tanque de combustível é confeccionado em plástico reciclável e posicionado entre as rodas traseiras, para evitar a deformação em caso de colisão.

Textos descritivos literários: Na descrição literária predomina o aspecto subjetivo, com ênfase no conjunto de associações conotativas que podem ser exploradas a partir de descrições de pessoas; cenários, paisagens, espaço; ambientes; situações e coisas. Vale lembrar que textos descritivos também podem ocorrer tanto em prosa como em verso.

Dissertação

A dissertação é uma exposição, discussão ou interpretação de uma determinada ideia. É, sobretudo, analisar algum tema. Pressupõe um exame crítico do assunto, lógica, raciocínio, clareza, coerência, objetividade na exposição, um planejamento de trabalho e uma habilidade de expressão. É em função da capacidade crítica que se questionam pontos da realidade social, histórica e psicológica do mundo e dos semelhantes. Vemos também, que a dissertação no seu significado diz respeito a um tipo de texto em que a exposição de uma ideia, através de argumentos, é feita com a finalidade de desenvolver um conteúdo científico, doutrinário ou artístico. Exemplo:

Há três métodos pelos quais pode um homem chegar a ser primeiro-ministro. O primeiro é saber, com prudência, como servir-se de uma pessoa, de uma filha ou de uma irmã; o segundo, como trair ou solapar os predecessores; e o terceiro, como clamar, com zelo furioso, contra a corrupção da corte. Mas um príncipe discreto prefere nomear os que se valem do último desses métodos, pois os tais fanáticos sempre se revelam os mais obsequiosos e subservientes à vontade e às paixões do amo. Tendo à sua disposição todos os cargos, conservam-se no poder esses ministros subordinando a maioria do senado, ou grande conselho, e, afinal, por via de um expediente chamado anistia (cuja natureza lhe expliquei), garantem-se contra futuras prestações de contas e retiram-se da vida pública carregados com os despojos da nação.

Jonathan Swift. Viagens de Gulliver.
São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 234-235.

Esse texto explica os três métodos pelos quais um homem chega a ser primeiro-ministro, aconselha o príncipe discreto a escolhê-lo entre os que clamam contra a corrupção na corte e justifica esse conselho. Observe-se que:

- o texto é temático, pois analisa e interpreta a realidade com conceitos abstratos e genéricos (não se fala de um homem particular e do que faz para chegar a ser primeiro-ministro, mas do homem em geral e de todos os métodos para atingir o poder);
- existe mudança de situação no texto (por exemplo, a mudança de atitude dos que clamam contra a corrupção da corte no momento em que se tornam primeiros-ministros);
- a progressão temporal dos enunciados não tem importância, pois o que importa é a relação de implicação (clamar contra a corrupção da corte implica ser corrupto depois da nomeação para primeiro-ministro).

Características:

- ao contrário do texto narrativo e do descritivo, ele é temático;
- como o texto narrativo, ele mostra mudanças de situação;
- ao contrário do texto narrativo, nele as relações de anterioridade e de posterioridade dos enunciados não têm maior importância - o que importa são suas relações lógicas: analogia, pertinência, causalidade, coexistência, correspondência, implicação, etc.
- a estética e a gramática são comuns a todos os tipos de redação. Já a estrutura, o conteúdo e a estilística possuem características próprias a cada tipo de texto.

São partes da dissertação: ***Introdução / Desenvolvimento / Conclusão***.

Introdução: em que se apresenta o assunto; se apresenta a ideia principal, sem, no entanto, antecipar seu desenvolvimento. Tipos:

- **Divisão**: quando há dois ou mais termos a serem discutidos. Ex: "Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro..."
- **Alusão Histórica**: um fato passado que se relaciona a um fato presente. Ex: "A crise econômica que teve início no começo dos anos 80, com os conhecidos altos índices de inflação que a década colecionou, agravou vários dos históricos problemas sociais do país. Entre eles, a violência, principalmente a urbana, cuja escalada tem sido facilmente identificada pela população brasileira."
- **Proposição**: o autor explicita seus objetivos.
- **Convite**: proposta ao leitor para que participe de alguma coisa apresentada no texto. Ex: Você quer estar "na sua"? Quer se sentir seguro, ter o sucesso pretendido? Não entre pelo cano! Faça parte desse time de vencedores desde a escolha desse momento!
- **Contestação**: contestar uma idéia ou uma situação. Ex: "É importante que o cidadão saiba que portar arma de fogo não é a solução no combate à insegurança."
- **Características**: caracterização de espaços ou aspectos.
- **Estatísticas**: apresentação de dados estatísticos. Ex: "Em 1982, eram 15,8 milhões os domicílios brasileiros com televisores. Hoje, são 34 milhões (o sexto maior parque de aparelhos receptores instalados do mundo). Ao todo, existem

no país 257 emissoras (aquelas capazes de gerar programas) e 2.624 repetidoras (que apenas retransmitem sinais recebidos). (...)"

- **Declaração Inicial**: emitir um conceito sobre um fato.
- **Citação**: opinião de alguém de destaque sobre o assunto do texto. Ex: "A principal característica do déspota encontra-se no fato de ser ele o autor único e exclusivo das normas e das regras que definem a vida familiar, isto é, o espaço privado. Seu poder, escreve Aristóteles, é arbitrário, pois decorre exclusivamente de sua vontade, de seu prazer e de suas necessidades."
- **Definição**: desenvolve-se pela explicação dos termos que compõem o texto.
- **Interrogação**: questionamento. Ex: "Volta e meia se faz a pergunta de praxe: afinal de contas, todo esse entusiasmo pelo futebol não é uma prova de alienação?"
- **Suspense**: alguma informação que faça aumentar a curiosidade do leitor.
- **Comparação**: social e geográfica.
- **Enumeração**: enumerar as informações. Ex: "Ação à distância, velocidade, comunicação, linha de montagem, triunfo das massas, Holocausto: através das metáforas e das realidades que marcaram esses 100 últimos anos, aparece a verdadeira doença do século..."
- **Narração**: narrar um fato.

Desenvolvimento: é a argumentação da ideia inicial, de forma organizada e progressiva. É a parte maior e mais importante do texto. Podem ser desenvolvidos de várias formas:

- **Trajetória Histórica**: cultura geral é o que se prova com este tipo de abordagem.
- **Definição**: não basta citar, mas é preciso desdobrar a idéia principal ao máximo, esclarecendo o conceito ou a definição.
- **Comparação**: estabelecer analogias, confrontar situações distintas.
- **Bilateralidade**: quando o tema proposto apresenta pontos favoráveis e desfavoráveis.
- **Ilustração Narrativa ou Descritiva**: narrar um fato ou descrever uma cena.
- **Cifras e Dados Estatísticos**: citar cifras e dados estatísticos.
- **Hipótese**: antecipa uma previsão, apontando para prováveis resultados.
- **Interrogação**: Toda sucessão de interrogações deve apresentar questionamento e reflexão.
- **Refutação**: questiona-se praticamente tudo: conceitos, valores, juízos.
- **Causa e Consequência**: estruturar o texto através dos porquês de uma determinada situação.
- **Oposição**: abordar um assunto de forma dialética.
- **Exemplificação**: dar exemplos.

Conclusão: é uma avaliação final do assunto, um fechamento integrado de tudo que se argumentou. Para ela convergem todas as ideias anteriormente desenvolvidas.

- **Conclusão Fechada**: recupera a ideia da tese.
- **Conclusão Aberta**: levanta uma hipótese, projeta um pensamento ou faz uma proposta, incentivando a reflexão de quem lê.

Exemplo:

Direito de Trabalho

Com a queda do feudalismo no século XV, nasce um novo modelo econômico: o capitalismo, que até o século XX agia por meio da inclusão de trabalhadores e hoje passou a agir por meio da exclusão. ***(A)***

A tendência do mundo contemporâneo é tornar todo o trabalho automático, devido à evolução tecnológica e a necessidade de qualificação cada vez maior, o que provoca o desemprego. Outro fator que também leva ao desemprego de um sem número de trabalhadores é a contenção de despesas, de gastos. ***(B)***

Segundo a Constituição, "preocupada" com essa crise social que provém dessa automatização e qualificação, obriga que seja feita uma lei, em que será dada absoluta garantia aos trabalhadores, de que, mesmo que as empresas sejam automatizadas, não perderão eles seu mercado de trabalho. ***(C)***

Não é uma utopia?!

Um exemplo vivo são os bóias-frias que trabalham na colheita da cana de açúcar que devido ao avanço tecnológico e a lei do governador Geraldo Alkmin, defendendo o meio ambiente, proibindo a queima da cana de açúcar para a colheita e substituindo-os então pelas máquinas, desemprega milhares deles. ***(D)***

Em troca os sindicatos dos trabalhadores rurais dão cursos de cabeleleiro, marcenaria, eletricista, para não perderem o mercado de trabalho, aumentando, com isso, a classe de trabalhos informais.

Como ficam então aqueles trabalhadores que passaram à vida estudando, se especializando, para se diferenciarem e ainda estão desempregados?, como vimos no último concurso da prefeitura do Rio de Janeiro para "gari", havia até advogado na fila de inscrição. ***(E)***

Já que a Constituição dita seu valor ao social que todos têm o direito de trabalho, cabe aos governantes desse país, que almeja um futuro brilhante, deter, com urgência esse processo de desníveis gritantes e criar soluções eficazes para combater a crise generalizada ***(F)***, pois a uma nação doente, miserável e desigual, não compete a tão sonhada modernidade. ***(G)***

1º Parágrafo – **Introdução**

A. **Tema**: Desemprego no Brasil.

Contextualização: decorrência de um processo histórico problemático.

2º ao 6º Parágrafo – **Desenvolvimento**

B. **Argumento 1**: Exploram-se dados da realidade que remetem a uma análise do tema em questão.

C. **Argumento 2**: Considerações a respeito de outro dado da realidade.

D. **Argumento 3**: Coloca-se sob suspeita a sinceridade de quem propõe soluções.
E. **Argumento 4**: Uso do raciocínio lógico de oposição.

7º Parágrafo: **Conclusão**
F. Uma possível solução é apresentada.
G. O texto conclui que desigualdade não se casa com modernidade.

É bom lembrarmos que é praticamente impossível opinar sobre o que não se conhece. A leitura de bons textos é um dos recursos que permite uma segurança maior no momento de dissertar sobre algum assunto. Debater e pesquisar são atitudes que favorecem o senso crítico, essencial no desenvolvimento de um texto dissertativo.

Ainda temos:

Tema: compreende o assunto proposto para discussão, o assunto que vai ser abordado.
Título: palavra ou expressão que sintetiza o conteúdo discutido.
Argumentação: é um conjunto de procedimentos linguísticos com os quais a pessoa que escreve sustenta suas opiniões, de forma a torná-las aceitáveis pelo leitor. É fornecer argumentos, ou seja, razões a favor ou contra uma determinada tese.
Estes assuntos serão vistos com mais afinco posteriormente.

Alguns pontos essenciais desse tipo de texto são:

- toda dissertação é uma demonstração, daí a necessidade de pleno domínio do assunto e habilidade de argumentação;
- em consequência disso, impõem-se à fidelidade ao tema;
- a coerência é tida como regra de ouro da dissertação;
- impõem-se sempre o raciocínio lógico;
- a linguagem deve ser objetiva, denotativa; qualquer ambiguidade pode ser um ponto vulnerável na demonstração do que se quer expor. Deve ser clara, precisa, natural, original, nobre, correta gramaticalmente. O discurso deve ser impessoal (evitar-se o uso da primeira pessoa).

O parágrafo é a unidade mínima do texto e deve apresentar: uma frase contendo a ideia principal (frase nuclear) e uma ou mais frases que explicitem tal ideia.
Exemplo: "A televisão mostra uma realidade idealizada (ideia central) porque oculta os problemas sociais realmente graves. (ideia secundária)".
Vejamos:
Ideia central: A poluição atmosférica deve ser combatida urgentemente.

Desenvolvimento: A poluição atmosférica deve ser combatida urgentemente, pois a alta concentração de elementos tóxicos põe em risco a vida de milhares de pessoas, sobretudo daquelas que sofrem de problemas respiratórios:

- A propaganda intensiva de cigarros e bebidas tem levado muita gente ao vício.
- A televisão é um dos mais eficazes meios de comunicação criados pelo homem.
- A violência tem aumentado assustadoramente nas cidades e hoje parece claro que esse problema não pode ser resolvido apenas pela polícia.
- O diálogo entre pais e filhos parece estar em crise atualmente.
- O problema dos sem-terra preocupa cada vez mais a sociedade brasileira.

O parágrafo pode processar-se de diferentes maneiras:

Enumeração: Caracteriza-se pela exposição de uma série de coisas, uma a uma. Presta-se bem à indicação de características, funções, processos, situações, sempre oferecendo o complemente necessário à afirmação estabelecida na frase nuclear. Pode-se enumerar, seguindo-se os critérios de importância, preferência, classificação ou aleatoriamente.
Exemplo:

1- O adolescente moderno está se tornando obeso por várias causas: alimentação inadequada, falta de exercícios sistemáticos e demasiada permanência diante de computadores e aparelhos de Televisão.

2- Devido à expansão das igrejas evangélicas, é grande o número de emissoras que dedicam parte da sua programação à veiculação de programas religiosos de crenças variadas.

3-
- A Santa Missa em seu lar.
- Terço Bizantino.
- Despertar da Fé.
- Palavra de Vida.
- Igreja da Graça no Lar.

4-
- Inúmeras são as dificuldades com que se defronta o governo brasileiro diante de tantos desmatamentos, desequilíbrios sociológicos e poluição.
- Existem várias razões que levam um homem a enveredar pelos caminhos do crime.
- A gravidez na adolescência é um problema seríssimo, porque pode trazer muitas consequências indesejáveis.
- O lazer é uma necessidade do cidadão para a sua sobrevivência no mundo atual e vários são os tipos de lazer.
- O Novo Código Nacional de trânsito divide as faltas em várias categorias.

Comparação: A frase nuclear pode-se desenvolver através da comparação, que confronta ideias, fatos, fenômenos e apresenta-lhes a semelhança ou dessemelhança.

Exemplo:

"A juventude é uma infatigável aspiração de felicidade; a velhice, pelo contrário, é dominada por um vago e persistente sentimento de dor, porque já estamos nos convencendo de que a felicidade é uma ilusão, que só o sofrimento é real".

(Arthur Schopenhauer)

Causa e Consequência: A frase nuclear, muitas vezes, encontra no seu desenvolvimento um segmento causal (fato motivador) e, em outras situações, um segmento indicando consequências (fatos decorrentes).

Exemplos:

- O homem, dia a dia, perde a dimensão de humanidade que abriga em si, porque os seus olhos teimam apenas em ver as coisas imediatistas e lucrativas que o rodeiam.

- O espírito competitivo foi excessivamente exercido entre nós, de modo que hoje somos obrigados a viver numa sociedade fria e inamistosa.

Tempo e Espaço: Muitos parágrafos dissertativos marcam temporal e espacialmente a evolução de ideias, processos.

Exemplos:

Tempo - A comunicação de massas é resultado de uma lenta evolução. Primeiro, o homem aprendeu a grunhir. Depois deu um significado a cada grunhido. Muito depois, inventou a escrita e só muitos séculos mais tarde é que passou à comunicação de massa.

Espaço - O solo é influenciado pelo clima. Nos climas úmidos, os solos são profundos. Existe nessas regiões uma forte decomposição de rochas, isto é, uma forte transformação da rocha em terra pela umidade e calor. Nas regiões temperadas e ainda nas mais frias, a camada do solo é pouco profunda. (Melhem Adas)

Explicitação: Num parágrafo dissertativo pode-se conceituar, exemplificar e aclarar as ideias para torná-las mais compreensíveis.

Exemplo: "Artéria é um vaso que leva sangue proveniente do coração para irrigar os tecidos. Exceto no cordão umbilical e na ligação entre os pulmões e o coração, todas as artérias contém sangue vermelho-vivo, recém oxigenado. Na artéria pulmonar, porém, corre sangue venoso, mais escuro e desoxigenado, que o coração remete para os pulmões para receber oxigênio e liberar gás carbônico".

Antes de se iniciar a elaboração de uma dissertação, deve delimitar-se o tema que será desenvolvido e que poderá ser enfocado sob diversos aspectos. Se, por exemplo, o tema é a questão indígena, ela poderá ser desenvolvida a partir das seguintes ideias:

- A violência contra os povos indígenas é uma constante na história do Brasil.
- O surgimento de várias entidades de defesa das populações indígenas.
- A visão idealizada que o europeu ainda tem do índio brasileiro.
- A invasão da Amazônia e a perda da cultura indígena.

Depois de delimitar o tema que você vai desenvolver, deve fazer a estruturação do texto.

A estrutura do texto dissertativo constitui-se de:

Introdução: deve conter a ideia principal a ser desenvolvida (geralmente um ou dois parágrafos). É a abertura do texto, por isso é fundamental. Deve ser clara e chamar a atenção para dois itens básicos: os objetivos do texto e o plano do desenvolvimento. Contém a proposição do tema, seus limites, ângulo de análise e a hipótese ou a tese a ser defendida.

Desenvolvimento: exposição de elementos que vão fundamentar a ideia principal que pode vir especificada através da argumentação, de pormenores, da ilustração, da causa e da consequência, das definições, dos dados estatísticos, da ordenação cronológica, da interrogação e da citação. No desenvolvimento são usados tantos parágrafos quantos forem necessários para a completa exposição da ideia. E esses parágrafos podem ser estruturados das cinco maneiras expostas acima.

Conclusão: é a retomada da ideia principal, que agora deve aparecer de forma muito mais convincente, uma vez que já foi fundamentada durante o desenvolvimento da dissertação (um parágrafo). Deve, pois, conter de forma sintética, o objetivo proposto na instrução, a confirmação da hipótese ou da tese, acrescida da argumentação básica empregada no desenvolvimento.

Texto Argumentativo

Texto Argumentativo é o texto em que defendemos uma ideia, opinião ou ponto de vista, uma tese, procurando (por todos os meios) fazer com que nosso ouvinte/leitor aceite-a, creia nela. Num texto argumentativo, distinguem-se três componentes: ***a tese, os argumentos e as estratégias argumentativas***.

Tese, ou proposição, é a ideia que defendemos, necessariamente polêmica, pois a argumentação implica divergência de opinião.

Argumento tem uma origem curiosa: vem do latim *Argumentum*, que tem o tema ARGU, cujo sentido primeiro é "fazer brilhar", "iluminar", a mesma raiz de "argênteo", "argúcia", "arguto". Os argumentos de um texto são facilmente localizados: identificada a tese, faz-se a pergunta por quê? Exemplo: o autor é contra a pena de morte (tese). Por que... (argumentos).

Estratégias argumentativas são todos os recursos (verbais e não-verbais) utilizados para envolver o leitor/ouvinte, para impressioná-lo, para convencê-lo melhor, para persuadi-lo mais facilmente, para gerar credibilidade, etc.

A Estrutura de um Texto Argumentativo

A argumentação Formal

A nomenclatura é de Othon Garcia, em sua obra "Comunicação em Prosa Moderna". O autor, na mencionada obra, apresenta o seguinte plano-padrão para o que chama de argumentação formal:

Proposição (tese): afirmativa suficientemente definida e limitada; não deve conter em si mesma nenhum argumento.

Análise da proposição ou tese: definição do sentido da proposição ou de alguns de seus termos, a fim de evitar mal-entendidos.

Formulação de argumentos: fatos, exemplos, dados estatísticos, testemunhos, etc.

Conclusão.

Observe o texto a seguir, que contém os elementos referidos do plano-padrão da argumentação formal.

Gramática e desempenho Linguístico

Pretende-se demonstrar no presente artigo que o estudo intencional da gramática não traz benefícios significativos para o desempenho linguístico dos utentes de uma língua.

Por "estudo intencional da gramática" entende-se o estudo de definições, classificações e nomenclatura; a realização de análises (fonológica, morfológica, sintática); a memorização de regras (de concordância, regência e colocação) - para citar algumas áreas. O "desempenho linguístico", por outro lado, é expressão técnica definida como sendo o processo de atualização da competência na produção e interpretação de enunciados; dito de maneira mais simples, é o que se fala, é o que se escreve em condições reais de comunicação.

A polêmica pró-gramática x contra gramática é bem antiga; na verdade, surgiu com os gregos, quando surgiram as primeiras gramáticas. Definida como "arte", "arte de escrever", percebe-se que subjaz à definição a ideia da sua importância para a prática da língua. São da mesma época também as primeiras críticas, como se pode ler em Apolônio de Rodes, poeta Alexandrino do séc. II a.C.: "Raça de gramáticos, roedores que ratais na musa de outrem, estúpidas lagartas que sujais as grandes obras, ó flagelo dos poetas que mergulhais o espírito das crianças na escuridão, ide para o diabo, percevejos que devorais os versos belos".

Na atualidade, é grande o número de educadores, filólogos e linguistas de reconhecido saber que negam a relação entre o estudo intencional da gramática e a melhora do desempenho linguístico do usuário. Entre esses especialistas, deve-se mencionar o nome do Prof. Celso Pedro Luft com sus obra "Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna e seu ensino" (L&PM, 1995). Com efeito, o velho pesquisar apaixonado pelos problemas da língua, teórico de espírito lúcido e de larga formação linguística, reúne numa mesma obra convincente fundamentação para seu combate veemente contra o ensino da gramática em sala de aula. Por oportuno, uma citação apenas:

"Quem sabe, lendo este livro muitos professores talvez abandonem a superstição da teoria gramatical, desistindo de querer ensinar a língua por definições, classificações, análises inconsistentes e precárias hauridas em gramáticas. Já seria um grande benefício".

Deixando-se de lado a perspectiva teórica do Mestre, acima referida suponha-se que se deva recuperar linguisticamente um jovem estudante universitário cujo texto apresente preocupantes problemas de concordância, regência, colocação, ortografia, pontuação, adequação vocabular, coesão, coerência, informatividade, entre outros. E, estimando-lhe melhoras, lhe fosse dada uma gramática que ele passaria a estudar: que é fonética? Que é fonologia? Que é fonemas? Morfema? Qual é coletivo de borboleta? O feminino de cupim? Como se chama quem nasce na Província de Entre-Douro-e-Minho? Que é oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio? E decorasse regras de ortografia, fizesse lista de homônimos, parônimos, de verbos irregulares... e estudasse o plural de compostos, todas regras de concordância, regências... os casos de próclise, mesóclise e ênclise. E que, ao cabo de todo esse processo, se voltasse a examinar o desempenho do jovem estudante na produção de um texto. A melhora seria, indubitavelmente, pouco significativa; uma pequena melhora, talvez, na gramática da frase, mas o problema de coesão, de coerência, de informatividade - quem sabe os mais graves - haveriam de continuar. Quanto mais não seja porque a gramática tradicional não dá conta dos mecanismos que presidem à construção do texto.

Poder-se-á objetar que a ilustração de há pouco é apenas hipotética e que, por isso, um argumento de pouco valor. Contra argumentar-se-ia dizendo que situação como essa ocorre de fato na prática. Na verdade, todo o ensino de 1° e 2° graus é gramaticalista, descritivista, definitório, classificatório, nomenclaturista, prescritivista, teórico. O resultado? Aí estão as estatísticas dos vestibulares. Valendo 40 pontos a prova de redação, os escores foram estes no vestibular 1996/1, na PUC-RS: nota zero: 10% dos candidatos, nota 01: 30%; nota 02: 40%; nota 03: 15%; nota 04: 5%. Ou seja, apenas 20% dos candidatos escreveram um texto que pode ser considerado bom.

Finalmente pode-se invocar mais um argumento, lembrando que são os gramáticos, os linguistas - como especialistas das línguas - as pessoas que conhecem mais a fundo a estrutura e o funcionamento dos códigos linguís-

ticos. Que se esperaria, de fato, se houvesse significativa influência do conhecimento teórico da língua sobre o desempenho? A resposta é óbvia: os gramáticos e os linguistas seriam sempre os melhores escritores. Como na prática isso realmente não acontece, fica provada uma vez mais a tese que se vem defendendo.

Vale também o raciocínio inverso: se a relação fosse significativa, deveriam os melhores escritores conhecer - teoricamente - a língua em profundidade. Isso, no entanto, não se confirma na realidade: Monteiro Lobato, quando estudante, foi reprovado em língua portuguesa (muito provavelmente por desconhecer teoria gramatical); Machado de Assis, ao folhar uma gramática declarou que nada havia entendido; dificilmente um Luis Fernando Veríssimo saberia o que é um morfema; nem é de se crer que todos os nossos bons escritores seriam aprovados num teste de Português à maneira tradicional (e, no entanto eles são os senhores da língua!).

Portanto, não há como salvar o ensino da língua, como recuperar linguisticamente os alunos, como promover um melhor desempenho linguístico mediante o ensino-estudo da teoria gramatical. O caminho é seguramente outro.

Gilberto Scarton

Eis o esquema do texto em seus quatro estágios:

Primeiro Estágio: primeiro parágrafo, em que se enuncia claramente a tese a ser defendida.

Segundo Estágio: segundo parágrafo, em que se definem as expressões "estudo intencional da gramática" e "desempenho lingüístico", citadas na tese.

Terceiro Estágio: terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo e oitavo parágrafos, em que se apresentam os argumentos.

- Terceiro parágrafo: parágrafo introdutório à argumentação.
- Quarto parágrafo: argumento de autoridade.
- Quinto parágrafo: argumento com base em ilustração hipotética.
- Sexto parágrafo: argumento com base em dados estatísticos.
- Sétimo e oitavo parágrafo: argumento com base em fatos.

Quarto Estágio: último parágrafo, em que se apresenta a conclusão.

A Argumentação Informal

A nomenclatura também é de Othon Garcia, na obra já referida. A argumentação informal apresenta os seguintes estágios:

- Citação da tese adversária.
- Argumentos da tese adversária.
- Introdução da tese a ser defendida.
- Argumentos da tese a ser defendida.
- Conclusão.

Observe o texto exemplar de Luís Alberto Thompson Flores Lenz, Promotor de Justiça.

Considerações sobre justiça e equidade

Hoje, floresce cada vez mais, no mundo jurídico a acadêmico nacional, a ideia de que o julgador, ao apreciar os caos concretos que são apresentados perante os tribunais, deve nortear o seu proceder mais por critérios de justiça e equidade e menos por razões de estrita legalidade, no intuito de alcançar, sempre, o escopo da real pacificação dos conflitos submetidos à sua apreciação.

Semelhante entendimento tem sido sistematicamente reiterado, na atualidade, ao ponto de inúmeros magistrados simplesmente desprezarem ou desconsiderarem determinados preceitos de lei, fulminando ditos dilemas legais sob a pecha de injustiça ou inadequação à realidade nacional.

Abstraída qualquer pretensão de crítica ou censura pessoal aos insignes juízes que se filiam a esta corrente, alguns dos quais reconhecidos como dos mais brilhantes do país, não nos furtamos, todavia, de tecer breves considerações sobre os perigos da generalização desse entendimento.

Primeiro, porque o mesmo, além de violar os preceitos dos arts. 126 e 127 do CPC, atenta de forma direta e frontal contra os princípios da legalidade e da separação de poderes, esteio no qual se assenta toda e qualquer ideia de democracia ou limitação de atribuições dos órgãos do Estado.

Isso é o que salientou, e com a costumeira maestria, o insuperável José Alberto dos Reis, o maior processualista português, ao afirmar que: "O magistrado não pode sobrepor os seus próprios juízos de valor aos que estão encarnados na lei. Não o pode fazer quando o caso se acha previsto legalmente, não o pode fazer mesmo quando o caso é omisso".

Aceitar tal aberração seria o mesmo que ferir de morte qualquer espécie de legalidade ou garantia de soberania popular proveniente dos parlamentos, até porque, na lúcida visão desse mesmo processualista, o juiz estaria, nessa situação, se arvorando, de forma absolutamente espúria, na condição de legislador.

A esta altura, adotando tal entendimento, estaria institucionalizada a insegurança social, sendo que não haveria mais qualquer garantia, na medida em que tudo estaria ao sabor dos humores e amores do juiz de plantão.

De nada adiantariam as eleições, eis que os representantes indicados pelo povo não poderiam se valer de sua maior atribuição, ou seja, a prerrogativa de editar as leis.

Desapareceriam também os juízes de conveniência e oportunidade política típicos dessas casas legislativas, na medida em que sempre poderiam ser afastados por uma esfera revisora excepcional.

A própria independência do parlamento sucumbiria integralmente frente à possibilidade de inobservância e desconsideração de suas deliberações.

Ou seja, nada restaria, de cunho democrático, em nossa civilização.

Já o Poder Judiciário, a quem legitimamente compete fiscalizar a constitucionalidade e legalidade dos atos dos demais poderes do Estado, praticamente aniquilaria as atribuições destes, ditando a eles, a todo momento, como proceder.

NOVA CONCURSOS

Nada mais é preciso dizer para demonstrar o desacerto dessa concepção.

Entretanto, a defesa desse entendimento demonstra, sem sombra de dúvidas, o desconhecimento do próprio conceito de justiça, incorrendo inclusive numa contradictio in adjecto.

Isto porque, e como magistralmente o salientou o insuperável Calamandrei, "a justiça que o juiz administra é, no sistema da legalidade, a justiça em sentido jurídico, isto é, no sentido mais apertado, mas menos incerto, da conformidade com o direito constituído, independentemente da correspondente com a justiça social".

Para encerrar, basta salientar que a eleição dos meios concretos de efetivação da Justiça social compete, fundamentalmente, ao Legislativo e ao Executivo, eis que seus membros são indicados diretamente pelo povo.

Ao Judiciário cabe administrar a justiça da legalidade, adequando o proceder daqueles aos ditames da Constituição e da Legislação.

Luís Alberto Thompson Flores Lenz

Eis o esquema do texto em seus cinco estágios;

Primeiro Estágio: primeiro parágrafo, em que se cita a tese adversária.

Segundo Estágio: segundo parágrafo, em que se cita um argumento da tese adversária "... fulminando ditos dilemas legais sob a pecha de injustiça ou inadequação à realidade nacional".

Terceiro Estágio: terceiro parágrafo, em que se introduz a tese a ser defendida.

Quarto Estágio: do quarto ao décimo quinto, em que se apresentam os argumentos.

Quinto Estágio: os últimos dois parágrafos, em que se conclui o texto mediante afirmação que salienta o que ficou dito ao longo da argumentação.

Texto Injuntivo/Instrucional

No texto injuntivo-instrucional, o leitor recebe orientações precisas no sentido de efetuar uma transformação. É marcado pela presença de tempos e modos verbais que apresentam um valor diretivo. Este tipo de texto distingue-se de uma sequencia narrativa pela ausência de um sujeito responsável pelas ações a praticar e pelo caráter diretivo dos tempos e modos verbais usado e uma sequência descritiva pela transformação desejada.

Nota: Uma frase injuntiva é uma frase que exprime uma ordem, dada ao locutor, para executar (ou não executar) tal ou tal ação. As formas verbais específicas destas frases estão no modo injuntivo e o imperativo é uma das formas do injuntivo.

Textos Injuntivo-Instrucionais: Instruções de montagem, receitas, horóscopos, provérbios, slogans... são textos que incitam à ação, impõem regras; textos que fornecem instruções. São orientados para um comportamento futuro do destinatário.

Texto Injuntivo - A necessidade de explicar e orientar por escrito o modo de realizar determinados procedimentos, manipular instrumentos, desenvolver atividades lúdicas e desempenhar algumas funções profissionais, por exemplo, deu origem aos chamados textos injuntivos, nos quais prevalece a função apelativa da linguagem, criando-se uma relação direta com o receptor. É comum aos textos dessa natureza o uso dos verbos no imperativo (Abra o caderno de questões) ou no infinitivo (É preciso abrir o caderno de questões, verificar o número de alternativas...). Não apresenta caráter coercitivo, haja vista que apenas induz o interlocutor a proceder desta ou daquela forma. Assim, torna-se possível substituir um determinado procedimento em função de outro, como é o caso do que ocorre com os ingredientes de uma receita culinária, por exemplo. São exemplos dessa modalidade:

- A mensagem revelada pela maioria dos livros de autoajuda;
- O discurso manifestado mediante um manual de instruções;
- As instruções materializadas por meio de uma receita culinária.

Texto Instrucional - o texto instrucional é um tipo de texto injuntivo, didático, que tem por objetivo justamente apresentar orientações ao receptor para que ele realize determinada atividade. Como as palavras do texto serão transformadas em ações visando a um objetivo, ou seja, algo deverá ser concretizado, é de suma importância que nele haja clareza e objetividade. Dependendo do que se trata, é imprescindível haver explicações ou enumerações em que estejam elencados os materiais a serem utilizados, bem como os itens de determinados objetos que serão manipulados. Por conta dessas características, é necessário um título objetivo. Quanto à pontuação, frequentemente empregam-se dois pontos, vírgulas e pontos e vírgulas. É possível separar as orientações por itens ou de modo coeso, por meio de períodos. Alguns textos instrucionais possuem subtítulos separando em tópicos as instruções, basta reparar nas bulas de remédios, manuais de instruções e receitas. Pelo fato de o espaço destinado aos textos instrucionais geralmente não ser muito extenso, recomenda-se o uso de períodos. Leia os exemplos.

Texto organizado em itens:

Para economizar nas compras

Quem deseja economizar ao comprar deve:

- estabelecer um valor máximo para gastar;
- escolher previamente aquilo que deseja comprar antes de ir à loja ou entrar em sites de compra;
- pesquisar os preços em diferentes lojas e sites, se possível;
- não se deixar levar completamente pelas sugestões dos vendedores nem pelos apelos das propagandas;
- optar pela forma de pagamento mais cômoda, sem se esquecer de que o uso do cartão de crédito exige certa cautela e planejamento.

Do mais, é só ir às compras e aproveitar!

Texto organizado em períodos:

Para economizar nas compras

Para economizar ao comprar, primeiramente estabeleça um valor máximo para gastar e então escolha previamente aquilo que deseja comprar antes de ir à loja ou entrar em sites de compra. Se possível, pesquise os preços em diferentes lojas e sites; não se deixe levar completamente pelas sugestões dos vendedores nem pelos apelos das propagandas e opte pela forma de pagamento mais cômoda: não se esqueça de que o uso do cartão de crédito exige certa cautela e planejamento.

Do mais, aproveite as compras!

Observe que, embora ambos os textos tratem do mesmo assunto, o segundo é uma adaptação do primeiro: tanto o modo verbal quanto a pontuação sofreram alterações; além disso, algumas palavras foram omitidas e outras acrescentadas. Isso ocorreu para que o aspecto instrucional, conferido pelos itens do primeiro exemplo, não se perdesse no segundo texto, o qual, sem essas adaptações, passaria a impressão de ser um mero texto expositivo.

GÊNEROS TEXTUAIS

Texto – é um conjunto de ideias organizadas e relacionadas entre si, formando um todo significativo capaz de produzir interação comunicativa (capacidade de codificar e decodificar).

Contexto – um texto é constituído por diversas frases. Em cada uma delas, há uma certa informação que a faz ligar-se com a anterior e/ou com a posterior, criando condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido. A essa interligação dá-se o nome de contexto. Nota-se que o relacionamento entre as frases é tão grande, que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá ter um significado diferente daquele inicial.

Intertexto - comumente, os textos apresentam referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações. Esse tipo de recurso denomina-se intertexto.

Interpretação de Texto - o primeiro objetivo de uma interpretação de um texto é a identificação de sua ideia principal. A partir daí, localizam-se as ideias secundárias, ou fundamentações, as argumentações, ou explicações, que levem ao esclarecimento das questões apresentadas na prova.

Textos Ficcionais e Não Ficcionais

Os textos não ficcionais baseiam-se na realidade, e os ficcionais inventam um mundo, onde os acontecimentos ocorrem coerentemente com o que se passa no enredo da história.

Ficcionais: Conto; Crônica; Romance; Poemas; História em Quadrinhos.

Não Ficcionais:

- Jornalísticos: notícia, editorial, artigos, cartas e textos de divulgação científica.

- Instrucionais: didáticos, resumos, receitas, catálogos, índices, listas, verbetes em geral, bulas e notas explicativas de embalagens.

- Epistolares: bilhetes, cartas familiares e cartas formais.

- Administrativos: requerimentos, ofícios e etc.

FICCIONAIS

CONTO

É um gênero textual que apresenta um único conflito, tomado já próximo do seu desfecho. Encerra uma história com poucas personagens, e também tempo e espaço reduzido. A linguagem pode ser formal ou informal. É uma obra de ficção que cria um universo de seres e acontecimentos, de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo. Classicamente, diz-se que o conto se define pela sua pequena extensão. Mais curto que a novela ou o romance, o conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. Exemplo:

Lépida

Tudo lento, parado, paralisado.

- Maldição! - dizia um homem que tinha sido o melhor corredor daquele lugar.

- Que tristeza a minha - lamentava uma pequena bailarina, olhando para as suas sapatilhas cor-de-rosa.

Assim estava Lépida, uma cidade muito alegre que no passado fora reconhecida pela leveza e agilidade de seus habitantes. Todos muito fortes, andavam, corriam e nadavam pelos seus limpos canais.

Até que chegou um terrível pirata à procura da riqueza do lugar. Para dominar Lépida, roubou de um mago um elixir paralisante e despejou no principal rio. Após beberem a água, os habitantes ficaram muito lentos, tão lentos que não conseguiram impedir a maldade do terrível pirata. Seu povo nunca mais foi o mesmo. Lépida foi roubada em seu maior tesouro e permaneceu estagnada por muitos anos.

Um dia nasceu um menino, que foi chamado de Zim. O único entre tantos que ficou livre da maldição que passara de geração em geração. Diferente de todos, era muito ágil e, ao crescer, saiu em busca de uma solução. Encontrou pelo caminho bruxas de olhar feroz, gigantes de três, cinco e sete cabeças, noites escuras, dias de chuva, sol intenso. Zim tudo enfrentou.

E numa noite morna, ao deitar-se em sua cama de folhas, viu ao seu lado um velho de olhos amarelos e brilhantes. Era o mago que havia sido roubado pelo pirata muitos anos antes. Zim ficou apreensivo. Mas o velho mago (que tudo sabia) deu-lhe um frasco. Nele havia um antídoto e Zim compreendeu o que deveria fazer. Despejou o líquido no rio de sua cidade.

Lépida despertou diferente naquela manhã. Um copo de água aqui, um banho ali e eram novamente braços que se mexiam, pernas que corriam, saltos e sorrisos. E a dança das sapatilhas cor-de-rosa.

(Carla Caruso)

CRÔNICA

Em jornais e revistas, há textos normalmente assinados por um escritor de ficção ou por uma pessoa especializada em determinada área (economia, gastronomia, negócios, entre outras) que escreve com periodicidade para uma seção (por exemplo, todos os domingos para o Caderno de Economia). Esses textos, conhecidos como crônicas, são curtos e em geral predominantemente narrativos, podendo apresentar alguns trechos dissertativos. Exemplo:

A luta e a lição

Um brasileiro de 38 anos, Vítor Negrete, morreu no Tibete após escalar pela segunda vez o ponto culminante do planeta, o monte Everest. Da primeira, usou o reforço de um cilindro de oxigênio para suportar a altura. Na segunda (e última), dispensou o cilindro, devido ao seu estado geral, que era considerado ótimo. As façanhas dele me emocionaram, a bem sucedida e a malograda. Aqui do meu canto, temendo e tremendo toda a vez que viajo no bondinho do Pão de Açúcar, fico meditando sobre os motivos que levam alguns heróis a se superarem. Vitor já havia vencido o cume mais alto do mundo. Quis provar mais, fazendo a escalada sem a ajuda do oxigênio suplementar. O que leva um ser humano bem sucedido a vencer desafios assim?

Ora, dirão os entendidos, é assim que caminha a humanidade. Se cada um repetisse meu exemplo, ficando solidamente instalado no chão, sem tentar a aventura, ainda estaríamos nas cavernas, lascando o fogo com pedras, comendo animais crus e puxando nossas mulheres pelos cabelos, como os trogloditas - se é que os trogloditas faziam isso. Somos o que somos hoje devido a heróis que trocam a vida pelo risco. Bem verdade que escalar montanhas, em si, não traz nada de prático ao resto da humanidade que prefere ficar na cômoda planície da segurança.

Mas o que há de louvável (e lamentável) na aventura de Vítor Negrete é a aspiração de ir mais longe, de superar marcas, de ir mais alto, desafiando os riscos. Não sei até que ponto ele foi temerário ao recusar o oxigênio suplementar. Mas seu exemplo - e seu sacrifício - é uma lição de luta, mesmo sendo uma luta perdida.

(Autor: Carlos Heitor Cony.
Publicado na Folha Online)

ROMANCE

O termo romance pode referir-se a dois gêneros literários. O primeiro deles é uma composição poética popular, histórica ou lírica, transmitida pela tradição oral, sendo geralmente de autor anônimo; corresponde aproximadamente à balada medieval. E como forma literária moderna, o termo designa uma composição em prosa. Todo Romance se organiza a partir de uma trama, ou seja, em torno dos acontecimentos que são organizados em uma sequência temporal. A linguagem utilizada em um Romance é muito variável, vai depender de quem escreve, de uma boa diferenciação entre linguagem escrita e linguagem oral e principalmente do tipo de Romance.

Quanto ao tipo de abordagem o Romance pode ser: Urbano, Regionalista, Indianista e Histórico. E quanto à época ou Escola Literária, o Romance pode ser: Romântico, Realista, Naturalista e Modernista.

POEMA

Um poema é uma obra literária geralmente apresentada em versos e estrofes (ainda que possa existir prosa poética, assim designada pelo uso de temas específicos e de figuras de estilo próprias da poesia). Efetivamente, existe uma diferença entre poesia e poema. Segundo vários autores, o poema é um objeto literário com existência material concreta, a poesia tem um carácter imaterial e transcendente. Fortemente relacionado com a música, beleza e arte, o poema tem as suas raízes históricas nas letras de acompanhamento de peças musicais. Até a Idade Média, os poemas eram cantados. Só depois o texto foi separado do acompanhamento musical. Tal como na música, o ritmo tem uma grande importância. Um poema também faz parte de um sarau (reuniões em casas particulares para expressar artes, canções, poemas, poesias etc). Obra em verso em que há poesia. Exemplo:

Soneto do amigo

Enfim, depois de tanto erro passado
Tantas retaliações, tanto perigo
Eis que ressurge noutro o velho amigo
Nunca perdido, sempre reencontrado.

É bom sentá-lo novamente ao lado
Com olhos que contêm o olhar antigo
Sempre comigo um pouco atribulado
E como sempre singular comigo.
Um bicho igual a mim, simples e humano
Sabendo se mover e comover
E a disfarçar com o meu próprio engano.

O amigo: um ser que a vida não explica
Que só se vai ao ver outro nascer
E o espelho de minha alma multiplica...

Vinicius de Moraes

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

As primeiras manifestações das Histórias em Quadrinhos surgiram no começo do século XX, na busca de novos meios de comunicação e expressão gráfica e visual. Entre os primeiros autores das histórias em quadrinhos estão o suíço Rudolph Töpffer, o alemão Wilhelm Bush, o francês Georges, e o brasileiro Ângelo Agostini. A origem dos balões presentes nas histórias em quadrinhos pode ser atribuída a personagens, observadas em ilustrações europeias desde o século XIV.

As histórias em quadrinhos começaram no Brasil no século XIX, adotando um estilo satírico conhecido como cartuns, charges ou caricaturas e que depois se estabeleceria com as populares tiras. A publicação de revistas próprias de histórias em quadrinhos no Brasil começou no início do século XX também. Atualmente, o estilo cômicos dos super -heróis americanos é o predominante, mas vem perdendo espaço para uma expansão muito rápida dos quadrinhos japoneses (conhecidos como Mangá).

A leitura interpretativa de Histórias em Quadrinhos, assim como de charges, requer uma *construção de sentidos* que, para que ocorra, é necessário mobilizar alguns processos de *significação,* como a percepção da atualidade, a representação do mundo, a observação dos detalhes visuais e/ou linguísticos, a transformação de linguagem conotativa (sentido mais usual) em denotativa (sentido amplificado pelo contexto, pelos aspetos socioculturais etc). Em suma, usa-se o conhecimento da realidade e de processos linguísticos para "inverter" ou "subverter" produzindo, assim, sentidos alternativos a partir de situações extremas. Exemplo:

Observe a tirinha em quadrinhos do Calvin:

O objetivo do Calvin era vender ao seu pai um desenho de sua autoria pela exorbitante quantia de 500 dólares. Ele optou por valorizar o desenho, mostrando todas as habilidades conquistadas para conseguir produzi-lo. O pai, no último quadrinho, reconhece o empenho do filho, utilizando-se de um conector de concessão ("Ainda assim"), valorizando a importância de tudo aquilo. Contudo, afirma que não pagaria o valor pedido (como se dissesse: "sim, filho, foi um esforço absurdo, mas não vou pagar por isso!").

A graça está no fato de Calvin elaborar um discurso "maduro" em relação ao seu desenvolvimento cognitivo e motor nos dois primeiros quadrinhos e, somente depois, ficar claro para nós, leitores, que toda a força argumentativa foi em prol da cobrança pelo desenho que ele mesmo fez. Em outras palavras, o personagem empenha-se na construção de um raciocínio em prol de uma finalidade absurda – o que nos faz sorrir no último quadrinho, já que é somente nele que conseguimos "completar" o sentido. Claro, se você conhece os quadrinhos do Calvin, sabe que ele tem apenas 6 anos, o que torna tudo ainda mais hilário, mas a falta deste conhecimento não prejudica em nada a interpretação textual.

NÃO FICCIONAIS - JORNALÍSTICOS

NOTÍCIA

O principal objetivo da notícia é levar informação atual a um público específico. A notícia conta o que ocorreu, quando, onde, como e por quê. Para verificar se ela está bem elaborada, o emissor deve responder às perguntas: O quê? (fato ou fatos); Quando? (tempo); Onde? (local); Como? (de que forma) e Por quê? (causas). A notícia apresenta três partes:

- Manchete (ou título principal) – resume, com objetividade, o assunto da notícia. Essa frase curta e de impacto, em geral, aparece em letras grandes e destacadas.

- Lide (ou lead) – complementa o título principal, fornecendo as principais informações da notícia. Como a manchete, sua função é despertar a atenção do leitor para o texto.

- Corpo – contém o desenvolvimento mais amplo e detalhado dos fatos.

A notícia usa uma linguagem formal, que segue a norma culta da língua. A ordem direta, a voz ativa, os verbos de ação e as frases curtas permitem fluir as ideias. É preferível a linguagem acessível e simples. Evite gírias, termos coloquiais e frases intercaladas.

Os fatos, em geral, são apresentados de forma impessoal e escritos em 3ª pessoa, com o predomínio da função referencial, já que esse texto visa à informação.

A falta de tempo do leitor exige a seleção das informações mais relevantes, vocabulário preciso e termos específicos que o ajudem a compreender melhor os fatos. Em jornais ou revistas impressos ou on-line, e em programas de rádio ou televisão, a informação transmitida pela notícia precisa ser verídica, atual e despertar o interesse do leitor.

EDITORIAL

Os editoriais são textos de um jornal em que o conteúdo expressa a opinião da empresa, da direção ou da equipe de redação, sem a obrigação de ter alguma imparcialidade ou objetividade. Geralmente, grandes jornais reservam um espaço predeterminado para os editoriais em duas ou mais

NOVA CONCURSOS

colunas logo nas primeiras páginas internas. Os boxes (quadros) dos editoriais são normalmente demarcados com uma borda ou tipografia diferente para marcar claramente que aquele texto é opinativo, e não informativo. Exemplo:

Cidade paraibana é exemplo ao País

Em tempos em que estudantes escrevem receita de macarrão instantâneo e transcrevem hino de clube de futebol na redação do Exame Nacional do Ensino Médio e ainda obtém nota máxima no teste, uma boa notícia vem de uma pequena cidade no interior da Paraíba chamada Paulista, de cerca de 12 mil habitantes. Alunos da Escola Municipal Cândido de Assis Queiroga obtiveram destaque nas últimas edições da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

O segredo é absolutamente simples, e quem explica é a professora Jonilda Alves Ferreira: a chave é ensinar Matemática através de atividades do cotidiano, como fazer compras na feira ou medir ingredientes para uma receita. Com essas ações práticas, na edição de 2012 da Olimpíada, a escola conquistou nada menos do que cinco medalhas de ouro, duas de prata, três de bronze e 12 menções honrosas. Orgulhosa, a professora conta que se sentia triste com a repulsa dos estudantes aos números, e teve a ideia de pô-los para vivenciar a Matemática em suas vidas, aproximando-os da disciplina.

O que parecia ser um grande desafio tornou-se realidade e, hoje, a cidade inteira orgulha-se de seus filhos campeões olímpicos. Os estudantes paraibanos devem ser exemplo para todo o País, que anda precisando, sim, de modelos a se inspirar. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, na sigla em inglês) – o mais sério teste internacional para avaliar o desempenho escolar e coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – continua sendo implacável com o Brasil. No exame publicado de 2012, o País aparece na incômoda penúltima posição entre 40 países avaliados.

O teste aponta que o aprendizado de Matemática, Leitura e Ciências durante o ciclo fundamental é sofrível, e perdemos para países como Colômbia, Tailândia e México. Já passa da hora de as autoridades melhorarem a gestão de nossa Educação Pública e seguir o exemplo da pequena Paulista.

Fonte: http://www.oestadoce.com.br/noticia/editorial-cidade-paraibana-e-exemplo-ao-pais

ARTIGOS

*É comum encontrar circulando no rádio, na TV, nas revistas, nos jornais, temas polêmicos que exigem uma posição por parte dos ouvintes, espectadores e leitores, por isso, o autor geralmente apresenta seu ponto de vista sobre o tema em questão através d*o artigo (texto jornalístico).

Nos gêneros argumentativos, o autor geralmente tem a intenção de convencer seus interlocutores e, para isso, precisa apresentar bons argumentos, que consistem em verdades e opiniões. O artigo de opinião é fundamentado em impressões pessoais do autor do texto e, por isso, são fáceis de contestar.

O artigo deve começar com uma breve introdução, que descreva sucintamente o tema e refira os pontos mais importantes. Um leitor deve conseguir formar uma ideia clara sobre o assunto e o conteúdo do artigo ao ler apenas a introdução. Por favor tenha em mente que embora esteja familiarizado com o tema sobre o qual está a escrever, outros leitores da podem não o estar. Assim, é importante clarificar cedo o contexto do artigo. Por exemplo, em vez de escrever:

Guano é um personagem que faz o papel de mascote do grupo *Lily Mu*. Seria mais informativo escrever:

Guano é um personagem da série de desenho animado *Kappa Mikey* que faz o papel de mascote do grupo *Lily Mu*.

Caracterize o assunto, especialmente se existirem opiniões diferentes sobre o tema. Seja objetivo. Evite o uso de eufemismos e de calão ou gíria, e explique o jargão. No final do artigo deve listar as referências utilizadas, e ao longo do artigo deve citar a fonte das afirmações feitas, especialmente se estas forem controversas ou suscitarem dúvidas.

CARTAS

Na maioria dos jornais e revistas, há uma seção destinada a cartas do leitor. Ela oferece um espaço para o leitor elogiar ou criticar uma matéria publicada, ou fazer sugestões. Os comentários podem referir-se às ideias de um texto, com as quais o leitor concorda ou não; à maneira como o assunto foi abordado; ou à qualidade do texto em si. É possível também fazer alusão a outras cartas de leitores, para concordar ou não com o ponto de vista expresso nelas. A linguagem da carta costuma variar conforme o perfil dos leitores da publicação. Pode ser mais descontraída, se o público é jovem, ou ter um aspecto mais formal. Esse tipo de carta apresenta formato parecido com o das cartas pessoais: data, vocativo (a quem ela é dirigida), corpo do texto, despedida e assinatura.

TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Sua finalidade discursiva pauta-se pela divulgação de conhecimentos acerca do saber científico, assemelhando-se, portanto, com os demais gêneros circundantes no meio educacional como um todo, entre eles, textos didáticos e verbetes de enciclopédias. Mediante tal pressuposto, já temos a ideia do caráter condizente à linguagem, uma vez que esta se perfaz de características marcantes - a objetividade, isentando-se de traços pessoais por parte do emissor, como também por obedecer ao padrão formal da língua. Outro aspecto passível de destaque é o fato de que no texto científico, às vezes, temos a oportunidade de nos deparar com determinadas terminologias e conceitos próprios da área científica a que eles se referem.

Veiculados por diversos meios de comunicação, seja em jornais, revistas, livros ou meio eletrônico, compartilham-se com uma gama de interlocutores. Razão esta que incide na forma como se estruturam, não seguindo um padrão rígido, uma vez que este se interliga a vários fatores, tais como: assunto, público-alvo, emissor, momento histórico, dentre outros. Mas, geralmente, no primeiro e

segundo parágrafos, o autor expõe a ideia principal, sendo representada por uma ideia ou conceito. Nos parágrafos que seguem, ocorre o desenvolvimento propriamente dito da ideia, lembrando que tais argumentos são subsidiados em fontes verdadeiramente passíveis de comprovação - comparações, dados estatísticos, relações de causa e efeito, dentre outras.

NÃO FICCIONAIS – INSTRUCIONAIS

DIDÁTICOS

Na leitura de um texto didático, é preciso apanhar suas ideias fundamentais. Um texto didático é um texto conceitual, ou seja, não figurativo. Nele os termos significam exatamente aquilo que denotam, sendo descabida a atribuição de segundos sentidos ou valores conotativos aos termos. Num texto didático devem se analisar ainda com todo o cuidado os elementos de coesão. Deve-se observar a expectativa de sentido que eles criam, para que possa entender bem o texto.

O entendimento do texto didático de uma determinada disciplina requer o conhecimento do significado exato dos termos com que ela opera. Conhecer esses termos significa conhecer um conjunto de princípios e de conceitos sobre os quais repousa uma determinada ciência, certa teoria, um campo do saber. O uso da terminologia científica dá maior rigor à exposição, pois evita as conotações e as imprecisões dos termos da linguagem cotidiana. Por outro lado, a definição dos termos depende do nível de público a que se destina.

Um manual de introdução à física, destinado a alunos de primeiro grau, expõe um conceito de cada vez e, por conseguinte, vai definindo paulatinamente os termos específicos dessa ciência. Num livro de física para universitários não cabe a definição de termos que os alunos já deveriam saber, pois senão quem escreve precisaria escrever sobre tudo o que a ciência em que ele é especialista já estudou.

RESUMOS

Resumo é uma exposição abreviada de um acontecimento. Fazer um resumo significa apresentar o conteúdo de forma sintética, destacando as informações essenciais do conteúdo de um livro, artigo, argumento de filme, peça teatral, etc. A elaboração de um resumo exige análise e interpretação do conteúdo para que sejam transmitidas as ideias mais importantes.

Escrever um texto em poucas linhas ajuda o aluno a desenvolver a sua capacidade de síntese, objetividade e clareza: três fatores que serão muito importantes ao longo da vida escolar. Além de ser um ótimo instrumento de estudo da matéria para fazer um teste. Resumo é sinônimo de "recapitulação", quando, ao final de cada capítulo de um livro é apresentado um breve texto com as ideias chave do assunto introduzido. Outros sinônimos de resumo são: sinopse, sumário, síntese, epítome e compêndio.

RECEITAS

A receita tem como objetivo informar a fórmula de um produto seja ele industrial ou caseiro, contando detalhadamente sobre seu preparo. É uma sequência de passos para a preparação de alimentos. As receitas geralmente vêm com seus verbos no modo imperativo, para dar ordens de como preparar seu prato seja ele qual for. Elas são encontradas em diversas fontes como: livros, sites, programas (TV/Rádio), revistas ou até mesmo em jornais e panfletos. A receita também ajuda a fazer vários tipos de pratos típicos e saudáveis e até sobremesas deliciosas.

CATÁLOGOS

Catálogo é uma relação ordenada de coisas ou pessoas com descrições curtas a respeito de cada uma. Espécie de livro, guia ou sumário que contém informações sobre lugares, pessoas, produtos e outros. Têm o objetivo de dar opções para uma melhor escolha.

ÍNDICES

Enumeração detalhada dos assuntos, nomes de pessoas, nomes geográficos, acontecimentos, etc., com a indicação de sua localização no texto.

LISTAS

Enumeração de elementos selecionados do texto, tais como datas, ilustrações, exemplo, tabelas etc., na ordem de sua ocorrência.

VERBETES EM GERAL

O verbete é um tipo de texto predominantemente descritivo. A elaboração reflete o conflito seminal que define a elegância científica: a negociação constante entre síntese e exaustividade. Os padrões do gênero valorizam tanto a brevidade e a abordagem direta dos temas quanto o detalhamento e a completude da informação.

É um texto escrito, de caráter informativo, destinado a explicar um conceito segundo padrões descritivos sistemáticos, determinados pela obra de referência da qual faz parte: mais comumente, um dicionário ou uma enciclopédia. O verbete é essencialmente destinado a consulta, o que lhe impõe uma construção discursiva sucinta e de acesso imediato, embora isso não incorra necessariamente em curta extensão. Geralmente, os verbetes abordam conceitos bem estabelecidos em algum paradigma acadêmico-científico, ao invés de entrar em polêmicas referentes a categorias teóricas discutíveis.

Por sua pretensão universalista e pela posição respeitável que ocupa no sistema de valores da cultura racionalista, espera-se que todo verbete siga as normas padrão de uso da língua escrita, em um nível elevado de formalidade. Por sua natureza sistemática e por ser destinado *à* consulta, espera-se que a linguagem do verbete seja também o mais objetiva possível. As consequências gramaticais desse

NOVA CONCURSOS

princípio são: no nível lexical, precisão na escolha dos termos e ausência de palavras que expressem subjetividade (opiniões, impressões e sensações); no nível sintático, simplificação das construções; e no nível estilístico, denotação (ausência de ornamentos e figuras de linguagem).

É comum a presença de terminologia especializada na construção do verbete, embora sua frequência varie conforme o público consumidor da obra de referência em que se insere o texto. Elementos de linguagens não verbais (especialmente pictóricos) são tradicionalmente agregados ao verbete com função de esclarecimento.

BULAS

Bula pode referir-se a:

Bula Pontifícia - documento expedido pela Santa Sé. Refere-se não ao conteúdo e à solenidade de um documento pontifício, como tal, mas à apresentação, à forma externa do documento, a saber, lacrado com pequena bola (em latim, "bulla") de cera ou metal, em geral, chumbo. Assim, existem *Litterae Apostolicae* (carta apostólica) em forma ou não de bula e também Constituição Apostólica em forma de bula. Por exemplo, a carta apostólica "*Munificentissimus Deus*", bem como as Constituições Apostólicas de criação de dioceses. A bula mais antiga que se conhece é do Papa Agapito I (535), conservada apenas em desenho. O mais antigo original conservado é do Papa Adeodato I (615-618).

Bula (medicamento) - folha com informações sobre medicamentos. Nome que se dá ao conjunto de informações sobre um medicamento que obrigatoriamente os laboratórios farmacêuticos devem acrescentar à embalagem de seus produtos vendidos no varejo. As informações podem ser direcionadas aos usuários dos medicamentos, aos profissionais de saúde ou a ambos.

NOTAS EXPLICATIVAS DE EMBALAGENS

As notas explicativas servem para que o fabricante do produto esclareça ou explique aspectos da composição, nutrição, advertências a respeito do produto.

NÃO FICCIONAIS – EPISTOLARES

BILHETES

O bilhete é uma mensagem curta, trocada entre as pessoas, para pedir, agradecer, oferecer, informar, desculpar ou perguntar. O bilhete é composto normalmente de: data, nome do destinatário antecedido de um cumprimento, mensagem, despedida e nome do remetente. Exemplo:

Belinha,
Passei na sua casa para contar o que aconteceu comigo ontem à noite.
Telefone para mim hoje à tarde, que eu vou contar tudinho para você!
Um beijinho da amiga Juliana. 14/03/2013

CARTAS FAMILIARES E CARTAS FORMAIS

A carta é um dos instrumentos mais úteis em situações diversas. É um dos mais antigos meios de comunicação. Em uma carta formal é preciso ter cuidado na coerência do tratamento, por exemplo, se começamos a carta no tratamento em terceira pessoa devemos ir até o fim em terceira pessoa, seguindo também os pronomes e formas verbais na terceira pessoa. Há vários tipos de cartas, o formato da carta depende do seu conteúdo:

- **Carta Pessoal** é a carta que escrevemos para amigos, parentes, namorado(a), o remetente é a própria pessoa que assina a carta, estas cartas não têm um modelo pronto, são escritas de uma maneira particular.
- **Carta Comercial** se torna o meio mais efetivo e seguro de comunicação dentro de uma organização. A linguagem deve ser clara, simples, correta e objetiva.

A carta ao ser escrita deve ser primeiramente bem analisada em termos de língua portuguesa, ou seja, deve-se observar a concordância, a pontuação e a maneira de escrever com início, meio e então o fim, contendo também um cabeçalho e se for uma carta formal, deve conter pronomes de tratamento (Senhor, Senhora, V. Ex.ª etc.) e por fim a finalização da carta que deve conter somente um cumprimento formal ou não (grato, beijos, abraços, adeus etc.). Depois de todos esses itens terem sido colocados na carta, a mesma deverá ser colocada em um envelope para ser enviado ao destinatário. Na parte de trás e superior do envelope deve-se conter alguns dados muito importantes tais como: nome do destinatário, endereço (rua, bairro e cidade) e por fim o CEP. Já o remetente (quem vai enviar a carta), também deve inserir na carta os mesmos dados que o do destinatário, que devem ser escritos na parte da frente do envelope. E por fim deve ser colocado no envelope um selo que serve para que a carta seja levada à pessoa mencionada.

NÃO FICCIONAIS – ADMINISTRATIVOS

REQUERIMENTOS

É o instrumento por meio do qual o interessado requer a uma autoridade administrativa um direito do qual se julga detentor. Estrutura:

- Vocativo, cargo ou função (e nome do destinatário), ou seja, da autoridade competente.
- Texto incluindo: Preâmbulo, contendo nome do requerente (grafado em letras maiúsculas) e respectiva qualificação: nacionalidade, estado civil, profissão, documento de identidade, idade (se maior de 60 anos, para fins de preferência na tramitação do processo, segundo a Lei 10.741/03), e domicílio (caso o requerente seja servidor da Câmara dos Deputados, precedendo à qualificação civil deve ser colocado o número do registro funcional e a lotação); Exposição do pedido, de preferência indicando os fundamentos legais do requerimento e os elementos probatórios de natureza fática.
- Fecho: "Nestes termos, Pede deferimento".
- Local e data.
- Assinatura e, se for o caso de servidor, função ou cargo.

OFÍCIOS

O Ofício deve conter as seguintes partes:

- Tipo e número do expediente, seguido da sigla do órgão que o expede. Exemplos:

Of. 123/2002-MME
Aviso 123/2002-SG
Mem. 123/2002-MF

- Local e data. Devem vir por extenso com alinhamento à direita. Exemplo:

Brasília, 20 de maio de 2013

- Assunto. Resumo do teor do documento. Exemplos:

Assunto: Produtividade do órgão em 2012.
Assunto: Necessidade de aquisição de novos computadores.

- Destinatário. O nome e o cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluído também o endereço.

- Texto. Nos casos em que não for de mero encaminhamento de documentos, o expediente deve conter a seguinte estrutura:

Introdução: que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "Tenho a honra de", "Tenho o prazer de", "Cumpreme informar que", empregue a forma direta;

Desenvolvimento: no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

Conclusão: em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Coesão e Coerência

Não basta conhecer o conteúdo das partes de um trabalho: introdução, desenvolvimento e conclusão. Além de saber o que se deve (e o que não se deve) escrever em cada parte constituinte do texto, é preciso saber escrever obedecendo às normas de coerência e coesão. Antes de mais nada, é necessário definir os termos: *coerência* diz respeito à articulação do texto, à compatibilidade das ideias, à lógica do raciocínio, a seu conteúdo. *Coesão* refere-se à expressão linguística, ao nível gramatical, às estruturas frasais e ao emprego do vocabulário.

Coerência e coesão relacionam-se com o processo de produção e compreensão do texto. A coesão contribui para a coerência, mas nem sempre um texto coerente apresenta coesão. Pode ocorrer que o texto sem coerência apresente coesão, ou que um texto tenha coesão sem coerência. Em outras palavras: um texto pode ser gramaticalmente bem construído, com frases bem estruturadas, vocabulário correto, mas apresentar ideias sem nexo, sem uma sequência lógica: há coesão, mas não coerência. Por outro lado, um texto pode apresentar ideias coerentes e bem encadeadas, sem que no plano da expressão as estruturas frasais sejam gramaticalmente aceitáveis: há coerência, mas não coesão.

A coerência textual subjaz ao texto e é responsável pela hierarquização dos elementos textuais, ou seja, ela tem origem nas estruturas profundas, no conhecimento do mundo de cada pessoa, aliada à competência linguística. Deduz-se que é difícil ensinar coerência textual, intimamente ligada à visão de mundo, à origem das ideias no pensamento. A coesão, porém, refere-se à expressão linguística, aos processos sintáticos e gramaticais do texto.

O seguinte resumo caracteriza coerência e coesão:

Coerência: rede de sintonia entre as partes e o todo de um texto. Conjunto de unidades sistematizadas numa adequada relação semântica, que se manifesta na compatibilidade entre as ideias. (Na linguagem popular: "dizer coisa com coisa" ou "uma coisa bate com outra").

Coesão: conjunto de elementos posicionados ao longo do texto, numa linha de sequência e com os quais se estabelece um vínculo ou conexão sequencial. Se o vínculo coesivo faz-se via gramática, fala-se em coesão gramatical. Se se faz por meio do vocabulário, tem-se a coesão lexical.

Coerência

- assenta-se no plano cognitivo, da inteligibilidade do texto;
- situa-se na subjacência do texto; estabelece conexão conceitual;
- relaciona-se com a macroestrutura; trabalha com o todo, com o aspecto global do texto;
- estabelece relações de conteúdo entre palavras e frases.

Coesão

- assenta-se no plano gramatical e no nível frasal;
- situa-se na superfície do texto, estabelece conexão sequencial;
- relaciona-se com a microestrutura, trabalha com as partes componentes do texto;
- Estabelece relações entre os vocábulos no interior das frases.

Coerência e coesão são responsáveis pela inteligibilidade ou compreensão do texto. Um texto bem redigido tem parágrafos bem estruturados e articulados pelo encadeamento das ideias neles contidas. As estruturas frasais devem ser coerentes e gramaticalmente corretas, no que

NOVA CONCURSOS

diz respeito à sintaxe. O vocabulário precisa ser adequado e essa adequação só se consegue pelo conhecimento dos significados possíveis de cada palavra. Talvez os erros mais comuns de redação sejam devidos à impropriedade do vocabulário e ao mau emprego dos conectivos (conjunções, que têm por função ligar uma frase ou período a outro). Eis alguns exemplos de impropriedade do vocabulário, colhidos em redações sobre censura e os meios de comunicação e outras.

"Nosso direito é frisado na Constituição."
Nosso direito é assegurado pela Constituição. = correta

"Estabelecer os limites as quais a programação deveria estar exposta."
Estabelecer os limites aos quais a programação deveria estar sujeita. = correta

"*A censura deveria punir as notícias sensacionalistas."*
A censura deveria proibir (ou coibir) as notícias sensacionalistas ou punir os meios de comunicação que veiculam tais notícias. = correta

"Retomada das rédeas da programação."
Retomada das rédeas dos meios de comunicação, no que diz respeito à programação. = correta

O emprego de vocabulário inadequado prejudica muitas vezes a compreensão das ideias. É importante, ao redigir, empregar palavras cujo significado seja conhecido pelo enunciador, e cujo emprego faça parte de seus conhecimentos linguísticos. Muitas vezes, quem redige conhece o significado de determinada palavra, mas não sabe empregá-la adequadamente, isso ocorre frequentemente com o emprego dos conectivos (preposições e conjunções). Não basta saber que as preposições ligam nomes ou sintagmas nominais no interior das frases e que as conjunções ligam frases dentro do período; é necessário empregar adequadamente tanto umas como outras. É bem verdade que, na maioria das vezes, o emprego inadequado dos conectivos remete aos problemas de regência verbal e nominal.
Exemplos:

"Estar inteirada com os fatos" significa participação, interação.
"Estar inteirada dos fatos" significa ter conhecimento dos fatos, estar informada.

"Ir de encontro" significa divergir, não concordar.
"Ir ao encontro" quer dizer concordar.

"Ameaça de liberdade de expressão e transmissão de ideias" significa a liberdade não é ameaça;
"Ameaça à liberdade de expressão e transmissão de ideias", isto é, a liberdade fica ameaçada.

Quanto à regência verbal, convém sempre consultar um dicionário de verbos, pois muitos deles admitem duas ou três regências diferentes; cada uma, porém, tem um significado específico. Lembre-se, a propósito, de que as dúvidas sobre o emprego da crase decorrem do fato de considerar-se crase como sinal de acentuação apenas, quando o problema refere-se à regência nominal e verbal.

Exemplos:

O verbo assistir admite duas regências:
assistir o/a (transitivo direto) significa dar ou prestar assistência (*O médico assiste o doente*):
Assistir ao (transitivo indireto): ser espectador (*Assisti ao jogo da seleção*).

Pedir o =n(transitivo direto) significa solicitar, pleitear (*Pedi o jornal do dia*).
Pedir que =,contém uma ordem (*A professora pediu que fizessem silêncio*).
Pedir para = pedir permissão (*Pediu para sair da classe*); significa também pedir em favor de alguém (*A Diretora pediu ajuda para os alunos carentes*) em favor dos alunos, pedir algo a alguém (para si): (*Pediu ao colega para ajudá-lo*); pode significar ainda exigir, reclamar (*Os professores pedem aumento de salário*).

O mau emprego dos pronomes relativos também pode levar à falta de coesão gramatical. Frequentemente, emprega-se *no qual* ou *ao qual* em lugar do *que*, com prejuízo da clareza do texto; outras vezes, o emprego é desnecessário ou inadequado.
"*Pela manhã o carteiro chegou com um envelope para mim no qual estava sem remetente*". (Chegou com um envelope que (o qual) estava sem remetente).

"*Encontrei apenas belas palavras o qual não duvido da sensibilidade...*"
Encontrei belas palavras e não duvido da sensibilidade delas (palavras cheias de sensibilidade).

Para evitar a falta de coerência e coesão na articulação das frases, aconselha-se levar em conta as seguintes sugestões para o emprego correto dos ***articuladores sintáticos*** *(conjunções, preposições, locuções prepositivas e locuções conjuntivas).*
- Para dar ideia de oposição ou contradição, a articulação sintática faz-se por meio de conjunções adversativas: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto.* Podem também ser empregadas as conjunções concessivas e locuções prepositivas para introduzir a ideia de oposição aliada à concessão: *embora, ou muito embora, apesar de, ainda que, conquanto, posto que, a despeito de, não obstante.*
- A articulação sintática de causa pode ser feita por meio de conjunções e locuções conjuntivas: *pois, porque, como, por isso que, visto que, uma vez que, já que*. Também podem ser empregadas as preposições e locuções prepositivas: *por, por causa de, em vista de, em virtude de, devido a, em consequência de, por motivo de, por razões de.*
- O principal articulador sintático de condição é o "*se*": *Se o time ganhar esse jogo, será campeão*. Pode-se também expressar condição pelo emprego dos conectivos: *caso, contanto que, desde que, a menos que, a não ser que.*

- O emprego da preposição "*para*" é a maneira mais comum de expressar finalidade. "*É necessário baixar as taxas de juros para que a economia se estabilize*" ou para a economia estabilizar-se. "*Teresa vai estudar bastante para fazer boa prova*." Há outros articuladores que expressam finalidade: *a fim de, com o propósito de, na finalidade de, com a intenção de, com o objetivo de, com o fito de, com o intuito de*.

- A ideia de conclusão pode ser introduzida por meio dos articuladores: *assim, desse modo, então, logo, portanto, pois, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso*. Para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão emprega- -se *ainda*. Os articuladores *aliás, além do mais, além disso, além de tudo*, introduzem um argumento decisivo, cabal, apresentado como um acréscimo, para justificar de forma incontestável o argumento contrário.

- Para introduzir esclarecimentos, retificações ou desenvolvimento do que foi dito empregam-se os **articuladores**: *isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras*. A conjunção aditiva "*e*" anuncia não a repetição, mas o desenvolvimento do discurso, pois acrescenta uma informação nova, um dado novo, e se não acrescentar nada, é pura repetição e deve ser evitada.

- Alguns articuladores servem para estabelecer uma gradação entre os correspondentes de determinada escala. No alto dessa escala acham-se: *mesmo, até, até mesmo*; no plano mais baixo: *ao menos, pelo menos, no mínimo*.

Correlação Verbal

Damos o nome de ***correlação verbal*** à coerência que, em uma frase ou sequência de frases, deve haver entre as formas verbais utilizadas. Ou seja, é preciso que haja articulação temporal entre os verbos, que eles se correspondam, de maneira a expressar as ideias com lógica. Tempos e modos verbais devem, portanto, combinar entre si.

Vejamos este exemplo:

Seu eu dormisse durante as aulas, jamais aprenderia a lição.

No caso, o verbo *dormir* está no pretérito imperfeito do subjuntivo. Sabemos que o subjuntivo expressa dúvida, incerteza, possibilidade, eventualidade. Assim, em que tempo o verbo *aprender* deve estar, de maneira a garantir que o período tenha lógica?

Na frase, *aprender* é usado no futuro do pretérito (aprenderia), um tempo que expressa, dentre outras ideias, uma afirmação condicionada (que depende de algo), quando esta se refere a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão. O período, portanto, está correto, já que a ideia transmitida por *dormisse* é exatamente a de uma dúvida, a de uma possibilidade que não temos certeza se ocorrerá.

Para tornar mais clara a questão, vejamos o mesmo exemplo, mas sem correlação verbal:

Se eu dormisse durante as aulas, jamais aprenderei a lição.

Temos *dormir* no subjuntivo, novamente. Mas *aprender* está conjugado no futuro do presente, um tempo verbal que expressa, dentre outras ideias, fatos certos ou prováveis.

Ora, nesse caso não podemos dizer que jamais aprenderemos a lição, pois o ato de aprender está condicionado não a uma certeza, mas apenas à hipótese (transmitida pelo pretérito imperfeito do subjuntivo) de dormir.

Correlações verbais corretas

A seguir, veja alguns casos em que os tempos verbais são concordantes:

presente do indicativo + presente do subjuntivo: *Exijo que você faça o dever.*

pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo: *Exigi que ele fizesse o dever.*

presente do indicativo + pretérito perfeito composto do subjuntivo: *Espero que ele tenha feito o dever.*

pretérito imperfeito do indicativo + mais-que-perfeito composto do subjuntivo: *Queria que ele tivesse feito o dever.*

futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo: *Se você fizer o dever, eu ficarei feliz.*

pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo: *Se você fizesse o dever, eu leria suas respostas.*

pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo: *Se você tivesse feito o dever, eu teria lido suas respostas.*

futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo: *Quando você fizer o dever, dormirei.*

futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo: *Quando você fizer o dever, já terei dormido.*

Atividades

1-) (MPE/AM - AGENTE DE APOIO ADMINISTRATIVO - FCC/2013) "Quando a gente entra nas serrarias, vê dezenas de caminhões parados", revelou o analista ambiental Geraldo Motta.

Substituindo-se Quando por Se, os verbos sublinhados devem sofrer as seguintes alterações:

(A) entrar – vira
(B) entrava – tinha visto
(C) entrasse – veria
(D) entraria – veria
(E) entrava – teria visto

NOVA CONCURSOS

2-) (UNESP/SP - ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO - VUNESP/2012) A correlação entre as formas verbais está correta em:

(A) Se o consumo desnecessário vier a crescer, o planeta não resistiu.

(B) Se todas as partes do mundo estiverem com alto poder de consumo, o planeta em breve sofrerá um colapso.

(C) Caso todo prazer, como o da comida, o da bebida, o do jogo, o do sexo e o do consumo não conhecesse distorções patológicas, não haverá vícios.

(D) Se os meios tecnológicos não tivessem se tornado tão eficientes, talvez as coisas não ficaram tão baratas.

(E) Se as pessoas não se propuserem a consumir conscientemente, a oferta de produtos supérfluos crescia.

3-) (TJ/SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO JUDICIÁRIA – VUNESP/2010) Assinale a alternativa que preenche adequadamente e de acordo com a norma culta a lacuna da frase: Quando um candidato trêmulo _____ eu lhe faria a pergunta mais deliciosa de todas.

(A) entrasse
(B) entraria
(C) entrava
(D) entrar
(E) entrou

4-) (TRF - 4ª REGIÃO – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) Se a tendência se mantiver, teremos cada vez mais...

Ao substituir o segmento grifado acima por "Caso a tendência", a continuação que mantém a correção e o sentido da frase original é:

a) se mantenha, teremos cada vez mais...
b) fosse mantida, teríamos cada vez mais...
c) se manter, teremos cada vez mais...
d) for mantida, teremos cada vez mais...
e) seja mantida, teríamos cada vez mais...

5-) (PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP - AGENTE OPERACIONAL – VUNESP/2012 - ADAPTADA) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – ... o doutorando enviou seu estudo para a Sociedade Britânica de Psicologia para apreciação e não esperava que houvesse tanta publicidade. – reescrito de acordo com a norma-padrão, com indicação de ação a se realizar e correta correlação verbal.

(A) ... o doutorando enviaria seu estudo para a Sociedade Britânica de Psicologia para apreciação e não esperava que haveria tanta publicidade.

(B) ... o doutorando envia seu estudo para a Sociedade Britânica de Psicologia para apreciação e não esperará que houvesse tanta publicidade.

(C) ... o doutorando enviara seu estudo para a Sociedade Britânica de Psicologia para apreciação e não esperara que haverá tanta publicidade.

(D) ... o doutorando enviará seu estudo para a Sociedade Britânica de Psicologia para apreciação e não esperará que haja tanta publicidade.

6-) (METRÔ/SP – ENGENHEIRO JÚNIOR CIVIL – FCC/2012) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

(A) Nem bem saí pela porta automática e subi as escadas rolantes, logo me encontraria diante da luz do sol e do ar fresco da manhã.

(B) Eu havia presumido que aquela viagem de metrô satisfizesse plenamente as expectativas que venho alimentando.

(C) Se as minhocas dispusessem de olhos, provavelmente não terão reclamado por as expormos à luz do dia.

(D) Não fossem as urgências impostas pela vida moderna, não teria sido necessário acelerar tanto o ritmo de nossas viagens urbanas.

(E) Como haveremos de comparar as antigas viagens de trem com estas que realizássemos por meio de túneis entre estações subterrâneas?

RESOLUÇÃO

1-)

Se a gente entrasse (verbo no singular) na serraria, veria = entrasse / veria.

RESPOSTA: "C".

2-)

Fiz as correções necessárias:

(A) Se o consumo desnecessário vier a crescer, o planeta não resistiu = resistirá

(B) Se todas as partes do mundo estiverem com alto poder de consumo, o planeta em breve sofrerá um colapso.

(C) Caso todo prazer, como o da comida, o da bebida, o do jogo, o do sexo e o do consumo não conhecesse distorções patológicas, não haverá = haveria

(D) Se os meios tecnológicos não tivessem se tornado tão eficientes, talvez as coisas não ficaram = ficariam (ou teriam ficado)

(E) Se as pessoas não se propuserem a consumir conscientemente, a oferta de produtos supérfluos crescia = crescerá

RESPOSTA: "B".

3-)

O verbo "faria" está no futuro do pretérito, ou seja, indica que é uma ação que, para acontecer, depende de outra. Exemplo: Quando um candidato entrasse, eu faria / Se ele entrar, eu farei / Caso ele entre, eu faço...

RESPOSTA: "A".

4-)

Ao empregarmos o termo "caso a", conjugaremos o verbo utilizando o modo hipotético (Subjuntivo). A transformação será: Caso a tendência se mantenha, teremos cada vez mais...

RESPOSTA: "A".

5-)

O exercício quer que conjuguemos o verbo no futuro do presente (ação a se realizar). Como o enunciado é específico (quer determinado tempo verbal), não fiz as correções nas demais alternativas, pois, em um concurso, perderíamos tempo consertando os itens que não nos interessam. Vamos à construção: o doutorando enviou (enviará) seu estudo para a Sociedade Britânica de Psicologia para apreciação e não esperava (esperará) que houvesse (haja) tanta publicidade. = enviará / esperará / haja.

RESPOSTA: "D".

6-)

(A) Nem bem saí pela porta automática e subi as escadas rolantes, logo me encontraria (encontrei) diante da luz do sol e do ar fresco da manhã.

(B) Eu havia presumido que aquela viagem de metrô satisfizesse (satisfaria) plenamente as expectativas que venho alimentando.

(C) Se as minhocas dispusessem de olhos, provavelmente não terão (teriam) reclamado por as expormos à luz do dia.

(D) Não fossem as urgências impostas pela vida moderna, não teria sido necessário acelerar tanto o ritmo de nossas viagens urbanas.

(E) Como haveremos de comparar as antigas viagens de trem com estas que realizássemos (realizamos) por meio de túneis entre estações subterrâneas?

RESPOSTA: "D".

ESTILÍSTICA - FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM. VOCABULÁRIO TÉCNICO INERENTE À ÁREA.

Semântica e Estilística

Semântica é o estudo do significado. Incide sobre a relação entre significantes, tais como palavras, frases, sinais e símbolos, e o que eles representam, a sua denotação. A semântica linguística estuda o significado usado por seres humanos para se expressarem através da linguagem. Outras formas de semântica incluem a semântica nas linguagens de programação, lógica formal, e semiótica.

Pode-se entender semântica como um ramo dos estudos linguísticos que se ocupa dos significados produzidos pelas diversas formas de uma língua. Dentro dessa definição ampla, pertence ao domínio da semântica tanto a preocupação com determinar o significado dos elementos constituintes das palavras (prefixo, radical, sufixo) como o das palavras no seu todo e ainda o de frases inteiras.

Já ***Estilística*** é o ramo da linguística que estuda as variações da língua e sua utilização, incluindo o uso estético da linguagem e as suas diferentes aplicações dependendo do contexto ou situação. Por exemplo, a língua de publicidade, política, religião, autores individuais, ou a língua de um período, todos pertencem a uma situação particular. Em outras palavras, todos possuem um "lugar".

Na estilística, analisa-se a capacidade de provocar sugestões e emoções usando certas fórmulas e efeitos de estilo, por exemplo, as características da estilística incluem o uso do diálogo, acentos regionais e os dialetos desse determinado povo, língua descritiva, o uso da gramática, tal como a voz passiva ou voz ativa, o uso da língua particular, etc. Além disso, a estilística é um termo distintivo que pode ser usado para determinar conexões entre forma e efeitos dentro de uma variedade particular da língua. Consequentemente, a estilística visa ao que "acontece" dentro da língua; o que as associações linguísticas revelam do estilo da língua.

A divisão proposta pelo francês Pierre Giraud abarca duas condições de origem: aquelas figuras usadas pelo próprio idioma (estilística da língua) e aquelas criadas pelo autor (estilística genética). Para aqueles que a entendem como uma divisão da gramática, a Estilística divide-se em:

• Figuras de sintaxe ou de construção - das quais as mais importantes são a elipse (com a subespécie zeugma), pleonasmo, polissíndeto, inversão (hipérbato, anástrofe), anacoluto, silepse, onomatopeia e repetição.

• Figuras de palavras - onde se tem a metáfora, a metonímia (e seu caso especial: a sinédoque), catacrese e antonomásia.

• Figuras de pensamento - antítese, apóstrofe, eufemismo, disfemismo, hipérbole, ironia (antífrase), personificação e retificação.

Segundo essa divisão, a ela cabe, também, o estudo dos chamados Vícios de linguagem, tais como a ambiguidade, barbarismo, cacofonia, estrangeirismo, colisão, eco, solecismo e obscuridade.

A linguagem é a característica que nos difere dos demais seres, permitindo-nos a oportunidade de expressar sentimentos, revelar conhecimentos, expor nossa opinião frente aos assuntos relacionados ao nosso cotidiano e, sobretudo, promovendo nossa inserção ao convívio social. E dentre os fatores que a ela se relacionam, destacam-se os níveis da fala, que são basicamente dois: o nível de formalidade e o de informalidade.

O padrão formal está diretamente ligado à linguagem escrita, restringindo-se às normas gramaticais de um modo geral. Razão pela qual nunca escrevemos da mesma maneira que falamos. Este fator foi determinante para a que a mesma pudesse exercer total soberania sobre as demais.

Quanto ao nível informal, por sua vez, representa o estilo considerado "de menor prestígio", e isto tem gerado controvérsias entre os estudos da língua, uma vez que, para a sociedade, aquela pessoa que fala ou escreve de maneira errônea é considerada "inculta", tornando-se desta forma um estigma.

Compondo o quadro do padrão informal da linguagem, estão as chamadas variedades linguísticas, as quais representam as variações de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada. Dentre elas destacam-se:

Variações históricas: Dado o dinamismo que a língua apresenta, a mesma sofre transformações ao longo do tempo. Um exemplo bastante representativo é a questão da ortografia, se levarmos em consideração a palavra far-

mácia, uma vez que a mesma era grafada com "ph", contrapondo-se à linguagem dos internautas, a qual se fundamenta pela supressão do vocábulos. Analisemos, pois, o fragmento exposto:

Antigamente

*"Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio.***"**

Carlos Drummond de Andrade

Comparando-o à modernidade, percebemos um vocabulário antiquado.

Variações regionais: São os chamados **dialetos**, que são as marcas determinantes referentes a diferentes regiões. Como exemplo, citamos a palavra mandioca que, em certos lugares, recebe outras nomenclaturas, tais como: macaxeira e aipim. Figurando também esta modalidade estão os sotaques, ligados às características orais da linguagem.

***Variações sociais ou culturais*:** Estão diretamente ligadas aos grupos sociais de uma maneira geral e também ao grau de instrução de uma determinada pessoa. Como exemplo, citamos as gírias, os jargões e o linguajar caipira.

As **gírias** pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os surfistas, cantores de rap, tatuadores, entre outros. Os **jargões** estão relacionados ao profissionalismo, caracterizando um linguajar técnico. Representando a classe, podemos citar os médicos, advogados, profissionais da área de informática, dentre outros.

Vejamos um poema sobre o assunto:

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

Oswald de Andrade

Figuras

Segundo Mauro Ferreira, a importância em reconhecer ***figuras de linguagem*** está no fato de que tal conhecimento, além de auxiliar a compreender melhor os textos literários, deixa-nos mais sensíveis à beleza da linguagem e ao significado simbólico das palavras e dos textos.

Definição: *Figuras de linguagem são certos recursos não--convencionais que o falante ou escritor cria para dar maior expressividade à sua mensagem*.

Metáfora

É o emprego de uma palavra com o significado de outra em vista de uma relação de semelhanças entre ambas. É uma comparação subentendida.

Minha boca é um túmulo.
Essa rua é um verdadeiro deserto.

Comparação

Consiste em atribuir características de um ser a outro, em virtude de uma determinada semelhança.

O meu coração está igual a um céu cinzento.
O carro dele é rápido como um avião.

Prosopopeia

É uma figura de linguagem que atribui características humanas a seres inanimados. Também podemos chamá-la de PERSONIFICAÇÃO.

O céu está mostrando sua face mais bela.
O cão mostrou grande sisudez.

Sinestesia

Consiste na fusão de impressões sensoriais diferentes (mistura dos cinco sentidos).

Raquel tem um olhar frio, desesperador.
Aquela criança tem um olhar tão doce.

Catacrese

É o emprego de uma palavra no sentido figurado por falta de um termo próprio.

O menino quebrou o braço da cadeira.
A manga da camisa rasgou.

Metonímia

É a substituição de uma palavra por outra, quando existe uma relação lógica, uma proximidade de sentidos que permite essa troca. Ocorre metonímia quando empregamos:

- **O autor pela obra.**
Li Jô Soares dezenas de vezes. (a obra de Jô Soares)

- o continente pelo conteúdo.
O ginásio aplaudiu a seleção. (ginásio está substituindo os torcedores)

- a parte pelo todo.
Vários brasileiros vivem sem teto, ao relento. (teto substitui casa)

- **o efeito pela causa.**
Suou muito para conseguir a casa própria. (suor substitui o trabalho)

Perífrase

É a designação de um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou.

A Veneza Brasileira também é palco de grandes espetáculos. (Veneza Brasileira = Recife)

A Cidade Maravilhosa está tomada pela violência. (Cidade Maravilhosa = Rio de Janeiro)

Antítese

Consiste no uso de palavras de sentidos opostos.

Nada com Deus é tudo.

Tudo sem Deus é nada.

Eufemismo

Consiste em suavizar palavras ou expressões que são desagradáveis.

Ele foi repousar no céu, junto ao Pai. (repousar no céu = morrer)

Os homens públicos envergonham o povo. (homens públicos = políticos)

Hipérbole

É um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.

Ela chorou rios de lágrimas.

Muitas pessoas morriam de medo da perna cabeluda.

Ironia

Consiste na inversão dos sentidos, ou seja, afirmamos o contrário do que pensamos.

Que alunos inteligentes, não sabem nem somar.

Se você gritar mais alto, eu agradeço.

Onomatopeia

Consiste na reprodução ou imitação do som ou voz natural dos seres.

Com o au-au dos cachorros, os gatos desapareceram.

Miau-miau. – Eram os gatos miando no telhado a noite toda.

Aliteração

Consiste na repetição de um determinado som consonantal no início ou interior das palavras.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

Elipse

Consiste na omissão de um termo que fica subentendido no contexto, identificado facilmente.

Após a queda, nenhuma fratura.

Zeugma

Consiste na omissão de um termo já empregado anteriormente.

Ele come carne, eu verduras.

Pleonasmo

Consiste na intensificação de um termo através da sua repetição, reforçando seu significado.

Nós cantamos um canto glorioso.

Polissíndeto

É a repetição da conjunção entre as orações de um período ou entre os termos da oração.

Chegamos de viagem e tomamos banho e saímos para dançar.

Assíndeto

Ocorre quando há a ausência da conjunção entre duas orações.

Chegamos de viagem, tomamos banho, depois saímos para dançar.

Anacoluto

Consiste numa mudança repentina da construção sintática da frase.

Ele, nada podia assustá-lo.

- ***Nota:*** o anacoluto ocorre com frequência na linguagem falada, quando o falante interrompe a frase, abandonando o que havia dito para reconstruí-la novamente.

Anáfora

Consiste na repetição de uma palavra ou expressão para reforçar o sentido, contribuindo para uma maior expressividade.

Cada alma é uma escada para Deus,

Cada alma é um corredor-Universo para Deus,

Cada alma é um rio correndo por margens de Externo

Para Deus e em Deus com um sussurro noturno. (Fernando Pessoa)

Silepse

Ocorre quando a concordância é realizada com a ideia e não sua forma gramatical. Existem três tipos de silepse: gênero, número e pessoa.

- De gênero*: Vossa excelência está preocupado com as notícias.* (a palavra vossa excelência é feminina quanto à forma, mas nesse exemplo a concordância se deu com a pessoa a que se refere o pronome de tratamento e não com o sujeito).

NOVA CONCURSOS

- De número: *A boiada ficou furiosa com o peão e derrubaram a cerca*. (nesse caso a concordância se deu com a ideia de plural da palavra boiada).

- De pessoa: *As mulheres decidimos não votar em determinado partido até prestarem conta ao povo.* (nesse tipo de silepse, o falante se inclui mentalmente entre os participantes de um sujeito em 3ª pessoa).

Fonte:
http://juliobattisti.com.br/tutoriais/josebferraz/figuraslinguagem001.asp

São conhecidas pelo nome de ***figuras de pensamento*** os recursos estilísticos utilizados para incrementar o significado das palavras no seu aspecto semântico.

São oito as figuras de pensamento:

1) Antítese

É a aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos, o que não ocorreria com a exposição isolada dos mesmos. Exemplos:

Viverei para sempre ou morrerei tentando.
Do riso se fez o pranto.
Hoje fez sol, ontem, porém, choveu muito.

2) Apóstrofe

É assim denominado o chamamento do receptor da mensagem, seja ele de natureza imaginária ou não. É utilizada para dar ênfase à expressão e realiza-se por meio do vocativo. Exemplos:

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Pai Nosso, que estais no céu;
Ó meu querido Santo António;

3) Paradoxo

É uma proposição aparentemente absurda, resultante da união de ideias que se contradizem referindo-se ao mesmo termo. Os paradoxos viciosos são denominados Oxímoros (ou oximoron). Exemplos:

"Menino do Rio / Calor que provoca arrepio..."
"Amor é fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer;" (Camões)

4) Eufemismo

Consiste em empregar uma expressão mais suave, mais nobre ou menos agressiva, para atenuar uma verdade tida como penosa, desagradável ou chocante. Exemplos:

"E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir Deus lhe pague". (Chico Buarque).
paz derradeira = morte

5) Gradação

Na gradação temos uma sequência de palavras que intensificam a mesma ideia. Exemplo:

"Aqui... além... mais longe por onde eu movo o passo." (Castro Alves).

6) Hipérbole

É a expressão intencionalmente exagerada com o intuito de realçar uma ideia, proporcionando uma imagem emocionante e de impacto. Exemplos:

"Faz umas dez horas que essa menina penteia esse cabelo".
Ele morreu de tanto rir.

7) Ironia

Ocorre ironia quando, pelo contexto, pela entonação, pela contradição de termos, pretende-se questionar certo tipo de pensamento. A intenção é depreciativa ou sarcástica. Exemplos:

Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.
"Moça linda, bem tratada, / três séculos de família, / burra como uma porta: / um amor." (Mário de Andrade).

8) Prosopopeia ou Personificação

Consiste na atribuição de ações, qualidades ou características humanas a seres não humanos. Exemplos:

Chora, viola.
A morte mostrou sua face mais sinistra.
O morro dos ventos uivantes.

Figuras de construção ou sintaxe integram as chamadas figuras de linguagem, representando um subgrupo destas. Dessa forma, tendo em vista o padrão não convencional que prevalece nas figuras de linguagem (ou seja, a subjetividade, a sensibilidade por parte do emissor, deixando às claras seus aspectos estilísticos), devemos compreender sua denominação. Em outras palavras, por que "figuras de construção ou sintaxe"?

Podemos afirmar que assim se denominam em virtude de apresentarem algum tipo de modificação na estrutura da oração, tendo em vista os reais e já ressaltados objetivos da enunciação (do discurso) – sendo o principal conferir ênfase a ela.

Assim sendo, comecemos entendendo que, em termos convencionais, a estrutura sintática da nossa língua se perfaz de uma sequência, demarcada pelos seguintes elementos:

SUJEITO	+	PREDICADO	+	COMPLEMENTO
(Nós)		*CHEGAMOS ATRASADOS*		*À REUNIÃO.*

Temos, assim, um sujeito oculto – *nós*; um predicado verbal – *chegamos atrasados;* e um complemento, representado por um adjunto adverbial de lugar – *à reunião.*

Quando há uma ruptura dessa sequência lógica, materializada pela inversão de termos, repetição ou até mesmo omissão destes, é justamente aí que as figuras em questão se manifestam. Desse modo, elas se encontram muito presentes na linguagem literária, na publicitária e na linguagem cotidiana de forma geral. Vejamos cada uma delas de modo particular:

Elipse

Tal figura se caracteriza pela omissão de um termo na oração não expresso anteriormente, contudo, facilmente identificado pelo contexto. Vejamos um exemplo:

Rondó dos cavalinhos
[...]

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O Brasil politicando,
Nossa! A poesia morrendo...
O sol tão claro lá fora,
O sol tão claro, Esmeralda,
E em minhalma — anoitecendo!
Manuel Bandeira

Notamos que em todos os versos há a omissão do verbo *estar,* sendo este facilmente identificado pelo contexto.

Zeugma

Ao contrário da elipse, na zeugma ocorre a omissão de um termo já expresso no discurso. Constatemos: *Maria gosta de Matemática, eu de Português.*

Observamos que houve a omissão do verbo *gostar*.

Anáfora

Essa figura de linguagem se caracteriza pela repetição intencional de um termo no início de um período, frase ou verso. Observemos um caso representativo:

A Estrela
Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.
[...]
Manuel Bandeira

Notamos a utilização de termos que se repetem sucessivamente em cada verso da criação de Manuel Bandeira.

Polissíndeto

Figura cuja principal característica se define pela repetição enfática do conectivo, geralmente representado pela conjunção coordenada "*e*". Observemos um verso extraído de uma criação de Olavo Bilac, intitulada "*A um poeta*": "*Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!*"

Assíndeto

Diferentemente do que ocorre no polissíndeto, manifestado pela repetição da conjunção, no assíndeto ocorre a omissão deste. Vejamos: *Vim, vi, venci* (Júlio César)

Depreendemos que se trata de orações assindéticas, justamente pela omissão do conectivo "*e*".

Anacoluto

Trata-se de uma figura que se caracteriza pela interrupção da sequência lógica do pensamento, ou seja, em termos sintáticos, afirma-se que há uma mudança na construção do período, deixando algum termo desligado do restante dos elementos. Vejamos:

Essas crianças de hoje, elas estão muito evoluídas.

Notamos que o termo em destaque, que era para representar o sujeito da oração, encontra-se desligado dos demais termos, não cumprindo, portanto, nenhuma função sintática.

Inversão (ou Hipérbato)

Trata-se da inversão da ordem direta dos termos da oração. Constatemos: *Eufórico chegou o menino.*

Deduzimos que o predicativo do sujeito (pois se trata de um predicado verbo-nominal) encontra-se no início da oração, quando este deveria estar expresso no final, ou seja: *O menino chegou eufórico.*

Pleonasmo

Figura que consiste na repetição enfática de uma ideia antes expressa, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico, no intuito de reforçar a mensagem. Exemplo: *Vivemos uma vida tranquila.*

O termo em destaque reforça uma ideia antes ressaltada, uma vez que viver já diz respeito à vida. Temos uma repetição de ordem semântica.

A ele nada lhe devo.

Percebemos que o pronome oblíquo (lhe) faz referência à terceira pessoa do singular, já expressa. Trata-se, portanto, de uma repetição de ordem sintática demarcada pelo que chamamos de *objeto direto pleonástico.*

Observação importante: O pleonasmo utilizado sem a intenção de conferir ênfase ao discurso, torna-se o que denominamos de *vício de linguagem* – ocorrência que deve ser evitada. Como, por exemplo: *subir para cima, descer para baixo, entrar para dentro,* entre outras circunstâncias linguísticas.

NOVA CONCURSOS

Sinônimos

São palavras de sentido igual ou aproximado: *alfabeto - abecedário; brado, grito - clamor; extinguir, apagar - abolir*.

Observação: A contribuição greco-latina é responsável pela existência de numerosos pares de sinônimos: *adversário e antagonista; translúcido e diáfano; semicírculo e hemiciclo; contraveneno e antídoto; moral e ética; colóquio e diálogo; transformação e metamorfose; oposição e antítese.*

Antônimos

São palavras de significação oposta: *ordem - anarquia; soberba - humildade; louvar - censurar; mal - bem*.

Observação: A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo: *bendizer e maldizer; simpático e antipático; progredir e regredir; concórdia e discórdia; ativo e inativo; esperar e desesperar; comunista e anticomunista; simétrico e assimétrico.*

O que são Homônimos e Parônimos

Homônimos

a) Homógrafos: são palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia:

rego (subst.) e rego (verbo);
colher (verbo) e colher (subst.);
jogo (subst.) e jogo (verbo);
denúncia (subst.) e denuncia (verbo);
providência (subst.) e providencia (verbo).

b) Homófonos: são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita:

acender (atear) e ascender (subir);
concertar (harmonizar) e consertar (reparar);
cela (compartimento) e sela (arreio);
censo (recenseamento) e senso (juízo);
paço (palácio) e passo (andar).

c) Homógrafos e homófonos simultaneamente: São palavras iguais na escrita e na pronúncia:

caminho (subst.) e caminho (verbo);
cedo (verbo) e cedo (adv.);
livre (adj.) e livre (verbo).

Parônimos

São palavras parecidas na escrita e na pronúncia: *coro e couro; cesta e sesta; eminente e iminente; osso e ouço; sede e cede; comprimento e cumprimento; tetânico e titânico; autuar e atuar; degradar e degredar; infligir e infringir; deferir e diferir; suar e soar.*

Fonte:
http://www.coladaweb.com/portugues/sinonimos,-antonimos,-homonimos-e-paronimos

Questões sobre Significação das Palavras

01. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo:

Da mesma forma que os italianos e japoneses _____ para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros _____ para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, _____ para o Sul, pelo mesmo motivo.

a) imigraram - emigram - migram
b) migraram - imigram - emigram
c) emigraram - migram - imigram.
d) emigraram - imigram - migram.
e) imigraram - migram – emigram

AGENTE DE APOIO – MICROINFORMÁTICA – VUNESP – 2013 - Leia o texto para responder às questões de números 02 e 03.

Alunos de colégio fazem robôs com sucata eletrônica

Você comprou um smartphone e acha que aquele seu celular antigo é imprestável? Não se engane: o que é lixo para alguns pode ser matéria-prima para outros. O CMID – Centro Marista de Inclusão Digital –, que funciona junto ao Colégio Marista de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, ensina os alunos do colégio a fazer robôs a partir de lixo eletrônico.

Os alunos da turma avançada de robótica, por exemplo, constroem carros com sensores de movimento que respondem à aproximação das pessoas. A fonte de energia vem de baterias de celular. "Tirando alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem", comentou o instrutor de robótica do CMID, Leandro Schneider. Esses alunos também aprendem a consertar computadores antigos. "O nosso projeto só funciona por causa do lixo eletrônico. Se tivéssemos que comprar tudo, não seria viável", completou.

Em uma época em que celebridades do mundo digital fazem campanha a favor do ensino de programação nas escolas, é inspirador o relato de Dionatan Gabriel, aluno da turma avançada de robótica do CMID que, aos 16 anos, já sabe qual será sua profissão. "Quero ser programador. No início das aulas, eu achava meio chato, mas depois fui me interessando", disse.

(Giordano Tronco, www.techtudo.com.br, 07.07.2013. Adaptado)

02. A palavra em destaque no trecho –"***Tirando*** alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem"... – pode ser substituída, sem alteração do sentido da mensagem, pela seguinte expressão:

A) Pelo menos
B) A contar de
C) Em substituição a
D) Com exceção de
E) No que se refere a

03. Assinale a alternativa que apresenta um antônimo para o termo destacado em – ..."No início das aulas, eu achava meio ***chato***, mas depois fui me interessando", disse.

A) Estimulante.
B) Cansativo.
C) Irritante.
D) Confuso.
E) Improdutivo.

04. (AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA PENITENCIÁRIA – VUNESP – 2013). Analise as afirmações a seguir.

I. Em – ***Há*** sete anos, Fransley Lapavani Silva está preso por homicídio. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração do sentido do texto, por "***faz***".

II. A frase – Todo preso ***deseja*** a libertação. – pode ser reescrita da seguinte forma – Todo preso ***aspira*** à libertação.

III. No trecho – ... estou sendo olhado de forma diferente aqui no presídio ***devido ao*** bom comportamento. – pode-se substituir a expressão em destaque por "***em razão do***", sem alterar o sentido do texto.

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correto o que se afirma em

A) I, II e III.
B) III, apenas.
C) I e III, apenas.
D) I, apenas.
E) I e II, apenas.

05. Leia as frases abaixo:

1 - Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

2 - Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

3 - As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

4 - _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há;
b) conserto – a – há – sessões – há;
c) concerto – a – há – seções – a;
d) concerto – a – há – sessões – há;
e) conserto – há – a – sessões – a .

06. (AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA PENITENCIÁRIA – VUNESP – 2013-adap.). Considere o seguinte trecho para responder à questão.

*Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais **altruísticos**, formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.*

O sentido contrário (antônimo) de ***altruísticos***, nesse trecho, é:

A) de desprendimento.
B) de responsabilidade.
C) de abnegação.
D) de amor.
E) de egoísmo.

07. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a ***primeira*** alternativa da série dada nos parênteses:

A) Estou aqui _____ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim- a fim).
B) A bandeira está _____. (arreada - arriada).
C) Serão punidos os que _____ o regulamento. (inflingirem - infringirem).
D) São sempre valiosos os _____ dos mais velhos. (concelhos - conselhos).
E) Moro _____ cem metros da praça principal. (a cerca de - acerca de).

08. Assinale a alternativa correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

GABARITO

01. A 02. D 03. A 04. A
05. D 06. E 07. E 08. A

RESOLUÇÃO

1-)

Da mesma forma que os italianos e japoneses imigraram para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros emigram para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, migram para o Sul, pelo mesmo motivo.

2-)

"Com exceção de alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem"...

3-)

antônimo para o termo destacado : "No início das aulas, eu achava meio chato, mas depois fui me interessando"

"No início das aulas, eu achava meio estimulante, mas depois fui me interessando"

4-)

I. Em – Há sete anos, Fransley Lapavani Silva está preso por homicídio. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração do sentido do texto, por "faz". = correta

II. A frase – Todo preso deseja a libertação. – pode ser reescrita da seguinte forma – Todo preso aspira à libertação. = correta

III. No trecho – ... estou sendo olhado de forma diferente aqui no presídio devido ao bom comportamento. – pode-se substituir a expressão em destaque por "em razão do", sem alterar o sentido do texto. = correta

NOVA CONCURSOS

5-)
1 - Assisti ao concerto do balé Bolshoi;
2 - Daqui a pouco vão dizer que há (= existe) vida em Marte.
3 – As sessões da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 - Há dias que não falo com Alfredo. (= tempo passado)

6-)
Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais altruísticos, formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.
O sentido contrário (antônimo) de altruísticos, nesse trecho, é de egoísmo
Altruísmo é um tipo de comportamento encontrado nos seres humanos e outros seres vivos, em que as ações de um indivíduo beneficiam outros. É sinônimo de filantropia. No sentido comum do termo, é muitas vezes percebida, também, como sinônimo de solidariedade. Esse conceito opõe-se, portanto, ao egoísmo, que são as inclinações específica e exclusivamente individuais (pessoais ou coletivas).
7-)
A) Estou aqui a fim de de ajudar os flagelados das enchentes. (afim = O adjetivo "*afim*" é empregado para indicar que uma coisa tem afinidade com a outra. Há pessoas que têm temperamentos *afins*, ou seja, parecidos)
B) A bandeira está arriada . (arrear = colocar arreio no cavalo)
C) Serão punidos os que infringirem o regulamento. (inflingirem = aplicarem a pena)
D) São sempre valiosos os conselhos dos mais velhos; (concelhos= Porção territorial ou parte administrativa de um distrito).
E) Moro a cerca de cem metros da praça principal. (acerca de = Acerca de é sinônimo de "a respeito de".).

8-)
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país) = significados invertidos
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar = significados invertidos
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder = significados invertidos
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação = significados invertidos

Polissemia

Consideremos as seguintes frases:
Paula tem uma mão para cozinhar que dá inveja!
Vamos! Coloque logo a mão na massa!
As crianças estão com as mãos sujas.
Passaram a mão na minha bolsa e nem percebi.

Chegamos à conclusão de que se trata de palavras idênticas no que se refere à grafia, mas será que possuem o mesmo significado?

Existe uma parte da gramática normativa denominada Semântica. Ela trabalha a questão dos diferentes significados que uma mesma palavra apresenta de acordo com o contexto em que se insere.
Tomando como exemplo as frases já mencionadas, analisaremos os vocábulos de mesma grafia, de acordo com seu sentido denotativo, isto é, aquele retratado pelo dicionário.
Na primeira, a palavra "mão" significa habilidade, eficiência diante do ato praticado. Nas outras que seguem o significado é de: participação, interação mediante a uma tarefa realizada; mão como parte do corpo humano e por último simboliza o roubo, visto de maneira pejorativa.
Reportando-nos ao conceito de Polissemia, logo percebemos que o prefixo "poli" significa multiplicidade de algo. Possibilidades de várias interpretações levando-se em consideração as situações de aplicabilidade.
Há uma infinidade de outros exemplos em que podemos verificar a ocorrência da polissemia, como por exemplo:
O rapaz é um tremendo gato.
O gato do vizinho é peralta.
Precisei fazer um gato para que a energia voltasse.
Pedro costuma fazer alguns "bicos" para garantir sua sobrevivência
O passarinho foi atingido no bico.

Polissemia e homonímia

A confusão entre polissemia e homonímia é bastante comum. Quando a mesma palavra apresenta vários significados, estamos na presença da polissemia. Por outro lado, quando duas ou mais palavras com origens e significados distintos têm a mesma grafia e fonologia, temos uma homonímia.
A palavra "manga" é um caso de homonímia. Ela pode significar uma fruta ou uma parte de uma camisa. Não é polissemia porque os diferentes significados para a palavra manga têm origens diferentes, e por isso alguns estudiosos mencionam que a palavra manga deveria ter mais do que uma entrada no dicionário.
"Letra" é uma palavra polissêmica. Letra pode significar o elemento básico do alfabeto, o texto de uma canção ou a caligrafia de um determinado indivíduo. Neste caso, os diferentes significados estão interligados porque remetem para o mesmo conceito, o da escrita.

Polissemia e ambiguidade

Polissemia e ambiguidade têm um grande impacto na interpretação. Na língua portuguesa, um enunciado pode ser ambíguo, ou seja, apresenta mais de uma interpretação. Essa ambiguidade pode ocorrer devido à colocação específica de uma palavra (por exemplo, um advérbio) em uma frase. Vejamos a seguinte frase: *Pessoas que têm uma alimentação equilibrada frequentemente são felizes*. Neste caso podem existir duas interpretações diferentes. *As pessoas têm alimentação equilibrada porque são felizes ou são felizes porque têm uma alimentação equilibrada.*

De igual forma, quando uma palavra é polissêmica, ela pode induzir uma pessoa a fazer mais do que uma interpretação. Para fazer a interpretação correta é muito importante saber qual o contexto em que a frase é proferida.

Na língua portuguesa, uma PALAVRA (do latim *parabola,* que por sua vez deriva do grego *parabolé)* pode ser definida como sendo um conjunto de letras ou sons de uma língua, juntamente com a ideia associada a este conjunto.

Sentido Próprio e Figurado das Palavras

Pela própria definição acima destacada podemos perceber que a palavra é composta por duas partes, uma delas relacionada a sua forma escrita e os seus sons (denominada significante) e a outra relacionada ao que ela (palavra) expressa, ao conceito que ela traz (denominada significado).

Em relação ao seu SIGNIFICADO as palavras subdividem-se assim:

- **Sentido Próprio** - é o sentido literal, ou seja, o sentido comum que costumamos dar a uma palavra.

- **Sentido Figurado** - é o sentido "simbólico", "figurado", que podemos dar a uma palavra.

Vamos analisar a palavra *cobra* utilizada em diferentes contextos:

1. *A cobra picou o menino*. (cobra = réptil peçonhento)
2. *A sogra dele é uma cobra*. (cobra = pessoa desagradável, que adota condutas pouco apreciáveis)
3. *O cara é cobra em Física!* (cobra = pessoa que conhece muito sobre alguma coisa, "expert")

No item 1 aplica-se o termo *cobra* em seu sentido comum (ou literal); nos itens 2 e 3 o termo *cobra* é aplicado em sentido figurado.

Podemos então concluir que um mesmo significante (parte concreta) pode ter vários significados (conceitos).

Denotação e Conotação

- ***Denotação***: verifica-se quando utilizamos a palavra com o seu significado primitivo e original, com o sentido do dicionário; usada de modo automatizado; linguagem comum. Veja este exemplo: *Cortaram as asas da ave para que não voasse mais.*

Aqui a palavra em destaque é utilizada em seu sentido próprio, comum, usual, literal.

MINHA DICA - Procure associar ***D***enotação com ***D***icionário: trata-se de definição literal, quando o termo é utilizado em seu sentido dicionarístico.

- ***Conotação***: verifica-se quando utilizamos a palavra com o seu significado secundário, com o sentido amplo (ou simbólico); usada de modo criativo, figurado, numa linguagem rica e expressiva. Veja este exemplo:

Seria aconselhável cortar as asas deste menino, antes que seja tarde demais.

Já neste caso o termo (asas) é empregado de forma figurada, fazendo alusão à ideia de restrição e/ou controle de ações; disciplina, limitação de conduta e comportamento.

Fonte:

http://www.tecnolegis.com/estudo-dirigido/oficial-de-justica-tjm-sp/lingua-portuguesa-sentido-proprio-e-figurado-das-palavras.html

Questões sobre Denotação e Conotação

1-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) O sentido de marmóreo (adjetivo) equivale ao da expressão de mármore. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo e pétreo.

(A) De corda; de plástico.
(B) De fogo; de madeira.
(C) De madeira; de pedra.
(D) De fogo; de pedra.
(E) De plástico; de cinza.

2-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADO) Para responder à questão, considere a seguinte passagem: *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".*

Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de

(A) considerar ao acaso, sem premeditação.
(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
(C) adotar como referência de qualidade.
(D) julgar de acordo com normas legais.
(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

3-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Para responder a esta questão, considere as palavras destacadas nas seguintes passagens do texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto...

... informações ligadas ***especialmente*** à pesquisa acadêmica,

... uma "máquina poética", ***algo*** que funcionasse por analogia e associação...

Quando o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...

... 20 anos ***depois*** de seu artigo fundador...

As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:

(A) algo, especialmente e Quando.
(B) Desde, especialmente e algo.
(C) especialmente, Quando e depois.
(D) Desde, Quando e depois.
(E) Desde, algo e depois.

4-) (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) *A importância de Rodolfo Coelho Cavalcante para o movimento cordelista pode ser* ***comparada*** *à de outros dois grandes nomes...*

Sem qualquer outra alteração da frase acima e sem prejuízo da correção, o elemento grifado pode ser substituído por:

(A) contrastada.
(B) confrontada.
(C) ombreada.
(D) rivalizada.
(E) equiparada.

5-) (PREFEITURA DE SERTÃOZINHO – AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE – VUNESP/2012) No verso – *Não te **abras** com teu amigo* – o verbo em destaque foi empregado em sentido figurado.

Assinale a alternativa em que esse mesmo verbo "abrir" continua sendo empregado em sentido figurado.

(A) Ao abrir a porta, não havia ninguém.
(B) Ele não pôde abrir a lata porque não tinha um abridor.
(C) Para aprender, é preciso abrir a mente.
(D) Pela manhã, quando abri os olhos, já estava em casa.
(E) Os ladrões abriram o cofre com um maçarico.

6-) (SABESP/SP – ATENDENTE A CLIENTES 01 – FCC/2014 - ADAPTADA) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

A marca da solidão

Deitado de bruços, sobre as pedras quentes do chão de paralelepípedos, o menino espia. Tem os braços dobrados e a testa pousada sobre eles, seu rosto formando uma tenda de penumbra na tarde quente.

Observa as ranhuras entre uma pedra e outra. Há, dentro de cada uma delas, um diminuto caminho de terra, com pedrinhas e tufos minúsculos de musgos, formando pequenas plantas, ínfimos bonsais só visíveis aos olhos de quem é capaz de parar de viver para, apenas, ver. Quando se tem a marca da solidão na alma, o mundo cabe numa fresta.

(SEIXAS, Heloísa. Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta negra bazar, 2010. p. 47)

No primeiro parágrafo, a palavra utilizada em sentido figurado é

(A) menino.
(B) chão.
(C) testa.
(D) penumbra.
(E) tenda.

7-) (UFTM/MG – AUXILIAR DE BIBLIOTECA – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Leia o texto para responder à questão.

RIO DE JANEIRO – *A Prefeitura do Rio está lançando a Operação Lixo Zero, que vai multar quem emporcalhar a cidade. Em primeira instância, a campanha é educativa. Equipes da Companhia Municipal de Limpeza Urbana estão percorrendo as ruas para flagrar maus cidadãos jogando coisas onde não devem e alertá-los para o que os espera. Em breve, com guardas municipais, policiais militares e 600 fiscais em ação, as multas começarão a chegar para quem tratar a via pública como a casa da sogra.*

Imagina-se que, quando essa lei começar para valer, os recordistas de multas serão os cerca de 300 jovens golpistas que, nas últimas semanas, se habituaram a tomar as ruas, pichar monumentos, vandalizar prédios públicos, quebrar orelhões, arrancar postes, apedrejar vitrines, depredar bancos, saquear lojas e, por uma estranha compulsão, destruir lixeiras, jogar o lixo no asfalto e armar barricadas de fogo com ele.

É verdade que, no seu "bullying" político, eles não estão nem aí para a cidade, que é de todos – e que, por algum motivo, parecem querer levar ao colapso.

Pois, já que a lei não permite prendê-los por vandalismo, saque, formação de quadrilha, desacato à autoridade, resistência à prisão e nem mesmo por ataque aos órgãos públicos, talvez seja possível enquadrá-los por sujar a rua.

(Ruy Castro, Por sujar a rua. Folha de S.Paulo, 21.08.2013. Adaptado)

Na oração – ... parecem querer levar ao ***colapso***. – (3.º parágrafo), o termo em destaque é sinônimo de

(A) progresso.
(B) descaso.
(C) vitória.
(D) tédio.
(E) ruína.

8-) (BNDES – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – BNDES/2012) Considere o emprego do verbo levar no trecho: "*Uma competição não dura apenas alguns minutos. Leva anos*". A frase em que esse verbo está usado com o mesmo sentido é:

(A) O menino leva o material adequado para a escola.
(B) João levou uma surra da mãe.
(C) A enchente leva todo o lixo rua abaixo.
(D) O trabalho feito com empenho leva ao sucesso.
(E) O atleta levou apenas dez segundos para terminar a prova.

Resolução

1-)
Questão que pode ser resolvida usando a lógica ou associação de palavras! Veja: a ignição do carro lembra-nos fogo, combustão... Pedra, petrificado. Encontrou a resposta?
RESPOSTA: "D".

2-)
Classificar conforme regras conhecidas, mas não confirmadas se verdadeiras.
RESPOSTA: "E".

3-)
As palavras que nos dão a noção, ideia de tempo são: desde, quando e depois.
RESPOSTA: "D".

4-)
Ao participar de um concurso, não temos acesso a dicionários para que verifiquemos o significado das palavras, por isso, caso não saibamos o que significam, devemos analisá-las dentro do contexto em que se encontram. No exercício acima, a que se "encaixa" é "equiparada".
RESPOSTA: "E".

5-)
Em todas as alternativas o verbo "abrir" está empregado em seu sentido denotativo. No item C, conotativo ("abrir a mente" = aberto a mudanças, novas ideias).
RESPOSTA: "C".

6-)
Novamente, responderemos com frase do texto: seu rosto formando uma tenda.
RESPOSTA: "E".

7-)
Pela leitura do texto, compreende-se que a intenção do autor ao utilizar a expressão" levar ao colapso" refere-se à queda, ao fim, à ruína da cidade.
RESPOSTA: "E".

8-)
No enunciado, o verbo "levar" está empregado com o sentido de "duração/tempo"
(A) O menino leva o material adequado para a escola. = carrega
(B) João levou uma surra da mãe. = apanhou
(C) A enchente leva todo o lixo rua abaixo. = arrasta
(D) O trabalho feito com empenho leva ao sucesso. = direciona
(E) O atleta levou apenas dez segundos para terminar a prova = duração/tempo

RESPOSTA: "E".

FONOLOGIA;

LETRA E FONEMA

Letra é o sinal gráfico da escrita. Exemplos: pipoca (tem 6 letras); hoje (tem 4 letras).

Fonema é o menor elemento sonoro capaz de estabelecer uma distinção de significado entre palavras. Veja, nos exemplos, os fonemas que marcam a distinção entre os pares de palavras:

bar – ***m***ar ***t***ela – ***v***ela s***e***la – s***a***la

Não confunda os fonemas com as letras. Fonema é um elemento acústico e a letra é um sinal gráfico que representa o fonema. Nem sempre o número de fonemas de uma palavra corresponde ao número de letras que usamos para escrevê-la. Na palavra chuva, por exemplo, temos quatro fonemas, isto é, quatro unidades sonoras [xuva] e cinco letras.

Certos fonemas podem ser representados por diferentes letras. É o caso do fonema /s/, que pode ser representado por: ***s*** (pen***s***ar) – ***ss*** (pa***ss***ado) – ***x*** (trou***x***e) – ***ç*** (ca***ç***ar) – ***sc*** (na***sc***er) – ***xc*** (e***xc***elente) – ***c*** (***c***into) – ***sç*** (de***sç***o)

Às vezes, a letra "x" pode representar mais de um fonema, como na palavra táxi. Nesse caso, o "x" representa dois sons, pois lemos "táksi". Portanto, a palavra táxi tem quatro letras e cinco fonemas.

Em certas palavras, algumas letras não representam nenhum fonema, como a letra h, por exemplo, em palavras como hora, hoje, etc., ou como as letras m e n quando são usadas apenas para indicar a nasalização de uma vogal, como em canto, tinta, etc.

Classificação dos Fonemas

Os fonemas classificam-se em vogais, semivogais e consoantes.

Vogais: são fonemas resultantes das vibrações das cordas vocais e em cuja produção a corrente de ar passa livremente na cavidade bucal. As vogais podem ser orais e nasais.

Orais: quando a corrente de ar passa apenas pela cavidade bucal. São elas: a, é, ê, i, ó, ô, u. Exemplos: j***á***, p***é***, v***ê***, al***i***, p***ó***, d***o***r, ***u***va.

Nasais: quando a corrente de ar passa pela cavidade bucal e nasal. A nasalidade pode ser indicada pelo til (~) ou pelas letras n e m. Exemplos: m***ã***e, v***en***da, l***in***do, p***om***ba, n***un***ca.

Observação: As vogais ainda podem ser tônicas ou átonas, dependendo da intensidade com que são pronunciadas. A vogal tônica é pronunciada com maior intensidade: caf***é***, b***o***la, v***i***dro. A vogal átona é pronunciada com menor intensidade: c***a***fé, bol***a***, vidr***o***.

Semivogais*:* são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos de uma vogal, formam com ela uma mesma sílaba. Observe, por exemplo, a palavra papai. Ela é formada de duas sílabas: pa-pai. Na sílaba pai, o fonema vocálico /i/ não é tão forte quanto o fonema vocálico /a/; nesse caso, o /i/ é semivogal.

Consoantes*:* são os fonemas em que a corrente de ar, emitida para sua produção, teve de forçar passagem na boca, onde determinado movimento articulatório lhe criou embaraço. Exemplos: ***g***a***t***o, ***p***e***n***a, ***l***a***d***o.

Encontro Vocálicos

- *Ditongos:* é o encontro de uma vogal e uma semivogal (ou vice-versa) numa mesma sílaba. Exemplos: p***ai*** (vogal + semivogal = ditongo decrescente); ginás***io*** (semivogal + vogal = ditongo crescente).
- *Tritongos:* é o encontro de uma semivogal com uma vogal e outra semivogal numa mesma sílaba. Exemplo: Parag***uai***.
- *Hiatos:* é a sequência de duas vogais numa mesma palavra mas que pertencem a sílabas diferentes, pois nunca há mais de uma vogal numa sílaba. Exemplos: s***aí***da (s***a***-***í***-da), j***ui***z (j***u***-***i***z)

NOVA CONCURSOS

Encontro Consonantais

Ocorre quando há um grupo de consoantes sem vogal intermediária. Exemplos: ***fl***or, ***gr***ade, di***gn***o.

Dígrafos

Grupo de duas letras que representa apenas um fonema. Exemplos: pa***ss***o (ss = fonema /s/), na***sc***imento (sc = fonema /s/), ***qu***eijo (qu = fonema /k/)

Os dígrafos podem ser consonantais e vocálicos.

- *Consonantais:* ch (chuva), sc (nascer), ss (osso), sç (desça), lh (filho), xc (excelente), qu (quente), nh (vinho), rr (ferro), gu (guerra)
- *Vocálicos:* am, an (tampa, canto), em, en (tempo, vento), im, in (limpo, cinto), om, on (comprar, tonto), um, un (tumba, mundo)

Atenção: nos dígrafos, as duas letras representam um só fonema; nos encontros consonantais, cada letra representa um fonema.

Observe de acordo com os exemplos que o número de letras e fonemas não precisam ter a mesma quantidade.
- Chuva: tem 5 letras e 4 fonemas, já que o "ch" tem um único som.
- Hipopótamo: tem 10 letras e 9 fonemas, já que o "h" não tem som.
- Galinha: tem 7 letras e 6 fonemas, já que o "nh" tem um único som.
- Pássaro: tem 7 letras e 6 fonemas, já que o "ss" só tem um único som.
- Nascimento: 10 letras e 8 fonemas, já que não se pronuncia o "s" e o "en" tem um único som.
- Exceção: 7 letras e 6 fonemas, já que não tem som o "x".
- Táxi: 4 letras e 5 fonemas, já que o "x" tem som de "ks".
- Guitarra: 8 letras e 6 fonemas, já que o "gu" tem um único som e o "rr" também tem um único som.
- Queijo: 6 letras e 5 fonemas, já que o "qu" tem um único som.

Repare que através do exemplo a mudança de apenas uma letra ou fonema gera novas palavras: C a v a l o / C a v a d o / C a l a d o / C o l a d o / S o l a d o.

EXERCÍCIOS

01. A palavra que apresenta tantos fonemas quantas são as letras que a compõem é:
a) importância
b) milhares
c) sequer
d) técnica
e) adolescente

02. Em qual das palavras abaixo a letra x apresenta não um, mas dois fonemas?
a) exemplo
b) complexo
c) próximos
d) executivo
e) luxo

03. Qual palavra possui dois dígrafos?
a) fechar
b) sombra
c) ninharia
d) correndo
e) pêssego

04. Indique a alternativa cuja sequência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo.
a) jamais / Deus / luar / daí
b) joias / fluir / jesuíta / fogaréu
c) ódio / saguão / leal / poeira
d) quais / fugiu / caiu / história
05. Os vocabulários passarinho e querida possuem:

a) 6 e 8 fonemas respectivamente;
b)10 e 7 fonemas respectivamente;
c) 9 e 6 fonemas respectivamente;
d) 8 e 6 fonemas respectivamente;
e) 7 e 6 fonemas respectivamente.

06. Quantos fonemas existem na palavra paralelepípedo:
a) 7
b) 12
c) 11
d) 14
e) 15

07. Os vocábulos pequenino e drama apresentam, respectivamente:
a) 4 e 2 fonemas
b) 9 e 5 fonemas
c) 8 e 5 fonemas
d) 7 e 7 fonemas
e) 8 e 4 fonemas

08. O "I" não é semivogal em:
a) Papai
b) Azuis
c) Médio
d) Rainha
e) Herói

09. Assinale a alternativa que apresenta apenas hiatos:
a) muito, faísca, balaústre.
b) guerreiro, gratuito, intuito.
c) fluido, fortuito, Piauí.
d) tua, lua, nua.
e) n.d.a.

10. Em qual dos itens abaixo todas as palavras apresentam ditongo crescente:
a) Lei, Foice, Roubo
b) Muito, Alemão, Viu
c) Linguiça, História, Área
d) Herói, Jeito, Quilo
e) Equestre, Tênue, Ribeirão

RESPOSTAS:

01-D (Em d, a palavra possui 7 fonemas e 7 letras. Nas demais alternativas, tem-se: a) 10 fonemas / 11 letras; b) 7 fonemas / 8 letras; c) 5 fonemas / 6 letras; e) 9 fonemas / 11 letras).
02-B (a palavra complexo, o x equivale ao fonema /ks/).
03-D (Em d, há o dígrafo "rr" e o dígrafo nasal "en").
04-B (Observe os encontros: oi, u - i, u - í e eu).
05-D / 06-D / 07-C / 08-D / 09-D / 10-C

ORTOGRAFIA, SISTEMA OFICIAL VIGENTE.

A ***ortografia*** é a parte da língua responsável pela grafia correta das palavras. Essa grafia baseia-se no padrão culto da língua.

As palavras podem apresentar igualdade total ou parcial no que se refere a sua grafia e pronúncia, mesmo tendo significados diferentes. Essas palavras são chamadas de *homônimas* (canto, do grego, significa ângulo / canto, do latim, significa música vocal). As palavras homônimas dividem-se em *homógrafas*, quando têm a mesma grafia (*gosto*, substantivo e *gosto*, 1ª pessoa do singular do verbo gostar) e *homófonas*, quando têm o mesmo som (*paço, palácio ou passo*, movimento durante o andar).

Quanto à grafia correta em língua portuguesa, devem-se observar as seguintes regras:

O fonema s:

Escreve-se com S e não com C/Ç as palavras substantivadas derivadas de verbos com radicais em nd, rg, rt, pel, corr e sent: *pretender - pretensão / expandir - expansão / ascender - ascensão / inverter - inversão / aspergir aspersão / submergir - submersão / divertir - diversão / impelir - impulsivo / compelir - compulsório / repelir - repulsa / recorrer - recurso / discorrer - discurso / sentir - sensível / consentir - consensual*

Escreve-se com SS e não com C e Ç os nomes derivados dos verbos cujos radicais terminem em gred, ced, prim ou com verbos terminados por tir ou meter: *agredir - agressivo / imprimir - impressão / admitir - admissão / ceder - cessão / exceder - excesso / percutir - percussão / regredir - regressão / oprimir - opressão / comprometer - compromisso / submeter - submissão*

*quando o prefixo termina com vogal que se junta com a palavra iniciada por "s". Exemplos: *a + simétrico - assimétrico / re + surgir - ressurgir*

*no pretérito imperfeito simples do subjuntivo. Exemplos: *ficasse, falasse*

Escreve-se com C ou Ç e não com S e SS os vocábulos de origem árabe: *cetim, açucena, açúcar*

*os vocábulos de origem tupi, africana ou exótica: *cipó, Juçara, caçula, cachaça, cacique*

*os sufixos aça, aço, ação, çar, ecer, iça, nça, uça, uçu, uço: *barcaça, ricaço, aguçar, empalidecer, carniça, caniço, esperança, carapuça, dentuço*

*nomes derivados do verbo ter: *abster - abstenção / deter - detenção / ater - atenção / reter - retenção*

*após ditongos: *foice, coice, traição*

*palavras derivadas de outras terminadas em te, to(r): *marte - marciano / infrator - infração / absorto - absorção*

O fonema z:

Escreve-se com S e não com Z:

os sufixos: ês, esa, esia, e isa, quando o radical é substantivo, ou em gentílicos e títulos nobiliárquicos: freguês, freguesa, freguesia, poetisa, baronesa, princesa,* etc.

*os sufixos gregos: ase, ese, ise e ose: *catequese, metamorfose*.

*as formas verbais pôr e querer: *pôs, pus, quisera, quis, quiseste*.

*nomes derivados de verbos com radicais terminados em "d": *aludir - alusão / decidir - decisão / empreender - empresa / difundir - difusão*

*os diminutivos cujos radicais terminam com "s": *Luís - Luisinho / Rosa - Rosinha / lápis - lapisinho*

*após ditongos: *coisa, pausa, pouso*

*em verbos derivados de nomes cujo radical termina com "s": *anális(e) + ar - analisar / pesquis(a) + ar - pesquisar*

Escreve-se com Z e não com S:

*os sufixos "ez" e "eza" das palavras derivadas de adjetivo: *macio - maciez / rico - riqueza*

*os sufixos "izar" (desde que o radical da palavra de origem não termine com s): *final - finalizar / concreto - concretizar*

*como consoante de ligação se o radical não terminar com s: *pé + inho - pezinho / café + al - cafezal ≠ lápis + inho - lapisinho*

O fonema j:

Escreve-se com G e não com J:

*as palavras de origem grega ou árabe: *tigela, girafa, gesso*.

*estrangeirismo, cuja letra G é originária: *sargento, gim*.

*as terminações: agem, igem, ugem, ege, oge (com poucas exceções): *imagem, vertigem, penugem, bege, foge*.

NOVA CONCURSOS

Observação: Exceção: *pajem*

*as terminações: ágio, égio, ígio, ógio, ugio: *sortilégio, litígio, relógio, refúgio.*

*os verbos terminados em ger e gir: *eleger, mugir*.

*depois da letra "r" com poucas exceções: *emergir, surgir*.

*depois da letra "a", desde que não seja radical terminado com j: *ágil, agente*.

Escreve-se com J e não com G:

*as palavras de origem latinas: *jeito, majestade, hoje*.

*as palavras de origem árabe, africana ou exótica: *jiboia, manjerona.*

*as palavras terminada com aje: *aje, ultraje.*

O fonema ch:

Escreve-se com X e não com CH:

*as palavras de origem tupi, africana ou exótica: *abacaxi, muxoxo, xucro.*

*as palavras de origem inglesa (sh) e espanhola (J): *xampu, lagartixa.*

*depois de ditongo: *frouxo, feixe*.

*depois de "en": *enxurrada, enxoval.*

Observação: Exceção: quando a palavra de origem não derive de outra iniciada com *ch - Cheio - (enchente)*

Escreve-se com CH e não com X:

*as palavras de origem estrangeira: *chave, chumbo, chassi, mochila, espadachim, chope, sanduíche, salsicha.*

As letras e e i:

*os ditongos nasais são escritos com "e": *mãe, põem*. Com "i", só o ditongo interno *cãibra*.

*os verbos que apresentam infinitivo em -oar, -uar são escritos com "e": *caçoe, tumultue*. Escrevemos com "i", os verbos com infinitivo em -air, -oer e -uir: *trai, dói, possui*.

- atenção para as palavras que mudam de sentido quando substituímos a grafia "e" pela grafia "i": *área (superfície), ária (melodia) / delatar (denunciar), dilatar (expandir) / emergir (vir à tona), imergir (mergulhar) / peão (de estância, que anda a pé), pião (brinquedo).*

Fonte:
http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/ortografia

Questões sobre Ortografia

01. (Escrevente TJ SP – Vunesp/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão.

Além disso, ___certamente ____entre nós ____do fenômeno da corrupção e das fraudes.

(A) a ... concenso ... acerca
(B) há ... consenso ... acerca
(C) a ... concenso ... a cerca
(D) a ... consenso ... há cerca
(E) há ... consenço ... a cerca

02. (Escrevente TJ SP – Vunesp/2013). Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma- -padrão.

(A) Os tabeliãos devem preparar o documento.
(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.
(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.
(D) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.
(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

03. (Agente de Vigilância e Recepção – VUNESP – 2013). Suponha-se que o cartaz a seguir seja utilizado para informar os usuários sobre o festival Soundground.

P*rezado Usuário*

_____ de oferecer lazer e cultura aos passageiros do metrô, _____ desta segunda-feira (25/02), _____ 17h30, começa o Soundground, festival internacional que prestigia os músicos que tocam em estações do metrô.

Confira o dia e a estação em que os artistas se apresentarão e divirta-se!

Para que o texto atenda à norma-padrão, devem-se preencher as lacunas, correta e respectivamente, com as expressões

A) A fim ...a partir ... as
B) A fim ...à partir ... às
C) A fim ...a partir ... às
D) Afim ...a partir ... às
E) Afim ...à partir ... as

04. Assinale a alternativa que não apresenta erro de ortografia:

A) Ela interrompeu a reunião derrepente.
B) O governador poderá ter seu mandato caçado.
C) Os espectadores aplaudiram o ministro.
D) Saiu com descrição da sala.

05.Em qual das alternativas a frase está corretamente escrita?

A) O mindingo não depositou na cardeneta de poupansa.
B) O mendigo não depositou na caderneta de poupança.
C) O mindigo não depozitou na cardeneta de poupanssa.
D) O mendingo não depozitou na carderneta de poupansa.

06. (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO – ADVOGADO - VUNESP/2013) Analise a propaganda do programa 5inco Minutos.

Em norma-padrão da língua portuguesa, a frase da propaganda, adaptada, assume a seguinte redação:

(A) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não matem-na porisso.

(B) 5INCO MINUTOS: as vezes, dura mais, mas não matem-na por isso.

(C) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não a matem por isso.

(D) 5INCO MINUTOS: as vezes, dura mais, mas não lhe matem por isso.

(E) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não a matem porisso.

GABARITO

01. B 02. D 03. C 04. C 05. B 06. C

RESOLUÇÃO

1-) O exercício quer a alternativa que apresenta correção ortográfica. Na primeira lacuna utilizaremos "há", já que está empregado no sentido de "existir"; na segunda, "consenso" com "s"; na terceira, "acerca" significa "a respeito de", o que se encaixa perfeitamente no contexto. "Há cerca" = tem cerca (de arame, cerca viva, enfim...); "a cerca" = a cerca está destruída (arame, madeira...)

2-)

(A) Os tabeliãos devem preparar o documento. = tabeliães

(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis. = cidadãos

(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local. = certidões

(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos = degraus

3-) Prezado Usuário

A fim de oferecer lazer e cultura aos passageiros do metrô, a partir desta segunda-feira (25/02), às 17h30, começa o Soundground, festival internacional que prestigia os músicos que tocam em estações do metrô.

Confira o dia e a estação em que os artistas se apresentarão e divirta-se!

A fim = indica finalidade; a partir: sempre separado; antes de horas: há crase

4-)

A) Ela interrompeu a reunião derrepente. =de repente

B) O governador poderá ter seu mandato caçado. = cassado

D) Saiu com descrição da sala. = discrição

5-)

A) O mindingo não depositou na cardeneta de poupansa. = mendigo/caderneta/poupança

C) O mindigo não depozitou na cardeneta de poupanssa. = mendigo/caderneta/poupança

D) O mendingo não depozitou na carderneta de poupansa. =mendigo/depositou/caderneta/poupança

6-) A questão envolve colocação pronominal e ortografia. Comecemos pela mais fácil: ortografia! A palavra "por isso" é escrita separadamente. Assim, já descartamos duas alternativas ("A" e "E"). Quanto à colocação pronominal, temos a presença do advérbio "não", que sabemos ser um "ímã" para o pronome oblíquo, fazendo-nos aplicar a regra da próclise (pronome antes do verbo). Então, a forma correta é "mas não A matem" (por que A e não LHE? Porque quem mata, mata algo ou alguém, objeto direto. O "lhe" é usado para objeto indireto. Se não tivéssemos a conjunção "mas" nem o advérbio "não", a forma "matem-na" estaria correta, já que, após vírgula, o ideal é que utilizemos ênclise – pronome oblíquo após o verbo).

HÍFEN

O ***hífen*** é um sinal diacrítico (que distingue) usado para ligar os elementos de palavras compostas (*couve-flor, ex-presidente*) e para unir pronomes átonos a verbos (*ofereceram-me; vê-lo-ei*).

Serve igualmente para fazer a translineação de palavras, isto é, no fim de uma linha, separar uma palavra em duas partes (*ca-/sa; compa-/nheiro*).

Uso do hífen que continua depois da Reforma Ortográfica:

1. Em palavras compostas por justaposição que formam uma unidade semântica, ou seja, nos termos que se unem para formam um novo significado: *tio-avô, porto-alegrense, luso-brasileiro, tenente-coronel, segunda-feira, conta-gotas, guarda-chuva, arco- -íris, primeiro-ministro, azul-escuro.*

2. Em palavras compostas por espécies botânicas e zoológicas: *couve-flor, bem-te-vi, bem-me-quer, abóbora-menina, erva-doce, feijão-verde.*

3. Nos compostos com elementos além, aquém, recém e sem: *além-mar, recém-nascido, sem-número, recém-casado, aquém- -fiar*, etc.

4. No geral, as locuções não possuem hífen, mas algumas exceções continuam por já estarem consagradas pelo uso: *cor- -de-rosa, arco-da-velha, mais-que-perfeito, pé-de-meia, água-de- -colônia, queima-roupa, deus-dará.*

5. Nos encadeamentos de vocábulos, como: *ponte Rio-Niterói, percurso Lisboa-Coimbra-Porto* e nas combinações históricas ou ocasionais: *Áustria-Hungria, Angola-Brasil, Alsácia-Lorena*, etc.

6. Nas formações com os prefixos hiper-, inter- e super- quando associados com outro termo que é iniciado por r: *hiper-resistente, inter-racial, super-racional,* etc.

7. Nas formações com os prefixos ex-, vice-: *ex-diretor, ex- -presidente, vice-governador, vice-prefeito.*

8. Nas formações com os prefixos pós-, pré- e pró-: *pré-natal, pré-escolar, pró-europeu, pós-graduação,* etc.

9. Na ênclise e mesóclise: *amá-lo, deixá-lo, dá-se, abraça-o, lança-o e amá-lo-ei, falar-lhe-ei,* etc.

10. Nas formações em que o prefixo tem como segundo termo uma palavra iniciada por "h": *sub-hepático, eletro-higrómetro, geo-história, neo-helênico, extra-humano, semi-hospitalar, super- -homem.*

11. Nas formações em que o prefixo ou pseudo prefixo termina na mesma vogal do segundo elemento: *micro-ondas, eletro-ótica, semi-interno, auto-observação,* etc.

Obs: O hífen é suprimido quando para formar outros termos: *reaver, inábil, desumano, lobisomem, reabilitar*.

- Lembre-se: ao separar palavras na translineação (mudança de linha), caso a última palavra a ser escrita seja formada por hífen, repita-o na próxima linha. Exemplo: escreverei *anti-inflamatório* e, ao final, coube apenas "anti-". Na linha debaixo escreverei: "-inflamatório" (hífen em ambas as linhas).

***Não se emprega o hífen*:**

1. Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo termo inicia-se em "r" ou "s". Nesse caso, passa-se a duplicar estas consoantes: *antirreligioso, contrarregra, infrassom, microssistema, minissaia, microrradiografia*, etc.

2. Nas constituições em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo termo inicia-se com vogal diferente: *antiaéreo, extraescolar, coeducação, autoestrada, autoaprendizagem, hidroelétrico, plurianual, autoescola, infraestrutura,* etc.

3. Nas formações, em geral, que contêm os prefixos "dês" e "in" e o segundo elemento perdeu o h inicial: *desumano, inábil, desabilitar,* etc.

4. Nas formações com o prefixo "co", mesmo quando o segundo elemento começar com "o": *cooperação, coobrigação, coordenar, coocupante, coautor, coedição, coexistir,* etc.

5. Em certas palavras que, com o uso, adquiriram noção de composição: *pontapé, girassol, paraquedas, paraquedista*, etc.

6. Em alguns compostos com o advérbio "bem": *benfeito, benquerer, benquerido,* etc.

Questões sobre Hífen

01.Assinale a alternativa em que o hífen, conforme o novo Acordo, está sendo usado corretamente:
A) Ele fez sua auto-crítica ontem.
B) Ela é muito mal-educada.
C) Ele tomou um belo ponta-pé.
D) Fui ao super-mercado, mas não entrei.
E) Os raios infra-vermelhos ajudam em lesões.

02.Assinale a alternativa errada quanto ao emprego do hífen:
A) Pelo interfone ele comunicou bem-humorado que faria uma superalimentação.
B) Nas circunvizinhanças há uma casa malassombrada.
C) Depois de comer a sobrecoxa, tomou um antiácido.
D) Nossos antepassados realizaram vários anteprojetos.
E) O autodidata fez uma autoanálise.

03.Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do hífen, respeitando-se o novo Acordo.
A) O semi-analfabeto desenhou um semicírculo.
B) O meia-direita fez um gol de sem-pulo na semifinal do campeonato.
C) Era um sem-vergonha, pois andava seminu.
D) O recém-chegado veio de além-mar.
E) O vice-reitor está em estado pós-operatório.

04.Segundo o novo Acordo, entre as palavras pão duro (avarento), copo de leite (planta) e pé de moleque (doce) o hífen é obrigatório:
A) em nenhuma delas.
B) na segunda palavra.
C) na terceira palavra.
D) em todas as palavras.
E) na primeira e na segunda palavra.

05.Fez um esforço __ para vencer o campeonato __. Qual alternativa completa corretamente as lacunas?
A) sobreumano/interregional
B) sobrehumano-interregional
C) sobre-humano / inter-regional
D) sobrehumano/ inter-regional
E) sobre-humano /interegional

GABARITO

01. B 02. B 03. A 04. E 05. C

RESOLUÇÃO

1-)
A) autocrítica
C) pontapé
D) supermercado
E) infravermelhos

2-)B) Nas circunvizinhanças há uma casa mal-assombrada.
3-) A) O semianalfabeto desenhou um semicírculo.

4-)
a) pão-duro / b) copo-de-leite (planta) / c) pé de moleque (doce)
a) Usa-se o hífen nas palavras compostas que não apresentam elementos de ligação.
b) Usa-se o hífen nos compostos que designam espécies animais e botânicas (nomes de plantas, flores, frutos, raízes, sementes), tenham ou não elementos de ligação.
c) Não se usa o hífen em compostos que apresentam elementos de ligação.

5-) Fez um esforço sobre-humano para vencer o campeonato inter-regional.
- Usa-se o hífen diante de palavra iniciada por h.
- Usa-se o hífen se o prefixo terminar com a mesma letra com que se inicia a outra palavra

EMPREGO DAS CLASSES DE PALAVRAS: SUBSTANTIVO, ADJETIVO, NUMERAL, PRONOME, VERBO, ADVÉRBIO, PREPOSIÇÃO, CONJUNÇÃO (CLASSIFICAÇÃO E SENTIDO QUE IMPRIME ÀS RELAÇÕES ENTRE AS ORAÇÕES).
COLOCAÇÃO PRONOMINAL.

Adjetivo

Adjetivo é a palavra que expressa uma qualidade ou característica do ser e se relaciona com o substantivo.

Ao analisarmos a palavra *bondoso*, por exemplo, percebemos que, além de expressar uma qualidade, ela pode ser colocada ao lado de um substantivo: homem *bondoso*, moça *bondosa*, pessoa *bondosa*.

Já com a palavra *bondade*, embora expresse uma qualidade, não acontece o mesmo; não faz sentido dizer: homem *bondade,* moça *bondade*, pessoa *bondade*. *Bondade*, portanto, não é adjetivo, mas substantivo.

Morfossintaxe do Adjetivo

O adjetivo exerce sempre funções sintáticas (função dentro de uma oração) relativas aos substantivos, atuando como adjunto adnominal ou como predicativo (do sujeito ou do objeto).

Adjetivo Pátrio (ou gentílico)

Indica a nacionalidade ou o lugar de origem do ser. Observe alguns deles:

Estados e cidades brasileiros:

Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Aracaju	aracajuano ou aracajuense
Amazonas	amazonense ou baré
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Cabo Frio	cabo-friense
Campinas	campineiro ou campinense

Adjetivo Pátrio Composto

Na formação do adjetivo pátrio composto, o primeiro elemento aparece na forma reduzida e, normalmente, erudita. Observe alguns exemplos:

África	afro- / Cultura afro-americana
Alemanha	germano- ou teuto-/Competições teuto-inglesas
América	américo- / Companhia américo-africana
Bélgica	belgo- / Acampamentos belgo-franceses
China	sino- / Acordos sino-japoneses
Espanha	hispano- / Mercado hispano-português
Europa	euro- / Negociações euro-americanas
França	franco- ou galo- / Reuniões franco-italianas
Grécia	greco- / Filmes greco-romanos
Inglaterra	anglo- / Letras anglo-portuguesas
Itália	ítalo- / Sociedade ítalo-portuguesa
Japão	nipo- / Associações nipo-brasileiras
Portugal	luso- / Acordos luso-brasileiros

Flexão dos adjetivos

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Gênero dos Adjetivos

Os adjetivos concordam com o substantivo a que se referem (masculino e feminino). De forma semelhante aos substantivos, classificam-se em:

Biformes - têm duas formas, sendo uma para o masculino e outra para o feminino. Por exemplo: *ativo e ativa, mau e má, judeu e judia.*

Se o adjetivo é composto e biforme, ele flexiona no feminino somente o último elemento. Por exemplo: *o moço norte-americano, a moça norte-americana.*

Exceção: *surdo-mudo e surda-muda.*

NOVA CONCURSOS

Uniformes - têm uma só forma tanto para o masculino como para o feminino. Por exemplo: *homem feliz e mulher feliz*.

Se o adjetivo é composto e uniforme, fica invariável no feminino. Por exemplo: *conflito político-social e desavença político-social.*

Número dos Adjetivos

Plural dos adjetivos simples

Os adjetivos simples flexionam-se no plural de acordo com as regras estabelecidas para a flexão numérica dos substantivos simples. Por exemplo: *mau e maus, feliz e felizes, ruim e ruins boa e boas*

Caso o a*djetivo seja uma palavra que também exerça função de substantivo, ficará invariável,* ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva. Exemplo: a palavra *cinza* é originalmente um substantivo; porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará, então, invariável. Logo: *camisas cinza, ternos cinza.*

Veja outros exemplos:

Motos vinho (mas: *motos verdes*)

Paredes musgo (mas: *paredes brancas*).

Comícios monstro (mas: *comícios grandiosos*).

Adjetivo Composto

É aquele formado por dois ou mais elementos. Normalmente, esses elementos são ligados por hífen. Apenas o último elemento concorda com o substantivo a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular. Caso um dos elementos que formam o adjetivo composto seja um substantivo adjetivado, todo o adjetivo composto ficará invariável. Por exemplo: a palavra *rosa* é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável. Por exemplo:

Camisas rosa-claro.

Ternos rosa-claro.

Olhos verde-claros.

Calças azul-escuras e camisas verde-mar.

Telhados marrom-café e paredes verde-claras.

Obs.: - *Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta* e qualquer adjetivo composto iniciado por *cor-de-...* são sempre invariáveis.

- Os adjetivos compostos s*urdo-mudo e pele-vermelha* têm os dois elementos flexionados.

Grau do Adjetivo

Os adjetivos flexionam-se em grau para indicar a intensidade da qualidade do ser. São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo**.

Comparativo

Nesse grau, comparam-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas ao mesmo ser. O comparativo pode ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Observe os exemplos abaixo:

Sou tão alto como você. = Comparativo de Igualdade

No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como, quanto* ou *quão*.

Sou mais alto (do) que você. = Comparativo de Superioridade Analítico

No comparativo de superioridade analítico, entre os dois substantivos comparados, um tem qualidade superior. A forma é analítica porque pedimos auxílio a "*mais...do que*" ou "*mais...que*".

O Sol é maior (do) que a Terra. = Comparativo de Superioridade Sintético

Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles: *bom /melhor, pequeno/menor, mau/pior, alto/superior, grande/maior, baixo/inferior.*

Observe que:

a) As formas *menor e pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno e mais mau*, respectivamente.

b) *Bom, mau, grande e pequeno* têm formas sintéticas (*melhor, pior, maior e menor)*, porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo elemento, deve-se usar as formas analíticas *mais bom, mais mau,mais grande e mais pequeno*. Por exemplo:

Pedro é maior do que Paulo - Comparação de dois elementos.

Pedro é mais grande que pequeno - comparação de duas qualidades de um mesmo elemento.

Sou menos alto (do) que você. = Comparativo de Inferioridade

Sou menos passivo (do) que tolerante.

Superlativo

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo. O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

Superlativo Absoluto: ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada, sem relação com outros seres. Apresenta-se nas formas:

Analítica: a intensificação se faz com o auxílio de palavras que dão ideia de intensidade (advérbios). Por exemplo: *O secretário é muito inteligente.*

Sintética: a intensificação se faz por meio do acréscimo de sufixos. Por exemplo: *O secretário é inteligentíssimo.*

Observe alguns superlativos sintéticos:

benéfico	beneficentíssimo
bom	boníssimo ou ótimo
comum	comuníssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo

Superlativo Relativo: ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada em relação a um conjunto de seres. Essa relação pode ser:

De Superioridade: *Clara é a mais bela da sala.*

De Inferioridade: *Clara é a menos bela da sala.*

Note bem:

1) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito, extremamente, excepcionalmente,* etc., antepostos ao adjetivo.

2) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas : uma erudita, de origem latina, outra popular, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo, -imo ou érrimo*. Por exemplo: *fidelíssimo, facílimo, paupérrimo.* A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*: pobríssimo, agilíssimo.

3) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo,* preferem-se, na linguagem atual, as formas *seríssimo, precaríssimo, necessaríssimo*, sem o desagradável hiato i-í.

Advérbio

O ***advérbio***, assim como muitas outras palavras existentes na Língua Portuguesa, advém de outras línguas. Assim sendo, tal qual o adjetivo, o prefixo "*ad-*" indica a ideia de proximidade, contiguidade. Essa proximidade faz referência ao processo verbal, no sentido de caracterizá-lo, ou seja, indicando as circunstâncias em que esse processo se desenvolve.

O advérbio relaciona-se aos verbos da língua, no sentido de caracterizar os processos expressos por ele. Contudo, ele não é modificador exclusivo desta classe (verbos), pois também modifica o adjetivo e até outro advérbio. Seguem alguns exemplos:

Para quem se diz distantemente alheio a esse assunto, você está até bem informado.

Temos o advérbio "distantemente" que modifica o adjetivo alheio, representando uma qualidade, característica.

O artista canta muito mal.

Nesse caso, o advérbio de intensidade "muito" modifica outro advérbio de modo – "mal". Em ambos os exemplos pudemos verificar que se tratava de somente uma palavra funcionando como advérbio. No entanto, ele pode estar demarcado por mais de uma palavra, que mesmo assim não deixará de ocupar tal função. Temos aí o que chamamos de locução adverbial, representada por algumas expressões, tais como: *às vezes, sem dúvida, frente a frente, de modo algum,* entre outras.

Dependendo das circunstâncias expressas pelos advérbios, eles se classificam em distintas categorias, uma vez expressas por:

de modo: *Bem, mal, assim, depressa, devagar, às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão*, e a maior parte dos que terminam em -"mente": *calmamente, tristemente, propositadamente, pacientemente, amorosamente, docemente, escandalosamente, bondosamente, generosamente*

de intensidade: *Muito, demais, pouco, tão, menos, em excesso, bastante, pouco, mais, menos, demasiado, quanto, quão, tanto, que*(equivale a quão), *tudo, nada, todo, quase, de todo, de muito, por completo.*

de tempo: *Hoje, logo, primeiro, ontem, tarde outrora, amanhã, cedo, dantes, depois, ainda, antigamente, antes, doravante, nunca, então, ora, jamais, agora, sempre, já, enfim, afinal, breve, constantemente, entrementes, imediatamente, primeiramente, provisoriamente, sucessivamente, às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia*

de lugar: A*qui, antes, dentro, ali, adiante, fora, acolá, atrás, além, lá, detrás, aquém, cá, acima, onde, perto, aí, abaixo, aonde, longe, debaixo, algures, defronte, nenhures, adentro, afora, alhures, nenhures, aquém, embaixo, externamente, a distância, à distancia de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta*

de negação : *Não, nem, nunca, jamais, de modo algum, de forma nenhuma, tampouco, de jeito nenhum*

de dúvida: *Acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez, casualmente, por certo, quem sabe*

de afirmação: *Sim, certamente, realmente, decerto, efetivamente, certo, decididamente, realmente, deveras, indubitavelmente (=sem dúvida).*

de exclusão: *Apenas, exclusivamente, salvo, senão, somente, simplesmente, só, unicamente*

de inclusão: *Ainda, até, mesmo, inclusivamente, também*

de ordem: *Depois, primeiramente, ultimamente*

de designação: *Eis*

de interrogação: onde? *(lugar), como? (modo), quando? (tempo), por quê? (causa), quanto? (preço e intensidade), para quê? (finalidade)*

Locução adverbial

É reunião de duas ou mais palavras com valor de advérbio. Exemplo:

Carlos saiu às pressas. (indicando modo)

Maria saiu à tarde. (indicando tempo)

Há locuções adverbiais que possuem advérbios correspondentes. Exemplo: *Carlos saiu às pressas. = Carlos saiu apressadamente.*

Apenas os advérbios de intensidade, de lugar e de modo são flexionados, sendo que os demais são todos invariáveis. A única flexão propriamente dita que existe na categoria dos advérbios é a de grau:

Superlativo: aumenta a intensidade. Exemplos: l*onge - longíssimo, pouco - pouquíssimo, inconstitucionalmente - inconstitucionalissimamente*, etc.;

Diminutivo: diminui a intensidade. Exemplos: *perto - pertinho, pouco - pouquinho, devagar - devagarinho.*

Artigo

Artigo é a palavra que, vindo antes de um substantivo, indica se ele está sendo empregado de maneira definida ou indefinida. Além disso, o artigo indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Classificação dos Artigos

Artigos Definidos: determinam os substantivos de maneira precisa: *o, a, os, as*. Por exemplo: *Eu matei o animal*.

Artigos Indefinidos: determinam os substantivos de maneira vaga: *um, uma, uns, umas*. Por exemplo: *Eu matei um animal*.

Combinação dos Artigos

É muito presente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. Veja a forma assumida por essas combinações:

Preposições	***Artigos***	
	o, os	
a	ao, aos	
de	do, dos	
em	no, nos	
por (per)	pelo, pelos	
a, as	um, uns	uma, umas
à, às	-	-
da, das	dum, duns	duma, dumas
na, nas	num, nuns	numa, numas
pela, pelas	-	-

- As formas *à* e *às* indicam a fusão da preposição *a* com o artigo definido *a*. Essa fusão de vogais idênticas é conhecida por *crase*.

Constatemos as circunstâncias em que os artigos se manifestam

- Considera-se obrigatório o uso do artigo depois do numeral "ambos": *Ambos os garotos decidiram participar das olimpíadas.*

- Nomes próprios indicativos de lugar admitem o uso do artigo, outros não: *São Paulo, O Rio de Janeiro, Veneza, A Bahia...*

- Quando indicado no singular, o artigo definido pode indicar toda uma espécie: *O trabalho dignifica o homem.*

- No caso de nomes próprios personativos, denotando a ideia de familiaridade ou afetividade, é facultativo o uso do artigo: *O Pedro é o xodó da família.*

- No caso de os nomes próprios personativos estarem no plural, são determinados pelo uso do artigo: *Os Maias, os Incas, Os Astecas...*

- Usa-se o artigo depois do pronome indefinido todo(a) para conferir uma ideia de totalidade. Sem o uso dele (o artigo), o pronome assume a noção de qualquer.

Toda a classe parabenizou o professor. (a sala toda)

Toda classe possui alunos interessados e desinteressados. (qualquer classe)

- Antes de pronomes possessivos, o uso do artigo é facultativo:

Adoro o meu vestido longo. Adoro meu vestido longo.

- A utilização do artigo indefinido pode indicar uma ideia de aproximação numérica: *O máximo que ele deve ter é uns vinte anos.*

- O artigo também é usado para substantivar palavras oriundas de outras classes gramaticais: *Não sei o porquê de tudo isso.*

- Nunca deve ser usado artigo depois do pronome relativo cujo (e flexões).

Este é o homem cujo amigo desapareceu.

Este é o autor cuja obra conheço.

- Não se deve usar artigo antes das palavras casa (no sentido de lar, moradia) e terra (no sentido de chão firme), a menos que venham especificadas.

Eles estavam em casa.

Eles estavam na casa dos amigos.

Os marinheiros permaneceram em terra.

Os marinheiros permanecem na terra dos anões.

- Não se emprega artigo antes dos pronomes de tratamento, com exceção de senhor(a), senhorita e dona: *Vossa excelência resolverá os problemas de Sua Senhoria.*

- Não se une com preposição o artigo que faz parte do nome de revistas, jornais, obras literárias: *Li a notícia em O Estado de S. Paulo.*

Morfossintaxe

Para definir o que é artigo é preciso mencionar suas relações com o substantivo. Assim, nas orações da língua portuguesa, o artigo exerce a função de adjunto adnominal do substantivo a que se refere. Tal função independe da função exercida pelo substantivo:

A existência é uma poesia.

Uma existência é a poesia.

Conjunção

Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração. Por exemplo:

A menina segurou a boneca e mostrou quando viu as amiguinhas.

Deste exemplo podem ser retiradas três informações:
1-) *segurou a boneca*
2-) *a menina mostrou*
3-) *viu as amiguinhas*

Cada informação está estruturada em torno de um verbo: *segurou, mostrou, viu*. Assim, há nessa frase três orações:
1ª oração: *A menina segurou a boneca* 2ª oração: *e mostrou* 3ª oração: *quando viu as amiguinhas.*
A segunda oração liga-se à primeira por meio do "e", e a terceira oração liga-se à segunda por meio do "quando". As palavras "e" e "quando" ligam, portanto, orações.
Observe: *Gosto de natação e de futebol.*
Nessa frase as expressões de natação, de futebol são partes ou termos de uma mesma oração. Logo, a palavra "e" está ligando termos de uma mesma oração.

Morfossintaxe da Conjunção

As conjunções, a exemplo das preposições, não exercem propriamente uma função sintática: são conectivos.
Classificação
- *Conjunções Coordenativas*
- *Conjunções Subordinativas*

Conjunções coordenativas

Dividem-se em:
- ADITIVAS: expressam a ideia de adição, soma. Ex. *Gosto de cantar e de dançar.*
Principais conjunções aditivas: *e, nem, não só...mas também, não só...como também.*

- ADVERSATIVAS: Expressam ideias contrárias, de oposição, de compensação. Ex. *Estudei, mas não entendi nada.*
Principais conjunções adversativas: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto.*

- ALTERNATIVAS: Expressam ideia de alternância.
Ou você sai do telefone ou eu vendo o aparelho.
Principais conjunções alternativas: *Ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já.*
- CONCLUSIVAS: Servem para dar conclusões às orações. Ex. *Estudei muito, por isso mereço passar.*
Principais conjunções conclusivas: *logo, por isso, pois* (depois do verbo), *portanto, por conseguinte, assim.*

- EXPLICATIVAS: Explicam, dão um motivo ou razão. Ex. *É melhor colocar o casaco porque está fazendo muito frio lá fora.*
Principais conjunções explicativas: *que, porque, pois* (antes do verbo), *porquanto.*

Conjunções subordinativas

- CAUSAIS
Principais conjunções causais: *porque, visto que, já que, uma vez que, como* (= porque).
Ele não fez o trabalho porque não tem livro.

- COMPARATIVAS
Principais conjunções comparativas: *que, do que, tão... como, mais...do que, menos...do que.*
Ela fala mais que um papagaio.

- CONCESSIVAS
Principais conjunções concessivas: *embora, ainda que, mesmo que, apesar de, se bem que.*
Indicam uma concessão, admitem uma contradição, um fato inesperado. Traz em si uma ideia de "apesar de".
Embora estivesse cansada, fui ao shopping. (= apesar de estar cansada)
Apesar de ter chovido fui ao cinema.

- CONFORMATIVAS
Principais conjunções conformativas: *como, segundo, conforme, consoante*
Cada um colhe conforme semeia.
Expressam uma ideia de acordo, concordância, conformidade.

- CONSECUTIVAS
Expressam uma ideia de consequência.
Principais conjunções consecutivas: *que* (após "tal", "tanto", "tão", "tamanho").
Falou tanto que ficou rouco.

- FINAIS
Expressam ideia de finalidade, objetivo.
Todos trabalham para que possam sobreviver.
Principais conjunções finais: *para que, a fim de que, porque* (=para que),

- PROPORCIONAIS
Principais conjunções proporcionais: *à medida que, quanto mais, ao passo que, à proporção que.*
À medida que as horas passavam, mais sono ele tinha.

- TEMPORAIS
Principais conjunções temporais: *quando, enquanto, logo que.*
Quando eu sair, vou passar na locadora.

Diferença entre orações causais e explicativas

Quando estudamos Orações Subordinadas Adverbiais (OSA) e Coordenadas Sindéticas (CS), geralmente nos deparamos com a dúvida de como distinguir uma oração causal de uma explicativa. Veja os exemplos:
1º) Na frase "*Não atravesse a rua, porque você pode ser atropelado*":
a) Temos uma CS Explicativa, que indica uma justificativa ou uma explicação do fato expresso na oração anterior.
b) As orações são coordenadas e, por isso, independentes uma da outra. Neste caso, há uma pausa entre as orações que vêm marcadas por vírgula.
Não atravesse a rua. Você pode ser atropelado.

NOVA CONCURSOS

Outra dica é, quando a oração que antecede a OC (Oração Coordenada) vier com verbo no modo imperativo, ela será explicativa.

Façam silêncio, que estou falando. (façam= verbo imperativo)

2º) Na frase "*Precisavam enterrar os mortos em outra cidade porque não havia cemitério no local*."

a) Temos uma OSA Causal, já que a oração subordinada (parte destacada) mostra a causa da ação expressa pelo verbo da oração principal. Outra forma de reconhecê-la é colocá-la no início do período, introduzida pela conjunção *como* - o que não ocorre com a CS Explicativa.

Como não havia cemitério no local, precisavam enterrar os mortos em outra cidade.

b) As orações são subordinadas e, por isso, totalmente dependentes uma da outra.

Interjeição

Interjeição é a palavra invariável que exprime emoções, sensações, estados de espírito, ou que procura agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar certo comportamento sem que, para isso, seja necessário fazer uso de estruturas linguísticas mais elaboradas. Observe o exemplo:

Droga! Preste atenção quando eu estou falando!

No exemplo acima, o interlocutor está muito bravo. Toda sua raiva se traduz numa palavra: *Droga!* Ele poderia ter dito: - *Estou com muita raiva de você!* Mas usou simplesmente uma palavra. Ele empregou a interjeição *Droga!*

As sentenças da língua costumam se organizar de forma lógica: há uma sintaxe que estrutura seus elementos e os distribui em posições adequadas a cada um deles. As interjeições, por outro lado, são uma espécie de "palavra-frase", ou seja, há uma ideia expressa por uma palavra (ou um conjunto de palavras - locução interjetiva) que poderia ser colocada em termos de uma sentença. Veja os exemplos:

Bravo! Bis!

bravo e bis: interjeição = sentença (sugestão): *"Foi muito bom! Repitam!"*

Ai! Ai! Ai! Machuquei meu pé... ai: interjeição = sentença (sugestão): *"Isso está doendo!"* ou "*Estou com dor!"*

A interjeição é um recurso da linguagem afetiva, em que não há uma ideia organizada de maneira lógica, como são as sentenças da língua, mas sim a manifestação de um suspiro, um estado da alma decorrente de uma situação particular, um momento ou um contexto específico. Exemplos:

Ah, como eu queria voltar a ser criança!

ah: expressão de um estado emotivo = interjeição

Hum! Esse pudim estava maravilhoso!

hum: expressão de um pensamento súbito = interjeição

O significado das interjeições está vinculado à maneira como elas são proferidas. Desse modo, o tom da fala é que dita o sentido que a expressão vai adquirir em cada contexto de enunciação. Exemplos:

Psiu! = contexto: alguém pronunciando essa expressão na rua; significado da interjeição (sugestão): *"Estou te chamando! Ei, espere!"*

Psiu! = contexto: alguém pronunciando essa expressão em um hospital; significado da interjeição (sugestão): *"Por favor, faça silêncio!"*

Puxa! Ganhei o maior prêmio do sorteio!

puxa: interjeição; tom da fala: euforia

Puxa! Hoje não foi meu dia de sorte!

puxa: interjeição; tom da fala: decepção

As interjeições cumprem, normalmente, duas funções:

1) Sintetizar uma frase exclamativa, exprimindo alegria, tristeza, dor, etc.

Você faz o que no Brasil?

Eu? Eu negocio com madeiras.

Ah, deve ser muito interessante.

2) Sintetizar uma frase apelativa

Cuidado! Saia da minha frente.

As interjeições podem ser formadas por:

- simples sons vocálicos: *Oh!, Ah!, Ó, Ô.*
- palavras: *Oba!, Olá!, Claro!*
- grupos de palavras (locuções interjetivas): *Meu Deus!, Ora bolas!*

A ideia expressa pela interjeição depende muitas vezes da entonação com que é pronunciada; por isso, pode ocorrer que uma interjeição tenha mais de um sentido. Por exemplo:

Oh! Que surpresa desagradável! (ideia de contrariedade)

Oh! Que bom te encontrar. (ideia de alegria)

Classificação das Interjeições

Comumente, as interjeições expressam sentido de:

- Advertência: *Cuidado!, Devagar!, Calma!, Sentido!, Atenção!, Olha!, Alerta!*
- Afugentamento: *Fora!, Passa!, Rua!, Xô!*
- Alegria ou Satisfação: *Oh!, Ah!,Eh!, Oba!, Viva!*
- Alívio: *Arre!, Uf!, Ufa! Ah!*
- Animação ou Estímulo: *Vamos!, Força!, Coragem!, Eia!, Ânimo!, Adiante!, Firme!, Toca!*
- Aplauso ou Aprovação: *Bravo!, Bis!, Apoiado!, Viva!, Boa!*
- Concordância: *Claro!, Sim!, Pois não!, Tá!, Hã-hã!*
- Repulsa ou Desaprovação: *Credo!, Irra!, Ih!, Livra!, Safa!, Fora!, Abaixo!, Francamente!, Xi!, Chega!, Basta!, Ora!*
- Desejo ou Intenção: *Oh!, Pudera!, Tomara!, Oxalá!*
- Desculpa: *Perdão!*
- Dor ou Tristeza: *Ai!, Ui!, Ai de mim!, Que pena!, Ah!, Oh!, Eh!*
- Dúvida ou Incredulidade: *Qual!, Qual o quê!, Hum!, Epa!, Ora!*
- Espanto ou Admiração: *Oh!, Ah!, Uai!, Puxa!, Céus!, Quê!, Caramba!, Opa!, Virgem!, Vixe!, Nossa!, Hem?!, Hein?, Cruz!, Putz!*

- Impaciência ou Contrariedade: *Hum!, Hem!, Irra!, Raios!, Diabo!, Puxa!, Pô!, Ora!*
- Pedido de Auxílio: *Socorro!, Aqui!, Piedade!*
- Saudação, Chamamento ou Invocação: *Salve!, Viva!, Adeus!, Olá!, Alô!, Ei!, Tchau!, Ô, Ó, Psiu!, Socorro!, Valha-me, Deus!*
- Silêncio: *Psiu!, Bico!, Silêncio!*
- Terror ou Medo: *Credo!, Cruzes!, Uh!, Ui!, Oh!*

Saiba que: As interjeições são palavras invariáveis, isto é, não sofrem variação em gênero, número e grau como os nomes, nem de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em uso específico, algumas interjeições sofrem variação em grau. Deve-se ter claro, neste caso, que não se trata de um processo natural dessa classe de palavra, mas tão só uma variação que a linguagem afetiva permite. Exemplos: *oizinho, bravíssimo, até loguinho.*

Locução Interjetiva

Ocorre quando duas ou mais palavras formam uma expressão com sentido de interjeição. Por exemplo : *Ora bolas! Quem me dera! Virgem Maria! Meu Deus! Ó de casa! Ai de mim! Valha-me Deus! Graças a Deus! Alto lá! Muito bem!*

Observações:

- As interjeições são como frases resumidas, sintéticas. Por exemplo: *Ué! = Eu não esperava por essa!, Perdão! = Peço-lhe que me desculpe.*

- Além do contexto, o que caracteriza a interjeição é o seu tom exclamativo; por isso, palavras de outras classes gramaticais podem aparecer como interjeições.

Viva! Basta! (Verbos)
Fora! Francamente! (Advérbios)

- A interjeição pode ser considerada uma "palavra-frase" porque sozinha pode constituir uma mensagem. Ex.: *Socorro!, Ajudem-me!, Silêncio!, Fique quieto!*

- Há, também, as interjeições onomatopaicas ou imitativas, que exprimem ruídos e vozes. Ex.: *Pum! Miau! Bumba! Zás! Plaft! Pof! Catapimba! Tique-taque! Quá-quá-quá!*, etc.
- Não se deve confundir a interjeição de apelo "ó" com a sua homônima "oh!", que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se uma pausa depois do" oh!" exclamativo e não a fazemos depois do "ó" vocativo.

"Ó natureza! ó mãe piedosa e pura!" (Olavo Bilac)
Oh! a jornada negra!" (Olavo Bilac)

- Na linguagem afetiva, certas interjeições, originadas de palavras de outras classes, podem aparecer flexionadas no diminutivo ou no superlativo: *Calminha! Adeusinho! Obrigadinho!*

Interjeições, leitura e produção de textos

Usadas com muita frequência na língua falada informal, quando empregadas na língua escrita, as interjeições costumam conferir-lhe certo tom inconfundível de coloquialidade. Além disso, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do falante - como a escassez de vocabulário, o temperamento agressivo ou dócil, até mesmo a origem geográfica. É nos textos narrativos - particularmente nos diálogos - que comumente se faz uso das interjeições com o objetivo de caracterizar personagens e, também, graças à sua natureza sintética, agilizar as falas. Natureza sintética e conteúdo mais emocional do que racional fazem das interjeições presença constante nos textos publicitários.

Fonte:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf89.php

Numeral

Numeral é a palavra que indica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou os situa em determinada sequência.

Os quatro últimos ingressos foram vendidos há pouco.
[quatro: numeral = atributo numérico de "ingresso"]

Eu quero café duplo, e você?
...[duplo: numeral = atributo numérico de "café"]

A primeira pessoa da fila pode entrar, por favor!
...[primeira: numeral = situa o ser "pessoa" na sequência de "fila"]

Note bem: os numerais traduzem, em palavras, o que os números indicam em relação aos seres. Assim, quando a expressão é colocada em números (1, 1°, 1/3, etc.) não se trata de numerais, mas sim de algarismos.

Além dos numerais mais conhecidos, já que refletem a ideia expressa pelos números, existem mais algumas palavras consideradas numerais porque denotam quantidade, proporção ou ordenação. São alguns exemplos: *década, dúzia, par, ambos(as), novena.*

Classificação dos Numerais

Cardinais: indicam contagem, medida. É o número básico: *um, dois, cem mil*, etc.

Ordinais: indicam a ordem ou lugar do ser numa série dada: *primeiro, segundo, centésimo,* etc.

Fracionários: indicam parte de um inteiro, ou seja, a divisão dos seres: *meio, terço, dois quintos,* etc.

Multiplicativos: expressam ideia de multiplicação dos seres, indicando quantas vezes a quantidade foi aumentada: *dobro, triplo, quíntuplo,* etc.

NOVA CONCURSOS

Leitura dos Numerais

Separando os números em centenas, de trás para frente, obtêm-se conjuntos numéricos, em forma de centenas e, no início, também de dezenas ou unidades. Entre esses conjuntos usa-se vírgula; as unidades ligam-se pela conjunção "e".

1.203.726 = um milhão, duzentos e três mil, setecentos e vinte e seis.

45.520 = quarenta e cinco mil, quinhentos e vinte.

Flexão dos numerais

Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas; quatrocentos/quatrocentas*, etc. Cardinais como milhão, bilhão, trilhão, variam em número: *milhões, bilhões, trilhões*. Os demais cardinais são invariáveis.

Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	*segundo*	*milésimo*
primeira	*segunda*	*milésima*
primeiros	*segundos*	*milésimos*
primeiras	*segundas*	*milésimas*

Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas: *Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.*

Quando atuam em funções adjetivas, esses numerais flexionam-se em gênero e número: *Teve de tomar doses triplas do medicamento.*

Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número. Observe: *um terço/dois terços, uma terça parte/duas terças partes*

Os numerais coletivos flexionam-se em número: *uma dúzia, um milheiro, duas dúzias, dois milheiros.*

É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:

"Me empresta duzentinho..."

É artigo de primeiríssima qualidade!

O time está arriscado por ter caído na segundona. (= segunda divisão de futebol)

Emprego dos Numerais

*Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, utilizam-se os ordinais até décimo e a partir daí os cardinais, desde que o numeral venha depois do substantivo:

Ordinais	**Cardinais**
João Paulo II (segundo)	*Tomo XV (quinze)*
D. Pedro II (segundo)	*Luís XVI (dezesseis)*
Ato II (segundo)	*Capítulo XX (vinte)*
Século VIII (oitavo)	*Século XX (vinte)*
Canto IX (nono)	*João XXIII (vinte e três)*

*Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.° (primeiro)	*Artigo 10 (dez)*
Artigo 9.° (nono)	*Artigo 21 (vinte e um)*

*Ambos/ambas são considerados numerais. Significam "um e outro", "os dois" (ou "uma e outra", "as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres aos quais já se fez referência.

Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. Ambos agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Obs.: a forma "ambos os dois" é considerada enfática. Atualmente, seu uso indica afetação, artificialismo.

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
um	primeiro	-	-
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	-	onze avos
doze	décimo segundo	-	doze avos
treze	décimo terceiro	-	treze avos
catorze	décimo quarto	-	catorze avos
quinze	décimo quinto	-	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	-	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	-	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	-	dezoito avos
dezenove	décimo nono	-	dezenove avos
vinte	vigésimo	-	vinte avos
trinta	trigésimo	-	trinta avos
quarenta	quadragésimo	-	quarenta avos
cinqüenta	quinquagésimo	-	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	-	sessenta avos
setenta	septuagésimo	-	setenta avos
oitenta	octogésimo	-	oitenta avos
noventa	nonagésimo	-	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	-	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	-	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	-	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	-	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	-	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	-	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	-	octingentésimo
novecentos	nongentésimo ou noningentésimo	-	nongentésimo
mil	milésimo	-	milésimo
milhão	milionésimo	-	milionésimo
bilhão	bilionésimo	-	bilionésimo

Preposição

Preposição é uma palavra invariável que serve para ligar termos ou orações. Quando esta ligação acontece, normalmente há uma subordinação do segundo termo em relação ao primeiro. As preposições são muito importantes na estrutura da língua, pois estabelecem a coesão textual e possuem valores semânticos indispensáveis para a compreensão do texto.

Tipos de Preposição

1. **Preposições essenciais:** palavras que atuam exclusivamente como preposições: *a, ante, perante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, sem, sob, sobre, trás, atrás de, dentro de, para com.*

2. **Preposições acidentais**: palavras de outras classes gramaticais que podem atuar como preposições: *como, durante, exceto, fora, mediante, salvo, segundo, senão, visto*.

3. **Locuções prepositivas:** duas ou mais palavras valendo como uma preposição, sendo que a última palavra é uma delas: *abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com, em cima de, embaixo de, em frente a, ao redor de, graças a, junto a, com, perto de, por causa de, por cima de, por trás de.*

A preposição, como já foi dito, é invariável. No entanto pode unir-se a outras palavras e assim estabelecer concordância em gênero ou em número. Ex: *por + o = pelo por + a = pela.*

Vale ressaltar que essa concordância não é característica da preposição, mas das palavras às quais ela se une.

Esse processo de junção de uma preposição com outra palavra pode se dar a partir de dois processos:

1. Combinação: A preposição não sofre alteração.
preposição a + artigos definidos o, os
a + o = ao
preposição a + advérbio onde
a + onde = aonde
2. Contração: Quando a preposição sofre alteração.

Preposição + Artigos
De + o(s) = do(s)
De + a(s) = da(s)
De + um = dum
De + uns = duns
De + uma = duma
De + umas = dumas
Em + o(s) = no(s)
Em + a(s) = na(s)
Em + um = num
Em + uma = numa
Em + uns = nuns
Em + umas = numas
A + à(s) = à(s)
Por + o = pelo(s)
Por + a = pela(s)

Preposição + Pronomes
De + ele(s) = dele(s)
De + ela(s) = dela(s)
De + este(s) = deste(s)
De + esta(s) = desta(s)
De + esse(s) = desse(s)
De + essa(s) = dessa(s)
De + aquele(s) = daquele(s)
De + aquela(s) = daquela(s)
De + isto = disto
De + isso = disso
De + aquilo = daquilo
De + aqui = daqui
De + aí = daí
De + ali = dali
De + outro = doutro(s)
De + outra = doutra(s)
Em + este(s) = neste(s)
Em + esta(s) = nesta(s)
Em + esse(s) = nesse(s)
Em + aquele(s) = naquele(s)
Em + aquela(s) = naquela(s)
Em + isto = nisto
Em + isso = nisso
Em + aquilo = naquilo
A + aquele(s) = àquele(s)
A + aquela(s) = àquela(s)
A + aquilo = àquilo

Dicas sobre preposição

1. O "a" pode funcionar como preposição, pronome pessoal oblíquo e artigo. Como distingui-los? Caso o "a" seja um artigo, virá precedendo um substantivo. Ele servirá para determiná-lo como um substantivo singular e feminino.
A dona da casa não quis nos atender.
Como posso fazer a Joana concordar comigo?

- Quando é preposição, além de ser invariável, liga dois termos e estabelece relação de subordinação entre eles.
Cheguei a sua casa ontem pela manhã.
Não queria, mas vou ter que ir à outra cidade para procurar um tratamento adequado.

- Se for pronome pessoal oblíquo estará ocupando o lugar e/ou a função de um substantivo.
*Temos Maria como parte da família. / Nós **a** temos como parte da família*
Creio que conhecemos nossa mãe melhor que ninguém. / Creio que a conhecemos melhor que ninguém.

2. Algumas relações semânticas estabelecidas por meio das preposições:
Destino = *Irei para casa.*
Modo = *Chegou em casa aos gritos.*
Lugar = *Vou ficar em casa;*
Assunto = *Escrevi um artigo sobre adolescência.*
Tempo = *A prova vai começar em dois minutos.*
Causa = *Ela faleceu de derrame cerebral.*
Fim ou finalidade = *Vou ao médico para começar o tratamento.*
Instrumento = *Escreveu a lápis.*
Posse = *Não posso doar as roupas da mamãe.*
Autoria = *Esse livro de Machado de Assis é muito bom.*
Companhia = *Estarei com ele amanhã.*
Matéria = *Farei um cartão de papel reciclado.*
Meio = *Nós vamos fazer um passeio de barco.*
Origem = *Nós somos do Nordeste, e você?*
Conteúdo = *Quebrei dois frascos de perfume.*
Oposição = *Esse movimento é contra o que eu penso.*
Preço = *Essa roupa sai por R$ 50 à vista.*

Fonte:
http://www.infoescola.com/portugues/preposicao/

Pronome

Pronome é a palavra que se usa em lugar do nome, ou a ele se refere, ou que acompanha o nome, qualificando-o de alguma forma.

A moça era mesmo bonita. Ela morava nos meus sonhos!
[substituição do nome]

A moça que morava nos meus sonhos era mesmo bonita!
[referência ao nome]

Essa moça morava nos meus sonhos!
[qualificação do nome]

Grande parte dos pronomes não possuem significados fixos, isto é, essas palavras só adquirem significação dentro de um contexto, o qual nos permite recuperar a referência exata daquilo que está sendo colocado por meio dos pronomes no ato da comunicação. Com exceção dos pronomes interrogativos e indefinidos, os demais pronomes têm por função principal apontar para as pessoas do discurso ou a elas se relacionar, indicando-lhes sua situação no tempo ou no espaço. Em virtude dessa característica, os pronomes apresentam uma forma específica para cada pessoa do discurso.

Minha carteira estava vazia quando eu fui assaltada.
[minha/eu: pronomes de 1ª pessoa = aquele que fala]

Tua carteira estava vazia quando tu foste assaltada?
[tua/tu: pronomes de 2ª pessoa = aquele a quem se fala]

A carteira dela estava vazia quando ela foi assaltada.
[dela/ela: pronomes de 3ª pessoa = aquele de quem se fala]

Em termos morfológicos, os pronomes são palavras variáveis em gênero (masculino ou feminino) e em número (singular ou plural). Assim, espera-se que a referência através do pronome seja coerente em termos de gênero e número (fenômeno da concordância) com o seu objeto, mesmo quando este se apresenta ausente no enunciado.

Fala-se de Roberta. Ele quer participar do desfile da nossa escola neste ano.
[nossa: pronome que qualifica "escola" = concordância adequada]
[neste: pronome que determina "ano" = concordância adequada]
[ele: pronome que faz referência à "Roberta" = concordância inadequada]
Existem seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos.

Pronomes Pessoais

São aqueles que substituem os substantivos, indicando diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes "eu" ou "nós", usa os pronomes "tu", "vós", "você" ou "vocês" para designar a quem se dirige e "ele", "ela", "eles" ou "elas" para fazer referência à pessoa ou às pessoas de quem fala.
Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, podendo ser do caso reto ou do caso oblíquo.

Pronome Reto

Pronome pessoal do caso reto é aquele que, na sentença, exerce a função de sujeito ou predicativo do sujeito.
Nós lhe ofertamos flores.

Os pronomes retos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão, uma vez que marca a pessoa do discurso. Dessa forma, o quadro dos pronomes retos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular: eu
- 2ª pessoa do singular: tu
- 3ª pessoa do singular: ele, ela
- 1ª pessoa do plural: nós
- 2ª pessoa do plural: vós
- 3ª pessoa do plural: eles, elas

Atenção: esses pronomes não costumam ser usados como complementos verbais na língua-padrão. Frases como *"Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui"*, comuns na língua oral cotidiana, devem ser evitadas na língua formal escrita ou falada. Na língua formal, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: *"Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".*

Obs.: frequentemente observamos a omissão do pronome reto em Língua Portuguesa. Isso se dá porque as próprias formas verbais marcam, através de suas desinências, as pessoas do verbo indicadas pelo pronome reto: *Fizemos boa viagem*. (Nós)

Pronome Oblíquo

Pronome pessoal do caso oblíquo é aquele que, na sentença, exerce a função de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal.
Ofertaram-nos flores. (objeto indireto)

Obs.: em verdade, o pronome oblíquo é uma forma variante do pronome pessoal do caso reto. Essa variação indica a função diversa que eles desempenham na oração: pronome reto marca o sujeito da oração; pronome oblíquo marca o complemento da oração.
Os pronomes oblíquos sofrem variação de acordo com a acentuação tônica que possuem, podendo ser átonos ou tônicos.

Pronome Oblíquo Átono

São chamados átonos os pronomes oblíquos que não são precedidos de preposição. Possuem acentuação tônica fraca: *Ele me deu um presente.*
O quadro dos pronomes oblíquos átonos é assim configurado:
- 1ª pessoa do singular (eu): me
- 2ª pessoa do singular (tu): te
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): o, a, lhe
- 1ª pessoa do plural (nós): nos
- 2ª pessoa do plural (vós): vos
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): os, as, lhes

NOVA CONCURSOS

Observações:

O "lhe" é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome "o" ou "a" e preposição "a" ou "para". Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome "lhe" exerce sempre a função de objeto indireto na oração.

Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem tanto ser objetos diretos como objetos indiretos.

Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos.

Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as,* dando origem a formas como *mo, mos , ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas; no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las*. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

- Trouxeste o pacote?
- Sim, entreguei-to ainda há pouco.
- Não contaram a novidade a vocês?
- Não, no-la contaram.

No português do Brasil, essas combinações não são usadas; até mesmo na língua literária atual, seu emprego é muito raro.

Atenção: Os pronomes *o, os, a, as* assumem formas especiais depois de certas terminações verbais. Quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida. Por exemplo:

fiz + o = fi-lo
fazeis + o = fazei-lo
dizer + a = dizê-la

Quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*. Por exemplo:

viram + o: viram-no
repõe + os = repõe-nos
retém + a: retém-na
tem + as = tem-nas

Pronome Oblíquo Tônico

Os pronomes oblíquos tônicos são sempre precedidos por preposições, em geral as preposições *a, para, de* e *com*. Por esse motivo, os pronomes tônicos exercem a função de objeto indireto da oração. Possuem acentuação tônica forte.

O quadro dos pronomes oblíquos tônicos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): mim, comigo
- 2ª pessoa do singular (tu): ti, contigo
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): ele, ela
- 1ª pessoa do plural (nós): nós, conosco
- 2ª pessoa do plural (vós): vós, convosco
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): eles, elas

Observe que as únicas formas próprias do pronome tônico são a primeira pessoa (mim) e segunda pessoa (ti). As demais repetem a forma do pronome pessoal do caso reto.

- As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronome do caso reto. Nos contextos interlocutivos que exigem o uso da língua formal, os pronomes costumam ser usados desta forma:

Não há mais nada entre mim e ti.
Não se comprovou qualquer ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não vá sem mim.

Atenção: Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, serve para introduzir uma oração cujo verbo está no infinitivo. Nesses casos, o verbo pode ter sujeito expresso; se esse sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto.

Trouxeram vários vestidos para eu experimentar.
Não vá sem eu mandar.

- A combinação da preposição "com" e alguns pronomes originou as formas especiais *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*. Tais pronomes oblíquos tônicos frequentemente exercem a função de adjunto adverbial de companhia.

Ele carregava o documento consigo.

- As formas "conosco" e "convosco" são substituídas por "com nós" e "com vós" quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral.

Você terá de viajar com nós todos.
Estávamos com vós outros quando chegaram as más notícias.
Ele disse que iria com nós três.

Pronome Reflexivo

São pronomes pessoais oblíquos que, embora funcionem como objetos direto ou indireto, referem-se ao sujeito da oração. Indicam que o sujeito pratica e recebe a ação expressa pelo verbo.

O quadro dos pronomes reflexivos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): me, mim.
Eu não me vanglorio disso.
Olhei para mim no espelho e não gostei do que vi.

- 2ª pessoa do singular (tu): te, ti.
Assim tu te prejudicas.
Conhece a ti mesmo.

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): se, si, consigo.
Guilherme já se preparou.
Ela deu a si um presente.
Antônio conversou consigo mesmo.

- 1ª pessoa do plural (nós): nos.
Lavamo-nos no rio.

- 2ª pessoa do plural (vós): vos.
Vós vos beneficiastes com a esta conquista.

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): se, si, consigo.
Eles se conheceram.
Elas deram a si um dia de folga.

A Segunda Pessoa Indireta

A chamada segunda pessoa indireta manifesta-se quando utilizamos pronomes que, apesar de indicarem nosso interlocutor (portanto, a segunda pessoa), utilizam o verbo na terceira pessoa. É o caso dos chamados pronomes de tratamento, que podem ser observados no quadro seguinte:

Pronomes de Tratamento

Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Ema.(s)	cardeais
Vossa Reverendíssima	V. Revma.(s)	sacerdotes e bispos
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	Imperadores
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	V. O.	Deus

Também são pronomes de tratamento *o senhor, a senhora* e *você, vocês*. "O senhor" e "a senhora" são empregados no tratamento cerimonioso; "você" e "vocês", no tratamento familiar. Você e vocês são largamente empregados no português do Brasil; em algumas regiões, a forma tu é de uso frequente; em outras, pouco empregada. Já a forma vós tem uso restrito à linguagem litúrgica, ultraformal ou literária.

Observações:
a) Vossa Excelência X Sua Excelência : os pronomes de tratamento que possuem "Vossa (s)" são empregados em relação à pessoa com quem falamos: *Espero que V. Ex.ª, Senhor Ministro, compareça a este encontro.*

Emprega-se "Sua (s)" quando se fala a respeito da pessoa.
Todos os membros da C.P.I. afirmaram que Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, agiu com propriedade.

- Os pronomes de tratamento representam uma forma indireta de nos dirigirmos aos nossos interlocutores. Ao tratarmos um deputado por Vossa Excelência, por exemplo, estamos nos endereçando à excelência que esse deputado supostamente tem para poder ocupar o cargo que ocupa.

- 3ª pessoa: embora os pronomes de tratamento dirijam-se à 2ª pessoa, **toda a concordância deve ser feita com a 3ª pessoa**. Assim, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa.
Basta que V. Ex.ª cumpra a terça parte das suas promessas, para que seus eleitores lhe fiquem reconhecidos.

- Uniformidade de Tratamento: quando escrevemos ou nos dirigimos a alguém, não é permitido mudar, ao longo do texto, a pessoa do tratamento escolhida inicialmente. Assim, por exemplo, se começamos a chamar alguém de "você", não poderemos usar "te" ou "teu". O uso correto exigirá, ainda, verbo na terceira pessoa.
Quando você vier, eu te abraçarei e enrolar-me-ei nos teus cabelos. (errado)
Quando você vier, eu a abraçarei e enrolar-me-ei nos seus cabelos. (correto)
Quando tu vieres, eu te abraçarei e enrolar-me-ei nos teus cabelos. (correto)

NOVA CONCURSOS

Pronomes Possessivos

São palavras que, ao indicarem a pessoa gramatical (possuidor), acrescentam a ela a ideia de posse de algo (coisa possuída).

Este caderno é meu. (meu = possuidor: 1ª pessoa do singular)

NÚMERO	PESSOA	PRONOME
singular	primeira	meu(s), minha(s)
singular	segunda	teu(s), tua(s)
singular	terceira	seu(s), sua(s)
plural	primeira	nosso(s), nossa(s)
plural	segunda	vosso(s), vossa(s)
plural	terceira	seu(s), sua(s)

Note que: A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere; o gênero e o número concordam com o objeto possuído: *Ele trouxe seu apoio e sua contribuição naquele momento difícil.*

Observações:

1 - A forma "seu" não é um possessivo quando resultar da alteração fonética da palavra senhor: *Muito obrigado, seu José*.

2 - Os pronomes possessivos nem sempre indicam posse. Podem ter outros empregos, como:

a) indicar afetividade: *Não faça isso, minha filha.*

b) indicar cálculo aproximado: *Ele já deve ter seus 40 anos*.

c) atribuir valor indefinido ao substantivo: *Marisa tem lá seus defeitos, mas eu gosto muito dela.*

3- Em frases onde se usam pronomes de tratamento, o pronome possessivo fica na 3ª pessoa: *Vossa Excelência trouxe sua mensagem?*

4- Referindo-se a mais de um substantivo, o possessivo concorda com o mais próximo: *Trouxe-me seus livros e anotações*.

5- Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivo: *Vou seguir-lhe os passos*. (= Vou seguir seus passos.)

Pronomes Demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são utilizados para explicitar a posição de uma certa palavra em relação a outras ou ao contexto. Essa relação pode ocorrer em termos de espaço, no tempo ou discurso.

No espaço:

Compro este carro (aqui). O pronome este indica que o carro está perto da pessoa que fala.

Compro esse carro (aí). O pronome esse indica que o carro está perto da pessoa com quem falo, ou afastado da pessoa que fala.

Compro aquele carro (lá). O pronome aquele diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.

Atenção: em situações de fala direta (tanto ao vivo quanto por meio de correspondência, que é uma modalidade escrita de fala), são particularmente importantes o *este* e o *esse* - o primeiro localiza os seres em relação ao emissor; o segundo, em relação ao destinatário. Trocá-los pode causar ambiguidade.

Dirijo-me a essa universidade com o objetivo de solicitar informações sobre o concurso vestibular. (trata-se da universidade destinatária).

Reafirmamos a disposição desta universidade em participar no próximo Encontro de Jovens. (trata-se da universidade que envia a mensagem).

No tempo:

Este ano está sendo bom para nós. O pronome este se refere ao ano presente.

Esse ano que passou foi razoável. O pronome esse se refere a um passado próximo.

Aquele ano foi terrível para todos. O pronome aquele está se referindo a um passado distante.

- Os pronomes demonstrativos podem ser variáveis ou invariáveis, observe:

Variáveis: *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s)*.

Invariáveis: *isto, isso, aquilo.*

- Também aparecem como pronomes demonstrativos:

- o(s), a(s): quando estiverem antecedendo o "que" e puderem ser substituídos por aquele(s), aquela(s), aquilo.

Não ouvi o que disseste. (Não ouvi aquilo que disseste.)

Essa rua não é a que te indiquei. (Esta rua não é aquela que te indiquei.)

- mesmo(s), mesma(s): *Estas são as mesmas pessoas que o procuraram ontem.*

- próprio(s), própria(s): Os próprios alunos resolveram o problema.

- semelhante(s): *Não compre semelhante livro*.

- tal, tais: *Tal era a solução para o problema.*

Note que:

- Não raro os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior. Por exemplo: *Manuela, essa é que dera em cheio casando com o José Afonso. Desfrutar das belezas brasileiras, isso é que é sorte!*

- O pronome demonstrativo neutro ou pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto: *O casamento seria um desastre. Todos o pressentiam.*

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo fazer, chamado, então, verbo vicário (= que substitui, que faz as vezes de): *Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse.*

- Em frases como a seguinte, *este* se refere à pessoa mencionada em último lugar; *aquele*, à mencionada em primeiro lugar: *O referido deputado e o Dr. Alcides eram amigos íntimos; aquele casado, solteiro este. [ou então: este solteiro, aquele casado]*

- O pronome demonstrativo tal pode ter conotação irônica: *A menina foi a tal que ameaçou o professor?*

- Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no,* etc: *Não acreditei no que estava vendo*. (no = naquilo)

Pronomes Indefinidos

São palavras que se referem à terceira pessoa do discurso, dando-lhe sentido vago (impreciso) ou expressando quantidade indeterminada.

Alguém entrou no jardim e destruiu as mudas recém -plantadas.

Não é difícil perceber que "alguém" indica uma pessoa de quem se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É uma palavra capaz de indicar um ser humano que seguramente existe, mas cuja identidade é desconhecida ou não se quer revelar. Classificam-se em:

- **Pronomes Indefinidos Substantivos**: assumem o lugar do ser ou da quantidade aproximada de seres na frase. São eles: *algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.*

Algo o incomoda?

Quem avisa amigo é.

- **Pronomes Indefinidos Adjetivos**: qualificam um ser expresso na frase, conferindo-lhe a noção de quantidade aproximada. São eles: *cada, certo(s), certa(s).*

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Note que: Ora são pronomes indefinidos substantivos, ora pronomes indefinidos adjetivos:

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias.

Menos palavras e mais ações.

Alguns se contentam pouco.

Os pronomes indefinidos podem ser divididos em variáveis e invariáveis. Observe:

Variáveis = *algum, nenhum, todo, muito, pouco, vário, tanto, outro, quanto, alguma, nenhuma, toda, muita, pouca, vária, tanta, outra, quanta, qualquer, quaisquer, alguns, nenhuns, todos, muitos, poucos, vários, tantos, outros, quantos, algumas, nenhumas, todas, muitas, poucas, várias, tantas, outras, quantas.*

Invariáveis = *alguém, ninguém, outrem, tudo, nada, algo, cada.*

São locuções pronominais indefinidas: *cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra,* etc.

Cada um escolheu o vinho desejado.

Indefinidos Sistemáticos

Ao observar atentamente os pronomes indefinidos, percebemos que existem alguns grupos que criam oposição de sentido. É o caso de: *algum/alguém/algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum/ninguém/nada*, que têm sentido negativo; *todo/tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum/nada*, que indicam uma totalidade negativa; *alguém/ninguém*, que se referem à pessoa, e *algo/nada*, que se referem à coisa; *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essas oposições de sentido são muito importantes na construção de frases e textos coerentes, pois delas muitas vezes dependem a solidez e a consistência dos argumentos expostos. Observe nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados imprimem às afirmações de que fazem parte:

Nada do que tem sido feito produziu qualquer resultado prático.

Certas pessoas conseguem perceber sutilezas: não são pessoas quaisquer.

Pronomes Relativos

São aqueles que representam nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relacionam. Introduzem as orações subordinadas adjetivas.

O racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros.

(afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros = oração subordinada adjetiva).

O pronome relativo "que" refere-se à palavra "sistema" e introduz uma oração subordinada. Diz-se que a palavra "sistema" é antecedente do pronome relativo que.

O antecedente do pronome relativo pode ser o pronome demonstrativo *o, a, os, as*.

Não sei o que você está querendo dizer.

Às vezes, o antecedente do pronome relativo não vem expresso.

Quem casa, quer casa.

Observe:

Pronomes relativos variáveis = *o qual, cujo, quanto, os quais, cujos, quantos, a qual, cuja, quanta, as quais, cujas, quantas*.

Pronomes relativos invariáveis = *quem, que, onde*.

Note que:

- O pronome "que" é o relativo de mais largo emprego, sendo por isso chamado relativo universal. Pode ser substituído por *o qual, a qual, os quais, as quais,* quando seu antecedente for um substantivo.

O trabalho que eu fiz refere-se à corrupção. (= o qual)

A cantora que acabou de se apresentar é péssima. (= a qual)

Os trabalhos que eu fiz referem-se à corrupção. (= os quais)

As cantoras que se apresentaram eram péssimas. (= as quais)

- *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos: por isso, são utilizados didaticamente para verificar se palavras como "que", "quem", "onde" (que podem ter várias classificações) são pronomes relativos. Todos eles são usados com referência à pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições: *Regressando de São Paulo, visitei o sítio de minha tia, o qual me deixou encantado*. (O uso de "que", neste caso, geraria ambiguidade.)

Essas são as conclusões sobre as quais pairam muitas dúvidas? (Não se poderia usar "que" depois de sobre.)

- O relativo "que" às vezes equivale a *o que, coisa que*, e se refere a uma oração: *Não chegou a ser padre, mas deixou de ser poeta, que era a sua vocação natural.*

- O pronome "cujo" não concorda com o seu antecedente, mas com o consequente. Equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais.*

Este é o caderno cujas folhas estão rasgadas.
(antecedente) (consequente)

- "Quanto" é pronome relativo quando tem por antecedente um pronome indefinido: tanto (ou variações) e tudo:

Emprestei tantos quantos foram necessários.
(antecedente)

Ele fez tudo quanto havia falado.
(antecedente)

- O pronome "quem" se refere a pessoas e vem sempre precedido de preposição.

É um professor a quem muito devemos.
(preposição)

- "Onde", como pronome relativo, sempre possui antecedente e só pode ser utilizado na indicação de lugar: *A casa onde morava foi assaltada.*

- Na indicação de tempo, deve-se empregar <u>*quando*</u> ou <u>*em que*</u>.

Sinto saudades da época em que (quando) morávamos no exterior.

- Podem ser utilizadas como pronomes relativos as palavras:

- como (= pelo qual): *Não me parece correto o modo como você agiu semana passada.*

- quando (= em que): *Bons eram os tempos quando podíamos jogar videogame.*

- Os pronomes relativos permitem reunir duas orações numa só frase.

O futebol é um esporte.

O povo gosta muito deste esporte.

O futebol é um esporte de que o povo gosta muito.

- Numa série de orações adjetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo "que": *A sala estava cheia de gente que conversava, (que) ria, (que) fumava.*

<u>***Pronomes Interrogativos***</u>

São usados na formulação de perguntas, sejam elas diretas ou indiretas. Assim como os pronomes indefinidos, referem-se à 3ª pessoa do discurso de modo impreciso. São pronomes interrogativos: que, quem, qual (e variações), quanto (e variações).

Quem fez o almoço?/ Diga-me quem fez o almoço.

Qual das bonecas preferes? / Não sei qual das bonecas preferes.

Quantos passageiros desembarcaram? / Pergunte quantos passageiros desembarcaram.

<u>***Sobre os pronomes***</u>

O pronome pessoal é do caso reto quando tem função de sujeito na frase. O pronome pessoal é do caso oblíquo quando desempenha função de complemento. Vamos entender, primeiramente, como o pronome pessoal surge na frase e que função exerce. Observe as orações:

1. Eu não sei essa matéria, mas ele irá me ajudar.

2. Maria foi embora para casa, pois não sabia se devia lhe ajudar.

Na primeira oração os pronomes pessoais "eu" e "ele" exercem função de sujeito, logo, são pertencentes ao caso reto. Já na segunda oração, observamos o pronome "lhe" exercendo função de complemento, e, consequentemente, é do caso oblíquo.

Os pronomes pessoais indicam as pessoas do discurso, o pronome oblíquo "lhe", da segunda oração, aponta para a segunda pessoa do singular (tu/você): *Maria não sabia se devia ajudar....* Ajudar quem? Você (lhe).

Importante: Em observação à segunda oração, o emprego do pronome oblíquo "lhe" é justificado antes do verbo intransitivo "ajudar" porque o pronome oblíquo pode estar antes, depois ou entre locução verbal, caso o verbo principal (no caso "ajudar") esteja no infinitivo ou gerúndio.

Eu desejo lhe perguntar algo.

Eu estou perguntando-lhe algo.

Os pronomes pessoais oblíquos podem ser átonos ou tônicos: os primeiros não são precedidos de preposição, diferentemente dos segundos que são sempre precedidos de preposição.

- Pronome oblíquo átono: *Joana me perguntou o que eu estava fazendo.*

- Pronome oblíquo tônico: *Joana perguntou para mim o que eu estava fazendo.*

Colocação Pronominal

A ***colocação pronominal*** é a posição que os pronomes pessoais oblíquos átonos ocupam na frase em relação ao verbo a que se referem. São pronomes oblíquos átonos: *me, te, se, o, os, a, as, lhe, lhes, nos* e *vos*.

O pronome oblíquo átono pode assumir três posições na oração em relação ao verbo:

1. *próclise*: pronome antes do verbo
2. *ênclise*: pronome depois do verbo
3. *mesóclise:* pronome no meio do verbo

Próclise

A próclise é aplicada antes do verbo quando temos:

- Palavras com sentido negativo:

Nada me faz querer sair dessa cama.
Não se trata de nenhuma novidade.

- Advérbios:

Nesta casa se fala alemão.
Naquele dia me falaram que a professora não veio.

- Pronomes relativos:

A aluna que me mostrou a tarefa não veio hoje.
Não vou deixar de estudar os conteúdos que me falaram.

- Pronomes indefinidos:

Quem me disse isso?
Todos se comoveram durante o discurso de despedida.

- Pronomes demonstrativos:

Isso me deixa muito feliz!
Aquilo me incentivou a mudar de atitude!

- Preposição seguida de gerúndio:

Em se tratando de qualidade, o Brasil Escola é o site mais indicado à pesquisa escolar.

- Conjunção subordinativa:

Vamos estabelecer critérios, conforme lhe avisaram.

Ênclise

A ênclise é empregada depois do verbo. A norma culta não aceita orações iniciadas com pronomes oblíquos átonos. A ênclise vai acontecer quando:

- O verbo estiver no imperativo afirmativo:

Amem-se uns aos outros.
Sigam-me e não terão derrotas.

- O verbo iniciar a oração:

Diga-lhe que está tudo bem.
Chamaram-me para ser sócio.

- O verbo estiver no infinitivo impessoal regido da preposição "a":

Naquele instante os dois passaram a odiar-se.
Passaram a cumprimentar-se mutuamente.

- O verbo estiver no gerúndio:

Não quis saber o que aconteceu, fazendo-se de despreocupada.
Despediu-se, beijando-me a face.

- Houver vírgula ou pausa antes do verbo:

Se passar no concurso em outra cidade, mudo-me no mesmo instante.
Se não tiver outro jeito, alisto-me nas forças armadas.

Mesóclise

A mesóclise acontece quando o verbo está flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito:

A prova realizar-se-á neste domingo pela manhã. (= ela se realizará)

Far-lhe-ei uma proposta irrecusável. (= eu farei uma proposta a você)

Questões sobre Pronome

01. (ESCREVENTE TJ SP – VUNESP/2012).

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água faça em si diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, ***elas*** *começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem* ***eles*** *a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção.*

(Carta Capital, 27.06.2012. Adaptado)

Os pronomes "elas" e "eles", em destaque no texto, referem- -se, respectivamente, a

(A) dúvidas e preços.
(B) dúvidas e insumos básicos.
(C) companhias e insumos básicos.
(D) companhias e preços do carbono e da água.
(E) políticas de crescimento e preços adequados.

02. (AGENTE DE APOIO ADMINISTRATIVO – FCC – 2013- adap.). Fazendo-se as alterações necessárias, o trecho grifado está corretamente substituído por um pronome em:

A) ...sei tratar ***tipos como o senhor.*** – sei tratá-lo

B) ...erguendo ***os braços desalentado...*** – erguendo-lhes desalentado

C) ...que tem de conhecer ***as leis*** do país? – que tem de conhecê-lo?

D) ...não parecia ser ***um importante industrial...*** – não parecia ser-lhe

E) incomodaram ***o general...*** – incomodaram-no

03.(AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – FCC – 2013-adap.). A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:

A) mostrando ***o rio***= mostrando-o.

B) como escolher ***sítio***= como escolhê-lo.

C) transpor [...] ***as matas espessas***= transpor-lhes.

D) ***Às estreitas veredas***[...] nada acrescentariam = nada lhes acrescentariam.

E) viu uma ***dessas marcas***= viu uma delas.

04. (PAPILOSCOPISTA POLICIAL – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa em que o pronome destacado está posicionado de acordo com a norma-padrão da língua.

(A) Ela não lembrava-***se*** do caminho de volta.

(B) A menina tinha distanciado-***se*** muito da família.

(C) A garota disse que perdeu-***se*** dos pais.

(D) O pai alegrou-***se*** ao encontrar a filha.

(E) Ninguém comprometeu-***se*** a ajudar a criança.

05. (ESCREVENTE TJ SP – VUNESP 2011). Assinale a alternativa cujo emprego do pronome está em conformidade com a norma padrão da língua.

(A) Não autorizam-nos a ler os comentários sigilosos.

(B) Nos falaram que a diplomacia americana está abalada.

(C) Ninguém o informou sobre o caso WikiLeaks.

(D) Conformado, se rendeu às punições.

(E) Todos querem que combata-se a corrupção.

06. (PAPILOSCOPISTA POLICIAL - VUNESP - 2013). Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Para que se evite perder objetos, recomenda-se que eles sejam sempre trazidos junto ao corpo.

(B) O passageiro ao lado jamais imaginou-se na situação de ter de procurar a dona de uma bolsa perdida.

(C) Nos sentimos impotentes quando não conseguimos restituir um objeto à pessoa que o perdeu.

(D) O homem se indignou quando propuseram-lhe que abrisse a bolsa que encontrara.

(E) Em tratando-se de objetos encontrados, há uma tendência natural das pessoas em devolvê-los a seus donos.

07. (AGENTE DE APOIO OPERACIONAL – VUNESP – 2013).

Há pessoas que, mesmo sem condições, compram produtos_____ não necessitam e_____ tendo de pagar tudo_____ prazo.

Assinale a alternativa que preenche as lacunas, correta e respectivamente, considerando a norma culta da língua.

A) a que ... acaba ... à

B) com que ... acabam ... à

C) de que ... acabam ... a

D) em que ... acaba ... a

E) dos quais ... acaba ... à

08. (AGENTE DE APOIO SOCIOEDUCATIVO – VUNESP – 2013-adap.). Assinale a alternativa que substitui, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

_____alguns anos, num programa de televisão, uma jovem fazia referência_____ violência_____ o brasileiro estava sujeito de forma cômica.

A) Fazem... a ... de que

B) Faz ...a ... que

C) Fazem ...à ... com que

D) Faz ...à ... que

E) Faz ...à ... a que

09. (TRF 3ª REGIÃO- TÉCNICO JUDICIÁRIO - /2014)

*As sereias então devoravam impiedosamente **os tripulantes**.*

*... ele conseguiu impedir **a tripulação** de perder a cabeça...*

*... e fez de tudo para convencer **os tripulantes**...*

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos grifados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

(A) devoravam-nos – impedi-la – convencê-los

(B) devoravam-lhe – impedi-las – convencer-lhes

(C) devoravam-no – impedi-las – convencer-lhes

(D) devoravam-nos – impedir-lhe – convencê-los

(E) devoravam-lhes – impedi-la – convencê-los

10. (AGENTE DE VIGILÂNCIA E RECEPÇÃo – VUNESP – 2013- adap.). No trecho, – *Em ambos os casos, as câmeras dos estabelecimentos felizmente comprovam **os acontecimentos**, e testemunhas vão ajudar **a polícia** na investigação.* – de acordo com a norma-padrão, os pronomes que substituem, corretamente, os termos em destaque são:

A) os comprovam ... ajudá-la.

B) os comprovam ...ajudar-la.

C) os comprovam ... ajudar-lhe.

D) lhes comprovam ... ajudar-lhe.

E) lhes comprovam ... ajudá-la.

GABARITO

01. C	02. E	03. C	04. D	05. C
06. A	07. C	08. E	09. A	10. A

RESOLUÇÃO

1-)

Restam dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água faça em si diferença, as ***companhias*** não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, ***elas*** começam a usar preços-sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente ***os insumos básicos***. E sem ***eles*** a maioria das políticas de crescimento verde sempre será a segunda opção.

2-)
A) ...sei tratar tipos como o senhor. – sei tratá-los
B) ...erguendo os braços desalentado... – erguendo-os desalentado
C) ...que tem de conhecer as leis do país? – que tem de conhecê-las ?
D) ...não parecia ser um importante industrial... – não parecia sê-lo

3-)
transpor [...] as matas espessas= transpô-las

4-)
(A) Ela não se lembrava do caminho de volta.
(B) A menina tinha se distanciado muito da família.
(C) A garota disse que se perdeu dos pais.
(E) Ninguém se comprometeu a ajudar a criança

5-)
(A) Não nos autorizam a ler os comentários sigilosos.
(B) Falaram-nos que a diplomacia americana está abalada.
(D) Conformado, rendeu-se às punições.
(E) Todos querem que se combata a corrupção.

6-)
(B) O passageiro ao lado jamais se imaginou na situação de ter de procurar a dona de uma bolsa perdida.
(C) Sentimo-nos impotentes quando não conseguimos restituir um objeto à pessoa que o perdeu.
(D) O homem indignou-se quando lhe propuseram que abrisse a bolsa que encontrara.
(E) Em se tratando de objetos encontrados, há uma tendência natural das pessoas em devolvê-los a seus donos.

7-)
Há pessoas que, mesmo sem condições, compram produtos de que não necessitam e acabam tendo de pagar tudo a prazo.

8-)
Faz alguns anos, num programa de televisão, uma jovem fazia referência à violência a que o brasileiro estava sujeito de forma cômica.
Faz, no sentido de tempo passado = sempre no singular

9-)
devoravam - verbo terminado em "m" = pronome oblíquo no/na (fizeram-na, colocaram-no)
impedir - verbo transitivo direto = pede objeto direto; "lhe" é para objeto indireto
convencer - verbo transitivo direto = pede objeto direto; "lhe" é para objeto indireto
(A) devoravam-nos – impedi-la – convencê-los

10-)
– Em ambos os casos, as câmeras dos estabelecimentos felizmente comprovam os acontecimentos, e testemunhas vão ajudar a polícia na investigação.
felizmente os comprovam ... ajudá-la
(advérbio)

Substantivo

Tudo o que existe é ser e cada ser tem um nome. ***Substantivo*** é a classe gramatical de palavras variáveis, as quais denominam os seres. Além de objetos, pessoas e fenômenos, os substantivos também nomeiam:
-lugares: *Alemanha, Porto Alegre*...
-sentimentos: *raiva, amor*...
-estados: *alegria, tristeza*...
-qualidades: *honestidade, sinceridade*...
-ações: *corrida, pescaria*...

Morfossintaxe do substantivo

Nas orações de língua portuguesa, o substantivo em geral exerce funções diretamente relacionadas com o verbo: atua como núcleo do sujeito, dos complementos verbais (objeto direto ou indireto) e do agente da passiva. Pode ainda funcionar como núcleo do complemento nominal ou do aposto, como núcleo do predicativo do sujeito, do objeto ou como núcleo do vocativo. Também encontramos substantivos como núcleos de adjuntos adnominais e de adjuntos adverbiais - quando essas funções são desempenhadas por grupos de palavras.

Classificação dos Substantivos

1- ***Substantivos Comuns e Próprios***

Observe a definição: *s.f. 1: Povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas (no Brasil, toda a sede de município é cidade). 2. O centro de uma cidade (em oposição aos bairros).*

Qualquer "povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas" será chamada cidade. Isso significa que a palavra cidade é um substantivo comum.
Substantivo Comum é aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica: *cidade, menino, homem, mulher, país, cachorro.*
Estamos voando para Barcelona.

O substantivo Barcelona designa apenas um ser da espécie cidade. Esse substantivo é próprio. Substantivo Próprio: é aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma particular: *Londres, Paulinho, Pedro, Tietê, Brasil.*

2 - *Substantivos Concretos e Abstratos*

LÂMPADA MALA

Os substantivos lâmpada e mala designam seres com existência própria, que são independentes de outros seres. São substantivos concretos.

Substantivo Concreto: é aquele que designa o ser que existe, independentemente de outros seres.

NOVA CONCURSOS

Obs.: os substantivos concretos designam seres do mundo real e do mundo imaginário.

Seres do mundo real: *homem, mulher, cadeira, cobra, Brasília, etc.*

Seres do mundo imaginário: *saci, mãe-d'água, fantasma, etc.*

Observe agora:
Beleza exposta
Jovens atrizes veteranas destacam-se pelo visual.

O substantivo beleza designa uma qualidade.

Substantivo Abstrato: é aquele que designa seres que dependem de outros para se manifestar ou existir.

Pense bem: a beleza não existe por si só, não pode ser observada. Só podemos observar a beleza numa pessoa ou coisa que seja bela. A beleza depende de outro ser para se manifestar. Portanto, a palavra beleza é um substantivo abstrato.

Os substantivos abstratos designam estados, qualidades, ações e sentimentos dos seres, dos quais podem ser abstraídos, e sem os quais não podem existir: *vida (estado), rapidez (qualidade), viagem (ação), saudade (sentimento).*

3 - *Substantivos Coletivos*

Ele vinha pela estrada e foi picado por uma abelha, outra abelha, mais outra abelha.
Ele vinha pela estrada e foi picado por várias abelhas.
Ele vinha pela estrada e foi picado por um enxame.

Note que, no primeiro caso, para indicar plural, foi necessário repetir o substantivo: uma abelha, outra abelha, mais outra abelha...

No segundo caso, utilizaram-se duas palavras no plural.

No terceiro caso, empregou-se um substantivo no singular (enxame) para designar um conjunto de seres da mesma espécie (abelhas).

O substantivo enxame é um substantivo coletivo.

Substantivo Coletivo: é o substantivo comum que, mesmo estando no singular, designa um conjunto de seres da mesma espécie.

Substantivo coletivo	**Conjunto de**:
assembleia	*pessoas reunidas*
alcateia	*lobos*
acervo	*livros*
antologia	*trechos literários selecionados*
arquipélago	*ilhas*
banda	*músicos*
bando	*desordeiros ou malfeitores*
banca	*examinadores*
batalhão	*soldados*
cardume	*peixes*
caravana	*viajantes peregrinos*
cacho	*frutas*
cáfila	*camelos*
cancioneiro	*canções, poesias líricas*
colmeia	*abelhas*
chusma	*gente, pessoas*
concílio	*bispos*
congresso	*parlamentares, cientistas.*
elenco	*atores de uma peça ou filme*
esquadra	*navios de guerra*
enxoval	*roupas*
falange	*soldados, anjos*
fauna	*animais de uma região*
feixe	*lenha, capim*
flora	*vegetais de uma região*
frota	*navios mercantes, ônibus*
girândola	*fogos de artifício*
horda	*bandidos, invasores*
junta	*médicos, bois, credores, examinadores*
júri	*jurados*
legião	*soldados, anjos, demônios*
leva	*presos, recrutas*
malta	*malfeitores ou desordeiros*
manada	*búfalos, bois, elefantes,*
matilha	*cães de raça*
molho	*chaves, verduras*
multidão	*pessoas em geral*
ninhada	*pintos*
nuvem	*insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)*
penca	*bananas, chaves*
pinacoteca	*pinturas, quadros*
quadrilha	*ladrões, bandidos*
ramalhete	*flores*
rebanho	*ovelhas*
récua	*bestas de carga, cavalgadura*
repertório	*peças teatrais, obras musicais*
réstia	*alhos ou cebolas*
romanceiro	*poesias narrativas*
revoada	*pássaros*
sínodo	*párocos*
talha	*lenha*
tropa	*muares, soldados*
turma	*estudantes, trabalhadores*
vara	*porcos*

Formação dos Substantivos

Substantivos Simples e Compostos

Chuva - *subst. Fem. 1 - água caindo em gotas sobre a terra.*

O substantivo chuva é formado por um único elemento ou radical. É um substantivo simples.

Substantivo Simples: é aquele formado por um único elemento.

Outros substantivos simples: *tempo, sol, sofá*, etc. Veja agora: O substantivo guarda-chuva é formado por dois elementos (guarda + chuva). Esse substantivo é composto.

Substantivo Composto: é aquele formado por dois ou mais elementos. Outros exemplos: ***beija-flor, passatempo.***

Substantivos Primitivos e Derivados

Meu limão meu limoeiro,
meu pé de jacarandá...

O substantivo limão é primitivo, pois não se originou de nenhum outro dentro de língua portuguesa.

Substantivo Primitivo: é aquele que não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa. O substantivo limoeiro é derivado, pois se originou a partir da palavra limão.

Substantivo Derivado: é aquele que se origina de outra palavra.

Flexão dos substantivos

O substantivo é uma classe variável. A palavra é variável quando sofre flexão (variação). A palavra menino, por exemplo, pode sofrer variações para indicar:

Plural: *meninos* Feminino: *menina*
Aumentativo: *meninão* Diminutivo: *menininho*

Flexão de Gênero

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. Na língua portuguesa, há dois gêneros: *masculino e feminino.* Pertencem ao gênero masculino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos *o, os, um, uns.* Veja estes títulos de filmes:

O velho e o mar
Um Natal inesquecível
Os reis da praia

Pertencem ao gênero feminino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos *a, as, uma, umas:*

A história sem fim
Uma cidade sem passado
As tartarugas ninjas

Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes

Substantivos Biformes (= duas formas): ao indicar nomes de seres vivos, geralmente o gênero da palavra está relacionado ao sexo do ser, havendo, portanto, duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino. Observe: *gato – gata, homem – mulher, poeta – poetisa, prefeito - prefeita*

Substantivos Uniformes: são aqueles que apresentam uma única forma, que serve tanto para o masculino quanto para o feminino. Classificam-se em:

- Epicenos: têm um só gênero e nomeiam bichos: *a cobra macho e a cobra fêmea, o jacaré macho e o jacaré fêmea.*

- Sobrecomuns: têm um só gênero e nomeiam pessoas: *a criança, a testemunha, a vítima, o cônjuge, o gênio, o ídolo, o indivíduo.*

- Comuns de Dois Gêneros: indicam o sexo das pessoas por meio do artigo: *o colega e a colega, o doente e a doente, o artista e a artista.*

Saiba que: Substantivos de origem grega terminados em *ema* ou *oma*, são masculinos: *o fonema, o poema, o sistema, o sintoma, o teorema.*

- Existem certos substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado: *o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora) o capital (dinheiro) e a capital (cidade)*

Formação do Feminino dos Substantivos Biformes

- Regra geral: troca-se a terminação -o por –a: *aluno - aluna.*
- Substantivos terminados em -ês: acrescenta-se -a ao masculino: *freguês - freguesa*
- Substantivos terminados em -ão: fazem o feminino de três formas:
- troca-se -ão por -oa. = *patrão – patroa*
- troca-se -ão por -ã. = *campeão - campeã*
-troca-se -ão por ona. = *solteirão - solteirona*

Exceções: *barão – baronesa ladrão- ladra sultão - sultana*

- Substantivos terminados em -or:
- acrescenta-se -a ao masculino = *doutor – doutora*
- troca-se -or por -triz: = *imperador - imperatriz*

- Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa: *cônsul - consulesa / abade - abadessa / poeta - poetisa / duque - duquesa / conde - condessa / profeta - profetisa*

- Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a: *elefante - elefanta*

- Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino: *bode – cabra / boi - vaca*

- Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores: *czar – czarina réu - ré*

Formação do Feminino dos Substantivos Uniformes

Epicenos:
Novo jacaré escapa de policiais no rio Pinheiros.

Não é possível saber o sexo do jacaré em questão. Isso ocorre porque o substantivo jacaré tem apenas uma forma para indicar o masculino e o feminino.

Alguns nomes de animais apresentam uma só forma para designar os dois sexos. Esses substantivos são chamados de epicenos. No caso dos epicenos, quando houver a necessidade de especificar o sexo, utilizam-se palavras macho e fêmea.

A cobra macho picou o marinheiro.
A cobra fêmea escondeu-se na bananeira.

NOVA CONCURSOS

***Sobrecomuns*:**
Entregue as crianças à natureza.

A palavra crianças refere-se tanto a seres do sexo masculino, quanto a seres do sexo feminino. Nesse caso, nem o artigo nem um possível adjetivo permitem identificar o sexo dos seres a que se refere a palavra. Veja:
A criança chorona chamava-se João.
A criança chorona chamava-se Maria.

Outros substantivos sobrecomuns:
a criatura = *João é uma boa criatura. Maria é uma boa criatura*.
o cônjuge = *O cônjuge de João faleceu. O cônjuge de Marcela faleceu*

***Comuns de Dois Gêneros*:**
Motorista tem acidente idêntico 23 anos depois.

Quem sofreu o acidente: um homem ou uma mulher?
É impossível saber apenas pelo título da notícia, uma vez que a palavra motorista é um substantivo uniforme.
A distinção de gênero pode ser feita através da análise do artigo ou adjetivo, quando acompanharem o substantivo: *o colega - a colega; o imigrante - a imigrante; um jovem - uma jovem; artista famoso - artista famosa; repórter francês - repórter francesa*
- A palavra personagem é usada indistintamente nos dois gêneros.
a) Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino: *O menino descobriu nas nuvens os personagens dos contos de carochinha*.
b) Com referência a mulher, deve-se preferir o feminino: *O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam a personagem.*
- Diz-se: *o (ou a) manequim Marcela, o (ou a) modelo fotográfico Ana Belmonte.*
Observe o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos: *o tapa, o eclipse, o lança-perfume, o dó (pena), o sanduíche, o clarinete, o champanha, o sósia, o maracajá, o clã, o hosana, o herpes, o pijama, o suéter, o soprano, o proclama, o pernoite, o púbis.*

Femininos: *a dinamite, a derme, a hélice, a omoplata, a cataplasma, a pane, a mascote, a gênese, a entorse, a libido, a cal, a faringe, a cólera (doença), a ubá (canoa).*

- São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em -ma: *o grama (peso), o quilograma, o plasma, o apostema, o diagrama, o epigrama, o telefonema, o estratagema, o dilema, o teorema, o trema, o eczema, o edema, o magma, o estigma, o axioma, o tracoma, o hematoma.*

Exceções: *a cataplasma, a celeuma, a fleuma*, etc.

Gênero dos Nomes de Cidades

Com raras exceções, nomes de cidades são femininos.
A histórica Ouro Preto.
A dinâmica São Paulo.
A acolhedora Porto Alegre.
Uma Londres imensa e triste.
Exceções: *o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre.*

Gênero e Significação

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Observe: *o baliza (soldado que, que à frente da tropa, indica os movimentos que se deve realizar em conjunto; o que vai à frente de um bloco carnavalesco, manejando um bastão), a baliza (marco, estaca; sinal que marca um limite ou proibição de trânsito), o cabeça (chefe), a cabeça (parte do corpo), o cisma (separação religiosa, dissidência), a cisma (ato de cismar, desconfiança), o cinza (a cor cinzenta), a cinza (resíduos de combustão), o capital (dinheiro), a capital (cidade), o coma (perda dos sentidos), a coma (cabeleira), o coral (pólipo, a cor vermelha, canto em coro), a coral (cobra venenosa), o crisma (óleo sagrado, usado na administração da crisma e de outros sacramentos), a crisma (sacramento da confirmação), o cura (pároco), a cura (ato de curar), o estepe (pneu sobressalente), a estepe (vasta planície de vegetação), o guia (pessoa que guia outras), a guia (documento, pena grande das asas das aves), o grama (unidade de peso), a grama (relva), o caixa (funcionário da caixa), a caixa (recipiente, setor de pagamentos), o lente (professor), a lente (vidro de aumento), o moral (ânimo), a moral (honestidade, bons costumes, ética), o nascente (lado onde nasce o Sol), a nascente (a fonte), o maria-fumaça (trem como locomotiva a vapor), maria-fumaça (locomotiva movida a vapor), o pala (poncho), a pala (parte anterior do boné ou quepe, antepara), o rádio (aparelho receptor), a rádio (estação emissora), o voga (remador), a voga (moda, popularidade).*

Flexão de Número do Substantivo

Em português, há dois números gramaticais: o singular, que indica um ser ou um grupo de seres, e o plural, que indica mais de um ser ou grupo de seres. A característica do plural é o "s" final.

Plural dos Substantivos Simples

- Os substantivos terminados em vogal, ditongo oral e "n" fazem o plural pelo acréscimo de "s": *pai – pais; ímã – ímãs; hífen - hifens (sem acento, no plural).* Exceção: *cânon - cânones.*
- Os substantivos terminados em "m" fazem o plural em "ns": *homem - homens.*

- Os substantivos terminados em "r" e "z" fazem o plural pelo acréscimo de "es": *revólver – revólveres; raiz - raízes.*

Atenção: O plural de caráter é caracteres.

- Os substantivos terminados em al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o "l" por "is": *quintal - quintais; caracol – caracóis; hotel - hotéis*. Exceções: *mal e males, cônsul e cônsules.*

- Os substantivos terminados em "il" fazem o plural de duas maneiras:
- Quando oxítonos, em "is": *canil - canis*
- Quando paroxítonos, em "eis": *míssil - mísseis*.

Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras: *répteis ou reptis* (pouco usada).

- Os substantivos terminados em "s" fazem o plural de duas maneiras:
- Quando monossilábicos ou oxítonos, mediante o acréscimo de "es": *ás – ases / retrós - retroses*
- Quando paroxítonos ou proparoxítonos, ficam invariáveis: *o lápis - os lápis / o ônibus - os ônibus.*

- Os substantivos terminados em "ao" fazem o plural de três maneiras.
- substituindo o -ão por -ões: *ação - ações*
- substituindo o -ão por -ães: *cão - cães*
- substituindo o -ão por -ãos: *grão - grãos*

- Os substantivos terminados em "x" ficam invariáveis: *o látex - os látex.*

Plural dos Substantivos Compostos

-A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples: aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés, malmequer/malmequeres.

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

- **Flexionam-se os dois elementos**, quando formados de:
substantivo + substantivo = *couve-flor e couves-flores*
substantivo + adjetivo = *amor-perfeito e amores-perfeitos*
adjetivo + substantivo = *gentil-homem e gentis-homens*
numeral + substantivo = *quinta-feira e quintas-feiras*

- **Flexiona-se somente o segundo elemento**, quando formados de:
verbo + substantivo = *guarda-roupa e guarda-roupas*
palavra invariável + palavra variável = *alto-falante e alto--falantes*
palavras repetidas ou imitativas = *reco-reco e reco-recos*

- **Flexiona-se somente o primeiro elemento**, quando formados de:
substantivo + preposição clara + substantivo = *água-de-colônia e águas-de-colônia*
substantivo + preposição oculta + substantivo = *cavalo-vapor e cavalos-vapor*
substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior: *palavra-chave - palavras-chave, bomba-relógio - bombas-relógio, notícia-bomba - notícias-bomba, homem-rã - homens-rã, peixe-espada - peixes-espada.*

- **Permanecem invariáveis**, quando formados de:
verbo + advérbio = *o bota-fora e os bota-fora*
verbo + substantivo no plural = *o saca-rolhas e os saca-rolhas*

- **Casos Especiais**
o louva-a-deus e os louva-a-deus
o bem-te-vi e os bem-te-vis
o bem-me-quer e os bem-me-queres
o joão-ninguém e os joões-ninguém.

Plural das Palavras Substantivadas

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivo, apresentam, no plural, as flexões próprias dos substantivos.
Pese bem os prós e os contras.
O aluno errou na prova dos noves.
Ouça com a mesma serenidade os sins e os nãos.
Obs.: numerais substantivados terminados em "s" ou "z" não variam no plural: *Nas provas mensais consegui muitos seis e alguns dez.*

Plural dos Diminutivos

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o "s" final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.
pãe(s) + zinhos = pãezinhos
animai(s) + zinhos = animaizinhos
botõe(s) + zinhos = botõezinhos
chapéu(s) + zinhos = chapeuzinhos
farói(s) + zinhos = faroizinhos
tren(s) + zinhos = trenzinhos
colhere(s) + zinhas = colherezinhas
flore(s) + zinhas = florezinhas
mão(s) + zinhas = mãozinhas
papéi(s) + zinhos = papeizinhos
nuven(s) + zinhas = nuvenzinhas
funi(s) + zinhos = funizinhos
túnei(s) + zinhos = tuneizinhos
pai(s) + zinhos = paizinhos
pé(s) + zinhos = pezinhos
pé(s) + zitos = pezitos

Plural dos Nomes Próprios Personativos

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoas sempre que a terminação preste-se à flexão.
Os Napoleões também são derrotados.
As Raquéis e Esteres.

Plural dos Substantivos Estrangeiros

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se "s" (exceto quando terminam em "s" ou "z"): *os shows, os shorts, os jazz.*

NOVA CONCURSOS

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua: *os clubes, os chopes, os jipes, os esportes, as toaletes, os bibelôs, os garçons, os réquiens.*

Observe o exemplo:

Este jogador faz gols toda vez que joga.

O plural correto seria gois (ô), mas não se usa.

Plural com Mudança de Timbre

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (o fechado / o aberto). É um fato fonético chamado metafonia (**plural metafônico**).

Singular	**Plural**
corpo (ô)	*corpos (ó)*
esforço	*esforços*
fogo	*fogos*
forno	*fornos*
fosso	*fossos*
imposto	*impostos*
olho	*olhos*
osso (ô)	*ossos (ó)*
ovo	*ovos*
poço	*poços*
porto	*portos*
posto	*postos*
tijolo	*tijolos*

Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos, almoços, bolsos, esposos, estojos, globos, gostos, polvos, rolos, soros*, etc.

Obs.: distinga-se molho (ô) = caldo (molho de carne), de molho (ó) = feixe (molho de lenha).

Particularidades sobre o Número dos Substantivos

- Há substantivos que só se usam no singular: *o sul, o norte, o leste, o oeste, a fé,* etc.

- Outros só no plural: *as núpcias, os víveres, os pêsames, as espadas/os paus (naipes de baralho), as fezes*.

- Outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem (virtude) e bens (riquezas), honra (probidade, bom nome) e honras (homenagem, títulos).*

- Usamos às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:

Aqui morreu muito negro.

Celebraram o sacrifício divino muitas vezes em capelas improvisadas.

Flexão de Grau do Substantivo

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. Classifica-se em:

- **Grau Normal** - Indica um ser de tamanho considerado normal. Por exemplo: *casa*

- **Grau Aumentativo** - Indica o aumento do tamanho do ser. Classifica-se em:

Analítico = o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza. Por exemplo: *casa grande*.

Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Por exemplo: *casarão*.

- **Grau Diminutivo** - Indica a diminuição do tamanho do ser. Pode ser:

Analítico = substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez. Por exemplo: *casa pequena*.

Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Por exemplo: *casinha*.

Verbo

Verbo é a classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz. Pode indicar, entre outros processos: ação (correr); estado (ficar); fenômeno (chover); ocorrência (nascer); desejo (querer).

O que caracteriza o verbo são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Observe que palavras como *corrida, chuva* e *nascimento* têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

Estrutura das Formas Verbais

Do ponto de vista estrutural, uma forma verbal pode apresentar os seguintes elementos:

- ***Radical***: é a parte invariável, que expressa o significado essencial do verbo. Por exemplo: *fal-ei; fal-ava; fal-am*. (radical fal-)

- ***Tema***: é o radical seguido da vogal temática que indica a conjugação a que pertence o verbo. Por exemplo: *fala-r*

São três as conjugações: 1ª - Vogal Temática - A - *(falar),* 2ª - Vogal Temática - E - *(vender),* 3ª - Vogal Temática - I - *(partir)*.

- ***Desinência modo-temporal***: é o elemento que designa o tempo e o modo do verbo. Por exemplo:

falávamos (indica o pretérito imperfeito do indicativo.)

falasse (indica o pretérito imperfeito do subjuntivo.)

- ***Desinência número-pessoal***: é o elemento que designa a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª) e o número (singular ou plural):

falamos (indica a 1ª pessoa do plural.)

falavam (indica a 3ª pessoa do plural.)

Observação: o verbo *pôr*, assim como seus derivados (*compor, repor, depor,* etc.), pertencem à 2ª conjugação, pois a forma arcaica do verbo pôr era *poer*. A vogal "e", apesar de haver desaparecido do infinitivo, revela-se em algumas formas do verbo: *põe, pões, põem,* etc.

Formas Rizotônicas e Arrizotônicas

Ao combinarmos os conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de acentuação tônica, percebemos com facilidade que nas formas rizotônicas o acento tônico cai no radical do verbo: *opino, aprendam, nutro*, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não cai no radical, mas sim na terminação verbal: *opinei, aprenderão, nutriríamos*.

Classificação dos Verbos

Classificam-se em:

- ***Regulares***: são aqueles que possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja flexão não provoca alterações no radical: *canto cantei cantarei cantava cantasse.*

- ***Irregulares***: são aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências: *faço fiz farei fizesse.*

- ***Defectivos***: são aqueles que não apresentam conjugação completa. Classificam-se em impessoais, unipessoais e pessoais:

* Impessoais: são os verbos que não têm sujeito. Normalmente, são usados na terceira pessoa do singular. Os principais verbos impessoais são:

** **haver**, quando sinônimo de existir, acontecer, realizar-se ou fazer (em orações temporais).

Havia poucos ingressos à venda. (Havia = Existiam)
Houve duas guerras mundiais. (Houve = Aconteceram)
Haverá reuniões aqui. (Haverá = Realizar-se-ão)
Deixei de fumar há muitos anos. (há = faz)

** **fazer, ser e estar** (quando indicam tempo)

Faz invernos rigorosos no Sul do Brasil.
Era primavera quando a conheci.
Estava frio naquele dia.

** Todos os verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais: *chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer,* etc. Quando, porém, se constrói, "*Amanheci mal- -humorado*", usa-se o verbo "amanhecer" em sentido figurado. Qualquer verbo impessoal, empregado em sentido figurado, deixa de ser impessoal para ser pessoal.

Amanheci mal-humorado. (Sujeito desinencial: eu)
Choveram candidatos ao cargo. (Sujeito: candidatos)
Fiz quinze anos ontem. (Sujeito desinencial: eu)

** São impessoais, ainda:

1. o verbo passar (seguido de preposição), indicando tempo: *Já passa das seis.*

2. os verbos bastar e chegar, seguidos da preposição de, indicando suficiência: *Basta de tolices. Chega de blasfêmias*.

3. os verbos estar e ficar em orações tais como *Está bem, Está muito bem assim, Não fica bem, Fica mal,* sem referência a sujeito expresso anteriormente. Podemos, ainda, nesse caso, classificar o sujeito como hipotético, tornando-se, tais verbos, então, pessoais.

4. o verbo deu + para da língua popular, equivalente de "ser possível". Por exemplo:

Não deu para chegar mais cedo.
Dá para me arrumar uns trocados?

* Unipessoais: são aqueles que, tendo sujeito, conjugam-se apenas nas terceiras pessoas, do singular e do plural.

A fruta amadureceu.
As frutas amadureceram.

Obs.: os verbos unipessoais podem ser usados como verbos pessoais na linguagem figurada: *Teu irmão amadureceu bastante*.

Entre os unipessoais estão os verbos que significam vozes de animais; eis alguns: *bramar: tigre, bramir: crocodilo, cacarejar: galinha, coaxar: sapo, cricrilar: grilo*

Os principais verbos unipessoais são:

1. *cumprir, importar, convir, doer, aprazer, parecer, ser* (preciso, necessário, etc.):

Cumpre trabalharmos bastante. (Sujeito: trabalharmos bastante.)
Parece que vai chover. (Sujeito: que vai chover.)
É preciso que chova. (Sujeito: que chova.)

2. *fazer e ir*, em orações que dão ideia de tempo, seguidos da conjunção *que*.

Faz dez anos que deixei de fumar. (Sujeito: que deixei de fumar.)
Vai para (ou Vai em ou Vai por) dez anos que não vejo Cláudia. (Sujeito: que não vejo Cláudia)

Obs.: todos os sujeitos apontados são oracionais.

* Pessoais: não apresentam algumas flexões por motivos morfológicos ou eufônicos. Por exemplo:

- verbo falir. Este verbo teria como formas do presente do indicativo *falo, fales, fale*, idênticas às do verbo falar - o que provavelmente causaria problemas de interpretação em certos contextos.

- verbo computar. Este verbo teria como formas do presente do indicativo *computo, computas, computa* - formas de sonoridade considerada ofensiva por alguns ouvidos gramaticais. Essas razões muitas vezes não impedem o uso efetivo de formas verbais repudiadas por alguns gramáticos: exemplo disso é o próprio verbo computar, que, com o desenvolvimento e a popularização da informática, tem sido conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

- ***Abundantes***: são aqueles que possuem mais de uma forma com o mesmo valor. Geralmente, esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares terminadas em -ado ou -ido, surgem as chamadas formas curtas (particípio irregular). Observe:

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
Anexar	*Anexado*	*Anexo*
Dispersar	*Dispersado*	*Disperso*
Eleger	*Elegido*	*Eleito*
Envolver	*Envolvido*	*Envolto*
Imprimir	*Imprimido*	*Impresso*
Matar	*Matado*	*Morto*
Morrer	*Morrido*	*Morto*
Pegar	*Pegado*	*Pego*
Soltar	*Soltado*	*Solto*

- ***Anômalos***: são aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação. Por exemplo: *Ir, Pôr, Ser, Saber (vou, vais, ides, fui, foste, pus, pôs, punha, sou, és, fui, foste, seja).*

- ***Auxiliares:*** São aqueles que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. O verbo principal, quando acompanhado de verbo auxiliar, é expresso numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Vou *espantar* *as* *moscas.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no infinitivo)

Está *chegando* *a* *hora* *do* *debate.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no gerúndio)

Os *noivos* *foram* *cumprimentados* *por* *todos* *os* *presentes.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no particípio)

Obs.: os verbos auxiliares mais usados são: *ser, estar, ter e haver.*

Conjugação dos Verbos Auxiliares

SER - Modo Indicativo

Presente	Pret.Perfeito	Pretérito Imp.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut.do Pres.	Fut. Do Pretérito
sou	fui	era	fora	serei	seria
és	foste	eras	foras	serás	serias
é	foi	era	fora	será	seria
somos	fomos	éramos	fôramos	seremos	seríamos
sois	fostes	éreis	fôreis	sereis	seríeis
são	foram	eram	foram	serão	seriam

SER - Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro
que eu seja	se eu fosse	quando eu for
que tu sejas	se tu fosses	quando tu fores
que ele seja	se ele fosse	quando ele for
que nós sejamos	se nós fôssemos	quando nós formos
que vós sejais	se vós fôsseis	quando vós fordes
que eles sejam	se eles fossem	quando eles forem

SER - Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
sê tu	não sejas tu
seja você	não seja você
sejamos nós	não sejamos nós
sede vós	não sejais vós
sejam vocês	não sejam vocês

SER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
ser	ser eu	sendo	sido
	seres tu		
	ser ele		
	sermos nós		
	serdes vós		
	serem eles		

ESTAR - Modo Indicativo

Presente	Pret. perf.	Pret. Imperf.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut.doPres.	Fut.do Preté.
estou	estive	estava	estivera	estarei	estaria
estás	estiveste	estavas	estiveras	estarás	estarias
está	esteve	estava	estivera	estará	estaria
estamos	estivemos	estávamos	estivéramos	estaremos	estaríamos
estais	estivestes	estáveis	estivéreis	estareis	estaríeis
estão	estiveram	estavam	estiveram	estarão	estariam

ESTAR - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
esteja	estivesse	estiver		
estejas	estivesses	estiveres	está	estejas
esteja	estivesse	estiver	esteja	esteja
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estejamos
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estejais
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estejam

ESTAR - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
estar	estar	estando	estado
	estares		
	estar		
	estarmos		
	estardes		
	estarem		

HAVER - Modo Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imper.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut. Do Pres.	Fut. Do Preté.
hei	houve	havia	houvera	haverei	haveria
hás	houveste	havias	houveras	haverás	haverias
há	houve	havia	houvera	haverá	haveria
havemos	houvemos	havíamos	houvéramos	haveremos	haveríamos
haveis	houvestes	havíeis	houvéreis	havereis	haveríeis
hão	houveram	haviam	houveram	haverão	haveriam

HAVER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
haja	houvesse	houver		
hajas	houvesses	houveres	há	hajas
haja	houvesse	houver	haja	haja
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	hajamos
hajais	houvésseis	houverdes	havei	hajais
hajam	houvessem	houverem	hajam	hajam

NOVA CONCURSOS

HAVER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
haver	haver	havendo	havido
	haveres		
	haver		
	havermos		
	haverdes		
	haverem		

TER - Modo Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imper.	Preté.Mais-Que-Perf.	Fut. Do Pres.	Fut. Do Preté.
Tenho	tive	tinha	tivera	terei	teria
tens	tiveste	tinhas	tiveras	terás	terias
tem	teve	tinha	tivera	terá	teria
temos	tivemos	tínhamos	tivéramos	teremos	teríamos
tendes	tivestes	tínheis	tivéreis	tereis	teríeis
têm	tiveram	tinham	tiveram	terão	teriam

TER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
Tenha	tivesse	tiver		
tenhas	tivesses	tiveres	tem	tenhas
tenha	tivesse	tiver	tenha	tenha
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	tenhamos
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	tenhais
tenham	tivessem	tiverem	tenham	tenham

- ***Pronominais***: São aqueles verbos que se conjugam com os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos, se*, na mesma pessoa do sujeito, expressando reflexibilidade (pronominais acidentais) ou apenas reforçando a ideia já implícita no próprio sentido do verbo (reflexivos essenciais). Veja:

- 1. Essenciais: são aqueles que sempre se conjugam com os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos, se*. São poucos: *abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se*, etc. Nos verbos pronominais essenciais a reflexibilidade já está implícita no radical do verbo. Por exemplo: *Arrependi-me de ter estado lá*.

A ideia é de que a pessoa representada pelo sujeito (eu) tem um sentimento (arrependimento) que recai sobre ela mesma, pois não recebe ação transitiva nenhuma vinda do verbo; o pronome oblíquo átono é apenas uma partícula integrante do verbo, já que, pelo uso, sempre é conjugada com o verbo. Diz-se que o pronome apenas serve de reforço da ideia reflexiva expressa pelo radical do próprio verbo.

Veja uma conjugação pronominal essencial (verbo e respectivos pronomes):

Eu me arrependo
Tu te arrependes
Ele se arrepende
Nós nos arrependemos
Vós vos arrependeis
Eles se arrependem

- 2. Acidentais: são aqueles verbos transitivos diretos em que a ação exercida pelo sujeito recai sobre o objeto representado por pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito; assim, o sujeito faz uma ação que recai sobre ele mesmo. Em geral, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos podem ser conjugados com os pronomes mencionados, formando o que se chama voz reflexiva. Por exemplo: *Maria se penteava*.

A reflexibilidade é acidental, pois a ação reflexiva pode ser exercida também sobre outra pessoa. Por exemplo:
Maria penteou-me.

Observações:

- Por fazerem parte integrante do verbo, os pronomes oblíquos átonos dos verbos pronominais não possuem função sintática.
- Há verbos que também são acompanhados de pronomes oblíquos átonos, mas que não são essencialmente pronominais, são os verbos reflexivos. Nos verbos reflexivos, os pronomes, apesar de se encontrarem na pessoa idêntica à do sujeito, exercem funções sintáticas. Por exemplo:

Eu me feri. = Eu(sujeito) - 1ª pessoa do singular me (objeto direto) - 1ª pessoa do singular

Modos Verbais

Dá-se o nome de modo às várias formas assumidas pelo verbo na expressão de um fato. Em Português, existem três modos:

Indicativo - indica uma certeza, uma realidade: *Eu sempre estudo.*

Subjuntivo - indica uma dúvida, uma possibilidade: *Talvez eu estude amanhã.*

Imperativo - indica uma ordem, um pedido: *Estuda agora, menino.*

Formas Nominais

Além desses três modos, o verbo apresenta ainda formas que podem exercer funções de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio), sendo por isso denominadas formas nominais. Observe:

- **Infinitivo Impessoal**: exprime a significação do verbo de modo vago e indefinido, podendo ter valor e função de substantivo. Por exemplo:

Viver é lutar. (= vida é luta)

É indispensável combater a corrupção. (= combate à)

O infinitivo impessoal pode apresentar-se no presente (forma simples) ou no passado (forma composta). Por exemplo:

É preciso ler este livro.

Era preciso ter lido este livro.

- **Infinitivo Pessoal**: é o infinitivo relacionado às três pessoas do discurso. Na 1ª e 3ª pessoas do singular, não apresenta desinências, assumindo a mesma forma do impessoal; nas demais, flexiona-se da seguinte maneira:

2ª pessoa do singular: Radical + ES Ex.: *teres*(tu)
1ª pessoa do plural: Radical + MOS Ex.: *termos* (nós)
2ª pessoa do plural: Radical + DES Ex.: *terdes* (vós)
3ª pessoa do plural: Radical + EM Ex.: *terem* (eles)

Por exemplo: *Foste elogiado por teres alcançado uma boa colocação.*

- **Gerúndio**: o gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio. Por exemplo:

Saindo de casa, encontrei alguns amigos. (função de advérbio)

Nas ruas, havia crianças vendendo doces. (função de adjetivo)

Na forma simples, o gerúndio expressa uma ação em curso; na forma composta, uma ação concluída. Por exemplo:

Trabalhando, aprenderás o valor do dinheiro.

Tendo trabalhado, aprendeu o valor do dinheiro.

- **Particípio**: quando não é empregado na formação dos tempos compostos, o particípio indica geralmente o resultado de uma ação terminada, flexionando-se em gênero, número e grau. Por exemplo:

Terminados os exames, os candidatos saíram.

Quando o particípio exprime somente estado, sem nenhuma relação temporal, assume verdadeiramente a função de adjetivo (adjetivo verbal). Por exemplo: *Ela foi a aluna escolhida para representar a escola.*

Tempos Verbais

Tomando-se como referência o momento em que se fala, a ação expressa pelo verbo pode ocorrer em diversos tempos. Veja:

1. Tempos do Indicativo

- Presente - Expressa um fato atual: *Eu estudo neste colégio.*

- Pretérito Imperfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado: *Ele estudava as lições quando foi interrompido.*

- Pretérito Perfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado: *Ele estudou as lições ontem à noite.*

- Pretérito-Mais-Que-Perfeito - Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado: *Ele já tinha estudado as lições quando os amigos chegaram. (forma composta) Ele já estudara as lições quando os amigos chegaram. (forma simples).*

- Futuro do Presente - Enuncia um fato que deve ocorrer num tempo vindouro com relação ao momento atual: *Ele estudará as lições amanhã.*

- Futuro do Pretérito - Enuncia um fato que pode ocorrer posteriormente a um determinado fato passado: *Se eu tivesse dinheiro, viajaria nas férias.*

2. Tempos do Subjuntivo

- **Presente** - Enuncia um fato que pode ocorrer no momento atual: *É conveniente que estudes para o exame.*

- **Pretérito Imperfeito** - Expressa um fato passado, mas posterior a outro já ocorrido: *Eu esperava que ele vencesse o jogo.*

Obs.: o pretérito imperfeito é também usado nas construções em que se expressa a ideia de condição ou desejo. Por exemplo: *Se ele viesse ao clube, participaria do campeonato.*

- **Futuro do Presente** - Enuncia um fato que pode ocorrer num momento futuro em relação ao atual: *Quando ele vier à loja, levará as encomendas.*

Obs.: o futuro do presente é também usado em frases que indicam possibilidade ou desejo. Por exemplo: *Se ele vier à loja, levará as encomendas.*

NOVA CONCURSOS

Presente do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantO	vendO	partO	O
cantaS	vendeS	parteS	S
canta	vende	parte	-
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaIS	vendeIS	partIS	IS
cantaM	vendeM	parteM	M

Pretérito Perfeito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantei	vendI	partI	I
cantaSTE	vendeSTE	partISTE	STE
cantoU	vendeU	partiU	U
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaSTES	vendeSTES	partISTES	STES
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RAM

Pretérito mais-que-perfeito

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª/2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantaRAS	vendeRAS	partiRAS	RA	S
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantáRAMOS	vendêRAMOS	partíRAMOS	RA	MOS
cantáREIS	vendêREIS	partíREIS	RE	IS
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RA	M

Pretérito Imperfeito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantAVA	vendIA	partIA
cantAVAS	vendIAS	partAS
CantAVA	vendIA	partIA
cantÁVAMOS	vendÍAMOS	partÍAMOS
cantÁVEIS	vendÍEIS	partÍEIS
cantAVAM	vendIAM	partIAM

Futuro do Presente do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar ei	vender ei	partir ei
cantar ás	vender ás	partir ás
cantar á	vender á	partir á
cantar emos	vender emos	partir emos
cantar eis	vender eis	partir eis
cantar ão	vender ão	partir ão

Futuro do Pretérito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarIAS	venderIAS	partirIAS
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarÍAMOS	venderÍAMOS	partirÍAMOS
cantarÍEIS	venderÍEIS	partirÍEIS
cantarIAM	venderIAM	partirIAM

Presente do Subjuntivo

Para se formar o presente do subjuntivo, substitui-se a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo pela desinência -E (nos verbos de 1ª conjugação) ou pela desinência -A (nos verbos de 2ª e 3ª conjugação).

1ª conjug.	2ª conjug.	3ª conju.	Des. temporal 1ª conj.	Des.temporal 2ª/3ª conj.	Desinên. pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR			
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantES	vendAS	partAS	E	A	S
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantEMOS	vendAMOS	partAMOS	E	A	MOS
cantEIS	vendAIS	partAIS	E	A	IS
cantEM	vendAM	partAM	E	A	M

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Para formar o imperfeito do subjuntivo, elimina-se a desinência -STE da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito, obtendo-se, assim, o tema desse tempo. Acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -SSE mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª /2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	Ø
cantaSSES	vendeSSES	partiSSES	SSE	S
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	Ø
cantáSSEMOS	vendêSSEMOS	partíSSEMOS	SSE	MOS
cantáSSEIS	vendêSSEIS	partíSSEIS	SSE	IS
cantaSSEM	vendeSSEM	partiSSEM	SSE	M

Futuro do Subjuntivo

Para formar o futuro do subjuntivo elimina-se a desinência -STE da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito, obtendo-se, assim, o tema desse tempo. Acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -R mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª /2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaR	vendeR	partiR	Ø	
cantaRES	vendeRES	partiRES	R	ES
cantaR	vendeR	partiR	R	Ø
cantaRMOS	vendeRMOS	partiRMOS	R	MOS
cantaRDES	vendeRDES	partiRDES	R	DES
cantaREM	vendeREM	PartiREM	R	EM

NOVA CONCURSOS

Modo Imperativo

Imperativo Afirmativo

Para se formar o imperativo afirmativo, toma-se do presente do indicativo a 2ª pessoa do singular (tu) e a segunda pessoa do plural (vós) eliminando-se o "S" final. As demais pessoas vêm, sem alteração, do presente do subjuntivo. Veja:

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
Eu canto	---	Que eu cante
Tu cantas	CantA tu	Que tu cantes
Ele canta	Cante você	Que ele cante
Nós cantamos	Cantemos nós	Que nós cantemos
Vós cantais	CantAI vós	Que vós canteis
Eles cantam	Cantem vocês	Que eles cantem

Imperativo Negativo

Para se formar o imperativo negativo, basta antecipar a negação às formas do presente do subjuntivo.

Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Que eu cante	---
Que tu cantes	Não cantes tu
Que ele cante	Não cante você
Que nós cantemos	Não cantemos nós
Que vós canteis	Não canteis vós
Que eles cantem	Não cantem eles

Observações:

- No modo imperativo não faz sentido usar na 3ª pessoa (singular e plural) as formas ele/eles, pois uma ordem, pedido ou conselho só se aplicam diretamente à pessoa com quem se fala. Por essa razão, utiliza-se você/vocês.
- O verbo SER, no imperativo, faz excepcionalmente: *sê (tu), sede (vós).*

Infinitivo Pessoal

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar	vender	partir
cantarES	venderES	partirES
cantar	vender	partir
cantarMOS	venderMOS	partirMOS
cantarDES	venderDES	partirDES
cantarEM	venderEM	partirEM

Questões sobre Verbo

01. (AGENTE POLÍCIA - VUNESP 2013) Considere o trecho a seguir.

É comum que objetos _____ esquecidos em locais públicos. Mas muitos transtornos poderiam ser evitados se as pessoas _____ a atenção voltada para seus pertences, conservando-os junto ao corpo.

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto.

(A) sejam ... mantesse
(B) sejam ... mantivessem
(C) sejam ... mantém
(D) seja ... mantivessem
(E) seja ... mantêm

02. (MGS - TÉCNICO CONTÁBIL – IBFC/2017-adaptada)
Em "Assim, muitos casais ***têm*** quatro, seis, dez filhos", nota--se que o acento do verbo em destaque deve-se a uma exigência de concordância. Assinale a alternativa correta em relação ao emprego desse mesmo verbo.
a) No Brasil, a sociedade têm várias questões.
b) O jovem têm um grande desafio pela frente.
c) As pessoas tem muitos planos.
d) A mentira tem perna curta.

03. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013-adap.) *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?"*.
Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de
(A) considerar ao acaso, sem premeditação.
(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
(C) adotar como referência de qualidade.
(D) julgar de acordo com normas legais.
(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

04. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013) Assinale a alternativa contendo a frase do texto na qual a expressão verbal destacada exprime possibilidade.
(A) ... o cientista Theodor Nelson ***sonhava*** com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias...
(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto ***deveria*** ser um enorme arquivo virtual.
(C) Isso acarreta uma textualidade que ***funciona*** por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.
(D) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito ***está ligado*** a uma nova concepção de textualidade...
(E) ***Criou***, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo...

05.(POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ACRE – ALUNO SOLDADO COMBATENTE – FUNCAB/2012) No trecho: "*O crescimento econômico, se associado à ampliação do emprego, PODE melhorar o quadro aqui sumariamente descrito.*", se passarmos o verbo destacado para o futuro do pretérito do indicativo, teremos a forma:
A) puder.
B) poderia.
C) pôde.
D) poderá.
E) pudesse.

06. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma- -padrão.
(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
(D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

07. (PAPILOSCOPISTA POLICIAL VUNESP 2013-adap.) Assinale a alternativa que substitui, corretamente e sem alterar o sentido da frase, a expressão destacada em – ***Se a criança se perder,*** quem encontrá-la verá na pulseira instruções para que envie uma mensagem eletrônica ao grupo ou acione o código na internet.
(A) Caso a criança se havia perdido...
(B) Caso a criança perdeu...
(C) Caso a criança se perca...
(D) Caso a criança estivera perdida...
(E) Caso a criança se perda...

08. (AGENTE DE APOIO OPERACIONAL – VUNESP – 2013-adap.). Assinale a alternativa em que o verbo destacado está no tempo futuro.
A) Os consumidores ***são*** assediados pelo marketing ...
B) ... somente eles podem decidir se ***irão*** ou não comprar.
C) É como se ***abrissem*** em nós uma "caixa de necessidades"...
D) ... de onde ***vem*** o produto...?
E) Uma pesquisa ***mostrou*** que 55,4% das pessoas...

09. (AGERBA - TÉCNICO EM REGULAÇÃO – IBFC/2017-adaptada)
A flexão de alguns verbos, sobretudo os irregulares, pode causar confusão. O verbo "quis", presente em "*Minha mãe sempre quis viajar*" é um exemplo típico. Nesse sentido, assinale a alternativa em que se indica INCORRETAMENTE a sua flexão.
a) queres – Presente do Indicativo.
b) queria – Futuro do Pretérito do Indicativo.
c) quisera – Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo.
d) queira – Presente do Subjuntivo.
e) quisesse – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

10. (AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA PENITENCIÁRIA – VUNESP – 2013-adap.). Leia as frases a seguir.
I. Havia onze pessoas jogando pedras e pedaços de madeira no animal.
II. Existiam muitos ferimentos no boi.
III. Havia muita gente assustando o boi numa avenida movimentada.
Substituindo-se o verbo *Haver* pelo verbo *Existir* e este pelo verbo *Haver,* nas frases, têm-se, respectivamente:
A) Existia – Haviam – Existiam
B) Existiam – Havia – Existiam
C) Existiam – Haviam – Existiam
D) Existiam – Havia – Existia
E) Existia – Havia – Existia

GABARITO

01. B	02. D	03. E	04. B	05. B
06. A	07. C	08. B	09. B	10. D

NOVA CONCURSOS

RESOLUÇÃO

1-)
É comum que objetos sejam esquecidos em locais públicos. Mas muitos transtornos poderiam ser evitados se as pessoas mantivessem a atenção voltada para seus pertences, conservando-os junto ao corpo.

2-)
Analisemos:
a) No Brasil, a sociedade têm várias questões. = a sociedade tem (verbo no singular)
b) O jovem têm um grande desafio pela frente. = o jovem tem (verbo no singular)
c) As pessoas tem muitos planos. = as pessoas têm (verbo no plural)
d) A mentira tem perna curta. = correta
RESPOSTA: D

3-)
Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".
Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de classificar segundo ideias preconcebidas.

4-)
(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual. = verbo no futuro do pretérito

5-)
Conjugando o verbo "poder" no futuro do pretérito do Indicativo: eu poderia, tu poderias, ele poderia, nós poderíamos, vós poderíeis, eles poderiam. O sujeito da oração é crescimento econômico (singular), portanto, terceira pessoa do singular (ele) = poderia.

6-)
(B) Não haverá prova do crime se o réu se mantiver em silêncio.
(C) Vão pagar horas-extras aos que se dispuserem a trabalhar no feriado.
(D) Ficarão surpresos quando o virem com a toga...
(E) Se você quiser a promoção, é necessário que a requeira a seu superior.

7-)
Caso a criança se perca...(*perda* = substantivo: Houve uma grande perda salarial...)

8-)
A) Os consumidores são assediados pelo marketing = presente
C) É como se abrissem em nós uma "caixa de necessidades"... = pretérito do Subjuntivo
D) ... de onde vem o produto...? = presente
E) Uma pesquisa mostrou que 55,4% das pessoas... = pretérito perfeito

9-)
Vamos aos itens:
a) queres – Presente do Indicativo = eu quero, tu queres - correta.
b) queria – Futuro do Pretérito do Indicativo = eu quereria, tu quererias, ele quereria - incorreta.
c) quisera – Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo = eu quisera, ele quisera – correta.
d) queira – Presente do Subjuntivo = que eu queira, que tu queiras, que ele queira - correta
e) quisesse – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo = se eu quisesse, se tu quisesses, se ele quisesse – correta.
RESPOSTA: B

10-)
I. Havia onze pessoas jogando pedras e pedaços de madeira no animal.
II. Existiam muitos ferimentos no boi.
III. Havia muita gente assustando o boi numa avenida movimentada.
Haver – sentido de existir= invariável, impessoal;
existir = variável. Portanto, temos:
I – Existiam onze pessoas...
II – Havia muitos ferimentos...
III – Existia muita gente...

Vozes do Verbo

Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente ou paciente da ação. São três as vozes verbais:

- *Ativa*: quando o sujeito é agente, isto é, pratica a ação expressa pelo verbo. Por exemplo:
Ele *fez* *o trabalho*.
sujeito agente ação objeto (paciente)

- *Passiva*: quando o sujeito é paciente, recebendo a ação expressa pelo verbo. Por exemplo:
O trabalho *foi feito* *por ele*.
sujeito paciente ação agente da passiva

- *Reflexiva*: quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, isto é, pratica e recebe a ação. Por exemplo:
O menino feriu-se.

Obs.: não confundir o emprego reflexivo do verbo com a noção de reciprocidade: *Os lutadores feriram-se*. (um ao outro)

Formação da Voz Passiva

A voz passiva pode ser formada por dois processos: analítico e sintético.
1- Voz Passiva Analítica
Constrói-se da seguinte maneira: Verbo SER + particípio do verbo principal. Por exemplo:
A escola será pintada.
O trabalho é feito por ele.

Obs.: o agente da passiva geralmente é acompanhado da preposição *por*, mas pode ocorrer a construção com a preposição *de*. Por exemplo: *A casa ficou cercada de soldados*.

- Pode acontecer ainda que o agente da passiva não esteja explícito na frase: *A exposição será aberta amanhã.*

- A variação temporal é indicada pelo verbo auxiliar (SER), pois o particípio é invariável. Observe a transformação das frases seguintes:

a) *Ele fez o trabalho*. (pretérito perfeito do indicativo)
O trabalho foi feito por ele. (pretérito perfeito do indicativo)

b) *Ele faz o trabalho*. (presente do indicativo)
O trabalho é feito por ele. (presente do indicativo)

c) *Ele fará o trabalho.* (futuro do presente)
O trabalho será feito por ele. (futuro do presente)

- Nas frases com locuções verbais, o verbo SER assume o mesmo tempo e modo do verbo principal da voz ativa. Observe a transformação da frase seguinte:

O vento ia levando as folhas. (gerúndio)
As folhas iam sendo levadas pelo vento. (gerúndio)

Obs.: é menos frequente a construção da voz passiva analítica com outros verbos que podem eventualmente funcionar como auxiliares. Por exemplo: *A moça ficou marcada pela doença.*

2- Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética ou pronominal constrói-se com o verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE. Por exemplo:

Abriram-se as inscrições para o concurso.
Destruiu-se o velho prédio da escola.

Obs.: o agente não costuma vir expresso na voz passiva sintética.

Curiosidade: A palavra *passivo* possui a mesma raiz latina de paixão (latim *passio, passionis*) e ambas se relacionam com o significado sofrimento, padecimento. Daí vem o significado de voz passiva como sendo a voz que expressa a ação sofrida pelo sujeito. Na voz passiva temos dois elementos que nem sempre aparecem: SUJEITO PACIENTE e AGENTE DA PASSIVA.

Conversão da Voz Ativa na Voz Passiva

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase.

Gutenberg *inventou a imprensa* (Voz Ativa)
Sujeito da Ativa objeto Direto

A imprensa *foi inventada por Gutenberg* (Voz Passiva)
Sujeito da Passiva Agente da Passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Observe mais exemplos:

- Os mestres têm constantemente aconselhado os alunos.
Os alunos têm sido constantemente aconselhados pelos mestres.

- Eu o acompanharei.
Ele será acompanhado por mim.

Obs.: quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, não haverá complemento agente na passiva. Por exemplo: *Prejudicaram-me. / Fui prejudicado.*

Saiba que:

- Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, são chamados neutros.

O vinho é bom.
Aqui chove muito.

- Há formas passivas com sentido ativo:

É chegada a hora. (= Chegou a hora.)
Eu ainda não era nascido. (= Eu ainda não tinha nascido.)
És um homem lido e viajado. (= que leu e viajou)

- Inversamente, usamos formas ativas com sentido passivo:

Há coisas difíceis de entender. (= serem entendidas)
Mandou-o lançar na prisão. (= ser lançado)

- Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos, logo o sujeito é paciente.

Chamo-me Luís.
Batizei-me na Igreja do Carmo.
Operou-se de hérnia.
Vacinaram-se contra a gripe.

Fonte:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf54.php

Questões sobre Vozes dos Verbos

01. (COLÉGIO PEDRO II/RJ – ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO – AOCP/2010) Em "*Os dados foram divulgados ontem* ***pelo Instituto Sou da Paz***.", a expressão destacada é

(A) adjunto adnominal.
(B) sujeito paciente.
(C) objeto indireto.
(D) complemento nominal.
(E) agente da passiva.

02. (FCC-COPERGÁS – AUXILIAR TÉCNICO ADMINISTRATIVO - 2011) *Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz*. Transpondo- -se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) era abatido.
(B) fora abatido.
(C) abatera-se.
(D) foi abatido.
(E) tinha abatido

03. (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais.
Transpondo para a voz ativa a frase acima, o verbo passará a ser, corretamente,
(A) perceba.
(B) foi percebido.
(C) tenham percebido.
(D) devam perceber.
(E) estava percebendo.

04. (TJ/RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA SEM ESPECIALIDADE – FCC/2012) *As ruas estavam ocupadas pela multidão...*
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
(A) ocupava-se.
(B) ocupavam.
(C) ocupou.
(D) ocupa.
(E) ocupava.

05. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
(A) Quando Rodolfo surgiu...
(B) ... adquiriu as impressoras...
(C) ... e sustentar, às vezes, família numerosa.
(D) ... acolheu-o como patrono.
(E) ... que montou [...] a primeira grande folhetaria do Recife ...

06. (TRF - 4ª REGIÃO – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) *O engajamento moral e político não chegou a constituir um deslocamento da atenção intelectual de Said* ...
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:
a) se constituiu.
b) chegou a ser constituído.
c) teria chegado a constituir.
d) chega a se constituir.
e) chegaria a ser constituído.

07. (METRÔ/SP – TÉCNICO SISTEMAS METROVIÁRIOS CIVIL – FCC/2014 - ADAPTADA) *...'sertanejo' indicava indistintamente as músicas produzidas no interior do país...*
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
(A) vinham indicadas.
(B) era indicado.
(C) eram indicadas.
(D) tinha indicado.
(E) foi indicada.

08. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – PROCON – AGENTE ADMINISTRATIVO – CEPERJ/2012 - adaptada) Um exemplo de construção na voz passiva está em:
(A) "A Gulliver recolherá 6 mil brinquedos"
(B) "o consumidor pode solicitar a devolução do dinheiro"
(C) "enviar o brinquedo por sedex"
(D) "A empresa também é obrigada pelo Código de Defesa do Consumidor"
(E) "A empresa fez campanha para recolher"

09. (METRÔ/SP –SECRETÁRIA PLENO – FCC/2010) Transpondo-se para a voz passiva a construção *Mais tarde vim a entender a tradução completa,* a forma verbal resultante será:
(A) veio a ser entendida.
(B) teria entendido.
(C) fora entendida.
(D) terá sido entendida.
(E) tê-la-ia entendido.

10. (INFRAERO – CADASTRO RESERVA OPERACIONAL PROFISSIONAL DE TRÁFEGO AÉREO – FCC/2011 - ADAPTADA)
... ele empreende, de maneira quase clandestina, a série Mulheres.
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
(A) foi empreendida.
(B) são empreendidos.
(C) foi empreendido.
(D) é empreendida.
(E) são empreendidas.

GABARITO

01. E 02. D 03. A 04. E 05. A
06. B 07. C 08. D 09. A 10. D

RESOLUÇÃO

1-)
No enunciado temos uma oração com a voz passiva do verbo. Transformando-a em ativa, teremos: "O Instituto Sou da Paz divulgou dados". Nessa, "Instituto Sou da Paz" funciona como sujeito da oração, ou seja, na passiva sua função é a de agente da passiva. O sujeito paciente é "os dados".

2-)
Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz. = Ele foi abatido...

3-)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais = dois verbos na voz passiva, então teremos um na ativa: que a sociedade perceba os valores e princípios...

4-)
As ruas estavam ocupadas pela multidão = dois verbos na passiva, um verbo na ativa:
A multidão ocupava as ruas.

5-)
B = as impressoras foram adquiridas...
C = família numerosa é sustentada...
D – foi acolhido como patrono...
E – a primeira grande folhetaria do Recife foi montada...

6-)
O engajamento moral e político não chegou a constituir um deslocamento da atenção intelectual de Said = dois verbos na voz ativa, mas com presença de preposição e, um deles, no infinitivo, então o verbo auxiliar "ser" ficará no infinitivo (na voz passiva) e o verbo principal (constituir) ficará no particípio: Um deslocamento da atenção intelectual de Said não chegou a ser constituído pelo engajamento...

7-)
'sertanejo' indicava indistintamente as músicas produzidas no interior do país.
As músicas produzidas no país eram indicadas pelo sertanejo, indistintamente.

8-)
(A) "A Gulliver recolherá 6 mil brinquedos" = voz ativa
(B) "o consumidor pode solicitar a devolução do dinheiro" = voz ativa
(C) "enviar o brinquedo por sedex" = voz ativa
(D) "A empresa também é obrigada pelo Código de Defesa do Consumidor" = voz passiva
(E) "A empresa fez campanha para recolher" = voz ativa

9-)
Mais tarde vim a entender a tradução completa...
A tradução completa veio a ser entendida por mim.

10-)
ele empreende, de maneira quase clandestina, a série Mulheres.
A série de mulheres é empreendida por ele, de maneira quase clandestina.

CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL.

Ao falarmos sobre a ***concordância verbal***, estamos nos referindo à relação de dependência estabelecida entre um termo e outro mediante um contexto oracional. Desta feita, os agentes principais desse processo são representados pelo sujeito, que no caso funciona como subordinante; e o verbo, o qual desempenha a função de subordinado.

Dessa forma, temos que a concordância verbal caracteriza-se pela adaptação do verbo, tendo em vista os quesitos "número e pessoa" em relação ao sujeito. Exemplificando, temos: *O aluno chegou atrasado.* Temos que o verbo apresenta-se na terceira pessoa do singular, pois faz referência a um sujeito, assim também expresso (ele). Como poderíamos também dizer: *os alunos chegaram atrasados.*

Casos referentes a sujeito simples

1) Em caso de sujeito simples, o verbo concorda com o núcleo em número e pessoa: *O aluno chegou atrasado*.

2) Nos casos referentes a sujeito representado por substantivo coletivo, o verbo permanece na terceira pessoa do singular: *A multidão, apavorada, saiu aos gritos.*
Observação:
- No caso de o coletivo aparecer seguido de adjunto adnominal no plural, o verbo permanecerá no singular ou poderá ir para o plural:
Uma multidão de pessoas saiu aos gritos.
Uma multidão de pessoas saíram aos gritos.

3) Quando o sujeito é representado por expressões partitivas, representadas por "a *maioria de, a maior parte de, a metade de, uma porção de"* entre outras, o verbo tanto pode concordar com o núcleo dessas expressões quanto com o substantivo que a segue: *A maioria dos alunos resolveu ficar. A maioria dos alunos resolveram ficar.*

4) No caso de o sujeito ser representado por expressões aproximativas, representadas por "*cerca de, perto de*", o verbo concorda com o substantivo determinado por elas: *Cerca de mil candidatos se inscreveram no concurso.*

5) Em casos em que o sujeito é representado pela expressão "*mais de um*", o verbo permanece no singular: *Mais de um candidato se inscreveu no concurso de piadas.*
Observação:
- No caso da referida expressão aparecer repetida ou associada a um verbo que exprime reciprocidade, o verbo, necessariamente, deverá permanecer no plural:
Mais de um aluno, mais de um professor contribuíram na campanha de doação de alimentos.
Mais de um formando se abraçaram durante as solenidades de formatura.

6) Quando o sujeito for composto da expressão "*um dos que*", o verbo permanecerá no plural: *Esse jogador foi um dos que atuaram na Copa América.*

7) Em casos relativos à concordância com locuções pronominais, representadas por "*algum de nós, qual de vós, quais de vós, alguns de nós*", entre outras, faz-se necessário nos atermos a duas questões básicas:
- No caso de o primeiro pronome estar expresso no plural, o verbo poderá com ele concordar, como poderá também concordar com o pronome pessoal: *Alguns de nós o receberemos. / Alguns de nós o receberão.*
- Quando o primeiro pronome da locução estiver expresso no singular, o verbo permanecerá, também, no singular: *Algum de nós o receberá.*

NOVA CONCURSOS

8) No caso de o sujeito aparecer representado pelo pronome "*quem*", o verbo permanecerá na terceira pessoa do singular ou poderá concordar com o antecedente desse pronome: *Fomos nós quem contou toda a verdade para ela. / Fomos nós quem contamos toda a verdade para ela.*

9) Em casos nos quais o sujeito aparece realçado pela palavra "*que*", o verbo deverá concordar com o termo que antecede essa palavra: *Nesta empresa somos nós que tomamos as decisões. / Em casa sou eu que decido tudo.*

10) No caso de o sujeito aparecer representado por expressões que indicam porcentagens, o verbo concordará com o numeral ou com o substantivo a que se refere essa porcentagem: *50% dos funcionários aprovaram a decisão da diretoria. / 50% do eleitorado apoiou a decisão.*

Observações:

- Caso o verbo apareça anteposto à expressão de porcentagem, esse deverá concordar com o numeral: *Aprovaram a decisão da diretoria 50% dos funcionários.*
- Em casos relativos a 1%, o verbo permanecerá no singular: *1% dos funcionários não aprovou a decisão da diretoria*.
- Em casos em que o numeral estiver acompanhado de determinantes no plural, o verbo permanecerá no plural: *Os 50% dos funcionários apoiaram a decisão da diretoria.*

11) Nos casos em que o sujeito estiver representado por pronomes de tratamento, o verbo deverá ser empregado na terceira pessoa do singular ou do plural: *Vossas Majestades gostaram das homenagens. Vossa Majestade agradeceu o convite.*

12) Casos relativos a sujeito representado por substantivo próprio no plural se encontram relacionados a alguns aspectos que os determinam:

- Diante de nomes de obras no plural, seguidos do verbo ser, este permanece no singular, contanto que o predicativo também esteja no singular: *Memórias póstumas de Brás Cubas é uma criação de Machado de Assis.*
- Nos casos de artigo expresso no plural, o verbo também permanece no plural: *Os Estados Unidos são uma potência mundial.*
- Casos em que o artigo figura no singular ou em que ele nem aparece, o verbo permanece no singular: *Estados Unidos é uma potência mundial.*

Casos referentes a sujeito composto

1) Nos casos relativos a sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes, o verbo deverá ir para o plural, estando relacionado a dois pressupostos básicos:

- Quando houver a 1ª pessoa, esta prevalecerá sobre as demais: *Eu, tu e ele faremos um lindo passeio.*
- Quando houver a 2ª pessoa, o verbo poderá flexionar na 2ª ou na 3ª pessoa: *Tu e ele sois primos. Tu e ele são primos.*

2) Nos casos em que o sujeito composto aparecer anteposto ao verbo, este permanecerá no plural: *O pai e seus dois filhos compareceram ao evento.*

3) No caso em que o sujeito aparecer posposto ao verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo ou permanecer no plural: *Compareceram ao evento o pai e seus dois filhos. Compareceu ao evento o pai e seus dois filhos.*

4) Nos casos relacionados a sujeito simples, porém com mais de um núcleo, o verbo deverá permanecer no singular: *Meu esposo e grande companheiro merece toda a felicidade do mundo.*

5) Casos relativos a sujeito composto de palavras sinônimas ou ordenado por elementos em gradação, o verbo poderá permanecer no singular ou ir para o plural: *Minha vitória, minha conquista, minha premiação são frutos de meu esforço. / Minha vitória, minha conquista, minha premiação é fruto de meu esforço.*

Concordância nominal é o ajuste que fazemos aos demais termos da oração para que concordem em gênero e número com o substantivo. Teremos que alterar, portanto, o artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome. Além disso, temos também o verbo, que se flexionará à sua maneira.

Regra geral: O artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome concordam em gênero e número com o substantivo.

- *A pequena criança é uma gracinha.*
- *O garoto que encontrei era muito gentil e simpático.*

Casos especiais: Veremos alguns casos que fogem à regra geral mostrada acima.

a) ***Um adjetivo após vários substantivos***

- Substantivos de mesmo gênero: adjetivo vai para o plural ou concorda com o substantivo mais próximo.
  - *Irmão e primo recém-chegado estiveram aqui.*
  - *Irmão e primo recém-chegados estiveram aqui.*

- Substantivos de gêneros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o substantivo mais próximo.
  - *Ela tem pai e mãe louros.*
  - *Ela tem pai e mãe loura.*

- Adjetivo funciona como predicativo: vai obrigatoriamente para o plural.
  - *O homem e o menino estavam perdidos.*
  - *O homem e sua esposa estiveram hospedados aqui.*

b) ***Um adjetivo anteposto a vários substantivos***

- Adjetivo anteposto normalmente concorda com o mais próximo.

Comi delicioso almoço e sobremesa.
Provei deliciosa fruta e suco.

- Adjetivo anteposto funcionando como predicativo: concorda com o mais próximo ou vai para o plural.

Estavam feridos o pai e os filhos.
Estava ferido o pai e os filhos.

c) ***Um substantivo e mais de um adjetivo***
- antecede todos os adjetivos com um artigo.
Falava fluentemente a língua inglesa e a espanhola.

- coloca o substantivo no plural.
Falava fluentemente as línguas inglesa e espanhola.

d) ***Pronomes de tratamento***
- sempre concordam com a 3ª pessoa.
Vossa Santidade esteve no Brasil.

e) ***Anexo, incluso, próprio, obrigado***
- Concordam com o substantivo a que se referem.
As cartas estão anexas.
A bebida está inclusa.
Precisamos de nomes próprios.
Obrigado, disse o rapaz.

f) ***Um(a) e outro(a), num(a) e noutro(a)***
- Após essas expressões o substantivo fica sempre no singular e o adjetivo no plural.
Renato advogou um e outro caso fáceis.
Pusemos numa e noutra bandeja rasas o peixe.

g) ***É bom, é necessário, é proibido***
- Essas expressões não variam se o sujeito não vier precedido de artigo ou outro determinante.
Canja é bom. / A canja é boa.
É necessário sua presença. / É necessária a sua presença.
É proibido entrada de pessoas não autorizadas. / A entrada é proibida.

h) ***Muito, pouco, caro***
- Como adjetivos: seguem a regra geral.
Comi muitas frutas durante a viagem.
Pouco arroz é suficiente para mim.
Os sapatos estavam caros.

- Como advérbios: são invariáveis.
Comi muito durante a viagem.
Pouco lutei, por isso perdi a batalha.
Comprei caro os sapatos.

i) ***Mesmo, bastante***
- Como advérbios: invariáveis
Preciso mesmo da sua ajuda.
Fiquei bastante contente com a proposta de emprego.

- Como pronomes: seguem a regra geral.
Seus argumentos foram bastantes para me convencer.
Os mesmos argumentos que eu usei, você copiou.

j) ***Menos, alerta***
- Em todas as ocasiões são invariáveis.
Preciso de menos comida para perder peso.
Estamos alerta para com suas chamadas.

k) ***Tal Qual***
- "Tal" concorda com o antecedente, "qual" concorda com o consequente.
As garotas são vaidosas tais qual a tia.
Os pais vieram fantasiados tais quais os filhos.

l) ***Possível***
- Quando vem acompanhado de "mais", "menos", "melhor" ou "pior", acompanha o artigo que precede as expressões.
A mais possível das alternativas é a que você expôs.
Os melhores cargos possíveis estão neste setor da empresa.
As piores situações possíveis são encontradas nas favelas da cidade.

m) ***Meio***
- Como advérbio: invariável.
Estou meio (um pouco) insegura.

- Como numeral: segue a regra geral.
Comi meia (metade) laranja pela manhã.

n) ***Só***
- apenas, somente (advérbio): invariável.
Só consegui comprar uma passagem.

- sozinho (adjetivo): variável.
Estiveram sós durante horas.

Fonte:
http://www.brasilescola.com/gramatica/concordancia-verbal.htm

Questões sobre Concordância Nominal e Verbal

01.(TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem ser embasados na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.
(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode estar subordinado às ordens indiscriminadas de um único poder central.
(E) O interesse de todos os cidadãos estão voltados para o momento eleitoral, que expõem as diferentes opiniões existentes na sociedade.

02. (Agente Técnico – FCC – 2013). As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:
A) Alguns dos aspectos mais desejáveis de uma boa leitura, que satisfaça aos leitores e seja veículo de aprimoramento intelectual, estão na capacidade de criação do autor, mediante palavras, sua matéria-prima.
B) Obras que se considera clássicas na literatura sempre delineia novos caminhos, pois é capaz de encantar o leitor ao ultrapassar os limites da época em que vivem seus autores, gênios no domínio das palavras, sua matéria-prima.

NOVA CONCURSOS

C) A palavra, matéria-prima de poetas e romancistas, lhe permitem criar todo um mundo de ficção, em que personagens se transformam em seres vivos a acompanhar os leitores, numa verdadeira interação com a realidade.

D) As possibilidades de comunicação entre autor e leitor somente se realiza plenamente caso haja afinidade de ideias entre ambos, o que permite, ao mesmo tempo, o crescimento intelectual deste último e o prazer da leitura.

E) Consta, na literatura mundial, obras-primas que constitui leitura obrigatória e se tornam referências por seu conteúdo que ultrapassa os limites de tempo e de época.

03. (Escrevente TJ-SP – Vunesp/2012) Leia o texto para responder à questão.

_____*dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si* _____*diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços- -sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre* _____ *a segunda opção.*

(Carta Capital, 27.06.2012. Adaptado)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Restam... faça... será
(B) Resta... faz... será
(C) Restam... faz... serão
(D) Restam... façam... serão
(E) Resta... fazem... será

04 (Escrevente TJ SP – Vunesp/2012) Assinale a alternativa em que o trecho

– Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos.– está corretamente reescrito, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(B) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos ser quantificados.

(C) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificado.

(D) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos seja quantificado.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos.

05. (FUNDAÇÃO CASA/SP - AGENTE ADMINISTRATIVO - VUNESP/2011 - ADAPTADA) Observe as frases do texto:

I. Cerca de 75 por cento dos países obtêm nota negativa...

II. ... à Venezuela, de Chávez, que obtém a pior classificação do continente americano (2,0)...

Assim como ocorre com o verbo "obter" nas frases I e II, a concordância segue as mesmas regras, na ordem dos exemplos, em:

(A) Todas as pessoas têm boas perspectivas para o próximo ano. Será que alguém tem opinião diferente da maioria?

(B) Vem muita gente prestigiar as nossas festas juninas. Vêm pessoas de muito longe para brincar de quadrilha.

(C) Pouca gente quis voltar mais cedo para casa. Quase todos quiseram ficar até o nascer do sol na praia.

(D) Existem pessoas bem intencionadas por aqui, mas também existem umas que não merecem nossa atenção.

(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam.

06. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) *Os folheteiros vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.*

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

(A) Há folheteiros que
(B) A maior parte dos folheteiros
(C) O folheteiro e sua família
(D) O grosso dos folheteiros
(E) Cada um dos folheteiros

07. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas em:

(A) Enquanto não se disporem a considerar o cordel sem preconceitos, as pessoas não serão capazes de fruir dessas criações poéticas tão originais.

(B) Ainda que nem sempre detenha o mesmo status atribuído à arte erudita, o cordel vem sendo estudado hoje nas melhores universidades do país.

(C) Rodolfo Coelho Cavalcante deve ter percebido que a situação dos cordelistas não mudaria a não ser que eles mesmos requizessem o respeito que faziam por merecer.

(D) Se não proveem do preconceito, a desvalorização e a pouca visibilidade dessa arte popular tão rica só pode ser resultado do puro e simples desconhecimento.

(E) Rodolfo Coelho Cavalcante entreveu que os problemas dos cordelistas estavam diretamente ligados à falta de representatividade.

08. (TRF - 4ª REGIÃO – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) Observam-se corretamente as regras de concordância verbal e nominal em:

a) O desenraizamento, não só entre intelectuais como entre os mais diversos tipos de pessoas, das mais sofisticadas às mais humildes, são cada vez mais comuns nos dias de hoje.

b) A importância de intelectuais como Edward Said e Tony Judt, que não se furtaram ao debate sobre questões polêmicas de seu tempo, não estão apenas nos livros que escreveram.

c) Nada indica que o conflito no Oriente Médio entre árabes e judeus, responsável por tantas mortes e tanto sofrimento, estejam próximos de serem resolvidos ou pelo menos de terem alguma trégua.

d) Intelectuais que têm compromisso apenas com a verdade, ainda que conscientes de que esta é até certo ponto relativa, costumam encontrar muito mais detratores que admiradores.

e) No final do século XX já não se via muitos intelectuais e escritores como Edward Said, que não apenas era notícia pelos livros que publicavam como pelas posições que corajosamente assumiam.

09. (TRF - 2ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) O verbo que, dadas as alterações entre parênteses propostas para o segmento grifado, deverá ser colocado no plural, está em:

(A) Não há ***dúvida*** de que o estilo de vida... (dúvidas)

(B) ***O que não se*** sabe... (ninguém nas regiões do planeta)

(C) ***O consumo mundial*** não dá sinal de trégua... (O consumo mundial de barris de petróleo)

(D) ***Um aumento*** elevado no preço do óleo reflete-se no custo da matéria-prima... (Constantes aumentos)

(E) o tema das mudanças climáticas pressiona os esforços mundiais... (a preocupação em torno das mudanças climáticas)

10. (CETESB/SP – ESCRITURÁRIO - VUNESP/2013) Assinale a alternativa em que a concordância das formas verbais destacadas está de acordo com a norma-padrão da língua.

(A) ***Fazem*** dez anos que deixei de trabalhar em higienização subterrânea.

(B) Ainda ***existe*** muitas pessoas que discriminam os trabalhadores da área de limpeza.

(C) No trabalho em meio a tanta sujeira, ***havia*** altos riscos de se contrair alguma doença.

(D) Eu passava a manhã no subterrâneo: quando ***era*** sete da manhã, eu já estava fazendo meu serviço.

(E) As companhias de limpeza, apenas recentemente, ***começou*** a adotar medidas mais rigorosas para a proteção de seus funcionários.

GABARITO

01. A 02. A 03. A 04. E 05. A
06. E 07. |B 08. D 09. D 10. C

RESOLUÇÃO

1-) Fiz os acertos entre parênteses:

(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.

(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem (deve) ser embasados (embasada) na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.

(C) Eleições livres e diretas é (são) garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita (respeitam) tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.

(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode (podem) estar subordinado (subordinadas) às ordens indiscriminadas de um único poder central.

(E) O interesse de todos os cidadãos estão (está) voltados (voltado) para o momento eleitoral, que expõem (expõe) as diferentes opiniões existentes na sociedade.

2-)

A) Alguns dos aspectos mais desejáveis de uma boa leitura, que satisfaça aos leitores e seja veículo de aprimoramento intelectual, estão na capacidade de criação do autor, mediante palavras, sua matéria-prima. = correta

B) Obras que se consideram clássicas na literatura sempre delineiam novos caminhos, pois são capazes de encantar o leitor ao ultrapassarem os limites da época em que vivem seus autores, gênios no domínio das palavras, sua matéria-prima.

C) A palavra, matéria-prima de poetas e romancistas, lhes permite criar todo um mundo de ficção, em que personagens se transformam em seres vivos a acompanhar os leitores, numa verdadeira interação com a realidade.

D) As possibilidades de comunicação entre autor e leitor somente se realizam plenamente caso haja afinidade de ideias entre ambos, o que permite, ao mesmo tempo, o crescimento intelectual deste último e o prazer da leitura.

E) Constam, na literatura mundial, obras-primas que constituem leitura obrigatória e se tornam referências por seu conteúdo que ultrapassa os limites de tempo e de época.

3-) _Restam___dúvidas

mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si __faça __diferença

a maioria das políticas de crescimento verde sempre ____será_____ a segunda opção.

Em "a maioria de", a concordância pode ser dupla: tanto no plural quanto no singular. Nas alternativas não há "restam/faça/serão", portanto a A é que apresenta as opções adequadas.

4-)

(A) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(B) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos serem quantificados.

(C) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificados.

(D) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificados.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos. = correta

NOVA CONCURSOS

5-) Em I, obtêm está no plural; em II, no singular. Vamos aos itens:

(A) Todas as pessoas têm (plural) ... Será que alguém tem (singular)

(B) Vem (singular) muita gente... Vêm pessoas (plural)

(C) Pouca gente quis (singular)... Quase todos quiseram (plural)

(D) Existem (plural) pessoas ... mas também existem umas (plural)

(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam (ambas as formas estão no plural)

6-)

A - Há folheteiros que vivem (concorda com o objeto "folheterios")

B – A maior parte dos folheteiros vivem/vive (opcional)

C – O folheteiro e sua família vivem (sujeito composto)

D – O grosso dos folheteiros vive/vivem (opcional)

E – Cada um dos folheteiros vive = somente no singular

7-) Coloquei entre parênteses a forma verbal correta:

(A) Enquanto não se disporem (dispuserem) a considerar o cordel sem preconceitos, as pessoas não serão capazes de fruir dessas criações poéticas tão originais.

(B) Ainda que nem sempre detenha o mesmo status atribuído à arte erudita, o cordel vem sendo estudado hoje nas melhores universidades do país.

(C) Rodolfo Coelho Cavalcante deve ter percebido que a situação dos cordelistas não mudaria a não ser que eles mesmos requizessem (requeressem) o respeito que faziam por merecer.

(D) Se não proveem (provêm) do preconceito, a desvalorização e a pouca visibilidade dessa arte popular tão rica só pode (podem) ser resultado do puro e simples desconhecimento.

(E) Rodolfo Coelho Cavalcante entreveu (entreviu) que os problemas dos cordelistas estavam diretamente ligados à falta de representatividade.

8-) Fiz as correções entre parênteses:

a) O desenraizamento, não só entre intelectuais como entre os mais diversos tipos de pessoas, das mais sofisticadas às mais humildes, são (é) cada vez mais comuns (comum) nos dias de hoje.

b) A importância de intelectuais como Edward Said e Tony Judt, que não se furtaram ao debate sobre questões polêmicas de seu tempo, não estão (está) apenas nos livros que escreveram.

c) Nada indica que o conflito no Oriente Médio entre árabes e judeus, responsável por tantas mortes e tanto sofrimento, estejam (esteja) próximos (próximo) de serem (ser) resolvidos (resolvido) ou pelo menos de terem (ter) alguma trégua.

d) Intelectuais que têm compromisso apenas com a verdade, ainda que conscientes de que esta é até certo ponto relativa, costumam encontrar muito mais detratores que admiradores.

e) No final do século XX já não se via (viam) muitos intelectuais e escritores como Edward Said, que não apenas era (eram) notícia pelos livros que publicavam como pelas posições que corajosamente assumiam.

9-)

(A) Não há dúvida de que o estilo de vida... (dúvidas) = "há" permaneceria no singular

(B) O que não se sabe ... (ninguém nas regiões do planeta) = "sabe" permaneceria no singular

(C) O consumo mundial não dá sinal de trégua ... (O consumo mundial de barris de petróleo) = "dá" permaneceria no singular

(D) Um aumento elevado no preço do óleo reflete-se no custo da matéria-prima... Constantes aumentos) = "reflete" passaria para "refletem-se"

(E) o tema das mudanças climáticas pressiona os esforços mundiais... (a preocupação em torno das mudanças climáticas) = "pressiona" permaneceria no singular

10-) Fiz as correções:

(A) Fazem dez anos = faz (sentido de tempo = singular)

(B) Ainda existe muitas pessoas = existem

(C) No trabalho em meio a tanta sujeira, havia altos riscos

(D) Eu passava a manhã no subterrâneo: quando era sete da manhã = eram

(E) As companhias de limpeza, apenas recentemente, começou = começaram

REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL.

Dá-se o nome de ***regência*** à relação de subordinação que ocorre entre um verbo (ou um nome) e seus complementos. Ocupa-se em estabelecer relações entre as palavras, criando frases não ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

Regência Verbal

Termo Regente: VERBO

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais).

O estudo da regência verbal permite-nos ampliar nossa capacidade expressiva, pois oferece oportunidade de conhecermos as diversas significações que um verbo pode assumir com a simples mudança ou retirada de uma preposição. Observe:

A mãe agrada o filho. -> agradar significa acariciar, contentar.

A mãe agrada ao filho. -> agradar significa "causar agrado ou prazer", satisfazer.

Logo, conclui-se que "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém".

Saiba que:

O conhecimento do uso adequado das preposições é um dos aspectos fundamentais do estudo da regência verbal (e também nominal). As preposições são capazes de modificar completamente o sentido do que se está sendo dito. Veja os exemplos:

Cheguei ao metrô.
Cheguei no metrô.

No primeiro caso, o metrô é o lugar a que vou; no segundo caso, é o meio de transporte por mim utilizado. A oração "Cheguei no metrô", popularmente usada a fim de indicar o lugar a que se vai, possui, no padrão culto da língua, sentido diferente. Aliás, é muito comum existirem divergências entre a regência coloquial, cotidiana de alguns verbos, e a regência culta.

Para estudar a regência verbal, agruparemos os verbos de acordo com sua transitividade. A transitividade, porém, não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em frases distintas.

Verbos Intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complemento. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

- Chegar, Ir

Normalmente vêm acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar destino ou direção são: *a, para*.

*Fui **ao teatro**.*
Adjunto Adverbial de Lugar

*Ricardo foi **para a Espanha**.*
Adjunto Adverbial de Lugar

- Comparecer

O adjunto adverbial de lugar pode ser introduzido por *em* ou *a*.

Comparecemos ao estádio (ou no estádio) para ver o último jogo.

Verbos Transitivos Diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Ao empregar esses verbos, devemos lembrar que os pronomes oblíquos *o, a, os, as* atuam como objetos diretos. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou *no, na, nos, nas* (após formas verbais terminadas em sons nasais), enquanto *lhe* e *lhes* são, quando complementos verbais, objetos indiretos.

São verbos transitivos diretos, dentre outros: *abandonar, abençoar, aborrecer, abraçar, acompanhar, acusar, admirar, adorar, alegrar, ameaçar, amolar, amparar, auxiliar, castigar, condenar, conhecer, conservar,convidar, defender, eleger, estimar, humilhar, namorar, ouvir, prejudicar, prezar, proteger, respeitar, socorrer, suportar, ver, visitar.*

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.
Amo aquela moça. / Amo-a.
Amam aquele rapaz. / Amam-no.
Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Obs.: os pronomes lhe, lhes só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais).

Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)
Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)
Conheço-lhe o mau humor! (= conheço seu mau humor)

Verbos Transitivos Indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são o "lhe", o "lhes", para substituir pessoas. Não se utilizam os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (ele, ela) em lugar dos pronomes átonos lhe, lhes.

Os verbos transitivos indiretos são os seguintes:

- Consistir - Tem complemento introduzido pela preposição "em": *A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.*

- Obedecer e Desobedecer - Possuem seus complementos introduzidos pela preposição "a":

Devemos obedecer aos nossos princípios e ideais.
Eles desobedeceram às leis do trânsito.

- Responder - Tem complemento introduzido pela preposição "a". Esse verbo pede objeto indireto para indicar "a quem" ou "ao que" se responde.

Respondi ao meu patrão.
Respondemos às perguntas.
Respondeu-lhe à altura.

Obs.: o verbo responder, apesar de transitivo indireto quando exprime aquilo a que se responde, admite voz passiva analítica. Veja:

O questionário foi respondido corretamente.
Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- Simpatizar e Antipatizar - Possuem seus complementos introduzidos pela preposição "com".

Antipatizo com aquela apresentadora.
Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

NOVA CONCURSOS

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um indireto. Merecem destaque, nesse grupo: **Agradecer, Perdoar e Pagar.** São verbos que apresentam objeto direto relacionado a coisas e objeto indireto relacionado a pessoas. Veja os exemplos:

Agradeço *aos ouvintes* *a audiência.*
Objeto Indireto Objeto Direto

Paguei *o débito* *ao cobrador.*
Objeto Direto Objeto Indireto

- O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:

Agradeci o presente. / Agradeci-o.
Agradeço a você. / Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

Informar

- Apresenta objeto direto ao se referir a coisas e objeto indireto ao se referir a pessoas, ou vice-versa.

Informe os novos preços aos clientes.
Informe os clientes dos novos preços. (ou sobre os novos preços)

- Na utilização de pronomes como complementos, veja as construções:

Informei-os aos clientes. / Informei-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou sobre eles)

Obs.: a mesma regência do verbo informar é usada para os seguintes: *avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir*.

Comparar

Quando seguido de dois objetos, esse verbo admite as preposições "a" ou "com" para introduzir o complemento indireto.

Comparei seu comportamento ao (ou com o) de uma criança.

Pedir

Esse verbo pede objeto direto de coisa (geralmente na forma de oração subordinada substantiva) e indireto de pessoa.

Pedi-lhe *favores.*
Objeto Indireto Objeto Direto

Pedi-lhe *que se mantivesse em silêncio.*
Objeto Indireto Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

Saiba que:

- A construção "pedir para", muito comum na linguagem cotidiana, deve ter emprego muito limitado na língua culta. No entanto, é considerada correta quando a palavra licença estiver subentendida.

Peço (licença) para ir entregar-lhe os catálogos em casa.

Observe que, nesse caso, a preposição "para" introduz uma oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo (para ir entregar-lhe os catálogos em casa).

- A construção "dizer para", também muito usada popularmente, é igualmente considerada incorreta.

Preferir

Na língua culta, esse verbo deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição "a". Por Exemplo:

Prefiro qualquer coisa a abrir mão de meus ideais.
Prefiro trem a ônibus.

Obs.: na língua culta, o verbo "preferir" deve ser usado sem termos intensificadores, tais como: *muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes, mais*. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no próprio verbo (pre).

Mudança de Transitividade X Mudança de Significado

Há verbos que, de acordo com a mudança de transitividade, apresentam mudança de significado. O conhecimento das diferentes regências desses verbos é um recurso linguístico muito importante, pois além de permitir a correta interpretação de passagens escritas, oferece possibilidades expressivas a quem fala ou escreve. Dentre os principais, estão:

AGRADAR

- Agradar é transitivo direto no sentido de fazer carinhos, acariciar.

Sempre agrada o filho quando o revê. / Sempre o agrada quando o revê.
Cláudia não perde oportunidade de agradar o gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.

- Agradar é transitivo indireto no sentido de causar agrado a, satisfazer, ser agradável a. Rege complemento introduzido pela preposição "a".

O cantor não agradou aos presentes.
O cantor não lhes agradou.

ASPIRAR

- Aspirar é transitivo direto no sentido de sorver, inspirar (o ar), inalar: *Aspirava o suave aroma. (Aspirava-o)*

- Aspirar é transitivo indireto no sentido de desejar, ter como ambição: *Aspirávamos a melhores condições de vida. (Aspirávamos a elas)*

Obs.: como o objeto direto do verbo "aspirar" não é pessoa, mas coisa, não se usam as formas pronominais átonas "lhe" e "lhes" e sim as formas tônicas "a ele (s)", " a ela (s)". Veja o exemplo: *Aspiravam a uma existência melhor. (= Aspiravam a ela)*

ASSISTIR

- Assistir é transitivo direto no sentido de ajudar, prestar assistência a, auxiliar. Por exemplo:

As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos.
As empresas de saúde negam-se a assisti-los.

- Assistir é transitivo indireto no sentido de ver, presenciar, estar presente, caber, pertencer. Exemplos:

Assistimos ao documentário.
Não assisti às últimas sessões.
Essa lei assiste ao inquilino.

Obs.: no sentido de morar, residir, o verbo "assistir" é intransitivo, sendo acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição "em": *Assistimos numa conturbada cidade.*

CHAMAR

- Chamar é transitivo direto no sentido de convocar, solicitar a atenção ou a presença de.

Por gentileza, vá chamar sua prima. / Por favor, vá chamá-la.
Chamei você várias vezes. / Chamei-o várias vezes.

- Chamar no sentido de denominar, apelidar pode apresentar objeto direto e indireto, ao qual se refere predicativo preposicionado ou não.

A torcida chamou o jogador mercenário.
A torcida chamou ao jogador mercenário.
A torcida chamou o jogador de mercenário.
A torcida chamou ao jogador de mercenário.

CUSTAR

- Custar é intransitivo no sentido de ter determinado valor ou preço, sendo acompanhado de adjunto adverbial: *Frutas e verduras não deveriam custar muito.*

- No sentido de ser difícil, penoso, pode ser intransitivo ou transitivo indireto.

Muito custa *viver tão longe da família*.
Verbo Oração Subordinada Substantiva Subjetiva
Intransitivo Reduzida de Infinitivo

Custa-me (a mim) *crer que tomou realmente aquela atitude*.
Objeto Oração Subordinada Substantiva Subjetiva
Indireto Reduzida de Infinitivo

Obs.: a Gramática Normativa condena as construções que atribuem ao verbo "custar" um sujeito representado por pessoa. Observe:

Custei para entender o problema.
Forma correta: *Custou-me entender o problema.*

IMPLICAR

- Como transitivo direto, esse verbo tem dois sentidos:

a) dar a entender, fazer supor, pressupor: *Suas atitudes implicavam um firme propósito.*

b) Ter como consequência, trazer como consequência, acarretar, provocar: *Liberdade de escolha implica amadurecimento político de um povo.*

- Como transitivo direto e indireto, significa comprometer, envolver: *Implicaram aquele jornalista em questões econômicas*.

Obs.: no sentido de antipatizar, ter implicância, é transitivo indireto e rege com preposição "com": *Implicava com quem não trabalhasse arduamente.*

PROCEDER

- Proceder é intransitivo no sentido de ser decisivo, ter cabimento, ter fundamento ou portar-se, comportar-se, agir. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo.

As afirmações da testemunha procediam, não havia como refutá-las.
Você procede muito mal.

- Nos sentidos de ter origem, derivar-se (rege a preposição" de") e fazer, executar (rege complemento introduzido pela preposição "a") é transitivo indireto.

O avião procede de Maceió.
Procedeu-se aos exames.
O delegado procederá ao inquérito.

QUERER

- Querer é transitivo direto no sentido de desejar, ter vontade de, cobiçar.

Querem melhor atendimento.
Queremos um país melhor.

- Querer é transitivo indireto no sentido de ter afeição, estimar, amar.

Quero muito aos meus amigos.
Ele quer bem à linda menina.
Despede-se o filho que muito lhe quer.

VISAR

- Como transitivo direto, apresenta os sentidos de mirar, fazer pontaria e de pôr visto, rubricar.

O homem visou o alvo.
O gerente não quis visar o cheque.

- No sentido de ter em vista, ter como meta, ter como objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição "a".

O ensino deve sempre visar ao progresso social.
Prometeram tomar medidas que visassem ao bem-estar público.

NOVA CONCURSOS

ESQUECER – LEMBRAR
- Lembrar algo – esquecer algo
- Lembrar-se de algo – esquecer-se de algo (pronominal)

No 1º caso, os verbos são transitivos diretos, ou seja, exigem complemento sem preposição: *Ele esqueceu o livro.*
No 2º caso, os verbos são pronominais (-se, -me, etc) e exigem complemento com a preposição "de". São, portanto, transitivos indiretos:
- *Ele se esqueceu do caderno.*
- *Eu me esqueci da chave.*
- *Eles se esqueceram da prova.*
- *Nós nos lembramos de tudo o que aconteceu.*

Há uma construção em que a coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito e o verbo sofre leve alteração de sentido. É uma construção muito rara na língua contemporânea, porém, é fácil encontrá-la em textos clássicos tanto brasileiros como portugueses. Machado de Assis, por exemplo, fez uso dessa construção várias vezes.
- *Esqueceu-me a tragédia. (cair no esquecimento)*
- *Lembrou-me a festa. (vir à lembrança)*

O verbo lembrar também pode ser transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa).

SIMPATIZAR
Transitivo indireto e exige a preposição "com": *Não simpatizei com os jurados*.

NAMORAR
É transitivo direto, ou seja, não admite preposição: *Maria namora João*.

Obs: Não é correto dizer: *"Maria namora com João"*.

OBEDECER
É transitivo indireto, ou seja, exige complemento com a preposição "a" (obedecer a): *Devemos obedecer aos pais*.

Obs: embora seja transitivo indireto, esse verbo pode ser usado na voz passiva: *A fila não foi obedecida*.

VER
É transitivo direto, ou seja, não exige preposição: *Ele viu o filme.*

Regência Nominal

É o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição. No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. Observe o exemplo: Verbo obedecer e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição ***a*.** Veja:
Obedecer a algo/ a alguém.
Obediente a algo/ a alguém.
Apresentamos a seguir vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que os regem. Observe-os atentamente e procure, sempre que possível, associar esses nomes entre si ou a algum verbo cuja regência você conhece.

Substantivos

Admiração a, por	*Devoção a, para, com, por*	*Medo a, de*
Aversão a, para, por	*Doutor em*	*Obediência a*
Atentado a, contra	*Dúvida acerca de, em, sobre*	*Ojeriza a, por*
Bacharel em	*Horror a*	*Proeminência sobre*
Capacidade de, para	*Impaciência com*	*Respeito a, com, para com, por*

Adjetivos

Acessível a
Acostumado a, com
Afável com, para com
Agradável a
Alheio a, de
Análogo a
Ansioso de, para, por
Apto a, para
Ávido de
Benéfico a
Capaz de, para
Compatível com
Contemporâneo a, de
Contíguo a
Contrário a
Curioso de, por
Descontente com
Desejoso de
Diferente de
Entendido em
Equivalente a
Escasso de
Essencial a, para
Fácil de
Fanático por
Favorável a
Generoso com
Grato a, por
Hábil em
Habituado a
Idêntico a
Impróprio para
Indeciso em
Insensível a
Liberal com
Natural de
Necessário a
Nocivo a
Paralelo a
Parco em, de
Passível de
Preferível a
Prejudicial a
Prestes a
Propício a
Próximo a
Relacionado com
Relativo a
Satisfeito com, de, em, por
Semelhante a
Sensível a
Sito em
Suspeito de
Vazio de

Advérbios

Longe de
Perto de

Obs.: os advérbios terminados em -mente tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a; paralelamente a; relativa a; relativamente a.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint61.php

Questões sobre Regência Nominal e Verbal

01. (Administrador – FCC – 2013-adap.).
... a que ponto a astronomia ***facilitou*** a obra das outras ciências ...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
A) ...astros que ficam tão distantes ...
B) ...que a astronomia é uma das ciências ...
C) ...que nos proporcionou um espírito ...
D) ...cuja importância ninguém ignora ...
E) ...onde seu corpo não passa de um ponto obscuro ...

02.(Agente de Apoio Administrativo – FCC – 2013-adap.).
... ***pediu*** ao delegado do bairro que desse um jeito nos filhos do sueco.
O verbo que exige, no contexto, o mesmo tipo de complementos que o grifado acima está empregado em:
A) ...que existe uma coisa chamada exército...
B) ...como se isso aqui fosse casa da sogra?
C) ...compareceu em companhia da mulher à delegacia...
D) Eu ensino o senhor a cumprir a lei, ali no duro...
E) O delegado apenas olhou-a espantado com o atrevimento.

03.(Agente de Defensoria Pública – FCC – 2013-adap.).
... ***constava*** simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
A) Em campos extensos, chegavam em alguns casos a extremos de sutileza.
B) ...eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos.
C) Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem...
D) Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunuí...
E) ...em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador...

NOVA CONCURSOS

04. (Agente Técnico – FCC – 2013-adap.).

... para ***lidar*** com as múltiplas vertentes da justiça...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o da frase acima se encontra em:

A) A palavra direito, em português, vem de directum, do verbo latino dirigere...

B) ...o Direito tem uma complexa função de gestão das sociedades...

C) ...o de que o Direito [...] esteja permeado e regulado pela justiça.

D) Essa problematicidade não afasta a força das aspirações da justiça...

E) Na dinâmica dessa tensão tem papel relevante o sentimento de justiça.

05. (Escrevente TJ SP – Vunesp 2012) Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.

(A) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(B) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.

(C) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(D) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.

(E) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

06. (Papiloscopista Policial – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa correta quanto à regência dos termos em destaque.

(A) Ele tentava convencer duas senhoras a assumir a ***responsabilidade*** pelo problema.

(B) A menina tinha o ***receio*** a levar uma bronca por ter se perdido.

(C) A garota tinha apenas a ***lembrança*** pelo desenho de um índio na porta do prédio.

(D) A menina não tinha ***orgulho*** sob o fato de ter se perdido de sua família.

(E) A família toda se organizou para realizar a ***procura*** à garotinha.

07. (Analista de Sistemas – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto, de acordo com as regras de regência.

Os estudos _____ quais a pesquisadora se reportou já assinalavam uma relação entre os distúrbios da imagem corporal e a exposição a imagens idealizadas pela mídia.

A pesquisa faz um alerta _____ influência negativa que a mídia pode exercer sobre os jovens.

A) dos ... na

B) nos ... entre a

C) aos ... para a

D) sobre os ... pela

E) pelos ... sob a

08. (Analista em Planejamento, Orçamento e Finanças Públicas – VUNESP – 2013). Considerando a norma-padrão da língua, assinale a alternativa em que os trechos destacados estão corretos quanto à regência, verbal ou nominal.

A) O prédio que o taxista mostrou ***dispunha de*** mais de dez mil tomadas.

B) O autor fez ***conjecturas sob*** a possibilidade de haver um homem que estaria ouvindo as notas de um oboé.

C) Centenas de trabalhadores estão ***empenhados de*** criar logotipos e negociar.

D) O taxista levou o autor a ***indagar no*** número de tomadas do edifício.

E) A corrida com o taxista possibilitou que o autor ***reparasse a*** um prédio na marginal.

09. (Assistente de Informática II – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa que substitui a expressão destacada na frase, conforme as regras de regência da norma-padrão da língua e sem alteração de sentido.

Muitas organizações lutaram ***a favor da*** igualdade de direitos dos trabalhadores domésticos.

A) da

B) na

C) pela

D) sob a

E) sobre a

GABARITO

01. D 02. D 03. A 04. A 05. D
06. A 07. C 08. A 09. C

RESOLUÇÃO

1-) ... a que ponto a astronomia facilitou a obra das outras ciências ...

Facilitar – verbo transitivo direto

A) ...astros que *ficam* tão distantes ... = verbo de ligação

B) ...que a astronomia *é* uma das ciências ... = verbo de ligação

C) ...que nos *proporcionou* um espírito ... = verbo transitivo direto e indireto

E) ...onde seu corpo não *passa* de um ponto obscuro = verbo transitivo indireto

2-) ... pediu ao delegado do bairro que desse um jeito nos filhos do sueco.

Pedir = verbo transitivo direto e indireto

A) ...que *existe* uma coisa chamada EXÉRCITO... = transitivo direto

B) ...como se isso aqui *fosse* casa da sogra? =verbo de ligação

C) ...*compareceu* em companhia da mulher à delegacia... =verbo intransitivo

E) O delegado apenas *olhou*-a espantado com o atrevimento. =transitivo direto

3-) ... constava simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais...

Constar = verbo intransitivo

B) ...eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos. =ligação

C) Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem... =transitivo direto

D) Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunuí... = transitivo direto

E) ...em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador...=transitivo direto

4-) ... para lidar com as múltiplas vertentes da justiça...

Lidar = transitivo indireto

B) ...o Direito tem uma complexa função de gestão das sociedades... =transitivo direto

C) ...o de que o Direito [...] esteja permeado e regulado pela justiça. =ligação

D) Essa problematicidade não afasta a força das aspirações da justiça... =transitivo direto e indireto

E) Na dinâmica dessa tensão tem papel relevante o sentimento de justiça. =transitivo direto

5-) *A correção do item deve respeitar as regras de pontuação também. Assinalei apenas os desvios quanto à regência (pontuação encontra-se em tópico específico)*

(A) Não há dúvida de que as mulheres ampliam,

(B) Não há dúvida de que (erros quanto à pontuação)

(C) Não há dúvida de que as mulheres, (erros quanto à pontuação)

(E) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

6-)

(B) A menina tinha o receio de levar uma bronca por ter se perdido.

(C) A garota tinha apenas a lembrança do desenho de um índio na porta do prédio.

(D) A menina não tinha orgulho do fato de ter se perdido de sua família.

(E) A família toda se organizou para realizar a procura pela garotinha.

7-) Os estudos aos quais a pesquisadora se reportou já assinalavam uma relação entre os distúrbios da imagem corporal e a exposição a imagens idealizadas pela mídia.

A pesquisa faz um alerta para a influência negativa que a mídia pode exercer sobre os jovens.

8-)

B) O autor fez conjecturas sobre a possibilidade de haver um homem que estaria ouvindo as notas de um oboé.

C) Centenas de trabalhadores estão empenhados em criar logotipos e negociar.

D) O taxista levou o autor a indagar sobre o número de tomadas do edifício.

E) A corrida com o taxista possibilitou que o autor reparasse em um prédio na marginal.

9-) Muitas organizações lutaram pela igualdade de direitos dos trabalhadores domésticos.

ANÁLISE SINTÁTICA: TERMOS DA ORAÇÃO.

O princípio é o verbo.

Essa é a premissa fundamental da *Sintaxe,* que é a parte da gramática que estuda as *palavras enquanto elementos de uma frase, as suas relações de concordância, de subordinação e de ordem*. Significa que, ao se realizar a análise sintática de uma oração, sempre se inicia pelo verbo. É a partir dele que se descobre qual o sujeito da oração, se há a indicação de qualidade, estado ou modo de ser do sujeito, se ele pratica uma ação ou se a sofre, se há complemento verbal, se há circunstância (adjunto adverbial), etc.

Nem sempre o verbo se apresenta sozinho em uma oração. Em muitos casos, surgem dois ou mais verbos juntos, para indicar que se pratica ou se sofre uma ação, ou que o sujeito possui uma qualidade. A essa junção, dá-se o nome de *locução verbal*. Toda locução verbal é formada por um verbo auxiliar (ou mais de um) e um verbo principal (somente um).

O verbo auxiliar é o que se relaciona com o sujeito, por isso concorda com este, ou seja, se o sujeito estiver no singular, o verbo auxiliar também ficará no singular; se o sujeito estiver no plural, o verbo auxiliar também ficará no plural. Na Língua Portuguesa os verbos auxiliares são os seguintes: *ser, estar, ter, haver, dever, poder, ir,* dentre outros.

O verbo principal é o que indica se o sujeito possui uma qualidade, se ele pratica uma ação ou se a sofre. É o mais importante da locução. Na Língua Portuguesa, o verbo principal surge sempre no infinitivo (terminado em *–ar, -er*, ou *–ir*), no gerúndio (terminado em *–ndo*) ou no particípio (terminado em *–ado* ou *–ido*, dentre outras terminações).

Veja alguns exemplos de locuções verbais:

Os funcionários FORAM CONVOCADOS pelo diretor. (aux.: SER; princ.: CONVOCAR)

Os estudantes ESTÃO RESPONDENDO às questões. (aux.: ESTAR; princ.: RESPONDER)

Os trabalhadores TÊM ENFRENTADO muitos problemas.(aux.: TER; princ.: ENFRENTAR)

NOVA CONCURSOS

O vereador HAVIA DENUNCIADO seus companheiros. (aux.: HAVER; princ.: DENUNCIAR)

Os alunos DEVEM ESTUDAR todos os dias. (aux.: DEVER; princ.: ESTUDAR)

Sujeito

Para se descobrir qual o sujeito do verbo (ou da locução verbal), deve-se perguntar a ele (ou a ela) o seguinte: *Que(m) é que* .....? A resposta será o sujeito. Por exemplo, analisemos a primeira frase dentre as apresentadas acima:

Os funcionários foram convocados pelo diretor.

O princípio é o verbo. Procura-se, portanto, o verbo: é a locução verbal *foram convocados*. - - Pergunta-se a ela: *Que(m) é que foi convocado?*

- Resposta: *Os funcionários.*

- O sujeito da oração, então, é o seguinte: *os funcionários*.

Encontrado o sujeito, parte-se para a análise do verbo:

Se ele indicar que o sujeito possui uma qualidade, um estado ou um modo de ser, sem praticar ação alguma, será denominado de VERBO DE LIGAÇÃO. Os verbos de ligação mais comuns são os seguintes: *ser, estar, parecer, ficar, permanecer e continuar*. Não se esqueça, porém, de que só será verbo de ligação o que indicar qualidade, estado ou modo de ser do sujeito, sem praticar ação alguma. Observe as seguintes frases:

O político continuou seu discurso mesmo com todas as vaias recebidas.

Continuar, nesta frase, não é de ligação já que não indica qualidade do sujeito, e sim ação.

A professora estava na sala de aula.

Estar, nesta frase, não é de ligação já que não indica qualidade do sujeito, e sim fato.

A garota estava muito alegre.

Estar é verbo de ligação porque indica qualidade do sujeito.

Se o verbo indicar que o sujeito pratica uma ação, ou que participa ativamente de um fato, será denominado de VERBO INTRANSITIVO ou VERBO TRANSITIVO, de acordo com o seguinte:

- *Quem* ..... , ... : Todo verbo que se encaixar nessa frase será INTRANSITIVO. Por exemplo, o verbo *correr*: Quem corre, corre.

- *Quem* ..... , ... *algo/alguém*: Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO DIRETO. Por exemplo, o verbo *comer:* Quem come, come algo; ou o verbo *amar*: Quem ama, ama alguém.

- *Quem* ..... , ... + *prep.* + *algo/alguém*: Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO INDIRETO. Por exemplo, o verbo *gostar*: Quem gosta, gosta de algo ou de alguém. As preposições mais comuns são as seguintes: *a, de, em, por, para, sem* e *com.*

- *Quem* ..... , ... *algo/alguém* + *prep.* + *algo/alguém:* Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO - também denominado de BITRANSITIVO. Por exemplo, o verbo mostrar: Quem mostra, mostra algo a alguém; ou o verbo informar: Quem informa, informa alguém de algo ou Quem informa, informa algo a alguém.

É importante salientar que um verbo só será TRANSITIVO se houver complemento (objeto direto ou objeto indireto). A análise de um verbo depende, portanto, do ambiente sintático em que ele se encontra. Um verbo que aparentemente seja transitivo direto pode ser, na realidade, intransitivo, caso não haja complemento. Por exemplo, observe a seguinte frase:

O pior cego é aquele que não quer ver.

O verbo "ver" é, aparentemente, transitivo direto, uma vez que se encaixa na frase *Quem vê, vê algo*. Ocorre, porém, que não há o "algo". O pior cego é aquele que não quer ver o quê? Não aparece na oração; não há, portanto, o objeto direto. Como não o há, o verbo não pode ser transitivo direto, e sim intransitivo.

Observe, agora, esta frase: *Quem dá aos pobres, empresta a Deus.*

Os verbos "dar" e "emprestar" são, aparentemente, transitivos diretos e indiretos, uma vez que se encaixam nas frases Quem dá, dá algo a alguém e Quem empresta, empresta algo a alguém. Ocorre, porém, que não há o "algo". Quem dá o que aos pobres empresta o que a Deus? Não aparece na oração; não há, portanto, o objeto direto. Como não o há, os verbos não podem ser transitivos diretos e indiretos, e sim somente transitivos indiretos.

FONTE:
http://www.gramaticaonline.com.br/texto/1231

Questões sobre Análise Sintática

01. (AGENTE DE APOIO ADMINISTRATIVO – FCC – 2013). ***Os trabalhadores*** *passaram mais tempo na escola...*

O segmento grifado acima possui a mesma função sintática que o destacado em:

A) ...o que reduz ***a média de ganho*** da categoria.

B) ...houve ***mais ofertas de trabalhadores*** dessa classe.

C) ***O crescimento da escolaridade*** também foi impulsionado...

D) ...elevando ***a fatia dos brasileiros*** com ensino médio...

E) ...impulsionado ***pelo aumento do número de universidades...***

02.(AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – FCC – 2013). *Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens [...], sabiam* ***os paulistas*** *como...*

O segmento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o elemento grifado em:

A) ***Nas expedições breves*** serviam de balizas ou mostradores para a volta.

B) Às estreitas veredas e atalhos [...], ***nada*** acrescentariam aqueles de considerável...

C) Só a um olhar muito exercitado seria ***perceptível*** o sinal.

D) ***Uma sequência de tais galhos***, em qualquer floresta, podia significar uma pista.

E) Alguns mapas e textos do século XVII apresentam-nos ***a vila de São Paulo*** como centro...

03. Há complemento nominal em:

A)Você devia vir cá fora receber o beijo da madrugada.

B)... embora fosse quase certa a sua possibilidade de ganhar a vida.

C)Ela estava na janela do edifício.

D)... sem saber ao certo se gostávamos dele.

E)Pouco depois começaram a brincar de bandido e mocinho de cinema.

04. (ESPM-SP) Em "*esta **lhe** deu cem mil contos*", o termo destacado é:

A) pronome possessivo
B) complemento nominal
C) objeto indireto
D) adjunto adnominal
E) objeto direto

05. Assinale a alternativa correta e identifique o sujeito das seguintes orações em relação aos verbos destacados:

*- Amanhã **teremos** uma palestra sobre qualidade de vida.*

*- Neste ano, **quero** prestar serviço voluntário.*

A)Tu – vós
B)Nós – eu
C)Vós – nós
D) Ele - tu

06. Classifique o sujeito das orações destacadas no texto seguinte e, a seguir, assinale a sequência correta.

*É notável, nos textos épicos, a participação do sobrenatural. É frequente a mistura de assuntos relativos ao nacionalismo com o caráter maravilhoso. **Nas epopeias, os deuses tomam partido** e interferem nas aventuras dos heróis, ajudando-os ou atrapalhando- -os.*

A)simples, composto
B)indeterminado, composto
C)simples, simples
D) oculto, indeterminado

07. (ESPM-SP) "*Surgiram **fotógrafos** e **repórteres***". Identifique a alternativa que classifica corretamente a função sintática e a classe morfológica dos termos destacados:

A) objeto indireto – substantivo
B) objeto direto - substantivo
C) sujeito – adjetivo
D) objeto direto – adjetivo
E) sujeito - substantivo

GABARITO

01. C 02. D 03. B 04. C 05. B 06. C 07. E

RESOLUÇÃO

1-)

Os trabalhadores passaram mais tempo na escola = SUJEITO

A) ...o que reduz a média de ganho da categoria. = objeto direto

B) ...houve mais ofertas de trabalhadores dessa classe. = objeto direto

C) O crescimento da escolaridade também foi impulsionado... = sujeito paciente

D) ...elevando a fatia dos brasileiros com ensino médio... = objeto direto

E) ...impulsionado pelo aumento do número de universidades... = agente da passiva

2-)

Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens [...], sabiam os paulistas como... = SUJEITO

A) Nas expedições breves = ADJUNTO ADVERBIAL

B) nada acrescentariam aqueles de considerável...= adjunto adverbial

C) seria perceptível o sinal. = predicativo

D) Uma sequência de tais galhos = sujeito

E) apresentam-nos a vila de São Paulo como = objeto direto

3-)

A) o beijo da madrugada. = adjunto adnominal

B)a sua possibilidade de ganhar a vida. = complemento nominal (possibilidade de quê?)

C)na janela do edifício. = adjunto adnominal

D)... sem saber ao certo se gostávamos dele. = objeto indireto

E) a brincar de bandido e mocinho de cinema = objeto indireto

4-)

esta lhe deu cem mil contos = o verbo DAR é bitransitivo, ou seja, transitivo direto e indireto, portanto precisa de dois complementos – dois objetos: direto e indireto.

Deu o quê? = cem mil contos (direto)

Deu a quem? lhe (=a ele, a ela) = indireto

5-)

- Amanhã (nós) teremos uma palestra sobre qualidade de vida.

- Neste ano, (eu) quero prestar serviço voluntário.

6-)

É notável, nos textos épicos, a participação do sobrenatural. É frequente a mistura de assuntos relativos ao nacionalismo com o caráter maravilhoso. Nas epopeias, os deuses tomam partido e interferem nas aventuras dos heróis, ajudando-os ou atrapalhando-os.

Ambos os termos apresentam sujeito simples

7-)

Surgiram fotógrafos e repórteres.

O sujeito está deslocado, colocado na ordem indireta (final da oração). Portanto: função sintática: sujeito (composto); classe morfológica (classe de palavras): substantivos.

NOVA CONCURSOS

Frase é todo enunciado de sentido completo, podendo ser formada por uma só palavra ou por várias, ter verbos ou não. A frase exprime, através da fala ou da escrita: ideias, emoções, ordens, apelos. Define-se pelo seu propósito comunicativo, ou seja, pela sua capacidade de, num intercâmbio linguístico, transmitir um conteúdo satisfatório para a situação em que é utilizada. Exemplos:

O Brasil possui um grande potencial turístico.
Espantoso!
Não vá embora.
Silêncio!
O telefone está tocando.

Observação: a frase que não possui verbo denomina-se ***Frase Nominal.***

Na língua falada, a frase é caracterizada pela entoação, que indica nitidamente seu início e seu fim. A entoação pode vir acompanhada por gestos, expressões do rosto, do olhar, além de ser complementada pela situação em que o falante se encontra. Esses fatos contribuem para que frequentemente surjam frases muito simples, formadas por apenas uma palavra. Observe:

Rua!
Ai!

Essas palavras, dotadas de entoação própria, e acompanhadas de gestos peculiares, são suficientes para satisfazer suas necessidades expressivas.

Na língua escrita, a entoação é representada pelos sinais de pontuação, os quais procuram sugerir a melodia frasal. Desaparecendo a situação viva, o contexto é fornecido pelo próprio texto, o que acaba tornando necessário que as frases escritas sejam linguisticamente mais completas. Essa maior complexidade linguística leva a frase a obedecer às regras gerais da língua. Portanto, a organização e a ordenação dos elementos formadores da frase devem seguir os padrões da língua. Por isso é que: *As meninas estavam alegres.* = constitui uma frase, enquanto: *Alegres meninas estavam as.* = não é considerada uma frase da língua portuguesa.

Tipos de Frases

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense, por exemplo, na frase "*Que educação*!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "*É ela*." pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção, etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases.

Existem alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. São elas:

- **Frases Interrogativas:** ocorrem quando uma pergunta é feita pelo emissor da mensagem. São empregadas quando se deseja obter alguma informação. A interrogação pode ser direta ou indireta.

Você aceita um copo de suco? (Interrogação direta)
Desejo saber se você aceita um copo de suco. (Interrogação indireta)

- Frases Imperativas: ocorrem quando o emissor da mensagem dá uma ordem, um conselho ou faz um pedido, utilizando o verbo no modo imperativo. Podem ser afirmativas ou negativas.

Faça-o entrar no carro! (Afirmativa)
Não faça isso. (Negativa)
Dê-me uma ajudinha com isso! (Afirmativa)

- Frases Exclamativas: nesse tipo de frase o emissor exterioriza um estado afetivo. Apresentam entoação ligeiramente prolongada. Por Exemplo:

Que prova difícil!
É uma delícia esse bolo!

- **Frases Declarativas**: ocorrem quando o emissor constata um fato. Esse tipo de frase informa ou declara alguma coisa. <u>*Podem ser afirmativas ou negativas.*</u>

Obrigaram o rapaz a sair. (Afirmativa)
Ela não está em casa. (Negativa)

- **Frases Optativas:** são usadas para exprimir um desejo. Por Exemplo:

Deus te acompanhe!
Bons ventos o levem!

De acordo com a construção, as frases classificam-se em:

Frase Nominal: é a frase construída sem verbos. Exemplos:

Fogo!
Cuidado!
Belo serviço o seu!
Trabalho digno desse feirante.

Frase Verbal: é a frase construída com verbo. Por Exemplo:

O sol ilumina a cidade e aquece os dias.
Os casais saíram para jantar.
A bola rolou escada abaixo.

Estrutura da Frase

As frases que possuem verbo são geralmente estruturadas a partir de dois elementos essenciais: *sujeito e predicado*. Isso não significa, no entanto, que tais frases devam ser formadas, no mínimo, por dois vocábulos. Na frase "*Saímos*", por exemplo, há um sujeito implícito na terminação do verbo: nós.

O sujeito é o termo da frase que concorda com o verbo em número e pessoa. É normalmente o "ser de quem se declara algo", "o tema do que se vai comunicar".

O predicado é a parte da frase que contém "a informação nova para o ouvinte". Normalmente, ele se refere ao sujeito, constituindo a declaração do que se atribui ao sujeito. É sempre muito importante analisar qual é o núcleo significativo da declaração: se o núcleo da declaração estiver no verbo, teremos um predicado verbal (ocorre nas frases verbais); se o núcleo da declaração estiver em algum nome, teremos um predicado nominal (ocorre nas frases nominais que possuem verbo de ligação). Observe: *O amor é eterno.*

O tema, o ser de quem se declara algo, o sujeito, é "O amor". A declaração referente a "o amor", ou seja, o predicado, é «é eterno». É um predicado nominal, pois seu núcleo significativo é o nome «eterno». Já na frase: *Os rapazes jogam futebol*. O sujeito é "Os rapazes", que identificamos por ser o termo que concorda em número e pessoa com o verbo "jogam". O predicado é "jogam futebol", cujo núcleo significativo é o verbo "jogam". Temos, assim, um predicado verbal.

Oração

Uma frase verbal pode ser também uma oração. Para isso é necessário:

- que o enunciado tenha sentido completo;
- que o enunciado tenha verbo (ou locução verbal).

Por Exemplo: *Camila terminou a leitura do livro.*

Obs.: Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas são os termos ou as unidades sintáticas da oração. Assim, cada termo da oração desempenha uma função sintática.

Atenção: Nem toda frase é oração. Por Exemplo: *Que dia lindo!*

Esse enunciado é frase, pois tem sentido. Esse enunciado não é oração, pois não possui verbo. Assim, não possuem estrutura sintática, portanto não são orações, frases como:

Socorro! - Com Licença! - Que rapaz ignorante!

A frase pode conter uma ou mais orações. Veja:

Brinquei no parque. (uma oração)

Entrei na casa e sentei-me. (duas orações)

Cheguei, vi, venci. (três orações)

Período

Período é a frase constituída de uma ou mais orações, formando um todo, com sentido completo. O período pode ser simples ou composto.

Período Simples: é aquele constituído por apenas uma oração, que recebe o nome de oração absoluta. Exemplos:

O amor é eterno.

As plantas necessitam de cuidados especiais.

Quero aquelas rosas.

O tempo é o melhor remédio.

Período Composto: é aquele constituído por duas ou mais orações. Exemplos:

Quando você partiu minha vida ficou sem alegrias.

Quero aquelas flores para presentear minha mãe.

Vou gritar para todos ouvirem que estou sabendo o que acontece ao anoitecer.

Cheguei, jantei e fui dormir.

Saiba que: Como toda oração está centrada num verbo ou numa locução verbal, a maneira prática de saber quantas orações existem num período é contar os verbos ou locuções verbais.

Período Composto

O ***período composto*** caracteriza-se por possuir mais de uma oração em sua composição. Sendo Assim:

- *Eu irei à praia*. (Período Simples = um verbo, uma oração)
- *Estou comprando um protetor solar, depois irei à praia*. (Período Composto =locução verbal, verbo, duas orações)
- *Já me decidi: só irei à praia, se antes eu comprar um protetor solar.* (Período Composto = três verbos, três orações).

Cada verbo ou locução verbal sublinhada acima corresponde a uma oração. Isso implica que o primeiro exemplo é um período simples, pois tem apenas uma oração, os dois outros exemplos são períodos compostos, pois têm mais de uma oração.

Há dois tipos de relações que podem se estabelecer entre as orações de um período composto: uma relação de coordenação ou uma relação de subordinação.

Duas orações são coordenadas quando estão juntas em um mesmo período (ou seja, em um mesmo bloco de informações, marcado pela pontuação final), mas têm, ambas, estruturas individuais, como é o exemplo de:

- *Estou comprando um protetor solar, depois irei à praia*. (Período Composto)

Podemos dizer:

1. Estou comprando um protetor solar.

2. Irei à praia.

Separando as duas, vemos que elas são independentes.

É esse tipo de período que veremos: o Período Composto por Coordenação.

Quanto à classificação das orações coordenadas, temos dois tipos: Coordenadas Assindéticas e Coordenadas Sindéticas.

Coordenadas Assindéticas

São orações coordenadas entre si e que não são ligadas através de nenhum conectivo. Estão apenas justapostas.

Coordenadas Sindéticas

Ao contrário da anterior, são orações coordenadas entre si, mas que são ligadas através de uma conjunção coordenativa. Esse caráter vai trazer para esse tipo de oração uma classificação. As orações coordenadas sindéticas são classificadas em cinco tipos: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas: suas principais conjunções são: *e, nem, não só... mas também, não só... como, assim... como.*

- Não só cantei como também dancei.

- Nem comprei o protetor solar, nem fui à praia.

- Comprei o protetor solar e fui à praia.

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas: suas principais conjunções são: *mas, contudo, todavia, entretanto, porém, no entanto, ainda, assim, senão.*

- Fiquei muito cansada, contudo me diverti bastante.

- Ainda que a noite acabasse, nós continuaríamos dançando.

- Não comprei o protetor solar, mas mesmo assim fui à praia.

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas: suas principais conjunções são: *ou... ou; ora...ora; quer... quer; seja...seja.*

- Ou uso o protetor solar, ou uso o óleo bronzeador.

- Ora sei que carreira seguir, ora penso em várias carreiras diferentes.

- Quer eu durma quer eu fique acordado, ficarei no quarto.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas: suas principais conjunções são: l*ogo, portanto, por fim, por conseguinte, consequentemente, pois (posposto ao verbo)*

- Passei no vestibular, portanto irei comemorar.

- Conclui o meu projeto, logo posso descansar.

- Tomou muito sol, consequentemente ficou adoentada.

- A situação é delicada; devemos, pois, agir

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas: suas principais conjunções são: *isto é, ou seja, a saber, na verdade, pois (anteposto ao verbo).*

- Só passei na prova porque me esforcei por muito tempo.

- Só fiquei triste por você não ter viajado comigo.

- Não fui à praia, pois queria descansar durante o Domingo.

Fonte:

http://www.infoescola.com/portugues/oracoes-coordenadas-assindeticas-e-sindeticas/

Questões sobre Orações Coordenadas

01. A oração "*Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo*" tem valor:

A) conclusivo
B) adversativo
C) concessivo
D) explicativo
E) alternativo

02. "***Estudamos***, logo deveremos passar nos exames". A oração em destaque é:

a) coordenada explicativa
b) coordenada adversativa
c) coordenada aditiva
d) coordenada conclusiva
e) coordenada assindética

03. (AGENTE EDUCACIONAL – VUNESP – 2013-adap.) Releia o seguinte trecho:

Joyce e Mozart são ótimos, ***mas*** *eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.*

Sem que haja alteração de sentido, e de acordo com a norma- -padrão da língua portuguesa, ao se substituir o termo em destaque, o trecho estará corretamente reescrito em:

A) Joyce e Mozart são ótimos, portanto eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.

B) Joyce e Mozart são ótimos, conforme eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.

C) Joyce e Mozart são ótimos, assim eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.

D) Joyce e Mozart são ótimos, todavia eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.

E) Joyce e Mozart são ótimos, pois eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.

04. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013-adap.) Em – ...fruto ***não só*** do novo acesso da população ao automóvel ***mas também*** da necessidade de maior número de viagens... –, os termos em destaque estabelecem relação de

A) explicação.
B) oposição.
C) alternância.
D) conclusão.
E) adição.

05. Analise a oração destacada: Não se desespere, ***que estaremos a seu lado sempre***.

Marque a opção correta quanto à sua classificação:

A) Coordenada sindética aditiva.
B) Coordenada sindética alternativa.
C) Coordenada sindética conclusiva.
D) Coordenada sindética explicativa.

GABARITO

01. B 02. E 03. D 04. E 05. D

RESOLUÇÃO

1-)
"Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo" = conjunção adversativa, portanto: oração coordenada sindética adversativa

2-)
Estudamos, logo deveremos passar nos exames = a oração em destaque não é introduzida por conjunção, então: coordenada assindética

3-)
Joyce e Mozart são ótimos, mas eles... = conjunção (e ideia) adversativa
A) Joyce e Mozart são ótimos, portanto eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conclusiva
B) Joyce e Mozart são ótimos, conforme eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conformativa
C) Joyce e Mozart são ótimos, assim eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conclusiva
E) Joyce e Mozart são ótimos, pois eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = explicativa
Dica: conjunção *pois* como explicativa = dá para eu substituir por *porque*; como conclusiva: substituo por *portanto*.

4-)
fruto não só do novo acesso da população ao automóvel mas também da necessidade de maior número de viagens... estabelecem relação de adição de ideias, de fatos

5-)
Não se desespere, que estaremos a seu lado sempre.
= conjunção explicativa (= porque) - coordenada sindética explicativa

Subordinação

Observe o exemplo abaixo de Vinícius de Moraes:

"Eu sinto *que em meu gesto existe o teu gesto."*
Oração Principal Oração Subordinada

Observe que na oração subordinada temos o verbo "existe", que está conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. As orações subordinadas que apresentam verbo em qualquer dos tempos finitos (tempos do modo do indicativo, subjuntivo e imperativo), são chamadas de ***orações desenvolvidas*** ou explícitas. Podemos modificar o período acima. Veja:

Eu sinto *existir em meu gesto o teu gesto.*
Oração Principal Oração Subordinada

A análise das orações continua sendo a mesma: "Eu sinto" é a oração principal, cujo objeto direto é a oração subordinada "existir em meu gesto o teu gesto". Note que a oração subordinada apresenta agora verbo no infinitivo. Além disso, a conjunção "que", conectivo que unia as duas orações, desapareceu. As orações subordinadas cujo verbo surge numa das formas nominais (infinitivo - flexionado ou não -, gerúndio ou particípio) chamamos ***orações reduzidas*** ou implícitas.
Obs.: as orações reduzidas não são introduzidas por conjunções nem pronomes relativos. Podem ser, eventualmente, introduzidas por preposição.

1) ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A oração subordinada substantiva tem valor de substantivo e vem introduzida, geralmente, por conjunção integrante (*que, se*).

Suponho *que você foi à biblioteca hoje.*
Oração Subordinada Substantiva

Você sabe *se o presidente já chegou?*
Oração Subordinada Substantiva

Os pronomes interrogativos (que, quem, qual) também introduzem as orações subordinadas substantivas, bem como os advérbios interrogativos (por que, quando, onde, como). Veja os exemplos:

O garoto perguntou *qual era o telefone da moça.*
Oração Subordinada Substantiva

Não sabemos *por que a vizinha se mudou.*
Oração Subordinada Substantiva

Classificação das Orações Subordinadas Substantivas

De acordo com a função que exerce no período, a oração subordinada substantiva pode ser:

a) Subjetiva

É subjetiva quando exerce a função sintática de sujeito do verbo da oração principal. Observe:
É fundamental *o seu comparecimento à reunião.*
Sujeito

É fundamental *que você compareça à reunião.*
Oração Principal Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

Atenção: Observe que a oração subordinada substantiva pode ser substituída pelo pronome " isso". Assim, temos um período simples:
É fundamental isso. *ou* *Isso é fundamental.*

NOVA CONCURSOS

Dessa forma, a oração correspondente a "isso" exercerá a função de sujeito

Veja algumas estruturas típicas que ocorrem na oração principal:

1- Verbos de ligação + predicativo, em construções do tipo: *É bom - É útil - É conveniente - É certo - Parece certo - É claro - Está evidente - Está comprovado*

É bom que você compareça à minha festa.

2- Expressões na voz passiva, como: *Sabe-se - Soube-se - Conta-se - Diz-se - Comenta-se - É sabido - Foi anunciado - Ficou provado*

Sabe-se que Aline não gosta de Pedro.

3- Verbos como: *convir - cumprir - constar - admirar - importar - ocorrer - acontecer*

Convém que não se atrase na entrevista.

Obs.: quando a oração subordinada substantiva é subjetiva, o verbo da oração principal está sempre na 3ª. pessoa do singular.

b) Objetiva Direta

A oração subordinada substantiva objetiva direta exerce função de objeto direto do verbo da oração principal.

Todos querem *sua aprovação no concurso.*
Objeto Direto

Todos querem *que você seja aprovado.* (= Todos querem isso)
Oração Principal oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas por:

- **Conjunções integrantes** "que" (às vezes elíptica) e "se":

A professora verificou se todos alunos estavam presentes.

- **Pronomes indefinidos** que, quem, qual, quanto (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas:

O pessoal queria saber quem era o dono do carro importado.

- **Advérbios** como, quando, onde, por que, quão (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas:

Eu não sei por que ela fez isso.

c) Objetiva Indireta

A oração subordinada substantiva objetiva indireta atua como objeto indireto do verbo da oração principal. Vem precedida de preposição.

Meu pai insiste *em meu estudo.*
Objeto Indireto

Meu pai insiste *em que eu estude.* (= Meu pai insiste nisso)
Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Obs.: em alguns casos, a preposição pode estar elíptica na oração.

Marta não gosta *(de) que a chamem de senhora.*
Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

d) Completiva Nominal

A oração subordinada substantiva completiva nominal completa um nome que pertence à oração principal e também vem marcada por preposição.

Sentimos orgulho *de seu comportamento.*
Complemento Nominal

Sentimos orgulho *de que você se comportou.* (= Sentimos orgulho disso.)
Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Lembre-se: as orações subordinadas substantivas objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto que orações subordinadas substantivas completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo, o segundo, um nome.

e) Predicativa

A oração subordinada substantiva predicativa exerce papel de predicativo do sujeito do verbo da oração principal e vem sempre depois do verbo ser.

Nosso desejo *era sua desistência.*
Predicativo do Sujeito

Nosso desejo era *que ele desistisse.* (= Nosso desejo era isso)
Oração Subordinada Substantiva Predicativa

Obs.: em certos casos, usa-se a preposição expletiva "de" para realce. Veja o exemplo: *A impressão é de que não fui bem na prova.*

f) Apositiva

A oração subordinada substantiva apositiva exerce função de aposto de algum termo da oração principal.

Fernanda tinha um grande sonho: *a chegada do dia de seu casamento.*
Aposto
(Fernanda tinha um grande sonho: *isso.*)

Fernanda tinha um grande sonho: *que o dia do seu casamento chegasse.*
Oração Subordinada Substantiva Apositiva

2) ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Uma oração subordinada adjetiva é aquela que possui valor e função de adjetivo, ou seja, que a ele equivale. As orações vêm introduzidas por pronome relativo e exercem a função de adjunto adnominal do antecedente. Observe o exemplo:

Esta foi uma redação *bem-sucedida.*
Substantivo Adjetivo (Adjunto Adnominal)

Note que o substantivo redação foi caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida. Nesse caso, é possível formarmos outra construção, a qual exerce exatamente o mesmo papel. Veja:

Esta foi uma redação *que fez sucesso.*
Oração Principal Oração Subordinada Adjetiva

Perceba que a conexão entre a oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita pelo pronome relativo "que". Além de conectar (ou relacionar) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede.

Obs.: para que dois períodos se unam num período composto, altera-se o modo verbal da segunda oração.

Atenção: Vale lembrar um recurso didático para reconhecer o pronome relativo "que": ele sempre pode ser substituído por: *o qual - a qual - os quais - as quais*

Refiro-me ao aluno que é estudioso.
Essa oração é equivalente a:
Refiro-me ao aluno o qual estuda.

Forma das Orações Subordinadas Adjetivas

Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas desenvolvidas. Além delas, existem as orações subordinadas adjetivas reduzidas, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio).

Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.
Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.

No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo "que" e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

Classificação das Orações Subordinadas Adjetivas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diferentes. Há aquelas que restringem ou especificam o sentido do termo a que se referem, individualizando-o. Nessas orações não há marcação de pausa, sendo chamadas subordinadas adjetivas restritivas. Existem também *orações que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente*, que já se encontra suficientemente definido, as quais denominam-se *subordinadas adjetivas explicativas.*

Exemplo 1:

Jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem ***que passava naquele momento***.
Oração Subordinada Adjetiva Restritiva

Nesse período, observe que a oração em destaque restringe e particulariza o sentido da palavra "homem": trata-se de um homem específico, único. A oração limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens, mas sim àquele que estava passando naquele momento.

Exemplo 2:

O homem, ***que se considera racional***, muitas vezes age animalescamente.
Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

Nesse período, a oração em destaque não tem sentido restritivo em relação à palavra "homem"; na verdade, essa oração apenas explicita uma ideia que já sabemos estar contida no conceito de "homem".

Saiba que:

A oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas; de fato, ***as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não.***

3) ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Uma oração subordinada adverbial é aquela que exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Dessa forma, pode exprimir circunstância de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc. Quando desenvolvida, vem introduzida por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes). Classifica-se de acordo com a conjunção ou locução conjuntiva que a introduz.

NOVA CONCURSOS

Durante a madrugada, *eu olhei você dormindo*.

Oração Subordinada Adverbial

Observe que a oração em destaque agrega uma circunstância de tempo. É, portanto, chamada de oração subordinada adverbial temporal. Os adjuntos adverbiais são termos acessórios que indicam uma circunstância referente, via de regra, a um verbo. A classificação do adjunto adverbial depende da exata compreensão da circunstância que exprime. Observe os exemplos abaixo:

Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.

Quando vi a estátua, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal "senti". No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a estátua", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, pois é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo ("vi", do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo-se:

Ao ver a estátua, *senti uma das maiores emoções de minha vida.*

A oração em destaque é reduzida, pois apresenta uma das formas nominais do verbo ("ver" no infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição ("a", combinada com o artigo "o").

Obs.: a classificação das orações subordinadas adverbiais é feita do mesmo modo que a classificação dos adjuntos adverbiais. Baseia-se na circunstância expressa pela oração.

Circunstâncias Expressas pelas Orações Subordinadas Adverbiais

a) Causa

A ideia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato, ao motivo do que se declara na oração principal. "É aquilo ou aquele que determina um acontecimento".

Principal conjunção subordinativa causal: PORQUE

Outras conjunções e locuções causais: *como (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.*

As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.

Como ninguém se interessou pelo projeto, não houve alternativa a não ser cancelá-lo.

Já que você não vai, eu também não vou.

b) Consequência

As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem um fato que é consequência, que é efeito do que se declara na oração principal. São introduzidas pelas conjunções e locuções: *que, de forma que, de sorte que, tanto que*, etc., e pelas estruturas *tão...que, tanto...que, tamanho...que.*

Principal conjunção subordinativa consecutiva: QUE (precedido de tal, tanto, tão, tamanho)

É feio que dói. (É tão feio que, em consequência, causa dor.)

Nunca abandonou seus ideais, de sorte que acabou concretizando-os.

Não consigo ver televisão sem bocejar. (Oração Reduzida de Infinitivo)

c) Condição

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal.

Principal conjunção subordinativa condicional: SE

Outras conjunções condicionais: *caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a não ser que, a menos que, sem que, uma vez que (seguida de verbo no subjuntivo).*

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será campeão.

Uma vez que todos aceitem a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

d) Concessão

As orações subordinadas adverbiais concessivas indicam concessão às ações do verbo da oração principal, isto é, admitem uma contradição ou um fato inesperado. A ideia de concessão está diretamente ligada ao contraste, à quebra de expectativa.

Principal conjunção subordinativa concessiva: EMBORA

Utiliza-se também a conjunção: *conquanto* e as locuções *ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.*

Só irei se ele for.

A oração acima expressa uma condição: o fato de "eu" ir só se realizará caso essa condição seja satisfeita. Compare agora com:

Irei ***mesmo que ele não vá***.

A distinção fica nítida; temos agora uma concessão: irei de qualquer maneira, independentemente de sua ida. A oração destacada é, portanto, subordinada adverbial concessiva. Observe outros exemplos:

Embora fizesse calor, levei agasalho.

Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.

Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

e) Comparação

As orações subordinadas adverbiais comparativas estabelecem uma comparação com a ação indicada pelo verbo da oração principal.

Principal conjunção subordinativa comparativa: COMO

Ele dorme como um urso.

Saiba que: É comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Por exemplo:

Agem como crianças. (agem)

Oração Subordinada Adverbial Comparativa

No entanto, quando se comparam ações diferentes, isso não ocorre. Por exemplo: *Ela fala mais do que faz*. (comparação do verbo falar e do verbo fazer).

f) Conformidade

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam ideia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal.

Principal conjunção subordinativa conformativa: CONFORME

Outras conjunções conformativas: *como, consoante e segundo* (todas com o mesmo valor de conforme).

Fiz o bolo conforme ensina a receita.

Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.

g) Finalidade

As orações subordinadas adverbiais finais indicam a intenção, a finalidade daquilo que se declara na oração principal.

Principal conjunção subordinativa final: A FIM DE QUE

Outras conjunções finais: *que, porque (= para que)* e a locução conjuntiva *para que*.

Aproximei-me dela a fim de que ficássemos amigos.

Felipe abriu a porta do carro para que sua namorada entrasse.

h) Proporção

As orações subordinadas adverbiais proporcionais exprimem ideia de proporção, ou seja, um fato simultâneo ao expresso na oração principal.

Principal locução conjuntiva subordinativa proporcional: À PROPORÇÃO QUE

Outras locuções conjuntivas proporcionais: *à medida que, ao passo que. Há ainda as estruturas: quanto maior...(maior), quanto maior...(menor), quanto menor...(maior), quanto menor...(menor), quanto mais...(mais), quanto mais...(menos), quanto menos...(mais), quanto menos...(menos).*

À proporção que estudávamos, acertávamos mais questões.

Visito meus amigos à medida que eles me convidam.

Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

i) Tempo

As orações subordinadas adverbiais temporais acrescentam uma ideia de tempo ao fato expresso na oração principal, podendo exprimir noções de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade.

Principal conjunção subordinativa temporal: QUANDO

Outras conjunções subordinativas temporais: *enquanto, mal e locuções conjuntivas: assim que, logo que, todas as vezes que, antes que, depois que, sempre que, desde que,* etc.

Quando você foi embora, chegaram outros convidados.

Sempre que ele vem, ocorrem problemas.

Mal você saiu, ela chegou.

Terminada a festa, todos se retiraram. (= Quando terminou a festa) (Oração Reduzida de Particípio)

Fonte:
http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint29.php

Questões sobre Orações Subordinadas

01. (PAPILOSCOPISTA POLICIAL – VUNESp/2013).

Mais denso, menos trânsito

As grandes cidades brasileiras estão congestionadas e em processo de deterioração agudizado pelo crescimento econômico da última década. Existem deficiências evidentes em infraestrutura, mas é importante também considerar o planejamento urbano.

Muitas grandes cidades adotaram uma abordagem de desconcentração, incentivando a criação de diversos centros urbanos, na visão de que isso levaria a uma maior facilidade de deslocamento.

Mas o efeito tem sido o inverso. A criação de diversos centros e o aumento das distâncias multiplicam o número de viagens, dificultando o investimento em transporte coletivo e aumentando a necessidade do transporte individual.

Se olharmos Los Angeles como a região que levou a desconcentração ao extremo, ficam claras as consequências. Numa região rica como a Califórnia, com enorme investimento viário, temos engarrafamentos gigantescos que viraram característica da cidade.

Os modelos urbanos bem-sucedidos são aqueles com elevado adensamento e predominância do transporte coletivo, como mostram Manhattan e Tóquio.

O centro histórico de São Paulo é a região da cidade mais bem servida de transporte coletivo, com infraestrutura de telecomunicação, água, eletricidade etc. Como em outras grandes cidades, essa deveria ser a região mais adensada da metrópole. Mas não é o caso. Temos, hoje, um esvaziamento gradual do centro, com deslocamento das atividades para diversas regiões da cidade.

A visão de adensamento com uso abundante de transporte coletivo precisa ser recuperada. Desse modo, será possível reverter esse processo de uso cada vez mais intenso do transporte individual, fruto não só do novo acesso da população ao automóvel, mas também da necessidade de maior número de viagens em função da distância cada vez maior entre os destinos da população.

(Henrique Meirelles, Folha de S.Paulo, 13.01.2013. Adaptado)

As expressões <u>*mais denso e menos trânsito*</u>, no título, estabelecem entre si uma relação de

(A) comparação e adição.
(B) causa e consequência.
(C) conformidade e negação.
(D) hipótese e concessão.
(E) alternância e explicação

NOVA CONCURSOS

02. (AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA PENITENCIÁRIA – VUNESP – 2013). No trecho – Tem surtido um efeito positivo por eles se tornarem uma referência positiva dentro da unidade***, já que*** cumprem melhor as regras, respeitam o próximo e pensam melhor nas suas ações, refletem antes de tomar uma atitude. – o termo em destaque estabelece entre as orações uma relação de

A) condição. B) causa. C) comparação. D) tempo.
E) concessão.

03. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:

A) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
B) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
C) Ignoras quanto custou meu relógio?
D) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
E) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião

04. (AGENTE DE VIGILÂNCIA E RECEPÇÃO – VUNESP – 2013). Considere a tirinha em que se vê Honi conversando com seu Namorado Lute.

(Dik Browne, Folha de S. Paulo, 26.01.2013)

É correto afirmar que a expressão ***contanto que*** estabelece entre as orações relação de

A) causa, pois Honi quer ter filhos e não deseja trabalhar depois de casada.
B) comparação, pois o namorado espera ter sucesso como cantor romântico.
C) tempo, pois ambos ainda são adolescentes, mas já pensam em casamento.
D) condição, pois Lute sabe que exercendo a profissão de músico provavelmente ganhará pouco.
E) finalidade, pois Honi espera que seu futuro marido torne-se um artista famoso.

05. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013). Em – ***Apesar da desconcentração e do aumento da extensão urbana verificados no Brasil,*** é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes... –, sem que tenha seu sentido alterado, o trecho em destaque está corretamente reescrito em:

A) Mesmo com a desconcentração e o aumento da Extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...
B) Uma vez que se verifica a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...
C) Assim como são verificados a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...
D) Visto que com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...
E) De maneira que, com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

06. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013). Em – É fundamental que essa visão de adensamento com uso abundante de transporte coletivo seja recuperada ***para que*** possamos reverter esse processo de uso... –, a expressão em destaque estabelece entre as orações relação de

A) consequência.
B) condição.
C) finalidade.
D) causa.
E) concessão.

07. (ANALISTA DE SISTEMAS – VUNESP – 2013 – adap.). Considere o trecho: "***Como*** *as músicas eram de protesto, naquele mesmo ano foi enquadrado na lei de segurança nacional pela ditadura militar e exilado.*" O termo *Como,* em destaque na primeira parte do enunciado, expressa ideia de

A) contraste e tem sentido equivalente a porém.
B) concessão e tem sentido equivalente a mesmo que.
C) conformidade e tem sentido equivalente a conforme.
D) causa e tem sentido equivalente a visto que.
E) finalidade e tem sentido equivalente a para que.

08. (ANALISTA EM PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS PÚBLICAS – VUNESP – 2013-adap.) No trecho – *"Fio, disjuntor, tomada, tudo!", insiste o motorista, com tanto orgulho que chega a contaminar-me.* –, a construção *tanto ... que* estabelece entre as construções [com tanto orgulho] e [que chega a contaminar-me] uma relação de

A) condição e finalidade.
B) conformidade e proporção.
C) finalidade e concessão.
D) proporção e comparação.
E) causa e consequência.

GABARITO

01. B 02. B 03. C 04. D
05. A 06. C 07. D 08. E

RESOLUÇÃO

1-)
mais denso e menos trânsito = mais denso, consequentemente, menos trânsito, então: causa e consequência

2-)
já que cumprem melhor as regras = estabelece entre as orações uma relação de causa com a consequência de "tem um efeito positivo".

3-)
Ignoras quanto custou meu relógio? = oração subordinada substantiva objetiva direta
A oração não atende aos requisitos de tais orações, ou seja, não se inicia com verbo de ligação, tampouco pelos verbos "convir", "parecer", "importar", "constar" etc., e também não inicia com as conjunções integrantes "que" e "se".

4-)
a expressão *contanto que* estabelece uma relação de condição (condicional)

5-)
Apesar da desconcentração e do aumento da extensão urbana verificados no Brasil = conjunção concessiva
B) Uma vez que se verifica a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, = causal
C) Assim como são verificados a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil = comparativa
D) Visto que com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil = causal
E) De maneira que, com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil = consecutivas

6-)
para que possamos = conjunção final (finalidade)

7-)
"Como as músicas eram de protesto = expressa ideia de causa da consequência "foi enquadrado" = causa e tem sentido equivalente a *visto que*.

8-)
com tanto orgulho que chega a contaminar-me. – a construção estabelece uma relação de causa e consequência. (a causa da "contaminação" – consequência)

EMPREGO DA CRASE.

A palavra ***crase*** é de origem grega e significa "fusão", "mistura". Na língua portuguesa, é o nome que se dá à "junção" de duas vogais idênticas. É de grande importância a crase da preposição "a" com o artigo feminino "a" (s), com o "a" inicial dos pronomes aquele(s), aquela (s), aquilo e com o "a" do relativo a qual (as quais). Na escrita, utilizamos o acento grave (`) para indicar a crase. O uso apropriado do acento grave depende da compreensão da fusão das duas vogais. É fundamental também, para o entendimento da crase, dominar a regência dos verbos e nomes que exigem a preposição "a". Aprender a usar a crase, portanto, consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome. Observe:
Vou a + a igreja.
Vou à igreja.

No exemplo acima, temos a ocorrência da preposição "a", exigida pelo verbo ir (ir a algum lugar) e a ocorrência do artigo "a" que está determinando o substantivo feminino igreja. Quando ocorre esse encontro das duas vogais e elas se unem, a união delas é indicada pelo acento grave. Observe os outros exemplos:
Conheço a aluna.
Refiro-me à aluna.

No primeiro exemplo, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), logo não exige preposição e a crase não pode ocorrer. No segundo exemplo, o verbo é transitivo indireto (referir--se a algo ou a alguém) e exige a preposição "a". Portanto, a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino "a" ou um dos pronomes já especificados.

***Casos em que a crase NÃO ocorre*:**

- diante de substantivos masculinos:
Andamos a cavalo.
Fomos a pé.
Passou a camisa a ferro.
Fazer o exercício a lápis.
Compramos os móveis a prazo.

- diante de verbos no infinitivo:
A criança começou a falar.
Ela não tem nada a dizer.
Obs.: como os verbos não admitem artigos, o "a" dos exemplos acima é apenas preposição, logo não ocorrerá crase.

NOVA CONCURSOS

- diante da maioria dos pronomes e das expressões de tratamento, com exceção das formas senhora, senhorita e dona:
Diga a ela que não estarei em casa amanhã.
Entreguei a todos os documentos necessários.
Ele fez referência a Vossa Excelência no discurso de ontem.
Peço a Vossa Senhoria que aguarde alguns minutos.

Os poucos casos em que ocorre crase diante dos pronomes podem ser identificados pelo método: troque a palavra feminina por uma masculina, caso na nova construção surgir a forma ao, ocorrerá crase. Por exemplo:
Refiro-me à mesma pessoa. (Refiro-me ao mesmo indivíduo.)
Informei o ocorrido à senhora. (Informei o ocorrido ao senhor.)
Peça à própria Cláudia para sair mais cedo. (Peça ao próprio Cláudio para sair mais cedo.)

- diante de numerais cardinais:
Chegou a duzentos o número de feridos.
Daqui a uma semana começa o campeonato.

Casos em que a crase SEMPRE ocorre:

- diante de palavras femininas:
Amanhã iremos à festa de aniversário de minha colega.
Sempre vamos à praia no verão.
Ela disse à irmã o que havia escutado pelos corredores.
Sou grata à população.
Fumar é prejudicial à saúde.
Este aparelho é posterior à invenção do telefone.

- diante da palavra "moda", com o sentido de "à moda de" (mesmo que a expressão moda de fique subentendida):
O jogador fez um gol à (moda de) Pelé.
Usava sapatos à (moda de) Luís XV.
Estava com vontade de comer frango à (moda de) passarinho.
O menino resolveu vestir-se à (moda de) Fidel Castro.

- na indicação de horas:
Acordei às sete horas da manhã.
Elas chegaram às dez horas.
Foram dormir à meia-noite.

- em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas. Por exemplo:

à tarde	às ocultas	às pressas	à medida que
à noite	às claras	às escondidas	à força
à vontade	à beça	à larga	à escuta
às avessas	à revelia	à exceção de	à imitação de
à esquerda	às turras	às vezes	à chave
à direita	à procura	à deriva	à toa
à luz	à sombra de	à frente de	à proporção que
à semelhança de	às ordens	à beira de	

Crase diante de Nomes de Lugar

Alguns nomes de lugar não admitem a anteposição do artigo "a". Outros, entretanto, admitem o artigo, de modo que diante deles haverá crase, desde que o termo regente exija a preposição "a". Para saber se um nome de lugar admite ou não a anteposição do artigo feminino "a", deve-se substituir o termo regente por um verbo que peça a preposição "de" ou "em". A ocorrência da contração "da" ou "na" prova que esse nome de lugar aceita o artigo e, por isso, haverá crase. Por exemplo:
Vou à França. (Vim da [de+a] França. Estou na [em+a] França.)
Cheguei à Grécia. (Vim da Grécia. Estou na Grécia.)
Retornarei à Itália. (Vim da Itália. Estou na Itália)
Vou a Porto Alegre. (Vim de Porto Alegre. Estou em Porto Alegre.)

*- ***Dica da Zê!***: use a regrinha "Vou A volto DA, crase HÁ; vou A volto DE, crase PRA QUÊ?"
Ex: *Vou a Campinas.* = *Volto de Campinas.*
Vou à praia. = *Volto da praia.*

- **ATENÇÃO**: quando o nome de lugar estiver especificado, ocorrerá crase. Veja:
Retornarei à São Paulo dos bandeirantes. = mesmo que, pela regrinha acima, seja a do "VOLTO DE"
Irei à Salvador de Jorge Amado.

Crase diante dos Pronomes Demonstrativos

Aquele (s), Aquela (s), Aquilo

Haverá crase diante desses pronomes sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Por exemplo:
Refiro-me a + aquele atentado.
Preposição Pronome
Refiro-me àquele atentado.

O termo regente do exemplo acima é o verbo transitivo indireto referir (referir-se a algo ou alguém) e exige preposição, portanto, ocorre a crase. Observe este outro exemplo:
Aluguei aquela casa.

O verbo "alugar" é transitivo direto (alugar algo) e não exige preposição. Logo, a crase não ocorre nesse caso. Veja outros exemplos:
Dediquei àquela senhora todo o meu trabalho.
Quero agradecer àqueles que me socorreram.
Refiro-me àquilo que aconteceu com seu pai.
Não obedecerei àquele sujeito.
Assisti àquele filme três vezes.
Espero aquele rapaz.
Fiz aquilo que você disse.
Comprei aquela caneta.

Crase com os Pronomes Relativos A Qual, As Quais

A ocorrência da crase com os pronomes relativos *a qual* e *as quais* depende do verbo. Se o verbo que rege esses pronomes exigir a preposição "a", haverá crase. É possível detectar a ocorrência da crase nesses casos utilizando a substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino. Por exemplo:
A igreja à qual me refiro fica no centro da cidade.
O monumento ao qual me refiro fica no centro da cidade.
Caso surja a forma ao com a troca do termo, ocorrerá a crase. Veja outros exemplos:
São normas às quais todos os alunos devem obedecer.
Esta foi a conclusão à qual ele chegou.
Várias alunas às quais ele fez perguntas não souberam responder nenhuma das questões.
A sessão à qual assisti estava vazia.

Crase com o Pronome Demonstrativo "a"

A ocorrência da crase com o pronome demonstrativo "a" também pode ser detectada através da substituição do termo regente feminino por um termo regido masculino. Veja:
Minha revolta é ligada à do meu país.
Meu luto é ligado ao do meu país.
As orações são semelhantes às de antes.
Os exemplos são semelhantes aos de antes.
Suas perguntas são superiores às dele.
Seus argumentos são superiores aos dele.
Sua blusa é idêntica à de minha colega.
Seu casaco é idêntico ao de minha colega.

A Palavra Distância

Se a palavra distância estiver especificada, determinada, a crase deve ocorrer. Por exemplo: *Sua casa fica à distância de 100km daqui.* (A palavra está determinada)
Todos devem ficar à distância de 50 metros do palco. (A palavra está especificada.)

Se a palavra distância não estiver especificada, a crase não pode ocorrer. Por exemplo:
Os militares ficaram a distância.
Gostava de fotografar a distância.
Ensinou a distância.
Dizem que aquele médico cura a distância.
Reconheci o menino a distância.

Observação: por motivo de clareza, *para evitar ambiguidade, pode-se usar a crase.* Veja:
Gostava de fotografar à distância.
Ensinou à distância.
Dizem que aquele médico cura à distância.

Casos em que a ocorrência da crase é FACULTATIVA

- diante de nomes próprios femininos:
Observação: é facultativo o uso da crase diante de nomes próprios femininos porque é facultativo o uso do artigo. Observe:
Paula é muito bonita. Laura é minha amiga.
A Paula é muito bonita. *A Laura é minha amiga.*

Como podemos constatar, é facultativo o uso do artigo feminino diante de nomes próprios femininos, então podemos escrever as frases abaixo das seguintes formas:
Entreguei o cartão a Paula. Entreguei o cartão a Roberto.
Entreguei o cartão à Paula. Entreguei o cartão ao Roberto.
- diante de pronome possessivo feminino:
Observação: é facultativo o uso da crase diante de pronomes possessivos femininos porque é facultativo o uso do artigo. Observe:
Minha avó tem setenta anos. Minha irmã está esperando por você.

NOVA CONCURSOS

A minha avó tem setenta anos. A minha irmã está esperando por você.

Sendo facultativo o uso do artigo feminino diante de pronomes possessivos femininos, então podemos escrever as frases abaixo das seguintes formas:

Cedi o lugar a minha avó. Cedi o lugar a meu avô.
Cedi o lugar à minha avó. Cedi o lugar ao meu avô.

- depois da preposição até:

Fui até a praia. ou *Fui até à praia.*

Acompanhe-o até a porta. ou *Acompanhe-o até à porta.*

A palestra vai até as cinco horas da tarde. ou *A palestra vai até às cinco horas da tarde.*

Questões sobre Crase

01.(Escrevente TJ SP – Vunesp/2012) *No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se _____aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler ____respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses____ vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica ____quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família?*

(Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) aos ... à ... a ... a
(B) aos ... a ... à ... a
(C) a ... a ... à ... à
(D) à ... à ... à ... à
(E) a ... a ... a ... a

02. (Agente de Apoio Administrativo – FCC – 2013).Leia o texto a seguir.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu _____ cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que _____ cartomante restituiu--lhe _____ confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez.

(Machado de Assis. A cartomante. In: Várias histórias. Rio de Janeiro: Globo, 1997, p. 6)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

A) à – a – a
B) a – a – à
C) à – a – à
D) à – à – a
E) a – à – à

03 *"Nesta oportunidade, volto ___ referir-me ___ problemas já expostos ___ V. Sª ___ alguns dias".*

a) à - àqueles - a - há
b) a - àqueles - a - há
c) a - aqueles - à - a
d) à - àqueles - a - a
e) a - aqueles - à - há

04.(Agente Técnico – FCC – 2013-adap.) *Claro que não me estou referindo a* ***essa vulgar comunicação festiva e efervescente.***

O vocábulo ***a*** deverá receber o sinal indicativo de crase se o segmento grifado for substituído por:

A) leitura apressada e sem profundidade.
B) cada um de nós neste formigueiro.
C) exemplo de obras publicadas recentemente.
D) uma comunicação festiva e virtual.
E) respeito de autores reconhecidos pelo público.

05. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013).

O Instituto Nacional de Administração Prisional (INAP) também desenvolve atividades lúdicas de apoio_____ ressocialização do indivíduo preso, com o objetivo de prepará--lo para o retorno_____ sociedade. Dessa forma, quando em liberdade, ele estará capacitado_____ ter uma profissão e uma vida digna.

(Disponível em: www.metropolitana.com.br/blog/qual_e_a_importancia_da_ressocializacao_de_presos. Acesso em: 18.08.2012. Adaptado)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

A) à ... à ... à
B) a ... a ... à
C) a ... à ... à
D) à ... à ... a
E) a ... à ... a

06. *O Ministro informou que iria resistir ____ pressões contrárias ____ modificações relativas ____ aquisição da casa própria.*

a) às - àquelas _ à
b) as - aquelas - a
c) às àquelas - a
d) às - aquelas - à
e) as - àquelas - à

07. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013-adap) O acento indicativo de crase está corretamente empregado em:

A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos.
B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional.
C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade.
D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades.
E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis.

08. (Agente de Vigilância e Recepção – VUNESP – 2013). O sinal indicativo de crase está correto em:

A) Este cientista tem se dedicado à uma pesquisa na área de biotecnologia.
B) Os pais não podem ser omissos e devem se dedicar à educação dos filhos.

C) Nossa síndica dedica-se integralmente à conservar as instalações do prédio.
D) O bombeiro deve dedicar sua atenção à qualquer detalhe que envolva a segurança das pessoas.
E) É função da política é dedicar-se à todo problema que comprometa o bem-estar do cidadão.

09. (Agente Educacional – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa em que a sequência da frase a seguir traz o uso correto do acento indicativo de crase, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

Um bom conhecimento de matemática é indispensável
A) à todo e qualquer estudante.
B) à estudantes de nível superior.
C) à quem pretende carreiras no campo de exatas.
D) à construção do saber nas mais diversas áreas.
E) à uma boa formação profissional.

GABARITO

01. B 02. A 03. B 04. A 05. D
06. A 07. E 08. B 09. D

RESOLUÇÃO

1-) limitar-se _aos _aspectos jurídicos ou policiais.
Raro ler __a__respeito (antes de palavra masculina não há crase)
de reintegração desses_à_ vida. (reintegrar a + a vida = à)
o nome de um médico ou clínica __a_quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família? (antes de pronome indefinido/relativo)

2-) correu _à (= para a) cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que _a__cartomante (objeto direto)restituiu-lhe ___a___ confiança (objeto direto), e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez.

3-) "Nesta oportunidade, volto _a_ referir-me àqueles__ problemas já expostos a _ V. Sª _há_ alguns dias".
- a referir = antes de verbo no infinito não há crase;
- quem faz referência, faz referência A algo ou A alguém (a regência do verbo pede preposição)
- antes de pronome de tratamento não há crase (exceção à senhora, que admite artigo);
- há no sentido de tempo passado.

4-) Claro que não me estou referindo à leitura apressada e sem profundidade.
a cada um de nós neste formigueiro. (antes de pronome indefinido)
a exemplo de obras publicadas recentemente. (palavra masculina)
a uma comunicação festiva e virtual. (artigo indefinido)
a respeito de autores reconhecidos pelo público. (palavra masculina)

5-) O Instituto Nacional de Administração Prisional (INAP) também desenvolve atividades lúdicas de apoio___à__ ressocialização do indivíduo preso, com o objetivo de prepará--lo para o retorno___à__ sociedade. Dessa forma, quando em liberdade, ele estará capacitado__a___ ter uma profissão e uma vida digna.
- Apoio a ? Regência nominal pede preposição;
- retorno a? regência nominal pede preposição;
- antes de verbo no infinitivo não há crase.

6-) O Ministro informou que iria resistir _às__ pressões contrárias àquelas_ modificações relativas __à_ aquisição da casa própria.
- resistir a? regência verbal pede preposição;
- contrária a? regência nominal pede preposição;
- relativas a? regência nominal pede preposição.

7-)
A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos. (antes de verbo no infinitivo não há crase)
B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional. (se o "a" está no singular e antecede palavra no plural, não há crase)
C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade. (artigo indefinido)
D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades. (palavra masculina)
E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis. = *correta* (regência nominal: desfavorável *a*?)

8-)
A) Este cientista tem se dedicado à uma pesquisa na área de biotecnologia. (artigo indefinido)
B) Os pais não podem ser omissos e devem se dedicar à educação dos filhos. = *correta* (regência verbal: dedicar a)
C) Nossa síndica dedica-se integralmente à conservar as instalações do prédio. (verbo no infinitivo)
D) O bombeiro deve dedicar sua atenção à qualquer detalhe que envolva a segurança das pessoas. (pronome indefinido)
E) É função da política é dedicar-se à todo problema que comprometa o bem-estar do cidadão. (pronome indefinido)

9-) Um bom conhecimento de matemática é indispensável à construção do saber nas mais diversas áreas.
A) à todo e qualquer estudante. (pronome indefinido)
B) à estudantes de nível superior. ("a" no singular antes de palavra no plural)
C) à quem pretende carreiras no campo de exatas. (pronome indefinido/relativo)
E) à uma boa formação profissional. (artigo indefinido)

NOVA CONCURSOS

EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES

1-) (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC/SP – ADMINISTRADOR - VUNESP/2013) Assinale a alternativa correta quanto à concordância, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) A má distribuição de riquezas e a desigualdade social está no centro dos debates atuais.

(B) Políticos, economistas e teóricos diverge em relação aos efeitos da desigualdade social.

(C) A diferença entre a renda dos mais ricos e a dos mais pobres é um fenômeno crescente.

(D) A má distribuição de riquezas tem sido muito criticado por alguns teóricos.

(E) Os debates relacionado à distribuição de riquezas não são de exclusividade dos economistas.

Realizei a correção nos itens:

(A) A má distribuição de riquezas e a desigualdade social está = estão

(B) Políticos, economistas e teóricos diverge = divergem

(C) A diferença entre a renda dos mais ricos e a dos mais pobres é um fenômeno crescente.

(D) A má distribuição de riquezas tem sido muito criticado = criticada

(E) Os debates relacionado = relacionados

RESPOSTA: "C".

2-) (COREN/SP – ADVOGADO – VUNESP/2013) Seguindo a norma-padrão da língua portuguesa, a frase – *Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem em média 357 calorias diárias dessa fonte*. – recebe o acréscimo correto das vírgulas em:

(A) Um levantamento mostrou, que os adolescentes americanos consomem em média 357 calorias, diárias dessa fonte.

(B) Um levantamento mostrou que, os adolescentes americanos consomem, em média 357 calorias diárias dessa fonte.

(C) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem, em média, 357 calorias diárias dessa fonte.

(D) Um levantamento, mostrou que os adolescentes americanos, consomem em média 357 calorias diárias dessa fonte.

(E) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos, consomem em média 357 calorias diárias, dessa fonte.

Assinalei com um "X" onde há pontuação inadequada ou faltante:

(A) Um levantamento mostrou, (X) que os adolescentes americanos consomem (X) em média (X) 357 calorias, (X) diárias dessa fonte.

(B) Um levantamento mostrou que, (X) os adolescentes americanos consomem, em média (X) 357 calorias diárias dessa fonte.

(C) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem, em média, 357 calorias diárias dessa fonte.

(D) Um levantamento, (X) mostrou que os adolescentes americanos, (X) consomem (X) em média (X) 357 calorias diárias dessa fonte.

(E) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos, (X) consomem (X) em média (X) 357 calorias diárias, (X) dessa fonte.

RESPOSTA: "C".

3-) (TRT/RO E AC – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2011) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

Fiz as correções entre parênteses:

a) Destinam-se (destina-se) aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem (comprime) o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

d) Ao se revogarem (revogar) o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

e) Não sensibilizavam (sensibilizava) aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

RESPOSTA: "C".

4-) (TRE/PA- ANALISTA JUDICIÁRIO – FGV/2011) Assinale a palavra que tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que distribuídos.

(A) sócio

(B) sofrê-lo

(C) lúcidos

(D) constituí

(E) órfãos

Distribuímos = regra do hiato
(A) sócio = paroxítona terminada em ditongo
(B) sofrê-lo = oxítona (não se considera o pronome oblíquo. Nunca!)
(C) lúcidos = proparoxítona
(D) constituí = regra do hiato (diferente de "constitui" – oxítona: cons-ti-tui)
(E) órfãos = paroxítona terminada em "ão"

RESPOSTA: "D".

5-) (TRT/PE – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
(A) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
(B) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
(C) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
(D) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
(E) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

(A) Provocam = provoca (o posicionamento)
(B) Sempre deverão haver bons motivos = deverá haver
(C) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem = consiste.
(D) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem = ocorre
(E) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

RESPOSTA: "E".

6-) (TRE/PA- ANALISTA JUDICIÁRIO – FGV/2011) Segundo o Manual de Redação da Presidência da República, NÃO se deve usar Vossa Excelência para
(A) embaixadores.
(B) conselheiros dos Tribunais de Contas estaduais.
(C) prefeitos municipais.
(D) presidentes das Câmaras de Vereadores.
(E) vereadores.

(...) O uso do pronome de tratamento Vossa Senhoria (abreviado V. Sa.) para vereadores está correto, sim. Numa Câmara de Vereadores só se usa Vossa Excelência para o seu presidente, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (1991).
(Fonte: http://www.linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=393)

RESPOSTA: "E".

7-) (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais.
Transpondo para a voz ativa a frase acima, o verbo passará a ser, corretamente,
(A) perceba.
(B) foi percebido.
(C) tenham percebido.
(D) devam perceber.
(E) estava percebendo.

... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais = dois verbos na voz passiva, então teremos um na ativa: que a sociedade perceba os valores e princípios...

RESPOSTA: "A"

8-) (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem ser embasados na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.
(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode estar subordinado às ordens indiscriminadas de um único poder central.
(E) O interesse de todos os cidadãos estão voltados para o momento eleitoral, que expõem as diferentes opiniões existentes na sociedade.

Fiz os acertos entre parênteses:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem (deve) ser embasados (embasada) na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é (são) garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita (respeitam) tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.

NOVA CONCURSOS

(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode (podem) estar subordinado (subordinadas) às ordens indiscriminadas de um único poder central.

(E) O interesse de todos os cidadãos estão (está) voltados (voltado) para o momento eleitoral, que expõem (expõe) as diferentes opiniões existentes na sociedade.

RESPOSTA: "A".

9-) (TRE/AL – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2010) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

- Uma grande diversidade de fenômenos é unificada e explicada pelo conceito...

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

RESPOSTA: "B".

10-) (MPE/AM - AGENTE DE APOIO ADMINISTRATIVO - FCC/2013) "*Quando a gente entra nas serrarias, vê dezenas de caminhões parados*", revelou o analista ambiental Geraldo Motta.

Substituindo-se *Quando* por *Se*, os verbos sublinhados devem sofrer as seguintes alterações:

(A) entrar – vira

(B) entrava – tinha visto

(C) entrasse – veria

(D) entraria – veria

(E) entrava – teria visto

Se a gente entrasse (verbo no singular) na serraria, veria = entrasse / veria.

RESPOSTA: "C".

11-) (TRE/AL – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2010) A pontuação está inteiramente adequada na frase:

a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.

c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

d) Será preciso, talvez redefinir a infância? - já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

Devido à igualdade textual entre os itens, a apresentação da alternativa correta indica quais são as inadequações nas demais.

RESPOSTA: "E".

12-) (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ACRE – ALUNO SOLDADO COMBATENTE – FUNCAB/2012) No trecho: "*O crescimento econômico, se associado à ampliação do emprego, PODE melhorar o quadro aqui sumariamente descrito*.", se passarmos o verbo destacado para o futuro do pretérito do indicativo, teremos a forma:

A) puder.

B) poderia.

C) pôde.

D) poderá.

E) pudesse.

Conjugando o verbo "poder" no futuro do pretérito do Indicativo: eu poderia, tu poderias, ele poderia, nós poderíamos, vós poderíeis, eles poderiam. O sujeito da oração é crescimento econômico (singular), portanto, terceira pessoa do singular (ele) = poderia.

RESPOSTA: "B".

13-) (TRE/AP - TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:

a) Ele se esqueceu de que?

b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.

c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.

d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.

e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

(A) Ele se esqueceu de que? = quê?
(B) Era tão ruím (ruim) aquele texto, que não deu para distribui-lo (distribuí-lo) entre os presentes.
(C) Embora devêssemos (devêssemos) , não fomos excessivos nas críticas.
(D) O juíz (juiz) nunca (se) negou a atender às reivindicações dos funcionários.
(E) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

RESPOSTA: "E".

14-) (FUNDAÇÃO CASA/SP - AGENTE ADMINISTRATIVO - VUNESP/2011 - ADAPTADA) Observe as frases do texto:
I, Cerca de 75 por cento dos países obtêm nota negativa...
II,... à Venezuela, de Chávez, que obtém a pior classificação do continente americano (2,0)...
Assim como ocorre com o verbo "obter" nas frases I e II, a concordância segue as mesmas regras, na ordem dos exemplos, em:
(A) Todas as pessoas têm boas perspectivas para o próximo ano. Será que alguém tem opinião diferente da maioria?
(B) Vem muita gente prestigiar as nossas festas juninas. Vêm pessoas de muito longe para brincar de quadrilha.
(C) Pouca gente quis voltar mais cedo para casa. Quase todos quiseram ficar até o nascer do sol na praia.
(D) Existem pessoas bem intencionadas por aqui, mas também existem umas que não merecem nossa atenção.
(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam.

Em I, obtêm está no plural; em II, no singular. Vamos aos itens:
(A) Todas as pessoas têm (plural) ... Será que alguém tem (singular)
(B) Vem (singular) muita gente... Vêm pessoas (plural)
(C) Pouca gente quis (singular)... Quase todos quiseram (plural)
(D) Existem (plural) pessoas ... mas também existem umas (plural)
(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam (ambas as formas estão no plural)

RESPOSTA: "A".

15-) (CETESB/SP - ANALISTA ADMINISTRATIVO - RECURSOS HUMANOS - VUNESP/2013 - ADAPTADA) Considere as orações: ... *sabíamos* *respeitar os mais velhos! / E quando eles* *falavam* nós calávamos a boca**!**
Alterando apenas o tempo dos verbos destacados para o tempo presente, sem qualquer outro ajuste, tem-se, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa:
(A) ... soubemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falaram nós calamos a boca!
(B) ... saberíamos respeitar os mais velhos! / E quando eles falassem nós calaríamos a boca!
(C) ... soubéssemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falassem nós calaríamos a boca!
(D) ... saberemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falarem nós calaremos a boca!
(E) ... *sabemos* respeitar os mais velhos! / E quando eles *falam* nós calamos a boca!

No presente: nós sabemos / eles falam.

RESPOSTA: "E".

16-) (UNESP/SP - ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO - VUNESP/2012) A correlação entre as formas verbais está correta em:
(A) Se o consumo desnecessário vier a crescer, o planeta não resistiu.
(B) Se todas as partes do mundo estiverem com alto poder de consumo, o planeta em breve sofrerá um colapso.
(C) Caso todo prazer, como o da comida, o da bebida, o do jogo, o do sexo e o do consumo não conhecesse distorções patológicas, não haverá vícios.
(D) Se os meios tecnológicos não tivessem se tornado tão eficientes, talvez as coisas não ficaram tão baratas.
(E) Se as pessoas não se propuserem a consumir conscientemente, a oferta de produtos supérfluos crescia.

Fiz as correções necessárias:
(A) Se o consumo desnecessário vier a crescer, o planeta não resistiu = resistirá
(B) Se todas as partes do mundo estiverem com alto poder de consumo, o planeta em breve sofrerá um colapso.
(C) Caso todo prazer, como o da comida, o da bebida, o do jogo, o do sexo e o do consumo não conhecesse distorções patológicas, não haverá = haveria
(D) Se os meios tecnológicos não tivessem se tornado tão eficientes, talvez as coisas não ficaram = ficariam (ou teriam ficado)
(E) Se as pessoas não se propuserem a consumir conscientemente, a oferta de produtos supérfluos crescia = crescerá

RESPOSTA: "B".

NOVA CONCURSOS

Referências:

1. APPLE, Michel; NOVOA, Antonio. Paulo Freire: política e pedagogia. Lisboa: Porto editora, 1998. 01
2. ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: Imagens e Auto-imagens. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. 02
3. BOFF, Leonardo. O cuidado necessário. Petrópolis: Vozes, 2012. 05
4. BRASIL. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, MEC/SEESP, 2008. 08
5. GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais rumo a uma pedagógica crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997. 16
6. HERNANDEZ, Fernando; A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho. São Paulo: Penso, 2017. 19
7. LA TAILLE, Yves de. Limites: três dimensões educacionais: São Paulo: Ática, 1998. 20
8. JUNDIAÍ (SP). Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular da Educação Infantil e Ensino Fundamental. 22
9. JUNDIAÍ (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretrizes pedagógicas fundamentais iniciais da SME – Educação como ação política transformadora. Jundiaí, 2013 22
10. SMOLE, Kátia S. A Matemática em Sala de Aula – Reflexões e Propostas para os anos iniciais do Ensino Fundamental. São Paulo: Penso, 2013. 24
11. SMOLE, Kátia S. A Matemática na Educação Infantil. São Paulo: Penso 2014. 24
12. VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (In)disciplina - Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 15 ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad). 26
13. WERNECK, Claudia. Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva. 2 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2000. 27

REFERÊNCIAS:
1. APPLE, MICHEL; NOVOA, ANTONIO. PAULO FREIRE: POLÍTICA E PEDAGOGIA. LISBOA: PORTO EDITORA, 1998.

Numa época marcada por práticas e discursos conservadores na área da educação, importa discutir e debater a importância do pensamento de Freire e as interrogações que ele coloca para o trabalho de todos os educadores e professores.

Paulo Freire recebeu no ano de 2012, no Brasil, a maior honra na área da educação, ao ser declarado Patrono da Educação Brasileira. Nascido em Recife, nordeste do Brasil, em 1921, é reconhecido internacionalmente como um dos maiores educadores do Século XX, por ser autor de uma pedagogia a favor da libertação dos oprimidos. O golpe militar de 1964, no Brasil, obrigou-o a um exílio de 16 anos em diversos países do mundo. Freire dedicou-se, nesses países, a um trabalho de transformação de contextos sociais opressores, lutando a favor da emancipação dos oprimidos, por meio de uma educação conscientizadora. O seu retorno ao Brasil somente foi possível em 1980, após a Lei da Anistia. À convite do então arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, ingressou no quadro de professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Nessa instituição de ensino atuou como docente e orientador de pesquisas durante os últimos dezessete anos de sua vida

A obra de Paulo Freire, incluindo mais de vinte livros dos quais ele é o único autor, vem sendo reeditada em vários países do mundo. O seu livro mais importante, Pedagogia do Oprimido, foi traduzido em mais de vinte idiomas. A Pedagogia da Autonomia, seu último livro publicado enquanto vivia, já ultrapassou a marca de um milhão de exemplares. Tal projeção confere ao conjunto de suas produções o caráter de uma obra universal que se destaca na literatura educacional, nos depoimentos de importantes autores, em diferentes países, no reconhecimento de seu trabalho por importantes Universidades do mundo2 e no crescente número de pesquisas que se apoiam no referencial de Freire.

Michael W. Apple, professor da Universidade de Wisconsin/USA, um dos mais conhecidos especialistas internacionais na área do currículo e na análise de políticas educacionais, destaca que:

Paulo Freire é importante para toda essa imensidão de pessoas, para muitos países, que reconhecem que a nossa tarefa é" dar nome ao mundo", construir coletivamente uma educação que é, simultaneamente, anti hegemônica e parte do mais vasto campo de batalha sobre o que significa alfabetização, quem a deveria controlar, e como a alfabetização crítica (o que ele denominou de conscientização) está ligada a lutas reais, por pessoas reais, em comunidades reais. (APPLE, 1998).

O professor António Nóvoa, professor da Universidade de Lisboa/ Portugal, autor de diversas obras científicas no domínio da Educação, assim escreve:

A vida e a obra de Freire estão inscritas no imaginário pedagógico do século XX, constituindo uma referência obrigatória para várias gerações de educadores. (...) As propostas por ele lançadas foram sendo apropriadas por grupos distintos, que as relocalizaram em vários contextos sociais e políticos. (...) A partir de uma concepção educativa própria, que cruza a teoria social, o compromisso moral e a participação política, Paulo Freire é, ele próprio, um patrimônio incontornável da reflexão pedagógica atual. A sua obra funciona com uma espécie de consciência crítica, que nos põe em guarda contra a despolitização do pensamento educativo e da reflexão pedagógica. (NÓVOA, 1998).

A atualidade do pensamento de Paulo Freire vem sendo demonstrada pela multiplicidade de trabalhos teórico-práticos que se desenvolvem, tomando o seu pensamento e a sua prática como referências, em diferentes áreas do conhecimento, ao redor do mundo. A crescente publicação de suas obras, em dezenas de idiomas e a ampliação de fóruns, cátedras e centros de pesquisa criados para pesquisar e debater o legado freireano são indicações da grande vitalidade do seu pensamento1.

Para Paulo Freire, as questões e problemas principais da educação não são questões pedagógicas, ao contrário, são questões políticas. Para ele, a educação e o sistema de ensino não modifica a sociedade, mas a sociedade é que pode mudar o sistema instrucional. O sistema educacional pode ter um papel de destaque numa revolução cultural. Ele chama de revolução a consciente participação do povo. Logo, a pedagogia crítica, como uma constante, contribui para revelar a ideologia esquecida na consciência das pessoas.

Em suas obras, Freire destaca a revolução. Mas o que pode ser feito antes da revolução? Ele propõe a distinção entre "ação cultural" e "revolução cultural". Para ele a ação cultural é desenvolvida em oposição à elite que controla o poder e a revolução cultural ocorre em completa harmonia com o regime revolucionário.

A proposta de Freire é a noção de consciência crítica como conhecimento e prática de classe. É uma pedagogia da consciência. Freire enfatiza um aspecto fundamental no processo de organização política das classes sociais subordinadas: os elos entre a liderança revolucionária e as práticas das massas.

A palavra conscientização, ou seja, consciência crítica, adquire força nos programas político-culturais e Freire, naquele momento, alertou contra a obsessão do uso dessa palavra como emblema nos programas conservadores onde os princípios educacionais estavam mais próximos da educação bancária do que da educação problematizadora ou da ação cultural para a liberdade. Freire define pedagogia como uma ação cultural, diferenciando duas ações culturais centrais: educação bancária e educação problematizadora.

A proposta de Paulo Freire, em termos educacionais, é uma proposta antiautoritária, onde professores e alunos ensinam e aprendem juntos, engajados num diálogo permanente. Esse processo não deve estar presente apenas na sala de aula, mas em um círculo cultural constante.

Segundo o discurso de Paulo Freire, referente à prática educativo-crítica: "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode tornar-se algo sem sentido e a prática, ativismo". E "... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção."

Para Freire o educador ao ensinar aprende, havendo uma transferência de conhecimento entre educador e educando. Em sua obra Pedagogia da Autonomia, Freire critica o ensino "bancário", pois acha que a criatividade do aluno e professor são deformadas. Defende que o professor deve não apenas transmitir conteúdos, mas também ensinar a "pensar certo", a criticar o que ler, a pesquisar, a ser curioso e acima de tudo respeitar os saberes do aluno.

Segundo Freire todo educador deve acreditar que é possível ocorrer mudanças. Todos devem participar da história, da cultura e da política. Ninguém deve ficar neutro, nem estudar por estudar. Todos devemos fazer perguntas, não podemos ficar alheios. "Ser rebeldes e não resignados".

"É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica."

No início de seus trabalhos Freire, como ele mesmo declara, "não enxergava" uma relação entre educação e política, somente depois descobriu aspectos políticos na educação. Daí a relação educação-política passa a sofrer substanciais mudanças no transcorrer de seu discurso.

A democracia é tema básico da prática e da teoria de Paulo Freire, uma democracia liberal, social, socialista, mas, sempre democracia. A questão central que percorre todo o discurso freireano, em todos os momentos, é a educação e pedagogia enquanto prática e teoria contribuintes da "radicalidade democrática". Freire nunca admitiu o autoritarismo.

A conscientização político-pedagógica poderia atingir todas as classes e o diálogo deveria levar ao "entendimento geral para o desenvolvimento de todos", da Nação, que estaria "acima" de todos os interesses particulares.

O pensamento político-pedagógico de Freire serviu muito mais à mobilização, à organização, à difícil conquista da representatividade e da cidadania das classes populares do que à manipulação típica dos populismos.

Paulo Freire sofre influência de certos parâmetros políticos e ideológicos propostos por alguns socialistas, principalmente Marx. Em sua obra Pedagogia do Oprimido, no contexto da opressão social, já aparecem "classes", apesar de não ser categoria central de seu discurso. Ao longo de seus trabalhos vão aparecendo expressões com "conflito de classes", "ação cultural" e "consciência de classe" dentre outras. A seu discurso vão sendo incorporados "marxismos".

A categoria "trabalho" aparece como contexto político-educativo e "produção" nos conteúdos programáticos escolares e da alfabetização de adultos. Daí a priorização do trabalho e da produção coletiva no processo político -educativo é um novo ponto no discurso de Paulo Freire.

Educação, uma nova educação, para Freire, só poderia ser possível com uma profunda mudança da sociedade, da política ("politicagem"), da ética, do cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. Essa nova educação não aceita a constante exploração dos oprimidos. Seria uma educação "para a autonomia e para a capacidade de dirigir", para formar cidadãos plenos, enfim, uma educação cidadã.

Freire foi um incentivador de programas para a educação de adultos. As implicações políticas da educação de adultos excederam as metodologias de instrução formal. Esses programas são mais ligados às necessidades da comunidade e mais sensíveis às suas pressões do que a instrução formal. Portanto, essa "educação popular" deve ser entendida como uma forma de educação desenvolvida pelo oprimido do que para o oprimido.

As implicações políticas da educação de adultos excederam àquelas metodologias de instrução formal. Definindo, por exemplo, as "palavras geradoras" a partir das necessidades da comunidade e de seu "universo vocabular mínimo".

A educação de adultos possui uma flexibilidade curricular e organizacional, o que não acontece na educação formal, fazendo com que os resultados sejam mais imediatos, colocando o "graduado" no mercado de trabalho ou nas atividades políticas, sem ter que esperar dez ou quinze anos, como é o caso da educação formal.

Paulo Freire era aberto a debates e reuniões e uma das suas principais virtudes era ouvir críticas e, principalmente, autocriticar-se permanentemente. Com isso modificava, revia e alterava conceitos. Como ele mesmo dizia: "cada vez mais incerto de suas certezas". O tratamento dado à "conscientização" evidencia tal atenção às criticas sérias.

Era um homem que tinha a capacidade de constante progressão, defensor do processo de conhecimento crítico. Era consciente de sua incompletude. Paulo Freire não parou de "fazer história" e "ser feito por ela".

Suas propostas foram feitas para serem recriadas, conforme o cotidiano, o imaginário, os interesses e os valores, conforme as condições de vida de seu praticante, sejam educandos ou educadores2. (1.Texto adaptado de SAUL, A. M. e 2. Adaptação CAVALCANTE, M. S. da C. Textos baseados no livro de APPLE, Michel; NOVOA, Antônio. Paulo Freire: política e pedagogia.

2. ARROYO, MIGUEL G. OFÍCIO DE MESTRE: IMAGENS E AUTO-IMAGENS. 6 ED. RIO DE JANEIRO: EDITORA VOZES, 2002.

A educação escolar é um campo propício a modas. Nossas práticas se orientam por saberes e artes aprendidas desde o berço da história cultural e social. A Escola Plural vem tentar recuperar artes, saberes e fazeres mais perenes do oficio do magistério, inovando no que diz respeito no dialogando com mestres da escola, estes colocados em primeiro plano, já que quando se constrói uma escola, pensam em toda estrutura e organização só depois nos recursos humanos.

Conversas sobre o oficio de mestre

A memória de nossas históricas nos leva ao reencontro com uma história que pensamento não existir mais, estamos atrás de uma identidade de mestre, de um ofício que carrega longa memória.

- Os segredos e as artes do oficio

O termo Ofício de Mestre remete a nossa memória. Ofício quer dizer um fazer qualificado, profissional, com segredos, saberes e artes de sua profissão, reflete o pensar e o fazer educativos influenciados no trado e na socialização das novas gerações. Eles precisam ser artesãos, artífices, artistas pra dar conta do magistério. Mestres resistem às pressões de manter e reproduzir a herança de um saber específico. A sociedade depende de suas qualificações.

As greves, congressos e encontros, afloram o orgulho conquistado de lutas pra serem socialmente reconhecidos, no final não tem suas reivindicações atendidas e suas auto-imagem ficam reconstruídas, tentativas de construir de forma coletiva a escola e de nos construirmos por novas imagens, como profissionais.

Hoje está na moda interesses neoliberais dos progressistas que querem colocar no centro da ação educativa escola a comunidade, famílias e organizações sociais, a sociedade difusa dos empresários, mídia e os amigos da escola, isso corre o risco de descaracterizar o núcleo constitutivo da ação educativa tirando de foco a dimensão pessoal, do diálogo e convívio de gerações, do saber fazer, das artes dos professores. A ação participativa não deve ser confundida com a relação educativa. As gestões progressistas abrem espaço a responsabilidade social e da comunidade descaracterizando a ação qualificada dos profissionais. Estes tentam defender e reafirmar a especialidade de ação, do seu oficio, planejando, intervindo e educando. A educação é um direito social, mesmo que professores levantem a bandeira da gestão democrática, a educação não acontece sem eles. O trabalho qualificado é insubstituível e o seu oficio não é descartável.

- Especialidade do saber-fazer educativo

Ter um oficio significa orgulho, satisfação pessoal, afirmação e defesa de uma identidade individual e coletiva. O movimento de a formação dos professores é histórica social e política. Desde 70, essa luta tem se intensificado, e uma nova identidade deve se afirmar frente à nova descaracterização da escola e da ação educativa da década de 90. O momento é de se defender essa função social, o trabalho e o saber qualificado, a identidade baseada na garantia do direito social a educação e a cultura.

Desde da LDB de 1971, escolas e currículos de formação desfiguram os mestres, empobrecendo o conhecimento, a escola e os professores, reduzindo os a ensinantes, o que leva a uma desvalorização da categoria frente ao governo e a sociedade.

- Mestre de ofício, não cata-ventos

As políticas de formação e de currículo perderam a referência do passado, a memória e a história. Procuram redefinir o nosso perfil, papel social, nossos saberes e competência, um oficio de decretos e currículos manipuláveis.

Um modo de ser

Poucos trabalhos se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal, ao levar pra casa matérias da escola, carregamos sonhos e angústias, o fato de que ser professor faz parte de uma vida pessoal. É outro de nós. Gostaria de se libertar desse entrecruzamento e reduzir o magistério a um tempo profissional delimitado, mas não conseguimos superar este fato.

- O ambíguo sonho da profissionalização

A profissionalização nos aparece como remédio pra afirmar nossa identidade. Nos anos 70 procurou-se definir como trabalhadores da educação, porém não conseguiu definir a auto-imagem, nem a imagem social. Os cursos de graduação, especializados, pós-graduação ou formação permanente dos professores de Educação Básica tornam carreira de critérios profissional, mesmo sem ter um estatuto profissional, espera-se que possa definir o imaginário social. Os professores são a imagem social que foi construída sobre o oficio de mestre, sobre a forma de exercer.

- Imagens tão diversas

Há vários níveis sociais entre os professores e auto -imagens diversas, reconhecimentos sociais que depende de lentos processos de reconhecimento.

- A herança que carregamos

A ideia de vocação perde peso, embora a visão seja forte na auto-imagem de muitos professores. A figura do professor cola-se a uma ideia de profecia, abraçar doutrinas, modos de vida, ideais, amor e dedicação. A identidade de trabalhadores e de profissionais, não consegue apagar esses traços. Nosso oficio está amassado por interesses que extrapolam a escola. Nos encontros de professores sentem-se relação de amor e de ódio com o magistério, sentimentos desencontrados e apaixonados. Neles aprendemos mais sobre nós que sobre conteúdos ou métodos.

Um dever ser

O professor do ensino básico é medido pelo social sua competência na forma de comportamento, com traços morais e éticos no terreno do dever. Hoje procura-se preparar como técnicos competente o que pode contribuir pra sua imagem profissional.

- Voltar a estação primeira, a infância

A infância enquanto sujeito social e cultural é mais que um ser letrável, e a pedagogia mais que um bom técnico em letramento. A criança tem direito de aprender e o pedagogo a obrigação de ensinar. Ambos são insolúveis. Papéis de projetos enraizados em ideais, deveres e valores. Ser mestre-educador é um modo de ser e um dever ser pedagogo de nós mesmos, porque exige domínio de teorias e uma elaboração pedagógica, o saber pedagógico é para ser vivido mais que transmitido, envolve sensibilidade, intuição, escuta, sintonia com a vida e com o humano.

- Como voltar a infância não vivida?

A motriz formadora do pedagogo, para Freire, deve ser que educar é o direito e o dever à indignação diante da desumanização da infância, como educador é preciso recuperar sua humanidade roubada, dialogando.

A humana docência

Na LDB a educação e o trabalho com as infância adolescentes e jovens não é reconhecido como educação e sim como ensino, o que confunde nas nossas auto-imagens.

- Docentes-educadores, uma relação tensa

Nos anos 60 e 70 foi articulado um movimento de Educação Popular, com vínculo de libertação, emancipação e politização, dando a escola função instrumentalizadora, o que fez se descobrir os educando como gente e não mais como alunos. Reencontramos o sentido educativo de nosso oficio de mestres, descobrindo a docência humana. Aprendemos a ser humanos.

Como profissionais temos de extinguir toda estrutura, lógica excludente e seletiva que acabam reforçando o processo de desumanização que se submetem alunos fora da escola, tentando fazer da escola um espaço e tempo de direitos, de humanização que se faz recuperar nosso oficio.

Conteúdo da humana docência

A LDB de 1996 amplia a educação, defendendo conteúdos, defendendo nos mesmos, por isso repensá-los está de encontro de um novo sentido para nosso saber-fazer. Abri-los caminhando para incorporá-los a um novo e melhor conteúdo.

Intranquilidade nos quintais do conhecimento

Alargar horizontes da docência foi positivo. Trouxe inseguranças, vontades de ler mais, de acompanhar avanços, encontros, de ter tempo para debates e estudo.

Parâmetros e ausências

Os PCNs trazem debates teóricos e políticos, concretizam estratégias e políticas de governo e de interesses sociais e políticos, traduzindo sobre a função social e cultural da escola. Abre horizontes redefinindo conteúdos redefinem à docência.

O subsolo comum de nossa docência

Somos profissionais dos saberes e dos processos que formam a mente humana. A docência pode ser um exercício de tomada de consciência, mediação da cultura. A escola um lugar facilitador, que trava o desenvolvimento intelectual o ensino deve ser significativo.

O aprendizado do ofício

Carregado por múltiplos espaços, tempos e vivências aprendidas, experimentando, sentindo com a convivência do oficio, e de condições de vida que condiciona escolhas, a vida se mistura com a condição de professor e faz o seu aprendizado.

Aprendendo nas transgressões

Nós fazemos e nos desfazemos, somos uma categoria histórica, em construção, a cada confronto construímos nossa história. Criticar amplia a consciência de múltiplas determinações sociais. As transgressões políticas e pedagógicas são muitas vezes saídas encontradas diante de um legalismo autoritário de controle e do trato infantilizado que determinou o perfil do profissional com este aprendizado, afirmando a dimensão do oficio de mestre, aprendendo a liberdade para ensinar a liberdade, na escola e pros professores.

Uma trama de práticas

As propostas de ciclo estimulam a criação de uma rede de práticas entre os diversos ciclos de desenvolvimento e entre as escolas, requer que se quebre com trabalhos isolados, fortalecendo o trabalho de equipe.

- Aprender os significados das escolhas

Em cada escolha o professor põe em ação, pensamentos, concepções, valores, culturas e significados. Registrar consolida hábitos de esforços mentais e pedagógicos e exploram dimensões. Somos o que produzimos, a escola é um amontoado de práticas do coletivo, por isso, é saudável trocar experiências. A reprodução da cultura precisa das continuidades ritualizadas. Por mais que as políticas educativas nos convidem a olhar para o futuro, o mercado e nos digam que esqueçamos e superemos praticas tradicionais, a escola e seus mestres estão fincados na tradição, nos remetem a tradição e nos criam um gosto, uma sensibilidade com a tradição.

Comunidades aprendizes mútuas

As propostas educativas inovadores trazem um clima de dúvida e inseguranças.

A implantação de ciclos confronta cultura profissional, cultura de reprovação com a teoria pedagógica e com a plena formação dos educandos. Valores, crenças que justificaram a retenção, reprovação, e separação dos educandos e seus pares, perdem sentido quando o foco de nosso olhar passa a ser os educandos, sua formação e seu desenvolvimento pleno. O convívio escolar será educativo, no encontro de gerações, com ciclos diversos de aprendizado vivencia e de interpretação de cultura, esta é a base da pedagogia, trabalhar com os semelhantes e os diversos. Precisamos reinventar valores e crenças para suportar a nossa docência, a cada dia, como na vida.

Certezas nem tão certas

Certezas sobre a cultura escolar, cultura profissional, valores e religiosidade protegem nossa tranquilidades. Abrir caminhos incertos é mais criativo e realizador que trilhar os já batidos. Inovar desestabiliza, faz se trabalhar com a insegurança provocando movimento formador para os mestres.

Caixa de ferramenta

Ao incorporarem o preparo para a cidadania, as orientações aos professores ficaram confusas, trabalhar ferramentas como o uso da mente e do raciocínio, contribui pra mudar o mundo.

Cultura profissional do magistério

O magistério tenta finca raízes nos valores sociais nas ideias, valores, da herança histórica que vem se consolidando. A procura do reconhecimento social revela a luta dos professores trabalhadores da educação. Sua identidade ainda está distante da cultura do trabalho.

Consciência política e profissional

A mídia, e intelectuais debatem sobre a cultura, valores e saberes que sufocam nossa sociedade, causando uma insegurança justificada. O valor humano de todo conhecimento está nas questões do momento, a cultura mercantil e a humanista esta em tensão, a procura de uma concepção mais global do mundo e da sociedade, dos conhecimentos científicos e tecnológicos.

Uma categoria fragmentada

Os interesses da categoria são diversos. A LDB de 71 fragmentou a categoria e a nova LDB não conseguiu recuperar a unidade perdida.

A inovação controlada

Nas escolas há inovação e um traço disso é a transgressão, reações frente ao legalismo.

- Mudar o estilo da gestão

Inovar as formas de gerir invoca-se crença dos efeitos multiplicados da proposta.

- O legalismo inovador

Tenta sufocar as oportunidades dos professores criarem e se afirmarem como pessoas, coletivos, se livrarem das engrenagens das disciplinas, das grades e dos currículos. Construir coletivamente no diálogo entre educadores, deve se criar coletivamente uma nova cultura de gestão do poder público pode ser um dos produtos da proposta político pedagógica.

Troca de aprendizados do ofício

Os professores estão adquirindo competências para equacionar suas práticas, escolher temáticas de reflexão, propor alternativas de intervenção, criando estilos de debates. Aprender as artes de lidar com pessoas, acompanhar seus processos de formação de produção e apreensão de saberes e valores exige artes especiais, exige reinventar práticas, atividades e intervenções, reinventar o currículo escolar.

Recuperar a humanidade roubada

Educar é humanizar, e a tarefa pedagógica é contribuir pra a humanização.

- A desumanização como realidade histórica

O movimento de humanização e desumanização acompanham os seres humanos desde a infância, educadores têm que resgatar o que foi perdido.

- Aprender com os outros educadores as artes do mesmo oficio

No trabalho de cada um partilhado recupera-se a infância e o sentido do oficio de ser mestre.

3. BOFF, LEONARDO. O CUIDADO NECESSÁRIO. PETRÓPOLIS: VOZES, 2012.

Em "O cuidado necessário", Leonardo Boff discorre sobre a natureza, a importância, e as implicações do cuidado, nos relacionamentos humanos (saúde, afetos, educação, etc.), na espiritualidade, e na relação com a Terra como um todo (natureza, criação, universo).

Para quem conhece a militância do autor, era de se esperar que uma das palavras mais importantes nesta obra fosse *sustentabilidade*. Boff apresenta sustentabilidade em relação com *cuidado*.

Se a sustentabilidade representa o lado objetivo, ambiental, econômico e social da gestão dos bens naturais e de sua distribuição, o cuidado denota seu lado subjetivo, as atitudes, os valores éticos e espirituais que acompanham todo esse processo, sem os quais a própria sustentabilidade não se realiza adequadamente.

Sustentabilidade "significa o uso racional dos recursos escassos da Terra, sem prejuízo do capital natural, mantido em condições de sua reprodução e de sua coevolução, considerando ainda as gerações futuras que também têm direito a um planeta habitável". Por que dar importância ao cuidado e à sustentabilidade? Simples: "ou fazemos uma aliança global para cuidar uns dos outros e da Terra, ou corremos o risco de nossa autodestruição e da devastação da diversidade da vida". Com efeito, "o cuidado se impõe para garantirmos a vida e sua continuidade". Boff elenca razões científicas para justificar o cuidado:

Já soou o alarme ecológico. O consumo ultrapassou 30% a capacidade de reposição dos bens e serviços da Terra. Em outras palavras, o planeta vivo, Terra, está perdendo sustentabilidade. A biodiversidade diminui dia a dia. São mais de cinco mil espécies de seres vivos que anualmente desaparecem definitivamente da face da terra. A escassez de água potável (só 0,7% dela é acessível ao consumo humano) constitui uma ameaça à vida de milhões e milhões de pessoas e a todos os seres vivos que precisam dela para sobreviver.

O autor começa a definir cuidado como "uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a Terra e para com os seres humanos". Porém o sentido de cuidado será explanado ao longo de toda a

obra. "Cuidado é uma atitude de relação amorosa, suave, amigável, harmoniosa e protetora para com a realidade pessoal, social e ambiental". Cuidado como preocupação com aquilo ou com quem nos sentimos ligados afetivamente; o cuidado como precaução e prevenção diante do futuro que pode nos trazer surpresas desagradáveis e efeitos danosos; e, por fim, o cuidado como *holding*, aquele conjunto de medidas e suportes que garantem segurança e paz.

E ainda:

Cuidar consiste em uma forma de viver, de ser, de se expressar; é uma postura ética e estética frente ao mundo; é um compromisso com o estar-no-mundo e contribuir com o bem-estar geral, na preservação da natureza, na promoção das potencialidades, da dignidade humana e da nossa espiritualidade; é contribuir na construção da história, do conhecimento da vida.

Boff cita o pediatra e pensador Winnicott, com sua teoria de base, o *holding*, que se traduz pelo conjunto de dispositivos de apoio, sustentação e proteção, sem os quais o ser humano não vive. É da essência humana [...] a *care* (o cuidado), que se expressa nestes dois movimentos indissociáveis: a vontade de cuidar e a necessidade de ser cuidado. Isso é patente na relação mãe/bebê. Este precisa de cuidado sem o qual não vive e subsiste. E a mãe sente vontade e tem a predisposição de cuidar".

O cuidado é necessário no nível individual (cuidar de si e do outro) e no nível social e geral (cuidar da comunidade e da Terra), conforme a exposição do capítulo seis. As atitudes do cuidado humano devem contemplar o corpo e a alma, compreendendo o ser humano como uma realidade integral (homem-corpo e homem-espírito.

Preocupado com a vida e o futuro da Terra, Boff desafia e incentiva ações urgentes de precaução e prevenção. Na precaução se revê o que se está fazendo e que ameaça a terra, e na prevenção se estuda antecipadamente determinadas ações, afim de sequer iniciar algo que possa prejudicar as condições de vida das próximas gerações.

A base da argumentação do autor em prol da Terra é construída através do conceito de terra como Mãe Terra e Gaia, isto é, "um superorganismo vivo, que se autorregula e auto organiza, respeitando seus ciclos", e da qual fazemos parte indissociavelmente. O homem é filho da Mãe Terra. O autor luta pelo reconhecimento da dignidade intrínseca da Terra, pois assim, "poderá ser iniciado um novo tempo, o da biocivilização, na qual a Terra e a humanidade reconhecem a recíproca, a origem e o destino comuns". Portanto, toda a violência que praticamos contra a Terra, praticamos contra nós mesmos. Para solidificar tal argumentação, Boff faz a seguinte leitura científica da vida:

Como Terra existimos já há 4,44 bilhões de anos, uma floração feliz de um processo evolucionário que começou há 13,7 bilhões de anos, quando surgiu o universo que conhecemos. Há 3,8 bilhões de anos irrompeu, de algum pântano ou mar, a vida. Há 125 milhões de anos emergiram os mamíferos, a cujo gênero pertencemos, e com eles nos veio o afeto, o carinho e o amor. Há uns 70 milhões de anos emergiu nosso ancestral, que vivia na copa das árvores para escapar da voracidade dos dinossauros. Há 17 milhões de anos já nos separávamos dos primatas e nos fizemos antropoides, com traços que apontavam para a futura humanidade. Há 7 milhões de anos já éramos humanos, portadores de consciência e inteligência. E há 100 mil anos somos plenamente humanos, com um cérebro extremamente complexo, capaz de suportar um espírito cujo voo não se limita a este mundo, mas alcança as estrelas e se abre ao Infinito.

Diante disso, sem se preocupar com a tradição da teologia bíblica, Leonardo Boff mostra que o homem veio da Terra, do Universo, e portanto é parte dele – responsável e cúmplice – é filho e hóspede, e não senhor e dono. Tendo evoluído dos mamíferos, possui a razão cordial: o sentimento, o afeto e o carinho. No decorrer da evolução adquiriu também a inteligência intelectual e racional. É portanto, o único ser vivo, filho da Mãe Terra, capaz de cuidar da natureza, dos seres vivos e de si mesmo, através da razão cordial (coração) [*pathos – anima*] e da intelectual [*logos – animus*]. Suprimir uma em detrimento da outra é um erro. Exemplo disso é que a humanidade iniciou a maior onda de violência contra o sistema-Terra quando exaltou a Razão soberanamente sobre o coração. Nesta fase da história Boff diz que imperou o paradigma da conquista, o qual precisa ser urgentemente substituído pelo paradigma do cuidado, que por sua vez também oferece oportunidades de avanço e crescimento – porém de uma forma nobre e responsável.

O livro parte para a conceituação do cuidado na filosofia. Em Heidegger, segundo Boff, a verdadeira tarefa da filosofia deve se orientar pelo cuidado de si. Para ele (Heidegger), a realidade somente ganha seu sentido original quando interpretada como cuidado e como preocupação inquieta de si mesmo. [...] Do estudo de Santo Agostinho tira o conceito que vai aparecer em *Ser e tempo* acerca do "cuidado autêntico". É aquele que cuida de si e, na liberdade realiza as possibilidades de se auto ajudar (numa perspectiva de futuro). Também deriva dele o "cuidado inautêntico", que é cuidar de si de maneira obsessionada, ocupando-se de tudo e menos de si mesmo, ou cuidando do outro de modo a torná-lo dependente e até submisso.

Através do estudo das cartas de São Paulo, Heidegger dá vida à expressão "o cuidado angustiante" e "a preocupação angustiada". Jesus disse: não vos preocupei [cuideis] dizendo: "o que haveremos de comer e vestir? Não vos preocupeis [cuideis] com o dia de amanhã". Com isso, Heidegger não está dizendo que é totalmente ilícito preocupar-se. Ele está pontuando que o ser humano por si mesmo (com suas próprias forças) não consegue livrar-se da inquietação e preocupação diante do futuro. Sua única chance é fazer do Reino de Deus sua preocupação primeira, então as demais preocupações e cuidados quanto às incertezas do futuro (a ansiedade e o cuidado angustiante) serão superadas. A fé do cristão lhe relembra que sua vida está na palma da mão de Deus. Por que se angustiar?

Estudando Aristóteles, Heidegger vai adiante e diz que o cuidado é a condição primeira do ser humano em relação ao mundo. O cuidado é a fonte prévia de todos os comportamentos possíveis, sejam práticos, teóricos, conscientes ou inconscientes. Pelo fato de o ser humano ser portador de cuidado essencial, cria-se a condição para ele sentir-se

NOVA CONCURSOS

conscientemente como um ser-no-mundo. [...] É, portanto, mais que uma mera inquietação; é a estrutura originária do *Dasein*, da existência humana, no tempo e no mundo. Ser homem/mulher é ser constituído de cuidado.

Boff cita as palavras do próprio Heidegger: "o cuidado significa um fenômeno ontológico existencial básico".

Saindo da filosofia e partindo para uma área mais prática, com base no que já expôs, Boff pergunta: O que é preciso fazer para cuidar da Mãe Terra? Sua resposta baseada na *Carta da Terra* é: respeitar, reduzir, reutilizar e reciclar tudo o que é consumido. Rejeitar propagandas que incentivem o consumo insano e reflorestar o máximo possível os muitos estragos já feitos. Além disso, trabalhar na produção de produtos orgânicos – excluindo transgenia e agrotóxicos. Outra iniciativa é o *extrativismo*, isto é, extrair solidariamente sem derrubar a floresta, aproveitando e preservando seus frutos, substâncias, óleos e outros ingredientes para cosméticos. São medidas práticas com vistas ao *bem-viver*, um ética de visão holística do ser humano na grande comunidade terrenal, sustentada sobre a decência e a suficiência para toda a comunidade, e não apenas e egoisticamente para o indivíduo ou minorias privilegiadas. O *bem-viver* busca um caminho de equilíbrio e "uma profunda comunhão com a Pacha Mama (Terra), com as energias do universo e com Deus" – conceito extraído da sabedoria dos andinos.

O cuidado na ética social é abordado também em termos e conceitos jurídicos e filosóficos. Leis que não contemplam certos desfavorecidos e marginalizados da sociedade, beneficiam a violência moral e prejudicam a prática do cuidado. Quando isso acontece, enquanto não se resolve o problema jurídico, Boff diz, baseado em Tomás de Aquino, que "acima da justiça está o amor à humanidade e a todos os seres. O amor ao próximo é a regra de ouro, a suprema norma da conduta verdadeiramente humana". E qual a importância da justiça? No nível pessoal, justiça significa o conjunto de virtudes que possibilita relações harmoniosas com toda a realidade que nos cerca. No nível social, refere-se à promoção do bem comum por parte das instituições. Sem justiça não se pode construir uma sociedade realmente humana. Novamente o *animus* e a *anima* estão presentes. As leis foram criadas em um mundo (ocidental) já dominado pelo *animus*, mais presente no masculino. Tais leis possuem também seu lado bom e verdadeiramente humano, mas por não dialogarem, especialmente com a perspectiva da *anima*, deixaram lacunas. O conceito mais profundo de justiça deve ser procurado também no que tem a dizer a *anima*, mais presente no feminino. E elas (neste ponto o autor cita várias filósofas e/ou feministas), ao contrário do que alguém poderia imaginar, vão dizer que "o tema do cuidado e respectivamente da justiça não são temas de gênero, mas da totalidade do humano". E o que, mais especificamente elas tem a dizer?

A dimensão da *anima*, da qual a mulher é especial portadora, capta primeiramente o mundo como valor do que como fato. Ela vê no fato mensagens e no visível capta o invisível. Ela possui um acesso ao real mais com o coração do que com a razão [...]. A tese que sustentamos em nossas reflexões é que o cuidado constitui uma dimensão essencial do humano, mas que ganha densidade e visibilidade maior na mulher. A condição dela é singular, sentindo o mundo a partir do significado que este carrega. Esta percepção é enriquecedora da ética porque leva em consideração o lado não apenas conceitual e institucional da realidade, mas também a sua densidade cotidiana e valorativa.

Ainda falando sobre a organização da vida em sociedade, segundo o paradigma do cuidado, as observações do capítulo onze são necessárias. Boff fala da importância da educação. Apressadamente, discerne quatro momentos no processo educativo do mundo ocidental: a educação na idade da razão – crítica; na idade técnica – criatividade; na idade das opressões – libertação; na idade da Terra – cuidado. O processo pedagógico nos legou a necessária coragem e capacidade de criticar, a arte de criar, a humildade de transpor a barreira professor/aluno, maior/menor, superior/inferior, libertando assim os oprimidos e fazendo-os participantes da construção do saber; mas, finalmente, resta a pergunta: onde ficou o cuidado? Na era em que estamos vivendo, a necessidade maior é a de inserir, ou melhor, discernir a presença e a importância do cuidado na educação. É preciso aprender e ensinar a cuidar. É momento de quebrar as paredes das salas de aulas e ensinar ao ar livre, deixando que os alunos contemplem a natureza, estreitando seus laços com ela no campo das ideias (resgatando a razão sensível e cordial). E o próprio campo das ideias, por sua vez, revelará que já existe uma ligação íntima entre humanidade a Mãe Terra. A sociedade que surgirá disso será diferente. Será cuidadora. Promoverá e respeitará a dignidade integral de cada elemento do Todo, e do Todo de cada elemento.

Cultivar e compreender a espiritualidade do homem é de suma importância para o cuidado, pois é através dela, a espiritualidade, que o homem conhece sua conexão com o Todo. "O extraordinário do homem-espírito é poder entrar em comunhão com Deus", desenvolver a capacidade de amar e perdoar, e de compadecer-se do outro e da Casa comum – a Mãe terra. Espiritualidade é abrir-se ao mistério do mundo e ao mistério maior, que é a Última Realidade, ou Deus.

Discorrendo sobre o cuidado na medicina e na enfermagem, Boff desenvolve um conceito de saúde que vai além da concepção biológica. Tal conceito ele chama de equilíbrio de corpo-mente-espírito-natureza. Em suma, a saúde do homem só pode ser plena se ele estiver de bem com a Terra e se ela estiver bem. Se a Terra está doente, o homem está doente, e vice-versa. O cuidado na medicina e na enfermagem é indispensável porque o ser humano, "o doente", é um corpo-espírito e espírito-corpo. Tem dignidade. Precisa ser tratado, ou melhor, cuidado como tal. É o que o autor chama de "visão de totalidade" – homem-corpo-espírito-Terra. Na visão da totalidade, a doença é vista como "uma fratura dessa totalidade e a cura como uma reintegração nela". Além disso, o ser humano é, por natureza, frágil. Prova incontestável de sua fragilidade intrínseca é a impossibilidade humana de livrar-se do luto. Cedo ou tarde, ele acontece (e no luto também é necessário um cuidado especial. Neste sentido, ser saudável não consiste em estar livre de toda e qualquer fraqueza e sofrimento, "mas em poder conviver com eles com autonomia, crescer com eles, e se tornar mais plenamente humano".

Boff conclui a obra defendendo-se preventivamente das críticas, dizendo: "Não são poucos os que, ao término da leitura deste livro, dirão: há nele coisas belas e até profundas, mas se trata de uma utopia". Porém, diz o autor:

Seguramente há nele muito de utopia, mas de uma utopia necessária. Desta vez, ou a utopia se transforma em topia, concretizando-se de verdade, ou então nosso futuro comum, da vida e da civilização, estará em grave risco. Temos que tentar tudo para não chegarmos tarde demais ao verdadeiro caminho que nos poderá salvar. E esse caminho passa pelo cuidado e pela sustentabilidade.

A última frase do livro é uma mensagem de esperança e alerta: "Não abandone jamais a esperança, o sonho e a utopia. O futuro passa por aí". (Texto adaptado de CARVALHO, E.).

4. BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA. BRASÍLIA, MEC/SEESP, 2008.

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

I – Introdução

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas.

Nesta perspectiva, o Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão apresenta a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que acompanha os avanços do conhecimento e das lutas sociais, visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os estudantes.

II – Marcos históricos e normativos

A escola historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da escola, evidencia-se o paradoxo inclusão/exclusão quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração, que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar.

A partir da visão dos direitos humanos e do conceito de cidadania fundamentado no reconhecimento das diferenças e na participação dos sujeitos, decorre uma identificação dos mecanismos e processos de hierarquização que operam na regulação e produção das desigualdades. Essa problematização explicita os processos normativos de distinção dos estudantes em razão de características intelectuais, físicas, culturais, sociais e linguísticas, entre outras, estruturantes do modelo tradicional de educação escolar.

A educação especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levaram à criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. Essa organização, fundamentada no conceito de normalidade/anormalidade, determina formas de atendimento clínico-terapêuticos fortemente ancorados nos testes psicométricos que, por meio de diagnósticos, definem as práticas escolares para os estudantes com deficiência.

No Brasil, o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império, com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, hoje denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro. No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi (1926), instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954, é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE; e, em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.

Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos "excepcionais" à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino.

A Lei nº 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, ao definir "tratamento especial" para os estudantes com "deficiências físicas, mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados", não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação e acaba reforçando o encaminhamento dos estudantes para as classes e escolas especiais.

Em 1973, o MEC cria o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, responsável pela gerência da educação especial no Brasil, que, sob a égide integracionista, impulsionou ações educacionais voltadas às pessoas com deficiência e às pessoas com superdotação, mas ainda configuradas por campanhas assistenciais e iniciativas isoladas do Estado.

Nesse período, não se efetiva uma política pública de acesso universal à educação, permanecendo a concepção de "políticas especiais" para tratar da educação de estudantes com deficiência. No que se refere aos estudantes com superdotação, apesar do acesso ao ensino regular, não é organizado um atendimento especializado que considere as suas singularidades de aprendizagem.

A Constituição Federal de 1988 traz como um dos seus objetivos fundamentais "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" (art.3º, inciso IV). Define, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a "igualdade de condições de acesso e permanência na escola" como um dos princípios para o ensino e garante como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90, no artigo 55, reforça os dispositivos legais supracitados ao determinar que "os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino". Também nessa década, documentos como a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994) passam a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva.

A Conferência Mundial de Educação para Todos, Jomtien/1990, chama a atenção para os altos índices de crianças, adolescentes e jovens sem escolarização, tendo como objetivo promover transformações nos sistemas de ensino para assegurar o acesso e a permanência de todos na escola.

Para o alcance das metas de educação para todos, a Conferência Mundial de Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, realizada pela UNESCO em 1994, propõe aprofundar a discussão, problematizando as causas da exclusão escolar. A partir desta reflexão acerca das práticas educacionais que resultam na desigualdade social de diversos grupos, o documento Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais proclama que as escolas comuns representam o meio mais eficaz para combater as atitudes discriminatórias, ressaltando que:

O princípio fundamental desta Linha de Ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicos ou culturais e crianças de outros grupos e zonas desfavorecidos ou marginalizados. (Brasil, 1997, p. 17 e 18).

Em 1994, é publicada a Política Nacional de Educação Especial, orientando o processo de "integração instrucional" que condiciona o acesso às classes comuns do ensino regular àqueles que "(...) possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os estudantes ditos normais" (p.19). Ao reafirmar os pressupostos construídos a partir de padrões homogêneos de participação e aprendizagem, a Política de 1994 não provoca uma reformulação das práticas educacionais de maneira que sejam valorizados os diferentes potenciais de aprendizagem no ensino comum, mas mantém a responsabilidade da educação desses estudantes exclusivamente no âmbito da educação especial.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, no artigo 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos estudantes currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades; assegura a terminalidade específica àqueles que não atingiram o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências; e assegura a aceleração de estudos aos superdotados para conclusão do programa escolar. Também define, dentre as normas para a organização da educação básica, a "possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado" (art. 24, inciso V) e "[...] oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames" (art. 37).

Em 1999, o Decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

Acompanhando o processo de mudança, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que: "Os sistemas de ensino devem matricular todos os estudantes, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001)."

As Diretrizes ampliam o caráter da educação especial para realizar o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização, porém, ao admitir a possibilidade de substituir o ensino regular, não potencializam a adoção de uma política de educação inclusiva na rede pública de ensino, prevista no seu artigo 2º.

O Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/2001, destaca que "o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana". Ao estabelecer objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, aponta um déficit referente à oferta de matrículas para estudantes com deficiência nas classes comuns do ensino regular, à formação docente, à acessibilidade física e ao atendimento educacional especializado.

A Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, afirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. Este Decreto tem importante repercussão na educação, exigindo uma reinterpretação da educação especial, compreendida no contexto da diferenciação, adotado para promover a eliminação das barreiras que impedem o acesso à escolarização.

Na perspectiva da educação inclusiva, a Resolução CNE/CP nº 1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, define que as instituições de ensino superior devem prever, em sua organização curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

A Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia.

A Portaria nº 2.678/02 do MEC aprova diretrizes e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do sistema Braille em todas as modalidades de ensino, compreendendo o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e a recomendação para o seu uso em todo o território nacional.

Em 2003, é implementado pelo MEC o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, com vistas a apoiar a transformação dos sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, promovendo um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, à oferta do atendimento educacional especializado e à garantia da acessibilidade.

Em 2004, o Ministério Público Federal publica o documento O Acesso de Estudantes com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular, com o objetivo de disseminar os conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão, reafirmando o direito e os benefícios da escolarização de estudantes com e sem deficiência nas turmas comuns do ensino regular.

Impulsionando a inclusão educacional e social, o Decreto nº 5.296/04 regulamentou as Leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00, estabelecendo normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Nesse contexto, o Programa Brasil Acessível, do Ministério das Cidades, é desenvolvido com o objetivo de promover a acessibilidade urbana e apoiar ações que garantam o acesso universal aos espaços públicos.

O Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, visando o acesso à escola aos estudantes surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor de Libras, instrutor e tradutor/intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular.

Em 2005, com a implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S em todos os estados e no Distrito Federal, são organizados centros de referência na área das altas habilidades/superdotação para o atendimento educacional especializado, para a orientação às famílias e a formação continuada dos professores, constituindo a organização da política de educação inclusiva de forma a garantir esse atendimento aos estudantes da rede pública de ensino.

Neste mesmo ano, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, os Ministérios da Educação e da Justiça, juntamente com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, lançam o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que objetiva, dentre as suas ações, contemplar, no currículo da educação básica, temáticas relativas às pessoas com deficiência e desenvolver ações afirmativas que possibilitem acesso e permanência na educação superior.

Em 2007, é lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, reafirmado pela Agenda Social, tendo como eixos a formação de professores para a educação especial, a implantação de salas de recursos multifuncionais, a acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares, acesso e a permanência das pessoas com deficiência na educação superior e o monitoramento do acesso à escola dos favorecidos pelo Beneficio de Prestação Continuada – BPC.

No documento do MEC, Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas é reafirmada a visão que busca superar a oposição entre educação regular e educação especial.

Contrariando a concepção sistêmica da transversalidade da educação especial nos diferentes níveis, etapas e modalidades de ensino, a educação não se estruturou na perspectiva da inclusão e do atendimento às necessidades educacionais especiais, limitando, o cumprimento do princípio constitucional que prevê a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e a continuidade nos níveis mais elevados de ensino (2007, p. 09).

Para a implementação do PDE é publicado o Decreto nº 6.094/2007, que estabelece nas diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, fortalecendo seu ingresso nas escolas públicas.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em 2006 e ratificada com força de Emenda Constitucional por meio do Decreto Legislativo n°186/2008 e do Decreto Executivo n°6949/2009, estabelece que os Estados-Partes devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social compatível com a meta da plena participação e inclusão, adotando medidas para garantir que:

a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência;

b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem (Art.24).

O Decreto n° 6571/2008, incorporado pelo Decreto n° 7611/2011, institui a política pública de financiamento no âmbito do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, estabelecendo o duplo cômputo das matriculas dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Visando ao desenvolvimento inclusivo dos sistemas públicos de ensino, este Decreto também define o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização e os demais serviços da educação especial, além de outras medidas de apoio à inclusão escolar.

Com a finalidade de orientar a organização dos sistemas educacionais inclusivos, o Conselho Nacional de Educação – CNE publica a Resolução CNE/CEB, 04/2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na Educação Básica. Este documento determina o público alvo da educação especial, define o caráter complementar ou suplementar do AEE, prevendo sua institucionalização no projeto político pedagógico da escola.

O caráter não substitutivo e transversal da educação especial é ratificado pela Resolução CNE/CEB n°04/2010, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e preconiza em seu artigo 29, que os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado - AEE, complementar ou suplementar à escolarização, ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

O Decreto n°7084/2010, ao dispor sobre os programas nacionais de materiais didáticos, estabelece no artigo 28, que o Ministério da Educação adotará mecanismos para promoção da acessibilidade nos programas de material didático destinado aos estudantes da educação especial e professores das escolas de educação básica públicas.

A fim de promover políticas públicas de inclusão social das pessoas com deficiência, dentre as quais, aquelas que efetivam um sistema educacional inclusivo, nos termos da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, instituiu-se, por meio do Decreto n°7612/2011, o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite.

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do espectro Autista é criada pela Lei nº 12.764/2012. Além de consolidar um conjunto de direitos, esta lei em seu artigo 7º, veda a recusa de matrícula à pessoas com qualquer tipo de deficiência e estabelece punição para o gestor escolar ou autoridade competente que pratique esse ato discriminatório.

Ancorada nas deliberações da Conferência Nacional de Educação – CONAE/ 2010, a Lei nº 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação – PNE, no inciso III, parágrafo 1º, do artigo 8º, determina que os Estados, o Distrito Federal e os Municípios garantam o atendimento as necessidades específicas na educação especial, assegurado o sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades. Com base neste pressuposto, a meta 4 e respectivas estratégias objetivam universalizar, para as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, na faixa etária de 04 a 17 anos, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado. O AEE é ofertado preferencialmente na rede regular de ensino, podendo ser realizado por meio de convênios com instituições especializadas, sem prejuízo do sistema educacional inclusivo.

III – Diagnóstico da Educação Especial

O Censo Escolar/MEC/INEP, realizado anualmente em todas as escolas de educação básica, possibilita o acompanhamento dos indicadores da educação especial: acesso à educação básica, matrícula na rede pública, ingresso nas classes comuns, oferta do atendimento educacional especializado, acessibilidade nos prédios escolares, municípios com matrícula de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, escolas com acesso ao ensino regular e formação docente para o atendimento às necessidades educacionais específicas dos estudantes.

Para compor esses indicadores no âmbito da educação especial, o Censo Escolar/MEC/INEP coleta dados referentes ao número geral de matrículas; à oferta da matrícula nas escolas públicas, escolas privadas e comunitárias sem fins lucrativos; às matrículas em classes especiais, escola especial e classes comuns de ensino regular; ao número de estudantes do ensino regular com atendimento educacional especializado; às matrículas, conforme tipos de deficiência, transtornos do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação; à infraestrutura das escolas quanto à acessibilidade arquitetônica, à sala de recursos ou aos equipamentos específicos; e à formação dos professores que atuam no atendimento educacional especializado.

A partir de 2004, são efetivadas mudanças no instrumento de pesquisa do Censo, que passa a registrar a série ou ciclo escolar dos estudantes identificados na área da educação especial, possibilitando monitorar o percurso escolar. Em 2007, o formulário impresso do Censo Escolar foi transformado em um sistema de informações on-line, o Censo Web, que qualifica o processo de coleta e tratamento das informações, permite atualização dos dados dentro do mesmo ano escolar, bem como possibilita o cruzamento com outros bancos de dados, tais como os das áreas de saúde, assistência e previdência social. Também são realizadas alterações que ampliam o universo da pesquisa, agregando informações individualizadas dos estudantes, das turmas, dos professores e da escola.

Com relação aos dados da educação especial, o Censo Escolar registra uma evolução nas matrículas, de 337.326 em 1998 para 843.342 em 2013, expressando um crescimento de 150%. No que se refere ao ingresso em classes comuns do ensino regular, verifica-se um crescimento de1.377%, passando de 43.923 estudantes em 1998 para 648.921 em 2013, conforme demonstra o gráfico a seguir:

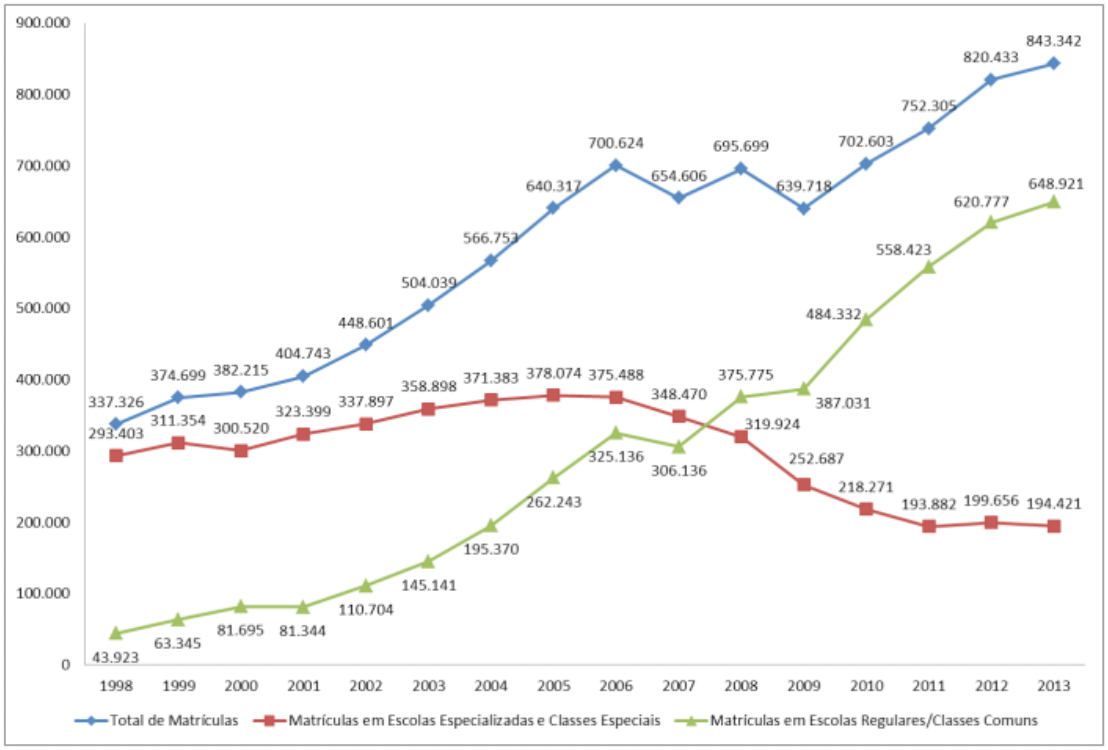

Quanto à distribuição dessas matrículas nas esferas pública e privada, em 1998 registra-se 179.364 (53,2%) estudantes na rede pública e 157.962 (46,8%) nas escolas privadas, principalmente em instituições especializadas filantrópicas. Com o desenvolvimento das ações e políticas de educação inclusiva nesse período, evidencia-se um crescimento de 270% das matrículas nas escolas públicas, que alcançam 664.466 (79%) estudantes em 2013, conforme demonstra o gráfico:

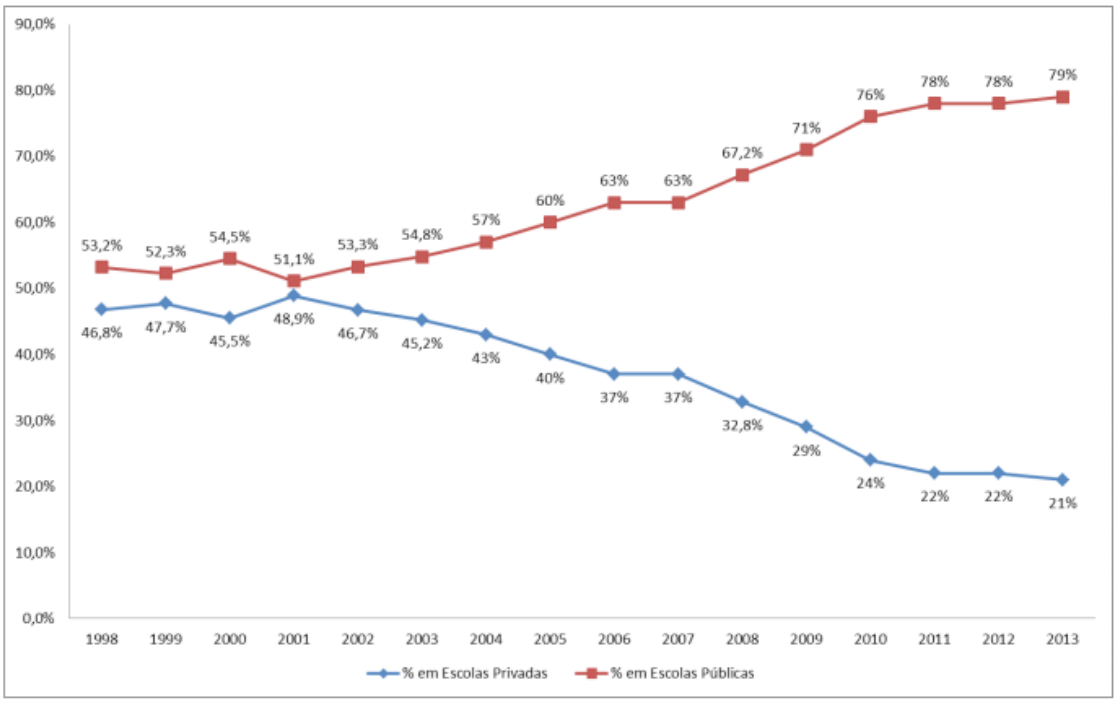

Com relação à distribuição das matrículas por etapa de ensino em 2013: 59.959 (7%) estão na educação infantil, 614.390 (73%) no ensino fundamental, 48.589 (6%) no ensino médio, 118.047 (13%) na educação de jovens e adultos, e 2.357 (1%) na educação profissional e tecnológica.

O Censo da Educação Superior registra que, entre 2003 e 2012, o número de estudantes passou de 5.078 para 26.663 estudantes, representando um crescimento de 425%.

A evolução das ações referentes à educação especial nos últimos anos é expressa no crescimento de 81% no número de municípios com matrículas de estudantes público alvo da educação especial. Em 1998, registram-se 2.738 municípios (50%), chegando a 2013, com 5.553 municípios (99%).

Verifica-se, ainda, o aumento do número de escolas com matrícula, que em 1998 registra 6.557 escolas com matrícula de estudantes público alvo da educação especial e, em 2013 passa a registrar 104.000, representando um crescimento de 1.486%. Dentre as escolas com matrícula de estudante público alvo da educação especial, em 2013, 4.071 são escolas especiais e 99.929 são escolas de ensino regular com matrículas nas turmas comuns.

O indicador de acessibilidade arquitetônica em prédios escolares, em 1998, aponta que 14% dos 6.557 estabelecimentos de ensino com matrícula de estudantes com deficiência e altas habilidades/superdotação apresentam acessibilidade arquitetônica. Em 2013, das 104.000 escolas com matrículas de estudantes público alvo da educação especial, 24% possuem acessibilidade arquitetônica.

Com relação à formação dos professores que atuam na educação especial, o Censo Escolar de 2013 registra 93.371 professores com curso específico nessa área de conhecimento.

IV – Objetivo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais, garantindo:

• Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;

• Atendimento educacional especializado;

• Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;

• Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;

• Participação da família e da comunidade;

• Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e

• Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

V – Estudantes atendidos pela Educação Especial

Por muito tempo perdurou o entendimento de que a educação especial, organizada de forma paralela à educação comum, seria a forma mais apropriada para o atendimento de estudantes que apresentavam deficiência ou que não se adequassem à estrutura rígida dos sistemas de ensino.

Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da educação especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, em contraposição à sua dimensão pedagógica. O desenvolvimento de estudos no campo da educação e dos direitos humanos vêm modificando os conceitos, a legislação, as práticas educacionais e de gestão, indicando a necessidade de se promover uma reestruturação das escolas de ensino regular e da educação especial.

Em 1994, a Declaração de Salamanca proclama que as escolas regulares com orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e que estudantes com deficiência e altas habilidades/superdotação devem ter acesso à escola regular, tendo como princípio orientador que "as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras" (BRASIL, 2006, p.330).

O conceito de necessidades educacionais especiais, que passa a ser amplamente disseminado a partir dessa Declaração, ressalta a interação das características individuais dos estudantes com o ambiente educacional e social. No entanto, mesmo com uma perspectiva conceitual que aponte para a organização de sistemas educacionais inclusivos, que garanta o acesso de todos os estudantes e os apoios necessários para sua participação e aprendizagem, as políticas implementadas pelos sistemas de ensino não alcançaram esse objetivo.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e em outros, como os transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento desses estudantes.

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses estudantes no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas.

Os estudos mais recentes no campo da educação especial enfatizam que as definições e uso de classificações devem ser contextualizados, não se esgotando na mera especificação ou categorização atribuída a um quadro de deficiência, transtorno, distúrbio, síndrome ou aptidão.

Considera-se que as pessoas se modificam continuamente, transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, reforçando a importância dos ambientes heterogêneos para a promoção da aprendizagem de todos os estudantes.

A partir dessa conceituação, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os estudantes com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo estudantes com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. Estudantes com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

VI – Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular.

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos estudantes com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.

Dentre as atividades de atendimento educacional especializado são disponibilizados programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização e tecnologia assistiva. Ao longo de todo o processo de escolarização esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum. O atendimento educacional especializado é acompanhado por meio de instrumentos que possibilitem monitoramento e avaliação da oferta realizada nas escolas da rede pública e nos centros de atendimento educacional especializados públicos ou conveniados.

O acesso à educação tem início na educação infantil, na qual se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e desenvolvimento global do aluno. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança.

Do nascimento aos três anos, o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de estimulação precoce, que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social. Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos estudantes, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino. Deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional.

Desse modo, na modalidade de educação de jovens e adultos e educação profissional, as ações da educação especial possibilitam a ampliação de oportunidades de escolarização, formação para ingresso no mundo do trabalho e efetiva participação social.

A interface da educação especial na educação indígena, do campo e quilombola deve assegurar que os recursos, serviços e atendimento educacional especializado estejam presentes nos projetos pedagógicos construídos com base nas diferenças socioculturais desses grupos.

Na educação superior, a educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação dos estudantes. Estas ações envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvam o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para o ingresso dos estudantes surdos nas escolas comuns, a educação bilíngue – Língua Portuguesa/Libras desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para estudantes surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais estudantes da escola. O atendimento educacional especializado para esses estudantes é ofertado tanto na modalidade oral e escrita quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, orienta-se que o aluno surdo esteja com outros surdos em turmas comuns na escola regular.

O atendimento educacional especializado é realizado mediante a atuação de profissionais com conhecimentos específicos no ensino da Língua Brasileira de Sinais, da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, do sistema Braille, do Soroban, da orientação e mobilidade, das atividades de vida autônoma, da comunicação alternativa, do desenvolvimento dos processos mentais superiores, dos programas de enriquecimento curricular, da adequação e produção de materiais didáticos e pedagógicos, da utilização de recursos ópticos e não ópticos, da tecnologia assistiva e outros.

A avaliação pedagógica como processo dinâmico considera tanto o conhecimento prévio e o nível atual de desenvolvimento do aluno quanto às possibilidades de aprendizagem futura, configurando uma ação pedagógica processual e formativa que analisa o desempenho do aluno em relação ao seu progresso individual, prevalecendo na avaliação os aspectos qualitativos que indiquem as intervenções pedagógicas do professor. No processo de avaliação, o professor deve criar estratégias considerando que alguns estudantes podem demandar ampliação do tempo para a realização dos trabalhos e o uso da língua de sinais, de textos em Braille, de informática ou de tecnologia assistiva como uma prática cotidiana.

NOVA CONCURSOS

Cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/intérprete de Libras e guia-intérprete, bem como de monitor ou cuidador dos estudantes com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras, que exijam auxílio constante no cotidiano escolar.

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área.

Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial.

Para assegurar a intersetorialidade na implementação das políticas públicas a formação deve contemplar conhecimentos de gestão de sistema educacional inclusivo, tendo em vista o desenvolvimento de projetos em parceria com outras áreas, visando à acessibilidade arquitetônica, aos atendimentos de saúde, à promoção de ações de assistência social, trabalho e justiça.

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os estudantes. A acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação – incluindo instalações, equipamentos e mobiliários – e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações.

VII – Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 5.692, de 11 de agosto de 1971.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 7.853, de 24 de outubro de 1989.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem.

UNESCO, Jomtiem/Tailândia, 1990.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.

BRASIL. Decreto Nº 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Guatemala: 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Nº 2.678, de 24 de setembro de 2002. Disponível em: ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resoluçoes_2002/por2678_24092002.doc

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004.

BRASIL. Ministério Público Federal. O acesso de estudantes com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular de ensino. Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva(Orgs). 2ª ed. ver. e atualiz. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais – orientações gerais e marcos legais. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2000 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>. Acesso em: 20 de jan. 2007.

BRASIL. INEP. Censo Escolar, 2006. Disponível em: <http:// http://www.inep.gov. br/basica/censo/default.asp >. Acesso em: 20 de jan. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas. Brasília: MEC, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2006.

Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=-com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192

5. GIROUX, HENRY A. OS PROFESSORES COMO INTELECTUAIS RUMO A UMA PEDAGÓGICA CRÍTICA DA APRENDIZAGEM. PORTO ALEGRE: ARTMED, 1997.

Diferente de muitos movimentos de reforma educacional do passado, o atual apelo por mudança educacional apresenta aos professores tanto uma ameaça quanto um desafio que parecem sem precedentes na história de nossa nação. A ameaça vem na forma de uma série de reformas educacionais que mostram pouca confiança na capacidade dos professores da escola pública de oferecerem uma liderança intelectual e moral para a juventude de nosso país. Por exemplo, muitas das recomendações que surgiram no atual debate ignoram o papel que os professores desempenham na preparação dos aprendizes para serem cidadãos ativos e críticos, ou então sugerem reformas que ignoram a inteligência, julgamento e experiência que os professores poderiam oferecer em tal debate. Quando os professores de fato entram no debate é para serem objeto de reformas educacionais que os reduzem ao *status* de técnicos de alto nível cumprindo ditames e objetivos decididos por especialistas um tanto afastados da realidade cotidiana da vida em sala de aula. A mensagem parece ser que os professores não contam quando trata-se de examinar criticamente a natureza e processo da reforma intelectual.

O clima político e ideológico não parece favorável para os professores no momento. Entretanto, ele de fato lhes oferece o desafio de unirem-se ao debate público com seus críticos, bem como a oportunidade de se engajarem em uma autocrítica muito necessária em relação à natureza e finalidade da preparação dos professores, dos programas de treinamento no trabalho e das formas dominantes da escolarização. De forma semelhante, o debate oferece aos professores a oportunidade de se organizarem coletivamente para melhorar as condições em que trabalham, e demonstram ao público o papel fundamental que eles devem desempenhar em qualquer tentativa de reformar as escolas públicas.

Para que os professores e outros se engajem em tal debate, é necessário que uma perspectiva teórica seja desenvolvida, redefinindo a natureza da crise educacional e ao mesmo tempo fornecendo as bases para uma visão alternativa para o treinamento e trabalho dos professores. Em resumo, o reconhecimento de que a atual crise na educação tem muito a ver com a tendência crescente de enfraquecimento dos professores em todos os níveis da educação é uma precondição teórica necessária para que eles efetivamente se organizem e estabeleçam uma voz coletiva no debate atual. Além disso, tal reconhecimento terá que enfrentar não apenas a crescente perda de poder entre os professores em torno das condições de seu trabalho, mas também as mudanças na percepção do público quanto a seu papel de praticantes reflexivos.

Gostaria de dar uma pequena contribuição teórica para que este debate e o desafio que ele suscita examinando dois problemas importantes que precisam ser abordados no interesse de melhorar a qualidade da "atividade docente", o que inclui todas as tarefas administrativas e atividades extras, bem como a instrução em sala de aula. Primeiramente, eu acho que é imperativo examinar as forças ideológicas e materiais que têm contribuído para o que desejo chamar de proletarização do trabalho docente, isto é, a tendência de reduzir os professores ao *status* de técnicos especializados dentro da burocracia escolar, cuja função, então, torna-se administrar e implementar programas curriculares, mais do que desenvolver ou apropriar-se criticamente de currículos que satisfaçam objetivos pedagógicos específicos. Em segundo lugar, existe uma necessidade de defender as escolas como instituições essenciais para a manutenção e desenvolvimento de uma democracia, e também a defesa dos professores como intelectuais transformadores que combinam a reflexão e prática acadêmica a serviço dos estudantes para que sejam cidadãos reflexivos e ativos. No restante deste ensaio, irei desenvolver estes pontos e concluir examinando suas implicações para o fortalecimento de uma visão alternativa da atividade docente.

Desvalorização e Desestabilização do Trabalho Docente

Uma das maiores ameaças aos professores existentes e futuros nas escolas públicas é o desenvolvimento crescente de ideologias instrumentalistas que enfatizam uma abordagem tecnocrática para a preparação dos professores e também para a pedagogia de sala de aula. No cerne da atual ênfase nos fatores instrumentais e pragmáticos da vida escolar colocam-se diversas suposições pedagógicas importantes. Elas incluem: o apelo pela separação de concepção e execução; a padronização do conhecimento escolar com o interesse de administrá-lo e controlá-lo; e a desvalorização do trabalho crítico e intelectual de professores e estudantes pela primazia de considerações práticas.

Esse tipo de racionalidade instrumental encontra uma de suas expressões historicamente mais fortes no treinamento de futuros professores. O fato de que os programas de treinamento de professores nos Estados Unidos há muito têm sido dominados por uma orientação e ênfase behaviorista na mestria de áreas disciplinares e métodos de ensino está bem documentado. Vale a pena repetir as implicações desta abordagem, salientadas por Zeichner:

Subjacente a esta orientação na formação dos professores encontra-se uma metáfora de "produção", uma visão do ensino como "ciência aplicada" e uma visão do professor como principalmente um "executor" das leis e princípios de ensino eficaz. Os futuros professores podem ou não avançar no currículo em seu próprio ritmo e podem participar de atividades de aprendizagem variadas ou padronizadas, mas aquilo que eles têm que dominar tem escopo limitado (por exemplo, um corpo de conhecimentos de conteúdo profissional e habilidades didáticas) e está totalmente determinado com antecipação por outros, com base, muitas vezes, em pesquisas na efetividade do professor. O futuro professor é visto basicamente como um receptor passivo deste conhecimento profissional e participa muito pouco da determinação do conteúdo e direção de seu programa de preparação.

NOVA CONCURSOS

Os problemas desta abordagem são evidentes com o argumento de John Dewey de que os programas de treinamento de professores que enfatizam somente o conhecimento técnico prestam um desserviço tanto à natureza do ensino quanto a seus estudantes. Em vez de aprenderem a refletir sobre os princípios que estruturam a vida e a prática em sala de aula, os futuros professores aprendem metodologias que parecem negar a própria necessidade de pensamento crítico. O ponto é que os programas de treinamento de professores muitas vezes perdem de vista a necessidade de educar os alunos para que eles examinem a natureza subjacente dos problemas escolares. Além disso, estes programas precisam substituir a linguagem da administração e eficiência por uma análise crítica das condições menos óbvias que estruturam as práticas ideológicas e materiais do ensino.

Em vez de aprenderem a levantar questões acerca dos princípios que subjazem os diferentes métodos didáticos, técnicas de pesquisa e teorias de educação, os estudantes com frequência preocupam-se em aprender o "como fazer", "o que funciona" ou o domínio da melhor maneira de ensinar um "dado" corpo de conhecimento. Por exemplo, os seminários obrigatórios de prática no campo consistem na partilha de técnicas utilizadas pelos estudantes para administrar e controlar a disciplina em sala de aula, organizar as atividades do dia e aprender a trabalhar dentro de cronogramas específicos. Examinando um programa destes, Jesse Goodman levanta algumas questões importantes acerca dos silêncios prejudiciais que o mesmo incorpora. Ele escreve:

Não havia questionamento de sentimentos, suposições ou definições nesta discussão. Por exemplo, a "necessidade" de recompensas e punições para "fazer crianças aprenderem" era dada como garantida; as implicações éticas e educacionais não eram abordadas. Não se via preocupação em estimular ou alimentar o desejo intrínseco da criança por aprender. As definições de *bons alunos* como "alunos quietos", *atividades no caderno de exercícios* como "leitura", *tempo envolvido com a tarefa como* "aprendizagem", e *finalizar o material dentro do horário* como "objetivo de ensino" – todas passavam sem questionamento. Os sentimentos de pressão e possível culpa quanto a não satisfazer os cronogramas também não eram explorados. A real preocupação nesta discussão era a de que todos "compartilhassem".

As racionalidades tecnocráticas e instrumentais também operam dentro do próprio campo de ensino, e desempenham um papel cada vez maior na redução da autonomia do professor com respeito ao desenvolvimento e planejamento curricular e o julgamento e implementação de instrução em sala de aula. Isto é bastante evidente na proliferação do que se tem chamado de pacotes curriculares "à prova de professor". A fundamentação subjacente de muitos destes pacotes reserva aos professores o simples papel de executar procedimentos de conteúdo e instrução predeterminados. O método e objetivo de tais pacotes é legitimar o que chamo de pedagogias de gerenciamento. Isto é, o conhecimento é subdividido em partes diferentes, padronizado para serem mais facilmente gerenciados e consumidos, e medidos através de formas de avaliação predeterminadas. As abordagens curriculares deste tipo são pedagogias de gerenciamento porque as principais questões referentes à aprendizagem ficam reduzidas ao problema da administração, isto é, "como alocar recursos (professores, estudantes e materiais) para produzir o número máximo possível de estudantes... diplomados dentro do tempo designado". A suposição teórica subjacente que orienta este tipo de pedagogia é a de que o comportamento dos professores precisa ser controlado, tornando-o comparável e previsível entre as diferentes escolas e populações de alunos.

O que fica claro nesta abordagem é que a mesma organiza a vida escolar em torno de especialistas em currículo, instrução e avaliação, aos quais se reserva a tarefa de concepção, ao passo que os professores são reduzidos à tarefa de implementação. O efeito não se reduz somente à incapacitação dos professores para afastá-los do processo de deliberação e reflexão, mas também para tornar rotina a natureza da pedagogia de aprendizagem e de sala de aula. Não é preciso dizer que os princípios subjacentes às pedagogias de gerenciamento estão em desacordo com a premissa de que os professores deveriam estar ativamente envolvidos na produção de materiais curriculares adequados aos contextos culturais e sociais em quais ensinam. Mas especificamente, o estreitamento das opções curriculares ao formato de retorno aos fundamentos e a introdução de pedagogias inflexíveis de tempo na tarefa operam a partir da suposição errônea de que todos os estudantes podem aprender a partir dos mesmos materiais, técnicas em sala de aula e modos de avaliação. A noção de que os estudantes têm histórias diferentes e incorporam experiências, práticas linguísticas, culturas e talentos diferentes é estrategicamente ignorada dentro da lógica de e contabilidade da teoria pedagógica administrativa.

Professores como Intelectuais Transformadores

No que se segue, desejo argumentar que uma forma de repensar e reestruturar a natureza da atividade docente é encarar os professores como intelectuais transformadores. A categoria de intelectual é útil de diversas maneiras. Primeiramente, ela oferece uma base teórica para examinar-se a atividade docente como forma trabalho intelectual, em contraste com sua definição em termos puramente instrumentais ou técnicos. Em segundo lugar, ela esclarece os tipos de condições ideológicas e práticas necessárias para que os professores funcionem como intelectuais. Em terceiro lugar, ela ajuda a esclarecer o papel que os professores desempenham na produção e legitimação de interesses políticos, econômicos e sociais variados através das pedagogias por eles endossadas e utilizadas.

Ao encarar os professores como intelectuais, podemos elucidar a importante ideia de que toda a atividade humana envolve alguma forma de pensamento. Nenhuma atividade, independentemente do quão rotinizada possa se tornar, pode ser abstraída do funcionamento da mente em algum nível. Este ponto é crucial, pois ao argumentarmos que o uso da mente é uma parte geral de toda ati-

vidade humana, nós dignificamos a capacidade humana de integrar o pensamento e a prática, e assim destacamos a essência do que significa encarar os professores como profissionais reflexivos. Dentro deste discurso, os professores podem ser vistos não simplesmente como "operadores profissionalmente preparados para efetivamente atingirem quaisquer metas a eles apresentadas. Em vez disso, eles deveriam ser vistos como homens e mulheres livres, com uma dedicação especial aos valores do intelecto e ao fomento da capacidade crítica dos jovens".

Encarar os professores como intelectuais também fornece uma vigorosa crítica teórica das ideologias tecnocráticas e instrumentos subjacentes à teoria educacional que separa a conceitualização, planejamento e organização curricular dos processos de implementação e execução. É importante enfatizar que os professores devem assumir responsabilidade ativa pelo levantamento de questões sérias acerca do que ensinam, como devem ensinar, e quais são as metas mais amplas pelas quais estão lutando. Isto significa que eles devem assumir um papel responsável na formação dos propósitos e condições de escolarização. Tal tarefa é impossível com uma divisão do trabalho na qual os professores têm pouca influência sobre as condições ideológicas e econômicas de seu trabalho. Este ponto tem uma dimensão normativa e política que parece especialmente relevante para os professores. Se acreditarmos que o papel do ensino não pode ser reduzido ao simples treinamento de habilidades práticas, mas que, em vez disso, envolve a educação de uma classe de intelectuais vital pra o desenvolvimento de uma sociedade livre, então a categoria de intelectual torna-se uma maneira de unir a finalidade da educação de professores, escolarização pública e treinamento profissional aos próprios princípios necessários para o desenvolvimento de uma ordem e sociedade democráticas.

Eu argumentei que, encarando os professores como intelectuais, nós podemos começar a repensar e reformar as tradições e condições que têm impedido que os professores assumam todo o seu potencial como estudiosos e profissionais ativos e reflexivos. Acredito que é importante não apenas encarar os professores como intelectuais, mas também contextualizar em termos políticos e normativos as funções sociais concretas desempenhadas pelos mesmos. Desta forma, podemos ser mais específicos acerca das diferentes relações que os professores têm tanto com seu trabalho como com a sociedade dominante.

Um ponto de partida para interrogar-se a função social dos professores enquanto intelectuais é ver as escolas como locais econômicos, culturais e sociais que estão inextrincavelmente atrelados às questões de poder e controle. Isto significa que as escolas fazem mais do que repassar de maneira objetiva um conjunto comum de valores e conhecimentos. Pelo contrário, as escolas são lugares que representam formas de conhecimento, práticas de linguagem, relações e valores sociais que são seleções e exclusões particulares da cultura mais ampla. Como tal, as escolas servem para introduzir e legitimar formas *particulares* de vida social. Mais do que instituições objetivas separadas da dinâmica da política e poder, as escolas são, de fato, esferas controversas que incorporam e expressam uma disputa acerca de que formas de autoridade, tipos de conhecimento, formas de regulação moral e versões do passado e futuro que devem ser legitimadas e transmitidas aos estudantes. Esta disputa é mais visível, por exemplo, nas demandas de grupos religiosos de direita que atualmente tentam instituir a reza nas escolas, eliminar certos livros das bibliotecas escolares e incluir certas formas de ensinamentos religiosos no currículo de ciências. É claro que demandas de outro tipo são feitas por feministas, ecologistas, minorias, e outros grupos de interesse que acreditam que as escolas deveriam ensinar estudos femininos, cursos sobre meio ambiente, ou história dos negros. Em resumo, as escolas não são locais neutros e os professores não podem tampouco assumir a postura de serem neutros.

Num sentido mais amplo, os professores como intelectuais devem ser vistos em termos dos interesses políticos e ideológicos que estruturam a natureza do discurso, relações sociais em sala de aula e valores que eles legitimam em sua atividade de ensino. Com esta perspectiva em mente, gostaria de concluir que os professores deveriam se tornar intelectuais transformadores se quiserem educar os estudantes para serem cidadãos ativos e críticos.

Essencial para a categoria de intelectual é a necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico. Tornar o pedagógico mais político significa inserir a escolarização diretamente na esfera política, argumentando-se que as escolas representam tanto um esforço para definir-se o significado quanto uma luta em torno das relações de poder. Dentro desta perspectiva, a reflexão e ação críticas tornam-se parte de um projeto social fundamental de ajudar os estudantes a desenvolverem uma fé profunda e duradoura na luta para superar as injustiças econômicas, políticas e sociais, e humanizarem-se ainda mais como parte desta luta. Neste caso o conhecimento e o poder estão inextrincavelmente ligados à preposição de que optar pela vida, reconhecer a necessidade de aperfeiçoar o seu caráter democrático e qualitativo para todas as pessoas, significa compreender as precondições necessárias para lutar-se por ela.

Tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora; isto é, utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos; tornar o conhecimento problemático; utilizar o diálogo crítico e afirmativo; e argumentar em prol de um mundo qualitativamente melhor para todas as pessoas. Em parte, isto sugere que os intelectuais transformadores assumam seriamente a necessidade de dar aos estudantes voz ativa em suas experiências de aprendizagem. Também significa que desenvolver uma linguagem crítica que esteja atenta aos problemas experimentados em nível de experiência cotidiana, particularmente enquanto relacionados com as experiências pedagógicas ligadas à prática em sala de aula. Como tal, o ponto de partida destes intelectuais não é o estudante isolado, e sim indivíduos e grupos em seus diversos ambientes culturais, raciais, históricos e de classe e gênero, juntamente com a particularidade de seus diversos problemas, esperanças e sonhos.

NOVA CONCURSOS

Os intelectuais transformadores precisam desenvolver um discurso que uma a linguagem da crítica e a linguagem da possibilidade, de forma que os educadores sociais reconheçam que podem promover mudanças. Desta maneira, eles devem se manifestar contra as injustiças econômicas, políticas e sociais dentro e fora das escolas. Ao mesmo tempo, eles devem trabalhar para criar as condições que deem aos estudantes a oportunidade de tornarem-se cidadãos, que tenham o conhecimento e coragem para lutar a fim de que o desespero não seja convincente e a esperança seja viável. Apesar parecer uma tarefa difícil para os educadores, esta é uma luta que vale a pena travar. Proceder de outra maneira é negar aos educadores a chance de assumirem o papel de intelectuais transformadores.

6. HERNANDEZ, FERNANDO; A ORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO POR PROJETOS DE TRABALHO. SÃO PAULO: PENSO, 2017.

O educador espanhol Fernando Hernández e Montserrat Ventura, baseiam-se nas ideias de John Dewey, filósofo e pedagogo norte americano, que defendia a relação da vida com a sociedade, dos meios com os fins e da teoria com a prática. A principal proposta dos educadores Fernando Hernández e Montserrat Ventura é reorganizar o currículo por projetos. O professor deve deixar o papel de "transmissor de conteúdos" para se transformar em um pesquisador e o aluno por sua vez passa a ser o sujeito do processo ensino aprendizagem. Em um projeto "todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto", diz o educador espanhol Fernando Hernández. Em um projeto de trabalho os próprios educandos começam a participar do processo de criação, procurando respostas e buscando soluções. Nesse processo a etapa mais importante é o levantamento de dúvidas e a definição dos objetivos da aprendizagem. Na organização do currículo por projetos de trabalho há a busca de respostas adequadas e soluções acertadas, facilitando assim a tomada de decisões, que ocorre no delineamento do processo.

Devemos definir primeiramente os problemas, para só depois escolher as disciplinas mais adequadas para se trabalhar e encontrar soluções. Trabalha-se através de conteúdos pré-definidos. De acordo com Fernando Hernández, há muitas maneiras de garantir a aprendizagem, e trabalhar com projeto é apenas uma das opções. " É bom e é necessário que os estudantes tenham aulas expositivas, participem de seminários, trabalhem em grupos e individualmente, ou seja, estudem em diferentes situações", explica Hernández. Todo projeto precisa estar relacionado aos objetivos e conteúdos para não perder o sentido do que se quer alcançar. É necessário estabelecer limites e metas para a culminância do trabalho. Os projetos de trabalho aproximam a escola do aluno e se associam muito à pesquisa sobre o interesse do educando, à curiosidade e investigação dos fatos atuais. Há necessidade de que os docentes discutam a proposta de trabalho, enfatizando suas dúvidas, enaltecendo suas idéias e sugestões, para que dessa maneira, todos se envolvam no processo. O professor nunca estará sozinho, pois o projeto de trabalho é coletivo e se fundamenta em pesquisa. Tudo que se ensina através de um projeto, começa de um problema inicial. "Nem tudo pode ser ensinado mediante projetos, mas tudo pode ser ensinado como um projeto". A escola é uma instituição que se organiza através de saberes historicamente acumulados e construídos, que devem ser resgatados, recuperados e conservados, acrescentando os saberes construídos e adquiridos no presente, sem esquecer que estando na era da tecnologia e globalização, esses saberes são dinâmicos e complexos, transformando-se vertiginosamente. Hoje não há donos de saberes, pois as verdades são transitórias e não permanentes. Aprende-se a aprender todos os dias e a todo o momento. Há necessidade de propiciar momentos de interação com os alunos, para criar oportunidades de desenvolvimento do "olhar crítico', para que as informações sejam analisadas, refletidas e só depois transformadas em saberes construídos à luz da criticidade e do fazer inteligente". Fernando Hernández enaltece os professores com sua fala: "o professor, no Brasil, tem desejo de aprender e vontade de se comprometer com sua aprendizagem. O Brasil é um dos países do mundo que eu conheço em que os educadores vibram mais. Eles são apaixonados, preocupados, comprometidos. Esse é um capital que o país tem e não pode ser desperdiçado. Eu conheço poucos em outros países, que não tem dinheiro e mesmo assim se reúnem em grupo para comprar um livro e aprender conjuntamente. Isso é maravilhoso".

Fonte: http://educador.brasilescola.uol.com.br/gestao-educacional/fernando-hernandez.htm

7. LA TAILLE, YVES DE. LIMITES: TRÊS DIMENSÕES EDUCACIONAIS: SÃO PAULO: ÁTICA, 1998.

Os jovens são reflexo da sociedade em que vivem. Se é verdade que eles carecem de limites, é porque a sociedade como um todo deve estar privada deles. "Limite" remete à ideia de fronteira, de linha que separa territórios. "O limite de meu jardim está ali", significa que há algo que não é mais o meu jardim. "Atingi o limite de idade" significa dizer que, atingida essa idade, existem coisas que não posso ou não me deixam mais fazer. Os dois exemplos nos remetem à ideia de restrição. "Limite" significa também aquilo que pode ou deve ser transposto. Na vida e na moralidade as duas possibilidades existem: o dever transpor e o dever não transpor. Para Piaget não é a maturação biológica que explica o desenvolvimento, mas as múltiplas interações com o meio físico e social. É ao agir sobre os objetos que a criança os assimila e constrói estruturas cada vez mais complexas e abrangentes de assimilação. Toda conduta é uma adaptação e toda adaptação é o restabelecimento do equilíbrio entre o organismo e o meio. Só agimos se estamos momentaneamente em desequilíbrio. Devemos aproximar a criança da cultura e não o contrário. O adulto não deve engatinhar, pois é a criança que deve andar. Mas se todos à sua volta engatinham ou fazem de conta que engatinham, que motivo ela terá pra levantar? Se todos se comprazem na mesmice e na mediocridade, que estímulo ela terá para procurar a excelência? Procurar a excelência é procurar ir além de si mesmo, não necessariamente ser melhor que o outro. Implica em competição consigo mesmo, o que pode nos acompanhar a vida toda e é a clara tradução de uma procura por superação de limites. A excelência deve ser entendida como um ideal que move. Uma boa educação moral não deve se restringir ao ensinamento de múltiplas regrinhas a "conter", a "impor limites", do tipo "não faça isso", "não faça aquilo". Essa colocação de limites é necessária, assim como deve existir o movimento contrário da transposição de limites. Educar moralmente é levar a criança a compreender que a moral exige de cada um o melhor de si.

Conseguir ser "realmente" justo é empreendimento inatingível para quem limita sua moral à morna obediência a meia dúzia de regras, por melhores que sejam. Conseguir ser realmente solidário não se confunde com a "boa ação" que reza que se dê uma esmola por dia. E para conseguir ser realmente honrado, não basta evitar apenas as más ações, é preciso também cultivar as virtudes. O filosofo Kant escreveu que existem dois objetivos morais para os homens e que esses objetivos são, para eles, deveres: a felicidade do outro e o aperfeiçoamento de si mesmo. Procurar o bem do outro é mais do que apenas evitar atos que o prejudiquem: é dar o melhor de si, é praticar a virtude. Se não roubar é uma coisa boa, ser generoso é ainda melhor. Se não ferir é uma coisa boa, ser doce é ainda melhor. E assim por diante.

Não se pode dizer que um homem é justo se ele não sentir alegria ao agir de forma justa. A educação moral das crianças, em vez de ser uma constante imposição de limites, só terá real êxito se também for um estimulo a transpor aqueles que as separam do exercício das virtudes. Acredito que, notadamente nos dias de hoje, a educação moral acaba falhando porque as virtudes, assim como os sentimentos de honra e dignidade andam esquecidos. No mundo capitalista da competição valoriza-se a superação do outro e não a superação de si ou a excelência; estimula-se o egoísmo, e não a generosidade. Ajudar e estimular a criança a transpor limites, eis a prática essencial a seu caminhar para a idade adulta, para saciar seus desejos de excelência e também para fazê-la viver a moralidade como busca de dignidade, de auto respeito. Os limites restritivos: levantam sérias questões políticas, éticas, existenciais. Limites normativos: aqueles que a sociedade resolve criar e impor. Não posso pular 10 metros de altura, não posso ouvir música no mais alto volume em plena madrugada. As leis da física me permitem fazer, as leis dos homens, não. Os limites físicos colocam a dimensão do impossível, os limites normativos colocam a dimensão do proibido, restringem a liberdade em nome de valores. O problema da liberdade não se restringe às limitações inevitáveis a quem vive em sociedade.

É preciso ainda saber que ações os homens aceitam normatizar em nome da cultura. Para os antigos, o mundo da infância não tinha valor próprio. Por isso, limitavam a liberdade e forçavam um contato com o mundo adulto. Hoje, pelo contrário, o mundo da infância é visto de forma positiva, seus objetos intelectuais têm valor, seus desejos e vontades são dotados de discernimento. Se antigamente a colocação de limites recebia legitimação na suposta imaturidade das crianças e adolescentes, hoje tal legitimação está sob suspeita: porque um adulto saberia melhor que o seu filho o que é melhor pra ele? Os adultos de hoje não tem mais tanta certeza de que sabem mais que seus filhos quais os caminhos que levam à felicidade e, portanto, colocam bem menos limites. Trata-se de uma posição honesta. Mas, em alguns casos, pode-se tratar de uma posição covarde: ao dizer aos filhos "façam o que quiserem" alguns adultos também lhes dizem, de forma velada: "virem-se, não tenho nada a ver com isso".

A não colocação de limites pode tanto ser prova de humildade quanto de descompromisso em relação aos filhos e ao futuro do mundo. E verifica-se, hoje, que muitos jovens acabam se queixando da posição de seus pais e educadores: o que poderia ser interpretado como generosidade libertária acaba sendo visto por eles como simples ausência. Vamos explorar o binômio liberdade/responsabilidade. Duas opções educacionais extremas podem traduzir a decisão de não impor limites. A primeira é agir em relação aos jovens segundo a máxima: "A vida é deles, que tenham liberdade de escolha fazer o que quiserem". A segunda é assumir uma postura inspirada em: "Que façam o que quiserem, sempre que não der certo, eu conserto". A primeira opção associa de forma coerente liberdade e responsabilidade: concede-se a primeira, desde que vinculada à segunda. Todo o problema está em saber se essa atribui-

ção de responsabilidade é sempre desejável. Nem precisamos comentar os casos em que essa postura simplesmente traduz um total descaso pela educação dos jovens, e nos quais, em nome da liberdade conferida, justifica-se a indiferença e o desleixo.

É importante refletir o que embasa a escolha do jovem: conhecimento, "modismo", desejo, bem como as consequências do ato. Dar liberdade pode significar dar demasiado responsabilidade. Cada vez que damos liberdade, damos responsabilidade. O valor pedagógico da primeira deve ser avaliado em função da importância da segunda, pois dar liberdade sem dar responsabilidade é, na verdade, não dar a liberdade. A conduta moral provém do sentimento de obrigatoriedade. Para a psicanálise freudiana, esse sentimento de obrigatoriedade tem suas raízes numa instância psíquica inconsciente, responsável pelas condutas morais, o superego. No Behaviorismo de Skinner, ele é fruto de condicionamentos bem sucedidos que criam hábitos de comportamento que correspondem a uma espécie de segunda natureza. Para o sociólogo francês Durkheim, o sentimento de obrigatoriedade é consequência de outro maior, o sentimento do sagrado, despertado por "seres" considerados mais fortes e melhores (como Deus ou a sociedade). Para o construtivismo piagetiano, se a moral for heterônoma, conformista, o sentimento que nos domina pode ser explicado como o faz Durkheim, mas, se a moral for autônoma, o sentimento de obrigatoriedade é explicado pelo respeito mútuo entre duas pessoas que se consideram iguais e livres. Abordagens mais recentes procuram explicar o fenômeno através de estudos de personalidade: pessoas altamente morais experimentariam uma forte relação entre a moralidade e identidade e, para elas, agir moralmente equivaleria a agir coerentemente com a imagem que têm de si, agir para preservá-la.

Essas explicações e outras não são necessariamente contraditórias; algumas podem até ser vistas como complementares. Mas o fato é que até hoje não há o menor sinal de unanimidade a respeito dessas explicações e a honestidade intelectual deve nos levar a humildade: o mistério persiste. Devemos notar dois aspectos. O primeiro é que essas teorias referendam a ideia de que os sentimentos de obrigatoriedade é necessário à moralidade. O segundo aspecto se refere à educação: seja qual for a teoria escolhida, ela nos dirá que o sentimento de obrigatoriedade não "nasce do nada", mas consequência de uma educação moral que "coloca" limites. É uma espécie de interiorização de limites antes colocados por forças exteriores ao sujeito. Freud: Seu diagnóstico de que muitos adultos permanecem a vida toda dependentes de controles externos equivale a dizer que muitos homens permanecem a vida toda num estágio pré-moral: na terminologia kantiana, poder-se-ia dizer que agem conforme o dever, mas não por dever. Alguém age conforme o dever quando suas ações são coerentes com alguma regra, mas não inspiradas pelo valor moral que a legitima. Por exemplo, alguém que não mata por medo de ser preso obedece ao imperativo "não matar", mas não porque tenha aderido intimamente ao valor da vida. Já alguém que age por dever o faz porque está convencido de que o dever representa ordem. Limites restritivos: pais que não os colocam falharão na educação moral de seus filhos tanto na fase pré-moral quanto na próxima, que corresponde à instauração do superego. Falharão na primeira fase porque seus filhos não terão outras balizas além de seus próprios desejos para decidir como agir, e na segunda, porque serão a encarnação de modelos moralmente ambíguos para os filhos.

A teoria de Durkheim também enfatiza a necessidade de que seus pais e educadores em geral coloquem limites. Para que a criança desenvolva o sentimento do sagrado do qual provém os valores e regras morais (religião, pátria, sociedade, etc), várias estratégias são necessárias. Ao lado daquelas que visam promover o apego da criança a grupos sociais, existem outras de caráter claramente coercitivo, como a disciplina e os castigos. Durkheim, assim como Alain, referendou o ensino tradicional, com sua disciplina e seus dispositivos penais que foram criticados pelos adeptos da "escola nova", em particular daqueles que democratizaram radicalmente as relações entre professores e alunos. Todavia, mesmo esses críticos da velha educação moral não dispensaram referências a limites restritivos e à necessidade de sua presença na educação. É o caso de Piaget, autor sempre associado à educação libertária e que opôs-se em vários pontos à teoria de Durkheim e a um tipo de ensino essencialmente disciplinador, voltado para obtenção de uma silenciosa obediência por parte das crianças ou dos alunos. Verifica-se que muitos adultos permanecem essencialmente heterônomos a vida toda, limitando sua interpretação da moralidade a um certo número de regras prontas e impostas por autoridades consideradas como especialmente esclarecidas; outros caminham francamente rumo à autonomia e tornam mais leves as coações sociais milenares que pesam sobre suas mentes. O que Piaget descobriu é que a criança entra no mundo da moral através da heteronomia. Suas pesquisas e várias outras, mostram que crianças de 4 a 7 anos sempre interpretam a moral em referência ao prestígio e à autoridade dos mais velhos, dos pais e outros educadores.

Portanto, o nascimento do sentimento de obrigatoriedade é contemporâneo dessa moral e, para explicar seu nascimento, Piaget se refere a um tipo de relação social: a coação. Por um lado, a criança tende a ver os adultos como superiores, oniscientes e dotados de poderes ainda inatingíveis para ela, e, por outro, está submetida a suas ordens, vontades, punições. Essa mistura de admiração, dependência e medo, decorrentes da relação assimétrica que a liga aos pais, explica o surgimento de um novo sentimento, o respeito. E, ao respeitar os pais, tende a assumir seus valores e obedecer às suas ordens. Se a criança não encontrar pessoas que exerçam sobre ela alguma forma de autoridade, não desenvolverá esse sentimento necessário à moralidade. Portanto, assim como Freud e Durkheim, Piaget interpreta o surgimento da moral como resultado de uma pressão externa à criança. Se os adultos não desempenharem essa função de autoridade, para Freud, não inspirarão medo, para Durkheim, não desenvolverão, na criança, o espírito de disciplina e, para Piaget, não desencadearão nela o surgimento do sentimento do respeito moral. E a moral autônoma? Ora, ela representa uma superação possível

da moral heterônoma. Sendo a experiência uma condição necessária a uma genuína assimilação de conhecimentos e valores, é necessário que a educação moral encarne os valores que se quer ensinar. Não adianta explicar à criança a razão de ser da justiça se ela não a experimenta em suas relações cotidianas. Não adianta explicar à criança a razão de ser dos limites morais que lhe são colocados se ela verifica que limites não valem para os próprios adultos. É por essa razão que as pedagogias modernas enfatizam a importância de a criança viver num mundo claramente regido pelos valores que se quer ensinar.

8. JUNDIAÍ (SP). SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. PROPOSTA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL.

Vários educadores que trabalham em instituições de Educação Infantil frequentemente formulam questões como estas: Como planejar, efetivar e avaliar um currículo para a instituição de Educação Infantil? Que princípios devem orientar a proposta pedagógica de cada instituição? Qual a relação que os educadores devem ter com as famílias? O que as crianças podem aprender em cada idade? Pode-se falar em aprendizagens para bebês? Como organizar o ambiente para favorecer o desenvolvimento das crianças? O que é "avaliar" e como avaliar as crianças e as práticas pedagógicas nessa fase do desenvolvimento? Essas e outras questões vêm sendo debatidas nos encontros de formação continuada que a rede municipal de ensino de Jundiaí promove com todos os profissionais da educação, nas jornadas de estudo e nas publicações que socializam ações e experiências, assim como na elaboração das Expectativas de Aprendizagens que culminam com a publicação desta Proposta Curricular Jundiaí – Educação Infantil de 0 a 3 anos. O presente documento estabelece a proposta curricular para o desenvolvimento do projeto pedagógico das escolas da rede municipal de Jundiaí. Ele chega em um momento em que já existem conhecimentos sobre processos de aprendizagem e de desenvolvimento de crianças pequenas em situação de educação coletiva nas instituições de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Todavia, como a construção desses saberes ainda é recente, julga-se necessário sistematizar o que já se conhece sobre as melhores condições de aprendizagem para as crianças de até 3 anos. É certo que muitos professores e monitores já trabalham considerando os elementos de estruturação dos ambientes de aprendizagem aqui discutidos. Outros estão começando a analisar a contribuição dessa forma de organização para a melhoria de seu trabalho pedagógico. De todo modo, pode-se pensar que a frequente inclusão de novos educadores em nossa rede, dado o crescimento que ela experimenta, requer que alguns pontos básicos sejam indicados, criando espaços coletivos para a formação continuada em cada unidade.

9. JUNDIAÍ (SP). SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. DIRETRIZES PEDAGÓGICAS FUNDAMENTAIS INICIAIS DA SME – EDUCAÇÃO COMO AÇÃO POLÍTICA TRANSFORMADORA. JUNDIAÍ, 2013.

A Secretaria Municipal de Educação de Jundiaí, GESTÃO 2013-2016, de forma democrática, promoveu um trabalho preparatório, por meio de encontros coletivos com gestores das unidades escolares, supervisores de ensino, assessores e coordenadores, que foram multiplicados nas unidades escolares, de acordo com a dinâmica de cada comunidade, com a participação dos educadores e educadoras, a fim de ler e discutir alguns textos de referência para pensar caminhos que levarão à elaboração de sua PPI (Proposta Pedagógica Institucional).

Nesses encontros, por meio do diálogo e da reflexão, houve múltiplas interlocuções, com grande diversidade de olhares sobre qual concepção de educação se constitui como um desejo de referência para a nova gestão da secretaria. Os resultados foram inúmeros relatórios de leitura, devidamente lidos e avaliados pela assessoria pedagógica da secretaria e parte das reflexões propostas será incorporada ao texto-base da PPI.

A concepção de educação que mais atende aos reclamos sociais e responde à renovação educacional é a Pedagogia Crítica, a qual congrega uma gama de autores a ela associados. Essa concepção compromete-se com uma educação indispensável à humanidade na construção dos ideais de paz, liberdade e justiça social. Para implementá-la, faz-se necessário instaurar processos preparatórios para formar os membros das comunidades escolares no espírito da participação, com sua inserção nos debates sobre a gestão das escolas. Além disso, a Pedagogia Crítica defende também a criação de novas formas de organização do ensino, com a introdução de novos conteúdos curriculares e novas práticas pedagógicas, dando especial ênfase à integração das diversas áreas do conhecimento e temas que norteiam a proposta educacional. Em sua visão da profissão docente, propõe a participação dos educadores na elaboração de propostas que subsidiem as decisões nas diversas esferas educacionais. Estes devem orientar seu olhar por meio de uma reflexão crítica sobre sua prática, cumprindo com seus compromissos éticos e se envolvimento na superação de todas as formas de exclusão dos estudantes, especialmente os das camadas populares, do seio da escola.

Segundo vários autores, a Pedagogia Crítica se preocupa com a aquisição de conhecimentos e valores, em contraposição aos processos de mera transmissão de informações. Seu objetivo maior é o compromisso político emancipatório dos segmentos marginalizados e discriminados econômica, social e culturalmente.

As discussões promovidas pela secretaria e pelas unidades escolares fluíram na análise do pensamento pedagógico crítico, percorrendo questões como a qualidade social da educação, avaliando os desafios da Educação Infantil,

do Ensino Fundamental, da Educação de Jovens e Adultos, do Ensino de Línguas Estrangeiras, da política educacional, da história da educação, das teorias pedagógicas, das relações entre teoria e prática e entre educação, ética e cidadania. Um dos nortes do trabalho foi a crítica a um modelo de gestão pautado apenas pela ideia do mérito como base da política pública. A defesa de uma gestão escolar centrada no espírito democrático, com vistas a estabelecer relações humanas mais éticas e fraternas, objetivando a transformação social, da promoção da dignidade social e da cultura, da autonomia de educandos e educadores, passa também pela busca de resultados coletivos positivos, pela superação de desafios e pela construção de um processo educativo cada vez melhor.

O crescente aprimoramento das políticas públicas educacionais, que garantem o acesso à escola para a maioria das crianças, jovens e adultos brasileiros, estimula o debate sobre qual educação queremos e promove uma articulação em vários segmentos da sociedade em defesa da escola pública para todos. Nossa posição enquanto governo é em favor de uma educação como opção política transformadora.

Considerando as dimensões instrumental (teórico-técnica) e ético-política (formação para a decência e a vida em sociedade) do ato educativo, intensificaremos o discurso transformador, vinculado a uma prática efetiva em todos os espaços de aprendizagem da nossa rede municipal.

Desejamos estabelecer uma prática dialógica entre gestores, planejadores, educadores e todos os demais agentes educacionais para que todas as ações a serem desenvolvidas ao longo de nossa gestão tenham como preferência o consenso, o diálogo respeitoso e a colaboração.

Não vamos aderir a modismos educacionais sem espírito crítico, nem criaremos expectativas com relação a um modelo que solucione tudo num passe de mágica. Queremos demonstrar que as políticas públicas neoliberais, deram forma a todos os mecanismos de flexibilização, desregulamentação e mecanismos legais, inclusive de avaliação, pois entendiam que o problema da gestão dos sistemas centrava-se na mera contabilização de recursos e no domínio de técnicas necessárias ao desenvolvimento de uma "qualidade total em educação", termo restrito, que não contempla o sentido da "qualidade social da educação". Essa linha político-pedagógica propõe a centralidade da formação nos conteúdos escolares, abandonando a prática reflexiva e estudos teóricos críticos, insistindo que a solução dos problemas da educação se baseiam apenas na instrução e na capacidade do professor.

Queremos, ao contrário, fazer com que nosso sistema garanta a formação plena, integral, para todas as crianças, jovens, adolescentes e adultos que atendemos, promovendo-os em seus amplos direitos sociais. Nesse aspecto, a formação continuada docente, tem sido discutida por um grupo de especialistas da SME, que proporá linhas mestras da teoria e da prática pedagógica.

Em nossa proposta, que será construída com ampla participação, alguns fundamentos se farão perceber no transcurso dos debates:

1. acesso, permanência e qualidade social da educação, com garantias do direito à aquisição da cultura acumulada pela humanidade;

2. gestão escolar com características participativas e abertura para as comunidades locais nos debates em torno dos projetos e destinos da escola, por meio da valorização dos conselhos escolares e da implantação do "papo escola comunidade";

3. políticas de formação voltadas para a reflexão e o aprimoramento profissional, não restritas a fórmulas mágicas e técnicas frias, mas que contemplem a dimensão ético-política da prática docente;

4. humanização das relações entre gestores, educadores, agentes educacionais em todos os níveis;

5. possibilidade de modelos próprios de avaliação que não tenham como objetivo final demonstrar resultados frios, mas que considerarão variáveis, como o envolvimento da comunidade, abertura para práticas menos tradicionais nas relações de ensino-aprendizagem, valorizando a criatividade, a elaboração de projetos interdisciplinares em torno de temas de interesse da comunidade. Os resultados obtidos serão uma decorrência da seriedade do trabalho realizado por todos e todas e avaliados segundo novas metodologias, mais abrangentes, que indiquem diagnósticos reais e justos.

6. aproveitamento das experiências dos educadores e educadoras da rede que forem significativas e vinculadas à abordagem educacional que propomos;

7. nos segmentos específicos, as necessidades de atendimentos especializados estarão em conformidade com a abordagem educacional principal;

8. autonomia para desenvolvimento de projetos educacionais nas unidades escolares, resguardando a identidade cultural local;

9. material didático como apoio e que promova um gradual aprimoramento do discurso político pedagógico humanista e emancipatório, levando em conta a realidade cultural e social do educando. A discussão da proposta curricular será uma constante e estará conectada à liberdade de utilização do material didático, que não será visto como uma receita, mas que servirá como mecanismo que assegurará o desenvolvimento em processo da proposta curricular;

10. centralidade do trabalho pedagógico nos interesses socioculturais das crianças, adolescentes, jovens e adultos, respeitando as preferências dos educadores;

11. incentivo e abertura para o desenvolvimento de experiências e práticas complementares ao trabalho regular, em consonância com os princípios da Pedagogia Crítica;

12. educação vista como processo e intensificação do trabalho por ciclos. A Educação Infantil terá como princípio a busca do pleno desenvolvimento da criança, a valorização de seu repertório cultural e da brincadeira. Neste segmento não haverá antecipação da escolarização;

13. garantia de instauração de mecanismos de participação na elaboração do Plano Municipal de Educação;

10. SMOLE, KÁTIA S. A MATEMÁTICA EM SALA DE AULA – REFLEXÕES E PROPOSTAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. SÃO PAULO: PENSO, 2013.

Este livro, lançado no V SIPEM, é concebido pensando nos professores que trabalham Matemática e que, a par do grande desenvolvimento da pesquisa em Educação Matemática em nosso país nas últimas décadas, ainda não puderam ter acesso a tais produtos e dele se beneficiar para a construção de aprendizagem mais significativa na escola.

Proposto num contexto caracterizado por um forte paradoxo: o país que possui grande produção acadêmica na área de Educação Matemática é o mesmo onde a aprendizagem matemática na escola deixa muito a desejar. Tal fato é constatado nos resultados das avaliações sistêmicas internacionais, em que somos colocados como um dos países com graves problemas na aprendizagem e no ensino deste campo de conhecimento.

A ideia é que esta seja uma obra voltada ao uso diário, para a consulta, fonte de conhecimento e reflexão do professor nas coordenações pedagógicas e para sua práxis pedagógica. O projeto configura-se a partir do convite a um grupo de pesquisadores da área da Educação Matemática que nos últimos anos têm a sala de aula e a prática pedagógica como espaços de investigação e formação de professores que ensinam Matemática no ensino fundamental. Os autores dos diferentes capítulos são especialistas em Educação Matemática, cuja presença na escola, na sala de aula, no permanente contato e diálogo com os professores alimentam a produção do conhecimento. Eles são comprometidos não somente com a geração de conhecimentos, mas também com a formação inicial e continuada de professores. Eles estão imbuídos da necessidade do acesso aos professores dos resultados de pesquisas e sua utilização no sentido de contribuir na mudança de nossas práticas. Assim, o que caracteriza tais autores são suas pesquisas com trabalhos mergulhados na sala de aula, na construção de uma parceria da universidade com os professores.

Estes conhecimentos sobre as práticas na sala de aula de Matemática estão associados às dificuldades encontradas por grande número de professores atuantes nas escolas, nas diversas regiões brasileiras e que não têm disponível material bibliográfico de apoio.

Tais produções estão, por vezes, publicadas no meio acadêmico, num círculo bem restrito, de pouco acesso aos professores da escola básica, ou com uma linguagem muito acadêmica. Este livro busca levar tais contribuições aos professores, a partir de casos concretos da ala de aula da nossa escola, falando de alunos de "carne e osso" e com uma linguagem voltada aos professores (ou seja, aquela não preocupada em ser rebuscada ou excessivamente formal).

Os capítulos são escritos buscando um diálogo com os professores.

Tratam de temas que são geralmente desafios na prática cotidiana da sala de aula, com exemplos reais e concretos, instigando nossas reflexões acerca de nossas aulas de Matemática. E mais, a partir do que cada pesquisador aprendeu na sala de aula e em interface com os professores parceiros, eles apresentam ideias, propostas e alternativas que nos ajudem a realizar um trabalho mais apropriado aos nossos alunos no campo da Educação Matemática. Os capítulos que compõem o livro e seus autores são os seguintes:

• ***Técnicas e tecnologias no trabalho com as operações aritméticas nos anos iniciais do ensino fundamental***

Marilena Bittar, José Luiz Magalhães de Freitas e Luiz Carlos Pais.

• ***Entre o pessoal e o formal: as crianças e suas muitas formas de resolver problemas.***

Katia Stocco Smole.

• ***O desenho como representação do pensamento matemático da criança no início do processo de alfabetização.***

A fração nos anos iniciais: uma perspectiva para seu ensino.

Sandra Magina e Maria Conceição de Oliveira Malaspina.

• ***Estatística nos anos iniciais da escolarização.***

Fonte: http://www.sbem.com.br/revista/index.php/emr/article/viewFile/181/172

11. SMOLE, KÁTIA S. A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. SÃO PAULO: PENSO 2014.

Para Kátia Smole (2003), uma "proposta de trabalho de matemática para a escola infantil deve encorajar a exploração de uma grande variedade de ideias matemáticas relativas a números, medidas, geometria e noções rudimentares de estatística, de forma que as crianças desenvolvam e conservem um prazer e uma curiosidade acerca da matemática. Uma proposta assim incorpora contextos do mundo real, as experiências e a linguagem natural da criança no desenvolvimento das noções matemáticas, sem, no entanto, esquecer que a escola deve fazer o aluno ir além do que parece saber, deve tentar compreender como ele pensa e fazer as interferências no sentido de levar cada aluno a ampliar progressivamente suas noções matemáticas (p.62)."

Enfatizamos a importância de se desenvolver atividades matemáticas na escola infantil, uma vez que estamos inseridos no universo dos números desde que nascemos e que as crianças são capazes de desenvolver noções matemáticas mesmo antes de entrar na escola. Consideramos o conhecimento que utilizam na sua vida como, por exemplo, seriação, classificação, contagem numérica, etc.. Partindo deste referencial acreditamos que frequentar uma classe de Educação Infantil significa, além da convivência entre pares, ter acesso a muitas oportunidades para a construção de novos conhecimentos, graças às ações que a criança exerce sobre o mundo real.

Trabalhamos neste projeto a matemática sem se preocupar com a representação dos números ou com o registro no papel. Permitindo à criança criar, explorar e inventar seu próprio modo de expressão e de relação com o mundo. Tudo o que temos que fazer é criar condições para que a matemática seja descoberta, oferecer estímulo e estar atentos às descobertas das crianças.

Existem muitas formas de trabalhar com a matemática na escola Infantil. Ela está presente na arte, na música, em histórias, na forma como organizo o meu pensamento, nas brincadeiras e jogos infantis, na hora de dividir porções de lanche, etc...é aí que são construídos conhecimentos matemáticos como tamanhos, distância, comprimento, cores e formas. Uma criança aprende muito de matemática, sem que o adulto precise ensiná-la. Descobrem coisas iguais e diferentes, organizam, classificam e criam conjuntos, estabelecem relações, observam os tamanhos das coisas, brincam com as formas, ocupam um espaço e assim, vivem e descobrem a matemática.

Proporcionamos um ambiente "matematizador" com brincadeiras, jogos e atividades lúdicas, interativas e desafiadoras, capaz de encorajar os alunos a propor soluções, explorar possibilidades, levantar hipóteses, desenvolver noções matemáticas e raciocínio.

"De fato enquanto brinca a criança pode ser incentivada a realizar contagens, comparar quantidades, identificar algarismos, adicionar pontos que fez durante a brincadeira, perceber intervalos numéricos, isto é, iniciar a aprendizagem dos conteúdos relacionados ao desenvolvimento do pensar aritmético. Por outro lado, brincar é uma oportunidade para perceber distancias, desenvolver noções de velocidade, duração, tempo, força, altura e fazer estimativas envolvendo todas essas grandezas."(Smole, Diniz e Cândido, 2000, pg. 16)..

Algumas situações vivenciadas na sala de aula:

·Brincamos livremente com os blocos lógicos, fazendo o reconhecimento de suas características. Seriando-os e classificando-os quanto à cor, forma, tamanho e espessura. Propomos criar novas figuras agrupando as peças aleatoriamente. Através de algumas formas como, por exemplo, um circulo grande, um quadrado grande e cinco retângulos pequenos compor a forma da figura humana;

·Exploramos a modelagem em diferentes circunstancias. Utilizando argila e massa de modelar criando figuras e formas, seriando e classificando. Confeccionamos massa de pão, estudando as medidas e as quantidades de ingredientes necessários para fazê-la. Compomos um bonequinho com a forma humana decoramos com olhos, nariz e boca, colocamos numa forma e assamos. Confeccionamos massa de negrinhos também observando as quantidades dos ingredientes compondo as bolinhas estudando as formas, tamanhos e quantidades;

·Utilizamos caixas de tamanhos e formatos diferentes com aberturas nas formas geométricas para colocar e tirar objetos explorando as diversas possibilidades. Fizemos um túnel utilizando uma caixa grande em formato retangular explorando possibilidades de atravessá-lo;

·Através da literatura «O ratinho e as cores» foi possível descobrir a formação de algumas cores e seus respectivos nomes;

·Confeccionamos dados com a representação de quantidades e cores, os quais foram instrumentos indispensáveis para contagem e observação de cores em brincadeiras com peças de jogos de encaixe;

·Propomos experiências com altura – Medimos a altura de nossos colegas identificando o maior e o menor, e comparamos entre si e com objetos presentes na sala de aula, através do olhar ou da utilização de instrumentos de medida, convencionais ou não. Com tiras de papel pardo representamos a altura de cada criança e compomos um gráfico de barras em ordem crescente;

Através destas atividades lúdicas, envolvendo jogos e brincadeiras, propiciamos trocas de informações, criamos situações que favoreceram o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre os alunos, desenvolvendo também as noções de perto/longe, dentro/fora, pequeno/grande, grosso/fino, por baixo/por cima, na frente/atrás, cheio/vazio, maior/menor.

Notamos o crescimento diária de cada criança ao desenvolverem noções de tempo, quantidade, tamanho, classificação e comparação de formas, contagem identificação de algarismos, percepção espacial, entre outras.

Este tipo de abordagem, quando cuidadosamente preparada, se apresenta como um recurso pedagógico eficaz para a construção do conhecimento matemático.

*No seu processo de desenvolvimento, a criança vai criando várias relações entre objetos e situações vivenciadas por ela e, sentindo a necessidade de solucionar um problema, de fazer uma reflexão, estabelece relações cada vez mais complexas que lhe permitirão desenvolver noções matemáticas mais e mais sofisticadas. (*Smole, 2003 p. 63).

Desde cedo as crianças devem ser acostumadas a ouvir uma linguagem matemática empregada em diferentes contextos para que possam fazer a sua própria construção de significado na interação com os colegas e adultos do seu meio A **professora** de educação infantil deve dar à criança **oportunidade** para observar tudo que a rodeia, contando, comparando, medindo, etc. Dessa iniciação dependerá muito seu interesse pela Matemática no decorrer de sua vida. Devemos então, como educadores incentivar a criança, no seu universo povoado de sentidos, dos seres mágicos, de risos, de travessuras, de imagens, curiosidades e números que irão auxiliar a criança na exploração e compreensão do mundo da matemática.

O papel do professor é de grande importância nesse processo, uma vez que, além de deixar a criança livre para manipular e experimentar os materiais, como também observar as reações decorrentes, deve, em seguida, propor à criança problemas reais a serem resolvidos, criando, assim, uma situação de aprendizagem significativa.

Fonte: **https://www.webartigos.com/artigos/aprendendo-matematica-atraves-de-brincadeiras-infantis/16795/#ixzz4yJAqL4dQ**

12. VASCONCELLOS, CELSO DOS SANTOS. (IN)DISCIPLINA - CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA CONSCIENTE E INTERATIVA EM SALA DE AULA E NA ESCOLA. 15 ED. SÃO PAULO: LIBERTAD, 2000. (COLEÇÃO CADERNOS PEDAGÓGICOS DO LIBERTAD).

O que seria de uma orquestra, se cada músico tocasse o que quisesse? Se não houvesse disciplina? Ela é necessária. E deve ser analisada como um meio e não um fim. Vasconcellos 1994.

Motivado pela questão da ausência da disciplina em sala de aula, o pedagogo Celso dos Santos Vasconcellos publicou recentemente sua pesquisa: (In) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. Este assunto tem sido objeto de grande preocupação da chefia departamental do Curso de Desenho Industrial da PUC-PR, que pretendeu traçar um plano de ação, no ano de 1996, para enfrentar a questão da indisciplina.

Na universidade, muitos dos professores são profissionais que bruscamente passaram para a condição de educadores sem nenhuma pedagogia ou didática para enfrentar as adversidades e diversidades de uma sala de aula, suprida em parte pela experiência e pelo convívio entre os pares. Mas uma das maiores dificuldades é, sem dúvida, a indisciplina na educação. Tornou-se um grande desafio, que cada vez mais tem sido alvo de preocupação das escolas, da direção, dos pais e professores.

Da pré-escola à universidade, nunca a relação professor-aluno esteve tão difícil.

Assim como um médico, em sua formação acadêmica, de modo geral não é preparado psicologicamente para receber os inevitáveis impactos e problemáticas características de sua profissão, também o professor geralmente não recebe por parte da escola e por comodismo próprio o suporte para administrar esta série de microcosmos com diferentes composições genéticas, origens, histórias, famílias, expectativas, pensamentos, experiências etc.

Vasconcellos pergunta: "Como desencadear um processo de aprendizagem num universo tão diversificado?".

Os agentes sociais – a Igreja, os partidos, a família, a escola, a ciência – não estão com seus autogovernos definidos, vitimando e desorientando o aluno. Estão em uma crise que merece um enfrentamento e um envolvimento maduro e consciente por parte de todos. Não se trata de descobrir os culpados. As causas da indisciplina estão entrelaçadas com a sociedade, a família, a escola, o professor e o aluno. São problemas familiares, carências, influências da TV, de toda a mídia, o que demanda uma atuação organizada e articulada em todas as frentes.

A família e a escola mudaram muito. Antes, a família era cúmplice da escola. Hoje deposita suas funções e delega suas responsabilidades a ela, porém a crítica. Cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família.

Qual o papel da universidade? Falta perspectiva para o jovem. Estudar para quê? Promove a ascensão social? Prepara para a profissão? Forma a cidadania?

Houve uma profunda mudança na relação universidade-sociedade e não percebemos. A sociedade mostra-se imatura pelo alto consumismo, levando à busca da satisfação imediata do prazer, diminuindo a capacidade de tolerância à frustração e aumentando a agressividade, a violência, a crise ética da corrupção, do "levar vantagem em tudo". A indisciplina na sala de aula comparada à indisciplina social não é tão grave. Conforme Vasconcellos, "segundo alguns analistas, daqui a algum tempo teremos no país apenas duas categorias de pessoas: os que não comem – porque não têm o que comer – e os que não dormem – de medo dos que não comem...".

Vasconcellos (idem, p. 24) nos alerta que "a sociedade espera que a sala de aula seja um lugar de submissão, de doutrinação, de seleção natural, de domesticação".

E a universidade? Funciona ou está reproduzindo esse sistema? O que a universidade está fazendo dentro da sua autonomia relativa?

Para que tipo de sociedade está colaborando? Ela quer formar o cidadão ativo, responsável e autônomo mas não lhe dá a oportunidade de exercitar-se. É quase sempre constituída por um aglomerado de pessoas e não por uma equipe de trabalho. Apresenta propostas curriculares desarticuladas e anacrônicas.

E o educador? Qual é a sua postura: autoritária, conformada, comprometida, desesperada, desanimada, consciente? Que visão tem de sua ação pedagógica? Repressiva ou liberal? Vê o aluno como um mal necessário e a liberdade como um monstro subversivo e corrosivo, ou tem medo de ser repressor, quer ser legal e exalta o descompromisso, o espontaneísmo e a atitude do "cada um na sua"? Este último, pelo abandono e pela falta de responsabilidade, disciplina e conteúdo, acaba sendo desmoralizado pelos alunos "libertados". Esses extremos aumentam o descompromisso e o descaso, transformando o movimento educacional num processo destrutivo.

Essas relações mostram-se alienadas. O professor espera que a classe faça silêncio para poder dar aula; o aluno quer logo ir embora e receber a nota; a direção não quer problemas e os pais querem que o filho seja aprovado objetivando a ascensão social.

Quantos professores há que não estão preocupados com o futuro do educando, mas sim em sobreviver como educador. Não encaram o aluno-problema como desafio pedagógico. O professor que apenas quer obter o silêncio tem visão estreita. Os repressores conseguem uma disciplina que se esvai quando os alunos não estão na sua presença. O ideal é mostrar os limites, mas também as possibilidades, geralmente esquecidas. A educação por coação produz uma personalidade dependente, imatura e pouco criativa.

O professor não entra sozinho na sala de aula. Vão com ele os colegas, os funcionários, as regras, as vivências, toda a instituição está representada. Que imagem os alunos fazem da universidade?

NOVA CONCURSOS

O professor precisa refletir a sua prática, fazer uma autocrítica. Sem uma definição clara do seu papel, não estará em condições de educar, dado que o aluno capta isso com muita facilidade e explora essa fragilidade. A falta de convicção da proposta do professor gera um acúmulo de dificuldades, podendo chegar a uma confusão generalizada na sala de aula. São aulas sem aprofundamento, sem clareza dos objetivos, sem renovação metodológica, sem articulação interdisciplinar, sem conteúdos relacionados com as necessidades do aluno. Vasconcellos (idem, p. 53) nos diz que "não se trata de fazer ajustes no velho para que ele permaneça, ao contrário, a perspectiva é dar pequenos passos, mas concretos na nova direção, preparando um salto qualitativo, e fazer com que seja uma mudança duradoura".

Há um consenso de que sem disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo.

Em uma mesma universidade existem professores conseguindo realizar um bom trabalho. Assim sendo, será que existe o aluno indisciplinado "em si"? Para Rosemberg, "é preciso saber ouvir e compreender a mensagem que se esconde por trás do comportamento manifesto como indisciplina". Trata-se de redimensionar o problema. A questão central não está na disputa entre professor e aluno, mas na organização do trabalho coletivo em sala de aula para se realizar a construção do conhecimento, quando o professor é o articulador da proposta, o coordenador do processo de aprendizagem e deve assumir seu papel de agente histórico de transformação da realidade, por meio de um ensino exigente e inteligente. Estar inteiro na sala de aula, manter a tensão entre a ternura e o vigor, o porto seguro e o "mar aberto", entre direção e participação.

Cabe a ele resgatar valores do passado, mas estar aberto aos novos valores emergentes, em função das necessidades colocadas pelas contradições sociais, políticas, econômicas, culturais, num processo de continuidade-ruptura, numa visão dialética.

O ideal seria uma disciplina consciente e interativa, marcada por participação, respeito, responsabilidade, construção do conhecimento, formação do caráter e da cidadania.

A disciplina deve formar o aluno "como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige" (Gramsci 1982).

Não queremos mais a educação tradicional autoritária, mas não desejamos a educação moderna, de cunho espontaneísta.

A efetivação de uma disciplina democrática na universidade depende da democratização da sociedade, na medida em que esta assumir uma nova ética social (superar a "Lei de Gerson"), valorizar a educação e adotar uma nova política para os meios de comunicação.

Vasconcellos conclui que "os educadores devem se comprometer com o processo de transformação da realidade, alimentando um projeto comum de escola e de sociedade", como numa orquestra.

"...Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão, mediados pela realidade. (Texto adaptado de PIRES, D. B.)

13. WERNECK, CLAUDIA. NINGUÉM MAIS VAI SER BONZINHO NA SOCIEDADE INCLUSIVA. 2 ED. RIO DE JANEIRO: WVA, 2000.

O livro "Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva", da jornalista Claudia Werneck, é o primeiro no Brasil a democratizar uma discussão ainda restrita à área acadêmica: a sociedade inclusiva. Esta sociedade foi proposta em 1991 pela ONU, que gostaria de vê-la implementada até o ano de 2010. É um modelo de sociedade que tem compromisso com as minorias e parte do princípio que todos os homens têm o direito de contribuir com seus talentos para o bem comum. A sociedade inclusiva deve estar estruturada para atender às necessidades de cada cidadão, dos privilegiados aos marginalizados - como as pessoas com deficiência. A Terra tem cerca de 600 milhões de indivíduos deficientes, sendo que aproximadamente 80% deles vivem em países em desenvolvimento como o Brasil. Uma pesquisa da OMS revela que 98% desses indivíduos são totalmente negligenciados e que provavelmente um terço deles seja de crianças. Há países nos quais 90% das crianças com deficiência mental não alcançarão seus 5 anos.

Como sociedade inclusiva é tema novo no Brasil, Claudia Werneck deseja democratizar essa discussão de modo a nos tornarmos cúmplices dela: "Inclusão deve ser assunto de hora do jantar, de churrasco aos domingos, de reuniões de empresários, do discurso e das práticas diárias de políticos e de governantes e até das conversas românticas de namorados, preocupados em não repetir com seus filhos os erros que transformaram o homem num perito na arte de excluir. Na sociedade inclusiva, não há espaço para atitudes como 'abrir espaço para o deficiente' ou 'aceitá-lo', num gesto de solidariedade, depois ir dormir com a sensação de ter sido bonzinho. Na sociedade inclusiva ninguém é bonzinho. Somos apenas - e isto é suficiente - cidadãos responsáveis pela qualidade de vida do nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou nos pareça ser".

O livro diz que para se chegar à inclusão é preciso enfrentar os seguintes desafios:

a) impregnar a sociedade brasileira de bons motivos que garantam a ampla convivência de pessoas deficientes e não deficientes;

b) conscientizar a família de que a criança tem o direito de ter informação correta sobre o que os adultos consideram anormalidades (ou persistiremos no erro de formar cidadãos-pela-metade?);

c) dar à escola brasileira perfil mais ético, instituindo nas salas de aula ampla discussão sobre as diferenças individuais;

d) fazer da mídia aliada: informação não é entretenimento, deve instigar o público e detonar reflexões capazes de romper com paradigmas estabelecidos;

e) instituir nova ordem social através da tríplice parceria família-escola-mídia.

Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva é o sexto livro de Claudia Werneck na área de deficiência. Seus outros livros têm sido lidos por pais, crianças, adotados em escolas públicas e particulares e recomendados por universidades em todo o Brasil. Claudia Werneck faz parte do Down Syndrome Medical Interest Group - DSMIG, grupo de interesse médico em síndrome de Down que reúne cerca de 60 especialistas no mundo. A jornalista também é responsável pelo projeto jornalístico Muito prazer, eu existo, cujo objetivo é levar informações sobre temas relacionados à deficiência para crianças e adultos. Por suas publicações, Claudia Werneck foi indicada para um prêmio internacional cujo resultado sairá em outubro de 1997, em Madri, Espanha, durante a VI Conferência Internacional sobre Síndrome de Down.

O livro foi lançado inicialmente, em Brasília no dia 04 de junho, durante o II Congresso Brasileiro e I Encontro Latino-Americano sobre Síndrome de Down.

Questões

Responda às questões de números 1 a 3 com base na obra e no texto de Rosita Edler Carvalho.

Percorrendo os marcantes períodos da história universal, de certa forma, podemos afirmar que a pedagogia da exclusão tem origens remotas, condizentes com a concepção de homem e de mundo que estivesse em vigor.

1. (VUNESP/2013) Na Antiguidade Primitiva,

(A) o pensamento pedagógico grego destacou-se e, até hoje, é estudado e apontado como de singular avanço.

(B) a educação era essencialmente prática, espontânea, calcada na imitação e na verbalização.

(C) a educação integral incluía a formação do corpo e do espírito do homem, entendido como sujeito do processo educativo.

(D) a contribuição do pensamento romano foi significativa e influenciou os pensadores modernos.

(E) a educação era apenas para os nobres, os guerreiros, e os escravos constituíam as classes inferiores.

2. (VUNESP/2013) Na Idade Média,

(A) a educação era igual para todos, voltada para o cotidiano, todos eram alunos e todos eram educadores.

(B) houve uma verdadeira revalorização das ideias pedagógicas greco-romanas e do restabelecimento da cultura do corpo.

(C) a educação integral era para o clero e para a nobreza; os trabalhadores aprendiam pela tradição oral que contemplava, apenas, a cultura da sobrevivência.

(D) a cultura clássica cedeu espaço a uma nova ideologia inspirada no espiritismo e na religião dos escravos.

(E) as marcantes descobertas exerceram influências sobre as ideias pedagógicas, porém a educação era para a burguesia.

3. (VUNESP/2013) Na Idade Moderna,

(A) houve a ascensão de uma nova e poderosa classe que se opunha aos modelos vigentes; o homem, mais interessado pela natureza, desenvolveu estudos em várias áreas do conhecimento.

(B) surgiram as primeiras universidades, apesar de esse longo período sombrio ser considerado por muitos como a idade das trevas.

(C) as ideias pedagógicas medievais conciliaram a fé com a enorme e valiosa bagagem greco-romana, sendo que as obras clássicas eram reproduzidas pelos copistas, nos conventos.

(D) apesar da mensagem cristã de amor ao próximo como a si mesmo, a educação estava restrita ao clero e à nobreza.

(E) houve valorização das ideias educacionais, o que tornou a educação mais prática e restabeleceu a cultura do corpo, que não representava preocupação dos educadores.

4. (VUNESP/2013) De acordo com Rosita Edler Carvalho, o diagnóstico, como prática que ainda é exercida com a finalidade de triagem do alunado,

(A) é uma das alternativas mais evidentes para facilitar a implementação da educação inclusiva.

(B) mostra a conveniência de patologizar as deficiências e as dificuldades de aprendizagem.

(C) serve para os procedimentos de aferição da aprendizagem dos alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento.

(D) é o instrumento de identificação que permite remover as barreiras atitudinais e pedagógicas.

(E) tem sido uma das mais sérias barreiras que temos enfrentado para a implementação da educação inclusiva.

5. (VUNESP/2013) Conforme Carvalho (2005), "inclusão como desejável e necessário movimento para melhorar as respostas educativas das escolas para todos, com todos e para toda a vida, deve preocupar-se com

(A) a remoção das barreiras para a aprendizagem e para a participação.

(B) o não envolvimento dos responsáveis pela saúde escolar.

(C) o efetivo diagnóstico psicopedagógico multiprofissional.

(D) os esforços dos sistemas de ensino para a aquisição de mais material.

(E) a contratação de professores mais jovens e comprometidos.

6. Candau (2001) situa a metodologia como o elemento responsável pela mediação saber escolar/condições concretas dos alunos.

De acordo com a autora, das proposições abaixo, NÃO apresenta enfoque mediador:

A) a metodologia deve ser compreendida a partir da teoria dialética do conhecimento.

B) a relação de subordinação do método aos conteúdos na ação educativa.

C) a relação forma e conteúdo como elementos indissociáveis do mesmo processo.

D) a metodologia, como instrumento teórico-prático de conhecer e fazer educação, tem um caráter político.

7. Entendemos que a uma escola democrática, no caso brasileiro, é aquela que permite o acesso ao conteúdo que dará ao aluno condições de apreensão e compreensão da realidade, de modo que ele possa participar não só da produção cultural, mas também dos processos de transformação social. CANDAU (2001)

Na perspectiva da escola democrática, coloque V para verdadeiro e F para falso nas afirmativas a seguir:

( ) A escola democrática é aquela que cria condições para o desenvolvimento da capacidade do educando de participar do processo decisório de direção da sociedade.

( ) A escola democrática revê sempre seus princípios norteadores.

( ) Numa escola democrática, o conceito de disciplina está comprometido com princípios de participação e cooperação.

( ) A escola democrática pressupõe que a organização da vida escolar é tarefa e responsabilidade do professor.

A sequência CORRETA é

A) V, F, F, V.

B) F, F, V, V.

C) V, V, V, F.

D) F, V, F, V.

8. Na linguagem comum e mesmo na culta, ética e moral são sinônimas. Identificamos a ética com a moral pelo fato de terem as mesmas origens etimológicas. Mas a ética distingue-se da moral. Podemos afirmar que a origem etimológica de ética e moral é, respectivamente:

A) "ethos" e "mores", ambos com o significado de "morada humana" ou "modo de ser".

B) "ethos" e "pathos", ambos com o significado de "modo de ser" ou "costumes".

C) "mores" e "ethos", ambos com o significado de "morada humana" ou "modo de ser".

D) "mores" e "pathos", ambos com o significado de "costumes" ou "morada humana".

9. (VUNESP - SEE/SP 2011) Segundo La Taille, Piaget distingue dois tipos de relações interindividuais: a coação e a cooperação. Somente com a cooperação, o desenvolvimento intelectual e moral pode ocorrer, pois a cooperação:

A) dá pouca importância à reciprocidade, já que alguns impõem as suas formas de pensar.

B) respeita a tradição de que as regras não podem ser construídas por todos.

C) reforça o egocentrismo, valorizando o ser individual.

D) estabelece regras de antemão, das quais todos têm clareza.

E) exige que os sujeitos se descentrem para compreender o ponto de vista do outro.

10. Délia Lerner, considerando as ideias essenciais subjacentes a uma perspectiva curricular construtivista, afirma: *(LERNER, D - Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário)*

I- Os problemas enfrentados na produção curricular são problemas didáticos. Os saberes das outras disciplinas não são suficientes para encontrar as soluções necessárias.

II- Preservar o sentido do objeto de ensino (leitura e escrita) é um objetivo facilmente alcançado, uma vez que a leitura e a escrita são práticas sociais.

III- O novo conhecimento tem que ser interpretável pelos conhecimentos prévios e ao mesmo tempo um desafio a esses conhecimentos prévios.

IV- Para a transformação didática ocorrer, é necessário saber como articular a proposta que se leva à prática com as pressões e necessidades da instituição.

Estão certas as afirmações.

a) II, III e IV

b) I, II e III

c) I, III e IV

d) I, II, III e IV

e) I e III

11. Buscando produzir uma mudança qualitativa na utilização do tempo didático, a Professora Rosa, do 1º ano B de uma escola de nossa cidade, deseja elaborar semanalmente uma rotina para o trabalho com a leitura. Sua colega, Kátia sugeriu que ela organize os conteúdos conforme o referencial proposto por Delia Lerner. Que modalidades organizativas ela poderá utilizar? *(LERNER, D - Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário)*

a) Projetos – atividades habituais – sequências de atividades – situações independentes

b) Projetos – atividades habituais – atividades de fixação – sequências de atividades – avaliação formativa

c) Planejamento – sensibilização – projetos – atividades habituais – sequências de atividades – avaliação emancipadora

d) Sequências de atividades, situações independentes – projetos – atividades concretas

e) Sensibilização – projetos – sequências de atividades – avaliação

12. Buscar uma palavra no dicionário é um conteúdo procedimental. Ao final do Ensino Fundamental, uma habilidade que não é esperada do aluno, segundo Zabala, é que (ZABALA, A. – Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula)

a) saiba que forma da palavra aparecerá no dicionário.

b) decida o significado mais adequado ao contexto.

c) interprete as convenções e símbolos mais gerais utilizados nesse tipo de texto.

d) reconheça os diferentes tipos de dicionários e enciclopédias usados em aula e sua utilidade.

e) conheça um mínimo de 25 a 30 vocábulos não usuais ao seu vocabulário.

Gabarito

1 - B
2 - C
3 - A
4 - E
5 - A
6 - B
7 - C
8 - A
9 – E
10 – C
11 – A
12 - E

EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES

Sobre: Conhecimentos Pedagógicos

1. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) Leia atentamente o texto a seguir. Os processos de ensino só podem se realizar a medida que o educando estiver maduro para efetivar determinada aprendizagem; a prática escolar não desafia, não amplia, nem instrumentiza o desenvolvimento do educando, uma vez que esta se restringe naquilo que o educando já conquistou; a educação pode apenas aprimorar um pouco aquilo que o educando é. O texto trata-se de uma:

A) Maturação.
B) Experiência ativa.
C) Teoria inativa.
D) Comunicação humana

A teoria inativa considera que o meio ou ambiente pouco pode fazer pelo indivíduo, quando acredita que o sujeito nasce pronto, pode-se dizer que a subjetividade não é inata devido ao fato de que cada pessoa adquire ao longo do seu desenvolvimento, características próprias que não seria possível nascer com elas. Segundo Torres (2003), a respeito de como as identidades se constroem, precisamos levar em conta as condições históricas, sociais e econômicas em que o indivíduo está inserido, a compreensão de que a identidade não é preexistente ao homem e que a analise do "mundo interno" exige o conhecimento do "mundo externo" que estão em movimento contínuo de construção e desconstrução.

*Texto adaptado de Marcos P. Silva. Disponível em: http://marcospsilva7.blogspot.com.br/2008/06/partindo-do-ponto-de-que-teoria-inativa.html

RESPOSTA: "C".

2. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) Leia, atentamente, o texto a seguir. "Desprezar a análise de outros aspectos da conduta humana tais como: o raciocínio, o desejo, a imaginação, os sentimentos e a fantasia; defende a necessidade de medir, comparar, testar, experimentar e controlar o comportamento e desenvolvimento do educando e sua aprendizagem, objetivando com isso, controlar o comportamento do educando". O texto trata da:

A) Relação homem/mundo.
B) Afetividade e cognição
C) Interatividade
D) Teoria ambientalista do desenvolvimento

A teoria ambientalista busca sua inspiração na filosofia empirista (a experiência como fonte de conhecimento) e positivista (objetividade e neutralidade no conhecimento da realidade humana; o ser humano é entendido como objeto e os fatos sociais como coisas, ou seja, objeto de um interesse meramente prático). A teoria ambientalista,

também chamada behaviorista ou comportamentalista, atribui exclusivamente ao ambiente a constituição das características humanas, privilegiando a experiência como fonte de conhecimento e de formação de hábitos de comportamento; preocupa-se em explicar os comportamentos observáveis do educando, desprezando a análise de outros aspectos da conduta humana tais como: o raciocínio, o desejo, a imaginação, os sentimentos e a fantasia, entre outros; defende a necessidade de medir, comparar, testar, experimentar e controlar o comportamento e desenvolvimento do educando e sua aprendizagem, objetivando com isso, controlar o comportamento do educando.

* Disponível em: http://penta2.ufrgs.br/edu/intera/cap1-afet-interat-aprend.htm.

RESPOSTA: "D".

3. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) Na teoria ambientalista, atribui-se, exclusivamente, ao ambiente a construção das características humanas, privilegiando a experiência como fonte de conhecimento. Esta teoria preocupa-se em explicar:

A) Práticas pedagógicas espontâneas.
B) Os comportamentos observáveis do educando.
C) A pedagogia do dom.
D) Processo de construção.

O Ambientalismo, como o próprio nome dá a entender, valoriza o ambiente no aprendizado humano. Ou seja, a criança desenvolve suas características em função das condições do meio em que vive. Esta visão considera as estimulações que o meio proporciona como fonte de aprendizado. Para os ambientalistas, o mais importante são os fatores exógenos, aquilo que está fora do indivíduo. A criança nasce sem características psicológicas, seria como uma massa a ser modelada, estimulada e corrigida pelo meio em que vive. O papel da escola seria o de estimular a criança com novas aprendizagens. Para os ambientalistas, a criança não sabe, é uma folha em branco. O saber está com o(a) professor(a) e, portanto, ele(a) precisa transmitir o conhecimento para a criança, que o recebe de forma passiva. De acordo com essa concepção, educar alguém seria moldar o seu comporta- mento, seu caráter, seu conhecimento, dando à criança tudo aquilo que ela não tem. Dentro da concepção ambientalista, a educação é centrada no(a) professor(a) que, como adulto, é visto como o(a) dono(a) da verdade, devendo ensinar e estimular as crianças.

* Referências:

LOPES, K. R; MENDES, R. P; FARIA, V. L. B. de. **Educação de crianças:** Programa de formação de professores de educação infantil. Coleção PROINFANTIL; (Unidade 1). Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/mod_ii_vol2unid1.pdf

RESPOSTA: "B".

4. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) A Educação, neste método, é tecida em conjunto por alunos e professores, frente aos exercícios da leitura e da escrita praticadas exaustivamente nas aulas. Assim, mestres e aprendizes atuam juntos na construção do conhecimento, assessorados pela incidência da problemática social mais atual e pelo arsenal de saberes já edificados, patrimônio intransferível do ser humano. O texto se refere a:

A) Teoria do saber.
B) Teoria do Ler e Saber.
C) Teoria da Paradidática.
D) Teoria do Construtivismo.

Para Piaget, a pessoa, a todo o momento interage com a realidade, operando ativamente objetos e pessoas. O conhecimento é construído por informações advindas da interação com o ambiente, na medida em que o conhecimento não é concebido apenas como sendo descoberto espontaneamente, nem transmitido de forma mecânica pelo meio exterior, mas como resultado de uma interação na qual o sujeito é sempre um elemento ativo na busca ativa de compreender o mundo que o cerca (MOREIRA, 1999). Entende-se, então, de acordo com essa teoria, que o desenvolvimento cognitivo é resultado de situações e experiências desconhecidas advinda da interação com o meio, onde o sujeito procura compreender e resolver as interrogações. Com isso, o aluno exerce um papel ativo e constrói seu conhecimento, sob orientação do professor, buscando informações, propondo soluções, confrontando-as com as de seus colegas, defendendo-as e discutindo. Essa teoria permite utilizar todo o potencial de interação da internet para criar um ambiente que gere conhecimento teórico e prático através da construção gradual do conhecimento por meio de participação ativa. Oferece oportunidade para reflexão. A construção do conhecimento pelos alunos é fruto de sua ação, o que faz com que eles se tornem cada vez mais autônomos intelectualmente.

*Referências:

MOREIRA, Marco Antonio. Teorias de Aprendizagem. São Paulo: Epu, 1999.

RESPOSTA: "D".

5. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) A concepção de organização curricular expressa formas de concretização das intenções pedagógicas. Com base nesta temática é FALSO afirmar:

A) O currículo real acontece dentro da sala de aula com professores e alunos a cada dia em decorrência de um projeto pedagógico e dos planos de ensino.

B) Currículo é o conjunto de todas as experiências de conhecimento, proporcionada pela instituição aos educandos.

C) A organização é um currículo a partir da lógica seriada a analise do progresso dos educandos.

D) O currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior à escola e à educação; entre o conhecimento e a cultura herdada e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria e a pratica possível, dadas determinadas condições.

O currículo tem que ser entendido como a cultura real que surge de uma série de processos, mais que como um objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar; aquilo que é, na realidade, a cultura nas salas de aula, fica configurado em uma série de processos: as decisões prévias acerca do que se vai fazer no ensino, as tarefas acadêmicas reais que são desenvolvidas, a forma como a vida interna das salas de aula e os conteúdos de ensino se vinculam com o mundo exterior, as relações grupais, o uso e o aproveitamento de materiais, as práticas de avaliação, etc (Sacristán, J.G., 1995).

RESPOSTA: "C".

6. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) Para ser considerada como possuidora de certa habilidade, a criança tem que demonstrar que pode cumprir a tarefa sem nenhum tipo de ajuda. Denomina- se essa capacidade de realizar tarefas de forma independentes:

A) NDP - Nível de Desenvolvimento Potencial.
B) ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal.
C) PDH - Processo de Desenvolvimento de habilidade.
D) NDR - Nível de Desenvolvimento Real.

Para Vygotsky, a aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida do indivíduo. Nível de desenvolvimento real: Referente as conquistas que já estão consolidadas na criança, ela já aprendeu e domina. Indica os processos mentais da criança que já se estabeleceram. Representa as funções já amadurecidas. Exemplos: andar de bicicleta, cortar com tesoura, dominar o teclado.

*Texto adaptado de Raquel D`Ely. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116361/TEORIA%20SOCIO%20INTERACIONISTA.pdf?sequence=1

RESPOSTA: "D".

7. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) É um tipo de avaliação que tem por função básica a classificação dos alunos, sendo realizada no final de um curso ou unidade de ensino, classificando os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento previamente estabelecidos. O texto acima descreve uma:

A) Avaliação formativa.
B) Avaliação somativa.
C) Avaliação diagnostica.
D) Avaliação personalizada.

Avaliação Somativa: É uma modalidade avaliativa pontual que ocorre ao fim de um processo educacional (ano, semestre, bimestre, ciclo, curso etc.). Atém-se à determinação do grau de domínio de alguns objetivos pré-estabelecidos propondo-se a realizar um balanço somatório de uma ou várias sequencias de um trabalho de formação. É também chamada de avaliação das aprendizagens.

*Disponível em: http://www.portalavaliacao.caedufjf.net/pagina-exemplo/tipos-de-avaliacao/avaliacao-somativa/

RESPOSTA: "B".

8. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) A respeito da Avaliação Formativa, é INCORRETO afirmar:

A) A avaliação formativa não tem como objetivo classificar ou selecionar.
B) Fundamenta-se nos processos de aprendizagem em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais.
C) Uma avaliação não precisa conformar-se a nenhum padrão metodológico para ser formativa.
D) O sentido e a finalidade da avaliação formativa deve ser o de conhecer melhor o professor, suas competências e suas técnicas de trabalho.

Também chamada de avaliação para as aprendizagens, a avaliação formativa tem seu foco no processo ensino -aprendizagem. Alguns teóricos chegam a nomear essa modalidade com o nome de avaliação formativa diagnóstica. A avaliação formativa não tem finalidade probatória e está incorporada no ato de ensinar, integrada na ação de formação. Alguns autores consideram que a avaliação formativa englobe as outras modalidades de avaliação já que ela se dá durante o processo educacional. Seu caráter é especificamente pedagógico.

*Disponível em: http://www.portalavaliacao.caedufjf.net/pagina-exemplo/tipos-de-avaliacao/avaliacao-formativa/

RESPOSTA: "D".

9.(SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) A avaliação _____ é realizada no início do processo ensino-aprendizagem, com a finalidade de detectar eventuais dificuldades de aprendizagem auxiliando o _____ no planejamento de suas ações.

Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas.

A) Diagnostica / Professor.
B) Formativa / Gestor
C) Formativa / Coordenador pedagógico.
D) Somativa / Professor.

O conceito de avaliação diagnóstica não recebe uma definição uniforme de todos os especialistas. No entanto pode-se, de maneira geral, entendê-la como uma ação avaliativa realizada no início de um processo de aprendizagem, que tem a função de obter informações sobre os conhecimentos, aptidões e competências dos estudantes com vista à organização dos processos de ensino e aprendizagem de acordo com as situações identificadas.

*Disponível em: http://www.portalavaliacao.caedufjf.net/pagina-exemplo/tipos-de-avaliacao/avaliacao-diagnostica/

RESPOSTA: "A".

10. (SEPLAG/MG – PEDAGOGIA – BFC/2013) Na relação profesor-aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das consequências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

NOVA CONCURSOS

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente:

I. Do clima estabelecido pelo aluno.

II. Da relação empática com seus alunos.

III. Da sua capacidade de ouvir, refletir e discutir.

IV. Da criação das pontes entre seu conhecimento e os deles.

Assinale a alternativa correta.

A) Somente I, II e III estão corretas.
B) Somente I, II e IV estão corretas
C) Somente II, III e IV estão corretas
D) Somente I, III e IV estão corretas

Becker (1997), afirma que na transferência, constituir uma identificação simbólica é uma forma de desenvolver ao adolescente sua posição discursiva. Verificar-se, que o aluno precisa admitir estar numa relação transferencial com o professor que não estar ali só para transferir informações, mais para considerar cada aluno singularmente. O sujeito do qual ocupa a psicanálise é o sujeito do inconsciente enquanto manifestação única e singular. Para o aluno ser tomado como sujeito é necessário que o educador também o seja, que envolva sua prática com aquilo que lhe é peculiar, o estilo. Logo a relação professor-aluno depende fundamentalmente do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

*Referências:

Texto adaptado de Andréia Freitas;

BECKER, F. Da ação à operação: o caminho da aprendizagem em J.piaget e Paulo Freire. Rio de Janeiro: DPIA Editora Palmarinca, 1997

RESPOSTA: "C".

11. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) Por gestão participativa entende-se:

I - envolvimento de todos que fazem parte direta ou indiretamente no processo educacional;

II - compartilhamento na solução de problemas e nas tomadas de decisão do diretor escolar;

III - implementação, monitoramento e avaliação dos resultados;

IV - estabelecimento de objetivos claros e democráticos;

V - visão de conjunto associada a uma posição hierárquica.

Estão corretas as afirmativas:

A) I, II e III;
B) I, III e IV;
C) II, III e V;
D) I, IV e V;

O trabalho escolar é uma ação de caráter coletivo, realizado a partir da participação conjunta e integrada dos membros de todos os segmentos da comunidade escolar. Portanto, afirmar que sua gestão pressupõe a atuação participativa representa um pleonasmo de reforço a essa importante dimensão da gestão escolar. Assim, o envolvimento de todos os que fazem parte, direta ou indiretamente, do processo educacional no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões, na proposição, implementação, monitoramento e avaliação de planos de ação, visando os melhores resultados do processo educacional, é imprescindível para o sucesso da gestão escolar participativa (Luck, Freitas, Girling, Keith, 2002).

RESPOSTA: "B".

12. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) O FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação é formado:

A) por vínculos financeiros com a esfera Federal, Estadual e Municipal de acordo com o censo demográfico;

B) com apoio do Banco do Brasil para a criação de um fundo de créditos em favor dos Estados e Municípios;

C) pelos recursos do Governo Federal, Estadual e Municipal para definir um orçamento exclusivamente para a educação;

D) com recursos provenientes das três esferas do governo (Federal, Estadual e Municipal), sendo um fundo contábil;

O FUNDEB não é considerado Federal, Estadual, nem Municipal, por se tratar de um Fundo de natureza contábil, formado com recursos provenientes das três esferas de governo (Federal, Estadual e Municipal); pelo fato da arrecadação e distribuição dos recursos que o formam serem realizadas pela União e pelos Estados, com a participação do Banco do Brasil, como agente financeiro do Fundo e, por fim, em decorrência dos créditos dos seus recursos serem realizados automaticamente em favor dos Estados e Municípios de forma igualitária, com base no nº de alunos. Esses aspectos do FUNDEB o revestem de peculiaridades que transcendem sua simples caracterização como Federal, Estadual ou Municipal. Assim, dependendo da ótica que se observa, o Fundo tem seu vínculo com a esfera Federal (a União participa da composição e distribuição dos recursos), a Estadual (os Estados participam da composição, da distribuição, do recebimento e da aplicação final dos recursos) e a Municipal (os Municípios participam da composição, do recebimento e da aplicação final dos recursos).

*Disponível em: http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=734&Itemid=373&fontstyle=f-smaller&limitstart=2

RESPOSTA: "D".

13. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) A interação professor-aluno é um aspecto fundamental da organização da situação didática. Segundo Libâneo, podem-se ressaltar dois aspectos para a realização do trabalho docente:

A) o aspecto social, que se refere à integração de cada aluno ao seu meio social e o aspecto atitudinal, que se refere à aquisição de conhecimentos acadêmicos a serem utilizados na vida pessoal de cada aluno;

B) o aspecto técnico e emocional, que se refere ao desenvolvimento da autonomia e das qualidades morais e o aspecto intelectual, que se refere a aprendizagem com vistas a orientação de trabalhos independente dos alunos;

C) o aspecto psicopedagógico clínico, que diz respeito ao sujeito aprendente e ao aspecto acadêmico, que diz respeito aos objetivos do processo de ensino, a transmissão de conhecimentos, hábitos e atitudes;

D) o aspecto cognoscitivo, que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos escolares e o aspecto sócio- emocional, que diz respeito às relações pessoais entre professor e alunos e às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho educativo;

Podemos ressaltar dois aspectos da interação professor-aluno no trabalho docente: O aspecto cognoscitivo (que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos escolares e às tarefas escolares indicadas pelos alunos) e o aspecto sócio-emocional (que diz respeito as relações pessoais entre o professor e o aluno e as normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente) afirma Libâneo (1998).

*Referências:

SOUZA, Verônica Alves de M. A relação professor-aluno na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Arlindo Ramalho nas séries iniciais do Ensino Médio Noturno no município de Solânea-PB. 2007. 60 f. Monografia (Especialização) CFT/UFPB.

RESPOSTA: "D".

14. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) A escola, por ser uma instituição social com propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos. Essa função socializadora remete a dois aspectos:

A) a intersocialização entre diferentes grupos e a aquisição de conhecimentos científicos;

B) a compreensão do mundo acadêmico e integração entre os sujeitos aprendentes;

C) a capacidade de crítica e o desenvolvimento de técnicas;

D) o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural;

Essa função socializadora remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. É nessa dupla determinação que os indivíduos se constroem como pessoas iguais, mas, ao mesmo tempo, diferentes de todas as outras. Iguais por compartilhar com outras pessoas um conjunto de saberes e formas de conhecimento que, por sua vez, só é possível graças ao que individualmente se puder incorporar. Não há desenvolvimento individual possível à margem da sociedade, da cultura. Os processos de diferenciação na construção de uma identidade pessoa e os processos de socialização que conduzem a padrões de identidade coletiva constituem, na verdade, as duas faces de um mesmo processo (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997).

RESPOSTA: "D".

15. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) Uma criança de cinco anos apresenta as seguintes características psicossociais, EXCETO:

A) maior estabilidade nas aulas e na escola;

B) grande capacidade observadora começando a imitar o que foi observado;

C) interesse por experiências sensórias – motoras, empreendendo aquilo que está dentro das suas possibilidades;

D) quando lhe dão os meios necessários, sabe trabalhar individualmente;

Segundo Erikson citado por Rocha (2002), a terceira crise do desenvolvimento psicossocial ocorre entre 3 e os 6 anos. As crianças aprendem a desenvolver as suas próprias atividades, têm prazer quando são bem sucedidas e tornam-se determinadas. Se não lhes é permitido desenvolver as suas próprias iniciativas, podem desenvolver sentimentos de culpa por querer ser independentes. Monteiro (2005) cita também Santrok que diz: À medida que as crianças em idade pré-escolar enfrentam um mundo social cada vez mais alargada, aumentam os desafios e necessitam de desenvolver comportamentos mais significativos para responder a esses desafios.

*Referências:

Texto adaptado de Ângela Maria Semedo Pereira Tavares;

Rocha, Ana; Fidalgo, Zilda. Psicologia. 12º ano. Lisboa: Texto editora, 2002.

RESPOSTA: "C".

16. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) O brincar fornece à criança a possibilidade de construir uma identidade autônoma e criativa. A criança que brinca entra no mundo do trabalho, da cultura e do afeto pela via da:

A) família;

B) imaturidade;

C) representação e da experimentação;

D) coerção;

A importância do brincar para a criança é uma construção histórica, quando brinca a criança experimenta sensações antes desconhecidas, entra no mundo do adulto, reproduz as relações sociais e de trabalho de forma lúdica e se apropria do mundo em seu processo de construção como sujeito histórico-social. Para a pesquisadora Wajskop (2001), a criança que brinca pode adentrar o mundo do trabalho pela via da representação.

*Referências:
Texto adaptado de Aline Fernandes Guimarães;
WAJSKOP, G. Brincar na pré-escola. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RESPOSTA: "C".

17. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) A concepção sócio-interacionista do desenvolvimento se apoia na ideia de interação indivíduo-meio e vê a aquisição de conhecimento como um processo construído pelo indivíduo durante toda sua vida. Essa concepção se diferencia da inatista porque a inatista:

A) parte do pressuposto de que os eventos que ocorrem após o nascimento não são essenciais para o desenvolvimento, pois o indivíduo já nasce com padrões inatos de comportamento;

B) assemelha-se à interacionista quando considera que os dois elementos – o biológico e o social – não podem ser dissociados;

C) defende a visão ambientalista da reciprocidade de influências entre indivíduo e meio ambiente;

D) assemelha-se à ambientalista porque a ambientalista chama a atenção para a plasticidade do ser humano, embora ele seja um sujeito passivo;

A aplicação da concepção inatista na educação gera imobilismo e resignação, pois se considera que as diferenças não são superadas, uma vez que o meio não interfere no desenvolvimento da criança. Considera-se também que o resultado da aprendizagem é exclusivamente do aluno, isentando de responsabilidade o professor e a escola.

*Texto adaptado de Alberto Abreu. Disponível em: http://albertoabreu.wordpress.com/2006/07/18/inatismo/

RESPOSTA: "A".

18. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) A avaliação mediadora exige que o professor observe atentamente o movimento de cada aluno no processo de construção do conhecimento. Tal atitude NÃO exige do professor:

A) uma ação direta com o aluno a partir de muitas tarefas orais e escritas;

B) interpretar, refletir e investigar teoricamente as soluções apresentadas pelo aluno, segundo seu estágio de desenvolvimento do pensamento;

C) respeito à subjetividade diante das soluções apresentadas, bem como em razão dos estágios evolutivos;

D) atenção às experiências de vida do aluno, no sentido de fazê-lo reproduzir a forma correta, repetidas vezes, diante do erro;

A avaliação mediadora propõe um modelo baseado no dialogo e aproximação do professor com o seu aluno de forma que as práticas de ensino sejam repensadas e modificadas de acordo com a realidade sociocultural de seus alunos, nesta perspectiva de avaliação o erro é considerado como parte do processo na construção do conhecimento e não como algo passível de punição, na visão mediadora o professor é capaz de criar situações desafiadoras que tornem capaz a reflexão e ação tornando a aprendizagem mais significativa.

*Texto adaptado do Prof. Dr. Fábio Pestana Ramos.

RESPOSTA: "D".

19. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) Considera-se que o professor adota uma postura de avaliação mediadora quando:

A) corrige tarefas e provas do aluno para verificar respostas certas e erradas e, a partir daí, tomar decisões;

B) analisa teoricamente as várias manifestações dos alunos em situações de aprendizagem para acompanhar as hipóteses que ele vem formulando;

C) enaltece procedimentos competitivos e classificatórios com base em certo / errado;

D) faz manifestações periódicas quanto ao aproveitamento do aluno, segundo modelo predeterminado;

O processo de aprendizagem torna-se continuo através da avaliação mediadora, uma vez que o professor possui ferramentas de intervenção adequadas para que os alunos se apropriem de conhecimentos significativos, sem o sentimento de obrigação, ou seja, o aprendizado ocorre de maneira natural com mais facilidade de internalização do conteúdo aplicado em sala de aula.

*Disponível em: http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Avalia%C3%A7%C3%A3º-Mediadora/549901.html

RESPOSTA: "B".

20. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) Inserida nos programas dos últimos governos, a educação inclusiva tem sido motivo de controvérsias e procedimentos por vezes radicais das escolas.

Em relação à inclusão, o seguinte compromisso deve ser assumido pela escola brasileira:

A) oferecer escola para todos, exceto nos estados que não têm competência para assumir o atendimento aos portadores de necessidades especiais;

B) promover somente espaços de inclusão em escolas de periferia;

C) formar, qualificar profissionais, conscientes de sua responsabilidade ética frente à inclusão;

D) abrir vagas em classes regulares nas escolas, mesmo que não haja profissional qualificado / especializado;

O princípio democrático da educação para todos só se evidencia nos sistemas educacionais que se especializam em todos os alunos, não apenas em alguns deles, os alunos com deficiência. A inclusão, como consequência de um ensino de qualidade para todos os alunos provoca e exige da escola brasileira novos posicionamentos e é um motivo a mais para que o ensino se modernize e para que os professores aperfeiçoem as suas práticas. É uma inovação que implica num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas de nível básico. O motivo que sustenta a luta pela inclusão como

uma nova perspectiva para as pessoas com deficiência é, sem dúvida, a qualidade de ensino nas escolas públicas e privadas, de modo que se tornem aptas para responder às necessidades de cada um de seus alunos, de acordo com suas especificidades, sem cair nas teias da educação especial e suas modalidades de exclusão.

*Texto adaptado de Maria Teresa Eglér Mantoan. Disponível em: http://www.pro-inclusao.org.br/textos.html

RESPOSTA: "C".

21. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) Para elaborar seu plano anual, a professora do 1º ano do ensino fundamental solicita todo o material que registra o desenvolvimento das crianças. Esse pedido indica que ela entende os instrumentos de observação e registros como fundamentais no ensino infantil e séries iniciais por que:

A) contêm as formas de expressão, da capacidade de concentração, do envolvimento nas atividades, de satisfação com a própria produção e com pequenas conquistas de cada criança;

B) registram as dificuldades e impedimentos físicos, cognitivos e emocionais no processo de aquisição de novos conhecimentos como forma de rotular cada criança;

C) expressam quem são as crianças com mais facilidade e com mais capacidade de entendimento do mundo formal e informal;

D) representam o cotidiano escolar do trabalho do professor e da vida das crianças auxiliando a visão do coletivo como forma de realimentação do planejamento, somente, dos objetivos atitudinais;

Para que o professor possa propiciar situações de aprendizagem, é necessária a observação, pois é muito importante o professor observar sempre o seu aluno, pois diante dessas observações, pode proporcionar um novo aprendizado. Esse processo avaliativo destina-se ao professor ser criativo, e desempenhar papéis onde forneça o progresso dos alunos, seja por meio de experiências educativas, que expressem a construção do conhecimento, e avançar no seu desenvolvimento.

*Texto adaptado de Maeli Sorato Manarin.

Disponível em: http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000041/000041FD.pdf

RESPOSTA: "A".

22. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) A avaliação escolar tem três tipos de função. A avaliação somativa tem como características, EXCETO:

A) visar a subjetividade face a complexidade das dimensões em que ela se realiza;

B) ser realizada ao final do ano ou curso;

C) ter resultados mais gerais como objetivos;

D) visar os resultados pré-estabelecidos;

Avaliação Somativa: Exteriorizada como avaliação final, porque acontece no fim de um processo de educação e aprendizagem, tem uma função classificatória, em razão de que vão convir a uma classificação do estudante conforme os níveis de aplicação no fim de uma unidade, de um módulo, de uma disciplina, de um semestre, de um ano, de um curso. A avaliação somativa promove a definição de escopos, frequentemente se baseia nos conteúdos e procedimentos de medida, como provas, teste objetivo, dissertações-argumentativas. Colabora para a avaliação somativa, tanto a avaliação diagnóstica quanto a avaliação formativa, que a avaliação da aprendizagem é um ciclo de intervenções pedagógicas de um mesmo processo.

*Texto adaptado de Marcondes de Sousa.

RESPOSTA: "A".

23. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) A professora Irene pensa que avaliar significa não só medir mudanças comportamentais, mas também a aprendizagem. Para quantificar os resultados, ela está apoiada na racionalidade instrumental preconizada pela seguinte concepção de avaliação:

A) interacionista;

B) positivista;

C) cognitivista;

D) construtivista;

Na ótica da teoria Positivista, sob as lentes do empirismo, o conhecimento surge a partir das experiências que o sujeito acumula através dos tempos utilizando-se da observação seguindo até a obtenção das ideias sistemáticas. O ambiente torna-se, portanto, o fator determinante da aprendizagem e não apenas um fator condicionante como, no máximo, deveria ser.

O sujeito não exerce ação sobre o objeto do conhecimento. Ele é considerado como uma "tabula rasa", todas as informações do mundo exterior vão sendo impressas através dos sentidos. Assim, o conhecimento é o registro dos fatos, a simples cópia do real. O Positivismo prima pela objetividade e concebe a aprendizagem como mudança de comportamento, como resultado do treino e da experiência. Segundo Tyler (1949) "a avaliação é um processo destinado a verificar o grau em que mudanças comportamentais estão ocorrendo, a avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos". Nessa perspectiva, aprender é mudar de comportamento. Subtende-se então que avaliar é medir a quantidade de mudanças do comportamento e isso se estabelece na chamada "avaliação por objetivos".

*Texto adaptado de Sandra Zákia Lian Souza.

RESPOSTA: "B".

24. (PREFEITURA DE TERESÓPOLIS/RJ – PEDAGOGIA - BIORIO/2011) Na educação infantil, o atendimento pelos profissionais deve incorporar, de forma integrada, o educar e o cuidar, pois tem como característica geral:

A) salientar a dualidade das intenções do ensino sistemático e assistemático como pressuposto de desenvolvimento cognitivo, emocional e afetivo;

B) promover situações de interação em que o cuidar tem uma função básica e única de alicerce para o desenvolvimento das capacidades infantis;

C) entender o educar como atividade diversa do cuidar que envolve situações de aprendizagem com intencionalidade de espaço e tempo orientada pelos adultos;

D) propiciar o desenvolvimento da identidade das crianças por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas com elementos da cultura em situações de interação.

Cuidar e educar é impregnar a ação pedagógica de consciência, estabelecendo uma visão integrada do desenvolvimento da criança com base em concepções que respeitem a diversidade, o momento e a realidade, peculiares à infância. Desta forma, o educador deve estar em permanente estado de observação e vigilância para que não transforme as ações em rotinas mecanizadas, guiadas por regras. Consciência é a ferramenta de sua prática, que embasa teoricamente, inova tanto a ação quanto à própria teoria. Cuidar e educar implica reconhecer que o desenvolvimento, a construção dos saberes, a constituição do ser não ocorre em momentos e de maneira compartimentada.

*Texto adaptado de Nilza Aparecida Forest e Sílvio Luiz Indrusiak Weiss.

RESPOSTA: "D".

25. (PREFEITURA DE PATROCÍNIO/MG – PEDAGOGIA – FUNDEP/2012) A criança é um sujeito sociocultural e aprende a partir das múltiplas interações que estabelece com o meio.

Analise as seguintes afirmativas sobre o desenvolvimento infantil.

I. É a partir das relações com o outro que a criança vai se apropriando das significações socialmente construídas e assim pode perceber e estruturar a realidade.

II. O adulto tem papel fundamental no desenvolvimento infantil. É ele quem determina o que a criança deve ou não aprender, limitando seu universo social e protegendo-a inclusive de si mesma.

III. Estimular a criança a desenvolver a linguagem corporal, musical, plástica, dramaturgia, bem como a linguagem escrita e falada nos primeiros anos de vida pode acarretar excesso de estímulo e inibir a criança.

A partir dessa análise, pode-se concluir que:

A) apenas a afirmativa I está correta.

B) apenas a afirmativa II está correta.

C) apenas a afirmativa III está correta.

D) todas as afirmativas estão erradas.

A criança aprende a partir das múltiplas interações que estabelecem com o meio sócio cultural. E é participando, ativamente de uma comunidade educativa, que a criança tem oportunidade de estabelecer inúmeras trocas com as outras crianças, com adultos e com instrumentos culturais (livros, brinquedos, jogos, objetos) Podemos dizer desta forma que, a criança é um sujeito sociocultural.

*Disponível em: http://www.aquarelakidsjoinville.com.br/a-escola

RESPOSTA: "A".

26. (PREFEITURA DE PATROCÍNIO/MG – PEDAGOGIA – FUNDEP/2012) Segundo Piaget, o desenvolvimento da criança se processa por meio de uma sequência de estágios. Sobre os estágios do desenvolvimento infantil, assinale a afirmativa CORRETA.

A) A criança só é promovida de um estágio a outro depois de uma avaliação criteriosa do adulto.

B) Desde o primeiro estágio, a criança já é capaz de interiorizar suas ações diferenciando objetos de seus representantes.

C) Os esquemas de ações iniciais, originários dos reflexos e instintos, formam a base para outros mais complexos.

D) No segundo estágio, a capacidade de representações é ilimitada, pois a criança já entende o ponto de vista da outra pessoa.

Progressivamente, a criança vai aperfeiçoando tais movimentos reflexos e adquirindo habilidades e chega ao final do período sensório-motor já se concebendo dentro de um cosmo "com objetos, tempo, espaço, causalidade objetivados e solidários, entre os quais situa a si mesma como um objeto específico, agente e paciente dos eventos que nele ocorrem" (Piaget).

*Disponível em: fundelta.com.br/webroot/doc/d067829bf9.docx

RESPOSTA: "C".

27. (PREFEITURA DE GRAMADO/RS – PEDAGOGIA – FUNDATEC/2013) Segundo Silva (2010), analise as sentenças abaixo: Os que praticam o bullying mostram-se bastante hábeis em manipular, mentem sem qualquer constrangimento e não respeitam hierarquias (1ª parte). No recreio, as vítimas de bullying encontram- se isoladas do grupo ou perto de algum adulto e mostram-se tristes, deprimidas ou aflitas (2ª parte). As vítimas provocadoras são aquelas capazes de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesmas (3ª parte). Quais estão corretas?

A) Apenas a 2ª parte.

B) Apenas a 3ª parte.

C) Apenas a 1ª e a 3ª partes.

D) A 1ª, 2ª e a 3ª partes.

Martins (2005) classifica três grandes formas de bullying. A primeira envolve comportamentos "diretos e físicos", o que inclui atos como agredir fisicamente, roubar ou estragar objetos alheios, extorquir dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar a realização de atividades servis, ou a ameaça desses itens. A segunda forma inclui comportamentos "diretos e verbais", como insultar, apelidar, "tirar sarro", fazer comentários racistas, homofóbicos ou que digam respeito a qualquer diferença no outro. Por último, há os comportamentos "indiretos" de bullying, como excluir sistematicamente uma pessoa, fazer fofocas ou espalhar boatos, ameaçar excluir alguém de um grupo para obter algum favorecimento ou, de maneira geral, manipular a vida social de outrem.

*Texto adaptado de Priscilla Linhares Albino e Marlos Gonçalves Terêncio.

RESPOSTA: "D".

28. (PREFEITURA DE GRAMADO/RS – PEDAGOGIA – FUNDATEC/2013) Conforme Wadsworth, no estágio pré -operatório, vários são os tipos de representações que têm relevância no desenvolvimento, EXCETO:

A) a imitação diferida.
B) o jogo simbólico.
C) a abstração reflexiva.
D) a imagem mental.

Pré-operatório: É nesta fase que surge, na criança, a capacidade de substituir um objeto ou acontecimento por uma representação (PIAGET e INHELDER, 1982), e esta substituição é possível, conforme PIAGET, graças à função simbólica. Assim este estágio é também muito conhecido como o estágio da Inteligência Simbólica. Macedo (1991) lembra que a atividade sensório-motor não está esquecida ou abandonada, mas refinada e mais sofisticada, pois verifica-se que ocorre uma crescente melhoria na sua aprendizagem, permitindo que a mesma explore melhor o ambiente, fazendo uso de mais e mais sofisticados movimentos e percepções intuitivas. A criança deste estágio:

- É egocêntrica, centrada em si mesma, e não consegue se colocar, abstratamente, no lugar do outro.
- Não aceita a ideia do acaso e tudo deve ter uma explicação (é fase dos "por quês").
- Já pode agir por simulação, "como se".
- Possui percepção global sem discriminar detalhes.
- Deixa se levar pela aparência sem relacionar fatos.

*Texto adaptado de Malcon Tafner. Disponível em: http://www.cerebromente.org.br/n08/mente/construtivismo/construtivismo.htm

RESPOSTA: "C".

29. (PREFEITURA DE GRAMADO/RS – PEDAGOGIA – FUNDATEC/2013) Segundo Aranha, há um método cuja ênfase está no reconhecimento de que os sentidos são a porta para todo conhecimento. Esse método é denominado:

A) Intuitivo.
B) Construtivista.
C) Sintético.
D) Cinestésico.

A ênfase no método estava: [...] no reconhecimento de que os sentidos são a porta para todo o conhecimento. Ao contrário da tradição, que valoriza o ensino discursivo, que atua por raciocínio lógico e, portanto, é abstrato, busca-se começar a instrução primária educando a sensibilidade, pela qual percebemos cores, formas, sons, luz etc. É esta que prepara e antecipa a intuição intelectual, quando então percebemos as relações (de igualdade, causalidade etc.) entre as coisas. Ou seja, rejeitando a educação livresca, a criança deveria aprender a ler o mundo visível, pela observação e percepção das relações entre os fenômenos (ARANHA, 2006).

RESPOSTA: "A".

30. (PREFEITURA DE GRAMADO/RS – PEDAGOGIA – FUNDATEC/2013) _____ é um sintoma frequente em crianças disléxicas e pode ser detectada desde a idade pré-escolar.

Conforme Rotta (2006), a lacuna do trecho acima fica corretamente preenchida por:

A) A disgnosia espacial
B) A hiperatividade
C) A fobia
D) O transtorno hipercinético

Denominam-se disgnosias as alterações das gnosias na criança, evitando o uso do termo agnosia, que se refere à perda da função. A disgnosia decorre do atraso ou da alteração na integração das percepções – é importante ressaltar que não existe perda das funções sensoriais, cognitivas e/ou motoras.

*Referências:

ROTTA, Newra Tellecha, et al. Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RESPOSTA: "A".

31. (ALVORADA DO SUL/PR – PEDAGOGIA – AMEAS/PROSPERITY/2014) Para Libâneo (1994) O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O Planejamento é:

A) A utilização dos conhecimentos acumulados dos professores pelo seu caráter inovador.
B) É um documento que formula metas, prevê ações, institui procedimentos e instrumentos de ação e propõe esforço coletivo.
C) Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social.
D) É uma atividade que não depende de reflexão acerca das nossas opções e ações, com relação ao rumo que queremos dar ao nosso trabalho.

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

*Referência:

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2° grau. Série formação do professor).

RESPOSTA: "C".

Referências:

- Artigos 12 e 13 da Lei Federal 9394/96 – Incumbência dos estabelecimentos de ensino em relação às normas comuns e às do Sistema de Ensino ao qual pertencem. 01
- Resolução CNE/CEB nº 04/2010 - Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica..... 01
- Resolução CNE/CEB nº 07/2010: Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. - Resolução CNE/CEB nº 05/2009: Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 12
- Resolução CNE/CEB nº 01/2012: Dispõe sobre a implementação do regime de colaboração mediante Arranjo de Desenvolvimento da Educação (ADE), como instrumento de gestão pública para a melhoria da qualidade social da educação. 20
- Resolução CNE/CEB nº 02/2012: Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. 23
- Diretrizes Curriculares da Educação Básica Municipal de Jundiaí/SP, 23/12/2016: Documento para orientar e inspirar as prerrogativas e obrigações da rede pública no campo da Educação. 24
- Resolução Nº 4, de 2/10/2009: Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. 29
- Lei Nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA), o Decreto-Lei no 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), ... 49
a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, a Lei no11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei no 12.662, de 5 de junho de 2012. 51
- Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). 56
- Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. 76

REFERÊNCIAS:
· ARTIGOS 12 E 13 DA LEI FEDERAL 9394/96 – INCUMBÊNCIA DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO EM RELAÇÃO ÀS NORMAS COMUNS E ÀS DO SISTEMA DE ENSINO AO QUAL PERTENCEM.

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;

II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;

III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas -aula estabelecidas;

IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;

VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII - informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola; (Redação dada pela Lei nº 12.013, de 2009)

VIII – notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei. (Incluído pela Lei nº 10.287, de 2001)

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III - zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

· RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 04/2010 - DEFINE DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

RESOLUÇÃO Nº 4, DE 13 DE JULHO DE 2010

Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com o disposto na alínea "c" do § 1º do artigo 9º da Lei nº 4.024/1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131/1995, nos artigos 36, 36A, 36-B, 36-C, 36-D, 37, 39, 40, 41 e 42 da Lei nº 9.394/1996, com a redação dada pela Lei nº 11.741/2008, bem como no Decreto nº 5.154/2004, e com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 7/2010, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU de 9 de julho de 2010.

RESOLVE:

Art. 1º A presente Resolução define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para o conjunto orgânico, sequencial e articulado das etapas e modalidades da Educação Básica, baseando-se no direito de toda pessoa ao seu pleno desenvolvimento, à preparação para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho, na vivência e convivência em ambiente educativo, e tendo como fundamento a responsabilidade que o Estado brasileiro, a família e a sociedade têm de garantir a democratização do acesso, a inclusão, a permanência e a conclusão com sucesso das crianças, dos jovens e adultos na instituição educacional, a aprendizagem para continuidade dos estudos e a extensão da obrigatoriedade e da gratuidade da Educação Básica.

TÍTULO I
OBJETIVOS

Art. 2º Estas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica têm por objetivos:

- sistematizar os princípios e as diretrizes gerais da Educação Básica contidos na Constituição, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e demais dispositivos legais, traduzindo-os em orientações que contribuam para assegurar a formação básica comum nacional, tendo como foco os sujeitos que dão vida ao currículo e à escola;
- estimular a reflexão crítica e propositiva que deve subsidiar a formulação, a execução e a avaliação do projeto político-pedagógico da escola de Educação Básica;
- orientar os cursos de formação inicial e continuada de docentes e demais profissionais da Educação Básica, os sistemas educativos dos diferentes entes federados e as escolas que os integram, indistintamente da rede a que pertençam.

Art. 3º As Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para as etapas e modalidades da Educação Básica devem evidenciar o seu papel de indicador de opções políticas, sociais, culturais, educacionais, e a função da educação, na sua relação com um projeto de Nação, tendo como referência os objetivos constitucionais, fundamentando-se na cidadania e na dignidade da pessoa, o que pressupõe igualdade, liberdade, pluralidade, diversidade, respeito, justiça social, solidariedade e sustentabilidade.

(*) Resolução CNE/CEB 4/2010. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824.

TÍTULO II
REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

Art. 4º As bases que dão sustentação ao projeto nacional de educação responsabilizam o poder público, a família, a sociedade e a escola pela garantia a todos os educandos de um ensino ministrado de acordo com os princípios de:

- igualdade de condições para o acesso, inclusão, permanência e sucesso na escola;
- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- respeito à liberdade e aos direitos;
- coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- valorização do profissional da educação escolar;
- gestão democrática do ensino público, na forma da legislação e das normas dos respectivos sistemas de ensino;
- garantia de padrão de qualidade;
- valorização da experiência extraescolar;
- vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Art. 5º A Educação Básica é direito universal e alicerce indispensável para o exercício da cidadania em plenitude, da qual depende a possibilidade de conquistar todos os demais direitos, definidos na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na legislação ordinária e nas demais disposições que consagram as prerrogativas do cidadão.

Art. 6º Na Educação Básica, é necessário considerar as dimensões do *educar* e do *cuidar*, em sua inseparabilidade, buscando recuperar, para a função social desse nível da educação, a sua centralidade, que é o educando, pessoa em formação na sua essência humana.

TÍTULO III
SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Art. 7º A concepção de educação deve orientar a institucionalização do regime de colaboração entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, no contexto da estrutura federativa brasileira, em que convivem sistemas educacionais autônomos, para assegurar efetividade ao projeto da educação nacional, vencer a fragmentação das políticas públicas e superar a desarticulação institucional.

§ 1º Essa institucionalização é possibilitada por um Sistema Nacional de Educação, no qual cada ente federativo, com suas peculiares competências, é chamado a colaborar para transformar a Educação Básica em um sistema orgânico, sequencial e articulado.

§ 2º O que caracteriza um sistema é a atividade intencional e organicamente concebida, que se justifica pela realização de atividades voltadas para as mesmas finalidades ou para a concretização dos mesmos objetivos.

§ 3º O regime de colaboração entre os entes federados pressupõe o estabelecimento de regras de equivalência entre as funções distributiva, supletiva, normativa, de supervisão e avaliação da educação nacional, respeitada a autonomia dos sistemas e valorizadas as diferenças regionais.

TÍTULO IV
ACESSO E PERMANÊNCIA PARA A CONQUISTA DA QUALIDADE SOCIAL

Art. 8º A garantia de padrão de qualidade, com pleno acesso, inclusão e permanência dos sujeitos das aprendizagens na escola e seu sucesso, com redução da evasão, da retenção e da distorção de idade/ano/série, resulta na qualidade social da educação, que é uma conquista coletiva de todos os sujeitos do processo educativo.

Art. 9º A escola de qualidade social adota como centralidade o estudante e a aprendizagem, o que pressupõe atendimento aos seguintes requisitos:

- revisão das referências conceituais quanto aos diferentes espaços e tempos educativos, abrangendo espaços sociais na escola e fora dela;
- consideração sobre a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade;
- foco no projeto político-pedagógico, no gosto pela aprendizagem e na avaliação das aprendizagens como instrumento de contínua progressão dos estudantes;
- inter-relação entre organização do currículo, do trabalho pedagógico e da jornada de trabalho do professor, tendo como objetivo a aprendizagem do estudante;
- preparação dos profissionais da educação, gestores, professores, especialistas, técnicos, monitores e outros;
- compatibilidade entre a proposta curricular e a infraestrutura entendida como espaço formativo dotado de efetiva disponibilidade de tempos para a sua utilização e acessibilidade;
- integração dos profissionais da educação, dos estudantes, das famílias, dos agentes da comunidade interessados na educação;
- valorização dos profissionais da educação, com programa de formação continuada, critérios de acesso, permanência, remuneração compatível com a jornada de trabalho definida no projeto político-pedagógico;

NOVA CONCURSOS

- realização de parceria com órgãos, tais como os de assistência social e desenvolvimento humano, cidadania, ciência e tecnologia, esporte, turismo, cultura e arte, saúde, meio ambiente.

Art. 10. A exigência legal de definição de padrões mínimos de qualidade da educação traduz a necessidade de reconhecer que a sua avaliação associa-se à ação planejada, coletivamente, pelos sujeitos da escola.

§ 1º O planejamento das ações coletivas exercidas pela escola supõe que os sujeitos tenham clareza quanto:

- aos princípios e às finalidades da educação, além do reconhecimento e da análise dos dados indicados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e/ou outros indicadores, que o complementem ou substituam;

- à relevância de um projeto político-pedagógico concebido e assumido colegiadamente pela comunidade educacional, respeitadas as múltiplas diversidades e a pluralidade cultural;

- à riqueza da valorização das diferenças manifestadas pelos sujeitos do processo educativo, em seus diversos segmentos, respeitados o tempo e o contexto sociocultural;

- aos padrões mínimos de qualidade (Custo Aluno-Qualidade Inicial – CAQi);

§ 2º Para que se concretize a educação escolar, exige-se um padrão mínimo de insumos, que tem como base um investimento com valor calculado a partir das despesas essenciais ao desenvolvimento dos processos e procedimentos formativos, que levem, gradualmente, a uma educação integral, dotada de qualidade social:

- creches e escolas que possuam condições de infraestrutura e adequados equipamentos;

- professores qualificados com remuneração adequada e compatível com a de outrosprofissionais com igual nível de formação, em regime de trabalho de 40 (quarenta) horas em tempo integral em uma mesma escola;

- definição de uma relação adequada entre o número de alunos por turma e por professor, que assegure aprendizagens relevantes;

- pessoal de apoio técnico e administrativo que responda às exigências do que se estabelece no projeto político-pedagógico.

TÍTULO V
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR: CONCEITO, LIMITES, POSSIBILIDADES

Art. 11. A escola de Educação Básica é o espaço em que se ressignifica e se recria a cultura herdada, reconstruindo-se as identidades culturais, em que se aprende a valorizar as raízes próprias das diferentes regiões do País.

Parágrafo único. Essa concepção de escola exige a superação do rito escolar, desde a construção do currículo até os critérios que orientam a organização do trabalho escolar em sua multidimensionalidade, privilegia trocas, acolhimento e aconchego, para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento entre todas as pessoas.

Art. 12. Cabe aos sistemas educacionais, em geral, definir o programa de escolas de tempo parcial diurno (matutino ou vespertino), tempo parcial noturno, e tempo integral (turno e contra-turno ou turno único com jornada escolar de 7 horas, no mínimo, durante todo o período letivo), tendo em vista a amplitude do papel socioeducativo atribuído ao conjunto orgânico da Educação Básica, o que requer outra organização e gestão do trabalho pedagógico.

§ 1º Deve-se ampliar a jornada escolar, em único ou diferentes espaços educativos, nos quais a permanência do estudante vincula-se tanto à quantidade e qualidade do tempo diário de escolarização quanto à diversidade de atividades de aprendizagens.

§ 2º A jornada em tempo integral com qualidade implica a necessidade da incorporação efetiva e orgânica, no currículo, de atividades e estudos pedagogicamente planejados e acompanhados.

§ 3º Os cursos em tempo parcial noturno devem estabelecer metodologia adequada às idades, à maturidade e à experiência de aprendizagens, para atenderem aos jovens e adultos em escolarização no tempo regular ou na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

CAPÍTULO I
FORMAS PARA A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Art. 13. O currículo, assumindo como referência os princípios educacionais garantidos à educação, assegurados no artigo 4º desta Resolução, configura-se como o conjunto de valores e práticas que proporcionam a produção, a socialização de significados no espaço social e contribuem intensamente para a construção de identidades socioculturais dos educandos.

§ 1º O currículo deve difundir os valores fundamentais do interesse social, dos direitos e deveres dos cidadãos, do respeito ao bem comum e à ordem democrática, considerando as condições de escolaridade dos estudantes em cada estabelecimento, a orientação para o trabalho, a promoção de práticas educativas formais e não-formais.

§ 2º Na organização da proposta curricular, deve-se assegurar o entendimento de currículo como experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos educandos.

§ 3º A organização do percurso formativo, aberto e contextualizado, deve ser construída em função das peculiaridades do meio e das características, interesses e necessidades dos estudantes, incluindo não só os componentes curriculares centrais obrigatórios, previstos na legislação e nas normas educacionais, mas outros, também, de modo flexível e variável, conforme cada projeto escolar, e assegurando:

- concepção e organização do espaço curricular e físico que se imbriquem e alarguem, incluindo espaços, ambientes e equipamentos que não apenas as salas de aula da escola, mas, igualmente, os espaços de outras escolas e os socioculturais e esportivorecreativos do entorno, da cidade e mesmo da região;

- ampliação e diversificação dos tempos e espaços curriculares que pressuponham profissionais da educação dispostos a inventar e construir a escola de qualidade social, com responsabilidade compartilhada com as demais autoridades que respondem pela gestão dos órgãos do poder público, na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade;

- escolha da abordagem didático-pedagógica disciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar pela escola, que oriente o projeto político-pedagógico e resulte de pacto estabelecido entre os profissionais da escola, conselhos escolares e comunidade, subsidiando a organização da matriz curricular, a definição de eixos temáticos e a constituição de *redes de aprendizagem*;

- compreensão da matriz curricular entendida como propulsora de movimento, dinamismo curricular e educacional, de tal modo que os diferentes campos do conhecimento possam se coadunar com o conjunto de atividades educativas;

- organização da matriz curricular entendida como alternativa operacional que embase a gestão do currículo escolar e represente subsídio para a gestão da escola (na organização do tempo e do espaço curricular, distribuição e controle do tempo dos trabalhos docentes), passo para uma gestão centrada na abordagem interdisciplinar, organizada por eixos temáticos, mediante interlocução entre os diferentes campos do conhecimento;

- entendimento de que eixos temáticos são uma forma de organizar o trabalho pedagógico, limitando a dispersão do conhecimento, fornecendo o cenário no qual se constroem objetos de estudo, propiciando a concretização da proposta pedagógica centrada na visão interdisciplinar, superando o isolamento das pessoas e a compartimentalização de conteúdos rígidos;

- estímulo à criação de métodos didático-pedagógicos utilizando-se recursos tecnológicos de informação e comunicação, a serem inseridos no cotidiano escolar, a fim de superar a distância entre estudantes que aprendem a receber informação com rapidez utilizando a linguagem digital e professores que dela ainda não se apropriaram;

- constituição de rede de aprendizagem, entendida como um conjunto de ações didático-pedagógicas, com foco na aprendizagem e no gosto de aprender, subsidiada pela consciência de que o processo de comunicação entre estudantes e professores é efetivado por meio de práticas e recursos diversos;

- adoção de rede de aprendizagem, também, como ferramenta didático-pedagógica relevante nos programas de formação inicial e continuada de profissionais da educação, sendo que esta opção requer planejamento sistemático integrado estabelecido entre sistemas educativos ou conjunto de unidades escolares;

§ 4º A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didáticopedagógico em que temas e eixos temáticos são integrados às disciplinas e às áreas ditas convencionais, de forma a estarem presentes em todas elas.

§ 5º A transversalidade difere da interdisciplinaridade e ambas complementam-se, rejeitando a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado.

§ 6º A transversalidade refere-se à dimensão didático -pedagógica, e a interdisciplinaridade, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento.

CAPÍTULO II
FORMAÇÃO BÁSICA COMUM E PARTE DIVERSIFICADA

Art. 14. A base nacional comum na Educação Básica constitui-se de conhecimentos, saberes e valores produzidos culturalmente, expressos nas políticas públicas e gerados nas instituições produtoras do conhecimento científico e tecnológico; no mundo do trabalho; no desenvolvimento das linguagens; nas atividades desportivas e corporais; na produção artística; nas formas diversas de exercício da cidadania; e nos movimentos sociais.

§ 1º Integram a base nacional comum nacional: a) a Língua Portuguesa;

a Matemática;

o conhecimento do mundo físico, natural, da realidade social e política, especialmente do Brasil, incluindo-se o estudo da História e das Culturas Afro-Brasileira e

Indígena,

a Arte, em suas diferentes formas de expressão, incluindo-se a música;

a Educação Física;

o Ensino Religioso.

§ 2º Tais componentes curriculares são organizados pelos sistemas educativos, em forma de áreas de conhecimento, disciplinas, eixos temáticos, preservando-se a especificidade dos diferentes campos do conhecimento, por meio dos quais se desenvolvem as habilidades indispensáveis ao exercício da cidadania, em ritmo compatível com as etapas do desenvolvimento integral do cidadão.

§ 3º A base nacional comum e a parte diversificada não podem se constituir em dois blocos distintos, com disciplinas específicas para cada uma dessas partes, mas devem ser organicamente planejadas e geridas de tal modo que as tecnologias de informação e comunicação perpassem transversalmente a proposta curricular, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, imprimindo direção aos projetos político-pedagógicos.

Art. 15. A parte diversificada enriquece e complementa a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar, perpassando todos os tempos e espaços curriculares constituintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, independentemente do ciclo da vida no qual os sujeitos tenham acesso à escola.

§ 1º A parte diversificada pode ser organizada em temas gerais, na forma de eixos temáticos, selecionados colegiadamente pelos sistemas educativos ou pela unidade escolar.

§ 2º A LDB inclui o estudo de, pelo menos, uma língua estrangeira moderna na parte diversificada, cabendo sua escolha à comunidade escolar, dentro das possibilidades da escola, que deve considerar o atendimento das características locais, regionais, nacionais e transnacionais, tendo em vista as demandas do mundo do trabalho e da internacionalização de toda ordem de relações.

§ 3º A língua espanhola, por força da Lei nº 11.161/2005, é obrigatoriamente ofertada no Ensino Médio, embora facultativa para o estudante, bem como possibilitada no Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano.

Art. 16. Leis específicas, que complementam a LDB, determinam que sejam incluídos componentes não disciplinares, como temas relativos ao trânsito, ao meio ambiente e à condição e direitos do idoso.

Art. 17. No Ensino Fundamental e no Ensino Médio, destinar-se-ão, pelo menos, 20% do total da carga horária anual ao conjunto de programas e projetos interdisciplinares eletivos criados pela escola, previsto no projeto pedagógico, de modo que os estudantes do Ensino Fundamental e do Médio possam escolher aquele programa ou projeto com que se identifiquem e que lhes permitam melhor lidar com o conhecimento e a experiência.

§ 1º Tais programas e projetos devem ser desenvolvidos de modo dinâmico, criativo e flexível, em articulação com a comunidade em que a escola esteja inserida.

§ 2º A interdisciplinaridade e a contextualização devem assegurar a transversalidade do conhecimento de diferentes disciplinas e eixos temáticos, perpassando todo o currículo e propiciando a interlocução entre os saberes e os diferentes campos do conhecimento.

TÍTULO VI
ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 18. Na organização da Educação Básica, devem-se observar as Diretrizes Curriculares Nacionais comuns a todas as suas etapas, modalidades e orientações temáticas, respeitadas as suas especificidades e as dos sujeitos a que se destinam.

§ 1º As etapas e as modalidades do processo de escolarização estruturam-se de modo orgânico, sequencial e articulado, de maneira complexa, embora permanecendo individualizadas ao logo do percurso do estudante, apesar das mudanças por que passam:

- a dimensão orgânica é atendida quando são observadas as especificidades e as diferenças de cada sistema educativo, sem perder o que lhes é comum: as semelhanças e as identidades que lhe são inerentes;
- a dimensão sequencial compreende os processos educativos que acompanham as exigências de aprendizagens definidas em cada etapa do percurso formativo, contínuo e progressivo, da Educação Básica até a Educação Superior, constituindo-se em diferentes e insubstituíveis momentos da vida dos educandos;
- a articulação das dimensões orgânica e sequencial das etapas e das modalidades da Educação Básica, e destas com a Educação Superior, implica ação coordenada e integradora do seu conjunto.

§ 2º A transição entre as etapas da Educação Básica e suas fases requer formas de *articulação* das dimensões orgânica e sequencial que assegurem aos educandos, sem tensões e rupturas, a continuidade de seus processos peculiares de aprendizagem e desenvolvimento.

Art. 19. Cada etapa é delimitada por sua finalidade, seus princípios, objetivos e diretrizes educacionais, fundamentando-se na inseparabilidade dos conceitos referenciais: *cuidar e educar*, pois esta é uma concepção norteadora do projeto político-pedagógico elaborado e executado pela comunidade educacional.

Art. 20. O respeito aos educandos e a seus tempos mentais, socioemocionais, culturais e identitários é um princípio orientador de toda a ação educativa, sendo responsabilidade dos sistemas a criação de condições para que crianças, adolescentes, jovens e adultos, com sua diversidade, tenham a oportunidade de receber a formação que corresponda à idade própria de percurso escolar.

CAPÍTULO I
ETAPAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 21. São etapas correspondentes a diferentes momentos constitutivos do desenvolvimento educacional:

- a Educação Infantil, que compreende: a Creche, englobando as diferentes etapas do desenvolvimento da criança até 3 (três) anos e 11 (onze) meses; e a Pré-Escola, com duração de 2 (dois) anos;
- o Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, com duração de 9 (nove) anos, éorganizado e tratado em duas fases: a dos 5 (cinco) anos iniciais e a dos 4 (quatro) anos finais; III - o Ensino Médio, com duração mínima de 3 (três) anos.

Parágrafo único. Essas etapas e fases têm previsão de idades próprias, as quais, no entanto, são diversas quando se atenta para sujeitos com características que fogem à norma, como é o caso, entre outros:

- de atraso na matrícula e/ou no percurso escolar;
- de retenção, repetência e retorno de quem havia abandonado os estudos;
- de portadores de deficiência limitadora;
- de jovens e adultos sem escolarização ou com esta incompleta;
- de habitantes de zonas rurais;
- de indígenas e quilombolas;
- de adolescentes em regime de acolhimento ou internação, jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais.

Seção I
Educação Infantil

Art. 22. A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual, social, complementando a ação da família e da comunidade.

§ 1º As crianças provêm de diferentes e singulares contextos socioculturais, socioeconômicos e étnicos, por isso devem ter a oportunidade de ser acolhidas e respeitadas pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade.

§ 2º Para as crianças, independentemente das diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais, linguísticas, étnico-raciais, socioeconômicas, de origem, de religião, entre outras, as relações sociais e intersubjetivas no espaço escolar requerem a atenção intensiva dos profissionais da educação, durante o tempo de desenvolvimento das atividades que lhes são peculiares, pois este é o momento em que a curiosidade deve ser estimulada, a partir da brincadeira orientada pelos profissionais da educação.

§ 3º Os vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e do respeito mútuo em que se assenta a vida social devem iniciar-se na Educação Infantil e sua intensificação deve ocorrer ao longo da Educação Básica.

§ 4º Os sistemas educativos devem envidar esforços promovendo ações a partir das quais as unidades de Educação Infantil sejam dotadas de condições para acolher as crianças, em estreita relação com a família, com agentes sociais e com a sociedade, prevendo programas e projetos em parceria, formalmente estabelecidos.

§ 5º A gestão da convivência e as situações em que se torna necessária a solução de problemas individuais e coletivos pelas crianças devem ser previamente programadas, com foco nas motivações estimuladas e orientadas pelos professores e demais profissionais da educação e outros de áreas pertinentes, respeitados os limites e as potencialidades de cada criança e os vínculos desta com a família ou com o seu responsável direto.

Seção II
Ensino Fundamental

Art. 23. O Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração, de matrícula obrigatória para as crianças a partir dos 6 (seis) anos de idade, tem duas fases sequentes com características próprias, chamadas de anos iniciais, com 5 (cinco) anos de duração, em regra para estudantes de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade; e anos finais, com 4 (quatro) anos de duração, para os de 11 (onze) a 14 (quatorze) anos.

Parágrafo único. No Ensino Fundamental, acolher significa também *cuidar* e *educar*, como forma de garantir a aprendizagem dos conteúdos curriculares, para que o estudante desenvolva interesses e sensibilidades que lhe permitam usufruir dos bens culturais disponíveis na comunidade, na sua cidade ou na sociedade em geral, e que lhe possibilitem ainda sentir-se como produtor valorizado desses bens.

Art. 24. Os objetivos da formação básica das crianças, definidos para a Educação Infantil, prolongam-se durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no primeiro, e completam-se nos anos finais, ampliando e intensificando, gradativamente, o processo educativo, mediante:

- desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- foco central na alfabetização, ao longo dos 3 (três) primeiros anos;
- compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social.

Art. 25. Os sistemas estaduais e municipais devem estabelecer especial forma de colaboração visando à oferta do Ensino Fundamental e à articulação sequente entre a primeira fase, no geral assumida pelo Município, e a segunda, pelo Estado, para evitar obstáculos ao acesso de estudantes que se transfiram de uma rede para outra para completar esta escolaridade obrigatória, garantindo a organicidade e a totalidade do processo formativo do escolar.

Seção III
Ensino Médio

Art. 26. O Ensino Médio, etapa final do processo formativo da Educação Básica, é orientado por princípios e finalidades que preveem:

- a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino

Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

- a preparação básica para a cidadania e o trabalho, tomado este como princípio educativo, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de enfrentar novas condições de ocupação e aperfeiçoamento posteriores;
- o desenvolvimento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e estética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos presentes na sociedade contemporânea, relacionando a teoria com a prática.

§ 1º O Ensino Médio deve ter uma base unitária sobre a qual podem se assentar possibilidades diversas como preparação geral para o trabalho ou, facultativamente, para profissões técnicas; na ciência e na tecnologia, como iniciação científica e tecnológica; na cultura, como ampliação da formação cultural.

§ 2º A definição e a gestão do currículo inscrevem-se em uma lógica que se dirige aos jovens, considerando suas singularidades, que se situam em um tempo determinado.

§ 3º Os sistemas educativos devem prever currículos flexíveis, com diferentes alternativas, para que os jovens tenham a oportunidade de escolher o percurso formativo que atenda seus interesses, necessidades e aspirações, para que se assegure a permanência dos jovens na escola, com proveito, até a conclusão da Educação Básica.

NOVA CONCURSOS

CAPÍTULO II
MODALIDADES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 27. A cada etapa da Educação Básica pode corresponder uma ou mais das modalidades de ensino: Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena e Educação a Distância.

Seção I
Educação de Jovens e Adultos

Art. 28. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se aos que se situam na faixa etária superior à considerada própria, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

§ 1º Cabe aos sistemas educativos viabilizar a oferta de cursos gratuitos aos jovens e aos adultos, proporcionando-lhes oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos, exames, ações integradas e complementares entre si, estruturados em um projeto pedagógico próprio.

§ 2º Os cursos de EJA, preferencialmente tendo a Educação Profissional articulada com a Educação Básica, devem pautar-se pela flexibilidade, tanto de currículo quanto de tempo e espaço, para que seja(m):

- rompida a simetria com o ensino regular para crianças e adolescentes, de modo a permitir percursos individualizados e conteúdos significativos para os jovens e adultos;
- providos o suporte e a atenção individuais às diferentes necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem, mediante atividades diversificadas;
- valorizada a realização de atividades e vivências socializadoras, culturais, recreativas e esportivas, geradoras de enriquecimento do percurso formativo dos estudantes;
- desenvolvida a agregação de competências para o trabalho;
- promovida a motivação e a orientação permanente dos estudantes, visando maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho;
- realizada, sistematicamente, a formação continuada, destinada, especificamente, aos educadores de jovens e adultos.

Seção II
Educação Especial

Art. 29. A Educação Especial, como modalidade transversal a todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, é parte integrante da educação regular, devendo ser prevista no projeto político-pedagógico da unidade escolar.

§ 1º Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), complementar ou suplementar à escolarização, ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

§ 2º Os sistemas e as escolas devem criar condições para que o professor da classe comum possa explorar as potencialidades de todos os estudantes, adotando uma pedagogia dialógica, interativa, interdisciplinar e inclusiva e, na interface, o professor do AEE deve identificar habilidades e necessidades dos estudantes, organizar e orientar sobre os serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade para a participação e aprendizagem dos estudantes.

§ 3º Na organização desta modalidade, os sistemas de ensino devem observar as seguintes orientações fundamentais:

- o pleno acesso e a efetiva participação dos estudantes no ensino regular;
- a oferta do atendimento educacional especializado;
- a formação de professores para o AEE e para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas;
- a participação da comunidade escolar;
- a acessibilidade arquitetônica, nas comunicações e informações, nos mobiliários e equipamentos e nos transportes;
- a articulação das políticas públicas intersetoriais.

Seção III
Educação Profissional e Tecnológica

Art. 30. A Educação Profissional e Tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia, e articula-se com o ensino regular e com outras modalidades educacionais: Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Educação a Distância.

Art. 31. Como modalidade da Educação Básica, a Educação Profissional e

Tecnológica ocorre na oferta de cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional e nos de Educação Profissional Técnica de nível médio.

Art. 32. A Educação Profissional Técnica de nível médio é desenvolvida nas seguintes formas:

I - articulada com o Ensino Médio, sob duas formas: a) integrada, na mesma instituição; ou

b) concomitante, na mesma ou em distintas instituições;

II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o Ensino Médio.

§ 1º Os cursos articulados com o Ensino Médio, organizados na forma integrada, são cursos de matrícula única, que conduzem os educandos à habilitação profissional técnica de nível médio ao mesmo tempo em que concluem a última etapa da Educação Básica.

§ 2º Os cursos técnicos articulados com o Ensino Médio, ofertados na forma concomitante, com dupla matrícula e dupla certificação, podem ocorrer:

- na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

- em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;
- em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, com planejamento e desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

§ 3º São admitidas, nos cursos de Educação Profissional Técnica de nível médio, a organização e a estruturação em etapas que possibilitem qualificação profissional intermediária.

§ 4º A Educação Profissional e Tecnológica pode ser desenvolvida por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho, incluindo os programas e cursos de aprendizagem, previstos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Art. 33. A organização curricular da Educação Profissional e Tecnológica por eixo tecnológico fundamenta-se na identificação das tecnologias que se encontram na base de uma dada formação profissional e dos arranjos lógicos por elas constituídos.

Art. 34. Os conhecimentos e as habilidades adquiridos tanto nos cursos de Educação Profissional e Tecnológica, como os adquiridos na prática laboral pelos trabalhadores, podem ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

Seção IV
Educação Básica do Campo

Art. 35. Na modalidade de Educação Básica do Campo, a educação para a população rural está prevista com adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, definindo-se orientações para três aspectos essenciais à organização da ação pedagógica:

- conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural;
- organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Art. 36. A identidade da escola do campo é definida pela vinculação com as questões inerentes à sua realidade, com propostas pedagógicas que contemplam sua diversidade em todos os aspectos, tais como sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia.

Parágrafo único. Formas de organização e metodologias pertinentes à realidade do campo devem ter acolhidas, como a pedagogia da terra, pela qual se busca um trabalho pedagógico fundamentado no princípio da sustentabilidade, para assegurar a preservação da vida das futuras gerações, e a pedagogia da alternância, na qual o estudante participa, concomitante e alternadamente, de dois ambientes/situações de aprendizagem: o escolar e o laboral, supondo parceria educativa, em que ambas as partes são corresponsáveis pelo aprendizado e pela formação do estudante.

Seção V
Educação Escolar Indígena

Art. 37. A Educação Escolar Indígena ocorre em unidades educacionais inscritas em suas terras e culturas, as quais têm uma realidade singular, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas indígenas, é reconhecida a sua condição de possuidores de normas e ordenamento jurídico próprios, com ensino intercultural e bilíngue, visando à valorização plena das culturas dos povos indígenas e à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

Art. 38. Na organização de escola indígena, deve ser considerada a participação da comunidade, na definição do modelo de organização e gestão, bem como:

- suas estruturas sociais;
- suas práticas socioculturais e religiosas;
- suas formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino-aprendizagem;
- suas atividades econômicas;
- edificação de escolas que atendam aos interesses das comunidades indígenas;
- uso de materiais didático-pedagógicos produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo indígena.

Seção VI
Educação a Distância

Art. 39. A modalidade Educação a Distância caracteriza-se pela mediação didáticopedagógica nos processos de ensino e aprendizagem que ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Art. 40. O credenciamento para a oferta de cursos e programas de Educação de Jovens e Adultos, de Educação Especial e de Educação Profissional Técnica de nível médio e

Tecnológica, na modalidade a distância, compete aos sistemas estaduais de ensino, atendidas a regulamentação federal e as normas complementares desses sistemas.

Seção VII
Educação Escolar Quilombola

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e for-

NOVA CONCURSOS

mação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem com nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural.

TÍTULO VII
ELEMENTOS CONSTITUTIVOS PARA A ORGANIZAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 42. São elementos constitutivos para a operacionalização destas Diretrizes o projeto político-pedagógico e o regimento escolar; o sistema de avaliação; a gestão democrática e a organização da escola; o professor e o programa de formação docente.

CAPÍTULO I
O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E O REGIMENTO ESCOLAR

Art. 43. O projeto político-pedagógico, interdependentemente da autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira da instituição educacional, representa mais do que um documento, sendo um dos meios de viabilizar a escola democrática para todos e de qualidade social.

§ 1º A autonomia da instituição educacional baseia-se na busca de sua identidade, que se expressa na construção de seu projeto pedagógico e do seu regimento escolar, enquanto manifestação de seu ideal de educação e que permite uma nova e democrática ordenação pedagógica das relações escolares.

§ 2º Cabe à escola, considerada a sua identidade e a de seus sujeitos, articular a formulação do projeto político-pedagógico com os planos de educação – nacional, estadual, municipal –, o contexto em que a escola se situa e as necessidades locais e de seus estudantes.

§ 3º A missão da unidade escolar, o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, as questões de gênero, etnia e diversidade cultural que compõem as ações educativas, a organização e a gestão curricular são componentes integrantes do projeto político-pedagógico, devendo ser previstas as prioridades institucionais que a identificam, definindo o conjunto das ações educativas próprias das etapas da Educação Básica assumidas, de acordo com as especificidades que lhes correspondam, preservando a sua articulação sistêmica.

Art. 44. O projeto político-pedagógico, instância de construção coletiva que respeita os sujeitos das aprendizagens, entendidos como cidadãos com direitos à proteção e à participação social, deve contemplar:

- o diagnóstico da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, contextualizados no espaço e no tempo;
- a concepção sobre educação, conhecimento, avaliação da aprendizagem e mobilidade escolar;
- o perfil real dos sujeitos – crianças, jovens e adultos – que justificam e instituem a vida da e na escola, do ponto de vista intelectual, cultural, emocional, afetivo, socioeconômico, como base da reflexão sobre as relações vida-conhecimento-culturaprofessor-estudante e instituição escolar;
- as bases norteadoras da organização do trabalho pedagógico;
- a definição de qualidade das aprendizagens e, por consequência, da escola, no contexto das desigualdades que se refletem na escola;
- os fundamentos da gestão democrática, compartilhada e participativa (órgãos colegiados e de representação estudantil);
- o programa de acompanhamento de acesso, de permanência dos estudantes e de superação da retenção escolar;
- o programa de formação inicial e continuada dos profissionais da educação, regentes e não regentes;
- as ações de acompanhamento sistemático dos resultados do processo de avaliação interna e externa (Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, Prova Brasil, dados estatísticos, pesquisas sobre os sujeitos da Educação Básica), incluindo dados referentes ao IDEB e/ou que complementem ou substituam os desenvolvidos pelas unidades da federação e outros;
- a concepção da organização do espaço físico da instituição escolar de tal modo que este seja compatível com as características de seus sujeitos, que atenda as normas de acessibilidade, além da natureza e das finalidades da educação, deliberadas e assumidas pela comunidade educacional.

Art. 45. O regimento escolar, discutido e aprovado pela comunidade escolar e conhecido por todos, constitui-se em um dos instrumentos de execução do projeto políticopedagógico, com transparência e responsabilidade.

Parágrafo único. O regimento escolar trata da natureza e da finalidade da instituição, da relação da gestão democrática com os órgãos colegiados, das atribuições de seus órgãos e sujeitos, das suas normas pedagógicas, incluindo os critérios de acesso, promoção, mobilidade do estudante, dos direitos e deveres dos seus sujeitos: estudantes, professores, técnicos e funcionários, gestores, famílias, representação estudantil e função das suas instâncias colegiadas.

CAPÍTULO II
AVALIAÇÃO

Art. 46. A avaliação no ambiente educacional compreende 3 (três) dimensões básicas:

- avaliação da aprendizagem;
- avaliação institucional interna e externa;
- avaliação de redes de Educação Básica.

Seção I
Avaliação da aprendizagem

Art. 47. A avaliação da aprendizagem baseia-se na concepção de educação que norteia a relação professor-estudante-conhecimento-vida em movimento, devendo ser um ato reflexo de reconstrução da prática pedagógica avaliativa, premissa básica e fundamental para se questionar o educar, transformando a mudança em ato, acima de tudo, político.

§ 1º A validade da avaliação, na sua função diagnóstica, liga-se à aprendizagem, possibilitando o aprendiz a recriar, refazer o que aprendeu, criar, propor e, nesse contexto, aponta para uma avaliação global, que vai além do aspecto quantitativo, porque identifica o desenvolvimento da autonomia do estudante, que é indissociavelmente ético, social, intelectual.

§ 2º Em nível operacional, a avaliação da aprendizagem tem, como referência, o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções que os sujeitos do processo educativo projetam para si de modo integrado e articulado com aqueles princípios definidos para a Educação Básica, redimensionados para cada uma de suas etapas, bem assim no projeto político-pedagógico da escola.

§ 3º A avaliação na Educação Infantil é realizada mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, mesmo em se tratando de acesso ao Ensino Fundamental.

§ 4º A avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, de caráter formativo predominando sobre o quantitativo e classificatório, adota uma estratégia de progresso individual e contínuo que favorece o crescimento do educando, preservando a qualidade necessária para a sua formação escolar, sendo organizada de acordo com regras comuns a essas duas etapas.

Seção II
Promoção, aceleração de estudos e classificação

Art. 48. A promoção e a classificação no Ensino Fundamental e no Ensino Médio podem ser utilizadas em qualquer ano, série, ciclo, módulo ou outra unidade de percurso adotada, exceto na primeira do Ensino Fundamental, alicerçando-se na orientação de que a avaliação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- avaliação contínua e cumulativa do desempenho do estudante, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- possibilidade de aceleração de estudos para estudantes com atraso escolar;
- possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- oferta obrigatória de apoio pedagógico destinado à recuperação contínua econcomitante de aprendizagem de estudantes com déficit de rendimento escolar, a ser previsto no regimento escolar.

Art. 49. A aceleração de estudos destina-se a estudantes com atraso escolar, àqueles que, por algum motivo, encontram-se em descompasso de idade, por razões como ingresso tardio, retenção, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem ou outras.

Art. 50. A progressão pode ser regular ou parcial, sendo que esta deve preservar a sequência do currículo e observar as normas do respectivo sistema de ensino, requerendo o redesenho da organização das ações pedagógicas, com previsão de horário de trabalho e espaço de atuação para professor e estudante, com conjunto próprio de recursos didáticopedagógicos.

Art. 51. As escolas que utilizam organização por série podem adotar, no Ensino Fundamental, sem prejuízo da avaliação do processo ensino-aprendizagem, diversas formas de progressão, inclusive a de progressão continuada, jamais entendida como promoção automática, o que supõe tratar o conhecimento como processo e vivência que não se harmoniza com a ideia de interrupção, mas sim de construção, em que o estudante, enquanto sujeito da ação, está em processo contínuo de formação, construindo significados.

Seção III
Avaliação institucional

Art. 52. A avaliação institucional interna deve ser prevista no projeto políticopedagógico e detalhada no plano de gestão, realizada anualmente, levando em consideração as orientações contidas na regulamentação vigente, para rever o conjunto de objetivos e metas a serem concretizados, mediante ação dos diversos segmentos da comunidade educativa, o que pressupõe delimitação de indicadores compatíveis com a missão da escola, além de clareza quanto ao que seja qualidade social da aprendizagem e da escola.

Seção IV
Avaliação de redes de Educação Básica

Art. 53. A avaliação de redes de Educação Básica ocorre periodicamente, é realizada por órgãos externos à escola e engloba os resultados da avaliação institucional, sendo que os resultados dessa avaliação sinalizam para a sociedade se a escola apresenta qualidade suficiente para continuar funcionando como está.

CAPÍTULO III
GESTÃO DEMOCRÁTICA E ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

Art. 54. É pressuposto da organização do trabalho pedagógico e da gestão da escola conceber a organização e a gestão das pessoas, do espaço, dos processos e procedimentos que viabilizam o trabalho expresso no projeto político-pedagógico e em planos da escola, em que se conformam as condições de trabalho definidas pelas instâncias colegiadas.

NOVA CONCURSOS

§ 1º As instituições, respeitadas as normas legais e as do seu sistema de ensino, têm incumbências complexas e abrangentes, que exigem outra concepção de organização do trabalho pedagógico, como distribuição da carga horária, remuneração, estratégias claramente definidas para a ação didático-pedagógica coletiva que inclua a pesquisa, a criação de novas abordagens e práticas metodológicas, incluindo a produção de recursos didáticos adequados às condições da escola e da comunidade em que esteja ela inserida.

§ 2º É obrigatória a gestão democrática no ensino público e prevista, em geral, para todas as instituições de ensino, o que implica decisões coletivas que pressupõem a participação da comunidade escolar na gestão da escola e a observância dos princípios e finalidades da educação.

§ 3º No exercício da gestão democrática, a escola deve se empenhar para constituir-se em espaço das diferenças e da pluralidade, inscrita na diversidade do processo tornado possível por meio de relações intersubjetivas, cuja meta é a de se fundamentar em princípio educativo emancipador, expresso na liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

Art. 55. A gestão democrática constitui-se em instrumento de horizontalização das relações, de vivência e convivência colegiada, superando o autoritarismo no planejamento e na concepção e organização curricular, educando para a conquista da cidadania plena e fortalecendo a ação conjunta que busca criar e recriar o trabalho da e na escola mediante:

- a compreensão da globalidade da pessoa, enquanto ser que aprende, que sonha e ousa, em busca de uma convivência social libertadora fundamentada na ética cidadã;
- a superação dos processos e procedimentos burocráticos, assumindo com pertinência e relevância: os planos pedagógicos, os objetivos institucionais e educacionais, e as atividades de avaliação contínua;
- a prática em que os sujeitos constitutivos da comunidade educacional discutam a própria práxis pedagógica impregnando-a de entusiasmo e de compromisso com a sua própria comunidade, valorizando-a, situando-a no contexto das relações sociais e buscando soluções conjuntas;
- a construção de relações interpessoais solidárias, geridas de tal modo que os professores se sintam estimulados a conhecer melhor os seus pares (colegas de trabalho, estudantes, famílias), a expor as suas ideias, a traduzir as suas dificuldades e expectativas pessoais e profissionais;
- a instauração de relações entre os estudantes, proporcionando-lhes espaços de convivência e situações de aprendizagem, por meio dos quais aprendam a se compreender e se organizar em equipes de estudos e de práticas esportivas, artísticas e políticas;
- a presença articuladora e mobilizadora do gestor no cotidiano da escola e nos espaços com os quais a escola interage, em busca da qualidade social das aprendizagens que lhe caiba desenvolver, com transparência e responsabilidade.

CAPÍTULO IV
O PROFESSOR E A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Art. 56. A tarefa de cuidar e educar, que a fundamentação da ação docente e os programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação instauram, refletese na eleição de um ou outro método de aprendizagem, a partir do qual é determinado o perfil de docente para a Educação Básica, em atendimento às dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas.

§ 1º Para a formação inicial e continuada, as escolas de formação dos profissionais da educação, sejam gestores, professores ou especialistas, deverão incluir em seus currículos e programas:

o conhecimento da escola como organização complexa que tem a função de promover a educação para e na cidadania;

a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;

a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino;

a temática da gestão democrática, dando ênfase à construção do projeto político-pedagógico, mediante trabalho coletivo de que todos os que compõem a comunidade escolar são responsáveis.

Art. 57. Entre os princípios definidos para a educação nacional está a valorização do profissional da educação, com a compreensão de que valorizá-lo é valorizar a escola, com qualidade gestorial, educativa, social, cultural, ética, estética, ambiental.

§ 1º A valorização do profissional da educação escolar vincula-se à obrigatoriedade da garantia de qualidade e ambas se associam à exigência de programas de formação inicial e continuada de docentes e não docentes, no contexto do conjunto de múltiplas atribuições definidas para os sistemas educativos, em que se inscrevem as funções do professor.

§ 2º Os programas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação, vinculados às orientações destas Diretrizes, devem prepará-los para o desempenho de suas atribuições, considerando necessário:

além de um conjunto de habilidades cognitivas, saber pesquisar, orientar, avaliar e

elaborar propostas, isto é, interpretar e reconstruir o conhecimento coletivamente;

trabalhar cooperativamente em equipe;

compreender, interpretar e aplicar a linguagem e os instrumentos produzidos ao

longo da evolução tecnológica, econômica e organizativa;

desenvolver competências para integração com a comunidade e para relacionamento com as famílias.

Art. 58. A formação inicial, nos cursos de licenciatura, não esgota o desenvolvimento dos conhecimentos, saberes e habilidades referidas, razão pela qual um programa de formação continuada dos profissionais da educação será contemplado no projeto político-pedagógico.

Art. 59. Os sistemas educativos devem instituir orientações para que o projeto de formação dos profissionais preveja:

a consolidação da identidade dos profissionais da educação, nas suas relações com a

escola e com o estudante;

a criação de incentivos para o resgate da imagem social do professor, assim como

da autonomia docente tanto individual como coletiva;

a definição de indicadores de qualidade social da educação escolar, a fim de que as agências formadoras de profissionais da educação revejam os projetos dos cursos de formação inicial e continuada de docentes, de modo que correspondam às exigências de um projeto de Nação.

Art. 60. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

FRANCISCO APARECIDO CORDÃO

· RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 07/2010: FIXA DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 (NOVE) ANOS.

RESOLUÇÃO Nº 7, DE 14 DE DEZEMBRODE 2010

Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de conformidade com o disposto na alínea "c" do § 1º do art. 9º da Lei nº 4.024/61, com a redação dada pela Lei nº 9.131/95, no art. 32 da Lei nº 9.394/96, na Lei nº 11.274/2006, e com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 11/2010, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU de 9 de dezembro de 2010, resolve:

Art. 1º A presente Resolução fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos a serem observadas na organização curricular dos sistemas de ensino e de suas unidades escolares.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010) e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pelo Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas educacionais e a elaboração, implementação e avaliação das orientações curriculares nacionais, das propostas curriculares dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios**,** e dos projetos político-pedagógicos das escolas.

Parágrafo único. Estas Diretrizes Curriculares Nacionais aplicam-se a todas as modalidades do Ensino Fundamental previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, bem como à Educação do Campo, à Educação Escolar Indígena e à Educação Escolar Quilombola.

FUNDAMENTOS

Art. 3º O Ensino Fundamental se traduz como um direito público subjetivo de cada um e como dever do Estado e da família na sua oferta a todos.

Art. 4º É dever do Estado garantir a oferta do Ensino Fundamental público, gratuito e de qualidade, sem requisito de seleção.

Parágrafo único. As escolas que ministram esse ensino deverão trabalhar considerando essa etapa da educação como aquela capaz de assegurar a cada um e a todos o acesso ao conhecimento e aos elementos da cultura imprescindíveis para o seu desenvolvimento pessoal e para a vida em sociedade, assim como os benefícios de uma formação comum, independentemente da grande diversidade da população escolar e das demandas sociais.

Art. 5º O direito à educação, entendido como um direito inalienável do ser humano, constitui o fundamento maior destas Diretrizes. A educação, ao proporcionar o desenvolvimento do potencial humano, permite o exercício dos direitos civis, políticos, sociais e do direito à diferença, sendo ela mesma também um direito social, e possibilita a formação cidadã e o usufruto dos bens sociais e culturais.

§ 1º O Ensino Fundamental deve comprometer-se com uma educação com qualidade social, igualmente entendida como direito humano.

§ 2º A educação de qualidade, como um direito fundamental**,** é, antes de tudo, relevante, pertinente e equitativa.

I **–** A relevância reporta-se à promoção de aprendizagens significativas do ponto de vista das exigências sociais e de desenvolvimento pessoal.

II **–** A pertinência refere-se à possibilidade de atender às necessidades e às características dos estudantes de diversos contextos sociais e culturais e com diferentes capacidades e interesses.

III **–** A equidade alude à importância de tratar de forma diferenciada o que se apresenta como desigual no ponto de partida, com vistas a obter desenvolvimento e aprendizagens equiparáveis, assegurando a todos a igualdade de direito à educação.

§ 3º Na perspectiva de contribuir para a erradicação da pobreza e das desigualdades, a equidade requer que sejam oferecidos mais recursos e melhores condições às escolas menos providas e aos alunos que deles mais necessitem. Ao lado das políticas universais, dirigidas a todos sem requisito de seleção, é preciso também sustentar políticas reparadoras que assegurem maior apoio aos diferentes grupos sociais em desvantagem.

NOVA CONCURSOS

§ 4º A educação escolar, comprometida com a igualdade do acesso de todos ao conhecimento e especialmente empenhada em garantir esse acesso aos grupos da população em desvantagem na sociedade, será uma educação com qualidade social e contribuirá para dirimir as desigualdades historicamente produzidas, assegurando, assim, o ingresso, a permanência e o sucesso na escola, com a consequente redução da evasão, da retenção e das distorções de idade/ano/série (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica).

PRINCÍPIOS

Art. 6º Os sistemas de ensino e as escolas adotarão**,** como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas, os seguintes princípios:

I **–** Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

II **–** Políticos: de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; da busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; da exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; da redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais.

III **–** Estéticos: do cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; do enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; da valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente a da cultura brasileira; da construção de identidades plurais e solidárias.

Art. 7º De acordo com esses princípios, e em conformidade com o art. 22 e o art. 32 da Lei nº 9.394/96 (LDB), as propostas curriculares do Ensino Fundamental visarão desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, mediante os objetivos previstos para esta etapa da escolarização, a saber:

I **–** o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II **–** a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, das artes, da tecnologia e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III **–** a aquisição de conhecimentos e habilidades**,** e a formação de atitudes e valores como instrumentos para uma visão crítica do mundo;

IV **–** o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

MATRÍCULA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 (NOVE) ANOS E CARGA HORÁRIA

Art. 8º O Ensino Fundamental, com duração de 9 (nove) anos, abrange a população na faixa etária dos 6 (seis) aos 14 (quatorze) anos de idade e se estende, também, a todos os que, na idade própria, não tiveram condições de frequentá-lo.

§ 1º É obrigatória a matrícula no Ensino Fundamental de crianças com 6 (seis) anos completos ou a completar até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula, nos termos da Lei e das normas nacionais vigentes.

§ 2º As crianças que completarem 6 (seis) anos após essa data deverão ser matriculadas na Educação Infantil (Pré-Escola).

§ 3º A carga horária mínima anual do Ensino Fundamental regular será de 800(oitocentas) horas relógio, distribuídas em, pelo menos, 200 (duzentos) dias de efetivo trabalho escolar.

CURRÍCULO

Art. 9º O currículo do Ensino Fundamental é entendido, nesta Resolução, como constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes.

§ 1º O foco nas experiências escolares significa que as orientações e as propostas curriculares que provêm das diversas instâncias só terão concretude por meio das ações educativas que envolvem os alunos.

§ 2º As experiências escolares abrangem todos os aspectos do ambiente escolar:**,** aqueles que compõem a parte explícita do currículo, bem como os que também contribuem, de forma implícita, para a aquisição de conhecimentos socialmente relevantes. Valores, atitudes, sensibilidade e orientações de conduta são veiculados não só pelos conhecimentos, mas por meio de rotinas, rituais, normas de convívio social, festividades, pela distribuição do tempo e organização do espaço educativo, pelos materiais utilizados na aprendizagem e pelo recreio, enfim, pelas vivências proporcionadas pela escola.

§ 3º Os conhecimentos escolares são aqueles que as diferentes instâncias que produzem orientações sobre o currículo, as escolas e os professores selecionam e transformam a fim de que possam ser ensinados e aprendidos, ao mesmo tempo em que servem de elementos para a formação ética, estética e política do aluno.

BASE NACIONAL COMUM E PARTE DIVERSIFICADA: COMPLEMENTARIDADE

Art. 10 O currículo do Ensino Fundamental tem uma base nacional comum, complementada em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar por uma parte diversificada.

Art. 11 A base nacional comum e a parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental constituem um todo integrado e não podem ser consideradas como dois blocos distintos.

§ 1º A articulação entre a base nacional comum e a parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental possibilita a sintonia dos interesses mais amplos de formação básica do cidadão com a realidade local, as necessidades dos alunos, as características regionais da sociedade, da cultura e da economia e perpassa todo o currículo.

§ 2º Voltados à divulgação de valores fundamentais ao interesse social e à preservação da ordem democrática, os conhecimentos que fazem parte da base nacional comum a que todos devem ter acesso, independentemente da região e do lugar em que vivem, asseguram a característica unitária das orientações curriculares nacionais, das propostas curriculares dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios**,** e dos projetos político-pedagógicos das escolas.

§ 3º Os conteúdos curriculares que compõem a parte diversificada do currículo serão definidos pelos sistemas de ensino e pelas escolas, de modo a complementar e enriquecer o currículo, assegurando a contextualização dos conhecimentos escolares em face das diferentes realidades.

Art. 12 Os conteúdos que compõem a base nacional comum e a parte diversificada têm origem nas disciplinas científicas, no desenvolvimento das linguagens, no mundo do trabalho, na cultura e na tecnologia, na produção artística, nas atividades desportivas e corporais, na área da saúde e ainda incorporam saberes como os que advêm das formas diversas de exercício da cidadania, dos movimentos sociais, da cultura escolar, da experiência docente, do cotidiano e dos alunos.

Art. 13 Os conteúdos a que se refere o art. 12 são constituídos por componentes curriculares que, por sua vez, se articulam com as áreas de conhecimento, a saber: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. As áreas de conhecimento favorecem a comunicação entre diferentes conhecimentos sistematizados e entre estes e outros saberes, mas permitem que os referenciais próprios de cada componente curricular sejam preservados.

Art. 14 O currículo da base nacional comum do Ensino Fundamental deve abranger**,** obrigatoriamente, conforme o art. 26 da Lei nº 9.394/96, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso.

Art. 15 Os componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental serão assim organizados em relação às áreas de conhecimento:

I **–** Linguagens**:**
a) Língua Portuguesa**;**
b) Língua Materna, para populações indígenas;
c) Língua Estrangeira moderna;
d) Arte; e
e) Educação Física;
II – Matemática;
III – Ciências da Natureza;
IV – Ciências Humanas:
a) História;
b) Geografia;
V – Ensino Religioso.

§ 1º O Ensino Fundamental deve ser ministrado em língua portuguesa, assegurada também às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, conforme o art. 210, § 2º, da Constituição Federal.

§ 2º O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia (art. 26, § 4º, da Lei nº 9.394/96).

§ 3º A história e as culturas indígena e afro-brasileira, presentes, obrigatoriamente**,** nos conteúdos desenvolvidos no âmbito de todo o currículo escolar e, em especial, no ensino de Arte, Literatura e História do Brasil, assim como a História da África, deverão assegurar o conhecimento e o reconhecimento desses povos para a constituição da nação (conforme art. 26-A da Lei nº 9.394/96, alterado pela Lei nº 11.645/2008). Sua inclusão possibilita ampliar o leque de referências culturais de toda a população escolar e contribui para a mudança das suas concepções de mundo, transformando os conhecimentos comuns veiculados pelo currículo e contribuindo para a construção de identidades mais plurais e solidárias.

§ 4º A Música constitui conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular Arte, o qual compreende também as artes visuais, o teatro e a dança, conforme o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394/96.

§ 5º A Educação Física, componente obrigatório do currículo do Ensino Fundamental, integra a proposta político-pedagógica da escola e será facultativa ao aluno apenas nas circunstâncias previstas no § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394/96.

§ 6º O Ensino Religioso, de matrícula facultativa ao aluno, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui componente curricular dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil e vedadas quaisquer formas de proselitismo, conforme o art. 33 da Lei nº 9.394/96.

Art. 16 Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo.

§ 1º Outras leis específicas que complementam a Lei nº 9.394/96 determinam que sejam ainda incluídos temas relativos à condição e aos direitos dos idosos (Lei nº 10.741/2003) e à educação para o trânsito (Lei nº 9.503/97).

NOVA CONCURSOS

§ 2º A transversalidade constitui uma das maneiras de trabalhar os componentes curriculares, as áreas de conhecimento e os temas sociais em uma perspectiva integrada, conforme a Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010).

§ 3º Aos órgãos executivos dos sistemas de ensino compete a produção e a disseminação de materiais subsidiários ao trabalho docente, que contribuam para a eliminação de discriminações, racismo, sexismo, homofobia e outros preconceitos e que conduzam à adoção de comportamentos responsáveis e solidários em relação aos outros e ao meio ambiente.

Art. 17 Na parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental será incluído, obrigatoriamente, a partir do 6º ano, o ensino de, pelo menos, uma Língua Estrangeira moderna**,** cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar.

Parágrafo único. Entre as línguas estrangeiras modernas, a língua espanhola poderá ser a opção, nos termos da Lei nº 11.161/2005.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Art. 18 O currículo do Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração exige a estruturação de um projeto educativo coerente, articulado e integrado, de acordo com os modos de ser e de se desenvolver das crianças e adolescentes nos diferentes contextos sociais.

Art. 19 Ciclos, séries e outras formas de organização a que se refere a Lei nº 9.394/96 serão compreendidos como tempos e espaços interdependentes e articulados entre si, ao longo dos 9 (nove) anos de duração do Ensino Fundamental.

GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA COMO GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO

Art. 20 As escolas deverão formular o projeto político-pedagógico e elaborar o regimento escolar de acordo com a proposta do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, por meio de processos participativos relacionados à gestão democrática.

§ 1º O projeto político-pedagógico da escola traduz a proposta educativa construída pela comunidade escolar no exercício de sua autonomia, com base nas características dos alunos, nos profissionais e recursos disponíveis, tendo como referência as orientações curriculares nacionais e dos respectivos sistemas de ensino.

§ 2º Será assegurada ampla participação dos profissionais da escola, da família, dos alunos e da comunidade local na definição das orientações imprimidas aos processos educativos e nas formas de implementá-las, tendo como apoio um processo contínuo de avaliação das ações, a fim de garantir a distribuição social do conhecimento e contribuir para a construção de uma sociedade democrática e igualitária.

§ 3º O regimento escolar deve assegurar as condições institucionais adequadas para a execução do projeto político-pedagógico e a oferta de uma educação inclusiva e com qualidade social, igualmente garantida a ampla participação da comunidade escolar na sua elaboração.

§ 4º O projeto político-pedagógico e o regimento escolar, em conformidade com a legislação e as normas vigentes, conferirão espaço e tempo para que os profissionais da escola e, em especial, os professores, possam participar de reuniões de trabalho coletivo, planejar e executar as ações educativas de modo articulado, avaliar os trabalhos dos alunos, tomar parte em ações de formação continuada e estabelecer contatos com a comunidade.

§ 5º Na implementação de seu projeto político-pedagógico, as escolas se articularão com as instituições formadoras com vistas a assegurar a formação continuada de seus profissionais.

Art. 21 No projeto político-pedagógico do Ensino Fundamental e no regimento escolar, o aluno, centro do planejamento curricular, será considerado como sujeito que atribui sentidos à natureza e à sociedade nas práticas sociais que vivencia, produzindo cultura e construindo sua identidade pessoal e social.

Parágrafo único. Como sujeito de direitos, o aluno tomará parte ativa na discussão e na implementação das normas que regem as formas de relacionamento na escola, fornecerá indicações relevantes a respeito do que deve ser trabalhado no currículo e será incentivado a participar das organizações estudantis.

Art. 22 O trabalho educativo no Ensino Fundamental deve empenhar-se na promoção de uma cultura escolar acolhedora e respeitosa, que reconheça e valorize as experiências dos alunos atendendo as suas diferenças e necessidades específicas, de modo a contribuir para efetivar a inclusão escolar e o direito de todos à educação.

Art. 23 Na implementação do projeto político-pedagógico, o cuidar e o educar, indissociáveis funções da escola, resultarão em ações integradas que buscam articular-se**,** pedagogicamente**,** no interior da própria instituição**,** e também externamente**,** com os serviços de apoio aos sistemas educacionais e com as políticas de outras áreas, para assegurar a aprendizagem, o bem-estar e o desenvolvimento do aluno em todas as suas dimensões.

RELEVÂNCIA DOS CONTEÚDOS, INTEGRAÇÃO E ABORDAGENS

Art. 24 A necessária integração dos conhecimentos escolares no currículo favorece a sua contextualização e aproxima o processo educativo das experiências dos alunos.

§ 1º A oportunidade de conhecer e analisar experiências assentadas em diversas concepções de currículo integrado e interdisciplinar oferecerá aos docentes subsídios para desenvolver propostas pedagógicas que avancem na direção de um trabalho colaborativo, capaz de superar a fragmentação dos componentes curriculares.

§ 2º Constituem exemplos de possibilidades de integração do currículo, entre outros, as propostas curriculares ordenadas em torno de grandes eixos articuladores, projetos interdisciplinares com base em temas geradores formulados a partir de questões da comunidade e articulados aos componentes curriculares e às áreas de conhecimento, currículos em rede, propostas ordenadas em

torno de conceitos-chave ou conceitos nucleares que permitam trabalhar as questões cognitivas e as questões culturais numa perspectiva transversal, e projetos de trabalho com diversas acepções.

§ 3º Os projetos propostos pela escola, comunidade, redes e sistemas de ensino serão articulados ao desenvolvimento dos componentes curriculares e às áreas de conhecimento, observadas as disposições contidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Resolução CNE/CEB nº 4/2010, art. 17) e nos termos do Parecer que dá base à presente Resolução.

Art. 25 Os professores levarão em conta a diversidade sociocultural da população escolar, as desigualdades de acesso ao consumo de bens culturais e a multiplicidade de interesses e necessidades apresentadas pelos alunos no desenvolvimento de metodologias e estratégias variadas que melhor respondam às diferenças de aprendizagem entre os estudantes e às suas demandas.

Art. 26 Os sistemas de ensino e as escolas assegurarão adequadas condições de trabalho aos seus profissionais e o provimento de outros insumos, de acordo com os padrões mínimos de qualidade referidos no inciso IX do art. 4º da Lei nº 9.394/96 e em normas específicas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação, com vistas à criação de um ambiente propício à aprendizagem**,** com base:

I **–** no trabalho compartilhado e no compromisso individual e coletivo dos professores e demais profissionais da escola com a aprendizagem dos alunos;

II **–** no atendimento às necessidades específicas de aprendizagem de cada um mediante abordagens apropriadas;

III **–** na utilização dos recursos disponíveis na escola e nos espaços sociais e culturais do entorno;

IV **–** na contextualização dos conteúdos, assegurando que a aprendizagem seja relevante e socialmente significativa;

V **–** no cultivo do diálogo e de relações de parceria com as famílias.

Parágrafo único. Como protagonistas das ações pedagógicas, caberá aos docentes equilibrar a ênfase no reconhecimento e valorização da experiência do aluno e da cultura local que contribui para construir identidades afirmativas, e a necessidade de lhes fornecer instrumentos mais complexos de análise da realidade que possibilitem o acesso a níveis universais de explicação dos fenômenos, propiciando-lhes os meios para transitar entre a sua e outras realidades e culturas e participar de diferentes esferas da vida social, econômica e política.

Art. 27 Os sistemas de ensino, as escolas e os professores, com o apoio das famílias e da comunidade, envidarão esforços para assegurar o progresso contínuo dos alunos no que se refere ao seu desenvolvimento pleno e à aquisição de aprendizagens significativas, lançando mão de todos os recursos disponíveis e criando renovadas oportunidades para evitar que a trajetória escolar discente seja retardada ou indevidamente interrompida.

§ 1º Devem, portanto, adotar as providências necessárias para que a operacionalização do princípio da continuidade não seja traduzida como "promoção automática" de alunos de um ano, série ou ciclo para o seguinte, e para que o combate à repetência não se transforme em descompromisso com o ensino e a aprendizagem.

§ 2º A organização do trabalho pedagógico incluirá a mobilidade e a flexibilização dos tempos e espaços escolares, a diversidade nos agrupamentos de alunos, as diversas linguagens artísticas, a diversidade de materiais, os variados suportes literários, as atividades que mobilizem o raciocínio, as atitudes investigativas, as abordagens complementares e as atividades de reforço, a articulação entre a escola e a comunidade, e o acesso aos espaços de expressão cultural.

Art. 28 A utilização qualificada das tecnologias e conteúdos das mídias como recurso aliado ao desenvolvimento do currículo contribui para o importante papel que tem a escola como ambiente de inclusão digital e de utilização crítica das tecnologias da informação e comunicação, requerendo o aporte dos sistemas de ensino no que se refere à:

I **–** provisão de recursos midiáticos atualizados e em número suficiente para o atendimento aos alunos;

II **–** adequada formação do professor e demais profissionais da escola.

ARTICULAÇÕES E CONTINUIDADE DA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Art. 29 A necessidade de assegurar aos alunos um percurso contínuo de aprendizagens torna imperativa a articulação de todas as etapas da educação, especialmente do Ensino Fundamental com a Educação Infantil, dos anos iniciais e dos anos finais no interior do Ensino Fundamental, bem como do Ensino Fundamental com o Ensino Médio, garantindo a qualidade da Educação Básica.

§ 1º O reconhecimento do que os alunos já aprenderam antes da sua entrada no Ensino Fundamental e a recuperação do caráter lúdico do ensino contribuirão para melhor qualificar a ação pedagógica junto às crianças, sobretudo nos anos iniciais dessa etapa da escolarização. § 2º Na passagem dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental, especial atenção será dada:

I **–** pelos sistemas de ensino, ao planejamento da oferta educativa dos alunos transferidos das redes municipais para as estaduais;

II **–** pelas escolas, à coordenação das demandas específicas feitas pelos diferentes professores aos alunos, a fim de que os estudantes possam melhor organizar as suas atividades diante das solicitações muito diversas que recebem.

Art. 30 Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar:

I **–** a alfabetização e o letramento;

II **–** o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, da Ciência, da História e da Geografia;

III – a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

§ 1º Mesmo quando o sistema de ensino ou a escola, no uso de sua autonomia, fizerem opção pelo regime seriado, será necessário considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos.

§ 2º Considerando as características de desenvolvimento dos alunos, cabe aos professores adotar formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade das crianças nas salas de aula e as levem a explorar mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, a utilizar materiais que ofereçam oportunidades de raciocinar, manuseando-os e explorando as suas características e propriedades.

Art. 31 Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes.

§ 1º Nas escolas que optarem por incluir Língua Estrangeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o professor deverá ter licenciatura específica no componente curricular.

§ 2º Nos casos em que esses componentes curriculares sejam desenvolvidos por professores com licenciatura específica (conforme Parecer CNE/CEB nº 2/2008), deve ser assegurada a integração com os demais componentes trabalhados pelo professor de referência da turma.

AVALIAÇÃO: PARTE INTEGRANTE DO CURRÍCULO

Art. 32 A avaliação dos alunos, a ser realizada pelos professores e pela escola como parte integrante da proposta curricular e da implementação do currículo, é redimensionadora da ação pedagógica e deve:

I – assumir um caráter processual, formativo e participativo, ser contínua, cumulativa e diagnóstica, com vistas a:

a) identificar potencialidades e dificuldades de aprendizagem e detectar problemas de ensino;

b) subsidiar decisões sobre a utilização de estratégias e abordagens de acordo com as necessidades dos alunos, criar condições de intervir de modo imediato e a mais longo prazo para sanar dificuldades e redirecionar o trabalho docente;

c) manter a família informada sobre o desempenho dos alunos;

d) reconhecer o direito do aluno e da família de discutir os resultados de avaliação, inclusive em instâncias superiores à escola, revendo procedimentos sempre que as reivindicações forem procedentes.

II – utilizar vários instrumentos e procedimentos, tais como a observação, o registro descritivo e reflexivo, os trabalhos individuais e coletivos, os portfólios, exercícios, provas, questionários, dentre outros, tendo em conta a sua adequação à faixa etária e às características de desenvolvimento do educando;

III – fazer prevalecer os aspectos qualitativos da aprendizagem do aluno sobre os quantitativos, bem como os resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais, tal com determina a alínea "a" do inciso V do art. 24 da Lei nº 9.394/96;

IV – assegurar tempos e espaços diversos para que os alunos com menor rendimento tenham condições de ser devidamente atendidos ao longo do ano letivo;

V – prover, obrigatoriamente, períodos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, como determina a Lei nº 9.394/96;

VI – assegurar tempos e espaços de reposição dos conteúdos curriculares, ao longo do ano letivo, aos alunos com frequência insuficiente, evitando, sempre que possível, a retenção por faltas;

VII – possibilitar a aceleração de estudos para os alunos com defasagem idade-série.

Art. 33 Os procedimentos de avaliação adotados pelos professores e pela escola serão articulados às avaliações realizadas em nível nacional e às congêneres nos diferentes Estados e Municípios, criadas com o objetivo de subsidiar os sistemas de ensino e as escolas nos esforços de melhoria da qualidade da educação e da aprendizagem dos alunos.

§ 1º A análise do rendimento dos alunos com base nos indicadores produzidos por essas avaliações deve auxiliar os sistemas de ensino e a comunidade escolar a redimensionarem as práticas educativas com vistas ao alcance de melhores resultados.

§ 2º A avaliação externa do rendimento dos alunos refere-se apenas a uma parcela restrita do que é trabalhado nas escolas, de sorte que as referências para o currículo devem continuar sendo as contidas nas propostas político-pedagógicas das escolas, articuladas às orientações e propostas curriculares dos sistemas, sem reduzir os seus propósitos ao que é avaliado pelos testes de larga escala.

Art. 34 Os sistemas, as redes de ensino e os projetos político-pedagógicos das escolas devem expressar com clareza o que é esperado dos alunos em relação à sua aprendizagem.

Art. 35 Os resultados de aprendizagem dos alunos devem ser aliados à avaliação das escolas e de seus professores, tendo em conta os parâmetros de referência dos insumos básicos necessários à educação de qualidade para todos nesta etapa da educação e respectivo custo aluno-qualidade inicial (CAQi), consideradas inclusive as suas modalidades e as formas diferenciadas de atendimento como a Educação do Campo, a Educação Escolar Indígena, a Educação Escolar Quilombola e as escolas de tempo integral.

Parágrafo único. A melhoria dos resultados de aprendizagem dos alunos e da qualidade da educação obriga:

I – os sistemas de ensino a incrementarem os dispositivos da carreira e de condições de exercício e valorização do magistério e dos demais profissionais da educação e a oferecerem os recursos e apoios que demandam as escolas e seus profissionais para melhorar a sua atuação;

II – as escolas a uma apreciação mais ampla das oportunidades educativas por elas oferecidas aos educandos, reforçando a sua responsabilidade de propiciar renovadas oportunidades e incentivos aos que delas mais necessitem.

A EDUCAÇÃO EM ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

Art. 36 Considera-se como de período integral a jornada escolar que se organiza em 7 (sete) horas diárias, no mínimo, perfazendo uma carga horária anual de, pelo menos, 1.400 (mil e quatrocentas) horas.

Parágrafo único. As escolas e, solidariamente, os sistemas de ensino, conjugarão esforços objetivando o progressivo aumento da carga horária mínima diária e, consequentemente, da carga horária anual, com vistas à maior qualificação do processo de ensino-aprendizagem, tendo como horizonte o atendimento escolar em período integral.

Art. 37 A proposta educacional da escola de tempo integral promoverá a ampliação de tempos, espaços e oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar e cuidar entre os profissionais da escola e de outras áreas, as famílias e outros atores sociais, sob a coordenação da escola e de seus professores, visando alcançar a melhoria da qualidade da aprendizagem e da convivência social e diminuir as diferenças de acesso ao conhecimento e aos bens culturais, em especial entre as populações socialmente mais vulneráveis.

§ 1º O currículo da escola de tempo integral, concebido como um projeto educativo integrado, implica a ampliação da jornada escolar diária mediante o desenvolvimento de atividades como o acompanhamento pedagógico, o reforço e o aprofundamento da aprendizagem, a experimentação e a pesquisa científica, a cultura e as artes, o esporte e o lazer, as tecnologias da comunicação e informação, a afirmação da cultura dos direitos humanos, a preservação do meio ambiente, a promoção da saúde, entre outras, articuladas aos componentes curriculares e às áreas de conhecimento, a vivências e práticas socioculturais.

§ 2º As atividades serão desenvolvidas dentro do espaço escolar conforme a disponibilidade da escola, ou fora dele, em espaços distintos da cidade ou do território em que está situada a unidade escolar, mediante a utilização de equipamentos sociais e culturais aí existentes e o estabelecimento de parcerias com órgãos ou entidades locais, sempre de acordo com o respectivo projeto político-pedagógico.

§ 3º Ao restituir a condição de ambiente de aprendizagem à comunidade e à cidade, a escola estará contribuindo para a construção de redes sociais e de cidades educadoras.

§ 4º Os órgãos executivos e normativos da União e dos sistemas estaduais e municipais de educação assegurarão que o atendimento dos alunos na escola de tempo integral possua infraestrutura adequada e pessoal qualificado, além do que, esse atendimento terá caráter obrigatório e será passível de avaliação em cada escola.

EDUCAÇÃO DO CAMPO, EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Art. 38 A Educação do Campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura e se estende, também, aos espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas, conforme as Diretrizes para a Educação Básica do Campo (Parecer CNE/CEB nº 36/2001 e Resolução CNE/CEB nº 1/2002; Parecer CNE/CEB nº 3/2008 e Resolução CNE/CEB nº 2/2008).

Art. 39 A Educação Escolar Indígena e a Educação Escolar Quilombola são, respectivamente, oferecidas em unidades educacionais inscritas em suas terras e culturas e, para essas populações, estão assegurados direitos específicos na Constituição Federal que lhes permitem valorizar e preservar as suas culturas e reafirmar o seu pertencimento étnico.

§ 1º As escolas indígenas, atendendo a normas e ordenamentos jurídicos próprios e a Diretrizes Curriculares Nacionais específicas, terão ensino intercultural e bilíngue, com vistas à afirmação e à manutenção da diversidade étnica e linguística, assegurarão a participação da comunidade no seu modelo de edificação, organização e gestão, e deverão contar com materiais didáticos produzidos de acordo com o contexto cultural de cada povo (Parecer CNE/CEB nº 14/99 e Resolução CNE/CEB nº 3/99).

§ 2º O detalhamento da Educação Escolar Quilombola deverá ser definido pelo Conselho Nacional de Educação por meio de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas.

Art. 40 O atendimento escolar às populações do campo, povos indígenas e quilombolas requer respeito às suas peculiares condições de vida e a utilização de pedagogias condizentes com as suas formas próprias de produzir conhecimentos, observadas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010).

§ 1º As escolas das populações do campo, dos povos indígenas e dos quilombolas, ao contar com a participação ativa das comunidades locais nas decisões referentes ao currículo, estarão ampliando as oportunidades de:

I – reconhecimento de seus modos próprios de vida, suas culturas, tradições e memórias coletivas, como fundamentais para a constituição da identidade das crianças, adolescentes e adultos;

II – valorização dos saberes e do papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo, seu ambiente natural e cultural, assim como as práticas ambientalmente sustentáveis que utilizam;

III – reafirmação do pertencimento étnico, no caso das comunidades quilombolas e dos povos indígenas, e do cultivo da língua materna na escola para estes últimos, como elementos importantes de construção da identidade;

NOVA CONCURSOS

IV – flexibilização, se necessário, do calendário escolar, das rotinas e atividades, tendo em conta as diferenças relativas às atividades econômicas e culturais, mantido o total de horas anuais obrigatórias no currículo;

V – superação das desigualdades sociais e escolares que afetam essas populações, tendo por garantia o direito à educação;

§ 2º Os projetos político-pedagógicos das escolas do campo, indígenas e quilombolas devem contemplar a diversidade nos seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, éticos e estéticos, de gênero, geração e etnia.

§ 3º As escolas que atendem a essas populações deverão ser devidamente providas pelos sistemas de ensino de materiais didáticos e educacionais que subsidiem o trabalho com a diversidade, bem como de recursos que assegurem aos alunos o acesso a outros bens culturais e lhes permitam estreitar o contato com outros modos de vida e outras formas de conhecimento.

§ 4º A participação das populações locais pode também subsidiar as redes escolares e os sistemas de ensino quanto à produção e à oferta de materiais escolares e no que diz respeito a transporte e a equipamentos que atendam as características ambientais e socioculturais das comunidades e as necessidades locais e regionais.

EDUCAÇÃO ESPECIAL

Art. 41 O projeto político-pedagógico da escola e o regimento escolar, amparados na legislação vigente, deverão contemplar a melhoria das condições de acesso e de permanência dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades nas classes comuns do ensino regular, intensificando o processo de inclusão nas escolas públicas e privadas e buscando a universalização do atendimento.

Parágrafo único. Os recursos de acessibilidade são aqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência e mobilidade reduzida, por meio da utilização de materiais didáticos, dos espaços, mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e outros serviços.

Art. 42 O atendimento educacional especializado aos alunos da Educação Especial será promovido e expandido com o apoio dos órgãos competentes. Ele não substitui a escolarização, mas contribui para ampliar o acesso ao currículo, ao proporcionar independência aos educandos para a realização de tarefas e favorecer a sua autonomia (conforme Decreto nº 6.571/2008, Parecer CNE/CEB nº 13/2009 e Resolução CNE/CEB nº 4/2009).

Parágrafo único. O atendimento educacional especializado poderá ser oferecido no contraturno, em salas de recursos multifuncionais na própria escola, em outra escola ou em centros especializados e será implementado por professores e profissionais com formação especializada, de acordo com plano de atendimento aos alunos que identifique suas necessidades educacionais específicas, defina os recursos necessários e as atividades a serem desenvolvidas.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Art. 43 Os sistemas de ensino assegurarão, gratuitamente, aos jovens e adultos que não puderam efetuar os estudos na idade própria, oportunidades educacionais adequadas às suas características, interesses, condições de vida e de trabalho mediante cursos e exames, conforme estabelece o art. 37, § 1º, da Lei nº 9.394/96.

Art. 44 A Educação de Jovens e Adultos, voltada para a garantia de formação integral, da alfabetização às diferentes etapas da escolarização ao longo da vida, inclusive àqueles em situação de privação de liberdade, é pautada pela inclusão e pela qualidade social e requer:

I – um processo de gestão e financiamento que lhe assegure isonomia em relação ao Ensino Fundamental regular;

II – um modelo pedagógico próprio que permita a apropriação e a contextualização das Diretrizes Curriculares Nacionais;

III – a implantação de um sistema de monitoramento e avaliação;

IV – uma política de formação permanente de seus professores;

V – maior alocação de recursos para que seja ministrada por docentes licenciados.

Art. 45 A idade mínima para o ingresso nos cursos de Educação de Jovens e Adultos e para a realização de exames de conclusão de EJA será de 15 (quinze) anos completos (Parecer CNE/CEB nº 6/2010 e Resolução CNE/CEB nº 3/2010).

Parágrafo único. Considerada a prioridade de atendimento à escolarização obrigatória, para que haja oferta capaz de contemplar o pleno atendimento dos adolescentes, jovens e adultos na faixa dos 15 (quinze) anos ou mais, com defasagem idade/série, tanto na sequência do ensino regular, quanto em Educação de Jovens e Adultos, assim como nos cursos destinados à formação profissional, torna-se necessário:

I – fazer a chamada ampliada dos estudantes em todas as modalidades do Ensino Fundamental;

II – apoiar as redes e os sistemas de ensino a estabelecerem política própria para o atendimento desses estudantes, que considere as suas potencialidades, necessidades, expectativas em relação à vida, às culturas juvenis e ao mundo do trabalho, inclusive com programas de aceleração da aprendizagem, quando necessário;

III – incentivar a oferta de Educação de Jovens e Adultos nos períodos diurno e noturno, com avaliação em processo.

Art. 46 A oferta de cursos de Educação de Jovens e Adultos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, será presencial e a sua duração ficará a critério de cada sistema de ensino, nos termos do Parecer CNE/CEB nº 29/2006, tal como remete o Parecer CNE/CEB nº 6/2010 e a Resolução CNE/CEB nº 3/2010. Nos anos finais, ou seja, do 6º ano ao 9º ano, os cursos poderão ser presenciais ou a distância, devidamente credenciados, e terão 1.600 (mil e seiscentas) horas de duração.

Parágrafo único. Tendo em conta as situações, os perfis e as faixas etárias dos adolescentes, jovens e adultos, o projeto político-pedagógico da escola e o regimento escolar viabilizarão um modelo pedagógico próprio para essa modalidade de ensino que permita a apropriação e a contextualização das Diretrizes Curriculares Nacionais**,** assegurando:

I **–** a identificação e o reconhecimento das formas de aprender dos adolescentes, jovens e adultos e a valorização de seus conhecimentos e experiências;

II **–** a distribuição dos componentes curriculares de modo a proporcionar um patamar igualitário de formação, bem como a sua disposição adequada nos tempos e espaços educativos, em face das necessidades específicas dos estudantes.

Art. 47 A inserção de Educação de Jovens e Adultos no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, incluindo, além da avaliação do rendimento dos alunos, a aferição de indicadores institucionais das redes públicas e privadas, concorrerá para a universalização e a melhoria da qualidade do processo educativo.

A IMPLEMENTAÇÃO DESTAS DIRETRIZES: COMPROMISSO SOLIDÁRIO DOS SISTEMAS E REDES DE ENSINO

Art. 48 Tendo em vista a implementação destas Diretrizes, cabe aos sistemas e às redes de ensino prover:

I **–** os recursos necessários à ampliação dos tempos e espaços dedicados ao trabalho educativo nas escolas e a distribuição de materiais didáticos e escolares adequados;

II **–** a formação continuada dos professores e demais profissionais da escola em estreita articulação com as instituições responsáveis pela formação inicial, dispensando especiais esforços quanto à formação dos docentes das modalidades específicas do Ensino Fundamental e àqueles que trabalham nas escolas do campo, indígenas e quilombolas;

III **–** a coordenação do processo de implementação do currículo, evitando a fragmentação dos projetos educativos no interior de uma mesma realidade educacional;

IV **–** o acompanhamento e a avaliação dos programas e ações educativas nas respectivas redes e escolas e o suprimento das necessidades detectadas.

Art. 49 O Ministério da Educação, em articulação com os Estados, os Municípios e o Distrito Federal, deverá encaminhar ao Conselho Nacional de Educação, precedida de consulta pública nacional, proposta de expectativas de aprendizagem dos conhecimentos escolares que devem ser atingidas pelos alunos em diferentes estágios do Ensino Fundamental (art. 9º, § 3º, desta Resolução).

Parágrafo único. Cabe, ainda, ao Ministério da Educação elaborar orientações e oferecer outros subsídios para a implementação destas Diretrizes.

Art. 50 A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário, especialmente a Resolução CNE/CEB nº 2, de 7 de abril de 1998.

FRANCISCO APARECIDO CORDÃO

· RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 05/2009: FIXA AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.

RESOLUÇÃO Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009

Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no art. 9º, § 1º, alínea "c" da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, e tendo em vista o Parecer CNE/CEB nº 20/2009, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU de 9 de dezembro de 2009, resolve:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares.

Art. 3º O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

§ 1º É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.

§ 2° É obrigatória a matrícula na Educação Infantil de crianças que completam 4 ou 5 anos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula.

§ 3º As crianças que completam 6 anos após o dia 31 de março devem ser matriculadas na Educação Infantil.

§ 4º A frequência na Educação Infantil não é pré-requisito para a matrícula no Ensino Fundamental.

§ 5º As vagas em creches e pré-escolas devem ser oferecidas próximas às residências das crianças.

§ 6º É considerada Educação Infantil em tempo parcial, a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição.

Art. 6º As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Art. 7º Na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

I - oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;

II - assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;

III - possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto a ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;

IV - promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;

V - construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico -racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.

Art. 8º A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

§ 1º Na efetivação desse objetivo, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

I - a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;

II - a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;

III - a participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização;

IV - o estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;

V - o reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;

VI - os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição;

VII - a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação;

VIII - a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América;

IX - o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;

X - a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes.

§ 2º Garantida a autonomia dos povos indígenas na escolha dos modos de educação de suas crianças de 0 a 5 anos de idade, as propostas pedagógicas para os povos que optarem pela Educação Infantil devem:

I - proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo;

II - reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças;

III - dar continuidade à educação tradicional oferecida na família e articular-se às práticas sócio-culturais de educação e cuidado coletivos da comunidade;

IV - adequar calendário, agrupamentos etários e organização de tempos, atividades e ambientes de modo a atender as demandas de cada povo indígena.

§ 3º **-** As propostas pedagógicas da Educação Infantil das crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, devem:

I - reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;

II - ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;

III - flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;

IV - valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;

V - prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade.

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaçotemporais;

V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

XII - possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

Parágrafo único - As creches e pré-escolas, na elaboração da proposta curricular, de acordo com suas características, identidade institucional, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, estabelecerão modos de integração dessas experiências.

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;

II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);

III - a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré -escola/Ensino Fundamental);

IV - documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;

V - a não retenção das crianças na Educação Infantil.

Art. 11. Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.

Art. 12. Cabe ao Ministério da Educação elaborar orientações para a implementação dessas Diretrizes.

Art. 13. A presente Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário, especialmente a Resolução CNE/CEB nº 1/99.

· RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 01/2012: DISPÕE SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO REGIME DE COLABORAÇÃO MEDIANTE ARRANJO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (ADE), COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO PÚBLICA PARA A MELHORIA DA QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO.

RESOLUÇÃO Nº 1, DE 23 DE JANEIRO 2012

Dispõe sobre a implementação do regime de colaboração mediante Arranjo de Desenvolvimento da Educação (ADE), como instrumento de gestão pública para a melhoria da qualidade social da educação.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com o disposto no § 1º do art. 9º da Lei nº 4.024/61, com a redação dada pela Lei nº 9.131/95, com base no § 1º do art. 8º, no § 1º do art. 9º e no art. 90 da Lei nº 9.394/96, e com fundamento no inciso VII do art. 206 e do § 1º do art. 211 da Constituição Federal, assim como no inciso IX do art. 3º e no inciso IX do art. 4º da Lei nº 9.394/96 e no Parecer CNE/CEB nº 9/2011, homologado por Despacho do Senhor Ministro da Educação, publicado no DOU de 22 de novembro de 2011,

CONSIDERANDO

O art. 211 da Constituição Federal, no seu § 4º prevê que, na organização de seus sistemas de ensino, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório;

A Lei nº 9.394/96, no art. 8º, determina, entre outras ações, que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, os respectivos sistemas de ensino;

A Emenda Constitucional nº 59/2009 altera a redação do art. 214 da Constituição Federal estabelecendo: O Plano Nacional de Educação, de duração decenal, tem como objetivo articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e o desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas, e modalidades, por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas;

A importância da institucionalização de formas de colaboração horizontal e sua relevância para a consolidação do regime de colaboração e do sistema nacional de educação;

RESOLVE:

TÍTULO I
ARRANJO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

Art. 1º A presente Resolução atende aos mandamentos da Constituição Federal em seu parágrafo único do art. 23 e art. 211, bem como aos arts. 8º e 9º da LDB visando ao regime de colaboração entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, tratando da implementação de Arranjo de Desenvolvimento da Educação (ADE) como instrumento de gestão pública para assegurar o direito à educação de qualidade em determinado território, bem como para contribuir na estruturação e aceleração de um sistema nacional de educação.

Art. 2º O ADE é uma forma de colaboração territorial basicamente horizontal, instituída entre entes federados, visando assegurar o direito à educação de qualidade e ao seu desenvolvimento territorial e geopolítico.

§ 1º Essa forma de colaboração poderá ser aberta à participação de instituições privadas e não-governamentais, mediante convênios ou termos de cooperação, sem que isso represente a transferência de recursos públicos para estas instituições e organizações.

§ 2º A descentralização e o fortalecimento da cooperação e associativismo entre os entes federados contribuem para as ações visando à eliminação ou redução das desigualdades regionais e intermunicipais em relação à Educação Básica, observadas as atribuições definidas no art. 11 da LDB.

Art. 3º O ADE promove o regime de colaboração horizontal, de forma articulada com o tradicional regime de colaboração vertical, visando, entre outros aspectos a:

I – garantir o direito à educação, por meio da oferta de uma educação com qualidade social, refletida, dentre outros aspectos, pelo acesso, permanência, aprendizagem e conclusão dos estudos;

II – fortalecer a democratização das relações de gestão e de planejamento integrado que possa incluir ações como planejamento da rede física escolar, cessão mútua de servidores, transporte escolar, formação continuada de professores e gestores, e organização de um sistema integrado de avaliação;

III – promover a eficiente aplicação dos recursos de forma solidária para fins idênticos ou equivalentes;

IV – incentivar mecanismos de atuação na busca por recursos para prestação associada de serviços;

V – estruturar Planos Intermunicipais de Educação visando ao desenvolvimento integrado e harmonioso do território e a redução de disparidades sociais e econômicas locais, de forma que os municípios de menor capacidade técnica possam efetivamente se valer desses planos na elaboração dos seus respectivos Planos Municipais de Educação;

VI – considerar tais planos, como referência, para a elaboração, execução e avaliação dos projetos político-pedagógicos das escolas.

TÍTULO II
ESTRUTURAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE IMPLEMENTAÇÃO

Art. 4º A estruturação de um ADE exige:

I – identificação das instituições e organizações educacionais que atuam na área territorial comum;

II – levantamento das informações e indicadores educacionais pelos entes federados constituintes do ADE;

III – motivação para um trabalho coletivo, em colaboração, evitando as indesejáveis sobreposições de esforços;

IV – identificação dos indicadores educacionais mais relevantes para melhorar a qualidade social da Educação;

V – construção de matrizes de indicadores segundo as dimensões de gestão educacional; formação de professores e dos profissionais de serviço e apoio escolar; práticas pedagógicas e avaliação; e infraestrutura física e recursos pedagógicos, bem como definição das ações comuns ao conjunto dos entes federados do ADE;

VI – elaboração de mapa estratégico do ADE, indicando não só as ações priorizadas, como também os resultados esperados com base nas metas acordadas entre os entes federados participantes do arranjo, tendo por objetivo promover a qualidade social da educação local mediante ações colaborativas;

VII – definição de metas de curto, médio e longo prazo em relação às ações priorizadas que sejam de efetivo interesse comum ao maior número possível de entes federados participantes do arranjo, visando motivá-los a continuar o trabalho em rede;

VIII – estabelecimento de Ato constitutivo do acordo firmado pelos participantes do arranjo, com a definição das regras de funcionamento e do gestor local do ADE.

Art. 5º Devem ser estabelecidos com clareza os papéis e responsabilidades dos integrantes do ADE, para ser garantida a coerência entre as ações e para permitir o acompanhamento e responsabilização de cada um.

Art. 6º A forma e a metodologia para constituição, estruturação e funcionamento do ADE devem atender aos diferentes contextos, cabendo aos entes federados a tarefa de, considerando os aspectos essenciais para seu sucesso, adaptar o preconizado às condições locais, valorizando as potencialidades existentes.

Art. 7º O ADE pode assumir o modelo de consórcio, nos termos da Lei nº 11.107/2005, constituído exclusivamente por entes federados como uma associação pública ou como entidade jurídica de direito privado sem fins lucrativos, podendo realizar acordos de cooperação e parceria com órgãos públicos e instituições privadas e não governamentais.

Art. 8º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

FRANCISCO APARECIDO CORDÃO

· RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 02/2012: DEFINE DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO.

RESOLUÇÃO Nº 2, DE 30 DE JANEIRO 2012

Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, em conformidade com o disposto no artigo 9º, § 1º, alínea "c" da Lei nº 4.024/61, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, nos artigos 22, 23, 24, 25, 26, 26-A, 27, 35, 36,36-A, 36-B e 36-C da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e tendo em vista o Parecer CEB/CNE nº 5/2011, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU de 24 de janeiro de 2011, resolve:

TÍTULO I
Objeto e referencial
Capítulo I
Objeto

Art. 1º A presente Resolução define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, a serem observadas na organização curricular pelos sistemas de ensino e suas unidades escolares.

Parágrafo único Estas Diretrizes aplicam-se a todas as formas e modalidades de Ensino Médio, complementadas, quando necessário, por Diretrizes próprias.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos, definidos pelo Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas educacionais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na elaboração, planejamento, implementação e avaliação das propostas curriculares das unidades escolares públicas e particulares que oferecem o Ensino Médio.

Capítulo II
Referencial legal e conceitual

Art. 3º O Ensino Médio é um direito social de cada pessoa, e dever do Estado na sua oferta pública e gratuita a todos.

Art. 4º As unidades escolares que ministram esta etapa da Educação Básica devem estruturar seus projetos político-pedagógicos considerando as finalidades previstas na Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional):

NOVA CONCURSOS

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática.

Art. 5o O Ensino Médio em todas as suas formas de oferta e organização, baseia-se em:

I - formação integral do estudante;

II - trabalho e pesquisa como princípios educativos e pedagógicos, respectivamente;

III - educação em direitos humanos como princípio nacional norteador;

IV - sustentabilidade ambiental como meta universal;

V - indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos do processo educativo, bem como entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem;

VI - integração de conhecimentos gerais e, quando for o caso, técnico-profissionais realizada na perspectiva da interdisciplinaridade e da contextualização;

VII - reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes;

VIII - integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular.

§ 1º O trabalho é conceituado na sua perspectiva ontológica de transformação da natureza, como realização inerente ao ser humano e como mediação no processo de produção da sua existência.

§ 2º A ciência é conceituada como o conjunto de conhecimentos sistematizados, produzidos socialmente ao longo da história, na busca da compreensão e transformação da natureza e da sociedade.

§ 3º A tecnologia é conceituada como a transformação da ciência em força produtiva ou mediação do conhecimento científico e a produção, marcada, desde sua origem, pelas relações sociais que a levaram a ser produzida.

§ 4º A cultura é conceituada como o processo de produção de expressões materiais, símbolos, representações e significados que correspondem a valores éticos, políticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade.

Art. 6º O currículo é conceituado como a proposta de ação educativa constituída pela seleção de conhecimentos construídos pela sociedade, expressando-se por práticas escolares que se desdobram em torno de conhecimentos relevantes e pertinentes, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes e contribuindo para o desenvolvimento de suas identidades e condições cognitivas e sócio-afetivas.

TÍTULO II
Organização curricular e formas de oferta
Capítulo I
Organização curricular

Art. 7º A organização curricular do Ensino Médio tem uma base nacional comum e uma parte diversificada que não devem constituir blocos distintos, mas um todo integrado, de modo a garantir tanto conhecimentos e saberes comuns necessários a todos os estudantes, quanto uma formação que considere a diversidade e as características locais e especificidades regionais.

Art. 8º O currículo é organizado em áreas de conhecimento, a saber:

I - Linguagens;

II - Matemática;

III - Ciências da Natureza;

IV - Ciências Humanas.

§ 1º O currículo deve contemplar as quatro áreas do conhecimento, com tratamento metodológico que evidencie a contextualização e a interdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos.

§ 2º A organização por áreas de conhecimento não dilui nem exclui componentes curriculares com especificidades e saberes próprios construídos e sistematizados, mas implica no fortalecimento das relações entre eles e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo planejamento e execução conjugados e cooperativos dos seus professores.

Art. 9º A legislação nacional determina componentes obrigatórios que devem ser tratados em uma ou mais das áreas de conhecimento para compor o currículo:

I - são definidos pela LDB:

a) o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil;

a) o ensino da Arte, especialmente em suas expressões regionais, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos estudantes, com a Música como seu conteúdo obrigatório, mas não exclusivo;

b) a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da instituição de ensino, sendo sua prática facultativa ao estudante nos casos previstos em Lei;

c) o ensino da História do Brasil, que leva em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia;

d) o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História brasileiras;

e) a Filosofia e a Sociologia em todos os anos do curso;

f) uma língua estrangeira moderna na parte diversificada, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

Parágrafo único. Em termos operacionais, os componentes curriculares obrigatórios decorrentes da LDB que integram as áreas de conhecimento são os referentes a:

I - Linguagens:
a) Língua Portuguesa;
b) Língua Materna, para populações indígenas;
c) Língua Estrangeira moderna;
d) Arte, em suas diferentes linguagens: cênicas, plásticas e, obrigatoriamente, a musical;
e) Educação Física.
II - Matemática.
III - Ciências da Natureza:
a) Biologia;
b) Física;
c) Química.
IV - Ciências Humanas:
a) História;
b) Geografia;
c) Filosofia;
d) Sociologia.

Art. 10. Em decorrência de legislação específica, são obrigatórios:

I - Língua Espanhola, de oferta obrigatória pelas unidades escolares, embora facultativa para o estudante (Lei nº 11.161/2005);

II - Com tratamento transversal e integradamente, permeando todo o currículo, no âmbito dos demais componentes curriculares:

educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/2009, que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da Educação Básica);

processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (Lei nº 10.741/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso);

Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental);

Educação para o Trânsito (Lei nº 9.503/97, que institui o Código de Trânsito Brasileiro);

Educação em Direitos Humanos (Decreto nº 7.037/2009, que institui o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH 3).

Art. 11. Outros componentes curriculares, a critério dos sistemas de ensino e das unidades escolares e definidos em seus projetos político-pedagógicos, podem ser incluídos no currículo, sendo tratados ou como disciplina ou com outro formato, preferencialmente, de forma transversal e integradora.

Art. 12. O currículo do Ensino Médio deve:

I - garantir ações que promovam:

a) a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes;

b) o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura;

c) a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II - adotar metodologias de ensino e de avaliação de aprendizagem que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III - organizar os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação de tal forma que ao final do Ensino Médio o estudante demonstre:

a) domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

b) conhecimento das formas contemporâneas de linguagem.

Art. 13. As unidades escolares devem orientar a definição de toda proposição curricular, fundamentada na seleção dos conhecimentos, componentes, metodologias, tempos, espaços, arranjos alternativos e formas de avaliação, tendo presente:

I - as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixo integrador entre os conhecimentos de distintas naturezas, contextualizando-os em sua dimensão histórica e em relação ao contexto social contemporâneo;

II - o trabalho como princípio educativo, para a compreensão do processo histórico de produção científica e tecnológica, desenvolvida e apropriada socialmente para a transformação das condições naturais da vida e a ampliação das capacidades, das potencialidades e dos sentidos humanos;

III - a pesquisa como princípio pedagógico, possibilitando que o estudante possa ser protagonista na investigação e na busca de respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos.

IV - os direitos humanos como princípio norteador, desenvolvendo-se sua educação de forma integrada, permeando todo o currículo, para promover o respeito a esses direitos e à convivência humana.

V - a sustentabilidade socioambiental como meta universal, desenvolvida como prática educativa integrada, contínua e permanente, e baseada na compreensão do necessário equilíbrio e respeito nas relações do ser humano com seu ambiente.

Capítulo II
Formas de oferta e organização

Art. 14. O Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, concebida como conjunto orgânico, sequencial e articulado, deve assegurar sua função formativa para todos os estudantes, sejam adolescentes, jovens ou adultos, atendendo, mediante diferentes formas de oferta e organização:

I - o Ensino Médio pode organizar-se em tempos escolares no formato de séries anuais, períodos semestrais, ciclos, módulos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar;

II - no Ensino Médio regular, a duração mínima é de 3 (três) anos, com carga horária mínima total de 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas, tendo como referência uma carga horária anual de 800 (oitocentas) horas, distribuídas em pelo menos 200 (duzentos) dias de efetivo trabalho escolar;

III - o Ensino Médio regular diurno, quando adequado aos seus estudantes, pode se organizar em regime de tempo integral com, no mínimo, 7 (sete) horas diárias;

NOVA CONCURSOS

IV - no Ensino Médio regular noturno, adequado às condições de trabalhadores, respeitados os mínimos de duração e de carga horária, o projeto político-pedagógico deve atender, com qualidade, a sua singularidade, especificando uma organização curricular e metodológica diferenciada, e pode, para garantir a permanência e o sucesso destes estudantes:

a) ampliar a duração do curso para mais de 3 (três) anos, com menor carga horária diária e anual, garantido o mínimo total de 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas;

V - na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, observadas suas Diretrizes específicas, com duração mínima de 1.200 (mil e duzentas) horas, deve ser especificada uma organização curricular e metodológica diferenciada para os estudantes trabalhadores, que pode:

a) ampliar seus tempos de organização escolar, com menor carga horária diária e anual, garantida sua duração mínima;

VI - atendida a formação geral, incluindo a preparação básica para o trabalho, o Ensino Médio pode preparar para o exercício de profissões técnicas, por integração com a Educação Profissional e Tecnológica, observadas as Diretrizes específicas, com as cargas horárias mínimas de:

a) 3.200 (três mil e duzentas) horas, no Ensino Médio regular integrado com a Educação Profissional Técnica de Nível Médio;

b) 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas, na Educação de Jovens e Adultos integrada com a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, respeitado o mínimo de 1.200 (mil e duzentas) horas de educação geral;

c) 1.400 (mil e quatrocentas) horas, na Educação de Jovens e Adultos integrada com a formação inicial e continuada ou qualificação profissional, respeitado o mínimo de 1.200 (mil e duzentas) horas de educação geral;

VII - na Educação Especial, na Educação do Campo, na Educação Escolar Indígena, na Educação Escolar Quilombola, de pessoas em regime de acolhimento ou internação e em regime de privação de liberdade, e na Educação a Distância, devem ser observadas as respectivas Diretrizes e normas nacionais;

VIII - os componentes curriculares que integram as áreas de conhecimento podem ser tratados ou como disciplinas, sempre de forma integrada, ou como unidades de estudos, módulos, atividades, práticas e projetos contextualizados e interdisciplinares ou diversamente articuladores de saberes, desenvolvimento transversal de temas ou outras formas de organização;

IX - os componentes curriculares devem propiciar a apropriação de conceitos e categorias básicas, e não o acúmulo de informações e conhecimentos, estabelecendo um conjunto necessário de saberes integrados e significativos;

X - além de seleção criteriosa de saberes, em termos de quantidade, pertinência e relevância, deve ser equilibrada sua distribuição ao longo do curso, para evitar fragmentação e congestionamento com número excessivo de componentes em cada tempo da organização escolar;

XI - a organização curricular do Ensino Médio deve oferecer tempos e espaços próprios para estudos e atividades que permitam itinerários formativos opcionais diversificados, a fim de melhor responder à heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas especificidades etárias, sociais e culturais, bem como sua fase de desenvolvimento;

XII - formas diversificadas de itinerários podem ser organizadas, desde que garantida a simultaneidade entre as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura, e definidas pelo projeto político-pedagógico, atendendo necessidades, anseios e aspirações dos sujeitos e a realidade da escola e do seu meio;

XIII - a interdisciplinaridade e a contextualização devem assegurar a transversalidade do conhecimento de diferentes componentes curriculares, propiciando a interlocução entre os saberes e os diferentes campos do conhecimento.

TÍTULO III
Do projeto político-pedagógico e dos sistemas de ensino
Capítulo I
Do projeto político-pedagógico

Art. 15. Com fundamento no princípio do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, no exercício de sua autonomia e na gestão democrática, o projeto político pedagógico das unidades escolares, deve traduzir a proposta educativa construída coletivamente, garantida a participação efetiva da comunidade escolar e local, bem como a permanente construção da identidade entre a escola e o território no qual está inserida.

§ 1º Cabe a cada unidade de ensino a elaboração do seu projeto político-pedagógico, com a proposição de alternativas para a formação integral e acesso aos conhecimentos e saberes necessários, definido a partir de aprofundado processo de diagnóstico, análise e estabelecimento de prioridades, delimitação de formas de implementação e sistemática de seu acompanhamento e avaliação.

§ 2º O projeto político-pedagógico, na sua concepção e implementação, deve considerar os estudantes e os professores como sujeitos históricos e de direitos, participantes ativos e protagonistas na sua diversidade e singularidade.

§ 3º A instituição de ensino deve atualizar, periodicamente, seu projeto político pedagógico e dar-lhe publicidade à comunidade escolar e às famílias.

Art. 16. O projeto político-pedagógico das unidades escolares que ofertam o Ensino Médio deve considerar:

I - atividades integradoras artístico-culturais, tecnológicas e de iniciação científica, vinculadas ao trabalho, ao meio ambiente e à prática social;

II - problematização como instrumento de incentivo à pesquisa, à curiosidade pelo inusitado e ao desenvolvimento do espírito inventivo;

III - a aprendizagem como processo de apropriação significativa dos conhecimentos, superando a aprendizagem limitada à memorização;

IV - valorização da leitura e da produção escrita em todos os campos do saber;

V - comportamento ético, como ponto de partida para o reconhecimento dos direitos humanos e da cidadania, e para a prática de um humanismo contemporâneo expresso pelo reconhecimento, respeito e acolhimento da identidade do outro e pela incorporação da solidariedade;

VI - articulação entre teoria e prática, vinculando o trabalho intelectual às atividades práticas ou experimentais;

VII - integração com o mundo do trabalho por meio de estágios de estudantes do Ensino Médio, conforme legislação específica;

VIII - utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes;

IX - capacidade de aprender permanente, desenvolvendo a autonomia dos estudantes;

X - atividades sociais que estimulem o convívio humano;

XI - avaliação da aprendizagem, com diagnóstico preliminar, e entendida como processo de caráter formativo, permanente e cumulativo;

XII - acompanhamento da vida escolar dos estudantes, promovendo o seguimento do desempenho, análise de resultados e comunicação com a família;

XIII - atividades complementares e de superação das dificuldades de aprendizagem para que o estudante tenha sucesso em seus estudos;

XIV - reconhecimento e atendimento da diversidade e diferentes nuances da desigualdade e da exclusão na sociedade brasileira;

XV - valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas;

XVI - análise e reflexão crítica da realidade brasileira, de sua organização social e produtiva na relação de complementaridade entre espaços urbanos e do campo;

XVII - estudo e desenvolvimento de atividades socioambientais, conduzindo a Educação Ambiental como uma prática educativa integrada, contínua e permanente;

XVIII - práticas desportivas e de expressão corporal, que contribuam para a saúde, a sociabilidade e a cooperação;

XIX - atividades intersetoriais, entre outras, de promoção da saúde física e mental, saúde sexual e saúde reprodutiva, e prevenção do uso de drogas;

XX - produção de mídias nas escolas a partir da promoção de atividades que favoreçam as habilidades de leitura e análise do papel cultural, político e econômico dos meios de comunicação na sociedade;

XXI - participação social e protagonismo dos estudantes, como agentes de transformação de suas unidades de ensino e de suas comunidades;

XXII - condições materiais, funcionais e didático-pedagógicas, para que os profissionais da escola efetivem as proposições do projeto.

Parágrafo único. O projeto político-pedagógico deve, ainda, orientar:

a) dispositivos, medidas e atos de organização do trabalho escolar;

b) mecanismos de promoção e fortalecimento da autonomia escolar, mediante a alocação de recursos financeiros, administrativos e de suporte técnico necessários à sua realização;

c) adequação dos recursos físicos, inclusive organização dos espaços, equipamentos, biblioteca, laboratórios e outros ambientes educacionais.

Capítulo II
Dos sistemas de ensino

Art. 17. Os sistemas de ensino, de acordo com a legislação e a normatização nacional e estadual, e na busca da melhor adequação possível às necessidades dos estudantes e do meio social, devem:

I - criar mecanismos que garantam liberdade, autonomia e responsabilidade às unidades escolares, fortalecendo sua capacidade de concepção, formulação e execução de suas propostas político-pedagógicas;

II - promover, mediante a institucionalização de mecanismos de participação da comunidade, alternativas de organização institucional que possibilitem:

a) identidade própria das unidades escolares de adolescentes, jovens e adultos, respeitadas as suas condições e necessidades de espaço e tempo para a aprendizagem;

b) várias alternativas pedagógicas, incluindo ações, situações e tempos diversos, bem como diferentes espaços – intraescolares ou de outras unidades escolares e da comunidade – para atividades educacionais e socioculturais favorecedoras de iniciativa, autonomia e protagonismo social dos estudantes;

c) articulações institucionais e comunitárias necessárias ao cumprimento dos planos dos sistemas de ensino e dos projetos político-pedagógicos das unidades escolares;

d) realização, inclusive pelos colegiados escolares e órgãos de representação estudantil, de ações fundamentadas nos direitos humanos e nos princípios éticos, de convivência e de participação democrática visando a construir unidades escolares e sociedade livres de preconceitos, discriminações e das diversas formas de violência.

III - fomentar alternativas de diversificação e flexibilização, pelas unidades escolares, de formatos, componentes curriculares ou formas de estudo e de atividades, estimulando a construção de itinerários formativos que atendam às características, interesses e necessidades dos estudantes e às demandas do meio social, privilegiando propostas com opções pelos estudantes.

IV - orientar as unidades escolares para promoverem:

a) classificação do estudante, mediante avaliação pela instituição, para inserção em etapa adequada ao seu grau de desenvolvimento e experiência;

b) aproveitamento de estudos realizados e de conhecimentos constituídos tanto no ensino formal como no informal e na experiência extraescolar;

NOVA CONCURSOS

V - estabelecer normas complementares e políticas educacionais para execução e cumprimento das disposições destas Diretrizes, considerando as peculiaridades regionais ou locais;

VI - instituir sistemas de avaliação e utilizar os sistemas de avaliação operados pelo Ministério da Educação, a fim de acompanhar resultados, tendo como referência as expectativas de aprendizagem dos conhecimentos e saberes a serem alcançados, a legislação e as normas, estas Diretrizes, e os projetos político-pedagógicos das unidades escolares.

Art. 18. Para a implementação destas Diretrizes, cabe aos sistemas de ensino prover:

I - os recursos financeiros e materiais necessários à ampliação dos tempos e espaços dedicados ao trabalho educativo nas unidades escolares;

II - aquisição, produção e/ou distribuição de materiais didáticos e escolares adequados;

III - professores com jornada de trabalho e formação, inclusive continuada, adequadas para o desenvolvimento do currículo, bem como dos gestores e demais profissionais das unidades escolares;

IV - instrumentos de incentivo e valorização dos profissionais da educação, com base em planos de carreira e outros dispositivos voltados para esse fim;

V - acompanhamento e avaliação dos programas e ações educativas nas respectivas redes e unidades escolares.

Art. 19. Em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, e na perspectiva de um sistema nacional de educação, cabe ao Ministério da Educação oferecer subsídios e apoio para a implementação destas Diretrizes.

Art. 20. Visando a alcançar unidade nacional, respeitadas as diversidades, o Ministério da Educação, em articulação e colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, deve elaborar e encaminhar ao Conselho Nacional de Educação, precedida de consulta pública nacional, proposta de expectativas de aprendizagem dos conhecimentos escolares e saberes que devem ser atingidos pelos estudantes em diferentes tempos de organização do curso de Ensino Médio.

Art. 21. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) deve, progressivamente, compor o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), assumindo as funções de:

I - avaliação sistêmica, que tem como objetivo subsidiar as políticas públicas para a Educação Básica;

II - avaliação certificadora, que proporciona àqueles que estão fora da escola aferir seus conhecimentos construídos em processo de escolarização, assim como os conhecimentos tácitos adquiridos ao longo da vida;

III - avaliação classificatória, que contribui para o acesso democrático à Educação Superior.

Art. 22. Estas Diretrizes devem nortear a elaboração da proposta de expectativas de aprendizagem, a formação de professores, os investimentos em materiais didáticos e os sistemas e exames nacionais de avaliação.

Art. 23. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário, em especial a Resolução CNE/CEB nº 3, de 26 de junho de 1998.

FRANCISCO APARECIDO CORDÃO

· DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ/SP, 23/12/2016: DOCUMENTO PARA ORIENTAR E INSPIRAR AS PRERROGATIVAS E OBRIGAÇÕES DA REDE PÚBLICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO.

Prezado Candidato, devido a complexidade do material, disponibilizaremos somente um breve resumo, para que assim, não haja prejuízo em seus estudos. Para acesso ao material completo acesse nosso site. www.novaconcursos.com.br/retificações ou se preferir acesse pelo portal da Prefeitura de Jundiaí, https://www.jundiai.sp.gov.br/educacao/wp-content/uploads/sites/10/2016/12/Diretrizes-Curriculares-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-B%C3%A1sica-Municipal-de-Jundia%C3%AD_v12.1-Colorido.pdf

1- A EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS NA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO

DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE JUNDIAÍ.

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, constitui-se no contexto educativo primeiro da formação humana. As concepções teóricas que a fundamentam devem estar explicitadas no documento curricular para a Educação Infantil, que norteará a construção de práticas educativas dos profissionais que atuam nessa etapa educacional. Tal pressuposto foi um dos indicativos para que, no ano de 2013, a Secretaria Municipal de Educação- SME convidasse seus profissionais para a realização de estudos de documentos, para a realização de discussões coletivas e reflexões sobre as concepções de escola e de educação que deveriam orientar a construção do documento curricular do município.

Após os estudos e à luz da legislação vigente sobre as várias correntes do pensamento pedagógico contemporâneo, identificou-se na ***Pedagogia Crítica***, inspirada no pensamento do educador Paulo Freire, as concepções que atendiam aos anseios de todos e que vão ao encontro da posição consensual sobre as concepções de escola e de educação a serem adotadas pela Secretaria Municipal de Educação de Jundiaí (SP), que objetivam contribuir favoravelmente para a emancipação humana e a construção da cultura de paz, de liberdade e de relações éticas e solidárias entre crianças e crianças e entre crianças e adultos, que lhes favoreçam na integração à natureza e ao meio ambiente. Desse estudo, surgiu o documento "Diretrizes Pedagógicas Fundamentais Iniciais da Secretaria Municipal de Educação de Jundiaí: Educação como ação política transformadora", norteadora das discussões para elaboração de uma nova proposta curricular.

A Pedagogia Crítica pressupõe transformações nas relações entre o ensinar e o aprender, num processo contínuo de aprender, desaprender, reaprender, refletir, avaliar e reavaliar. A criança é compreendida como sujeito de suas ações, capaz de analisar sua realidade social, cultural

e histórica, com autonomia para transformá-la. Ela também é um indivíduo que compreende o mundo em sua integralidade, adquirindo conhecimentos que se articulam entre si e não são apropriados de forma isolada e estanque. Portanto, na construção do currículo, é fundamental considerar a criança como ***sujeito de direitos***, vivendo um momento peculiar no seu desenvolvimento e em seu processo de aquisição de conhecimento.

No documento "Diretrizes Pedagógicas Fundamentais Iniciais da SME", a afirmação de que a educação deve ser entendida como *prática da liberdade* estabelece novas relações entre educadora ou educador e educando – sendo considerada como o centro do planejamento escolar, e todos os envolvidos são compreendidos como sujeito de direitos, que trazem consigo a marca de sua cultura e de seus valores. As propostas pedagógicas devem, portanto, considerar os saberes que cada um traz consigo como ponto de partida para a organização curricular, agregando especialmente os saberes das crianças, historicamente construídos, sejam eles populares ou eruditos. Nessa direção, o conceito de avaliação, ao superar aspectos quantitativos e comparativos entre as crianças, coloca-se a serviço de uma prática formação humana e de inclusão.

Os sujeitos não se educam sozinhos e toda relação pedagógica deve ser *dialógica*, ou seja, uma escuta atenta que objetiva a compreensão do ponto de vista do outro para fazer desse lugar o ponto de partida para novos saberes. Nesse processo, o educando se faz educador e os papéis se complementam, visando, portanto, a construção do bem comum, em que se prioriza o respeito à dignidade dos seres humanos em sua diversidade, a todas as formas de expressão de vida e ao meio ambiente. Uma das principais finalidades dessa pedagogia é humanizar as relações entre os sujeitos. Fomenta-se, assim, a construção dos ideais da paz, de liberdade e de justiça social, articulando-os com compromissos éticos que valorizem os conhecimentos já construídos, em vivências cotidianas das crianças, que lhes possam reafirmar a autoestima e consolidar suas relações interpessoais. A ética deve nortear as relações entre os atores da escola – adultos e crianças – , sendo aqui interpretada na atitude de amorosidade que se manifesta no respeito a si mesmo, ao outro e ao ambiente em que se vive. Outros aspectos a serem observados no processo de humanização das relações são a valorização dos diferentes pontos de vista, o reconhecimento e respeito às diversidades e, também, a garantia à igualdade de direitos a todos.

A Pedagogia Crítica adota o conceito de *qualidade social na educação*, que salienta a relevância da educação escolar no processo de reconstrução da sociedade brasileira. A qualidade social desenvolve-se e efetiva-se quando algumas condições são previstas nos encaminhamentos políticos do setor educacional. Consensualmente, podem ser apontados alguns eixos indicadores de qualidade social: a educação como direito de cidadania, que supõe a inclusão social e a participação popular na gestão escolar; a valorização das educadoras e dos educadores e os recursos adequados. Os recursos destinados à educação precisam ser aplicados de acordo com o que prevê a legislação vigente e, quando eles não forem suficientes, deve-se buscar outras fontes de recursos. A educação infantil, por exemplo, exige mais investimentos que as demais etapas da educação básica, dada a sua especificidade de atendimento. Para que tal pressuposto se efetive, é fundamental a determinação das escolas para a ampliação dos mecanismos de gestão democrática, com progressivos graus de autonomia nas discussões e decisões financeiras, pedagógicas e administrativas, na transparência das ações, na prestação de contas, na efetiva atuação dos conselhos escolares, na garantia da ação e na participação das famílias e das crianças.

A sustentação da gestão democrática requer uma estrutura alicerçada na autonomia e na participação, num clima organizacional pautado na descentralização da gestão com a proposta de construção de uma escola que gere uma educação para a cidadania, construindo paralelamente relações sociais democráticas e igualitárias.

A participação popular na gestão deve superar os limites de uma metodologia participativa, na qual a população é levada a contribuir na tomada de decisões preestabelecidas, legitimando-as efetivamente. A construção da gestão democrática alicerça-se na autonomia das unidades escolares, o que requer investimento na formação, na valorização das educadoras e dos educadores, para além das questões de remuneração e de carreira, pela garantia de condições dignas de trabalho, de formação inicial prevista em lei e de formação permanente. Os saberes das educadoras e dos educadores da infância e a interpretação das linguagens das crianças não se dão apenas pela escuta atenta ou de forma intuitiva, embora sejam componentes primordiais. A compreensão da cultura da infância exige do adulto preparo, estudo e reflexão sobre a prática educativa a ser empreendida junto às crianças. Essa concepção de educação considera primordial o investimento na formação permanente de educadoras e educadores. A partir de uma prática reflexiva (ação-reflexão-ação), educadoras e educadores da infância constituem-se como protagonistas de seu saber, dialogando com os teóricos de forma singular.

A construção das relações democráticas supõe o estabelecimento de parcerias com as famílias das crianças, as quais são convidadas a participarem intensamente das ações dentro das instituições escolares. Essa participação da comunidade deve ser observada tanto nas discussões e reflexões quanto no desenvolvimento das práticas educativas. Trata-se de uma participação presente em todas as situações na escola, por meio do conselho de escola, APM, reuniões de pais e mestres, em propostas planejadas e definidas no Projeto Político Pedagógico (PPP), como em eventos, palestras informativas, murais, reuniões, aprovação do calendário escolar, projetos educativos, entre outros. Com um trabalho participativo, autônomo e democrático, envolvendo todos os segmentos que compõem a escola, é possível contribuir para o rompimento do autoritarismo, proporcionando a reflexão de todos sobre a dinâmica institucional, as práticas edu-

NOVA CONCURSOS

cativas, os eventuais problemas e as possíveis soluções. Pensar o trabalho coletivo significa construir mediações capazes de garantir que os obstáculos não se constituam em imobilismo, que as diferenças não sejam impeditivas da ação educativa coerente, responsável e transformadora.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é, simultaneamente, um processo e um produto, que tem como meta nortear a organização e o funcionamento da escola. Como processo, é dinâmico e passível de mudanças e de ações de observação, de reflexão e replanejamento constante, podem favorecer a mudanças que gerem uma educação de qualidade. Como produto, reflete o trabalho coletivo de diferentes atores – escola e comunidade. Por fim, mas não menos importante, está o clima organizacional, ou seja, o ambiente de comprometimento e de organização criado pelo coletivo, que favorece a participação responsável dos envolvidos e consolida o PPP.

A participação das crianças é indispensável no cenário da gestão democrática. Nas instituições de educação infantil, as famílias assumem papel importante na interlocução com as educadoras e os educadores. Constituindo-se, muitas vezes, na primeira experiência das crianças fora do ambiente familiar, é a partir do diálogo com pais e com outros responsáveis que se apreende o universo da criança que se insere no contexto escolar. O saber e o fazer das famílias devem ser considerados, desde o momento da matrícula da criança na escola.

Não se pode esquecer, sobretudo, que as *crianças pequenas* expressam seus gostos, desejos, interesses, afetos, necessidade e dificuldades a todo momento, por meio da linguagem corporal, de seus desenhos, da arte, de suas brincadeiras e de todas as suas formas peculiares de expressão. Para que a cultura da infância seja plenamente incorporada no interior das instituições de educação infantil, faz-se necessário que o adulto considere a criança como plenamente capaz, autônoma e pessoa sujeito de direitos. Pela observação reflexiva das ações das crianças, de suas falas, de suas demonstrações de bem-estar, prazer e incômodos, faz-se necessário que os adultos planejem ações na escola que reconheçam esses interesses e que sejam capazes de interpretar suas linguagens, considerando suas singularidades, criando situações em que possam ser livres para expressarem-se, compreenderem o mundo e a si mesmas, relacionarem-se com o outro e desenvolverem a afetividade, para lidar com suas emoções, em ambientes lúdicos, cuidadosamente planejados, nos quais os desafios, as interações, as brincadeiras e a livre expressão da corporeidade possam acontecer de forma rica e segura. Ambientes planejados, acolhedores, humanizadores e integrados às necessidades coletivas são importantes para a educação de qualidade social.

2. LEGISLAÇÃO, ATOS NORMATIVOS E DOCUMENTOS OFICIAIS
DE REFERÊNCIA.

Os estudos que embasam a Proposta Curricular do Município de Jundiaí para o segmento de 0 a 3 anos foram orientados pelas seguintes leis, atos normativos e documentos:

• Constituição da República Federativa do Brasil, de 05/10/1988 (Constituição Federal/88);

• Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n.º 8.069 de 13/07/1990;

• Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9394 de 20/12/1996 (LDBEN 9394/96);

• Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica n.º 20 de 11/11/2009 (Parecer CEN/CEB 20/2009);

• Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara da Educação Básica, de 17/12/2009 (Resolução 5/2009);

• Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, Volumes 1 e 2, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006;

• Parâmetros Básicos de Infraestrutura para as Instituições de Educação Infantil, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006;

• Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2ª Edição, 2009;

• Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2009;

• Plano Municipal de Educação de Jundiaí (PME), Lei n.º 8.446 de 24/06/2015;

• Plano Nacional pela Primeira Infância, Rede Nacional Primeira Infância, dezembro de 2010;

• Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, Novembro de 2010;

• Processo de Gestão da Alimentação Escolar para Unidades Escolares de 0 a 3 anos, Prefeitura de Jundiaí, Secretaria Municipal de Educação, 2015;

• Manual de Boas Práticas para Atendimento na Educação Infantil, Prefeitura de Jundiaí, Secretaria Municipal de Educação, 2015;

• Decreto nº 23.548/2011 – Regulamento de Atendimento de Crianças de 4 meses a 5 anos nas Escolas Municipais de Educação Básica de Jundiaí, Prefeitura de Jundiaí, Secretaria Municipal de Educação, de 05/12/2011;

O estudo foi pautado pela necessidade de se compreender e ou explicitar a concepção de educação, de escola, de infância e de educadores da infância; a gestão democrática; adaptação e acolhimento; princípios e dimensões; organização de tempos e ambientes; saberes essenciais e avaliação. Assim destaca-se, fundamentalmente que na Constituição Federal, em seu artigo 205:

"A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN n. 9.394/1996, em seu artigo 1º,

"A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais".

Que o documento curricular também está pautado no princípio da inclusão e, conforme artigo 58 da LDBEN:

"Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação": § 1º: Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. (...) § 3º: A oferta de educação especial, dever constitucional do estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (...)

No artigo 60, da mesma lei, em parágrafo único:

"O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo".

No entanto, a qualidade desse atendimento somente será possível mediante uma gestão democrática efetiva, conforme os artigos 3º da LDBEN e 206 da Constituição Federal, na gestão será garantida a participação da comunidade escolar na elaboração, no acompanhamento e na avaliação da proposta pedagógica, em colaboração com as diversas representações, como associação de pais e mestres e conselho de escola.

E que, a finalidade das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil -DCNEI, em seu artigo 3º é definir que,

"O currículo da educação infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade".

O presente documento validou essas prerrogativas, dando visibilidade no desenvolvimento integral da criança, tendo ainda como base o que determinam as DCNEI em seu artigo 1º:

"Na efetivação desse objetivo, as propostas pedagógicas das instituições de educação infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

I – a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;

II – a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;

III – a participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização;

IV – o estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;

V – o reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;

VI – os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição;

VII – a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação;

VIII – a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América;

IX – o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;

X – a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes".

Orienta-se pelos princípios previstos nas DCNEI, no artigo 6º em que: As propostas pedagógicas de educação infantil devem respeitar os seguintes princípios:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

E, ainda, pelo artigo 8º. ao expressar que:

"A proposta pedagógica das instituições de educação infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças".

Em consonância**,** a instituição de educação infantil deve, constantemente, avaliar suas ações e seus percursos, de acordo com as DCNEI, em seu artigo 10º:

"as instituições de educação infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;

II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);

III - a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de educação infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/ensino fundamental);

IV - documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na educação infantil;

V - a não retenção das crianças na educação infantil. A avaliação de uma instituição de educação infantil, neste ínterim, deve ter o intuito de desenvolver e ampliar as diversas formas de as crianças conhecerem o mundo e se expressarem, garantindo seu pleno desenvolvimento e respeitando suas capacidades.

Considera-se, também, que Indicadores da Qualidade na Educação Infantil contribuem para a consolidação do conceito de qualidade da educação a ser oferecida e ao processo de construção de conhecimentos. O texto ressalta que a instituição de educação infantil é um espaço de convivências, experiências e aprendizagens. Nela, as crianças socializam, brincam e convivem com a diversidade humana. O Documento reitera que:

"Quanto mais pessoas dos diversos segmentos da comunidade se envolverem em ações para melhoria da qualidade da instituição da educação infantil, maiores serão os ganhos para as crianças, a sociedade e a educação brasileira".

Já os Parâmetros de Infraestrutura ensejam que:

"O trabalho, portanto, busca ampliar os diferentes olhares sobre o espaço, visando construir o ambiente físico destinado à educação infantil, promotor de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e que facilite a interação criança-criança, criança-adulto e deles com o meio ambiente. O espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, brincável, explorável, transformável e acessível para todos". (p.8)

Dessa maneira, a proposta curricular assume a responsabilidade de tornar creches em espaços privilegiados de convivência, de construção de identidades coletivas e de ampliação de saberes de diferentes naturezas, por meio de práticas que atuam como recursos de promoção da equidade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais, no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância.

As escolas de educação infantil têm como objeto as relações educativas num espaço de convívio coletivo, cujo sujeito prioritário é a criança. Destaca-se, assim, que essas relações são perpassadas pela função indissociável do cuidar e do educar, tendo em vista os direitos e as necessidades próprias das crianças, no que se refere à alimentação, saúde, higiene, proteção e ao acesso ao conhecimento sistematizado.

Dessa forma, a proposta curricular deve oportunizar a valorização do lúdico e as culturas infantis, para garantir que as crianças tenham experiências variadas com as diversas linguagens, reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. Devem também contemplar o brincar em diferentes espaços (pátios, quintais, praças, bosques, jardins, praias), permitindo a construção de uma relação de identidade, reverência e respeito com a natureza.

O acesso a espaços culturais diversificados, como a inserção em práticas culturais da comunidade, participação em apresentações musicais, teatrais, fotográficas e plásticas, visitas a bibliotecas, brinquedotecas, museus, monumentos, equipamentos públicos, parques, jardins, também devem ser considerados na proposta curricular.

3. CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA.

As escolas de Educação Infantil devem cumprir sua função sociopolítica e pedagógica, conforme determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009). Nelas, a criança é sujeito histórico, potente e de direitos.

Nesse sentido cada criança possui personalidade própria, interesses e gostos particulares que conferem a ela individualidade, transformando-a em um ser "único" entre seus pares. Busca compreender a si mesma e ao mundo, sentindo-o e pensando-o de um jeito próprio.

A criança interage desde cedo com as pessoas e com o meio em que vive, revelando esforço para compreender o mundo e as relações contraditórias que presencia, apropriando-se da cultura não como mera expectadora, mas (re) construindo-a.

Ela necessita ser protegida, respeitada em seus interesses, potencialidades e necessidades, segundo seus próprios tempos e ritmos. Deve ser atendida com prioridade, tornando-se o centro de todo o planejamento pedagógico.

Segundo Lev Vygotsky (1896-1934), o *brincar* na educação infantil tem sua origem naquilo que a criança vive no seu dia a dia, nas interações com seus pares, com os adultos e com o meio.

O brincar possibilita o processo de aquisição e ampliação de conhecimento, de comunicação, do repertório de atuação, num mundo de fantasia e imaginação, produzindo e reproduzindo culturas próprias da infância. Facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo uma relação estreita entre a brincadeira e a aprendizagem.

Ao brincar, a criança tem o direito de tomar decisões, expressar sentimentos, individualidade, identidade, valores, conhecer a si e aos outros, usar o corpo, os sentidos e os movimento; tem direito de criar e solucionar problemas, bem como desenvolver várias linguagens. A criança usa a brincadeira para expressar-se, aprender e desenvolver-se. Enfim, brincar é o ato que dá oportunidade de atribuir significados, principalmente por meio do corpo em movimento e do jogo simbólico.

3.1 Educadora e educador da Infância.

"Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de suas conquistas, enfim, de sua vida." (LEONARDO BOFF, 2005)

É primordial que a educadora e o educador da infância tenha uma base sólida de formação e conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e a natureza humana – como a criança de até 3 anos de idade aprende e desenvolve-se, e quais são suas necessidades de vínculo, seu ritmo, seu acolhimento e seus cuidados essenciais, reconhecendo a plenitude e a intensidade do ato de cuidar e educar para a complexidade e diversidade.

Dentre suas prioridades, a educadora e o educador da infância precisam levar em consideração a proteção e o respeito à criança e à sua infância, sendo contrário ao autoritarismo, distanciamento, desafeto, senso comum e à negligência no planejamento e na realização de seu trabalho cotidiano.

É necessário que a Educadora e o Educador da Infância reconheçam a importância de possibilitar às crianças oportunidades diversas de brincar espontaneamente, tornando-se referência a elas durante as brincadeiras, favorecendo o desenvolvimento corpóreo, cognitivo, emocional e autônomo. Para que isso aconteça, é fundamental adotar a postura de adulto brincante (BRASIL, 2012), ampliando seu olhar, levando o brincar desenvolvido por essas crianças a sério, lembrando-se que elas também são produtoras de cultura.

Além disso, a educadora e o educador da infância precisam ser sensíveis em relação à diversidade cultural que poderão encontrar entre crianças e suas famílias, visto que sua atuação não é neutra e produz efeitos sobre a formação delas. Com essa atuação, busca-se articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental e outros a fim de promover o desenvolvimento integral delas.

Segundo o filósofo e pedagogo Dermeval Saviani (2013), deve-se dar condições para que a criança se desenvolva, respeitando sua individualidade e considerando suas dimensões biológica, subjetiva, física e psicológica.

Para que essa ação educativa cumpra seu objetivo, é essencial que a educadora e o educador da infância sejam observadores, pesquisadores e que atuem como mediadores e articuladores no processo de aquisição de conhecimento, que promovam para a criança a reflexão sobre as experiências vividas, buscando provocar mudanças e ao mesmo tempo criar condições para seu desenvolvimento. Nesse contexto, há necessidade de estarem atentos à complexidade do processo de desenvolvimento infantil, devendo, portanto, utilizarem-se de diversas formas de registros, para acompanhamento das crianças e consolidação de sua práxis educativa.

A educadora e o educador da infância precisam ter consciência do seu papel e responsabilidade num processo contínuo de autoeducação, valorizando em sua prática momentos de troca de conhecimentos com seus pares. Devem também ser leitores de símbolos e significados infantis que constantemente buscam posturas que favoreçam as relações dialógicas e de construções de saberes. Isto implica em aprender a observar e a traduzir as diferentes manifestações de cada criança, de forma a planejar as práticas pedagógicas. Nesse sentido, é importante compreender a criança como um ser único, singular, um indivíduo capaz de se relacionar com pessoas, objetos e ambientes, que medeiam seu desenvolvimento integral.

Partindo de uma relação mais humanizada, estabelecem com a criança uma relação de afeto, e, por meio do olhar, da fala, do toque e, consequentemente, ao estabelecerem relações de confiança, o vínculo se consolida.

Para que esse vínculo seja estabelecido, é necessário que também desempenhem junto às crianças o cuidado. O ato de cuidar, não sendo uma ação de menor importância, precisa ser reconstruído e entendido na origem e no real significado do termo, uma vez que, essa atitude se dá quando a pessoa de quem se cuida, tem importância para quem cuida.

Segundo o teólogo e professor Leonardo Boff (2005), cuidado significa "cura", em latim "coera", e era utilizada num contexto de relações humanas de amor e amizade.

Buscando atuar em seu trabalho de cuidar de forma mais humanizada, tendo uma nova visão sobre o profundo significado dessa ação, a educadora e o educador da infância poderão atingir a essência humana, de sensibilidade e solidariedade, em si e no outro. O momento do banho, da troca, da alimentação, ou seja, de quando se atende às necessidades mais básicas do corpo da criança são grandes oportunidades para estabelecer esse vínculo.

A relação que se estabelece nesses momentos pode ser de grande prazer para os envolvidos – quem cuida e quem recebe o cuidado –, mas, para isso, é necessário que a educadora e o educador da infância possam interagir com a criança por inteiro, entendendo o grande valor desse momento.

Além disso, têm a responsabilidade de proporcionar um ambiente que atenda às necessidades e desejos das crianças, e promova as brincadeiras, o movimento, a exploração e a interação com o espaço, com os objetos e com o outro, de forma mais independente, respeitando o tempo e a maneira de pensar da criança, e não do adulto.

É necessário que criem situações de interações cotidianas a fim de provocar nas crianças a necessidade e a vontade de vivenciar situações de aprendizagem no coletivo e individualmente.

Por fim, a educadora e o educador da infância participativos, atuantes, brincantes, atentos e sensíveis, que observam e interagem com as individualidades e especificidades da criança, trazem, após a reflexão, novas ações para sua prática educativa. Essa atitude de constância e equilíbrio irá desenvolver o sentimento de confiança em relação ao outro, garantindo a qualidade do vínculo que estabelecem com a criança, promovendo o respeito, a observação, a escuta atenta e a segurança afetiva.

4. CONCEPÇÃO DE ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL.

4.1 Percurso Histórico.

A educação pública municipal de Jundiaí, de 0 a 3 anos, desde muito cedo esteve ligada à Secretaria Municipal de Educação. Mesmo estando histórica e culturalmente atrelada ao assistencialismo, com a publicação da Constituição Federal e a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as creches da cidade passaram a fazer parte da secretaria da educação, sendo conhecidas na época como UMEIs (Unidades Municipais de Educação Infantil). No ano de 1998, com o Regimento Comum das Escolas Municipais de Educação Básica de Jundiaí (decreto Municipal 16.664 de 28/01/1998), as unidades escolares passaram para EMEB (Escola Municipal de Educação Básica), em cumprimento à LDBEN n. 9.394/1996.

A princípio, entendia-se cuidar e educar separados, onde as auxiliares de serviços operacionais (pajens) cuidavam das crianças e as professoras educavam. A lei nº 3.067/1987 que criou o cargo de auxiliar de serviços operacionais, atribuía a essas profissionais, além da tarefa de cuidar da higiene de crianças, colaborar nas atividades recreativas, vigiando-as e orientando-as nos espaços das

creches municipais, auxiliando na hora das refeições, medicamentos e outros serviços públicos não ligados à educação. Esses profissionais poderiam ser alocados em diversas secretarias. A escolaridade exigida para esse cargo era a antiga 4ª série do ensino fundamental. Tudo isso revela que o cargo não estava exclusivamente voltado ao desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças. O entendimento do educar se resumia ao tempo que a criança passava com o professor (recreacionista) na sala, conhecida como "sala de recreação". Não havia hora de estudos direcionada a esses profissionais, apenas um momento semanal, onde todos os funcionários da creche reuniam-se com a diretora, aproximadamente por 60 minutos, para algumas orientações e recados administrativos, mas não regulamentado em lei. No levantamento de dados foi possível constatar que o professor sempre esteve presente no trabalho com essa faixa etária havendo, inicialmente, um professor por turno, que desenvolvia as atividades educativas em todos os grupos da creche por volta de 30 a 60 minutos por dia.

O diretor de escola orientava o trabalho com as crianças e as rotinas/planos de trabalho. Depois, organizou-se essas escolas com um professor para atender a cada dois grupos, no período da manhã. Em 2013, cada turma passou a ter um professor, já em 2007, o Plano de Cargos, Empregos, Carreiras e Remuneração (lei 6.897/2007) foi revisado e o cargo de agente de serviços operacionais (pajem) foi trocado de nomenclatura passando a denominar-se "monitor de creche". As atribuições também foram revisadas indicando uma postura mais educacional e menos operacional. Todas as atribuições convergiram para o trabalho especifico na creche, ressalvando o atendimento a idoso que permanecia atrelado a esse cargo.

Com a Lei nº 7.827, de 29 de março de 2012, houve outra reformulação do plano de cargos da administração direta da Prefeitura de Jundiaí e o cargo de monitor de creche foi renomeado para "agente de desenvolvimento infantil" (ADI). Dessa vez, todas as ações ficaram voltadas para o trabalho com as crianças da creche. O sistema educacional direcionou o cargo às funções pedagógicas/educacionais e formações especificas da área de atuação. Nesse mesmo ano, na mesma lei, houve redução da jornada de trabalho de 40 horas para 33 horas semanais, sendo regulamentada pelo Decreto nº. 24.965 de 23/04/2014, com três horas reservadas para a formação permanente. Até o momento, a administração direta não exige formação inicial em Pedagogia como requisito de ingresso e permanência para o cargo de ADI. Como alternativa de cumprimento à exigência federal, o município, desde 2013, oferta bolsa de estudo em Pedagogia para aqueles que tiverem interesse em graduar-se. Outra situação importante a ser observada na mudança da concepção da creche é que a função de coordenador pedagógico foi incluída nesse segmento. Com a presença desse profissional, a atenção e a qualidade do acompanhamento do trabalho educacional ficaram valorizadas, pois sua atividade é voltada exclusivamente à ação pedagógica educacional. Em 1999, três coordenadoras pedagógicas atuavam nas quinze creches, sendo que cada unidade era atendida somente um dia por semana. Em 2006, a coordenadora passou a atender duas escolas e, a partir de maio de 2009, algumas creches passaram a ter sua própria coordenadora, enquanto outras coordenadoras atendiam duas creches. Esse processo foi concluído em 2010, quando cada creche passou a ter sua própria coordenadora pedagógica, função estabelecida em caráter de cargo de confiança, regulamentada pelo decreto 23.318, de 24 de agosto de 2011.

Em 1994, junto ao lançamento do Plano Decenal, foi lançado pela Secretaria Municipal de Educação o texto norteador do trabalho de capacitação dos professores da rede municipal de Jundiaí. Nessa publicação, a SME informa o percurso da reorganização da rede municipal de ensino, como revisão curricular, baseada no referencial teórico de Jean Piaget, denominado no Brasil de construtivismo, reflexões sobre o processo educativo e formas da capacitação dos professores. Entre 1995 e 1997, foi lançada a versão preliminar do currículo de educação infantil de Jundiaí. Notam-se mudanças nas formas de pensar a avaliação e a ação docente no processo educativo das crianças. Essa versão preliminar teve influência na elaboração do RCNEI/MEC, que foi publicado em 1998, e que valoriza a função educativa do atendimento de 0 a 3 anos, fundamentando as concepções de criança, educação Infantil e de professor, além de definir os objetivos gerais da educação infantil.

Em 2003, foi lançado o documento Metas de Aprendizagem de Educação Básica, com expectativas de aprendizagens de 0 a 3 anos. Em 2004, com base nesse mesmo documento, foram elaboradas as *expectativas de aprendizagens* para todos os grupos de 0 a 3 anos, nele a concepção do cuidar e do educar são expressos como indissociáveis.

Em agosto de 2011, foi lançado o documento Proposta Curricular Jundiaí – Educação Infantil de 0 a 3 anos, que já delineava a concepção de educação segundo as DCNEI-2009. Naquele ano, também foi alterada a denominação dos grupos: Berçário, mini grupo, Maternal 1 e Maternal 2 para Berçário, Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3.

Em 2014, por meio do decreto 24.649, de 30 de outubro de 2013, sete creches passaram a funcionar em período parcial, atendendo a uma demanda de famílias com outras configurações de organização e horário de trabalho, incentivando o equilíbrio de convivência da criança entre a família e a escola. Nelas, houve mudança na rotina de trabalho com as crianças, com professores atuando nos dois períodos, além de ter dobrado o atendimento ao número de crianças. A Secretaria Municipal de Educação, em 2015, passou a organizar o processo de construção coletiva da nova Proposta Curricular do Município, alinhada com a Pedagogia Crítica, à luz dos atuais estudos da infância e da educação infantil.

4.2 Concepção de escola.

A concepção de escola de educação infantil está apoiada na Pedagogia Crítica, participativa, cidadã e democrática, que entende, respeita e afirma as diferentes infâncias, garantindo o respeito à diversidade e à singularidade. O princípio básico é de compreensão da criança como sujeito de aprendizagem e não como ser passivo. Com isso, todas as ações devem ser pensadas para atendê-la, o que implica repensar a arquitetura de construção do prédio (planeja-

mento físico), os recursos humanos, a relação adulto-criança, a alimentação, os recursos materiais, a organização e os equipamentos e a organização de tempos e ambientes. Ao falarmos em concepção de escola, é imprescindível pensar em corporeidade. Assim sendo, as educadoras e os educadores da infância devem compreender e respeitar o fato de que corpo e mente integram um único organismo – "sem viver concretamente, corporalmente, as relações espaciais e temporais de que a cultura é repleta, fica difícil falar em educação concreta, em conhecimento significativo, em formação para a autonomia, em democracia e assim por diante" (FREIRE, 2008, p. 14).

Ao respeitar as expressões da criança em suas múltiplas linguagens, oportuniza-se e assegura-se que ela seja produtora de cultura e conhecimento. Essa escola deve atender a uma concepção de infância abrangente e de educação democrática, que tenha em sua ação a valorização dos princípios éticos, da autonomia da criança, da solidariedade, do respeito ao bem comum e ao meio ambiente. As crianças vivenciam o mundo, constroem conhecimentos, expressam-se, interagem e manifestam desejos e curiosidades de modo bastante peculiar. Para tanto, Oliveira (1993, p. 60) ressalta que

"o currículo busca articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade por meio de práticas planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano das instituições".

Essa mesma definição de currículo defendida nas DCNEI-2009 põe o foco na ação mediadora da instituição de educação infantil como articuladora das experiências e saberes das crianças e dos conhecimentos que circulam na cultura mais ampla e que despertam o interesse delas.

O cotidiano das unidades de Educação Infantil, como contextos de experiências, aprendizagem e desenvolvimento, requer a organização de diversos aspectos: os tempos de realização das atividades, os ambientes em que essas atividades transcorrem (o que inclui a estruturação dos ambientes internos, externos, de modo a favorecer as interações na exploração que fazem do mundo) e os materiais disponíveis. Deve-se levar em consideração as maneiras que educadoras e educadores da infância, em constante formação, exercem seu papel (organizando o ambiente, ouvindo as crianças, oferecendo materiais, sugestões, apoio emocional, promovendo condições para a ocorrência de valiosas interações e brincadeiras criadas pelas crianças etc.). Para que tudo isso ocorra, são necessários educadoras e educadores da infância atentos, sensíveis, cuidadosos e comprometidos. De acordo com Oliveira (2002, p. 7), a criança é o centro do planejamento curricular, considerada um sujeito histórico e de direitos e desenvolve-se nas interações, "[...] nas relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere".

Nesse processo, é necessário oferecer às crianças uma escola que valorize as interações e as brincadeiras, e oportunize o desenvolvimento das múltiplas linguagens, respeitando as culturas infantis. Oferecer condições para que elas construam seu conhecimento e sua própria cultura, bem como suas formas de agir e pensar que são marcantes no contexto histórico em que se vive.

4.3 Recursos materiais, equipamentos e organização.

"O espaço é físico e material, porém, inexiste sem suas dimensões culturais, históricas e sociais. Portas, janelas e pisos, casas ruas e cidades, todos configuram teoricamente um espaço, mas são as pessoas, objetos, cores, texturas, cheiros e sons que o qualificam como ambiente. Do objeto à paisagem urbana – a percepção, a cultura, e os costumes são determinantes na configuração espacial, caracterizando as atividades e as relações sociais que ali se estabelecem. O homem, ao fazer uso desse espaço, transforma-o em ambiente". (FREYBERGER, 2005, p. 17).

Toda escola tem de ser promotora de aventuras, de descobertas, de criatividade. Os recursos materiais e equipamentos levam a uma importante reflexão sobre a qualidade e diversidade do que é oferecido nas escolas de educação infantil. A criança, como sujeito da ação, constrói sua aprendizagem por meio do brincar e das interações. Dessa forma, a organização dos materiais e equipamentos dentro dos ambientes educativos precisa favorecer essa aprendizagem. É preciso proporcionar à criança contato com a diversidade dos materiais, suas formas, texturas, cores, seus tamanhos e outras especificidades que a ajudem a conhecer o mundo. Tanto a funcionalidade quanto a organização dos ambientes e materiais devem ter o propósito de educar e ser construído para e com a criança, tendo em vista que os sujeitos envolvidos no processo educativo transformam e são transformados nas e pelas experiências significativas. Os brinquedos e os materiais oferecidos na educação infantil precisam apresentar condições de segurança, durabilidade, acabamento e resistência à manipulação. Precisam ser adequados à faixa etária e estar em boas condições de uso, sendo importante manutenção, reposição e higienização quando necessário.

É importante que cada escola tenha os insumos necessários para a plena realização de seu Projeto Político-Pedagógico (PPP). O mobiliário deve estar adequado à faixa etária, com móveis, estantes e prateleiras acessíveis ao alcance das crianças. As salas devem ter iluminação e ventilação adequadas, além de espaços seguros e aconchegantes que possibilitem às crianças ampla circulação, interação e acesso aos materiais, oferecendo inúmeras possibilidades de exploração num ambiente que proporcione a mobilidade e o contato visual com o espaço externo e a natureza.

No prédio, deve haver proteção adequada em instalações elétricas, hidráulicas, vidros, espelhos, escadas, janelas etc. Tudo deve ser cuidadosamente planejado. As entradas de energia elétrica devem estar nas paredes em locais altos, fora do alcance das crianças. Para as tomadas baixas, basta utilizar protetores. Os ambientes devem ser seguros e conservados, com a garantia de conforto térmico e a ine-

xistência de objetos perigosos. A conservação e a higiene dos materiais, brinquedos, utensílios, espaços devem fazer parte dos procedimentos diários. A limpeza é essencial e o uso de produtos químicos deve ser cuidadosamente planejado, observando até mesmo questões relacionadas a sensibilidades e alergias, seguindo as normas e os padrões de limpeza em vigor.

Pesquisas e práticas afirmam a importância de se promover uma educação de qualidade para todas as crianças, o que envolve também o ambiente construído. Como afirma Frago (1995), referindo-se ao espaço escolar, esse não é apenas um cenário onde se desenvolve a educação, mas sim uma forma silenciosa de ensino. Na contemporaneidade, é importante ampliar os diferentes olhares sobre o espaço e o ambiente, que precisam ser destinados a favorecer descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem, facilitando as interações criança-criança, criança-adulto, criança-objeto e delas com o meio ambiente. Um espaço lúdico, dinâmico, vivo, brincável, explorável, transformável, e acessível para todos.

Nessa concepção, o projeto de construção e a reforma de escola de educação infantil deve contar com a participação da comunidade educacional, visando compartilhar os saberes e experiências daqueles que vivenciam os espaços, além de incorporar a reflexão sobre o perfil pedagógico da instituição. Na LDBEN-1996, a construção e a conservação das instalações escolares são incluídas nos orçamentos de educação. A partir daí, uma série de documentos legais vem sendo produzidos com o objetivo de definir ou redefinir critérios de qualidade para infraestrutura das unidades destinadas à educação da criança de até 6 anos. Sendo assim, engenheiros, arquitetos, juntamente com a equipe educacional devem estar de acordo com a legislação vigente para elaboração de projetos de construção e reformas da instituição pretendida.

4.4 Tempos e ambientes.

"Organizar o cotidiano das crianças da educação infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam como essas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Esse conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disso, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverá lhe dar suporte. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 17).

A constituição de um ambiente implica em vários aspectos ou dimensões, que estão integrados, considerando a faixa etária atendida:

• Dimensão interacional: as interações sociais são elementos determinantes da aprendizagem. Por isso, precisa ser levada em consideração a organização do ambiente bem como o trabalho de planejamento.

• Dimensão física: é todo o espaço real e a organização dada ao mesmo, levando em consideração a qualidade sensorial oferecida.

• Dimensão temporal: compreende na organização do tempo e os momentos em que os diferentes ambientes serão utilizados, bem como a distribuição das atividades ao longo da rotina diária.

• Dimensão funcional: considera a forma de utilização dos diferentes ambientes, sua polivalência, sua flexibilidade e os tipos de experiência que podem ocorrer nelas.

• Dimensão estética: considera a arquitetura para a utilização e disposição das produções artísticas, materiais e mobiliários, bem como as possibilidades de arranjos espaciais e físicos.

O ambiente precisa ser cuidadosamente preparado de modo a contemplar a segurança e o acolhimento da criança; a superação de obstáculos e a promoção de desafios para a sua exploração; a valorização das produções infantis e todas as demais marcas da infância, nas mais diversas formas de expressão e na composição estética do ambiente; as diversas funções dos espaços e a acessibilidade de materiais para as crianças nas diferentes idades; a diversidade das propostas nos ambientes: momentos coletivos, em grupo ou individuais; os eventos de interações sociais prolongadas e criativas e ambientes para cada criança ter sua individualidade; a presença de objetos que permitam à criança ter contato com elementos de outras culturas e o convívio com uma diversidade maior de valores estéticos; a visibilidade do ambiente exterior; o convívio com o meio externo e os elementos da natureza necessários à saúde e à qualidade de vida.

Um dos principais objetivos do trabalho com o tempo são as relações que a criança estabelece para começar a diferenciar seu tempo interno do tempo externo, construindo também, hábitos sociais coletivos e situando-a na diferenciação dos momentos do dia a dia. As experiências com relação ao tempo devem ser cuidadosamente planejadas para torná-lo prazeroso, caracterizando-se como um convite à criança na interação com seus pares, a fim de estabelecer equilíbrio entre envolver-se em propostas por conta própria e construir algo em conjunto; dedicar-se a propostas mais espontâneas e envolver-se em situações dirigidas pelas educadoras e pelos educadores da infância; oportunizar variedade, diversidade e regularidade das atividades ao longo do tempo, favorecendo maior familiaridade com algumas delas e apropriação de conhecimentos pelas crianças.

Ressalta-se a importância da flexibilização do tempo e da rotina, pois quando as crianças envolvem-se nas experiências propostas, dão significados a elas, sendo capazes de ficar muito tempo interessadas. Isso desconstrói a ideia de que elas são dotadas de uma capacidade de atenção reduzida. As crianças de até 3 anos precisam de tempo também para participar de seus cuidados de forma significativa. Elas não podem ser apressadas e mecanizadas nos atos de comer, lavar as mãos, tomar banho, usar o banheiro, escovar os dentes e trocar de roupa. Essas aprendizagens despertam interesse e exigem tempo individualizado.

4.5 Educação infantil e valorização dos saberes.

A escola deve possibilitar o desenvolvimento integral das crianças e isso significa aprendizagens para além das habilidades e competências, anteriormente buscadas. Nesse sentido, o estabelecimento de expectativas e metas, por idades e grupos deve ser descartado, já que a aprendizagem é um processo contínuo e que ocorrerá por meio das interações, com crianças de idades variadas dentro de um mesmo grupo ou grupos diversos. É oportuno registrar que, quando se estabelece meta ou expectativa para um grupo, homogeneizamos os processos e responsabilizamos a criança se, eventualmente, ela não atinge o estabelecido ao coletivo, desconsiderando seu percurso individual. É necessário que as propostas tenham a intenção de ampliar os saberes das crianças por meio das diferentes linguagens e todas as suas formas de expressão. Para a criança, permanecer imóvel por muito tempo pode ser prejudicial à sua aprendizagem, pois por meio da expressão corporal e ao experimentar os desafios motores, ela desenvolve-se.

No contexto educativo, as DCNEI-2009 (p. 25) indicam que "as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira", as quais devem ser observadas, registradas e avaliadas. Sendo assim, educadoras e educadores da infância devem promover novas experiências e novas vivências, num contexto social diverso, que busque apresentar texturas, formas, cores, sons, aromas e variadas manifestações culturais e expressivas.

5. ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO, EDUCAR E CUIDAR, RELAÇÃO COM A FAMÍLIA E A COMUNIDADE.

"É certo que, desde que vem ao mundo, o bebê interage de diferentes maneiras no ambiente físico e social que o cerca. Entretanto, seu ingresso em uma instituição de caráter educativo o fará experimentar, forçosamente e de forma sistemática, situações de interação distintas das que vive com sua família. Ao separar-se de sua mãe/pai, para interagir com outros adultos e compartilhar o mesmo espaço e brinquedos com outras crianças, vai conviver com ritmos nem sempre compatíveis com o seu e participar de um universo de objetos, ações e relações cujo significado lhe é desconhecido." (OLIVEIRA, 2001, p. 26)

A entrada na escola constitui uma situação nova para todos os envolvidos: crianças, famílias, educadoras e educadores. A escola e a família têm o importante papel no processo de adaptação, que é necessária e indispensável, pois proporciona um melhor acolhimento e a inserção da criança no contexto educativo.

A relação escola-família na educação infantil é firmada desde o início do processo de matrícula. O diálogo deve permear essa relação que precisa ser construída com seriedade, compreendendo que as famílias são coautoras do processo educativo.

Após a matrícula e antes do ingresso da criança na escola, a equipe escolar deve realizar uma entrevista com os responsáveis para conhecer as crianças e estreitar as relações com as famílias, oportunizando sempre que possível a presença de um ou mais adultos do grupo.

As entrevistas devem ser ricas em troca de informações de ambas as partes, em benefício a um ingresso de qualidade. As dúvidas dos familiares devem ser esclarecidas e os anseios precisam ser acolhidos pela equipe. É importante apresentar o espaço escolar e o Projeto Político Pedagógico-PPP, esclarecendo procedimentos e as diferentes formas de participação nas propostas da escola.

Para as crianças, a adaptação é um período de instabilidade e grande transformação, portanto necessitam de um ambiente onde haja segurança emocional, acolhimento e atenção.

A adaptação deve ser vista com seriedade tanto pelas famílias quanto por todos os profissionais da instituição educativa. Há de se levar em conta que todos os envolvidos, crianças e adultos, vivenciam situações de adaptação. O momento de adaptação é o momento de aproximação do adulto e da criança. É importante criar vínculo para que a criança sinta-se segura e se desenvolva plenamente.

Toda ação educadora de adaptação deve estar delineada, discutida e organizada no PPP. A equipe escolar deve prever o que fazer para acolher e adaptar a criança e sua família. O tempo de permanência da criança na instituição deve ser aumentado gradualmente, já que as necessidades de acolhimento são diferentes, porque cada ser tem suas características e precisa de algo específico.

Sabendo que o choro é a linguagem do bebê, conhecer esse choro significa que o adulto está conectado a essa criança, que a ouve e a atende no que precisa. É possível que algumas crianças demonstrem dificuldades como a falta de apetite, a apatia e o desinteresse em participar das propostas educativas no processo de adaptação. Porém, quando não há choro, nem manifestações explicitas de sentimentos, as educadoras e os educadores devem estar atentos, já que pode se tratar de um momento de grande sofrimento.

Durante o processo de adaptação, a permanência de um membro da família ou outro adulto com quem a criança possua vínculo faz-se necessária, devendo-se respeitar o tempo e o ritmo de cada criança. No entanto, é preciso entender que existem famílias que não podem acompanhar a criança nesse processo por um longo período, algo que deve ser considerado. Logo, a equipe escolar deverá criar estratégias diferenciadas tanto com a família que estará disponível durante todo o processo, como com a que apresenta dificuldades nesse acompanhamento.

O uso de paninhos, chupetas, brinquedos e outros objetos de transição, são facilitadores desse processo, mas não devem usados de forma permanente. Consolo é uma forma de cuidado. Quem não foi ou não é cuidado, não tem repertório para cuidar. Os cuidados são aprendidos e são valores constituídos e levados para a vida. Atividades de cuidado são significativas para a criança.

Ser cuidado é um direito da criança e um dever do adulto responsável. A forma como uma pessoa é cuidada a constitui, pois sem cuidados, ela deixa de ser humana. Cuidado, como processo educativo, nada mais é que a atenção com o outro, que faz a pessoa cuidada envolvida

NOVA CONCURSOS

e afetivamente ligada ao outro. Cuidamos e somos cuidados. E o modo como faz isso mostra para a criança quem e como são as pessoas, a cultura e o lugar em que ela vive. Cuidado significa desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção e bom trato.

O cuidar e o educar são indissociáveis. Deve-se cuidar e educar para a autonomia, pois quando se cuida, se educa. No entanto, é necessário lembrar que autonomia não é abandono. Autonomia é educação, é criar condições para que o sujeito faça por si e para si. O adulto é indispensável nessa passagem e, quando não permite que a criança desenvolva seu repertório, ele está descuidando e, consequentemente, não está educando.

O adulto ensina às crianças como viver nesse mundo. Brincar e interagir faz parte do cuidar e do educar. Cada cultura cuida, educa, protege, oferece afeto e convivência, assim como a escola com suas normas e procedimentos específicos.

É fato que as famílias chegam à escola com seus procedimentos próprios quanto ao cuidar e educar as crianças. Dessa forma, muitas vezes, os conflitos acabam sendo gerados, já que o cuidar e o educar são compartilhados. Para que isso não prejudique essa relação, faz-se necessária a negociação, de forma que as crianças se sintam seguras e capazes de lidar com os ambientes da escola e de sua casa. Tal negociação só é possível numa relação horizontal, de diálogos e trocas, em parceria. Ressaltamos que a educação de 0 a 3 anos é constituída por uma comunidade que educa e é um direito da criança.

A escola precisa estabelecer uma relação efetiva com as famílias e a comunidade local para conhecer e considerar, de modo crítico e reflexivo, os saberes, as crenças, os valores e a diversidade de práticas sociais e culturais que cada grupo social tem para educar suas crianças. A creche deixou de ter um caráter assistencialista, mas é imprescindível ter um olhar social e humanizado para as crianças que a frequentam, estabelecendo vínculos, respeitando a diversidade, não no seu aspecto de exclusão, mas de contemplar novas situações que são apresentadas pelas famílias na contemporaneidade.

Uma das especificidades desse segmento é construída em encontros diários, na entrada e na saída, porque o processo educacional é constante, além das reuniões bimestrais ou eventos ocasionais. As relações entre os adultos – pais, educadoras e educadores – não podem ser descuidadas. É preciso momentos de formação para a partilha das dificuldades e a resolução de conflitos, para a comunicação, integração e comemoração dos êxitos.

É importante ter clareza em relação ao que a escola compreende sobre o educar e o que a família espera. Tal clareza permitirá fomentar discussões que irão permear relações de confiança. A escola acolherá não apenas uma criança, mas toda uma família, que está vivendo um processo de transformação. Segundo Barbosa

"...acolher uma criança na creche exige dos diferentes profissionais atenção, competência e sensibilidade nas relações com os bebês e suas famílias. Para isso, é preciso em primeiro lugar respeitar e valorizar as famílias em suas diferentes formas de estruturação e organização e abrir diferentes canais para a participação cotidiana das famílias nas escolas de educação infantil". (BARBOSA, 2010, p. 10),

Concluindo, a presença da família é essencial não só no processo de adaptação, mas em todo o decorrer da vida escolar da criança. Por outro lado, para um bom acolhimento, cabe à escola construir um ambiente estável de colaboração e um clima de confiança, tanto para as crianças quanto para suas famílias e equipe escolar, pois assim conseguirá o bem-estar de todos os envolvidos e, principalmente, a proteção das crianças.

6. PRINCÍPIOS E DIMENSÕES.

6.1 Princípios.

A expressão "princípio", originada do latim *principium*, significa o início, a origem de tudo. Pensando a educação a partir desse conceito, é possível entender os aspectos iniciais e centrais que permeiam qualquer proposta educativa. Nesse sentido, as DCNEI-2009 apresentam os princípios da educação infantil dividindo-os em: éticos, estéticos e políticos. Em consonância com a normativa federal e compartilhando de sua importância e validade, ressaltamos que todas as ações nas escolas municipais de educação infantil devem ser norteadas por esses três princípios.

Os princípios éticos são baseados nas noções de autonomia, responsabilidade e respeito, e determinam que as unidades escolares devam se apresentar como locais de formação de uma criança capaz de entender e aceitar o outro em seus múltiplos aspectos seja eles raciais, de gênero, de idade, religiosos, econômicos e culturais. Para tanto, as crianças devem estar em contato não apenas com a apresentação dos princípios, mas estar exposta a eles por meio das atitudes das educadoras e dos educadores com quem convivem.

Desse modo, as crianças conseguem desenvolver mais claramente a consciência de que as diferenças devem ser tratadas com respeito e passam a compreender que fazem parte do cotidiano. Por isso, no currículo de educação infantil em Jundiaí, não é a cultura da escola que deve prevalecer sobre a das famílias. Existe, sim, a necessidade de que haja respeito mútuo e a consideração de que existem formas diferentes de se educar uma criança. Além disso, a criança, dentro da escola, tem de ser ouvida, e ter direito a explorar suas múltiplas linguagens, e realmente ser vista, tendo seu tempo respeitado, suas experiências garantidas, e sua vontade levada em consideração.

As noções de autonomia, responsabilidade e respeito devem prevalecer em todas as relações, seja entre a equipe escolar e os pais, entre a equipe escolar e as crianças, entre as próprias crianças ou entre os próprios membros da equipe. Nas propostas diárias, além do exemplo, a criança pode conviver com os princípios éticos a partir do momento em que é incentivada a se cuidar e a cuidar do outro, e por meio dos cuidados básicos, exercitar a autonomia (vestir-se, calçar o sapato sozinha, guardar o brinquedo que tirou do lugar), ou no sentido da proteção (ajudar outra criança, brincar junto, dividir o brinquedo, cooperar, solidarizar-se

com o colega), elementos que devem ser trabalhados principalmente pela brincadeira (jogo simbólico) e da linguagem. O princípio ético estende-se também a questões de conservação e respeito ao meio ambiente. Com essa finalidade, ações cotidianas como molhar o jardim, apagar a luz, fechar a torneira, separar o lixo devem ser incentivadas no ambiente escolar. Além disso, as crianças devem aprender que todas as ações humanas geram consequências, como a morte de uma planta ao ser arrancada com sua raiz.

Todavia, o respeito ao ambiente natural não deve limitar à realização de experiências práticas, pois é por meio delas que a criança da educação infantil aprende. No entanto, o que precisa ficar claro para os envolvidos é que não existe uma separação entre o ser humano e o meio ambiente, e o último não está a serviço do primeiro. Ser humano e natureza fazem parte de um todo, estão integrados em uma ação mútua de cuidados. Por isso, na escola, faz parte dos princípios éticos experimentar com as crianças as possibilidades oferecidas pelo espaço da unidade escolar, de forma que elas procurem, conheçam, explorem, não apenas com uma finalidade utilitária, mas também integradora.

Os princípios políticos são tratados, inicialmente, como o ato de educar para a cidadania, o direito de participação e crítica e a liberdade de expressão. Na educação infantil, esses princípios devem ser traduzidos na garantia de um espaço de expressão de sentimentos. Considerando que a educação infantil atende crianças que não possuem completo domínio da fala, essa expressão de sentimentos e de ideias devem ser incentivadas por meio da criação de diferentes espaços, meios e suportes que possibilitem a manifestação das ideias, dos questionamentos e da liberdade criativa. Além disso, para que a criança possa expressar uma opinião sobre algo, é necessário que ela tenha experiências pessoais. Nesse sentido, uma das formas de desenvolver o princípio político é deixar a criança brincar, criando e modificando brinquedos e brincadeiras, pois a criança desenvolve sentidos e significados para as próprias ações e entende o mundo à sua volta.

O olhar e a ação da educadora e do educador da infância não devem ser limitadores no sentido de entender que a criança está fugindo da regra, ou está brincando do jeito errado e sim deveriam manifestar-se como um olhar atento, que percebe as potencialidades e as possibilidades daquilo que a criança está desenvolvendo. O direito à participação também pode ser garantido na forma como o adulto usa a linguagem verbal, gestual e troca de olhares para que a criança compreenda o que ocorre no cotidiano, como a forma de ser trocada, escolha de roupas, assim como sua participação na organização da rotina. Essas ações devem ser estendidas e garantidas a todas as crianças da unidade escolar, independentemente de suas especificidades, pois, novamente, são as experiências de aprendizagem que irão garantir que elas se expressem.

Outro aspecto importante com relação à educação para a cidadania é trabalhar com a criança a compreensão da existência do outro que, assim como ela, possui direitos, deveres, ideias e pensamentos. Obviamente, esse trabalho deve ser feito respeitando os limites impostos pela idade, pelo desenvolvimento específico de cada criança, mas deve acontecer nas unidades de educação infantil nas atividades cotidianas, como esperar o colega escorregar, dividir um brinquedo, perceber que pode fazer o colega chorar, ou que todos devem ajudar a guardar o brinquedo, para que ninguém fique mais cansado. Entretanto, não se espera que a criança compreenda verbalmente essas regras, mas sim que as vivencie e, por isso, a educadora e o educador da infância têm de tomar o cuidado de não privilegiar somente a explicação oral, mas que também criar espaços que possibilitem experiências, de forma que a criança aprenda a se reconhecer como um cidadão.

Os princípios estéticos compreendem a valorização da diversidade, da ludicidade e da criatividade. Considerando que a humanidade já produziu muito conhecimento antes da criança vir ao mundo e que, muitas vezes, as crianças (e os adultos) são influenciadas e pressionadas com noções prontas do que é belo, é necessário que a escola desconstrua essa noção e trabalhe outros conceitos de beleza além dos previamente construídos, postos como ideais. Dentro do ambiente educativo, superando a ideia de que a criança deve receber conhecimentos prontos, os princípios estéticos devem ser explorados com a finalidade de incentivar a criança à realização de suas próprias experiências criativas, com diferentes meios e suportes, aprendendo a valorizar aquilo que ela e as outras crianças criaram.

Essa valorização ocorre também por meio da apreciação das obras produzidas na escola e daquelas histórica e culturalmente produzidas pela sociedade, pela organização dos espaços educativos e sociais, pelas formas de se vestir, etc. Desse modo, as crianças entendem que sua criação gera um produto ou uma expressão a ser admirada, que há maneiras diferentes e criativas de organizar os espaços e de se vestir. Para isso, a criança precisa ser levada a ter experiências com o corpo, as emoções e os sentidos, utilizando vários suportes, e valorizá-las como sendo arte. Considerando os princípios estéticos, é possível criar uma série de situações lúdicas e agradáveis com as crianças de forma a desafiá-las a expressarem-se por meio de diferentes linguagens (música, dança, teatro, jogos, fotografia, escultura) e a perceber que existem outras expressões além da sua, que apesar de seres diferentes não devem ser julgadas.

6.2 Dimensões da Educação Infantil.

Considerando os atos normativos vigentes, que apresentam os princípios que devem nortear a prática educativa na educação infantil, é possível também fazer referência às dimensões dessa ação, ou seja, a extensão, o alcance, a forma como devem ser trabalhados esses princípios. Nesse sentido, pode-se inferir como dimensões extremamente importantes da educação infantil, a corporeidade, a brincadeira e a interação, que serão apresentadas a seguir:

6.2.1 Corporeidade.

Para se pensar o corpo da criança no contexto educativo, torna-se necessário entender de quem é esse corpo e de que forma se expressa na escola e fora dela. Além disso, é importante olhar para esse corpo de maneira apurada, uma vez que carrega em si as especificidades de sua cul-

tura, as marcas de seu tempo, os desígnios sociais e históricos de um tempo e espaço social. O presente texto pretende um breve diálogo acerca do corpo da criança e da corporeidade no contexto educativo. Para isso, apresenta a perspectiva do corpo como construção cultural, corpo histórico e social.

O sociólogo e professor Miguel Arroyo (2012), ao tratar sobre o conceito de corpos precarizados, afirma que o acesso à escola pública aumentou desde a década passada e, por isso, indaga sobre qual infância e adolescência está chegando as escolas. A resposta é preocupante, pois, segundo ele, são outras vidas e outros corpos mais precarizados do que as crianças e adolescentes que por décadas tiveram o privilégio do acesso à escola. Segundo o autor, é dever ético para a reflexão da prática, olhar esse corpo e trazê-lo como objeto de reflexão inerente à formação profissional docente, entender e aprofundar o que pode significar carregar um corpo faminto, desnutrido e precarizado. Esse corpo do qual fala Arroyo (2010) não deverá ser ignorado por educadoras e educadores da infância e pela equipe gestora. Ao contrário, deverá ser esmiuçado, discutido e, principalmente, constar no currículo para uma pedagogia que priorize o corpo e o movimento.

A concepção de *corpo* trazida para reflexão neste texto é a de Michel Foucault (1926-1984), que o compreende como um objeto de investimento político e ideológico ao longo da história. O autor refere-se a *corpos dóceis*, que são disciplinados e fabricados para a submissão, sujeição. Diferentemente da concepção de corpos da escravidão, esses corpos dóceis não são propriedades, mas são controlados pela disciplina, que dispensa a violência e as agressões. Diferentes também da domesticidade, que é uma relação de dominação constante, da vontade singular do patrão, que se difere também do conceito de vassalo, que é relação de submissão altamente codificada, e que se realiza muito menos sobre as operações do corpo, mas nas marcas rituais da obediência. O corpo dócil sobre o qual Foucault trata é o corpo obediente, com movimentos detalhados, sutil na forma e na disciplina adquirida, é um corpo mais obediente quanto mais é útil e vice-versa. Trata-se, portanto, de um controle político para manutenção de poder, com enfoque em pequenas coisas de modo a controlar e utilizar os homens, levando consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processo e de saber, de descrições, de receitas e dados.

Nessa perspectiva, é possível entender e ver o corpo das crianças na escola, como um corpo histórico e social, que traz em si a coerção, a repressão e a obediência como marca principal. Como acrescenta Rodrigues (1980), o corpo é um suporte de signos sociais, nele estão marcadas todas as regras e normas, os valores e a cultura de uma determinada sociedade. É possível, então, como acrescenta Daólio (1995), pensar no corpo como uma construção cultural, pois cada sociedade expressa-se diferentemente por meio de seus corpos. Assim, entender o corpo é entender os signos e significados de uma determinada sociedade.

Galvão (2012) afirma que o desenvolvimento da criança dá-se por meio do corpo e do movimento e traz-nos contribuições à respeito do que significa o olhar da educadora e do educador da infância para o corpo da criança na escola. A autora afirma que o corpo e movimento são de natureza social, cultural, biológica e histórica, pois é por intermédio dessa simbiose dialética que se constrói o desenvolvimento das crianças pequenas, que se constitui na dimensão espaço temporal e histórico social. A autora afirma também que o desenvolvimento ocorre num processo contínuo e descontínuo, provocando e detonando a complexa maturação do sistema nervoso da criança, tendo em vista seu acabamento e sua formação individual. Nesse limiar, o movimento, que é a abstração pensada, e o pensamento é o resultado das relações entre o biológico e o social. (GALVÃO, 2012). Portanto, é conveniente não pensar esse corpo como estritamente biológico, pois esses diversos elementos citados pela autora complementam-se e apresentam-se como um corpo muito mais completo e complexo na sua individualidade, coletividade e diversidade. A partir desse viés, de um corpo social, cultural, biológico e histórico, é possível dar sentido às práticas na escola que nos impulsionam às ações que farão das crianças protagonistas do seu próprio desenvolvimento.

Marques (2014) ressalta a importância de se conhecer a corporeidade das crianças e se perceber como estão tomando consciência de seus corpos em contextos concretos, virtuais e/ou imaginário, dentro e fora da escola. Para isso, toma como ponto de partida as contribuições de Lefebvre (1996), dos corpos vividos, percebidos e imaginados.

O *corpo vivido*, citado pela autora, relaciona-se ao corpo concreto no contexto escolar, vivido na experiência, e que se constrói nas relações estabelecidas com o outro, adulto ou criança. A criança quando envolvida em seus jogos, brinquedos e suas brincadeiras, vive concretamente seu corpo e, por meio desses mecanismos, relaciona-se com o mundo e expressa sua corporeidade. Segundo a autora, as educadoras e os educadores da infância devem atentar-se às necessidades e preferências das crianças, ao tempo e aos espaços corporais na escola – se são agitadas, se gostam de desafios corporais, se passam o tempo correndo ou se são desaceleradas e preferem as atividades mais seguras. (MARQUES, 2014)

Entretanto, vale ressaltar que as ações das crianças dentro da escola têm relação direta com as experiências fora dela, portanto, seria de grande valia conhecer as famílias e como são os espaços em que vivem. O corpo percebido, citado pela autora, trata a respeito de quais são as percepções corporais que as crianças têm acerca de si, e do quanto isso é influenciado pelo mundo, pois nem sempre o que a criança sente e percebe de seu corpo corresponde à realidade. O interessante é a educadora e o educador da infância perceberem como se dá essa relação entre como vivem e como percebem seus corpos. Sabe-se que é comum nas escolas surgirem piadas de "gordinhos", "magricela", "chorona", e isso deturpa a maneira com que a criança percebe o próprio corpo. Por isso, é importante conhecer tanto a percepção que as crianças têm de si mesmas quanto àquelas expressas por seus pares e adultos cotidianamente.

Outro aspecto importante que Marques (2014) aponta é a concepção de *corpos imaginados*, que sofrem influência nefasta da mídia, pois são apresentados como referência de corpos perfeitos, esbeltos, ricos e de alta performance, o que influencia também o imaginário infantil. Por isso, é extremamente importante que a educadora e o educador da infância conheçam e investiguem esses aspectos que rondam o imaginário infantil acerca do seu corpo. Além disso, é frequente a educadora e o educador da infância esquecerem-se do quanto suas ações são referência para as crianças. É fundamental perguntarem-se o quanto percebem seus corpos e como são suas interações com a criança na escola – Que corpos vivenciam? Como percebem seus corpos profissionais em atuação com as crianças?

Sentem-se cansados, desanimados? Ou, ao contrário, o contato com as crianças os estimula às descobertas de outras possibilidades corporais pessoais? (MARQUES, 2014)

As ações das educadoras e dos educadores da infância refletem diretamente no processo de formação dessas crianças e seus corpos dizem muito a respeito do que são e fazem na escola e fora dela. Dada a influência que o educador exerce na formação das crianças, é imprescindível que ele reflita a respeito da necessidade de ser um corpo lúdico, que brinca com as crianças na escola, pois é dessa ação que emerge a possibilidade de crianças mais ativas no meio escolar. A corporeidade, vista como a dimensão das manifestações expressivas que surgem do corpo histórico e social em movimento, deve ser pensada minuciosamente, pois não se trata de técnicas rígidas e passos formatados, e sim da livre expressão em movimento. Entretanto, pensar a liberdade dos movimentos em ação não significa deixar a criança fazer o que quer, ou fazer por fazer. Segundo Marques (2014), se assim fosse feito, seriam trabalhados valores, atitudes e princípios também opostos, por exemplo, a criança autocentrada, egoísta, sem limites e percepção dos outros e do mundo. No entanto, por detrás dessa ação livre e espontânea do movimento deve existir a intencionalidade de despertar um corpo disposto a sua liberdade, a seu fazer, a sua autonomia.

À luz das experiências de Lóczy (apud FALK, 2004), vale lembrar que a criança precisa ter garantido espaço e tempo para vivenciar seu corpo, suas potencialidades e seus limites. Para isso, não é possível que as educadoras e os educadores da infância estejam apenas presentes, mas que se envolvam nas propostas, sem necessariamente intervir a todo o momento.

"O adulto cuidador está presente no entorno, podendo ser visto pela criança, contudo está centrado em outra atividade. (...) A presença da pessoa de referência em um raio próximo permite às crianças ficarem sozinhas sem se sentirem abandonadas". (LEITE, 2011)

A segurança da criança vai sendo construída por ela ao perceber o cuidado e a confiança que a educadora e o educador da infância transmite a ela, desde os momentos de cuidado com o corpo (banho, trocas, alimentação) até as demais propostas. Devemos sempre antecipar para as crianças, por meio da linguagem, a ação a ser realizada pelo adulto ("Vamos limpar seu nariz?", "Precisamos trocar sua fralda") e durante o ato, ter consciência que o corpo infantil exige sensibilidade e respeito tanto no fazer quanto na comunicação, seja ela, verbal ou gestual. Discutir esse corpo em movimento na escola é ressignificar o universo infantil em desenvolvimento. A criança que brinca e tem autonomia para fazer suas escolhas é corpo. A criança com seus pés na terra, na areia, na grama, no chão, na água, no barro, potencializa seu desenvolvimento, seu corpo, tanto individual quanto coletivamente, além de aprender com a experiência, com as relações estabelecidas entre crianças e entre elas e os adultos.

6.2.2 Brincadeiras.

Brincar é uma forma de expressão e de constituição da pessoa como sujeito. É pela brincadeira que a criança estabelece suas primeiras relações consigo mesma, com o outro e com o mundo. No início da vida, o ato de brincar se dá de maneira involuntária, mas, à medida que a criança desenvolve-se, conquista independência e autonomia em suas ações e percepções. (BRASIL, 1998; OLIVEIRA, 2008). Nesse processo, estabelece vínculos e desenvolve sua identidade influenciada pela cultura na qual está inserida, pois, por detrás de cada gesto, atitude e contato que estabelece existe uma intenção comunicativa, que carrega os sentidos e significados construídos e reconstruídos historicamente por dado grupo na sociedade. (OLIVEIRA, et. al., 2013; ORTIZ, CARVALHO, 2013).

Lev Vygotsky (1896-1934), em seus estudos, ressalta o caráter social do desenvolvimento humano, pois afirma que o sujeito constitui-se nas relações dialéticas, na história e fazendo história e, também, por meio das interações sociais, as funções superiores do pensamento são desenvolvidas. (OLIVEIRA, 2008) Dessa forma, as brincadeiras são oportunidades para as interações e experiências em diferentes linguagens, como a imaginativa, a emocional, a sensorial e a oral. Pela brincadeira, há a possibilidade de se resolver problemas imaginados e reais, aprendendo a viver enquanto se desenvolve e explora o mundo.

As DCNEI-2009 colocam como eixos norteadores das propostas curriculares nas instituições de educação infantil as brincadeiras e as interações. Nesse sentido, "o brincar requer uma condição: é a criança a protagonista que faz a experiência". (BRASIL, 2012, p. 54). A relevância do brincar está no protagonismo da criança em tomar decisões, fazer escolhas, expressar seus sentimentos, desejos, valores, criando e recriando situações. Schlesener (2011) explica que o protagonismo da criança está justamente no seu processo de criação quando dá significados próprios à realidade que a rodeia, questionando as certezas instituídas e construindo o seu modo de compreensão de mundo. Muito se fala da importância do brincar para o desenvolvimento infantil, mas pouco sobre a brincadeira e o adulto. À medida que a vida adulta chega, o trabalho toma conta do ser humano e, normalmente, o ato de brincar fica cada vez mais distante. É como se fosse proibido à educadora e ao educador da infância brincarem, como se essa experiência não combinasse com o mundo do trabalho. No entanto, para o psicanalista Donald Winnicott (1896- 1971), é apenas no brincar que o ser humano usufrui da própria

liberdade para criar. Ao longo da história, o ato de brincar passou da ação experimentada por pessoas de diferentes idades a uma experiência predominantemente da infância. Porém, essa atividade precisa fazer parte do cotidiano das pessoas, para que o sonho e a imaginação não se acabem. Isso não significa infantilizar o adulto, mas potencializar seu papel interagindo criativamente com a criança.

I. Papel do adulto no ato de brincar.

Para exercitar plenamente a ação do brincar na escola é necessário que as educadoras e os educadores da infância tenham claro o seu papel nesse processo, que é o de possibilitar oportunidades de brincar espontaneamente e apresentar modelos para serem imitados. Além disso, eles precisam auxiliar a criança a ampliar o repertório motor, instrumentalizando-a para que possa agir sobre o ambiente e, assim, realizar ações e comunicar-se conforme os signos e símbolos da sociedade a qual pertence. (OLIVEIRA et. al, 2013). A função é mediadora e exercida intencionalmente na organização de espaços, materiais estimulantes e adequados à faixa etária, acompanhamento contínuo, interação com a criança e observação do processo de desenvolvimento. Dessa forma, para observar como se dá a brincadeira, é preciso que as educadoras e os educadores da infância adotem uma postura brincante (BRASIL, 2012), se coloquem à escuta, ampliem o olhar, sensibilizem-se pelo brincar, levem a criança a sério, como sujeito potencial e de direitos sociais, capaz de desenvolver-se integralmente, respeitando o tempo, a cultura em que está inserida e a sua criatividade.

II. Diferentes formas de brincar, brinquedos e brincadeiras.

Nessa perspectiva, não se pode deixar de pensar na relevância de ofertar diferentes materiais para exploração e manipulação, dependendo da intencionalidade do adulto nas situações de aprendizagem. Os materiais não -estruturados possibilitarão à criança inúmeras situações, que potencializem sua criatividade no ato de ressignificar os signos e símbolos que o objeto carrega. "Brincadeiras com sucatas e blocos desenvolvem a criatividade e tais materiais ganham formas variadas nas mãos das crianças, que por meio deles expressam sua visão de mundo". (BRASIL, 2012, p. 41). Afinal, "[...] tudo o que para o adulto é resto, detalhe, descartável, nas mãos da criança torna-se meio de reconhecimento de si e do mundo". (SCHLESENER, 2011, p. 132). Aqui não se trata de excluir os brinquedos industrializados, já que direcionam os modos de brincar, mas de priorizar modos de brincar que propiciem à criança colocar toda a força do pensamento em suas criações e recriações.

De acordo com Oliveira (2008), a criança, em seu desenvolvimento, passa das relações concretas para as associações com conceitos construídos culturalmente nas situações que experimenta, tornando-se capaz de agir em um mundo imaginário em que o significado é determinado pelas relações com o contexto e não pelos elementos concretos presentes. Por esse motivo é que a brincadeira de faz de conta torna-se fundamental para a construção do pensamento abstrato, pois a criança vivencia, muitas vezes, papéis acima de suas capacidades reais ao tentar desempenhar uma conduta regida por regras sociais pré-estabelecidas. Então, pode-se afirmar que o brincar é a forma mais significativa de a criança desenvolver-se e apropriar-se do mundo no qual está inserida, visto que "[...] a criança apreende o mundo com o exercício permanente da imaginação, da fantasia, da sensibilidade". (SCHLESENER, 2011, p. 134)

6.2.3 Interações das crianças no contexto educativo.

O ponto de partida para a discussão sobre as interações será a concepção de criança adotada pelas DCNEI-2009, ao afirmar que a criança é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

"Desde o início da vida, as relações são construídas a partir das interações, isso é, de ações partilhadas e interdependentes. Essas ações estabelecem-se por meios de processos dialógicos, nos quais cada pessoa tem seu fluxo de comportamentos continuamente delimitado, recortado e interpretado pelo(s) outro(s) e por si próprio, através da coordenação de papeis ou posições, dentro de contextos específicos". (ROSSETI FERREIRA, 2004, p. 24)

Para Lev Vygotsky (1896-1934), pioneiro na análise de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais, duas linhas entrecruzam-se no desenvolvimento do ser humano: o desenvolvimento biológico e o desenvolvimento cultural. Isso significa "compreender que a singularidade do ser humano, enquanto um sujeito histórico-social constitui-se por meio das relações sociais, pela ação do trabalho e pela utilização de elementos semióticos". Para o autor, o processo de interação pressupõe a existência de uma ação partilhada entre os sujeitos, na qual ambos constituem-se em sujeitos ativos.

Tal processo, de cunho essencialmente social, precisa ser compreendido dentro de uma dinâmica entre os sujeitos, na qual os significados emergem em decorrência de uma ação conjunta, resultante dos (des)encontros de diferentes níveis de conhecimento. O desenvolvimento e a aprendizagem das crianças vão sendo potencializados pelas divergências, pela comparação e defesa de hipóteses e por (des)acordos. É importante salientar a ideia de que, quando se fala em interação no contexto educativo, além da relação entre educadoras e educadores da infância e criança, há também a relação que ocorre entre pares como um momento privilegiado para o desenvolvimento dos sujeitos. Essa interação compreende um processo cooperativo entre os sujeitos envoltos numa situação comum. Entretanto, é necessário romper com uma visão simplista de que todas as interações provocam ou desencadeiam processos de desenvolvimento e aprendizagem, ou até mesmo possuem um valor formativo, independentemente se essas acontecem no contexto educativo ou no contexto social mais amplo.

Nessa perspectiva, é tarefa da escola e da educadora e do educador da infância criarem situações de interações cotidianas que provoquem nas crianças a necessidade e o desejo de vivenciar e experimentar situações de aprendizagem como conquista individual e coletiva, a partir do contexto particular e local, de forma espontânea, rica, criativa e agradável, preservando o prazer da descoberta e da alegria contida nas atividades. "Situações que ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas" (Parecer CNE/CNB 20/2009). Nesse processo, as crianças compartilham suas vivências e seus conhecimentos, tornando-se não só meros receptores da cultura que os cerca, mas sim sujeitos ativos no processo, apropriando-se e reinterpretando seus elementos. (BORBA, 2006)

Desse modo, entende-se que a criança, por meio da interação com os pares, não só se apropria da cultura advinda dos outros, como também produz cultura. Assim, as produções de cultura infantil dão-se por meio das relações estabelecidas pelas crianças, resultado de interação e socialização entre os pares. Para Manuel Sarmento (2003, p. 8), "as culturas da infância constituem no mútuo reflexo de uma sobre a outra das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações de pares". Para tanto, ao oportunizarmos os momentos de interação na escola devemos garantir que elas aconteçam considerando os seguintes aspectos:

• As crianças entre si – A *cultura infantil* só acontece quando se assegura que os espaços e as práticas educativas viabilizam a interação entre parceiros com diferentes níveis de experiências. Isso rompe com a ideia de turmas homogêneas e aponta para a heterogeneidade como mecanismo propulsor de desenvolvimento. É essencial para dar riqueza e complexidade às brincadeiras.

• As crianças e o ambiente – A posição de Lev Vygotsky (1896-1934) sobre o papel do ambiente no desenvolvimento da criança rompe com a ideia acerca da determinação do primeiro sobre o segundo, pois tanto a criança quanto o ambiente estão num constante processo de mudança e, desse modo, influenciam-se mutuamente. As mesmas condições ambientais - em crianças diferentes e em diferentes momentos de desenvolvimento - podem exercer variados tipos de influências, assim como provocar atitudes diversas, dependendo também do significado que cada criança atribui às situações vivenciadas e do nível de consciência que ela possui em relação aos acontecimentos. Cada uma interpreta, vivencia e relaciona-se com as situações de forma particular. Já é consenso que quanto mais forem dadas condições para estabelecer interações com o outro, com o seu entorno físico e sociocultural, maior será seu potencial de desenvolvimento e aprendizagem.

• As crianças e os brinquedos - A efetivação das competências está condicionada também às condições materiais desse sujeito. A existência de um ser humano construtor de sua história individual, que é gestada a partir de uma coletividade em que as condições materiais e práticas sociais são fundamentais para o desenvolvimento, tanto individual quanto coletivo.

• As crianças e os adultos – A educadora e educador da infância devem ser mediadores e articuladores: organizar, selecionar, planejar e propor situações de aprendizagem, conhecer os verdadeiros interesses e as necessidades das crianças, tornando as interações mais complexas e desafiadoras de modo que instiguem a interlocução e a partilha de experiências e conhecimentos. As demandas da criança passam a ser compreendidas pelo outro e ressignificadas pela própria criança. É preciso haver um PPP que coloque foco nas interações, valorizando-as e observando-as cotidianamente como fonte de registro e reflexão.

• As crianças e as brincadeiras - Uma das formas mais ricas de favorecer a interação e consequentemente as trocas de saberes é pelas brincadeiras. As DCNEI-2009 orientam que os eixos norteadores das práticas pedagógicas devem ser as "interações e as brincadeiras". Assim, a principal ação da criança é o brincar. As interações e brincadeiras acontecem como processo dinâmico, indissociável. Interagir e brincar são linguagens naturais das diferentes infâncias. A interação que a brincadeira promove entre as crianças possibilita a aquisição de valores como cooperação, respeito, responsabilidade e amizade, além de reconhecimento das diferenças e da diversidade, dando novo significado e prazer à sua prática. O ato de brincar tem função primordial de vincular a criança com a cultura e, assim, inseri-la no mundo social. Nas brincadeiras, as crianças produzem ações em contextos sociohistórico e cultural reais, que favorecem a seus integrantes, não só um conhecimento comum, mas a segurança de pertencer a um grupo e partilhar da identidade que o mesmo confere a seus membros.

• As crianças, as instituições e as famílias – Essas relações possibilitam vínculos que favorecem um clima de respeito mútuo e confiabilidade, gerando espaço para o trabalho e a identificação da cultura popular da criança e de sua família, de suas brincadeiras e brinquedos preferidos. É importantíssimo que a comunidade escolar como um todo esteja convicta da importância dessas interações para que esses espaços e tempos da escola sejam ricos e pulsantes.

O processo de desenvolvimento da criança envolve, portanto, uma contínua negociação de significados entre os atores em interação, em que as diferentes culturas são interpretadas e reinterpretadas de forma ativa pelos indivíduos. Ao mesmo tempo, essas diferentes culturas, que de alguma forma se modificaram, são constantemente internalizadas e externadas no contexto sociocultural.

7. SABERES ESSENCIAIS.

Considerando a escola como espaço de ampliação da experiência humana, não se pode limitar as experiências da criança, mas sim, pensá-la aberta aos saberes contemporâneos da macro e micro sociedade.Conforme ressalta o Parecer CNE/CEB Nº 7 de abril de 2010:

"A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens, exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e

de aldeias. Por isso, é preciso fazer da escola a instituição acolhedora, inclusiva, pois essa é uma opção "transgressora", porque rompe com a ilusão da homogeneidade e provoca, quase sempre, uma espécie de crise de identidade institucional".(p.25)

Esse currículo, que se pretende democrático, visa também a formação do cidadão e a humanização de todos. A partir da perspectiva da Pedagogia Crítica, acredita-se na importância de ampliarmos nosso campo de ação nas escolas também no que se refere ao que contemplamos nos processos de construção dos saberes.

Assim, acolhemos a proposta de trabalhar com saberes essenciais aos seres humanos, no que preconiza as DCNEI-2009 para o trabalho com a educação infantil, considerando que os mesmos são socialmente constituídos, na relação do sujeito consigo, com o outro, com o meio e a ressignificação que fazem dos seus conhecimentos a partir dessas relações. Dessa maneira, entende-se que abordagens como "áreas do conhecimento" ou "campos de experiência" necessitam ser repensadas, pois tendem a reduzir a amplitude das possibilidades que ocorrem nas vivências e experiências cotidianas.

Uma das grandes questões é definir quais saberes devem ser vivenciados e compartilhados, quais são relevantes e essenciais para fundamentar e orientar a prática pessoal e coletiva. Os saberes essenciais dialogam com a produção do sentido e com a leitura de mundo que se faz. Daí, a busca de saberes que ajudem não só o educando, mas também as educadoras, os educadores e a comunidade, ajudando-os a se tornarem seres integrais. Desse modo, ressalta-se que a interlocução entre os saberes regionais, locais e familiares merece ser valorizada no interior das escolas com a mesma intensidade que os saberes eruditos, formalizados como patrimônios da humanidade, de reconhecimento nacional e mundial.

A reflexão acerca de quais saberes são necessários para a construção de uma escola significativa é fundamental, pois sua escolha deve buscar a humanização e valorizar os aspectos físico, mental, emocional, espiritual, ético e social de forma equilibrada.

Os saberes essenciais, fundamentais para o processo de humanização, são derivados dos saberes de referência da diversidade e singularidade, os artísticos, os científicos e tecnológicos, os comunicativos e os socioambientais. Para isso e nessa condição, a educação infantil organiza-se para garantir às crianças vivências e experiências diversificadas, desafiadoras, sensíveis e criativas, valorizando as interações, a brincadeira e as sensações como fonte de desenvolvimento e de descobertas. Por considerarmos importantes esses saberes é que desejamos que as educadoras e os educadores da infância os internalizem e não que apenas cite-os.

É importante salientar que em relação aos saberes matemáticos, entende-se que, no que condiz às propostas voltadas a educação de crianças de até 3 anos, há a apropriação de conceitos por meio de experiências e vivências das mais variadas, que perpassam os demais saberes. É pela experiência e exploração corporal e espacial, das relações entre seres, ambientes e objetos que a criança tem a oportunidade de solucionar problemas. Dessa forma, não há segmentação de conhecimentos matemáticos a serem ensinados e sistematizados. Esse conhecimento deve ser valorizado como instrumento para interpretação dos objetos que rodeiam as pessoas e o mundo, formando assim a consciência para a cidadania e a criatividade, e não somente a memorização, alienação e exclusão.

O movimento corporal bem como toda forma de expressão da criança ocorre por meio do e com todo o corpo, a todo instante, sendo importante o olhar atento da educadora e do educador da infância para permitir e viabilizar movimentações livres, desafiadoras, expressivas e comunicativas.

Nesse sentido, a prática pedagógica da educação física na educação infantil deve levar em consideração tal característica, assim como a condição da criança como sujeito histórico e cultural, produtor de sua identidade. A função desses profissionais, integrados ao ambiente educacional, é viabilizar para as crianças experiências significativas que articulem o conhecimento do patrimônio cultural produzido pela humanidade com os elementos próprios da cultura da criança, permitindo a incorporação no seu processo de construção de identidade em andamento. Na mesma medida, a presença desses profissionais nesse segmento educacional justifica-se pelo seu conhecimento específico dos temas da cultura corporal, conhecimento que deve enriquecer as experiências promovidas para as crianças sem dar margem às práticas isoladas, desconectadas ou desarticuladas do processo educacional promovido pela escola.

Quanto à mobilização dos saberes na ação educativa, é importante que não haja fragmentação dos conhecimentos, pois têm entre si vários pontos que os aproximam e, tanto o conhecimento popular, quanto o erudito, devem ser valorizados no currículo, uma vez que ampliam a formação das crianças, das educadoras e dos educadores.

A manifestação e a apropriação dos saberes por crianças, educadoras, educadores e familiares necessita ser permeada pela ação que se desenvolve no contexto da escola, por meio do diálogo, das manifestações culturais diversas e da imersão em ambientes ricos e diversos. De acordo com Paulo Freire "o ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo".

Para que o desenvolvimento e as aprendizagens realizem-se de forma adequada é necessário que as experiências propostas às crianças sejam diversificadas, que lhes oportunizem a interação com o mundo de diversas formas e em diferentes momentos.

Toda pessoa desenvolve-se de forma integral e a aquisição de saberes e conhecimentos necessários perpassa pelos saberes experienciais relacionados ao contexto sócio histórico de cada um. Além disso, temos a corporeidade ativa como outra grande dimensão norteadora das ações com as crianças, portanto, só compreendemos o sujeito quando consideramos suas potencialidades físicas, emocionais, cognitivas, sociais e culturais. Essas necessidades e esses interesses não devem ser deixados de lado ou esquecidos.

A ampliação de oportunidades de experimentação do mundo surge a partir do movimento, das relações afetivas, da expressividade, promovida pelo acesso às diferentes linguagens culturais e precisam ser exploradas no tempo e no espaço educativo. O trabalho educacional valorizando os princípios éticos, estéticos, políticos são oportunidades de desenvolvimento infantil que podem resultar em mudanças de percepção de si próprio e as de vivência coletiva. A consciência de si como ser de cultura e o acolhimento à diversidade, se explorado no currículo, poderá modificar o ser humano na escola e na sociedade.

O sujeito envolvido no processo educacional, com essa troca de vivência e experiência coletiva, deixa sua condição passiva de simples reprodutora do saber para exercer um papel de produtora do conhecimento. Passa a ser sujeito de seu processo de aprendizagem e mediador das relações humanas. Acima de tudo, poderá exercer o saber da prática reflexiva e investigadora, integrados à realidade de forma participativa, crítica e transformadora. Organizar ambiente e espaço de relação para as crianças apreenderem sobre as representações simbólicas do universo humano. Transformar as práticas pedagógicas em oportunidades potentes, para que os educandos, as educadoras e os educadores da infância sejam sujeitos de sua história e coparticipes do processo educativo. Tempo de estar junto, fazer-se presente.

SABERES POPULARES E SABERES ERUDITOS.

Partindo do pressuposto de que a criança é um sujeito histórico e potente, a escola necessita educar para a sensibilidade e estética. Dessa forma, é seu dever romper historicamente com a ideia de que a criança é uma tábula rasa, sem fala, sem direitos, ou um sujeito a vir a ser. A criança está aqui e o tempo presente é o agora! Assim, deve-se possibilitar na proposta curricular espaço para a produção cultural dos saberes populares legitimados, permitindo seu diálogo com os saberes eruditos, tornando-os integrantes do currículo, instrumentos de ação na vida das crianças, capazes de promover a ampliação da cultura e da concepção de mundo.

Levar em conta os saberes da comunidade educativa bem como do entorno são necessários a uma prática que comunga com a sensibilidade, o diálogo e a partilha. Nas palavras de Paulo Freire, essa comunhão, propriamente dita, concretiza-se a partir do momento que os nossos saberes entrecruzam-se, possibilitando o reconhecimento e o sentimento de pertencimento.

A erudição necessita, portanto, ser encarada como patrimônio material e imaterial da humanidade à disposição das crianças e da comunidade escolar, como instrumentos de fruição, pesquisa, elaboração e reelaboração de percursos e histórias, de maneira acessível e que permita aos sujeitos a apropriação de seus sentidos.

Os saberes populares devem ser levados em consideração tanto quanto os eruditos, salientando que não se trata de hierarquização, ou seja, devem ser legitimados de forma igualitária considerando suas peculiaridades. Não há uma busca de igualdade epistemológica entre tais saberes, mas a pluralidade dos mesmos, considerando-os como possíveis e válidos dentro do contexto da escola, buscando uma inter-relação entre eles, de forma a contribuir para a construção do conhecimento e no desenvolvimento das crianças.

Diferentes saberes coexistem nas pessoas e se enriquecem no encontro dos sujeitos. Educadoras e educadores tornam-se mais humanos, constroem a própria história, a alegria de conviver e o sentido de suas vidas.

A manifestação e a apropriação dos saberes pelas crianças, educadoras, educadores e familiares necessita ser permeada pela ação da escola pelo diálogo, da valorização das manifestações culturais diversas e da imersão em ambientes ricos em diversidade.

Assim, o desafio é construir nesse emaranhado complexo uma história viva e coletiva, em que os saberes possam ecoar, ressoar, provocar, ou ainda, de forma mais ampla e significativa, provocar enredos, inquietações e curiosidades que fomentem o exercício da cidadania.

Uma sociedade que busca resgatar seus saberes pode garantir não apenas a sobrevivência de uma coletividade, mas um referencial de humanidade e de civilização. Para ser sujeito e autora de sua história, é importante que a criança aproprie-se do conhecimento acumulado pela humanidade tanto quanto o seu próprio conhecimento e desenvolva as condições para produzir novos saberes.

7.1 Diálogos e práticas educativas.

As educadoras e educadores da infância, na escolha intencional das propostas que serão desenvolvidas, devem levar em consideração o grupo de crianças envolvidas, a organização dos ambientes que acolherão a proposta, o contexto educativo, o desafio que será proposto e as experiências que desejam proporcionar para livre expressão das linguagens da criança. Sem perder de vista que há diferentes saberes em uma única proposta. A divisão dos saberes não é estática. As ações contínuas devem ser pensadas visando à brincadeira, à interação, à corporeidade e à autonomia.

É importante que as propostas ocorram ora individualmente, ora na coletividade, pela livre escolha da criança em agregar parceiros ou organizar-se sozinha. A escolha dos parceiros pela criança ocorre na diversidade das idades e não apenas na divisão da faixa etária, por grupos.

O trabalho deve ocorrer sem tempo de espera pela criança, descentralizado da figura do adulto.

7.1.1 Saberes artísticos.

"Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira e médico tornando-se sensível aos signos da doença." (Gilles Deleuze)

Partindo do pressuposto de que as linguagens ocorrem no encontro de um corpo que simultaneamente age, observa, interpreta e pensa num mundo imerso em linguagens, com pessoas que vivem em linguagens, em um mundo social organizado e significado por elas. É preciso que os as educadoras e os educadores sejam refinados tradutores e compreendam tais linguagens. As crianças, por sua vez, são designers de linguagens, cabendo ao adulto observar, entender e, ao mesmo tempo, disseminá-las para todos os envolvidos no processo educativo.

Em artes, a atividade da criança deve ser caracterizada pelo exercício das possibilidades corporais, de exploração, de movimentação e ação no mundo. A descoberta das sensações do próprio corpo e das possibilidades de movimentos ao agir sobre os materiais plásticos são muito prazerosas para as crianças. Isso, em si, já justifica a presença das experiências com a linguagem visual na educação infantil. Além disso, o trabalho de produção plástica permite à criança imprimir suas marcas no mundo e ser reconhecida como produtora de cultura.

Em artes visuais as educadoras e educadores da infância devem priorizar propostas voltadas a:

• Valorização e ampla utilização de experiências com tintas (caseiras e industrializadas), melecas, argila, barro, areia, elementos da natureza diversos, massa de modelar (caseiras e industrializadas), canetas coloridas, giz de cera (caseiro e industrializado), carvão e demais materiais que proporcionem marcas artísticas e expressem a individualidade da criança.

• Utilização de diferentes suportes e recursos para produção das marcas artísticas: papéis, caixas, telas, paredes, tecidos, jornais, rolos de pintura, pincéis, diversas partes do corpo, bexiga, esponjas, elementos da natureza e demais recursos criativos que possam proporcionar a produção artística.

• Organização de ambientes que deem oportunidade para as crianças desenharem em variadas superfícies, deixando marcas sobre áreas de diferentes texturas, formas e tamanhos.

• Utilização de diversos recursos e tamanhos para o desenho com cores, texturas e formas,

• Exploração, incentivo e valorização de diferentes posturas corporais na realização das produções artísticas (em pé, deitado, sentado, em baixo de mesas etc.), fugindo de posturas escolarizadas na realização das propostas. Utilizar como base de apoio para a realização da produção artística o chão, as estruturas aéreas, as paredes, os cavaletes, as cabanas de tecidos e dentro de caixas.

• Em relação ao trabalho com bebês, é importante garantir que eles visualizem imagens diversas. Utilização de objetos e imagens em diferentes planos oferecem ricas experiências visuais. Imagens plastificadas e fixadas no chão possibilitam que eles interajam com elas ao engatinhar.

•Variação da luminosidade da sala a fim de propiciar brincadeiras com luzes e sombras que permitam às crianças investigarem e brincarem com esses elementos.

•Estímulo à apreciação das próprias produções, de outras crianças, de familiares, de artistas locais e de diversos períodos e estilos por meio de exposições feitas na sala das crianças, nos corredores e demais espaços da escola, bem como em visitas a outros espaços onde haja exposições.

•Valorização das manifestações artísticas de diferentes povos.

•Utilização, na escola, de murais na altura da criança para facilitar a visualização. Pode-se também utilizar de outras formas de exposição que estimulem o prazer da criança pela apreciação artística.

•Utilização de metodologia que incentive a escolha, a ludicidade, a interação e a expressividade de cada criança que promova desafios ao mesmo tempo em que acolha; que permita tempo de criação, diálogo e deslocamentos pelo espaço; que desconstrua a existência de tempos de espera para a realização das propostas.

•Incentivo de pesquisa com água, líquidos coloridos e outros materiais.

•Valorização e observação por quem que prepara o ambiente para as explorações para garantir que reservem um espaço amplo, que permitam a circulação e a mobilidade das crianças.

•Uso de áreas externas e oferta de diversos recursos como areia, terra, plantas, pedras e outros elementos naturais.

•Organização do local da proposta de modo atraente para as crianças, para compor um cenário convidativo. É fundamental garantir às crianças que os materiais estejam acessíveis para que elas possam tomar decisões sobre qual utilizar, o que fazer com eles etc.

•Planejamento de propostas de atividades alternativas para aquelas crianças que, ao terminarem sua experimentação/criação, possam se engajar autonomamente enquanto outras permanecem na atividade inicial, a fim de eliminar o tempo de espera.

A expressividade corporal pressupõe que as histórias estão marcadas no corpo, sejam de crianças ou de adultos. Ao longo da vida, as experiências humanas vão construindo a corporeidade e a forma de ser e estar no mundo1. Segundo Jhonson (1991), "não temos um corpo, nós somos nossos corpos constituídos e construídos a partir das relações que estabelecemos conosco, com os outros e com o ambiente".

Em expressividade corporal, as educadoras e os educadores da infância devem priorizar propostas voltadas a:

● Vivência de possibilidades de criação, de autoria, de protagonismo, favorecendo a educação de corpos que sejam lúdicos, relacionais e críticos.

● Incentivo para que as crianças brinquem com seus corpos, inventem suas danças com e a partir de suas histórias corporais. A primeira delas é trabalhar com os próprios elementos da linguagem da dança: o espaço, o corpo, os ritmos, as ações corporais, os relacionamentos etc.

●Realização de atividades que permitam que as crianças criem personagens e brincadeiras corporais.

●Utilização de materiais diversos, além da música, com o objetivo de promover a criação de movimentos que interajam com esses sons.

●Realização de atividades expressivas que busquem a criação de movimentos coordenados (dançar em duplas, em trios, grupos maiores, em roda etc.).

●Utilização de espelhos nas salas e em diferentes espaços da escola, de forma que a criança possa ver-se constantemente na realização de seus fazeres, promovendo o reconhecimento da autoimagem.

A música, principalmente a voz humana, brincadeiras cantadas e acalantos, no dia a dia das crianças é fundamental para que elas possam compreender e construir seu

cotidiano e seu mundo a partir da linguagem sonora. As crianças estão envolvidas no universo sonoro desde tenra idade. No fazer musical, elas percebem ritmos e sons e como esses podem ser arranjados, desenvolvendo a sua própria imaginação musical. Não se pode reduzir o trabalho com música utilizando-a como auxílio na organização de atividades relacionadas à hora da alimentação e higiene das crianças. Torna-se necessário e fundamental que a música não se reduza a aspectos de disciplina da infância e controle do corpo na rotina educacional. A educadora e o educador da infância precisam estar atentos para perceber o modo como bebês e crianças expressam-se musicalmente em cada período de suas vidas.

Os eventos relacionados a fechamentos de projetos institucionais não devem se resumir a uma ação isolada da escola. Nesse sentido, as chamadas datas comemorativas fazem parte de uma construção histórica, então, o que permeia um determinado evento histórico necessita ser contextualizado e vivenciado pelas crianças no decorrer do ano e não visto como uma tarefa ocasional.

Em música, as educadoras e os educadores devem priorizar propostas voltadas a:

•Promoção do contato com outros gêneros musicais, de outras culturas e, principalmente com os sons de todas as partes do mundo, considerando também o que a criança traz consigo de seu contexto social, familiar, cultural.

•Criação de instrumentos sonoros, trabalho vocal com canto entre as crianças e pesquisas sonoras, de modo a não tornar os espaços destinados à educação infantil meros reprodutores de músicas amplamente exploradas pelas mídias televisivas e radiofônica. É necessário cultivar com elas um ouvido pensante e criador e em ambientes onde as músicas escolares cedam espaço para outros sons.

•Utilização dos instrumentos musicais convencionais a partir do livre manuseio e de formas diversificadas, à escolha da criança, de maneira que possam descobrir as diversas possibilidades de produção sonora, convencional e não-convencional.

•Criação e construção de forma co-participativa e colaborativa entre crianças e adultos, de instrumentos musicais não-convencionais a partir de materiais diversos como elementos naturais e objetos que possam ser reutilizados.

•Ampliação do repertório de brincadeiras de roda cantada, acalantos, parlendas e trava-línguas.

•Pesquisa, pelas próprias crianças, de novas formas de fazer sons com o próprio corpo (bater palmas, esfregar as mãos, estalar os dedos, bater os pés no chão, criar ruídos com a boca etc.).

•Produção de histórias sonoras criando com as crianças intervenções ao longo de uma narrativa utilizando a própria voz, o corpo, diversos objetos e instrumentos musicais.

•Exploração, pesquisa e apreciação de sons e músicas em diferentes espaços da escola (internos e externos), garantindo que haja ampla circulação e movimentos livres durante sua realização.

•Pesquisas comparativas, pelas crianças, relativas à existência de sons e silêncio.

•Apreciação e imersão em músicas e estilos musicais de repertório folclórico local.

O teatro é um acontecimento de cultura, não se tratando de eventos esporádicos apenas, envolve ricos processos de criação de todos os envolvidos, ainda mais, daqueles que participam não somente da encenação, mas dos que assistem às peças, sejam quais forem e como acontecerem, independentemente de sua faixa etária.

Assim, pode-se falar de situações teatrais com meninos e meninas da primeira infância? Essa indagação, na verdade, é uma provocação ao pensar que o teatro para crianças pequenas está muito relacionado com a sua linguagem corporal e ao ato de imitar.

Dessa forma, fazer teatro na educação infantil pressupõe cair por terra toda a ideia de representação, considerando a vivência que pode ser expressa no corpo.

Em teatro, as educadoras e os educadores da infância devem priorizar propostas voltadas a:

• Incentivo a situações em que o imaginário, ou ainda, a brincadeira de faz de conta se faça presente, possibilitando que as crianças criem a partir de seus próprios conhecimentos. Não interessa criar um enredo com personagens ou histórias já prontas, em que cabe a criança muitas vezes representar algo muito distante do que é peculiar a ela.

• Observação e modificação do ambiente, a partir das situações trazidas pelas crianças, fomentando o uso de objetos, luzes e ampliando a possibilidade da criação de enredos e cenários que se fazem a partir da criança e com ela.

• Estímulo para que a linguagem teatral permeie várias situações no cotidiano da criança, seja na história, na brincadeira, na expressão plástica, na linguagem musical e no movimento, em diferentes espaços da escola (interno e externo).

• Realizações de dramatizações entre adultos e crianças de diferentes idades, de forma lúdica, utilizando, como ponto de partida, o repertório da criança.

O cinema é um recurso bastante rico para as crianças dessa faixa etária. Nossas crianças podem produzir filmes? Como a linguagem do cinema e do vídeo pode fazer parte do cotidiano das crianças da educação infantil? Uma coisa é certa! As crianças já nasceram num mundo imerso nas tecnologias e a escola não pode deixar de pensar sobre esses artefatos que cada vez mais estão presentes no dia a dia.

Deve-se, ainda, ter muita atenção para que os filmes não sirvam apenas para momentos de controle das crianças, reprodução aleatória de filmes e desenhos de consumo ou momentos de descanso para os adultos. São situações que devem ser planejadas, fundamentadas e estudadas pelas educadoras e pelos educadores da infância antes de serem propostas.

Vale destacar que não se trata aqui de substituir ou mesmo interferir na prática pedagógica das educadoras e dos educadores da infância, no entanto há que se considerar que em determinadas situações os recursos tecnológicos podem se tornar facilitadores e instigadores para a produção do conhecimento das crianças e a escola precisa possibilitar o acesso.

Em linguagem cinematográfica, as educadoras e os educadores da infância devem priorizar propostas voltadas a:

•Utilização e valorização das gravações de vários momentos da escola para diversas situações, como fechamento de projetos, participações em eventos, leitura e contação de histórias, reuniões de pais e outras possibilidades e apresentação para as crianças.

•Incentivo para que as crianças, as educadoras e os educadores da infância filmem momentos diversos dentro da escola e que isso seja mostrado às crianças e estudado pela comunidade escolar.

· RESOLUÇÃO Nº 4, DE 2/10/2009: INSTITUI DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, MODALIDADE EDUCAÇÃO ESPECIAL.

RESOLUÇÃO Nº 4, DE 2 DE OUTUBRO DE 2009

Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, de conformidade com o disposto na alínea "c" do artigo 9º da Lei nº 4.024/1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131/1995, bem como no artigo 90, no § 1º do artigo 8º e no § 1º do artigo 9º da Lei nº 9.394/1996, considerando a Constituição Federal de 1988; a Lei nº 10.098/2000; a Lei nº 10.436/2002; a Lei nº 11.494/2007; o Decreto nº 3.956/2001; o Decreto nº 5.296/2004; o Decreto nº 5.626/2005; o Decreto nº 6.253/2007; o Decreto nº 6.571/2008; e o Decreto Legislativo nº 186/2008, e com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 13/2009, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU de 24 de setembro de 2009, resolve:

Art. 1º Para a implementação do Decreto nº 6.571/2008, os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

Art. 2º O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem.

Parágrafo único. Para fins destas Diretrizes, consideram-se recursos de acessibilidade na educação aqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços.

Art. 3º A Educação Especial se realiza em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, tendo o AEE como parte integrante do processo educacional.

Art. 4º Para fins destas Diretrizes, considera-se público-alvo do AEE:

I – Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial.

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotipias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

III – Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade.

Art. 5º O AEE é realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios.

Art. 6º Em casos de Atendimento Educacional Especializado em ambiente hospitalar ou domiciliar, será ofertada aos alunos, pelo respectivo sistema de ensino, a Educação Especial de forma complementar ou suplementar.

Art. 7º Os alunos com altas habilidades/superdotação terão suas atividades de enriquecimento curricular desenvolvidas no âmbito de escolas públicas de ensino regular em interface com os núcleos de atividades para altas habilidades/superdotação e com as instituições de ensino superior e institutos voltados ao desenvolvimento e promoção da pesquisa, das artes e dos esportes.

Art. 8º Serão contabilizados duplamente, no âmbito do FUNDEB, de acordo com o Decreto nº 6.571/2008, os alunos matriculados em classe comum de ensino regular público que tiverem matrícula concomitante no AEE.

Parágrafo único. O financiamento da matrícula no AEE é condicionado à matrícula no ensino regular da rede pública, conforme registro no Censo Escolar/MEC/INEP do ano anterior, sendo contemplada:

a) matrícula em classe comum e em sala de recursos multifuncionais da mesma escola pública;

b) matrícula em classe comum e em sala de recursos multifuncionais de outra escola pública;

c) matrícula em classe comum e em centro de Atendimento Educacional Especializado de instituição de Educação Especial pública;

d) matrícula em classe comum e em centro de Atendimento Educacional Especializado de instituições de Educação Especial comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

Art. 9º A elaboração e a execução do plano de AEE são de competência dos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centros de AEE, em articulação com os demais professores do ensino regular, com a participação das famílias e em interface com os demais serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros necessários ao atendimento.

Art. 10. O projeto pedagógico da escola de ensino regular deve institucionalizar a oferta do AEE prevendo na sua organização:

I – sala de recursos multifuncionais: espaço físico, mobiliário, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos;

II – matrícula no AEE de alunos matriculados no ensino regular da própria escola ou de outra escola;

III – cronograma de atendimento aos alunos;

IV – plano do AEE: identificação das necessidades educacionais específicas dos alunos, definição dos recursos necessários e das atividades a serem desenvolvidas;

V – professores para o exercício da docência do AEE;

VI – outros profissionais da educação: tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais, guia-intérprete e outros que atuem no apoio, principalmente às atividades de alimentação, higiene e locomoção;

VII – redes de apoio no âmbito da atuação profissional, da formação, do desenvolvimento da pesquisa, do acesso a recursos, serviços e equipamentos, entre outros que maximizem o AEE.

Parágrafo único. Os profissionais referidos no inciso VI atuam com os alunos público-alvo da Educação Especial em todas as atividades escolares nas quais se fizerem necessários.

Art. 11. A proposta de AEE, prevista no projeto pedagógico do centro de Atendimento Educacional Especializado público ou privado sem fins lucrativos, conveniado para essa finalidade, deve ser aprovada pela respectiva Secretaria de Educação ou órgão equivalente, contemplando a organização disposta no artigo 10 desta Resolução.

Parágrafo único. Os centros de Atendimento Educacional Especializado devem cumprir as exigências legais estabelecidas pelo Conselho de Educação do respectivo sistema de ensino, quanto ao seu credenciamento, autorização de funcionamento e organização, em consonância com as orientações preconizadas nestas Diretrizes Operacionais.

Art. 12. Para atuação no AEE, o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica para a Educação Especial.

Art. 13. São atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado:

I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;

II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;

III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;

IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;

V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;

VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;

VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;

VIII – estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares.

Art. 14. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

CESAR CALLEGARI

· LEI Nº 13.257, DE 8 DE MARÇO DE 2016. DISPÕE SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA E ALTERA A LEI NO 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990 (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - ECA), O DECRETO-LEI NO 3.689, DE 3 DE OUTUBRO DE 1941 (CÓDIGO DE PROCESSO PENAL), A CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO (CLT), APROVADA PELO DECRETO-LEI NO 5.452, DE 1O DE MAIO DE 1943, A LEI NO11.770, DE 9 DE SETEMBRO DE 2008, E A LEI NO 12.662, DE 5 DE JUNHO DE 2012.

LEI Nº 13.257, DE 8 DE MARÇO DE 2016.

Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto -Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei estabelece princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano, em consonância com os princípios e diretrizes da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); altera os arts. 6º, 185, 304 e 318 do Decreto -Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal); acrescenta incisos ao art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; altera os arts. 1º, 3º, 4º e 5º da Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008; e acrescenta parágrafos ao art. 5º da Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, considera-se primeira infância o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança.

Art. 3º A prioridade absoluta em assegurar os direitos da criança, do adolescente e do jovem, nos termos do art. 227 da Constituição Federal e do art. 4º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, implica o dever do Estado de estabelecer políticas, planos, programas e serviços para a primeira infância que atendam às especificidades dessa faixa etária, visando a garantir seu desenvolvimento integral.

Art. 4º As políticas públicas voltadas ao atendimento dos direitos da criança na primeira infância serão elaboradas e executadas de forma a:

I - atender ao interesse superior da criança e à sua condição de sujeito de direitos e de cidadã;

II - incluir a participação da criança na definição das ações que lhe digam respeito, em conformidade com suas características etárias e de desenvolvimento;

III - respeitar a individualidade e os ritmos de desenvolvimento das crianças e valorizar a diversidade da infância brasileira, assim como as diferenças entre as crianças em seus contextos sociais e culturais;

IV - reduzir as desigualdades no acesso aos bens e serviços que atendam aos direitos da criança na primeira infância, priorizando o investimento público na promoção da justiça social, da equidade e da inclusão sem discriminação da criança;

V - articular as dimensões ética, humanista e política da criança cidadã com as evidências científicas e a prática profissional no atendimento da primeira infância;

VI - adotar abordagem participativa, envolvendo a sociedade, por meio de suas organizações representativas, os profissionais, os pais e as crianças, no aprimoramento da qualidade das ações e na garantia da oferta dos serviços;

VII - articular as ações setoriais com vistas ao atendimento integral e integrado;

VIII - descentralizar as ações entre os entes da Federação;

IX - promover a formação da cultura de proteção e promoção da criança, com apoio dos meios de comunicação social.

Parágrafo único. A participação da criança na formulação das políticas e das ações que lhe dizem respeito tem o objetivo de promover sua inclusão social como cidadã e dar-se-á de acordo com a especificidade de sua idade, devendo ser realizada por profissionais qualificados em processos de escuta adequados às diferentes formas de expressão infantil.

Art. 5º Constituem áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância a saúde, a alimentação e a nutrição, a educação infantil, a convivência familiar e comunitária, a assistência social à família da criança, a cultura, o brincar e o lazer, o espaço e o meio ambiente, bem como a proteção contra toda forma de violência e de pressão consumista, a prevenção de acidentes e a adoção de medidas que evitem a exposição precoce à comunicação mercadológica.

Art. 6º A Política Nacional Integrada para a primeira infância será formulada e implementada mediante abordagem e coordenação intersetorial que articule as diversas políticas setoriais a partir de uma visão abrangente de todos os direitos da criança na primeira infância.

Art. 7º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão instituir, nos respectivos âmbitos, comitê intersetorial de políticas públicas para a primeira infância com a finalidade de assegurar a articulação das ações voltadas à proteção e à promoção dos direitos da criança, garantida a participação social por meio dos conselhos de direitos.

§ 1º Caberá ao Poder Executivo no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios indicar o órgão responsável pela coordenação do comitê intersetorial previsto no **caput** deste artigo.

§ 2º O órgão indicado pela União nos termos do § 1º deste artigo manterá permanente articulação com as instâncias de coordenação das ações estaduais, distrital e municipais de atenção à criança na primeira infância, visando à complementaridade das ações e ao cumprimento do dever do Estado na garantia dos direitos da criança.

Art. 8º O pleno atendimento dos direitos da criança na primeira infância constitui objetivo comum de todos os entes da Federação, segundo as respectivas competências constitucionais e legais, a ser alcançado em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

Parágrafo único. A União buscará a adesão dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios à abordagem multi e intersetorial no atendimento dos direitos da criança na primeira infância e oferecerá assistência técnica na elaboração de planos estaduais, distrital e municipais para a primeira infância que articulem os diferentes setores.

Art. 9º As políticas para a primeira infância serão articuladas com as instituições de formação profissional, visando à adequação dos cursos às características e necessidades das crianças e à formação de profissionais qualificados, para possibilitar a expansão com qualidade dos diversos serviços.

Art. 10. Os profissionais que atuam nos diferentes ambientes de execução das políticas e programas destinados à criança na primeira infância terão acesso garantido e prioritário à qualificação, sob a forma de especialização e atualização, em programas que contemplem, entre outros temas, a especificidade da primeira infância, a estratégia da intersetorialidade na promoção do desenvolvimento integral e a prevenção e a proteção contra toda forma de violência contra a criança.

Art. 11. As políticas públicas terão, necessariamente, componentes de monitoramento e coleta sistemática de dados, avaliação periódica dos elementos que constituem a oferta dos serviços à criança e divulgação dos seus resultados.

§ 1º A União manterá instrumento individual de registro unificado de dados do crescimento e desenvolvimento da criança, assim como sistema informatizado, que inclua as redes pública e privada de saúde, para atendimento ao disposto neste artigo.

§ 2º A União informará à sociedade a soma dos recursos aplicados anualmente no conjunto dos programas e serviços para a primeira infância e o percentual que os valores representam em relação ao respectivo orçamento realizado, bem como colherá informações sobre os valores aplicados pelos demais entes da Federação.

Art. 12. A sociedade participa solidariamente com a família e o Estado da proteção e da promoção da criança na primeira infância, nos termos do caput e do § 7º do art. 227, combinado com o inciso II do art. 204 da Constituição Federal, entre outras formas:

I - formulando políticas e controlando ações, por meio de organizações representativas;

II - integrando conselhos, de forma paritária com representantes governamentais, com funções de planejamento, acompanhamento, controle social e avaliação;

III - executando ações diretamente ou em parceria com o poder público;

IV - desenvolvendo programas, projetos e ações compreendidos no conceito de responsabilidade social e de investimento social privado;

V - criando, apoiando e participando de redes de proteção e cuidado à criança nas comunidades;

VI - promovendo ou participando de campanhas e ações que visem a aprofundar a consciência social sobre o significado da primeira infância no desenvolvimento do ser humano.

Art. 13. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios apoiarão a participação das famílias em redes de proteção e cuidado da criança em seus contextos sociofamiliar e comunitário visando, entre outros objetivos, à formação e ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, com prioridade aos contextos que apresentem riscos ao desenvolvimento da criança.

Art. 14. As políticas e programas governamentais de apoio às famílias, incluindo as visitas domiciliares e os programas de promoção da paternidade e maternidade responsáveis, buscarão a articulação das áreas de saúde, nutrição, educação, assistência social, cultura, trabalho, habitação, meio ambiente e direitos humanos, entre outras, com vistas ao desenvolvimento integral da criança.

§ 1º Os programas que se destinam ao fortalecimento da família no exercício de sua função de cuidado e educação de seus filhos na primeira infância promoverão atividades centradas na criança, focadas na família e baseadas na comunidade.

§ 2º As famílias identificadas nas redes de saúde, educação e assistência social e nos órgãos do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente que se encontrem em situação de vulnerabilidade e de risco ou com direitos violados para exercer seu papel protetivo de cuidado e educação da criança na primeira infância, bem como as que têm crianças com indicadores de risco ou deficiência, terão prioridade nas políticas sociais públicas.

§ 3º As gestantes e as famílias com crianças na primeira infância deverão receber orientação e formação sobre maternidade e paternidade responsáveis, aleitamento materno, alimentação complementar saudável, crescimento e desenvolvimento infantil integral, prevenção de acidentes e educação sem uso de castigos físicos, nos termos da Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014, com o intuito de favorecer a formação e a consolidação de vínculos afetivos e estimular o desenvolvimento integral na primeira infância.

§ 4º A oferta de programas e de ações de visita domiciliar e de outras modalidades que estimulem o desenvolvimento integral na primeira infância será considerada estratégia de atuação sempre que respaldada pelas políticas públicas sociais e avaliada pela equipe profissional responsável.

§ 5º Os programas de visita domiciliar voltados ao cuidado e educação na primeira infância deverão contar com profissionais qualificados, apoiados por medidas que assegurem sua permanência e formação continuada.

NOVA CONCURSOS

Art. 15. As políticas públicas criarão condições e meios para que, desde a primeira infância, a criança tenha acesso à produção cultural e seja reconhecida como produtora de cultura.

Art. 16. A expansão da educação infantil deverá ser feita de maneira a assegurar a qualidade da oferta, com instalações e equipamentos que obedeçam a padrões de infraestrutura estabelecidos pelo Ministério da Educação, com profissionais qualificados conforme dispõe a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e com currículo e materiais pedagógicos adequados à proposta pedagógica.

Parágrafo único. A expansão da educação infantil das crianças de 0 (zero) a 3 (três) anos de idade, no cumprimento da meta do Plano Nacional de Educação, atenderá aos critérios definidos no território nacional pelo competente sistema de ensino, em articulação com as demais políticas sociais.

Art. 17. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão organizar e estimular a criação de espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de crianças, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades.

Art. 18. O art. 3º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

"Art. 3º .....

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem." (NR)

Art. 19. O art. 8º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 8º É assegurado a todas as mulheres o acesso aos programas e às políticas de saúde da mulher e de planejamento reprodutivo e, às gestantes, nutrição adequada, atenção humanizada à gravidez, ao parto e ao puerpério e atendimento pré-natal, perinatal e pós-natal integral no âmbito do Sistema Único de Saúde.

§ 1º O atendimento pré-natal será realizado por profissionais da atenção primária.

§ 2º Os profissionais de saúde de referência da gestante garantirão sua vinculação, no último trimestre da gestação, ao estabelecimento em que será realizado o parto, garantido o direito de opção da mulher.

§ 3º Os serviços de saúde onde o parto for realizado assegurarão às mulheres e aos seus filhos recém-nascidos alta hospitalar responsável e contrarreferência na atenção primária, bem como o acesso a outros serviços e a grupos de apoio à amamentação.

.....

§ 5º A assistência referida no § 4º deste artigo deverá ser prestada também a gestantes e mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção, bem como a gestantes e mães que se encontrem em situação de privação de liberdade.

§ 6º A gestante e a parturiente têm direito a 1 (um) acompanhante de sua preferência durante o período do pré-natal, do trabalho de parto e do pós-parto imediato.

§ 7º A gestante deverá receber orientação sobre aleitamento materno, alimentação complementar saudável e crescimento e desenvolvimento infantil, bem como sobre formas de favorecer a criação de vínculos afetivos e de estimular o desenvolvimento integral da criança.

§ 8º A gestante tem direito a acompanhamento saudável durante toda a gestação e a parto natural cuidadoso, estabelecendo-se a aplicação de cesariana e outras intervenções cirúrgicas por motivos médicos.

§ 9º A atenção primária à saúde fará a busca ativa da gestante que não iniciar ou que abandonar as consultas de pré-natal, bem como da puérpera que não comparecer às consultas pós-parto.

§ 10. Incumbe ao poder público garantir, à gestante e à mulher com filho na primeira infância que se encontrem sob custódia em unidade de privação de liberdade, ambiência que atenda às normas sanitárias e assistenciais do Sistema Único de Saúde para o acolhimento do filho, em articulação com o sistema de ensino competente, visando ao desenvolvimento integral da criança." (NR)

Art. 20. O art. 9º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescido dos seguintes §§ 1º e 2º:

"Art. 9º .....

§ 1º Os profissionais das unidades primárias de saúde desenvolverão ações sistemáticas, individuais ou coletivas, visando ao planejamento, à implementação e à avaliação de ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno e à alimentação complementar saudável, de forma contínua.

§ 2º Os serviços de unidades de terapia intensiva neonatal deverão dispor de banco de leite humano ou unidade de coleta de leite humano." (NR)

Art. 21. O art. 11 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 11. É assegurado acesso integral às linhas de cuidado voltadas à saúde da criança e do adolescente, por intermédio do Sistema Único de Saúde, observado o princípio da equidade no acesso a ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde.

§ 1º A criança e o adolescente com deficiência serão atendidos, sem discriminação ou segregação, em suas necessidades gerais de saúde e específicas de habilitação e reabilitação.

§ 2º Incumbe ao poder público fornecer gratuitamente, àqueles que necessitarem, medicamentos, órteses, próteses e outras tecnologias assistivas relativas ao tratamento, habilitação ou reabilitação para crianças e adolescentes, de acordo com as linhas de cuidado voltadas às suas necessidades específicas.

§ 3º Os profissionais que atuam no cuidado diário ou frequente de crianças na primeira infância receberão formação específica e permanente para a detecção de sinais de risco para o desenvolvimento psíquico, bem como para o acompanhamento que se fizer necessário." (NR)

Art. 22. O art. 12 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 12. Os estabelecimentos de atendimento à saúde, inclusive as unidades neonatais, de terapia intensiva e de cuidados intermediários, deverão proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente." (NR)

Art. 23. O art. 13 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescido do seguinte § 2º, numerando-se o atual parágrafo único como § 1º:

"Art. 13. .....

§ 1º As gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção serão obrigatoriamente encaminhadas, sem constrangimento, à Justiça da Infância e da Juventude.

§ 2º Os serviços de saúde em suas diferentes portas de entrada, os serviços de assistência social em seu componente especializado, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) e os demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente deverão conferir máxima prioridade ao atendimento das crianças na faixa etária da primeira infância com suspeita ou confirmação de violência de qualquer natureza, formulando projeto terapêutico singular que inclua intervenção em rede e, se necessário, acompanhamento domiciliar." (NR)

Art. 24. O art. 14 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescido dos seguintes §§ 2º, 3º e 4º, numerando-se o atual parágrafo único como § 1º:

"Art. 14. .....

§ 1º .....

§ 2º O Sistema Único de Saúde promoverá a atenção à saúde bucal das crianças e das gestantes, de forma transversal, integral e intersetorial com as demais linhas de cuidado direcionadas à mulher e à criança.

§ 3º A atenção odontológica à criança terá função educativa protetiva e será prestada, inicialmente, antes de o bebê nascer, por meio de aconselhamento pré-natal, e, posteriormente, no sexto e no décimo segundo anos de vida, com orientações sobre saúde bucal.

§ 4º A criança com necessidade de cuidados odontológicos especiais será atendida pelo Sistema Único de Saúde." (NR)

Art. 25. O art. 19 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 19. É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral.

.....

§ 3º A manutenção ou a reintegração de criança ou adolescente à sua família terá preferência em relação a qualquer outra providência, caso em que será esta incluída em serviços e programas de proteção, apoio e promoção, nos termos do § 1º do art. 23, dos incisos I e IV do **caput** do art. 101 e dos incisos I a IV do **caput** do art. 129 desta Lei.

....." (NR)

Art. 26. O art. 22 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

"Art. 22. .....

Parágrafo único. A mãe e o pai, ou os responsáveis, têm direitos iguais e deveres e responsabilidades compartilhados no cuidado e na educação da criança, devendo ser resguardado o direito de transmissão familiar de suas crenças e culturas, assegurados os direitos da criança estabelecidos nesta Lei." (NR)

Art. 27. O § 1º do art. 23 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 23. .....

§ 1º Não existindo outro motivo que por si só autorize a decretação da medida, a criança ou o adolescente será mantido em sua família de origem, a qual deverá obrigatoriamente ser incluída em serviços e programas oficiais de proteção, apoio e promoção.

....." (NR)

Art. 28. O art. 34 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescido dos seguintes §§ 3º e 4º:

"Art. 34. .....

.....

§ 3º A União apoiará a implementação de serviços de acolhimento em família acolhedora como política pública, os quais deverão dispor de equipe que organize o acolhimento temporário de crianças e de adolescentes em residências de famílias selecionadas, capacitadas e acompanhadas que não estejam no cadastro de adoção.

§ 4º Poderão ser utilizados recursos federais, estaduais, distritais e municipais para a manutenção dos serviços de acolhimento em família acolhedora, facultando-se o repasse de recursos para a própria família acolhedora." (NR)

Art. 29. O inciso II do art. 87 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 87. .....

.....

II - serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social de garantia de proteção social e de prevenção e redução de violações de direitos, seus agravamentos ou reincidências;

....." (NR)

Art. 30. O art. 88 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos VIII, IX e X:

"Art. 88. .....

.....

VIII - especialização e formação continuada dos profissionais que trabalham nas diferentes áreas da atenção à primeira infância, incluindo os conhecimentos sobre direitos da criança e sobre desenvolvimento infantil;

IX - formação profissional com abrangência dos diversos direitos da criança e do adolescente que favoreça a intersetorialidade no atendimento da criança e do adolescente e seu desenvolvimento integral;

X - realização e divulgação de pesquisas sobre desenvolvimento infantil e sobre prevenção da violência." (NR)

NOVA CONCURSOS

Art. 31. O art. 92 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescido do seguinte § 7º:

"Art. 92. .....

.....

§ 7º Quando se tratar de criança de 0 (zero) a 3 (três) anos em acolhimento institucional, dar-se-á especial atenção à atuação de educadores de referência estáveis e qualitativamente significativos, às rotinas específicas e ao atendimento das necessidades básicas, incluindo as de afeto como prioritárias." (NR)

Art. 32. O inciso IV do **caput** do art. 101 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 101. .....

.....

IV - inclusão em serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família, da criança e do adolescente;

....." (NR)

Art. 33. O art. 102 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescido dos seguintes §§ 5º e 6º:

"Art. 102. .....

.....

§ 5º Os registros e certidões necessários à inclusão, a qualquer tempo, do nome do pai no assento de nascimento são isentos de multas, custas e emolumentos, gozando de absoluta prioridade.

§ 6º São gratuitas, a qualquer tempo, a averbação requerida do reconhecimento de paternidade no assento de nascimento e a certidão correspondente." (NR)

Art. 34. O inciso I do art. 129 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 129. .....

I - encaminhamento a serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família;

....." (NR)

Art. 35. Os §§ 1º-A e 2º do art. 260 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 260. .....

.....

§ 1º-A. Na definição das prioridades a serem atendidas com os recursos captados pelos fundos nacional, estaduais e municipais dos direitos da criança e do adolescente, serão consideradas as disposições do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária e as do Plano Nacional pela Primeira Infância.

§ 2º Os conselhos nacional, estaduais e municipais dos direitos da criança e do adolescente fixarão critérios de utilização, por meio de planos de aplicação, das dotações subsidiadas e demais receitas, aplicando necessariamente percentual para incentivo ao acolhimento, sob a forma de guarda, de crianças e adolescentes e para programas de atenção integral à primeira infância em áreas de maior carência socioeconômica e em situações de calamidade.

....." (NR)

Art. 36. A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 265-A:

"Art. 265-A. O poder público fará periodicamente ampla divulgação dos direitos da criança e do adolescente nos meios de comunicação social.

Parágrafo único. A divulgação a que se refere o **caput** será veiculada em linguagem clara, compreensível e adequada a crianças e adolescentes, especialmente às crianças com idade inferior a 6 (seis) anos."

Art. 37. O art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos X e XI:

"Art. 473. .....

.....

X - até 2 (dois) dias para acompanhar consultas médicas e exames complementares durante o período de gravidez de sua esposa ou companheira;

XI - por 1 (um) dia por ano para acompanhar filho de até 6 (seis) anos em consulta médica." (NR)

Art. 38. Os arts. 1º, 3º, 4º e 5º da Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, passam a vigorar com as seguintes alterações: (Produção de efeito)

"Art. 1º É instituído o Programa Empresa Cidadã, destinado a prorrogar:

I - por 60 (sessenta) dias a duração da licença-maternidade prevista no inciso XVIII do caput do art. 7º da Constituição Federal;

II - por 15 (quinze) dias a duração da licença-paternidade, nos termos desta Lei, além dos 5 (cinco) dias estabelecidos no § 1º do art. 10 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

§ 1º A prorrogação de que trata este artigo:

I - será garantida à empregada da pessoa jurídica que aderir ao Programa, desde que a empregada a requeira até o final do primeiro mês após o parto, e será concedida imediatamente após a fruição da licença-maternidade de que trata o inciso XVIII do caput do art. 7º da Constituição Federal;

II - será garantida ao empregado da pessoa jurídica que aderir ao Programa, desde que o empregado a requeira no prazo de 2 (dois) dias úteis após o parto e comprove participação em programa ou atividade de orientação sobre paternidade responsável.

§ 2º A prorrogação será garantida, na mesma proporção, à empregada e ao empregado que adotar ou obtiver guarda judicial para fins de adoção de criança." (NR)

"Art. 3º Durante o período de prorrogação da licença-maternidade e da licença-paternidade:

I - a empregada terá direito à remuneração integral, nos mesmos moldes devidos no período de percepção do salário-maternidade pago pelo Regime Geral de Previdência Social (RGPS);

II - o empregado terá direito à remuneração integral." (NR)

"Art. 4º No período de prorrogação da licença-maternidade e da licença-paternidade de que trata esta Lei, a empregada e o empregado não poderão exercer nenhuma atividade remunerada, e a criança deverá ser mantida sob seus cuidados.

Parágrafo único. Em caso de descumprimento do disposto no **caput** deste artigo, a empregada e o empregado perderão o direito à prorrogação." (NR)

"Art. 5º A pessoa jurídica tributada com base no lucro real poderá deduzir do imposto devido, em cada período de apuração, o total da remuneração integral da empregada e do empregado pago nos dias de prorrogação de sua licença-maternidade e de sua licença-paternidade, vedada a dedução como despesa operacional.

....." (NR)

Art. 39. O Poder Executivo, com vistas ao cumprimento do disposto no inciso II do caput do art. 5º e nos arts. 12 e 14 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, estimará o montante da renúncia fiscal decorrente do disposto no art. 38 desta Lei e o incluirá no demonstrativo a que se refere o § 6º do art. 165 da Constituição Federal, que acompanhará o projeto de lei orçamentária cuja apresentação se der após decorridos 60 (sessenta) dias da publicação desta Lei. (Produção de efeito)

Art. 40. Os arts. 38 e 39 desta Lei produzem efeitos a partir do primeiro dia do exercício subsequente àquele em que for implementado o disposto no art. 39.

Art. 41. Os arts. 6º, 185, 304 e 318 do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), passam a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 6º .....

.....

X - colher informações sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa." (NR)

"Art. 185. .....

.....

§ 10. Do interrogatório deverá constar a informação sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa." (NR)

"Art. 304. .....

.....

§ 4º Da lavratura do auto de prisão em flagrante deverá constar a informação sobre a existência de filhos, respectivas idades e se possuem alguma deficiência e o nome e o contato de eventual responsável pelos cuidados dos filhos, indicado pela pessoa presa." (NR)

"Art. 318. .....

.....

IV - gestante;

V - mulher com filho de até 12 (doze) anos de idade incompletos;

VI - homem, caso seja o único responsável pelos cuidados do filho de até 12 (doze) anos de idade incompletos.

....." (NR)

Art. 42. O art. 5º da Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012, passa a vigorar acrescido dos seguintes §§ 3º e 4º:

"Art. 5º .....

.....

§ 3º O sistema previsto no **caput** deverá assegurar a interoperabilidade com o Sistema Nacional de Informações de Registro Civil (Sirc).

§ 4º Os estabelecimentos de saúde públicos e privados que realizam partos terão prazo de 1 (um) ano para se interligarem, mediante sistema informatizado, às serventias de registro civil existentes nas unidades federativas que aderirem ao sistema interligado previsto em regramento do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)." (NR)

Art. 43. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 8 de março de 2016; 195º da Independência e 128º da República.

· LEI N. 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. INSTITUI A LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA (ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA).

LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.

Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

LIVRO I
PARTE GERAL
TÍTULO I
DISPOSIÇÕES PRELIMINARES
CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Parágrafo único. Esta Lei tem como base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, ratificados pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008, em conformidade com o procedimento previsto no § 3º do art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, em vigor para o Brasil, no plano jurídico externo, desde 31 de agosto de 2008, e promulgados pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, data de início de sua vigência no plano interno.

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará: (Vigência)

I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;

II - os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;

III - a limitação no desempenho de atividades; e

IV - a restrição de participação.

§ 2º O Poder Executivo criará instrumentos para avaliação da deficiência.

Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva;

III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

IV - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em:

a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo;

b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados;

c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes;

d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação;

e) barreiras atitudinais: atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas;

f) barreiras tecnológicas: as que dificultam ou impedem o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias;

V - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações;

VI - adaptações razoáveis: adaptações, modificações e ajustes necessários e adequados que não acarretem ônus desproporcional e indevido, quando requeridos em cada caso, a fim de assegurar que a pessoa com deficiência possa gozar ou exercer, em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos e liberdades fundamentais;

VII - elemento de urbanização: quaisquer componentes de obras de urbanização, tais como os referentes a pavimentação, saneamento, encanamento para esgotos, distribuição de energia elétrica e de gás, iluminação pública, serviços de comunicação, abastecimento e distribuição de água, paisagismo e os que materializam as indicações do planejamento urbanístico;

VIII - mobiliário urbano: conjunto de objetos existentes nas vias e nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação, de forma que sua modificação ou seu traslado não provoque alterações substanciais nesses elementos, tais como semáforos, postes de sinalização e similares, terminais e pontos de acesso coletivo às telecomunicações, fontes de água, lixeiras, toldos, marquises, bancos, quiosques e quaisquer outros de natureza análoga;

IX - pessoa com mobilidade reduzida: aquela que tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentação, permanente ou temporária, gerando redução efetiva da mobilidade, da flexibilidade, da coordenação motora ou da percepção, incluindo idoso, gestante, lactante, pessoa com criança de colo e obeso;

X - residências inclusivas: unidades de oferta do Serviço de Acolhimento do Sistema Único de Assistência Social (Suas) localizadas em áreas residenciais da comunidade, com estruturas adequadas, que possam contar com apoio psicossocial para o atendimento das necessidades da pessoa acolhida, destinadas a jovens e adultos com deficiência, em situação de dependência, que não dispõem de condições de autossustentabilidade e com vínculos familiares fragilizados ou rompidos;

XI - moradia para a vida independente da pessoa com deficiência: moradia com estruturas adequadas capazes de proporcionar serviços de apoio coletivos e individualizados que respeitem e ampliem o grau de autonomia de jovens e adultos com deficiência;

XII - atendente pessoal: pessoa, membro ou não da família, que, com ou sem remuneração, assiste ou presta cuidados básicos e essenciais à pessoa com deficiência no exercício de suas atividades diárias, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas;

XIII - profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades es-

colares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas;

XIV - acompanhante: aquele que acompanha a pessoa com deficiência, podendo ou não desempenhar as funções de atendente pessoal.

CAPÍTULO II
DA IGUALDADE E DA NÃO DISCRIMINAÇÃO

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.

§ 2º A pessoa com deficiência não está obrigada à fruição de benefícios decorrentes de ação afirmativa.

Art. 5º A pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.

Parágrafo único. Para os fins da proteção mencionada no **caput** deste artigo, são considerados especialmente vulneráveis a criança, o adolescente, a mulher e o idoso, com deficiência.

Art. 6º A deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, inclusive para:

I - casar-se e constituir união estável;

II - exercer direitos sexuais e reprodutivos;

III - exercer o direito de decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre reprodução e planejamento familiar;

IV - conservar sua fertilidade, sendo vedada a esterilização compulsória;

V - exercer o direito à família e à convivência familiar e comunitária; e

VI - exercer o direito à guarda, à tutela, à curatela e à adoção, como adotante ou adotando, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

Art. 7º É dever de todos comunicar à autoridade competente qualquer forma de ameaça ou de violação aos direitos da pessoa com deficiência.

Parágrafo único. Se, no exercício de suas funções, os juízes e os tribunais tiverem conhecimento de fatos que caracterizem as violações previstas nesta Lei, devem remeter peças ao Ministério Público para as providências cabíveis.

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico.

Seção Única
Do Atendimento Prioritário

Art. 9º A pessoa com deficiência tem direito a receber atendimento prioritário, sobretudo com a finalidade de:

I - proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;

II - atendimento em todas as instituições e serviços de atendimento ao público;

III - disponibilização de recursos, tanto humanos quanto tecnológicos, que garantam atendimento em igualdade de condições com as demais pessoas;

IV - disponibilização de pontos de parada, estações e terminais acessíveis de transporte coletivo de passageiros e garantia de segurança no embarque e no desembarque;

V - acesso a informações e disponibilização de recursos de comunicação acessíveis;

VI - recebimento de restituição de imposto de renda;

VII - tramitação processual e procedimentos judiciais e administrativos em que for parte ou interessada, em todos os atos e diligências.

§ 1º Os direitos previstos neste artigo são extensivos ao acompanhante da pessoa com deficiência ou ao seu atendente pessoal, exceto quanto ao disposto nos incisos VI e VII deste artigo.

§ 2º Nos serviços de emergência públicos e privados, a prioridade conferida por esta Lei é condicionada aos protocolos de atendimento médico.

TÍTULO II
DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS
CAPÍTULO I
DO DIREITO À VIDA

Art. 10. Compete ao poder público garantir a dignidade da pessoa com deficiência ao longo de toda a vida.

Parágrafo único. Em situações de risco, emergência ou estado de calamidade pública, a pessoa com deficiência será considerada vulnerável, devendo o poder público adotar medidas para sua proteção e segurança.

Art. 11. A pessoa com deficiência não poderá ser obrigada a se submeter a intervenção clínica ou cirúrgica, a tratamento ou a institucionalização forçada.

Parágrafo único. O consentimento da pessoa com deficiência em situação de curatela poderá ser suprido, na forma da lei.

Art. 12. O consentimento prévio, livre e esclarecido da pessoa com deficiência é indispensável para a realização de tratamento, procedimento, hospitalização e pesquisa científica.

NOVA CONCURSOS

§ 1º Em caso de pessoa com deficiência em situação de curatela, deve ser assegurada sua participação, no maior grau possível, para a obtenção de consentimento.

§ 2º A pesquisa científica envolvendo pessoa com deficiência em situação de tutela ou de curatela deve ser realizada, em caráter excepcional, apenas quando houver indícios de benefício direto para sua saúde ou para a saúde de outras pessoas com deficiência e desde que não haja outra opção de pesquisa de eficácia comparável com participantes não tutelados ou curatelados.

Art. 13. A pessoa com deficiência somente será atendida sem seu consentimento prévio, livre e esclarecido em casos de risco de morte e de emergência em saúde, resguardado seu superior interesse e adotadas as salvaguardas legais cabíveis.

CAPÍTULO II
DO DIREITO À HABILITAÇÃO E À REABILITAÇÃO

Art. 14. O processo de habilitação e de reabilitação é um direito da pessoa com deficiência.

Parágrafo único. O processo de habilitação e de reabilitação tem por objetivo o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.

Art. 15. O processo mencionado no art. 14 desta Lei baseia-se em avaliação multidisciplinar das necessidades, habilidades e potencialidades de cada pessoa, observadas as seguintes diretrizes:

I - diagnóstico e intervenção precoces;

II - adoção de medidas para compensar perda ou limitação funcional, buscando o desenvolvimento de aptidões;

III - atuação permanente, integrada e articulada de políticas públicas que possibilitem a plena participação social da pessoa com deficiência;

IV - oferta de rede de serviços articulados, com atuação intersetorial, nos diferentes níveis de complexidade, para atender às necessidades específicas da pessoa com deficiência;

V - prestação de serviços próximo ao domicílio da pessoa com deficiência, inclusive na zona rural, respeitadas a organização das Redes de Atenção à Saúde (RAS) nos territórios locais e as normas do Sistema Único de Saúde (SUS).

Art. 16. Nos programas e serviços de habilitação e de reabilitação para a pessoa com deficiência, são garantidos:

I - organização, serviços, métodos, técnicas e recursos para atender às características de cada pessoa com deficiência;

II - acessibilidade em todos os ambientes e serviços;

III - tecnologia assistiva, tecnologia de reabilitação, materiais e equipamentos adequados e apoio técnico profissional, de acordo com as especificidades de cada pessoa com deficiência;

IV - capacitação continuada de todos os profissionais que participem dos programas e serviços.

Art. 17. Os serviços do SUS e do Suas deverão promover ações articuladas para garantir à pessoa com deficiência e sua família a aquisição de informações, orientações e formas de acesso às políticas públicas disponíveis, com a finalidade de propiciar sua plena participação social.

Parágrafo único. Os serviços de que trata o **caput** deste artigo podem fornecer informações e orientações nas áreas de saúde, de educação, de cultura, de esporte, de lazer, de transporte, de previdência social, de assistência social, de habitação, de trabalho, de empreendedorismo, de acesso ao crédito, de promoção, proteção e defesa de direitos e nas demais áreas que possibilitem à pessoa com deficiência exercer sua cidadania.

CAPÍTULO III
DO DIREITO À SAÚDE

Art. 18. É assegurada atenção integral à saúde da pessoa com deficiência em todos os níveis de complexidade, por intermédio do SUS, garantido acesso universal e igualitário.

§ 1º É assegurada a participação da pessoa com deficiência na elaboração das políticas de saúde a ela destinadas.

§ 2º É assegurado atendimento segundo normas éticas e técnicas, que regulamentarão a atuação dos profissionais de saúde e contemplarão aspectos relacionados aos direitos e às especificidades da pessoa com deficiência, incluindo temas como sua dignidade e autonomia.

§ 3º Aos profissionais que prestam assistência à pessoa com deficiência, especialmente em serviços de habilitação e de reabilitação, deve ser garantida capacitação inicial e continuada.

§ 4º As ações e os serviços de saúde pública destinados à pessoa com deficiência devem assegurar:

I - diagnóstico e intervenção precoces, realizados por equipe multidisciplinar;

II - serviços de habilitação e de reabilitação sempre que necessários, para qualquer tipo de deficiência, inclusive para a manutenção da melhor condição de saúde e qualidade de vida;

III - atendimento domiciliar multidisciplinar, tratamento ambulatorial e internação;

IV - campanhas de vacinação;

V - atendimento psicológico, inclusive para seus familiares e atendentes pessoais;

VI - respeito à especificidade, à identidade de gênero e à orientação sexual da pessoa com deficiência;

VII - atenção sexual e reprodutiva, incluindo o direito à fertilização assistida;

VIII - informação adequada e acessível à pessoa com deficiência e a seus familiares sobre sua condição de saúde;

IX - serviços projetados para prevenir a ocorrência e o desenvolvimento de deficiências e agravos adicionais;

X - promoção de estratégias de capacitação permanente das equipes que atuam no SUS, em todos os níveis de atenção, no atendimento à pessoa com deficiência, bem como orientação a seus atendentes pessoais;

XI - oferta de órteses, próteses, meios auxiliares de locomoção, medicamentos, insumos e fórmulas nutricionais, conforme as normas vigentes do Ministério da Saúde.

§ 5º As diretrizes deste artigo aplicam-se também às instituições privadas que participem de forma complementar do SUS ou que recebam recursos públicos para sua manutenção.

Art. 19. Compete ao SUS desenvolver ações destinadas à prevenção de deficiências por causas evitáveis, inclusive por meio de:

I - acompanhamento da gravidez, do parto e do puerpério, com garantia de parto humanizado e seguro;

II - promoção de práticas alimentares adequadas e saudáveis, vigilância alimentar e nutricional, prevenção e cuidado integral dos agravos relacionados à alimentação e nutrição da mulher e da criança;

III - aprimoramento e expansão dos programas de imunização e de triagem neonatal;

IV - identificação e controle da gestante de alto risco.

Art. 20. As operadoras de planos e seguros privados de saúde são obrigadas a garantir à pessoa com deficiência, no mínimo, todos os serviços e produtos ofertados aos demais clientes.

Art. 21. Quando esgotados os meios de atenção à saúde da pessoa com deficiência no local de residência, será prestado atendimento fora de domicílio, para fins de diagnóstico e de tratamento, garantidos o transporte e a acomodação da pessoa com deficiência e de seu acompanhante.

Art. 22. À pessoa com deficiência internada ou em observação é assegurado o direito a acompanhante ou a atendente pessoal, devendo o órgão ou a instituição de saúde proporcionar condições adequadas para sua permanência em tempo integral.

§ 1º Na impossibilidade de permanência do acompanhante ou do atendente pessoal junto à pessoa com deficiência, cabe ao profissional de saúde responsável pelo tratamento justificá-la por escrito.

§ 2º Na ocorrência da impossibilidade prevista no § 1º deste artigo, o órgão ou a instituição de saúde deve adotar as providências cabíveis para suprir a ausência do acompanhante ou do atendente pessoal.

Art. 23. São vedadas todas as formas de discriminação contra a pessoa com deficiência, inclusive por meio de cobrança de valores diferenciados por planos e seguros privados de saúde, em razão de sua condição.

Art. 24. É assegurado à pessoa com deficiência o acesso aos serviços de saúde, tanto públicos como privados, e às informações prestadas e recebidas, por meio de recursos de tecnologia assistiva e de todas as formas de comunicação previstas no inciso V do art. 3º desta Lei.

Art. 25. Os espaços dos serviços de saúde, tanto públicos quanto privados, devem assegurar o acesso da pessoa com deficiência, em conformidade com a legislação em vigor, mediante a remoção de barreiras, por meio de projetos arquitetônico, de ambientação de interior e de comunicação que atendam às especificidades das pessoas com deficiência física, sensorial, intelectual e mental.

Art. 26. Os casos de suspeita ou de confirmação de violência praticada contra a pessoa com deficiência serão objeto de notificação compulsória pelos serviços de saúde públicos e privados à autoridade policial e ao Ministério Público, além dos Conselhos dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, considera-se violência contra a pessoa com deficiência qualquer ação ou omissão, praticada em local público ou privado, que lhe cause morte ou dano ou sofrimento físico ou psicológico.

CAPÍTULO IV
DO DIREITO À EDUCAÇÃO

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar:

I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida;

II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena;

III - projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia;

IV - oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas;

V - adoção de medidas individualizadas e coletivas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, favorecendo o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem em instituições de ensino;

VI - pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva;

VII - planejamento de estudo de caso, de elaboração de plano de atendimento educacional especializado, de organização de recursos e serviços de acessibilidade e de disponibilização e usabilidade pedagógica de recursos de tecnologia assistiva;

NOVA CONCURSOS

VIII - participação dos estudantes com deficiência e de suas famílias nas diversas instâncias de atuação da comunidade escolar;

IX - adoção de medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, culturais, vocacionais e profissionais, levando-se em conta o talento, a criatividade, as habilidades e os interesses do estudante com deficiência;

X - adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado;

XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio;

XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação;

XIII - acesso à educação superior e à educação profissional e tecnológica em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas;

XIV - inclusão em conteúdos curriculares, em cursos de nível superior e de educação profissional técnica e tecnológica, de temas relacionados à pessoa com deficiência nos respectivos campos de conhecimento;

XV - acesso da pessoa com deficiência, em igualdade de condições, a jogos e a atividades recreativas, esportivas e de lazer, no sistema escolar;

XVI - acessibilidade para todos os estudantes, trabalhadores da educação e demais integrantes da comunidade escolar às edificações, aos ambientes e às atividades concernentes a todas as modalidades, etapas e níveis de ensino;

XVII - oferta de profissionais de apoio escolar;

XVIII - articulação intersetorial na implementação de políticas públicas.

§ 1º Às instituições privadas, de qualquer nível e modalidade de ensino, aplica-se obrigatoriamente o disposto nos incisos I, II, III, V, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII e XVIII do **caput** deste artigo, sendo vedada a cobrança de valores adicionais de qualquer natureza em suas mensalidades, anuidades e matrículas no cumprimento dessas determinações.

§ 2º Na disponibilização de tradutores e intérpretes da Libras a que se refere o inciso XI do **caput** deste artigo, deve-se observar o seguinte:

I - os tradutores e intérpretes da Libras atuantes na educação básica devem, no mínimo, possuir ensino médio completo e certificado de proficiência na Libras; (Vigência)

II - os tradutores e intérpretes da Libras, quando direcionados à tarefa de interpretar nas salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação, devem possuir nível superior, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras. (Vigência)

Art. 29. (VETADO).

Art. 30. Nos processos seletivos para ingresso e permanência nos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, públicas e privadas, devem ser adotadas as seguintes medidas:

I - atendimento preferencial à pessoa com deficiência nas dependências das Instituições de Ensino Superior (IES) e nos serviços;

II - disponibilização de formulário de inscrição de exames com campos específicos para que o candidato com deficiência informe os recursos de acessibilidade e de tecnologia assistiva necessários para sua participação;

III - disponibilização de provas em formatos acessíveis para atendimento às necessidades específicas do candidato com deficiência;

IV - disponibilização de recursos de acessibilidade e de tecnologia assistiva adequados, previamente solicitados e escolhidos pelo candidato com deficiência;

V - dilação de tempo, conforme demanda apresentada pelo candidato com deficiência, tanto na realização de exame para seleção quanto nas atividades acadêmicas, mediante prévia solicitação e comprovação da necessidade;

VI - adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa;

VII - tradução completa do edital e de suas retificações em Libras.

CAPÍTULO V
DO DIREITO À MORADIA

Art. 31. A pessoa com deficiência tem direito à moradia digna, no seio da família natural ou substituta, com seu cônjuge ou companheiro ou desacompanhada, ou em moradia para a vida independente da pessoa com deficiência, ou, ainda, em residência inclusiva.

§ 1º O poder público adotará programas e ações estratégicas para apoiar a criação e a manutenção de moradia para a vida independente da pessoa com deficiência.

§ 2º A proteção integral na modalidade de residência inclusiva será prestada no âmbito do Suas à pessoa com deficiência em situação de dependência que não disponha de condições de autossustentabilidade, com vínculos familiares fragilizados ou rompidos.

Art. 32. Nos programas habitacionais, públicos ou subsidiados com recursos públicos, a pessoa com deficiência ou o seu responsável goza de prioridade na aquisição de imóvel para moradia própria, observado o seguinte:

I - reserva de, no mínimo, 3% (três por cento) das unidades habitacionais para pessoa com deficiência;

II - (VETADO);

III - em caso de edificação multifamiliar, garantia de acessibilidade nas áreas de uso comum e nas unidades habitacionais no piso térreo e de acessibilidade ou de adaptação razoável nos demais pisos;

IV - disponibilização de equipamentos urbanos comunitários acessíveis;

V - elaboração de especificações técnicas no projeto que permitam a instalação de elevadores.

§ 1º O direito à prioridade, previsto no **caput** deste artigo, será reconhecido à pessoa com deficiência beneficiária apenas uma vez.

§ 2º Nos programas habitacionais públicos, os critérios de financiamento devem ser compatíveis com os rendimentos da pessoa com deficiência ou de sua família.

§ 3º Caso não haja pessoa com deficiência interessada nas unidades habitacionais reservadas por força do disposto no inciso I do **caput** deste artigo, as unidades não utilizadas serão disponibilizadas às demais pessoas.

Art. 33. Ao poder público compete:

I - adotar as providências necessárias para o cumprimento do disposto nos arts. 31 e 32 desta Lei; e

II - divulgar, para os agentes interessados e beneficiários, a política habitacional prevista nas legislações federal, estaduais, distrital e municipais, com ênfase nos dispositivos sobre acessibilidade.

CAPÍTULO VI
DO DIREITO AO TRABALHO
Seção I
Disposições Gerais

Art. 34. A pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

§ 1º As pessoas jurídicas de direito público, privado ou de qualquer natureza são obrigadas a garantir ambientes de trabalho acessíveis e inclusivos.

§ 2º A pessoa com deficiência tem direito, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a condições justas e favoráveis de trabalho, incluindo igual remuneração por trabalho de igual valor.

§ 3º É vedada restrição ao trabalho da pessoa com deficiência e qualquer discriminação em razão de sua condição, inclusive nas etapas de recrutamento, seleção, contratação, admissão, exames admissional e periódico, permanência no emprego, ascensão profissional e reabilitação profissional, bem como exigência de aptidão plena.

§ 4º A pessoa com deficiência tem direito à participação e ao acesso a cursos, treinamentos, educação continuada, planos de carreira, promoções, bonificações e incentivos profissionais oferecidos pelo empregador, em igualdade de oportunidades com os demais empregados.

§ 5º É garantida aos trabalhadores com deficiência acessibilidade em cursos de formação e de capacitação.

Art. 35. É finalidade primordial das políticas públicas de trabalho e emprego promover e garantir condições de acesso e de permanência da pessoa com deficiência no campo de trabalho.

Parágrafo único. Os programas de estímulo ao empreendedorismo e ao trabalho autônomo, incluídos o cooperativismo e o associativismo, devem prever a participação da pessoa com deficiência e a disponibilização de linhas de crédito, quando necessárias.

Seção II
Da Habilitação Profissional e Reabilitação Profissional

Art. 36. O poder público deve implementar serviços e programas completos de habilitação profissional e de reabilitação profissional para que a pessoa com deficiência possa ingressar, continuar ou retornar ao campo do trabalho, respeitados sua livre escolha, sua vocação e seu interesse.

§ 1º Equipe multidisciplinar indicará, com base em critérios previstos no § 1º do art. 2º desta Lei, programa de habilitação ou de reabilitação que possibilite à pessoa com deficiência restaurar sua capacidade e habilidade profissional ou adquirir novas capacidades e habilidades de trabalho.

§ 2º A habilitação profissional corresponde ao processo destinado a propiciar à pessoa com deficiência aquisição de conhecimentos, habilidades e aptidões para exercício de profissão ou de ocupação, permitindo nível suficiente de desenvolvimento profissional para ingresso no campo de trabalho.

§ 3º Os serviços de habilitação profissional, de reabilitação profissional e de educação profissional devem ser dotados de recursos necessários para atender a toda pessoa com deficiência, independentemente de sua característica específica, a fim de que ela possa ser capacitada para trabalho que lhe seja adequado e ter perspectivas de obtê-lo, de conservá-lo e de nele progredir.

§ 4º Os serviços de habilitação profissional, de reabilitação profissional e de educação profissional deverão ser oferecidos em ambientes acessíveis e inclusivos.

§ 5º A habilitação profissional e a reabilitação profissional devem ocorrer articuladas com as redes públicas e privadas, especialmente de saúde, de ensino e de assistência social, em todos os níveis e modalidades, em entidades de formação profissional ou diretamente com o empregador.

§ 6º A habilitação profissional pode ocorrer em empresas por meio de prévia formalização do contrato de emprego da pessoa com deficiência, que será considerada para o cumprimento da reserva de vagas prevista em lei, desde que por tempo determinado e concomitante com a inclusão profissional na empresa, observado o disposto em regulamento.

§ 7º A habilitação profissional e a reabilitação profissional atenderão à pessoa com deficiência.

Seção III
Da Inclusão da Pessoa com Deficiência no Trabalho

Art. 37. Constitui modo de inclusão da pessoa com deficiência no trabalho a colocação competitiva, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, nos termos da legislação trabalhista e previdenciária, na qual devem ser atendidas as regras de acessibilidade, o fornecimento de recursos de tecnologia assistiva e a adaptação razoável no ambiente de trabalho.

NOVA CONCURSOS

Parágrafo único. A colocação competitiva da pessoa com deficiência pode ocorrer por meio de trabalho com apoio, observadas as seguintes diretrizes:

I - prioridade no atendimento à pessoa com deficiência com maior dificuldade de inserção no campo de trabalho;

II - provisão de suportes individualizados que atendam a necessidades específicas da pessoa com deficiência, inclusive a disponibilização de recursos de tecnologia assistiva, de agente facilitador e de apoio no ambiente de trabalho;

III - respeito ao perfil vocacional e ao interesse da pessoa com deficiência apoiada;

IV - oferta de aconselhamento e de apoio aos empregadores, com vistas à definição de estratégias de inclusão e de superação de barreiras, inclusive atitudinais;

V - realização de avaliações periódicas;

VI - articulação intersetorial das políticas públicas;

VII - possibilidade de participação de organizações da sociedade civil.

Art. 38. A entidade contratada para a realização de processo seletivo público ou privado para cargo, função ou emprego está obrigada à observância do disposto nesta Lei e em outras normas de acessibilidade vigentes.

CAPÍTULO VII
DO DIREITO À ASSISTÊNCIA SOCIAL

Art. 39. Os serviços, os programas, os projetos e os benefícios no âmbito da política pública de assistência social à pessoa com deficiência e sua família têm como objetivo a garantia da segurança de renda, da acolhida, da habilitação e da reabilitação, do desenvolvimento da autonomia e da convivência familiar e comunitária, para a promoção do acesso a direitos e da plena participação social.

§ 1º A assistência social à pessoa com deficiência, nos termos do **caput** deste artigo, deve envolver conjunto articulado de serviços do âmbito da Proteção Social Básica e da Proteção Social Especial, ofertados pelo Suas, para a garantia de seguranças fundamentais no enfrentamento de situações de vulnerabilidade e de risco, por fragilização de vínculos e ameaça ou violação de direitos.

§ 2º Os serviços socioassistenciais destinados à pessoa com deficiência em situação de dependência deverão contar com cuidadores sociais para prestar-lhe cuidados básicos e instrumentais.

Art. 40. É assegurado à pessoa com deficiência que não possua meios para prover sua subsistência nem de tê-la provida por sua família o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993.

CAPÍTULO VIII
DO DIREITO À PREVIDÊNCIA SOCIAL

Art. 41. A pessoa com deficiência segurada do Regime Geral de Previdência Social (RGPS) tem direito à aposentadoria nos termos da Lei Complementar nº 142, de 8 de maio de 2013.

CAPÍTULO IX
DO DIREITO À CULTURA, AO ESPORTE, AO TURISMO E AO LAZER

Art. 42. A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso:

I - a bens culturais em formato acessível;

II - a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; e

III - a monumentos e locais de importância cultural e a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos.

§ 1º É vedada a recusa de oferta de obra intelectual em formato acessível à pessoa com deficiência, sob qualquer argumento, inclusive sob a alegação de proteção dos direitos de propriedade intelectual.

§ 2º O poder público deve adotar soluções destinadas à eliminação, à redução ou à superação de barreiras para a promoção do acesso a todo patrimônio cultural, observadas as normas de acessibilidade, ambientais e de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Art. 43. O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu protagonismo, devendo:

I - incentivar a provisão de instrução, de treinamento e de recursos adequados, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas;

II - assegurar acessibilidade nos locais de eventos e nos serviços prestados por pessoa ou entidade envolvida na organização das atividades de que trata este artigo; e

III - assegurar a participação da pessoa com deficiência em jogos e atividades recreativas, esportivas, de lazer, culturais e artísticas, inclusive no sistema escolar, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Art. 44. Nos teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte, locais de espetáculos e de conferências e similares, serão reservados espaços livres e assentos para a pessoa com deficiência, de acordo com a capacidade de lotação da edificação, observado o disposto em regulamento.

§ 1º Os espaços e assentos a que se refere este artigo devem ser distribuídos pelo recinto em locais diversos, de boa visibilidade, em todos os setores, próximos aos corredores, devidamente sinalizados, evitando-se áreas segregadas de público e obstrução das saídas, em conformidade com as normas de acessibilidade.

§ 2º No caso de não haver comprovada procura pelos assentos reservados, esses podem, excepcionalmente, ser ocupados por pessoas sem deficiência ou que não tenham mobilidade reduzida, observado o disposto em regulamento.

§ 3º Os espaços e assentos a que se refere este artigo devem situar-se em locais que garantam a acomodação de, no mínimo, 1 (um) acompanhante da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, resguardado o direito de se acomodar proximamente a grupo familiar e comunitário.

§ 4º Nos locais referidos no **caput** deste artigo, deve haver, obrigatoriamente, rotas de fuga e saídas de emergência acessíveis, conforme padrões das normas de acessibilidade, a fim de permitir a saída segura da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, em caso de emergência.

§ 5º Todos os espaços das edificações previstas no **caput** deste artigo devem atender às normas de acessibilidade em vigor.

§ 6º As salas de cinema devem oferecer, em todas as sessões, recursos de acessibilidade para a pessoa com deficiência. (Vigência)

§ 7º O valor do ingresso da pessoa com deficiência não poderá ser superior ao valor cobrado das demais pessoas.

Art. 45. Os hotéis, pousadas e similares devem ser construídos observando-se os princípios do desenho universal, além de adotar todos os meios de acessibilidade, conforme legislação em vigor. (Vigência)

§ 1º Os estabelecimentos já existentes deverão disponibilizar, pelo menos, 10% (dez por cento) de seus dormitórios acessíveis, garantida, no mínimo, 1 (uma) unidade acessível.

§ 2º Os dormitórios mencionados no § 1º deste artigo deverão ser localizados em rotas acessíveis.

CAPÍTULO X
DO DIREITO AO TRANSPORTE E À MOBILIDADE

Art. 46. O direito ao transporte e à mobilidade da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida será assegurado em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, por meio de identificação e de eliminação de todos os obstáculos e barreiras ao seu acesso.

§ 1º Para fins de acessibilidade aos serviços de transporte coletivo terrestre, aquaviário e aéreo, em todas as jurisdições, consideram-se como integrantes desses serviços os veículos, os terminais, as estações, os pontos de parada, o sistema viário e a prestação do serviço.

§ 2º São sujeitas ao cumprimento das disposições desta Lei, sempre que houver interação com a matéria nela regulada, a outorga, a concessão, a permissão, a autorização, a renovação ou a habilitação de linhas e de serviços de transporte coletivo.

§ 3º Para colocação do símbolo internacional de acesso nos veículos, as empresas de transporte coletivo de passageiros dependem da certificação de acessibilidade emitida pelo gestor público responsável pela prestação do serviço.

Art. 47. Em todas as áreas de estacionamento aberto ao público, de uso público ou privado de uso coletivo e em vias públicas, devem ser reservadas vagas próximas aos acessos de circulação de pedestres, devidamente sinalizadas, para veículos que transportem pessoa com deficiência com comprometimento de mobilidade, desde que devidamente identificados.

§ 1º As vagas a que se refere o **caput** deste artigo devem equivaler a 2% (dois por cento) do total, garantida, no mínimo, 1 (uma) vaga devidamente sinalizada e com as especificações de desenho e traçado de acordo com as normas técnicas vigentes de acessibilidade.

§ 2º Os veículos estacionados nas vagas reservadas devem exibir, em local de ampla visibilidade, a credencial de beneficiário, a ser confeccionada e fornecida pelos órgãos de trânsito, que disciplinarão suas características e condições de uso.

§ 3º A utilização indevida das vagas de que trata este artigo sujeita os infratores às sanções previstas no inciso XX do art. 181 da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997 (Código de Trânsito Brasileiro). (Redação dada pela Lei nº 13.281, de 2016) (Vigência)

§ 4º A credencial a que se refere o § 2º deste artigo é vinculada à pessoa com deficiência que possui comprometimento de mobilidade e é válida em todo o território nacional.

Art. 48. Os veículos de transporte coletivo terrestre, aquaviário e aéreo, as instalações, as estações, os portos e os terminais em operação no País devem ser acessíveis, de forma a garantir o seu uso por todas as pessoas.

§ 1º Os veículos e as estruturas de que trata o **caput** deste artigo devem dispor de sistema de comunicação acessível que disponibilize informações sobre todos os pontos do itinerário.

§ 2º São asseguradas à pessoa com deficiência prioridade e segurança nos procedimentos de embarque e de desembarque nos veículos de transporte coletivo, de acordo com as normas técnicas.

§ 3º Para colocação do símbolo internacional de acesso nos veículos, as empresas de transporte coletivo de passageiros dependem da certificação de acessibilidade emitida pelo gestor público responsável pela prestação do serviço.

Art. 49. As empresas de transporte de fretamento e de turismo, na renovação de suas frotas, são obrigadas ao cumprimento do disposto nos arts. 46 e 48 desta Lei. (Vigência)

Art. 50. O poder público incentivará a fabricação de veículos acessíveis e a sua utilização como táxis e **vans**, de forma a garantir o seu uso por todas as pessoas.

Art. 51. As frotas de empresas de táxi devem reservar 10% (dez por cento) de seus veículos acessíveis à pessoa com deficiência.

§ 1º É proibida a cobrança diferenciada de tarifas ou de valores adicionais pelo serviço de táxi prestado à pessoa com deficiência.

§ 2º O poder público é autorizado a instituir incentivos fiscais com vistas a possibilitar a acessibilidade dos veículos a que se refere o **caput** deste artigo.

Art. 52. As locadoras de veículos são obrigadas a oferecer 1 (um) veículo adaptado para uso de pessoa com deficiência, a cada conjunto de 20 (vinte) veículos de sua frota.

Parágrafo único. O veículo adaptado deverá ter, no mínimo, câmbio automático, direção hidráulica, vidros elétricos e comandos manuais de freio e de embreagem.

NOVA CONCURSOS

TÍTULO III
DA ACESSIBILIDADE
CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 53. A acessibilidade é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social.

Art. 54. São sujeitas ao cumprimento das disposições desta Lei e de outras normas relativas à acessibilidade, sempre que houver interação com a matéria nela regulada:

I - a aprovação de projeto arquitetônico e urbanístico ou de comunicação e informação, a fabricação de veículos de transporte coletivo, a prestação do respectivo serviço e a execução de qualquer tipo de obra, quando tenham destinação pública ou coletiva;

II - a outorga ou a renovação de concessão, permissão, autorização ou habilitação de qualquer natureza;

III - a aprovação de financiamento de projeto com utilização de recursos públicos, por meio de renúncia ou de incentivo fiscal, contrato, convênio ou instrumento congênere; e

IV - a concessão de aval da União para obtenção de empréstimo e de financiamento internacionais por entes públicos ou privados.

Art. 55. A concepção e a implantação de projetos que tratem do meio físico, de transporte, de informação e comunicação, inclusive de sistemas e tecnologias da informação e comunicação, e de outros serviços, equipamentos e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, devem atender aos princípios do desenho universal, tendo como referência as normas de acessibilidade.

§ 1º O desenho universal será sempre tomado como regra de caráter geral.

§ 2º Nas hipóteses em que comprovadamente o desenho universal não possa ser empreendido, deve ser adotada adaptação razoável.

§ 3º Caberá ao poder público promover a inclusão de conteúdos temáticos referentes ao desenho universal nas diretrizes curriculares da educação profissional e tecnológica e do ensino superior e na formação das carreiras de Estado.

§ 4º Os programas, os projetos e as linhas de pesquisa a serem desenvolvidos com o apoio de organismos públicos de auxílio à pesquisa e de agências de fomento deverão incluir temas voltados para o desenho universal.

§ 5º Desde a etapa de concepção, as políticas públicas deverão considerar a adoção do desenho universal.

Art. 56. A construção, a reforma, a ampliação ou a mudança de uso de edificações abertas ao público, de uso público ou privadas de uso coletivo deverão ser executadas de modo a serem acessíveis.

§ 1º As entidades de fiscalização profissional das atividades de Engenharia, de Arquitetura e correlatas, ao anotarem a responsabilidade técnica de projetos, devem exigir a responsabilidade profissional declarada de atendimento às regras de acessibilidade previstas em legislação e em normas técnicas pertinentes.

§ 2º Para a aprovação, o licenciamento ou a emissão de certificado de projeto executivo arquitetônico, urbanístico e de instalações e equipamentos temporários ou permanentes e para o licenciamento ou a emissão de certificado de conclusão de obra ou de serviço, deve ser atestado o atendimento às regras de acessibilidade.

§ 3º O poder público, após certificar a acessibilidade de edificação ou de serviço, determinará a colocação, em espaços ou em locais de ampla visibilidade, do símbolo internacional de acesso, na forma prevista em legislação e em normas técnicas correlatas.

Art. 57. As edificações públicas e privadas de uso coletivo já existentes devem garantir acessibilidade à pessoa com deficiência em todas as suas dependências e serviços, tendo como referência as normas de acessibilidade vigentes.

Art. 58. O projeto e a construção de edificação de uso privado multifamiliar devem atender aos preceitos de acessibilidade, na forma regulamentar.

§ 1º As construtoras e incorporadoras responsáveis pelo projeto e pela construção das edificações a que se refere o **caput** deste artigo devem assegurar percentual mínimo de suas unidades internamente acessíveis, na forma regulamentar.

§ 2º É vedada a cobrança de valores adicionais para a aquisição de unidades internamente acessíveis a que se refere o § 1º deste artigo.

Art. 59. Em qualquer intervenção nas vias e nos espaços públicos, o poder público e as empresas concessionárias responsáveis pela execução das obras e dos serviços devem garantir, de forma segura, a fluidez do trânsito e a livre circulação e acessibilidade das pessoas, durante e após sua execução.

Art. 60. Orientam-se, no que couber, pelas regras de acessibilidade previstas em legislação e em normas técnicas, observado o disposto na Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, nº 10.257, de 10 de julho de 2001, e nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012:

I - os planos diretores municipais, os planos diretores de transporte e trânsito, os planos de mobilidade urbana e os planos de preservação de sítios históricos elaborados ou atualizados a partir da publicação desta Lei;

II - os códigos de obras, os códigos de postura, as leis de uso e ocupação do solo e as leis do sistema viário;

III - os estudos prévios de impacto de vizinhança;

IV - as atividades de fiscalização e a imposição de sanções; e

V - a legislação referente à prevenção contra incêndio e pânico.

§ 1º A concessão e a renovação de alvará de funcionamento para qualquer atividade são condicionadas à observação e à certificação das regras de acessibilidade.

§ 2º A emissão de carta de habite-se ou de habilitação equivalente e sua renovação, quando esta tiver sido emitida anteriormente às exigências de acessibilidade, é condicionada à observação e à certificação das regras de acessibilidade.

Art. 61. A formulação, a implementação e a manutenção das ações de acessibilidade atenderão às seguintes premissas básicas:

I - eleição de prioridades, elaboração de cronograma e reserva de recursos para implementação das ações; e

II - planejamento contínuo e articulado entre os setores envolvidos.

Art. 62. É assegurado à pessoa com deficiência, mediante solicitação, o recebimento de contas, boletos, recibos, extratos e cobranças de tributos em formato acessível.

CAPÍTULO II
DO ACESSO À INFORMAÇÃO E À COMUNICAÇÃO

Art. 63. É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente.

§ 1º Os sítios devem conter símbolo de acessibilidade em destaque.

§ 2º Telecentros comunitários que receberem recursos públicos federais para seu custeio ou sua instalação e **lan houses** devem possuir equipamentos e instalações acessíveis.

§ 3º Os telecentros e as **lan houses** de que trata o § 2º deste artigo devem garantir, no mínimo, 10% (dez por cento) de seus computadores com recursos de acessibilidade para pessoa com deficiência visual, sendo assegurado pelo menos 1 (um) equipamento, quando o resultado percentual for inferior a 1 (um).

Art. 64. A acessibilidade nos sítios da internet de que trata o art. 63 desta Lei deve ser observada para obtenção do financiamento de que trata o inciso III do art. 54 desta Lei.

Art. 65. As empresas prestadoras de serviços de telecomunicações deverão garantir pleno acesso à pessoa com deficiência, conforme regulamentação específica.

Art. 66. Cabe ao poder público incentivar a oferta de aparelhos de telefonia fixa e móvel celular com acessibilidade que, entre outras tecnologias assistivas, possuam possibilidade de indicação e de ampliação sonoras de todas as operações e funções disponíveis.

Art. 67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:

I - subtitulação por meio de legenda oculta;

II - janela com intérprete da Libras;

III - audiodescrição.

Art. 68. O poder público deve adotar mecanismos de incentivo à produção, à edição, à difusão, à distribuição e à comercialização de livros em formatos acessíveis, inclusive em publicações da administração pública ou financiadas com recursos públicos, com vistas a garantir à pessoa com deficiência o direito de acesso à leitura, à informação e à comunicação.

§ 1º Nos editais de compras de livros, inclusive para o abastecimento ou a atualização de acervos de bibliotecas em todos os níveis e modalidades de educação e de bibliotecas públicas, o poder público deverá adotar cláusulas de impedimento à participação de editoras que não ofertem sua produção também em formatos acessíveis.

§ 2º Consideram-se formatos acessíveis os arquivos digitais que possam ser reconhecidos e acessados por **softwares** leitores de telas ou outras tecnologias assistivas que vierem a substituí-los, permitindo leitura com voz sintetizada, ampliação de caracteres, diferentes contrastes e impressão em Braille.

§ 3º O poder público deve estimular e apoiar a adaptação e a produção de artigos científicos em formato acessível, inclusive em Libras.

Art. 69. O poder público deve assegurar a disponibilidade de informações corretas e claras sobre os diferentes produtos e serviços ofertados, por quaisquer meios de comunicação empregados, inclusive em ambiente virtual, contendo a especificação correta de quantidade, qualidade, características, composição e preço, bem como sobre os eventuais riscos à saúde e à segurança do consumidor com deficiência, em caso de sua utilização, aplicando-se, no que couber, os arts. 30 a 41 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990.

§ 1º Os canais de comercialização virtual e os anúncios publicitários veiculados na imprensa escrita, na internet, no rádio, na televisão e nos demais veículos de comunicação abertos ou por assinatura devem disponibilizar, conforme a compatibilidade do meio, os recursos de acessibilidade de que trata o art. 67 desta Lei, a expensas do fornecedor do produto ou do serviço, sem prejuízo da observância do disposto nos arts. 36 a 38 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990.

§ 2º Os fornecedores devem disponibilizar, mediante solicitação, exemplares de bulas, prospectos, textos ou qualquer outro tipo de material de divulgação em formato acessível.

Art. 70. As instituições promotoras de congressos, seminários, oficinas e demais eventos de natureza científico-cultural devem oferecer à pessoa com deficiência, no mínimo, os recursos de tecnologia assistiva previstos no art. 67 desta Lei.

Art. 71. Os congressos, os seminários, as oficinas e os demais eventos de natureza científico-cultural promovidos ou financiados pelo poder público devem garantir as condições de acessibilidade e os recursos de tecnologia assistiva.

Art. 72. Os programas, as linhas de pesquisa e os projetos a serem desenvolvidos com o apoio de agências de financiamento e de órgãos e entidades integrantes da administração pública que atuem no auxílio à pesquisa devem contemplar temas voltados à tecnologia assistiva.

Art. 73. Caberá ao poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, promover a capacitação de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais habilitados em Braille, audiodescrição, estenotipia e legendagem.

NOVA CONCURSOS

CAPÍTULO III
DA TECNOLOGIA ASSISTIVA

Art. 74. É garantido à pessoa com deficiência acesso a produtos, recursos, estratégias, práticas, processos, métodos e serviços de tecnologia assistiva que maximizem sua autonomia, mobilidade pessoal e qualidade de vida.

Art. 75. O poder público desenvolverá plano específico de medidas, a ser renovado em cada período de 4 (quatro) anos, com a finalidade de:

I - facilitar o acesso a crédito especializado, inclusive com oferta de linhas de crédito subsidiadas, específicas para aquisição de tecnologia assistiva;

II - agilizar, simplificar e priorizar procedimentos de importação de tecnologia assistiva, especialmente as questões atinentes a procedimentos alfandegários e sanitários;

III - criar mecanismos de fomento à pesquisa e à produção nacional de tecnologia assistiva, inclusive por meio de concessão de linhas de crédito subsidiado e de parcerias com institutos de pesquisa oficiais;

IV - eliminar ou reduzir a tributação da cadeia produtiva e de importação de tecnologia assistiva;

V - facilitar e agilizar o processo de inclusão de novos recursos de tecnologia assistiva no rol de produtos distribuídos no âmbito do SUS e por outros órgãos governamentais.

Parágrafo único. Para fazer cumprir o disposto neste artigo, os procedimentos constantes do plano específico de medidas deverão ser avaliados, pelo menos, a cada 2 (dois) anos.

CAPÍTULO IV
DO DIREITO À PARTICIPAÇÃO NA VIDA PÚBLICA E POLÍTICA

Art. 76. O poder público deve garantir à pessoa com deficiência todos os direitos políticos e a oportunidade de exercê-los em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º À pessoa com deficiência será assegurado o direito de votar e de ser votada, inclusive por meio das seguintes ações:

I - garantia de que os procedimentos, as instalações, os materiais e os equipamentos para votação sejam apropriados, acessíveis a todas as pessoas e de fácil compreensão e uso, sendo vedada a instalação de seções eleitorais exclusivas para a pessoa com deficiência;

II - incentivo à pessoa com deficiência a candidatar-se e a desempenhar quaisquer funções públicas em todos os níveis de governo, inclusive por meio do uso de novas tecnologias assistivas, quando apropriado;

III - garantia de que os pronunciamentos oficiais, a propaganda eleitoral obrigatória e os debates transmitidos pelas emissoras de televisão possuam, pelo menos, os recursos elencados no art. 67 desta Lei;

IV - garantia do livre exercício do direito ao voto e, para tanto, sempre que necessário e a seu pedido, permissão para que a pessoa com deficiência seja auxiliada na votação por pessoa de sua escolha.

§ 2º O poder público promoverá a participação da pessoa com deficiência, inclusive quando institucionalizada, na condução das questões públicas, sem discriminação e em igualdade de oportunidades, observado o seguinte:

I - participação em organizações não governamentais relacionadas à vida pública e à política do País e em atividades e administração de partidos políticos;

II - formação de organizações para representar a pessoa com deficiência em todos os níveis;

III - participação da pessoa com deficiência em organizações que a representem.

TÍTULO IV
DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Art. 77. O poder público deve fomentar o desenvolvimento científico, a pesquisa e a inovação e a capacitação tecnológicas, voltados à melhoria da qualidade de vida e ao trabalho da pessoa com deficiência e sua inclusão social.

§ 1º O fomento pelo poder público deve priorizar a geração de conhecimentos e técnicas que visem à prevenção e ao tratamento de deficiências e ao desenvolvimento de tecnologias assistiva e social.

§ 2º A acessibilidade e as tecnologias assistiva e social devem ser fomentadas mediante a criação de cursos de pós-graduação, a formação de recursos humanos e a inclusão do tema nas diretrizes de áreas do conhecimento.

§ 3º Deve ser fomentada a capacitação tecnológica de instituições públicas e privadas para o desenvolvimento de tecnologias assistiva e social que sejam voltadas para melhoria da funcionalidade e da participação social da pessoa com deficiência.

§ 4º As medidas previstas neste artigo devem ser reavaliadas periodicamente pelo poder público, com vistas ao seu aperfeiçoamento.

Art. 78. Devem ser estimulados a pesquisa, o desenvolvimento, a inovação e a difusão de tecnologias voltadas para ampliar o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias da informação e comunicação e às tecnologias sociais.

Parágrafo único. Serão estimulados, em especial:

I - o emprego de tecnologias da informação e comunicação como instrumento de superação de limitações funcionais e de barreiras à comunicação, à informação, à educação e ao entretenimento da pessoa com deficiência;

II - a adoção de soluções e a difusão de normas que visem a ampliar a acessibilidade da pessoa com deficiência à computação e aos sítios da internet, em especial aos serviços de governo eletrônico.

LIVRO II
PARTE ESPECIAL
TÍTULO I
DO ACESSO À JUSTIÇA
CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 79. O poder público deve assegurar o acesso da pessoa com deficiência à justiça, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, garantindo, sempre que requeridos, adaptações e recursos de tecnologia assistiva.

§ 1º A fim de garantir a atuação da pessoa com deficiência em todo o processo judicial, o poder público deve capacitar os membros e os servidores que atuam no Poder Judiciário, no Ministério Público, na Defensoria Pública, nos órgãos de segurança pública e no sistema penitenciário quanto aos direitos da pessoa com deficiência.

§ 2º Devem ser assegurados à pessoa com deficiência submetida a medida restritiva de liberdade todos os direitos e garantias a que fazem jus os apenados sem deficiência, garantida a acessibilidade.

§ 3º A Defensoria Pública e o Ministério Público tomarão as medidas necessárias à garantia dos direitos previstos nesta Lei.

Art. 80. Devem ser oferecidos todos os recursos de tecnologia assistiva disponíveis para que a pessoa com deficiência tenha garantido o acesso à justiça, sempre que figure em um dos polos da ação ou atue como testemunha, partícipe da lide posta em juízo, advogado, defensor público, magistrado ou membro do Ministério Público.

Parágrafo único. A pessoa com deficiência tem garantido o acesso ao conteúdo de todos os atos processuais de seu interesse, inclusive no exercício da advocacia.

Art. 81. Os direitos da pessoa com deficiência serão garantidos por ocasião da aplicação de sanções penais.

Art. 82. (VETADO).

Art. 83. Os serviços notariais e de registro não podem negar ou criar óbices ou condições diferenciadas à prestação de seus serviços em razão de deficiência do solicitante, devendo reconhecer sua capacidade legal plena, garantida a acessibilidade.

Parágrafo único. O descumprimento do disposto no **caput** deste artigo constitui discriminação em razão de deficiência.

CAPÍTULO II
DO RECONHECIMENTO IGUAL PERANTE A LEI

Art. 84. A pessoa com deficiência tem assegurado o direito ao exercício de sua capacidade legal em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º Quando necessário, a pessoa com deficiência será submetida à curatela, conforme a lei.

§ 2º É facultado à pessoa com deficiência a adoção de processo de tomada de decisão apoiada.

§ 3º A definição de curatela de pessoa com deficiência constitui medida protetiva extraordinária, proporcional às necessidades e às circunstâncias de cada caso, e durará o menor tempo possível.

§ 4º Os curadores são obrigados a prestar, anualmente, contas de sua administração ao juiz, apresentando o balanço do respectivo ano.

Art. 85. A curatela afetará tão somente os atos relacionados aos direitos de natureza patrimonial e negocial.

§ 1º A definição da curatela não alcança o direito ao próprio corpo, à sexualidade, ao matrimônio, à privacidade, à educação, à saúde, ao trabalho e ao voto.

§ 2º A curatela constitui medida extraordinária, devendo constar da sentença as razões e motivações de sua definição, preservados os interesses do curatelado.

§ 3º No caso de pessoa em situação de institucionalização, ao nomear curador, o juiz deve dar preferência a pessoa que tenha vínculo de natureza familiar, afetiva ou comunitária com o curatelado.

Art. 86. Para emissão de documentos oficiais, não será exigida a situação de curatela da pessoa com deficiência.

Art. 87. Em casos de relevância e urgência e a fim de proteger os interesses da pessoa com deficiência em situação de curatela, será lícito ao juiz, ouvido o Ministério Público, de oficio ou a requerimento do interessado, nomear, desde logo, curador provisório, o qual estará sujeito, no que couber, às disposições do Código de Processo Civil.

TÍTULO II
DOS CRIMES E DAS INFRAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Art. 88. Praticar, induzir ou incitar discriminação de pessoa em razão de sua deficiência:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

§ 1º Aumenta-se a pena em 1/3 (um terço) se a vítima encontrar-se sob cuidado e responsabilidade do agente.

§ 2º Se qualquer dos crimes previstos no **caput** deste artigo é cometido por intermédio de meios de comunicação social ou de publicação de qualquer natureza:

Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa.

§ 3º Na hipótese do § 2º deste artigo, o juiz poderá determinar, ouvido o Ministério Público ou a pedido deste, ainda antes do inquérito policial, sob pena de desobediência:

I - recolhimento ou busca e apreensão dos exemplares do material discriminatório;

II - interdição das respectivas mensagens ou páginas de informação na internet.

§ 4º Na hipótese do § 2º deste artigo, constitui efeito da condenação, após o trânsito em julgado da decisão, a destruição do material apreendido.

Art. 89. Apropriar-se de ou desviar bens, proventos, pensão, benefícios, remuneração ou qualquer outro rendimento de pessoa com deficiência:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa.

Parágrafo único. Aumenta-se a pena em 1/3 (um terço) se o crime é cometido:

I - por tutor, curador, síndico, liquidatário, inventariante, testamenteiro ou depositário judicial; ou

II - por aquele que se apropriou em razão de ofício ou de profissão.

NOVA CONCURSOS

Art. 90. Abandonar pessoa com deficiência em hospitais, casas de saúde, entidades de abrigamento ou congêneres:

Pena - reclusão, de 6 (seis) meses a 3 (três) anos, e multa.

Parágrafo único. Na mesma pena incorre quem não prover as necessidades básicas de pessoa com deficiência quando obrigado por lei ou mandado.

Art. 91. Reter ou utilizar cartão magnético, qualquer meio eletrônico ou documento de pessoa com deficiência destinados ao recebimento de benefícios, proventos, pensões ou remuneração ou à realização de operações financeiras, com o fim de obter vantagem indevida para si ou para outrem:

Pena - detenção, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa.

Parágrafo único. Aumenta-se a pena em 1/3 (um terço) se o crime é cometido por tutor ou curador.

TÍTULO III
DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 92. É criado o Cadastro Nacional de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Cadastro-Inclusão), registro público eletrônico com a finalidade de coletar, processar, sistematizar e disseminar informações georreferenciadas que permitam a identificação e a caracterização socioeconômica da pessoa com deficiência, bem como das barreiras que impedem a realização de seus direitos.

§ 1º O Cadastro-Inclusão será administrado pelo Poder Executivo federal e constituído por base de dados, instrumentos, procedimentos e sistemas eletrônicos.

§ 2º Os dados constituintes do Cadastro-Inclusão serão obtidos pela integração dos sistemas de informação e da base de dados de todas as políticas públicas relacionadas aos direitos da pessoa com deficiência, bem como por informações coletadas, inclusive em censos nacionais e nas demais pesquisas realizadas no País, de acordo com os parâmetros estabelecidos pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.

§ 3º Para coleta, transmissão e sistematização de dados, é facultada a celebração de convênios, acordos, termos de parceria ou contratos com instituições públicas e privadas, observados os requisitos e procedimentos previstos em legislação específica.

§ 4º Para assegurar a confidencialidade, a privacidade e as liberdades fundamentais da pessoa com deficiência e os princípios éticos que regem a utilização de informações, devem ser observadas as salvaguardas estabelecidas em lei.

§ 5º Os dados do Cadastro-Inclusão somente poderão ser utilizados para as seguintes finalidades:

I - formulação, gestão, monitoramento e avaliação das políticas públicas para a pessoa com deficiência e para identificar as barreiras que impedem a realização de seus direitos;

II - realização de estudos e pesquisas.

§ 6º As informações a que se refere este artigo devem ser disseminadas em formatos acessíveis.

Art. 93. Na realização de inspeções e de auditorias pelos órgãos de controle interno e externo, deve ser observado o cumprimento da legislação relativa à pessoa com deficiência e das normas de acessibilidade vigentes.

Art. 94. Terá direito a auxílio-inclusão, nos termos da lei, a pessoa com deficiência moderada ou grave que:

I - receba o benefício de prestação continuada previsto no art. 20 da Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, e que passe a exercer atividade remunerada que a enquadre como segurado obrigatório do RGPS;

II - tenha recebido, nos últimos 5 (cinco) anos, o benefício de prestação continuada previsto no art. 20 da Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, e que exerça atividade remunerada que a enquadre como segurado obrigatório do RGPS.

Art. 95. É vedado exigir o comparecimento de pessoa com deficiência perante os órgãos públicos quando seu deslocamento, em razão de sua limitação funcional e de condições de acessibilidade, imponha-lhe ônus desproporcional e indevido, hipótese na qual serão observados os seguintes procedimentos:

I - quando for de interesse do poder público, o agente promoverá o contato necessário com a pessoa com deficiência em sua residência;

II - quando for de interesse da pessoa com deficiência, ela apresentará solicitação de atendimento domiciliar ou fará representar-se por procurador constituído para essa finalidade.

Parágrafo único. É assegurado à pessoa com deficiência atendimento domiciliar pela perícia médica e social do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), pelo serviço público de saúde ou pelo serviço privado de saúde, contratado ou conveniado, que integre o SUS e pelas entidades da rede socioassistencial integrantes do Suas, quando seu deslocamento, em razão de sua limitação funcional e de condições de acessibilidade, imponha-lhe ônus desproporcional e indevido.

Art. 96. O § 6º-A do art. 135 da Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965 (Código Eleitoral), passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 135. .....

.....

§ 6º-A. Os Tribunais Regionais Eleitorais deverão, a cada eleição, expedir instruções aos Juízes Eleitorais para orientá-los na escolha dos locais de votação, de maneira a garantir acessibilidade para o eleitor com deficiência ou com mobilidade reduzida, inclusive em seu entorno e nos sistemas de transporte que lhe dão acesso.

....." (NR)

Art. 97. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 428. .....

.....

§ 6º Para os fins do contrato de aprendizagem, a comprovação da escolaridade de aprendiz com deficiência deve considerar, sobretudo, as habilidades e competências relacionadas com a profissionalização.

.....

§ 8º Para o aprendiz com deficiência com 18 (dezoito) anos ou mais, a validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na CTPS e matrícula e frequência em programa de aprendizagem desenvolvido sob orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica." (NR)

"Art. 433. .....

.....

I - desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz, salvo para o aprendiz com deficiência quando desprovido de recursos de acessibilidade, de tecnologias assistivas e de apoio necessário ao desempenho de suas atividades;

....." (NR)

Art. 98. A Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 3º As medidas judiciais destinadas à proteção de interesses coletivos, difusos, individuais homogêneos e individuais indisponíveis da pessoa com deficiência poderão ser propostas pelo Ministério Público, pela Defensoria Pública, pela União, pelos Estados, pelos Municípios, pelo Distrito Federal, por associação constituída há mais de 1 (um) ano, nos termos da lei civil, por autarquia, por empresa pública e por fundação ou sociedade de economia mista que inclua, entre suas finalidades institucionais, a proteção dos interesses e a promoção de direitos da pessoa com deficiência.

....." (NR)

"Art. 8º Constitui crime punível com reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa:

I - recusar, cobrar valores adicionais, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, em razão de sua deficiência;

II - obstar inscrição em concurso público ou acesso de alguém a qualquer cargo ou emprego público, em razão de sua deficiência;

III - negar ou obstar emprego, trabalho ou promoção à pessoa em razão de sua deficiência;

IV - recusar, retardar ou dificultar internação ou deixar de prestar assistência médico-hospitalar e ambulatorial à pessoa com deficiência;

V - deixar de cumprir, retardar ou frustrar execução de ordem judicial expedida na ação civil a que alude esta Lei;

VI - recusar, retardar ou omitir dados técnicos indispensáveis à propositura da ação civil pública objeto desta Lei, quando requisitados.

§ 1º Se o crime for praticado contra pessoa com deficiência menor de 18 (dezoito) anos, a pena é agravada em 1/3 (um terço).

§ 2º A pena pela adoção deliberada de critérios subjetivos para indeferimento de inscrição, de aprovação e de cumprimento de estágio probatório em concursos públicos não exclui a responsabilidade patrimonial pessoal do administrador público pelos danos causados.

§ 3º Incorre nas mesmas penas quem impede ou dificulta o ingresso de pessoa com deficiência em planos privados de assistência à saúde, inclusive com cobrança de valores diferenciados.

§ 4º Se o crime for praticado em atendimento de urgência e emergência, a pena é agravada em 1/3 (um terço)." (NR)

Art. 99. O art. 20 da Lei nº 8.036, de 11 de maio de 1990, passa a vigorar acrescido do seguinte inciso XVIII:

"Art. 20. .....

.....

XVIII - quando o trabalhador com deficiência, por prescrição, necessite adquirir órtese ou prótese para promoção de acessibilidade e de inclusão social.

....." (NR)

Art. 100. A Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990 (Código de Defesa do Consumidor), passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 6º .....

.....

Parágrafo único. A informação de que trata o inciso III do **caput** deste artigo deve ser acessível à pessoa com deficiência, observado o disposto em regulamento." (NR)

"Art. 43. .....

.....

§ 6º Todas as informações de que trata o **caput** deste artigo devem ser disponibilizadas em formatos acessíveis, inclusive para a pessoa com deficiência, mediante solicitação do consumidor." (NR)

Art. 101. A Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 16. .....

I - o cônjuge, a companheira, o companheiro e o filho não emancipado, de qualquer condição, menor de 21 (vinte e um) anos ou inválido ou que tenha deficiência intelectual ou mental ou deficiência grave;

.....

III - o irmão não emancipado, de qualquer condição, menor de 21 (vinte e um) anos ou inválido ou que tenha deficiência intelectual ou mental ou deficiência grave;

....." (NR)

"Art. 77. .....

.....

§ 2º .....

.....

II - para o filho, a pessoa a ele equiparada ou o irmão, de ambos os sexos, pela emancipação ou ao completar 21 (vinte e um) anos de idade, salvo se for inválido ou tiver deficiência intelectual ou mental ou deficiência grave;

.....

§ 4º (VETADO).

....." (NR)

"Art. 93. (VETADO):

I - (VETADO);

II - (VETADO);

III - (VETADO);

IV - (VETADO);

V - (VETADO).

§ 1º A dispensa de pessoa com deficiência ou de beneficiário reabilitado da Previdência Social ao final de contrato por prazo determinado de mais de 90 (noventa) dias

NOVA CONCURSOS

e a dispensa imotivada em contrato por prazo indeterminado somente poderão ocorrer após a contratação de outro trabalhador com deficiência ou beneficiário reabilitado da Previdência Social.

§ 2º Ao Ministério do Trabalho e Emprego incumbe estabelecer a sistemática de fiscalização, bem como gerar dados e estatísticas sobre o total de empregados e as vagas preenchidas por pessoas com deficiência e por beneficiários reabilitados da Previdência Social, fornecendo-os, quando solicitados, aos sindicatos, às entidades representativas dos empregados ou aos cidadãos interessados.

§ 3º Para a reserva de cargos será considerada somente a contratação direta de pessoa com deficiência, excluído o aprendiz com deficiência de que trata a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

§ 4º (VETADO)." (NR)

"Art. 110-A. No ato de requerimento de benefícios operacionalizados pelo INSS, não será exigida apresentação de termo de curatela de titular ou de beneficiário com deficiência, observados os procedimentos a serem estabelecidos em regulamento."

Art. 102. O art. 2º da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, passa a vigorar acrescido do seguinte § 3º:

"Art. 2º .....

.....

§ 3º Os incentivos criados por esta Lei somente serão concedidos a projetos culturais que forem disponibilizados, sempre que tecnicamente possível, também em formato acessível à pessoa com deficiência, observado o disposto em regulamento." (NR)

Art. 103. O art. 11 da Lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992, passa a vigorar acrescido do seguinte inciso IX:

"Art. 11. .....

.....

IX - deixar de cumprir a exigência de requisitos de acessibilidade previstos na legislação." (NR)

Art. 104. A Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 3º .....

.....

§ 2º .....

.....

V - produzidos ou prestados por empresas que comprovem cumprimento de reserva de cargos prevista em lei para pessoa com deficiência ou para reabilitado da Previdência Social e que atendam às regras de acessibilidade previstas na legislação.

.....

§ 5º Nos processos de licitação, poderá ser estabelecida margem de preferência para:

I - produtos manufaturados e para serviços nacionais que atendam a normas técnicas brasileiras; e

II - bens e serviços produzidos ou prestados por empresas que comprovem cumprimento de reserva de cargos prevista em lei para pessoa com deficiência ou para reabilitado da Previdência Social e que atendam às regras de acessibilidade previstas na legislação.

....." (NR)

"Art. 66-A. As empresas enquadradas no inciso V do § 2º e no inciso II do § 5º do art. 3º desta Lei deverão cumprir, durante todo o período de execução do contrato, a reserva de cargos prevista em lei para pessoa com deficiência ou para reabilitado da Previdência Social, bem como as regras de acessibilidade previstas na legislação.

Parágrafo único. Cabe à administração fiscalizar o cumprimento dos requisitos de acessibilidade nos serviços e nos ambientes de trabalho."

Art. 105. O art. 20 da Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 20. .....

.....

§ 2º Para efeito de concessão do benefício de prestação continuada, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

.....

§ 9º Os rendimentos decorrentes de estágio supervisionado e de aprendizagem não serão computados para os fins de cálculo da renda familiar **per capita** a que se refere o § 3º deste artigo.

.....

§ 11. Para concessão do benefício de que trata o **caput** deste artigo, poderão ser utilizados outros elementos probatórios da condição de miserabilidade do grupo familiar e da situação de vulnerabilidade, conforme regulamento." (NR)

Art. 106. (VETADO).

Art. 107. A Lei nº 9.029, de 13 de abril de 1995, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 1º É proibida a adoção de qualquer prática discriminatória e limitativa para efeito de acesso à relação de trabalho, ou de sua manutenção, por motivo de sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar, deficiência, reabilitação profissional, idade, entre outros, ressalvadas, nesse caso, as hipóteses de proteção à criança e ao adolescente previstas no inciso XXXIII do art. 7º da Constituição Federal." (NR)

"Art. 3º Sem prejuízo do prescrito no art. 2º desta Lei e nos dispositivos legais que tipificam os crimes resultantes de preconceito de etnia, raça, cor ou deficiência, as infrações ao disposto nesta Lei são passíveis das seguintes cominações:

....." (NR)

"Art. 4º .....

I - a reintegração com ressarcimento integral de todo o período de afastamento, mediante pagamento das remunerações devidas, corrigidas monetariamente e acrescidas de juros legais;

....." (NR)

Art. 108. O art. 35 da Lei nº 9.250, de 26 de dezembro de 1995, passa a vigorar acrescido do seguinte § 5º:

"Art. 35. .....

.....

§ 5º Sem prejuízo do disposto no inciso IX do parágrafo único do art. 3º da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, a pessoa com deficiência, ou o contribuinte que tenha dependente nessa condição, tem preferência na restituição referida no inciso III do art. 4º e na alínea "c" do inciso II do art. 8º." (NR)

Art. 109. A Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997 (Código de Trânsito Brasileiro), passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 2º .....

Parágrafo único. Para os efeitos deste Código, são consideradas vias terrestres as praias abertas à circulação pública, as vias internas pertencentes aos condomínios constituídos por unidades autônomas e as vias e áreas de estacionamento de estabelecimentos privados de uso coletivo." (NR)

"Art. 86-A. As vagas de estacionamento regulamentado de que trata o inciso XVII do art. 181 desta Lei deverão ser sinalizadas com as respectivas placas indicativas de destinação e com placas informando os dados sobre a infração por estacionamento indevido."

"Art. 147-A. Ao candidato com deficiência auditiva é assegurada acessibilidade de comunicação, mediante emprego de tecnologias assistivas ou de ajudas técnicas em todas as etapas do processo de habilitação.

§ 1º O material didático audiovisual utilizado em aulas teóricas dos cursos que precedem os exames previstos no art. 147 desta Lei deve ser acessível, por meio de subtitulação com legenda oculta associada à tradução simultânea em Libras.

§ 2º É assegurado também ao candidato com deficiência auditiva requerer, no ato de sua inscrição, os serviços de intérprete da Libras, para acompanhamento em aulas práticas e teóricas."

"Art. 154. (VETADO)."

"Art. 181. .....

.....

XVII - .....

Infração - grave;

....." (NR)

Art. 110. O inciso VI e o § 1º do art. 56 da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 56. .....

.....

VI - 2,7% (dois inteiros e sete décimos por cento) da arrecadação bruta dos concursos de prognósticos e loterias federais e similares cuja realização estiver sujeita a autorização federal, deduzindo-se esse valor do montante destinado aos prêmios;

.....

§ 1º Do total de recursos financeiros resultantes do percentual de que trata o inciso VI do **caput**, 62,96% (sessenta e dois inteiros e noventa e seis centésimos por cento) serão destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e 37,04% (trinta e sete inteiros e quatro centésimos por cento) ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), devendo ser observado, em ambos os casos, o conjunto de normas aplicáveis à celebração de convênios pela União.

....." (NR)

Art. 111. O art. 1º da Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º As pessoas com deficiência, os idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, as gestantes, as lactantes, as pessoas com crianças de colo e os obesos terão atendimento prioritário, nos termos desta Lei." (NR)

Art. 112. A Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 2º .....

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em:

a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo;

b) barreiras arquitetônicas: as existentes nos edifícios públicos e privados;

c) barreiras nos transportes: as existentes nos sistemas e meios de transportes;

d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação;

III - pessoa com deficiência: aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas;

IV - pessoa com mobilidade reduzida: aquela que tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentação, permanente ou temporária, gerando redução efetiva da mobilidade, da flexibilidade, da coordenação motora ou da percepção, incluindo idoso, gestante, lactante, pessoa com criança de colo e obeso;

V - acompanhante: aquele que acompanha a pessoa com deficiência, podendo ou não desempenhar as funções de atendente pessoal;

VI - elemento de urbanização: quaisquer componentes de obras de urbanização, tais como os referentes a pavimentação, saneamento, encanamento para esgotos, distribuição de energia elétrica e de gás, iluminação pública, serviços de comunicação, abastecimento e distribuição de água, paisagismo e os que materializam as indicações do planejamento urbanístico;

VII - mobiliário urbano: conjunto de objetos existentes nas vias e nos espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos de urbanização ou de edificação, de forma que sua modificação ou seu traslado não provoque alterações substanciais nesses elementos, tais como semáforos, postes de sinalização e similares, terminais e pontos de acesso coletivo às telecomunicações, fontes de água, lixeiras, toldos, marquises, bancos, quiosques e quaisquer outros de natureza análoga;

VIII - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

IX - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações;

X - desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva." (NR)

"Art. 3º O planejamento e a urbanização das vias públicas, dos parques e dos demais espaços de uso público deverão ser concebidos e executados de forma a torná-los acessíveis para todas as pessoas, inclusive para aquelas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

Parágrafo único. O passeio público, elemento obrigatório de urbanização e parte da via pública, normalmente segregado e em nível diferente, destina-se somente à circulação de pedestres e, quando possível, à implantação de mobiliário urbano e de vegetação." (NR)

"Art. 9º .....

Parágrafo único. Os semáforos para pedestres instalados em vias públicas de grande circulação, ou que deem acesso aos serviços de reabilitação, devem obrigatoriamente estar equipados com mecanismo que emita sinal sonoro suave para orientação do pedestre." (NR)

"Art. 10-A. A instalação de qualquer mobiliário urbano em área de circulação comum para pedestre que ofereça risco de acidente à pessoa com deficiência deverá ser indicada mediante sinalização tátil de alerta no piso, de acordo com as normas técnicas pertinentes."

"Art. 12-A. Os centros comerciais e os estabelecimentos congêneres devem fornecer carros e cadeiras de rodas, motorizados ou não, para o atendimento da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida."

Art. 113. A Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001 (Estatuto da Cidade), passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 3º .....

.....

III - promover, por iniciativa própria e em conjunto com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, programas de construção de moradias e melhoria das condições habitacionais, de saneamento básico, das calçadas, dos passeios públicos, do mobiliário urbano e dos demais espaços de uso público;

IV - instituir diretrizes para desenvolvimento urbano, inclusive habitação, saneamento básico, transporte e mobilidade urbana, que incluam regras de acessibilidade aos locais de uso público;

....." (NR)

"Art. 41. .....

.....

§ 3º As cidades de que trata o **caput** deste artigo devem elaborar plano de rotas acessíveis, compatível com o plano diretor no qual está inserido, que disponha sobre os passeios públicos a serem implantados ou reformados pelo poder público, com vistas a garantir acessibilidade da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida a todas as rotas e vias existentes, inclusive as que concentrem os focos geradores de maior circulação de pedestres, como os órgãos públicos e os locais de prestação de serviços públicos e privados de saúde, educação, assistência social, esporte, cultura, correios e telégrafos, bancos, entre outros, sempre que possível de maneira integrada com os sistemas de transporte coletivo de passageiros." (NR)

Art. 114. A Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 3º São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil os menores de 16 (dezesseis) anos.

I - (Revogado);

II - (Revogado);

III - (Revogado)." (NR)

"Art. 4º São incapazes, relativamente a certos atos ou à maneira de os exercer:

.....

II - os ébrios habituais e os viciados em tóxico;

III - aqueles que, por causa transitória ou permanente, não puderem exprimir sua vontade;

.....

Parágrafo único. A capacidade dos indígenas será regulada por legislação especial." (NR)

"Art. 228. .....

.....

II - (Revogado);

III - (Revogado);

.....

§ 1º .....

§ 2º A pessoa com deficiência poderá testemunhar em igualdade de condições com as demais pessoas, sendo-lhe assegurados todos os recursos de tecnologia assistiva." (NR)

"Art. 1.518. Até a celebração do casamento podem os pais ou tutores revogar a autorização." (NR)

"Art. 1.548. .....
I - (Revogado);
....." (NR)
"Art. 1.550. .....
.....
§ 1º .....
§ 2º A pessoa com deficiência mental ou intelectual em idade núbia poderá contrair matrimônio, expressando sua vontade diretamente ou por meio de seu responsável ou curador." (NR)
"Art. 1.557. .....
.....
III - a ignorância, anterior ao casamento, de defeito físico irremediável que não caracterize deficiência ou de moléstia grave e transmissível, por contágio ou por herança, capaz de pôr em risco a saúde do outro cônjuge ou de sua descendência;
IV - (Revogado)." (NR)
"Art. 1.767. .....
I - aqueles que, por causa transitória ou permanente, não puderem exprimir sua vontade;
II - (Revogado);
III - os ébrios habituais e os viciados em tóxico;
IV - (Revogado);
....." (NR)
"Art. 1.768. O processo que define os termos da curatela deve ser promovido:
.....
IV - pela própria pessoa." (NR)
"Art. 1.769. O Ministério Público somente promoverá o processo que define os termos da curatela:
I - nos casos de deficiência mental ou intelectual;
.....
III - se, existindo, forem menores ou incapazes as pessoas mencionadas no inciso II." (NR)
"Art. 1.771. Antes de se pronunciar acerca dos termos da curatela, o juiz, que deverá ser assistido por equipe multidisciplinar, entrevistará pessoalmente o interditando." (NR)
"Art. 1.772. O juiz determinará, segundo as potencialidades da pessoa, os limites da curatela, circunscritos às restrições constantes do art. 1.782, e indicará curador.
Parágrafo único. Para a escolha do curador, o juiz levará em conta a vontade e as preferências do interditando, a ausência de conflito de interesses e de influência indevida, a proporcionalidade e a adequação às circunstâncias da pessoa." (NR)
"Art. 1.775-A. Na nomeação de curador para a pessoa com deficiência, o juiz poderá estabelecer curatela compartilhada a mais de uma pessoa."
"Art. 1.777. As pessoas referidas no inciso I do art. 1.767 receberão todo o apoio necessário para ter preservado o direito à convivência familiar e comunitária, sendo evitado o seu recolhimento em estabelecimento que os afaste desse convívio." (NR)
Art. 115. O Título IV do Livro IV da Parte Especial da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), passa a vigorar com a seguinte redação:

"TÍTULO IV
Da Tutela, da Curatela e da Tomada de Decisão Apoiada"

Art. 116. O Título IV do Livro IV da Parte Especial da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), passa a vigorar acrescido do seguinte Capítulo III:

"CAPÍTULO III
Da Tomada de Decisão Apoiada

Art. 1.783-A. A tomada de decisão apoiada é o processo pelo qual a pessoa com deficiência elege pelo menos 2 (duas) pessoas idôneas, com as quais mantenha vínculos e que gozem de sua confiança, para prestar-lhe apoio na tomada de decisão sobre atos da vida civil, fornecendo-lhes os elementos e informações necessários para que possa exercer sua capacidade.
§ 1º Para formular pedido de tomada de decisão apoiada, a pessoa com deficiência e os apoiadores devem apresentar termo em que constem os limites do apoio a ser oferecido e os compromissos dos apoiadores, inclusive o prazo de vigência do acordo e o respeito à vontade, aos direitos e aos interesses da pessoa que devem apoiar.
§ 2º O pedido de tomada de decisão apoiada será requerido pela pessoa a ser apoiada, com indicação expressa das pessoas aptas a prestarem o apoio previsto no **caput** deste artigo.
§ 3º Antes de se pronunciar sobre o pedido de tomada de decisão apoiada, o juiz, assistido por equipe multidisciplinar, após oitiva do Ministério Público, ouvirá pessoalmente o requerente e as pessoas que lhe prestarão apoio.
§ 4º A decisão tomada por pessoa apoiada terá validade e efeitos sobre terceiros, sem restrições, desde que esteja inserida nos limites do apoio acordado.
§ 5º Terceiro com quem a pessoa apoiada mantenha relação negocial pode solicitar que os apoiadores contra-assinem o contrato ou acordo, especificando, por escrito, sua função em relação ao apoiado.
§ 6º Em caso de negócio jurídico que possa trazer risco ou prejuízo relevante, havendo divergência de opiniões entre a pessoa apoiada e um dos apoiadores, deverá o juiz, ouvido o Ministério Público, decidir sobre a questão.
§ 7º Se o apoiador agir com negligência, exercer pressão indevida ou não adimplir as obrigações assumidas, poderá a pessoa apoiada ou qualquer pessoa apresentar denúncia ao Ministério Público ou ao juiz.
§ 8º Se procedente a denúncia, o juiz destituirá o apoiador e nomeará, ouvida a pessoa apoiada e se for de seu interesse, outra pessoa para prestação de apoio.
§ 9º A pessoa apoiada pode, a qualquer tempo, solicitar o término de acordo firmado em processo de tomada de decisão apoiada.
§ 10. O apoiador pode solicitar ao juiz a exclusão de sua participação do processo de tomada de decisão apoiada, sendo seu desligamento condicionado à manifestação do juiz sobre a matéria.
§ 11. Aplicam-se à tomada de decisão apoiada, no que couber, as disposições referentes à prestação de contas na curatela."

NOVA CONCURSOS

Art. 117. O art. 1º da Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º É assegurado à pessoa com deficiência visual acompanhada de cão-guia o direito de ingressar e de permanecer com o animal em todos os meios de transporte e em estabelecimentos abertos ao público, de uso público e privados de uso coletivo, desde que observadas as condições impostas por esta Lei.

.....

§ 2º O disposto no **caput** deste artigo aplica-se a todas as modalidades e jurisdições do serviço de transporte coletivo de passageiros, inclusive em esfera internacional com origem no território brasileiro." (NR)

Art. 118. O inciso IV do art. 46 da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, passa a vigorar acrescido da seguinte alínea "k":

"Art. 46. .....

.....

IV - .....

.....

k) de acessibilidade a todas as pessoas.

....." (NR)

Art. 119. A Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 12-B:

"Art. 12-B. Na outorga de exploração de serviço de táxi, reservar-se-ão 10% (dez por cento) das vagas para condutores com deficiência.

§ 1º Para concorrer às vagas reservadas na forma do **caput** deste artigo, o condutor com deficiência deverá observar os seguintes requisitos quanto ao veículo utilizado:

I - ser de sua propriedade e por ele conduzido; e

II - estar adaptado às suas necessidades, nos termos da legislação vigente.

§ 2º No caso de não preenchimento das vagas na forma estabelecida no **caput** deste artigo, as remanescentes devem ser disponibilizadas para os demais concorrentes."

Art. 120. Cabe aos órgãos competentes, em cada esfera de governo, a elaboração de relatórios circunstanciados sobre o cumprimento dos prazos estabelecidos por força das Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, e nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, bem como o seu encaminhamento ao Ministério Público e aos órgãos de regulação para adoção das providências cabíveis.

Parágrafo único. Os relatórios a que se refere o **caput** deste artigo deverão ser apresentados no prazo de 1 (um) ano a contar da entrada em vigor desta Lei.

Art. 121. Os direitos, os prazos e as obrigações previstos nesta Lei não excluem os já estabelecidos em outras legislações, inclusive em pactos, tratados, convenções e declarações internacionais aprovados e promulgados pelo Congresso Nacional, e devem ser aplicados em conformidade com as demais normas internas e acordos internacionais vinculantes sobre a matéria.

Parágrafo único. Prevalecerá a norma mais benéfica à pessoa com deficiência.

Art. 122. Regulamento disporá sobre a adequação do disposto nesta Lei ao tratamento diferenciado, simplificado e favorecido a ser dispensado às microempresas e às empresas de pequeno porte, previsto no § 3º do art. 1º da Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006.

Art. 123. Revogam-se os seguintes dispositivos: (Vigência)

I - o inciso II do § 2º do art. 1º da Lei nº 9.008, de 21 de março de 1995;

II - os incisos I, II e III do art. 3º da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil);

III - os incisos II e III do art. 228 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil);

IV - o inciso I do art. 1.548 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil);

V - o inciso IV do art. 1.557 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil);

VI - os incisos II e IV do art. 1.767 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil);

VII - os arts. 1.776 e 1.780 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil).

Art. 124. O § 1º do art. 2º desta Lei deverá entrar em vigor em até 2 (dois) anos, contados da entrada em vigor desta Lei.

Art. 125. Devem ser observados os prazos a seguir discriminados, a partir da entrada em vigor desta Lei, para o cumprimento dos seguintes dispositivos:

I - incisos I e II do § 2º do art. 28, 48 (quarenta e oito) meses;

II - § 6º do art. 44, 48 (quarenta e oito) meses;

III - art. 45, 24 (vinte e quatro) meses;

IV - art. 49, 48 (quarenta e oito) meses.

Art. 126. Prorroga-se até 31 de dezembro de 2021 a vigência da Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995.

Art. 127. Esta Lei entra em vigor após decorridos 180 (cento e oitenta) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de julho de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

· DECRETO N. 6.949, DE 25 DE AGOSTO DE 2009. PROMULGA A CONVENÇÃO INTERNACIONAL SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E SEU PROTOCOLO FACULTATIVO.

DECRETO Nº 6.949, DE 25 DE AGOSTO DE 2009.

Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e

Considerando que o Congresso Nacional aprovou, por meio do Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008, conforme o procedimento do § 3º do art. 5º da Constituição, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007;

Considerando que o Governo brasileiro depositou o instrumento de ratificação dos referidos atos junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas em 1º de agosto de 2008;

Considerando que os atos internacionais em apreço entraram em vigor para o Brasil, no plano jurídico externo, em 31 de agosto de 2008;

DECRETA:

Art. 1º A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, apensos por cópia ao presente Decreto, serão executados e cumpridos tão inteiramente como neles se contém.

Art. 2º São sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão dos referidos diplomas internacionais ou que acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional, nos termos do art. 49, inciso I, da Constituição.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de agosto de 2009; 188º da Independência e 121º da República.

CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Preâmbulo

Os Estados Partes da presente Convenção,

a) *Relembrando* os princípios consagrados na Carta das Nações Unidas, que reconhecem a dignidade e o valor inerentes e os direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana como o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo,

b) *Reconhecendo* que as Nações Unidas, na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos Pactos Internacionais sobre Direitos Humanos, proclamaram e concordaram que toda pessoa faz jus a todos os direitos e liberdades ali estabelecidos, sem distinção de qualquer espécie,

c) *Reafirmando* a universalidade, a indivisibilidade, a interdependência e a inter-relação de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, bem como a necessidade de garantir que todas as pessoas com deficiência os exerçam plenamente, sem discriminação,

d) *Relembrando* o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, a Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, a Convenção contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanos ou Degradantes, a Convenção sobre os Direitos da Criança e a Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de suas Famílias,

e) *Reconhecendo* que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas,

f) *Reconhecendo* a importância dos princípios e das diretrizes de política, contidos no Programa de Ação Mundial para as Pessoas Deficientes e nas Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência, para influenciar a promoção, a formulação e a avaliação de políticas, planos, programas e ações em níveis nacional, regional e internacional para possibilitar maior igualdade de oportunidades para pessoas com deficiência,

g) *Ressaltando* a importância de trazer questões relativas à deficiência ao centro das preocupações da sociedade como parte integrante das estratégias relevantes de desenvolvimento sustentável,

h) *Reconhecendo* também que a discriminação contra qualquer pessoa, por motivo de deficiência, configura violação da dignidade e do valor inerentes ao ser humano,

i) *Reconhecendo* ainda a diversidade das pessoas com deficiência,

j) *Reconhecendo* a necessidade de promover e proteger os direitos humanos de todas as pessoas com deficiência, inclusive daquelas que requerem maior apoio,

k) *Preocupados* com o fato de que, não obstante esses diversos instrumentos e compromissos, as pessoas com deficiência continuam a enfrentar barreiras contra sua participação como membros iguais da sociedade e violações de seus direitos humanos em todas as partes do mundo,

l) *Reconhecendo* a importância da cooperação internacional para melhorar as condições de vida das pessoas com deficiência em todos os países, particularmente naqueles em desenvolvimento,

m) *Reconhecendo* as valiosas contribuições existentes e potenciais das pessoas com deficiência ao bem-estar comum e à diversidade de suas comunidades, e que a pro-

moção do pleno exercício, pelas pessoas com deficiência, de seus direitos humanos e liberdades fundamentais e de sua plena participação na sociedade resultará no fortalecimento de seu senso de pertencimento à sociedade e no significativo avanço do desenvolvimento humano, social e econômico da sociedade, bem como na erradicação da pobreza,

n) *Reconhecendo* a importância, para as pessoas com deficiência, de sua autonomia e independência individuais, inclusive da liberdade para fazer as próprias escolhas,

o) *Considerando* que as pessoas com deficiência devem ter a oportunidade de participar ativamente das decisões relativas a programas e políticas, inclusive aos que lhes dizem respeito diretamente,

p) *Preocupados* com as difíceis situações enfrentadas por pessoas com deficiência que estão sujeitas a formas múltiplas ou agravadas de discriminação por causa de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra natureza, origem nacional, étnica, nativa ou social, propriedade, nascimento, idade ou outra condição,

q) *Reconhecendo* que mulheres e meninas com deficiência estão frequentemente expostas a maiores riscos, tanto no lar como fora dele, de sofrer violência, lesões ou abuso, descaso ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração,

r) *Reconhecendo* que as crianças com deficiência devem gozar plenamente de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais em igualdade de oportunidades com as outras crianças e relembrando as obrigações assumidas com esse fim pelos Estados Partes na Convenção sobre os Direitos da Criança,

s) *Ressaltando* a necessidade de incorporar a perspectiva de gênero aos esforços para promover o pleno exercício dos direitos humanos e liberdades fundamentais por parte das pessoas com deficiência,

t) *Salientando* o fato de que a maioria das pessoas com deficiência vive em condições de pobreza e, nesse sentido, reconhecendo a necessidade crítica de lidar com o impacto negativo da pobreza sobre pessoas com deficiência,

u) *Tendo em mente* que as condições de paz e segurança baseadas no pleno respeito aos propósitos e princípios consagrados na Carta das Nações Unidas e a observância dos instrumentos de direitos humanos são indispensáveis para a total proteção das pessoas com deficiência, particularmente durante conflitos armados e ocupação estrangeira,

v) *Reconhecendo* a importância da acessibilidade aos meios físico, social, econômico e cultural, à saúde, à educação e à informação e comunicação, para possibilitar às pessoas com deficiência o pleno gozo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais,

w*) Conscientes* de que a pessoa tem deveres para com outras pessoas e para com a comunidade a que pertence e que, portanto, tem a responsabilidade de esforçar-se para a promoção e a observância dos direitos reconhecidos na Carta Internacional dos Direitos Humanos,

x) *Convencidos* de que a família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem o direito de receber a proteção da sociedade e do Estado e de que as pessoas com deficiência e seus familiares devem receber a proteção e a assistência necessárias para tornar as famílias capazes de contribuir para o exercício pleno e equitativo dos direitos das pessoas com deficiência,

y) *Convencidos* de que uma convenção internacional geral e integral para promover e proteger os direitos e a dignidade das pessoas com deficiência prestará significativa contribuição para corrigir as profundas desvantagens sociais das pessoas com deficiência e para promover sua participação na vida econômica, social e cultural, em igualdade de oportunidades, tanto nos países em desenvolvimento como nos desenvolvidos,

Acordaram o seguinte:

Artigo 1

Propósito

O propósito da presente Convenção é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente.

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Artigo 2

Definições

Para os propósitos da presente Convenção:

"Comunicação" abrange as línguas, a visualização de textos, o braille, a comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos de multimídia acessível, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizada e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, inclusive a tecnologia da informação e comunicação acessíveis;

"Língua" abrange as línguas faladas e de sinais e outras formas de comunicação não-falada;

"Discriminação por motivo de deficiência" significa qualquer diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência, com o propósito ou efeito de impedir ou impossibilitar o reconhecimento, o desfrute ou o exercício, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais nos âmbitos político, econômico, social, cultural, civil ou qualquer outro. Abrange todas as formas de discriminação, inclusive a recusa de adaptação razoável;

"Adaptação razoável" significa as modificações e os ajustes necessários e adequados que não acarretem ônus desproporcional ou indevido, quando requeridos em cada caso, a fim de assegurar que as pessoas com deficiência possam gozar ou exercer, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos humanos e liberdades fundamentais;

"Desenho universal" significa a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico. O "desenho universal" não excluirá as ajudas técnicas para grupos específicos de pessoas com deficiência, quando necessárias.

Artigo 3

Princípios gerais

Os princípios da presente Convenção são:

a) O respeito pela dignidade inerente, a autonomia individual, inclusive a liberdade de fazer as próprias escolhas, e a independência das pessoas;

b) A não-discriminação;

c) A plena e efetiva participação e inclusão na sociedade;

d) O respeito pela diferença e pela aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana e da humanidade;

e) A igualdade de oportunidades;

f) A acessibilidade;

g) A igualdade entre o homem e a mulher;

h) O respeito pelo desenvolvimento das capacidades das crianças com deficiência e pelo direito das crianças com deficiência de preservar sua identidade.

Artigo 4

Obrigações gerais

1.Os Estados Partes se comprometem a assegurar e promover o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, sem qualquer tipo de discriminação por causa de sua deficiência. Para tanto, os Estados Partes se comprometem a:

a) Adotar todas as medidas legislativas, administrativas e de qualquer outra natureza, necessárias para a realização dos direitos reconhecidos na presente Convenção;

b) Adotar todas as medidas necessárias, inclusive legislativas, para modificar ou revogar leis, regulamentos, costumes e práticas vigentes, que constituírem discriminação contra pessoas com deficiência;

c) Levar em conta, em todos os programas e políticas, a proteção e a promoção dos direitos humanos das pessoas com deficiência;

d) Abster-se de participar em qualquer ato ou prática incompatível com a presente Convenção e assegurar que as autoridades públicas e instituições atuem em conformidade com a presente Convenção;

e) Tomar todas as medidas apropriadas para eliminar a discriminação baseada em deficiência, por parte de qualquer pessoa, organização ou empresa privada;

f) Realizar ou promover a pesquisa e o desenvolvimento de produtos, serviços, equipamentos e instalações com desenho universal, conforme definidos no Artigo 2 da presente Convenção, que exijam o mínimo possível de adaptação e cujo custo seja o mínimo possível, destinados a atender às necessidades específicas de pessoas com deficiência, a promover sua disponibilidade e seu uso e a promover o desenho universal quando da elaboração de normas e diretrizes;

g) Realizar ou promover a pesquisa e o desenvolvimento, bem como a disponibilidade e o emprego de novas tecnologias, inclusive as tecnologias da informação e comunicação, ajudas técnicas para locomoção, dispositivos e tecnologias assistivas, adequados a pessoas com deficiência, dando prioridade a tecnologias de custo acessível;

h) Propiciar informação acessível para as pessoas com deficiência a respeito de ajudas técnicas para locomoção, dispositivos e tecnologias assistivas, incluindo novas tecnologias bem como outras formas de assistência, serviços de apoio e instalações;

i) Promover a capacitação em relação aos direitos reconhecidos pela presente Convenção dos profissionais e equipes que trabalham com pessoas com deficiência, de forma a melhorar a prestação de assistência e serviços garantidos por esses direitos.

2.Em relação aos direitos econômicos, sociais e culturais, cada Estado Parte se compromete a tomar medidas, tanto quanto permitirem os recursos disponíveis e, quando necessário, no âmbito da cooperação internacional, a fim de assegurar progressivamente o pleno exercício desses direitos, sem prejuízo das obrigações contidas na presente Convenção que forem imediatamente aplicáveis de acordo com o direito internacional.

3.Na elaboração e implementação de legislação e políticas para aplicar a presente Convenção e em outros processos de tomada de decisão relativos às pessoas com deficiência, os Estados Partes realizarão consultas estreitas e envolverão ativamente pessoas com deficiência, inclusive crianças com deficiência, por intermédio de suas organizações representativas.

4.Nenhum dispositivo da presente Convenção afetará quaisquer disposições mais propícias à realização dos direitos das pessoas com deficiência, as quais possam estar contidas na legislação do Estado Parte ou no direito internacional em vigor para esse Estado. Não haverá nenhuma restrição ou derrogação de qualquer dos direitos humanos e liberdades fundamentais reconhecidos ou vigentes em qualquer Estado Parte da presente Convenção, em conformidade com leis, convenções, regulamentos ou costumes, sob a alegação de que a presente Convenção não reconhece tais direitos e liberdades ou que os reconhece em menor grau.

5.As disposições da presente Convenção se aplicam, sem limitação ou exceção, a todas as unidades constitutivas dos Estados federativos.

Artigo 5

Igualdade e não-discriminação

1.Os Estados Partes reconhecem que todas as pessoas são iguais perante e sob a lei e que fazem jus, sem qualquer discriminação, a igual proteção e igual benefício da lei.

2.Os Estados Partes proibirão qualquer discriminação baseada na deficiência e garantirão às pessoas com deficiência igual e efetiva proteção legal contra a discriminação por qualquer motivo.

3.A fim de promover a igualdade e eliminar a discriminação, os Estados Partes adotarão todas as medidas apropriadas para garantir que a adaptação razoável seja oferecida.

4.Nos termos da presente Convenção, as medidas específicas que forem necessárias para acelerar ou alcançar a efetiva igualdade das pessoas com deficiência não serão consideradas discriminatórias.

NOVA CONCURSOS

Artigo 6

Mulheres com deficiência

1.Os Estados Partes reconhecem que as mulheres e meninas com deficiência estão sujeitas a múltiplas formas de discriminação e, portanto, tomarão medidas para assegurar às mulheres e meninas com deficiência o pleno e igual exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais.

2.Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para assegurar o pleno desenvolvimento, o avanço e o empoderamento das mulheres, a fim de garantir-lhes o exercício e o gozo dos direitos humanos e liberdades fundamentais estabelecidos na presente Convenção.

Artigo 7

Crianças com deficiência

1.Os Estados Partes tomarão todas as medidas necessárias para assegurar às crianças com deficiência o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, em igualdade de oportunidades com as demais crianças.

2.Em todas as ações relativas às crianças com deficiência, o superior interesse da criança receberá consideração primordial.

3.Os Estados Partes assegurarão que as crianças com deficiência tenham o direito de expressar livremente sua opinião sobre todos os assuntos que lhes disserem respeito, tenham a sua opinião devidamente valorizada de acordo com sua idade e maturidade, em igualdade de oportunidades com as demais crianças, e recebam atendimento adequado à sua deficiência e idade, para que possam exercer tal direito.

Artigo 8

Conscientização

1.Os Estados Partes se comprometem a adotar medidas imediatas, efetivas e apropriadas para:

a) Conscientizar toda a sociedade, inclusive as famílias, sobre as condições das pessoas com deficiência e fomentar o respeito pelos direitos e pela dignidade das pessoas com deficiência;

b) Combater estereótipos, preconceitos e práticas nocivas em relação a pessoas com deficiência, inclusive aqueles relacionados a sexo e idade, em todas as áreas da vida;

c) Promover a conscientização sobre as capacidades e contribuições das pessoas com deficiência.

2.As medidas para esse fim incluem:

a) Lançar e dar continuidade a efetivas campanhas de conscientização públicas, destinadas a:

i) Favorecer atitude receptiva em relação aos direitos das pessoas com deficiência;

ii) Promover percepção positiva e maior consciência social em relação às pessoas com deficiência;

iii) Promover o reconhecimento das habilidades, dos méritos e das capacidades das pessoas com deficiência e de sua contribuição ao local de trabalho e ao mercado laboral;

b) Fomentar em todos os níveis do sistema educacional, incluindo neles todas as crianças desde tenra idade, uma atitude de respeito para com os direitos das pessoas com deficiência;

c) Incentivar todos os órgãos da mídia a retratar as pessoas com deficiência de maneira compatível com o propósito da presente Convenção;

d) Promover programas de formação sobre sensibilização a respeito das pessoas com deficiência e sobre os direitos das pessoas com deficiência.

Artigo 9

Acessibilidade

1.A fim de possibilitar às pessoas com deficiência viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida, os Estados Partes tomarão as medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural. Essas medidas, que incluirão a identificação e a eliminação de obstáculos e barreiras à acessibilidade, serão aplicadas, entre outros, a:

a) Edifícios, rodovias, meios de transporte e outras instalações internas e externas, inclusive escolas, residências, instalações médicas e local de trabalho;

b) Informações, comunicações e outros serviços, inclusive serviços eletrônicos e serviços de emergência.

2.Os Estados Partes também tomarão medidas apropriadas para:

a) Desenvolver, promulgar e monitorar a implementação de normas e diretrizes mínimas para a acessibilidade das instalações e dos serviços abertos ao público ou de uso público;

b) Assegurar que as entidades privadas que oferecem instalações e serviços abertos ao público ou de uso público levem em consideração todos os aspectos relativos à acessibilidade para pessoas com deficiência;

c) Proporcionar, a todos os atores envolvidos, formação em relação às questões de acessibilidade com as quais as pessoas com deficiência se confrontam;

d) Dotar os edifícios e outras instalações abertas ao público ou de uso público de sinalização em braille e em formatos de fácil leitura e compreensão;

e) Oferecer formas de assistência humana ou animal e serviços de mediadores, incluindo guias, ledores e intérpretes profissionais da língua de sinais, para facilitar o acesso aos edifícios e outras instalações abertas ao público ou de uso público;

f) Promover outras formas apropriadas de assistência e apoio a pessoas com deficiência, a fim de assegurar a essas pessoas o acesso a informações;

g) Promover o acesso de pessoas com deficiência a novos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, inclusive à Internet;

h) Promover, desde a fase inicial, a concepção, o desenvolvimento, a produção e a disseminação de sistemas e tecnologias de informação e comunicação, a fim de que esses sistemas e tecnologias se tornem acessíveis a custo mínimo.

Artigo 10

Direito à vida

Os Estados Partes reafirmam que todo ser humano tem o inerente direito à vida e tomarão todas as medidas necessárias para assegurar o efetivo exercício desse direito pelas pessoas com deficiência, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

Artigo 11

Situações de risco e emergências humanitárias

Em conformidade com suas obrigações decorrentes do direito internacional, inclusive do direito humanitário internacional e do direito internacional dos direitos humanos, os Estados Partes tomarão todas as medidas necessárias para assegurar a proteção e a segurança das pessoas com deficiência que se encontrarem em situações de risco, inclusive situações de conflito armado, emergências humanitárias e ocorrência de desastres naturais.

Artigo 12

Reconhecimento igual perante a lei

1.Os Estados Partes reafirmam que as pessoas com deficiência têm o direito de ser reconhecidas em qualquer lugar como pessoas perante a lei.

2.Os Estados Partes reconhecerão que as pessoas com deficiência gozam de capacidade legal em igualdade de condições com as demais pessoas em todos os aspectos da vida.

3.Os Estados Partes tomarão medidas apropriadas para prover o acesso de pessoas com deficiência ao apoio que necessitarem no exercício de sua capacidade legal.

4.Os Estados Partes assegurarão que todas as medidas relativas ao exercício da capacidade legal incluam salvaguardas apropriadas e efetivas para prevenir abusos, em conformidade com o direito internacional dos direitos humanos. Essas salvaguardas assegurarão que as medidas relativas ao exercício da capacidade legal respeitem os direitos, a vontade e as preferências da pessoa, sejam isentas de conflito de interesses e de influência indevida, sejam proporcionais e apropriadas às circunstâncias da pessoa, se apliquem pelo período mais curto possível e sejam submetidas à revisão regular por uma autoridade ou órgão judiciário competente, independente e imparcial. As salvaguardas serão proporcionais ao grau em que tais medidas afetarem os direitos e interesses da pessoa.

5.Os Estados Partes, sujeitos ao disposto neste Artigo, tomarão todas as medidas apropriadas e efetivas para assegurar às pessoas com deficiência o igual direito de possuir ou herdar bens, de controlar as próprias finanças e de ter igual acesso a empréstimos bancários, hipotecas e outras formas de crédito financeiro, e assegurarão que as pessoas com deficiência não sejam arbitrariamente destituídas de seus bens.

Artigo 13

Acesso à justiça

1.Os Estados Partes assegurarão o efetivo acesso das pessoas com deficiência à justiça, em igualdade de condições com as demais pessoas, inclusive mediante a provisão de adaptações processuais adequadas à idade, a fim de facilitar o efetivo papel das pessoas com deficiência como participantes diretos ou indiretos, inclusive como testemunhas, em todos os procedimentos jurídicos, tais como investigações e outras etapas preliminares.

2.A fim de assegurar às pessoas com deficiência o efetivo acesso à justiça, os Estados Partes promoverão a capacitação apropriada daqueles que trabalham na área de administração da justiça, inclusive a polícia e os funcionários do sistema penitenciário.

Artigo 14

Liberdade e segurança da pessoa

1.Os Estados Partes assegurarão que as pessoas com deficiência, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas:

a) Gozem do direito à liberdade e à segurança da pessoa; e

b) Não sejam privadas ilegal ou arbitrariamente de sua liberdade e que toda privação de liberdade esteja em conformidade com a lei, e que a existência de deficiência não justifique a privação de liberdade.

2.Os Estados Partes assegurarão que, se pessoas com deficiência forem privadas de liberdade mediante algum processo, elas, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, façam jus a garantias de acordo com o direito internacional dos direitos humanos e sejam tratadas em conformidade com os objetivos e princípios da presente Convenção, inclusive mediante a provisão de adaptação razoável.

Artigo 15

Prevenção contra tortura ou tratamentos ou penas cruéis,

desumanos ou degradantes

1.Nenhuma pessoa será submetida à tortura ou a tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes. Em especial, nenhuma pessoa deverá ser sujeita a experimentos médicos ou científicos sem seu livre consentimento.

2.Os Estados Partes tomarão todas as medidas efetivas de natureza legislativa, administrativa, judicial ou outra para evitar que pessoas com deficiência, do mesmo modo que as demais pessoas, sejam submetidas à tortura ou a tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes.

Artigo 16

Prevenção contra a exploração, a violência e o abuso

1.Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas de natureza legislativa, administrativa, social, educacional e outras para proteger as pessoas com deficiência, tanto dentro como fora do lar, contra todas as formas de exploração, violência e abuso, incluindo aspectos relacionados a gênero.

2.Os Estados Partes também tomarão todas as medidas apropriadas para prevenir todas as formas de exploração, violência e abuso, assegurando, entre outras coisas, formas apropriadas de atendimento e apoio que levem em conta o gênero e a idade das pessoas com deficiência e de seus familiares e atendentes, inclusive mediante a provisão de informação e educação sobre a maneira de evitar, reconhecer e denunciar casos de exploração, violência e abuso. Os Estados Partes assegurarão que os serviços de proteção levem em conta a idade, o gênero e a deficiência das pessoas.

3.A fim de prevenir a ocorrência de quaisquer formas de exploração, violência e abuso, os Estados Partes assegurarão que todos os programas e instalações destinados a atender pessoas com deficiência sejam efetivamente monitorados por autoridades independentes.

4.Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para promover a recuperação física, cognitiva e psicológica, inclusive mediante a provisão de serviços de proteção, a reabilitação e a reinserção social de pessoas com deficiência que forem vítimas de qualquer forma de exploração, violência ou abuso. Tais recuperação e reinserção ocorrerão em ambientes que promovam a saúde, o bem-estar, o auto-respeito, a dignidade e a autonomia da pessoa e levem em consideração as necessidades de gênero e idade.

5.Os Estados Partes adotarão leis e políticas efetivas, inclusive legislação e políticas voltadas para mulheres e crianças, a fim de assegurar que os casos de exploração, violência e abuso contra pessoas com deficiência sejam identificados, investigados e, caso necessário, julgados.

Artigo 17

Proteção da integridade da pessoa

Toda pessoa com deficiência tem o direito a que sua integridade física e mental seja respeitada, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Artigo 18

Liberdade de movimentação e nacionalidade

1.Os Estados Partes reconhecerão os direitos das pessoas com deficiência à liberdade de movimentação, à liberdade de escolher sua residência e à nacionalidade, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, inclusive assegurando que as pessoas com deficiência:

a) Tenham o direito de adquirir nacionalidade e mudar de nacionalidade e não sejam privadas arbitrariamente de sua nacionalidade em razão de sua deficiência.

b) Não sejam privadas, por causa de sua deficiência, da competência de obter, possuir e utilizar documento comprovante de sua nacionalidade ou outro documento de identidade, ou de recorrer a processos relevantes, tais como procedimentos relativos à imigração, que forem necessários para facilitar o exercício de seu direito à liberdade de movimentação.

c) Tenham liberdade de sair de qualquer país, inclusive do seu; e

d) Não sejam privadas, arbitrariamente ou por causa de sua deficiência, do direito de entrar no próprio país.

2.As crianças com deficiência serão registradas imediatamente após o nascimento e terão, desde o nascimento, o direito a um nome, o direito de adquirir nacionalidade e, tanto quanto possível, o direito de conhecer seus pais e de ser cuidadas por eles.

Artigo 19

Vida independente e inclusão na comunidade

Os Estados Partes desta Convenção reconhecem o igual direito de todas as pessoas com deficiência de viver na comunidade, com a mesma liberdade de escolha que as demais pessoas, e tomarão medidas efetivas e apropriadas para facilitar às pessoas com deficiência o pleno gozo desse direito e sua plena inclusão e participação na comunidade, inclusive assegurando que:

a) As pessoas com deficiência possam escolher seu local de residência e onde e com quem morar, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e que não sejam obrigadas a viver em determinado tipo de moradia;

b) As pessoas com deficiência tenham acesso a uma variedade de serviços de apoio em domicílio ou em instituições residenciais ou a outros serviços comunitários de apoio, inclusive os serviços de atendentes pessoais que forem necessários como apoio para que as pessoas com deficiência vivam e sejam incluídas na comunidade e para evitar que fiquem isoladas ou segregadas da comunidade;

c) Os serviços e instalações da comunidade para a população em geral estejam disponíveis às pessoas com deficiência, em igualdade de oportunidades, e atendam às suas necessidades.

Artigo 20

Mobilidade pessoal

Os Estados Partes tomarão medidas efetivas para assegurar às pessoas com deficiência sua mobilidade pessoal com a máxima independência possível:

a) Facilitando a mobilidade pessoal das pessoas com deficiência, na forma e no momento em que elas quiserem, e a custo acessível;

b) Facilitando às pessoas com deficiência o acesso a tecnologias assistivas, dispositivos e ajudas técnicas de qualidade, e formas de assistência humana ou animal e de mediadores, inclusive tornando-os disponíveis a custo acessível;

c) Propiciando às pessoas com deficiência e ao pessoal especializado uma capacitação em técnicas de mobilidade;

d) Incentivando entidades que produzem ajudas técnicas de mobilidade, dispositivos e tecnologias assistivas a levarem em conta todos os aspectos relativos à mobilidade de pessoas com deficiência.

Artigo 21

Liberdade de expressão e de opinião e acesso à informação

Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para assegurar que as pessoas com deficiência possam exercer seu direito à liberdade de expressão e opinião, inclusive à liberdade de buscar, receber e compartilhar informações e idéias, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas e por intermédio de todas as formas de comunicação de sua escolha, conforme o disposto no Artigo 2 da presente Convenção, entre as quais:

a) Fornecer, prontamente e sem custo adicional, às pessoas com deficiência, todas as informações destinadas ao público em geral, em formatos acessíveis e tecnologias apropriadas aos diferentes tipos de deficiência;

b) Aceitar e facilitar, em trâmites oficiais, o uso de línguas de sinais, braille, comunicação aumentativa e alternativa, e de todos os demais meios, modos e formatos acessíveis de comunicação, à escolha das pessoas com deficiência;

c) Urgir as entidades privadas que oferecem serviços ao público em geral, inclusive por meio da Internet, a fornecer informações e serviços em formatos acessíveis, que possam ser usados por pessoas com deficiência;

d) Incentivar a mídia, inclusive os provedores de informação pela Internet, a tornar seus serviços acessíveis a pessoas com deficiência;

e) Reconhecer e promover o uso de línguas de sinais.

Artigo 22

Respeito à privacidade

1.Nenhuma pessoa com deficiência, qualquer que seja seu local de residência ou tipo de moradia, estará sujeita a interferência arbitrária ou ilegal em sua privacidade, família, lar, correspondência ou outros tipos de comunicação, nem a ataques ilícitos à sua honra e reputação. As pessoas com deficiência têm o direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

2.Os Estados Partes protegerão a privacidade dos dados pessoais e dados relativos à saúde e à reabilitação de pessoas com deficiência, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Artigo 23

Respeito pelo lar e pela família

1.Os Estados Partes tomarão medidas efetivas e apropriadas para eliminar a discriminação contra pessoas com deficiência, em todos os aspectos relativos a casamento, família, paternidade e relacionamentos, em igualdade de condições com as demais pessoas, de modo a assegurar que:

a) Seja reconhecido o direito das pessoas com deficiência, em idade de contrair matrimônio, de casar-se e estabelecer família, com base no livre e pleno consentimento dos pretendentes;

b) Sejam reconhecidos os direitos das pessoas com deficiência de decidir livre e responsavelmente sobre o número de filhos e o espaçamento entre esses filhos e de ter acesso a informações adequadas à idade e a educação em matéria de reprodução e de planejamento familiar, bem como os meios necessários para exercer esses direitos.

c) As pessoas com deficiência, inclusive crianças, conservem sua fertilidade, em igualdade de condições com as demais pessoas.

2.Os Estados Partes assegurarão os direitos e responsabilidades das pessoas com deficiência, relativos à guarda, custódia, curatela e adoção de crianças ou instituições semelhantes, caso esses conceitos constem na legislação nacional. Em todos os casos, prevalecerá o superior interesse da criança. Os Estados Partes prestarão a devida assistência às pessoas com deficiência para que essas pessoas possam exercer suas responsabilidades na criação dos filhos.

3.Os Estados Partes assegurarão que as crianças com deficiência terão iguais direitos em relação à vida familiar. Para a realização desses direitos e para evitar ocultação, abandono, negligência e segregação de crianças com deficiência, os Estados Partes fornecerão prontamente informações abrangentes sobre serviços e apoios a crianças com deficiência e suas famílias.

4.Os Estados Partes assegurarão que uma criança não será separada de seus pais contra a vontade destes, exceto quando autoridades competentes, sujeitas a controle jurisdicional, determinarem, em conformidade com as leis e procedimentos aplicáveis, que a separação é necessária, no superior interesse da criança. Em nenhum caso, uma criança será separada dos pais sob alegação de deficiência da criança ou de um ou ambos os pais.

5.Os Estados Partes, no caso em que a família imediata de uma criança com deficiência não tenha condições de cuidar da criança, farão todo esforço para que cuidados alternativos sejam oferecidos por outros parentes e, se isso não for possível, dentro de ambiente familiar, na comunidade.

Artigo 24

Educação

1.Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência à educação. Para efetivar esse direito sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades, os Estados Partes assegurarão sistema educacional inclusivo em todos os níveis, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida, com os seguintes objetivos:

a) O pleno desenvolvimento do potencial humano e do senso de dignidade e auto-estima, além do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos, pelas liberdades fundamentais e pela diversidade humana;

b) O máximo desenvolvimento possível da personalidade e dos talentos e da criatividade das pessoas com deficiência, assim como de suas habilidades físicas e intelectuais;

c) A participação efetiva das pessoas com deficiência em uma sociedade livre.

2.Para a realização desse direito, os Estados Partes assegurarão que:

a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino primário gratuito e compulsório ou do ensino secundário, sob alegação de deficiência;

b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino primário inclusivo, de qualidade e gratuito, e ao ensino secundário, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem;

c) Adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais sejam providenciadas;

d) As pessoas com deficiência recebam o apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;

e) Medidas de apoio individualizadas e efetivas sejam adotadas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena.

3.Os Estados Partes assegurarão às pessoas com deficiência a possibilidade de adquirir as competências práticas e sociais necessárias de modo a facilitar às pessoas com deficiência sua plena e igual participação no sistema de ensino e na vida em comunidade. Para tanto, os Estados Partes tomarão medidas apropriadas, incluindo:

a) Facilitação do aprendizado do braille, escrita alternativa, modos, meios e formatos de comunicação aumentativa e alternativa, e habilidades de orientação e mobilidade, além de facilitação do apoio e aconselhamento de pares;

b) Facilitação do aprendizado da língua de sinais e promoção da identidade linguística da comunidade surda;

c) Garantia de que a educação de pessoas, em particular crianças cegas, surdocegas e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados ao indivíduo e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social.

4.A fim de contribuir para o exercício desse direito, os Estados Partes tomarão medidas apropriadas para empregar professores, inclusive professores com deficiência, habilitados para o ensino da língua de sinais e/ou do braille, e para capacitar profissionais e equipes atuantes em todos os níveis de ensino. Essa capacitação incorporará a conscientização da deficiência e a utilização de modos, meios e formatos apropriados de comunicação aumentativa e alternativa, e técnicas e materiais pedagógicos, como apoios para pessoas com deficiência.

5.Os Estados Partes assegurarão que as pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino superior em geral, treinamento profissional de acordo com sua vocação, educação para adultos e formação continuada, sem discriminação e em igualdade de condições. Para tanto, os Estados Partes assegurarão a provisão de adaptações razoáveis para pessoas com deficiência.

Artigo 25

Saúde

Os Estados Partes reconhecem que as pessoas com deficiência têm o direito de gozar do estado de saúde mais elevado possível, sem discriminação baseada na deficiência. Os Estados Partes tomarão todas as medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso a serviços de saúde, incluindo os serviços de reabilitação, que levarão em conta as especificidades de gênero. Em especial, os Estados Partes:

a) Oferecerão às pessoas com deficiência programas e atenção à saúde gratuitos ou a custos acessíveis da mesma variedade, qualidade e padrão que são oferecidos às demais pessoas, inclusive na área de saúde sexual e reprodutiva e de programas de saúde pública destinados à população em geral;

b) Propiciarão serviços de saúde que as pessoas com deficiência necessitam especificamente por causa de sua deficiência, inclusive diagnóstico e intervenção precoces, bem como serviços projetados para reduzir ao máximo e prevenir deficiências adicionais, inclusive entre crianças e idosos;

c) Propiciarão esses serviços de saúde às pessoas com deficiência, o mais próximo possível de suas comunidades, inclusive na zona rural;

d) Exigirão dos profissionais de saúde que dispensem às pessoas com deficiência a mesma qualidade de serviços dispensada às demais pessoas e, principalmente, que obtenham o consentimento livre e esclarecido das pessoas com deficiência concernentes. Para esse fim, os Estados Partes realizarão atividades de formação e definirão regras éticas para os setores de saúde público e privado, de modo a conscientizar os profissionais de saúde acerca dos direitos humanos, da dignidade, autonomia e das necessidades das pessoas com deficiência;

e) Proibirão a discriminação contra pessoas com deficiência na provisão de seguro de saúde e seguro de vida, caso tais seguros sejam permitidos pela legislação nacional, os quais deverão ser providos de maneira razoável e justa;

f) Prevenirão que se negue, de maneira discriminatória, os serviços de saúde ou de atenção à saúde ou a administração de alimentos sólidos ou líquidos por motivo de deficiência.

Artigo 26

Habilitação e reabilitação

1.Os Estados Partes tomarão medidas efetivas e apropriadas, inclusive mediante apoio dos pares, para possibilitar que as pessoas com deficiência conquistem e conservem o máximo de autonomia e plena capacidade física, mental, social e profissional, bem como plena inclusão e participação em todos os aspectos da vida. Para tanto, os Estados Partes organizarão, fortalecerão e ampliarão serviços e programas completos de habilitação e reabilitação, particularmente nas áreas de saúde, emprego, educação e serviços sociais, de modo que esses serviços e programas:

a) Comecem no estágio mais precoce possível e sejam baseados em avaliação multidisciplinar das necessidades e pontos fortes de cada pessoa;

b) Apóiem a participação e a inclusão na comunidade e em todos os aspectos da vida social, sejam oferecidos voluntariamente e estejam disponíveis às pessoas com deficiência o mais próximo possível de suas comunidades, inclusive na zona rural.

2.Os Estados Partes promoverão o desenvolvimento da capacitação inicial e continuada de profissionais e de equipes que atuam nos serviços de habilitação e reabilitação.

3.Os Estados Partes promoverão a disponibilidade, o conhecimento e o uso de dispositivos e tecnologias assistivas, projetados para pessoas com deficiência e relacionados com a habilitação e a reabilitação.

Artigo 27

Trabalho e emprego

1.Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência ao trabalho, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. Esse direito abrange o direito à oportunidade de se manter com um trabalho de sua livre escolha ou aceitação no mercado laboral, em ambiente de trabalho que seja aberto, inclusivo e acessível a pessoas com deficiência. Os Estados Partes salvaguardarão e promoverão a realização do direito ao trabalho, inclusive daqueles que tiverem adquirido uma deficiência no emprego, adotando medidas apropriadas, incluídas na legislação, com o fim de, entre outros:

a) Proibir a discriminação baseada na deficiência com respeito a todas as questões relacionadas com as formas de emprego, inclusive condições de recrutamento, contratação e admissão, permanência no emprego, ascensão profissional e condições seguras e salubres de trabalho;

b) Proteger os direitos das pessoas com deficiência, em condições de igualdade com as demais pessoas, às condições justas e favoráveis de trabalho, incluindo iguais oportunidades e igual remuneração por trabalho de igual valor, condições seguras e salubres de trabalho, além de reparação de injustiças e proteção contra o assédio no trabalho;

c) Assegurar que as pessoas com deficiência possam exercer seus direitos trabalhistas e sindicais, em condições de igualdade com as demais pessoas;

d) Possibilitar às pessoas com deficiência o acesso efetivo a programas de orientação técnica e profissional e a serviços de colocação no trabalho e de treinamento profissional e continuado;

e) Promover oportunidades de emprego e ascensão profissional para pessoas com deficiência no mercado de trabalho, bem como assistência na procura, obtenção e manutenção do emprego e no retorno ao emprego;

f) Promover oportunidades de trabalho autônomo, empreendedorismo, desenvolvimento de cooperativas e estabelecimento de negócio próprio;

g) Empregar pessoas com deficiência no setor público;

h) Promover o emprego de pessoas com deficiência no setor privado, mediante políticas e medidas apropriadas, que poderão incluir programas de ação afirmativa, incentivos e outras medidas;

i) Assegurar que adaptações razoáveis sejam feitas para pessoas com deficiência no local de trabalho;

j) Promover a aquisição de experiência de trabalho por pessoas com deficiência no mercado aberto de trabalho;

k) Promover reabilitação profissional, manutenção do emprego e programas de retorno ao trabalho para pessoas com deficiência.

2.Os Estados Partes assegurarão que as pessoas com deficiência não serão mantidas em escravidão ou servidão e que serão protegidas, em igualdade de condições com as demais pessoas, contra o trabalho forçado ou compulsório.

Artigo 28

Padrão de vida e proteção social adequados

1.Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência a um padrão adequado de vida para si e para suas famílias, inclusive alimentação, vestuário e moradia adequados, bem como à melhoria contínua de suas condições de vida, e tomarão as providências necessárias para salvaguardar e promover a realização desse direito sem discriminação baseada na deficiência.

2.Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência à proteção social e ao exercício desse direito sem discriminação baseada na deficiência, e tomarão as medidas apropriadas para salvaguardar e promover a realização desse direito, tais como:

a) Assegurar igual acesso de pessoas com deficiência a serviços de saneamento básico e assegurar o acesso aos serviços, dispositivos e outros atendimentos apropriados para as necessidades relacionadas com a deficiência;

b) Assegurar o acesso de pessoas com deficiência, particularmente mulheres, crianças e idosos com deficiência, a programas de proteção social e de redução da pobreza;

c) Assegurar o acesso de pessoas com deficiência e suas famílias em situação de pobreza à assistência do Estado em relação a seus gastos ocasionados pela deficiência, inclusive treinamento adequado, aconselhamento, ajuda financeira e cuidados de repouso;

d) Assegurar o acesso de pessoas com deficiência a programas habitacionais públicos;

e) Assegurar igual acesso de pessoas com deficiência a programas e benefícios de aposentadoria.

Artigo 29

Participação na vida política e pública

Os Estados Partes garantirão às pessoas com deficiência direitos políticos e oportunidade de exercê-los em condições de igualdade com as demais pessoas, e deverão:

a) Assegurar que as pessoas com deficiência possam participar efetiva e plenamente na vida política e pública, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, diretamente ou por meio de representantes livremente escolhidos, incluindo o direito e a oportunidade de votarem e serem votadas, mediante, entre outros:

i) Garantia de que os procedimentos, instalações e materiais e equipamentos para votação serão apropriados, acessíveis e de fácil compreensão e uso;

ii) Proteção do direito das pessoas com deficiência ao voto secreto em eleições e plebiscitos, sem intimidação, e a candidatar-se nas eleições, efetivamente ocupar cargos eletivos e desempenhar quaisquer funções públicas em todos os níveis de governo, usando novas tecnologias assistivas, quando apropriado;

iii) Garantia da livre expressão de vontade das pessoas com deficiência como eleitores e, para tanto, sempre que necessário e a seu pedido, permissão para que elas sejam auxiliadas na votação por uma pessoa de sua escolha;

b) Promover ativamente um ambiente em que as pessoas com deficiência possam participar efetiva e plenamente na condução das questões públicas, sem discriminação e em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e encorajar sua participação nas questões públicas, mediante:

i) Participação em organizações não-governamentais relacionadas com a vida pública e política do país, bem como em atividades e administração de partidos políticos;

ii) Formação de organizações para representar pessoas com deficiência em níveis internacional, regional, nacional e local, bem como a filiação de pessoas com deficiência a tais organizações.

Artigo 30

Participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte

1.Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e tomarão todas as medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência possam:

a) Ter acesso a bens culturais em formatos acessíveis;

b) Ter acesso a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, em formatos acessíveis; e

c) Ter acesso a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e serviços turísticos, bem como, tanto quanto possível, ter acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional.

2.Os Estados Partes tomarão medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência tenham a oportunidade de desenvolver e utilizar seu potencial criativo, artístico e intelectual, não somente em benefício próprio, mas também para o enriquecimento da sociedade.

NOVA CONCURSOS

3.Os Estados Partes deverão tomar todas as providências, em conformidade com o direito internacional, para assegurar que a legislação de proteção dos direitos de propriedade intelectual não constitua barreira excessiva ou discriminatória ao acesso de pessoas com deficiência a bens culturais.

4.As pessoas com deficiência farão jus, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a que sua identidade cultural e linguística específica seja reconhecida e apoiada, incluindo as línguas de sinais e a cultura surda.

5.Para que as pessoas com deficiência participem, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, de atividades recreativas, esportivas e de lazer, os Estados Partes tomarão medidas apropriadas para:

a) Incentivar e promover a maior participação possível das pessoas com deficiência nas atividades esportivas comuns em todos os níveis;

b) Assegurar que as pessoas com deficiência tenham a oportunidade de organizar, desenvolver e participar em atividades esportivas e recreativas específicas às deficiências e, para tanto, incentivar a provisão de instrução, treinamento e recursos adequados, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas;

c) Assegurar que as pessoas com deficiência tenham acesso a locais de eventos esportivos, recreativos e turísticos;

d) Assegurar que as crianças com deficiência possam, em igualdade de condições com as demais crianças, participar de jogos e atividades recreativas, esportivas e de lazer, inclusive no sistema escolar;

e) Assegurar que as pessoas com deficiência tenham acesso aos serviços prestados por pessoas ou entidades envolvidas na organização de atividades recreativas, turísticas, esportivas e de lazer.

Artigo 31

Estatísticas e coleta de dados

1.Os Estados Partes coletarão dados apropriados, inclusive estatísticos e de pesquisas, para que possam formular e implementar políticas destinadas a por em prática a presente Convenção. O processo de coleta e manutenção de tais dados deverá:

a) Observar as salvaguardas estabelecidas por lei, inclusive pelas leis relativas à proteção de dados, a fim de assegurar a confidencialidade e o respeito pela privacidade das pessoas com deficiência;

b) Observar as normas internacionalmente aceitas para proteger os direitos humanos, as liberdades fundamentais e os princípios éticos na coleta de dados e utilização de estatísticas.

2.As informações coletadas de acordo com o disposto neste Artigo serão desagregadas, de maneira apropriada, e utilizadas para avaliar o cumprimento, por parte dos Estados Partes, de suas obrigações na presente Convenção e para identificar e enfrentar as barreiras com as quais as pessoas com deficiência se deparam no exercício de seus direitos.

3.Os Estados Partes assumirão responsabilidade pela disseminação das referidas estatísticas e assegurarão que elas sejam acessíveis às pessoas com deficiência e a outros.

Artigo 32

Cooperação internacional

1.Os Estados Partes reconhecem a importância da cooperação internacional e de sua promoção, em apoio aos esforços nacionais para a consecução do propósito e dos objetivos da presente Convenção e, sob este aspecto, adotarão medidas apropriadas e efetivas entre os Estados e, de maneira adequada, em parceria com organizações internacionais e regionais relevantes e com a sociedade civil e, em particular, com organizações de pessoas com deficiência. Estas medidas poderão incluir, entre outras:

a) Assegurar que a cooperação internacional, incluindo os programas internacionais de desenvolvimento, sejam inclusivos e acessíveis para pessoas com deficiência;

b) Facilitar e apoiar a capacitação, inclusive por meio do intercâmbio e compartilhamento de informações, experiências, programas de treinamento e melhores práticas;

c) Facilitar a cooperação em pesquisa e o acesso a conhecimentos científicos e técnicos;

d) Propiciar, de maneira apropriada, assistência técnica e financeira, inclusive mediante facilitação do acesso a tecnologias assistivas e acessíveis e seu compartilhamento, bem como por meio de transferência de tecnologias.

2.O disposto neste Artigo se aplica sem prejuízo das obrigações que cabem a cada Estado Parte em decorrência da presente Convenção.

Artigo 33

Implementação e monitoramento nacionais

1.Os Estados Partes, de acordo com seu sistema organizacional, designarão um ou mais de um ponto focal no âmbito do Governo para assuntos relacionados com a implementação da presente Convenção e darão a devida consideração ao estabelecimento ou designação de um mecanismo de coordenação no âmbito do Governo, a fim de facilitar ações correlatas nos diferentes setores e níveis.

2.Os Estados Partes, em conformidade com seus sistemas jurídico e administrativo, manterão, fortalecerão, designarão ou estabelecerão estrutura, incluindo um ou mais de um mecanismo independente, de maneira apropriada, para promover, proteger e monitorar a implementação da presente Convenção. Ao designar ou estabelecer tal mecanismo, os Estados Partes levarão em conta os princípios relativos ao status e funcionamento das instituições nacionais de proteção e promoção dos direitos humanos.

3.A sociedade civil e, particularmente, as pessoas com deficiência e suas organizações representativas serão envolvidas e participarão plenamente no processo de monitoramento.

Artigo 34

Comitê sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

1.Um Comitê sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (doravante denominado "Comitê") será estabelecido, para desempenhar as funções aqui definidas.

2.O Comitê será constituído, quando da entrada em vigor da presente Convenção, de 12 peritos. Quando a presente Convenção alcançar 60 ratificações ou adesões, o Comitê será acrescido em seis membros, perfazendo o total de 18 membros.

3.Os membros do Comitê atuarão a título pessoal e apresentarão elevada postura moral, competência e experiência reconhecidas no campo abrangido pela presente Convenção. Ao designar seus candidatos, os Estados Partes são instados a dar a devida consideração ao disposto no Artigo 4.3 da presente Convenção.

4.Os membros do Comitê serão eleitos pelos Estados Partes, observando-se uma distribuição geográfica equitativa, representação de diferentes formas de civilização e dos principais sistemas jurídicos, representação equilibrada de gênero e participação de peritos com deficiência.

5.Os membros do Comitê serão eleitos por votação secreta em sessões da Conferência dos Estados Partes, a partir de uma lista de pessoas designadas pelos Estados Partes entre seus nacionais. Nessas sessões, cujo quorum será de dois terços dos Estados Partes, os candidatos eleitos para o Comitê serão aqueles que obtiverem o maior número de votos e a maioria absoluta dos votos dos representantes dos Estados Partes presentes e votantes.

6.A primeira eleição será realizada, o mais tardar, até seis meses após a data de entrada em vigor da presente Convenção. Pelo menos quatro meses antes de cada eleição, o Secretário-Geral das Nações Unidas dirigirá carta aos Estados Partes, convidando-os a submeter os nomes de seus candidatos no prazo de dois meses. O Secretário-Geral, subsequentemente, preparará lista em ordem alfabética de todos os candidatos apresentados, indicando que foram designados pelos Estados Partes, e submeterá essa lista aos Estados Partes da presente Convenção.

7.Os membros do Comitê serão eleitos para mandato de quatro anos, podendo ser candidatos à reeleição uma única vez. Contudo, o mandato de seis dos membros eleitos na primeira eleição expirará ao fim de dois anos; imediatamente após a primeira eleição, os nomes desses seis membros serão selecionados por sorteio pelo presidente da sessão a que se refere o parágrafo 5 deste Artigo.

8.A eleição dos seis membros adicionais do Comitê será realizada por ocasião das eleições regulares, de acordo com as disposições pertinentes deste Artigo.

9.Em caso de morte, demissão ou declaração de um membro de que, por algum motivo, não poderá continuar a exercer suas funções, o Estado Parte que o tiver indicado designará um outro perito que tenha as qualificações e satisfaça aos requisitos estabelecidos pelos dispositivos pertinentes deste Artigo, para concluir o mandato em questão.

10.O Comitê estabelecerá suas próprias normas de procedimento.

11.O Secretário-Geral das Nações Unidas proverá o pessoal e as instalações necessários para o efetivo desempenho das funções do Comitê segundo a presente Convenção e convocará sua primeira reunião.

12.Com a aprovação da Assembléia Geral, os membros do Comitê estabelecido sob a presente Convenção receberão emolumentos dos recursos das Nações Unidas, sob termos e condições que a Assembléia possa decidir, tendo em vista a importância das responsabilidades do Comitê.

13.Os membros do Comitê terão direito aos privilégios, facilidades e imunidades dos peritos em missões das Nações Unidas, em conformidade com as disposições pertinentes da Convenção sobre Privilégios e Imunidades das Nações Unidas.

Artigo 35

Relatórios dos Estados Partes

1.Cada Estado Parte, por intermédio do Secretário-Geral das Nações Unidas, submeterá relatório abrangente sobre as medidas adotadas em cumprimento de suas obrigações estabelecidas pela presente Convenção e sobre o progresso alcançado nesse aspecto, dentro do período de dois anos após a entrada em vigor da presente Convenção para o Estado Parte concernente.

2.Depois disso, os Estados Partes submeterão relatórios subsequentes, ao menos a cada quatro anos, ou quando o Comitê o solicitar.

3.O Comitê determinará as diretrizes aplicáveis ao teor dos relatórios.

4.Um Estado Parte que tiver submetido ao Comitê um relatório inicial abrangente não precisará, em relatórios subsequentes, repetir informações já apresentadas. Ao elaborar os relatórios ao Comitê, os Estados Partes são instados a fazê-lo de maneira franca e transparente e a levar em consideração o disposto no Artigo 4.3 da presente Convenção.

5.Os relatórios poderão apontar os fatores e as dificuldades que tiverem afetado o cumprimento das obrigações decorrentes da presente Convenção.

Artigo 36

Consideração dos relatórios

1.Os relatórios serão considerados pelo Comitê, que fará as sugestões e recomendações gerais que julgar pertinentes e as transmitirá aos respectivos Estados Partes. O Estado Parte poderá responder ao Comitê com as informações que julgar pertinentes. O Comitê poderá pedir informações adicionais ao Estados Partes, referentes à implementação da presente Convenção.

2.Se um Estado Parte atrasar consideravelmente a entrega de seu relatório, o Comitê poderá notificar esse Estado de que examinará a aplicação da presente Convenção com base em informações confiáveis de que disponha, a menos que o relatório devido seja apresentado pelo Estado dentro do período de três meses após a notificação. O Comitê convidará o Estado Parte interessado a participar desse exame. Se o Estado Parte responder entregando seu relatório, aplicar-se-á o disposto no parágrafo 1 do presente artigo.

3.O Secretário-Geral das Nações Unidas colocará os relatórios à disposição de todos os Estados Partes.

4.Os Estados Partes tornarão seus relatórios amplamente disponíveis ao público em seus países e facilitarão o acesso à possibilidade de sugestões e de recomendações gerais a respeito desses relatórios.

5.O Comitê transmitirá às agências, fundos e programas especializados das Nações Unidas e a outras organizações competentes, da maneira que julgar apropriada, os relatórios dos Estados Partes que contenham demandas ou

NOVA CONCURSOS

indicações de necessidade de consultoria ou de assistência técnica, acompanhados de eventuais observações e sugestões do Comitê em relação às referidas demandas ou indicações, a fim de que possam ser consideradas.

Artigo 37

Cooperação entre os Estados Partes e o Comitê

1.Cada Estado Parte cooperará com o Comitê e auxiliará seus membros no desempenho de seu mandato.

2.Em suas relações com os Estados Partes, o Comitê dará a devida consideração aos meios e modos de aprimorar a capacidade de cada Estado Parte para a implementação da presente Convenção, inclusive mediante cooperação internacional.

Artigo 38

Relações do Comitê com outros órgãos

A fim de promover a efetiva implementação da presente Convenção e de incentivar a cooperação internacional na esfera abrangida pela presente Convenção:

a) As agências especializadas e outros órgãos das Nações Unidas terão o direito de se fazer representar quando da consideração da implementação de disposições da presente Convenção que disserem respeito aos seus respectivos mandatos. O Comitê poderá convidar as agências especializadas e outros órgãos competentes, segundo julgar apropriado, a oferecer consultoria de peritos sobre a implementação da Convenção em áreas pertinentes a seus respectivos mandatos. O Comitê poderá convidar agências especializadas e outros órgãos das Nações Unidas a apresentar relatórios sobre a implementação da Convenção em áreas pertinentes às suas respectivas atividades;

b) No desempenho de seu mandato, o Comitê consultará, de maneira apropriada, outros órgãos pertinentes instituídos ao amparo de tratados internacionais de direitos humanos, a fim de assegurar a consistência de suas respectivas diretrizes para a elaboração de relatórios, sugestões e recomendações gerais e de evitar duplicação e superposição no desempenho de suas funções.

Artigo 39

Relatório do Comitê

A cada dois anos, o Comitê submeterá à Assembléia Geral e ao Conselho Econômico e Social um relatório de suas atividades e poderá fazer sugestões e recomendações gerais baseadas no exame dos relatórios e nas informações recebidas dos Estados Partes. Estas sugestões e recomendações gerais serão incluídas no relatório do Comitê, acompanhadas, se houver, de comentários dos Estados Partes.

Artigo 40

Conferência dos Estados Partes

1.Os Estados Partes reunir-se-ão regularmente em Conferência dos Estados Partes a fim de considerar matérias relativas à implementação da presente Convenção.

2.O Secretário-Geral das Nações Unidas convocará, dentro do período de seis meses após a entrada em vigor da presente Convenção, a Conferência dos Estados Partes. As reuniões subsequentes serão convocadas pelo Secretário-Geral das Nações Unidas a cada dois anos ou conforme a decisão da Conferência dos Estados Partes.

Artigo 41

Depositário

O Secretário-Geral das Nações Unidas será o depositário da presente Convenção.

Artigo 42

Assinatura

A presente Convenção será aberta à assinatura de todos os Estados e organizações de integração regional na sede das Nações Unidas em Nova York, a partir de 30 de março de 2007.

Artigo 43

Consentimento em comprometer-se

A presente Convenção será submetida à ratificação pelos Estados signatários e à confirmação formal por organizações de integração regional signatárias. Ela estará aberta à adesão de qualquer Estado ou organização de integração regional que não a houver assinado.

Artigo 44

Organizações de integração regional

1."Organização de integração regional" será entendida como organização constituída por Estados soberanos de determinada região, à qual seus Estados membros tenham delegado competência sobre matéria abrangida pela presente Convenção. Essas organizações declararão, em seus documentos de confirmação formal ou adesão, o alcance de sua competência em relação à matéria abrangida pela presente Convenção. Subsequentemente, as organizações informarão ao depositário qualquer alteração substancial no âmbito de sua competência.

2.As referências a "Estados Partes" na presente Convenção serão aplicáveis a essas organizações, nos limites da competência destas.

3.Para os fins do parágrafo 1 do Artigo 45 e dos parágrafos 2 e 3 do Artigo 47, nenhum instrumento depositado por organização de integração regional será computado.

4.As organizações de integração regional, em matérias de sua competência, poderão exercer o direito de voto na Conferência dos Estados Partes, tendo direito ao mesmo número de votos quanto for o número de seus Estados membros que forem Partes da presente Convenção. Essas organizações não exercerão seu direito de voto, se qualquer de seus Estados membros exercer seu direito de voto, e vice-versa.

Artigo 45

Entrada em vigor

1.A presente Convenção entrará em vigor no trigésimo dia após o depósito do vigésimo instrumento de ratificação ou adesão.

2.Para cada Estado ou organização de integração regional que ratificar ou formalmente confirmar a presente Convenção ou a ela aderir após o depósito do referido vigésimo instrumento, a Convenção entrará em vigor no trigésimo dia a partir da data em que esse Estado ou organização tenha depositado seu instrumento de ratificação, confirmação formal ou adesão.

Artigo 46

Reservas

1.Não serão permitidas reservas incompatíveis com o objeto e o propósito da presente Convenção.

2.As reservas poderão ser retiradas a qualquer momento.

Artigo 47

Emendas

1.Qualquer Estado Parte poderá propor emendas à presente Convenção e submetê-las ao Secretário-Geral das Nações Unidas. O Secretário-Geral comunicará aos Estados Partes quaisquer emendas propostas, solicitando-lhes que o notifiquem se são favoráveis a uma Conferência dos Estados Partes para considerar as propostas e tomar decisão a respeito delas. Se, até quatro meses após a data da referida comunicação, pelo menos um terço dos Estados Partes se manifestar favorável a essa Conferência, o Secretário-Geral das Nações Unidas convocará a Conferência, sob os auspícios das Nações Unidas. Qualquer emenda adotada por maioria de dois terços dos Estados Partes presentes e votantes será submetida pelo Secretário-Geral à aprovação da Assembléia Geral das Nações Unidas e, posteriormente, à aceitação de todos os Estados Partes.

2.Qualquer emenda adotada e aprovada conforme o disposto no parágrafo 1 do presente artigo entrará em vigor no trigésimo dia após a data na qual o número de instrumentos de aceitação tenha atingido dois terços do número de Estados Partes na data de adoção da emenda. Posteriormente, a emenda entrará em vigor para todo Estado Parte no trigésimo dia após o depósito por esse Estado do seu instrumento de aceitação. A emenda será vinculante somente para os Estados Partes que a tiverem aceitado.

3.Se a Conferência dos Estados Partes assim o decidir por consenso, qualquer emenda adotada e aprovada em conformidade com o disposto no parágrafo 1 deste Artigo, relacionada exclusivamente com os artigos 34, 38, 39 e 40, entrará em vigor para todos os Estados Partes no trigésimo dia a partir da data em que o número de instrumentos de aceitação depositados tiver atingido dois terços do número de Estados Partes na data de adoção da emenda.

Artigo 48

Denúncia

Qualquer Estado Parte poderá denunciar a presente Convenção mediante notificação por escrito ao Secretário-Geral das Nações Unidas. A denúncia tornar-se-á efetiva um ano após a data de recebimento da notificação pelo Secretário-Geral.

Artigo 49

Formatos acessíveis

O texto da presente Convenção será colocado à disposição em formatos acessíveis.

Artigo 50

Textos autênticos

Os textos em árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo da presente Convenção serão igualmente autênticos.

EM FÉ DO QUE os plenipotenciários abaixo assinados, devidamente autorizados para tanto por seus respectivos Governos, firmaram a presente Convenção.

PROTOCOLO FACULTATIVO À CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS

DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Os Estados Partes do presente Protocolo acordaram o seguinte:

Artigo 1

1.Qualquer Estado Parte do presente Protocolo ("Estado Parte") reconhece a competência do Comitê sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência ("Comitê") para receber e considerar comunicações submetidas por pessoas ou grupos de pessoas, ou em nome deles, sujeitos à sua jurisdição, alegando serem vítimas de violação das disposições da Convenção pelo referido Estado Parte.

2.O Comitê não receberá comunicação referente a qualquer Estado Parte que não seja signatário do presente Protocolo.

Artigo 2

O Comitê considerará inadmissível a comunicação quando:

a) A comunicação for anônima;

b) A comunicação constituir abuso do direito de submeter tais comunicações ou for incompatível com as disposições da Convenção;

c) A mesma matéria já tenha sido examinada pelo Comitê ou tenha sido ou estiver sendo examinada sob outro procedimento de investigação ou resolução internacional;

d) Não tenham sido esgotados todos os recursos internos disponíveis, salvo no caso em que a tramitação desses recursos se prolongue injustificadamente, ou seja improvável que se obtenha com eles solução efetiva;

e) A comunicação estiver precariamente fundamentada ou não for suficientemente substanciada; ou

f) Os fatos que motivaram a comunicação tenham ocorrido antes da entrada em vigor do presente Protocolo para o Estado Parte em apreço, salvo se os fatos continuaram ocorrendo após aquela data.

Artigo 3

Sujeito ao disposto no Artigo 2 do presente Protocolo, o Comitê levará confidencialmente ao conhecimento do Estado Parte concernente qualquer comunicação submetida ao Comitê. Dentro do período de seis meses, o Estado concernente submeterá ao Comitê explicações ou declarações por escrito, esclarecendo a matéria e a eventual solução adotada pelo referido Estado.

Artigo 4

1.A qualquer momento após receber uma comunicação e antes de decidir o mérito dessa comunicação, o Comitê poderá transmitir ao Estado Parte concernente, para sua urgente consideração, um pedido para que o Estado Parte tome as medidas de natureza cautelar que forem necessárias para evitar possíveis danos irreparáveis à vítima ou às vítimas da violação alegada.

2.O exercício pelo Comitê de suas faculdades discricionárias em virtude do parágrafo 1 do presente Artigo não implicará prejuízo algum sobre a admissibilidade ou sobre o mérito da comunicação.

NOVA CONCURSOS

Artigo 5

O Comitê realizará sessões fechadas para examinar comunicações a ele submetidas em conformidade com o presente Protocolo. Depois de examinar uma comunicação, o Comitê enviará suas sugestões e recomendações, se houver, ao Estado Parte concernente e ao requerente.

Artigo 6

1.Se receber informação confiável indicando que um Estado Parte está cometendo violação grave ou sistemática de direitos estabelecidos na Convenção, o Comitê convidará o referido Estado Parte a colaborar com a verificação da informação e, para tanto, a submeter suas observações a respeito da informação em pauta.

2.Levando em conta quaisquer observações que tenham sido submetidas pelo Estado Parte concernente, bem como quaisquer outras informações confiáveis em poder do Comitê, este poderá designar um ou mais de seus membros para realizar investigação e apresentar, em caráter de urgência, relatório ao Comitê. Caso se justifique e o Estado Parte o consinta, a investigação poderá incluir uma visita ao território desse Estado.

3.Após examinar os resultados da investigação, o Comitê os comunicará ao Estado Parte concernente, acompanhados de eventuais comentários e recomendações.

4.Dentro do período de seis meses após o recebimento dos resultados, comentários e recomendações transmitidos pelo Comitê, o Estado Parte concernente submeterá suas observações ao Comitê.

5.A referida investigação será realizada confidencialmente e a cooperação do Estado Parte será solicitada em todas as fases do processo.

Artigo 7

1.O Comitê poderá convidar o Estado Parte concernente a incluir em seu relatório, submetido em conformidade com o disposto no Artigo 35 da Convenção, pormenores a respeito das medidas tomadas em consequência da investigação realizada em conformidade com o Artigo 6 do presente Protocolo.

2.Caso necessário, o Comitê poderá, encerrado o período de seis meses a que se refere o parágrafo 4 do Artigo 6, convidar o Estado Parte concernente a informar o Comitê a respeito das medidas tomadas em consequência da referida investigação.

Artigo 8

Qualquer Estado Parte poderá, quando da assinatura ou ratificação do presente Protocolo ou de sua adesão a ele, declarar que não reconhece a competência do Comitê, a que se referem os Artigos 6 e 7.

Artigo 9

O Secretário-Geral das Nações Unidas será o depositário do presente Protocolo.

Artigo 10

O presente Protocolo será aberto à assinatura dos Estados e organizações de integração regional signatários da Convenção, na sede das Nações Unidas em Nova York, a partir de 30 de março de 2007.

Artigo 11

O presente Protocolo estará sujeito à ratificação pelos Estados signatários do presente Protocolo que tiverem ratificado a Convenção ou aderido a ela. Ele estará sujeito à confirmação formal por organizações de integração regional signatárias do presente Protocolo que tiverem formalmente confirmado a Convenção ou a ela aderido. O Protocolo ficará aberto à adesão de qualquer Estado ou organização de integração regional que tiver ratificado ou formalmente confirmado a Convenção ou a ela aderido e que não tiver assinado o Protocolo.

Artigo 12

1."Organização de integração regional" será entendida como organização constituída por Estados soberanos de determinada região, à qual seus Estados membros tenham delegado competência sobre matéria abrangida pela Convenção e pelo presente Protocolo. Essas organizações declararão, em seus documentos de confirmação formal ou adesão, o alcance de sua competência em relação à matéria abrangida pela Convenção e pelo presente Protocolo. Subsequentemente, as organizações informarão ao depositário qualquer alteração substancial no alcance de sua competência.

2.As referências a "Estados Partes" no presente Protocolo serão aplicáveis a essas organizações, nos limites da competência de tais organizações.

3.Para os fins do parágrafo 1 do Artigo 13 e do parágrafo 2 do Artigo 15, nenhum instrumento depositado por organização de integração regional será computado.

4.As organizações de integração regional, em matérias de sua competência, poderão exercer o direito de voto na Conferência dos Estados Partes, tendo direito ao mesmo número de votos que seus Estados membros que forem Partes do presente Protocolo. Essas organizações não exercerão seu direito de voto se qualquer de seus Estados membros exercer seu direito de voto, e vice-versa.

Artigo 13

1.Sujeito à entrada em vigor da Convenção, o presente Protocolo entrará em vigor no trigésimo dia após o depósito do décimo instrumento de ratificação ou adesão.

2.Para cada Estado ou organização de integração regional que ratificar ou formalmente confirmar o presente Protocolo ou a ele aderir depois do depósito do décimo instrumento dessa natureza, o Protocolo entrará em vigor no trigésimo dia a partir da data em que esse Estado ou organização tenha depositado seu instrumento de ratificação, confirmação formal ou adesão.

Artigo 14

1.Não serão permitidas reservas incompatíveis com o objeto e o propósito do presente Protocolo.

2.As reservas poderão ser retiradas a qualquer momento.

Artigo 15

1.Qualquer Estado Parte poderá propor emendas ao presente Protocolo e submetê-las ao Secretário-Geral das Nações Unidas. O Secretário-Geral comunicará aos Estados Partes quaisquer emendas propostas, solicitando-lhes que o notifiquem se são favoráveis a uma Conferência dos Es-

tados Partes para considerar as propostas e tomar decisão a respeito delas. Se, até quatro meses após a data da referida comunicação, pelo menos um terço dos Estados Partes se manifestar favorável a essa Conferência, o Secretário-Geral das Nações Unidas convocará a Conferência, sob os auspícios das Nações Unidas. Qualquer emenda adotada por maioria de dois terços dos Estados Partes presentes e votantes será submetida pelo Secretário-Geral à aprovação da Assembléia Geral das Nações Unidas e, posteriormente, à aceitação de todos os Estados Partes.

2.Qualquer emenda adotada e aprovada conforme o disposto no parágrafo 1 do presente artigo entrará em vigor no trigésimo dia após a data na qual o número de instrumentos de aceitação tenha atingido dois terços do número de Estados Partes na data de adoção da emenda. Posteriormente, a emenda entrará em vigor para todo Estado Parte no trigésimo dia após o depósito por esse Estado do seu instrumento de aceitação. A emenda será vinculante somente para os Estados Partes que a tiverem aceitado.

Artigo 16

Qualquer Estado Parte poderá denunciar o presente Protocolo mediante notificação por escrito ao Secretário-Geral das Nações Unidas. A denúncia tornar-se-á efetiva um ano após a data de recebimento da notificação pelo Secretário-Geral.

Artigo 17

O texto do presente Protocolo será colocado à disposição em formatos acessíveis.

Artigo 18

Os textos em árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo e do presente Protocolo serão igualmente autênticos.

EM FÉ DO QUE os plenipotenciários abaixo assinados, devidamente autorizados para tanto por seus respectivos governos, firmaram o presente Protocolo.

EXERCÍCIOS

01) Acerca dos dispositivos legais previstos na Lei da Primeira Infância (Lei 13.257/2016), leia as assertivas a seguir e, depois, assinale a alternativa CORRETA.

I. As políticas para a primeira infância serão articuladas com as instituições de formação profissional, visando à adequação dos cursos às características e necessidades das crianças e à formação de profissionais qualificados, para possibilitar a expansão com qualidade dos diversos serviços.

II. Como a lei da primeira infância é destinada a crianças de até seis anos de idade, não é possível reconhecê-las como produtoras ativas de cultura.

III. Por serem consideradas juridicamente incapazes, as crianças não podem participar ativamente na formulação das políticas públicas de inclusão social.

IV. As políticas públicas terão, necessariamente, componentes de monitoramento e coleta sistemática de dados, avaliação periódica dos elementos que constituem a oferta dos serviços à criança e divulgação dos seus resultados.

A. Apenas as assertivas II e IV estão corretas.
B. Apenas a assertiva III está correta.
C. Apenas as assertivas I e III estão corretas.
D. Apenas a assertiva IV está correta.
E. Apenas as assertivas I e IV estão corretas.

Resposta: E

02) Em face do disposto no Estatuto da Cidade (Lei no 10.257, de 10 de julho de 2001), considere as assertivas abaixo:

I. Além das cidades com mais de 20 mil habitantes, o plano diretor também é obrigatório no caso de Municípios que integrem áreas de especial interesse turístico.

II. Incorre em improbidade administrativa o Prefeito que aplicar os recursos obtidos mediante outorga onerosa do direito de construir na criação em programas de regularização fundiária.

III. Na ação judicial de usucapião especial de imóvel urbano, a intervenção do Ministério Público é obrigatória apenas quando envolver direitos de incapazes e o procedimento a ser observado é o rito ordinário do Código de Processo Civil.

Está correto o que se afirma em

A. I, apenas.
B. II, apenas.
C. III, apenas.
D. I e II, apenas.
E. I, II e III.

Resposta: A

03) O Estatuto da Cidade, aprovado na Lei Federal no 10.257/2001, reforça o papel do Município na gestão ambiental e remete ao Plano Diretor a formulação de diretrizes e legislação urbanística. Tais diretrizes e leis incorporam a questão ambiental. São aspectos de estratégias da gestão urbana, EXCETO a(o)

A. incorporação da dimensão ambiental nas políticas de desenvolvimento urbano.

B. descentralização das ações administrativas e dos recursos.

C. exclusão de custos ambientais e sociais na formulação de projetos.

D. gestão integrada e compartilhada.

E. fortalecimento da sociedade civil e dos canais de participação.

Resposta: C

04) No que concerne à legislação ambiental e urbanística e ao Estatuto da Cidade (Lei n.º 10.257/2001), julgue os itens a seguir.

O parcelamento, a edificação e a utilização compulsória do solo urbano não edificado podem ser determinados por lei municipal específica para uma área incluída em plano diretor, mas a determinação de condições e prazos para implementação da obrigação é definida pela Lei n.º 10.257/2001.

C. Certo

E. Errado

Resposta: Errado

05) No que concerne à legislação ambiental e urbanística e ao Estatuto da Cidade (Lei n.º 10.257/2001), julgue os itens a seguir.

Isenção ou anistia relativas à tributação progressiva do IPTU em uma propriedade ociosa, conforme definido pela Lei n.º 10.257/2001, só pode ser concedida caso a obrigação do proprietário de edificar ou utilizar a propriedade não seja atendida após a definição de lei específica pelo município, no prazo de cinco anos.

C. Certo

E. Errado

Resposta: Errado

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS
Professor de Educação Básica I

1. BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. Aprender e Ensinar na Educação Infantil. Porto Alegre. ArtMed, 1999. 01
2. BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, M. Tizuko (Org.) O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, Thompson Learning, 2002, p. 19-32. 01
3. BROUSSEAU, G. Introdução ao estudo das situações didáticas: conteúdos e métodos de ensino. São Paulo: Ática, 2008. 02
4. CARBONELL, J. Pedagogias do século XXI: bases para a inovação educativa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016. 04
5. CHARTIER, R. (Org). Práticas da leitura. São Paulo. Estação liberdade, 1996. 06
6. FERREIRO, Emília. O ingresso na escrita e na cultura do escrito – Seleção de textos de pesquisa. Cortez. 2017 06
7. FREITAS, M. C. O aluno incluído na Educação Básica – Avaliação e Permanência. São Paulo: Ed. Cortez, 2016. 120 p. 11
8. FREITAS, M. C. O aluno-problema: forma social, ética e inclusão. Coleção Educação e Saúde. São Paulo: Ed. Cortez, 2012. 128 p. 11
9. GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. 12
10. GOMES, Nilma Lino (Org.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 13
11. HADJI, Charles. Avaliação Desmistificada. Porto Alegre: Artmed, 2001. 14
12. HOFFMANN, Jussara. Avaliação e Educação Infantil – Um olhar Sensível e Reflexivo sobre a Criança. 20ª Ed.; 2015. 16
13. KISHIMOTO, M. Tizuko; FORMOSINHO O. Júlia (Orgs.) - Em busca da pedagogia da infância – pertencer e participar. Editora: Penso. 2013. 216p 18
14. LERNER, Delia. Ler e escrever na Escola – o Real, o Possível e o Necessário. Porto Alegre. Artmed. 2002 19
15. MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO Rosângela G. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006. 24
16. MEC - Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / Orgs. BEAUCHAMP; Jeanete, PAGEL Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia R. do. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p.: il. 28
17. MORAIS, Artur G. de. Sistema de escrita alfabética. Coleção Como Eu Ensino. São Paulo: Melhoramentos, 2012. . 31
18. OLIVEIRA, R. Zilma / ABBUD, Ieda / MARANHÃO, Damaris. O trabalho do professor na Educação Infantil. 2ª Ed. 2014 Editora: Biruta. 2014. 31
19. OSTETTO, Luciana - Encontros e Encantamentos na Educação Infantil. Editora Papirus. 2000. 33
20. SANCHO GIL, J. M.; HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. (Org.). Professores na incerteza: aprender a docência no mundo atual. Porto Alegre: Penso, 2016. 34
21. SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11.ed.rev. — Campinas, SP: Autores Associados, 2011. 34
22. SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2013. 36
23. SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2017. 37
24. VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 2007. 37
25. WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo, Ática, 2000. 38

1. BASSEDAS, EULÁLIA; HUGUET, TERESA; SOLÉ, ISABEL. APRENDER E ENSINAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL. PORTO ALEGRE. ARTMED, 1999.

O desenvolvimento e aprendizagem das crianças, é a pesquisa feita no livro "aprender e ensinar na educação infantil", que busca estudar a criança na pré- escola, suas etapas, de 0 a 6 anos de idade percorridas ao longo de seu desenvolvimento.

Quando falamos em desenvolvimentos nos referimos, a linguagem, o raciocínio, memória, atenção e estima que são as potencialidades dos seres humanos. A capacidade que temos de aprender desde o inicio da vida em que somos dependentes, precisamos do outro, do meio social para aprendermos. E depois de certa fase da vida criamos autonomia, conseguimos resolver os problemas, achar soluções e possibilidades.

Nas aprendizagens, que são conhecimentos adquiridos, aonde a criança desenvolve condutas, valores, habilidades, ela aprende a pensar, agir e a responder.

Partindo desses conhecimentos desde o desenvolvimento da criança, até a fase em que ela atinja o estagio de aprendizagem, o professor possa através de todos esses conhecimentos trabalharem no ensino e aprendizado das crianças, criando métodos pedagógicos que auxiliem numa boa formação escolar do aluno em aprender.

Será que a escola e os professores estão preparados para desempenhar o ensino e aprendizado de qualidade para os alunos?

Fonte: http://pesquisaupf.blogspot.com.br/2012/05/aline-amaral-pedagogia-passo-fundo.html

2. BROUGÈRE, GILLES. A CRIANÇA E A CULTURA LÚDICA. IN: KISHIMOTO, M. TIZUKO (ORG.) O BRINCAR E SUAS TEORIAS. SÃO PAULO: PIONEIRA, THOMPSON LEARNING, 2002, P. 19-32.

A CRIANÇA E A CULTURA LÚDICA

O brincar é visto por todas as escolas o espaço da criação cultural, Winnicot diz que o brincar é essencial porque brincando o paciente se mostra criativo.

A criança que brinca cria um mundo particular onde transporta o mundo em que vive para um mundo novo.

O brincar é individual a cada criança devendo ser um exercício prazeroso, segundo Freud se a brincadeira não for prazerosa a criança não esta brincando.

A atividade do brincar é dotada de significação social necessitando de aprendizagem.

O ENRAIZAMENTO SOCIAL DO JOGO

O brincar varia de acordo com cada cultura onde cada uma determina o que designavel como jogo.

Anteriormente havia a ideia que o brincar é uma atividade que se opõe ao trabalhar sendo caracterizada por futilidade e oposição ao que é sério.

Seja como for o jogo consiste em uma interpretação das atividades humanas, em uma cultura que dê sentido ao jogo.

A criança, longe de saber brincar, deve aprender a brincar e as brincadeiras de bebes entre a mamãe e a criança são indiscutivelmente um dos lugares essenciais dessas aprendizagens.

* A criança entra no jogo mais como um brinquedo do que um parceiro; e

* A seguir ela torna-se uma parceira assumindo o mesmo papel da mãe, mesmo que de forma desajeitada, por exemplo, nas brincadeiras de esconder o corpo. Nisso ela aprende características essenciais do jogo: o aspecto fictício, inversão de papéis, a repetição que mostra que a brincadeira não modifica a realidade (sempre é possível voltar ao inicio) e a necessidade de acordo entre parceiros.

O jogo não é um lugar de criação cultural, mas um produto da cultura, precisa-se primeiramente aprender aquilo que se relaciona com o jogo para depois aplicar as competências adquiridas e outros terrenos não lúdicos da vida(é necessário aprender a a contar para depois participar de jogos que usam números, podemos chamar isso de pré - requisitos).

existe uma cultura em uma cultura lúdica conjuntos de regras e significações próprias do jogo que o jogador adquire e domina no contexto de seu jogo, o jogo é o enriquecimento da cultura lúdica.

TENTATIVA DE DESCRIÇÃO DA CULTURA LÚDICA

A cultura lúdica é um conjunto de procedimentos que permitem tornar o jogo possível. Dispor de uma cultura lúdica é dispor de certo numero de referencias que permitem interpretar como jogos atividades que poderiam não ser vista como tais por outras pessoas, como por exemplo, uma briga lúdica no recreio.

A cultura lúdica é então composta de um certo numero de esquemas que permitem imitar a brincadeira, já que se trata de produzir uma realidade diferente daquela que a vida cotidiana: os verbos no imperfeito, as quadrinhas, os gestos estereotipados do inicio da brincadeira compõe aquele vocabulário cuja aquisição é indispensável ao jogo.

A cultura lúdica também compreende a imitação e / ou a ficção em que a criança dispõe de esquemas que são uma observação da realidade e se apodera de elementos da cultura do meio ambiente da criança para aclimatá-la ao jogo (Brincar de papai e mamãe ou imitar o superman)

Essa cultura diversifica-se de acordo:

*A cultura em que a criança esta inserida;

*O meio social;

*Sexo da criança, e

*Idade.

Pode-se analisar em nossa época o desenvolvimento de formas solitárias de jogos, uma das características de nosso tempo é a multiplicação dos brinquedos (bonecos que ligam ao universo do imaginário, o videogame, etc)

tudo isso mostra a importância do objeto na constituição da cultura lúdica contemporânea.

A imaginação tem um papel crucial nestes nossos tempos. E a infância é a grande fonte da nossa vitalidade imaginária.

É bem verdade que a imaginação é uma faculdade que se desenvolve em um contínuo, ao longo de toda a nossa vida.

Mas é também verdade que a imaginação na infância tem uma sensibilidade especial que as crianças tendem a se entregar mais livremente à fantasia, e que da plenitude da experiência imaginária na infância depende em boa parte a saúde psicológica na idade adulta.

"Diante da questão da brincadeira na vida das crianças, é importante descobrir qual é a base da atividade humana, e de onde ela se origina" (SCHNEIDER, Maria Luiza, Fpolis. 2004).

De acordo com Vygostsky, a fonte da atividade lúdica é a mesma da ação criadora, que reside sempre na inadaptação, fonte de necessidades, anseios e desejos. Dessa forma, na origem do jogo entrelaçam-se momentos de tensão na criança, pelo fato de esta experimentar necessidades que não podem ser satisfeitas, pela tendência da criança de buscar satisfação imediata das suas necessidades e desejos e , também pela diminuição da sua capacidade de esquecer a insatisfação de outras necessidades, que é possível às transformações ocorridas em sua memória.

Quando a criança brinca, ela cria uma situação imaginária. Nessa situação, o primeiro ela imita o comportamento do adulto tal como observa, à medida que deixa de repetir por imitação, passa a realizar a atividade conscientemente, criando novas possibilidades e combinações.

As situações imaginárias estão interligadas com capacidade de imitação trazendo consigo regras de comportamento ocultas advindas das formas culturalmente constituídas pelos homens na relação com as crianças. Nesse contexto o jogo de papéis deve ser considerado uma atividade cultural.

Vigotsky considera que a essência da brincadeira é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo de percepção visual. As duas funções básicas da linguagem de intercâmbio social e de pensamento generalizante possibilitam o salto qualitativo para o desenvolvimento da criança. A criança vai abandonando o campo perceptivo imediato e vai ingressando no campo dos significados.

A atividade lúdica da criança reflete uma relação constante entre a realidade e a fantasia permitindo indicar que o jogo de papéis tem como característica a libertação e a imersão do real.

Segundo Giles Brougére (Os brinquedos e a socialização da criança, 995 p. 66), " para brincar existe uma cordo sobre as regras ou uma construção de regras. è o caso das brincadeiras simbólicas, que supõem um acordo sobre papéis e atos, onde as regras são produzidas à medida que se desenvolve a brincadeira. Uma regra de brincadeira só tem valor se for aceita por aqueles que brincam e só valem durante a brincadeira".

A brincadeira faz com que a criança experimentem situações, descobertas,, criatividade e é, portanto um espaço social que surge em consequência de uma aprendizagem social. É um meio de educação da criança, pois ela arrisca situações e comportamentos. Em qualquer processo de brincadeira a criança esta aprendendo alguma coisa. A brincadeira é lúdica e prazerosa, sai da realidade e é transferida para o mundo com seus personagens, sua cor, seus desejos, e por isso a brincadeira é modelada pela cultura.

O faz de conta permite não só a entrada do imaginário, mas a expressão de regras implícitas que se materializam nos temas da brincadeiras. É importante registrar que o conteúdo do imaginário provém de experiências anteriores adquiridas pelas crianças em diferentes contextos, incluindo a família e o seu círculo de relacionamento.

"Brincar é o oficio da criança. Tradicionalmente, este oficio tem apresentado o brincar como algo a que as crianças aderem enquanto esperam para entrar na sociedade e em que são vistas como praticando ou simulando ações reais e relações entre pessoas, numa espécie de cópia da realidade. É esta natureza de faz de conta que, construída socialmente como o traço dominante das brincadeiras, as dissocia da realidade social imediata da qual fazem parte. Brincar seria assim, sinônimo de socialização das crianças no mundo adulto esta equivalente a preparação para a vida pela incorporação antecipada de papéis sociais", diz Manuela Ferreira (Do avesso do brincar ou as Relações entre pares....p83)

O brincar é um dos meios de realizar e agir no mundo, não unicamente para as crianças se preparem para ele, mas , usando-o como um recurso comunicativo, para participarem na vida cotidiana pelas versões da realidade que são feitas na interação social, dando significado as ações. Brincar é parte integrante da vida social e é um processo interpretativo com uma textura complexa, onde fazer realidade requer negociações do significado, conduzidas pelo corpo e pela linguagem.

Grande parte das brincadeiras e jogos das crianças requer e implica o envolvimento mútuo para que as ações comuns sejam bem sucedidas, cada um dos participantes envolvidos na interação deverá apresentar uma performance de acordo com, e em resposta à do outro, experimentando-se (in) diretamente do ponto de vista das respostas dos outros membros do mesmo sentido de si, assumindo as atitudes.

3. BROUSSEAU, G. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS SITUAÇÕES DIDÁTICAS: CONTEÚDOS E MÉTODOS DE ENSINO. SÃO PAULO: ÁTICA, 2008.

A situação didática é um conjunto de relações explicitamente ou implicitamente estabelecidas entre o aluno ou um grupo de alunos, instrumentos ou materiais e o professor, com o objetivo da aprendizagem do conteúdo, no caso de Brousseau a aprendizagem de conteúdos matemáticos (Silva, 2008).

Para Brousseau, segundo Silva (2008) o aluno somente constroi o conhecimento quando se envolve pessoalmente com o problema proposto pela situação, esta proposta

vem de encontro e reafirma o que propõe o método dialético de ensino proposto por Urbanetz e Melo (2008) que delimita o aprendizado em 5 passos dialéticos: prática social, problematização, instrumentalização, catarse e retorno a pratica social. Assim como o método dialético procura trazer o aluno de sua prática social, ou seja, dos elementos que ele vive e transpor esta vivencia em problemas para que o aluno desenvolva seu aprendizado (Urbanetz, ST e Melo, A. 2008) Brousseau faz semelhante fazendo o aluno se envolver com o problema proposto trazendo o aluno para o conteúdo a ser aprendido (Silva, 2008).

A situação didática é planejada com a intenção de o aluno construir seu saber sendo estas situações de diferentes tipos, como aponta Silva (2008), situação de ação, situação de formulação, situação de validação, situação de validação, situação de institucionalização.

Na situação de ação o aluno utiliza seus conhecimentos e procedimentos mais imediatos para a resolução de um problema, nesta situação prevalecem os aspectos experimentais e argumentativos e o aspecto teórico dos conceitos envolvidos permanece recuado, neste caso o aluno é capaz de fornecer a solução para o problema proposto, mas não consegue explicitar os mecanismos e elementos utilizados na sua elaboração. Na formulação o aluno utiliza alguma elaboração de natureza teórica para a resolução do problema, de forma que o aluno apresente um raciocínio mais elaborado do que um mecanismo experimental e, para isto, se faz necessário utilizar informações anteriores, quando na formulação o conhecimento esta sendo elaborado e não possui a obrigatoriedade de justificação e de controle de ações (Silva, 2008).

O objetivo desta fase é a troca de informações, composta de elementos em que o aluno explicita as ferramentas utilizadas e a solução encontrada, entrementes, o aluno faz afirmações sem ter a intenção de julgar a validade do conhecimento, embora contenham implicitamente as intenções de validação (Silva, 2008). Mas na resolução do problema é necessário que o aluno aprofunde sua postura reflexiva, procurando justificativas sobre a validade das afirmações formuladas, mesmo de forma interiorizada (Silva, 2008).

Na situação chamada de validação o foco é mais voltado para o plano da argumentação racional, na qual é importante a questão da veracidade do conhecimento; na validação o aluno é capaz de utilizar na solução do problema proposto alguns modelos e esquemas teóricos explícitos sendo possível apresentar argumentações de cunho teórico de forma bem mais elaborada, nesta situação a característica principal é o debate sobre a veracidade das assertivas. Neste esforço e motivações intelectuais, em conjunto com os procedimentos de argumentação a respeito do saber, o aluno pode contestar ou mesmo rejeitar proposições que ele ainda não compreende podendo experimentar a condição da duvida, buscando aportes teóricos que o façam concordar e aceitar uma proposição, ou desmascará-la com argumentos específicos e verdadeiros. A teoria de Brousseau funciona e se mostra em debates científicos ou discussões entre alunos como meio de estabelecer provas ou rejeitá-las (Silva, 2008).

Na situação de institucionalização o papel do professor fica em evidencia com o propósito de juntar os debates, argumentos e ideias surgidas oficializando e conferindo um status de saber. Nesta situação ocorre a passagem do conhecimento do plano individual e particular para a dimensão histórica e cultural do saber cientifico (Silva, 2008). Para Brousseau, segundo Silva (2006) o papel do professor é a institucionalização que se realiza tanto sobre uma situação de ação como também sobre uma situação de formulação.

Panizza, citado por Silva (2008) sintetiza que nas situações de ação, são validadas as ações; nas situações de formulação são validadas as mensagens; nas situações de validação, são validadas as afirmações; na institucionalização, são validados os sentidos e as convenções oficiais dos conhecimentos.

Silva (2011) resume as proposições de Brousseau da seguinte forma:

A comunicação didática fornece aos seus envolvidos um instrumento de controle ou regulariza um determinado meio. Deste modo, se faz necessário que o sujeito aprendente tenha consciência da capacidade de exercer o controle de uma situação ou um meio (Silva, 2011, p.26).

Os instrumentos culturais de reconhecimento e organização de conhecimento são saberes, objetos de atividades das instituições. Neste sentido, a compreensão torna-se a mobilização de saberes e conhecimentos que possam servir de controle desses conhecimentos que regulam o saber (Silva, 2011, p.26).

O sentido de um conhecimento é uma imagem cultural da compreensão. Pode ser decomposto em três tipos didáticos: componente semântico- o conhecimento mobilizado se relaciona com um campo de situações, componente sintático-relaciona a diferentes repertórios (lógico e científico) e componente pragmático-descreve as características da utilização (Silva, 2011, p.26).

A ação de um professor contribui para a regulação dos processos de aquisição do aluno. O aluno aprende pela regulação de suas relações com seu meio (Silva, 2011, p.26).

A aprendizagem se dá na relação intrínseca entre o aluno e o professor com o meio que exige controle das situações que conduzirão a aprendizagem (Silva, 2011, p.26).

Nesta relação entre professor e aluno, Brousseau (2008), apresenta a figura do professor de acordo com dois pontos de vista: o primeiro como o professor que organiza as aulas e o segundo como o professor que leciona.

Fonte: https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/esporte/teoria-das-situacoes-didaticas-de-guy--brousseau/48779

4. CARBONELL, J. PEDAGOGIAS DO SÉCULO XXI: BASES PARA A INOVAÇÃO EDUCATIVA. 3. ED. PORTO ALEGRE: PENSO, 2016.

O livro *Pedagogias do Século XXI*, traduzido por Juliana dos Santos Padilha e com revisão técnica de Luciana Vellinho Corso, é a mais recente obra do sociólogo, jornalista e pedagogo espanhol Jaume Carbonell. O autor, que por anos foi diretor de *Cuadernos de Pedagogia*, escreveu inúmeros livros sobre educação, entre os quais destacamos *Pedagogias del Siglo XX*, do qual foi um dos idealizadores e organizadores; nesse livro, foram apresentadas onze Pedagogias por meio do trabalho de onze professores que foram seus criadores ou referência para as mesmas. Essa obra anterior focava, portanto, os autores e a influência de suas ideias no pensamento sobre as práticas docentes e a constituição das escolas.

No entanto, como aponta Carbonell (2016), a histórica fronteira entre teoria e prática na área de Educação, tão amplamente discutida e analisada no campo da Pedagogia, tornou-se mais flexível. Por esse motivo, a composição organizativa, conceitual e metodológica que prospecta essa nova obra, apresenta movimentos de corporeidade de oito Pedagogias que irromperam no século XXI, revelando, na ação concreta do fazer hibridar teoria-prática, a pedagogia na contemporaneidade.

O autor, tendo por ponto de partida a questão "quais são os novos discursos e práticas pedagógicas que estão emergindo e iluminando este novo século e a partir de onde se constroem?", redireciona sua lupa analítica ao presente. Toma as pedagogias que permeiam as perspectivas educativas do século XXI a partir de um conjunto de marcas identitárias conceituais desses entrelaces e/ ou desenlaces teórico-metodológicos, onde é visível o cotejamento de singularidades e de coletividades, assim como o compartilhamento de "bases para a inovação educativa". Com esse contexto circunscreve oito Pedagogias que simultaneamente reverberaram pressupostos da contemporaneidade, constituindo os capítulos que são a espinha dorsal do livro, são elas: as pedagogias não institucionais; as pedagogias críticas; as pedagogias livres não diretivas; as pedagogias de inclusão e de cooperação; a pedagogia lenta, serena e sustentável; a pedagogia sistêmica; as pedagogias do conhecimento integrado; as pedagogias das diversas inteligências.

O autor compõe cada um dos oito capítulos seguindo a mesma estrutura, que divide em cinco seções. Inicia cada capítulo com um texto vivencial, em forma de narrativas e depoimentos; a seguir utilizando o subtítulo *antecedentes e referências*, apresenta os rastros históricos, memórias e ramificações genealógicas da Pedagogia em destaque; na terceira parte, que é identificada como as *marcas comuns de identidade*, explicita as matizes das tendências pedagógicas que dialogam ou se repelem; em seguida, são relatadas experiências educativas, apontando para as diversificadas possibilidades da vivência cotidiana; na quinta parte sugere questionamentos, conjecturas e discussões para debates futuros. Ao finalizar cada capítulo esclarece as referências consultadas e sugere leituras[3] para maior aprofundamento das discussões que permeiam aquela Pedagogia.

No entanto, uma das características que torna essa obra tão densa e rica é o viés interativo com as experiências do autor, que flexibilizam a discussão das Pedagogias e permitem o trânsito entre tendências pedagógicas, escolas e projetos educativos. Por esse motivo, alguns autores podem ser abordados nas discussões acerca de mais de uma das Pedagogias discutidas ao longo do livro.

O primeiro capítulo discute as pedagogias não institucionais e a educação fora da escola. Nele há um transcurso histórico elucidado pelo autor, que perpassa o discurso de autores como Jean-Jacques Rousseau, John Dewey, Illich, Reimer, entre outros. A partir dessas bases conceituais chega à pedagogia não institucional e ao século XXI, onde as atenções às questões educacionais vão para um outro foco "cristalizando um currículo alternativo muito mais poderoso e atrativo que o do currículo escolar oficial". (CARBONELL, 2016, p. 9). Nessa tessitura, a proposta da cidade educativa ou educadora faz reverberar o Banco Comum de Conhecimento (BCC), as universidades alternativas, as cidades das crianças, os centros sociais culturais institucionais ou autogerenciados, a aprendizagem-serviço, a Wikipédia, entre outras apresentadas como experiências representativas das pedagogias não institucionais.

O segundo capítulo discute a complexa cartografia das pedagogias críticas. Entre as referências iniciais dessa pedagogia, destacam-se duas: a primeira, de Paulo Freire, que tematiza os movimentos da educação popular e libertadora e a pedagogia do oprimido, ambos da década de 1970, que uniam as suas lutas pelo despertar da consciência crítica, indo contra a educação bancária e incentivando a participação democrática horizontal em todos os cenários educativos, com fins de valorizar a alfabetização das pessoas adultas com ato político. A segunda referência, a Jürgen Habermas, na década seguinte, está pautada em uma de suas maiores contribuições educativas por meio da obra *Teoria de la acción comunicativa*. Essa premissa orientou, no campo da educação, a proposição da pesquisa crítica e da pesquisa-ação. Nutrindo-se dessas ideias de transformação educativa e social, o autor cita Henry Giroux, um dos fundadores da pedagogia crítica nos Estados Unidos, Basil Bernstein e Paul Willis, dentre outros. Entende que esse grupo encaminha a efetivação de uma pedagogia revolucionária. Narrando as experiências vivenciais dessa pedagogia, cita a educação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil (MST), as Tertúlias dialógicas (Espanha) e a Universidade Transumante (Argentina).

As pedagogias livres não diretivas, enquanto alternativas para a escolarização comum, são discutidas no terceiro capítulo. Nas origens dessas pedagogias sustentam-se tentativas históricas de educar crianças fora do sistema convencional de escolarização. Essas possuem dois precursores: Jean Jacques Rousseau nas obras *Emílio* ou *Da Educação*, que propaga que educar não é mais do que deixar emergir o estado natural da criança; León Tolstoi com sua escola de Yasnaia Poliana, que abolia qualquer forma de obrigatoriedade. Ambos influenciaram a fundação da

emblemática Escola e Internato Summerhill (Inglaterra), proposta por A. S. Neill em 1921, "[...] a primeira experiência sólida [...] em que se teoriza e se aplica o respeito à liberdade da criança". (CARBONELL, 2016, p. 78). As pedagogias livres se assentam em: educação em liberdade; escolha do que se quer aprender; educação multidimensional para além da razão; ambientes, materiais e possibilidades diversificados; autogoverno/constituição de uma microssociedade alternativa; o professor como facilitador; jornada de ensino flexível, sem horários e disciplinas. As três experiências dessa pedagogia que mereceram destaque nesse capítulo são: a Escola Livre Paideia (Mérida/Extremadura); a escola psicopedagógica O Pelouro (Galícia) e o Projeto Integral León Dormindo (Equador).

A temática do quarto capítulo é ancorada nos pressupostos de uma educação inclusiva, a qual procura garantir que todas as pessoas – sem distinção de capacidades, raça ou qualquer outro traço – tenham a oportunidade de pertencer a uma aprendizagem coletiva, à vida cotidiana da escola e da comunidade. As pedagogias da inclusão e da cooperação emergem no século XXI com o grande desafio de garantir "um mundo em que todos e todas sejam socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres". (CARBONELL, 2016, p. 102). Com uma história marcada por movimentos e lutas pela supressão da segregação escolar e dos "guetos". (CARBONELL, 2016, p. 105) familiares e sociais de confinamentos de crianças e jovens com deficiência, essas pedagogias defendem que a inclusão é essencial para a qualidade educativa. A Declaração de Salamanca (1994) e as experiências do Programa Cooperar para Aprender/Aprender a Cooperar (Barcelona), do Projeto INCLUD-ED (*Strategies for Inclusion and Social Cohesion in Europe from Education*), do Projeto Roma (Itália e Espanha) e da escola Folchi Torres são exemplificadas como iniciativas para tornar a inclusão possível.

No quinto capítulo, deparamo-nos com a seguinte questão problematizadora: "de que tempo precisa a educação que desejamos?". (CARBONELL, 2016, p. 149). As oscilantes respostas a essa questão impulsionam uma difícil articulação entre o tempo "chronos", simbolizado pelo relógio, carga horária, quantidade de dias letivos, que medem, limitam, planejam, cronometram o período de realização de qualquer atividade e o tempo "kairós", que representa o tempo da experiência "necessário para qualquer acontecimento". (CARBONELL, 2016, p. 129). Assim, a pedagogia lenta, serena e sustentável, tomada como foco de discussão, entrecruza a sua trajetória com a da construção social do tempo. Um exemplo disso é a cultura da internet, com a velocidade nas trocas de informação através das mídias sociais, da interatividade e da hibridação entre todos os meios de comunicação. Já os movimentos "Slow" sublinham a perspectiva de lentidão, a desacumulação de bens e o não acúmulo de conteúdos escolares. Essa pedagogia se mostra marcadamente influenciada por diferentes experiências pedagógicas, pautadas nas perspectivas de tempo para pensar, fazer e compartilhar, como vivenciado na Escola Fructuós Gelabert (Barcelona), de tempo dos professores, difundido pela Escola Els Alocs (Barcelona) e de alimentação saudável na escola, do Colégio Marcos del Torniello (Astúrias/Espanha).

A ressonância da educação contemporânea, que objetiva "um novo olhar para compreender o que ocorre dentro da sala de aula e com as famílias" (CARBONELL, 2016, p. 167), encontra na pedagogia sistêmica, tema do sexto capítulo, muitos dos seus conceitos nucleares, tais como: complexidade, conectividade, multidimensionalidade, contextos criativos, pertencimentos. A pedagogia sistêmica vem inspirando variadas pesquisas, grupos de estudos e diversas experiências pedagógicas, dentre elas a Rede de Pedagogia Sistêmica (composta por escolas e institutos em Barcelona), distanciando-se do pensamento lógico-linear, do dualismo entre a causa e efeito e dos estudos focados apenas em uma parte.

O enfoque do sétimo capítulo são as pedagogias do conhecimento integrado através de projetos de trabalho, em que a proposta basilar é a integração do conhecimento, alicerçada na visão transdisciplinar e na aprendizagem relacional entre conhecimento e contexto. O pressuposto de que "a informação se converte em conhecimento, quando estabelecem conexões, contextualiza-se, detectam-se diferenças e similitudes, organiza-se e se interpreta" (CARBONELL, 2016, p. 207), circunscreve a concepção integral da educação, a forma diferente de se pensar, de se ensinar, de se aprender e de se estar na escola assumida por essa pedagogia. Nesse cenário educativo integral fomenta-se a elaboração de projetos de trabalho constituídos na complexidade das relações e saberes que se estabelecem na sala de aula e fora dela. As experiências vivenciais perpassam todos os níveis de ensino e envolvem os mais variados temas de estudos. Dentre os projetos de trabalhos explicitados no capítulo estão os "Velázquez tem dois 'z'" (Educação Infantil) e "Como vamos ser iguais?" (Ensino Fundamental – 6º Ano – Escola Serravella, Ullastrell, Barcelona).

No último capítulo, as pedagogias das diversas inteligências evocam os estudos sobre as Inteligências Múltiplas de Howard Gardner e seus colaboradores; o conceito de Inteligência Emocional popularizado por Daniel Goleman; os pressupostos da Inteligência Funcional, da Inteligência Acadêmica ou Analítica, da Inteligência Criativa e da Inteligência Prática elaborados por Robert Sternberg. O autor explicita interconexões das diversas inteligências que se refletem no contexto escolar e transformam pensamento em ação, informações em conhecimento, habilidades e competências em inovações. Em termos práticos, esses pressupostos se concretizam nas Escolas Infantis de Reggio Emília (Itália); as inteligências múltiplas no Colégio Montserrat; as Escolas Waldorf Micael; o projeto de Filosofia para Crianças (Colégio Pau Vila de Esparraguera, Barcelona).

Retomando a frase que o autor destaca no epílogo, "[...] a memória quando se ativa, contém mais sementes de futuro do que restos do passado" (CARBONELL, 2016, p. 261), podemos dizer que a leitura dessa obra eclode seu potencial inovador no burilar de rastros históricos, entrecruzados por vínculos identitários e vivências educativas. Esse contexto composto e interessante que o autor dispõe, em cada uma das oito pedagogias discutidas, aponta para incompletudes, possibilidades futuras, enfim, para a abrangência entre teoria e prática que se fazem para além da escola.

5. CHARTIER, R. (ORG). PRÁTICAS DA LEITURA. SÃO PAULO. ESTAÇÃO LIBERDADE, 1996.

Práticas de Leitura

A leitura é essencial para a aprendizagem, pois através dela podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Muitas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro, no entanto isso acontece por falta de hábito, pois se a leitura fosse um hábito as pessoas saberiam apreciar uma boa obra literária.

As novas tecnologias fizeram com que as pessoas deixassem a leitura de livros de lado, o que resultou em jovens cada vez mais desinteressados pelos livros, possuindo vocabulários cada vez mais pobres.

(Texto extraído e adaptado do site: http://www.brasilescola.com/ferias/a-importancia-leitura.htm)

O que fazer para produzir bons leitores? De acordo com uma matéria publicada pela Revista Nova Escola, trabalhar produção de textos e leitura é tarefa de todos os professores, inclusive de outras disciplinas que não seja a Língua Portuguesa. A capacidade de entender e produzir textos é fundamental em qualquer disciplina, sendo que cada área terá textos com suas características específicas. O professor de Matemática poderá propor um problema às crianças e perceber que muitas têm conhecimento para solucioná-lo, mas não chegam lá porque não entendem o enunciado.

Sugere-se que o professor em suas aulas, estimule o gosto dos alunos pela leitura, faça perguntas e discuta o que foi lido, avalie o aprendizado por escrito, mostre a importância do vocabulário específico, incentive a clareza ao escrever e treine a habilidade de organizar as ideias. Ações como estas poderá proporcionar bons leitores nas diferentes disciplinas.

(Texto extraído e adaptado do site: http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/bons--leitores-bons-alunos-423585.shtml)

De acordo com Chartier (1996) que buscava analisar as palavras dos textos, o escrito dos gestos, o impresso e a fala, traçando uma trajetória que objetivava restituir em sua complexidade as formas da expressão ou da comunicação cultural. O historiador francês traz uma reflexão teórica que abre novas possibilidades para os estudos em história cultural e estímulo permanente na renovação das maneiras de ler e fazer a história.

A concepção de leitura modificou-se ao longo dos séculos. Há tempos atrás, a leitura era feita em voz alta, sendo um ato de socialização, permitia o contato do conteúdo dos escritos aos iletrados.

(Texto extraído do site: http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/sistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leituras-recomendadas/Praticas%20de%20leitura%20na%20escola.pdf)

Através dos registros escritos descobrimos e aprendemos culturas, histórias e hábitos diferentes, compreendemos a realidade, o sentido real das ideias, vivências, sonhos, etc. Considera-se a leitura como uma das mais importantes tarefas que a escola tem que ensinar, mas é importante ressaltar que para isso o professor deve ter consciência da necessidade, além de praticar com eficiência o hábito da leitura.

(Texto extraído do site: http://www.mundoeducacao.com/educacao/a-importancia-habito-ler.htm)

A leitura em nossa sociedade tem como função primordial despertar e proporcionar conhecimentos básicos que venham contribuir para construção integral da vida do aluno em sociedade e para o exercício da cidadania. É importante que o professor escolha o material que seja significativo para o aluno, pois só assim desenvolverá o seu interesse em ler textos diferenciados do seu cotidiano. É importante propiciar uma aula prazerosa para prática de leitura, em um ambiente onde haja diversidade de texto, deixando o aluno a vontade para fazer sua escolha para a leitura. É preciso ensinar todas as crianças a ter o hábito da leitura desde a pré-escola, para desenvolver no futuro o hábito com prazer e não por uma obrigação.

(Texto extraído do site: http://pedagogiaaopedaletra.com/a-importancia-da-leitura/)

6. FERREIRO, EMÍLIA. O INGRESSO NA ESCRITA E NA CULTURA DO ESCRITO – SELEÇÃO DE TEXTOS DE PESQUISA. CORTEZ. 2017

O ingresso nas culturas da escrita (Artigo publicado na revista *Bambini,* ano XXI, n. 2, de fevereiro de 2005, traduzido do italiano por Fernanda Landucci Ortale e Ilse Paschoal Moreira, com a revisão técnica de Ana Lúcia Goulart de Faria.).

Emilia Ferreiro

As crianças são capazes de pensar e de compreender e têm o *direito à cidadania na escrita*

Este título, "O ingresso nas culturas da escrita", no plural, porque com muita freqüência, quando se fala de escrita, se pensa unicamente na escrita alfabética e no alfabeto latino.

Embora não possa falar com pleno conhecimento das outras culturas da escrita, lembremo-nos, desde já, que a chamada cultura ocidental foi a última das grandes culturas a descobrir a importância da escrita, depois das culturas da China, do Vale do Hindo, do Egito e dos povos da antiga Mesopotâmia.

Devemos considerar, porém, que tais escritas passaram por diversas peripécias, que algumas delas ainda são usadas e que somos herdeiros das transformações pelas quais a escrita mesopotâmica passou até chegar ao alfabeto.

Página 56

Os sistemas de escrita são diferentes, como o são também os usos sociais. Na história, o controle da escrita sempre esteve muito ligado ao exercício do poder. E, de alguma maneira, essa ligação continua a existir, apesar da democratização das práticas de escrita ligadas à educação obrigatória.

Quando falamos do ingresso na cultura escrita, pensamos imediatamente na aprendizagem escolar e, freqüentemente, pensa-se na leitura como decodificação e na escrita como cópia repetitiva de sinais gráficos. O aspecto mais interessante do contato com a escrita (ou seja, o poder "dizer por escrito") deve, aparentemente, vir depois, depois que a técnica tiver sido dominada. O aprendiz é nada menos do que urna máquina de sonorização ou urna copiadora.

Ignoram-se as complexidades presentes no processo de ingresso na cultura escrita porque se reduz a escrita a um sistema de traços ou sinais que deveriam ter urna relação de correspondência idealizada com os sons da fala.

1. Entrar na cultura da escrita

Para compreender o que significa o ingresso nas culturas da escrita, é preciso pensar na sociedade, mais do que na escola, e é necessário pensar na escrita como objeto cultural criado por inúmeros usuários, consolidado através dos tempos, e carregado de sinais deixados propositalmente por grupos sociais que se sucederam ao longo do tempo.

É preciso pensar nos livros, mas também nos jornais, nas cartas, nos documentos oficiais, nas publicidades, nos calendários, nos mapas, e em vários outros objetos cuja razão de ser é a própria escrita.

Entrar na cultura da escrita pressupõe muito mais do que conhecer as letras. Implica compreender:

a) como se organiza a língua quando se toma língua escrita (como se narra por escrito, como se informa por escrito, como se faz solicitações, como se agradece e como se felicita alguém por escrito, ou seja,

Página 57

como se realizam por escrito os atos de fala que já conhecemos nos contextos orais);

b) como são os objetos criados pela cultura escrita (os vários objetos mencionados antes, que têm nomes específicos e os diversos tipos de livros que chamamos de enciclopédias, contos ilustrados, dicionários, livros de poesia, antologias e muitos outros);

c) compreender que tipo de texto é característico de cada um dos diversos objetos citados, tendo como base indicadores específicos como, por exemplo: o formato, a presença ou não de ilustrações, a organização tipográfica etc.;

d) como são as instituições criadas pela cultura escrita: as bibliotecas, as editoras, as livrarias, mas conhecer também os jornalistas, os escritores, ou seja, as várias profissões construídas pelos usos sociais da escrita.

Iniciar-se na cultura escrita e conseguir transitar com familiaridade dentro dela, como se ela fosse a própria casa, *este deveria ser o objetivo básico da educação,* das creches até os níveis superiores. Para as crianças afortunadas, que crescem cercadas de adultos leitores, o processo começa muito antes da escolarização: faz parte da socialização primária.

2. Ler e escrever

Algumas crianças sabem, desde o início, que os livros formam parte do ambiente doméstico, sabem que têm um lugar especial na casa, sabem que algumas pessoas podem passar muito tempo olhando a mesma página cheia de sinais pretos com um fundo branco. Esse modo de olhar chama-se ler. Às vezes, além de olhar, as pessoas dizem coisas um tanto incompreensíveis. A ação de ler não deixa sinais visíveis no objeto e, quando os deixa, são sinais de escrita, não de leitura: por exemplo, um sublinhado ou um comentário à margem.

As crianças entendem muito melhor o que quer dizer escrever porque a ação de escrever produz resultados visíveis. Uma página antes ou

Página 58

depois da atividade de escrita é qualitativamente diferente, enquanto a página do livro, antes e depois da leitura, permanece idêntica. As crianças podem tentar escrever desde que começam a controlar o lápis e a folha de papel. Um olhar atento permite descobrir quando os pequenos estão desenhando, quando estão reproduzindo letras (enquanto formas) e quando estão tentando escrever. Em todos esses casos, o que produzem são linhas retas ou curvas, combinações dessas linhas e, às vezes, pontos. Mas não é a mesma coisa utilizar as formas gráficas para tentar reproduzir o contorno dos objetos (isto é, desenhar) e tentar reproduzir os sinais que os adultos chamam de letras ou números, reprodução que pode ter finalidades puramente gráficas, mas que, às vezes, tem claras intenções comunicativas, ou seja, escreve-se com a intenção de "dizer alguma coisa por escrito".

Escrever é fazer sinais, mas quantos e quais são necessários para fazer com que ali se "diga" intencionalmente aquilo que quero que diga? As condições para "dizer por escrito" começam a ser exploradas muito cedo, quando o ambiente propicia.

No início, as letras se distribuem com absoluta liberdade no amplo espaço da folha de papel. Progressivamente, alinham-se, apoiando sua base numa linha imaginária. Organizadas deste modo, as seqüências tomam-se cada vez mais reduzidas, até chegar a um número ideal que se situa entre três e seis sinais gráficos. No início, as letras podiam se repetir, sem preocupação com a variedade. Aos poucos, as crianças impõem a si mesmas uma forte restrição: as letras não devem se repetir (pelo menos, não em

posição contígua). Além disso, pouco a pouco, as crianças adotam outra restrição, de grande importância: um nome escrito deve diferenciar-se de outro, seja pelo número de sinais ou pela posição dos mesmos, de modo a garantir, por meio de uma diferença objetiva, as diversas intenções subjetivas.

O que as crianças estão explorando, sem saber, é justamente uma propriedade universal dos sistemas de escrita: com um número limitado de sinais gráficos é possível obter, por combinação, diferentes conjuntos.

Página 59

3. O significado da escrita

O significado da escrita, portanto, garantido por duas condições: uma subjetiva, a intenção de quem escreve; a outra, objetiva, as propriedades apresentadas pela seqüência de letras produzidas. É como se, uma vez construído o significante de maneira correta, o significado estivesse assegurado. Não é pouca coisa o fato de, com 4 ou 5 anos, trabalhar espontaneamente com tais problemas que, certamente, nenhum adulto mostra e muito menos ensina.

Não é fácil fazer uma lista de tudo o que as crianças têm de aprender para se apropriar da escrita. Quem pensa na escrita apenas como código de correspondência entre letras e fonemas esquece a enorme variabilidade tipográfica existente no ambiente urbano; esquece que a alternância entre letras minúsculas e maiúsculas dá ao leitor informações de tipo semântico e não apenas fonológico; esquece que a separação entre as palavras, presente na escrita, não existe na oralidade. Considerar seriamente a especificidade da escrita obriga-nos a abandonar a idéia de código.

A escrita não se limita a "tomar visível o que é audível". De todas as propriedades do significante lingüístico, a escrita retém apenas algumas delas. Não é a fotografia da fala, mas uma sua representação. Nenhuma representação é idêntica, análoga ao objeto representado. Um mapa geográfico, por exemplo, ou um mapa de uma cidade, não possui planícies ou montanhas, nem ruas ou edifícios. Possui sinais que representam as variações do terreno ou da topografia e omite uma infinidade de detalhes que são pertinentes ao território "do modo como é" e à cidade "do modo como se apresenta ao caminhante". Os mapas são, em certo sentido, representações com um alto grau de abstração, são olhares "de longe" do objeto concreto.

De maneira semelhante, podemos afirmar que a escrita é um olhar "de longe" sobre a língua, um olhar afastado da língua "enquanto tal", isto é, daquela presente nos atos de comunicação oral. Um olhar que omite uma infinidade de detalhes que são necessários para fazer com que "o que foi dito" seja recebido de acordo com as intenções do falante.

Página 60

A escrita oferece uma série de sinais que nos permite reconstituir a língua; em qualquer sistema alfabético desenvolvido através dos séculos, os sinais não são unívocos nem se relacionam unicamente com os sons. Há redundâncias e omissões. Há sinais que representam aspectos semânticos e também aspectos fonológicos.

4. Intérprete *e* interpretante

Se as escritas desenvolvidas ao longo dos séculos fossem somente códigos, a tradução automática seria uma brincadeira de crianças. É justamente porque as escritas não são códigos que os leitores devem ser intérpretes, *o que é muito diferente de ser um decodificador.*

São as práticas sociais de interpretação que transformam os sinais escritos em objetos lingüísticos. Os sinais são opacos até que um leitor adulto permita que a criança, em processo de desenvolvimento, perceba as complexas relações entre aqueles sinais e uma determinada produção lingüística.

O ato que transforma aqueles sinais em objetos lingüísticos é um ato de *interpretação*. O leitor é um *intérprete*. Mas quando este ato se realiza para um "outro" - concebido como parcial ou momentaneamente incapaz de atuar como intérprete - o interprete torna-se *interpretante*.

Como se passa da escrita, enquanto conjunto de sinais inicialmente organizados, à escrita como objeto simbólico? *Através de um interpretante que introduz as crianças em um mundo mágico*.

Ao efetuar o ato, aparentemente banal que chamamos de "um ato de leitura", o interpretante informa à criança que aqueles sinais têm poderes especiais: *ao olhá-las, simplesmente, se produz linguagem*. Assistir a um ato de leitura em voz alta é assistir a um espetáculo mágico. O que há por trás daqueles sinais que faz com que o olho estimule a boca a produzir linguagem? Com certeza, uma linguagem particular, muito diferente da comunicação face a face. Quem lê não olha o outro, mas sim a página. Quem lê parece falar para quem escuta, mas aquilo que diz

Página 61

não são as suas palavras, mas sim as de um outro. Através do interpretante, um «outro» fala e, talvez, muitos «outros», saídos sabe-se lá de onde, escondidos também por atrás daqueles sinais.

5. O leitor é ator

O leitor é, de fato, um ator: empresta a sua voz (e com ela, o seu corpo), para fazer com que o texto se re-apresente, isto é, para que volte a se fazer presente. O interpretante, portanto, fala, mas não é ele quem fala; o interpretante diz, mas o que diz não é o seu próprio dizer, e sim aquele dos fantasmas que se concretizam por meio dele.

A leitura é um grande cenário no qual é necessário descobrir quem são os atores, quem são os autores, os diretores e também os tradutores, porque a escrita faz a língua transitar por caminhos diferentes dos habituais: o interpretante não reconstitui a língua de todos os dias, mas oferece uma língua que é, ao mesmo tempo, análoga e diferente daquela conhecida. O interpretante é um ilusionista

que tira do chapéu mágico, que é a sua boca, os mais imprevisíveis objetos-palavras, em um leque de surpresas que parece infinito.

Há muito tempo, as pesquisas psicopedagógicas nos confirmaram que existem correlações positivas - nas crianças que assistiram a atos de leitura em suas casas - entre a leitura de histórias em tenra idade e seus rendimentos escolares posteriores. O que as correlações não nos dizem é o que acontece, em termos de elaboração do significado, entre o leitor e a criança. Alguns dos grandes escritores conseguem nos restituir a magia daquele instante (apesar de todas as distorções ligadas a uma lembrança reconstituída). Por exemplo, Jean-Paul Sartre, neste extraordinário fragmento do seu livro *As palavras:* [nota: 1]

Anne Marie me fez sentar diante dela, na minha cadeirinha; inclinou-se, abaixou as pálpebras, adormeceu. Daquele rosto de estátua saiu uma voz

1. A obra do Sartre *As palavras,* tem tradução em português.

Página 62

de gesso. Perdi a cabeça: quem é que contava o quê? E para quem? Minha mãe se fizera ausente: sem um sorriso, sem um sinal de conivência, eu estava exilado. E ainda, eu não reconhecia seu modo de falar. De onde tirava aquela segurança? No instante seguinte, eu já entendi: era o livro que estava falando. Dele saíam frases que me davam medo: eram autênticas centopéias; sussurravam sílabas e letras, alongavam os ditongos, faziam vibrar as consoantes geminadas; melodiosas, nasais, espaçadas por pausas e suspiros, ricas de palavras desconhecidas, elas se encantavam consigo mesmas e com seus meandros, sem se preocuparem comigo; às vezes, desapareciam antes que eu pudesse entender, outras vezes, quando eu havia entendido, elas continuavam se desenrolando de maneira nobre rumo à conclusão, sem me dar a graça de uma só vírgula. Certamente, um discurso desse tipo não era para mim. Quanto à história, emperiquitara-se um pouco: o lenhador, a mulher e as filhas, a fada, toda aquela gente miúda, os nossos semelhantes, tinham adquirido majestade; falava-se de seus trapos com magnificência, as palavras transmitiam o próprio caráter às coisas, transformando as ações em ritos e os acontecimentos em cerimônias.

Parte da magia consiste no fato de que o próprio texto (ou melhor, as próprias palavras, na mesma ordem) volta a se reapresentar várias vezes, com os mesmos sinais. O que há nesses sinais que permite não apenas provocar a linguagem, mas produzir várias vezes o mesmo texto oral? O encanto das crianças pela leitura e a releitura da mesma história está relacionada, de fato, com a seguinte descoberta fundamental: a escrita fixa a língua, controla-a de tal modo que as palavras não se perdem, não desaparecem, nem se substituem umas às outras. As mesmas palavras, várias vezes: grande parte do mistério reside nessa possibilidade de repetição, de reiteração, de reapresentação.

Na escrita devem existir as palavras, porque cada ato de leitura do mesmo livro reconstitui invariavelmente o texto. Mas, de que modo as palavras estão ali? Os adultos se exprimem assim: "aqui está dizendo isto", e quando dizem "aqui" colocam o dedo indicador em um grupo de sinais. Mas como fazem as letras para "dizer"? Como podem dizer sem que alguém diga por elas? Mistério...

Página 63

6. Do global à análise

Como se passa da escrita ligada à linguagem de um modo global e pré-analítico para uma análise das relações existentes entre os sinais dentro de um sistema de escrita?

O caminho é difícil e cheio de obstáculos, mas se alguém for aprisionado pelo mistério não vai sossegar até descobrir a chave do próprio mistério. A ação do interpretante é essencial para a transformação de um objeto opaco (os sinais como objetos físicos) em um objeto simbólico (sinais que determinam linguagem). Essa primeira e decisiva ação do interpretante suscita uma série de indagações por parte da criança: quais são as propriedades reconhecíveis dos sinais que podem ou não gerar linguagem? Quais são as relações de semelhança e de diferença entre os sinais que poderiam relacionar-se a semelhanças e diferenças na emissão oral? Quais são as relações de equivalência entre sinais objetivamente diferentes (c, k, q), mas que devem ser tratados como semelhantes? De "tudo aquilo que se diz" e "do modo de dizê-lo", o que se conserva naqueles sinais? O que o intérprete reconstitui de tudo aquilo no ato singular de interpretação que chamamos de leitura?

Para fazer com que o ato, a leitura, realizado por um outro, se transforme em conhecimento próprio, é necessária uma atividade específica por parte da criança. É necessário algo mais que uma simples interiorização, que poderia se confundir com uma imitação interna. É necessário decompor e recompor os sinais, inventar idéias que expliquem por que às vezes os adultos dizem que faltam ou que sobram letras, em suma, é preciso comportar-se como um verdadeiro sujeito cognitivo. Uma interação complexa entre o interpretante, a criança em desenvolvimento (intérprete, por sua vez, mas num outro nível) e as propriedades do sistema de sinais, conduz lentamente à transformação dos sinais: de objetos globalmente, mas não analiticamente transparentes, em direção a uma crescente analiticidade. Há um outro elemento-chave na evolução: descobrir que a própria identidade se realiza também por escrito. Quando alguém diz a uma criança: "este é o seu nome escrito", está acrescentando um outro elemento ao mistério. Ampliar a própria identidade atra-

Página 64

vés da escrita é algo extraordinário. As crianças procuram repetir aquelas formas, beijam e acariciam aquela escrita, abraçam-na dizendo "esta sou eu".

No início, a descoberta do próprio nome escrito é fonte de orgulho e de prazer. Mas, pouco depois, transforma-se em fonte de problemas: por que aquelas letras e naquela determinada ordem são usadas para o meu nome? Por que havendo tantas letras nesse mundo, devo compartilhar a minha inicial com a de outras pessoas conhecidas e desconhecidas? Por que os nomes têm tamanhos diferentes? Em seguida, quando as crianças descobrem que as palavras ditas podem ser decompostas em sílabas, tentam ver se, lendo uma sílaba em cada letra, conseguem ler todo o seu nome escrito. Amarga surpresa: sobram letras e não podem ser apagadas ou riscadas porque seria como se automutilar.

7. Leitura em voz alta e o nome próprio escrito

Caminhando por indagações suscitadas pelos dois fatos, começam a se testar e reorganizam suas idéias, a informação recebida é transformada, descobre-se, inventa-se. O drama de tantas crianças - de fato, a maioria da população mundial - é que, da mesma forma que não puderam contar com interpretantes nos seus primeiros anos de vida, também não os encontram nem quando chegam à escola. A professora de creche, a professora da escola da infância, a professora das séries iniciais do ensino obrigatório, não se comportam como intérpretes nem como interpretantes, mas sim como decodificadoras. As famílias de sílabas e os conjuntos de letras reduzem o mistério a um simples treinamento e a palavra se dissolve em fragmentos que destroem o seu significado. Onde está a magia, o mistério, o desafio a ser enfrentado? Onde está o objeto de conhecimento a ser conquistado?

A alfabetização como ingresso na cultura escrita deve estar ligada à legítima exigência de distribuição democrática do poder. Ao contrário, a alfabetização como aprendizagem de uma técnica é discriminatória, porque favorece somente quem em casa garantiu o contato cotidiano com livros e com leitores.

Página 65

8. A escola doente

Não são poucas as crianças que realmente precisam da escola para ter um contato com livros e com leitores. Ao contrário, é o caso da maioria das crianças que nascem e vivem mal neste planeta Terra. Quero falar das crianças da América Latina, que são as que melhor conheço. Elas também são sensíveis à magia do mistério. Em várias escolas rurais isoladas do México e nos campos de refugiados de Chiapas assisti a leituras em voz alta que sempre produziram o mesmo resultado: um silêncio encantado. Pouco importava se o texto lido era mais ou menos adequado à idade das crianças, pouco importava se o leitor modulava de maneira atraente a voz ou se tinha um tom uniforme e pouco importava se tropeçava em algumas palavras. Sempre, em todos os lugares, acontecia a mesma coisa: um silêncio encantado.

Mas os professores acham difícil ensinar recorrendo a essa magia desafiadora. Têm a sensação de "perder tempo" quando lêem em voz alta. Preferem fichas de pré-escrita ou de pré-grafismo, rituais de *ma-me-mi-mo-mu,* a cópia de letras, de sílabas ou palavras e de frases sem sentido. E continuam a fazê-lo como se fazia há séculos atrás, embora, nos tempos da Internet, do correio eletrônico e da digitalização de documentos sejam necessários outros saberes para se ter acesso à cultura escrita.

Claro, é preciso reconhecer que não é fácil trabalhar com classes lotadas com 30 ou 40 crianças. Que a rotina diária alivia os neurônios da obrigação de pensar (o professor não pensa, as crianças também não). Com má remuneração e mal formados, os professores dos países endividados não têm nem profissionalismo, nem ideais e estão ali como poderiam estar atrás da escrivaninha de uma repartição pública.

Os ministérios da educação pública publicam documentos com os quais é possível concordar quase totalmente. Na prática, o que ocorre é diferente. A profunda dissociação entre discurso e prática contribui para fazer com que, por toda parte, impere o "faz de conta", O professor "faz de conta que ensina", embora apenas repita comandos consagrados pela tradição e longe de qualquer reflexão. As crianças "fazem de conta que

Página 66

aprendem", porque enchem de sinais os seus cadernos. Em setembro, todas as crianças devem ser igualmente ignorantes, se não, que méritos o professor teria se fosse constatado que alguns alunos sabem, e muito, em relação à escrita? Em dezembro, devem ter se tomado já decodificadores, num nível aceitável, e se isso não ocorre é porque "a família não colabora" ou porque "são incapazes de aprender". Os bons alunos são exibidos como o resultado do excelente método empregado. Os outros são marginalizados porque trazem consigo, dentro de si, a causa do próprio fracasso.

O professor não lê, mas "ensina a ler". Não escreve, mas "ensina a escrever". Estranhas aprendizagens que devem ocorrer com a completa ignorância dos atos reais dos quais se pretende aproximar os alunos. Para a criança que cresceu em contato com a cultura escrita, os rituais escolares são tediosos, chatos, uma espécie de "ritual de iniciação" ao qual é obrigado pela instituição escolar. Mas ela sabe de que se trata, porque já viu lerem, já leram para ela e há meses tenta escrever. Ao contrário, para as crianças que nunca tiveram um livro nas mãos, e que desejam aprender, esses rituais são absolutamente incompreensíveis. Olhar, copiar, repetir. Nunca pensar, porque se corre o risco de errar. Colocar a inteligência de lado, ou melhor, dobrá-la e colocá-la na mochila antes de entrar na sala. Como poderão aprender nessas condições, sendo reduzidas a um par de olhos, um par de ouvidos e um aparelho fonador?

Apesar disso, devemos ser otimistas. Existem, num crescendo, cada vez mais professoras de creche, mais professoras de escola da infância, mais professoras da escola obrigatória que entenderam, não obstante as más condi-

ções de trabalho, que a inteligência está relacionada com a aprendizagem e que o seu pensamento ativo estimula o pensamento ativo dos seus alunos. Existem muitos lugares na América Latina em que a alfabetização não é uma paródia, mas uma aventura real, vivida com tanto entusiasmo compartilhado que ninguém quer ficar fora dela.

As crianças são capazes de pensar e de aprender. Todas as crianças. Todas têm o direito de ser cidadãs da cultura escrita.

7. FREITAS, M. C. O ALUNO INCLUÍDO NA EDUCAÇÃO BÁSICA – AVALIAÇÃO E PERMANÊNCIA. SÃO PAULO: ED. CORTEZ, 2016. 120 P.

Em diálogo com os conceitos de avaliação e vulnerabilidade, o autor propõe que sejam discutidos caminhos construídos para a inclusão, tomando como referência o lugar do dito incluído, e fazendo daí aflorar evidências e dilemas que ampliam fortemente a percepção do assunto em debate.

O livro aborda a situação concreta de crianças que foram objeto das políticas de inclusão na educação básica. Analisa a presença de novos padrões de corpo infantil dentro da escola. Apresenta rituais cotidianos que transformam as marcas do corpo em desvantagens pessoais. Aborda a produção de identidades deterioradas especialmente pelas formas através das quais a avaliação faz circular representações da "incompatibilidade" de certos corpos com o tempo escolar.

Trata do tema inclusão e dos desafios de permanência do aluno incluído no âmbito da educação básica ,o ponto de partida esta no repertório de situações escolares em que encontramos crianças e adolescentes lidando com o que tem de mais frágil e vulnerável diante de si e dos outros .

Através deste livro entende-se que para a inclusão se tornar realidade, será necessário rever uma série de barreiras, além da política e práticas pedagógicas e dos processos de avaliação. É necessário conhecer o desenvolvimento humano e suas relações com o processo de ensino aprendizagem, levando em conta como se dá este processo para cada aluno. Devemos utilizar novas tecnologias e Investir em capacitação, atualização, sensibilização, envolvendo toda comunidade escolar. Focar na formação profissional do professor, que é relevante para aprofundar as discussões teóricas práticas, proporcionando subsídios com vistas à melhoria do processo ensino aprendizagem. Assessorar o professor para resolução de problemas no cotidiano na sala de aula, criando alternativas que possam beneficiar todos os alunos. Utilizar currículos e metodologias flexíveis, levando em conta a singularidade de cada aluno, respeitando seus interesses, suas ideias e desafios para novas situações. Investir na proposta de diversificação de conteúdos e práticas que possam melhorar as relações entre professor e alunos. Avaliar de forma continuada e permanente, dando ênfase na qualidade do conhecimento e não na quantidade, oportunizando a criatividade, a cooperação e a participação.

Por: Aline Calixto Andrade

Fonte: https://blogeducacionalblog.wordpress.com/

8. FREITAS, M. C. O ALUNO-PROBLEMA: FORMA SOCIAL, ÉTICA E INCLUSÃO. COLEÇÃO EDUCAÇÃO E SAÚDE. SÃO PAULO: ED. CORTEZ, 2012. 128 P.

O volume coloca em debate a ideia de um "aluno problema", considerando o tema no contexto do ambiente de ensino historicamente constituído, e sob múltiplas perspectivas. Desta forma, amplia as fronteiras da reflexão do cotidiano das instituições educacionais, com novos e marcantes elementos para todos os seus agentes. O livro é parte da Coleção Educação & Saúde, coordenada por Marcos Cezar de Freitas e publicada pela Cortez Editora, vem estabelecer o diálogo entre pesquisadores do Programa de Pós-Graduação Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, da Universidade Federal de São Paulo, e educadores e professores que atuam com crianças e adolescentes na educação básica. Seus títulos abrangem de forma variada os temas infância e adolescência e que trazem, portanto, experiência acadêmica relacionada a questões que tocam direta e indiretamente o cotidiano das instituições educacionais, escolares e não escolares.

Abordar de forma objetiva e integrada o complexo tema dos chamados problemas físicos, emocionais, intelectuais e sociais que manifestamente interferem na vida escolar de crianças e adolescentes é o desafio desta Coleção. Freitas explica que esse desafio os levou a trazer para a Coleção um repertório de temas que contempla os problemas sociais de alunos pobres; os chamados déficits de atenção; as várias formas de fracasso escolar; as deficiências em suas muitas faces; as marcas do corpo; a sexualidade; a diversidade sexual; a interação entre escola e família; a situação dos alunos gravemente enfermos; as muitas formas de violência contra a criança e entre crianças; os dramas da drogadição; os desafios da aquisição de linguagem; as questões ambientais e vários outros temas conexos que foram especialmente mobilizados para este projeto editorial.

Fonte: http://www.oprimeirocapitulo.com/2012/01/o--aluno-problema-trecho-do-livro.html

9. GASPARIN, JOÃO LUIZ. UMA DIDÁTICA PARA A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA. 3. ED. CAMPINAS, SP: AUTORES ASSOCIADOS, 2002.

Uma Didática para a Pedagogia Histórico-crítica

O livro Uma didática para a pedagogia histórico-crítica de João Luís Gasparin é uma proposta dialética de trabalho educador/educando que parte da prática, vai à teoria e retorna à prática (método dialético prática-teoria-prática).

A obra é destinada a todos os educadores que realmente desejam oferecer aos educandos uma possibilidade de aprender criticamente o conhecimento científico.

O autor coloca o professor de forma a não trabalhar pelo aluno, mas sim, com o aluno. O autor Gasparin divide a nova didática em alguns passos, e cada um deles tem como objetivo envolver o educando na aprendizagem significativa dos conteúdos. Dessa forma, os conteúdos e os procedimentos didáticos são estudados na interligação que mantêm com a prática social dos alunos.

Procurando entender o conteúdo vamos iniciar com uma pergunta: "Professor, qual a utilidade desse conteúdo? Para que aprendê-lo?" Na verdade nem mesmo os educadores têm uma resposta convincente para tal questionamento e com certeza essas questões revelam que os alunos, não têm clareza e sentido explícitos para a aprendizagem. Por isso, os educandos, frequentemente, aprendem pouco e mal, uma vez que ninguém aprende por aprender. Na maioria das vezes não há significação no que estão "aprendendo", não que os conteúdos não sejam importantes, mas acontece que os educadores em sua maioria, não explicitam para seus alunos os objetivos daquilo que passam para os mesmos.

Para aprendizagem ser significativa deve iniciar-se quando os alunos dizem o que sabem sobre o tema da aula e o que gostariam de saber a mais sobre esse conteúdo. Para ser significativa é necessário uma permutação de conhecimento, não apenas um repasse de "cima para baixo".

Acontecendo a abertura, os alunos passam a questionar o conhecimento que vão aprender, interessam-se por suas múltiplas dimensões, desejam saber o sentido que tal conhecimento tem para sua vida e para a solução dos problemas sociais. Passam, então, a apropriar-se dos conteúdos e dos processos pedagógicos que respondem aos desafios presentes e vitais daquele momento. Nesta fase, o professor, na expressão de Vigotsky, trabalhará com os alunos, explicando, comunicando conhecimentos, fazendo perguntas, corrigindo e permitindo-lhes dar sua explicação. É dessa forma que eles se defrontam com o objeto sistematizado do conhecimento.

Os alunos terão, depois, o prazer de mostrar o que de fato aprenderam para sua vida. Integrarão o novo conhecimento com o que já possuíam anteriormente, construindo uma nova totalidade concreta, unindo o cotidiano e o científico, elaborando e expressando a nova síntese a que chegaram.

Podem, então, retornar à prática social com novas propostas de ação a partir do conteúdo aprendido.

Todo esse conteúdo é tratado na obra Uma didática para a pedagogia histórico-crítica em três partes: Prática social: nível de desenvolvimento atual do educando; Teoria: zona de desenvolvimento imediato do educando e Prática social: nível de desenvolvimento atual do educando.

Ambas constituem uma seqüência a ser percorrida na instrução. Consistente com essa estrutura, cada parte é composta de três componentes, ou seja, fundamentos teóricos, procedimentos práticos e exemplo. Assim, na primeira parte Gasparin discute a aprendizagem significativa, construto presente em conceitualizações teóricas sobre a aprendizagem; por exemplo, na de Ausubel, na de Vigotski, como na de Freire. No item seguinte Gasparin propõe procedimentos didáticos para se construir a ponte entre o ambiente e contexto do aluno e o saber científico com o qual será confrontado. Conclui com um exemplo, sobre a água e ela voltará a ser usada como exemplo nas outras partes do livro.

Na segunda parte, Problematização, Gasparin lida com dilemas que confrontam o professor que se propõe orientar-se pela pedagogia histórico-crítica; por exemplo, como posicionar-se face ao dilema situação concreta do aluno versus o currículo oficial do município ou estado. O autor propugna que se privilegie o primeiro elemento ao qual o segundo deve subordinar-se: "A Problematização tem como finalidade selecionar as principais interrogações levantadas na prática social a respeito de determinado conteúdo" (p.37).

Instrumentalização, a terceira parte do livro, trata dos caminhos a serem explorados a fim de promover a aprendizagem significativa. Neste capítulo, Gasparin apóia-se em Vigotsky, realçando o papel de conceitos tais como zona de desenvolvimento imediato, cooperação, imitação, entre outros. O quarto e último capítulo dessa terceira parte, Catarse, constitui o momento de síntese, ou seja, da convergência do senso comum, da experiência pregressa do aluno, com o saber científico.

O livro apresenta um conteúdo muito rico. Ao realizar a leitura podemos aprender algumas coisas ainda despercebidas dantes. A primeira, é que a pedagogia histórico-crítica não dispensa nem despreza elementos e procedimentos próprios de outras escolas que a precederam. Até o presente o conhecimento da pedagogia histórico-crítica de que dispunha dava conta de que os referidos elementos, provenientes que são da escola chamada tecnicista, eram repudiados pelos pensadores e formuladores da pedagogia histórico-crítica. Entretanto, Gasparin demonstra o contrário. No que se refere a objetivos de ensino ele recorre a eles no capítulo 1 (pp. 27-28), incluindo tanto os do domínio cognitivo como do afetivo. No exemplo da unidade da água, tanto há objetivos que lidam com cognição, por exemplo, distinguir a água de outros líquidos usados na vida cotidiana, como há objetivo lidando com aspectos ético, valorativo: aplicar os conhecimentos adquiridos, economizando água.

Segundo aspecto da pedagogia histórico-crítica constituindo aprendizagem foi o papel relevante atribuído ao professor como modelo na instrução; ou seja, a importância da imitação como parte integrante da aprendizagem significativa. O autor recorre, em numerosas citações, ao psicólogo russo Vigotsky, um dos fundadores da pedagogia histórico-crítica, para construir uma argumentação consolidada, justificando o papel da imitação na construção do saber científico do aluno.

Essa colocação causa surpresa, pois no ambiente educacional, repudia-se a imitação como um procedimento mecânico, nocivo, incapaz de engendrar aprendizagem significativa. Ao contrário disso, argumenta o autor, estribado em Vigotski, que a imitação põe o aluno em contato com a herança histórica do saber humano. Ao professor cabe, em conseqüência, criar mecanismos que estimulem o aluno a imitá-lo. Funciona, dessa forma, o professor, não apenas como um gerador da aprendizagem cognitiva; mais ainda, ele é o paradigma da assimilação de valores morais e éticos.

Foi, também, importante aprendizagem dar-nos conta de que, a despeito da escassez de professores capazes de realizar a pedagogia histórico-crítica em suas salas de aula, existem aqueles que logram produzir a aprendizagem significativa intentada pela pedagogia histórico-crítica.

Analisando a leitura do livro de Gasparin, podemos destacar um aspecto que chamou a atenção. Referimo-nos aqui ao terceiro capítulo, que é o mais extenso dos quatro que integram o livro, o que devido ao tópico analisado (pedagogia histórico-crítica) é considerado normal. No entanto, ele contém numerosas citações. Das 75 páginas existentes, pode-se observar no mínimo, 68 citações apenas de Vigotsky, que juntamente às dos demais autores chega-se à cerca de 80 citações. Esse elevado número de citações traz alguns transtornos durante a leitura. Pois acaba por desviar a atenção do foco do capítulo e em segundo, torna a leitura pesada, cansativa, densa e, por outro lado, dando-lhe um aspecto fragmentário, estanque.

Autor: Gilda Antunes

Fonte: https://pedagogiaaopedaletra.com/resenha-uma-didatica-para-a-pedagogia-historico-critica/

10. GOMES, NILMA LINO (ORG.). DIÁLOGOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2005.

Neste texto, procuramos sintetizar as idéias de Arroyo (2005) a respeito das transformações que o mesmo julga necessárias para tornar a Educação de Jovens e Adultos "um campo de direitos e de responsabilidade pública".

Para Arroyo (2005, p. 19) a Educação de Jovens e Adultos "(...)é campo ainda não consilidado" no que diz respeito a pesquisa, a políticas públicas, a diretrizes ecudacionais, formação de professores e propostas pedagógicas, e por isso, há uma diversidade de tentativas de "configurar sua especificidade".

Segundo o autor, atualmente há vários indicadores de uma mobilização em torno da EJA, que podem ser percebidos nas ações do Estado, das instituições, ONG's, igrejas, e de diversos seguimentos da sociedade em geral. Entretanto, o sistema escolar continua fechado para esses indicadores, e necessita pensar e agir com o objetivo de transformar a EJA, de fato, em "um campo de responsabilidade pública" (p. 22).

Para tanto, se faz necessário começar por conhecer os sujeitos da EJA, bem como a trajetória histórica da modalidade no pais. Ao conhecer a história da EJA, será ainda necessário abandonar a visão restrita das "carências e lacunas no percurso escolar" (p. 23), e perceber que tais carências estão atreladas as sociais.

De acordo com Arroyo (2005: p.24-25) não se pode separar o direito à escolarização, dos direitos humanos. Segundo ele os "jovens-adultos", mesmo que tenham estacionado o processo de escolarização, não "paralisam" os "processo de sua formação emntal, ética, identitária, cultural, social e política". Nesse sentido, é preciso um olhar mais positivo, reconhecendo que os sujeitos da EJA, "protagonizam trajetórias de humanização", participando em lutas sociais pela garantia de seus direitos.

Também é preciso que se exija do Estado, políticas públicas mais adequadas ao atendimento de jovens e adultos para um ensino com suas características específicas e não com a mentalidade assistencialista, que visa recuperar o tempo perdido, as carências da idade considerada escolar (7-14 anos).

Para ele historicamente os sujeitos da EJA "são os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência", e seu "nome genérico", "oculta essas identidades coletivas" (p. 29). Assim, os direitos sociais dos sujeitos da EJA devem ser requeridos para que seja devolvida a identidade que lhes foi negada geração após geração.

Um dos "traços" que ajuda a configurar a realidade da EJA, é a riqueza da EJA como "campo de inovação da teoria pedagógica (p. 36). E muito das inovações da escola atual, iniciaram-se no "Movimento de Educação Popular". Por isso, "a centralidade das vivências, da cultura, do universo de valores, dos sistemas simbólicos dos educandos e dos educadores nos processos de aprendizagem" devem ser aprofundadas através das novas teorias pedagógicas.

Embora a EJA historicamente tenha ocorrido fora da escola, e talvez essa informalidade seja um dos motivos que fazem com que essa modalidade não seja levada a sério pela sociedade e pelo Estado, (p. 43-47) sempre se fazem comparações que acabam por evidenciar o distanciamento da formalidade do sistema educacional. No entanto, para que haja diálogo entre o sistema escolar e a EJA, será necessário tomar as experiências desta para enriquecer aquele, e principalmente "torná-lo realmente público" e mais democrático, para que não se repitam as defasagens e exclusões de adultos e jovens.

Enfim, a EJA precisa ser reconfigurada de forma mais "pública" e "igualitária", mas isso perspassa a também reconfiguração do sistema escolar. Por isso a necessidade de respeito e diálogo.

Para Arroyo (2005: p. 42) "os jovens e adultos que voltam ao estudo, sempre carregam expectativas e incertezas à flor da pele". Logo, o conhecimento da história da EJA e especialmente da história de vida dos educandos, a diversidade de contextos e ao mesmo tempo a similaridade dos problemas e entraves, é essencial aos docentes. Isso por meio de uma prática sensível, aberta ao diálogo constante professor/aluno, e história de vida/temas estudados, humanizando mais o ensino nessa modalidade.

Portanto, ao final dessa síntese, voltamos a mensagem principal do autor: urge a necessidade de ver nos alunos de EJA, "mais do que alunos em trajetórias escolares truncadas. Vê-los jovens-adultos em suas trajetórias humanas". Ou seja, tratar do processo de inclusão escolar, de modo entrelaçado ao social.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19- 50.

Fonte: http://www.webartigos.com/artigos/educacao-de-jovens-e-adultos-um-campo-de-direitos-e--de-responsabilidade-publica-sintese-do-texto-de-miguel-arroyo/72679

11. HADJI, CHARLES. AVALIAÇÃO DESMISTIFICADA. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2001.

A avaliação torna-se formativa na medida em que se inscreve em um projeto educativo específico, o de favorecer o desenvolvimento daquele que aprende, deixando de lado qualquer outra preocupação.

(HADJI, 2011, p. 20)

O livro *Avaliação Desmistificada*, de Charles Hadji, possui 136 páginas e é dividido em duas partes. A primeira, "Compreender", possui três capítulos: Capítulo 1: Compreender que a avaliação formativa não passa de uma "utopia promissora"; Capítulo 2: Compreender que avaliar não é medir, mas confrontar em um processo de negociação; e Capítulo 3: Compreender que é possível responder a três questões pertinentes. A Segunda Parte, "Agir", apresenta os próximos quatro capítulos, totalizando sete capítulos ao todo: Capítulo 4: Agir desencadeando de maneira adequada; Capítulo 5: Agir observando/interpretando de maneira pertinente; Capítulo 6: Agir, comunicando de modo útil; e, por fim, Capítulo 7: Agir remediando de modo eficaz. Como todo livro, há uma introdução que precede e uma conclusão que segue os sete capítulos principais.

Na Introdução, intitulada "Da utopia à realidade: seria finalmente possível passar à ação?", Hadji discute a possibilidade de uma avaliação que seja "capaz de compreender tanto a situação do aluno quanto de "medir" seu desempenho; capaz de fornecer-lhe indicações esclarecedoras, mais do que oprimi-lo com recriminações; capaz de preparar a operacionalização das ferramentas do êxito, mais do que resignar a ser apenas um termômetro (até mesmo um instrumento) do fracasso" (HADJI, 2001, p. 9) seriam meios de uma pedagogia, enfim, eficaz. A avaliação serviria, portanto para levar o aluno à compreensão de seus erros e não mais cometê-los, e progredir, ao invés de ser tida como "perda de tempo" ou "peso desnecessário". É nessa direção que se fala em evolução na questão da avaliação e que Hadji propõe nessa introdução a discutir em sua obra.

No Capítulo 1, intitulado *Compreender que a avaliação formativa não passa de uma 'utopia promissora'*, Hadji declara que a questão da avaliação é multidimensional, ou seja, pode ser compreendida de diversos meios, sendo que, nessa obra, a mesma será abordada sob o ângulo das convicções já sedimentadas a seu respeito. De tal modo, será avaliada sob dois tipos de considerações: examinando os fatos e a essência das atividades envolvidas. Para Hadji "aqueles que acreditam na necessidade de uma avaliação formativa afirmam a pertinência do princípio segundo o qual uma prática – avaliar – deve tornar-se auxiliar de outra – aprender" (HADJI, 2011, p. 15). Segundo Hadji, é desejável que a avaliação, em um contexto de ensino, tenha por objetivo contribuir para a construção de saberes e competências pelos alunos e segue buscando definir o que é "avaliação formativa". Destaca, pois, as noções de avaliações implícita, espontânea e instituída. Os exames escolares encaixam-se nesse perfil de avaliação instituída em detrimento, por exemplo, das avaliações espontâneas (que não repousam sobre nenhuma instrumentalização específica). Na sequência, traz os conceitos de avaliação de referência normativa (que impõem normas, socialmente organizada, anunciada e executada) e avaliação de referência criteriada (que aprecia um comportamento, um critério ou alvo a ser atingido). Segue definindo o que é avaliação prognóstica, formativa e cumulativa e a avaliação formativa como utopia promissora. A avaliação prognóstica , ou diagnóstica precede a ação de formação e identifica certas características do aprendiz e faz um balanço, mais ou menos aprofundado, de seus pontos fortes e fracos (HADJI, 2011, p. 19). A avaliação formativa tem esse nome, pois tem por função "contribuir para uma boa regulação da atividade de ensino (ou de formação, no sentido amplo)" (HADJI, 2011, p. 19). A avaliação cumulativa, por sua vez, tem por função "verificar se as aquisições visadas pela formação foram feitas" (HADJI, 2011, p. 19). Para o autor, uma avaliação que não seja seguida por modificações ou intervenções por parte do educador não pode ser considerada formativa! Hadji fecha esse capítulo refletindo sobre os obstáculos à emergência de uma avaliação formativa. Entre os quais há a existência de representações inibidoras, como é o caso da exigência de certificação de seleção ou mesmo a preguiça ou medo dos professores, que não ousam remediar ou intervir de modo eficaz em sua prática pedagógica. Portanto, a avaliação formativa não é mais do que "uma utopia promissora, capaz de orientar o trabalho dos professores no sentido de uma prática avaliativa colocada, tanto quanto seja possível, a serviço das aprendizagens" (HADJI, 2011, p. 25).

No segundo capítulo intitulado *Compreender que avaliar não é medir, mas confrontar em um processo de negociação*, o autor destaca que a avaliação não é uma medida. Medida sendo compreendida como uma operação de descrição quantitativa da realidade. No entanto, pesquisas realizadas de resultados obtidos nos exames *baccalauréat* na França demonstram que a aprovação de candidatos está também submetida "ao acaso da atribuição a uma banca" (HADJI, 2011, p. 30). De tal sorte, o ponto de vista de que o exame é "uma ciência exata" é completamente rechaçado, pois dependerá, reiteramos, de critérios "subjetivos" definidos pelos diferentes examinadores em questão. Portanto, "as variações de notas, para um mesmo produto, de um examinador a outro, vão bem além do que seria apenas uma incerteza normal devido às condições 'locais' da tomada de medida" (HADJI, 2011, p. 30). Para reforçar a questão, o autor cita exemplos de alunos que obtiveram notas péssimas em exames escolares, mas que em concursos nacionais foram premiados com o primeiro lugar na mesma área! Nessa direção, é necessário corrigir os defeitos do instrumento de avaliação. Isso pode ser feito refletindo-se sobre a subjetividade do corretor. Isso implica pensar, por exemplo, nas diferentes representações que o professor tem do aluno ou mesmo da história escolar na qual está inserido. Portanto, o julgamento professoral não se desvincula da prática sociohistórica e ideológica, reiteramos, na qual se insere: "fica claro que é inútil insistir em tomar a avaliação tão objetiva quanto uma medida" (HADJI, 2011, p. 32) em virtude dessa inseparável relação avaliação/contexto histórico. Ademais, é necessário indagar sobre a exata natureza da relação avaliação/avaliado, isto é, precisar com exatidão *o que* é avaliado. Sendo assim, se a avaliação não é uma medida, o que seria então? Para Hadji, a avaliação é um ato que se inscreve em um processo geral de comunicação/negociação. Em outros termos, a avaliação consiste em uma negociação, uma troca entre avaliador e avaliado. Nessa troca, é necessário destacar que o aluno sofre interferências do contexto também, sendo que seu desempenho será condicionado, em certa medida, a tais circunstâncias. O exame é, pois, o resultado de uma interação cujo desempenho alcançado pelo "aluno" depende das circunstâncias envolvidas no ato. Esse ato é um processo complexo, pois apresenta inúmeras variáveis ligadas às condições sociais. Assim, do mesmo modo que o efeito de categorização é válido para o aluno, ele também vale para o examinador (i.e, a percepção que o examinador tem do desempenho é igualmente dependente do contexto social). É diante desse entendimento que se compreende que a avaliação escolar traduz arranjos em uma dinâmica de negociação: "esses arranjos são o resultado de uma negociação, implícita ou explícita, entre um professor que quer manter sua turma, e alunos que querem alcançar seu objetivo" (HADJI, 2011, p. 39). Fica evidente até aqui que a avaliação não é um instrumento de objetividade, mas "um ato de confronto entre uma situação real e expectativas referentes a essa situação" (HADJI, 2011, p. 41). Assim, a avaliação é uma operação de leitura da realidade – constrói sentidos diante do objeto; é também orientada e que aponta em que medida o desempenho do aluno é ou não adequado e por fim, a avaliação é também uma leitura orientada por uma grade que expressa um sistema de expectativas julgadas legítimas.

O capítulo 3, último da primeira parte do livro, intitula-se *Compreender que é possível responder a três questões pertinentes*. Neste, Hadji trata de três hipóteses sobre esse processo: a primeira, em que a avaliação é concebida como um ato sincrético essencialmente baseado na intuição do avaliador; a segunda concerne ao fato de que a avaliação é um ato que tem mais a função de explicar do que de descrever; e a terceira em que a avaliar é fazer agir a descontinuidade dos valores, e não a continuidade das cifras. Hadji destaca que no Canadá ainda se associam medida e avaliação, ou seja, ambas são tratadas como vizinhas. Para o autor, avaliação equipara-se a julgamento; é, pois, um julgamento de valor: "Se avaliar significa atribuir uma qualidade, se há tanto a explicar quanto a descrever, o verdadeiro problema para o avaliador é interpretar o real sobre o qual deve pronunciar-se. Não simplesmente estabelecer uma constatação – o que corresponderia, por exemplo, à 'medida' de um desempenho – mas dar conta do que foi observado no âmbito de um 'sistema de observação'" (HADJI, 2011, p. 61). O autor também pontua a diferença entre prova e avaliação. A prova está ligada ao conformar-se a um modelo de referência, a um a priori de procedimentos e normas. A avaliação, por sua vez, deve-se adequar à realidade dos aprendizes. Hadji traz discussões bem pertinentes também sobre o fato de a avaliação estar ligada (ou não) a valorar/valorização de um objeto. Nesse sentido, não se pode recusar por completo que a avaliação implica valorização e julgamento em certa medida. No último tópico desse capítulo, o autor indaga sobre a necessidade da continuidade de avaliação e pontua "a avaliação no sentido estrito é apenas um auxiliar da ação pedagógica. Isso significa ao mesmo tempo que ela não passa de um de seus componentes e que o importante para os professores-avaliadores é ensinar, isto é, ajudar os alunos a progredirem em suas aprendizagens. É isso que parece afirmar de modo surpreendente, ainda que implícito, a prática de avaliação formadora" (HADJI, 2011, p. 66-67).

No capítulo quatro, intitulado *Agir desencadeando de maneira adequada*, Hadji declara que construir um dispositivo de avaliação consiste em determinar algumas condições (por exemplo se a prova será escrita ou oral) e que tal dispositivo precisa ser mais ou menos elaborado. Segundo o autor, o dispositivo é constituído pelo exercício de avaliação e o problema é escolher pertinentemente os exercícios. Assim, sugere-se buscar em um banco de instrumentos coletâneas de exercícios adequados aos professores (HADJI, 2011, p. 78). O passo seguinte é determinar as questões que devem ser respondidas por meio da avaliação, sendo que não há avaliação sem pergunta feita à realidade. É esse questionamento que apontará o caminho que "formará" a avaliação. Esse questionamento deve ser orientado pelos objetivos de ensino, pautados nos documentos oficiais e institucionais que regem a disciplina em questão. Após a aplicação e correção, deve-se determinar decisões que reorientem o programa de ensino e estabelecer os espaços de observação. Os "espaços" são aqui definidos como cada

objetivo operacional ou cada competência especificada. Enfim, é necessário escolher os instrumentos de coleta de dados. Hadji esclarece que o ideal é que o exercício cumpra uma função *ad hoc*, ou seja utilizado para fins específicos. Na sequência, na última parte deste capítulo, o autor traça uma arquitetura sobre a tarefa de avaliação, as quais apresentam quatro dimensões: o alvo, os critérios de realização, os critérios de êxito e as condições de realização.

Nos últimos dois capítulos, *Agir observando/interpretando de maneira pertinente*e *Agir remediando de modo eficaz* Hadji trata, grosso modo, da avaliação como meio de "remediar" a prática docente. Em nossa opinião, a tradução não é excelente. Há muitas passagens que certamente precisariam ser revistas por outro tradutor, pois às vezes a linguagem se mostra ambígua ou incoerente e de difícil compreensão também, mas o conteúdo do livro é bastante profícuo e útil para aqueles que se interessam pelo tema.

Fonte: http://avaliacaoelinguisticaaplicada.blogspot.com.br/2012/12/postagem-aula-11.html

12. HOFFMANN, JUSSARA. AVALIAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL – UM OLHAR SENSÍVEL E REFLEXIVO SOBRE A CRIANÇA. 20ª ED.; 2015.

*Texto adaptado por Ana Cristina de Oliveira

Jussara Maria Lerch Hoffmann é natural do Rio Grande do Sul, da cidade de Bagé. Fez o curso Normal, foi professora primária e de Língua Portuguesa. Com a formação em letras pela UFRJ e mestrado em Educação / Avaliação passou a atuar na Delegacia de Educação/ SEC, na PUCRS atuou como docente em Metodologia do Ensino Superior e no ano de 1986 foi aprovada por concurso para a Faculdade de Educação da UFRJ, é conferencista e escritora de muitos livros.

O livro em questão aborda a temática Avaliação na Pré- escola este faz parte de uma coleção que trata assuntos referentes à temática, sendo o terceiro da série. O livro se divide em oito capítulos que retratam: a avaliação no contexto da educação infantil, pressupostos básicos da avaliação, avaliação e desenvolvimento infantil, o espaço pedagógico versus avaliação mediadora, recortes do cotidiano, um olhar sensível e reflexivo sobre a criança, pareceres descritivos: uma análise crítica, delineando relatórios de avaliação, relatórios diários e relatórios gerais: um exercício de reflexão sobre a ação.

Nestes capítulos a autora traz aspectos da avaliação na educação infantil, citando fatores como reflexão, registros diários e acima de tudo nos leva a pensar sobre a avaliação como um acompanhamento e promoção do desenvolvimento, de modo que os objetivos propostos pelo educador façam a diferença na vida das crianças. A partir dos estudos apresentados sobre o desenvolvimento infantil, Hoffman utiliza de pareceres descritivos e encaminha procedimentos que auxiliem na elaboração de relatórios de avaliação que poderão ser utilizados para a educação infantil e para as séries iniciais.

CAP.1 AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O surgimento dos processos avaliativos, em educação infantil, deve ser questionado em termos de sua intencionalidade básica. Na verdade, a questão da avaliação insere-se na discussão histórica, acerca de uma concepção assistencialista ou educativa para o atendimento às crianças. A exigência de um processo formal de avaliação parece surgir, mais propriamente, como elemento de pressão das famílias de classe média por propostas verdadeiramente pedagógicas, para além do modelo de guarda e proteção do modelo assistencialista. A prática avaliativa, dessa forma, surge como um elemento de controle sobre a escola e sobre os professores que se vêem com a tarefa de formalizar e comprovar o trabalho realizado via avaliação das crianças.

Conceber o avaliar implica em conceber a criança que se avalia e essa não é uma prática neutra ou descontextualizada como procura se caracterizar a avaliação no ensino regular, onde os professores determinam sentenças sobre os alunos sem perceber o seu inalienável compromisso com os julgamentos proferidos. É preciso, portanto, re-significar a avaliação em educação infantil como acompanhamento e oportunização ao desenvolvimento máximo possível de cada criança, assegurando alguns privilégios dessa instancia educativa, tais como o não- atrelamento ao controle burocrático do sistema oficial de ensino em termos de avaliação, e a autonomia em relação à estrutura curricular.

CAP. II – PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA AVALIAÇÃO

Compreendendo a criança, o professor redimensiona o seu fazer a partir do mundo infantil descoberto e re-significado. E dessa significação decorre diretamente a qualidade de sua interação com a criança. È essa a complexidade própria da avaliação em educação infantil.

Formar educadores infantis é muito mais do que lhes sugerir ou supervisionar um trabalho junto às crianças. È oferecer-lhes espaço de reflexão e troca de experiências e suscitar-lhes autonomia e iniciativa, principalmente no que se refere à avaliação.

O tema avaliação é por demais complexos justamente, porque é diretamente depende da observação das crianças em sua exploração permanente do mundo e da aproximação dos educadores com a realidade sócio-cultural dessas crianças, à luz de suas próprias representações e sentimentos. Não se pode conceber a avaliação como um jogo de regras uniformes e definidas, à luz de parâmetros fixos, controladores, pois ela encerra a dinâmica da interação e a própria dialética do conhecimento, com suas continuidades e descontinuidades.

CAP. III- AVALIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A busca de significado pela avaliação requer o estudo das concepções de educação infantil, das teorias de desenvolvimento e das abordagens do processo educativo que elas se originam. O tema da avaliação insere-e gra-

dativamente nessa discussão, buscando-se a contestação de práticas descontextualizadas da realidade da criança, de práticas assistencialistas ou compensatórias que se revelam nos processos avaliativos.

Estudos e pesquisas invalidam as funções assistencialistas e compensatório da creche e pré-escola. A concepção construtivista-interacionalista de conhecimento provoca outro olhar sobre o desenvolvimento infantil e conseqüentemente sobre posturas pedagógicas e avaliativas. Segundo Piaget, a criança constrói o conhecimento na sua interação com o objeto, (...) os fenômenos físicos em geral. O que quer dizer que existe um sujeito ativo desde o nascimento, com estruturas orgânicas que impulsionam à ação, mas cujo desenvolvimento depende radicalmente dessa mesma ação.

Como séria conseqüência de certos procedimentos avaliativos, chega-se as famílias em termos do alcance pela criança de maior número de itens assinalados, ao treinamento de crianças por pais e professores para o alcance de "habilidades" ao final dos semestres, à retenção de alunos em certos níveis da pré-escola pelo não alcance de questionáveis aspectos como procurei exemplificar.

CAP. V- O ESPAÇO PEDAGÓGICO VERSUS AVALIAÇÃO MEDIADORA

Para que a avaliação se efetive como mediação, com sentido significativo das ações cotidianas e pensamentos das crianças. Um processo avaliativo mediador não entra em sintonia com um planejamento rígido de atividades por um professor, com rotinas flexíveis, com temas previamente definidos para unidades de estudo, onde os conhecimentos construídos pelas crianças não são levados em conta.

A ação avaliativa mediadora também não se efetiva num espaço pedagógico improvisado. As atendentes de creche assistencialistas, onde se realizam os estágios, pouco tem a nos dizer sobre as crianças além de algumas atitudes ou hábitos de dormir, comer etc. Sem propor nenhum trabalho às crianças a cada momento.

Atrelados com a visão comportamentalista, objetivos enunciados pelos professores referem-se à capacidade a serem atingidas pelas crianças nos domínios afetivo, cognitivo e psicomotor, aos quais me referi anteriormente. Na verdade o abandono de educação infantil em termos de políticas de educação concorre para tornar caótico esse panorama, onde se percebe a completa ausência de fundamentos que norteiam a constituição dos currículos.

È urgente repensar esse espaço pedagógico bem como a definição dos objetivos educacionais, uma vez que a finalidade da educação infantil é o acompanhamento sério e reflexivo do desenvolvimento global de uma criança, estendendo-se dos cuidados que ela necessita à natureza do seu ser racional, conhecido, desde recém nascido.

CAP. V- RECORTES DO COTIDIANO.

Ao se perceber tais fundamentos essenciais ao delineamento de uma proposta pedagógica, torna-se necessário, assim, analisar os componentes curriculares que se articulam para compor o planejamento do cotidiano em educação infantil.

Historicamente, o planejamento na pré- escola organiza-se em unidades temáticas o que reproduz, de certa forma a organização curricular em disciplinas do ensino regular. O planejamento desenvolvido através de projetos pedagógicos, em educação infantil, tem por fundamento uma aprendizagem significativa para as crianças

A ação avaliativa mediadora implica em projetar o futuro a partir de recortes do cotidiano, em delinear a continuidade da ação pedagógica, respeitando a criança em seu desenvolvimento, em sua espontaneidade na descoberta de mundo oferecendo-lhe um ambiente de afeto e segurança para suas tentativas.

CAP. VI – UM OLHAR SENSÍVEL E REFLEXIVO SOBRE A CRIANÇA

Como provocar o professor a um olhar sensível e reflexivo sobre a criança que gere uma verdadeira aproximação entre ambos, que o leve a ser ainda mais curioso sobre as ações e os pensamentos dela?Percebe-se, no processo avaliativo, que difícil é para o professor dar-se conta de suas próprias concepções de vida.

O conhecimento de uma criança é construído lentamente, pela sua própria ação e por suas próprias ações e por suas próprias idéias que se desenvolvem numa direção: para maior concorrência, maior riqueza e maior precisão. È preciso que o processo avaliativo supere o individualismo e gere a cooperação entre os elementos da ação educativa. A cooperação envolve o exercício da descontração, a coordenação da diversidade de pontos de vista para se ampliar o entendimento sobre a formação infantil.

Na tentativa de realizar uma síntese organizada das considerações feitas, aponto três princípios norteadores da avaliação mediadora que fundamentam a elaboração de registros de avaliação: principio de investigação docente, princípios de provisoriedade dos juízos estabelecidos e princípios de complementaridade.

CAP.VII PARECERES DESCRITIVOS: UMA ANÁLISE CRÍTICA.

A falta de preparação dos professores para enunciar e redigir pareceres sobre o desenvolvimento infantil, a ausência de uma proposta pedagógica das instituições e que acaba por se retratar nessa forma de registro, ou a falta de acompanhamento consistente das crianças pelos professores que acabam por incorrer em certos absurdos registrados sobre elas. Hoffmann menciona alguns equívocos na elaboração dos registros avaliativos.

A complexidade que envolve a avaliação do desenvolvimento infantil exige registros descritivos e reflexivos que ultrapassem em muito uma prática de "avaliação por cruzinhas" ou preenchimento de formulários padronizados. E essa é uma consideração que se aplica a todos as instancias da educação. O que se deve garantir em educação é o respeito às diferenças de cada um. E esse respeito às diferenças exige uma permanente observação e reflexão do processo individual de construção do conhecimento.

CAP. VIII- DELINEANDO RELATÓRIOS DE AVALIAÇÃO

O registro da história da criança, no processo avaliativo, não pode significar apenas memória como função bancária, ou seja, há que se pensar no significado desse registro para além da coleta de dados e informações. Por outro lado em avaliação como nos basearmos apenas na memória, porque ela é muitas vezes falha.

CAP. VIIII- RELATÓRIOS DIARIOS E RELATÓRIOS GERAIS: UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

A avaliação, enquanto mediação insere-se no processo educativo como um instrumento de reflexão, que auxilie o professor a tomar consciência de mudanças a operar em sua ação, a comprovar e/ ou refutar hipóteses sobre processos vividos pelas crianças. Percebe-se no dia a dia do professor de educação infantil, o risco das rotinas, das ações improvisadas e/ ou não refletidas em termos do seu significado educativo para as crianças.

Os relatórios diários tem sido uma pratica das estagiarias do Curso de pedagogia, os relatórios evidenciam, em sua sequência e evolução, que está em jogo um processo de mudança conceitual das estagiarias, para o qual o suporte teórico e a relação dessa prática como essencial.

Os relatórios gerais, por sua vez, consistem em relatos globalizantes do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, numa turma de crianças, ao longo de um semestre letivo.

Minhas considerações sobre o livro.

A avaliação necessita ser uma prática multidimensional, e os educadores devem perceber que o ato de avaliar envolve aspectos importantes, dentre eles é válido destacar que saber valorizar as pessoas e compreendê-las, torna-se uma necessidade desse modo, é importante construir um envolvimento bem como o reconhecimento de que é primordial conhecer a criança e suas especificidades, para que a educação seja transformadora.

Considerei importante quando a autora destacou os pressupostos da avaliação, dizendo que a mesma deve servir para investigação, e jamais para estabelecer sentenças. A realidade é que muitos educadores não sabem avaliar, utilizam de testes e medidas apenas para aferir um escore aos alunos, desse modo, acontecem equívocos e o processo avaliativo acaba estando cada dia mais perto de números, não apresentando uma precisão nos resultados, entretanto, a avaliação deve ser um processo que proporcione um diálogo entre educador e educando.

Foi importante a analogia proposta pela autora quando faz menção da importância da prática pedagógica, esta que deve existir na educação infantil, pois sempre servirão de base de sustentação para a avaliação, assim, os educadores poderão recorrer a Teóricos que se estudaram o desenvolvimento humano, como por exemplo, Jean Piaget, Lev, S. Vigotski.

Se tratando dos registros, muitas instituições impõem tais práticas simplesmente porque ao final de cada etapa deverão prestar conta as famílias das crianças, enquanto estes deveriam valorizar o desempenho e o desenvolvimento de cada criança, de modo que a partir deles os educadores vislumbrassem possibilidades de reflexão no intuito de mudar tais práticas.

Desse modo, partindo do pressuposto que o livro traz reflexões importantes à prática educativa, neste sentido é viável recomendá-lo educadores, não somente aos que atuam na educação infantil, e também a estudantes e pesquisadores que lutam por uma melhoria na qualidade da educação, sabendo que para isso a avaliação é um aspecto primordial.

Fonte: http://semednh.blogspot.com.br/2012/03/resenha-avaliacao-na-pre-escola-um.html

13. KISHIMOTO, M. TIZUKO; FORMOSINHO O. JÚLIA (ORGS.) - EM BUSCA DA PEDAGOGIA DA INFÂNCIA – PERTENCER E PARTICIPAR. EDITORA: PENSO. 2013. 216P

Tizuko Morchida Kishimoto

Atua no campo da educação infantil focalizando estudos sobre formação de professores, propostas pedagógicas, história e políticas públicas, museu e brinquedoteca, letramento e o brincar. Produz materiais pedagógicos destinados a professores e a comunidade em geral, para educação de crianças cegas (braillevirtual, lupa), organiza e mantém curso à distância para formar profissionais para atuar em brinquedotecas e disponibiliza, gratuitamente, materiais digitais para os interessados na ludicidade. Tem utilizado recursos da pesquisa-ação para envolver profissionais da rede pública de São Paulo para melhorar a qualidade da praxis e a discussão das Pedagogias da Infância. Mantém grupo de pesquisa no Brasil, em rede com grupos internacionais para discutir a infância, as pedagogias, entre os quais, a Universidade do Minho. Relaciona-se com grupos de pesquisadores em Parmal, Itália e, na França, com a Universidade Paris 13 para estudar as especificidades do brincar e da infância. Especializa-se no campo dos jogos e brincadeiras, mantendo contato com pesquisadores do International Toy Research Association. Entre outros interesses pesquisa a cultura da infância em diferentes países, entre os quais o Japão, a França e Portugal.

Em busca da pedagogia da infância- Pertencer e Participar:

Como resultado de contratos profissionais realizados, desde 1994, entre a Professora Doutora Júlia Oliveira Formosinho (Universidade do Minho/ Instituto de Estudos da Criança e Associação Criança) e a Professora Doutora Tizuko Morchida Kishimoto (Universidade de São Paulo/ Faculdade de Educação), concebeu-se o projeto de pesquisa "Contextos integrados de educação infantil", em 2000, registrado no CNPq. Em torno desse projeto, constituiu-

-se uma rede de pesquisadores com coordenação geral da Professora Doutora Tizuko Morchida Kishimoto e o acompanhamento científico dos Professores Doutores João Formosinho e Júlia Oliveira Formosinho.

A cooperação internacional entre a Faculdade de Educação da USP e a Universidade do Minho, em Braga, Portugal, vem se consolidando nos âmbitos da pesquisa acadêmica, da formação de professores de crianças de 0 a 10 anos e do acompanhamento de processo de intervenção em práticas educativas de unidades infantis vinculadas à rede municipal de São Paulo e a contextos infantis do Distrito de Braga, Portugal.

Nesse contexto, foi elaborado o Projeto Capes/ Grices n.º 143/05, sob o título "Infância – formação/pesquisa/intervenção – emergência das linguagens letramento/ literacia", que foi a base para a elaboração do conteúdo deste livro, denominado *Em busca da pedagogia da infância: pertencer e participar.*

O projeto Capes/Grices investigou o segmento da infância (crianças de 0 a 10 anos) e a emergência das linguagens, letramento/literacia, integrando pesquisa, formação e intervenção. Desenvolvido no período de 2005 a 2006, com um ano de prorrogação, prolongou-se até setembro de 2008, em decorrência da agenda dos pesquisadores.

As atividades colaborativas entre Brasil e Portugal foram permeadas por propósitos e quadros teórico-metodológicos comuns, respeitadas as especificidades típicas de culturas de países irmanados pela língua, mas com sistemas educativos diversos.

Para implementar o projeto, as equipes foram coordenadas respectivamente, no Brasil, por Tizuko Morchida Kishimoto e, em Portugal, por Júlia Oliveira-Formosinho e João Formosinho.

O eixo que perpassa as intenções das duas equipes é a pesquisa de temáticas relacionadas à emergência das diversas linguagens, literacia/letramento na matemática, linguagem oral e escrita, movimento e multiculturalidade, brincar e aprender, por meio da formação do professor, da pesquisa e da intervenção nas escolas.

Brasileiros com missões em Portugal financiadas pela Capes atuaram em seus missões de trabalho de professores doutores, duas missões de pós-doutorado e três missões de estudo de doutorado sanduiche. Portugueses, com auxílio do Grices, realizaram no Brasil cinco missões de trabalho.

A produção dos capítulos do livro resulta desse trabalho de colaboração e incide sobre as pesquisas realizadas durante o período de vigência do programa.

14. LERNER, DELIA. LER E ESCREVER NA ESCOLA – O REAL, O POSSÍVEL E O NECESSÁRIO. PORTO ALEGRE. ARTMED. 2002.

Embora seja difícil e demande tempo, a escola necessita de transformações profundas no que concerne ao aprendizado da leitura e da escrita, que só serão alcançadas através da compreensão profunda de seus problemas e necessidades, para que então seja possível falar de suas possibilidades.

Capítulo 1 - Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário

Aprender a ler e escrever na escola deve transcender a decodificação do código escrito, deve fazer sentido e estar vinculado à vida do sujeito, deve possibilitar a sua inserção no meio cultural a qual pertence, tornando-o capaz de produzir e interpretar textos que fazem parte de seu entorno. Torna-se então necessário reconceitualizar o objeto de ensino tomando por base as práticas sociais de leitura e escrita, re-significando seu aprendizado para que os alunos se apropriem dele 'como práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir'. Para tornar real o que compreendemos ser necessário é preciso conhecer as dificuldades que a escola apresenta, distinguindo as legítimas das que fazem parte de 'resistências sociais' para que então se possa propor soluções e possibilidades. A tarefa é difícil porque, a própria especificidade do aprendizado da leitura e da escrita que se constituem em construções individuais dos sujeitos agindo sobre o objeto (leitura e escrita) torna a sua escolarização difícil, já que não são passíveis de se submeterem a uma programação sequencial. Por outro lado, trata-se de práticas sociais que historicamente foram, e de certo modo continuam sendo, patrimônio de certos grupos, mais que de outros, o que nos leva a enfrentar e tentar buscar caminhos para resolver as tensões existentes na instituição escolar entre a tendência à mudança (democratização do ensino) e a tendência à conservação (reprodução da ordem social estabelecida). É difícil ainda, porque o ato de ensinar a ler e escrever na escola tem finalidade puramente didática: a de possibilitar a transmissão de saberes e comportamentos culturais, ou seja, a de preservar a ordem pré-estabelecida, o que o distancia da função social que pressupõe ler para se comunicar com o mundo, para conhecer outras possibilidades e refletir sobre uma nova perspectiva.

É difícil também, porque a estruturação do ensino conforme um eixo temporal único, segundo uma progressão linear acumulativa e irreversível entra em contradição com a própria natureza da aprendizagem da leitura e da escrita, que como vimos ocorre por meio de aproximações

do sujeito com o objeto, provocando coordenações e reorganizações cognitivas que lhe permite atribuir um novo significado aos conteúdos aprendidos. E, finalmente, a necessidade da escola em controlar a aprendizagem da leitura faz com que se privilegie mais o aspecto ortográfico do que os interpretativos do ato de ler, e o sistema de avaliação, onde cabe somente ao docente o direito e o poder de avaliar, não propiciam ao aluno a oportunidade de autocorreção e reflexão sobre o seu trabalho escrito, e consequentemente não contribui para a construção da sua autonomia intelectual.

Diante desses fatos, o que é possível fazer para que se possam conciliar as necessidades inerentes a instituição escolar e, ao mesmo tempo, atender as necessidades de formar leitores e escritores competentes ao exercício pleno da cidadania? Em primeiro lugar devem se tornar explícitos aos profissionais da educação os aspectos implícitos nas práticas educativas que estão acessíveis graças aos estudos sociolinguísticos, psicolinguísticos, antropológicos e históricos, ou seja, aqueles que nos mostram como a criança aprende a ser leitora e escritora; o que facilita ou quais são as prerrogativas essenciais a esse aprendizado. Em segundo lugar, é preciso que se trabalhe com projetos como ferramenta capaz de articular os propósitos didáticos com os comunicativos, já que permitem uma articulação dos saberes sociais e os escolares. Além disso, o trabalho com projetos estimula a aprendizagem, favorece a autonomia, já que envolve toda a classe, e evita o parcelamento do tempo e do saber, já que tem uma abordagem multidisciplinar. "É assim que se torna possível evitar a justaposição de atividades sem conexão - que abordam aspectos também sem conexão com os conteúdos -, e as crianças tem oportunidade de ter acesso a um trabalho suficientemente duradouro para resolver problemas desafiantes, construindo os conhecimentos necessários para isso, para estabelecer relações entre diferentes situações e saberes, para consolidar o aprendido e reutilizá-lo...".

Finalmente, é possível repensar a avaliação, sabendo que esta é necessária, mas que não pode prevalecer sobre a aprendizagem. Segundo a autora, 'ao diminuir a pressão do controle, toma-se possível avaliar aprendizagens que antes não ocorriam [...]' já que no trabalho com projetos os alunos discutem suas opiniões, buscam informações que possam auxiliá-los e procuram diferentes soluções, fatores importantíssimos a formação de cidadãos praticantes da cultura escrita.

Capítulo 2 - Para Transformar o Ensino da Leitura e da Escrita

"O desafio [...] é formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explicita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade dos outros".

Para que haja uma transformação verdadeira do ensino da leitura e da escrita, a escola precisa favorecer a aprendizagem significativa, abandonando as atividades mecânicas e sem sentido que levam o aluno a compreender a escrita como uma atividade pura e unicamente escolar. Para isso, a escola necessita propiciar a formação de pessoas capazes de apreciar a literatura e de mergulhar em seu mundo de significados, formando escritores e não meros copistas, formando produtores de escrita conscientes de sua função e poder social. Precisa também, preparar as crianças para a interpretação e produção dos diversos tipos de texto existentes na sociedade, conseguindo que a escrita deixe de ser apenas um objeto de avaliação e passe a ser um objeto de ensino, capaz não apenas de reproduzir pensamentos alheios, mas de refletir sobre o seu próprio pensamento, enfim, promovendo a descoberta da escrita como instrumento de criação e não apenas de reprodução. Para realmente transformar o ensino da leitura e da escrita na escola, é preciso, ainda, acabar com a discriminação que produz fracasso e abandono na escola, assegurando a todos o direito de 'se apropriar da leitura e da escrita como ferramentas essenciais de progresso cognoscitivo e de crescimento pessoal'.

É possível a mudança na escola? Ensinar e ler e escrever faz parte do núcleo fundamental da instituição escolar, está nas suas raízes, constitui a sua missão alfabetizadora e sua função social, portanto, é a que mais apresenta resistência a mudanças. Além disso, nos últimos anos, foi a área de que mais sofreu com a invasão de inovações baseadas apenas em modismos.

"...O sistema de ensino continua sendo o terreno privilegiado de todos os voluntarismos - dos quais talvez seja o último refúgio. Hoje, mais de que ontem, deve suportar o peso de todas as expectativas, dos fantasmas, das exigências de toda uma sociedade para a qual a educação é o ultime portador de ilusões".

Sendo assim, para que seja possível uma mudança profunda da prática didática vigente hoje nas instituições de ensino, capaz de tornar possível a leitura na escola, é preciso que esta esteja fundamentada na evolução histórica do pensamento pedagógico, sabendo que muito do que se propõe pode ser encontrado nas ideias de Freinet, Dewey, Decroly e outros pensadores e educadores, o que significa estarem baseadas no avanço do conhecimento científico dessa área, que como em outras áreas do conhecimento científico, teve suas hipóteses testadas com o objetivo de desvendar a gênese do conhecimento humano - como os estudos realizados por Jean Piaget. É preciso compreender também, que essas mudanças não dependem apenas da capacitação adequada de seus profissionais, já que esta é condição necessária, mas não suficiente, é preciso conhecer o cotidiano escolar em sua essência, buscando descobrir os mecanismos ou fenômenos que permitem ou atravancam a apropriação da leitura e da escrita por todas as crianças que ali estão inseridas.

O que vimos até hoje, por meio dos trabalhos e pesquisas que temos realizado no campo da leitura e da escrita, é que existe um abismo que separa a prática escolar da prática social da leitura e da escrita - lê-se na escola trechos sem sentido de uma realidade desconhecida para a criança, já que foi produzido sistematicamente para ser usado no espaço escolar - a fragmentação do ensino da língua (primeiro sílabas simples, depois complexas, palavras, frases...) não permite um espaço para que o aluno possa pensar no que aprendeu dentro de um contexto que lhe faça sentido, e ainda, fazem com que esta perca a sua identidade.

"Como o objetivo final do ensino é que o aluno possa fazer funcionar o aprendido fora da escola, em situações que já não serão didáticas, será necessário manter uma vigilância epistemológica que garanta uma semelhança fundamental entre o que se ensina e o objeto ou prática social que se pretende que os alunos aprendam. A versão escolar da leitura e da escrita não deve afastar-se demasiado da versão social não-escolar". O "Contrato Didático" aqui é considerado como as relações implícitas estabelecidas entre professor e aluno, sobretudo porque estas exercem influência sobre o aprendizado da leitura e da escrita, já que o aluno deve concentrar-se em perceber ou descobrir o que o professor deseja que ele 'saiba' sobre aquele texto que o professor escolheu para que ele leia e não em suas próprias interpretações: "A 'cláusula' referente à interpretação de textos parece estabelecer [...] que o direito de decidir sobre a validade da interpretação é privativo do professor...".

Se o objetivo da escola é formar cidadãos praticantes da leitura e da escrita, capazes de realizar escolhas e de opinar sobre o que leem e veem em seu entorno social, é preciso que seja revisto o Contrato Didático, prin-cipalmente no âmbito da leitura e da escrita, e essa revisão é encargo dos pesquisadores de didática - divulgando os resultados obtidos bem como os elementos que podem contribuir para as mudanças necessárias -, é responsabilidade dos organismos que regem a educação - que devem levar em conta esses resultados -, é encargo dos formadores de professores e de todas as instituições capazes de comunicar à comunidade e particularmente aos pais, da importância que tem a análise, escolha e exercício de opinião de seus filhos quando do exercício da leitura e da escrita.

Ferramentas para transformar o ensino

Vimos que transformar o ensino vai além da capacitação dos professores, passa pela sua revalorização pessoal e profissional; requer uma mudança de concepção da relação ensino-aprendizagem para que se possa conceber o estabelecimento de objetivos por ciclos que abrangem os conhecimentos - objeto de ensino -de forma interdisciplinar, visando diminuir a pressão do tempo didático e da fragmentação do conhecimento. Requer que não se perca de vista os objetivos gerais e de prioridade absoluta, aqueles que são essenciais à educação e lhe conferem significado. Requer ainda, que se compreenda a alfabetização como um processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, e que, portanto, não pode ser desprovido de significado.

Essa compreensão só será alcançada na medida em que forem conhecidos e compreendidos os estudos científicos realizados na área, e que nos levaram a descobrir a importância da atividade mental construtiva do sujeito no processo de construção de sua aprendizagem, re-significando o papel da escola. Colocando em destaque o aprendizado da leitura e da escrita, consideramos fundamental que sejam divulgados os resultados apresentados pelos estudos psicogenéticos e psicolinguísticos, não apenas a professores ou profissionais ligados à educação, mas a toda sociedade, objetivando conscientizá-los da sua validade e importância, levando-os a perceber as vantagens das estratégias didáticas baseadas nesses estudos, e, sobretudo, conscientizando-os de que educação também é objeto da ciência.

Voltando a capacitação, enfatizando sua necessidade, é preciso que se criem espaços de discussão e troca de experiências e informações, que dentre outros aspectos servirão para levar o professor a perceber que a diversidade cultural não acontece apenas em sua sala de aula, que ela faz parte da realidade social na qual estamos inseridos, e que sendo assim, não poderia estar fora da escola, e ainda, que esta diversidade tem muito a contribuir se o nosso objetivo educacional consistir em preparar nossos alunos para a vida em sociedade. No que concerne a leitura e escrita, parece-nos essencial ter corno prioritária a formação dos professores como leitores e produtores de texto, capazes de aprofundar e atualizar seus saberes de forma permanente'.

Nossa experiência nos levou a considerar que a capacitação dos professores em serviço apresenta melhores resultados quando é realizada por meio de oficinas, sustentadas por bibliografias capazes de dar conta das interrogações a respeito da prática que forem surgindo durante os encontros, que devem se estender durante todo o ano letivo, e que contam com a participação dos coordenadores também em sala de aula, mas que, à longo prazo, capacitem o professor a seguir autonomamente, sem que seja necessário o acompanhamento em sala de aula.

Capítulo 3 – Apontamentos a partir da Perspectiva Curricular

É importante que, ao propor uma transformação didática a uma instituição de ensino, seja considerada a sua particularidade, o que se dá através do conhecimento de suas necessidades e obstáculos, implícitos ou explícitos, que caberá a proposta suprir ou superar. É imperativo que a elaboração de documentos curriculares esteja fortemente amparada na pesquisa didática, já que será necessário selecionar os conteúdos que serão ensinados o que pressupõe uma hierarquização, já que privilegiará alguns em detrimento de outros.

"Prescrever é possível quando se está certo daquilo que se prescreve, e se está tanto mais seguro quanto mais investigada está a questão do ponto de vista didático".(p. 55).

As escolhas de conteúdos devem ter como fundamento os propósitos educativos', ou seja, se o propósito educativo do ensino da leitura e da escrita é o de formar os alunos como cidadãos da cultura escrita, então o objeto de ensino

a ser selecionado deve ter como referência fundamental às práticas sociais de leitura e escrita utilizadas pela comunidade, o que supõe enfatizar as funções da leitura e da escrita nas diversas situações e razões que levam as pessoas a ler e escrever, favorecendo seu ingresso na escola como objeto de ensino.

Os estudos em torno das práticas de leitura existentes ou preponderantes no decorrer da história da humanidade mostraram que em determinados momentos históricos privilegiavam-se leituras intensas e profundas de poucos textos, como por exemplo, os pensadores clássicos, seguidos de profundas reflexões realizadas por meio de debates ou conversas entre pequenos grupos de pessoas ou comunidades, se tomarmos como exemplo a leitura da Bíblia. Com o avanço das ciências e o aumento da diversidade literária disponível - nas sociedades mais abastadas - as práticas de leitura passaram a se alternar entre intensivas ou extensivas (leitura de vários textos com menor profundidade), mas sempre mantendo um fator comum: elas, leitura e escrita, sempre estiveram inseridas nas relações com as outras pessoas, discutindo hipóteses, ideias, pontos de vista ou apertas indicando a leitura de algum título ou autor.

O aspecto mais importante que podemos tirar acerca dos estudos históricos é que aprende-se a ler, lendo (ou a escrever, escrevendo), portanto, é preciso que os alunos tenham contato com todos os tipos de texto que veiculam na sociedade, que eles tenham acesso a eles, que esses materiais deixem de ser privilégio de alguns, passando a ser patrimônio de todos. Didaticamente, isto significa que os alunos precisam se apropriar destes textos através de práticas de leitura significativas que propiciem reflexões individuais e grupais, que embora demandem tempo, são essenciais para que o sujeito possa, no futuro, ser um praticante da leitura e da escrita.

"...É preciso assinalar que, ao exercer comportamentos de leitor e de escritor, os alunos têm também a oportunidade de entrar no mundo dos textos, de se apropriar dos traços distintivos[...] de certos gêneros, de ir detectando matizes que distinguem a ‹linguagem que se escreve› e a diferenciam da oralidade coloquial, de pôr em ação [...] recursos linguísticos aos quais é necessário apelar para resolver os diversos problemas que se apresentam ao produzir ou interpretar textos [...[é assim que as práticas de leitura e escrita, progressivamente, se transformam em fonte de reflexão metalinguística». (p. 64).

Capítulo 4 - É possível ler na escola?

"Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita...".(p.73). Ensinar a ler e escrever foi, e ainda é, a principal missão da escola, no entanto, dois fatores parecem contribuir para que a escola não obtenha sucesso:

1. A tendência de supor que existe uma única interpretação possível a cada texto;

2. A crença - como diria Piaget - de que a maneira como as crianças aprendem difere da dos adultos, e que, portanto, basta ensinar-lhes o que julgarem pertinente, sem que haja preocupação com o sentido ou significado que tais conteúdos tem para as crianças, o que, além de tudo, facilita o controle da aprendizagem, já que essa concepção permite uma padronização do ensino.

Para que seja possível ler na escola, é necessário que ocorra uma mudança nessas crenças, é preciso, como já vimos, que sejam considerados os resultados dos trabalhos científicos em torno de como ocorre o processo de aprendizagem nas crianças: que ele se dá através da ação da criança sobre os objetos (físicos e sociais), sendo a partir dessa ação que ela (a criança) lhe atribuirá um valor e um significado.

Sabendo que a leitura é antes de tudo um objeto de ensino que na escola deverá se transformar em um objeto de aprendizagem, é importante não perder de vista que sua apropriação só será possível se houver sentido e significado para o sujeito que aprende, que esse sentido varia de acordo com as experiências prévias do sujeito e que, portanto, não são suscetíveis a uma única interpretação ou significado e que o caminho para a manutenção desse sentido na escola está em não dissociar o objeto de ensino de sua função social.

O trabalho com projetos de leitura e escrita cujos temas são dirigidos à realização de algum propósito social vem apresentando resultados positivos. Os temas propostos visam atender alguma necessidade da comunidade em questão e são estruturados da seguinte forma:

a) Proposta do projeto às crianças e discussão do plano do trabalho;

b) Curso de capacitação para as crianças visando prepará-las para a busca e consulta autônoma dos materiais a serem utilizados quando da realização das etapas do projeto;

c) Pesquisa e seleção do material a ser utilizado e/ou lugares a serem visitados;

d) Divisão das tarefas em pequenos grupos;

e) Participação dos pais e da comunidade;

f) Discussão dos resultados encontrados pelos grupos;

g) Elaboração escrita dos resultados encontrados pelos grupos (que passará pela revisão de outro grupo e depois pelo professor);

h) Redação coletiva do trabalho final;

i) Apresentação do projeto à comunidade interessada.

j) Avaliação dos resultados.

Nesses projetos tem-se a oportunidade de levar a criança a extrair in-formações de diversas fontes, inclusive de textos que não foram escritos exclusivamente para elas, e que, portanto, apresentam um grau maior de dificuldade. A discussão coletiva das informações que vão sendo coletadas propicia a troca de ideias e a verificação de diferentes pontos de vista, como acontece na vida real, e, ainda, durante a realização desses projetos as crianças não leem e escrevem só para 'aprender', a leitura assume um propósito, um significado, que atende também aos propósitos

do docente - de inseri-las no mundo de leitores e escritores. Os projetos permitem ainda, uma administração mais flexível do tempo, porque propiciam o rompimento com a organização linear dos conteúdos já que costumam trabalhar com os temas selecionados de forma interdisciplinar, o que possibilita a retomada dos próprios conteúdos em outras situações e ainda, a análise destes a partir de um referencial diferente.

Acontecem concomitantemente e em articulação com a realização dos projetos, atividades habituais, como 'a hora do conto' semanal ou momentos de leitura de outros gêneros, como o de curiosidades científicas e atividades independentes que podem ter caráter ocasional, como a leitura de um texto que tenha relevância pontual ou fazer parte de situações de sistematização: passar a limpo uma reflexão sobre uma leitura realizada durante uma atividade habitual ou pontual. Todas essas atividades contribuem com o objetivo primordial de 'criar condições que favoreçam a formação de leitores autônomos e críticos e de produtores de textos adequados à situação comunicativa que os torna necessário' já que em todos eles observam-se os esforços por produzir na escola as condições sociais da leitura e da escrita.

"É assim que a organização baseada em projetos permite coordenar os propósitos do docente com os dos alunos e contribui tanto para preservar o sentido social da leitura como para dotá-la de um sentido pessoal para as crianças". (p.87).

Ainda, o trabalho com projetos, por envolver grupos de trabalho e, abrir espaço para discussão e troca de opiniões, permite o estabelecimento de um novo contrato didático, ou seja, um novo olhar sobre a avaliação, porque admite novas formas de controle sobre a aprendizagem, nas quais todos os sujeitos envolvidos tomam parte, o que contribui para a formação de leitores autônomos, já que estes devem justificar perante o grupo as conclusões ou opiniões que defendem. É importante ressaltar, que essa modalidade de trabalho torna ainda mais importante o papel das intervenções do professor - fazendo perguntas que levem a ser considerados outros aspectos que ainda não tenham sido levantados pelo grupo, ou a outras interpretações possíveis do assunto em questão. Em suma, é importante que a necessidade de controle, inerente a instituição escolar, não sufoque ou descaracterize a sua missão principal que são os propósitos referentes à aprendizagem.

O professor: um ator no papel de leitor

É muito importante que o professor assuma o papel de leitor dentro da sala de aula. Com esta atitude ele estará propiciando a criança a oportunidade participar de atos de leitura. Assumir o papel de leitor consiste em ler para os alunos sem a preocupação de interrogá-los sobre o lido, mas de conseguir com que eles vivenciem o prazer da leitura, a experiência de seguir a trama criada pelo autor exatamente para este fim, e ao terminar, que o professor comente as suas impressões a respeito do lido, abrindo espaço para o debate sobre o texto - seus personagens, suas atitudes. Assumir o papel de leitor é fator necessário, mas não suficiente, cabe ao professor ainda mais, cabe-lhe propor estratégias de leitura que aproximem cada vez mais os alunos dos textos.

A Instituição e o sentido da leitura

Quando os projetos de leitura atingem toda a instituição educacional, cria-se um clima leitor que atinge também os pais, e que envolvem os professores numa situação de trabalho conjunta que tem um novo valor: o de possibilitar uma reflexão entre os docentes a respeito das ferramentas de análise que podem contribuir para a resolução dos problemas didáticos que por ventura eles possam estar vivendo.

As propostas de trabalho e as reflexões aqui apresentadas mostram que é possível sim! Ler e escrever na escola, desde que se promova uma mudança qualitativa na gestão do tempo didático, reconsiderando as formas de avaliação, não deixando que estas interfiram ou atrapalhem o propósito essencial do ensino e da aprendizagem. Desde que se elaborem projetos onde a leitura tenha sentido e finalidade social imediata, transformando a escola em uma 'micros-sociedade de leitores e escritores em que participem crianças, pais e professores...". (p. 101).

Capítulo 5 - O Papel do Conhecimento Didático na Formação do Professor

"O saber didático é construído para resolver problemas próprios da comunicação do conhecimento, é o resultado do estudo sistemático das interações que se produzem entre o professor, os alunos e o objeto de ensino; é produto da análise das relações entre o ensino e a aprendizagem de cada conteúdo específico; é elaborado através da investigação rigorosa do funcionamento das situações didáticas". (p. 105).

É importante considerar que o saber didático, como qualquer outro objeto de conhecimento, é construído através da interação do sujeito com o objeto, ele se encontra, portanto, dentro da sala de aula, e não é exclusividade dos professores que trabalham com crianças, ele está presente também em nossas oficinas de capacitação. Então, para apropriar-se desse saber é preciso estar em sala de aula, buscando conhecer a sua realidade e as suas especificidades.

A atividade na aula como objeto de análise

O registro de classe apresenta-se como principal instrumento de análise do que ocorre em sala de aula. Esses registros podem ser utilizados durante a capacitação objetivando um aprofundamento do conhecimento didático, já que as situações nele apresentadas permitem uma reflexão conjunta a respeito das situações didáticas requeridas para o ensino da leitura e escrita.

Optamos por utilizar, a princípio, os registros das 'situações boas' ocorridas em sala de aula, porque percebemos, através da experiência, que a ênfase nas 'situações más' distanciava capacitadores e educadores, e para além,

criavam um clima de incerteza, por enfatizar o que não se deve fazer, sem apresentar direções do que poderia ser feito, em suma, quando enfatizamos 'situações boas estamos mostrando o que é possível realizar em sala de aula, o que por si só, já é motivador.

É importante destacar que as ‹situações boas› não se constituem em situações perfeitas, elas apresentam erros que, ao serem analisados, enriquecem a prática docente, pois são: considerados como importantes instrumentos de análise da prática didática - ponto de partida de uma nova reflexão - sendo vistos como parte integrante do processo de construção do conhecimento.

"... a análise de registros de classe opera como coluna vertebral no processo de capacitação, porque é um recurso insubstituível para a comunicação do conhecimento didático e porque é a partir da análise dos problemas, propostas e intervenções didáticas que adquire sentido para os docentes se aprofundarem no conhecimento do objeto de ensino e de s processos de aprendizagem desse objeto por parte das crianças", (p. 116).

Palavras Finais

Quanto mais os profissionais capacitadores conhecerem a prática pedagógica e os que exercitam essa prática no dia-a-dia: as crenças que os sustentam e os mecanismos que utilizam; quanto mais conhecerem como se dá o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita na escola, mais estarão em condições de ajudar o professor em sua prática docente.

A educadora argentina fala sobre o processo de elaboração de *Ler e Escrever na Escola* e os reflexos que a obra promoveu na Educação.

Qual foi a motivação para escrever este livro? A consciência de que era preciso colocar em primeiro plano a análise das possibilidades e das dificuldades da escola em assimilar projetos de ensino de leitura e escrita.

Surgiram dúvidas enquanto trabalhava o texto? Como elas poderiam não surgir? Escrever é comprometer-se com o que é dito. Porém, o mais importante durante a elaboração do livro foi analisar o real - as condições em que se trabalha na escola, a função social e as características da instituição - e ao mesmo tempo priorizar o possível, com a missão de transformar o ensino para favorecer a formação de todos os alunos como leitores e escritores plenos.

É possível ver avanços nessa área depois que o livro foi publicado? Não creio que ele tenha produzido efeitos mágicos. Lamentavelmente, acho que nenhum consegue tal feito. Mas espero que já tenha esclarecido alguns problemas e ajudado educadores a encontrar caminhos para avançar na difícil tarefa de ensinar.

15. MANTOAN, MARIA TERESA EGLÉR; PRIETO ROSÂNGELA G. INCLUSÃO ESCOLAR: PONTOS E CONTRAPONTOS. SÃO PAULO: SUMMUS, 2006.

A partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), percebe-se o crescente desenvolvimento de políticas públicas educacionais voltadas para a educação especial. Dentre os documentos internacionais redigidos que o Brasil é signatário, temos a Declaração de Jomtien (1990), a Declaração de Salamanca (1994), a Convenção de Guatemala (1999) e a Declaração de Montreal (2001); e em termos de legislação, no que diz respeito aos documentos nacionais, destacam-se a Constituição Federal (1988), o Estatuto da criança e do adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), lembrando ainda a existência de resoluções e portarias, não menos importantes. No entanto, mesmo com a criação de todos esses documentos, os direitos das pessoas com deficiências ainda não são totalmente efetivos, vez que ainda permanecem muitas barreiras arquitetônicas, instrumentais, atitudinais e humanas. Desta maneira, as políticas públicas têm o papel de colocar em prática as propostas efetuadas nestes documentos, e também a responsabilidade de lutar para derrubar as barreiras que impedem que as pessoas com deficiências gozem de seus direitos. Desta forma é importante esclarecer o que são políticas públicas, para assim percebermos a sua importância.

Políticas públicas sociais é o conjunto de regras, programas, ações, benefícios e recursos destinados a promover o bem-estar social e os direitos do cidadão (UNESCO, 2010). Dentro das políticas públicas sociais, temos as políticas públicas de educação, que correspondem às ações destinadas ao processo educacional. Dentro das políticas públicas de educação atuais, apontam-se as políticas públicas de educação inclusiva, que buscam a inclusão de pessoas com deficiências no processo educacional, visando, desse modo, promover ações para o acesso e permanência desses alunos na escola comum. A educação assume assim um papel de suma importância, pois as constantes batalhas travadas em prol do direito de todos à educação, mostram que a educação é, sim, fundamental, já que pode ser entendida como objeto transformador da sociedade. Dada a importância da educação, a escola deve ser um ambiente que possibilite troca de experiências, sendo palco de interação, aberta a todos.

Ainda que a escola não seja o único meio de sociabilização, é, sem dúvidas, um dos mais fundamentais ao homem, pois possibilita sua convivência com a diversidade e desta maneira deve trabalhar para promover a formação de pessoas conscientes, nos tornando capazes de aprender com a multiplicidade, tornando possível a troca de saberes, de experiências. Nas palavras de Mantoan (2006a, p. 45) "As escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, criticas, onde

crianças e jovens aprendem a ser pessoas". Como diz Mantoan (2006a, p. 16) "Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconheça e valorize as diferenças.". Nesse sentido, elenca-se enquanto problemática a seguinte questão de estudo: como se desenvolveu a política de inclusão escolar a partir do aparato legal elaborado depois da

Declaração Universal dos Direitos Humanos?

Desta forma o objetivo desse estudo é discutir a construção da política de inclusão escolar, tecendo reflexões sob a ótica dos direitos humanos com vistas a elucidar a educação como um direito de todos. Assim, o presente trabalho foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, visando obter maior intimidade com o tema exposto. Para tanto, foi realizada a leitura de obras de autores pertinentes, como Maria Teresa Eglér Mantoan (2006) e David Rodrigues (2006), com os respectivos fichamentos que possibilitaram a análise e interpretação dos dados. Diante do exposto, entende-se o caráter transformador da educação, cujo papel não se restringe ao aprendizado do português e da matemática, mas é muito mais abrangente, pois trata de um conjunto, onde as disciplinas devem estar vinculadas, buscando ainda a formação de cidadãos. Visto desta maneira a educação inclusiva é muito mais uma questão de direitos humanos. Breves considerações sobre os marcos normativos da educação inclusiva Um dos documentos pioneiros no que diz respeito à inclusão escolar, é a Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, pois a partir dela foram criados documentos mais específicos na área de educação especial. Em seu artigo 26, a Declaração de 1948 exalta o direito de todos à instrução, que deverá ser gratuita e obrigatória, pelo menos nos níveis elementar e fundamental, e ter por objetivos proporcionar o desenvolvimento pleno da personalidade humana, possibilitar a propagação dos direitos humanos e das garantias fundamentais, e, também, promover a compreensão, a tolerância, e a amizade entre os povos das diversas nações e aos grupos raciais ou religiosos, contribuindo com a manutenção da paz.

Desta forma a partir da Declaração Universal, o movimento inclusivo ganhou força, e as pessoas com deficiências, passaram a conquistar seus primeiros direitos no que diz respeito à educação. Assim, começaram a serem criados os principais documentos acerca dos direitos das minorias. A Declaração de Jomtien, em 1990, teve como objetivo a satisfação das necessidades básicas da aprendizagem. A Declaração de Salamanca, de 1994, é considerada um dos documentos mais importantes sobre o processo inclusivo, pois trata dos princípios, políticas e das práticas a cerca das necessidades educativas especiais, esta declaração trata de defender a educação para todos, sem discriminar suas características pessoais, pois entende que cada pessoa tem sua forma de aprender. Vale lembrar, ainda, da Convenção de Guatemala, de 1999, cujo objetivo era a erradicação de todas as formas de discriminação contra as pessoas com deficiência, onde destaca que todos possuem direitos iguais, e dignidade. Pretendendo desenvolver a integração dessas pessoas na sociedade.

No que se relaciona especificamente à acessibilidade, constata-se a Declaração de Montreal, em 2001. Dos documentos nacionais, a Constituição Federal, de 1988, a constituição cidadã, exalta os direitos sociais como de todos. De acordo com a carta magna de nosso país, temos como garantia que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Lembrando ainda que no artigo 206 da mesma Constituição, em seu inciso I, temos ressaltado a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Podemos, além disso, destacar o artigo 208, que afirma, em seu inciso III, ser dever do Estado para com a educação, a oferta de atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Temos também o Estatuto da Criança e do Adolescente, (1990) em que o direito de todos à educação é assegurado novamente, constando no artigo 55, que é obrigatório que os pais ou responsáveis matriculem seus filhos na rede de ensino regular, podendo os pais em caso de contrariar a lei, ter a perda ou suspensão de seus direitos familiares, de acordo com o artigo 24. Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), definiu a educação especial como modalidade educacional, que deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para as pessoas com necessidades especiais. Sobre a LDB é oportuno citar Mazzotta (2001, p. 87):

Este projeto de LDB disciplina a educação escolar. No Capítulo III, dispondo sobre o direito à educação e o dever de educar, estabelece que "a educação, direito fundamental de todos, é dever do Estado e da família, com a colaboração da sociedade, cabendo ao Poder Público (...) observar modalidades e horários compatíveis com as características da clientela". E por último destaca-se a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), cujo objetivo é:

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008). Passamos, portanto por um período fértil, onde se criou documentos que hoje são essenciais na luta das minorias em busca de um direito tão transformador como a educação. Com base nas ações governamentais podemos por finalidade conceber a realidade de um

movimento sócio-cultural, buscando trazer novas práticas, mais saberes e maneiras de ensinar e de aprender para alunos com deficiências, visando que todos tenham os mesmo direitos humanos e garantias fundamentais que os demais alunos da rede regular de ensino, na condição de valorizar a heterogeneidade.

Obstáculos da concretização da política de educação inclusiva

Crescemos muito em termos de políticas para a educação, sobretudo com relação as políticas educacionais inclusivas de forma geral . Contudo, ainda que se tenham avanços, não é permitido parar de lutar, pois nesse momento, ainda existem muitos direitos que por mais que sejam já assegurados, não são de fato efetivados. As escolas tradicionais possuem uma tendência de buscar um modelo pré-estabelecido do tipo de alunos que elas querem receber, constroem um molde, passando a aceitar somente aos que conseguirem adequar-se ao seu sistema. Caracterizando-se em uma atitude discriminatória, pois rejeitam aos que não se adaptam. Sobre as atitudes das instituições escolares Prieto (2006, p. 33), afirma:

As instituições escolares, ao reproduzirem constantemente o modelo tradicional, não têm demonstrado condições de responder aos desafios da inclusão social e do acolhimento às diferenças nem de promover aprendizagens necessárias à vida em sociedade, particularmente nas sociedades complexas do século XXI. Logo, percebemos que enquanto as escolas continuarem a querer um padrão de aluno, não teremos o direito a diversidade respondido, esse modelo tradicional de escola, possui um molde de aluno pré-estabelecido, e desta forma só aceitam nesta instituição aqueles que corresponderem aos padrões por ela definidos, quem não encaixar na forma, fica de fora. Ao contrário disso, a escola inclusiva sabe lidar com a multiplicidade de pessoas, entendendo que não há um padrão único a ser seguido, trabalhando com a questão de que o espaço escolar deve se adaptar as características de cada aluno, o ambiente se adapta ao aluno e não o aluno ao ambiente.

Há apoio legal suficiente para mudar, mas só temos tido, até agora, muitos entraves nesse sentido. Entre esses entraves estão: a resistência das instituições especializadas a mudanças de qualquer tipo; a neutralização do desafio à inclusão, por meio de políticas púbicas que impedem que as escolas se mobilizem para rever suas práticas homogeneizadoras e, em consequência, excludentes; o preconceito, o paternalismo em relação aos grupos socialmente fragilizados, como o das pessoas com deficiência. [...], o corporativismo dos que se dedicam às pessoas com deficiência mental; a ignorância de muitos pais, a fragilidade de grande maioria deles diante do fenômeno da deficiência de seus filhos (MANTOAN, 2006b, p. 24). Desta feita, um dos obstáculos encontrados são frutos da desinformação, pois muitas instituições especializadas querem deixar tudo como está, vez que temem desaparecer, ignorando o fato de que não deixaram de existir, mas sim passaram a dar suporte ao ensino regular funcionando como complemento da impossibilidade que muitas instituições encontram em rever as próprias práticas, outro desafio são as ideias equivocadas feitas sobre as pessoas com deficiências, além da ignorância dos próprios pais, e de certa relação de proteção, onde muitos entendem que essas minorias devem ser mantidas fora desse processo.

A inclusão escolar tem sido mal compreendida, principalmente no seu apelo a mudanças nas escolas comuns e especiais. Sabemos, contudo, que sem essas mudanças não garantiremos a condição de nossas escolas receberem, indistintamente, a todos os alunos, oferecendo-lhes condições de prosseguir em seus estudos, segundo a capacidade de cada um, sem discriminações nem espaços segregados de educação (MANTOAN, 2006b, p. 23). Entende-se assim, que as mudanças são necessárias, pois são instrumentos para alcançar uma educação de qualidade e igualdade.

Reflexões sobre a relevância da inclusão escolar

A inclusão é necessária, pois como o próprio nome diz, refere-se a incluir. Desta forma este processo visa proporcionar aos grupos vulneráveis a oportunidade de se juntar ao processo educacional. Partindo de um contexto de segregação, a inclusão de forma alguma pretende a extinção da educação especial, mas prevê para ela um papel de suporte, onde no lugar de se decidir por um ou outro tipo de ensino, se opta pelos dois conforme a necessidade do educando. Para mostrar a importância da inclusão, Mantoan (2006a, p. 27) assinala que:

A escola comum é o ambiente mais adequado para garantir o relacionamento entre os alunos com ou sem deficiência e de mesma idade cronológica, bem como a quebra de qualquer ação discriminatória e todo tipo de interação que possa beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor e afetivo dos alunos em geral. Deste modo, a inclusão é vista muitas vezes como uma medida radical, pois ela vem para exigir mudanças de paradigmas educacionais. Em sua perspectiva caem as subdivisões em ensino regular e especial, vez que as escolas passam a atender seus alunos de maneira que atendam as diferenças sem discriminar e segregar alguns alunos (MANTOAN, 2006a).

David Rodrigues (2008, p. 35) reflete que:

É claro que devemos dedicar uma atenção especial àqueles que são mais vulneráveis à exclusão. Entretanto, esta atenção tem que ser dada dentro de uma perspectiva inclusiva: proporcionar apoio sem segregar, não criando "guetos" nem "classes especiais".

A questão é que os alunos não podem, de modo algum, ser tomado como inferiores e sem valor por motivo de suas diferenças, independente das atividades nas escolas comuns ou especiais (MANTOAN, 2006b).

Deve ser também considerado que, de acordo com Mantoan (2006b, p.16), "[...] a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir uma igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial e regular".

Papel das políticas públicas na efetivação do direito à educação das pessoas com deficiência

No âmbito das políticas publicas, a cada "nova" proposta governamental deparamos com o incremento de dispositivos legais que nem sempre contribuem para dissipar nossa desconfiança em relação ao projeto nacional para a educação (PRIETO, 2006).

Desta feita, assinala Prieto (2006, p. 69).

As mudanças a ser implantadas devem ser assumidas como parte da responsabilidade tanto da sociedade civil quanto dos representantes do poder público, pois se, por um lado, garantir educação de qualidade para todos implica somar atuações de várias instâncias, setores e agentes sociais, por outro, já que a educação escolar pode propiciar meios que possibilitem transformações na busca da melhoria da qualidade de vida da população. E isso é interessante para todos! Para David Rodrigues (2008), a educação inclusiva deve ser muito mais uma aposta na rede pública de ensino, e deve para tanto ter como fim a criação de vantagens para todos seus intervenientes.

O desenvolvimento da EI depende, em grande parte, do desenvolvimento do sistema educativo no seu conjunto. [...] Precisamos de escolas com recursos, a funcionar os dois turnos do dia, com instalações dignas, com lideranças positivas, com professores satisfatoriamente remunerados e motivados para encarar novos desafios. A EI, enquanto reforma educacional, só poderá florescer em sistemas educativos capazes de aceitar uma mudança nos seus hábitos e paradigmas (RODRIGUES, 2008, p. 40).

A importância da criação de políticas públicas para a educação especial reside justamente no fato de impulsionar uma educação para todos, pois promove formas de incentivar os ditos alunos especiais, a participar de todo um processo sociocultural, onde terão como possibilidade a educação, e passarão por inúmeras experiências que resultarão em grande aproveitamento, proporcionando a participação das pessoas com deficiências como cidadãos ativos na sociedade.

Para Mantoan (2006a, p. 21), "A inclusão total é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas". A partir das políticas desenvolvidas em prol destas minorias, é que teremos oportunidade de partir para a inclusão dessas pessoas, criando ambientes saudáveis, reconhecendo as necessidades das escolas, para que possam ser receptivas e atender aos estudantes indistintamente.

Relação entre direitos humanos e educação inclusiva

A Declaração Universal trata dos direitos e garantias fundamentais do homem, para que se tenha uma vida digna. Desta forma a Declaração toma a educação como um direito fundamental ao homem, e a inclusão vem para possibilitar a essas pessoas a chance de exercer um direito que já possuem, mas que por diversos motivos, tiveram seus direitos reprimidos. A inclusão escolar está articulada a movimentos sociais mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos mais equitativos no acesso a bens e serviços. Ligada a sociedades democráticas que está pautada no mérito individual e na igualdade de oportunidades, a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir a igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial e regular (MANTOAN, 2006a, p.16).

Essa relação é muito íntima, pois a educação deve ser vista como um instrumento para a propagação dos direitos humanos, como também é fundamental para se alcançar outros direitos fundamentais. Quando entendemos que não é a universalidade da espécie que define um sujeito, mas as sua peculiaridades, ligadas a sexo, etnia, origem, crenças, tratar as pessoas diferentemente pode enfatizar suas diferenças, assim como tratar igualmente os diferentes pode esconder as suas especificidades e excluí-los do mesmo modo; portanto, ser gente é correr sempre o risco de ser diferente (MANTOAN, 2006b, p.17).

Deste modo, ressaltamos a pretensão de se construir com a diferença uma sociedade em equilíbrio, onde tenhamos o direito de sermos diferentes ou iguais, dependo da situação diante de nós. A indiferença às diferenças esta acabando, passando da moda. Nada mais desfocado da realidade atual do que ignorá-las. Nada mais regressivo do que discriminá-las e isolá-las em categorias genéricas, típicas da necessidade moderna de agrupar os iguais, de organizar pela abstração de uma característica qualquer, inventada, e atribuída de fora. (MANTOAN, 2006a, p.22). Assim, a educação é, portanto um direito fundamental, sendo necessários que todos tenham a chance de aprender, sendo também incentivados a permanecer no local de aprendizado, pois deve ser levado que cada aluno tem o direito de aprender a seu modo.

É necessário que uma boa parcela da sociedade compreenda a indispensável interlocução entre escola regular e escola especial, de forma que possibilite organizar serviços de apoio mútuo. É chegada a hora da metamorfose educacional, onde os conflitos sejam superados e, que se perceba a dimensão de saberes que a diversidade tem a oferecer. Conclui-se que as escolas não podem mais ser palco de discriminação, ou de esquecimento. Deve-se harmonizar a questão da igualdade com a da diferença, para que os alunos não percam seu valor enquanto pessoa humana. Assim, é valido dizer que ainda que a proposta inclusiva exija mudanças radicais, não se pretende encerrar as escolas especiais, vez que continuarão a existir, porém atuarão de forma complementar a escola regular, oferecendo seu suporte, e não mais monopolizando e nem segregando as pessoas com deficiências. Não há um padrão de normalidade para julgarmos uma pessoa mais normal que a outra, a única igualdade aparente que possuímos é o simples fato de sermos todos diferentes, ninguém é igual a ninguém, se houvesse necessidade de normalização, seu elemento seria a própria diferença.

Texto adaptado de Paula Lemos de Paula, Lucas silva Fernandes da Silveira e Washington César Shoiti Nozu.

16. MEC - ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: ORIENTAÇÕES PARA A INCLUSÃO DA CRIANÇA DE SEIS ANOS DE IDADE / ORGS. BEAUCHAMP; JEANETE, PAGEL SANDRA DENISE; NASCIMENTO, ARICÉLIA R. DO. – BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2007. 135 P.: IL.

Aimplantação de uma política de ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos de duração exige tratamento político, administrativo e pedagógico, uma vez que o objetivo de um maior número de anos no ensino obrigatório é assegurar a todas as crianças um tempo mais longo de convívio escolar com maiores oportunidades de aprendizagem.

Ressalte-se que a aprendizagem não depende apenas do aumento do tempo de permanência na escola, mas também do emprego mais efi caz desse tempo: a associação de ambos pode contribuir signifi cativamente para que os estudantes aprendam mais e de maneira mais prazerosa.

Para a legitimidade e a efetividade dessa política educacional, são necessárias ações formativas da opinião pública, condições pedagógicas, administrativas, fi nanceiras, materiais e de recursos humanos, bem como acompanhamento e avaliação em todos os níveis da gestão educacional.

Nesse sentido, elaboramos este documento *Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*, uma vez que a implementação dessa política requer orientações pedagógicas que respeitem as crianças como sujeitos da aprendizagem.

Em se tratando dos aspectos administrativos, vale esclarecer que a organização federativa garante que cada sistema de ensino é competente e livre para construir, com a respectiva comunidade escolar, seu plano de ampliação do ensino fundamental, como também é responsável por desenvolver estudos com vistas à democratização do debate, o qual deve envolver todos os segmentos interessados em assegurar o padrão de qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Faz-se necessário, ainda, que os sistemas de ensino garantam às crianças de seis anos de idade, ingressantes no ensino fundamental, nove anos de estudo nessa etapa da educação básica. Durante o período de transição entre as duas estruturas, os sistemas devem administrar uma proposta curricular que assegure as aprendizagens necessárias ao prosseguimento, com sucesso, nos estudos tanto às crianças de seis anos quanto às de sete anos de idade que estão ingressando no ensino fundamental de nove anos, bem como àquelas ingressantes no, até então, ensino fundamental de oito anos.

A ampliação do ensino fundamental demanda, ainda, providências para o atendimento das necessidades de recursos humanos – professores, gestores e demais profissionais de educação – para lhes assegurar, entre outras condições, uma política de formação continuada em serviço, o direito ao tempo para o planejamento da prática pedagógica, assim como melhorias em suas carreiras.

Além disso, os espaços educativos, os materiais didáticos, o mobiliário e os equipamentos precisam ser repensados para atender às crianças com essa nova faixa etária no ensino fundamental, bem como à infância que já estava nessa etapa de ensino com oito anos de duração.

Neste início do processo de ampliação do ensino fundamental, existem muitas perguntas dos sistemas de ensino sobre o currículo para as classes das crianças de seis anos de idade, entre as quais destacamos: o que trabalhar? Qual é o currículo? O currículo para essa faixa etária será o mesmo do último ano da pré-escola? O conteúdo para essa criança será uma compilação dos conteúdos da pré-escola com os da primeira série ou do primeiro ano do ensino fundamental de oito anos? Antes de refletirmos sobre essas questões, é importante salientar que a mudança na estrutura do ensino fundamental não deve se restringir a o que fazer exclusivamente nos primeiros anos: este é o momento para repensar todo o ensino fundamental – tanto os cinco anos iniciais quanto os quatro anos finais.

Quanto às perguntas anteriores, lembramos que os sistemas, neste momento, terão a oportunidade de rever currículos, conteúdos e práticas pedagógicas não somente para o primeiro ano, mas para todo o ensino fundamental. A criança de seis anos de idade que passa a fazer parte desse nível de ensino não poderá ser vista como um sujeito a quem faltam conteúdos da educação infantil ou um sujeito que será preparado, nesse primeiro ano, para os anos seguintes do ensino fundamental.

Reafirmamos que essa criança está no ensino obrigatório e, portanto, precisa ser atendida em todos os objetivos legais e pedagógicos estabelecidos para essa etapa de ensino.

Faz-se necessário destacar, ainda, que a educação infantil não tem como propósito preparar crianças para o ensino fundamental, essa etapa da educação básica possui objetivos próprios, os quais devem ser alcançados a partir do respeito, do cuidado e da educação de crianças que se encontram em um tempo singular da primeira infância. No que concerne ao ensino fundamental, as crianças de seis anos, assim como as de sete a dez anos de idade, precisam de uma proposta curricular que atenda a suas características, potencialidades e necessidades específicas.

Nesse sentido, não se trata de compilar conteúdos de duas etapas da educação básica, trata-se de construirmos uma proposta pedagógica coerente com as especificidades da segunda infância e que atenda, também, às necessidades de desenvolvimento da adolescência.

A ampliação do ensino fundamental para nove anos significa, também, uma possibilidade de qualificação do ensino e da aprendizagem da alfabetização e do letramento, pois a criança terá mais tempo para se apropriar desses conteúdos. No entanto, o ensino nesse primeiro ano ou nesses dois primeiros anos não deverá se reduzir a essas aprendizagens. Por isso, neste documento de orientações pedagógicas, reafirmamos a importância de um trabalho

pedagógico que assegure o estudo das diversas expressões e de todas as áreas do conhecimento, igualmente necessárias à formação do estudante do ensino fundamental.

Vale lembrar que todos nós – professores, gestores e demais profissionais de apoio à docência – temos, neste momento, uma complexa e urgente tarefa: a elaboração de diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental de nove anos. Tendo em vista essa realidade, Ministério da Educação (MEC) e Conselho Nacional de Educação (CNE) já estão trabalhando para atender a essa nova exigência da educação básica.

Retomando as ideias iniciais deste texto, é preciso, ainda, que haja, de forma criteriosa, com base em estudos, debates e entendimentos, a reorganização das propostas pedagógicas das secretarias de educação e dos projetos pedagógicos das escolas, de modo que assegurem o pleno desenvolvimento das crianças em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, social e cognitivo, tendo em vista alcançar os objetivos do ensino fundamental, sem restringir a aprendizagem das crianças de seis anos de idade à exclusividade da alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental de nove anos, mas sim ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Desse modo, neste documento, procuramos apresentar algumas orientações pedagógicas e possibilidades de trabalho, a partir da reflexão e do estudo de alguns aspectos indispensáveis para subsidiar a prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental, com especial atenção às crianças de seis anos de idade. A seguir, passamos a abordar alguns pontos específicos de cada um dos textos que compõem este documento.

No primeiro texto, exploramos *A infância e sua singularidade*, tendo como eixo de discussão as dimensões do desenvolvimento humano, a cultura e o conhecimento. Consideramos a infância eixo primordial para a compreensão da nova proposta pedagógica necessária aos anos/séries iniciais do ensino fundamental e, consequentemente, para a reestruturação qualitativa dessa etapa de ensino.

Logo em seguida, refletimos sobre a experiência, vivenciada por crianças, de chegar à escola pela primeira vez, o que, sem dúvida, é um acontecimento importante na vida do ser humano. Por isso, elegemos o tema *A infância na escola e na vida: uma relação fundamental* para conversarmos sobre o sentimento de milhares de crianças que adentram, cheias de expectativas, o universo chamado escola. Precisamos cuidar para não as frustrar, pois, por muitos anos, frequentarão esse espaço institucional. Optamos por enfatizar a infância das crianças de seis a dez anos de idade, partindo do pressuposto de que elas trazem muitas histórias, muitos saberes, jeitos singulares de ser e estar no mundo, formas diversas de viver a infância. Estamos convencidos de que são crianças constituídas de culturas diferentes. Então, como as receber sem as assustar com o rótulo de "alunos do ensino fundamental"? De que maneira é possível acolhê-las como crianças que vivem a singular experiência da infância? Como as encantar com outros saberes, considerando que algumas estão diante de sua primeira experiência escolar e outras já trazem boas referências da educação infantil? Essas são algumas das reflexões propostas nesse texto.

Partindo do princípio de que o brincar é da natureza de ser criança, não poderíamos deixar de assegurar um espaço privilegiado para o diálogo sobre tal temática. Hoje, os profissionais da docência estão diante de uma boa oportunidade de revisão da proposta pedagógica e do projeto pedagógico da escola, pois chegaram, para compor essa trajetória de nove anos de ensino e aprendizagens, crianças de seis anos que, por sua vez, vão se encontrar com outras infâncias de sete, oito, nove e dez anos de idade. Se assim entendermos, estaremos convencidos de que este é o momento de recolocarmos no currículo dessa etapa da educação básica *O brincar como um modo de ser e estar no mundo*; o brincar como uma das prioridades de estudo nos espaços de debates pedagógicos, nos programas de formação continuada, nos tempos de planejamento; o brincar como uma expressão legítima e única da infância; o lúdico como um dos princípios para a prática pedagógica; a brincadeira nos tempos e espaços da escola e das salas de aula; a brincadeira como possibilidade para conhecer mais as crianças e as infâncias que constituem os anos/séries iniciais do ensino fundamental de nove anos.

Mais adiante, convidamos cada profissional de educação, responsável pelo desenvolvimento e pela aprendizagem no ensino fundamental, para um debate sobre a importância das *Diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola* por entendermos que, para favorecer a aprendizagem, precisamos dialogar com o ser humano em todas as suas dimensões. Não com um sujeito que entra livre na escola e, de maneira cruel, é limitado em suas potencialidades e reduzido em suas possibilidades de expressão. Para tanto, a escola deve garantir tempos e espaços para o movimento, a dança, a música, a arte, o teatro... Esse ser humano que carrega a leveza da infância ou a inquietude da adolescência precisa vivenciar, sentir, perceber a essência de cada uma das expressões que o tornam ainda mais humano. Portanto, é necessário rever o uso dessas expressões como pretexto para disciplinar o corpo, como, por exemplo, a utilização da música exclusivamente para anunciar a hora do lanche, da saída, de fazer silêncio, de aprender letras, de produzir textos, de ir ao banheiro... Sem permitir que crianças e adolescentes possam sentir a música em suas diferentes manifestações; sem dar a esses estudantes a possibilidade de se tornarem mais sensíveis aos sons dos cantos dos pássaros, à leveza dos sons de uma flauta, felizes ou surpresos diante do acorde alegre ou melancólico de um violão...

Ao apresentarmos, no quinto texto deste documento, a temática *As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento*, objetivamos discutir essas áreas e a relação delas entre si em uma perspectiva de menor fragmentação dos saberes no cotidiano escolar. Estamos diante de uma tarefa complexa que requer atitude de curiosidade científica e de reflexão, de investigação sobre o que sabemos a respeito de cada um dos conteúdos que compõem essas áreas, de inquietude diante de fazeres pedagógicos cristalizados. Neste texto, procuramos explorar, mesmo que de forma mínima, cada uma dessas áreas, na perspectiva de dialogar com o(a) professor(a) sobre as inúmeras possibilidades por elas apresentadas para o desenvolvimento curricular das crianças dos anos/séries inicias do ensino fundamental.

Outro tema de extrema relevância nesse processo de ampliação da duração do ensino obrigatório é a questão da alfabetização nos anos/séries iniciais, por isso procuramos incentivar um debate sobre *Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica*. Assim, optamos por abordar alguns aspectos que devem ser objeto de estudo dos professores: a importância da relação das crianças com o mundo da escrita; a incoerência pedagógica da exclusividade da alfabetização nesse primeiro ano/série do ensino fundamental em detrimento das demais áreas do conhecimento; a importância do investimento na formação de leitores, na criação de bibliotecas e salas de leitura; e a relevância do papel do professor como mediador de leitura. Este é um momento adequado, também, para revermos nossas concepções e práticas de alfabetização. É urgente garantir que os estudantes tenham direito de aprender a ler e a escrever de maneira contextualizada, assim como é essencial buscar assegurar a formação de estudantes que leem, escrevem, interpretam, compreendem e fazem uso social desses saberes e, por isso, têm maiores condições de atuar como cidadãos nos tempos e espaços além da escola.

Organizar o trabalho pedagógico da escola e da sala de aula é tarefa individual e coletiva de professores, coordenadores, orientadores, supervisores, equipes de apoio e diretores. Para tanto, é fundamental que se sensibilizem com as especificidades, as potencialidades, os saberes, os limites, as possibilidades das crianças e adolescentes diante do desafio de uma formação voltada para a cidadania, a autonomia e a liberdade responsável de aprender e transformar a realidade de maneira positiva. A forma como a escola percebe e concebe as necessidades e potencialidades de seus estudantes reflete-se diretamente na organização do trabalho escolar. Por isso, vale ressaltar que, como cada escola está inserida em uma realidade com características específicas, não há um único modo de organizar as escolas e as salas de aula. Mas é necessário que tenhamos eixos norteadores comuns. Portanto, procuramos, neste momento de ampliação do ensino fundamental para nove anos, estar atentos para a necessidade de que aspectos estruturantes da escola precisam ser analisados e reelaborados. Por exemplo: como o projeto pedagógico da escola assegura a flexibilização dos tempos e dos espaços na lógica da diversidade, da pluralidade, da autonomia, da criatividade, dos agrupamentos e reagrupamentos dos estudantes com vistas a uma efetiva aprendizagem em todas as dimensões do currículo? Como a instituição escolar tem pensado a alfabetização e o letramento, ao organizar e planejar tempos e espaços que assegurem aprendizagens para a formação humana?

Com o objetivo de aprofundar o estudo sobre essas e outras questões que permeiam esse tema, elegemos *A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores* um assunto relevante na reestruturação do ensino fundamental.

Compreendemos essa ampliação, também, como uma oportunidade de rever concepções e práticas de avaliação do ensino-aprendizagem, partindo do princípio de que precisamos, na educação brasileira, de uma avaliação inclusiva. Para isso, tornam-se urgentes a revisão e a mudança de determinadas concepções de avaliação que se traduzem e se perpetuam em práticas discriminatórias e redutoras das possibilidades de aprender. Assim, no texto *Avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica como eixo da reflexão*, tratamos da avaliação dando ênfase à escola que assegura aprendizagem de qualidade a todos. Ressaltamos a importância de uma escola que, para avaliar, lança mão da observação, do registro e da reflexão constantes do processo de ensino-aprendizagem porque não se limita a resultados finais traduzidos em notas ou conceitos. Enfatizamos a escola que, para avaliar, elabora outros procedimentos e instrumentos além da prova bimestral e do exercício de verificação porque entende que o ser humano – seja ele criança, adolescente, jovem ou adulto – é singular na forma, na "quantidade" do aprender e em demonstrar suas aprendizagens, por isso precisa de diferentes oportunidades, procedimentos e instrumentos para explicitar seus saberes. É nessa perspectiva de avaliação que reafirmamos um movimento que procura romper com o caráter meramente classificatório e de verificação dos saberes, que busca constituir nos tempos e espaços da escola e da sala de aula uma prática de avaliação ética e democrática.

Ao apresentarmos, no último texto, algumas *Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade*, partimos do princípio de que se faz necessário apresentar, neste momento de ampliação da duração do ensino fundamental, algumas propostas de trabalho cotidiano. Entretanto, nenhuma delas terá significado se o(a) professor(a) não se permitir assumir o seu legítimo lugar de mediador do processo ensino-aprendizagem, se não as recriar. As atividades aqui apresentadas não foram elaboradas como modelos, mas como subsídios ao planejamento da prática. Foram elaboradas, apostando na infinita capacidade criativa do(a) professor(a) de reinventar o já pronto, o já posto.

Tais atividades têm como propósito encorajar o(a) professor(a) na elaboração de tantas outras muito mais ricas e de resultados mais eficientes para a aprendizagem dos estudantes; e foram propositadamente apresentadas para que o(a) professor(a) possa superá-las no estabelecimento de novas referências pedagógicas e metodológicas com vistas a um ensino fundamental de qualidade.

Finalmente, temos convicção de que a tarefa que nós – professores, gestores e demais profissionais da educação – temos em mãos é da mais profunda complexidade. Sabemos, também, que as reflexões e possibilidades apresentadas neste documento não bastam, não abrangem a diversidade da nossa escola em suas necessidades curriculares, mas estamos certos de que tomamos a decisão ética de assegurar a todas as crianças brasileiras de seis anos de idade o direito a uma educação pública que, mais do que garantir acesso, tem o dever de assegurar a permanência e a aprendizagem com qualidade.

Prezado Candidato para visualizar o arquivo na íntegra acesse o endereço eletrônico abaixo: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf

NOVA CONCURSOS

17. MORAIS, ARTUR G. DE. SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA. COLEÇÃO COMO EU ENSINO. SÃO PAULO: MELHORAMENTOS, 2012.

Artur Gomes de Morais, professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), debate em seu novo livro as relações entre os processos de letramento e alfabetização, propondo o ensino sistemático da notação alfabética aliado à vivência cotidiana de práticas de leitura e escrita.

O autor expõe e analisa os métodos, processos e técnicas de alfabetização nas seis últimas décadas e considera que as teorias construtivistas, especialmente a psicogênese da língua escrita, são as que mais amplamente explicam os processos de alfabetização. No entanto, pondera que a compreensão superficial dessa teoria, muitas vezes entendida como uma didática, tem gerado alguns equívocos. O entendimento de que os alunos constroem esse conhecimento de forma natural e espontânea, lendo e produzindo textos, que levou ao abandono do ensino explícito do sistema de escrita alfabética, é um desses equívocos.

Com relação a esse último aspecto, o autor considera, entretanto, fundamental o desenvolvimento da consciência fonológica, entendida como um conjunto de habilidades, e sugere algumas atividades práticas para desenvolvê-la, como jogos e o trabalho com textos poéticos de tradição popular. Reconhecer a necessidade do ensino sistemático da notação alfabética não significa, porém, para Artur Morais, propor a recuperação de antigas metodologias, que consideram a escrita como código, nem defender o uso de textos sem sentido, escolhidos pelas sílabas e letras que as crianças precisam aprender, tampouco se bater pela utilização de métodos fônicos que trabalham a consciência dos fonemas.

Segundo o autor, Emília Ferreiro nega o papel da consciência fonológica como requisito para a criança alcançar a escrita silábica. Morais contesta e analisa as diversas fases descritas por Ferreiro, identificando a presença de análises fonológicas em manifestações de escritas espontâneas, isto é, não convencionais de crianças.

Nos capítulos iniciais, apoiando-se em Magda Soares, Artur Morais defende a necessidade de reinventarmos a alfabetização e, ao longo dos outros capítulos, propõe, como indicamos anteriormente, um ensino em que as crianças reflitam sobre a dimensão sonora e gráfica das palavras, baseadas em sua notação escrita, ao mesmo tempo em que desfrutem e convivam com práticas de leitura e escrita.

Considera a organização dos anos escolares em ciclos inclusiva e respeitadora da diversidade dos educandos, mas, para que ela seja eficaz, o autor defende que é necessário o estabelecimento de metas específicas para cada período escolar. Aborda, por isso, as expectativas de aprendizagem para os três anos do ciclo inicial, destacando, para o primeiro ano, a compreensão da natureza e do funcionamento do sistema alfabético; para o segundo ano, a consolidação do domínio das relações convencionais entre fonema-grafema e, para o final do terceiro, o domínio da norma ortográfica.

A obra não perde de vista as atividades práticas e elenca uma série delas, agrupadas em diferentes categorias, orientando as mediações necessárias para que as aprendizagens se consolidem. Contudo, enfatiza sempre que a construção do sistema de escrita deve estar conjugada com a compreensão e fluência em leitura e produção de textos.

Essa apropriação, assim, depende das oportunidades que as crianças têm de conviver com experiências de leitura e escrita e de desfrutar delas. A diferença entre essas experiências é que distancia as crianças das camadas populares daquelas que vêm de lares letrados. Apoiado em várias pesquisas, salienta a disparidade entre esses grupos presente no início da escolarização e na sua evolução. O tipo de ensino a ser ofertado nas escolas é ressaltado como um fator determinante para superar essa desvantagem.

Fonte: https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/literatura/indicacoes-de-leitura/artigo/536/resenha-sistema-de-escrita-alfabetica

18. OLIVEIRA, R. ZILMA / ABBUD, IEDA / MARANHÃO, DAMARIS. O TRABALHO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2ª ED. 2014 EDITORA: BIRUTA. 2014

Educar e cuidar

Educar

Nas últimas décadas, os debates em nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de Educação Infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar, não mais diferenciando nem hierarquizando os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores.

Cuidar

Contemplar o cuidado na esfera da instituição da Educação Infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas.

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos.

O papel do professor na Educação Infantil

O papel do professor é fundamental, pois o bom andamento das atividades de ensino depende diretamente da ação docente, de como se faz a mediação conhecimento/criança. Compreende-se como importante característica do profissional de Educação Infantil a busca constante por aprender sobre o desenvolvimento da criança, sua forma de ver e sentir o mundo, criando oportunidades para ela manifestar suas ideias, sua linguagem, seus sentimentos, sua criatividade, suas reações, suas relações sociais e sua imaginação.

Na ação pedagógica, deve-se compreender o ato de brincar como estratégia permanente da prática educativa e oferecer aos alunos um ambiente com espaços e materiais organizados que propiciem desafios e diferentes manifestações infantis, potencializando assim sua expressão por meio de diferentes linguagens, movimentos, imaginação, criatividade, emoções, socialização, autonomia, conhecimento de mundo, pensamentos e sentimentos.

Ter uma boa interação, estabelecer um trabalho conjunto com outros profissionais de modo integrado e relacionar o ato de educar e ensinar de maneira responsável, reconhecendo a criança como um ser inteiro, são características que o professor deve cultivar de maneira ética, respeitando os demais profissionais, os alunos e as famílias.

Importante também ser criativo e paciente nas relações, ter disponibilidade para brincar com os alunos, exercitar o olhar e a escuta infantil e reconhecer que a educação, especialmente nesta fase, é um ato de amor, de construção, de exploração de potencialidades, de busca e de descoberta.

O papel do professor é fundamental para a organização do espaço e do tempo necessários para a aprendizagem da criança.

Para que o conhecimento matemático se efetive na Educação Infantil, é necessário que, em toda situação apresentada em sala de aula, o professor teça comentários, formule perguntas, provoque desafios e incentive a verbalização e a representação escrita do aluno. Isso vai permitir que este faça descobertas, exponha e argumente ideias próprias, estabeleça relações, organize o pensamento e localize-se espacialmente.

A afetividade na Educação

Afetividade vem do verbo afetar e mostra como podemos influir positiva ou negativamente no desenvolvimento dos alunos por meio de nosso comportamento em sala de aula e de como ensinamos, ou seja, como lidamos com os conteúdos e como é nossa relação com os alunos.

Segundo especialistas, o desenvolvimento da autoestima por meio do exercício da afetividade é um grande tema transversal e eixo fundamental na proposta pedagógica de qualquer curso. Sabe-se hoje que aprendemos mais e melhor se o fazemos num clima de confiança, de incentivo, de apoio, em meio a relações cordiais e de acolhimento.

A afetividade dinamiza as interações, as trocas, a busca, os resultados positivos. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades.

Por meio da educação, podemos ajudar a desenvolver o potencial de cada aluno, considerando suas possibilidades e limitações. Para isso, precisamos praticar a pedagogia da compreensão e do humanismo, e não a pedagogia da intolerância, da rigidez, do pensamento único, da desvalorização.

A pedagogia da inclusão não deve ser praticada somente com os alunos que estavam fora da escola ou simplesmente "recebê-los", ela deve se constituir em uma verdadeira prática de acolhimento, por meio da qual incluímos os diferentes; os que nunca falam e os que falam demais; os muito quietos e os muito agitados; os mais rápidos e os mais lentos.

Por isso, é importante que alunos e professores desenvolvam autoconfiança, autoestima e respeito por si mesmos e pelos outros. Assim, será mais fácil aprender e comunicar-se com os demais. Sem autoestima, alunos e professores não estarão inteiros, plenos para interagir, e se verão como inimigos, quando deveriam ser parceiros.

A mediação do professor e sua importância no desenvolvimento dos alunos

O que é mediação?

Ser mediador é se posicionar literalmente entre o ensino e a aprendizagem, ou seja, é não dar respostas prontas, e sim estimular a busca de respostas promovendo a reflexão, mostrando os caminhos, compreendendo as dificuldades e o motivo de elas estarem ocorrendo. Dessa maneira, o professor-mediador estará colaborando para a construção da autonomia dos alunos - seja de pensamento seja de ação - ampliando a participação social e dinamizando o desenvolvimento mental deles, de forma a capacitá-los a exercer o papel de cidadão do mundo.

Resultados de uma mediação adequada

• A mediação terá sucesso quando o professor:
• interagir com a criança, e não coagi-la;
• interagir com a criança procurando compreender seu mundo e o modo de ela vivenciá-lo; para isso, é preciso entender o universo dela e o processo que está em andamento;
• considerando o conhecimento de mundo que a criança traz, valorizá-la, estimulá-la e proporcionar-lhe outros conhecimentos e outras leituras;
• estimular a reflexão e a busca de respostas;
• usar o "erro" da criança para buscar o "acerto";
• não ignorar nem desrespeitar as várias formas dialetais utilizadas pelos alunos. Ao contrário, num clima de respeito, desde a Educação Infantil, encorajar todas as crianças a falar, a escrever e a ler como sabem;
• der voz à criança e orientá-la a respeitar a fala dos outros.

A brincadeira infantil: uma ação pedagógica

A brincadeira infantil representa o aprendizado. É uma ação privilegiada no desenvolvimento humano, principalmente na infância, pois é um meio para a elaboração e a reelaboração do conhecimento. Brincar é uma forma de ação cognitiva na qual a criança abstrai, interpreta e entende a realidade, pois simula essa realidade.

Os jogos promovem contextos ricos e desafiadores para o aluno explorar diferentes tipos de situações-problema. Por meio de situações lúdicas, a criança tem a oportunidade de se apropriar de novos conhecimentos, pois pode pensar, levantar hipóteses, confrontar estratégias, discutir, interagir com os colegas, com as situações e os objetos de conhecimento, comparando pontos de vistas diferentes e vivenciando verdadeiras e genuínas situações de comunicação.

O seu papel, nesse processo, é fundamental. Conhecer o jogo, criar e propor, com base nele, situações-problema desafiadoras é uma de suas tarefas, bem como observar as tentativas do aluno durante o jogo, apoiando-o quando surgirem as dificuldades e estimulando-o a desenvolver suas potencialidades. É preciso assegurar a cada participante do jogo o direito de pensar, expressar o pensamento, negociar as ideias e criar outras com base nas discussões realizadas, ou seja, ele dever ter o direito de viver intensamente o jogo de forma prazerosa e enriquecedora.

Fonte: http://www.editoradobrasil.com.br/educacaoinfantil/educacao_infantil/orientacoes_didaticas.aspx

19. OSTETTO, LUCIANA - ENCONTROS E ENCANTAMENTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. EDITORA PAPIRUS. 2000.

Encontros e Encantamentos na Educação Infantil, uma obra que nos remete ao mundo da fantasia, do mágico, sem deixar de lado o comprometimento com a educação das crianças de 0 a 6 anos.

São relatos de experiências de estágio curricular, vivenciadas por alunas da 8a fase do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 1997, e também por crianças, professores, funcionários de creches e pré - escolas públicas de Florianópolis - SC.

Experiências que nos levam a redescobrir, a resignificar o cotidiano da Educação Infantil de uma maneira comprometida e apaixonada.

Capítulo por capítulo, as autoras nos fazem viajar no mundo dos limites e das possibilidades, apresentando histórias de vivências com e entre as crianças, que envolvem faz - de conta, imaginação, tempo, espaço, rotina, constância, planejamento, registro, avaliação... que envolvem a construção do grupo... das identidades o "eu" e o "outro"... nosso pulsar... nossa vida!

O primeiro capítulo deste livro: "Andando por creches e pré - escolas públicas: construindo uma proposta de estágio", traz uma síntese da proposta de estágio, que vem sendo construída no curso de Pedagogia – habilitação em Educação Infantil, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Esta proposta consiste na atuação em creches e pré - escolas públicas, por meio de projetos de estágio que propiciem espaços para a reflexão do grupo (toda a instituição), sobre o fazer pedagógico na Educação Infantil.

"O trabalho pedagógico na creche: entre limites e possibilidades", segundo capítulo, mostra-nos um pouco da proposta de estágio, fazendo-nos adentrar no cotidiano da creche (caracterizando seus limites e possibilidades), e também no desafio de trabalhar com bebês, bem como o início do encaminhamento dos estágios por meio de projetos. O terceiro capítulo, com o título "Espaço que dê Espaço", outra experiência com bebês, ressalta a importância da organização do espaço para o trabalho com crianças pequenas e sua relação com a intenção do educador e, até mesmo, com a concepção de infância que permeia o trabalho pedagógico na creche.

Uma aventura: "O mapa do tesouro: ultrapassando obstáculos e seguindo pistas no cotidiano da Educação Infantil", o quarto capítulo, enfatiza a importância do registro diário, que não vai apenas relatar fatos, mas mostrar vida, movimento do grupo, reflexões para poder planejar e avaliar. Registro que mostra barreiras, obstáculos, mas que também dá pistas para o aventurar-se.

Além da reflexão sobre o registro, este capítulo ainda resgata a importância de contar histórias para as crianças de 0 a 6 anos de idade.

"Por encanto, contando contos... histórias de um projeto de trabalho", é o quinto capítulo, prioriza a fantasia e o suspense, o contar histórias, alegrar-se e aventurar-se com as histórias e o faz-de-conta no cotidiano da Educação Infantil.

"Alevanta, boi dourado, alevanta devagar...": meninos e meninas brincando com o boi-de-mamão, fazendo-se grupo" é o sexto capítulo e nos mostra com crianças de um ano e meio a dois anos e meio a experiência de construir, cantar e encantar o espaço e as personagens do boi - de - mamão, experiência rica de alegria, festa e entusiasmo... como a própria apresentação do boi - de - mamão.

No sétimo capítulo estamos "Entre fadas, jacarés e pintores: A história de construção de um grupo", que de forma mágica nos apresenta um espetáculo no qual, cada ato nos faz refletir sobre o grupo, a roda, a rotina... a mágica, a fantasia, o sonho, a alegria... a imaginação, a criação... as crianças, personagens principais deste capítulo. Era uma vez crianças de 3 anos e meio a 4 anos e meio, que estavam envolvidas com cobras, bruxas, castelos, castelo Rá - Tim - Bum, boi - de - mamão, ... boi - de - mamão? O que o boi - de - mamão tem haver com castelo? É no capítulo oito, "Era uma vez ... crianças, cobras, bruxas e histórias de encantamento", percebemos como o inventar, fantasiar, imaginar podem gerar mil formar de encenar. Autores, personagens, cenários... Reis, rainhas... eles estão nas histórias que lemos e que fazemos, e no capítulo 9 - "Ouvindo e fazendo histórias" - as crianças de 4 anos e meio a 5 anos e meio formam seu grupo, na roda, mesmo com reis e rainhas, dividem seus medos e viajam nas histórias, mostrando que para elas a história não tem fim, ela se renova a cada instante.

"Planejamento na educação Infantil: mais que atividade, a criança em foco", é o décimo capítulo que nos leva a pensar que toda essa alegria, todo esse encantamento não é fruto apenas de sonho, é algo possível, realizável, mas que para isso é necessário querer... ousar... errar... arriscar... experimentar... tentar... observar... sonhar... registrar... ima-

ginar... avaliar... encantar... planejar... pesquisar... planejar... planejar... um plano que seja mais que mera burocracia, um plano que acima de tudo tenha a criança como foco de todas as atitudes do educador.

Este livro nos propõe um desafio, o de ser educadores e educadoras na Educação Infantil assumindo o risco de acerta, errar, registrar, avaliar e ser avaliado, transformar e ser transformado, em fim o desafio de viver plena e absolutamente os encantos da Educação Infantil.

**20. SANCHO GIL, J. M.; HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, F. (ORG.). PROFESSORES NA INCERTEZA: APRENDER A DOCÊNCIA NO MUNDO ATUAL.
PORTO ALEGRE: PENSO, 2016.**

O conhecimento disponível sobre a formação do professorado nos leva a ser cauteloso na hora de abordar esta temática. As propostas, os estudos e as experiências abundam, entretanto trata-se de uma problemática que parece estar longe de esgotar-se. Existe um amplo acordo em torno à necessidade de que o professorado tenha acesso a processos formativos que lhe permita renovar sua prática docente y, dessa forma, contribuir para a melhoria dos processos e resultados da aprendizagem do alunado. A partir desse reconhecimento, neste artigo discutimos duas questões que não são, comumente, abordadas de forma explícita em relação com a formação do professorado. Em primeiro lugar argumentamos que na equação que relaciona a formação do professorado com a melhoria da aprendizagem do alunado, normalmente, não consideram um fator importante: as condições em que se dão as situações de ensino e aprendizagem. Umas condições que vêm configuradas pela interação de elementos tão complexos e díspares como a articulação do sistema educativo, a organização do tempo e o espaço escolar e a situação de trabalho dos docentes. Em segundo lugar, estabelecemos que um sistema de formação há de ser coerente e não pode estar desligado de um conjunto de temas tais como: a explicitação da missão e da função da escola, o conteúdo e a articulação do currículo, a visão de cada disciplina, se o currículo é disciplinar, a representação que se tem sobre o papel do professorado, as interpretações sobre as carências da sociedade atual e do próprio alunado e o projeto de melhoria da educação ao qual se vincule. Nosso ponto de vista é que, a partir da posição de que um projeto de formação enfrente esses temas, e de sua capacidade para conectar com a necessidade de aprendizagem do professorado (o que supõe uma disposição para a mudança e a melhoria) é possível -e necessário -estabelecer uma proposta de formação desde a complexidade e não desde o reducionismo ef icient ista e gerencialista.

Fonte: http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2824

21. SAVIANI, DEMERVAL. PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES. 11.ED.REV. — CAMPINAS, SP: AUTORES ASSOCIADOS, 2011.

PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Celso Sidinei Balzan1

O livro *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações* foi publicado em 1991 pelo professor Dermeval Saviani. Nesta obra, o autor reúne textos escritos durante a década de 1980 (resultantes de conferências, seminários, debates) com o objetivo de oportunizar aos educadores brasileiros uma sistematização inicial de seu pensamento pedagógico, principalmente no que se refere à concepção educacional da pedagogia histórico-crítica.

A obra foi organizada em seis (6) capítulos. Após tratar na introdução, sobre *Escola e saber objetivo na perspectiva histórico-crítica*, Saviani discorre *Sobre a natureza e especificidade da educação* (capítulo 1); *Competência política e compromisso técnico (o pomo da discórdia e o fruto proibido)* (capítulo 2); *A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da educação brasileira* (capítulo 3); *A pedagogia histórico-crítica e a educação escolar* (capítulo 4); *A materialidade da ação pedagógica e os desafios da pedagogia histórico-crítica* (capítulo 5); *Contextualização histórica e teórica da pedagogia histórico-crítica* (capítulo 6).

Na realidade, na introdução, o autor procura estabelecer unidade, articulação e coesão dos textos reunidos neste livro, destacando que a pedagogia histórico-crítica possui como característica principal a questão do saber objetivo, pois a especificidade da escola reside em socializar os conhecimentos mais elaborados produzidos historicamente.

Apesar de advertir os leitores (na apresentação) de que esta tendência pedagógica está em processo de elaboração coletiva e que suas bases pedagógicas também estão sendo desenvolvidas, a partir da análise do modo de produção, observando ainda que o subtítulo do livro indica a ideia de que a proposta não está *acabada, completa e definitiva*, o conjunto da obra permite ao leitor uma aproximação de seus principais pressupostos e fundamentos pedagógicos e também sobre os principais desafios que encontra.

A contextualização histórica e teórica que o professor Dermeval faz, seja em relação ao quadro as tendências críticas da educação, ao se referir à materialidade da ação pedagógica, discutir a natureza e especificidade da educação ou situar a pedagogia histórico-crítica na conjuntura política e educacional brasileira, possibilita ao leitor compreender o porquê da proposição desta teoria pedagógica.

Segundo o autor, a prática educativa das escolas públicas brasileiras necessitava, naquela ocasião, de uma proposta teórica que permitisse vislumbrar a superação de um ensino caracterizado pela reprodução ideológica dos princípios burgueses, cujo debate era central, no interior do pensamento de esquerda.

Para a pedagogia histórico-crítica, *o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens* (SAVIANI, 2005, p. 13). Se orientada por essa perspectiva, a escola realizaria a mediação de um projeto social que prima pela humanização de cada indivíduo através do processo de transmissão-assimilação da cultura. Na socialização do saber elaborado, sistematizado, erudito, reside a especificidade e a razão de existir a educação escolar.

Para tanto, o autor preconiza que tudo aquilo que descaracteriza o trabalho escolar deve ceder lugar ao que é essencial; o que é secundário, ao principal. Segundo Saviani, para que isso ocorra, é preciso superar a organização burguesa da escola pública para corresponder aos interesses e necessidades educacionais da classe proletária, o que será possível se articular esses interesses em torno de uma "concepção histórico-proletária de cultura", apesar de todos os desafios e obstáculos que a atual organização produtiva impõe a essa tarefa.

No entanto, o autor não nega o conhecimento burguês elaborado a partir da organização produtiva capitalista, ao contrário, defende a apropriação dos conhecimentos clássicos, cujo acesso geralmente é negado à classe proletária. A apropriação da cultura produzida e acumulada ao longo da história é uma condição para a produção de novos conhecimentos e de uma nova sociedade articulada às necessidades existenciais dos trabalhadores. A socialização do saber objetivo consiste no ponto de partida da ação pedagógica escolar, permitindo tanto a apropriação da cultura universal como o entendimento das condições em que foi produzida. Assim, ao longo do processo de escolarização, os alunos terão possibilidade de compreender a atual organização social e condições teóricas para atuar na construção de uma nova sociedade.

A proposição da pedagogia histórico-crítica é uma resposta aos limites das teorias crítico-reprodutivistas circunscritos à explicitação dos mecanismos de dominação burguesa, presentes também na escola pública, sob a inculcação ideológica e reprodução das relações de produção capitalistas, bem como pela violência simbólica. Os autores crítico-reprodutivistas, ao desvendarem a função principal da escola como instituição a serviço da burguesia, não vislumbraram saídas, alternativas e propostas práticas para a educação sob a égide do capitalismo.

No entanto, a utilização das categorias de contradição, historicidade e classe social para a compreensão educação escolar, decorrentes da concepção dialética marxista, permitiram a Saviani vislumbrar uma alternativa pedagógica articulada aos interesses da classe trabalhadora, que embora sabendo-se determinada pela organização produtiva, permitisse a professores e alunos agir positivamente sobre os elementos determinantes da instituição escolar, através da socialização e apropriação do saber sistematizado.

Dessa percepção, decorrem os principais pressupostos teóricos e práticos que constituem a pedagogia histórico-crítica entre os quais, a relevância para a finalidade da ação pedagógica, a qual indica que conteúdos, métodos, ações, processos são mais adequados e necessários para alcançá-la. Para a pedagogia histórico-crítica, a finalidade principal da escola é possibilitar a humanização dos alunos através da socialização e apropriação do saber metódico. A consecução dessa intenção passa necessariamente pela seleção e organização sistemática dos conteúdos relevantes produzidos ao longo da história que precisam ser apropriados pelas gerações para que adquiram a natureza social humana decorrente das realizações humanas em vista da produção de sua existência através do trabalho.

Concomitante a essa tarefa, como já dissemos, a escola também permite a compreensão da organização social como resultado da ação humana sobre a natureza e, portanto, como produto da história. Disso decorre que, no ponto de chegada do processo pedagógico, pessoas humanizadas, ou seja, dotadas de características e funções tipicamente humanas e de posse dos conhecimentos científicos, podem atuar na construção de uma nova sociedade, diferente desta, marcada por injustiça, desigualdade, dominação e exclusão.

Como a pedagogia histórico-crítica procura "compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo" (SAVIANI, 2005, p. 88), apresenta uma proposta pedagógica que corresponde aos interesses daqueles que lutam pela transformação da sociedade, pois, a determinação que a escola recebe não é absoluta; há um espaço de ação, embora tênue, em que a educação pode interferir sobre as pessoas e a sociedade, contribuindo para a transformação. Como na sociedade capitalista a escola é a instituição social responsável pela educação das novas gerações, o trabalho pedagógico realizado nesta instituição, pode implicar na luta pela superação da atual organização social.

Nesta obra, Saviani trata dos desafios que a pedagogia histórico-crítica encontra para ser efetivada a partir do estudo sobre a materialidade da ação pedagógica, a qual condiciona o seu desenvolvimento, uma vez que a prática é o critério de verdade da teoria e que, se a prática não avançar, a teoria não tem condições de responder aos problemas ainda não tratados teoricamente ou que necessitam novas formulações.

Além desse desafio, o autor trata também sobre três (3) grandes desafios que a educação brasileira precisa enfrentar, a saber: ausência de um sistema educacional, a organização do sistema e das escolas e a descontinuidade das políticas educacionais. Segundo ele, se esses problemas gerais não forem enfrentados, é praticamente impossível qualquer avanço no campo da prática pedagógica. No entanto, propõe aos educadores mobilização e luta como meio para pressionar os governos e exigir avanços nessas questões.

Ao tratar sobre o método de ensino, a obra corresponde ao desejo dos educadores que também almejavam novas alternativas que possibilitassem a articulação da escola aos interesses dos trabalhadores e que, naquela ocasião, não vislumbravam como proceder em sala de aula. O método de ensino proposto pela pedagogia histórico-crítica, extraído do método da economia política proposto por Marx em "Contribuição à crítica da economia política", prevê o movimento do conhecimento que permite a "passa-

gem do empírico ao concreto, pela mediação do abstrato. Ou da síncrese à síntese, pela mediação da análise" (SAVIANI, 2005, p. 142).

Esse método pedagógico prevê um movimento que perpassa por cinco passos, embora não de forma estática e linear, possibilitando a passagem do ponto de partida ao ponto de chegada através de três momentos: problematização, instrumentalização e catarse. A atividade docente é fundamental, pois objetiva realizar e conduzir a mediação pedagógica que possibilita a apropriação dos conhecimentos significativos produzidos ao longo da história, indispensáveis tanto para a compreensão da realidade humana quanto para humanização dos indivíduos, condição para a luta pela superação do capitalismo, o que se utiliza da escola, tanto para impedir o acesso aos conhecimentos científicos quanto para obstaculizar o desenvolvimento das capacidades tipicamente humanas, objetivando sua perpetuação como modo de produção.

22. SOARES, MAGDA. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO. 6 ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2013.

1. CREDENCIAIS DA AUTORA

Magda soares é doutora e livre-docente em educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua também como professora emérita da Faculdade de Educação dessa Universidade, além disso, é autora de diversos livros sobre o ensino de português e de coleções didáticas para o Ensino Fundamental.

O livro Alfabetização e Letramento de Magda Soares, publicado em 2003 pela editora Contexto, propõe releituras de artigos sobre temas de alfabetização e letramento publicados ao longo de um período de treze (13) anos ? 1985 a 1998 em diversos periódicos. O neologismo releituras, segundo a autora, pretende sugerir não leituras repetidas desses artigos já anteriormente publicados, mas leituras renovadas tanto para quem os escreveu como para os leitores que os lêem ou relêem com olhos do presente.

A obra é dividida em três partes. Na primeira parte, Magda apresenta artigos em que discute concepções de alfabetização e letramento por meio da apresentação do conceito de alfabetização sob diferentes perspectivas teóricas, procedendo uma análise da natureza e dos condicionantes desse processo, da relação de causa e consequência com a formação cidadã, bem como apontando a necessidade de que esse conceito, em virtude da sua complexidade, precisa ser abordado e compreendido numa perspectiva multidisciplinar.

A segunda parte do livro reúne textos voltados para uma reflexão sobre práticas escolares de alfabetização e letramento, desvelando a função politicamente distorcida dos programas de acesso à leitura e à escrita. Questiona ainda, o a separação entre o processo de alfabetização e o de conquista da cidadania e, por fim, explicita o abismo entre o discurso oficial da escola e o das crianças pertencentes à camadas populares, denunciando, por meio de textos baseados em estudos e pesquisas do desenvolvimento de habilidades textuais em crianças de diferentes classes sociais, o processo de aprendizagem de uma escrita que nega o direito de usá-la para dizer sua própria palavra.

A terceira parte da obra composta de apenas um artigo faz a articulação e a integração das duas partes anteriores ? concepção e prática de letramento ? aportando-se em uma reflexão sobre a proposta que mais plenamente realizou essa integração e provou essa indissociabilidade: a teoria pedagógica de Paulo Freire, relembrando e reafirmando o significado da contribuição do educador à educação e à alfabetização.

Apesar de o critério de seleção dos textos da coletânea considerar a pertinência que as reflexões apresentam, um paratexto foi alocado ao lado de cada texto, contendo comentários que revelam a releitura que a autora faz dele na atualidade, propondo ao leitor uma nota introdutória que informa quando e onde foi publicado originalmente o texto, esclarece suas condições de produção, aponta suas relações com outros textos da coletânea, sugerindo uma leitura intertextual. Além disso, são introduzidos em quadros à margem dos artigos pequenos textos, como links, comentários da autora contextualizando fatos, indicando referências bibliográficas e explicitando a atualidade do problema ou situação ali apresentada.

Tais recursos, aliados à estruturação da obra que se realiza pela reunião de artigos breves dispersos no tempo e espaço ? artigos publicados em diversos periódicos ?, favorece uma leitura dinâmica, corrobora para a ampla compreensão de conceitos, fatos e menções abordados ao longo dos textos, bem como nos remete à necessidade de se repensar temas que a princípio apresentam-se com plenamente compreendidos e consolidados, verifica-se que no contexto atual ainda são merecedoras de debates e confrontos.

Por fim, em virtude da organização dos textos da obra e da temática neles abordada, o livro é indicado para todos os educadores e educadoras que se interessam ou possui interesses afins à temática relacionada ao processo de apreensão da linguagem escrita. São textos de fácil compreensão que permite uma leitura dinâmica e interativa.

Fonte: http://www.webartigos.com/artigos/resenha--critica-do-livro-alfabetizacao-e-letramento-de-magda--soares/41451/

23. SOARES, MAGDA. ALFABETIZAÇÃO: A QUESTÃO DOS MÉTODOS. 1 ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2017.

O **letramento** e a **alfabetização** são direitos de crianças, jovens e adultos de todas as idades e condições fundamentais para uma sociedade verdadeiramente democrática. No entanto, os problemas em torno da aprendizagem da língua escrita e as controvérsias em torno dos métodos de **alfabetização** apontam a necessidade de reflexão. Qual é o melhor momento de iniciar a **alfabetização** das crianças? E quais são os métodos mais eficazes para isso? Há décadas questões como essas motivam pesquisas e discussões teóricas que implicam o ensino da língua escrita.

É essa a reflexão desenvolvida por Magda Soares em seu novo livro. Além de décadas de pesquisa, a professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autora de vários livros sobre o tema apresenta o problema em uma perspectiva histórica, discutindo os principais métodos utilizados em cada contexto. A pesquisadora, que faz questão de se manter próxima da sala de aula, destaca a importância de os alfabetizadores conhecerem os caminhos que a criança trilha para compreender o sistema de escrita. Só com essa atitude respeitosa e curiosa em relação ao aprendiz e à aprendizagem é possível alfabetizar com método, nos mostra a autora.

Fonte: http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-dica-letrada/1059/alfabetizacao-a-questao--dos-metodos.html

24. VYGOTSKY, L.S. A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE. SÃO PAULO, MARTINS FONTES, 2007.

A formação social da mente

Para a formação social da mente, Vygotsky (2007) caracteriza os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elabora hipóteses de como essas características se desenvolvem durante a vida do indivíduo. Para isso ele enfatiza três aspectos:

• Relação entre seres humanos e o seu ambiente físico e social.

• Novas formas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamentos entre o homem e a natureza e as consequências psicológicas dessas formas de atividade.

• A natureza das relações entre o uso de instrumento e desenvolvimento da linguagem.

Ao observar o desenvolvimento infantil iniciou-se uma comparação, à botânica, associada à maturação do organismo como um todo. Como maturação por si só, é um fator secundário e não explica o desenvolvimento de formas mais complexas do comportamento humano, a psicologia moderna passou a estudar a criança a partir dos modelos zoológicos, isto é, da experimentação animal.

Para o autor, o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática estão juntas.

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: à forma especificamente humana do uso de instrumento.

Experiências feitas por Vygotsky concluíram que a fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. Sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão. Conclui-se também que quanto mais complexa a ação exigida, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo.

Essas observações levaram Vygotsky a concluir que as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos.

A criança quando se confronta com um problema, apresenta ótima variedade complexa de respostas que incluem tentativas diretas de atingir o objetivo, uso de instrumentos, fala dirigidas as pessoas ou que simplesmente acompanha a ação e apelos verbais direto ao objeto de atenção. Para o desenvolvimento da criança principalmente na primeira infância, o que se reveste de importância primordial são as interações com os adultos. Nessa interação o papel essencial corresponde aos diferentes sistemas semióticos seguida de uma função individual: começam a ser utilizado como instrumentos de organização e de controle do comportamento individual.

Com relação à interação entre aprendizado e ensino – O aprendizado é considerado um processo externo, simplesmente se utilizará dos avanços do desenvolvimento ao invés de fornecer um impulso para modificar seu curso.

O aprendizado não altera nossa capacidade de focalizar a atenção, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas. Numa abordagem sobre a zona de desenvolvimento proximal, o ponto de partida da discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes delas irem a escola.

No entanto o autor define que a zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independe de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto. O brinquedo tem um papel marcante para desenvolvimento, para a criança ele não é uma atividade pura e de simples de prazer. Em idade pré--escolar ela envolve-se num mundo ilusório para resolver suas questões e considera essencial e reconhece a enorme

influência do brinquedo no desenvolvimento da criança. Sendo assim o brinquedo não é o aspecto predominante da infância, mas um fator importante no seu desenvolvimento, que demonstra o significado da mudança que ocorre no desenvolvimento do próprio brinquedo, de uma predominância de situações imaginárias para as predominâncias de regras e mostra as transformações internas das crianças que surgem em consequência do brinquedo.

(Texto disponível em: http://lidialindislay.blogspot.com.br/2010/03/resumo-de-livros-vygotsky-lev-formacao.html)

25. WEISZ, TELMA. O DIÁLOGO ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM. SÃO PAULO, ÁTICA, 2000.

Weisz cursou o Normal no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro, possivelmente influenciada pela professora de seu curso primário de quem gostava muito. Ao longo do curso, estando envolvida com outros interesses (artes plásticas) quis sair, mas seus pais a convenceram a continuar. Fez, então, o Instituto de Belas Artes (atual escola de Artes Visuais do Parque Lage). Em 1962, quando cursava o seu último ano do Curso Normal, constatou que a repetência fabricada pelas escolas tinha ultrapassado os limites, pelo fato de não haver, em consequência, vagas para alunos novos na 1a. série. O governador, então, tomou três providencias: aprovou as crianças por decreto - tendo ido todo mundo para a 2a. série, sabendo ou não ler; montou escolas de madeira, com telhado de zinco, e convocou todas as normalistas do último ano do curso para dar aulas.

A partir daí, ela foi dar aula, para um grupo de crianças que tinham entre 11 e 12 anos e, que depois de terem repetido várias vezes a 1ª série, tinham passado para a 2ª em função do decreto do governador. Eram 45 alunos, sendo que apenas 3 não eram negros. Não eram todos analfabetos, porém não se podia considerá-los alfabetizados. Apesar de empregar as técnicas de ensino, sentia-se como preenchendo o tempo de aula. Não conseguia avaliar os resultados do trabalho, nem o que deveria esperar das propostas que colocava em prática, sentindo-se confusa e impotente. Situações da sala revelavam o abismo existente entre o desempenho de seus alunos na escola e o que a vida fora da escola exigia deles.

Nesse sentido, tinha a sensação de que a escola parecia uma armadilha montada para que esses meninos não pudessem se sair bem, e também, a convicção de que esse tipo de situação tinha um papel político muito importante que devia ser enfrentado durante toda a sua vida profissional. Ficava impressionada quando conversava com algumas mães e essas achavam natural que seus filhos não tivessem sucesso na escola. Diziam que ela poderia 'bater neles' para ver se estudavam. Esse foi seu batismo de fogo que fez com que se afastasse por 12 anos da educação. A sensação mais profunda que ficou dessa experiência foi a de ignorância. Ficou claro, para ela, que as informações e ideias que circulavam na educação não davam conta do problema do ensino. O professor era um cego.

Para ela, o professor continua chegando hoje à escola com as mesmas insuficiências com a qual ela chegou em 1962, sendo que a diferença, hoje, está na possibilidade que o professor tem de, se quiser, tentar resolver essa situação. Hoje, os professores têm à sua disposição um corpo de conhecimentos que, se não dá conta de tudo, pelo menos ilumina os processos através dos quais as crianças conseguem ou não aprender certos conteúdos. O entendimento que se tem do professor hoje é o de alguém com condições de ser sujeito de sua ação profissional. Ao final de 1962, e durante os 12 anos seguintes trabalhou em áreas completamente diferentes, e como nenhuma outra atividade dava sentido à sua vida profissional, acabou voltando para a educação. Seu compromisso é com essas crianças - que são maioria nas escolas públicas - para que superem o fracasso e tenham sucesso na escola. Apesar de ser considerada especialista em alfabetização, sua questão é a aprendizagem, em especial, a aprendizagem escolar.

Capítulo 2 - Um novo olhar sobre a aprendizagem.

Apesar de ter iniciado sua docência em 1962, e de ter na época um certo conhecimento significativo quanto ao fato da criança conseguir escrever, mesmo que não ortograficamente, ela não tinha um conhecimento científico acumulado que lhe permitisse superar um ponto de vista "adultocêntrico", ou seja, a forma como se concebe a aprendizagem das crianças a partir da própria perspectiva do adulto que já domina o conteúdo que quer ensinar. A partir dessa perspectiva, não é possível compreender o ponto de vista do aprendiz, pois não se 'enxerga' o objeto de seu conhecimento com os olhos de quem ainda não sabe. A partir dessa perspectiva, o professor (do lugar de quem já sabe) define, a priori, o que é mais fácil e o que é mais difícil para os alunos e quais os caminhos que eles devem percorrer para realizar as atividades desejadas. Tal concepção, por parte do professor, gera um tipo de procedimento pedagógico que dificulta o processo de aprendizagem para uma parte das crianças, principalmente, aquelas que mais necessitam da ajuda da escola, por ter menos conhecimento construído sobre os conteúdos escolares.

Assim, a adoção de uma postura adultocêntrica não é uma decisão voluntária dos professores, uma vez que, o conhecimento científico que trazem consigo, não lhes permite enxergar e acolher uma outra concepção de aprendizagem relacionada à perspectiva do aprendiz. A metodologia embutida nas cartilhas de alfabetização contribui para o fracasso escolar. A chamada Psicogênese da Língua Escrita, resultado das pesquisas realizadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1970), sobre o que pensam as crianças quanto ao sistema alfabético de escrita, evidencia os problemas que a metodologia embutida nas cartilhas (que faz uso do método da análise-síntese ou da palavra geradora) traz para as crianças.

Por meio das pesquisas das autoras acima mencionadas, em uma sociedade letrada, as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita desde muito cedo, a partir do que observam na interação com o seu meio físico e social e das reflexões que fazem a esse respeito. As pesquisas evidenciaram que quando as crianças ainda não se alfabetizaram, buscam uma lógica que explique o que não compreendem, elaborando hipóteses muito interessantes sobre o funcionamento da escrita. Esses estudos permitiram compreender que a metodologia das cartilhas pode fazer sentido para crianças convencidas de que para escrever uma determinada palavra, bastar uma letra para cada sílaba oral emitida (hipótese silábica), mas para aquelas que ainda cultivam ideias muito mais simples a respeito da escrita, ou seja, que ainda não estabeleceram relação entre a escrita e a fala (pré-silábica), o esforço de demonstrar que uma sílaba, geralmente, se escreve com mais de uma letra não faz nenhum sentido. São essas as crianças que não conseguem aprender com a cartilha e que ficam repetindo a 1ª série várias vezes, chegando a desistir da escola.

As crianças constroem hipóteses sobre a escrita e seus usos a partir da participação em situações nas quais os textos têm uma função social de fato. Frequentemente as crianças mais pobres são as que têm hipóteses mais simples, pois vivem poucas situações desse tipo. Para elas a oportunidade de pensar e construir ideias sobre a escrita é menor do que para as crianças que vivem em famílias típicas de classe média ou alta, nas quais ouvem a leitura de bons textos, ganham livros e gibis, observam os adultos manusearem jornais para buscar informações, recebem correspondências, fazem anotações, etc. Isso não quer dizer, que as crianças pobres não tenham acesso à escrita ou não façam reflexões sobre seu funcionamento fora da escola, mas habitualmente tais práticas não fazem parte do cotidiano do seu grupo social de origem e isso faz com que o início de sua escolarização se dê em condições menos favoráveis do que para aquelas crianças que participam de práticas sociais letradas desde pequenas.

Assim, independente do fato de que as crianças venham de uma família pobre ou não, o que importe realmente é a ação pedagógica do professor, e esta dependerá da sua concepção de aprendizagem (todo o ensino se apoia numa concepção de aprendizagem). É possível enxergar o que o aluno já sabe a partir do que ele produz e pensar no que fazer para que aprenda mais. Nas últimas décadas muitas pesquisas pontuam uma concepção de aprendizagem que é resultado da ação do aprendiz. Dessa forma, a função do professor é criar condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam a atividade mental, ou seja, o exercício intelectual.

Quando o professor entende que o aprendiz sempre sabe alguma coisa e pode usar esse conhecimento para continuar aprendendo ele pode identificar que informação é necessária para que o conhecimento do aluno avance. Essa percepção permite ao professor compreender que a intuição não é mais suficiente para guiar a sua prática e que ele precisa de um conhecimento que é produzido no território da ciência. É preciso considerar o conhecimento prévio do aprendiz e as contradições que ele enfrenta no processo. Em uma concepção de aprendizagem construtivista, o conhecimento é visto como produto da ação e reflexão do aprendiz. Esse aprendiz é compreendido como alguém que sabe algumas coisas e que, diante de novas informações que têm para ele sentido, realiza um esforço para assimilá-la, assim frente a um problema (conflito cognitivo) o aprendiz tem a necessidade de superá-lo.

O novo conhecimento aparece como aprofundamento do conhecimento anterior que ele já detém. É inerente à própria concepção de aprendizagem que o aprendiz busque o conhecimento prévio que ele possui sobre qualquer conteúdo. Através dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e demais colaboradores, sabemos que a criança representa a escrita de diferentes modos, como a expressão de um conhecimento sobre a escrita que precede a compreensão real do funcionamento do sistema alfabético. No caso da aprendizagem da escrita, o meio social coloca para as crianças uma série de contradições e de conflitos que a forçam a buscar soluções, superar as hipóteses inadequadas quanto ao sistema de escrita, através da construção de novas teorias explicativas. Nesses momentos, a atuação do professor é fundamental, pois a conquista de novos patamares de compreensão pelo aluno é algo que depende também das propostas didáticas e da intervenção que ele fizer.

Essas teorias explicativas são formas de interpretação não necessariamente conscientes, mas que orientam a ação de quem está aprendendo. Tais teorias são modificadas no embate com a realidade com a qual o aluno se depara a todo instante e especialmente quando o professor cria contextos adequados para que isso aconteça. Para aprender, a criança passa por um processo que não tem a lógica do conhecimento final, como é visto pelos adultos. Do ponto de vista do referencial construtivista, nenhum conceito nasce com o sujeito ou é incorporado de fora, mas precisa ser construído através da interação do sujeito com o meio (físico, social, cultural); nesse processo de construção, as expressões do aprendiz não têm a lógica do conhecimento final, concebido pelo adulto. As pesquisas realizadas pelo psicólogo Jean Piaget quanto à conservação de quantidades (massa/ fichas), demonstram que para crianças com idade de 5/7 anos, o fato de oito fichas apresentarem-se juntas e oito fichas apresentarem-se espalhadas apresentam quantidades diferentes, simplesmente pela disposição / configuração dessas fichas (pensamento pré-operatório/ perceptivo/ irreversível).

Começa com Piaget, a construção de um novo olhar sobre a aprendizagem.

Piaget desenvolveu uma teoria do conhecimento (Epistemologia e Psicologia Genética) que explica como se avança de um conhecimento menos elaborado para um conhecimento mais elaborado, ressaltando que o conhecimento é resultado da interação do sujeito com o meio externo, que é um processo no qual o sujeito participa ativamente, modificando o meio no qual está inserido e sendo, também, modificado por esse mesmo meio. Foram os estudos de Piaget que abriram a possibilidade de se estudar a construção de conhecimentos específicos, como o fez Emília Ferreiro que mostrou que era possível pensar o

construtivismo - o modelo geral de construção do conhecimento, tal como formulado por Piaget e colaboradores da Escola de Genebra - como a moldura de uma investigação sobre a aquisição de um conhecimento particular, no caso de Emília Ferreiro, o da leitura e escrita.

A Psicogênese da Língua Escrita é um modelo psicológico de aprendizagem específico da escrita que serve de informação ao educador, porém a maneira como essas informações são usadas na ação educativa pode variar muito porque nenhuma pedagogia responde apenas a um modelo psicológico. O modelo geral no qual se apoia a Psicogênese da Língua Escrita é de que há um processo de aquisição no qual a criança vai construindo hipóteses sobre a escrita, testando-as, descartando umas e reconstruindo outras. Durante a alfabetização, aprende-se mais do que escrever alfabeticamente. Aprendem-se, pelo uso, as funções da escrita, as características discursivas dos textos escritos, os gêneros utilizados para escrever e muito outros conteúdos.

O modelo de ensino atualmente relacionado ao construtivismo chama-se aprendizagem pela resolução de problemas (situações-problema). Aprender a aprender é algo possível apenas a quem já aprendeu muita coisa. Para aprender a aprender, o aprendiz precisa dominar conhecimentos de diferentes naturezas, como as linguagens, por exemplo. Nesse processo, a flexibilidade e a capacidade de se lançar com autonomia nos desafios da construção do conhecimento são extremamente importantes, pois há todo um saber necessário para poder aprender a aprender; e isso só é possível para quem aprendeu muito sobre muita coisa. Deste modo, é desejável que o aprendiz saiba buscar informações através do computador, porém é fundamental desenvolver a capacidade de estabelecer relações inteligentes entre os dados, as informações e os conhecimentos já construídos.

Nesse sentido, para ser capaz de aprender permanentemente, a bagagem básica necessária atualmente é acadêmico-cultural, em que se articulam conhecimentos de origem tradicionalmente escolar e aqueles relacionados aos movimentos culturais da sociedade (formação geral). Assim, a escola tem uma tripla função:

1. levar o aluno a aprender a aprender;
2. dar-lhe os fundamentos acadêmicos e;
3. equalizar as enormes diferenças no repertório de conhecimentos dos aprendizes.

É praticamente impossível a escola realizar sozinha essa terceira função, mas sua contribuição é essencial, pois é preciso pensar como agir para democratizar o acesso à informação e às possibilidades e construção de conhecimento.

Capítulo 3 - O que sabe uma criança que parece não saber nada

Saber o que o aluno sabe e o que ele não sabe para poder atuar é uma questão complexa. Esse saber não está relacionado ao conteúdo a ser ensinado (perspectiva adulta) e sim ao ponto de vista do aprendiz porque é esse o conhecimento necessário para fazer o aluno avançar do que ele já sabe para o que não sabe. O que realmente importa são as construções e ideias que o aprendiz elaborou e que não foram ensinadas pelo professor e, sim, construídas pelo aprendiz. Quando uma criança escreve fazendo uso de uma concepção silábica de escrita, por exemplo, essa 'escrita' não é reconhecida como um saber, pois do ponto de vista de como se escreve em português, essa escrita não existe. Mas, para chegar a escrever em português (escrita alfabética), o aprendiz precisa passar por uma concepção de escrita desse tipo (silábica), imaginando que quando se escreve representa-se as emissões sonoras que ele consegue reconhecer (a sílaba), isolando-as pela via da audição.

Tal conhecimento é importante e o professor deve reconhecê-lo na aprendizagem da escrita. Caso contrário contribuirá muito pouco com os avanços do aluno em relação à escrita e, se a criança aprender a ler, provavelmente, será por conta própria. Um olhar cuidadoso sobre o que a criança errou pode ajudar o professor a descobrir o que ela tentou fazer. Somente um olhar cuidadoso e despojado do professor sobre a produção do aprendiz (quanto ao saber não reconhecido), permitir-lhe-á descobrir o que pensa esse aprendiz, possibilitando-lhe levantar questões e perguntas sobre tal produção. Ao desconsiderar o esforço do seu aluno, dizendo-lhe que sua produção não está correta, acaba desvalorizando sua tentativa e esforço e, conseqüentemente, o aluno vai pensar duas vezes antes de produzir de novo.

O conhecimento se constrói por caminhos diferentes daqueles que o ensino supõe. Isso acontece no processo de aquisição da escrita, na construção dos conceitos matemáticos e na aprendizagem de qualquer outro conteúdo e mesmo quando os alunos estão submetidos a um tipo de ensino convencional, pois o que impulsiona a criança é o esforço para acreditar que atrás das coisas que ela tem de aprender existe uma lógica. Se o professor não sabe nada sobre o que o aluno pensa ou conhece a respeito do conteúdo que quer que ele aprenda, o ensino que ele oferece não tem com quem dialogar. Conhecimentos prévios dos alunos não deve ser confundido com conteúdo já ensinado pelo professor.

Na perspectiva construtivista - de resolução de problemas - o professor não pode considerar como sinônimos o que o aluno já sabe e o que lhe foi ensinado, pois não são necessariamente a mesma coisa. Para que isso não aconteça, é preciso que o professor desenvolva uma sensibilidade e uma escuta atenta para a reflexão que as crianças fazem, supondo que o que elas pensam tem sentido e não é fruto de sua ignorância. O professor precisa criar um ambiente sócio afetivo para que as crianças possam manifestar livremente/espontaneamente o que pensam; somente assim, poderá favorecer situações de aprendizagem significativas. Tal ambiente deve possibilitar que as crianças pensem sobre suas ideias. Do mesmo modo, cabe ao professor oferecer conflitos/situações problemas que possibilitem às crianças exercitarem o pensamento, na busca de soluções possíveis. Isso requer do professor estudo e uma postura reflexiva e investigativa. A psicogênese da língua escrita abriu a possibilidade de o professor olhar para a criança e acreditar que para aprender ela pensa, que aquilo que ela

NOVA CONCURSOS

faz tem lógica e o que o professor não enxerga é porque não tem instrumentos suficientes para perceber o sentido que está sendo manifestado pela criança.

Um casamento entre a disponibilidade da informação externa e a possibilidade da construção interna. Quando o professor não entende a produção da criança deve-se perguntar à criança, mesmo que não consiga entender suas explicações, uma atividade indicada para isso é o trabalho em dupla, pois trabalhando juntas as crianças dão explicações umas às outras e, então, o professor poderá compreender as hipóteses das crianças. Assim, é importante observar os procedimentos dos alunos diante de uma atividade, para que o professor possa reconhecer esses procedimentos dos alunos, de modo, a saber quais são os menos e os mais avançados e que raciocínio os alunos mais avançados então realizando.

O trabalho em grupo permite que as crianças observem os procedimentos de atuação de seus colegas, inclusive daqueles que utilizam procedimentos de resolução de problemas mais avançados. Ao perceberem a possibilidade de diferentes formas de execução, reconhecem o procedimento do colega como mais produtivo e econômico, construindo, assim, a lógica necessária para poder aprender (a criança aprendeu com outra que sabe mais). Tem-se, assim, de um delicado casamento entre a disponibilidade da informação externa e a possibilidade da construção interna - construtivismo: um modelo explicativo da aprendizagem que considera, ao mesmo tempo, as possibilidades do sujeito e as condições do meio. Cabe ao professor tomar decisões importantes, seja na formação das parcerias entre alunos, seja nas questões que ele mesmo propõe no desenrolar da atividade.

Todas as crianças sabem muitas coisas, só que umas sabem coisas diferentes das outras. As crianças são provenientes de culturas diferentes e isso contribui para que saibam coisas diferentes, por isso é importante que o professor tenha claro que as crianças provenientes de um nível cultural valorizado pela escola apresentam enormes vantagens em relação às outras crianças. Para tais crianças a escola será muito mais fácil, porque está em consonância com a cultura da família e do seu ambiente. Por outro lado, as crianças provenientes de ambientes onde as pessoas possuem menor grau de escolaridade e distantes dos usos cotidianos dos conteúdos que a escola valoriza encontrarão dificuldades.

Assim, a equalização das oportunidades de aprendizagem dessas crianças deve ser uma tarefa da escola que deve repensar sua própria prática, de modo a não prejudicar o sucesso escolar desses alunos. (...) "É preciso, pois, educar o olhar para enxergar o que sabem as crianças que aparentemente não sabem nada". (p, 49)

A equalização de oportunidades de aprendizagem não significa uma pedagogia compensatória. É preciso socializar os conteúdos pertencentes ao mundo da cultura: literatura, ciência, arte, informação tecnológica, etc., pois isso é uma questão de inserção social e, portanto, direito de todas as crianças. A escola não pode ser instrumento de exclusão social. Todo professor deve levar todos os seus alunos a participarem da cultura.

O termo cultura é utilizado não em seu sentido antropológico e sim no do senso comum: a cultura erudita e a de larga difusão, mas produzida para e pela elite. Todos os professores, principalmente, aqueles das classes iniciais que quiserem contribuir para que todos os alunos de sua classe tenham a mesma oportunidade de aprender, devem estimulá-los a participar da cultura. É papel do professor ler diferentes tipos de assuntos/textos (usar o jornal e outras fontes de informação e de pesquisa) em classe e levar as crianças para exposições de artistas importantes. É preciso oferecer às crianças a oportunidade de navegar na cultura, na Internet, na arte, em todas as áreas do conhecimento, em todas as linguagens, em todas as possibilidades.

Um exemplo de alguém que sabia como tratar as crianças era Monteiro Lobato que escrevia livros contando coisas da Antiguidade, falando de astronomia, da história do mundo. Porém, o que normalmente se oferece para as crianças lerem são histórias empobrecidas, versões resumidas e textos com supressões. Não é possível formular receitas prontas para serem aplicadas a qualquer grupo de alunos. Nos anos 1970, uma visão de escola como linha de montagem, denominada de tecnicista, voltada para criar máquinas de ensinar, métodos de ensino, sequências de passos programados, dominava a concepção de ensino e aprendizagem. No Brasil, esse modelo chamava-se ensino programado. A função do professor, nesse modelo, era simplesmente, a de administrar o ensino programado e foi, justamente, esse modelo o responsável por uma exigência cada vez mais baixa de qualificação dos professores.

O ensino programado permitia o que se chamava de 'ensino na medida do estudante', que embora considerasse os vários ritmos de aprendizagem da criança, todos aprendiam, pois, seguindo os passos programados chegariam todos, de alguma forma, ao final. O papel do professor dentro de uma proposta construtivista é bem diferente deste proposto pelo modelo tecnicista. Cabe ao professor construir conhecimentos de diferentes naturezas, que lhe permitam ter claros os seus objetivos, assim como selecionar conteúdos adequados, enxergando na produção de seus alunos o que eles já sabem e construindo estratégias que os levem a conquistar novos patamares de conhecimento. Não há receitas prontas a serem aplicadas a grupos de alunos, uma vez que, a prática pedagógica é complexa e contextualizada. O professor precisa ser alguém com autonomia intelectual.

Capítulo 4 - As ideias, concepções e teorias que sustentam a prática de qualquer professor, mesmo quando ele não tem consciência delas.

A prática pedagógica do professor é sempre orientada por um conjunto de ideias, concepções e teorias, mesmo que nem sempre tenha consciência disso. Para que possamos compreender a ação do professor, é preciso verificar de que forma seus atos expressam sua concepção sobre:

- o conteúdo que ele espera que o aluno aprenda;
- o processo de aprendizagem (os caminhos pelo quais a aprendizagem acontece);
- como deve ser o ensino.

Historicamente, a teoria empirista é a teoria que mais vem impregnando as representações sobre o que é ensinar, quem é o aluno, como ele aprende e o que e como se deve ensinar (modelo de ensino e aprendizagem conhecido como estímulo-resposta). Essa teoria define a aprendizagem como 'a substituição de respostas erradas por respostas certas', partindo da concepção de que o aluno precisa memorizar e fixar informações, as mais simples e parciais possíveis e ir acumulando com o tempo. A cartilha está fundamentada nesse modelo (palavras-chaves, famílias silábicas usadas exaustivamente, frases desconectadas, textos com mínimo de coerência e coesão). Como a metodologia de ensino expressa nas cartilhas concebe os caminhos pelas quais a aprendizagem acontece. Na concepção empirista, o conhecimento está 'fora' do sujeito (a fonte do conhecimento é externa ao sujeito - é o meio físico e social) e, é interiorizado através dos sentidos, ativado pela ação física e perceptual.

O sujeito é concebido como uma tábula rasa – 'vazio' na sua origem, sendo 'preenchido' pelas experiências que tem com o mundo (conceito de 'educação bancária' criticada por Paulo Freire). O aprendiz é alguém que vai juntando informações. O processo de ensino fundamentado nessa teoria caracteriza-se pela: cópia, ditado, memorização pura e simples, utilização da memória de curto prazo para reconhecimentos das famílias silábicas, leitura mecânica para posterior leitura compreensiva. Para mudar é preciso reconstruir toda a prática a partir de um novo paradigma teórico. Em uma concepção construtivista, o conhecimento não é concebido como cópia do real, incorporado diretamente pelo sujeito. A teoria construtivista pressupõe uma atividade, por parte do aprendiz, que organiza e integra os novos conhecimentos aos já existentes. Isso acontece com alunos e professores em processo de transformação. Uma preocupação, bastante pertinente, diz respeito ao fato do professor querer inovar a sua prática, adotando um modelo de construção de conhecimento sem compreender, suficientemente, as questões que lhe dão sustentação, correndo o risco de se deslocar de um modelo que lhe é familiar para o outro meio conhecido, mesclando teorias, como se costuma afirmar.

Outra preocupação diz respeito ao entendimento destorcido por parte de professores, que acreditando ser o sujeito sozinho quem constrói o conhecimento, veem a intervenção pedagógica como desnecessária. Tais concepções não fazem nenhum sentido num modelo construtivista. Conteúdos escolares são objetos de conhecimento complexos, que devem ser dados a conhecer, aos alunos, por inteiro. Para o referencial construtivista, a aprendizagem da leitura e da escrita é complexa e, portanto, deve ser apresentada / oferecida por inteiro ao aprendiz e de forma funcional. Para os construtivistas, o aprendiz é um sujeito, protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, alguém que vai produzir a transformação, convertendo informação em conhecimento próprio.

Essa construção pelo aprendiz não se dá por si mesma e no vazio, mas a partir de situações nas quais age sobre o que é o objeto do seu conhecimento, pensa sobre ele, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas. A diferença entre o modelo empirista e o modelo construtivista é que no primeiro a informação é introjetada ou não; enquanto que no segundo, o aprendiz tem de transformar a informação para poder assimilá-la. Isso resulta em práticas pedagógicas muito diferentes. Afirmar que o conhecimento prévio é a base da aprendizagem não é defender pré-requisitos. No modelo construtivista, o conhecimento não é gerado do nada, é uma permanente transformação a partir do conhecimento que já existe. Essa afirmação de que conhecimentos prévios constituem a base de novas aprendizagens não significa a crença ou a defesa de pré-requisitos e muito menos significa matéria ensinada anteriormente pelo professor.

Não informar nem corrigir significa abandonar o aluno à própria sorte. A crença espontaneista de que o aluno constrói o conhecimento, não sendo necessário ensinar-lhe, faz com que o professor passe a não informar, a não corrigir e a se satisfazer com que o aluno faz ' do seu jeito'; isso significa abandonar o aluno à sua própria sorte. Cabe ao professor organizar a situação de aprendizagem de forma a oferecer informação adequada. A função do professor é observar a ação da criança, acolher ou problematizar / desestabilizar suas produções, intervindo sempre que achar que pode contribuir para que a concepção da criança sobre o objeto de conhecimento avance. É papel do professor apoiar a construção do conhecimento pelo aprendiz.

Capítulo 5 - Como fazer o conhecimento do aluno avançar.

O processo de ensino deve dialogar com o de aprendizagem. Isso mostra que não é o processo de aprendizagem (aluno) que deve se adaptar ao processo de ensino (professor), mas, sim, o processo de ensino que deve se adaptar ao processo de aprendizagem. Para tanto, o professor precisa compreender o caminho de aprendizagem que o aluno está percorrendo naquele momento e, a partir disso, identificar as informações e atividades que permitirão ao aluno avançar do patamar de conhecimento que conquistou para outro que é mais avançado.

Para isso, é preciso que o professor organize situações de aprendizagem: atividades planejadas (propostas e dirigidas) com a intenção de favorecer a ação do aprendiz sobre um determinado objeto de conhecimento, sendo que essa ação está na origem de toda e qualquer aprendizagem. Tais atividades devem reunir algumas condições e respeitar alguns princípios:

- os alunos devem por em jogo tudo que sabem e pensam sobre o conteúdo que se quer ensinar;
- devem ter problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõe produzir;
- a organização da tarefa pelo professor deve garantir a máxima circulação de informação possível;
- o conteúdo trabalhado deve manter suas características de objeto sociocultural real, sem se transformar em objeto escolar vazio de significado social.

Alunos põem em jogo tudo que sabem, têm problemas a resolver e decisões a tomar: O aprendiz precisa testar suas hipóteses e enfrentar contradições, seja entre as próprias hipóteses, seja entre o que consegue produzir sozinho e a produção de seus pares ou entre o que pode produzir e o resultado tido como convencionalmente correto. Partindo-se de uma proposta construtivista, o conhecimento só avança quando o aluno tem bons problemas sobre os quais pensar. Para isso, o professor deve criar boas situações de aprendizagem para os alunos, atividades que representem possibilidades difíceis, porém dificuldades possíveis de serem resolvidas.

A escola precisa autorizar e incentivar o aluno a acionar seus conhecimentos de experiências anteriores, fazendo uso deles nas atividades escolares; é preciso criar atividades para que isso seja de fato requisitado, sendo útil para qualquer área de conhecimento. A organização da tarefa garante a máxima circulação de informação possível. Os livros e demais materiais escritos, a intervenção do professor, a observação de um colega na resolução de um problema, as dúvidas, as dificuldades, o próprio objeto de conhecimento que o aluno se esforça para aprender são situações que informam. Por isso, é importante que se garanta a máxima circulação de informação possível na classe e o ambiente escolar deve permitir que as perguntas e as respostas circulem. Nesse processo, as informações que chegam até o aprendiz precisam ser trabalhadas ou interpretadas por ele de acordo com que lhe é possível naquele momento.

O professor precisa estar ciente de que o conhecimento avança quando o aprendiz se defronta com situações-problema nas quais não havia pensado anteriormente. Situações significativas de aprendizagem em sala de aula acontecem quando o professor abre mão de ser o único informante e quando o clima sócio afetivo se baseia no respeito mútuo e não no autoritarismo. É preciso incentivar a cooperação, a solidariedade, o respeito e o tutoramento (um aluno ajudando o outro) em sala de aula. A interação entre os alunos é necessária não somente porque o intercâmbio é condição para o convívio social na escola, mas, também, porque informa a todos os envolvidos e potencializa quase infinitamente a aprendizagem. O conteúdo trabalhado deve manter suas características de objeto sociocultural real.

O ensino da língua portuguesa está cheio de criações escolares que em nada coincidem com as práticas sociais de uso da língua, objeto de ensino na escola, baseadas no senso comum. Isso não acontece somente no ensino da língua portuguesa, mas em todas as outras áreas. Na escola, por exemplo, aprende-se a linguagem matemática escrita, que é pouco usada na rua. Porém, não se pode deixar de lado esta competência que o aluno já traz desenvolvida (devido a sua vivência de 'rua') e sobrepor a escolarização a ela. Quando se trata de ciência ou prática social convertida em objeto de ensino, estas acabam por sofrer modificações. A arte é diferente na Educação Artística, o esporte é diferente da Educação Física, a linguagem é diferente do ensino de Língua Portuguesa, a ciência é diferente do ensino de Ciências. Porém, não se pode criar invenções pretensamente facilitadoras que acabem tendo existência própria. É papel da escola garantir a aproximação máxima entre o use social do conhecimento e a forma de tratá-lo didaticamente.

Capítulo 6 - Quando corrigir, quando não corrigir.

O professor desenvolve dois tipos de ação pedagógica: planejamento e intervenção, uma intervenção clássica é a correção que não é a única intervenção possível, nem a mais importante, porém é a que mais tem preocupado os professores. Numa concepção construtivista de aprendizagem, a função da intervenção é atuar de modo que os alunos transformem seus esquemas interpretativos em outros que deem conta de questões mais complexas que as anteriores. A correção é algo relacionado a qualquer situação de aprendizagem, o que varia é como ela é compreendida pelo professor. A tradição escolar normalmente vê a correção realizada longe dos alunos na qual os erros são assinalados para que os alunos corrijam, como a mais importante (concepção empirista - exigente com a transmissão). Quando se trata de uma redação, o texto tem que ser passado a limpo, corrigido - o erro poderá ficar fixado na memória do aluno (concepção que supõe a percepção e a memória como núcleos na aprendizagem).Outra visão de correção é a informativa que carrega a ideia de que a correção deve informar o aluno e ser feita dentro da situação de aprendizagem (concepção de erro construtivo - que faz parte do processo de aprendizagem de qualquer pessoa).

Os erros devem ser corrigidos no momento certo. Que nem sempre é o momento em que foram corrigidos. A ideia do erro construtivo fascinou muitos educadores, que começaram a ver de outra forma os textos escritos dentro de um sistema silábico e mesmo os de escrita alfabética. Porém, depois que a criança compreendeu o sistema alfabético de escrita é necessário que o professor intervenha na questão ortográfica, considerando a melhor forma de fazer isso. O que deve ser repensado é a concepção tradicional de correção. Os alunos sabem o que achamos importantes que eles aprendam, mesmo que não falemos nada. Muitos professores, por não quererem bloquear a criatividade do aluno, acabam deixando que ele escreva de qualquer jeito. Tal procedimento acaba consolidando um contrato didático implícito, pois de alguma forma o aluno percebe que o professor não valoriza esse tipo de conhecimento e acaba por desvalorizá-lo investindo nessas aprendizagens. É importante que o professor tenha claro que depois de um tempo de escolaridade, são inaceitáveis.

Capítulo 7 - A necessidade e os bons usos da avaliação.

No que diz respeito à avaliação, é preciso ter claro o que o aluno já sabe no momento em que lhe é apresentado um conteúdo novo. O conhecimento prévio é o conjunto de ideias, representações e informações que servem de sustentação para a nova aprendizagem, ainda que não tenham, necessariamente, uma relação direta com o conteúdo que se quer ensinar. É importante investigar e explorar essas ideias e representações prévias porque permite

saber de onde vai partir a aprendizagem que se quer que aconteça. Conhecer essas ideias e representações prévias ajuda muito na hora de construir uma situação na qual o aluno terá de usar o que já sabe para aprender o que ainda não sabe.

Após esta avaliação inicial, relacionada aos conhecimentos prévios, é preciso que o professor utilize um ou outro instrumento para verificar como os alunos estão progredindo, pois o conhecimento não é construído igualmente, ao mesmo tempo e da mesma forma por todos. Esse instrumento é a avaliação de percurso - formativa ou processual - feita durante o processo de aprendizagem. Esse procedimento permitirá ao professor avaliar se o trabalho que está desenvolvendo com os alunos está sendo produtivo e se os alunos estão aprendendo com as situações didáticas propostas. A avaliação da aprendizagem é também a avaliação do trabalho do professor. Quando se avalia a aprendizagem do aluno, também se avalia a intervenção do professor, pois o ensino deve ser planejado e replanejado em função das aprendizagens conquistadas ou não.

Assim, é importante a organização de espaços coletivos de discussão do trabalho pedagógico na escola, valorizando-se a prática de observação de aula pelo coordenador ou orientador pedagógico - ou mesmo por um colega que ajude a olhar de fora. O professor está sempre tão envolvido que, às vezes, não lhe é possível enxergar o que salta aos olhos de um observador externo. Se a maioria da classe vai bem e alguns não, estes devem receber ajuda pedagógica. Quando, numa verificação de aprendizagem, grande parte dos alunos apresenta dificuldades, é certo que o professor precisa rever o seu encaminhamento. Porém, quando a verificação aponta que alguns alunos não estão bem, estes devem ser atendidos imediatamente através de outras atividades que possibilitem a superação das dificuldades.

A escola deve estar comprometida com a aprendizagem de todos e, dessa forma, criar um sistema de apoio para que os alunos não se percam no caminho. As dificuldades precisam ser detectadas rapidamente para que sejam sanadas e continuem progredindo, não desenvolvendo bloqueios. Tais crianças precisam ser atendidas por meio de realização de atividades diferenciadas durante a aula, trabalho conjunto com colegas que possam ajudá-los e intervenções.

Questões

01. "Qual é o papel da avaliação no processo de ensino aprendizagem? É certo que podermos separar o fato de ensinar do fato de ensinar e avaliar? Antes de ensinar, sempre fazemos uma avaliação inicial?" BASSEDAS, HUGUETE, SOLE, 1999. São muitos os questionamentos sobre avaliação. Analise as afirmativas a seguir e marque a alternativa INCORRETA:

a) A avaliação é utilizada para ajustar ou modificar as atividades em função dos conhecimentos e as dificuldades no início de uma sequência de ensino e de aprendizagem.

b) Uma prática de avaliação formativa supõe um domínio do currículo e dos processos de ensino e de aprendizagem.

c) Ao elaborar uma avaliação, o educador deve observar a contextualização, a interdisciplinaridade e a parametrização.

d) A avaliação se restringe ao julgamento sobre sucesso ou fracasso do aluno e pode ser compreendida como um conjunto de ações que orientam a intervenção pedagógica.

02. Para Perrenoud, não é correto afirmar:

a) Aprender não é primeiramente memorizar, estocar informações, mas reestruturar seu sistema de compreensão do mundo.

b) A didática das disciplinas se interessa cada vez mais pelos erros e tenta compreendê-los, antes de combatê-los.

c) O Professor deve interessar-se pelos erros, aceitando-os como etapas estimáveis do esforço, de compreender, esforçar-se, não corrigi-los proporcionando ao aprendiz, porém, os meios para tomar consciência deles, identificar sua origem e transpô-los.

d) O erro não deve ser considerado uma ferramenta para ensinar.

03. Segundo Jussara Hoffmann, a expressão avaliação mediadora

a) não possui base científica, exigindo os parâmetros racionais e mensuráveis das avaliações externas que auxiliam reconduzir o planejamento do ensino.

b) é adequada para destacar aquela avaliação que observa se o aluno aprendeu adequadamente os conteúdos propostos, baseando-se no currículo oficial da escola.

c) tem por objetivo salientar a importância do papel do professor para refletir sobre as melhores estratégias pedagógicas para promover a aprendizagem do aluno.

d) tem por objetivo salientar a importância da participação ativa das crianças na aprendizagem grupal, mediada pela zona proximal de conhecimento.

e) retrata a prática que considera um conjunto diverso de avaliações e medidas obtidas em atividades diversificadas para produzir a média das aprendizagens.

04. "Os objetivos são formulações que derivam das intenções. São um guia para orientar o processo didático. Devem incluir as seguintes capacidades humanas: cognitivas, afetivas, psicomotoras, de relações interpessoais e de inserção social. Representam uma declaração ou são enunciados explícitos, os efeitos esperados pelos professores e alunos". (VEIGA, 2008, p. 276).

Para a definição de objetivos educacionais deve-se, segundo VEIGA, observar alguns critérios. Assinale a alternativa que expressa esses critérios.

a) Pertinência, contextualização e avaliação.
b) Coerência interna, contextualização e avaliação.
c) Coerência interna, intencionalidade e adaptação.
d) Coerência interna, contextualização e adequação.
e) Conhecimento prévio, intencionalidade e adaptação.

NOVA CONCURSOS

Leia o texto a seguir, para responder a questão 55.

"Um projeto colaborativo para a organização da aula procura dar conta do processo didático em toda sua abrangência. Objetiva orientar a reflexão com base na prática e para a prática, sendo um instrumento norteador da vida pedagógica que é gestada ao longo da aula." (VEIGA, 2008, p. 267).

05. Analise as afirmativas abaixo, considerando o que um projeto colaborativo de organização de aula deve contemplar. Em seguida, assinale a alternativa correta.

I. A flexibilização para permitir uma organização mais suave, passível de ajustes de acordo com as necessidades detectadas.
II. A participação atuante do grupo de professores, a fim de evitar o trabalho isolado de alguns deles.
III. O estabelecimento de relações hierárquicas, com o intuito de determinar equipes de coordenação e de execução.
IV. A utilização sem cautela das formas de trabalho colaborativo da balcanização, da cooperação fácil e da equipe artificial.
V. A diversificação, a fim de contemplar as diferenças de origens dos alunos e às diferenças culturais.

a) somente I, II e V estão corretas
b) somente I, III e IV estão corretas
c) somente II, III e V estão corretas
d) somente II, IV e V estão corretas
e) somente III, IV e V estão corretas

06. Zabala (1998) critica a visão reducionista de alguns autores, de considerar os conteúdos da aprendizagem vinculados somente às contribuições das disciplinas ou matérias tradicionais. Este autor chama a atenção para as aprendizagens que ocorrem na escola, mas que não aparecem de forma explicita nos planos de curso. Assinale a alternativa que melhor expressa este fenômeno.

a) Mediação
b) Currículo oculto
c) Aprendizagem espontânea
d) Aprendizagem de habilidades
e) Aprendizagem de competências

07. De acordo com Zabala, o instrumento que estabelece, por acordo entre docentes e discentes, as atividades a serem realizadas em determinado período é o(a):

a) avaliação.
b) plano de aula.
c) projeto de pesquisa.
d) trabalho individual.
e) Projeto pedagógico.

Gabarito: (01-D), (02-D), (03-C), (04-D), (05-A), (06-B

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

APOSTILA DE ACORDO COM EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO CPPMP 001/2018

PREFEITURA MUNICIPAL DE

PAULÍNIA

DO ESTADO DE SÃO PAULO

Supervisor Educacional

- Língua Portuguesa
- Matemática

Conhecimentos Específicos

Legislação

Referência Bibliográfica

NOVA CONCURSOS PASSAPORTE

Grátis Conteúdo Online de Lei 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente - Principais Temas

Acesse nosso site e complemente seus estudos.

Prefeitura Municipal de Paulínia do Estado de São Paulo

PAULÍNIA-SP

Supervisor Educacional

Concurso Público CPPMP 001/2018

ST016-2018

NOVA CONCURSOS

DADOS DA OBRA

Título da obra: Prefeitura Municipal de Paulínia do Estado de São Paulo

Cargo: Supervisor Educacional

(Baseado no Concurso Público CPPMP 001/2018)

• Língua Portuguesa
• Matemática
• Conhecimentos Específicos
• Legislação
• Referência Bibliográfica

Gestão de Conteúdos
Emanuela Amaral de Souza

Diagramação/ Editoração Eletrônica
Elaine Cristina
Igor de Oliveira
Ana Luiza Cesário
Thais Regis

Produção Editoral
Suelen Domenica Pereira
Leandro Filho

Capa
Joel Ferreira dos Santos

NOVA CONCURSOS

APRESENTAÇÃO

PARABÉNS! ESTE É O PASSAPORTE PARA SUA APROVAÇÃO.

A Nova Concursos tem um único propósito: mudar a vida das pessoas.
Vamos ajudar você a alcançar o tão desejado cargo público.
Nossos livros são elaborados por professores que atuam na área de Concursos Públicos. Assim a matéria é organizada de forma que otimize o tempo do candidato. Afinal corremos contra o tempo, por isso a preparação é muito importante.
Aproveitando, convidamos você para conhecer nossa linha de produtos "Cursos online", conteúdos preparatórios e por edital, ministrados pelos melhores professores do mercado.
Estar à frente é nosso objetivo, sempre.
Contamos com índice de aprovação de 87%*.
O que nos motiva é a busca da excelência. Aumentar este índice é nossa meta.
Acesse **www.novaconcursos.com.br** e conheça todos os nossos produtos.
Oferecemos uma solução completa com foco na sua aprovação, como: apostilas, livros, cursos on-line, questões comentadas e treinamentos com simulados online.
Desejamos-lhe muito sucesso nesta nova etapa da sua vida!
Obrigado e bons estudos!

*Índice de aprovação baseado em ferramentas internas de medição.

CURSO ONLINE

PASSO 1
Acesse:
www.novaconcursos.com.br/passaporte

PASSO 2
Digite o código do produto no campo indicado no site.
O código encontra-se no verso da capa da apostila.
*Utilize sempre os 8 primeiros dígitos.
Ex: FV054-18

PASSO 3
Pronto!
Você já pode acessar os conteúdos online.

NOVA CONCURSOS

SUMÁRIO

Língua Portuguesa

Todo Conteúdo Programático até o Ensino Médio, como por exemplo: Ortografia; Estrutura e Formação das palavras; Divisão Silábica; Vogais; Semivogais; Gênero, Número; Frases; Sinais de Pontuação; Acentuação; Fonética e fonologia: Conceitos básicos; Classificação dos fonemas; Relação entre palavras; Uso da crase; sinônimos, homônimos e antônimos; Fonemas e letras; Substantivo; Adjetivo; Artigo; Numeral; Advérbio; Verbos; Conjugação de verbos; Pronomes; Preposição; Conjunção; Interjeição; Encontros vocálicos; Encontros consonantais e dígrafo; Tonicidade das palavras; Sílaba tônica; Sujeito e predicado; Formas nominais; Locuções verbais; Termos ligados ao verbo: Adjunto adverbial, Agente da Passiva, Objeto direto e indireto, Vozes Verbais; Termos Essenciais da Oração; Termos Integrantes da Oração; Termos Acessórios da Oração; Orações Coordenadas e Subordinadas; Período; Concordância nominal; Concordância verbal; Regência verbal; Vozes verbais; Regência nominal; Predicação verbal; Aposto; Vocativo; Derivação e Composição; Uso do hífen; Voz ativa; Voz passiva; Voz reflexiva; Funções e Cargos das palavras "que" e "se"; Uso do "Porquê"; Prefixos; Sufixos; Afixos; Radicais; Formas verbais seguidas de pronomes; Flexão nominal e verbal; Emprego de locuções; Sintaxe de Concordância; Sintaxe de Regência; Sintaxe de Colocação; Comparações; Criação de palavras; Uso do travessão; Discurso direto e indireto; Imagens; Pessoa do discurso; Relações entre nome e personagem; História em quadrinhos; Relação entre ideias; Intensificações; Personificação; Oposição; Provérbios; Discurso direto; Onomatopeias; Aliteração; Assonância; Repetições; Relações; Expressões ao pé da letra; Palavras e ilustrações; Metáfora; Associação de ideias. Denotação e Conotação; Eufemismo; Hipérbole; Ironia; Prosopopeia; Catacrese; Paradoxo; Metonímia; Elipse; Pleonasmo; Silepse; Antítese; Sinestesia; Vícios de Linguagem. 01
ANÁLISE, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: Tipos de Comunicação: Descrição; Narração; Dissertação; Tipos de Discurso; Coesão Textual. 93

Matemática

Números inteiros; Números Naturais; Numeração decimal; Operações fundamentais como: Adição, Subtração, Divisão e Multiplicação; Simplificação; Medindo o tempo: horas, minutos e segundos; Problemas matemáticos; radiciação; potenciação; máximo divisor comum; mínimo divisor comum; 01
Sistema de medidas: medidas de comprimento, superfície, volume, capacidade, tempo, massa, m^2 e metro linear; problemas usando as quatro operações. 07
Conjunto de números: naturais, inteiros, racionais, irracionais, reais, operações, expressões (cálculo); 12
Matemática Financeira; Porcentagem; Juros Simples e Composto; 12
Regras de três simples e composta; 21
Sistema Monetário Nacional (Real); Equação de 1º grau: resolução; Problemas de 1º grau; Inequações do 1º grau; Equação de 2º grau: resolução das equações completas, incompletas, problemas do 2º grau; 28
Equações fracionárias; 28
Relação e Função: domínio, contradomínio e imagem; 33
Função do 1º grau; função constante; 33
Razão e Proporção; 38
Grandezas Proporcionais; 43
Expressões Algébricas; Fração Algébrica; 48
Sistemas de numeração; Operações no conjunto dos números naturais; Operações fundamentais com números racionais; Múltiplos e divisores em N; Radiciação; Conjunto de números fracionários; Operações fundamentais com números fracionários; Problemas com números fracionários; Números decimais; 50
Geometria Analítica; 51
Geometria Espacial; 56
Geometria Plana: Plano, Área, Perímetro, Ângulo, Reta, Segmento de Reta e Ponto; Teorema de Tales; Teorema de Pitágoras; 63
Noções de trigonometria; 70
Relação entre grandezas: tabelas e gráficos; 73
Progressão Aritmética (PA) e Progressão Geométrica (PG); 77
Sistemas Lineares; 85

SUMÁRIO

Números complexos; 96
Função exponencial: equação e inequação exponencial; Função logarítmica; 98
Análise combinatória; 98
Probabilidade; 99
Estatística; 101
Função do 2º grau; 103
Trigonometria da 1ª volta: seno, cosseno, tangente, relação fundamental..... 103

Conhecimentos Específicos

Fundamentos e diretrizes do Ensino Fundamental, da Educação de Jovens e Adultos, da Educação Especial e Educação Infantil 01
Pedagogias diferenciadas: progressão continuada, correção de fluxo escolar, avaliação por competências, flexibilização do currículo e da trajetória escolar 16
Construção coletiva da proposta pedagógica da escola..... 18
O processo de avaliação do desempenho escolar como instrumento de acompanhamento do trabalho do professor e dos avanços da aprendizagem. 22
Gestão Democrática 24
Gestão de recursos financeiros e humanos 25
Mediação e gestão de conflitos 32
Avaliação e acompanhamento do rendimento escolar..... 41
Educação Inclusiva 44
Gestão de projetos 58

Legislação

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular, 2017. 01
CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 1988. Artigo 5º, Artigos 37 ao 41, 205 ao 214 e 227 ao 229. 01
LEI FEDERAL nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Artigos 53 ao 59 e 136 a 137..... 34
LEI FEDERAL nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 40
LEI FEDERAL nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (e suas alterações). Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências..... 57
LEI FEDERAL nº 10436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. 59
LEI FEDERAL nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. Altera a redação do Artigo 26, § 3º, e do Artigo 92 da Lei Federal 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional..... 60
LEI FEDERAL nº 11.114, de 16 de maio de 2005. Altera os Artigos 6º, 30, 32 e 87 da Lei Federal nº 9.394/96, com o objetivo de tornar obrigatório o início do Ensino Fundamental aos seis anos de idade. 60
LEI FEDERAL nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos Artigos 29, 30,32 e 87 da Lei Federal nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. 60
LEI FEDERAL nº 11.494, de 20 de junho de 2007. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB. 61
LEI FEDERAL nº 11.645, de 10/03/2008. Altera a Lei Federal nº 9.394/96, modificada pela Lei Federal nº 10.639/03, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" 70
PARECER CNE/CEB nº 22, de 17 de dezembro de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 71
RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 2, de 7 de abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental..... 79
RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 1, de 7 de abril de 1999. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil..... 80

SUMÁRIO

PARECER CNE/CEB nº 4, de 16 de fevereiro de 2000. Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Infantil..... 81
RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. 85
RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. 87
RESOLUÇÃO CNE/CP nº 1, de 17 de julho de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos – Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 91
DECRETO nº 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando à mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. 92
PAULÍNIA. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia- Educação Infantil. 2011 94
PAULÍNIA. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia- Ensino Fundamental – anos iniciais. 2011 94

Referência Bibliográfica

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2003. 01
CHAUÍ, Marilena. Introdução à História da Filosofia. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002. 02
COLL, César - O construtivismo na sala de aula – Editora Ática, 1999 02
COLELLO GASPARIAN M, Silvia. A Escola que não ensina escrever. São Paulo: Moderna, 2004. 05
DEMO, Pedro. Avaliação Qualitativa. São Paulo: Cortez, 1991. 05
FERREIRO, Emília. Com todas as letras. SP. Cortez. 1993. 06
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. SP. Paz e Terra, 2003. 09
HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001. 23
KAMII, Constance. A criança e o número. Papirus. 33
LENER, Délia. Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre Artmed. 2002. 35
LUCKESI, Cipriano Carlos - Avaliação de Aprendizagem escolar. São Paulo: Editora Cortez, 2002. 39
MANTOAN EGLER, Maria Teresa, SANTOS DOS TEIXEIRA, Maria Terezinha. Atendimento Educacional Especializado: Políticas Públicas e Gestão nos Municípios. São Paulo. Ed Moderna, n/d. 41
MORIN, Edgard. Os sete saberes necessários à educação do Futuro. SP Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. 41
PARO, Vitor Henrique. Gestão Democrática da Escola Pública. São Paulo. Ed. Ática, 1998. 42
PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar. São Paulo. Ed. T.A. Queiroz, 1996. 42
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – 1ª a 4ª séries. 42
PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre. Artmed, 2000. 42
RIOS, Terezinha Azerêdo. Compreender e ensinar – por uma docência de melhor qualidade. SP. Cortez, 2001. 43
SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 5ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003. 44
SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Autores Associados, 2008. 44
SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1980. 46
SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez, 1980. 46
SEVERINO, Antonio Joaquim. Filosofia da Educação: Construindo a Cidadania, São Paulo, FTD, 1994. 47
SMOLE, K.S. e Diniz, M.I. (orgs.) Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre, Artmed, 2001. 47
VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (org). Projeto Político-Pedagógico da escola: Uma construção possível. Campinas: Papirus, 1995. 49
VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e linguagem. SP. Martins Fontes 1997. 50
ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. 53
ZAGURY, Tânia. Escola sem conflito: parceria com os pais. RJ. Record. 2002. 56

LÍNGUA PORTUGUESA

Ortografia; Estrutura e Formação das palavras; Divisão Silábica; Vogais; Semivogais; Gênero, Número; Frases; Sinais de Pontuação; Acentuação; Fonética e fonologia: Conceitos básicos; Classificação dos fonemas; Relação entre palavras; Uso da crase; sinônimos, homônimos e antônimos; Fonemas e letras; Substantivo; Adjetivo; Artigo; Numeral; Advérbio; Verbos; Conjugação de verbos; Pronomes; Preposição; Conjunção; Interjeição; Encontros vocálicos; Encontros consonantais e dígrafo; Tonicidade das palavras; Sílaba tônica; Sujeito e predicado; Formas nominais; Locuções verbais; Termos ligados ao verbo: Adjunto adverbial, Agente da Passiva, Objeto direto e indireto, Vozes Verbais; Termos Essenciais da Oração; Termos Integrantes da Oração; Termos Acessórios da Oração; Orações Coordenadas e Subordinadas; Período; Concordância nominal; Concordância verbal; Regência verbal; Vozes verbais; Regência nominal; Predicação verbal; Aposto; Vocativo; Derivação e Composição; Uso do hífen; Voz ativa; Voz passiva; Voz reflexiva; Funções e Empregos das palavras "que" e "se"; Uso do "Porquê"; Prefixos; Sufixos; Afixos; Radicais; Formas verbais seguidas de pronomes; Flexão nominal e verbal; Emprego de locuções; Sintaxe de Concordância; Sintaxe de Regência; Sintaxe de Colocação; Comparações; Criação de palavras; Uso do travessão; Discurso direto e indireto; Imagens; Pessoa do discurso; Relações entre nome e personagem; História em quadrinhos; Relação entre ideias; Intensificações; Personificação; Oposição; Provérbios; Discurso direto; Onomatopeias; Aliteração; Assonância; Repetições; Relações; Expressões ao pé da letra; Palavras e ilustrações; Metáfora; Associação de ideias. Denotação e Conotação; Eufemismo; Hipérbole;Ironia; Prosopopeia; Catacrese; Paradoxo; Metonímia; Elipse; Pleonasmo; Silepse; Antítese; Sinestesia; Vícios de Linguagem. 01

ANÁLISE, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: Tipos de Comunicação: Descrição; Narração; Dissertação; Tipos de Discurso; Coesão Textual. 93

ORTOGRAFIA; ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS; DIVISÃO SILÁBICA; VOGAIS; SEMIVOGAIS; GÊNERO, NÚMERO; FRASES; SINAIS DE PONTUAÇÃO; ACENTUAÇÃO; FONÉTICA E FONOLOGIA: CONCEITOS BÁSICOS; CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS; RELAÇÃO ENTRE PALAVRAS; USO DA CRASE; SINÔNIMOS, HOMÔNIMOS E ANTÔNIMOS; FONEMAS E LETRAS; SUBSTANTIVO; ADJETIVO; ARTIGO; NUMERAL; ADVÉRBIO; VERBOS; CONJUGAÇÃO DE VERBOS; PRONOMES; PREPOSIÇÃO; CONJUNÇÃO; INTERJEIÇÃO; ENCONTROS VOCÁLICOS; ENCONTROS CONSONANTAIS E DÍGRAFO; TONICIDADE DAS PALAVRAS; SÍLABA TÔNICA; SUJEITO E PREDICADO; FORMAS NOMINAIS; LOCUÇÕES VERBAIS; TERMOS LIGADOS AO VERBO: ADJUNTO ADVERBIAL, AGENTE DA PASSIVA, OBJETO DIRETO E INDIRETO, VOZES VERBAIS; TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO; TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO; TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO; ORAÇÕES COORDENADAS E SUBORDINADAS; PERÍODO; CONCORDÂNCIA NOMINAL; CONCORDÂNCIA VERBAL; REGÊNCIA VERBAL; VOZES VERBAIS; REGÊNCIA NOMINAL; PREDICAÇÃO VERBAL; APOSTO; VOCATIVO; DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO; USO DO HÍFEN; VOZ ATIVA; VOZ PASSIVA; VOZ REFLEXIVA; FUNÇÕES E EMPREGOS DAS PALAVRAS "QUE" E "SE"; USO DO "PORQUÊ"; PREFIXOS; SUFIXOS; AFIXOS; RADICAIS; FORMAS VERBAIS SEGUIDAS DE PRONOMES; FLEXÃO NOMINAL E VERBAL; EMPREGO DE LOCUÇÕES; SINTAXE DE CONCORDÂNCIA; SINTAXE DE REGÊNCIA; SINTAXE DE COLOCAÇÃO; COMPARAÇÕES; CRIAÇÃO DE PALAVRAS; USO DO TRAVESSÃO; DISCURSO DIRETO E INDIRETO; IMAGENS; PESSOA DO DISCURSO; RELAÇÕES ENTRE NOME E PERSONAGEM; HISTÓRIA EM QUADRINHOS; RELAÇÃO ENTRE IDEIAS; INTENSIFICAÇÕES; PERSONIFICAÇÃO; OPOSIÇÃO; PROVÉRBIOS; DISCURSO DIRETO; ONOMATOPEIAS; ALITERAÇÃO; ASSONÂNCIA; REPETIÇÕES; RELAÇÕES; EXPRESSÕES AO PÉ DA LETRA; PALAVRAS E ILUSTRAÇÕES; METÁFORA; ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO; EUFEMISMO; HIPÉRBOLE;IRONIA; PROSOPOPEIA; CATACRESE; PARADOXO; METONÍMIA; ELIPSE; PLEONASMO; SILEPSE; ANTÍTESE; SINESTESIA; VÍCIOS DE LINGUAGEM.

ORTOGRAFIA

A ***ortografia*** é a parte da língua responsável pela grafia correta das palavras. Essa grafia baseia-se no padrão culto da língua.

As palavras podem apresentar igualdade total ou parcial no que se refere a sua grafia e pronúncia, mesmo tendo significados diferentes. Essas palavras são chamadas de *homônimas* (canto, do grego, significa ângulo / canto, do latim, significa música vocal). As palavras homônimas dividem-se em *homógrafas*, quando têm a mesma grafia (*gosto*, substantivo e *gosto*, 1ª pessoa do singular do verbo gostar) e *homófonas*, quando têm o mesmo som (*paço, palácio ou passo*, movimento durante o andar).

Quanto à grafia correta em língua portuguesa, devem-se observar as seguintes regras:

O fonema s:

Escreve-se com S e não com C/Ç as palavras substantivadas derivadas de verbos com radicais em nd, rg, rt, pel, corr e sent: *pretender - pretensão / expandir - expansão / ascender - ascensão / inverter - inversão / aspergir aspersão / submergir - submersão / divertir - diversão / impelir - impulsivo / compelir - compulsório / repelir - repulsa / recorrer - recurso / discorrer - discurso / sentir - sensível / consentir - consensual*

Escreve-se com SS e não com C e Ç os nomes derivados dos verbos cujos radicais terminem em gred, ced, prim ou com verbos terminados por tir ou meter: *agredir - agressivo / imprimir - impressão / admitir - admissão / ceder - cessão / exceder - excesso / percutir - percussão / regredir - regressão / oprimir - opressão / comprometer - compromisso / submeter - submissão*

*quando o prefixo termina com vogal que se junta com a palavra iniciada por "s". Exemplos: *a + simétrico - assimétrico / re + surgir - ressurgir*

*no pretérito imperfeito simples do subjuntivo. Exemplos: *ficasse, falasse*

Escreve-se com C ou Ç e não com S e SS os vocábulos de origem árabe: *cetim, açucena, açúcar*

*os vocábulos de origem tupi, africana ou exótica: *cipó, Juçara, caçula, cachaça, cacique*

*os sufixos aça, aço, ação, çar, ecer, iça, nça, uça, uçu, uço: *barcaça, ricaço, aguçar, empalidecer, carniça, caniço, esperança, carapuça, dentuço*

*nomes derivados do verbo ter: *abster - abstenção / deter - detenção / ater - atenção / reter - retenção*

*após ditongos: *foice, coice, traição*

*palavras derivadas de outras terminadas em te, to(r): *marte - marciano / infrator - infração / absorto - absorção*

O fonema z:

Escreve-se com S e não com Z:

os sufixos: ês, esa, esia, e isa, quando o radical é substantivo, ou em gentílicos e títulos nobiliárquicos: freguês, freguesa, freguesia, poetisa, baronesa, princesa,* etc.

*os sufixos gregos: ase, ese, ise e ose: *catequese, metamorfose*.

*as formas verbais pôr e querer: *pôs, pus, quisera, quis, quiseste*.

*nomes derivados de verbos com radicais terminados em "d": *aludir - alusão / decidir - decisão / empreender - empresa / difundir - difusão*

*os diminutivos cujos radicais terminam com "s": *Luís - Luisinho / Rosa - Rosinha / lápis - lapisinho*

*após ditongos: *coisa, pausa, pouso*

*em verbos derivados de nomes cujo radical termina com "s": *anális(e) + ar - analisar / pesquis(a) + ar - pesquisar*

Escreve-se com Z e não com S:

*os sufixos "ez" e "eza" das palavras derivadas de adjetivo: *macio - maciez / rico - riqueza*

*os sufixos "izar" (desde que o radical da palavra de origem não termine com s): *final - finalizar / concreto - concretizar*

*como consoante de ligação se o radical não terminar com s: *pé + inho - pezinho / café + al - cafezal ≠ lápis + inho - lapisinho*

O fonema j:

Escreve-se com G e não com J:

*as palavras de origem grega ou árabe: *tigela, girafa, gesso*.

*estrangeirismo, cuja letra G é originária: *sargento, gim*.

*as terminações: agem, igem, ugem, ege, oge (com poucas exceções): *imagem, vertigem, penugem, bege, foge*.

Observação: Exceção: *pajem*

*as terminações: ágio, égio, ígio, ógio, ugio: *sortilégio, litígio, relógio, refúgio*.

*os verbos terminados em ger e gir: *eleger, mugir*.

*depois da letra "r" com poucas exceções: *emergir, surgir*.

*depois da letra "a", desde que não seja radical terminado com j: *ágil, agente*.

Escreve-se com J e não com G:

*as palavras de origem latinas: *jeito, majestade, hoje*.

*as palavras de origem árabe, africana ou exótica: *jiboia, manjerona*.

*as palavras terminada com aje: *aje, ultraje*.

O fonema ch:

Escreve-se com X e não com CH:

*as palavras de origem tupi, africana ou exótica: *abacaxi, muxoxo, xucro*.

*as palavras de origem inglesa (sh) e espanhola (J): *xampu, lagartixa*.

*depois de ditongo: *frouxo, feixe*.

*depois de "en": *enxurrada, enxoval*.

Observação: Exceção: quando a palavra de origem não derive de outra iniciada com *ch - Cheio - (enchente)*

Escreve-se com CH e não com X:

*as palavras de origem estrangeira: *chave, chumbo, chassi, mochila, espadachim, chope, sanduíche, salsicha*.

As letras e e i:

*os ditongos nasais são escritos com "e": *mãe, põem*. Com "i", só o ditongo interno *cãibra*.

*os verbos que apresentam infinitivo em -oar, -uar são escritos com "e": *caçoe, tumultue*. Escrevemos com "i", os verbos com infinitivo em -air, -oer e -uir: *trai, dói, possui*.

- atenção para as palavras que mudam de sentido quando substituímos a grafia "e" pela grafia "i": *área (superfície), ária (melodia) / delatar (denunciar), dilatar (expandir) / emergir (vir à tona), imergir (mergulhar) / peão (de estância, que anda a pé), pião (brinquedo)*.

Fonte:
http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/ortografia

Questões sobre Ortografia

01. (Escrevente TJ SP – Vunesp/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão.

Além disso, ___certamente ____entre nós ____do fenômeno da corrupção e das fraudes.

(A) a ... concenso ... acerca
(B) há ... consenso ... acerca
(C) a ... concenso ... a cerca
(D) a ... consenso ... há cerca
(E) há ... consenço ... a cerca

02. (Escrevente TJ SP – Vunesp/2013). Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma- -padrão.

(A) Os tabeliãos devem preparar o documento.
(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.
(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.
(D) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.
(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

03. (Agente de Vigilância e Recepção – VUNESP – 2013). Suponha-se que o cartaz a seguir seja utilizado para informar os usuários sobre o festival Soundergound.

NOVA CONCURSOS

P*rezado Usuário*

_____ de oferecer lazer e cultura aos passageiros do metrô, _____ desta segunda-feira (25/02), _____ 17h30, começa o Soundground, festival internacional que prestigia os músicos que tocam em estações do metrô.

Confira o dia e a estação em que os artistas se apresentarão e divirta-se!

Para que o texto atenda à norma-padrão, devem-se preencher as lacunas, correta e respectivamente, com as expressões

A) A fim ...a partir ... as
B) A fim ...à partir ... às
C) A fim ...a partir ... às
D) Afim ...a partir ... às
E) Afim ...à partir ... as

04. Assinale a alternativa que não apresenta erro de ortografia:

A) Ela interrompeu a reunião derrepente.
B) O governador poderá ter seu mandato caçado.
C) Os espectadores aplaudiram o ministro.
D) Saiu com descrição da sala.

05.Em qual das alternativas a frase está corretamente escrita?

A) O mindingo não depositou na cardeneta de poupansa.
B) O mendigo não depositou na caderneta de poupança.
C) O mindigo não depozitou na cardeneta de poupanssa.
D) O mendingo não depozitou na carderneta de poupansa.

06. (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO – ADVOGADO - VUNESP/2013) Analise a propaganda do programa 5inco Minutos.

Em norma-padrão da língua portuguesa, a frase da propaganda, adaptada, assume a seguinte redação:

(A) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não matem-na porisso.
(B) 5INCO MINUTOS: as vezes, dura mais, mas não matem-na por isso.
(C) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não a matem por isso.
(D) 5INCO MINUTOS: as vezes, dura mais, mas não lhe matem por isso.
(E) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não a matem porisso.

GABARITO

01. B 02. D 03. C 04. C 05. B 06. C

RESOLUÇÃO

1-) O exercício quer a alternativa que apresenta correção ortográfica. Na primeira lacuna utilizaremos "há", já que está empregado no sentido de "existir"; na segunda, "consenso" com "s"; na terceira, "acerca" significa "a respeito de", o que se encaixa perfeitamente no contexto. "Há cerca" = tem cerca (de arame, cerca viva, enfim...); "a cerca" = a cerca está destruída (arame, madeira...)

2-)
(A) Os tabelião devem preparar o documento. = tabeliães
(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis. = cidadãos
(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local. = certidões
(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos = degraus

3-) Prezado Usuário
A fim de oferecer lazer e cultura aos passageiros do metrô, a partir desta segunda-feira (25/02), às 17h30, começa o Soundground, festival internacional que prestigia os músicos que tocam em estações do metrô.
Confira o dia e a estação em que os artistas se apresentarão e divirta-se!
A fim = indica finalidade; a partir: sempre separado; antes de horas: há crase

4-)
A) Ela interrompeu a reunião derrepente. =de repente
B) O governador poderá ter seu mandato caçado. = cassado
D) Saiu com descrição da sala. = discrição

5-)
A) O mindingo não depositou na cardeneta de poupansa. = mendigo/caderneta/poupança
C) O mindigo não depozitou na cardeneta de poupanssa. = mendigo/caderneta/poupança
D) O mendingo não depozitou na carderneta de poupansa. =mendigo/depositou/caderneta/poupança

6-) A questão envolve colocação pronominal e ortografia. Comecemos pela mais fácil: ortografia! A palavra "por isso" é escrita separadamente. Assim, já descartamos duas alternativas ("A" e "E"). Quanto à colocação pronomi-

nal, temos a presença do advérbio "não", que sabemos ser um "ímã" para o pronome oblíquo, fazendo-nos aplicar a regra da próclise (pronome antes do verbo). Então, a forma correta é "mas não A matem" (por que A e não LHE? Porque quem mata, mata algo ou alguém, objeto direto. O "lhe" é usado para objeto indireto. Se não tivéssemos a conjunção "mas" nem o advérbio "não", a forma "matem-na" estaria correta, já que, após vírgula, o ideal é que utilizemos ênclise – pronome oblíquo após o verbo).

O ***hífen*** é um sinal diacrítico (que distingue) usado para ligar os elementos de palavras compostas (*couve-flor, ex-presidente*) e para unir pronomes átonos a verbos (*ofereceram-me; vê-lo-ei*).

Serve igualmente para fazer a translineação de palavras, isto é, no fim de uma linha, separar uma palavra em duas partes (*ca-/sa; compa-/nheiro*).

Uso do hífen que continua depois da Reforma Ortográfica:

1. Em palavras compostas por justaposição que formam uma unidade semântica, ou seja, nos termos que se unem para formam um novo significado: *tio-avô, porto-alegrense, luso-brasileiro, tenente-coronel, segunda-feira, conta-gotas, guarda-chuva, arco- -íris, primeiro-ministro, azul-escuro.*

2. Em palavras compostas por espécies botânicas e zoológicas: *couve-flor, bem-te-vi, bem-me-quer, abóbora-menina, erva-doce, feijão-verde.*

3. Nos compostos com elementos além, aquém, recém e sem: *além-mar, recém-nascido, sem-número, recém-casado, aquém- -fiar*, etc.

4. No geral, as locuções não possuem hífen, mas algumas exceções continuam por já estarem consagradas pelo uso: *cor- -de-rosa, arco-da-velha, mais-que-perfeito, pé-de-meia, água-de- -colônia, queima-roupa, deus-dará.*

5. Nos encadeamentos de vocábulos, como: *ponte Rio-Niterói, percurso Lisboa-Coimbra-Porto* e nas combinações históricas ou ocasionais: *Áustria-Hungria, Angola-Brasil, Alsácia-Lorena*, etc.

6. Nas formações com os prefixos hiper-, inter- e super- quando associados com outro termo que é iniciado por r: *hiper-resistente, inter-racial, super-racional,* etc.

7. Nas formações com os prefixos ex-, vice-: *ex-diretor, ex- -presidente, vice-governador, vice-prefeito.*

8. Nas formações com os prefixos pós-, pré- e pró-: *pré-natal, pré-escolar, pró-europeu, pós-graduação,* etc.

9. Na ênclise e mesóclise: *amá-lo, deixá-lo, dá-se, abraça-o, lança-o e amá-lo-ei, falar-lhe-ei,* etc.

10. Nas formações em que o prefixo tem como segundo termo uma palavra iniciada por "h": *sub-hepático, eletro-higrómetro, geo-história, neo-helênico, extra-humano, semi-hospitalar, super- -homem.*

11. Nas formações em que o prefixo ou pseudo prefixo termina na mesma vogal do segundo elemento: *micro-ondas, eletro-ótica, semi-interno, auto-observação,* etc.

Obs: O hífen é suprimido quando para formar outros termos: *reaver, inábil, desumano, lobisomem, reabilitar*.

- Lembre-se: ao separar palavras na translineação (mudança de linha), caso a última palavra a ser escrita seja formada por hífen, repita-o na próxima linha. Exemplo: escreverei *anti-inflamatório* e, ao final, coube apenas "anti-". Na linha debaixo escreverei: "-inflamatório" (hífen em ambas as linhas).

***Não se emprega o hífen*:**

1. Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo termo inicia-se em "r" ou "s". Nesse caso, passa-se a duplicar estas consoantes: *antirreligioso, contrarregra, infrassom, microssistema, minissaia, microrradiografia*, etc.

2. Nas constituições em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo termo inicia-se com vogal diferente: *antiaéreo, extraescolar, coeducação, autoestrada, autoaprendizagem, hidroelétrico, plurianual, autoescola, infraestrutura,* etc.

3. Nas formações, em geral, que contêm os prefixos "dês" e "in" e o segundo elemento perdeu o h inicial: *desumano, inábil, desabilitar,* etc.

4. Nas formações com o prefixo "co", mesmo quando o segundo elemento começar com "o": *cooperação, coobrigação, coordenar, coocupante, coautor, coedição, coexistir,* etc.

5. Em certas palavras que, com o uso, adquiriram noção de composição: *pontapé, girassol, paraquedas, paraquedista*, etc.

6. Em alguns compostos com o advérbio "bem": *benfeito, benquerer, benquerido,* etc.

Questões sobre Hífen

01.Assinale a alternativa em que o hífen, conforme o novo Acordo, está sendo usado corretamente:

A) Ele fez sua auto-crítica ontem.
B) Ela é muito mal-educada.
C) Ele tomou um belo ponta-pé.
D) Fui ao super-mercado, mas não entrei.
E) Os raios infra-vermelhos ajudam em lesões.

02.Assinale a alternativa errada quanto ao emprego do hífen:

A) Pelo interfone ele comunicou bem-humorado que faria uma superalimentação.

B) Nas circunvizinhanças há uma casa malassombrada.

C) Depois de comer a sobrecoxa, tomou um antiácido.

D) Nossos antepassados realizaram vários anteprojetos.

E) O autodidata fez uma autoanálise.

03.Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do hífen, respeitando-se o novo Acordo.

A) O semi-analfabeto desenhou um semicírculo.

B) O meia-direita fez um gol de sem-pulo na semifinal do campeonato.

C) Era um sem-vergonha, pois andava seminu.

D) O recém-chegado veio de além-mar.

E) O vice-reitor está em estado pós-operatório.

04.Segundo o novo Acordo, entre as palavras pão duro (avarento), copo de leite (planta) e pé de moleque (doce) o hífen é obrigatório:

A) em nenhuma delas.

B) na segunda palavra.

C) na terceira palavra.

D) em todas as palavras.

E) na primeira e na segunda palavra.

05.Fez um esforço __ para vencer o campeonato __. Qual alternativa completa corretamente as lacunas?

A) sobreumano/interregional

B) sobrehumano-interregional

C) sobre-humano / inter-regional

D) sobrehumano/ inter-regional

E) sobre-humano /interegional

GABARITO

01. B 02. B 03. A 04. E 05. C

RESOLUÇÃO

1-)

A) autocrítica

C) pontapé

D) supermercado

E) infravermelhos

2-)B) Nas circunvizinhanças há uma casa mal-assombrada.

3-) A) O semianalfabeto desenhou um semicírculo.

4-)

a) pão-duro / b) copo-de-leite (planta) / c) pé de moleque (doce)

a) Usa-se o hífen nas palavras compostas que não apresentam elementos de ligação.

b) Usa-se o hífen nos compostos que designam espécies animais e botânicas (nomes de plantas, flores, frutos, raízes, sementes), tenham ou não elementos de ligação.

c) Não se usa o hífen em compostos que apresentam elementos de ligação.

5-) Fez um esforço sobre-humano para vencer o campeonato inter-regional.

- Usa-se o hífen diante de palavra iniciada por h.

- Usa-se o hífen se o prefixo terminar com a mesma letra com que se inicia a outra palavra

ACENTUAÇÃO

A *acentuação* é um dos requisitos que perfazem as regras estabelecidas pela Gramática Normativa. Esta se compõe de algumas particularidades, às quais devemos estar atentos, procurando estabelecer uma relação de familiaridade e, consequentemente, colocando-as em prática na linguagem escrita.

À medida que desenvolvemos o hábito da leitura e a prática de redigir, automaticamente aprimoramos essas competências, e logo nos adequamos à forma padrão.

Regras básicas – Acentuação tônica

A acentuação tônica implica na intensidade com que são pronunciadas as sílabas das palavras. Aquela que se dá de forma mais acentuada, conceitua-se como *sílaba tônica.* As demais, como são pronunciadas com menos intensidade, são denominadas de *átonas.*

De acordo com a tonicidade, as palavras são classificadas como:

Oxítonas – São aquelas cuja sílaba tônica recai sobre a última sílaba. Ex.: *café – coração – cajá – atum – caju – papel*

Paroxítonas – São aquelas em que a sílaba tônica recai na penúltima sílaba. Ex.: *útil – tórax – táxi – leque – retrato – passível*

Proparoxítonas - São aquelas em que a sílaba tônica está na antepenúltima sílaba. Ex.: *lâmpada – câmara – tímpano – médico – ônibus*

Como podemos observar, os vocábulos possuem mais de uma sílaba, mas em nossa língua existem aqueles com uma sílaba somente: são os chamados ***monossílabos*** que, quando pronunciados, apresentam certa diferenciação quanto à intensidade.

Tal diferenciação só é percebida quando os pronunciamos em uma dada sequência de palavras. Assim como podemos observar no exemplo a seguir:

"Sei que não vai dar em nada,
Seus segredos sei de cor".

Os monossílabos classificam-se como tônicos; os demais, como átonos (que, em, de).

Os acentos

acento agudo (´) – Colocado sobre as letras «a», «i», «u» e sobre o «e» do grupo "em" - indica que estas letras representam as vogais tônicas de palavras como *Amapá, caí, público, parabéns*. Sobre as letras "e" e "o" indica, além da tonicidade, timbre aberto.Ex.: *herói – médico – céu* (ditongos abertos)

acento circunflexo (^) – colocado sobre as letras "a", "e" e "o" indica, além da tonicidade, timbre fechado: Ex.: *tâmara – Atlântico – pêssego – supôs*

acento grave (`) – indica a fusão da preposição "a" com artigos e pronomes. Ex.: *à – às – àquelas – àqueles*

trema (¨) – De acordo com a nova regra, foi totalmente abolido das palavras. *Há uma exceção*: é utilizado em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros. Ex.: *mülleriano (de Müller)*

til (~) – indica que as letras "a" e "o" representam vogais nasais. Ex.: *coração – melão – órgão – ímã*

***Regras fundamentais*:**

***Palavras oxítonas*:**

Acentuam-se todas as oxítonas terminadas em: "a", "e", "o", "em", seguidas ou não do plural(s): *Pará – café(s) – cipó(s) – armazém(s)*

Essa regra também é aplicada aos seguintes casos:

Monossílabos tônicos terminados em "a", "e", "o", seguidos ou não de "s". Ex.: *pá – pé – dó – há*

Formas verbais terminadas em "a", "e", "o" tônicos, seguidas de lo, la, los, las. Ex. *respeitá-lo – percebê-lo – compô-lo*

***Paroxítonas*:**

Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em:

- i, is : *táxi – lápis – júri*
- us, um, uns : *vírus – álbuns – fórum*
- l, n, r, x, ps : *automóvel – elétron - cadáver – tórax – fórceps*
- ã, ãs, ão, ãos : *ímã – ímãs – órfão – órgãos*

-- **Dica da Zê!**: Memorize a palavra LINURXÃO. Para quê? Repare que essa palavra apresenta as terminações das paroxítonas que são acentuadas: L, I N, U (aqui inclua UM = fórum), R, X, Ã, ÃO. Assim ficará mais fácil a memorização!

-*ditongo oral*, crescente ou decrescente, seguido ou não de "s": *água – pônei – mágoa – jóquei*

Regras especiais:

Os ditongos de pronúncia aberta "ei", "oi" (*ditongos abertos*), que antes eram acentuados, *perderam o acento* de acordo com a nova regra, mas *desde que estejam em palavras paroxítonas*.

*** Cuidado**: Se os ditongos abertos estiverem em uma palavra oxítona (*herói)* ou monossílaba (*céu)* ainda são acentuados. Ex.: *herói, céu, dói, escarcéu*.

Antes	**Agora**
assembléia	assembleia
idéia	ideia
geléia	geleia
jibóia	jiboia
apóia (verbo apoiar)	apoia
paranóico	paranoico

Quando a vogal do hiato for "i" ou "u" tônicos, acompanhados ou não de "s", haverá acento. Ex.: *saída – faísca – baú – país – Luís*

Observação importante:

Não serão mais acentuados "i" e "u" tônicos, formando hiato quando vierem depois de ditongo: Ex.:

Antes	**Agora**
bocaiúva	bocaiuva
feiúra	feiura
Sauípe	Sauipe

O acento pertencente aos encontros "oo" e "ee" foi abolido. Ex.:

Antes	**Agora**
crêem	creem
lêem	leem
vôo	voo
enjôo	enjoo

- Agora memorize a palavra CREDELEVÊ. São os verbos que, no plural, dobram o "e", mas que não recebem mais acento como antes: CRER, DAR, LER e VER.

Repare:

1-) *O menino crê em você*
Os meninos creem em você.
2-) *Elza lê bem!*
Todas leem bem!
3-) *Espero que ele dê o recado à sala.*
Esperamos que os garotos deem o recado!
4-) *Rubens vê tudo!*
Eles veem tudo!

* **Cuidado!** Há o verbo vir:
Ele vem à tarde!
Eles vêm à tarde!

Não se acentuam o "i" e o "u" que formam hiato quando seguidos, na mesma sílaba, de l, m, n, r ou z. *Ra-ul, ru-im, con-tri-bu-in-te, sa-ir, ju-iz*

Não se acentuam as letras "i" e "u" dos hiatos se estiverem seguidas do dígrafo nh. Ex: *ra-i-nha, ven-to-i-nha.*

Não se acentuam as letras "i" e "u" dos hiatos se vierem precedidas de vogal idêntica: *xi-i-ta, pa-ra-cu-u-ba*

NOVA CONCURSOS

As formas verbais que possuíam o acento tônico na raiz, com "u" tônico precedido de "g" ou "q" e seguido de "e" ou "i" não serão mais acentuadas. Ex.:

Antes	Depois
apazigúe (apaziguar)	apazigue
averigúe (averiguar)	averigue
argúi (arguir)	argui

Acentuam-se os verbos pertencentes à terceira pessoa do plural de: *ele tem – eles têm / ele vem – eles vêm (verbo vir)*

A regra prevalece também para os verbos conter, obter, reter, deter, abster.

ele contém – eles contêm
ele obtém – eles obtêm
ele retém – eles retêm
ele convém – eles convêm

Não se acentuam mais as palavras homógrafas que antes eram acentuadas para diferenciá-las de outras semelhantes (regra do acento diferencial). Apenas em **algumas exceções**, como:

A forma verbal *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo) ainda continua sendo acentuada para diferenciar-se de *pode* (terceira pessoa do singular do presente do indicativo). Ex:

Ela pode fazer isso agora.
Elvis não pôde participar porque sua mão não deixou...

O mesmo ocorreu com o verbo *pôr* para diferenciar da preposição *por*.

- Quando, na frase, der para substituir o "por" por "colocar", estaremos trabalhando com um verbo, portanto: "pôr"; nos outros casos, "por" preposição. Ex:

Faço isso por você.
Posso pôr (colocar) meus livros aqui?

Questões sobre Acentuação Gráfica

01. "Cadáver" é paroxítona, pois:
A) Tem a última sílaba como tônica.
B) Tem a penúltima sílaba como tônica.
C) Tem a antepenúltima sílaba como tônica.
D) Não tem sílaba tônica.

02. Assinale a alternativa correta.
A palavra faliu contém um:
A) hiato
B) dígrafo
C) ditongo decrescente
D) ditongo crescente

03. Em "O resultado da ***experiência*** foi, literalmente, aterrador." a palavra destacada encontra-se acentuada pelo mesmo motivo que:
A) túnel
B) voluntário
C) até
D) insólito
E) rótulos

04. Assinale a alternativa correta.
A) "Contrário" e "prévias" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
B) Em "interruptor" e "testaria" temos, respectivamente, encontro consonantal e hiato.
C) Em "erros ***derivam*** do mesmo ***recurso mental***" as palavras grifadas são paroxítonas.
D) Nas palavras "se***gu***ida", "a***qu***ele" e "***qu***ando" as partes destacadas são dígrafos.
E) A divisão silábica está correta em "co-gni-ti-va", "p-si-có-lo-ga" e "a-ci-o-na".

05. Todas as palavras abaixo são hiatos, EXCETO:
A) saúde
B) cooperar
C) ruim
D) creem
E) pouco

06. "O ***episódio*** aconteceu em plena via pública de Assis. Dez mulheres começaram a cantar músicas pela paz mundial. A partir daquele momento outras pessoas que passavam por ali decidiram integrar ao grupo. Rapidamente, uma multidão aderiu à ideia. Assim começou a formação do maior coral popular de Assis". O vocábulo sublinhado tem sua acentuação gráfica justificada pelo mesmo motivo das palavras:
A) eminência, ímpio, vácuo, espécie, sério
B) aluá, cárie, pátio, aéreo, ínvio
C) chinês, varíola, rubéola, período, prêmio
D) sábio, sábia, sabiá, curió, sério

07. Assinale a opção CORRETA em que todas as palavras estão acentuadas na mesma posição silábica.
A) Nazaré - além - até - está - também.
B) Água - início - além - oásis - religião.
C) Município - início - água - século - oásis
D) Século - símbolo - água - histórias - missionário
E) Missionário - símbolo - histórias - século – município

08. Considerando as palavras: *também / revólver / lâmpada / lápis*. Assinale a única alternativa cuja justificativa de acentuação gráfica não se refere a uma delas:
A) palavra paroxítona terminada em - *is*
B) palavra proparoxítona terminada em - *em*
C) palavra paroxítona terminada em - *r*
D) palavra proparoxítona - todas devem ser acentuadas

09. Assinale a alternativa incorreta:
A) Os vocábulos sábio, régua e decência são paroxítonos terminadas em ditongos crescentes.
B) O vocábulo armazém é acentuado por ser um oxítono terminado em em.
C) Os vocábulos baú e cafeína são hiatos.
D) O vocábulo véu é acentuado por ser um oxítono terminado em u.

GABARITO

01. B 02. C 03. B 04. A 05. E
06. A 07. A 08. B 09. D

RESOLUÇÃO

1-) Separando as sílabas: Ca – dá – ver: a penúltima sílaba é a tônica (mais forte; nesse caso, acentuada). Penúltima sílaba tônica = paroxítona

2-) fa - liu - temos aqui duas vogais na mesma sílaba, portanto: ditongo. É decrescente porque apresenta uma vogal e uma semivogal. Na classificação, ambas são semivogais, mas quando juntas, a que "aparecer" mais na pronúncia será considerada "vogal".

3-) ex – pe - ri – ên - cia : paroxítona terminada em ditongo crescente (semivogal + vogal)
a-) Tú –nel: paroxítona terminada em L
b-) vo – lun - tá – rio : paroxítona terminada em ditongo
c-) A - té – oxítona
d-) in – só – li – to : proparoxítona
e-) ró – tu los – proparoxítona

4-)
a-) correta
b-) inteRRuptor: não é encontro consonantal, mas sim DÍGRAFO
c-) todas são, exceto MENTAL, que é oxítona
d-) são dígrafos, exceto QUANDO, que "ouço" o som do U, portanto não é caso de dígrafo
e-) cog – ni - ti – va / psi – có- lo- ga

5-) sa - ú - de / co - o - pe – rar / ru – im / cre - em / pou - co (ditongo)

6-) e - pi - só - dio - paroxítona terminada em ditongo
a-) ok
b-) a – lu –á :oxítona, então descarte esse item
c-) chi – nês : oxítona, idem
d-) sa – bi – á : idem

7-)
a-) oxítona – TODAS
b-) paroxítona – paroxítona – oxítona – paroxítona – não acentuada
c-) paroxítona – idem – idem – proparoxítona – paroxítona
d-) proparoxítona – idem – paroxítona – idem – idem
e-) paroxítona – proparoxítona – paroxítona – proparoxítona – paroxítona

8-) tam – bém: oxítona / re – vól – ver: paroxítona / lâm – pa – da: proparoxítona / lá – pis :paroxítona
a-) é a regra do LÁPIS
b-) todas as proparoxítonas são acentuadas, <u>independente de sua terminação</u>
c-) regra para REVÓLVER
d-) relativa à palavra lâmpada

9-) As alternativas A, B e C contêm afirmativas corretas. Na D, há erro, pois véu é monossílabo acentuado por terminar em ditongo aberto.

PONTUAÇÃO

Os ***<u>sinais de pontuação</u>*** são marcações gráficas que servem para compor a coesão e a coerência textual, além de ressaltar especificidades semânticas e pragmáticas. Vejamos as principais funções dos sinais de pontuação conhecidos pelo uso da língua portuguesa.

<u>Ponto</u>
1- Indica o término do discurso ou de parte dele.
- Façamos o que for preciso para tirá-la da situação em que se encontra.
- Gostaria de comprar pão, queijo, manteiga e leite.
- Acordei. Olhei em volta. Não reconheci onde estava.

2- Usa-se nas abreviações - V. Exª. - Sr.

***<u>Ponto e Vírgula</u>* (;)**
1- Separa várias partes do discurso, que têm a mesma importância.
- "Os pobres dão pelo pão o trabalho; os ricos dão pelo pão a fazenda; os de espíritos generosos dão pelo pão a vida; os de nenhum espírito dão pelo pão a alma..." (VIEIRA)

2- Separa partes de frases que já estão separadas por vírgulas.
- Alguns quiseram verão, praia e calor; outros, montanhas, frio e cobertor.

3- Separa itens de uma enumeração, exposição de motivos, decreto de lei, etc.
- Ir ao supermercado;
- Pegar as crianças na escola;
- Caminhada na praia;
- Reunião com amigos.

<u>Dois pontos</u>
1- Antes de uma citação
- Vejamos como Afrânio Coutinho trata este assunto:

2- Antes de um aposto
- Três coisas não me agradam: chuva pela manhã, frio à tarde e calor à noite.

3- Antes de uma explicação ou esclarecimento
- Lá estava a deplorável família: triste, cabisbaixa, vivendo a rotina de sempre.

4- Em frases de estilo direto
Maria perguntou:
- Por que você não toma uma decisão?

<u>Ponto de Exclamação</u>
1- Usa-se para indicar entonação de surpresa, cólera, susto, súplica, etc.
- Sim! Claro que eu quero me casar com você!
2- Depois de interjeições ou vocativos
- Ai! Que susto!
- João! Há quanto tempo!

NOVA CONCURSOS

Ponto de Interrogação

Usa-se nas interrogações diretas e indiretas livres.

"- Então? Que é isso? Desertaram ambos?" (Artur Azevedo)

Reticências

1- Indica que palavras foram suprimidas.

- Comprei lápis, canetas, cadernos...

2- Indica interrupção violenta da frase.

"- Não... quero dizer... é verdad... Ah!"

3- Indica interrupções de hesitação ou dúvida

- Este mal... pega doutor?

4- Indica que o sentido vai além do que foi dito

- Deixa, depois, o coração falar...

Vírgula

Não se usa vírgula

*separando termos que, do ponto de vista sintático, ligam-se diretamente entre si:

- entre sujeito e predicado.

Todos os alunos da sala *foram advertidos.*

Sujeito predicado

- entre o verbo e seus objetos.

O trabalho custou *sacrifício* *aos realizadores.*

V.T.D.I. O.D. O.I.

Usa-se a vírgula:

- Para marcar intercalação:

a) do adjunto adverbial: *O café, em razão da sua abundância, vem caindo de preço.*

b) da conjunção: *Os cerrados são secos e áridos. Estão produzindo, todavia, altas quantidades de alimentos.*

c) das expressões explicativas ou corretivas: *As indústrias não querem abrir mão de suas vantagens, isto é, não querem abrir mão dos lucros altos.*

- Para marcar inversão:

a) do adjunto adverbial (colocado no início da oração): *Depois das sete horas, todo o comércio está de portas fechadas.*

b) dos objetos pleonásticos antepostos ao verbo: *Aos pesquisadores, não lhes destinaram verba alguma.*

c) do nome de lugar anteposto às datas: *Recife, 15 de maio de 1982.*

- Para separar entre si elementos coordenados (dispostos em enumeração):

Era um garoto de 15 anos, alto, magro.

A ventania levou árvores, e telhados, e pontes, e animais.

- Para marcar elipse (omissão) do verbo:

Nós queremos comer pizza; e vocês, churrasco.

- Para isolar:

- o aposto: *São Paulo, considerada a metrópole brasileira, possui um trânsito caótico.*

- o vocativo: *Ora, Thiago, não diga bobagem.*

Fontes:
http://www.infoescola.com/portugues/pontuacao/
http://www.brasilescola.com/gramatica/uso-da-virgula.htm

Questões sobre Pontuação

01. (Agente Policial – Vunesp – 2013). Assinale a alternativa em que a pontuação está corretamente empregada, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora, experimentasse, a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(B) Diante, da testemunha o homem abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação, de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(C) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(D) Diante da testemunha, o homem, abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando, encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(E) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora, experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando, encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

02. Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:

"Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ____ uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.

A) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
B) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula;
C) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
D) pontos vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
E) ponto e vírgula, vírgula, vírgula.

03. (Agente de Apoio Administrativo – FCC – 2013). Os sinais de pontuação estão empregados corretamente em:

A) Duas explicações, do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque, o conceito de PPD e a construção de tabelas Price; mas por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

B) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque: o conceito de PPD e a construção de tabelas Price; mas, por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

C) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque; o conceito de PPD e a construção de tabelas Price, mas por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

D) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes, receberam destaque: o conceito de PPD e a construção de tabelas Price, mas, por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

E) Duas explicações, do treinamento para consultores iniciantes, receberam destaque; o conceito de PPD e a construção de tabelas Price, mas por outro lado, faltou falar das metas, de vendas associadas aos dois temas.

04.(Escrevente TJ SP – Vunesp 2012). Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.

(A) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(B) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.

(C) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(D) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.

(E) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

05. (Papiloscopista Policial – Vunesp – 2013 – adap.). Assinale a alternativa em que a frase mantém-se correta após o acréscimo das vírgulas.

(A) Se a criança se perder, quem encontrá-la, verá na pulseira instruções para que envie, uma mensagem eletrônica ao grupo ou acione o código na internet.

(B) Um geolocalizador também, avisará, os pais de onde o código foi acionado.

(C) Assim que o código é digitado, familiares cadastrados, recebem automaticamente, uma mensagem dizendo que a criança foi encontrada.

(D) De fabricação chinesa, a nova pulseirinha, chega primeiro às, areias do Guarujá.

(E) O sistema permite, ainda, cadastrar o nome e o telefone de quem a encontrou e informar um ponto de referência

06. Assinale a série de sinais cujo emprego corresponde, na mesma ordem, aos parênteses indicados no texto:

"*Pergunta-se ( ) qual é a ideia principal desse parágrafo ( ) A chegada de reforços ( ) a condecoração ( ) o escândalo da opinião pública ou a renúncia do presidente ( ) Se é a chegada de reforços ( ) que relação há ( ) ou mostrou seu autor haver ( ) entre esse fato e os restantes* ( )".

A) vírgula, vírgula, interrogação, interrogação, interrogação, vírgula, vírgula, vírgula, ponto final

B) dois pontos, interrogação, vírgula, vírgula, interrogação, vírgula, travessão, travessão, interrogação

C) travessão, interrogação, vírgula, vírgula, ponto final, travessão, travessão, ponto final, ponto final

D) dois pontos, interrogação, vírgula, ponto final, travessão, vírgula, vírgula, vírgula, interrogação

E) dois pontos, ponto final, vírgula, vírgula, interrogação, vírgula, vírgula, travessão, interrogação

07. (SRF) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:

A) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

B) Em fila, os candidatos, aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

C) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

D) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

E) Os candidatos aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

08. A frase em que deveria haver uma vírgula é:

A) Comi uma fruta pela manhã e outra à tarde.

B) Eu usei um vestido vermelho na festa e minha irmã usou um vestido azul.

C) Ela tem lábios e nariz vermelhos.

D) Não limparam a sala nem a cozinha.

GABARITO

01. C 02. C 03. B 04. D 05. E
06. B 07. B 08. B

RESOLUÇÃO

1- *Assinalei com um (X) as pontuações inadequadas*

(A) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora, (X) experimentasse , (X) a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(B) Diante , (X) da testemunha o homem abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação , (X) de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(D) Diante da testemunha, o homem , (X) abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando , (X) encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(E) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora , (X) experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando , (X) encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

2-) Quando se trata de trabalho científico , duas coisas devem ser consideradas *:* uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece *;* a outra é o valor prático que possa ter.

vírgula, dois pontos, ponto e vírgula

3-) Assinalei com (X) onde estão as pontuações inadequadas

A) Duas explicações , (X) do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque , (X) o conceito de PPD e a construção de tabelas Price; mas por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

C) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque ; (X) o conceito de PPD e a construção de tabelas Price , (X) mas por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

D) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes , (X) receberam destaque: o conceito de PPD e a construção de tabelas Price , (X) mas, por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

E) Duas explicações , (X) do treinamento para consultores iniciantes , (X) receberam destaque ; (X) o conceito de PPD e a construção de tabelas Price , (X) mas por outro lado, faltou falar das metas , (X) de vendas associadas aos dois temas.

4-) Assinalei com (X) onde estão as pontuações inadequadas

(A) Não há dúvida de que as mulheres ampliam , (X) rapidamente , (X) seu espaço na carreira científica (,) ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(B) Não há dúvida de que , (X) as mulheres , (X) ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica ; (X) ainda que o avanço seja mais notável , (X) em alguns países, o Brasil é um exemplo ! (X) , do que em outros.

(C) Não há dúvida de que as mulheres , (X) ampliam rapidamente seu espaço , (X) na carreira científica , (X) ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países : (X) o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(E) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente , (X) seu espaço na carreira científica, ainda que , (X) o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

5-) Assinalei com (X) onde estão as pontuações inadequadas

(A) Se a criança se perder, quem encontrá-la , (X) verá na pulseira instruções para que envie , (X) uma mensagem eletrônica ao grupo ou acione o código na internet.

(B) Um geolocalizador também , (X) avisará , (X) os pais de onde o código foi acionado.

(C) Assim que o código é digitado, familiares cadastrados , (X) recebem (,) automaticamente, uma mensagem dizendo que a criança foi encontrada.

(D) De fabricação chinesa, a nova pulseirinha , (X) chega primeiro às , (X) areias do Guarujá.

6-) Pergunta-se (:) qual é a ideia principal desse parágrafo

(?) A chegada de reforços (,) a condecoração (,) o escândalo da opinião pública ou a renúncia do presidente (?) Se é a chegada de reforços (,) que relação há (-) ou mostrou seu autor haver (-) entre esse fato e os restantes (?)

7-) Em fila, os candidatos , (X) aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

8-) Eu usei um vestido vermelho na festa , e minha irmã usou um vestido azul.

Há situações em que é possível usar a vírgula antes do "e". Isso ocorre quando a conjunção aditiva coordena orações de sujeitos diferentes nas quais a leitura fluente pode ser prejudicada pela ausência da pontuação.

CRASE

A palavra ***crase*** é de origem grega e significa "fusão", "mistura". Na língua portuguesa, é o nome que se dá à "junção" de duas vogais idênticas. É de grande importância a crase da preposição "a" com o artigo feminino "a" (s), com o "a" inicial dos pronomes aquele(s), aquela (s), aquilo e com o "a" do relativo a qual (as quais). Na escrita, utilizamos o acento grave (`) para indicar a crase. O uso apropriado do acento grave depende da compreensão da fusão das duas vogais. É fundamental também, para o entendimento da crase, dominar a regência dos verbos e nomes que exigem a preposição "a". Aprender a usar a crase, portanto, consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome. Observe:

Vou a + a igreja.

Vou à igreja.

No exemplo acima, temos a ocorrência da preposição "a", exigida pelo verbo ir (ir a algum lugar) e a ocorrência do artigo "a" que está determinando o substantivo feminino igreja. Quando ocorre esse encontro das duas vogais e elas se unem, a união delas é indicada pelo acento grave. Observe os outros exemplos:

Conheço a aluna.

Refiro-me à aluna.

No primeiro exemplo, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), logo não exige preposição e a crase não pode ocorrer. No segundo exemplo, o verbo é transitivo indireto (referir--se a algo ou a alguém) e exige a preposição "a". Portanto, a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino "a" ou um dos pronomes já especificados.

***Casos em que a crase NÃO ocorre*:**

- diante de substantivos masculinos:
Andamos a cavalo.
Fomos a pé.
Passou a camisa a ferro.
Fazer o exercício a lápis.
Compramos os móveis a prazo.

- diante de verbos no infinitivo:
A criança começou a falar.
Ela não tem nada a dizer.
Obs.: como os verbos não admitem artigos, o "a" dos exemplos acima é apenas preposição, logo não ocorrerá crase.

- diante da maioria dos pronomes e das expressões de tratamento, com exceção das formas senhora, senhorita e dona:
Diga a ela que não estarei em casa amanhã.
Entreguei a todos os documentos necessários.
Ele fez referência a Vossa Excelência no discurso de ontem.
Peço a Vossa Senhoria que aguarde alguns minutos.
Os poucos casos em que ocorre crase diante dos pronomes podem ser identificados pelo método: troque a palavra feminina por uma masculina, caso na nova construção surgir a forma ao, ocorrerá crase. Por exemplo:
Refiro-me à mesma pessoa. (Refiro-me ao mesmo indivíduo.)
Informei o ocorrido à senhora. (Informei o ocorrido ao senhor.)
Peça à própria Cláudia para sair mais cedo. (Peça ao próprio Cláudio para sair mais cedo.)

- diante de numerais cardinais:
Chegou a duzentos o número de feridos.
Daqui a uma semana começa o campeonato.

Casos em que a crase SEMPRE ocorre:

- diante de palavras femininas:
Amanhã iremos à festa de aniversário de minha colega.
Sempre vamos à praia no verão.
Ela disse à irmã o que havia escutado pelos corredores.
Sou grata à população.
Fumar é prejudicial à saúde.
Este aparelho é posterior à invenção do telefone.

- diante da palavra "moda", com o sentido de "à moda de" (mesmo que a expressão moda de fique subentendida):
O jogador fez um gol à (moda de) Pelé.
Usava sapatos à (moda de) Luís XV.
Estava com vontade de comer frango à (moda de) passarinho.
O menino resolveu vestir-se à (moda de) Fidel Castro.

- na indicação de horas:
Acordei às sete horas da manhã.
Elas chegaram às dez horas.
Foram dormir à meia-noite.

- em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas. Por exemplo:

à tarde	às ocultas	às pressas	à medida que
à noite	às claras	às escondidas	à força
à vontade	à beça	à larga	à escuta
às avessas	à revelia	à exceção de	à imitação de
à esquerda	às turras	às vezes	à chave
à direita	à procura	à deriva	à toa
à luz	à sombra de	à frente de	à proporção que
à semelhança de	às ordens	à beira de	

NOVA CONCURSOS

Crase diante de Nomes de Lugar

Alguns nomes de lugar não admitem a anteposição do artigo "a". Outros, entretanto, admitem o artigo, de modo que diante deles haverá crase, desde que o termo regente exija a preposição "a". Para saber se um nome de lugar admite ou não a anteposição do artigo feminino "a", deve-se substituir o termo regente por um verbo que peça a preposição "de" ou "em". A ocorrência da contração "da" ou "na" prova que esse nome de lugar aceita o artigo e, por isso, haverá crase. Por exemplo:

Vou à França. (Vim da [de+a] França. Estou na [em+a] França.)

Cheguei à Grécia. (Vim da Grécia. Estou na Grécia.)

Retornarei à Itália. (Vim da Itália. Estou na Itália)

Vou a Porto Alegre. (Vim de Porto Alegre. Estou em Porto Alegre.)

*- ***Dica da Zê!***: use a regrinha "Vou A volto DA, crase HÁ; vou A volto DE, crase PRA QUÊ?"

Ex: *Vou a Campinas.* = *Volto de Campinas.*

Vou à praia. = *Volto da praia.*

- **ATENÇÃO**: quando o nome de lugar estiver especificado, ocorrerá crase. Veja:

Retornarei à São Paulo dos bandeirantes. = mesmo que, pela regrinha acima, seja a do "VOLTO DE"

Irei à Salvador de Jorge Amado.

Crase diante dos Pronomes Demonstrativos

Aquele (s), Aquela (s), Aquilo

Haverá crase diante desses pronomes sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Por exemplo:

Refiro-me a + aquele atentado.

Preposição Pronome

Refiro-me àquele atentado.

O termo regente do exemplo acima é o verbo transitivo indireto referir (referir-se a algo ou alguém) e exige preposição, portanto, ocorre a crase. Observe este outro exemplo:

Aluguei aquela casa.

O verbo "alugar" é transitivo direto (alugar algo) e não exige preposição. Logo, a crase não ocorre nesse caso. Veja outros exemplos:

Dediquei àquela senhora todo o meu trabalho.
Quero agradecer àqueles que me socorreram.
Refiro-me àquilo que aconteceu com seu pai.
Não obedecerei àquele sujeito.
Assisti àquele filme três vezes.
Espero aquele rapaz.
Fiz aquilo que você disse.
Comprei aquela caneta.

Crase com os Pronomes Relativos A Qual, As Quais

A ocorrência da crase com os pronomes relativos *a qual* e *as quais* depende do verbo. Se o verbo que rege esses pronomes exigir a preposição "a", haverá crase. É possível detectar a ocorrência da crase nesses casos utilizando a substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino. Por exemplo:

A igreja à qual me refiro fica no centro da cidade.

O monumento ao qual me refiro fica no centro da cidade.

Caso surja a forma ao com a troca do termo, ocorrerá a crase. Veja outros exemplos:

São normas às quais todos os alunos devem obedecer.
Esta foi a conclusão à qual ele chegou.
Várias alunas às quais ele fez perguntas não souberam responder nenhuma das questões.
A sessão à qual assisti estava vazia.

Crase com o Pronome Demonstrativo "a"

A ocorrência da crase com o pronome demonstrativo "a" também pode ser detectada através da substituição do termo regente feminino por um termo regido masculino. Veja:

Minha revolta é ligada à do meu país.
Meu luto é ligado ao do meu país.
As orações são semelhantes às de antes.
Os exemplos são semelhantes aos de antes.
Suas perguntas são superiores às dele.
Seus argumentos são superiores aos dele.
Sua blusa é idêntica à de minha colega.
Seu casaco é idêntico ao de minha colega.

A Palavra Distância

Se a palavra distância estiver especificada, determinada, a crase deve ocorrer. Por exemplo: *Sua casa fica à distância de 100km daqui.* (A palavra está determinada)

Todos devem ficar à distância de 50 metros do palco. (A palavra está especificada.)

Se a palavra distância não estiver especificada, a crase não pode ocorrer. Por exemplo:

Os militares ficaram a distância.
Gostava de fotografar a distância.
Ensinou a distância.
Dizem que aquele médico cura a distância.
Reconheci o menino a distância.

Observação: por motivo de clareza, *para evitar ambiguidade, pode-se usar a crase.* Veja:

Gostava de fotografar à distância.
Ensinou à distância.
Dizem que aquele médico cura à distância.

Casos em que a ocorrência da crase é FACULTATIVA

- diante de nomes próprios femininos:

Observação: é facultativo o uso da crase diante de nomes próprios femininos porque é facultativo o uso do artigo. Observe:

Paula é muito bonita. Laura é minha amiga.

A Paula é muito bonita. A Laura é minha amiga.

Como podemos constatar, é facultativo o uso do artigo feminino diante de nomes próprios femininos, então podemos escrever as frases abaixo das seguintes formas:

Entreguei o cartão a Paula. Entreguei o cartão a Roberto.

Entreguei o cartão à Paula. Entreguei o cartão ao Roberto.

- diante de pronome possessivo feminino:

Observação: é facultativo o uso da crase diante de pronomes possessivos femininos porque é facultativo o uso do artigo. Observe:

Minha avó tem setenta anos. Minha irmã está esperando por você.

A minha avó tem setenta anos. A minha irmã está esperando por você.

Sendo facultativo o uso do artigo feminino diante de pronomes possessivos femininos, então podemos escrever as frases abaixo das seguintes formas:

Cedi o lugar a minha avó. Cedi o lugar a meu avô.

Cedi o lugar à minha avó. Cedi o lugar ao meu avô.

- depois da preposição até:

Fui até a praia. ou Fui até à praia.

Acompanhe-o até a porta. ou Acompanhe-o até à porta.

A palestra vai até as cinco horas da tarde. ou A palestra vai até às cinco horas da tarde.

Questões sobre Crase

01.(Escrevente TJ SP – Vunesp/2012) *No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se _____aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler ____respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses____ vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica ____quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família?*

(Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) aos ... à ... a ... a
(B) aos ... a ... à ... a
(C) a ... a ... à ... à
(D) à ... à ... à ... à
(E) a ... a ... a ... a

02. (Agente de Apoio Administrativo – FCC – 2013).Leia o texto a seguir.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu _____ cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que _____ cartomante restituiu--lhe _____ confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez.

(Machado de Assis. A cartomante. In: Várias histórias. Rio de Janeiro: Globo, 1997, p. 6)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

A) à – a – a
B) a – a – à
C) à – a – à
D) à – à – a
E) a – à – à

03 *"Nesta oportunidade, volto ___ referir-me ___ problemas já expostos ___ V. Sª ___ alguns dias".*

a) à - àqueles - a - há
b) a - àqueles - a - há
c) a - aqueles - à - a
d) à - àqueles - a - a
e) a - aqueles - à - há

04.(Agente Técnico – FCC – 2013-adap.) *Claro que não me estou referindo a* ***essa vulgar comunicação festiva e efervescente.***

O vocábulo ***a*** deverá receber o sinal indicativo de crase se o segmento grifado for substituído por:

A) leitura apressada e sem profundidade.
B) cada um de nós neste formigueiro.
C) exemplo de obras publicadas recentemente.
D) uma comunicação festiva e virtual.
E) respeito de autores reconhecidos pelo público.

05. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013).

O Instituto Nacional de Administração Prisional (INAP) também desenvolve atividades lúdicas de apoio_____ ressocialização do indivíduo preso, com o objetivo de prepará-lo para o retorno_____ sociedade. Dessa forma, quando em liberdade, ele estará capacitado_____ ter uma profissão e uma vida digna.

(Disponível em: www.metropolitana.com.br/blog/qual_e_a_importancia_da_ressocializacao_de_presos. Acesso em: 18.08.2012. Adaptado)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

A) à ... à ... à
B) a ... a ... à
C) a ... à ... à
D) à ... à ... a
E) a ... à ... a

06. *O Ministro informou que iria resistir ____ pressões contrárias ____ modificações relativas ____ aquisição da casa própria.*

a) às - àquelas _ à
b) as - aquelas - a
c) às àquelas - a
d) às - aquelas - à
e) as - àquelas - à

07. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013-adap) O acento indicativo de crase está corretamente empregado em:

A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos.

B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional.

C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade.

D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades.

E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis.

08. (Agente de Vigilância e Recepção – VUNESP – 2013). O sinal indicativo de crase está correto em:

A) Este cientista tem se dedicado à uma pesquisa na área de biotecnologia.

B) Os pais não podem ser omissos e devem se dedicar à educação dos filhos.

C) Nossa síndica dedica-se integralmente à conservar as instalações do prédio.

D) O bombeiro deve dedicar sua atenção à qualquer detalhe que envolva a segurança das pessoas.

E) É função da política é dedicar-se à todo problema que comprometa o bem-estar do cidadão.

09. (Agente Educacional – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa em que a sequência da frase a seguir traz o uso correto do acento indicativo de crase, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

<u>*Um bom conhecimento de matemática é indispensável*</u>

A) à todo e qualquer estudante.
B) à estudantes de nível superior.
C) à quem pretende carreiras no campo de exatas.
D) à construção do saber nas mais diversas áreas.
E) à uma boa formação profissional.

GABARITO

01. B 02. A 03. B 04. A 05. D
06. A 07. E 08. B 09. D

RESOLUÇÃO

1-) limitar-se _aos _aspectos jurídicos ou policiais.

Raro ler __a__respeito (antes de palavra masculina não há crase) de reintegração desses_à_ vida. (reintegrar a + a vida = à) o nome de um médico ou clínica __a_quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família? (antes de pronome indefinido/relativo)

2-) correu _à (= para a) cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que _a__cartomante (objeto direto)restituiu-lhe ___a___ confiança (objeto direto), e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez.

3-) "Nesta oportunidade, volto _a_ referir-me àqueles__ problemas já expostos a _ V. Sª _há_ alguns dias".

- a referir = antes de verbo no infinito não há crase;
- quem faz referência, faz referência A algo ou A alguém (a regência do verbo pede preposição)
- antes de pronome de tratamento não há crase (exceção à senhora, que admite artigo);
- há no sentido de tempo passado.

4-) Claro que não me estou referindo à leitura apressada e sem profundidade.

a cada um de nós neste formigueiro. (antes de pronome indefinido)

a exemplo de obras publicadas recentemente. (palavra masculina)

a uma comunicação festiva e virtual. (artigo indefinido)

a respeito de autores reconhecidos pelo público. (palavra masculina)

5-) O Instituto Nacional de Administração Prisional (INAP) também desenvolve atividades lúdicas de apoio___à__ ressocialização do indivíduo preso, com o objetivo de prepará--lo para o retorno___à__ sociedade. Dessa forma, quando em liberdade, ele estará capacitado__a___ ter uma profissão e uma vida digna.

- Apoio a ? Regência nominal pede preposição;
- retorno a? regência nominal pede preposição;
- antes de verbo no infinitivo não há crase.

6-) O Ministro informou que iria resistir _às__ pressões contrárias àquelas_ modificações relativas __à_ aquisição da casa própria.

- resistir a? regência verbal pede preposição;
- contrária a? regência nominal pede preposição;
- relativas a? regência nominal pede preposição.

7-)

A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos. (antes de verbo no infinitivo não há crase)

B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional. (se o "a" está no singular e antecede palavra no plural, não há crase)

C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade. (artigo indefinido)

D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades. (palavra masculina)

E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis. = <u>*correta*</u> (regência nominal: desfavorável *a*?)

8-)

A) Este cientista tem se dedicado à uma pesquisa na área de biotecnologia. (artigo indefinido)

B) Os pais não podem ser omissos e devem se dedicar à educação dos filhos. = *correta* (regência verbal: dedicar a)

C) Nossa síndica dedica-se integralmente à conservar as instalações do prédio. (verbo no infinitivo)

D) O bombeiro deve dedicar sua atenção à qualquer detalhe que envolva a segurança das pessoas. (pronome indefinido)

E) É função da política é dedicar-se à todo problema que comprometa o bem-estar do cidadão. (pronome indefinido)

9-) Um bom conhecimento de matemática é indispensável à construção do saber nas mais diversas áreas.

A) à todo e qualquer estudante. (pronome indefinido)

B) à estudantes de nível superior. ("a" no singular antes de palavra no plural)

C) à quem pretende carreiras no campo de exatas. (pronome indefinido/relativo)

E) à uma boa formação profissional. (artigo indefinido)

LETRA E FONEMA

Letra é o sinal gráfico da escrita. Exemplos: pipoca (tem 6 letras); hoje (tem 4 letras).

Fonema é o menor elemento sonoro capaz de estabelecer uma distinção de significado entre palavras. Veja, nos exemplos, os fonemas que marcam a distinção entre os pares de palavras:

bar – ***m***ar ***t***ela – ***v***ela s***e***la – s***a***la

Não confunda os fonemas com as letras. Fonema é um elemento acústico e a letra é um sinal gráfico que representa o fonema. Nem sempre o número de fonemas de uma palavra corresponde ao número de letras que usamos para escrevê-la. Na palavra chuva, por exemplo, temos quatro fonemas, isto é, quatro unidades sonoras [xuva] e cinco letras.

Certos fonemas podem ser representados por diferentes letras. É o caso do fonema /s/, que pode ser representado por: ***s*** (pen***s***ar) – ***ss*** (pa***ss***ado) – ***x*** (trou***x***e) – ***ç*** (ca***ç***ar) – ***sc*** (na***sc***er) – ***xc*** (e***xc***elente) – ***c*** (***c***into) – ***sç*** (de***sç***o)

Às vezes, a letra "x" pode representar mais de um fonema, como na palavra táxi. Nesse caso, o "x" representa dois sons, pois lemos "táksi". Portanto, a palavra táxi tem quatro letras e cinco fonemas.

Em certas palavras, algumas letras não representam nenhum fonema, como a letra h, por exemplo, em palavras como hora, hoje, etc., ou como as letras m e n quando são usadas apenas para indicar a nasalização de uma vogal, como em canto, tinta, etc.

Classificação dos Fonemas

Os fonemas classificam-se em vogais, semivogais e consoantes.

Vogais: são fonemas resultantes das vibrações das cordas vocais e em cuja produção a corrente de ar passa livremente na cavidade bucal. As vogais podem ser orais e nasais.

Orais: quando a corrente de ar passa apenas pela cavidade bucal. São elas: a, é, ê, i, ó, ô, u. Exemplos: j***á***, p***é***, v***ê***, al***i***, p***ó***, d***o***r, ***u***va.

Nasais: quando a corrente de ar passa pela cavidade bucal e nasal. A nasalidade pode ser indicada pelo til (~) ou pelas letras n e m. Exemplos: m***ã***e, v***en***da, l***in***do, p***om***ba, n***un***ca.

Observação: As vogais ainda podem ser tônicas ou átonas, dependendo da intensidade com que são pronunciadas. A vogal tônica é pronunciada com maior intensidade: caf***é***, b***o***la, v***i***dro. A vogal átona é pronunciada com menor intensidade: c***a***fé, bol***a***, vidr***o***.

Semivogais*:* são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos de uma vogal, formam com ela uma mesma sílaba. Observe, por exemplo, a palavra papai. Ela é formada de duas sílabas: pa-pai. Na sílaba pai, o fonema vocálico /i/ não é tão forte quanto o fonema vocálico /a/; nesse caso, o /i/ é semivogal.

Consoantes*:* são os fonemas em que a corrente de ar, emitida para sua produção, teve de forçar passagem na boca, onde determinado movimento articulatório lhe criou embaraço. Exemplos: ***g***a***t***o, ***p***e***n***a, ***l***a***d***o.

Encontro Vocálicos

- *Ditongos:* é o encontro de uma vogal e uma semivogal (ou vice-versa) numa mesma sílaba. Exemplos: p***ai*** (vogal + semivogal = ditongo decrescente); ginás***io*** (semivogal + vogal = ditongo crescente).
- *Tritongos:* é o encontro de uma semivogal com uma vogal e outra semivogal numa mesma sílaba. Exemplo: Parag***uai***.
- *Hiatos:* é a sequência de duas vogais numa mesma palavra mas que pertencem a sílabas diferentes, pois nunca há mais de uma vogal numa sílaba. Exemplos: s***aí***da (s***a***-***í***-da), j***ui***z (j***u***-***i***z)

Encontro Consonantais

Ocorre quando há um grupo de consoantes sem vogal intermediária. Exemplos: ***fl***or, ***gr***ade, di***gn***o.

Dígrafos

Grupo de duas letras que representa apenas um fonema. Exemplos: pa***ss***o (ss = fonema /s/), na***sc***imento (sc = fonema /s/), ***qu***eijo (qu = fonema /k/)

NOVA CONCURSOS

Os dígrafos podem ser consonantais e vocálicos.

- *Consonantais:* ch (chuva), sc (nascer), ss (osso), sç (desça), lh (filho), xc (excelente), qu (quente), nh (vinho), rr (ferro), gu (guerra)
- *Vocálicos:* am, an (tampa, canto), em, en (tempo, vento), im, in (limpo, cinto), om, on (comprar, tonto), um, un (tumba, mundo)

Atenção: nos dígrafos, as duas letras representam um só fonema; nos encontros consonantais, cada letra representa um fonema.

Observe de acordo com os exemplos que o número de letras e fonemas não precisam ter a mesma quantidade.
- Chuva: tem 5 letras e 4 fonemas, já que o "ch" tem um único som.
- Hipopótamo: tem 10 letras e 9 fonemas, já que o "h" não tem som.
- Galinha: tem 7 letras e 6 fonemas, já que o "nh" tem um único som.
- Pássaro: tem 7 letras e 6 fonemas, já que o "ss" só tem um único som.
- Nascimento: 10 letras e 8 fonemas, já que não se pronuncia o "s" e o "en" tem um único som.
- Exceção: 7 letras e 6 fonemas, já que não tem som o "x".
- Táxi: 4 letras e 5 fonemas, já que o "x" tem som de "ks".
- Guitarra: 8 letras e 6 fonemas, já que o "gu" tem um único som e o "rr" também tem um único som.
- Queijo: 6 letras e 5 fonemas, já que o "qu" tem um único som.

Repare que através do exemplo a mudança de apenas uma letra ou fonema gera novas palavras: C a v a l o / C a v a d o / C a l a d o / C o l a d o / S o l a d o.

EXERCÍCIOS

01. A palavra que apresenta tantos fonemas quantas são as letras que a compõem é:
a) importância
b) milhares
c) sequer
d) técnica
e) adolescente

02. Em qual das palavras abaixo a letra x apresenta não um, mas dois fonemas?
a) exemplo
b) complexo
c) próximos
d) executivo
e) luxo

03. Qual palavra possui dois dígrafos?
a) fechar
b) sombra
c) ninharia
d) correndo
e) pêssego

04. Indique a alternativa cuja sequência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo.
a) jamais / Deus / luar / daí
b) joias / fluir / jesuíta / fogaréu
c) ódio / saguão / leal / poeira
d) quais / fugiu / caiu / história
05. Os vocabulários passarinho e querida possuem:

a) 6 e 8 fonemas respectivamente;
b)10 e 7 fonemas respectivamente;
c) 9 e 6 fonemas respectivamente;
d) 8 e 6 fonemas respectivamente;
e) 7 e 6 fonemas respectivamente.

06. Quantos fonemas existem na palavra paralelepípedo:

a) 7
b) 12
c) 11
d) 14
e) 15

07. Os vocábulos pequenino e drama apresentam, respectivamente:

a) 4 e 2 fonemas
b) 9 e 5 fonemas
c) 8 e 5 fonemas
d) 7 e 7 fonemas
e) 8 e 4 fonemas

08. O "I" não é semivogal em:

a) Papai
b) Azuis
c) Médio
d) Rainha
e) Herói

09. Assinale a alternativa que apresenta apenas hiatos:

a) muito, faísca, balaústre.
b) guerreiro, gratuito, intuito.
c) fluido, fortuito, Piauí.
d) tua, lua, nua.
e) n.d.a.

10. Em qual dos itens abaixo todas as palavras apresentam ditongo crescente:

a) Lei, Foice, Roubo
b) Muito, Alemão, Viu
c) Linguiça, História, Área
d) Herói, Jeito, Quilo
e) Equestre, Tênue, Ribeirão

RESPOSTAS:

01-D (Em d, a palavra possui 7 fonemas e 7 letras. Nas demais alternativas, tem-se: a) 10 fonemas / 11 letras; b) 7 fonemas / 8 letras; c) 5 fonemas / 6 letras; e) 9 fonemas / 11 letras).
02-B (a palavra complexo, o x equivale ao fonema /ks/).
03-D (Em d, há o dígrafo "rr" e o dígrafo nasal "en").
04-B (Observe os encontros: oi, u - i, u - í e eu).
05-D / 06-D / 07-C / 08-D / 09-D / 10-C

SÍLABA

A palavra *amor* está dividida em grupos de fonemas pronunciados separadamente: a - mor. A cada um desses grupos pronunciados numa só emissão de voz dá-se o nome de ***sílaba***. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma vogal em cada sílaba. Dessa forma, para sabermos o número de sílabas de uma palavra, devemos perceber quantas vogais tem essa palavra. Atenção: as letras ***i*** e ***u*** (mais raramente com as letras ***e*** e ***o***) podem representar semivogais.

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

- *Monossílabas:* possuem apenas uma sílaba. Exemplos: mãe, flor, lá, meu;
- *Dissílabas:* possuem duas sílabas. Exemplos: ca-fé, i-ra, a-í, trans-por;
- *Trissílabas:* possuem três sílabas. Exemplos: ci-ne-ma, pró-xi-mo, pers-pi-caz, O-da-ir;
- *Polissílabas:* possuem quatro ou mais sílabas. Exemplos: a-ve-ni-da, li-te-ra-tu-ra, a-mi-ga-vel-men-te, o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta.

Divisão Silábica

Na divisão silábica das palavras, cumpre observar as seguintes normas:

- Não se separam os *ditongos* e *tritongos*. Exemplos: f**oi**-ce, a-ve-ri-g**uou;**
- Não se separam os dígrafos *ch, lh, nh, gu, qu.* Exemplos: **ch**a-ve, ba-ra-**lh**o, ba-**nh**a, fre-**gu**ês, **qu**ei-xa;
- Não se separam os *encontros consonantais que iniciam sílaba.* Exemplos: **ps**i-có-lo-go, re-**fr**es-co;
- Separam-se as *vogais dos hiatos*. Exemplos: c**a**-**a**-tinga, f**i**-**e**l, s**a**-**ú**-de;
- Separam-se as letras dos dígrafos **rr, ss, sc, sç xc.** Exemplos: ca**r**-**r**o, pa**s**-**s**a-re-la, de**s**-**c**er, na**s**-**ç**o, e**x**-**c**e-lente;
- Separam-se os encontros consonantais das sílabas internas, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é ***l*** ou ***r***. Exemplos: a**p**-**t**o, bi**s**-**n**e-to, con-vi**c**-**ç**ão, a-**br**ir, a-**pl**i-car.

Acento Tônico

Na emissão de uma palavra de duas ou mais sílabas, percebe-se que há uma sílaba de maior intensidade sonora do que as demais.
calor - a sílaba **lor** é a de maior intensidade.
faceiro - a sílaba **cei** é a de maior intensidade.
sólido - a sílaba **só** é a de maior intensidade.

Obs.: a presença da sílaba de maior intensidade nas palavras, em meio à sílabas de menor intensidade, é um dos elementos que dão melodia à frase.

Classificação da sílaba quanto a intensidade

-*Tônica:* é a sílaba pronunciada com maior intensidade.
- *Átona:* é a sílaba pronunciada com menor intensidade.
- *Subtônica:* é a sílaba de intensidade intermediária. Ocorre, principalmente, nas palavras *derivadas*, correspondendo à tônica da palavra primitiva.

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica

De acordo com a posição da sílaba tônica, os vocábulos da língua portuguesa que contêm duas ou mais sílabas são classificados em:
- *Oxítonos:* são aqueles cuja sílaba tônica é a última. Exemplos: a**vó**, uru**bu**, parab**éns**
- *Paroxítonos:* são aqueles cuja sílaba tônica é a penúltima. Exemplos: **dó**cil, suave**men**te, ba**na**na
- *Proparoxítonos:* são aqueles cuja sílaba tônica é a antepenúltima. Exemplos: **má**ximo, pa**rá**bola, **ín**timo

Saiba que:
- São palavras oxítonas, entre outras: *cateter*, *mister*, *Nobel*, *novel*, *ruim*, *sutil*, *transistor*, *ureter*.
- São palavras paroxítonas, entre outras: *avaro, aziago, boêmia, caracteres, cartomancia, celtibero, circuito, decano, filantropo, fluido, fortuito, gratuito, Hungria, ibero, impudico, inaudito, intuito, maquinaria, meteorito, misantropo, necropsia* (alguns dicionários admitem também *necrópsia*), *Normandia, pegada, policromo, pudico, quiromancia, rubrica, subido(a)*.
- São palavras proparoxítonas, entre outras: *aerólito, bávaro, bímano, crisântemo, ímprobo, ínterim, lêvedo, ômega, pântano, trânsfuga*.
- As seguintes palavras, entre outras, admitem dupla tonicidade: *acróbata/acrobata, hieróglifo/hieroglifo, Oceânia/Oceania, ortoépia/ortoepia, projétil/projetil, réptil/reptil, zângão/zangão*.

Exercícios

1-Assinale o item em que a divisão silábica é incorreta:
a) gra-tui-to;
b) ad-vo-ga-do;
c) tran-si-tó-rio;
d) psi-co-lo-gi-a;
e) in-ter-stí-cio.

NOVA CONCURSOS

2-Assinale o item em que a separação silábica é incorreta:
a) psi-có-ti-co;
b) per-mis-si-vi-da-de;
c) as-sem-ble-ia;
d) ob-ten-ção;
e) fa-mí-lia.

3-Assinale o item em que todos os vocábulos têm as sílabas corretamente separadas:

a) al-dei-a, caa-tin-ga , tran-si-ção;
b) pro-sse-gui-a, cus-tó-dia, trans-ver-sal;
c) a-bsur-do, pra-ia, in-cons-ci-ên-cia;
d) o-ccip-tal, gra-tui-to, ab-di-car;
e) mis-té-rio, ap-ti-dão, sus-ce-tí-vel.

4-Assinale o item em que todas as sílabas estão corretamente separadas:

a) a-p-ti-dão;
b) so-li-tá-ri-o;
c) col-me-ia;
d) ar-mis-tí-cio;
e) trans-a-tlân-ti-co.

5- Assinale o item em que a divisão silábica está errada:

a) tran-sa-tlân-ti-co / de-sin-fe-tar;
b) subs-ta-be-le-cer / de-su-ma-no;
c) cis-an-di-no / sub-es-ti-mar;
d) ab-di-ca-ção / a-bla-ti-vo;
e) fri-is-si-mo / ma-ci-is-si-mo.

6- Existe erro de divisão silábica no item:

a) mei-a / pa-ra-noi-a / ba-lai-o;
b) oc-ci-pi-tal / ex-ces-so / pneu-má-ti-co;
c) subs-tân-cia / pers-pec-ti-va / felds-pa-to;
d) su-bli-nhar / su-blin-gual / a-brup-to;
e) tran-sa-tlân-ti-co / trans-cen-der / tran-so-ce-â-ni-co.

7- A única alternativa correta quanto à divisão silábica é:

a) ma-qui-na-ri-a / for-tui-to;
b) tun-gs-tê-nio / ri-tmo; ;
c) an-do-rin-ha / sub-o-fi-ci-al;
d) bo-ê-mi-a / ab-scis-sa;
e) coe-são / si-len-cio-so.

8- Indique a alternativa em que as palavras "sussurro", "iguaizinhos" e "gnomo", estão corretamente divididas em sílabas:

a) sus - su - rro, igu - ai - zi - nhos, g - no - mo;
b) su - ssu - rro, i - guai - zi - nhos, gno - mo;
c) sus - su - rro, i - guai - zi - nhos, gno - mo;
d) su - ssur - ro, i - gu - ai - zi - nhos, gn - omo;
e) sus - sur - ro, i - guai - zi - nhos, gno - mo.

9- Na expressão "A **icterícia** nada tem a ver com **hemodiálise** ou disenteria", as palavras grifadas apresentam-se corretamente divididas em sílabas na alternativa:
a) i-cte-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria;
b) ic-te-rí-ci-a, he-mo-diá-li-se, dis-en-te-ria;
c) i-c-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria;
d) ic-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ri-a;
e) ic-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria.

10- Assinale a única opção em que há, um vocábulo cuja separação silábica não esta feita de acordo com a norma ortográfica vigente:
a) es-cor-re-gou / in-crí-veis;
b) in-fân-cia / cres-ci-a;
c) i-dei-a / lé-guas;
d) des-o-be-de-ceu / cons-tru-í-da;
e) vo-ou / sor-ri-em.

***Respostas*: 1-E / 2-C / 3-E / 4-D / 5-C / 6-D / 7-A / 8-E / 9-E / 10-D**

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Consideremos as seguintes frases:
Paula tem uma mão para cozinhar que dá inveja!
Vamos! Coloque logo a mão na massa!
As crianças estão com as mãos sujas.
Passaram a mão na minha bolsa e nem percebi.

Chegamos à conclusão de que se trata de palavras idênticas no que se refere à grafia, mas será que possuem o mesmo significado?

Existe uma parte da gramática normativa denominada Semântica. Ela trabalha a questão dos diferentes significados que uma mesma palavra apresenta de acordo com o contexto em que se insere.

Tomando como exemplo as frases já mencionadas, analisaremos os vocábulos de mesma grafia, de acordo com seu sentido denotativo, isto é, aquele retratado pelo dicionário.

Na primeira, a palavra "mão" significa habilidade, eficiência diante do ato praticado. Nas outras que seguem o significado é de: participação, interação mediante a uma tarefa realizada; mão como parte do corpo humano e por último simboliza o roubo, visto de maneira pejorativa.

Reportando-nos ao conceito de Polissemia, logo percebemos que o prefixo "poli" significa multiplicidade de algo. Possibilidades de várias interpretações levando-se em consideração as situações de aplicabilidade.

Há uma infinidade de outros exemplos em que podemos verificar a ocorrência da polissemia, como por exemplo:

O rapaz é um tremendo gato.
O gato do vizinho é peralta.
Precisei fazer um gato para que a energia voltasse.
Pedro costuma fazer alguns "bicos" para garantir sua sobrevivência
O passarinho foi atingido no bico.

Polissemia e homonímia

A confusão entre polissemia e homonímia é bastante comum. Quando a mesma palavra apresenta vários significados, estamos na presença da polissemia. Por outro lado, quando duas ou mais palavras com origens e significados distintos têm a mesma grafia e fonologia, temos uma homonímia.

A palavra "manga" é um caso de homonímia. Ela pode significar uma fruta ou uma parte de uma camisa. Não é polissemia porque os diferentes significados para a palavra manga têm origens diferentes, e por isso alguns estudiosos mencionam que a palavra manga deveria ter mais do que uma entrada no dicionário.

"Letra" é uma palavra polissêmica. Letra pode significar o elemento básico do alfabeto, o texto de uma canção ou a caligrafia de um determinado indivíduo. Neste caso, os diferentes significados estão interligados porque remetem para o mesmo conceito, o da escrita.

Polissemia e ambiguidade

Polissemia e ambiguidade têm um grande impacto na interpretação. Na língua portuguesa, um enunciado pode ser ambíguo, ou seja, apresenta mais de uma interpretação. Essa ambiguidade pode ocorrer devido à colocação específica de uma palavra (por exemplo, um advérbio) em uma frase. Vejamos a seguinte frase: *Pessoas que têm uma alimentação equilibrada frequentemente são felizes*. Neste caso podem existir duas interpretações diferentes. *As pessoas têm alimentação equilibrada porque são felizes ou são felizes porque têm uma alimentação equilibrada.*

De igual forma, quando uma palavra é polissêmica, ela pode induzir uma pessoa a fazer mais do que uma interpretação. Para fazer a interpretação correta é muito importante saber qual o contexto em que a frase é proferida.

Na língua portuguesa, uma PALAVRA (do latim *parabola,* que por sua vez deriva do grego *parabolé)* pode ser definida como sendo um conjunto de letras ou sons de uma língua, juntamente com a ideia associada a este conjunto.

Sentido Próprio e Figurado das Palavras

Pela própria definição acima destacada podemos perceber que a palavra é composta por duas partes, uma delas relacionada a sua forma escrita e os seus sons (denominada significante) e a outra relacionada ao que ela (palavra) expressa, ao conceito que ela traz (denominada significado).

Em relação ao seu SIGNIFICADO as palavras subdividem-se assim:

- **Sentido Próprio** - é o sentido literal, ou seja, o sentido comum que costumamos dar a uma palavra.

- **Sentido Figurado** - é o sentido "simbólico", "figurado", que podemos dar a uma palavra.

Vamos analisar a palavra <u>cobra</u> utilizada em diferentes contextos:

1. *A cobra picou o menino*. (cobra = réptil peçonhento)
2. *A sogra dele é uma cobra*. (cobra = pessoa desagradável, que adota condutas pouco apreciáveis)
3. *O cara é cobra em Física!* (cobra = pessoa que conhece muito sobre alguma coisa, "expert")

No item 1 aplica-se o termo <u>cobra</u> em seu sentido comum (ou literal); nos itens 2 e 3 o termo <u>cobra</u> é aplicado em sentido figurado.

Podemos então concluir que um mesmo significante (parte concreta) pode ter vários significados (conceitos).

Denotação e Conotação

- ***Denotação***: verifica-se quando utilizamos a palavra com o seu significado primitivo e original, com o sentido do dicionário; usada de modo automatizado; linguagem comum. Veja este exemplo: *Cortaram as <u>asas</u> da ave para que não voasse mais.*

Aqui a palavra em destaque é utilizada em seu sentido próprio, comum, usual, literal.

MINHA DICA - Procure associar ***D***enotação com ***D***icionário: trata-se de definição literal, quando o termo é utilizado em seu sentido dicionarístico.

- ***Conotação***: verifica-se quando utilizamos a palavra com o seu significado secundário, com o sentido amplo (ou simbólico); usada de modo criativo, figurado, numa linguagem rica e expressiva. Veja este exemplo:

Seria aconselhável cortar as asas deste menino, antes que seja tarde demais.

Já neste caso o termo (asas) é empregado de forma figurada, fazendo alusão à ideia de restrição e/ou controle de ações; disciplina, limitação de conduta e comportamento.

Fonte:
http://www.tecnolegis.com/estudo-dirigido/oficial-de-justica-tjm-sp/lingua-portuguesa-sentido-proprio-e-figurado-das-palavras.html

Questões sobre Denotação e Conotação

1-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) O sentido de marmóreo (adjetivo) equivale ao da expressão de mármore. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo e pétreo.

(A) De corda; de plástico.
(B) De fogo; de madeira.
(C) De madeira; de pedra.
(D) De fogo; de pedra.
(E) De plástico; de cinza.

2-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADO) Para responder à questão, considere a seguinte passagem: *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".*

NOVA CONCURSOS

Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de
(A) considerar ao acaso, sem premeditação.
(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
(C) adotar como referência de qualidade.
(D) julgar de acordo com normas legais.
(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

3-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Para responder a esta questão, considere as palavras destacadas nas seguintes passagens do texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto...
... informações ligadas ***especialmente*** à pesquisa acadêmica,
... uma "máquina poética", ***algo*** que funcionasse por analogia e associação...

Quando o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...
... 20 anos ***depois*** de seu artigo fundador...

As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:
(A) algo, especialmente e Quando.
(B) Desde, especialmente e algo.
(C) especialmente, Quando e depois.
(D) Desde, Quando e depois.
(E) Desde, algo e depois.

4-) (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) *A importância de Rodolfo Coelho Cavalcante para o movimento cordelista pode ser* ***comparada*** *à de outros dois grandes nomes...*
Sem qualquer outra alteração da frase acima e sem prejuízo da correção, o elemento grifado pode ser substituído por:
(A) contrastada.
(B) confrontada.
(C) ombreada.
(D) rivalizada.
(E) equiparada.

5-) (PREFEITURA DE SERTÃOZINHO – AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE – VUNESP/2012) No verso – *Não te* ***abras*** *com teu amigo* – o verbo em destaque foi empregado em sentido figurado.
Assinale a alternativa em que esse mesmo verbo "abrir" continua sendo empregado em sentido figurado.
(A) Ao abrir a porta, não havia ninguém.
(B) Ele não pôde abrir a lata porque não tinha um abridor.
(C) Para aprender, é preciso abrir a mente.
(D) Pela manhã, quando abri os olhos, já estava em casa.
(E) Os ladrões abriram o cofre com um maçarico.

6-) (SABESP/SP – ATENDENTE A CLIENTES 01 – FCC/2014 - ADAPTADA) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

A marca da solidão

Deitado de bruços, sobre as pedras quentes do chão de paralelepípedos, o menino espia. Tem os braços dobrados e a testa pousada sobre eles, seu rosto formando uma tenda de penumbra na tarde quente.

Observa as ranhuras entre uma pedra e outra. Há, dentro de cada uma delas, um diminuto caminho de terra, com pedrinhas e tufos minúsculos de musgos, formando pequenas plantas, ínfimos bonsais só visíveis aos olhos de quem é capaz de parar de viver para, apenas, ver. Quando se tem a marca da solidão na alma, o mundo cabe numa fresta.

(SEIXAS, Heloísa. Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta negra bazar, 2010. p. 47)

No primeiro parágrafo, a palavra utilizada em sentido figurado é
(A) menino.
(B) chão.
(C) testa.
(D) penumbra.
(E) tenda.

7-) (UFTM/MG – AUXILIAR DE BIBLIOTECA – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Leia o texto para responder à questão.

RIO DE JANEIRO – *A Prefeitura do Rio está lançando a Operação Lixo Zero, que vai multar quem emporcalhar a cidade. Em primeira instância, a campanha é educativa. Equipes da Companhia Municipal de Limpeza Urbana estão percorrendo as ruas para flagrar maus cidadãos jogando coisas onde não devem e alertá-los para o que os espera. Em breve, com guardas municipais, policiais militares e 600 fiscais em ação, as multas começarão a chegar para quem tratar a via pública como a casa da sogra.*

Imagina-se que, quando essa lei começar para valer, os recordistas de multas serão os cerca de 300 jovens golpistas que, nas últimas semanas, se habituaram a tomar as ruas, pichar monumentos, vandalizar prédios públicos, quebrar orelhões, arrancar postes, apedrejar vitrines, depredar bancos, saquear lojas e, por uma estranha compulsão, destruir lixeiras, jogar o lixo no asfalto e armar barricadas de fogo com ele.

É verdade que, no seu "bullying" político, eles não estão nem aí para a cidade, que é de todos – e que, por algum motivo, parecem querer levar ao colapso.

Pois, já que a lei não permite prendê-los por vandalismo, saque, formação de quadrilha, desacato à autoridade, resistência à prisão e nem mesmo por ataque aos órgãos públicos, talvez seja possível enquadrá-los por sujar a rua.

(Ruy Castro, Por sujar a rua. Folha de S.Paulo, 21.08.2013. Adaptado)

Na oração – ... parecem querer levar ao ***colapso***. – (3.º parágrafo), o termo em destaque é sinônimo de
(A) progresso.
(B) descaso.
(C) vitória.
(D) tédio.
(E) ruína.

8-) (BNDES – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – BNDES/2012) Considere o emprego do verbo levar no trecho: "*Uma competição não dura apenas alguns minutos. Leva anos*". A frase em que esse verbo está usado com o mesmo sentido é:

(A) O menino leva o material adequado para a escola.
(B) João levou uma surra da mãe.
(C) A enchente leva todo o lixo rua abaixo.
(D) O trabalho feito com empenho leva ao sucesso.
(E) O atleta levou apenas dez segundos para terminar a prova.

RESOLUÇÃO

1-)
Questão que pode ser resolvida usando a lógica ou associação de palavras! Veja: a ignição do carro lembra-nos fogo, combustão... Pedra, petrificado. Encontrou a resposta?

RESPOSTA: "D".

2-)
Classificar conforme regras conhecidas, mas não confirmadas se verdadeiras.

RESPOSTA: "E".

3-)
As palavras que nos dão a noção, ideia de tempo são: desde, quando e depois.

RESPOSTA: "D".

4-)
Ao participar de um concurso, não temos acesso a dicionários para que verifiquemos o significado das palavras, por isso, caso não saibamos o que significam, devemos analisá-las dentro do contexto em que se encontram. No exercício acima, a que se "encaixa" é "equiparada".

RESPOSTA: "E".

5-)
Em todas as alternativas o verbo "abrir" está empregado em seu sentido denotativo. No item C, conotativo ("abrir a mente" = aberto a mudanças, novas ideias).

RESPOSTA: "C".

6-)
Novamente, responderemos com frase do texto: seu rosto formando uma tenda.

RESPOSTA: "E".

7-)
Pela leitura do texto, compreende-se que a intenção do autor ao utilizar a expressão" levar ao colapso" refere-se à queda, ao fim, à ruína da cidade.

RESPOSTA: "E".

8-)
No enunciado, o verbo "levar" está empregado com o sentido de "duração/tempo"

(A) O menino leva o material adequado para a escola. = carrega
(B) João levou uma surra da mãe. = apanhou
(C) A enchente leva todo o lixo rua abaixo. = arrasta
(D) O trabalho feito com empenho leva ao sucesso. = direciona
(E) O atleta levou apenas dez segundos para terminar a prova = duração/tempo

RESPOSTA: "E".

- ***Sinônimos***

São palavras de sentido igual ou aproximado: *alfabeto - abecedário; brado, grito - clamor; extinguir, apagar - abolir*.

Observação: A contribuição greco-latina é responsável pela existência de numerosos pares de sinônimos: *adversário e antagonista; translúcido e diáfano; semicírculo e hemiciclo; contraveneno e antídoto; moral e ética; colóquio e diálogo; transformação e metamorfose; oposição e antítese.*

- ***Antônimos***

São palavras de significação oposta: *ordem - anarquia; soberba - humildade; louvar - censurar; mal - bem*.

Observação: A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo: *bendizer e maldizer; simpático e antipático; progredir e regredir; concórdia e discórdia; ativo e inativo; esperar e desesperar; comunista e anticomunista; simétrico e assimétrico.*

O que são Homônimos e Parônimos:

- Homônimos

a) Homógrafos: são palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia:
rego (subst.) e rego (verbo);
colher (verbo) e colher (subst.);
jogo (subst.) e jogo (verbo);
denúncia (subst.) e denuncia (verbo);
providência (subst.) e providencia (verbo).

b) Homófonos: são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita:
acender (atear) e ascender (subir);
concertar (harmonizar) e consertar (reparar);
cela (compartimento) e sela (arreio);
censo (recenseamento) e senso (juízo);
paço (palácio) e passo (andar).

c) Homógrafos e homófonos simultaneamente: São palavras iguais na escrita e na pronúncia:
caminho (subst.) e caminho (verbo);
cedo (verbo) e cedo (adv.);
livre (adj.) e livre (verbo).

NOVA CONCURSOS

- ***Parônimos***

São palavras parecidas na escrita e na pronúncia: *coro e couro; cesta e sesta; eminente e iminente; osso e ouço; sede e cede; comprimento e cumprimento; tetânico e titânico; autuar e atuar; degradar e degredar; infligir e infringir; deferir e diferir; suar e soar.*

http://www.coladaweb.com/portugues/sinonimos,-antonimos,-homonimos-e-paronimos

Questões sobre Significação das Palavras

01. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo:

Da mesma forma que os italianos e japoneses _____ para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros _____ para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, _____ para o Sul, pelo mesmo motivo.

a) imigraram - emigram - migram
b) migraram - imigram - emigram
c) emigraram - migram - imigram.
d) emigraram - imigram - migram.
e) imigraram - migram – emigram

Agente de Apoio – Microinformática – VUNESP – 2013 - Leia o texto para responder às questões de números 02 e 03.

Alunos de colégio fazem robôs com sucata eletrônica

Você comprou um smartphone e acha que aquele seu celular antigo é imprestável? Não se engane: o que é lixo para alguns pode ser matéria-prima para outros. O CMID – Centro Marista de Inclusão Digital –, que funciona junto ao Colégio Marista de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, ensina os alunos do colégio a fazer robôs a partir de lixo eletrônico.

Os alunos da turma avançada de robótica, por exemplo, constroem carros com sensores de movimento que respondem à aproximação das pessoas. A fonte de energia vem de baterias de celular. "Tirando alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem", comentou o instrutor de robótica do CMID, Leandro Schneider. Esses alunos também aprendem a consertar computadores antigos. "O nosso projeto só funciona por causa do lixo eletrônico. Se tivéssemos que comprar tudo, não seria viável", completou.

Em uma época em que celebridades do mundo digital fazem campanha a favor do ensino de programação nas escolas, é inspirador o relato de Dionatan Gabriel, aluno da turma avançada de robótica do CMID que, aos 16 anos, já sabe qual será sua profissão. "Quero ser programador. No início das aulas, eu achava meio chato, mas depois fui me interessando", disse.

(Giordano Tronco, www.techtudo.com.br, 07.07.2013. Adaptado)

02. A palavra em destaque no trecho –"***Tirando*** alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem"... – pode ser substituída, sem alteração do sentido da mensagem, pela seguinte expressão:

A) Pelo menos
B) A contar de
C) Em substituição a
D) Com exceção de
E) No que se refere a

03. Assinale a alternativa que apresenta um antônimo para o termo destacado em – ..."No início das aulas, eu achava meio ***chato***, mas depois fui me interessando", disse.

A) Estimulante.
B) Cansativo.
C) Irritante.
D) Confuso.
E) Improdutivo.

04. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013). Analise as afirmações a seguir.

I. Em – ***Há*** sete anos, Fransley Lapavani Silva está preso por homicídio. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração do sentido do texto, por "***faz***".

II. A frase – Todo preso ***deseja*** a libertação. – pode ser reescrita da seguinte forma – Todo preso ***aspira*** à libertação.

III. No trecho – ... estou sendo olhado de forma diferente aqui no presídio ***devido ao*** bom comportamento. – pode-se substituir a expressão em destaque por "***em razão do***", sem alterar o sentido do texto.

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correto o que se afirma em

A) I, II e III.
B) III, apenas.
C) I e III, apenas.
D) I, apenas.
E) I e II, apenas.

05. Leia as frases abaixo:

1 - Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

2 - Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

3 - As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

4 - _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há;
b) conserto – a – há – sessões – há;
c) concerto – a – há – seções – a;
d) concerto – a – há – sessões – há;
e) conserto – há – a – sessões – a .

06. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013-adap.). Considere o seguinte trecho para responder à questão.

*Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais **altruísticos**, formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.*

O sentido contrário (antônimo) de ***altruísticos***, nesse trecho, é:

A) de desprendimento.
B) de responsabilidade.
C) de abnegação.
D) de amor.
E) de egoísmo.

07. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a ***primeira*** alternativa da série dada nos parênteses:
A) Estou aqui _____ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim- a fim).
B) A bandeira está _____. (arreada - arriada).
C) Serão punidos os que _____ o regulamento. (inflingirem - infringirem).
D) São sempre valiosos os _____ dos mais velhos. (concelhos - conselhos).
E) Moro _____ cem metros da praça principal. (a cerca de - acerca de).

08. Assinale a alternativa correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.
a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

GABARITO

01. A 02. D 03. A 04. A
05. D 06. E 07. E 08. A

RESOLUÇÃO

1-) Da mesma forma que os italianos e japoneses imigraram para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros emigram para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, migram para o Sul, pelo mesmo motivo.

2-) "Com exceção de alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem"...

3-) antônimo para o termo destacado : "No início das aulas, eu achava meio chato, mas depois fui me interessando"
"No início das aulas, eu achava meio estimulante, mas depois fui me interessando"

4-)
I. Em – Há sete anos, Fransley Lapavani Silva está preso por homicídio. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração do sentido do texto, por "faz". = correta
II. A frase – Todo preso deseja a libertação. – pode ser reescrita da seguinte forma – Todo preso aspira à libertação. = correta
III. No trecho – ... estou sendo olhado de forma diferente aqui no presídio devido ao bom comportamento. – pode-se substituir a expressão em destaque por "em razão do", sem alterar o sentido do texto. = correta

5-)
1 - Assisti ao concerto do balé Bolshoi;
2 - Daqui a pouco vão dizer que há (= existe) vida em Marte.
3 – As sessões da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 - Há dias que não falo com Alfredo. (= tempo passado)

6-) Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais altruísticos, formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.
O sentido contrário (antônimo) de altruísticos, nesse trecho, é de egoísmo
Altruísmo é um tipo de comportamento encontrado nos seres humanos e outros seres vivos, em que as ações de um indivíduo beneficiam outros. É sinônimo de filantropia. No sentido comum do termo, é muitas vezes percebida, também, como sinônimo de solidariedade. Esse conceito opõe-se, portanto, ao egoísmo, que são as inclinações específica e exclusivamente individuais (pessoais ou coletivas).

7-)
A) Estou aqui a fim de de ajudar os flagelados das enchentes. (afim = O adjetivo "*afim*" é empregado para indicar que uma coisa tem afinidade com a outra. Há pessoas que têm temperamentos *afins*, ou seja, parecidos)
B) A bandeira está arriada . (arrear = colocar arreio no cavalo)
C) Serão punidos os que infringirem o regulamento. (inflingirem = aplicarem a pena)
D) São sempre valiosos os conselhos dos mais velhos; (concelhos= Porção territorial ou parte administrativa de um distrito).
E) Moro a cerca de cem metros da praça principal. (acerca de = Acerca de é sinônimo de "a respeito de".).

8-)
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país) = significados invertidos
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar = significados invertidos
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder = significados invertidos
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação = significados invertidos

FIGURAS DE LINGUAGEM

Segundo Mauro Ferreira, a importância em reconhecer ***figuras de linguagem*** está no fato de que tal conhecimento, além de auxiliar a compreender melhor os textos literários, deixa-nos mais sensíveis à beleza da linguagem e ao significado simbólico das palavras e dos textos.
Definição: *Figuras de linguagem são certos recursos não--convencionais que o falante ou escritor cria para dar maior expressividade à sua mensagem*.

NOVA CONCURSOS

Metáfora

É o emprego de uma palavra com o significado de outra em vista de uma relação de semelhanças entre ambas. É uma comparação subentendida.

Minha boca é um túmulo.

Essa rua é um verdadeiro deserto.

Comparação

Consiste em atribuir características de um ser a outro, em virtude de uma determinada semelhança.

O meu coração está igual a um céu cinzento.

O carro dele é rápido como um avião.

Prosopopeia

É uma figura de linguagem que atribui características humanas a seres inanimados. Também podemos chamá-la de PERSONIFICAÇÃO.

O céu está mostrando sua face mais bela.

O cão mostrou grande sisudez.

Sinestesia

Consiste na fusão de impressões sensoriais diferentes (mistura dos cinco sentidos).

Raquel tem um olhar frio, desesperador.

Aquela criança tem um olhar tão doce.

Catacrese

É o emprego de uma palavra no sentido figurado por falta de um termo próprio.

O menino quebrou o braço da cadeira.

A manga da camisa rasgou.

Metonímia

É a substituição de uma palavra por outra, quando existe uma relação lógica, uma proximidade de sentidos que permite essa troca. Ocorre metonímia quando empregamos:

- **O autor pela obra.**

Li Jô Soares dezenas de vezes. (a obra de Jô Soares)

- o continente pelo conteúdo.

O ginásio aplaudiu a seleção. (ginásio está substituindo os torcedores)

- a parte pelo todo.

Vários brasileiros vivem sem teto, ao relento. (teto substitui casa)

- **o efeito pela causa.**

Suou muito para conseguir a casa própria. (suor substitui o trabalho)

Perífrase

É a designação de um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou.

A Veneza Brasileira também é palco de grandes espetáculos. (Veneza Brasileira = Recife)

A Cidade Maravilhosa está tomada pela violência. (Cidade Maravilhosa = Rio de Janeiro)

Antítese

Consiste no uso de palavras de sentidos opostos.

Nada com Deus é tudo.

Tudo sem Deus é nada.

Eufemismo

Consiste em suavizar palavras ou expressões que são desagradáveis.

Ele foi repousar no céu, junto ao Pai. (repousar no céu = morrer)

Os homens públicos envergonham o povo. (homens públicos = políticos)

Hipérbole

É um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.

Ela chorou rios de lágrimas.

Muitas pessoas morriam de medo da perna cabeluda.

Ironia

Consiste na inversão dos sentidos, ou seja, afirmamos o contrário do que pensamos.

Que alunos inteligentes, não sabem nem somar.

Se você gritar mais alto, eu agradeço.

Onomatopeia

Consiste na reprodução ou imitação do som ou voz natural dos seres.

Com o au-au dos cachorros, os gatos desapareceram.

Miau-miau. – Eram os gatos miando no telhado a noite toda.

Aliteração

Consiste na repetição de um determinado som consonantal no início ou interior das palavras.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

Elipse

Consiste na omissão de um termo que fica subentendido no contexto, identificado facilmente.

Após a queda, nenhuma fratura.

Zeugma

Consiste na omissão de um termo já empregado anteriormente.

Ele come carne, eu verduras.

Pleonasmo

Consiste na intensificação de um termo através da sua repetição, reforçando seu significado.

Nós cantamos um canto glorioso.

Polissíndeto

É a repetição da conjunção entre as orações de um período ou entre os termos da oração.

Chegamos de viagem e tomamos banho e saímos para dançar.

Assíndeto

Ocorre quando há a ausência da conjunção entre duas orações.

Chegamos de viagem, tomamos banho, depois saímos para dançar.

Anacoluto

Consiste numa mudança repentina da construção sintática da frase.

Ele, nada podia assustá-lo.

- ***Nota:*** o anacoluto ocorre com frequência na linguagem falada, quando o falante interrompe a frase, abandonando o que havia dito para reconstruí-la novamente.

Anáfora

Consiste na repetição de uma palavra ou expressão para reforçar o sentido, contribuindo para uma maior expressividade.

Cada alma é uma escada para Deus,
Cada alma é um corredor-Universo para Deus,
Cada alma é um rio correndo por margens de Externo
Para Deus e em Deus com um sussurro noturno. (Fernando Pessoa)

Silepse

Ocorre quando a concordância é realizada com a ideia e não sua forma gramatical. Existem três tipos de silepse: gênero, número e pessoa.

- ***De gênero****: Vossa excelência está preocupado com as notícias.* (a palavra vossa excelência é feminina quanto à forma, mas nesse exemplo a concordância se deu com a pessoa a que se refere o pronome de tratamento e não com o sujeito).

- ***De número:*** *A boiada ficou furiosa com o peão e derrubaram a cerca*. (nesse caso a concordância se deu com a ideia de plural da palavra boiada).

- ***De pessoa:*** *As mulheres decidimos não votar em determinado partido até prestarem conta ao povo.* (nesse tipo de silepse, o falante se inclui mentalmente entre os participantes de um sujeito em 3ª pessoa).

Fonte:http://juliobattisti.com.br/tutoriais/josebferraz/figuraslinguagem001.asp

São conhecidas pelo nome de ***figuras de pensamento*** os recursos estilísticos utilizados para incrementar o significado das palavras no seu aspecto semântico.

São oito as figuras de pensamento:

1) Antítese

É a aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos, o que não ocorreria com a exposição isolada dos mesmos. Exemplos:

Viverei para sempre ou morrerei tentando.
Do riso se fez o pranto.
Hoje fez sol, ontem, porém, choveu muito.

2) Apóstrofe

É assim denominado o chamamento do receptor da mensagem, seja ele de natureza imaginária ou não. É utilizada para dar ênfase à expressão e realiza-se por meio do vocativo. Exemplos:

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Pai Nosso, que estais no céu;
Ó meu querido Santo António;

3) Paradoxo

É uma proposição aparentemente absurda, resultante da união de ideias que se contradizem referindo-se ao mesmo termo. Os paradoxos viciosos são denominados Oxímoros (ou oximoron). Exemplos:

"Menino do Rio / Calor que provoca arrepio..."

"Amor é fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer;" (Camões)

4) Eufemismo

Consiste em empregar uma expressão mais suave, mais nobre ou menos agressiva, para atenuar uma verdade tida como penosa, desagradável ou chocante. Exemplos:

"E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir Deus lhe pague". (Chico Buarque).

paz derradeira = morte

5) Gradação

Na gradação temos uma sequência de palavras que intensificam a mesma ideia. Exemplo:

"Aqui... além... mais longe por onde eu movo o passo." (Castro Alves).

6) Hipérbole

É a expressão intencionalmente exagerada com o intuito de realçar uma ideia, proporcionando uma imagem emocionante e de impacto. Exemplos:

"Faz umas dez horas que essa menina penteia esse cabelo".

Ele morreu de tanto rir.

7) Ironia

Ocorre ironia quando, pelo contexto, pela entonação, pela contradição de termos, pretende-se questionar certo tipo de pensamento. A intenção é depreciativa ou sarcástica. Exemplos:

Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.

"Moça linda, bem tratada, / três séculos de família, / burra como uma porta: / um amor." (Mário de Andrade).

8) Prosopopeia ou Personificação

Consiste na atribuição de ações, qualidades ou características humanas a seres não humanos. Exemplos:

Chora, viola.
A morte mostrou sua face mais sinistra.
O morro dos ventos uivantes.

Figuras de construção ou sintaxe integram as chamadas figuras de linguagem, representando um subgrupo destas. Dessa forma, tendo em vista o padrão não convencional que prevalece nas figuras de linguagem (ou seja, a subjetividade, a sensibilidade por parte do emissor, deixando às claras seus aspectos estilísticos), devemos compreender sua denominação. Em outras palavras, por que "figuras de construção ou sintaxe"?

Podemos afirmar que assim se denominam em virtude de apresentarem algum tipo de modificação na estrutura da oração, tendo em vista os reais e já ressaltados objetivos da enunciação (do discurso) – sendo o principal conferir ênfase a ela.

Assim sendo, comecemos entendendo que, em termos convencionais, a estrutura sintática da nossa língua se perfaz de uma sequência, demarcada pelos seguintes elementos:

SUJEITO + PREDICADO + COMPLEMENTO

(Nós) *CHEGAMOS ATRASADOS À REUNIÃO.*

Temos, assim, um sujeito oculto – *nós*; um predicado verbal – *chegamos atrasados;* e um complemento, representado por um adjunto adverbial de lugar – *à reunião.*

Quando há uma ruptura dessa sequência lógica, materializada pela inversão de termos, repetição ou até mesmo omissão destes, é justamente aí que as figuras em questão se manifestam. Desse modo, elas se encontram muito presentes na linguagem literária, na publicitária e na linguagem cotidiana de forma geral. Vejamos cada uma delas de modo particular:

Elipse

Tal figura se caracteriza pela omissão de um termo na oração não expresso anteriormente, contudo, facilmente identificado pelo contexto. Vejamos um exemplo:

Rondó dos cavalinhos
[...]

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O Brasil politicando,
Nossa! A poesia morrendo...
O sol tão claro lá fora,
O sol tão claro, Esmeralda,
E em minhalma — anoitecendo!

Manuel Bandeira

Notamos que em todos os versos há a omissão do verbo *estar,* sendo este facilmente identificado pelo contexto.

Zeugma

Ao contrário da elipse, na zeugma ocorre a omissão de um termo já expresso no discurso. Constatemos: *Maria gosta de Matemática, eu de Português.*

Observamos que houve a omissão do verbo *gostar*.

Anáfora

Essa figura de linguagem se caracteriza pela repetição intencional de um termo no início de um período, frase ou verso. Observemos um caso representativo:

A Estrela

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.
[...]

Manuel Bandeira

Notamos a utilização de termos que se repetem sucessivamente em cada verso da criação de Manuel Bandeira.

Polissíndeto

Figura cuja principal característica se define pela repetição enfática do conectivo, geralmente representado pela conjunção coordenada *"e"*. Observemos um verso extraído de uma criação de Olavo Bilac, intitulada "*A um poeta*": "*Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!"*

Assíndeto

Diferentemente do que ocorre no polissíndeto, manifestado pela repetição da conjunção, no assíndeto ocorre a omissão deste. Vejamos: *Vim, vi, venci* (Júlio César)

Depreendemos que se trata de orações assindéticas, justamente pela omissão do conectivo *"e"*.

Anacoluto

Trata-se de uma figura que se caracteriza pela interrupção da sequência lógica do pensamento, ou seja, em termos sintáticos, afirma-se que há uma mudança na construção do período, deixando algum termo desligado do restante dos elementos. Vejamos:

Essas crianças de hoje, elas estão muito evoluídas.

Notamos que o termo em destaque, que era para representar o sujeito da oração, encontra-se desligado dos demais termos, não cumprindo, portanto, nenhuma função sintática.

Inversão (ou Hipérbato)

Trata-se da inversão da ordem direta dos termos da oração. Constatemos: *Eufórico chegou o menino.*

Deduzimos que o predicativo do sujeito (pois se trata de um predicado verbo-nominal) encontra-se no início da oração, quando este deveria estar expresso no final, ou seja: *O menino chegou eufórico.*

Pleonasmo

Figura que consiste na repetição enfática de uma ideia antes expressa, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico, no intuito de reforçar a mensagem. Exemplo: *Vivemos uma vida tranquila.*

O termo em destaque reforça uma ideia antes ressaltada, uma vez que viver já diz respeito à vida. Temos uma repetição de ordem semântica.

A ele nada lhe devo.

Percebemos que o pronome oblíquo (lhe) faz referência à terceira pessoa do singular, já expressa. Trata-se, portanto, de uma repetição de ordem sintática demarcada pelo que chamamos de *objeto direto pleonástico*.

Observação importante: O pleonasmo utilizado sem a intenção de conferir ênfase ao discurso, torna-se o que denominamos de *vício de linguagem* – ocorrência que deve ser evitada. Como, por exemplo: *subir para cima, descer para baixo, entrar para dentro,* entre outras circunstâncias linguísticas.

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Estudar a estrutura é conhecer os elementos formadores das palavras. Assim, compreendemos melhor o significado de cada uma delas. As palavras podem ser divididas em unidades menores, a que damos o nome de elementos mórficos ou morfemas.

Vamos analisar a palavra "**cachorrinhas**". Nessa palavra observamos facilmente a existência de quatro elementos. São eles:

cachorr - este é o elemento base da palavra, ou seja, aquele que contém o significado.

inh - indica que a palavra é um diminutivo

a - indica que a palavra é feminina

s - indica que a palavra se encontra no plural

Morfemas*:* unidades mínimas de caráter significativo. Existem palavras que não comportam divisão em unidades menores, tais como: mar, sol, lua, etc. São elementos mórficos:

- Raiz, Radical, Tema: elementos básicos e significativos

- Afixos (Prefixos, Sufixos), Desinência, Vogal Temática: elementos modificadores da significação dos primeiros

- Vogal de Ligação, Consoante de Ligação: elementos de ligação ou eufônicos.

Raiz: É o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. É a raiz que encerra o sentido geral, comum às palavras da mesma família etimológica. Exemplo: Raiz **noc** [Latim **nocere** = prejudicar] tem a significação geral de causar dano, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo, etc.

Uma raiz pode sofrer alterações: at-o; at-or; at-ivo; aç-ão; ac-ionar;

Radical:

Observe o seguinte grupo de palavras: livr-o; livr-inho; livr-eiro; livr-eco. Você reparou que há um elemento comum nesse grupo? Você reparou que o elemento livr serve de base para o significado? Esse elemento é chamado de radical (ou semantema). Elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático. É encontrado através do despojo dos elementos secundários (quando houver) da palavra. Exemplo: **cert**-o; **cert**-eza; in-**cert**-eza.

Afixos: são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Sabemos que o acréscimo do morfema "-**mente**", por exemplo, cria uma nova palavra a partir de **"certo"**: **certamente**, advérbio de modo. De maneira semelhante, o acréscimo dos morfemas **"a-"** e **"-ar"** à forma **"cert-"** cria o verbo **acertar**. Observe que **a-** e **-ar** são morfemas capazes de operar mudança de classe gramatical na palavra a que são anexados.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com **"a-",** os afixos recebem o nome de ***prefixos***. Quando, como **"-ar"**, surgem depois do radical, os afixos são chamados de ***sufixos.*** Exemplo: ***in***-at-***ivo***; ***em***-pobr-***ecer***; ***inter***-nacion-***al***.

Desinências: são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras. Existem dois tipos:

- Desinências Nominais: indicam as flexões de **gênero** (masculino e feminino) e de **número** (singular e plural) dos nomes. Exemplos: aluno-**o** / aluno-**s**; alun-**a** / aluna-**s**. S**ó podemos falar em desinências nominais de gêneros e de números em palavras que** admitem tais flexões, como nos exemplos acima. Em palavras como mesa, tribo, telefonema, por exemplo, não temos desinência nominal de gênero. Já em pires, lápis, **ônibus não temos** desinência nominal de número.

- Desinências Verbais: indicam as flexões de **número** e **pessoa** e de **modo** e **tempo** dos verbos. A desinência **"-o**", presente em "am-**o**", é uma desinência **número pessoal**, pois indica que o verbo está na primeira pessoa do singular; "**-va**", de "ama-**va**", é desinência **modo-temporal**: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

Vogal Temática: é a vogal que se junta ao radical, preparando-o para receber as desinências. Nos verbos, distinguem-se três vogais temáticas:

- Caracteriza os verbos da **1ª** conjugação: busc**a**r, busc**a**vas, etc**.**
- Caracteriza os verbos da **2ª** conjugação: romp**e**r, romp**e**mos, etc.
- Caracteriza os verbos da **3ª** conjugação: proib**i**r, proib**i**rá, etc.

Tema: é o grupo formado pelo radical mais vogal temática. Nos verbos citados acima, os temas são: busca-, rompe-, proibi-

Vogais e Consoantes de Ligação: As vogais e consoantes de ligação são morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a pronúncia de uma determinada palavra. Exemplos: parisiense (paris= radical, ense=sufixo, vogal de ligação=**i**); gas-**ô**-metro, alv-**i**-negro, tecn-**o**-cracia, pau-**l**-ada, cafe-**t**-eira, cha-**l**-eira, inset-**i**-cida, pe-**z**-inho, pobr-**e**-tão, etc.

Formação das Palavras: existem dois processos básicos pelos quais se formam as palavras: a **Derivação** e a **Composição.** A diferença entre ambos consiste basicamente em que, no processo de derivação, partimos sempre de um único radical, enquanto no processo de composição sempre haverá mais de um radical.

Derivação: é o processo pelo qual se obtém uma palavra nova, chamada derivada, a partir de outra já existente, chamada primitiva. Exemplo: Mar (marítimo, marinheiro, marujo); terra (enterrar, terreiro, aterrar). Observamos que «mar» e «terra» não se formam de nenhuma outra palavra, mas, ao contrário, possibilitam a formação de outras, por meio do acréscimo de um sufixo ou prefixo. Logo, mar e terra são palavras primitivas, e as demais, derivadas.

Tipos de Derivação

- Derivação Prefixal ou Prefixação: resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado: crer- **des**crer; ler- **re**ler; capaz- **in**capaz.

- Derivação Sufixal ou Sufixação: resulta de acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical: alfabetiza**ção.** No exemplo, o sufixo **-ção** transforma em substantivo o verbo alfabetizar. Este, por sua vez, já é derivado do substantivo alfabeto pelo acréscimo do sufixo **-izar.**

A derivação sufixal pode ser:

Nominal, formando substantivos e adjetivos: papel – papel**aria**; riso – ris**onho**.

Verbal, formando verbos: atual - atual**izar**.

Adverbial, formando advérbios de modo: feliz – feliz**mente**.

- Derivação Parassintética ou Parassíntese: Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. Por meio da parassíntese formam-se nomes (substantivos e adjetivos) e verbos. Considere o adjetivo **"triste".** Do radical "trist-" formamos o verbo **en**trist**ecer** através da junção simultânea do prefixo "en-" e do sufixo "-ecer". A presença de apenas um desses afixos não é suficiente para formar uma nova palavra, pois em nossa língua não existem as palavras "entriste", nem "tristecer". Exemplos:

emudecer
mudo – palavra inicial
e – prefixo
mud – radical
ecer – sufixo

desalmado
alma – palavra inicial
des – prefixo
alm – radical
ado – sufixo

Não devemos confundir derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e de prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras desvalorização e desigualdade. Nessas palavras, os afixos são acoplados em sequência: desvalorização provém de desvalorizar, que provém de valorizar, que por sua vez provém de valor.

É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode dizer que expropriar provém de **"**propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem. Logo, expropriar provém diretamente de próprio, pelo acréscimo concomitante de prefixo e sufixo.

- Derivação Regressiva: ocorre derivação regressiva quando uma palavra é formada não por acréscimo, mas por redução: comprar (verbo), compra (substantivo); beijar (verbo), beijo (substantivo).

Para descobrirmos se um substantivo deriva de um verbo ou se ocorre o contrário, podemos seguir a seguinte orientação:

- Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva.

- Se o nome denota algum objeto ou substância, verifica-se o contrário.

Vamos observar os exemplos acima: compra e beijo indicam ações, logo, são palavras derivadas. O mesmo não ocorre, porém, com a palavra **âncora**, que é um objeto. Neste caso, um substantivo primitivo que dá origem ao verbo ancorar.

Por derivação regressiva, formam-se basicamente substantivos a partir de verbos. Por isso, recebem o nome de **substantivos deverbais.** Note que na linguagem popular, são frequentes os exemplos de palavras formadas por derivação regressiva. o **portuga** (de português); o **boteco** (de botequim); o **comuna** (de comunista); **agito** (de agitar); **amasso** (de amassar); **chego** (de chegar)

O processo normal é criar um verbo a partir de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo a partir do verbo.

- Derivação Imprópria: A derivação imprópria ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Neste processo:

Os adjetivos passam a substantivos: Os bons serão contemplados.

Os particípios passam a substantivos ou adjetivos: Aquele garoto alcançou um feito passando no concurso.

Os infinitivos passam a substantivos: O andar de Roberta era fascinante; O badalar dos sinos soou na cidadezinha.

Os substantivos passam a adjetivos: O funcionário fantasma foi despedido; O menino prodígio resolveu o problema.

Os adjetivos passam a advérbios: Falei baixo para que ninguém escutasse.

Palavras invariáveis passam a substantivos: Não entendo o porquê disso tudo.

Substantivos próprios tornam-se comuns: Aquele coordenador é um caxias! (chefe severo e exigente)

Os processos de derivação vistos anteriormente fazem parte da Morfologia porque implicam alterações na forma das palavras. No entanto, a derivação imprópria lida basicamente com seu significado, o que acaba caracterizando um processo semântico. Por essa razão, entendemos o motivo pelo qual é denominada "imprópria".

Composição: é o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais. Existem dois tipos:

- Composição por Justaposição: ao juntarmos duas ou mais palavras ou radicais, não ocorre alteração fonética: passatempo, quinta-feira, girassol, couve-flor. Em «girassol» houve uma alteração na grafia (acréscimo de um «s») justamente para manter inalterada a sonoridade da palavra.

- Composição por Aglutinação: ao unirmos dois ou mais vocábulos ou radicais, ocorre supressão de um ou mais de seus elementos fonéticos: embora (em boa hora); fidalgo (filho de algo - referindo-se a família nobre); hidrelétrico (hidro + elétrico); planalto (plano alto). Ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

- Redução: algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Observe: **auto** - por automóvel; **cine** - por cinema; **micro** - por microcomputador; **Zé** - por José. Como exemplo de redução ou simplificação de palavras, podem ser citadas também as **siglas**, muito frequentes na comunicação atual.

- Hibridismo: ocorre hibridismo na palavra em cuja formação entram elementos de línguas diferentes: auto (grego) + móvel (latim).

- Onomatopeia: numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. As onomatopeias são vocábulos que reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres: miau, zumzum, piar, tinir, urrar, chocalhar, cocoricar, etc.

Prefixos: os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudança de classe gramatical. Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas se originam do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, logo, como vocábulos autônomos. Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos em português. Outros, por sua vez, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras: a- , contra- , des- , em- (ou en-) , es- , entre- re- , sub- , super- , anti-.

Prefixos de Origem Grega

a-, an-: afastamento, privação, negação, insuficiência, carência: anônimo, amoral, ateu, afônico.

ana-: inversão, mudança, repetição: analogia, análise, anagrama, anacrônico.

anfi-: em redor, em torno, de um e outro lado, duplicidade: anfiteatro, anfíbio, anfibologia.

anti-: oposição, ação contrária: antídoto, antipatia, antagonista, antítese.

apo-: afastamento, separação: apoteose, apóstolo, apocalipse, apologia.

arqui-, arce-: superioridade hierárquica, primazia, excesso: arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário.

cata-: movimento de cima para baixo: cataplasma, catálogo, catarata.

di-: duplicidade: dissílabo, ditongo, dilema.

dia-: movimento através de, afastamento: diálogo, diagonal, diafragma, diagrama.

dis-: dificuldade, privação: dispneia, disenteria, dispepsia, disfasia.

ec-, ex-, exo-, ecto-: movimento para fora: eclipse, êxodo, ectoderma, exorcismo.

en-, em-, e-: posição interior, movimento para dentro: encéfalo, embrião, elipse, entusiasmo.

endo-: movimento para dentro: endovenoso, endocarpo, endosmose.

epi-: posição superior, movimento para: epiderme, epílogo, epidemia, epitáfio.

eu-: excelência, perfeição, bondade: eufemismo, euforia, eucaristia, eufonia.

hemi-: metade, meio: hemisfério, hemistíquio, hemiplégico.

hiper-: posição superior, excesso: hipertensão, hipérbole, hipertrofia.

hipo-: posição inferior, escassez: hipocrisia, hipótese, hipodérmico.

meta-: mudança, sucessão: metamorfose, metáfora, metacarpo.

para-: proximidade, semelhança, intensidade: paralelo, parasita, paradoxo, paradigma.

peri-: movimento ou posição em torno de: periferia, peripécia, período, periscópio.

pro-: posição em frente, anterioridade: prólogo, prognóstico, profeta, programa.

pros-: adjunção, em adição a: prosélito, prosódia.

proto-: início, começo, anterioridade: proto-história, protótipo, protomártir.

poli-: multiplicidade: polissílabo, polissíndeto, politeísmo.

sin-, sim-: simultaneidade, companhia: síntese, sinfonia, simpatia, sinopse.

tele-: distância, afastamento: televisão, telepatia, telégrafo.

Prefixos de Origem Latina

a-, ab-, abs-: afastamento, separação: aversão, abuso, abstinência, abstração.

a-, ad-: aproximação, movimento para junto: adjunto,advogado, advir, aposto.

ante-: anterioridade, procedência: antebraço, antessala, anteontem, antever.

ambi-: duplicidade: ambidestro, ambiente, ambiguidade, ambivalente.

ben(e)-, bem-: bem, excelência de fato ou ação: benefício, bendito.

bis-, bi-: repetição, duas vezes: bisneto, bimestral, bisavô, biscoito.

circu(m)-: movimento em torno: circunferência, circunscrito, circulação.

cis-: posição aquém: cisalpino, cisplatino, cisandino.

co-, con-, com-: companhia, concomitância: colégio, cooperativa, condutor.

contra-: oposição: contrapeso, contrapor, contradizer.

de-: movimento de cima para baixo, separação, negação: decapitar, decair, depor.

de(s)-, di(s)-: negação, ação contrária, separação: desventura, discórdia, discussão.

e-, es-, ex-: movimento para fora: excêntrico, evasão, exportação, expelir.

en-, em-, in-: movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, revestimento: imergir, enterrar, embeber, injetar, importar.

extra-: posição exterior, excesso: extradição, extraordinário, extraviar.

i-, in-, im-: sentido contrário, privação, negação: ilegal, impossível, improdutivo.

inter-, entre-: posição intermediária: internacional, interplanetário.

intra-: posição interior: intramuscular, intravenoso, intraverbal.

intro-: movimento para dentro: introduzir, introvertido, introspectivo.

justa-: posição ao lado: justapor, justalinear.

ob-, o-: posição em frente, oposição: obstruir, ofuscar, ocupar, obstáculo.

per-: movimento através: percorrer, perplexo, perfurar, perverter.

pos-: posterioridade: pospor, posterior, pós-graduado.

pre-: anterioridade: prefácio, prever, prefixo, preliminar.

pro-: movimento para frente: progresso, promover, prosseguir, projeção.

re-: repetição, reciprocidade: rever, reduzir, rebater, reatar.

retro-: movimento para trás: retrospectiva, retrocesso, retroagir, retrógrado.

so-, sob-, sub-, su-: movimento de baixo para cima, inferioridade: soterrar, sobpor, subestimar.

super-, supra-, sobre-: posição superior, excesso: supercílio, supérfluo.

soto-, sota-: posição inferior: soto-mestre, sota-voga, soto-pôr.

trans-, tras-, tres-, tra-: movimento para além, movimento através: transatlântico, tresnoitar, tradição.

ultra-: posição além do limite, excesso: ultrapassar, ultrarromantismo, ultrassom, ultraleve, ultravioleta.

vice-, vis-: em lugar de: vice-presidente, visconde, vice-almirante.

Sufixos: são elementos (isoladamente insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Sua principal característica é a mudança de classe gramatical que geralmente opera. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um verbo num contexto em que se deve usar um substantivo, por exemplo. Como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis. Existem dois grupos de sufixos formadores de substantivos extremamente importantes para o funcionamento da língua. São os que formam nomes de **ação** e os que formam nomes de agente.

Sufixos que formam nomes de ação: **-ada** – caminhada; **-ança** – mudança; **-ância** – abundância; **-ção** – emoção; **-dão** – solidão; **-ença** – presença; **-ez(a)** – sensatez, beleza; **-ismo** – civismo; **-mento** – casamento; **-são** – compreensão; **-tude** – amplitude; **-ura** – formatura.

Sufixos que formam nomes de agente: **-ário(a)** – secretário; **-eiro(a)** – ferreiro; **-ista** – manobrista; **-or** – lutador; **-nte** – feirante.

Sufixos que formam nomes de lugar, depositório: **-aria** – churrascaria; **-ário** – herbanário; **-eiro** – açucareiro; **-or** – corredor; **-tério** – cemitério; **-tório** – dormitório.

Sufixos que formam nomes indicadores de abundância, aglomeração, coleção: **-aço** – ricaço; **-ada** – papelada; **-agem** – folhagem; **-al** – capinzal; **-ame** – gentame; **-ario(a)** - casario, infantaria; **-edo** – arvoredo; **-eria** – correria; **-io** – mulherio; **-ume** – negrume.

Sufixos que formam nomes técnicos usados na ciência:

-ite - bronquite, hepatite (inflamação), amotite (fósseis).

-oma - mioma, epitelioma, carcinoma (tumores).

-ato, eto, Ito - sulfato, cloreto, sulfito (sais), granito (pedra).

-ina - cafeína, codeína (alcaloides, álcalis artificiais).

-ol - fenol, naftol (derivado de hidrocarboneto).

-ema - morfema, fonema, semema, semantema (ciência linguística).

-io - sódio, potássio, selênio (corpos simples)

Sufixo que forma nomes de religião, doutrinas filosóficas, sistemas políticos: **- ismo:** budismo, kantismo, comunismo**.**

Sufixos Formadores de Adjetivos

- de substantivos: -aco **– maníaco;** -ado **– barbado;** -áceo(a) **- herbáceo, liláceas;** -aico **– prosaico;** -al **– anual;** -ar **– escolar;** -ário **- diário, ordinário;** -ático **– problemático;** -az **– mordaz; -engo** – mulherengo; -ento **– cruento;** -eo **– róseo;** -esco **– pitoresco;** -este **– agreste;** -estre **– terrestre;** -enho **– ferrenho;** -eno **– terreno;** -ício **– alimentício;** -ico **– geométrico;** -il **– febril;** -ino **– cristalino;** -ivo **– lucrativo;** -onho **– tristonho;** -oso **– bondoso; -udo** – barrigudo.

- de verbos:

-(a)(e)(i)nte: ação, qualidade, estado – *semelhante, doente, seguinte.*

-(á)(í)vel: possibilidade de praticar ou sofrer uma ação – *louvável, perecível, punível.*

-io, -(t)ivo: ação referência, modo de ser – *tardio, afirmativo, pensativo.*

-(d)iço, -(t)ício: possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência – *movediço, quebradiço, factício.*

-(d)ouro,-(t)ório: ação, pertinência – *casadouro, preparatório.*

Sufixos Adverbiais: Na Língua Portuguesa, existe apenas um único sufixo adverbial: É o sufixo *"-mente"*, derivado do substantivo feminino latino *mens, mentis* que pode significar "a mente, o espírito, o intento".Este sufixo juntou-se a adjetivos, na forma feminina, para indicar circunstâncias, especialmente a de modo. **Exemplos: altiv***a*-mente**, brav***a*-mente**, bondos***a*-mente**, nervos***a*-mente**, frac***a***-**mente**, pi***a*-mente. Já os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em *–ês* **(*burgu****es*-mente***, portugu****es*-mente***, etc.)** não seguem esta regra, pois esses adjetivos eram outrora uniformes. **Exemplos: cabrito** montês **/ cabrita** montês**.**

Sufixos Verbais: Os sufixos verbais agregam-se, via de regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos. Em geral, os verbos novos da língua formam-se pelo acréscimo da terminação-*ar.* **Exemplos: esqui-**ar**; radiograf-**ar**; (a)doç-**ar**; nivel-**ar**; (a)fin-**ar**; telefon-**ar**; (a)portugues-**ar**.**

Os verbos exprimem, entre outras ideias, a prática de ação.

-ar: cruzar, analisar, limpar
-ear: guerrear, golear
-entar: afugentar, amamentar
-ficar: dignificar, liquidificar
-izar: finalizar, organizar

Verbo Frequentativo: é aquele que traduz ação repetida.

Verbo Factitivo: é aquele que envolve ideia de fazer ou causar.

Verbo Diminutivo: é aquele que exprime ação pouco intensa.

Exercícios

01. Assinale a opção em que todas as palavras se formam pelo mesmo processo:
a) ajoelhar / antebraço / assinatura
b) atraso / embarque / pesca
c) o jota / o sim / o tropeço
d) entrega / estupidez / sobreviver
e) antepor / exportação / sanguessuga

02. A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo
b) aglutinação
c) justaposição
d) parassíntese
e) derivação regressiva

03. Que item contém somente palavras formadas por justaposição?
a) desagradável – complemente
b) vaga-lume - pé-de-cabra
c) encruzilhada – estremeceu
d) supersticiosa – valiosas
e) desatarraxou – estremeceu

04. "Sarampo" é:
a) forma primitiva
b) formado por derivação parassintética
c) formado por derivação regressiva
d) formado por derivação imprópria
e) formado por onomatopéia

05. Numere as palavras da primeira coluna conforme os processos de formação numerados à direita. Em seguida, marque a alternativa que corresponde à sequência numérica encontrada:

( ) aguardente 1) justaposição
( ) casamento 2) aglutinação
( ) portuário 3) parassíntese
( ) pontapé 4) derivação sufixal
( ) os contras 5) derivação imprópria
( ) submarino 6) derivação prefixal
( ) hipótese

a) 1, 4, 3, 2, 5, 6, 1
b) 4, 1, 4, 1, 5, 3, 6
c) 1, 4, 4, 1, 5, 6, 6
d) 2, 3, 4, 1, 5, 3, 6
e) 2, 4, 4, 1, 5, 3, 6

06. Indique a palavra que foge ao processo de formação de chapechape:
a) zunzum
b) reco-reco
c) toque-toque
d) tlim-tlim
e) vivido

NOVA CONCURSOS

07. Em que alternativa a palavra sublinhada resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã começou o trabalho principal: a ***votação***.

b) ***Pereirinha*** estava mesmo com a razão. Sigilo... Voto secreto... Bobagens, bobagens!

c) Sem radical reforma da lei eleitoral, as eleições ***continuariam*** sendo uma farsa!

d) Não chegaram a trocar um ***isto*** de prosa, e se entenderam.

e) Dr. Osmírio andaria ***desorientado***, senão bufando de raiva.

08. Assinale a série de palavras em que todas são formadas por parassíntese:

a) acorrentar, esburacar, despedaçar, amanhecer
b) solução, passional, corrupção, visionário
c) enrijecer, deslealdade, tortura, vidente
d) biografia, macróbio, bibliografia, asteróide
e) acromatismo, hidrogênio, litografar, idiotismo

09. As palavras couve-flor, planalto e aguardente são formadas por:

a) derivação
b) onomatopeia
c) hibridismo
d) composição
e) prefixação

10. Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação:

a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

Respostas: 1-B / 2-B / 3-B / 4-C / 5-E / 6-E / 7-D / 8-A / 9-D / 10-E /

CLASSES DE PALAVRAS

Adjetivo

Adjetivo é a palavra que expressa uma qualidade ou característica do ser e se relaciona com o substantivo.

Ao analisarmos a palavra *bondoso*, por exemplo, percebemos que, além de expressar uma qualidade, ela pode ser colocada ao lado de um substantivo: homem *bondoso*, moça *bondosa*, pessoa *bondosa*.

Já com a palavra *bondade*, embora expresse uma qualidade, não acontece o mesmo; não faz sentido dizer: homem *bondade,* moça *bondade*, pessoa *bondade*. *Bondade*, portanto, não é adjetivo, mas substantivo.

Morfossintaxe do Adjetivo

O adjetivo exerce sempre funções sintáticas (função dentro de uma oração) relativas aos substantivos, atuando como adjunto adnominal ou como predicativo (do sujeito ou do objeto).

Adjetivo Pátrio (ou gentílico)

Indica a nacionalidade ou o lugar de origem do ser. Observe alguns deles:

Estados e cidades brasileiros:

Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Aracaju	aracajuano ou aracajuense
Amazonas	amazonense ou baré
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Cabo Frio	cabo-friense
Campinas	campineiro ou campinense

Adjetivo Pátrio Composto

Na formação do adjetivo pátrio composto, o primeiro elemento aparece na forma reduzida e, normalmente, erudita. Observe alguns exemplos:

África	afro- / Cultura afro-americana
Alemanha	germano- ou teuto-/Competições teuto-inglesas
América	américo- / Companhia américo-africana
Bélgica	belgo- / Acampamentos belgo-franceses
China	sino- / Acordos sino-japoneses
Espanha	hispano- / Mercado hispano-português
Europa	euro- / Negociações euro-americanas
França	franco- ou galo- / Reuniões franco-italianas
Grécia	greco- / Filmes greco-romanos
Inglaterra	anglo- / Letras anglo-portuguesas
Itália	ítalo- / Sociedade ítalo-portuguesa
Japão	nipo- / Associações nipo-brasileiras
Portugal	luso- / Acordos luso-brasileiros

Flexão dos adjetivos

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Gênero dos Adjetivos

Os adjetivos concordam com o substantivo a que se referem (masculino e feminino). De forma semelhante aos substantivos, classificam-se em:

Biformes - têm duas formas, sendo uma para o masculino e outra para o feminino. Por exemplo: *ativo e ativa, mau e má, judeu e judia.*

Se o adjetivo é composto e biforme, ele flexiona no feminino somente o último elemento. Por exemplo: *o moço norte-americano, a moça norte-americana.*

Exceção: *surdo-mudo e surda-muda.*

Uniformes - têm uma só forma tanto para o masculino como para o feminino. Por exemplo: *homem feliz e mulher feliz.*

Se o adjetivo é composto e uniforme, fica invariável no feminino. Por exemplo: *conflito político-social e desavença político-social.*

Número dos Adjetivos

Plural dos adjetivos simples

Os adjetivos simples flexionam-se no plural de acordo com as regras estabelecidas para a flexão numérica dos substantivos simples. Por exemplo: *mau e maus, feliz e felizes, ruim e ruins boa e boas*

Caso o a*djetivo seja uma palavra que também exerça função de substantivo, ficará invariável,* ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva. Exemplo: a palavra *cinza* é originalmente um substantivo; porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará, então, invariável. Logo: *camisas cinza, ternos cinza*.

Veja outros exemplos:

Motos vinho (mas: *motos verdes*)

Paredes musgo (mas: *paredes brancas*).

Comícios monstro (mas: *comícios grandiosos*).

Adjetivo Composto

É aquele formado por dois ou mais elementos. Normalmente, esses elementos são ligados por hífen. Apenas o último elemento concorda com o substantivo a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular. Caso um dos elementos que formam o adjetivo composto seja um substantivo adjetivado, todo o adjetivo composto ficará invariável. Por exemplo: a palavra *rosa* é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável. Por exemplo:

Camisas rosa-claro.

Ternos rosa-claro.

Olhos verde-claros.

Calças azul-escuras e camisas verde-mar.

Telhados marrom-café e paredes verde-claras.

Obs.: - *Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta* e qualquer adjetivo composto iniciado por *cor-de-...* são sempre invariáveis.

- Os adjetivos compostos s*urdo-mudo e pele-vermelha* têm os dois elementos flexionados.

Grau do Adjetivo

Os adjetivos flexionam-se em grau para indicar a intensidade da qualidade do ser. São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo**.

Comparativo

Nesse grau, comparam-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas ao mesmo ser. O comparativo pode ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Observe os exemplos abaixo:

Sou tão alto como você. = Comparativo de Igualdade

No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como, quanto* ou *quão*.

Sou mais alto (do) que você. = Comparativo de Superioridade Analítico

No comparativo de superioridade analítico, entre os dois substantivos comparados, um tem qualidade superior. A forma é analítica porque pedimos auxílio a "*mais...do que*" ou "*mais...que*".

O Sol é maior (do) que a Terra. = Comparativo de Superioridade Sintético

Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles: *bom /melhor, pequeno/menor, mau/pior, alto/superior, grande/maior, baixo/inferior.*

Observe que:

a) As formas *menor e pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno e mais mau*, respectivamente.

b) *Bom, mau, grande e pequeno* têm formas sintéticas (*melhor, pior, maior e menor)*, porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo elemento, deve-se usar as formas analíticas *mais bom, mais mau,mais grande e mais pequeno*. Por exemplo:

Pedro é maior do que Paulo - Comparação de dois elementos.

Pedro é mais grande que pequeno - comparação de duas qualidades de um mesmo elemento.

Sou menos alto (do) que você. = Comparativo de Inferioridade

Sou menos passivo (do) que tolerante.

Superlativo

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo. O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

Superlativo Absoluto: ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada, sem relação com outros seres. Apresenta-se nas formas:

Analítica: a intensificação se faz com o auxílio de palavras que dão ideia de intensidade (advérbios). Por exemplo: *O secretário é muito inteligente*.

Sintética: a intensificação se faz por meio do acréscimo de sufixos. Por exemplo: *O secretário é inteligentíssimo*.

Observe alguns superlativos sintéticos:

benéfico	beneficentíssimo
bom	boníssimo ou ótimo
comum	comuníssimo
cruel	crudelíssimo

difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo

Superlativo Relativo: ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada em relação a um conjunto de seres. Essa relação pode ser:

De Superioridade: *Clara é a mais bela da sala.*

De Inferioridade: *Clara é a menos bela da sala.*

Note bem:

1) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito, extremamente, excepcionalmente,* etc., antepostos ao adjetivo.

2) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas : uma erudita, de origem latina, outra popular, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo, -imo ou érrimo*. Por exemplo: *fidelíssimo, facílimo, paupérrimo.* A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*: pobríssimo, agilíssimo.

3) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo,* preferem-se, na linguagem atual, as formas *seríssimo, precaríssimo, necessaríssimo*, sem o desagradável hiato i-í.

Advérbio

O ***advérbio***, assim como muitas outras palavras existentes na Língua Portuguesa, advém de outras línguas. Assim sendo, tal qual o adjetivo, o prefixo "*ad-*" indica a ideia de proximidade, contiguidade. Essa proximidade faz referência ao processo verbal, no sentido de caracterizá-lo, ou seja, indicando as circunstâncias em que esse processo se desenvolve.

O advérbio relaciona-se aos verbos da língua, no sentido de caracterizar os processos expressos por ele. Contudo, ele não é modificador exclusivo desta classe (verbos), pois também modifica o adjetivo e até outro advérbio. Seguem alguns exemplos:

Para quem se diz distantemente alheio a esse assunto, você está até bem informado.

Temos o advérbio "distantemente" que modifica o adjetivo alheio, representando uma qualidade, característica.

O artista canta muito mal.

Nesse caso, o advérbio de intensidade "muito" modifica outro advérbio de modo – "mal". Em ambos os exemplos pudemos verificar que se tratava de somente uma palavra funcionando como advérbio. No entanto, ele pode estar demarcado por mais de uma palavra, que mesmo assim não deixará de ocupar tal função. Temos aí o que chamamos de locução adverbial, representada por algumas expressões, tais como: *às vezes, sem dúvida, frente a frente, de modo algum,* entre outras.

Dependendo das circunstâncias expressas pelos advérbios, eles se classificam em distintas categorias, uma vez expressas por:

de modo: *Bem, mal, assim, depressa, devagar, às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão*, e a maior parte dos que terminam em -"mente": *calmamente, tristemente, propositadamente, pacientemente, amorosamente, docemente, escandalosamente, bondosamente, generosamente*

de intensidade: *Muito, demais, pouco, tão, menos, em excesso, bastante, pouco, mais, menos, demasiado, quanto, quão, tanto, que*(equivale a quão), *tudo, nada, todo, quase, de todo, de muito, por completo.*

de tempo: *Hoje, logo, primeiro, ontem, tarde outrora, amanhã, cedo, dantes, depois, ainda, antigamente, antes, doravante, nunca, então, ora, jamais, agora, sempre, já, enfim, afinal, breve, constantemente, entrementes, imediatamente, primeiramente, provisoriamente, sucessivamente, às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia*

de lugar: A*qui, antes, dentro, ali, adiante, fora, acolá, atrás, além, lá, detrás, aquém, cá, acima, onde, perto, aí, abaixo, aonde, longe, debaixo, algures, defronte, nenhures, adentro, afora, alhures, nenhures, aquém, embaixo, externamente, a distância, à distancia de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta*

de negação : *Não, nem, nunca, jamais, de modo algum, de forma nenhuma, tampouco, de jeito nenhum*

de dúvida: *Acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez, casualmente, por certo, quem sabe*

de afirmação: *Sim, certamente, realmente, decerto, efetivamente, certo, decididamente, realmente, deveras, indubitavelmente (=sem dúvida).*

de exclusão: *Apenas, exclusivamente, salvo, senão, somente, simplesmente, só, unicamente*

de inclusão: *Ainda, até, mesmo, inclusivamente, também*

de ordem: *Depois, primeiramente, ultimamente*

de designação: *Eis*

de interrogação: onde? *(lugar), como? (modo), quando? (tempo), por quê? (causa), quanto? (preço e intensidade), para quê? (finalidade)*

Locução adverbial

É reunião de duas ou mais palavras com valor de advérbio. Exemplo:
Carlos saiu às pressas. (indicando modo)
Maria saiu à tarde. (indicando tempo)

Há locuções adverbiais que possuem advérbios correspondentes. Exemplo: *Carlos saiu às pressas.* = *Carlos saiu apressadamente.*

Apenas os advérbios de intensidade, de lugar e de modo são flexionados, sendo que os demais são todos invariáveis. A única flexão propriamente dita que existe na categoria dos advérbios é a de grau:

Superlativo: aumenta a intensidade. Exemplos: l*onge - longíssimo, pouco - pouquíssimo, inconstitucionalmente - inconstitucionalissimamente,* etc.;

Diminutivo: diminui a intensidade. Exemplos: *perto - pertinho, pouco - pouquinho, devagar - devagarinho.*

Artigo

Artigo é a palavra que, vindo antes de um substantivo, indica se ele está sendo empregado de maneira definida ou indefinida. Além disso, o artigo indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Classificação dos Artigos

Artigos Definidos: determinam os substantivos de maneira precisa: *o, a, os, as*. Por exemplo: *Eu matei o animal*.

Artigos Indefinidos: determinam os substantivos de maneira vaga: *um, uma, uns, umas*. Por exemplo: *Eu matei um animal*.

Combinação dos Artigos

É muito presente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. Veja a forma assumida por essas combinações:

Preposições	***Artigos***	
	o, os	
a	ao, aos	
de	do, dos	
em	no, nos	
por (per)	pelo, pelos	
a, as	um, uns	uma, umas
à, às	-	-
da, das	dum, duns	duma, dumas
na, nas	num, nuns	numa, numas
pela, pelas	-	-

- As formas *à* e *às* indicam a fusão da preposição *a* com o artigo definido *a*. Essa fusão de vogais idênticas é conhecida por *crase*.

Constatemos as circunstâncias em que os artigos se manifestam

- Considera-se obrigatório o uso do artigo depois do numeral "ambos": *Ambos os garotos decidiram participar das olimpíadas.*

- Nomes próprios indicativos de lugar admitem o uso do artigo, outros não: *São Paulo, O Rio de Janeiro, Veneza, A Bahia...*

- Quando indicado no singular, o artigo definido pode indicar toda uma espécie: *O trabalho dignifica o homem.*

- No caso de nomes próprios personativos, denotando a ideia de familiaridade ou afetividade, é facultativo o uso do artigo: *O Pedro é o xodó da família.*

- No caso de os nomes próprios personativos estarem no plural, são determinados pelo uso do artigo: *Os Maias, os Incas, Os Astecas...*

- Usa-se o artigo depois do pronome indefinido todo(a) para conferir uma ideia de totalidade. Sem o uso dele (o artigo), o pronome assume a noção de qualquer.
Toda a classe parabenizou o professor. (a sala toda)
Toda classe possui alunos interessados e desinteressados. (qualquer classe)

- Antes de pronomes possessivos, o uso do artigo é facultativo:
Adoro o meu vestido longo. Adoro meu vestido longo.

- A utilização do artigo indefinido pode indicar uma ideia de aproximação numérica: *O máximo que ele deve ter é uns vinte anos.*

- O artigo também é usado para substantivar palavras oriundas de outras classes gramaticais: *Não sei o porquê de tudo isso.*

- Nunca deve ser usado artigo depois do pronome relativo cujo (e flexões).
Este é o homem cujo amigo desapareceu.
Este é o autor cuja obra conheço.

- Não se deve usar artigo antes das palavras casa (no sentido de lar, moradia) e terra (no sentido de chão firme), a menos que venham especificadas.
Eles estavam em casa.
Eles estavam na casa dos amigos.
Os marinheiros permaneceram em terra.
Os marinheiros permanecem na terra dos anões.

- Não se emprega artigo antes dos pronomes de tratamento, com exceção de senhor(a), senhorita e dona: *Vossa excelência resolverá os problemas de Sua Senhoria.*

NOVA CONCURSOS

- Não se une com preposição o artigo que faz parte do nome de revistas, jornais, obras literárias: *Li a notícia em O Estado de S. Paulo.*

Morfossintaxe

Para definir o que é artigo é preciso mencionar suas relações com o substantivo. Assim, nas orações da língua portuguesa, o artigo exerce a função de adjunto adnominal do substantivo a que se refere. Tal função independe da função exercida pelo substantivo:

A existência é uma poesia.

Uma existência é a poesia.

Conjunção

Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração. Por exemplo:

A menina segurou a boneca e mostrou quando viu as amiguinhas.

Deste exemplo podem ser retiradas três informações:

1-) *segurou a boneca* 2-) *a menina mostrou* 3-) *viu as amiguinhas*

Cada informação está estruturada em torno de um verbo: *segurou, mostrou, viu*. Assim, há nessa frase três orações:

1ª oração: *A menina segurou a boneca* 2ª oração: *e mostrou* 3ª oração: *quando viu as amiguinhas.*

A segunda oração liga-se à primeira por meio do "e", e a terceira oração liga-se à segunda por meio do "quando". As palavras "e" e "quando" ligam, portanto, orações.

Observe: *Gosto de natação e de futebol.*

Nessa frase as expressões de natação, de futebol são partes ou termos de uma mesma oração. Logo, a palavra "e" está ligando termos de uma mesma oração.

Morfossintaxe da Conjunção

As conjunções, a exemplo das preposições, não exercem propriamente uma função sintática: são conectivos.

Classificação

- *Conjunções Coordenativas*
- *Conjunções Subordinativas*

Conjunções coordenativas

Dividem-se em:

- ADITIVAS: expressam a ideia de adição, soma. Ex. *Gosto de cantar e de dançar.*

Principais conjunções aditivas: *e, nem, não só...mas também, não só...como também.*

- ADVERSATIVAS: Expressam ideias contrárias, de oposição, de compensação. Ex. *Estudei, mas não entendi nada.*

Principais conjunções adversativas: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto.*

- ALTERNATIVAS: Expressam ideia de alternância.

Ou você sai do telefone ou eu vendo o aparelho.

Principais conjunções alternativas: *Ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já.*

- CONCLUSIVAS: Servem para dar conclusões às orações. Ex. *Estudei muito, por isso mereço passar.*

Principais conjunções conclusivas: *logo, por isso, pois* (depois do verbo), *portanto, por conseguinte, assim.*

- EXPLICATIVAS: Explicam, dão um motivo ou razão. Ex. *É melhor colocar o casaco porque está fazendo muito frio lá fora.*

Principais conjunções explicativas: *que, porque, pois* (antes do verbo), *porquanto.*

Conjunções subordinativas

- CAUSAIS

Principais conjunções causais: *porque, visto que, já que, uma vez que, como* (= porque).

Ele não fez o trabalho porque não tem livro.

- COMPARATIVAS

Principais conjunções comparativas: *que, do que, tão... como, mais...do que, menos...do que.*

Ela fala mais que um papagaio.

- CONCESSIVAS

Principais conjunções concessivas: *embora, ainda que, mesmo que, apesar de, se bem que.*

Indicam uma concessão, admitem uma contradição, um fato inesperado. Traz em si uma ideia de "apesar de".

Embora estivesse cansada, fui ao shopping. (= apesar de estar cansada)

Apesar de ter chovido fui ao cinema.

- CONFORMATIVAS

Principais conjunções conformativas: *como, segundo, conforme, consoante*

Cada um colhe conforme semeia.

Expressam uma ideia de acordo, concordância, conformidade.

- CONSECUTIVAS

Expressam uma ideia de consequência.

Principais conjunções consecutivas: *que* (após "tal", "tanto", "tão", "tamanho").

Falou tanto que ficou rouco.

- FINAIS

Expressam ideia de finalidade, objetivo.

Todos trabalham para que possam sobreviver.

Principais conjunções finais: *para que, a fim de que, porque* (=para que),

- PROPORCIONAIS

Principais conjunções proporcionais: *à medida que, quanto mais, ao passo que, à proporção que.*

À medida que as horas passavam, mais sono ele tinha.

- TEMPORAIS

Principais conjunções temporais: *quando, enquanto, logo que.*

Quando eu sair, vou passar na locadora.

Diferença entre orações causais e explicativas

Quando estudamos Orações Subordinadas Adverbiais (OSA) e Coordenadas Sindéticas (CS), geralmente nos deparamos com a dúvida de como distinguir uma oração causal de uma explicativa. Veja os exemplos:

1º) Na frase "*Não atravesse a rua, porque você pode ser atropelado*":

a) Temos uma CS Explicativa, que indica uma justificativa ou uma explicação do fato expresso na oração anterior.

b) As orações são coordenadas e, por isso, independentes uma da outra. Neste caso, há uma pausa entre as orações que vêm marcadas por vírgula.

Não atravesse a rua. Você pode ser atropelado.

Outra dica é, quando a oração que antecede a OC (Oração Coordenada) vier com verbo no modo imperativo, ela será explicativa.

Façam silêncio, que estou falando. (façam= verbo imperativo)

2º) Na frase "*Precisavam enterrar os mortos em outra cidade porque não havia cemitério no local*."

a) Temos uma OSA Causal, já que a oração subordinada (parte destacada) mostra a causa da ação expressa pelo verbo da oração principal. Outra forma de reconhecê-la é colocá-la no início do período, introduzida pela conjunção *como* - o que não ocorre com a CS Explicativa.

Como não havia cemitério no local, precisavam enterrar os mortos em outra cidade.

b) As orações são subordinadas e, por isso, totalmente dependentes uma da outra.

Interjeição

Interjeição é a palavra invariável que exprime emoções, sensações, estados de espírito, ou que procura agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar certo comportamento sem que, para isso, seja necessário fazer uso de estruturas linguísticas mais elaboradas. Observe o exemplo:

Droga! Preste atenção quando eu estou falando!

No exemplo acima, o interlocutor está muito bravo. Toda sua raiva se traduz numa palavra: *Droga!* Ele poderia ter dito: - *Estou com muita raiva de você!* Mas usou simplesmente uma palavra. Ele empregou a interjeição *Droga!*

As sentenças da língua costumam se organizar de forma lógica: há uma sintaxe que estrutura seus elementos e os distribui em posições adequadas a cada um deles. As interjeições, por outro lado, são uma espécie de "palavra-frase", ou seja, há uma ideia expressa por uma palavra (ou um conjunto de palavras - locução interjetiva) que poderia ser colocada em termos de uma sentença. Veja os exemplos:

Bravo! Bis!

bravo e bis: interjeição = sentença (sugestão): *"Foi muito bom! Repitam!"*

Ai! Ai! Ai! Machuquei meu pé... ai: interjeição = sentença (sugestão): *"Isso está doendo!"* ou "*Estou com dor!"*

A interjeição é um recurso da linguagem afetiva, em que não há uma ideia organizada de maneira lógica, como são as sentenças da língua, mas sim a manifestação de um suspiro, um estado da alma decorrente de uma situação particular, um momento ou um contexto específico. Exemplos:

Ah, como eu queria voltar a ser criança!

ah: expressão de um estado emotivo = interjeição

Hum! Esse pudim estava maravilhoso!

hum: expressão de um pensamento súbito = interjeição

O significado das interjeições está vinculado à maneira como elas são proferidas. Desse modo, o tom da fala é que dita o sentido que a expressão vai adquirir em cada contexto de enunciação. Exemplos:

Psiu! = contexto: alguém pronunciando essa expressão na rua; significado da interjeição (sugestão): *"Estou te chamando! Ei, espere!"*

Psiu! = contexto: alguém pronunciando essa expressão em um hospital; significado da interjeição (sugestão): *"Por favor, faça silêncio!"*

Puxa! Ganhei o maior prêmio do sorteio!

puxa: interjeição; tom da fala: euforia

Puxa! Hoje não foi meu dia de sorte!

puxa: interjeição; tom da fala: decepção

As interjeições cumprem, normalmente, duas funções:

1) Sintetizar uma frase exclamativa, exprimindo alegria, tristeza, dor, etc.

Você faz o que no Brasil?

Eu? Eu negocio com madeiras.

Ah, deve ser muito interessante.

2) Sintetizar uma frase apelativa

Cuidado! Saia da minha frente.

As interjeições podem ser formadas por:

- simples sons vocálicos: *Oh!, Ah!, Ó, Ô.*
- palavras: *Oba!, Olá!, Claro!*
- grupos de palavras (locuções interjetivas): *Meu Deus!, Ora bolas!*

A ideia expressa pela interjeição depende muitas vezes da entonação com que é pronunciada; por isso, pode ocorrer que uma interjeição tenha mais de um sentido. Por exemplo:

Oh! Que surpresa desagradável! (ideia de contrariedade)

Oh! Que bom te encontrar. (ideia de alegria)

Classificação das Interjeições

Comumente, as interjeições expressam sentido de:

- Advertência: *Cuidado!, Devagar!, Calma!, Sentido!, Atenção!, Olha!, Alerta!*

NOVA CONCURSOS

- Afugentamento: *Fora!, Passa!, Rua!, Xô!*
- Alegria ou Satisfação: *Oh!, Ah!,Eh!, Oba!, Viva!*
- Alívio: *Arre!, Uf!, Ufa! Ah!*
- Animação ou Estímulo: *Vamos!, Força!, Coragem!, Eia!, Ânimo!, Adiante!, Firme!, Toca!*
- Aplauso ou Aprovação: *Bravo!, Bis!, Apoiado!, Viva!, Boa!*
- Concordância: *Claro!, Sim!, Pois não!, Tá!, Hã-hã!*
- Repulsa ou Desaprovação: *Credo!, Irra!, Ih!, Livra!, Safa!, Fora!, Abaixo!, Francamente!, Xi!, Chega!, Basta!, Ora!*
- Desejo ou Intenção: *Oh!, Pudera!, Tomara!, Oxalá!*
- Desculpa: *Perdão!*
- Dor ou Tristeza: *Ai!, Ui!, Ai de mim!, Que pena!, Ah!, Oh!, Eh!*
- Dúvida ou Incredulidade: *Qual!, Qual o quê!, Hum!, Epa!, Ora!*
- Espanto ou Admiração: *Oh!, Ah!, Uai!, Puxa!, Céus!, Quê!, Caramba!, Opa!, Virgem!, Vixe!, Nossa!, Hem?!, Hein?, Cruz!, Putz!*
- Impaciência ou Contrariedade: *Hum!, Hem!, Irra!, Raios!, Diabo!, Puxa!, Pô!, Ora!*
- Pedido de Auxílio: *Socorro!, Aqui!, Piedade!*
- Saudação, Chamamento ou Invocação: *Salve!, Viva!, Adeus!, Olá!, Alô!, Ei!, Tchau!, Ô, Ó, Psiu!, Socorro!, Valha-me, Deus!*
- Silêncio: *Psiu!, Bico!, Silêncio!*
- Terror ou Medo: *Credo!, Cruzes!, Uh!, Ui!, Oh!*

Saiba que: As interjeições são palavras invariáveis, isto é, não sofrem variação em gênero, número e grau como os nomes, nem de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em uso específico, algumas interjeições sofrem variação em grau. Deve-se ter claro, neste caso, que não se trata de um processo natural dessa classe de palavra, mas tão só uma variação que a linguagem afetiva permite. Exemplos: *oizinho, bravíssimo, até loguinho.*

Locução Interjetiva

Ocorre quando duas ou mais palavras formam uma expressão com sentido de interjeição. Por exemplo : *Ora bolas! Quem me dera! Virgem Maria! Meu Deus! Ó de casa! Ai de mim! Valha-me Deus! Graças a Deus! Alto lá! Muito bem!*

Observações:

- As interjeições são como frases resumidas, sintéticas. Por exemplo: *Ué! = Eu não esperava por essa!, Perdão! = Peço-lhe que me desculpe.*

- Além do contexto, o que caracteriza a interjeição é o seu tom exclamativo; por isso, palavras de outras classes gramaticais podem aparecer como interjeições.

Viva! Basta! (Verbos)
Fora! Francamente! (Advérbios)

- A interjeição pode ser considerada uma "palavra-frase" porque sozinha pode constituir uma mensagem. Ex.: *Socorro!, Ajudem-me!, Silêncio!, Fique quieto!*

- Há, também, as interjeições onomatopaicas ou imitativas, que exprimem ruídos e vozes. Ex.: *Pum! Miau! Bumba! Zás! Plaft! Pof! Catapimba! Tique-taque! Quá-quá-quá!*, etc.

- Não se deve confundir a interjeição de apelo "ó" com a sua homônima "oh!", que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se uma pausa depois do" oh!" exclamativo e não a fazemos depois do "ó" vocativo.

"Ó natureza! ó mãe piedosa e pura!" (Olavo Bilac)
Oh! a jornada negra!" (Olavo Bilac)

- Na linguagem afetiva, certas interjeições, originadas de palavras de outras classes, podem aparecer flexionadas no diminutivo ou no superlativo: *Calminha! Adeusinho! Obrigadinho!*

Interjeições, leitura e produção de textos

Usadas com muita frequência na língua falada informal, quando empregadas na língua escrita, as interjeições costumam conferir-lhe certo tom inconfundível de coloquialidade. Além disso, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do falante - como a escassez de vocabulário, o temperamento agressivo ou dócil, até mesmo a origem geográfica. É nos textos narrativos - particularmente nos diálogos - que comumente se faz uso das interjeições com o objetivo de caracterizar personagens e, também, graças à sua natureza sintética, agilizar as falas. Natureza sintética e conteúdo mais emocional do que racional fazem das interjeições presença constante nos textos publicitários.

Fonte:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf89.php

Numeral

Numeral é a palavra que indica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou os situa em determinada sequência.

Os quatro últimos ingressos foram vendidos há pouco.
[quatro: numeral = atributo numérico de "ingresso"]

Eu quero café duplo, e você?
...[duplo: numeral = atributo numérico de "café"]

A primeira pessoa da fila pode entrar, por favor!
...[primeira: numeral = situa o ser "pessoa" na sequência de "fila"]

Note bem: os numerais traduzem, em palavras, o que os números indicam em relação aos seres. Assim, quando a expressão é colocada em números (1, 1°, 1/3, etc.) não se trata de numerais, mas sim de algarismos.

Além dos numerais mais conhecidos, já que refletem a ideia expressa pelos números, existem mais algumas palavras consideradas numerais porque denotam quantidade, proporção ou ordenação. São alguns exemplos: *década, dúzia, par, ambos(as), novena.*

Classificação dos Numerais

Cardinais: indicam contagem, medida. É o número básico: *um, dois, cem mil*, etc.

Ordinais: indicam a ordem ou lugar do ser numa série dada: *primeiro, segundo, centésimo,* etc.

Fracionários: indicam parte de um inteiro, ou seja, a divisão dos seres: *meio, terço, dois quintos,* etc.

Multiplicativos: expressam ideia de multiplicação dos seres, indicando quantas vezes a quantidade foi aumentada: *dobro, triplo, quíntuplo,* etc.

Leitura dos Numerais

Separando os números em centenas, de trás para frente, obtêm-se conjuntos numéricos, em forma de centenas e, no início, também de dezenas ou unidades. Entre esses conjuntos usa-se vírgula; as unidades ligam-se pela conjunção "e".
1.203.726 = um milhão, duzentos e três mil, setecentos e vinte e seis.
45.520 = quarenta e cinco mil, quinhentos e vinte.

Flexão dos numerais

Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas; quatrocentos/quatrocentas*, etc. Cardinais como milhão, bilhão, trilhão, variam em número: *milhões, bilhões, trilhões*. Os demais cardinais são invariáveis.
Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	*segundo*	*milésimo*
primeira	*segunda*	*milésima*
primeiros	*segundos*	*milésimos*
primeiras	*segundas*	*milésimas*

Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas: *Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.*
Quando atuam em funções adjetivas, esses numerais flexionam-se em gênero e número: *Teve de tomar doses triplas do medicamento.*
Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número. Observe: *um terço/dois terços, uma terça parte/duas terças partes*
Os numerais coletivos flexionam-se em número: *uma dúzia, um milheiro, duas dúzias, dois milheiros.*
É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:
"Me empresta duzentinho..."
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado por ter caído na segundona. (= segunda divisão de futebol)

Emprego dos Numerais

*Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, utilizam-se os ordinais até décimo e a partir daí os cardinais, desde que o numeral venha depois do substantivo:

Ordinais	**Cardinais**
João Paulo II (segundo)	*Tomo XV (quinze)*
D. Pedro II (segundo)	*Luís XVI (dezesseis)*
Ato II (segundo)	*Capítulo XX (vinte)*
Século VIII (oitavo)	*Século XX (vinte)*
Canto IX (nono)	*João XXIII (vinte e três)*

*Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.° (primeiro)	*Artigo 10 (dez)*
Artigo 9.° (nono)	*Artigo 21 (vinte e um)*

NOVA CONCURSOS

*Ambos/ambas são considerados numerais. Significam "um e outro", "os dois" (ou "uma e outra", "as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres aos quais já se fez referência.

Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. Ambos agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Obs.: a forma "ambos os dois" é considerada enfática. Atualmente, seu uso indica afetação, artificialismo.

Cardinais	**Ordinais**	**Multiplicativos**	**Fracionários**
um	primeiro	-	-
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	-	onze avos
doze	décimo segundo	-	doze avos
treze	décimo terceiro	-	treze avos
catorze	décimo quarto	-	catorze avos
quinze	décimo quinto	-	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	-	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	-	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	-	dezoito avos
dezenove	décimo nono	-	dezenove avos
vinte	vigésimo	-	vinte avos
trinta	trigésimo	-	trinta avos
quarenta	quadragésimo	-	quarenta avos
cinqüenta	quinquagésimo	-	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	-	sessenta avos
setenta	septuagésimo	-	setenta avos
oitenta	octogésimo	-	oitenta avos
noventa	nonagésimo	-	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	-	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	-	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	-	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	-	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	-	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	-	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	-	octingentésimo
novecentos	nongentésimo ou noningentésimo	-	nongentésimo
mil	milésimo	-	milésimo
milhão	milionésimo	-	milionésimo
bilhão	bilionésimo	-	bilionésimo

Preposição

<u>Preposição</u> é uma palavra invariável que serve para ligar termos ou orações. Quando esta ligação acontece, normalmente há uma subordinação do segundo termo em relação ao primeiro. As preposições são muito importantes na estrutura da língua, pois estabelecem a coesão textual e possuem valores semânticos indispensáveis para a compreensão do texto.

<u>Tipos de Preposição</u>

1. **Preposições essenciais:** palavras que atuam exclusivamente como preposições: *a, ante, perante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, sem, sob, sobre, trás, atrás de, dentro de, para com.*

2. **Preposições acidentais**: palavras de outras classes gramaticais que podem atuar como preposições: *como, durante, exceto, fora, mediante, salvo, segundo, senão, visto*.

3. **Locuções prepositivas:** duas ou mais palavras valendo como uma preposição, sendo que a última palavra é uma delas: *abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com, em cima de, embaixo de, em frente a, ao redor de, graças a, junto a, com, perto de, por causa de, por cima de, por trás de*.

A preposição, como já foi dito, é invariável. No entanto pode unir-se a outras palavras e assim estabelecer concordância em gênero ou em número. Ex: *por + o = pelo por + a = pela*.

Vale ressaltar que essa concordância não é característica da preposição, mas das palavras às quais ela se une.

Esse processo de junção de uma preposição com outra palavra pode se dar a partir de dois processos:

1. Combinação: A preposição não sofre alteração.
preposição a + artigos definidos o, os
a + o = ao
preposição a + advérbio onde
a + onde = aonde
2. Contração: Quando a preposição sofre alteração.

Preposição + Artigos
De + o(s) = do(s)
De + a(s) = da(s)
De + um = dum
De + uns = duns
De + uma = duma
De + umas = dumas
Em + o(s) = no(s)
Em + a(s) = na(s)
Em + um = num
Em + uma = numa
Em + uns = nuns
Em + umas = numas
A + à(s) = à(s)
Por + o = pelo(s)
Por + a = pela(s)

Preposição + Pronomes
De + ele(s) = dele(s)
De + ela(s) = dela(s)
De + este(s) = deste(s)
De + esta(s) = desta(s)
De + esse(s) = desse(s)
De + essa(s) = dessa(s)
De + aquele(s) = daquele(s)
De + aquela(s) = daquela(s)
De + isto = disto
De + isso = disso
De + aquilo = daquilo
De + aqui = daqui
De + aí = daí
De + ali = dali
De + outro = doutro(s)
De + outra = doutra(s)
Em + este(s) = neste(s)
Em + esta(s) = nesta(s)
Em + esse(s) = nesse(s)
Em + aquele(s) = naquele(s)
Em + aquela(s) = naquela(s)
Em + isto = nisto
Em + isso = nisso
Em + aquilo = naquilo
A + aquele(s) = àquele(s)
A + aquela(s) = àquela(s)
A + aquilo = àquilo

<u>Dicas sobre preposição</u>

1. O "a" pode funcionar como preposição, pronome pessoal oblíquo e artigo. Como distingui-los? Caso o "a" seja um artigo, virá precedendo um substantivo. Ele servirá para determiná-lo como um substantivo singular e feminino.
A dona da casa não quis nos atender.
Como posso fazer a Joana concordar comigo?

- Quando é preposição, além de ser invariável, liga dois termos e estabelece relação de subordinação entre eles.
Cheguei a sua casa ontem pela manhã.
Não queria, mas vou ter que ir à outra cidade para procurar um tratamento adequado.

- Se for pronome pessoal oblíquo estará ocupando o lugar e/ou a função de um substantivo.
*Temos Maria como parte da família. / Nós **a** temos como parte da família*
Creio que conhecemos nossa mãe melhor que ninguém. / Creio que a conhecemos melhor que ninguém.

2. Algumas relações semânticas estabelecidas por meio das preposições:
Destino = *Irei para casa.*
Modo = *Chegou em casa aos gritos.*
Lugar = *Vou ficar em casa;*
Assunto = *Escrevi um artigo sobre adolescência.*
Tempo = *A prova vai começar em dois minutos.*
Causa = *Ela faleceu de derrame cerebral.*
Fim ou finalidade = *Vou ao médico para começar o tratamento.*
Instrumento = *Escreveu a lápis.*
Posse = *Não posso doar as roupas da mamãe.*
Autoria = *Esse livro de Machado de Assis é muito bom.*
Companhia = *Estarei com ele amanhã.*
Matéria = *Farei um cartão de papel reciclado.*
Meio = *Nós vamos fazer um passeio de barco.*
Origem = *Nós somos do Nordeste, e você?*
Conteúdo = *Quebrei dois frascos de perfume.*
Oposição = *Esse movimento é contra o que eu penso.*
Preço = *Essa roupa sai por R$ 50 à vista.*

Fonte:
http://www.infoescola.com/portugues/preposicao/

NOVA CONCURSOS

Pronome

Pronome é a palavra que se usa em lugar do nome, ou a ele se refere, ou que acompanha o nome, qualificando-o de alguma forma.

A moça era mesmo bonita. Ela morava nos meus sonhos!
[substituição do nome]

A moça que morava nos meus sonhos era mesmo bonita!
[referência ao nome]

Essa moça morava nos meus sonhos!
[qualificação do nome]

Grande parte dos pronomes não possuem significados fixos, isto é, essas palavras só adquirem significação dentro de um contexto, o qual nos permite recuperar a referência exata daquilo que está sendo colocado por meio dos pronomes no ato da comunicação. Com exceção dos pronomes interrogativos e indefinidos, os demais pronomes têm por função principal apontar para as pessoas do discurso ou a elas se relacionar, indicando-lhes sua situação no tempo ou no espaço. Em virtude dessa característica, os pronomes apresentam uma forma específica para cada pessoa do discurso.

Minha carteira estava vazia quando eu fui assaltada.
[minha/eu: pronomes de 1ª pessoa = aquele que fala]

Tua carteira estava vazia quando tu foste assaltada?
[tua/tu: pronomes de 2ª pessoa = aquele a quem se fala]

A carteira dela estava vazia quando ela foi assaltada.
[dela/ela: pronomes de 3ª pessoa = aquele de quem se fala]

Em termos morfológicos, os pronomes são palavras variáveis em gênero (masculino ou feminino) e em número (singular ou plural). Assim, espera-se que a referência através do pronome seja coerente em termos de gênero e número (fenômeno da concordância) com o seu objeto, mesmo quando este se apresenta ausente no enunciado.

Fala-se de Roberta. Ele quer participar do desfile da nossa escola neste ano.
[nossa: pronome que qualifica "escola" = concordância adequada]
[neste: pronome que determina "ano" = concordância adequada]
[ele: pronome que faz referência à "Roberta" = concordância inadequada]
Existem seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos.

Pronomes Pessoais

São aqueles que substituem os substantivos, indicando diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes "eu" ou "nós", usa os pronomes "tu", "vós", "você" ou "vocês" para designar a quem se dirige e "ele", "ela", "eles" ou "elas" para fazer referência à pessoa ou às pessoas de quem fala.
Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, podendo ser do caso reto ou do caso oblíquo.

Pronome Reto

Pronome pessoal do caso reto é aquele que, na sentença, exerce a função de sujeito ou predicativo do sujeito.
Nós lhe ofertamos flores.

Os pronomes retos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão, uma vez que marca a pessoa do discurso. Dessa forma, o quadro dos pronomes retos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular: eu
- 2ª pessoa do singular: tu
- 3ª pessoa do singular: ele, ela
- 1ª pessoa do plural: nós
- 2ª pessoa do plural: vós
- 3ª pessoa do plural: eles, elas

Atenção: esses pronomes não costumam ser usados como complementos verbais na língua-padrão. Frases como *"Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui"*, comuns na língua oral cotidiana, devem ser evitadas na língua formal escrita ou falada. Na língua formal, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: *"Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".*

Obs.: frequentemente observamos a omissão do pronome reto em Língua Portuguesa. Isso se dá porque as próprias formas verbais marcam, através de suas desinências, as pessoas do verbo indicadas pelo pronome reto: *Fizemos boa viagem*. (Nós)

Pronome Oblíquo

Pronome pessoal do caso oblíquo é aquele que, na sentença, exerce a função de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal.
Ofertaram-nos flores. (objeto indireto)

Obs.: em verdade, o pronome oblíquo é uma forma variante do pronome pessoal do caso reto. Essa variação indica a função diversa que eles desempenham na oração: pronome reto marca o sujeito da oração; pronome oblíquo marca o complemento da oração.

Os pronomes oblíquos sofrem variação de acordo com a acentuação tônica que possuem, podendo ser átonos ou tônicos.

Pronome Oblíquo Átono

São chamados átonos os pronomes oblíquos que não são precedidos de preposição. Possuem acentuação tônica fraca: *Ele me deu um presente.*

O quadro dos pronomes oblíquos átonos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): me
- 2ª pessoa do singular (tu): te
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): o, a, lhe
- 1ª pessoa do plural (nós): nos
- 2ª pessoa do plural (vós): vos
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): os, as, lhes

Observações:

O "lhe" é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome "o" ou "a" e preposição "a" ou "para". Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome "lhe" exerce sempre a função de objeto indireto na oração.

Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem tanto ser objetos diretos como objetos indiretos.

Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos.

Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as,* dando origem a formas como *mo, mos , ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas; no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las*. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

- Trouxeste o pacote?
- Sim, entreguei-to ainda há pouco.
- Não contaram a novidade a vocês?
- Não, no-la contaram.

No português do Brasil, essas combinações não são usadas; até mesmo na língua literária atual, seu emprego é muito raro.

Atenção: Os pronomes *o, os, a, as* assumem formas especiais depois de certas terminações verbais. Quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida. Por exemplo:

fiz + o = fi-lo
fazeis + o = fazei-lo
dizer + a = dizê-la

Quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*. Por exemplo:

viram + o: viram-no
repõe + os = repõe-nos
retém + a: retém-na
tem + as = tem-nas

Pronome Oblíquo Tônico

Os pronomes oblíquos tônicos são sempre precedidos por preposições, em geral as preposições *a, para, de* e *com*. Por esse motivo, os pronomes tônicos exercem a função de objeto indireto da oração. Possuem acentuação tônica forte.

O quadro dos pronomes oblíquos tônicos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): mim, comigo
- 2ª pessoa do singular (tu): ti, contigo
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): ele, ela
- 1ª pessoa do plural (nós): nós, conosco
- 2ª pessoa do plural (vós): vós, convosco
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): eles, elas

Observe que as únicas formas próprias do pronome tônico são a primeira pessoa (mim) e segunda pessoa (ti). As demais repetem a forma do pronome pessoal do caso reto.

- As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronome do caso reto. Nos contextos interlocutivos que exigem o uso da língua formal, os pronomes costumam ser usados desta forma:

Não há mais nada entre mim e ti.
Não se comprovou qualquer ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não vá sem mim.

Atenção: Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, serve para introduzir uma oração cujo verbo está no infinitivo. Nesses casos, o verbo pode ter sujeito expresso; se esse sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto.

Trouxeram vários vestidos para eu experimentar.
Não vá sem eu mandar.

- A combinação da preposição "com" e alguns pronomes originou as formas especiais *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*. Tais pronomes oblíquos tônicos frequentemente exercem a função de adjunto adverbial de companhia.

Ele carregava o documento consigo.

- As formas "conosco" e "convosco" são substituídas por "com nós" e "com vós" quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral.

Você terá de viajar com nós todos.
Estávamos com vós outros quando chegaram as más notícias.
Ele disse que iria com nós três.

Pronome Reflexivo

São pronomes pessoais oblíquos que, embora funcionem como objetos direto ou indireto, referem-se ao sujeito da oração. Indicam que o sujeito pratica e recebe a ação expressa pelo verbo.

NOVA CONCURSOS

O quadro dos pronomes reflexivos é assim configurado:
- 1ª pessoa do singular (eu): me, mim.
Eu não me vanglorio disso.
Olhei para mim no espelho e não gostei do que vi.

- 2ª pessoa do singular (tu): te, ti.
Assim tu te prejudicas.
Conhece a ti mesmo.

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): se, si, consigo.
Guilherme já se preparou.
Ela deu a si um presente.
Antônio conversou consigo mesmo.

- 1ª pessoa do plural (nós): nos.
Lavamo-nos no rio.

- 2ª pessoa do plural (vós): vos.
Vós vos beneficiastes com a esta conquista.

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): se, si, consigo.
Eles se conheceram.
Elas deram a si um dia de folga.

A Segunda Pessoa Indireta

A chamada segunda pessoa indireta manifesta-se quando utilizamos pronomes que, apesar de indicarem nosso interlocutor (portanto, a segunda pessoa), utilizam o verbo na terceira pessoa. É o caso dos chamados pronomes de tratamento, que podem ser observados no quadro seguinte:

Pronomes de Tratamento

Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Ema.(s)	cardeais
Vossa Reverendíssima	V. Revma.(s)	sacerdotes e bispos
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	Imperadores
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	V. O.	Deus

Também são pronomes de tratamento *o senhor, a senhora* e *você, vocês*. "O senhor" e "a senhora" são empregados no tratamento cerimonioso; "você" e "vocês", no tratamento familiar. Você e vocês são largamente empregados no português do Brasil; em algumas regiões, a forma tu é de uso frequente; em outras, pouco empregada. Já a forma vós tem uso restrito à linguagem litúrgica, ultraformal ou literária.

Observações:
a) Vossa Excelência X Sua Excelência : os pronomes de tratamento que possuem "Vossa (s)" são empregados em relação à pessoa com quem falamos: *Espero que V. Ex.ª, Senhor Ministro, compareça a este encontro.*

Emprega-se "Sua (s)" quando se fala a respeito da pessoa.
Todos os membros da C.P.I. afirmaram que Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, agiu com propriedade.

- Os pronomes de tratamento representam uma forma indireta de nos dirigirmos aos nossos interlocutores. Ao tratarmos um deputado por Vossa Excelência, por exemplo, estamos nos endereçando à excelência que esse deputado supostamente tem para poder ocupar o cargo que ocupa.

- 3ª pessoa: embora os pronomes de tratamento dirijam-se à 2ª pessoa, **toda a concordância deve ser feita com a 3ª pessoa**. Assim, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa.

Basta que V. Ex.ª cumpra a terça parte das suas promessas, para que seus eleitores lhe fiquem reconhecidos.

- Uniformidade de Tratamento: quando escrevemos ou nos dirigimos a alguém, não é permitido mudar, ao longo do texto, a pessoa do tratamento escolhida inicialmente. Assim, por exemplo, se começamos a chamar alguém de "você", não poderemos usar "te" ou "teu". O uso correto exigirá, ainda, verbo na terceira pessoa.

Quando você vier, eu te abraçarei e enrolar-me-ei nos teus cabelos. (errado)

Quando você vier, eu a abraçarei e enrolar-me-ei nos seus cabelos. (correto)

Quando tu vieres, eu te abraçarei e enrolar-me-ei nos teus cabelos. (correto)

Pronomes Possessivos

São palavras que, ao indicarem a pessoa gramatical (possuidor), acrescentam a ela a ideia de posse de algo (coisa possuída).

Este caderno é meu. (meu = possuidor: 1ª pessoa do singular)

NÚMERO	PESSOA	PRONOME
singular	primeira	meu(s), minha(s)
singular	segunda	teu(s), tua(s)
singular	terceira	seu(s), sua(s)
plural	primeira	nosso(s), nossa(s)
plural	segunda	vosso(s), vossa(s)
plural	terceira	seu(s), sua(s)

Note que: A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere; o gênero e o número concordam com o objeto possuído: *Ele trouxe seu apoio e sua contribuição naquele momento difícil.*

Observações:

1 - A forma "seu" não é um possessivo quando resultar da alteração fonética da palavra senhor: *Muito obrigado, seu José*.

2 - Os pronomes possessivos nem sempre indicam posse. Podem ter outros empregos, como:

a) indicar afetividade: *Não faça isso, minha filha.*

b) indicar cálculo aproximado: *Ele já deve ter seus 40 anos*.

c) atribuir valor indefinido ao substantivo: *Marisa tem lá seus defeitos, mas eu gosto muito dela.*

3- Em frases onde se usam pronomes de tratamento, o pronome possessivo fica na 3ª pessoa: *Vossa Excelência trouxe sua mensagem?*

4- Referindo-se a mais de um substantivo, o possessivo concorda com o mais próximo: *Trouxe-me seus livros e anotações*.

5- Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivo: *Vou seguir-lhe os passos*. (= Vou seguir seus passos.)

Pronomes Demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são utilizados para explicitar a posição de uma certa palavra em relação a outras ou ao contexto. Essa relação pode ocorrer em termos de espaço, no tempo ou discurso.

No espaço:

Compro este carro (aqui). O pronome este indica que o carro está perto da pessoa que fala.

Compro esse carro (aí). O pronome esse indica que o carro está perto da pessoa com quem falo, ou afastado da pessoa que fala.

Compro aquele carro (lá). O pronome aquele diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.

Atenção: em situações de fala direta (tanto ao vivo quanto por meio de correspondência, que é uma modalidade escrita de fala), são particularmente importantes o *este* e o *esse* - o primeiro localiza os seres em relação ao emissor; o segundo, em relação ao destinatário. Trocá-los pode causar ambiguidade.

Dirijo-me a essa universidade com o objetivo de solicitar informações sobre o concurso vestibular. (trata-se da universidade destinatária).

Reafirmamos a disposição desta universidade em participar no próximo Encontro de Jovens. (trata-se da universidade que envia a mensagem).

No tempo:

Este ano está sendo bom para nós. O pronome este se refere ao ano presente.

Esse ano que passou foi razoável. O pronome esse se refere a um passado próximo.

Aquele ano foi terrível para todos. O pronome aquele está se referindo a um passado distante.

- Os pronomes demonstrativos podem ser variáveis ou invariáveis, observe:

Variáveis: *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s)*.

Invariáveis: *isto, isso, aquilo.*

- Também aparecem como pronomes demonstrativos:

- o(s), a(s): quando estiverem antecedendo o "que" e puderem ser substituídos por aquele(s), aquela(s), aquilo.

Não ouvi o que disseste. (Não ouvi aquilo que disseste.)

Essa rua não é a que te indiquei. (Esta rua não é aquela que te indiquei.)

- mesmo(s), mesma(s): *Estas são as mesmas pessoas que o procuraram ontem.*

- próprio(s), própria(s): Os próprios alunos resolveram o problema.

- semelhante(s): *Não compre semelhante livro*.

- tal, tais: *Tal era a solução para o problema.*

Note que:
- Não raro os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior. Por exemplo: *Manuela, essa é que dera em cheio casando com o José Afonso. Desfrutar das belezas brasileiras, isso é que é sorte!*

- O pronome demonstrativo neutro ou pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto: *O casamento seria um desastre. Todos o pressentiam.*

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo fazer, chamado, então, verbo vicário (= que substitui, que faz as vezes de): *Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse.*

- Em frases como a seguinte, *este* se refere à pessoa mencionada em último lugar; *aquele*, à mencionada em primeiro lugar: *O referido deputado e o Dr. Alcides eram amigos íntimos; aquele casado, solteiro este. [ou então: este solteiro, aquele casado]*

- O pronome demonstrativo tal pode ter conotação irônica: *A menina foi a tal que ameaçou o professor?*

- Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no,* etc: *Não acreditei no que estava vendo*. (no = naquilo)

Pronomes Indefinidos

São palavras que se referem à terceira pessoa do discurso, dando-lhe sentido vago (impreciso) ou expressando quantidade indeterminada.

Alguém entrou no jardim e destruiu as mudas recém -plantadas.

Não é difícil perceber que "alguém" indica uma pessoa de quem se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É uma palavra capaz de indicar um ser humano que seguramente existe, mas cuja identidade é desconhecida ou não se quer revelar. Classificam-se em:

- **Pronomes Indefinidos Substantivos**: assumem o lugar do ser ou da quantidade aproximada de seres na frase. São eles: *algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.*

Algo o incomoda?

Quem avisa amigo é.

- **Pronomes Indefinidos Adjetivos**: qualificam um ser expresso na frase, conferindo-lhe a noção de quantidade aproximada. São eles: *cada, certo(s), certa(s).*

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Note que: Ora são pronomes indefinidos substantivos, ora pronomes indefinidos adjetivos:

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias.

Menos palavras e mais ações.

Alguns se contentam pouco.

Os pronomes indefinidos podem ser divididos em variáveis e invariáveis. Observe:

Variáveis = *algum, nenhum, todo, muito, pouco, vário, tanto, outro, quanto, alguma, nenhuma, toda, muita, pouca, vária, tanta, outra, quanta, qualquer, quaisquer, alguns, nenhuns, todos, muitos, poucos, vários, tantos, outros, quantos, algumas, nenhumas, todas, muitas, poucas, várias, tantas, outras, quantas.*

Invariáveis = *alguém, ninguém, outrem, tudo, nada, algo, cada.*

São locuções pronominais indefinidas: *cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra,* etc.

Cada um escolheu o vinho desejado.

Indefinidos Sistemáticos

Ao observar atentamente os pronomes indefinidos, percebemos que existem alguns grupos que criam oposição de sentido. É o caso de: *algum/alguém/algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum/ninguém/nada*, que têm sentido negativo; *todo/tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum/nada*, que indicam uma totalidade negativa; *alguém/ninguém*, que se referem à pessoa, e *algo/nada*, que se referem à coisa; *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essas oposições de sentido são muito importantes na construção de frases e textos coerentes, pois delas muitas vezes dependem a solidez e a consistência dos argumentos expostos. Observe nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados imprimem às afirmações de que fazem parte:

Nada do que tem sido feito produziu qualquer resultado prático.

Certas pessoas conseguem perceber sutilezas: não são pessoas quaisquer.

Pronomes Relativos

São aqueles que representam nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relacionam. Introduzem as orações subordinadas adjetivas.

O racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros.

(afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros = oração subordinada adjetiva).

O pronome relativo "que" refere-se à palavra "sistema" e introduz uma oração subordinada. Diz-se que a palavra "sistema" é antecedente do pronome relativo que.

O antecedente do pronome relativo pode ser o pronome demonstrativo *o, a, os, as*.

Não sei o que você está querendo dizer.

Às vezes, o antecedente do pronome relativo não vem expresso.

Quem casa, quer casa.

Observe:

Pronomes relativos variáveis = *o qual, cujo, quanto, os quais, cujos, quantos, a qual, cuja, quanta, as quais, cujas, quantas*.

Pronomes relativos invariáveis = *quem, que, onde*.

Note que:

- O pronome "que" é o relativo de mais largo emprego, sendo por isso chamado relativo universal. Pode ser substituído por *o qual, a qual, os quais, as quais,* quando seu antecedente for um substantivo.

O trabalho que eu fiz refere-se à corrupção. (= o qual)

A cantora que acabou de se apresentar é péssima. (= a qual)

Os trabalhos que eu fiz referem-se à corrupção. (= os quais)

As cantoras que se apresentaram eram péssimas. (= as quais)

- *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos: por isso, são utilizados didaticamente para verificar se palavras como "que", "quem", "onde" (que podem ter várias classificações) são pronomes relativos. Todos eles são usados com referência à pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições: *Regressando de São Paulo, visitei o sítio de minha tia, o qual me deixou encantado*. (O uso de "que", neste caso, geraria ambiguidade.)

Essas são as conclusões sobre as quais pairam muitas dúvidas? (Não se poderia usar "que" depois de sobre.)

- O relativo "que" às vezes equivale a *o que, coisa que*, e se refere a uma oração: *Não chegou a ser padre, mas deixou de ser poeta, que era a sua vocação natural.*

- O pronome "cujo" não concorda com o seu antecedente, mas com o consequente. Equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais.*

Este é o caderno cujas folhas estão rasgadas.
(antecedente) (consequente)

- "Quanto" é pronome relativo quando tem por antecedente um pronome indefinido: tanto (ou variações) e tudo:

Emprestei tantos quantos foram necessários.
(antecedente)

Ele fez tudo quanto havia falado.
(antecedente)

- O pronome "quem" se refere a pessoas e vem sempre precedido de preposição.

É um professor a quem muito devemos.
(preposição)

- "Onde", como pronome relativo, sempre possui antecedente e só pode ser utilizado na indicação de lugar: *A casa onde morava foi assaltada.*

- Na indicação de tempo, deve-se empregar <u>*quando*</u> ou <u>*em que*</u>.

Sinto saudades da época em que (quando) morávamos no exterior.

- Podem ser utilizadas como pronomes relativos as palavras:

- como (= pelo qual): *Não me parece correto o modo como você agiu semana passada.*

- quando (= em que): *Bons eram os tempos quando podíamos jogar videogame.*

- Os pronomes relativos permitem reunir duas orações numa só frase.

O futebol é um esporte.

O povo gosta muito deste esporte.

O futebol é um esporte de que o povo gosta muito.

- Numa série de orações adjetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo "que": *A sala estava cheia de gente que conversava, (que) ria, (que) fumava.*

<u>***Pronomes Interrogativos***</u>

São usados na formulação de perguntas, sejam elas diretas ou indiretas. Assim como os pronomes indefinidos, referem-se à 3ª pessoa do discurso de modo impreciso. São pronomes interrogativos: que, quem, qual (e variações), quanto (e variações).

Quem fez o almoço?/ Diga-me quem fez o almoço.

Qual das bonecas preferes? / Não sei qual das bonecas preferes.

Quantos passageiros desembarcaram? / Pergunte quantos passageiros desembarcaram.

<u>***Sobre os pronomes***</u>

O pronome pessoal é do caso reto quando tem função de sujeito na frase. O pronome pessoal é do caso oblíquo quando desempenha função de complemento. Vamos entender, primeiramente, como o pronome pessoal surge na frase e que função exerce. Observe as orações:

1. Eu não sei essa matéria, mas ele irá me ajudar.

2. Maria foi embora para casa, pois não sabia se devia lhe ajudar.

Na primeira oração os pronomes pessoais "eu" e "ele" exercem função de sujeito, logo, são pertencentes ao caso reto. Já na segunda oração, observamos o pronome "lhe" exercendo função de complemento, e, consequentemente, é do caso oblíquo.

NOVA CONCURSOS

Os pronomes pessoais indicam as pessoas do discurso, o pronome oblíquo "lhe", da segunda oração, aponta para a segunda pessoa do singular (tu/você): *Maria não sabia se devia ajudar....* Ajudar quem? Você (lhe).

Importante: Em observação à segunda oração, o emprego do pronome oblíquo "lhe" é justificado antes do verbo intransitivo "ajudar" porque o pronome oblíquo pode estar antes, depois ou entre locução verbal, caso o verbo principal (no caso "ajudar") esteja no infinitivo ou gerúndio.
Eu desejo lhe perguntar algo.
Eu estou perguntando-lhe algo.

Os pronomes pessoais oblíquos podem ser átonos ou tônicos: os primeiros não são precedidos de preposição, diferentemente dos segundos que são sempre precedidos de preposição.
- Pronome oblíquo átono: *Joana me perguntou o que eu estava fazendo.*
- Pronome oblíquo tônico: *Joana perguntou para mim o que eu estava fazendo.*

Substantivo

Tudo o que existe é ser e cada ser tem um nome. ***Substantivo*** é a classe gramatical de palavras variáveis, as quais denominam os seres. Além de objetos, pessoas e fenômenos, os substantivos também nomeiam:
-lugares: *Alemanha, Porto Alegre...*
-sentimentos: *raiva, amor...*
-estados: *alegria, tristeza...*
-qualidades: *honestidade, sinceridade...*
-ações: *corrida, pescaria...*

Morfossintaxe do substantivo

Nas orações de língua portuguesa, o substantivo em geral exerce funções diretamente relacionadas com o verbo: atua como núcleo do sujeito, dos complementos verbais (objeto direto ou indireto) e do agente da passiva. Pode ainda funcionar como núcleo do complemento nominal ou do aposto, como núcleo do predicativo do sujeito, do objeto ou como núcleo do vocativo. Também encontramos substantivos como núcleos de adjuntos adnominais e de adjuntos adverbiais - quando essas funções são desempenhadas por grupos de palavras.

Classificação dos Substantivos

1- ***Substantivos Comuns e Próprios***

Observe a definição: *s.f. 1: Povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas (no Brasil, toda a sede de município é cidade). 2. O centro de uma cidade (em oposição aos bairros).*

Qualquer "povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas" será chamada cidade. Isso significa que a palavra cidade é um substantivo comum.

Substantivo Comum é aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica: *cidade, menino, homem, mulher, país, cachorro.*
Estamos voando para Barcelona.

O substantivo Barcelona designa apenas um ser da espécie cidade. Esse substantivo é próprio. Substantivo Próprio: é aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma particular: *Londres, Paulinho, Pedro, Tietê, Brasil.*

2 - *Substantivos Concretos e Abstratos*

LÂMPADA MALA

Os substantivos lâmpada e mala designam seres com existência própria, que são independentes de outros seres. São substantivos concretos.

Substantivo Concreto: é aquele que designa o ser que existe, independentemente de outros seres.

Obs.: os substantivos concretos designam seres do mundo real e do mundo imaginário.
Seres do mundo real: *homem, mulher, cadeira, cobra, Brasília, etc.*
Seres do mundo imaginário: *saci, mãe-d'água, fantasma, etc.*

Observe agora:
Beleza exposta
Jovens atrizes veteranas destacam-se pelo visual.

O substantivo beleza designa uma qualidade.

Substantivo Abstrato: é aquele que designa seres que dependem de outros para se manifestar ou existir.
Pense bem: a beleza não existe por si só, não pode ser observada. Só podemos observar a beleza numa pessoa ou coisa que seja bela. A beleza depende de outro ser para se manifestar. Portanto, a palavra beleza é um substantivo abstrato.
Os substantivos abstratos designam estados, qualidades, ações e sentimentos dos seres, dos quais podem ser abstraídos, e sem os quais não podem existir: *vida (estado), rapidez (qualidade), viagem (ação), saudade (sentimento).*

3 - *Substantivos Coletivos*

Ele vinha pela estrada e foi picado por uma abelha, outra abelha, mais outra abelha.
Ele vinha pela estrada e foi picado por várias abelhas.
Ele vinha pela estrada e foi picado por um enxame.

Note que, no primeiro caso, para indicar plural, foi necessário repetir o substantivo: uma abelha, outra abelha, mais outra abelha...
No segundo caso, utilizaram-se duas palavras no plural.

No terceiro caso, empregou-se um substantivo no singular (enxame) para designar um conjunto de seres da mesma espécie (abelhas).

O substantivo enxame é um substantivo coletivo.

Substantivo Coletivo: é o substantivo comum que, mesmo estando no singular, designa um conjunto de seres da mesma espécie.

Substantivo coletivo	**Conjunto de**:
assembleia	*pessoas reunidas*
alcateia	*lobos*
acervo	*livros*
antologia	*trechos literários selecionados*
arquipélago	*ilhas*
banda	*músicos*
bando	*desordeiros ou malfeitores*
banca	*examinadores*
batalhão	*soldados*
cardume	*peixes*
caravana	*viajantes peregrinos*
cacho	*frutas*
cáfila	*camelos*
cancioneiro	*canções, poesias líricas*
colmeia	*abelhas*
chusma	*gente, pessoas*
concílio	*bispos*
congresso	*parlamentares, cientistas.*
elenco	*atores de uma peça ou filme*
esquadra	*navios de guerra*
enxoval	*roupas*
falange	*soldados, anjos*
fauna	*animais de uma região*
feixe	*lenha, capim*
flora	*vegetais de uma região*
frota	*navios mercantes, ônibus*
girândola	*fogos de artifício*
horda	*bandidos, invasores*
junta	*médicos, bois, credores, examinadores*
júri	*jurados*
legião	*soldados, anjos, demônios*
leva	*presos, recrutas*
malta	*malfeitores ou desordeiros*
manada	*búfalos, bois, elefantes,*
matilha	*cães de raça*
molho	*chaves, verduras*
multidão	*pessoas em geral*
ninhada	*pintos*
nuvem	*insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)*
penca	*bananas, chaves*
pinacoteca	*pinturas, quadros*
quadrilha	*ladrões, bandidos*
ramalhete	*flores*
rebanho	*ovelhas*
récua	*bestas de carga, cavalgadura*
repertório	*peças teatrais, obras musicais*
réstia	*alhos ou cebolas*
romanceiro	*poesias narrativas*
revoada	*pássaros*
sínodo	*párocos*
talha	*lenha*
tropa	*muares, soldados*
turma	*estudantes, trabalhadores*
vara	*porcos*

Formação dos Substantivos

Substantivos Simples e Compostos

Chuva - *subst. Fem. 1 - água caindo em gotas sobre a terra.*

O substantivo chuva é formado por um único elemento ou radical. É um substantivo simples.

Substantivo Simples: é aquele formado por um único elemento.

Outros substantivos simples: *tempo, sol, sofá*, etc. Veja agora: O substantivo guarda-chuva é formado por dois elementos (guarda + chuva). Esse substantivo é composto.

Substantivo Composto: é aquele formado por dois ou mais elementos. Outros exemplos: ***beija-flor, passatempo.***

Substantivos Primitivos e Derivados

Meu limão meu limoeiro,
meu pé de jacarandá...

O substantivo limão é primitivo, pois não se originou de nenhum outro dentro de língua portuguesa.

Substantivo Primitivo: é aquele que não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa. O substantivo limoeiro é derivado, pois se originou a partir da palavra limão.

Substantivo Derivado: é aquele que se origina de outra palavra.

Flexão dos substantivos

O substantivo é uma classe variável. A palavra é variável quando sofre flexão (variação). A palavra menino, por exemplo, pode sofrer variações para indicar:

Plural: *meninos* Feminino: *menina*
Aumentativo: *meninão* Diminutivo: *menininho*

Flexão de Gênero

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. Na língua portuguesa, há dois gêneros: *masculino e feminino.* Pertencem ao gênero masculino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos *o, os, um, uns.* Veja estes títulos de filmes:

O velho e o mar
Um Natal inesquecível
Os reis da praia

Pertencem ao gênero feminino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos *a, as, uma, umas:*

A história sem fim
Uma cidade sem passado
As tartarugas ninjas

Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes

Substantivos Biformes (= duas formas): ao indicar nomes de seres vivos, geralmente o gênero da palavra está relacionado ao sexo do ser, havendo, portanto, duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino. Observe: *gato – gata, homem – mulher, poeta – poetisa, prefeito - prefeita*

Substantivos Uniformes: são aqueles que apresentam uma única forma, que serve tanto para o masculino quanto para o feminino. Classificam-se em:

- Epicenos: têm um só gênero e nomeiam bichos: *a cobra macho e a cobra fêmea, o jacaré macho e o jacaré fêmea.*

- Sobrecomuns: têm um só gênero e nomeiam pessoas: *a criança, a testemunha, a vítima, o cônjuge, o gênio, o ídolo, o indivíduo.*

- Comuns de Dois Gêneros: indicam o sexo das pessoas por meio do artigo: *o colega e a colega, o doente e a doente, o artista e a artista.*

Saiba que: Substantivos de origem grega terminados em *ema* ou *oma*, são masculinos: *o fonema, o poema, o sistema, o sintoma, o teorema.*

- Existem certos substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado: *o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora) o capital (dinheiro) e a capital (cidade)*

Formação do Feminino dos Substantivos Biformes

- Regra geral: troca-se a terminação -o por –a: *aluno - aluna.*
- Substantivos terminados em -ês: acrescenta-se -a ao masculino: *freguês - freguesa*
- Substantivos terminados em -ão: fazem o feminino de três formas:
- troca-se -ão por -oa. = *patrão – patroa*
- troca-se -ão por -ã. = *campeão - campeã*
-troca-se -ão por ona. = *solteirão - solteirona*

Exceções: *barão – baronesa ladrão- ladra sultão - sultana*

- Substantivos terminados em -or:
- acrescenta-se -a ao masculino = *doutor – doutora*
- troca-se -or por -triz: = *imperador - imperatriz*

- Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa: *cônsul - consulesa / abade - abadessa / poeta - poetisa / duque - duquesa / conde - condessa / profeta - profetisa*

- Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a: *elefante - elefanta*

- Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino: *bode – cabra / boi - vaca*

- Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores: *czar – czarina réu - ré*

Formação do Feminino dos Substantivos Uniformes

Epicenos:
Novo jacaré escapa de policiais no rio Pinheiros.

Não é possível saber o sexo do jacaré em questão. Isso ocorre porque o substantivo jacaré tem apenas uma forma para indicar o masculino e o feminino.

Alguns nomes de animais apresentam uma só forma para designar os dois sexos. Esses substantivos são chamados de epicenos. No caso dos epicenos, quando houver a necessidade de especificar o sexo, utilizam-se palavras macho e fêmea.

A cobra macho picou o marinheiro.
A cobra fêmea escondeu-se na bananeira.

***Sobrecomuns*:**
Entregue as crianças à natureza.

A palavra crianças refere-se tanto a seres do sexo masculino, quanto a seres do sexo feminino. Nesse caso, nem o artigo nem um possível adjetivo permitem identificar o sexo dos seres a que se refere a palavra. Veja:

A criança chorona chamava-se João.
A criança chorona chamava-se Maria.

Outros substantivos sobrecomuns:

a criatura = *João é uma boa criatura. Maria é uma boa criatura*.

o cônjuge = *O cônjuge de João faleceu. O cônjuge de Marcela faleceu*

***Comuns de Dois Gêneros*:**
Motorista tem acidente idêntico 23 anos depois.

Quem sofreu o acidente: um homem ou uma mulher?

É impossível saber apenas pelo título da notícia, uma vez que a palavra motorista é um substantivo uniforme.

A distinção de gênero pode ser feita através da análise do artigo ou adjetivo, quando acompanharem o substantivo: *o colega - a colega; o imigrante - a imigrante; um jovem - uma jovem; artista famoso - artista famosa; repórter francês - repórter francesa*

- A palavra personagem é usada indistintamente nos dois gêneros.

a) Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino: *O menino descobriu nas nuvens os personagens dos contos de carochinha*.

b) Com referência a mulher, deve-se preferir o feminino: *O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam a personagem.*

- Diz-se: *o (ou a) manequim Marcela, o (ou a) modelo fotográfico Ana Belmonte.*

Observe o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos: *o tapa, o eclipse, o lança-perfume, o dó (pena), o sanduíche, o clarinete, o champanha, o sósia, o maracajá, o clã, o hosana, o herpes, o pijama, o suéter, o soprano, o proclama, o pernoite, o púbis.*

Femininos: *a dinamite, a derme, a hélice, a omoplata, a cataplasma, a pane, a mascote, a gênese, a entorse, a libido, a cal, a faringe, a cólera (doença), a ubá (canoa).*

- São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em -ma: *o grama (peso), o quilograma, o plasma, o apostema, o diagrama, o epigrama, o telefonema, o estratagema, o dilema, o teorema, o trema, o eczema, o edema, o magma, o estigma, o axioma, o tracoma, o hematoma.*

Exceções: *a cataplasma, a celeuma, a fleuma*, etc.

Gênero dos Nomes de Cidades

Com raras exceções, nomes de cidades são femininos.

A histórica Ouro Preto.
A dinâmica São Paulo.
A acolhedora Porto Alegre.
Uma Londres imensa e triste.

Exceções: *o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre.*

Gênero e Significação

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Observe: *o baliza (soldado que, que à frente da tropa, indica os movimentos que se deve realizar em conjunto; o que vai à frente de um bloco carnavalesco, manejando um bastão), a baliza (marco, estaca; sinal que marca um limite ou proibição de trânsito), o cabeça (chefe), a cabeça (parte do corpo), o cisma (separação religiosa, dissidência), a cisma (ato de cismar, desconfiança), o cinza (a cor cinzenta), a cinza (resíduos de combustão), o capital (dinheiro), a capital (cidade), o coma (perda dos sentidos), a coma (cabeleira), o coral (pólipo, a cor vermelha, canto em coro), a coral (cobra venenosa), o crisma (óleo sagrado, usado na administração da crisma e de outros sacramentos), a crisma (sacramento da confirmação), o cura (pároco), a cura (ato de curar), o estepe (pneu sobressalente), a estepe (vasta planície de vegetação), o guia (pessoa que guia outras), a guia (documento, pena grande das asas das aves), o grama (unidade de peso), a grama (relva), o caixa (funcionário da caixa), a caixa (recipiente, setor de pagamentos), o lente (professor), a lente (vidro de aumento), o moral (ânimo), a moral (honestidade, bons costumes, ética), o nascente (lado onde nasce o Sol), a nascente (a fonte), o maria-fumaça (trem como locomotiva a vapor), maria-fumaça (locomotiva movida a vapor), o pala (poncho), a pala (parte anterior do boné ou quepe, anteparo), o rádio (aparelho receptor), a rádio (estação emissora), o voga (remador), a voga (moda, popularidade).*

Flexão de Número do Substantivo

Em português, há dois números gramaticais: o singular, que indica um ser ou um grupo de seres, e o plural, que indica mais de um ser ou grupo de seres. A característica do plural é o "s" final.

NOVA CONCURSOS

Plural dos Substantivos Simples

- Os substantivos terminados em vogal, ditongo oral e "n" fazem o plural pelo acréscimo de "s": *pai – pais; ímã – ímãs; hífen - hifens (sem acento, no plural)*. Exceção: *cânon - cânones*.
- Os substantivos terminados em "m" fazem o plural em "ns": *homem - homens*.

- Os substantivos terminados em "r" e "z" fazem o plural pelo acréscimo de "es": *revólver – revólveres; raiz - raízes*.

Atenção: O plural de caráter é caracteres.
- Os substantivos terminados em al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o "l" por "is": *quintal - quintais; caracol – caracóis; hotel - hotéis*. Exceções: *mal e males, cônsul e cônsules*.

- Os substantivos terminados em "il" fazem o plural de duas maneiras:
- Quando oxítonos, em "is": *canil - canis*
- Quando paroxítonos, em "eis": *míssil - mísseis*.

Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras: *répteis ou reptis* (pouco usada).
- Os substantivos terminados em "s" fazem o plural de duas maneiras:
- Quando monossilábicos ou oxítonos, mediante o acréscimo de "es": *ás – ases / retrós - retroses*
- Quando paroxítonos ou proparoxítonos, ficam invariáveis: *o lápis - os lápis / o ônibus - os ônibus*.

- Os substantivos terminados em "ao" fazem o plural de três maneiras.
- substituindo o -ão por -ões: *ação - ações*
- substituindo o -ão por -ães: *cão - cães*
- substituindo o -ão por -ãos: *grão - grãos*

- Os substantivos terminados em "x" ficam invariáveis: *o látex - os látex*.

Plural dos Substantivos Compostos

-A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples: aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés, malmequer/malmequeres.
O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

- **Flexionam-se os dois elementos**, quando formados de:
substantivo + substantivo = *couve-flor e couves-flores*
substantivo + adjetivo = *amor-perfeito e amores-perfeitos*
adjetivo + substantivo = *gentil-homem e gentis-homens*
numeral + substantivo = *quinta-feira e quintas-feiras*

- **Flexiona-se somente o segundo elemento**, quando formados de:
verbo + substantivo = *guarda-roupa e guarda-roupas*
palavra invariável + palavra variável = *alto-falante e alto- -falantes*
palavras repetidas ou imitativas = *reco-reco e reco-recos*

- **Flexiona-se somente o primeiro elemento**, quando formados de:
substantivo + preposição clara + substantivo = *água-de-colônia e águas-de-colônia*
substantivo + preposição oculta + substantivo = *cavalo-vapor e cavalos-vapor*
substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior: *palavra-chave - palavras-chave, bomba -relógio - bombas-relógio, notícia-bomba - notícias-bomba, homem-rã - homens-rã, peixe-espada - peixes-espada.*

- **Permanecem invariáveis**, quando formados de:
verbo + advérbio = *o bota-fora e os bota-fora*
verbo + substantivo no plural = *o saca-rolhas e os saca-rolhas*

- **Casos Especiais**
o louva-a-deus e os louva-a-deus
o bem-te-vi e os bem-te-vis
o bem-me-quer e os bem-me-queres
o joão-ninguém e os joões-ninguém.

Plural das Palavras Substantivadas

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivo, apresentam, no plural, as flexões próprias dos substantivos.
Pese bem os prós e os contras.
O aluno errou na prova dos noves.
Ouça com a mesma serenidade os sins e os nãos.
Obs.: numerais substantivados terminados em "s" ou "z" não variam no plural: *Nas provas mensais consegui muitos seis e alguns dez.*

Plural dos Diminutivos

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o "s" final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.
pãe(s) + zinhos = pãezinhos
animai(s) + zinhos = animaizinhos
botõe(s) + zinhos = botõezinhos
chapéu(s) + zinhos = chapeuzinhos
farói(s) + zinhos = faroizinhos
tren(s) + zinhos = trenzinhos
colhere(s) + zinhas = colherezinhas
flore(s) + zinhas = florezinhas
mão(s) + zinhas = mãozinhas
papéi(s) + zinhos = papeizinhos
nuven(s) + zinhas = nuvenzinhas
funi(s) + zinhos = funizinhos

túnei(s) + zinhos = tuneizinhos
pai(s) + zinhos = paizinhos
pé(s) + zinhos = pezinhos
pé(s) + zitos = pezitos

Plural dos Nomes Próprios Personativos

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoas sempre que a terminação preste-se à flexão.
Os Napoleões também são derrotados.
As Raquéis e Esteres.

Plural dos Substantivos Estrangeiros

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se "s" (exceto quando terminam em "s" ou "z"): *os shows, os shorts, os jazz.*

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua: *os clubes, os chopes, os jipes, os esportes, as toaletes, os bibelôs, os garçons, os réquiens.*
Observe o exemplo:
Este jogador faz gols toda vez que joga.
O plural correto seria gois (ô), mas não se usa.

Plural com Mudança de Timbre

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (o fechado / o aberto). É um fato fonético chamado metafonia (**plural metafônico**).

Singular	**Plural**
corpo (ô)	*corpos (ó)*
esforço	*esforços*
fogo	*fogos*
forno	*fornos*
fosso	*fossos*
imposto	*impostos*
olho	*olhos*
osso (ô)	*ossos (ó)*
ovo	*ovos*
poço	*poços*
porto	*portos*
posto	*postos*
tijolo	*tijolos*

Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos, almoços, bolsos, esposos, estojos, globos, gostos, polvos, rolos, soros*, etc.

Obs.: distinga-se molho (ô) = caldo (molho de carne), de molho (ó) = feixe (molho de lenha).

Particularidades sobre o Número dos Substantivos

- Há substantivos que só se usam no singular: *o sul, o norte, o leste, o oeste, a fé*, etc.
- Outros só no plural: *as núpcias, os víveres, os pêsames, as espadas/os paus (naipes de baralho), as fezes*.
- Outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem (virtude) e bens (riquezas), honra (probidade, bom nome) e honras (homenagem, títulos).*
- Usamos às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:
Aqui morreu muito negro.
Celebraram o sacrifício divino muitas vezes em capelas improvisadas.

Flexão de Grau do Substantivo

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. Classifica-se em:
- **Grau Normal** - Indica um ser de tamanho considerado normal. Por exemplo: *casa*
- **Grau Aumentativo** - Indica o aumento do tamanho do ser. Classifica-se em:
Analítico = o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza. Por exemplo: *casa grande*.
Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Por exemplo: *casarão*.
- **Grau Diminutivo** - Indica a diminuição do tamanho do ser. Pode ser:
Analítico = substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez. Por exemplo: *casa pequena*.
Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Por exemplo: *casinha*.

Verbo

Verbo é a classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz. Pode indicar, entre outros processos: ação (correr); estado (ficar); fenômeno (chover); ocorrência (nascer); desejo (querer).
O que caracteriza o verbo são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Observe que palavras como *corrida, chuva* e *nascimento* têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

Estrutura das Formas Verbais

Do ponto de vista estrutural, uma forma verbal pode apresentar os seguintes elementos:

- ***Radical***: é a parte invariável, que expressa o significado essencial do verbo. Por exemplo: *fal-ei; fal-ava; fal-am*. (radical fal-)
- ***Tema***: é o radical seguido da vogal temática que indica a conjugação a que pertence o verbo. Por exemplo: *fala-r*
São três as conjugações: 1ª - Vogal Temática - A - *(falar)*, 2ª - Vogal Temática - E - *(vender)*, 3ª - Vogal Temática - I - *(partir)*.
- ***Desinência modo-temporal***: é o elemento que designa o tempo e o modo do verbo. Por exemplo:
falávamos (indica o pretérito imperfeito do indicativo.)
falasse (indica o pretérito imperfeito do subjuntivo.)

NOVA CONCURSOS

- ***Desinência número-pessoal***: é o elemento que designa a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª) e o número (singular ou plural):

falamos (indica a 1ª pessoa do plural.)

falavam (indica a 3ª pessoa do plural.)

Observação: o verbo *pôr*, assim como seus derivados (*compor, repor, depor,* etc.), pertencem à 2ª conjugação, pois a forma arcaica do verbo pôr era *poer*. A vogal "e", apesar de haver desaparecido do infinitivo, revela-se em algumas formas do verbo: *põe, pões, põem,* etc.

Formas Rizotônicas e Arrizotônicas

Ao combinarmos os conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de acentuação tônica, percebemos com facilidade que nas formas rizotônicas o acento tônico cai no radical do verbo: *opino, aprendam, nutro*, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não cai no radical, mas sim na terminação verbal: *opinei, aprenderão, nutriríamos*.

Classificação dos Verbos

Classificam-se em:

- ***Regulares***: são aqueles que possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja flexão não provoca alterações no radical: *canto cantei cantarei cantava cantasse*.

- ***Irregulares***: são aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências: *faço fiz farei fizesse*.

- ***Defectivos***: são aqueles que não apresentam conjugação completa. Classificam-se em impessoais, unipessoais e pessoais:

* Impessoais: são os verbos que não têm sujeito. Normalmente, são usados na terceira pessoa do singular. Os principais verbos impessoais são:

** **haver**, quando sinônimo de existir, acontecer, realizar-se ou fazer (em orações temporais).

Havia poucos ingressos à venda. (Havia = Existiam)

Houve duas guerras mundiais. (Houve = Aconteceram)

Haverá reuniões aqui. (Haverá = Realizar-se-ão)

Deixei de fumar há muitos anos. (há = faz)

** **fazer, ser e estar** (quando indicam tempo)

Faz invernos rigorosos no Sul do Brasil.

Era primavera quando a conheci.

Estava frio naquele dia.

** Todos os verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais: *chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer,* etc. Quando, porém, se constrói, "*Amanheci mal- -humorado*", usa-se o verbo "amanhecer" em sentido figurado. Qualquer verbo impessoal, empregado em sentido figurado, deixa de ser impessoal para ser pessoal.

Amanheci mal-humorado. (Sujeito desinencial: eu)

Choveram candidatos ao cargo. (Sujeito: candidatos)

Fiz quinze anos ontem. (Sujeito desinencial: eu)

** São impessoais, ainda:

1. o verbo passar (seguido de preposição), indicando tempo: *Já passa das seis.*

2. os verbos bastar e chegar, seguidos da preposição de, indicando suficiência: *Basta de tolices. Chega de blasfêmias*.

3. os verbos estar e ficar em orações tais como *Está bem, Está muito bem assim, Não fica bem, Fica mal,* sem referência a sujeito expresso anteriormente. Podemos, ainda, nesse caso, classificar o sujeito como hipotético, tornando-se, tais verbos, então, pessoais.

4. o verbo deu + para da língua popular, equivalente de "ser possível". Por exemplo:

Não deu para chegar mais cedo.

Dá para me arrumar uns trocados?

* Unipessoais: são aqueles que, tendo sujeito, conjugam-se apenas nas terceiras pessoas, do singular e do plural.

A fruta amadureceu.

As frutas amadureceram.

Obs.: os verbos unipessoais podem ser usados como verbos pessoais na linguagem figurada: *Teu irmão amadureceu bastante*.

Entre os unipessoais estão os verbos que significam vozes de animais; eis alguns: *bramar: tigre, bramir: crocodilo, cacarejar: galinha, coaxar: sapo, cricrilar: grilo*

Os principais verbos unipessoais são:

1. *cumprir, importar, convir, doer, aprazer, parecer, ser* (preciso, necessário, etc.):

Cumpre trabalharmos bastante. (Sujeito: trabalharmos bastante.)

Parece que vai chover. (Sujeito: que vai chover.)

É preciso que chova. (Sujeito: que chova.)

2. *fazer e ir*, em orações que dão ideia de tempo, seguidos da conjunção *que*.

Faz dez anos que deixei de fumar. (Sujeito: que deixei de fumar.)

Vai para (ou Vai em ou Vai por) dez anos que não vejo Cláudia. (Sujeito: que não vejo Cláudia)

Obs.: todos os sujeitos apontados são oracionais.

* Pessoais: não apresentam algumas flexões por motivos morfológicos ou eufônicos. Por exemplo:

- verbo falir. Este verbo teria como formas do presente do indicativo *falo, fales, fale*, idênticas às do verbo falar - o que provavelmente causaria problemas de interpretação em certos contextos.

- verbo computar. Este verbo teria como formas do presente do indicativo *computo, computas, computa* - formas de sonoridade considerada ofensiva por alguns ouvidos gramaticais. Essas razões muitas vezes não impedem o uso efetivo de formas verbais repudiadas por alguns gramáticos: exemplo disso é o próprio verbo computar, que, com o desenvolvimento e a popularização da informática, tem sido conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

- ***Abundantes***: são aqueles que possuem mais de uma forma com o mesmo valor. Geralmente, esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares terminadas em -ado ou -ido, surgem as chamadas formas curtas (particípio irregular). Observe:

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
Anexar	*Anexado*	*Anexo*
Dispersar	*Dispersado*	*Disperso*
Eleger	*Elegido*	*Eleito*
Envolver	*Envolvido*	*Envolto*
Imprimir	*Imprimido*	*Impresso*
Matar	*Matado*	*Morto*
Morrer	*Morrido*	*Morto*
Pegar	*Pegado*	*Pego*
Soltar	*Soltado*	*Solto*

- ***Anômalos***: são aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação. Por exemplo: *Ir, Pôr, Ser, Saber (vou, vais, ides, fui, foste, pus, pôs, punha, sou, és, fui, foste, seja).*

- ***Auxiliares:*** São aqueles que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. O verbo principal, quando acompanhado de verbo auxiliar, é expresso numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Vou *espantar* *as* *moscas.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no infinitivo)

Está *chegando* *a* *hora* *do* *debate.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no gerúndio)

Os *noivos* *foram* *cumprimentados* *por* *todos* *os* *presentes.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no particípio)

Obs.: os verbos auxiliares mais usados são: *ser, estar, ter e haver.*

Conjugação dos Verbos Auxiliares

SER - Modo Indicativo

Presente	Pret.Perfeito	Pretérito Imp.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut.do Pres.	Fut. Do Pretérito
sou	fui	era	fora	serei	seria
és	foste	eras	foras	serás	serias
é	foi	era	fora	será	seria
somos	fomos	éramos	fôramos	seremos	seríamos
sois	fostes	éreis	fôreis	sereis	seríeis
são	foram	eram	foram	serão	seriam

SER - Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro
que eu seja	se eu fosse	quando eu for
que tu sejas	se tu fosses	quando tu fores
que ele seja	se ele fosse	quando ele for
que nós sejamos	se nós fôssemos	quando nós formos
que vós sejais	se vós fôsseis	quando vós fordes
que eles sejam	se eles fossem	quando eles forem

SER - Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
sê tu	não sejas tu
seja você	não seja você
sejamos nós	não sejamos nós
sede vós	não sejais vós
sejam vocês	não sejam vocês

NOVA CONCURSOS

SER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
ser	ser eu	sendo	sido
	seres tu		
	ser ele		
	sermos nós		
	serdes vós		
	serem eles		

ESTAR - Modo Indicativo

Presente	Pret. perf.	Pret. Imperf.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut.doPres.	Fut.do Preté.
estou	estive	estava	estivera	estarei	estaria
estás	estiveste	estavas	estiveras	estarás	estarias
está	esteve	estava	estivera	estará	estaria
estamos	estivemos	estávamos	estivéramos	estaremos	estaríamos
estais	estivestes	estáveis	estivéreis	estareis	estaríeis
estão	estiveram	estavam	estiveram	estarão	estariam

ESTAR - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
esteja	estivesse	estiver		
estejas	estivesses	estiveres	está	estejas
esteja	estivesse	estiver	esteja	esteja
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estejamos
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estejais
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estejam

ESTAR - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
estar	estar	estando	estado
	estares		
	estar		
	estarmos		
	estardes		
	estarem		

HAVER - Modo Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imper.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut. Do Pres.	Fut. Do Preté.
hei	houve	havia	houvera	haverei	haveria
hás	houveste	havias	houveras	haverás	haverias
há	houve	havia	houvera	haverá	haveria
havemos	houvemos	havíamos	houvéramos	haveremos	haveríamos
haveis	houvestes	havíeis	houvéreis	havereis	haveríeis
hão	houveram	haviam	houveram	haverão	haveriam

HAVER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
haja	houvesse	houver		
hajas	houvesses	houveres	há	hajas
haja	houvesse	houver	haja	haja
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	hajamos
hajais	houvésseis	houverdes	havei	hajais
hajam	houvessem	houverem	hajam	hajam

HAVER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
haver	haver	havendo	havido
	haveres		
	haver		
	havermos		
	haverdes		
	haverem		

TER - Modo Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imper.	Preté.Mais-Que-Perf.	Fut. Do Pres.	Fut. Do Preté.
Tenho	tive	tinha	tivera	terei	teria
tens	tiveste	tinhas	tiveras	terás	terias
tem	teve	tinha	tivera	terá	teria
temos	tivemos	tínhamos	tivéramos	teremos	teríamos
tendes	tivestes	tínheis	tivéreis	tereis	teríeis
têm	tiveram	tinham	tiveram	terão	teriam

TER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
Tenha	tivesse	tiver		
tenhas	tivesses	tiveres	tem	tenhas
tenha	tivesse	tiver	tenha	tenha
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	tenhamos
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	tenhais
tenham	tivessem	tiverem	tenham	tenham

- ***Pronominais***: São aqueles verbos que se conjugam com os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos, se*, na mesma pessoa do sujeito, expressando reflexibilidade (pronominais acidentais) ou apenas reforçando a ideia já implícita no próprio sentido do verbo (reflexivos essenciais). Veja:

- 1. Essenciais: são aqueles que sempre se conjugam com os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos, se*. São poucos: *abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se*, etc. Nos verbos pronominais essenciais a reflexibilidade já está implícita no radical do verbo. Por exemplo: *Arrependi-me de ter estado lá*.

A ideia é de que a pessoa representada pelo sujeito (eu) tem um sentimento (arrependimento) que recai sobre ela mesma, pois não recebe ação transitiva nenhuma vinda do verbo; o pronome oblíquo átono é apenas uma partícula integrante do verbo, já que, pelo uso, sempre é conjugada com o verbo. Diz-se que o pronome apenas serve de reforço da ideia reflexiva expressa pelo radical do próprio verbo.

Veja uma conjugação pronominal essencial (verbo e respectivos pronomes):

Eu me arrependo
Tu te arrependes
Ele se arrepende
Nós nos arrependemos
Vós vos arrependeis
Eles se arrependem

- 2. Acidentais: são aqueles verbos transitivos diretos em que a ação exercida pelo sujeito recai sobre o objeto representado por pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito; assim, o sujeito faz uma ação que recai sobre ele mesmo. Em geral, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos podem ser conjugados com os pronomes mencionados, formando o que se chama voz reflexiva. Por exemplo: *Maria se penteava*.

A reflexibilidade é acidental, pois a ação reflexiva pode ser exercida também sobre outra pessoa. Por exemplo: *Maria penteou-me*.

Observações:

- Por fazerem parte integrante do verbo, os pronomes oblíquos átonos dos verbos pronominais não possuem função sintática.

NOVA CONCURSOS

- Há verbos que também são acompanhados de pronomes oblíquos átonos, mas que não são essencialmente pronominais, são os verbos reflexivos. Nos verbos reflexivos, os pronomes, apesar de se encontrarem na pessoa idêntica à do sujeito, exercem funções sintáticas. Por exemplo:

Eu me feri. = Eu(sujeito) - 1ª pessoa do singular me (objeto direto) - 1ª pessoa do singular

Modos Verbais

Dá-se o nome de modo às várias formas assumidas pelo verbo na expressão de um fato. Em Português, existem três modos:

Indicativo - indica uma certeza, uma realidade: *Eu sempre estudo.*

Subjuntivo - indica uma dúvida, uma possibilidade: *Talvez eu estude amanhã.*

Imperativo - indica uma ordem, um pedido: *Estuda agora, menino.*

Formas Nominais

Além desses três modos, o verbo apresenta ainda formas que podem exercer funções de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio), sendo por isso denominadas formas nominais. Observe:

- **Infinitivo Impessoal**: exprime a significação do verbo de modo vago e indefinido, podendo ter valor e função de substantivo. Por exemplo:

Viver é lutar. (= vida é luta)
É indispensável combater a corrupção. (= combate à)

O infinitivo impessoal pode apresentar-se no presente (forma simples) ou no passado (forma composta). Por exemplo:

É preciso ler este livro.
Era preciso ter lido este livro.

- **Infinitivo Pessoal**: é o infinitivo relacionado às três pessoas do discurso. Na 1ª e 3ª pessoas do singular, não apresenta desinências, assumindo a mesma forma do impessoal; nas demais, flexiona-se da seguinte maneira:

2ª pessoa do singular: Radical + ES Ex.: *teres*(tu)
1ª pessoa do plural: Radical + MOS Ex.: *termos* (nós)
2ª pessoa do plural: Radical + DES Ex.: *terdes* (vós)
3ª pessoa do plural: Radical + EM Ex.: *terem* (eles)

Por exemplo: *Foste elogiado por teres alcançado uma boa colocação.*

- **Gerúndio**: o gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio. Por exemplo:

Saindo de casa, encontrei alguns amigos. (função de advérbio)
Nas ruas, havia crianças vendendo doces. (função de adjetivo)

Na forma simples, o gerúndio expressa uma ação em curso; na forma composta, uma ação concluída. Por exemplo:

Trabalhando, aprenderás o valor do dinheiro.
Tendo trabalhado, aprendeu o valor do dinheiro.

- **Particípio**: quando não é empregado na formação dos tempos compostos, o particípio indica geralmente o resultado de uma ação terminada, flexionando-se em gênero, número e grau. Por exemplo:

Terminados os exames, os candidatos saíram.

Quando o particípio exprime somente estado, sem nenhuma relação temporal, assume verdadeiramente a função de adjetivo (adjetivo verbal). Por exemplo: *Ela foi a aluna escolhida para representar a escola.*

Tempos Verbais

Tomando-se como referência o momento em que se fala, a ação expressa pelo verbo pode ocorrer em diversos tempos. Veja:

1. Tempos do Indicativo

- Presente - Expressa um fato atual: *Eu estudo neste colégio.*

- Pretérito Imperfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado: *Ele estudava as lições quando foi interrompido.*

- Pretérito Perfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado: *Ele estudou as lições ontem à noite.*

- Pretérito-Mais-Que-Perfeito - Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado: *Ele já tinha estudado as lições quando os amigos chegaram. (forma composta) Ele já estudara as lições quando os amigos chegaram. (forma simples).*

- Futuro do Presente - Enuncia um fato que deve ocorrer num tempo vindouro com relação ao momento atual: *Ele estudará as lições amanhã.*

- Futuro do Pretérito - Enuncia um fato que pode ocorrer posteriormente a um determinado fato passado: *Se eu tivesse dinheiro, viajaria nas férias.*

2. Tempos do Subjuntivo

- **Presente** - Enuncia um fato que pode ocorrer no momento atual: *É conveniente que estudes para o exame.*

- **Pretérito Imperfeito** - Expressa um fato passado, mas posterior a outro já ocorrido: *Eu esperava que ele vencesse o jogo.*

Obs.: o pretérito imperfeito é também usado nas construções em que se expressa a ideia de condição ou desejo. Por exemplo: *Se ele viesse ao clube, participaria do campeonato.*

- **Futuro do Presente** - Enuncia um fato que pode ocorrer num momento futuro em relação ao atual: *Quando ele vier à loja, levará as encomendas.*

Obs.: o futuro do presente é também usado em frases que indicam possibilidade ou desejo. Por exemplo: *Se ele vier à loja, levará as encomendas.*

Presente do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantO	vendO	partO	O
cantaS	vendeS	parteS	S
canta	vende	parte	-
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaIS	vendeIS	partIS	IS
cantaM	vendeM	parteM	M

Pretérito Perfeito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantei	vendI	partI	I
cantaSTE	vendeSTE	partISTE	STE
cantoU	vendeU	partiU	U
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaSTES	vendeSTES	partISTES	STES
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RAM

Pretérito mais-que-perfeito

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª/2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantaRAS	vendeRAS	partiRAS	RA	S
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantáRAMOS	vendêRAMOS	partíRAMOS	RA	MOS
cantáREIS	vendêREIS	partíREIS	RE	IS
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RA	M

Pretérito Imperfeito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantAVA	vendIA	partIA
cantAVAS	vendIAS	partAS
CantAVA	vendIA	partIA
cantÁVAMOS	vendÍAMOS	partÍAMOS
cantÁVEIS	vendÍEIS	partÍEIS
cantAVAM	vendIAM	partIAM

Futuro do Presente do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar ei	vender ei	partir ei
cantar ás	vender ás	partir ás
cantar á	vender á	partir á
cantar emos	vender emos	partir emos
cantar eis	vender eis	partir eis
cantar ão	vender ão	partir ão

NOVA CONCURSOS

Futuro do Pretérito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarIAS	venderIAS	partirIAS
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarÍAMOS	venderÍAMOS	partirÍAMOS
cantarÍEIS	venderÍEIS	partirÍEIS
cantarIAM	venderIAM	partirIAM

Presente do Subjuntivo

Para se formar o presente do subjuntivo, substitui-se a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo pela desinência -E (nos verbos de 1ª conjugação) ou pela desinência -A (nos verbos de 2ª e 3ª conjugação).

1ª conjug.	2ª conjug.	3ª conju.	Des. temporal 1ª conj.	Des.temporal 2ª/3ª conj.	Desinên. pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR			
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantES	vendAS	partAS	E	A	S
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantEMOS	vendAMOS	partAMOS	E	A	MOS
cantEIS	vendAIS	partAIS	E	A	IS
cantEM	vendAM	partAM	E	A	M

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Para formar o imperfeito do subjuntivo, elimina-se a desinência -STE da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito, obtendo-se, assim, o tema desse tempo. Acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -SSE mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª /2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	Ø
cantaSSES	vendeSSES	partiSSES	SSE	S
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	Ø
cantáSSEMOS	vendêSSEMOS	partíSSEMOS	SSE	MOS
cantáSSEIS	vendêSSEIS	partíSSEIS	SSE	IS
cantaSSEM	vendeSSEM	partiSSEM	SSE	M

Futuro do Subjuntivo

Para formar o futuro do subjuntivo elimina-se a desinência -STE da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito, obtendo-se, assim, o tema desse tempo. Acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -R mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª /2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaR	vendeR	partiR	Ø	
cantaRES	vendeRES	partiRES	R	ES
cantaR	vendeR	partiR	R	Ø
cantaRMOS	vendeRMOS	partiRMOS	R	MOS
cantaRDES	vendeRDES	partiRDES	R	DES
cantaREM	vendeREM	PartiREM	R	EM

Modo Imperativo

Imperativo Afirmativo

Para se formar o imperativo afirmativo, toma-se do presente do indicativo a 2ª pessoa do singular (tu) e a segunda pessoa do plural (vós) eliminando-se o "S" final. As demais pessoas vêm, sem alteração, do presente do subjuntivo. Veja:

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
Eu canto	---	Que eu cante
Tu cantas	CantA tu	Que tu cantes
Ele canta	Cante você	Que ele cante
Nós cantamos	Cantemos nós	Que nós cantemos
Vós cantais	CantAI vós	Que vós canteis
Eles cantam	Cantem vocês	Que eles cantem

Imperativo Negativo

Para se formar o imperativo negativo, basta antecipar a negação às formas do presente do subjuntivo.

Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Que eu cante	---
Que tu cantes	Não cantes tu
Que ele cante	Não cante você
Que nós cantemos	Não cantemos nós
Que vós canteis	Não canteis vós
Que eles cantem	Não cantem eles

Observações:

- No modo imperativo não faz sentido usar na 3ª pessoa (singular e plural) as formas ele/eles, pois uma ordem, pedido ou conselho só se aplicam diretamente à pessoa com quem se fala. Por essa razão, utiliza-se você/vocês.
- O verbo SER, no imperativo, faz excepcionalmente: *sê (tu), sede (vós).*

Infinitivo Pessoal

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar	vender	partir
cantarES	venderES	partirES
cantar	vender	partir
cantarMOS	venderMOS	partirMOS
cantarDES	venderDES	partirDES
cantarEM	venderEM	partirEM

Questões sobre Verbo

01. (AGENTE POLÍCIA - VUNESP 2013) Considere o trecho a seguir.

É comum que objetos _____ esquecidos em locais públicos. Mas muitos transtornos poderiam ser evitados se as pessoas _____ a atenção voltada para seus pertences, conservando-os junto ao corpo.

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto.

(A) sejam ... mantesse
(B) sejam ... mantivessem
(C) sejam ... mantém
(D) seja ... mantivessem
(E) seja ... mantêm

02. (MGS - TÉCNICO CONTÁBIL – IBFC/2017-adaptada)

Em "Assim, muitos casais ***têm*** quatro, seis, dez filhos", nota--se que o acento do verbo em destaque deve-se a uma exigência de concordância. Assinale a alternativa correta em relação ao emprego desse mesmo verbo.

a) No Brasil, a sociedade têm várias questões.
b) O jovem têm um grande desafio pela frente.
c) As pessoas tem muitos planos.
d) A mentira tem perna curta.

03. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013-adap.) *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?"*.

Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de

(A) considerar ao acaso, sem premeditação.
(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
(C) adotar como referência de qualidade.
(D) julgar de acordo com normas legais.
(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

04. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013) Assinale a alternativa contendo a frase do texto na qual a expressão verbal destacada exprime possibilidade.

(A) ... o cientista Theodor Nelson ***sonhava*** com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias...
(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto ***deveria*** ser um enorme arquivo virtual.
(C) Isso acarreta uma textualidade que ***funciona*** por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.
(D) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito ***está ligado*** a uma nova concepção de textualidade...
(E) ***Criou***, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo...

05.(POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ACRE – ALUNO SOLDADO COMBATENTE – FUNCAB/2012) No trecho: "*O crescimento econômico, se associado à ampliação do emprego, PODE melhorar o quadro aqui sumariamente descrito.*", se passarmos o verbo destacado para o futuro do pretérito do indicativo, teremos a forma:

A) puder.
B) poderia.
C) pôde.
D) poderá.
E) pudesse.

06. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma- -padrão.

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
(D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

07. (PAPILOSCOPISTA POLICIAL VUNESP 2013-adap.) Assinale a alternativa que substitui, corretamente e sem alterar o sentido da frase, a expressão destacada em – ***Se a criança se perder,*** quem encontrá-la verá na pulseira instruções para que envie uma mensagem eletrônica ao grupo ou acione o código na internet.

(A) Caso a criança se havia perdido...
(B) Caso a criança perdeu...
(C) Caso a criança se perca...
(D) Caso a criança estivera perdida...
(E) Caso a criança se perda...

08. (AGENTE DE APOIO OPERACIONAL – VUNESP – 2013-adap.). Assinale a alternativa em que o verbo destacado está no tempo futuro.

A) Os consumidores ***são*** assediados pelo marketing ...
B) ... somente eles podem decidir se ***irão*** ou não comprar.
C) É como se ***abrissem*** em nós uma "caixa de necessidades"...
D) ... de onde ***vem*** o produto...?
E) Uma pesquisa ***mostrou*** que 55,4% das pessoas...

09. (AGERBA - TÉCNICO EM REGULAÇÃO – IBFC/ 2017-adaptada)

A flexão de alguns verbos, sobretudo os irregulares, pode causar confusão. O verbo "quis", presente em "*Minha mãe sempre quis viajar*" é um exemplo típico. Nesse sentido, assinale a alternativa em que se indica INCORRETAMENTE a sua flexão.

a) queres – Presente do Indicativo.
b) queria – Futuro do Pretérito do Indicativo.
c) quisera – Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo.
d) queira – Presente do Subjuntivo.
e) quisesse – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

10. (AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA PENITENCIÁRIA – VUNESP – 2013-adap.). Leia as frases a seguir.

I. Havia onze pessoas jogando pedras e pedaços de madeira no animal.
II. Existiam muitos ferimentos no boi.
III. Havia muita gente assustando o boi numa avenida movimentada.

Substituindo-se o verbo *Haver* pelo verbo *Existir* e este pelo verbo *Haver,* nas frases, têm-se, respectivamente:

A) Existia – Haviam – Existiam
B) Existiam – Havia – Existiam
C) Existiam – Haviam – Existiam
D) Existiam – Havia – Existia
E) Existia – Havia – Existia

GABARITO

01. B 02. D 03. E 04. B 05. B
06. A 07. C 08. B09. B10. D

RESOLUÇÃO

1-)
É comum que objetos sejam esquecidos em locais públicos. Mas muitos transtornos poderiam ser evitados se as pessoas mantivessem a atenção voltada para seus pertences, conservando-os junto ao corpo.

2-)
Analisemos:
a) No Brasil, a sociedade têm várias questões. = a sociedade tem (verbo no singular)
b) O jovem têm um grande desafio pela frente. = o jovem tem (verbo no singular)
c) As pessoas tem muitos planos. = as pessoas têm (verbo no plural)
d) A mentira tem perna curta. = correta
RESPOSTA: D

3-)
Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".
Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de classificar segundo ideias preconcebidas.

4-)
(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual. = verbo no futuro do pretérito

5-)
Conjugando o verbo "poder" no futuro do pretérito do Indicativo: eu poderia, tu poderias, ele poderia, nós poderíamos, vós poderíeis, eles poderiam. O sujeito da oração é crescimento econômico (singular), portanto, terceira pessoa do singular (ele) = poderia.

6-)
(B) Não haverá prova do crime se o réu se mantiver em silêncio.
(C) Vão pagar horas-extras aos que se dispuserem a trabalhar no feriado.
(D) Ficarão surpresos quando o virem com a toga...
(E) Se você quiser a promoção, é necessário que a requeira a seu superior.

7-)
Caso a criança se perca...(*perda* = substantivo: Houve uma grande perda salarial...)

8-)
A) Os consumidores são assediados pelo marketing = presente
C) É como se abrissem em nós uma "caixa de necessidades"... = pretérito do Subjuntivo
D) ... de onde vem o produto...? = presente
E) Uma pesquisa mostrou que 55,4% das pessoas... = pretérito perfeito

9-)
Vamos aos itens:
a) queres – Presente do Indicativo = eu quero, tu queres - correta.
b) queria – Futuro do Pretérito do Indicativo = eu quereria, tu quererias, ele quereria - incorreta.
c) quisera – Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo = eu quisera, ele quisera – correta.
d) queira – Presente do Subjuntivo = que eu queira, que tu queiras, que ele queira - correta
e) quisesse – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo = se eu quisesse, se tu quisesses, se ele quisesse – correta.
RESPOSTA: B

10-)
I. Havia onze pessoas jogando pedras e pedaços de madeira no animal.
II. Existiam muitos ferimentos no boi.
III. Havia muita gente assustando o boi numa avenida movimentada.
Haver – sentido de existir= invariável, impessoal;
existir = variável. Portanto, temos:
I – Existiam onze pessoas...
II – Havia muitos ferimentos...
III – Existia muita gente...

Vozes do Verbo

Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente ou paciente da ação. São três as vozes verbais:

- *Ativa*: quando o sujeito é agente, isto é, pratica a ação expressa pelo verbo. Por exemplo:

Ele	*fez*	*o trabalho*.
sujeito agente	ação	objeto (paciente)

- *Passiva*: quando o sujeito é paciente, recebendo a ação expressa pelo verbo. Por exemplo:

O trabalho	*foi feito*	*por ele*.
sujeito paciente	ação	agente da passiva

- *Reflexiva*: quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, isto é, pratica e recebe a ação. Por exemplo:
O menino feriu-se.

Obs.: não confundir o emprego reflexivo do verbo com a noção de reciprocidade: *Os lutadores feriram-se*. (um ao outro)

Formação da Voz Passiva

A voz passiva pode ser formada por dois processos: analítico e sintético.
1- Voz Passiva Analítica
Constrói-se da seguinte maneira: Verbo SER + particípio do verbo principal. Por exemplo:
A escola será pintada.
O trabalho é feito por ele.

NOVA CONCURSOS

Obs.: o agente da passiva geralmente é acompanhado da preposição *por*, mas pode ocorrer a construção com a preposição *de*. Por exemplo: *A casa ficou cercada de soldados*.

- Pode acontecer ainda que o agente da passiva não esteja explícito na frase: *A exposição será aberta amanhã*.

- A variação temporal é indicada pelo verbo auxiliar (SER), pois o particípio é invariável. Observe a transformação das frases seguintes:

a) *Ele fez o trabalho*. (pretérito perfeito do indicativo)
O trabalho foi feito por ele. (pretérito perfeito do indicativo)

b) *Ele faz o trabalho*. (presente do indicativo)
O trabalho é feito por ele. (presente do indicativo)

c) *Ele fará o trabalho*. (futuro do presente)
O trabalho será feito por ele. (futuro do presente)

- Nas frases com locuções verbais, o verbo SER assume o mesmo tempo e modo do verbo principal da voz ativa. Observe a transformação da frase seguinte:
O vento ia levando as folhas. (gerúndio)
As folhas iam sendo levadas pelo vento. (gerúndio)

Obs.: é menos frequente a construção da voz passiva analítica com outros verbos que podem eventualmente funcionar como auxiliares. Por exemplo: *A moça ficou marcada pela doença*.

2- Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética ou pronominal constrói-se com o verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE. Por exemplo:
Abriram-se as inscrições para o concurso.
Destruiu-se o velho prédio da escola.
Obs.: o agente não costuma vir expresso na voz passiva sintética.

Curiosidade: A palavra *passivo* possui a mesma raiz latina de paixão (latim *passio, passionis*) e ambas se relacionam com o significado sofrimento, padecimento. Daí vem o significado de voz passiva como sendo a voz que expressa a ação sofrida pelo sujeito. Na voz passiva temos dois elementos que nem sempre aparecem: SUJEITO PACIENTE e AGENTE DA PASSIVA.

Conversão da Voz Ativa na Voz Passiva

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase.
Gutenberg *inventou a imprensa* (Voz Ativa)
Sujeito da Ativa objeto Direto

A imprensa *foi inventada por Gutenberg* (Voz Passiva)
Sujeito da Passiva Agente da Passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Observe mais exemplos:

- Os mestres têm constantemente aconselhado os alunos.
Os alunos têm sido constantemente aconselhados pelos mestres.

- Eu o acompanharei.
Ele será acompanhado por mim.

Obs.: quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, não haverá complemento agente na passiva. Por exemplo: *Prejudicaram-me. / Fui prejudicado.*

Saiba que:
- Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, são chamados neutros.
O vinho é bom.
Aqui chove muito.

- Há formas passivas com sentido ativo:
É chegada a hora. (= Chegou a hora.)
Eu ainda não era nascido. (= Eu ainda não tinha nascido.)
És um homem lido e viajado. (= que leu e viajou)

- Inversamente, usamos formas ativas com sentido passivo:
Há coisas difíceis de entender. (= serem entendidas)
Mandou-o lançar na prisão. (= ser lançado)

- Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos, logo o sujeito é paciente.
Chamo-me Luís.
Batizei-me na Igreja do Carmo.
Operou-se de hérnia.
Vacinaram-se contra a gripe.

Fonte:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf54.php

Questões sobre Vozes dos Verbos

01. (COLÉGIO PEDRO II/RJ – ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO – AOCP/2010) Em "*Os dados foram divulgados ontem* ***pelo Instituto Sou da Paz***.", a expressão destacada é
(A) adjunto adnominal.
(B) sujeito paciente.
(C) objeto indireto.
(D) complemento nominal.
(E) agente da passiva.

02. (FCC-COPERGÁS – AUXILIAR TÉCNICO ADMINISTRATIVO - 2011) *Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz*. Transpondo- -se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) era abatido.
(B) fora abatido.
(C) abatera-se.
(D) foi abatido.
(E) tinha abatido

03. (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais.
Transpondo para a voz ativa a frase acima, o verbo passará a ser, corretamente,
(A) perceba.
(B) foi percebido.
(C) tenham percebido.
(D) devam perceber.
(E) estava percebendo.

04. (TJ/RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA SEM ESPECIALIDADE – FCC/2012) *As ruas estavam ocupadas pela multidão...*
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
(A) ocupava-se.
(B) ocupavam.
(C) ocupou.
(D) ocupa.
(E) ocupava.

05. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
(A) Quando Rodolfo surgiu...
(B) ... adquiriu as impressoras...
(C) ... e sustentar, às vezes, família numerosa.
(D) ... acolheu-o como patrono.
(E) ... que montou [...] a primeira grande folhetaria do Recife ...

06. (TRF - 4ª REGIÃO – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) *O engajamento moral e político não chegou a constituir um deslocamento da atenção intelectual de Said* ...
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:
a) se constituiu.
b) chegou a ser constituído.
c) teria chegado a constituir.
d) chega a se constituir.
e) chegaria a ser constituído.

07. (METRÔ/SP – TÉCNICO SISTEMAS METROVIÁRIOS CIVIL – FCC/2014 - ADAPTADA) *...'sertanejo' indicava indistintamente as músicas produzidas no interior do país...*
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
(A) vinham indicadas.
(B) era indicado.
(C) eram indicadas.
(D) tinha indicado.
(E) foi indicada.

08. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – PROCON – AGENTE ADMINISTRATIVO – CEPERJ/2012 - adaptada) Um exemplo de construção na voz passiva está em:
(A) "A Gulliver recolherá 6 mil brinquedos"
(B) "o consumidor pode solicitar a devolução do dinheiro"
(C) "enviar o brinquedo por sedex"
(D) "A empresa também é obrigada pelo Código de Defesa do Consumidor"
(E) "A empresa fez campanha para recolher"

09. (METRÔ/SP –SECRETÁRIA PLENO – FCC/2010) Transpondo-se para a voz passiva a construção *Mais tarde vim a entender a tradução completa,* a forma verbal resultante será:
(A) veio a ser entendida.
(B) teria entendido.
(C) fora entendida.
(D) terá sido entendida.
(E) tê-la-ia entendido.

10. (INFRAERO – CADASTRO RESERVA OPERACIONAL PROFISSIONAL DE TRÁFEGO AÉREO – FCC/2011 - ADAPTADA)
... ele empreende, de maneira quase clandestina, a série Mulheres.
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
(A) foi empreendida.
(B) são empreendidos.
(C) foi empreendido.
(D) é empreendida.
(E) são empreendidas.

GABARITO

01. E 02. D 03. A 04. E 05. A
06. B 07. C 08. D 09. A 10. D

RESOLUÇÃO

1-)
No enunciado temos uma oração com a voz passiva do verbo. Transformando-a em ativa, teremos: "O Instituto Sou da Paz divulgou dados". Nessa, "Instituto Sou da Paz" funciona como sujeito da oração, ou seja, na passiva sua função é a de agente da passiva. O sujeito paciente é "os dados".
2-)
Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz. = Ele foi abatido...

3-)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais = dois verbos na voz passiva, então teremos um na ativa: que a sociedade perceba os valores e princípios...

NOVA CONCURSOS

4-)
As ruas estavam ocupadas pela multidão = dois verbos na passiva, um verbo na ativa:
A multidão ocupava as ruas.

5-)
B = as impressoras foram adquiridas...
C = família numerosa é sustentada...
D – foi acolhido como patrono...
E – a primeira grande folhetaria do Recife foi montada...

6-)
O engajamento moral e político não chegou a constituir um deslocamento da atenção intelectual de Said = dois verbos na voz ativa, mas com presença de preposição e, um deles, no infinitivo, então o verbo auxiliar "ser" ficará no infinitivo (na voz passiva) e o verbo principal (constituir) ficará no particípio: Um deslocamento da atenção intelectual de Said não chegou a ser constituído pelo engajamento...

7-)
'sertanejo' indicava indistintamente as músicas produzidas no interior do país.
As músicas produzidas no país eram indicadas pelo sertanejo, indistintamente.

8-)
(A) "A Gulliver recolherá 6 mil brinquedos" = voz ativa
(B) "o consumidor pode solicitar a devolução do dinheiro" = voz ativa
(C) "enviar o brinquedo por sedex" = voz ativa
(D) "A empresa também é obrigada pelo Código de Defesa do Consumidor" = voz passiva
(E) "A empresa fez campanha para recolher" = voz ativa

9-)
Mais tarde vim a entender a tradução completa...
A tradução completa veio a ser entendida por mim.

10-)
ele empreende, de maneira quase clandestina, a série Mulheres.
A série de mulheres é empreendida por ele, de maneira quase clandestina.

Verbos irregulares são verbos que sofrem alterações em seu radical ou em suas desinências, afastando-se do modelo a que pertencem.

No português, para verificar se um verbo sofre alterações, basta conjugá-lo no presente e no pretérito perfeito do indicativo. Ex: *faço – fiz, trago – trouxe, posso - pude.*

Não é considerada irregularidade a alteração gráfica do radical de certos verbos para conservação da regularidade fônica. Ex: *embarcar – embarco, fingir – finjo.*

Exemplo de conjugação do verbo "dar" no presente do indicativo:
Eu dou
Tu dás
Ele dá
Nós damos
Vós dais
Eles dão

Percebe-se que há alteração do radical, afastando-se do original "dar" durante a conjugação, sendo considerado verbo irregular.

Exemplo: Conjugação do verbo valer:

Modo Indicativo

Presente
eu valho
tu vales
ele vale
nós valemos
vós valeis
eles valem

Pretérito Perfeito do Indicativo
eu vali
tu valeste
ele valeu
nós valemos
vós valestes
eles valeram

Pretérito Imperfeito do Indicativo
eu valia
tu valias
ele valia
nós valíamos
vós valíeis
eles valiam

Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo
eu valera
tu valeras
ele valera
nós valêramos
vós valêreis
eles valeram

Futuro do Presente do Indicativo
eu valerei
tu valerás
ele valerá
nós valeremos
vós valereis
eles valerão

Futuro do Pretérito do Indicativo
eu valeria
tu valerias
ele valeria
nós valeríamos
vós valeríeis
eles valeriam

Mais-que-perfeito Composto do Indicativo
eu tinha valido
tu tinhas valido
ele tinha valido
nós tínhamos valido
vós tínheis valido
eles tinham valido

Gerúndio do verbo valer = *valendo*

Modo Subjuntivo

Presente
que eu valha
que tu valhas
que ele valha
que nós valhamos
que vós valhais
que eles valham

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo
se eu valesse
se tu valesses
se ele valesse
se nós valêssemos
se vós valêsseis
se eles valessem

Futuro do Subjuntivo
quando eu valer
quando tu valeres
quando ele valer
quando nós valermos
quando vós valerdes
quando eles valerem

Imperativo

Imperativo Afirmativo
--
vale tu
valha ele
valhamos nós
valei vós
valham eles

Imperativo Negativo
--
não valhas tu
não valha ele
não valhamos nós
não valhais vós
não valham eles

Infinitivo

Infinitivo Pessoal
por valer eu
por valeres tu
por valer ele
por valermos nós
por valerdes vós
por valerem eles

Infinitivo Impessoal = *valer*
Particípio = *Valido*

Acompanhe abaixo uma lista com os principais verbos irregulares:

Dizer
Presente do indicativo: *Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.*

Futuro do presente do indicativo: *Direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.*

Fazer
Presente do indicativo: *Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.*

Futuro do presente do indicativo: *Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.*

Ir
Presente do indicativo: *Vou, vais, vai, vamos, ides, vão.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.*

Futuro do presente do indicativo: *Irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.*

Futuro do subjuntivo: *For, fores, for, formos, fordes, forem.*

Querer
Presente do indicativo: *Quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.*

Presente do subjuntivo: *Queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.*

Ver
Presente do indicativo: *Vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.*

NOVA CONCURSOS

Pretérito perfeito do indicativo: *Vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.*

Futuro do presente do indicativo:*Verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.*

Futuro do subjuntivo: *Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.*

Vir
Presente do indicativo: *Venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

Futuro do presente do indicativo: *Virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.*

Futuro do subjuntivo: *Vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.*

SINTAXE

O princípio é o verbo.

Essa é a premissa fundamental da *Sintaxe,* que é a parte da gramática que estuda as *palavras enquanto elementos de uma frase, as suas relações de concordância, de subordinação e de ordem*. Significa que, ao se realizar a análise sintática de uma oração, sempre se inicia pelo verbo. É a partir dele que se descobre qual o sujeito da oração, se há a indicação de qualidade, estado ou modo de ser do sujeito, se ele pratica uma ação ou se a sofre, se há complemento verbal, se há circunstância (adjunto adverbial), etc.

Nem sempre o verbo se apresenta sozinho em uma oração. Em muitos casos, surgem dois ou mais verbos juntos, para indicar que se pratica ou se sofre uma ação, ou que o sujeito possui uma qualidade. A essa junção, dá-se o nome de *locução verbal*. Toda locução verbal é formada por um verbo auxiliar (ou mais de um) e um verbo principal (somente um).

O verbo auxiliar é o que se relaciona com o sujeito, por isso concorda com este, ou seja, se o sujeito estiver no singular, o verbo auxiliar também ficará no singular; se o sujeito estiver no plural, o verbo auxiliar também ficará no plural. Na Língua Portuguesa os verbos auxiliares são os seguintes: *ser, estar, ter, haver, dever, poder, ir,* dentre outros.

O verbo principal é o que indica se o sujeito possui uma qualidade, se ele pratica uma ação ou se a sofre. É o mais importante da locução. Na Língua Portuguesa, o verbo principal surge sempre no infinitivo (terminado em *–ar, -er*, ou *–ir*), no gerúndio (terminado em *–ndo*) ou no particípio (terminado em *–ado* ou *–ido*, dentre outras terminações).

Veja alguns exemplos de locuções verbais:

Os funcionários FORAM CONVOCADOS pelo diretor. (aux.: SER; princ.: CONVOCAR)

Os estudantes ESTÃO RESPONDENDO às questões. (aux.: ESTAR; princ.: RESPONDER)

Os trabalhadores TÊM ENFRENTADO muitos problemas.(aux.: TER; princ.: ENFRENTAR)

O vereador HAVIA DENUNCIADO seus companheiros. (aux.: HAVER; princ.: DENUNCIAR)

Os alunos DEVEM ESTUDAR todos os dias. (aux.: DEVER; princ.: ESTUDAR)

Sujeito

Para se descobrir qual o sujeito do verbo (ou da locução verbal), deve-se perguntar a ele (ou a ela) o seguinte: *Que(m) é que* .....? A resposta será o sujeito. Por exemplo, analisemos a primeira frase dentre as apresentadas acima:
Os funcionários foram convocados pelo diretor.

O princípio é o verbo. Procura-se, portanto, o verbo: é a locução verbal *foram convocados*. - - Pergunta-se a ela: *Que(m) é que foi convocado?*
- Resposta: *Os funcionários.*
- O sujeito da oração, então, é o seguinte: *os funcionários*.
Encontrado o sujeito, parte-se para a análise do verbo:
Se ele indicar que o sujeito possui uma qualidade, um estado ou um modo de ser, sem praticar ação alguma, será denominado de VERBO DE LIGAÇÃO. Os verbos de ligação mais comuns são os seguintes: *ser, estar, parecer, ficar, permanecer e continuar*. Não se esqueça, porém, de que só será verbo de ligação o que indicar qualidade, estado ou modo de ser do sujeito, sem praticar ação alguma. Observe as seguintes frases:
O político continuou seu discurso mesmo com todas as vaias recebidas.
Continuar, nesta frase, não é de ligação já que não indica qualidade do sujeito, e sim ação.
A professora estava na sala de aula.
Estar, nesta frase, não é de ligação já que não indica qualidade do sujeito, e sim fato.

A garota estava muito alegre.
Estar é verbo de ligação porque indica qualidade do sujeito.

Se o verbo indicar que o sujeito pratica uma ação, ou que participa ativamente de um fato, será denominado de VERBO INTRANSITIVO ou VERBO TRANSITIVO, de acordo com o seguinte:

- *Quem* ..... , ... : Todo verbo que se encaixar nessa frase será INTRANSITIVO. Por exemplo, o verbo *correr*: Quem corre, corre.

- *Quem ..... , ... algo/alguém*: Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO DIRETO. Por exemplo, o verbo *comer:* Quem come, come algo; ou o verbo *amar*: Quem ama, ama alguém.

- *Quem ..... , ... + prep. + algo/alguém*: Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO INDIRETO. Por exemplo, o verbo *gostar*: Quem gosta, gosta de algo ou de alguém. As preposições mais comuns são as seguintes: *a, de, em, por, para, sem* e *com.*

- *Quem ..... , ... algo/alguém + prep. + algo/alguém:* Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO - também denominado de BITRANSITIVO. Por exemplo, o verbo mostrar: Quem mostra, mostra algo a alguém; ou o verbo informar: Quem informa, informa alguém de algo ou Quem informa, informa algo a alguém.

É importante salientar que um verbo só será TRANSITIVO se houver complemento (objeto direto ou objeto indireto). A análise de um verbo depende, portanto, do ambiente sintático em que ele se encontra. Um verbo que aparentemente seja transitivo direto pode ser, na realidade, intransitivo, caso não haja complemento. Por exemplo, observe a seguinte frase:

O pior cego é aquele que não quer ver.

O verbo "ver" é, aparentemente, transitivo direto, uma vez que se encaixa na frase *Quem vê, vê algo*. Ocorre, porém, que não há o "algo". O pior cego é aquele que não quer ver o quê? Não aparece na oração; não há, portanto, o objeto direto. Como não o há, o verbo não pode ser transitivo direto, e sim intransitivo.

Observe, agora, esta frase: *Quem dá aos pobres, empresta a Deus.*

Os verbos "dar" e "emprestar" são, aparentemente, transitivos diretos e indiretos, uma vez que se encaixam nas frases Quem dá, dá algo a alguém e Quem empresta, empresta algo a alguém. Ocorre, porém, que não há o "algo". Quem dá o que aos pobres empresta o que a Deus? Não aparece na oração; não há, portanto, o objeto direto. Como não o há, os verbos não podem ser transitivos diretos e indiretos, e sim somente transitivos indiretos.

FONTE:
http://www.gramaticaonline.com.br/texto/1231

Questões sobre Análise Sintática

01. (AGENTE DE APOIO ADMINISTRATIVO – FCC – 2013). ***Os trabalhadores*** *passaram mais tempo na escola...*

O segmento grifado acima possui a mesma função sintática que o destacado em:

A) ...o que reduz ***a média de ganho*** da categoria.

B) ...houve ***mais ofertas de trabalhadores*** dessa classe.

C) ***O crescimento da escolaridade*** também foi impulsionado...

D) ...elevando ***a fatia dos brasileiros*** com ensino médio...

E) ...impulsionado ***pelo aumento do número de universidades...***

02.(AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – FCC – 2013). *Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens [...], sabiam* ***os paulistas*** *como...*

O segmento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o elemento grifado em:

A) ***Nas expedições breves*** serviam de balizas ou mostradores para a volta.

B) Às estreitas veredas e atalhos [...], ***nada*** acrescentariam aqueles de considerável...

C) Só a um olhar muito exercitado seria ***perceptível*** o sinal.

D) ***Uma sequência de tais galhos***, em qualquer floresta, podia significar uma pista.

E) Alguns mapas e textos do século XVII apresentam-nos ***a vila de São Paulo*** como centro...

03. Há complemento nominal em:

A)Você devia vir cá fora receber o beijo da madrugada.

B)... embora fosse quase certa a sua possibilidade de ganhar a vida.

C)Ela estava na janela do edifício.

D)... sem saber ao certo se gostávamos dele.

E)Pouco depois começaram a brincar de bandido e mocinho de cinema.

04. (ESPM-SP) Em "*esta* ***lhe*** *deu cem mil contos"*, o termo destacado é:

A) pronome possessivo
B) complemento nominal
C) objeto indireto
D) adjunto adnominal
E) objeto direto

05. Assinale a alternativa correta e identifique o sujeito das seguintes orações em relação aos verbos destacados:

- *Amanhã* ***teremos*** *uma palestra sobre qualidade de vida.*

- *Neste ano,* ***quero*** *prestar serviço voluntário.*

A)Tu – vós
B)Nós – eu
C)Vós – nós
D) Ele - tu

06. Classifique o sujeito das orações destacadas no texto seguinte e, a seguir, assinale a sequência correta.

É notável, nos textos épicos, a participação do sobrenatural. É frequente a mistura de assuntos relativos ao nacionalismo com o caráter maravilhoso. ***Nas epopeias, os deuses tomam partido*** *e interferem nas aventuras dos heróis, ajudando-os ou atrapalhando- -os.*

A)simples, composto
B)indeterminado, composto
C)simples, simples
D) oculto, indeterminado

07. (ESPM-SP) "*Surgiram* ***fotógrafos*** *e* ***repórteres***". Identifique a alternativa que classifica corretamente a função sintática e a classe morfológica dos termos destacados:

A) objeto indireto – substantivo
B) objeto direto - substantivo
C) sujeito – adjetivo
D) objeto direto – adjetivo
E) sujeito - substantivo

GABARITO

01. C 02. D 03. B 04. C 05. B 06. C 07. E

RESOLUÇÃO

1-)
Os trabalhadores passaram mais tempo na escola
= SUJEITO
A) ...o que reduz a média de ganho da categoria. = objeto direto
B) ...houve mais ofertas de trabalhadores dessa classe. = objeto direto
C) O crescimento da escolaridade também foi impulsionado... = sujeito paciente
D) ...elevando a fatia dos brasileiros com ensino médio... = objeto direto
E) ...impulsionado pelo aumento do número de universidades... = agente da passiva

2-)
Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens [...], sabiam os paulistas como... = SUJEITO
A) Nas expedições breves = ADJUNTO ADVERBIAL
B) nada acrescentariam aqueles de considerável...= adjunto adverbial
C) seria perceptível o sinal. = predicativo
D) Uma sequência de tais galhos = sujeito
E) apresentam-nos a vila de São Paulo como = objeto direto

3-)
A) o beijo da madrugada. = adjunto adnominal
B)a sua possibilidade de ganhar a vida. = complemento nominal (possibilidade de quê?)
C)na janela do edifício. = adjunto adnominal
D)... sem saber ao certo se gostávamos dele. = objeto indireto
E) a brincar de bandido e mocinho de cinema = objeto indireto
4-)
esta lhe deu cem mil contos = o verbo DAR é bitransitivo, ou seja, transitivo direto e indireto, portanto precisa de dois complementos – dois objetos: direto e indireto.
Deu o quê? = cem mil contos (direto)
Deu a quem? lhe (=a ele, a ela) = indireto

5-)
- Amanhã (nós) teremos uma palestra sobre qualidade de vida.
- Neste ano, (eu) quero prestar serviço voluntário.

6-)
É notável, nos textos épicos, a participação do sobrenatural. É frequente a mistura de assuntos relativos ao nacionalismo com o caráter maravilhoso. Nas epopeias, os deuses tomam partido e interferem nas aventuras dos heróis, ajudando-os ou atrapalhando-os.
Ambos os termos apresentam sujeito simples

7-)
Surgiram fotógrafos e repórteres.
O sujeito está deslocado, colocado na ordem indireta (final da oração). Portanto: função sintática: sujeito (composto); classe morfológica (classe de palavras): substantivos.

Frase é todo enunciado de sentido completo, podendo ser formada por uma só palavra ou por várias, ter verbos ou não. A frase exprime, através da fala ou da escrita: ideias, emoções, ordens, apelos. Define-se pelo seu propósito comunicativo, ou seja, pela sua capacidade de, num intercâmbio linguístico, transmitir um conteúdo satisfatório para a situação em que é utilizada. Exemplos:
O Brasil possui um grande potencial turístico.
Espantoso!
Não vá embora.
Silêncio!
O telefone está tocando.

Observação: a frase que não possui verbo denomina-se ***Frase Nominal.***
Na língua falada, a frase é caracterizada pela entoação, que indica nitidamente seu início e seu fim. A entoação pode vir acompanhada por gestos, expressões do rosto, do olhar, além de ser complementada pela situação em que o falante se encontra. Esses fatos contribuem para que frequentemente surjam frases muito simples, formadas por apenas uma palavra. Observe:
Rua!
Ai!

Essas palavras, dotadas de entoação própria, e acompanhadas de gestos peculiares, são suficientes para satisfazer suas necessidades expressivas.
Na língua escrita, a entoação é representada pelos sinais de pontuação, os quais procuram sugerir a melodia frasal. Desaparecendo a situação viva, o contexto é fornecido pelo próprio texto, o que acaba tornando necessário que as frases escritas sejam linguisticamente mais completas. Essa maior complexidade linguística leva a frase a obedecer às regras gerais da língua. Portanto, a organização e a ordenação dos elementos formadores da frase devem seguir os padrões da língua. Por isso é que: *As meninas estavam alegres.* = constitui uma frase, enquanto: *Alegres meninas estavam as.* = não é considerada uma frase da língua portuguesa.

Tipos de Frases

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das

situações em que se explora a ironia. Pense, por exemplo, na frase "*Que educação*!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "*É ela*." pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção, etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases.

Existem alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. São elas:

- **Frases Interrogativas:** ocorrem quando uma pergunta é feita pelo emissor da mensagem. São empregadas quando se deseja obter alguma informação. A interrogação pode ser direta ou indireta.

Você aceita um copo de suco? (Interrogação direta)

Desejo saber se você aceita um copo de suco. (Interrogação indireta)

- Frases Imperativas: ocorrem quando o emissor da mensagem dá uma ordem, um conselho ou faz um pedido, utilizando o verbo no modo imperativo. Podem ser afirmativas ou negativas.

Faça-o entrar no carro! (Afirmativa)

Não faça isso. (Negativa)

Dê-me uma ajudinha com isso! (Afirmativa)

- Frases Exclamativas: nesse tipo de frase o emissor exterioriza um estado afetivo. Apresentam entoação ligeiramente prolongada. Por Exemplo:

Que prova difícil!

É uma delícia esse bolo!

- **Frases Declarativas**: ocorrem quando o emissor constata um fato. Esse tipo de frase informa ou declara alguma coisa. <u>*Podem ser afirmativas ou negativas.*</u>

Obrigaram o rapaz a sair. (Afirmativa)

Ela não está em casa. (Negativa)

- **Frases Optativas:** são usadas para exprimir um desejo. Por Exemplo:

Deus te acompanhe!

Bons ventos o levem!

De acordo com a construção, as frases classificam-se em:

Frase Nominal: é a frase construída sem verbos. Exemplos:

Fogo!

Cuidado!

Belo serviço o seu!

Trabalho digno desse feirante.

Frase Verbal: é a frase construída com verbo. Por Exemplo:

O sol ilumina a cidade e aquece os dias.

Os casais saíram para jantar.

A bola rolou escada abaixo.

Estrutura da Frase

As frases que possuem verbo são geralmente estruturadas a partir de dois elementos essenciais: *sujeito e predicado*. Isso não significa, no entanto, que tais frases devam ser formadas, no mínimo, por dois vocábulos. Na frase "*Saímos*", por exemplo, há um sujeito implícito na terminação do verbo: nós.

O sujeito é o termo da frase que concorda com o verbo em número e pessoa. É normalmente o "ser de quem se declara algo", "o tema do que se vai comunicar".

O predicado é a parte da frase que contém "a informação nova para o ouvinte". Normalmente, ele se refere ao sujeito, constituindo a declaração do que se atribui ao sujeito. É sempre muito importante analisar qual é o núcleo significativo da declaração: se o núcleo da declaração estiver no verbo, teremos um predicado verbal (ocorre nas frases verbais); se o núcleo da declaração estiver em algum nome, teremos um predicado nominal (ocorre nas frases nominais que possuem verbo de ligação). Observe: *O amor é eterno.*

O tema, o ser de quem se declara algo, o sujeito, é "O amor". A declaração referente a "o amor", ou seja, o predicado, é «é eterno». É um predicado nominal, pois seu núcleo significativo é o nome «eterno». Já na frase: *Os rapazes jogam futebol.* O sujeito é "Os rapazes", que identificamos por ser o termo que concorda em número e pessoa com o verbo "jogam". O predicado é "jogam futebol", cujo núcleo significativo é o verbo "jogam". Temos, assim, um predicado verbal.

Oração

Uma frase verbal pode ser também uma oração. Para isso é necessário:

- que o enunciado tenha sentido completo;
- que o enunciado tenha verbo (ou locução verbal).

Por Exemplo: *Camila terminou a leitura do livro.*

Obs.: Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas são os termos ou as unidades sintáticas da oração. Assim, cada termo da oração desempenha uma função sintática.

Atenção: Nem toda frase é oração. Por Exemplo: *Que dia lindo!*

Esse enunciado é frase, pois tem sentido. Esse enunciado não é oração, pois não possui verbo. Assim, não possuem estrutura sintática, portanto não são orações, frases como:

Socorro! - Com Licença! - Que rapaz ignorante!

A frase pode conter uma ou mais orações. Veja:

Brinquei no parque. (uma oração)

Entrei na casa e sentei-me. (duas orações)

Cheguei, vi, venci. (três orações)

Período

Período é a frase constituída de uma ou mais orações, formando um todo, com sentido completo. O período pode ser simples ou composto.

NOVA CONCURSOS

Período Simples: é aquele constituído por apenas uma oração, que recebe o nome de oração absoluta. Exemplos:

O amor é eterno.
As plantas necessitam de cuidados especiais.
Quero aquelas rosas.
O tempo é o melhor remédio.

Período Composto: é aquele constituído por duas ou mais orações. Exemplos:

Quando você partiu minha vida ficou sem alegrias.
Quero aquelas flores para presentear minha mãe.
Vou gritar para todos ouvirem que estou sabendo o que acontece ao anoitecer.
Cheguei, jantei e fui dormir.

Saiba que: Como toda oração está centrada num verbo ou numa locução verbal, a maneira prática de saber quantas orações existem num período é contar os verbos ou locuções verbais.

Período Composto

O ***período composto*** caracteriza-se por possuir mais de uma oração em sua composição. Sendo Assim:

- *Eu irei à praia*. (Período Simples = um verbo, uma oração)
- *Estou comprando um protetor solar, depois irei à praia*. (Período Composto =locução verbal, verbo, duas orações)
- *Já me decidi: só irei à praia, se antes eu comprar um protetor solar.* (Período Composto = três verbos, três orações).

Cada verbo ou locução verbal sublinhada acima corresponde a uma oração. Isso implica que o primeiro exemplo é um período simples, pois tem apenas uma oração, os dois outros exemplos são períodos compostos, pois têm mais de uma oração.

Há dois tipos de relações que podem se estabelecer entre as orações de um período composto: uma relação de coordenação ou uma relação de subordinação.

Duas orações são coordenadas quando estão juntas em um mesmo período (ou seja, em um mesmo bloco de informações, marcado pela pontuação final), mas têm, ambas, estruturas individuais, como é o exemplo de:

- *Estou comprando um protetor solar, depois irei à praia*. (Período Composto)

Podemos dizer:

1. Estou comprando um protetor solar.
2. Irei à praia.

Separando as duas, vemos que elas são independentes.

É esse tipo de período que veremos: o Período Composto por Coordenação.

Quanto à classificação das orações coordenadas, temos dois tipos: Coordenadas Assindéticas e Coordenadas Sindéticas.

Coordenadas Assindéticas

São orações coordenadas entre si e que não são ligadas através de nenhum conectivo. Estão apenas justapostas.

Coordenadas Sindéticas

Ao contrário da anterior, são orações coordenadas entre si, mas que são ligadas através de uma conjunção coordenativa. Esse caráter vai trazer para esse tipo de oração uma classificação. As orações coordenadas sindéticas são classificadas em cinco tipos: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas: suas principais conjunções são: *e, nem, não só... mas também, não só... como, assim... como.*

- *Não só cantei como também dancei.*
- *Nem comprei o protetor solar, nem fui à praia.*
- *Comprei o protetor solar e fui à praia.*

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas: suas principais conjunções são: *mas, contudo, todavia, entretanto, porém, no entanto, ainda, assim, senão.*

- *Fiquei muito cansada, contudo me diverti bastante.*
- *Ainda que a noite acabasse, nós continuaríamos dançando.*
- *Não comprei o protetor solar, mas mesmo assim fui à praia.*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas: suas principais conjunções são: *ou... ou; ora...ora; quer...quer; seja...seja.*

- *Ou uso o protetor solar, ou uso o óleo bronzeador.*
- *Ora sei que carreira seguir, ora penso em várias carreiras diferentes.*
- *Quer eu durma quer eu fique acordado, ficarei no quarto.*

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas: suas principais conjunções são: l*ogo, portanto, por fim, por conseguinte, consequentemente, pois (posposto ao verbo)*

- *Passei no vestibular, portanto irei comemorar.*
- *Conclui o meu projeto, logo posso descansar.*
- *Tomou muito sol, consequentemente ficou adoentada.*
- *A situação é delicada; devemos, pois, agir*

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas: suas principais conjunções são: *isto é, ou seja, a saber, na verdade, pois (anteposto ao verbo).*

- *Só passei na prova porque me esforcei por muito tempo.*
- *Só fiquei triste por você não ter viajado comigo.*
- *Não fui à praia, pois queria descansar durante o Domingo.*

Fonte:
http://www.infoescola.com/portugues/oracoes-coordenadas-assindeticas-e-sindeticas/

Questões sobre Orações Coordenadas

01. A oração "*Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo*" tem valor:
A) conclusivo
B) adversativo
C) concessivo
D) explicativo
E) alternativo

02. "***Estudamos***, logo deveremos passar nos exames". A oração em destaque é:
a) coordenada explicativa
b) coordenada adversativa
c) coordenada aditiva
d) coordenada conclusiva
e) coordenada assindética

03. (AGENTE EDUCACIONAL – VUNESP – 2013-adap.) Releia o seguinte trecho:
Joyce e Mozart são ótimos, ***mas*** *eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.*
Sem que haja alteração de sentido, e de acordo com a norma- -padrão da língua portuguesa, ao se substituir o termo em destaque, o trecho estará corretamente reescrito em:
A) Joyce e Mozart são ótimos, portanto eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.
B) Joyce e Mozart são ótimos, conforme eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.
C) Joyce e Mozart são ótimos, assim eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.
D) Joyce e Mozart são ótimos, todavia eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.
E) Joyce e Mozart são ótimos, pois eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.

04. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013-adap.) Em – ...fruto ***não só*** do novo acesso da população ao automóvel ***mas também*** da necessidade de maior número de viagens... –, os termos em destaque estabelecem relação de
A) explicação.
B) oposição.
C) alternância.
D) conclusão.
E) adição.

05. Analise a oração destacada: Não se desespere, ***que estaremos a seu lado sempre***.
Marque a opção correta quanto à sua classificação:
A) Coordenada sindética aditiva.
B) Coordenada sindética alternativa.
C) Coordenada sindética conclusiva.
D) Coordenada sindética explicativa.

GABARITO

01. B 02. E 03. D 04. E 05. D

RESOLUÇÃO

1-)
"Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo" = conjunção adversativa, portanto: oração coordenada sindética adversativa

2-)
Estudamos, logo deveremos passar nos exames = a oração em destaque não é introduzida por conjunção, então: coordenada assindética

3-)
Joyce e Mozart são ótimos, mas eles... = conjunção (e ideia) adversativa
A) Joyce e Mozart são ótimos, portanto eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conclusiva
B) Joyce e Mozart são ótimos, conforme eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conformativa
C) Joyce e Mozart são ótimos, assim eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conclusiva
E) Joyce e Mozart são ótimos, pois eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = explicativa
Dica: conjunção *pois* como explicativa = dá para eu substituir por *porque*; como conclusiva: substituo por *portanto*.

4-)
fruto não só do novo acesso da população ao automóvel mas também da necessidade de maior número de viagens... estabelecem relação de adição de ideias, de fatos

5-)
Não se desespere, que estaremos a seu lado sempre.
= conjunção explicativa (= porque) - coordenada sindética explicativa

Subordinação

Observe o exemplo abaixo de Vinícius de Moraes:

"Eu sinto *que em meu gesto existe o teu gesto."*
Oração Principal Oração Subordinada

Observe que na oração subordinada temos o verbo "existe", que está conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. As orações subordinadas que apresentam verbo em qualquer dos tempos finitos (tem-

NOVA CONCURSOS

pos do modo do indicativo, subjuntivo e imperativo), são chamadas de ***orações desenvolvidas*** ou explícitas. Podemos modificar o período acima. Veja:

Eu sinto *existir em meu gesto o teu gesto.*
Oração Principal Oração Subordinada

A análise das orações continua sendo a mesma: "Eu sinto" é a oração principal, cujo objeto direto é a oração subordinada "existir em meu gesto o teu gesto". Note que a oração subordinada apresenta agora verbo no infinitivo. Além disso, a conjunção "que", conectivo que unia as duas orações, desapareceu. As orações subordinadas cujo verbo surge numa das formas nominais (infinitivo - flexionado ou não -, gerúndio ou particípio) chamamos ***orações reduzidas*** ou implícitas.

Obs.: as orações reduzidas não são introduzidas por conjunções nem pronomes relativos. Podem ser, eventualmente, introduzidas por preposição.

1) ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A oração subordinada substantiva tem valor de substantivo e vem introduzida, geralmente, por conjunção integrante (*que, se*).

Suponho *que você foi à biblioteca hoje.*
Oração Subordinada Substantiva

Você sabe *se o presidente já chegou?*
Oração Subordinada Substantiva

Os pronomes interrogativos (que, quem, qual) também introduzem as orações subordinadas substantivas, bem como os advérbios interrogativos (por que, quando, onde, como). Veja os exemplos:

O garoto perguntou *qual era o telefone da moça.*
Oração Subordinada Substantiva

Não sabemos *por que a vizinha se mudou.*
Oração Subordinada Substantiva

Classificação das Orações Subordinadas Substantivas

De acordo com a função que exerce no período, a oração subordinada substantiva pode ser:

a) Subjetiva

É subjetiva quando exerce a função sintática de sujeito do verbo da oração principal. Observe:

É fundamental *o seu comparecimento à reunião.*
Sujeito

É fundamental *que você compareça à reunião.*
Oração Principal Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

Atenção: Observe que a oração subordinada substantiva pode ser substituída pelo pronome " isso". Assim, temos um período simples:

É fundamental isso. *ou* *Isso é fundamental.*

Dessa forma, a oração correspondente a "isso" exercerá a função de sujeito

Veja algumas estruturas típicas que ocorrem na oração principal:

1- Verbos de ligação + predicativo, em construções do tipo: *É bom - É útil - É conveniente - É certo - Parece certo - É claro - Está evidente - Está comprovado*

É bom que você compareça à minha festa.

2- Expressões na voz passiva, como: *Sabe-se - Soube-se - Conta-se - Diz-se - Comenta-se - É sabido - Foi anunciado - Ficou provado*

Sabe-se que Aline não gosta de Pedro.

3- Verbos como: *convir - cumprir - constar - admirar - importar - ocorrer - acontecer*

Convém que não se atrase na entrevista.

Obs.: quando a oração subordinada substantiva é subjetiva, o verbo da oração principal está sempre na 3ª. pessoa do singular.

b) Objetiva Direta

A oração subordinada substantiva objetiva direta exerce função de objeto direto do verbo da oração principal.

Todos querem *sua aprovação no concurso.*
Objeto Direto

Todos querem *que você seja aprovado.* (= Todos querem isso)
Oração Principal oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas por:

- **Conjunções integrantes** "que" (às vezes elíptica) e "se":

A professora verificou se todos alunos estavam presentes.

- **Pronomes indefinidos** que, quem, qual, quanto (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas:

O pessoal queria saber quem era o dono do carro importado.

- **Advérbios** como, quando, onde, por que, quão (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas:

Eu não sei por que ela fez isso.

c) Objetiva Indireta

A oração subordinada substantiva objetiva indireta atua como objeto indireto do verbo da oração principal. Vem precedida de preposição.

Meu pai insiste *em meu estudo*.
Objeto Indireto

Meu pai insiste *em que eu estude*. (= Meu pai insiste nisso)
Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Obs.: em alguns casos, a preposição pode estar elíptica na oração.

Marta não gosta *(de) que a chamem de senhora.*
Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

d) Completiva Nominal

A oração subordinada substantiva completiva nominal completa um nome que pertence à oração principal e também vem marcada por preposição.

Sentimos orgulho *de seu comportamento.*
Complemento Nominal

Sentimos orgulho *de que você se comportou*. (= Sentimos orgulho disso.)
Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Lembre-se: as orações subordinadas substantivas objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto que orações subordinadas substantivas completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo, o segundo, um nome.

e) Predicativa

A oração subordinada substantiva predicativa exerce papel de predicativo do sujeito do verbo da oração principal e vem sempre depois do verbo ser.

Nosso desejo *era sua desistência.*
Predicativo do Sujeito

Nosso desejo era *que ele desistisse*. (= Nosso desejo era isso)
Oração Subordinada Substantiva Predicativa

Obs.: em certos casos, usa-se a preposição expletiva "de" para realce. Veja o exemplo: *A impressão é de que não fui bem na prova*.

f) Apositiva

A oração subordinada substantiva apositiva exerce função de aposto de algum termo da oração principal.

Fernanda tinha um grande sonho: *a chegada do dia de seu casamento.*
Aposto

(Fernanda tinha um grande sonho: *isso*.)

Fernanda tinha um grande sonho: *que o dia do seu casamento chegasse.*
Oração Subordinada Substantiva Apositiva

2) ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Uma oração subordinada adjetiva é aquela que possui valor e função de adjetivo, ou seja, que a ele equivale. As orações vêm introduzidas por pronome relativo e exercem a função de adjunto adnominal do antecedente. Observe o exemplo:

Esta foi uma redação *bem-sucedida.*
Substantivo Adjetivo (Adjunto Adnominal)

Note que o substantivo redação foi caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida. Nesse caso, é possível formarmos outra construção, a qual exerce exatamente o mesmo papel. Veja:

Esta foi uma redação *que fez sucesso*.
Oração Principal Oração Subordinada Adjetiva

Perceba que a conexão entre a oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita pelo pronome relativo "que". Além de conectar (ou relacionar) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede.

Obs.: para que dois períodos se unam num período composto, altera-se o modo verbal da segunda oração.

Atenção: Vale lembrar um recurso didático para reconhecer o pronome relativo "que": ele sempre pode ser substituído por: *o qual - a qual - os quais - as quais*

Refiro-me ao aluno que é estudioso.
Essa oração é equivalente a:
Refiro-me ao aluno o qual estuda.

Forma das Orações Subordinadas Adjetivas

Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas desenvolvidas. Além delas, existem as orações subordinadas adjetivas reduzidas, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio).

Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.
Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.

NOVA CONCURSOS

No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo "que" e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

Classificação das Orações Subordinadas Adjetivas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diferentes. Há aquelas que restringem ou especificam o sentido do termo a que se referem, individualizando-o. Nessas orações não há marcação de pausa, sendo chamadas subordinadas adjetivas restritivas. Existem também *orações que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente*, que já se encontra suficientemente definido, as quais denominam-se *subordinadas adjetivas explicativas*.

Exemplo 1:

Jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem ***que passava naquele momento***.

Oração Subordinada Adjetiva Restritiva

Nesse período, observe que a oração em destaque restringe e particulariza o sentido da palavra "homem": trata-se de um homem específico, único. A oração limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens, mas sim àquele que estava passando naquele momento.

Exemplo 2:

O homem, ***que se considera racional***, muitas vezes age animalescamente.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

Nesse período, a oração em destaque não tem sentido restritivo em relação à palavra "homem"; na verdade, essa oração apenas explicita uma ideia que já sabemos estar contida no conceito de "homem".

Saiba que:

A oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas; de fato, ***as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não.***

3) ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Uma oração subordinada adverbial é aquela que exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Dessa forma, pode exprimir circunstância de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc. Quando desenvolvida, vem introduzida por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes). Classifica-se de acordo com a conjunção ou locução conjuntiva que a introduz.

Durante a madrugada*, eu olhei você dormindo*.

Oração Subordinada Adverbial

Observe que a oração em destaque agrega uma circunstância de tempo. É, portanto, chamada de oração subordinada adverbial temporal. Os adjuntos adverbiais são termos acessórios que indicam uma circunstância referente, via de regra, a um verbo. A classificação do adjunto adverbial depende da exata compreensão da circunstância que exprime. Observe os exemplos abaixo:

Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.

Quando vi a estátua, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal "senti". No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a estátua", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, pois é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo ("vi", do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo-se:

Ao ver a estátua, *senti uma das maiores emoções de minha vida.*

A oração em destaque é reduzida, pois apresenta uma das formas nominais do verbo ("ver" no infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição ("a", combinada com o artigo "o").

Obs.: a classificação das orações subordinadas adverbiais é feita do mesmo modo que a classificação dos adjuntos adverbiais. Baseia-se na circunstância expressa pela oração.

Circunstâncias Expressas pelas Orações Subordinadas Adverbiais

a) Causa

A ideia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato, ao motivo do que se declara na oração principal. "É aquilo ou aquele que determina um acontecimento".

Principal conjunção subordinativa causal: PORQUE

Outras conjunções e locuções causais: *como (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.*

As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.

Como ninguém se interessou pelo projeto, não houve alternativa a não ser cancelá-lo.

Já que você não vai, eu também não vou.

b) Consequência

As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem um fato que é consequência, que é efeito do que se declara na oração principal. São introduzidas pelas con-

junções e locuções: *que, de forma que, de sorte que, tanto que*, etc., e pelas estruturas *tão...que, tanto...que, tamanho... que*.

Principal conjunção subordinativa consecutiva: QUE (precedido de tal, tanto, tão, tamanho)

É feio que dói. (É tão feio que, em consequência, causa dor.)

Nunca abandonou seus ideais, de sorte que acabou concretizando-os.

Não consigo ver televisão sem bocejar. (Oração Reduzida de Infinitivo)

c) Condição

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal.

Principal conjunção subordinativa condicional: SE

Outras conjunções condicionais: *caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a não ser que, a menos que, sem que, uma vez que (seguida de verbo no subjuntivo).*

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será campeão.

Uma vez que todos aceitem a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

d) Concessão

As orações subordinadas adverbiais concessivas indicam concessão às ações do verbo da oração principal, isto é, admitem uma contradição ou um fato inesperado. A ideia de concessão está diretamente ligada ao contraste, à quebra de expectativa.

Principal conjunção subordinativa concessiva: EMBORA

Utiliza-se também a conjunção: *conquanto* e as locuções *ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.*

Só irei se ele for.

A oração acima expressa uma condição: o fato de "eu" ir só se realizará caso essa condição seja satisfeita. Compare agora com:

Irei ***mesmo que ele não vá***.

A distinção fica nítida; temos agora uma concessão: irei de qualquer maneira, independentemente de sua ida. A oração destacada é, portanto, subordinada adverbial concessiva. Observe outros exemplos:

Embora fizesse calor, levei agasalho.

Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.

Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

e) Comparação

As orações subordinadas adverbiais comparativas estabelecem uma comparação com a ação indicada pelo verbo da oração principal.

Principal conjunção subordinativa comparativa: COMO

Ele dorme como um urso.

Saiba que: É comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Por exemplo:

Agem como crianças. (agem)

Oração Subordinada Adverbial Comparativa

No entanto, quando se comparam ações diferentes, isso não ocorre. Por exemplo: *Ela fala mais do que faz*. (comparação do verbo falar e do verbo fazer).

f) Conformidade

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam ideia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal.

Principal conjunção subordinativa conformativa: CONFORME

Outras conjunções conformativas: *como, consoante e segundo* (todas com o mesmo valor de conforme).

Fiz o bolo conforme ensina a receita.

Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.

g) Finalidade

As orações subordinadas adverbiais finais indicam a intenção, a finalidade daquilo que se declara na oração principal.

Principal conjunção subordinativa final: A FIM DE QUE

Outras conjunções finais: *que, porque (= para que)* e a locução conjuntiva *para que.*

Aproximei-me dela a fim de que ficássemos amigos.

Felipe abriu a porta do carro para que sua namorada entrasse.

h) Proporção

As orações subordinadas adverbiais proporcionais exprimem ideia de proporção, ou seja, um fato simultâneo ao expresso na oração principal.

Principal locução conjuntiva subordinativa proporcional: À PROPORÇÃO QUE

Outras locuções conjuntivas proporcionais: *à medida que, ao passo que. Há ainda as estruturas: quanto maior... (maior), quanto maior...(menor), quanto menor...(maior), quanto menor...(menor), quanto mais...(mais), quanto mais... (menos), quanto menos...(mais), quanto menos...(menos).*

NOVA CONCURSOS

À proporção que estudávamos, acertávamos mais questões.

Visito meus amigos à medida que eles me convidam.

Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

i) Tempo

As orações subordinadas adverbiais temporais acrescentam uma ideia de tempo ao fato expresso na oração principal, podendo exprimir noções de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade.

Principal conjunção subordinativa temporal: QUANDO

Outras conjunções subordinativas temporais: *enquanto, mal e locuções conjuntivas: assim que, logo que, todas as vezes que, antes que, depois que, sempre que, desde que*, etc.

Quando você foi embora, chegaram outros convidados.

Sempre que ele vem, ocorrem problemas.

Mal você saiu, ela chegou.

Terminada a festa, todos se retiraram. (= Quando terminou a festa) (Oração Reduzida de Particípio)

Fonte:

http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint29.php

Questões sobre Orações Subordinadas

01. (PAPILOSCOPISTA POLICIAL – VUNESp/2013).

Mais denso, menos trânsito

As grandes cidades brasileiras estão congestionadas e em processo de deterioração agudizado pelo crescimento econômico da última década. Existem deficiências evidentes em infraestrutura, mas é importante também considerar o planejamento urbano.

Muitas grandes cidades adotaram uma abordagem de desconcentração, incentivando a criação de diversos centros urbanos, na visão de que isso levaria a uma maior facilidade de deslocamento.

Mas o efeito tem sido o inverso. A criação de diversos centros e o aumento das distâncias multiplicam o número de viagens, dificultando o investimento em transporte coletivo e aumentando a necessidade do transporte individual.

Se olharmos Los Angeles como a região que levou a desconcentração ao extremo, ficam claras as consequências. Numa região rica como a Califórnia, com enorme investimento viário, temos engarrafamentos gigantescos que viraram característica da cidade.

Os modelos urbanos bem-sucedidos são aqueles com elevado adensamento e predominância do transporte coletivo, como mostram Manhattan e Tóquio.

O centro histórico de São Paulo é a região da cidade mais bem servida de transporte coletivo, com infraestrutura de telecomunicação, água, eletricidade etc. Como em outras grandes cidades, essa deveria ser a região mais adensada da metrópole. Mas não é o caso. Temos, hoje, um esvaziamento gradual do centro, com deslocamento das atividades para diversas regiões da cidade.

A visão de adensamento com uso abundante de transporte coletivo precisa ser recuperada. Desse modo, será possível reverter esse processo de uso cada vez mais intenso do transporte individual, fruto não só do novo acesso da população ao automóvel, mas também da necessidade de maior número de viagens em função da distância cada vez maior entre os destinos da população.

(Henrique Meirelles, Folha de S.Paulo, 13.01.2013. Adaptado)

As expressões *mais denso e menos trânsito*, no título, estabelecem entre si uma relação de

(A) comparação e adição.
(B) causa e consequência.
(C) conformidade e negação.
(D) hipótese e concessão.
(E) alternância e explicação

02. (AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA PENITENCIÁRIA – VUNESP – 2013). No trecho – Tem surtido um efeito positivo por eles se tornarem uma referência positiva dentro da unidade***, já que*** cumprem melhor as regras, respeitam o próximo e pensam melhor nas suas ações, refletem antes de tomar uma atitude. – o termo em destaque estabelece entre as orações uma relação de

A) condição.
B) causa.
C) comparação.
D) tempo.
E) concessão.

03. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:

A) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
B) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
C) Ignoras quanto custou meu relógio?
D) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
E) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião

04. (AGENTE DE VIGILÂNCIA E RECEPÇÃO – VUNESP – 2013). Considere a tirinha em que se vê Honi conversando com seu Namorado Lute.

(Dik Browne, Folha de S. Paulo, 26.01.2013)

É correto afirmar que a expressão ***contanto que*** estabelece entre as orações relação de

A) causa, pois Honi quer ter filhos e não deseja trabalhar depois de casada.

B) comparação, pois o namorado espera ter sucesso como cantor romântico.

C) tempo, pois ambos ainda são adolescentes, mas já pensam em casamento.

D) condição, pois Lute sabe que exercendo a profissão de músico provavelmente ganhará pouco.

E) finalidade, pois Honi espera que seu futuro marido torne-se um artista famoso.

05. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013). Em – ***Apesar da desconcentração e do aumento da extensão urbana verificados no Brasil,*** é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes... –, sem que tenha seu sentido alterado, o trecho em destaque está corretamente reescrito em:

A) Mesmo com a desconcentração e o aumento da Extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

B) Uma vez que se verifica a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

C) Assim como são verificados a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

D) Visto que com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

E) De maneira que, com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

06. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013). Em – É fundamental que essa visão de adensamento com uso abundante de transporte coletivo seja recuperada ***para que*** possamos reverter esse processo de uso... –, a expressão em destaque estabelece entre as orações relação de

A) consequência.

B) condição.

C) finalidade.

D) causa.

E) concessão.

07. (ANALISTA DE SISTEMAS – VUNESP – 2013 – adap.). Considere o trecho: "***Como*** *as músicas eram de protesto, naquele mesmo ano foi enquadrado na lei de segurança nacional pela ditadura militar e exilado.*" O termo *Como,* em destaque na primeira parte do enunciado, expressa ideia de

A) contraste e tem sentido equivalente a porém.

B) concessão e tem sentido equivalente a mesmo que.

C) conformidade e tem sentido equivalente a conforme.

D) causa e tem sentido equivalente a visto que.

E) finalidade e tem sentido equivalente a para que.

08. (ANALISTA EM PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS PÚBLICAS – VUNESP – 2013-adap.) No trecho – *"Fio, disjuntor, tomada, tudo!", insiste o motorista, com tanto orgulho que chega a contaminar-me.* –, a construção *tanto ... que* estabelece entre as construções [com tanto orgulho] e [que chega a contaminar-me] uma relação de

A) condição e finalidade.

B) conformidade e proporção.

C) finalidade e concessão.

D) proporção e comparação.

E) causa e consequência.

GABARITO

01. B 02. B 03. C 04. D 05. A
06. C 07. D 08. E

RESOLUÇÃO

1-)

mais denso e menos trânsito = mais denso, consequentemente, menos trânsito, então: causa e consequência

2-)

já que cumprem melhor as regras = estabelece entre as orações uma relação de causa com a consequência de "tem um efeito positivo".

3-)
Ignoras quanto custou meu relógio? = oração subordinada substantiva objetiva direta
A oração não atende aos requisitos de tais orações, ou seja, não se inicia com verbo de ligação, tampouco pelos verbos "convir", "parecer", "importar", "constar" etc., e também não inicia com as conjunções integrantes "que" e "se".

4-)
a expressão *contanto que* estabelece uma relação de condição (condicional)

5-)
Apesar da desconcentração e do aumento da extensão urbana verificados no Brasil = conjunção concessiva
B) Uma vez que se verifica a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, = causal
C) Assim como são verificados a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil = comparativa
D) Visto que com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil = causal
E) De maneira que, com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil = consecutivas

6-)
para que possamos = conjunção final (finalidade)

7-)
"Como as músicas eram de protesto = expressa ideia de causa da consequência "foi enquadrado" = causa e tem sentido equivalente a *visto que*.

8-)
com tanto orgulho que chega a contaminar-me. – a construção estabelece uma relação de causa e consequência. (a causa da "contaminação" – consequência)

CONCORDÂNCIA

Ao falarmos sobre a ***concordância verbal***, estamos nos referindo à relação de dependência estabelecida entre um termo e outro mediante um contexto oracional. Desta feita, os agentes principais desse processo são representados pelo sujeito, que no caso funciona como subordinante; e o verbo, o qual desempenha a função de subordinado.
Dessa forma, temos que a concordância verbal caracteriza-se pela adaptação do verbo, tendo em vista os quesitos "número e pessoa" em relação ao sujeito. Exemplificando, temos: *O aluno chegou atrasado.* Temos que o verbo apresenta-se na terceira pessoa do singular, pois faz referência a um sujeito, assim também expresso (ele). Como poderíamos também dizer: *os alunos chegaram atrasados.*

Casos referentes a sujeito simples

1) Em caso de sujeito simples, o verbo concorda com o núcleo em número e pessoa: *O aluno chegou atrasado*.

2) Nos casos referentes a sujeito representado por substantivo coletivo, o verbo permanece na terceira pessoa do singular: *A multidão, apavorada, saiu aos gritos.*

Observação:

- No caso de o coletivo aparecer seguido de adjunto adnominal no plural, o verbo permanecerá no singular ou poderá ir para o plural:
Uma multidão de pessoas saiu aos gritos.
Uma multidão de pessoas saíram aos gritos.

3) Quando o sujeito é representado por expressões partitivas, representadas por "a *maioria de, a maior parte de, a metade de, uma porção de"* entre outras, o verbo tanto pode concordar com o núcleo dessas expressões quanto com o substantivo que a segue: *A maioria dos alunos resolveu ficar. A maioria dos alunos resolveram ficar.*

4) No caso de o sujeito ser representado por expressões aproximativas, representadas por "*cerca de, perto de*", o verbo concorda com o substantivo determinado por elas: *Cerca de mil candidatos se inscreveram no concurso.*

5) Em casos em que o sujeito é representado pela expressão "*mais de um*", o verbo permanece no singular: *Mais de um candidato se inscreveu no concurso de piadas.*
Observação:
- No caso da referida expressão aparecer repetida ou associada a um verbo que exprime reciprocidade, o verbo, necessariamente, deverá permanecer no plural:
Mais de um aluno, mais de um professor contribuíram na campanha de doação de alimentos.
Mais de um formando se abraçaram durante as solenidades de formatura.

6) Quando o sujeito for composto da expressão "*um dos que*", o verbo permanecerá no plural: *Esse jogador foi um dos que atuaram na Copa América.*

7) Em casos relativos à concordância com locuções pronominais, representadas por "*algum de nós, qual de vós, quais de vós, alguns de nós*", entre outras, faz-se necessário nos atermos a duas questões básicas:
- No caso de o primeiro pronome estar expresso no plural, o verbo poderá com ele concordar, como poderá também concordar com o pronome pessoal: *Alguns de nós o receberemos. / Alguns de nós o receberão.*
- Quando o primeiro pronome da locução estiver expresso no singular, o verbo permanecerá, também, no singular: *Algum de nós o receberá.*

8) No caso de o sujeito aparecer representado pelo pronome "*quem*", o verbo permanecerá na terceira pessoa do singular ou poderá concordar com o antecedente desse pronome: *Fomos nós quem contou toda a verdade para ela. / Fomos nós quem contamos toda a verdade para ela.*

9) Em casos nos quais o sujeito aparece realçado pela palavra "*que*", o verbo deverá concordar com o termo que antecede essa palavra: *Nesta empresa somos nós que tomamos as decisões. / Em casa sou eu que decido tudo.*

10) No caso de o sujeito aparecer representado por expressões que indicam porcentagens, o verbo concordará com o numeral ou com o substantivo a que se refere essa porcentagem: *50% dos funcionários aprovaram a decisão da diretoria. / 50% do eleitorado apoiou a decisão.*

Observações:

- Caso o verbo apareça anteposto à expressão de porcentagem, esse deverá concordar com o numeral: *Aprovaram a decisão da diretoria 50% dos funcionários.*
- Em casos relativos a 1%, o verbo permanecerá no singular: *1% dos funcionários não aprovou a decisão da diretoria*.
- Em casos em que o numeral estiver acompanhado de determinantes no plural, o verbo permanecerá no plural: *Os 50% dos funcionários apoiaram a decisão da diretoria.*

11) Nos casos em que o sujeito estiver representado por pronomes de tratamento, o verbo deverá ser empregado na terceira pessoa do singular ou do plural: *Vossas Majestades gostaram das homenagens. Vossa Majestade agradeceu o convite.*

12) Casos relativos a sujeito representado por substantivo próprio no plural se encontram relacionados a alguns aspectos que os determinam:

- Diante de nomes de obras no plural, seguidos do verbo ser, este permanece no singular, contanto que o predicativo também esteja no singular: *Memórias póstumas de Brás Cubas é uma criação de Machado de Assis.*
- Nos casos de artigo expresso no plural, o verbo também permanece no plural: *Os Estados Unidos são uma potência mundial.*
- Casos em que o artigo figura no singular ou em que ele nem aparece, o verbo permanece no singular: *Estados Unidos é uma potência mundial.*

Casos referentes a sujeito composto

1) Nos casos relativos a sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes, o verbo deverá ir para o plural, estando relacionado a dois pressupostos básicos:

- Quando houver a 1ª pessoa, esta prevalecerá sobre as demais: *Eu, tu e ele faremos um lindo passeio.*
- Quando houver a 2ª pessoa, o verbo poderá flexionar na 2ª ou na 3ª pessoa: *Tu e ele sois primos. Tu e ele são primos.*

2) Nos casos em que o sujeito composto aparecer anteposto ao verbo, este permanecerá no plural: *O pai e seus dois filhos compareceram ao evento.*

3) No caso em que o sujeito aparecer posposto ao verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo ou permanecer no plural: *Compareceram ao evento o pai e seus dois filhos. Compareceu ao evento o pai e seus dois filhos.*

4) Nos casos relacionados a sujeito simples, porém com mais de um núcleo, o verbo deverá permanecer no singular: *Meu esposo e grande companheiro merece toda a felicidade do mundo.*

5) Casos relativos a sujeito composto de palavras sinônimas ou ordenado por elementos em gradação, o verbo poderá permanecer no singular ou ir para o plural: *Minha vitória, minha conquista, minha premiação são frutos de meu esforço. / Minha vitória, minha conquista, minha premiação é fruto de meu esforço.*

Concordância nominal é o ajuste que fazemos aos demais termos da oração para que concordem em gênero e número com o substantivo. Teremos que alterar, portanto, o artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome. Além disso, temos também o verbo, que se flexionará à sua maneira.

Regra geral: O artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome concordam em gênero e número com o substantivo.

- *A pequena criança é uma gracinha.*
- *O garoto que encontrei era muito gentil e simpático.*

Casos especiais: Veremos alguns casos que fogem à regra geral mostrada acima.

a) ***Um adjetivo após vários substantivos***

- Substantivos de mesmo gênero: adjetivo vai para o plural ou concorda com o substantivo mais próximo.
  - *Irmão e primo recém-chegado estiveram aqui.*
  - *Irmão e primo recém-chegados estiveram aqui.*

- Substantivos de gêneros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o substantivo mais próximo.
  - *Ela tem pai e mãe louros.*
  - *Ela tem pai e mãe loura.*

- Adjetivo funciona como predicativo: vai obrigatoriamente para o plural.
  - *O homem e o menino estavam perdidos.*
  - *O homem e sua esposa estiveram hospedados aqui.*

b) ***Um adjetivo anteposto a vários substantivos***

- Adjetivo anteposto normalmente concorda com o mais próximo.

Comi delicioso almoço e sobremesa.
Provei deliciosa fruta e suco.

- Adjetivo anteposto funcionando como predicativo: concorda com o mais próximo ou vai para o plural.

Estavam feridos o pai e os filhos.
Estava ferido o pai e os filhos.

c) ***Um substantivo e mais de um adjetivo***

- antecede todos os adjetivos com um artigo.

Falava fluentemente a língua inglesa e a espanhola.

- coloca o substantivo no plural.

Falava fluentemente as línguas inglesa e espanhola.

d) ***Pronomes de tratamento***

- sempre concordam com a 3ª pessoa.

Vossa Santidade esteve no Brasil.

e) ***Anexo, incluso, próprio, obrigado***

- Concordam com o substantivo a que se referem.

As cartas estão anexas.

NOVA CONCURSOS

A bebida está inclusa.
Precisamos de nomes próprios.
Obrigado, disse o rapaz.

f) ***Um(a) e outro(a), num(a) e noutro(a)***
- Após essas expressões o substantivo fica sempre no singular e o adjetivo no plural.
Renato advogou um e outro caso fáceis.
Pusemos numa e noutra bandeja rasas o peixe.

g) ***É bom, é necessário, é proibido***
- Essas expressões não variam se o sujeito não vier precedido de artigo ou outro determinante.
Canja é bom. / A canja é boa.
É necessário sua presença. / É necessária a sua presença.
É proibido entrada de pessoas não autorizadas. / A entrada é proibida.
h) ***Muito, pouco, caro***
- Como adjetivos: seguem a regra geral.
Comi muitas frutas durante a viagem.
Pouco arroz é suficiente para mim.
Os sapatos estavam caros.

- Como advérbios: são invariáveis.
Comi muito durante a viagem.
Pouco lutei, por isso perdi a batalha.
Comprei caro os sapatos.

i) ***Mesmo, bastante***
- Como advérbios: invariáveis
Preciso mesmo da sua ajuda.
Fiquei bastante contente com a proposta de emprego.

- Como pronomes: seguem a regra geral.
Seus argumentos foram bastantes para me convencer.
Os mesmos argumentos que eu usei, você copiou.
j) ***Menos, alerta***
- Em todas as ocasiões são invariáveis.
Preciso de menos comida para perder peso.
Estamos alerta para com suas chamadas.

k) ***Tal Qual***
- "Tal" concorda com o antecedente, "qual" concorda com o consequente.
As garotas são vaidosas tais qual a tia.
Os pais vieram fantasiados tais quais os filhos.

l) ***Possível***
- Quando vem acompanhado de "mais", "menos", "melhor" ou "pior", acompanha o artigo que precede as expressões.
A mais possível das alternativas é a que você expôs.
Os melhores cargos possíveis estão neste setor da empresa.
As piores situações possíveis são encontradas nas favelas da cidade.

m) ***Meio***
- Como advérbio: invariável.
Estou meio (um pouco) insegura.
- Como numeral: segue a regra geral.
Comi meia (metade) laranja pela manhã.

n) ***Só***
- apenas, somente (advérbio): invariável.
Só consegui comprar uma passagem.

- sozinho (adjetivo): variável.
Estiveram sós durante horas.

Fonte:
http://www.brasilescola.com/gramatica/concordancia-verbal.htm

Questões sobre Concordância Nominal e Verbal

01.(TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem ser embasados na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.
(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode estar subordinado às ordens indiscriminadas de um único poder central.
(E) O interesse de todos os cidadãos estão voltados para o momento eleitoral, que expõem as diferentes opiniões existentes na sociedade.

02. (Agente Técnico – FCC – 2013). As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:
A) Alguns dos aspectos mais desejáveis de uma boa leitura, que satisfaça aos leitores e seja veículo de aprimoramento intelectual, estão na capacidade de criação do autor, mediante palavras, sua matéria-prima.
B) Obras que se considera clássicas na literatura sempre delineia novos caminhos, pois é capaz de encantar o leitor ao ultrapassar os limites da época em que vivem seus autores, gênios no domínio das palavras, sua matéria-prima.
C) A palavra, matéria-prima de poetas e romancistas, lhe permitem criar todo um mundo de ficção, em que personagens se transformam em seres vivos a acompanhar os leitores, numa verdadeira interação com a realidade.
D) As possibilidades de comunicação entre autor e leitor somente se realiza plenamente caso haja afinidade de ideias entre ambos, o que permite, ao mesmo tempo, o crescimento intelectual deste último e o prazer da leitura.
E) Consta, na literatura mundial, obras-primas que constitui leitura obrigatória e se tornam referências por seu conteúdo que ultrapassa os limites de tempo e de época.

03. (Escrevente TJ-SP – Vunesp/2012) Leia o texto para responder à questão.

_____*dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si* _____*diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços- -sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre* _____ *a segunda opção.*

(Carta Capital, 27.06.2012. Adaptado)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Restam... faça... será
(B) Resta... faz... será
(C) Restam... faz... serão
(D) Restam... façam... serão
(E) Resta... fazem... será

04 (Escrevente TJ SP – Vunesp/2012) Assinale a alternativa em que o trecho

– *Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos.*– está corretamente reescrito, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(B) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos ser quantificados.

(C) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificado.

(D) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos seja quantificado.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos.

05. (FUNDAÇÃO CASA/SP - AGENTE ADMINISTRATIVO - VUNESP/2011 - ADAPTADA) Observe as frases do texto:

I. Cerca de 75 por cento dos países obtêm nota negativa...

II. ... à Venezuela, de Chávez, que obtém a pior classificação do continente americano (2,0)...

Assim como ocorre com o verbo "obter" nas frases I e II, a concordância segue as mesmas regras, na ordem dos exemplos, em:

(A) Todas as pessoas têm boas perspectivas para o próximo ano. Será que alguém tem opinião diferente da maioria?

(B) Vem muita gente prestigiar as nossas festas juninas. Vêm pessoas de muito longe para brincar de quadrilha.

(C) Pouca gente quis voltar mais cedo para casa. Quase todos quiseram ficar até o nascer do sol na praia.

(D) Existem pessoas bem intencionadas por aqui, mas também existem umas que não merecem nossa atenção.

(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam.

06. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) *Os folheteiros vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.*

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

(A) Há folheteiros que
(B) A maior parte dos folheteiros
(C) O folheteiro e sua família
(D) O grosso dos folheteiros
(E) Cada um dos folheteiros

07. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas em:

(A) Enquanto não se disporem a considerar o cordel sem preconceitos, as pessoas não serão capazes de fruir dessas criações poéticas tão originais.

(B) Ainda que nem sempre detenha o mesmo status atribuído à arte erudita, o cordel vem sendo estudado hoje nas melhores universidades do país.

(C) Rodolfo Coelho Cavalcante deve ter percebido que a situação dos cordelistas não mudaria a não ser que eles mesmos requizessem o respeito que faziam por merecer.

(D) Se não proveem do preconceito, a desvalorização e a pouca visibilidade dessa arte popular tão rica só pode ser resultado do puro e simples desconhecimento.

(E) Rodolfo Coelho Cavalcante entreveu que os problemas dos cordelistas estavam diretamente ligados à falta de representatividade.

08. (TRF - 4ª REGIÃO – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) Observam-se corretamente as regras de concordância verbal e nominal em:

a) O desenraizamento, não só entre intelectuais como entre os mais diversos tipos de pessoas, das mais sofisticadas às mais humildes, são cada vez mais comuns nos dias de hoje.

b) A importância de intelectuais como Edward Said e Tony Judt, que não se furtaram ao debate sobre questões polêmicas de seu tempo, não estão apenas nos livros que escreveram.

c) Nada indica que o conflito no Oriente Médio entre árabes e judeus, responsável por tantas mortes e tanto sofrimento, estejam próximos de serem resolvidos ou pelo menos de terem alguma trégua.

d) Intelectuais que têm compromisso apenas com a verdade, ainda que conscientes de que esta é até certo ponto relativa, costumam encontrar muito mais detratores que admiradores.

e) No final do século XX já não se via muitos intelectuais e escritores como Edward Said, que não apenas era notícia pelos livros que publicavam como pelas posições que corajosamente assumiam.

NOVA CONCURSOS

09. (TRF - 2ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) O verbo que, dadas as alterações entre parênteses propostas para o segmento grifado, deverá ser colocado no plural, está em:

(A) Não há ***dúvida*** de que o estilo de vida... (dúvidas)

(B) ***O que não se*** sabe... (ninguém nas regiões do planeta)

(C) ***O consumo mundial*** não dá sinal de trégua... (O consumo mundial de barris de petróleo)

(D) ***Um aumento*** elevado no preço do óleo reflete-se no custo da matéria-prima... (Constantes aumentos)

(E) o tema das mudanças climáticas pressiona os esforços mundiais... (a preocupação em torno das mudanças climáticas)

10. (CETESB/SP – ESCRITURÁRIO - VUNESP/2013) Assinale a alternativa em que a concordância das formas verbais destacadas está de acordo com a norma-padrão da língua.

(A) ***Fazem*** dez anos que deixei de trabalhar em higienização subterrânea.

(B) Ainda ***existe*** muitas pessoas que discriminam os trabalhadores da área de limpeza.

(C) No trabalho em meio a tanta sujeira, ***havia*** altos riscos de se contrair alguma doença.

(D) Eu passava a manhã no subterrâneo: quando ***era*** sete da manhã, eu já estava fazendo meu serviço.

(E) As companhias de limpeza, apenas recentemente, ***começou*** a adotar medidas mais rigorosas para a proteção de seus funcionários.

GABARITO

01. A 02. A 03. A 04. E 05. A
06. E 07. |B 08. D 09. D10. C

RESOLUÇÃO

1-) Fiz os acertos entre parênteses:

(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.

(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem (deve) ser embasados (embasada) na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.

(C) Eleições livres e diretas é (são) garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita (respeitam) tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.

(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode (podem) estar subordinado (subordinadas) às ordens indiscriminadas de um único poder central.

(E) O interesse de todos os cidadãos estão (está) voltados (voltado) para o momento eleitoral, que expõem (expõe) as diferentes opiniões existentes na sociedade.

2-)

A) Alguns dos aspectos mais desejáveis de uma boa leitura, que satisfaça aos leitores e seja veículo de aprimoramento intelectual, estão na capacidade de criação do autor, mediante palavras, sua matéria-prima. = correta

B) Obras que se consideram clássicas na literatura sempre delineiam novos caminhos, pois são capazes de encantar o leitor ao ultrapassarem os limites da época em que vivem seus autores, gênios no domínio das palavras, sua matéria-prima.

C) A palavra, matéria-prima de poetas e romancistas, lhes permite criar todo um mundo de ficção, em que personagens se transformam em seres vivos a acompanhar os leitores, numa verdadeira interação com a realidade.

D) As possibilidades de comunicação entre autor e leitor somente se realizam plenamente caso haja afinidade de ideias entre ambos, o que permite, ao mesmo tempo, o crescimento intelectual deste último e o prazer da leitura.

E) Constam, na literatura mundial, obras-primas que constituem leitura obrigatória e se tornam referências por seu conteúdo que ultrapassa os limites de tempo e de época.

3-) _Restam___dúvidas

mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si __faça __diferença

a maioria das políticas de crescimento verde sempre ____será_____ a segunda opção.

Em "a maioria de", a concordância pode ser dupla: tanto no plural quanto no singular. Nas alternativas não há "restam/faça/serão", portanto a A é que apresenta as opções adequadas.

4-)

(A) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(B) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos serem quantificados.

(C) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificados.

(D) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificados.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos. = correta

5-) Em I, obtêm está no plural; em II, no singular. Vamos aos itens:

(A) Todas as pessoas têm (plural) ... Será que alguém tem (singular)

(B) Vem (singular) muita gente... Vêm pessoas (plural)

(C) Pouca gente quis (singular)... Quase todos quiseram (plural)

(D) Existem (plural) pessoas ... mas também existem umas (plural)

(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam (ambas as formas estão no plural)

6-)

A - Há folheteiros que vivem (concorda com o objeto "folheterios")

B – A maior parte dos folheteiros vivem/vive (opcional)
C – O folheteiro e sua família vivem (sujeito composto)
D – O grosso dos folheteiros vive/vivem (opcional)
E – Cada um dos folheteiros vive = somente no singular

7-) Coloquei entre parênteses a forma verbal correta:

(A) Enquanto não se disporem (dispuserem) a considerar o cordel sem preconceitos, as pessoas não serão capazes de fruir dessas criações poéticas tão originais.

(B) Ainda que nem sempre detenha o mesmo status atribuído à arte erudita, o cordel vem sendo estudado hoje nas melhores universidades do país.

(C) Rodolfo Coelho Cavalcante deve ter percebido que a situação dos cordelistas não mudaria a não ser que eles mesmos requizessem (requeressem) o respeito que faziam por merecer.

(D) Se não proveem (provêm) do preconceito, a desvalorização e a pouca visibilidade dessa arte popular tão rica só pode (podem) ser resultado do puro e simples desconhecimento.

(E) Rodolfo Coelho Cavalcante entreveu (entreviu) que os problemas dos cordelistas estavam diretamente ligados à falta de representatividade.

8-) Fiz as correções entre parênteses:

a) O desenraizamento, não só entre intelectuais como entre os mais diversos tipos de pessoas, das mais sofisticadas às mais humildes, são (é) cada vez mais comuns (comum) nos dias de hoje.

b) A importância de intelectuais como Edward Said e Tony Judt, que não se furtaram ao debate sobre questões polêmicas de seu tempo, não estão (está) apenas nos livros que escreveram.

c) Nada indica que o conflito no Oriente Médio entre árabes e judeus, responsável por tantas mortes e tanto sofrimento, estejam (esteja) próximos (próximo) de serem (ser) resolvidos (resolvido) ou pelo menos de terem (ter) alguma trégua.

d) Intelectuais que têm compromisso apenas com a verdade, ainda que conscientes de que esta é até certo ponto relativa, costumam encontrar muito mais detratores que admiradores.

e) No final do século XX já não se via (viam) muitos intelectuais e escritores como Edward Said, que não apenas era (eram) notícia pelos livros que publicavam como pelas posições que corajosamente assumiam.

9-)

(A) Não há dúvida de que o estilo de vida... (dúvidas) = "há" permaneceria no singular

(B) O que não se sabe ... (ninguém nas regiões do planeta) = "sabe" permaneceria no singular

(C) O consumo mundial não dá sinal de trégua ... (O consumo mundial de barris de petróleo) = "dá" permaneceria no singular

(D) Um aumento elevado no preço do óleo reflete-se no custo da matéria-prima... Constantes aumentos) = "reflete" passaria para "refletem-se"

(E) o tema das mudanças climáticas pressiona os esforços mundiais... (a preocupação em torno das mudanças climáticas) = "pressiona" permaneceria no singular

10-) Fiz as correções:

(A) Fazem dez anos = faz (sentido de tempo = singular)

(B) Ainda existe muitas pessoas = existem

(C) No trabalho em meio a tanta sujeira, havia altos riscos

(D) Eu passava a manhã no subterrâneo: quando era sete da manhã = eram

(E) As companhias de limpeza, apenas recentemente, começou = começaram

REGÊNCIA

Dá-se o nome de ***regência*** à relação de subordinação que ocorre entre um verbo (ou um nome) e seus complementos. Ocupa-se em estabelecer relações entre as palavras, criando frases não ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

Regência Verbal

Termo Regente: VERBO

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais).

O estudo da regência verbal permite-nos ampliar nossa capacidade expressiva, pois oferece oportunidade de conhecermos as diversas significações que um verbo pode assumir com a simples mudança ou retirada de uma preposição. Observe:

A mãe agrada o filho. -> agradar significa acariciar, contentar.

A mãe agrada ao filho. -> agradar significa "causar agrado ou prazer", satisfazer.

Logo, conclui-se que "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém".

Saiba que:

O conhecimento do uso adequado das preposições é um dos aspectos fundamentais do estudo da regência verbal (e também nominal). As preposições são capazes de modificar completamente o sentido do que se está sendo dito. Veja os exemplos:

Cheguei ao metrô.
Cheguei no metrô.

No primeiro caso, o metrô é o lugar a que vou; no segundo caso, é o meio de transporte por mim utilizado. A oração "Cheguei no metrô", popularmente usada a fim de indicar o lugar a que se vai, possui, no padrão culto da língua, sentido diferente. Aliás, é muito comum existirem divergências entre a regência coloquial, cotidiana de alguns verbos, e a regência culta.

NOVA CONCURSOS

Para estudar a regência verbal, agruparemos os verbos de acordo com sua transitividade. A transitividade, porém, não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em frases distintas.

Verbos Intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complemento. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

- Chegar, Ir

Normalmente vêm acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar destino ou direção são: *a, para*.

Fui ***ao teatro***.
Adjunto Adverbial de Lugar

Ricardo foi ***para a Espanha***.
Adjunto Adverbial de Lugar

- Comparecer

O adjunto adverbial de lugar pode ser introduzido por *em* ou *a*.

Comparecemos ao estádio (ou no estádio) para ver o último jogo.

Verbos Transitivos Diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Ao empregar esses verbos, devemos lembrar que os pronomes oblíquos *o, a, os, as* atuam como objetos diretos. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou *no, na, nos, nas* (após formas verbais terminadas em sons nasais), enquanto *lhe* e *lhes* são, quando complementos verbais, objetos indiretos.

São verbos transitivos diretos, dentre outros: *abandonar, abençoar, aborrecer, abraçar, acompanhar, acusar, admirar, adorar, alegrar, ameaçar, amolar, amparar, auxiliar, castigar, condenar, conhecer, conservar,convidar, defender, eleger, estimar, humilhar, namorar, ouvir, prejudicar, prezar, proteger, respeitar, socorrer, suportar, ver, visitar.*

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.
Amo aquela moça. / Amo-a.
Amam aquele rapaz. / Amam-no.
Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Obs.: os pronomes lhe, lhes só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais).

Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)

Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)

Conheço-lhe o mau humor! (= conheço seu mau humor)

Verbos Transitivos Indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são o "lhe", o "lhes", para substituir pessoas. Não se utilizam os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (ele, ela) em lugar dos pronomes átonos lhe, lhes.

Os verbos transitivos indiretos são os seguintes:

- Consistir - Tem complemento introduzido pela preposição "em": *A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.*

- Obedecer e Desobedecer - Possuem seus complementos introduzidos pela preposição "a":

Devemos obedecer aos nossos princípios e ideais.
Eles desobedeceram às leis do trânsito.

- Responder - Tem complemento introduzido pela preposição "a". Esse verbo pede objeto indireto para indicar "a quem" ou "ao que" se responde.

Respondi ao meu patrão.
Respondemos às perguntas.
Respondeu-lhe à altura.

Obs.: o verbo responder, apesar de transitivo indireto quando exprime aquilo a que se responde, admite voz passiva analítica. Veja:

O questionário foi respondido corretamente.
Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- Simpatizar e Antipatizar - Possuem seus complementos introduzidos pela preposição "com".

Antipatizo com aquela apresentadora.
Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um indireto. Merecem destaque, nesse grupo: **Agradecer, Perdoar e Pagar.** São verbos que apresentam objeto direto relacionado a coisas e objeto indireto relacionado a pessoas. Veja os exemplos:

Agradeço *aos ouvintes* *a audiência.*
Objeto Indireto Objeto Direto

Paguei *o débito* *ao cobrador.*
Objeto Direto Objeto Indireto

- O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:

Agradeci o presente. / Agradeci-o.
Agradeço a você. / Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

Informar

- Apresenta objeto direto ao se referir a coisas e objeto indireto ao se referir a pessoas, ou vice-versa.

Informe os novos preços aos clientes.
Informe os clientes dos novos preços. (ou sobre os novos preços)

- Na utilização de pronomes como complementos, veja as construções:

Informei-os aos clientes. / Informei-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou sobre eles)

Obs.: a mesma regência do verbo informar é usada para os seguintes: *avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir*.

Comparar

Quando seguido de dois objetos, esse verbo admite as preposições "a" ou "com" para introduzir o complemento indireto.

Comparei seu comportamento ao (ou com o) de uma criança.

Pedir

Esse verbo pede objeto direto de coisa (geralmente na forma de oração subordinada substantiva) e indireto de pessoa.

Pedi-lhe	*favores.*
Objeto Indireto	Objeto Direto

Pedi-lhe	*que se mantivesse em silêncio.*
Objeto Indireto	Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

Saiba que:

- A construção "pedir para", muito comum na linguagem cotidiana, deve ter emprego muito limitado na língua culta. No entanto, é considerada correta quando a palavra licença estiver subentendida.

Peço (licença) para ir entregar-lhe os catálogos em casa.

Observe que, nesse caso, a preposição "para" introduz uma oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo (para ir entregar-lhe os catálogos em casa).

- A construção "dizer para", também muito usada popularmente, é igualmente considerada incorreta.

Preferir

Na língua culta, esse verbo deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição "a". Por Exemplo:

Prefiro qualquer coisa a abrir mão de meus ideais.
Prefiro trem a ônibus.

Obs.: na língua culta, o verbo "preferir" deve ser usado sem termos intensificadores, tais como: *muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes, mais*. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no próprio verbo (pre).

Mudança de Transitividade X Mudança de Significado

Há verbos que, de acordo com a mudança de transitividade, apresentam mudança de significado. O conhecimento das diferentes regências desses verbos é um recurso linguístico muito importante, pois além de permitir a correta interpretação de passagens escritas, oferece possibilidades expressivas a quem fala ou escreve. Dentre os principais, estão:

AGRADAR

- Agradar é transitivo direto no sentido de fazer carinhos, acariciar.

Sempre agrada o filho quando o revê. / Sempre o agrada quando o revê.
Cláudia não perde oportunidade de agradar o gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.

- Agradar é transitivo indireto no sentido de causar agrado a, satisfazer, ser agradável a. Rege complemento introduzido pela preposição "a".

O cantor não agradou aos presentes.
O cantor não lhes agradou.

ASPIRAR

- Aspirar é transitivo direto no sentido de sorver, inspirar (o ar), inalar: *Aspirava o suave aroma. (Aspirava-o)*

- Aspirar é transitivo indireto no sentido de desejar, ter como ambição: *Aspirávamos a melhores condições de vida. (Aspirávamos a elas)*

Obs.: como o objeto direto do verbo "aspirar" não é pessoa, mas coisa, não se usam as formas pronominais átonas "lhe" e "lhes" e sim as formas tônicas "a ele (s)", " a ela (s)". Veja o exemplo: *Aspiravam a uma existência melhor. (= Aspiravam a ela)*

ASSISTIR

- Assistir é transitivo direto no sentido de ajudar, prestar assistência a, auxiliar. Por exemplo:

As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos.
As empresas de saúde negam-se a assisti-los.

- Assistir é transitivo indireto no sentido de ver, presenciar, estar presente, caber, pertencer. Exemplos:

Assistimos ao documentário.
Não assisti às últimas sessões.
Essa lei assiste ao inquilino.

Obs.: no sentido de morar, residir, o verbo "assistir" é intransitivo, sendo acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição "em": *Assistimos numa conturbada cidade.*

NOVA CONCURSOS

CHAMAR

- Chamar é transitivo direto no sentido de convocar, solicitar a atenção ou a presença de.

Por gentileza, vá chamar sua prima. / Por favor, vá chamá-la.

Chamei você várias vezes. / Chamei-o várias vezes.

- Chamar no sentido de denominar, apelidar pode apresentar objeto direto e indireto, ao qual se refere predicativo preposicionado ou não.

A torcida chamou o jogador mercenário.

A torcida chamou ao jogador mercenário.

A torcida chamou o jogador de mercenário.

A torcida chamou ao jogador de mercenário.

CUSTAR

- Custar é intransitivo no sentido de ter determinado valor ou preço, sendo acompanhado de adjunto adverbial: *Frutas e verduras não deveriam custar muito.*

- No sentido de ser difícil, penoso, pode ser intransitivo ou transitivo indireto.

Muito custa *viver tão longe da família*.

Verbo Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

Intransitivo Reduzida de Infinitivo

Custa-me (a mim) *crer que tomou realmente aquela atitude*.

Objeto Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

Indireto Reduzida de Infinitivo

Obs.: a Gramática Normativa condena as construções que atribuem ao verbo "custar" um sujeito representado por pessoa. Observe:

Custei para entender o problema.

Forma correta: *Custou-me entender o problema.*

IMPLICAR

- Como transitivo direto, esse verbo tem dois sentidos:

a) dar a entender, fazer supor, pressupor: *Suas atitudes implicavam um firme propósito.*

b) Ter como consequência, trazer como consequência, acarretar, provocar: *Liberdade de escolha implica amadurecimento político de um povo.*

- Como transitivo direto e indireto, significa comprometer, envolver: *Implicaram aquele jornalista em questões econômicas*.

Obs.: no sentido de antipatizar, ter implicância, é transitivo indireto e rege com preposição "com": *Implicava com quem não trabalhasse arduamente.*

PROCEDER

- Proceder é intransitivo no sentido de ser decisivo, ter cabimento, ter fundamento ou portar-se, comportar-se, agir. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo.

As afirmações da testemunha procediam, não havia como refutá-las.

Você procede muito mal.

- Nos sentidos de ter origem, derivar-se (rege a preposição" de") e fazer, executar (rege complemento introduzido pela preposição "a") é transitivo indireto.

O avião procede de Maceió.

Procedeu-se aos exames.

O delegado procederá ao inquérito.

QUERER

- Querer é transitivo direto no sentido de desejar, ter vontade de, cobiçar.

Querem melhor atendimento.

Queremos um país melhor.

- Querer é transitivo indireto no sentido de ter afeição, estimar, amar.

Quero muito aos meus amigos.

Ele quer bem à linda menina.

Despede-se o filho que muito lhe quer.

VISAR

- Como transitivo direto, apresenta os sentidos de mirar, fazer pontaria e de pôr visto, rubricar.

O homem visou o alvo.

O gerente não quis visar o cheque.

- No sentido de ter em vista, ter como meta, ter como objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição "a".

O ensino deve sempre visar ao progresso social.

Prometeram tomar medidas que visassem ao bem-estar público.

ESQUECER – LEMBRAR

- Lembrar algo – esquecer algo

- Lembrar-se de algo – esquecer-se de algo (pronominal)

No 1º caso, os verbos são transitivos diretos, ou seja, exigem complemento sem preposição: *Ele esqueceu o livro.*

No 2º caso, os verbos são pronominais (-se, -me, etc) e exigem complemento com a preposição "de". São, portanto, transitivos indiretos:

- *Ele se esqueceu do caderno.*
- *Eu me esqueci da chave.*
- *Eles se esqueceram da prova.*
- *Nós nos lembramos de tudo o que aconteceu.*

Há uma construção em que a coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito e o verbo sofre leve alteração de sentido. É uma construção muito rara na língua contemporânea, porém, é fácil encontrá-la em textos clássicos tanto brasileiros como portugueses. Machado de Assis, por exemplo, fez uso dessa construção várias vezes.

- *Esqueceu-me a tragédia. (cair no esquecimento)*
- *Lembrou-me a festa. (vir à lembrança)*

O verbo lembrar também pode ser transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa).

SIMPATIZAR
Transitivo indireto e exige a preposição "com": *Não simpatizei com os jurados*.

NAMORAR
É transitivo direto, ou seja, não admite preposição: *Maria namora João*.

Obs: Não é correto dizer: *"Maria namora com João"*.

OBEDECER
É transitivo indireto, ou seja, exige complemento com a preposição "a" (obedecer a): *Devemos obedecer aos pais*.

Obs: embora seja transitivo indireto, esse verbo pode ser usado na voz passiva: *A fila não foi obedecida*.

VER
É transitivo direto, ou seja, não exige preposição: *Ele viu o filme*.

Regência Nominal

É o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição. No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. Observe o exemplo: Verbo obedecer e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição ***a*.** Veja:
Obedecer a algo/ a alguém.
Obediente a algo/ a alguém.

Apresentamos a seguir vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que os regem. Observe-os atentamente e procure, sempre que possível, associar esses nomes entre si ou a algum verbo cuja regência você conhece.

Substantivos

Admiração a, por
Aversão a, para, por
Atentado a, contra
Bacharel em
Capacidade de, para
Devoção a, para, com, por
Doutor em
Dúvida acerca de, em, sobre
Horror a
Impaciência com
Medo a, de
Obediência a
Ojeriza a, por
Proeminência sobre
Respeito a, com, para com, por

Adjetivos

Acessível a
Acostumado a, com
Afável com, para com
Agradável a
Alheio a, de
Análogo a
Ansioso de, para, por
Apto a, para
Ávido de
Benéfico a
Capaz de, para
Compatível com
Contemporâneo a, de
Contíguo a
Contrário a
Curioso de, por
Descontente com
Desejoso de
Diferente de
Entendido em
Equivalente a
Escasso de
Essencial a, para
Fácil de
Fanático por
Favorável a
Generoso com
Grato a, por
Hábil em
Habituado a
Idêntico a
Impróprio para
Indeciso em
Insensível a
Liberal com
Natural de
Necessário a
Nocivo a
Paralelo a
Parco em, de
Passível de
Preferível a
Prejudicial a
Prestes a
Propício a
Próximo a
Relacionado com
Relativo a
Satisfeito com, de, em, por
Semelhante a
Sensível a
Sito em
Suspeito de
Vazio de

Advérbios

Longe de
Perto de

NOVA CONCURSOS

Obs.: os advérbios terminados em -mente tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a; paralelamente a; relativa a; relativamente a.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint61.php

Questões sobre Regência Nominal e Verbal

01. (Administrador – FCC – 2013-adap.).
... a que ponto a astronomia ***facilitou*** a obra das outras ciências ...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
A) ...astros que ficam tão distantes ...
B) ...que a astronomia é uma das ciências ...
C) ...que nos proporcionou um espírito ...
D) ...cuja importância ninguém ignora ...
E) ...onde seu corpo não passa de um ponto obscuro ...

02.(Agente de Apoio Administrativo – FCC – 2013-adap.).
... ***pediu*** ao delegado do bairro que desse um jeito nos filhos do sueco.
O verbo que exige, no contexto, o mesmo tipo de complementos que o grifado acima está empregado em:
A) ...que existe uma coisa chamada exército...
B) ...como se isso aqui fosse casa da sogra?
C) ...compareceu em companhia da mulher à delegacia...
D) Eu ensino o senhor a cumprir a lei, ali no duro...
E) O delegado apenas olhou-a espantado com o atrevimento.

03.(Agente de Defensoria Pública – FCC – 2013-adap.).
... ***constava*** simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
A) Em campos extensos, chegavam em alguns casos a extremos de sutileza.
B) ...eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos.
C) Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem...
D) Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunuí...
E) ...em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador...

04. (Agente Técnico – FCC – 2013-adap.).
... para ***lidar*** com as múltiplas vertentes da justiça...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o da frase acima se encontra em:
A) A palavra direito, em português, vem de directum, do verbo latino dirigere...
B) ...o Direito tem uma complexa função de gestão das sociedades...
C) ...o de que o Direito [...] esteja permeado e regulado pela justiça.
D) Essa problematicidade não afasta a força das aspirações da justiça...
E) Na dinâmica dessa tensão tem papel relevante o sentimento de justiça.

05. (Escrevente TJ SP – Vunesp 2012) Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.
(A) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.
(B) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.
(C) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.
(D) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.
(E) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

06. (Papiloscopista Policial – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa correta quanto à regência dos termos em destaque.
(A) Ele tentava convencer duas senhoras a assumir a ***responsabilidade*** pelo problema.
(B) A menina tinha o ***receio*** a levar uma bronca por ter se perdido.
(C) A garota tinha apenas a ***lembrança*** pelo desenho de um índio na porta do prédio.
(D) A menina não tinha ***orgulho*** sob o fato de ter se perdido de sua família.
(E) A família toda se organizou para realizar a ***procura*** à garotinha.

07. (Analista de Sistemas – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto, de acordo com as regras de regência.
Os estudos _____ quais a pesquisadora se reportou já assinalavam uma relação entre os distúrbios da imagem corporal e a exposição a imagens idealizadas pela mídia.
A pesquisa faz um alerta _____ influência negativa que a mídia pode exercer sobre os jovens.
A) dos ... na
B) nos ... entre a
C) aos ... para a
D) sobre os ... pela
E) pelos ... sob a

08. (Analista em Planejamento, Orçamento e Finanças Públicas – VUNESP – 2013). Considerando a norma-padrão da língua, assinale a alternativa em que os trechos destacados estão corretos quanto à regência, verbal ou nominal.

A) O prédio que o taxista mostrou ***dispunha de*** mais de dez mil tomadas.

B) O autor fez ***conjecturas sob*** a possibilidade de haver um homem que estaria ouvindo as notas de um oboé.

C) Centenas de trabalhadores estão ***empenhados de*** criar logotipos e negociar.

D) O taxista levou o autor a ***indagar no*** número de tomadas do edifício.

E) A corrida com o taxista possibilitou que o autor ***reparasse a*** um prédio na marginal.

09. (Assistente de Informática II – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa que substitui a expressão destacada na frase, conforme as regras de regência da norma-padrão da língua e sem alteração de sentido.

Muitas organizações lutaram ***a favor da*** igualdade de direitos dos trabalhadores domésticos.

A) da
B) na
C) pela
D) sob a
E) sobre a

GABARITO

01. D 02. D 03. A 04. A 05. D
06. A 07. C 08. A09. C

RESOLUÇÃO

1-) ... a que ponto a astronomia facilitou a obra das outras ciências ...

Facilitar – verbo transitivo direto

A) ...astros que *ficam* tão distantes ... = verbo de ligação

B) ...que a astronomia *é* uma das ciências ... = verbo de ligação

C) ...que nos *proporcionou* um espírito ... = verbo transitivo direto e indireto

E) ...onde seu corpo não *passa* de um ponto obscuro = verbo transitivo indireto

2-) ... pediu ao delegado do bairro que desse um jeito nos filhos do sueco.

Pedir = verbo transitivo direto e indireto

A) ...que *existe* uma coisa chamada EXÉRCITO... = transitivo direto

B) ...como se isso aqui *fosse* casa da sogra? =verbo de ligação

C) ...*compareceu* em companhia da mulher à delegacia... =verbo intransitivo

E) O delegado apenas *olhou*-a espantado com o atrevimento. =transitivo direto

3-) ... constava simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais...

Constar = verbo intransitivo

B) ...eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos. =ligação

C) Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem... =transitivo direto

D) Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunuí... = transitivo direto

E) ...em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador...=transitivo direto

4-) ... para lidar com as múltiplas vertentes da justiça...

Lidar = transitivo indireto

B) ...o Direito tem uma complexa função de gestão das sociedades... =transitivo direto

C) ...o de que o Direito [...] esteja permeado e regulado pela justiça. =ligação

D) Essa problematicidade não afasta a força das aspirações da justiça... =transitivo direto e indireto

E) Na dinâmica dessa tensão tem papel relevante o sentimento de justiça. =transitivo direto

5-) *A correção do item deve respeitar as regras de pontuação também. Assinalei apenas os desvios quanto à regência (pontuação encontra-se em tópico específico)*

(A) Não há dúvida de que as mulheres ampliam,

(B) Não há dúvida de que (erros quanto à pontuação)

(C) Não há dúvida de que as mulheres, (erros quanto à pontuação)

(E) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

6-)

(B) A menina tinha o receio de levar uma bronca por ter se perdido.

(C) A garota tinha apenas a lembrança do desenho de um índio na porta do prédio.

(D) A menina não tinha orgulho do fato de ter se perdido de sua família.

(E) A família toda se organizou para realizar a procura pela garotinha.

7-) Os estudos aos quais a pesquisadora se reportou já assinalavam uma relação entre os distúrbios da imagem corporal e a exposição a imagens idealizadas pela mídia.

A pesquisa faz um alerta para a influência negativa que a mídia pode exercer sobre os jovens.

8-)

B) O autor fez conjecturas sobre a possibilidade de haver um homem que estaria ouvindo as notas de um oboé.

C) Centenas de trabalhadores estão empenhados em criar logotipos e negociar.

D) O taxista levou o autor a indagar sobre o número de tomadas do edifício.

E) A corrida com o taxista possibilitou que o autor reparasse em um prédio na marginal.

9-) Muitas organizações lutaram pela igualdade de direitos dos trabalhadores domésticos.

NOVA CONCURSOS

DISCURSO DIRETO, INDIRETO E LIVRE

Discurso é a prática humana de construir textos, sejam eles escritos ou orais. Sendo assim, todo discurso é uma prática social. A análise de um discurso deve, portanto, considerar o contexto em que se encontra, assim como as personagens e as condições de produção do texto.

Em um texto narrativo, o autor pode optar por três tipos de discurso: *o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre*. Não necessariamente estes três discursos estão separados, eles podem aparecer juntos em um texto. Dependerá de quem o produziu.

Vejamos cada um deles:

Discurso Direto: Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. *O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens*. Verbos como *dizer, falar, perguntar*, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas. Ex.

"O Guaxinim está inquieto, mexe dum lado pra outro. Eis que suspira lá na língua dele - Chente! que vida dura esta de guaxinim do banhado!..."

"- Mano Poeta, se enganche na minha garupa!"

Discurso Indireto: O narrador conta a história e reproduz fala e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador utiliza-se de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem. Ex.

"Elisiário confessou que estava com sono." (Machado de Assis)

"Fora preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama, e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-lo à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas." (Lima Barreto)

Discurso Indireto Livre: O texto é escrito em terceira pessoa e o narrador conta a história, mas as personagens têm voz própria, de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo. Sendo assim é uma mistura dos outros dois tipos de discurso e as duas vozes se fundem. Ex.

"Que vontade de voar lhe veio agora! Correu outra vez com a respiração presa. Já nem podia mais. Estava desanimado. Que pena! Houve um momento em que esteve quase... quase!"

"Retirou as asas e estraçalhou-a. Só tinham beleza. Entretanto, qualquer urubu... que raiva..." (Ana Maria Machado)

"D. Aurora sacudiu a cabeça e afastou o juízo temerário. Para que estar catando defeitos no próximo? Eram todos irmãos. Irmãos." (Graciliano Ramos)

FONTE:
http://www.infoescola.com/redacao/tipos-de-discurso/

ANÁLISE, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: TIPOS DE COMUNICAÇÃO: DESCRIÇÃO; NARRAÇÃO; DISSERTAÇÃO; TIPOS DE DISCURSO; COESÃO TEXTUAL.

É muito comum, entre os candidatos a um cargo público, a preocupação com a interpretação de textos. Por isso, vão aqui alguns detalhes que poderão ajudar no momento de responder às questões relacionadas a textos.

Texto – é um conjunto de ideias organizadas e relacionadas entre si, formando um todo significativo capaz de produzir interação comunicativa (capacidade de codificar e decodificar).

Contexto – um texto é constituído por diversas frases. Em cada uma delas, há uma certa informação que a faz ligar-se com a anterior e/ou com a posterior, criando condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido. A essa interligação dá-se o nome de contexto. Nota-se que o relacionamento entre as frases é tão grande que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá ter um significado diferente daquele inicial.

Intertexto - comumente, os textos apresentam referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações. Esse tipo de recurso denomina-se intertexto.

Interpretação de texto - o primeiro objetivo de uma interpretação de um texto é a identificação de sua ideia principal. A partir daí, localizam-se as ideias secundárias, ou fundamentações, as argumentações, ou explicações, que levem ao esclarecimento das questões apresentadas na prova.

Normalmente, numa prova, o candidato é convidado a:

- **Identificar** – é reconhecer os elementos fundamentais de uma argumentação, de um processo, de uma época (neste caso, procuram-se os verbos e os advérbios, os quais definem o tempo).
- **Comparar** – é descobrir as relações de semelhança ou de diferenças entre as situações do texto.
- **Comentar** - é relacionar o conteúdo apresentado com uma realidade, opinando a respeito.
- **Resumir** – é concentrar as ideias centrais e/ou secundárias em um só parágrafo.
- **Parafrasear** – é reescrever o texto com outras palavras.

Condições básicas para interpretar

Fazem-se necessários:

- Conhecimento histórico–literário (escolas e gêneros literários, estrutura do texto), leitura e prática;
- Conhecimento gramatical, estilístico (qualidades do texto) e semântico;

Observação – na semântica (significado das palavras) incluem--se: homônimos e parônimos, denotação e conotação, sinonímia e antonímia, polissemia, figuras de linguagem, entre outros.

- Capacidade de observação e de síntese e
- Capacidade de raciocínio.

Interpretar X compreender

Interpretar significa

- Explicar, comentar, julgar, tirar conclusões, deduzir.
- Através do texto, infere-se que...
- É possível deduzir que...
- O autor permite concluir que...
- Qual é a intenção do autor ao afirmar que...

Compreender significa

- intelecção, entendimento, atenção ao que realmente está escrito.
- o texto diz que...
- é sugerido pelo autor que...
- de acordo com o texto, é correta ou errada a afirmação...
- o narrador afirma...

Erros de interpretação

É muito comum, mais do que se imagina, a ocorrência de erros de interpretação. Os mais frequentes são:

- Extrapolação (viagem): Ocorre quando se sai do contexto, acrescentado ideias que não estão no texto, quer por conhecimento prévio do tema quer pela imaginação.

- Redução: É o oposto da extrapolação. Dá-se atenção apenas a um aspecto, esquecendo que um texto é um conjunto de ideias, o que pode ser insuficiente para o total do entendimento do tema desenvolvido.

- Contradição: Não raro, o texto apresenta ideias contrárias às do candidato, fazendo-o tirar conclusões equivocadas e, consequentemente, errando a questão.

Observação - Muitos pensam que há a ótica do escritor e a ótica do leitor. Pode ser que existam, mas numa prova de concurso, o que deve ser levado em consideração é o que o autor diz e nada mais.

Coesão - é o emprego de mecanismo de sintaxe que relaciona palavras, orações, frases e/ou parágrafos entre si. Em outras palavras, a coesão dá-se quando, através de um pronome relativo, uma conjunção (NEXOS), ou um pronome oblíquo átono, há uma relação correta entre o que se vai dizer e o que já foi dito.

OBSERVAÇÃO – São muitos os erros de coesão no dia-a-dia e, entre eles, está o mau uso do pronome relativo e do pronome oblíquo átono. Este depende da regência do verbo; aquele do seu antecedente. Não se pode esquecer também de que os pronomes relativos têm, cada um, valor semântico, por isso a necessidade de adequação ao antecedente.

Os pronomes relativos são muito importantes na interpretação de texto, pois seu uso incorreto traz erros de coesão. Assim sendo, deve-se levar em consideração que existe um pronome relativo adequado a cada circunstância, a saber:

- *que (neutro)* - relaciona-se com qualquer antecedente, mas depende das condições da frase.
- *qual (neutro)* idem ao anterior.
- *quem (pessoa)*
- *cujo (posse)* - antes dele aparece o possuidor e depois o objeto possuído.
- *como (modo)*
- *onde (lugar)*

quando (tempo)
quanto (montante)

Exemplo:

Falou tudo QUANTO queria (correto)
Falou tudo QUE queria (errado - antes do QUE, deveria aparecer o demonstrativo O).

Dicas para melhorar a interpretação de textos

- Ler todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto;
- Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura;
- Ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos duas vezes;
- Inferir;
- Voltar ao texto quantas vezes precisar;
- Não permitir que prevaleçam suas ideias sobre as do autor;
- Fragmentar o texto (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
- Verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
- O autor defende ideias e você deve percebê-las.

Fonte:
http://www.tudosobreconcursos.com/materiais/portugues/como-interpretar-textos

QUESTÕES

1-) (SABESP/SP – ATENDENTE A CLIENTES 01 – FCC/2014 - ADAPTADA) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

A marca da solidão

Deitado de bruços, sobre as pedras quentes do chão de paralelepípedos, o menino espia. Tem os braços dobrados e a testa pousada sobre eles, seu rosto formando uma tenda de penumbra na tarde quente.

Observa as ranhuras entre uma pedra e outra. Há, dentro de cada uma delas, um diminuto caminho de terra, com pedrinhas e tufos minúsculos de musgos, formando peque-

nas plantas, ínfimos bonsais só visíveis aos olhos de quem é capaz de parar de viver para, apenas, ver. Quando se tem a marca da solidão na alma, o mundo cabe numa fresta.

(SEIXAS, Heloísa. Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta negra bazar, 2010. p. 47)

No texto, o substantivo usado para ressaltar o universo reduzido no qual o menino detém sua atenção é

(A) fresta.
(B) marca.
(C) alma.
(D) solidão.
(E) penumbra.

2-) (ANCINE – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – CESPE/2012)

O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo.

Mikhail Bakhtin. A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 73 (com adaptações).

Na linha 1, o elemento "ele" tem como referente textual "O riso".

( ) CERTO ( ) ERRADO

3-) (ANEEL – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – CESPE/2010)

Só agora, quase cinco meses depois do apagão que atingiu pelo menos 1.800 cidades em 18 estados do país, surge uma explicação oficial satisfatória para o corte abrupto e generalizado de energia no final de 2009.

Segundo relatório da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), a responsabilidade recai sobre a empresa estatal Furnas, cujas linhas de transmissão cruzam os mais de 900 km que separam Itaipu de São Paulo.

Equipamentos obsoletos, falta de manutenção e de investimentos e também erros operacionais conspiraram para produzir a mais séria falha do sistema de geração e distribuição de energia do país desde o traumático racionamento de 2001.

Folha de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima apresentado, julgue os próximos itens.

A oração "que atingiu pelo menos 1.800 cidades em 18 estados do país" tem, nesse contexto, valor restritivo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

4-) (CORREIOS – CARTEIRO – CESPE/2011)

Um carteiro chega ao portão do hospício e grita:

— Carta para o 9.326!!!

Um louco pega o envelope, abre-o e vê que a carta está embranco, e um outro pergunta:

— Quem te mandou essa carta?

— Minha irmã.

— Mas por que não está escrito nada?

— Ah, porque nós brigamos e não estamos nos falando!

Internet: <www.humortadela.com.br/piada> (com adaptações).

O efeito surpresa e de humor que se extrai do texto acima decorre

A) da identificação numérica atribuída ao louco.
B) da expressão utilizada pelo carteiro ao entregar a carta no hospício.
C) do fato de outro louco querer saber quem enviou a carta.
D) da explicação dada pelo louco para a carta em branco.
E) do fato de a irmã do louco ter brigado com ele.

5-) (DETRAN/RN – VISTORIADOR/EMPLACADOR – FGV PROJETOS/2010)

Painel do leitor (Carta do leitor)

Resgate no Chile

Assisti ao maior espetáculo da Terra numa operação de salvamento de vidas, após 69 dias de permanência no fundo de uma mina de cobre e ouro no Chile.

Um a um os mineiros soterrados foram içados com sucesso, mostrando muita calma, saúde, sorrindo e cumprimentando seus companheiros de trabalho. Não se pode esquecer a ajuda técnica e material que os Estados Unidos, Canadá e China ofereceram à equipe chilena de salvamento, num gesto humanitário que só enobrece esses países. E, também, dos dois médicos e dois "socorristas" que, demonstrando coragem e desprendimento, desceram na mina para ajudar no salvamento.

(Douglas Jorge; São Paulo, SP; www.folha.com.br – painel do leitor – 17/10/2010)

Considerando o tipo textual apresentado, algumas expressões demonstram o posicionamento pessoal do leitor diante do fato por ele narrado. Tais marcas textuais podem ser encontradas nos trechos a seguir, EXCETO:

A) "Assisti ao maior espetáculo da Terra..."
B) "... após 69 dias de permanência no fundo de uma mina de cobre e ouro no Chile."
C) "Não se pode esquecer a ajuda técnica e material..."
D) "... gesto humanitário que só enobrece esses países."
E) "... demonstrando coragem e desprendimento, desceram na mina..."

(DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Leia o texto para responder às questões de números 6 a 8.

Férias na Ilha do Nanja

Meus amigos estão fazendo as malas, arrumando as malas nos seus carros, olhando o céu para verem que tempo faz, pensando nas suas estradas – barreiras, pedras soltas, fissuras – sem falar em bandidos, milhões de bandidos entre as fissuras, as pedras soltas e as barreiras...*

Meus amigos partem para as suas férias, cansados de tanto trabalho; de tanta luta com os motoristas da contramão; enfim, cansados, cansados de serem obrigados a viver numa grande cidade, isto que já está sendo a negação da própria vida.

E eu vou para a Ilha do Nanja.

Eu vou para a Ilha do Nanja para sair daqui. Passarei as férias lá, onde, à beira das lagoas verdes e azuis, o silêncio cresce como um bosque. Nem preciso fechar os olhos: já estou vendo os pescadores com suas barcas de sardinha, e a moça à janela a namorar um moço na outra janela de outra ilha.

(Cecília Meireles, O que se diz e o que se entende. Adaptado)

*fissuras: fendas, rachaduras

6-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) No primeiro parágrafo, ao descrever a maneira como se preparam para suas férias, a autora mostra que seus amigos estão

(A) serenos.
(B) descuidados.
(C) apreensivos.
(D) indiferentes.
(E) relaxados.

7-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) De acordo com o texto, pode-se afirmar que, assim como seus amigos, a autora viaja para

(A) visitar um lugar totalmente desconhecido.
(B) escapar do lugar em que está.
(C) reencontrar familiares queridos.
(D) praticar esportes radicais.
(E) dedicar-se ao trabalho.

8-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) Ao descrever a Ilha do Nanja como um lugar onde, "à beira das lagoas verdes e azuis, o silêncio cresce como um bosque" (último parágrafo), a autora sugere que viajará para um lugar

(A) repulsivo e populoso.
(B) sombrio e desabitado.
(C) comercial e movimentado.
(D) bucólico e sossegado.
(E) opressivo e agitado.

9-) (DNIT – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – ESAF/2013)

Grandes metrópoles em diversos países já aderiram. E o Brasil já está falando sobre isso. O pedágio urbano divide opiniões e gera debates acalorados. Mas, afinal, o que é mais justo? O que fazer para desafogar a cidade de tantos carros? Prepare-se para o debate que está apenas começando.

(Adaptado de Superinteressante, dezembro2012, p.34)

Marque N(não) para os argumentos contra o pedágio urbano; marque S(sim) para os argumentos a favor do pedágio urbano.

( ) A receita gerada pelo pedágio vai melhorar o transporte público e estender as ciclovias.

( ) Vai ser igual ao rodízio de veículos em algumas cidades, que não resolveu os problemas do trânsito.

( ) Se pegar no bolso do consumidor, então todo mundo vai ter que pensar bem antes de comprar um carro.

( ) A gente já paga garagem, gasolina, seguro, estacionamento, revisão....e agora mais o pedágio?

( ) Nós já pagamos impostos altos e o dinheiro não é investido no transporte público.

( ) Quer andar sozinho dentro do seu carro? Então pague pelo privilégio!

( ) O trânsito nas cidades que instituíram o pedágio urbano melhorou.

A ordem obtida é:

a) (S) (N) (N) (S) (S) (S) (N)
b) (S) (N) (S) (N) (N) (S) (S)
c) (N) (S) (S) (N) (S) (N) (S)
d) (S) (S) (N) (S) (N) (S) (N)
e) (N) (N) (S) (S) (N) (S) (N)

10-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARANÁ – ADMINISTRADOR - UFPR/2013) Assinale a alternativa que apresenta um dito popular que parafraseia o conteúdo expresso no excerto: "*Se você está em casa, não pode sair. Se você está na rua, não pode entrar*".

a) "Se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come".
b) "Quando o gato sai, os ratos fazem a festa".
c) "Um dia da caça, o outro do caçador".
d) "Manda quem pode, obedece quem precisa".

Resolução

1-)

Com palavras do próprio texto responderemos: o mundo cabe numa fresta.

RESPOSTA: "A".

2-)

Vamos ao texto: O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo (...). Os termos relacionam-se. O pronome "ele" retoma o sujeito "riso".

RESPOSTA: "CERTO".

3-)

Voltemos ao texto: "depois do apagão que atingiu pelo menos 1.800 cidades". O "que" pode ser substituído por "o qual", portanto, trata-se de um pronome relativo (oração subordinada adjetiva). Quando há presença de vírgula, temos uma adjetiva explicativa (generaliza a informação da oração principal. A construção seria: "do apagão, que atingiu pelo menos 1800 cidades em 18 estados do país"); quando não há, temos uma adjetiva restritiva (restringe, delimita a informação – como no caso do exercício).

RESPOSTA: "CERTO'.

4-)

Geralmente o efeito de humor desses gêneros textuais aparece no desfecho da história, ao final, como nesse: "Ah, porque nós brigamos e não estamos nos falando".

RESPOSTA: "D".

NOVA CONCURSOS

5-)
Em todas as alternativas há expressões que representam a opinião do autor: Assisti ao maior espetáculo da Terra / Não se pode esquecer / gesto humanitário que só enobrece / demonstrando coragem e desprendimento.
RESPOSTA: "B".

6-)
"pensando nas suas estradas – barreiras, pedras soltas, fissuras – sem falar em bandidos, milhões de bandidos entre as fissuras, as pedras soltas e as barreiras..." = pensar nessas coisas, certamente, deixa-os apreensivos.
RESPOSTA: "C".

7-)
Eu vou para a Ilha do Nanja para sair daqui = resposta da própria autora!
RESPOSTA: "B".

8-)
Pela descrição realizada, o lugar não tem nada de ruim.
RESPOSTA: "D".

9-)
(S) A receita gerada pelo pedágio vai melhorar o transporte público e estender as ciclovias.
(N) Vai ser igual ao rodízio de veículos em algumas cidades, que não resolveu os problemas do trânsito.
(S) Se pegar no bolso do consumidor, então todo mundo vai ter que pensar bem antes de comprar um carro.
(N) A gente já paga garagem, gasolina, seguro, estacionamento, revisão....e agora mais o pedágio?
(N) Nós já pagamos impostos altos e o dinheiro não é investido no transporte público.
(S) Quer andar sozinho dentro do seu carro? Então pague pelo privilégio!
(S) O trânsito nas cidades que instituíram o pedágio urbano melhorou.
S - N - S - N - N - S - S
RESPOSTA: "B".

10-)
Dentre as alternativas apresentadas, a que reafirma a ideia do excerto (não há muita saída, não há escolhas) é: "Se você está em casa, não pode sair. Se você está na rua, não pode entrar".
RESPOSTA: "A".

O ***cartum*** tem a característica de uma anedota gráfica em que podemos visualizar a presença da linguagem verbal associada à não verbal. Suas abordagens dizem respeito a situações relacionadas ao comportamento humano, mas não estão situadas no tempo, por isso são denominadas de atemporais e universais, ou seja, não fazem referência a uma personalidade em específico. Vejamos um exemplo:

Cartum de Glasbergen - americano cartunista e ilustrador humorístico

Constatamos que o cartum em referência aponta para o fato de as pessoas estarem tão acostumadas às redes sociais que até um bebê que ainda não nasceu já possui mais amigos no Facebook que os próprios pais, revelando uma crítica a esse comportamento tão recorrente.

A ***charge***, um tanto quanto diferente do cartum, satiriza situações específicas, situadas no tempo e no espaço, razão pela qual se encontra sempre apontando para um personagem da vida pública em geral, às vezes um artista, outras vezes um político, enfim. Em se tratando da linguagem, também costuma associar linguagem verbal e não verbal. Outro aspecto para o qual devemos atentar diz respeito ao fato de a charge, expressa na língua francesa, possuir significado de "carga", aderindo por completo à intenção do chargista, ou seja, a de que ele realmente atua de forma crítica numa situação de ordem social e política. Veja um exemplo:

Charge de Júlio Costa Neto – jornalista e desenhista

Ao nos atermos à charge em questão, ficamos convencidos de que o autor aponta para a tendência que as pessoas trazem consigo de que um dos meios de ganhar dinheiro é entrando na política, sobretudo pela desonestidade, pela corrupção que se manifesta nesse meio, razão pela qual o personagem respondeu à professora dessa forma.

Infografia ou ***infográficos*** são gráficos com algumas informações. Em revistas os infográficos são caracterizados pela junção de textos breves com ilustrações explicativas para o leitor entender o conteúdo. Esses gráficos são usados quando a informação precisa ser explicada de forma mais dinâmica, como em mapas, jornalismo e manuais técnicos, educativos ou científicos. É um recurso muitas vezes complexo, podendo se utilizar da combinação de fotografia, desenho e texto. Eles facilitam a compreensão de matérias em que apenas texto dificultaria o entendimento.

No design de jornais, por exemplo, o infográfico costuma ser usado para descrever como aconteceu determinado fato, quais suas consequências. Além de explicar, por meio de ilustrações, diagramas e textos, fatos que o texto ou a foto não conseguem detalhar com a mesma eficiência.

Também são úteis para cientistas como ferramentas de comunicação visual, sendo aplicados em todos os aspectos da visualização científica.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Infografia

A ***Propaganda Institucional*** é uma forma de publicidade que não se refere ao produto em si, e sim à empresa ou instituição, visando à disseminação de ideias no intuito de moldar e influenciar a opinião pública, motivando comportamentos desejados por uma instituição ou provocando mudanças na imagem pública desta instituição. Fala-se da sua importância para a sociedade, dos empregos que ela gera, da sua contribuição para o progresso do país, enfim, das coisas boas que a empresa faz. Assim, cria-se uma imagem positiva da marca. É utilizada para criar no público um estado de confiança nas instituições, o qual se refletirá no futuro em suporte e apoio da população a estas instituições.

A ***reportagem*** é um gênero de texto jornalístico que transmite uma informação por meio da televisão, rádio, revista.

O objetivo da reportagem é levar os fatos ao leitor ou telespectador de maneira abrangente. Isso implica em um fator essencial a um jornalista: falar bem e escrever bem.

Se televisionada, a reportagem deve ser transmitida por um repórter que possui dicção pausada, clara e linguagem direta, precisa e sem incoerências. Além de saber utilizar a entonação que dá vida às palavras, uma vez que representa na fala os sinais de pontuação!

Se impressa, a reportagem deve demonstrar capacidade intelectual, criatividade, sensibilidade quanto aos fatos e uma escrita coerente, que dinamiza a leitura e a torna fluente. Por essas questões, a subjetividade está mais presente nesse tipo de reportagem do que no outro, apontado acima.

Atualmente, com o desenvolvimento dos softwares, os repórteres têm mais recursos visuais e gráficos disponíveis, o que chama a atenção para a notícia.

Em meio aos fatos presenciados e que deverão ser transmitidos, cada repórter tem seu estilo próprio de conduzir ou de narrar os acontecimentos. Por isso, a reportagem pode ser a mesma, mas a maneira como é comunicada é diferente de um profissional para outro.

Qual a diferença entre notícia e reportagem? A primeira informa fatos de maneira mais objetiva e aponta as razões e efeitos. A segunda vai mais a fundo, faz investigações, tece comentários, levanta questões, discute, argumenta.

A reportagem escrita é dividida em três partes: *manchete, lead e corpo*.

Manchete: compreende o título da reportagem que tem como objetivo resumir o que será dito. Além disso, deve despertar o interesse do leitor.

Lead: pequeno resumo que aparece depois do título, a fim de chamar mais ainda a atenção do leitor.

Corpo: desenvolvimento do assunto abordado com linguagem direcionada ao público-alvo.

A ***tira de jornal*** ou ***tirinha***, como é mais conhecida, é um gênero textual que surgiu nos Estados Unidos devido à falta de espaço nos jornais para a publicação passatempos. O nome "tirinha" remete ao formato do texto, que parece um "recorte" de jornal. Um dos pioneiros na criação da tira foi o americano Bud Fisher, autor da tira Mutt e Jeff.

No Brasil, um dos pioneiros na criação e publicação de tiras foi Maurício de Sousa, que começou publicando a tira do cãozinho Bidu, no fim da década de 1950, no jornal Folha de São Paulo. Maurício de Sousa criou uma série de outros personagens que ficaram famosíssimos, como a Mônica, o Cascão, o Cebolinha, dentre outros, e que ganharam, posteriormente, suas próprias revistas de histórias em quadrinhos.

Este gênero textual apresenta geralmente uma temática humorística, contudo não raro encontramos tirinhas satíricas, de cunho social ou político, metafísicas, ou até mesmo eróticas.

É comum as tiras centrarem-se em um personagem principal, que estabelece relação com outros personagens "menores", e que representa uma época remota, um país, um estereótipo de alguma cultura etc.

RESPOSTA: "D".

COESÃO E COERÊNCIA

Primeiramente, o que nos faz produzir um texto é a capacidade que temos de pensar. Por meio do pensamento, elaboramos todas as informações que recebemos e orientamos as ações que interferem na realidade e organização de nossos escritos. O que lemos é produto de um pensamento transformado em texto.

Logo, como cada um de nós tem seu modo de pensar, quando escrevemos sempre procuramos uma maneira organizada do leitor compreender as nossas ideias. A finalidade da escrita é direcionar totalmente o que você quer dizer, por meio da comunicação.

Para isso, os elementos que compõem o texto se subdividem em: introdução, desenvolvimento e conclusão. Todos eles devem ser organizados de maneira equilibrada.

Introdução

Caracterizada pela entrada no assunto e a argumentação inicial. A ideia central do texto é apresentada nessa etapa. Entretanto, essa apresentação deve ser direta, sem rodeios. O seu tamanho raramente excede a 1/5 de todo o texto. Porém, em textos mais curtos, essa proporção não é equivalente. Neles, a introdução pode ser o próprio título. Já nos textos mais longos, em que o assunto é exposto em várias páginas, ela pode ter o tamanho de um capítulo ou de uma parte precedida por subtítulo. Nessa situação, pode ter vários parágrafos. Em redações mais comuns, que em média têm de 25 a 80 linhas, a introdução será o primeiro parágrafo.

Desenvolvimento

A maior parte do texto está inserida no desenvolvimento. Ele é responsável por estabelecer uma ligação entre a introdução e a conclusão. É nessa etapa que são elaboradas as ideias, os dados e os argumentos que sustentam e dão base às explicações e posições do autor. É caracterizado por uma "ponte" formada pela organização das ideias em uma sequência que permite formar uma relação equilibrada entre os dois lados.

O autor do texto revela sua capacidade de discutir um determinado tema no desenvolvimento. Nessa parte, ele se torna capaz de defender seus pontos de vista, além de dirigir a atenção do leitor para a conclusão. As conclusões são fundamentadas a partir daqui.

Para que o desenvolvimento cumpra seu objetivo, o escritor já deve ter uma ideia clara de como vai ser a conclusão. Por isso a importância do planejamento de texto.

Em média, ocupa 3/5 do texto, no mínimo. Já nos textos mais longos, pode estar inserido em capítulos ou trechos destacados por subtítulos. Deverá se apresentar no formato de parágrafos medianos e curtos.

Os principais erros cometidos no desenvolvimento são o desvio e a desconexão da argumentação. O primeiro está relacionado ao autor tomar um argumento secundário que se distancia da discussão inicial, ou quando se concentra em apenas um aspecto do tema e esquece o seu todo. O segundo caso acontece quando quem redige tem muitas ideias ou informações sobre o que está sendo discutido, não conseguindo estruturá-las. Surge também a dificuldade de organizar seus pensamentos e definir uma linha lógica de raciocínio.

Conclusão

Considerada como a parte mais importante do texto, é o ponto de chegada de todas as argumentações elaboradas. As ideias e os dados utilizados convergem para essa parte, em que a exposição ou discussão se fecha.

Em uma estrutura normal, ela não deve deixar uma brecha para uma possível continuidade do assunto; ou seja, possui atributos de síntese. A discussão não deve ser encerrada com argumentos repetitivos, sendo evitados na medida do possível. Alguns exemplos: *"Portanto, como já dissemos antes...", "Concluindo...", "Em conclusão..."*.

Sua proporção em relação à totalidade do texto deve ser equivalente ao da introdução: de 1/5. Essa é uma das características de textos bem redigidos.

Os seguintes erros aparecem quando as conclusões ficam muito longas:

→ O problema aparece quando não ocorre uma exploração devida do desenvolvimento. Logo, acontece uma invasão das ideias de desenvolvimento na conclusão.

→ Outro fator consequente da insuficiência de fundamentação do desenvolvimento está na conclusão precisar de maiores explicações, ficando bastante vazia.

→ Enrolar e "encher linguiça" são muito comuns no texto em que o autor fica girando em torno de ideias redundantes ou paralelas.

→ Uso de frases vazias que, por vezes, são perfeitamente dispensáveis.

→ Quando não tem clareza de qual é a melhor conclusão, o autor acaba se perdendo na argumentação final.

Em relação à abertura para novas discussões, a conclusão não pode ter esse formato, exceto pelos seguintes fatores:

→ Para não influenciar a conclusão do leitor sobre temas polêmicos, o autor deixa a conclusão em aberto.

→ Para estimular o leitor a ler uma possível continuidade do texto, ou autor não fecha a discussão de propósito.

→ Por apenas apresentar dados e informações sobre o tema a ser desenvolvido, o autor não deseja concluir o assunto.

→ Para que o leitor tire suas próprias conclusões, o autor enumera algumas perguntas no final do texto.

A maioria dessas falhas pode ser evitada se antes o autor fizer um esboço de todas as suas ideias. Essa técnica é um roteiro, em que estão presentes os planejamentos. Nele devem estar indicadas as melhores sequências a serem utilizadas na redação. O roteiro deve ser o mais enxuto possível.

Fonte: http://producao-de-textos.info/mos/view/Caracter%C3%ADsticas_e_Estruturas_do_Texto/

Não basta conhecer o conteúdo das partes de um trabalho: introdução, desenvolvimento e conclusão. Além de saber o que se deve (e o que não se deve) escrever em cada parte constituinte do texto, é preciso saber escrever obedecendo às normas de coerência e coesão. Antes de mais nada, é necessário definir os termos: *coerência* diz respeito à articulação do texto, à compatibilidade das ideias, à lógica do raciocínio, a seu conteúdo. *Coesão* refere-se à expressão linguística, ao nível gramatical, às estruturas frasais e ao emprego do vocabulário.

Coerência e coesão relacionam-se com o processo de produção e compreensão do texto. A coesão contribui para a coerência, mas nem sempre um texto coerente apresenta coesão. Pode ocorrer que o texto sem coerência apresente coesão, ou que um texto tenha coesão sem coerência. Em outras palavras: um texto pode ser gramaticalmente bem construído, com frases bem estruturadas, vocabulário correto, mas apresentar ideias sem nexo, sem uma sequência lógica: há coesão, mas não coerência. Por outro lado, um texto pode apresentar ideias coerentes e bem encadeadas, sem que no plano da expressão as estruturas frasais sejam gramaticalmente aceitáveis: há coerência, mas não coesão.

A coerência textual subjaz ao texto e é responsável pela hierarquização dos elementos textuais, ou seja, ela tem origem nas estruturas profundas, no conhecimento do mundo de cada pessoa, aliada à competência linguística. Deduz-se que é difícil ensinar coerência textual, intimamente ligada à visão de mundo, à origem das ideias no pensamento. A coesão, porém, refere-se à expressão linguística, aos processos sintáticos e gramaticais do texto.

O seguinte resumo caracteriza coerência e coesão:

Coerência: rede de sintonia entre as partes e o todo de um texto. Conjunto de unidades sistematizadas numa adequada relação semântica, que se manifesta na compatibilidade entre as ideias. (Na linguagem popular: "dizer coisa com coisa" ou "uma coisa bate com outra").

Coesão: conjunto de elementos posicionados ao longo do texto, numa linha de sequência e com os quais se estabelece um vínculo ou conexão sequencial. Se o vínculo coesivo faz-se via gramática, fala-se em coesão gramatical. Se se faz por meio do vocabulário, tem-se a coesão lexical.

Coerência

- assenta-se no plano cognitivo, da inteligibilidade do texto;
- situa-se na subjacência do texto; estabelece conexão conceitual;
- relaciona-se com a macroestrutura; trabalha com o todo, com o aspecto global do texto;
- estabelece relações de conteúdo entre palavras e frases.

Coesão

- assenta-se no plano gramatical e no nível frasal;
- situa-se na superfície do texto, estabelece conexão sequencial;
- relaciona-se com a microestrutura, trabalha com as partes componentes do texto;
- Estabelece relações entre os vocábulos no interior das frases.

Coerência e coesão são responsáveis pela inteligibilidade ou compreensão do texto. Um texto bem redigido tem parágrafos bem estruturados e articulados pelo encadeamento das ideias neles contidas. As estruturas frasais devem ser coerentes e gramaticalmente corretas, no que diz respeito à sintaxe. O vocabulário precisa ser adequado e essa adequação só se consegue pelo conhecimento dos significados possíveis de cada palavra. Talvez os erros mais comuns de redação sejam devidos à impropriedade do vocabulário e ao mau emprego dos conectivos (conjunções, que têm por função ligar uma frase ou período a outro). Eis alguns exemplos de impropriedade do vocabulário, colhidos em redações sobre censura e os meios de comunicação e outras.

"Nosso direito é frisado na Constituição."
Nosso direito é assegurado pela Constituição. = correta

"Estabelecer os limites as quais a programação deveria estar exposta."
Estabelecer os limites aos quais a programação deveria estar sujeita. = correta

"A censura deveria punir as notícias sensacionalistas."
A censura deveria proibir (ou coibir) as notícias sensacionalistas ou punir os meios de comunicação que veiculam tais notícias. = correta

"Retomada das rédeas da programação."
Retomada das rédeas dos meios de comunicação, no que diz respeito à programação. = correta

O emprego de vocabulário inadequado prejudica muitas vezes a compreensão das ideias. É importante, ao redigir, empregar palavras cujo significado seja conhecido pelo enunciador, e cujo emprego faça parte de seus conhecimentos linguísticos. Muitas vezes, quem redige conhece o significado de determinada palavra, mas não sabe empregá-la adequadamente, isso ocorre frequentemente com o emprego dos conectivos (preposições e conjunções). Não basta saber que as preposições ligam nomes ou sintagmas nominais no interior das frases e que as conjunções ligam frases dentro do período; é necessário empregar adequadamente tanto umas como outras. É bem verdade que, na maioria das vezes, o emprego inadequado dos conectivos remete aos problemas de regência verbal e nominal.

Exemplos:

"Estar inteirada com os fatos" significa participação, interação.
"Estar inteirada dos fatos" significa ter conhecimento dos fatos, estar informada.
"Ir de encontro" significa divergir, não concordar.
"Ir ao encontro" quer dizer concordar.

"Ameaça de liberdade de expressão e transmissão de ideias" significa a liberdade não é ameaça;
"Ameaça à liberdade de expressão e transmissão de ideias", isto é, a liberdade fica ameaçada.

Quanto à regência verbal, convém sempre consultar um dicionário de verbos, pois muitos deles admitem duas ou três regências diferentes; cada uma, porém, tem um significado específico. Lembre-se, a propósito, de que as dúvidas sobre o emprego da crase decorrem do fato de considerar-se crase como sinal de acentuação apenas, quando o problema refere-se à regência nominal e verbal.

Exemplos:

O verbo assistir admite duas regências:
assistir o/a (transitivo direto) significa dar ou prestar assistência (*O médico assiste o doente*):
Assistir ao (transitivo indireto): ser espectador (*Assisti ao jogo da seleção*).

Pedir o =n(transitivo direto) significa solicitar, pleitear (*Pedi o jornal do dia*).
Pedir que =,contém uma ordem (*A professora pediu que fizessem silêncio*).
Pedir para = pedir permissão (*Pediu para sair da classe*); significa também pedir em favor de alguém (*A Diretora pediu ajuda para os alunos carentes*) em favor dos alunos, pedir algo a alguém (para si): (*Pediu ao colega para ajudá -lo*); pode significar ainda exigir, reclamar (*Os professores pedem aumento de salário*).

O mau emprego dos pronomes relativos também pode levar à falta de coesão gramatical. Frequentemente, emprega-se *no qual* ou *ao qual* em lugar do *que*, com prejuízo da clareza do texto; outras vezes, o emprego é desnecessário ou inadequado.
"*Pela manhã o carteiro chegou com um envelope para mim no qual estava sem remetente*". (Chegou com um envelope que (o qual) estava sem remetente).

"*Encontrei apenas belas palavras o qual não duvido da sensibilidade...*"
Encontrei belas palavras e não duvido da sensibilidade delas (palavras cheias de sensibilidade).

Para evitar a falta de coerência e coesão na articulação das frases, aconselha-se levar em conta as seguintes sugestões para o emprego correto dos ***articuladores sintáticos*** *(conjunções, preposições, locuções prepositivas e locuções conjuntivas).*
- Para dar ideia de oposição ou contradição, a articulação sintática faz-se por meio de conjunções adversativas: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto*. Podem também ser empregadas as conjunções concessivas e locuções prepositivas para introduzir a ideia de oposição aliada à concessão: *embora, ou muito embora, apesar de, ainda que, conquanto, posto que, a despeito de, não obstante*.
- A articulação sintática de causa pode ser feita por meio de conjunções e locuções conjuntivas: *pois, porque, como, por isso que, visto que, uma vez que, já que*. Também podem ser empregadas as preposições e locuções prepositivas: *por, por causa de, em vista de, em virtude de, devido a, em consequência de, por motivo de, por razões de*.
- O principal articulador sintático de condição é o "*se*": *Se o time ganhar esse jogo, será campeão*. Pode-se também expressar condição pelo emprego dos conectivos: *caso, contanto que, desde que, a menos que, a não ser que*.
- O emprego da preposição "*para*" é a maneira mais comum de expressar finalidade. "*É necessário baixar as taxas de juros para que a economia se estabilize*" ou para a economia estabilizar-se. "*Teresa vai estudar bastante para fazer boa prova*." Há outros articuladores que expressam finalidade: *a fim de, com o propósito de, na finalidade de, com a intenção de, com o objetivo de, com o fito de, com o intuito de*.
- A ideia de conclusão pode ser introduzida por meio dos articuladores: *assim, desse modo, então, logo, portanto, pois, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso*. Para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão emprega-
-se *ainda*. Os articuladores *aliás, além do mais, além disso, além de tudo*, introduzem um argumento decisivo, cabal, apresentado como um acréscimo, para justificar de forma incontestável o argumento contrário.
- Para introduzir esclarecimentos, retificações ou desenvolvimento do que foi dito empregam-se os **articuladores**: *isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras*. A conjunção aditiva "*e*" anuncia não a repetição, mas o desenvolvimento do discurso, pois acrescenta uma informação nova, um dado novo, e se não acrescentar nada, é pura repetição e deve ser evitada.
- Alguns articuladores servem para estabelecer uma gradação entre os correspondentes de determinada escala. No alto dessa escala acham-se: *mesmo, até, até mesmo*; no plano mais baixo: *ao menos, pelo menos, no mínimo*.

NOVA CONCURSOS

EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES

1-) (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC/SP – ADMINISTRADOR - VUNESP/2013) Assinale a alternativa correta quanto à concordância, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) A má distribuição de riquezas e a desigualdade social está no centro dos debates atuais.

(B) Políticos, economistas e teóricos diverge em relação aos efeitos da desigualdade social.

(C) A diferença entre a renda dos mais ricos e a dos mais pobres é um fenômeno crescente.

(D) A má distribuição de riquezas tem sido muito criticado por alguns teóricos.

(E) Os debates relacionado à distribuição de riquezas não são de exclusividade dos economistas.

Realizei a correção nos itens:

(A) A má distribuição de riquezas e a desigualdade social está = estão

(B) Políticos, economistas e teóricos diverge = divergem

(C) A diferença entre a renda dos mais ricos e a dos mais pobres é um fenômeno crescente.

(D) A má distribuição de riquezas tem sido muito criticado = criticada

(E) Os debates relacionado = relacionados

RESPOSTA: "C".

2-) (COREN/SP – ADVOGADO – VUNESP/2013) Seguindo a norma-padrão da língua portuguesa, a frase – *Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem em média 357 calorias diárias dessa fonte*. – recebe o acréscimo correto das vírgulas em:

(A) Um levantamento mostrou, que os adolescentes americanos consomem em média 357 calorias, diárias dessa fonte.

(B) Um levantamento mostrou que, os adolescentes americanos consomem, em média 357 calorias diárias dessa fonte.

(C) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem, em média, 357 calorias diárias dessa fonte.

(D) Um levantamento, mostrou que os adolescentes americanos, consomem em média 357 calorias diárias dessa fonte.

(E) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos, consomem em média 357 calorias diárias, dessa fonte.

Assinalei com um "X" onde há pontuação inadequada ou faltante:

(A) Um levantamento mostrou, (X) que os adolescentes americanos consomem (X) em média (X) 357 calorias, (X) diárias dessa fonte.

(B) Um levantamento mostrou que, (X) os adolescentes americanos consomem, em média (X) 357 calorias diárias dessa fonte.

(C) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem, em média, 357 calorias diárias dessa fonte.

(D) Um levantamento, (X) mostrou que os adolescentes americanos, (X) consomem (X) em média (X) 357 calorias diárias dessa fonte.

(E) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos, (X) consomem (X) em média (X) 357 calorias diárias, (X) dessa fonte.

RESPOSTA: "C".

3-) (TRT/RO E AC – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2011) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

Fiz as correções entre parênteses:

a) Destinam-se (destina-se) aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem (comprime) o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

d) Ao se revogarem (revogar) o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

e) Não sensibilizavam (sensibilizava) aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

RESPOSTA: "C".

4-) (TRE/PA- ANALISTA JUDICIÁRIO – FGV/2011) Assinale a palavra que tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que distribuídos.

(A) sócio

(B) sofrê-lo

(C) lúcidos

(D) constituí

(E) órfãos

Distribuímos = regra do hiato
(A) sócio = paroxítona terminada em ditongo
(B) sofrê-lo = oxítona (não se considera o pronome oblíquo. Nunca!)
(C) lúcidos = proparoxítona
(D) constituí = regra do hiato (diferente de "constitui" – oxítona: cons-ti-tui)
(E) órfãos = paroxítona terminada em "ão"

RESPOSTA: "D".

5-) (TRT/PE – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
(A) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
(B) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
(C) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
(D) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
(E) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

(A) Provocam = provoca (o posicionamento)
(B) Sempre deverão haver bons motivos = deverá haver
(C) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem = consiste.
(D) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem = ocorre
(E) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

RESPOSTA: "E".

6-) (TRE/PA- ANALISTA JUDICIÁRIO – FGV/2011) Segundo o Manual de Redação da Presidência da República, NÃO se deve usar Vossa Excelência para
(A) embaixadores.
(B) conselheiros dos Tribunais de Contas estaduais.
(C) prefeitos municipais.
(D) presidentes das Câmaras de Vereadores.
(E) vereadores.

(...) O uso do pronome de tratamento Vossa Senhoria (abreviado V. Sa.) para vereadores está correto, sim. Numa Câmara de Vereadores só se usa Vossa Excelência para o seu presidente, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (1991).
(Fonte: http://www.linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=393)

RESPOSTA: "E".

7-) (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais.
Transpondo para a voz ativa a frase acima, o verbo passará a ser, corretamente,
(A) perceba.
(B) foi percebido.
(C) tenham percebido.
(D) devam perceber.
(E) estava percebendo.

... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais = dois verbos na voz passiva, então teremos um na ativa: que a sociedade perceba os valores e princípios...

RESPOSTA: "A"

8-) (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem ser embasados na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.
(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode estar subordinado às ordens indiscriminadas de um único poder central.
(E) O interesse de todos os cidadãos estão voltados para o momento eleitoral, que expõem as diferentes opiniões existentes na sociedade.

Fiz os acertos entre parênteses:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem (deve) ser embasados (embasada) na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é (são) garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita (respeitam) tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.

NOVA CONCURSOS

(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode (podem) estar subordinado (subordinadas) às ordens indiscriminadas de um único poder central.

(E) O interesse de todos os cidadãos estão (está) voltados (voltado) para o momento eleitoral, que expõem (expõe) as diferentes opiniões existentes na sociedade.

RESPOSTA: "A".

9-) (TRE/AL – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2010) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

- Uma grande diversidade de fenômenos é unificada e explicada pelo conceito...

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

RESPOSTA: "B".

10-) (MPE/AM - AGENTE DE APOIO ADMINISTRATIVO - FCC/2013) "*Quando a gente entra nas serrarias, vê dezenas de caminhões parados*", revelou o analista ambiental Geraldo Motta.

Substituindo-se *Quando* por *Se*, os verbos sublinhados devem sofrer as seguintes alterações:

(A) entrar – vira

(B) entrava – tinha visto

(C) entrasse – veria

(D) entraria – veria

(E) entrava – teria visto

Se a gente entrasse (verbo no singular) na serraria, veria = entrasse / veria.

RESPOSTA: "C".

11-) (TRE/AL – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2010) A pontuação está inteiramente adequada na frase:

a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.

c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

d) Será preciso, talvez redefinir a infância? - já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

Devido à igualdade textual entre os itens, a apresentação da alternativa correta indica quais são as inadequações nas demais.

RESPOSTA: "E".

12-) (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ACRE – ALUNO SOLDADO COMBATENTE – FUNCAB/2012) No trecho: "*O crescimento econômico, se associado à ampliação do emprego, PODE melhorar o quadro aqui sumariamente descrito*.", se passarmos o verbo destacado para o futuro do pretérito do indicativo, teremos a forma:

A) puder.

B) poderia.

C) pôde.

D) poderá.

E) pudesse.

Conjugando o verbo "poder" no futuro do pretérito do Indicativo: eu poderia, tu poderias, ele poderia, nós poderíamos, vós poderíeis, eles poderiam. O sujeito da oração é crescimento econômico (singular), portanto, terceira pessoa do singular (ele) = poderia.

RESPOSTA: "B".

13-) (TRE/AP - TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:

a) Ele se esqueceu de que?

b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.

c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.

d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.

e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

(A) Ele se esqueceu de que? = quê?
(B) Era tão ruím (ruim) aquele texto, que não deu para distribui-lo (distribuí-lo) entre os presentes.
(C) Embora devêssemos (devêssemos) , não fomos excessivos nas críticas.
(D) O juíz (juiz) nunca (se) negou a atender às reivindicações dos funcionários.
(E) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

RESPOSTA: "E".

14-) (FUNDAÇÃO CASA/SP - AGENTE ADMINISTRATIVO - VUNESP/2011 - ADAPTADA) Observe as frases do texto:
I, Cerca de 75 por cento dos países obtêm nota negativa...
II,... à Venezuela, de Chávez, que obtém a pior classificação do continente americano (2,0)...
Assim como ocorre com o verbo "obter" nas frases I e II, a concordância segue as mesmas regras, na ordem dos exemplos, em:
(A) Todas as pessoas têm boas perspectivas para o próximo ano. Será que alguém tem opinião diferente da maioria?
(B) Vem muita gente prestigiar as nossas festas juninas. Vêm pessoas de muito longe para brincar de quadrilha.
(C) Pouca gente quis voltar mais cedo para casa. Quase todos quiseram ficar até o nascer do sol na praia.
(D) Existem pessoas bem intencionadas por aqui, mas também existem umas que não merecem nossa atenção.
(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam.

Em I, obtêm está no plural; em II, no singular. Vamos aos itens:
(A) Todas as pessoas têm (plural) ... Será que alguém tem (singular)
(B) Vem (singular) muita gente... Vêm pessoas (plural)
(C) Pouca gente quis (singular)... Quase todos quiseram (plural)
(D) Existem (plural) pessoas ... mas também existem umas (plural)
(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam (ambas as formas estão no plural)

RESPOSTA: "A".

15-) (CETESB/SP - ANALISTA ADMINISTRATIVO - RECURSOS HUMANOS - VUNESP/2013 - ADAPTADA) Considere as orações: ... *sabíamos* *respeitar os mais velhos! / E quando eles* *falavam* nós calávamos a boca**!**
Alterando apenas o tempo dos verbos destacados para o tempo presente, sem qualquer outro ajuste, tem-se, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa:
(A) ... soubemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falaram nós calamos a boca!
(B) ... saberíamos respeitar os mais velhos! / E quando eles falassem nós calaríamos a boca!
(C) ... soubéssemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falassem nós calaríamos a boca!
(D) ... saberemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falarem nós calaremos a boca!
(E) ... *sabemos* respeitar os mais velhos! / E quando eles *falam* nós calamos a boca!

No presente: nós sabemos / eles falam.

RESPOSTA: "E".

16-) (UNESP/SP - ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO - VUNESP/2012) A correlação entre as formas verbais está correta em:
(A) Se o consumo desnecessário vier a crescer, o planeta não resistiu.
(B) Se todas as partes do mundo estiverem com alto poder de consumo, o planeta em breve sofrerá um colapso.
(C) Caso todo prazer, como o da comida, o da bebida, o do jogo, o do sexo e o do consumo não conhecesse distorções patológicas, não haverá vícios.
(D) Se os meios tecnológicos não tivessem se tornado tão eficientes, talvez as coisas não ficaram tão baratas.
(E) Se as pessoas não se propuserem a consumir conscientemente, a oferta de produtos supérfluos crescia.

Fiz as correções necessárias:
(A) Se o consumo desnecessário vier a crescer, o planeta não resistiu = resistirá
(B) Se todas as partes do mundo estiverem com alto poder de consumo, o planeta em breve sofrerá um colapso.
(C) Caso todo prazer, como o da comida, o da bebida, o do jogo, o do sexo e o do consumo não conhecesse distorções patológicas, não haverá = haveria
(D) Se os meios tecnológicos não tivessem se tornado tão eficientes, talvez as coisas não ficaram = ficariam (ou teriam ficado)
(E) Se as pessoas não se propuserem a consumir conscientemente, a oferta de produtos supérfluos crescia = crescerá

RESPOSTA: "B".

17-) (TJ/SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO JUDICIÁRIA – VUNESP/2010) Assinale a alternativa que preenche adequadamente e de acordo com a norma culta a lacuna da frase: *Quando um candidato trêmulo _____ eu lhe faria a pergunta mais deliciosa de todas.*
(A) entrasse
(B) entraria
(C) entrava
(D) entrar
(E) entrou

NOVA CONCURSOS

O verbo "faria" está no futuro do pretérito, ou seja, indica que é uma ação que, para acontecer, depende de outra. Exemplo: Quando um candidato entrasse, eu faria / Se ele entrar, eu farei / Caso ele entre, eu faço...

RESPOSTA: "A".

18-) (TJ/SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO JUDICIÁRIA – VUNESP/2010 - ADAPTADA)

Assinale a alternativa de concordância que pode ser considerada correta como variante da frase do texto – *A maioria considera aceitável que um convidado chegue mais de duas horas* ...

(A) A maioria dos cariocas consideram aceitável que um convidado chegue mais de duas horas...

(B) A maioria dos cariocas considera aceitáveis que um convidado chegue mais de duas horas...

(C) As maiorias dos cariocas considera aceitáveis que um convidado chegue mais de duas horas...

(D) As maiorias dos cariocas consideram aceitáveis que um convidado chegue mais de duas horas...

(E) As maiorias dos cariocas consideram aceitável que um convidado cheguem mais de duas horas...

Fiz as indicações:

(A) A maioria dos cariocas consideram (ou considera, tanto faz) aceitável que um convidado chegue mais de duas horas...

(B) A maioria dos cariocas considera (ok) aceitáveis (aceitável) que um convidado chegue mais de duas horas...

(C) As (A) maiorias (maioria) dos cariocas considera (ok) aceitáveis (aceitável) que um convidado chegue mais de duas horas...

(D) As (A) maiorias (maioria) dos cariocas consideram (ok) aceitáveis (aceitável) que um convidado chegue mais de duas horas...

(E) As (A) maiorias (maioria) dos cariocas consideram (ok) aceitável que um convidado cheguem (chegue) mais de duas horas...

RESPOSTA: "A".

19-) (TJ/SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO JUDICIÁRIA – VUNESP/2010) Assinale a alternativa em que as palavras são acentuadas graficamente pelos mesmos motivos que justificam, respectivamente, as acentuações de: *década, relógios, suíços*.

(A) flexíveis, cartório, tênis.

(B) inferência, provável, saída.

(C) óbvio, após, países.

(D) islâmico, cenário, propôs.

(E) república, empresária, graúda.

Década = proparoxítona / relógios = paroxítona terminada em ditongo / suíços = regra do hiato

(A) flexíveis e cartório = paroxítonas terminadas em ditongo / tênis = paroxítona terminada em "i" (seguida de "s")

(B) inferência = paroxítona terminada em ditongo / provável = paroxítona terminada em "l" / saída = regra do hiato

(C) óbvio = paroxítona terminada em ditongo / após = oxítona terminada em "o" + "s" / países = regra do hiato

(D) islâmico = proparoxítona / cenário = paroxítona terminada em ditongo / propôs = oxítona terminada em "o" + "s"

(E) república = proparoxítona / empresária = paroxítona terminada em ditongo / graúda = regra do hiato

RESPOSTA: "E".

20-) (POLÍCIA CIVIL/SP – AGENTE POLICIAL - VUNESP/2013) De acordo com a norma- padrão da língua portuguesa, o acento indicativo de crase está corretamente empregado em:

(A) A população, de um modo geral, está à espera de que, com o novo texto, a lei seca possa coibir os acidentes.

(B) A nova lei chega para obrigar os motoristas à repensarem a sua postura.

(C) A partir de agora os motoristas estarão sujeitos à punições muito mais severas.

(D) À ninguém é dado o direito de colocar em risco a vida dos demais motoristas e de pedestres.

(E) Cabe à todos na sociedade zelar pelo cumprimento da nova lei para que ela possa funcionar.

(A) A população, de um modo geral, está à espera (dá para substituir por "esperando") de que

(B) A nova lei chega para obrigar os motoristas à repensarem (antes de verbo)

(C) A partir de agora os motoristas estarão sujeitos à punições (generalizando, palavra no plural)

(D) À ninguém (pronome indefinido)

(E) Cabe à todos (pronome indefinido)

RESPOSTA: "A".

(TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADO) Leia o texto, para responder às questões de números 21 e 22.

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito - pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: "Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!". Acalme-se, conterrâneo.

Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013)

(*) Um tipo de coreografia, de dança.

21-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa contendo passagem em que o autor simula dialogar com o leitor.

(A) Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia.
(B) Ô, companheiro, faz meia hora que eu cheguei...
(C) Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux".
(D) Sim, meu caro paulista...
(E) Ah, paulishhhhta otááário...

Em "meu caro paulista", o autor está dirigindo-se a nós, leitores.

RESPOSTA: "D".

22-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) O contexto em que se encontra a passagem – *Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20* (2.º parágrafo) – leva a concluir, corretamente, que a menção a

(A) príncipes e princesas constitui uma referência em sentido não literal.
(B) reis e rainhas constitui uma referência em sentido não literal.
(C) príncipes, princesas, reis e rainhas constitui uma referência em sentido não literal.
(D) príncipes, princesas, reis e rainhas constitui uma referência em sentido literal.
(E) reis e rainhas constitui uma referência em sentido literal.

Pela leitura do texto infere-se que os "reis e rainhas" do século 20 são as personalidades da mídia, os "famosos" e "famosas". Quanto a príncipes e princesas do século 19, esses eram da corte, literalmente.

RESPOSTA: "B".

23-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) O sentido de *marmóreo* (adjetivo) equivale ao da expressão *de mármore*. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo **e *pétreo*.**

(A) De corda; de plástico.
(B) De fogo; de madeira.
(C) De madeira; de pedra.
(D) De fogo; de pedra.
(E) De plástico; de cinza.

Questão que pode ser resolvida usando a lógica ou associação de palavras! Veja: a ignição do carro lembra-nos fogo, combustão... Pedra, petrificado. Encontrou a resposta?

RESPOSTA: "D".

(TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADO) Para responder às questões de números 24 e 25, considere a seguinte passagem: *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".*

24-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Nesse contexto, o verbo *estereotipar* tem sentido de

(A) considerar ao acaso, sem premeditação.
(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
(C) adotar como referência de qualidade.
(D) julgar de acordo com normas legais.
(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

Classificar conforme regras conhecidas, mas não confirmadas se verdadeiras.

RESPOSTA: "E".

NOVA CONCURSOS

25-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) **Nessa passagem, a palavra *cujas* tem sentido de**

(A) lugar, referindo-se ao ambiente em que ocorre a pergunta mencionada.

(B) posse, referindo-se às interações sociais do paulista.

(C) dúvida, pois a decisão entre débito ou crédito ainda não foi tomada.

(D) tempo, referindo-se ao momento em que terminam as interações sociais.

(E) condição em que se deve dar a transação financeira mencionada.

O pronome "cujo" geralmente nos dá o sentido de posse: O livros cujas folhas (lê-se: as folhas dos livros).

RESPOSTA: "B".

26-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa finalidade, em relação à outra que compõe o período.

(A) *Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19*, passou a servir reis e rainhas do 20...

(B) Pensa o garçom, *antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante*...

(C) Você é que foi ao restaurante *para homenageá-lo*.

(D) ... nenhum emblema preencherá o vazio *que carregas no peito* ...

(E) O garçom boceja, *tira um fiapo do ombro*...

Vamos às análises:

A - Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19 = a conjunção inicial é condicional.

B - antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante = conjunção temporal (dá-nos noção de tempo)

C - para homenageá-lo = nessa oração temos a noção do motivo (qual a finalidade) da ação de "ter ido ao restaurante", segundo o texto

D - que carregas no peito – o "que" funciona como pronome relativo (podemos substituí-lo por "o qual" carregas no peito)

E - tira um fiapo do ombro – temos aqui uma oração assindética (sem conjunção "final")

RESPOSTA: "C".

27-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2011) Em – *A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas* o **príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana.**

A conjunção destacada pode ser substituída por

A) portanto.

(B) como.

(C) no entanto.

(D) porque.

(E) ou.

O "mas" é uma conjunção adversativa, dando a ideia de oposição entre as informações apresentadas pelas orações, o que acontece no enunciado da questão. Em "A", temos uma conclusiva; "B", comparativa; "C", adversativa; "D", explicativa; "E", alternativa.

RESPOSTA: "C".

28-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa contendo palavra formada por prefixo.

(A) Máquina.

(B) Brilhantismo.

(C) Hipertexto.

(D) Textualidade.

(E) Arquivamento.

A – Máquina = sem acréscimo de afixos (prefixo ou sufixo)

B - Brilhantismo. = acréscimo de sufixo (ismo)

C – Hipertexto = acréscimo de prefixo (hiper)

D – Textualidade = acréscimo de sufixo (idade)

E – Arquivamento = acréscimo de sufixo (mento)

RESPOSTA: "C".

(TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Para responder a esta questão, considere as palavras destacadas nas seguintes passagens do texto:

***Desde* o surgimento da ideia de hipertexto...**

... informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica,

... uma "máquina poética", algo que funcionasse por analogia e associação...

***Quando* o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...**

... 20 anos depois de seu artigo fundador...

29-) As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:

(A) algo, especialmente e Quando.

(B) Desde, especialmente e algo.

(C) especialmente, Quando e depois.

(D) Desde, Quando e depois.

(E) Desde, algo e depois.

As palavras que nos dão a noção, ideia de tempo são: desde, quando e depois.

RESPOSTA: "D".

30- (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa contendo frase com redação de acordo com a norma-padrão de concordância.

(A) Pensava na necessidade de ser substituído de imediato os métodos existentes.

(B) Substitui-se os métodos de recuperação de informações que se ligava especialmente à pesquisa acadêmica.

(C) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.

(D) O inventor pensava em textos que já deveria estar disponíveis em rede.

(E) Era procurado por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Coloquei entre parênteses a correção:

(A) Pensava na necessidade de ser substituído (serem substituídos) de imediato os métodos existentes.

(B) Substitui-se (substituem-se) os métodos de recuperação de informações que se ligava (ligavam) especialmente à pesquisa acadêmica.

(C) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.

(D) O inventor pensava em textos que já deveria (deveriam) estar disponíveis em rede.

(E) Era procurado (eram procuradas) por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

RESPOSTA: "C".

31-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de *intercâmbio* e *antropológico*.

(A) Distúrbio e acórdão.

(B) Máquina e jiló.

(C) Alvará e Vândalo.

(D) Consciência e características.

(E) Órgão e órfãs.

Para que saibamos qual alternativa assinalar, primeiro temos que classificar as palavras do enunciado quanto à posição de sua sílaba tônica:

Intercâmbio = paroxítona terminada em ditongo; Antropológico = proparoxítona (todas são acentuadas). Agora, vamos à análise dos itens apresentados:

(A) Distúrbio = paroxítona terminada em ditongo; acórdão = paroxítona terminada em "ão"

(B) Máquina = proparoxítona; jiló = oxítona terminada em "o"

(C) Alvará = oxítona terminada em "a"; Vândalo = proparoxítona

(D) Consciência = paroxítona terminada em ditongo; características = proparoxítona

(E) Órgão e órfãs = ambas: paroxítona terminada em "ão" e "ã", respectivamente.

RESPOSTA: "D".

32-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Na passagem – *Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos*... – a oração destacada expressa, em relação à anterior, sentido que responde à pergunta:

(A) "Quando?"

(B) "Por quê?"

(C) "Como?"

(D) "Para quê?"

(E) "Onde?"

Questão que envolve conhecimento de coesão e coerência. Se perguntássemos à primeira oração "COMO o governo está fechando o cerco contra a corrupção?", obteríamos a resposta apresentada pela oração em destaque.

RESPOSTA: "C".

33-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.

(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.

(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.

(D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...

(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

Realizei a correção entre parênteses:

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.

(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter (mantiver) em silêncio.

(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem (dispuserem) a trabalhar no feriado.

(D) Ficarão surpresos quando o verem (virem) com a toga...

(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera (requeira) a seu superior.

RESPOSTA: "A".

NOVA CONCURSOS

MATEMÁTICA E RACIOCÍNIO LÓGICO

Números inteiros; Números Naturais; Numeração decimal; Operações fundamentais como: Adição, Subtração, Divisão e Multiplicação; Simplificação; Medindo o tempo: horas, minutos e segundos; Problemas matemáticos; radiciação; potenciação; máximo divisor comum; mínimo divisor comum; 01
Sistema de medidas: medidas de comprimento, superfície, volume, capacidade, tempo, massa, m^2 e metro linear; problemas usando as quatro operações. 07
Conjunto de números: naturais, inteiros, racionais, irracionais, reais, operações, expressões (cálculo); 12
Matemática Financeira; Porcentagem; Juros Simples e Composto; 12
Regras de três simples e composta;....21
Sistema Monetário Nacional (Real); 26
Equação de 1º grau: resolução; problemas de 1º grau; Inequações do 1º grau; 28
Equação de 2º grau: resolução das equações completas, incompletas, problemas do 2º grau; Equações fracionárias; ...28
Relação e Função: domínio, contradomínio e imagem; 33
Função do 1º grau; função constante; 33
Razão e Proporção; 38
Grandezas Proporcionais;....43
Expressões Algébricas; Fração Algébrica; 48
Sistemas de numeração; Operações no conjunto dos números naturais; Operações fundamentais com números racionais; Múltiplos e divisores em N; Radiciação; Conjunto de números fracionários; Operações fundamentais com números fracionários; Problemas com números fracionários; Números decimais; 50
Geometria Analítica; 51
Geometria Espacial; 56
Geometria Plana: Plano, Área, Perímetro, Ângulo, Reta, Segmento de Reta e Ponto Teorema de Tales; Teorema de Pitágoras....63
Noções de trigonometria; 70
Relação entre grandezas: tabelas e gráficos; 73
Progressão Aritmética (PA) e Progressão Geométrica (PG); 77
Sistemas Lineares; 85
Números complexos; 96
Função exponencial: equação e inequação exponencial; Função logarítmica; 98
Análise combinatória; 98
Probabilidade; 99
Estatística; 101
Função do 2º grau;....103
Trigonometria da 1ª volta: seno, cosseno, tangente, relação fundamental. 103
Avaliação de sequência lógica e coordenação viso-motora, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos, reversibilidade, sequência lógica de números, letras, palavras e figuras. Problemas lógicos com dados, figuras e palitos. 103
Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas. Estrutura lógica de relações arbitrárias entre pessoas, lugares, objetos ou eventos fictícios; deduzir novas informações das relações fornecidas e avaliar as condições usadas para estabelecer a estrutura daquelas relações. 118
Compreensão e elaboração da lógica das situações por meio de: raciocínio verbal, raciocínio matemático, raciocínio quantitativo e raciocínio sequencial.....133

NÚMEROS INTEIROS; NÚMEROS NATURAIS; NUMERAÇÃO DECIMAL; OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS COMO: ADIÇÃO, SUBTRAÇÃO, DIVISÃO E MULTIPLICAÇÃO; SIMPLIFICAÇÃO; MEDINDO O TEMPO: HORAS, MINUTOS E SEGUNDOS; PROBLEMAS MATEMÁTICOS; RADICIAÇÃO; POTENCIAÇÃO; MÁXIMO DIVISOR COMUM; MÍNIMO DIVISOR COMUM;

Números Naturais

Os números naturais são o modelo matemático necessário para efetuar uma contagem.

Começando por zero e acrescentando sempre uma unidade, obtemos os elementos dos números naturais:

$$\mathbb{N} = \{0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, \ldots.\}$$

A construção dos Números Naturais

- Todo número natural dado tem um sucessor (número que vem depois do número dado), considerando também o zero.

Exemplos: Seja m um número natural.

a) O sucessor de m é m+1.
b) O sucessor de 0 é 1.
c) O sucessor de 1 é 2.
d) O sucessor de 19 é 20.

- Se um número natural é sucessor de outro, então os dois números juntos são chamados números consecutivos.

Exemplos:

a) 1 e 2 são números consecutivos.
b) 5 e 6 são números consecutivos.
c) 50 e 51 são números consecutivos.

- Vários números formam uma coleção de números naturais consecutivos se o segundo é sucessor do primeiro, o terceiro é sucessor do segundo, o quarto é sucessor do terceiro e assim sucessivamente.

Exemplos:

a) 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 são consecutivos.
b) 5, 6 e 7 são consecutivos.
c) 50, 51, 52 e 53 são consecutivos.

- Todo número natural dado N, exceto o zero, tem um antecessor (número que vem antes do número dado).

Exemplos: Se m é um número natural finito diferente de zero.

a) O antecessor do número m é m-1.
b) O antecessor de 2 é 1.
c) O antecessor de 56 é 55.
d) O antecessor de 10 é 9.

Subconjuntos de $\mathbb{N}$

Vale lembrar que um asterisco, colocado junto à letra que simboliza um conjunto, significa que o zero foi excluído de tal conjunto.

$$\mathbb{N}^* = \{1, 2, 3, 4, 5, \ldots.\}$$

Expressões Numéricas

Nas expressões numéricas aparecem adições, subtrações, multiplicações e divisões. Todas as operações podem acontecer em uma única expressão. Para resolver as expressões numéricas utilizamos alguns procedimentos:

Se em uma expressão numérica aparecer as quatro operações, devemos resolver a multiplicação ou a divisão primeiramente, na ordem em que elas aparecerem e somente depois a adição e a subtração, também na ordem em que aparecerem e os parênteses são resolvidos primeiro.

Exemplo 1

10 + 12 – 6 + 7
22 – 6 + 7
16 + 7
23

Exemplo 2

40 – 9 x 4 + 23
40 – 36 + 23
4 + 23
27

Exemplo 3
25-(50-30)+4x5
25-20+20=25

Números Inteiros

Podemos dizer que este conjunto é composto pelos números naturais, o conjunto dos opostos dos números naturais e o zero. Este conjunto pode ser representado por:

$$\mathbb{Z} = \{\ldots, -3, -2, -1, 0, 1, 2, 3, \ldots.\}$$

Subconjuntos do conjunto $\mathbb{Z}$:

1)

$\mathbb{Z}^* = \{\ldots, -3, -2, -1, 1, 2, 3, \ldots.\} -$
Este é o conjunto dos números inteiros excluindo o zero.

2)

$\mathbb{Z}_+ = \{0, 1, 2, 3, \ldots.\} -$ *Este é o conjuntos dos númerosinteiros não – negativos*

3)

$\mathbb{Z}_- = \{\ldots, -3, -2, -1\} -$ *Este é o conjunto dos números inteiros não – positivos*

Números Racionais

Chama-se de número racional a todo número que pode ser expresso na forma $\frac{a}{b}$, onde a e b são inteiros quaisquer, com b≠0

Assim, os números $6\left(=\frac{12}{2}\right)$ e $1{,}33333\ldots. = \frac{4}{3}$ são dois exemplos de números racionais.

Representação Decimal das Frações

Temos 2 possíveis casos para transformar frações em decimais

1º) Decimais exatos: quando dividirmos a fração, o número decimal terá um número finito de algarismos após a vírgula.

$$\frac{1}{2} = 0{,}5$$

$$\frac{1}{4} = 0{,}25$$

$$\frac{3}{4} 0{,}75$$

2º) Terá um número infinito de algarismos após a vírgula, mas lembrando que a dízima deve ser periódica para ser número racional

OBS: período da dízima são os números que se repetem, se não repetir não é dízima periódica e assim números irracionais, que trataremos mais a frente.

$$\frac{1}{3} = 0{,}333\ldots$$

$$\frac{35}{99} = 0{,}353535\ldots$$

$$\frac{105}{9} = 11{,}6666\ldots$$

Representação Fracionária dos Números Decimais

Trata-se do problema inverso: estando o número racional escrito na forma decimal, procuremos escrevê-lo na forma de fração. Temos dois casos:

1º) Transformamos o número em uma fração cujo numerador é o número decimal sem a vírgula e o denominador é composto pelo numeral 1, seguido de tantos zeros quantas forem as casas decimais do número decimal dado:

$$0{,}3 = \frac{3}{10}$$

$$0{,}03 = \frac{3}{100}$$

$$0{,}003 = \frac{3}{1000}$$

$$3{,}3 = \frac{33}{10}$$

2º) Devemos achar a fração geratriz da dízima dada; para tanto, vamos apresentar o procedimento através de alguns exemplos:

Exemplo 1

Seja a dízima 0, 333... .

Façamos x = 0,333... e multipliquemos ambos os membros por 10: 10x = 3,333

Subtraindo, membro a membro, a primeira igualdade da segunda:

10x – x = 3,333... – 0,333... → 9x = 3 → x = 3/9

Assim, a geratriz de 0,333... é a fração $\frac{3}{9}$.

Exemplo 2

Seja a dízima 5, 1717... .

Façamos x = 5,1717... e 100x = 517,1717... .

Subtraindo membro a membro, temos:

99x = 512 → x = 512/99

Assim, a geratriz de 5,1717... é a fração 512/99 .

Números Irracionais

Identificação de números irracionais

- Todas as dízimas periódicas são números racionais.
- Todos os números inteiros são racionais.
- Todas as frações ordinárias são números racionais.
- Todas as dízimas não periódicas são números irracionais.
- Todas as raízes inexatas são números irracionais.
- A soma de um número racional com um número irracional é sempre um número irracional.
- A diferença de dois números irracionais, pode ser um número racional.
- Os números irracionais não podem ser expressos na forma $\frac{a}{b}$, com a e b inteiros e b≠0.

Exemplo: $\sqrt{5} - \sqrt{5} = 0$ e 0 é um número racional.

- O quociente de dois números irracionais, pode ser um número racional.

Exemplo: $\sqrt{8} : \sqrt{2} = \sqrt{4} = 2$ e 2 é um número racional.

- O produto de dois números irracionais, pode ser um número racional.

NOVA CONCURSOS

Exemplo: $\sqrt{5} \cdot \sqrt{5} = \sqrt{25} = 5$ e 5 é um número racional.

Exemplo:radicais($\sqrt{2}, \sqrt{3}$) a raiz quadrada de um número natural, se não inteira, é irracional.

Números Reais

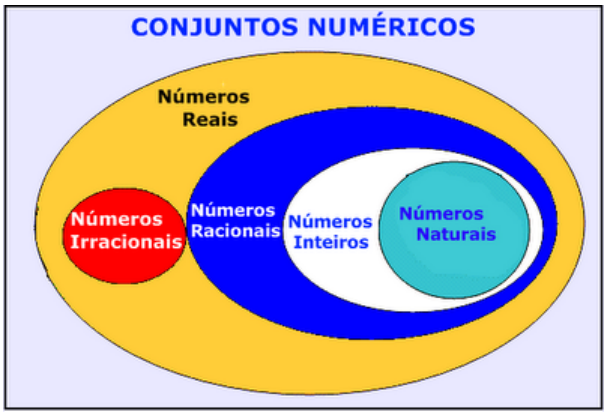

Fonte: www.estudokids.com.br

Representação na reta

INTERVALOS LIMITADOS

Intervalo fechado – Números reais maiores do que a ou iguais a e menores do que b ou iguais a b.

Intervalo:[a,b]
Conjunto: $\{x \in R | a \leq x \leq b\}$

Intervalo aberto – números reais maiores que a e menores que b.

Intervalo:]a,b[
Conjunto:$\{x \in R | a < x < b\}$

Intervalo fechado à esquerda – números reais maiores que a ou iguais a a e menores do que b.

Intervalo:{a,b[
Conjunto $\{x \in R | a \leq x < b\}$
Intervalo fechado à direita – números reais maiores que a e menores ou iguais a b.

Intervalo:]a,b]
Conjunto:$\{x \in R | a < x \leq b\}$

INTERVALOS IIMITADOS

Semirreta esquerda, fechada de origem b- números reais menores ou iguais a b.

Intervalo:]-∞,b]
Conjunto:$\{x \in R | x \leq b\}$

Semirreta esquerda, aberta de origem b – números reais menores que b.

Intervalo:]-∞,b[
Conjunto:$\{x \in R | x < b\}$

Semirreta direita, fechada de origem a – números reais maiores ou iguais a a.

Intervalo:[a,+ ∞[
Conjunto:$\{x \in R | x \geq a\}$

Semirreta direita, aberta, de origem a – números reais maiores que a.

Intervalo:]a,+ ∞[
Conjunto:$\{x \in R | x > a\}$

Potenciação

Os números envolvidos em uma multiplicação são chamados de fatores e o resultado da multiplicação é o produto, quando os fatores são todos iguais existe uma forma diferente de fazer a representação dessa multiplicação que é a potenciação.

2 . 2 . 2 . 2 = 16 → multiplicação de fatores iguais.

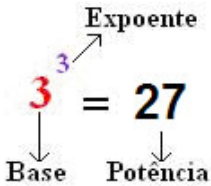

Casos

1) Todo número elevado ao expoente 0 resulta em 1.

$1^0 = 1$

$5^0 = 1$

2) Todo número elevado ao expoente 1 é o próprio número.

$3^1 = 3$

$4^1 = 4$

3) Todo número negativo, elevado ao expoente par, resulta em um número positivo.

$(-2)^2 = 4$

$(-4)^2 = 16$

4) Todo número negativo, elevado ao expoente ímpar, resulta em um número negativo.

$(-2)^3 = -8$

$(-3)^3 = -27$

5) Se o sinal do expoente for negativo, devemos passar o sinal para positivo e inverter o número que está na base.

$2^{-1} = \frac{1}{2}$

$2^{-2} = \frac{1}{4}$

6) Toda vez que a base for igual a zero, não importa o valor do expoente, o resultado será igual a zero.

$0^2 = 0$

$0^3 = 0$

Propriedades

1) ($a^m \cdot a^n = a^{m+n}$) Em uma multiplicação de potências de mesma base, repete-se a base e adiciona-se (soma) os expoentes.

Exemplos:

$5^4 \cdot 5^3 = 5^{4+3} = 5^7$

$(5.5.5.5) .(5.5.5) = 5.5.5.5.5.5.5 = 5^7$

$$\left(\frac{1}{2}\right)^2 \cdot \left(\frac{1}{2}\right)^3 = \left(\frac{1}{2}\right)^{2+3} = \left(\frac{1}{2}\right)^5 = 2^{-2}.2^{-3} = 2^{-5}$$

2) ($a^m : a^n = a^{m-n}$). Em uma divisão de potência de mesma base. Conserva-se a base e subtraem os expoentes.

Exemplos:

$9^6 : 9^2 = 9^{6-2} = 9^4$

$$\left(\frac{1}{2}\right)^2 : \left(\frac{1}{2}\right)^3 = \left(\frac{1}{2}\right)^{2-3} = \left(\frac{1}{2}\right)^{-1} = 2$$

3) $(a^m)^n$ Potência de potência. Repete-se a base e multiplica-se os expoentes.

Exemplos:

$(5^2)^3 = 5^{2.3} = 5^6$

$$\left(\left(\frac{2}{3}\right)^4\right)^3 = \frac{2^{12}}{3}$$

Radiciação

Radiciação é a operação inversa a potenciação

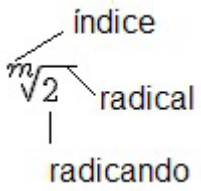

Técnica de Cálculo

A determinação da raiz quadrada de um número torna-se mais fácil quando o algarismo se encontra fatorado em números primos. Veja:

64	2
32	2
16	2
8	2
4	2
2	2
1	

$64 = 2.2.2.2.2.2 = 2^6$

Como é raiz quadrada a cada dois números iguais "tira-se" um e multiplica.

$\sqrt{64} = 2.2.2 = 8$

Observe: $\sqrt{3.5} = (3.5)^{\frac{1}{2}} = 3^{\frac{1}{2}}.5^{\frac{1}{2}} = \sqrt{3}.\sqrt{5}$

De modo geral, se $a \in R_+, b \in R_+, n \in N^*$, então:

$$\sqrt[n]{a.b} = \sqrt[n]{a}.\sqrt[n]{b}$$

O radical de índice inteiro e positivo de um produto indicado é igual ao produto dos radicais de mesmo índice dos fatores do radicando.

NOVA CONCURSOS

Raiz quadrada de frações ordinárias

Observe: $\sqrt{\frac{2}{3}} = \left(\frac{2}{3}\right)^{\frac{1}{2}} = \frac{2^{\frac{1}{2}}}{3^{\frac{1}{2}}} = \frac{\sqrt{2}}{\sqrt{3}}$

De modo geral, se $a \in R_+, b \in R_+^*, n \in N^*$, então:

$$\sqrt[n]{\frac{a}{b}} = \frac{\sqrt[n]{a}}{\sqrt[n]{b}}$$

O radical de índice inteiro e positivo de um quociente indicado é igual ao quociente dos radicais de mesmo índice dos termos do radicando.

Raiz quadrada números decimais

$$\sqrt{1{,}69} = \sqrt{\frac{169}{100}} = \frac{\sqrt{169}}{\sqrt{100}} = \frac{13}{10} = 1{,}3$$

Operações

$$\sqrt{5{,}76} = \sqrt{\frac{576}{100}} = \frac{\sqrt{576}}{\sqrt{100}} = \frac{24}{10} = 2{,}4$$

Operações

Multiplicação

$\sqrt{a} \cdot \sqrt{b} = \sqrt{a \cdot b}$

Exemplo

$\sqrt{2} \cdot \sqrt{3} = \sqrt{6}$

Divisão

$$\sqrt{\frac{a}{b}} = \frac{\sqrt{a}}{\sqrt{b}}$$

Exemplo

$$\sqrt{\frac{72}{2}} = \frac{\sqrt{72}}{\sqrt{2}}$$

Adição e subtração

$\sqrt{2} + \sqrt{8} - \sqrt{20}$

Para fazer esse cálculo, devemos fatorar o 8 e o 20.

8	2	20	2
4	2	10	2
2	2	5	5
1		1	

$\sqrt{2} + \sqrt{8} - \sqrt{20} = \sqrt{2} + 2\sqrt{2} - 2\sqrt{5} = 3\sqrt{2} - 2\sqrt{5}$

Caso tenha:

$\sqrt{2} + \sqrt{5}$

Não dá para somar, as raízes devem ficar desse modo.

Racionalização de Denominadores

Normalmente não se apresentam números irracionais com radicais no denominador. Ao processo que leva à eliminação dos radicais do denominador chama-se racionalização do denominador.

1º Caso:Denominador composto por uma só parcela

$$\frac{3}{\sqrt{3}}$$

$$\frac{3}{\sqrt{3}} = \frac{3}{\sqrt{3}} \cdot \frac{\sqrt{3}}{\sqrt{3}} = \frac{3\sqrt{3}}{3} = \sqrt{3}$$

2º Caso: Denominador composto por duas parcelas.

$$\frac{3}{2 - \sqrt{10}}$$

Devemos multiplicar de forma que obtenha uma diferença de quadrados no denominador:

$$\frac{3}{2-\sqrt{10}} = \frac{3}{2-\sqrt{10}} \cdot \frac{2+\sqrt{10}}{2+\sqrt{10}} = \frac{6+3\sqrt{10}}{4-10} = \frac{6+3\sqrt{10}}{-6} = -1 - \frac{1}{2}\sqrt{10}$$

MMC

O mmc de dois ou mais números naturais é o menor número, excluindo o zero, que é múltiplo desses números.

Cálculo do m.m.c.

Vamos estudar dois métodos para encontrar o mmc de dois ou mais números:

1) Podemos calcular o m.m.c. de dois ou mais números utilizando a fatoração. Acompanhe o cálculo do m.m.c. de 12 e 30:

1º) decompomos os números em fatores primos

2º) o m.m.c. é o produto dos fatores primos comuns e não comuns:

12 = 2 x 2 x 3

30 = 2 x 3 x 5

m.m.c (12,30) = 2 x 2 x 3 x 5

Escrevendo a fatoração dos números na forma de potência, temos:

12 = 2^2 x 3

30 = 2 x 3 x 5

m.m.c (12,30) = 2^2 x 3 x 5

O mmc de dois ou mais números, quando fatorados, é o produto dos fatores comuns e não comuns , cada um com seu maior expoente

2) Método da decomposição simultânea

Vamos encontrar o mmc (15, 24, 60)

15, 24, 60	2
15, 12, 30	2
15, 6 , 15	2
15, 3 , 15	3
5, 1 , 5	5
1, 1 , 1	

Neste processo decompomos todos os números ao mesmo tempo, num dispositivo como mostra a figura acima. O produto dos fatores primos que obtemos nessa decomposição é o m.m.c. desses números.

Portanto, m.m.c.(15,24,60) = 2 x 2 x 2 x 3 x 5 = 120

OBS:

1. Dados dois ou mais números, se um deles é múltiplo de todos os outros**,** então ele é o m.m.c. dos números dados.

2. Dados dois números primos entre si, o mmc deles é o produto desses números.

MDC

Máximo divisor comum (mdc)

É o maior divisor comum entre dois ou mais números naturais. Usamos a abreviação MDC

Cálculo do m.d.c

Vamos estudar dois métodos para encontrar o mdc de dois ou mais números

1) Um modo de calcular o m.d.c. de dois ou mais números é utilizar a decomposição desses números em fatores primos:

- *Decompomos os números em fatores primos*;
- O m.d.c. é o produto dos fatores primos comuns.

Acompanhe o cálculo do m.d.c. entre 36 e 90:

36 = 2 x 2 x 3 x 3

90 = 2 x 3 x 3 x 5

O m.d.c. é o produto dos fatores primos comuns => m.d.c.(36,90) = 2 x 3 x 3

Portanto m.d.c.(36,90) = 18.

Escrevendo a fatoração do número na forma de potência temos:

36 = 2^2 x 3^2

90 = 2 x 3^2 x 5

Portanto m.d.c.(36,90) = 2 x 3^2 = 18.

2) Processo das divisões sucessivas : Nesse processo efetuamos várias divisões até chegar a uma divisão exata. O divisor desta divisão é o m.d.c. Acompanhe o cálculo do m.d.c.(48,30).

Regra prática:

1º**)** dividimos o número maior pelo número menor;

48 / 30 = 1 (com resto 18)

2º) dividimos o divisor 30, que é divisor da divisão anterior, por 18, que é o resto da divisão anterior, e assim sucessivamente;

30 / 18 = 1 (com resto 12)

18 / 12 = 1 (com resto 6)

12 / 6 = 2 (com resto zero - divisão exata)

3º**)** O divisor da divisão exata é 6. Então m.d.c.(48,30) = 6.

OBS:

1.Dois ou mais números são primos entre si quando o máximo divisor comum entre eles é o número.

2.Dados dois ou mais números, se um deles é divisor de todos os outros, então ele é o mdc dos números dados.

Problemas

1. Uma indústria de tecidos fabrica retalhos de mesmo comprimento. Após realizarem os cortes necessários, verificou-se que duas peças restantes tinham as seguintes medidas: 156 centímetros e 234 centímetros. O gerente de produção ao ser informado das medidas, deu a ordem para que o funcionário cortasse o pano em partes iguais e de maior comprimento possível. Como ele poderá resolver essa situação?

2. Uma empresa de logística é composta de três áreas: administrativa, operacional e vendedores. A área administrativa é composta de 30 funcionários, a operacional de 48 e a de vendedores com 36 pessoas. Ao final do ano, a empresa realiza uma integração entre as três áreas, de modo que todos os funcionários participem ativamente. As equipes devem conter o mesmo número de funcionários com o maior número possível. Determine quantos funcionários devem participar de cada equipe e o número possível de equipes.

3. (PUC–SP) Numa linha de produção, certo tipo de manutenção é feita na máquina A a cada 3 dias, na máquina B, a cada 4 dias, e na máquina C, a cada 6 dias. Se no dia 2 de dezembro foi feita a manutenção nas três máquinas, após quantos dias as máquinas receberão manutenção no mesmo dia.

4. Um médico, ao prescrever uma receita, determina que três medicamentos sejam ingeridos pelo paciente de acordo com a seguinte escala de horários: remédio A, de 2 em 2 horas, remédio B, de 3 em 3 horas e remédio C, de 6 em 6 horas. Caso o paciente utilize os três remédios às 8 horas da manhã, qual será o próximo horário de ingestão dos mesmos?

NOVA CONCURSOS

5. João tinha 20 bolinhas de gude e queria distribuí-las entre ele e 3 amigos de modo que cada um ficasse com um número par de bolinhas e nenhum deles ficasse com o mesmo número que o outro. Com quantas bolinhas ficou cada menino?

Resposta

1. Calculamos o MDC entre 156 e 234 e o resultado é : os retalhos devem ter 78 cm de comprimento.

2. Calculamos o MDC entre 30, 48 e 36. O número de equipes será igual a 19, com 6 participantes cada uma.

3. Calculamos o MMC entre 3, 4 e 6. Concluímos que após 12 dias, a manutenção será feita nas três máquinas. Portanto, dia 14 de dezembro.

4. Calculamos o MMC entre 2, 3 e 6. De 6 em 6 horas os três remédios serão ingeridos juntos. Portanto, o próximo horário será às 14 horas.

5. Se o primeiro menino ficar com 2 bolinhas, sobrarão 18 bolinhas para os outros 3 meninos. Se o segundo receber 4, sobrarão 14 bolinhas para os outros dois meninos. O terceiro menino receberá 6 bolinhas e o quarto receberá 8 bolinhas.

SISTEMA DE MEDIDAS: MEDIDAS DE COMPRIMENTO, SUPERFÍCIE, VOLUME, CAPACIDADE, TEMPO, MASSA, M² E METRO LINEAR; PROBLEMAS USANDO AS QUATRO OPERAÇÕES.

Sistema de Medidas Decimais

Um sistema de medidas é um conjunto de unidades de medida que mantém algumas relações entre si. O sistema métrico decimal é hoje o mais conhecido e usado no mundo todo. Na tabela seguinte, listamos as unidades de medida de comprimento do sistema métrico. A unidade fundamental é o metro, porque dele derivam as demais.

Unidades de Comprimento						
km	**hm**	**dam**	**m**	**dm**	**cm**	**mm**
quilômetro	hectômetro	decâmetro	metro	decímetro	centímetro	milímetro
1000m	100m	10m	1m	0,1m	0,01m	0,001m

Há, de fato, unidades quase sem uso prático, mas elas têm uma função. Servem para que o sistema tenha um padrão: cada unidade vale sempre 10 vezes a unidade menor seguinte.

Por isso, o sistema é chamado decimal.

E há mais um detalhe: embora o decímetro não seja útil na prática, o decímetro cúbico é muito usado com o nome popular de litro.

As unidades de área do sistema métrico correspondem às unidades de comprimento da tabela anterior.

São elas: quilômetro quadrado (km^2), hectômetro quadrado (hm^2), etc. As mais usadas, na prática, são o quilômetro quadrado, o metro quadrado e o hectômetro quadrado, este muito importante nas atividades rurais com o nome de hectare (ha): 1 hm^2 = 1 ha.

No caso das unidades de área, o padrão muda: uma unidade é 100 vezes a menor seguinte e não 10 vezes, como nos comprimentos. Entretanto, consideramos que o sistema continua decimal, porque $100 = 10^2$.

Unidades de Área						
km^2	**hm^2**	**dam^2**	**m^2**	**dm^2**	**cm^2**	**mm^2**
quilômetro quadrado	hectômetro quadrado	decâmetro quadrado	metro quadrado	decímetro quadrado	centímetro quadrado	milímetro quadrado
1000000m^2	10000m^2	100m^2	1m^2	0,01m^2	0,0001m^2	0,000001m^2

Agora, vejamos as unidades de volume. De novo, temos a lista: quilômetro cúbico (km^3), hectômetro cúbico (hm^3), etc. Na prática, são muitos usados o metro cúbico e o centímetro cúbico.

Nas unidades de volume, há um novo padrão: cada unidade vale 1000 vezes a unidade menor seguinte. Como 1000 = 10^3, o sistema continua sendo decimal.

Unidades de Volume						
km^3	**hm^3**	**dam^3**	**m^3**	**dm^3**	**cm^3**	**mm^3**
quilômetro cúbico	hectômetro cúbico	decâmetro cúbico	metro cúbico	decímetro cúbico	centímetro cúbico	milímetro cúbico
1000000000m^3	1000000m^3	1000m^3	1m^3	0,001m^3	0,000001m^3	0,000000001m^3

A noção de capacidade relaciona-se com a de volume. Se o volume da água que enche um tanque é de 7 000 litros, dizemos que essa é a capacidade do tanque. A unidade fundamental para medir capacidade é o litro (l); 1l equivale a 1 dm^3.

Cada unidade vale 10 vezes a unidade menor seguinte.

Unidades de Capacidade						
kl	**hl**	**dal**	**l**	**dl**	**cl**	**ml**
quilolitro	hectolitro	decalitro	litro	decilitro	centímetro	mililitro
1000l	100l	10l	1l	0,1l	0,01l	0,001l

O sistema métrico decimal inclui ainda unidades de medidas de massa. A unidade fundamental é o grama.

Unidades de Massa						
kg	**hg**	**dag**	**g**	**dg**	**cg**	**mg**
quilograma	hectograma	decagrama	grama	decigrama	centigrama	miligrama
1000g	100g	10g	1g	0,1g	0,01g	0,001g

Dessas unidades, só têm uso prático o quilograma, o grama e o miligrama. No dia-a-dia, usa-se ainda a tonelada (t): 1t = 1000 kg.

Não Decimais

Desse grupo, o sistema hora – minuto – segundo, que mede intervalos de tempo, é o mais conhecido.
2h = 2 . 60min = 120 min = 120 . 60s = 7 200s

Para passar de uma unidade para a menor seguinte, multiplica-se por 60.
0,3h não indica 30 minutos nem 3 minutos; como 1 décimo de hora corresponde a 6 minutos, conclui-se que 0,3h = 18min.

Para medir ângulos, também temos um sistema não decimal. Nesse caso, a unidade básica é o grau. Na astronomia, na cartografia e na navegação são necessárias medidas inferiores a 1º. Temos, então:
1 grau equivale a 60 minutos (1º = 60')
1 minuto equivale a 60 segundos (1' = 60")

Os minutos e os segundos dos ângulos não são, é claro, os mesmos do sistema hora – minuto – segundo. Há uma coincidência de nomes, mas até os símbolos que os indicam são diferentes:
1h32min24s é um intervalo de tempo ou um instante do dia.
1º 32' 24" é a medida de um ângulo.

Por motivos óbvios, cálculos no sistema hora – minuto – segundo são similares a cálculos no sistema grau – minuto – segundo, embora esses sistemas correspondam a grandezas distintas.

Há ainda um sistema não-decimal, criado há algumas décadas, que vem se tornando conhecido. Ele é usado para medir a informação armazenada em memória de computadores, disquetes, discos compacto, etc. As unidades de medida são bytes (b), kilobytes (kb), megabytes (Mb), etc. Apesar de se usarem os prefixos "kilo" e "mega", essas unidades não formam um sistema decimal.

Um kilobyte equivale a 2^{10} bytes e 1 megabyte equivale a 2^{10} kilobytes.

NOVA CONCURSOS

Exercícios

1. **Raquel saiu de casa às 13h 45min, caminhando até o curso de inglês que fica a 15 minutos de sua casa, e chegou na hora da aula cuja duração é de uma hora e meia. A que horas terminará a aula de inglês?**
a) 14h
b) 14h 30min
c) 15h 15min
d) 15h 30min
e) 15h 45min

2. 348 mm3 equivalem a quantos decilitros?

3. Quantos decalitros equivalem a 1 m3?

4. Passe 50 dm2 para hectômetros quadrados.

5. Quantos quilômetros cúbicos equivalem a 14 mm3?

6. Quantos centilitros equivalem a 15 hl?

7. Passe 5.200 gramas para quilogramas.

8. Converta 2,5 metros em centímetros.

9. Quantos minutos equivalem a 5h05min?

10. Quantos minutos se passaram das 9h50min até as 10h35min?

Respostas

1) Resposta "D".
Solução: Basta somarmos todos os valores mencionados no enunciado do teste, ou seja:
13h 45min + 15 min + 1h 30 min = 15h 30min

Logo, a questão correta é a letra D.

2) Resposta "0, 00348 dl".
Solução: Como 1 cm^3 equivale a 1 ml, é melhor dividirmos 348 mm^3 por mil, para obtermos o seu equivalente em centímetros cúbicos: 0,348 cm^3.
Logo 348 mm^3 equivalem a 0, 348 ml, já que cm^3 e ml se equivalem.

Neste ponto já convertemos de uma unidade de medida de volume, para uma unidade de medida de capacidade.
Falta-nos passarmos de mililitros para decilitros, quando então passaremos dois níveis à esquerda. Dividiremos então por 10 duas vezes:

$$0{,}348\ ml : 10 : 10 \Rightarrow 0{,}00348\ dl$$

Logo, 348 mm^3 equivalem a 0, 00348 dl.

3) Resposta "100 dal".
Solução: Sabemos que 1 m^3 equivale a 1.000 l, portanto para convertermos de litros a decalitros, passaremos um nível à esquerda.
Dividiremos então 1.000 por 10 apenas uma vez:

$$1000\ l : 10 \Rightarrow 100\ dal$$

Isto equivale a passar a vírgula uma casa para a esquerda.
Poderíamos também raciocinar da seguinte forma:

Como 1 m^3 equivale a 1 kl, basta fazermos a conversão de 1 kl para decalitros, quando então passaremos dois níveis à direita. Multiplicaremos então 1 por 10 duas vezes:

$$1\ kl \cdot 10 \cdot 10 \Rightarrow 100\ dal$$

Logo, 100 dal equivalem a 1 m^3.

4) Resposta "0, 00005 hm^2".
Solução: Para passarmos de decímetros quadrados para hectômetros quadrados, passaremos três níveis à esquerda. Dividiremos então por 100 três vezes:

$$50\ dm^2 : 100 : 100 : 100 \Rightarrow 0{,}00005\ hm^2$$

Isto equivale a passar a vírgula seis casas para a esquerda.

Portanto, 50 dm^2 é igual a 0, 00005 hm^2.

5) Resposta "0,000000000000000014 km^3, ou a 1,4 x $10^{-17\ km3}$".
Solução: Para passarmos de milímetros cúbicos para quilômetros cúbicos, passaremos seis níveis à esquerda. Dividiremos então 14 por 1000 seis vezes:

$$14\ mm^3 : 1000 : 1000 : 1000 : 1000 : 1000 : 1000 \Rightarrow 14 : 10^{18}\ km^3 \Rightarrow 14 \cdot 10^{-18}\ km^3 \Rightarrow$$

$$1{,}4 \cdot 10^{-17}\ km^3 \Rightarrow 0.000000000000000014\ km^3$$

Portanto, 0, 000000000000000014 km^3, ou a 1,4 x $10^{-17\ km3}$ se expresso em notação científica equivalem a 14 mm3.

6) Resposta "150.000 cl".
Solução: Para irmos de hectolitros a centilitros, passaremos quatro níveis à direita.
Multiplicaremos então 15 por 10 quatro vezes:

$$15\ hl \cdot 10 \cdot 10 \cdot 10 \cdot 10 \Rightarrow 150.000\ cl$$

Isto equivale a passar a vírgula quatro casas para a direita.

Logo, 150.000 cl equivalem a 15 hl.

7) Resposta "5,2 kg".
Solução: Para passarmos 5.200 gramas para quilogramas, devemos dividir (porque na tabela grama está à direita de quilograma) 5.200 por 10 três vezes, pois para passarmos de gramas para quilogramas saltamos três níveis à esquerda.
Primeiro passamos de grama para decagrama, depois de decagrama para hectograma e finalmente de hectograma para quilograma:

$$5200\ g : 10 : 10 : 10 \Rightarrow 5{,}2\ kg$$

Isto equivale a passar a vírgula três casas para a esquerda.

Portanto, 5.200 g são iguais a 5,2 kg.

8) Resposta "250 cm".
Solução: Para convertermos 2,5 metros em centímetros, devemos multiplicar (porque na tabela metro está à esquerda de centímetro) 2,5 por 10 duas vezes, pois para passarmos de metros para centímetros saltamos dois níveis à direita.
Primeiro passamos de metros para decímetros e depois de decímetros para centímetros:

$$2{,}5\ m \cdot 10 \cdot 10 \Rightarrow 250\ cm$$

Isto equivale a passar a vírgula duas casas para a direita.

Logo, 2,5 m é igual a 250 cm.

NOVA CONCURSOS

9) Resposta "305min".
Solução:
(5 . 60) + 5 = 305 min.

10) Resposta "45 min".
Solução: 45 min

Unidade de tempo

A unidade padrão de medida de tempo é o segundo, abreviado por s.
Os múltiplos do segundo são:

Hora	Minuto	Segundo
h	min	s
3600 s	60 s	1 s

Usamos o sistema sexagesimal, que emprega a base sessenta. Os múltiplos do segundo enquadram-se nesse sistema. Repare que cada unidade é sessenta vezes maior que a unidade que a antecede.
1 h = 60 min
1 min = 60 s

Para transformar uma unidade em outra imediatamente superior, basta dividi-la por 60 e inferior basta multiplica-la por 60.
Ex:3h = 3 . 60 = 180 min
52 min = 52 . 60 = 3120 s
1020 s = 1020 : 60 = 17 min
420 min = 420 : 60 = 7 h

Ao usarmos o sistema sexagesimal, cada grupo de 60 forma outra classe; então, 60 segundos formam 1 minuto e 60 minutos formam 1 hora. Para adicionarmos unidades de tempo vamos tomar cuidado para posicionar hora embaixo de hora, minuto embaixo de minuto e segundo embaixo de segundo.
Por exemplo: 1)Para adicionarmos 5h 12 min 37 s a 8 h 20 min 11 s, vamos colocar as unidades iguais uma embaixo da outra e depois adicionar os valores da mesma classe.

Horaminuto segundo
5 1237
8 2011
---
13 3248
2)vamos adicionar 8h 19 min 58 s com 2 h 24 min 39 s
Horaminuto segundo
8 19 58
224 39
---
10 43 97
Note que , na casa dos segundos, obtivemos 97 s e vamos decompor esse valor em:
97 s = 60 s + 37 s = 1 min + 37 s
Então, devemos retirar 60 s da classe dos segundos e acrescentar 1 min na classe dos minutos.
Logo a resposta fica: 10 h 44 min 37 s

Para subtrair unidades de medida de tempo, o processo é semelhante ao usado na adição.
Ex; vamos subtrair 4 h 41 min 44 s de 7 h 53 min 36 s
Horaminutosegundo
7 5336
4 4144

Perceba que a subtração 36 s – 44 s não é possível nos números naturais, então, vamos retirar 1 min de 53 min, transformar esse 1 min em 60 s e acrescenta-los aos 36 s. Assim:
Hora minuto segundo
7 52 96
4 41 44
---
3 11 52
Para multiplicarmos uma unidade de medida de tempo por um número natural, devemos multiplicar as horas, minutos e segundos Por esse número natural.
Ex: multiplicar 4 h 52 min 8 s por 6
4 h52 min 8 s
X6

24h 312 min48 s

Como 312 min é maior que 1 hora, devemos descobrir quantas horas cabem em 312 minutos. Para isso basta dividir 312 por 60 onde o resultado é 5 e o resto é 12.
Então 312 min = 5 h 12 min
Devemos então acrescentar 5 h a 24 h = 29 h e o resultado fica
29 h 12 min 48 s

Problemas

1.Dois amigos partiram às 10h 32 min de Aparecida do Norte e chegaram a Ribeirão Preto às 16 h 8 min. Quanto tempo durou a viagem?

2. João nasceu numa terça feira às 13 h 45 min 12 s e Maria nasceu no mesmo dia, às 8 h 13 min 47 s. Determine a diferença entre os horários de nascimento de João e Maria, nessa ordem.

3.Um passageiro embarcou em um ônibus na cidade A às 14h 32 min 18s, esse ônibus saiu da rodoviária desta cidade às 14h 55min 40s e chegou à rodoviária da cidade B às 19h 27min 15s,do mesmo dia. Quanto tempo o passageiro permaneceu no interior do ônibus?
a) 05h 54min 09s
b) 04h 05min 57s
c) 05h 05min 09s
d) 04h 54min 57s

Respostas

1.5 h 36 min

2.5 h 31 min 25 s

3.Vamos considerar o horário de chegada à cidade B e o horário que o passageiro entrou no ônibus
19 h27 min15 seg
14 h32 min18 seg

Para subtrair 18 de 15 não é possível então emprestamos 1 minuto dos 27
Que passa a ser 26 e no lugar de 15 seg usamos 15 +60(que é 1 min). Então
75 – 18 = 57 seg.

O mesmo acontece com os minutos. Vamos emprestar 1 hora das 19 que passa a ser 18 e no lugar de 26 minutos usamos 26 + 60 (que é uma hora). Então 86 – 32 = 54 minutos
Por fim 18 h – 14 h = 4 horas
Resp. 4 horas 54 min e 57 seg.

CONJUNTO DE NÚMEROS: NATURAIS, INTEIROS, RACIONAIS, IRRACIONAIS, REAIS, OPERAÇÕES, EXPRESSÕES (CÁLCULO);

"Caro Candidato, o Tópico acima foi abordado em: Números inteiros; Números Naturais; Numeração decimal; Operações fundamentais como: Adição, Subtração, Divisão e Multiplicação; Simplificação; Medindo o tempo: horas, minutos e segundos; Problemas matemáticos; radiciação; potenciação; máximo divisor comum; mínimo divisor comum; "

MATEMÁTICA FINANCEIRA; PORCENTAGEM; JUROS SIMPLES E COMPOSTO;

PORCENTAGEM

É uma fração de denominador centesimal, ou seja, é uma fração de denominador 100. Representamos porcentagem pelo símbolo % e lê-se: "por cento".

Deste modo, a fração $\frac{50}{100}$ é uma porcentagem que podemos representar por 50%.

Forma Decimal: É comum representarmos uma porcentagem na forma decimal, por exemplo, 35% na forma decimal seriam representados por 0,35.

75% = $\frac{75}{100}$ = 0,75

Cálculo de uma Porcentagem: Para calcularmos uma porcentagem *p*% de *V*, basta multiplicarmos a fração $\frac{p}{100}$ por *V*.

P% de V = $\frac{p}{100}$. V

Exemplo 1

23% de 240 = $\frac{23}{100}$. 240 = 55,2

Exemplo 2

Em uma pesquisa de mercado, constatou-se que 67% de uma amostra assistem a um certo programa de TV. Se a população é de 56.000 habitantes, quantas pessoas assistem ao tal programa?

Resolução: 67% de 56 000 = $\frac{67}{100}.56000 = 37520$

Resposta: 37 520 pessoas.

Porcentagem que o lucro representa em relação ao preço de custo e em relação ao preço de venda

Chamamos de lucro em uma transação comercial de compra e venda a diferença entre o preço de venda e o preço de custo.
Lucro = preço de venda – preço de custo
Caso essa diferença seja negativa, ela será chamada de **prejuízo**.

Assim, podemos escrever:
Preço de custo + lucro = preço de venda
Preço de custo – prejuízos = preço de venda

Podemos expressar o lucro na forma de porcentagem de duas formas:
Lucro sobre o custo = lucro/preço de custo. 100%
Lucro sobre a venda = lucro/preço de venda. 100%

Observação: A mesma análise pode ser feita para o caso de prejuízo.

Exemplo

Uma mercadoria foi comprada por R$ 500,00 e vendida por R$ 800,00.
Pede-se:
- o lucro obtido na transação;
- a porcentagem de lucro sobre o preço de custo;
- a porcentagem de lucro sobre o preço de venda.

Resposta:
Lucro = 800 – 500 = R$ 300,00
$L_c = \frac{300}{500} = 0,60 = 60\%$

$L_v = \frac{300}{800} = 0,375 = 37,5\%$

NOVA CONCURSOS

Aumento

Aumento Percentual: Consideremos um valor inicial *V* que deve sofrer um aumento de p% de seu valor. Chamemos de *A* o valor do aumento e V_A o valor após o aumento. Então, A = p% de V = $\frac{p}{100}$. V

$V_A = V + A = V + \frac{p}{100}.V$

$V_A = (1 + \frac{p}{100}).V$

Em que $(1 + \frac{p}{100})$ é o fator de aumento.

Desconto

Desconto Percentual: Consideremos um valor inicial *V* que deve sofrer um desconto de p% de seu valor. Chamemos de *D* o valor do desconto e V_D o valor após o desconto. Então, D = p% de V = $\frac{p}{100}$. V

$V_D = V - D = V - \frac{p}{100}.V$

$V_D = (1 - \frac{p}{100}).V$

Em que $(1 - \frac{p}{100})$ é o fator de desconto.

Exemplo

Uma empresa admite um funcionário no mês de janeiro sabendo que, já em março, ele terá 40% de aumento. Se a empresa deseja que o salário desse funcionário, a partir de março, seja R$ 3 500,00, com que salário deve admiti-lo?

Resolução: $V_A = 1{,}4 . V$

$3\,500 = 1{,}4 . V$

$V = \frac{3500}{1{,}4} = 2500$

Resposta: R$ 2 500,00

Aumentos e Descontos Sucessivos: Consideremos um valor inicial *V*, e vamos considerar que ele irá sofrer dois aumentos sucessivos de p_1% e p_2%. Sendo V_1 o valor após o primeiro aumento, temos:

$V_1 = V . (1 + \frac{p_1}{100})$

Sendo V_2 o valor após o segundo aumento, temos:

$V_2 = V_1 . (1 + \frac{p_2}{100})$

$V_2 = V . (1 + \frac{p_1}{100}) . (1 + \frac{p_2}{100})$

Sendo *V* um valor inicial, vamos considerar que ele irá sofrer dois descontos sucessivos de p_1% e p_2%.

Sendo V_1 o valor após o primeiro desconto, temos:

$V_1 = V. (1 - \frac{p_1}{100})$

Sendo V_2 o valor após o segundo desconto, temos:

$V_2 = V_1 . (1 - \frac{p_2}{100})$

$V_2 = V . (1 - \frac{p_1}{100}) . (1 - \frac{p_2}{100})$

Sendo *V* um valor inicial, vamos considerar que ele irá sofrer um aumento de p_1% e, sucessivamente, um desconto de p_2%.

Sendo V_1 o valor após o aumento, temos:

$V_1 = V . (1+ \frac{p_1}{100})$

Sendo V_2 o valor após o desconto, temos:

$V_2 = V_1 . (1 - \frac{p_2}{100})$

$V_2 = V . (1 + \frac{p_1}{100}) . (1 - \frac{p_2}{100})$

Exemplo

(VUNESP-SP) Uma instituição bancária oferece um rendimento de 15% ao ano para depósitos feitos numa certa modalidade de aplicação financeira. Um cliente deste banco deposita 1 000 reais nessa aplicação. Ao final de *n* anos, o capital que esse cliente terá em reais, relativo a esse depósito, são:

Resolução: $V^A = \left(1+\frac{p}{100}\right)^n .v$

$V^A = \left(1.\frac{15}{100}\right)^n .1000$

$V^A = 1\,000 . (1{,}15)n$

$V^A = 1\,000 . 1{,}15n$

$V^A = 1\,150{,}00n$

QUESTÕES

1 - (PREF. AMPARO/SP – AGENTE ESCOLAR – CONRIO/2014) Se em um tanque de um carro for misturado 45 litros de etanol em 28 litros de gasolina, qual será o percentual aproximado de gasolina nesse tanque?

A) 38,357%
B) 38,356%
C) 38,358%
D) 38,359%

2 - (CEF / Escriturário) Uma pessoa x pode realizar uma certa tarefa em 12 horas. Outra pessoa, y, é 50% mais eficiente que x. Nessas condições, o número de horas necessárias para que y realize essa tarefa é :

A) 4
B) 5
C) 6
D) 7
E) 8

3 - (SABESP – APRENDIZ – FCC/2012) Observe a tabela que indica o consumo mensal de uma mesma torneira da pia de uma cozinha, aberta meia volta por um minuto, uma vez ao dia.

	Torneira alimentada por água de rua	Torneira alimentada por água da caixa
Consumo mensal por 1 minuto de uso, 1 vez ao dia	28,026 m^3	7,2 m^3

(**http://www.sabesp.com.br/CalandraWeb/animacoes/index.html**. Acessado em 15/03/2012)

Em relação ao cosumo mensal da torneira alimentada pela água da rua, o da torneira alimentada pela água da caixa representa, aproximadamente,

A) 20%
B) 26%
C) 30%
D) 35%
E) 40%

4 - (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) O preço de uma mercadoria, na loja J, é de R$ 50,00. O dono da loja J resolve reajustar o preço dessa mercadoria em 20%. A mesma mercadoria, na loja K, é vendida por R$ 40,00. O dono da loja K resolve reajustar o preço dessa mercadoria de maneira a igualar o preço praticado na loja J após o reajuste de 20%. Dessa maneira o dono da loja K deve reajustar o preço em

A) 20%.
B) 50%.
C) 10%.
D) 15%.
E) 60%.

5 - (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) O preço de venda de um produto, descontado um imposto de 16% que incide sobre esse mesmo preço, supera o preço de compra em 40%, os quais constituem o lucro líquido do vendedor. Em quantos por cento, aproximadamente, o preço de venda é superior ao de compra?

A) 67%.
B) 61%.
C) 65%.
D) 63%.
E) 69%.

6 - (DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – FCC/2013) Um comerciante comprou uma mercadoria por R$ 350,00. Para estabelecer o preço de venda desse produto em sua loja, o comerciante decidiu que o valor deveria ser suficiente para dar 30% de desconto sobre o preço de venda e ainda assim garantir lucro de 20% sobre o preço de compra. Nessas condições, o preço que o comerciante deve vender essa mercadoria é igual a

A) R$ 620,00.
B) R$ 580,00.
C) R$ 600,00.
D) R$ 590,00.
E) R$ 610,00.

7 - (DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – FCC/2013) Uma bolsa contém apenas 5 bolas brancas e 7 bolas pretas. Sorteando ao acaso uma bola dessa bolsa, a probabilidade de que ela seja preta é

A) maior do que 55% e menor do que 60%.
B) menor do que 50%.
C) maior do que 65%.
D) maior do que 50% e menor do que 55%.
E) maior do que 60% e menor do que 65%.

8 - PREF. JUNDIAI/SP – ELETRICISTA – MAKIYAMA/2013) Das 80 crianças que responderam a uma enquete referente a sua fruta favorita, 70% eram meninos. Dentre as meninas, 25% responderam que sua fruta favorita era a maçã. Sendo assim, qual porcentagem representa, em relação a todas as crianças entrevistadas, as meninas que têm a maçã como fruta preferida?

NOVA CONCURSOS

A) 10%
B) 1,5%
C) 25%
D) 7,5%
E) 5%

9 - (PM/SE – SOLDADO 3ªCLASSE – FUNCAB/2014)
Numa liquidação de bebidas, um atacadista fez a seguinte promoção:

> Cerveja em lata: R$ 2,40 a unidade.
>
> Na compra de duas embalagens com 12 unidades cada, ganhe 25% de desconto no valor da segunda embalagem.

Alexandre comprou duas embalagens nessa promoção e revendeu cada unidade por R$3,50. O lucro obtido por ele com a revenda das latas de cerveja das duas embalagens completas foi:
A) R$33,60
B) R$28,60
C) R$26,40
D) R$40,80
E) R$43,20

10 - (PM/SE – SOLDADO 3ªCLASSE – FUNCAB/2014)
Leilão de veículos apreendidos do Detran aconteceu no dia 7 de dezembro.

O Departamento Estadual de Trânsito de Sergipe – Detran/SE – realizou, no dia 7 de dezembro, sábado, às 9 horas, no Espaço Emes, um leilão de veículos apreendidos em fiscalizações de trânsito. Ao todo foram leiloados 195 veículos, sendo que 183 foram comercializados como sucatas e 12 foram vendidos como aptos para circulação.

Quem arrematou algum dos lotes disponíveis no leilão pagou 20% do lance mais 5% de comissão do leiloeiro no ato da arrematação. Os 80% restantes foram pagos impreterivelmente até o dia 11 de dezembro.
Fonte: http://www.ssp.se.gov.br05/12/13 (modificada).

Vitor arrematou um lote, pagou o combinado no ato da arrematação e os R$28.800,00 restantes no dia 10 de dezembro. Com base nas informações contidas no texto, calcule o valor total gasto por Vitor nesse leilão.

A) R$34.600,00
B) R$36.000,00
C) R$35.400,00
D) R$32.000,00
E) R$37.800,00

RESPOSTAS

1 - **RESPOSTA: "B".**
Mistura:28+45=73
73------100%
28------x
X=38,356%

2 - RESPOSTA "C".
12 horas → 100 %
50 % de 12 horas = $\frac{12}{2}$ = 6 horas

X = 12 horas → 100 % = total de horas trabalhado
Y = 50 % mais rápido que X.
Então, se 50% de 12 horas equivalem a 6 horas, logo Y faz o mesmo trabalho em 6 horas.

3 - RESPOSTA: "B".

$$\frac{7,2}{28,026} = 0,256 \approx 26\%$$

4 - RESPOSTA: "B".

Loja J:$50 + 0,2.50 = 60$
Loja K:$40 + x.40 = 60$

$$40x = 20$$
$$x = 0,5$$

O reajuste deve ser de 50%.

5 **- RESPOSTA: "A".**
Preço de venda: PV
Preço de compra: PC

Note que: 1,4 = 100%+40% ou 1+0,4.Como ele superou o preço de venda (100%) em 40% , isso significa soma aos 100% mais 40%, logo 140%= 1,4.

PV - 0,16PV = 1,4PC
0,84PV=1,4PC

$$\frac{PV}{PC} = \frac{1,4}{0,84} = 1,67$$

O preço de venda é 67% superior ao preço de compra.

6 - RESPOSTA: "C".
Preço de venda: PV
Preço de compra: 350
30% de desconto, deixa o produto com 70% do seu valor.
Como ele queria ter um lucro de 20% sobre o preço de compra, devemos multiplicar por 1,2(350+0,2.350) ➜ 0,7PV = 1,2 . 350

$$PV = 1,2 \cdot \frac{350}{0,7} = 600$$

O preço de venda deve ser R$600,00.

7 - **RESPOSTA: "A".**
Ao todo tem 12 bolas, portanto a probabilidade de se tirar uma preta é:

$$P = \frac{7}{12} = 0{,}583 = 58{,}3\%$$

8 - RESPOSTA: "D".
Tem que ser menina E gostar de maçã.
Meninas:100-70=30%

$P = \frac{30}{100} \cdot \frac{25}{100}$, simplificando temos $P = \frac{3}{4} \cdot \frac{1}{10} = \frac{3}{40}$ ➜ P = 0,075 . 100% = 7,5%.

9 - **RESPOSTA: "A".**

$$2{,}40 \cdot 12 = 28{,}80$$

$$segunda\ embalagem: 28{,}80 \cdot 0{,}75 = 21{,}60$$

$$as\ duas\ embalagens: 28{,}80 + 21{,}60 = 50{,}4$$

$$revenda: 3{,}5 \cdot 24 = 84{,}00$$

$$lucro: R\$84{,}00 - R\$50{,}40 = R\$33{,}60$$

O lucro de Alexandre foi de R$33,60.

10 - RESPOSTA: "E".
R$28.800-------80%
x----------100%

$$x = \frac{28\,800 \cdot 100}{80} = 36\,000$$

$$valor\ da\ comissão: \frac{36.000 \cdot 5}{100} = 1800$$

Valor total: R$36.000,00+R$1.800,00=R$37.800,00

JUROS SIMPLES

Toda vez que falamos em juros estamos nos referindo a uma quantia em dinheiro que deve ser paga por um devedor, pela utilização de dinheiro de um credor (aquele que empresta).

- Os juros são representados pela letra ***j***.
- O dinheiro que se deposita ou se empresta chamamos de capital e é representado pela letra *C*.
- O tempo de depósito ou de empréstimo é representado pela letra ***t***.
- A taxa de juros é a razão centesimal que incide sobre um capital durante certo tempo. É representado pela letra ***i*** e utilizada para calcular juros.

Chamamos de simples os juros que são somados ao capital inicial no final da aplicação.

Devemos sempre relacionar taxa e tempo numa mesma unidade:
Taxa anual ---------- tempo em anos
Taxa mensal---------- tempo em meses
Taxa diária---------- tempo em dias

Consideremos, como **exemplo**, o seguinte problema:

Uma pessoa empresta a outra, a juros simples, a quantia de R$ 3. 000,00, pelo prazo de 4 meses, à taxa de 2% ao mês. Quanto deverá ser pago de juros?

Resolução:

- Capital aplicado (**C**): R$ 3.000,00
- Tempo de aplicação (**t**): 4 meses
- Taxa (**i**): 2% ou 0,02 a.m. (= ao mês)

Fazendo o cálculo, mês a mês:
- No final do 1º período (1 mês), os juros serão: 0,02 x R$ 3.000,00 = R$ 60,00
- No final do 2º período (2 meses), os juros serão: R$ 60,00 + R$ 60,00 = R$ 120,00
- No final do 3º período (3 meses), os juros serão: R$ 120,00 + R$ 60,00 = R$ 180,00
- No final do 4º período (4 meses), os juros serão: R$ 180,00 + R$ 60,00 = R$ 240,00

Desse modo, no final da aplicação, deverão ser pagos R$ 240,00 de juros.

Fazendo o cálculo, período a período:
- No final do 1º período, os juros serão: i.C
- No final do 2º período, os juros serão: i.C + i.C
- No final do 3º período, os juros serão: i.C + i.C + i.C

- No final do período **t**, os juros serão: i.C + i.C + i.C + ... + i.C

Portanto, temos:

J = C . i . t

Observações:

1) A taxa **i** e o tempo **t** devem ser expressos na mesma unidade.
2) Nessa fórmula, a taxa **i** deve ser expressa na forma decimal.
3) Chamamos de **montante** (**M**) a soma do capital com os juros, ou seja: Na fórmula J= C . i . t, temos quatro variáveis. Se três delas forem valores conhecidos, podemos calcular o 4º valor.

M=C+ j

Exemplo

A que taxa esteve empregado o capital de R$ 20.000,00 para render, em 3 anos, R$ 28.800,00 de juros? (Observação: Como o tempo está em anos devemos ter uma taxa anual.)

NOVA CONCURSOS

C = R$ 20.000,00
t = 3 anos
j = R$ 28.800,00
i = ? (ao ano)

$$j = \frac{C\,i\,t}{100}$$

$$28\,800 = \frac{20000.i.3}{100}$$

28 800 = 600 . i

$$i = \frac{28.800}{600}$$

i = 48

Resposta: 48% ao ano.

JUROS COMPOSTOS

O capital inicial (principal) pode crescer, como já sabemos, devido aos juros, segundo duas modalidades, a saber:

Juros simples - ao longo do tempo, somente o principal rende juros.

Juros compostos - após cada período, os juros são incorporados ao principal e passam, por sua vez, a render juros. Também conhecido como "juros sobre juros".

Vamos ilustrar a diferença entre os crescimentos de um capital através juros simples e juros compostos, com um exemplo: Suponha que $100,00 são empregados a uma taxa de 10% a.a. (ao ano) Teremos:

Principal = 100	Juros simples	Juros compostos		
Nº de anos	Montante simples	Montante composto		
1	100+0,1(100) = 110	100+0,1(100)	=	110,00
2	110+0,1(100) = 120	110+0,1(110)	=	121,00
3	120+0,1(100) = 130	121+0,1(121)	=	133,10
4	130+0,1(100) = 140	133,1+0,1(133,1)	=	146,41
5	140+0,1(100) = 150	146,41+0,1(146,41)	=	161,05

Observe que o crescimento do principal segundo juros simples é LINEAR enquanto que o crescimento segundo juros compostos é EXPONENCIAL, e, portanto tem um crescimento muito mais "rápido". Isto poderia ser ilustrado graficamente da seguinte forma:

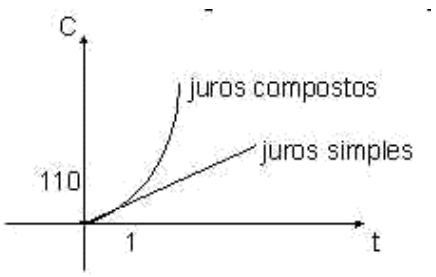

Na prática, as empresas, órgãos governamentais e investidores particulares costumam reinvestir as quantias geradas pelas aplicações financeiras, o que justifica o emprego mais comum de juros compostos na Economia. Na verdade, o uso de juros simples não se justifica em estudos econômicos.

Fórmula para o cálculo de Juros compostos

Considere o capital inicial (principal P) $1000,00 aplicado a uma taxa mensal de juros compostos (i) de 10% (i = 10% a.m.). Vamos calcular os montantes (principal + juros), mês a mês:

Após o 1º mês, teremos: M_1 = 1000 x 1,1 = 1100 = 1000(1 + 0,1)

Após o 2º mês, teremos: M_2 = 1100 x 1,1 = 1210 = 1000(1 + 0,1)^2

Após o 3º mês, teremos: M_3 = 1210 x 1,1 = 1331 = 1000(1 + 0,1)^3

.....

Após o nº (enésimo) mês, sendo S o montante, teremos evidentemente: S = 1000(1 + 0,1)^n

De uma forma genérica, teremos para um principal P, aplicado a uma taxa de juros compostos i durante o período n : S = P (1 + i)^n onde S = montante, P = principal, i = taxa de juros e n = número de períodos que o principal P (capital inicial) foi aplicado.

Nota: Na fórmula acima, as unidades de tempo referentes à taxa de juros (i) e do período (n), tem de ser necessariamente iguais. Este é um detalhe importantíssimo, que não pode ser esquecido! Assim, por exemplo, se a taxa for 2% ao mês e o período 3 anos, deveremos considerar 2% ao mês durante 3x12=36 meses.

Exemplos

1 – Expresse o número de períodos n de uma aplicação, em função do montante S e da taxa de aplicação i por período.

Solução:

Temos S = P(1+i)^n

Logo, S/P = (1+i)^n

Pelo que já conhecemos de logaritmos, poderemos escrever:

n = $\log_{(1+i)}$ (S/P) . Portanto, usando logaritmo decimal (base 10), vem:

$$n = \frac{\log(S/P)}{\log(1+i)} = \frac{\log S - \log P}{\log(1+i)}$$

Temos também da expressão acima que: n.log(1 + i) = logS – logP

Deste exemplo, dá para perceber que o estudo dos juros compostos é uma aplicação prática do estudo dos logaritmos.

2 – Um capital é aplicado em regime de juros compostos a uma taxa mensal de 2% (2% a.m.). Depois de quanto tempo este capital estará duplicado?

Solução: Sabemos que S = P (1 + i)^n. Quando o capital inicial estiver duplicado, teremos S = 2P.

Substituindo, vem: 2P = P(1+0,02)^n [Obs: 0,02 = 2/100 = 2%]

Simplificando, fica:

2 = 1,02^n , que é uma equação exponencial simples.

Teremos então: n = $\log_{1,02}$2 = log2 /log1,02 = 0,30103 / 0,00860 = 35

Nota: log2 = 0,30103 e log1,02 = 0,00860; estes valores podem ser obtidos rapidamente em máquinas calculadoras científicas. Caso uma questão assim caia no vestibular, o examinador teria de informar os valores dos logaritmos necessários, ou então permitir o uso de calculadora na prova, o que não é comum no Brasil.

Portanto, o capital estaria duplicado após 35 meses (observe que a taxa de juros do problema é mensal), o que equivale a 2 anos e 11 meses.

Resposta: 2 anos e 11 meses.

EXERCÍCIOS

1. (SABESP – ANALISTA DE GESTÃO I -CONTABILIDADE – FCC/2012) Renato aplicou uma quantia no regime de capitalização de juros simples de 1,25% ao mês. Ao final de um ano, sacou todo o dinheiro da aplicação, gastou metade dele para comprar um imóvel e aplicou o restante, por quatro meses, em outro fundo, que rendia juros simples de 1,5% ao mês. Ao final desse período, ele encerrou a aplicação, sacando um total de R$ 95.082,00. A quantia inicial, em reais, aplicada por Renato no primeiro investimento foi de

A) 154.000,00
B) 156.000,00
C) 158.000,00
D) 160.000,00
E) 162.000,00

2. (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) José Luiz aplicou R$60.000,00 num fundo de investimento, em regime de juros compostos, com taxa de 2% ao mês. Após 3 meses, o montante que José Luiz poderá sacar é

A) R$63.600,00.
B) R$63.672,48.
C) R$63.854,58.
D) R$62.425,00.
E) R$62.400,00.

3. CREA/PR – AGENTE ADMINISTRATIVO – FUNDATEC/2013) Um empréstimo de R$ 50.000,00 será pago no prazo de 5 meses, com juros simples de 2,5% a.m. (ao mês). Nesse sentido, o valor da dívida na data do seu vencimento será:

A) R$6.250,00.
B) R$16.250,00.
C) R$42.650,00.
D) R$56.250,00.
E) R$62.250,00.

4. (PREF. JUNDIAI/SP – ELETRICISTA – MAKIYAMA/2013) Teresa pagou uma conta no valor de R$ 400,00 com seis dias de atraso. Por isso, foi acrescido, sobre o valor da conta, juro de 0,5% em regime simples, para cada dia de atraso. Com isso, qual foi o valor total pago por Teresa?

A) R$ 420,00.
B) R$ 412,00.
C) R$ 410,00.
D) R$ 415,00.
E) R$ 422,00.

5. PM/SE – SOLDADO 3ªCLASSE – FUNCAB/2014) Polícia autua 16 condutores durante blitz da Lei Seca

No dia 27 de novembro, uma equipe da Companhia de Polícia de Trânsito(CPTran) da Polícia Militar do Estado de Sergipe realizou blitz da Lei Seca na Avenida Beira Mar. Durante a ação, a polícia autuou 16 condutores.

Segundo o capitão Fábio <achado, comandante da CPTran, 12 pessoas foram notificadas por infrações diversas e quatro por desobediência à Lei Seca[...].

O quarteto detido foi multado em R$1.910,54 cada e teve a Carteira Nacional de Trânsito (CNH) suspensa por um ano.

(Fonte: PM/SE 28/11/13, modificada)

Investindo um capital inicial no valor total das quatros mulas durante um período de dez meses, com juros de 5% ao mês, no sistema de juros simples, o total de juros obtidos será:

A) R$2.768,15
B) R$1.595,27
C) R$3.821,08
D) R$9.552,70
E) R$1.910,54

6. (CÂMARA DE CANITAR/SP – RECEPCIONISTA – INDEC/2013) Uma aplicação financeira rende mensalmente 0,72%. Após 3 meses, um capital investido de R$ 14.000,00 renderá: (Considere juros compostos)

A) R$ 267,92
B) R$ 285,49
C) R$300,45
D) R$304,58

7. (CÂMARA DE CANITAR/SP – RECEPCIONISTA – INDEC/2013) Qual a porcentagem de rendimento mensal de um capital de R$ 5.000,00 que rende R$ 420,00 após 6 meses?

(Considere juros simples)

A) 2,2%
B) 1,6%
C) 1,4%
D) 0,7%

8. (PM/SP – OFICIAL – VUNESP/2013) Pretendendo aplicar em um fundo que rende juros compostos, um investidor fez uma simulação. Na simulação feita, se ele aplicar hoje R$ 10.000,00 e R$ 20.000,00 daqui a um ano, e não fizer nenhuma retirada, o saldo daqui a dois anos será de R$ 38.400,00. Desse modo, é correto afirmar que a taxa anual de juros considerada nessa simulação foi de

A) 12%.
B) 15%.
C) 18%.
D) 20%.
E) 21%.

9. (TRT 1ª – TÉCNICO JUDICIÁRIO – ÁREA ADMINISTRATIVA – FCC/2013) Juliano possui R$ 29.000,00 aplicados em um regime de juros compostos e deseja comprar um carro cujo preço à vista é R$30.000,00. Se nos próximos meses essa aplicação render 1% ao mês e o preço do carro se mantiver, o número mínimo de meses necessário para que Juliano tenha em sua aplicação uma quantia suficiente para comprar o carro é

A) 7.
B) 4.
C) 5.
D) 6.
E) 3.

10. (BANCO DO BRASIL – ESCRITURÁRIO – CESGRANRIO/2012) João tomou um empréstimo de R$900,00 a juros compostos de 10% ao mês. Dois meses depois, João pagou R$600,00 e, um mês após esse pagamento, liquidou o empréstimo. O valor desse último pagamento foi, em reais, aproximadamente,

A) 240,00
B) 330,00
C) 429,00
D) 489,00
E) 538,00

RESPOSTAS

1 - **RESPOSTA: "B".**
Quantia inicial: C= 25.000 ; i=1,25% a.m = 0,0125 ; t= 1 ano = 12 meses
M= J+C e J= C.i.t da junção dessas duas fórmulas temos : M=C.(1+i.t),aplicando

$$M = C.(1 + 0{,}0125.12) \Rightarrow M = C.(1 + 0{,}15) \Rightarrow M = C.1{,}15$$

Como ele gastou metade e a outra metade ele aplicou a uma taxa i=1,5% a.m=0,015 e t=4m e sacou após esse período R$ 95.082,00

$$M = \frac{C.1{,}15}{2} = 0{,}575C \therefore \ 95.082 = 0{,}575C.(1+0{,}015.4) \rightarrow 95.082 = 0{,}575C.1{,}06$$

95.082 = 0,6095C ➔ $C = \frac{95.082}{0{,}6095}$ ➔ C= 156.000

A quantia inicial foi de R$ 156.000,00.

2 - **RESPOSTA: "B".**
C=60.000 ; i = 2% a.m = 0,02 ; t = 3m

$$M = C(1+i)^t \Rightarrow M = 60000(1+0{,}02)^3 \Rightarrow M = 60000 + (1{,}02)^3 \Rightarrow M = 63672{,}48$$

O montante a ser sacado será de R$ 63.672,48.

3 - **RESPOSTA: "D".**
J=C.i.t C = 50.000 ; i = 2,5% a.m = 0,025 ; t = 5m
J=50 000.0,025.5
J=6250
M=C+J
M=50 000+6 250=56250
O valor da dívida é R$56.250,00.

4 – RESPOSTA: "B".

$$M = C.(1 + i.t) \rightarrow M = 400.(1 + 0{,}005.6) \rightarrow M = 400(1 + 0{,}03) \rightarrow M = 400.1{,}03 \rightarrow \quad M = 412$$

O valor que ela deve pagar é R$412,00.

5 - RESPOSTA: "C".

$$C = 1910{,}54 \cdot 4 = 7642{,}16 \quad ; i = 5\%a.m = 0{,}05 \; ; t = 10m$$
$$J = C.i.t$$
$$J = 7642{,}16 \cdot 0{,}05 \cdot 10 = 3821{,}08$$

O juros obtido será R$3.821,08.

6 - **RESPOSTA: "D".**
i = 0,72%a.m = 0,0072 ; t = 3m ; C = 14.000

$$M = C(1+i)^t \rightarrow M = 14000(1+0{,}0072)^3 \rightarrow M = 14000.1{,}022 \rightarrow \mathrm{M} = 14304{,}58$$

Como ele quer saber os juros:
M = C+J ➜ J = 14304,58-14000 = 304,58
A aplicação renderá R$ 304,58.

7 - RESPOSTA: "C".
C = 5.000 ; J = 420 ; t = 6m
J=C.i.t ➜ 420=5000.i.6

$$i = \frac{420}{5000 \cdot 6} = 0{,}014 = 1{,}4\%$$

A porcentagem será de 1,4%.

8 - **RESPOSTA: "D".**

$C_{1º\ ano}$ = 10.000 ; $C_{2º\ ano}$ = 20.000

$$M1 = C(1+i)^t$$
$$M1 = 10000(1+i)^2 M2 = 20000(1+i)^1$$

M1+M2 = 384000

$$38400 = 10000(1+i)^2 + 20000(1+i) \; (:400)$$
$$96 = 25(1+2i+i^2) + 50 + 50i$$
$$96 = 25 + 50i + 25i^2 + 50 + 50i$$
$$25i^2 + 100i - 21 = 0$$

Têm se uma equação do segundo grau, usa-seentão a fórmula de Bhaskara:

$$\Delta = 100^2 - 4 \cdot 25 \cdot (-21) = 12100$$
$$i = \frac{-100 \pm 110}{50}$$
$$i_1 = \frac{-100 + 110}{50} = \frac{10}{50} = 0{,}2$$
$$i_2 = \frac{-100 - 110}{50} = -4{,}4 \;\; (não\ convém)$$

É correto afirmar que a taxa é de 20%

NOVA CONCURSOS

9 - **RESPOSTA: "B".**

C=29.000 ; M=30.000 ; i=1%a.m = 0,01

$$M = C(1+i)^t$$

$$30000 = 29000(1+0{,}01)^t \rightarrow (1{,}01)^t = \frac{30000}{29000} \rightarrow (1{,}01)^t = 1{,}0344$$

Teremos que substituir os valores de t, portanto vamos começar dos números mais baixos:
$1{,}01^3$=1,0303, está próximo, mas ainda é menor
$1{,}01^4$=1,0406
Como t=4 passou o número que precisava(1,0344), então ele tem que aplicar no mínimo por 4 meses.

10 - **RESPOSTA: "E".**

C = 900 ; i = 10% a.m=0,10 ; t = 2m ; pagou 2 meses depois R$ 600,00 e liquidou após 1 mês

$$M = C(1+i)^t$$

$$M = 900(1+0{,}1)^2 \rightarrow M = 1089{,}00$$

Depois de dois meses João pagou R$ 600,00.

1089-600=489

$$M = 489(1+0{,}1)^1 = 537{,}90$$

REGRAS DE TRÊS SIMPLES E COMPOSTA;

REGRA DE TRÊS SIMPLES

Os problemas que envolvem duas grandezas diretamente ou inversamente proporcionais podem ser resolvidos através de um processo prático, chamado **regra de três simples**.

Exemplo 1: Um carro faz 180 km com 15L de álcool. Quantos litros de álcool esse carro gastaria para percorrer 210 km?

Solução:
O problema envolve duas grandezas: distância e litros de álcool.
Indiquemos por x o número de litros de álcool a ser consumido.
Coloquemos as grandezas de mesma espécie em uma mesma coluna e as grandezas de espécies diferentes que se correspondem em uma mesma linha:

Distância (km)	Litros de álcool
180	15
210	x

Na coluna em que aparece a variável x ("litros de álcool"), vamos colocar uma flecha:

Distância (km)	Litros de álcool
180	15 ↓
210	x

Observe que, se duplicarmos a distância, o consumo de álcool também duplica. Então, as grandezas **distância** e **litros de álcool** são **diretamente proporcionais**. No esquema que estamos montando, indicamos esse fato colocando uma flecha na coluna "distância" no **mesmo sentido** da flecha da coluna "litros de álcool":

Distância (km)	Litros de álcool
180 ↓	15 ↓
210	x

mesmo sentido

Armando a proporção pela orientação das flechas, temos:

$$\frac{180^{6}}{210^{7}} = \frac{\cancel{15}}{\cancel{x}} \Rightarrow 6x = 7 \,.\, 15 \Rightarrow 6x = 105 \Rightarrow x = \frac{105}{6} \Rightarrow x = 17{,}5$$

Resposta: O carro gastaria 17,5 L de álcool.

Exemplo 2: Viajando de automóvel, à velocidade de 60 km/h, eu gastaria 4 h para fazer certo percurso. Aumentando a velocidade para 80 km/h, em quanto tempo farei esse percurso?

Solução: Indicando por x o número de horas e colocando as grandezas de mesma espécie em uma mesma coluna e as grandezas de espécies diferentes que se correspondem em uma mesma linha, temos:

Velocidade (km/h)	Tempo (h)
60	4
80	x

Na coluna em que aparece a variável x ("tempo"), vamos colocar uma flecha:

Velocidade (km/h)	Tempo (h)
60	4 ↓
80	x

Observe que, se duplicarmos a velocidade, o tempo fica reduzido à metade. Isso significa que as grandezas **velocidade** e **tempo** são **inversamente proporcionais**. No nosso esquema, esse fato é indicado colocando-se na coluna "velocidade" uma flecha em **sentido contrário** ao da flecha da coluna "tempo":

Velocidade (km/h)	Tempo (h)
60 ↑	4 ↓
80	x

sentidos contrários

Na montagem da proporção devemos seguir o sentido das flechas. Assim, temos:

$$\frac{4}{x} = \frac{\cancel{80}^{4}}{\cancel{60}^{3}} \Rightarrow 4x = 4 \,.\, 3 \Rightarrow 4x = 12 \Rightarrow x = \frac{12}{4} \Rightarrow x = 3$$

Resposta: Farei esse percurso em 3 h.

Exemplo 3: Ao participar de um treino de Fórmula 1, um competidor, imprimindo velocidade média de 200 km/h, faz o percurso em 18 segundos. Se sua velocidade fosse de 240 km/h, qual o tempo que ele teria gasto no percurso?

Vamos representar pela letra *x* o tempo procurado.

Estamos relacionando dois valores da grandeza velocidade (200 km/h e 240 km/h) com dois valores da grandeza tempo (18 s e *x* s).

Queremos determinar um desses valores, conhecidos os outros três.

Velocidade	Tempo gasto para fazer o percurso
200 km/h	18 s
240 km/h	*x*

Se duplicarmos a velocidade inicial do carro, o tempo gasto para fazer o percurso cairá para a metade; logo, as grandezas são inversamente proporcionais. Assim, os números 200 e 240 são inversamente proporcionais aos números 18 e *x*.

Daí temos:

$$200 \,.\, 18 = 240 \,.\, x$$
$$3\,600 = 240x$$
$$240x = 3\,600$$
$$x = \frac{3600}{240}$$
$$x = 15$$

Conclui-se, então, que se o competidor tivesse andando em 200 km/h, teria gasto 18 segundos para realizar o percurso.

REGRA DE TRÊS COMPOSTA

O processo usado para resolver problemas que envolvem mais de duas grandezas, diretamente ou inversamente proporcionais, é chamado **regra de três composta**.

Exemplo 1: Em 4 dias 8 máquinas produziram 160 peças. Em quanto tempo 6 máquinas iguais às primeiras produziriam 300 dessas peças?

Solução: Indiquemos o número de dias por *x*. Coloquemos as grandezas de mesma espécie em uma só coluna e as grandezas de espécies diferentes que se correspondem em uma mesma linha. Na coluna em que aparece a variável *x* ("dias"), coloquemos uma flecha:

Máquinas	Peças	Dias
8	160	4 ↓
6	300	*x*

Comparemos cada grandeza com aquela em que está o x.

NOVA CONCURSOS

As grandezas **peças** e **dias** são diretamente proporcionais. No nosso esquema isso será indicado colocando-se na coluna "peças" uma flecha no **mesmo sentido** da flecha da coluna "dias":

Máquinas	Peças	Dias
8	160 ↓	4 ↓
6	300	x

Mesmo sentido

As grandezas **máquinas** e **dias** são inversamente proporcionais (duplicando o número de máquinas, o número de dias fica reduzido à metade). No nosso esquema isso será indicado colocando-se na coluna (máquinas) uma flecha no sentido contrário ao da flecha da coluna "dias":

Máquinas	Peças	Dias
8 ↑	160 ↓	4 ↓
6	300	x

Sentidos contrários

Agora vamos montar a proporção, igualando a razão que contém o *x*, que é $\frac{4}{x}$, com o produto das outras razões, obtidas segundo a orientação das flechas $\left(\frac{6}{8}.\frac{160}{300}\right)$:

$$\frac{4}{x}=\frac{\cancel{6}^{\cancel{2}}}{\cancel{8}^{\cancel{4}}}\cdot\frac{\cancel{160}^{8^1}}{\cancel{300}^{15^5}}$$

$$\frac{4}{x}=\frac{2}{5} \quad => \quad 2x = 4 . 5 \quad a \quad x = \frac{\cancel{4}^{\cancel{2}}.5}{\cancel{2}^{\cancel{1}}} \quad => \quad x = 10$$

Resposta: Em 10 dias.

Exemplo 2: Uma empreiteira contratou 210 pessoas para pavimentar uma estrada de 300 km em 1 ano. Após 4 meses de serviço, apenas 75 km estavam pavimentados. Quantos empregados ainda devem ser contratados para que a obra seja concluída no tempo previsto?

Solução: Em $\frac{1}{3}$ de ano foi pavimentada $\frac{1}{4}$ de estrada.

Comparemos cada grandeza com aquela em que está o x.

Pessoas	Estrada	Tempo
210 ↓	75	4 ↑
X	225	8

Sentido contrário

As grandezas **"pessoas"** e **"tempo"** são inversamente proporcionais (duplicando o número de pessoas, o tempo fica reduzido à metade). No nosso esquema isso será indicado colocando-se na coluna "tempo" uma flecha no sentido contrário ao da flecha da coluna "pessoas":

Pessoas	Estrada	Tempo
210 ↓	75 ↓	4
X	225	8

Mesmo Sentido

As grandezas **"pessoas"** e **"estrada"** são diretamente proporcionais. No nosso esquema isso será indicado colocando-se na coluna "estrada" uma flecha no **mesmo sentido** da flecha da coluna "pessoas":

$$\frac{210}{x}=\frac{\cancel{75}^{1}}{\cancel{225}^{3}}\cdot\frac{\cancel{8}^{2}}{\cancel{4}^{1}}$$

$$\frac{210}{x}=\frac{2}{3}$$

$$210.3 = 2.x \Rightarrow 2x = 630 \Rightarrow x = 315$$

Como já haviam 210 pessoas trabalhando, logo 315 – 210 = 105 pessoas.

Reposta: Devem ser contratados 105 pessoas.

Questões

1 – (FUNDAÇÃO CASA – AGENTE DE APOIO OPERACIONAL – VUNESP/2013) Um atleta está treinando para fazer 1 500 metros em 5 minutos. Como ele pretende manter um ritmo sempre constante, deve fazer cada 100 metros em

A) 15 segundos.
B) 20 segundos.
C) 22 segundos.
D) 25 segundos.
E) 30 segundos.

2 – (SAP/SP – AGENTE DE SEGURANÇA PENITENCIÁRIA DE CLASSE I – VUNESP/2013) Uma máquina demora 1 hora para fabricar 4 500 peças. Essa mesma máquina, mantendo o mesmo funcionamento, para fabricar 3 375 dessas mesmas peças, irá levar

A) 55 min.
B) 15 min.
C) 35 min.
D) 1h 15min.
E) 45 min.

3 - (PREF. IMARUÍ – AGENTE EDUCADOR – PREF. IMARUÍ/2014) Manoel vendeu seu carro por R$27.000,00(-vinte e sete mil reais) e teve um prejuízo de 10%(dez por cento) sobre o valor de custo do tal veículo, por quanto Manoel adquiriu o carro em questão?

A) R$24.300,00
B) R$29.700,00
C) R$30.000,00
D)R$33.000,00
E) R$36.000,00

4 - (DNOCS -2010) Das 96 pessoas que participaram de uma festa de Confraternização dos funcionários do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, sabe-se que 75% eram do sexo masculino. Se, num dado momento antes do término da festa, foi constatado que a porcentagem dos homens havia se reduzido a 60% do total das pessoas presentes, enquanto que o número de mulheres permaneceu inalterado, até o final da festa, então a quantidade de homens que haviam se retirado era?

A) 36.
B) 38.
C) 40.
D) 42.
E) 44.

5 - (SABESP – APRENDIZ – FCC/2012) Em uma maquete, uma janela de formato retangular mede 2,0 cm de largura por 3,5 cm de comprimento. No edifício, a largura real dessa janela será de 1,2 m. O comprimento real correspondente será de:

A) 1,8 m
B) 1,35 m
C) 1,5 m
D) 2,1 m
E) 2,45 m

6 - (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) O trabalho de varrição de 6.000 m^2 de calçada é feita em um dia de trabalho por 18 varredores trabalhando 5 horas por dia. Mantendo-se as mesmas proporções, 15 varredores varrerão 7.500 m^2 de calçadas, em um dia, trabalhando por dia, o tempo de

A) 8 horas e 15 minutos.
B) 9 horas.
C) 7 horas e 45 minutos.
D) 7 horas e 30 minutos.
E) 5 horas e 30 minutos.

7 – (PREF. CORBÉLIA/PR – CONTADOR – FAUEL/2014) Uma equipe constituída por 20 operários, trabalhando 8 horas por dia durante 60 dias, realiza o calçamento de uma área igual a 4800 m^2. Se essa equipe fosse constituída por 15 operários, trabalhando 10 horas por dia, durante 80 dias, faria o calçamento de uma área igual a:

A) 4500 m^2
B) 5000 m^2
C) 5200 m^2
D) 6000 m^2
E) 6200 m^2

8 – (PC/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – VUNESP/2014) Dez funcionários de uma repartição trabalham 8 horas por dia, durante 27 dias, para atender certo número de pessoas. Se um funcionário doente foi afastado por tempo indeterminado e outro se aposentou, o total de dias que os funcionários restantes levarão para atender o mesmo número de pessoas, trabalhando uma hora a mais por dia, no mesmo ritmo de trabalho, será:

A) 29.
B) 30.
C) 33.
D) 28.
E) 31.

9 - (TRF 3ª – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2014) Sabe-se que uma máquina copiadora imprime 80 cópias em 1 minuto e 15 segundos. O tempo necessário para que 7 máquinas copiadoras, de mesma capacidade que a primeira citada, possam imprimir 3360 cópias é de

A) 15 minutos.
B) 3 minutos e 45 segundos.
C) 7 minutos e 30 segundos.
D) 4 minutos e 50 segundos.
E) 7 minutos.

10 – (PREF. JUNDIAI/SP – ELETRICISTA – MAKIYAMA/2013) Os 5 funcionários de uma padaria produzem, utilizando três fornos, um total de 2500 pães ao longo das 10 horas de sua jornada de trabalho. No entanto, o dono de tal padaria pretende contratar mais um funcionário, comprar mais um forno e reduzir a jornada de trabalho de seus funcionários para 8 horas diárias. Considerando que todos os fornos e funcionários produzem em igual quantidade e ritmo, qual será, após as mudanças, o número de pães produzidos por dia?

A) 2300 pães.
B) 3000 pães.
C) 2600 pães.
D) 3200 pães.
E) 3600 pães.

Respostas

1- RESPOSTA: "B"

Como as alternativas estão em segundo, devemos trabalhar com o tempo em segundo.

1 minuto = 60 segundos ; logo 5minutos = 60.5 = 300 segundos

Metro		Segundos
1500	-----	300
100	-----	x

Como estamos trabalhando com duas grandezas diretamente proporcionais temos:

$$\frac{\cancel{1500}^{15}}{\cancel{100}^{1}} = \frac{300}{x}$$

15.x = 300.1 ➜ 15x = 300 ➜ x = 20 segundos

2- RESPOSTA: "E".

Peças Tempo
4500 ----- 1 h
3375 ----- x

Como estamos trabalhando com duas grandezas diretamente proporcionais temos:

$$\frac{4500}{3375} = \frac{1}{x}$$

4500.x = 3375.1 ➜ x = 0,75 h

Como a resposta esta em minutos devemos achar o correspondente em minutos

Hora Minutos
1 ------ 60
0,75 ----- x
1.x = 0,75.60 ➜ x = 45 minutos.

3. RESPOSTA : "C"

Como ele teve um prejuízo de 10%, quer dizer 27000 é 90% do valor total.

Valor %
27000 ------ 90
X ------- 100

$\frac{27000}{x} = \frac{\cancel{90}^{9}}{\cancel{100}^{10}}$ ➜ $\frac{27000}{x} = \frac{9}{10}$ = 27000.10 ➜ 9x = 270000

➜ x = 30000.

4. RESPOSTA : "A"

75% Homens = 72
25% Mulheres = 24 Antes

40% Mulheres = 24
60% Homens = x Depois

40% ---------- 24
60% ---------- x

40x = 60 . 24 ➜ x = $\frac{1440}{40}$ ➜ x = 36.

Portanto: 72 – 36 = 36 Homens se retiraram.

5. RESPOTA: "D"

Transformando de cm para metro temos : 1 metro = 100cm

➜ 2 cm = 0,02 m e 3,5 cm = 0,035 m

Largura comprimento
0,02m ---------- 0,035m
1,2m ---------- x

$$x = 1{,}2 \cdot \frac{0{,}035}{0{,}02} = 2{,}1m$$

6. - RESPOSTA: "D".

Comparando- se cada grandeza com aquela onde esta o x.

M²↑ varredores↓ horas↑
6000----------18---------- 5
7500----------15---------- x

Quanto mais a área, mais horas(diretamente proporcionais)

Quanto menos trabalhadores, mais horas(inversamente proporcionais)

$$\frac{5}{x} = \frac{6000}{7500} \cdot \frac{15}{18}$$

$$6000 \cdot 15 \cdot x = 5 \cdot 7500 \cdot 18$$
$$90000x = 675000$$
$$x = 7{,}5\ horas$$

Como 0,5 h equivale a 30 minutos , logo o tempo será de 7 horas e 30 minutos.

7 - RESPOSTA: "D".

Operários↑ horas↑ dias↑ área↑
20----------8----------60-------4800
15----------10----------80-------- x

Todas as grandezas são diretamente proporcionais, logo:

$$\frac{4800}{x} = \frac{20}{15} \cdot \frac{8}{10} \cdot \frac{60}{80}$$
$$20 \cdot 8 \cdot 60 \cdot x = 4800 \cdot 15 \cdot 10 \cdot 80$$
$$9600x = 57600000$$
$$x = 6000m^2$$

8- RESPOSTA: "B"

Temos 10 funcionários inicialmente, com os afastamento esse número passou para 8. Se eles trabalham 8 horas por dia , passarão a trabalhar uma hora a mais perfazendo um total de 9 horas, nesta condições temos:

Funcionários↑ horas↑ dias↓
10----------8----------27
8----------9---------- x

Quanto menos funcionários, mais dias devem ser trabalhados (inversamente proporcionais).

Quanto mais horas por dia, menos dias devem ser trabalhados (inversamente proporcionais).

Funcionários↓ horas↓ dias↓
8----------9---------- 27
10----------8----------x

$\frac{27}{x} = \frac{8}{10} \cdot \frac{9}{8}$ ➜ x.8.9 = 27.10.8 ➜ 72x = 2160 ➜ x = 30 dias.

9 - RESPOSTA: "C".

Transformando o tempo para segundos: 1 min e 15 segundos = 75 segundos

Quanto mais máquinas menor o tempo (flecha contrária) e quanto mais cópias, mais tempo (flecha mesma posição)

Máquina↑ cópias↓ tempo↓
1----------80----------75 segundos
7----------3360----------x

Devemos deixar as 3 grandezas da mesma forma, invertendo os valores de" máquina".

Máquina↓ cópias↓ tempo↓
7----------80----------75 segundos
1----------3360--------- x

$\frac{75}{x} = \frac{7}{1} \cdot \frac{80}{3360}$ ➜ x.7.80 = 75.1.3360 ➜ 560x = 252000 ➜ x = 450 segundos

Transformando
1minuto-----60segundos
x----------450
x=7,5 minutos=7 minutos e 30segundos.

10 - RESPOSTA: "D".

Funcionários↑ Fornos ↑ pães ↑ horas↑
5----------3----------2500----------10
6----------4----------x----------8

As flecham indicam se as grandezas são inversamente ou diretamente proporcionais.

Quanto mais funcionários mais pães são feitos(diretamente)

$$\frac{2500}{x} = \frac{5}{6} \cdot \frac{3}{4} \cdot \frac{10}{8}$$

$$5 \cdot 3 \cdot 10x = 2500 \cdot 6 \cdot 4 \cdot 8$$
$$150x = 480000$$
$$x = 3200\ pães.$$

SISTEMA MONETÁRIO NACIONAL (REAL);

Sistema Monetário Nacional

O primeiro dinheiro do Brasil foi à moeda-mercadoria. Durante muito tempo, o comércio foi feito por meio da troca de mercadorias, mesmo após a introdução da moeda de metal.

As primeiras moedas metálicas (de ouro, prata e cobre) chegaram com o início da colonização portuguesa. A unidade monetária de Portugal, o Real, foi usada no Brasil durante todo o período colonial. Assim, tudo se contava em réis (plural popular de real) com moedas fabricadas em Portugal e no Brasil. O Real (R) vigorou até 07 de outubro de 1833. De acordo com a Lei nº 59, de 08 de outubro de 1833, entrou em vigor o Mil-Réis (Rs), múltiplo do real, como unidade monetária, adotada até 31 de outubro de 1942.

No século XX, o Brasil adotou nove sistemas monetários ou nove moedas diferentes (mil-réis, cruzeiro, cruzeiro novo, cruzeiro, cruzado, cruzado novo, cruzeiro, cruzeiro real, real).

Por meio do Decreto-Lei nº 4.791, de 05 de outubro de 1942, uma nova unidade monetária, o cruzeiro – Cr$ veio substituir o mil-réis, na base de Cr$ 1,00 por mil-réis.

A denominação "cruzeiro" origina-se das moedas de ouro (pesadas em gramas ao título de 900 milésimos de metal e 100 milésimos de liga adequada), emitidas na forma do Decreto nº 5.108, de 18 de dezembro de 1926, no regime do ouro como padrão monetário.

O Decreto-Lei nº 1, de 13 de novembro de 1965, transformou o cruzeiro – Cr$ em cruzeiro novo – NCr$, na base de NCr$ 1,00 por Cr$ 1.000. A partir de 15 de maio de 1970 e até 27 de fevereiro de 1986, a unidade monetária foi novamente o cruzeiro (Cr$).

Em 27 de fevereiro de 1986, Dílson Funaro, ministro da Fazenda, anunciou o Plano Cruzado (Decreto-Lei nº 2.283, de 27 de fevereiro de 1986): o cruzeiro – Cr$ se transformou em cruzado – Cz$, na base de Cz$ 1,00 por Cr$ 1.000 (vigorou de 28 de fevereiro de 1986 a 15 de janeiro de 1989). Em novembro do mesmo ano, o Plano Cruzado II tentou novamente a estabilização da moeda. Em junho de 1987, Luiz Carlos Brésser Pereira, ministro da Fazenda, anunciou o Plano Brésser: um Plano Cruzado "requentado" avaliou Mário Henrique Simonsen.

Em 15 de janeiro de 1989, Maílson da Nóbrega, ministro da Fazenda, anunciou o Plano Verão (Medida Provisória nº 32, de 15 de janeiro de 1989): o cruzado – Cz$ se transformou em cruzado novo – NCz$, na base de NCz$ 1,00 por Cz$ 1.000,00 (vigorou de 16 de janeiro de 1989 a 15 de março de 1990).

Em 15 de março de 1990, Zélia Cardoso de Mello, ministra da Fazenda, anunciou o Plano Collor (Medida Provisória nº 168, de 15 de março de 1990): o cruzado novo – NCz$ se transformou em cruzeiro – Cr$, na base de Cr$ 1,00 por NCz$ 1,00 (vigorou de 16 de março de 1990 a 28 de julho de 1993). Em janeiro de 1991, a inflação já passava de 20% ao mês, e o Plano Collor II tentou novamente a estabilização da moeda.

A Medida Provisória nº 336, de 28 de julho de1993, transformou o cruzeiro – Cr$ em cruzeiro real – CR$, na base de CR$ 1,00 por Cr$ 1.000,00 (vigorou de 29 de julho de 1993 a 29 de junho de 1994).

NOVA CONCURSOS

Em 30 de junho de 1994, Fernando Henrique Cardoso, ministro da Fazenda, anunciou o Plano Real: o cruzeiro real – CR$ se transformou em real – R$, na base de R$ 1,00 por CR$ 2.750,00 (Medida Provisória nº 542, de 30 de junho de 1994, convertida na Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995).

O artigo 10, I, da Lei nº 4.595, de 31 de dezembro de 1964, delegou ao Banco Central do Brasil competência para emitir papel-moeda e moeda metálica, competência exclusiva consagrada pelo artigo 164 da Constituição Federal de 1988.

Antes da criação do BCB, a Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), o Banco do Brasil e o Tesouro Nacional desempenhavam o papel de autoridade monetária.

A SUMOC, criada em 1945 e antecessora do BCB, tinha por finalidade exercer o controle monetário. A SUMOC fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos comerciais, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros. Além disso, supervisionava a atuação dos bancos comerciais, orientava a política cambial e representava o País junto a organismos internacionais.

O Banco do Brasil executava as funções de banco do governo, e o Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda.

Cruzeiro

1000 réis = Cr$1(com centavos) 01.11.1942

O Decreto-Lei nº 4.791, de 05 de outubro de 1942 (D.O.U. de 06 de outubro de 1942), instituiu o Cruzeiro como unidade monetária brasileira, com equivalência a um mil réis. Foi criado o centavo, correspondente à centésima parte do cruzeiro.

Exemplo: 4:750$400 (quatro contos, setecentos e cinquenta mil e quatrocentos réis) passou a expressar-se Cr$ 4.750,40 (quatro mil setecentos e cinquenta cruzeiros e quarenta centavos)

Cruzeiro

(sem centavos) 02.12.1964

A Lei nº 4.511, de 01de dezembro de1964 (D.O.U. de 02 de dezembro de 1964), extinguiu a fração do cruzeiro denominada centavo. Por esse motivo, o valor utilizado no exemplo acima passou a ser escrito sem centavos: Cr$ 4.750 (quatro mil setecentos e cinquenta cruzeiros).

Cruzeiro Novo

Cr$1000 = NCr$1(com centavos) 13.02.1967

O Decreto-Lei nº 1, de 13 de novembro de1965 (D.O.U. de 17 de novembro de 1965), regulamentado pelo Decreto nº 60.190, de 08 de fevereiro de1967 (D.O.U. de 09 de fevereiro de 1967), instituiu o Cruzeiro Novo como unidade monetária transitória, equivalente a um mil cruzeiros antigos, restabelecendo o centavo. O Conselho Monetário Nacional, pela Resolução nº 47, de 08 de fevereiro de 1967, estabeleceu a data de 13.02.67 para início de vigência do novo padrão.

Exemplo: Cr$ 4.750 (quatro mil, setecentos e cinquenta cruzeiros) passou a expressar-se NCr$ 4,75(quatro cruzeiros novos e setenta e cinco centavos).

Cruzeiro

De NCr$ para Cr$ (com centavos) 15.05.1970

A Resolução nº 144, de 31 de março de 1970 (D.O.U. de 06 de abril de 1970), do Conselho Monetário Nacional, restabeleceu a denominação Cruzeiro, a partir de 15 de maio de 1970, mantendo o centavo.

Exemplo: NCr$ 4,75 (quatro cruzeiros novos e setenta e cinco centavos) passou a expressar-se Cr$ 4,75(quatro cruzeiros e setenta e cinco centavos).

Cruzeiros

(sem centavos) 16.08.1984

A Lei nº 7.214, de 15 de agosto de 1984 (D.O.U. de 16.08.84), extinguiu a fração do Cruzeiro denominada centavo. Assim, a importância do exemplo, Cr$ 4,75 (quatro cruzeiros e setenta e cinco centavos), passou a escrever-se Cr$ 4, eliminando-se a vírgula e os algarismos que a sucediam.

Cruzado

Cr$ 1000 = Cz$1 (com centavos) 28.02.1986

O Decreto-Lei nº 2.283, de 27 de fevereiro de 1986 (D.O.U. de 28 de fevereiro de 1986), posteriormente substituído pelo Decreto-Lei nº 2.284, de 10 de março de 1986 (D.O.U. de 11 de março de 1986), instituiu o Cruzado como nova unidade monetária, equivalente a um mil cruzeiros, restabelecendo o centavo. A mudança de padrão foi disciplinada pela Resolução nº 1.100, de 28 de fevereiro de 1986, do Conselho Monetário Nacional.

Exemplo: Cr$ 1.300.500 (um milhão, trezentos mil e quinhentos cruzeiros) passou a expressar-se Cz$ 1.300,50 (um mil e trezentos cruzados e cinquenta centavos).

Cruzado Novo

Cz$ 1000 = NCz$1 (com centavos) 16.01.1989

A Medida Provisória nº 32, de 15 de janeiro de 1989 (D.O.U. de 16 de janeiro de 1989), convertida na Lei nº 7.730, de 31 de janeiro de 1989 (D.O.U. de 01 de fevereiro de 1989), instituiu o Cruzado Novo como unidade do sistema monetário, correspondente a um mil cruzados, mantendo o centavo. A Resolução nº 1.565, de 16 de janeiro de 1989, do Conselho Monetário Nacional, disciplinou a implantação do novo padrão.

Exemplo: Cz$ 1.300,50 (um mil e trezentos cruzados e cinquenta centavos) passou a expressar-se NCz$ 1,30 (um cruzado novo e trinta centavos).

Cruzeiro

De NCz$ para Cr$ (com centavos) 16.03.1990

A Medida Provisória nº 168, de 15 de março de 1990 (D.O.U. de 16 de março de 1990), convertida na Lei nº 8.024, de 12 de abril de 1990 (D.O.U. de 13 de abril de 1990), restabeleceu a denominação Cruzeiro para a moeda, correspondendo um cruzeiro a um cruzado novo. Ficou mantido o centavo. A mudança de padrão foi regulamentada pela Resolução nº 1.689, de 18 de março de 1990, do Conselho Monetário Nacional.

Exemplo: NCz$ 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzados novos) passou a expressar-se Cr$ 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzeiros).

Cruzeiro Real

Cr$ 1000 = CR$ 1 (com centavos) 01.08.1993

A Medida Provisória nº 336, de 28 de julho de 1993 (D.O.U. de 29 de julho de 1993), convertida na Lei nº 8.697, de 27 de agosto de 1993 (D.O.U. de 28 agosto de 1993), instituiu o Cruzeiro Real, a partir de 01 de agosto de 1993, em substituição ao Cruzeiro, equivalendo um cruzeiro real a um mil cruzeiros, com a manutenção do centavo. A Resolução nº 2.010, de 28 de julho de 1993, do Conselho Monetário Nacional, disciplinou a mudança na unidade do sistema monetário.

Exemplo: Cr$ 1.700.500,00 (um milhão, setecentos mil e quinhentos cruzeiros) passou a expressar-se CR$ 1.700,50 (um mil e setecentos cruzeiros reais e cinquenta centavos).

Real

CR$ 2.750 = R$ 1(com centavos) 01.07.1994

A Medida Provisória nº 542, de 30 de junho de 1994 (D.O.U. de 30 de junho de 1994), instituiu o Real como unidade do sistema monetário, a partir de 01 de julho de 1994, com a equivalência de CR$ 2.750,00 (dois mil, setecentos e cinquenta cruzeiros reais), igual à paridade entre a URV e o Cruzeiro Real fixada para o dia 30 de junho de 1994. Foi mantido o centavo.

Como medida preparatória à implantação do Real, foi criada a URV - Unidade Real de Valor - prevista na Medida Provisória nº 434, publicada no D.O.U. de 28 de fevereiro de 1994, reeditada com os números 457 (D.O.U. de 30 de março de 1994) e 482 (D.O.U. de 29 de abril de 1994) e convertida na Lei nº 8.880, de 27 de maio de 1994 (D.O.U. de 28 de maio de 1994).

Exemplo: CR$ 11.000.000,00 (onze milhões de cruzeiros reais) passou a expressar-se R$ 4.000,00 (quatro mil reais).

Banco Central (BC ou Bacen) - Autoridade monetária do País responsável pela execução da política financeira do governo. Cuida ainda da emissão de moedas, fiscaliza e controla a atividade de todos os bancos no País.

Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) - Órgão internacional que visa ajudar países subdesenvolvidos e em desenvolvimento na América Latina. A organização foi criada em 1959 e está sediada em Washington, nos Estados Unidos.

Banco Mundial - Nome pelo qual o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) é conhecido. Órgão internacional ligado a ONU, a instituição foi criada para ajudar países subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) - Empresa pública federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior que tem como objetivo financiar empreendimentos para o desenvolvimento do Brasil.

EQUAÇÃO DE 1º GRAU: RESOLUÇÃO; PROBLEMAS DE 1º GRAU; INEQUAÇÕES DO 1º GRAU; EQUAÇÃO DE 2º GRAU: RESOLUÇÃO DAS EQUAÇÕES COMPLETAS, INCOMPLETAS, PROBLEMAS DO 2º GRAU; EQUAÇÕES FRACIONÁRIAS;

Equação 1º grau

Equação é toda sentença matemática aberta representada por uma igualdade, em que exista uma ou mais letras que representam números desconhecidos.

Equação do 1º grau, na incógnita x, é toda equação redutível à forma ax+b=0, em que a e b são números reais, chamados coeficientes, com a≠0.

Uma raiz da equação ax+b =0(a≠0) é um valor numérico de x que, substituindo no 1º membro da equação, torna-se igual ao 2º membro.

Nada mais é que pensarmos em uma balança.

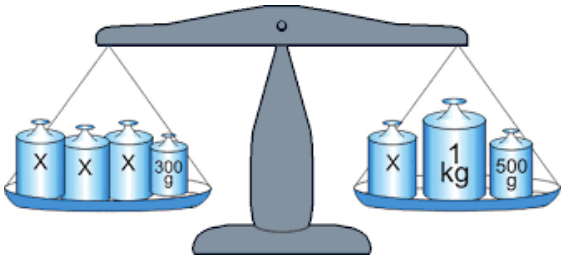

A balança deixa os dois lados iguais para equilibrar, a equação também.

No exemplo temos:

3x+300

Outro lado: x+1000+500

E o equilíbrio?

3x+300=x+1500

Quando passamos de um lado para o outro invertemos o sinal

3x-x=1500-300

2x=1200

X=600

Exemplo

(PREF. DE NITERÓI/RJ – Fiscal de Posturas – FGV/2015) A idade de Pedro hoje, em anos, é igual ao dobro da soma das idades de seus dois filhos, Paulo e Pierre. Pierre é três anos mais velho do que Paulo. Daqui a dez anos, a idade de Pierre será a metade da idade que Pedro tem hoje.

A soma das idades que Pedro, Paulo e Pierre têm hoje é:

(A) 72;

(B) 69;

(C) 66;

(D) 63;

(E) 60.

Resolução

A ideia de resolver as equações é literalmente colocar na linguagem matemática o que está no texto.

"Pierre é três anos mais velho do que Paulo"

Pi=Pa+3

"Daqui a dez anos, a idade de Pierre será a metade da idade que Pedro tem hoje."

$$Pi + 10 = \frac{1}{2}Pe$$

A idade de Pedro hoje, em anos, é igual ao dobro da soma das idades de seus dois filhos,

Pe=2(Pi+Pa)

Pe=2Pi+2Pa

Lembrando que:

Pi=Pa+3

Substituindo em Pe

Pe=2(Pa+3)+2Pa

Pe=2Pa+6+2Pa

Pe=4Pa+6

$$Pi + 10 = \frac{1}{2}Pe$$

Pa+3+10=2Pa+3

Pa=10

Pi=Pa+3

Pi=10+3=13

Pe=40+6=46

Soma das idades: 10+13+46=69

Resposta: B.

Equação 2º grau

A equação do segundo grau é representada pela fórmula geral:

$$ax^2 + bx + c = 0$$

Onde a, b e c são números reais, $a \neq 0$

Discussão das Raízes

1. $ax^2 + c = 0$

$$x = \pm\sqrt{-\frac{c}{a}}$$

Se $-\frac{c}{a}$ for negativo, não há solução no conjunto dos números reais.

Se $-\frac{c}{a}$ for positivo, a equação tem duas soluções:

$$x_1 = +\sqrt{-\frac{c}{a}} \quad e\ x_2 = -\sqrt{-\frac{c}{a}}$$

Exemplo

$$2x^2 + 4 = 0$$

$$x = \pm\sqrt{-\frac{4}{2}}$$

$x = \pm\sqrt{-2}$, portanto não há solução real.

2. $ax^2 + bx = 0$

$$x(ax + b) = 0$$

$$x = 0\ ou\ x = -\frac{b}{a}$$

$$x^2 + 2x = 0$$
$$x(x + 2) = 0$$
$$x = 0\ ou\ x = -2$$

3. $ax^2 + bx + c = 0$

$$\Delta = b^2 - 4ac$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

Se $\Delta < 0$ não há solução, pois não existe raiz quadrada real de um número negativo.

$x_1 = x_2 = -\frac{b}{2a}$ as soluções iguais:

Se $\Delta > 0$, há soluções reais diferentes:

$$x_1 = \frac{-b + \sqrt{\Delta}}{2a} \qquad x_2 = \frac{-b - \sqrt{\Delta}}{2a}$$

Relações entre Coeficientes e Raízes

Dada as duas raízes:

$$x_1 = \frac{-b + \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a} \quad e\ x_2 = \frac{-b - \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

<u>Soma das Raízes</u>

$$x_1 + x_2 = -\frac{b}{a}$$

<u>Produto das Raízes</u>

$$x_1 \cdot x_2 = \frac{c}{a}$$

Composição de uma equação do 2ºgrau, conhecidas as raízes

Podemos escrever a equação da seguinte maneira:

$x^2-Sx+P=0$

Exemplo

Dada as raízes -2 e 7. Componha a equação do 2º grau.

Solução
$S=x_1+x_2=-2+7=5$
$P=x_1.x_2=-2.7=-14$
Então a equação é: $x^2-5x-14=0$

Exemplo

(IMA – Analista Administrativo Jr – SHDIAS/2015) A soma das idades de Ana e Júlia é igual a 44 anos, e, quando somamos os quadrados dessas idades, obtemos 1000. A mais velha das duas tem:
(A) 24 anos
(B) 26 anos
(C) 31 anos
(D) 33 anos

Resolução
$A+J=44$
$A^2+J^2=1000$
$A=44-J$

$(44-J)^2+J^2=1000$
$1936-88J+J^2+J^2=1000$
$2J^2-88J+936=0$
Dividindo por2:
$J^2-44J+468=0$
$\Delta=(-44)^2-4.1.468$
$\Delta=1936-1872=64$

$$J=\frac{44\pm 8}{2}$$

$$J_1=\frac{44+8}{2}=\frac{52}{2}=26$$

$$J_2=\frac{44-8}{2}=\frac{36}{2}=18$$

Inequação
Uma inequação é uma sentença matemática expressa por uma ou mais incógnitas, que ao contrário da equação que utiliza um sinal de igualdade, apresenta sinais de desigualdade. Veja os sinais de desigualdade:

>: maior
<: menor
≥: maior ou igual
≤: menor ou igual

O princípio resolutivo de uma inequação é o mesmo da equação, onde temos que organizar os termos semelhantes em cada membro, realizando as operações indicadas. No caso das inequações, ao realizarmos uma multiplicação de seus elementos por –1 com o intuito de deixar a parte da incógnita positiva, invertemos o sinal representativo da desigualdade.

Exemplo 1
$4x + 12 > 2x – 2$
$4x – 2x > – 2 – 12$
$2x > – 14$
$x > –14/2$
$x > – 7$

Inequação-Produto

Quando se trata de inequações-produto, teremos uma desigualdade que envolve o produto de duas ou mais funções. Portanto, surge a necessidade de realizar o estudo da desigualdade em cada função e obter a resposta final realizando a intersecção do conjunto resposta das funções.

Exemplo

a)$(-x+2)(2x-3)<0$

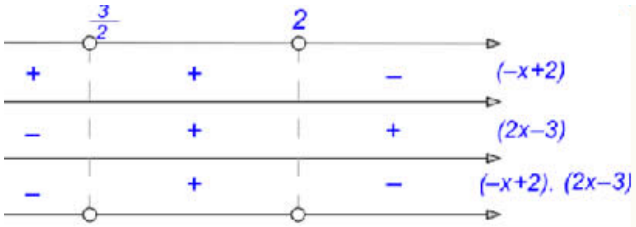

$$S=\{x\in\mathbb{R}|x<\frac{3}{2}\,ou\,x>2$$

Inequação-Quociente
Na inequação-quociente, tem-se uma desigualdade de funções fracionárias, ou ainda, de duas funções na qual uma está dividindo a outra. Diante disso, deveremos nos atentar ao domínio da função que se encontra no denominador, pois não existe divisão por zero. Com isso, a função que estiver no denominador da inequação deverá ser diferente de zero.
O método de resolução se assemelha muito à resolução de uma inequação-produto, de modo que devemos analisar o sinal das funções e realizar a intersecção do sinal dessas funções.

Exemplo

Resolva a inequação a seguir:

$$\frac{x+5}{x-2}\geq 0$$

$x-2\neq 0$
$x\neq 2$

NOVA CONCURSOS

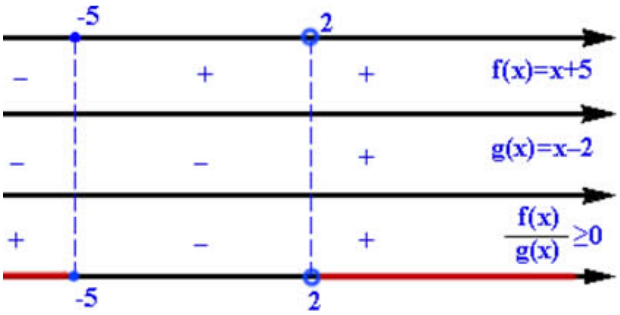

$S = \{x \in \mathbb{R} | x \leq -5 \text{ ou } x > 2$

Sistema de Inequação do 1º Grau

Um sistema de inequação do 1º grau é formado por duas ou mais inequações, cada uma delas tem apenas uma variável sendo que essa deve ser a mesma em todas as outras inequações envolvidas.

Veja alguns exemplos de sistema de inequação do 1º grau:

$$\begin{cases} 4x + 4 \leq 0 \\ x + 1 \leq 0 \end{cases}$$

Vamos achar a solução de cada inequação.
4x + 4 ≤ 0
4x ≤ - 4
x ≤ - 4 : 4
x ≤ - 1

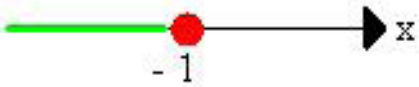

S1 = {x ∈ R | x ≤ - 1}

Fazendo o cálculo da segunda inequação temos:
x + 1 ≤ 0
x ≤ - 1

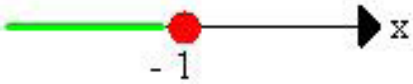

A "bolinha" é fechada, pois o sinal da inequação é igual.
S2 = { x ∈ R | x ≤ - 1}

Calculando agora o CONJUTO SOLUÇÃO da inequação temos:
S = S1 ∩ S2

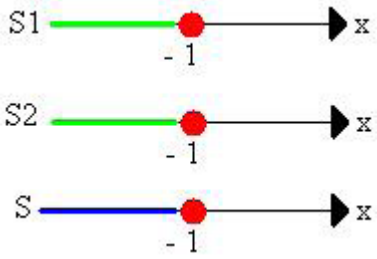

Portanto:
S = { x ∈ R | x ≤ - 1} ou S =] - ∞ ; -1]

Substituindo em A
A=44-26=18
Ou A=44-18=26
Resposta: B.

Inequação 2º grau

Chama-se inequação do 2º grau, toda inequação que pode ser escrita numa das seguintes formas:
$ax^2+bx+c>0$
$ax^2+bx+c\geq 0$
$ax^2+bx+c<0$
$ax^2+bx+c<0$
$ax^2+bx+c\leq 0$
$ax^2+bx+c\neq 0$

Exemplo

Vamos resolver a inequação $3x^2 + 10x + 7 < 0$.

Resolvendo Inequações

Resolver uma inequação significa determinar os valores reais de x que satisfazem a inequação dada.

Assim, no exemplo, devemos obter os valores reais de x que tornem a expressão $3x^2 + 10x + 7$ negativa.

$$\Delta = b^2 - 4ac$$
$$\Delta = 10^2 - 4*3*7$$
$$\Delta = 100 - 84$$
$$\Delta = 16$$

$$x = \frac{-10 \pm \sqrt{16}}{2*3}$$
$$x = \frac{-10 \pm 4}{6}$$
$$x' = \frac{-10+4}{6} = -\frac{6}{6} = -1$$
$$x'' = \frac{-10-4}{6} = -\frac{14}{6} = -\frac{7}{3}$$

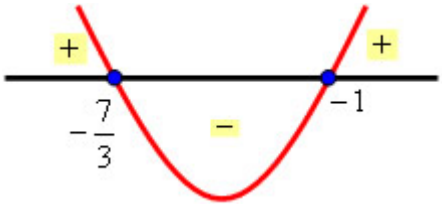

S = {x ∈ R / –7/3 < x < –1}

Sistemas de equações primeiro grau

Duas equações de 1º grau, com duas incógnitas formam um "sistema de equações".

Para encontramos o par ordenado solução de um sistema pode-se utilizar dois métodos para a sua solução.

Esses dois métodos são: Substituição e Adição.

Método da substituição

Esse método consiste em escolher uma das duas equações, isolar uma das incógnitas e substituir na outra equação, veja como:

Dado o sistema $\begin{cases} x + y = 20 \\ 3x + 4y = 72 \end{cases}$, enumeramos as equações.

$$\begin{cases} x + y = 20 \quad 1 \\ 3x + 4y = 72 \quad 2 \end{cases}$$

Escolhemos a equação 1 e isolamos o x:

x + y = 20

x = 20 – y

Agora na equação 2 substituímos o valor de x = 20 – y.

3x + 4 y = 72

3 (20 – y) + 4y = 72

60-3y + 4y = 72

-3y + 4y = 72 – 60

y = 12

Descobrimos o valor de y, para descobrir o valor de x basta substituir 12 na equação

x = 20 – y.

x = 20 – y

x = 20 – 12

x = 8

Portanto, a solução do sistema é S = (8, 12)

Método da adição

Esse método consiste em adicionar as duas equações de tal forma que a soma de uma das incógnitas seja zero. Para que isso aconteça será preciso que multipliquemos algumas vezes as duas equações ou apenas uma equação por números inteiros para que a soma de uma das incógnitas seja zero.

Dado o sistema:

$$\begin{cases} x + y = 20 \\ 3x + 4y = 72 \end{cases}$$

Para adicionarmos as duas equações e a soma de uma das incógnitas de zero, teremos que multiplicar a primeira equação por – 3.

$$\begin{cases} x + y = 20 \quad (-3) \\ 3x + 4y = 72 \end{cases}$$

Agora, o sistema fica assim:

$$\begin{cases} -3x - 3y = -60 \\ 3x + 4y = 72 \end{cases}$$

Adicionando as duas equações:

- 3x – 3y = - 60

\+ 3x + 4y = 72

y = 12

Para descobrirmos o valor de x basta escolher uma das duas equações e substituir o valor de y encontrado:

x + y = 20

x + 12 = 20

x = 20 – 12

x = 8

Portanto, a solução desse sistema é: S = (8, 12).

Se resolver um sistema utilizando qualquer um dois métodos o valor da solução será sempre o mesmo.

(MPE/SP – Oficial de Promotoria I – VUNESP/2016) Um artesão produz três tipos de peças: A, B e C. Em um mesmo dia ele só produz um desses tipos de peça, sendo que ele consegue produzir, por dia, 7 peças do tipo A, ou 10 peças do tipo B, ou 15 do tipo C. Em 30 dias de trabalho, ele produziu um total de 333 peças. O número de dias que ele trabalhou produzindo peças do tipo B foi 13 a mais do que o número de dias trabalhados produzindo peças do tipo A. Nesses 30 dias, o número de peças do tipo C que ele produziu foi

(A) 180.

(B) 135.

(C) 150.

(D) 120.

(E) 165.

Resposta: B.

Sabemos que se somarmos a produção dará 30 dias, e se multiplicarmos as peças pelos dias dará 333 peças produzidas.

$$\begin{cases} A + B + C = 30 & (I) \\ 7A + 10B + 15C = 333 & (II) \\ B = A + 13 & (III) \end{cases}$$

NOVA CONCURSOS

Substituindo III em I
A+A+13+C=30
2A+C=30-13
2A+C=17
C=17-2A (IV)
Substituindo III e IV em II
7A+10(A+13)+15(17-2A)=333
7A+10A +130+255-30A=333
-13A=-52
A=4
Trabalhou 4 dias produzindo a peça A.
C=17-8=9 dias produzindo a peça C
Devemos multiplicar por 15, pois ele produz 15 peças por dia de C
9x15=135 peças

RELAÇÃO E FUNÇÃO: DOMÍNIO, CONTRADOMÍNIO E IMAGEM; FUNÇÃO DO 1º GRAU; FUNÇÃO CONSTANTE;

Diagrama de Flechas

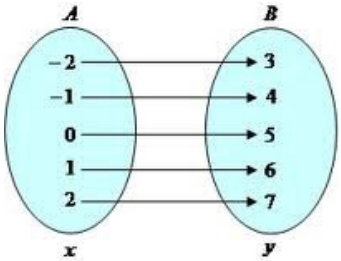

Gráfico Cartesiano

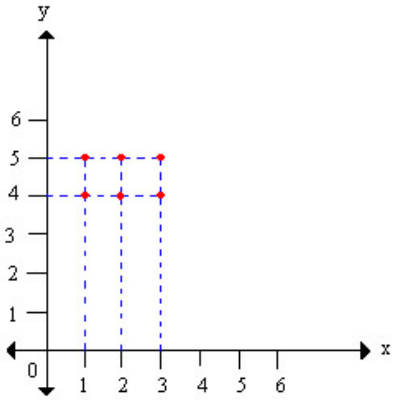

Muitas vezes nos deparamos com situações que envolvem uma relação entre grandezas. Assim, o valor a ser pago na conta de luz depende do consumo medido no período; o tempo de uma viagem de automóvel depende da velocidade no trajeto.

Como, em geral, trabalhamos com funções numéricas, o domínio e a imagem são conjuntos numéricos, e podemos definir com mais rigor o que é uma função matemática utilizando a linguagem da teoria dos conjuntos.

Definição: Sejam A e B dois conjuntos não vazios e f uma relação de A em B.

Essa relação f é uma função de A em B quando a cada elemento x do conjunto A está associado um e apenas um elemento y do conjunto B.

Notação: f:A→B (lê-se função f de A em B)

Domínio, contradomínio, imagem

O **domínio** é constituído por todos os valores que podem ser atribuídos à variável independente. Já a imagem da função é formada por todos os valores correspondentes da variável dependente.

O conjunto A é denominado domínio da função, indicada por D. O domínio serve para definir em que conjunto estamos trabalhando, isto é, os valores possíveis para a variável x.

O conjunto B é denominado **contradomínio**, CD.

Cada elemento x do domínio tem um correspondente y no contradomínio. A esse valor de y damos o nome de **imagem** de x pela função f. O conjunto de todos os valores de y que são imagens de valores de x forma o conjunto imagem da função, que indicaremos por Im.

Exemplo

Com os conjuntos *A={1, 4, 7}* e *B={1, 4, 6, 7, 8, 9, 12}* criamos a função **f: A→B**.definida por *f(x) = x + 5* que também pode ser representada por *y = x + 5*. A representação, utilizando conjuntos, desta função, é:

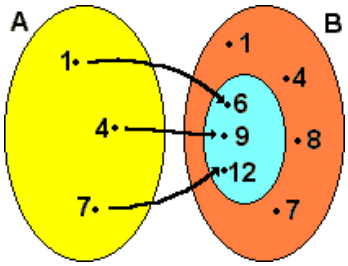

No nosso exemplo, o domínio é *D = {1, 4, 7}*, o contradomínio é = *{1, 4, 6, 7, 8, 9, 12}* e o conjunto imagem é *Im = {6, 9, 12}*

Classificação das funções

Injetora: Quando para ela elementos distintos do domínio apresentam imagens também distintas no contradomínio.

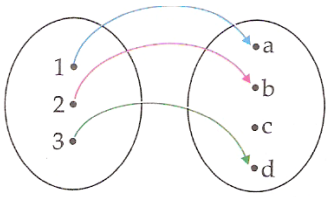

Reconhecemos graficamente uma fu

Sobrejetora: Quando todos os elementos do contradomínio forem imagens de pelo menos um elemento do domínio.

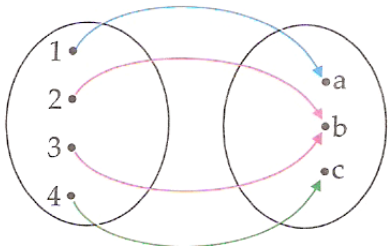

Bijetora: Quando apresentar as características de função injetora e ao mesmo tempo, de sobrejetora, ou seja, elementos distintos têm sempre imagens distintas e todos os elementos do contradomínio são imagens de pelo menos um elemento do domínio.

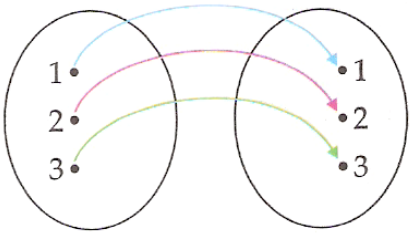

Função 1 grau

A função do 1° grau relacionará os valores numéricos obtidos de expressões algébricas do tipo (ax + b), constituindo, assim, a função f(x) = ax + b.

Estudo dos Sinais

Definimos função como relação entre duas grandezas representadas por x e y. No caso de uma função do 1º grau, sua lei de formação possui a seguinte característica: ***y = ax + b*** ou ***f(x) = ax + b***, onde os coeficientes a e b pertencem aos reais e diferem de zero. Esse modelo de função possui como representação gráfica a figura de uma reta, portanto, as relações entre os valores do domínio e da imagem crescem ou decrescem de acordo com o valor do coeficiente a. Se o coeficiente possui sinal positivo, a função é crescente, e caso ele tenha sinal negativo, a função é decrescente.

Função Crescente: a > 0

De uma maneira bem simples, podemos olhar no gráfico que os valores de y vão crescendo.

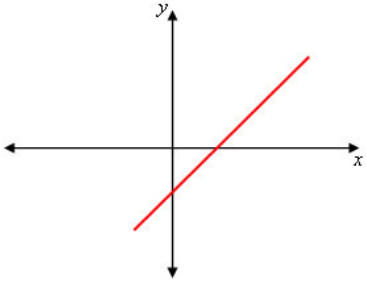

Função Decrescente: a < 0

Nesse caso, os valores de y, caem.

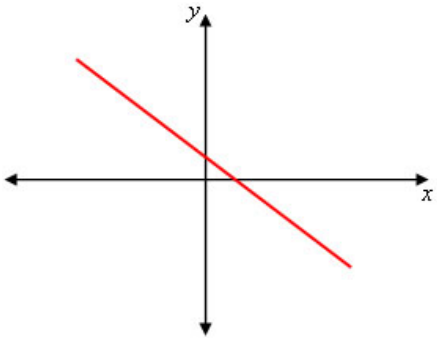

Raiz da função

Calcular o valor da raiz da função é determinar o valor em que a reta cruza o eixo x, para isso consideremos o valor de y igual a zero, pois no momento em que a reta intersecta o eixo x, y = 0. Observe a representação gráfica a seguir:

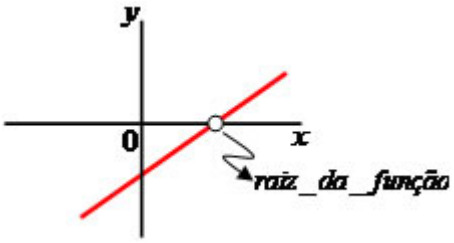

Podemos estabelecer uma formação geral para o cálculo da raiz de uma função do 1º grau, basta criar uma generalização com base na própria lei de formação da função, considerando y = 0 e isolando o valor de x (raiz da função).

X=-b/a

Dependendo do caso, teremos que fazer um sistema com duas equações para acharmos o valor de a e b.

Exemplo:

Dado que f(x)=ax+b e f(1)=3 e f(3)=5, ache a função.

F(1)=1a+b
3=a+b

F(3)=3a+b

5=3a+b

$$\begin{cases} a + b = 3 & (I) \\ 3a + b = 5 & (II) \end{cases}$$

Isolando a em I
a=3-b

Substituindo em II

3(3-b)+b=5
9-3b+b=5
-2b=-4
b=2
Portanto,
a=3-b
a=3-2=1

Assim, f(x)=x+2

Função Quadrática ou Função do 2º grau

Em geral, uma função quadrática ou polinomial do segundo grau tem a seguinte forma:

$f(x)=ax^2+bx+c$, onde $a\neq 0$

$f(x)=a(x-x_1)(x-x_2)$

É essencial que apareça ax^2 para ser uma função quadrática e deve ser o maior termo.

Considerações

Concavidade

A concavidade da parábola é para cima se a>0 e para baixo se a<0

Discriminante(Δ)

$\Delta=b^2-4ac$

$\Delta>0$

A parábola $y=ax^2+bx+c$ intercepta o eixo x em dois pontos distintos, $(x_1,0)$ e $(x_2,0)$, onde x_1 e x_2 são raízes da equação $ax^2+bx+c=0$

$\Delta=0$

Quando $\Delta=0$, a parábola $y=ax^2+bx+c$ é tangente ao eixo x, no ponto $\left(-\frac{b}{2a},0\right)$.

Repare que, quando tivermos o discriminante $\Delta=0$, as duas raízes da equação $ax^2+bx+c=0$ são iguais

$\Delta<0$

A função não tem raízes reais

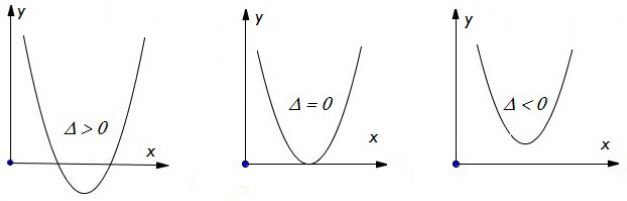

Raízes

$$x=\frac{-b\pm\sqrt{b^2-4ac}}{2a}$$

$$x_1=\frac{-b+\sqrt{b^2-4ac}}{2a}$$

$$x_2=\frac{-b-\sqrt{b^2-4ac}}{2a}$$

Vértices e Estudo do Sinal

Quando a > 0, a parábola tem concavidade voltada para cima e um ponto de mínimo **V**; quando a < 0, a parábola tem concavidade voltada para baixo e um ponto de máximo **V**.

Em qualquer caso, as coordenadas de V são

$\left(-\frac{b}{2a},\ -\frac{\Delta}{4a}\right)$. Veja os gráficos:

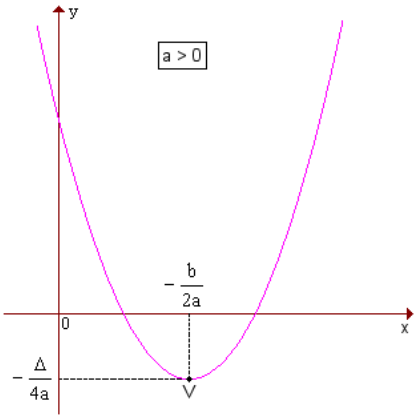

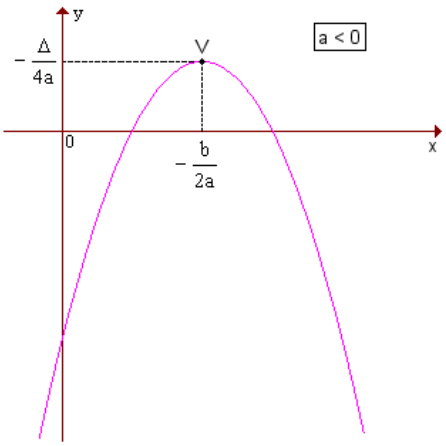

Equação Exponencial

É toda equação cuja incógnita se apresenta no expoente de uma ou mais potências de bases positivas e diferentes de 1.

Exemplo

Resolva a equação no universo dos números reais.

$$125^{x+1} = \frac{1}{\sqrt[3]{625}}$$

Solução

$$S = \{x \in \mathbb{R} | x < \frac{3}{2} ou\ x > 2$$

$$(5^3)^{x+1} = \frac{1}{\sqrt[3]{5^4}}$$

$$5^{3x+3} = 5^{-\frac{4}{3}}$$

$$3x + 3 = -\frac{4}{3}$$

$$x = -\frac{13}{9}$$

Função exponencial

A expressão matemática que define a função exponencial é uma potência. Nesta potência, a base é um número real positivo e diferente de 1 e o expoente é uma variável.

Função crescente

Se $a > 1$ temos uma função exponencial crescente, qualquer que seja o valor real de x.

No gráfico da função ao lado podemos observar que à medida que x aumenta, também aumenta f(x) ou y. Graficamente vemos que a curva da função é crescente.

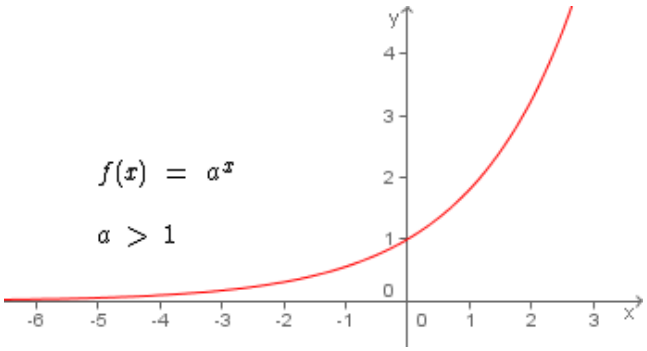

Função decrescente

Se $0 < a < 1$ temos uma função exponencial decrescente em todo o domínio da função.

Neste outro gráfico podemos observar que à medida que x aumenta, y diminui. Graficamente observamos que a curva da função é decrescente.

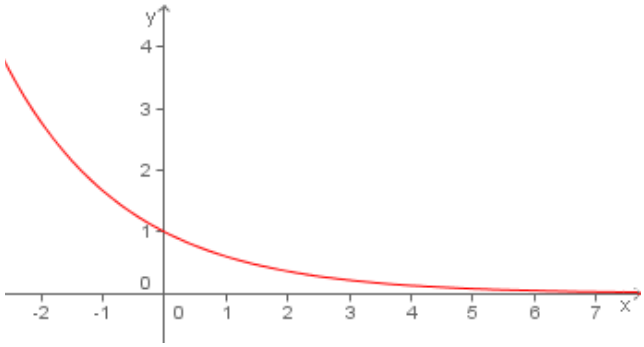

A Constante de Euler

É definida por :

e = exp(1)

O número e é um número irracional e positivo e em função da definição da função exponencial, temos que:

Ln(e) = 1

Este número é denotado por e em homenagem ao matemático suíço Leonhard Euler (1707-1783), um dos primeiros a estudar as propriedades desse número.

O valor deste número expresso com 10 dígitos decimais, é:

e = 2,7182818284

Se x é um número real, a função exponencial exp(.) pode ser escrita como a potência de base e com expoente x, isto é:

$e^x = \exp(x)$

Propriedades dos expoentes

Se a, x e y são dois números reais quaisquer e k é um número racional, então:

- $a^x\ a^y = a^{x+y}$
- $a^x / a^y = a^{x-y}$
- $(a^x)^y = a^{x.y}$
- $(a\ b)^x = a^x\ b^x$
- $(a / b)^x = a^x / b^x$
- $a^{-x} = 1 / a^x$

Dado um número real x, o módulo de x, denotado por $|x|$ é igual a x se x≥0 e igual a –x se x<0.

$$|x| = \begin{cases} x, se\ x \geq 0 \\ -x, se\ x < 0 \end{cases}$$

NOVA CONCURSOS

Equação Modular

Toda equação em que a variável aparece em módulo. Sua solução é obtida aplicando-se a definição de módulo.

Exemplo

$$Resolva\ em\ R: |2x-4| = |x+2|$$

Solução

$$\begin{cases} 2x-4 = x+2 \\ 2x-4 = -x-2 \end{cases}$$

2x-4=x+2
X=6
2x-4=-x-2
3x=2
X=2/3
S={2/3, 6}

Inequação Modular

Para resolver uma inequação modular, empregamos inicialmente a propriedade seguinte, obtendo as inequações equivalentes de resoluções conhecidas.

$$|x-a| \leq b \leftrightarrow -b \leq x-a \leq b \leftrightarrow a-b \leq x \leq a+b$$

$$|x| \geq b \leftrightarrow x \leq -b\ ou\ x \geq b$$

Exemplo
Resolva as inequações:
a) $|x| \geq 2$
b) $|2x+5| < 3$

Solução
a) x≤-2 ou x≥2
S={x∈R| x≤-2 ou x≥2}

b) -3<2x+5<3
-3-5<2x<3-5
-8<2x<-2
-4<x<-1
S={x∈R|-4<x<-1}

Função Modular

$Uma\ função\ f: R \rightarrow R$ dada por f(x)=|x| denomina-se função modular.

As principais características dessa função modular são:
-domínio:R
-imagem:R_+

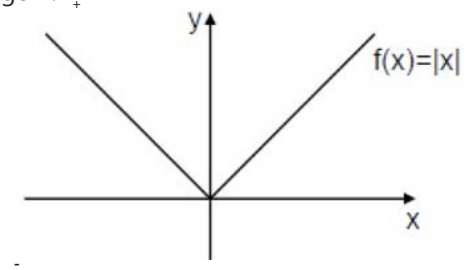

Exemplo
Faça o gráfico da função f(x)=|x^2-5x+4|

Solução
Primeiramente, fazemos o gráfico da função sem o módulo:f(x)=x^2-5x+4

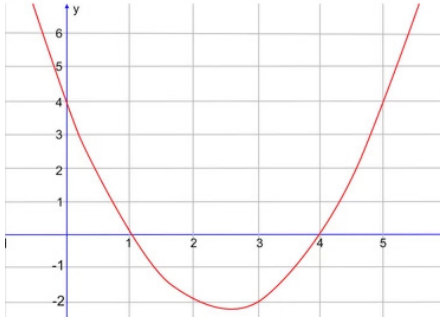

O gráfico da função f(x)=|x^2-5x+4| será

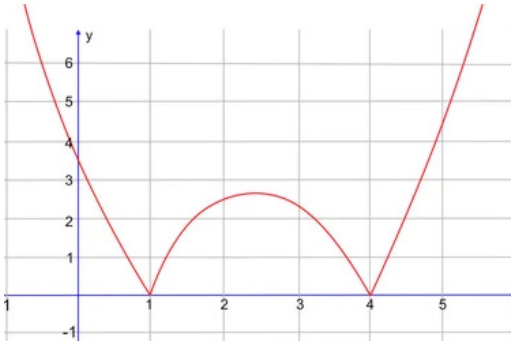

Considerando-se dois números N e a reais e positivos, com a ≠1, existe um número c tal que:

$$a^c = N$$

A esse expoente c damos o nome de logaritmo de N na base a

$$\log_a N = c \leftrightarrow a^c = N$$

Ainda com base na definição podemos estabelecer condições de existência:

$$\log_a N = c, N > 0, a > 0\ e\ a \neq 1$$

Exemplo

$$\log_2 8 = c$$

$$2^c = 8$$

$$2^c = 2^3$$

$$c = 3$$

Consequências da Definição

1. $\log_a a = 1$

2. $\log_a 1 = 0$

3. $\log_a a^m = m$

4. $\log_a \frac{1}{a} = -1$

5. $a^{\log_a N} = N$

Propriedades

$$\log_a\left(\frac{M}{N}\right) = \log_a M - \log_a N$$

$$\log_a M^b = b \cdot \log_a M$$

$$\log_a \sqrt[q]{M^p} = \frac{p}{q}\log_a M (q \neq 0)$$

Mudança de Base

$$\log_a N = \frac{\log_b N}{\log_b a}, (b > 0 \ e \ b \neq 1)$$

Exemplo
Dados log 2=0,3010 e log 3=0,4771, calcule:
a)log 6
b) log1,5
c) log 16

Solução
a) Log6=log2 · 3=log2+log3=0,3010+0,4771=0,7781

b) $\log 1{,}5 = \log\frac{3}{2} = \log 3 - log2 = 0{,}1761$

c) $\log 16 = \log 2^4 = 4\log 2 = 1{,}2040$

Função Logarítmica

Uma função $f: R_+^* \to R$ dada por $f(x) = \log_a x$, em que a constante a é positiva e diferente de 1, denomina-se função logarítmica.

$$f(x) = \log_a x \ (a > 0 \ e \ a \neq 1)$$

$$D = R_+^* \ e \ Im = R$$

(y = $\log_a$ x)

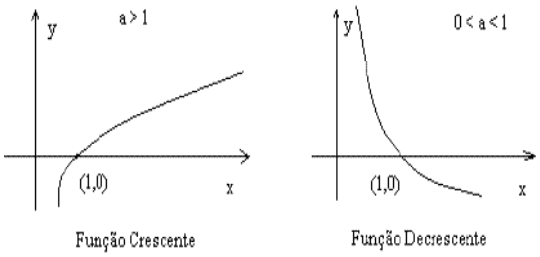

RAZÃO E PROPORÇÃO;

Razão

Sejam dois números reais *a* e *b*, com *b ≠ 0*. Chama-se razão entre *a* e *b* (nessa ordem) o quociente a b, ou .

A razão é representada por um número racional, mas é lida de modo diferente.

Exemplos

a) A fração $\frac{3}{5}$ lê-se: "três quintos".

b) A razão $\frac{3}{5}$ lê-se: "3 para 5".

Os termos da razão recebem nomes especiais.

a) Na fração $\frac{3}{5}$ — O número 3 é **numerador**; O número 5 é **denominador**

a) Na razão $\frac{3}{5}$ — O número 3 é **antecedente**; O número 5 é **consequente**

Exemplo 1

A razão entre 20 e 50 é $\frac{20}{50} = \frac{2}{5}$; já a razão entre 50 e 20 é $\frac{50}{20} = \frac{5}{2}$.

Exemplo 2

Numa classe de 42 alunos há 18 rapazes e 24 moças. A razão entre o número de rapazes e o número de moças é $\frac{18}{24} = \frac{3}{4}$, o que significa que para "cada 3 rapazes há 4 moças". Por outro lado, a razão entre o número de rapazes e o total de alunos é dada por $\frac{18}{42} = \frac{3}{7}$, o que equivale a dizer que "de cada 7 alunos na classe, 3 são rapazes".

Razão entre grandezas de mesma espécie

A razão entre duas grandezas de mesma espécie é o quociente dos números que expressam as medidas dessas grandezas numa mesma unidade.

Exemplo

Uma sala tem 18 m². Um tapete que ocupar o centro dessa sala mede 384 dm². Vamos calcular a razão entre a área do tapete e a área da sala.

NOVA CONCURSOS

Primeiro, devemos transformar as duas grandezas em uma mesma unidade:

Área da sala: 18 m^2 = 1 800 dm^2

Área do tapete: 384 dm^2

Estando as duas áreas na mesma unidade, podemos escrever a razão:

$$\frac{384dm^2}{1800dm^2} = \frac{384}{1800} = \frac{16}{75}$$

Razão entre grandezas de espécies diferentes

Exemplo 1

Considere um carro que às 9 horas passa pelo quilômetro 30 de uma estrada e, às 11 horas, pelo quilômetro 170.

Distância percorrida: 170 km – 30 km = 140 km

Tempo gasto: 11h – 9h = 2h

Calculamos a razão entre a distância percorrida e o tempo gasto para isso:

$$\frac{140km}{2h} = 70km/h$$

A esse tipo de razão dá-se o nome de **velocidade média**.

Observe que:

- as grandezas "quilômetro e hora" são de naturezas diferentes;
- a notação km/h (lê-se: "quilômetros por hora") deve acompanhar a razão.

Exemplo 2

A Região Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) tem uma área aproximada de 927 286 km^2 e uma população de 66 288 000 habitantes, aproximadamente, segundo estimativas projetadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 1995.

Dividindo-se o número de habitantes pela área, obteremos o número de habitantes por km^2 (hab./km^2):

$$\frac{6628000}{927286} \cong 71{,}5hab./km^2$$

A esse tipo de razão dá-se o nome de **densidade demográfica**.

A notação hab./km^2 (lê-se: "habitantes por quilômetro quadrado") deve acompanhar a razão.

Exemplo 3

Um carro percorreu, na cidade, 83,76 km com 8 L de gasolina. Dividindo-se o número de quilômetros percorridos pelo número de litros de combustível consumidos, teremos o número de quilômetros que esse carro percorre com um litro de gasolina:

$$\frac{83{,}76km}{8l} \cong 10{,}47km/l$$

A esse tipo de razão dá-se o nome de **consumo médio**.

A notação km/l (lê-se: "quilômetro por litro") deve acompanhar a razão.

Exemplo 4

Uma sala tem 8 m de comprimento. Esse comprimento é representado num desenho por 20 cm. Qual é a escala do desenho?

$$Escala = \frac{comprimento \bullet no \bullet desenho}{comprimento \bullet real} = \frac{20cm}{8m} = \frac{20cm}{800cm} = \frac{1}{40} ou 1:40$$

A razão entre um comprimento no desenho e o correspondente comprimento real, chama-se **Escala.**

Proporção

A igualdade entre duas razões recebe o nome de **proporção**.

Na proporção $\frac{3}{5} = \frac{6}{10}$ (lê-se: "3 está para 5 assim como 6 está para 10"), os números 3 e 10 são chamados extremos, e os números 5 e 6 são chamados meios.

Observemos que o produto 3 x 10 = 30 é igual ao produto 5 x 6 = 30, o que caracteriza a propriedade fundamental das proporções:

"Em toda proporção, o produto dos meios é igual ao produto dos extremos".

Exemplo 1

Na proporção $\frac{2}{3} = \frac{6}{9}$, temos 2 x 9 = 3 x 6 = 18;

e em $\frac{1}{4} = \frac{4}{16}$, temos 4 x 4 = 1 x 16 = 16.

Exemplo 2

Na bula de um remédio pediátrico recomenda-se a seguinte dosagem: 5 gotas para cada 2 kg do "peso" da criança.

Se uma criança tem 12 kg, a dosagem correta *x* é dada por:

$$\frac{5gotas}{2kg} = \frac{x}{12kg} \rightarrow x = 30gotas$$

Por outro lado, se soubermos que foram corretamente ministradas 20 gotas a uma criança, podemos concluir que seu "peso" é 8 kg, pois:

$$\frac{5gotas}{2kg} = 20gotas/p \rightarrow p = 8kg$$

(nota: o procedimento utilizado nesse exemplo é comumente chamado de regra de três simples.)

Propriedades da Proporção

O produto dos extremos é igual ao produto dos meios: essa propriedade possibilita reconhecer quando duas razões formam ou não uma proporção.

$\frac{4}{3} e \frac{12}{9}$ formam uma proporção, pois

Produtos dos extremos $\leftarrow \underbrace{4.9}_{36} = \underbrace{3.12}_{36} \rightarrow$ Produtos dos meios.

A soma dos dois primeiros termos está para o primeiro (ou para o segundo termo) assim como a soma dos dois últimos está para o terceiro (ou para o quarto termo).

$$\frac{5}{2} = \frac{10}{4} \Rightarrow \left\{ \frac{5+2}{5} = \frac{10+4}{10} \Rightarrow \frac{7}{5} = \frac{14}{10} \right.$$

ou

$$\frac{5}{2} = \frac{10}{4} \Rightarrow \left\{ \frac{5+2}{2} = \frac{10+4}{4} \Rightarrow \frac{7}{2} = \frac{14}{4} \right.$$

A diferença entre os dois primeiros termos está para o primeiro (ou para o segundo termo) assim como a diferença entre os dois últimos está para o terceiro (ou para o quarto termo).

$$\frac{4}{3} = \frac{8}{6} \Rightarrow \left\{ \frac{4-3}{4} = \frac{8-6}{8} \Rightarrow \frac{1}{4} = \frac{2}{8} \right.$$

ou

$$\frac{4}{3} = \frac{8}{6} \Rightarrow \left\{ \frac{4-3}{3} = \frac{8-6}{6} \Rightarrow \frac{1}{3} = \frac{2}{6} \right.$$

A soma dos antecedentes está para a soma dos consequentes assim como cada antecedente está para o seu consequente.

$$\frac{12}{8} = \frac{3}{2} \Rightarrow \left\{ \frac{12+3}{8+2} = \frac{12}{8} \Rightarrow \frac{15}{10} = \frac{12}{8} \right.$$

ou

$$\frac{12}{8} = \frac{3}{2} \Rightarrow \left\{ \frac{12+3}{8+2} = \frac{3}{2} \Rightarrow \frac{15}{10} = \frac{3}{2} \right.$$

A diferença dos antecedentes está para a diferença dos consequentes assim como cada antecedente está para o seu consequente.

$$\frac{3}{15} = \frac{1}{5} \Rightarrow \left\{ \frac{3-1}{15-5} = \frac{3}{15} \Rightarrow \frac{2}{10} = \frac{3}{15} \right.$$

ou

$$\frac{3}{15} = \frac{1}{5} \Rightarrow \left\{ \frac{3-1}{15-5} = \frac{1}{5} \Rightarrow \frac{2}{10} = \frac{1}{5} \right.$$

Questões

1 - (VUNESP - AgSegPenClasseI-V1 - 2012) – Em um concurso participaram 3000 pessoas e foram aprovadas 1800. A razão do número de candidatos aprovados para o total de candidatos participantes do concurso é:

A) 2/3
B) 3/5
C) 5/10
D) 2/7
E) 6/7

2 – (VNSP1214/001-AssistenteAdministrativo-I – 2012) – Em uma padaria, a razão entre o número de pessoas que tomam café puro e o número de pessoas que tomam café com leite, de manhã, é 2/3. Se durante uma semana, 180 pessoas tomarem café de manhã nessa padaria, e supondo que essa razão permaneça a mesma, pode-se concluir que o número de pessoas que tomarão café puro será:

A) 72
B) 86
C) 94
D) 105
E) 112

3 - (PREF. NEPOMUCENO/MG – TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO – CONSULPLAN/2013) Num zoológico, a razão entre o número de aves e mamíferos é igual à razão entre o número de anfíbios e répteis. Considerando que o número de aves, mamíferos e anfíbios são, respectivamente, iguais a 39, 57 e 26, quantos répteis existem neste zoológico?

A) 31
B) 34
C) 36
D) 38
E) 43

4 - (TRT - Técnico Judiciário) Na figura abaixo, os pontos E e F dividem o lado AB do retângulo ABCD em segmentos de mesma medida.

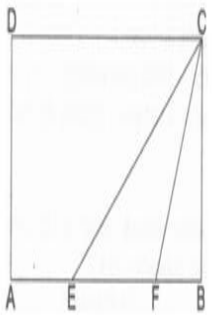

A razão entre a área do triângulo (CEF) e a área do retângulo é:

a) 1/8
b) 1/6
c) 1/2
d) 2/3
e) 3/4

5 - (CREFITO/SP – ALMOXARIFE – VUNESP/2012) Na biblioteca de uma faculdade, a relação entre a quantidade de livros e de revistas era de 1 para 4. Com a compra de novos exemplares, essa relação passou a ser de 2 para 3.

Assinale a única tabela que está associada corretamente a essa situação.

A)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	50	200
Após a compra	200	300

B)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	50	200
Após a compra	300	200

C)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	200	50
Após a compra	200	300

D)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	200	50
Após a compra	300	200

E)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	200	200
Após a compra	50	300

6 **- (**CREFITO/SP – ALMOXARIFE – VUNESP/2012) Uma rede varejista teve um faturamento anual de 4,2 bilhões de reais com 240 lojas em um estado. Considerando que esse faturamento é proporcional ao número de lojas, em outro estado em que há 180 lojas, o faturamento anual, em bilhões de reais, foi de

A) 2,75
B) 2,95
C) 3,15
D) 3,35
E) 3,55

7 - **(**PREF. IMARUÍ – AGENTE EDUCADOR – PREF. IMARUÍ/2014) De cada dez alunos de uma sala de aula, seis são do sexo feminino. Sabendo que nesta sala de aula há dezoito alunos do sexo feminino, quantos são do sexo masculino?

A) Doze alunos.
B) Quatorze alunos.
C) Dezesseis alunos.
D) Vinte alunos.

8 - (TJ/SP – ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Em um dia de muita chuva e trânsito caótico, 2/5 dos alunos de certa escola chegaram atrasados, sendo que 1/4 dos atrasados tiveram mais de 30 minutos de atraso. Sabendo que todos os demais alunos chegaram no horário, pode-se afirmar que nesse dia, nessa escola, a razão entre o número de alunos que chegaram com mais de 30 minutos de atraso e número de alunos que chegaram no horário, nessa ordem, foi de

A) 2:3
B) 1:3
C) 1:6
D) 3:4
E) 2:5

9 - (PMPP1101/001-Escriturário-I-manhã – 2012) – A razão entre as idades de um pai e de seu filho é hoje de 5/2. Quando o filho nasceu, o pai tinha 21 anos. A idade do filho hoje é de

A) 10 anos
B) 12 anos
C) 14 anos
D) 16 anos
E) 18 anos

10 - (FAPESP – ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP/2012) Em uma fundação, verificou-se que a razão entre o número de atendimentos a usuários internos e o número de atendimento total aos usuários (internos e externos), em um determinado dia, nessa ordem, foi de 3/5. Sabendo que o número de usuários externos atendidos foi 140, pode-se concluir que, no total, o número de usuários atendidos foi

A) 84
B) 100
C) 217
D) 280
E) 350

Respostas

1 – Resposta "B"

$$\frac{número\ de\ candidatos\ aprovados}{número\ total\ de\ candidatos} = \frac{1800}{3000} = \frac{18^3}{30^5} = \frac{3}{5}$$

2 – Resposta "A"

Sejam CP e CL o número de pessoas que consumiram café puro e café com leite respectivamente. Como na semana o número total de pessoas que consumiram café foi de 180, temos que:

CP+CL = 180

A relação encontrada entre eles é de $\frac{2}{3}$; $\frac{CP}{CL} = \frac{2}{3}$ assim aplicando a propriedade da proporção teremos:

$$\frac{CP+CL}{CP} = \frac{2+3}{2} \rightarrow \frac{180}{CP} = \frac{5}{2} \rightarrow 180.2 = CP.5 \rightarrow CP = \frac{360}{5} \rightarrow CP = 72$$

3 - RESPOSTA: "D"

$$\frac{Aves}{mamíferos} = \frac{anfíbios}{répteis}$$

$\frac{39}{57} = \frac{26}{répteis}$ ∴ Aplicando-se o produto dos meios pelos extremos temos:

$$répteis = 57 \cdot \frac{26}{39} = 38$$

4 - Resposta "B"

04) $A = x \cdot y A\Delta = \frac{1}{2} \cdot \frac{x}{3} \cdot y = \frac{xy}{6}$

$\frac{x}{3} \frac{x}{3} \frac{x}{3} \frac{A\Delta}{A} = \frac{6}{xy} = \frac{1}{6}$

5 - RESPOSTA: "A"

Para cada 1 livro temos 4 revistas

Significa que o número de revistas é 4x o número de livros.

50 livros: 200 revistas

Depois da compra

2 livros :3 revistas

200 livros: 300 revistas

NOVA CONCURSOS

6 - RESPOSTA: "C"

$$\frac{4{,}2}{240} = \frac{x}{180}$$

240.x = 4,2.180 → 240x = 756 → x = 3,15 bilhões

7 - RESPOSTA: "A"

Como 6 são do sexo feminino, 4 são do sexo masculino(10-6 = 4) .Então temos a seguinte razão: $\frac{6}{4}$

$$\frac{6}{4} = \frac{18}{x} \Rightarrow 6x = 72 \Rightarrow x = 12$$

8- RESPOSTA: "C"

Se 2/5 chegaram atrasados

$1 - \frac{2}{5} = \frac{3}{5}$ chegaram no horário

$\frac{2}{5} \cdot \frac{1}{4} = \frac{1}{10}$ tiveram mais de 30 minutos de atraso

$$razão = \frac{tiveram\ mais\ de\ 30\ \min\ de\ atraso}{chegaram\ no\ horário} = \frac{\frac{1}{10}}{\frac{3}{5}}$$

$$razão = \frac{1}{10} \cdot \frac{5}{3} = \frac{1}{6}\ ou\ 1:6$$

9 – RESPOSTA: "C"

A razão entre a idade do pai e do filho é respectivamente $\frac{P}{F} = \frac{5}{2}$, se quando o filho nasceu o pai tinha 21, significa que hoje o pai tem x + 21 , onde x é a idade do filho. Montando a proporção teremos:

$$\frac{x+21}{x} = \frac{5}{2} \Rightarrow 2.(x+21) = 5x \Rightarrow 2x + 42$$
$$= 5x \Rightarrow 5x - 2x = 42 \Rightarrow 3x = 42 \Rightarrow x = \frac{42}{3}$$

$$x = 14\ anos$$

10 - RESPOSTA: "E"

Usuários internos: I

Usuários externos : E

$\frac{I}{I+E} = \frac{3}{5} = \frac{I}{I+140}$ ➔ 5I = 3I+420 ➔2I = 420 ➔I = 210

I+E = 210+140 = 350

GRANDEZAS PROPORCIONAIS;

NÚMEROS DIRETAMENTE PROPORCIONAIS

Considere a seguinte situação:

Joana gosta de queijadinha e por isso resolveu aprender a fazê-las. Adquiriu a receita de uma amiga. Nessa receita, os ingredientes necessários são:

3 ovos
1 lata de leite condensado
1 xícara de leite
2 colheres das de sopa de farinha de trigo
1 colher das de sobremesa de fermento em pó
1 pacote de coco ralado
1 xícara de queijo ralado
1 colher das de sopa de manteiga

Veja que:

- Para se fazerem 2 receitas seriam usados 6 ovos para 4 colheres de farinha;
- Para se fazerem 3 receitas seriam usados 9 ovos para 6 colheres de farinha;
- Para se fazerem 4 receitas seriam usados 12 ovos para 8 colheres de farinha;
- Observe agora as duas sucessões de números:

Sucessão do número de ovos:	6	9	12
Sucessão do número de colheres de farinha:	4	6	8

Nessas sucessões as razões entre os termos correspondentes são iguais:

$\frac{6}{4} = \frac{3}{2}$ $\frac{9}{6} = \frac{3}{2}$ $\frac{12}{8} = \frac{3}{2}$

Assim: $\frac{6}{4} = \frac{9}{6} = \frac{12}{8} = \frac{3}{2}$

Dizemos, então, que:

- os números da sucessão 6, 9, 12 são **diretamente proporcionais** aos da sucessão 4, 6, 8;
- o número $\frac{3}{2}$, que é a razão entre dois termos correspondentes, é chamado **fator de proporcionalidade**.

Duas sucessões de números não-nulos são diretamente proporcionais quando as razões entre cada termo da primeira sucessão e o termo correspondente da segunda sucessão são iguais.

Exemplo 1: Vamos determinar *x* e *y*, de modo que as sucessões sejam diretamente proporcionais:

2	8	*y*
3	*x*	21

Como as sucessões são diretamente proporcionais, as razões são iguais, isto é:

$$\frac{2}{3}=\frac{8}{x}=\frac{y}{21}$$

$\frac{2}{3}=\frac{8}{x}$

2x = 3 . 8

2x = 24

$x=\frac{24}{2}$

x=12

$\frac{2}{3}=\frac{y}{21}$

3y = 2 . 21

3y = 42

$y=\frac{42}{3}$

y=14

Logo, *x* = 12 e *y* = 14

Exemplo 2: Para montar uma pequena empresa, Júlio, César e Toni formaram uma sociedade. Júlio entrou com R$ 24.000,00, César com R$ 27.000,00 e Toni com R$ 30.000,00. Depois de 6 meses houve um lucro de R$ 32.400,00 que foi repartido entre eles em partes diretamente proporcionais à quantia investida. Calcular a parte que coube a cada um.

Solução:

Representando a parte de Júlio por *x*, a de César por *y*, e a de Toni por *z*, podemos escrever:

$$\left\{\begin{array}{l} x+y+z=32400 \\ \frac{x}{24000}=\frac{y}{27000}=\frac{z}{30000} \end{array}\right\}$$

$$\frac{x}{24000}=\frac{y}{27000}=\frac{z}{30000}=\frac{\overbrace{x+y+z}^{32400}}{\underbrace{24000+27000+30000}_{81000}}$$

Resolvendo as proporções:

$$\frac{x}{24000}=\frac{\cancel{32400}^{4}}{\cancel{81000}^{10}}$$

10x = 96 000

x = 9 600

$$\frac{y}{27000}=\frac{4}{10}$$

10y = 108 000

y = 10 800

$$\frac{z}{3000}=\frac{4}{10}$$

10z = 120 000

z = 12 000

Logo, Júlio recebeu R$ 9.600,00, César recebeu R$ 10.800,00 e Toni, R$ 12.000,00.

Números Inversamente Proporcionais

Considere os seguintes dados, referentes à produção de sorvete por uma máquina da marca x-5:

1 máquina x-5 produz 32 litros de sorvete em 120 min.
2 máquinas x-5 produzem 32 litros de sorvete em 60 min.
4 máquinas x-5 produzem 32 litros de sorvete em 30 min.
6 máquinas x-5 produzem 32 litros de sorvete em 20 min.

Observe agora as duas sucessões de números:

Sucessão do número de máquinas: 1 2 4 6
Sucessão do número de minutos: 120 60 30 20

Nessas sucessões as razões entre cada termo da primeira sucessão e o inverso do termo correspondente da segunda são iguais:

$$\frac{1}{\frac{1}{120}}=\frac{2}{\frac{1}{60}}=\frac{4}{\frac{1}{30}}=\frac{6}{\frac{1}{20}}=120$$

Dizemos, então, que:

- os números da sucessão 1, 2, 4, 6 são inversamente proporcionais aos da sucessão 120, 60, 30, 20;
- o número 120, que é a razão entre cada termo da primeira sucessão e o inverso do seu correspondente na segunda, é chamado fator de proporcionalidade.

Observando que

$\frac{1}{\frac{1}{20}}$ é o mesmo que 1.120=120 $\frac{4}{\frac{1}{30}}$ é mesmo que 4.30=120

$\frac{2}{\frac{1}{60}}$ é o mesmo que 2.60=120 $\frac{6}{\frac{1}{20}}$ é o mesmo que 6.20= 120

Podemos dizer que: Duas sucessões de números não-nulos são inversamente proporcionais quando os produtos de cada termo da primeira sucessão pelo termo correspondente da segunda sucessão são iguais.

Exemplo 1: Vamos determinar *x* e *y*, de modo que as sucessões sejam inversamente proporcionais:

4	*x*	8
20	16	*y*

Para que as sucessões sejam inversamente proporcionais, os produtos dos termos correspondentes deverão ser iguais. Então devemos ter:

4 . 20 = 16 . x = 8 . y

16 . x = 4 . 20
16x = 80
x = 80/16
x = 5

8 . y = 4 . 20
8y = 80
y = 80/8
y = 10

Logo, x = 5 e y = 10.

NOVA CONCURSOS

Exemplo 2: Vamos dividir o número 104 em partes inversamente proporcionais aos números 2, 3 e 4.

Representamos os números procurados por *x*, *y* e *z*. E como as sucessões (*x, y, z*) e (2, 3, 4) devem ser inversamente proporcionais, escrevemos:

$$\frac{x}{\frac{1}{2}} = \frac{y}{\frac{1}{3}} = \frac{z}{\frac{1}{4}} \qquad \frac{x}{\frac{1}{2}} = \frac{y}{\frac{1}{3}} = \frac{z}{\frac{1}{4}} = \frac{\overbrace{x+y+z}^{104}}{\frac{1}{2}+\frac{1}{3}+\frac{1}{4}}$$

Como, $\frac{104}{\frac{1}{2}+\frac{1}{3}+\frac{1}{4}} = \frac{104}{\frac{6+4+3}{12}} = \frac{104}{\frac{13}{12}} = 104 : \frac{13}{12} = 104^{8} . \frac{12}{13^{1}} = \frac{96}{1}$, vem

$$x = 96^{48} . \frac{1}{2^{1}} \qquad y = 96^{32} . \frac{1}{3^{1}} \qquad z = 96^{24} . \frac{1}{4^{1}}$$

x = 48 y = 32 z = 24

Logo, os números procurados são 48, 32 e 24.

Grandezas Diretamente Proporcionais

Considere uma usina de açúcar cuja produção, nos cinco primeiros dias da safra de 2005, foi a seguinte:

Dias	Sacos de açúcar
1	5 000
2	10 000
3	15 000
4	20 000
5	25 000

Com base na tabela apresentada observamos que:

- duplicando o número de dias, duplicou a produção de açúcar;
- triplicando o número de dias, triplicou a produção de açúcar, e assim por diante.

Nesse caso dizemos que as grandezas **tempo** e **produção** são **diretamente proporcionais**.

Observe também que, duas a duas, as razões entre o número de dias e o número de sacos de açúcar são iguais:

$$\frac{1}{2} = \frac{5000}{10000} \quad \frac{1}{4} = \frac{5000}{20000} \quad \frac{2}{3} = \frac{10000}{15000} \quad \frac{2}{5} = \frac{10000}{25000} \quad \frac{3}{5} = \frac{15000}{25000}$$

$$\frac{1}{3} = \frac{5000}{15000} \quad \frac{1}{5} = \frac{5000}{25000} \quad \frac{2}{4} = \frac{10000}{20000} \quad \frac{3}{4} = \frac{15000}{20000} \quad \frac{4}{5} = \frac{20000}{25000}$$

Isso nos leva a estabelecer que: Duas grandezas são diretamente proporcionais quando a razão entre os valores da primeira é igual à razão entre os valores da segunda.

Tomemos agora outro exemplo.

Com 1 tonelada de cana-de-açúcar, uma usina produz 70l de álcool.

De acordo com esses dados podemos supor que:

- com o dobro do número de toneladas de cana, a usina produza o dobro do número de litros de álcool, isto é, 140l;
- com o triplo do número de toneladas de cana, a usina produza o triplo do número de litros de álcool, isto é, 210l.

Então concluímos que as grandezas quantidade de cana-de-açúcar e número de litros de álcool são **diretamente proporcionais.**

Grandezas Inversamente Proporcionais

Considere uma moto cuja velocidade média e o tempo gasto para percorrer determinada distância encontram-se na tabela:

Velocidade	Tempo
30 km/h	12 h
60 km/h	6 h
90 km/h	4 h
120 km/h	3 h

Com base na tabela apresentada observamos que:

- duplicando a velocidade da moto, o número de horas fica reduzido à metade;
- triplicando a velocidade, o número de horas fica reduzido à terça parte, e assim por diante.

Nesse caso dizemos que as grandezas **velocidade** e **tempo** são **inversamente proporcionais**.

Observe que, duas a duas, as razões entre os números que indicam a velocidade são iguais ao inverso das razões que indicam o tempo:

$\frac{30}{60} = \frac{6}{12}$ inverso da razão $\frac{12}{6}$

$\frac{30}{90} = \frac{4}{12}$ inverso da razão $\frac{12}{4}$

$\frac{30}{120} = \frac{3}{12}$ inverso da razão $\frac{12}{3}$

$\frac{60}{90} = \frac{4}{6}$ inverso da razão $\frac{6}{4}$

$\frac{60}{120} = \frac{3}{6}$ inverso da razão $\frac{6}{3}$

$\frac{90}{120} = \frac{3}{6}$ inverso da razão $\frac{4}{3}$

Podemos, então, estabelecer que: Duas grandezas são inversamente proporcionais quando a razão entre os valores da primeira é igual ao inverso da razão entre os valores da segunda.

Acompanhe o exemplo a seguir:

Cinco máquinas iguais realizam um trabalho em 36 dias. De acordo com esses dados, podemos supor que:

- o dobro do número de máquinas realiza o mesmo trabalho na metade do tempo, isto é, 18 dias;
- o triplo do número de máquinas realiza o mesmo trabalho na terça parte do tempo, isto é, 12 dias.

Então concluímos que as grandezas **quantidade de máquinas** e **tempo** são **inversamente proporcionais**.

QUESTÕES

1 - (PGE/BA – ASSISTENTE DE PROCURADORIA – FCC/2013) Uma faculdade irá inaugurar um novo espaço para sua biblioteca, composto por três salões. Estima-se que, nesse espaço, poderão ser armazenados até 120.000 livros, sendo 60.000 no salão maior, 15.000 no menor e os demais no intermediário. Como a faculdade conta atualmente com apenas 44.000 livros, a bibliotecária decidiu colocar, em cada salão, uma quantidade de livros diretamente proporcional à respectiva capacidade máxima de armazenamento. Considerando a estimativa feita, a quantidade de livros que a bibliotecária colocará no salão intermediário é igual a

A) 17.000.
B) 17.500.
C) 16.500.
D) 18.500.
E) 18.000.

2 - (PREF. PAULISTANA/PI – PROFESSOR DE MATEMÁTICA – IMA/2014) Uma herança de R$ 750.000,00 deve ser repartida entre três herdeiros, em partes proporcionais a suas idades que são de 5, 8 e 12 anos. O mais velho receberá o valor de:

A) R$ 420.000,00
B) R$ 250.000,00
C) R$ 360.000,00
D) R$ 400.000,00
E) R$ 350.000,00

3 - (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) Uma empresa foi constituída por três sócios, que investiram, respectivamente, R$60.000,00, R$40.000,00 e R$20.000,00. No final do primeiro ano de funcionamento, a empresa obteve um lucro de R$18.600,00 para dividir entre os sócios em quantias diretamente proporcionais ao que foi investido. O sócio que menos investiu deverá receber

A) R$2.100,00.
B) R$2.800,00.
C) R$3.400,00.
D) R$4.000,00.
E) R$3.100,00.

4 - (METRÔ/SP - AGENTE DE SEGURANÇA METROVIÁRIA I - FCC/2013) Um mosaico foi construído com triângulos, quadrados e hexágonos. A quantidade de polígonos de cada tipo é proporcional ao número de lados do próprio polígono. Sabe-se que a quantidade total de polígonos do mosaico é 351. A quantidade de triângulos e quadrados somada supera a quantidade de hexágonos em

A) 108.
B) 27.
C) 35.
D) 162.
E) 81.

5 - (PC/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – VUNESP/2014) Foram construídos dois reservatórios de água. A razão entre os volumes internos do primeiro e do segundo é de 2 para 5, e a soma desses volumes é $14m^3$. Assim, o valor absoluto da diferença entre as capacidades desses dois reservatórios, em litros, é igual a

A) 8000.
B) 6000.
C) 4000.
D) 6500.
E) 9000.

6 – (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) Na tabela abaixo, a sequência de números da coluna A é inversamente proporcional à sequência de números da coluna B.

A	B
16	60
12	X
8	120
4	240

A letra X representa o número

A) 90.
B) 80.
C) 96.
D) 84.
E) 72.

7 - (SAMU/SC – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – SPDM/2012) Carlos dividirá R$ 8.400,00 de forma inversamente proporcional à idade de seus dois filhos: Marcos, de12 anos, e Fábio, de 9 anos. O valor que caberá a Fábio será de:

A) R$ 3.600,00
B) R$ 4.800,00
C) R$ 7.000,00
D) R$ 5.600,00

8 - (TRT – FCC) Três técnicos judiciários arquivaram um total de 382 processos, em quantidades inversamente proporcionais as suas respectivas idades: 28, 32 e 36 anos. Nessas condições, é correto afirmar que o número de processos arquivados pelo mais velho foi:

A) 112
B) 126
C) 144
D) 152
E) 164

NOVA CONCURSOS

RESPOSTAS

1 - RESPOSTA: "C".

Como é diretamente proporcional, podemos analisar da seguinte forma:

No salão maior, percebe-se que é a metade dos livros, no salão menor é 1/8 dos livros.

Então, como tem 44.000 livros, no salão maior ficará com 22.000 e no salão menor é 5.500 livros.

22000+5500=27500

Salão intermediário:44.000-27.500=16.500 livros.

2 - RESPOSTA: "C".

5x+8x+12x=750.000
25x=750.000
X=30.000
O mais velho receberá:12 · 30000=360.000,00

3 - RESPOSTA: "E".

20000 :40000 :60000
1: 2: 3
k+2k+3k=18600
6k=18600
k=3100
O sócio que investiu R$20.000,00 receberá R$3.100,00.

4 - RESPOSTA: "B".

$$triângulos: 3x$$
$$quadrado: 4x$$
$$hexágono: 6x$$

$$3x + 4x + 6x = 351$$
$$13x = 351$$
$$x = 27$$
$$3x + 4x = 3.27 + 4.27 = 81 + 108 = 189$$
$$6x = 6.27 = 162$$

189-162= 27

5 - RESPOSTA: "B".

Primeiro:2k
Segundo:5k
2k+5k=14
7k=14
K=2
Primeiro=2.2=4
Segundo=5.2=10
Diferença=10-4=6m^3

1m^3------1000L
6--------x
X=6000 l

6 - RESPOSTA: "B".

$$\frac{16}{\frac{1}{60}} = \frac{12}{\frac{1}{X}}$$
$$16 \cdot 60 = 12 \cdot X$$

X=80

7 - RESPOSTA: "B".

Marcos: a
Fábio: b
a+b=8400
b=4800

$$\frac{a}{\frac{1}{12}} + \frac{b}{\frac{1}{9}} = \frac{a+b}{\frac{1}{12} + \frac{1}{9}}$$

$$\frac{b}{\frac{1}{9}} = \frac{8400}{\frac{3}{36} + \frac{4}{36}}$$

$$\frac{7}{36} b = \frac{8400}{9}$$

8 - RESPOSTA "A".

$$\frac{\frac{x}{1}}{28} = \frac{\frac{y}{1}}{32} = \frac{\frac{z}{1}}{36} \Rightarrow \frac{\frac{z}{1}}{36} = \frac{x+y+z}{\frac{1}{28}+\frac{1}{32}+\frac{1}{36}} \Rightarrow \frac{\frac{z}{1}}{36} = \frac{382}{\frac{72+63+56}{2016}} \Rightarrow$$

$$\frac{\frac{z}{1}}{36} = \frac{382}{\frac{191}{2016}} \Rightarrow \frac{\frac{z}{1}}{36} = 382 \cdot \frac{2016}{191} \Rightarrow \frac{\frac{z}{1}}{36} = 2 \cdot 2016 \Rightarrow z = 4032 \cdot \frac{1}{36} \Rightarrow z = 112$$

$\frac{1}{28} + \frac{1}{32} + \frac{1}{36}$ [illegible] mos os inversos dos números, ou seja: [illegible] $\frac{1}{7} + \frac{1}{8} + \frac{1}{9} = \frac{72+63+53}{504} = \frac{191}{504}$ [illegible] dores por 4, ficamos com: [illegible] = . Eliminando-se os denominadores, temos 191 que corresponde a uma soma. Dividindo-se a soma pela soma: $382 \div 191 = 2 \cdot 56 = 112$

EXPRESSÕES ALGÉBRICAS; FRAÇÃO ALGÉBRICA;

Expressões Algébricas são aquelas que contêm números e letras.

Ex: $2ax^2+bx$

Variáveis são as letras das expressões algébricas que representam um número real e que de princípio não possuem um valor definido.

Valor numérico de uma expressão algébrica é o número que obtemos substituindo as variáveis por números e efetuamos suas operações.

Ex: Sendo x =1 e y = 2, calcule o valor numérico (VN) da expressão:

$x^2 + y$ » $1^2 + 2 = 3$ Portando o valor numérico da expressão é 3.

Monômio: os números e letras estão ligados apenas por produtos.

Ex : 4x

Polinômio: é a soma ou subtração de monômios.

Ex: 4x+2y

Termos semelhantes: são aqueles que possuem partes literais iguais (variáveis)

Ex: $2 x^3 y^2 z$ e $3 x^3 y^2 z$ » são termos semelhantes pois possuem a mesma parte literal.

Adição e Subtração de expressões algébricas

Para determinarmos a soma ou subtração de expressões algébricas, basta somar ou subtrair os termos semelhantes.

Assim: $2 x^3 y^2 z + 3x^3 y^2 z = 5x^3 y^2 z$ ou $2 x^3 y^2 z - 3x^3 y^2 z = -x^3 y^2 z$

Convém lembrar dos jogos de sinais.

Na expressão $(x^3 + 2 y^2 + 1) – (y^2 - 2) = x^3 +2 y^2 + 1 – y^2 + 2 = x^3 + y^2 +3$

Multiplicação e Divisão de expressões algébricas

Na multiplicação e divisão de expressões algébricas, devemos usar a propriedade distributiva.

Exemplos:

1) $a (x+y) = ax + ay$
2) $(a+b)(x+y) = ax + ay + bx + by$
3) $x (x^2 + y) = x^3 + xy$

Para multiplicarmos potências de mesma base, conservamos a base e somamos os expoentes.

Na divisão de potências devemos conservar a base e subtrair os expoentes

Exemplos:

1) $4x^2 : 2 x = 2 x$
2) $(6 x^3 - 8 x) : 2 x = 3 x^2 - 4$
3) $(x^4 - 5x^3 + 9x^2 - 7x+2) :(x^2 - 2x + 1) = x^2 - 3x +2$

Resolução:

$$
\begin{array}{l|l}
x^4 - 5x^3 + 9x^2 - 7x+2 & x^2 - 2x + 1 \\ \cline{2-2}
\underline{-x^4 + 2x^3 - x^2} & x^2 - 3x + 2 \\
\quad -3x^3 + 8x^2 -7x & \\
\quad \underline{3x^3 - 6x^2 -3x} & \\
\qquad 2x^2 - 4x + 2 & \\
\qquad \underline{-2x^2 + 4x - 2} & \\
\qquad\qquad 0 &
\end{array}
$$

Para iniciarmos as operações devemos saber o que são termos semelhantes.

Dizemos que um termo é semelhante do outro quando suas partes literais são idênticas.

Veja:

$5x^2$ e 42x são dois termos, as suas partes literais são x^2 e x, as letras são iguais, mas o expoente não, então esses termos não são semelhantes.

$7ab^2$ e $20ab^2$ são dois termos, suas partes literais são ab^2 e ab^2, observamos que elas são idênticas, então podemos dizer que são semelhantes.

Adição e subtração de monômios

Só podemos efetuar a adição e subtração de monômios entre termos semelhantes. E quando os termos envolvidos na operação de adição ou subtração não forem semelhantes, deixamos apenas a operação indicada.

Veja:

Dado os termos $5xy^2$, $20xy^2$, como os dois termos são semelhantes eu posso efetuar a adição e a subtração deles.

$5xy^2 + 20xy^2$ devemos somar apenas os coeficientes e conservar a parte literal.

$25 xy^2$

$5xy^2 - 20xy^2$ devemos subtrair apenas os coeficientes e conservar a parte literal.

- 15 xy2

Veja alguns exemplos:

$- \underline{x}^2 - \underline{2x}^2 + x^2$ como os coeficientes são frações devemos tirar o mmc de 6 e 9.

$$\frac{3x^2 - 4 x^2 + 18 x^2}{18}$$

$$\frac{17x^2}{18}$$

$- 4x^2 + 12y^3 – 7y^3 – 5x^2$ devemos primeiro unir os termos semelhantes. $12y^3 – 7y^3 + 4x^2 – 5x^2$ agora efetuamos a soma e a subtração.

$-5y^3 – x^2$ como os dois termos restantes não são semelhantes, devemos deixar apenas indicado à operação dos monômios.

Reduza os termos semelhantes na expressão $4x^2 – 5x -3x + 2x^2$. Depois calcule o seu valor numérico da expressão. $4x^2 – 5x - 3x + 2x^2$ reduzindo os termos semelhantes. $4x^2 + 2x^2 – 5x - 3x$

$6x^2$ - 8x os termos estão reduzidos, agora vamos achar o valor numérico dessa expressão.

Para calcularmos o valor numérico de uma expressão devemos ter o valor de sua incógnita, que no caso do exercício é a letra x.

Vamos supor que x = - 2, então substituindo no lugar do x o -2 termos:

$6x^2$ - 8x
$6 . (-2)^2 – 8 . (-2) =$
6 . 4 + 16 =
24 + 16
40

Multiplicação de monômios

Para multiplicarmos monômios não é necessário que eles sejam semelhantes, basta multiplicarmos coeficiente com coeficiente e parte literal com parte literal. Sendo que quando multiplicamos as partes literais devemos usar a propriedade da potência que diz: $a^m . a^n = a^{m+n}$ (bases iguais na multiplicação repetimos a base e somamos os expoentes).

$(3a^2b) . (- 5ab^3)$ na multiplicação dos dois monômios, devemos multiplicar os coeficientes 3 . (-5) e na parte literal multiplicamos as que têm mesma base para que possamos usar a propriedade $a^m . a^n = a^{m+n}$.

$3 . (- 5) . a^2 . a . b . b^3$
$-15\ a^{2+1}\ b^{1+3}$
$-15\ a^3b^4$

Divisão de monômios

Para dividirmos os monômios não é necessário que eles sejam semelhantes, basta dividirmos coeficiente com coeficiente e parte literal com parte literal. Sendo que quando dividirmos as partes literais devemos usar a propriedade da potência que diz: $a^m : a^n = a^{m-n}$ (bases iguais na divisão repetimos a base e diminuímos os expoentes), sendo que a ≠ 0.

$(-20x^2y^3) : (- 4xy^3)$ na divisão dos dois monômios, devemos dividir os coeficientes -20 e - 4 e na parte literal dividirmos as que têm mesma base para que possamos usar a propriedade am : $a^n = a^{m-n}$.

$-20 : (– 4) . x^2 : x . y^3 : y^3$
$5\ x^{2-1}\ y^{3-3}$
$5x^1y^0$
5x

Potenciação de monômios

Na potenciação de monômios devemos novamente utilizar uma propriedade da potenciação:

(I) $(a . b)^m = a^m . b^m$
(II) $(am)^n = a^{m \cdot n}$
Veja alguns exemplos:
$(-5x^2b^6)^2$ aplicando a propriedade

(I). $(-5)^2 . (x^2)^2 . (b^6)^2$ aplicando a propriedade
(II) $25 . x^4 . b^{12}$ $25x^4b^{12}$

Exercícios

1. Determine o 7º termo do binômio (2x + 1)9, desenvolvido segundo as potências decrescentes de x.

2. Qual o termo médio do desenvolvimento de (2x + 3y)8?

3. Desenvolvendo o binômio (2x - 3y)3n, obtemos um polinômio de 16 termos. Qual o valor de n?

4. Determine o termo independente de x no desenvolvimento de (x + 1/x)6.

5. Calcule: $(3x^2+2x-1) + (-2x^2+4x+2)$.

6. Efetue e simplifique o seguinte calculo algébrico: (2x+3).(4x+1).

7. Efetue e simplifique os seguintes cálculos algébricos:
a) $(x - y).(x^2 - xy + y^2)$
b) (3x - y).(3x + y).(2x - y)

8. Dada a expressão algébrica bc – b2, determine o seu valor numérico quando b = 2,2 e c = 1,8.

9. Calcule o valor numérico da expressão 2x3 – 10y, quando x = -3 e y = -4.

10. Um caderno curta y reais. Gláucia comprou 4 cadernos, Cristina comprou 6 cadernos, e Karina comprou 3. Qual é o monômio que expressa a quantia que as três gastaram juntas?

Respostas

1) Resposta "672x3".
Solução: Primeiro temos que aplicar a fórmula do termo geral de (a + b)n, onde:
a = 2x
b = 1
n = 9
Como queremos o sétimo termo, fazemos p = 6 na fórmula do termo geral e efetuamos os cálculos indicados.
Temos então:

$$T_{6+1} = T_7 = C_{9,6} . (2x)^{9-6} \times (1)^6 = \frac{9!}{[(9-6)!\ x6!]} \times (2x)^3 \times 1 =$$

$$= \frac{9.8.7.6!}{3.2.1.6!} \times 8x^3 = 672x^3$$

Portanto o sétimo termo procurado é 672x3.

2) Resposta "90720x4y4".
Solução: Temos:
a = 2x
b = 3y
n = 8

Sabemos que o desenvolvimento do binômio terá 9 termos, porque n = 8. Ora sendo $T_1\ T_2\ T_3\ T_4\ T_5\ T_6\ T_7\ T_8\ T_9$ os termos do desenvolvimento do binômio, o termo do meio (termo médio) será o T_5 (quinto termo).

Logo, o nosso problema resume-se ao cálculo do T5. Para isto, basta fazer p = 4 na fórmula do termo geral e efetuar os cálculos decorrentes. Teremos:

$T_{4+1} = T_5 = C_{8,4} . (2x)^{8-4} . (3y)^4 = \frac{8!}{[(8-4)! .4!]} . (2x)^4 . (3y)^4 =$

$= \frac{8.7.6.5.4!}{(4!.4.3.2.1} . 16x^4 . 81y^4$

Fazendo as contas vem:

$T_5 = 70.16.81.x^4 . y^4 = 90720x^4y^4$, que é o termo médio procurado.

3) Resposta "5".

Solução: Ora, se o desenvolvimento do binômio possui 16 termos, então o expoente do binômio é igual a 15.

Logo,

3n = 15 de onde se conclui que n = 5.

4) Resposta "20".

Solução: Sabemos que o termo independente de x é aquele que não depende de x, ou seja, aquele que não possui x.

Temos no problema dado:

a = x

$b = \frac{1}{x}$

n = 6.

Pela fórmula do termo geral, podemos escrever:

$T_{p+1} = C_{6,p} . x^{6-p} . (\frac{1}{x})_p = C_{6,p} . x^{6-p} . x^{-p} = C_{6,p} . x^{6-2p}.$

Ora, para que o termo seja independente de x, o expoente desta variável deve ser zero, pois $x^0 = 1$.

Logo, fazendo 6 - 2p = 0, obtemos p = 3. Substituindo então p por 6, teremos o termo procurado. Temos então:

$T_{3+1} = T_4 = C_{6,3} . x^0 = C_{6,3} = \frac{6!}{[(6-3)!.3!]} = \frac{6.5.4.3!}{3!.2.1} = 20$

Logo, o termo independente de x é o T_4 (quarto termo) que é igual a 20.

5) Solução:

$(3x^2+2x-1) + (-2x^2+4x+2)$

$3x^2 + 2x – 1 – 2x^2 + 4x + 2 =$

$x^2 + 6x + 1$

6) Solução:

$(2x+3).(4x+1)$

$8x^2 + 2x + 12x + 3 =$

$8x^2 + 14x + 3$

7) a - Solução:

$(x - y).(x^2 - xy + y^2)$

$x^3 - x^2y + xy^2 - x^2y + xy^2 - y^3 =$

$x^3 - 2x^2y + 2xy^2 - y^3 =$

b - Solução:

$(3x - y).(3x + y).(2x - y)$

$(3x - y).(6x^2 - 3xy + 2xy - y^2) =$

$(3x - y).(6x^2 - xy - y^2) =$

$18x^3 - 3x^2y - 3xy^2 - 6x^2y + xy^2 + y^3 =$

$18x^3 - 9x^2y - 2xy^2 + y^3$

8) Resposta "-0,88".

Solução:

bc – b2 =

2,2 . 1,8 – 2,22 = (Substituímos as letras pelos valores passados no enunciado)

3,96 – 4,84 =

-0,88.

Portanto, o valor procurado é 0,88.

9) Resposta "-14".

Solução:

2x3 – 10y =

$2.(-3)^2 - 10.(-4)$ = (Substituímos as letras pelos valores do enunciado da questão)

2.(27) – 10.(-4) =

(-54) – (-40) =

-54 + 40 = -14.

Portanto -14 é o valor procurado na questão.

10) Resposta "13y reais".

Solução: Como Gláucia gastou 4y reais, Cristina 6y reais e Karina 3y reais, podemos expressar essas quantias juntas por:

4y + 6y + 3y =

(4 + 6 + 3)y =

13y

Importante: Numa expressão algébrica, se todos os monômios ou termos são semelhantes, podemos tornar mais simples a expressão somando algebricamente os coeficientes numéricos e mantendo a parte literal.

SISTEMAS DE NUMERAÇÃO; OPERAÇÕES NO CONJUNTO DOS NÚMEROS NATURAIS; OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS COM NÚMEROS RACIONAIS; MÚLTIPLOS E DIVISORES EM N; RADICIAÇÃO; CONJUNTO DE NÚMEROS FRACIONÁRIOS; OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS COM NÚMEROS FRACIONÁRIOS; PROBLEMAS COM NÚMEROS FRACIONÁRIOS; NÚMEROS DECIMAIS;

"Caro Candidato, o Tópico acima foi abordado em: Números inteiros; Números Naturais; Numeração decimal; Operações fundamentais como: Adição, Subtração, Divisão e Multiplicação; Simplificação; Medindo o tempo: horas, minutos e segundos; Problemas matemáticos; radiciação; potenciação; máximo divisor comum; mínimo divisor comum; "

NOVA CONCURSOS

GEOMETRIA ANALÍTICA;

Estudo do Ponto

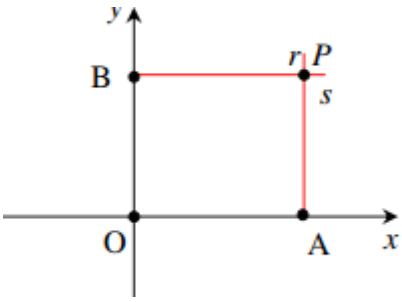

Podemos localizar um ponto P em um plano α utilizando um sistema de eixos cartesianos.

- A é a abscissa do ponto P
-B é a ordenada do ponto P
-P ∈1ºQuad

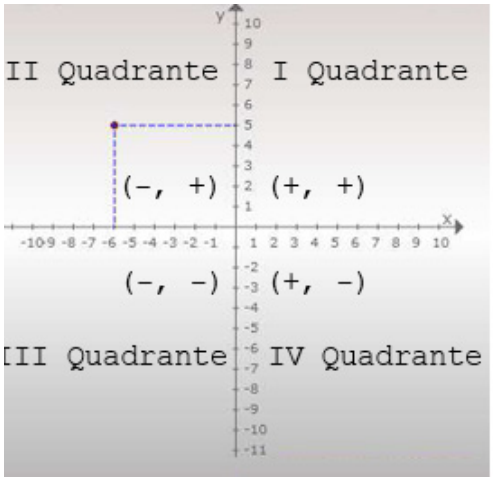

Fonte: www.matematicadidatica.com.br

1º Quadrante: x>o e y>o
2º Quadrante: x<0 e y>0
3º Quadrante: x<0 e y<0
4º Quadrante: x>0 e y>0

Para representar o par ordenado P(x,y)

Vale a pena lembrar que o eixo x é chamado de abscissa e o eixo y de ordenada.

Exemplo: Um P(3,-1) está em qual quadrante?

x>0 e y<0 IV quadrante.

Distância entre Dois Pontos

Dados os pontos $P(x_p,y_p)$ e $Q(x_q,y_q)$, a distância d_{AB} entre eles é uma função das coordenadas de P e Q:

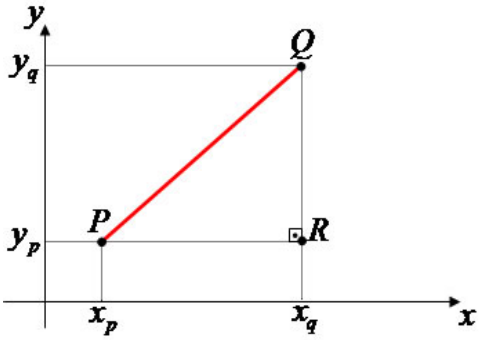

$$d_{PR} = |x_q - x_P| = \sqrt{(x_q - x_P)^2}$$

$$d_{QR} = |y_q - y_P| = \sqrt{(y_q - y_P)^2}$$

$$d_{PQ} = \sqrt{(x_q - x_P)^2 + (y_q - y_P)^2}$$

Ponto Médio

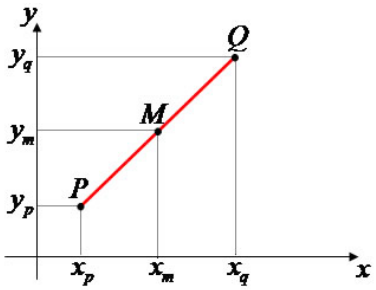

Dados os pontos $P(x_p,y_p)$ e $Q(x_q,y_p)$, as coordenadas do ponto $M(x_M, y_M)$ médio entre A e B, serão dadas pelas semi-somas das coordenadas de P e Q.

O ponto M terá as seguintes coordenadas:

$$M(\frac{x_P + x_q}{2}, \frac{y_P + y_q}{2}$$

Três pontos estão alinhados se, e somente se, pertencerem à mesma reta.

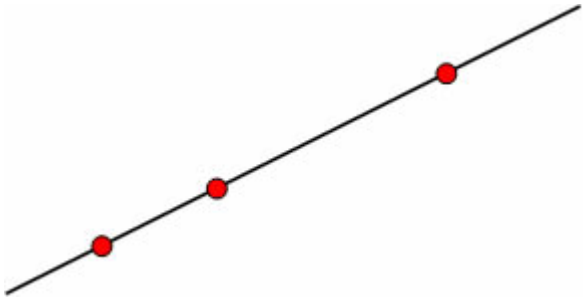

Para verificarmos se os pontos estão alinhados, podemos utilizar a construção gráfica determinando os pontos de acordo com suas coordenadas posicionais. Outra forma de determinar o alinhamento dos pontos é através do cálculo do determinante pela regra de Sarrus envolvendo a matriz das coordenadas.

$$\begin{vmatrix} x_1 & y_1 & 1 \\ x_2 & y_2 & 1 \\ x_3 & y_3 & 1 \end{vmatrix} = 0$$

Exemplo

Dados os pontos A (2, 5), B (3, 7) e C (5, 11), vamos determinar se estão alinhados.

$$\begin{vmatrix} 2 & 5 & 1 \\ 3 & 7 & 1 \\ 5 & 11 & 1 \end{vmatrix} = 0$$

$$\left|\begin{array}{ccc|cc} 2 & 5 & 1 & 2 & 5 \\ 3 & 7 & 1 & 3 & 7 \\ 5 & 11 & 1 & 5 & 11 \end{array}\right| = 0$$

(14 + 25 + 33) – (35 + 22 + 15)

72 – 72 = 0

Os pontos somente estarão alinhados se o determinante da matriz quadrada calculado pela regra de Sarrus for igual a 0.

Estudo da Reta

Cálculo do coeficiente angular

Consideremos a reta r que passa pelos pontos $A(x_1, y_1)$ e $B(x_2, y_2)$, com $x_1 \neq x_2$, e que forma com o eixo x um ângulo de medida α.

1º caso: $0^o < \alpha < 90^o$

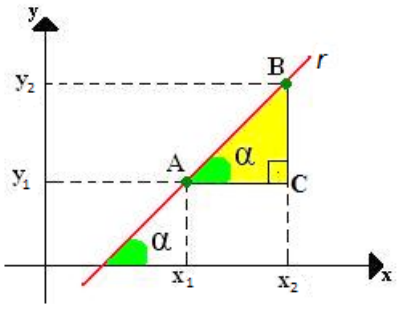

Sendo o triângulo ABC retângulo ($\hat{C}$ é reto), temos:

$$\tan\alpha = \frac{CB}{AC} \Rightarrow \tan\alpha = \frac{y_2 - y_1}{x_2 - x_1}$$

2º caso: $90^o < \alpha < 180^o$

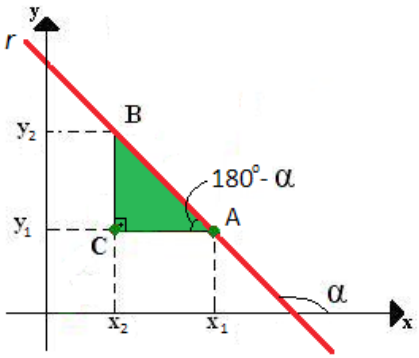

Do triângulo retângulo ABC, vem:

$$\tan(180^o - \alpha) = \frac{CB}{CA} \Rightarrow \tan(180^o - \alpha) = \frac{y_2 - y_1}{x_1 - x_2}$$

$$-\tan\alpha = \frac{y_2 - y_1}{x_1 - x_2}$$

$$\tan\alpha = \frac{y_2 - y_1}{x_2 - x_1}$$

Portanto, para os dois casos, temos:

$$m = \frac{y_2 - y_1}{x_2 - x_1}$$

Coeficiente angular

Coeficiente angular m de uma reta não-perpendicular ao eixo $\overline{Ox}$ é o valor da tangente do ângulo de inclinação dessa reta.

$$m = \tan\alpha$$

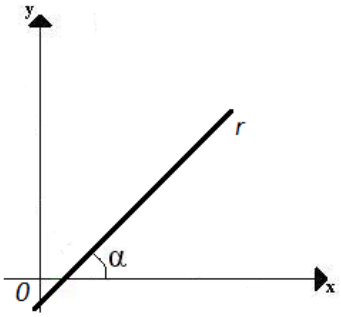

O valor do coeficiente angular m varia em função de α.

$0 < \alpha < 90^o \rightarrow m > 0$

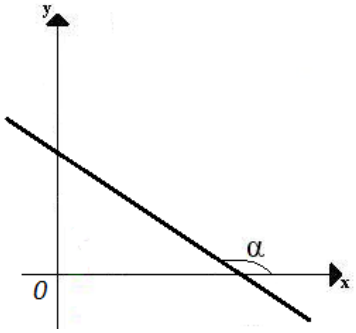

$\alpha = 0 \rightarrow m = 0$

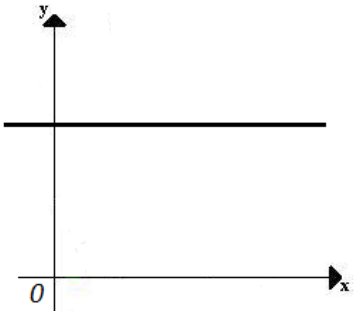

$\alpha = 90^o \rightarrow \nexists m$

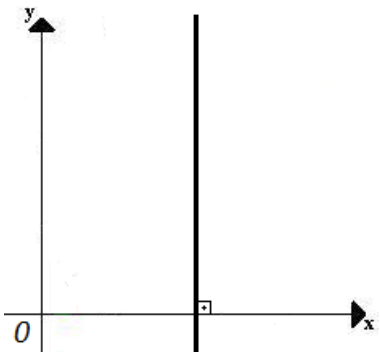

A equação fundamental de r é dada por:

$$m_r = \frac{y - y_A}{x - x_A} \rightarrow y - y_A = m_r(m - x_A)$$

Equação Geral da Reta
Ax+by+c=0

Equação Segmentária

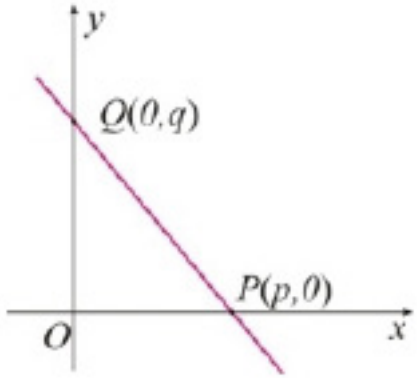

$\frac{x}{p} + \frac{y}{q} = 1$

Equação reduzida da reta

Vamos determinar a equação da reta r que passa por $Q(0, q)$ e tem coeficiente angular $m = \tan \alpha$:

$$y - q = m(x - 0)$$
$$y - q = mx$$
$$y = mx + q$$

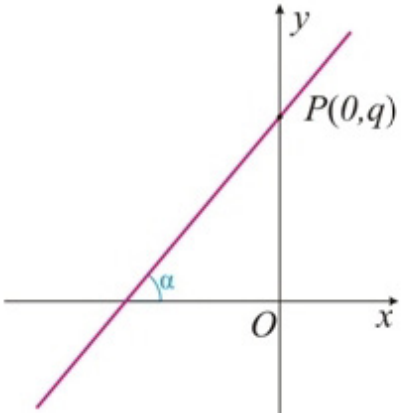

Toda equação na forma $y = mx + q$ é chamada equação reduzida da reta, em que m é o coeficiente.

Posições relativas de duas retas

Considere duas retas distintas do plano cartesiano:

$$\begin{cases} (r)a_1x + b_1y + c_1 = 0 \\ (s)a_2x + b_2y + c_2 = 0 \end{cases}$$

Podemos classifica-las como paralelas ou concorrentes.

Retas paralelas

As retas r e s têm o mesmo coeficiente angular.

$$a_r = a_s \leftrightarrow m_r = m_s$$

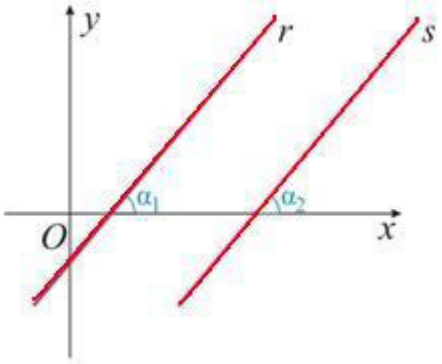

Assim, para $r//s$, temos:

$$m_r = m_s \leftrightarrow -\frac{a_1}{b_1} = -\frac{a_2}{b_2} \leftrightarrow \frac{a_1}{b_1} = \frac{a_2}{b_2} \leftrightarrow \begin{vmatrix} a_1 & b_1 \\ a_2 & b_2 \end{vmatrix} = 0$$

Retas concorrentes

As retas r e s têm coeficientes angulares diferentes.
$a_r \neq a_s \leftrightarrow m_r \neq m_s$
Assim, para r e s concorrentes, temos:

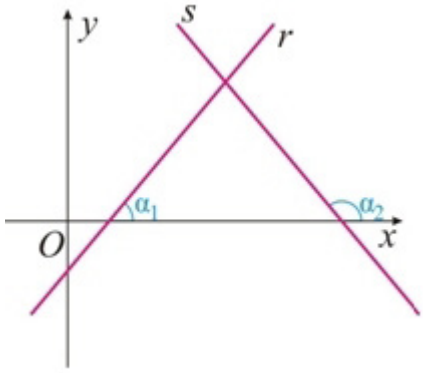

$$m_r \neq m_s \leftrightarrow -\frac{a_1}{b_1} \neq -\frac{a_2}{b_2} \leftrightarrow \frac{a_1}{b_1} \neq \frac{a_2}{b_2}$$

Retas perpendiculares

Duas retas, r e s, não-verticais são perpendiculares se, e somente se, os seus coeficientes angulares são tais que $m_r = -\frac{1}{m_s}$.

De fato: $r \perp s \leftrightarrow \alpha_1 = \alpha_2 + \frac{\pi}{2}$

$$\left.\begin{array}{l} \operatorname{sen}\alpha_1 = \cos\alpha_2 \\ \cos\alpha_1 = -\operatorname{sen}\alpha_2 \end{array}\right\} \rightarrow \tan\alpha_1 = -\operatorname{cotg}\alpha_2$$

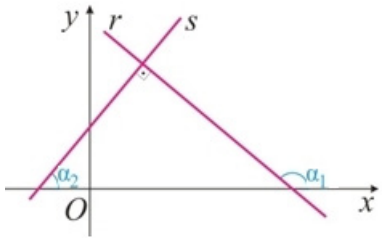

Como

$$\operatorname{cotg}\alpha_2 = \frac{1}{\tan\alpha_2}:$$

$$\tan\alpha_1 = \frac{1}{\tan\alpha_2} \rightarrow m_r = \frac{1}{m_s}$$

Então:

$$r \perp s \rightarrow m_r = -\frac{1}{m_s}$$

E, reciprocamente, se

$$m_r = -\frac{1}{m_s} \rightarrow r \perp s$$

Logo,

$$r \perp s \leftrightarrow m_r = -\frac{1}{m_s}$$

Distância de ponto a reta

Considere uma reta r, de equação $ax + by + c = 0$, e um ponto $P(x_0, y_0)$ não pertencente a r. Pode-se demonstrar que a distância entre P e $r(d_{Pr})$ é dada por:

$$d_{Pr} = \left|\frac{ax_0 + by_0 + c}{\sqrt{a^2 + b^2}}\right|$$

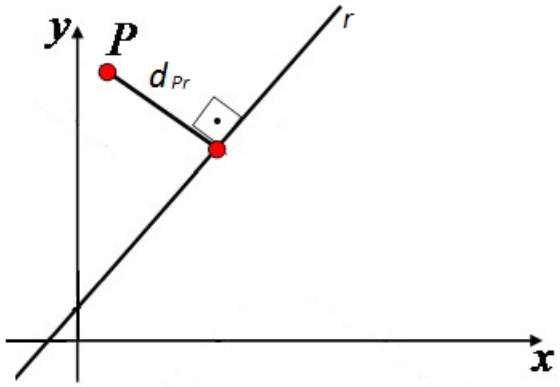

Ângulo entre duas retas

Conhecendo os coeficientes angulares m_r e m_s de duas retas, r e s, não paralelas aos eixos $\overline{Ox}$ e $\overline{Oy}$, podemos determinar o ângulo θ agudo formado entre elas:

$$\tan\theta = \left|\frac{m_s - m_r}{1 + m_s \cdot m_r}\right|$$

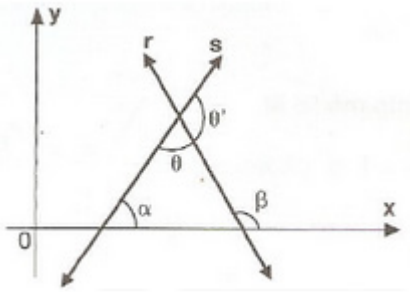

Se uma das retas for vertical, teremos:

$$\tan\theta = \left|\frac{1}{m_s}\right|$$

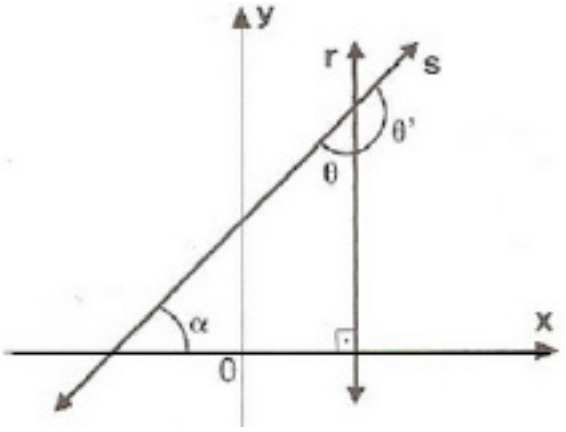

Circunferência
Equações da circunferência

Equação reduzida

Circunferência é o conjunto de todos os pontos de um plano equidistantes de um ponto fixo, desse mesmo plano, denominado centro da circunferência:

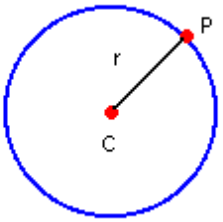

Assim, sendo **C**(a, b) o centro e **P**(x, y) um ponto qualquer da circunferência, a distância de **C** a **P**(d_{CP}) é o raio dessa circunferência. Então:

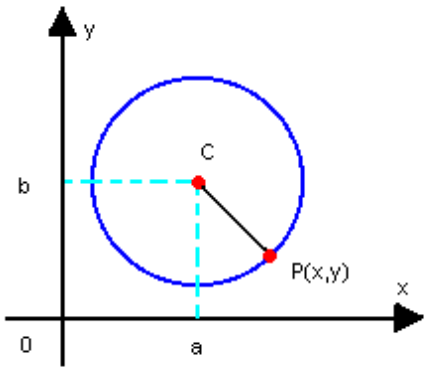

$$d_{CP} = \sqrt{(X_P - X_C)^2 + (Y_P - Y_C)^2} \Rightarrow \sqrt{(x-a)^2 + (y-b)^2} = r \Rightarrow$$
$$\Rightarrow \boxed{(x-a)^2 + (y-b)^2 = r^2}$$

Portanto, $(x - a)^2 + (y - b)^2 = r^2$ é a equação reduzida da circunferência e permite determinar os elementos essenciais para a construção da circunferência: as coordenadas do centro e o raio.

Observação: Quando o centro da circunfer6encia estiver na origem (C(0,0)), a equação da circunferência será $x^2 + y^2 = r^2$.

Equação Geral

Desenvolvendo a equação reduzida, obtemos a equação geral da circunferência:

$$(x-a)^2 + (y-b)^2 = r^2 \Rightarrow x^2 - 2ax + a^2 + y^2 - 2by + b^2 = r^2$$
$$\Rightarrow x^2 + y^2 - 2ax - 2by + a^2 + b^2 - r^2 = 0$$

Como exemplo, vamos determinar a equação geral da circunferência de centro **C**(2, -3) e raio r = 4.

A equação reduzida da circunferência é:

$(x - 2)^2 + (y + 3)^2 = 16$

Desenvolvendo os quadrados dos binômios, temos:

$$x^2 - 4x + 4 + y^2 + 6y + 9 - 16 = 0 \Rightarrow x^2 + y^2 - 4x + 6y - 3 = 0$$

Determinação do centro e do raio da circunferência, dada a equação geral

Dada a equação geral de uma circunferência, utilizamos o processo de fatoração de trinômio quadrado perfeito para transformá-la na equação reduzida e, assim, determinamos o centro e o raio da circunferência.

Para tanto, a equação geral deve obedecer a duas condições:

- Os coeficientes dos termos x^2 e y^2 devem ser iguais a 1;
- Não deve existir o termo xy.

Então, vamos determinar o centro e o raio da circunferência cuja equação geral é $x^2 + y^2 - 6x + 2y - 6 = 0$.

Observando a equação, vemos que ela obedece às duas condições.

Assim:

1º passo: agrupamos os termos em **x** e os termos em **y** e isolamos o termo independente

$x^2 - 6x + _ + y^2 + 2y + _ = 6$

2º passo: determinamos os termos que completam os quadrados perfeitos nas variáveis **x** e **y**, somando a ambos os membros as parcelas correspondentes

$$x2 - 6x + 9 + y2 + 2y + 1 = 6 + 9 + 1$$

$$x \quad 2x \quad 3 \quad y \quad 2y \,.\, 1$$

3º passo: fatoramos os trinômios quadrados perfeitos

$(x - 3)^2 + (y + 1)^2 = 16$

4º passo: obtida a equação reduzida, determinamos o centro e o raio

$$\left.\begin{array}{l} a = 3 \\ b = -1 \end{array}\right\} C(3, -1)$$

$$r^2 = 16 \Rightarrow r = 4$$

GEOMETRIA ESPACIAL;

Sólidos Geométricos

Para explicar o cálculo do volume de figuras geométricas, podemos pedir que visualizem a seguinte figura:

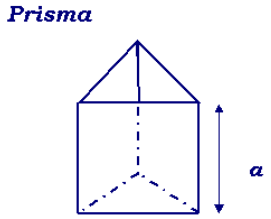

a) *A figura representa a planificação de um prisma reto;*

b) O volume de um prisma reto é igual ao produto da área da base pela altura do sólido, isto é

V = Ab x a

c) O cubo e o paralelepípedo retângulo são prismas;

d) O volume do cilindro também se pode calcular da mesma forma que o volume de um prisma reto.

Os formulários seguintes, das figuras geométricas são para calcular da mesma forma que as acima apresentadas:

Figuras Geométricas:

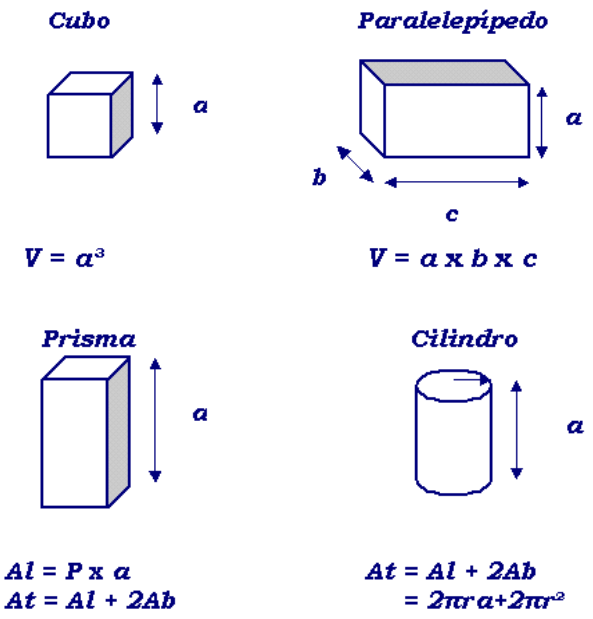

O conceito de cone

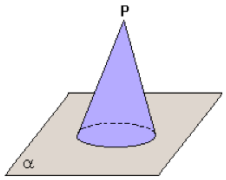

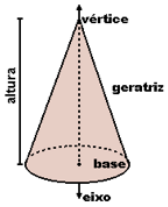

Considere uma região plana limitada por uma curva suave (sem quinas), fechada e um ponto P fora desse plano. Chamamos de cone ao sólido formado pela reunião de todos os segmentos de reta que têm uma extremidade em P e a outra num ponto qualquer da região.

Elementos do cone

- Base: A base do cone é a região plana contida no interior da curva, inclusive a própria curva.

- Vértice: O vértice do cone é o ponto P.

- Eixo: Quando a base do cone é uma região que possui centro, o eixo é o segmento de reta que passa pelo vértice P e pelo centro da base.

- Geratriz: Qualquer segmento que tenha uma extremidade no vértice do cone e a outra na curva que envolve a base.

- Altura: Distância do vértice do cone ao plano da base.

- Superfície lateral: A superfície lateral do cone é a reunião de todos os segmentos de reta que tem uma extremidade em P e a outra na curva que envolve a base.

- Superfície do cone: A superfície do cone é a reunião da superfície lateral com a base do cone que é o círculo.

- Seção meridiana: A seção meridiana de um cone é uma região triangular obtida pela interseção do cone com um plano que contem o eixo do mesmo.

Classificação do cone

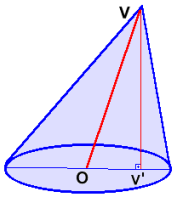

Quando observamos a posição relativa do eixo em relação à base, os cones podem ser classificados como retos ou oblíquos. Um cone é dito **reto** quando o eixo é perpendicular ao plano da base e é **oblíquo** quando não é um cone reto. Ao lado apresentamos um cone oblíquo.

Observação: Para efeito de aplicações, os cones mais importantes são os cones retos. Em função das bases, os cones recebem nomes especiais. Por exemplo, um cone é dito circular se a base é um círculo e é dito elíptico se a base é uma região elíptica.

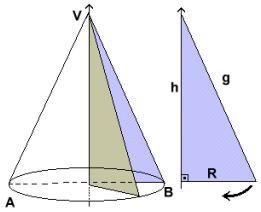

Observações sobre um cone circular reto

1. Um cone circular reto é chamado cone de revolução por ser obtido pela rotação (revolução) de um triângulo retângulo em torno de um de seus catetos

2. A seção meridiana do cone circular reto é a interseção do cone com um plano que contem o eixo do cone. No caso acima, a seção meridiana é a região triangular limitada pelo triângulo isósceles VAB.

3. Em um cone circular reto, todas as geratrizes são congruentes entre si. Se g é a medida de cada geratriz então, pelo Teorema de Pitágoras, temos: $g^2 = h^2 + R^2$

4. A **Área Lateral** de um cone circular reto pode ser obtida em função de g (medida da geratriz) e R (raio da base do cone):A_{Lat} = Pi R g

5. A **Área total** de um cone circular reto pode ser obtida em função de g (medida da geratriz) e R (raio da base do cone):

A_{Total} = Pi R g + Pi R^2

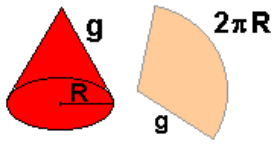

Cones Equiláteros

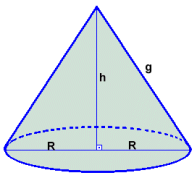

Um cone circular reto é um cone equilátero se a sua seção meridiana é uma região triangular equilátera e neste caso a medida da geratriz é igual à medida do diâmetro da base.

A área da base do cone é dada por:

A_{Base}=Pi R^2

Pelo Teorema de Pitágoras temos:

$(2R)^2 = h^2 + R^2$

$h^2 = 4R^2 - R^2 = 3R^2$

Assim:
$h = R\sqrt{3}$
Como o volume do cone é obtido por 1/3 do produto da área da base pela altura, então:

$V = (1/3)\ Pi\ \sqrt{3}R^3$
Como a área lateral pode ser obtida por:
$A_{Lat} = Pi\ R\ g = Pi\ R\ 2R = 2\ Pi\ R^2$
então a área total será dada por:
$A_{Total} = 3\ Pi\ R^2$

O conceito de esfera

A esfera no espaço R^3 é uma superfície muito importante em função de suas aplicações a problemas da vida. Do ponto de vista matemático, a esfera no espaço R^3 é confundida com o sólido geométrico (disco esférico) envolvido pela mesma, razão pela quais muitas pessoas calculam o *volume* da esfera. Na maioria dos livros elementares sobre Geometria, a esfera é tratada como se fosse um sólido, herança da Geometria Euclidiana.

Embora não seja correto, muitas vezes necessitamos falar palavras que sejam entendidas pela coletividade. De um ponto de vista mais cuidadoso, a esfera no espaço R^3 é um objeto matemático parametrizado por duas dimensões, o que significa que podemos obter medidas de área e de comprimento, mas o volume tem medida nula. Há outras esferas, cada uma definida no seu respectivo espaço n-dimensional. Um caso interessante é a esfera na reta unidimensional:
$S^o = \{x \text{ em } R: x^2=1\} = \{+1,-1\}$
Por exemplo, a esfera
$S^1 = \{ (x,y) \text{ em } R^2: x^2 + y^2 = 1 \}$
é conhecida por nós como uma circunferência de raio unitário centrada na origem do plano cartesiano.

Aplicação: volumes de líquidos

Um problema fundamental para empresas que armazenam líquidos em tanques esféricos, cilíndricos ou esféricos e cilíndricos é a necessidade de realizar cálculos de volumes de regiões esféricas a partir do conhecimento da altura do líquido colocado na mesma. Por exemplo, quando um tanque é esférico, ele possui um orifício na parte superior (pólo Norte) por onde é introduzida verticalmente uma vara com indicadores de medidas. Ao retirar a vara, observa-se o nível de líquido que fica impregnado na vara e esta medida corresponde à altura de líquido contido na região esférica. Este não é um problema trivial, como observaremos pelos cálculos realizados na sequência.

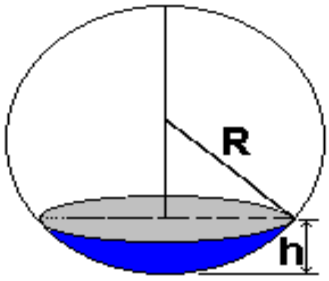

A seguir apresentaremos elementos esféricos básicos e algumas fórmulas para cálculos de áreas na esfera e volumes em um sólido esférico.

A superfície esférica

A esfera no espaço R^3 é o conjunto de todos os pontos do espaço que estão localizados a uma mesma distância denominada raio de um ponto fixo chamado centro.

Uma notação para a esfera com raio unitário centrada na origem de R^3 é:
$S^2 = \{ (x,y,z) \text{ em } R^3: x^2 + y^2 + z^2 = 1 \}$
Uma esfera de raio unitário centrada na origem de R^4 é dada por:
$S^3 = \{ (w,x,y,z) \text{ em } R^4: w^2 + x^2 + y^2 + z^2 = 1 \}$

Você conseguiria imaginar espacialmente tal esfera?

Do ponto de vista prático, a esfera pode ser pensada como a película fina que envolve um sólido esférico. Em uma melancia esférica, a esfera poderia ser considerada a película verde (casca) que envolve a fruta.

É comum encontrarmos na literatura básica a definição de esfera como sendo o sólido esférico, no entanto não se devem confundir estes conceitos. Se houver interesse em aprofundar os estudos desses detalhes, deve-se tomar algum bom livro de Geometria Diferencial que é a área da Matemática que trata do detalhamento de tais situações.

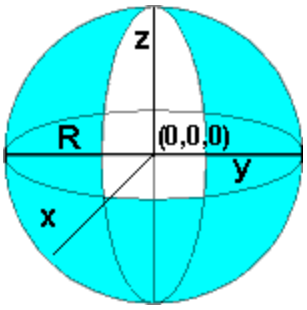

O disco esférico é o conjunto de todos os pontos do espaço que estão localizados na casca e dentro da esfera. Do ponto de vista prático, o disco esférico pode ser pensado como a reunião da película fina que envolve o sólido esférico com a região sólida dentro da esfera. Em uma melancia esférica, o disco esférico pode ser visto como toda a fruta.

Quando indicamos o raio da esfera pela letra R e o centro da esfera pelo ponto (0,0,0), a equação da esfera é dada por:
$x^2 + y^2 + z^2 = R^2$

e a relação matemática que define o disco esférico é o conjunto que contém a casca reunido com o interior, isto é:
$x^2 + y^2 + z^2 \leq R^2$

Quando indicamos o raio da esfera pela letra R e o centro da esfera pelo ponto (x_o,y_o,z_o), a equação da esfera é dada por:
$(x-x_o)^2 + (y-y_o)^2 + (z-z_o)^2 = R^2$

NOVA CONCURSOS

e a relação matemática que define o disco esférico é o conjunto que contém a casca reunido com o interior, isto é, o conjunto de todos os pontos (x,y,z) em R^3 tal que:

$(x-x_o)^2 + (y-y_o)^2 + (z-z_o)^2 \leq R^2$

Da forma como está definida, a esfera centrada na origem pode ser construída no espaço euclidiano R^3 de modo que o centro da mesma venha a coincidir com a origem do sistema cartesiano R^3, logo podemos fazer passar os eixos OX, OY e OZ, pelo ponto (0,0,0).

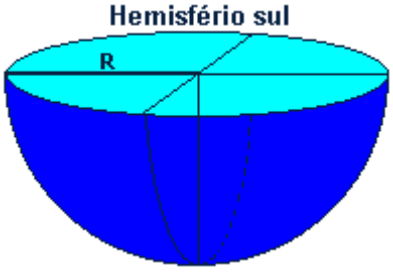

Seccionando a esfera $x^2+y^2+z^2=R^2$ com o plano z=0, obteremos duas superfícies semelhantes: o hemisfério Norte ("boca para baixo") que é o conjunto de todos os pontos da esfera onde a cota z é não negativa e o hemisfério Sul ("boca para cima") que é o conjunto de todos os pontos da esfera onde a cota z não é positiva.

Se seccionarmos a esfera $x^2+y^2+z^2=R^2$ por um plano vertical que passa em (0,0,0), por exemplo, o plano x=0, teremos uma circunferência maximal C da esfera que é uma circunferência contida na esfera cuja medida do raio coincide com a medida do raio da esfera, construída no plano YZ e a equação desta circunferência será:

$x=0,\ y^2 + z^2 = R^2$

sendo que esta circunferência intersecta o eixo OZ nos pontos de coordenadas (0,0,R) e (0,0,-R). Existem infinitas circunferências maximais em uma esfera.

Se rodarmos esta circunferência maximal C em torno do eixo OZ, obteremos a esfera através da rotação e por este motivo, a esfera é uma superfície de revolução.

Se tomarmos um arco contido na circunferência maximal cujas extremidades são os pontos (0,0,R) e (0,p,q) tal que $p^2+q^2=R^2$ e rodarmos este arco em torno do eixo OZ, obteremos uma superfície denominada calota esférica.

Na prática, as pessoas usam o termo calota esférica para representar tanto a superfície como o sólido geométrico envolvido pela calota esférica. Para evitar confusões, usarei "calota esférica" com aspas para o sólido e sem aspas para a superfície.

A partir da rotação, construiremos duas calotas em uma esfera, de modo que as extremidades dos arcos sejam (0,0,R) e (0,p,q) com $p^2+q^2=R^2$ no primeiro caso (calota Norte) e no segundo caso (calota Sul) as extremidades dos arcos (0,0,-R) e (0,r,-s) com $r^2+s^2=R^2$ e retirarmos estas duas calotas da esfera, teremos uma superfície de revolução denominada zona esférica.

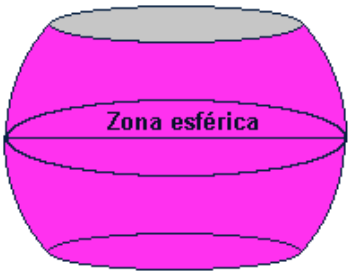

De um ponto de vista prático, consideremos uma melancia esférica. Com uma faca, cortamos uma "calota esférica" superior e uma "calota esférica" inferior. O que sobra da melancia é uma região sólida envolvida pela zona esférica, algumas vezes denominada zona esférica.

Consideremos uma "calota esférica" com altura h_1 e raio da base r_1 e retiremos desta calota uma outra "calota esférica" com altura h_2 e raio da base r_2, de tal modo que os planos das bases de ambas sejam paralelos. A região sólida determinada pela calota maior menos a calota menor recebe o nome de segmento esférico com bases paralelas.

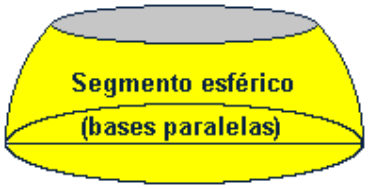

No que segue, usaremos esfera tanto para o sólido como para a superfície, "calota esférica" para o sólido envolvido pela calota esférica, a letra maiúscula R para entender o raio da esfera sobre a qual estamos realizando os cálculos, V será o volume, A(lateral) será a área lateral e A(total) será a área total.

Algumas fórmulas (relações) para objetos esféricos

Objeto	Relações e fórmulas
Esfera	Volume = (4/3) Pi R^3 A(total) = 4 Pi R^2
Calota esférica (altura h, raio da base r)	$R^2 = h\ (2R-h)$ A(lateral) = 2 Pi R h A(total) = Pi h (4R-h) $V=Pi.h^2(3R-h)/3=Pi(3R^2+h^2)/6$
Segmento esférico (altura h, raios das bases $r_1>r^2$)	$R^2 = a^2 + [(r_1^2 - r_2^2 - h^2)/2h)]^2$ A(lateral) = 2 Pi R h A(total) = $Pi(2Rh+r_1^2+r_2^2)$ $Volume=Pi.h(3r_1^2+3r_2^2+h^2)/6$

Estas fórmulas podem ser obtidas como aplicações do Cálculo Diferencial e Integral, mas nós nos limitaremos a apresentar um processo matemático para a obtenção da fórmula do cálculo do volume da "calota esférica" em função da altura da mesma.

Volume de uma calota no hemisfério Sul

Consideremos a esfera centrada no ponto (0,0,R) com raio R.

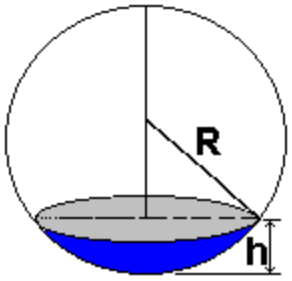

A equação desta esfera será dada por:

$x^2 + y^2 + (z-R)^2 = R^2$

A altura da calota será indicada pela letra h e o plano que coincide com o nível do líquido (cota) será indicado por z=h. A interseção entre a esfera e este plano é dado pela circunferência

$x^2 + y^2 = R^2 - (h-R)^2$

Obteremos o volume da calota esférica com a altura h menor ou igual ao raio R da esfera, isto é, h pertence ao intervalo [0,R] e neste caso poderemos explicitar o valor de z em função de x e y para obter:

$$z = R - \sqrt{R^2 - (x^2 + y^2)}$$

Para simplificar as operações algébricas, usaremos a letra r para indicar:

$r^2 = R^2 - (h-R)^2 = h(2R-h)$

A região circular S de integração será descrita por $x^2+y^2 \leq R^2$ ou em coordenadas polares através de:

$0 \leq m \leq R$, $0 \leq t \leq 2Pi$

A integral dupla que representa o volume da calota em função da altura h é dada por:

$$Vc(h) = \int\int_s (h - z)dxdy$$

ou seja

$$Vc(h) = \int\int_s (h - R + \sqrt{R^2 - (x^2 + y^2)})dxdy$$

Escrita em Coordenadas Polares, esta integral fica na forma:

$$Vc(h) = \int_{t=0}^{2x}\int_{m=0}^{R} (h - R + \sqrt{R^2 - m^2})mdmdt$$

Após realizar a integral na variável t, podemos separá-la em duas integrais:

$$Vc(h) = 2\pi\{\int_0^R (h-R)m\,dm + \int_0^R \sqrt{R^2 - m^2}\,mdm\}$$

ou seja:

$$Vc(h) = \pi\{(h-R)R^2 - \int_0^R \sqrt{R^2 - m^2}\,(-2m)dm\}$$

Com a mudança de variável $u=R^2-m^2$ e $du=(-2m)dm$ poderemos reescrever:

$$Vc(h) = \pi\{(h-R)R^2 + \int_{u=0}^{R^2} \sqrt{u}\,du\}$$

Após alguns cálculos obtemos:

$V_C(h) = Pi\ (h-R)\ [R^2 - (h-R)^2] - (2/3)Pi[(R-h)^3 - R^3]$

e assim temos a fórmula para o cálculo do volume da calota esférica no hemisfério Sul com a altura h no intervalo [0,R], dada por:

$V_C(h) = Pi\ h^2(3R-h)/3$

Volume de uma calota no hemisfério Norte

Se o nível do líquido mostra que a altura h já ultrapassou o raio R da região esférica, então a altura h está no intervalo [R,2R]

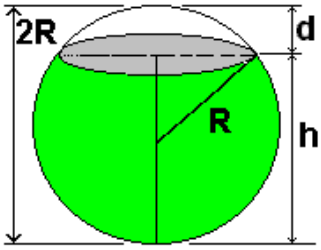

Lançaremos mão de uma propriedade de simetria da esfera que nos diz que o volume da calota superior assim como da calota inferior somente depende do raio R da esfera e da altura h e não da posição relativa ocupada.

Aproveitaremos o resultado do cálculo utilizado para a calota do hemisfério Sul. Tomaremos a altura tal que: h=2R-d, onde d é a altura da região que não contém o líquido. Como o volume desta calota *vazia* é dado por:

$V_C(d) = Pi\ d^2(3R-d)/3$

e como h=2R-d, então para h no intervalo [R,2R], poderemos escrever o volume da calota vazia em função de h:

$V_C(h) = Pi\ (2R-h)^2(R+h)/3$

Para obter o volume ocupado pelo líquido, em função da altura, basta tomar o volume total da região esférica e retirar o volume da calota *vazia*, para obter:

$V(h) = 4Pi\ R^3/3 - Pi\ (2R-h)^2(R+h)/3$

que pode ser simplificada para:

$V(h) = Pi\ h^2(3R-h)/3$

Independentemente do fato que a altura h esteja no intervalo [0,R] ou [R,2R] ou de uma forma geral em [0,2R], o cálculo do volume ocupado pelo líquido é dado por:

$V(h) = Pi\ h^2(3R-h)/3$

Poliedro

Poliedro é um sólido limitado externamente por planos no espaço R^3. As regiões planas que limitam este sólido são as faces do poliedro. As interseções das faces são as arestas do poliedro. As interseções das arestas são os vértices do poliedro. Cada face é uma região poligonal contendo *n* lados.

Poliedros convexos são aqueles cujos ângulos diedrais formados por planos adjacentes têm medidas menores do que 180 graus. Outra definição: Dados quaisquer dois pontos de um poliedro convexo, o segmento que tem esses pontos como extremidades, deverá estar inteiramente contido no poliedro.

Poliedros Regulares

Um poliedro é regular se todas as suas faces são regiões poligonais regulares com *n* lados, o que significa que o mesmo número de arestas se encontram em cada vértice.

Tetraedro	Hexaedro (cubo)	Octaedro
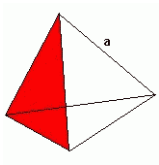	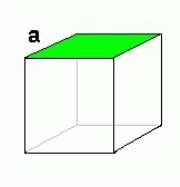	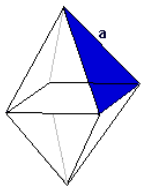

Áreas e Volumes

Poliedro regular	Área	Volume
Tetraedro	a^2 R[3]	(1/12) a^3 R[2]
Hexaedro	6 a^2	a^3
Octaedro	2 a^2 R[3]	(1/3) a^3 R[2]
Dodecaedro	$3a^2$ R{25+10·R[5]}	(1/4) a^3 (15+7·R[5])
Icosaedro	$5a^2$ R[3]	(5/12) a^3 (3+R[5])

Nesta tabela, a notação R[z] significa a raiz quadrada de z≥0.

Prisma

Prisma é um sólido geométrico delimitado por faces planas, no qual as bases se situam em planos paralelos. Quanto à *inclinação* das arestas laterais, os prismas podem ser retos ou oblíquos.

Prisma reto

As arestas laterais têm o mesmo comprimento.
As arestas laterais são perpendiculares ao plano da base.
As faces laterais são retangulares.

Prisma oblíquo

As arestas laterais têm o mesmo comprimento.
As arestas laterais são oblíquas ao plano da base.
As faces laterais não são retangulares.

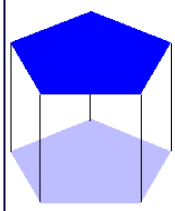	**Bases**: regiões poligonais congruentes **Altura**: distância entre as bases **Arestas laterais paralelas**: mesmas medidas **Faces laterais**: paralelogramos	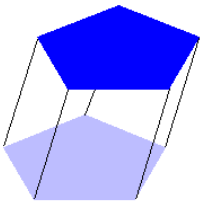
Prisma reto	**Aspectos comuns**	**Prisma oblíquo**

Seções de um prisma

Seção transversal

É a região poligonal obtida pela interseção do prisma com um plano paralelo às bases, sendo que esta região poligonal é congruente a cada uma das bases.

Seção reta (seção normal)

É uma seção determinada por um plano perpendicular às arestas laterais.

Princípio de Cavaliere

Consideremos um plano P sobre o qual estão apoiados dois sólidos com a mesma altura. Se todo plano paralelo ao plano dado interceptar os sólidos com seções de áreas iguais, então os volumes dos sólidos também serão iguais.

Prisma regular

É um prisma reto cujas bases são regiões poligonais regulares.

Exemplos:

Um prisma triangular regular é um prisma reto cuja base é um triângulo equilátero.

Um prisma quadrangular regular é um prisma reto cuja base é um quadrado.

Planificação do prisma

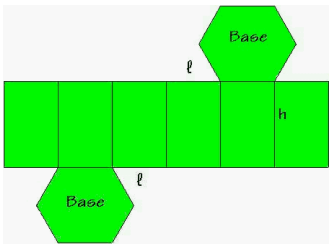

Um prisma é um sólido formado por todos os pontos do espaço localizados dentro dos planos que contêm as faces laterais e os planos das bases. As faces laterais e as bases formam a envoltória deste sólido. Esta envoltória é uma "superfície" que pode ser planificada no plano cartesiano.

Tal planificação se realiza como se cortássemos com uma tesoura esta envoltória exatamente sobre as arestas para obter uma região plana formada por áreas congruentes às faces laterais e às bases.

A planificação é útil para facilitar os cálculos das áreas lateral e total.

Volume de um prisma

O volume de um prisma é dado por:

Vprisma = Abase . h

Área lateral de um prisma reto com base poligonal regular

A área lateral de um prisma reto que tem por base uma região poligonal regular de n lados é dada pela soma das áreas das faces laterais. Como neste caso todas as áreas das faces laterais são iguais, basta tomar a área lateral como:

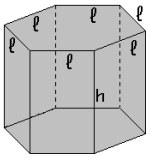

Cilindros

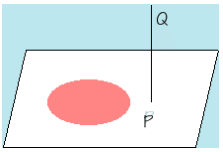

Seja P um plano e nele vamos construir um círculo de raio r. Tomemos também um segmento de reta PQ que não seja paralelo ao plano P e nem esteja contido neste plano P.

Um cilindro circular é a reunião de todos os segmentos congruentes e paralelos a PQ com uma extremidade no círculo.

Observamos que um cilindro é uma superfície no espaço R^3, mas muitas vezes vale a pena considerar o cilindro com a região sólida contida dentro do cilindro. Quando nos referirmos ao cilindro como um sólido usaremos aspas, isto é, *"cilindro"* e quando for à superfície, simplesmente escreveremos *cilindro*.

A reta que contém o segmento PQ é denominada *geratriz* e a curva que fica no plano do "chão" é a *diretriz*.

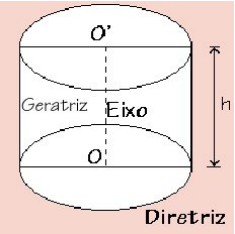

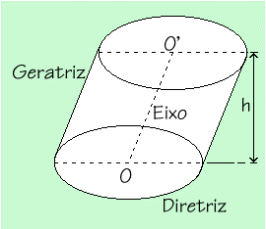

Em função da inclinação do segmento PQ em relação ao plano do "chão", o cilindro será chamado reto ou oblíquo, respectivamente, se o segmento PQ for perpendicular ou oblíquo ao plano que contém a curva diretriz.

Objetos geométricos em um "cilindro"

Num cilindro, podemos identificar vários elementos:

- Base É a região plana contendo a curva diretriz e todo o seu interior. Num cilindro existem duas bases.

- Eixo É o segmento de reta que liga os centros das bases do "cilindro".

- Altura A altura de um cilindro é a distância entre os dois planos paralelos que contêm as bases do "cilindro".

- Superfície Lateral É o conjunto de todos os pontos do espaço, que não estejam nas bases, obtidos pelo deslocamento paralelo da geratriz sempre apoiada sobre a curva diretriz.

- Superfície Total É o conjunto de todos os pontos da superfície lateral reunido com os pontos das bases do cilindro.

- Área lateral É a medida da superfície lateral do cilindro.

- Área total É a medida da superfície total do cilindro.

- Seção meridiana de um cilindro É uma região poligonal obtida pela interseção de um plano vertical que passa pelo centro do cilindro com o cilindro.

Classificação dos cilindros circulares

Cilindro circular oblíquo Apresenta as geratrizes oblíquas em relação aos planos das bases.

Cilindro circular reto As geratrizes são perpendiculares aos planos das bases. Este tipo de cilindro é também chamado de cilindro de revolução, pois é gerado pela rotação de um retângulo.

Cilindro equilátero É um cilindro de revolução cuja seção meridiana é um quadrado.

Volume de um "cilindro"

Em um cilindro, o volume é dado pelo produto da área da base pela altura.

$V = A_{base} \times h$

Se a base é um círculo de raio r, então:

$V = \pi r^2 h$

Áreas lateral e total de um cilindro circular reto

Quando temos um cilindro circular reto, a área lateral é dada por:

$A_{lat} = 2 \pi r h$

onde **r** é o raio da base e **h** é a altura do cilindro.

$A_{tot} = A_{lat} + 2 A_{base}$

$A_{tot} = 2 \pi r h + 2 \pi r^2$

$A_{tot} = 2 \pi r(h+r)$

Exercícios

1. Dado o cilindro circular equilátero (h = 2r), calcular a área lateral e a área total.

2. Seja um cilindro circular reto de raio igual a 2cm e altura 3cm. Calcular a área lateral, área total e o seu volume.

3. As áreas das bases de um cone circular reto e de um prisma quadrangular reto são iguais. O prisma tem altura 12 cm e volume igual ao dobro do volume do cone. Determinar a altura do cone.

4. Anderson colocou uma casquinha de sorvete dentro de uma lata cilíndrica de mesma base, mesmo raio R e mesma altura h da casquinha. Qual é o volume do espaço (vazio) compreendido entre a lata e a casquinha de sorvete?

Respostas

1) Solução: No cilindro equilátero, a área lateral e a área total é dada por:

$A_{lat} = 2\,\pi r.\,2r = 4\,\pi r^2$
$A_{tot} = A_{lat} + 2\,A_{base}$
$A_{tot} = 4\,\pi r^2 + 2\,\pi r^2 = 6\,\pi r^2$
$V = A_{base}\,h = \pi r^2.\,2r = 2\,\pi r^3$

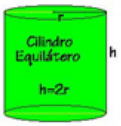

2) Solução: Cálculo da Área lateral $A_{lat} = 2\,\pi r\,h = 2\,\pi\,2.3 = 12\,\pi cm^2$
Cálculo da Área total $A_{tot} = A_{lat} + 2\,A_{base}$ $A_{tot} = 12\,\pi + 2\,\pi 2^2 = 12\,\pi + 8\,\pi = 20\,\pi cm^2$
Cálculo do Volume V = Abase × h = $\pi r^2 \times h$ $V = \pi 2^2 \times 3 = \pi \times 4 \times 3 = 12\,\pi cm^{33}$

3) Solução:
$h_{prisma} = 12$
$A_{base\ do\ prisma} = A_{base\ do\ cone} = A$
$V_{prisma} = 2\,V_{cone}$
$A\,h_{prisma} = 2(A\,h)/3$
$12 = 2.h/3$
h =18 cm

4) Solução:

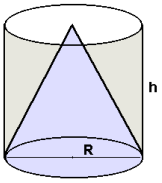

$V = V_{cilindro} - V_{cone}$
$V = A_{base}\,h - (1/3)\,A_{base}\,h$
$V = Pi\,R^2\,h - (1/3)\,Pi\,R^2\,h$
$V = (2/3)\,Pi\,R^2\,h\ cm^3$

GEOMETRIA PLANA: PLANO, ÁREA, PERÍMETRO, ÂNGULO, RETA, SEGMENTO DE RETA E PONTO TEOREMA DE TALES; TEOREMA DE PITÁGORAS;

Área do triangulo

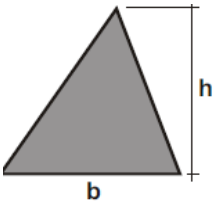

$$S = \frac{b\,.\,h}{2}$$

Segmentos proporcionais

Teorema de Tales.
Em todo feixe de retas paralelas, cortado por uma reta transversal, a razão entre dois segmento quaisquer de uma transversal é igual à razão entre os segmentos correspondentes da outra transversal.

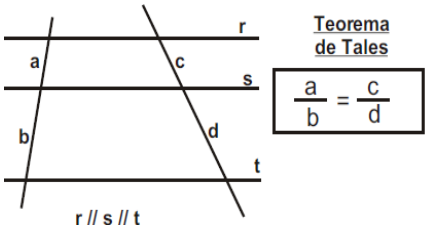

Semelhança de triângulos

Definição.
Dois triângulos são semelhantes se têm os ângulos dois a dois congruentes e os lados correspondentes dois a dois proporcionais.
Definição mais "popular".
Dois triângulos são semelhantes se um deles é a redução ou a ampliação do outro.
Importante - Se dois triângulos são semelhantes, a proporcionalidade se mantém constante para quaisquer dois segmentos correspondentes, tais como: lados, medianas, alturas, raios das circunferências inscritas, raios das circunferências circunscritas, perímetros, etc.

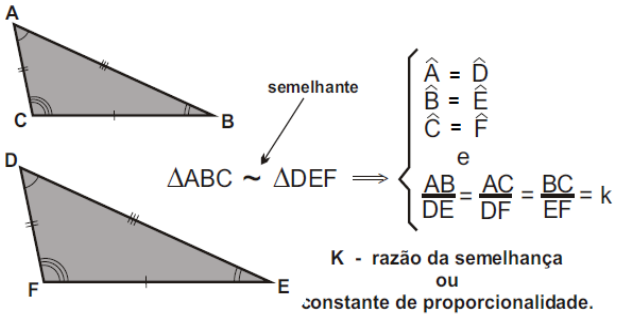

Exercícios

1. Seja um paralelogramo com as medidas da base e da altura respectivamente, indicadas por b e h. Se construirmos um outro paralelogramo que tem o dobro da base e o dobro da altura do outro paralelogramo, qual será relação entre as áreas dos paralelogramos?

2. Os lados de um triângulo equilátero medem 5 mm. Qual é a área deste triângulo equilátero?

3. Qual é a medida da área de um paralelogramo cujas medidas da altura e da base são respectivamente 10 cm e 2 dm?

4. As diagonais de um losango medem 10 cm e 15 cm. Qual é a medida da sua superfície?

5. Considerando as informações constantes no triangulo PQR, pode-se concluir que a altura PR desse triângulo mede:

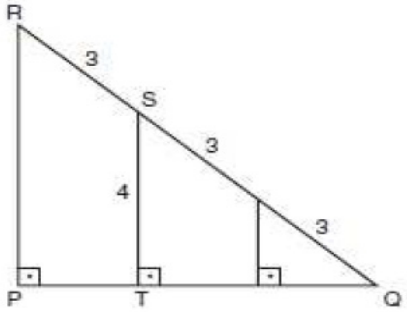

a)5 b)6 c)7 d)8

6. Num cartão retangular, cujo comprimento é igual ao dobro de sua altura, foram feitos dois vincos AC e BF, que formam, entre si, um ângulo reto (90°). Observe a figura:

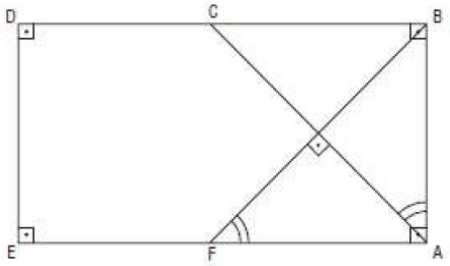

Considerando AF=16cm e CB=9cm, determine:
a) as dimensões do cartão;
b) o comprimento do vinco AC

7. Na figura, os ângulos assinalados sao iguais, AC=2 e AB=6. A medida de AE é:
a)6/5 b)7/4 c)9/5 d)3/2 e)5/4

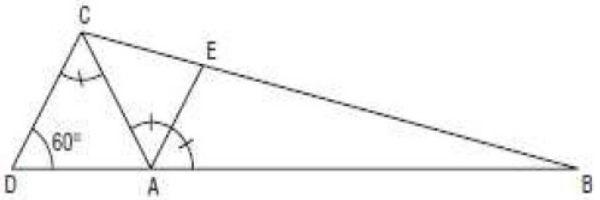

8. Na figura a seguir, as distâncias dos pontos A e B à reta valem 2 e 4. As projeções ortogonais de A e B sobre essa reta são os pontos C e D. Se a medida de CD é 9, a que distância de C deverá estar o ponto E, do segmento CD, para que CÊA=DÊB

a)3
b)4
c)5
d)6
e)7

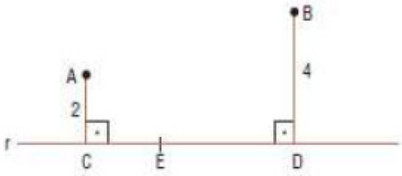

9. Para ladrilhar uma sala são necessários exatamente 400 peças iguais de cerâmica na forma de um quadrado. Sabendo-se que a área da sala tem 36m², determine:
a) a área de cada peça, em m².
b) o perímetro de cada peça, em metros.

10. Na figura, os ângulos ABC, ACD, CÊD, são retos. Se AB=$2\sqrt{3}$ m e CE=$\sqrt{3}$ m, a razão entre as áreas dos triângulos ABC e CDE é:

a)6
b)4
c)3
d)2
e)$\sqrt{3}$

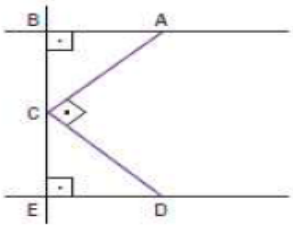

Respostas

1. A2 = (2b)(2h) = 4bh = 4A1

2. Segundo o enunciado temos:
l=5mm
Substituindo na fórmula:

$$S = \frac{l^2\sqrt{3}}{4} \Rightarrow S = \frac{5^2\sqrt{3}}{4} = 6,25\sqrt{3} \Rightarrow S = 10,8$$

3. Sabemos que 2 dm equivalem a 20 cm, temos:
h=10
b=20
Substituindo na fórmula:

$$S = b.h = 20.10 = 100cm^2 = 2dm^2$$

4. Para o cálculo da superfície utilizaremos a fórmula que envolve as diagonais, cujos valores temos abaixo:
d1=10
d2=15

Utilizando na fórmula temos:

$$S = \frac{d1.d2}{2} \Rightarrow \frac{10.15}{2} = 75cm^2$$

5. $\frac{4}{\overline{PR}} = \frac{6}{9} \Rightarrow \overline{PR} = \frac{36}{6} = 6$

6. $\frac{x}{16} = \frac{9}{x} \Rightarrow x^2 = 144 \Rightarrow x = 12$

$a) x = 12(altura); 2x = 24(comprimento)$

$b) \overline{AC} = \sqrt{9^2 + x^2} = \sqrt{81+144} = 15$

7.

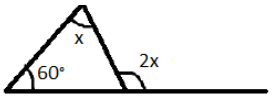

3) 2x=x+60 ⇒

$x = 60$ (Triângulo Equilátero)

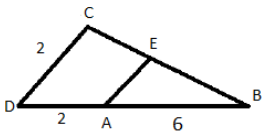

$\frac{2}{2+6} = \frac{\overline{AE}}{6} \Rightarrow 12 = 8 * \overline{AE} \Rightarrow$

$\overline{AE} = 12/8 = 6/4 = 3/2$

8.

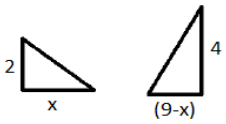

2/4=x/(9-x)

18-2x=4x

6x=18

x=3

9.

$36m^2 \rightarrow 400$

$x \rightarrow 1$

$a) x = 36/400 = 9/100 = 0{,}09m^2$

$b) c = \sqrt{0{,}09} = 0{,}3m$

10.

$\frac{2\sqrt{3}}{a} = \frac{\sqrt{3}}{b}$

$a = 2b$

$\frac{2\sqrt{3} \times a}{2} \div \frac{\sqrt{3} \times b}{2} = \frac{2a}{b}$

$\frac{2(2b)}{b} = 4$

Teorema de Tales

- Feixe de paralelas: é todo conjunto de três ou mais retas e paralelas entre si.

- Transversal: é qualquer reta que intercepta todas as retas de um feixe de paralelas.

- **Teorema de** Tales: Se duas retas são transversais de um feixe de retas paralelas então a razão entre as medidas de dois segmentos quaisquer de uma delas é igual à razão entre as medidas dos segmentos correspondentes da outra.

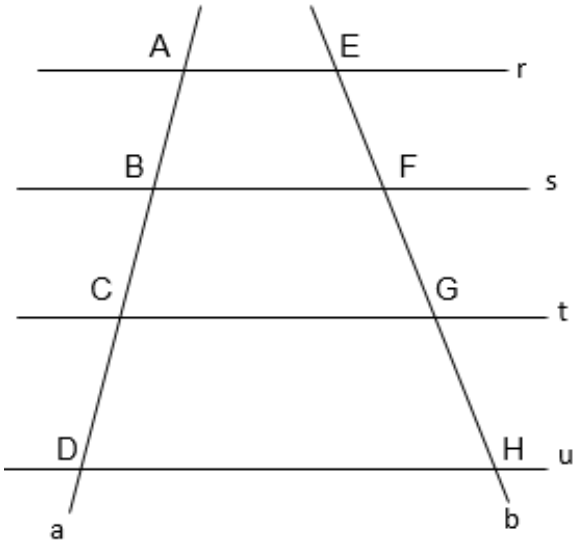

r//s//t//u (// ➔ símbolo de paralelas); a e b são retas transversais. Então, temos que os segmentos correspondentes são proporcionais.

$$\frac{\overline{AB}}{\overline{EF}} = \frac{\overline{BC}}{\overline{FG}} = \frac{\overline{CD}}{\overline{GH}} = \frac{\overline{AD}}{\overline{EH}} = \cdots.$$

Exercícios

1 - Na figura abaixo, o valor de x é:

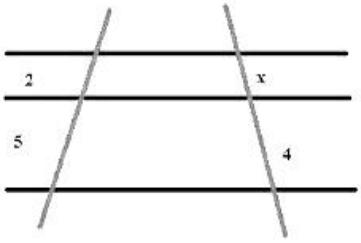

a) 1,2
b) 1,4
c) 1,6
d) 1,8
e) 2,0

2 - Na figura abaixo, qual é o valor de x?

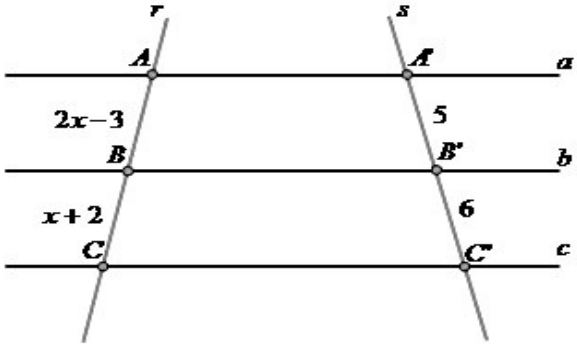

a) 3
b) 4
c) 5
d) 6
e) 7

3 - Calcular o valor de x na figura abaixo.

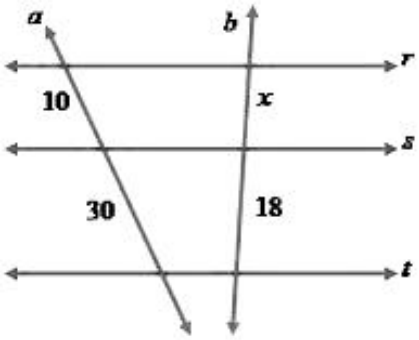

4 - Os valores de x e y, respectivamente, na figura seguinte é:

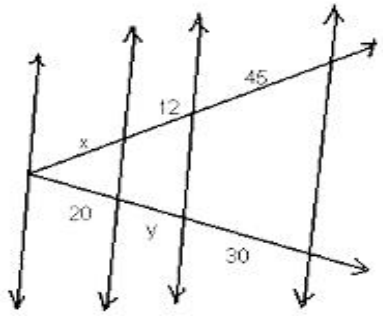

a) 30 e 8
b) 8 e 30
c) 20 e 10
d) 10 e 20
e) 5 e 25

5 - Na figura abaixo, qual é o valor de x?

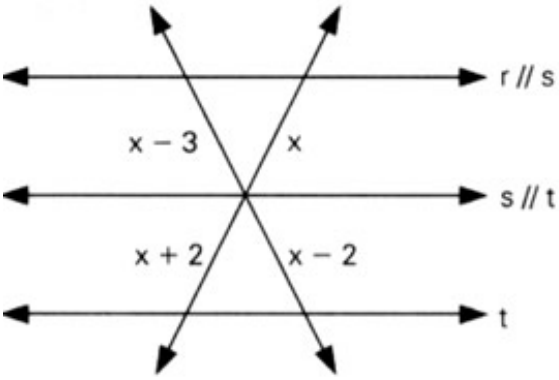

a) 3
b) 4
c) 5
d) 6
e) 7

Resoluções

01- Alternativa c
Solução:

$$\frac{2}{5} = \frac{x}{4}$$

5x = 2.4
5x = 8
x = 8 : 5 = 1,6

02- Alternativa b
Solução:

$$\frac{2x-3}{x+2} = \frac{5}{6}$$

6.(2x – 3) = 5(x + 2)
12x – 18 = 5x + 10
12x – 5x = 10 + 18
7x = 28
x = 28 : 7 = 4

03- Resposta: 6
Solução:

$$\frac{10}{30} = \frac{x}{18}$$

30x = 10.18
30x = 180
x = 180 : 30 = 6

NOVA CONCURSOS

04- Alternativa a
Solução:

$$\frac{x}{45} = \frac{20}{30}$$

3x = 45.2
3x = 90
x = 90 : 3 = 30

$$\frac{y}{30} = \frac{12}{45}$$

45y = 12.30
45y = 360
y = 360 : 45 = 8

05- Alternativa d
Solução:

$$\frac{x-3}{x-2} = \frac{x}{x+2}$$

(x – 3).((x + 2) = x.(x – 2)
$x^2 + 2x – 3x – 6 = x^2 – 2x$
- x – 6 = - 2x
- x + 2x = 6
x = 6

TEOREMA DE PITÁGORAS

Em todo triângulo retângulo, o quadrado da medida da hipotenusa é igual à soma dos quadrados da medida dos catetos.

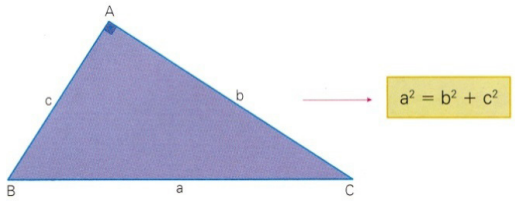

Demonstrando o teorema de Pitágoras

Existem inúmeras maneiras de demonstrar o teorema de Pitágoras. Veremos uma delas, baseada no cálculo de áreas de figuras geométricas planas.
Consideremos o triângulo retângulo da figura.

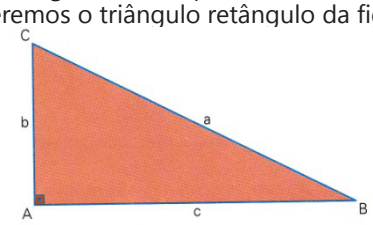

a = medida da hipotenusa
b = medida de um cateto
c = medida do outro cateto

Observe, agora, os quadrados MNPQ e DEFG, que têm a mesma área, pois o lado de cada quadrado mede (b+c).

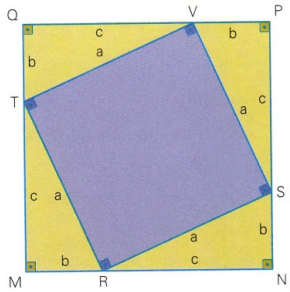

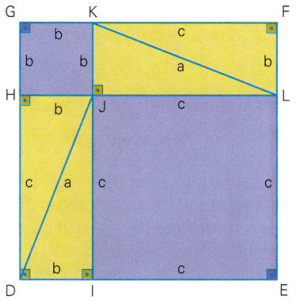

- Área do quadrado MNPQ = área do quadrado RSVT + (área do triângulo RNS) . 4

- Área do quadrado DEFG = área do quadrado IELJ + área do quadrado GHJK + (área do retângulo DIJH).2

- Área do quadrado RSVT = a^2

- Área do triângulo RNS = $\frac{b.c}{2}$

- Área do quadrado IELJ = c^2

- Área do quadrado GHJK = b^2

- Área do retângulo DIJK = b.c

Como os quadrados MNPQ e DEFG têm áreas iguais, podemos escrever:

$$a^2 + \left(\frac{b}{2}\right).4^2 = c^2 + b^2 + (bc) . 2$$

$a^2 + 2bc = c^2 + b^2 + 2bc$
Cancelando 2bc, temos:
$a^2 = b^2 + c^2$

A demonstração algébrica do teorema de Pitágoras será feita mais adiante.

Pense & Descubra

Um terreno tem a forma de um triângulo retângulo e tem rente para três ruas: Rua 1, Rua 2 e Rua 3, conforme nos mostra a figura. Calcule, em metros, o comprimento a da frente do terreno voltada para a rua 1.

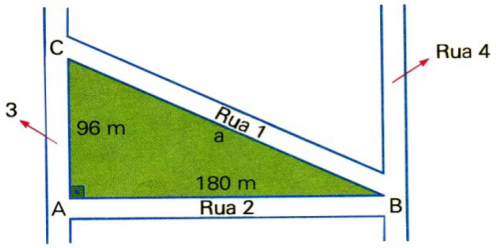

De acordo com os dados do problema, temos b = 96 m e c = 180 m.

Aplicando o teorema de Pitágoras:

$a2 = b2 + c^2$ $\quad$ $a2 = 41616$

$a^2 = (96)^2 + (180)^2$ $\quad$ $a = \sqrt{41616}$

$a^2 = 9216 + 32400$ $\quad$ $a = 204$

Então, a frente do terreno para a rua 1 tem 204 m de comprimento.

Teorema de Pitágoras no quadrado

Aplicando o teorema de Pitágoras, podemos estabelecer uma relação importante entre a medida *d* da diagonal e a medida *l* do lado de um quadrado.

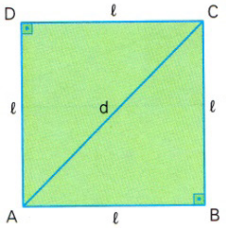

d= medida da diagonal
l= medida do lado
Aplicando o teorema de Pitágoras no triângulo retângulo ABC, temos:

$d^2=l^2+l^2$ $\quad$ $d=\sqrt{2l^2}$

$d^2=2\,l^2$ $\quad$ $d=l\sqrt{2}$

Teorema de Pitágoras no triângulo equilátero

Aplicando o teorema de Pitágoras, podemos estabelecer uma relação importante entre a medida *h* da altura e a medida *l* do lado de um triângulo equilátero.

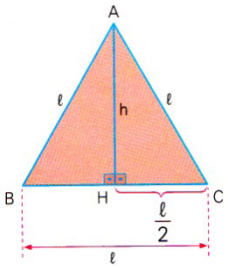

l= medida do lado
h= medida da altura

No triângulo equilátero, a altura e a mediana coincidem. Logo, *H* é ponto médio do lado $\overline{BC}$.
No triângulo retângulo AHC, H é ângulo reto. De acordo com o teorema de Pitágoras, podemos escrever:

$$l^2=h^2+\left(\frac{l}{2}\right)^2 \rightarrow h^2=l^2-\frac{l^2}{4} \rightarrow h^2=\frac{3l^2}{4} \rightarrow h=\sqrt{\frac{3l^2}{4}} \rightarrow \boxed{h=\frac{l\sqrt{3}}{2}}$$

Exercícios resolvidos

1. O valor de x, em cm, no triângulo retângulo abaixo é:

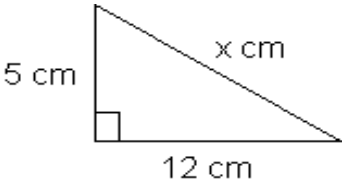

a) 10
b) 11
c) 12
d) 13
e) 14

2. Uma empresa de iluminação necessita esticar um cabo de energia provisório do topo de um edifício, cujo formato é um retângulo, a um determinado ponto do solo distante a 6 m, como ilustra a figura a seguir. O comprimento desse cabo de energia, em metros, será de:
a) 28
b) 14
c) 12
d) 10
e) 8

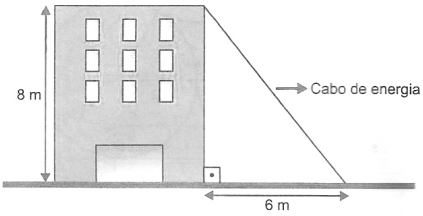

3. (Fuvest) Um trapézio retângulo tem bases medindo 5 e 2 e altura 4. O perímetro desse trapézio é:
a) 17
b) 16
c) 15
d) 14
e) 13

4. (UERJ) Millôr Fernandes, em uma bela homenagem à Matemática, escreveu um poema do qual extraímos o fragmento abaixo:

Às folhas tantas de um livro de Matemática, um Quociente apaixonou-se um dia doidamente por uma incógnita.

Olhou-a com seu olhar inumerável e viu-a do ápice à base: uma figura ímpar; olhos romboides, boca trapezoide, corpo retangular, seios esferoides.

Fez da sua uma vida paralela à dela, até que se encontraram no infinito.

"Quem és tu" – indagou ele em ânsia radical.

"Sou a soma dos quadrados dos catetos.

Mas pode me chamar de Hipotenusa."

(Millôr Fernandes – Trinta Anos de Mim Mesmo)

A Incógnita se enganou ao dizer quem era. Para atender ao Teorema de Pitágoras, deveria dar a seguinte resposta:

a) "Sou a soma dos catetos. Mas pode me chamar de Hipotenusa."

b) "Sou o quadrado da soma dos catetos. Mas pode me chamar de Hipotenusa."

c) "Sou o quadrado da soma dos catetos. Mas pode me chamar de quadrado da Hipotenusa."

d) "Sou a soma dos quadrados dos catetos. Mas pode me chamar de quadrado da Hipotenusa."

5. (Fatec) O valor do raio da circunferência da figura é:

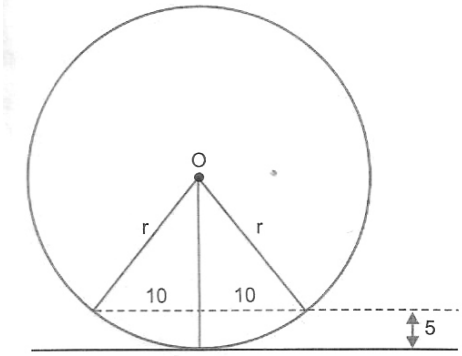

a) 7,5
b) 14,4
c) 12,5
d) 9,5
e) 10,0

6. O valor do segmento desconhecido x no triângulo retângulo a seguir, é:

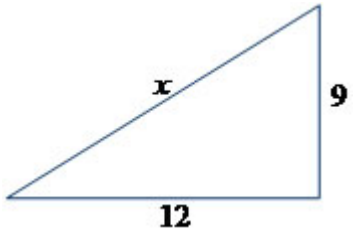

a) 15
b) 14
c) 12
d) 10
e) 6

Resoluções

1) **Alternativa d**
Solução: x é hipotenusa, 12 e 5 são os catetos, então:
$x^2 = 12^2 + 5^2$
$x^2 = 144 + 25$
$x^2 = 169$
$x = \sqrt{169}$
x = 13 cm

2) **Alternativa d**

Solução: como podemos observar na figura, temos um triângulo retângulo cujos catetos medem 8 m e 6 m, chamando o cabo de energia de x, pelo Teorema de Pitágoras:

$x^2 = 6^2 + 8^2$
$x^2 = 36 + 64$
$x^2 = 100$
$x = \sqrt{100}$
x = 10 m

3) **Alterntiva b**

Solução: temos que fazer uma figura, um trapézio retângulo é aquele que tem dois ângulos de 90°.

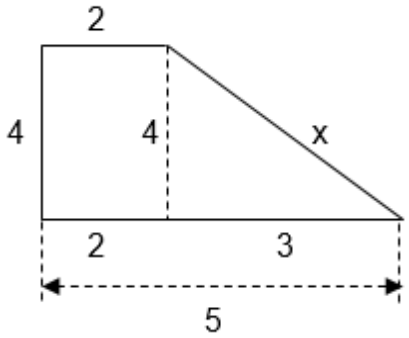

Perímetro é a soma dos quatro lados. Como podemos observar na figura acima, temos um triângulo retângulo cujos catetos medem 3 e 4 e x é a hipotenusa:

$x^2 = 3^2 + 4^4$
$x^2 = 9 + 16$
$x^2 = 25$
$x = \sqrt{25}$
x= 5
Perímetro = 5 + 4 + 2 + 5 = 16

4) **Alternativa d**

Solução: de acordo com o Teorema de Pitágoras: "O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos."

5) **Alternativa c**

Solução: na figura dada podemos observar dois triângulos retângulos iguais e com lados medindo:

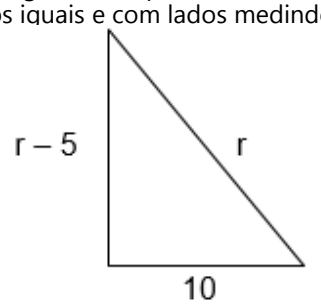

Sendo r a hipotenusa, 10 e r – 5 são catetos:

$r^2 = 10^2 + (r - 5)^2$
$r^2 = 100 + r^2 - 2.5.r + 5^2$
$r^2 = 100 + r^2 - 10r + 25$
$r^2 - r^2 + 10r = 125$
10r = 125
r = 125 : 10
r = 12,5

6) **Alternativa a**

Solução: aplicação direta do Teorema de Pitágoras:

$x^2 = 12^2 + 9^2$
$x^2 = 144 + 81$
$x^2 = 225$
$x = \sqrt{225}$
x = 15

NOÇÕES DE TRIGONOMETRIA;

Considerando o triângulo retângulo ABC.

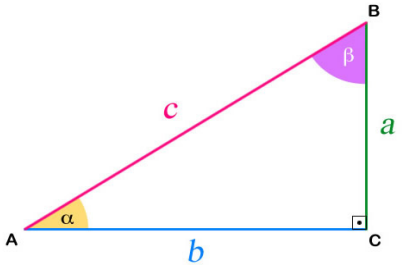

$\overline{AB}$: hipotenusa $= c$

$\overline{BC}$: cateto oposto a $\hat{A}$ e adjacente a $\hat{B} = a$

$\overline{AC}$: cateto adjacente a $\hat{A}$ e oposto a $\hat{B} = b$

Temos:

$$\text{sen } \alpha = \frac{\text{cateto oposto a } A}{\text{hipotenusa}} = \frac{a}{c}$$

$$\cos \alpha = \frac{\text{cateto adjacente a } A}{\text{hipotenusa}} = \frac{b}{c}$$

$$\text{tg } \alpha = \frac{\text{cateto oposto a } A}{\text{cateto adjacente a } \hat{A}} = \frac{a}{b}$$

$$cotg\ \alpha = \frac{1}{tg\ \alpha} = \frac{\text{cateto adjacente a } A}{\text{cateto oposto a } \hat{A}} = \frac{b}{a}$$

$$\sec \alpha = \frac{1}{\cos \alpha} = \frac{\text{hipotenusa}}{\text{cateto adjacente a } \hat{A}} = \frac{c}{b}$$

$$cosec\ \alpha = \frac{1}{sen \alpha} = \frac{\text{hipotenusa}}{\text{cateto oposto a } \hat{A}} = \frac{c}{a}$$

NOVA CONCURSOS

Equações Trigonométricas

Chamam-se equações trigonométricas igualdades que podem ser escritas como, por exemplo, as indicadas abaixo:

$sen\ x = k, \cos x = k\ com\ k \in R$

Exemplo
Resolva a equação cos x=1/2 para x□R.

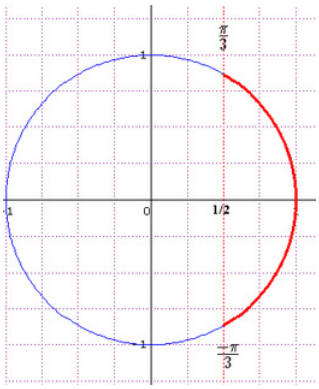

$$x = \pm\frac{\pi}{3} + 2k\pi$$

$$S = \left\{x \in R \middle| x = \pm\frac{\pi}{3} + 2k\pi, k \in Z\right\}$$

Inequações Trigonométricas

Resolva a equação cos x<1/2 para 0<x<2π.

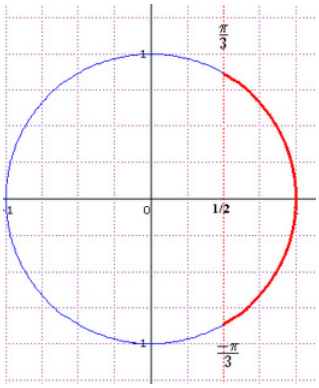

Cos x< ½ em todo o resto da circunferência que não está marcado de vermelho.

$$S = \{x \in R | \frac{\pi}{3} < x < \frac{5\pi}{3}\}$$

Funções Trigonométricas

Função seno
A função seno é uma função $f: R \rightarrow R$ que a todo arco $\overset{\frown}{AM}$ de medida x□R associa a ordenada y, do ponto M.
$f(x) = sen\ x$
D=R e Im=[-1,1]

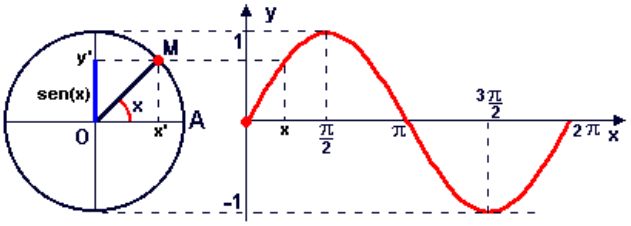

Exemplo
Sem construir o gráfico, determine o conjunto imagem da função f(x)=2sen x.
Solução
-1≤sen x≤1
-2≤2sen x≤2
-2≤f(x)≤2

Im=[-2,2]

Função Cosseno

A função cosseno é uma função $f: R \rightarrow R$ que a todo arco $\overset{\frown}{AM}$ de medida x□R associa a abscissa x do ponto M.

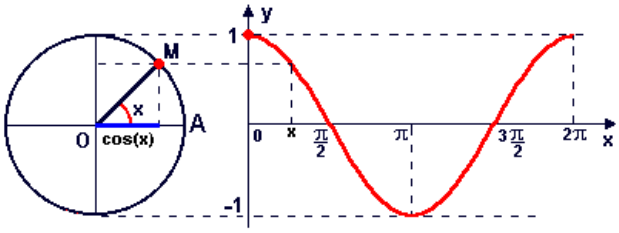

D=R

Im=[-1,1]

Exemplo
Determine o conjunto imagem da função f(x)=2+cos x.

Solução

-1≤cos x≤1
-1+2≤2+cos x≤1+2
1≤f(x)≤3

Logo, Im=[1,3]

Função Tangente

A todo arco $\overset{\frown}{AP}$ de medida x associa a ordenada y_T do pontoT. O ponto T é a interseção da reta $\overline{OM}$ com o eixo das tangentes.

$$f(x) = tg\ x$$

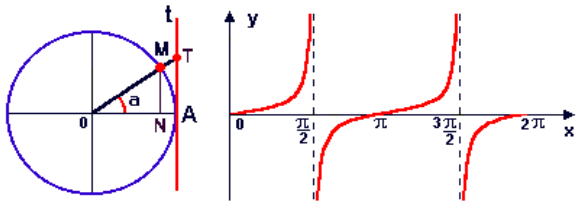

$$D = \left\{x \in R \middle| x \neq \frac{\pi}{2} + k\pi, k \in Z\right\}$$

Im=R

Função Trigonométrica Inversa

Uma função f, de domínio D possui inversa somente se f for bijetora, por este motivo nem todas as funções trigonométricas possuem inversas em seus domínios de definição, mas podemos tomar subconjuntos desses domínios para gerar novas função que possuam inversas.

Consideremos a função f(x)=sen(x), com domínio no intervalo [-π/2,π/2] e imagem no intervalo [-1,1]. A função inversa de f, denominada arco cujo seno, definida por f-1:[-1,1][-π/2,π/2] é denotada por

$f^{-1}(x)$ = arcsen(x)

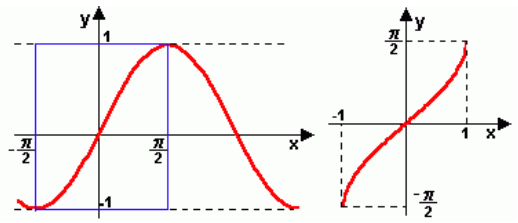

Função arco-cosseno

Seja a função g(x)=cos(x), com domínio [0,pi] e imagem [-1,1]. A função inversa de f, denominada arco cujo cosseno é definida por g-1:[-1,1][0,pi] e denotada por

$g^{-1}(x)$ = arc cos(x)

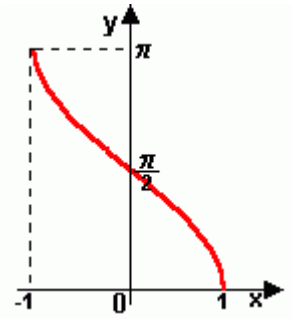

Função arco-tangente

Dada a função f(x)=tan(x), com domínio (-π/2,π/2) e imagem em R, a função inversa de f, denominada arco-tangente é definida por f-1:R(-π/2, π/2) e denotada por

$f^{-1}(x)$ = arc tan(x)

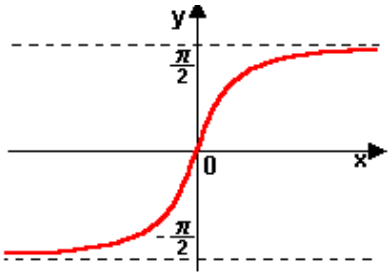

Considerados dois arcos quaisquer de medidas a e b, as operações da soma e da diferença entre esses arcos será dada pelas seguintes identidades:

$$sen(a+b) = sen\ a \cdot \cos b + \cos a \cdot sen\ b$$

$$sen(a-b) = en\ a \cdot cosb - \cos a \cdot sen\ b$$

$$\cos(a+b) = \cos a \cdot \cos b - sen\ a \cdot sen\ b$$

$$\cos(a-b) = \cos a \cdot \cos b + sen\ a \cdot sen\ b$$

$$tg(a+b) = \frac{tg\ a + tg\ b}{1 - tg\ a \cdot tg\ b}$$

$$tg(a-b) = \frac{tg\ a - tg\ b}{1 + tg\ a \cdot tg\ b}$$

Duplicação de arcos

$$sen2x = 2senx\ \cdot cosx$$

$$cos2x = cos^2x - sen^2x$$

$$tg2x = \frac{2tgx}{1 - tg^2x}$$

Bissecção

$$sen\frac{x}{2} = \pm\sqrt{\frac{1 - cosx}{2}}$$

$$\cos\frac{x}{2} = \sqrt{\frac{1 + cosx}{2}}$$

$$tg\frac{x}{2} = \pm\sqrt{\frac{1 - cosx}{1 + cosx}}$$

$$senx + sen\,y = 2sen(\frac{x+y}{2}) \cdot \cos(\frac{x-y}{2})$$

$$senx - sen\,y = 2sen(\frac{x-y}{2}) \cdot \cos(\frac{x+y}{2})$$

$$cosx + cosy = 2\cos\left(\frac{x+y}{2}\right) \cdot \cos\left(\frac{x-y}{2}\right)$$

$$cosx - cosy = -2\,\mathrm{sen}\left(\frac{x+y}{2}\right) \cdot \mathrm{sen}\left(\frac{x-y}{2}\right)$$

Lei dos Cossenos

A lei dos cossenos é uma importante ferramenta matemática para o cálculo de medidas dos lados e dos ângulos de triângulos quaisquer.

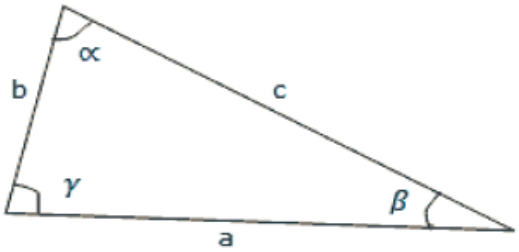

$$a^2 = b^2 + c^2 - 2 \cdot b \cdot c \cdot \cos\alpha$$

$$b^2 = a^2 + c^2 - 2 \cdot a \cdot c \cdot \cos\beta$$

$$c^2 = a^2 + b^2 - 2 \cdot a \cdot b \cdot \cos\gamma$$

Lei dos Senos

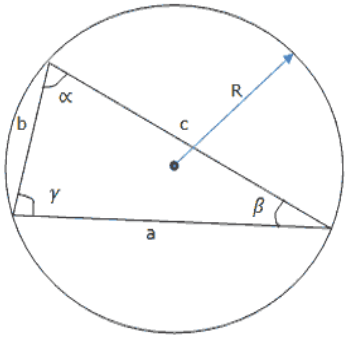

$$2R = \frac{a}{\mathrm{sen}\alpha}$$

$$2R = \frac{b}{\mathrm{sen}\beta}$$

$$2R = \frac{c}{\mathrm{sen}\gamma}$$

RELAÇÃO ENTRE GRANDEZAS: TABELAS E GRÁFICOS;

Os gráficos e tabelas apresentam o cruzamento entre dois dados relacionados entre si. Podemos dar, como exemplos, o peso de uma criança que depende da idade, o faturamento de uma firma que depende do mês, o índice de analfabetismo que depende da região, o índice de chuva que depende da época do ano etc.

Podemos utilizar as tabelas para os mais diversos fins. Empresas de grande porte utilizam-nas para apresentar seus balanços mensais; já um balconista pode usar uma tabela para agilizar seu dia-a-dia, para uso na estatística.

bar	KPa	mmHg	Tensão (V)
0,2	20	150,01	0,301
0,3	30	225,02	0,739
0,35	35	262,52	0,958
0,4	40	300,02	1,177
0,5	50	375,03	1,615
0,6	60	450,04	2,053
0,7	70	525,04	2,491
0,8	80	600,05	2,929
0,9	90	675,05	3,367
0,92	92	690,06	3,455
1,0	100	750,06	3,805
1,1	110	825,07	4,243
1,2	120	900,07	4,681

Gráfico

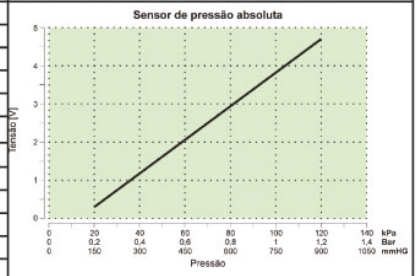

Equação da tensão: U = 4,38 * P(bar) - 0,575 // Equação da pressão: P(bar) = 0,228 * U + 0,131

Para cada informação que se quer comunicar há uma linguagem mais adequada. Os textos, gráficos e tabelas, por exemplo, são usados para facilitar a leitura do conteúdo, já que apresentam as informações de maneira visual.

Existem vários tipos de gráficos, como os de barras, de setor e de linhas, por exemplo.

Barras- Usado para comparar quantitativos e formado por barras de mesma largura e comprimento variável, pois dependem do montante que representam. A barra mais longa indica a maior quantidade e, com base nela, é possível analisar como certo dado está em relação aos demais.

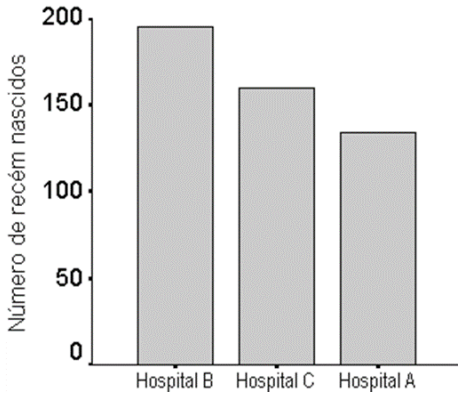

Setor- Útil para agrupar ou organizar quantitativamente dados considerados de um total. A circunferência representa o todo e é dividida de acordo com os números relacionados ao tema abordado. Também conhecido como gráfico pizza.

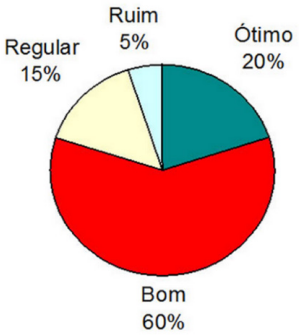

Linhas- Apresenta a evolução de um dado. Eixos na vertical e na horizontal indicam as informações a que se refere e a linha traçada entre eles, ascendente, descendente, constante ou com vários altos e baixos mostra o percurso de um fenômeno específico.

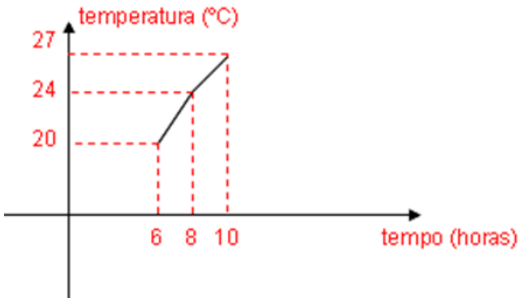

Segmento - O gráfico de segmento é utilizado principalmente para mostrar crescimento, decréscimo ou estabilidade.

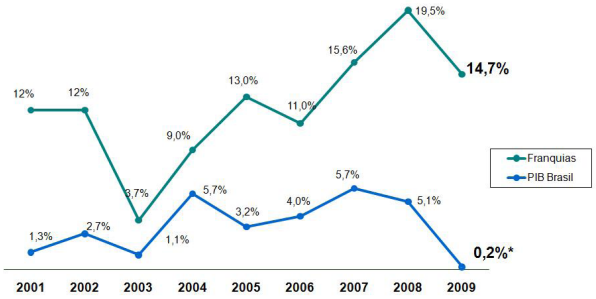

Histograma - Dados quantitativos, agrupados em classes de frequência que permite distinguir a forma, o ponto central e a variação da distribuição, além de outros dados como amplitude e simetria na distribuição dos dados.

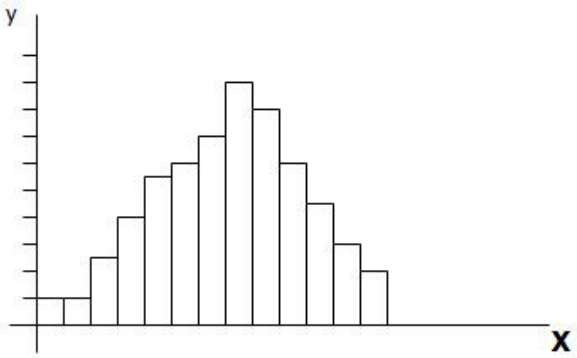

Exercícios

1. **(TJ/RS - TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA JUDICIÁRIA E ADMINISTRATIVA – FAURGS/2012)** Se cada círculo desenhado abaixo está dividido em partes iguais entre si, assinale a alternativa que apresenta o círculo que tem 12,5% de sua área hachurada.

(A)

(B)

(C)

(D)

(E)

2. **(IAMSPE – OFICIAL ADMINISTRATIVO – VUNESP/2012)** Considere a figura.

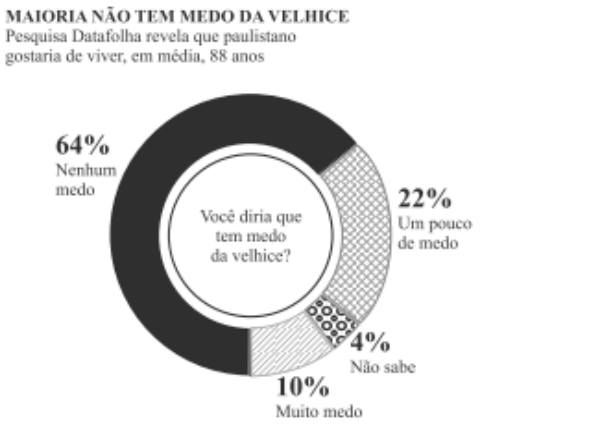

(*Folha de S.Paulo*, 24.01.2012)

Se 132 pessoas responderam à pergunta dizendo que têm um pouco de medo, pode-se concluir que o total de pessoas entrevistadas que responderam que não têm nenhum medo foi

A) 844.
B) 384.
C) 364.
D) 320.
E) 256.

3. **(SPTRANS – AGENTE DE INFORMAÇÕES – VUNESP/2012)** O jornal Folha de S. Paulo publicou, em 15 de agosto de 2012, o seguinte artigo:

De acordo com essas informações, a diferença entre o valor estimado por km, em uma rodovia e em uma ferrovia, é, aproximadamente, de

A) 7 bilhões.
B) 7milhões.
C) 750 mil.
D) 75 mil.
E) 7,5 mil.

4. **(SPTRANS – AGENTE DE INFORMAÇÕES – VUNESP/2012)** O jornal Folha de S.Paulo, de 5 de julho de 2012 (Adaptado), publicou o seguinte artigo sobre o interesse dos ingleses pela Olimpíada:

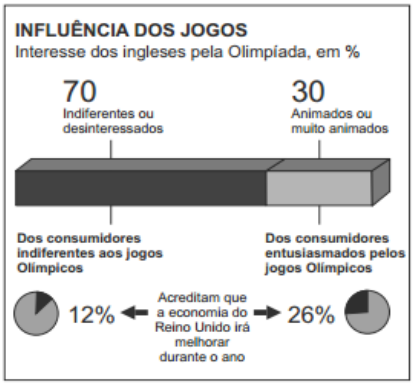

De acordo com essas informações, em 500 pessoas pesquisadas, o número de pessoas que acreditam que a economia do Reino Unido irá melhorar durante o ano corresponde a uma porcentagem de, aproximadamente,

A) 38%.
B) 35%.
C) 28%.
D) 23%.
E) 16%.

5. **(TJ/MT – DISTRIBUIDOR, CONTADOR E PARTIDOR– TJ/2012)** A figura abaixo apresenta a receita (faturamento), em dólares, com a venda de vinhos finos em leilões no mundo

(Revista Veja, 24/10/2012.)

Em relação ao faturamento com a venda de vinhos finos em leilão no mundo e a partir das informações da figura, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O maior crescimento no faturamento ocorreu no período 2009-2010.

( ) No período 2008-2009, o faturamento caiu 43 milhões de reais.

( ) O faturamento de 2009 foi igual à metade do faturamento de 2011.

Marque a sequência correta.

A) V, F, F
B) V, V, F
C) F, F, V
D) F, V, F

6. **(TJ/MT – AGENTE DE INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – TJ/2012)** Um mapa rodoviário foi dividido em regiões e, para cada uma delas, as distâncias são calculadas a partir de uma escala. A tabela abaixo apresenta a relação de correspondência entre cada região e sua respectiva escala.

7.

REGIÃO	ESCALA
1	1 cm = 20 km
2	1 cm = 10 km
3	1 cm = 12 km
4	1 cm = 6 km
5	1 cm = 8 km
6	1 cm = 55 km
7	1 cm = 70 km
8	1 cm = 125 km

(Adaptado de Guia Quatro Rodas – Estradas 2013)

A partir dessas informações, analise as afirmativas.

I - Para se deslocar exatamente a mesma distância, se foram deslocados no mapa rodoviário o equivalente a 2 cm na região 6, é preciso deslocar 11 cm na região 2.

II - Se um automóvel X percorrer o equivalente a 1 cm no mapa em cada uma das regiões 6 e 7 e mais 2 cm na região 1, terá percorrido 60 km a mais de distância que um automóvel Y que percorreu o equivalente a 1 cm no mapa na região 8.

III - A diferença entre as distâncias percorridas em 1 cm da região 1 e em 1 cm da região 3 do mapa é exatamente o equivalente a percorrer 1cm, no mapa, na região 5.

Está correto o que se afirma em:

A) I e III, apenas.
B) II, apenas.
C) III, apenas.
D) I, II e III.

8. **(SAMU/SC – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – SPDM/2012)** O gráfico abaixo indica o total de alunos em cada uma das 4 salas de aula de certa escola.

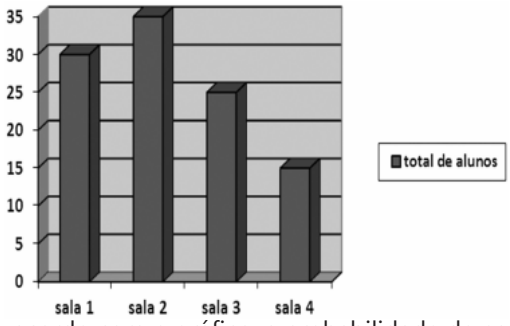

De acordo com o gráfico, a probabilidade de escolhermos um aluno, dentre as quatro salas de aula, de modo que ele não seja das salas 3 e 4 é de:

A) 13/21
B) 8/21
C) 1/105
D) 1/3

9. **(EMPLASA – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – VUNESP/2014)** Os resultados de duas perguntas de uma ampla pesquisa sobre mobilidade urbana estão representados nos gráficos:

Qual é a situação do trânsito na cidade?

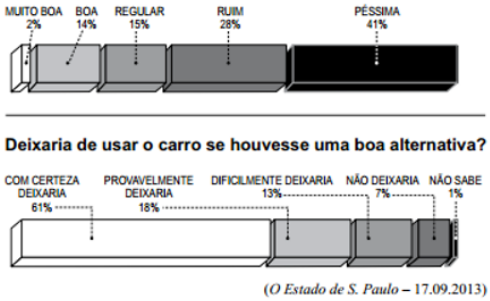

Apesar de 522 entrevistados afirmarem que a situação do trânsito na cidade é ruim ou péssima, o número de entrevistados que dificilmente deixaria ou não deixaria de usar o carro se houvesse uma boa alternativa é de, apenas,

A) 194.
B) 186.
C) 180.
D) 172.
E) 160.

Respostas

1. RESPOSTA: "D".

$$\frac{100}{12{,}5} = 8\ partes$$

O círculo deve ter 8 partes, sendo uma hachurada.

2. RESPOSTA: "B".
132----22%
X------64%
X=384 pessoas não têm nenhum medo

3. RESPOSTA: "C".

$$\frac{50 \cdot 10^9}{8 \cdot 10^3} = 6{,}25 \cdot 10^6$$

$$\frac{40 \cdot 10^9}{5{,}7 \cdot 10^3} = 7 \cdot 10^6$$

$$7 \cdot 10^6 - 6{,}25 \cdot 10^6 = 0{,}75 \cdot 10^6 = 750.000$$

4. RESPOSTA: "E".

$$500 \cdot 0{,}7 = 350$$
$$350 \cdot 0{,}12 = 42\ pessoas$$

500-350=150 pessoas que são animados ou muito animados

$$150 \cdot 0{,}26 = 39\ pessoas$$

42+39=81 consumidores
500-----100%
81------x
X=16,2%
Aproximadamente 16%.

5. RESPOSTA: "B".
O maior crescimento foi de 2009 a 2010 (233 milhões -408 milhões)
No período 2008-2009 o faturamento caiu 276-233=43 milhões
478/2=239 milhões

6. RESPOSTA: "A".
I (v)
Região 6-2cm=110km
Região 2=11cm=110km

II(F)
Automóvel X=55+70+40=165km
Automóvel Y-125km
165-125=40km

III(V)
20-12=8

7. RESPOSTA: "A"

Total de alunos: 30+35+25+15=105

$$\frac{30}{105} + \frac{35}{105} = \frac{65}{105} = \frac{13}{21}$$

8. RESPOSTA: "E".
Ruim +péssimo=28+41=69
Dificilmente deixaria ou não deixaria: 13+7=20
552-----69
X------20
X=160

PROGRESSÃO ARITMÉTICA (PA) E PROGRESSÃO GEOMÉTRICA (PG);

Progressão Aritmética (PA)

Podemos, no nosso dia-a-dia, estabelecer diversas sequências como, por exemplo, a sucessão de cidades que temos numa viagem de automóvel entre Brasília e São Paulo ou a sucessão das datas de aniversário dos alunos de uma determinada escola.

Podemos, também, adotar para essas sequências uma ordem numérica, ou seja, adotando a_1 para o 1º termo, a_2 para o 2º termo até a_n para o n-ésimo termo. Dizemos que o termo a_n é também chamado termo geral das sequências, em que *n* é um número natural diferente de zero. Evidentemente, daremos atenção ao estudo das sequências numéricas.

As sequências podem ser finitas, quando apresentam um último termo, ou, infinitas, quando não apresentam um último termo. As sequências infinitas são indicadas por reticências no final.

Exemplos:

- Sequência dos números primos positivos: (2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, ...). Notemos que esta é uma sequência infinita com $a_1 = 2$; $a_2 = 3$; $a_3 = 5$; $a_4 = 7$; $a_5 = 11$; $a_6 = 13$ etc.
- Sequência dos números ímpares positivos: (1, 3, 5, 7, 9, 11, ...). Notemos que esta é uma sequência infinita com $a_1 = 1$; $a_2 = 3$; $a_3 = 5$; $a_4 = 7$; $a_5 = 9$; $a_6 = 11$ etc.
- Sequência dos algarismos do sistema decimal de numeração: (0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9). Notemos que esta é uma sequência finita com $a_1 = 0$; $a_2 = 1$; $a_3 = 2$; $a_4 = 3$; $a_5 = 4$; $a_6 = 5$; $a_7 = 6$; $a_8 = 7$; $a_9 = 8$; $a_{10} = 9$.

1. Igualdade

As sequências são apresentadas com os seus termos entre parênteses colocados de forma ordenada. Sucessões que apresentarem os mesmos termos em ordem diferente serão consideradas sucessões diferentes.

Duas sequências só poderão ser consideradas iguais se, e somente se, apresentarem os mesmos termos, na mesma ordem.

Exemplo

A sequência (x, y, z, t) poderá ser considerada igual à sequência (5, 8, 15, 17) se, e somente se, x = 5; y = 8; z = 15; e t = 17.

Notemos que as sequências (0, 1, 2, 3, 4, 5) e (5, 4, 3, 2, 1) são diferentes, pois, embora apresentem os mesmos elementos, eles estão em ordem diferente.

2. Formula Termo Geral

Podemos apresentar uma sequência através de uma determina o valor de cada termo a_n em função do valor de *n*, ou seja, dependendo da posição do termo. Esta formula que determina o valor do termo a_n e chamada formula do termo geral da sucessão.

Exemplos

- Determinar os cincos primeiros termos da sequência cujo termo geral e igual a:

$a_n = n – 2n$,com n € N* a

Teremos:

$A_1 = 1^2 – 2 . 1$ a $a_1 = 1$
$A_2 = 2^2 – 2 . 2$ a $a_2 = 0$
$A_3 = 3^2 – 2 . 3$ a $a_3 = 3$
$A_4 = 4^2 – 4 . 2$ a $a_4 = 8$
$A_5 = 5^5 – 5 . 2$ a $a_5 = 15$

- Determinar os cinco primeiros termos da seqüência cujo termo geral é igual a:

$a_n = 3 . n + 2$, com n € N*.
$a_1 = 3 . 1 + 2$ a $a_1 = 5$
$a_2 = 3 . 2 + 2$ a $a_2 = 8$
$a_3 = 3 . 3 + 2$ a $a_3 = 11$
$a_4 = 3 . 4 + 2$ a $a_4 = 14$
$a_5 = 3 . 5 + 2$ a $a_5 = 17$

- Determinar os termos a_{12} e a_{23} da sequência cujo termo geral é igual a:

$a_n = 45 – 4 + n$, com n € N*.

Teremos:

$a_{12} = 45 – 4 . 12$ a $a_{12} = -3$
$a_{23} = 45 – 4 . 23$ a $a_{23} = -47$

3. Lei de Recorrências

Uma sequência pode ser definida quando oferecemos o valor do primeiro termo e um "caminho" (uma formula) que permite a determinação de cada termo conhecendo-se o seu antecedente. Essa forma de apresentação de uma sucessão é dita de recorrências.

Exemplos

- Escrever os cinco primeiros termos de uma sequência em que:

$a_1 = 3$ e $a_{n+1} = 2 . a_n - 4$, em que n € N*.

Teremos:

$a_1 = 3$
$a_2 = 2 . a_1 – 4$ a $a_2 = 2 . 3 – 4$ a $a_2 = 2$
$a_3 = 2 . a_2 – 4$ a $a_3 = 2 . 2 - 4$ a $a_3 = 0$
$a_4 = 2 . a_3 – 4$ a $a_4 = 2 . 0 - 4$ a $a_4 = -4$
$a_5 = 2 . a_4 – 4$ a $a_5 = 2 .(-4) – 4$ a $a_5 = -12$

- Determinar o termo a_5 de uma sequência em que:

$a_1 = 12$ e $a_{n+1} = a_n – 2$, em que n € N*.

$a_2 = a_1 – 2 \rightarrow a_2 = 12 – 2 \rightarrow a_2=10$
$a_3 = a_2 – 2 \rightarrow a_3 = 10 – 2 \rightarrow a_3 = 8$
$a_4 = a_3 – 2 \rightarrow a_4 = 8 – 2 \rightarrow a_4 = 6$
$a_5 = a_4 – 2 \rightarrow a_5 = 6 – 2 \rightarrow a_5 = 4$

Observação 1

Devemos observar que a apresentação de uma sequência através do termo geral é mais pratica, visto que podemos determinar um termo no "meio" da sequência sem a necessidade de determinarmos os termos intermediários, como ocorre na apresentação da sequência através da lei de recorrências.

Observação 2

Algumas sequências não podem, pela sua forma "desorganizada" de se apresentarem, ser definidas nem pela lei das recorrências, nem pela formula do termo geral. Um exemplo de uma sequência como esta é a sucessão de números naturais primos que já "destruiu" todas as tentativas de se encontrar uma formula geral para seus termos.

4. Artifícios de Resolução

Em diversas situações, quando fazemos uso de apenas alguns elementos da PA, é possível, através de artifícios de resolução, tornar o procedimento mais simples:

PA com três termos: (a – r), a e (a + r), razão igual a r.

PA com quatro termos: (a – 3r), (a – r), (a + r) e (a + 3r), razão igual a 2r.

PA com cinco termos: (a – 2r), (a – r), a, (a + r) e (a + 2r), razão igual a r.

Exemplo

- Determinar os números a, b e c cuja soma é, igual a 15, o produto é igual a 105 e formam uma PA crescente.

Teremos:

Fazendo a = (b – r) e c = (b + r) e sendo a + b + c = 15, teremos:

$(b – r) + b + (b + r) = 15 \rightarrow 3b = 15 \rightarrow b = 5$.

Assim, um dos números, o termo médio da PA, já é conhecido.

Dessa forma a sequência passa a ser:

(5 – r), 5 e (5 + r), cujo produto é igual a 105, ou seja:

$(5 – r) .5 . (5 + r) = 105 \rightarrow 5^2 – r^2 = 21$
$r^2 = 4 \rightarrow 2$ ou $r = -2$.

Sendo a PA crescente, ficaremos apenas com r= 2.

Finalmente, teremos a = 3, b = 5 e c= 7.

5. Propriedades

P_1: para três termos consecutivos de uma PA, o termo médio é a media aritmética dos outros dois termos.

Exemplo

Vamos considerar três termos consecutivos de uma PA: a_{n-1}, a_n e a_{n+1}. Podemos afirmar que:

I - $a_n = a_{n-1} + r$
II - $a_n = a_{n+1} – r$

Fazendo I + II, obteremos:

$2a_n = a_{n-1} + r + a_n + 1 - r$
$2a_n = a_{n-1+} a_n + 1$

Logo: $a_n = a_n-1 + \frac{an+1}{2}$

Portanto, para três termos consecutivos de uma PA o termo médio é a media aritmética dos outros dois termos.

NOVA CONCURSOS

6. Termos Equidistantes dos Extremos

Numa sequência finita, dizemos que dois termos são equidistantes dos extremos se a quantidade de termos que precederem o primeiro deles for igual à quantidade de termos que sucederem ao outro termo. Assim, na sucessão:

$(a_1, a_2, a_3, a_4, ..., a_p, ..., a_k, ..., a_{n-3}, a_{n-2}, a_{n-1}, a_n)$, temos:

a_2 e a_{n-1} são termos equidistantes dos extremos;
a_3 e a_{n-2} são termos equidistantes dos extremos;
a_4 a_{n-3} são termos equidistantes dos extremos.

Notemos que sempre que dois termos são equidistantes dos extremos, a soma dos seus índices é igual ao valor de n + 1. Assim sendo, podemos generalizar que, se os termos a_p e a_k são equidistantes dos extremos, então: p + k = n+1.

Propriedade

Numa PA com *n* termos, a soma de dois termos equidistantes dos extremos é igual à soma destes extremos.

Exemplo

Sejam, numa PA de n termos, a_p e a_k termos equidistantes dos extremos.

Teremos, então:
I - $a_p = a_1 + (p - 1) . r$ a ap = $a_1 + p . r - r$
II - $a_k = a_1 + (k - 1) . r$ a ak = $a_1 + k . r - r$
Fazendo I + II, teremos:
$A_p + a_k = a_1 + p . r - r + a_1 + k . r - r$
$A_p + a_k = a_1 + a_1 + (p + k - 1 - 1) . r$

Considerando que p + k = n + 1, ficamos com:
$a_p + a_k = a_1 + a_1 + (n + 1 - 1) . r$
$a_p + a_k = a_1 + a_1 + (n - 1) . r$
$a_p + a_k = a_1 + a_n$

Portanto numa PA com *n* termos, em que *n* é um numero ímpar, o termo médios (a_m) é a media aritmética dos extremos.

$$A_m = \frac{a_1 + a_n}{2}$$

7. Soma dos *n* Primeiros Termos de uma PA

Vamos considerar a PA (a_1, a_2, a_3,...,a_{n-2}, a_{n-1},a_n) e representar por Sn a soma dos seus n termos, ou seja:
$S_n = a_1 + a_2 + a_3 + ...+ a_{n-2} + a_{n-1} + a_n$
(igualdade I)

Podemos escrever também:
$S_n = a_n + a_{n-1} + a_{n-2} + ...+ a_3 + a_2 + a_1$
(igualdade II)

Somando-se I e II, temos:
$2S_n = (a_1 + a_n) + (a_2 + a_{n-1}) + (a_3 + a_{n-2}) + ...+ (a_{n-2} + a_3) + (a_{n-1} + a_2) + (a_n + a_1)$

Considerando que todas estas parcelas, colocadas entre parênteses, são formadas por termos equidistantes dos extremos e que a soma destes termos é igual à soma dos extremos, temos:

$2S_n = (a_1 + a_n) + (a_1 + a_n) + (a_1 + a_n) + (a_1 + a_n) + +... + (a_1 + a_n) \rightarrow 2S_n = (a_1 + a_n) . n$

E, assim, finalmente:

$$S_n = \frac{(a_1 + a_n).n}{2}$$

Exemplo

- Ache a soma dos sessenta primeiros termos da PA (2 , 5, 8,...).

Dados: $a_1 = 2$
r = 5 – 2 = 3
Calculo de a_{60}:
$A_{60} = a_1 + 59r \rightarrow a_{60} = 2 + 59 . 3$
$a_{60} = 2 + 177$
$a_{60} = 179$

Calculo da soma:

]
$$Sn = \frac{(a_1 + a_n)n}{2} \rightarrow S60 = \frac{(a_1 + a_{60}).60}{2}$$

$$S_{60} = \frac{(2+179).60}{2}$$

$S_{60} = 5430$

Resposta: 5430

Progressão Geométrica (PG)

PG é uma sequência numérica onde cada termo, a partir do segundo, é o anterior multiplicado por uma constante q chamada razão da PG.
$a_{n+1} = a_n . q$
Com a_1 conhecido e n € N*

Exemplos

- (3, 6, 12, 24, 48,...) é uma PG de primeiro termo a_1 = 3 e razão q = 2.

- (-36, -18, -9, $\frac{-9}{2}$, $\frac{-9}{4}$,...) é uma PG de primeiro termo a_1= -36 e razão q =$\frac{1}{2}$.

- (15, 5, $\frac{5}{3}$, $\frac{5}{9}$,...) é uma PG de primeiro termo a_1 = 15 e razão q = $\frac{1}{3}$.

- (-2, -6, -18, -54, ...) é uma PG de primeiro termo a_1 = -2 e razão q = 3.

- (1, -3, 9, -27, 81, -243, ...) é uma PG de primeiro termo $a_1 = 1$ e razão q = -3.
- (5, 5, 5, 5, 5, 5,...) é uma PG de primeiro termo $a_1 = 5$ e razão q = 1.
- (7, 0, 0, 0, 0, 0,...) é uma PG de primeiro termo $a_1 = 7$ e razão q = 0.
- (0, 0, 0, 0, 0, 0,...) é uma PG de primeiro termo $a_1 = 0$ e razão q qualquer.

Observação: Para determinar a razão de uma PG, basta efetuar o quociente entre dois termos consecutivos: o posterior dividido pelo anterior.

$$q = \frac{a_n + 1}{a_n} (a_n \neq 0)$$

Classificação

As classificações geométricas são classificadas assim:
- Crescente: Quando cada termo é maior que o anterior. Isto ocorre quando $a_1 > 0$ e $q > 1$ ou quando $a_1 < 0$ e $0 < q < 1$.
- Decrescente: Quando cada termo é menor que o anterior. Isto ocorre quando $a_1 > 0$ e $0 < q < 1$ ou quando $a_1 < 0$ e $q > 1$.
- Alternante: Quando cada termo apresenta sinal contrario ao do anterior. Isto ocorre quando $q < 0$.
- Constante: Quando todos os termos são iguais. Isto ocorre quando q = 1. Uma PG constante é também uma PA de razão r = 0. A PG constante é também chamada de PG estacionaria.
- Singular: Quando zero é um dos seus termos. Isto ocorre quando $a_1 = 0$ ou q = 0.

Formula do Termo Geral

A definição de PG está sendo apresentada por meio de uma lei de recorrências, e nos já aprendemos nos módulos anteriores que a formula do termo geral é mais pratica. Por isso, estaremos, neste item, procurando estabelecer, a partir da lei de recorrências, a fórmula do termo geral da progressão geométrica.

Vamos considerar uma PG de primeiro termo a1 e razão q. Assim, teremos:

$a_2 = a_1 . q$
$a_3 = a_2 . q = a_1 . q^2$
$a_4 = a_3 . q = a_1 . q^3$
$a_5 = a_4 . q = a_1 . q^4$
. .
. .
. .
$a_n = a_1 . q^{n-1}$

Exemplos

- Numa PG de primeiro termo $a_1 = 2$ e razão q = 3, temos o termo geral na igual a:

$a_n = a_1 . q^{n-1} \rightarrow a_n = 2 . 3^{n-1}$

Assim, se quisermos determinar o termo a_5 desta PG, faremos:

$A_5 = 2 . 3^4 \rightarrow a^5 = 162$

- Numa PG de termo $a_1 = 15$ e razão q = , temos o termo geral na igual a:

$a_n = a_1 . q^{n-1} \rightarrow a_n = 15 . {}^{n-1}$

Assim, se quisermos determinar o termo a_6 desta PG, faremos:

$A_6 = 15 . \frac{(1).5}{2} \rightarrow a_6 = \frac{5}{81}$

- Numa PG de primeiro termo $a_1 = 1$ e razão = -3 temos o termo geral na igual a:

$a_n = a_1 . q^{n-1} \rightarrow a_n = 1 . (-3)^{n-1}$

Assim, se quisermos determinar o termo a_4 desta PG, faremos:

$A_4 = 1 . (-3)^3 \rightarrow a_4 = -27$

Artifícios de Resolução

Em diversas situações, quando fazemos uso de apenas alguns elementos da PG, é possível através de alguns elementos de resolução, tornar o procedimento mais simples.

PG com três termos:

$\frac{a}{q}$ a; aq

PG com quatro termos:

$\frac{a}{q^3}; \frac{q}{q}$; aq; aq^3

PG com cinco termos:

$\frac{a}{q^2}; \frac{q}{q}$; a; aq; aq^2

Exemplo

Considere uma PG crescente formada de três números. Determine esta PG sabendo que a soma destes números é 13 e o produto é 27.

Vamos considerar a PG em questão formada pelos termos a, b e c, onde a = e c = b . q.

Assim,

$\frac{b}{q}$. b . bq = 27 → b^3 = 27 → b = 3.

Temos:

$\frac{3}{q} + 3 + 3q = 13 \rightarrow 3q^2 - 10q + 3 = 0$ a

$q = 3$ ou $q = \frac{1}{3}$

Sendo a PG crescente, consideramos apenas q = 3. E, assim, a nossa PG é dada pelos números: 1, 3 e 9.

Propriedades

P_1**:** Para três termos consecutivos de uma PG, o quadrado do termo médio é igual ao produto dos outros dois.

Exemplo

Vamos considerar três termos consecutivos de uma PG: a_{n-1}, a_n e a_{n+1}. Podemos afirmar que:

I – $a_n = a_{n-1} . q$ e

II – $a_n = \frac{a_{n+1}}{q}$

Fazendo I . II, obteremos:

$(a_n)^2 = (a_{n-1} . q). (\frac{a_{n+1}}{q})$ a $(a_n)^2 = a_{n-1} . a_{n+1}$

Logo: $(a_n)^2 = a_{n-1} . a_{n+1}$

Observação: Se a PG for positive, o termo médio será a media geométrica dos outros dois:

$a_n = \sqrt{a_{n-1} . a_{n+1}}$

P_2**:** Numa PG, com n termos, o produto de dois termos equidistantes dos extremos é igual ao produto destes extremos.

Exemplo

Sejam, numa PG de n termos, a_p e a_k dois termos equidistantes dos extremos.

Teremos, então:

I – $a_p = a_1 . q^{p-1}$

II – $a_k = a_1 . q^{k-1}$

Multiplicando I por II, ficaremos com:

$a_p . a_k = a_1 . q^{p-1} . a_1 . q^{k-1}$

$a_p . a_k = a_1 . a_1 . q^{p-1+k-1}$

Considerando que p + k = n + 1, ficamos com:

$a_p . a_k = a_1 . a_n$

Portanto, numa PG, com n termos, o produto de dois termos equidistantes dos extremos é igual ao produto destes extremos.

Observação**:** Numa PG positiva, com *n* termos, onde *n* é um numero impar, o termo médio (a_m) é a media geométrica dos extremos ou de 2 termos equidistantes dos extremos.

$a_m = \sqrt{a_1 . a_n}$

Soma dos termos de uma PG

Soma dos *n* Primeiros Termos de uma PG

Vamos considerar a PG (a_1, a_2, a_3, ..., a_{n-2}, a_{n-1}, a_n), com q diferente de 1 e representar por Sn a soma dos seus n termos, ou seja:

$S_n = a_1 + a_2 + a_3 + ... + a_{n-2} + a_{n-1} + a_n$ (igualdade I)

Podemos escrever, multiplicando-se, membro a membro, a igualdade (I) por q:

$q . S_n = q . a_1 + q . a_2 + q . a_3 + ... + q . a_{n-2} + q . a_{n-1} + q . a_n$

Utilizando a formula do termo geral da PG, ou seja, $a_n = a_1 . q^{n-1}$, teremos:

$q . S_n = a_2 + a_3 + ... + a_{n-2} + a_{n-1} + a_n + a1 . q^n$ (igualdade II)

Subtraindo-se a equação I da equação II, teremos:

$q . S_n - S_n = a_1 . q^n - a_1 \rightarrow s_n . (q - 1) = a_1 . (q^n - 1)$

E assim: $S_n = \frac{a_1.(q^n - 1)}{q - 1}$

Se tivéssemos efetuado a subtração das equações em ordem inversa, a fórmula da soma dos termos da PG ficaria:

$S_n = \frac{a_1.(1 + q^n)}{1 - q}$

Evidentemente que por qualquer um dos "caminhos" o resultado final é o mesmo. É somente uma questão de forma de apresentação.

Observação: Para q = 1, teremos $s_n = n . a_1$

Série Convergente – PG Convergente

Dada a sequência (a_1, a_2, a_3, a_4, a_5,..., a_{n-2}, a_{n-1}, a_n), chamamos de serie a sequência S_1, S_2, S_3, S_4, S_5,..., S_{n-2}, s_{n-1}, s_n,tal que:

$S_1 = a_1$

$S_2 = a_1 + a_2$

$S_3 = a_1 + a_2 + a_3$

$S_4 = a_1 + a_2 + a_3 + a_4$

$S_5 = a_1 + a_2 + a_3 + a_4 + a_5$

$S_{n-2} = a_1 + a_2 + a_3 + a_4 + a_5 + ... + a_{n-2}$

$S_{n-1} = a_1 + a_2 + a_3 + a_4 + a_5 + ... + a_{n-2} + a_{n-1}$

$S_n = a_1 + a_2 + a_3 + a_4 + a_5 + ... + a_{n-2} + a_{n-1} + a_n$

Vamos observar como exemplo, numa PG com primeiro termo $a_1 = 4$ e razão q = , à série que ela vai gerar.

Os termos que vão determinar a progressão geométrica são: (4, 2, 1, $\frac{1}{2}$, 1, 1, 1, 1, 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, $\frac{1}{128}, \frac{1}{256}, \frac{1}{512}$ ...)

E, portanto, a série correspondente será:

$S_1 = 4$
$S_2 = 4 + 2 = 6$
$S_3 = 4 + 2 + 1 = 7$

$S_4 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2} = \frac{15}{2} = 7,5$

$S_5 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}=\frac{31}{4} = 7,75$

$S_6 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}=\frac{63}{8} = 7,875$

$S_7 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}+\frac{1}{16}=\frac{127}{16} = 7,9375$

$S_8 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}+\frac{1}{16}+\frac{1}{32}=\frac{255}{32} = 7,96875$

$S_9 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}+\frac{1}{16}+\frac{1}{32}+\frac{1}{64}=\frac{511}{64} = 7,984375$

$S_{10} = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}+\frac{1}{16}+\frac{1}{32}+\frac{1}{64}+\frac{1}{128}=\frac{1023}{128} = 7,9921875$

Devemos notar que a cada novo termo calculado, na PG, o seu valor numérico cada vez mais se aproxima de zero. Dizemos que esta é uma progressão geométrica convergente.

Por outro lado, na serie, é cada vez menor a parcela que se acrescenta. Desta forma, o ultimo termos da serie vai tendendo a um valor que parece ser o limite para a série em estudo. No exemplo numérico, estudado anteriormente, nota-se claramente que este valor limite é o numero 8.

Bem, vamos dar a esta discussão um caráter matemático.

É claro que, para a PG ser convergente, é necessário que cada termo seja, um valor absoluto, inferior ao anterior a ele. Assim, temos que:

PG convergente → | q | < 1
ou
PG convergente → -1 < 1

Resta estabelecermos o limite da serie, que é o S_n para quando *n* tende ao infinito, ou seja, estabelecermos a soma dos infinitos termos da PG convergente.

Vamos partir da soma dos *n* primeiros termos da PG:

$$S_n = \frac{a_1.(1+q^n)}{1-q}$$

Estando q entre os números -1e 1 e, sendo n um expoente que tende a um valor muito grande, pois estamos somando os infinitos termos desta PG, é fácil deduzir que q^n vai apresentando um valor cada vez mais próximo de zero. Para valores extremamente grandes de *n* não constitui erro considerar que q^n é igual a zero. E, assim, teremos:

$$S = \frac{a^1}{1-q}$$

Observação: Quando a PG é não singular (sequência com termos não nulos) e a razão q é de tal forma que q | ≥ 1, a serie é divergente. Séries divergentes não apresentam soma finita.

Exemplos

- A medida do lado de um triângulo equilátero é 10. Unindo-se os pontos médios de seus lados, obtém-se o segundo triângulo equilátero. Unindo-se os pontos médios dos lados deste novo triangulo equilátero, obtém-se um terceiro, e assim por diante, indefinidamente. Calcule a soma dos perímetros de todos esses triângulos.

Solução:

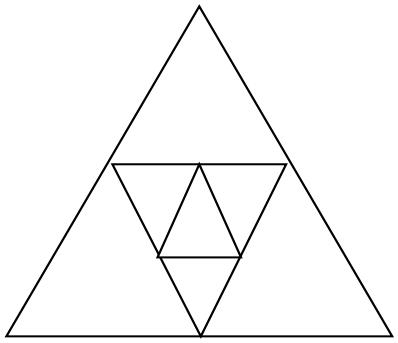

Temos: perímetro do 1º triangulo = 30
perímetro do 2º triangulo = 15
perímetro do 3º triangulo = $\frac{15}{2}$

Logo, devemos calcular a soma dos termos da PG infinita 30, 15, $\frac{15}{2}$,... na qual a_1 = 30 e q =. $\frac{1}{2}$

$S = \underline{a_1} \rightarrow s = \frac{30}{1-q} = \frac{30}{1-\frac{1}{2}} = 60.$

Exercícios

1. Uma progressão aritmética e uma progressão geométrica têm, ambas, o primeiro termo igual a 4, sendo que os seus terceiros termos são estritamente positivos e coincidem. Sabe-se ainda que o segundo termo da progressão aritmética excede o segundo termo da progressão geométrica em 2. Então, o terceiro termo das progressões é:
a) 10
b) 12
c) 14
d) 16
e) 18

2. O valor de n que torna a sequência (2 + 3n; –5n; 1 – 4n) uma progressão aritmética pertence ao intervalo:
a) [– 2, –1]
b) [– 1, 0]
c) [0, 1]
d) [1, 2]
e) [2, 3]

NOVA CONCURSOS

3. Os termos da sequência (10; 8; 11; 9; 12; 10; 13; ...) obedecem a uma lei de formação. Se a_n, em que *n* pertence a N*, é o termo de ordem *n* dessa sequência, então a_{30} + a_{55} é igual a:

a) 58
b) 59
c) 60
d) 61
e) 62

4. A soma dos elementos da sequência numérica infinita (3; 0,9; 0,09; 0,009; ...) é:

a) 3,1
b) 3,9
c) 3,99
d) 3, 999
e) 4

5. A soma dos vinte primeiros termos de uma progressão aritmética é -15. A soma do sexto termo dessa PA., com o décimo quinto termo, vale:

a) 3,0
b) 1,0
c) 1,5
d) -1,5
e) -3,0

6. Os números que expressam os ângulos de um quadrilátero, estão em progressão geométrica de razão 2. Um desses ângulos mede:

a) 28°
b) 32°
c) 36°
d) 48°
e) 50°

7. Sabe-se que S = 9 + 99 + 999 + 9999 + ... + 999...9 onde a última parcela contém n algarismos. Nestas condições, o valor de 10n+1 - 9(S + n) é:

a) 1
b) 10
c) 100
d) -1
e) -10

8. Se a soma dos três primeiros termos de uma PG decrescente é 39 e o seu produto é 729, então sendo a, b e c os três primeiros termos, pede-se calcular o valor de a2 + b2 + c2.

9. O limite da expressão $\sqrt{x\sqrt{x\sqrt{x\sqrt{x\sqrt{x\ldots}}}}}$ onde x é positivo, quando o número de radicais aumenta indefinidamente é igual a:

a) 1/x
b) x
c) 2x
d) n.x
e) 1978x

10. Quantos números inteiros existem, de 1000 a 10000, que não são divisíveis nem por 5 nem por 7 ?

Respostas

1) Resposta "D".

Solução:

Sejam (a_1, a_2, a_3,...) a PA de r e (g_1, g_2, g_3, ...) a PG de razão *q*. Temos como condições iniciais:

1 - $a_1 = g_1 = 4$
2 - $a_3 > 0$, $g_3 > 0$ e $a_3 = g_3$
3 - $a_2 = g_2 + 2$

Reescrevendo (2) e (3) utilizando as fórmulas gerais dos termos de uma PA e de uma PG e (1) obtemos o seguinte sistema de equações:

4 - $a_3 = a_1 + 2r$ e $g_3 = g_1 . q^2 \rightarrow 4 + 2r = 4q^2$
5 - $a_2 = a_1 + r$ e $g_2 = g_1 . q \rightarrow 4 + r = 4q + 2$

Expressando, a partir da equação (5), o valor de *r* em função de ***q*** e substituindo ***r*** em (4) vem:

$5 - r = 4q + 2 - 4 \rightarrow r = 4q - 2$
$4 - 4 + 2(4q - 2) = 4q^2 \rightarrow 4 + 8q - 4 = 4q^2 \rightarrow 4q^2 - 8q = 0$
$\rightarrow q(4q - 8) = 0 \rightarrow q = 0$ ou $4q - 8 = 0 \rightarrow q = 2$

Como g3 > 0, *q* não pode ser zero e então q = 2. Para obter *r* basta substituir *q* na equação (5):

$r = 4q - 2 \rightarrow r = 8 - 2 = 6$
Para concluir calculamos a_3 e g_3:
$a_3 = a_1 + 2r \rightarrow a_3 = 4 + 12 = 16$
$g_3 = g_1.q^2 \rightarrow g_3 = 4.4 = 16$

2) Resposta "B".

Solução: Para que a sequência se torne uma PA de razão *r* é necessário que seus três termos satisfaçam as igualdades (aplicação da definição de PA):

(1) $-5n = 2 + 3n + r$
(2) $1 - 4n = -5n + r$
Determinando o valor de **r** em (1) e substituindo em (2):
(1) $\rightarrow r = -5n - 2 - 3n = -8n - 2$
(2) $\rightarrow 1 - 4n = -5n - 8n - 2 \rightarrow 1 - 4n = -13n - 2$
$\rightarrow 13n - 4n = -2 - 1 \rightarrow 9n = -3 \rightarrow n = -3/9 = -1/3$

Ou seja, -1 < n < 0 e, portanto, a resposta correta é a b.

3) Resposta "B".

Solução: Primeiro, observe que os termos ímpares da sequência é uma PA de razão 1 e primeiro termo 10 - (10; 11; 12; 13; ...). Da mesma forma os termos pares é uma PA de razão 1 e primeiro termo igual a 8 - (8; 9; 10; 11; ...).

Assim, as duas PA têm como termo geral o seguinte formato:

(1) ai = a1 + (i - 1).1 = a1 + i – 1

Para determinar a_{30} + a_{55} precisamos estabelecer a regra geral de formação da sequência, que está intrinsecamente relacionada às duas progressões da seguinte forma:

- Se n (índice da sucessão) é impar temos que n = 2i - 1, ou seja, i = (n + 1)/2;

- Se n é par temos n = 2i ou i = n/2.
Daqui e de (1) obtemos que:
$a_n = 10 + [(n + 1)/2] - 1$ se n é ímpar
$a_n = 8 + (n/2) - 1$ se n é par
Logo:
$a_{30} = 8 + (30/2) - 1 = 8 + 15 - 1 = 22$ e
$a_{55} = 10 + [(55 + 1)/2] - 1 = 37$

E, portanto:
$a_{30} + a_{55} = 22 + 37 = 59$.

4) Resposta "E".
Solução: Sejam S as somas dos elementos da sequência e S_1 a soma da PG infinita (0,9; 0,09; 0,009;...) de razão q = 10 - 1 = 0,1. Assim:
$S = 3 + S_1$
Como $-1 < q < 1$ podemos aplicar a fórmula da soma de uma PG infinita para obter S_1:
$S_1 = 0,9/(1 - 0,1) = 0,9/0,9 = 1 \rightarrow S = 3 + 1 = 4$

5) Resposta "D".
Solução: Aplicando a fórmula da soma dos 20 primeiros termos da PA:
$S_{20} = 20(a_1 + a_{20})/2 = -15$
Na PA finita de 20 termos, o sexto e o décimo quinto são equidistantes dos extremos, uma vez que:
15 + 6 = 20 + 1 = 21
E, portanto:
$a_6 + a_{15} = a_1 + a_{20}$

Substituindo este valor na primeira igualdade vem:
$20(a_6 + a_{15})/2 = -15 \rightarrow 10(a6 + a15) = -15 \rightarrow a_6 + a_{15} = -15/10 = -1,5$.

6) Resposta "D".
Solução: Seja x o menor ângulo interno do quadrilátero em questão. Como os ângulos estão em Progressão Geométrica de razão 2, podemos escrever a PG de 4 termos:
(**x, 2x, 4x, 8x**).
Ora, a soma dos ângulos internos de um quadrilátero vale 360º.
Logo,
x + 2x + 4x + 8x = 360º
15.x = 360º

Portanto, **x = 24º**. Os ângulos do quadrilátero são, portanto: **24º, 48º, 96º e 192º.**
O problema pede um dos ângulos. Logo, alternativa **D**.

7) Resposta "B".
Solução: Observe que podemos escrever a soma S como:
$S = (10 - 1) + (100 - 1) + (1000 - 1) + (10000 - 1) + ... + (10^n - 1)$
$S = (10 - 1) + (10^2 - 1) + (10^3 - 1) + (10^4 - 1) + ... + (10^n - 1)$
Como existem n parcelas, observe que o número (– 1) é somado n vezes, resultando em n(-1) = **- n.**

Logo, poderemos escrever:
S = (10 + 102 + 103 + 104 + ... + 10n) – n
Vamos calcular a soma $S_n = 10 + 10^2 + 10^3 + 10^4 + ... + 10^n$, que é uma PG de primeiro termo $a_1 = 10$, razão q = 10 e último termo $a_n = 10^n$.
Teremos:
$S_n = (a_n.q - a_1) / (q - 1) = (10^n . 10 - 10) / (10 - 1) = (10^{n+1} - 10) / 9$

Substituindo em S, vem:
$S = [(10^{n+1} - 10) / 9] - n$

Deseja-se calcular o valor de $10^{n+1} - 9(S + n)$
Temos que $S + n = [(10^{n+1} - 10) / 9] - n + n = (10^{n+1} - 10) / 9$

Substituindo o valor de S + n encontrado acima, fica:
$10^{n+1} - 9(S + n) = 10^{n+1} - 9(10^{n+1} - 10) / 9 = 10^{n+1} - (10^{n+1} - 10) =$ **10.**

8) Resposta "819".
Solução: Sendo q a razão da PG, poderemos escrever a sua forma genérica: (x/q, x, xq).
Como o produto dos 3 termos vale 729, vem:
$x/q . x . xq = 729$ de onde concluímos que: $x^3 = 729 = 3^6 = 3^3 . 3^3 = 9^3$, logo, x = 9.

Portanto a PG é do tipo: 9/q, 9, 9q
É dado que a soma dos 3 termos vale 39, logo:
9/q + 9 + 9q = 39 de onde vem: 9/q + 9q – 30 = 0

Multiplicando ambos os membros por q, fica: $9 + 9q^2 - 30q = 0$
Dividindo por 3 e ordenando, fica: $3q^2 - 10q + 3 = 0$, que é uma equação do segundo grau.
Resolvendo a equação do segundo grau acima encontraremos q = 3 ou q = 1/3.
Como é dito que a PG é decrescente, devemos considerar apenas o valor
q = 1/3, já que para q = 3, a PG seria crescente.

Portanto, a PG é: 9/q, 9, 9q, ou substituindo o valor de q vem: 27, 9, 3.
O problema pede a soma dos quadrados, logo:
$a^2 + b^2 + c^2 = 27^2 + 9^2 + 3^2 = 729 + 81 + 9 =$ **819.**

9) Resposta "B".
Solução: Observe que a expressão dada pode ser escrita como:

$x^{1/2} . x^{1/4} . x^{1/8} . x^{1/16} . ... = x^{1/2 + 1/4 + 1/8 + 1/16 + ...}$

O expoente é a soma dos termos de uma PG infinita de primeiro termo $a_1 = 1/2$ e razão q = 1/2.

Logo, a soma valerá:
$S = a_1 / (1 - q) = (1/2) / 1 - (1/2) = 1$
Então, $x^{1/2 + 1/4 + 1/8 + 1/16 + ...} = x^1 =$ **x**

NOVA CONCURSOS

10) Resposta "6171".
Solução: Dados:
M(5) = 1000, 1005, ..., 9995, 10000.
M(7) = 1001, 1008, ..., 9996.
M(35) = 1015, 1050, ... , 9975.
M(1) = 1, 2, ..., 10000.
Para múltiplos de 5, temos: a_n = a1+ (n-1).r → 10000 = 1000 + (n - 1). 5 → n = 9005/5 → n = 1801.
Para múltiplos de 7, temos: a_n = a1+ (n-1).r → 9996 = 1001 + (n - 1). 7 → n = 9002/7 → n = 1286.
Para múltiplos de 35, temos: a_n = a1 + (n - 1).r → 9975 = 1015 + (n - 1).35 → n = 8995/35 → n = 257.
Para múltiplos de 1, temos: a_n = a1 = (n -1).r → 10000 = 1000 + (n - 1).1 → n = 9001.
Sabemos que os múltiplos de 35 são múltiplos comuns de 5 e 7, isto é, eles aparecem no conjunto dos múltiplos de 5 e no conjunto dos múltiplos de 7 (daí adicionarmos uma vez tal conjunto de múltiplos).
Total = M(1) - M(5) - M(7) + M(35).
Total = 9001 - 1801 - 1286 + 257 = 6171

SISTEMAS LINEARES;

Sistema Linear

O estudo dos sistemas de equações lineares é de fundamental importância em Matemática e nas ciências em geral. Você provavelmente já resolveu sistemas do primeiro grau, mais precisamente aqueles com duas equações e duas incógnitas.

Vamos ampliar esse conhecimento desenvolvendo métodos que permitam resolver, quando possível, sistemas de equações do primeiro grau com qualquer número de equações e incógnitas. Esses métodos nos permitirão não só resolver sistemas, mas também classificá-los quanto ao número de soluções.

Equações Lineares
Equação linear é toda equação do tipo $a_1x_1 + a_2x_2 + a_3x_3+...a_nx_n = b$, onde $a_1, a_2, a_3,.., a_n$ e b são números reais e $x_1, x_2, x_3,.., x_n$ são as incógnitas.
Os números reais $a_1, a_2, a_3,.., a_n$ são chamados de coeficientes e b é o termo independente.

Exemplos
- São equações lineares:
$x_1 - 5x_2 + 3x_3 = 3$
$2x - y + 2z = 1$
$0x + 0y + 0z = 2$
$0x + 0y + 0z = 0$
- Não são equações lineares:
$x^3-2y+z = 3$
(x^3 é o impedimento)
$2x_1 - 3x_1x_2 + x_3 = -1$
($-3x_1x_2$ é o impedimento)

$2x_1 - 3\frac{3}{x_2} + x_3 = 0$
($\frac{3}{x_2}$ é o impedimento)

Observação: Uma equação é linear quando os expoentes das incógnitas forem iguais a l e em cada termo da equação existir uma única incógnita.

Solução de ama Equação Linear
Uma solução de uma equação linear $a_1x_l + a_2x_2 + a_3x_3+... a_nx_n = b$, é um conjunto ordenado de números reais $\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3,..., \alpha_n$ para o qual a sentença $a_1\{\alpha_1) + a_2\{\alpha a_2) + a_3(\alpha_3) +... + a_n(\alpha_n) = b$ é verdadeira.

Exemplos
- A terna (2, 3, 1) é solução da equação:
$x_1 - 2x_2 + 3x_3 = -1$ pois:
(2) – 2.((3) + 3.(1) = -1
- A quadra (5, 2, 7, 4) é solução da equação:
$0x_1 - 0x_2 + 0x_3 + 0x_4 = 0$ pois:
0.(5) + 0.(2) + 0.(7) + 0.(4) = 0

Conjunto Solução
Chamamos de conjunto solução de uma equação linear o conjunto formado por todas as suas soluções.

Observação: Em uma equação linear com 2 incógnitas, o conjunto solução pode ser representado graficamente pelos pontos de uma reta do plano cartesiano.

Assim, por exemplo, na equação
2x + y = 2

Algumas soluções são (1, 0), (2, -2), (3, -4), (4, -6), (0, 2), (-1,4), etc.
Representando todos os pares ordenados que são soluções da equação dada, temos:

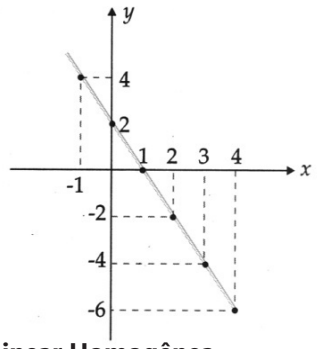

Equação Linear Homogênea
Uma equação linear é chamada homogênea quando o seu termo independente for nulo.

Exemplo
$2x_1 + 3x_2 - 4x_3 + 5x_4 - x_5 = 0$

Observação: Toda equação homogênea admite como solução o conjunto ordenado de "zeros" que chamamos solução nula ou solução trivial.

Exemplo
(0, 0, 0) é solução de 3x + y - z – 0

Equações Lineares Especiais
Dada a equação:
$a_1x_1 + a_2x_2 + a_3x_3 + ... a_nx_n = b$, temos:

- Se $a_1 = a_2 = a_3 = ... = na = b = 0$, ficamos com:
$0x_1 + 0x_2 + 0x_3 + ... + 0x_n$, e, neste caso, qualquer seqüências ($\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, ..., \alpha_n$) será solução da equação dada.
- Se $a_1 = a_2 = a_3 = ... = a_n = 0$ e $b \neq 0$, ficamos com:
$0x_1 + 0x_2 + 0x_3 + ... + 0x_n = b \neq 0$, e, neste caso, não existe seqüências de reais ($\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, ..., \alpha_n$) que seja solução da equação dada.

Sistema Linear 2 x 2
Chamamos de sistema linear 2 x 2 o conjunto de equações lineares a duas incógnitas, consideradas simultaneamente.
Todo sistema linear 2 x 2 admite a forma geral abaixo:

$$\begin{cases} a_1x + b_1y = c_1 \\ a_2 + b_2y = c_2 \end{cases}$$

Um par (α_1, α_2) é solução do sistema linear 2 x 2 se, e somente se, for solução das duas equações do sistema.

Exemplo
(3, 4) é solução do sistema

$$\begin{cases} x - y = -1 \\ 2x + y = 10 \end{cases}$$

pois é solução de suas 2 equações:
(3)-(4) = -l e 2.(3) + (4) = 10
Resolução de um Sistema 2 x 2
Resolver um sistema linear 2 x 2 significa obter o conjunto solução do sistema.
Os dois métodos mais utilizados para a resolução de um sistema linear 2x2 são o método da substituição e o método da adi**ção.**
Para exemplificar, vamos resolver o sistema 2 x 2 abaixo usando os dois métodos citados.

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8 \\ x - y = -1 \end{cases}$$

1. M**étodo da Substituição:**

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8 & (I) \\ x - y = -1 & (II) \end{cases}$$

Da equação (II), obtemos x = y -1, que substituímos na equação (I)
2(y- 1) +3y = 8 ➔ 5y = 10 ➔ y = 2

Fazendo y = 2 na equação (I), por exemplo, obtemos:
Assim: S = {(1,2)}

2. Método da Adição:

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8 & (I) \\ x - y = -1 & (II) \end{cases}$$

Multiplicamos a equação II por 3 e a adicionamos, membro a membro, com a equação I.

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8 \\ 3x - 3y = -3 \\ \hline 5x = 5 \Rightarrow x = \frac{5}{5} = 1 \end{cases}$$

Fazendo x = 1 na equação (I), por exemplo, obtemos:
Assim: S = {(1,2)}

Sistema Linear 2 x 2 com infinitas soluções
Quando uma equação de um sistema linear 2 x 2 puder ser obtida multiplicando-se a outra por um número real, ao tentarmos resolver esse sistema, chegamos numa igualdade que é sempre verdadeira, independente das incógnitas. Nesse caso, existem infinitos pares ordenados que são soluções do sistema.

Exemplo

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8(I) \\ -4x - 6y = -16(II) \end{cases}$$

Note que multiplicando-se a equação (I) por (-2) obtemos a equação (II).
Resolvendo o sistema pelo método da substituição temos:
Da equação (I), obtemos y $= \frac{8-2x}{3}$, que substituímos na equação (II).

$-4x-6.\left(\frac{8-2x}{3}\right) = -16 \rightarrow -4x-2(8-2x) = -16$

$-4x-16+4x = -16 \rightarrow -16 = -16$
- 16= -16 é uma igualdade verdadeira e existem infinitos pares ordenados que são soluções do sistema.

Entre outros, (1, 2), (4, 0), $\left(\frac{5}{2}, 1\right)$ e $\left(0, \frac{8}{3}\right)$ são soluções do sistema.
Sendo a, um número real qualquer, dizemos que $\left(\alpha, \frac{8-2\alpha}{3}\right)$ é solução do sistema.
(Obtemos $\frac{8-2\alpha}{3}$ substituindo x =α na equação (I)).

Sistema Linear 2 x 2 com nenhuma solução

Quando duas equações lineares têm os mesmos coeficientes, porém os termos independentes são diferentes, dizemos que não existe solução comum para as duas equações, pois substituindo uma na outra, obtemos uma igualdade sempre falsa.

Exemplo
2x+3y=6(I) e 2x+3y=5(II)
Substituindo 2x+3y da equação (I) na equação (II) obtemos:

NOVA CONCURSOS

6=5 que é uma igualdade falsa. Se num sistema 2x2 existir um número real que, multiplicado por uma das equações, resulta uma equação com os mesmos coeficientes da outra equação do sistema, porém com termos independentes diferentes, dizemos que não existe par ordenado que seja solução do sistema.

Exemplo

$$\begin{cases} x+2y=5(I) \\ 2x+4y=7(II) \end{cases}$$

Multiplicando-se equação (I) por 2 obtemos:
2x+4y=10

Que tem os mesmo coeficientes da equação (II), porém os termos independentes são diferentes.

Se tentarmos resolver o sistema dado pelo método de substituição, obtemos uma igualdade que é sempre falsa, independente das incógnitas.

$$\begin{cases} x+2y=5(I) \\ 2x+4y=7(II) \end{cases}$$

Da equação (I), obtemos ,$\left(y=\frac{5-x}{2}\right)$ que substituímos na equação (II)

2x- 4.$\left(\frac{5-x}{2}\right)$=7→2x+2(5-x)=7

2x+10-2x=7→10=7

10=7 é uma igualdade falsa e não existe par ordenado que seja solução do sistema.

Classificação

De acordo com o número de soluções, um sistema linear 2x2 pode ser classificado em:

- Sistema Impossíveis ou Incompatíveis: são os sistemas que não possuem solução alguma.
- Sistemas Possíveis ou compatíveis: são os sistemas que apresentam pelo menos uma solução.
- Sistemas Possíveis Determinados: se possuem uma única solução.
- Sistemas Possíveis Indeterminados: se possuem infinitas soluções.

Sistema Linear m x n

Chamamos de sistema linear M x n ao conjunto de m equações a n incógnitas, consideradas simultaneamente, que podem ser escrito na forma:

$$\begin{cases} a_{11}x_1 + a_{12}x_2 + a_{13}x_3 + \ldots + a_{1n}x_n = b_1 \\ a_{21}x_1 + a_{22}x_2 + a_{23}x_3 + \ldots + a_{2n}x_n = b_2 \\ a_{31}x_1 + a_{32}x_2 + a_{33}x_3 + \ldots + a_{3n}x_n = b_3 \\ \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \\ a_{m1}x_1 + a_{m2}x_2 + a_{m3}x_3 + \ldots + a_{mn}x_n = b_m \end{cases}$$

Onde:

X_1, x_2, x_3,...,x_n são as incógnitas;

a_{ij}, com 1 ≤ i ≤ m e 1 ≤ n, são os coeficientes das incógnitas; b_i, com 1 ≤ i ≤ m, são os termos independentes.

Exemplos

1.

$$\begin{cases} x-2y+3z=5 \\ x+y-z+2 \end{cases}$$

(sistema 2 x 3)

2.

$$\begin{cases} x_1+3x_2-2x_3+x_4=0 \\ x_1+2x_2-3x_3+x_4=2 \\ x_1-x_2+x_3+x_4=5 \end{cases}$$

(sistema 3 x 4)

3.

$$\begin{cases} x+2y=1 \\ x-y=4 \\ 2x-3y=0 \end{cases}$$

(sistema 3 x 2)

Matriz Incompleta

Chamamos de matriz incompleta do sistema linear a matriz formada pelos coeficientes das incógnitas.

$$A=\begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} & \cdots a_{1n} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} & \cdots a_{2n} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} & \cdots a_{3n} \\ \ldots & \ldots & \ldots & \ldots \\ a_{m1} & a_{m2} & a_{m3} & \cdots a_{mn} \end{bmatrix}$$

Exemplo

No sistema:

$$\begin{cases} x-y+2z=1 \\ x+\quad\ \ z=0 \\ -x+y\quad=5 \end{cases}$$

A matriz incompleta é:

$$A=\begin{bmatrix} 1 & -1 & 2 \\ 1 & 0 & 1 \\ -1 & 1 & 0 \end{bmatrix}$$

Forma Matricial

Consideremos o sistema linear M x n:

$$\begin{cases} a_{11}x_1 + a_{12}x_2 + a_{13}x_3 + \cdots + a_{1n}x_n = b_1 \\ a_{21}x_1 + a_{22}x_2 + a_{23}x_3 + \cdots + a_{2n}x_n = b_2 \\ a_{31}x_1 + a_{32}x_2 + a_{33}x_3 + \cdots + a_{3n}x_n = b_3 \\ \cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots \\ a_{m1}x_1 + a_{m2}x_2 + a_{m3}x_3 + \cdots + a_{mn}x_n = b_m \end{cases}$$

Sendo A a Matriz incompleta do sistema chamamos, respectivamente, as matrizes

$$X = \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \\ \vdots \\ x_n \end{bmatrix} \quad \text{e} \quad B = \begin{bmatrix} b_1 \\ b_2 \\ b_3 \\ \vdots \\ b_m \end{bmatrix}$$

de matriz incógnita e matriz termos independentes.

E dizemos que a forma matricial do sistema é A.X=B, ou seja:

$$\begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} & \cdots a_{1n} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} & \cdots a_{2n} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} & \cdots a_{3n} \\ \cdots & \cdots & \cdots & \cdots \\ a_{m1} & a_{m2} & a_{m3} & \cdots a_{mn} \end{bmatrix} \quad \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \\ \vdots \\ x_n \end{bmatrix} \begin{bmatrix} b_1 \\ b_2 \\ b_3 \\ \vdots \\ b_m \end{bmatrix}$$

Sistemas Lineares – Escalonamento (I)

Resolução de um Sistema por Substituição

Resolvemos um sistema linear *m* x *n* por substituição, do mesmo modo que fazemos num sistema linear 2 x 2. Assim, observemos os exemplos a seguir.

Exemplos

- Resolver o sistema pelo método da substituição.

$$\begin{cases} x + 2y - z = -1 \quad (I) \\ 2x - y + z = 5 \quad (II) \\ x + 3y - 2z = -4 (III) \end{cases}$$

Resolução

Isolando a incógnita *x* na equação (I) e substituindo nas equações (II) e (III), temos:

x + 2*y* – *z* - 1→ *x* = -2*y* + *z* - 1

Na equação (II)

2(-2*y* + *z* - 1) – *y* + *z* = 5 → -5*y* + 3*z* = 7 (IV)

Na equação (III)

(-2*y* + *z* - 1) + 3*y* - 2*z* = -4 → *y* – *z* = -3 (V)

Tomando agora o sistema formado pelas equações (IV) e (V):

$$\begin{cases} -5y + 3z = 7 \quad (IV) \\ y - z = -3 \quad (V) \end{cases}$$

Isolando a incógnita *y* na equação (V) e substituindo na equação (IV), temos:

y – *z* = -3 → *y* = *z* - 3

-5 (z - 3) + 3z = 7→ z = 4

Substituindo *z* = 4 na equação (V)

y – 4 = -3 → *y* = 1

Substituindo *y* = 1 e *z* = 4 na equação (I)

x + 2 (1) - (4) = -1 →x = 1

Assim:

S={(1, 1, 4)}

2º) Resolver o sistema pelo método da substituição:

$$\begin{cases} x + 3y - z = 1 \quad (I) \\ y + 2z = 10 \quad (II) \\ 3z = 12 \quad (III) \end{cases}$$

Resolução

Isolando a incógnita *x* na equação (I) e substituindo nas equações (II) e (III), temos:

x + 2y – z = -1 → x = -2y + z - 1

Na equação (II)

2(-2y + z - 1) – y + z = 5 →5y + 3z = 7 (IV)

Na equação (III)

(-2y + z - 1) + 3y - 2z = -4 → y – z = -3 (V)

Tomando agora o sistema formado pelas equações (IV) e (V):

$$\begin{cases} -5y + 3z = 7 \quad (IV) \\ y - z = -3 \quad (V) \end{cases}$$

Isolando a incógnita *y* na equação (V) e substituindo na equação (IV), temos:

y – *z* = -3 → *y* = *z* - 3

-5*(z* - 3*)* + 3*z* = 7 → *z* = 4

Substituindo *z* = 4 na equação (V)

y – 4 = -3 → *y* = 1

Substituindo *y* = 1 e *z* = 4 na equação (I)

x + 2(1) - (4) = -1 → *x* = 1

Assim:

S={(1, 1, 4)}

NOVA CONCURSOS

2º) Resolver o sistema pelo método da substituição:

$$\begin{cases} x+3y-z=1 \quad (I) \\ y+2z=10 \quad (II) \\ 3z=12 \quad (III) \end{cases}$$

Resolução
Na equação (III), obtemos:
$3z = 12 \rightarrow z = 4$
Substituindo $z = 4$ na equação (II), obtemos:
$y + 2 . 4 = 10 \rightarrow y = 2$
Substituindo $z = 4$ e $y = 2$ na equação (I), obtemos:
$x + 3 . 2 - 4 = 1 \rightarrow x = -1$
Assim:
$S\{(-1, 2, 4)\}$

Observação: Podemos observar que a resolução de sistemas pelo método da substituição pode ser demasiadamente longa e trabalhosa, quando os sistemas não apresentam alguma forma simplificada como no primeiro exemplo. No entanto, quando o sistema apresenta a forma simples do segundo exemplo, que denominamos "forma escalonada", a resolução pelo método da substituição é rápida e fácil.

Veremos, a seguir, como transformar um sistema linear *m* x *n* qualquer em um **sistema equivalente** na "forma escalonada".

Sistemas Lineares Escalonados

Dizemos que um sistema linear é um **sistema escalonado** quando:

- Em cada equação existe pelo menos um coeficiente não-nulo;
- O número de coeficiente nulos, antes do primeiro coeficiente não-nulo, cresce "da esquerda para a direita, de equação para equação".

Exemplos

1º) $\begin{cases} 2x+y-z=3 \\ 2y+3z=2 \end{cases}$

2º) $\begin{cases} x+2y-3z=4 \\ y+2z=3 \\ z=1 \end{cases}$

3º) $\begin{cases} x+y+z+t=5 \\ y-t=2 \end{cases}$

4º) $\begin{cases} 2x_1+3x_2-x_3+x_4=1 \\ x_2+x_3-x_4=0 \\ 3x_4=5 \end{cases}$

Existem dois tipos de sistemas escalonados:

Tipo: número de equações **igual** ao número de incógnitas.

$$\begin{cases} a_{11}x_1+a_{12}x_2+a_{13}x_3+\cdots+a_{1n}x_n=b_1 \\ a_{22}x_2+a_{23}x_3+\cdots+a_{2n}x_n=b_2 \\ a_{33}x_{33}+\cdots+a_{3n}x_n=b_3 \\ \cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots \\ a_{nn}x_n=b_n \end{cases}$$

Notamos que os sistemas deste tipo podem ser analisados pelo método de Cramer, pois são sistemas *n* x *n*. Assim, sendo *D* o determinante da matriz dos coeficientes (incompleta), temos:

$$D=\begin{vmatrix} a_{11}a_{12}a_{13}\cdots a_{1n} \\ 0 \quad a_{22}a_{23}\cdots a_{2n} \\ 0 \quad 0 \quad a_{33}\cdots a_{3n} \\ \cdots\cdots\cdots \\ 0 \quad 0 \quad 0\cdots a_{nn} \end{vmatrix} = D = a_{11}.a_{22}.a_{33}.\cdots.a_{nn} \neq 0$$

Como $D \neq 0$, os sistemas deste tipo são possíveis e determinados e, para obtermos a solução única, partimos da n-ésima equação que nos dá o valor de x_n; por substituição nas equações anteriores, obtemos sucessivamente os valores de $x_{n-1}, x_{n-2}, \ldots, x_3, x_2$ e x_1.

Exemplo

Resolver o sistema:

$$\begin{cases} 2x+y-z+t=5(I) \\ y+z+3t=9(II) \\ 2z-t=0(III) \\ 3t=6(IV) \end{cases}$$

Resolução

Na equação (IV), temos:
$3t = 6 \rightarrow t = 2$
Substituindo $t = 2$ na equação (III), temos:
$2z - 2 = 0 \rightarrow z = 1$
Substituindo $t = 2$ e $z = 1$ na equação (II), temos:
$y + 1 + 3 . 2 = 9 \rightarrow y = 2$
Substituindo $t = 2$, $z = 1$ e $y = 2$, na equação (I), temos:
$2x + 2 - 1 + 2 = 5 \rightarrow x = 1$
Assim:
$S\{(1, 2, 1, 2)\}$

Tipo: número de equações **menor** que o número de incógnitas.

Para resolvermos os sistemas lineares deste tipo, devemos transformá-los em sistemas do 1º tipo, do seguinte modo:

- As incógnitas que não aparecem no inicio de nenhuma das equações do sistema, chamadas **variáveis livres,** devem ser "passadas" para os segundos membros das equações. Obtemos, assim, um sistema em que consideramos incógnitas apenas as equações que "sobraram" nos primeiros membros.

- Atribuímos às variáveis livres valores literais, na verdade "valores variáveis", e resolvemos o sistema por substituição.

Exemplo

Resolver o sistema:

$$\begin{cases} x+y+2z=1 \\ 2y-z=2 \end{cases}$$

Resolução

A variável *z* é uma "*variável livre*" no sistema.

Então:

$$\begin{cases} x+y=1-2z \\ 2y=2+z \end{cases}$$

Fazendo *z* = α, temos:

$$\begin{cases} x+y=1-2\alpha \\ 2y=2+\alpha \end{cases}$$

$$2y=2+\alpha \rightarrow y=\frac{2+\alpha}{2}$$

Substituindo y = $\frac{2+\alpha}{2}$ na 1ª equação, temos:

$$x+\frac{2+\alpha}{2}=1-2\alpha$$

Agora para continuar fazemos o mmc de 2, e teremos:

2x + 2α = 2(1-2α)
2x + 2α = 2 - 4α
4α + 2x + 2 + α - 2 = 0
5α + 2x = 0
2x = -5α
x = $\frac{-5\alpha}{2}$

Assim:

$$S=\left\{\left(\frac{5\alpha}{2},\ \frac{2+\alpha}{2},\alpha\right),\alpha\in R\right\}$$

Observações: Para cada valor real atribuído a α, encontramos uma solução do sistema, o que permite concluir que o sistema é **possível** e **indeterminado**.

- A quantidade de variáveis livres que um sistema apresenta é chamada de **grau de liberdade** ou **grau de indeterminação** do sistema.

Sistema Lineares – Escalonamento (II)

Escalonamento de um Sistema

Todo sistema linear possível pode ser transformado num sistema linear escalonado equivalente, através das **transformações elementares** a seguir.

- Trocar a ordem em que as equações aparecem no sistema.

Exemplo

$$(S)=\begin{cases} x+3y=2 \\ 2x-y=5 \end{cases} \sim (S_1)\begin{cases} 2x-y=5 \\ x+3y=2 \end{cases}$$

- Inverter a ordem em que as incógnitas aparecem nas equações.

Exemplo

$$(S)=\begin{cases} x+2y+z=5 \\ x+2z=1 \\ 3x=5 \end{cases} \sim (S_1)\begin{cases} 2y+z+x=5 \\ 2z+x=1 \\ 3x=5 \end{cases}$$

- Multiplicar (ou dividir) uma equação por um número real não-nulo.

Exemplo

$$(S)\begin{cases} x+2y=3 \\ 3x-y=1 \end{cases} \sim (S_1)\begin{cases} x+2y=3 \\ 6x-2y=3 \end{cases}$$

Multiplicamos a 2ª equação de *S* por 2, para obtermos S_1.

- Adicionar a uma equação uma outra equação do sistema, previamente multiplicada por um número real não-nulo.

Exemplo

$$(S)=\begin{cases} x+3y=5 \\ 2x+y=3 \end{cases} \sim (S_1)\begin{cases} x+3y=5 \\ -5y=-7 \end{cases}$$

Multiplicamos a 1ª equação do *S* por -2 e a adicionamos à 2ª equação para obtermos s_1.

Para transformarmos um sistema linear (*S*) em outro, **equivalente** e escalonado (S_1), seguimos os seguintes passos.

- Usando os recursos das três primeiras transformações elementares, devemos obter um sistema em que a 1ª equação tem a 1ª incógnita com o coeficiente igual a 1.

- Usando a quarta transformação elementar, devemos "zerar" todos os coeficientes da 1ª incógnita em todas as equações restantes.

- "Abandonamos"a 1ª equação e repetimos os dois primeiros passos com as equações restantes, e assim por diante, até a penúltima equação do sistema.

Exemplos

1º) Escalonar e classificar o sistema:

$$\begin{cases} 2x+y+z=5 \\ 3x-y2z=-2 \\ x+2y-z=1 \end{cases}$$

Resolução

$$\begin{cases} x+2y-z=\ \ 1 \\ 3x-y-2z=-2 \\ 2x+y+z=\ \ 5 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=1 \\ 3x-y-2z=-2 & \leftarrow -3 \\ 2x+y+z=5 & \leftarrow -2 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=1 \\ -7y+z=-5 \\ -3y+3z=3: & -3 \end{cases}$$

$$\begin{cases} x+2y-z=-1 \\ -7y+z=5 \\ y-z=-1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=1 \\ y-z=-1 \\ -7y+z=-5 & \leftarrow 7 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=1 \\ y-z=-1 \\ -6z=-12 \end{cases}$$

O sistema obtido está escalonado e é do 1º tipo (nº de equações igual ao nº de incógnitas), portanto, é um sistema possível e determinado.

2º) Escalonar e classificar o sistema:

$$\begin{cases} 3x+y-z=3 \\ 2x-y+3z=5 \\ 8x+y+z=11 \end{cases}$$

Resolução

$$\begin{cases} 3x+y-z=3 \\ 2x-y+3z=5 \\ 8x+y+z=11 \end{cases} \sim \begin{cases} y+3x-z=3 \\ -y+2x+3z=5 & \leftarrow 1 \\ y+8x+z=11 & \leftarrow -1 \end{cases} \sim \begin{cases} y+3x-z=3 \\ 5x+2z=8 \\ 5x+2z=8(*) \end{cases}$$

$$\sim \begin{cases} y+3x-z=3 \\ 5x+2z=8 \end{cases}$$

O sistema obtido está escalonado e é do 2º tipo (nº de equações menor que o nº de incógnitas), portanto, é um sistema possível e indeterminado.

(*) A terceira equação foi eliminada do sistema, visto que ela é equivalente à segunda equação. Se nós não tivéssemos percebido essa equivalência, no passo seguinte obteríamos na terceira equação: $0x+0z=0$, que é uma equação satisfeita para todos os valores reais de x e z.

3º) Escalonar e classificar o sistema:

$$\begin{cases} 2x+5y+z=5 \\ x+2y-z=3 \\ 4x+9y-z=8 \end{cases}$$

Resolução

$$\begin{cases} 2x+5y+z=5 \\ x+2y-z=3 \\ 4x+9y-z=8 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=3 \\ 2x+5y+z=5 & \leftarrow -2 \\ 4x+9y-z=8 & \leftarrow -4 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=3 \\ y+3z=-1 \\ y+3z=-4 & \leftarrow -1 \end{cases}$$

$$\sim \begin{cases} x+2y-z=3 \\ y+3z=-1 \\ 0y+0z=-3 & \leftarrow -1 \end{cases}$$

O sistema obtido é impossível, pois a terceira equação nunca será verificada para valores reais de y e z.

Observação

Dado um sistema linear, sempre podemos "tentar" o seu escalonamento. Caso ele seja impossível, isto ficará evidente pela presença de uma equação que não é satisfeita por valores reais (exemplo: $0x + 0y = 3$). No entanto, se o sistema é possível, nós sempre conseguimos um sistema escalonado equivalente, que terá nº de equações igual ao nº de incógnitas (possível e determinado), ou então o nº de equações será menor que o nº de incógnitas (possível e indeterminado).

Este tratamento dado a um sistema linear para a sua resolução é chamado de **método de eliminação de Gauss.**

Sistemas Lineares – Discussão (I)

Discutir um sistema linear é determinar; quando ele é:

- Possível e determinado (solução única);
- Possível e indeterminado (infinitas soluções);
- Impossível (nenhuma solução), em função de um ou mais **parâmetros** presentes no sistema.

Estudaremos as técnicas de discussão de sistemas com o auxilio de exemplos.

Sistemas com Número de Equações Igual ao Número de Incógnitas

Quando o sistema linear apresenta nº de equações igual ao nº de incógnitas, para discutirmos o sistema, inicialmente calculamos o determinante *D* da matriz dos coeficientes (incompleta), e:

1º) Se $D \neq 0$, o sistema é possível e determinado.

2º) Se $D = 0$, o sistema é possível e indeterminado ou impossível.

Para identificarmos se o sistema é possível, indeterminado ou impossível, devemos conseguir um sistema escalonado equivalente pelo método de eliminação de Gauss.

Exemplos

01 – Discutir, em função de *a*, o sistema:

$$\begin{cases} x+3y=5 \\ 2x+ay=1 \end{cases}$$

Resolução

$$D=\begin{vmatrix} 1 & 3 \\ 2 & a \end{vmatrix}=a-6$$

$$D=0 \Rightarrow a-6=0 \Rightarrow a=6$$

Assim, para $a \neq 6$, o sistema é possível e determinado.

Para $a \neq 6$, temos:

$$\begin{cases} x+3y=5 \\ 2x+6y=1 \quad \leftarrow -2 \end{cases} \sim \begin{cases} x+3y=5 \\ 0x+0y=-9 \end{cases}$$

que é um sistema impossível.

Assim, temos:

$a \neq 6 \rightarrow$ *SPD* (Sistema possível e determinado)

$a=6 \rightarrow$ *SI* (Sistema impossível)

02 – Discutir, em função de *a*, o sistema:

$$\begin{cases} x+y-z=1 \\ 2x+3y+az=3 \\ x+ay+3z=2 \end{cases}$$

Resolução

$$D\begin{vmatrix} 1 & 1 & -1 \\ 2 & 3 & 1 \\ 1 & a & 3 \end{vmatrix}=9+a-2a+3-6-a^2$$

$D=0 \rightarrow -a^2-a+6=0 \rightarrow a=-3$ ou $a=2$

Assim, para $a \neq -3$ e $a \neq 2$, o sistema é possível e determinado.

Para $a=-3$, temos:

$$\begin{cases} x+y-z=1 \\ 2x+3y-3z=3 \quad \leftarrow -2 \\ x-3y+3z=2 \quad \leftarrow -1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y-z=1 \\ y-z=1 \\ -4y+4z=1 \quad \leftarrow 4 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y-z=1 \\ y-z=1 \\ y+z=5 \quad \text{sistema impossível} \end{cases}$$

Para $a=2$, temos:

$$\begin{cases} x+y-z=1 \\ 2x+3y+2z=3 \quad \leftarrow -2 \\ x+2y+3z=2 \quad \leftarrow -1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y-z=1 \\ y+4z=1 \\ y+4z=1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y-z=1 \\ y+4z=1 \quad \text{sistema possível indeterminado} \end{cases}$$

Assim, temos:

$a \neq -3$ e $a \neq 2 \rightarrow$ SPD

$a=-3 \rightarrow$ SI

$a=2 \rightarrow$ SPI

03 – Discutir, em função de *m* e *k*, o sistema:

$$\begin{cases} mx+y=k \\ x+my=k^2 \end{cases}$$

Resolução

$$D=\begin{vmatrix} m & 1 \\ 1 & m \end{vmatrix}=m^2-1$$

$D=0 \rightarrow m^2-1=0 \rightarrow m=+1$ ou $m=-1$

Assim, para $m \neq +1$ e $m \neq -1$, o sistema é possível e determinado.

Para $m=1$, temos:

$$\begin{cases} x+y=K \\ x+y=K^2 \quad \leftarrow -1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y=K \\ 0x+0y=-K+K^2 \end{cases}$$

Se $-k+k^2=0$, ou seja, $k=0$ ou $k=1$, o sistema é possível e indeterminado.

Se $-K+k^2 \neq 0$, ou seja, $k \neq 0$ ou $k \neq 1$, o sistema é impossível.

Para $m=-1$, temos:

$$\begin{cases} -x+y=K \\ x-y=k^2 \end{cases} \sim \begin{cases} x-y=K^2 \\ -x+y=K \quad \leftarrow 1 \end{cases} \sim \begin{cases} x-y=k^2 \\ Ox+Oy=k^2+k \end{cases}$$

Se $k^2+k=0$, ou seja, $k=0$ $k=-1$, o sistema é possível e indeterminado.

Se $k^2+k \neq 0$, ou seja, $k \neq 0$ $k \neq -1$, o sistema é indeterminado.

Assim, temos:

$$\left.\begin{array}{l} m=+1 \;\; e \;\; k=0 \;\; ou \;\; k=1 \\ ou \\ m=-1 \;\; e \;\; k=0 \;\; ou \;\; k=-1 \end{array}\right\} \Rightarrow SPI$$

$$\left.\begin{array}{l} m=+1 \;\; e \;\; k\neq 0 \;\; ou \;\; k\neq 1 \\ ou \\ m=-1 \;\; e \;\; k\neq 0 \;\; ou \;\; k\neq -1 \end{array}\right\} \Rightarrow SI$$

NOVA CONCURSOS

Sistemas com Número de Equações Diferente do Número de Incógnitas

Quando o sistema linear apresenta número de equações diferente do número de incógnitas, para discuti-lo, devemos obter um sistema escalonado equivalente pelo método de eliminar de Gauss.

Exemplos

01 – Discutir, em função de *m*, o sistema:

$$\begin{cases} x+y=3 \\ 2x+3y=8 \\ x-my=3 \end{cases}$$

Resolução

$$\begin{cases} x+y=3 \\ 2z+3y=8 & \to -2 \quad \sim \\ x-my=3 & \to -1 \end{cases}$$

$$\sim \begin{cases} x+y=3 \\ y=2 \\ (-1-m)y=0 & \to 1+m \end{cases} \sim \begin{cases} x+y=3 \\ y=2 \\ 0y=2+2m \end{cases}$$

$2+2m=0 \to m=-1$

Assim, temos:

$m \neq -1 \to$ SI

$m=-1 \to$ SPD

02 – Discutir, em função de k, o sistema:

$$\begin{cases} x+2y-z=5 \\ 2x+5y+3z=12 \\ 3x+7y-2z=17 \\ 5x+12y+kz=29 \end{cases}$$

Resolução:

$$\begin{cases} x+2y-z=5 \\ 2x+5y+3z=12 & \leftarrow -2 \\ 3x+7y-2z=17 & \leftarrow -3 \\ 5x+12y+kz=29 & \leftarrow -5 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ y+5z=2 & \leftarrow -1 \\ 2y+(5+K)z=4 & \leftarrow -2 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ 4z=0 & \div 4 \\ (3+K)z=0 \end{cases}$$

$$\sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ z=0 & -3-K \\ (3+K)z=0 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ z=0 \\ 0z=0 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ z=0 \end{cases}$$

Assim, para $\forall k \in R$, o sistema é possível e determinado.

Sistemas Lineares – Discussão (II)

Sistema Linear Homogêneo

Já sabemos que sistema linear homogêneo é todo sistema cujas equações têm todos os termos independentes iguais a zero.

São homogêneos os sistemas:

01 $\begin{cases} 3x+4y=0 \\ x-2y=0 \end{cases}$

02 $\begin{cases} x+2y+2z=0 \\ 3x-y+z=0 \\ 5x+3y-7z=0 \end{cases}$

Observe que a dupla (0,0) é solução do sistema 01 e a terna (0,0,0) é solução do sistema 02.

Todo sistema linear homogêneo admite como solução uma seqüência de zero, chamada **solução nula** ou **solução trivial**. Observamos também que todo sistema homogênea é sempre **possível** podendo, eventualmente, apresentar outras soluções além da solução trivial, que são chamadas soluções **próprias.**

Discussão e Resolução

Lembre-se que: todo sistema linear homogêneo tem ao menos a solução trivial, portanto será sempre possível.

Vejamos alguns exemplos:

01 – Classifique e resolva o sistema:

$$\begin{cases} 3x+y+z=0 \\ x+5y-z=0 \\ x+2y-z=0 \end{cases}$$

Resolução

$$D=\begin{vmatrix} 3 & 1 & 1 \\ 1 & 5 & -1 \\ 1 & 2 & -1 \end{vmatrix}=-12$$

Como $D \neq 0$, o sistema é possível e determinado admitindo só a solução trivial, logo:

02 – Classifique e resolva o sistema:

$$\begin{cases} a+b+2c=0 \\ a-3b-2c=0 \\ 2a-b+c=0 \end{cases}$$

Resolução

$$D=\begin{vmatrix}1 & 1 & 2\\ 1 & -3 & -2\\ 2 & -1 & 1\end{vmatrix}=0$$

Como D=0, o sistema homogêneo é indeterminado. Fazendo o escalonamento temos:

$$\begin{cases}a+\quad b+2c=0\\ a-3b+-2c=0\\ 2a-\quad b+c=0\end{cases}\sim\begin{cases}a+\quad b+2c=0\\ 0-4b-4c=0\\ 0-\quad 3b-3c=0\end{cases}\sim\begin{cases}a+b+2c=0\\ 0+b+4c=0\\ 0+0+0=0\end{cases}$$

Teremos, então:

$$\begin{cases}a+b+2c=0\\ \qquad b+c=0\end{cases}$$

Fazendo $c=t$, teremos:
$=-c\rightarrow b=-t$
$a-t+2t=0\rightarrow a=-t$

Portanto:

$$S=\{(-t,-t,t),t\in R\}$$

Note que variando t obteremos várias soluções, inclusive a trivial para t=0.

03 – Determine **K** de modo que o sistema abaixo tenha solução diferente da trivial.

$$\begin{cases}x+y+z=0\\ x-ky+z=0\\ kx-y-z=0\end{cases}$$

Resolução

O sistema é homogêneo e, para apresentar soluções diferentes da trivial, devemos ter D=0

$$D=\begin{vmatrix}1 & 1 & 1\\ 1-k & & 1\\ k & -1 & -1\end{vmatrix}=k^2+2k+1=(k+1)^2=0\Rightarrow k=-1$$

Resposta: k=-1

Exercícios

1. Resolver e classificar o sistema: $\begin{cases}2x+3y=8\\ 3x-2y=-1\end{cases}$

2. Determinar *m* real, para que o sistema seja possível e determinado: $\begin{cases}2x+3y=5\\ x+my=2\end{cases}$

3. Resolver e classificar o sistema: $\begin{cases}3x-y+z=5\\ x+3y=7\\ 2x+y-2z=-4\end{cases}$

4. Determinar *m* real para que o sistema seja possível e determinado. $\begin{cases}x+2y+z=5\\ 2x-y+2z=5\\ 3x+y+mz+0\end{cases}$

5. Se o terno ordenado (2, 5, p) é solução da equação linear 6x - 7y + 2z = 5, qual o valor de p?

6. Escreva a solução genérica para a equação linear 5x - 2y + z = 14, sabendo que o terno ordenado (α, β , γ) é solução.

7. Determine o valor de m de modo que o sistema de equações abaixo,
2x - my = 10
3x + 5y = 8, seja impossível.

8. **Se os sistemas:**
S_1: x + y = 1 e S_2: ax – by = 5
X – 2y = -5 ay – bx = -1
São equivalentes, então o valor de $a^2 + b^2$ é igual a:
a) 1
b) 4
c) 5
d) 9
e) 10

9. Resolva o seguinte sistema usando a regra de Cramer:
x + 3y - 2z = 3
2x - y + z = 12
4x + 3y - 5z = 6

10. **Resolver o sistema** $\begin{cases}2x-y=7\\ x+5y=-2\end{cases}$.

Respostas

1) Resposta "S= {(1, 2)}".
Solução: Calculemos inicialmente D, D_x e D_y:

$$D=\begin{vmatrix}2 & 3\\ 3 & -2\end{vmatrix}=-4-9=-13$$

$$D_x=\begin{vmatrix}8 & 3\\ -1 & -2\end{vmatrix}=-16+3=13$$

$$D_y=\begin{vmatrix}2 & 8\\ 3 & -1\end{vmatrix}=-2-24=-26$$

NOVA CONCURSOS

Como D =-13 ≠ 0, o sistema é possível e determinado e:

$$x = \frac{D_x}{D} = \frac{-13}{-13} = 1 \quad \text{e} \quad y = \frac{D_y}{D} = \frac{-26}{-13} = 2$$

Assim: S= {(1, 2)} e o sistema são possíveis e determinados.

2) Resposta "$\left\{m \in R / m \neq \frac{3}{2}\right\}$".

Solução: Segundo a regra de Cramer, devemos ter D ≠ 0, em que:

$$D = \begin{vmatrix} 2 & 3 \\ 1 & m \end{vmatrix} = 2m - 3$$

Assim: 2m -3 ≠ 0 → m ≠ $\frac{3}{2}$

Então, os valores reais de m, para que o sistema seja possível e determinado, são dados pelos elementos do conjunto:

$$\left\{m \in R / m \neq \frac{3}{2}\right\}$$

3) Resposta " S = {(1, 2, 4)}".

Solução: Calculemos inicialmente D, D_x, D_y e D_z

$$D = \begin{vmatrix} 3 & -1 & 1 \\ 1 & 3 & 0 \\ 2 & 1 & -2 \end{vmatrix} = -18 + 0 + 1 - 6 - 0 - 2 = -25$$

$$D_x = \begin{vmatrix} 5 & -1 & 1 \\ 7 & 3 & 0 \\ 2 & 1 & -2 \end{vmatrix} = -30 + 0 + 7 + 12 - 0 - 14 = -25$$

$$D_y = \begin{vmatrix} 3 & 5 & 1 \\ 1 & 7 & 0 \\ 2 & -4 & -2 \end{vmatrix} = -42 + 0 - 4 - 14 - 0 + 10 = -50$$

$$D_z = \begin{vmatrix} 3 & -1 & 5 \\ 1 & 3 & 7 \\ 2 & 1 & -4 \end{vmatrix} = -36 - 14 + 5 - 30 - 21 - 4 = -100$$

Como D= -25 ≠ 0, o sistema é possível e determinado e:

$$x = \frac{D_x}{D} = \frac{-25}{-25} = 1; y = \frac{D_y}{D} = \frac{-50}{-25} = 2; z = \frac{D_z}{D} = \frac{100}{-25} = 4$$

Assim: S = {(1, 2, 4)} e o sistema são possíveis e determinados.

4) Resposta "$\{m \in R / m \neq 3\}$".

Solução: Segundo a regra de Cramer, devemos ter D ≠ 0. Assim:

$$D = \begin{vmatrix} 1 & 2 & 1 \\ 2 & -1 & 2 \\ 3 & 1 & m \end{vmatrix} = -m + 12 + 2 + 3 - 2 - 4m$$

D = -5m + 15

Assim: -5m + 15 ≠ 0 → m ≠ 3

Então, os valores reais de m, para que o sistema seja possível e determinado, são dados pelos elementos do conjunto:

$\{m \in R / m \neq 3\}$

5) Resposta "14".

Solução:

Teremos por simples substituição, observando que x = 2, y = 5 e z = p, 6 . 2 – 7 . 5 + 2 . p = 5.

Logo, 12 - 35 + 2p = 5.

Daí vem imediatamente que 2p = 28 e, portanto, p = 14.

6) Solução:

Podemos escrever: 5 α- 2 β + γ = 14. Daí, tiramos: γ = 14 - 5 α + 2 β. Portanto, a solução genérica será o terno ordenado (α,β, 14 - 5 α + 2 β).

Observe que se arbitrando os valores para α e β, a terceira variável ficará determinada em função desses valores.

Por exemplo, fazendo-se α = 1, β= 3, teremos:

γ = 14 - 5 α+ 2 β = 14 – 5 . 1 + 2 . 3 = 15,

ou seja, o terno (1, 3, 15) é solução, e assim, sucessivamente.

Verificamos, pois que existem infinitas soluções para a equação linear dada, sendo o terno ordenado (α, β, 14 - 5 α + 2β) a solução genérica.

7) Solução:

Teremos, expressando x em função de m, na primeira equação:

x = (10 + my) / 2

Substituindo o valor de x na segunda equação, vem:

3[(10+my) / 2] + 5y = 8

Multiplicando ambos os membros por 2, desenvolvendo e simplificando, vem:

3(10+my) + 10y = 16

30 + 3my + 10y = 16

(3m + 10)y = -14

y = -14 / (3m + 10)

Ora, para que não exista o valor de y e, em consequência não exista o valor de x, deveremos ter o denominador igual a zero, já que , como sabemos, não existe divisão por zero.

Portanto, 3m + 10 = 0, de onde se conclui m = -10/3, para que o sistema seja impossível, ou seja, não possua solução.

8) Resposta "E".

Solução: Como os sistemas são equivalentes, eles possuem a mesma solução. Vamos resolver o sistema:

S_1: x + y = 1
x - 2y = -5

Subtraindo membro a membro, vem: x - x + y - (-2y) = 1 - (-5).

Logo, 3y = 6 \ y = 2.

Portanto, como x + y = 1, vem, substituindo: x + 2 = 1 \ x = -1.

O conjunto solução é, portanto S = {(-1, 2)}.

Como os sistemas são equivalentes, a solução acima é também solução do sistema S_2.

Logo, substituindo em S_2 os valores de x e y encontrados para o sistema S_1, vem:

a(-1) - b(2) = 5 → - a - 2b = 5
a(2) - b (-1) = -1 → 2 a + b = -1

Multiplicando ambos os membros da primeira equação por 2, fica:

-2 a - 4b = 10

Somando membro a membro esta equação obtida com a segunda equação, fica:

-3b = 9 \ b = - 3

Substituindo o valor encontrado para b na equação em vermelho acima (poderia ser também na outra equação em azul), teremos:

2 a + (-3) = -1 \ a = 1.

Portanto, $a^2 + b^2 = 1^2 + (-3)^2 = 1 + 9 = 10$.

9) Resposta "S = {(5, 2, 4)}".

Solução: Teremos:

$$\Delta = \begin{vmatrix} 1 & 3 & -2 \\ 2 & -1 & 1 \\ 4 & 3 & -5 \end{vmatrix} = 24$$

$$\Delta x_1 = \begin{vmatrix} 1 & 3 & -2 \\ 12 & -1 & 1 \\ 6 & 3 & -5 \end{vmatrix} = 120$$

$$\Delta x_3 = \begin{vmatrix} 1 & 3 & 3 \\ 2 & -1 & 12 \\ 4 & 3 & 6 \end{vmatrix} = 96$$

$$\Delta x_2 = \begin{vmatrix} 1 & 3 & -2 \\ 2 & 12 & 1 \\ 4 & 6 & -5 \end{vmatrix} = 48$$

Portanto, pela regra de Cramer, teremos:

x_1 = D x_1 / D = 120 / 24 = 5
x_2 = D x_2 / D = 48 / 24 = 2
x_3 = D x_3 / D = 96 / 24 = 4

Logo, o conjunto solução do sistema dado é S = {(5, 2, 4)}.

10) Solução:

$$A = \begin{bmatrix} 2 & -1 \\ 1 & 5 \end{bmatrix} \Rightarrow \det A = 11$$

$$A_1 = \begin{bmatrix} 7 & -1 \\ -2 & 5 \end{bmatrix} \Rightarrow \det A_1 = 33$$

$$A_2 = \begin{bmatrix} 2 & 7 \\ 1 & -2 \end{bmatrix} \Rightarrow \det A_2 = -11$$

$$x = \frac{\det A_1}{\det A} = \frac{33}{11} = 3$$

$$y = \frac{\det A_2}{\det A} = \frac{-11}{11} = -1$$

Resposta: S={(3,-1)}

NÚMEROS COMPLEXOS;

NÚMEROS COMPLEXOS,

Quantas vezes, ao calcularmos o valor de Delta (b^2- 4ac) na resolução da equação do 2º grau, nos deparamos com um valor negativo (Delta < 0). Nesse caso, sempre dizemos ser impossível a raiz no universo considerado (normalmente no conjunto dos reais- ***R***). A partir daí, vários matemáticos estudaram este problema, sendo Gauss e Argand os que realmente conseguiram expor uma interpretação geométrica num outro conjunto de números, chamado de números complexos, que representamos por ***C***.

Números Complexos

Chama-se conjunto dos números complexos, e representa-se por ***C***, o conjunto de pares ordenados, ou seja:

z = (x,y)

onde x pertence a **R** e y pertence a **R**.

Então, por definição, se z = (x,y) = (x,0) + (y,0)(0,1) onde i=(0,1), podemos escrever que:

z=(x,y)=x+yi

Exemplos:
(5,3)=5+3i
(2,1)=2+i
(-1,3)=-1+3i

Dessa forma, todo o números complexo **z=(x,y)** pode ser escrito na forma **z=x+yi**, conhecido como forma algébrica, onde temos:

x=Re(z, parte real de z
y=Im(z), parte imaginária de z

NOVA CONCURSOS

Igualdade entre números complexos: Dois números complexos são iguais se, e somente se, apresentam simultaneamente iguais a parte real e a parte imaginária. Assim, se z_1=a+bi e z_2=c+di, temos que:

z_1=z_2<==> a=c e b=d

Adição de números complexos: Para somarmos dois números complexos basta somarmos, separadamente, as partes reais e imaginárias desses números. Assim, se z=a+bi e z_2=c+di, temos que:

z_1+z_2=(a+c) + (b+d)

Subtração de números complexos: Para subtrairmos dois números complexos basta subtrairmos, separadamente, as partes reais e imaginárias desses números. Assim, se z=a+bi e z_2=c+di, temos que:

z_1-z_2=(a-c) + (b-d)

Potências de i

Se, por definição, temos que i = - $(-1)^{1/2}$, então:

i^0 = 1
i^1 = i
i^2 = -1
i^3 = i^2.i = -1.i = -i
i^4 = i^2.i^2=-1.-1=1
i^5 = i^4. 1=1.i= i
i^6 = i^5. i =i.i=i^2=-1
i^7 = i^6. i =(-1).i=-i .....

Observamos que no desenvolvimento de i^n (**n** pertencente a ***N***, com **n** variando, os valores repetem-se de **4** em **4** unidades. Desta forma, para calcularmos i^n basta calcularmos $\mathbf{i^r}$ onde **r** é o resto da divisão de **n** por **4**.

Exemplo: i^{63} => 63 / 4 dá resto 3, logo i^{63}=i^3=-i

Multiplicação de números complexos: Para multiplicarmos dois números complexos basta efetuarmos a multiplicação de dois binômios, observando os valores das potência de **i**. Assim, se z_1=a+bi e z_2=c+di, temos que:

$z_1.z_2$ = a.c + adi + bci + bdi^2
$z_1.z_2$= a.c + bdi^2 = adi + bci
$z_1.z_2$= (ac - bd) + (ad + bc)i
Observar que : i^2= -1

Conjugado de um número complexo: Dado z=a+bi, define-se como conjugado de z (representa-se por z^-) ==> z^-= a-bi

Exemplo:
z=3 - 5i ==> z^- = 3 + 5i
z = 7i ==> z^- = - 7i
z = 3 ==> z^- = 3

Divisão de números complexos: Para dividirmos dois números complexos basta multiplicarmos o numerador e o denominador pelo conjugado do denominador. Assim, se z_1= a + bi e z_2= c + di, temos que:

z_1 / z_2 = [$z_1.z_2^-$] / [$z_2z_2^-$] = [(a+bi)(c-di)] / [(c+di)(c-di)]

Módulo de um número complexo: Dado z = a+bi, chama-se módulo de z ==> | z | = $(a^2+b^2)^{1/2}$, conhecido como ro

Interpretação geométrica: Como dissemos, no início, a interpretação geométrica dos números complexos é que deu o impulso para o seu estudo. Assim, representamos o complexo z = a+bi da seguinte maneira

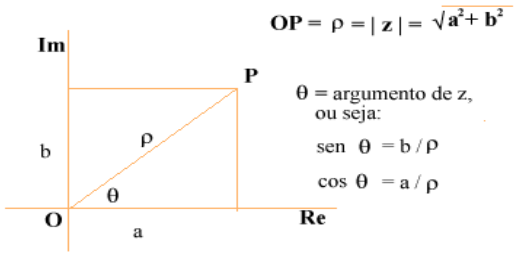

Forma polar dos números complexos:
Da interpretação geométrica, temos que:

$$z_1 = \rho_1 (\cos\theta_1 + i \operatorname{sen}\theta_1)$$

$$z_2 = \rho_2 (\cos\theta_2 + i \operatorname{sen}\theta_2)$$

que é conhecida como forma polar ou trigonométrica de um número complexo.

Operações na forma polar: Sejam z_1=ro_1(cos t_{11}) e z_2=ro_1(cos t_1+i $sent_1$). Então, temos que:

a)Multiplicação

$$z_1 \cdot z_2 = \rho_1\rho_2 [\cos(\theta_1 + \theta_2) + i \operatorname{sen}(\theta_1 + \theta_2)]$$

Divisão

$$\frac{z_1}{z_2} = \frac{\rho_1}{\rho_2} [\cos(\theta_1 - \theta_2) + i \operatorname{sen}(\theta_1 - \theta_2)]$$

Potenciação

$$z^n = \rho^n [\cos(n\theta) + i \operatorname{sen}(n\theta)]$$

Radiciação

$$z_k = \sqrt[n]{\rho} \{\cos[(\theta + 2k\pi)/n] + i \operatorname{sen}[(\theta + 2k\pi)/n]\}$$

para n = 0, 1, 2, 3, ..., n-1

Exercícios

1 - Sejam os complexos **z_1=(2x+1) + yi e z_2=-y + 2i.** Determine **x** e **y** de modo que z_1 + z_2 = 0

2 - Determine **x**, de modo que **z = (x+2i)(1+i)** seja imaginário puro.

3 - Qual é o conjugado de **z = (2+i) / (7-3i)**?

4 - Os módulos de **z_1 = x + $20^{1/2}$i** e **z_2= (x-2) + 6i** são iguais, qual o valor de **x**?

5 - Escreva na forma trigonométrica o complexo **z = (1+i) / i**

Respostas

Resolução 01.
Temos que:
$z_1 + z_2 = (2x + 1 - y) + (y + 2) = 0$
logo, é preciso que:
$2x+1 - y = 0$ e $y+2 = 0$
Resolvendo, temos que **y = -2 e x = -3/2**

Resolução 02.
Efetuando a multiplicação, temos que:
$z = x + (x+2)i + 2i^2$
$z = (x-2) + (x+2)i$
Para z ser imaginário puro é necessário que (x-2)=0, logo **x=2**

Resolução 03.
Efetuando a divisão, temos que:
$z = (2+i) / (7-3i) . (7+3i) / (7+3i) = (11 + 3i) / 58$
O conjugado de Z seria, então $\mathbf{z^- = 11/58 - 13i/58}$

Resolução 04.
Então, $|z_1 = (x^2 + 20)^{1/2} = |z_2 = [(x-2)^2 + 36\}^{1/2}$
Em decorrência,
$x^2 + 20 = x^2 - 4x + 4 + 36$
$20 = -4x + 40$
$4x = 20$, logo **x=5**

Resolução 05.
Efetuando-se a divisão, temos:
$z = [(1+i). -i] / -i^2 = (-i -i^2) = 1 – i$
Para a forma trigonométrica, temos que:
$r = (1 + 1)^{1/2} = 2^{1/2}$
$\text{sen } t = -1/2^{1/2} = - 2^{1/2} / 2$
$\cos t = 1 / 2^{1/2} = 2^{1/2} / 2$
Pelos valores do seno e cosseno, verificamos que t = 315º
Lembrando que a forma trigonométrica é dada por:
$z = r(\cos t + i \text{ sen } t)$, temos que:
$z = 2^{1/2} (\cos 315º + i \text{ sen } 315º)$

FUNÇÃO EXPONENCIAL: EQUAÇÃO E INEQUAÇÃO EXPONENCIAL; FUNÇÃO LOGARÍTMICA;

"Caro Candidato, o tópico acima foi abordado em: Relação e Função: domínio, contradomínio e imagem; Função do 1º grau; função constante;"

ANÁLISE COMBINATÓRIA;

A Análise Combinatória é a área da Matemática que trata dos problemas de contagem.

Princípio Fundamental da Contagem
Estabelece o número de maneiras distintas de ocorrência de um evento composto de duas ou mais etapas.

Se uma decisão E_1 pode ser tomada de n_1 modos e, a decisão E_2 pode ser tomada de n_2 modos, então o número de maneiras de se tomarem as decisões E_1 e E_2 é $n_1.n_2$.

Exemplo

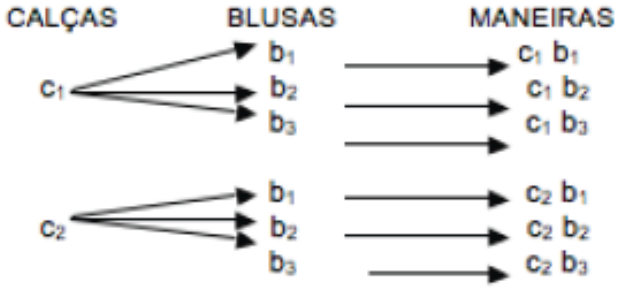

O número de maneiras diferentes de se vestir é:2(calças). 3(blusas)=6 maneiras

Fatorial
É comum nos problemas de contagem, calcularmos o produto de uma multiplicação cujos fatores são números naturais consecutivos. Para facilitar adotamos o fatorial.

$$n! = n(n-1)(n-2)\ldots 3 \cdot 2 \cdot 1, (n \in N)$$

Arranjo Simples
Denomina-se arranjo simples dos n elementos de E, p a p, toda sequência de p elementos distintos de E.

NOVA CONCURSOS

Exemplo

Usando somente algarismos 5, 6 e 7. Quantos números de 2 algarismos distintos podemos formar?

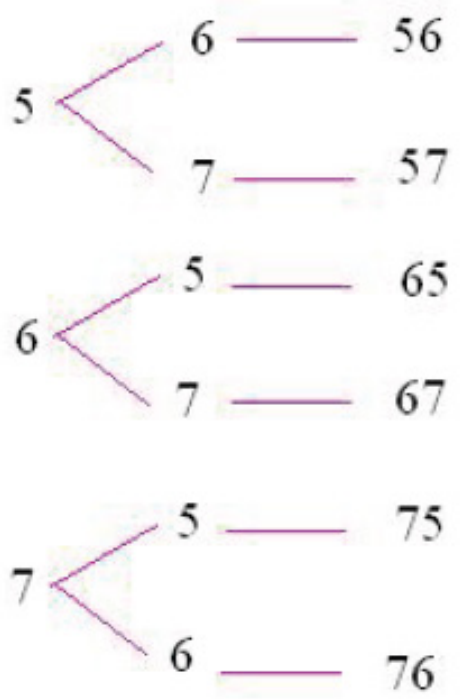

Observe que os números obtidos diferem entre si:

Pela ordem dos elementos: 56 e 65

Pelos elementos componentes:56 e 67

Cada número assim obtido é denominado arranjo simples dos 3 elementos tomados 2 a 2.

Indica-se $A_{3,2}$

$$A_{n,p} = \frac{n!}{(n-p)!}$$

Permutação Simples

Chama-se permutação simples dos n elementos, qualquer agrupamento(sequência) de n elementos distintos de E.

O número de permutações simples de n elementos é indicado por P_n.

$$P_n = n!$$

Exemplo

Quantos anagramas tem a palavra MITO?

Solução

A palavra mito tem 4 letras, portanto:

$$P_4 = 4! = 4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1 = 24$$

Permutação com elementos repetidos

De modo geral, o número de permutações de n objetos, dos quais n_1 são iguais a A, n_2 são iguais a B, n_3 são iguais a C etc.

$$P_n^{n_1,n_2,n_3,\ldots,n_k} = \frac{n!}{n_1!n_2!n_3!\ldots n_k!} \quad n \in N \text{ e } n_1,n_2,\ldots n_k \in N^*$$

Exemplo

Quantos anagramas tem a palavra NATA?

Solução

Se todos as letras fossem distintas, teríamos 4! Permutações. Como temos uma letra repetida, esse número será menor.

$$P_4^2 = \frac{4!}{2!} = \frac{4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1}{2} = 12$$

Combinação Simples

Dado o conjunto $\{a_1, a_2, \ldots, a_n\}$ com n objetos distintos, podemos formar subconjuntos com p elementos. Cada subconjunto com i elementos é chamado combinação simples.

$$C_{n,p} = \frac{n!}{p!\,(n-p)!}$$

Exemplo

Calcule o número de comissões compostas de 3 alunos que podemos formar a partir de um grupo de 5 alunos.

Solução

$$C_{5,3} = \frac{5!}{3!\,(5-3)!} = \frac{5!}{3! \cdot 2!} = \frac{5 \cdot 4 \cdot 3!}{3! \cdot 2!} = 10$$

PROBABILIDADE;

Experimento Aleatório

Qualquer experiência ou ensaio cujo resultado é imprevisível, por depender exclusivamente do acaso, por exemplo, o lançamento de um dado.

Espaço Amostral

Num experimento aleatório, o conjunto de todos os resultados possíveis é chamado espaço amostral, que se indica por E.

No lançamento de um dado, observando a face voltada para cima, tem-se:

E={1,2,3,4,5,6}

No lançamento de uma moeda, observando a face voltada para cima:

E={Ca,Co}

Evento

É qualquer subconjunto de um espaço amostral.

No lançamento de um dado, vimos que

E={1,2,3,4,5,6}

Esperando ocorrer o número 5, tem-se o evento {5}:Ocorrer um número par, tem-se {2,4,6}.

Exemplo

Considere o seguinte experimento: registrar as faces voltadas para cima em três lançamentos de uma moeda.

a) Quantos elementos tem o espaço amostral?

b) Descreva o espaço amostral.

Solução

a)O espaço amostral tem 8 elementos, pois cada lançamento, há duas possibilidades.

2x2x2=8

b) E={(C,C,C), (C,C,R),(C,R,C),(R,C,C),(R,R,C),(R,C,R),(-C,R,R),(R,R,R)}

Probabilidade

Considere um experimento aleatório de espaço amostral E com n(E) amostras equiprováveis. Seja A um evento com n(A) amostras.

$$P(A) = \frac{n(A)}{n(E)}$$

Eventos complementares

Seja E um espaço amostral finito e não vazio, e seja A um evento de E. Chama-se complementar de A, e indica-se por , o evento formado por todos os elementos de E que não pertencem a A.

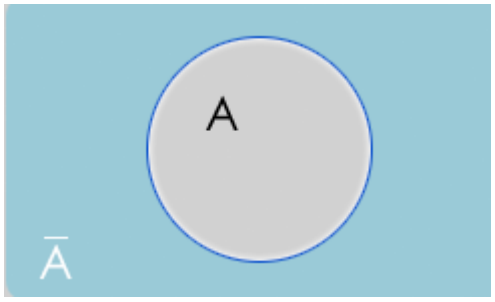

Note que $f(x) = sen\ x$

$$n(A) + n(\bar{A}) = n(E) \therefore P(A) + P(\bar{A}) = 1$$

Exemplo

Uma bola é retirada de uma urna que contém bolas coloridas. Sabe-se que a probabilidade de ter sido retirada uma bola vermelha é $\frac{5}{17}$. Calcular a probabilidade de ter sido retirada uma bola que não seja vermelha.

Solução

Os eventos A={bola vermelha} e $\bar{A}$ = {bola não vermelha} são complementares.

são complementares.

$$P(A) + P(\bar{A}) = 1 \rightarrow P(\bar{A}) = 1 - P(A) \therefore P(\bar{A}) = 1 - \frac{5}{17} = \frac{12}{17}$$

Adição de probabilidades

Sejam A e B dois eventos de um espaço amostral E, finito e não vazio. Tem-se:

$$P(A \cup B) = P(A) + P(B) - P(A \cap B)$$

Exemplo

No lançamento de um dado, qual é a probabilidade de se obter um número par ou menor que 5, na face superior?

Solução

E={1,2,3,4,5,6} n(E)=6

Sejam os eventos

A={2,4,6} n(A)=3

B={1,2,3,4} n(B)=4

$$A \cap B = \{2,4\}, sendo, n(A \cap B) = 2$$

$$P(A \cup B) = P(A) + P(B) - P(A \cap B)$$

$$P(A \cup B) = \frac{3}{6} + \frac{4}{6} - \frac{2}{6} = \frac{5}{6}$$

Probabilidade Condicional

É a probabilidade de ocorrer o evento A dado que ocorreu o evento B, definido por:

$$P(A/B) = \frac{P(A \cap B)}{P(B)}$$

E={1,2,3,4,5,6}, n(E)=6

B={2,4,6} n(B)=3

A={2}

$$A \cap B = \{2\}, onde\ n(A \cap B) = 1$$

$$P(A/B) = \frac{\frac{1}{6}}{\frac{3}{6}} = \frac{1}{3}$$

NOVA CONCURSOS

Eventos Simultâneos

Considerando dois eventos, A e B, de um mesmo espaço amostral, a probabilidade de ocorrer A e B é dada por:

$$P(A \cap B) = p(A).p(B/A)$$

ESTATÍSTICA;

Média aritmética

Média aritmética de um conjunto de números é o valor que se obtém dividindo a soma dos elementos pelo número de elementos do conjunto.

Representemos a média aritmética por $\bar{X}$.

A média pode ser calculada apenas se a variável envolvida na pesquisa for quantitativa. Não faz sentido calcular a média aritmética para variáveis quantitativas.

Na realização de uma mesma pesquisa estatística entre diferentes grupos, se for possível calcular a média, ficará mais fácil estabelecer uma comparação entre esses grupos e perceber tendências.

Considerando uma equipe de basquete, a soma das alturas dos jogadores é:

1,85+1,85+1,95+1,98+1,98+1,98+2,01+2,01+2,07+2,07 +2,07+2,07+2,10+2,13+2,18 = 30,0

Se dividirmos esse valor pelo número total de jogadores, obteremos a **média aritmética** das alturas:

$$média = \frac{30,3}{15} = 2,02$$

A média aritmética das alturas dos jogadores é 2,02m.

Média Ponderada

A média dos elementos do conjunto numérico A relativa à adição e na qual cada elemento tem um "determinado peso" é chamada média aritmética ponderada.

$$x = \frac{P_1.x_1;\ P_2x_2;\ P_3x_3;\ \ldots;\ P_nx_n}{P_1 + P_2 + P_3 + \ldots + P_n}$$

Mediana (Md)

Sejam os valores escritos em rol:

$x_1, x_2, x_3, \ldots, x_n$

1. Sendo n ímpar, chama-se **mediana** o termo x_i tal que o número de termos da sequência que precedem x_i é igual ao número de termos que o sucedem, isto é, x_i é termo médio da sequência (x_n) em rol.
2. Sendo n par, chama-se **mediana** o valor obtido pela média aritmética entre os termos x_j e x_{j+1}, tais que o número de termos que precedem x_j é igual ao número de termos que sucedem x_{j+1}, isto é, a mediana é a média aritmética entre os termos centrais da sequência (x_n) em rol.

Exemplo 1:
Determinar a mediana do conjunto de dados:
{12, 3, 7, 10, 21, 18, 23}

Solução:
Escrevendo os elementos do conjunto em rol, tem-se: (3, 7, 10, 12, 18, 21, 23). A mediana é o termo médio desse rol. Logo: Md=12

Resposta: Md=12.

Exemplo 2:
Determinar a mediana do conjunto de dados:
{10, 12, 3, 7, 18, 23, 21, 25}.

Solução:
Escrevendo-se os elementos do conjunto em rol, tem-se:
(3, 7, 10, 12, 18, 21, 23, 25). A mediana é a média aritmética entre os dois termos centrais do rol.

Logo: $Md = \frac{12+18}{2} = 15$

Resposta: Md=15

Moda (Mo)

Num conjunto de números: $x_1, x_2, x_3, \ldots, x_n$, chama-se moda aquele valor que ocorre com maior frequência.

Observação:
A moda pode não existir e, se existir, pode não ser única.

Exemplo 1:
O conjunto de dados 3, 3, 8, 8, 8, 6, 9, 31 tem moda igual a 8, isto é, Mo=8.

Exemplo 2:
O conjunto de dados 1, 2, 9, 6, 3, 5 não tem moda.

Os gráficos e tabelas apresentam o cruzamento entre dois dados relacionados entre si.

A escolha do tipo e a forma de apresentação sempre vão depender do contexto, mas de uma maneira geral um bom gráfico deve:

-Mostrar a informação de modo tão acurado quanto possível.

-Utilizar títulos, rótulos, legendas, etc. para tornar claro o contexto, o conteúdo e a mensagem.

-Complementar ou melhorar a visualização sobre aspectos descritos ou mostrados numericamente através de tabelas.

-Utilizar escalas adequadas.

-Mostrar claramente as tendências existentes nos dados.

Tipos de gráficos

Barras- utilizam retângulos para mostrar a quantidade.

Barra vertical

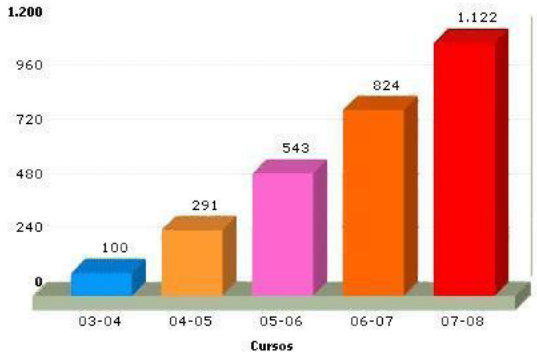

Fonte: tecnologia.umcomo.com.br

Barra horizontal

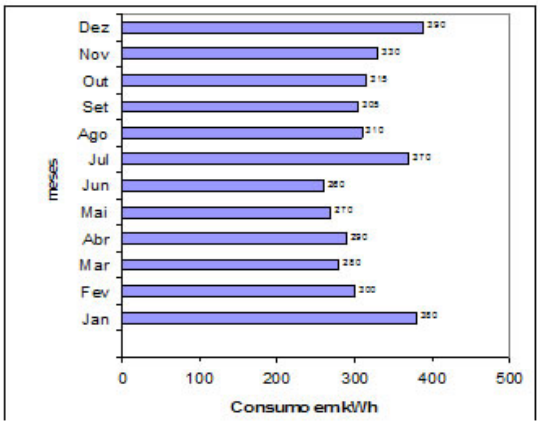

Fonte: mundoeducacao.bol.uol.com.br

Histogramas

São gráfico de barra que mostram a frequência de uma variável específica e um detalhe importante que são faixas de valores em x.

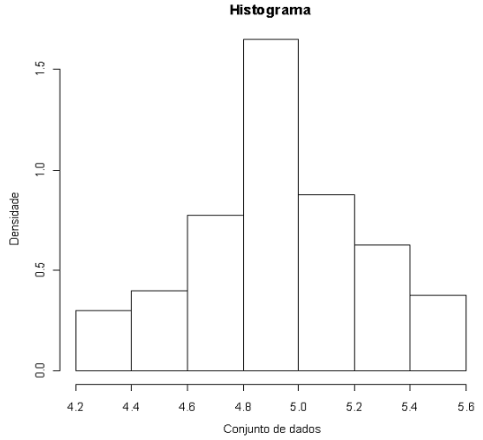

Setor ou pizza- Muito útil quando temos um total e queremos demonstrar cada parte, separando cada pedaço como numa pizza.

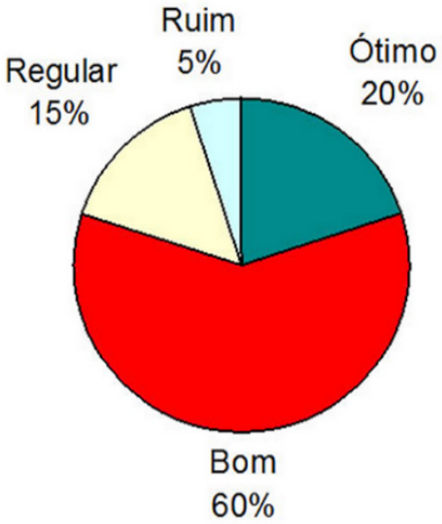

Fonte: educador.brasilescola.uol.com.br

Linhas- É um gráfico de grande utilidade e muito comum na representação de tendências e relacionamentos de variáveis

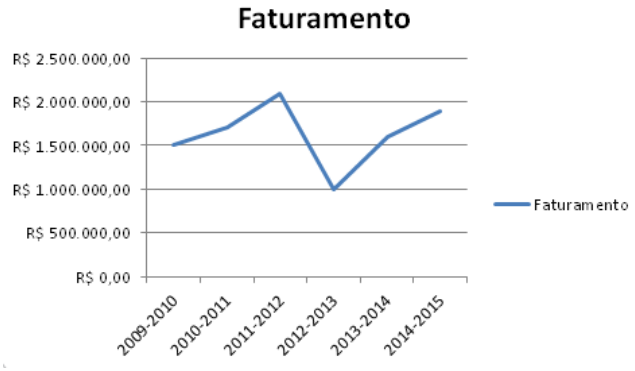

Pictogramas – são imagens ilustrativas para tornar mais fácil a compreensão de todos sobre um tema.

Da mesma forma, as tabelas ajudam na melhor visualização de dados e muitas vezes é através dela que vamos fazer os tipos de gráficos vistos anteriormente.

Podem ser tabelas simples:
Quantos aparelhos tecnológicos você tem na sua casa?

aparelho	quantidade
televisão	3
celular	4
Geladeira	1

FUNÇÃO DO 2º GRAU;

"Caro Candidato, o tópico acima foi abordado em: Relação e Função: domínio, contradomínio e imagem; Função do 1º grau; função constante;"

TRIGONOMETRIA DA 1ª VOLTA: SENO, COSSENO, TANGENTE, RELAÇÃO FUNDAMENTAL.

"Caro Candidato, o tópico acima foi abordado em: Noções de trigonometria; "

AVALIAÇÃO DE SEQUÊNCIA LÓGICA E COORDENAÇÃO VISO-MOTORA, ORIENTAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL, FORMAÇÃO DE CONCEITOS, DISCRIMINAÇÃO DE ELEMENTOS, REVERSIBILIDADE, SEQUÊNCIA LÓGICA DE NÚMEROS, LETRAS, PALAVRAS E FIGURAS. PROBLEMAS LÓGICOS COM DADOS, FIGURAS E PALITOS.

Raciocínio Lógico Matemático

Os estudos matemáticos ligados aos fundamentos lógicos contribuem no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, induzindo a organização do pensamento e das ideias, na formação de conceitos básicos, assimilação de regras matemáticas, construção de fórmulas e expressões aritméticas e algébricas. É de extrema importância que em matemática utilize-se atividades envolvendo lógica, no intuito de despertar o raciocínio, fazendo com que se utilize do potencial na busca por soluções dos problemas matemáticos desenvolvidos e baseados nos conceitos lógicos.

A lógica está presente em diversos ramos da matemática, como a probabilidade, os problemas de contagem, as progressões aritméticas e geométricas, as sequências numéricas, equações, funções, análise de gráficos entre outros. Os fundamentos lógicos contribuem na resolução ordenada de equações, na percepção do valor da razão de uma sequência, na elucidação de problemas aritméticos e algébricos e na fixação de conteúdos complexos.

A utilização das atividades lógicas contribui na formação de indivíduos capazes de criar ferramentas e mecanismos responsáveis pela obtenção de resultados em Matemática. O sucesso na Matemática está diretamente conectado à curiosidade, pesquisa, deduções, experimentos, visão detalhada, senso crítico e organizacional e todas essas características estão ligadas ao desenvolvimento lógico.

Raciocínio Lógico Dedutivo

A dedução é uma inferência que parte do universal para o mais particular. Assim considera-se que um raciocínio lógico é dedutivo quando, de uma ou mais premissas, se conclui uma proposição que é conclusão lógica da(s) premissa(s). A dedução é um raciocínio de tipo mediato, sendo o silogismo uma das suas formas clássicas. Iniciaremos com a compreensão das sequências lógicas, onde devemos deduzir, ou até induzir, qual a lei de formação das figuras, letras, símbolos ou números, a partir da observação dos termos dados.

Humor Lógico

Orientações Espacial e Temporal

Orientação espacial e temporal verifica a capacidade de abstração no espaço e no tempo. Costuma ser cobrado em questões sobre a disposições de dominós, dados, baralhos, amontoados de cubos com símbolos especificados em suas faces, montagem de figuras com subfiguras, figuras fractais, dentre outras. Inclui também as famosas sequências de figuras nas quais se pede a próxima. Serve para verificar a capacidade do candidato em resolver problemas com base em estímulos visuais.

Raciocínio Verbal

O raciocínio é o conjunto de atividades mentais que consiste na associação de ideias de acordo com determinadas regras. No caso do raciocínio verbal, trata-se da capacidade de raciocinar com conteúdos verbais, estabelecendo entre eles princípios de classificação, ordenação, relação e significados. Ao contrário daquilo que se possa pensar, o raciocínio verbal é uma capacidade intelectual que tende a ser pouco desenvolvida pela maioria das pessoas. No nível escolar, por exemplo, disciplinas como as línguas centram-se em objetivos como a ortografia ou a gramática, mas não estimulam/incentivam à aprendizagem dos métodos de expressão necessários para que os alunos possam fazer um uso mais completo da linguagem.

Por outro lado, o auge dos computadores e das consolas de jogos de vídeo faz com que as crianças costumem jogar de forma individual, isto é, sozinhas (ou com outras crianças que não se encontrem fisicamente com elas), pelo que não é feito um uso intensivo da linguagem. Uma terceira causa que se pode aqui mencionar para explicar o fraco raciocínio verbal é o fato de jantar em frente à televisão. Desta forma, perde-se o diálogo no seio da família e a arte de conversar.

Entre os exercícios recomendados pelos especialistas para desenvolver o raciocínio verbal, encontram-se as analogias verbais, os exercícios para completar orações, a ordem de frases e os jogos onde se devem excluir certos conceitos de um grupo. Outras propostas implicam que sigam/respeitem certas instruções, corrijam a palavra inadequada (o intruso) de uma frase ou procurem/descubram antônimos e sinônimos de uma mesma palavra.

Lógica Sequencial

Lógica Sequencial

O Raciocínio é uma operação lógica, discursiva e mental. Neste, o intelecto humano utiliza uma ou mais proposições, para concluir através de mecanismos de comparações e abstrações, quais são os dados que levam às respostas verdadeiras, falsas ou prováveis. Foi pelo processo do raciocínio que ocorreu o desenvolvimento do método matemático, este considerado instrumento puramente teórico e dedutivo, que prescinde de dados empíricos. Logo, resumidamente o raciocínio pode ser considerado também um dos integrantes dos mecanismos dos processos cognitivos superiores da formação de conceitos e da solução de problemas, sendo parte do pensamento.

Sequências Lógicas

As sequências podem ser formadas por números, letras, pessoas, figuras, etc. Existem várias formas de se estabelecer uma sequência, o importante é que existam pelo menos três elementos que caracterize a lógica de sua formação, entretanto algumas séries necessitam de mais elementos para definir sua lógica. Algumas sequências são bastante conhecidas e todo aluno que estuda lógica deve conhecê-las, tais como as progressões aritméticas e geométricas, a série de Fibonacci, os números primos e os quadrados perfeitos.

Sequência de Números

Progressão Aritmética: Soma-se constantemente um mesmo número.

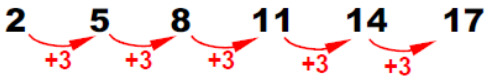

Progressão Geométrica: Multiplica-se constantemente um mesmo número.

Incremento em Progressão: O valor somado é que está em progressão.

Série de Fibonacci: Cada termo é igual a soma dos dois anteriores.

1 1 2 3 5 8 13

Números Primos: Naturais que possuem apenas dois divisores naturais.

2 3 5 7 11 13 17

Quadrados Perfeitos: Números naturais cujas raízes são naturais.

1 4 9 16 25 36 49

Sequência de Letras

As sequências de letras podem estar associadas a uma série de números ou não. Em geral, devemos escrever todo o alfabeto (observando se deve, ou não, contar com k, y e w) e circular as letras dadas para entender a lógica proposta.

A C F J O U

Observe que foram saltadas 1, 2, 3, 4 e 5 letras e esses números estão em progressão.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U

B1 2F H4 8L N16 32R T64

Nesse caso, associou-se letras e números (potências de 2), alternando a ordem. As letras saltam 1, 3, 1, 3, 1, 3 e 1 posições.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T

Sequência de Pessoas

Na série a seguir, temos sempre um homem seguido de duas mulheres, ou seja, aqueles que estão em uma posição múltipla de três (3º, 6º, 9º, 12º,...) serão mulheres e a posição dos braços sempre alterna, ficando para cima em uma posição múltipla de dois (2º, 4º, 6º, 8º,...). Sendo assim, a sequência se repete a cada seis termos, tornando possível determinar quem estará em qualquer posição.

Sequência de Figuras

Esse tipo de sequência pode seguir o mesmo padrão visto na sequência de pessoas ou simplesmente sofrer rotações, como nos exemplos a seguir.

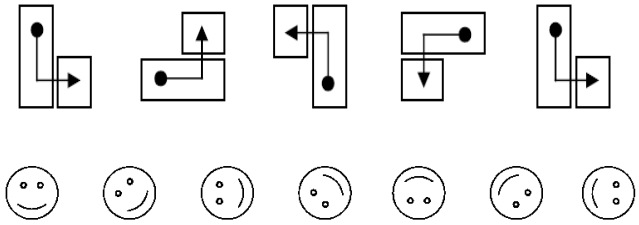

Sequência de Fibonacci

O matemático Leonardo Pisa, conhecido como Fibonacci, propôs no século XIII, a sequência numérica: (1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, ...). Essa sequência tem uma lei de formação simples: cada elemento, a partir do terceiro, é obtido somando-se os dois anteriores. Veja: 1 + 1 = 2, 2 + 1 = 3, 3 + 2 = 5 e assim por diante. Desde o século XIII, muitos matemáticos, além do próprio Fibonacci, dedicaram-se ao estudo da sequência que foi proposta, e foram encontradas inúmeras aplicações para ela no desenvolvimento de modelos explicativos de fenômenos naturais.

Veja alguns exemplos das aplicações da sequência de Fibonacci e entenda porque ela é conhecida como uma das maravilhas da Matemática. A partir de dois quadrados de lado 1, podemos obter um retângulo de lados 2 e 1. Se adicionarmos a esse retângulo um quadrado de lado 2, obtemos um novo retângulo 3 x 2. Se adicionarmos agora um quadrado de lado 3, obtemos um retângulo 5 x 3. Observe a figura a seguir e veja que os lados dos quadrados que adicionamos para determinar os retângulos formam a sequência de Fibonacci.

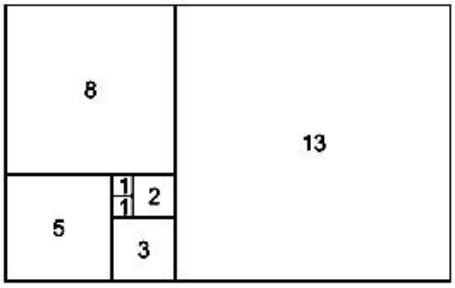

Se utilizarmos um compasso e traçarmos o quarto de circunferência inscrito em cada quadrado, encontraremos uma espiral formada pela concordância de arcos cujos raios são os elementos da sequência de Fibonacci.

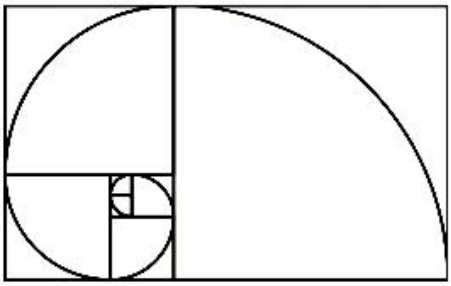

O Partenon que foi construído em Atenas pelo célebre arquiteto grego Fidias. A fachada principal do edifício, hoje em ruínas, era um retângulo que continha um quadrado de lado igual à altura. Essa forma sempre foi considerada satisfatória do ponto de vista estético por suas proporções sendo chamada retângulo áureo ou retângulo de ouro.

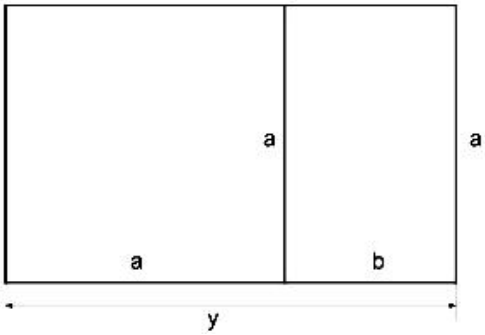

Como os dois retângulos indicados na figura são semelhantes temos: $\frac{y}{a} = \frac{a}{b}$ (1).

Como: b = y – a (2).
Substituindo (2) em (1) temos: $y^2 - ay - a^2 = 0$.

Resolvendo a equação:

$$y = \frac{a(1 \pm \sqrt{5}}{2} \quad \text{em que} \left(\frac{1-\sqrt{5}}{2} < 0\right) \text{não convém.}$$

Logo: $\frac{y}{a} = \frac{(1+\sqrt{5}}{2} = 1{,}61803398875$

Esse número é conhecido como número de ouro e pode ser representado por:

$$\theta = \frac{1+\sqrt{5}}{2}$$

Todo retângulo e que a razão entre o maior e o menor lado for igual a é chamado retângulo áureo como o caso da fachada do Partenon.

As figuras a seguir possuem números que representam uma sequência lógica. Veja os exemplos:

Exemplo 1

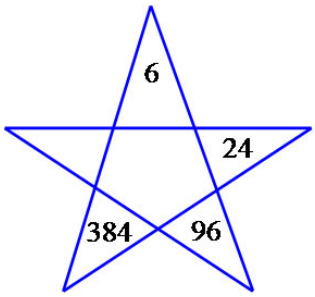

A sequência numérica proposta envolve multiplicações por 4.
6 x 4 = 24
24 x 4 = 96
96 x 4 = 384
384 x 4 = 1536

Exemplo 2

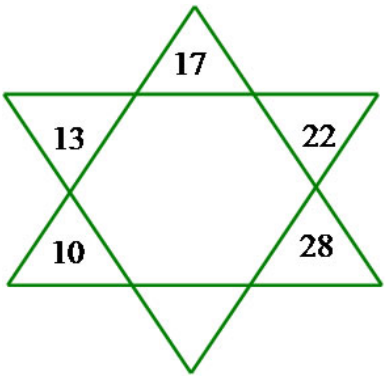

A diferença entre os números vai aumentando 1 unidade.
13 – 10 = 3
17 – 13 = 4
22 – 17 = 5
28 – 22 = 6
35 – 28 = 7

Exemplo 3

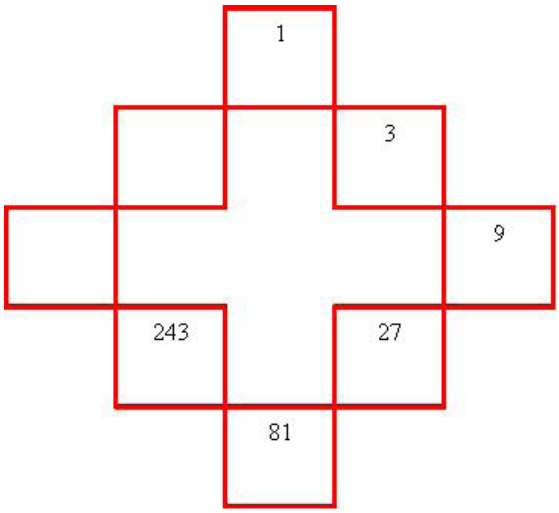

Multiplicar os números sempre por 3.
1 x 3 = 3
3 x 3 = 9
9 x 3 = 27
27 x 3 = 81
81 x 3 = 243
243 x 3 = 729
729 x 3 = 2187
Exemplo 4

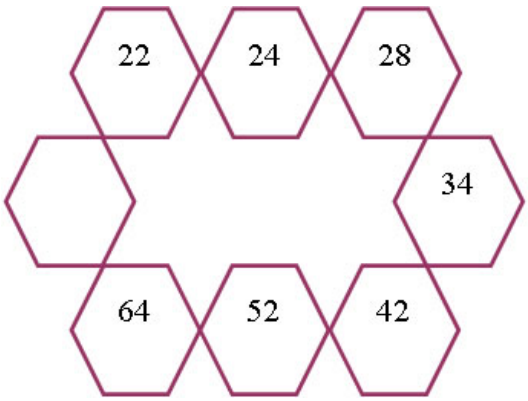

A diferença entre os números vai aumentando 2 unidades.
24 – 22 = 2
28 – 24 = 4
34 – 28 = 6
42 – 34 = 8
52 – 42 = 10
64 – 52 = 12
78 – 64 = 14

QUESTÕES

01. Observe atentamente a disposição das cartas em cada linha do esquema seguinte:

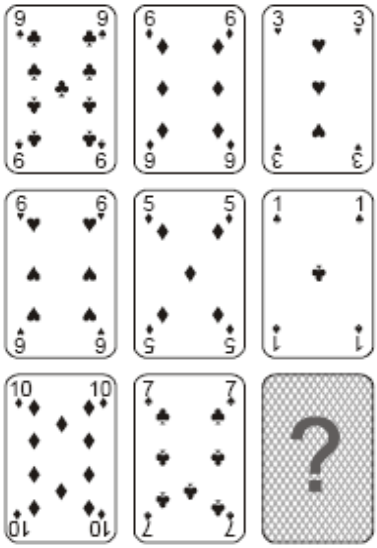

A carta que está oculta é:

(A) (B) (C)

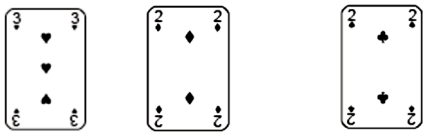

(D) (E)

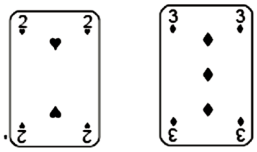

02. Considere que a sequência de figuras foi construída segundo um certo critério.

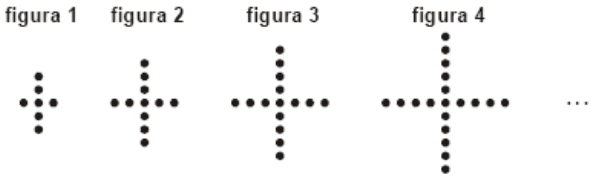

Se tal critério for mantido, para obter as figuras subsequentes, o total de pontos da figura de número 15 deverá ser:
(A) 69
(B) 67
(C) 65
(D) 63
(E) 61

03. O próximo número dessa sequência lógica é: 1000, 990, 970, 940, 900, 850, ...
(A) 800
(B) 790
(C) 780
(D) 770

04. Na sequência lógica de números representados nos hexágonos, da figura abaixo, observa-se a ausência de um deles que pode ser:

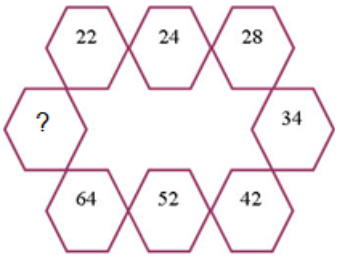

(A) 76
(B) 10
(C) 20
(D) 78

05. Uma criança brincando com uma caixa de palitos de fósforo constrói uma sequência de quadrados conforme indicado abaixo:

Quantos palitos ele utilizou para construir a 7ª figura?
(A) 20 palitos
(B) 25 palitos
(C) 28 palitos
(D) 22 palitos

06. Ana fez diversas planificações de um cubo e escreveu em cada um, números de 1 a 6. Ao montar o cubo, ela deseja que a soma dos números marcados nas faces opostas seja 7. A única alternativa cuja figura representa a planificação desse cubo tal como deseja Ana é:

(A)

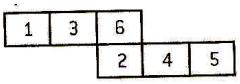

(B)

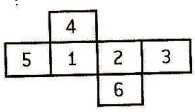

(C)

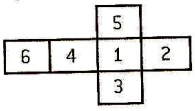

(D)

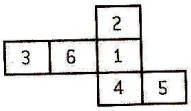

(E)

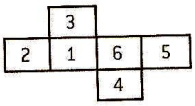

07. As figuras da sequência dada são formadas por partes iguais de um círculo.

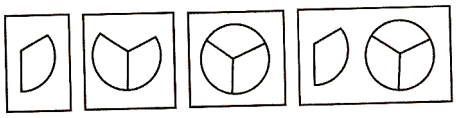

Continuando essa sequência, obtém-se exatamente 16 círculos completos na:
(A) 36ª figura
(B) 48ª figura
(C) 72ª figura
(D) 80ª figura
(E) 96ª figura

08. Analise a sequência a seguir:

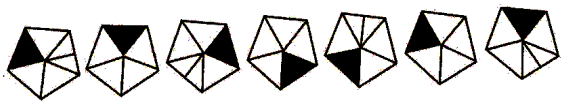

Admitindo-se que a regra de formação das figuras seguintes permaneça a mesma, pode-se afirmar que a figura que ocuparia a 277ª posição dessa sequência é:

(A)

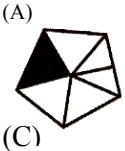

(B)

(C)

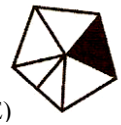

(D)

(E)

09. Observe a sequência: 2, 10, 12, 16, 17, 18, 19, ... Qual é o próximo número?
(A) 20
(B) 21
(C) 100
(D) 200

10. Observe a sequência: 3,13, 30, ... Qual é o próximo número?
(A) 4
(B) 20
(C) 31
(D) 21

11. Os dois pares de palavras abaixo foram formados segundo determinado critério.
LACRAÇÃO → cal
AMOSTRA → soma
LAVRAR → ?
Segundo o mesmo critério, a palavra que deverá ocupar o lugar do ponto de interrogação é:

NOVA CONCURSOS

(A) alar
(B) rala
(C) ralar
(D) larva
(E) arval

12. Observe que as figuras abaixo foram dispostas, linha a linha, segundo determinado padrão.

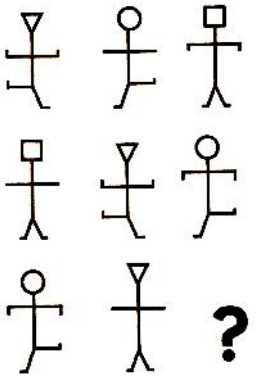

Segundo o padrão estabelecido, a figura que substitui corretamente o ponto de interrogação é:

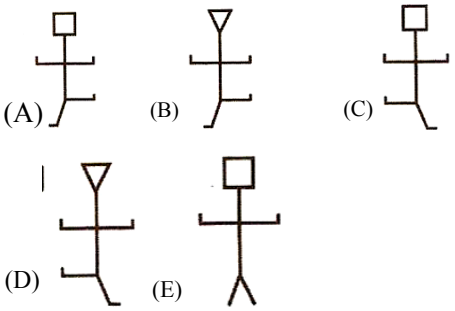

13. Observe que na sucessão seguinte os números foram colocados obedecendo a uma lei de formação.

4	8	5	X	7	14	11
4	12	10	Y	28	84	82

Os números X e Y, obtidos segundo essa lei, são tais que X + Y é igual a:
(A) 40
(B) 42
(C) 44
(D) 46
(E) 48

14. A figura abaixo representa algumas letras dispostas em forma de triângulo, segundo determinado critério.

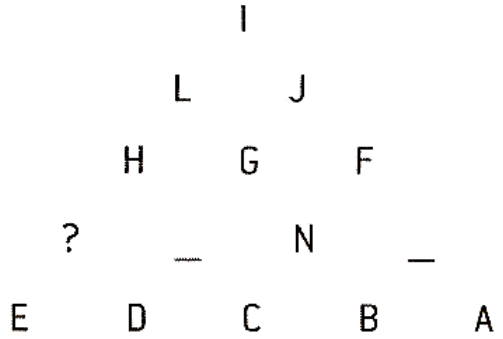

Considerando que na ordem alfabética usada são excluídas as letra "K", "W" e "Y", a letra que substitui corretamente o ponto de interrogação é:
(A) P
(B) O
(C) N
(D) M
(E) L

15. Considere que a sequência seguinte é formada pela sucessão natural dos números inteiros e positivos, sem que os algarismos sejam separados.

123456789101112131415161718192 0...

O algarismo que deve aparecer na 276ª posição dessa sequência é:
(A) 9
(B) 8
(C) 6
(D) 3
(E) 1

16. Em cada linha abaixo, as três figuras foram desenhadas de acordo com determinado padrão.

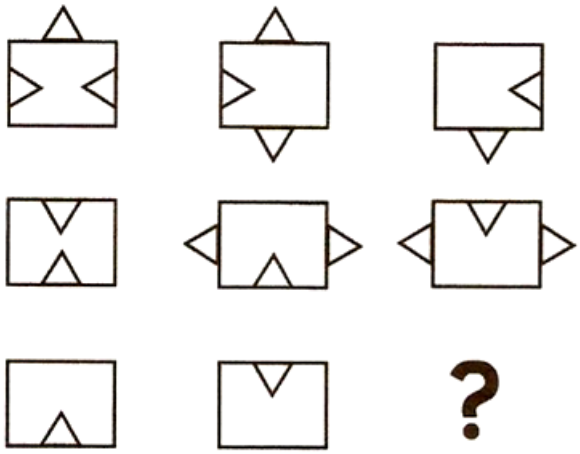

Segundo esse mesmo padrão, a figura que deve substituir o ponto de interrogação é:

(A)

(B) 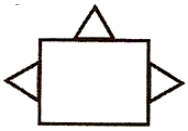

(C) 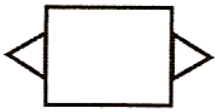

(D) 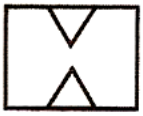

(E) 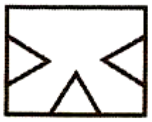

17. Observe que, na sucessão de figuras abaixo, os números que foram colocados nos dois primeiros triângulos obedecem a um mesmo critério

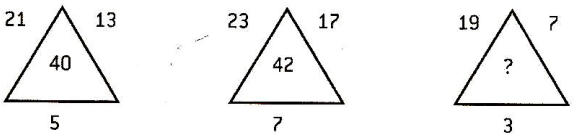

Para que o mesmo critério seja mantido no triângulo da direita, o número que deverá substituir o ponto de interrogação é:

(A) 32
(B) 36
(C) 38
(D) 42
(E) 46

18. Considere a seguinte sequência infinita de números: 3, 12, 27, __, 75, 108,... O número que preenche adequadamente a quarta posição dessa sequência é:

(A) 36,
(B) 40,
(C) 42,
(D) 44,
(E) 48

19. Observando a sequência $(1, \frac{1}{2}, \frac{1}{6}, \frac{1}{12}, \frac{1}{20}, \ldots)$ o próximo numero será:

(A) $\frac{1}{24}$

(B) $\frac{1}{30}$

(C) $\frac{1}{36}$

(D) $\frac{1}{40}$

20. Considere a sequência abaixo:

BBB	BXB	XXB
XBX	XBX	XBX
BBB	BXB	BXX

O padrão que completa a sequência é:

(A)	(B)	(C)
XXX	XXB	XXX
XXX	XBX	XXX
XXX	BXX	XXB

(D)	(E)
XXX	XXX
XBX	XBX
XXX	BXX

21. Na série de Fibonacci, cada termo a partir do terceiro é igual à soma de seus dois termos precedentes. Sabendo-se que os dois primeiros termos, por definição, são 0 e 1, o sexto termo da série é:

(A) 2
(B) 3
(C) 4
(D) 5
(E) 6

22. Nosso código secreto usa o alfabeto A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z. Do seguinte modo: cada letra é substituída pela letra que ocupa a quarta posição depois dela. Então, o "A" vira "E", o "B" vira "F", o "C" vira "G" e assim por diante. O código é "circular", de modo que o "U" vira "A" e assim por diante. Recebi uma mensagem em código que dizia: BSA HI EDAP. Decifrei o código e li:

(A) FAZ AS DUAS;
(B) DIA DO LOBO;
(C) RIO ME QUER;
(D) VIM DA LOJA;
(E) VOU DE AZUL.

23. A sentença "Social está para laicos assim como 231678 está para..." é melhor completada por:

(A) 326187;
(B) 876132;
(C) 286731;
(D) 827361;
(E) 218763.

24. A sentença "Salta está para Atlas assim como 25435 está para..." é melhor completada pelo seguinte número:

(A) 53452;
(B) 23455;
(C) 34552;
(D) 43525;
(E) 53542.

25. Repare que com um número de 5 algarismos, respeitada a ordem dada, podem-se criar 4 números de dois algarismos. Por exemplo: de 34.712, podem-se criar o 34, o 47, o 71 e o 12. Procura-se um número de 5 algarismos formado pelos algarismos 4, 5, 6, 7 e 8, sem repetição. Veja abaixo alguns números desse tipo e, ao lado de cada um deles, a quantidade de números de dois algarismos que esse número tem em comum com o número procurado.

Número dado	Quantidade de números de 2 algarismos em comum
48.765	1
86.547	0
87.465	2
48.675	1

O número procurado é:
(A) 87456
(B) 68745
(C) 56874
(D) 58746
(E) 46875

26. Considere que os símbolos ♦ e ♣ que aparecem no quadro seguinte, substituem as operações que devem ser efetuadas em cada linha, a fim de se obter o resultado correspondente, que se encontra na coluna da extrema direita.

36	♦	4	♣	5	=	14
48	♦	6	♣	9	=	17
54	♦	9	♣	7	=	?

Para que o resultado da terceira linha seja o correto, o ponto de interrogação deverá ser substituído pelo número:
(A) 16
(B) 15
(C) 14
(D) 13
(E) 12

27. Segundo determinado critério, foi construída a sucessão seguinte, em que cada termo é composto de um número seguido de uma letra: A1 – E2 – B3 – F4 – C5 – G6 – .... Considerando que no alfabeto usado são excluídas as letras K, Y e W, então, de acordo com o critério estabelecido, a letra que deverá anteceder o número 12 é:
(A) J
(B) L
(C) M
(D) N
(E) O

28. Os nomes de quatro animais – MARÁ, PERU, TATU e URSO – devem ser escritos nas linhas da tabela abaixo, de modo que cada uma das suas respectivas letras ocupe um quadrinho e, na diagonal sombreada, possa ser lido o nome de um novo animal.

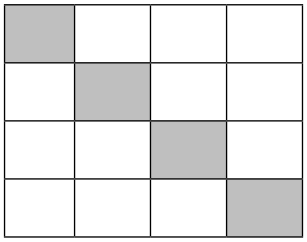

Excluídas do alfabeto as letras K, W e Y e fazendo cada letra restante corresponder ordenadamente aos números inteiros de 1 a 23 (ou seja, A = 1, B = 2, C = 3,..., Z = 23), a soma dos números que correspondem às letras que compõem o nome do animal é:
(A) 37
(B) 39
(C) 45
(D) 49
(E) 51

Nas questões 29 e 30, observe que há uma relação entre o primeiro e o segundo grupos de letras. A mesma relação deverá existir entre o terceiro grupo e um dos cinco grupos que aparecem nas alternativas, ou seja, aquele que substitui corretamente o ponto de interrogação. Considere que a ordem alfabética adotada é a oficial e exclui as letras K, W e Y.

29. CASA: LATA: LOBO: ?
(A) SOCO
(B) TOCO
(C) TOMO
(D) VOLO
(E) VOTO

30. ABCA: DEFD: HIJH: ?
(A) IJLI
(B) JLMJ
(C) LMNL
(D) FGHF
(E) EFGE

31. Os termos da sucessão seguinte foram obtidos considerando uma lei de formação (0, 1, 3, 4, 12, 123,...). Segundo essa lei, o décimo terceiro termo dessa sequência é um número:
(A) Menor que 200.
(B) Compreendido entre 200 e 400.
(C) Compreendido entre 500 e 700.
(D) Compreendido entre 700 e 1.000.
(E) Maior que 1.000.

Para responder às questões de números 32 e 33, você deve observar que, em cada um dos dois primeiros pares de palavras dadas, a palavra da direita foi obtida da palavra da esquerda segundo determinado critério. Você deve descobrir esse critério e usá-lo para encontrar a palavra que deve ser colocada no lugar do ponto de interrogação.

32. Ardoroso → rodo
Dinamizar → mina
Maratona → ?

(A) mana
(B) toma
(C) tona
(D) tora
(E) rato

33. Arborizado → azar
Asteroide → dias
Articular → ?
(A) luar
(B) arar
(C) lira
(D) luta
(E) rara

34. Preste atenção nesta sequência lógica e identifique quais os números que estão faltando: 1, 1, 2, __, 5, 8, __,21, 34, 55, __, 144, __...

35. Uma lesma encontra-se no fundo de um poço seco de 10 metros de profundidade e quer sair de lá. Durante o dia, ela consegue subir 2 metros pela parede; mas à noite, enquanto dorme, escorrega 1 metro. Depois de quantos dias ela consegue chegar à saída do poço?

36. Quantas vezes você usa o algarismo 9 para numerar as páginas de um livro de 100 páginas?

37. Quantos quadrados existem na figura abaixo?

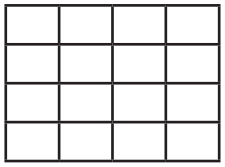

38. Retire três palitos e obtenha apenas três quadrados.

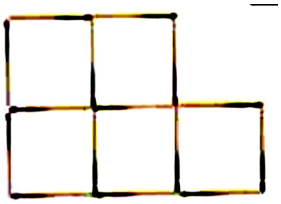

39. Qual será o próximo símbolo da sequência abaixo?

40. Reposicione dois palitos e obtenha uma figura com cinco quadrados iguais.

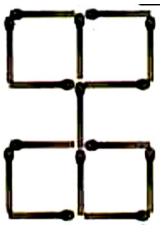

41. Observe as multiplicações a seguir:
12.345.679 × 18 = 222.222.222
12.345.679 × 27 = 333.333.333
... ...
12.345.679 × 54 = 666.666.666

Para obter 999.999.999 devemos multiplicar 12.345.679 por quanto?

42. Esta casinha está de frente para a estrada de terra. Mova dois palitos e faça com que fique de frente para a estrada asfaltada.

43. Remova dois palitos e deixe a figura com dois quadrados.

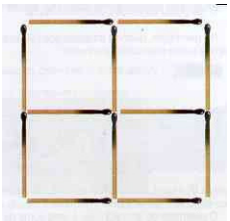

44. As cartas de um baralho foram agrupadas em pares, segundo uma relação lógica. Qual é a carta que está faltando, sabendo que K vale 13, Q vale 12, J vale 11 e A vale 1?

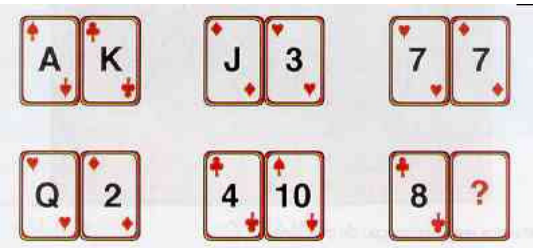

45. Mova um palito e obtenha um quadrado perfeito.

46. Qual o valor da pedra que deve ser colocada em cima de todas estas para completar a sequência abaixo?

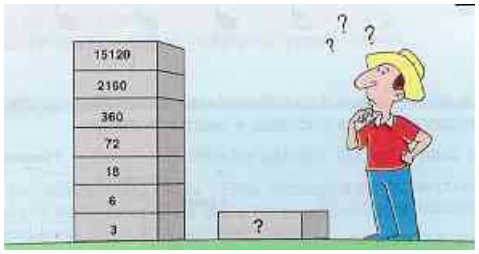

47. Mova três palitos nesta figura para obter cinco triângulos.

48. Tente dispor 6 moedas em 3 fileiras de modo que em cada fileira fiquem apenas 3 moedas.

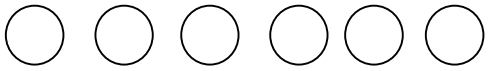

49. Reposicione três palitos e obtenha cinco quadrados.

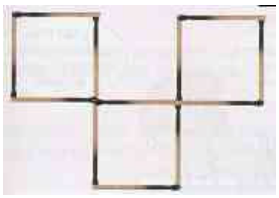

50. Mude a posição de quatro palitos e obtenha cinco triângulos.

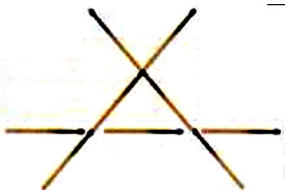

Respostas

01. Resposta: "A".

A diferença entre os números estampados nas cartas 1 e 2, em cada linha, tem como resultado o valor da 3ª carta e, além disso, o naipe não se repete. Assim, a 3ª carta, dentro das opções dadas só pode ser a da opção (A).

02. Resposta "D".

Observe que, tomando o eixo vertical como eixo de simetria, tem-se:

Na figura 1: 01 ponto de cada lado → 02 pontos no total.
Na figura 2: 02 pontos de cada lado → 04 pontos no total.
Na figura 3: 03 pontos de cada lado → 06 pontos no total.
Na figura 4: 04 pontos de cada lado → 08 pontos no total.
Na figura n: n pontos de cada lado → 2.n pontos no total.

Em particular:
Na figura 15: 15 pontos de cada lado → 30 pontos no total.

Agora, tomando o eixo horizontal como eixo de simetria, tem-se:

Na figura 1: 02 pontos acima e abaixo → 04 pontos no total.
Na figura 2: 03 pontos acima e abaixo → 06 pontos no total.
Na figura 3: 04 pontos acima e abaixo → 08 pontos no total.
Na figura 4: 05 pontos acima e abaixo → 10 pontos no total.
Na figura n: (n+1) pontos acima e abaixo → 2.(n+1) pontos no total.

Em particular:
Na figura 15: 16 pontos acima e abaixo → 32 pontos no total. Incluindo o ponto central, que ainda não foi considerado, temos para total de pontos da figura 15: Total de pontos = 30 + 32 + 1 = 63 pontos.

03. Resposta "B".

Nessa sequência, observamos que a diferença: entre 1000 e 990 é 10, entre 990 e 970 é 20, entre o 970 e 940 é 30, entre 940 e 900 é 40, entre 900 e 850 é 50, portanto entre 850 e o próximo número é 60, dessa forma concluímos que o próximo número é 790, pois: 850 – 790 = 60.

04. Resposta "D"

Nessa sequência lógica, observamos que a diferença: entre 24 e 22 é 2, entre 28 e 24 é 4, entre 34 e 28 é 6, entre 42 e 34 é 8, entre 52 e 42 é 10, entre 64 e 52 é 12, portanto entre o próximo número e 64 é 14, dessa forma concluímos que o próximo número é 78, pois: 76 – 64 = 14.

05. Resposta "D".

Observe a tabela:

Figuras	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª
Nº de Palitos	4	7	10	13	16	19	22

Temos de forma direta, pela contagem, a quantidade de palitos das três primeiras figuras. Feito isto, basta perceber que cada figura a partir da segunda tem a quantidade de palitos da figura anterior acrescida de 3 palitos. Desta forma, fica fácil preencher o restante da tabela e determinar a quantidade de palitos da 7ª figura.

06. Resposta "A".

Na figura apresentada na letra "B", não é possível obter a planificação de um lado, pois o 4 estaria do lado oposto ao 6, somando 10 unidades. Na figura apresentada na letra "C", da mesma forma, o 5 estaria em face oposta ao 3, somando 8, não formando um lado. Na figura da letra "D", o 2 estaria em face oposta ao 4, não determinando um lado. Já na figura apresentada na letra "E", o 1 não estaria em face oposta ao número 6, impossibilitando, portanto, a obtenção de um lado. Logo, podemos concluir que a planificação apresentada na letra "A" é a única para representar um lado.

07. Resposta "B".

Como na 3ª figura completou-se um círculo, para completar 16 círculos é suficiente multiplicar 3 por 16 : 3 . 16 = 48. Portanto, na 48ª figura existirão 16 círculos.

08. Resposta "B".

A sequência das figuras completa-se na 5ª figura. Assim, continua-se a sequência de 5 em 5 elementos. A figura de número 277 ocupa, então, a mesma posição das figuras que representam número 5n + 2, com n N. Ou seja, a 277ª figura corresponde à 2ª figura, que é representada pela letra "B".

09. Resposta "D".

A regularidade que obedece a sequência acima não se dá por padrões numéricos e sim pela letra que inicia cada número. "Dois, Dez, Doze, Dezesseis, Dezessete, Dezoito, Dezenove, ... Enfim, o próximo só pode iniciar também com "D": Duzentos.

10. Resposta "C".

Esta sequência é regida pela inicial de cada número. Três, Treze, Trinta,... O próximo só pode ser o número Trinta e um, pois ele inicia com a letra "T".

11. Resposta "E".

Na 1ª linha, a palavra CAL foi retirada das 3 primeiras letras da palavra LACRAÇÃO, mas na ordem invertida. Da mesma forma, na 2ª linha, a palavra SOMA é retirada da palavra AMOSTRA, pelas 4 primeira letras invertidas. Com isso, da palavra LAVRAR, ao se retirarem as 5 primeiras letras, na ordem invertida, obtém-se ARVAL.

12. Resposta "C".

Em cada linha apresentada, as cabeças são formadas por quadrado, triângulo e círculo. Na 3ª linha já há cabeças com círculo e com triângulo. Portanto, a cabeça da figura que está faltando é um quadrado. As mãos das figuras estão levantadas, em linha reta ou abaixadas. Assim, a figura que falta deve ter as mãos levantadas (é o que ocorre em todas as alternativas). As figuras apresentam as 2 pernas ou abaixadas, ou 1 perna levantada para a esquerda ou 1 levantada para a direita. Nesse caso, a figura que está faltando na 3ª linha deve ter 1 perna levantada para a esquerda. Logo, a figura tem a cabeça quadrada, as mãos levantadas e a perna erguida para a esquerda.

13. Resposta "A".

Existem duas leis distintas para a formação: uma para a parte superior e outra para a parte inferior. Na parte superior, tem-se que: do 1º termo para o 2º termo, ocorreu uma multiplicação por 2; já do 2º termo para o 3º, houve uma subtração de 3 unidades. Com isso, X é igual a 5 multiplicado por 2, ou seja, X = 10. Na parte inferior, tem-se: do 1º termo para o 2º termo ocorreu uma multiplicação por 3; já do 2º termo para o 3º, houve uma subtração de 2 unidades. Assim, Y é igual a 10 multiplicado por 3, isto é, Y = 30. Logo, X + Y = 10 + 30 = 40.

14. Resposta "A".

A sequência do alfabeto inicia-se na extremidade direita do triângulo, pela letra "A"; aumenta a direita para a esquerda; continua pela 3ª e 5ª linhas; e volta para as linhas pares na ordem inversa – pela 4ª linha até a 2ª linha. Na 2ª linha, então, as letras são, da direita para a esquerda, "M", "N", "O", e a letra que substitui corretamente o ponto de interrogação é a letra "P".

15. Resposta "B".

A sequência de números apresentada representa a lista dos números naturais. Mas essa lista contém todos os algarismos dos números, sem ocorrer a separação. Por exemplo: 101112 representam os números 10, 11 e 12. Com isso, do número 1 até o número 9 existem 9 algarismos. Do número 10 até o número 99 existem: 2 x 90 = 180 algarismos. Do número 100 até o número 124 existem: 3 x 25 = 75 algarismos. E do número 124 até o número 128 existem mais 12 algarismos. Somando todos os valores, tem-se: 9 + 180 + 75 + 12 = 276 algarismos. Logo, conclui-se que o algarismo que ocupa a 276ª posição é o número 8, que aparece no número 128.

16. Resposta "D".

Na 1ª linha, internamente, a 1ª figura possui 2 "orelhas", a 2ª figura possui 1 "orelha" no lado esquerdo e a 3ª figura possui 1 "orelha" no lado direito. Esse fato acontece, também, na 2ª linha, mas na parte de cima e na parte de baixo, internamente em relação às figuras. Assim, na 3ª linha ocorrerá essa regra, mas em ordem inversa: é a 3ª figura da 3ª linha que terá 2 "orelhas" internas, uma em cima e outra em baixo. Como as 2 primeiras figuras da 3ª linha não possuem "orelhas" externas, a 3ª figura também não terá orelhas externas. Portanto, a figura que deve substituir o ponto de interrogação é a 4ª.

NOVA CONCURSOS

17. Resposta "B".

No 1º triângulo, o número que está no interior do triângulo dividido pelo número que está abaixo é igual à diferença entre o número que está à direita e o número que está à esquerda do triângulo: 40 5 21 13 8.

A mesma regra acontece no 2º triângulo: 42 ÷ 7 = 23 - 17 = 6.

Assim, a mesma regra deve existir no 3º triângulo:

? ÷ 3 = 19 - 7

? ÷ 3 = 12

? = 12 x 3 = 36.

18. Resposta "E".

Verifique os intervalos entre os números que foram fornecidos. Dado os números 3, 12, 27, __, 75, 108, obteve-se os seguintes 9, 15, __, __, 33 intervalos. Observe que 3x3, 3x5, 3x7, 3x9, 3x11. Logo 3x7 = 21 e 3x 9 = 27. Então: 21 + 27 = 48.

19. Resposta "B".

Observe que o numerador é fixo, mas o denominador é formado pela sequência:

Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto	Quinto	Sexto
1	1 x 2 = 2	2 x 3 = 6	3 x 4 = 12	4 x 5 = 20	5 x 6 = 30

20. Resposta "D".

O que de início devemos observar nesta questão é a quantidade de B e de X em cada figura. Vejamos:

BBB	BXB	XXB
XBX	XBX	XBX
BBB	BXB	BXX
7B e 2X	5B e 4X	3B e 6X

Vê-se, que os "B" estão diminuindo de 2 em 2 e que os "X" estão aumentando de 2 em 2; notem também que os "B" estão sendo retirados um na parte de cima e um na parte de baixo e os "X" da mesma forma, só que não estão sendo retirados, estão, sim, sendo colocados. Logo a 4ª figura é:

XXX

XBX

XXX

1B e 8X

21. Resposta "D".

Montando a série de Fibonacci temos: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34... A resposta da questão é a alternativa "D", pois como a questão nos diz, cada termo a partir do terceiro é igual à soma de seus dois termos precedentes. 2 + 3 = 5

22. Resposta "E".

A questão nos informa que ao se escrever alguma mensagem, cada letra será substituída pela letra que ocupa a quarta posição, além disso, nos informa que o código é "circular", de modo que a letra "U" vira "A". Para decifrarmos, temos que perceber a posição do emissor e do receptor. O emissor ao escrever a mensagem conta quatro letras à frente para representar a letra que realmente deseja, enquanto que o receptor, deve fazer o contrário, contar quatro letras atrás para decifrar cada letra do código. No caso, nos foi dada a frase para ser decifrada, vê-se, pois, que, na questão, ocupamos a posição de receptores. Vejamos a mensagem: BSA HI EDAP. Cada letra da mensagem representa a quarta letra anterior de modo que:

VxzaB: B na verdade é V;

OpqrS: S na verdade é O;

UvxzA: A na verdade é U;

DefgH: H na verdade é D;

EfghI: I na verdade é E;

AbcdE: E na verdade é A;

ZabcD: D na verdade é Z;

UvxaA: A na verdade é U;

LmnoP: P na verdade é L;

23. Resposta "B".

A questão nos traz duas palavras que têm relação uma com a outra e, em seguida, nos traz uma sequência numérica. É perguntado qual sequência numérica tem a mesma ralação com a sequência numérica fornecida, de maneira que, a relação entre as palavras e a sequência numérica é a mesma. Observando as duas palavras dadas, podemos perceber facilmente que têm cada uma 6 letras e que as letras de uma se repete na outra em uma ordem diferente. Tal ordem, nada mais é, do que a primeira palavra de trás para frente, de maneira que SOCIAL vira LAICOS. Fazendo o mesmo com a sequência numérica fornecida, temos: 231678 viram 876132, sendo esta a resposta.

24. Resposta "A".

A questão nos traz duas palavras que têm relação uma com a outra, e em seguida, nos traz uma sequência numérica. Foi perguntado qual a sequência numérica que tem relação com a já dada de maneira que a relação entre as palavras e a sequência numérica é a mesma. Observando as duas palavras dadas podemos perceber facilmente que tem cada uma 6 letras e que as letras de uma se repete na outra em uma ordem diferente. Essa ordem diferente nada mais é, do que a primeira palavra de trás para frente, de maneira que SALTA vira ATLAS. Fazendo o mesmo com a sequência numérica fornecida temos: 25435 vira 53452, sendo esta a resposta.

25. Resposta "E".

Pelo número 86.547, tem-se que 86, 65, 54 e 47 não acontecem no número procurado. Do número 48.675, as opções 48, 86 e 67 não estão em nenhum dos números apresentados nas alternativas. Portanto, nesse número a coincidência se dá no número 75. Como o único número apresentado nas alternativas que possui a sequência 75 é 46.875, tem-se, então, o número procurado.

26. Resposta "D".

O primeiro símbolo representa a divisão e o 2º símbolo representa a soma. Portanto, na 1ª linha, tem-se: 36 ÷ 4 + 5 = 9 + 5 = 14. Na 2ª linha, tem-se: 48 ÷ 6 + 9 = 8 + 9 = 17. Com isso, na 3ª linha, ter-se-á: 54 ÷ 9 + 7 = 6 + 7 = 13. Logo, podemos concluir então que o ponto de interrogação deverá ser substituído pelo número 13.

27. Resposta "A".

As letras que acompanham os números ímpares formam a sequência normal do alfabeto. Já a sequência que acompanha os números pares inicia-se pela letra "E", e continua de acordo com a sequência normal do alfabeto: 2ª letra: E, 4ª letra: F, 6ª letra: G, 8ª letra: H, 10ª letra: I e 12ª letra: J.

28. Resposta "D".

Escrevendo os nomes dos animais apresentados na lista – MARÁ, PERU, TATU e URSO, na seguinte ordem: PERU, MARÁ, TATU e URSO, obtém-se na tabela:

P	E	R	U
M	A	R	A
T	A	T	U
U	R	S	O

O nome do animal é PATO. Considerando a ordem do alfabeto, tem-se: P = 15, A = 1, T = 19 e 0 = 14. Somando esses valores, obtém-se: 15 + 1 + 19 + 14 = 49.

29. Resposta "B".

Na 1ª e na 2ª sequências, as vogais são as mesmas: letra "A". Portanto, as vogais da 4ª sequência de letras deverão ser as mesmas da 3ª sequência de letras: "O". A 3ª letra da 2ª sequência é a próxima letra do alfabeto depois da 3ª letra da 1ª sequência de letras. Portanto, na 4ª sequência de letras, a 3ª letra é a próxima letra depois de "B", ou seja, a letra "C". Em relação à primeira letra, tem-se uma diferença de 7 letras entre a 1ª letra da 1ª sequência e a 1ª letra da 2ª sequência. Portanto, entre a 1ª letra da 3ª sequência e a 1ª letra da 4ª sequência, deve ocorrer o mesmo fato. Com isso, a 1ª letra da 4ª sequência é a letra "T". Logo, a 4ª sequência de letras é: T, O, C, O, ou seja, TOCO.

30. Resposta "C".

Na 1ª sequência de letras, ocorrem as 3 primeiras letras do alfabeto e, em seguida, volta-se para a 1ª letra da sequência. Na 2ª sequência, continua-se da 3ª letra da sequência anterior, formando-se DEF, voltando-se novamente, para a 1ª letra desta sequência: D. Com isto, na 3ª sequência, têm-se as letras HIJ, voltando-se para a 1ª letra desta sequência: H. Com isto, a 4ª sequência iniciará pela letra L, continuando por M e N, voltando para a letra L. Logo, a 4ª sequência da letra é: LMNL.

31. Resposta "E".

Do 1º termo para o 2º termo, ocorreu um acréscimo de 1 unidade. Do 2º termo para o 3º termo, ocorreu a multiplicação do termo anterior por 3. E assim por diante, até que para o 7º termo temos 13 . 3 = 39. 8º termo = 39 + 1 = 40. 9º termo = 40 . 3 = 120. 10º termo = 120 + 1 = 121. 11º termo = 121 . 3 = 363. 12º termo = 363 + 1 = 364. 13º termo = 364 . 3 = 1.092. Portanto, podemos concluir que o 13º termo da sequência é um número maior que 1.000.

32. Resposta "D".

Da palavra "ardoroso", retiram-se as sílabas "do" e "ro" e inverteu-se a ordem, definindo-se a palavra "rodo". Da mesma forma, da palavra "dinamizar", retiram-se as sílabas "na" e "mi", definindo-se a palavra "mina". Com isso, podemos concluir que da palavra "maratona". Deve-se retirar as sílabas "ra" e "to", criando-se a palavra "tora".

33. Resposta "A".

Na primeira sequência, a palavra "azar" é obtida pelas letras "a" e "z" em sequência, mas em ordem invertida. Já as letras "a" e "r" são as 2 primeiras letras da palavra "arborizado". A palavra "dias" foi obtida da mesma forma: As letras "d" e "i" são obtidas em sequência, mas em ordem invertida. As letras "a" e "s" são as 2 primeiras letras da palavra "asteroides". Com isso, para a palavras "articular", considerando as letras "i" e "u", que estão na ordem invertida, e as 2 primeiras letras, obtém-se a palavra "luar".

34. O nome da sequência é Sequência de Fibonacci. O número que vem é sempre a soma dos dois números imediatamente atrás dele. A sequência correta é: 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233...

35.

Dia	Subida	Descida
1º	2m	1m
2º	3m	2m
3º	4m	3m
4º	5m	4m
5º	6m	5m
6º	7m	6m
7º	8m	7m
8º	9m	8m
9º	10m	----

Portanto, depois de 9 dias ela chegará na saída do poço.

36. 09 – 19 – 29 – 39 – 49 – 59 – 69 – 79 – 89 – 90 – 91 – 92 – 93 – 94 – 95 – 96 – 97 – 98 – 99. Portanto, são necessários 20 algarismos.

NOVA CONCURSOS

37.

= 16

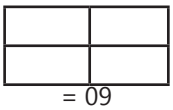

= 09

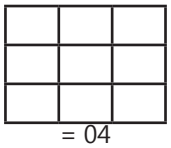

= 04

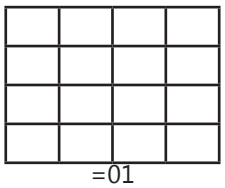

=01

Portanto, há 16 + 9 + 4 + 1 = 30 quadrados.

38.

39. Os símbolos são como números em frente ao espelho. Assim, o próximo símbolo será 88.

40.

41.
12.345.679 × (2×9) = 222.222.222
12.345.679 × (3×9) = 333.333.333
... ...
12.345.679 × (4×9) = 666.666.666
Portanto, para obter 999.999.999 devemos multiplicar 12.345.679 por (9x9) = 81

42.

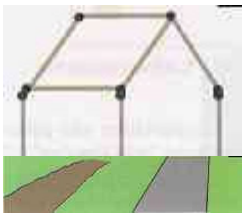

43.

44. Sendo A = 1, J = 11, Q = 12 e K = 13, a soma de cada par de cartas é igual a 14 e o naipe de paus sempre forma par com o naipe de espadas. Portanto, a carta que está faltando é o 6 de espadas.

45. Quadrado perfeito em matemática, sobretudo na aritmética e na teoria dos números, é um número inteiro não negativo que pode ser expresso como o quadrado de um outro número inteiro. Ex: 1, 4, 9...
No exercício 2 elevado a 2 = 4

46. Observe que:

3	6	18	72	360	2160	15120

x2 x3 x4 x5 x6 x7

Portanto, a próxima pedra terá que ter o valor: 15.120 x 8 = 120.960

47.

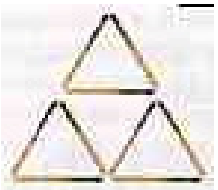

48.

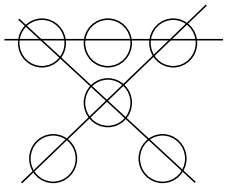

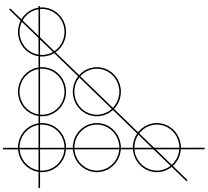

49.

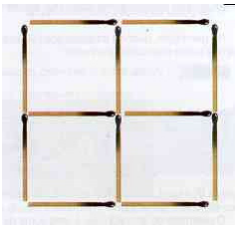

50.

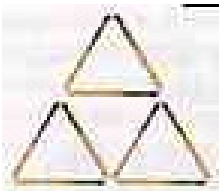

COMPREENSÃO DO PROCESSO LÓGICO QUE, A PARTIR DE UM CONJUNTO DE HIPÓTESES, CONDUZ, DE FORMA VÁLIDA, A CONCLUSÕES DETERMINADAS. ESTRUTURA LÓGICA DE RELAÇÕES ARBITRÁRIAS ENTRE PESSOAS, LUGARES, OBJETOS OU EVENTOS FICTÍCIOS; DEDUZIR NOVAS INFORMAÇÕES DAS RELAÇÕES FORNECIDAS E AVALIAR AS CONDIÇÕES USADAS PARA ESTABELECER A ESTRUTURA DAQUELAS RELAÇÕES.

Estruturas lógicas

1. Proposição

Proposição ou sentença é um termo utilizado para exprimir ideias, através de um conjunto de palavras ou símbolos. Este conjunto descreve o conteúdo dessa ideia.

São exemplos de **proposições**:

p: Pedro é médico.

q: 5 > 8

r: Luíza foi ao cinema ontem à noite.

2. Princípios fundamentais da lógica

Princípio da Identidade: A é A. Uma coisa é o que é. O que é, é; e o que não é, não é. Esta formulação remonta a Parménides de Eleia.

Principio da não contradição: Uma proposição não pode ser verdadeira e falsa, ao mesmo tempo.

Principio do terceiro excluído: Uma alternativa só pode ser verdadeira ou falsa.

3. Valor lógico

Considerando os princípios citados acima, uma proposição é classificada como verdadeira ou falsa.

Sendo assim o valor lógico será:

- a verdade (**V**), quando se trata de uma proposição verdadeira.

- a falsidade (**F**), quando se trata de uma proposição falsa.

4. Conectivos lógicos

Conectivos lógicos são palavras usadas para conectar as proposições formando novas sentenças.

Os principais conectivos lógicos são:

~	não
$\wedge$	e
V	Ou
→	se...então
↔	se e somente se

5. Proposições simples e compostas

As proposições simples são assim caracterizadas por apresentarem apenas uma ideia. São indicadas pelas letras minúsculas: p, q, r, s, t...

As proposições compostas são assim caracterizadas por apresentarem mais de uma proposição conectadas pelos conectivos lógicos. São indicadas pelas letras maiúsculas: P, Q, R, S, T...

Obs: A notação Q(r, s, t), por exemplo, está indicando que a proposição composta Q é formada pelas proposições simples r, s e t.

Exemplo:

Proposições simples:

p: Meu nome é Raissa

q: São Paulo é a maior cidade brasileira

r: 2+2=5

s: O número 9 é ímpar

t: O número 13 é primo

Proposições compostas

P: O número 12 é divisível por 3 e 6 é o dobro de 12.

Q: A raiz quadrada de 9 é 3 e 24 é múltiplo de 3.

R(s, t): O número 9 é ímpar e o número 13 é primo.

6. Tabela-Verdade

A tabela-verdade é usada para determinar o valor lógico de uma proposição composta, sendo que os valores das proposições simples já são conhecidos. Pois o valor lógico da proposição composta depende do valor lógico da proposição simples.

A seguir vamos compreender como se constrói essas tabelas-verdade partindo da árvore das possibilidades dos valores lógicos das preposições simples, e mais adiante veremos como determinar o valor lógico de uma proposição composta.

Proposição composta do tipo P(p, q)

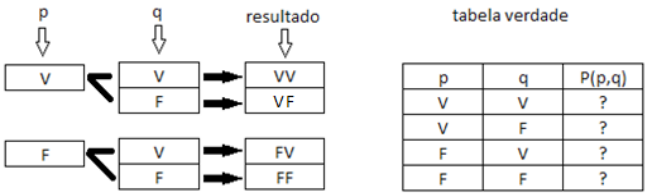

Proposição composta do tipo P(p, q, r)

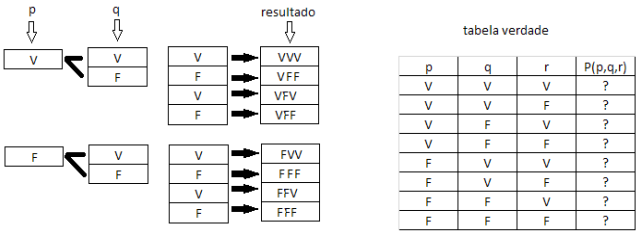

Proposição composta do tipo P(p, q, r, s)

A tabela-verdade possui $2^4 = 16$ linhas e é formada igualmente as anteriores.

Proposição composta do tipo P(p1, p2, p3,..., pn)

A tabela-verdade possui 2^n linhas e é formada igualmente as anteriores.

7. O conectivo <u>não</u> e a negação

O conectivo **não** e a **negação** de uma proposição **p** é outra proposição que tem como valor lógico **V** se p for falsa e **F** se p é verdadeira. O símbolo ~p (**não p**) representa a negação de **p** com a seguinte tabela-verdade:

P	~P
V	F
F	V

Exemplo:

p = 7 é ímpar
~p = 7 não é ímpar

P	~P
V	F

q = 24 é múltiplo de 5
~q = 24 não é múltiplo de 5

q	~q
F	V

8. O conectivo <u>e</u> e a conjunção

O conectivo **e** e a **conjunção** de duas proposições **p** e **q** é outra proposição que tem como valor lógico **V** se p e q forem verdadeiras, e **F** em outros casos. O símbolo p ∧ q (**p e q**) representa a conjunção, com a seguinte tabela-verdade:

P	q	p ∧ q
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	F

Exemplo

p = 2 é par
q = o céu é rosa
p **∧** q = 2 é par **e** o céu é rosa

P	q	p ∧ q
V	F	F

p = 9 < 6
q = 3 é par
p **∧** q: 9 < 6 **e** 3 é par

P	q	p ∧ q
F	F	F

9. O conectivo <u>ou</u> e a disjunção

O conectivo **ou** e a **disjunção** de duas proposições **p** e **q** é outra proposição que tem como valor lógico **V** se alguma das proposições for verdadeira e **F** se as duas forem falsas. O símbolo p □ q (**p ou q**) representa a disjunção, com a seguinte tabela-verdade:

P	q	p V q
V	V	V
V	F	V
F	V	V
F	F	F

Exemplo:

p = 2 é par
q = o céu é rosa
p **v** q = 2 é par **ou** o céu é rosa

P	q	p V q
V	F	V

10. O conectivo <u>se... então...</u> e a condicional

A condicional se **p** então **q** é outra proposição que tem como valor lógico **F** se p é verdadeira e q é falsa. O símbolo p → q representa a condicional, com a seguinte tabela-verdade:

P	q	p → q
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

Exemplo:
P: 7 + 2 = 9
Q: 9 – 7 = 2
p → q: **Se** 7 + 2 = 9 **então** 9 – 7 = 2

P	q	p → q
V	V	V

p = 7 + 5 < 4
q = 2 é um número primo
p → q: **Se** 7 + 5 < 4 **então** 2 é um número primo.

P	q	p → q
F	V	V

p = 24 é múltiplo de 3 q = 3 é par
p → q: **Se** 24 é múltiplo de 3 **então** 3 é par.

P	q	p → q
V	F	F

p = 25 é múltiplo de 2
q = 12 < 3
p → q: **Se** 25 é múltiplo de 2 **então** 2 < 3.

P	q	p → q
F	F	V

11. O conectivo <u>se e somente se</u> e a bicondicional

A bicondicional **p** se e somente se **q** é outra proposição que tem como valor lógico **V** se p e q forem ambas verdadeiras ou ambas falsas, e **F** nos outros casos.

O símbolo $p \leftrightarrow q$ representa a bicondicional, com a seguinte tabela-verdade:

P	q	p ↔ q
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	V

Exemplo
p = 24 é múltiplo de 3
q = 6 é ímpar
$p \leftrightarrow q$= 24 é múltiplo de 3 **se, e somente se,** 6 é ímpar.

P	q	p ↔ q
V	F	F

12. Tabela-Verdade de uma proposição composta

Exemplo

Veja como se procede a construção de uma tabela-verdade da proposição composta P(p, q) = ((p □ q) → (~p)) → (p □ q), onde p e q são duas proposições simples.

Resolução

Uma tabela-verdade de uma proposição do tipo P(p, q) possui 2^4 = 4 linhas, logo:

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V					
V	F					
F	V					
F	F					

Agora veja passo a passo a determinação dos valores lógicos de P.

a) Valores lógicos de p ν q

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V				
V	F	V				
F	V	V				
F	F	F				

b) Valores lógicos de ~P

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V	F			
V	F	V	F			
F	V	V	V			
F	F	F	V			

c) Valores lógicos de (p V p)→(~p)

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V	F	F		
V	F	V	F	F		
F	V	V	V	V		
F	F	F	V	V		

d) Valores lógicos de p Λ q

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V	F	F	V	
V	F	V	F	F	F	
F	V	V	V	V	F	
F	F	F	V	V	F	

e) Valores lógicos de ((p V p)→(~p))→(p Λ q)

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V	F	F	V	V
V	F	V	F	F	F	V
F	V	V	V	V	F	F
F	F	F	V	V	F	F

13. Tautologia

Uma proposição composta formada por duas ou mais proposições **p**, **q**, **r**, ... será dita uma **Tautologia** se ela for **sempre verdadeira**, independentemente dos valores lógicos das proposições **p**, **q**, **r**, ... que a compõem.

Exemplos:

• Gabriela passou no concurso do INSS **ou** Gabriela **não** passou no concurso do INSS

• **Não é verdade** que o professor Zambeli parece com o Zé gotinha **ou** o professor Zambeli parece com o Zé gotinha.

Ao invés de duas proposições, nos exemplos temos uma única proposição, afirmativa e negativa. Vamos entender isso melhor.

Exemplo:

Grêmio cai para segunda divisão **ou** o Grêmio **não** cai para segunda divisão

Vamos chamar a primeira proposição de "**p"** a segunda de "~**p**" e o conetivo de "V"

Assim podemos representar a "frase" acima da seguinte forma: **p V ~p**

Exemplo

A proposição **p ∨ (~p)** é uma tautologia, pois o seu valor lógico é sempre V, conforme a tabela-verdade.

p	~P	p V q
V	F	V
F	V	V

Exemplo

A proposição **(p Λ q) → (p q)** é uma tautologia, pois a última coluna da tabela-verdade só possui V.

p	q	p Λ q	p↔q	(p Λ q)→(p↔q)
V	V	V	V	V
V	F	F	F	V
F	V	F	F	V
F	F	F	V	V

14. Contradição

Uma proposição composta formada por duas ou mais proposições **p**, **q**, **r**, ... será dita uma **contradição** se ela for **sempre falsa**, independentemente dos valores lógicos das proposições **p**, **q**, **r**, ... que a compõem

Exemplos:

• O Zorra total é uma porcaria **e** Zorra total **não** é uma porcaria

• Suelen mora em Petrópolis **e** Suelen **não** mora em Petrópolis

Ao invés de duas proposições, nos exemplos temos uma única proposição, afirmativa e negativa. Vamos entender isso melhor.

Exemplo:

Lula é o presidente do Brasil **e** Lula **não** é o presidente do Brasil

Vamos chamar a primeira proposição de "**p"** a segunda de "~**p**" e o conetivo de "^"

Assim podemos representar a "frase" acima da seguinte forma: **p ^ ~p**

NOVA CONCURSOS

Exemplo

A proposição **(p Λ q) Λ (p Λ q)** é uma contradição, pois o seu valor lógico é sempre F conforme a tabela-verdade. Que significa que uma proposição não pode ser falsa e verdadeira ao mesmo tempo, isto é, o princípio da não contradição.

p	~P	q Λ (~q)
V	F	F
F	V	F

15. Contingência

Quando uma proposição não é tautológica nem contra válida, a chamamos de *contingência* ou *proposição contingente* ou *proposição indeterminada*.

A contingência ocorre quando há tanto valores V como F na última coluna da tabela-verdade de uma proposição. Exemplos: $P \wedge Q$, $P \vee Q$, $P \rightarrow Q$ ...

16. **Implicação lógica**

Definição

A proposição **P** implica a proposição **Q**, quando a condicional **P** → **Q** for uma **tautologia**.

O símbolo P ⇒ Q (**P implica Q**) representa a implicação lógica.

Diferenciação dos símbolos → e ⇒

O símbolo → representa uma operação matemática entre as proposições **P** e **Q** que tem como resultado a proposição **P** → **Q**, com valor lógico **V** ou **F**.

O símbolo ⇒ representa a não ocorrência de **VF** na tabela-verdade de **P** → **Q**, ou ainda que o valor lógico da condicional **P** → **Q** será sempre **V**, ou então que **P** → **Q** é uma tautologia.

Exemplo

A tabela-verdade da condicional (p Λ q) → (p ↔ q) será:

p	q	p Λ q	P↔Q	(p Λ q)→(P↔Q)
V	V	V	V	V
V	F	F	F	V
F	V	F	F	V
F	F	F	V	V

Portanto, **(p Λ q)** → **(p** ↔ **q)** é uma tautologia, por isso **(p Λ q)** ⇒ **(p** ↔**q)**

17. **Equivalência lógica**

Definição

Há equivalência entre as proposições **P** e **Q** somente quando a bicondicional **P** ↔ **Q** for uma tautologia ou quando **P** e **Q** tiverem a mesma tabela-verdade. P □ Q (**P é equivalente a Q**) é o símbolo que representa a equivalência lógica.

Diferenciação dos símbolos ↔ e ⇔

O símbolo ↔ representa uma operação entre as proposições **P** e **Q**, que tem como resultado uma nova proposição **P** ↔ **Q** com valor lógico **V** ou **F**.

O símbolo ⇔ representa a não ocorrência de **VF** e de **FV** na tabela-verdade **P** ↔ **Q**, ou ainda que o valor lógico de **P** ↔ **Q** é sempre **V**, ou então **P** ↔ **Q** é uma tautologia.

Exemplo

A tabela da bicondicional (p → q) ↔ (~q → ~p) será:

p	q	~q	~p	p→q	~q→~p	(p→q)↔(~q→~p)
V	V	F	F	V	V	V
V	F	V	F	F	F	V
F	V	F	V	V	V	V
F	F	V	V	V	V	V

Portanto, p → q é equivalente a ~q → ~p, pois estas proposições possuem a mesma tabela-verdade ou a bicondicional (p → q) ↔ (~q → ~p) é uma tautologia.

Veja a representação:

(p → q) ⇔ (~q → ~p)

EQUIVALÊNCIAS LOGICAS NOTÁVEIS

Dizemos que duas proposições são logicamente equivalentes (ou simplesmente equivalentes) quando os resultados de suas tabelas-verdade são idênticos.

Uma consequência prática da equivalência lógica é que ao trocar uma dada proposição por qualquer outra que lhe seja equivalente, estamos apenas mudando a maneira de dizê-la.

A equivalência lógica entre duas proposições, p e q, pode ser representada simbolicamente como: p q, ou simplesmente por p = q.

Começaremos com a descrição de algumas equivalências lógicas básicas.

Equivalências Básicas

1. p e p = p

Ex: André **é inocente e inocente** = André é inocente

2. p ou p = p

Ex: Ana foi ao cinema ou ao cinema = Ana foi ao cinema

3. p e q = q e p

Ex: O cavalo é forte e veloz = O cavalo é veloz e forte

4. p ou q = q ou p

Ex: O carro é branco ou azul = O carro é azul ou branco

5. p ↔ q = q ↔ p

Ex: Amo se e somente se vivo = Vivo se e somente se amo.

6. p ↔ q = (pq) e (qp)

Ex: Amo se e somente se vivo = Se amo então vivo, e se vivo então amo

Para facilitar a memorização, veja a tabela abaixo:

p e p	p
p ou p	p
p e q	q e p
p ou q	q ou p
p ↔ q	q ↔ p
p ↔ q	(p→q) e (q→p)

Equivalências da Condicional

As duas equivalências que se seguem são de fundamental importância. Estas equivalências podem ser verificadas, ou seja, demonstradas, por meio da comparação entre as tabelas-verdade. Fica como exercício para casa estas demonstrações. As equivalências da condicional são as seguintes:

1) Se p então q = Se não q então não p.

Ex: Se chove então me molho = Se não me molho então não chove

2) Se p então q = Não p ou q.

Ex: Se estudo então passo no concurso = Não estudo ou passo no concurso

Colocando estes resultados em uma tabela, para ajudar a memorização, teremos:

p → q	~q → ~p
p → q	~p V q

Equivalências com o Símbolo da Negação

Este tipo de equivalência já foi estudado. Trata-se, tão somente, das negações das proposições compostas! Lembremos:

Negativa de (p e q)	~p ou ~q
Negativa de (p ou q)	~p e ~q
Negativa de (p → q)	p e ~q
Negativa de (p↔q)	[(p e ~q) ou (q e ~p)]

É possível que surja alguma dúvida em relação a última linha da tabela acima. Porém, basta lembrarmos do que foi aprendido:

p↔q = (pq) e (qp)

(Obs: a BICONDICIONAL tem esse nome: porque equivale a duas condicionais!)

Para negar a bicondicional, teremos na verdade que negar a sua conjunção equivalente.

E para negar uma conjunção, já sabemos, nega-se as duas partes e troca-se o E por OU. Fica para casa a demonstração da negação da bicondicional. Ok?

Outras equivalências

Algumas outras equivalências que podem ser relevantes são as seguintes:

1) p e (p ou q) = p

Ex: Paulo é dentista, e Paulo é dentista ou Pedro é médico = Paulo é dentista

2) p ou (p e q) = p

Ex: Paulo é dentista, ou Paulo é dentista e Pedro é médico = Paulo é dentista

Por meio das tabelas-verdade estas equivalências podem ser facilmente demonstradas.

Para auxiliar nossa memorização, criaremos a tabela seguinte:

p e (p ou q)	p
p ou (p e q)	p

NEGAÇAO DE PROPOSIÇÕES COMPOSTAS

Proposição	Negação da Proposição
(A e B)	~A ou ~B
(A ou B)	~A e ~B
(A → B)	A e ~B
(A ↔ B)	1ª forma) ~(A→B e B→A) = (A e ~B) ou (B e ~A) 2ª forma) A <u>ou</u> B
(A <u>ou</u> B)	A ↔ B

Questoes comentadas:

1. (PROCERGS - Técnico de Nível Médio - Técnico em Segurança do Trabalho - FUNDATEC/2012) A proposição "João comprou um carro novo ou não é verdade que João comprou um carro novo e não fez a viagem de férias." é:

A) um paradoxo.
B) um silogismo.
C) uma tautologia.
D) uma contradição.
E) uma contingência.

Tautologia é uma proposição composta cujo resultado é sempre verdadeiro para todas as atribuições que se têm, independentemente dessas atribuições.

Rodrigo, posso estar errada, mas ao construir a tabela-verdade com a proposição que você propôs não vamos ter uma tautologia, mas uma contingência.

A proposição a ser utilizada aqui seria a seguinte: P v ~(P ^ ~Q), que, ao construirmos a tabela-verdade ficaria da seguinte forma:

P	Q	~Q	(P/\~Q)	~(P/\~Q)	P V ~(P/\~Q)
V	V	F	F	V	V
V	F	V	V	F	V
F	V	F	F	V	V
F	F	V	F	V	V

2. (PM-BA - Soldado da Polícia Militar - FCC /2012)
A negação lógica da proposição: "Pedro é o mais velho da classe ou Jorge é o mais novo da classe" é
A) Pedro não è o mais novo da classe ou Jorge não é o mais velho da classe.
B) Pedro é o mais velho da classe e Jorge não é o mais novo da classe.
C) Pedro não é o mais velho da classe e Jorge não é o mais novo da classe.
D) Pedro não é o mais novo da classe e Jorge não é o mais velho da classe.
E) Pedro é o mais novo da classe ou Jorge é o mais novo da classe.

p v q= Pedro é o mais velho da classe ou Jorge é o mais novo da classe.
~p=Pedro não é o mais velho da classe.
~q=Jorge não é o mais novo da classe.
~(p v q)=~p v ~q= Pedro não é o mais velho da classe ou Jorge não é o mais novo da classe.

3. (PC-MA - Farmacêutico Legista - FGV/2012)
Em frente à casa onde moram João e Maria, a prefeitura está fazendo uma obra na rua. Se o operário liga a britadeira, João sai de casa e Maria não ouve a televisão. Certo dia, depois do almoço, Maria ouve a televisão.
Pode-se concluir, logicamente, que
A) João saiu de casa.
B) João não saiu de casa.
C) O operário ligou a britadeira.
D) O operário não ligou a britadeira.
E) O operário ligou a britadeira e João saiu de casa.
"Se o operário liga a britadeira, João sai de casa e Maria não ouve a televisão", logo se Maria ouve a televisão, a britadeira não pode estar ligada.

(TJ-AC - Técnico Judiciário - Informática - CESPE/2012)
Em decisão proferida acerca da prisão de um réu, depois de constatado pagamento de pensão alimentícia, o magistrado determinou: "O réu deve ser imediatamente solto, se por outro motivo não estiver preso".
Considerando que a determinação judicial corresponde a uma proposição e que a decisão judicial será considerada descumprida se, e somente se, a proposição correspondente for falsa, julgue os itens seguintes.

4. Se o réu permanecer preso, mesmo não havendo outro motivo para estar preso, então, a decisão judicial terá sido descumprida.
A) Certo
B) Errado
A decisão judicial é "O réu deve ser imediatamente solto, se por outro motivo não estiver preso", logo se o réu continuar preso sem outro motivo para estar preso, será descumprida a decisão judicial.

5. Se o réu for imediatamente solto, mesmo havendo outro motivo para permanecer preso, então, a decisão judicial terá sido descumprida.
A) Certo
B) Errado
P = se houver outro motivo
Q = será solto
A decisão foi: Se não P então Q, logo VV = V
A questão afirma: Se P então Q, logo FV = V
Não contrariou, iria contrariar se a questão resultasse V + F = F

6. As proposições "Se o réu não estiver preso por outro motivo, deve ser imediatamente solto" e "Se o réu não for imediatamente solto, então, ele está preso por outro motivo" são logicamente equivalentes.
A) Certo
B) Errado

O réu não estiver preso por outro motivo = ~P
Deve ser imediatamente solto = S
Se o réu não estiver preso por outro motivo, deve ser imediatamente solto=P S
Se o réu não for imediatamente solto, então, ele está preso por outro motivo = ~SP
De acordo com a regra de equivalência (A B) = (~B ~A) a questão está correta.

7. A negação da proposição relativa à decisão judicial estará corretamente representada por "O réu não deve ser imediatamente solto, mesmo não estando preso por outro motivo".
A) Certo
B) Errado

"O réu deve ser imediatamente solto, se por outro motivo não estiver preso" está no texto, assim:
P = "Por outro motivo não estiver preso"
Q = "O réu deve ser imediatamente solto"
PQ, a negação ~(P Q) = P e ~Q
P e ~Q = Por outro motivo estiver preso o réu não deve ser imediatamente solto"

8. (Polícia Civil/SP - Investigador – VUNESP/2014) Um antropólogo estadunidense chega ao Brasil para aperfeiçoar seu conhecimento da língua portuguesa. Durante sua estadia em nosso país, ele fica muito intrigado com a frase "não vou fazer coisa nenhuma", bastante utilizada em nossa linguagem coloquial. A dúvida dele surge porque
A) a conjunção presente na frase evidencia seu significado.
B) o significado da frase não leva em conta a dupla negação.
C) a implicação presente na frase altera seu significado.
D) o significado da frase não leva em conta a disjunção.
E) a negação presente na frase evidencia seu significado.
~(~p) é equivalente a p
Logo, uma dupla negação é equivalente a afirmar. RESPOSTA: "B".

9. (Receita Federal do Brasil – Analista Tributário - ESAF/2012) A negação da proposição "se Paulo estuda, então Marta é atleta" é logicamente equivalente à proposição:

A) Paulo não estuda e Marta não é atleta.
B) Paulo estuda e Marta não é atleta.
C) Paulo estuda ou Marta não é atleta.
D) se Paulo não estuda, então Marta não é atleta.
E) Paulo não estuda ou Marta não é atleta.

A negação de uma condicional do tipo: "Se A, então B" (AB) será da forma:

~(A B) A^ ~B

Ou seja, para negarmos uma proposição composta representada por uma condicional, devemos confirmar sua primeira parte ("A"), trocar o conectivo condicional ("") pelo conectivo conjunção ("^") e negarmos sua segunda parte ("~ B"). Assim, teremos:

RESPOSTA: "B".

10. (ANVISA - TÉCNICO ADMINISTRATIVO - CETRO/2012) Se Viviane não dança, Márcia não canta. Logo,

A) Viviane dançar é condição suficiente para Márcia cantar.
B) Viviane não dançar é condição necessária para Márcia não cantar.
C) Viviane dançar é condição necessária para Márcia cantar.
D) Viviane não dançar é condição suficiente para Márcia cantar.
E) Viviane dançar é condição necessária para Márcia não cantar.

Inicialmente, reescreveremos a condicional dada na forma de condição suficiente e condição necessária:

"Se Viviane não dança, Márcia não canta"

1ª possibilidade: Viviane não dançar é condição suficiente para Márcia não cantar. Não há RESPOSTA: para essa possibilidade.

2ª possibilidade: Márcia não cantar é condição necessária para Viviane não dançar.. Não há RESPOSTA: para essa possibilidade.

Não havendo RESPOSTA: , modificaremos a condicional inicial, transformando-a em outra condicional equivalente, nesse caso utilizaremos o conceito da contrapositiva ou contra posição: pq ~q ~p

"Se Viviane não dança, Márcia não canta" "Se Márcia canta, Viviane dança"

Transformando, a condicional "Se Márcia canta, Viviane dança" na forma de condição suficiente e condição necessária, obteremos as seguintes possibilidades:

1ª possibilidade: Márcia cantar é condição suficiente para Viviane dançar. Não há RESPOSTA: para essa possibilidade.

2ª possibilidade: Viviane dançar é condição necessária para Márcia cantar.

RESPOSTA: "C".

11. (BRDE - ANALISTA DE SISTEMAS - AOCP/2012) Considere a sentença: "Se Ana é professora, então Camila é médica." A proposição equivalente a esta sentença é

A) Ana não é professora ou Camila é médica.
B) Se Ana é médica, então Camila é professora.
C) Se Camila é médica, então Ana é professora.
D) Se Ana é professora, então Camila não é médica.
E) Se Ana não é professora, então Camila não é médica.

Existem duas equivalências particulares em relação a uma condicional do tipo "Se A, então B".

1ª) Pela contrapositiva ou contraposição: "Se A, então B" é equivalente a "Se ~B, então ~A"

"Se Ana é professora, então Camila é médica." Será equivalente a:

"Se Camila não é médica, então Ana não é professora."

2ª) Pela Teoria da Involução ou Dupla Negação: "Se A, então B" é equivalente a "~A ou B"

"Se Ana é professora, então Camila é médica." Será equivalente a:

"Ana não é professora ou Camila é médica."

Ficaremos, então, com a segunda equivalência, já que esta configura no gabarito.

RESPOSTA: "A".

(PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) Considerando que P e Q representem proposições conhecidas e que V e F representem, respectivamente, os valores verdadeiro e falso, julgue os próximos itens. (374 a 376)

12. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) As proposições Q e P (¬ Q) são, simultaneamente, V se, e somente se, P for F.

( )Certo ( ) Errado

Observando a tabela-verdade da proposição composta "P (¬ Q)", em função dos valores lógicos de "P" e "Q", temos:

P	Q	¬Q	P→(¬Q)
V	V	F	F
V	F	V	V
F	V	F	V
F	F	V	V

Observando-se a 3 linha da *tabela-verdade* acima, —Q ‖ e —P ® (¬ Q) são, simultaneamente, V se, e somente se, —P ‖ for F.

Resposta: CERTO.

13. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) A proposição [PvQ]Q é uma tautologia.

( )Certo ( ) Errado

Construindo a tabela-verdade da proposição composta: [P Ú Q] ® Q, teremos como solução:

P	Q	Pv Q	(Pv Q)→Q	(p^~q)↔(~p v q)
V	V	V	V→V	V
V	F	V	V→F	F
F	V	V	V→V	V
F	F	F	F→F	V

P(P;Q) = VFVV

Portanto, essa *proposição composta* é uma *contingência* ou *indeterminação lógica*.

Resposta: ERRADO.

14. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) Se P for F e P v Q for V, então Q é V.

( )Certo ( ) Errado

Lembramos que uma *disjunção simples*, na forma: "P vQ", será *verdadeira* (V) se, pelo menos, uma de suas partes for *verdadeira* (V). Nesse caso, se "P" for *falsa* e "PvQ" for *verdadeira*, então "Q" será, necessariamente, *verdadeira*.

Resposta: CERTO.

(PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013)

P1: Se a impunidade é alta, então a criminalidade é alta.

P2: A impunidade é alta ou a justiça é eficaz.

P3: Se a justiça é eficaz, então não há criminosos livres.

P4: Há criminosos livres.

C: Portanto a criminalidade é alta.

Considerando o argumento apresentado acima, em que P1, P2, P3 e P4 são as premissas e C, a conclusão, julgue os itens subsequentes. (377 e 378)

15. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) O argumento apresentado é um argumento válido.

( )Certo ( ) Errado

Verificaremos se as verdades das premissas P1, P2, P3 e P4 sustentam a verdade da conclusão. Nesse caso, devemos considerar que todas as premissas são, necessariamente, *verdadeiras*.

P1: Se a impunidade é alta, então a criminalidade é alta. (V)

P2: A impunidade é alta ou a justiça é eficaz. (V)

P3: Se a justiça é eficaz, então não há criminosos livres. (V)

P4: Há criminosos livres. (V)

Portanto, se a premissa P4 – *proposição simples* – é *verdadeira* (V), então a 2ª parte da *condicional* representada pela premissa P3 será considerada *falsa* (F). Então, veja:

P1: **Se** *a impunidade é alta*, **então** *a criminalidade é alta*. **(V)**

P2: *A impunidade é alta* **ou** *a justiça é eficaz*. **(V)**

P3: **Se** *a justiça é eficaz*, **então** $\underbrace{\textit{não há criminosos livres}}_{2^{o}\ (F)}$. **(V)**

P4: $\underbrace{\textit{Há criminosos livres}}_{1^{o}\ (V)}$. **(V)**

Sabendo-se que a condicional P3 é verdadeira e conhecendo-se o *valor lógico* de sua 2ª parte como *falsa* (F), então o *valor lógico* de sua 1ª parte *nunca* poderá ser *verdadeiro* (V). Assim, a *proposição simples* —a justiça é eficaz || será considerada *falsa* (F).

Se a *proposição simples* —a justiça é eficaz || é considerada *falsa* (F), então a 2ª parte da *disjunção simples* representada pela premissa P2, também, será *falsa* (F).

P1: **Se** *a impunidade é alta*, **então** *a criminalidade é alta*. **(V)**

P2: *A impunidade é alta* **ou** $\underbrace{\textit{a justiça é eficaz}}_{4^{o}\ (F)}$. **(V)**

P3: **Se** $\underbrace{\textit{a justiça é eficaz}}_{3^{o}\ (F)}$, **então** $\underbrace{\textit{não há criminosos livres}}_{2^{o}\ (F)}$. **(V)**

P4: $\underbrace{\textit{Há criminosos livres}}_{1^{o}\ (V)}$. **(V)**

Sendo *verdadeira* (V) a premissa P2 (*disjunção simples*) e conhecendo-se o *valor lógico* de uma das partes como *falsa* (F), então o *valor lógico* da outra parte deverá ser, necessariamente, *verdadeira* (V). Lembramos que, uma *disjunção simples* será considerada *verdadeira* (V), quando, pelo menos, uma de suas partes for *verdadeira* (V).

Sendo *verdadeira* (V) a *proposição simples* —a impunidade é alta || , então, confirmaremos também como *verdadeira* (V), a 1ª parte da *condicional* representada pela premissa P1.

P1: **Se** $\underbrace{\textit{a impunidade é alta}}_{6^{o}\ (V)}$, **então** *a criminalidade é alta*. **(V)**

P2: $\underbrace{\textit{A impunidade é alta}}_{5^{o}\ (F)}$ **ou** $\underbrace{\textit{a justiça é eficaz}}_{4^{o}\ (F)}$. **(V)**

P3: **Se** $\underbrace{\textit{a justiça é eficaz}}_{3^{o}\ (F)}$, **então** $\underbrace{\textit{não há criminosos livres}}_{2^{o}\ (F)}$. **(V)**

P4: $\underbrace{\textit{Há criminosos livres}}_{1^{o}\ (V)}$. **(V)**

Considerando-se como *verdadeira* (V) a 1ª parte da *condicional* em P1, então, deveremos considerar também como *verdadeira* (V), sua 2ª parte, pois uma *verdade* sempre *implica* em outra *verdade*.

Considerando a *proposição simples* —a criminalidade é alta ‖ como *verdadeira* (V), logo a *conclusão* desse *argumento* é, de fato, *verdadeira* (V), o que torna esse *argumento válido*.

Resposta: CERTO.

16. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) A negação da proposição P1 pode ser escrita como "Se a impunidade não é alta, então a criminalidade não é alta".

( )Certo ( ) Errado

Seja P1 representada simbolicamente, por:

A impunidade não é alta(p) então a criminalidade não é alta(q)

A *negação* de uma condicional é dada por:

~(pq)

Logo, sua negação será dada por: ~P1 a impunidade é alta e a criminalidade não é alta.

Resposta:ERRADO.

LÓGICA DE ARGUMENTAÇÃO

ARGUMENTO

Argumento é uma relação que associa um conjunto de proposições (p1, p_2, p_3,... p_n), chamadas premissas ou hipóteses, e uma proposição C chamada conclusão. Esta relação é tal que a estrutura lógica das premissas acarretam ou tem como consequência a proposição C (conclusão).

O argumento pode ser representado da seguinte forma:

EXEMPLOS:

1. Todos os cariocas são alegres.
   Todas as pessoas alegres vão à praia
   Todos os cariocas vão à praia.
2. Todos os cientistas são loucos.
   Einstein é cientista.
   Einstein é louco!

Nestes exemplos temos o famoso silogismo categórico de forma típica ou simplesmente **silogismo**. Os silogismos são os argumentos que têm somente duas premissas e mais a conclusão, e utilizam os termos: **todo**, **nenhum** e **algum**, em sua estrutura.

ANALOGIAS

A analogia é uma das melhores formas para utilizar o raciocínio. Nesse tipo de raciocínio usa-se a comparação de uma situação conhecida com uma desconhecida. Uma analogia depende de três situações:

- os fundamentos precisam ser verdadeiros e importantes;
- a quantidade de elementos parecidos entre as situações deve ser significativo;
- não pode existir conflitos marcantes.

INFERÊNCIAS

A indução está relacionada a diversos casos pequenos que chegam a uma conclusão geral. Nesse sentido podemos definir também a indução fraca e a indução forte. Essa indução forte ocorre quando não existe grandes chances de que um caso discorde da premissa geral. Já a fraca refere-se a falta de sustentabilidade de um conceito ou conclusão.

DEDUÇÕES

ARGUMENTOS DEDUTIVOS E INDUTIVOS

Os argumentos podem ser classificados em dois tipos: **Dedutivos e Indutivos**.

1) O argumento será **DEDUTIVO** quando suas premissas fornecerem informações suficientes para comprovar a veracidade da conclusão, isto é, o argumento é dedutivo quando a conclusão é completamente derivada das premissas.

EXEMPLO:
Todo ser humano têm mãe.
Todos os homens são humanos.
Todos os homens têm mãe.

2) O argumento será **INDUTIVO** quando suas premissas não fornecerem o "apoio completo" para ratificar as conclusões. Portanto, nos argumentos indutivos, a conclusão possui informações que ultrapassam as fornecidas nas premissas. Sendo assim, não se aplica, então, a definição de argumentos válidos ou não válidos para argumentos indutivos.

EXEMPLO:
O Flamengo é um bom time de futebol.
O Palmeiras é um bom time de futebol.
O Vasco é um bom time de futebol.
O Cruzeiro é um bom time de futebol.
Todos os times brasileiros de futebol são bons.

Note que não podemos afirmar que todos os times brasileiros são bons sabendo apenas que 4 deles são bons.

Exemplo: (FCC) Considere que as seguintes afirmações são verdadeiras:

"Toda criança gosta de passear no Metrô de São Paulo."
"Existem crianças que são inteligentes."

Assim sendo, certamente é verdade que:

(A) Alguma criança inteligente não gosta de passear no Metrô de São Paulo.

(B) Alguma criança que gosta de passear no Metrô de São Paulo é inteligente.

(C) Alguma criança não inteligente não gosta de passear no Metrô de São Paulo.

(D) Toda criança que gosta de passear no Metrô de São Paulo é inteligente.

(E) Toda criança inteligente não gosta de passear no Metrô de São Paulo.

SOLUÇÃO:

Representando as proposições na forma de conjuntos (diagramas lógicos – ver artigo sobre diagramas lógicos) teremos:

"Toda criança gosta de passear no Metrô de São Paulo."

"Existem crianças que são inteligentes."

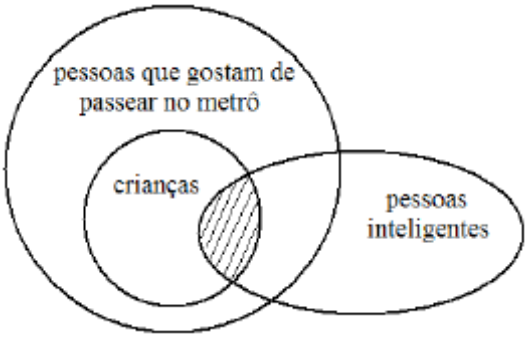

Pelo gráfico, observamos claramente que se todas as crianças gostam de passear no metrô e existem crianças inteligentes, então **alguma criança que gosta de passear no Metrô de São Paulo é inteligente**. Logo, a alternativa correta é a opção B.

CONCLUSÕES

VALIDADE DE UM ARGUMENTO

Uma proposição é verdadeira ou falsa. No caso de um **argumento dedutivo** diremos que ele é **válido** ou **inválido**. Atente-se para o fato que todos os **argumentos indutivos** são **inválidos**, portanto não há de se falar em validade de argumentos indutivos.

A validade é uma propriedade dos argumentos que depende apenas da forma (estrutura lógica) das suas proposições (premissas e conclusões) e não do seu conteúdo.

Argumento Válido

Um argumento será **válido** quando a sua conclusão é uma **consequência obrigatória** de suas premissas. Em outras palavras, podemos dizer que quando um argumento é válido, a verdade de suas premissas deve garantir a verdade da conclusão do argumento. Isso significa que, se o argumento é válido, jamais poderemos chegar a uma conclusão falsa quando as premissas forem verdadeiras.

Exemplo: (CESPE) Suponha um argumento no qual as premissas sejam as proposições I e II abaixo.

I - Se uma mulher está desempregada, então, ela é infeliz.

II - Se uma mulher é infeliz, então, ela vive pouco.

Nesse caso, se a conclusão for a proposição "Mulheres desempregadas vivem pouco", tem-se um argumento correto.

SOLUÇÃO:

Se representarmos na forma de diagramas lógicos (ver artigo sobre diagramas lógicos), para facilitar a resolução, teremos:

I - Se uma mulher está desempregada, então, ela é infeliz. = Toda mulher desempregada é infeliz.

II - Se uma mulher é infeliz, então, ela vive pouco. = Toda mulher infeliz vive pouco.

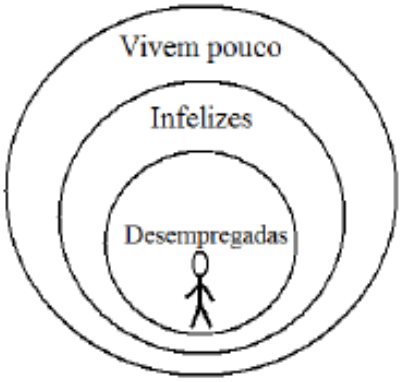

Com isso, qualquer mulher que esteja no conjunto das desempregadas (ver boneco), automaticamente estará no conjunto das mulheres que vivem pouco. Portanto, se a conclusão for a proposição "Mulheres desempregadas vivem pouco", tem-se um argumento correto (correto = válido!).

Argumento Inválido

Dizemos que um argumento é **inválido**, quando a verdade das premissas não é suficiente para garantir a verdade da conclusão, ou seja, quando a conclusão não **é uma consequência obrigatória** das premissas.

Exemplo: (CESPE) É válido o seguinte argumento: Se Ana cometeu um crime perfeito, então Ana não é suspeita, mas (e) Ana não cometeu um crime perfeito, então Ana é suspeita.

SOLUÇÃO:

Representando as premissas do enunciado na forma de diagramas lógicos (ver artigo sobre diagramas lógicos), obteremos:

Premissas:

"Se Ana cometeu um crime perfeito, então Ana não é suspeita" = "Toda pessoa que comete um crime perfeito não é suspeita".

"Ana não cometeu um crime perfeito".

Conclusão:

"Ana é suspeita". (Não se "desenha" a conclusão, apenas as premissas!)

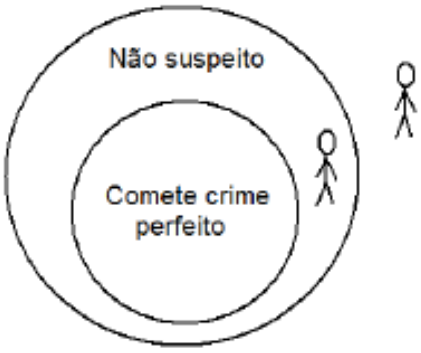

O fato do enunciado ter falado apenas que "Ana não cometeu um crime perfeito", não nos diz se ela é suspeita ou não. Por isso temos duas possibilidades (ver bonecos). Logo, a questão está errada, pois não podemos afirmar, com certeza, que Ana é suspeita. Logo, o argumento é **inválido**.

EXERCICIOS:

(TJ-AC - Analista Judiciário - Conhecimentos Básicos - Cargos 1 e 2 - CESPE/2012) (10 a 13)

Considerando que as proposições lógicas sejam representadas por letras maiúsculas, julgue os próximos itens, relativos a lógica proposicional e de argumentação.

1. A expressão $[(P \rightarrow Q) \vee P] \rightarrow Q$ é uma tautologia.
A) Certo
B) Errado

Resposta: B.
Fazendo a tabela verdade:

P	Q	P→Q	(P→Q) V P	[(P→Q) V P]→Q
V	V	V	V	V
V	F	F	V	V
F	V	V	V	V
F	F	F	F	F

Portanto não é uma tautologia.

2. As proposições "Luiz joga basquete porque Luiz é alto" e "Luiz não é alto porque Luiz não joga basquete" são logicamente equivalentes.
A) Certo
B) Errado

Resposta: A.
São equivalentes por que "Luiz não é alto porque Luiz não joga basquete" nega as duas partes da proposição, a deixando equivalente a primeira.

3. A sentença "A justiça e a lei nem sempre andam pelos mesmos caminhos" pode ser representada simbolicamente por P∧Q, em que as proposições P e Q são convenientemente escolhidas.
A) Certo
B) Errado

Resposta: B.
Não, pois ^ representa o conectivo "e", e o "e" é usado para unir A justiça E a lei, e "A justiça" não pode ser considerada uma proposição, pois não pode ser considerada verdadeira ou falsa.

4. Considere que a tabela abaixo representa as primeiras colunas da tabela-verdade da proposição $(P \rightarrow Q) \wedge (\neg R)$.

P	Q	R
V	V	V
V	V	F
V	F	V
V	F	F
F	V	V
F	V	F
F	F	V
F	F	F

Logo, a coluna abaixo representa a última coluna dessa tabela-verdade.

*
F
V
F
F
F
V
F
V

A) Certo
B) Errado

Resposta: A.
Fazendo a tabela verdade:

NOVA CONCURSOS

P	Q	R	(P→Q)^(~R)
V	V	V	F
V	V	F	V
V	F	V	F
V	F	F	F
F	V	V	F
F	V	F	V
F	F	V	F
F	F	F	V

TJ-AC - Técnico Judiciário - Informática - CESPE/2012)

João e Pedro integram o mesmo partido, mas são desafetos políticos. João está disputando a eleição para prefeito da cidade. Pedro é deputado e pretende disputar a eleição para presidente da República. Cada partido pode apresentar somente um candidato ao cargo de presidente.

Na análise da situação eleitoral do partido, um jornalista fez as seguintes afirmações:

— Se João for eleito prefeito, demonstrará força política e disputará a eleição presidencial da República.

— Se João disputar a eleição presidencial da República, Pedro não a disputará.

— Se João não for eleito prefeito, tornar-se-á presidente do partido e não apoiará a candidatura de Pedro à eleição para presidente da República.

— Se o presidente do partido não apoiar a candidatura de Pedro, ele não disputará a eleição para presidente da República.

Com base na situação descrita acima, julgue o item a seguir.

5. O argumento cujas premissas correspondem às quatro afirmações do jornalista e cuja conclusão é "Pedro não disputará a eleição presidencial da República" é um argumento válido.

A) Certo
B) Errado

Resposta: A.

Argumento válido é aquele que pode ser concluído a partir das premissas, considerando que as premissas são verdadeiras então tenho que:

Se João for eleito prefeito ele disputará a presidência;

Se João disputar a presidência então Pedro não vai disputar;

Se João não for eleito prefeito se tornará presidente do partido e não apoiará a candidatura de Pedro à presidência;

Se o presidente do partido não apoiar Pedro ele não disputará a presidência.

(PRF - Nível Superior - Conhecimentos Básicos - Todos os Cargos - CESPE/2012)

Um jovem, visando ganhar um novo smartphone no dia das crianças, apresentou à sua mãe a seguinte argumentação: "Mãe, se tenho 25 anos, moro com você e papai, dou despesas a vocês e dependo de mesada, então eu não ajo como um homem da minha idade. Se estou há 7 anos na faculdade e não tenho capacidade para assumir minhas responsabilidades, então não tenho um mínimo de maturidade. Se não ajo como um homem da minha idade, sou tratado como criança. Se não tenho um mínimo de maturidade, sou tratado como criança. Logo, se sou tratado como criança, mereço ganhar um novo smartphone no dia das crianças".

Com base nessa argumentação, julgue os itens a seguir..

6. A proposição "Se estou há 7 anos na faculdade e não tenho capacidade para assumir minhas responsabilidades, então não tenho um mínimo de maturidade" é equivalente a "Se eu tenho um mínimo de maturidade, então não estou há 7 anos na faculdade e tenho capacidade para assumir minhas responsabilidades".

A) Certo
B) Errado

Resposta: B.

Equivalência de Condicional: P -> Q = ~ Q -> ~ P
Negação de Proposição: ~ (P ^ Q) = ~ P v ~ Q

P	Q	R	¬P	¬Q	¬R	P^¬Q	(P^¬Q) → ¬R	¬P^Q	R→ (¬P^Q)
V	V	V	F	F	F	F	V	F	F
V	V	F	F	F	V	F	V	F	V
V	F	V	F	V	F	**V**	**F**	F	F
V	F	F	F	V	V	**V**	V	F	V
F	V	V	V	F	F	F	V	**V**	V
F	V	F	V	F	V	F	V	**V**	V
F	F	V	V	V	F	F	V	F	F
F	F	F	V	V	V	F	V	F	V

Portanto não são equivalentes.

7. Considere as seguintes proposições: "Tenho 25 anos", "Moro com você e papai", "Dou despesas a vocês" e "Dependo de mesada". Se alguma dessas proposições for falsa, também será falsa a proposição "Se tenho 25 anos, moro com você e papai, dou despesas a vocês e dependo de mesada, então eu não ajo como um homem da minha idade".

A) Certo
B) Errado

Resposta: A.
(A^B^C^D) E
Ora, se A ou B ou C ou D estiver falsa como afirma o enunciado, logo torna a primeira parte da condicional falsa, (visto que trata-se da conjunção) tornando- a primeira parte da condicional falsa, logo toda a proposição se torna verdadeira.

8. A proposição "Se não ajo como um homem da minha idade, sou tratado como criança, e se não tenho um mínimo de maturidade, sou tratado como criança" é equivalente a "Se não ajo como um homem da minha idade ou não tenho um mínimo de maturidade, sou tratado como criança".

A) Certo
B) Errado

Resposta: A.
A = Se não ajo como um homem da minha idade,
B = sou tratado como criança,
C= se não tenho um mínimo de maturidade

A	B	C	~A	~C	(~A → B)	(~C → B)	(~A v ~ C)	(~A→ B) ^ (~ C→ B)	(~A v ~ C)→ B
V	V	V	F	F	V	V	F	V	V
V	V	F	F	V	V	V	V	V	V
V	F	V	F	F	V	V	F	V	V
V	F	F	F	V	V	F	V	F	F
F	V	V	V	F	V	V	V	V	V
F	V	F	V	V	V	V	V	V	V
F	F	V	V	F	F	V	V	F	F
F	F	F	V	V	F	F	V	F	F

De acordo com a tabela verdade são equivalentes.

NOVA CONCURSOS

COMPREENSÃO E ELABORAÇÃO DA LÓGICA DAS SITUAÇÕES POR MEIO DE: RACIOCÍNIO VERBAL, RACIOCÍNIO MATEMÁTICO, RACIOCÍNIO QUANTITATIVO E RACIOCÍNIO SEQUENCIAL.

"Caro Candidato, o tópico acima, foi abordado em: Avaliação de sequência lógica e coordenação visomotora, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos, reversibilidade, sequência lógica de números, letras, palavras e figuras. Problemas lógicos com dados, figuras e palitos."

EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES

1. (PREF. NEPOMUCENO/MG – PORTEIRO – CONSULPLAN/2013) Numa adega encontram-se armazenadas garrafas de vinho seco e suave num total de 300 garrafas, sendo que o número de garrafas de vinho seco excede em 3 unidades o dobro do número de garrafas de vinho suave. Assim, a porcentagem de garrafas de vinho seco dessa adega é igual a

A) 60%.
B) 63%.
C) 65%.
D) 67%.
E) 70%.

Vinho seco: x
Vinho suave: y

$$\begin{cases} x + y = 300 \quad (I) \\ x = 2y + 3 \quad (II) \end{cases}$$

Substituindo II em I
2y+3+y=300
3y=297
y=99
x=201
300------100%
201-----x
X=67%

RESPOSTA: "D".

2. (PETROBRAS - TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO E CONTROLE JÚNIOR – CESGRANRIO/2013) Maria vende salgados e doces. Cada salgado custa R$2,00, e cada doce, R$1,50. Ontem ela faturou R$95,00 vendendo doces e salgados, em um total de 55 unidades.

Quantos doces Maria vendeu?
A) 20
B) 25
C) 30
D) 35
E) 40

Doces: x
Salgados:y

$$\begin{cases} x + y = 55 \quad (x - 1{,}5) \\ 1{,}5x + 2y = 95 \end{cases}$$

$$\begin{cases} -1{,}5x - 1{,}5y = -82{,}5 \\ 1{,}5x + 2y = 95 \end{cases}$$

Somando as duas equações:

$$0{,}5y = 12{,}5$$
$$y = 25 \quad \therefore x = 30$$

Ela vendeu 30 doces
RESPOSTA: "C".

3. (TRF 3ª – ANALISTA JUDICIÁRIO-INFORMÁTICA – FCC/2014) Um cofrinho possui apenas moedas de 25 centavos e moedas de 1 real, em um total de 50 moedas. Sabe-se que a diferença entre o total de moedas de 25 centavos e de 1 real do cofrinho, nessa ordem, é igual a 24 moedas. O total de moedas de maior valor monetário em relação ao total de moedas de menor valor monetário nesse cofrinho corresponde, em %, a, aproximadamente,

A) 35.
B) 42.
C) 28.
D) 32.
E) 44.

Moedas de 25 centavos: x
Moedas de 1 real: y

$$\begin{cases} x + y = 50 \\ x - y = 24 \end{cases}$$

Somando as duas equações:
2x=74
x=37
y=13

$$\frac{maior\ valor}{menor\ valor} = \frac{13}{37} = 0{,}35 = 35\%$$

RESPOSTA: "A".

4. (TRT 6ª – ANALISTA JUDICIÁRIO –ADMINISTRATIVA – FCC/2012) Para fazer um trabalho, um professor vai dividir os seus 86 alunos em 15 grupos, alguns formados por cinco, outros formados por seis alunos. Dessa forma, sendo C o número de grupos formados por cinco e S o número de grupos formados por seis alunos, o produto C · S será igual a

A) 56.
B) 54.
C) 50.
D) 44.
E) 36.

$$\begin{cases} 5C + 6S = 86 \\ C + S = 15 \end{cases}$$

C=15-S
Substituindo na primeira equação:
5(15-S)+6S=86
75-5S+6S=86
S=11
C=15-11=4

$$C \cdot S = 4 \cdot 11 = 44$$

RESPOSTA: "D".

5. (BANCO DO BRASIL – ESCRITURÁRIO – FCC/2013) Dos 56 funcionários de uma agência bancária, alguns decidiram contribuir com uma lista beneficente. Contribuíram 2 a cada 3 mulheres, e 1 a cada 4 homens, totalizando 24 pessoas.

A razão do número de funcionárias mulheres para o número de funcionários homens dessa agência é de

A) 3 para 4.
B) 2 para 3.
C) 1 para 2.
D) 3 para 2.
E) 4 para 5.

Mulheres: x
Homens: y

$$\begin{cases} x + y = 56 \quad \left(x - \frac{2}{3}\right) \\ \frac{2}{3}x + \frac{1}{4}y = 24 \end{cases}$$

$$\begin{cases} -\frac{2}{3}x - \frac{2}{3}y = -\frac{112}{3} \\ \frac{2}{3}x + \frac{1}{4}y = 24 \end{cases}$$

Somando as duas equações:

$$-\frac{2}{3}y + \frac{1}{4}y = -\frac{112}{3} + 24$$

Mmc(3,4)=12

$$-8y + 3y = -448 + 288$$

-5y=-160
y=32
x=24
Razão de mulheres pra homens:

$$\frac{24}{32} = \frac{3}{4}$$

RESPOSTA: "A".

6. (SABESP – ANALISTA DE GESTÃO I -CONTABILIDADE – FCC/2012) Em um campeonato de futebol, as equipes recebem, em cada jogo, três pontos por vitória, um ponto em caso de empate e nenhum ponto se forem derrotadas. Após disputar 30 partidas, uma das equipes desse campeonato havia perdido apenas dois jogos e acumulado 58 pontos. O número de vitórias que essa equipe conquistou, nessas 30 partidas, é igual a

A) 12
B) 14
C) 16
D) 13
E) 15

Vitórias: x
empate: y
derrotas: 2

$$\begin{cases} x + y + 2 = 30(x - 1) \\ 3x + y = 58 \end{cases}$$

$$\begin{cases} -x - y = -28 \\ 3x + y = 58 \end{cases}$$

2x=30
x=15

RESPOSTA: "E".

NOVA CONCURSOS

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS
Supervisor Educacional

Fundamentos e diretrizes do Ensino Fundamental, da Educação de Jovens e Adultos, da Educação Especial e Educação Infantil 01
Pedagogias diferenciadas: progressão continuada, correção de fluxo escolar, avaliação por competências, flexibilização do currículo e da trajetória escolar 16
Construção coletiva da proposta pedagógica da escola 18
O processo de avaliação do desempenho escolar como instrumento de acompanhamento do trabalho do professor e dos avanços da aprendizagem. 22
Gestão Democrática 24
Gestão de recursos financeiros e humanos 25
Mediação e gestão de conflitos 32
Avaliação e acompanhamento do rendimento escolar 41
Educação Inclusiva 44
Gestão de projetos 58

FUNDAMENTOS E DIRETRIZES DO ENSINO FUNDAMENTAL, DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO INFANTIL;

Ensino Fundamental

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, no que tange ao Ciclo de Alfabetização, o artigo 30 garante que:

Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar:

I – a alfabetização e o letramento;

II – o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, da Ciência, da História e da Geografia;

III – a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.

A Educação em Escola de Tempo Integral

Art. 36 Considera-se como de período integral a jornada escolar que se organiza em 7 (sete) horas diárias, no mínimo, perfazendo uma carga horária anual de, pelo menos, 1.400 (mil e quatrocentas) horas.

Art. 37 A proposta educacional da escola de tempo integral promoverá a ampliação de tempos, espaços e oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar e cuidar entre os profissionais da escola e de outras áreas, as famílias e outros atores sociais, sob a coordenação da escola e de seus professores, visando alcançar a melhoria da qualidade da aprendizagem e da convivência social e diminuir as diferenças de acesso ao conhecimento e aos bens culturais, em especial entre as populações socialmente mais vulneráveis.

§1º O currículo da escola de tempo integral, concebido como um projeto educativo integrado, implica a ampliação da jornada escolar diária mediante o desenvolvimento de atividades como o acompanhamento pedagógico, o reforço e o aprofundamento da aprendizagem, a experimentação e a pesquisa científica, a cultura e as artes, o esporte e o lazer, as tecnologias da comunicação e informação, a afirmação da cultura dos direitos humanos, a preservação do meio ambiente, a promoção da saúde, entre outras. As atividades serão desenvolvidas dentro do espaço escolar conforme a disponibilidade da escola.

Fundamentos

É dever do Estado garantir a oferta do Ensino Fundamental público, gratuito e de qualidade, sem requisito de seleção.

O direito à educação constitui o fundamento maior destas Diretrizes O Ensino Fundamental deve comprometer-se com uma educação de qualidade social, igualmente entendida como direito humano.

A educação de qualidade é, antes de tudo, relevante (promoção de atividades significativas), pertinente (atendimento às necessidades e às características dos estudantes de diversos contextos sociais e culturais e com diferentes capacidades e interesses) e equitativa (tratamento de forma diferenciada, assegurando a todos a igualdade de direito à educação).

Princípios

Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Políticos: de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; da busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; da exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; da redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais.

Estéticos: do cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; do enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; da valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente a da cultura brasileira; da construção de identidades plurais e solidárias.

Objetivos

Desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

Compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, das artes, da tecnologia e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

Aquisição de conhecimentos e habilidades e formação de atitudes e valores como instrumentos para uma visão crítica do mundo.

Fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Matrícula e carga horária

O Ensino Fundamental abrange a população na faixa etária dos 6 (seis) anos aos 14 (quatorze) anos de idade e se estende, também, a todos os que, na idade própria, não tiveram condições de frequentá-lo.

É obrigatória a matrícula no Ensino Fundamental de crianças com 6 (seis) anos completos ou a completar até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula. As crianças que completarem 6 (seis) anos após essa data deverão ser matriculadas na Educação Infantil (pré-escola).

A carga horária mínima anual do Ensino Fundamental regular será de 800 (oitocentas) horas-relógio, distribuídas em, pelo menos, 200 (duzentos) dias de efetivo trabalho escolar.

Currículo

Valores, atitudes, sensibilidade e orientações de conduta são veiculados não só pelos conhecimentos, mas por meio de rotinas, rituais, normas de convívio social, festividades, pela distribuição do tempo e organização do espaço educativo, pelos materiais utilizados na aprendizagem e pelo recreio, enfim, pelas vivências proporcionadas pela escola.

Os conhecimentos escolares são aqueles que as diferentes instâncias que produzem orientações sobre o currículo, as escolas e os professores selecionam e transformam a fim de que possam ser ensinados e aprendidos, ao mesmo tempo em que servem de elementos para a formação ética, estética e política do aluno.

Base nacional comum e parte diversificada: complementaridade

O currículo do Ensino Fundamental tem uma base nacional comum, complementada em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada.

A base nacional comum e a parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental constituem um todo integrado e não podem ser consideradas como dois blocos distintos.

Os conhecimentos que fazem parte da base nacional comum a que todos devem ter acesso, independentemente da região e do lugar em que vivem, asseguram a característica unitária das orientações curriculares nacionais, das propostas curriculares dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, e dos projetos político-pedagógicos das escolas.

Os conteúdos que compõem a base nacional comum e a parte diversificada têm origem nas disciplinas científicas, no desenvolvimento das linguagens, no mundo do trabalho, na cultura e na tecnologia, na produção artística, nas atividades desportivas e corporais, na área da saúde e ainda incorporam saberes como os que advêm das formas diversas de exercício da cidadania, dos movimentos sociais, da cultura escolar, da experiência docente, do cotidiano e dos alunos.

O currículo da base nacional comum do Ensino Fundamental deve abranger, obrigatoriamente, conforme o art. 26 da LDB, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso.

Os componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental serão assim organizados em relação às áreas de conhecimento:

I – Linguagens:
a) Língua Portuguesa;
b) Língua materna, para populações indígenas;
c) Língua estrangeira moderna;
d) Arte;
e) Educação Física;
II – Matemática;
III – Ciências da Natureza;
IV – Ciências Humanas:
a) História;
b) Geografia;
V – Ensino Religioso.

O Ensino Fundamental deve ser ministrado em língua portuguesa, assegurada também às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

A história e as culturas indígena e afro-brasileira, presentes, obrigatoriamente, nos conteúdos desenvolvidos no âmbito de todo o currículo escolar e, em especial, no ensino de Arte, Literatura e História do Brasil, assim como a História da África, deverão assegurar o conhecimento e o reconhecimento desses povos para a constituição da nação.

A Música constitui conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular Arte, o qual compreende também as artes visuais, o teatro e a dança.

A Educação Física, componente obrigatório do currículo do Ensino Fundamental, integra a proposta político-pedagógica da escola e será facultativa ao aluno apenas nas circunstâncias previstas no § 3º do art. 26 da LDB.

O Ensino Religioso, de matrícula facultativa ao aluno, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui componente curricular dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil e vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual.

Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo.

Outras leis específicas que complementam a Lei nº 9.394/96 determinam que sejam ainda incluídos temas relativos à condição e aos direitos dos idosos (Lei nº 10.741/2003) e à educação para o trânsito (Lei nº 9.503/97).

A transversalidade constitui uma das maneiras de trabalhar os componentes curriculares, as áreas de conhecimento e os temas sociais em uma perspectiva integrada.

Aos órgãos executivos dos sistemas de ensino compete a produção e a disseminação de materiais subsidiários ao trabalho docente, que contribuam para a eliminação de discriminações, racismo, sexismo, homofobia e outros preconceitos e que conduzam à adoção de comportamentos responsáveis e solidários em relação aos outros e ao meio ambiente.

Na parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental será incluído, obrigatoriamente, a partir do 6º ano, o ensino de, pelo menos, uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar. Entre as línguas estrangeiras modernas, a língua espanhola poderá ser a opção, nos termos da Lei nº 11.161/2005.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Unindo sensibilidade e um denso compromisso com a formação do jovem e do adulto, Vera Capucho traduz em reflexões e indicações conceituais e práticas todos os anseios que buscam valorizar o segmento e os atores aí envolvidos. O leitor inicia o percurso com um debate sobre os alunos da EJA, pensado aqui como sujeitos de direitos e atores da cidadania, e segue desvendando os referenciais legais da Educação em Direitos Humanos, dialogando sempre com o educador atuante e as particularidades de seu contexto de ação. Em seguida, mergulha no processo formativo desses grupos, apresentando um panorama da situação docente na EJA, de um lado, e, de outro, evidenciando experiências e possibilidades de trabalho. Firma-se, assim, como obra de referência e interação contínua na busca pela transformação da escolarização do segmento, especialmente na luta por uma sociedade mais justa e equilibrada, feita por todos nós.

A POSSIBILIDADE DA REALIZAÇÃO DE PRÁTICAS HUMANÍSTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de educação básica baseada em aspectos quantitativos e qualitativos. Do ponto de vista quantitativo, a referida educação tem o objetivo de atender àqueles que se encontram em descompasso com a idade-série, enquanto sob o viés qualitativo as atenções se voltam para respostas emergenciais através do ensino da alfabetização desvinculada da perspectiva do letramento.

É imprescindível abordar o sentido de educação de jovens e adultos que não se limite à escolarização, mas com enfoque no processo de ensino para a formação de indivíduos conscientes, autônomos e críticos para que esses possam modificar o meio em que vivem. Este posicionamento, considerando que nos espaços escolares de aprendizagens deva existir a valorização dos processos de conhecimento do alunado, consolidando uma prática pedagógica comprometida com "a igualdade de direitos, com uma sociedade mais justa, e como efetivo acesso ao conhecimento historicamente produzido e sistematizado" (CAPUCHO, 2012, p. 96).

No ordenamento jurídico brasileiro, a educação é um direito social que deve observar as seguintes diretrizes, entre elas, a saber: gratuidade, respeito ao conhecimento do educando e tratamento igualitário. Nesta perspectiva, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge como forma de conquista histórica dos excluídos, uma vez que busca pela igualdade material, significando a isonomia concedida às partes que se encontram em igual situação, não se esquecendo do tratamento desigual entre aqueles que fazem parte de uma conjuntura de desigualdade, observando as características de suas diferenças para não promover a discriminação, mas a inclusão social (NERY JUNIOR, 1999).

De fato, a Constituição Federal ao traçar as diretrizes de uma educação constituída como um direito social, explicita a necessidade do entendimento dos contornos existentes na educação básica, considerada como um direito público e subjetivo, devendo ser praticada inclusive com embasamento nas teorias pedagógicas freireanas, considerando a necessidade da busca pela eficiência no ensino, desenvolvimento da autonomia do educando, consciência crítica e emancipação, características essas que ratificam as teorias voltadas para a educação em direitos humanos.

Assim, os olhares da sociedade brasileira se voltaram acerca da necessidade de conscientização sobre a importância da participação dos indivíduos no processo educacional em busca de qualidade e de diálogo na educação, estabelecendo relações horizontalizadas entre o professor e o alunado.

O espaço escolar da Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser baseado em um ensino que proponha o reconhecimento do indivíduo como agente modificador, crítico, emancipado e cidadão. O referido espaço não deve ser um local de transmissão de conhecimentos distanciados do exercício da reflexão sobre a importância do aluno no mundo frente ao desenvolvimento nacional e aos anseios sociais.

Tendo como pressuposto a Declaração Universal de Direitos Humanos, existem vários documentos – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Plano Nacional de Educação (PNE), o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos (PMEDH), o Plano Nacional de Educação em Direito Humanos (PNEDH) e as Diretrizes Nacionais para Educação em Direitos Humanos (DNEDH) - que indicam a possibilidade de relacionamento entre as áreas de Educação de Jovens e Adultos e de Direitos Humanos, ratificando a necessidade do acesso dos alunos à aprendizagem como mecanismo viabilizador de promoção do seu pleno desenvolvimento, do preparo para o exercício do trabalho e da cidadania.

Decorrente destas premissas, a erradicação do analfabetismo se consolida como um dever do Estado em possibilitar que o indivíduo se insira na sociedade com dignidade, mormente porque busca a igualdade de oportunidades de aprendizagens, fator esse que necessita da comunhão de esforços de toda a sociedade na realização de políticas públicas.

Reconhecer o empoderamento dos educandos de jovens e adultos é contribuir para uma construção de uma cultura de direitos humanos, uma vez que fortalece o recrudescimento de ações afirmativas em favor de atores políticos anteriormente excluídos do direito humano e social à educação. De acordo com Vera Capucho (2012, p. 22):

[...] a luta histórica pela igualdade do direito à Educação e o enfrentamento às múltiplas formas de exclusão social resultaram na garantia da Educação de Jovens e Adultos como modalidade de Educação Básica, sob a responsabilidade dos sistemas públicos de ensino, os quais passaram a responsabilidade pela disponibilidade, acessibilidade, aceitabilidade, adaptabilidade, permanência e elevação da escolaridade de jovens e adultos (as), mediante ações integradas e complementares entres os entes federados.

(Fonte: VIEIRA, R. A. C. A possibilidade da realização de práticas humanísticas na educação de jovens e adultos.)

A CIDADANIA NO CONTEXTO ESCOLAR: COMO EDUCAR PARA A DIVERSIDADE DA EJA?

É interessante transitarmos pelo debate da cidadania escolar, revisitando as ideias contidas no Programa Nacional de Direitos Humanos I. É desse documento a concepção de que educação e cidadania correspondem à base para uma cultura de direitos, movimento surgido no final do milênio, momento em que a sociedade brasileira se preparava para mudanças e se assombrava com o fenômeno da globalização e o crescimento das mídias.

O campo social acompanhava uma política de incentivo à educação sob o nome de Bolsa-Escola além de diversas campanhas em que a solidariedade pelas adversidades e contrastes nacionais, tornando não só a educação, mas a própria sociedade como um campo fecundo para o debate sobre direitos e cidadania, conforme nos esclarece as palavras de Gohn (2000):

A educação ganha importância na nova conjuntura da era da globalização porque o elevado grau de competitividade ampliou a demanda por conhecimentos e informação.

A educação ganha também centralidade nos discursos e políticas sociais porque eles enfatizam que competirá a ela ser um instrumento de democratização, num mercado de escolhas e oportunidades. À escola, como à cidade, é atribuído o espaço para o exercício da democracia e conquista de direitos, da mesma forma que a fábrica foi o espaço de luta e conquista dos direitos sociais dos trabalhadores. O número de anos de escolarização associado à qualidade da educação recebida é apresentado como fator determinante para o acesso ao mercado de trabalho, nível de renda a ser auferido etc. (p. 95)

Na contemporaneidade e frente aos processos de globalização, exige-se a reconfiguração dos processos formativos que contemplem a cidadania e a promoção de uma cultura de dignidade em direitos humanos, já que a própria cidadania se modificou, evoluiu, provocando a necessidade de que os sujeitos educandos interajam com novas culturas, ou seja, ainda há o pertencimento, mas não se pode negar que se está imerso na diversidade de culturas e pensamentos estrangeiros ou nacionais.

A partir dessa nova perspectiva de cidadania refletida em uma construção coletiva, a educação em direitos humanos, muitas vezes, é contestada frente às desigualdades existentes na sala de aula. Contudo ela deve ser vista pelo educador como uma possibilidade de se tratar dos assuntos que litigam com a dignidade, e podemos buscar inspiração nas lições de Paulo Freire que com sua filosofia da Educação Popular que trouxe de forma embrionária as discussões sobre direitos humanos.

Há uma recomendação explicita de Capucho (2012, p. 32 -36) de que há no momento histórico atual uma tendência a se generalizar os conceitos de "cidadania e de educação para a cidadania", na medida em que tentam dissociá-los das lutas históricas de suas conquistas, ao que se interpreta que uma educação que busque estimular os processos de conhecimento sobre a cidadania e a valorização dos direitos, deve trazer também a historicidade do povo, dos movimentos sociais e da importância da conscientização.

Outro aspecto levantado pela autora é que os trabalhos pedagógicos para estimular o conhecimento sobre a cidadania e os direitos humanos na EJA requerem um compromisso com a "soberania popular" (Capucho, p. 34), isto é, há a suposição de que a democracia contenha limitações e de que os governos, mesmo amparados pela maioria, possam servir aos interesses de uma minoria dominante.

Essas recomendações para a práxis da educação para a cidadania buscam evitar que as reflexões produzidas se restrinjam a análises superficiais de lutas de classes ou afirmações genéricas sobre a desigualdade social, ou ainda, manter os educandos da EJA com um enfoque na diversidade cultural exclusivamente ou alijar-se em questões de caráter étnico ou gênero. Reverberando as palavras de Freire "não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação".

A construção de uma educação cidadã pressupõe a discussão crítica das relações desses sujeitos com a sociedade, com o mundo do trabalho, com as questões que lhe exijam justiça e correção. Uma Educação para cidadania no contexto escolar e para os direitos humanos no sentido amplo embasa-se em um viés político e social.

Reflete-se, portanto, nesse estudo que todas essas nuances ensejam ser contempladas nas práticas pedagógicas da EJA e da EDH, ressalta-se, também, que não se pode isolar esses processos da realidade presente na vida desses sujeitos.

Silva e Tavares (2012) convidam a refletir sobre a importância da educação cidadã na educação básica, a partir da convicção de que as práticas escolares devem ser repensadas para a construção de uma criticidade que envolva os aspectos da vida dos educandos, segundo ela a conceituação dos direitos humanos encontraria referência naqueles que garantem a dignidade da pessoa humana, independentemente de classe, raça, etnia, gênero, opção política, ideológica ou religiosa.

É nesse olhar que se inspira a perspectiva do respeito à diversidade nas relações de uma educação para a cidadania, pois a menção a ela suscita o respeito aos grupos sociais em sua multiplicidade em detrimento da visão homogeinizadora e opressora de se criar padrões ideais dentro de um espaço escolar.

A educação para a diversidade seja na EJA seja nas mais diferentes modalidades não pode ser vinculada apenas a leis, deve ser uma mudança de perspectiva que deverá começar dentro dos próprios sujeitos, conforme esclarecem as referidas autoras:

A mudança cultural é essencialmente mudança educacional. E a educação fundamentada nos princípios dos direitos humanos tem papel importante na construção de uma nova concepção de sociedade mais inclusiva e igualitária no acesso aos direitos. É o processo de conscientização, da apropriação de conhecimentos, de desenvolvimento de valores que possibilita o reconhecimento do outro que é diferente, sim, mas igual em direitos. Esse é o desafio dos professores (as) que lutam por uma sociedade, de fato, democrática, e veem nas diferenças as grandes possibilidades de enriquecimento de aprendizagens em todos os campos da convivência humana.

A escola que deseje construir um local mais democrático e de cidadania ativa, deve repensar sua atuação desde a reavaliação do seu plano político pedagógico, ao currículo proposto observando-se a realidade concreta da comunidade, até a busca por formação de professores para que as relações educacionais se tornem mais humanizadas. Não é outra a visão de Silva e Tavares: A escola ao envolver seus agentes, não pode se eximir do seu papel formador de princípios e valores que igualmente estão ligados ao respeito integral aos direitos humanos, pois, é no cotidiano das ações realizadas na escola que também se aprende os conteúdos do currículo, uma vez que são vivenciados comportamentos, exemplos, valores e atitudes.

A escola é o espaço perfeito para se desenvolver um contexto de tolerância, já que nele encontramos a diversidade em todas as esferas: gestão, funcionários, professores alunos. Há nesse lugar profusão de pensamentos e sentimentos, é o lugar onde se inicia o passo a passo da vida cotidiana.

Os Processos pedagógicos na Educação em Direitos Humanos, princípios, fundamentos e práticas possíveis.

O parecer do Conselho Nacional de Educação que se constitui o marco original das Diretrizes para a Educação em Direitos Humanos, alicerçou-se no fato de que a educação é parte fundamental dos direitos humanos, demandando por esse motivo a necessidade de trabalhar pedagogicamente os conceitos que falem sobre liberdade e respeito às diversas manifestações culturais, à diversidade de gênero, etnia, orientação sexual, religiosa, buscando atitudes efetivas de combate ao preconceito, à hostilidade das diferenças no âmbito escolar. O Parecer de nº 08/2012 foi elaborado pela constituição de uma comissão interinstitucional de onde participaram o Conselho Nacional de Educação (CNE), a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDHPR), Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), a Secretaria de Educação Superior (SESU), Secretaria de Articulação dos Sistemas de Ensino (SASE), Secretaria de Educação Básica (SEB) e o Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos.

Essa articulação de tantas instituições reforça o caráter de se trabalhar a EDH em todas as modalidades e níveis de ensino e em todas as áreas do conhecimento, bem como na formação de professores, à medida que busca reforço ao ouvir através de consultas públicas setores organizados da sociedade civil, os movimentos sociais, os docentes, as ONGs, todos, objetivando a promoção dessa cultura de dignidade, isso sem dúvida reforça a sensação de que a educação voltada para os direitos é importante e uma prática que precisa ser mais divulgada.

As diretrizes trazem seis princípios cuja observância é recomendada nas construções de uma política de efetivação dos direitos humanos.

O primeiro princípio vem caracterizado como a Dignidade Humana, admite-se que esse princípio é fundante não só das diretrizes nacionais, mas também da própria concepção de uma educação voltada para os direitos, há uma recomendação expressa nas diretrizes que ao se pensar sobre esse princípio, fatores como contexto histórico, a sociedade vigente, as culturas disseminadas devem encontrar-se contemplados, é necessária a dialogicidade entre todas essas perspectivas, pessoas, comunidades e grupos.

O segundo princípio está para a igualdade de direitos, segundo o texto legal o princípio da igualdade confunde-se com o da dignidade, a desigualdade, portanto implica, muitas vezes, em processos de indignidade a partir do momento em que direitos civis como segurança, trabalho, saúde, moradia ou ainda a própria representação de identidade que possui na etnia, orientação sexual, religiosidade. A expressão de uma cidadania igualitária compreende a noção de respeito, uma não sobrevive sem a outra.

Na sequência temos o reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades muito pertinente para um país que possui dimensões continentais e uma diversidade cultural na mesma proporção; e o contexto desse princípio é um paradoxo, porque complementar da igualdade, já que a igualdade também se manifesta com o direito de expressar as próprias especificidades, suas diferenças.

A laicidade do Estado define a necessidade do direito às crenças religiosas, principalmente porque enfrentamos frequentemente a intolerância religiosa, muitos seguidores de religiões de matrizes africanas são hostilizados e sofrem pechas que lhes causa constrangimento, trazer o ecumenismo e reflexões quanto ao direito de crença são indispensáveis para uma cultura de dignidade.

Democracia na Educação e Transversalidade, vivência e globalidade são princípios que refletem o ativismo e participação da comunidade educacional, a transversalidade caracteriza as ações pedagógicas da EDH e a interação e vivência desses ensinamentos nas práticas cotidianas apresentam-se como a possibilidade de aplicação do que conheceu pelos outros princípios, ressalte-se que o envolvimento não se circunscreve à comunidade de professores, alunos, gestores, funcionários e família.

A divulgação e propagação desses conceitos apreendidos e vivenciados na educação em Direitos Humanos podem ir além, ultrapassando os muros da escola e seguindo para outros espaços na mesma região, estado e até internacionalmente, comumente observa-se os esforços da educação pública pretendendo estreitar os laços com outros países na tentativa de fortalecer o conceito de cidadania planetária.

Os princípios categorizados confirmam o objetivo da Educação em Direitos Humanos de contribuir para a construção de uma sociedade mais equânime, mais consciente das diversidades, porém sabendo que o respeito é condição intrínseca para uma cidadania plena. As práticas possíveis a que se referem buscam uma proposta educacional para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

A ausência de formação adequada ao universo da EJA, conforme sinalizado, prejudica o bom desenvolvimento de conteúdo a serem assimilados por um público repleto de carências, abrindo lacunas ou ainda o transformando em mero reprodutor de conceitos depositados em sala de aula.

A solução, portanto, não perpassa em trazer as diretrizes curriculares de forma categórica e sem uma discussão dentro das reuniões de coordenação e planejamento, pois esta seria uma decisão equivocada.

O enfrentamento desse despreparo do professor para o tratamento da EJA e o desconhecimento da EDH é um desafio a ser superado, sinalizando o desafio de trazer a EDH para a EJA Capucho (2012) nos diz:

(...) é uma possibilidade de educar para as igualdades de direitos, a justiça social, a transparência no poder, o respeito à diversidade e a tolerância, a soberania popular, portanto para a democracia. O que não significa dizer para a obediência às leis, mas também para a obediência quando essas primam pela dignidade humana (...) (CAPUCHO, 2012, p.34)

A EDH aparece como uma possibilidade de se levar pessoas marcadas pela exclusão a reestruturarem seus conceitos, suas práticas, promover uma catarse enfrentando suas próprias incertezas, para que consigam voltar a reencontrar sua dignidade obscurecida.

Capucho (2012, p.47) incorpora em sua discussão como o PNDEH pretende auxiliar as práticas pedagógicas para a EDH no campo da EJA, entre elas estariam um processo de interação com a comunidade local, dito isso, acredita-se que as propostas pedagógicas que laborem o exercício da solidariedade como visitas a abrigos de crianças e idosos, projetos de proteção ao meio ambiente, combate à violência contra a mulher promovam o compromisso social e a agregam relações mais humanas.

Adiciona-se como elemento importante nesse trabalho o de reconhecimento da alteridade e da diversidade como condição para exercer a crítica, isto é, nas práticas pedagógicas que desejem desenvolver a EDH o sentido de respeito mútuo deve ser preponderante, inclusive entre os educadores, como se poderá estimular o respeito entre os alunos se o educador não os escutam?

Lembra-se, oportunamente, do papel da escuta sensível dentro da própria sala de aula e observado continuamente nas práticas do CEDHIA.

Enfim as práticas da EDH no universo da modalidade de jovens e adultos devem se comprometer com o passado de lutas que marca a própria EJA e atribuir-se, também, o referencial do trabalho, porque esse público é trabalhador e faz parte, cotidianamente, da tentativa de ser reconhecido como tal.

Cabe ir além da ação paliativa, mas buscar a ação transformadora para levar esses sujeitos a não serem adaptáveis e conformados, entretanto senhores de seus caminhos.

(Fonte: Rocha, M. M. S. Educação em direitos humanos e a relação com a educação de jovens e adultos na perspectiva da formação da cidadania, 2015)

DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

MEC/SECADI

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

Introdução

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas.

Nesta perspectiva, o Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão apresenta a *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*, que acompanha os avanços do conhecimento e das lutas sociais, visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os estudantes.

Marcos históricos e normativos

A escola historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da escola, evidencia-se o paradoxo inclusão/exclusão quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração, que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar.

A partir da visão dos direitos humanos e do conceito de cidadania fundamentado no reconhecimento das diferenças e na participação dos sujeitos, decorre uma identificação dos mecanismos e processos de hierarquização que operam na regulação e produção das desigualdades. Essa problematização explicita os processos normativos de distinção dos estudantes em razão de características intelectuais, físicas, culturais, sociais e lingüísticas, entre outras, estruturantes do modelo tradicional de educação escolar.

A educação especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades

que levaram à criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. Essa organização, fundamentada no conceito de normalidade/anormalidade, determina formas de atendimento clínico-terapêuticos fortemente ancorados nos testes psicométricos que, por meio de diagnósticos, definem as práticas escolares para os estudantes com deficiência.

No Brasil, o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império, com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, hoje denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro. No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi (1926), instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954, é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE; e, em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.

Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos "excepcionais" à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino.

A Lei nº 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, ao definir "tratamento especial" para os estudantescom "deficiências físicas, mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados", não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação e acaba reforçando o encaminhamento dos estudantes para as classes e escolas especiais.

Em 1973, o MEC cria o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, responsável pela gerência da educação especial no Brasil, que, sob a égide integracionista, impulsionou ações educacionais voltadas às pessoas com deficiência e às pessoas com superdotação, mas ainda configuradas por campanhas assistenciais e iniciativas isoladas do Estado.

Nesse período, não se efetiva uma política pública de acesso universal à educação, permanecendo a concepção de "políticas especiais" para tratar da educação de estudantes com deficiência. No que se refere aos estudantes com superdotação, apesar do acesso ao ensino regular, não é organizado um atendimento especializado que considere as suas singularidades de aprendizagem.

A Constituição Federal de 1988 traz como um dos seus objetivos fundamentais "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" (art.3º, inciso IV). Define, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a "igualdade de condições de acesso e permanência na escola" como um dos princípios para o ensino e garante como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90, no artigo 55, reforça os dispositivos legais supracitados ao determinar que "os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino". Também nessa década, documentos como a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994) passam a influenciar a formulação das políticas públicas da educação inclusiva.

A Conferência Mundial de Educação para Todos, Jomtien/1990, chama a atenção para os altos índices de crianças, adolescentes e jovens sem escolarização, tendo como objetivo promover transformações nos sistemas de ensino para assegurar o acesso e a permanência de todos na escola.

Para o alcance das metas de educação para todos, a Conferência Mundial de Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, realizada pela UNESCO em 1994, propõe aprofundar a discussão, problematizando as causas da exclusão escolar. A partir desta reflexão acerca das práticas educacionais que resultam na desigualdade social de diversos grupos, o documento Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais proclama que as escolas comuns representam o meio mais eficaz para combater as atitudes discriminatórias, ressaltando que:

O princípio fundamental desta **Linha de Ação** é de que as escolas devem acolher **todas as crianças,** independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicos ou culturais e crianças de outros grupos e zonas desfavorecidos ou marginalizados. (Brasil, 1997, p. 17 e 18).

Em 1994, é publicada a Política Nacional de Educação Especial, orientando o processo de "integração instrucional" que condiciona o acesso às classes comuns do ensino regular àqueles que "(...) possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os estudantes ditos normais" (p.19). Ao reafirmar os pressupostos construídos a partir de padrões homogêneos de participação e aprendizagem, a Política de 1994 não provoca uma reformulação das práticas educacionais de maneira que sejam valorizados os diferentes potenciais de aprendizagem no ensino comum, mas mantém a responsabilidade da educação desses estudantes exclusivamente no âmbito da educação especial.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, no artigo 59, preconiza que os sistemas de ensino devem assegurar aos estudantes currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender às suas necessidades; assegura a terminalidade específica àqueles que não atingiram o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências; e assegura a aceleração de estudos aos superdotados para conclusão do programa escolar. Também define, dentre as normas para a organização da educação básica, a "possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado" (art. 24, inciso V) e "[...] oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames" (art. 37).

Em 1999, o Decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

Acompanhando o processo de mudança, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que:

"Os sistemas de ensino devem matricular todos os estudantes, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001)."

As Diretrizes ampliam o caráter da educação especial para realizar o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização, porém, ao admitir a possibilidade de substituir o ensino regular, não potencializam a adoção de uma política de educação inclusiva na rede pública de ensino, prevista no seu artigo 2º.

O Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/2001, destaca que *"o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana"*. Ao estabelecer objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, aponta um déficit referente à oferta de matrículas para estudantes com deficiência nas classes comuns do ensino regular, à formação docente, à acessibilidade física e ao atendimento educacional especializado.

A Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, afirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais. Este Decreto tem importante repercussão na educação, exigindo uma reinterpretação da educação especial, compreendida no contexto da diferenciação, adotado para promover a eliminação das barreiras que impedem o acesso à escolarização.

Na perspectiva da educação inclusiva, a Resolução CNE/CP nº 1/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, define que as instituições de ensino superior devem prever, em sua organização curricular, formação docente voltada para a atenção à diversidade e que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

A Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia.

A Portaria nº 2.678/02 do MEC aprova diretrizes e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do sistema Braille em todas as modalidades de ensino, compreendendo o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e a recomendação para o seu uso em todo o território nacional.

Em 2003, é implementado pelo MEC o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, com vistas a apoiar a transformação dos sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos, promovendo um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, à oferta do atendimento educacional especializado e à garantia da acessibilidade.

Em 2004, o Ministério Público Federal publica o documento *O Acesso de Estudantes com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular*, com o objetivo de disseminar os

conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão, reafirmando o direito e os benefícios da escolarização de estudantes com e sem deficiência nas turmas comuns do ensino regular.

Impulsionando a inclusão educacional e social, o Decreto nº 5.296/04 regulamentou as Leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00, estabelecendo normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Nesse contexto, o Programa Brasil Acessível, do Ministério das Cidades, é desenvolvido com o objetivo de promover a acessibilidade urbana e apoiar ações que garantam o acesso universal aos espaços públicos.

O Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, visando o acesso à escola aos estudantes surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor de Libras, instrutor e tradutor/intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos e a organização da educação bilíngüe no ensino regular.

Em 2005, com a implantação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação –NAAH/S em todos os estados e no Distrito Federal, são organizados centros de referência na área das altas habilidades/superdotação para o atendimento educacional especializado, para a orientação às famílias e a formação continuada dos professores, constituindo a organização da política de educação inclusiva de forma a garantir esse atendimento aos estudantes da rede pública de ensino.

Neste mesmo ano, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, os Ministérios da Educação e da Justiça, juntamente com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, lançam o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que objetiva, dentre as suas ações, contemplar, no currículo da educação básica, temáticas relativas às pessoas com deficiência e desenvolver ações afirmativas que possibilitem acesso e permanência na educação superior.

Em 2007, é lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, reafirmado pela Agenda Social, tendo como eixos a formação de professores para a educação especial, a implantação de salas de recursos multifuncionais, a acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares, acesso e a permanência das pessoas com deficiência na educação superior e o monitoramento do acesso à escola dos favorecidos pelo Benefício de Prestação Continuada – BPC.

No documento do MEC, *Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas* é

reafirmada a visão que busca superar a oposição entre educação regular e educação especial.

Contrariando a concepção sistêmica da transversalidade da educação especial nos diferentes níveis, etapas e modalidades de ensino, a educação não se estruturou na perspectiva da inclusão e do atendimento às necessidades educacionais *especiais, limitando, o cumprimento do princípio constitucional que prevê a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e a continuidade nos níveis mais elevados de ensino (2007, p. 09).*

Para a implementação do PDE é publicado o Decreto nº 6.094/2007, que estabelece nas diretrizes do Compromisso Todos pela Educação, a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, fortalecendo seu ingresso nas escolas públicas.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em 2006 e ratificada com força de Emenda Constitucional por meio do Decreto Legislativo n°186/2008 e do Decreto Executivo n°6949/2009, estabelece que os Estados-Partes devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social compatível com a meta da plena participação e inclusão, adotando medidas para garantir que:

a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de

deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência;

b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem (Art.24).

O Decreto n° 6571/2008, incorporado pelo Decreto n° 7611/2011, institui a política pública de financiamento no âmbito do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, estabelecendo o duplo cômputo das matriculas dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Visando ao desenvolvimento inclusivo dos sistemas públicos de ensino, este Decreto também define o atendimento educacional especializado complementar ou suplementar à escolarização e os demais serviços da educação especial, além de outras medidas de apoio à inclusão escolar.

Com a finalidade de orientar a organização dos sistemas educacionais inclusivos, o Conselho Nacional de Educação – CNE publica a Resolução CNE/CEB, 04/2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na Educação Básica. Este documento determina o público alvo da educação especial, define o caráter complementar ou suplementar do AEE, prevendo sua institucionalização no projeto político pedagógico da escola.

O caráter não substitutivo e transversal da educação especial é ratificado pela Resolução CNE/CEB n°04/2010, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e preconiza em seu artigo 29, que os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado - AEE, complementar ou suplementar à escolarização, ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

O Decreto n°7084/2010, ao dispor sobre os programas nacionais de materiais didáticos, estabelece no artigo 28, que o Ministério da Educação adotará mecanismos para promoção da acessibilidade nos programas de material didático destinado aos estudantes da educação especial e professores das escolas de educação básica públicas.

A fim de promover políticas públicas de inclusão social das pessoas com deficiência, dentre as quais, aquelas que efetivam um sistema educacional inclusivo, nos termos da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, instituiu-se, por meio do Decreto n°7612/2011, o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite.

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do espectro Autista é criada pela Lei nº 12.764/2012. Além de consolidar um conjunto de direitos, esta lei em seu artigo 7º, veda a recusa de matrícula à pessoas com qualquer tipo de deficiência e estabelece punição para o gestor escolar ou autoridade competente que pratique esse ato discriminatório.

Ancorada nas deliberações da Conferência Nacional de Educação – CONAE/ 2010, a Lei nº 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação – PNE, no inciso III, parágrafo 1º, do artigo 8º, determina que os Estados, o Distrito Federal e os Municípios garantam o atendimento as necessidades específicas na educação especial, assegurado o sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades. Com base neste pressuposto, a meta 4 e respectivas estratégias objetivam universalizar, para as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, na faixa etária de 04 a 17 anos, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado. O AEE é ofertado preferencialmente na rede regular de ensino, podendo ser realizado por meio de convênios com instituições especializadas, sem prejuízo do sistema educacional inclusivo.

Diagnóstico da Educação Especial

O Censo Escolar/MEC/INEP, realizado anualmente em todas as escolas de educação básica, possibilita o acompanhamento dos indicadores da educação especial: acesso à educação básica, matrícula na rede pública, ingresso nas classes comuns, oferta do atendimento educacional especializado, acessibilidade nos prédios escolares, municípios com matrícula de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, escolas com acesso ao ensino regular e formação docente para o atendimento às necessidades educacionais específicas dos estudantes.

Para compor esses indicadores no âmbito da educação especial, o Censo Escolar/MEC/INEP coleta dados referentes ao número geral de matrículas; à oferta da matrícula

nas escolas públicas, escolas privadas e comunitárias sem fins lucrativos; às matrículas em classes especiais, escola especial e classes comuns de ensino regular; ao número de estudantes do ensino regular com atendimento educacional especializado; às matrículas, conforme tipos de deficiência, transtornos do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação; à infra-estrutura das escolas quanto à acessibilidade arquitetônica, à sala de recursos ou aos equipamentos específicos; e à formação dos professores que atuam no atendimento educacional especializado.

A partir de 2004, são efetivadas mudanças no instrumento de pesquisa do Censo, que passa a registrar a série ou ciclo escolar dos estudantes identificados na área da educação especial, possibilitando monitorar o percurso escolar. Em 2007, o formulário impresso do Censo Escolar foi transformado em um sistema de informações on-line, o Censo Web, que qualifica o processo de coleta e tratamento das informações, permite atualização dos dados dentro do mesmo ano escolar, bem como possibilita o cruzamento com outros bancos de dados, tais como os das áreas de saúde, assistência e previdência social. Também são realizadas alterações que ampliam o universo da pesquisa, agregando informações individualizadas dos estudantes, das turmas, dos professores e da escola.

Objetivo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais, garantindo:

- Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- Atendimento educacional especializado;
- Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;
- Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;
- Participação da família e da comunidade;
- Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e
- Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Estudantes atendidos pela Educação Especial

Por muito tempo perdurou o entendimento de que a educação especial, organizada de forma paralela à educação comum, seria a forma mais apropriada para o atendimento de estudantes que apresentavam deficiência ou que não se adequassem à estrutura rígida dos sistemas de ensino.

Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da educação especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, em contraposição à sua dimensão pedagógica. O desenvolvimento de estudos no campo da educação e dos direitos humanos vêm modificando os conceitos, a legislação, as práticas educacionais e de gestão, indicando a necessidade de se promover uma reestruturação das escolas de ensino regular e da educação especial.

Em 1994, a Declaração de Salamanca proclama que as escolas regulares com orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e que estudantes com deficiência e altas habilidades/superdotação devem ter acesso à escola regular, tendo como princípio orientador que "as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras" (BRASIL, 2006, p.330).

O conceito de necessidades educacionais especiais, que passa a ser amplamente disseminado a partir dessa Declaração, ressalta a interação das características individuais dos estudantes com o ambiente educacional e social. No entanto, mesmo com uma perspectiva conceitual que aponte para a organização de sistemas educacionais inclusivos, que garanta o acesso de todos os estudantes e os apoios necessários para sua participação e aprendizagem, as políticas implementadas pelos sistemas de ensino não alcançaram esse objetivo.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e em outros, como os transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento desses estudantes.

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses estudantes no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas.

Os estudos mais recentes no campo da educação especial enfatizam que as definições e uso de classificações devem ser contextualizados, não se esgotando na mera especificação ou categorização atribuída a um quadro de deficiência, transtorno, distúrbio, síndrome ou aptidão.

Considera-se que as pessoas se modificam continuamente, transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, reforçando a importância dos ambientes heterogêneos para a promoção da aprendizagem de todos os estudantes.

A partir dessa conceituação, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os estudantes com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo.

Incluem-se nesse grupo estudantes com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil. Estudantes com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular.

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos estudantes com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.

Dentre as atividades de atendimento educacional especializado são disponibilizados programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização e tecnologia assistiva. Ao longo de todo o processo de escolarização esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum. O atendimento educacional

especializado é acompanhado por meio de instrumentos que possibilitem monitoramento e avaliação da oferta realizada nas escolas da rede pública e nos centros de atendimento educacional especializados públicos ou conveniados.

O acesso à educação tem início na educação infantil, na qual se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e desenvolvimento global do aluno. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança.

Do nascimento aos três anos, o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de estimulação precoce, que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social. Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos estudantes, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino. Deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional.

Desse modo, na modalidade de educação de jovens e adultos e educação profissional, as ações da educação especial possibilitam a ampliação de oportunidades de escolarização, formação para ingresso no mundo do trabalho e efetiva participação social.

A interface da educação especial na educação indígena, do campo e quilombola deve assegurar que os recursos, serviços e atendimento educacional especializado estejam presentes nos projetos pedagógicos construídos com base nas diferenças socioculturais desses grupos.

Na educação superior, a educação especial se efetiva por meio de ações que promovam o acesso, a permanência e a participação dos estudantes. Estas ações envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvam o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para o ingresso dos estudantes surdos nas escolas comuns, a educação bilíngue – Língua Portuguesa/Libras desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para estudantes surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais estudantes da escola. O atendimento educacional especializado para esses estudantes é ofertado tanto na modalidade oral e escrita quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, orienta-se que o aluno surdo esteja com outros surdos em turmas comuns na escola regular.

O atendimento educacional especializado é realizado mediante a atuação de profissionais com conhecimentos específicos no ensino da Língua Brasileira de Sinais, da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, do sistema Braille, do Soroban, da orientação e mobilidade, das atividades de vida autônoma, da comunicação alternativa, do desenvolvimento dos processos mentais superiores, dos programas de enriquecimento curricular, da adequação e produção de materiais didáticos e pedagógicos, da utilização de recursos ópticos e não ópticos, da tecnologia assistiva e outros.

A avaliação pedagógica como processo dinâmico considera tanto o conhecimento prévio e o nível atual de desenvolvimento do aluno quanto às possibilidades de aprendizagem futura, configurando uma ação pedagógica processual e formativa que analisa o desempenho do aluno em relação ao seu progresso individual, prevalecendo na avaliação os aspectos qualitativos que indiquem as intervenções pedagógicas do professor. No processo de avaliação, o professor deve criar estratégias considerando que alguns estudantes podem demandar ampliação do tempo para a realização dos trabalhos e o uso da língua de sinais, de textos em Braille, de informática ou de tecnologia assistiva como uma prática cotidiana.

Cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/intérprete de Libras e guia-intérprete, bem como de monitor ou cuidador dos

estudantes com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras, que exijam auxílio constante no cotidiano escolar.

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial.

Para assegurar a intersetorialidade na implementação das políticas públicas a formação deve contemplar conhecimentos de gestão de sistema educacional inclusivo, tendo em vista o desenvolvimento de projetos em parceria com outras áreas, visando à acessibilidade arquitetônica, aos atendimentos de saúde, à promoção de ações de assistência social, trabalho e justiça.

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os estudantes. A acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação – incluindo instalações, equipamentos e mobiliários – e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações.

EDUCAÇÃO INFANTIL
DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.

Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 200
Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

1. Objetivos

1.1 Esta norma tem por objetivo estabelecer as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na educação infantil.

1.2 As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil.

1.3 Além das exigências dessas diretrizes, devem também ser observadas a legislação estadual e municipal atinentes ao assunto, bem como as normas do respectivo sistema.

2. Definições

Para efeito das Diretrizes são adotadas as definições:

2.1 Educação Infantil:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção.

2.2 Criança:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

2.3 Currículo:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

2.4 Proposta Pedagógica:

Proposta pedagógica ou projeto político pedagógico é o plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. É elaborado num processo coletivo, com a participação da direção, dos professores e da comunidade escolar.

3. Concepção da Educação Infantil
Matrícula e faixa etária:

É obrigatória a matrícula na Educação Infantil de crianças que completam 4 ou 5 anos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula.

As crianças que completam 6 anos após o dia 31 de março devem ser matriculadas na Educação Infantil.

A frequência na Educação Infantil não é pré-requisito para a matrícula no Ensino Fundamental.

As vagas em creches e pré-escolas devem ser oferecidas próximas às residências das crianças.

Jornada:

É considerada Educação Infantil em tempo parcial, a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição.

4. Princípios

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

5. Concepção de Proposta Pedagógica

Na observância das Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

Oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;

Assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;

Possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;

Promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.

6. Objetivos da Proposta Pedagógica

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

7. Organização de Espaço, Tempo e Materiais

Para efetivação de seus objetivos, as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;

A indivisibilidade das dimensões expressivo motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;

A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização;

O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;

O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;

Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição;

A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação;

A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de
outros países da América.

8. Proposta Pedagógica e Diversidade

As propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação;

A dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes.

Proposta Pedagógica e Crianças Indígenas

Garantida a autonomia dos povos indígenas na escolha dos modos de educação de suas crianças de 0 a 5 anos de idade, as propostas pedagógicas para os povos que optarem pela Educação Infantil devem:

Proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo;

Reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças;

Dar continuidade à educação tradicional oferecida na família e articular-se às práticas socioculturais de educação e cuidado coletivos da comunidade;

Adequar calendário, agrupamentos etários e organização de tempos, atividades e ambientes de modo a atender as demandas de cada povo indígena.

10. Proposta Pedagógica e as Infâncias do Campo

As propostas pedagógicas da Educação Infantil das crianças filhas de agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, povos da floresta, devem:

Reconhecer os modos próprios de vida no campo como fundamentais para a constituição da identidade das crianças moradoras em territórios rurais;

Ter vinculação inerente à realidade dessas populações, suas culturas, tradições e identidades, assim como a práticas ambientalmente sustentáveis;

Flexibilizar, se necessário, calendário, rotinas e atividades respeitando as diferenças quanto à atividade econômica dessas populações;

Valorizar e evidenciar os saberes e o papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo e sobre o ambiente natural;

Prever a oferta de brinquedos e equipamentos que respeitem as características ambientais e socioculturais da comunidade.

11. Práticas Pedagógicas da Educação Infantil Eixos do currículo:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as **interações** e a **brincadeira** e

Garantir experiências que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;

Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade;

Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como

o não desperdício dos recursos naturais;

Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

As creches e pré-escolas, na elaboração da proposta curricular, de acordo com suas características, identidade institucional, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, estabelecerão modos de **integração dessas experiências**.

12. Avaliação

As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

A observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano;

Utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.);

A continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental);

Documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil;

A não retenção das crianças na Educação Infantil.

13. Articulação com o Ensino Fundamental

Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.

14. Implementação das Diretrizes pelo Ministério da Educação

Cabe ao Ministério da Educação elaborar orientações para a implementação das Diretrizes Curriculares.

Visando atender a essa determinação, a Secretaria de Educação Básica, por meio da Coordenação Geral de Educação Infantil, está elaborando orientações curriculares, em processo de debate democrático e com consultoria técnica especializada, sobre os seguintes temas:

O currículo na educação infantil: o que propõem as novas Diretrizes Nacionais?

As especificidades da ação pedagógica com os bebês

Brinquedos e brincadeiras na educação infantil

Relações entre crianças e adultos na educação infantil

Saúde e bem-estar das crianças: uma meta para educadores infantis em parceria com familiares e profissionais de saúde.

Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil.

A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância.

As crianças e o conhecimento matemático: experiências de exploração e ampliação de conceitos e relações matemáticas.

Crianças da natureza Orientações curriculares para a educação infantil do campo

Avaliação e transições na educação infantil.

15. O Processo de Concepção e Elaboração das Diretrizes

Em 2008, a Coordenação Geral de Educação Infantil do MEC estabeleceu, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), convênio de cooperação técnica para a articulação de um processo nacional de estudos e debates sobre o currículo da Educação Infantil. Disso resultou uma série de documentos, dentre eles "Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares" (MEC/COEDI,

200). Esse processo serviu de base para a elaboração de "Subsídios para as Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica" (MEC, 200), texto encaminhado ao Conselho Nacional de Educação pelo Senhor Ministro de Estado da Educação.

A proposta do MEC foi apresentada pela professora Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva, Secretária de Educação Básica do MEC, na reunião ordinária do mês de julho de 200, da Câmara de Educação Básica. Nessa ocasião foi designada a comissão que se encarregaria de elaborar novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, presidida pelo Conselheiro Cesar Callegari e tendo como relator o Conselheiro Raimundo Moacir Mendes Feitosa (Portaria CNE/CEB nº 3/200).

Em 5 de agosto de 200, com a participação de representantes de entidades nacionais como União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Fórum Nacional de Conselhos Estaduais de Educação, Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB), bem como da Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC), da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC) e das especialistas da área de Educação Infantil Maria Carmem Barbosa (coordenadora do Projeto MEC/UFRGS/2008), Sonia Kramer (consultora do MEC responsável pela organização do documento de referência sobre as Diretrizes), Fulvia Rosemberg (da Fundação Carlos Chagas), Ana Paula Soares Silva e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto), o relator da Comissão, Raimundo Moacir Mendes Feitosa, apresentou um texto-síntese dos pontos básicos que seriam levados como indicações para o debate em audiências públicas nacionais. Essas foram então promovidas pela Câmara de Educação Básica do CNE, em São Luís do Maranhão, Brasília e São Paulo.

O processo de elaboração das Diretrizes incorporou as contribuições apresentadas por grupos de pesquisa e pesquisadores, conselheiros tutelares, Ministério Público, sindicatos, secretários e conselheiros municipais de educação, entidades não governamentais e movimentos sociais que participaram das audiências e de debates e reuniões regionais (como os encontros da UNDIME – Região Norte e do MIEIB em Santarém, PA, ocorrido em agosto de 200; o debate na ANPED, em outubro de 200). Foram consideradas também as contribuições enviadas por entidades e grupos como: Organização Mundial para a Educação Pré-escolar (OMEP); Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/Universidade Federal de Santa Catarina; Fórum de Educação Infantil do Pará (FEIPA); Fórum Amazonense de Educação Infantil (FAMEI); Fórum Permanente de Educação Infantil do Tocantins (FEITO); Fórum de Educação Infantil do Amapá; Fórum de Educação Infantil de Santa Catarina (contemplando também manifestações dos municípios de Jaguaré, Cachoeiro e Vitória); Fórum Paulista de Educação Infantil; Fórum Gaúcho de Educação Infantil; GT de Educação Infantil da UNDIME; Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT); GT 21 (Educação das Relações Étnico-Raciais) da ANPED; Grupo de Estudos em Educação Infantil do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL conjuntamente com equipe técnica das Secretarias de Educação do Município de Maceió e do Estado de Alagoas); alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Centro de Investigação sobre Desenvolvimento e Educação Infantil (CINDEDI/USP); representantes do Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) de São Paulo; técnicos da Coordenadoria de Creches da USP; participantes de evento da Secretaria de Educação, Esporte e Lazer de Recife e do Seminário Educação Ambiental e Educação Infantil, em Brasília. Ainda pesquisadores das seguintes Universidades e Instituições de Pesquisa fizeram considerações ao longo desse processo: Faculdade de Educação da USP; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP); Fundação Carlos Chagas (FCC); Centro Universitário Claretiano

Batatais; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Universidade de Campinas (UNICAMP); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

PEDAGOGIAS DIFERENCIADAS: PROGRESSÃO CONTINUADA, CORREÇÃO DE FLUXO ESCOLAR, AVALIAÇÃO POR COMPETÊNCIAS, FLEXIBILIZAÇÃO DO CURRÍCULO E DA TRAJETÓRIA ESCOLAR

PROGRESSÃO CONTINUADA

Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases. É considerada uma metodologia pedagógica avançada por propor uma avaliação constante, contínua e cumulativa, além de se basear na ideia de que reprovar o aluno sucessivamente não contribui para melhorar seu aprendizado.

No Brasil, a ruptura com a organização seriada do ensino, que teve início nos anos oitenta, a partir da implantação de ciclos nas séries iniciais do ensino fundamental, colocou a progressão continuada como uma tendência orientada pelo governo, principalmente após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996. A LDB propõe a progressão continuada organizada em forma de ciclos, considerando o conhecimento como processo e vivência que não admitem a idéia de interrupção, mas sim de construção, em que o aluno está continuamente se formando, construindo significados a partir das relações dos homens com o mundo e entre si.

A estratégia de adoção do regime de progressão continuada, de acordo com a LDB, "contribui para viabilizar a universalização da educação básica, que é o impulso para as nações se projetarem e competirem mundialmente, e também é um meio de garantir o acesso e principalmente a permanência do aluno na escola." Dessa forma, o objetivo da progressão continuada, além de aumentar a qualidade de ensino, é eliminar a defasagem idade/série, combater a evasão e evitar múltiplas repetências.

De acordo com a progressão continuada o aluno passa automaticamente pelas séries mas é avaliado ao longo e ao final de um ciclo. Quem não aprende adequadamente deve passar pelos processos de "aceleração", também conhecido como recuperação.

A progressão continuada, apesar de ser considerada uma idéia avançada, é alvo de polêmica por alguns considerarem que ela configura a "aprovação automática" dos alunos. Essa idéia leva em conta que a progressão foi adotada, no Brasil, sem se mudar as condições estruturais, pedagógicas, salariais, de formação dos professores e outras necessárias ao desenvolvimento de um verdadeiro projeto de progressão continuada. Outros, no entanto, consideram um importante projeto para solucionar o problema da reprovação e evasão dos alunos.

CORREÇÃO DE FLUXO

Medida política e estratégica utilizada para adequar a série à idade dos alunos no ensino fundamental. Tal política deve resultar, em determinado espaço de tempo, em um fluxo regularizado, com a maioria dos alunos matriculados nas séries correspondentes à sua idade, e em condições de aprenderem e serem aprovados para a série seguinte. O objetivo da correção é acabar com a distorção idade-série, considerada um dos maiores problemas enfrentados na educação pública brasileira.

Um dos principais elementos aplicados no processo de correção do fluxo escolar é a aceleração de aprendizagem. Ela é uma estratégia pedagógica de solução emergencial e intensiva para os alunos defasados.

AVALIAÇÃO POR COMPETÊNCIAS

Competências e Habilidades

A avaliação educacional externa em larga escala permite aos gestores verificarem o sucesso obtido na implementação de projetos pedagógicos cujo objetivo é garantir o desenvolvimento de competências fundamentais que assegurem a plena inserção social dos alunos.

Uma competência abrange a compreensão de processos, princípios elementares e recursos cognitivos utilizados pelo indivíduo para que ele possa resolver ou atuar em situações-problemas. Durante toda sua vida, o individuo desenvolve diversas competências, não apenas no ambiente escolar ou pela aprendizagem formal, mas também por meio da interação com colegas, famílias e sociedade.

Cada competência é formada por um conjunto de conhecimentos e habilidades mobilizados para executar uma ação. Portanto, uma pessoa com alto nível de competência apresenta conhecimentos e habilidades variados.

Nos estudantes, o desenvolvimento de competências cognitivas pode ser observado por meio de suas respostas a itens cuja solução depende de certa habilidade ou conhecimento ligados a determinado nível de domínio da competência considerada. Por exemplo, uma pessoa demonstra determinado nível de domínio da competência leitora se for capaz de entender os textos que lê. Assim, ao ter contato com textos de gêneros, formatos, complexidade e temas diferentes, se ela for capaz de mobilizar habilidades diversas, como a de compreensão, identificação, comparação e interpretação, será atestado seu nível de domínio nessa competência.

Matriz de Referência

Muitas avaliações educacionais externas aplicadas em larga escala, como é o caso da AVALIA, do Enem, da Prova Brasil e do Pisa, examinam o desenvolvimento de habilidades que atestam o nível de domínio de competências pelos alunos. Para isso, cada um dos itens utilizados nos testes foi classificado segundo as habilidades estabelecidas em documentos de orientação para a realização dos projetos de avaliação.

Esses documentos são chamados de Matrizes de Referência (ou Matriz de especificação) e contribuem para organizar e categorizar habilidades relacionadas a determinado tipo de conteúdo ou conhecimento, que são, então, agrupados em subcompetências, tópicos, tipos de gênero textual, contexto de uso, entre outros.

Provas e itens

Uma questão, caracterizada por seus valores exclusivamente pedagógicos, é uma pergunta ou um comando formulado por educadores de cada área do conhecimento, que pode conter uma sequência de alternativas entre as quais apenas uma é a correta ou que pode exigir uma dissertação do aluno. No caso de uma avaliação educacional, as questões são elaboradas com base nas habilidades presentes na Matriz de Referência do projeto.

A questão se torna um item quando ela a passa a conter análises estatística das respostas dadas pelos alunos (ou seja, após a sua primeira aplicação), que se relacionam diretamente à habilidade requisitada para sua resolução e probabilidade de acertar. Ou seja, o item testa a proficiência do estudante.

Para conhecer exatamente o grau de domínio de determinada competência por um estudante, é preciso que o teste contemple o maior número possível de itens de diferentes dificuldades, que exijam diferentes habilidades e conhecimento de diversos conteúdos para sua resolução. No entanto, um único teste com essa abrangência seria dificilmente respondido por um aluno dessa etapa de ensino – aspectos como cansaço e falta de motivação exerceriam influência negativa sobre o seu desempenho e, consequentemente, os resultados seriam alterados.

Por esse motivo, nas avaliações educacionais, os itens são organizados em blocos e, posteriormente, em cadernos de prova (instrumentos de avaliação), o que representa uma solução para o problema de como distribuir um grande número de questões aos alunos e diminuir a carga de um teste educacional sobre eles. Essa forma de distribuição, utilizada para uniformizar a exposição de itens aos alunos, é denominada Blocos Incompletos Balanceados (BIB). É especialmente útil, no uso da Teoria de Resposta ao Item, para análise estatística dos resultados.

FLEXIBILIZAÇÃO DO CURRÍCULO E DA TRAJETÓRIA ESCOLAR.

Introdução

Todos os diálogos sobre a educação moderna nos fazem flutuar sobre uma imensidão de problemas que afetam cotidianamente a sua efetivação. A maioria desses entraves está ligada a metamorfose constante que reveste os nossos alunos. A cada instante presenciamos novas demandas daqueles que estão no centro do processo de aprendizagem. A cada momento nos deparamos com revoluções tecnológico-educacionais que exige de nós um amplo esforço de atualização dos conhecimentos adquiridos em outro espaço, em outro tempo.

Porém, a relevância dos fatos que indicam muita das vezes o fracasso no aproveitamento do ensino, vem não somente dos elementos citados anteriormente, e sim da inexistência de um currículo que atenda as necessidades dos discentes, mas ao mesmo tempo, seja flexível e modelável de acordo com os seus objetivos. Um currículo capaz de reunir as várias áreas do conhecimento humano num paradigma organizacional diferente dos moldes tradicionalistas, onde o modelo secularmente adotado parece ter sido engessado, petrificado.

São notórios os debates várias vezes travados em busca do melhoramento do currículo escolar existente, visto, principalmente, a elevação assombrosa do índice de evasão escolar. Mas, o que se ver se olhamos mais afundo é a necessidade de conceber um currículo forjado no calor dos anseios de uma educação espelhada nos fenômenos da globalização e da diversidade.

Currículo e Escola Flexíveis

Esse currículo, nascente em dias atuais, deverá ser concebido num modelo escolar totalmente renovado. Ele deverá surgir no seio de uma escola nova, capaz de conviver com a diversidade do seu aluno e proporcionar-lhe a maleabilidade necessária para ser garantido o direito de escolha, seja de seu futuro nas plataformas acadêmicas ou até mesmo no mercado de trabalho.

É fato que uma escola única para todos não oferta uma educação que surta um efeito positivo. Na verdade, esse perfil de escola promove uma educação farsante, sem resultados promissores visíveis, incapaz de formar um aluno autônomo e detentor de um pensamento criativo e livre. Por isso, não há motivos para manter essa estrutura escolar tradicionalista. O que deve haver é uma ruptura paradigmática viabilizando o nascimento de uma escola nova, totalmente desnuda dos pensamentos fracassados de outrora. "(...) essa escola única, inflexível, igual para todos e com inúmeras disciplinas faz com que se criem o aluno entediado e o perdido". (Costa, 2012)

Comungando do pensamento do Professor José Carlos O. Costa, além da inflexibilidade curricular existente nas escolas, que não permitem ao aluno o direito de escolha de suas áreas de estudos, ainda convivemos com um dilema antigo e, a meu ver, irreparável, o do grande número de disciplinas, elementos da base comum nacional e também dos temas transversais. Desta forma, o aprendiz fica dividido entre vários conhecimentos fragmentados e que não representam possibilidades de progresso em seus objetivos finais patrocinados pela educação, levando o tédio aos que estão além do que é ensinado naquele momento, e deixando perdidos os que não conseguem acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos escolares.

A Existência do Currículo

Talvez o debate sobre os êxitos ou fracassos do currículo escolar brasileiro deva ganhar um novo rumo e repensar sobre sua real existência. Quando partimos para uma discussão dessa natureza, largamos do pressuposto de que existe um currículo em nosso sistema educacional, por mais que sua existência seja insuficiente para solucionar os problemas atuais. Será que estamos no caminho certo, quando tentamos corrigir um currículo de existência questionável? Qual o referencial curricular vigorante no país? Quais os conhecimentos que os aprendizes deverão alcançar ao final de cada ciclo/etapa?

No mesmo cenário estão às avaliações externas da educação como Saeb, Prova Brasil, Provinha Brasil etc. O que avaliamos é o que se pretende alcançar ao final de cada etapa do ensino. Para isso deveríamos ter metas claras e instruções precisas, onde os professores pudessem se embasar para alcançar os objetivos finais. Por mais que nos preocupemos com a correção do suposto currículo existente, temo que o debate deva se encaminhar para o campo de seu concebimento. Assim afirma a professora Magda Soares (2012) "(...) não existe um currículo no Brasil... não temos um currículo que defina, por exemplo, 'no fim do primeiro ano, a criança deverá ser capaz de... ', ou 'ao fim da educação infantil, a criança deve ser capaz de... '" e assim por diante.

As Avaliações Externas e seus Reflexos na Educação

As avaliações externas nacionais, que seriam responsáveis por diagnosticar as mazelas contraídas no processo de ensino-aprendizagem, apontam cada vez mais para a inexistência de um currículo, seja ele bom ou ruim. Além disso, com a cobrança acirrada que elas causam nos docentes, estes passam a ensinar baseados em suas exigências, levando o ensino para um nível totalmente mecânico, que não proporciona o desenvolvimento investigativo do discente, característica que faria nascer o conhecimento global, sem fronteiras.

O bom currículo define os objetivos a serem avaliados ao final de cada ciclo/etapa. O que temos hoje é a omissão dessa função, o que deixa uma lacuna entre o que é ensinado, o que era para ser ensinado e o que é, mesmo assim, avaliado. "(...) a escrita e a produção de textos não estão incluídas, pelo menos ainda, nas avaliações externas, pela dificuldade de correção objetiva e de expressão dos resultados em números". (Soares, 2012)

Isso com certeza reflete a omissão da "cúpula educacional" com a importante missão de alfabetizar, verdadeiramente, os nossos alunos. Como não se sabe como estão os nossos alunos em termos de escrita e leitura, não tem como empreender esforços ou implantar medidas que amenizem esse problema recorrente ao longo do tempo. Em vez de se fazer um diagnóstico verídico, prefere-se atirar no escuro e acertar o causador do problema como num jogo de azar.

Conclusões

Este trabalho demonstra suscintamente o debate que se gera a cada dia em torno do currículo escolar brasileiro e o modelo tradicionalista da maioria das nossas escolas. Sem dúvida a discussão não se encerra neste breve artigo, sendo este, apenas um ensaio advindo de uma pesquisa que empreendi a fim de diagnosticar os elementos do fracasso em nossa educação no que concerne ao desenvolvimento de um aluno crítico desde sua origem, pesquisador por essência, abrangente na busca pelo conhecimento sem fronteiras, reflexivo das questões sociais e educacionais e, não menos importante, capaz de inserir-se no mercado de trabalho.

"Deve haver múltiplos caminhos formativos disponíveis às escolhas dos discentes, pois estes são 'metamorfos' em sua natureza e livres em sua essência".

(Fonte: http://www.educabrasil.com.br/progressao-continuada/ // http://www.educabrasil.com.br/correcao-de-fluxo-escolar/ // http://www.avaliaeducacional.com.br/Avaliacao/AvaliacaodeCompetencias/ // https://www.infoescola.com/educacao/a-existencia-de-um-curriculo-e-a-escola-flexivel/)

CONSTRUÇÃO COLETIVA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Preliminares

A lei 9.394/96 no inciso I do Artigo 12 estabelece que, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica: o Projeto Político Pedagógico (PPP).

O que é e para que serve o PPP?

Constitui-se em um documento produzido como resultado do diálogo entre os diversos segmentos da comunidade escolar a fim de organizar e planejar o trabalho administrativo-pedagógico, buscando soluções para os problemas diagnosticados.

O PPP, além de ser uma obrigação legal, deve traduzir a visão, a missão, os objetivos, as metas e as ações que determinam o caminho do sucesso e da autonomia a ser trilhado pela instituição escolar.

Como se faz o PPP?

Considerada a legislação vigente e orientada, sobretudo, pelo Parecer CEE 405/2004, a escola, representada pelos diferentes segmentos que constituem sua comunidade, diagnostica a realidade administrativo-pedagógica, social, estrutural e educacional e, a partir dos dados resultantes do diagnóstico, traçam objetivos, propõe metas, planeja ações para que, ao longo de um período letivo, alcance sucesso na aprendizagem do aluno.

Este é um processo fundamental para o êxito da escola: a cultura do diagnóstico e da avaliação (como tomada de decisão) em movimentos de ação, reflexão sobre a ação, e ressignificação de ação.

Fazer o PPP implica em planejamento de todas as atividades no âmbito escolar, execução das ações previstas, avaliação do processo e retomada. Isto somente é possível se instituída a prática do registro e da reflexão sobre ele.

Projeto Político Pedagógico Professor

Introdução

Este Projeto Político-Pedagógico (PPP) é uma ferramenta de planejamento, orientação e construção de diretrizes para a rede pública de ensino do Distrito Federal e, como tal, requer que as políticas e ações propostas sejam referência para o trabalho desenvolvido para todas as instâncias.

Devido a sua dinamicidade o PPP requer uma avaliação/reestruturação a partir de novas ações que devem ser implantadas.

Cabe-nos esclarecer que optamos pelo termo PPP por acreditar que neste documento estão expostas, para além de diretrizes pedagógicas ou operacionais, a nossa concepção de educação compromissada com a formação integral do educando, a sustentabilidade humana como princípio das políticas públicas que se propõe efetivar, enfim, nossas opções de ação pedagógica e política frente aos desafios que devem ser transpostos na busca de uma educação com qualidade social para a população do Distrito Federal.

Contudo, não se pode confundir o PPP da SEDF com o PPP das unidades escolares, pois o primeiro não substituirá os demais. Precisamos compreender o presente documento como norteador dos Projetos Político Pedagógicos a serem construídos coletivamente por todos os segmentos atuantes na comunidade de cada unidade escolar, pautados na perspectiva apresentada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e na Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional 9.394/96 – LDB, de que as unidades escolares, respeitando as normas e propostas de seus sistemas de ensino, têm a incumbência de elaborar e executar suas propostas pedagógicas, dentro dos preceitos da gestão democrática.

Concepção de Educação, Missão e Objetivos Institucionais.

Segundo o marco normativo brasileiro, é princípio e finalidade da educação a formação de cidadãos. Tanto a Constituição Federal como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB estabelecem que "a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

O cidadão pleno é aquele que consegue exercer, de forma integral, os direitos inerentes à sua condição. A cidadania plena passa a ser, desse modo, um ponto de referência para a permanente mobilização dos sujeitos sociais.

Pensar sobre o papel que a educação cumpre na atualidade requer pensar sua função, sua organização e o envolvimento dos sujeitos. Requer, sobretudo, pensar nas realidades que vivem e convivem no espaço escolar, considerando o momento em que as desigualdades e injustiças sociais expõem os equívocos de um modelo de desenvolvimento econômico e social que visa apenas ao lucro imediato de uma minoria (GADOTTI, 2000) e transforma as relações humanas em relações de mercado.

Esse modelo, fruto das políticas capitalistas, leva as pessoas a um processo de personalização e competitividade que alteram o modo de ver, entender e agir – ou não agir – na vida, no qual as aspirações e a realização individuais estão fortemente vinculadas aos imediatismos que se refletem no consumo descartável (LIPOVETSKY, 2007), em uma lógica de felicidade efêmera, que dura o tempo que o objeto de consumo durar ou até que um novo surja.

Marca indelével desse modelo, em todo o mundo, é o abismo cada vez maior entre pobres e ricos; entre os excessivamente alimentados e os que sofrem de fome crônica; entre os moradores de palácios e os sem-teto de não centrada apenas na liberdade individual em detrimento da justiça social e da vida em coletividade.

A ideia de sustentabilidade humana parte da ressignificação do conceito de homem e de mulher como força de trabalho, para quem as relações se restringiam ao próprio capital e à luta de classes, e de uma concepção de ser humano e sociedade como elementos inseridos dentro da natureza, e não dela apartados, cujo bem-estar não se limita à satisfação dos aspectos estéticos e fisiológicos, mas, sobretudo, busca os aspectos éticos e as relações minimamente justas e de convivência pacífica.

O raciocínio sustentável exige a busca pelo bem-estar "sociocósmico" (BOFF, 1995), para o qual não basta que o humano esteja bem atendido em seus direitos e necessidades básicas, sem que também o estejam os demais seres e elementos da natureza, posto que, juntos, constituem a comunidade planetária.

Há, ainda, que se pensar o uso racional dos recursos tecnológicos e das fontes de energia como componentes indispensáveis a uma vida sustentável.

Os resíduos industriais, o despejo de metais pesados na natureza, o consumo de combustíveis fósseis e a mecanização da mão de obra em larga escala são alguns dos resíduos degradantes da política capitalista que inviabilizam a sustentabilidade humana, práxis para a racionalização de tecnologias e matrizes energéticas limpas, em um movimento que busca o equilíbrio entre ser humano, ambiente e tecnologias, que complementam o processo de sustentabilidade.

É este o grande desafio da educação do presente: transformar a sociedade, conduzindo o processo de transição para uma humanidade sustentável. Essa construção só se torna possível por meio de uma pedagogia que se preencha de sentido, como projeto alternativo global, em que a preocupação não está centrada na preservação da natureza ou no impacto da intervenção humana sobre os ambientes naturais, mas em um novo modelo de civilização, sustentável, implicando uma mudança radical nas estruturas econômicas, sociais e culturais vigentes.

Essa mudança está ligada a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje (BENFICA, 2011), em prol da felicidade real, interna, que depende do exercício da alteridade e, portanto, da solidariedade como prática democrática. A construção de outra sociedade deve ser a meta primordial da educação formal, que transcende os muros da escola.

Formalmente, a escola é o espaço determinante para que se concretize a ação educativa. Nesse sentido, Petitat (1994) explicita que a escola serve tanto para reproduzir a ordem social como para transformá-la, seja intencionalmente ou não. Além disso, a escola é o espaço de socialização de crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos, bem como espaço de difusão sociocultural; e também é um espaço no qual os sujeitos podem se apropriar do conhecimento produzido historicamente e, por meio dessa apropriação e da análise do mundo que o cerca, em um processo dialético de ação e reflexão sobre o conhecimento, manter ou transformar a sua realidade.

A escola é uma instituição social que pode ocasionar mudanças diante das lutas ali travadas, por meio de sua prática no campo do conhecimento, das atitudes e dos valores, de articular e desarticular interesses (FRIGOTTO, 1999). Por essa razão, não se deve perder de vista a ideia de que as ações pedagógicas refletem as concepções, estejam elas explícitas ou não.

O papel da educação no espaço escolar requer o fim da ingenuidade sobre as disputas ideológicas ali presentes. As ações, democráticas ou autoritárias, revelam a formação oferecida. Por isso, é preciso questionar sobre a escola que temos e a escola que queremos construir e isso implica problematizar as ações, articular os segmentos que desempenham suas funções e, como proposto pela gestão democrática, favorecer as instâncias coletivas de participação.

Dessa forma, proporcionar uma educação que possibilite o desenvolvimento do pensamento crítico, que problematize a realidade e a comunidade, que reconheça o território de influência da escola no desempenho de sua função de formadora de sujeitos históricos é, a nosso ver, o caminho para fazer uma educação que seja transformadora da realidade.

De forma mais abrangente, uma rede de ensino necessita que sua ação e seu trabalho sejam orientados por uma linha, uma concepção de educação.

A SEDF entende que a educação deve ser referenciada pela formação integral do ser humano. Em outras palavras, a educação deve contemplar as diversas dimensões que formam o humano, não apenas os aspectos cognitivos. Deve reconhecer que, como sujeitos de direitos e deveres, é imprescindível que se oportunize aos estudantes o despertar de outras dimensões, entre elas: a ética, a artística, a física, a estética e suas inter-relações com a construção social, mental, ambiental e integral do desenvolvimento humano.

Por essa razão, o processo educativo deve se pautar na realidade, entendida como algo não acabado e sobre a qual podemos intervir. Essa intervenção deve caminhar pela integração entre a escola e sua comunidade na perspectiva de compreensão da área de abrangência próxima como território que intervém na formação dos sujeitos, proporcionando uma educação que extrapola a mera aprendizagem cognitiva e observa a integralidade humana.

Na perspectiva de compreensão do homem como ser multidimensional, a educação deve responder a uma multiplicidade de exigências do próprio indivíduo e do contexto em que vive. Assim, a educação integral deve ter objetivos que construam relações na direção do aperfeiçoamento humano.

[...] A educação, como constituinte do processo de humanização, que se expressa por meio de mediações, assume papel central na organização da convivência do humano em suas relações e interações, matéria-prima da constituição da vida pessoal e social (GUARÁ, 2006).

A educação oferecida deve reconhecer, assim, a necessidade de uma articulação intersetorial entre a escola, a comunidade, os movimentos sociais, o sistema produtivo local, as associações, clubes e o poder público, pelo reconhecimento de que a educação acontece em diferentes esferas, tempos e espaços para construção de um projeto que tenha a justiça social e a justiça ambiental como referência.

A educação integral pode ser vista sob dois aspectos: como concepção e como processo pedagógico. Como concepção, visa à formação humana em suas múltiplas dimensões. Em outras palavras, não é possível educar sem reconhecer que os sujeitos se constituem a partir de sua integralidade afetiva, cognitiva, física, social, histórica, ética, estética, que, pela complexidade das relações que se estabelecem entre todos os elementos que coabitam a Terra, dialoga amplamente com as dimensões ambientais e planetárias, em um novo desenho das relações humanas e sociais. Vista dessa forma, a Educação requer que estejam integrados e sejam ampliados, de forma qualitativa, espaços, tempos, saberes e conteúdos.

Como processo pedagógico, a educação integral prevê práticas não dicotomizadas, que reconhecem a importância dos saberes formais e não formais, a construção de relações democráticas entre pessoas e grupos, imprescindíveis à formação humana, valorizam os saberes prévios, as múltiplas diferenças e semelhanças e fazem de todos nós sujeitos históricos e sociais.

A educação deve ser fomentada a partir da realidade dos sujeitos envolvidos no trabalho realizado, realidade esta que não se restringe ao campo das relações humanas e sociais entendidas apenas como as relações entre humanos. Deve conectar os saberes construídos historicamente, associados aos saberes construídos pela comunidade, e que incorporam uma nova mentalidade, um novo jeito de ser, estar e se relacionar no mundo, para que nela adquiram sentido e sirvam como mobilizadores de ações e atitudes, visando à formação solidária fundada no respeito, na autonomia, a favor do bem comum e da transformação social, numa perspectiva de construção de consciências de corresponsabilidade para com o futuro do planeta e a sobrevivência das gerações futuras.

A ação educativa deve ir além das aprendizagens de conteúdos formais, reconhecendo diferentes espaços, etapas, tempos e ferramentas educativas para que se consiga superar a distância entre o que se constrói dentro e fora da escola, porque

[...] o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é

um sujeito ativo que, em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem (REGO, 2002).

A aprendizagem é um processo que se desenvolve com a maturidade natural do organismo humano, com o contato com a cultura produzida historicamente e por meio das relações sociais mediatizada pelo mundo (FREIRE, 2003).

Portanto, não se desconsideram os espaços formais e tradicionais de construção do conhecimento, pois é preciso ressignificá-los do ponto de vista dos ambientes e dos materiais, bem como ampliar o leque de possibilidades para além dos espaços escolares, construindo um pacto pedagógico, no qual escola e comunidade assumam responsabilidades socioeducativas na perspectiva de construção do território educativo.

A educação, nesse sentido, deve reconhecer práticas dialógicas entre os sujeitos para o respeito aos direitos e à dignidade humana, de forma que, participativa e democraticamente, se tenha a garantia da cidadania ativa.

Para efetivação dessa proposta, a escola necessita reorganizar o seu trabalho, seu planejamento, sua coordenação coletiva. Reconstruir a relação entre o sujeito e o conhecimento, para subverter a lógica que separa pessoas e saberes, prazeres e descobertas, respeito e diferenças. Reconhecer que democracia, solidariedade e liberdade devem orientar o trabalho pedagógico.

Há ainda que se considerarem as novas formas de ensinar e aprender que, a exemplo da transcendência espacial, requerem a conexão com as novas realidades do tempo presente, como o diálogo com as novas tecnologias. Construto importante do conceito de sustentabilidade humana, o uso racional e pacífico com as tecnologias deve permear as relações pedagógicas, a partir dos instrumentos e materiais de apoio e mediação pedagógica.

Levy (1999) nos alerta que qualquer projeção a ser feita sobre o futuro da educação e das sociedades deve considerar as novas relações com o saber, dada a velocidade com que os saberes são renovados e os meios que estão a esse serviço.

O número de crianças que têm acesso a computadores e à internet, por exemplo, vem aumentando consideravelmente, na mesma proporção em que a faixa etária de iniciação tecnológica diminui sensivelmente. Antes domínio dos adolescentes, hoje as tecnologias digitais fazem parte do universo infantil desde a mais tenra idade. Já na primeira infância, crianças manipulam, com naturalidade, aparelhos celulares e computadores de mão de seus pais, (JORDÃO, 2009), familiarizando-se rapidamente com os utilitários da atualidade.

Chamadas "nativas digitais", essas crianças ingressam na escola não apenas habituadas aos aparatos tecnológicos, mas também a uma nova rotina, deles advinda, que lhes permitem desenvolver diversas atividades ao mesmo tempo. Para elas é usual ouvir música no MP3 player, enquanto enviam mensagens pelo celular, acessam sites, baixam fotos, realizam a pesquisa encomendada pelo professor e, ainda, aprendem (MARTINS, 2009).

As novas formas de acesso à informação (hiperdocumentos, mecanismos de busca, software, redes sociais, etc.), os novos estilos de raciocínio e de conhecimento, que não advém da dedução lógica ou da indução a partir da experiência, compõem o campo das tecnologias intelectuais que são facilmente reproduzidas ou transferíveis e compartilhadas entre inúmeros indivíduos, aumentando consideravelmente o potencial de inteligência coletiva (LEVY, 1999).

Neste novo contexto, a sala de aula tradicional, que guarda identidade com a metáfora da transmissão/aquisição do conhecimento, ganha novos contornos. O arrojo das tecnologias educacionais associado ao gerenciamento de atividades guiadas pela participação, que priorizam a noção de conhecimento como construção e colaboração (PAIVA, 2010), remetem a práticas inovadoras, que rompem com a aula objetivista e buscam uma mudança de paradigma, apoiando-se em novas ferramentas, como os ambientes virtuais de aprendizagem (PAIVA, 2010).

Os ambientes virtuais de aprendizagem proporcionam ao estudante uma diversidade de ferramentas de comunicação e experiências desafiadoras, mais elaboradas e em redes colaborativas.

A atuação do professor, nesse contexto, deve superar uma visão reducionista das tecnologias digitais numa perspectiva meramente técnica, e centrar-se no acompanhamento e na gestão das aprendizagens, que se traduzem no incitamento às trocas de saberes, na mediação relacional e simbólica, na condução personalizada pelas rotas de aprendizagem, constituindo uma relação dialógica que leva em consideração as diferentes formas de aprender dos alunos (LEVY, 1999).

A modernização dos processos educativos, concebidos em um projeto de sustentabilidade humana, prevê o suporte do Estado para a efetivação de suas ações, abrangendo tanto a aquisição de computadores de última geração para estudantes e professores, quanto o apoio formativo para a otimização de seu uso.

Consolida-se assim, a educação com a visão da integralidade humana a qual prenuncia a gestão democrática, o planejamento e a construção coletiva como exercício fundamental, para que os profissionais e estudantes sejam favorecidos no desenvolvimento de práticas pedagógicas que ultrapassem o simples diálogo entre os saberes, provocando uma nova práxis do trabalho educativo e da reorganização dos processos de aprendizagens.

Outros fatores agregam-se a esse processo de construção da educação, entre eles a intersetorialidade e a participação estudantil. O entendimento de intersetorialidade surge pelo fato de a educação ser um compromisso de todos – governo, sociedade civil e comunidades pertencentes à ampla rede de instituições que circundam a escola. Portanto, requer ações coletivas e organizadas em função das aprendizagens e do reconhecimento da escola como espaço de referência da ação social e da construção de territórios educativos.

Já a participação estudantil diz respeito à importância democrática de garantir o direito dos estudantes de serem partícipes do processo educativo e da vida da comunidade. As deliberações da escola devem contar com a participação de seus estudantes, que são os sujeitos para os quais a escola organiza suas ações.

Como já enunciado, o entendimento de educação integral não se pode resumir a ampliação do tempo de permanência do estudante na escola. Apesar de esse fator ser importante para a melhoria na qualidade da educação, não é só isso que dará conta de tal papel.

Associados à proposta de ampliação de tempo, visamos, ainda, à ressignificação e ampliação de espaços e tempos escolares, de modo a oportunizar a aprendizagem do cidadão em suas múltiplas dimensões e na perspectiva da sustentabilidade humana, da cidadania, dos direitos humanos e do respeito à diversidade.

Verificando-se os aspectos legais que, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seus artigos 34 e 87 prevê o aumento progressivo da jornada escolar para a jornada em tempo integral, conforme segue:

Art. 34 – A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

2º parágrafo: O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino. [...]

Art. 87,§ 5º – Serão conjugados todos os esforços, objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral.

Nesta mesma linha, temos, ainda, a recomendação do Plano Nacional de Educação, Lei n°10.172/2001, artigos 21 e 22, que apontam para a necessidade de educação integral e a Lei Orgânica do Distrito Federal, em seu artigo 221.

Somado a isso há o Decreto nº 33.329, de 10/11/2011, que regulamenta a Lei Federal nº 4.601, de 14 de julho de 2011, instituindo o Plano pela Superação da Extrema Pobreza, DF sem Miséria, que, em seu art. 43, apresenta a necessidade de implantação progressiva da educação integral nas regiões de vulnerabilidade social.

Só faz sentido pensarmos na ampliação da jornada escolar, ou seja, na implantação de escolas de tempo integral, se considerarmos uma concepção de educação integral em que a perspectiva de que o horário expandido represente uma ampliação de oportunidades e situações que promovam aprendizagens significativas e emancipadoras. Mais que isso, é preciso que tal ação possa tornar a progressão do estudante no sistema de ensino exitosa.

Requer um aumento quantitativo e qualitativo. Quantitativo porque considera um número maior de horas, em que os espaços e as atividades propiciadas têm intencionalmente caráter educativo; qualitativo porque essas horas não devem ser apenas suplementares, mas entendidas como todo o período escolar, uma oportunidade em que os conteúdos propostos devem ser ressignificados, revestidos de caráter exploratório, vivencial e protagonizados por todos os envolvidos na relação de aprendizagem e ensino.

Assim, essa concepção de educação integral para a SEDF, do ponto de vista da sua qualidade e, paulatinamente, de sua quantidade, deve ser referência em que as ações, em todas as instâncias e em todos os espaços educativos, sejam orientadoras do sistema.

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE ACOMPANHAMENTO DO TRABALHO DO PROFESSOR E DOS AVANÇOS DA APRENDIZAGEM.

Introdução

De acordo com Jesus (2007), a avaliação do desempenho docente sempre fez parte do cotidiano desse profissional. Nesse contexto, a avaliação pode acontecer de forma implícita ou informal, ser realizada pelo próprio docente, pelo *feedback* dos alunos ou outros profissionais da educação.

Apesar da presença constante da avaliação na atuação do profissional docente, o referido autor afirma que os professores mostram-se muito resistentes a todas as propostas que visem à avaliação do seu desempenho, o que gera um paradoxo: os professores são os profissionais que mais utilizam a avaliação como prática do seu trabalho, mas são muito resistentes à sua própria avaliação.

Como justificativa para este paradoxo, Saul (2007) cita dois fatores geradores. O primeiro considera que os professores compreendem a sua avaliação como um instrumento de controle ou de punição, em contraposição à ideia de desenvolvimento profissional. O segundo se refere à não compreensão do processo avaliativo por avaliadores e avaliados.

Diante disso, este artigo tem como objetivo evidenciar as principais tendências e concepções avaliativas dos sistemas de avaliação de desempenho docente nas redes estaduais de educação básica no Brasil. Para tanto, tomamos como referenciais de análise a relação entre avaliação, responsabilização e desenvolvimento profissional nos sistemas de avaliação docente no Brasil, as

concepções que orientam os processos avaliativos e a caracterização dos diversos sistemas de avaliação das referidas redes.

Avaliação e responsabilização

Segundo Akkari (2011), a partir do final dos anos 1980, os sistemas educacionais passam a utilizar padrões e avaliações educacionais internacionais para melhorar os seus desempenhos e implementar reformas educacionais que visavam, sobretudo, promover uma educação de qualidade.

No entanto, de acordo com Neubauer e Silveira (2009), essas ações não melhoraram os indicadores estatísticos, o que revelava que o sistema de ensino continuava fortemente excludente, com altas taxas de abandono e repetência escolar e um número pouco significativo de alunos completando a primeira etapa do ensino fundamental (quatro a seis anos de escolaridade, o que na realidade brasileira corresponderia a cinco anos, considerando o ensino fundamental de nove anos implementado pela lei 11.254/2006) além de indicar uma qualidade

insatisfatória por parte dos alunos latino-americanos em testes internacionais.

Sobre as reformas educacionais, com vistas à garantia de qualidade e baseadas em padrões, Lam (2004 apud Akkari, 2011) propõe um modelo cíclico de quatro etapas. A primeira consiste na definição de padrões de desempenho para os estudantes. A segunda, na responsabilização das escolas e dos professores quanto às expectativas desses padrões. Em terceiro lugar, a consideração de que a avaliação em larga escala serve para acelerar as mudanças nas escolas, sendo a avaliação apoiada por políticas de incentivo às reformas. Por último, a utilização dos resultados dessa avaliação para determinar a pertinência das reformas desencadeadas e para acompanhá-las.

Nesta mesma lógica, Dee (2012) afirma que a primeira manifestação dessas reformas se deu por meio da adoção de um padrão de desempenho baseado em testes que avaliavam competências mínimas de estudantes. O autor destaca as críticas a esse modelo, no que se refere à expectativa de que a avaliação pudesse uniformizar as condições de aprendizagem e as características próprias dos sujeitos avaliados, gerando resultados uniformizados para condições sociais

diferenciadas.

Às definições de qualidade e finalidade da avaliação pode-se acrescentar a responsabilização como elemento indutor dos processos avaliativos. Para Dee (2012), historicamente, o conceito de responsabilização surge no contexto dos relatórios de reformas educativas baseadas em padrões, na América do Norte, associado a um sistema de certificação de estudantes com testes de competências mínimas.

Segundo Brooke (2006), pode-se caracterizar três formas ou modalidades de responsabilização voltadas ao desempenho docente, as quais são diferenciadas de acordo com as instituições que as aplicam e com o comportamento exigido.

A primeira forma é denominada como burocrática. Esta procura a conformidade com as normas legais ditadas pela rede de ensino na qual o professor trabalha, e este é responsabilizado pelo cumprimento das leis perante a burocracia que o contratou.

A segunda forma indica a exigência de um comportamento profissional em conformidade com as normas formais e informais estabelecidas pelos colegas de profissão. Assim, o professor é responsabilizado pela manutenção dos padrões da profissão perante seus pares.

Na terceira modalidade, a responsabilização tem como base os resultados da escola. Nela, o educador é responsabilizado perante as autoridades e o público em geral pela aprendizagem dos alunos. Além disso, as consequências, reais ou simbólicas, são associadas às medidas usadas para aferir o desempenho dos alunos.

Com esse entendimento, Neubauer e Silveira (2009) asseguram que os efeitos da responsabilização acabam por produzir novos padrões de avaliação que vão desde a divulgação dos resultados do desempenho das escolas até a elaboração de critérios de incentivos ou sanções no interior dos sistemas. Para eles, as seguintes condições: a decisão, por parte dos sistemas, de divulgar os resultados relativos ao desempenho das escolas; a aplicação de testes padronizados que gerem informações sobre esse desempenho; a definição de critérios para classificar escolas

a partir dos resultados obtidos nos testes aplicados (e em outros procedimentos de avaliação) e, finalmente, a definição de critérios para a aplicação de incentivos ou sanções conforme os padrões estabelecidos. (Neubauer; Silveira, 2009, p. 106)

No que se refere aos resultados, Akkari (2011) esclarece que a obrigação destes foi operacionalizada nas políticas educativas por meio da noção de *accountability*. Entendida como prestação de contas, a *accountability* se insere em um processo de gestão para explicar as atividades realizadas e os resultados obtidos em função de objetivos predeterminados e, se necessário, fazer a ligação com os recursos (humanos, materiais e financeiros) investidos para sua realização.

De acordo com o autor, se por um lado a prestação de contas visa ajudar os atores do sistema educativo a se ajustarem de maneira contínua a um ambiente em constante evolução, instigar a tomada de decisões, prestar contas à sociedade civil sobre a gestão da escola e assumir as responsabilidades do cargo recebido, por outro, para os professores, esta exigência de resultados consiste essencialmente em uma "obrigação de atenção" aos efeitos de suas ações sobre os alunos.

Neubauer e Silveira (2009) declaram que os efeitos dessas reformas enfatizaram o papel do gestor como liderança estratégica para a eficiência e a eficácia da escola e a responsabilização da unidade escolar pelos resultados obtidos. Como consequência, no Brasil, houve o estímulo de experiências de pagamento de bônus, premiação de professores e/ou diretores pelo desempenho dos seus alunos ou de suas escolas, comprovando a efetivação da terceira etapa das reformas

educacionais, conforme classificação de Lam. (2004 apud Akkari, 2011)

Efeitos da responsabilização na avaliação de desempenho docente

Partindo de análises sobre o uso previsto dos resultados das avaliações nas propostas de países da América Latina, Ravela (2003 apud Sousa, 2009) identificou duas tendências. A primeira concebe a avaliação com finalidade formativa, enquanto a segunda prevê o uso dos resultados como mecanismo para aplicação de incentivos e sanções às escolas, tendência esta apoiada por políticos economistas, sob o argumento de mobilizar profissionais e alunos a buscarem

melhores desempenhos nas provas.

Seguindo essa classificação, Sousa (2009) evidencia que, em consonância com o que ocorreu nas políticas educacionais a partir dos anos 1980, a avaliação dos sistemas públicos de ensino foi implementada no Brasil como mecanismo privilegiado de promoção da qualidade do ensino.

Sobre essas iniciativas, a autora revela que a tônica recaiu na avaliação em larga escala, voltada para a verificação do desempenho dos alunos, sendo seus resultados interpretados como evidência da qualidade do ensino de um dado sistema, de uma dada rede ou escola. Ademais, esse tipo de avaliação é caracterizado pela ênfase nos produtos ou resultados; atribuição de mérito a alunos, instituições ou redes de ensino; dados de desempenho escalonados,

resultando em classificação; dados predominantemente quantitativos; e destaque à avaliação externa, não articulada à autoavaliação.

Para a autora, o princípio adotado é o de que a avaliação gera competição, e a competição gera qualidade. Nesta perspectiva, o Estado assume a função de estimular a produção dessa qualidade, formulando políticas educacionais sob os auspícios da classificação e seleção, que, consequentemente, incorporam a exclusão como inerente aos seus resultados.

Baseadas nesta concepção, as ações de responsabilização têm provocado, nos diferentes países, forte resistência por parte das entidades de classe, de acordo com Silveira (2009). Como exemplo, o autor cita que, nos Estados de São Paulo e do Rio Janeiro, o pagamento de bônus tem levado as entidades a questionar os critérios utilizados, entre outros, o absenteísmo dos profissionais da escola, a não incorporação do bônus ao piso salarial e, ainda, o fato de os inativos serem

excluídos desse pagamento. A estes, soma-se um argumento contrário a essa concepção: a escola não pode ser responsabilizada por seus resultados se o Estado, por meio dos ministérios e secretarias de educação, não garantirem as condições indispensáveis para um trabalho de qualidade.

Do mesmo modo, o referido autor afirma que os estudos e as experiências de avaliação com responsabilização têm sido pouco disseminados no Brasil, em decorrência de três fatores. O primeiro fator se refere à noção incipiente da importância do uso dos resultados da aprendizagem cognitiva e avaliação de desempenho dos alunos como peça fundamental de políticas de melhoria da qualidade educacional em médio e longo prazo. Em seguida, às carreiras do magistério, que,

ao assegurarem aos docentes e demais funcionários uma quantidade significativa de faltas abonadas, tornam as políticas que utilizam critérios de frequência a serem encaradas como um descumprimento de um direito adquirido. Em terceiro lugar, à indefinição sobre o papel e a responsabilização tanto dos órgãos intermediários quanto dos ministérios e secretarias de educação no processo de melhoria da qualidade da educação, uma vez que o discurso atual tem sido o de responsabilizar unicamente diretores e professores pelo desempenho insuficiente das escolas e de seus alunos em provas nacionais ou estaduais. Nesta última, o autor considera que

o posicionamento político de responsabilizar e exigir prestação de contas dos níveis intermediários de poder e do próprio executivo em comando dificilmente ocorre, o que parece denotar falta de compromisso com a efetiva melhoria da qualidade e garantia da equidade em educação.

Como se pode observar, as políticas de responsabilização, além de produzirem efeitos sobre os processos avaliativos dos sistemas educacionais, também influenciam no processo de profissionalização docente quando passam a estabelecer padrões avaliativos de desempenho docente. Assim sendo, Sousa(2009) declara que este sentido tem impulsionado iniciativas de vinculação de seus resultados a incentivos e que, no caso brasileiro, as evidências indicam que a

tendência é caminharmos para o uso dos resultados das avaliações na perspectiva de responsabilização.

Todavia, Jesus (2009) pondera que, apesar de a avaliação do desempenho docente ser encarada como mais um fator de mal-estar dos professores, esta pode constituir um meio para o bem-estar docente, na medida em que uma autoavaliação mais elevada do desempenho do professor relacione-se significativamente com maior empenho profissional, maior orientação do projeto para continuar na docência, uma percepção mais positiva dos resultados profissionais, um maior

nível de bem-estar e uma menor exaustão profissional. Esta autoavaliação do desempenho do professor relaciona-se, de forma significativa, também com a avaliação feita pelos alunos e pelos diretores.

Desta forma, Jesus (2009) acredita que a avaliação do desempenho dos professores pode constituir-se em instrumento para a qualidade escolar, para a motivação e o bem-estar docente, além de servir para diagnosticar aspectos que permitam a esse professor melhorar as estratégias para o seu desenvolvimento profissional e refletir sobre sua prática de forma construtiva. Ao desenvolver o autoconhecimento, a avaliação do desempenho pode contribuir para a maior

motivação à aprendizagem e ao desenvolvimento profissional do professor.

Neste sentido, o desenvolvimento profissional compreende um processo, individual e coletivo, de construção do "eu" profissional (Marcelo, 1999). Este processo é influenciado pela escola, pelas reformas e contextos políticos, associado também às crenças e valores sobre o processo de ensino e aprendizagem dos professores, pressupondo melhorias contínuas do fazer profissional.

Desta forma, o sistema avaliativo pode configurar-se como agente que contribui para o desenvolvimento profissional docente numa perspectiva reflexiva e transformadora, ao contrário da lógica de enquadramento da prática docente em critérios definidos externa e unilateralmente, sem a participação desse profissional.

(Fonte: http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8917/6694)

GESTÃO DEMOCRÁTICA

A **Gestão Democrática** é uma forma de gerir uma instituição de maneira que possibilite a participação, transparência e democracia.

Gestão democrática na educação

A gestão democrática na área educacional tem sido tema de debates, reflexões e propostas. É um princípio constitucionalmente posto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O termo gestão significa, etimologicamente, fazer brotar, germinar, fazer nascer. Gestão é proveniente do verbo latino gero, gestum, gerere, que significa carregar, chamar a si, exercer, executar.

A gestão reporta um ou mais interlocutores e implica diálogo, respostas que possam auxiliar na condição da educação e solução dos conflitos. Dentro dessa visão, a gestão democrática apresenta um novo perfil, um novo modo de administrar uma realidade que é, em princípio, uma questão dialógica que traduz comunicação pelo envolvimento coletivo. Com a ordem constitucional que surgiu em 1988, há a consagração dos princípios democráticos e à educação democrática.

No campo educacional, com o afastamento das ações autoritárias e com o surgimento de uma nova era constitucional, houve a inclusão do princípio da gestão democrática na Constituição, no art. 206, VI da Constituição Federal e formalizou nas escolas. O princípio se justifica porque a educação escolar é um direito inerente, por excelência, aos cidadãos. Desse modo, a educação escolar é entendida como função do Estado e, sobretudo, como dever do Estado.

A gestão democrática também surge na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 9.394 / 96, no artigo 3º, VIII, onde reforça o que já fora colocado na Constituição Federal. Ela surge também com a Lei nº 10.127, de 9 de janeiro de 2001, no PNE – Plano Nacional de Educação. Existe inclusive uma pontuação constitucional que, na construção desse processo, fornece mais um fundamento para a gestão democrática.

Dessa maneira, ela é um princípio do Estado inserindo nas políticas educacionais que retrata o Estado Democrático de Direito onde é reconhecida de forma explícita e concreta a soberania da lei e do regime representativo, portanto, consiste um Estado de Direito.

Estende-se a escola como espaço de relação democrático, considerando a especificidade da instituição escolar como lugar do processo ensino-aprendizagem. Percebendo esse caráter, a gestão democrática torna-se uma gestão de autoridade, entretanto, compartilhada. Uma autonomia que, como bem coloca Barroso (1996), "é (...) resultado da ação concreta dos indivíduos que a constituem, no uso das suas margens de autonomia relativa" (p.18)

Que se construa uma autonomia que reconheça a importância dos indivíduos que compõem a escola. A atuação do conjunto, e seus referenciais são fatores reveladores de práticas com teor democrático formando o alunado. Formação é essência, é sustentação que produz atuação equilibrada e revestida de bons valores que promovem convívio harmônico no lidar social.

No mosaico das articulações de um contexto que reflita uma realidade vigente buscamos as linhas das redes que possam compor significados. Em Demo encontramos que:

"A cultura democrática está além da implantação de uma ideologia, por exemplo, de estilo liberal, comprometida com certos pressupostos de igualdade, do Estado de direito, da equalização de oportunidades, etc.". (DEMO, 1999)

A gestão democrática conduz a exigência do cultivo da cultura de participação, do trabalho da coletividade, da ação do colegiado na realização de um bem para todos. Florestan Fernandes (apud GADOTTI, 1990), referindo-se à "Democratização do ensino", através deste conceito, dizia: "Pretende-se assinalar coisas que são distintas, como a universalização de certas oportunidades educacionais, a transformação das técnicas e dos métodos pedagógicos ou uma interação aberta e construtiva da escola com as necessidades e os interesses sociais dos círculos humanos que ela sirva". (GADOTTI, 1990)

No Brasil, a própria Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, determinam a participação de pais para que haja uma efetivação do processo da gestão democrática. Na perspectiva da escola, há um reconhecimento de que a educação é tarefa complexa e, portanto, requer esforço conjunto, parceria com a família.

A gestão democrática da escola é responsabilidade conjunta de uma equipe gestora, composta por Direção, Coordenadores, Professores, Funcionários, com representantes de todos os segmentos das comunidades escolar e local. Este corpo gestor, partindo de definições em reuniões, é responsável pelas decisões e ações vividas na escola. A missão, visão de futuro, objetivos estratégicos e valores da escola são efetivos trabalhos de grupo, elaborados para o social.

Buscando perceber os efeitos das medidas desenvolvidas pela gestão democrática na atuação do diretor, uma revisão teórica sobre as questões que envolvem relações de poder, autoridade, autonomia ganham perfil investigativo, partindo da citação de Barroso (1996),

"A autonomia da escola não é autonomia dos professores, ou a autonomia dos pais, ou a autonomia dos gestores". "A autonomia, neste caso, é o resultado do equilíbrio de forças, numa determinada escola, entre diferentes detentores de influência (externa e interna) dos quais se destacam: o governo e os seus representantes, os professores, os alunos, os pais e outros membros da sociedade local". (BARROSO).

Estabelece-se, então, uma cultura comunitária e esse fator é essencial no desenvolvimento da função social da escola: a democracia. Para atingir plenamente a gestão democrática há de se perceber que todos os setores da unidade escolar necessitam de um envolvimento nessa perspectiva, os avanços dentro do propósito estabelecidos devem ser apreciados, avaliados e reavaliados em conjunto. As medidas desenvolvidas dentro de uma percepção conjunta ganham, por excelência, parâmetros competentes que se transformam em realidade que, certamente mudam de forma contínua e gradual os aspectos do cotidiano das unidades escolares.

GESTÃO DE RECURSOS FINANCEIROS E HUMANOS

FINANÇAS PÚBLICAS:

É a terminologia que tem sido tradicionalmente aplicada ao conjunto de problemas da política econômica que envolve o uso de medidas de tributação e de dispêndios públicos. Esta expressão não é muito adequada, já que os problemas básicos não são financeiros, mas tratam do uso dos recursos econômicos, da distribuição da renda e do nível de emprego.

Ainda que a política orçamentária seja uma parcela importante deste tema tão amplo, dificilmente ela poderia reivindicar uma participação exclusiva.

Há muito tempo, economistas e filósofos sociais preocupavam-se com a equidade fiscal. Seus pensamentos geraram duas teorias básicas:

- dos "benefícios recebidos"; e
- da "capacidade de pagamento".

A teoria dos benefícios foi a primeira a ser desenvolvida e utilizada extensivamente. Com o advento do marginalismo – utilidade marginal aplicada na determinação do valor e preço – o princípio da capacidade de pagamento evoluiu consideravelmente.

Boa parcela do nexo desses princípios é devida ao próprio Adam Smith que, em "A Riqueza das Nações" (1776), estabeleceu que "os cidadãos de qualquer Estado devem contribuir para o suporte do Governo, tanto quanto possível, na proporção de sua capacidade, ou seja, da renda que usufruem sob a proteção do Estado".

Smith reconheceu o princípio da progressividade na tributação. Na mesma obra, estipula que "não é irrazoável que os ricos devam contribuir para a despesa pública, não apenas na proporção de suas rendas, mas em algo mais do que essa proporção". Esses três princípios – benefício, capacidade e progressividade – fornecem as bases para as discussões correntes da equidade fiscal.

ORÇAMENTO PÚBLICO:

A função do Orçamento é permitir que a sociedade acompanhe o fluxo de recursos do Estado (receitas e despesas). Para isto, o governo traduz o seu plano de ação em forma de lei. Esta lei passa a representar seu compromisso executivo com a sociedade que lhe delegou poder.

O projeto de lei orçamentária é elaborado pelo Executivo, e submetido à apreciação do Legislativo, que pode realizar alterações no texto final. A partir daí, o Executivo deve promover sua implementação de forma eficiente e econômica, dando transparência pública a esta implementação. Por isso o orçamento é um problema quando uma administração tem dificuldades para conviver com a vontade do Legislativo e da sociedade: devido à sua força de lei, o orçamento é um limite à sua ação.

Em sua expressão final, o orçamento é um extenso conjunto de valores agrupados por unidades orçamentárias, funções, programas, atividades e projetos. Com a inflação, os valores não são imediatamente compreensíveis, requerendo vários cálculos e o conhecimento de conceitos de matemática financeira para seu entendimento. Isso tudo dificulta a compreensão do orçamento e a sociedade vê debilitada sua possibilidade de participar da elaboração, da aprovação, e, posteriormente, acompanhar a sua execução.

Pode-se melhorar a informação oferecida aos cidadãos sem dificultar o entendimento, através da técnica chamada análise vertical, agrupando as receitas e despesas em conjuntos (atividade, grupo, função), destacando-se individualmente aqueles que tenham participação significativa. É apresentada a participação percentual dos valores destinados a cada item no total das despesas ou receitas. Em vez de comunicar um conjunto de números de difícil entendimento ou valores sem base de comparação, é possível divulgar informações do tipo "a prefeitura vai gastar 15% dos seus recursos com pavimentação", por exemplo.

Uma outra análise que pode ser realizada é a análise horizontal do orçamento. Esta técnica compara os valores do orçamento com os valores correspondentes nos orçamentos anteriores (expressos em valores reais, atualizados monetariamente, ou em moeda forte).

Essas técnicas e princípios de simplificação devem ser aplicados na apresentação dos resultados da execução orçamentária (ou seja, do cumprimento do orçamento), confrontando o previsto com o realizado em cada período e para cada rubrica. Deve-se apresentar, também, qual a porcentagem já recebida das receitas e a porcentagem já realizada das despesas.

É fundamental que a peça orçamentária seja convertida em valores constantes, permitindo avaliar o montante real de recursos envolvidos.

Uma outra forma de alteração do valor real é através das margens de suplementação. Para garantir flexibilidade na execução do orçamento, normalmente são previstas elevadas margens de suplementação, o que permite um uso dos recursos que modifica profundamente as prioridades estabelecidas. Com a indexação orçamentária mensal à inflação real, consegue-se o grau necessário de flexibilidade na execução orçamentária, sem permitir burlar o orçamento através de elevadas margens de suplementação. Pode-se restringir a margem a um máximo de 3%.

Não basta dizer quanto será arrecadado e gasto. É preciso apresentar as condições que permitiram os níveis previstos de entrada e dispêndio de recursos.

No caso da receita, é importante destacar o nível de evolução econômica, as melhorias realizadas no sistema arrecadador, o nível de inadimplência, as alterações realizadas na legislação, os mecanismos de cobrança adotados.

No caso da despesa, é importante destacar os principais custos unitários de serviços e obras, as taxas de juros e demais encargos financeiros, a evolução do quadro de pessoal, a política salarial e a política de pagamento de empréstimos e de atrasados.

Os resultados que a simplificação do orçamento gera são, fundamentalmente, de natureza política. Ela permite transformar um processo nebuloso e de difícil compreensão em um conjunto de atividades caracterizadas pela transparência.

Como o orçamento passa a ser apresentado de forma mais simples e acessível, mais gente pode entender seu significado. A sociedade passa a ter mais condições de fiscalizar a execução orçamentária e, por extensão, as próprias ações do governo municipal. Se, juntamente com esta simplificação, forem adotados instrumentos efetivos de intervenção da população na sua elaboração e controle, a participação popular terá maior eficácia.

Os orçamentos sintéticos, ao apresentar o orçamento (ou partes dele, como o plano de obras e os orçamentos setoriais) de forma resumida, fornecem uma informação rápida e acessível.

A análise vertical permite compreender o que de fato influencia a receita e para onde se destinam os recursos, sem a "poluição numérica" de dezenas de rubricas de baixo valor. Funciona como um demonstrativo de origens e aplicações dos recursos da prefeitura, permitindo identificar com clareza o grau de dependência do governo de recursos próprios e de terceiros, a importância relativa das principais despesas, através do esclarecimento da proporção dos recursos destinada ao pagamento do serviço de terceiros, dos materiais de consumo, encargos financeiros, obras, etc.

A análise horizontal facilita as comparações com governos e anos anteriores.

A evidenciação das premissas desnuda o orçamento ao público, trazendo possibilidades de comparação. Permite perguntas do tipo: "por que a prefeitura vai pagar x por este serviço, se o seu preço de mercado é metade de x ?". Contribui para esclarecer os motivos de ineficiência da prefeitura nas suas atividades-meio e na execução das políticas públicas.

Apesar dos muitos avanços alcançados na gestão das contas públicas no Brasil, a sociedade ainda não se desfez da sensação de caixa preta quando se trata de acompanhar as contas públicas.

A gestão das contas públicas brasileiras passou por melhorias institucionais tão expressivas que é possível falar-se de uma verdadeira revolução. Mudanças relevantes abrangeram os processos e ferramentas de trabalho, a organização institucional, a constituição e capacitação de quadros de servidores, a reformulação do arcabouço legal e normativo e a melhoria do relacionamento com a sociedade, em âmbito federal, estadual e municipal.

Os diferentes atores que participam da gestão das finanças públicas tiveram suas funções redefinidas, ampliando-se as prerrogativas do Poder Legislativo na condução do processo decisório pertinente à priorização do gasto e à alocação da despesa. Esse processo se efetivou fundamentalmente pela unificação dos orçamentos do Governo Federal, antes constituído pelo orçamento da União, pelo orçamento monetário e pelo orçamento da previdência social.

Criou-se a Secretaria do Tesouro Nacional, em processo em que foram redefinidas as funções do Banco do Brasil, do Banco Central e do Tesouro Nacional.

Consolidou-se a visão de que o horizonte do planejamento deve compreender a elaboração de um Plano Plurianual (PPA) e, a cada ano, uma Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) que por sua vez deve preceder a elaboração da Lei Orçamentária Anual (LOA).

Introduziu-se o conceito de responsabilidade fiscal, reconhecendo-se que os resultados fiscais e, por consequência, os níveis de endividamento do Estado, não podem ficar ao sabor do acaso, mas devem decorrer de atividade planejada, consubstanciada na fixação de metas fiscais. Os processos orçamentário e de planejamento, seguindo a tendência mundial, evoluíram das bases do orçamento-programa para a incorporação do conceito de resultados finalísticos, em que os recursos arrecadados devem retornar à sociedade na forma de bens e serviços que transformem positivamente sua realidade.

A transparência dos gastos públicos tornou-se possível graças à introdução de modernos recursos tecnológicos, propiciando registros contábeis mais ágeis e plenamente confiáveis. A execução orçamentária e financeira passou a contar com facilidades operacionais e melhores mecanismos de controle. Por consequência, a atuação dos órgãos de controle tornou-se mais eficaz, com a adoção de novo instrumental de trabalho, como a introdução do SIAFI e da conta única do Tesouro Nacional, acompanhados de diversos outros aperfeiçoamentos de ferramentas de gestão.

Recursos humanos

Podemos definir Administração de Recursos Humanos o ramo especializado da ciência da administração que envolve todas as ações que tem como objetivo a integração do trabalhador no contexto da organização e o aumento de sua produtividade. Área que trata de recrutamento, seleção, treinamento, desenvolvimento, manutenção, controle e avaliação de pessoas.

Mas para entender melhor a aplicação desse conceito na atualidade, precisamos entender que durante a maior parte de nossas vidas, fazemos parte de algum tipo de organização, tais como: uma escola, um time relacionado a esporte, um grupo artístico, uma instituição religiosa, uma organização militar, ou mesmo uma empresa. Algumas organizações como um time de futebol, são estruturadas de modo informal, enquanto que as grandes corporações militares, possuem estruturas bastante formalizadas. Porém todas as estruturas organizadas, sejam elas formais ou informais, possuem elementos comuns.

Utilizando uma visão mais simplista possível, podemos ver uma organização, como sendo, duas ou mais pessoas trabalhando juntas, de modo estruturado, visando alcançar um objetivo específico, ou um conjunto de objetivos, de modo que haja entre elas a comunicação, a cooperação, e a sintonia dos objetivos.

As organizações são importantes porque também podem ser vistas como instituições sociais que refletem alguns valores e necessidades culturalmente aceitos. Elas permitem que vivamos juntos e de modo relativamente civilizado e que realizemos objetivos enquanto sociedade. Das delegacias de polícia dos bairros onde moramos, às grandes corporações multinacionais, as organizações servem à sociedade, transformando o mundo num lugar melhor, mais seguro e mais agradável de viver.

Para que as organizações sobrevivam, são necessários alguns elementos básicos: os objetivos, os planos ou métodos para a consecução desses objetivos, os recursos necessários para serem utilizados e o processo que possibilita a interação dos elementos, propiciando a obtenção dos resultados desejados.

Este processo de planejar, organizar, liderar e controlar o trabalho dos membros da organização e de usar os recursos disponíveis da organização para alcançar objetivos pré-estabelecidos, denomina-se administração.

Histórico de administração de recursos humanos

O movimento da Administração Cientifica difundiu-se amplamente e tornou-se um dos princípios bases da organização industrial nas primeiras décadas do século.

O movimento de valorização das relações humanas no trabalho surgiu a partir da constatação da necessidade de considerar a relevância dos fatores psicológicos e sociais na produtividade.

A descoberta da relevância do fator humano na empresa veio proporcionar o refinamento da ideologia da harmonização entre o capital e o trabalho, definida pelos teóricos da Administração Cientifica. Com efeito, pode-se dizer que as Relações Humanas constituem um processo de integração de indivíduos numa situação de trabalho, de

modo a fazer com que os trabalhadores colaborem com a empresa e até encontrem satisfação de suas necessidades sociais e psicológicas.

Os primeiros órgãos de Recursos Humanos como setor definido da administração das organizações, tiveram seu aparecimento no início deste século, tendo tido sua evolução acelerada, na década de vinte. Com o advento da primeira guerra mundial, estabeleceu-se uma carência efetiva de mão-de-obra nas empresas, obrigando estas, a estabelecerem padrões de racionalização e otimização da mão-de-obra existente e desenvolverem processos de formação de mão-de-obra nova, através dos primeiros métodos organizados de recrutamento e seleção. O fator humano já tinha que ser tratado com atenção específica. A revolução industrial que ocorria na época, também foi fator determinante para a formação e desenvolvimento do período inicial da administração de recursos humanos. Os movimentos filosóficos dos anos trinta, de maneira especial, o pensamento existencial, aliados aos primeiros trabalhos de Sociologia do Trabalho, forneceram direcionamentos e subsídios éticos e científicos para a evolução da administração de recursos humanos. O marco mais significativo dessa evolução, foram os experimentos de Hawtorne, na Western Electric, em Chicago, nos Estados Unidos da América. As pesquisas de Hawtorne, vieram surpreender os Tayloristas que tentavam, sair da sua órbita inicial, combinar dentro das mesmas constantes, matéria-prima, máquinas e pessoas. Nas pesquisas de Hawtorne ficaram evidenciadas que as relações humanas, tanto entre si como com os elementos ambientais, tinham significativa influência na produtividade. Mais que qualquer outro órgão da administração das organizações, o de Recursos Humanos, contribuiu para verdadeiras revoluções da atividade gerencial. Desde 1930, as ciências comportamentais fornecem em rítmo crescente, subsídios para o desenvolvimento da Administração de Recursos Humanos, e esta por sua vez vem contribuindo para verdadeiras revoluções da atividade gerencial.

Desenvolvimento da administração de recursos humanos

Não podemos deixar de reconhecer que a atividade de recursos humanos, tem contribuído de forma crescente para a humanização das relações de trabalho. O humanismo é parte integrante nas atividades e evolução da área de Recursos Humanos. Os principais autores clássicos da atualidade, com estudos de destaque, na área da Psicologia Organizacional, tais como McGrecor, Maslow, Bennis, Bekhart e outros, apesar de terem abordagens diferentes, todos apontam para a necessidade de se criar clima de trabalho que permita a realização cada vez mais plena, do ser humano, como pessoa, ou seja da auto-realização pessoal. Essa tendência humanística está bem clara no atual movimento organizacional, que não se restringe a agir dentro do ambiente organizacional clássico, porém se propõe a reformular os critérios tradicionais de divisão do trabalho, de modelos organizacionais, de sistemas tradicionais de planejamento e controle, do estilo predominante e autoritário de liderança, a fim de que no grupo exista clima sadio que proporcione o desenvolvimento e motivação das pessoas, proporcionando diretamente resultados benéficos para a organização.

Sistema de administração de recursos humanos:

A mudança deve ser a única constante na força de trabalho de qualquer organização. As pessoas eficazes são promovidas ou saem para ocupar outros cargos melhores em outra organização. As pessoas ineficazes são rebaixadas, remanejadas, ou até mesmo despedidas. Além disso, a organização poderá a qualquer tempo precisar de mais pessoas ou até mesmo reduzir seus quadros de pessoal e sempre precisará aperfeiçoar as capacidades das pessoas que trabalham cotidianamente. Desta forma é que podemos ver que o Sistema de Administração de Recursos Humanos, possui um dinamismo contínuo, como um organismo vivo, tentando manter a organização suprida das pessoas certas, nas posições certas, na hora certa.

A Administração de Recursos Humanos consiste em planejar, organizar, desenvolver, coordenar e controlar os métodos capazes de promover o desempenho eficiente do pessoal, ao mesmo tempo em que a organização representa o meio que permita às pessoas que com ela colaborem para alcançar os objetivos individuais relacionados direta ou indiretamente com o trabalho, ao mesmo tempo em que também significa conquistar e manter as pessoas na organização, trabalhando sempre com eficiência para produzir resultados eficazes.

O PROCESSO DA ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

O processo de Administração de Recursos Humanos, compreende as funções de planejar, recrutar, selecionar, socializar, treinar e avaliar pessoas, objetivando alcançar os objetivos da organização, através da eficiência das pessoas que a integram.

Planejamento de recursos humanos:

O planejamento de Recursos Humanos consiste em estabelecer métodos e metas qualitativas e quantitativas, visando suprir as necessidades futuras de pessoal, da organização, levando-se em conta as atividades internas e fatores do ambiente externo.

O planejamento de recursos humanos tem quatro aspectos básicos:

- ✓ necessidades futuras - referente a quantidade de pessoas e com que qualificação deverão ter;
- ✓ equilíbrio futuro - referente a relação do número de pessoas que estão atualmente na organização e que provavelmente estarão no futuro, com o número de pessoas que se fará necessário estar presente na organização, em um futuro pré-estabelecido;
- ✓ recrutamento ou dispensa de pessoas - refere-se a forma e quantidade de pessoas que serão necessárias serem dispensadas e/ou recrutadas;
- ✓ desenvolvimento de pessoal - referente ao plano de qualificação da mão-de-obra recrutada e selecionada, como também do aperfeiçoamento da mão-de-obra de financiamento para investimentos, ou até mesmo uma retração da economia e possível redução na capacidade de consumo de bens e serviços, acarretando necessariamente um enxugamento de custos e possivelmente nos quadros de recursos humanos.

O planejamento de pessoal se baseia em dois processos principais que são:

A Previsão de Recursos Humanos - que consiste no uso de técnicas específicas, na busca de determinar o número, o tipo e a qualidade de pessoas que a organização precisará, para manter seu crescimento e explorar as oportunidades futuras;

A Auditoria de Recursos Humanos - que consiste no uso de técnicas específicas, necessárias para quantificar e qualificar as habilidades e o desempenho de cada indivíduo, que já existe dentro da organização, objetivando desta forma, identificar os recursos humanos internos e as possibilidades de melhor aproveitamento, evitando assim, muitas vezes, os altos custos de contratações externas.

Recrutamento de recursos humanos:

O propósito do recrutamento é conseguir um grupo de candidatos suficientemente grande, para que a organização possa selecionar as pessoas com as qualificações de que precisa. Podemos definir dois tipos de recrutamento, o do tipo geral e o tipo especializado.

✓ O Tipo Geral é utilizado quando a organização necessita de um grupo de pessoas sem grande especialização, isto é, para ocuparem cargos de níveis de execução.

✓ O Tipo Especializado é utilizado principalmente quando a organização necessita de pessoas com determinado nível de especialização, sendo necessária uma atenção maior e uso de técnicas que permitam atingir àquele segmento de candidatos.

- Fontes de recrutamento:

Genericamente, podemos afirmar que as fontes de recrutamento estão no mercado de mão de obra, que consiste no conjunto de pessoas disponíveis, que possuem habilidades específicas que permitem a elas, ocuparem funções produtivas, dentro das organizações. As condições do mercado de mão de obra não são estáticas, elas mudam de acordo com os fatores ambientais e as próprias condições ofertadas pelas organizações. A técnica mais recente utilizada para atrair mão de obra, é a utilização da reputação da organização.

É possível distinguir duas principais fontes de recrutamento de pessoas:

✓ a fonte externa que compreende o universo de pessoas que se encontram desempregadas, ou até mesmo, que estejam empregadas em outras organizações, porém que estejam disponíveis para efetuarem mudanças de local de trabalho;

✓ a fonte interna que compreende o universo de pessoas que já trabalham na organização, porém que o processo de Auditoria de Recursos Humanos, identificou como sendo pessoas com potenciais latentes que podem ser aproveitados através de remanejamentos e promoções.

Seleção de recursos humanos

Algumas conceituações:

"Seleção é o processo mútuo através do qual a organização decide se vai ou não fazer uma oferta de trabalho e o candidato decide se a aceita ou não". (STONER)

"O processo de Seleção de Recursos Humanos, é definido como sendo o conjunto de atividades ordenadas, através das quais, a organização obtém do mercado de trabalho, interno e externo, os recursos humanos necessários para sua sobrevivência". (LOBOS)

"A Seleção de Recursos Humanos, pode ser definida singelamente como a escolha do indivíduo certo para o cargo certo, ou, mais amplamente, entre os candidatos recrutados, aqueles mais adequados aos cargos existentes na empresa, visando a manter ou aumentar a eficiência e o desempenho do pessoal". (CHIAVENATO)

A primeira vista, o processo de seleção parece ocorrer de forma unilateral, onde a organização processa a seleção e decide quem ela vai contratar. Esta visão, na verdade não é real, pois as pessoas que são selecionadas, também decidem se irão ingressar na organização, através do processo de contratação, esta decisão das pessoas está diretamente ligada ao nível de satisfação dos interesses das pessoas em relação as ofertas da organização. É necessário que a organização ofereça elementos atrativos que motivem as pessoas a aceitarem ingressar, através do processo de contratação de pessoal. Existem várias técnicas, métodos e recursos disponíveis para se selecionar pessoas objetivando contratá-las para as organizações. Para isto, é necessário que se tenha em mente que os seres humanos constituem a fator mais importante em todos os grupamentos sociais e que cada indivíduo é um ser extremamente complexo. Desta forma, se torna de suma importância reconhecer as diferenças entre as pessoas, como também as exigências do trabalho, para o qual estão sendo selecionadas. Uma seleção eficiente será garantia de êxito para os posteriores cursos de treinamento e aperfeiçoamento. Um programa eficiente de seleção de pessoal deve objetivar introduzir na organização, pessoas adequadas nos locais de trabalhos corretos, para isso se faz necessário observar a escolha de boas e adequadas técnicas e métodos de seleção, verificar sempre os índices de turnover, pois são indicadores da qualidade dos processos de recrutamento e seleção, é verificar a veracidade da análise dos cargos e funções, como também de suas descrições, analisar sempre a adequação dos testes e entrevistas e promover sempre um controle de todos os processos de recrutamento e seleção, promovendo constantes avaliações e correções necessárias para a obtenção constante do aperfeiçoamento dos processos e consequentemente a obtenção dos objetivos da organização.

Treinamento e desenvolvimento de recursos humanos:

O já citado autor STONER define treinamento de recursos humanos, como sendo "um processo destinado a manter ou melhorar o desempenho no trabalho atual" e desenvolvimento de recursos humanos, como sendo "um processo destinado a desenvolver as habilidades necessárias para futuras atividades de trabalho", o que faz nos parecer óbvio que o treinamento é dirigido para as necessidades atuais e desenvolvimento para as necessidades futuras. Considerando que estamos vivendo uma época em que as nações estão se integrando, levadas pelos processos de globalização de diversas atividades humanas e que estes processos de globalização vem aumentando

de forma fantástica, a velocidade em que as mudanças se processam, torna-se verdadeiramente impossível planejar e executar tarefas do presente, sem ao mesmo tempo estar planejando para o futuro.

Considerando esta realidade atual, não podemos pensar em treinamento de recursos humanos, sem também pensar paralelamente em desenvolvimento de recursos humanos.

Treinamento de recursos humanos

Compreende-se treinamento, "como sendo qualquer atividade que vise à qualificação, formação e aperfeiçoamento do pessoal de uma organização, desde os dirigentes, até os executores de mercadorias e serviços".

A Problemática do treinamento deve ser analisada de duas formas, a primeira é em relação às pessoas que estão ingressando na organização, ou que acabaram de ser promovidas, isto é, estão iniciando jornada em seus cargos. Estas pessoas geralmente têm elevado índice de motivação e por isso demonstram certa facilidade em aprender novas habilidades e comportamentos, inerentes à nova função. Por outro lado as pessoas que já estão nos cargos ou funções, já a determinado tempo, geralmente oferecem resistência à mudanças, sendo necessário um trabalho específico de esclarecimento das necessidades das mudanças que virão com o treinamento, como também a valorização do profissional, tornando-o mais competitivo e eficaz. Para se determinar as necessidades de treinamento em uma organização, se faz necessário, a aplicação de métodos próprios, visando identificar as necessidades de cada pessoa em ser submetida a treinamento e aperfeiçoamento. Os principais métodos utilizados para detectar as necessidades de treinamento são:

- ✓ Avaliação de desempenho, onde o trabalho de cada pessoa é comparado aos padrões de desempenho ou aos objetivos estabelecidos para este trabalho.
- ✓ Análise de requisitos do trabalho, onde as habilidades ou conhecimentos especificados na descrição apropriada do cargo, são examinados e aquelas pessoas que não tem as habilidades ou conhecimentos necessários, tornam-se candidatos a um programa de treinamento e aperfeiçoamento.
- ✓ Análise organizacional, onde a eficácia da organização e o seu sucesso em alcançar seus objetivos, são analisados para se determinar as diferenças e se detectar o tipo de treinamento que possa ajudar a corrigir distorções existentes.
- ✓ Pesquisa de recursos humanos, onde se solicita aos detentores de cargos de chefia, que descrevam os problemas pelos quais estão passando no trabalho, e que façam sugestões, no sentido de sanar os referidos problemas.

Assim que sejam identificadas as necessidades de treinamento da organização, o órgão de gestão dos recursos humanos deverá iniciar um programa de treinamento adequado às necessidades identificadas.

Desenvolvimento de recursos humanos

O desenvolvimento dos recursos humanos deve ser entendido como o conjunto de conhecimentos que foram agregados pelas pessoas de uma organização através de um determinado tempo, resultado de uma política de treinamento bem elaborada e bem executada, tornando os indivíduos cada vez mais capacitados para exercerem suas tarefas, de forma cada vez mais eficaz. Este desenvolvimento objetiva também capacitar os indivíduos para que eles consigam acompanhar as mudanças evolutivas da organização, o seu desenvolvimento organizacional, seu crescimento, enfim integrar o desenvolvimento da organização como um todo. Um fator importante no desenvolvimento dos indivíduos é sua capacitação para desenvolverem tarefas mais complexas e poderem evoluir dentro da escala hierárquica, ocupando cargos de níveis mais elevados.

Avaliação de desempenho dos recursos humanos

A avaliação de desempenho consiste em uma sistemática apreciação da eficácia do trabalho de uma pessoa, em relação aos objetivos propostos pela organização. Por isso é de fundamental importância, que os objetivos da organização estejam sempre bem definidos e explicitados, pois quando estes objetivos não estão bem claros, pode ocorrer desvios nos resultados. Além de apreciar a eficácia do trabalho, a avaliação de desempenho deverá também medir os potenciais de desenvolvimento das pessoas, que geralmente se encontram latentes temporariamente, que devem ser identificados, desenvolvidos e aproveitados. Existem dois tipos principais de avaliações dos recursos humanos de uma organização, e denominam-se informais e formais.

A avaliação informal de recursos humanos consiste basicamente no processo contínuo de oferecer aos subordinados, informações sobre como estão realizando o trabalho para a organização, devendo ocorrer cotidianamente e em um clima de naturalidade e informalidade, geralmente seus resultados são de correção de um desempenho indesejável.

A avaliação formal de recursos humanos consiste basicamente na aplicação de métodos pré-estabelecidos de acordo com os objetivos da organização, destinado a classificar o desempenho atual do indivíduo, identificar aqueles que merecem promoções ou aumentos salariais, como também identificar as necessidades de treinamento adicional. Este tipo de avaliação geralmente ocorre semestralmente ou anualmente.

Existem muitos tipos de métodos de avaliação de desempenho, pois eles são criados visando atender os objetivos de cada organização, e muitas vezes são utilizados mais de um tipo, para que a avaliação se torne mais completa, por isso vejamos quatro tipos principais que são mais utilizados pelas organizações: A avaliação dos subordinados pelo superior, é um dos tipos mais utilizados pelas organizações; Um grupo de superiores avaliando os subordinados, é realizado por um comitê de administradores, onde cada um preenche formulários de avaliação em separado, valendo a pena salientar que as tendências de injustiças se tornam diluídas, apesar de demandar mais tempo; Um grupo de subordinados avalia um colega, este método é menos utilizado, pois se destina principalmente para medir a capacidade de liderança de um indivíduo; Os subordinados avaliam os superiores, este método tem importância peculiar, pois propicia avaliar os administradores,

propicia se efetuar a correção de algumas falhas e consequentemente a melhoria de desempenho dos avaliados. É necessário que os avaliadores não se tornem juízes, e por conseguinte atribuam julgamento nos processos de avaliação de desempenho, pois isto constitui uma distorção. Os objetivos da avaliação devem ser em busca da comparação do desempenho atual e a busca do desempenho proposto ou ideal para a organização.

Acompanhamento e aconselhamento

O homem contemporâneo, por uma série de razões dele próprio, dos seus grupos sociais e do ambiente em que vive, tem apresentado, percentualmente, um aumento daqueles estados conhecidos como de ansiedade e angústia. O mal-estar característico de tais estados tem levado o homem à procura da melhor maneira de resolvê-lo, mas nem sempre se tem conseguido chegar a estratégias mais sadias. É bem por isso que grande número de pesquisas feitas atestam por exemplo um significativo aumento percentual no consumo de álcool e de drogas, acompanhado de grande número de atos delinquentes. É imperioso, não há dúvida, que se chegue a encontrar formas produtivas e confortáveis de evitar a inadequação humana. Foi devido a esta necessidade de combater a inadequação do homem ao ambiente organizacional, foi que LEAVIT (Psicologia Para Administradores) relata estudos feitos no âmbito da Psicologia do Comportamento Organizacional, objetivando aprofundar-se no estudo das relações, do homem com seu ambiente de trabalho. Uma pessoa torna-se um problema dentro de uma organização, sempre que seu comportamento cria dificuldades ao grupo de pessoas em meio ao qual desenvolve suas atividades, ou diante das normas da organização, incluindo aí toda a política organizacional, seja ela de ordem administrativa, técnica ou financeira. A pessoa-problema chama a atenção, por sua conduta atípica e frequentemente indesejável, acabando por provocar uma queixa quanto à sua maneira de agir. A "queixa" é, portanto, o sintoma atual, mas, para se evidenciar como tal, o indivíduo percorreu e acumulou uma série de fatos e incidentes anteriores. Levantando-se exaustivamente tais elementos e estudando a conexão dos mesmos com a queixa atual, será possível formular um diagnóstico do comportamento e prever quais as medidas futuras a serem levantadas a efeito, objetivando cessarem as causas que motivaram os incidentes comportamentais que colocaram o indivíduo em situação de inadequação.

Nas organizações mais modernas existem órgãos de acompanhamento e aconselhamento, visando promover e assegurar a elevação do indivíduo no plano cultural, sócio-familiar e profissional, propiciando desta forma, condições para uma completa integração deste indivíduo no plano organizacional, de tal forma que ele se torne produtivo e eficaz. O aspecto fundamental é a valorização do indivíduo como sendo o elemento principal no processo organizacional.

O acompanhamento consiste no conjunto de métodos que quando postos em prática, visam criar condições de reações necessárias para o bom desempenho do indivíduo no trabalho, para que ele seja eficiente, nos diversos setores da organização, e perceba o acompanhamento como fator de motivação, se sentindo valorizado, pela importância que lhe confere e cuidados que lhe dispensa a organização. O acompanhamento deve ser visto como uma necessidade contínua, se iniciando desde o processo de seleção, treinamento e avaliação de desempenho.

O aconselhamento é um processo que consiste em informar à gestão de recursos humanos, e quando conveniente ao próprio indivíduo, a respeito de problemas que possam estar exercendo influência negativa no desempenho do mesmo dentro da organização, sugerindo soluções adequadas a estes problemas, visando promover o ajustamento do indivíduo ao seu trabalho, seus companheiros e enfim à organização. O meio de promover este processo é através de contatos diretos com o indivíduo, procurando identificar os problemas, quer através de visitas ao próprio ambiente de trabalho, contatos com seus chefes imediatos ou mesmo cuidadosa sondagem a outros companheiros, a fim de averiguar possíveis causas de desajustamentos. Disso resultam algumas possíveis soluções: ao treinamento específico, visando melhor adequá-lo às suas funções, se o problema for deficiência funcional; realizar o aconselhamento direto, se a causa for desajuste no terreno sócio-familiar ou das relações humanas; encaminhá-lo para uma avaliação médico-psicológica, se as causas parecerem patogênicas; transferí-lo para outro setor, visando melhor adequação pessoal; etc.

As entrevistas constituem o fundamento e o princípio de todo o trabalho de um órgão de acompanhamento e aconselhamento, através delas coligem-se dados, em que se basearão os especialistas para diagnosticar causas, promover o aconselhamento e sugerir o acompanhamento. Do binômio acompanhamento-aconselhamento, advém uma série de benefícios paralelos, como sendo, menor índice de turn-over, menores despesas com treinamento, menos conflitos nas relações humanas, maiores possibilidades de progresso, maior satisfação no trabalho e como consequência principal, maior produtividade.

Essas providências todas quando tomadas, conseguem motivar, ou seja, gera forças que conseguem impulsionar o comportamento do indivíduo, no sentido da consecução de objetivos comuns entre o motivador e o motivado. As forças motivadoras nascem de um estímulo que poderá ter origem externa, vir do ambiente onde o indivíduo está inserido, ou poderá ter origem interna e ter origem nos processos cognitivos de raciocínio do indivíduo. Neste aspecto podemos afirmar que a motivação está relacionada com o sistema de cognição do indivíduo, podendo ser concluído que os elementos valorativos da motivação varia de indivíduo para indivíduo. Mesmo assim, o processo que agiliza o comportamento das pessoas, obedece um mesmo padrão. Considerando que o comportamento humano não é expontâneo, isto é, ele não se origina do nada, conclui-se que as causas que dão origem a um determinado comportamento são: as influências externas do meio ambiente, as influências internas de hereditariedade, juntas influem nos processos cognitivos; os impulsos de desejos ou de necessidades pessoais para onde o comportamento humano forma seus objetivos. O processo que movimenta o comportamento das pessoas pode ser denominado de

ciclo motivacional, que tem origem com o surgimento de uma necessidade, que consiste em uma energia impulsionadora de um comportamento humano, que tem o objetivo de tirar o indivíduo da condição estática de equilíbrio e gerar um dinamismo denominado comportamento capaz de descarregar a energia que motivou o desequilíbrio, através de um processo de satisfação de desejo, colocando-o novamente em equilíbrio. Ocorre que nem sempre o indivíduo consegue atingir o processo da satisfação de um desejo, por motivos diversos que impossibilitam esta satisfação, denominados de barreiras que descarregam a energia em forma de frustração e não permitem que o indivíduo retorne ao equilíbrio inicial, tornando-se necessário que uma outra carga de energia impulsione outro comportamento derivativo que satisfaça outro desejo, através de um processo denominado compensação, para colocar o indivíduo num equilíbrio relativo.

Em síntese, após todas essas colocações, podemos definir o conceito de Sistema de diversas maneiras a saber:

- "conjunto de elementos unidos por alguma forma de interação ou interdependência;
- como uma combinação de partes, formando um todo unitário;
- como um conjunto de materiais ou idéias entre as quais se possa encontrar uma relação;
- como uma disposição das partes ou elementos de um todo, coordenados entre si e que funcionam como estrutura organizada.

Qualquer conjunto de partes que se unam entre si pode ser considerado um sistema desde que as relações entre eles e o comportamento do todo seja o foco da atenção.

MEDIAÇÃO E GESTÃO DE CONFLITOS

Desde que o ser humano surgiu, constata-se a ocorrência de uma série de conflitos em sua vida, seja em termos pessoais, seja em termos profissionais. Conforme o homem desenvolveu-se cultural e tecnologicamente, os conflitos foram mudando não só quanto à intensidade, magnitude, como também quanto ao número de envolvidos. Importante ressaltar que não se deve desconsiderar, ainda, a época e o local que ocorrem, fatores que os influenciam, e muito.

Para que um indivíduo possa superar conflitos, faz-se necessário saber lidar com eles, o que implica saber gerenciá-los. Contudo, muitas pessoas não sabem como administrá-los, independente das variáveis que o envolvam.

Para conseguir gerir uma situação conflituosa, é preciso um certo *feeling* (tato, sensibilidade), embora, em alguns momentos, não será, por si só, suficiente para alcançar uma solução eficiente e eficaz, que atenda a todas as partes envolvidas. Nesse caso, deverão ser utilizados alguns procedimentos, expostos adiante, para gerir o conflito, a fim de possibilitar um resultado que agrade às partes envolvidas. Tais procedimentos não constituem regras seguidas para todas as pessoas, tampouco para todas as situações. Na verdade, devem ser considerados apenas como princípios que devem ser levados em consideração, e aplicados de acordo com o bom senso. Afinal, cada caso é um caso.

Ao gestor de Recursos Humanos, Gestor de Talentos ou outro nome que for designado por uma empresa para o profissional que trabalha com as pessoas, cabe aptidão (disposição inata ou, ainda, capacidade ou habilidade resultante de conhecimentos adquiridos) para gerenciar conflitos, entre outras tarefas que terá de desempenhar no seu dia-a-dia. É importante ressaltar que, atualmente, tal aptidão é exigida para qualquer profissional, pois muitas empresas já extinguiram a área de Recursos Humanos ou a transformaram numa área com abordagem estratégica, o que acarreta aos responsáveis pelas diversas áreas da empresa saberem gerenciar os conflitos que ocorrem entre o seu pessoal. Vale lembrar, também, que o setor de atuação, o tamanho da organização, tipo de gestão, objetivos organizacionais, missão, valores, estrutura organizacional, estratégias implementadas, entre outros fatores, podem influenciar um conflito.

A gestão de conflitos tende a crescer de importância dentro das organizações contemporâneas, tendo em vista a importância, cada vez maior, dada às pessoas que nelas trabalham; já que um dos axiomas gerenciais atuais consiste no fato de os indivíduos constituírem o fator diferencial entre as empresas, os conflitos que os envolvem passam a ser um problema, uma vez que podem reduzir a produtividade, consequentemente, afetando a lucratividade e rentabilidade da instituição.

Nesse sentido, as empresas que não souberem gerenciar os conflitos entre seu pessoal poderão estar sujeitas a diversos contratempos, como: ter reduzida sua participação no mercado; não desenvolver novos produtos; ter arranhada sua imagem perante o público-alvo; prejudicar o clima organizacional que, segundo Chiavenato (1999, p. 323), "constitui o meio interno de uma organização, a atmosfera psicológica, característica em cada organização. O clima organizacional está ligado ao moral e à satisfação das necessidades humanas dos participantes."; causar letargia no público interno, que afetará toda a empresa etc.

ALGUNS PROCEDIMENTOS PARA GERENCIAR CONFLITOS

Faz-se necessário frisar que os procedimentos aqui mencionados não são os únicos que podem ser empregados para a administração de conflitos.

Servem apenas como ponto de referência, e não como regras a serem seguidas por todos, em qualquer situação conflituosa; posto que uma gama gigantesca de variáveis pode influenciar um determinado conflito, tais como: cultura organizacional; ciclo de vida do produto, da empresa e das pessoas envolvidas direta e indiretamente no conflito; estilos de liderança; identificação entre os envolvidos que integram um grupo ou equipe etc.

Quando se estiver administrando um conflito, é de suma importância que, antes de se tomar qualquer decisão, investigue-se os fatos ocorridos, o histórico das pessoas envolvidas como o tempo em que os envolvidos no conflito trabalham na empresa, suas condutas e desempenho

etc. Importante ressaltar a importância de se empregar a empatia, ou seja, tendência para sentir o que sente a pessoa na dada situação e circunstâncias; considerar os valores da organização; levar em consideração pressões não usuais de trabalho como, por exemplo, o fato de dois funcionários terem uma discussão; se o produto dessa empresa é sazonal e se, no período que antecedeu a referida discussão, os funcionários tiveram que aumentar sua jornada de trabalho; verificar a ocorrência de explicação insatisfatória, por parte do responsável, de normas e/ou procedimentos etc. Tudo isto para que injustiças não sejam cometidas e o conflito tenha um final satisfatório para todos os envolvidos.

Na administração de conflitos, é relevante também identificar se os envolvidos trabalham em um grupo ou em uma equipe, já que existem diferenças entre tais denominações. Uma equipe tem um objetivo em comum, além de possuir um número reduzido de componentes. Seus integrantes, necessariamente, devem possuir as seguintes qualidades: disposição para compartilhar oportunidades e reconhecimentos; além de comunicarem-se de forma aberta e direta (supervisão funcional). Para que tais qualidades sejam fomentadas numa organização, é necessário estabelecer objetivos claros e métodos de trabalho eficazes, e, ainda, que os indivíduos sejam respeitados tanto pessoal, quanto profissionalmente.

É sabido que todo ser humano consiste um ser único, ou seja, possui aptidões, valores, cultura etc. que o tornam diferente como indivíduo e, por consequência, como profissional. No entanto, muitos gestores esquecem de tirar proveito dessas habilidades heterogêneas em prol da empresa. Assim, as empresas que trabalham com equipes, aproveitam-se dessas diferenças, maximizando-as ou otimizando-as utilizando-se da ferramenta denominada holismo, que consiste em aproveitar as desigualdades para que a totalidade, organização, represente mais do que a soma das partes, indivíduos.

Outro aspecto importante sobre as equipes consiste no seu ciclo de vida. Tal ciclo pode ser dividido em quatro estágios: o primeiro, consiste na sua formação propriamente dita; o segundo estágio preocupa-se em desenvolver um método de trabalho; já no terceiro, visa-se a atingir os objetivos estabelecidos; e, por fim, no quarto estágio, os integrantes começam a sair da equipe para buscar novos desafios.

Outro fator de magnitude é identificar as características de uma equipe vencedora, a saber: união entre seus integrantes, cujo número é reduzido; aquisição pela equipe de uma organização própria; e, finalmente, apoio mútuo.

No caso de uma equipe, os conflitos tendem a ocorrer em menor quantidade do que num grupo. Tal fato deve-se, conforme já dito, ao seu número reduzido de componentes, que facilita a comunicação entre seus membros.

Um dos motivos da geração de conflitos em empresas pode estar baseado no fato da diversidade cultural dos indivíduos envolvidos. Segundo Megginson, Mosley e Jr (1986, p. 471-472), são eles:

1) **etnocentrismo:** ocorre quando uma pessoa, de uma determinada cultura, recorre a seus próprios valores culturais como parâmetro para resolver algum problema num ambiente cujos padrões culturais sejam distintos do seu;

2) **uso impróprio de práticas gerenciais:** ocorre quando se aplica uma determinada prática gerencial numa cultura, levando-se em conta apenas sua eficiência e eficácia, contudo, em outra;

3) **percepções diferentes**: ocorre quando, pelo fato de cada cultura possuir um conjunto de valores como referência, pessoas de diferentes culturas apresentarem valores e entendimentos distintos;

4) **comunicação errônea:** acontece quando diferenças culturais como idioma, costumes, sentimentos geram uma comunicação equivocada.

A necessidade de conhecer algumas características das pessoas, para identificar se estarão aptas para desempenhar determinadas tarefas a contento, demanda da obrigatoriedade de se constituir equipes, pois estas aumentam significativamente a produtividade. Segundo Maitland (2000), existem seis tipos de indivíduos:

1) **o pensador:** é o indivíduo que focaliza o conjunto do que vai ser realizado, trazendo ideias e sugestões;

2) **o organizador:** é o indivíduo que organiza e coordena as atividades, confeccionado cronogramas, listas de atividades etc.;

3) **o realizador:** é o indivíduo de execução, que, normalmente, domina a equipe;

4) **o que veste a camisa:** é o indivíduo que procura manter o grupo unido, dá suporte aos demais integrantes;

5) **o controlador:** é o indivíduo que procura estar a par do andamento dos trabalhos, bem como lembra, constantemente, os prazos;

6) **o analisador:** é o indivíduo que analisa todas as ideias, sugestões e ações de modo cuidadoso e objetivo.

Um ponto nevrálgico na administração de conflitos consiste em identificar os tipos de comportamento de cada um dos envolvidos. Segundo Gillen (2001), os tipos de comportamento são quatro:

1) **passivo –** é o indivíduo que procura evitar o conflito, mesmo que sofra com isso; via de regra, apresenta voz hesitante, atitude defensiva, contato visual mínimo, e, geralmente, é uma pessoa é quieta;

2) **agressivo** – é o indivíduo que aspira fervorosamente vencer, mesmo à custa de outras pessoas. Tende a ser individualista, uma vez que está mais interessado nos próprios desejos do que com os dos outros. Tal comportamento apresenta voz alta e máximo contato;

3) **passivo/agressivo** – é o indivíduo que apresenta um comportamento misto. São as pessoas que desejam se firmar, contudo, não possuem estrutura para tanto. Este comportamento apresenta muita irritação, postura fechada, pessoa lacônica;

4) **assertivo** – é o indivíduo que aspira a defender seus direitos, bem como aceita que as outras pessoas também os tenham. Este comportamento apresenta tom de voz moderado, as pessoas deste tipo de comportamento são neutras, possuem uma postura de prudência e segurança.

A avaliação de uma equipe pode ocorrer de diversas maneiras, de acordo com a finalidade da avaliação. De acordo com Hardinghan (2000), pode-se elaborar uma lista para avaliar uma equipe *in loco*, utilizando-se dos seguintes fatores:

1) **produtividade:** que consiste no fato de avaliar se a equipe está realizando o trabalho em quantidade e em tempo suficientes;

2) **empatia:** que se refere ao fato de os componentes da equipe apresentam empatia pelos seus membros;

3) **regras e objetivos:** diz respeito ao fato de as pessoas seguirem o princípio da direção, ou seja, quando cada um dos indivíduos sabe o que se espera dele, bem como o que deve fazer;

4) **flexibilidade:** consiste no fato de os integrantes da equipe terem aptidão para variadas tarefas ou aplicações;

5) **objetividade:** refere-se ao fato dos envolvidos dizerem aquilo que pensam sobre determinado assunto;

6) **reconhecimento:** diz respeito ao fato de seus integrantes se admirarem e, por fim;

7) **moral:** consiste no fato de as pessoas desejarem integrar a equipe.

Para se compreender a gênese de um conflito, faz-se necessário não só compreender o comportamento das pessoas envolvidas, como também dissecá-los. Para tal, é imperioso entender que o comportamento nada mais é do que o resultado do somatório de vários fatores, dentre eles podemos citar: os medos que uma pessoa possui, as emoções vivenciadas, suas experiências adquiridas no transcorrer de sua existência, suas crenças, as preocupações que a afligem; sua auto-estima etc.

Um ponto potencialmente gerador de conflitos consiste na observação/crítica do trabalho ou desempenho de um indivíduo. Para minimizar essa potencialidade de gerar uma situação conflituosa, Bee (2000) desenvolveu 10 ferramentas para realizar-se uma consideração, ou a chamada crítica construtiva:

1) **analisar a situação:** nesse momento, tem-se o cuidado de identificar qual é o problema, bem como o que necessita ser alterado e por quê;

2) **determinar o(s) efeitos(s) e o(s) objetivo(s):** visa a determinar o que o indivíduo deve realizar;

3) **ajustar-se à receptividade:** quem vai realizar a crítica deve identificar se a pessoa a ser criticada está aberta para recebê-la;

4) **criar o ambiente propício:** visa a propiciar um ambiente no qual quem vai emitir a crítica possa ser entendido e aceito;

5) **comunicar-se efetivamente:** levar em conta alguns aspectos fundamentais na elaboração de uma crítica, tais como: o que se diz, a maneira como se diz, a linguagem corporal; e, ainda, saber ouvir e observar a pessoa criticada além de ajudar o indivíduo criticado a trabalhar com os problemas objeto das críticas;

6) **descrever o comportamento que deseja mudar:** é fundamental que a pessoa que recebe a orientação tenha em mente o ponto exato do problema;

7) **descrever o comportamento desejado:** é de suma importância que o indivíduo que recebeu a crítica saiba o que necessita apresentar como desempenho ou comportamento;

8) **procurar soluções conjuntamente:** o indivíduo que critica deve procurar ajudar o criticado, dando-lhe sugestões e/ou ideias;

9) **concentrar-se naquilo que se acha bom:** consiste em alternar mensagens positivas às negativas; e, por fim;

10) **chegar a um acordo:** este, talvez, seja o item mais difícil, na medida em que ninguém muda seu comportamento ou desempenho sem que concorde.

O nível de gravidade de um conflito pode ser denominado, segundo Chiavenato(1999), de três formas:

1) **conflito percebido ou latente:** ocorre quando existem vários objetivos e há oportunidades de interferência ou bloqueio de objetivos por parte dos participantes;

2) **conflito experienciado ou velado:** ocorre quando as partes envolvidas nutrem sentimentos de hostilidade, raiva, medo e descrédito, no entanto, não é manifestado externamente de forma clara;

3) **conflito manifestado ou aberto:** quando o conflito é manifestado sem nenhuma dissimulação.

Para administrar um conflito organizacional, pode-se empregar um dos seguintes estilos, segundo Chiavenato (1999):

1) **estilo de evitação:** consiste na fuga do conflito. É empregado quando o problema é corriqueiro, quando não há perspectiva de ganhar o conflito, quando se necessita tempo para obter uma informação ou quando um conflito pode ser desvantajoso;

2) **estilo de acomodação:** visa a resolver os pontos de menor divergência e deixar os problemas maiores para depois;

3) **estilo competitivo:** consiste no comando autoritário, é empregado quando se faz necessário tomar uma decisão rapidamente ou uma decisão impopular;

4) **estilo de compromisso:** ocorre quando as partes envolvidas aceitam perdas e ganhos para todos os envolvidos;

5) **estilo de colaboração:** é empregado numa situação ganha/ganha, visto que todos os interesses podem ser reunidos numa solução mais ampla.

Atualmente, com a concorrência acirrada que as organizações vivenciam, faz-se necessário criar um diferencial que não seja fácil de ser copiado. Uma das possibilidades é criar um ambiente de trabalho agradável, criativo, competitivo, diferenciado para que seus funcionários possam desenvolver suas atividades, bem como novos produtos, de tal forma que a empresa consiga aumentar sua lucratividade e/ou rentabilidade. Este tipo de ambiente proporciona melhor qualidade de vida, o que acarreta a menor geração de conflitos desnecessários e improdutivos.

Este trabalho não tem a pretensão de responder a todos os questionamentos sobre o assunto, visa, apenas, a mostrar como pode-se melhorar a convivência das pessoas dentro de uma empresa.[1]

O conflito nem sempre foi encarado positivamente pela administração, especialmente pela chamada abordagem ou escola clássica de administração. Mesmo a teoria das relações humanas tendia a vê-lo como algo que precisava ser resolvido para se evitar maiores problemas.

Atualmente a corrente interacionista encara o conflito não apenas como natural mas também como sendo necessário e até mesmo desejável, sobretudo quando se precisa que o grupo seja dinâmico, criativo e mais propenso à mudanças.

Hoje admite-se que o conflito nem é bom nem mau intrinsecamente falando. Seu atributo qualificativo depende de se e como ele afeta o desempenho e o clima do grupo.

Conflito disfuncional: quando prejudica o desempenho do grupo

Conflito funcional: quando contribui para o desempenho do grupo

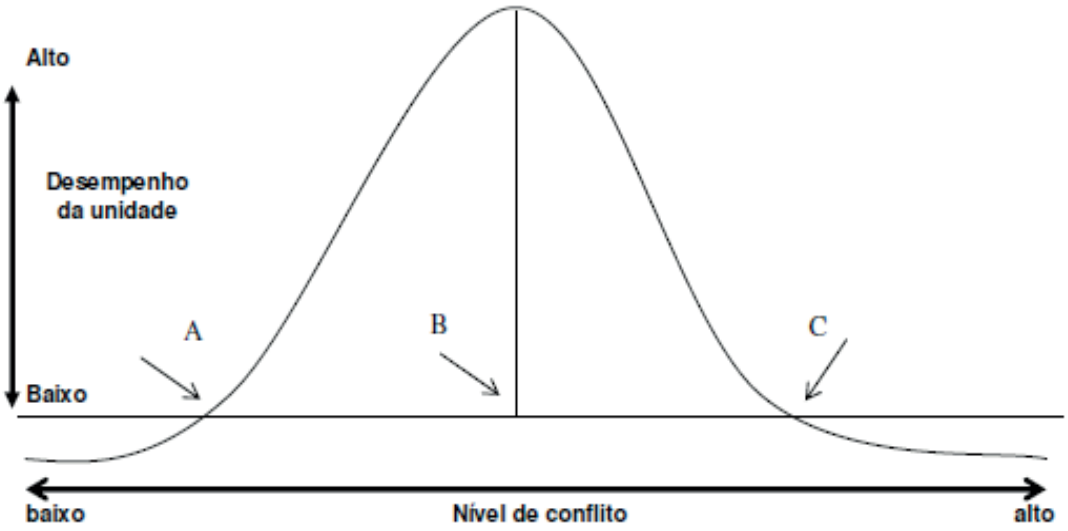

Situação	Nível de conflito	Tipo de conflito	Características internas da unidade	Desempenho da unidade
A	Baixo ou nenhum	Disfuncional	Apática, estagnada, insensível às mudanças; ausência de novas idéias	Baixo
B	Ótimo	Funcional	Viável, autocrítica, inovadora	Alto
C	Alto	Disfuncional	Rompedora, caótica, não-cooperativa	Baixo

Fonte: ROBBINS, Stephen P. Comportamento organizacional. São Paulo: Pearson Prentice- Hall, 11 ed., 2005, p.343.

Na literatura, existem hoje dois modelos para a descrição e a análise dos conflitos nas organizações:

OS MODELOS ESTRUTURAIS, que procuram identificar e compreender as condições gerais de desenvolvimento do conflito, sendo que alguns deles restringem o foco à natureza humana e às relações intergrupais; entretanto, há outros autores que propõem enfoques mais abrangentes para as relações conflituais;

1 *Fonte: www.someeducacional.com.br – Por Álvaro Francisco Fernandes Neto*

OS MODELOS PROCESSUAIS, que buscam compreender e descrever a dinâmica de uma situação de conflito, concentrando-se no comportamento das partes envolvidas no processo conflitual;

Estes modelos são complementares no entendimento do fenômeno e destes pode-se construir uma abordagem diagnóstica do entendimento do conflito, composta por três níveis de análise, a saber:

- Análise Estrutural do conflito;
- Análise Dinâmica do conflito;
- Análise Diacrônica do conflito.

1º NÍVEL: ANÁLISE ESTRUTURAL DO CONFLITO

Para melhor compreender o conflito, torna-se extremamente importante a compreensão do contexto em que estão inseridas as partes envolvidas no processo.

CONFLITO: a probabilidade de surgimento aumenta de acordo com as características subjetivas do trabalho do indivíduo ou do grupo.

Para a análise estrutural, deve-se levar em consideração, isoladamente, quatro parâmetros para a compreensão do comportamento das partes envolvidas. São eles:

- **Predisposições:** são as características pessoais do indivíduo que influenciam seu comportamento nas diversas situações (Em outras palavras, seria basicamente o comportamento "preferencial" de alguém numa situação de conflito);
- **Previsões:** consistem na compreensão da posição de sua posição estratégica e do comportamento da outra parte; é a estimativa do comportamento da outra parte;
- **Pressões:** são aquelas advindas dos mandantes (chefes, superiores) e do próprio grupo a que o indivíduo pertence;
- **Forças em jogo nas negociações:** geralmente estão associadas a dois aspectos genéricos: o controle de recursos raros e/ou obstáculos à satisfação de uma das partes. Isto leva os atores a tomarem posições divergentes e iniciarem o processo de negociação. Diz respeito às "questões de princípio" que estão em jogo, mas também diz respeito a questões explícitas (como o dinheiro) e implícitas (por exemplo, a necessidade de manter a cabeça erguida);
- **Quadro de referência:** diz respeito à cultura organizacional, ou seja, o conjunto de valores, pressupostos, regras, normas, ritos e outros elementos normativos que exercem uma coerção e influência sobre as partes e que contribuem decisivamente para o comportamento.

ESTILOS DE COMPORTAMENTO: os comportamentos possíveis mencionados nos parâmetros acima estão relacionados a seguir.

Competição	Quando a parte busca a satisfação de seus próprios interesses em detrimento do interesse da outra parte. É abordagem típica do "eu x ele" ou "nós x eles".
Evasão	A parte reconhece o conflito mas tenta evitá-lo, suprimi-lo ou livrar-se dele. Um exemplo é simplesmente tentar ignorar um conflito ou evitar pessoas com quem se tem discordâncias.
Acomodação	É o contrário da competição, ou se seja, é quando uma parte abre mão de seus interesses em prol da outra parte.
Acordo ou compromisso	Quando as partes estão dispostas a fracionar o objeto do conflito e aceitar uma solução satisfatória parcial para ambas as partes.
Colaboração	Quando as partes buscam esclarecer suas diferenças e obter resultados mutuamente benéficos. É abordagem típica do ganha-ganha.

Adaptado de ROBBINS, Stephen P. Comportamento organizacional. São Paulo: Pearson Prentice- Hall, 11 ed., 2005.

Convém ressaltar que cada comportamento acima descrito é condicionado / influenciado / determinado pelos parâmetros anteriormente descritos (predisposições, previsões, pressões, forças em jogo e cultura organizacional) e que podem ser resumidos em "afirmação de si" e "necessidade de colaboração".

2º NÍVEL: ANÁLISE DINÂMICA DO CONFLITO

Este nível de análise busca a compreensão daquilo que é produzido no momento em que as partes envolvidas no conflito interagem, enquanto estes estão num processo de influenciação recíproca. A dimensão desta análise coloca o conflito como um processo interativo em que o comportamento de uma das partes é parcialmente determinado pelas reações da outra. As relações aqui são geralmente de duração determinada e são desencadeadas por fatos que se tornam relevantes a uma das partes envolvidas;

- Fator relevante: **PERCEPÇÃO** (do outro e dos acontecimentos) – o comportamento observado no outro é frequentemente uma resposta direta às expectativas mais ou menos conscientes a ele.

- Processo de Intervenção: necessita de profundo conhecimento dos processos de comunicação, por estar diretamente ligada à dinâmica do relacionamento entre as partes.

LIMITAÇÃO: não alcança a mensuração das transformações vivenciadas pelas partes na progressão do conflito.

3º NÍVEL: ANÁLISE DIACRÔNICA DO CONFLITO

Este nível de análise se preocupa em verificar o que os dois primeiros não observam que é a modificação da dinâmica com a progressão de um conflito, ou seja, a evolução ou involução do conflito.

A análise diacrônica pode evoluir segundo dois estágios distintos, por meio dos processos descritos a seguir.

- **Deterioração da percepção do outro: aqui as partes têm uma percepção deteriorada mas ainda estão relacionadas. A escalada do conflito é relativamente "espontânea".**

✓ **viés perceptivo:** se antes uma parte tinha determinada avaliação (imagem por exemplo) em relação a outra parte, na situação de conflito ocorre a reavaliação desta percepção;

✓ **simplificação cognitiva:** em função do conflito as partes se confrontam sobre questões de princípios e acabam por emitir julgamentos polarizados ou estereotipados entre si (bom-mau; "isso-aquilo" etc);

✓ **aprovação de terceiros:** a comunicação entre as partes está distorcida e uma não quer ouvir a outra, assim as partes buscam alianças com outros indivíduos e grupos de modo a anular as mensagens umas das outras.

- **Acentuação da coerção em relação ao outro: ocorre com a quebra de comunicação. A escalada do conflito assume um caráter mais estratégico, indo da simples ameaça à obstrução sistemática á destruição da outra parte.**

✓ **perda do objetivo principal**: as partes esquecem as preocupações que originaram o conflito para concentrar suas forças em "vencer" o outro. Esquece-se o objeto do conflito em proveito da vitória a qualquer preço;

✓ **equilíbrio das perdas:** cada parte acredita que o conflito é mais prejudicial para ela do que para a outra, levando a um sentimento de que deve obter uma reparação antes mesmo de considerar uma reconciliação;

✓ **incompatibilidade:** percepção crescente de cada uma das partes de que a solução do conflito não pode incluir a outra. O adversário é transformado num obstáculo à satisfação de suas preocupações.

Quando o conflito atinge esse nível máximo, as únicas soluções possíveis são obtidas por meio de um dos processos abaixo:

- **Catarse:** colocam-se as partes em confronto numa situação controlada para que as partes cheguem a uma solução satisfatória;

- **Ruptura:** as partes devem ser separadas de modo a se eliminar o conflito.

ORIENTAÇÕES BÁSICAS QUANTO À RESOLUÇÃO DOS CONFLITOS

As orientações abaixo não devem ser tomadas como absolutas, ou seja, como vimos anteriormente, as condições que levam a um determinado tipo de comportamento numa situação de conflito variam bastante conforme o caso. Assim, não se trata de uma prescrição rígida que deva ser seguida literalmente. Ao contrário, as orientações referem-se a situações ideais ou típicas teoricamente falando, mas que podem servir como balizamento para uma decisão.

Use o comportamento de	situação
Competição	Quando uma ação rápida e decisiva for vital (emergências); em assuntos importantes, quando ações impopulares precisam ser implementadas; em aspectos vitais para o bem da organização, quando você sabe que está certo; e contra outras pessoas que tiram vantagem do comportamento não-competitivo.
Evasão ou não-enfrentamento	Quando o assunto for trivial ou houver outros tópicos mais urgentes; quando perceber que não há maneira de satisfazer seus interesses; quando um potencial rompimento puder exceder os benefícios de uma solução; para deixar que as pessoas se acalmem e ganhem uma nova perspectiva; quando o levantamento de informações substituir a decisão imediata; quando outras pessoas forem capazes de solucionar o conflito mais eficazmente; quando a questão parecer tangencial ou for sintoma de outros problemas.
Acomodação	Quando perceber que você está errado e para permitir que uma posição melhor seja ouvida, para aprender e mostrar sua racionalidade; quando a questão for mais importante para os outros do que para você e para satisfazê-los, garantindo sua cooperação; para ganhar créditos sociais a serem usados mais tarde; para minimizar os danos quando você estiver perdendo a disputa; quando a harmonia e a estabilidade forem especialmente importantes; para permitir que os funcionários se desenvolvam aprendendo com os próprios erros.
Acordo ou compromisso	Quando as metas, apesar de importantes, não justificam uma ruptura de abordagens mais afirmativas; quando os oponentes com igual poder estão comprometidos com metas mutuamente exclusivas; para obter acordos temporários em relação a assuntos complexos; para chegar a soluções rápidas sob pressão de prazos; ou como último recurso quando a colaboração ou a competição não tiverem funcionado.
Colaboração	Quando ambas as partes tiverem interesses importantes demais para serem comprometidos e você precisa encontrar solução integrativa; quando seu objetivo for aprender; para fundir percepções de pessoas com perspectivas diferentes; para obter comprometimento incorporando interesses dentro de um consenso; para trabalhar sentimentos que estão interferindo em um relacionamento.

Acrescentamos 2 questões a serem consideradas na "escolha" do comportamento:
- ✓ pressão do tempo;
- ✓ necessidade de aceitação da solução x decisão técnica

ESTIMULAÇÃO DE CONFLITOS (ROBBINS, 2000; 2005)

- **Mudar a cultura organizacional:** gerentes devem transmitir aos empregados a mensagem, apoiada em ações, de que o conflito é um valor importante para a organização. A ideia é que indivíduos com ideias inovadoras e apresentam pensamento e opiniões divergentes precisam ser recompensados;

- **Usar a comunicação:** uso de mensagens ambíguas ou ameaçadoras encorajam conflitos; chamar a atenção para diferenças de opinião que os indivíduos por si mesmos ainda não reconheceram;

- **Trazer gente de fora:** incluir nos grupos de trabalho empregados com históricos, valores, atitudes ou estilos gerenciais diferentes dos vigentes;

- **Reestruturar a organização:** realinhar os grupos de trabalho, alterar regras e regulamentos, outras mudanças estruturais que rompam com o status quo vigente;

- **Nomear um advogado do diabo**: que é aquele intencionalmente apresenta argumentos contrários aos propostos pela maioria ou contrários às práticas em curso. Ele desempenha o papel de crítico, assumindo posições das quais ele mesmo discorda.

Análise estrutural do conflito

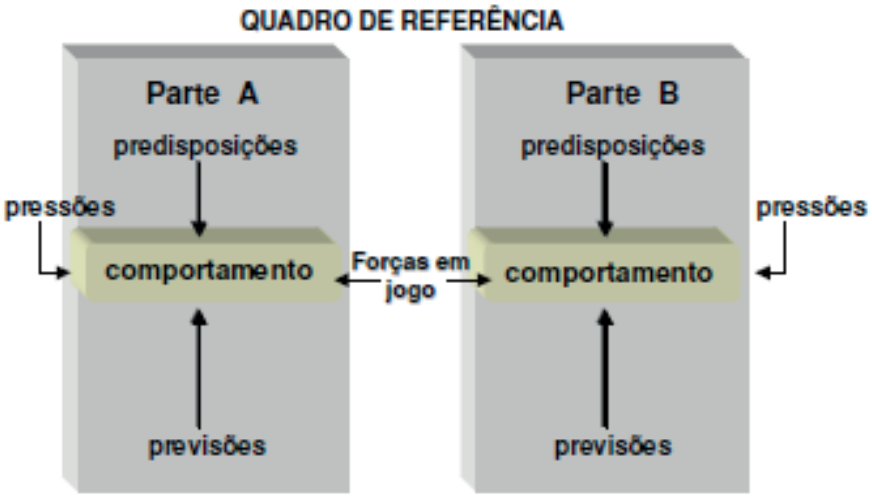

Estilos de comportamento em situação de conflito

Análise dinâmica do conflito

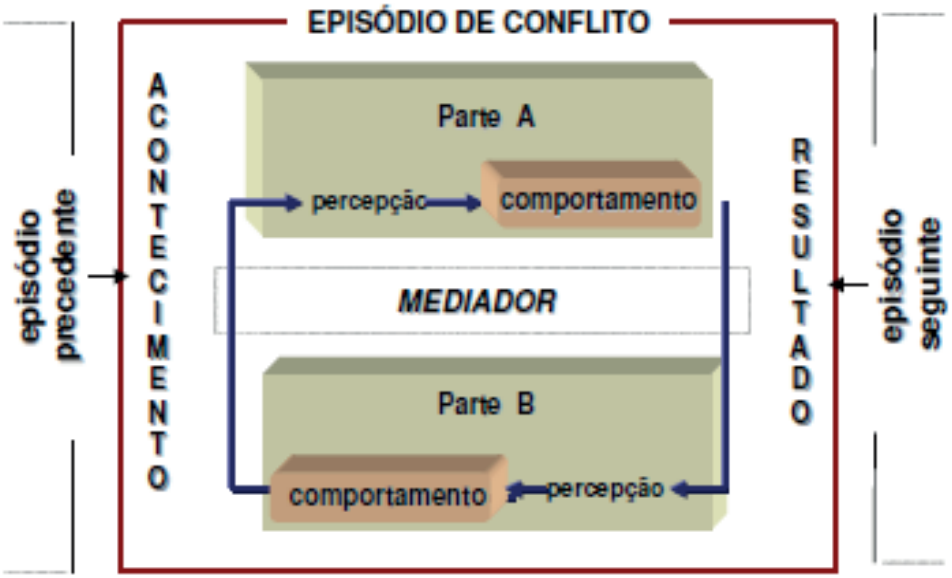

Análise Diacrônica do Conflito

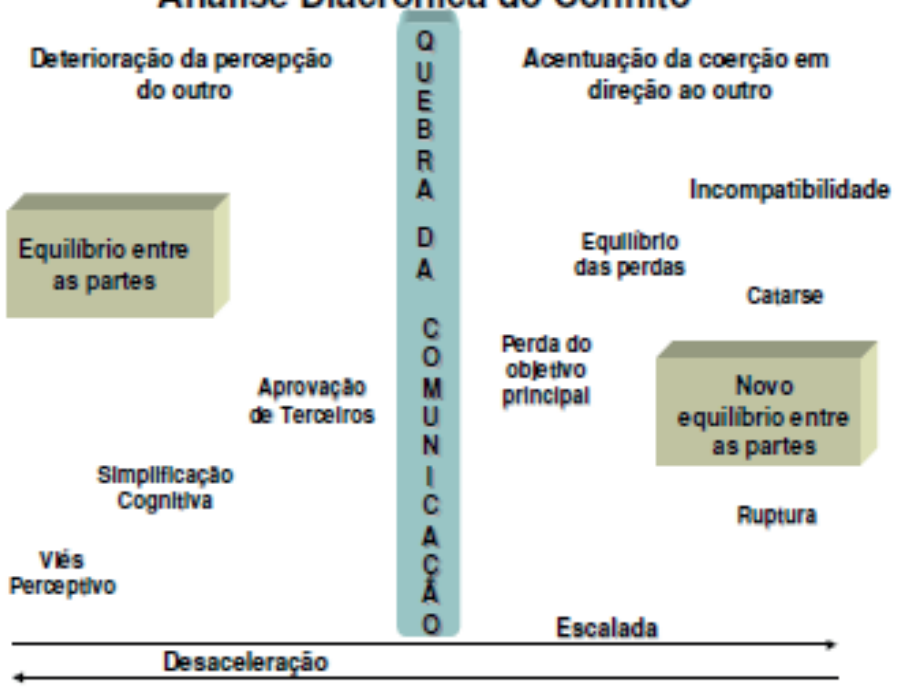

Fonte: http://www.ufjf.br
Por **Angelo Brigato Ésther**

AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DO RENDIMENTO ESCOLAR

Segundo Jorba e Sanmartí o processo de avaliação (em geral) divide-se em três etapas, nomeadamente, a recolha de informação, podendo ser feita através de instrumentos adequados ou não, a análise e conclusão dessa informação e a tomada de decisões segundo a conclusão chegada.

Quanto à avaliação das aprendizagens esses autores referem que essa avaliação apresenta principalmente duas funções, designadamente, "uma de carácter social, de seleção e classificação, mas também de orientação dos alunos; outra de caráter pedagógico, de ajuste do processo de ensino-aprendizagem, de reconhecimento das mudanças que devem, progressivamente, ser introduzidas nesse processo para que todos os alunos aprendam de forma significativa" (Ballester et al, 2003, p.26).

A primeira função destina-se, fundamentalmente, a informar os encarregados de educação e os alunos sobre os progressos das aprendizagens do aluno e determinar se o aluno está apto para obter a certificação de aprovação. Relativamente à segunda função, esta tem um carácter pedagógico ou formativo, ou seja, esta função da avaliação contém informação necessária para se adaptar atividades de ensino-aprendizagem às necessidades dos alunos, tendo por objetivo a melhoria da qualidade do ensino.

De modo a melhorar a qualidade de ensino, a avaliação das aprendizagens deve ocorrer antes do ensino, durante e após do ensino.

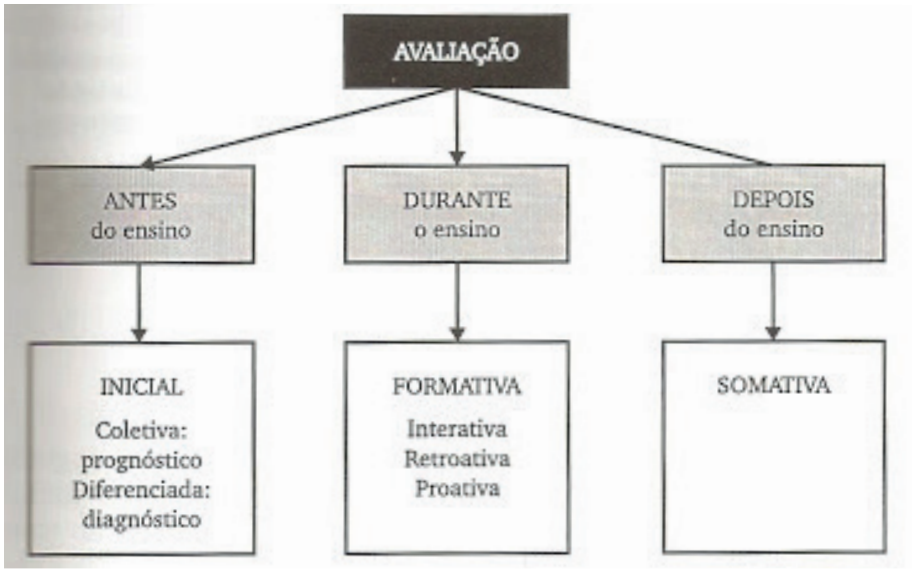

Avaliação diagnóstica inicial

A avaliação diagnóstica inicial tem como objetivo "determinar a situação de cada aluno antes de iniciar um determinado processo de ensino-aprendizagem, para poder adaptá-lo a suas necessidades" (Ballester et al,2003,p.27), ou seja, este tipo de avaliação permite que o professor tenha a plena noção das necessidades e dificuldades dos seus alunos, podendo o professor adaptar da melhor forma todas as atividades que pretende desenvolver com a turma, de modo que o processo ensino e aprendizagem esteja sustentado numa base sólida e de forma a se obter êxito nesse processo.

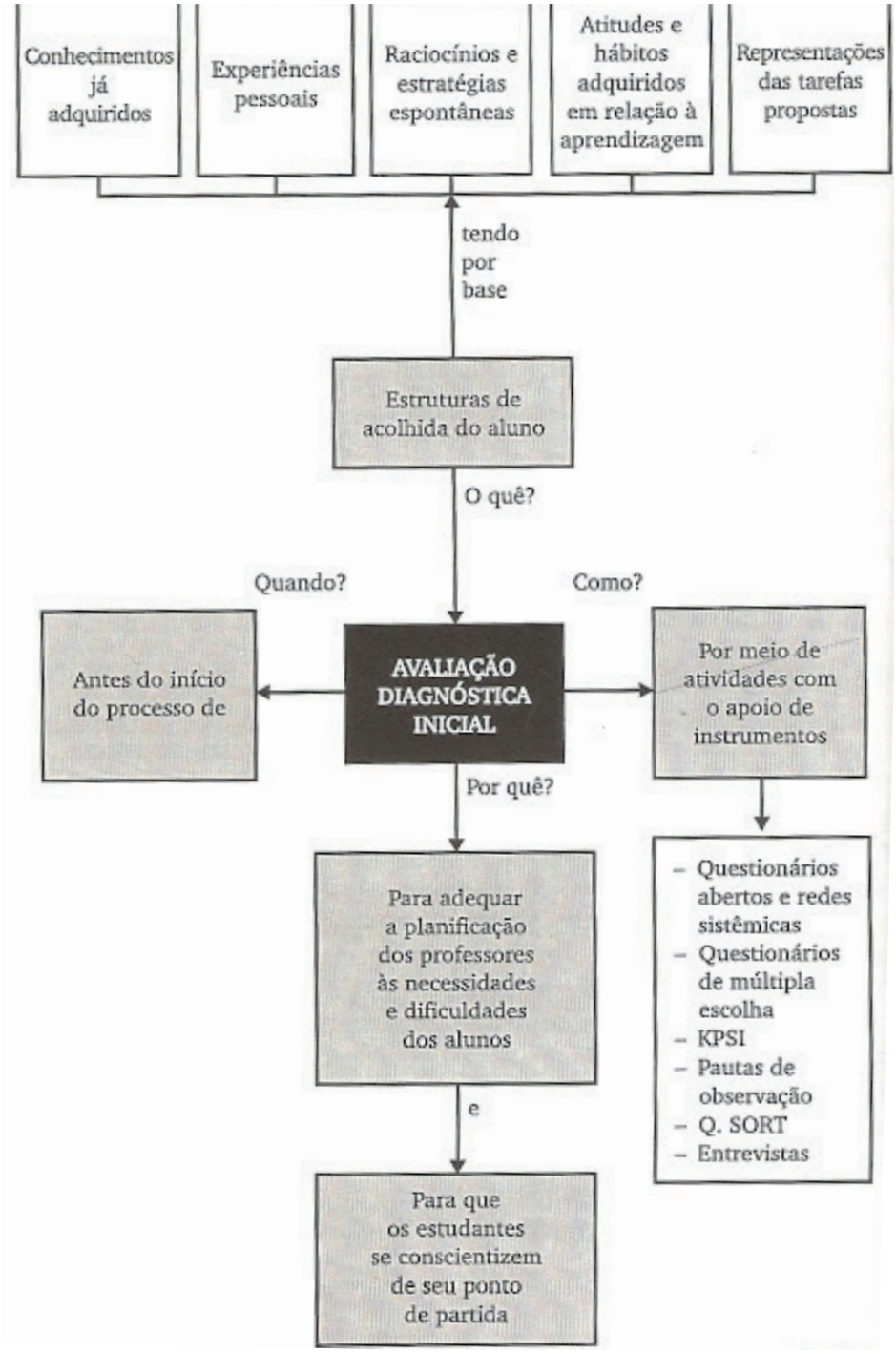

Avaliação Formativa

A avaliação formativa realiza-se durante o processo de aprendizagem e tem como principal objetivo detectar pontos fracos da aprendizagem. É através dos erros que se pode "diagnosticar que tipo de dificuldades têm os estudantes para realizar as tarefas propostas e dessa maneira poder arbitrar os mecanismos necessários para ajudá-los a superarem-nas" (Ballester et al, 2003, p.30).

A avaliação formativa "destaca a regulação das atuações pedagógicas e, portanto, interessa-se fundamentalmente mais pelos procedimentos das tarefas do que pelos resultados. Em resumo, a avaliação formativa persegue os seguintes objetivos: a regulação pedagógica, a gestão dos erros e a consolidação dos êxitos" (Ballester et al, 2003, p.30).

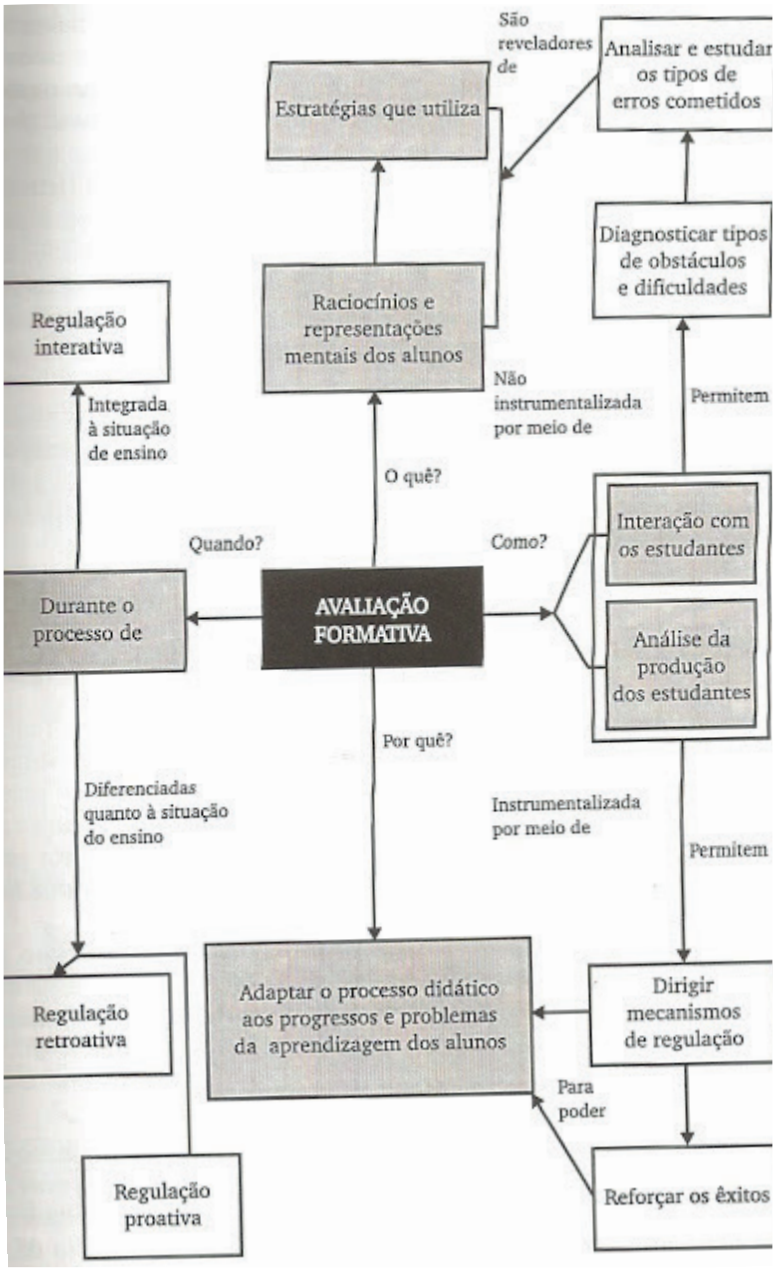

Avaliação sumativa

"A avaliação somativa tem como objetivo estabelecer balanço confiáveis dos resultados obtidos no final de um processo de ensino e aprendizagem. Destaca a colate de informações e a elaboração de instrumentos que possibilitem medir os conhecimentos a serem avaliados" (Ballester et al, 2003, p.32).

Este tipo de avaliação tem fundamentalmente a função social "de assegurar que as características dos estudantes respondam às exigências do sistema" (Ballester et al, 2003, p.32).

Fonte: http://avaliacaoaprendizagensua2013.blogspot.com.br/2013/05/breve-analise-do-artigo-funcao.html

Durante muito tempo, a avaliação foi usada como instrumento para classificar e rotular os alunos entre os bons, os que dão trabalho e os que não têm jeito. A prova bimestral, por exemplo, servia como uma ameaça à turma. Felizmente, esse modelo ficou ultrapassado e, atualmente, a avaliação é vista como uma das mais importantes ferramentas à disposição dos professores para alcançar o principal objetivo da escola: fazer todos os estudantes avançarem. Ou seja, o importante hoje é encontrar caminhos para medir a qualidade do aprendizado da garotada e oferecer alternativas para uma evolução mais segura.

Mas como não sofrer com esse aspecto tão importante do dia-a-dia? Antes de mais nada, é preciso ter em mente que não há certo ou errado, porém elementos que melhor se adaptam a cada situação didática. Observar, aplicar provas, solicitar redações e anotar o desempenho dos alunos durante um seminário são apenas alguns dos jeitos de avaliar. E todos podem ser usados em sala de aula, conforme a intenção do trabalho. Os especialistas, aliás, dizem que o ideal é mesclá-los, adaptando-os não apenas aos objetivos do educador mas também às necessidades de cada turma.

"A avaliação deve ser encarada como reorientação para uma aprendizagem melhor e para a melhoria do sistema de ensino", resume Mere Abramowicz, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Daí a importância de pensar e planejar muito antes de propor um debate ou um trabalho em grupo. É por isso que, no limite, você pode adotar, por sua conta, modelos próprios de avaliar os estudantes, como explica Mere. "Felizmente, existem educadores que conseguem colocar em prática suas propostas, às vezes até transgredindo uma sistemática tradicional. Em qualquer processo de avaliação da aprendizagem, há um foco no individual e no coletivo.

Mas é preciso levar em consideração que os dois protagonistas são o professor e o aluno - o primeiro tem de identificar exatamente o que quer e o segundo, se colocar como parceiro." É por isso, diz ela, que a negociação adquire importância ainda maior. Em outras palavras, discutir os critérios de avaliação de forma coletiva sempre ajuda a obter resultados melhores para todos. "Cabe ao professor listar os conteúdos realmente importantes, informá-los aos alunos e evitar mudanças sem necessidade", completa Léa Depresbiteris, especialista em Tecnologia Educacional e Psicologia Escolar.

Cipriano Carlos Luckesi, professor de pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, lembra que a boa avaliação envolve três passos:

Saber o nível atual de desempenho do aluno (etapa também conhecida como diagnóstico);

Comparar essa informação com aquilo que é necessário ensinar no processo educativo (qualificação);

Tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados (planejar atividades, sequências didáticas ou projetos de ensino, com os respectivos instrumentos avaliativos para cada etapa).

"Seja pontual ou contínua, a avaliação só faz sentido quando leva ao desenvolvimento do educando", afirma Luckesi. Ou seja, só se deve avaliar aquilo que foi ensinado. Não adianta exigir que um grupo não orientado sobre a apresentação de seminários se saia bem nesse modelo. E é inviável exigir que a garotada realize uma pesquisa (na biblioteca ou na internet) se você não mostrar como fazer. Da mesma forma, ao escolher o circo como tema, é preciso encontrar formas eficazes de abordá-lo se não houver trupes na cidade e as crianças nunca tiverem visto um espetáculo circense.

Mere destaca ainda que a avaliação sempre esteve relacionada com o poder, na medida em que oferece ao professor a possibilidade de controlar a turma. "No modelo tecnicista, que privilegia a atribuição de notas e a classificação dos estudantes, ela é ameaçadora, uma arma. Vira instrumento de poder e dominação, capaz de despertar o medo." O fato, segundo ela, é que muitos educadores viveram esse tipo de experiência ao frequentar a escola e, por isso, alguns têm dificuldade para agir de outra forma.

Para Mere, essa marca negativa da avaliação vem sendo modificada à medida que melhora a formação docente e o professor passa a ver mais sentido em novos modelos. Só assim o fracasso dos jovens deixa de ser encarado como uma deficiência e se torna um desafio para quem não aceita deixar ninguém para trás.

Observar, anotar, replanejar, envolver todos os alunos nas atividades de classe, fazer uma avaliação precisa e abrangente. E agora, o que fazer com os resultados? Segundo os especialistas, a avaliação interessa a quatro públicos:

• ao aluno, que tem o direito de conhecer o próprio processo de aprendizagem para se empenhar na superação das necessidades;

• aos pais, corresponsáveis pela Educação dos filhos e por parte significativa dos estímulos que eles recebem;

• ao professor, que precisa constantemente avaliar a própria prática de sala de aula;

• à equipe docente, que deve garantir continuidade e coerência no percurso escolar de todos os estudantes. *(Adaptação Nova Escola)*.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A proposta de educação inclusiva fundamenta-se numa filosofia que aceita e reconhece a diversidade na escola, garantindo o acesso a todos à educação escolar, independentemente de diferenças individuais. O valor principal que norteia a ideia da inclusão está calcado no princípio da igualdade e diversidade, concomitante com as propostas de sociedade democrática e justa. Fundamenta-se na concepção de educação de qualidade para todos, respeitando a diversidade dos alunos e realizando o atendimento às suas necessidades educativas. Isso implica adaptações diante das diferenças e das necessidades individuais de aprendizagem de cada aluno.

Uma das possibilidades de construção da escola inclusiva é a aproximação dos sujeitos (comunidade interna e externa), diante da descentralização do poder, a municipalização pode proporcionar a aproximação da comunidade e da escola. Sendo a gestão escolar democrática e participativa responsável pelo envolvimento de todos que, direta ou indiretamente, fazem parte do processo educacional. Assim, o estabelecimento de objetivos, a solução de problemas, os planos de ação e sua execução, o acompanhamento e a avaliação são responsabilidades de todos.

A gestão escolar democrática e participativa proporciona à escola se tornar mais ativa e suas práticas devem ser refletidas na e pela comunidade. A participação, em educação, é muito mais do que dialogar, é um processo

lento, conflituoso, em que conhecer os conflitos e saber mediá-los torna-se fonte precípua. Por isso, é necessário ouvir pais, comunidade e órgãos de representação. Esses são caminhos que devem ser trilhados para a construção da educação inclusiva.

O papel da gestão escolar na construção da escola inclusiva

O diretor deve ser o principal revigorador do comportamento do professor que demonstra pensamentos e ações cooperativas a serviço da inclusão. É comum que os professores temam inovação e assumam riscos que sejam encarados de forma negativa e com desconfiança pelos pares que estão aferrados aos modelos tradicionais. O diretor é de fundamental importância na superação dessas barreiras previsíveis e pode fazê-lo através de palavras e ações adequadas que reforçam o apoio aos professores. (SAGE, 1999).

Sage (1999) analisa a relação entre o gestor escolar e a educação inclusiva, reconhece que a prática dessa educação requer alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas. Para o autor, os gestores escolares são essenciais nesse processo, pois lideram e mantêm a estabilidade do sistema. As mudanças apontadas para a construção da escola inclusiva envolvem vários níveis do sistema administrativo: secretarias de educação, organização das escolas e procedimentos didáticos em sala de aula. "O papel do diretor é de importância vital em cada nível, e diferentes níveis de pessoal administrativo estão envolvidos".

O primeiro passo, segundo suas recomendações, é construir uma comunidade inclusiva que englobe o planejamento e o desenvolvimento curricular; o segundo passo do processo é a preparação da equipe para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar seus saberes, a fim de desenvolver um programa de equipe em progresso contínuo; o terceiro passo envolve a criação de dispositivos de comunicação entre a comunidade e a escola; o quarto passo abrange a criação de tempo para reflexão sobre a prática desenvolvida.

O papel do diretor em provocar as mudanças necessárias do sistema em cada nível – o setor escolar central, a escola e cada turma – é essencialmente um papel de facilitação. A mudança não pode ser legislada ou obrigada a existir. O medo da mudança não pode ser ignorado. O diretor pode ajudar os outros a encararem o medo, encorajar as tentativas de novos comportamentos e reforçar os esforços rumo ao objetivo da inclusão. (SAGE, 1999).

O autor destaca que a burocracia, nas escolas, reduz o poder de decisão dos professores, provocando serviços despersonalizados e ineficientes, impedindo a consolidação do modelo de trabalho cooperativo essencial para a educação inclusiva. Acrescenta que o desenvolvimento da equipe proporciona a oportunidade de identificar lideranças na unidade escolar, o que encoraja a ajuda mútua entre os professores e assim reforça comportamentos cooperativos. O gestor escolar pode colaborar com o estabelecimento da colaboração, no ambiente escolar, com o aprimoramento do contato e da interação entre os professores e demais funcionários. Enfatiza que o gestor escolar é o grande responsável para que a inclusão ocorra na escola, abrindo espaços e promovendo trocas de experiências importantes, desenvolvendo uma gestão democrática e participativa dentro, é claro, de suas possibilidades e de acordo com o contexto em que atua na comunidade, favorecendo a formação e a consolidação de equipes de trabalho.

Para a consolidação da atual proposta de educação inclusiva, é necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento dos programas a serem implementados. "Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas" (SANT'ANA, 2005).

A autora afirma caber aos gestores escolares tomar as providências de caráter administrativo necessárias à implementação do projeto de educação inclusiva. Acrescentamos a essa ideia que as providências pedagógicas também envolvam o trabalho do gestor escolar, uma vez que sua prática articula os aspectos administrativos e pedagógicos.

O gestor escolar que se propõe a atuar numa prática inclusiva envolve-se na organização das reuniões pedagógicas, desenvolve ações relacionadas à acessibilidade universal, identifica e realiza as adaptações curriculares de grande porte e fomenta as de pequeno porte, possibilita o intercâmbio e o suporte entre os profissionais externos e a comunidade escolar.

"Diante da orientação inclusiva, as funções do gestor escolar incluem a definição dos objetivos da instituição, o estímulo à capacitação de professores, o fortalecimento de apoio às interações e a processos que se compatibilizem com a filosofia da escola" (SANT'ANA, 2005).

Prieto (2002) afirma que os gestores escolares devem concentrar esforços para efetivar a proposta de educação inclusiva. Isso implica união de discursos referentes à democratização do ensino e aos princípios norteadores da gestão na escola. A educação inclusiva só será realidade no Brasil quando as informações, os recursos, os sucessos e as adaptações inter-relacionarem as esferas federais, estaduais e municipais, proporcionando um relacionamento intenso entre União, Estados e municípios.

A autora analisa que a troca de informações profissionais é imprescindível à melhoria da qualidade educacional, assim, a ação pedagógica refletida, individual ou coletivamente, possibilita a articulação e construção de uma nova prática.

Carvalho (2004) aponta alguns dos caminhos para a construção da escola inclusiva: valorização profissional dos professores, aperfeiçoamento das escolas e do pessoal docente, utilização dos professores das classes especiais, trabalho em equipe, adaptações curriculares. Em suas palavras:

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento.

Destacamos que não é apenas o gestor que apoia seus professores, mas esses também servem de apoio para a ação da equipe de gestão escolar. Adaptar a escola para garantir a educação inclusiva não se resume apenas a eliminar as barreiras arquitetônicas dos prédios escolares; é preciso ter um novo olhar para o currículo escolar, proporcionando a todos os alunos o acesso aos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

À gestão escolar cabe muito mais do que uma técnica, cabe incentivar a troca de ideias, a discussão, a observação, as comparações, os ensaios e os erros, é liderar com profissionalismo pedagógico. Cada escola tem sua própria personalidade, suas características, seus membros, seu clima, sua rede de relações. (TEZANI, 2004).

Consideramos que a educação inclusiva necessita proporcionar, em suas práticas cotidianas, um clima organizacional favorável que estimule o saber e a cultura, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos técnicos, éticos, políticos, humanos, para que se tornem emancipados e autônomos. Acreditamos que isso só será possível se houver uma gestão escolar capaz de enfatizar os processos democráticos e participativos no cotidiano escolar. Há, portanto, a necessidade de promover uma mudança social e educacional, abandonando práticas individualizadoras e fomentando a ação coletiva.

A escola inclusiva é receptiva e responsiva, mas isso não depende apenas dos gestores e educadores, são imprescindíveis transformações nas políticas públicas educacionais. Garantir a construção da escola inclusiva não é tarefa apenas do gestor escolar, mas esse tem papel essencial neste processo.

Para Aranha (2001), a inclusão é a aceitação da diversidade, na vida em sociedade, e também é a garantia do acesso das oportunidades para todos. Portanto, não é somente com leis e textos teóricos que iremos assegurar os direitos de todos, pois esses, por si mesmos, não garantem a efetivação das ações no cotidiano escolar.

Rodrigues (2006) afirma ser um desafio ao exercício da profissão do diretor a proposta de educação inclusiva, pois este profissional não é um técnico (no sentido de aplicar técnicas normalizadas e previamente conhecidas), um funcionário (que executa funções enquadradas por uma cadeia hierárquica previamente definida). "A profissão de gestor escolar exige imensa versatilidade, dado que se lhe pede que aja com grande autonomia e seja capaz de delinear e desenvolver planos de intervenção com condições muito diferentes. Para desenvolver esta competência tão criativa também uma formação profissional".

Completa que a aquisição de competência para a gestão inclusiva só poderá ser adquirida por meio de uma prática continuada, reflexiva e coletiva, pois a educação inclusiva é o resultado do comprometimento com a educação de todos os alunos e de toda a escola. É preciso uma escola toda para desenvolver um projeto de educação inclusiva.

A educação inclusiva só se efetivará nas unidades escolares se medidas administrativas e pedagógicas forem adotadas pela equipe escolar, amparada pela opção política de construção de um sistema de educação inclusiva. A educação escolar será melhor quando possibilitar ao homem o desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva, garantindo sua autonomia e independência.

O que dizem os documentos oficiais?

Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (BRASIL, 1997).

A relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva é uma proposta nova de trabalho e pode ser observada em alguns documentos oficiais (nacionais e internacionais). Em alguns casos, essa relação não está explícita; mas nas entrelinhas dos documentos.

Nossa proposta foi realizar, então, um estudo dos documentos que consideramos relevantes e que garantem o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e que mencionem o papel da gestão escolar de forma processual.

Iniciaremos a análise das relações entre gestão escolar e a educação inclusiva com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. A mesma estabelece, no Artigo 26, que a educação é um direito de todos; deve ser gratuita; o ensino fundamental (elementar) obrigatório o ensino técnico e profissional generalizado e o ensino superior aberto a todos em plena igualdade.

A educação é afirmada pelo documento como fator essencial à expansão da personalidade humana e reforço dos direitos do ser humano, pois só assim esse será capaz de compreender, tolerar e realizar laços de amizade com seus pares e com as demais nações, promovendo assim a manutenção da paz.

O último item sobre educação do documento ressalta que cabe aos pais o direito de escolher o gênero de educação a darem aos seus filhos. O documento é importante para ressaltar a educação como direito de todo cidadão, sendo gratuita e obrigatória no ensino fundamental (elementar) sem discriminação de raça, cor, credo ou deficiência.

Ao continuarmos nosso estudo, durante a Conferência de Goten realizada, em 1990, na Tailândia, foi promulgada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990). Participaram da assinatura do documento e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia o conteúdo do documento consiste em satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos os alunos.

A proposta de universalização do ensino com qualidade e redução da desigualdade, tornam-se fatores seminais à educação: o combate da discriminação, o comprometimento com os excluídos, a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem das pessoas com deficiência e a garantia do acesso ao sistema educativo regular.

Diante da proposta que demanda atenção referente à qualidade da educação atendendo a diversidade, procuramos localizar, no documento citado, o que é dito sobre o papel da gestão escolar: respeito à diversidade e fortalecimento de alianças com as autoridades educacionais para proporcionar a educação com equidade. "Novas e crescentes articulações e alianças serão necessárias em todos os

níveis: entre todos os subsetores e formas de educação, reconhecendo o papel especial dos professores, dos administradores e do pessoal que trabalha em educação..." (BRASIL, 1990).

O documento apresenta o gestor escolar como um dos responsáveis a promover o fortalecimento de alianças para a promoção da educação para todos. Não desresponsabilizando os governos: federal, estadual e municipal quanto ao oferecimento de recursos humanos e materiais para consolidação da proposta.

Merece destaque, diante do fio condutor do trabalho, o item 19 do documento: "III – melhor capacitação dos administradores públicos e o estabelecimento de incentivos para reter mulheres e homens qualificados no serviço público" (BRASIL, 1990).

Sabemos que a capacitação tem um papel precípuo para se dar uma resposta educativa à altura das exigências da atualidade e, neste ponto, o documento enfatiza que a formação continuada dos educadores é essencial para oferecer uma resposta educativa com qualidade.

O item 24 do documento apresenta a prioridade de aperfeiçoar a capacidade gerencial, assim, "tanto o pessoal de supervisão e administração quanto os planejadores, arquitetos de escolas, os formadores de educadores, especialistas em currículo, pesquisadores, analistas etc. são igualmente importantes para qualquer estratégia de melhoria da educação básica" (BRASIL, 1990).

Concluímos – com o estudo da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990) – que são apontados os sujeitos responsáveis pela mudança e a necessidade da formação em exercício para todos os envolvidos no processo de garantia das necessidades básicas de aprendizagem para todos.

A Conferência Mundial de Salamanca (Espanha) destacou, entre outros elementos: acesso e qualidade relativamente à educação. Esta conferência foi realizada em 1994, sendo promulgada a Declaração de Salamanca: sobre princípios, política e prática em educação especial (BRASIL, 1997). Assinaram-na e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia esse documento baseia-se na criação de condições para que os sistemas de ensino possibilitem a construção de escolas inclusivas.

Reafirma o compromisso com a educação para todos e reconhece a necessidade de alterações nos sistemas de ensino e nas escolas para que a educação inclusiva se efetive. Diante desta perspectiva, a gestão escolar tem papel fundamental, pois deve colaborar para o desenvolvimento de procedimentos administrativos e pedagógicos mais flexíveis; uso racional dos recursos instrucionais; diversificação das opções de aprendizagem; mobilização de auxílios; desenvolvimento de ações que proporcionem o relacionamento dos pais, da comunidade e da escola. "Uma administração escolar bem sucedida depende de um envolvimento ativo e reativo de professores e do pessoal e do desenvolvimento de cooperação efetiva e de trabalho em grupo no sentido de atender as necessidades dos estudantes" (BRASIL, 1997).

Aos gestores escolares, segundo o documento, cabe a responsabilidade de promover atitudes positivas e cooperativas entre a comunidade interna e externa da escola com relação à educação inclusiva.

No item (c), Recrutamento e Treinamento de Educadores, encontramos a especificação de se privilegiar a preparação apropriada de todos os educadores para que o progresso da educação inclusiva se concretize. Essa proposta de formação deveria ocorrer nos cursos de graduação e em programas de educação continuada ou em serviço, assim, o conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino no sentido de abarcar uma variedade maior de habilidades, etc. (BRASIL, 1997).

Os programas de formação para a educação inclusiva, de acordo com o documento, deveriam exercitar a autonomia e as habilidades de adaptação do currículo no sentido de atender às necessidades especiais dos alunos. Conforme Carneiro (2006), esses itens abordam claramente o papel dos diretores como agentes promotores da inclusão, criando condições de atendimento adequado a todas as crianças transformando a administração escolar em uma gestão participativa e democrática, em que toda a equipe escolar seja responsável pelo bom andamento da escola e pela satisfação das necessidades de todos os alunos.

Ao avançarmos no estudo, em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394/96 (BRASIL, 1996), que avança na área da educação especial destinando um capítulo específico para esta modalidade de ensino e estabelecendo que o ensino do aluno, com necessidade educacional especial, aconteça preferencialmente na rede regular de ensino.

O Artigo 58 estabelece que a educação especial deve ser oferecida no ensino regular para os alunos com necessidades educacionais especiais. O Artigo 59 estabelece a reorganização social para atendimento das pessoas com igualdade, quanto às mais complexas e diversas diferenças, físicas ou cognitivas.

A questão da diversidade está estabelecida na referida Lei, uma vez que garante o acesso e a permanência de todos na escola. Faz referência à valorização dos profissionais da educação e à gestão democrática como uma das propostas para valorização dos profissionais da educação.

Na Lei (BRASIL, 1996), encontramos a regulamentação da gestão democrática das escolas públicas e a transformação do Projeto Político-Pedagógico delineando-se como um instrumento de inteligibilidade e fator de mudanças significativas. O Artigo 14 estabelece os princípios da gestão democrática, pois garante "a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola". Com o estabelecimento da Lei, é expressa a participação de todos na elaboração do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. Desta monta, acreditamos que, quando todos participam e se sentem responsáveis bem

como compromissados com aquilo que fazem, concretiza-se a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. O primeiro passo efetivo deve garantir a gestão democrática e participativa como um dos possíveis caminhos à construção da escola inclusiva.

A gestão democrática e participativa pressupõe a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da escola, por se tratar de um trabalho conjunto. Conforme estabelecido, na LDBEN (BRASIL, 1996), a participação na construção coletiva do documento está assegurada, pois reconhece a escola como espaço de autonomia.

Para Silva Júnior (2002), o Projeto Político-Pedagógico "indicará as grandes linhas de reflexão e de consideração mantenedoras de suas etapas de trabalho; consubstanciará os valores e critérios determinantes das ações a serem desenvolvidas nos diferentes núcleos da prática escolar".

Construir coletivamente o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é proporcionar aos profissionais a oportunidade de exercitar a participação e de valorizar a autonomia da escola.

Carneiro (2006) afirma que o projeto pedagógico não pode se constituir como um fim em si mesmo. Ele é verdadeiramente o início de um processo de trabalho.

A partir do projeto pedagógico a escola vai estruturando seu trabalho, avaliando e reorganizando suas práticas. Mais uma vez o papel do gestor se apresenta em destaque, uma vez que para estruturar, avaliar e reorganizar as práticas educativas é necessária uma liderança firme capaz de buscar os caminhos para tais encaminhamentos.

O Projeto Político-Pedagógico é o somatório dos valores que os membros da unidade escolar têm. As escolas com uma prática qualitativamente superior são aquelas que construíram tal documento de maneira coletiva e participativa. Colocar em prática o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é um processo de ação-reflexão-ação que exige a participação de todo o colegiado.

A proposta de construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico é, portanto, fundamental para consolidação da gestão democrática e participativa na unidade escolar e assim construção da escola inclusiva, bem como o papel do gestor norteará esse processo, uma vez que ele é corresponsável pelo estabelecimento de uma rede de relações adequadas para que todos possam ter autonomia e participação.

A questão da autonomia merece destaque por estar em evidência na LDBEN (BRASIL, 1996). Para Silva Júnior (2002), "a constituição da autonomia da escola pela via do projeto pedagógico, supõe a existência de condições para a prática do trabalho coletivo, entendido este como a valorização das pessoas e a relativização das funções".

Conforme Barroso (1996), a autonomia prevista na legislação incentiva o sistema a adotar um mecanismo que garanta tal pressuposto; no entanto, o que se observa no cotidiano escolar é a construção de um modelo de falsa autonomia, pois ela não pode ser construída, segundo o autor, de forma decretada. Para ele, a autonomia "afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não preexiste à ação (sic) dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores (sic) organizacionais numa determinada escola".

O autor discute ainda que a autonomia da escola está atrelada à autonomia dos indivíduos que a compõe. Por isso, a especificidade da escola em construir a autonomia é um processo delicado, pois a articulação das características de cada um, mais a coletividade, diante da proposta de cultura da colaboração e da participação nas unidades escolares brasileiras, envolvem um processo de mudança.

Construir a escola inclusiva significa articular democracia, participação e autonomia. Sua implementação não será um processo fácil, pois o compromisso em atender com qualidade e eficiência pedagógica a todos os alunos é um compromisso com a melhoria da qualidade educacional para todos, o que somente será concretizado com a consciência e a valorização dos fatos e das normas coletivas mediadas pela responsabilidade social. Só assim a escola cumprirá seu papel de transformação social.

Todavia, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), não encontramos qualquer referência à relação entre gestão escolar e educação inclusiva, apenas sugestões de ações.

Ao continuar, encontramos os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares: estratégias para educação de alunos com necessidades especiais (BRASIL, 1998), que fornecem subsídios para a prática pedagógica inclusiva. O documento normativo apresenta um conjunto de ações a serem desenvolvidas para garantir o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Apresenta as adequações necessárias para que a escola se torne inclusiva e atenda às especificidades do ensino diante da diversidade.

As adaptações curriculares constituem-se em adequações satisfatórias para que o aluno – com necessidade educacional especial – tenha acesso ao processo de ensino e aprendizagem no ensino regular; para isso, é necessário rever alguns aspectos da educação escolar, como a "definição dos objetivos, no tratamento e desenvolvimento dos conteúdos, no transcorrer de todo processo avaliativo, na temporalidade e na organização do trabalho didático-pedagógico no intuito de favorecer a aprendizagem do aluno" (BRASIL, 1998).

A construção da escola inclusiva, que perpassa pelo caminho das adaptações curriculares, deve ter como premissa que a inclusão consiste em um processo gradual, que requer ajuda ao aluno, à família e à comunidade escolar.

Destarte, cabe à equipe escolar adotar algumas medidas: elaboração de propostas pedagógicas com objetivos claros, que se baseiem nas especificidades dos alunos; identificar as capacidades da própria escola; organizar os conteúdos escolares de acordo com os ritmos de aprendizagens dos alunos; rever metodologias de ensino, de forma que essas auxiliem na motivação dos alunos; conceber a avaliação como processo visando ao progresso do aluno.

As adaptações curriculares podem ser subdivididas em dois níveis:

- Adaptações significativas ou de grande porte.
- Adaptações não significativas ou de pequeno porte.

A primeira é da responsabilidade de todos os envolvidos no processo educacional – aqui enfatizaremos os gestores. A segunda são ações específicas do professor em sala de aula.

As consideradas não significativas são pequenas ações que podem ser desenvolvidas sem grandes alterações no cotidiano escolar; as adaptações curriculares de pequeno porte são aquelas adotadas pelo professor em sala de aula, apoiado pela gestão escolar. Estão divididas em organizativas: organização de agrupamentos, organização didática e organização do espaço; relativas aos objetivos e conteúdos: priorização de áreas ou unidades de conteúdos, de tipos de conteúdos e de objetivos; sequencialização, eliminação de conteúdos secundários; avaliativas: adaptação e modificação de técnicas e instrumentos; nos procedimentos didáticos e nas atividades: modificação de procedimentos, introdução de atividades alternativas previstas e de atividades complementares às previstas; modificação do nível de complexidade das atividades, eliminando componentes, sequenciando a tarefa, facilitando planos de apoio, adaptação dos materiais; modificação da seleção dos materiais previstos; na temporalidade: modificação dessa para determinados objetivos e conteúdos previstos.

As adaptações curriculares, de grande porte, ou seja, as significativas são aquelas adotadas pela gestão escolar para auxiliar na prática da educação inclusiva. As significativas englobam vários fatores do cotidiano escolar. Ressaltamos que ambas necessitam do apoio e da intervenção da gestão escolar. Estão divididas em:

- *Objetivos:* - eliminação de objetivos básicos, introdução de objetivos específicos, complementares e/ou alternativos;
- *Conteúdos*: introdução de conteúdos específicos, complementares ou alternativos, eliminação de conteúdos básicos do currículo;
- *Metodologia e organização didática*: introdução de métodos e procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem, organização e introdução de recursos específicos de acesso ao currículo;
- *Avaliação*: introdução de critérios específicos de avaliação, eliminação de critérios gerais de avaliação, adaptações de critérios regulares de avaliação, modificação dos critérios de promoção e;
- *Temporalidade*: prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série ou ciclo (retenção).

Destacamos que o processo de adaptações curriculares de grande porte deve seguir os passos:

- Promover o registro documental das medidas adaptativas, adotadas para integrar o acervo documental do aluno, evitar que as programações individuais sejam definidas, organizadas e realizadas com prejuízo para o aluno em sua promoção, desempenho e socialização;
- Adotar critérios para evitar adaptações curriculares muito significativas, que impliquem a supressão de conteúdos expressivos e;
- A eliminação de disciplinas ou de áreas curriculares completas.

Para a efetivação da proposta de construção da escola inclusiva, as adaptações curriculares devem estar especificadas em seus documentos, como Projeto Político- Pedagógico Plano de Ensino, entre outros. Porém, garantir as adaptações curriculares apenas pelos documentos não garante a sua efetivação. Para que escola inclusiva seja construída, um sistema de apoio, envolvendo família, colegas, profissionais de diversas áreas, professores especialistas, recursos materiais e programas, faz-se necessário.

Mendes (2000) analisa que, se as devidas adaptações curriculares forem adotadas pela gestão escolar, poderão favorecer a educação inclusiva e, consequentemente, auxiliarão os aspectos administrativos e pedagógicos, proporcionando melhoria da qualidade do serviço educacional prestado. "Construir uma educação emancipadora e inclusiva é instituir continuamente novas relações educativas numa sociedade contraditória e excludente" (BRASIL, 2004).

Destacamos algumas características curriculares que facilitam a educação inclusiva: flexibilidade, ou seja, a não-obrigatoriedade de que todos os alunos atinjam o mesmo grau de abstração ou de conhecimento, num tempo determinado; a consideração que, ao planejar atividades para uma turma, deve-se levar em conta a presença de alunos com necessidades especiais e contemplá-los na programação; o trabalho ressignificado simultâneo, cooperativo e participativo, entendido como a participação dos alunos com necessidades especiais nas atividades desenvolvidas pelos demais colegas, embora não o façam com a mesma intensidade, nem necessariamente de igual modo ou com a mesma ação e grau de abstração.

Portanto, as adaptações curriculares são medidas pedagógicas necessárias para a prática da educação inclusiva, em diversos âmbitos: projeto pedagógico, sala de aula, elaboração e realização de atividades.

No "Projeto Escola Viva" (BRASIL, 2000), elaborado com base nos PCN, encontramos a adaptação curricular de grande porte, sendo de competência e atribuições dos gestores escolares: caracterizar o perfil do alunado; mapear o conjunto de necessidades educacionais especiais presentes na unidade, e em cada sala (processo contínuo, no decorrer do ano); encaminhar para a Secretaria Municipal de Educação a solicitação das Adaptações Curriculares de Grande Porte que se façam necessárias; envidar esforços junto à Secretaria Municipal de Educação e junto ao Conselho Municipal de Educação para que as Adaptações Curriculares de Grande Porte sejam implementadas; implementar as Adaptações Curriculares de Grande Porte que forem de sua competência; providenciar o suporte técnico-científico de que os professores necessitam (convênios com Universidades, Centros Profissionais, servidores das diversas Secretarias, etc.); planejar o envolvimento das famílias e da comunidade no processo de construção da inclusão em sua unidade escolar; promover atividades (palestras, projeção de filmes, discussão sobre material audiovisual, etc.) de sensibilização e de conscientização sobre a convivência na diversidade para alunos, professores, famílias e comunidade.

Assim, podemos analisar a relevância da articulação entre gestão escolar e educação inclusiva, pois essas ações são necessárias para que o aluno com necessidade educacional especial tenha acesso ao conhecimento construído pela humanidade. As adequações não são exclusivamente administrativas, são pedagógicas também.

Ao avançarmos nosso estudo, encontramos o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2001a), promulgado em 9 de janeiro de 2001, por meio da Lei n.º 10.172, tendo este a vigência de dez anos. Na Lei, encontramos pontos isolados que tratam separadamente da gestão escolar e da educação inclusiva:

- Gestão escolar: estabelece a gestão democrática participativa nos estabelecimentos oficiais e garante a participação de todos na elaboração do projeto político pedagógico da unidade escolar.

- Educação inclusiva: estabelece como diretriz o atendimento ao aluno com necessidade educacional especial no sistema regular de ensino e enfatiza a formação de recursos humanos necessários para este atendimento.

O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001a, Artigos 34, 35, 36) especifica que o processo de formação em serviço não se restringe apenas ao professor, mas, como vimos, a todos os sujeitos escolares com o objetivo de garantir qualidade no atendimento prestado para todos os alunos diante da diversidade.

Para Carneiro (2006), "neste ponto o PNE aborda especificamente sobre a necessidade de formação inicial e continuada dos diretores de escola, e sobre a necessidade específica de formação adequada para a administração escolar".

Cabe ressaltar aqui que o PNE designa responsabilidades aos Estados, Municípios e Universidades para que estas metas sejam alcançadas.

Portanto, no PNE (BRASIL, 2001a), primeiro, fica estabelecido que somente uma política explícita e vigorosa de acesso à educação para todos abrange o âmbito social e o âmbito educacional. Segundo, destacam-se os aspectos administrativos (adequação do espaço escolar, de seus equipamentos e materiais pedagógicos), e qualificação dos professores e demais profissionais envolvidos. "O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta à diversidade dos alunos, no que a participação da comunidade é fator essencial" (BRASIL, 2001).

Na sequência, no mesmo ano, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Relatório da Câmara de Educação Básica, Parecer n.º 17/2001 que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001). Encontramos no documento destaque para a relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva.

No item 1 – Na organização dos sistemas de ensino para o atendimento ao aluno, que apresenta necessidades educacionais especiais, está especificado que:

Os administradores locais e os diretores de estabelecimentos escolares devem ser convidados a criar procedimentos mais flexíveis de gestão, a remanejar os recursos pedagógicos, diversificar as opções educativas, estabelecer relações com pais e a comunidade. (BRASIL, 2001).

Para a efetivação da construção da escola inclusiva, o documento aponta a necessidade de criação de uma equipe multidisciplinar de atendimento ao aluno quando a unidade escolar não tiver condições. Nesse sentido, "cabe aos gestores educacionais buscar essa equipe multiprofissional em outra escola ou sistema educacional ou na comunidade" (BRASIL, 2001). Isso ocorrerá por meio de parcerias ou convênios.

De acordo com o documento em estudo, os sistemas de ensino são responsáveis pelos recursos humanos, materiais e financeiros, sustentando e viabilizando tal proposta. Há a necessidade de criação de um "canal oficial e formal de comunicação, de estudo, de tomada de decisões e de coordenação dos processos referentes às mudanças na estruturação dos serviços, na gestão e na prática pedagógica" (BRASIL, 2001).

Gestores escolares conscientes da necessidade de mudanças para construção da educação inclusiva são responsáveis por assegurar a acessibilidade aos alunos que têm necessidades educacionais especiais, eliminando barreiras arquitetônicas urbanísticas, no transporte escolar e nas formas de comunicação. As adaptações físicas dos prédios são consideradas adaptações curriculares de grande porte.

Sobre o processo educativo, cabe à gestão escolar, assegurar os recursos humanos e materiais necessários, possibilitando a ampliação do compromisso com o fortalecimento da educação inclusiva. Assim, torna-se essencial fomentar atitudes proativas das famílias, alunos, professores e da comunidade escolar em geral; superar os obstáculos da ignorância, do medo e do preconceito; divulgar os serviços e recursos educacionais existentes; difundir experiências bem sucedidas de educação inclusiva; estimular o trabalho voluntário no apoio à inclusão escolar. (BRASIL, 2001).

Carvalho (2004) afirma que as recomendações contidas nos documentos aqui apresentados provocam "uma nova racionalidade no ato de planejar, substituindo-se a tecnocracia de um pequeno grupo que decide, por maior participação dos envolvidos no processo, em especial dos que acumularam conhecimentos e experiências na área educativa e que estão movidos por sincero compromisso com os interesses coletivos".

Já Dutra e Griboski (2005) afirmam que:

A gestão para inclusão pressupõe um trabalho competente, à luz de um paradigma dinâmico, mobilizador da sociedade e responsável pela transformação dos sistemas educacionais, contribuindo para melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e apontando respostas para aqueles grupos que têm sido mais excluídos do processo educacional.

O último documento a ser estudado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – versão preliminar (BRASIL, 2007) estabelece que o objetivo do documento é assegurar o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, de modo a garantir: acesso com participação e aprendizagem no ensino comum; oferta do atendimento educacional especializado; continuidade de estudos e acesso aos níveis mais elevados de ensino; promoção da acessibilidade universal; formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado; formação dos profissionais da educação e comunidade escolar; transversalidade da modalidade de ensino especial desde a educação infantil até a educação superior; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

A educação inclusiva constitui uma proposta educacional que reconhece e garante o direito de todos os alunos de compartilhar um mesmo espaço escolar, sem discriminações de qualquer natureza. Promove a igualdade e valoriza as diferenças na organização de um currículo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos e que estimule transformações pedagógicas das escolas, visando à atualização de suas práticas como meio de atender às necessidades dos alunos durante o percurso educacional. Compreende uma inovação educacional, ao romper com paradigmas que sustentam a maneira excludente de ensinar e ao propor a emancipação, como ponto de partida de todo processo educacional. (BRASIL, 2007).

A proposta, de acordo com o documento, é realizar o atendimento educacional especializado, organizando recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras e possibilitem o acesso ao currículo, à comunicação e aos espaços físicos, conforme as necessidades de cada aluno. Assim, a escola se transformará num espaço significativo de aprendizagem com práticas pedagógicas que valorizem o desenvolvimento emocional, intelectual e social de todos os alunos, bem como seu potencial crítico e criativo, proporcionando que estes construam conhecimentos relacionados às situações vividas no cotidiano escolar e familiar e os saberes da comunidade. Para isso, há necessidade de flexibilização curricular.

O documento não faz menção específica ao papel do gestor escolar, mas, ao propor a reorganização dos sistemas e uma nova diretriz na formação dos professores, indica as possibilidades de ação da gestão escolar. Ao tratar sobre as orientações aos sistemas de ensino, recomenda que haja participação dos alunos, professores, gestores, pais ou responsáveis e demais profissionais na elaboração e avaliação de propostas que visam à implementação dessa política; desenvolvimento do trabalho colaborativo e reflexivo entre professores e demais profissionais da educação, valorizando os saberes da comunidade e o percurso escolar dos alunos; fomento às atividades de ensino, pesquisa e extensão visando à inclusão escolar e à educação especial, contribuindo para o desenvolvimento da prática pedagógica e da gestão; celebração de convênios com instituições privadas sem fins lucrativos, condicionada aos projetos que estejam em consonância com o previsto na política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva e passíveis de avaliação contínua de seus objetivos e procedimentos pelos sistemas de ensino; constituição de redes de apoio à inclusão, com a colaboração de setores responsáveis pela saúde e assistência social e a participação dos movimentos sociais em todos os municípios.

Diante do exposto, percebemos a relevância do papel da gestão escolar diante da construção da escola inclusiva, pois cabe à gestão escolar garantir a acessibilidade aos alunos com necessidades educacionais especiais, bem como a gestão democrática e participativa que garantam a possibilidade de modificação do atual sistema de educação escolar. A proposta é de abertura para uma nova organização do modelo de escola.

Concluímos que a atuação do gestor escolar tem grande valia na tarefa de construir uma escola para todos. A educação inclusiva exige adaptações que priorizem a formação dos recursos humanos, materiais e financeiros, juntamente com uma prática voltada para o pedagógico. Garantir, ratificamos a eliminação das barreiras arquitetônicas, facilitar o transporte escolar e promover ações que facilitem a comunicação são algumas de suas funções. Assim, torna-se relevante o contato direto e constante com os pais e demais profissionais (internos e externos). Outro fator que deve ser ressaltado é a promoção das adaptações curriculares e os arranjos satisfatórios com apoio do especialista, proporcionando sua presença na sala de recursos. A proposta de educação inclusiva fundamenta-se numa filosofia que aceita e reconhece a diversidade na escola, garantindo o acesso a todos à educação escolar, independentemente de diferenças individuais. O valor principal que norteia a ideia da inclusão está calcado no princípio da igualdade e diversidade, concomitante com as propostas de sociedade democrática e justa. Fundamenta-se na concepção de educação de qualidade para todos, respeitando a diversidade dos alunos e realizando o atendimento às suas necessidades educativas. Isso implica adaptações diante das diferenças e das necessidades individuais de aprendizagem de cada aluno.

Uma das possibilidades de construção da escola inclusiva é a aproximação dos sujeitos (comunidade interna e externa), diante da descentralização do poder, a municipalização pode proporcionar a aproximação da comunidade e da escola. Sendo a gestão escolar democrática e participativa responsável pelo envolvimento de todos que, direta ou indiretamente, fazem parte do processo educacional. Assim, o estabelecimento de objetivos, a solução de problemas, os planos de ação e sua execução, o acompanhamento e a avaliação são responsabilidades de todos.

A gestão escolar democrática e participativa proporciona à escola se tornar mais ativa e suas práticas devem ser refletidas na e pela comunidade. A participação, em educação, é muito mais do que dialogar, é um processo lento, conflituoso, em que conhecer os conflitos e saber mediá-los torna-se fonte precípua. Por isso, é necessário ouvir pais, comunidade e órgãos de representação. Esses são caminhos que devem ser trilhados para a construção da educação inclusiva.

O papel da gestão escolar na construção da escola inclusiva

O diretor deve ser o principal revigorador do comportamento do professor que demonstra pensamentos e ações cooperativas a serviço da inclusão. É comum que os professores temam inovação e assumam riscos que sejam encarados de forma negativa e com desconfiança pelos pares que estão aferrados aos modelos tradicionais. O diretor é de fundamental importância na superação dessas barreiras previsíveis e pode fazê-lo através de palavras e ações adequadas que reforçam o apoio aos professores. (SAGE, 1999).

Sage (1999) analisa a relação entre o gestor escolar e a educação inclusiva, reconhece que a prática dessa educação requer alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas. Para o autor, os gestores escolares são essenciais nesse processo, pois lideram e mantêm a estabilidade do sistema. As mudanças apontadas para a construção da escola inclusiva envolvem vários níveis do sistema administrativo: secretarias de educação, organização das escolas e procedimentos didáticos em sala de aula. "O papel do diretor é de importância vital em cada nível, e diferentes níveis de pessoal administrativo estão envolvidos".

O primeiro passo, segundo suas recomendações, é construir uma comunidade inclusiva que englobe o planejamento e o desenvolvimento curricular; o segundo passo do processo é a preparação da equipe para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar seus saberes, a fim de

desenvolver um programa de equipe em progresso contínuo; o terceiro passo envolve a criação de dispositivos de comunicação entre a comunidade e a escola; o quarto passo abrange a criação de tempo para reflexão sobre a prática desenvolvida.

O papel do diretor em provocar as mudanças necessárias do sistema em cada nível – o setor escolar central, a escola e cada turma – é essencialmente um papel de facilitação. A mudança não pode ser legislada ou obrigada a existir. O medo da mudança não pode ser ignorado. O diretor pode ajudar os outros a encararem o medo, encorajar as tentativas de novos comportamentos e reforçar os esforços rumo ao objetivo da inclusão. (SAGE, 1999).

O autor destaca que a burocracia, nas escolas, reduz o poder de decisão dos professores, provocando serviços despersonalizados e ineficientes, impedindo a consolidação do modelo de trabalho cooperativo essencial para a educação inclusiva. Acrescenta que o desenvolvimento da equipe proporciona a oportunidade de identificar lideranças na unidade escolar, o que encoraja a ajuda mútua entre os professores e assim reforça comportamentos cooperativos. O gestor escolar pode colaborar com o estabelecimento da colaboração, no ambiente escolar, com o aprimoramento do contato e da interação entre os professores e demais funcionários. Enfatiza que o gestor escolar é o grande responsável para que a inclusão ocorra na escola, abrindo espaços e promovendo trocas de experiências importantes, desenvolvendo uma gestão democrática e participativa dentro, é claro, de suas possibilidades e de acordo com o contexto em que atua na comunidade, favorecendo a formação e a consolidação de equipes de trabalho.

Para a consolidação da atual proposta de educação inclusiva, é necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento dos programas a serem implementados. "Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas" (SANT'ANA, 2005).

A autora afirma caber aos gestores escolares tomar as providências de caráter administrativo necessárias à implementação do projeto de educação inclusiva. Acrescentamos a essa ideia que as providências pedagógicas também envolvam o trabalho do gestor escolar, uma vez que sua prática articula os aspectos administrativos e pedagógicos.

O gestor escolar que se propõe a atuar numa prática inclusiva envolve-se na organização das reuniões pedagógicas, desenvolve ações relacionadas à acessibilidade universal, identifica e realiza as adaptações curriculares de grande porte e fomenta as de pequeno porte, possibilita o intercâmbio e o suporte entre os profissionais externos e a comunidade escolar.

"Diante da orientação inclusiva, as funções do gestor escolar incluem a definição dos objetivos da instituição, o estímulo à capacitação de professores, o fortalecimento de apoio às interações e a processos que se compatibilizem com a filosofia da escola" (SANT'ANA, 2005).

Prieto (2002) afirma que os gestores escolares devem concentrar esforços para efetivar a proposta de educação inclusiva. Isso implica união de discursos referentes à democratização do ensino e aos princípios norteadores da gestão na escola. A educação inclusiva só será realidade no Brasil quando as informações, os recursos, os sucessos e as adaptações inter-relacionarem as esferas federais, estaduais e municipais, proporcionando um relacionamento intenso entre União, Estados e municípios.

A autora analisa que a troca de informações profissionais é imprescindível à melhoria da qualidade educacional, assim, a ação pedagógica refletida, individual ou coletivamente, possibilita a articulação e construção de uma nova prática.

Carvalho (2004) aponta alguns dos caminhos para a construção da escola inclusiva: valorização profissional dos professores, aperfeiçoamento das escolas e do pessoal docente, utilização dos professores das classes especiais, trabalho em equipe, adaptações curriculares. Em suas palavras:

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento.

Destacamos que não é apenas o gestor que apoia seus professores, mas esses também servem de apoio para a ação da equipe de gestão escolar. Adaptar a escola para garantir a educação inclusiva não se resume apenas a eliminar as barreiras arquitetônicas dos prédios escolares; é preciso ter um novo olhar para o currículo escolar, proporcionando a todos os alunos o acesso aos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

À gestão escolar cabe muito mais do que uma técnica, cabe incentivar a troca de ideias, a discussão, a observação, as comparações, os ensaios e os erros, é liderar com profissionalismo pedagógico. Cada escola tem sua própria personalidade, suas características, seus membros, seu clima, sua rede de relações. (TEZANI, 2004).

Consideramos que a educação inclusiva necessita proporcionar, em suas práticas cotidianas, um clima organizacional favorável que estimule o saber e a cultura, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos técnicos, éticos, políticos, humanos, para que se tornem emancipados e autônomos. Acreditamos que isso só será possível se houver uma gestão escolar capaz de enfatizar os processos democráticos e participativos no cotidiano escolar. Há, portanto, a necessidade de promover uma mudança social e educacional, abandonando práticas individualizadoras e fomentando a ação coletiva.

A escola inclusiva é receptiva e responsiva, mas isso não depende apenas dos gestores e educadores, são imprescindíveis transformações nas políticas públicas educacionais. Garantir a construção da escola inclusiva não é tarefa apenas do gestor escolar, mas esse tem papel essencial neste processo.

Para Aranha (2001), a inclusão é a aceitação da diversidade, na vida em sociedade, e também é a garantia do acesso das oportunidades para todos. Portanto, não é somente com leis e textos teóricos que iremos assegurar os direitos de todos, pois esses, por si mesmos, não garantem a efetivação das ações no cotidiano escolar.

Rodrigues (2006) afirma ser um desafio ao exercício da profissão do diretor a proposta de educação inclusiva, pois este profissional não é um técnico (no sentido de aplicar técnicas normalizadas e previamente conhecidas), um funcionário (que executa funções enquadradas por uma cadeia hierárquica previamente definida). "A profissão de gestor escolar exige imensa versatilidade, dado que se lhe pede que aja com grande autonomia e seja capaz de delinear e desenvolver planos de intervenção com condições muito diferentes. Para desenvolver esta competência tão criativa também uma formação profissional".

Completa que a aquisição de competência para a gestão inclusiva só poderá ser adquirida por meio de uma prática continuada, reflexiva e coletiva, pois a educação inclusiva é o resultado do comprometimento com a educação de todos os alunos e de toda a escola. É preciso uma escola toda para desenvolver um projeto de educação inclusiva.

A educação inclusiva só se efetivará nas unidades escolares se medidas administrativas e pedagógicas forem adotadas pela equipe escolar, amparada pela opção política de construção de um sistema de educação inclusiva. A educação escolar será melhor quando possibilitar ao homem o desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva, garantindo sua autonomia e independência.

O que dizem os documentos oficiais?

Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (BRASIL, 1997).

A relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva é uma proposta nova de trabalho e pode ser observada em alguns documentos oficiais (nacionais e internacionais). Em alguns casos, essa relação não está explícita; mas nas entrelinhas dos documentos.

Nossa proposta foi realizar, então, um estudo dos documentos que consideramos relevantes e que garantem o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e que mencionem o papel da gestão escolar de forma processual.

Iniciaremos a análise das relações entre gestão escolar e a educação inclusiva com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. A mesma estabelece, no Artigo 26, que a educação é um direito de todos; deve ser gratuita; o ensino fundamental (elementar) obrigatório o ensino técnico e profissional generalizado e o ensino superior aberto a todos em plena igualdade.

A educação é afirmada pelo documento como fator essencial à expansão da personalidade humana e reforço dos direitos do ser humano, pois só assim esse será capaz de compreender, tolerar e realizar laços de amizade com seus pares e com as demais nações, promovendo assim a manutenção da paz.

O último item sobre educação do documento ressalta que cabe aos pais o direito de escolher o gênero de educação a darem aos seus filhos. O documento é importante para ressaltar a educação como direito de todo cidadão, sendo gratuita e obrigatória no ensino fundamental (elementar) sem discriminação de raça, cor, credo ou deficiência.

Ao continuarmos nosso estudo, durante a Conferência de Goten realizada, em 1990, na Tailândia, foi promulgada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990). Participaram da assinatura do documento e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia o conteúdo do documento consiste em satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos os alunos.

A proposta de universalização do ensino com qualidade e redução da desigualdade, tornam-se fatores seminais à educação: o combate da discriminação, o comprometimento com os excluídos, a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem das pessoas com deficiência e a garantia do acesso ao sistema educativo regular.

Diante da proposta que demanda atenção referente à qualidade da educação atendendo a diversidade, procuramos localizar, no documento citado, o que é dito sobre o papel da gestão escolar: respeito à diversidade e fortalecimento de alianças com as autoridades educacionais para proporcionar a educação com equidade. "Novas e crescentes articulações e alianças serão necessárias em todos os níveis: entre todos os subsetores e formas de educação, reconhecendo o papel especial dos professores, dos administradores e do pessoal que trabalha em educação..." (BRASIL, 1990).

O documento apresenta o gestor escolar como um dos responsáveis a promover o fortalecimento de alianças para a promoção da educação para todos. Não desresponsabilizando os governos: federal, estadual e municipal quanto ao oferecimento de recursos humanos e materiais para consolidação da proposta.

Merece destaque, diante do fio condutor do trabalho, o item 19 do documento: "III – melhor capacitação dos administradores públicos e o estabelecimento de incentivos para reter mulheres e homens qualificados no serviço público" (BRASIL, 1990).

Sabemos que a capacitação tem um papel precípuo para se dar uma resposta educativa à altura das exigências da atualidade e, neste ponto, o documento enfatiza que a formação continuada dos educadores é essencial para oferecer uma resposta educativa com qualidade.

O item 24 do documento apresenta a prioridade de aperfeiçoar a capacidade gerencial, assim, "tanto o pessoal de supervisão e administração quanto os planejadores, arquitetos de escolas, os formadores de educadores, especialistas em currículo, pesquisadores, analistas etc. são igualmente importantes para qualquer estratégia de melhoria da educação básica" (BRASIL, 1990).

Concluímos – com o estudo da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990) – que são apontados os sujeitos responsáveis pela mudança e a necessidade da formação em exercício para todos os envolvidos no processo de garantia das necessidades básicas de aprendizagem para todos.

A Conferência Mundial de Salamanca (Espanha) destacou, entre outros elementos: acesso e qualidade relativamente à educação. Esta conferência foi realizada em 1994,

sendo promulgada a Declaração de Salamanca: sobre princípios, política e prática em educação especial (BRASIL, 1997). Assinaram-na e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia esse documento baseia-se na criação de condições para que os sistemas de ensino possibilitem a construção de escolas inclusivas.

Reafirma o compromisso com a educação para todos e reconhece a necessidade de alterações nos sistemas de ensino e nas escolas para que a educação inclusiva se efetive. Diante desta perspectiva, a gestão escolar tem papel fundamental, pois deve colaborar para o desenvolvimento de procedimentos administrativos e pedagógicos mais flexíveis; uso racional dos recursos instrucionais; diversificação das opções de aprendizagem; mobilização de auxílios; desenvolvimento de ações que proporcionem o relacionamento dos pais, da comunidade e da escola. "Uma administração escolar bem sucedida depende de um envolvimento ativo e reativo de professores e do pessoal e do desenvolvimento de cooperação efetiva e de trabalho em grupo no sentido de atender as necessidades dos estudantes" (BRASIL, 1997).

Aos gestores escolares, segundo o documento, cabe a responsabilidade de promover atitudes positivas e cooperativas entre a comunidade interna e externa da escola com relação à educação inclusiva.

No item (c), Recrutamento e Treinamento de Educadores, encontramos a especificação de se privilegiar a preparação apropriada de todos os educadores para que o progresso da educação inclusiva se concretize. Essa proposta de formação deveria ocorrer nos cursos de graduação e em programas de educação continuada ou em serviço, assim, o conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino no sentido de abarcar uma variedade maior de habilidades, etc. (BRASIL, 1997).

Os programas de formação para a educação inclusiva, de acordo com o documento, deveriam exercitar a autonomia e as habilidades de adaptação do currículo no sentido de atender às necessidades especiais dos alunos. Conforme Carneiro (2006), esses itens abordam claramente o papel dos diretores como agentes promotores da inclusão, criando condições de atendimento adequado a todas as crianças transformando a administração escolar em uma gestão participativa e democrática, em que toda a equipe escolar seja responsável pelo bom andamento da escola e pela satisfação das necessidades de todos os alunos.

Ao avançarmos no estudo, em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394/96 (BRASIL, 1996), que avança na área da educação especial destinando um capítulo específico para esta modalidade de ensino e estabelecendo que o ensino do aluno, com necessidade educacional especial, aconteça preferencialmente na rede regular de ensino.

O Artigo 58 estabelece que a educação especial deve ser oferecida no ensino regular para os alunos com necessidades educacionais especiais. O Artigo 59 estabelece a reorganização social para atendimento das pessoas com igualdade, quanto às mais complexas e diversas diferenças, físicas ou cognitivas.

A questão da diversidade está estabelecida na referida Lei, uma vez que garante o acesso e a permanência de todos na escola. Faz referência à valorização dos profissionais da educação e à gestão democrática como uma das propostas para valorização dos profissionais da educação.

Na Lei (BRASIL, 1996), encontramos a regulamentação da gestão democrática das escolas públicas e a transformação do Projeto Político-Pedagógico delineando-se como um instrumento de inteligibilidade e fator de mudanças significativas. O Artigo 14 estabelece os princípios da gestão democrática, pois garante "a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola". Com o estabelecimento da Lei, é expressa a participação de todos na elaboração do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. Desta monta, acreditamos que, quando todos participam e se sentem responsáveis bem como compromissados com aquilo que fazem, concretiza-se a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. O primeiro passo efetivo deve garantir a gestão democrática e participativa como um dos possíveis caminhos à construção da escola inclusiva.

A gestão democrática e participativa pressupõe a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da escola, por se tratar de um trabalho conjunto. Conforme estabelecido, na LDBEN (BRASIL, 1996), a participação na construção coletiva do documento está assegurada, pois reconhece a escola como espaço de autonomia.

Para Silva Júnior (2002), o Projeto Político-Pedagógico "indicará as grandes linhas de reflexão e de consideração mantenedoras de suas etapas de trabalho; consubstanciará os valores e critérios determinantes das ações a serem desenvolvidas nos diferentes núcleos da prática escolar".

Construir coletivamente o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é proporcionar aos profissionais a oportunidade de exercitar a participação e de valorizar a autonomia da escola.

Carneiro (2006) afirma que o projeto pedagógico não pode se constituir como um fim em si mesmo. Ele é verdadeiramente o início de um processo de trabalho.

A partir do projeto pedagógico a escola vai estruturando seu trabalho, avaliando e reorganizando suas práticas. Mais uma vez o papel do gestor se apresenta em destaque, uma vez que para estruturar, avaliar e reorganizar as práticas educativas é necessária uma liderança firme capaz de buscar os caminhos para tais encaminhamentos.

O Projeto Político-Pedagógico é o somatório dos valores que os membros da unidade escolar têm. As escolas com uma prática qualitativamente superior são aquelas que construíram tal documento de maneira coletiva e participativa. Colocar em prática o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é um processo de ação-reflexão-ação que exige a participação de todo o colegiado.

A proposta de construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico é, portanto, fundamental para consolidação da gestão democrática e participativa na unidade escolar e assim construção da escola inclusiva, bem como o papel do gestor norteará esse processo, uma vez que ele é corresponsável pelo estabelecimento de uma rede de relações adequadas para que todos possam ter autonomia e participação.

A questão da autonomia merece destaque por estar em evidência na LDBEN (BRASIL, 1996). Para Silva Júnior (2002), "a constituição da autonomia da escola pela via do projeto pedagógico, supõe a existência de condições para a prática do trabalho coletivo, entendido este como a valorização das pessoas e a relativização das funções".

Conforme Barroso (1996), a autonomia prevista na legislação incentiva o sistema a adotar um mecanismo que garanta tal pressuposto; no entanto, o que se observa no cotidiano escolar é a construção de um modelo de falsa autonomia, pois ela não pode ser construída, segundo o autor, de forma decretada. Para ele, a autonomia "afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não preexiste à ação (sic) dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores (sic) organizacionais numa determinada escola".

O autor discute ainda que a autonomia da escola está atrelada à autonomia dos indivíduos que a compõe. Por isso, a especificidade da escola em construir a autonomia é um processo delicado, pois a articulação das características de cada um, mais a coletividade, diante da proposta de cultura da colaboração e da participação nas unidades escolares brasileiras, envolvem um processo de mudança.

Construir a escola inclusiva significa articular democracia, participação e autonomia. Sua implementação não será um processo fácil, pois o compromisso em atender com qualidade e eficiência pedagógica a todos os alunos é um compromisso com a melhoria da qualidade educacional para todos, o que somente será concretizado com a consciência e a valorização dos fatos e das normas coletivas mediadas pela responsabilidade social. Só assim a escola cumprirá seu papel de transformação social.

Todavia, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), não encontramos qualquer referência à relação entre gestão escolar e educação inclusiva, apenas sugestões de ações.

Ao continuar, encontramos os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares: estratégias para educação de alunos com necessidades especiais (BRASIL, 1998), que fornecem subsídios para a prática pedagógica inclusiva. O documento normativo apresenta um conjunto de ações a serem desenvolvidas para garantir o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Apresenta as adequações necessárias para que a escola se torne inclusiva e atenda às especificidades do ensino diante da diversidade.

As adaptações curriculares constituem-se em adequações satisfatórias para que o aluno – com necessidade educacional especial – tenha acesso ao processo de ensino e aprendizagem no ensino regular; para isso, é necessário rever alguns aspectos da educação escolar, como a "definição dos objetivos, no tratamento e desenvolvimento dos conteúdos, no transcorrer de todo processo avaliativo, na temporalidade e na organização do trabalho didático-pedagógico no intuito de favorecer a aprendizagem do aluno" (BRASIL, 1998).

A construção da escola inclusiva, que perpassa pelo caminho das adaptações curriculares, deve ter como premissa que a inclusão consiste em um processo gradual, que requer ajuda ao aluno, à família e à comunidade escolar.

Destarte, cabe à equipe escolar adotar algumas medidas: elaboração de propostas pedagógicas com objetivos claros, que se baseiem nas especificidades dos alunos; identificar as capacidades da própria escola; organizar os conteúdos escolares de acordo com os ritmos de aprendizagens dos alunos; rever metodologias de ensino, de forma que essas auxiliem na motivação dos alunos; conceber a avaliação como processo visando ao progresso do aluno.

As adaptações curriculares podem ser subdivididas em dois níveis:

- Adaptações significativas ou de grande porte.
- Adaptações não significativas ou de pequeno porte.

A primeira é da responsabilidade de todos os envolvidos no processo educacional – aqui enfatizaremos os gestores. A segunda são ações específicas do professor em sala de aula.

As consideradas não significativas são pequenas ações que podem ser desenvolvidas sem grandes alterações no cotidiano escolar; as adaptações curriculares de pequeno porte são aquelas adotadas pelo professor em sala de aula, apoiado pela gestão escolar. Estão divididas em organizativas: organização de agrupamentos, organização didática e organização do espaço; relativas aos objetivos e conteúdos: priorização de áreas ou unidades de conteúdos, de tipos de conteúdos e de objetivos; sequencialização, eliminação de conteúdos secundários; avaliativas: adaptação e modificação de técnicas e instrumentos; nos procedimentos didáticos e nas atividades: modificação de procedimentos, introdução de atividades alternativas previstas e de atividades complementares às previstas; modificação do nível de complexidade das atividades, eliminando componentes, sequenciando a tarefa, facilitando planos de apoio, adaptação dos materiais; modificação da seleção dos materiais previstos; na temporalidade: modificação dessa para determinados objetivos e conteúdos previstos.

As adaptações curriculares, de grande porte, ou seja, as significativas são aquelas adotadas pela gestão escolar para auxiliar na prática da educação inclusiva. As significativas englobam vários fatores do cotidiano escolar. Ressaltamos que ambas necessitam do apoio e da intervenção da gestão escolar. Estão divididas em:

- *Objetivos:* - eliminação de objetivos básicos, introdução de objetivos específicos, complementares e/ou alternativos;
- *Conteúdos*: introdução de conteúdos específicos, complementares ou alternativos, eliminação de conteúdos básicos do currículo;
- *Metodologia e organização didática*: introdução de métodos e procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem, organização e introdução de recursos específicos de acesso ao currículo;
- *Avaliação*: introdução de critérios específicos de avaliação, eliminação de critérios gerais de avaliação, adaptações de critérios regulares de avaliação, modificação dos critérios de promoção e;
- *Temporalidade*: prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série ou ciclo (retenção).

Destacamos que o processo de adaptações curriculares de grande porte deve seguir os passos:

- Promover o registro documental das medidas adaptativas, adotadas para integrar o acervo documental do aluno, evitar que as programações individuais sejam definidas, organizadas e realizadas com prejuízo para o aluno em sua promoção, desempenho e socialização;

- Adotar critérios para evitar adaptações curriculares muito significativas, que impliquem a supressão de conteúdos expressivos e;

- A eliminação de disciplinas ou de áreas curriculares completas.

Para a efetivação da proposta de construção da escola inclusiva, as adaptações curriculares devem estar especificadas em seus documentos, como Projeto Político- Pedagógico Plano de Ensino, entre outros. Porém, garantir as adaptações curriculares apenas pelos documentos não garante a sua efetivação. Para que escola inclusiva seja construída, um sistema de apoio, envolvendo família, colegas, profissionais de diversas áreas, professores especialistas, recursos materiais e programas, faz-se necessário.

Mendes (2000) analisa que, se as devidas adaptações curriculares forem adotadas pela gestão escolar, poderão favorecer a educação inclusiva e, consequentemente, auxiliarão os aspectos administrativos e pedagógicos, proporcionando melhoria da qualidade do serviço educacional prestado. "Construir uma educação emancipadora e inclusiva é instituir continuamente novas relações educativas numa sociedade contraditória e excludente" (BRASIL, 2004).

Destacamos algumas características curriculares que facilitam a educação inclusiva: flexibilidade, ou seja, a não-obrigatoriedade de que todos os alunos atinjam o mesmo grau de abstração ou de conhecimento, num tempo determinado; a consideração que, ao planejar atividades para uma turma, deve-se levar em conta a presença de alunos com necessidades especiais e contemplá-los na programação; o trabalho ressignificado simultâneo, cooperativo e participativo, entendido como a participação dos alunos com necessidades especiais nas atividades desenvolvidas pelos demais colegas, embora não o façam com a mesma intensidade, nem necessariamente de igual modo ou com a mesma ação e grau de abstração.

Portanto, as adaptações curriculares são medidas pedagógicas necessárias para a prática da educação inclusiva, em diversos âmbitos: projeto pedagógico, sala de aula, elaboração e realização de atividades.

No "Projeto Escola Viva" (BRASIL, 2000), elaborado com base nos PCN, encontramos a adaptação curricular de grande porte, sendo de competência e atribuições dos gestores escolares: caracterizar o perfil do alunado; mapear o conjunto de necessidades educacionais especiais presentes na unidade, e em cada sala (processo contínuo, no decorrer do ano); encaminhar para a Secretaria Municipal de Educação a solicitação das Adaptações Curriculares de Grande Porte que se façam necessárias; envidar esforços junto à Secretaria Municipal de Educação e junto ao Conselho Municipal de Educação para que as Adaptações Curriculares de Grande Porte sejam implementadas; implementar as Adaptações Curriculares de Grande Porte que forem de sua competência; providenciar o suporte técnico-científico de que os professores necessitam (convênios com Universidades, Centros Profissionais, servidores das diversas Secretarias, etc.); planejar o envolvimento das famílias e da comunidade no processo de construção da inclusão em sua unidade escolar; promover atividades (palestras, projeção de filmes, discussão sobre material audiovisual, etc.) de sensibilização e de conscientização sobre a convivência na diversidade para alunos, professores, famílias e comunidade.

Assim, podemos analisar a relevância da articulação entre gestão escolar e educação inclusiva, pois essas ações são necessárias para que o aluno com necessidade educacional especial tenha acesso ao conhecimento construído pela humanidade. As adequações não são exclusivamente administrativas, são pedagógicas também.

Ao avançarmos nosso estudo, encontramos o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2001a), promulgado em 9 de janeiro de 2001, por meio da Lei n.º 10.172, tendo este a vigência de dez anos. Na Lei, encontramos pontos isolados que tratam separadamente da gestão escolar e da educação inclusiva:

- Gestão escolar: estabelece a gestão democrática participativa nos estabelecimentos oficiais e garante a participação de todos na elaboração do projeto político pedagógico da unidade escolar.

- Educação inclusiva: estabelece como diretriz o atendimento ao aluno com necessidade educacional especial no sistema regular de ensino e enfatiza a formação de recursos humanos necessários para este atendimento.

O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001a, Artigos 34, 35, 36) especifica que o processo de formação em serviço não se restringe apenas ao professor, mas, como vimos, a todos os sujeitos escolares com o objetivo de garantir qualidade no atendimento prestado para todos os alunos diante da diversidade.

Para Carneiro (2006), "neste ponto o PNE aborda especificamente sobre a necessidade de formação inicial e continuada dos diretores de escola, e sobre a necessidade específica de formação adequada para a administração escolar".

Cabe ressaltar aqui que o PNE designa responsabilidades aos Estados, Municípios e Universidades para que estas metas sejam alcançadas.

Portanto, no PNE (BRASIL, 2001a), primeiro, fica estabelecido que somente uma política explícita e vigorosa de acesso à educação para todos abrange o âmbito social e o âmbito educacional. Segundo, destacam-se os aspectos administrativos (adequação do espaço escolar, de seus equipamentos e materiais pedagógicos), e qualificação dos professores e demais profissionais envolvidos. "O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta à diversidade dos alunos, no que a participação da comunidade é fator essencial" (BRASIL, 2001).

Na sequência, no mesmo ano, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Relatório da Câmara de Educação Básica, Parecer n.º 17/2001 que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001). Encontramos no documento destaque para a relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva.

No item 1 – Na organização dos sistemas de ensino para o atendimento ao aluno, que apresenta necessidades educacionais especiais, está especificado que:

Os administradores locais e os diretores de estabelecimentos escolares devem ser convidados a criar procedimentos mais flexíveis de gestão, a remanejar os recursos pedagógicos, diversificar as opções educativas, estabelecer relações com pais e a comunidade. (BRASIL, 2001).

Para a efetivação da construção da escola inclusiva, o documento aponta a necessidade de criação de uma equipe multidisciplinar de atendimento ao aluno quando a unidade escolar não tiver condições. Nesse sentido, "cabe aos gestores educacionais buscar essa equipe multiprofissional em outra escola ou sistema educacional ou na comunidade" (BRASIL, 2001). Isso ocorrerá por meio de parcerias ou convênios.

De acordo com o documento em estudo, os sistemas de ensino são responsáveis pelos recursos humanos, materiais e financeiros, sustentando e viabilizando tal proposta. Há a necessidade de criação de um "canal oficial e formal de comunicação, de estudo, de tomada de decisões e de coordenação dos processos referentes às mudanças na estruturação dos serviços, na gestão e na prática pedagógica" (BRASIL, 2001).

Gestores escolares conscientes da necessidade de mudanças para construção da educação inclusiva são responsáveis por assegurar a acessibilidade aos alunos que têm necessidades educacionais especiais, eliminando barreiras arquitetônicas urbanísticas, no transporte escolar e nas formas de comunicação. As adaptações físicas dos prédios são consideradas adaptações curriculares de grande porte.

Sobre o processo educativo, cabe à gestão escolar, assegurar os recursos humanos e materiais necessários, possibilitando a ampliação do compromisso com o fortalecimento da educação inclusiva. Assim, torna-se essencial fomentar atitudes proativas das famílias, alunos, professores e da comunidade escolar em geral; superar os obstáculos da ignorância, do medo e do preconceito; divulgar os serviços e recursos educacionais existentes; difundir experiências bem sucedidas de educação inclusiva; estimular o trabalho voluntário no apoio à inclusão escolar. (BRASIL, 2001).

Carvalho (2004) afirma que as recomendações contidas nos documentos aqui apresentados provocam "uma nova racionalidade no ato de planejar, substituindo-se a tecnocracia de um pequeno grupo que decide, por maior participação dos envolvidos no processo, em especial dos que acumularam conhecimentos e experiências na área educativa e que estão movidos por sincero compromisso com os interesses coletivos".

Já Dutra e Griboski (2005) afirmam que:

A gestão para inclusão pressupõe um trabalho competente, à luz de um paradigma dinâmico, mobilizador da sociedade e responsável pela transformação dos sistemas educacionais, contribuindo para melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e apontando respostas para aqueles grupos que têm sido mais excluídos do processo educacional.

O último documento a ser estudado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – versão preliminar (BRASIL, 2007) estabelece que o objetivo do documento é assegurar o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, de modo a garantir: acesso com participação e aprendizagem no ensino comum; oferta do atendimento educacional especializado; continuidade de estudos e acesso aos níveis mais elevados de ensino; promoção da acessibilidade universal; formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado; formação dos profissionais da educação e comunidade escolar; transversalidade da modalidade de ensino especial desde a educação infantil até a educação superior; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

A educação inclusiva constitui uma proposta educacional que reconhece e garante o direito de todos os alunos de compartilhar um mesmo espaço escolar, sem discriminações de qualquer natureza. Promove a igualdade e valoriza as diferenças na organização de um currículo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos e que estimule transformações pedagógicas das escolas, visando à atualização de suas práticas como meio de atender às necessidades dos alunos durante o percurso educacional. Compreende uma inovação educacional, ao romper com paradigmas que sustentam a maneira excludente de ensinar e ao propor a emancipação, como ponto de partida de todo processo educacional. (BRASIL, 2007).

A proposta, de acordo com o documento, é realizar o atendimento educacional especializado, organizando recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras e possibilitem o acesso ao currículo, à comunicação e aos espaços físicos, conforme as necessidades de cada aluno. Assim, a escola se transformará num espaço significativo de aprendizagem com práticas pedagógicas que valorizem o desenvolvimento emocional, intelectual e social de todos os alunos, bem como seu potencial crítico e criativo, proporcionando que estes construam conhecimentos relacionados às situações vividas no cotidiano escolar e familiar e os saberes da comunidade. Para isso, há necessidade de flexibilização curricular.

O documento não faz menção específica ao papel do gestor escolar, mas, ao propor a reorganização dos sistemas e uma nova diretriz na formação dos professores, indica as possibilidades de ação da gestão escolar. Ao tratar sobre as orientações aos sistemas de ensino, recomenda que haja participação dos alunos, professores, gestores, pais ou responsáveis e demais profissionais na elaboração e avaliação de propostas que visam à implementação dessa política; desenvolvimento do trabalho colaborativo e reflexivo entre professores e demais profissionais da educação, valorizando os saberes da comunidade e o percurso escolar dos alunos; fomento às atividades de ensino, pesquisa e extensão visando à inclusão escolar e à educação especial, contribuindo para o desenvolvimento da prática pedagógica e da gestão; celebração de convênios com instituições privadas sem fins lucrativos, condicionada aos projetos que estejam em consonância com o previsto na política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva e passíveis de avaliação contínua de seus objetivos e procedimentos pelos sistemas de ensino; constituição de redes de apoio à inclusão, com a colaboração de setores responsáveis pela saúde e assistência social e a participação dos movimentos sociais em todos os municípios.

Diante do exposto, percebemos a relevância do papel da gestão escolar diante da construção da escola inclusiva, pois cabe à gestão escolar garantir a acessibilidade aos alunos com necessidades educacionais especiais, bem como a gestão democrática e participativa que garantam a possibilidade de modificação do atual sistema de educação escolar. A proposta é de abertura para uma nova organização do modelo de escola.

Concluímos que a atuação do gestor escolar tem grande valia na tarefa de construir uma escola para todos. A educação inclusiva exige adaptações que priorizem a formação dos recursos humanos, materiais e financeiros, juntamente com uma prática voltada para o pedagógico. Garantir, ratificamos a eliminação das barreiras arquitetônicas, facilitar o transporte escolar e promover ações que facilitem a comunicação são algumas de suas funções. Assim, torna-se relevante o contato direto e constante com os pais e demais profissionais (internos e externos). Outro fator que deve ser ressaltado é a promoção das adaptações curriculares e os arranjos satisfatórios com apoio do especialista, proporcionando sua presença na sala de recursos. *(Texto adaptado de TEZANI, T. C. R.).*

GESTÃO DE PROJETOS

A gestão estratégica de projetos reduz riscos e identifica oportunidades, a presença de um profissional é essencial para gerenciamento das informações, é preciso que haja esforços de forma integrada para os projetos serem realizados com êxito.

O gerenciamento de projetos tem relação direta com a capacidade das empresas de atingirem suas metas, justamente porque os projetos atuais necessitam da união de esforços aplicados de forma integrada para serem realizados com êxito. Em diversas ações das empresas, é necessário um projeto, direcionando esforços temporários para produzir determinado produto, serviço ou resultado único.

Gerência de projetos ou gestão de projetos é a aplicação de conhecimentos, habilidades e técnicas na elaboração de atividades relacionadas para atingir um conjunto de objetivos pré-definidos. O conhecimento e as práticas da gerência de projetos são mais bem descritos em termos de seus processos componentes.

Esses processos podem ser classificados em cinco grupos de processo (iniciação, planejamento, execução, controle e encerramento) e nove áreas de conhecimento (gerência de integração de projetos, gerência de escopo de projetos, gerência de tempo de projetos, gerência de custo de projetos, gerência de qualidade de projetos, gerência de recursos humanos de projetos, gerência de comunicações de projetos, gerência de riscos de projetos e gerência de aquisições de projetos).

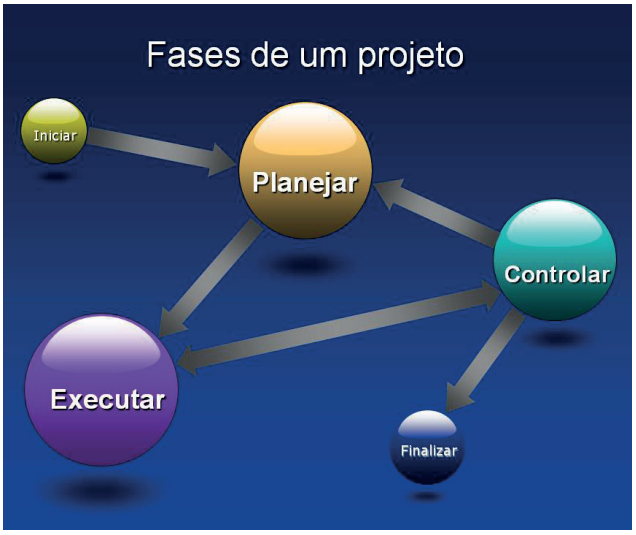

Reduzida à sua forma mais simples, a gerência de projetos é a disciplina de manter os riscos de fracasso em um nível tão baixo quanto necessário durante o ciclo de vida do projeto. O risco de fracasso aumenta de acordo com a presença de incerteza durante todos os estágios do projeto. Um ponto de vista alternativo diz que gerenciamento de projetos é a disciplina de definir e alcançar objetivos ao mesmo tempo em que se otimiza o uso de recursos (tempo, dinheiro, pessoas, espaço, etc).

A gerência de projetos é frequentemente a responsabilidade de um indivíduo intitulado gerente de projeto. Idealmente, esse indivíduo raramente participa diretamente nas atividades que produzem o resultado final. Ao invés disso, o gerente de projeto trabalha para manter o progresso e a interação mútua progressiva dos diversos participantes do empreendimento, de modo a reduzir o risco de fracasso do projeto.

Variáveis controláveis e incontroláveis

Dentro de um ambiente de projetos, e até mesmo no seu dia-a-dia existem variáveis que podem ser controladas e/ou previstas e outras que não podem ser previstas e/ou controladas. Um bom planejamento leva ambas em consideração.

Variáveis controláveis ou previsíveis

Existem variáveis previsíveis e controláveis no seu ciclo de projeto, são variáveis que você conhece claramente. Por controlável entendemos que é algo que você possa prever e/ou medir.

Por exemplo tempo, valores, recursos são variáveis controláveis. Você não tem controle sobre o tempo, mas pode considera-lo em seus planejamentos, é possível calcular o tempo necessário para executar uma tarefa, mas não se pode estende-lo por exemplo.

É possível prever os recursos financeiros e através do controle é possível até mesmo redimensiona-los. É possível aumentar a produtividade de uma tarefa, otimizando os métodos e processos utilizados e/ou alocando mais recursos humanos à tarefa.

Variáveis incontroláveis ou imprevisíveis

São variáveis que não podemos controlar, em geral imprevistos, ou atividades que dependam de terceiros. Num planejamento de projeto, levamos em conta os recursos humanos partindo do principio de que eles estarão sempre disponíveis para trabalhar e sempre com o mesmo nível de produtividade, o que não é verdade, funcionários podem estar desmotivados, e podem faltar, e isto precisa ser levado em conta.

Pode acontecer uma catástrofe, um recurso material pode ser danificado e/ou utilizado equivocadamente para outra tarefa, isto pode acontecer, assim como pode faltar determinado material, mas neste caso a falta pode se dar por diversos fatores:

Pode ser que a entrega esteja atrasada, ou que ele tenha sido mal dimensionado, ou ainda que tenha sido providenciado tarde demais. Mas isto é previsível, você pode se informar de todo o processo e considerar o prazo necessário no seu planejamento. O que seria imprevisível neste caso, por exemplo, seria o roubo ou danificação de materiais.

Controlar todas as variáveis em todas as atividades de um projeto é extremamente trabalhoso, prevê-las é muito mais difícil, por mais experiente que o gestor de projetos seja, ele sempre encontrará novas variáveis em novos projetos.

As variáveis do triângulo de gerência de projeto

Alguns empreendimentos necessitam ser executados e entregues sob determinadas variáveis. As variáveis principais também podem ser denominadas como tradicionais. **São eles o escopo, o tempo e o custo.** Isto é conhecido também como "triângulo da gerência de projeto", onde cada lado representa uma variável. Um lado do triângulo não pode ser mudado sem impactar no outro.

A restrição do tempo influência o prazo até o termino do projeto. A restrição de custo informa o valor monetário incluído no orçamento disponível para o projeto. Já a restrição do escopo designa o que deve ser feito para produzir o resultado de fim do projeto. Estas três variáveis estão frequentemente competindo: o escopo aumentado significa tipicamente o tempo aumentado e o custo aumentado, uma restrição apertada de tempo poderia significar custos aumentados e o escopo reduzido, e um orçamento apertado poderia significar o tempo aumentado e o escopo reduzido. A disciplina da gerência de projeto é sobre fornecer as ferramentas e as técnicas que permitem a equipe de projeto (não apenas ao gerente de projeto) organizar seu trabalho para se encontrar com estas variáveis.

Tempo ou prazo

O tempo requerido para terminar as etapas do projeto, é normalmente influenciado quando se pretende baixar o tempo para execução de cada tarefa que contribui diretamente à conclusão de cada componente. Ao executar tarefas usando a gerência de projeto, é importante cortar o trabalho em diversas partes menores de modo que seja fácil definirmos condições de criticidade e de folga.

Custo

O Custo para desenvolver um projeto depende de diversas condições iniciais que possuímos para o desenvolvimento de cada projeto tais como: custo de mão de obra, custos de materiais, gerência de risco, planta (edifícios, máquinas, etc.), equipamento, e lucro.

Escopo ou contexto

São as exigências especificadas para o resultado fim, ou seja, o que se pretende, e o que não se pretende realizar. A qualidade do produto final pode ser tratada como um componente do escopo. Normalmente a quantidade de tempo empregada em cada tarefa é determinante para a qualidade total do projeto.

Lembre-se das variáveis incontroláveis ou imprevisíveis, elas estão ai para dar o tempero do seu projeto. Gestores de projetos costumam considerar margens de segurança definidas com o apoio de gestores técnicos que irão executar o projeto.

Por exemplo, aplica-se uma margem de segurança na mão de obra, para cobrir eventuais faltas e atrasos, e para prover o projeto uma certa "margem de manobra" para que atividades de emergência sejam executadas sem um impacto muito grande no prazo final do projeto. Aplica-se uma margem de segurança nos recursos materiais prevendo desperdícios e eventuais danos ou extravios, mas as margens neste caso devem ser aplicadas com critério para que a excessiva margem de segurança em materiais não seja um prejuízo no projeto.

Um projeto bem planejado leva em conta o imprevisto, se alguma coisa der errado, o projeto vai parar? Pode-se executar outra tarefa enquanto resolvemos o problema que impede o andamento do projeto? E este problema pode ser simplesmente uma etapa de aprovação do cliente por exemplo. Neste caso as tarefas que não fazem parte do caminho crítico podem ser executadas para que a equipe não fique parada por exemplo.

O principio de Pareto, também conhecida pela regra 80-20 se resume em que 80% dos efeitos são provenientes de 20% das causas. O estudioso de Administração Joseph M. Juran identificou o principio que ganhou este nome após o economista Italiano Vilfredo Pareto ter observado que 80% da renda Italiana é proveniente de 20% da população. Esta é uma regra comum nos negócios, em geral 80% das suas vendas são provenientes de 20% de seus clientes.

O princípio de Pareto é um bom critério para você usar no planejamento e análise do seu projeto. Não estamos falando que a relação será precisamente 80-20, pode-se variar entre 90-10 e 70-30, mas geral fica nesta faixa.

Por exemplo 80% do custo do seu projeto esta relacionado à 20% das tarefas, ou 80% do prazo esta relacionado à 20% das tarefas, e por ai vai. O importante mesmo é identificar no seu projeto quais as tarefas que fazem parte destes 20% e dedicar uma atenção especial à elas.

Etapas de um projeto

Todo projeto é desenvolvido em cinco etapas: Iniciação, planejamento, execução, controle e conclusão.

Iniciação é a etapa onde tomamos conhecimento do projeto a ser feito, é o momento da confecção do briefing, ou de sua leitura à equipe, é nesta hora onde surgem diversas dúvidas do projeto. Em geral é uma etapa que deve ser desenvolvida em uma reunião de brainstorm.

Planejamento é onde o projeto é detalhado, se aplicarmos o principio de Pareto, é onde investimos 80% do nosso tempo. É o momento em que detalhamos as atividades, pesquisamos, determinamos prazos, alocamos recursos e custos. O resultado do planejamento é uma lista de tarefas e/ou um gráfico de Gantt.

Execução é o objetivo do projeto, é a "hora da verdade", quem executa é o gestor técnico,é a hora de colocar o projeto em prática.

Controle, o gestor do projeto faz o controle da execução, registrando tempo e recursos, e gerenciando as possíveis mudanças.

Conclusão, bom conclusão dispensa mais comentários, é a hora em que o projeto termina.

Na verdade as cinco etapas do projeto não acontecem como uma sequência linear, afinal, como já vimos existem problemas não previstos, existem ajustes à serem feitos. E estes ajustes são feitos "on the fly", ou seja, durante a execução do projeto, configurando um ciclo claro que passa por execução, controle e planejamento.

Geralmente na hora da execução é que o planejamento é posto a prova, o controle é o acompanhamento que o gestor de projetos faz junto ao gestor técnico, ele registra os tempos e uso de recursos. Este controle pode apontar tanto uma tendência à economia de recursos quando à necessidade de utilizar recursos alem do planejado.

É atribuição do gestor de projetos revisar seu planejamento para avaliar os impactos destas variações e tomar as devidas providências.

O gerenciamento de projetos tenta adquirir controle sobre essas três variáveis (tempo, custo, escopo), no entanto, algumas literaturas definem como quatro variáveis, sendo *qualidade* a quarta variável, contudo a qualidade é uma das principais componentes do escopo. Estas variáveis podem ser dadas por clientes externos ou internos. O(s) valor(es) das variáveis remanescentes está/estão a cargo do gerente do projeto, idealmente baseado em sólidas técnicas de estimativa.

Geralmente, os valores em termos de tempo, custo, qualidade e escopo são definidos por contrato.

Para manter o controle sobre o projeto do início ao fim, um gerente de projetos utiliza várias técnicas, dentre as quais se destacam:

- Planejamento de projeto
- Análise de valor agregado
- Gerenciamento de riscos de projeto
- Cronograma
- Melhoria de processo

QUESTÕES

01. (FUNCAB - 2013 - SEDUC-RO) Na tendência tradicional, a Pedagogia Liberal se caracteriza por:

a) subordinar a educação à sociedade, tendo como função a preparação de recursos humanos por meio da profissionalização.

b) valorizar a autoeducação, a experiência direta sobre o meio pela atividade e o ensino centrado no aluno e no grupo.

c) acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, através do qual o aluno deve atingir pelo seu próprio esforço, sua plena realização.

d) considerar a educação um processo interno, que parte das necessidades e dos interesses individuais.

e) focar no aprender a aprender, ou seja, é mais importante o processo de aquisição do saber do que o saber propriamente.

02. (FUNCAB - 2012 - MPE-RO) As práticas do cotidiano escolar têm vários condicionantes políticos e sociais que configuram diferentes concepções de homem e sociedade e, em consequência, diferentes concepções de escola, aprendizagem, relação professor/a – aluno/a, técnicas pedagógicas, entre outras. Conforme Libâneo (1992), as tendências pedagógicas classificam-se em duas grandes vertentes:

a) Pedagogia Liberal (tradicional, renovada não diretiva e tecnicista) e Pedagogia Emancipatória (libertadora, renovada progressista, libertária e crítico-social dos conteúdos).
b) Pedagogia Liberal (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos) e Pedagogia Progressista (tradicional, renovada progressista, renovada não diretiva e tecnicista).
c) Pedagogia Liberal (tradicional, renovada progressista, renovada não diretiva e tecnicista) e Pedagogia Progressista (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos).
d) Pedagogia Autoritária (tradicional, renovada progressista, renovada não diretiva e tecnicista) e Pedagogia Capitalista (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos).
e) Pedagogia Liberal (tradicional, renovada progressista, renovada não diretiva e tecnicista) e Pedagogia Capitalista (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos).

03. **(TJ-MA - FESAG - Pedagogo - 2005) O projeto político pedagógico é um instrumento que deve ser implementado na perspectiva de uma educação para a cidadania. Com esta compreensão é correto afirmar que:**

a)	O projeto político pedagógico precisa ser construído inclusive por interferência política partidária. Um processo sempre inconcluso e se possível parcial.
b)	O projeto político pedagógico não nega o instituído coletivamente, que é a sua história, seus atores. O projeto político pedagógico não deve confrontar o instituído com o instituinte.
c)	O projeto político pedagógico precisa ser construído sem interferência política. Um processo sempre inconcluso e se possível imparcial.
d)	O projeto político pedagógico não nega o instituído coletivamente, que é a sua história, seus atores. O projeto político pedagógico sempre confronta o instituído com o instituinte.
e)	N.R.A.

04 (Professor – Anos Iniciais – 2013 – ICAP). A contribuição da escola é a de:

a) Não eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar.
b) Colocar-se contra valores e práticas sociais.
c) Desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la.
d) Desrespeitar princípios e descomprometer-se com as perspectivas e decisões que as favoreçam.
e) Não valorizar conhecimentos que permitam desenvolver as capacidades necessárias para a participação efetiva.

05. (Professor – Anos Iniciais – 2013 – ICAP). Um projeto pedagógico poderá ser orientado por três grandes diretrizes:
I. Posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente;
II. Não tratar os valores apenas como conceitos ideais;
III. Incluir essa perspectiva no ensino dos conteúdos das áreas de conhecimento escolar.

Assinale a alternativa correta:

a) Apenas o item I está correto.
b) Apenas o item II está correto.
c) Apenas o item III está correto.
d) Apenas os itens I e III estão corretos.
e) Todos os itens estão corretos.

06. (FUNIVERSA/2015 - Secretaria da Criança – DF) Os objetivos são o ponto de partida do processo pedagógico, pois representam as exigências da sociedade em relação à escola, ao ensino e aos alunos ao mesmo tempo em que refletem as opções políticas dos agentes educativos. Os objetivos gerais são explicitados em três níveis de abrangência: pelo sistema escola; pela escola; e pelo professor. Nesse contexto, o nível de abrangência pela escola

a) dosa o grau de dificuldade para que se expressem desafios, problemas e questões estimulantes e viáveis.
b) concretiza, no ensino da matéria, a sua própria visão de educação e de sociedade.
c) estabelece princípios e diretrizes de orientação do trabalho escolar com base em um plano pedagógico didático.
d) especifica conhecimentos, habilidades e capacidades fundamentais para assimilação e aplicação em situações futuras.
e) expressa as finalidades educativas de acordo com ideais e valores dominantes da sociedade.

07. (CESPE/2015 – MPOG) Com referência ao planejamento de ensino, julgue o item que se segue.
Um educador que almeje uma sociedade mais justa deve planejar suas atividades de ensino de modo a contribuir para a transformação social e a realização de seu ideal.

( ) Certo
( ) Errado

Gabarito

01	C
02	C
03	D
04	C
05	E
06	C
07	Certo

ANOTAÇÕES

LEGISLAÇÃO

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular, 2017. 01
CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 1988. Artigo 5º, Artigos 37 ao 41, 205 ao 214 e 227 ao 229. 01
LEI FEDERAL nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Artigos 53 ao 59 e 136 a 137. 34
LEI FEDERAL nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 40
LEI FEDERAL nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (e suas alterações). Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. 57
LEI FEDERAL nº 10436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. 59
LEI FEDERAL nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. Altera a redação do Artigo 26, § 3º, e do Artigo 92 da Lei Federal 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 60
LEI FEDERAL nº 11.114, de 16 de maio de 2005. Altera os Artigos 6º, 30, 32 e 87 da Lei Federal nº 9.394/96, com o objetivo de tornar obrigatório o início do Ensino Fundamental aos seis anos de idade. 60
LEI FEDERAL nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos Artigos 29, 30,32 e 87 da Lei Federal nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. 60
LEI FEDERAL nº 11.494, de 20 de junho de 2007. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB. 61
LEI FEDERAL nº 11.645, de 10/03/2008. Altera a Lei Federal nº 9.394/96, modificada pela Lei Federal nº 10.639/03, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" 70
PARECER CNE/CEB nº 22, de 17 de dezembro de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 71
RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 2, de 7 de abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. 79
RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 1, de 7 de abril de 1999. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 80
PARECER CNE/CEB nº 4, de 16 de fevereiro de 2000. Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Infantil. 81
RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. 85
RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. 87
RESOLUÇÃO CNE/CP nº 1, de 17 de julho de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicos – Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 91
DECRETO nº 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando à mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. 92
PAULÍNIA. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia- Educação Infantil. 2011 94
PAULÍNIA. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia- Ensino Fundamental – anos iniciais. 2011 94

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017.

Prezado candidato, visto a extensão e formato do material solicitado o disponibilizaremos em nosso site para consulta: www.novaconcursos.com.br/retificacoes

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 1988. ARTIGO 5º, ARTIGOS 37 AO 41, 205 AO 214 E 227 AO 229.

Artigo 5º

O título II da Constituição Federal é intitulado "Direitos e Garantias fundamentais", gênero que abrange as seguintes espécies de direitos fundamentais: direitos individuais e coletivos (art. 5º, CF), direitos sociais (genericamente previstos no art. 6º, CF), direitos da nacionalidade (artigos 12 e 13, CF) e direitos políticos (artigos 14 a 17, CF).

Em termos comparativos à clássica divisão tridimensional dos direitos humanos, os direitos individuais (maior parte do artigo 5º, CF), os direitos da nacionalidade e os direitos políticos se encaixam na primeira dimensão (direitos civis e políticos); os direitos sociais se enquadram na segunda dimensão (direitos econômicos, sociais e culturais) e os direitos coletivos na terceira dimensão. Contudo, a enumeração de direitos humanos na Constituição vai além dos direitos que expressamente constam no título II do texto constitucional.

Os direitos fundamentais possuem as seguintes características principais:

a) **Historicidade**: os direitos fundamentais possuem antecedentes históricos relevantes e, através dos tempos, adquirem novas perspectivas. Nesta característica se enquadra a noção de dimensões de direitos.

b) **Universalidade**: os direitos fundamentais pertencem a todos, tanto que apesar da expressão restritiva do *caput* do artigo 5º aos brasileiros e estrangeiros residentes no país tem se entendido pela extensão destes direitos, na perspectiva de prevalência dos direitos humanos.

c) **Inalienabilidade**: os direitos fundamentais não possuem conteúdo econômico-patrimonial, logo, são intransferíveis, inegociáveis e indisponíveis, estando fora do comércio, o que evidencia uma limitação do princípio da autonomia privada.

d) **Irrenunciabilidade**: direitos fundamentais não podem ser renunciados pelo seu titular devido à fundamentalidade material destes direitos para a dignidade da pessoa humana.

e) **Inviolabilidade**: direitos fundamentais não podem deixar de ser observados por disposições infraconstitucionais ou por atos das autoridades públicas, sob pena de nulidades.

f) **Indivisibilidade**: os direitos fundamentais compõem um único conjunto de direitos porque não podem ser analisados de maneira isolada, separada.

g) **Imprescritibilidade**: os direitos fundamentais não se perdem com o tempo, não prescrevem, uma vez que são sempre exercíveis e exercidos, não deixando de existir pela falta de uso (prescrição).

h) **Relatividade**: os direitos fundamentais não podem ser utilizados como um escudo para práticas ilícitas ou como argumento para afastamento ou diminuição da responsabilidade por atos ilícitos, assim estes direitos não são ilimitados e encontram seus limites nos demais direitos igualmente consagrados como humanos.

Vale destacar que a Constituição vai além da proteção dos direitos e estabelece garantias em prol da preservação destes, bem como remédios constitucionais a serem utilizados caso estes direitos e garantias não sejam preservados. Neste sentido, dividem-se em direitos e garantias as previsões do artigo 5º: os direitos são as disposições declaratórias e as garantias são as disposições assecuratórias.

O legislador muitas vezes reúne no mesmo dispositivo o direito e a garantia, como no caso do artigo 5º, IX: "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença" – o direito é o de liberdade de expressão e a garantia é a vedação de censura ou exigência de licença. Em outros casos, o legislador traz o direito num dispositivo e a garantia em outro: a liberdade de locomoção, direito, é colocada no artigo 5º, XV, ao passo que o dever de relaxamento da prisão ilegal de ofício pelo juiz, garantia, se encontra no artigo 5º, LXV[1].

Em caso de ineficácia da garantia, implicando em violação de direito, cabe a utilização dos remédios constitucionais.

Atenção para o fato de o constituinte chamar os remédios constitucionais de garantias, e todas as suas fórmulas de direitos e garantias propriamente ditas apenas de direitos.

Direitos e deveres individuais e coletivos

O capítulo I do título II é intitulado "direitos e deveres individuais e coletivos". Da própria nomenclatura do capítulo já se extrai que a proteção vai além dos direitos do indivíduo e também abrange direitos da coletividade. A maior parte dos direitos enumerados no artigo 5º do texto constitucional é de direitos individuais, mas são incluídos alguns direitos coletivos e mesmo remédios constitucionais próprios para a tutela destes direitos coletivos (ex.: mandado de segurança coletivo).

1 FARIA, Cássio Juvenal. Notas pessoais tomadas em teleconferência.

1) Brasileiros e estrangeiros

O *caput* do artigo 5º aparenta restringir a proteção conferida pelo dispositivo a algumas pessoas, notadamente, "aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País". No entanto, tal restrição é apenas aparente e tem sido interpretada no sentido de que os direitos estarão protegidos com relação a todas as pessoas nos limites da soberania do país.

Em razão disso, por exemplo, um estrangeiro pode ingressar com *habeas corpus* ou mandado de segurança, ou então intentar ação reivindicatória com relação a imóvel seu localizado no Brasil (ainda que não resida no país).

Somente alguns direitos não são estendidos a todas as pessoas. A exemplo, o direito de intentar ação popular exige a condição de cidadão, que só é possuída por nacionais titulares de direitos políticos.

2) Relação direitos-deveres

O capítulo em estudo é denominado "direitos e garantias deveres e coletivos", remetendo à necessária relação direitos-deveres entre os titulares dos direitos fundamentais. Acima de tudo, o que se deve ter em vista é a premissa reconhecida nos direitos fundamentais de que não há direito que seja absoluto, correspondendo-se para cada direito um dever. Logo, o exercício de direitos fundamentais é limitado pelo igual direito de mesmo exercício por parte de outrem, não sendo nunca absolutos, mas sempre relativos.

Explica Canotilho[2] quanto aos direitos fundamentais: "a ideia de deveres fundamentais é suscetível de ser entendida como o 'outro lado' dos direitos fundamentais. Como ao titular de um direito fundamental corresponde um dever por parte de um outro titular, poder-se-ia dizer que o particular está vinculado aos direitos fundamentais como destinatário de um dever fundamental. Neste sentido, um direito fundamental, enquanto protegido, pressuporia um dever correspondente". Com efeito, a um direito fundamental conferido à pessoa corresponde o dever de respeito ao arcabouço de direitos conferidos às outras pessoas.

3) Direitos e garantias em espécie

Preconiza o artigo 5º da Constituição Federal em seu caput:

*Artigo 5º, caput, CF. Todos são **iguais** perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito* à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade*, nos termos seguintes [...].*

O *caput* do artigo 5º, que pode ser considerado um dos principais (senão o principal) artigos da Constituição Federal, consagra o princípio da igualdade e delimita as cinco esferas de direitos individuais e coletivos que merecem proteção, isto é, vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade. Os incisos deste artigos delimitam vários direitos e garantias que se enquadram em alguma destas esferas de proteção, podendo se falar em duas esferas específicas que ganham também destaque no texto constitucional, quais sejam, direitos de acesso à justiça e direitos constitucionais-penais.

2 CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Direito constitucional e teoria da constituição**. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1998, p. 479.

- Direito à igualdade

Abrangência

Observa-se, pelo teor do *caput* do artigo 5º, CF, que o constituinte afirmou por duas vezes o princípio da igualdade:

*Artigo 5º, caput, CF. Todos são **iguais** perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, **à igualdade**, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes [...].*

Não obstante, reforça este princípio em seu primeiro inciso:

*Artigo 5º, I, CF. Homens e mulheres **são iguais** em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.*

Este inciso é especificamente voltado à necessidade de igualdade de gênero, afirmando que não deve haver nenhuma distinção sexo feminino e o masculino, de modo que o homem e a mulher possuem os mesmos direitos e obrigações.

Entretanto, o princípio da isonomia abrange muito mais do que a igualdade de gêneros, envolve uma perspectiva mais ampla.

O direito à igualdade é um dos direitos norteadores de interpretação de qualquer sistema jurídico. O primeiro enfoque que foi dado a este direito foi o de direito civil, enquadrando-o na primeira dimensão, no sentido de que a todas as pessoas deveriam ser garantidos os mesmos direitos e deveres. Trata-se de um aspecto relacionado à igualdade enquanto liberdade, tirando o homem do arbítrio dos demais por meio da equiparação. Basicamente, estaria se falando na **igualdade perante a lei**.

No entanto, com o passar dos tempos, se percebeu que não bastava igualar todos os homens em direitos e deveres para torná-los iguais, pois nem todos possuem as mesmas condições de exercer estes direitos e deveres. Logo, não é suficiente garantir um direito à **igualdade formal**, mas é preciso buscar progressivamente a **igualdade material**. No sentido de igualdade material que aparece o direito à igualdade num segundo momento, pretendendo-se do Estado, tanto no momento de legislar quanto no de aplicar e executar a lei, uma postura de promoção de políticas governamentais voltadas a grupos vulneráveis.

Assim, o direito à igualdade possui dois sentidos notáveis: o de igualdade perante a lei, referindo-se à aplicação uniforme da lei a todas as pessoas que vivem em sociedade; e o de igualdade material, correspondendo à necessidade de discriminações positivas com relação a grupos vulneráveis da sociedade, em contraponto à igualdade formal.

Ações afirmativas

Neste sentido, desponta a temática das ações afirmativas,que são políticas públicas ou programas privados criados temporariamente e desenvolvidos com a finalidade de reduzir as desigualdades decorrentes de discriminações ou de uma hipossuficiência econômica ou física, por meio da concessão de algum tipo de vantagem compensatória de tais condições.

Quem é **contra** as ações afirmativas argumenta que, em uma sociedade pluralista, a condição de membro de um grupo específico não pode ser usada como critério de inclusão ou exclusão de benefícios. Ademais, afirma-se que elas desprivilegiam o critério republicano do mérito (segundo o qual o indivíduo deve alcançar determinado cargo público pela sua capacidade e esforço, e não por pertencer a determinada categoria); fomentariam o racismo e o ódio; bem como ferem o princípio da isonomia por causar uma discriminação reversa.

Por outro lado, quem é **favorável** às ações afirmativas defende que elas representam o ideal de justiça compensatória (o objetivo é compensar injustiças passadas, dívidas históricas, como uma compensação aos negros por tê-los feito escravos, *p. ex.*); representam o ideal de justiça distributiva (a preocupação, aqui, é com o presente. Busca-se uma concretização do princípio da igualdade material); bem como promovem a diversidade.

Neste sentido, as discriminações legais asseguram a verdadeira igualdade, por exemplo, com as ações afirmativas, a proteção especial ao trabalho da mulher e do menor, as garantias aos portadores de deficiência, entre outras medidas que atribuam a pessoas com diferentes condições, iguais possibilidades, protegendo e respeitando suas diferenças[3]. Tem predominado em doutrina e jurisprudência, inclusive no Supremo Tribunal Federal, que as ações afirmativas são válidas.

- Direito à vida

Abrangência

O *caput* do artigo 5º da Constituição assegura a proteção do direito à vida. A vida humana é o centro gravitacional em torno do qual orbitam todos os direitos da pessoa humana, possuindo reflexos jurídicos, políticos, econômicos, morais e religiosos. Daí existir uma dificuldade em conceituar o vocábulo *vida*. Logo, tudo aquilo que uma pessoa possui deixa de ter valor ou sentido se ela perde a vida. Sendo assim, a vida é o bem principal de qualquer pessoa, é o primeiro valor moral inerente a todos os seres humanos[4].

No tópico do direito à vida tem-se tanto o **direito de nascer/permanecer vivo**, o que envolve questões como pena de morte, eutanásia, pesquisas com células-tronco e aborto; quanto o **direito de viver com dignidade**, o que engloba o respeito à integridade física, psíquica e moral, incluindo neste aspecto a vedação da tortura, bem como a garantia de recursos que permitam viver a vida com dignidade.

Embora o direito à vida seja em si pouco delimitado nos incisos que seguem o *caput* do artigo 5º, trata-se de um dos direitos mais discutidos em termos jurisprudenciais e sociológicos. É no direito à vida que se encaixam polêmicas discussões como: aborto de anencéfalo, pesquisa com células tronco, pena de morte, eutanásia, etc.

Vedação à tortura

De forma expressa no texto constitucional destaca-se a vedação da tortura, corolário do direito à vida, conforme previsão no inciso III do artigo 5º:

Artigo 5º, III, CF. Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante.

A tortura é um dos piores meios de tratamento desumano, expressamente vedada em âmbito internacional, como visto no tópico anterior. No Brasil, além da disciplina constitucional, a Lei nº 9.455, de 7 de abril de 1997 define os crimes de tortura e dá outras providências, destacando-se o artigo 1º:

Art. 1º Constitui crime de tortura:

I - constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental:

a) com o fim de obter informação, declaração ou confissão da vítima ou de terceira pessoa;

b) para provocar ação ou omissão de natureza criminosa;

c) em razão de discriminação racial ou religiosa;

II - submeter alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de violência ou grave ameaça, a intenso sofrimento físico ou mental, como forma de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo.

Pena - reclusão, de dois a oito anos.

§ 1º Na mesma pena incorre quem submete pessoa presa ou sujeita a medida de segurança a sofrimento físico ou mental, por intermédio da prática de ato não previsto em lei ou não resultante de medida legal.

§ 2º Aquele que se omite em face dessas condutas, quando tinha o dever de evitá-las ou apurá-las, incorre na pena de detenção de um a quatro anos.

§ 3º Se resulta lesão corporal de natureza grave ou gravíssima, a pena é de reclusão de quatro a dez anos; se resulta morte, a reclusão é de oito a dezesseis anos.

§ 4º Aumenta-se a pena de um sexto até um terço:

I - se o crime é cometido por agente público;

II – se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de 60 (sessenta) anos;

III - se o crime é cometido mediante sequestro.

§ 5º A condenação acarretará a perda do cargo, função ou emprego público e a interdição para seu exercício pelo dobro do prazo da pena aplicada.

§ 6º O crime de tortura é inafiançável e insuscetível de graça ou anistia.

3 SANFELICE, Patrícia de Mello. Comentários aos artigos I e II. In: BALERA, Wagner (Coord.). **Comentários à Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Brasília: Fortium, 2008, p. 08.

4 BARRETO, Ana Carolina Rossi; IBRAHIM, Fábio Zambitte. Comentários aos Artigos III e IV. In: BALERA, Wagner (Coord.). **Comentários à Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Brasília: Fortium, 2008, p. 15.

§ 7º O condenado por crime previsto nesta Lei, salvo a hipótese do § 2º, iniciará o cumprimento da pena em regime fechado.

- Direito à liberdade

O *caput* do artigo 5º da Constituição assegura a proteção do direito à liberdade, delimitada em alguns incisos que o seguem.

Liberdade e legalidade

Prevê o artigo 5º, II, CF:

Artigo 5º, II, CF. Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

O princípio da legalidade se encontra delimitado neste inciso, prevendo que nenhuma pessoa será obrigada a fazer ou deixar de fazer alguma coisa a não ser que a lei assim determine. Assim, salvo situações previstas em lei, a pessoa tem liberdade para agir como considerar conveniente.

Portanto, o princípio da legalidade possui estrita relação com o princípio da liberdade, posto que, *a priori*, tudo à pessoa é lícito. Somente é vedado o que a lei expressamente estabelecer como proibido. A pessoa pode fazer tudo o que quiser, como regra, ou seja, agir de qualquer maneira que a lei não proíba.

Liberdade de pensamento e de expressão

O artigo 5º, IV, CF prevê:

*Artigo 5º, IV, CF. É livre a **manifestação do pensamento**, sendo vedado o anonimato.*

Consolida-se a afirmação simultânea da liberdade de pensamento e da liberdade de expressão.

Em primeiro plano tem-se a liberdade de pensamento. Afinal, "o ser humano, através dos processos internos de reflexão, formula juízos de valor. Estes exteriorizam nada mais do que a opinião de seu emitente. Assim, a regra constitucional, ao consagrar a livre manifestação do pensamento, imprime a existência jurídica ao chamado direito de opinião"[5]. Em outras palavras, primeiro existe o direito de ter uma opinião, depois o de expressá-la.

No mais, surge como corolário do direito à liberdade de pensamento e de expressão o direito à escusa por convicção filosófica ou política:

*Artigo 5º, VIII, CF. Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de **convicção filosófica ou política**, salvo se as invocar para eximir-se de **obrigação legal** a todos imposta e recusar-se a cumprir **prestação alternativa**, fixada em lei.*

Trata-se de instrumento para a consecução do direito assegurado na Constituição Federal – não basta permitir que se pense diferente, é preciso respeitar tal posicionamento.

5 ARAÚJO, Luiz Alberto David; NUNES JÚNIOR, Vidal Serrano. **Curso de direito constitucional**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

Com efeito, este direito de liberdade de expressão é limitado. Um destes limites é o anonimato, que consiste na garantia de atribuir a cada manifestação uma autoria certa e determinada, permitindo eventuais responsabilizações por manifestações que contrariem a lei.

Tem-se, ainda, a seguinte previsão no artigo 5º, IX, CF:

Artigo 5º, IX, CF. **É** *livre a **expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença**.*

Consolida-se outra perspectiva da liberdade de expressão, referente de forma específica a atividades intelectuais, artísticas, científicas e de comunicação. Dispensa-se, com relação a estas, a exigência de licença para a manifestação do pensamento, bem como veda-se a censura prévia.

A respeito da censura prévia, tem-se não cabe impedir a divulgação e o acesso a informações como modo de controle do poder. A censura somente é cabível quando necessária ao interesse público numa ordem democrática, por exemplo, censurar a publicação de um conteúdo de exploração sexual infanto-juvenil é adequado.

O direito à resposta (artigo 5º, V, CF) e o direito à indenização (artigo 5º, X, CF) funcionam como a contrapartida para aquele que teve algum direito seu violado (notadamente inerentes à privacidade ou à personalidade) em decorrência dos excessos no exercício da liberdade de expressão.

Liberdade de crença/religiosa

Dispõe o artigo 5º, VI, CF:

*Artigo 5º, VI, CF. É inviolável a **liberdade de consciência e de crença**, sendo assegurado o **livre exercício dos cultos religiosos** e garantida, na forma da lei, a **proteção aos locais** de culto e a suas liturgias.*

Cada pessoa tem liberdade para professar a sua fé como bem entender dentro dos limites da lei. Não há uma crença ou religião que seja proibida, garantindo-se que a profissão desta fé possa se realizar em locais próprios.

Nota-se que a liberdade de religião engloba 3 tipos distintos, porém intrinsecamente relacionados de liberdades: a liberdade de crença; a liberdade de culto; e a liberdade de organização religiosa.

Consoante o magistério de José Afonso da Silva[6], entra na liberdade de crença a liberdade de escolha da religião, a liberdade de aderir a qualquer seita religiosa, a liberdade (ou o direito) de mudar de religião, além da liberdade de não aderir a religião alguma, assim como a liberdade de descrença, a liberdade de ser ateu e de exprimir o agnosticismo, apenas excluída a liberdade de embaraçar o livre exercício de qualquer religião, de qualquer crença. A liberdade de culto consiste na liberdade de orar e de praticar os atos próprios das manifestações exteriores em casa ou em público, bem como a de recebimento de contribuições para tanto. Por fim, a liberdade de organização religiosa refere-se à possibilidade de estabelecimento e organização de igrejas e suas relações com o Estado.

6 SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo.** 25. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

NOVA CONCURSOS

Como decorrência do direito à liberdade religiosa, assegurando o seu exercício, destaca-se o artigo 5º, VII, CF:

*Artigo 5º, VII, CF. É assegurada, nos termos da lei, a prestação de **assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva**.*

O dispositivo refere-se não só aos estabelecimentos prisionais civis e militares, mas também a hospitais.

Ainda, surge como corolário do direito à liberdade religiosa o direito à escusa por convicção religiosa:

*Artigo 5º, VIII, CF. Ninguém será privado de direitos por motivo de **crença religiosa** ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de **obrigação legal** a todos imposta e recusar-se a cumprir **prestação alternativa**, fixada em lei.*

Sempre que a lei impõe uma obrigação a todos, por exemplo, a todos os homens maiores de 18 anos o alistamento militar, não cabe se escusar, a não ser que tenha fundado motivo em crença religiosa ou convicção filosófica/política, caso em que será obrigado a cumprir uma prestação alternativa, isto é, uma outra atividade que não contrarie tais preceitos.

Liberdade de informação

O direito de acesso à informação também se liga a uma dimensão do direito à liberdade. Neste sentido, prevê o artigo 5º, XIV, CF:

*Artigo 5º, XIV, CF. É assegurado a todos o **acesso à informação** e resguardado o **sigilo da fonte**, quando necessário ao exercício profissional.*

Trata-se da liberdade de informação, consistente na liberdade de procurar e receber informações e ideias por quaisquer meios, independente de fronteiras, sem interferência.

A liberdade de informação tem um caráter passivo, ao passo que a liberdade de expressão tem uma característica ativa, de forma que juntas formam os aspectos ativo e passivo da exteriorização da liberdade de pensamento: não basta poder manifestar o seu próprio pensamento, é preciso que ele seja ouvido e, para tanto, há necessidade de se garantir o acesso ao pensamento manifestado para a sociedade.

Por sua vez, o acesso à informação envolve o direito de todos obterem informações claras, precisas e verdadeiras a respeito de fatos que sejam de seu interesse, notadamente pelos meios de comunicação imparciais e não monopolizados (artigo 220, CF). No entanto, nem sempre é possível que a imprensa divulgue com quem obteve a informação divulgada, sem o que a segurança desta poderia ficar prejudicada e a informação inevitavelmente não chegaria ao público.

Especificadamente quanto à liberdade de informação no âmbito do Poder Público, merecem destaque algumas previsões.

Primeiramente, prevê o artigo 5º, XXXIII, CF:

*Artigo 5º, XXXIII, CF. Todos têm direito a receber **dos órgãos públicos informações** de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.*

A respeito, a Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011 regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, CF, também conhecida como Lei do Acesso à Informação.

Não obstante, estabelece o artigo 5º, XXXIV, CF:

Artigo 5º, XXXIV, CF. São a todos assegurados, independentemente do pagamento de taxas:

*a) o **direito de petição** aos Poderes Públicos em defesa de direitos ou contra ilegalidade ou abuso de poder;*

*b) a obtenção de **certidões** em repartições públicas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações de interesse pessoal.*

Quanto ao direito de petição, de maneira prática, cumpre observar que o direito de petição deve resultar em uma manifestação do Estado, normalmente dirimindo (resolvendo) uma questão proposta, em um verdadeiro exercício contínuo de delimitação dos direitos e obrigações que regulam a vida social e, desta maneira, quando "dificulta a apreciação de um pedido que um cidadão quer apresentar" (muitas vezes, embaraçando-lhe o acesso à Justiça); "demora para responder aos pedidos formulados" (administrativa e, principalmente, judicialmente) ou "impõe restrições e/ou condições para a formulação de petição", traz a chamada insegurança jurídica, que traz desesperança e faz proliferar as desigualdades e as injustiças.

Dentro do espectro do direito de petição se insere, por exemplo, o direito de solicitar esclarecimentos, de solicitar cópias reprográficas e certidões, bem como de ofertar denúncias de irregularidades. Contudo, o constituinte, talvez na intenção de deixar clara a obrigação dos Poderes Públicos em fornecer certidões, trouxe a letra b) do inciso, o que gera confusões conceituais no sentido do direito de obter certidões ser dissociado do direito de petição.

Por fim, relevante destacar a previsão do artigo 5º, LX, CF:

*Artigo 5º, LX, CF. A lei só poderá restringir a **publicidade** dos atos processuais quando a defesa da **intimidade** ou o **interesse social** o exigirem.*

Logo,o processo, em regra, não será sigiloso. Apenas o será quando a intimidade merecer preservação (ex: processo criminal de estupro ou causas de família em geral) ou quando o interesse social exigir (ex: investigações que possam ser comprometidas pela publicidade). A publicidade é instrumento para a efetivação da liberdade de informação.

Liberdade de locomoção

Outra faceta do direito à liberdade encontra-se no artigo 5º, XV, CF:

*Artigo 5º, XV, CF. É livre a **locomoção no território nacional** em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens.*

A liberdade de locomoção é um aspecto básico do direito à liberdade, permitindo à pessoa ir e vir em todo o território do país em tempos de paz (em tempos de guerra é possível limitar tal liberdade em prol da segurança). A liberdade de sair do país não significa que existe um direito de ingressar em qualquer outro país, pois caberá à ele, no exercício de sua soberania, controlar tal entrada.

Classicamente, a prisão é a forma de restrição da liberdade. Neste sentido, uma pessoa somente poderá ser presa nos casos autorizados pela própria Constituição Federal. A despeito da normativa específica de natureza penal, reforça-se a impossibilidade de se restringir a liberdade de locomoção pela prisão civil por dívida.

Prevê o artigo 5º, LXVII, CF:

*Artigo 5º, LXVII, CF. Não haverá **prisão civil por dívida**, salvo a do responsável pelo inadimplemento voluntário e inescusável de obrigação alimentícia e a do depositário infiel.*

Nos termos da Súmula Vinculante nº 25 do Supremo Tribunal Federal, "é ilícita a prisão civil de depositário infiel, qualquer que seja a modalidade do depósito". Por isso, a única exceção à regra da prisão por dívida do ordenamento é a que se refere à obrigação alimentícia.

Liberdade de trabalho

O direito à liberdade também é mencionado no artigo 5º, XIII, CF:

*Artigo 5º, XIII, CF. É **livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão**, atendidas as **qualificações** profissionais que a lei estabelecer.*

O livre exercício profissional é garantido, respeitados os limites legais. Por exemplo, não pode exercer a profissão de advogado aquele que não se formou em Direito e não foi aprovado no Exame da Ordem dos Advogados do Brasil; não pode exercer a medicina aquele que não fez faculdade de medicina reconhecida pelo MEC e obteve o cadastro no Conselho Regional de Medicina.

Liberdade de reunião

Sobre a liberdade de reunião, prevê o artigo 5º, XVI, CF:

*Artigo 5º, XVI, CF. Todos podem **reunir-se pacificamente**, **sem armas**, em locais abertos ao **público**, **independentemente de autorização**, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido **prévio aviso** à autoridade competente.*

Pessoas podem ir às ruas para reunirem-se com demais na defesa de uma causa, apenas possuindo o dever de informar tal reunião. Tal dever remonta-se a questões de segurança coletiva. Imagine uma grande reunião de pessoas por uma causa, a exemplo da Parada Gay, que chega a aglomerar milhões de pessoas em algumas capitais: seria absurdo tolerar tal tipo de reunião sem o prévio aviso do poder público para que ele organize o policiamento e a assistência médica, evitando algazarras e socorrendo pessoas que tenham algum mal-estar no local. Outro limite é o uso de armas, totalmente vedado, assim como de substâncias ilícitas (Ex: embora a Marcha da Maconha tenha sido autorizada pelo Supremo Tribunal Federal, vedou-se que nela tal substância ilícita fosse utilizada).

Liberdade de associação

No que tange à liberdade de reunião, traz o artigo 5º, XVII, CF:

*Artigo 5º, XVII, CF. É plena a **liberdade de associação** para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar.*

A liberdade de associação difere-se da de reunião por sua **perenidade**, isto é, enquanto a liberdade de reunião é exercida de forma sazonal, eventual, a liberdade de associação implica na formação de um grupo organizado que se mantém por um período de tempo considerável, dotado de estrutura e organização próprias.

Por exemplo, o PCC e o Comando vermelho são associações ilícitas e de caráter paramilitar, pois possuem armas e o ideal de realizar sua própria justiça paralelamente à estatal.

O texto constitucional se estende na regulamentação da liberdade de associação.

O artigo 5º, XVIII, CF, preconiza:

*Artigo 5º, XVIII, CF. A criação de **associações** e, na forma da lei, a de **cooperativas** independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento.*

Neste sentido, associações são organizações resultantes da reunião legal entre duas ou mais pessoas, com ou sem personalidade jurídica, para a realização de um objetivo comum; já cooperativas são uma forma específica de associação, pois visam a obtenção de vantagens comuns em suas atividades econômicas.

Ainda, tem-se o artigo 5º, XIX, CF:

Artigo 5º, XIX, CF. As associações só poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou ter suas atividades suspensas por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado.

O primeiro caso é o de dissolução compulsória, ou seja, a associação deixará de existir para sempre. Obviamente, é preciso o trânsito em julgado da decisão judicial que assim determine, pois antes disso sempre há possibilidade de reverter a decisão e permitir que a associação continue em funcionamento. Contudo, a decisão judicial pode suspender atividades até que o trânsito em julgado ocorra, ou seja, no curso de um processo judicial.

Em destaque, a legitimidade representativa da associação quanto aos seus filiados, conforme artigo 5º, XXI, CF:

*Artigo 5º, XXI, CF. As entidades associativas, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para **representar** seus filiados judicial ou extrajudicialmente.*

NOVA CONCURSOS

Trata-se de caso de legitimidade processual extraordinária, pela qual um ente vai a juízo defender interesse de outra(s) pessoa(s) porque a lei assim autoriza.

A liberdade de associação envolve não somente o direito de criar associações e de fazer parte delas, mas também o de não associar-se e o de deixar a associação, conforme artigo 5º, XX, CF:

*Artigo 5º, XX, CF. Ninguém poderá ser **compelido a associar-se ou a permanecer associado**.*

- Direitos à privacidade e à personalidade

Abrangência

Prevê o artigo 5º, X, CF:

*Artigo 5º, X, CF. São invioláveis a **intimidade**, a **vida privada**, a **honra** e a **imagem** das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.*

O legislador opta por trazer correlacionados no mesmo dispositivo legal os direitos à privacidade e à personalidade.

Reforçando a conexão entre a privacidade e a intimidade, ao abordar a proteção da vida privada – que, em resumo, é a privacidade da vida pessoal no âmbito do domicílio e de círculos de amigos –, Silva[7] entende que "o segredo da vida privada é condição de expansão da personalidade", mas não caracteriza os direitos de personalidade em si.

A união da intimidade e da vida privada forma a privacidade, sendo que a primeira se localiza em esfera mais estrita. É possível ilustrar a vida social como se fosse um grande círculo no qual há um menor, o da vida privada, e dentro deste um ainda mais restrito e impenetrável, o da intimidade. Com efeito, pela "*Teoria das Esferas*" (ou "*Teoria dos Círculos Concêntricos*"), importada do direito alemão, quanto mais próxima do indivíduo, maior a proteção a ser conferida à esfera (as esferas são representadas pela intimidade, pela vida privada, e pela publicidade).

"O direito à honra distancia-se levemente dos dois anteriores, podendo referir-se ao juízo positivo que a pessoa tem de si (honra subjetiva) e ao juízo positivo que dela fazem os outros (honra objetiva), conferindo-lhe respeitabilidade no meio social. O direito à imagem também possui duas conotações, podendo ser entendido em sentido objetivo, com relação à reprodução gráfica da pessoa, por meio de fotografias, filmagens, desenhos, ou em sentido subjetivo, significando o conjunto de qualidades cultivadas pela pessoa e reconhecidas como suas pelo grupo social"[8].

Inviolabilidade de domicílio e sigilo de correspondência

Correlatos ao direito à privacidade, aparecem a inviolabilidade do domicílio e o sigilo das correspondências e comunicações.

Neste sentido, o artigo 5º, XI, CF prevê:

*Artigo 5º, XI, CF. A casa é **asilo inviolável** do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial.*

O domicílio é inviolável, razão pela qual ninguém pode nele entrar sem o consentimento do morador, a não ser EM QUALQUER HORÁRIO no caso de flagrante delito (o morador foi flagrado na prática de crime e fugiu para seu domicílio) ou desastre (incêndio, enchente, terremoto...) ou para prestar socorro (morador teve ataque do coração, está sufocado, desmaiado...), e SOMENTE DURANTE O **DIA** por determinação judicial.

Quanto ao sigilo de correspondência e das comunicações, prevê o artigo 5º, XII, CF:

Artigo 5º, XII, CF. É inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal.

O sigilo de correspondência e das comunicações está melhor regulamentado na Lei nº 9.296, de 1996.

Personalidade jurídica e gratuidade de registro

Quando se fala em reconhecimento como pessoa perante a lei desdobra-se uma esfera bastante específica dos direitos de personalidade, consistente na personalidade jurídica. Basicamente, consiste no direito de ser reconhecido como pessoa perante a lei.

Para ser visto como pessoa perante a lei mostra-se necessário o registro. Por ser instrumento que serve como pressuposto ao exercício de direitos fundamentais, assegura-se a sua gratuidade aos que não tiverem condição de com ele arcar.

Aborda o artigo 5º, LXXVI, CF:

*Artigo 5º, LXXVI, CF. São **gratuitos** para os reconhecidamente pobres, na forma da lei: a) o **registro civil** de nascimento; b) a certidão de* óbito.

O reconhecimento do marco inicial e do marco final da personalidade jurídica pelo registro é direito individual, não dependendo de condições financeiras. Evidente, seria absurdo cobrar de uma pessoa sem condições a elaboração de documentos para que ela seja reconhecida como viva ou morta, o que apenas incentivaria a indigência dos menos favorecidos.

Direito à indenização e direito de resposta

Com vistas à proteção do direito à privacidade, do direito à personalidade e do direito à imagem, asseguram-se dois instrumentos, o direito à indenização e o direito de resposta, conforme as necessidades do caso concreto.

Com efeito, prevê o artigo 5º, V, CF:

*Artigo 5º, V, CF. É assegurado o **direito de resposta**, proporcional ao agravo, além da **indenização** por dano material, moral ou à imagem.*

7 SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo.** 25. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

8 MOTTA, Sylvio; BARCHET, Gustavo. **Curso de direito constitucional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

"A manifestação do pensamento é livre e garantida em nível constitucional, não aludindo a censura prévia em diversões e espetáculos públicos. Os abusos porventura ocorridos no exercício indevido da manifestação do pensamento são passíveis de exame e apreciação pelo Poder Judiciário com a consequente responsabilidade civil e penal de seus autores, decorrentes inclusive de publicações injuriosas na imprensa, que deve exercer vigilância e controle da matéria que divulga"[9].

O **direito de resposta é o direito que uma pessoa tem de se defender de críticas públicas no mesmo meio em que foram publicadas garantida exatamente a mesma repercussão. Mesmo quando for garantido o direito de resposta não é possível reverter plenamente os danos causados pela manifestação ilícita de pensamento, razão pela qual a pessoa inda fará** *jus* à indenização.

A manifestação ilícita do pensamento geralmente causa um dano, ou seja, um prejuízo sofrido pelo agente, que pode ser individual ou coletivo, moral ou material, econômico e não econômico.

Dano material é aquele que atinge o patrimônio (material ou imaterial) da vítima, podendo ser mensurado financeiramente e indenizado.

"**Dano moral** direto consiste na lesão a um interesse que visa a satisfação ou gozo de um bem jurídico extrapatrimonial contido nos direitos da personalidade (como a vida, a integridade corporal, a liberdade, a honra, o decoro, a intimidade, os sentimentos afetivos, a própria imagem) ou nos atributos da pessoa (como o nome, a capacidade, o estado de família)"[10].

Já o **dano à imagem** é delimitado no artigo 20 do Código Civil:

Artigo 20, CC. Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais.

- Direito à segurança

O *caput* do artigo 5º da Constituição assegura a proteção do direito à segurança. Na qualidade de direito individual liga-se à segurança do indivíduo como um todo, desde sua integridade física e mental, até a própria segurança jurídica.

No sentido aqui estudado, o direito à segurança pessoal é o direito de viver sem medo, protegido pela solidariedade e liberto de agressões, logo, é uma maneira de garantir o direito à vida.

Nesta linha, para Silva[11], "efetivamente, esse conjunto de direitos aparelha situações, proibições, limitações e procedimentos destinados a assegurar o exercício e o gozo de algum direito individual fundamental (intimidade, liberdade pessoal ou a incolumidade física ou moral)".

Especificamente no que tange à segurança jurídica, tem-se o disposto no artigo 5º, XXXVI, CF:

Artigo 5º, XXXVI, CF. A lei não prejudicará ***o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada****.*

Pelo inciso restam estabelecidos limites à retroatividade da lei.

Define o artigo 6º da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro:

Artigo 6º, LINDB. A Lei em vigor terá efeito imediato e geral, respeitados o ato jurídico perfeito, o direito adquirido e a coisa julgada.

§ 1º Reputa-se ato jurídico perfeito o já consumado segundo a lei vigente ao tempo em que se efetuou.

§ 2º Consideram-se adquiridos assim os direitos que o seu titular, ou alguém por ele, possa exercer, como aqueles cujo começo do exercício tenha termo pré-fixo, ou condição pré-estabelecida inalterável, a arbítrio de outrem.

§ 3º Chama-se coisa julgada ou caso julgado a decisão judicial de que já não caiba recurso.

- Direito à propriedade

O *caput* do artigo 5º da Constituição assegura a proteção do direito à propriedade, tanto material quanto intelectual, delimitada em alguns incisos que o seguem.

Função social da propriedade material

O artigo 5º, XXII, CF estabelece:

Artigo 5º, XXII, CF. É garantido o ***direito de propriedade****.*

A seguir, no inciso XXIII do artigo 5º, CF estabelece o principal fator limitador deste direito:

Artigo 5º, XXIII, CF. A propriedade atenderá a sua ***função social****.*

A propriedade, segundo Silva[12], "[...] não pode mais ser considerada como um direito individual nem como instituição do direito privado. [...] embora prevista entre os direitos individuais, ela não mais poderá ser considerada puro direito individual, relativizando-se seu conceito e significado, especialmente porque os princípios da ordem econômica são preordenados à vista da realização de seu fim: assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social. Se é assim, então a propriedade privada, que, ademais, tem que atender a sua função social, fica vinculada à consecução daquele princípio".

9 BONAVIDES, Paulo. **Curso de direito constitucional**. 26. ed. São Paulo: Malheiros, 2011.

10 ZANNONI, Eduardo. **El daño en la responsabilidad civil**. Buenos Aires: Astrea, 1982.

11 SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo**... Op. Cit., p. 437.

12 SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo.** 25. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

NOVA CONCURSOS

Com efeito, a proteção da propriedade privada está limitada ao atendimento de sua função social, sendo este o requisito que a correlaciona com a proteção da dignidade da pessoa humana. A propriedade de bens e valores em geral é um direito assegurado na Constituição Federal e, como todos os outros, se encontra limitado pelos demais princípios conforme melhor se atenda à dignidade do ser humano.

A Constituição Federal delimita o que se entende por função social:

Art. 182, caput, CF. A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

Artigo 182, § 1º, CF. O plano diretor, aprovado pela Câmara Municipal, obrigatório para cidades com mais de ***vinte mil habitantes****, é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana.*

Artigo 182, § 2º, CF. A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no ***plano diretor***[13].

Artigo 186, CF. A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes ***requisitos****:*

I - aproveitamento ***racional e adequado****;*

II - utilização adequada dos ***recursos naturais*** *disponíveis e preservação do meio ambiente;*

III - observância das disposições que regulam as ***relações de trabalho****;*

IV - exploração que favoreça o ***bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores****.*

Desapropriação

No caso de desrespeito à função social da propriedade cabe até mesmo desapropriação do bem, de modo que pode-se depreender do texto constitucional duas possibilidades de desapropriação: por desrespeito à função social e por necessidade ou utilidade pública.

A Constituição Federal prevê a possibilidade de desapropriação por desatendimento à função social:

Artigo 182, § 4º, CF. É facultado ao Poder Público municipal, mediante lei específica para área incluída no plano diretor, exigir, nos termos da lei federal, do proprietário do ***solo urbano não edificado, subutilizado ou não utilizado****, que promova seu adequado aproveitamento, sob pena, sucessivamente, de:*

I - parcelamento ou edificação compulsórios;

II - imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana progressivo no tempo;

III - ***desapropriação*** *com pagamento mediante títulos da dívida pública de emissão previamente aprovada pelo Senado Federal, com prazo de resgate de até dez anos, em parcelas anuais, iguais e sucessivas, assegurados o valor real da indenização e os juros legais*[14].

Artigo 184, CF. Compete à União ***desapropriar*** *por interesse social, para fins de reforma agrária, o* ***imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social****, mediante* ***prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária****, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até* ***vinte anos****, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei*[15].

Artigo 184, § 1º, CF. As benfeitorias úteis e necessárias serão indenizadas em ***dinheiro****.*

No que tange à desapropriação por necessidade ou utilidade pública, prevê o artigo 5º, XXIV, CF:

Artigo 5º, XXIV, CF. A lei estabelecerá o procedimento para desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante justa e prévia indenização em dinheiro, ressalvados os casos previstos nesta Constituição.

Ainda, prevê o artigo 182, § 3º, CF:

Artigo 182, §3º, CF. As desapropriações de imóveis urbanos serão feitas com prévia e justa indenização em dinheiro.

Tem-se, ainda o artigo 184, §§ 2º e 3º, CF:

Artigo 184, §2º, CF. O decreto que declarar o imóvel como de interesse social, para fins de reforma agrária, autoriza a União a propor a ***ação de desapropriação.***

Artigo 184, §3º, CF. Cabe à lei complementar estabelecer procedimento contraditório especial, de rito sumário, para o processo judicial de desapropriação.

A desapropriação por utilidade ou necessidade pública deve se dar mediante prévia e justa indenização em dinheiro. O Decreto-lei nº 3.365/1941 a disciplina, delimitando o procedimento e conceituando utilidade pública, em seu artigo 5º:

13 Instrumento básico de um processo de planejamento municipal para a implantação da política de desenvolvimento urbano, norteando a ação dos agentes públicos e privados (Lei n. 10.257/2001 - Estatuto da cidade).

14 Nota-se que antes de se promover a desapropriação de imóvel urbano por desatendimento à função social é necessário tomar duas providências, sucessivas: primeiro, o parcelamento ou edificação compulsórios; depois, o estabelecimento de imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana progressivo no tempo. Se ambas medidas restarem ineficazes, parte-se para a desapropriação por desatendimento à função social.

15 A desapropriação em decorrência do desatendimento da função social é indenizada, mas não da mesma maneira que a desapropriação por necessidade ou utilidade pública, já que na primeira há violação do ordenamento constitucional pelo proprietário, mas na segunda não. Por isso, indeniza-se em títulos da dívida agrária, que na prática não são tão valorizados quanto o dinheiro.

Artigo 5º, Decreto-lei n. 3.365/1941. Consideram-se casos de utilidade pública:

a) a segurança nacional;

b) a defesa do Estado;

c) o socorro público em caso de calamidade;

d) a salubridade pública;

e) a criação e melhoramento de centros de população, seu abastecimento regular de meios de subsistência;

f) o aproveitamento industrial das minas e das jazidas minerais, das águas e da energia hidráulica;

g) a assistência pública, as obras de higiene e decoração, casas de saúde, clínicas, estações de clima e fontes medicinais;

h) a exploração ou a conservação dos serviços públicos;

i) a abertura, conservação e melhoramento de vias ou logradouros públicos; a execução de planos de urbanização; o parcelamento do solo, com ou sem edificação, para sua melhor utilização econômica, higiênica ou estética; a construção ou ampliação de distritos industriais;

j) o funcionamento dos meios de transporte coletivo;

k) a preservação e conservação dos monumentos históricos e artísticos, isolados ou integrados em conjuntos urbanos ou rurais, bem como as medidas necessárias a manter-lhes e realçar-lhes os aspectos mais valiosos ou característicos e, ainda, a proteção de paisagens e locais particularmente dotados pela natureza;

l) a preservação e a conservação adequada de arquivos, documentos e outros bens moveis de valor histórico ou artístico;

m) a construção de edifícios públicos, monumentos comemorativos e cemitérios;

n) a criação de estádios, aeródromos ou campos de pouso para aeronaves;

o) a reedição ou divulgação de obra ou invento de natureza científica, artística ou literária;

p) os demais casos previstos por leis especiais.

Um grande problema que faz com que processos que tenham a desapropriação por objeto se estendam é a indevida valorização do imóvel pelo Poder Público, que geralmente pretende pagar valor muito abaixo do devido, necessitando o Judiciário intervir em prol da correta avaliação.

Outra questão reside na chamada tredestinação, pela qual há a destinação de um bem expropriado (desapropriação) a finalidade diversa da que se planejou inicialmente. A tredestinação pode ser lícita ou ilícita. Será ilícita quando resultante de desvio do propósito original; e será lícita quando a Administração Pública dê ao bem finalidade diversa, porém preservando a razão do interesse público.

Política agrária e reforma agrária

Enquanto desdobramento do direito à propriedade imóvel e da função social desta propriedade, tem-se ainda o artigo 5º, XXVI, CF:

*Artigo 5º, XXVI, CF. A **pequena propriedade rural**, assim definida em lei, desde que trabalhada pela família, não será objeto de penhora para pagamento de débitos decorrentes de sua atividade produtiva, dispondo a lei sobre os meios de financiar o seu desenvolvimento.*

Assim, se uma pessoa é mais humilde e tem uma pequena propriedade será assegurado que permaneça com ela e a torne mais produtiva.

A preservação da pequena propriedade em detrimento dos grandes latifúndios improdutivos é uma das diretrizes-guias da regulamentação da política agrária brasileira, que tem como principal escopo a realização da reforma agrária.

Parte da questão financeira atinente à reforma agrária se encontra prevista no artigo 184, §§ 4º e 5º, CF:

Artigo 184, §4º, CF. O orçamento fixará anualmente o volume total de títulos da dívida agrária, assim como o montante de recursos para atender ao programa de reforma agrária no exercício.

Artigo 184, §5º, CF. São isentas de impostos federais, estaduais e municipais as operações de transferência de imóveis desapropriados para fins de reforma agrária.

Como a finalidade da reforma agrária é transformar terras improdutivas e grandes propriedades em atinentes à função social, alguns imóveis rurais não podem ser abrangidos pela reforma agrária:

Art. 185, CF. São insuscetíveis de desapropriação para fins de reforma agrária:

I - a pequena e média propriedade rural, assim definida em lei, desde que seu proprietário não possua outra;

II - a propriedade produtiva.

Parágrafo único. A lei garantirá tratamento especial à propriedade produtiva e fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos a sua função social.

Sobre as diretrizes da política agrícola, prevê o artigo 187:

Art. 187, CF. A política agrícola será planejada e executada na forma da lei, com a participação efetiva do setor de produção, envolvendo produtores e trabalhadores rurais, bem como dos setores de comercialização, de armazenamento e de transportes, levando em conta, especialmente:

I - os instrumentos creditícios e fiscais;

II - os preços compatíveis com os custos de produção e a garantia de comercialização;

III - o incentivo à pesquisa e à tecnologia;

IV - a assistência técnica e extensão rural;

V - o seguro agrícola;

VI - o cooperativismo;

VII - a eletrificação rural e irrigação;

VIII - a habitação para o trabalhador rural.

§ 1º Incluem-se no planejamento agrícola as atividades agroindustriais, agropecuárias, pesqueiras e florestais.

§ 2º Serão compatibilizadas as ações de política agrícola e de reforma agrária.

As terras devolutas e públicas serão destinadas conforme a política agrícola e o plano nacional de reforma agrária (artigo 188, *caput*, CF). Neste sentido, "a alienação ou a concessão, a qualquer título, de terras públicas com área superior a dois mil e quinhentos hectares a pessoa física

NOVA CONCURSOS

ou jurídica, ainda que por interposta pessoa, dependerá de prévia aprovação do Congresso Nacional", salvo no caso de alienações ou concessões de terras públicas para fins de reforma agrária (artigo 188, §§ 1º e 2º, CF).

Os que forem favorecidos pela reforma agrária (homens, mulheres, ambos, qualquer estado civil) não poderão negociar seus títulos pelo prazo de 10 anos (artigo 189, CF).

Consta, ainda, que "a lei regulará e limitará a aquisição ou o arrendamento de propriedade rural por pessoa física ou jurídica estrangeira e estabelecerá os casos que dependerão de autorização do Congresso Nacional" (artigo 190, CF).

Usucapião

Usucapião é o modo originário de aquisição da propriedade que decorre da posse prolongada por um longo tempo, preenchidos outros requisitos legais. Em outras palavras, usucapião é uma situação em que alguém tem a posse de um bem por um tempo longo, sem ser incomodado, a ponto de se tornar proprietário.

A Constituição regulamenta o acesso à propriedade mediante posse prolongada no tempo – usucapião – em casos específicos, denominados usucapião especial urbana e usucapião especial rural.

O artigo 183 da Constituição regulamenta a usucapião especial urbana:

Art. 183, CF. Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural.

§ 1º O título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem ou à mulher, ou a ambos, independentemente do estado civil.

§ 2º Esse direito não será reconhecido ao mesmo possuidor mais de uma vez.

§ 3º Os imóveis públicos não serão adquiridos por usucapião.

Além dos requisitos gerais (*animus* e posse que seja pública, pacífica, ininterrupta e contínua), são exigidos os seguintes requisitos específicos:

a) Área urbana – há controvérsia. Pela teoria da localização, área urbana é a que está dentro do perímetro urbano. Pela teoria da destinação, mais importante que a localização é a sua utilização. Ex.: se tem fins agrícolas/pecuários e estiver dentro do perímetro urbana, o imóvel é rural. Para fins de usucapião a maioria diz que prevalece a teoria da localização.

b) Imóveis até 250 m² – Pode dentro de uma posse maior isolar área de 250m² e ingressar com a ação? A jurisprudência é pacífica que a posse desde o início deve ficar restrita a 250m². Predomina também que o terreno deve ter 250m², não a área construída (a área de um sobrado, por exemplo, pode ser maior que a de um terreno).

c) 5 anos – houve controvérsia porque a Constituição Federal de 1988 que criou esta modalidade. E se antes de 05 de outubro de 1988 uma pessoa tivesse há 4 anos dentro do limite da usucapião urbana? Predominou que só corria o prazo a partir da criação do instituto, não só porque antes não existia e o prazo não podia correr, como também não se poderia prejudicar o proprietário.

d) Moradia sua ou de sua família – não basta ter posse, é preciso que a pessoa more, sozinha ou com sua família, ao longo de todo o prazo (não só no início ou no final). Logo, não cabe *acessio temporis* por cessão da posse.

e) Nenhum outro imóvel, nem urbano, nem rural, no Brasil. O usucapiente não prova isso, apenas alega. Se alguém não quiser a usucapião, prova o contrário. Este requisito é verificado no momento em que completa 5 anos.

Em relação à previsão da usucapião especial rural, destaca-se o artigo 191, CF:

Art. 191, CF. Aquele que, não sendo proprietário de imóvel rural ou urbano, possua como seu, por cinco anos ininterruptos, sem oposição, área de terra, em zona rural, não superior a cinquenta hectares, tornando-a produtiva por seu trabalho ou de sua família, tendo nela sua moradia, adquirir-lhe-á a propriedade.

Parágrafo único. Os imóveis públicos não serão adquiridos por usucapião.

Além dos requisitos gerais (*animus* e posse que seja pública, pacífica, ininterrupta e contínua), são exigidos os seguintes requisitos específicos:

a) Imóvel rural

b) 50 hectares, no máximo – há também legislação que estabelece um limite mínimo, o módulo rural (Estatuto da Terra). É possível usucapir áreas menores que o módulo rural? Tem prevalecido o entendimento de que pode, mas é assunto muito controverso.

c) 5 anos – pode ser considerado o prazo antes 05 de outubro de 1988 (Constituição Federal)? Depende. Se a área é de até 25 hectares sim, pois já havia tal possibilidade antes da CF/88. Se área for maior (entre 25 ha e 50 ha) não.

d) Moradia sua ou de sua família – a pessoa deve morar na área rural.

e) Nenhum outro imóvel.

f) O usucapiente, com seu trabalho, deve ter tornado a área produtiva. Por isso, é chamado de usucapião "pro labore". Dependerá do caso concreto.

Uso temporário

No mais, estabelece-se uma terceira limitação ao direito de propriedade que não possui o caráter definitivo da desapropriação, mas é temporária, conforme artigo 5º, XXV, CF:

*Artigo 5º, XXV, CF. No caso de iminente **perigo público**, a autoridade competente poderá **usar de propriedade particular**, assegurada ao proprietário indenização ulterior, se houver dano.*

Se uma pessoa tem uma propriedade, numa situação de perigo, o poder público pode se utilizar dela (ex: montar uma base para capturar um fugitivo), pois o interesse da coletividade é maior que o do indivíduo proprietário.

Direito sucessório

O direito sucessório aparece como uma faceta do direito à propriedade, encontrando disciplina constitucional no artigo 5º, XXX e XXXI, CF:

*Artigo 5º, XXX, CF. É garantido o direito de **herança**;*

*Artigo 5º, XXXI, CF. A **sucessão de bens de estrangeiros** situados no País será regulada pela lei brasileira em benefício do cônjuge ou dos filhos brasileiros, sempre que não lhes seja mais favorável a lei pessoal do de cujus.*

O direito à herança envolve o direito de receber – seja devido a uma previsão legal, seja por testamento – bens de uma pessoa que faleceu. Assim, o patrimônio passa para outra pessoa, conforme a vontade do falecido e/ou a lei determine. A Constituição estabelece uma disciplina específica para bens de estrangeiros situados no Brasil, assegurando que eles sejam repassados ao cônjuge e filhos brasileiros nos termos da lei mais benéfica (do Brasil ou do país estrangeiro).

Direito do consumidor

Nos termos do artigo 5º, XXXII, CF:

*Artigo 5º, XXXII, CF. O Estado promoverá, na forma da lei, a **defesa do consumidor**.*

O direito do consumidor liga-se ao direito à propriedade a partir do momento em que garante à pessoa que irá adquirir bens e serviços que estes sejam entregues e prestados da forma adequada, impedindo que o fornecedor se enriqueça ilicitamente, se aproveite de maneira indevida da posição menos favorável e de vulnerabilidade técnica do consumidor.

O Direito do Consumidor pode ser considerado um ramo recente do Direito. No Brasil, a legislação que o regulamentou foi promulgada nos anos 90, qual seja a Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, conforme determinado pela Constituição Federal de 1988, que também estabeleceu no artigo 48 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias:

Artigo 48, ADCT. O Congresso Nacional, dentro de cento e vinte dias da promulgação da Constituição, elaborará código de defesa do consumidor.

A elaboração do Código de Defesa do Consumidor foi um grande passo para a proteção da pessoa nas relações de consumo que estabeleça, respeitando-se a condição de hipossuficiente técnico daquele que adquire um bem ou faz uso de determinado serviço, enquanto consumidor.

Propriedade intelectual

Além da propriedade material, o constituinte protege também a propriedade intelectual, notadamente no artigo 5º, XXVII, XXVIII e XXIX, CF:

*Artigo 5º, XXVII, CF. Aos autores pertence o direito exclusivo de **utilização, publicação ou reprodução de suas obras**, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;*

Artigo 5º, XXVIII, CF. São assegurados, nos termos da lei:

*a) a proteção às **participações individuais em obras coletivas** e à **reprodução da imagem e voz humanas**, inclusive nas atividades desportivas;*

*b) o direito de **fiscalização do aproveitamento econômico das obras** que criarem ou de que participarem aos criadores, aos intérpretes e às respectivas representações sindicais e associativas;*

*Artigo 5º, XXIX, CF. A lei assegurará aos autores de **inventos industriais** privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do País.*

Assim, a propriedade possui uma vertente intelectual que deve ser respeitada, tanto sob o aspecto moral quanto sob o patrimonial. No âmbito infraconstitucional brasileiro, a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, regulamenta os direitos autorais, isto é, "os direitos de autor e os que lhes são conexos".

O artigo 7° do referido diploma considera como obras intelectuais que merecem a proteção do direito do autor os textos de obras de natureza literária, artística ou científica; as conferências, sermões e obras semelhantes; as obras cinematográficas e televisivas; as composições musicais; fotografias; ilustrações; programas de computador; coletâneas e enciclopédias; entre outras.

Os direitos morais do autor, que são imprescritíveis, inalienáveis e irrenunciáveis, envolvem, basicamente, o direito de reivindicar a autoria da obra, ter seu nome divulgado na utilização desta, assegurar a integridade desta ou modificá-la e retirá-la de circulação se esta passar a afrontar sua honra ou imagem.

Já os direitos patrimoniais do autor, nos termos dos artigos 41 a 44 da Lei nº 9.610/98, prescrevem em 70 anos contados do primeiro ano seguinte à sua morte ou do falecimento do último coautor, ou contados do primeiro ano seguinte à divulgação da obra se esta for de natureza audiovisual ou fotográfica. Estes, por sua vez, abrangem, basicamente, o direito de dispor sobre a reprodução, edição, adaptação, tradução, utilização, inclusão em bases de dados ou qualquer outra modalidade de utilização; sendo que estas modalidades de utilização podem se dar a título oneroso ou gratuito.

"Os direitos autorais, também conhecidos como *copyright* (direito de cópia), são considerados bens móveis, podendo ser alienados, doados, cedidos ou locados. Ressalte-se que a permissão a terceiros de utilização de criações artísticas é direito do autor. [...] A proteção constitucional abrange o plágio e a contrafação. Enquanto que o primeiro caracteriza-se pela difusão de obra criada ou produzida por terceiros, como se fosse própria, a segunda configura a reprodução de obra alheia sem a necessária permissão do autor"[16].

16 MORAES, Alexandre de. **Direitos humanos fundamentais**: teoria geral, comentários aos artigos 1º a 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, doutrina e ju-

NOVA CONCURSOS

- Direitos de acesso à justiça

A formação de um conceito sistemático de acesso à justiça se dá com a teoria de Cappelletti e Garth, que apontaram três ondas de acesso, isto é, três posicionamentos básicos para a realização efetiva de tal acesso. Tais ondas foram percebidas paulatinamente com a evolução do Direito moderno conforme implementadas as bases da onda anterior, quer dizer, ficou evidente aos autores a emergência de uma nova onda quando superada a afirmação das premissas da onda anterior, restando parcialmente implementada (visto que até hoje enfrentam-se obstáculos ao pleno atendimento em todas as ondas).

Primeiro, Cappelletti e Garth[17] entendem que surgiu uma onda de concessão de assistência judiciária aos pobres, partindo-se da prestação sem interesse de remuneração por parte dos advogados e, ao final, levando à criação de um aparato estrutural para a prestação da assistência pelo Estado.

Em segundo lugar, no entender de Cappelletti e Garth[18], veio a onda de superação do problema na representação dos interesses difusos, saindo da concepção tradicional de processo como algo restrito a apenas duas partes individualizadas e ocasionando o surgimento de novas instituições, como o Ministério Público.

Finalmente, Cappelletti e Garth[19] apontam uma terceira onda consistente no surgimento de uma concepção mais ampla de acesso à justiça, considerando o conjunto de instituições, mecanismos, pessoas e procedimentos utilizados: "[...] esse enfoque encoraja a exploração de uma ampla variedade de reformas, incluindo alterações nas formas de procedimento, mudanças na estrutura dos tribunais ou a criação de novos tribunais, o uso de pessoas leigas ou paraprofissionais, tanto como juízes quanto como defensores, modificações no direito substantivo destinadas a evitar litígios ou facilitar sua solução e a utilização de mecanismos privados ou informais de solução dos litígios. Esse enfoque, em suma, não receia inovações radicais e compreensivas, que vão muito além da esfera de representação judicial".

Assim, dentro da noção de acesso à justiça, diversos aspectos podem ser destacados: de um lado, deve criar-se o Poder Judiciário e se disponibilizar meios para que todas as pessoas possam buscá-lo; de outro lado, não basta garantir meios de acesso se estes forem insuficientes, já que para que exista o verdadeiro acesso à justiça é necessário que se aplique o direito material de maneira justa e célere.

Relacionando-se à primeira onda de acesso à justiça, prevê a Constituição em seu artigo 5º, XXXV:

Artigo 5º, XXXV, CF. A lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário ***lesão ou ameaça a direito****.*

O princípio da inafastabilidade da jurisdição é o princípio de Direito Processual Público subjetivo, também cunhado como Princípio da Ação, em que a Constituição garante a necessária tutela estatal aos conflitos ocorrentes na vida em sociedade. Sempre que uma controvérsia for levada ao Poder Judiciário, preenchidos os requisitos de admissibilidade, ela será resolvida, independentemente de haver ou não previsão específica a respeito na legislação.

Também se liga à primeira onda de acesso à justiça, no que tange à abertura do Judiciário mesmo aos menos favorecidos economicamente, o artigo 5º, LXXIV, CF:

Artigo 5º, LXXIV, CF. O Estado prestará ***assistência jurídica integral e gratuita*** *aos que comprovarem insuficiência de recursos.*

O constituinte, ciente de que não basta garantir o acesso ao Poder Judiciário, sendo também necessária a efetividade processual, incluiu pela Emenda Constitucional nº 45/2004 o inciso LXXVIII ao artigo 5º da Constituição:

Artigo 5º, LXXVIII, CF. A todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a ***razoável duração do processo*** *e os* ***meios*** *que garantam a celeridade de sua tramitação.*

Com o tempo se percebeu que não bastava garantir o acesso à justiça se este não fosse célere e eficaz. Não significa que se deve acelerar o processo em detrimento de direitos e garantias assegurados em lei, mas sim que é preciso proporcionar um trâmite que dure nem mais e nem menos que o necessário para a efetiva realização da justiça no caso concreto.

- Direitos constitucionais-penais

Juiz natural e vedação ao juízo ou tribunal de exceção

Quando o artigo 5º, LIII, CF menciona:

Artigo 5º, LIII, CF. Ninguém será processado nem sentenciado senão pela ***autoridade competente****", consolida o princípio do juiz natural que assegura a toda pessoa o direito de conhecer previamente daquele que a julgará no processo em que seja parte, revestindo tal juízo em jurisdição competente para a matéria específica do caso antes mesmo do fato ocorrer.*

Por sua vez, um desdobramento deste princípio encontra-se no artigo 5º, XXXVII, CF:

Artigo 5º, XXXVII, CF. Não haverá juízo ou tribunal de exceção.

Juízo ou Tribunal de Exceção é aquele especialmente criado para uma situação pretérita, bem como não reconhecido como legítimo pela Constituição do país.

Tribunal do júri

A respeito da competência do Tribunal do júri, prevê o artigo 5º, XXXVIII, CF:

Artigo 5º, XXXVIII. É reconhecida a instituição do júri, com a organização que lhe der a lei, assegurados:

risprudência. São Paulo: Atlas, 1997.

17 CAPPELLETTI, Mauro; GARTH, Bryant. **Acesso à Justiça**. Tradução Ellen Grace Northfleet. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 1998, p. 31-32.

18 Ibid., p. 49-52

19 Ibid., p. 67-73

a) a plenitude de defesa;
b) o sigilo das votações;
c) a soberania dos veredictos;
d) a competência para o julgamento dos crimes dolosos contra a vida.

O Tribunal do Júri é formado por pessoas do povo, que julgam os seus pares. Entende-se ser direito fundamental o de ser julgado por seus iguais, membros da sociedade e não magistrados, no caso de determinados crimes que por sua natureza possuem fortes fatores de influência emocional.

Plenitude da defesa envolve tanto a autodefesa quanto a defesa técnica e deve ser mais ampla que a denominada ampla defesa assegurada em todos os procedimentos judiciais e administrativos.

Sigilo das votações envolve a realização de votações secretas, preservando a liberdade de voto dos que compõem o conselho que irá julgar o ato praticado.

A decisão tomada pelo conselho é soberana. Contudo, a soberania dos veredictos veda a alteração das decisões dos jurados, não a recorribilidade dos julgamentos do Tribunal do Júri para que seja procedido novo julgamento uma vez cassada a decisão recorrida, haja vista preservar o ordenamento jurídico pelo princípio do duplo grau de jurisdição.

Por fim, a competência para julgamento é dos crimes dolosos (em que há intenção ou ao menos se assume o risco de produção do resultado) contra a vida, que são: homicídio, aborto, induzimento, instigação ou auxílio a suicídio e infanticídio. Sua competência não é absoluta e é mitigada, por vezes, pela própria Constituição (artigos 29, X / 102, I, b) e c) / 105, I, a) / 108, I).

Anterioridade e irretroatividade da lei

O artigo 5º, XXXIX, CF preconiza:

*Artigo5º, XXXIX, CF. Não há **crime** sem **lei anterior** que o defina, nem **pena** sem **prévia** cominação legal.*

É a consagração da regra do *nullum crimen nulla poena sine praevia lege*. Simultaneamente, se assegura o princípio da legalidade (ou reserva legal), na medida em que não há crime sem lei que o defina, nem pena sem prévia cominação legal, e o princípio da anterioridade, posto que não há crime sem lei anterior que o defina.

Ainda no que tange ao princípio da anterioridade, tem-se o artigo 5º, XL, CF:

*Artigo 5º, XL, CF. A lei penal **não retroagirá**, salvo para **beneficiar** o réu.*

O dispositivo consolida outra faceta do princípio da anterioridade: se, por um lado, é necessário que a lei tenha definido um fato como crime e dado certo tratamento penal a este fato (ex.: pena de detenção ou reclusão, tempo de pena, etc.) antes que ele ocorra; por outro lado, se vier uma lei posterior ao fato que o exclua do rol de crimes ou que confira tratamento mais benéfico (diminuindo a pena ou alterando o regime de cumprimento, notadamente), ela será aplicada. Restam consagrados tanto o princípio da irretroatividade da lei penal *in pejus* quanto o da retroatividade da lei penal mais benéfica.

Menções específicas a crimes

O artigo 5º, XLI, CF estabelece:

*Artigo 5º, XLI, CF. A lei punirá qualquer **discriminação** atentatória dos direitos e liberdades fundamentais.*

Sendo assim confere fórmula genérica que remete ao princípio da igualdade numa concepção ampla, razão pela qual práticas discriminatórias não podem ser aceitas. No entanto, o constituinte entendeu por bem prever tratamento específico a certas práticas criminosas.

Neste sentido, prevê o artigo 5º, XLII, CF:

*Artigo 5º, XLII, CF. A prática do **racismo** constitui crime **inafiançável e imprescritível**, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.*

A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Contra eles não cabe fiança (pagamento de valor para deixar a prisão provisória) e não se aplica o instituto da prescrição (perda de pretensão de se processar/punir uma pessoa pelo decurso do tempo).

Não obstante, preconiza ao artigo 5º, XLIII, CF:

*Artigo 5º, XLIII, CF. A lei considerará crimes **inafiançáveis** e **insuscetíveis de graça ou anistia** a prática da **tortura**, o **tráfico** ilícito de entorpecentes e drogas afins, o **terrorismo** e os definidos como crimes **hediondos**, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem.*

Anistia, graça e indulto diferenciam-se nos seguintes termos: a anistia exclui o crime, rescinde a condenação e extingue totalmente a punibilidade, a graça e o indulto apenas extinguem a punibilidade, podendo ser parciais; a anistia, em regra, atinge crimes políticos, a graça e o indulto, crimes comuns; a anistia pode ser concedida pelo Poder Legislativo, a graça e o indulto são de competência exclusiva do Presidente da República; a anistia pode ser concedida antes da sentença final ou depois da condenação irrecorrível, a graça e o indulto pressupõem o trânsito em julgado da sentença condenatória; graça e o indulto apenas extinguem a punibilidade, persistindo os efeitos do crime, apagados na anistia; graça é em regra individual e solicitada, enquanto o indulto é coletivo e espontâneo.

Não cabe graça, anistia ou indulto (pode-se considerar que o artigo o abrange, pela doutrina majoritária) contra crimes de tortura, tráfico, terrorismo (TTT) e hediondos (previstos na Lei nº 8.072 de 25 de julho de 1990). Além disso, são crimes que não aceitam fiança.

Ainda, prevê o artigo 5º, XLIV, CF:

*Artigo 5º, XLIV, CF. Constitui crime **inafiançável** e **imprescritível** a ação de **grupos armados, civis ou militares**, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático.*

NOVA CONCURSOS

Por fim, dispõe a CF sobre a possibilidade de extradição de brasileiro naturalizado caso esteja envolvido com tráfico ilícito de entorpecentes:

Artigo 5º, LI, CF. Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado ***envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins****, na forma da lei.*

Personalidade da pena

A personalidade da pena encontra respaldo no artigo 5º, XLV, CF:

Artigo 5º, XLV, CF. Nenhuma pena ***passará da pessoa do condenado****, podendo a obrigação de reparar o dano e a decretação do perdimento de bens ser, nos termos da lei, estendidas aos sucessores e contra eles executadas, até o limite do valor do patrimônio transferido.*

O princípio da personalidade encerra o comando de o crime ser imputado somente ao seu autor, que é, por seu turno, a única pessoa passível de sofrer a sanção. Seria flagrante a injustiça se fosse possível alguém responder pelos atos ilícitos de outrem: caso contrário, a reação, ao invés de restringir-se ao malfeitor, alcançaria inocentes. Contudo, se uma pessoa deixou patrimônio e faleceu, este patrimônio responderá pelas repercussões financeiras do ilícito.

Individualização da pena

A individualização da pena tem por finalidade concretizar o princípio de que a responsabilização penal é sempre pessoal, devendo assim ser aplicada conforme as peculiaridades do agente.

A primeira menção à individualização da pena se encontra no artigo 5º, XLVI, CF:

Artigo 5º, XLVI, CF. A lei regulará a ***individualização da pena*** *e adotará, entre outras, as seguintes:*
a) privação ou restrição da liberdade;
b) perda de bens;
c) multa;
d) prestação social alternativa;
e) suspensão ou interdição de direitos.

Pelo princípio da individualização da pena, a pena deve ser individualizada nos planos legislativo, judiciário e executório, evitando-se a padronização a sanção penal. A individualização da pena significa adaptar a pena ao condenado, consideradas as características do agente e do delito.

A pena privativa de liberdade é aquela que restringe, com maior ou menor intensidade, a liberdade do condenado, consistente em permanecer em algum estabelecimento prisional, por um determinado tempo.

A pena de multa ou patrimonial opera uma diminuição do patrimônio do indivíduo delituoso.

A prestação social alternativa corresponde às penas restritivas de direitos, autônomas e substitutivas das penas privativas de liberdade, estabelecidas no artigo 44 do Código Penal.

Por seu turno, a individualização da pena deve também se fazer presente na fase de sua execução, conforme se depreende do artigo 5º, XLVIII, CF:

Artigo 5º, XLVIII, CF. A pena será cumprida em ***estabelecimentos distintos****, de acordo com a* ***natureza do delito****, a* ***idade*** *e o* ***sexo*** *do apenado.*

A distinção do estabelecimento conforme a natureza do delito visa impedir que a prisão se torne uma faculdade do crime. Infelizmente, o Estado não possui aparato suficiente para cumprir tal diretiva, diferenciando, no máximo, o nível de segurança das prisões. Quanto à idade, destacam-se as Fundações Casas, para cumprimento de medida por menores infratores. Quanto ao sexo, prisões costumam ser exclusivamente para homens ou para mulheres.

Também se denota o respeito à individualização da pena nesta faceta pelo artigo 5º, L, CF:

Artigo 5º, L, CF. Às ***presidiárias*** *serão asseguradas condições para que possam permanecer com seus* ***filhos*** *durante o período de* ***amamentação****.*

Preserva-se a individualização da pena porque é tomada a condição peculiar da presa que possui filho no período de amamentação, mas também se preserva a dignidade da criança, não a afastando do seio materno de maneira precária e impedindo a formação de vínculo pela amamentação.

Vedação de determinadas penas

O constituinte viu por bem proibir algumas espécies de penas, consoante ao artigo 5º, XLVII, CF:

Artigo 5º, XLVII, CF. não haverá penas*:*
a) de ***morte****, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, XIX;*
b) de ***caráter perpétuo****;*
c) de ***trabalhos forçados****;*
d) de ***banimento****;*
e) ***cruéis****.*

Em resumo, o inciso consolida o princípio da humanidade, pelo qual o "poder punitivo estatal não pode aplicar sanções que atinjam a dignidade da pessoa humana ou que lesionem a constituição físico-psíquica dos condenados"[20] .

Quanto à questão da pena de morte, percebe-se que o constituinte não estabeleceu uma total vedação, autorizando-a nos casos de guerra declarada. Obviamente, deve-se respeitar o princípio da anterioridade da lei, ou seja, a legislação deve prever a pena de morte ao fato antes dele ser praticado. No ordenamento brasileiro, este papel é cumprido pelo Código Penal Militar (Decreto-Lei nº 1.001/1969), que prevê a pena de morte a ser executada por fuzilamento nos casos tipificados em seu Livro II, que aborda os crimes militares em tempo de guerra.

Por sua vez, estão absolutamente vedadas em quaisquer circunstâncias as penas de caráter perpétuo, de trabalhos forçados, de banimento e cruéis.

20 BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de direito penal**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2011. v. 1.

No que tange aos trabalhos forçados, vale destacar que o trabalho obrigatório não é considerado um tratamento contrário à dignidade do recluso, embora o trabalho forçado o seja. O trabalho é obrigatório, dentro das condições do apenado, não podendo ser cruel ou menosprezar a capacidade física e intelectual do condenado; como o trabalho não existe independente da educação, cabe incentivar o aperfeiçoamento pessoal; até mesmo porque o trabalho deve se aproximar da realidade do mundo externo, será remunerado; além disso, condições de dignidade e segurança do trabalhador, como descanso semanal e equipamentos de proteção, deverão ser respeitados.

Respeito à integridade do preso
Prevê o artigo 5º, XLIX, CF:

Artigo 5º, XLIX, CF. É assegurado aos presos o respeito à ***integridade física e moral***.

Obviamente, o desrespeito à integridade física e moral do preso é uma violação do princípio da dignidade da pessoa humana.

Dois tipos de tratamentos que violam esta integridade estão mencionados no próprio artigo 5º da Constituição Federal. Em primeiro lugar, tem-se a vedação da tortura e de tratamentos desumanos e degradantes (artigo 5º, III, CF), o que vale na execução da pena.

No mais, prevê o artigo 5º, LVIII, CF:

*Artigo 5º, LVIII, CF. O civilmente identificado não será submetido a **identificação criminal**, salvo nas hipóteses previstas em lei.*

Se uma pessoa possui identificação civil, não há porque fazer identificação criminal, colhendo digitais, fotos, etc. Pensa-se que seria uma situação constrangedora desnecessária ao suspeito, sendo assim, violaria a integridade moral.

Devido processo legal, contraditório e ampla defesa
Estabelece o artigo 5º, LIV, CF:

*Artigo 5º, LIV, CF. Ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o **devido processo legal**.*

Pelo princípio do devido processo legal a legislação deve ser respeitada quando o Estado pretender punir alguém judicialmente. Logo, o procedimento deve ser livre de vícios e seguir estritamente a legislação vigente, sob pena de nulidade processual.

Surgem como corolário do devido processo legal o contraditório e a ampla defesa, pois somente um procedimento que os garanta estará livre dos vícios. Neste sentido, o artigo 5º, LV, CF:

*Artigo 5º, LV, CF. Aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o **contraditório e ampla defesa**, com os meios e recursos a ela inerentes.*

O devido processo legal possui a faceta formal, pela qual se deve seguir o adequado procedimento na aplicação da lei e, sendo assim, respeitar o contraditório e a ampla defesa. Não obstante, o devido processo legal tem sua faceta material que consiste na tomada de decisões justas, que respeitem os parâmetros da razoabilidade e da proporcionalidade.

Vedação de provas ilícitas
Conforme o artigo 5º, LVI, CF:

*Artigo 5º, LVI, CF. São inadmissíveis, no processo, as provas obtidas por **meios ilícitos**.*

Provas ilícitas, por força da nova redação dada ao artigo 157 do CPP, são as obtidas em violação a normas constitucionais ou legai, ou seja, prova ilícita é a que viola regra de direito material, constitucional ou legal, no momento da sua obtenção. São vedadas porque não se pode aceitar o descumprimento do ordenamento para fazê-lo cumprir: seria paradoxal.

Presunção de inocência
Prevê a Constituição no artigo 5º, LVII:

*Artigo 5º, LVII, CF. Ninguém será considerado **culpado** até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória.*

Consolida-se o princípio da presunção de inocência, pelo qual uma pessoa não é culpada até que, em definitivo, o Judiciário assim decida, respeitados todos os princípios e garantias constitucionais.

Ação penal privada subsidiária da pública
Nos termos do artigo 5º, LIX, CF:

*Artigo 5º, LIX, CF. Será admitida **ação privada nos crimes de ação pública**, se esta não for intentada no prazo legal.*

A chamada ação penal privada subsidiária da pública encontra respaldo constitucional, assegurando que a omissão do poder público na atividade de persecução criminal não será ignorada, fornecendo-se instrumento para que o interessado a proponha.

Prisão e liberdade
O constituinte confere espaço bastante extenso no artigo 5º em relação ao tratamento da prisão, notadamente por se tratar de ato que vai contra o direito à liberdade. Obviamente, a prisão não é vedada em todos os casos, porque práticas atentatórias a direitos fundamentais implicam na tipificação penal, autorizando a restrição da liberdade daquele que assim agiu.

No inciso LXI do artigo 5º, CF, prevê-se:

*Artigo 5º, LXI, CF. Ninguém será **preso** senão em **flagrante delito** ou por **ordem escrita e fundamentada** de autoridade judiciária competente, salvo nos casos de transgressão militar ou crime propriamente militar, definidos em lei.*

NOVA CONCURSOS

Logo, a prisão somente se dará em caso de flagrante delito (necessariamente antes do trânsito em julgado), ou em caráter temporário, provisório ou definitivo (as duas primeiras independente do trânsito em julgado, preenchidos requisitos legais e a última pela irreversibilidade da condenação).

Aborda-se no artigo 5º, LXII o dever de comunicação ao juiz e à família ou pessoa indicada pelo preso:

*Artigo 5º, LXII, CF. A prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão **comunicados** imediatamente ao **juiz** competente e à **família** do preso ou à pessoa por ele indicada.*

Não obstante, o preso deverá ser informado de todos os seus direitos, inclusive o direito ao silêncio, podendo entrar em contato com sua família e com um advogado, conforme artigo 5º, LXIII, CF:

*Artigo 5º, LXIII, CF. O preso será informado de seus **direitos**, entre os quais o de permanecer **calado**, sendo-lhe assegurada a **assistência** da família e de advogado.*

Estabelece-se no artigo 5º, LXIV, CF:

*Artigo 5º, LXIV, CF. O preso tem direito à **identificação** dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial.*

Por isso mesmo, o auto de prisão em flagrante e a ata do depoimento do interrogatório são assinados pelas autoridades envolvidas nas práticas destes atos procedimentais.

Ainda, a legislação estabelece inúmeros requisitos para que a prisão seja validada, sem os quais cabe relaxamento, tanto que assim prevê o artigo 5º, LXV, CF:

*Artigo 5º, LXV, CF. A **prisão ilegal** será imediatamente **relaxada** pela autoridade judiciária.*

Desta forma, como decorrência lógica, tem-se a previsão do artigo 5º, LXVI, CF:

*Artigo 5º, LXVI, CF. Ninguém será levado à prisão ou nela mantido, quando a lei admitir a **liberdade provisória**, com ou sem fiança.*

Mesmo que a pessoa seja presa em flagrante, devido ao princípio da presunção de inocência, entende-se que ela não deve ser mantida presa quando não preencher os requisitos legais para prisão preventiva ou temporária.

Indenização por erro judiciário

A disciplina sobre direitos decorrentes do erro judiciário encontra-se no artigo 5º, LXXV, CF:

*Artigo 5º, LXXV, CF. O Estado indenizará o condenado por **erro judiciário**, assim como o que ficar **preso além do tempo** fixado na sentença.*

Trata-se do erro em que incorre um juiz na apreciação e julgamento de um processo criminal, resultando em condenação de alguém inocente. Neste caso, o Estado indenizará. Ele também indenizará uma pessoa que ficar presa além do tempo que foi condenada a cumprir.

4) Direitos fundamentais implícitos

Nos termos do § 2º do artigo 5º da Constituição Federal:

Artigo 5º, §2º, CF. Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

Daí se depreende que os direitos ou garantias podem estar expressos ou implícitos no texto constitucional. Sendo assim, o rol enumerado nos incisos do artigo 5º é apenas exemplificativo, não taxativo.

5) Tratados internacionais incorporados ao ordenamento interno

Estabelece o artigo 5º, § 2º, CF que os direitos e garantias podem decorrer, dentre outras fontes, dos "**tratados internacionais** em que a República Federativa do Brasil seja parte".

Para o tratado internacional ingressar no ordenamento jurídico brasileiro deve ser observado um procedimento complexo, que exige o cumprimento de quatro fases: a negociação (bilateral ou multilateral, com posterior assinatura do Presidente da República), submissão do tratado assinado ao Congresso Nacional (que dará referendo por meio do decreto legislativo), ratificação do tratado (confirmação da obrigação perante a comunidade internacional) e a promulgação e publicação do tratado pelo Poder Executivo[21]. Notadamente, quando o constituinte menciona os tratados internacionais no §2º do artigo 5º refere-se àqueles que tenham por fulcro ampliar o rol de direitos do artigo 5º, ou seja, tratado internacional de direitos humanos.

O §1° e o §2° do artigo 5° existiam de maneira originária na Constituição Federal, conferindo o caráter de primazia dos direitos humanos, desde logo consagrando o princípio da primazia dos direitos humanos, como reconhecido pela doutrina e jurisprudência majoritários na época. "O princípio da primazia dos direitos humanos nas relações internacionais implica em que o Brasil deve incorporar os tratados quanto ao tema ao ordenamento interno brasileiro e respeitá-los. Implica, também em que as normas voltadas à proteção da dignidade em caráter universal devem ser aplicadas no Brasil em caráter prioritário em relação a outras normas"[22].

Regra geral, os tratados internacionais comuns ingressam com força de lei ordinária no ordenamento jurídico

21 VICENTE SOBRINHO, Benedito. **Direitos Fundamentais e Prisão Civil**. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2008.

22 PORTELA, Paulo Henrique Gonçalves. **Direito Internacional Público e Privado**. Salvador: JusPodivm, 2009.

brasileiro porque somente existe previsão constitucional quanto à possibilidade da equiparação às emendas constitucionais se o tratado abranger matéria de direitos humanos. Antes da emenda alterou o quadro quanto aos tratados de direitos humanos, era o que acontecia, mas isso não significa que tais direitos eram menos importantes devido ao princípio da primazia e ao reconhecimento dos direitos implícitos.

Por seu turno, com o advento da Emenda Constitucional nº 45/04 se introduziu o §3º ao artigo 5º da Constituição Federal, de modo que os tratados internacionais de direitos humanos foram equiparados às emendas constitucionais, desde que houvesse a aprovação do tratado em cada Casa do Congresso Nacional e obtivesse a votação em dois turnos e com três quintos dos votos dos respectivos membros:

Art. 5º, § 3º, CF. Os ***tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos*** *que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais.*

Logo, a partir da alteração constitucional, os tratados de direitos humanos que ingressarem no ordenamento jurídico brasileiro, versando sobre matéria de direitos humanos, irão passar por um processo de aprovação semelhante ao da emenda constitucional.

Contudo, há posicionamentos conflituosos quanto à possibilidade de considerar como hierarquicamente constitucional os tratados internacionais de direitos humanos que ingressaram no ordenamento jurídico brasileiro anteriormente ao advento da referida emenda. Tal discussão se deu com relação à prisão civil do depositário infiel, prevista como legal na Constituição e ilegal no Pacto de São José da Costa Rica (tratado de direitos humanos aprovado antes da EC nº 45/04), sendo que o Supremo Tribunal Federal firmou o entendimento pela supralegalidade do tratado de direitos humanos anterior à Emenda (estaria numa posição que paralisaria a eficácia da lei infraconstitucional, mas não revogaria a Constituição no ponto controverso).

6) Tribunal Penal Internacional

Preconiza o artigo 5º, CF em seu § 4º:

Artigo 5º, §4º, CF. O Brasil se submete à jurisdição de Tribunal Penal Internacional a cuja criação tenha manifestado adesão.

O Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional foi promulgado no Brasil pelo Decreto nº 4.388 de 25 de setembro de 2002. Ele contém 128 artigos e foi elaborado em Roma, no dia 17 de julho de 1998, regendo a competência e o funcionamento deste Tribunal voltado às pessoas responsáveis por crimes de maior gravidade com repercussão internacional (artigo 1º, ETPI).

"Ao contrário da Corte Internacional de Justiça, cuja jurisdição é restrita a Estados, ao Tribunal Penal Internacional compete o processo e julgamento de violações contra indivíduos; e, distintamente dos Tribunais de crimes de guerra da Iugoslávia e de Ruanda, criados para analisarem crimes cometidos durante esses conflitos, sua jurisdição não está restrita a uma situação específica"[23].

Resume Mello[24]: "a Conferência das Nações Unidas sobre a criação de uma Corte Criminal Internacional, reunida em Roma, em 1998, aprovou a referida Corte. Ela é permanente. Tem sede em Haia. A corte tem personalidade internacional. Ela julga: a) crime de genocídio; b) crime contra a humanidade; c) crime de guerra; d) crime de agressão. Para o crime de genocídio usa a definição da convenção de 1948. Como crimes contra a humanidade são citados: assassinato, escravidão, prisão violando as normas internacionais, violação tortura, apartheid, escravidão sexual, prostituição forçada, esterilização, etc. São crimes de guerra: homicídio internacional, destruição de bens não justificada pela guerra, deportação, forçar um prisioneiro a servir nas forças inimigas, etc.".

ARTIGOS 37 AO 41

1) Princípios da Administração Pública

Os valores éticos inerentes ao Estado, os quais permitem que ele consolide o bem comum e garanta a preservação dos interesses da coletividade, se encontram exteriorizados em princípios e regras. Estes, por sua vez, são estabelecidos na Constituição Federal e em legislações infraconstitucionais, a exemplo das que serão estudadas neste tópico, quais sejam: Decreto n° 1.171/94, Lei n° 8.112/90 e Lei n° 8.429/92.

Todas as diretivas de leis específicas sobre a ética no setor público partem da Constituição Federal, que estabelece alguns princípios fundamentais para a ética no setor público. Em outras palavras, é o texto constitucional do artigo 37, especialmente o *caput*, que permite a compreensão de boa parte do conteúdo das leis específicas, porque possui um caráter amplo ao preconizar os princípios fundamentais da administração pública. Estabelece a Constituição Federal:

Artigo 37, CF. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: [...]

São princípios da administração pública, nesta ordem:
Legalidade
Impessoalidade
Moralidade
Publicidade
Eficiência

Para memorizar: veja que as iniciais das palavras formam o vocábulo LIMPE, que remete à limpeza esperada da Administração Pública. É de fundamental importância um olhar atento ao significado de cada um destes princípios,

23 NEVES, Gustavo Bregalda. **Direito Internacional Público & Direito Internacional Privado**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

24 MELLO, Celso D. de Albuquerque. **Curso de Direito Internacional Público**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

posto que eles estruturam todas as regras éticas prescritas no Código de Ética e na Lei de Improbidade Administrativa, tomando como base os ensinamentos de Carvalho Filho[25] e Spitzcovsky[26]:

a) **Princípio da legalidade**: Para o particular, legalidade significa a permissão de fazer tudo o que a lei não proíbe. Contudo, como a administração pública representa os interesses da coletividade, ela se sujeita a uma relação de subordinação, pela qual só poderá fazer o que a lei expressamente determina (assim, na esfera estatal, é preciso lei anterior editando a matéria para que seja preservado o princípio da legalidade). A origem deste princípio está na criação do Estado de Direito, no sentido de que o próprio Estado deve respeitar as leis que dita.

b) **Princípio da impessoalidade**: Por força dos interesses que representa, a administração pública está proibida de promover discriminações gratuitas. Discriminar é tratar alguém de forma diferente dos demais, privilegiando ou prejudicando. Segundo este princípio, a administração pública deve tratar igualmente todos aqueles que se encontrem na mesma situação jurídica (princípio da isonomia ou igualdade). Por exemplo, a licitação reflete a impessoalidade no que tange à contratação de serviços. O princípio da impessoalidade correlaciona-se ao princípio da finalidade, pelo qual o alvo a ser alcançado pela administração pública é somente o interesse público. Com efeito, o interesse particular não pode influenciar no tratamento das pessoas, já que deve-se buscar somente a preservação do interesse coletivo.

c) **Princípio da moralidade**: A posição deste princípio no artigo 37 da CF representa o reconhecimento de uma espécie de moralidade administrativa, intimamente relacionada ao poder público. A administração pública não atua como um particular, de modo que enquanto o descumprimento dos preceitos morais por parte deste particular não é punido pelo Direito (*a priori*), o ordenamento jurídico adota tratamento rigoroso do comportamento imoral por parte dos representantes do Estado. O princípio da moralidade deve se fazer presente não só para com os administrados, mas também no âmbito interno. Está indissociavelmente ligado à noção de bom administrador, que não somente deve ser conhecedor da lei, mas também dos princípios éticos regentes da função administrativa. TODO ATO IMORAL SERÁ DIRETAMENTE ILEGAL OU AO MENOS IMPESSOAL, daí a intrínseca ligação com os dois princípios anteriores.

d) **Princípio da publicidade**: A administração pública é obrigada a manter transparência em relação a todos seus atos e a todas informações armazenadas nos seus bancos de dados. Daí a publicação em órgãos da imprensa e a afixação de portarias. Por exemplo, a própria expressão concurso *público* (art. 37, II, CF) remonta ao ideário de que todos devem tomar conhecimento do processo seletivo de servidores do Estado. Diante disso, como será visto, se negar indevidamente a fornecer informações ao administrado caracteriza ato de improbidade administrativa.

25 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

26 SPITZCOVSKY, Celso. **Direito Administrativo**. 13. ed. São Paulo: Método, 2011.

No mais, prevê o §1º do artigo 37, CF, evitando que o princípio da publicidade seja deturpado em propaganda político-eleitoral:

*Artigo 37, §1º, CF. A **publicidade** dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter **caráter educativo, informativo ou de orientação social**, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos.*

Somente pela publicidade os indivíduos controlarão a legalidade e a eficiência dos atos administrativos. Os instrumentos para proteção são o direito de petição e as certidões (art. 5°, XXXIV, CF), além do *habeas data* e - residualmente - do mandado de segurança. Neste viés, ainda, prevê o artigo 37, CF em seu **§3º:**

*Artigo 37, §3º, CF. A lei disciplinará as formas de **participação do usuário na administração pública direta e indireta**, regulando especialmente:*

I - as reclamações relativas à prestação dos serviços públicos em geral, asseguradas a manutenção de serviços de atendimento ao usuário e a avaliação periódica, externa e interna, da qualidade dos serviços;

II - o acesso dos usuários a registros administrativos e a informações sobre atos de governo, observado o disposto no art. 5º, X e XXXIII;

III - a disciplina da representação contra o exercício negligente ou abusivo de cargo, emprego ou função na administração pública.

e) **Princípio da eficiência**: A administração pública deve manter o ampliar a qualidade de seus serviços com controle de gastos. Isso envolve eficiência ao contratar pessoas (o concurso público seleciona os mais qualificados ao exercício do cargo), ao manter tais pessoas em seus cargos (pois é possível exonerar um servidor público por ineficiência) e ao controlar gastos (limitando o teto de remuneração), por exemplo. O núcleo deste princípio é a procura por produtividade e economicidade. Alcança os serviços públicos e os serviços administrativos internos, se referindo diretamente à conduta dos agentes.

Além destes cinco princípios administrativo-constitucionais diretamente selecionados pelo constituinte, podem ser apontados como princípios de natureza ética relacionados à função pública a probidade e a motivação:

a) **Princípio da probidade**: um princípio constitucional incluído dentro dos princípios específicos da licitação, é o dever de todo o administrador público, o dever de honestidade e fidelidade com o Estado, com a população, no desempenho de suas funções. Possui contornos mais definidos do que a moralidade. Diógenes Gasparini[27] alerta que alguns autores tratam veem como distintos os princípios da moralidade e da probidade administrativa, mas não há características que permitam tratar os mesmos como procedimentos distintos, sendo no máximo possível afirmar que a probidade administrativa é um aspecto particular da moralidade administrativa.

27 GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

b) **Princípio da motivação**: É a obrigação conferida ao administrador de motivar todos os atos que edita, gerais ou de efeitos concretos. É considerado, entre os demais princípios, um dos mais importantes, uma vez que sem a motivação não há o devido processo legal, uma vez que a fundamentação surge como meio interpretativo da decisão que levou à prática do ato impugnado, sendo verdadeiro meio de viabilização do controle da legalidade dos atos da Administração.

Motivar significa mencionar o dispositivo legal aplicável ao caso concreto e relacionar os fatos que concretamente levaram à aplicação daquele dispositivo legal. Todos os atos administrativos devem ser motivados para que o Judiciário possa controlar o mérito do ato administrativo quanto à sua legalidade. Para efetuar esse controle, devem ser observados os motivos dos atos administrativos.

Em relação à necessidade de motivação dos atos administrativos vinculados (aqueles em que a lei aponta um único comportamento possível) e dos atos discricionários (aqueles que a lei, dentro dos limites nela previstos, aponta um ou mais comportamentos possíveis, de acordo com um juízo de conveniência e oportunidade), a doutrina é uníssona na determinação da obrigatoriedade de motivação com relação aos atos administrativos vinculados; todavia, diverge quanto à referida necessidade quanto aos atos discricionários.

Meirelles[28] entende que o ato discricionário, editado sob os limites da Lei, confere ao administrador uma margem de liberdade para fazer um juízo de conveniência e oportunidade, não sendo necessária a motivação. No entanto, se houver tal fundamentação, o ato deverá condicionar-se a esta, em razão da necessidade de observância da Teoria dos Motivos Determinantes. O entendimento majoritário da doutrina, porém, é de que, mesmo no ato discricionário, é necessária a motivação para que se saiba qual o caminho adotado pelo administrador. Gasparini[29], com respaldo no art. 50 da Lei n. 9.784/98, aponta inclusive a superação de tais discussões doutrinárias, pois o referido artigo exige a motivação para todos os atos nele elencados, compreendendo entre estes, tanto os atos discricionários quanto os vinculados.

2) Regras mínimas sobre direitos e deveres dos servidores

O artigo 37 da Constituição Federal estabelece os princípios da administração pública estudados no tópico anterior, aos quais estão sujeitos servidores de quaisquer dos Poderes em qualquer das esferas federativas, e, em seus incisos, regras mínimas sobre o serviço público:

*Artigo 37, I, CF. Os cargos, empregos e funções públicas são acessíveis aos **brasileiros que preencham os requisitos** estabelecidos em lei, assim como aos **estrangeiros, na forma da lei**.*

Aprofundando a questão, tem-se o artigo 5º da Lei nº 8.112/1990, que prevê:

28 MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito administrativo brasileiro**. São Paulo: Malheiros, 1993.

29 GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

Artigo 5º, Lei nº 8.112/1990. São requisitos básicos para investidura em cargo público:

I - a nacionalidade brasileira;

II - o gozo dos direitos políticos;

III - a quitação com as obrigações militares e eleitorais;

IV - o nível de escolaridade exigido para o exercício do cargo;

V - a idade mínima de dezoito anos;

VI - aptidão física e mental.

§ 1º As *atribuições do cargo podem justificar a exigência de outros requisitos estabelecidos em lei. [...]*

§ 3º As *universidades e instituições de pesquisa científica e tecnológica federais poderão prover seus cargos com professores, técnicos e cientistas estrangeiros, de acordo com as normas e os procedimentos desta Lei.*

Destaca-se a exceção ao inciso I do artigo 5° da Lei nº 8.112/1990 e do inciso I do artigo 37, CF, prevista no artigo 207 da Constituição, permitindo que estrangeiros assumam cargos no ramo da pesquisa, ciência e tecnologia.

*Artigo 37, II, CF. A investidura em cargo ou emprego público depende de **aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos**, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para **cargo em comissão** declarado em lei de livre nomeação e exoneração.*

Preconiza o artigo 10 da Lei nº 8.112/1990:

Artigo 10, Lei nº 8.112/90. A nomeação para cargo de carreira ou cargo isolado de provimento efetivo depende de prévia habilitação em concurso público de provas ou de provas e títulos, obedecidos a ordem de classificação e o prazo de sua validade.

Parágrafo único. Os demais requisitos para o ingresso e o desenvolvimento do servidor na carreira, mediante promoção, serão estabelecidos pela lei que fixar as diretrizes do sistema de carreira na Administração Pública Federal e seus regulamentos.

No concurso de provas o candidato é avaliado apenas pelo seu desempenho nas provas, ao passo que nos concursos de provas e títulos o seu currículo em toda sua atividade profissional também é considerado. Cargo em comissão é o cargo de confiança, que não exige concurso público, sendo exceção à regra geral.

*Artigo 37, III, CF. O prazo de validade do concurso público será de **até dois anos, prorrogável uma vez, por igual período**.*

*Artigo 37, IV, CF. Durante o **prazo improrrogável** previsto no edital de convocação, aquele aprovado em concurso público de provas ou de provas e títulos será **convocado com prioridade** sobre novos concursados para assumir cargo ou emprego, na carreira.*

Prevê o artigo 12 da Lei nº 8.112/1990:

Artigo 12, Lei nº 8.112/1990. O concurso público terá validade de até 2 (dois) anos, podendo ser prorrogado uma única vez, por igual período.

NOVA CONCURSOS

§1º O prazo de validade do concurso e as condições de sua realização serão fixados em edital, que será publicado no Diário Oficial da União e em jornal diário de grande circulação.

§ 2º Não se abrirá novo concurso enquanto houver candidato aprovado em concurso anterior com prazo de validade não expirado.

O edital delimita questões como valor da taxa de inscrição, casos de isenção, número de vagas e prazo de validade. Havendo candidatos aprovados na vigência do prazo do concurso, ele deve ser chamado para assumir eventual vaga e não ser realizado novo concurso.

Destaca-se que o §2º do artigo 37, CF, prevê:

Artigo 37, §2º, CF. A não-observância do disposto nos incisos II e III implicará a ***nulidade do ato e a punição da autoridade responsável****, nos termos da lei.*

Com efeito, há tratamento rigoroso da responsabilização daquele que viola as diretrizes mínimas sobre o ingresso no serviço público, que em regra se dá por concurso de provas ou de provas e títulos.

Artigo 37, V, CF. As ***funções de confiança****, exercidas exclusivamente por servidores ocupantes de* ***cargo efetivo****, e os* ***cargos em comissão****, a serem preenchidos por servidores de* ***carreira nos casos, condições e percentuais mínimos previstos em lei****, destinam-se apenas às atribuições de* ***direção, chefia e assessoramento****.*

Observa-se o seguinte quadro comparativo[30]:

Função de Confiança	**Cargo em Comissão**
Exercidas exclusivamente por servidores ocupantes de cargo efetivo.	Qualquer pessoa, observado o percentual mínimo reservado ao servidor de carreira.
Com concurso público, já que somente pode exercê-la o servidor de cargo efetivo, mas a função em si não prescindível de concurso público.	Sem concurso público, ressalvado o percentual mínimo reservado ao servidor de carreira.
Somente são conferidas atribuições e responsabilidade	É atribuído posto (lugar) num dos quadros da Administração Pública, conferida atribuições e responsabilidade àquele que irá ocupá-lo
Destinam-se apenas às atribuições de direção, chefia e assessoramento	Destinam-se apenas às atribuições de direção, chefia e assessoramento
De livre nomeação e exoneração no que se refere à função e não em relação ao cargo efetivo.	De livre nomeação e exoneração

Artigo 37, VI, CF. É garantido ao servidor público civil o direito à ***livre associação sindical****.*

A liberdade de associação é garantida aos servidores públicos tal como é garantida a todos na condição de direito individual e de direito social.

Artigo 37, VII, CF. O ***direito de greve*** *será exercido nos termos e nos limites definidos em lei específica.*

O Supremo Tribunal Federal decidiu que os servidores públicos possuem o direito de greve, devendo se atentar pela preservação da sociedade quando exercê-lo. Enquanto não for elaborada uma legislação específica para os funcionários públicos, deverá ser obedecida a lei geral de greve para os funcionários privados, qual seja a Lei n° 7.783/89 (Mandado de Injunção nº 20).

Artigo 37, VIII, CF. A lei reservará **percentual** dos cargos e empregos públicos para as **pessoas portadoras de deficiência** e definirá os critérios de sua admissão.

Neste sentido, o §2º do artigo 5º da Lei nº 8.112/1990:

Artigo 5º, Lei nº 8.112/90. Às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas serão reservadas ***até 20% (vinte por cento)*** *das vagas oferecidas no concurso.*

30 http://direitoemquadrinhos.blogspot.com.br/2011/03/quadro-comparativo-funcao-de-confianca.html

Prossegue o artigo 37, CF:

Artigo 37, IX, CF. A lei estabelecerá os casos de contratação por ***tempo determinado*** *para atender a necessidade temporária de* ***excepcional interesse público****.*

A Lei nº 8.745/1993 regulamenta este inciso da Constituição, definindo a natureza da relação estabelecida entre o servidor contratado e a Administração Pública, para atender à "necessidade temporária de excepcional interesse público".

"Em se tratando de relação subordinada, isto é, de relação que comporta dependência jurídica do servidor perante o Estado, duas opções se ofereciam: ou a relação seria trabalhista, agindo o Estado *iure gestionis*, sem usar das prerrogativas de Poder Público, ou institucional, estatutária, preponderando o *ius imperii* do Estado. Melhor dizendo: o sistema preconizado pela Carta Política de 1988 é o do contrato, que tanto pode ser trabalhista (inserindo-se na esfera do Direito Privado) quanto administrativo (situando-se no campo do Direito Público). [...] Uma solução intermediária não deixa, entretanto, de ser legítima. Pode-se, com certeza, abonar um sistema híbrido, eclético, no qual coexistam normas trabalhistas e estatutárias, pondo-se em contiguidade os vínculos privado e administrativo, no sentido de atender às exigências do Estado moderno, que procura alcançar os seus objetivos com a mesma eficácia dos empreendimentos não-governamentais"[31].

Artigo 37, X, CF. A **remuneração dos servidores públicos e o subsídio de que trata o § 4º do art. 39** somente poderão ser **fixados ou alterados por lei específica**, observada a iniciativa privativa em cada caso, assegurada revisão geral anual, sempre na mesma data e sem distinção de índices.

Artigo 37, XV, CF. O subsídio e os vencimentos dos ocupantes de cargos e empregos públicos **são irredutíveis**, ressalvado o disposto nos incisos XI e XIV deste artigo e nos arts. 39, § 4º, 150, II, 153, III, e 153, § 2º, I.

Artigo 37, §10, CF. É vedada a **percepção simultânea de proventos de aposentadoria decorrentes do art. 40 ou dos arts. 42 e 142 com a remuneração de cargo, emprego ou função pública**, ressalvados os cargos acumuláveis na forma desta Constituição, os cargos eletivos e os cargos em comissão declarados em lei de livre nomeação e exoneração.

Sobre a questão, disciplina a Lei nº 8.112/1990 nos artigos 40 e 41:

Art. 40. Vencimento é a retribuição pecuniária pelo exercício de cargo público, com valor fixado em lei.

Art. 41. Remuneração é o vencimento do cargo efetivo, acrescido das vantagens pecuniárias permanentes estabelecidas em lei.

§ 1º A remuneração do servidor investido em função ou cargo em comissão será paga na forma prevista no art. 62.

§ 2º O servidor investido em cargo em comissão de órgão ou entidade diversa da de sua lotação receberá a remuneração de acordo com o estabelecido no § 1º do art. 93.

§ 3º O vencimento do cargo efetivo, acrescido das vantagens de caráter permanente, é irredutível.

§ 4º É assegurada a isonomia de vencimentos para cargos de atribuições iguais ou assemelhadas do mesmo Poder, ou entre servidores dos três Poderes, ressalvadas as vantagens de caráter individual e as relativas à natureza ou ao local de trabalho.

§ 5º Nenhum servidor receberá remuneração inferior ao salário mínimo.

Ainda, o artigo 37 da Constituição:

Artigo 37, XI, CF. A **remuneração e o subsídio dos ocupantes de cargos, funções e empregos públicos da administração direta, autárquica e fundacional, dos membros de qualquer dos Poderes** da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, dos detentores de mandato eletivo e dos demais agentes políticos e os proventos, pensões ou outra espécie remuneratória, percebidos cumulativamente ou não, **incluídas as vantagens pessoais ou de qualquer outra natureza**, não poderão exceder o **subsídio mensal, em espécie, dos Ministros do Supremo Tribunal Federal**, aplicando-se como limite, nos **Municípios**, o subsídio do **Prefeito**, e nos Estados e no Distrito Federal, o subsídio mensal do **Governador** no âmbito do Poder Executivo, o subsídio dos **Deputados Estaduais e Distritais** no âmbito do Poder Legislativo e o subsídio dos **Desembargadores do Tribunal de Justiça**, limitado a **noventa inteiros e vinte e cinco centésimos por cento do subsídio mensal**, em espécie, dos **Ministros do Supremo Tribunal Federal**, no âmbito do Poder Judiciário, aplicável este limite aos membros do **Ministério Público, aos Procuradores e aos Defensores Públicos**.

Artigo 37, XII, CF. Os vencimentos dos cargos do Poder Legislativo e do Poder Judiciário **não poderão ser superiores aos pagos pelo Poder Executivo**.

Prevê a Lei nº 8.112/1990 em seu artigo 42:

Artigo 42, Lei nº 8.112/90. Nenhum servidor poderá perceber, mensalmente, a título de remuneração, importância superior à soma dos valores percebidos como remuneração, em espécie, a qualquer título, no âmbito dos respectivos Poderes, pelos Ministros de Estado, por membros do Congresso Nacional e Ministros do Supremo Tribunal Federal. Parágrafo único. Excluem-se do teto de remuneração as vantagens previstas nos incisos II a VII do art. 61.

Com efeito, os §§ 11 e 12 do artigo 37, CF tecem aprofundamentos sobre o mencionado inciso XI:

31 VOGEL NETO, Gustavo Adolpho. **Contratação de servidores para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_39/Artigos/Art_Gustavo.htm>. Acesso em: 23 dez. 2014.

NOVA CONCURSOS

Artigo 37, **§ 11, CF.** ***Não serão computadas****, para efeito dos* ***limites remuneratórios*** *de que trata o inciso XI do caput deste artigo, as parcelas de* ***caráter indenizatório previstas em lei****.*

Artigo 37, **§ 12, CF.** Para os fins do disposto no inciso XI do caput deste artigo, fica facultado aos Estados e ao Distrito Federal fixar, em seu âmbito, mediante emenda às respectivas Constituições e Lei Orgânica, como ***limite único, o subsídio mensal dos Desembargadores do respectivo Tribunal de Justiça, limitado a noventa inteiros e vinte e cinco centésimos por cento*** *do subsídio mensal dos Ministros do Supremo Tribunal Federal, não se aplicando o disposto neste parágrafo aos subsídios dos Deputados Estaduais e Distritais e dos Vereadores.*

Por seu turno, o artigo 37 quanto à vinculação ou equiparação salarial:

Artigo 37, XIII, CF. É vedada a ***vinculação ou equiparação*** *de quaisquer espécies remuneratórias para o efeito de remuneração de pessoal do serviço público.*

Os padrões de vencimentos são fixados por conselho de política de administração e remuneração de pessoal, integrado por servidores designados pelos respectivos Poderes (artigo 39, *caput* e § 1º), sem qualquer garantia constitucional de tratamento igualitário aos cargos que se mostrem similares.

Artigo 37, XIV, CF. Os ***acréscimos pecuniários*** *percebidos por servidor público* ***não serão computados nem acumulados*** *para fins de concessão de* ***acréscimos ulteriores****.*

A preocupação do constituinte, ao implantar tal preceito, foi de que não eclodisse no sistema remuneratório dos servidores, ou seja, evitar que se utilize uma vantagem como base de cálculo de um outro benefício. Dessa forma, qualquer gratificação que venha a ser concedida ao servidor só pode ter como base de cálculo o próprio vencimento básico. É inaceitável que se leve em consideração outra vantagem até então percebida.

Artigo 37, XVI, CF. É vedada a ***acumulação remunerada de cargos públicos, exceto, quando houver compatibilidade de horários****, observado em qualquer caso o disposto no inciso XI: a)* a de ***dois cargos de professor****; b)* a de ***um cargo de professor com outro, técnico ou científico****; c)* a de ***dois cargos ou empregos privativos de profissionais de saúde****, com profissões regulamentadas.*

Artigo 37, XVII, CF. A proibição de acumular ***estende-se a empregos e funções e abrange autarquias, fundações, empresas públicas, sociedades de economia mista, suas subsidiárias, e sociedades controladas****, direta ou indiretamente, pelo poder público.*

Segundo Carvalho Filho[32], "o fundamento da proibição é impedir que o cúmulo de funções públicas faça com que o servidor não execute qualquer delas com a necessária eficiência. Além disso, porém, pode-se observar que o Constituinte quis também impedir a cumulação de ganhos em detrimento da boa execução de tarefas públicas. [...] Nota-se que a vedação se refere à acumulação remunerada. Em consequência, se a acumulação só encerra a percepção de vencimentos por uma das fontes, não incide a regra constitucional proibitiva".

A Lei nº 8.112/1990 regulamenta intensamente a questão:

Artigo 118, Lei nº 8.112/1990. Ressalvados os casos previstos na Constituição, é ***vedada a acumulação remunerada*** *de cargos públicos.*

§ 1º A proibição de acumular estende-se a cargos, empregos e funções em autarquias, fundações públicas, empresas públicas, sociedades de economia mista da União, do Distrito Federal, dos Estados, dos Territórios e dos Municípios.

§ 2º A acumulação de cargos, ainda que lícita, fica condicionada à ***comprovação da compatibilidade de horários****.*

§ 3º Considera-se acumulação proibida a percepção de vencimento de cargo ou emprego público efetivo com proventos da inatividade, salvo quando os cargos de que decorram essas remunerações forem acumuláveis na atividade.

Art. 119, Lei nº 8.112/1990. ***O servidor não poderá exercer mais de um cargo em comissão****, exceto no caso previsto no parágrafo único do art. 9º, nem ser remunerado pela participação em órgão de deliberação coletiva.*

Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica à remuneração devida pela participação em conselhos de administração e fiscal das empresas públicas e sociedades de economia mista, suas subsidiárias e controladas, bem como quaisquer empresas ou entidades em que a União, direta ou indiretamente, detenha participação no capital social, observado o que, a respeito, dispuser legislação específica.

Art. 120, Lei nº 8.112/1990. O servidor vinculado ao regime desta Lei, que acumular licitamente dois cargos efetivos, quando investido em cargo de provimento em comissão, ficará afastado de ambos os cargos efetivos, salvo na hipótese em que houver compatibilidade de horário e local com o exercício de um deles, declarada pelas autoridades máximas dos órgãos ou entidades envolvidos.

"Os artigos 118 a 120 da Lei nº 8.112/90 ao tratarem da acumulação de cargos e funções públicas, regulamentam, no âmbito do serviço público federal a vedação genérica constante do art. 37, incisos VXI e XVII, da Constituição da República. De fato, a acumulação ilícita de cargos públicos constitui uma das infrações mais comuns praticadas por servidores públicos, o que se constata observando o elevado número de processos administrativos instaurados com esse objeto. O sistema adotado pela Lei nº 8.112/90 é relativamente brando, quando cotejado com outros estatutos de alguns Estados, visto que propicia ao servidor incurso nessa ilicitude diversas oportunidades para regularizar sua situação e escapar da pena de demissão. Também prevê a lei em comentário, um processo administrativo simplificado (processo disciplinar de rito sumário) para a apuração dessa infração – art. 133"[33].

32 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

33 MORGATO, Almir. **O Regime Disciplinar dos Ser-**

*Artigo 37, XVIII, CF. A **administração fazendária e seus servidores** fiscais terão, dentro de suas áreas de competência e jurisdição, **precedência sobre os demais setores administrativos**, na forma da lei.*

*Artigo 37, XXII, CF. As **administrações tributárias da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios**, atividades essenciais ao funcionamento do Estado, exercidas por servidores de carreiras específicas, terão **recursos prioritários para a realização de suas atividades e atuarão de forma integrada**, inclusive com o compartilhamento de cadastros e de informações fiscais, na forma da lei ou convênio.*

"O Estado tem como finalidade essencial a garantia do bem-estar de seus cidadãos, seja através dos serviços públicos que disponibiliza, seja através de investimentos na área social (educação, saúde, segurança pública). Para atingir esses objetivos primários, deve desenvolver uma atividade financeira, com o intuito de obter recursos indispensáveis às necessidades cuja satisfação se comprometeu quando estabeleceu o "pacto" constitucional de 1988. [...] A importância da Administração Tributária foi reconhecida expressamente pelo constituinte que acrescentou, no artigo 37 da Carta Magna, o inciso XVIII, estabelecendo a sua precedência e de seus servidores sobre os demais setores da Administração Pública, dentro de suas áreas de competência"[34].

*Artigo 37, XIX, CF. Somente por **lei específica poderá ser criada autarquia e autorizada a instituição de empresa pública, de sociedade de economia mista e de fundação**, cabendo à lei complementar, neste último caso, definir as áreas de sua atuação.*

*Artigo 37, XX, CF. Depende de **autorização legislativa**, em cada caso, a criação de **subsidiárias** das entidades mencionadas no inciso anterior, assim como a participação de qualquer delas em empresa privada.*

Órgãos da administração indireta somente podem ser criados por lei específica e a criação de subsidiárias destes dependem de autorização legislativa (o Estado cria e controla diretamente determinada empresa pública ou sociedade de economia mista, e estas, por sua vez, passam a gerir uma nova empresa, denominada subsidiária. Ex.: Transpetro, subsidiária da Petrobrás). "Abrimos um parêntese para observar que quase todos os autores que abordam o assunto afirmam categoricamente que, a despeito da referência no texto constitucional a 'subsidiárias das entidades mencionadas no inciso anterior', somente empresas públicas e sociedades de economia mista podem ter subsidiárias, pois a relação de controle que existe entre a pessoa jurídica matriz e a subsidiária seria própria de pessoas com estrutura empresarial, e inadequada a autarquias e fundações públicas. OUSAMOS DISCORDAR. Parece-nos que, se o legislador de um ente federado pretendesse, por exemplo, autorizar a criação de uma subsidiária de uma fundação pública, NÃO haveria base constitucional para considerar inválida sua autorização"[35].

Ainda sobre a questão do funcionamento da administração indireta e de suas subsidiárias, destaca-se o previsto nos §§ 8º e 9º do artigo 37, CF:

*Artigo 37, **§8º, CF.** A **autonomia** gerencial, orçamentária e financeira dos órgãos e entidades da administração direta e indireta poderá ser **ampliada mediante contrato**, a ser firmado entre seus administradores e o poder público, que tenha por objeto a fixação de metas de desempenho para o órgão ou entidade, cabendo à lei dispor sobre:*

I - o prazo de duração do contrato;

II - os controles e critérios de avaliação de desempenho, direitos, obrigações e responsabilidade dos dirigentes;

III - a remuneração do pessoal.

*Artigo 37, **§ 9º, CF.** O disposto no inciso XI aplica-se às **empresas públicas e às sociedades de economia mista e suas subsidiárias**, que receberem recursos da União, dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios para pagamento de despesas de pessoal ou de custeio em geral.*

Continua o artigo 37, CF:

*Artigo 37, XXI, CF. Ressalvados os casos especificados na legislação, as obras, serviços, compras e alienações serão contratados mediante **processo de licitação pública** que assegure igualdade de condições a todos os concorrentes, com cláusulas que estabeleçam obrigações de pagamento, mantidas as condições efetivas da proposta, nos termos da lei, o qual somente permitirá as exigências de qualificação técnica e econômica indispensáveis à garantia do cumprimento das obrigações.*

A Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal, institui normas para licitações e contratos da Administração Pública e dá outras providências. Licitação nada mais é que o conjunto de procedimentos administrativos (administrativos porque parte da administração pública) para as compras ou serviços contratados pelos governos Federal, Estadual ou Municipal, ou seja todos os entes federativos. De forma mais simples, podemos dizer que o governo deve comprar e contratar serviços seguindo regras de lei, assim a licitação é um processo formal onde há a competição entre os interessados.

*Artigo 37, §5º, CF. A lei estabelecerá os **prazos de prescrição** para ilícitos praticados por qualquer agente, servidor ou não, que causem prejuízos ao erário, ressalvadas as respectivas ações de ressarcimento.*

A prescrição dos ilícitos praticados por servidor encontra disciplina específica no artigo 142 da Lei nº 8.112/1990:

vidores Públicos da União. Disponível em: <http://www.canaldosconcursos.com.br/artigos/almirmorgado_artigo1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013.

34 http://www.sindsefaz.org.br/parecer_administracao_tributaria_sao_paulo.htm

35 ALEXANDRINO, Marcelo. **Direito Administrativo Descomplicado**. São Paulo: GEN, 2014.

NOVA CONCURSOS

*Art. 142, Lei nº 8.112/1990. A **ação disciplinar prescreverá**:*

I - em 5 (cinco) anos, quanto às infrações puníveis com demissão, cassação de aposentadoria ou disponibilidade e destituição de cargo em comissão;

II - em 2 (dois) anos, quanto à suspensão;

III - em 180 (cento e oitenta) dias, quanto á advertência.

§ 1º O prazo de prescrição começa a correr da data em que o fato se tornou conhecido.

§ 2º Os prazos de prescrição previstos na lei penal aplicam-se às infrações disciplinares capituladas também como crime.

§ 3º A abertura de sindicância ou a instauração de processo disciplinar interrompe a prescrição, até a decisão final proferida por autoridade competente.

§ 4º Interrompido o curso da prescrição, o prazo começará a correr a partir do dia em que cessar a interrupção.

Prescrição é um instituto que visa regular a perda do direito de acionar judicialmente. No caso, o prazo é de 5 anos para as infrações mais graves, 2 para as de gravidade intermediária (pena de suspensão) e 180 dias para as menos graves (pena de advertência), contados da data em que o fato se tornou conhecido pela administração pública. Se a infração disciplinar for crime, valerão os prazos prescricionais do direito penal, mais longos, logo, menos favoráveis ao servidor. Interrupção da prescrição significa parar a contagem do prazo para que, retornando, comece do zero. Da abertura da sindicância ou processo administrativo disciplinar até a decisão final proferida por autoridade competente não corre a prescrição. Proferida a decisão, o prazo começa a contar do zero. Passado o prazo, não caberá mais propor ação disciplinar.

*Artigo 37, §7º, CF. A lei disporá sobre os **requisitos e as restrições ao ocupante de cargo ou emprego** da administração direta e indireta que possibilite o acesso a **informações privilegiadas**.*

A Lei nº 12.813, de 16 de maio de 2013 dispõe sobre o conflito de interesses no exercício de cargo ou emprego do Poder Executivo federal e impedimentos posteriores ao exercício do cargo ou emprego; e revoga dispositivos da Lei nº 9.986, de 18 de julho de 2000, e das Medidas Provisórias nºs 2.216-37, de 31 de agosto de 2001, e 2.225-45, de 4 de setembro de 2001.

Neste sentido, conforme seu artigo 1º:

Artigo 1º, Lei nº 12.813/2013. As situações que configuram conflito de interesses envolvendo ocupantes de cargo ou emprego no âmbito do Poder Executivo federal, os requisitos e restrições a ocupantes de cargo ou emprego que tenham acesso a informações privilegiadas, os impedimentos posteriores ao exercício do cargo ou emprego e as competências para fiscalização, avaliação e prevenção de conflitos de interesses regulam-se pelo disposto nesta Lei.

3) Atos de improbidade administrativa

A Lei n° 8.429/1992 trata da improbidade administrativa, que é uma espécie qualificada de imoralidade, sinônimo de desonestidade administrativa. A improbidade é uma lesão ao princípio da moralidade, que deve ser respeitado estritamente pelo servidor público. O agente ímprobo sempre será um violador do princípio da moralidade, pelo qual "a Administração Pública deve agir com boa-fé, sinceridade, probidade, lhaneza, lealdade e ética"[36].

A atual Lei de Improbidade Administrativa foi criada devido ao amplo apelo popular contra certas vicissitudes do serviço público que se intensificavam com a ineficácia do diploma então vigente, o Decreto-Lei nº 3240/41. Decorreu, assim, da necessidade de acabar com os atos atentatórios à moralidade administrativa e causadores de prejuízo ao erário público ou ensejadores de enriquecimento ilícito, infelizmente tão comuns no Brasil.

Com o advento da Lei nº 8.429/1992, os agentes públicos passaram a ser responsabilizados na esfera civil pelos atos de improbidade administrativa descritos nos artigos 9º, 10 e 11, ficando sujeitos às penas do art. 12. A existência de esferas distintas de responsabilidade (civil, penal e administrativa) impede falar-se em *bis in idem*, já que, ontologicamente, não se trata de punições idênticas, embora baseadas no mesmo fato, mas de responsabilização em esferas distintas do Direito.

Destaca-se um conceito mais amplo de agente público previsto pela lei nº 8.429/1992 em seus artigos 1º e 2º porque o agente público pode ser ou não um servidor público. Ele poderá estar vinculado a qualquer instituição ou órgão que desempenhe diretamente o interesse do Estado. Assim, estão incluídos todos os integrantes da administração direta, indireta e fundacional, conforme o preâmbulo da legislação. Pode até mesmo ser uma entidade privada que desempenhe tais fins, desde que a verba de **criação** ou **custeio** tenha sido ou seja pública em **mais de 50%** do patrimônio ou receita **anual**. Caso a verba pública que tenha auxiliado uma entidade privada a qual o Estado **não tenha concorrido para criação ou custeio**, também haverá sujeição às penalidades da lei. Em caso de **custeio/criação** pelo Estado que seja **inferior a 50%** do patrimônio ou receita anual, a legislação ainda se aplica. Entretanto, nestes dois casos, **a sanção patrimonial se limitará** ao que o ilícito repercutiu sobre a contribuição dos cofres públicos. Significa que se o prejuízo causado for maior que a efetiva contribuição por parte do poder público, o ressarcimento terá que ser buscado por **outra via** que não a ação de improbidade administrativa.

A legislação em estudo, por sua vez, divide os atos de improbidade administrativa em três categorias:

a) Ato de improbidade administrativa que importe enriquecimento ilícito (artigo 9º, Lei nº 8.429/1992)

O grupo mais grave de atos de improbidade administrativa se caracteriza pelos elementos: **enriquecimento** + **ilícito** + resultante de uma **vantagem patrimonial indevida** + em razão do **exercício** de cargo, mandato, emprego, função ou outra **atividade** nas **entidades do artigo 1°** da Lei nº 8.429/1992.

O enriquecimento deve ser ilícito, afinal, o Estado não se opõe que o indivíduo enriqueça, desde que obedeça aos ditames morais, notadamente no desempenho de função de interesse estatal.

36 LENZA, Pedro. **Curso de direito constitucional esquematizado**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

Exige-se que o sujeito obtenha vantagem patrimonial ilícita. Contudo, é dispensável que efetivamente tenha ocorrido dano aos cofres públicos (por exemplo, quando um policial recebe propina pratica ato de improbidade administrativa, mas não atinge diretamente os cofres públicos).

Como fica difícil imaginar que alguém possa se enriquecer ilicitamente por negligência, imprudência ou imperícia, todas as condutas configuram atos dolosos (com intenção). Não cabe prática por omissão.[37]

b) Ato de improbidade administrativa que importe lesão ao erário (artigo 10, Lei nº 8.429/1992)

O grupo intermediário de atos de improbidade administrativa se caracteriza pelos elementos: causar **dano** ao erário ou aos cofres públicos + gerando **perda patrimonial ou dilapidação** do patrimônio público. Assim como o artigo anterior, o *caput* descreve a fórmula genérica e os incisos algumas atitudes específicas que exemplificam o seu conteúdo[38].

Perda patrimonial é o gênero, do qual são espécies: desvio, que é o direcionamento indevido; apropriação, que é a transferência indevida para a própria propriedade; malbaratamento, que significa desperdício; e dilapidação, que se refere a destruição[39].

O objeto da tutela é a preservação do patrimônio público, em todos seus bens e valores. O pressuposto exigível é a ocorrência de dano ao patrimônio dos sujeitos passivos.

Este artigo admite expressamente a variante culposa, o que muitos entendem ser inconstitucional. O STJ, no REsp **n° 939.142/RJ, apontou alguns aspectos da inconstitucionalidade do artigo. Contudo, "a jurisprudência do STJ consolidou a tese de que é indispensável a existência de dolo nas condutas descritas nos artigos 9º e 11 e ao menos de culpa nas hipóteses do artigo 10, nas quais o dano ao erário precisa ser comprovado. De acordo com o ministro Castro Meira, a conduta culposa ocorre quando o agente não pretende atingir o resultado danoso, mas atua com negligência, imprudência ou imperícia (**REsp **n° 1.127.143)"**[40]. Para Carvalho Filho[41], não há inconstitucionalidade na modalidade culposa, lembrando que é possível dosar a pena conforme o agente aja com dolo ou culpa.

O ponto central é lembrar que neste artigo não se exige que o sujeito ativo tenha percebido vantagens indevidas, **basta o dano ao erário**. Se tiver recebido vantagem indevida, incide no artigo anterior. Exceto pela não percepção da vantagem indevida, os tipos exemplificados se aproximam muito dos previstos nos incisos do art. 9°.

37 SPITZCOVSKY, Celso. **Direito Administrativo**. 13. ed. São Paulo: Método, 2011.

38 Ibid.

39 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

40 BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. **Improbidade administrativa**: desonestidade na gestão dos recursos públicos. Disponível em: <http://www.stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=103422>. Acesso em: 26 mar. 2013.

41 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

c) *Ato de Improbidade Administrativa Decorrentes de Concessão ou Aplicação Indevida de Benefício Financeiro ou Tributário* *(Incluído pela Lei Complementar nº 157, de 2016)*

Uma das alterações recentes à disciplina do ISS visou evitar a continuidade da guerra fiscal entre os municípios, fixando-se a alíquota mínima em 2%.

Com efeito, os municípios não poderão fixar dentro de sua competência constitucional alíquotas inferiores a 2% para atrair e fomentar investimentos novos (incentivo fiscal), prejudicando os municípios vizinhos.

Em razão disso, tipifica-se como ato de improbidade administrativa a eventual concessão do benefício abaixo da alíquota mínima.

d) Ato de improbidade administrativa que atente contra os princípios da administração pública (artigo 11, Lei nº 8.429/1992)

Nos termos do artigo 11 da Lei nº 8.429/1992, "constitui ato de improbidade administrativa que atenta contra os princípios da administração pública qualquer ação ou omissão que viole os deveres de honestidade, imparcialidade, legalidade, e lealdade às instituições [...]". O grupo mais ameno de atos de improbidade administrativa se caracteriza pela **simples violação a princípios da administração pública**, ou seja, aplica-se a qualquer atitude do sujeito ativo que viole os ditames éticos do serviço público. Isto é, o legislador pretende a preservação dos princípios gerais da administração pública[42].

O objeto de tutela são os princípios constitucionais. Basta a vulneração em si dos princípios, sendo dispensáveis o enriquecimento ilícito e o dano ao erário. Somente é possível a prática de algum destes atos com **dolo** (intenção), embora caiba a prática por ação ou omissão.

Será preciso utilizar razoabilidade e proporcionalidade para não permitir a caracterização de abuso de poder, diante do **conteúdo aberto** do dispositivo. Na verdade, trata-se de tipo subsidiário, ou seja, que se aplica quando o ato de improbidade administrativa não tiver gerado obtenção de vantagem

Com efeito, os atos de improbidade administrativa **não são crimes de responsabilidade**. Trata-se de punição na esfera cível, não criminal. Por isso, caso o ato configure simultaneamente um ato de improbidade administrativa desta lei e um crime previsto na legislação penal, o que é comum no caso do artigo 9°, responderá o agente por ambos, nas duas esferas.

Em suma, a lei encontra-se estruturada da seguinte forma: inicialmente, trata das vítimas possíveis (sujeito passivo) e daqueles que podem praticar os atos de improbidade administrativa (sujeito ativo); ainda, aborda a reparação do dano ao lesionado e o ressarcimento ao patrimônio público; após, traz a tipologia dos atos de improbidade administrativa, isto é, enumera condutas de tal natureza; seguindo-se à definição das sanções aplicáveis; e, finalmente, descreve os procedimentos administrativo e judicial.

42 SPITZCOVSKY, Celso. **Direito Administrativo**. 13. ed. São Paulo: Método, 2011.

NOVA CONCURSOS

No caso do art. 9°, categoria mais grave, o agente obtém um enriquecimento ilícito (vantagem econômica indevida) e pode ainda causar dano ao erário, por isso, deverá não só reparar eventual dano causado mas também colocar nos cofres públicos tudo o que adquiriu indevidamente. Ou seja, poderá pagar somente o que enriqueceu indevidamente ou este valor acrescido do valor do prejuízo causado aos cofres públicos (quanto o Estado perdeu ou deixou de ganhar). No caso do artigo 10, não haverá enriquecimento ilícito, mas sempre existirá dano ao erário, o qual será reparado (eventualmente, ocorrerá o enriquecimento ilícito, devendo o valor adquirido ser tomado pelo Estado). Na hipótese do artigo 10-A, não se denota nem enriquecimento ilícito e nem dano ao erário, pois no máximo a prática de guerra fiscal pode gerar. Já no artigo 11, o máximo que pode ocorrer é o dano ao erário, com o devido ressarcimento. Além disso, em todos os casos há perda da função pública. Nas três categorias, são estabelecidas sanções de suspensão dos direitos políticos, multa e vedação de contratação ou percepção de vantagem, graduadas conforme a gravidade do ato. É o que se depreende da leitura do artigo 12 da Lei nº 8.929/1992 como §4º do artigo 37, CF, que prevê: "Os **atos de improbidade administrativa importarão a suspensão dos direitos políticos, a perda da função pública, a indisponibilidade dos bens e o ressarcimento ao erário**, na forma e gradação previstas em lei, sem prejuízo da ação penal cabível".

A única sanção que se encontra prevista na Lei nº 8.429/1992 mas não na Constituição Federal é a de **multa**. (art. 37, §4°, CF). Não há nenhuma inconstitucionalidade disto, pois nada impediria que o legislador infraconstitucional ampliasse a relação mínima de penalidades da Constituição, pois esta não limitou tal possibilidade e porque a lei é o instrumento adequado para tanto[43].

Carvalho Filho[44] tece considerações a respeito de algumas das sanções:

- Perda de bens e valores: "tal punição só incide sobre os bens acrescidos após a prática do ato de improbidade. Se alcançasse anteriores, ocorreria confisco, o que restaria sem escora constitucional. Além disso, o acréscimo deve derivar de origem ilícita".

- Ressarcimento integral do dano: há quem entenda que engloba dano moral. Cabe acréscimo de correção monetária e juros de mora.

- Perda de função pública: "se o agente é titular de mandato, a perda se processa pelo instrumento de cassação. Sendo servidor estatutário, sujeitar-se-á à demissão do serviço público. Havendo contrato de trabalho (servidores trabalhistas e temporários), a perda da função pública se consubstancia pela rescisão do contrato com culpa do empregado. No caso de exercer apenas uma função pública, fora de tais situações, a perda se dará pela revogação da designação". Lembra-se que determinadas autoridades se sujeitam a procedimento especial para perda da função pública, ponto em que não se aplica a Lei de Improbidade Administrativa.

43 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

44 Ibid.

- Multa: a lei indica inflexibilidade no limite máximo, mas flexibilidade dentro deste limite, podendo os julgados nesta margem optar pela mais adequada. Há ainda variabilidade na base de cálculo, conforme o tipo de ato de improbidade (a base será o valor do enriquecimento ou o valor do dano ou o valor da remuneração do agente). A natureza da multa é de sanção civil, não possuindo caráter indenizatório, mas punitivo.

- Proibição de receber benefícios: não se incluem as imunidades genéricas e o agente punido deve ser ao menos sócio majoritário da instituição vitimada.

- Proibição de contratar: o agente punido não pode participar de processos licitatórios.

4) Responsabilidade civil do Estado e de seus servidores

O instituto da responsabilidade civil é parte integrante do direito obrigacional, uma vez que a principal consequência da prática de um ato ilícito é a obrigação que gera para o seu auto de reparar o dano, mediante o pagamento de indenização que se refere às perdas e danos. Afinal, quem pratica um ato ou incorre em omissão que gere dano deve suportar as consequências jurídicas decorrentes, restaurando-se o equilíbrio social.[45]

A responsabilidade civil, assim, difere-se da penal, podendo recair sobre os herdeiros do autor do ilícito até os limites da herança, embora existam reflexos na ação que apure a responsabilidade civil conforme o resultado na esfera penal (por exemplo, uma absolvição por negativa de autoria impede a condenação na esfera cível, ao passo que uma absolvição por falta de provas não o faz).

A responsabilidade civil do Estado acompanha o raciocínio de que a principal consequência da prática de um ato ilícito é a obrigação que gera para o seu auto de reparar o dano, mediante o pagamento de indenização que se refere às perdas e danos. Todos os cidadãos se sujeitam às regras da responsabilidade civil, tanto podendo buscar o ressarcimento do dano que sofreu quanto respondendo por aqueles danos que causar. Da mesma forma, o Estado tem o dever de indenizar os membros da sociedade pelos danos que seus agentes causem durante a prestação do serviço, inclusive se tais danos caracterizarem uma violação aos direitos humanos reconhecidos.

Trata-se de responsabilidade extracontratual porque não depende de ajuste prévio, basta a caracterização de elementos genéricos pré-determinados, que perpassam pela leitura concomitante do Código Civil (artigos 186, 187 e 927) com a Constituição Federal (artigo 37, §6°).

Genericamente, os elementos da responsabilidade civil se encontram no art. 186 do Código Civil:

Artigo 186, CC. Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito.

Este é o artigo central do instituto da responsabilidade civil, que tem como elementos: ação ou omissão voluntária (agir como não se deve ou deixar de agir como se deve), culpa ou dolo do agente (dolo é a vontade de cometer uma

45 GONÇALVES, Carlos Roberto. **Responsabilidade Civil**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

violação de direito e culpa é a falta de diligência), nexo causal (relação de causa e efeito entre a ação/omissão e o dano causado) e dano (dano é o prejuízo sofrido pelo agente, que pode ser individual ou coletivo, moral ou material, econômico e não econômico).

1) Dano - somente é indenizável o dano certo, especial e anormal. Certo é o dano real, existente. Especial é o dano específico, individualizado, que atinge determinada ou determinadas pessoas. Anormal é o dano que ultrapassa os problemas comuns da vida em sociedade (por exemplo, infelizmente os assaltos são comuns e o Estado não responde por todo assalto que ocorra, a não ser que na circunstância específica possuía o dever de impedir o assalto, como no caso de uma viatura presente no local - muito embora o direito à segurança pessoal seja um direito humano reconhecido).

2) Agentes públicos - é toda pessoa que trabalhe dentro da administração pública, tenha ingressado ou não por concurso, possua cargo, emprego ou função. Envolve os agentes políticos, os servidores públicos em geral (funcionários, empregados ou temporários) e os particulares em colaboração (por exemplo, jurado ou mesário).

3) Dano causado quando o agente estava agindo nesta qualidade - é preciso que o agente esteja lançando mão das prerrogativas do cargo, não agindo como um particular.

Sem estes três requisitos, não será possível acionar o Estado para responsabilizá-lo civilmente pelo dano, por mais relevante que tenha sido a esfera de direitos atingida. Assim, não é qualquer dano que permite a responsabilização civil do Estado, mas somente aquele que é causado por um agente público no exercício de suas funções e que exceda as expectativas do lesado quanto à atuação do Estado.

É preciso lembrar que não é o Estado em si que viola os direitos humanos, porque o Estado é uma ficção formada por um grupo de pessoas que desempenham as atividades estatais diversas. Assim, viola direitos humanos não o Estado em si, mas o agente que o representa, fazendo com que o próprio Estado seja responsabilizado por isso civilmente, pagando pela indenização (reparação dos danos materiais e morais). Sem prejuízo, com relação a eles, caberá ação de regresso se agiram com dolo ou culpa.

Prevê o artigo 37, §6° da Constituição Federal:

Artigo 37, §6º, CF. As pessoas jurídicas de direito público e as de direito privado prestadoras de serviços públicos ***responderão pelos danos que seus agentes, nessa qualidade, causarem a terceiros, assegurado o direito de regresso contra o responsável nos casos de dolo ou culpa***.

Este artigo deixa clara a formação de uma relação jurídica autônoma entre o Estado e o agente público que causou o dano no desempenho de suas funções. Nesta relação, a responsabilidade civil será subjetiva, ou seja, caberá ao Estado provar a culpa do agente pelo dano causado, ao qual foi anteriormente condenado a reparar. Direito de regresso é justamente o direito de acionar o causador direto do dano para obter de volta aquilo que pagou à vítima, considerada a existência de uma relação obrigacional que se forma entre a vítima e a instituição que o agente compõe.

Assim, o Estado responde pelos danos que seu agente causar aos membros da sociedade, mas se este agente agiu com dolo ou culpa deverá ressarcir o Estado do que foi pago à vítima. O agente causará danos ao praticar condutas incompatíveis com o comportamento ético dele esperado.[46]

A responsabilidade civil do servidor exige prévio processo administrativo disciplinar no qual seja assegurado contraditório e ampla defesa. Trata-se de **responsabilidade civil subjetiva ou com culpa**. Havendo ação ou omissão com culpa do servidor que gere dano ao erário (Administração) ou a terceiro (administrado), o servidor terá o dever de indenizar.

Não obstante, agentes públicos que pratiquem atos violadores de direitos humanos se sujeitam à **responsabilidade penal** e à **responsabilidade administrativa**, todas autônomas uma com relação à outra e à já mencionada responsabilidade civil. Neste sentido, o artigo 125 da Lei nº 8.112/90:

Artigo 125, Lei nº 8.112/1990. As sanções civis, penais e administrativas poderão cumular-se, sendo independentes entre si.

No caso da responsabilidade civil, o Estado é diretamente acionado e responde pelos atos de seus servidores que violem direitos humanos, cabendo eventualmente ação de regresso contra ele. Contudo, nos casos da responsabilidade penal e da responsabilidade administrativa aciona-se o agente público que praticou o ato.

São inúmeros os exemplos de crimes que podem ser praticados pelo agente público no exercício de sua função que violam direitos humanos. A título de exemplo, peculato, consistente em apropriação ou desvio de dinheiro público (art. 312, CP), que viola o bem comum e o interesse da coletividade; concussão, que é a exigência de vantagem indevida (art. 316, CP), expondo a vítima a uma situação de constrangimento e medo que viola diretamente sua dignidade; tortura, a mais cruel forma de tratamento humano, cuja pena é agravada quando praticada por funcionário público (art. 1º, §4º, I, Lei nº 9.455/97); etc.

Quanto à responsabilidade administrativa, menciona-se, a título de exemplo, as penalidades cabíveis descritas no art. 127 da Lei nº 8.112/90, que serão aplicadas pelo funcionário que violar a ética do serviço público, como advertência, suspensão e demissão.

Evidencia-se a independência entre as esferas civil, penal e administrativa no que tange à responsabilização do agente público que cometa ato ilícito.

Tomadas as exigências de características dos danos acima colacionadas, notadamente a anormalidade, considera-se que para o Estado ser responsabilizado por um dano, ele deve exceder expectativas cotidianas, isto é, não cabe exigir do Estado uma excepcional vigilância da sociedade e a plena cobertura de todas as fatalidades que possam acontecer em território nacional.

Diante de tal premissa, entende-se que a responsabilidade civil do Estado será **objetiva apenas no caso de ações, mas subjetiva no caso de omissões**. Em outras

46 SPITZCOVSKY, Celso. **Direito Administrativo**. 13. ed. São Paulo: Método, 2011.

NOVA CONCURSOS

palavras, verifica-se se o Estado se omitiu tendo plenas condições de não ter se omitido, isto é, ter deixado de agir quando tinha plenas condições de fazê-lo, acarretando em prejuízo dentro de sua previsibilidade.

São casos nos quais se reconheceu a responsabilidade omissiva do Estado: morte de filho menor em creche municipal, buracos não sinalizados na via pública, tentativa de assalto a usuário do metrô resultando em morte, danos provocados por enchentes e escoamento de águas pluviais quando o Estado sabia da problemática e não tomou providência para evitá-las, morte de detento em prisão, incêndio em casa de shows fiscalizada com negligência, etc.

Logo, não é sempre que o Estado será responsabilizado. Há **excludentes da responsabilidade estatal**, notadamente: a) caso fortuito (fato de terceiro) ou força maior (fato da natureza) fora dos alcances da previsibilidade do dano; b) culpa exclusiva da vítima.

5) Exercício de mandato eletivo por servidores públicos

A questão do exercício de mandato eletivo pelo servidor público encontra previsão constitucional em seu artigo 38, que notadamente estabelece quais tipos de mandatos geram incompatibilidade ao serviço público e regulamenta a questão remuneratória:

Artigo 38, CF. Ao servidor público da administração direta, autárquica e fundacional, no ***exercício de mandato eletivo****, aplicam-se as seguintes disposições:*

*I - tratando-se de mandato eletivo federal, estadual ou distrital, ficará **afastado** de seu cargo, emprego ou função;*

*II - investido no mandato de Prefeito, será afastado do cargo, emprego ou função, sendo-lhe **facultado optar pela sua remuneração**;*

*III - investido no mandato de Vereador, havendo compatibilidade de horários, perceberá as vantagens de seu cargo, emprego ou função, sem prejuízo da remuneração do cargo eletivo, e, não havendo **compatibilidade**, será aplicada a norma do inciso anterior;*

*IV - em qualquer caso que exija o afastamento para o exercício de mandato eletivo, seu **tempo de serviço será contado para todos os efeitos legais**, exceto para promoção por merecimento;*

*V - para efeito de **benefício previdenciário**, no caso de afastamento, os valores serão determinados como se no exercício estivesse.*

6) Regime de remuneração e previdência dos servidores públicos

Regulamenta-se o regime de remuneração e previdência dos servidores públicos nos artigo 39 e 40 da Constituição Federal:

*Artigo 39, CF. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios instituirão **conselho de política de administração e remuneração de pessoal**, integrado por servidores designados pelos respectivos Poderes. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998 e aplicação suspensa pela ADIN nº 2.135-4, destacando-se a redação anterior: "A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios instituirão, no âmbito de sua competência, regime jurídico único e planos de carreira para os servidores da administração pública direta, das autarquias e das fundações públicas").*

§ 1º A fixação dos padrões de vencimento e dos demais componentes do sistema remuneratório observará:

I - a natureza, o grau de responsabilidade e a complexidade dos cargos componentes de cada carreira;

II - os requisitos para a investidura;

III - as peculiaridades dos cargos.

§ 2º A União, os Estados e o Distrito Federal manterão escolas de governo para a formação e o aperfeiçoamento dos servidores públicos, constituindo-se a participação nos cursos um dos requisitos para a promoção na carreira, facultada, para isso, a celebração de convênios ou contratos entre os entes federados.

§ 3º Aplica-se aos servidores ocupantes de cargo público o disposto no art. 7º, IV, VII, VIII, IX, XII, XIII, *XV,XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXII e XXX, podendo a lei estabelecer requisitos diferenciados de admissão quando a natureza do cargo o exigir.*

§ 4º O membro de Poder, o detentor de mandato eletivo, os Ministros de Estado e os Secretários Estaduais e Municipais serão remunerados exclusivamente por subsídio fixado em parcela única, vedado o acréscimo de qualquer gratificação, adicional, abono, prêmio, verba de representação ou outra espécie remuneratória, obedecido, em qualquer caso, o disposto no art. 37, X e XI.

§ 5º Lei da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios poderá estabelecer a relação entre a maior e a menor remuneração dos servidores públicos, obedecido, em qualquer caso, o disposto no art. 37, XI.

§ 6º Os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário publicarão anualmente os valores do subsídio e da remuneração dos cargos e empregos públicos.

§ 7º Lei da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios disciplinará a aplicação de recursos orçamentários provenientes da economia com despesas correntes em cada órgão, autarquia e fundação, para aplicação no desenvolvimento de programas de qualidade e produtividade, treinamento e desenvolvimento, modernização, reaparelhamento e racionalização do serviço público, inclusive sob a forma de adicional ou prêmio de produtividade.

§ 8º A remuneração dos servidores públicos organizados em carreira poderá ser fixada nos termos do § 4º.

Artigo 40, CF. Aos servidores titulares de cargos efetivos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, incluídas suas autarquias e fundações, é assegurado regime de previdência de caráter contributivo e solidário, mediante contribuição do respectivo ente público, dos servidores ativos e inativos e dos pensionistas, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial e o disposto neste artigo.

§ 1º Os servidores abrangidos pelo regime de previdência de que trata este artigo serão aposentados, calculados os seus proventos a partir dos valores fixados na forma dos §§ 3º e 17:

*I - por **invalidez permanente**, sendo os proventos **proporcionais ao tempo de contribuição**, exceto se decorrente de **acidente em serviço, moléstia profissional ou doença grave, contagiosa ou incurável**, na forma da lei;*

*II - **compulsoriamente**, com proventos proporcionais ao tempo de contribuição, **aos 70 (setenta) anos de idade, ou aos 75 (setenta e cinco) anos de idade**, na forma de lei complementar;*

*III - **voluntariamente**, desde que cumprido tempo mínimo de **dez anos de efetivo exercício no serviço público e cinco anos no cargo efetivo** em que se dará a aposentadoria, observadas as seguintes condições:*

a) sessenta anos de idade e trinta e cinco de contribuição, se homem, e cinquenta e cinco anos de idade e trinta de contribuição, se mulher*;*

*b) **sessenta e cinco anos de idade, se homem, e sessenta anos de idade, se mulher, com proventos proporcionais** ao tempo de contribuição.*

§ 2º Os proventos de aposentadoria e as pensões, por ocasião de sua concessão, não poderão exceder a remuneração do respectivo servidor, no cargo efetivo em que se deu a aposentadoria ou que serviu de referência para a concessão da pensão.

§ 3º Para o cálculo dos proventos de aposentadoria, por ocasião da sua concessão, serão consideradas as remunerações utilizadas como base para as contribuições do servidor aos regimes de previdência de que tratam este artigo e o art. 201, na forma da lei.

§ 4º É vedada a adoção de ***requisitos e critérios diferenciados*** *para a concessão de aposentadoria aos abrangidos pelo regime de que trata este artigo, ressalvados, nos termos definidos em leis complementares, os casos de servidores:*

*I - **portadores de deficiência**;*

*II - que exerçam **atividades de risco**;*

*III - cujas atividades sejam exercidas sob **condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física**.*

§ 5º Os requisitos de idade e de tempo de contribuição serão reduzidos em cinco anos, em relação ao disposto no § 1º, III, a, para o professor que comprove exclusivamente tempo de efetivo exercício das funções de magistério na educação infantil e no ensino fundamental e médio.

§ 6º Ressalvadas *as aposentadorias decorrentes dos **cargos acumuláveis** na forma desta Constituição, é **vedada a percepção de mais de uma aposentadoria*** à conta do regime de previdência previsto neste artigo.

§ 7º Lei disporá sobre a concessão do ***benefício de pensão por morte***, *que será igual:*

I - ao valor da totalidade dos proventos do servidor falecido, até o limite máximo estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social de que trata o art. 201, acrescido de setenta por cento da parcela excedente a este limite, caso aposentado à data do óbito; ou

II - ao valor da totalidade da remuneração do servidor no cargo efetivo em que se deu o falecimento, até o limite máximo estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social de que trata o art. 201, acrescido de setenta por cento da parcela excedente a este limite, caso em atividade na data do óbito.

§ 8º É assegurado o ***reajustamento*** *dos benefícios para preservar-lhes, em caráter permanente, o valor real, conforme critérios estabelecidos em lei.*

§ 9º O ***tempo de contribuição*** *federal, estadual ou municipal **será contado para efeito de aposentadoria e o tempo de serviço correspondente para efeito de disponibilidade**.*

§ 10. A lei não poderá estabelecer qualquer forma de contagem de ***tempo de contribuição fictício***.

§ 11. Aplica-se o ***limite fixado no art. 37, XI, à soma total dos proventos de inatividade***, *inclusive quando decorrentes da acumulação de cargos ou empregos públicos, bem como de outras atividades sujeitas a contribuição para o regime geral de previdência social, e ao montante resultante da adição de proventos de inatividade com remuneração de cargo acumulável na forma desta Constituição, cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração, e de cargo eletivo.*

§ 12. Além do disposto neste artigo, o regime de previdência dos servidores públicos titulares de cargo efetivo observará, ***no que couber,*** *os **requisitos e critérios fixados para o regime geral de previdência social**.*

§ 13. Ao servidor ocupante, exclusivamente, de ***cargo em comissão*** *declarado em lei de livre nomeação e exoneração bem como de outro cargo temporário ou de emprego público, aplica-se o **regime geral de previdência social**.*

§ 14. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, desde que instituam regime de previdência complementar para os seus respectivos servidores titulares de cargo efetivo, poderão fixar, para o valor das aposentadorias e pensões a serem concedidas pelo regime de que trata este artigo, o ***limite máximo estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social*** *de que trata o art. 201.*

§ 15. O regime de previdência complementar de que trata o § 14 será instituído por lei de iniciativa do respectivo Poder Executivo, observado o disposto no art. 202 e seus parágrafos, no que couber, por intermédio de entidades fechadas de previdência complementar, de natureza pública, que oferecerão aos respectivos participantes planos de benefícios somente na modalidade de contribuição definida.

§ 16. Somente mediante sua prévia e expressa opção, o disposto nos §§ 14 e 15 poderá ser aplicado ao servidor que tiver ingressado no serviço público até a data da publicação do ato de instituição do correspondente regime de previdência complementar.

§ 17. Todos os valores de remuneração considerados para o cálculo do benefício previsto no § 3° serão devidamente ***atualizados***, *na forma da lei.*

§ 18. Incidirá contribuição sobre os proventos de aposentadorias e pensões concedidas pelo regime de que trata este artigo que superem o ***limite máximo*** *estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social de que trata o art. 201, com percentual igual ao estabelecido para os servidores titulares de cargos efetivos.*

§ 19. O servidor de que trata este artigo que tenha completado as exigências para ***aposentadoria voluntária*** *estabelecidas no § 1º, III, a, e que opte por permanecer em atividade fará jus a um abono de permanência equivalente ao valor da sua contribuição previdenciária até completar as exigências para aposentadoria compulsória contidas no § 1º, II.*

NOVA CONCURSOS

§ 20. Fica ***vedada a existência de mais de um regime próprio de previdência social para os servidores titulares de cargos efetivos, e de mais de uma unidade gestora*** *do respectivo regime* ***em cada ente estatal****, ressalvado o disposto no art. 142, § 3º, X.*

§ 21. A contribuição prevista no § 18 deste artigo incidirá apenas sobre as ***parcelas de proventos de aposentadoria e de pensão*** *que superem o dobro do limite máximo estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social de que trata o art. 201 desta Constituição, quando o beneficiário, na forma da lei, for portador de doença incapacitante.*

7) Estágio probatório e perda do cargo

Estabelece a Constituição Federal em seu artigo 41, a ser lido em conjunto com o artigo 20 da Lei nº 8.112/1990:

Artigo 41, CF. São estáveis após ***três anos de efetivo exercício os servidores nomeados para cargo de provimento efetivo em virtude de concurso público****.*

§ 1º O servidor público estável só perderá o cargo:

I - em virtude de ***sentença judicial transitada em julgado****;*

II - mediante ***processo administrativo em que lhe seja assegurada ampla defesa****;*

III - mediante ***procedimento de avaliação periódica de desempenho****, na forma de lei complementar, assegurada ampla defesa.*

§ 2º Invalidada por sentença judicial a demissão do servidor estável, será ele ***reintegrado****, e o eventual ocupante da vaga, se estável,* ***reconduzido*** *ao cargo de origem, sem direito a indenização, aproveitado em outro cargo ou posto em disponibilidade com remuneração proporcional ao tempo de serviço.*

§ 3º Extinto o cargo ou declarada a sua desnecessidade, o servidor estável ficará em ***disponibilidade****, com remuneração proporcional ao tempo de serviço, até seu adequado aproveitamento em outro cargo.*

§ 4º Como condição para a aquisição da estabilidade, é obrigatória a ***avaliação especial*** *de desempenho por comissão instituída para essa finalidade.*

Art. 20, Lei nº 8.112/1990. Ao entrar em exercício, o servidor nomeado para cargo de provimento efetivo ficará sujeito a estágio probatório por período de ~~24 (vinte e quatro) meses~~, durante o qual a sua aptidão e capacidade serão objeto de avaliação para o desempenho do cargo, observados os seguinte fatores:

I - ***assiduidade****;*

II - ***disciplina****;*

III - ***capacidade de iniciativa****;*

IV - ***produtividade****;*

V - ***responsabilidade****.*

§ 1º 4 (quatro) meses antes de findo o período do estágio probatório, será submetida à homologação da autoridade competente a avaliação do desempenho do servidor, realizada por comissão constituída para essa finalidade, de acordo com o que dispuser a lei ou o regulamento da respectiva carreira ou cargo, sem prejuízo da continuidade de apuração dos fatores enumerados nos incisos I a V do caput deste artigo.

§ 2º O servidor não aprovado no estágio probatório será exonerado ou, se estável, reconduzido ao cargo anteriormente ocupado, observado o disposto no parágrafo único do art. 29.

§ 3º O servidor em estágio probatório poderá exercer quaisquer cargos de provimento em comissão ou funções de direção, chefia ou assessoramento no órgão ou entidade de lotação, e somente poderá ser cedido a outro órgão ou entidade para ocupar cargos de Natureza Especial, cargos de provimento em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS, de níveis 6, 5 e 4, ou equivalentes.

§ 4º Ao servidor em estágio probatório somente poderão ser concedidas as licenças e os afastamentos previstos nos *arts. 81, incisos I a IV, 94, 95 e 96, bem assim afastamento para participar de curso de formação decorrente de aprovação em concurso para outro cargo na Administração Pública Federal.*

§ 5º O estágio probatório ficará suspenso durante as licenças e os afastamentos previstos nos *arts. 83, 84, § 1o, 86 e 96, bem assim na hipótese de participação em curso de formação, e será retomado a partir do término do impedimento.*

O estágio probatório pode ser definido como um lapso de tempo no qual a aptidão e capacidade do servidor serão avaliadas de acordo com critérios de assiduidade, disciplina, capacidade de iniciativa, produtividade e responsabilidade. O servidor não aprovado no estágio probatório será exonerado ou, se estável, reconduzido ao cargo anteriormente ocupado. Não existe vedação para um servidor em estágio probatório exercer quaisquer cargos de provimento em comissão ou funções de direção, chefia ou assessoramento no órgão ou entidade de lotação.

Desde a Emenda Constitucional nº 19 de 1998, a disciplina do estágio probatório mudou, notadamente aumentando o prazo de 2 anos para 3 anos. Tendo em vista que a norma constitucional prevalece sobre a lei federal, mesmo que ela não tenha sido atualizada, deve-se seguir o disposto no artigo 41 da Constituição Federal.

Uma vez adquirida a aprovação no estágio probatório, o servidor público somente poderá ser exonerado nos casos do §1º do artigo 40 da Constituição Federal, notadamente: em virtude de **sentença judicial transitada em julgado**; mediante **processo administrativo em que lhe seja assegurada ampla defesa**; ou mediante **procedimento de avaliação periódica de desempenho**, na forma de lei complementar, assegurada ampla defesa (sendo esta lei complementar ainda inexistente no âmbito federal.

205 AO 214 E 227 AO 229.

CAPÍTULO III

DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO

Seção I

DA EDUCAÇÃO

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade.

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal.

Parágrafo único. A lei disporá sobre as categorias de trabalhadores considerados profissionais da educação básica e sobre a fixação de prazo para a elaboração ou adequação de seus planos de carreira, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

§ 1º É facultado às universidades admitir professores, técnicos e cientistas estrangeiros, na forma da lei.

§ 2º O disposto neste artigo aplica-se às instituições de pesquisa científica e tecnológica.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º - O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º - O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º - Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

Art. 209. O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições:

I - cumprimento das normas gerais da educação nacional;

II - autorização e avaliação de qualidade pelo Poder Público.

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º - O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

§ 2º - O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Art. 211. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino.

§ 1º A União organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios;

§ 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.

§ 3º Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio.

§ 4º Na organização de seus sistemas de ensino, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório.

§ 5º A educação básica pública atenderá prioritariamente ao ensino regular.

Art. 212. A União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino.

§ 1º - A parcela da arrecadação de impostos transferida pela União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, ou pelos Estados aos respectivos Municípios, não é considerada, para efeito do cálculo previsto neste artigo, receita do governo que a transferir.

§ 2º - Para efeito do cumprimento do disposto no «caput» deste artigo, serão considerados os sistemas de ensino federal, estadual e municipal e os recursos aplicados na forma do art. 213.

§ 3º A distribuição dos recursos públicos assegurará prioridade ao atendimento das necessidades do ensino obrigatório, no que se refere a universalização, garantia de padrão de qualidade e equidade, nos termos do plano nacional de educação.

§ 4º - Os programas suplementares de alimentação e assistência à saúde previstos no art. 208, VII, serão financiados com recursos provenientes de contribuições sociais e outros recursos orçamentários.

§ 5º A educação básica pública terá como fonte adicional de financiamento a contribuição social do salário-educação, recolhida pelas empresas na forma da lei.

§ 6º As cotas estaduais e municipais da arrecadação da contribuição social do salário-educação serão distribuídas proporcionalmente ao número de alunos matriculados na educação básica nas respectivas redes públicas de ensino.

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I - comprovem finalidade não-lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação;

II - assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades.

§ 1º - Os recursos de que trata este artigo poderão ser destinados a bolsas de estudo para o ensino fundamental e médio, na forma da lei, para os que demonstrarem insuficiência de recursos, quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública na localidade da residência do educando, ficando o Poder Público obrigado a investir prioritariamente na expansão de sua rede na localidade.

§ 2º - As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público.

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a:

I - erradicação do analfabetismo;

II - universalização do atendimento escolar;

III - melhoria da qualidade do ensino;

IV - formação para o trabalho;

V - promoção humanística, científica e tecnológica do País.

VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 1º O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente e do jovem, admitida a participação de entidades não governamentais, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:

I - aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na assistência materno-infantil;

II - criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação.

§ 2º - A lei disporá sobre normas de construção dos logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência.

§ 3º - O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

I - idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;

II - garantia de direitos previdenciários e trabalhistas;

III - garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola;

IV - garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica;

V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade;

VI - estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;

VII - programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins.

§ 4º - A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.

§ 5º - A adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.

§ 6º - Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

§ 7º - No atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se- á em consideração o disposto no art. 204.

§ 8º A lei estabelecerá:

I - o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens;

II - o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas.

Art. 228. São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial.

Art. 229. Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

LEI FEDERAL Nº 8069, DE 13 DE JULHO DE 1990. DISPÕE SOBRE O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. ARTIGOS 53 AO 59 E 136 A 137.

Noções introdutórias e disciplina constitucional

*Art. 227. É **dever da família, da sociedade e do Estado** assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com **absoluta prioridade**, o direito* à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao ***lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária**, além de colocá-los a **salvo** de toda forma de **negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão**.*

§ 1º O Estado promoverá ***programas de assistência integral à saúde** da criança, do adolescente e do jovem, admitida a **participação de entidades não governamentais**, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:*

*I - aplicação de **percentual** dos recursos públicos destinados à saúde na **assistência materno-infantil**;*

*II - criação de **programas de prevenção e atendimento especializado** para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de **integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência**, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação.*

§ 2º A lei disporá sobre ***normas de construção dos logradouros e dos edifícios** de uso público e de fabricação de **veículos de transporte coletivo**, a fim de garantir **acesso** adequado às pessoas portadoras de deficiência.*

§ 3º O direito a ***proteção especial** abrangerá os seguintes aspectos:*

I - idade mínima de ***quatorze anos para admissão ao trabalho**, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;*

*II - garantia de **direitos previdenciários e trabalhistas**;*

*III - garantia de **acesso do trabalhador** adolescente e jovem* à escola*;*

*IV - garantia de **pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional**, **igualdade na relação processual** e **defesa técnica por profissional habilitado**, segundo dispuser a legislação tutelar específica;*

*V - obediência aos princípios de **brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar** de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer **medida privativa da liberdade**;*

*VI - estímulo do Poder Público, através de **assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios**, nos termos da lei, ao **acolhimento**, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;*

*VII - programas de **prevenção e atendimento especializado** à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de **entorpecentes e drogas** afins.*

§ 4º A lei punirá severamente ***o abuso, a violência e a exploração sexual** da criança e do adolescente.*

§ 5º A ***adoção será assistida pelo Poder Público**, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.*

§ 6º Os ***filhos**, **havidos ou não da relação do casamento**, **ou por adoção**, terão os **mesmos direitos e qualificações**, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.*

§ 7º No atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se-á em consideração o disposto no art. 204[47].

§ 8º A lei estabelecerá:

*I - o **estatuto da juventude**, destinado a regular os direitos dos jovens;*

*II - o **plano nacional de juventude**, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas.*

No *caput* do artigo 227, CF se encontra uma das principais diretrizes do direito da criança e do adolescente que é o princípio da prioridade absoluta. Significa que cada criança e adolescente deve receber tratamento especial do Estado e ser priorizado em suas políticas públicas, pois são o futuro do país e as bases de construção da sociedade.

A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, seguindo em seus dispositivos a ideologia do princípio da absoluta prioridade.

No §1º do artigo 227 aborda-se a questão da assistência à saúde da criança e do adolescente. Do inciso I se depreende a intrínseca relação entre a proteção da criança e do adolescente com a proteção da maternidade e da infância, mencionada no artigo 6º, CF. Já do inciso II se depreende a proteção de outro grupo vulnerável, que é a pessoa portadora de deficiência, valendo lembrar que o Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, que promulga a Convenção

47 Art. 204. As ações governamentais na área da assistência social serão realizadas com **recursos do orçamento da seguridade social**, previstos no art. 195, além de outras fontes, e organizadas com base nas seguintes diretrizes: I - **descentralização político-administrativa**, cabendo a coordenação e as normas gerais à esfera federal e a coordenação e a execução dos respectivos programas às esferas estadual e municipal, bem como a entidades beneficentes e de assistência social; II - **participação da população**, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis. Parágrafo único. É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de: I - despesas com pessoal e encargos sociais; II - serviço da dívida; III - qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados.

Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007, foi promulgado após aprovação no Congresso Nacional nos moldes da Emenda Constitucional nº 45/2004, tendo força de norma constitucional e não de lei ordinária. A preocupação com o direito da pessoa portadora de deficiência se estende ao §2º do artigo 227, CF: "a lei disporá sobre normas de construção dos **logradouros e dos edifícios de uso público** e de fabricação de **veículos** de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência".

A proteção especial que decorre do princípio da prioridade absoluta está prevista no §3º do artigo 227. Liga-se, ainda, à proteção especial, a previsão do §4º do artigo 227: "A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente".

Tendo em vista o direito de toda criança e adolescente de ser criado no seio de uma família, o §5º do artigo 227 da Constituição prevê que "a adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros". Neste sentido, a Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009, dispõe sobre a adoção.

A igualdade entre os filhos, quebrando o paradigma da Constituição anterior e do até então vigente Código Civil de 1916 consta no artigo 227, § 6º, CF: "os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação".

Quando o artigo 227 dispõe no § 7º que "no atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se-á em consideração o disposto no art. 204" tem em vista a adoção de práticas de assistência social, com recursos da seguridade social, em prol da criança e do adolescente.

Por seu turno, o artigo 227, § 8º, CF, preconiza: "A lei estabelecerá: I - o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens; II - o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas". A Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Mais informações sobre a Política mencionada no inciso II e sobre a Secretaria e o Conselho Nacional de Juventude que direcionam a implementação dela podem ser obtidas na rede[48].

Aprofundando o tema, a cabeça do art. 227, da Lei Fundamental, preconiza ser dever *da família*, *da sociedade* e *do Estado* assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, *com absoluta prioridade*, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A leitura do art. 227, *caput*, da Constituição Federal permite concluir que se adotou, neste país, a chamada "*Doutrina da Proteção Integral da Criança*", ao lhe assegurar a absoluta prioridade em políticas públicas, medidas sociais, decisões judiciais, respeito aos direitos humanos, e observância da dignidade da pessoa humana. Neste sentido, o parágrafo único, do art. 5º, do "Estatuto da Criança e do Adolescente", prevê que a garantia de prioridade compreende a primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias (alínea "a"), a precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública (alínea "b"), a preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas (alínea "c"), e a destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude (alínea "d").

Ademais, a proteção à criança, ao adolescente e ao jovem representa incumbência atribuída não só ao Estado, mas também à família e à sociedade. Sendo assim, há se prestar bastante atenção nas provas de concurso, tendo em vista que só se costuma colocar o Estado como observador da "Doutrina da Proteção Integral", sendo que isso também compete à família e à sociedade.

Nesta frequência, o direito à proteção especial abrangerá os seguintes aspectos (art. 227, §3º, CF):

- A idade mínima de dezesseis anos para admissão ao trabalho, salvo a partir dos quatorze anos, na condição de aprendiz (inciso I de acordo com o art. 7º, XXXIII, CF, pós-alteração promovida pela Emenda Constitucional nº 20/98);
- A garantia de direitos previdenciários e trabalhistas (inciso II);
- A garantia de acesso ao trabalhador adolescente e jovem à escola (inciso III);
- A garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição do ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica (inciso IV);
- A obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa de liberdade (inciso V);
- O estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado (inciso VI);
- Programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins (inciso VII).

Prosseguindo, o parágrafo sexto, do art. 227, da Constituição, garante o "*Princípio da Igualdade entre os Filhos*", ao dispor que os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

Assim, com a Constituição Federal, os filhos não têm mais "valor" para efeito de direitos alimentícios e sucessórios. Não se pode falar em um filho receber metade da parte que originalmente lhe cabia por ser "bastardo", enquanto aquele fruto da sociedade conjugal receber a quantia integral. Aliás, nem mesmo a expressão "filho bastardo" pode mais ser utilizada, por representar uma forma de discriminação designatória.

Também, o art. 229 traz uma "via de mão dupla" entre pais e filhos, isto é, os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever

48 http://www.juventude.gov.br/politica

de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade. Tal dispositivo, inclusive, permite que os filhos peçam alimentos aos pais, e que os pais peçam alimentos aos filhos.

Por fim, há se mencionar o acrescentado parágrafo oitavo (pela Emenda Constitucional nº 65/2010), ao art. 227, da Constituição Federal, segundo o qual a lei estabelecerá o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens (inciso I), e o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas (inciso II). Nada obstante a exigência constitucional desde 2010, somente bem recentemente o Estatuto da Juventude foi aprovado (Lei nº 12.852/2013), como visto acima, carecendo, ainda, o Plano Nacional de Juventude de maior regulamentação *infra*constitucional.

Evolução histórica

Na Grécia antiga, a criança era colocada numa posição de inferioridade, tida como um ser irracional, sem capacidade de tomar qualquer tipo de decisão. Trata-se de marco da cultura grega, que enxergava apenas poucos homens de posses como cidadãos. Estes homens concentravam para si o pátrio poder, isto é, o poder do pai. Devido ao pátrio poder, o pai de família concentrava em suas mãos plena possibilidade de gerir a vida das crianças e adolescentes e estes não tinham nenhuma possibilidade de participar destas decisões. Na Idade Média se manteve o sistema do "pátrio poder". As crianças eram submetidas ao absoluto poder do pai e seus destinos seguiam a mesma sorte.

A partir da Idade Moderna, com o Renascimento e o Iluminismo, as crianças e os adolescentes saíram ligeiramente da margem social. A moral da época passa a impor aos pais o dever de educar seus filhos. Entretanto, a educação costumava ser oferecida apenas aos homens. Aqueles que possuíam melhores condições enviavam seus filhos para estudarem nas universidades que começavam a despontar na Europa, aqueles que possuíam condições piores ao menos passavam a ensinar seus ofícios a estes jovens. Já as meninas permaneciam marginalizadas das atividades educacionais e profissionalizantes, apenas lhes era ensinado como desempenhar atividades domésticas.

Desde o final da Revolução Francesa e, com destaque, a partir da Revolução Industrial, que alterou substancialmente os modos e métodos de produção, a criança e o adolescente passam a ocupar papel central na sociedade, desempenhando atividades trabalhistas de caráter equivalente a dos adultos. Foram vítimas de inúmeros acidentes de trabalho, morriam em meio à insalubridade das fábricas, então movidas predominantemente a carvão. Foi apenas com a emergência da Organização Internacional do Trabalho – OIT, em 1919, que aos poucos se consolidou uma consciência a respeito da necessidade de se limitar a participação das crianças e adolescentes no espaço de trabalho. Este foi o estopim para o reconhecimento da condição especial da criança e do adolescente.

Internacionalmente, a proteção efetiva da criança e do adolescente começa a tomar corpo com o reconhecimento internacional dos direitos humanos e a fundação da UNICEF. A UNICEF, inicialmente conhecida como Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para as Crianças, foi criada em dezembro de 1946 para ajudar as crianças da Europa vítimas da II Guerra Mundial. No início da década de 50 o seu mandato foi alargado para responder às necessidades das crianças e das mães nos países em desenvolvimento. Em 1953, torna-se uma agência permanente das Nações Unidas, e passa a ocupar-se especialmente das crianças dos países mais pobres da África, Ásia, América Latina e Médio Oriente. Passa então a designar-se Fundo das Nações Unidas para a Infância, mas mantém a sigla que a tornara conhecida em todo o mundo – UNICEF. Desde então, sobrevieram no âmbito das Nações Unidas documentos bastante relevantes sobre a condição jurídica peculiar da criança, já estudados neste material.

No Brasil, no final do século XIX e início do século XX, foi instituído no Rio de Janeiro o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, primeiro estabelecimento público nacional de atendimento a crianças e adolescentes. Em seguida, veio a Lei nº 4.242/1921, que autorizou o governo a organizar o Serviço de Assistência e Proteção à Infância Abandonada e Dellinquente. Em 1927 foi aprovado o primeiro Código de Menores. Em 1941, durante o governo Vargas, foi criado o Serviço de Assistência ao Menor, cujo fim era dar tratamento penal teoricamente diferenciado aos menores (na prática, eram tratados como criminosos comuns). Em 1964 surge a Política Nacional do Bem-estar do Menor (Lei nº 4.513/1964), que criou a FUNABEM. Surge novo Código de Menores em 1979 (Lei nº 6.697), cujo objeto era a proteção e vigilância de crianças e adolescentes em situação irregular. Na década de 80 começa um movimento de reelaboração da concepção de infância e juventude. O destaque repercute na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, que revogou o Código de Menores e substituiu a doutrina da situação irregular pela doutrina da proteção integral[49].

Relações jurídicas no direito da criança e do adolescente

"As relações jurídicas são formas qualificadas de relações interpessoais, indicando, assim, a ligação entre pessoas, em razão de algum objeto, devidamente regulada pelo direito. Desta forma, o Direito da Criança e do Adolescente, sob o aspecto objetivo e formal, representa a disciplina das relações jurídicas entre Crianças e Adolescentes, de um lado, e de outro, a família, a comunidade, a sociedade e o próprio Estado. [...] Percebemos que a intenção dos doutrinadores e do próprio legislador foi, sempre, criar uma doutrina da proteção integral não somente para a Criança, como, ainda, para o Adolescente, ambos ainda em desenvolvimento, posto que, somente com o término da adolescência é que o menor completará o processo de aquisição de mecanismos mentais relacionados ao pensamento, percepção, reconhecimento, classificação etc. [...] Com isso, o Estatuto da Criança e do Adolescente, sabia-

49 DEZEM, Guilherme Madeira; AGUIRRE, João Ricardo Brandão; FULLER, Paulo Henrique Aranda. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009. (Coleção Elementos do Direito)

mente, se preocupou em envolver não somente a família, mas, ainda, a comunidade, a sociedade e o próprio Estado, para que todos, em conjunto, exerçam seus direitos e deveres sem oprimir aqueles que, em condição inferior, viviam a mercê da sociedade. Mas, qual a razão dessa inclusão tão abrangente? Pois bem, a intenção do Estatuto da Criança e do Adolescente foi conferir ao menor, de forma integral, todas as condições para que o mesmo possa desenvolver-se plenamente, evitando-se, com isso, que haja alguma deficiência em sua formação. Desta forma, a melhor solução apresentada pelo legislador foi incluir todos os segmentos da sociedade, para que ninguém ficasse isento de qualquer responsabilidade, uma vez que a doutrina da proteção integral apresentada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente exige a participação de todos, sem qualquer exceção"[50]. Com efeito, o objeto formal do direito da criança e do adolescente é a proteção jurídica especial da criança e do adolescente. Já o objeto material é a própria criança ou adolescente.

Princípios

Não se pode olvidar que os princípios sempre desempenharam um importante papel social, mas foi somente na atual dogmática jurídica que eles adquiriram normatividade. Hoje em dia, os princípios servem para condensar valores, dar unidade ao sistema e condicionar a atividade do intérprete. Os princípios são normas jurídicas, não meros conteúdos axiológicos, aceitando aplicação autônoma[51].

Em resumo, a teoria dos princípios chega à presente fase do Pós-positivismo com os seguintes resultados já consolidados: a passagem dos princípios da especulação metafísica e abstrata para o campo concreto e positivo do Direito, com baixíssimo teor de densidade normativa; a transição crucial da ordem jusprivatista (sua antiga inserção nos Códigos) para a órbita juspublicística (seu ingresso nas Constituições); a suspensão da distinção clássica entre princípios e normas; o deslocamento dos princípios da esfera da jusfilosofia para o domínio da Ciência Jurídica; a proclamação de sua normatividade; a perda de seu caráter de normas programáticas; o reconhecimento definitivo de sua positividade e concretude por obra sobretudo das Constituições; a distinção entre regras e princípios, como espécies diversificadas do gênero norma, e, finalmente, por expressão máxima de todo esse desdobramento doutrinário, o mais significativo de seus efeitos: a total hegemonia e preeminência dos princípios[52].

No campo do direito da criança e do adolescente, alguns princípios assumem destaque, entre eles:

a) Princípio da prioridade absoluta: previsto nos artigos 227, CF e 4º, ECA preconiza que é dever de todos – Estado, sociedade, comunidade e família – assegurar com absoluta prioridade direitos fundamentais às crianças e adolescentes. Por isso, estabelece-se com primazia a adoção de políticas públicas, a destinação de recursos e a prestação de serviços essenciais àqueles que se encontram na faixa etária inferior a 18 anos.

b) Princípio da proteção integral: previsto no artigo 1º, ECA estabelece que a proteção da criança e do adolescente não pode se restringir às situações de irregularidade, o que teria um caráter estigmatizante, mas deve abranger todas as situações de vida pelas quais passa a criança e o adolescente, mesmo as regulares. Neste sentido, ao se assegurar direitos na regularidade, evita-se que a criança e o adolescente caiam em irregularidade.

c) Princípio da dignidade da pessoa humana: A dignidade da pessoa humana é o valor-base de interpretação de qualquer sistema jurídico, internacional ou nacional, que possa se considerar compatível com os valores éticos, notadamente da moral, da justiça e da democracia. Pensar em dignidade da pessoa humana significa, acima de tudo, colocar a pessoa humana como centro e norte para qualquer processo de interpretação jurídico, seja na elaboração da norma, seja na sua aplicação.

Sem pretender estabelecer uma definição fechada ou plena, é possível conceituar dignidade da pessoa humana como o **principal valor** do ordenamento ético e, por consequência, jurídico que pretende colocar a pessoa humana como um **sujeito pleno de direitos e obrigações** na ordem internacional e nacional, cujo desrespeito acarreta a própria **exclusão de sua personalidade**.

Aponta Barroso[53]: "o princípio da dignidade da pessoa humana identifica um espaço de integridade moral a ser assegurado a todas as pessoas por sua só existência no mundo. É um respeito à criação, independente da crença que se professe quanto à sua origem. A dignidade relaciona-se tanto com a liberdade e valores do espírito como com as condições materiais de subsistência".

O Ministro Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira, do Tribunal Superior do Trabalho, trouxe interessante conceito numa das decisões que relatou: "a dignidade consiste na percepção intrínseca de cada ser humano a respeito dos direitos e obrigações, de modo a assegurar, sob o foco de condições existenciais mínimas, a participação saudável e ativa nos destinos escolhidos, sem que isso importe destilação dos valores soberanos da democracia e das liberdades individuais. O processo de valorização do indivíduo articula a promoção de escolhas, posturas e sonhos, sem olvidar que o espectro de abrangência das liberdades individuais encontra limitação em outros direitos fundamentais, tais como a honra, a vida privada, a intimidade, a imagem. Sobreleva registrar que essas garantias, associadas ao princípio da dignidade da pessoa humana, subsistem como conquista da humanidade, razão pela qual auferiram proteção especial consistente em indenização por dano moral decorrente de sua violação"[54].

---

50 MENDES, Moacyr Pereira. As relações jurídicas decorrentes do Estatuto da Criança e do Adolescente. Âmbito Jurídico, Rio Grande, XII, n. 70, nov. 2009.

51 Ibid., p.327.

52 BONAVIDES, Paulo. **Curso de direito constitucional**. 26. ed. São Paulo: Malheiros, 2011, p. 294.

53 BARROSO, Luís Roberto. **Interpretação e aplicação da Constituição**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 382.

54 BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. **Recurso**

Para Reale[55], a evolução histórica demonstra o domínio de um valor sobre o outro, ou seja, a existência de uma ordem gradativa entre os valores; mas existem os valores fundamentais e os secundários, sendo que o valor fonte é o da pessoa humana. Nesse sentido, são os dizeres de Reale[56]: "partimos dessa ideia, a nosso ver básica, de que a pessoa humana é o valor-fonte de todos os valores. O homem, como ser natural biopsíquico, é apenas um indivíduo entre outros indivíduos, um ente animal entre os demais da mesma espécie. O homem, considerado na sua objetividade espiritual, enquanto ser que só realiza no sentido de seu dever ser, é o que chamamos de pessoa. Só o homem possui a dignidade originária de ser enquanto deve ser, pondo-se essencialmente como razão determinante do processo histórico".

Quando a Constituição Federal assegura a dignidade da pessoa humana como um dos fundamentos da República, faz emergir uma nova concepção de proteção de cada membro do seu povo. Tal ideologia de forte fulcro humanista guia a afirmação de todos os direitos fundamentais e confere a eles posição hierárquica superior às normas organizacionais do Estado, de modo que é o Estado que está para o povo, devendo garantir a dignidade de seus membros, e não o inverso.

d) Princípio da participação popular: previsto no artigo 227, §§ 3º e 7º e no artigo 204, II, CF, assegura a participação popular, através de organizações representativas, na elaboração de políticas públicas direcionadas à infância e à juventude.

e) Princípio da excepcionalidade: previsto no artigo 227, §3º, V, CF assegura que quando da imposição de medida privativa de liberdade esta não será imposta a não ser que se trate de um caso excepcional, em que nenhuma outra medida sócio-educativa possa ser utilizada.

f) Princípio da brevidade: previsto no artigo 227, §3º, V, CF assegura que quando da aplicação de medida privativa de liberdade esta não se estenderá no tempo, devendo ser a mais breve possível, perdurando apenas pelo prazo necessário para a ressocialização do adolescente. No caso, o ECA limita a aplicação de medidas desta natureza ao prazo máximo de 3 anos.

g) Princípio da condição peculiar da pessoa em desenvolvimento: a criança e o adolescente estão em processo de formação e de transformação física e psíquica, logo, possuem uma condição peculiar que deve ser respeitada quando da aplicação da lei.

Autonomia da criança e do adolescente

Coloca-se o trecho do trabalho de Cláudio Leone[57] em que reflete sobre a construção da autonomia do infante:

"Conceitualmente, a análise do respeito à autonomia de uma criança ou de um adolescente só tem sentido se for conduzida a partir do conhecimento da evolução de suas competências nas diferentes idades. É de conhecimento de todos que a criança nasce totalmente dependente de cuidados alheios e que passa por um processo de desenvolvimento progressivo que a leva a alcançar a completa independência na maturidade, o que, nas sociedades modernas, se situa por volta dos vinte anos de idade.

Entretanto, para que este processo de análise de sua autonomia transcorra de maneira isenta, fundamentalmente centrado nas peculiaridades do desenvolvimento do ser humano, o primeiro ponto a ser considerado é a necessidade de abdicar de alguns conceitos preestabelecidos, como é o caso da atitude paternalista. [...]

O segundo ponto a considerar neste percurso, em geral decorrente do primeiro, é a própria legislação que, mesmo tendo o melhor dos intuitos, praticamente nivela todos os menores a uma mesma condição: a de incapacidade, criando a necessidade de se ter figuras aptas a decidir e responder por eles, como se estas figuras fossem sempre e inevitavelmente imbuídas das melhores intenções em relação à criança e ao adolescente.

No entender de Kopelman, para que toda esta legislação fosse realmente válida seria necessário definir melhor, de maneira bem precisa, o que se entende por um padrão mínimo de benefício ou o que é 'o melhor' para os interesses da criança ou do adolescente, de modo que a definição não fique em aberto para a interpretação de quem detém o poder de decidir em nome deles. Além disso, estas definições deveriam estar em constante revisão, para que não acabem sendo ultrapassadas, frente à evolução histórico-social dos fatos que geraram a necessidade de sua criação.

Superados estes dois pontos, que apesar de potencialmente limitantes do processo de discussão da autonomia da criança e do adolescente não podem ser simplesmente ignorados, como se não existissem, chega-se ao terceiro e mais importante: a interpretação do conceito de autonomia à luz do momento de desenvolvimento em que uma determinada criança ou adolescente se encontra.

Nesse sentido, diversas características do desenvolvimento devem ser levadas em consideração:

1. Trata-se de um processo que evolui continuamente à medida que habilidades se aperfeiçoam, novas capacidades são adquiridas, novas vivências são acumuladas e integradas e, portanto, passível de rápidas e extremas mudanças no tempo;

2. A aquisição das competências é progressiva, não se dá saltos, como se se tratasse de compartimentos estanques, e segue sempre uma ordem preestabelecida, sendo, portanto, razoavelmente previsível;

3. Os tempos e o ritmo em que o desenvolvimento se processa são muito individualizados, fazendo com que dois indivíduos de uma mesma idade possam estar em momentos diferentes de desenvolvimento;

4. No caso específico da inteligência, o desenvolvimento é extremamente influenciável por fatores extrínsecos ao indivíduo: as experiências, os estímulos, o ambiente, a educação, a cultura, etc., o que também acaba por reforçar sua evolução extremamente individualizada.

---

de Revista n. 259300-59.2007.5.02.0202. Relator: Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira. Brasília, 05 de setembro de 2012j1. Disponível em: www.tst.gov.br. Acesso em: 17 nov. 2012.

55 REALE, Miguel. **Filosofia do direito**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 228.

56 Ibid., p. 220.

57 LEONE, Cláudio. A criança, o adolescente e a autonomia. **Revista Bioética**, v. 6, n. 1.

Segundo Piaget, a capacidade de operar o pensamento concreto estendendo-o à compreensão do outro e às possíveis consequências de boa parte dos seus atos se aperfeiçoa na idade escolar, entre os 6 e os 11 anos de vida. Este amadurecimento se completa na adolescência, com a capacidade crescente de abstração que a criança desenvolve nesta fase da existência. Como consequência, é possível admitir que é na segunda fase da adolescência, em geral a partir dos 15 anos, que o indivíduo atingiria as competências necessárias para o exercício de sua autonomia, competências estas que necessitariam apenas serem lapidadas ao longo das vivências e de uma maior experiência de vida.

Entretanto, isto não significa que a autonomia da criança e do adolescente só possa (ou deva) ser respeitada a partir desta fase.

Compete ao pediatra e aos demais profissionais de saúde, utilizando suas competências profissionais, definir já desde os primeiros anos de vida em que etapa a criança se encontra ao longo do seu processo evolutivo, tentando diferenciar se se está diante de uma tomada de decisão ditada apenas pelo receio do desconhecido, por um capricho ou vontade decorrente apenas de sua visão egocêntrica, natural em determinadas idades, ou se a mesma já é o resultado de uma reflexão mais amadurecida. São estes extremos que dão a entender a ampla gama de estágios de desenvolvimento, portanto de autonomia, que entre eles podem se apresentar. [...]

Novamente, cabe enfatizar que o risco que se corre ao se utilizar definições bastante precisas como estas é o de acabar classificando um indivíduo de maneira dicotômica, no caso específico da autonomia, como sendo capaz ou incapaz, desistindo assim de uma possível análise de sua real capacidade.

Consequentemente, a ausência de uma ou de mais das características anteriormente citadas não deve ser utilizada para qualificar a criança ou o adolescente como incapaz. Deve, isto sim, servir de embasamento para que se possa tentar entender como suas decisões se originaram.

Em face de situações específicas, individualizadas, como ocorre no dia-a-dia da prática pediátrica, esta é a única forma que o profissional tem de realmente respeitar a autonomia da criança ou do adolescente.

A interpretação adequada da legislação e o dimensionamento correto da decisão dos pais ou responsáveis dependerão fundamentalmente deste tipo de análise da autonomia da criança ou adolescente. Deste modo, mesmo que resulte em situações de conflito entre as posições, servirá de embasamento para um trabalho, muitas vezes exaustivo, de apresentação, de reflexão e de discussão de argumentos e fatos, capaz de conduzir a uma decisão amadurecida e o mais isenta possível, que, respeitando a posição da criança ou do adolescente, poderá efetivamente redundar em seu benefício.

No leque das diferentes situações da prática pediátrica, que se estende desde o recém-nascido no limite de viabilidade ao qual se quer prestar cuidados intensivos de validade questionável naquelas circunstâncias, passando pelas pesquisas científicas que envolvem crianças e adolescentes, até a criança cujo pátrio poder pertence a pais adolescentes, portanto autônomos nas decisões que lhes dizem respeito, todas estas situações, onde nem sempre o real interesse que está em jogo é o da criança, mas sim o dos responsáveis por ela, clarificam que não há uma única resposta ou solução mágica, perfeita, para a questão da autonomia da criança e do adolescente.

Na realidade, o que deve existir é a construção conjunta de uma verdade para aquele momento, amadurecida no crescimento e evolução de todos: juízes e legisladores, pais ou responsáveis, médicos e profissionais de saúde e, principalmente, a criança ou o adolescente, como parte de um processo de interação franco, sincero, isento e realmente participativo que de fato respeite a autonomia, qualquer que seja o nível de competência que a criança ou o adolescente estejam apresentando para tal".

Imputabilidade penal

*Art. 228, CF. São **penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos**, sujeitos às normas da legislação especial.*

O artigo 228, CF dispõe: "são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial". Percebe-se que a normativa não está no rol de cláusulas pétreas, razão pela qual seria possível uma emenda constitucional que alterasse a menoridade penal. Inclusive, há projetos de lei neste sentido.

Comentários à lei
Capítulo IV
Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

*I - **igualdade de condições para o acesso e permanência na escola**;*

*II - direito de ser **respeitado** por seus educadores;*

*III - direito de **contestar critérios avaliativos**, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;*

*IV - direito de **organização e participação** em entidades estudantis;*

*V - **acesso à escola** pública e gratuita próxima de sua residência.*

*Parágrafo único. É **direito dos pais ou responsáveis** ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.*

*Art. 54. É **dever do Estado** assegurar à criança e ao adolescente:*

*I - **ensino fundamental, obrigatório e gratuito**, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;*

*II - progressiva **extensão da obrigatoriedade e gratuidade** ao ensino médio;*

*III - atendimento educacional **especializado** aos portadores de **deficiência**, preferencialmente na rede regular de ensino;*

*IV - atendimento em **creche e pré-escola** às crianças de zero a cinco anos de idade;*

*V - acesso aos **níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística**, segundo a capacidade de cada um;*

*VI - oferta de **ensino noturno regular**, adequado às condições do adolescente trabalhador;*

*VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material **didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.***

§ 1º O ***acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo***.

§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa ***responsabilidade*** *da autoridade competente.*

§ 3º Compete ao poder público ***recensear*** *os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola.*

*Art. 55. Os pais ou responsável têm a **obrigação de matricular seus filhos ou pupilos** na rede regular de ensino.*

*Art. 56. Os **dirigentes** de estabelecimentos de ensino fundamental **comunicarão** ao Conselho Tutelar os casos de:*

*I - **maus-tratos** envolvendo seus alunos;*

*II - reiteração de **faltas injustificadas** e de **evasão escolar**, esgotados os recursos escolares;*

*III - elevados níveis de **repetência**.*

*Art. 57. O poder público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a **calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação**, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório.*

*Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a **liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura**.*

*Art. 59. Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a **destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer** voltadas para a infância e a juventude.*

Capítulo II
Das Atribuições do Conselho

*Art. 136. São **atribuições** do Conselho Tutelar:*

I - atender as crianças e adolescentes nas hipóteses previstas nos arts. 98 e 105, aplicando as medidas previstas no art. 101, I a VII;

II - atender e aconselhar os pais ou responsável, aplicando as medidas previstas no art. 129, I a VII;

III - promover a execução de suas decisões, podendo para tanto:

a) requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança;

b) representar junto à autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações.

IV - encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou adolescente;

V - encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência;

VI - providenciar a medida estabelecida pela autoridade judiciária, dentre as previstas no art. 101, de I a VI, para o adolescente autor de ato infracional;

VII - expedir notificações;

VIII - requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente quando necessário;

IX - assessorar o Poder Executivo local na elaboração da proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente;

X - representar, em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos previstos no art. 220, § 3º, inciso II, da Constituição Federal;

XI - representar ao Ministério Público para efeito das ações de perda ou suspensão do poder familiar, após esgotadas as possibilidades de manutenção da criança ou do adolescente junto à família natural;

XII - promover e incentivar, na comunidade e nos grupos profissionais, ações de divulgação e treinamento para o reconhecimento de sintomas de maus-tratos em crianças e adolescentes.

Parágrafo único. Se, no exercício de suas atribuições, o Conselho Tutelar entender necessário o afastamento do convívio familiar, comunicará incontinenti o fato ao Ministério Público, prestando-lhe informações sobre os motivos de tal entendimento e as providências tomadas para a orientação, o apoio e a promoção social da família.

*Art. 137. As decisões do Conselho Tutelar somente poderão ser **revistas pela autoridade judiciária** a pedido de quem tenha legítimo interesse.*

LEI FEDERAL Nº 9394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I
Da Educação

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

TÍTULO II
Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade;

X - valorização da experiência extra-escolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Lei nº 13.632, de 2018)

TÍTULO III
Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

a) pré-escola; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

b) ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

c) ensino médio; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

VIII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

IX - padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

X – vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade. (Incluído pela Lei nº 11.700, de 2008).

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º O poder público, na esfera de sua competência federativa, deverá: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

I - recensear anualmente as crianças e adolescentes em idade escolar, bem como os jovens e adultos que não concluíram a educação básica; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

II - fazer-lhes a chamada pública;

III - zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

§ 2º Em todas as esferas administrativas, o Poder Público assegurará em primeiro lugar o acesso ao ensino obrigatório, nos termos deste artigo, contemplando em seguida os demais níveis e modalidades de ensino, conforme as prioridades constitucionais e legais.

§ 3º Qualquer das partes mencionadas no *caput* deste artigo tem legitimidade para peticionar no Poder Judiciário, na hipótese do § 2º do art. 208 da Constituição Federal, sendo gratuita e de rito sumário a ação judicial correspondente.

§ 4º Comprovada a negligência da autoridade competente para garantir o oferecimento do ensino obrigatório, poderá ela ser imputada por crime de responsabilidade.

§ 5º Para garantir o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino, independentemente da escolarização anterior.

Art. 6º É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 7º O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições:

I - cumprimento das normas gerais da educação nacional e do respectivo sistema de ensino;

II - autorização de funcionamento e avaliação de qualidade pelo Poder Público;

III - capacidade de autofinanciamento, ressalvado o previsto no art. 213 da Constituição Federal.

TÍTULO IV
Da Organização da Educação Nacional

Art. 8º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, os respectivos sistemas de ensino.

§ 1º Caberá à União a coordenação da política nacional de educação, articulando os diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva em relação às demais instâncias educacionais.

§ 2º Os sistemas de ensino terão liberdade de organização nos termos desta Lei.

Art. 9º A União incumbir-se-á de: (Regulamento)

I - elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

II - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios;

III - prestar assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória, exercendo sua função redistributiva e supletiva;

IV - estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum;

IV-A - estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, diretrizes e procedimentos para identificação, cadastramento e atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação; (Incluído pela Lei nº 13.234, de 2015)

V - coletar, analisar e disseminar informações sobre a educação;

VI - assegurar processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino;

VII - baixar normas gerais sobre cursos de graduação e pós-graduação;

VIII - assegurar processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, com a cooperação dos sistemas que tiverem responsabilidade sobre este nível de ensino;

IX - autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior e os estabelecimentos do seu sistema de ensino. (Vide Lei nº 10.870, de 2004)

§ 1º Na estrutura educacional, haverá um Conselho Nacional de Educação, com funções normativas e de supervisão e atividade permanente, criado por lei.

§ 2° Para o cumprimento do disposto nos incisos V a IX, a União terá acesso a todos os dados e informações necessários de todos os estabelecimentos e órgãos educacionais.

§ 3º As atribuições constantes do inciso IX poderão ser delegadas aos Estados e ao Distrito Federal, desde que mantenham instituições de educação superior.

Art. 10. Os Estados incumbir-se-ão de:

I - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino;

II - definir, com os Municípios, formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, as quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros disponíveis em cada uma dessas esferas do Poder Público;

III - elaborar e executar políticas e planos educacionais, em consonância com as diretrizes e planos nacionais de educação, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus Municípios;

IV - autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior e os estabelecimentos do seu sistema de ensino;

V - baixar normas complementares para o seu sistema de ensino;

VI - assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio a todos que o demandarem, respeitado o disposto no art. 38 desta Lei; (Redação dada pela Lei nº 12.061, de 2009)

VII - assumir o transporte escolar dos alunos da rede estadual. (Incluído pela Lei nº 10.709, de 31.7.2003)

Parágrafo único. Ao Distrito Federal aplicar-se-ão as competências referentes aos Estados e aos Municípios.

Art. 11. Os Municípios incumbir-se-ão de:

I - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados;

II - exercer ação redistributiva em relação às suas escolas;

III - baixar normas complementares para o seu sistema de ensino;

IV - autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino;

V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino.

VI - assumir o transporte escolar dos alunos da rede municipal. (Incluído pela Lei nº 10.709, de 31.7.2003)

Parágrafo único. Os Municípios poderão optar, ainda, por se integrar ao sistema estadual de ensino ou compor com ele um sistema único de educação básica.

NOVA CONCURSOS

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;

II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;

III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;

IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;

V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;

VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII - informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola; (Redação dada pela Lei nº 12.013, de 2009)

VIII – notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei. (Incluído pela Lei nº 10.287, de 2001)

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (**bullying**), no âmbito das escolas; (Incluído pela Lei nº 13.663, de 2018)

X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas. (Incluído pela Lei nº 13.663, de 2018)

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III - zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas gerais de direito financeiro público.

Art. 16. O sistema federal de ensino compreende: (Regulamento)

I - as instituições de ensino mantidas pela União;

II - as instituições de educação superior criadas e mantidas pela iniciativa privada;

III - os órgãos federais de educação.

Art. 17. Os sistemas de ensino dos Estados e do Distrito Federal compreendem:

I - as instituições de ensino mantidas, respectivamente, pelo Poder Público estadual e pelo Distrito Federal;

II - as instituições de educação superior mantidas pelo Poder Público municipal;

III - as instituições de ensino fundamental e médio criadas e mantidas pela iniciativa privada;

IV - os órgãos de educação estaduais e do Distrito Federal, respectivamente.

Parágrafo único. No Distrito Federal, as instituições de educação infantil, criadas e mantidas pela iniciativa privada, integram seu sistema de ensino.

Art. 18. Os sistemas municipais de ensino compreendem:

I - as instituições do ensino fundamental, médio e de educação infantil mantidas pelo Poder Público municipal;

II - as instituições de educação infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada;

III – os órgãos municipais de educação.

Art. 19. As instituições de ensino dos diferentes níveis classificam-se nas seguintes categorias administrativas: (Regulamento) (Regulamento)

I - públicas, assim entendidas as criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo Poder Público;

II - privadas, assim entendidas as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado.

Art. 20. As instituições privadas de ensino se enquadrarão nas seguintes categorias: (Regulamento) (Regulamento)

I - particulares em sentido estrito, assim entendidas as que são instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado que não apresentem as características dos incisos abaixo;

II - comunitárias, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas educacionais, sem fins lucrativos, que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade; (Redação dada pela Lei nº 12.020, de 2009)

III - confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior;

IV - filantrópicas, na forma da lei.

TÍTULO V

Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino

CAPÍTULO I

Da Composição dos Níveis Escolares

Art. 21. A educação escolar compõe-se de:

I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

II - educação superior.

CAPÍTULO II
DA EDUCAÇÃO BÁSICA
Seção I
Das Disposições Gerais

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

§ 1º A escola poderá reclassificar os alunos, inclusive quando se tratar de transferências entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais.

§ 2º O calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei.

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I - a carga horária mínima anual será de oitocentas horas para o ensino fundamental e para o ensino médio, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver; (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

II - a classificação em qualquer série ou etapa, exceto a primeira do ensino fundamental, pode ser feita:

a) por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior, na própria escola;

b) por transferência, para candidatos procedentes de outras escolas;

c) independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino;

III - nos estabelecimentos que adotam a progressão regular por série, o regimento escolar pode admitir formas de progressão parcial, desde que preservada a sequência do currículo, observadas as normas do respectivo sistema de ensino;

IV - poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares;

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;

d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

VI - o controle de frequência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para aprovação;

VII - cabe a cada instituição de ensino expedir históricos escolares, declarações de conclusão de série e diplomas ou certificados de conclusão de cursos, com as especificações cabíveis.

§ 1º A carga horária mínima anual de que trata o inciso I do **caput** deverá ser ampliada de forma progressiva, no ensino médio, para mil e quatrocentas horas, devendo os sistemas de ensino oferecer, no prazo máximo de cinco anos, pelo menos mil horas anuais de carga horária, a partir de 2 de março de 2017. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 2º Os sistemas de ensino disporão sobre a oferta de educação de jovens e adultos e de ensino noturno regular, adequado às condições do educando, conforme o inciso VI do art. 4º. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

Art. 25. Será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançar relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais do estabelecimento.

Parágrafo único. Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo.

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º Os currículos a que se refere o *caput* devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: (Redação dada pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

II – maior de trinta anos de idade; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

NOVA CONCURSOS

IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

V – (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

VI – que tenha prole. (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia.

§ 5º No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. (Redação dada pela Lei nº 13.278, de 2016)

§ 7º A integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais de que trata o caput. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (Incluído pela Lei nº 13.006, de 2014)

§ 9º Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente serão incluídos, como temas transversais, nos currículos escolares de que trata o **caput** deste artigo, tendo como diretriz a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), observada a produção e distribuição de material didático adequado. (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014)

§ 10. A inclusão de novos componentes curriculares de caráter obrigatório na Base Nacional Comum Curricular dependerá de aprovação do Conselho Nacional de Educação e de homologação pelo Ministro de Estado da Educação. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III - orientação para o trabalho;

IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (Incluído pela Lei nº 12.960, de 2014)

Seção II
Da Educação Infantil

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 31. A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

I - avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

II - carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

III - atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

IV - controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

V - expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança . (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Seção III
Do Ensino Fundamental

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

§ 1º É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos.

§ 2º Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

§ 3º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

§ 4º O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

§ 5º O currículo do ensino fundamental incluirá, obrigatoriamente, conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como diretriz a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente, observada a produção e distribuição de material didático adequado. (Incluído pela Lei nº 11.525, de 2007).

§ 6º O estudo sobre os símbolos nacionais será incluído como tema transversal nos currículos do ensino fundamental. (Incluído pela Lei nº 12.472, de 2011).

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. (Redação dada pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997)

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. (Incluído pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997)

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (Incluído pela Lei nº 9.475, de 22.7.1997)

Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

§ 1º São ressalvados os casos do ensino noturno e das formas alternativas de organização autorizadas nesta Lei.

§ 2º O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

Seção IV
Do Ensino Médio

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

I - linguagens e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

II - matemática e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

III - ciências da natureza e suas tecnologias; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

IV - ciências humanas e sociais aplicadas. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 1º A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 3º O ensino da língua portuguesa e da matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

NOVA CONCURSOS

§ 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 5º A carga horária destinada ao cumprimento da Base Nacional Comum Curricular não poderá ser superior a mil e oitocentas horas do total da carga horária do ensino médio, de acordo com a definição dos sistemas de ensino. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 6º A União estabelecerá os padrões de desempenho esperados para o ensino médio, que serão referência nos processos nacionais de avaliação, a partir da Base Nacional Comum Curricular. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 7º Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 8º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação processual e formativa serão organizados nas redes de ensino por meio de atividades teóricas e práticas, provas orais e escritas, seminários, projetos e atividades on-line, de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

I - linguagens e suas tecnologias; (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

II - matemática e suas tecnologias; (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

III - ciências da natureza e suas tecnologias; (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

IV - ciências humanas e sociais aplicadas; (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

V - formação técnica e profissional. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

I - (revogado); (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

II - (revogado); (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

III – (revogado). (Redação dada pela Lei nº 11.684, de 2008)

§ 2º (Revogado pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 3º A critério dos sistemas de ensino, poderá ser composto itinerário formativo integrado, que se traduz na composição de componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular - BNCC e dos itinerários formativos, considerando os incisos I a V do caput. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 4º (Revogado pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 5º Os sistemas de ensino, mediante disponibilidade de vagas na rede, possibilitarão ao aluno concluinte do ensino médio cursar mais um itinerário formativo de que trata o caput. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 6º A critério dos sistemas de ensino, a oferta de formação com ênfase técnica e profissional considerará: (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

I - a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

II - a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 7º A oferta de formações experimentais relacionadas ao inciso V do caput, em áreas que não constem do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, dependerá, para sua continuidade, do reconhecimento pelo respectivo Conselho Estadual de Educação, no prazo de três anos, e da inserção no Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, no prazo de cinco anos, contados da data de oferta inicial da formação. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 8º A oferta de formação técnica e profissional a que se refere o inciso V do caput, realizada na própria instituição ou em parceria com outras instituições, deverá ser aprovada previamente pelo Conselho Estadual de Educação, homologada pelo Secretário Estadual de Educação e certificada pelos sistemas de ensino. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 9º As instituições de ensino emitirão certificado com validade nacional, que habilitará o concluinte do ensino médio ao prosseguimento dos estudos em nível superior ou em outros cursos ou formações para os quais a conclusão do ensino médio seja etapa obrigatória. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 10. Além das formas de organização previstas no art. 23, o ensino médio poderá ser organizado em módulos e adotar o sistema de créditos com terminalidade específica. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 11. Para efeito de cumprimento das exigências curriculares do ensino médio, os sistemas de ensino poderão reconhecer competências e firmar convênios com instituições de educação a distância com notório reconhecimento, mediante as seguintes formas de comprovação: (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

I - demonstração prática; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

II - experiência de trabalho supervisionado ou outra experiência adquirida fora do ambiente escolar; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

III - atividades de educação técnica oferecidas em outras instituições de ensino credenciadas; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

IV - cursos oferecidos por centros ou programas ocupacionais; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

V - estudos realizados em instituições de ensino nacionais ou estrangeiras; (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

VI - cursos realizados por meio de educação a distância ou educação presencial mediada por tecnologias. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

§ 12. As escolas deverão orientar os alunos no processo de escolha das áreas de conhecimento ou de atuação profissional previstas no caput. (Incluído pela Lei nº 13.415, de 2017)

Seção IV-A
Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio

(Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-A. Sem prejuízo do disposto na Seção IV deste Capítulo, o ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Parágrafo único. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I - articulada com o ensino médio; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Parágrafo único. A educação profissional técnica de nível médio deverá observar: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I - os objetivos e definições contidos nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II - as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

III - as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio articulada, prevista no inciso I do **caput** do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II - concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Parágrafo único. Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Seção V
Da Educação de Jovens e Adultos

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

CAPÍTULO III
DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
Da Educação Profissional e Tecnológica
(Redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. (Redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos: (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

II – de educação profissional técnica de nível médio; (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

§ 3º Os cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação organizar-se-ão, no que concerne a objetivos, características e duração, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho. (Regulamento) (Regulamento) (Regulamento)

Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos. (Redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 42. As instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade. (Redação dada pela Lei nº 11.741, de 2008)

CAPÍTULO IV
DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. (Incluído pela Lei nº 13.174, de 2015)

Art. 44. A educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas: (Regulamento)

I - cursos sequenciais por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino, desde que tenham concluído o ensino médio ou equivalente; (Redação dada pela Lei nº 11.632, de 2007).

II - de graduação, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo;

III - de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino;

IV - de extensão, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.

§ 1º. Os resultados do processo seletivo referido no inciso II do **caput** deste artigo serão tornados públicos pelas instituições de ensino superior, sendo obrigatória a divulgação da relação nominal dos classificados, a respectiva ordem de classificação, bem como do cronograma das chamadas para matrícula, de acordo com os critérios para preenchimento das vagas constantes do respectivo edital. (Incluído pela Lei nº 11.331, de 2006) (Renumerado do parágrafo único para § 1º pela Lei nº 13.184, de 2015)

§ 2º No caso de empate no processo seletivo, as instituições públicas de ensino superior darão prioridade de matrícula ao candidato que comprove ter renda familiar inferior a dez salários mínimos, ou ao de menor renda familiar, quando mais de um candidato preencher o critério inicial. (Incluído pela Lei nº 13.184, de 2015)

§ 3º O processo seletivo referido no inciso II considerará as competências e as habilidades definidas na Base Nacional Comum Curricular. (Incluído pela lei nº 13.415, de 2017)

Art. 45. A educação superior será ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privadas, com variados graus de abrangência ou especialização. (Regulamento) (Regulamento)

Art. 46. A autorização e o reconhecimento de cursos, bem como o credenciamento de instituições de educação superior, terão prazos limitados, sendo renovados, periodicamente, após processo regular de avaliação. (Regulamento) (Regulamento) (Vide Lei nº 10.870, de 2004)

§ 1º Após um prazo para saneamento de deficiências eventualmente identificadas pela avaliação a que se refere este artigo, haverá reavaliação, que poderá resultar, conforme o caso, em desativação de cursos e habilitações, em intervenção na instituição, em suspensão temporária de prerrogativas da autonomia, ou em descredenciamento. (Regulamento) (Regulamento) (Vide Lei nº 10.870, de 2004)

§ 2º No caso de instituição pública, o Poder Executivo responsável por sua manutenção acompanhará o processo de saneamento e fornecerá recursos adicionais, se necessários, para a superação das deficiências.

§ 3º No caso de instituição privada, além das sanções previstas no § 1º deste artigo, o processo de reavaliação poderá resultar em redução de vagas autorizadas e em suspensão temporária de novos ingressos e de oferta de cursos. (Incluído pela Lei nº 13.530, de 2017)

§ 4º É facultado ao Ministério da Educação, mediante procedimento específico e com aquiescência da instituição de ensino, com vistas a resguardar os interesses dos estudantes, comutar as penalidades previstas nos §§ 1ºe 3º deste artigo por outras medidas, desde que adequadas para superação das deficiências e irregularidades constatadas. (Incluído pela Lei nº 13.530, de 2017)

§ 5º Para fins de regulação, os Estados e o Distrito Federal deverão adotar os critérios definidos pela União para autorização de funcionamento de curso de graduação em Medicina. (Incluído pela Lei nº 13.530, de 2017)

Art. 47. Na educação superior, o ano letivo regular, independente do ano civil, tem, no mínimo, duzentos dias de trabalho acadêmico efetivo, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver.

§ 1º As instituições informarão aos interessados, antes de cada período letivo, os programas dos cursos e demais componentes curriculares, sua duração, requisitos, qualificação dos professores, recursos disponíveis e critérios de avaliação, obrigando-se a cumprir as respectivas condições, e a publicação deve ser feita, sendo as 3 (três) primeiras formas concomitantemente: (Redação dada pela lei nº 13.168, de 2015)

I - em página específica na internet no sítio eletrônico oficial da instituição de ensino superior, obedecido o seguinte: (Incluído pela lei nº 13.168, de 2015)

a) toda publicação a que se refere esta Lei deve ter como título "Grade e Corpo Docente"; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

b) a página principal da instituição de ensino superior, bem como a página da oferta de seus cursos aos ingressantes sob a forma de vestibulares, processo seletivo e outras com a mesma finalidade, deve conter a ligação desta com a página específica prevista neste inciso; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

c) caso a instituição de ensino superior não possua sítio eletrônico, deve criar página específica para divulgação das informações de que trata esta Lei; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

d) a página específica deve conter a data completa de sua última atualização; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

II - em toda propaganda eletrônica da instituição de ensino superior, por meio de ligação para a página referida no inciso I; (Incluído pela lei nº 13.168, de 2015)

III - em local visível da instituição de ensino superior e de fácil acesso ao público; (Incluído pela lei nº 13.168, de 2015)

IV - deve ser atualizada semestralmente ou anualmente, de acordo com a duração das disciplinas de cada curso oferecido, observando o seguinte: (Incluído pela lei nº 13.168, de 2015)

a) caso o curso mantenha disciplinas com duração diferenciada, a publicação deve ser semestral; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

b) a publicação deve ser feita até 1 (um) mês antes do início das aulas; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

c) caso haja mudança na grade do curso ou no corpo docente até o início das aulas, os alunos devem ser comunicados sobre as alterações; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

V - deve conter as seguintes informações: (Incluído pela lei nº 13.168, de 2015)

a) a lista de todos os cursos oferecidos pela instituição de ensino superior; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

b) a lista das disciplinas que compõem a grade curricular de cada curso e as respectivas cargas horárias; (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

c) a identificação dos docentes que ministrarão as aulas em cada curso, as disciplinas que efetivamente ministrará naquele curso ou cursos, sua titulação, abrangendo a qualificação profissional do docente e o tempo de casa do docente, de forma total, contínua ou intermitente. (Incluída pela lei nº 13.168, de 2015)

§ 2º Os alunos que tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos, aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração dos seus cursos, de acordo com as normas dos sistemas de ensino.

§ 3º É obrigatória a frequência de alunos e professores, salvo nos programas de educação a distância.

§ 4º As instituições de educação superior oferecerão, no período noturno, cursos de graduação nos mesmos padrões de qualidade mantidos no período diurno, sendo obrigatória a oferta noturna nas instituições públicas, garantida a necessária previsão orçamentária.

Art. 48. Os diplomas de cursos superiores reconhecidos, quando registrados, terão validade nacional como prova da formação recebida por seu titular.

NOVA CONCURSOS

§ 1º Os diplomas expedidos pelas universidades serão por elas próprias registrados, e aqueles conferidos por instituições não-universitárias serão registrados em universidades indicadas pelo Conselho Nacional de Educação.

§ 2º Os diplomas de graduação expedidos por universidades estrangeiras serão revalidados por universidades públicas que tenham curso do mesmo nível e área ou equivalente, respeitando-se os acordos internacionais de reciprocidade ou equiparação.

§ 3º Os diplomas de Mestrado e de Doutorado expedidos por universidades estrangeiras só poderão ser reconhecidos por universidades que possuam cursos de pós-graduação reconhecidos e avaliados, na mesma área de conhecimento e em nível equivalente ou superior.

Art. 49. As instituições de educação superior aceitarão a transferência de alunos regulares, para cursos afins, na hipótese de existência de vagas, e mediante processo seletivo.

Parágrafo único. As transferências *ex officio* dar-se-ão na forma da lei. (Regulamento)

Art. 50. As instituições de educação superior, quando da ocorrência de vagas, abrirão matrícula nas disciplinas de seus cursos a alunos não regulares que demonstrarem capacidade de cursá-las com proveito, mediante processo seletivo prévio.

Art. 51. As instituições de educação superior credenciadas como universidades, ao deliberar sobre critérios e normas de seleção e admissão de estudantes, levarão em conta os efeitos desses critérios sobre a orientação do ensino médio, articulando-se com os órgãos normativos dos sistemas de ensino.

Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por: (Regulamento) (Regulamento)

I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;

II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;

III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral.

Parágrafo único. É facultada a criação de universidades especializadas por campo do saber. (Regulamento) (Regulamento)

Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

I - criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino; (Regulamento)

II - fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes;

III - estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão;

IV - fixar o número de vagas de acordo com a capacidade institucional e as exigências do seu meio;

V - elaborar e reformar os seus estatutos e regimentos em consonância com as normas gerais atinentes;

VI - conferir graus, diplomas e outros títulos;

VII - firmar contratos, acordos e convênios;

VIII - aprovar e executar planos, programas e projetos de investimentos referentes a obras, serviços e aquisições em geral, bem como administrar rendimentos conforme dispositivos institucionais;

IX - administrar os rendimentos e deles dispor na forma prevista no ato de constituição, nas leis e nos respectivos estatutos;

X - receber subvenções, doações, heranças, legados e cooperação financeira resultante de convênios com entidades públicas e privadas.

§ 1º Para garantir a autonomia didático-científica das universidades, caberá aos seus colegiados de ensino e pesquisa decidir, dentro dos recursos orçamentários disponíveis, sobre: (Redação dada pela Lei nº 13.490, de 2017)

I - criação, expansão, modificação e extinção de cursos; (Redação dada pela Lei nº 13.490, de 2017)

II - ampliação e diminuição de vagas; (Redação dada pela Lei nº 13.490, de 2017)

III - elaboração da programação dos cursos; (Redação dada pela Lei nº 13.490, de 2017)

IV - programação das pesquisas e das atividades de extensão; (Redação dada pela Lei nº 13.490, de 2017)

V - contratação e dispensa de professores; (Redação dada pela Lei nº 13.490, de 2017)

VI - planos de carreira docente. (Redação dada pela Lei nº 13.490, de 2017)

§ 2º As doações, inclusive monetárias, podem ser dirigidas a setores ou projetos específicos, conforme acordo entre doadores e universidades. (Incluído pela Lei nº 13.490, de 2017)

§ 3º No caso das universidades públicas, os recursos das doações devem ser dirigidos ao caixa único da instituição, com destinação garantida às unidades a serem beneficiadas. (Incluído pela Lei nº 13.490, de 2017)

Art. 54. As universidades mantidas pelo Poder Público gozarão, na forma da lei, de estatuto jurídico especial para atender às peculiaridades de sua estrutura, organização e financiamento pelo Poder Público, assim como dos seus planos de carreira e do regime jurídico do seu pessoal. (Regulamento) (Regulamento)

§ 1º No exercício da sua autonomia, além das atribuições asseguradas pelo artigo anterior, as universidades públicas poderão:

I - propor o seu quadro de pessoal docente, técnico e administrativo, assim como um plano de cargos e salários, atendidas as normas gerais pertinentes e os recursos disponíveis;

II - elaborar o regulamento de seu pessoal em conformidade com as normas gerais concernentes;

III - aprovar e executar planos, programas e projetos de investimentos referentes a obras, serviços e aquisições em geral, de acordo com os recursos alocados pelo respectivo Poder mantenedor;

IV - elaborar seus orçamentos anuais e plurianuais;

V - adotar regime financeiro e contábil que atenda às suas peculiaridades de organização e funcionamento;

VI - realizar operações de crédito ou de financiamento, com aprovação do Poder competente, para aquisição de bens imóveis, instalações e equipamentos;

VII - efetuar transferências, quitações e tomar outras providências de ordem orçamentária, financeira e patrimonial necessárias ao seu bom desempenho.

§ 2º Atribuições de autonomia universitária poderão ser estendidas a instituições que comprovem alta qualificação para o ensino ou para a pesquisa, com base em avaliação realizada pelo Poder Público.

Art. 55. Caberá à União assegurar, anualmente, em seu Orçamento Geral, recursos suficientes para manutenção e desenvolvimento das instituições de educação superior por ela mantidas.

Art. 56. As instituições públicas de educação superior obedecerão ao princípio da gestão democrática, assegurada a existência de órgãos colegiados deliberativos, de que participarão os segmentos da comunidade institucional, local e regional.

Parágrafo único. Em qualquer caso, os docentes ocuparão setenta por cento dos assentos em cada órgão colegiado e comissão, inclusive nos que tratarem da elaboração e modificações estatutárias e regimentais, bem como da escolha de dirigentes.

Art. 57. Nas instituições públicas de educação superior, o professor ficará obrigado ao mínimo de oito horas semanais de aulas. (Regulamento)

CAPÍTULO V
DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do **caput** deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 59-A. O poder público deverá instituir cadastro nacional de alunos com altas habilidades ou superdotação matriculados na educação básica e na educação superior, a fim de fomentar a execução de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desse alunado. (Incluído pela Lei nº 13.234, de 2015)

Parágrafo único. A identificação precoce de alunos com altas habilidades ou superdotação, os critérios e procedimentos para inclusão no cadastro referido no **caput** deste artigo, as entidades responsáveis pelo cadastramento, os mecanismos de acesso aos dados do cadastro e as políticas de desenvolvimento das potencialidades do alunado de que trata o **caput** serão definidos em regulamento.

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

TÍTULO VI
Dos Profissionais da Educação

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

NOVA CONCURSOS

IV - profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36; (Incluído pela lei nº 13.415, de 2017)

V - profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação. (Incluído pela lei nº 13.415, de 2017)

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017)

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 4º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 5º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios incentivarão a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica pública mediante programa institucional de bolsa de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, de graduação plena, nas instituições de educação superior. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 6º O Ministério da Educação poderá estabelecer nota mínima em exame nacional aplicado aos concluintes do ensino médio como pré-requisito para o ingresso em cursos de graduação para formação de docentes, ouvido o Conselho Nacional de Educação - CNE. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 7º (VETADO). (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 8º Os currículos dos cursos de formação de docentes terão por referência a Base Nacional Comum Curricular. (Incluído pela lei nº 13.415, de 2017) (Vide Lei nº 13.415, de 2017)

Art. 62-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 62-B. O acesso de professores das redes públicas de educação básica a cursos superiores de pedagogia e licenciatura será efetivado por meio de processo seletivo diferenciado. (Incluído pela Lei nº 13.478, de 2017)

§ 1º Terão direito de pleitear o acesso previsto no **caput** deste artigo os professores das redes públicas municipais, estaduais e federal que ingressaram por concurso público, tenham pelo menos três anos de exercício da profissão e não sejam portadores de diploma de graduação. (Incluído pela Lei nº 13.478, de 2017)

§ 2º As instituições de ensino responsáveis pela oferta de cursos de pedagogia e outras licenciaturas definirão critérios adicionais de seleção sempre que acorrerem aos certames interessados em número superior ao de vagas disponíveis para os respectivos cursos. (Incluído pela Lei nº 13.478, de 2017)

§ 3º Sem prejuízo dos concursos seletivos a serem definidos em regulamento pelas universidades, terão prioridade de ingresso os professores que optarem por cursos de licenciatura em matemática, física, química, biologia e língua portuguesa. (Incluído pela Lei nº 13.478, de 2017)

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão: (Regulamento)

I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;

II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;

III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Art. 66. A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

Parágrafo único. O notório saber, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico.

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho.

§ 1º A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino. (Renumerado pela Lei nº 11.301, de 2006)

§ 2º Para os efeitos do disposto no § 5º do art. 40 e no § 8º do art. 201 da Constituição Federal, são consideradas funções de magistério as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico. (Incluído pela Lei nº 11.301, de 2006)

§ 3º A União prestará assistência técnica aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios na elaboração de concursos públicos para provimento de cargos dos profissionais da educação. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

TÍTULO VII
Dos Recursos financeiros

Art. 68. Serão recursos públicos destinados à educação os originários de:

I - receita de impostos próprios da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;

II - receita de transferências constitucionais e outras transferências;

III - receita do salário-educação e de outras contribuições sociais;

IV - receita de incentivos fiscais;

V - outros recursos previstos em lei.

Art. 69. A União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, vinte e cinco por cento, ou o que consta nas respectivas Constituições ou Leis Orgânicas, da receita resultante de impostos, compreendidas as transferências constitucionais, na manutenção e desenvolvimento do ensino público. (Vide Medida Provisória nº 773, de 2017) (Vigência encerrada)

§ 1º A parcela da arrecadação de impostos transferida pela União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, ou pelos Estados aos respectivos Municípios, não será considerada, para efeito do cálculo previsto neste artigo, receita do governo que a transferir.

§ 2º Serão consideradas excluídas das receitas de impostos mencionadas neste artigo as operações de crédito por antecipação de receita orçamentária de impostos.

§ 3º Para fixação inicial dos valores correspondentes aos mínimos estatuídos neste artigo, será considerada a receita estimada na lei do orçamento anual, ajustada, quando for o caso, por lei que autorizar a abertura de créditos adicionais, com base no eventual excesso de arrecadação.

§ 4º As diferenças entre a receita e a despesa previstas e as efetivamente realizadas, que resultem no não atendimento dos percentuais mínimos obrigatórios, serão apuradas e corrigidas a cada trimestre do exercício financeiro.

§ 5º O repasse dos valores referidos neste artigo do caixa da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios ocorrerá imediatamente ao órgão responsável pela educação, observados os seguintes prazos:

I - recursos arrecadados do primeiro ao décimo dia de cada mês, até o vigésimo dia;

II - recursos arrecadados do décimo primeiro ao vigésimo dia de cada mês, até o trigésimo dia;

III - recursos arrecadados do vigésimo primeiro dia ao final de cada mês, até o décimo dia do mês subsequente.

§ 6º O atraso da liberação sujeitará os recursos a correção monetária e à responsabilização civil e criminal das autoridades competentes.

Art. 70. Considerar-se-ão como de manutenção e desenvolvimento do ensino as despesas realizadas com vistas à consecução dos objetivos básicos das instituições educacionais de todos os níveis, compreendendo as que se destinam a:

I - remuneração e aperfeiçoamento do pessoal docente e demais profissionais da educação;

II - aquisição, manutenção, construção e conservação de instalações e equipamentos necessários ao ensino;

III – uso e manutenção de bens e serviços vinculados ao ensino;

IV - levantamentos estatísticos, estudos e pesquisas visando precipuamente ao aprimoramento da qualidade e à expansão do ensino;

V - realização de atividades-meio necessárias ao funcionamento dos sistemas de ensino;

VI - concessão de bolsas de estudo a alunos de escolas públicas e privadas;

VII - amortização e custeio de operações de crédito destinadas a atender ao disposto nos incisos deste artigo;

VIII - aquisição de material didático-escolar e manutenção de programas de transporte escolar.

Art. 71. Não constituirão despesas de manutenção e desenvolvimento do ensino aquelas realizadas com:

I - pesquisa, quando não vinculada às instituições de ensino, ou, quando efetivada fora dos sistemas de ensino, que não vise, precipuamente, ao aprimoramento de sua qualidade ou à sua expansão;

II - subvenção a instituições públicas ou privadas de caráter assistencial, desportivo ou cultural;

III - formação de quadros especiais para a administração pública, sejam militares ou civis, inclusive diplomáticos;

IV - programas suplementares de alimentação, assistência médico-odontológica, farmacêutica e psicológica, e outras formas de assistência social;

V - obras de infra-estrutura, ainda que realizadas para beneficiar direta ou indiretamente a rede escolar;

VI - pessoal docente e demais trabalhadores da educação, quando em desvio de função ou em atividade alheia à manutenção e desenvolvimento do ensino.

Art. 72. As receitas e despesas com manutenção e desenvolvimento do ensino serão apuradas e publicadas nos balanços do Poder Público, assim como nos relatórios a que se refere o § 3º do art. 165 da Constituição Federal.

Art. 73. Os órgãos fiscalizadores examinarão, prioritariamente, na prestação de contas de recursos públicos, o cumprimento do disposto no art. 212 da Constituição Federal, no art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e na legislação concernente.

Art. 74. A União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, estabelecerá padrão mínimo de oportunidades educacionais para o ensino fundamental, baseado no cálculo do custo mínimo por aluno, capaz de assegurar ensino de qualidade.

Parágrafo único. O custo mínimo de que trata este artigo será calculado pela União ao final de cada ano, com validade para o ano subsequente, considerando variações regionais no custo dos insumos e as diversas modalidades de ensino.

Art. 75. A ação supletiva e redistributiva da União e dos Estados será exercida de modo a corrigir, progressivamente, as disparidades de acesso e garantir o padrão mínimo de qualidade de ensino.

§ 1º A ação a que se refere este artigo obedecerá a fórmula de domínio público que inclua a capacidade de atendimento e a medida do esforço fiscal do respectivo Estado, do Distrito Federal ou do Município em favor da manutenção e do desenvolvimento do ensino.

§ 2º A capacidade de atendimento de cada governo será definida pela razão entre os recursos de uso constitucionalmente obrigatório na manutenção e desenvolvimento do ensino e o custo anual do aluno, relativo ao padrão mínimo de qualidade.

§ 3º Com base nos critérios estabelecidos nos §§ 1º e 2º, a União poderá fazer a transferência direta de recursos a cada estabelecimento de ensino, considerado o número de alunos que efetivamente frequentam a escola.

§ 4º A ação supletiva e redistributiva não poderá ser exercida em favor do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios se estes oferecerem vagas, na área de ensino de sua responsabilidade, conforme o inciso VI do art. 10 e o inciso V do art. 11 desta Lei, em número inferior à sua capacidade de atendimento.

Art. 76. A ação supletiva e redistributiva prevista no artigo anterior ficará condicionada ao efetivo cumprimento pelos Estados, Distrito Federal e Municípios do disposto nesta Lei, sem prejuízo de outras prescrições legais.

Art. 77. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas que:

I - comprovem finalidade não-lucrativa e não distribuam resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcela de seu patrimônio sob nenhuma forma ou pretexto;

II - apliquem seus excedentes financeiros em educação;

III - assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades;

IV - prestem contas ao Poder Público dos recursos recebidos.

§ 1º Os recursos de que trata este artigo poderão ser destinados a bolsas de estudo para a educação básica, na forma da lei, para os que demonstrarem insuficiência de recursos, quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública de domicílio do educando, ficando o Poder Público obrigado a investir prioritariamente na expansão da sua rede local.

§ 2º As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público, inclusive mediante bolsas de estudo.

TÍTULO VIII
Das Disposições Gerais

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Art. 79. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

§ 3º No que se refere à educação superior, sem prejuízo de outras ações, o atendimento aos povos indígenas efetivar-se-á, nas universidades públicas e privadas, mediante

a oferta de ensino e de assistência estudantil, assim como de estímulo à pesquisa e desenvolvimento de programas especiais. (Incluído pela Lei nº 12.416, de 2011)

Art. 79-A. (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'. (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. (Regulamento) (Regulamento)

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas. (Regulamento)

§ 4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens e em outros meios de comunicação que sejam explorados mediante autorização, concessão ou permissão do poder público; (Redação dada pela Lei nº 12.603, de 2012)

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Art. 81. É permitida a organização de cursos ou instituições de ensino experimentais, desde que obedecidas as disposições desta Lei.

Art. 82. Os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de estágio em sua jurisdição, observada a lei federal sobre a matéria. (Redação dada pela Lei nº 11.788, de 2008)

Parágrafo único. (Revogado). (Redação dada pela Lei nº 11.788, de 2008)

Art. 83. O ensino militar é regulado em lei específica, admitida a equivalência de estudos, de acordo com as normas fixadas pelos sistemas de ensino.

Art. 84. Os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.

Art. 85. Qualquer cidadão habilitado com a titulação própria poderá exigir a abertura de concurso público de provas e títulos para cargo de docente de instituição pública de ensino que estiver sendo ocupado por professor não concursado, por mais de seis anos, ressalvados os direitos assegurados pelos arts. 41 da Constituição Federal e 19 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Art. 86. As instituições de educação superior constituídas como universidades integrar-se-ão, também, na sua condição de instituições de pesquisa, ao Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, nos termos da legislação específica.

TÍTULO IX
Das Disposições Transitórias

Art. 87. É instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei.

§ 1º A União, no prazo de um ano a partir da publicação desta Lei, encaminhará, ao Congresso Nacional, o Plano Nacional de Educação, com diretrizes e metas para os dez anos seguintes, em sintonia com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

§ 2º (Revogado). (Redação dada pela lei nº 12.796, de 2013)

§ 3º O Distrito Federal, cada Estado e Município, e, supletivamente, a União, devem: (Redação dada pela Lei nº 11.330, de 2006)

I - (revogado); (Redação dada pela lei nº 12.796, de 2013)

a) (Revogado) (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

b) (Revogado) (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

c) (Revogado) (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

II - prover cursos presenciais ou a distância aos jovens e adultos insuficientemente escolarizados;

III - realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância;

IV - integrar todos os estabelecimentos de ensino fundamental do seu território ao sistema nacional de avaliação do rendimento escolar.

§ 4º (Revogado). (Redação dada pela lei nº 12.796, de 2013)

§ 5º Serão conjugados todos os esforços objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral.

§ 6º A assistência financeira da União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, bem como a dos Estados aos seus Municípios, ficam condicionadas ao cumprimento do art. 212 da Constituição Federal e dispositivos legais pertinentes pelos governos beneficiados.

Art. 87-A. (VETADO). (Incluído pela lei nº 12.796, de 2013)

Art. 88. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios adaptarão sua legislação educacional e de ensino às disposições desta Lei no prazo máximo de um ano, a partir da data de sua publicação. (Regulamento) (Regulamento)

§ 1º As instituições educacionais adaptarão seus estatutos e regimentos aos dispositivos desta Lei e às normas dos respectivos sistemas de ensino, nos prazos por estes estabelecidos.

§ 2º O prazo para que as universidades cumpram o disposto nos incisos II e III do art. 52 é de oito anos.

Art. 89. As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar da publicação desta Lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino.

Art. 90. As questões suscitadas na transição entre o regime anterior e o que se institui nesta Lei serão resolvidas pelo Conselho Nacional de Educação ou, mediante delegação deste, pelos órgãos normativos dos sistemas de ensino, preservada a autonomia universitária.

Art. 91. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

NOVA CONCURSOS

Art. 92. Revogam-se as disposições das Leis nºs 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e 5.540, de 28 de novembro de 1968, não alteradas pelas Leis nºs 9.131, de 24 de novembro de 1995 e 9.192, de 21 de dezembro de 1995 e, ainda, as Leis nºs 5.692, de 11 de agosto de 1971 e 7.044, de 18 de outubro de 1982, e as demais leis e decretos-lei que as modificaram e quaisquer outras disposições em contrário.

Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República.

LEI FEDERAL Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014 (E SUAS ALTERAÇÕES). APROVA O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PNE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014.

Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É aprovado o Plano Nacional de Educação - PNE, com vigência por 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, na forma do Anexo, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214 da Constituição Federal.

Art. 2º São diretrizes do PNE:

I - erradicação do analfabetismo;

II - universalização do atendimento escolar;

III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

IV - melhoria da qualidade da educação;

V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;

VI - promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;

VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;

VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto - PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;

IX - valorização dos (as) profissionais da educação;

X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

Art. 3º As metas previstas no Anexo desta Lei serão cumpridas no prazo de vigência deste PNE, desde que não haja prazo inferior definido para metas e estratégias específicas.

Art. 4º As metas previstas no Anexo desta Lei deverão ter como referência a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, o censo demográfico e os censos nacionais da educação básica e superior mais atualizados, disponíveis na data da publicação desta Lei.

Parágrafo único. O poder público buscará ampliar o escopo das pesquisas com fins estatísticos de forma a incluir informação detalhada sobre o perfil das populações de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência.

Art. 5º A execução do PNE e o cumprimento de suas metas serão objeto de monitoramento contínuo e de avaliações periódicas, realizados pelas seguintes instâncias:

I - Ministério da Educação - MEC;

II - Comissão de Educação da Câmara dos Deputados e Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal;

III - Conselho Nacional de Educação - CNE;

IV - Fórum Nacional de Educação.

§ 1º Compete, ainda, às instâncias referidas no caput:

I - divulgar os resultados do monitoramento e das avaliações nos respectivos sítios institucionais da internet;

II - analisar e propor políticas públicas para assegurar a implementação das estratégias e o cumprimento das metas;

III - analisar e propor a revisão do percentual de investimento público em educação.

§ 2º A cada 2 (dois) anos, ao longo do período de vigência deste PNE, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP publicará estudos para aferir a evolução no cumprimento das metas estabelecidas no Anexo desta Lei, com informações organizadas por ente federado e consolidadas em âmbito nacional, tendo como referência os estudos e as pesquisas de que trata o art. 4º, sem prejuízo de outras fontes e informações relevantes.

§ 3º A meta progressiva do investimento público em educação será avaliada no quarto ano de vigência do PNE e poderá ser ampliada por meio de lei para atender às necessidades financeiras do cumprimento das demais metas.

§ 4º O investimento público em educação a que se referem o inciso VI do art. 214 da Constituição Federal e a meta 20 do Anexo desta Lei engloba os recursos aplicados na forma do art. 212 da Constituição Federal e do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, bem como os recursos aplicados nos programas de expansão da educação profissional e superior, inclusive na forma de incentivo e isenção fiscal, as bolsas de estudos concedidas no Brasil e no exterior, os subsídios concedidos em programas de financiamento estudantil e o financiamento de creches, pré-escolas e de educação especial na forma do art. 213 da Constituição Federal.

§ 5º Será destinada à manutenção e ao desenvolvimento do ensino, em acréscimo aos recursos vinculados nos termos do art. 212 da Constituição Federal, além de outros recursos previstos em lei, a parcela da participação no resultado ou da compensação financeira pela exploração de petróleo e de gás natural, na forma de lei específica, com a finalidade de assegurar o cumprimento da meta prevista no inciso VI do art. 214 da Constituição Federal.

Art. 6º A União promoverá a realização de pelo menos 2 (duas) conferências nacionais de educação até o final do decênio, precedidas de conferências distrital, municipais e estaduais, articuladas e coordenadas pelo Fórum Nacional de Educação, instituído nesta Lei, no âmbito do Ministério da Educação.

§ 1º O Fórum Nacional de Educação, além da atribuição referida no caput:

I - acompanhará a execução do PNE e o cumprimento de suas metas;

II - promoverá a articulação das conferências nacionais de educação com as conferências regionais, estaduais e municipais que as precederem.

§ 2º As conferências nacionais de educação realizar-se-ão com intervalo de até 4 (quatro) anos entre elas, com o objetivo de avaliar a execução deste PNE e subsidiar a elaboração do plano nacional de educação para o decênio subsequente.

Art. 7º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios atuarão em regime de colaboração, visando ao alcance das metas e à implementação das estratégias objeto deste Plano.

§ 1º Caberá aos gestores federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal a adoção das medidas governamentais necessárias ao alcance das metas previstas neste PNE.

§ 2º As estratégias definidas no Anexo desta Lei não elidem a adoção de medidas adicionais em âmbito local ou de instrumentos jurídicos que formalizem a cooperação entre os entes federados, podendo ser complementadas por mecanismos nacionais e locais de coordenação e colaboração recíproca.

§ 3º Os sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios criarão mecanismos para o acompanhamento local da consecução das metas deste PNE e dos planos previstos no art. 8º.

§ 4º Haverá regime de colaboração específico para a implementação de modalidades de educação escolar que necessitem considerar territórios étnico-educacionais e a utilização de estratégias que levem em conta as identidades e especificidades socioculturais e linguísticas de cada comunidade envolvida, assegurada a consulta prévia e informada a essa comunidade.

§ 5º Será criada uma instância permanente de negociação e cooperação entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

§ 6º O fortalecimento do regime de colaboração entre os Estados e respectivos Municípios incluirá a instituição de instâncias permanentes de negociação, cooperação e pactuação em cada Estado.

§ 7º O fortalecimento do regime de colaboração entre os Municípios dar-se-á, inclusive, mediante a adoção de arranjos de desenvolvimento da educação.

Art. 8º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão elaborar seus correspondentes planos de educação, ou adequar os planos já aprovados em lei, em consonância com as diretrizes, metas e estratégias previstas neste PNE, no prazo de 1 (um) ano contado da publicação desta Lei.

§ 1º Os entes federados estabelecerão nos respectivos planos de educação estratégias que:

I - assegurem a articulação das políticas educacionais com as demais políticas sociais, particularmente as culturais;

II - considerem as necessidades específicas das populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas, asseguradas a equidade educacional e a diversidade cultural;

III - garantam o atendimento das necessidades específicas na educação especial, assegurado o sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades;

IV - promovam a articulação interfederativa na implementação das políticas educacionais.

§ 2º Os processos de elaboração e adequação dos planos de educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, de que trata o caput deste artigo, serão realizados com ampla participação de representantes da comunidade educacional e da sociedade civil.

Art. 9º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão aprovar leis específicas para os seus sistemas de ensino, disciplinando a gestão democrática da educação pública nos respectivos âmbitos de atuação, no prazo de 2 (dois) anos contado da publicação desta Lei, adequando, quando for o caso, a legislação local já adotada com essa finalidade.

Art. 10. O plano plurianual, as diretrizes orçamentárias e os orçamentos anuais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios serão formulados de maneira a assegurar a consignação de dotações orçamentárias compatíveis com as diretrizes, metas e estratégias deste PNE e com os respectivos planos de educação, a fim de viabilizar sua plena execução.

Art. 11. O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, coordenado pela União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, constituirá fonte de informação para a avaliação da qualidade da educação básica e para a orientação das políticas públicas desse nível de ensino.

§ 1º O sistema de avaliação a que se refere o caput produzirá, no máximo a cada 2 (dois) anos:

I - indicadores de rendimento escolar, referentes ao desempenho dos (as) estudantes apurado em exames nacionais de avaliação, com participação de pelo menos 80% (oitenta por cento) dos (as) alunos (as) de cada ano escolar periodicamente avaliado em cada escola, e aos dados pertinentes apurados pelo censo escolar da educação básica;

II - indicadores de avaliação institucional, relativos a características como o perfil do alunado e do corpo dos (as) profissionais da educação, as relações entre dimensão do corpo docente, do corpo técnico e do corpo discente, a infraestrutura das escolas, os recursos pedagógicos disponíveis e os processos da gestão, entre outras relevantes.

§ 2º A elaboração e a divulgação de índices para avaliação da qualidade, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, que agreguem os indicadores mencionados no inciso I do § 1º não elidem a obrigatoriedade de divulgação, em separado, de cada um deles.

§ 3º Os indicadores mencionados no § 1º serão estimados por etapa, estabelecimento de ensino, rede escolar, unidade da Federação e em nível agregado nacional, sendo amplamente divulgados, ressalvada a publicação de resultados individuais e indicadores por turma, que fica admitida exclusivamente para a comunidade do respectivo estabelecimento e para o órgão gestor da respectiva rede.

§ 4º Cabem ao Inep a elaboração e o cálculo do Ideb e dos indicadores referidos no § 1º.

§ 5º A avaliação de desempenho dos (as) estudantes em exames, referida no inciso I do § 1º, poderá ser diretamente realizada pela União ou, mediante acordo de cooperação, pelos Estados e pelo Distrito Federal, nos respectivos

NOVA CONCURSOS

sistemas de ensino e de seus Municípios, caso mantenham sistemas próprios de avaliação do rendimento escolar, assegurada a compatibilidade metodológica entre esses sistemas e o nacional, especialmente no que se refere às escalas de proficiência e ao calendário de aplicação.

Art. 12. Até o final do primeiro semestre do nono ano de vigência deste PNE, o Poder Executivo encaminhará ao Congresso Nacional, sem prejuízo das prerrogativas deste Poder, o projeto de lei referente ao Plano Nacional de Educação a vigorar no período subsequente, que incluirá diagnóstico, diretrizes, metas e estratégias para o próximo decênio.

Art. 13. O poder público deverá instituir, em lei específica, contados 2 (dois) anos da publicação desta Lei, o Sistema Nacional de Educação, responsável pela articulação entre os sistemas de ensino, em regime de colaboração, para efetivação das diretrizes, metas e estratégias do Plano Nacional de Educação.

Art. 14. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de junho de 2014; 193º da Independência e 126º da República.

PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 746, DE 2015

Altera a Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências, para dispor sobre o Relatório de Avaliação do Plano e sobre os resultados da avaliação da educação básica.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 5º-A: "Art. 5º-A. O Poder Executivo enviará ao Congresso Nacional, bianualmente, até o dia 15 de abril, o Relatório de Avaliação do PNE, que conterá:

I – a avaliação da possibilidade de cumprimento das metas previstas no Plano, indicando, quando for o caso, as medidas corretivas necessárias para o seu alcance;

II – a execução física e financeira dos programas e ações orçamentárias correspondentes às metas estabelecidas pelo Plano.

§ 1º A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados e a Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal promoverão, na primeira quinzena de maio, audiência pública conjunta com o Ministro da Educação para discutir os resultados apresentados no Relatório de Avaliação do PNE e as perspectivas futuras das políticas públicas para a educação no País.

§ 2º O Poder Executivo divulgará, na Internet, até o dia 15 de abril, o Relatório de Avaliação do PNE.

Art. 2º O art. 11 da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, passa a vigorar acrescido do seguinte § 6º: Art. 11. .. .. § 6º Os resultados do sistema de avaliação a que se refere o caput devem ser utilizados para a disseminação, mediante assistência técnica e financeira da União, de práticas pedagógicas eficazes e para a qualificação de gestores e profissionais da educação, de modo a implementar ações voltadas à melhoria da qualidade do ensino, com prioridade para os entes federados com Ideb abaixo da média nacional, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio" (NR).

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

LEI FEDERAL Nº 10436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. DISPÕE SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS.

LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.

Regulamento

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

LEI FEDERAL Nº 10.793, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2003. ALTERA A REDAÇÃO DO ARTIGO 26, § 3º, E DO ARTIGO 92 DA LEI FEDERAL 9394/96, QUE ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.

LEI No 10.793, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2003.

Altera a redação do art. 26, § 3o, e do art. 92 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26 .....

.....

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II – maior de trinta anos de idade;

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;

IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V – (VETADO)

VI – que tenha prole.

....." (NR)

Art. 2º (VETADO)

Art. 3º Esta Lei entra em vigor no ano letivo seguinte à data de sua publicação.

Brasília, 1º de dezembro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LEI FEDERAL Nº 11.114, DE 16 DE MAIO DE 2005. ALTERA OS ARTIGOS 6º, 30, 32 E 87 DA LEI FEDERAL Nº 9.394/96, COM O OBJETIVO DE TORNAR OBRIGATÓRIO O INÍCIO DO ENSINO FUNDAMENTAL AOS SEIS ANOS DE IDADE.

LEI Nº 11.114, DE 16 DE MAIO DE 2005.

Altera os arts. 6o, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Os arts. 6º, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 6º. É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental." (NR)

"Art. 30. .....

.....

II – (VETADO)"

"Art. 32º. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública a partir dos seis anos, terá por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

....." (NR)

"Art. 87. .....

.....

§ 3º .....

I – matricular todos os educandos a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental, atendidas as seguintes condições no âmbito de cada sistema de ensino:

a) plena observância das condições de oferta fixadas por esta Lei, no caso de todas as redes escolares;

b) atingimento de taxa líquida de escolarização de pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) da faixa etária de sete a catorze anos, no caso das redes escolares públicas; e

c) não redução média de recursos por aluno do ensino fundamental na respectiva rede pública, resultante da incorporação dos alunos de seis anos de idade;

....." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, com eficácia a partir do início do ano letivo subsequente.

Brasília, 16 de maio de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LEI FEDERAL Nº 11.274, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2006. ALTERA A REDAÇÃO DOS ARTIGOS 29, 30,32 E 87 DA LEI FEDERAL Nº 9.394/96, QUE ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, DISPONDO SOBRE A DURAÇÃO DE 9 (NOVE) ANOS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL, COM MATRÍCULA OBRIGATÓRIA A PARTIR DOS 6 (SEIS) ANOS DE IDADE.

LEI Nº 11.274, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2006.

Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º (VETADO)

Art. 2º (VETADO)

Art. 3º O art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

NOVA CONCURSOS

"Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

....." (NR)

Art. 4º O § 2º e o inciso I do § 3º do art. 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 87 .....

.....

§ 2º O poder público deverá recensear os educandos no ensino fundamental, com especial atenção para o grupo de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos de idade e de 15 (quinze) a 16 (dezesseis) anos de idade.

§ 3º .....

I – matricular todos os educandos a partir dos 6 (seis) anos de idade no ensino fundamental;

a) (Revogado)

b) (Revogado)

c) (Revogado)

....." (NR)

Art. 5º Os Municípios, os Estados e o Distrito Federal terão prazo até 2010 para implementar a obrigatoriedade para o ensino fundamental disposto no art. 3º desta Lei e a abrangência da pré-escola de que trata o art. 2º desta Lei.

Art. 6º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 6 de fevereiro de 2006; 185º da Independência e 118º da República.

LEI FEDERAL Nº 11.494, DE 20 DE JUNHO DE 2007. REGULAMENTA O FUNDO DE MANUTENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE VALORIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – FUNDEB.

LEI Nº 11.494, DE 20 DE JUNHO DE 2007.

Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, de que trata o art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias; altera a Lei no 10.195, de 14 de fevereiro de 2001; revoga dispositivos das Leis nos9.424, de 24 de dezembro de 1996, 10.880, de 9 de junho de 2004, e 10.845, de 5 de março de 2004; e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 1º É instituído, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, um Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, de natureza contábil, nos termos do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT.

Parágrafo único. A instituição dos Fundos previstos no caput deste artigo e a aplicação de seus recursos não isentam os Estados, o Distrito Federal e os Municípios da obrigatoriedade da aplicação na manutenção e no desenvolvimento do ensino, na forma prevista no art. 212 da Constituição Federal e no inciso VI do caput e parágrafo único do art. 10 e no inciso I do caput do art. 11 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de:

I - pelo menos 5% (cinco por cento) do montante dos impostos e transferências que compõem a cesta de recursos do Fundeb, a que se referem os incisos I a IX do caput e o § 1º do art. 3º desta Lei, de modo que os recursos previstos no art. 3º desta Lei somados aos referidos neste inciso garantam a aplicação do mínimo de 25% (vinte e cinco por cento) desses impostos e transferências em favor da manutenção e desenvolvimento do ensino;

II - pelo menos 25% (vinte e cinco por cento) dos demais impostos e transferências.

Art. 2º Os Fundos destinam-se à manutenção e ao desenvolvimento da educação básica pública e à valorização dos trabalhadores em educação, incluindo sua condigna remuneração, observado o disposto nesta Lei.

CAPÍTULO II
DA COMPOSIÇÃO FINANCEIRA
Seção I
Das Fontes de Receita dos Fundos

Art. 3º Os Fundos, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, são compostos por 20% (vinte por cento) das seguintes fontes de receita:

I - imposto sobre transmissão causa mortis e doação de quaisquer bens ou direitos previsto no inciso I do caput do art. 155 da Constituição Federal;

II - imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transportes interestadual e intermunicipal e de comunicação previsto no inciso II do caput do art. 155combinado com o inciso IV do caput do art. 158 da Constituição Federal;

III - imposto sobre a propriedade de veículos automotores previsto no inciso III do caput do art. 155 combinado com o inciso III do caput do art. 158 da Constituição Federal;

IV - parcela do produto da arrecadação do imposto que a União eventualmente instituir no exercício da competência que lhe é atribuída pelo inciso I do caput do art. 154 da Constituição Federal prevista no inciso II do caput do art. 157 da Constituição Federal;

V - parcela do produto da arrecadação do imposto sobre a propriedade territorial rural, relativamente a imóveis situados nos Municípios, prevista no inciso II do caput do art. 158 da Constituição Federal;

VI - parcela do produto da arrecadação do imposto sobre renda e proventos de qualquer natureza e do imposto sobre produtos industrializados devida ao Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal – FPE e prevista na alínea *a* do inciso I do caput do art. 159 da Constituição Federal e no Sistema Tributário Nacional de que trata a Lei no 5.172, de 25 de outubro de 1966;

VII - parcela do produto da arrecadação do imposto sobre renda e proventos de qualquer natureza e do imposto sobre produtos industrializados devida ao Fundo de Participação dos Municípios – FPM e prevista na alínea b do inciso I do caput do art. 159 da Constituição Federal e no Sistema Tributário Nacional de que trata a Lei nº 5.172, de 25 de outubro de 1966;

VIII - parcela do produto da arrecadação do imposto sobre produtos industrializados devida aos Estados e ao Distrito Federal e prevista no inciso II do caput do art. 159 da Constituição Federal e na Lei Complementar no 61, de 26 de dezembro de 1989; e

IX - receitas da dívida ativa tributária relativa aos impostos previstos neste artigo, bem como juros e multas eventualmente incidentes.

§ 1º Inclui-se na base de cálculo dos recursos referidos nos incisos do caput deste artigo o montante de recursos financeiros transferidos pela União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, conforme disposto na Lei Complementar nº 87, de 13 de setembro de 1996.

§ 2º Além dos recursos mencionados nos incisos do caput e no § 1º deste artigo, os Fundos contarão com a complementação da União, nos termos da Seção II deste Capítulo.

Seção II
Da Complementação da União

Art. 4º A União complementará os recursos dos Fundos sempre que, no âmbito de cada Estado e no Distrito Federal, o valor médio ponderado por aluno, calculado na forma do Anexo desta Lei, não alcançar o mínimo definido nacionalmente, fixado de forma a que a complementação da União não seja inferior aos valores previstos no inciso VII do caput do art. 60 do ADCT.

§ 1º O valor anual mínimo por aluno definido nacionalmente constitui-se em valor de referência relativo aos anos iniciais do ensino fundamental urbano e será determinado contabilmente em função da complementação da União.

§ 2º O valor anual mínimo por aluno será definido nacionalmente, considerando-se a complementação da União após a dedução da parcela de que trata o art. 7º desta Lei, relativa a programas direcionados para a melhoria da qualidade da educação básica.

Art. 5º A complementação da União destina-se exclusivamente a assegurar recursos financeiros aos Fundos, aplicando-se o disposto no caput do art. 160 da Constituição Federal.

§ 1º É vedada a utilização dos recursos oriundos da arrecadação da contribuição social do salário-educação a que se refere o § 5º do art. 212 da Constituição Federal na complementação da União aos Fundos.

§ 2º A vinculação de recursos para manutenção e desenvolvimento do ensino estabelecida no art. 212 da Constituição Federal suportará, no máximo, 30% (trinta por cento) da complementação da União.

Art. 6º A complementação da União será de, no mínimo, 10% (dez por cento) do total dos recursos a que se refere o inciso II do caput do art. 60 do ADCT.

§ 1º A complementação da União observará o cronograma da programação financeira do Tesouro Nacional e contemplará pagamentos mensais de, no mínimo, 5% (cinco por cento) da complementação anual, a serem realizados até o último dia útil de cada mês, assegurados os repasses de, no mínimo, 45% (quarenta e cinco por cento) até 31 de julho, de 85% (oitenta e cinco por cento) até 31 de dezembro de cada ano, e de 100% (cem por cento) até 31 de janeiro do exercício imediatamente subsequente.

§ 2º A complementação da União a maior ou a menor em função da diferença entre a receita utilizada para o cálculo e a receita realizada do exercício de referência será ajustada no 1º (primeiro) quadrimestre do exercício imediatamente subsequente e debitada ou creditada à conta específica dos Fundos, conforme o caso.

§ 3º O não-cumprimento do disposto no caput deste artigo importará em crime de responsabilidade da autoridade competente.

Art. 7º Parcela da complementação da União, a ser fixada anualmente pela Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade instituída na forma da Seção II do Capítulo III desta Lei, limitada a até 10% (dez por cento) de seu valor anual, poderá ser distribuída para os Fundos por meio de programas direcionados para a melhoria da qualidade da educação básica, na forma do regulamento.

Parágrafo único. Para a distribuição da parcela de recursos da complementação a que se refere o caput deste artigo aos Fundos de âmbito estadual beneficiários da complementação nos termos do art. 4º desta Lei, levar-se-á em consideração:

I - a apresentação de projetos em regime de colaboração por Estado e respectivos Municípios ou por consórcios municipais;

II - o desempenho do sistema de ensino no que se refere ao esforço de habilitação dos professores e aprendizagem dos educandos e melhoria do fluxo escolar;

III - o esforço fiscal dos entes federados;

IV - a vigência de plano estadual ou municipal de educação aprovado por lei.

CAPÍTULO III
DA DISTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS
Seção I
Disposições Gerais

Art. 8º A distribuição de recursos que compõem os Fundos, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, dar-se-á, entre o governo estadual e os de seus Municípios, na proporção do número de alunos matriculados nas respectivas redes de educação básica pública presencial, na forma do Anexo desta Lei.

§ 1º Será admitido, para efeito da distribuição dos recursos previstos no inciso II do caput do art. 60 do ADCT, em relação às instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o poder público, o cômputo das matrículas efetivadas: (Redação dada pela Lei nº 12.695, de 2012)

I - na educação infantil oferecida em creches para crianças de até 3 (três) anos; (Incluído pela Lei nº 12.695, de 2012)

II - na educação do campo oferecida em instituições credenciadas que tenham como proposta pedagógica a formação por alternância, observado o disposto em regulamento. (Incluído pela Lei nº 12.695, de 2012)

NOVA CONCURSOS

§ 2º As instituições a que se refere o § 1º deste artigo deverão obrigatória e cumulativamente:

I - oferecer igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e atendimento educacional gratuito a todos os seus alunos;

II - comprovar finalidade não lucrativa e aplicar seus excedentes financeiros em educação na etapa ou modalidade previstas nos §§ 1º, 3º e 4º deste artigo;

III - assegurar a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional com atuação na etapa ou modalidade previstas nos §§ 1º, 3º e 4º deste artigo ou ao poder público no caso do encerramento de suas atividades;

IV - atender a padrões mínimos de qualidade definidos pelo órgão normativo do sistema de ensino, inclusive, obrigatoriamente, ter aprovados seus projetos pedagógicos;

V - ter certificado do Conselho Nacional de Assistência Social ou órgão equivalente, na forma do regulamento.

§ 3º Será admitido, até a universalização da pré-escola prevista na Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, o cômputo das matrículas das pré-escolas, comunitárias, confessionais ou filantrópicas, sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público e que atendam a crianças de quatro a cinco anos, observadas as condições previstas nos incisos I a V do § 2º, efetivadas, conforme o censo escolar mais atualizado, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. (Redação dada pela Lei nº 13.348, de 2016)

§ 4º Observado o disposto no parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no § 2º deste artigo, admitir-se-á o cômputo das matrículas efetivadas, conforme o censo escolar mais atualizado, na educação especial oferecida em instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público, com atuação exclusiva na modalidade.

§ 5º Eventuais diferenças do valor anual por aluno entre as instituições públicas da etapa e da modalidade referidas neste artigo e as instituições a que se refere o § 1º deste artigo serão aplicadas na criação de infra-estrutura da rede escolar pública.

§ 6º Os recursos destinados às instituições de que tratam os §§ 1º, 3º e 4º deste artigo somente poderão ser destinados às categorias de despesa previstas no art. 70 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 9º Para os fins da distribuição dos recursos de que trata esta Lei, serão consideradas exclusivamente as matrículas presenciais efetivas, conforme os dados apurados no censo escolar mais atualizado, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, considerando as ponderações aplicáveis.

§ 1º Os recursos serão distribuídos entre o Distrito Federal, os Estados e seus Municípios, considerando-se exclusivamente as matrículas nos respectivos âmbitos de atuação prioritária, conforme os §§ 2º e 3º do art. 211 da Constituição Federal, observado o disposto no § 1º do art. 21 desta Lei.

§ 2º Serão consideradas, para a educação especial, as matrículas na rede regular de ensino, em classes comuns ou em classes especiais de escolas regulares, e em escolas especiais ou especializadas.

§ 3º Os profissionais do magistério da educação básica da rede pública de ensino cedidos para as instituições a que se referem os §§ 1º, 3º e 4º do art. 8º desta Lei serão considerados como em efetivo exercício na educação básica pública para fins do disposto no art. 22 desta Lei.

§ 4º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão, no prazo de 30 (trinta) dias da publicação dos dados do censo escolar no Diário Oficial da União, apresentar recursos para retificação dos dados publicados.

Art. 10. A distribuição proporcional de recursos dos Fundos levará em conta as seguintes diferenças entre etapas, modalidades e tipos de estabelecimento de ensino da educação básica:

I - creche em tempo integral;
II - pré-escola em tempo integral;
III - creche em tempo parcial;
IV - pré-escola em tempo parcial;
V - anos iniciais do ensino fundamental urbano;
VI - anos iniciais do ensino fundamental no campo;
VII - anos finais do ensino fundamental urbano;
VIII - anos finais do ensino fundamental no campo;
IX- ensino fundamental em tempo integral;
X - ensino médio urbano;
XI - ensino médio no campo;
XII - ensino médio em tempo integral;
XIII - ensino médio integrado à educação profissional;

§ 1º A ponderação entre diferentes etapas, modalidades e tipos de estabelecimento de ensino adotará como referência o fator 1 (um) para os anos iniciais do ensino fundamental urbano, observado o disposto no § 1º do art. 32 desta Lei.

§ 2º A ponderação entre demais etapas, modalidades e tipos de estabelecimento será resultado da multiplicação do fator de referência por um fator específico fixado entre 0,70 (setenta centésimos) e 1,30 (um inteiro e trinta centésimos), observando-se, em qualquer hipótese, o limite previsto no art. 11 desta Lei.

§ 3º Para os fins do disposto neste artigo, o regulamento disporá sobre a educação básica em tempo integral e sobre os anos iniciais e finais do ensino fundamental.

§ 4º O direito à educação infantil será assegurado às crianças até o término do ano letivo em que completarem 6 (seis) anos de idade.

Art. 11. A apropriação dos recursos em função das matrículas na modalidade de educação de jovens e adultos, nos termos da alínea *c* do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT, observará, em cada Estado e no Distrito Federal, percentual de até 15% (quinze por cento) dos recursos do Fundo respectivo.

Seção II
Da Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade

Art. 12. Fica instituída, no âmbito do Ministério da Educação, a Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade, com a seguinte composição:

I - 1 (um) representante do Ministério da Educação;

II - 1 (um) representante dos secretários estaduais de educação de cada uma das 5 (cinco) regiões político-administrativas do Brasil indicado pelas seções regionais do Conselho Nacional de Secretários de Estado da Educação - CONSED;

III - 1 (um) representante dos secretários municipais de educação de cada uma das 5 (cinco) regiões político-administrativas do Brasil indicado pelas seções regionais da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME.

§ 1º As deliberações da Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade serão registradas em ata circunstanciada, lavrada conforme seu regimento interno.

§ 2º As deliberações relativas à especificação das ponderações serão baixadas em resolução publicada no Diário Oficial da União até o dia 31 de julho de cada exercício, para vigência no exercício seguinte.

§ 3º A participação na Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade é função não remunerada de relevante interesse público, e seus membros, quando convocados, farão jus a transporte e diárias.

Art. 13. No exercício de suas atribuições, compete à Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade:

I - especificar anualmente as ponderações aplicáveis entre diferentes etapas, modalidades e tipos de estabelecimento de ensino da educação básica, observado o disposto no art. 10 desta Lei, levando em consideração a correspondência ao custo real da respectiva etapa e modalidade e tipo de estabelecimento de educação básica, segundo estudos de custo realizados e publicados pelo Inep;

II - fixar anualmente o limite proporcional de apropriação de recursos pelas diferentes etapas, modalidades e tipos de estabelecimento de ensino da educação básica, observado o disposto no art. 11 desta Lei;

III - fixar anualmente a parcela da complementação da União a ser distribuída para os Fundos por meio de programas direcionados para a melhoria da qualidade da educação básica, bem como respectivos critérios de distribuição, observado o disposto no art. 7º desta Lei;

IV - elaborar, requisitar ou orientar a elaboração de estudos técnicos pertinentes, sempre que necessário;

V - elaborar seu regimento interno, baixado em portaria do Ministro de Estado da Educação.

VI - fixar percentual mínimo de recursos a ser repassado às instituições de que tratam os incisos I e II do § 1º e os §§ 3º e 4º do art. 8º, de acordo com o número de matrículas efetivadas. (Incluído pela Lei nº 12.695, de 2012)

§ 1º Serão adotados como base para a decisão da Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade os dados do censo escolar anual mais atualizado realizado pelo Inep.

§ 2º A Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade exercerá suas competências em observância às garantias estabelecidas nos incisos I, II, III e IV do caput do art. 208 da Constituição Federal e às metas de universalização da educação básica estabelecidas no plano nacional de educação.

Art. 14. As despesas da Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade correrão à conta das dotações orçamentárias anualmente consignadas ao Ministério da Educação.

CAPÍTULO IV
DA TRANSFERÊNCIA E DA GESTÃO DOS RECURSOS

Art. 15. O Poder Executivo federal publicará, até 31 de dezembro de cada exercício, para vigência no exercício subsequente:

I - a estimativa da receita total dos Fundos;

II - a estimativa do valor da complementação da União;

III - a estimativa dos valores anuais por aluno no âmbito do Distrito Federal e de cada Estado;

IV - o valor anual mínimo por aluno definido nacionalmente.

Parágrafo único. Para o ajuste da complementação da União de que trata o § 2º do art. 6º desta Lei, os Estados e o Distrito Federal deverão publicar na imprensa oficial e encaminhar à Secretaria do Tesouro Nacional do Ministério da Fazenda, até o dia 31 de janeiro, os valores da arrecadação efetiva dos impostos e das transferências de que trata o art. 3º desta Lei referentes ao exercício imediatamente anterior.

Art. 16. Os recursos dos Fundos serão disponibilizados pelas unidades transferidoras ao Banco do Brasil S.A. ou Caixa Econômica Federal, que realizará a distribuição dos valores devidos aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios.

Parágrafo único. São unidades transferidoras a União, os Estados e o Distrito Federal em relação às respectivas parcelas do Fundo cuja arrecadação e disponibilização para distribuição sejam de sua responsabilidade.

Art. 17. Os recursos dos Fundos, provenientes da União, dos Estados e do Distrito Federal, serão repassados automaticamente para contas únicas e específicas dos Governos Estaduais, do Distrito Federal e dos Municípios, vinculadas ao respectivo Fundo, instituídas para esse fim e mantidas na instituição financeira de que trata o art. 16 desta Lei.

§ 1º Os repasses aos Fundos provenientes das participações a que se refere o inciso II do caput do art. 158 e as alíneas a e b do inciso I do caput e inciso II do caput do art. 159 da Constituição Federal, bem como os repasses aos Fundos à conta das compensações financeiras aos Estados, Distrito Federal e Municípios a que se refere a Lei Complementar no 87, de 13 de setembro de 1996, constarão dos orçamentos da União, dos Estados e do Distrito Federal e serão creditados pela União em favor dos Governos Estaduais, do Distrito Federal e dos Municípios nas contas específicas a que se refere este artigo, respeitados os critérios e as finalidades estabelecidas nesta Lei, observados os mesmos prazos, procedimentos e forma de divulgação adotados para o repasse do restante dessas transferências constitucionais em favor desses governos.

§ 2º Os repasses aos Fundos provenientes dos impostos previstos nos incisos I, II e III do caput do art. 155 combinados com os incisos III e IV do caput do art. 158 da Constituição Federal constarão dos orçamentos dos Governos Estaduais e do Distrito Federal e serão depositados

NOVA CONCURSOS

pelo estabelecimento oficial de crédito previsto no art. 4o da Lei Complementar no 63, de 11 de janeiro de 1990, no momento em que a arrecadação estiver sendo realizada nas contas do Fundo abertas na instituição financeira de que trata o caput deste artigo.

§ 3º A instituição financeira de que trata o caput deste artigo, no que se refere aos recursos dos impostos e participações mencionados no § 2º deste artigo, creditará imediatamente as parcelas devidas ao Governo Estadual, ao Distrito Federal e aos Municípios nas contas específicas referidas neste artigo, observados os critérios e as finalidades estabelecidas nesta Lei, procedendo à divulgação dos valores creditados de forma similar e com a mesma periodicidade utilizada pelos Estados em relação ao restante da transferência do referido imposto.

§ 4º Os recursos dos Fundos provenientes da parcela do imposto sobre produtos industrializados, de que trata o inciso II do caput do art. 159 da Constituição Federal, serão creditados pela União em favor dos Governos Estaduais e do Distrito Federal nas contas específicas, segundo os critérios e respeitadas as finalidades estabelecidas nesta Lei, observados os mesmos prazos, procedimentos e forma de divulgação previstos na Lei Complementar nº 61, de 26 de dezembro de 1989.

§ 5º Do montante dos recursos do imposto sobre produtos industrializados de que trata o inciso II do caput do art. 159 da Constituição Federal a parcela devida aos Municípios, na forma do disposto no art. 5º da Lei Complementar nº 61, de 26 de dezembro de 1989, será repassada pelo Governo Estadual ao respectivo Fundo e os recursos serão creditados na conta específica a que se refere este artigo, observados os mesmos prazos, procedimentos e forma de divulgação do restante dessa transferência aos Municípios.

§ 6º A instituição financeira disponibilizará, permanentemente, aos conselhos referidos nos incisos II, III e IV do § 1º do art. 24 desta Lei os extratos bancários referentes à conta do fundo.

§ 7º Os recursos depositados na conta específica a que se refere o caput deste artigo serão depositados pela União, Distrito Federal, Estados e Municípios na forma prevista no § 5o do art. 69 da Lei no9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 18. Nos termos do § 4º do art. 211 da Constituição Federal, os Estados e os Municípios poderão celebrar convênios para a transferência de alunos, recursos humanos, materiais e encargos financeiros, assim como de transporte escolar, acompanhados da transferência imediata de recursos financeiros correspondentes ao número de matrículas assumido pelo ente federado.

Parágrafo único. (VETADO)

Art. 19. Os recursos disponibilizados aos Fundos pela União, pelos Estados e pelo Distrito Federal deverão ser registrados de forma detalhada a fim de evidenciar as respectivas transferências.

Art. 20. Os eventuais saldos de recursos financeiros disponíveis nas contas específicas dos Fundos cuja perspectiva de utilização seja superior a 15 (quinze) dias deverão ser aplicados em operações financeiras de curto prazo ou de mercado aberto, lastreadas em títulos da dívida pública, na instituição financeira responsável pela movimentação dos recursos, de modo a preservar seu poder de compra.

Parágrafo único. Os ganhos financeiros auferidos em decorrência das aplicações previstas no caput deste artigo deverão ser utilizados na mesma finalidade e de acordo com os mesmos critérios e condições estabelecidas para utilização do valor principal do Fundo.

CAPÍTULO V
DA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS

Art. 21. Os recursos dos Fundos, inclusive aqueles oriundos de complementação da União, serão utilizados pelos Estados, pelo Distrito Federal e pelos Municípios, no exercício financeiro em que lhes forem creditados, em ações consideradas como de manutenção e desenvolvimento do ensino para a educação básica pública, conforme disposto no art. 70 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

§ 1º Os recursos poderão ser aplicados pelos Estados e Municípios indistintamente entre etapas, modalidades e tipos de estabelecimento de ensino da educação básica nos seus respectivos âmbitos de atuação prioritária, conforme estabelecido nos §§ 2º e 3º do art. 211 da Constituição Federal.

§ 2º Até 5% (cinco por cento) dos recursos recebidos à conta dos Fundos, inclusive relativos à complementação da União recebidos nos termos do § 1º do art. 6º desta Lei, poderão ser utilizados no 1º(primeiro) trimestre do exercício imediatamente subsequente, mediante abertura de crédito adicional.

Art. 22. Pelo menos 60% (sessenta por cento) dos recursos anuais totais dos Fundos serão destinados ao pagamento da remuneração dos profissionais do magistério da educação básica em efetivo exercício na rede pública.

Parágrafo único. Para os fins do disposto no caput deste artigo, considera-se:

I - remuneração: o total de pagamentos devidos aos profissionais do magistério da educação, em decorrência do efetivo exercício em cargo, emprego ou função, integrantes da estrutura, quadro ou tabela de servidores do Estado, Distrito Federal ou Município, conforme o caso, inclusive os encargos sociais incidentes;

II - profissionais do magistério da educação: docentes, profissionais que oferecem suporte pedagógico direto ao exercício da docência: direção ou administração escolar, planejamento, inspeção, supervisão, orientação educacional e coordenação pedagógica;

III - efetivo exercício: atuação efetiva no desempenho das atividades de magistério previstas no inciso II deste parágrafo associada à sua regular vinculação contratual, temporária ou estatutária, com o ente governamental que o remunera, não sendo descaracterizado por eventuais afastamentos temporários previstos em lei, com ônus para o empregador, que não impliquem rompimento da relação jurídica existente.

Art. 23. É vedada a utilização dos recursos dos Fundos:

I - no financiamento das despesas não consideradas como de manutenção e desenvolvimento da educação básica, conforme o art. 71 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;

II - como garantia ou contrapartida de operações de crédito, internas ou externas, contraídas pelos Estados, pelo Distrito Federal ou pelos Municípios que não se destinem ao financiamento de projetos, ações ou programas considerados como ação de manutenção e desenvolvimento do ensino para a educação básica.

CAPÍTULO VI
DO ACOMPANHAMENTO, CONTROLE SOCIAL, COMPROVAÇÃO E FISCALIZAÇÃO DOS RECURSOS

Art. 24. O acompanhamento e o controle social sobre a distribuição, a transferência e a aplicação dos recursos dos Fundos serão exercidos, junto aos respectivos governos, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, por conselhos instituídos especificamente para esse fim.

§ 1º Os conselhos serão criados por legislação específica, editada no pertinente âmbito governamental, observados os seguintes critérios de composição:

I - em âmbito federal, por no mínimo 14 (quatorze) membros, sendo:

a) até 4 (quatro) representantes do Ministério da Educação;

b) 1 (um) representante do Ministério da Fazenda;

c) 1 (um) representante do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão;

d) 1 (um) representante do Conselho Nacional de Educação;

e) 1 (um) representante do Conselho Nacional de Secretários de Estado da Educação - CONSED;

f) 1 (um) representante da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação - CNTE;

g) 1 (um) representante da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME;

h) 2 (dois) representantes dos pais de alunos da educação básica pública;

i) 2 (dois) representantes dos estudantes da educação básica pública, um dos quais indicado pela União Brasileira de Estudantes Secundaristas - UBES;

II - em âmbito estadual, por no mínimo 12 (doze) membros, sendo:

a) 3 (três) representantes do Poder Executivo estadual, dos quais pelo menos 1 (um) do órgão estadual responsável pela educação básica;

b) 2 (dois) representantes dos Poderes Executivos Municipais;

c) 1 (um) representante do Conselho Estadual de Educação;

d) 1 (um) representante da seccional da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME;

e) 1 (um) representante da seccional da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação - CNTE;

f) 2 (dois) representantes dos pais de alunos da educação básica pública;

g) 2 (dois) representantes dos estudantes da educação básica pública, 1 (um) dos quais indicado pela entidade estadual de estudantes secundaristas;

III - no Distrito Federal, por no mínimo 9 (nove) membros, sendo a composição determinada pelo disposto no inciso II deste parágrafo, excluídos os membros mencionados nas suas alíneas *b* e *d*;

IV - em âmbito municipal, por no mínimo 9 (nove) membros, sendo:

a) 2 (dois) representantes do Poder Executivo Municipal, dos quais pelo menos 1 (um) da Secretaria Municipal de Educação ou órgão educacional equivalente;

b) 1 (um) representante dos professores da educação básica pública;

c) 1 (um) representante dos diretores das escolas básicas públicas;

d) 1 (um) representante dos servidores técnico-administrativos das escolas básicas públicas;

e) 2 (dois) representantes dos pais de alunos da educação básica pública;

f) 2 (dois) representantes dos estudantes da educação básica pública, um dos quais indicado pela entidade de estudantes secundaristas.

§ 2º Integrarão ainda os conselhos municipais dos Fundos, quando houver, 1 (um) representante do respectivo Conselho Municipal de Educação e 1 (um) representante do Conselho Tutelar a que se refere a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990, indicados por seus pares.

§ 3º Os membros dos conselhos previstos no caput deste artigo serão indicados até 20 (vinte) dias antes do término do mandato dos conselheiros anteriores:

I - pelos dirigentes dos órgãos federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal e das entidades de classes organizadas, nos casos das representações dessas instâncias;

II - nos casos dos representantes dos diretores, pais de alunos e estudantes, pelo conjunto dos estabelecimentos ou entidades de âmbito nacional, estadual ou municipal, conforme o caso, em processo eletivo organizado para esse fim, pelos respectivos pares;

III - nos casos de representantes de professores e servidores, pelas entidades sindicais da respectiva categoria.

§ 4º Indicados os conselheiros, na forma dos incisos I e II do § 3º deste artigo, o Ministério da Educação designará os integrantes do conselho previsto no inciso I do § 1º deste artigo, e o Poder Executivo competente designará os integrantes dos conselhos previstos nos incisos II, III e IV do § 1º deste artigo.

§ 5º São impedidos de integrar os conselhos a que se refere o caput deste artigo:

I - cônjuge e parentes consanguíneos ou afins, até 3º (terceiro) grau, do Presidente e do Vice-Presidente da República, dos Ministros de Estado, do Governador e do Vice-Governador, do Prefeito e do Vice-Prefeito, e dos Secretários Estaduais, Distritais ou Municipais;

II - tesoureiro, contador ou funcionário de empresa de assessoria ou consultoria que prestem serviços relacionados à administração ou controle interno dos recursos do Fundo, bem como cônjuges, parentes consanguíneos ou afins, até 3º (terceiro) grau, desses profissionais;

III - estudantes que não sejam emancipados;

IV - pais de alunos que:

a) exerçam cargos ou funções públicas de livre nomeação e exoneração no âmbito dos órgãos do respectivo Poder Executivo gestor dos recursos; ou

b) prestem serviços terceirizados, no âmbito dos Poderes Executivos em que atuam os respectivos conselhos.

§ 6º O presidente dos conselhos previstos no caput deste artigo será eleito por seus pares em reunião do colegiado, sendo impedido de ocupar a função o representante do governo gestor dos recursos do Fundo no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

NOVA CONCURSOS

§ 7º Os conselhos dos Fundos atuarão com autonomia, sem vinculação ou subordinação institucional ao Poder Executivo local e serão renovados periodicamente ao final de cada mandato dos seus membros.

§ 8º A atuação dos membros dos conselhos dos Fundos:

I - não será remunerada;

II - é considerada atividade de relevante interesse social;

III - assegura isenção da obrigatoriedade de testemunhar sobre informações recebidas ou prestadas em razão do exercício de suas atividades de conselheiro e sobre as pessoas que lhes confiarem ou deles receberem informações;

IV - veda, quando os conselheiros forem representantes de professores e diretores ou de servidores das escolas públicas, no curso do mandato:

a) exoneração ou demissão do cargo ou emprego sem justa causa ou transferência involuntária do estabelecimento de ensino em que atuam;

b) atribuição de falta injustificada ao serviço em função das atividades do conselho;

c) afastamento involuntário e injustificado da condição de conselheiro antes do término do mandato para o qual tenha sido designado;

V - veda, quando os conselheiros forem representantes de estudantes em atividades do conselho, no curso do mandato, atribuição de falta injustificada nas atividades escolares.

§ 9º Aos conselhos incumbe, ainda, supervisionar o censo escolar anual e a elaboração da proposta orçamentária anual, no âmbito de suas respectivas esferas governamentais de atuação, com o objetivo de concorrer para o regular e tempestivo tratamento e encaminhamento dos dados estatísticos e financeiros que alicerçam a operacionalização dos Fundos.

§ 10. Os conselhos dos Fundos não contarão com estrutura administrativa própria, incumbindo à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios garantir infra-estrutura e condições materiais adequadas à execução plena das competências dos conselhos e oferecer ao Ministério da Educação os dados cadastrais relativos à criação e composição dos respectivos conselhos.

§ 11. Os membros dos conselhos de acompanhamento e controle terão mandato de, no máximo, 2 (dois) anos, permitida 1 (uma) recondução por igual período.

§ 12. Na hipótese da inexistência de estudantes emancipados, representação estudantil poderá acompanhar as reuniões do conselho com direito a voz.

§ 13. Aos conselhos incumbe, também, acompanhar a aplicação dos recursos federais transferidos à conta do Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar - PNATE e do Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos e, ainda, receber e analisar as prestações de contas referentes a esses Programas, formulando pareceres conclusivos acerca da aplicação desses recursos e encaminhando-os ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE.

Art. 25. Os registros contábeis e os demonstrativos gerenciais mensais, atualizados, relativos aos recursos repassados e recebidos à conta dos Fundos assim como os referentes às despesas realizadas ficarão permanentemente à disposição dos conselhos responsáveis, bem como dos órgãos federais, estaduais e municipais de controle interno e externo, e ser-lhes-á dada ampla publicidade, inclusive por meio eletrônico.

Parágrafo único. Os conselhos referidos nos incisos II, III e IV do § 1º do art. 24 desta Lei poderão, sempre que julgarem conveniente:

I - apresentar ao Poder Legislativo local e aos órgãos de controle interno e externo manifestação formal acerca dos registros contábeis e dos demonstrativos gerenciais do Fundo;

II - por decisão da maioria de seus membros, convocar o Secretário de Educação competente ou servidor equivalente para prestar esclarecimentos acerca do fluxo de recursos e a execução das despesas do Fundo, devendo a autoridade convocada apresentar-se em prazo não superior a 30 (trinta) dias;

III - requisitar ao Poder Executivo cópia de documentos referentes a:

a) licitação, empenho, liquidação e pagamento de obras e serviços custeados com recursos do Fundo;

b) folhas de pagamento dos profissionais da educação, as quais deverão discriminar aqueles em efetivo exercício na educação básica e indicar o respectivo nível, modalidade ou tipo de estabelecimento a que estejam vinculados;

c) documentos referentes aos convênios com as instituições a que se refere o art. 8º desta Lei;

d) outros documentos necessários ao desempenho de suas funções;

IV - realizar visitas e inspetorias in loco para verificar:

a) o desenvolvimento regular de obras e serviços efetuados nas instituições escolares com recursos do Fundo;

b) a adequação do serviço de transporte escolar;

c) a utilização em benefício do sistema de ensino de bens adquiridos com recursos do Fundo.

Art. 26. A fiscalização e o controle referentes ao cumprimento do disposto no art. 212 da Constituição Federal e do disposto nesta Lei, especialmente em relação à aplicação da totalidade dos recursos dos Fundos, serão exercidos:

I - pelo órgão de controle interno no âmbito da União e pelos órgãos de controle interno no âmbito dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;

II - pelos Tribunais de Contas dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, junto aos respectivos entes governamentais sob suas jurisdições;

III - pelo Tribunal de Contas da União, no que tange às atribuições a cargo dos órgãos federais, especialmente em relação à complementação da União.

Art. 27. Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios prestarão contas dos recursos dos Fundos conforme os procedimentos adotados pelos Tribunais de Contas competentes, observada a regulamentação aplicável.

Parágrafo único. As prestações de contas serão instruídas com parecer do conselho responsável, que deverá ser apresentado ao Poder Executivo respectivo em até 30 (trinta) dias antes do vencimento do prazo para a apresentação da prestação de contas prevista no caput deste artigo.

Art. 28. O descumprimento do disposto no art. 212 da Constituição Federal e do disposto nesta Lei sujeitará os Estados e o Distrito Federal à intervenção da União, e os Municípios à intervenção dos respectivos Estados a que pertencem, nos termos da alínea *e* do inciso VII do caput do art. 34 e do inciso III do caput do art. 35 da Constituição Federal.

Art. 29. A defesa da ordem jurídica, do regime democrático, dos interesses sociais e individuais indisponíveis, relacionada ao pleno cumprimento desta Lei, compete ao Ministério Público dos Estados e do Distrito Federal e Territórios e ao Ministério Público Federal, especialmente quanto às transferências de recursos federais.

§ 1º A legitimidade do Ministério Público prevista no caput deste artigo não exclui a de terceiros para a propositura de ações a que se referem o inciso LXXIII do caput do art. 5º e o § 1º do art. 129 da Constituição Federal, sendo-lhes assegurado o acesso gratuito aos documentos mencionados nos arts. 25 e 27 desta Lei.

§ 2º Admitir-se-á litisconsórcio facultativo entre os Ministérios Públicos da União, do Distrito Federal e dos Estados para a fiscalização da aplicação dos recursos dos Fundos que receberem complementação da União.

Art. 30. O Ministério da Educação atuará:

I - no apoio técnico relacionado aos procedimentos e critérios de aplicação dos recursos dos Fundos, junto aos Estados, Distrito Federal e Municípios e às instâncias responsáveis pelo acompanhamento, fiscalização e controle interno e externo;

II - na capacitação dos membros dos conselhos;

III - na divulgação de orientações sobre a operacionalização do Fundo e de dados sobre a previsão, a realização e a utilização dos valores financeiros repassados, por meio de publicação e distribuição de documentos informativos e em meio eletrônico de livre acesso público;

IV - na realização de estudos técnicos com vistas na definição do valor referencial anual por aluno que assegure padrão mínimo de qualidade do ensino;

V - no monitoramento da aplicação dos recursos dos Fundos, por meio de sistema de informações orçamentárias e financeiras e de cooperação com os Tribunais de Contas dos Estados e Municípios e do Distrito Federal;

VI - na realização de avaliações dos resultados da aplicação desta Lei, com vistas na adoção de medidas operacionais e de natureza político-educacional corretivas, devendo a primeira dessas medidas se realizar em até 2 (dois) anos após a implantação do Fundo.

CAPÍTULO VII
DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS
Seção I
Disposições Transitórias

Art. 31. Os Fundos serão implantados progressivamente nos primeiros 3 (três) anos de vigência, conforme o disposto neste artigo.

§ 1º A porcentagem de recursos de que trata o art. 3º desta Lei será alcançada conforme a seguinte progressão:

I - para os impostos e transferências constantes do inciso II do caput do art. 155, do inciso IV do caput do art. 158, das alíneas a e b do inciso I e do inciso II do caput do art. 159 da Constituição Federal, bem como para a receita a que se refere o § 1º do art. 3º desta Lei:

a) 16,66% (dezesseis inteiros e sessenta e seis centésimos por cento), no 1º (primeiro) ano;

b) 18,33% (dezoito inteiros e trinta e três centésimos por cento), no 2º (segundo) ano; e

c) 20% (vinte por cento), a partir do 3º (terceiro) ano, inclusive;

II - para os impostos e transferências constantes dos incisos I e III do caput do art. 155, inciso II do caput do art. 157, incisos II e III do caput do art. 158 da Constituição Federal:

a) 6,66% (seis inteiros e sessenta e seis centésimos por cento), no 1º (primeiro) ano;

b) 13,33% (treze inteiros e trinta e três centésimos por cento), no 2º (segundo) ano; e

c) 20% (vinte por cento), a partir do 3º (terceiro) ano, inclusive.

§ 2º As matrículas de que trata o art. 9º desta Lei serão consideradas conforme a seguinte progressão:

I - para o ensino fundamental regular e especial público: a totalidade das matrículas imediatamente a partir do 1º (primeiro) ano de vigência do Fundo;

II - para a educação infantil, o ensino médio e a educação de jovens e adultos:

a) 1/3 (um terço) das matrículas no 1º (primeiro) ano de vigência do Fundo;

b) 2/3 (dois terços) das matrículas no 2º (segundo) ano de vigência do Fundo;

c) a totalidade das matrículas a partir do 3º (terceiro) ano de vigência do Fundo, inclusive.

§ 3º A complementação da União será de, no mínimo:

I - R$ 2.000.000.000,00 (dois bilhões de reais), no 1º (primeiro) ano de vigência dos Fundos;

II - R$ 3.000.000.000,00 (três bilhões de reais), no 2º (segundo) ano de vigência dos Fundos; e

III - R$ 4.500.000.000,00 (quatro bilhões e quinhentos milhões de reais), no 3º (terceiro) ano de vigência dos Fundos.

§ 4º Os valores a que se referem os incisos I, II e III do § 3º deste artigo serão atualizados, anualmente, nos primeiros 3 (três) anos de vigência dos Fundos, de forma a preservar em caráter permanente o valor real da complementação da União.

§ 5º Os valores a que se referem os incisos I, II e III do § 3º deste artigo serão corrigidos, anualmente, pela variação acumulada do Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC, apurado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou índice equivalente que lhe venha a suceder, no período compreendido entre o mês da promulgação da Emenda Constitucional no 53, de 19 de dezembro de 2006, e 1º de janeiro de cada um dos 3 (três) primeiros anos de vigência dos Fundos.

§ 6º Até o 3º (terceiro) ano de vigência dos Fundos, o cronograma de complementação da União observará a programação financeira do Tesouro Nacional e contemplará pagamentos mensais de, no mínimo, 5% (cinco por cento) da complementação anual, a serem realizados até o último dia útil de cada mês, assegurados os repasses de, no mínimo, 45% (quarenta e cinco por cento) até 31 de julho e de 100% (cem por cento) até 31 de dezembro de cada ano.

§ 7º Até o 3º (terceiro) ano de vigência dos Fundos, a complementação da União não sofrerá ajuste quanto a seu montante em função da diferença entre a receita utilizada para o cálculo e a receita realizada do exercício de referência, observado o disposto no § 2º do art. 6º desta Lei quanto à distribuição entre os fundos instituídos no âmbito de cada Estado.

NOVA CONCURSOS

Art. 32. O valor por aluno do ensino fundamental, no Fundo de cada Estado e do Distrito Federal, não poderá ser inferior ao efetivamente praticado em 2006, no âmbito do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - FUNDEF, estabelecido pela Emenda Constitucional nº 14, de 12 de setembro de 1996.

§ 1º Caso o valor por aluno do ensino fundamental, no Fundo de cada Estado e do Distrito Federal, no âmbito do Fundeb, resulte inferior ao valor por aluno do ensino fundamental, no Fundo de cada Estado e do Distrito Federal, no âmbito do Fundef, adotar-se-á este último exclusivamente para a distribuição dos recursos do ensino fundamental, mantendo-se as demais ponderações para as restantes etapas, modalidades e tipos de estabelecimento de ensino da educação básica, na forma do regulamento.

§ 2º O valor por aluno do ensino fundamental a que se refere o caput deste artigo terá como parâmetro aquele efetivamente praticado em 2006, que será corrigido, anualmente, com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC, apurado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE ou índice equivalente que lhe venha a suceder, no período de 12 (doze) meses encerrados em junho do ano imediatamente anterior.

Art. 33. O valor anual mínimo por aluno definido nacionalmente para o ensino fundamental no âmbito do Fundeb não poderá ser inferior ao mínimo fixado nacionalmente em 2006 no âmbito do Fundef.

Art. 34. Os conselhos dos Fundos serão instituídos no prazo de 60 (sessenta) dias contados da vigência dos Fundos, inclusive mediante adaptações dos conselhos do Fundef existentes na data de publicação desta Lei.

Art. 35. O Ministério da Educação deverá realizar, em 5 (cinco) anos contados da vigência dos Fundos, fórum nacional com o objetivo de avaliar o financiamento da educação básica nacional, contando com representantes da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, dos trabalhadores da educação e de pais e alunos.

Art. 36. No 1º (primeiro) ano de vigência do Fundeb, as ponderações seguirão as seguintes especificações:

I - creche - 0,80 (oitenta centésimos);

II - pré-escola - 0,90 (noventa centésimos);

III - anos iniciais do ensino fundamental urbano - 1,00 (um inteiro);

IV - anos iniciais do ensino fundamental no campo - 1,05 (um inteiro e cinco centésimos);

V - anos finais do ensino fundamental urbano - 1,10 (um inteiro e dez centésimos);

VI - anos finais do ensino fundamental no campo - 1,15 (um inteiro e quinze centésimos);

VII - ensino fundamental em tempo integral - 1,25 (um inteiro e vinte e cinco centésimos);

VIII - ensino médio urbano - 1,20 (um inteiro e vinte centésimos);

IX - ensino médio no campo - 1,25 (um inteiro e vinte e cinco centésimos);

X - ensino médio em tempo integral - 1,30 (um inteiro e trinta centésimos);

XI - ensino médio integrado à educação profissional - 1,30 (um inteiro e trinta centésimos);

XII - educação especial - 1,20 (um inteiro e vinte centésimos);

XIII - educação indígena e quilombola - 1,20 (um inteiro e vinte centésimos);

XIV - educação de jovens e adultos com avaliação no processo - 0,70 (setenta centésimos);

XV - educação de jovens e adultos integrada à educação profissional de nível médio, com avaliação no processo - 0,70 (setenta centésimos).

§ 1º A Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade fixará as ponderações referentes à creche e pré-escola em tempo integral.

§ 2º Na fixação dos valores a partir do 2º (segundo) ano de vigência do Fundeb, as ponderações entre as matrículas da educação infantil seguirão, no mínimo, as seguintes pontuações:

I - creche pública em tempo integral - 1,10 (um inteiro e dez centésimos);

II - creche pública em tempo parcial - 0,80 (oitenta centésimos);

III - creche conveniada em tempo integral - 0,95 (noventa e cinco centésimos);

IV - creche conveniada em tempo parcial - 0,80 (oitenta centésimos);

V - pré-escola em tempo integral - 1,15 (um inteiro e quinze centésimos);

VI - pré-escola em tempo parcial - 0,90 (noventa centésimos).

Seção II
Disposições Finais

Art. 37. Os Municípios poderão integrar, nos termos da legislação local específica e desta Lei, o Conselho do Fundo ao Conselho Municipal de Educação, instituindo câmara específica para o acompanhamento e o controle social sobre a distribuição, a transferência e a aplicação dos recursos do Fundo, observado o disposto no inciso IV do § 1º e nos §§ 2º, 3º, 4º e 5º do art. 24 desta Lei.

§ 1º A câmara específica de acompanhamento e controle social sobre a distribuição, a transferência e a aplicação dos recursos do Fundeb terá competência deliberativa e terminativa.

§ 2º Aplicar-se-ão para a constituição dos Conselhos Municipais de Educação as regras previstas no § 5º do art. 24 desta Lei.

Art. 38. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão assegurar no financiamento da educação básica, previsto no art. 212 da Constituição Federal, a melhoria da qualidade do ensino, de forma a garantir padrão mínimo de qualidade definido nacionalmente.

Parágrafo único. É assegurada a participação popular e da comunidade educacional no processo de definição do padrão nacional de qualidade referido no caput deste artigo.

Art. 39. A União desenvolverá e apoiará políticas de estímulo às iniciativas de melhoria de qualidade do ensino, acesso e permanência na escola, promovidas pelas unidades federadas, em especial aquelas voltadas para a inclusão de crianças e adolescentes em situação de risco social.

Parágrafo único. A União, os Estados e o Distrito Federal desenvolverão, em regime de colaboração, programas de apoio ao esforço para conclusão da educação básica dos alunos regularmente matriculados no sistema público de educação:

I - que cumpram pena no sistema penitenciário, ainda que na condição de presos provisórios;

II - aos quais tenham sido aplicadas medidas socioeducativas nos termos da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990.

Art. 40. Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão implantar Planos de Carreira e remuneração dos profissionais da educação básica, de modo a assegurar:

I - a remuneração condigna dos profissionais na educação básica da rede pública;

II - integração entre o trabalho individual e a proposta pedagógica da escola;

III - a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Parágrafo único. Os Planos de Carreira deverão contemplar capacitação profissional especialmente voltada à formação continuada com vistas na melhoria da qualidade do ensino.

Art. 41. O poder público deverá fixar, em lei específica, até 31 de agosto de 2007, piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica.

Parágrafo único. (VETADO)

Art. 42. (VETADO)

Art. 43. Nos meses de janeiro e fevereiro de 2007, fica mantida a sistemática de repartição de recursos prevista na Lei no 9.424, de 24 de dezembro de 1996, mediante a utilização dos coeficientes de participação do Distrito Federal, de cada Estado e dos Municípios, referentes ao exercício de 2006, sem o pagamento de complementação da União.

Art. 44. A partir de 1º de março de 2007, a distribuição dos recursos dos Fundos é realizada na forma prevista nesta Lei.

Parágrafo único. A complementação da União prevista no inciso I do § 3º do art. 31 desta Lei, referente ao ano de 2007, será integralmente distribuída entre março e dezembro.

Art. 45. O ajuste da distribuição dos recursos referentes ao primeiro trimestre de 2007 será realizado no mês de abril de 2007, conforme a sistemática estabelecida nesta Lei.

Parágrafo único. O ajuste referente à diferença entre o total dos recursos da alínea *a* do inciso I e da alínea *a* do inciso II do § 1º do art. 31 desta Lei e os aportes referentes a janeiro e fevereiro de 2007, realizados na forma do disposto neste artigo, será pago no mês de abril de 2007.

Art. 46. Ficam revogados, a partir de 1º de janeiro de 2007, os arts. 1º a 8º e 13 da Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996, e o art. 12 da Lei no 10.880, de 9 de junho de 2004, e o § 3º do art. 2º da Lei nº 10.845, de 5 de março de 2004.

Art. 47. Nos 2 (dois) primeiros anos de vigência do Fundeb, a União alocará, além dos destinados à complementação ao Fundeb, recursos orçamentários para a promoção de programa emergencial de apoio ao ensino médio e para reforço do programa nacional de apoio ao transporte escolar.

Art. 48. Os Fundos terão vigência até 31 de dezembro de 2020.

Art. 49. Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

Brasília, 20 de junho de 2007; 186º da Independência e 119º da República.

LEI FEDERAL Nº 11.645, DE 10/03/2008. ALTERA A LEI FEDERAL Nº 9.394/96, MODIFICADA PELA LEI FEDERAL Nº 10.639/03, QUE ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, PARA INCLUIR NO CURRÍCULO OFICIAL DA REDE DE ENSINO A OBRIGATORIEDADE DA TEMÁTICA "HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA"

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

PARECER CNE/CEB Nº 22, DE 17 DE DEZEMBRO DE 1998. INSTITUI AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.

I – RELATÓRIO
Introdução

A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no exercício de suas atribuições definidas pela Lei 9131/95, tem como uma de suas grandes responsabilidades a elaboração de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.

O direito à Educação Básica consagrado pela Constituição Federal de 1988, representa uma demanda essencial das sociedades democráticas e, vem sendo exigido, vigorosamente por todo o país, como garantia inalienável do exercício da cidadania plena.

A conquista da cidadania plena, da qual todos os brasileiros são titulares, supõe, portanto, entre outros aspectos, o acesso à Educação Básica, constituída pela Educação Infantil, Fundamental e Média.

A integração da Educação Infantil no âmbito da Educação Básica, como direito das crianças de 0

a 6 anos e suas famílias, dever do estado e da sociedade civil, é fruto de muitas lutas desenvolvidas

especialmente por educadores e alguns segmentos organizados, que ao longo dos anos vêm buscando definir políticas públicas para as crianças mais novas.

No entanto uma política nacional, que se remeta à indispensável integração do estado e da

sociedade civil, como co-participantes das famílias no cuidado e educação de seus filhos entre 0 e 6 anos, ainda não está definida no Brasil.

Uma política nacional para a infância é um investimento social que considera as crianças como sujeitos de direitos, cidadãos em processo e alvo preferencial de políticas públicas. A partir desta definição, além das próprias crianças de 0 a 6 anos e suas famílias, são também alvo de uma política nacional para a infância, os cuidados e a educação pré -natal voltados aos futuros pais.

Só muito recentemente, a legislação vem se referindo a este segmento da educação, e na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), o tratamento dedicado à Educação

Infantil é bastante sucinto e genérico.

Desta forma, confere -se a estas Diretrizes Curriculares Nacionais para os programas que cuidem de crianças, educando-as de 0 a 6 anos, em esforço conjunto com suas famílias, especial importância, pelo ineditismo de seus propósitos e pela relevância de suas consequências para a Educação Infantil no âmbito público e privado.

Ao elaborar estas Diretrizes, a Câmara de Educação Básica, além de acolher as contribuições prestadas pelo Ministério da Educação e Cultura, através de sua Secretaria de Educação Fundamental e respectiva Coordenadoria de Educação Infantil, vem mantendo amplo diálogo com múltiplos segmentos responsáveis por crianças de 0 a 6 anos, na busca de compreensão dos anseios, dilemas, desafios, visões, expectativas, possibilidades e necessidades das crianças, suas famílias e comunidades.

O aprofundamento da análise sobre o papel do estado e da sociedade civil em relação às famílias

brasileiras e seus filhos de 0 a 6 anos, tem evidenciado um fenômeno também visível em outras nações, que é o da cisão entre cuidar e educar. E este dilema, leva-nos a discutir "a importância da família versus estado"; "poder centralizado versus descentralizado"; "desenvolvimento infantil versus preparação para a escola"; "controle profissional versus parental sobre os objetivos e conteúdos dos programas".

Desta forma, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil contemplando

o trabalho nas creches para as crianças de 0 a 3 anos e nas chamadas pré-escolas ou centros e classes de educação infantil para as de 4 a 6 anos, além de nortear as propostas curriculares e os projetos pedagógicos, estabelecerão paradigmas para a própria concepção destes programas de cuidado e educação, com qualidade.

A partir desta perspectiva, é muito importante que os Conselhos Municipais e Estaduais de Educação e respectivas Secretarias, tenham clareza a respeito de que as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil são mandatórias para todas as instituições de cuidado e**

educação para as crianças dos 0 aos 6 anos , a partir do momento de sua homologação pelo Sr. Ministro da Educação, e consequente publicação no Diário Oficial da União.

A iniciativa do MEC, através da ação da Coordenadoria de Educação Infantil (COEDI), da Secretaria de Educação Fundamental (SEF), de produzir e divulgar Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, é uma importante contribuição para o trabalho dos educadores de crianças dos 0 aos 6 anos, embora não seja mandatória. Esta proposta do MEC vem se integrar aos esforços de várias

Secretarias de Estados e Municípios no sentido de qualificar os programas de educação infantil, ficando no entanto, a critério das equipes pedagógicas a decisão de adotá-la na íntegra ou associá-la a outras propostas.

O indispensável, no entanto, é que ao elaborar suas **Propostas** Pedagógicas **para a Educação Infantil, os educadores se norteiem pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, aqui apresentadas.**

CUIDADO E EDUCAÇÃO NO ÂMBITO FAMILIAR E PÚBLICO

A obra já clássica de Philipe Ariès, "A história social da criança e da família" (1981), mostra como o conceito de criança tem evoluído através dos séculos, e oscilado entre polos em que ora a consideram um "bibelot" ou "bichinho de estimação" , ora um "adulto em miniatura", passível de encargos e abusos como os da negligência, do trabalho precoce e da exploração sexual. Esta indefinição, trouxe como consequência, através das gerações, grandes injustiças e graves prejuízos em relação às responsabilidades conjuntas do estado, da sociedade civil e da família sobre

os cuidados de higiene, saúde, nutrição, segurança, acolhimento, lazer e constituição de conhecimentos e valores indispensáveis ao processo de desenvolvimento e socialização das crianças de 0 aos 6 anos.

A situação apresenta-se mais grave ainda em dois grupos específicos: os das crianças portadoras

de necessidades especiais de aprendizagem, como as deficientes visuais, auditivas, motoras, psicológicas e aquelas originárias de famílias de baixa renda, que no Brasil representam a maioria da população.

Para o primeiro grupo, que de maneira dramática, é o que mais necessita de cuidado e educação

nesta etapa inicial da vida, há inclusive, enorme carência de dados para que se façam diagnósticos precisos a respeito de demanda por programas qualificados de Educação Infantil.

Campos, et allii (1992) na obra "Creches e Pré-Escolas no Brasil", informam que,..."documento do Banco Mundial (World Bank, 1988,p.16) revela que as crianças menores que 5 anos de idade, que

constituem 13% da população, recebem apenas 7% do total de benefícios sociais distribuídos. Como as famílias na faixa de renda mais baixa (renda per capita mensal menor que ¼ do salário mínimo), são aquelas com maior número de crianças (representando 19% da população e recebendo apenas 6% do total dos benefícios sociais), o documento identifica as crianças de baixa renda como um dos grupos mais discriminados dentre os destinatários das políticas sociais no país." (Campos, 1992,p.11-12)

Esta discriminação histórica explica, em boa medida, o tipo de políticas públicas voltadas para a infância que, desde o século XIX, abarcaram as iniciativas voltadas para a educação, saúde, higiene e nutrição no âmbito da assistência. Sem se constituir como uma prática emancipatória, a educação assistencialista caracterizou-se como uma proposta educacional para os pobres vinculada aos órgãos assistenciais.

A partir da década de 60, há uma crescente demanda por instituições de educação infantil associada a fatores como o aumento da presença feminina no mercado de trabalho e o reconhecimento da importância dos primeiros anos de vida em relação ao desenvolvimento cognitivo/linguístico, sócio/emocional e psico/motor, através da discussão de teorias originárias especialmente dos campos da Psicologia, Antropologia, Psico e Sócio-Linguísticas. Com isto, os órgãos educacionais passam a se ocupar mais das políticas públicas e das propostas para a educação da infância, seja no caso das crianças de famílias de renda média e mais alta, seja naquele das crianças pobres. No entanto, muitas vezes ainda se observa uma visão assistencialista, como no caso da "educação compensatória"de supostas carências culturais.

No entanto, os programas de Educação Infantil reduziram-se a currículos, limitando-se as experiências de ensino para crianças pequenas, ao domínio exclusivo da educação. Desta forma ainda não se observa o necessário e desejável equilíbrio entre as áreas das Políticas Sociais voltadas para a infância e a família, como as da Saúde, Serviço Social, Cultura, Habitação, Lazer e Esportes articuladas pela Educação. Equipes lideradas por educadores, contando com médicos, terapeutas, assistentes sociais, psicólogos e nutricionistas, para citar alguns dos profissionais, que devem contribuir no trabalho das creches ou centros de Educação Infantil, ainda são raros no país, já nos dias de hoje.

Assim, no Brasil, creche, ou seja, instituição que se ocupa de crianças de 0 a 3 anos, conotada

em larga medida, e errôneamente, como instituição para crianças pobres, tem sido em consequência, muitas vezes, uma instituição que oferece uma educação "pobre para os pobres". A presença, nestas instituições de adultos sem qualificação apropriada para o trabalho de cuidado e educação, a ausência de propostas pedagógicas, e alto grau de improvisação e descompromisso com os direitos e necessidades das crianças e suas famílias, exigem atenção e ação responsáveis por parte de secretarias e conselhos de educação, especialmente os municipais. Tudo isto deve ser feito nos marcos do regime de colaboração, conforme define a Constituição Federal de 1988.

As chamadas pré-escolas, mais frequentadas pelo segmento de crianças de famílias de renda média e largo contingente das famílias de mais alta renda, trazem também uma contradição: a de não conseguir qualificar, com precisão, a importância do trabalho com cuidado e educação a ser realizado com as crianças de 4 a 6 anos, contribuindo, por isto, para diminuir sua relevância no âmbito das políticas públicas.

Embora a Lei 9394/96 assim se refira a este segmento da Educação Infantil, o conceito de pré- escola, acaba por ser entendido como "fora da escola" ou do "sistema regular de ensino", portanto, em termos de políticas públicas, um "luxo" ou "supérfluo".

O art. 2º, II da LDB/96, ao destacar a prioridade para o Ensino Fundamental , como

responsabilidade dos municípios, embora cite a Educação Infantil, não o faz com a mesma ênfase, o que ocasiona problemas de interpretação sobre atribuição de recursos, junto aos prefeitos e secretários de educação.

Os artigos 10 e 11 da LDB representaram um esforço para disciplinar as responsabilidades de

Estados e Municípios com a provisão de Educação Básica. O Ensino Fundamental, atribuído a ambos é prioridade municipal.

À esfera estadual cabe prioridade pelo Ensino Médio, embora ainda em muitos casos aquele ainda

compartilhe com os municípios a responsabilidade pelo Ensino Fundamental.

Com isto, a Educação Infantil, enquanto atribuição dos municípios, não se definiu como prioridade de nenhuma esfera governamental.

Para dar operacionalidade ao disposto pela LDB quanto ao ensino obrigatório foi necessário criar o FUNDEF, que deverá ordenar a atribuição de recursos e a divisão de tarefas entre os dois entes

federativos para prover o Ensino Fundamental.

NOVA CONCURSOS

Será preciso, daqui em diante, enfrentar o problema da responsabilidade prioritária dos municípios pela Educação Infantil, dentro evidentemente, dos princípios maiores da colaboração federativa constitucional, de acordo com o Art.30, inciso VI da Constituição Federal.

Para isto a própria operação continuada do FUNDEF, seu acompanhamento e aperfeiçoamento contínuos, poderão contribuir. Em primeiro lugar tornando mais claro a quanto montam os 10% de recursos que ficarão disponíveis aos municípios, uma vez satisfeita a subvinculação das receitas municipais. Isto permitirá, em cada realidade municipal, considerar estes montantes à luz da prioridade de provisão de cuidados e educação para as crianças de 0 a 6 anos.

A importância da Educação Infantil implica a efetivação do Artigo 30, inciso VI da Constituição Federal, do Estatuto da Criança e do Adolescente, da Consolidação das Leis do Trabalho e a presença de outros recursos advindos da sociedade.

Assim, o atendimento educacional das crianças de 0 a 6 anos de idade, garantido pelo artigo 208,

inciso IV da Constituição Federal, que estabelece, ainda, no art. 211 a oferta da Educação Infantil como uma das prioridades dos Municípios, dispõe que estes devem atuar prioritariamente no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Isto significa, claramente, que ao lado do Ensino Fundamental figura a Educação Infantil, em grau de igualdade, como prioridade de atuação na esfera municipal.

Por sua vez, a LDB, no art.11, inciso V, embora disponha que a oferta da Educação Infantil seja incumbência dos Municípios, fixa como prioridade explícita para esta esfera administrativa o Ensino Fundamental, por este ser obrigatório, conforme a Constituição Federal, art.212 e 213. Isto não significa, entretanto, que estaria em segundo plano a prioridade constitucional relativa à Educação Infantil. Na verdade, a LDB enfatiza o Ensino Fundamental como prioridade em relação ao Ensino Médio e Superior.

Como a Emenda Constitucional no. 14/96 que criou o FUNDEF, subvinculou 15% do total de impostos e transferências à manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental, restam pelo menos 10% ou o que resultou da ampliação de recursos vinculados pelas leis orgânicas municipais (art. 69 da Lei 9394/96), para a atuação dos municípios na Educação Infantil ou Ensino Fundamental, uma vez que o já citado artigo 11, inciso V da LDB **dispõe que, aos Municípios só é permitida atuação em outros níveis, quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência, ou seja, o Ensino Fundamental e a Educação Infantil.**

Uma intensa mobilização nacional terá que acompanhar a identificação dos recursos municipais, que necessitam contar com o decisivo apoio da imprensa, da mídia eletrônica, especialmente rádio e televisão e do marketing social. Em primeiro lugar para criar um consenso com dirigentes municipais e a sociedade sobre a prioridade para a Educação Infantil. Em segundo lugar para identificar e operacionalizar fontes adicionais de financiamento, públicas e privadas que, nos marcos do regime federativo, e considerando a responsabilidade da sociedade com a Educação Infantil, apoiem prefeituras, conselhos municipais, conselhos da criança e do adolescente, conselhos tutelares, "ongs"e outras instituições na provisão deste direito, primeira etapa da Educação Básica, à qual todos os cidadãos, inclusive as crianças mais novas e suas famílias, devem ter acesso.

Além do problema orçamentário, a dificultar as políticas públicas para a Educação Infantil, há ainda o descaso e o despreparo dos Cursos de Formação de Professores em nível médio, dos chamados Cursos Normais, bem como os de Pedagogia em nível Superior, na definição da qualificação específica de profissionais para o trabalho com as crianças de 0 a 6 anos.

As dramáticas transformações familiares ocasionando mudanças de papéis para pais e mães, a acentuada ausência dos pais no âmbito familiar, a crescente entrada das mães no campo de trabalho fora de casa, a forte influência da mídia, especialmente da televisão, a urbanização crescente das populações e a transformação de vínculos parentais e de vizinhança, criam novos contextos para a constituição da identidade das crianças, que raramente são analisados em profundidade e com competência nos citados cursos. A pesquisa, o estudo e a análise do impacto de todos aqueles aspectos sobre as crianças de 0 a 6 anos, e as consequências sobre seus modos de ser e relacionar-se, certamente influenciarão as propostas pedagógicas e os processos de formação e atualização dos educadores.

Além disso, os conhecimentos integrados a partir dos campos da psicologia, antropologia, psico

e sócio linguística, história, filosofia, sociologia, comunicação, ética, política e estética são muito superficialmente trabalhados nos cursos Normais e de Pedagogia, o que ocasiona uma visão artificial sobre as formas de trabalho com as crianças. Daí surgem as tendências que atribuem às didáticas e metodologias de ensino um lugar todo poderoso, como panaceia para o "ensino de qualidade", derivado de teorias quase milagrosas na consecução de resultados educacionais.

O conhecimento sobre áreas específicas das ciências humanas, sociais e exatas acopladas às tecnologias, cede lugar para o "como fazer" das didáticas e metodologias de ensino, que reduzem e deixam de lado o "por que" , "para que", "para onde e quando", do cuidado e da educação com a criança pequena.

Aqui é bom lembrar do que diz o escritor Paulo Leminsky: " Nesta vida pode-se aprender três coisas de uma criança: estar sempre alegre, nunca ficar inativo e chorar com força por tudo que se quer."

Crianças pequenas são seres humanos portadores de todas as melhores potencialidades

da espécie:

***inteligentes, curiosas, animadas, brincalhonas em busca de relacionamentos gratificantes, pois descobertas, entendimento, afeto, amor, brincadeira, bom humor e segurança trazem bem estar e felicidade;**

***tagarelas, desvendando todos os sentidos e significados das múltiplas linguagens de comunicação, por onde a vida se explica;**

*** inquietas, pois tudo deve ser descoberto e compreendido, num mundo que é sempre novo a cada manhã;**

*** encantadas , fascinadas, solidárias e cooperativas desde que o contexto a seu redor, e principalmente, nós adultos/educadores, saibamos responder, provocar e apoiar o encantamento, a fascinação, que levam ao conhecimento, à generosidade e à participação.**

Por isto, ao planejar propostas curriculares dentro dos projetos pedagógicos para a Educação Infantil, é muito importante assegurar que não haja uma antecipação de rotinas e procedimentos comuns às classes de Educação Fundamental, a partir da 1ª série, mas que não seriam aceitáveis para as crianças mais novas.

No entanto, é responsabilidade dos educadores dos centros de Educação Infantil, situados em escolas ou não, em tempo integral ou não, propiciar uma transição adequada do contexto familiar ao escolar, nesta etapa da vida das crianças, uma vez que a Educação Fundamental naturalmente sucederá a Educação Infantil, aconteça esta em classes escolares ou não, e em período contínuo ou não.

Além disso, quando há professores qualificados, horário, calendário para as instituições educacionais, férias e proposta pedagógica que atendam a estes objetivos, é ilógico defender que se trabalha numa "pré-escola", pois o que de fato acontece, é o trabalho em instituições que respeitam e operam competentemente programas de Educação Infantil, capazes de não antecipar uma formalização artificial e indesejável do processo de cuidado e educação com a criança de 4 a 6 anos, mas intencionalmente voltados para cuidado e educação, em complemento ao trabalho da família.

Os programas a serem desenvolvidos em centros de Educação Infantil, ao respeitarem o caráter lúdico, prazeroso das atividades e o amplo atendimento às necessidades de ações planejadas, ora espontâneas, ora dirigidas, ainda assim devem expressar uma intencionalidade e, portanto, uma responsabilidade correspondente, que deve ser avaliada, supervisionada e apoiada pelas Secretarias e Conselhos de Educação, especialmente os Municipais, para verificar sua legitimidade e qualidade.

Desta forma estado, sociedade civil e famílias passam a descobrir múltiplas estratégias de atender, acolher, estimular, apoiar e educar suas crianças, cuidando delas.

Ao analisar as razões do estado, da sociedade civil e das famílias, quando propiciam Educação Infantil, pode-se cair facilmente em argumentos sociológicos a respeito das transformações e necessidades das famílias, e em particular de pais e mães que trabalham e têm uma carreira ou planos profissionais, exigindo tempo longe dos filhos entregues a creches ou classes escolares.

Pode-se pensar em argumentos econômicos de diminuição de custos escolares, ao se constatar

que os índices de repetência e evasão diminuem, quando os alunos da Educação Fundamental são egressos de boas experiências em Educação Infantil.

Mas há que se pensar na própria natureza dos afetos, sentimentos e capacidades cognitivo/linguísticas, sócio/emocionais e psico/motoras das crianças, que exigem políticas públicas para si e suas famílias, propiciando-lhes a igualdade de oportunidades de cuidado e educação de qualidade.

Pesquisas sobre crianças pequenas em várias áreas das ciências humanas e sociais apontam para

as impressionantes mudanças que ocorrem nos primeiros cinco a seis anos de vida dos seres humanos, que incapazes de falar, locomover-se e organizar-se, ao relacionar-se com o mundo a seu redor, de maneira construtiva, receptiva, positiva, passam a mover-se, comunicar-se através de várias linguagens, criando, transformando e afetando suas próprias circunstâncias de interação com pessoas, eventos e lugares.

As próprias crianças pequenas apontam ao estado, à sociedade civil e às famílias a importância

de um investimento integrado entre as áreas de educação, saúde, serviço social, cultura, habitação, lazer e esportes no sentido de atendimento a suas necessidades e potencialidades, enquanto seres humanos.

Este é pois o grande desafio que se coloca para a Educação Infantil: que ela constitua um espaço

e um tempo em que, de 0 a 3 anos haja uma articulação de políticas sociais, que lideradas pela educação, integrem desenvolvimento com vida individual , social e cultural, num ambiente onde as formas de expressão, dentre elas a linguagem verbal e corporal ocupem lugar privilegiado, num contexto de jogos e brincadeiras, onde famílias e as equipes das creches convivam intensa e construtivamente, cuidando e educando.

E que, para as dos 4 aos 6 anos, haja uma progressiva e prazerosa articulação das atividades de

comunicação e ludicidade, com o ambiente escolarizado, no qual desenvolvimento, socialização e constituição de identidades singulares, afirmativas, protagonistas das próprias ações, possam relacionar-se, gradualmente, com ambientes distintos dos da família, na transição para a Educação Fundamental.

Decisões sobre a adoção de tempo parcial ou integral no cuidado e educação das crianças de 0

a 6 anos, requerem por parte das instituições flexibilidade nos arranjos de horário de maneira a atender, tanto às necessidades das crianças, quanto às de suas famílias.

A parceria entre profissionais, instituições e famílias é o que propiciará cuidado e educação de

qualidade, e em sintonia com as expectativas dos que buscam estas instituições.

A LEI 9394/96 E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Além da LDBEN/96, a própria Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, consagram as crianças de 0 a 6 anos como "sujeitos de direitos".

O Art.1º da LDB define que : "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana,....", e seu Art. 2º afirma que: "A educação dever da família e do estado"..., pressupondo sempre a correlação entre os esforços de ambos, a família e o estado.

De acordo com o Censo Escolar do MEC, a matrícula na Educação Infantil e nas Classes de Alfabetização em 1996, foi de 5.714.313 crianças, sendo que 1.317.980 tinham 7 anos ou mais, correspondendo a 23% da matrícula.

Em 1998 a matrícula foi de 4.917.619 crianças, verificando-se, pois, um decréscimo de 796.684

NOVA CONCURSOS

crianças, ou seja, de 14%.

Também em 1998, o número de crianças com 7 anos ou mais foi de 786.179 crianças, correspondendo a 16% do total da matrícula nas classes de Educação Infantil e de Alfabetização.

Na verdade, as estatísticas existentes sobre Educação Infantil são mais camufladoras do que indicadoras, pois incluem um significativo contingente de crianças que, pela sua idade e por direito, deveriam estar matriculadas no Ensino Fundamental. Por outro lado, não registram creches não cadastradas pelo Censo do MEC.

Assim o decréscimo da matrícula pode ter sido apenas uma transferência para o Ensino Fundamental de crianças indevidamente matriculadas em Classes de Alfabetização ou mesmo de

Educação Infantil.

Em relação à Educação Infantil, é, no entanto, muito importante considerar, como alguns analistas o fazem, que à insuficiência de oportunidades em instituições públicas, as famílias inúmeras vezes

têm uma percepção equivocada de seu papel com as crianças, bem como com relação ao das creches e instituições para as crianças de 4 aos 6 anos. Isto, sem contar com a ausência de apoios eficazes para exercer suas responsabilidades de cuidado e educação, junto com o estado e com a própria sociedade civil, através das responsabilidades das empresas, associações de classe e organizações não governamentais, para citar algumas.

Mas a própria Lei 9394/96 em seu Art.4º,IV, vem garantir o dever do Estado com educação escolar pública, efetivada, mediante a garantia de atendimento gratuito em "creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6". E em seu Art.12, VI e VII preconiza que os estabelecimentos de ensino devem

articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola.

A Lei propõe caminhos de interação intensa e continuada entre as instituições de Educação Infantil e as famílias, o que abre perspectivas a serem exploradas pelos sistemas educacionais de maneira criativa e solidária, em regime de colaboração.

Quanto menores as crianças, mais as famílias necessitam de apoios integrados das áreas de políticas sociais integradas, principalmente as de saúde e desenvolvimento social, articuladas pela

educação, e aqui nos referimos a todas as famílias e suas crianças, visando uma política nacional que priorize seus direitos a cuidados e educação.

Esta política nacional deve incluir toda a etapa de cuidados e educação pré-natal aos futuros

pais.

Será muito lenta e parcial a conquista por uma política nacional, caso a imprensa, a mídia

eletrônica, principalmente rádio, televisão e a Internet, e os profissionais de marketing social estejam ausentes deste processo.

Em consquência a política nacional para crianças de 0 a 6 anos e suas famílias se fará

com o apoio e a participação de todos os segmentos da sociedade, especialmente o dos

profissionais da comunicação e da informação, dos Conselhos Municipais, Tutelares, dos Juízes da Vara da Infância e das Associações de Pais, entre outros.

Ao analisar a questão das propostas pedagógicas, a Lei atribui grande importância ao papel dos

educadores em sua concepção, desenvolvimento, avaliação e interpretação com as famílias, como se depreende dos Arts. 13,I, II, VI; 14, I, II.

Aqui é indispensável enfatizar a importância da formação prévia e da atualização em serviço dos

educadores. **Os Cursos de formação de docentes para a Educação Infantil nos níveis médio e superior devem adaptar-se, com a maior urgência às exigências de qualificação dos educadores para as crianças de 0 a 6 anos, considerando as transformações familiares e sociais, as características sempre mais acentuadas da sociedade de comunicação e informação, e suas consequências sobre as crianças, mesmo as de mais baixa renda .**

A integração da Educação Infantil aos sistemas de ensino é esclarecida nos Arts. 17, § único; 18, I e II, inclusive, no que se refere à rede privada. A respeito da integração da Educação Infantil aos sistemas é muito importante verificar o que dizem as Disposições Transitórias em seu Art. 89, a respeito dos prazos para que as instituições para as crianças de 0 a 6 anos, existentes ou que venham a ser criadas, sejam integradas a seus respectivos sistemas. Isto deverá, portanto acontecer até 20/12/1999. Pelo estabelecido no Art. 90 ficam também definidos como foros de resolução de dúvidas os respectivos Conselhos Municipais, Estaduais e, em última instância o Conselho Nacional de Educação.

A organização da Educação Infantil deve também atender ao explicitado, inicialmente nos Arts. 29, 30 e 31, mas também no 23. É muito importante considerar em consonância com estes o exposto no Art. 58, que aborda a oferta de Educação Especial na Educação Infantil.

Um aspecto novo da organização tanto da Educação Infantil, quanto do Ensino Fundamental, e que exigirá medidas orçamentárias, administrativas e pedagógicas é o exposto nas Disposições Transitórias, art. 87,§ 3º, I que faculta a matrícula das crianças de 6 anos na 1ª série do Ensino Fundamental.

Em breve o CNE apresentará Parecer específico a respeito, porém é possível adiantar que, sob o ponto de vista psico/linguístico, sócio/emocional , psico/motor e educacional, esta medida é desejável, pois vem ao encontro das verdadeiras capacidades das crianças e das tendências mundiais em educação.

Isto valorizará ainda mais a Educação Infantil e sua pertinência como momento e lugar de transição entre a vida familiar e a Escola, encerrando a era das "Classes de Alfabetização", desnecessárias e desaconselháveis, uma vez que se considere que o processo de interpretação e produção de textos, de compreensão de quantidades e operações de cálculo, assim como de situar-se em relação aos meios sociais e naturais, relacionando-se com eles, não acontece nem se cristaliza em apenas um ano letivo. A sistematização que se busca nas "Classes de Alfabetização" artificializa um processo de ensino que só acontece ao longo dos anos, desejavelmente durante a Educação Infantil e início do Ensino Fundamental.

Registre -se, inclusive, que as crianças de 7 anos não devem ser matriculadas em

instituições ou classes de Educação Infantil, mas obrigatoriamente no Ensino Fundamental

(LDB/96, Arts.6º e 87).

Menção especial deve ser feita em relação aos educadores para a Educação Infantil, segundo o

prescrito nos arts. 62; 63, I, II; 64 e 67 e nas Disposições Transitórias, art. 87, § 1º, § 3º, III e IV; e §

4º.

Fica claro, que durante este período de transição os Cursos Normais de nível médio, de acordo com o art. 62, seguirão contribuindo para a formação de professores, bem como deverão ser feitos todos os esforços entre estados e municípios para que os professores leigos tenham oportunidades de se qualificarem devidamente, como previsto pelos artigos citados.

Aqui se exigem medidas práticas e imediatas entre as universidades e centros de ensino superior, que em regime de colaboração com os sistemas públicos e privados de instituições para as crianças de 0 a 6 anos, podem e devem contribuir através de formas criativas e solidárias, com o grande esforço nacional, para potencializar e qualificar os profissionais de Educação Infantil no Brasil.

O bom senso e a vontade política devem prevalecer em benefício das crianças brasileiras de 0 a 6 anos e suas famílias, para que no afã do aperfeiçoamento não se percam as grandes conquistas já obtidas, principalmente junto às populações de mais baixa renda e renda média.

II - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

" Pois eu hei de inventar coisa muito melhor que o mel humano, que o rádio, que tudo! –

gritou Emília. Todos ficaram atentos à espera da asneirinha.

- Vou inventar a máquina de fazer invenções. Bota-se a idéia dentro, vira-se a manivela e

pronto – tem-se a invenção que se quer".

Monteiro Lobato "A História das Invenções".

1 – Educar e cuidar de crianças de 0 a 6 anos supõe definir previamente para que sociedade isto será feito, e como se desenvolverão as práticas pedagógicas, para que as crianças e suas

famílias sejam incluídas em uma vida de cidadania plena.

Para que isto aconteça, é importante que as Propostas Pedagógicas de Educação Infantil tenham qualidade e definam-se a respeito dos seguintes fundamentos norteadores:

a. Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;

b. Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;

c. Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade, da Qualidade e da Diversidade de manifestações Artísticas e Culturais.

As crianças pequenas e suas famílias devem encontrar nos centros de educação infantil, um ambiente físico e humano, através de estruturas e funcionamento adequados, que propiciem experiências e situações planejadas intencionalmente, de modo a democratizar o acesso de todos, aos bens culturais e educacionais, que proporcionam uma qualidade de vida mais justa, equânime e feliz. As situações planejadas intencionalmente devem prever momentos de atividades espontâneas e outras dirigidas, com objetivos claros, que aconteçam num ambiente iluminado pelos princípios éticos, políticos e estéticos das propostas pedagógicas.

Ao iniciar sua trajetória na vida, nossas crianças têm direito à Saúde, ao Amor, à Aceitação, Segurança, à Estimulação, ao Apoio, à Confiança de sentir-se parte de uma família e de um ambiente de cuidados e educação. E embora as radicais mudanças nas estruturas familiares estejam trazendo maiores desafios para as instituições de Educação Infantil, que também se apresentam com grande diversidade de propósitos, é indispensável que os Conselhos e as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação criem condições de interação construtiva com aquelas, para que os Princípios acima sejam respeitados e acatados.

Nesta perspectiva fica evidente que o que se propõe é a negociação constante entre as autoridades constituídas, os educadores e as famílias das crianças no sentido de preservação de seus direitos, numa sociedade que todos desejamos democrática, justa e mais feliz.

2 – Ao definir suas Propostas Pedagógicas, as Instituições de Educação Infantil deverão explicitar o reconhecimento da importância da identidade pessoal de alunos, suas famílias,

professores e outros profissionais e a identidade de cada unidade educacional no contexto de suas organizações.

As crianças pequenas e suas famílias, mais do que em qualquer outra etapa da vida humana, estão definindo identidades influenciadas pelas questões de gênero masculino e feminino, etnia, idade, nível de desenvolvimento físico , psico/linguístico, sócio/emocional e psico/motor e situações sócio-econômicas, que são cruciais para a inserção numa vida de cidadania plena.

No momento em que pais e filhos, com o apoio das instituições de educação infantil, vivem nestes primeiros tempos, a busca de formas de ser e relacionar-se e espaços próprios de manifestação, é indispensável que haja diálogo, acolhimento, respeito e negociação sobre a identidade de cada um, nestes ambientes coletivos.

As múltiplas trocas envolvem também os educadores, outros profissionais e os próprios sistemas aos quais se relacionam as instituições de Educação Infantil.

Neste sentido é indispensável enfatizar a necessidade do trabalho integrado entre as áreas de Políticas Sociais para a Infância e a Família, como a Saúde, o Serviço Social, o Trabalho, a Cultura, Habitação, Lazer e Esporte, que em alguns estados e municípios brasileiros assumem formas diferenciadas de atendimento.

Além disso, a variedade das próprias instituições de Educação Infantil, entre elas, creches familiares, atendimento a crianças hospitalizadas por longos períodos, ou com necessidades especiais de aprendizagem, por exemplo, podem criar desafios em relação ao cuidado e à educação.

NOVA CONCURSOS

No entanto, o que aqui se propõe, é que dentre os critérios para Licenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil, haja nas Propostas Pedagógicas dos estabelecimentos, menção explícita que acate as identidades de crianças e suas famílias em suas diversas manifestações, sem exclusões devidas a gênero masculino ou feminino, às múltiplas etnias presentes na sociedade brasileira, a distintas situações familiares, religiosas, econômicas e culturais e a peculiaridades no desenvolvimento em relação a necessidades especiais de educação e cuidados, como é o caso de deficientes de qualquer natureza.

A representatividade de identidades variadas entre os educadores e outros profissionais que trabalhem nas instituições de educação infantil, também deve estar enfatizada. Isto porque a riqueza que equipes formadas por homens e mulheres, de diferentes etnias e ambientes sócio/econômicos, pode proporcionar a um grande número de crianças pequenas é muito grande, especialmente quando elas só convivem com a mãe, ou o pai, ou irmãos, ou outros responsáveis. Além disto nesta diversidade de representações de gênero, etnia e situações sócio/econômicas vão aprendendo a conviver construtivamente com a riqueza das diferenças entre os seres humanos.

Outro aspecto relevante sobre identidade é o das próprias instituições, algumas delas centenárias, guardando a história das conquistas educacionais deste país e constituindo-se em verdadeiro patrimônio cultural a ser valorizado por todos.

3 – As Propostas Pedagógicas para as instituições de Educação Infantil devem promover em

suas práticas de educação e cuidados, a integração entre os aspectos físicos, emocionais,

afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser total, completo e indivisível.

Desta forma ser, sentir, brincar, expressar-se, relacionar-se, mover-se, organizar-se, cuidar-se, agir e responsabilizar-se são partes do todo de cada indivíduo, menino ou menina, que desde bebês vão, gradual e articuladamente, aperfeiçoando estes processos nos contatos consigo próprios, com as pessoas, coisas e o ambiente em geral.

Este é um dos aspectos mais polêmicos dos programas de Educação Infantil, uma vez que o que se observa, em geral, são duas tendências principais em seus propósitos:

a. ênfase nos aspectos do desenvolvimento da criança, reduzindo suas oportunidades e experiências ao processo de "socialização" e especialização de aptidões em "hábitos e habilidades

psicomotoras", principalmente;

b. ênfase numa visão de treinamento, mais "escolarizada" de preparação para uma suposta e equivocada "prontidão para alfabetização e o cálculo", em especial.

Aqui há um campo fértil e amplo de trabalho a ser realizado por um conjunto de profissionais

e instituições: os cursos de formação de professores, as universidades e centros de pesquisa intensificando suas investigações, cursos e estágios, de preferência em parceria com as Secretarias Municipais e Estaduais, apoiadas pelos respectivos Conselhos de Educação; e as próprias Secretarias desenvolvendo seus programas de atualização de recursos humanos, com vista à Educação Infantil.

Como se abordou anteriormente, estes esforços devem estar articulados com os de outros profissionais como os médicos, enfermeiras, terapeutas, agentes de saúde, assistentes sociais, nutricionistas, psicólogos, arquitetos e todos que atendam às crianças e suas famílias em centros de educação infantil.

Desta forma, gradualmente, será possível atingir um consenso a respeito da educação e cuidados para infância, entre 0 e 6 anos. Este consenso precisa contemplar o exposto nesta Diretriz 3, para garantir que as Propostas Pedagógicas atendam, integralmente à criança em todos os seus aspectos.

4 – Ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo

próprias, com os demais e o meio ambiente de maneira articulada e gradual, as Propostas

Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem buscar a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, como conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores.

Desta maneira, os conhecimentos sobre espaço, tempo, comunicação, expressão, a natureza e as pessoas devem estar articulados com os cuidados e a educação para a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, a cultura, as linguagens, o trabalho, o lazer, a ciência e a tecnologia.

Um dos grandes equívocos em relação à Educação Infantil em nosso país é o de que seu alvo prioritário são as crianças de famílias de baixa renda, e consequentemente a natureza de suas propostas deve ser "compensatória" de supostas carências culturais.

Sem polemizar a respeito de reais necessidades de saúde, nutrição e ambiente familiar favorável às crianças de 0 a 6 anos, o que se defende aqui, é existência de Propostas Pedagógicas que dêem conta da complexidade dos contextos em que as crianças vivem na sociedade brasileira, que como várias outras do Planeta, passa por vertiginosas transformações econômicas e sociais.

Por isso o que aqui se apresenta é a possibilidade concreta de que as instituições de Educação Infantil articulem suas Propostas de maneira intencional, com qualidade, visando o êxito de seu trabalho, para que todas as crianças e sua famílias tenham oportunidade de acesso a conhecimentos valores e modos de vida verdadeiramente cidadãos. No entanto, um grande alerta, aqui se coloca: tudo isto deve acontecer num contexto em que cuidados e educação se realizem de modo prazeroso, lúdico, onde as brincadeiras espontâneas, o uso de materiais, os jogos, as danças e cantos, as comidas e roupas, as múltiplas formas de comunicação, expressão, criação e movimento, o exercício de tarefas rotineiras do cotidiano e as experiências dirigidas que exigem o conhecimento dos limites e alcances das ações das crianças e dos adultos estejam contemplados.

Embora, crianças de 0 a 6 anos comuniquem-se, de maneiras distintas, expressando suas emoções, sentimentos, afetos, curiosidades e desejo de compreender e aprender, gradualmente, todas estas capacidades estão presentes desde o início de suas vidas, e manifestam-se, espontaneamente ou através da interação entre elas próprias e com os adultos. O papel dos educadores atentos, organizando, criando ambientes e situações contribui decisivamente para que os bebês e as crianças um pouco maiores, exercitem sua inteligência, seus afetos e sentimentos, constituindo conhecimentos e valores, vivendo e convivendo ativa e construtivamente.

Todos os que conhecemos e trabalhamos ou convivemos com crianças de 0 a 6 anos sabemos de seu imenso potencial, inesgotável curiosidade e desejo de aprender, ser aceitos, estimados e "incluídos", participar, ter seus esforços reconhecidos, ser respeitados como os irmãos mais velhos e os adultos.

Educação Infantil não é portanto um "luxo" ou um "favor", é um direito a ser melhor reconhecido pela dignidade e capacidade de todas as crianças brasileiras, que merecem de seus educadores um atendimento que as introduza a conhecimentos e valores, indispensáveis a uma vida plena e feliz.

Vários educadores brasileiros, entre os quais nos incluímos, temos procurado elaborar currículos e programas para a Educação Infantil, buscando as conexões entre a vida destas crianças e suas famílias, as situações da vida brasileira e planetária e o ambiente das instituições que frequentam.

Algumas destas propostas curriculares enfatizam a importância de, reconhecendo a intencionalidade de suas ações pedagógicas com qualidade, resguardar nos ambientes das instituições de educação infantil, aspectos da vida, organizando os espaços para atividades movimentadas, semi-movimentadas e tranquilas, como de modo geral lhes acontece fora daqueles ambientes. Contudo, para muitas crianças, as creches ou escolas são os locais onde passam o maior número de horas de seu dia, e por isso, as estratégias pedagógicas utilizadas devem atender àqueles aspectos abordados na Diretriz 3, evitando a monotonia, o exagero de atividades "acadêmicas" ou de disciplinamento estéril.

As múltiplas formas de diálogo e interação são o eixo de todo o trabalho pedagógico, que deve primar pelo envolvimento e interesse genuíno dos educadores, em todas as situações, provocando, brincando, rindo, apoiando, acolhendo, estabelecendo limites com energia e sensibilidade, consolando, observando, estimulando e desafiando a curiosidade e a criatividade, através de exercícios de sensibilidade, reconhecendo e alegrando-se com as conquistas individuais e coletivas das crianças, sobretudo as que promovam a autonomia, a responsabilidade e a solidariedade.

A participação dos educadores é participação, e não condução absoluta de todas as atividades e centralização das mesmas em sua pessoa.

Por isso, desde a organização do espaço, móveis, acesso a brinquedos e materiais, aos locais como banheiros, cantinas e pátios até à divisão do tempo e do calendário anual de atividades, passando pelas relações e ações conjuntas com as famílias e responsáveis, o papel dos educadores deve legitimar os compromissos assumidos através das Propostas Pedagógicas. Cuidado deve ser tomado em relação à quantidade de crianças por educadores, atendendo às distintas faixas etárias.

5– As Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil devem organizar suas estratégias de

avaliação, através do acompanhamento e registros de etapas alcançadas nos cuidados e educação para crianças de 0 a 6 anos, "sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental". (LDBEN, art. 31).

Esta medida é fundamental para qualificar as Propostas Pedagógicas e explicitar seus propósitos com as crianças dos 0 aos 3 anos e dos 4 aos 6. É evidente que os objetivos serão diferentes para os distintos níveis de desenvolvimento, e de situações específicas, considerando-se o estado de saúde, nutrição e higiene dos meninos e meninas.

No entanto, é através da avaliação, entendida como instrumento de diagnóstico e tomada de decisões, que os educadores poderão, em grande medida, verificar a qualidade de seu trabalho e das relações com as famílias das crianças. A grande maioria dos pais aprende junto com os filhos e seus educadores, independente de nível de escolaridade ou de situação sócio-econômica; por isso a avaliação sobre os resultados de cuidados e educação para as crianças de 0 aos 6 anos é parte integrante das Propostas Pedagógicas e consequência de decisões tomadas pelas instituições de Educação Infantil.

É claro que nesta perspectiva, a avaliação jamais deverá ser utilizada de maneira punitiva contra as crianças, não se admitindo a reprovação ou os chamados "vestibulinhos", para o acesso ao Ensino Fundamental . A responsabilidade dos educadores ao avaliar as crianças, a si próprios e a proposta pedagógica, permitirá constante aperfeiçoamento das estratégias educacionais e maior apoio e colaboração com o trabalho das famílias.

6.As Propostas Pedagógicas das creches para as crianças de 0 a 3 anos de classes e centros de educação infantil para as de 4 a 6 anos devem ser concebidas, desenvolvidas, supervisionadas e avaliadas por educadores, com pelo menos o diploma de curso de Formação de Professores, mesmo que da Equipe Educacional participem outros profissionais das áreas de Ciências Humanas, Sociais e Exatas, assim como familiares das crianças. Da direção das instituições de Educação Infantil deve participar, necessariamente um educador, também com, no mínimo, Curso de Formação de Professores.

Quaisquer que sejam as instituições que se dedicam à Educação Infantil com suas respectivas Propostas Pedagógicas, é indispensável que as mesmas venham acompanhadas por planejamentos, estratégias e formas de avaliação dos processos de aperfeiçoamento dos educadores, desde os que ainda não tenham formação específica, até os que já estão habilitados para o trabalho com as crianças de 0 a 6 anos.

NOVA CONCURSOS

As estratégias de atendimento individualizado às crianças devem prevalecer. Por isto a definição da quantidade de crianças por adulto é muito importante, entendendo-se que no caso de bebês de 0 a 2 anos, a cada educador devem corresponder no máximo de 6 a 8 crianças. As turmas de crianças de 3 anos devem limitar-se a 15 por adulto, e as de 4 a 6 anos de 20 crianças.

O trabalho dos Conselhos deve ser o de diagnosticar situações, criar condições de melhoria e supervisionar a qualidade da ação dos que educam e cuidam das crianças em instituições de Educação Infantil.

Da mesma forma, atenção especial deve ser atribuída às maneiras pelas quais as instituições se propõem ao trabalho com as famílias, seja no desenvolvimento normal de atividades derivadas das Propostas Pedagógicas, seja no diálogo, apoio, orientação, intervenção e supervisão em situações de risco e conflito para as crianças.

Cabe às instituições de Educação Infantil, além de cuidar e educar com qualidade e êxito, advogar sempre pela causa das crianças de 0 a 6 anos e suas famílias.

7– As Instituições de Educação Infantil, devem, através de suas propostas pedagógicas e de

seus regimentos, em clima de cooperação, proporcionar condições de funcionamento das

estratégias educacionais, do espaço físico, do horário e do calendário, que possibilitem a adoção, a execução, a avaliação e o aperfeiçoamento das demais diretrizes. (LDBEN arts 12 e 14).

Para que todas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil sejam realizadas com êxito, são indispensáveis o espírito de equipe e as condições básicas para planejar os usos de espaço e tempo escolar.

Assim, desde as ênfases sobre múltiplas formas de comunicação e linguagem, até as manifestações lúdicas e artísticas das crianças, passando pelas relações com as famílias, seus bairros ou comunidades, a cidade, o país, a nação e outros países serão objeto de um planejamento e de uma avaliação constante das Creches, Escolas e Centros de Educação Infantil. Por isso esforços e equipamentos adequados, a organização de horários de atividades devem refletir propostas pedagógicas de qualidade sobre as quais as Secretarias e Conselhos devem opinar, licenciando, supervisionando, avaliando e apoiando o aperfeiçoamento das ações de cuidados e educação.

III – VOTO DA RELATORA

À luz das considerações anteriores, a Relatora vota no sentido de que este conjunto de Diretrizes Curriculares Nacionais norteiem os rumos da Educação Brasileira, garantindo direitos e deveres básicos de cidadania, conquistados através da Educação Infantil e consagrados naquilo que é primordial e essencial: que as crianças de 0 a 6 anos sejam cuidadas e educadas pelos esforços comuns de suas famílias, da sociedade civil e do estado, o que lhes propiciará a possibilidade de inclusão numa vida de participação e transformação nacional, dentro de um contexto de justiça social, equilíbrio e felicidade.

Brasília, 17 de dezembro de 1998.

Conselheira Regina Alcântara de Assis – Relatora

IV – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Básica acompanha o Voto da Relatora.

Sala das Sessões, 17 dezembro de 1998.

Conselheiros: Ulysses de Oliveira Panisset – Presidente

Francisco Aparecido Cordão – Vice- Presidente

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 7 DE ABRIL DE 1998. INSTITUI AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.

RESOLUÇÃO CEB Nº 2, DE 7 DE ABRIL DE 1998 (*) (**) (***)

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no Art. 9º § 1º, alínea "c" da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995 e o Parecer CEB 4/98, homologado pelo Senhor Ministro da Educação e do Desporto em 27 de março de 1998,

RESOLVE:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, a serem observadas na organização curricular das unidades escolares integrantes dos diversos sistemas de ensino.

Art. 2º Diretrizes Curriculares Nacionais são o conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimento da educação básica, expressas pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

Art. 3º. São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:

I - As escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas:

a) os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum;

b) os princípios dos Direitos e Deveres da Cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;

c) os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.

II - Ao definir suas propostas pedagógicas, as escolas deverão explicitar o reconhecimento da identidade pessoal de alunos, professores e outros profissionais e a identidade de cada unidade escolar e de seus respectivos sistemas de ensino.

III - As escolas deverão reconhecer que as aprendizagens são constituídas pela interação dos processos de conhecimento com os de linguagem e os afetivos, em consequência das relações entre as distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado; as diversas

experiências de vida de alunos, professores e demais participantes do ambiente escolar, expressas através de múltiplas formas de diálogo, devem contribuir para a constituição de identidade afirmativas, persistentes e capazes de protagonizar ações autônomas e solidárias em relação a conhecimentos e valores indispensáveis à vida cidadã.

IV - Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional. A base comum nacional e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a educação fundamental e:

a) a vida cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como:

1. a saúde
2. a sexualidade
3. a vida familiar e social
4. o meio ambiente
5. o trabalho
6. a ciência e a tecnologia

7. a cultura
8. as linguagens.

b) as áreas de conhecimento:

1. Língua Portuguesa
2. Língua Materna, para populações indígenas e migrantes
3. Matemática
4. Ciências
5. Geografia
6. História
7. Língua Estrangeira
8. Educação Artística
9. Educação Física
10. Educação Religiosa, na forma do art. 33 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

V - As escolas deverão explicitar em suas propostas curriculares processos de ensino voltados para as relações com sua comunidade local, regional e planetária, visando à interação entre a educação fundamental e a vida cidadã; os alunos, ao aprenderem os conhecimentos e valores da base nacional comum e da parte diversificada, estarão também constituindo sua identidade como cidadãos, capazes de serem protagonistas de ações responsáveis, solidárias e autônomas em relação a si próprios, às suas famílias e às comunidades.

VI - As escolas utilizarão a parte diversificada de suas propostas curriculares para enriquecer e complementar a base nacional comum, propiciando, de maneira específica, a introdução de projetos e atividades do interesse de suas comunidades.

VII - As escolas devem trabalhar em clima de cooperação entre a direção e as equipes docentes, para que haja condições favoráveis à adoção, execução, avaliação e aperfeiçoamento das estratégias educacionais, em consequência do uso adequado do espaço físico, do horário e calendário escolares, na forma dos arts. 12 a 14 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 7 DE ABRIL DE 1999. INSTITUI AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.

RESOLUÇÃO CEB Nº 1, DE 7 DE ABRIL DE 1999(*)

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de

conformidade com o disposto no art. 9º § 1º, alínea "c", da Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e

tendo em vista o Parecer CEB/CNE 22/98, homologado pelo Senhor Ministro da Educação e do

Desporto em 22 de março de 1999,

RESOLVE:

Art. 1º - A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação

Infantil, a serem observadas na organização das propostas pedagógicas das instituições de educação infantil integrantes dos diversos sistemas de ensino.

Art. 2º - Diretrizes Curriculares Nacionais constituem-se na doutrina sobre Princípios, Fundamentos e Procedimentos da Educação Básica, definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as Instituições de Educação Infantil dos Sistemas Brasileiros de Ensino, na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

Art. 3º - São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

I – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, devem respeitar os seguintes Fundamentos Norteadores:

a) Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;

b) Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do

Respeito à Ordem Democrática;

c) Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de

Manifestações Artísticas e Culturais.

II – As Instituições de Educação Infantil ao definir suas Propostas Pedagógicas deverão

explicitar o reconhecimento da importância da identidade pessoal de alunos, suas famílias, professores e outros profissionais, e a identidade de cada Unidade Educacional, nos vários contextos em que se situem.

III – As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas Propostas Pedagógicas,

práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.

IV – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprios, com os demais e o próprio

ambiente de maneira articulada e gradual, devem buscar a partir de atividades intencionais, em momentos de ações, ora estruturadas, ora espontâneas e livres, a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, contribuindo assim com o provimento de conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores.

V – As Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil devem organizar suas estratégias de avaliação, através do acompanhamento e dos registros de etapas alcançadas nos cuidados e na

educação para crianças de 0 a 6 anos, "sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental".

VI – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem ser criadas, coordenadas, supervisionadas e avaliadas por educadores, com, pelo menos, o diploma de Curso de Formação de Professores, mesmo que da equipe de Profissionais participem outros das áreas de Ciências Humanas, Sociais e Exatas, assim como familiares das crianças. Da direção das instituições de Educação Infantil deve participar, necessariamente, um educador com, no mínimo, o Curso de Formação de Professores.

VII - O ambiente de gestão democrática por parte dos educadores, a partir de liderança responsável e de qualidade, deve garantir direitos básicos de crianças e suas famílias à educação e cuidados, num contexto de atenção multidisciplinar com profissionais necessários para o atendimento.

VIII – As Propostas Pedagógicas e os regimentos das Instituições de Educação Infantil devem, em clima de cooperação, proporcionar condições de funcionamento das estratégias educacionais, do uso do espaço físico, do horário e do calendário escolar, que possibilitem a adoção, execução, avaliação e o aperfeiçoamento das diretrizes.

Art. 4º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

PARECER CNE/CEB Nº 4, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2000. INSTITUI AS DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.

I – RELATÓRIO

1 **Introdução**

O artigo 90 da Lei 9394/96, referindo-se às atribuições do CNE, em relação a períodos de transição, estabelece:

" Art. 90 – As questões suscitadas na transição entre o regime anterior e o que se instituiu nesta lei serão resolvidas pelo Conselho Nacional de Educação ou, mediante delegação deste, pelos órgãos normativos dos sistemas de ensino, preservada a autonomia universitária."

Em consequência, este Parecer trata, justamente, de vários aspectos normativos para a Educação Infantil, a serem considerados pelos sistemas educacionais, a partir da aprovação da LDB/96. Esta Lei, incorporando dispositivos da Constituição Federal de 1988, entende a Educação Infantil como etapa inicial da Educação Básica e, portanto, direito inalienável de cidadania e dever do Estado. Por oportuno, registre-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil integram o Parecer CEB/CNE nº 22/98, aprovado em 17/12/98, Resolução CEB/CNE nº 1/99 publicada no Diário Oficial da União, em 13/04/99.

A grande quantidade de dúvidas geradas pelos artigos da LDB/96, relativa à Educação Infantil, e à sua especificidade, que envolve, além do âmbito da educação pública e privada, em várias esferas administrativas, outros âmbitos de atuação como o da Previdência e Assistência Social, impõe a necessidade deste Parecer por parte da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, enfatizando, em especial, os seguintes aspectos normativos:

1. Vinculação das Instituições de Educação Infantil aos Sistemas de Ensino;
2. Proposta Pedagógica e Regimento Escolar;
3. Formação de Professores e outros Profissionais para o trabalho nas instituições de Educação Infantil;
4. Espaços Físicos e Recursos Materiais para a Educação Infantil.

Tais aspectos são relevantes em virtude da Educação Infantil, reconhecida como etapa inicial da Educação Básica, guardar especificidade em relação aos demais níveis de ensino, que se traduz na indissociabilidade das ações de cuidar e educar, em todos os âmbitos de atuação, o que inclui desde uma concepção de responsabilidade compartilhada entre família e poder público, definição de tipos de instituições, volume de serviços oferecidos, horários de funcionamento, até as ações que se desenvolvem diretamente com a criança. Essa especificidade implica na construção de uma identidade própria à Educação Infantil que reconhece, conjuntamente, as necessidades e interesses das crianças e suas famílias no contexto da modernidade.

Na implantação de uma política pública para a criança de 0 a 6 anos, as conquistas do campo devem ser validadas, assim como seu caráter multissetorial e multifuncional. Assim, é indispensável que os Sistemas de Ensino considerem as exigências legais, que criam um contexto para este Parecer e dentre as quais se destacam:

· Os sistemas de ensino, autônomos e sujeitos de atribuições no âmbito de suas competências legais, organizam-se e articulam-se entre si sob o princípio do regime de colaboração;

· O término do prazo fixado pelo artigo 89, das Disposições Transitórias da LDB/96, que define: "As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar da publicação desta Lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino." Desta forma, é claro que a integração das instituições de Educação Infantil ao respectivo sistema de ensino, não é uma opção da instituição nem do sistema: ela está definida pela Lei e responde às necessidades e direitos das crianças brasileiras de 0 a 6 anos;

· A homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Parecer CEB/CNE 22/98 aprovado em 17/12/98 (Processo 23001.000196/98-32), Resolução CNE/CEB no.1/99. D.O.U., Brasília, 13 abr. 1999. Seção 1, p.18.

Desta forma, este Parecer contribui para a realização de uma transição construtiva e democrática - em concordância com os preceitos legais e direitos das crianças de 0 a 6 anos - solidário com os interesses das crianças, os de suas famílias e professores, nos vários Sistemas de Ensino do país.

Dentro do espírito de colaboração que deve presidir a política educacional na Federação brasileira, vários setores do Poder Executivo, como os próprios Ministérios da Educação e da Previdência Social, além de órgãos como os Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, vêm contribuindo com publicações e discussões s Há que se destacar também, a grande importância da ampla mobilização dos Fóruns Estaduais de Educação Infantil, compostos por órgãos públicos, organizações da sociedade civil, sindicatos e universidades, cujo objetivo principal é o de articular esforços e recursos para a promoção e melhoria da política de Educação Infantil. Estes Fóruns, além de agir no âmbito estadual, já se articulam em âmbito regional e nacional, possibilitando o

planejamento, desenvolvimento e avaliação de ações que configuram o exercício de uma atividade cidadã eficaz, nos termos em que estabelece o § Único do Art. 1 da Constituição Federal, neste caso, em prol de uma verdadeira Política Nacional para as crianças de 0 a 6 anos no Brasil.

As orientações que se seguem, entre outras, integram algumas das decisões contidas

em documentos, decretos, e publicações oriundas dos Ministérios da Educação e da Previdência Social, de Secretarias e Conselhos Municipais de Educação e dos Fóruns de Educação Infantil de vários estados brasileiros.

É importante citar, especificamente, as seguintes publicações:

· MEC/SEF/DPE/COEDI "Subsídios para o Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil" Brasília, DF, 1998;

· MEC/SEF/DPE/COEDI "Ação compartilhada de atenção integral à criança de 0 a 6 anos, Brasília, DF, 2000";

· MPAS/SEAS, Gerência de Projetos de Zero a Seis Anos, "Ação compartilhada de atenção integral à criança de zero a seis anos" , Brasília, DF, 1999.

É, pois, a partir de todas estas contribuições e das discussões e deliberações no âmbito da Câmara de Educação Básica do CNE , que este Parecer se apresenta.

2. Fundamentos Legais dos Direitos das Crianças de 0 a 6 anos

O novo ordenamento constitucional e legal brasileiro atribui às crianças direitos de cidadania, definindo que sua proteção integral deve ser assegurada pela família, pela sociedade e pelo poder público, com absoluta prioridade.

Há vários instrumentos legais, garantindo os direitos de cidadania das crianças brasileiras de 0 aos 6 anos, dentre os quais destacamos:

a- Constituição Brasileira de 1988;

b- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9394/96);

c- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – (DCNEI/99) Parecer CEB/CNE nº. 22/98, aprovado em 17/12/98, Resolução CEB/CNE nº 1/99. Diário Oficial, Brasília, 13/4/99, Seção 1, p.18;

d- Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8069/90);

e- Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (Lei 8742/93);

f- Convenções Internacionais;

g- Constituições Estaduais e Leis Orgânicas Municipais.

A Política Nacional para a infância deve considerar as crianças como sujeitos de direitos, cidadãos em processo e alvo preferencial de políticas públicas integradas. Devem, também, ser alvo da política nacional para a infância, os cuidados e a educação pré-natal, voltados aos futuros pais.

Em consequência, a política nacional para as crianças de 0 a 6 anos e suas famílias, com a faculdade posta pelo artigo 87, § 3º, I da LDB, deverá ser feita com o apoio e a participação de todos os segmentos da sociedade, desde os Ministérios, em especial os da Educação, da Saúde, da Previdência Social, da Justiça e do Trabalho, até às Secretarias e Conselhos Estaduais e Municipais, os Conselhos Tutelares, os Juizados das Varas da Infância, as Associações e Organizações da sociedade civil, junto com os profissionais da comunicação e da informação. É nesta perspectiva que devemos nos ater a alguns dos conteúdos legais dos instrumentos citados, para poder estabelecer as diretrizes operacionais para a Educação Infantil.

a. Destacaremos, inicialmente, os artigos da Constituição da República Federativa do Brasil, 1988:

· Art. 6º "São direitos sociais: a educação, a saúde, (...) a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição";

· Art.7º (Emenda Constitucional 20/98) – XXV – "São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até os seis anos de idade em creches e pré-escolas";

· Art. 30 – "Compete aos municípios: VI- Manter, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, programas de educação pré-escolar e de ensino fundamental";

· Art. 203 – A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente, de contribuição à seguridade social e tem por objetivos:

I – a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;

II – o amparo às crianças e adolescentes carentes.

· Art. 208 – IV " O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de:

(...) atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade";

· Art. 211 " A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, seus sistemas de ensino. II " Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil";

· Art. 227 "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão".

b. Consideram-se, em seguida, conteúdos específicos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96):

· O Art. 1º define que: "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

· § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

· § 2. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social."

· O Art.2º afirma: " A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."

Como se observa, os dois primeiros artigos da LDB pressupõem sempre a integração entre os esforços da família e do Estado.

· O Art.4, IV vem garantir o dever do Estado com educação escolar pública, efetivada mediante a garantia de atendimento gratuito em " creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade."

· O Art. 11, V incumbe os municípios de oferecer educação infantil em creches e pré-escolas,e com prioridade, o ensino fundamental, permitida à atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas, plenamente, as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino.

· O Art. 12, VI e VII preconiza que os estabelecimentos de ensino devem articular-secom as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola.

· Os Art. 13, I, II, VI e 14, I e II analisam a questão das propostas pedagógicas,

atribuindo grande importância ao papel dos professores em sua concepção, desenvolvimento, avaliação, interpretação e articulação junto às famílias.· Os Art. 17, § único, 18, I e II referem-se à integração da Educação Infantil aos Sistemas de Ensino, tanto no que diz respeito a rede pública quanto à rede privada. Sobre este assunto é muito importante verificar as Disposições Transitórias em seu Art. 89, que define o prazo para que as instituições de educação infantil sejam integradas a seus respectivos sistemas de ensino;

· Os Art. 29, 30 e 31 que definem a finalidade da Educação Infantil;

· Os Art.62; 63, I e II; 64 e 67 e as Disposições Transitórias, Art. 87, § 1, § 3, I, III e IV; e § 4 tratam das questões relativas à formação dos professores para a Educação Infantil;

· Os Art. 69, 70 e 77 que tratam dos recursos financeiros;

· O Art. 90 define como foros de resolução de dúvidas o CNE e por delegação deste, os respectivos Conselhos Municipais e Estaduais;

· Sobre a inclusão das crianças de 6 anos no Ensino Fundamental, a CEB/CNE se manifestou no Parecer CEB no. 20 de 02/12/98;

· Sobre financiamento da educação, o CNE emitiu o Parecer CEB/CNE 26/97.

c. É também indispensável destacar a importância da definição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e em especial, no que concerne a este período de transição, o disposto nas Diretrizes nº. 4, 5, 6, 7 e 8, que tratam, respectivamente:

· da elaboração das Propostas Pedagógicas;

· dos processos de avaliação das crianças;

· da exigência da presença de professores, na equipe de direção e coordenação, com, pelo menos, o curso normal de nível médio;

· e das Propostas Pedagógicas e Regimentos, como elementos indispensáveis para propiciar a gestão autônoma e de qualidade , das instituições de educação infantil.

d. Em seguida indicamos os seguintes conteúdos do Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990:

· Cap. IV art. 53 – IV "É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente (...) atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade."

Parágrafo único – "É direito dos pais ou do responsável ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais."

e. O Art. 2º da Lei Orgânica da Assistência Social 1993, também deve ser considerado:

· Art. 2º "A Assistência Social tem por objetivos:

I - proteção à família, à maternidade, à velhice;

II - o amparo às crianças e adolescentes carentes.

f. Convém lembrar, também, que o Brasil é signatário de convenções internacionais sobre direitos humanos:

· Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU 1948;

· Convenção Internacional sobre Direitos da Criança – ONU 1989;

· Declaração Mundial sobre Educação para Todos – Jomtien 1990.

Além de ratificar as referidas convenções, o que imprime às mesmas o caráter de lei nacional, o Brasil incorporou à sua legislação os princípios daqueles acordos internacionais, de tal maneira que a legislação sobre direitos das crianças brasileiras é considerada como das mais avançadas do mundo.

g. Também é importante registrar que no âmbito dos Estados e dos Municípios, entes federados, as Constituições e leis orgânicas garantem os direitos das crianças à educação infantil e, em alguns casos, avançam mais do que a legislação federal. Assim, torna-se importante considerar os dispositivos sobre Educação Infantil constantes nestas constituições e leis orgânicas.

3. Gestão

A responsabilidade pela Educação Infantil no âmbito dos municípios está claramente definida pela LDB/96 e reiterada pela Emenda Constitucional no. 14, que subvinculou os recursos de impostos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino. Portanto, orienta para que os gastos com a Educação Infantil se situem dentro das receitas não subvinculadas ao ensino fundamental (10% ou mais dos impostos e transferências subvinculados bem como 25% ou mais dos outros impostos não subvinculados, variando de acordo com as respectivas Constituições e Leis Orgânicas).

Merece registro a ausência de articulação e racionalidade nas ações dos setores de educação, saúde, assistência social e cultura, o que torna difusa a política municipal para infância. O fracionamento de ações é um importante fator para o desperdício dos escassos recursos financeiros desses setores na área da infância. A racionalização dos recursos existentes, através de bons processos de gestão, permitiria um expressivo acréscimo do atendimento à criança nos municípios brasileiros.

Entre as atribuições da União previstas no Art. 9º da LDB cabe a União, por meio do MEC articular e compatibilizar no financiamento da Educação Infantil a macro/função de Políticas Sociais, consolidando a tradição histórica dos aportes dos Ministérios da Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência Social e Justiça, assim como recursos dos empregadores, como o subsídio para o auxílio/creche, com vista a integrar os recursos conjuntos, numa função contábil unificada.

Uma intensa mobilização terá que acompanhar a identificação dos recursos municipais e, para isto, é necessário contar com a adesão e decisivo apoio da imprensa, da mídia eletrônica e do marketing social. Em primeiro lugar, é necessário criar um consenso entre gestores de política educacional e a sociedade sobre a prioridade para a Educação Infantil, condição para identificar e operacionalizar fontes adicionais de financiamento, público e privado. Tais recursos são indispensáveis para que Prefeituras, Conselhos de Direitos da Criança, Conselhos Tutelares e organizações não governamentais, efetivem o direito da criança de 0 a 6 anos à Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica.

A partir desta identificação de alguns dos conteúdos legais sobre a natureza das instituições de Educação Infantil, sua caracterização e vinculação sistêmica, seus recursos humanos e materiais, suas propostas pedagógicas e regimentos e a legitimidade de sua existência, definem-se os aspectos normativos que possibilitam aos sistemas de ensino, a transição em direção às metas propostas pela LDB/96 e pelas DCNEI/99.

II – VOTO DO RELATOR

1. Vinculação das Instituições de Educação Infantil aos Sistemas de Ensino

Atendendo ao disposto nos Arts. 17, § único, 18, I e II e ao Art. 89 das Disposições Transitórias da LDB/96, que se referem à integração das instituições de educação infantil a seus respectivos sistemas de ensino, até 20 de dezembro de 1999, delibera-se:

a . Compete ao respectivo sistema de ensino, através de seus órgãos próprios, autorizar, supervisionar e avaliar, segundo a legislação municipal ou estadual pertinente, as instituições de educação infantil, públicas e privadas. Os sistemas deverão contar no exercício dessas incumbências com a colaboração das áreas de Saúde, Assistência Social, Justiça e Trabalho.

b . As instituições de educação infantil, públicas e privadas, devem estar, preferencialmente, integradas ao respectivo sistema municipal de ensino.

c . A partir da homologação e publicação deste Parecer, novas instituições de educação infantil somente poderão entrar em funcionamento, se autorizadas pelos órgãos próprios, dos respectivos sistemas de ensino, considerando o decurso do prazo estabelecido no Art.89 da LDB/96.

d . A partir da data de homologação e publicação deste Parecer, todas as instituições de educação infantil, públicas ou privadas, que ainda estiverem funcionando sem autorização, deverão solicitar ao órgão próprio de seu sistema de ensino, as medidas indispensáveis ao cumprimento da prescrição legal, sob pena de serem impedidas de funcionar.

e . Os municípios, titulares de sistemas autônomos de ensino desde a Constituição Federal de 1988, podem, a partir do regime de colaboração, optar pelo disposto no § único do Art. 11 da LDB. Neste sentido, todas as instituições de educação infantil localizadas nos Municípios que ainda não tenham institucionalizado seu sistema de ensino próprio, até que o façam, devem ser autorizadas, e supervisionadas e avaliadas pelo sistema estadual de ensino, de acordo com a legislação estadual pertinente, excluindo-se as mantidas pela União.

f. Quando da solicitação de autorização de funcionamento ao órgão respectivo de seu sistema de ensino, as instituições de educação infantil deverão cumprir as exigências das normas pertinentes aos Municípios, Estados ou do Distrito Federal e apresentar:

· Regimento Escolar;
· Quadro de Recursos Humanos;
· Recursos Materiais e Espaço Físico;
· Equipamento e Material Pedagógico.

g . O Ato de autorização de funcionamento terá validade limitada, ficando sua renovação condicionada aos resultados de avaliação, sob a responsabilidade do respectivo sistema.

h. Diante das novas exigências contidas na legislação, e referendadas pelo presente Parecer, as secretarias de educação devem constituir estruturas e competências capazes de assumir as funções de articulação e coordenação da política educacional, nela incluída a responsabilidade pela rede de instituições de educação infantil.

i . Os sistemas municipais de ensino que estejam encontrando alguma dificuldade na integração das instituições de educação infantil, deverão contar com o apoio e supervisão do seu respectivo sistema estadual, que deverá estabelecer prazo para que tenham condições de administrar o processo de transição, dentro do princípio federativo de colaboração entre os vários níveis.

j . Em todas as circunstâncias deste processo de transição, deverá prevalecer o princípio de colaboração entre as várias instâncias e níveis dos sistemas de ensino, articulados aos da Saúde, Assistência Social, Justiça e Trabalho.

2. Proposta Pedagógica e Regimento

a- A proposta pedagógica, base indispensável que orienta as práticas de cuidado e educação das instituições de Educação Infantil e a relação com suas famílias, deve ser concebida, desenvolvida e avaliada pela equipe docente, respeitando os princípios éticos, políticos e estéticos referidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e as normas do respectivo sistema, em articulação com a comunidade institucional e local.

NOVA CONCURSOS

b- Tal proposta, em suas práticas de educação e cuidado, deve integrar aspectos físicos, afetivos, cognitivos, sociais e culturais das crianças, respeitar a expressão e as competências infantis, garantindo a identidade, a autonomia e a cidadania da criança em desenvolvimento**.**

c- O Regimento Escolar, documento normativo da instituição de educação infantil, de sua inteira responsabilidade, deve sustentar a execução da proposta pedagógica, e será encaminhado ao órgão normativo do sistema de ensino, para efeito de análise, cadastramento e arquivo.

3. Formação de Professores e outros Profissionais para o trabalho nas Instituições de Educação Infantil

a. Os professores das instituições de educação infantil públicas ou privadas, deverão possuir, pelo menos, o diploma de curso normal de formação de professores de nível médio, conforme o Art. 62 da LDB/96 e Pareceres 10/97, 1/99 e 2/99 da CEB do CNE.

b. Os Diretores**/**Coordenadores com, no mínimo, o curso de formação de professores em nível médio, devem articular as ações de cuidado e educação das crianças de 0 a 6 anos, com todos os profissionais componentes da equipe, inclusive os de outras áreas como a Assistência Social e a Saúde.

c. Todas as instituições de educação infantil, qualquer que seja sua caracterização, terão o prazo até 2007 para ter todos o seus professores com, pelo menos, o curso normal de nível médio. Dentro do mesmo prazo, será também exigida a escolaridade de ensino médio, admitindo-se como mínimo o ensino fundamental, para outros profissionais.

d. Para fazer frente a estas exigências legais para a profissionalização docente dos professores para a educação infantil, inclusive aqueles que no momento são leigos, deverá haver intensa mobilização das Universidades Públicas e Privadas, Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais de Nível Médio, Secretarias, Conselhos e Fóruns de Educação na criação de estratégias de colaboração, entre os vários sistemas, possibilitando a habilitação dos profissionais, dentro dos parâmetros legais.

e. Para atender ao disposto no § 4 do Art. 87 das Disposições Transitórias, o Poder Público, as Universidades, Institutos Superiores de Educação e Escolas Normais de Nível Médio em colaboração com as instituições de educação infantil, deverão estabelecer estratégias para garantir que os professores com habilitação de nível médio possam dispor de alternativas para formação continuada.

4 **Espaços Físicos e Recursos Materiais para a Educação Infantil**

a- Os espaços físicos das instituições de educação infantil deverão ser coerentes com sua proposta pedagógica, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais, e com as normas prescritas pela legislação pertinente, referentes a: localização, acesso, segurança, meio ambiente, salubridade, saneamento, higiene, tamanho, luminosidade, ventilação e temperatura, de acordo com a diversidade climática regional.

b- As normas devem prever ainda o número de professores por criança, dependendo de sua faixa etária, entre 0 e 6 anos de idade, em consonância com Art. 25 da LDB/96.

c- Os espaços internos e externos deverão atender às diferentes funções da instituição de educação infantil, contemplando:

· Ventilação, temperatura, iluminação, tamanho suficiente, mobiliário e equipamento adequados;

· Instalações e equipamentos para o preparo de alimentos que atendam às exigências de nutrição, saúde, higiene e segurança, nos casos de oferecimento de refeição;

· Instalações sanitárias suficientes e próprias para uso exclusivo das crianças;

· Local para repouso individual pelo menos para crianças com até um ano de idade, área livre para movimentação das crianças, locais para amamentação e higienização e espaço para tomar sol e brincadeiras ao ar livre;

· Brinquedos e materiais pedagógicos para espaços externos e internos dispostos de modo a garantir a segurança e autonomia da criança e como suporte de outras ações intencionais; · Recursos materiais adequados às diferentes faixas etárias, à quantidade de crianças atendendo aspectos de segurança, higienização, manutenção e conservação. Brasília, 16 de fevereiro de 2000

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000. ESTABELECE AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000

Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de

conformidade com o disposto no Art. 9º, § 1°, alínea "c", da Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e tendo em vista o Parecer CNE/CEB 11/2000, homologado pelo Senhor Ministro da Educação em 7 de junho de 2000,

RESOLVE:

Art. 1º Esta Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos a serem obrigatoriamente observadas na oferta e na estrutura dos componentes curriculares de ensino fundamental e médio dos cursos que se desenvolvem, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias e integrantes da organização da educação nacional nos diversos sistemas de ensino, à luz do caráter próprio desta modalidade de educação.

Art. 2º A presente Resolução abrange os processos formativos da Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação Básica nas etapas dos ensinos fundamental e médio, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em especial dos seus artigos 4º, 5º ,37, 38, e 87 e, no que couber, da Educação Profissional.

§ 1º Estas Diretrizes servem como referência opcional para as iniciativas autônomas que se desenvolvem sob a forma de processos formativos extra-escolares na sociedade civil.

§ 2º Estas Diretrizes se estendem à oferta dos exames supletivos para efeito de certificados de conclusão das etapas do ensino fundamental e do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos.

Art. 3º As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental estabelecidas e vigentes na Resolução CNE/CEB 2/98 se estendem para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos no

ensino fundamental.

Art. 4º As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio estabelecidas e vigentes na Resolução CNE/CEB 3/98, se estendem para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos no ensino médio.

Art. 5º Os componentes curriculares consequentes ao modelo pedagógico próprio da educação de jovens e adultos e expressos nas propostas pedagógicas das unidades educacionais obedecerão aos princípios, aos objetivos e às diretrizes curriculares tais como formulados no Parecer CNE/CEB 11/2000, que acompanha a presente Resolução, nos pareceres CNE/CEB 4/98, CNE/CEB 15/98 e CNE/CEB 16/99, suas respectivas resoluções e as orientações próprias dos sistemas de ensino.

Parágrafo único. Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da

Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico

próprio, de modo a assegurar:

I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;

II- quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;

III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica.

Art. 6º Cabe a cada sistema de ensino definir a estrutura e a duração dos cursos da Educação de Jovens e Adultos, respeitadas as diretrizes curriculares nacionais, a identidade desta modalidade de educação e o regime de colaboração entre os entes federativos.

Art. 7º Obedecidos o disposto no Art. 4º, I e VII da LDB e a regra da prioridade para o atendimento da escolarização universal obrigatória, será considerada idade mínima para a inscrição e realização de exames supletivos de conclusão do ensino fundamental a de 15 anos completos.

Parágrafo único. Fica vedada, em cursos de Educação de Jovens e Adultos, a matrícula e a assistência de crianças e de adolescentes da faixa etária compreendida na escolaridade universal

obrigatória ou seja, de sete a quatorze anos completos.

Art. 8º Observado o disposto no Art. 4º, VII da LDB, a idade mínima para a inscrição e realização

de exames supletivos de conclusão do ensino médio é a de 18 anos completos.

§ 1º O direito dos menores emancipados para os atos da vida civil não se aplica para o da

prestação de exames supletivos.

§ 2º Semelhantemente ao disposto no parágrafo único do Art. 7º, os cursos de Educação de Jovens e Adultos de nível médio deverão ser voltados especificamente para alunos de faixa etária

superior à própria para a conclusão deste nível de ensino ou seja, 17 anos completos.

Art. 9º Cabe aos sistemas de ensino regulamentar, além dos cursos, os procedimentos para a estrutura e a organização dos exames supletivos, em regime de colaboração e de acordo com suas competências.

Parágrafo único. As instituições ofertantes informarão aos interessados, antes de cada início de curso, os programas e demais componentes curriculares, sua duração, requisitos, qualificação dos

professores, recursos didáticos disponíveis e critérios de avaliação, obrigando-se a cumprir as respectivas condições.

Art. 10. No caso de cursos semi-presenciais e a distância, os alunos só poderão ser avaliados, para fins de certificados de conclusão, em exames supletivos presenciais oferecidos por instituições especificamente autorizadas, credenciadas e avaliadas pelo poder público, dentro das competências dos respectivos sistemas, conforme a norma própria sobre o assunto e sob o princípio do regime de colaboração.

Art. 11. No caso de circulação entre as diferentes modalidades de ensino, a matrícula em qualquer ano das etapas do curso ou do ensino está subordinada às normas do respectivo sistema e de cada modalidade.

Art. 12. Os estudos de Educação de Jovens e Adultos realizados em instituições estrangeiras poderão ser aproveitados junto às instituições nacionais, mediante a avaliação dos estudos e reclassificação dos alunos jovens e adultos, de acordo com as normas vigentes, respeitados os requisitos diplomáticos de acordos culturais e as competências próprias da autonomia dos sistemas.

Art. 13. Os certificados de conclusão dos cursos a distância de alunos jovens e adultos emitidos

por instituições estrangeiras, mesmo quando realizados em cooperação com instituições sediadas no Brasil, deverão ser revalidados para gerarem efeitos legais, de acordo com as normas vigentes para o ensino presencial, respeitados os requisitos diplomáticos de acordos culturais.

Art. 14. A competência para a validação de cursos com avaliação no processo e a realização de exames supletivos fora do território nacional é privativa da União, ouvido o Conselho Nacional de

NOVA CONCURSOS

Educação.

Art. 15. Os sistemas de ensino, nas respectivas áreas de competência, são co-responsáveis pelos cursos e pelas formas de exames supletivos por eles regulados e autorizados.

Parágrafo único. Cabe aos poderes públicos, de acordo com o princípio de publicidade:

a) divulgar a relação dos cursos e dos estabelecimentos autorizados à aplicação de exames supletivos, bem como das datas de validade dos seus respectivos atos autorizadores.

b) acompanhar, controlar e fiscalizar os estabelecimentos que ofertarem esta modalidade de educação básica, bem como no caso de exames supletivos.

Art. 16. As unidades ofertantes desta modalidade de educação, quando da autorização dos seus

cursos, apresentarão aos órgãos responsáveis dos sistemas o regimento escolar para efeito de análise e avaliação.

Parágrafo único. A proposta pedagógica deve ser apresentada para efeito de registro e arquivo

histórico.

Art. 17 – A formação inicial e continuada de profissionais para a Educação de Jovens e Adultos terá como referência as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental e para o ensino médio e as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores, apoiada em:

I – ambiente institucional com organização adequada à proposta pedagógica;

II – investigação dos problemas desta modalidade de educação, buscando oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente contextuadas;

III – desenvolvimento de práticas educativas que correlacionem teoria e prática;

IV – utilização de métodos e técnicas que contemplem códigos e linguagens apropriados às

situações específicas de aprendizagem.

Art. 18. Respeitado o Art. 5º desta Resolução, os cursos de Educação de Jovens e Adultos que se destinam ao ensino fundamental deverão obedecer em seus componentes curriculares aos Art. 26, 27, 28 e 32 da LDB e às diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental.

Parágrafo único. Na organização curricular, competência dos sistemas, a língua estrangeira é de

oferta obrigatória nos anos finais do ensino fundamental.

Art. 19. Respeitado o Art. 5º desta Resolução, os cursos de Educação de Jovens e Adultos que se destinam ao ensino médio deverão obedecer em seus componentes curriculares aos Art. 26, 27, 28, 35 e 36 da LDB e às diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio.

Art. 20. Os exames supletivos, para efeito de certificado formal de conclusão do ensino fundamental, quando autorizados e reconhecidos pelos respectivos sistemas de ensino, deverão seguir o Art. 26 da LDB e as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental.

§ 1º A explicitação desses componentes curriculares nos exames será definida pelos respectivos sistemas, respeitadas as especificidades da educação de jovens e adultos.

§ 2º A Língua Estrangeira, nesta etapa do ensino, é de oferta obrigatória e de prestação facultativa por parte do aluno.

§ 3º Os sistemas deverão prever exames supletivos que considerem as peculiaridades dos portadores de necessidades especiais.

Art. 21. Os exames supletivos, para efeito de certificado formal de conclusão do ensino médio, quando autorizados e reconhecidos pelos respectivos sistemas de ensino, deverão observar os Art. 26 e 36 da LDB e as diretrizes curriculares nacionais do ensino médio.

§ 1º Os conteúdos e as competências assinalados nas áreas definidas nas diretrizes curriculares

nacionais do ensino médio serão explicitados pelos respectivos sistemas, observadas as especificidades da educação de jovens e adultos.

§ 2º A língua estrangeira é componente obrigatório na oferta e prestação de exames supletivos.

§ 3º Os sistemas deverão prever exames supletivos que considerem as peculiaridades dos portadores de necessidades especiais.

Art. 22. Os estabelecimentos poderão aferir e reconhecer, mediante avaliação, conhecimentos e

habilidades obtidos em processos formativos extra-escolares, de acordo com as normas dos respectivos sistemas e no âmbito de suas competências, inclusive para a educação profissional de nível técnico, obedecidas as respectivas diretrizes curriculares nacionais.

Art. 23. Os estabelecimentos, sob sua responsabilidade e dos sistemas que os autorizaram, expedirão históricos escolares e declarações de conclusão, e registrarão os respectivos certificados, ressalvados os casos dos certificados de conclusão emitidos por instituições estrangeiras, a serem revalidados pelos órgãos oficiais competentes dos sistemas.

Parágrafo único. Na sua divulgação publicitária e nos documentos emitidos, os cursos e os estabelecimentos capacitados para prestação de exames deverão registrar o número, o local e a data do ato autorizador.

Art. 24. As escolas indígenas dispõem de norma específica contida na Resolução CNE/CEB 3/99, anexa ao Parecer CNE/CEB 14/99.

Parágrafo único. Aos egressos das escolas indígenas e postulantes de ingresso em cursos de educação de jovens e adultos, será admitido o aproveitamento destes estudos, de acordo com as

normas fixadas pelos sistemas de ensino.

Art. 25. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. INSTITUI DIRETRIZES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001.(*)

Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de conformidade

com o disposto no Art. 9o, § 1o, alínea "c", da Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, nos Capítulos I, II e III

do Título V e nos Artigos 58 a 60 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e com fundamento no Parecer CNE/CEB 17/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 15 de agosto de 2001,

RESOLVE:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que

apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e

modalidades.

Parágrafo único. O atendimento escolar desses alunos terá início na educação infantil, nas creches e pré-escolas, assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado.

Art 2º Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se

para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem conhecer a demanda real de atendimento a alunos

com necessidades educacionais especiais, mediante a criação de sistemas de informação e o estabelecimento de interface com os órgãos governamentais responsáveis pelo Censo Escolar e pelo Censo Demográfico, para atender a todas as variáveis implícitas à qualidade do processo formativo desses alunos.

Art. 3º Por *educação especial*, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável

pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e deem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva.

Art. 4º Como modalidade da Educação Básica, a educação especial considerará as situações

singulares, os perfis dos estudantes, as características bio-psicossociais dos alunos e suas faixas etárias e se pautará em princípios éticos, políticos e estéticos de modo a assegurar:

I - a dignidade humana e a observância do direito de cada aluno de realizar seus projetos de estudo, de trabalho e de inserção na vida social;

II - a busca da identidade própria de cada educando, o reconhecimento e a valorização das suas

diferenças e potencialidades, bem como de suas necessidades educacionais especiais no processo de ensino e aprendizagem, como base para a constituição e ampliação de valores, atitudes, conhecimentos, habilidades e competências;

III - o desenvolvimento para o exercício da cidadania, da capacidade de participação social, política e econômica e sua ampliação, mediante o cumprimento de seus deveres e o usufruto de seus direitos.

Art. 5º Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o

processo educacional, apresentarem:

I - dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que

dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;

b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a

utilização de linguagens e códigos aplicáveis;

III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar

rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

Art. 6o Para a identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos e a tomada de decisões quanto ao atendimento necessário, a escola deve realizar, com assessoramento técnico, avaliação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, contando, para tal, com:

I - a experiência de seu corpo docente, seus diretores, coordenadores, orientadores e supervisores

educacionais;

II - o setor responsável pela educação especial do respectivo sistema;

III – a colaboração da família e a cooperação dos serviços de Saúde, Assistência Social, Trabalho,

Justiça e Esporte, bem como do Ministério Público, quando necessário.

Art. 7º O atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais deve ser realizado em

classes comuns do ensino regular, em qualquer etapa ou modalidade da Educação Básica.

Art. 8o As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes

comuns:

I - professores das classes comuns e da educação especial capacitados e especializados,

respectivamente, para o atendimento às necessidades educacionais dos alunos;

II - distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais pelas várias classes do ano

escolar em que forem classificados, de modo que essas classes comuns se beneficiem das diferenças e ampliem positivamente as experiências de todos os alunos, dentro do princípio de educar para a diversidade;

III – flexibilizações e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental

dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais,

em consonância com o projeto pedagógico da escola, respeitada a frequência obrigatória;

NOVA CONCURSOS

IV – serviços de apoio pedagógico especializado, realizado, nas classes comuns, mediante:

a) atuação colaborativa de professor especializado em educação especial;

b) atuação de professores- intérpretes das linguagens e códigos aplicáveis;

c) atuação de professores e outros profissionais itinerantes intra e interinstitucionalmente;

d) disponibilização de outros apoios necessários à aprendizagem, à locomoção e à comunicação.

V – serviços de apoio pedagógico especializado em salas de recursos, nas quais o professor especializado em educação especial realize a complementação ou suplementação curricular, utilizando procedimentos, equipamentos e materiais específicos;

VI – condições para reflexão e elaboração teórica da educação inclusiva, com protagonismo dos

professores, articulando experiência e conhecimento com as necessidades/possibilidades surgidas na relação pedagógica, inclusive por meio de colaboração com instituições de ensino superior e de pesquisa;

VII – sustentabilidade do processo inclusivo, mediante aprendizagem cooperativa em sala de aula,

trabalho de equipe na escola e constituição de redes de apoio, com a participação da família no processo educativo, bem como de outros agentes e recursos da comunidade;

VIII – temporalidade flexível do ano letivo, para atender às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência mental ou com graves deficiências múltiplas, de forma que possam concluir em tempo maior o currículo previsto para a série/etapa escolar, principalmente nos anos finais do ensino fundamental, conforme estabelecido por normas dos sistemas de ensino, procurando-se evitar grande defasagem idade/série;

IX – atividades que favoreçam, ao aluno que apresente altas habilidades/superdotação, o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares, mediante desafios suplementares nas classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para conclusão, em menor tempo, da série ou etapa escolar, nos termos do Artigo 24, V, "c", da Lei 9.394/96.

Art. 9o As escolas podem criar, extraordinariamente, classes especiais, cuja organização fundamente-se no Capítulo II da LDBEN, nas diretrizes curriculares nacionais para a Educação Básica, bem como nos referenciais e parâmetros curriculares nacionais, para atendimento, em caráter transitório, a alunos que apresentem dificuldades acentuadas de aprendizagem ou condições de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos e demandem ajudas e apoios intensos e contínuos.

§ 1o Nas classes especiais, o professor deve desenvolver o currículo, mediante adaptações, e, quando necessário, atividades da vida autônoma e social no turno inverso.

§ 2o A partir do desenvolvimento apresentado pelo aluno e das condições para o atendimento

inclusivo, a equipe pedagógica da escola e a família devem decidir conjuntamente, com base em

avaliação pedagógica, quanto ao seu retorno à classe comum.

Art. 10. Os alunos que apresentem necessidades educacionais especiais e requeiram atenção

individualizada nas atividades da vida autônoma e social, recursos, ajudas e apoios intensos e contínuos, bem como adaptações curriculares tão significativas que a escola comum não consiga prover, podem ser atendidos, em caráter extraordinário, em escolas especiais, públicas ou privadas, atendimento esse complementado, sempre que necessário e de maneira articulada, por serviços das áreas de Saúde, Trabalho e Assistência Social.

§ 1º As escolas especiais, públicas e privadas, devem cumprir as exigências legais similares às de

qualquer escola quanto ao seu processo de credenciamento e autorização de funcionamento de cursos e posterior reconhecimento.

§ 2º Nas escolas especiais, os currículos devem ajustar-se às condições do educando e ao disposto

no Capítulo II da LDBEN.

§ 3º A partir do desenvolvimento apresentado pelo aluno, a equipe pedagógica da escola especial e a família devem decidir conjuntamente quanto à transferência do aluno para escola da rede regular de ensino, com base em avaliação pedagógica e na indicação, por parte do setor responsável pela educação especial do sistema de ensino, de escolas regulares em condição de realizar seu atendimento educacional.

Art. 11. Recomenda-se às escolas e aos sistemas de ensino a constituição de parcerias com instituições de ensino superior para a realização de pesquisas e estudos de caso relativos ao processo de ensino e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais, visando ao aperfeiçoamento desse processo educativo.

Art. 12. Os sistemas de ensino, nos termos da Lei 10.098/2000 e da Lei 10.172/2001, devem assegurar a acessibilidade aos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas urbanísticas, na edificação – incluindo instalações, equipamentos e mobiliário – e nos transportes escolares, bem como de barreiras nas comunicações, provendo as escolas dos recursos humanos e materiais necessários.

§ 1º Para atender aos padrões mínimos estabelecidos com respeito à acessibilidade, deve ser

realizada a adaptação das escolas existentes e condicionada a autorização de construção e funcionamento

de novas escolas ao preenchimento dos requisitos de infraestrutura definidos.

§ 2º Deve ser assegurada, no processo educativo de alunos que apresentam dificuldades de

comunicação e sinalização diferenciadas dos demais educandos, a acessibilidade aos conteúdos

curriculares, mediante a utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a língua

de sinais, sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa, facultando-lhes e às suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequada, ouvidos os profissionais especializados em cada caso.

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.

§ 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao

processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

§ 2º Nos casos de que trata este Artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base no relatório elaborado pelo professor especializado que atende o aluno.

Art. 14. Os sistemas públicos de ensino serão responsáveis pela identificação, análise, avaliação da qualidade e da idoneidade, bem como pelo credenciamento de escolas ou serviços, públicos ou privados, com os quais estabelecerão convênios ou parcerias para garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de seus alunos, observados os princípios da educação inclusiva.

Art. 15. A organização e a operacionalização dos currículos escolares são de competência e responsabilidade dos estabelecimentos de ensino, devendo constar de seus projetos pedagógicos as disposições necessárias para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos, respeitadas, além das diretrizes curriculares nacionais de todas as etapas e modalidades da Educação Básica, as normas dos respectivos sistemas de ensino.

Art. 16. É facultado às instituições de ensino, esgotadas as possibilidades pontuadas nos Artigos 24

e 26 da LDBEN, viabilizar ao aluno com grave deficiência mental ou múltipla, que não apresentar

resultados de escolarização previstos no Inciso I do Artigo 32 da mesma Lei, *terminalidade específica* do ensino fundamental, por meio da certificação de conclusão de escolaridade, com histórico escolar que apresente, de forma descritiva, as competências desenvolvidas pelo educando, bem como o encaminhamento devido para a educação de jovens e adultos e para a educação profissional.

Art. 17. Em consonância com os princípios da educação inclusiva, as escolas das redes regulares de educação profissional, públicas e privadas, devem atender alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, mediante a promoção das condições de acessibilidade, a capacitação de recursos humanos, a flexibilização e adaptação do currículo e o encaminhamento para o trabalho, contando, para tal, com a colaboração do setor responsável pela educação especial do respectivo sistema de ensino.

§ 1o As escolas de educação profissional podem realizar parcerias com escolas especiais, públicas

ou privadas, tanto para construir competências necessárias à inclusão de alunos em seus cursos quanto para prestar assistência técnica e convalidar cursos profissionalizantes realizados por essas escolas especiais.

§ 2o As escolas das redes de educação profissional podem avaliar e certificar competências laborais de pessoas com necessidades especiais não matriculadas em seus cursos, encaminhando-as, a partir desses procedimentos, para o mundo do trabalho.

Art. 18. Cabe aos sistemas de ensino estabelecer normas para o funcionamento de suas escolas, a fim de que essas tenham as suficientes condições para elaborar seu projeto pedagógico e possam contar com professores capacitados e especializados, conforme previsto no Artigo 59 da LDBEN e com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, na modalidade Normal, e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena § 1º São considerados *professores capacitados* para atuar em classes comuns com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais aqueles que comprovem que, em sua formação, de nível médio ou superior, foram incluídos conteúdos sobre educação especial adequados ao desenvolvimento de

competências e valores para:

I – perceber as necessidades educacionais especiais dos alunos e valorizar a educação inclusiva;

II - flexibilizar a ação pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento de modo adequado às

necessidades especiais de aprendizagem;

III - avaliar continuamente a eficácia do processo educativo para o atendimento de necessidades

educacionais especiais;

IV - atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial.

§ 2º São considerados *professores especializados em educação especial* aqueles que desenvolveram competências para identificar as necessidades educacionais especiais para definir, implementar, liderar e apoiar a implementação de estratégias de flexibilização, adaptação curricular, procedimentos didáticos pedagógicos e práticas alternativas, adequados ao atendimentos das mesmas, bem como trabalhar em equipe, assistindo o professor de classe comum nas práticas que são necessárias para promover a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

§ 3º Os professores especializados em educação especial deverão comprovar:

I - formação em cursos de licenciatura em educação especial ou em uma de suas áreas, preferencialmente de modo concomitante e associado à licenciatura para educação infantil ou para os anos iniciais do ensino fundamental;

II - complementação de estudos ou pós-graduação em áreas específicas da educação especial,

posterior à licenciatura nas diferentes áreas de conhecimento, para atuação nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio;

§ 4º Aos professores que já estão exercendo o magistério devem ser oferecidas oportunidades de

formação continuada, inclusive em nível de especialização, pelas instâncias educacionais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 19. As diretrizes curriculares nacionais de todas as etapas e modalidades da Educação Básica

estendem-se para a educação especial, assim como estas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial estendem-se para todas as etapas e modalidades da Educação Básica.

Art. 20. No processo de implantação destas Diretrizes pelos sistemas de ensino, caberá às instâncias educacionais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, em regime de colaboração, o estabelecimento de referenciais, normas complementares e políticas educacionais.

Art. 21. A implementação das presentes Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica será obrigatória a partir de 2002, sendo facultativa no período de transição compreendido entre a publicação desta Resolução e o dia 31 de dezembro de 2001.

Art. 22. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação e revoga as disposições em

contrário.

RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 17 DE JULHO DE 2004. INSTITUI AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICOS – RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA.

RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. (*)

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-

Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana..

O Presidente do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no art. 9º, § 2º,

alínea "c", da Lei nº 9.131, publicada em 25 de novembro de 1995, e com fundamentação no Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004, homologado pelo Ministro da Educação em 19 de maio de 2004, e que a este se integra, resolve:

Art. 1° A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das

Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem

observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores.

§ 1° As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004.

§ 2° O cumprimento das referidas Diretrizes Curriculares, por parte das instituições de ensino, será

considerado na avaliação das condições de funcionamento do estabelecimento.

Art. 2° As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

§ 1° A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas.

§ 3º Caberá aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios desenvolver as Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas por esta Resolução, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos e seus respectivos sistemas.

Art. 3° A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro- Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004.

§ 1° Os sistemas de ensino e as entidades mantenedoras incentivarão e criarão condições materiais e financeiras, assim como proverão as escolas, professores e alunos, de material bibliográfico e de outros materiais didáticos necessários para a educação tratada no "caput" deste

artigo.

§ 2° As coordenações pedagógicas promoverão o aprofundamento de estudos, para que os professores concebam e desenvolvam unidades de estudos, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares.

§ 3° O ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

§ 4° Os sistemas de ensino incentivarão pesquisas sobre processos educativos orientados por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros, ao lado de pesquisas de mesma natureza junto aos povos indígenas, com o objetivo de ampliação e fortalecimento de bases teóricas para a educação brasileira.

Art. 4° Os sistemas e os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino.

Art. 5º Os sistemas de ensino tomarão providências no sentido de garantir o direito de alunos

afrodescendentes de frequentarem estabelecimentos de ensino de qualidade, que contenham instalações e equipamentos sólidos e atualizados, em cursos ministrados por professores competentes no domínio de conteúdos de ensino e comprometidos com a educação de negros e não negros, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes, palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Art. 6° Os órgãos colegiados dos estabelecimentos de ensino, em suas finalidades,

responsabilidades e tarefas, incluirão o previsto o exame e encaminhamento de solução para situações de discriminação, buscando-se criar situações educativas para o reconhecimento, valorização e respeito da diversidade.

§ Único: Os casos que caracterizem racismo serão tratados como crimes imprescritíveis e inafiançáveis, conforme prevê o Art. 5º, XLII da Constituição Federal de 1988.

Art. 7º Os sistemas de ensino orientarão e supervisionarão a elaboração e edição de livros e outros materiais didáticos, em atendimento ao disposto no Parecer CNE/CP 003/2004.

Art. 8º Os sistemas de ensino promoverão ampla divulgação do Parecer CNE/CP 003/2004 e dessa Resolução, em atividades periódicas, com a participação das redes das escolas públicas e privadas, de exposição, avaliação e divulgação dos êxitos e dificuldades do ensino e aprendizagens de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais.

§ 1° Os resultados obtidos com as atividades mencionadas no caput deste artigo serão comunicados de forma detalhada ao Ministério da Educação, à Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, ao Conselho Nacional de Educação e aos respectivos Conselhos Estaduais e

Municipais de Educação, para que encaminhem providências, que forem requeridas.

Art. 9º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em

contrário.

DECRETO Nº 6.094, DE 24 DE ABRIL DE 2007. DISPÕE SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE METAS COMPROMISSO PELA EDUCAÇÃO, PELA UNIÃO FEDERAL, EM REGIME DE COLABORAÇÃO COM MUNICÍPIOS, DISTRITO FEDERAL E ESTADOS, E A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS E DA COMUNIDADE, MEDIANTE PROGRAMAS E AÇÕES DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E FINANCEIRA, VISANDO À MOBILIZAÇÃO SOCIAL PELA MELHORIA DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

DECRETO Nº 6.094, DE 24 DE ABRIL DE 2007.

Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, incisos IV e VI, alínea "a", da Constituição, e tendo em vista o disposto nos arts. 23, inciso V, 205 e 211, § 1º, da Constituição, e nos arts. 8º a 15 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,

DECRETA:

CAPÍTULO I
DO PLANO DE METAS COMPROMISSO TODOS PELA EDUCAÇÃO

Art. 1º O Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação (Compromisso) é a conjugação dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, atuando em regime de colaboração, das famílias e da comunidade, em proveito da melhoria da qualidade da educação básica.

Art. 2º A participação da União no Compromisso será pautada pela realização direta, quando couber, ou, nos demais casos, pelo incentivo e apoio à implementação, por Municípios, Distrito Federal, Estados e respectivos sistemas de ensino, das seguintes diretrizes:

I - estabelecer como foco a aprendizagem, apontando resultados concretos a atingir;

II - alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico;

III - acompanhar cada aluno da rede individualmente, mediante registro da sua frequência e do seu desempenho em avaliações, que devem ser realizadas periodicamente;

IV - combater a repetência, dadas as especificidades de cada rede, pela adoção de práticas como aulas de reforço no contra-turno, estudos de recuperação e progressão parcial;

V - combater a evasão pelo acompanhamento individual das razões da não-frequência do educando e sua superação;

VI - matricular o aluno na escola mais próxima da sua residência;

NOVA CONCURSOS

VII - ampliar as possibilidades de permanência do educando sob responsabilidade da escola para além da jornada regular;

VIII - valorizar a formação ética, artística e a educação física;

IX - garantir o acesso e permanência das pessoas com necessidades educacionais especiais nas classes comuns do ensino regular, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas;

X - promover a educação infantil;

XI - manter programa de alfabetização de jovens e adultos;

XII - instituir programa próprio ou em regime de colaboração para formação inicial e continuada de profissionais da educação;

XIII - implantar plano de carreira, cargos e salários para os profissionais da educação, privilegiando o mérito, a formação e a avaliação do desempenho;

XIV - valorizar o mérito do trabalhador da educação, representado pelo desempenho eficiente no trabalho, dedicação, assiduidade, pontualidade, responsabilidade, realização de projetos e trabalhos especializados, cursos de atualização e desenvolvimento profissional;

XV - dar consequência ao período probatório, tornando o professor efetivo estável após avaliação, de preferência externa ao sistema educacional local;

XVI - envolver todos os professores na discussão e elaboração do projeto político pedagógico, respeitadas as especificidades de cada escola;

XVII - incorporar ao núcleo gestor da escola coordenadores pedagógicos que acompanhem as dificuldades enfrentadas pelo professor;

XVIII - fixar regras claras, considerados mérito e desempenho, para nomeação e exoneração de diretor de escola;

XIX - divulgar na escola e na comunidade os dados relativos à área da educação, com ênfase no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, referido no art. 3º;

XX - acompanhar e avaliar, com participação da comunidade e do Conselho de Educação, as políticas públicas na área de educação e garantir condições, sobretudo institucionais, de continuidade das ações efetivas, preservando a memória daquelas realizadas;

XXI - zelar pela transparência da gestão pública na área da educação, garantindo o funcionamento efetivo, autônomo e articulado dos conselhos de controle social;

XXII - promover a gestão participativa na rede de ensino;

XXIII - elaborar plano de educação e instalar Conselho de Educação, quando inexistentes;

XXIV - integrar os programas da área da educação com os de outras áreas como saúde, esporte, assistência social, cultura, dentre outras, com vista ao fortalecimento da identidade do educando com sua escola;

XXV - fomentar e apoiar os conselhos escolares, envolvendo as famílias dos educandos, com as atribuições, dentre outras, de zelar pela manutenção da escola e pelo monitoramento das ações e consecução das metas do compromisso;

XXVI - transformar a escola num espaço comunitário e manter ou recuperar aqueles espaços e equipamentos públicos da cidade que possam ser utilizados pela comunidade escolar;

XXVII - firmar parcerias externas à comunidade escolar, visando a melhoria da infra-estrutura da escola ou a promoção de projetos socioculturais e ações educativas;

XXVIII - organizar um comitê local do Compromisso, com representantes das associações de empresários, trabalhadores, sociedade civil, Ministério Público, Conselho Tutelar e dirigentes do sistema educacional público, encarregado da mobilização da sociedade e do acompanhamento das metas de evolução do IDEB.

CAPÍTULO II
DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 3º A qualidade da educação básica será aferida, objetivamente, com base no IDEB, calculado e divulgado periodicamente pelo INEP, a partir dos dados sobre rendimento escolar, combinados com o desempenho dos alunos, constantes do censo escolar e do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, composto pela Avaliação Nacional da Educação Básica - ANEB e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Prova Brasil).

Parágrafo único. O IDEB será o indicador objetivo para a verificação do cumprimento de metas fixadas no termo de adesão ao Compromisso.

CAPÍTULO III
DA ADESÃO AO COMPROMISSO

Art. 4º A vinculação do Município, Estado ou Distrito Federal ao Compromisso far-se-á por meio de termo de adesão voluntária, na forma deste Decreto.

Art. 5º A adesão voluntária de cada ente federativo ao Compromisso implica a assunção da responsabilidade de promover a melhoria da qualidade da educação básica em sua esfera de competência, expressa pelo cumprimento de meta de evolução do IDEB, observando-se as diretrizes relacionadas no art. 2º.

§ 1º O Ministério da Educação enviará aos Municípios, Distrito Federal e Estados, como subsídio à decisão de adesão ao Compromisso, a respectiva Base de Dados Educacionais, acompanhada de informe elaborado pelo INEP, com indicação de meta a atingir e respectiva evolução no tempo.

§ 2º O cumprimento das metas constantes do termo de adesão será atestado pelo Ministério da Educação.

§ 3º O Município que não preencher as condições técnicas para realização da Prova Brasil será objeto de programa especial de estabelecimento e monitoramento das metas.

Art. 6º Será instituído o Comitê Nacional do Compromisso Todos pela Educação, incumbido de colaborar com a formulação de estratégias de mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica, que subsidiarão a atuação dos agentes públicos e privados.

§ 1º O Comitê Nacional será instituído em ato do Ministro de Estado da Educação, que o presidirá.

§ 2º O Comitê Nacional poderá convidar a participar de suas reuniões e atividades representantes de outros poderes e de organismos internacionais.

Art. 7º Podem colaborar com o Compromisso, em caráter voluntário, outros entes, públicos e privados, tais como organizações sindicais e da sociedade civil, fundações, entidades de classe empresariais, igrejas e entidades confessionais, famílias, pessoas físicas e jurídicas que se mobilizem para a melhoria da qualidade da educação básica.

CAPÍTULO IV
DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E FINANCEIRA DA UNIÃO
Seção I
Das Disposições Gerais

Art. 8º As adesões ao Compromisso nortearão o apoio suplementar e voluntário da União às redes públicas de educação básica dos Municípios, Distrito Federal e Estados.

§ 1º O apoio dar-se-á mediante ações de assistência técnica ou financeira, que privilegiarão a implementação das diretrizes constantes do art. 2º, observados os limites orçamentários e operacionais da União.

§ 2º Dentre os critérios de prioridade de atendimento da União, serão observados o IDEB, as possibilidades de incremento desse índice e a capacidade financeira e técnica do ente apoiado, na forma de normas expedidas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE.

§ 3º O apoio do Ministério da Educação será orientado a partir dos seguintes eixos de ação expressos nos programas educacionais do plano plurianual da União:

I - gestão educacional;

II - formação de professores e profissionais de serviços e apoio escolar;

III - recursos pedagógicos;

IV - infra-estrutura física.

§ 4º O Ministério da Educação promoverá, adicionalmente, a pré-qualificação de materiais e tecnologias educacionais que promovam a qualidade da educação básica, os quais serão posteriormente certificados, caso, após avaliação, verifique-se o impacto positivo na evolução do IDEB, onde adotados.

§ 5º O apoio da União dar-se-á, quando couber, mediante a elaboração de um Plano de Ações Articuladas - PAR, na forma da Seção II.

Seção II

Do Plano de Ações Articuladas

Art. 9º O PAR é o conjunto articulado de ações, apoiado técnica ou financeiramente pelo Ministério da Educação, que visa o cumprimento das metas do Compromisso e a observância das suas diretrizes.

§ 1º O Ministério da Educação enviará ao ente selecionado na forma do art. 8º, § 2º, observado o art. 10, § 1º, equipe técnica que prestará assistência na elaboração do diagnóstico da educação básica do sistema local.

§ 2º A partir do diagnóstico, o ente elaborará o PAR, com auxílio da equipe técnica, que identificará as medidas mais apropriadas para a gestão do sistema, com vista à melhoria da qualidade da educação básica, observado o disposto no art. 8º, §§ 3º e 4º.

Art. 10. O PAR será base para termo de convênio ou de cooperação, firmado entre o Ministério da Educação e o ente apoiado.

§ 1º São requisitos para a celebração do convênio ou termo de cooperação a formalização de termo de adesão, nos moldes do art. 5º, e o compromisso de realização da Prova Brasil.

§ 2º Os Estados poderão colaborar, com assistência técnica ou financeira adicionais, para a execução e o monitoramento dos instrumentos firmados com os Municípios.

§ 3º A participação dos Estados nos instrumentos firmados entre a União e o Município, nos termos do § 2º, será formalizada na condição de partícipe ou interveniente.

Art. 11. O monitoramento da execução do convênio ou termo de cooperação e do cumprimento das obrigações educacionais fixadas no PAR será feito com base em relatórios ou, quando necessário, visitas da equipe técnica.

§ 1º O Ministério da Educação fará o acompanhamento geral dos planos, competindo a cada convenente a divulgação da evolução dos dados educacionais no âmbito local.

§ 2º O Ministério da Educação realizará oficinas de capacitação para gestão de resultados, visando instituir metodologia de acompanhamento adequada aos objetivos instituídos neste Decreto.

§ 3º O descumprimento das obrigações constantes do convênio implicará a adoção das medidas prescritas na legislação e no termo de cooperação.

Art. 12. As despesas decorrentes deste Decreto correrão à conta das dotações orçamentárias anualmente consignadas ao Ministério da Educação.

Art. 13. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2007; 186º da Independência e 119º da República.

PAULÍNIA. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO.
CURRÍCULO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PAULÍNIA- EDUCAÇÃO INFANTIL. 2011

Prezado candidato, visto a extensão e formato do material solicitado, o disponibilizaremos em nosso site para consulta: www.novaconcursos.com.br/retificacoes

CURRÍCULO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PAULÍNIA- ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS. 2011

Prezado candidato, visto a extensão e formato do material solicitado, o disponibilizaremos em nosso site para consulta: www.novaconcursos.com.br/retificacoes

NOVA CONCURSOS

QUESTÕES

1. (FCC/2014 - Prefeitura de Recife/PE - Procurador) Nos termos do art. 226 da Constituição Federal, "a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado". Entre os aspectos abrangidos pelo direito à proteção especial, segundo o texto constitucional, encontram-se os seguintes:

a) garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; e obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade.

b) garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; e acesso universal à educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.

c) erradicação do analfabetismo; e estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado.

d) punição severa ao abuso, à violência e à exploração sexual da criança e do adolescente; e garantia às presidiárias de condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação.

e) punição severa ao abuso, à violência e à exploração sexual da criança e do adolescente; e estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado.

R: A. O artigo 227, §3º, CF fixa os aspectos que abrangem a proteção especial da criança e do adolescente: "I - idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII; II - garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; III - garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola; IV - garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica; V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade; VI - estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado; VII - programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins".

2. (Alternative Concursos/2017 - Prefeitura de Sul Brasil/SC - Agente Educativo) De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n.º 8.069/90, art. 60, é proibido qualquer trabalho a menores:

a) De quatorze anos de idade, inclusive na condição de aprendiz.

b) De quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

c) De dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

d) De dezesseis anos de idade, inclusive na condição de aprendiz.

e) De dezessete anos de idade, inclusive na condição de aprendiz.

R: B. Em que pese o teor do art. 64 do ECA, que poderia dar a entender que um menor de 14 anos pode trabalhar, prevalece o que diz o texto da Constituição Federal: "Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: [...] XXXIII - proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos". Logo, o menor pode trabalhar em qualquer serviço, desde que não seja noturno, perigoso e insalubre, dos 16 aos 18 anos; e entre 14 e 16 anos apenas pode trabalhar como aprendiz.

3. (FCC/2016 - AL-MS - Agente de Polícia Legislativo) Sobre a adoção, nos termos preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente,

a) o adotante deve ser, no mínimo, 18 anos mais velho que o adotando.

b) é permitida a adoção por procuração.

c) se um dos cônjuges adota o filho do outro, mantêm-se os vínculos de filiação entre o adotado e o cônjuge do adotante e os respectivos parentes.

d) é vedada a adoção conjunta pelos divorciados, separados judicialmente e pelos ex-companheiros.

e) o estágio de convivência que precede a adoção não poderá, em nenhuma hipótese, ser dispensado pela autoridade judiciária.

R: C. Neste sentido, disciplina o art. 41, § 1º, ECA: "Se um dos cônjuges ou concubinos adota o filho do outro, mantêm-se os vínculos de filiação entre o adotado e o cônjuge ou concubino do adotante e os respectivos parentes". A alternativa "a" está errada porque o adotante deve ser, pelo menos, 16 anos mais velho que o adotado e possuir pelo menos 18 anos (art. 42, § 3º, ECA); a alternativa "b" está incorreta porque é vedada a adoção por procuração, pois a adoção é ato personalíssimo (art. 39, § 2º, ECA); a alternativa "d" está incorreta porque é possível a adoção conjunta desde que preencha os requisitos de serem casados civilmente ou mantenham união estável, comprovada a estabilidade da família (art. 42, § 1º, ECA); e a alternativa "e" está incorreta porque pode ser dispensado o estágio de convivência quando o adotando já estiver sob a tutela ou guarda do adotante (art. 46, § 1º, ECA).

4. (FCC/2016 - AL-MS - Agente de Polícia Legislativo) Sobre a prática de ato infracional à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente, é INCORRETO afirmar que a

a) medida socioeducativa de internação pode ser determinada por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta.

b) internação, antes da sentença, poderá ser determinada pelo prazo máximo de quarenta e cinco dias.

c) medida socioeducativa de internação não poderá exceder em nenhuma hipótese três anos, liberando-se compulsoriamente o menor infrator aos vinte e um anos de idade.

d) medida socioeducativa de liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de trinta dias, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor.

e) remissão não implica necessariamente o reconhecimento ou comprovação da responsabilidade, nem prevalece para efeito de antecedentes, podendo incluir eventualmente a aplicação de qualquer das medidas previstas em lei, exceto a colocação em regime de semiliberdade e a internação.

R: D. A lei exige como prazo mínimo de medida socioeducativa o período de 6 meses, conforme art. 118, § 2º, ECA, não 30 dias conforme a alternativa "d", razão pela qual está incorreta. A alternativa "a" está prevista no art. 122, § 1º, ECA; a alternativa "b" está prevista no art. 108 do ECA; a alternativa "c" está prevista no art. 121, §§ 3º e 5º, ECA; a alternativa "e" está prevista no art. 127 ECA.

5. (COMPERVE/2016 - Câmara de Natal/RN - Guarda Legislativo) As crianças e os adolescentes, qualificados pelo direito hoje vigente como pessoas em desenvolvimento, receberam do direito positivo brasileiro, tutela especial através da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, mais conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente. Seguindo as diretrizes traçadas pela Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe a previsão normativa da absoluta prioridade e de variados direitos fundamentais. Em tal seara, foi determinado que as crianças e os adolescentes têm direito,

a) à liberdade, de forma a compreender a liberdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; a liberdade de opinião e de expressão; a liberdade de brincar e de praticar esportes, a liberdade de participar da vida familiar e comunitária; a liberdade de buscar refúgio, auxílio e orientação, excetuadas dessa tutela a liberdade de crença e culto religioso e de participar da vida política.

b) ao respeito, consistente na inviolabilidade da sua integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de seus valores, ideias e crenças, excluída a tutela dos seus espaços e objetos pessoais.

c) de serem educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou a qualquer outro pretexto, por parte dos pais, de integrantes da família ampliada, dos responsáveis, dos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los.

d) de serem criados e educados no seio de sua família biológica, não se admitindo a sua inserção em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral.

R: C. Nestes termos, preconiza o artigo 18-A do ECA: "A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los". A alternativa "a" está errada porque o artigo 16 do ECA fixa que o direito à liberdade envolve os seguintes aspectos: "I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; **III - crença e culto religioso;** IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; **VI - participar da vida política, na forma da lei;** VII - buscar refúgio, auxílio e orientação". A alternativa "b" está errada porque o artigo 17 do ECA prevê que "o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, **dos espaços e objetos pessoais**". A alternativa "d" está errada porque o artigo 18 do ECA assegura que "é direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral".

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2003. 01
CHAUÍ, Marilena. Introdução à História da Filosofia. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002. 02
COLL, César - O construtivismo na sala de aula – Editora Ática, 1999 02
COLELLO GASPARIAN M, Silvia. A Escola que não ensina escrever. São Paulo: Moderna, 2004. 05
DEMO, Pedro. Avaliação Qualitativa. São Paulo: Cortez, 1991 05
FERREIRO, Emília. Com todas as letras. SP. Cortez. 1993. 06
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. SP. Paz e Terra, 2003. 09
HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001. 23
KAMII, Constance. A criança e o número. Papirus. 33
LENER, Délia. Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre Artmed. 2002. 35
LUCKESI, Cipriano Carlos - Avaliação de Aprendizagem escolar. São Paulo: Editora Cortez, 2002. 39
MANTOAN EGLER, Maria Teresa, SANTOS DOS TEIXEIRA, Maria Terezinha. Atendimento Educacional Especializado: Políticas Públicas e Gestão nos Municípios. São Paulo. Ed Moderna, n/d. 41
MORIN, Edgard. Os sete saberes necessários à educação do Futuro. SP Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. 41
PARO, Vitor Henrique. Gestão Democrática da Escola Pública. São Paulo. Ed. Ática, 1998. 42
PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar. São Paulo. Ed. T.A. Queiroz, 1996. 42
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – 1ª a 4ª séries. 42
PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre. Artmed, 2000. 42
RIOS, Terezinha Azerêdo. Compreender e ensinar – por uma docência de melhor qualidade. SP. Cortez, 2001. 43
SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 5ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003. 44
SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Autores Associados, 2008. 44
SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1980. 46
SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez, 1980. 46
SEVERINO, Antonio Joaquim. Filosofia da Educação: Construindo a Cidadania, São Paulo, FTD, 1994. 47
SMOLE, K.S. e Diniz, M.I. (orgs.) Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre, Artmed, 2001. 47
VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (org). Projeto Político-Pedagógico da escola: Uma construção possível. Campinas: Papirus, 1995. 49
VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e linguagem. SP. Martins Fontes 1997. 50
ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. 53
ZAGURY, Tânia. Escola sem conflito: parceria com os pais. RJ. Record. 2002. 56

ALARCÃO, ISABEL. PROFESSORES REFLEXIVOS EM UMA ESCOLA REFLEXIVA. SÃO PAULO: CORTEZ, 2003.

Capítulo 1 Alunos, professores e escola em face a sociedade da informação.

A Sociedade da Informação – aberta e global, diferenças de acesso à informação que causam a exclusão. Finalidade filtrar informações para preparar alunos para a sociedade.

A sociedade da informação em que vivemos é complexa e contraditória, com muitas informações sem saber lidar e selecionálas, o que prejudica o desenvolvimento do espírito critico, por serem aceitar e manipuladoras. Soa a reflexão pode organizar os conhecimentos (informação o contexto e em relação com outros assuntos). É com compreensão que percebemos objetos, pessoas, acontecimentos e suas relações.

Cabe ao aluno, gerir informações para transformálas em conhecimento. O professor não é a única fonte de saber. O conhecimento só existe com a aprendizagem. Esta reorganização de valores reorganiza as competências do cidadão atual.

Novas Competências Exigidas Pela Sociedade Da Informação E Da Comunicação Do Conhecimento E Da Aprendizagem.

Nos anos 90, a nova visão chega as universidades europeias e resultam numa maior reflexão na educação, interrelacionando ciclos , estudantes e desenvolvendo novas competências numa formação holística (integral).

A cidadania é revista, pó do o cidadão como um pressuposto um ser responsável, que encara a formação associando o indivíduoescola, informaçãopensamento.

A competência é entendida como "saber fazer bem", isto é mobilizando saberes e utilizandoos, compreendendo, observando, e analisando e refletindo, preparando para mudanças, aprendendo autonomamente.

Para lidar com a informação na sociedade da aprendizagem é importante filtrar informações, organizar e inteirar professoraluno, saberuso.

Os alunos na sociedade da aprendizagem devem aprender a aprender ao longo da vida, relacionando as coisas ao seu redor com sentido. A sala de aula é o lugar onde se produzem conhecimentos, e as informações devem ser passar com responsabilidade e autonomia. A iniciativa cientifica amplia o gosto pelo saber. A criatividade e responsabilidade são fatores essenciais na aprendizagem.

Os professores na sociedade da aprendizagem devem ajudar o aluno a desenvolver a competência de aprender, dar suporte, estrutura e estimular a aprendizagem e autoconfiança, direcionando a informação processual, produto da análise critica, ver do que precisam. Para isso, se atualizar e desenvolver suas competências de aprender a aprender.

A escola na sociedade da aprendizagem deve transforma o aluno em ativo, em salas de aulas e em atividades extras curriculares. Deve ser repensada e reformulada contextualizada e relacionada com as pessoas que as constituem, tornandose auto reflexivas e criticas, sabedora de sua missão social; deve ser auto dirigida de acordo com a realidade e seus problemas, tirando proveito das novas tecnológicas como meios de pesquisas, contextualizandose, professorealunosescola.

Capítulo 2 A formação do professor reflexivo – e ativo.

Este deve processar informações acuradas e criticamente. Tal reflexão deve ampliar seu desempenho e competência profissional visando o todo (motivo de atração pela profissão). A desilusão é conceituada como uma reflexão não entendida, dificuldades para atuar no novo programa de formação. Professor e escola devem agir relacionados, a escola deve fornecer infraestrutura para fazer a ponte entre seus membros.

Com criatividade, capacidade de encontrar meios de como interagir na vida social, o professor deve tomar abertura pra aprender e ensinar essa visão para seus alunos. A formação critica, reflexiva, deve combinar observações para resolver os problemas, numa visão de valorizar a relação professoraluno.

A pesquisaação é analisar um problema destrinchálo em partes ara resolvêlo (observar, refletir, planificar e agir). Abordar problemas com perspectivas de solucionálos de modo reflexivo, transformar em aprendizagem. Para complementar a pesquisa e ampliar a reflexão temos:

análise de caso: de acontecimentos teorizados com valor explicativo, que pode ser explicado, interpretado discutido, dissecado e reconstruído. Além de ser uma ferramenta de formação tem embasamento teórico.

narrativas: narrar é um hábito que constitui reflexão, analisando situações, sistematizando reflexões, compartilhando pensamentos. Casos e narrativas caminham juntos transmitidos tornamse narrativas elaboradas que viabilizam o conhecimento.

portfólio – seleções de fatos ou resultados. Promove o desenvolvimento reflexivo, fundamenta a reflexão, facilita a auto e hétero avaliação.

perguntas pedagógicas: o caráter formativo é o moto do desenvolvimento e da aprendizagem reflexiva, propicia a compreensão e é a base de outras estratégicas.

conclusão: a formação profissional reflexiva deve incluir a intenção de conhecer o mundo. Seu trabalho deve estar em parceria com a escola e a comunidade. O conhecimento da compreensão das informações.

Capítulo 4 – Gerir Uma escola Reflexiva.

Na nota autobiográfica a autora afirma que questionar traz desenvolvimento e conhecimento. O professor faz parte da escola, esta é um organismo vivo, em desenvolvimento e em aprendizagem.

A escola é uma comunidade com atores sociais que deve unir a sociedade com objetivo comum: educar. Ela liga sociedade adulta com crianças e jovens em desenvolvimento. Deve estar contextualizada com a cultura local e articular com o contexto nacional e global. Deve ter personalidade, utilizar do próprio conhecimento para desenvolverse. Seus atores devem ter um único objetivo: a educação das novas gerações.

A escola nunca está formada completamente, assim. Deve se avaliar, pensar e si própria e na sua missão; analisar, perceber dificuldades e agir para melhorála. Ela é inteligente, pratica e atual, não burocrática e ultrapassada, saber onde está e ode quer chegar com o objetivo de educar.

O projeto da escola é o conjunto que propicia e concebe esforços para criar condições de aprendizagem e desenvolvimento. O processo (projeto) e o produto (objetivo) estão ligados à gestão da escola reflexiva.

O Currículo é um conjunto de aprendizagens necessárias à formação. Questionase a sua validade se comparado a nova realidade da sociedade da informação.

Segundo Rodan e Perrenoud, devemos trabalhar baseado em objetivos, em grupos flexíveis, tarefas escolares à base de problemas e projetos.

A escola reflexiva deve agir de acordo com sua realidade e no momento apropriado. Objetivos e projetos (também o currículo) são referencias para uma ação compartilhada.

A gestão da escola reflexiva deve ser participativa coerente, desafiadora, exigente, interativa, flexível, avaliadora, formadora, democrática. Todos devem decidir.

O saber desenvolvido pela escola interage com a tarefa de educar. O aluno tornarse o centro da missão e com a cooperação de todos como objetivo de educar de forma reflexiva.

A escola tem caráter, personalidade e forma própria de funcionar de acordo com sua realidade e contexto.

Fonte: http://lidialindislay.blogspot.com.br/2010/03/resumodelivrosalarcaoisabel.html

CHAUÍ, MARILENA. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA. SÃO PAULO: CIA. DAS LETRAS, 2002.

Esta é a nova versão do primeiro volume da *Introdução à História da Filosofia*(publicado originalmente pela Brasiliense), série em que Marilena Chaui acompanha o trajeto da cultura filosófica desde os présocráticos até os pensadores modernos. O objetivo é oferecer informações básicas sobre a história do pensamento filosófico, dirigidas aos leigos e aos que se iniciam nos estudos de filosofia. Por seu caráter pedagógico, o livro é um estímulo aos estudantes no exercício do pensamento e pode auxiliar os professores a preencher lacunas bibliográficas na preparação de suas aulas. As modificações introduzidas pela autora foram feitas tendo em conta que o livro, planejado para o ensino médio, passou a ser lido também por alunos das faculdades de filosofia, assim como de outras áreas universitárias que incluem essa disciplina no currículo. A bibliografia oferecida no final do volume destinase aos professores e àqueles que pretendam prosseguir nos estudos. Houve preocupação em selecionar textos em português, mas sem deixar de lado obras fundamentais ainda sem tradução. O volume se completa com um pequeno glossário de termos gregos.

Fonte: https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11073

COLL, CÉSAR O CONSTRUTIVISMO NA SALA DE AULA – EDITORA ÁTICA, 1999.

Os professores a e concepção construtivista (Isabel Solé e César Coll)O construtivismo não é uma teoria, e sim uma referência explicativa, composta por diversas contribuições teóricas, que auxilia os professores nas tomadas de decisões durante o planejamento, aplicação e a avaliação do ensino. Ou seja, o construtivismo não é uma receita, um manual que deve ser seguido à risca sem se levar em conta as necessidades de cada situação particular. Ao contrário, os profissionais da educação devem utilizálo como auxílio na reflexão sobre a prática pedagógica; sobre o como se aprende e se ensina, considerandose o contexto em que os agentes educativos estão inseridos. Essas afirmações demonstram a necessidade de se compreender os conteúdos da aprendizagem como produtos sociais e culturais, o professor como agente mediador entre indivíduo e sociedade, e o aluno como aprendiz social.

Tendo em vista uma educação de qualidade, entendida como aquela que atende a diversidade, o processo educativo não é responsabilidade do professor somente. Desse modo, o trabalho coletivo dos professores, normas e finalidades compartilhadas, uma direção que tome decisões de forma colegiada, materiais didáticos preparados em conjunto, a formação continuada e a participação dos pais são pontos essenciais para a construção da escola de qualidade.

A instituição escolar é identificada pelo seu caráter social e socializador. É por meio da escola que os seres humanos entram em contato com uma cultura determinada. Nesse sentido, a concepção construtivista compreende um espaço importante à construção do conhecimento individual e interação social, não contrapondo aprendizagem e desenvolvimento. Aprender não é copiar ou reproduzir, mas elaborar uma representação pessoal da realidade a partir de experimentações e conhecimentos prévios. É preciso aprender significativamente, ou seja, não apenas acumular conhecimentos, mas construir significados próprios a partir do relacionamento entre a experiência pessoal e a realidade. A préexistência de conteúdos confere certa peculiaridade à construção do conhecimento, que deve ser entendida como a atribuição de significado pessoal aos conteúdos concretos, produzidos culturalmente.

Pensando especificamente o trabalho do professor, o construtivismo é uma concepção útil à tomada de decisões compartilhadas, que pressupõe o trabalho em equipe na construção de projetos didáticos e rotinas de trabalho. Por fim, é importante ressaltar que o construtivismo não é um referencial acabado, fechado a novas contribuições; sua construção acontece no âmbito da situação de ensino/aprendizagem e a ela deve servir.

2. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem (Isabel Solé), A aprendizagem é motivada por um interesse, uma necessidade de saber. Mas o que determina esse interesse, essa necessidade? Não é possível elaborar uma única resposta a essa questão. No entanto, um bom caminho a seguir é compreender que além dos aspectos cognitivos, a aprendizagem envolve aspectos afetivorelacionais. Ao construir os significados pessoais sobre a realidade, constróise também o conceito que se tem de você mesmo (autoconceito) e a estima que se professa (autoestima), características relacionadas ao equilíbrio pessoal. O autoconceito e a autoestima influenciam a forma como o aluno constrói sua relação com os outros e com o conhecimento; reconhecer essa dimensão afetivorelacional é imprescindível ao processo educativo.

Em relação à motivação para conhecer, é necessário compreender a maneira como alunos encaram a tarefa de estudar, que pode ser dividida em dois enfoques: o enfoque profundo e o enfoque superficial. No enfoque profundo, o aluno se interessa por compreender o significado do que estuda e relaciona os conteúdos aos conhecimentos prévios e experiências. Já no enfoque superficial, a intenção do aluno limitase a realizar atarefas de forma satisfatória, limitandose ao que o professor considera como relevante, uma resposta desejável e não a real compreensão do conteúdo. Importante ressaltar que o enfoque com que o aluno aborda a tarefa pode variar; dessa forma, o enfoque profundo pode ser a abordagem de uma relação a uma tarefa e o enforque superficial em relação a outras pelo mesmo aluno. A inclinação dos alunos para um enfoque ou outro vai depender, dentre outros fatores, da situação de ensino da qual esse aluno participa. Entretanto, o enfoque profundo pode ser trabalhado com os alunos de maneira intencional. Para isso, é preciso conhecer as características da tarefa trabalhada, o que se pretende com determinado conteúdo e a sua necessidade. Tudo isso demanda tempo, esforço e envolvimento pessoal.Outro ponto importante a ser ressaltado é que o professor, ao entrar numa sala de aula, carrega consigo certa visão de mundo e imagem de si mesmo, que influenciam seu trabalho e sua relação com os alunos. Da mesma forma, os alunos constroem representações sobre seus professores. Reconhecer esses aspectos afetivos e relacionais é fundamental para motivação e interesse pela construção de conhecimento, tendo em vista que o autoconceito e a autoestima, ligados às representações e expectativas sobre o processo educativo, possuem um papel mediador na aprendizagem escolar.

As interações, no processo de construção de conhecimento, devem ser caracterizadas pelo respeito mútuo e o sentimento de confiança. É a partir dessas interações, das relações que se estabelecem no contexto escolar, que as pessoas se educam. Levar isto em consideração é compreender o papel essencial dos aspectos afetivorelacionais no processo de construção pessoal do conhecimento sobre a realidade.

3. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios (Mariana Miras) Quando se inicia um processo educativo, as mentes dos alunos não estão vazias de conteúdo como lousas em branco. Ao contrário, quando chegam à sala de aula os alunos já possuem conhecimentos prévios advindos da experiência pessoal. Na concepção construtivista é a partir desses conhecimentos que o aluno constrói e reconstrói novos significados. Identificamse alguns aspectos globais como elementos básicos que auxiliam na determinação do estado inicial dos alunos: a disposição do aluno para realizar a tarefa proposta, que conta com elementos pessoais e interpessoais com sua autoimagem, autoestima, a representação e expectativas em relação à tarefa a ser realizada, seus professores e colegas; capacidades, instrumentos, estratégias e habilidades compreendidas em certos níveis de inteligência, raciocínio e memória que possibilitam a realização da tarefa.Os conhecimentos prévios podem ser compreendidos como esquemas de conhecimento, ou seja, a representação que cada pessoa possui sobre a realidade. É importante ressaltar que esses esquemas de conhecimento são sempre visões parciais e particulares da realidade, determinadas pelo contexto e experiências de cada pessoa.

Os esquemas de conhecimento contêm, ainda, diferentes tipos de conhecimentos, que podem ser, por exemplo, de ordem conceitual (saber que o coletivo de lobos é alcatéia), normativa (saber que não se deve roubar), procedimental (saber como se planta uma árvore). Esses conhecimentos são diferentes, porém não devem ser considerados melhores ou piores que outros.Para o ensino coerente, é preciso considerar o estado inicial dos alunos, seus conhecimentos prévios e esquemas de conhecimentos construídos. Esse deve ser o início do processo educativo: conhecer o que se tem para que se possa, sobre essa base, construir o novo.4. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? A natureza ativa e construtiva do conhecimento (Teresa Mauri)

Entre as concepções de ensino e aprendizagem sustentadas pelos professores, destacamse três, cada uma considerando que aprender é:

1) Conhecer as respostas corretas: Nessa concepção entendese que aprender significa responder satisfatoriamente as perguntas formuladas pelos professores. Reforçamse positivamente as respostas corretas, sancionandoas. Os alunos são considerados receptores passivos dos reforços dispensados pelos professores.

2) Adquirir os conhecimentos relevantes: Nessa concepção, entendese que o aluno aprende quando apreende informações necessárias. A principal atividade do professor é possuir essas informações e oferecer múltiplas situações (explicações, leituras, vídeos, conferências, visitas a museus) nas quais os alunos possam processar essas informações. O conhecimento é produto da cópia e não processo de significação pessoal.

3) Construir conhecimentos: Os conteúdos escolares são aprendidos a partir do processo de construção pessoal do mesmo. O centro do processo educativo é o aluno, considerado como ser ativo que aprende a aprender. Auxiliar a construção dessa competência é o papel do professor.

A primeira concepção está ligada às concepções tradicionais, diferenciada em relação às duas restantes por enfatizar o papel supremo do professor na elaboração das perguntas. As outras duas concepções, pelo contrário, ocupamse de como os alunos adquirem conhecimentos; no entanto, entendem de formas diferentes esse processo. Compreendendose que aprender é construir conhecimentos, identificase a natureza ativa dessa construção e a necessidade de conteúdos ligados ao ato de aprender conceitos, procedimentos e atitudes. Nesse sentido, é preciso organizar e planejar intencionalmente as atividades didáticas tendo em vista os conteúdos das diferentes dimensões do saber: procedimental (como a observação de plantas); conceitual (tipos e parte das plantas); e atitudinal (de curiosidade, rigor, formalidade, entre outras). O trabalho com esses conteúdos demonstra a atividade complexa que caracteriza o processo educativo, trabalho que demanda o envolvimento coletivo na escola. 5. Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir (Javier Onrubia) O ensino na concepção construtivista deve ser entendido como uma ajuda ao processo de ensinoaprendizagem, sem a qual o aluno não poderá compreender a realidade e atuar nela. Porém, deve ser apenas ajuda porque não pode substituir a atividade construtiva do conhecimento pelo aluno.

A análise aprofundada do ensino enquanto ajuda leva ao conceito de "ajuda ajustada" e de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). No conceito de "ajuda ajustada" observase que o ensino, enquanto ajuda o processo de construção do conhecimento, deve ajustarse a esse processo de construção. Para tanto, conjuga duas grandes características:

1) a de levar em conta os esquemas de conhecimento dos alunos, seus conhecimentos prévios em relação aos conteúdos a serem trabalhados;

2) e, ao mesmo tempo, propor desafios que levem os alunos a questionarem esses conhecimentos prévios. Ou seja, não se ignora aquilo que os alunos já sabem, porém apontase para aquilo que eles não conhecem, não realizam ou não dominam suficientemente, incrementando a capacidade de compreensão e atuação autônoma dos alunos.O conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) foi proposto pelo psicólogo soviético L. S. Vygotsky, partindo do entendimento de que as interações e relações com outras pessoas são a origem dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Nesse sentido, a ZDP pode ser identificada como o espaço no qual, com a ajuda dos outros, uma pessoa realiza tarefas que não seria capaz de realizar individualmente. A contribuição do conceito de ZDP está relacionada à possibilidade de se especificar as formas em aula, ajudando os alunos no processo de significação pessoal e social da realidade.

Para o trabalho com os conceitos acima arrolados, indicamse os seguintes pontos:

1) Inserir atividades significativas na aula;

2) Possibilitar a participação de todos os alunos nas diferentes atividades, mesmo que os níveis de competência, conhecimento e interesses forem diferenciados;

3) Trabalhar com as relações afetivas e emocionais;

4) Introduzir modificações e ajustes ao logo da realização das atividades;

5) Promover a utilização e o aprofundamento autônomo dos conhecimentos que os alunos estão aprendendo;

6) Estabelecer relações entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios dos alunos;

7) Utilizar linguagem clara e objetiva evitando malentendidos ou incompreensões;

8) Recontextualizar e reconceitualizar a experiência. Trabalhar a partir dessas concepções caracteriza desafios à prática educativa que não está isenta de problemas e limitações. No entanto, entendese que esse esforço, mesmo que acompanhado de lentos avanços, é decisivo para a aprendizagem e o desenvolvimento das escolas e das aulas.

6. Os enfoques didáticos (Antoni Zabala)

A concepção construtivista considera a complexidade e as distintas variáveis que intervêm nos processos de ensino na escola. Por isso, não receita formas determinadas de ensino, mas oferece elementos para a análise e reflexão sobre a prática educativa, possibilitando a compreensão de seus processos, seu planejamento e avaliação.Um método educacional sustentase a partir da função social que atribui ao ensino e em determinadas idéias sobre como as aprendizagens se produzem. Nesse sentido, a análise das tarefas que propõem e conteúdos trabalhados, explícita ou implicitamente (currículo oculto), requer a compreensão do determinante ideológico que embasam as práticas dos professores. A discriminação tipológica dos conteúdos, ou seja, a análise dos conteúdos trabalhados segundo a natureza conceitual, procedimental ou atitudinal, mostrase como importante instrumento de entendimento do que acontece na sala de aula.

Outro instrumento importante para a compreensão do processo educativo é a concepção construtivista da aprendizagem, que estabelece a aprendizagem como uma construção pessoal que o aluno realiza com a ajuda de outras pessoas; processo que necessita da contribuição da pessoa que aprende, implicando o interesse, disponibilidade, conhecimentos prévios e experiência; implica também a figura do outro que auxilia na resolução do conflito entre os novos saberes e o que já se sabia, tendo em vista a realização autônoma da atividade de aprender a aprender.

O problema metodológico para o fazer educativo não se encontra no âmbito do "como fazemos", mas antes na compreensão do "que fazemos" e "por quê". Na elaboração das sequências didáticas que devem auxiliar a prática educativa devese levar em consideração os objetivos e os meios que se tem para facilitar o alcance desses objetivos.7. A avaliação da aprendizagem no currículo escola: uma perspectiva construtivista (César Coll e Elena Martín)

A questão da avaliação do processo educativo tem sido muito discutida. Com o desenvolvimento de propostas teóricas, metodológicas e instrumentais, expressões e

conceitos como o de avaliação inicial, formativa e somatória povoam o vocabulário educacional. Junto a isso, construiuse o consenso de que não se deve avaliar somente o aluno, mas também a atuação do professor, o planejamento de atividades e também sua aplicação. No entanto, muitas questões ainda se encontram sem respostas e se configuram como desafios aos envolvidos com o tema.

Uma primeira questão a ser levantada é a relação entre a avaliação e uma série de decisões relacionadas a ela, como promoção, atribuição de crédito e formatura de alunos. Essas decisões não fazem parte, em sentido estrito, do processo de avaliação, porém essas decisões devem ser coerentes com as avaliações realizadas. O desafio é alcançar a máxima coerência entre os processos avaliativos e as decisões a serem tomadas.Todo processo avaliativo deve levar em conta os elementos afetivos e relacionais da avaliação. Desse modo, o planejamento das atividades avaliativas parte do entendimento de que o aluno atribui certo sentido a essa atividade, sentido que depende da forma como a avaliação lhe é apresentada e também de suas experiências e significações pessoais e sociais da realidade. É preciso levar em conta também o caráter sempre parcial dos resultados obtidos por meio das avaliações, devido à complexidade e diversificação das situações de aprendizagem vivenciadas pelos alunos. Assim, as práticas avaliativas privilegiadas devem ser aquelas que consideram a dinâmica dos processos de construção de conhecimentos.

Ao contrário das concepções que buscam neutralizar as influências do contexto nos resultados das avaliações, a concepção construtivista ressalta a necessidade de considerar as variáveis proporcionadas pelos diversos contextos particulares. Para isso, recomendase a utilização de uma gama maior possível de atividades de avaliação ao longo do processo educativo.

Partindo da consideração que é na prática que se utiliza o que se aprende, um dos critérios, que devem ser levantados nas atividades avaliativas, é o menor ou maior valor instrumental das aprendizagens realizadas, ou seja, em que grau podese utilizar o que se aprendeu, o que se construiu na significação dos saberes. Na medida em que aprender a aprender significa a capacidade para adquirir, de forma autônoma, novos conhecimentos, avaliar os aspectos instrumentais, é de suma importância a qualidade da educação. Por fim, ressaltase a necessidade da abordagem da avaliação em estreita ligação com o planejamento didático e o currículo escolar. Dessa forma, "o quê", "como" e "quando" ensinar e avaliar se unem configurando uma prática educativa global, na qual as atividades avaliativas não estão separadas das demais atividades de construção de conhecimento pelos alunos.

Fonte: http://educacadoresemluta.blogspot.com/2009/12/collcesareoutrosoconstrutivismona_14.html

COLELLO GASPARIAN M, SILVIA. A ESCOLA QUE NÃO ENSINA ESCREVER. SÃO PAULO: MODERNA, 2004.

Em face das metas de erradicação do analfabetismo e a superação dos baixos níveis de letramento no país, o tema do ensino da língua escrita é sempre oportuno. Se este é um desafio social e político, é também um desafio pedagógico para o qual todos os educadores estão convocados. Nesta perspectiva, que vale a pena questionar: qual o sentido da alfabetização? Por que tantas crianças sentem dificuldade para ler e escrever? Para além do fenômeno do fracasso escolar, como explicar as distâncias entre as conquistas dos alunos supostamente bem sucedidos e os apelos do nosso mundo? Como as práticas de alfabetização podem contrariar a formação do sujeito autor e leitor? Até que ponto o ensino da língua escrita, no contexto da cultura escolar, configurase como um esforço que não necessariamente amplia as relações entre o homem e o universo letrado?

Com o propósito de repensar as concepções acerca da língua, do ensino, da aprendizagem e das práticas pedagógicas, este livro está fundado na convicção de que colocar em evidências os mecanismos de aprisionamento linguístico pode favorecer uma visão crítica da escola. Uma crítica que não se esgota em si, mas que, ao fundamentar o trabalho docente, possa subsidiar a transformação do ensino. Afinal, compreender as falhas didáticas e as tendências pedagógicas viciadas é o melhor aval para a constituição de um sujeito "senhor de sua própria palavra" no contexto de uma escola que efetivamente ensine a escrever.

Fonte: http://www.silviacolello.com.br/aescolaquenoensinaaescrever

DEMO, PEDRO. AVALIAÇÃO QUALITATIVA. SÃO PAULO: CORTEZ, 1991.

Em nome de uma educação transformadora, Pedro Demo propõe que os professores se preocupem mais com os processos de avaliação e, principalmente, a avaliação qualitativa. O foco é posto nos desafios de ir além de avaliações sumárias que observam apenas aspectos formais. É fundamental ir a fundo e chegar ao desafio de aprender bem, incluindose aí também a pretensão de formação para a cidadania. Sobre esse tema o autor demonstra ser pioneiro e um dos mais lidos em nosso país.

O livro traz uma reflexão sobre o que é qualidade e diz que esses estudos devem prosseguir (o que o autor faz, complementando este livro com *Qualidade humana*).

Apesar de defender o modo de avaliação qualitativo dentro das escolas, o autor deixa claro que esse processo não elimina a avaliação quantitativa, aliás, uma depende da outra. Foca a necessidade de irmos além nesses processos e desenvolver avaliações como fenômenos participativos. Como se trata de dinâmicas profundas, há que se analisar cada caso com suas particularidades. Para exemplificar isso, Pedro Demo utiliza o exemplo de uma avaliação qualitativa dentro de uma escola de ensino fundamental e também dentro de uma associação de moradores. Em ambos os casos notase que a educação deve ser transformadora e que toda escola deve saber o que é avaliação qualitativa, tão falada, mas tão pouco estudada e debatida, como fez o autor nesta obra.

Fonte: https://www.autoresassociados.com.br/polemicadonossotempo/avaliacaoqualitativa.html

FERREIRO, EMÍLIA. COM TODAS AS LETRAS. SP. CORTEZ. 1993.

As tentativas para dizer algo em língua oral. Nenhuma dessas metodologias pensa em dar instrumento ao professor para saber ler quer dizer, interpretar essas produções infantis, para poder traduzilas sem desqualificálas (tal como fazemos na língua oral, onde tratamos de entender o que a criança disse, dizendoa a nossa maneira, sem necessidade de desqualificar sua emissão com um "Você não sabe falar!").

A escrita lhes apresenta desafios intelectuais, problemas que terão que resolver, precisamente para chegar a entender quais são as regras de construção internas do sistema.

PRODUÇÃO DE MATERIAIS

Um fator frequentemente mencionado como necessário para facilitar as ações de alfabetização é a produção de materiais. A esse respeito é preciso distinguir três tipos de materiais:

1. Materiais dirigidos aos professores como um modo de veicular uma proposta pedagógica e de fazerlhes chegar informação atualizada que os ajudem a pensar criticamente sua própria prática profissional. Esses materiais são úteis na medida em que se evite a versão "receita culinária" (isto é, use os ingredientes em tal ordem e obterá um resultado comestível).
2. Materiais para ler (não para aprender a ler, mas para ler) Eles são essenciais e tanto mais necessários quanto mais nos distanciamos das regiões urbanas.
3. Materiais para alfabetizar É chegado o momento de desmistificar tais tipos de materiais, que não só não são necessários, mas que são frequentemente contraproducentes. Para alfabetizar é preciso ter acesso à língua escrita (tanto como para aprender a falar é necessário ter acesso à língua oral) e é isso que está ausentes nas famosas cartilhas ou manuais "para aprender a ler".

Para Ferreiro, as sequências didáticas tradicionais baseiamse em uma série de falsos pressupostos que se mantêm com a inércia dos hábitos adquiridos e que resistem a qualquer análise racional. Não seria demasiado grave se não fosse porque essas didáticas tomam ainda mais difícil o processo para quem a escolarização já é uma empresa de "alto risco".

A ATENÇÃO A POPULAÇÃO DE 4 A 6 ANOS EM RELAÇÃO À ALFABETIZAÇÃO

Segundo relato da autora, um dos setores educativos com maior crescimento na região latinoamericana é o que corresponde à população infantil de 4 a 6 anos. (Na maioria dos países latinoamericanos, as crianças ingressam na escola de 1° grau aos 6 anos. Seria interessante perguntarse por que o Brasil mantém 7 anos como idade de ingresso).

Estimase que em 1970, 1 728 000 crianças menores de 5 anos frequentavam algum tipo de instituição préescolar na região; em 1985 esta quantidade cresceu para 8 264 000, o que representa um incremento enorme: 478%. Esse aumento notável corresponde fundamentalmente às crianças de 5 anos e, em menor escala, às de 3 e 4 anos (cifras da UnescoOrealc).

Em relação à alfabetização, as políticas relativas a esse nível educativo (impropriamente chamado préescolar) oscilaram entre duas posições extremas: antecipar a iniciação da leitura e da escrita, assumindo alguns dos conteúdos (e, sobretudo, das práticas) que correspondem tradicionalmente ao 1° ano da escola primária, ou então posição oposta evitar que a criança entre em contato com a língua escrita.

Assim como os objetivos da alfabetização do início da escola primária necessitam redefinirse, também necessitam redefinirse os objetivos da préescola com respeito à alfabetização. Não se trata, nesse nível, nem de adotaras práticas ruins da escola primária, seguindo este ou aquele método de ensinar a ler e a escrever, nem de manter as crianças assepticamente afastadas de todo o contato com a língua escrita. Esta é uma falsa dicotomia que se expressa na famosa pergunta: deve se ensinar a ler e a escrever na préescola ou não? Minha resposta é simples: não se deve ensinar, porém devese permitir que a criança aprenda.

EXPERIÊNCIAS ALTERNATIVAS DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

As experiências alternativas de alfabetização de crianças, cujo desenvolvimento tenho seguido, atentamente, utilizam como informação básica as descobertas sobre a psicogênese da língua escrita na criança, resultado de trabalhos de pesquisa que inicie em 1974 junto com Ana Teberosky e um grupo de colegas, e que logo receberam ampla confirmação em diferentes países e línguas.

Apesar de variar enormemente entre si, essas experiências compartilham os objetivos da alfabetização antes enunciados e algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização que indicarei esquematicamente:

1. Restituir à língua escrita seu caráter de objeto social

2. Desde o início (inclusive na préescola) aceitase que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível.
3. Permitese e estimulase que as crianças tenham interação com a língua escrita, nos mais variados contextos.
4. Permitese o acesso o quanto antes possível à escrita do nome próprio
5. Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreenderá a relação entre a escrita e a linguagem. Tampouco se subvaloriza a criança
6. Não se pede de imediata correção gráfica nem correção ortográfica

OBSERVAÇÕES FINAIS

Segundo Ferreiro, nesta última década do século abrese um espaço para que a América Latina, que tem muito a dizer sobre alfabetização, faça ouvir bem alto a sua voz.

Há uma consciência crescente da importância da educação básica e do mais básico na educação: a alfabetização. Mas há também um risco de regressar à concepção da alfabetização como algo demasiado elementar, isto é, mínimos rudimentos de decodificação.

Há uma consciência crescente sobre a impossibilidade de aceitar as taxas de repetência que existem em nossa região. Não importa que os argumentos atuais sejam basicamente econômicos, desde que sirvam para recordarnos que, se a escola não gera aprendizagem, não pode justificarse como instituição social.

Há um risco sério de continuar gerando desigualdades através de velhos e novos esquemas de competitividade, eficiência e modernidade. No entanto, existe também um sólido pensamento teórico sobre a natureza da alfabetização, ao qual estão contribuindo linguistas, historiadores, antropólogos, psicólogos, sociólogos e educadores. Esta nova visão multidisciplinar sobre a alfabetização não permite retornar a uma visão super simplificadora e profundamente equivocada sobre o processo de alfabetização.

Particularmente em nossos países empobrecidos, e especialmente nos setores mais pobres de nossos países, os objetivos da alfabetização devem ser mais ambiciosos. Se as crianças crescem em comunidade iletradas e a escola não as introduz na linguagem escrita (em toda a sua complexidade), talvez cheguem a atingir esses "mínimos de alfabetização", que lhes permitam seguir instruções escritas e aumentar sua produtividade em uma fábrica, contudo não teremos formado cidadãos para este presente nem para o futuro próximo. Há que se alfabetizar para ler o que outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de "dizer cor escrito" esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta.

Necessitamos que muitos mais tenham a capacidade de dizernos por escrito quem são, para manter a diversidade cultural que é parte da riqueza de nosso mundo. Falamos muito da diversidade biogenética de plantas e animais, que constitui um de nossos mais prezados recursos para o porvir. Não esqueçamos a diversidade cultural. A alfabetização pode e deve contribuir para a compreensão, difusão e enriquecimento de nossa própria diversidade, histórica e atual.

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS E FRACASSO ESCOLAR PROBLEMAS TEÓRICOS E EXIGÊNCIAS SOCIAIS

Ferreiro ressalta que, todas as frases que expressam preocupação sobre a situação do analfabetismo na região já fazem parte do discurso oficial dos governos. Todos os diagnósticos coincidem: o analfabetismo se concentra nos bolsões de pobreza das grandes cidades, juntamente com a aglomeração urbana, falta de água potável, trabalho ocasional e malremunerado; o analfabetismo se concentra nas zonas rurais, onde os camponeses vivem com uma economia de subsistência, cultivando com métodos arcaicos terras empobrecidas; o analfabetismo se concentra nas populações indígenas (também camponesas) que falam alguma das muitas línguas originárias do continente, mas que não possuem recursos próprios para grafar sua própria língua. A orientação das políticas de alfabetização.

Há ainda muito por fazer no plano do diagnóstico e orientação das políticas para que se tome consciência da gravidade da situação e do escândalo de certas conjunturas. Para restabelecer a necessidade da indignação de que fala Paulo Freire.

Sabemos perfeitamente que o conjunto de conhecimentos que um indivíduo adquire no curso de seu desenvolvimento depende das exigências do meio cultural em que cresce. A cultura do campo exige conhecimentos diferentes da cultura da cidade. Uma pessoa do campo, transferida violentamente para a cidade, aparece como alguém depreciado, tanto quanto o seria um habitante da cidade transferido violentamente para o campo. Ocorre que o movimento social vai em direção à urbanização e não à ruralização... Por esse motivo não faz nenhum sentido caracterizar o adulto ou a criança do campo como um "carente". Ambos só aparecem como tais em função das exigências da vida urbana.

Na realidade, o que ocorre na saúde e na educação é parte da tendência geral à privatização que se observa em quase todos os países da região: o Estado delega ao setor privado a maior parte de suas obrigações e retém somente aquelas de tipo "assistencial" para os setores cujo poder aquisitivo não lhe permite pagar por um serviço necessário.

A noção de "direito a saúde, moradia e educação" perde assim seu sentido global. Em lugar de os cidadãos reclamarem um direito, estabelecese, como fosse "normal", que eles "comprem serviços". Aqueles que não podem comprálos devem conformarse com um ação assistencial do Estado, que se limita a dar o mínimo necessário (e, frequentemente, bem abaixo do mínimo requerido para manter os níveis de subsistência e funcionamento social degradado dessa parcela da população).

Para ela, é preciso denunciar muito claramente e tantas vezes quantas forem necessárias, até criar uma consciência pública de que não é possível alcançar os objetivos educativos colocados para o final do século XX

se não se modificar rapidamente a própria concepção da alfabetização. É aqui onde há muito a ser dito com respeito ao desenvolvimento teórico relativo aos processos de alfabetização.

ALGUNS PROBLEMAS TEÓRICOS VINCULADOS À ALFABETIZAÇÃO

Há domínios para os quais ninguém pergunta se a criança está ou não "pronta" ou "madura" para iniciar essa aprendizagem. O acesso ao computador é, hoje em dia, um deles: há programas de iniciação ao uso do computador (não a programação) para adultos profissionais e para crianças de préescola. Dada a velocidade com que está tecnologia ingressou na vida moderna, parece haver consciência de que "quanto antes, melhor". Na medida em que não há ainda parâmetros claros com relação ao tempo adequado para utilizálo produtivamente, e na medida em que não faz parte do currículo escolar, a noção de "fracasso na aprendizagem" ainda não está instaurada.

O problema dos prérequisitos para uma aprendizagem colocase de diferentes maneiras: (a) apresentase como uma noção escolar, como algo que uma criança "tem" ou "não tem", e que é avaliada mediante provas psicológicas ou psicopedagógicas; (b) é visto como um problema teórico.

a) Os prérequisitos como problema escolar

Como problema escolar, os prérequisitos estabelecem barreiras: os sujeitos devem demonstrar possuir as habilidades definidas como requisitos prévios para poder ingressarem certo nível da escola. Supõese a aquisição dessas habilidades vinculadas a uma sempre mal definida "maturação". Tal "maturação" é entendida, às vezes, como maturação biológica, e a referência à biologia parecem dispensar outras determinações.

b) Os prérequisitos como problema teórico

Para Ferreiro, se pensarmos agora no problema dos prérequisitos como um problema teórico, veremos de imediato delinearemse duas maneiras muito diferentes de definilo, segundo a perspectiva teórica adotada.

O estudo dos prérequisitos, no sentido dos antecessores de aquisições posteriores no processo de desenvolvimento, é de extrema importância em geral, e é essencial numa perspectiva psicogenética construtivista.

Os trabalhos sobre a relação entre consciência fonológica e leitura, que se ocupam da incidência da ação escolar, contrastam crianças que estão submetidas a diferentes metodologias de ensino da leitura (fundamentalmente métodos globais versus métodos analíticos). Isto também é reduzir um problema muito mais complexo a um só de seus ingredientes. O método que o professor segue é apenas um dos ingredientes da maneira como o objeto social "língua escrita" é apresentado no contexto escolar.

O conhecimento das funções sociais da escrita é "natural" em crianças cujos pais são alfabetizados, mas não tem nada de "natural" em outras, que não tiveram as mesmas oportunidades sociais de interagir com os diferentes tipos de objetos sociais que portam marcas escritas, que não tiveram oportunidades de participar de ações sociais (literacy events) em que outros indivíduos utilizam a língua escrita, lendo ou escrevendo com propósitos definidos. Ocultando essas funções sociais, apresentando a língua escrita como um "objeto em si", abstraído de seus usos sociais, se favorece a algumas crianças e se deixa outras na penumbra inicial.

Segundo Ferreiro, reduzir a língua escrita a um código de transcrição de sons em formas visuais reduz sua aprendizagem à aprendizagem de um código. Em termos educativos, o problema das atividades preparatórias colocase de maneira radicalmente diferente se aceitarmos que é função da escola introduzir a língua escrita como tal. Não se trata de um jogo de palavras. Introduzir a língua escrita que dizer, ao menos, o seguinte:

1. permitir explorações ativas dos distintos tipos de objetos materiais que são portadores de escrita (e que, além disso, têm recebido nomes específicos: jornais, revista, dicionários, calendários, agendas, livros ilustrados, livros sem ilustrações, livros de poesias, livros de canções, enciclopédias, cartas, receitas, recibos, telegramas etc);
2. ter acesso à leitura em voz alta de diferentes registros da língua escrita que aparecem nesses distintos materiais;
3. poder escrever com diferentes propósitos e sem medo de cometer erros, em contextos onde as escritas são aceitas, analisadas e comparadas sem serem sancionadas;
4. poder antecipar o conteúdo de um texto escrito, utilizando inteligentemente os dados contextuais e na medida em que vai sendo possível os dados textuais;
5. participar em atos sociais de utilização funcional da escrita;
6. poder perguntar e ser entendido; poder perguntar e obter respostas;
7. poder interagir com a língua escrita para copiar formas, para saber o que diz, para julgar, para descobrir, para inventar.

c) Síntese

Em síntese, a argumentação da autora é a seguinte:

1. Colocada com problema teórico, a questão dos prérequisitos (como antecessores necessários de aquisições posteriores) e de suma importância; no entanto, a forma de tratar o problema difere marcadamente segundo a posição teórica adotada.
2. Do ponto de vista construtivista, o problema dos prérequisitos colocase da seguinte maneira: é essencial estabelecer os antecessores de qualquer conhecimento em um momento qualquer de seu desenvolvimento.
3. Não se deve confundir a necessidade teórica de encontrar os antecessores psicogenéticos com a pseudonecessidade institucional de encontrar maneiras de classificar as crianças como "aptos/não", "maduros/ não maduros", "prontos/ não" etc. Qualquer instrumento que se utilize terminara refletindo as diferenças sociais nas ocasiões de acesso a língua escrita. Portanto, e inevitável que os testes de maturidade (ou como se queira chamálos) funcionem como instrumentos de descriminação social.

A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA NA CRIANÇA

Para Ferreiro, o termo construção, que uso para me referir a aquisição da língua escrita, não e muito comum; geralmente se fala em "aprendizagem". Não é que

NOVA CONCURSOS

aprendizagem seja um termo errôneo, porque efetivamente ha um processo de aprendizagem, porem a historia social dos termos tem impregnado o termo aprendizagem com uma forte conotação empirista que não e a que quero darlhe. O termo maturação esta excluído, uma vez que não se trata de um processo puramente maturativo. O termo desenvolvimento tem sido pouco usado na literatura espanhola, ainda que em inglês, hoje em dia, seja bastante corrente ouvir falar de developmental literacy.

Para ela, quando falamos de construção da escrita na criança, não estamos falando da emergência mais ou menos espontânea de idéias engenhosas, idéias curiosas, idéias as vezes extraordinárias que as crianças tem o que em inglês se costuma dizer wonderful idéias. E algo mais que isso. Tampouco se trata de que algumas coisas que se constroem e em seguida ha uma espécie de adição linear do já construído.

Para ela, em uma visão construtivista p que interessa e a lógica do erro: tratase as vezes de idéias que não são erradas em si mesmas, mas aparecem corno errôneas porque são sobregeneralizadas, sendo pertinentes apenas em alguns casos, ou de idéias que necessitam ser diferenciadas ou coordenadas, ou, as vezes, idéias que geram conflitos, que por sua vez desempenham papel de primeira importância na evolução.

Alguns desses conflitos entendemos muito bem; esperamos entender melhor outros em um futuro não muito distante.

Os processes de construção sempre supõem reconstrução: no entanto, o que e que se reconstrói?

E precise reconstruir um saber construído em certo domínio para aplicálo a outro; ha reconstrução de um saber construído previamente com respeito a um domínio especifico para poder adquirir outros conhecimentos do mesmo domínio que, de algum modo, tem sido registrados sem poder ser compreendidos; também ha reconstrução do conhecimento da língua oral que a criança tem para poder utilizálo no domínio da escrita.

Fonte: http://www.professorefetivo.com.br/resumos/ComTodasasLetras.html

FREIRE, PAULO. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA. SP. PAZ E TERRA, 2003.

Autor

Paulo Freire (19211997) foi educador brasileiro. O método de alfabetização Paulo Freire foi aplicado em diversos países. Foi membro do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Foi professor da UNICAMP. Foi secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo.

Paulo Freire (19211997) nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921. Filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar e de Edeltrudes Neves Freire. Morou no Recife até 1932, numa casa localizada na Estrada do Encanamento, 724. Sua primeira professora foi Eunice Vasconcelos. Mudouse para Jaboatão, cidade vizinha, onde permaneceu durante nove anos. Em 1932, morre seu pai. Concluiu o curso primário em Jaboatão.

Iniciou o curso ginasial no Colégio 14 de julho, no centro do Recife, no bairro de São José. Sem condições de continuar pagando a escola, sua mãe pede ajuda ao diretor de Colégio Oswaldo Cruz, que lhe concedeu matrícula gratuita e o transformou em auxiliar de disciplina, em seguida em professor de língua portuguesa.

Em 1943 iniciou o curso na Faculdade de Direito do Recife. Em 1944 casase com Elza Maria Costa de Oliveira, professora primária. Depois de formado continuou como professor de português no Colégio Oswaldo Cruz e de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Demonstrava grande preocupação com o grande número de adultos analfabetos. Participou do movimento de Cultura Popular, organizado por Germano Coelho, Norma Coelho e Anita Paes Barreto, durante a administração de Miguel Arraes de Alencar. Desenvolveu o "Método Paulo Freire", que se tornou famoso em diversos países. Partindo de uma pesquisa do vocabulário usado pela população, no local onde seria aplicado o método, se desenvolvia todo o trabalho de alfabetização. Foi usado inicialmente no Rio Grande do Norte, com o apoio do então governador, Aluísio Alves.

Com o sucesso alcançado, Paulo Freire foi convidado para trabalhar no Ministério da Educação, pelo então ministro Paulo de Tarso, no Governo João Goulart. Fez parte também do Conselho Estadual de Educação, no Governo Miguel Arraes. Com o golpe de 1964, o método foi proibido e Paulo Freire teve seu mandato cassado. Foi exilado para a Bolívia e em seguida para o Chile. Foi depois para os Estado Unidos e para a Europa. Viajou aplicado o seu método por diversos países do Terceiro Mundo, publicou livros em diversos idiomas. Privado de passaporte brasileiro, estabeleceuse em Genebra, na Suíça, trabalhando para o Conselho Mundial das Igrejas Evangélicas. Com a anistia, retornou ao Brasil, estabelecendose em São Paulo.

Dedicou toda sua vida às atividades pedagógicas como escritor e professor da UNICAMP. Foi conferencista em diversas universidades e eventos educacionais. Militou no Partido dos Trabalhadores. Foi Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina. Após a morte de sua primeira esposa, casase com Ana Maria, uma exaluna do Colégio Oswaldo Cruz. Paulo Freire morreu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997.

Sinopse

A Pedagogia da autonomia de Paulo Freire é um livro de poucas páginas, mas de uma densidade de ideias pouco vista em qualquer outra de suas obras. Este poder de síntese demostra sua maturidade, lucidez e vontade de, com simplicidade, abordar algumas das questões fundamentais para a formação dos educadores/as. Sua Linguagem é poética e política. Calma, Tranquila e, ao

mesmo tempo, inquieta, problematizadora e exuberante a serviço do pensar, do decidir e do optar para ação transformadora. Demostra perseverança, ousadia e crença nos homens e nas mulheres e na educação autêntica como o caminho necessário para a JUSTIÇA E A PAZ. Paulo faz um chamamento aos educadores/as para a ética crítica, competência científica e amorosidade autêntica, sob a égide do engajamento político libertador, ensinarem aos seus educandos/as a serem Seres Mais.

Sentimentos ao ler este livro o seu corpo consciente presente, com a mesma força de sua cabeça esclarecedora e justa. A sua voz terna e mansa falando apaixonadamente de suas convicções. Suas mãos firmando a esperança que jamais abandonou. O seu escultar traduzindo a sua postura de humildade presente nas referências aos que com ele dialogou. O sue olhar está o tempo todo voltado para todos e todas que ousam ensinaraprendendo.

Quanto mais nos aprofundamos na leitura deste livro mais percebemos que Paulo se fez texto! O seu bemquerer pelos seres humanos, a gentidade de seu eu pessoa/eu educador e a sua fé na educação estão vivamente presentes, evidenciando ter sido um apaixonado pelo mundo e pela vida. Pedagogia da autonomia sintetiza a sua pedagogia do oprimido e o engrandece como gente. É o livrotestamento de sua presença no mundo. Ofereceuse nela por inteiro na sua grandeza e inteireza.

Nita, Ana Maria Araújo Freire

Comentário

Paulo Freire, um dos maiores intelectuais do século XX, elaborou uma teoria ou, como ele mesmo preferia dizer, "uma certa compreensão éticocríticopolítica da educação", que tem como uma de suas bases o diálogo que possibilita a conscientização com o objetivo de formar cidadãos de práxis progressista, transformadores da ordem social, econômica e política injusta. Na Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire nos apresenta reflexões sobre a relação educadoreseducandos, orientadas para prática desse diálogo políticopedagógico e calcadas nas virtudes éticas, para que se estabeleçam as condições que abram a possibilidade de ambos se existenciarem na autonomia, na cidadania responsável e na apropriação crítica do conhecimento e sua recriação.

Resumo

Prática Docente: Primeira Reflexão

Devo deixar claro que, embora seja meu interesse central considerar neste texto saberes que me parecem indispensáveis à prática docente de educadoras ou educadores críticos, progressistas, alguns deles são igualmente necessários a educadores conservadores. São saberes demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora.

Na continuidade da leitura vai cabendo ao leitor ou leitora o exercício de perceber se este ou aquele saber referido corresponde à natureza da prática progressista ou conservadora ou se, pelo contrário, é exigência da prática educativa mesma independentemente de sua cor política ou ideológica. Por outro lado, devo sublinhar que, de forma não sistemática, tenho me referido a alguns desses saberes em trabalhos anteriores. Estou convencido, porém, é legítimo acrescentar, da importância de uma reflexão como está quando penso a formação docente e a prática educativocrítica.

O Ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendêlo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos, mesmo remotos, de incêndio como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente...

Páginas 23/24

1.1 Ensinar exige rigorosidade metódica;

O educador democrático não pode negarse o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se "aproximar" dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso "bancário" meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no "tratamento" do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no "tratamento" do Objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua casa razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.

Percebese assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornarse um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais uma repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que desafiador...

Páginas 28/29

1.2 Ensinar exige pesquisa

Não Há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuou buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornandose mais e mais metodicamente rigorosa, transita de ingenuidade para que venho chamando "curiosidade epistemológica". A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente em certo saber, não imposta que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O Saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando, cuja "promoção" da ingenuidade não se faz automaticamente.

Páginas 30/31

1.3 Ensinar exige respeito aos saberes dos educadores;

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária , mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bemestar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Essa pergunta é considerada em sim demagógica e reveladora da má vontade de quem faz. É a pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descanso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descanso? "Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferilos aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos."

Páginas 31/32

1.4 Ensinar exige criticidade;

Não há pra mim, na diferença e na "distância" entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, em deixar de ser curiosidade, se criticiza. Ao criticizarse, tornandose então, permitome repetir, curiosidade epistemológica metodicamente "rigorizandose" na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão.

Na verdade, a curiosidade ingênua que, "desarmada", está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizandose, aproximandose de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade, mas não de essência. A curiosidade de camponeses com quem tenho dialogo ao longo de minha existência políticopedagógica, fatalistas ou já rebeldes diante da violência das injustiças, é a mesma curiosidade, enquanto abertura mais ou menos espantada diante de "não eus", com que cientistas ou filósofos acadêmicos "admiram" o mundo. Os cientistas e os filósofos superam, porém a ingenuidade da curiosidade do camponês e se tornam epistemologicamente curiosos.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da pratica educativoprogressiva é exatamente o desenvolvimento da curiosidade com que podemos nos defender de "irracionalismos" decorrentes do ou produzimos por certo excesso de "racionalidade" de nosso tempo altamente tecnologizado. E não vai nesta consideração nenhuma arrancada falsamente humanista de negação da tecnologia e da ciência. Pelo contrário, é consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas, de outro, não a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa.

Páginas 32/33

1.5 Ensinar exige estética e ética;

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredarse

no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decadência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres históricosociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou, pior, fora da ética, entre nós mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo; o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode darse alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. De testemunhar aos alunos, às vezes com ares de quem possui a verdade, um rotundo desacerto. Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazêlo. Mas como não há pensar certo à margem de princípios éticos, se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo – que assuma a mudança operada. Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente.

Páginas 34/35

1.6 Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo;

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do "faça o que mando e não o que eu faço". Quem pensa certo está cansando de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.

Que podem pensar alunos sérios de um professor que, há dois semestres, falava com quase ardor sobre a necessidade da luta pela autonomia das classes populares e hoje, dizendo que não mudou, faz o discurso pragmático contra os sonhos e a pratica a transferência de saber do professor para o aluno?! Que dizer da professora que, de esquerda ontem, defendia a formação da classe trabalhadora e que, pragmática hoje, se satisfaz, curvada ao fatalismo neoliberal, com o puro treinamento do operário, insistindo, porém, que é progressista?

Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o rediz em lugar de desdizêlo. Não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se "sabe com quem está falando".

O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem, discordando do seu oponente, não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida, bem maior, Às vezes, do que a razão mesma da discordância. Uma dessas pessoas desmedidamente raivosas proibiu certa vez uma estudante que trabalhava em uma dissertação sobre alfabetização e cidadania que me lesse. "Já era", disse com ares de quem trata com o rigor e neutralidade o objeto, quem era eu. "Qualquer leitura que você faça deste senhor pode prejudicala." Não é assim que se pensa certo nem é assim que se ensina certo. Faz parte do pensar certo o gosto da generosidade que, não negando a quem o tem o direito à raiva, a distingue da raivosidade irrefreada.

Páginas 35/36

1.7 Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de descriminação;

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decida a qualquer forma de descriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade do que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo arrogância com que a branquitude de sociedades em que faz isso, em que se queimam igrejas de negros se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bomsenso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez.

Às vezes, temo que algum leitor ou leitora, mesmo que ainda não totalmente convertido ao "pragmatismo" neoliberal, mas por ele já tocado, diga que, sonhador, continuo a falar de uma educação de anjos e não de mulheres e de homens. O que tenho dito até agora, porém, diz respeito radicalmente à natureza de mulheres e de homens. Natureza entendida como social e historicamente constituindose, e não como um a priori da história...

Páginas 36/37

1.8 Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática;

O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir dele como um dado que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O Saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. É preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo, como a do crítico, é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital. Neste sentido, indubitavelmente, é tão curioso o professor chamado leigo no interior de Pernambuco quanto o professor de filosofia da educação na universidade A ou B. O de que precisa é possibilitar, que, voltandose sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendose como tal, se vá tornando crítica...

Páginas 39/40

1.9 Ensinar exige o reconhecimento e a assunção de identidade cultural;

É interessante estender mais um pouco a reflexão sobre a assunção. O verbo assumir é um verbo transitivo e que pode ter como objeto o próprio sujeito que assim se assume. Eu tanto assumo o riso que corro ao fumar quanto me assumo enquanto sujeito da própria assunção. Deixamos claro que, quando ser fundamental para deixar a assunção de fumar ameaça minha vida, com assunção eu quero, sobretudo me referir ao conhecimento cabal que obtive do fumar e de suas consequências. Outro sentido mais radical tem assunção ou assumir quando digo: uma das tarefas mais importantes da prática educativocrítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumirse. Assumirse como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumirse como sujeito porque capaz de reconhecerse como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros, É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendose e perdendoo na estreita e programática visão do processo...

Páginas 41/42

2 Ensinar não é transferir conhecimento

As considerações ou reflexões até agora feitas vêm sendo desdobramentos de um primeiro saber inicialmente apontado como necessário à formação docente, numa perspectiva progressista. Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria educação produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ensinar e não a de transferir conhecimento.

É preciso insistir: este saber necessário ao professor de que ensinar não é transferir conhecimento não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – odontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica , mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concerto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, a construção, estar envolvendo os alunos.

Fora disso, me emaranho na rede das contraindicações em que meu testemunho, inautêntico, perde eficácia. Me torno tão falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários. Tão fingido quanto quem diz combater o racismo, mas, perguntando se conhece Madalena, diz: "Conheçoa, É negra, mas é competente e descente." Jamais ouvi ninguém dizer que conhece Célia, que é loura, de olhos azuis, mas é competente e decente. No discurso perfilador de Madalena, negra, cabe à conjunção adversativa, mas; no que contorna Célia, loura de olhos azuis, a conjunção adversativa é um não senso. A compreensão do papeldas conjuções que, ligando sentenças entre si, impregnam a relação que estabelecem de certo sentido – o de causalidade: "falo porque recuso o silêncio" ; o de adversidade: "tentaram dominálo mas não conseguiram"; o de finalidade: " Pedro lutou para que ficasse clara a sua posição"; o de integração: " Pedro sabia que ela voltaria, não é os suficiente para explicar o uso da adversativa mas na relação entre a sentença " Madalena é negra" e "Madalena é competente e decente". A conjunção mas, aí, implica um juízo falso, ideológico: sendo negra, esperase que Madalena nem seja competente nem decente. Ao reconhecerse, porém, sua decência e sua competência a

conjunção mas se tornou indispensável. No caso de Célia, é um disparate que, sendo loura de olhos azuis não seja competente e decente. Daí o não senso da adversativa. A razão é ideológica, e não gramatical...

Páginas 47/48

2.1 Ensinar exige consciência do inacabamento;

Como professor crítico, sou um "aventureiro" responsável predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetirse. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo e a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento.

Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.

Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o *suporte* em que os outros animais continuam, em *mundo*. Seu mundo, mundo dos homens e das mulheres. A experiência humana no *mundo* muda de qualidade com relação à vida animal no *suporte*. O *suporte* é o espaço, restrito ou alongado, que o animal se prende "afetivamente" tanto quanto para, resistir; e o espaço necessário a seu crescimento e que delimita seu domínio. É o espaço em que, treinado, adestrado, "aprende" a sobreviver, a caçar, a atacar, a defender se nutri tempo de dependência dos adultos imensamente menor do que é necessário ao ser humano para as mesmas coisas. Quanto mais cultural é o ser maior a sua infância, sua dependência de cuidados especiais. Faltam ao "movimento" dos outros animais no *suporte* a linguagem conceitual, a inteligibilidade do próprio *suporte* de que resultaria inevitavelmente a comunicabilidade do inteligido, o espanto diante da vida mesma, do que há nela de mistério. No *suporte,* os comportamentos dos indivíduos têm sua explicação muito mais na espécie a que pertencem os indivíduos do que neles mesmos. Falta lhes liberdade de opção. Por isso, não se fala em ética entre os elefantes.

A vida no *suporte* não implica a linguagem nem a postura ereta que permitiu a liberação das mãos. Mãos que, em grande medida, nos fizeram. Quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mente e mãos, tanto mais o *suporte* foi virando *mundo* e a *vida, existência. O suporte* veio fazendo se *mundo* e a *vida, existêmia,* na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não "espaço" vazio a ser enchido por conteúdos.

Páginas 49/50

2.2 Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado;

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta o a influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo.

Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do *suporte* a *mundo* nos coloca. Renuncio a participar a cumprir a vocação ontológica de intervir o mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto,* mas sujeito também da História.

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Páginas 52/53

2.3 Ensinar Exige respeito à autonomia do ser do educando;

Outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso , é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir afirmação várias vezes feita neste texto o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso rompe com a radicalidade do ser humano a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura com a decência.

O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machis ta, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber...

Páginas 58/59

2.4 Ensinar exige bomsenso;

A vigilância do meu bom senso tem uma importância enorme na avaliação que, a todo instante, devo fazer de minha prática. Antes, por exemplo, de qualquer reflexão mais detida e rigorosa é o meu bom senso que me diz ser tão negativo, do ponto de vista de minha tarefa docente, o formalismo insensível que me faz recusar o trabalho de um aluno por perda de prazo, apesar das explicações convincentes do aluno, quanto o desrespeito pleno pelos princípios reguladores da entrega dos trabalhos. É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever. Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade.

Não preciso de um professor de ética para me dizer que não posso, como orientador de dissertação de mestrado ou de tese de doutoramento, surpreender o pósgraduando com críticas duras a seu trabalho porque um dos examinadores foi severo em sua arguição. Se isto ocorre e eu concordo com as críticas feitas pelo professor não há outro caminho senão solidarizar me de público com o orientando, dividindo com ele a responsabilidade do equívoco ou do erro criticado. Não preciso de um professor de ética para me dizer isto.

Meu bom senso me diz. Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre.

O exercício do bom senso, com o qual só temos o que ganhar se faz no "corpo" da curiosidade. Neste sentido, quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso. O exercício ou a educação do bom senso vai superando o que há nele de instintivo na avaliação que fazemos dos fatos e dos acontecimentos em que nos envolvemos. Se o bom senso, na avaliação moral que faço de algo, não basta para orientar ou fundar minhas táticas de luta, tem, indiscutivelmente, importante papel na minha tomada de posição, a que não pode faltar a ética, em face do que devo fazer...

Páginas 60/61

2.5 Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores;

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser. Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o de fazer muitos de nós correr o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indiferentismo fatalistamente cínico que leva ao cruzamento dos braços. "Não há o que fazer" é o discurso acomodado que não podemos aceitar.

O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo

da humildade e da tolerância. Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazêlo bem. Desrespeitado como gente no desprezo a que é relegada a prática pedagógica não tenho por que desamála e aos educandos. Não tenho por que exercêla mal. A minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada contra os ofensores. Aceito até abandonála, cansado, à procura de melhores dias. O que não é possível é, ficando nela, aviltála com o desdém de mim mesmo e dos educandos...

Páginas 65/66

2.6 Ensinar exige apreensão da realidade;

Outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho.

O melhor ponto de partida para estas reflexões é a inconclusão do ser humano de que se tornou consciente. Como vimos, aí radica a nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas, mas também delas podemos ter um conhecimento cabal. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. É precisamente por causa desta habilidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mal aprendizado, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador.

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra.

Especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, servese de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exigem de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente...

Páginas 67/68

2.7 Ensinar exige alegria e esperança;

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha invariavelmente podido criá la nos educandos.

Mas, preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietarnos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não prédado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História.

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser *da esperança* que, por "n" razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza.

Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa.

A desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. É que, na inteligência mecanicista portanto determinista da História, o futuro é já sabido. A luta por um futuro assim "a priori" conhecido prescinde da esperança.

A desproblematização do futuro, não importa em nome de quê, é uma violenta ruptura com a natureza humana social e historicamente constituindo se...

Páginas 70/71

2.8 Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível;

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar como ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente.

No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminálos, mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas.

A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente de repente nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele...

Páginas 74/75

2.9 Ensinar exige curiosidade;

Um pouco mais sobre a curiosidade

Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em consequência, a do educador. É que o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade. Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação da outra curiosidade. A curiosidade dos pais que só se experimenta no sentido de saber como e onde anda a curiosidade dos filhos se burocratiza e fenece. A curiosidade que silencia a outra se nega a si mesma também. O bom clima pedagógico democrático é o em que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma que sua curiosidade como sua liberdade deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. Minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expôla aos demais.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de "tomar distância" do objeto, de observálo, de delimitálo, de cindilo, de "cercar" o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de resposta a perguntas que não foram feitas. Isto não significa realmente que devamos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai e vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos...

Páginas 82/83

3 Ensinar é uma especificidade humana

Que possibilidades de expressar se, de crescer, vem tendo a minha curiosidade? Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve

revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua com que decide com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever se.

Segura de si, a autoridade não necessita de, a cada instante, fazer o discurso sobre sua existência, sobre si mesmo. Não precisa perguntar a ninguém, certa de sua legitimidade, se "sabe com quem está falando?" Segura de si, ela é porque *tem* autoridade, porque a exerce com indiscutível sabedoria.

3.1 Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade;

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica.

Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor. Outra qualidade indispensável à autoridade em suas relações com as liberdades é a generosidade. Não há nada que mais inferiorize a tarefa formadora da autoridade do que a mesquinhez com que se comporte. A arrogância farisaica, malvada, com que julga os outros e a indulgência macia com que se julga ou com que julga os seus. A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade. Que não é virtude dos que ofendem nem tampouco dos que se regozijam com sua humilhação. O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

A reação negativa ao exercício do comando é tão incompatível com o desempenho da autoridade quanto a sofreguidão pelo mando. O mandonismo é exatamente esse gozo irrefreável e desmedido pelo mando. A autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar se. A autoridade coerentemente democrática, fundando se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade.

Pelo contrário, aposta nela. Empenha se em desafiála sempre e sempre; jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem. A autoridade coerentemente democrática a está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos *silenciados,* mas no alvoroço dos *inquietos,* na dúvida que instiga, na esperança que desperta...

Páginas 90/91

3.2 Ensinar exige comprometimento;

Outro saber que devo trazer comigo e que tem que ver com quase todos os de que tenho falado é o de que não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo.

Se perguntado por um aluno sobre o que é "tomar distância epistemológica do objeto" lhe respondo que não sei, mas que posso vir a saber, isso não me dá a autoridade de quem conhece, me dá a alegria de, assumindo minha ignorância, não ter mentido. E não ter mentido abre para mim junto aos alunos um crédito que devo preservar. Eticamente impossível teria sido dar uma resposta falsa, um palavreado qualquer. Um *chute,* como se diz popularmente. Mas, de um lado, precisamente porque a prática docente, sobretudo como a entendo, me coloca a possibilidade que devo estimular de perguntas varias, preciso me preparar ao máximo para, de outro, continuar sem mentir aos alunos, de outro, não ter de afirmar seguidamente que não sei.

Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com o meu desempenho. Se a minha opção é democrática, progressista, não posso ter uma prática reacionária, autoritária, elitista. Não posso discriminar o aluno em nome de nenhum motivo. A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo mas também de como o aluno entende como atuo.

Evidentemente, não posso levar meus dias como professor a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente "lido", interpretado, "escrito" e "reescrito". Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no "trato" deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola...

Páginas 94/95

3.3 Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo;

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma

forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante.

Neutra, "indiferente" a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretála como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomála como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades. Erros que implicam diretamente visões defeituosas da História e da consciência.

De um lado, a compreensão mecanicista da História, que reduz a consciência a puro reflexo da materialidade, e de outro, o subjetivismo idealista, que hipertrofia o papel da consciência no acontecer histórico. Nem somos mulheres e homens, seres simplesmente determinados nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero, que nos marcam e a que nos achamos referidos.

Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática *imobilizadora* e *ocultadora* de verdades. Toda vez, porém, que a conjuntura o exige, a educação dominante é progressista à sua maneira, progressista "pela metade". As forças dominantes estimulam e materializam avanços técnicos compreendidos e, tanto quanto possível, realizados de maneira neutra.

Seria demasiado ingênuo, até angelical de nossa parte, esperar que a "bancada ruralista" aceitasse quieta e concordante a discussão, nas escolas rurais e mesmo urbanas do país, da reforma agrária como projeto econômico, político e ético da maior importância para o próprio desenvolvimento nacional...

Páginas 96/97

3.4 Ensinar exige liberdade e autoridade;

Noutro momento deste texto me referi ao fato de não termos ainda resolvido o problema da tensão entre a autoridade e a liberdade. Inclinados a superar a tradição autoritária, tão presente entre nós resvalamos para formas licenciosas de comportamento e descobrimos autoritarismo onde só houve o exercício legítimo da autoridade.

Recentemente, jovem professor universitário, de opção democrática, comentava comigo o que lhe parecia ter sido um desvio seu no uso de sua autoridade. Disse, constrangido, ter se oposto a que aluno de outra classe continuasse na porta entreaberta de sua sala, a manter uma conversa gesticulada com uma das alunas. Ele tivera inclusive que parar sua fala em face do descompasso que a situação provocava. Para ele, sua decisão, com que devolvera ao espaço pedagógico o necessário clima para continuar sua atividade específica e com a qual restaurara o direito dos estudantes e o seu de prosseguir a prática docente, fora autoritária. Na verdade, não. Licencioso teria sido se tivesse permitido que a indisciplina de uma liberdade mal centrada desequilibrasse o contexto pedagógico, prejudicando assim o seu funcionamento.

Num dos inúmeros debates de que venho participando, e em que discutia precisamente a questão dos limites sem os quais a liberdade se perverte em licença e a autoridade em autoritarismo ouvi de um dos participantes que, ao falar dos limites à liberdade eu estava repetindo a cantilena que caracterizava o discurso de professor seu, reconhecidamente reacionário, durante o regime militar. Para o meu interlocutor, a liberdade estava acima de qualquer limite. Para mim, não, exatamente porque aposto nela, porque sei que sem ela a existência só tem valor e sentido na luta em favor dela. A liberdade sem limite é tão negada quanto à liberdade asfixiada ou castrada.

O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assuma o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome...

Páginas 102/103

3.5 Ensinar exige tomada consciente de decisões;

Voltemos à questão central que venho discutindo nesta parte do texto: a educação, especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo. É preciso deixar claro que o conceito de intervenção não está sendo usado com nenhuma restrição semântica. Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto à que, pelo contrário, reacionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta.

Estas formas de intervenção, com ênfase mais num aspecto do que noutro nos dividem em nossas opções em relação a cuja pureza nem sempre somos leais. Rara vez, por exemplo, percebemos a incoerência agressiva que existe entre as nossas afirmações "progressistas" e o nosso estilo desastrosamente elitista de ser intelectuais. E que dizer de educadores que se dizem progressistas, mas de prática pedagógico política eminentemente autoritária? Não é por outra razão que insisti tanto em *Professora Sim, Tia Não,* na necessidade de criarmos, em nossa prática docente, entre outras, a virtude da coerência. Não há nada talvez que desgaste mais um professor que se diz progressista do que sua prática racista, por exemplo. É interessante observar como há mais coerência entre os intelectuais autoritários, de direita ou de esquerda. Dificilmente, um deles ou uma delas respeita e estimula a curiosidade crítica nos educandos, o gosto da aventura. Dificilmente contribui, de maneira deliberada e consciente, para a constituição e a solidez da autonomia do ser do educando. De modo geral, teimam em depositar nos alunos apassivados a

descrição do perfil dos conteúdos, em lugar de desafiálos a apreender a substantividade dos mesmos, enquanto objetos gnosiológicos, somente como os aprendem.

É na diretividade da educação, esta vocação que ela tem, como ação especificamente humana, de "endereçar se" até sonhos, ideais, utopias e objetivos, que se acha o que venho chamando politicidade da educação. A qualidade de ser política, inerente à sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação. E é impossível, não porque professoras e professores "baderneiros" e "subversivos" o determinem. A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política.

Quem pensa assim, quem afirma que é por obra deste ou daquele educador, mais ativista que outra coisa, que a educação vira política, não pode esconder a forma depreciativa como entende a política. Pois é na medida mesmo em que a educação é deturpada e diminuída pela ação de "baderneiros" que ela, deixando de ser verdadeira educação, possa a ser política, algo sem valor.

A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão. Um ser ligado a interesses e em relação aos quais tanto pode manter se fiel à eticidade quanto pode transgredila. É exatamente porque nos tornamos éticos que se criou para nós a probabilidade, como afirmei antes, de violar a ética.

Para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a serem encarnados. Era preciso que não houvesse, em nosso caso, por exemplo, nenhuma divergência em face da fome e da miséria no Brasil e no mundo; era necessário que toda a população nacional aceitasse mesmo que elas, miséria e fome, aqui e fora daqui, são uma fatalidade do fim do século. Era preciso também que houvesse unanimidade na forma de enfrentálas para superálas. Para que a educação não fosse uma forma política de intervenção no mundo era indispensável que o mundo em que ela se desse não fosse humano. Há uma incompatibilidade total entre o mundo humano da fala, da percepção, da inteligibilidade, da comunicabilidade, da ação, da observação, da comparação, da verificação, da busca, da escolha, da decisão, da ruptura, da ética e da possibilidade de sua transgressão e a neutralidade não importa de quê.

O que devo pretender não é a neutralidade da educação mas o respeito, a toda prova, aos educandos, aos educadores e às educadoras. O respeito aos educadores e educadoras por parte da administração pública ou privada das escolas; o respeito aos educandos assumido e praticado pelos educadores não importa de que escola, particular ou publica. É por isto que devo lutar sem cansaço. Lutar pelo direito que tenho de ser respeitado e pelo dever que tenho de reagir a que me destratem...

Páginas 106/107

3.6 Ensinar exige saber escutar;

Recentemente, em conversa com um grupo de amigos e amigas, uma delas, a professora Olgair Garcia, me disse que, em sua experiência pedagógica de professora de crianças e de adolescentes mas também de professora de professoras, vinha observando quão importante e necessário é saber escutar. Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a ferir com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.

Há um sinal dos tempos, entre outros, que me assusta: a insistência com que, em nome da democracia, da liberdade e da eficácia, se vem asfixiando a própria liberdade e, por extensão, a criatividade e o gosto da aventura do espírito. A liberdade de mover nos, de arriscarnos vem sendo submetida a uma certa padronização de fórmulas, de maneiras de ser, em relação às quais somos avaliados. É claro que já não se trata de asfixia truculentamente realizada pelo rei despótico sobre seus súditos, pelo senhor feudal sobre seus vassalos, pelo colonizador sobre os colonizados, pelo dono da fábrica sobre seus operários, pelo Estado autoritário sobre os cidadãos, mas pelo poder invisível da domesticação alienante que alcança a eficiência extraordinária no que venho chamando "burocratização da mente".

Um estado refinado de estranheza, de "auto demissão" da mente, do corpo consciente, de conformismo do indivíduo, de acomodação diante de situações consideradas fatalistamente como imutáveis. E a posição de quem encara os fatos como algo consumado, como algo que se deu porque tinha que se dar da forma como se deu, é a posição, por isso mesmo, de quem entende e vive a História como determinismo e não como possibilidade. É a posição de quem se assume como fragilidade total diante do todo poderosíssimo dos fatos que não apenas se deram porque tinham que se dar, mas que não podem ser "reorientados" ou alterados.

Não há, nesta maneira mecanicista de compreender a História, lugar para a decisão humana. Na medida mesma em que a desproblematização do tempo, de que resulta que o amanhã ora é a perpetuação do hoje, ora é algo que será porque está dito que será não há lugar para a escolha, mas para a acomodação bem comportada ao que está aí ou ao que virá. Nada é possível de ser feito contra a globalização que, realizada porque tinha de ser realizada, tem de continuar seu destino, porque assim está misteriosamente escrito que deve ser. A globalização que reforça o mando das minorias poderosas e esmigalha e

pulveriza a presença impotente dos dependentes, fazendo os ainda mais impotentes é destino dado. Em face dela não há outra saída senão que cada um baixe a cabeça docilmente e agradeça a Deus porque ainda está vivo. Agradeça a Deus ou à própria globalização...

Páginas 110/111

3.7 Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica;

Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor ou da professora é o que diz respeito à força, às vezes maior do que pensamos da ideologia. E o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas em que nos faz cair. É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos faros, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna "míopes".

O poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro em que mal vemos o perfil dos ciprestes como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra, mas não o divisamos bem. A própria "miopia" que nos acomete dificulta a percepção mais clara, mais nítida da sombra. Mais séria ainda é a possibilidade que temos de docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida. A capacidade de penumbrar a realidade, de nos "miopizar", de nos ensurdecer que tem a ideologia faz, por exemplo, a muitos de nós, aceitar docilmente o discurso cinicamente fatalista neoliberal que proclama ser o desemprego no mundo uma desgraça do fim de século. Ou que os sonhos morreram e que o válido hoje é o "pragmatismo" pedagógico, é o treino técnico científico do educando e não sua formação de que já não se fala. Formação que, incluindo a preparação técnico científica, vai mais além dela.

A capacidade de nos *amaciar* que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder.

Fala se, porém, em globalização da economia como um momento necessário da economia mundial a que por isso mesmo, não é possível escapar. Universaliza se um dado do sistema capitalista e um instante da vida produtiva de certas economias capitalistas hegemônicas como se o Brasil, o México, a Argentina devessem participar da globalização da economia da mesma forma que os Estados Unidos, a Alemanha, o Japão.

Pegase o trem no meio do caminho e não se discutem as condições anteriores e atuais das diferentes economias. Nivelamse os patamares de deveres entre as distintas economias sem se considerarem as distâncias que separam os "direitos" dos fortes e o seu poder de usufruílos e a fraqueza dos débeis para exercer os seus direitos. Se a globalização implica a superação de fronteiras, a abertura sem restrições ao livre comércio acabese então quem não puder resistir. Não se indaga, por exemplo, se em momentos anteriores da produção capitalista nas sociedades que lideram a globalização hoje elas eram tão radicais na abertura que consideram agora uma condição indispensável ao livre comércio.

Exigem, no momento, dos outros, o que não fizeram consigo mesmas. Uma das eficácias de sua ideologia fatalista é convencer os prejudicados das economias submetidas de que a realidade é assim mesmo, de que não há nada a fazer, mas seguir a ordem natural dos faros. Pois é como algo natural ou quase natural que a ideologia neoliberal se esforça por nos fazer entender a globalização e não como uma produção histórica...

Páginas 122/123

3.8 Ensinar exige disponibilidade para diálogo;

Nas minhas relações com os outros, que não fizeram necessariamente as mesmas opções que fiz, no nível da política, da ética, da estética, da pedagogia, nem posso partir de que devo "conquistálos", não importa a que custo, nem tampouco temo que pretendam "conquistar me". É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo que me encontro com eles ou com elas. É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível cambem criar a segurança fora do risco da disponibilidade.

Como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o "maior". Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta à certeza deque posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.

Sintome seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa.

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. Certa vez, numa escola da rede municipal de São Paulo que realizava uma reunião de quatro dias com professores e professoras de dez escolas da área para planejar em comum suas atividades pedagógicas, visitei uma sala em que se expunham fotografias das redondezas da escola. Fotografias de ruas enlameadas, de ruas bem postas também. Fotografias de recantos feios que sugeriam tristeza e dificuldades. Fotografias de corpos andando com dificuldade, lentamente, alquebrados, de caras desfeitas, de olhar vago.

Um pouco atrás de mim dois professores faziam comentários em torno do que lhes tocava mais de perto. De repente, um deles afirmou: "Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante todos estes anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?"

A formação dos professores e das professoras devia insistir na constituição deste saber necessário e que me faz certo desta coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos. E ao saber teórico desta influência teríamos que juntar o saber teórico prático da realidade concreta em que os professores trabalham. Já sei, não há dúvida, que as condições materiais em que e sob que vivem os educandos lhes condicionam a compreensão do próprio mundo, sua capacidade de aprender, de responder aos desafios. Preciso, agora, saber ou abrir me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornarme, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia.

Minha abertura à realidade negadora de seu projeto de gente é uma questão de real adesão de minha parte a eles e a elas, a seu direito de ser. Não é mudandome para uma favela que provarei a eles e a elas minha verdadeira solidariedade política sem falar ainda na quase certa perda de eficácia de minha luta em função da mudança mesma. O fundamental é a minha decisão éticopolítica, minha vontade nada piegas de intervir no mundo. É o que Amílcar Cabral chamou "suicídio de classe" e a que me referi, na Pedagogia do Oprimido, como páscoa ou travessia. No fundo, diminuo a distância que me separa das condições malvadas em que vivem os explorados, quando, aderindo realmente ao sonho de justiça, luto pela mudança radical do mundo e não apenas espero que ela chegue porque se disse que chegará. Diminuo a distância entre mim e a dureza de vida dos explorados não com discursos raivosos, sectários, que só não são ineficazes porque dificultam mais ainda meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a aprender não importa que saber, o do torneiro ou o do cirurgião, com vistas à mudança do mundo à esperança das estruturas injustas, jamais com vistas à sua imobilização...

Páginas 132/133

3.9 Ensinar exige querer bem aos educandos;

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressála. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa pratica específica do ser humano. Na verdade preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente* e *efetividade*. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.

A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme num ser "adocicado" nem tampouco num ser arestoso e amargo.

A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. E falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem darse fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa de outro, a alegria necessária ao que fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento.

Mas é preciso, sublinho, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. É exatamente esta permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da "morte da História" propõe. Permanência do hoje a que o futuro desproblematizado se reduz. Daí o caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao munido e não na de sua transformação. Um educador com muito pouco de formador, com muito mais de *treinador,* de *transferidor* de saberes, de *exercitador de destrezas.*

Os saberes de que este educador "pragmático" necessita na sua prática não são os de que venho falando neste livro. A mim não me cabe falar deles, os saberes necessários ao educador "pragmático" neoliberal mas, denunciar sua atividade antihumanista. O educador progressista precisa estar convencido como de suas consequências é o de ser o seu trabalho uma especificidade humana. Já vimos que a condição humana fundante da educação é precisamente a inconclusão de nosso ser histórico de que nos tornamos conscientes. Nada que diga respeito ao ser humano, à possibilidade de seu aperfeiçoamento físico e moral, de sua inteligência sendo produzida e desafiada, os obstáculos a seu crescimento, o que possa fazer em favor da boniteza do mundo como de seu enfeamento, a dominação a que esteja sujeito, a liberdade por que deve lutar, nada que diga respeito aos homens e às mulheres pode passar despercebido pelo educador progressista. Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora.

O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando se, mudando, crescendo, reorientando se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcerse, de recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independente mente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. Desde que não prejudique o tempo normal da docência, não posso fecharme a seu sofrimento ou à sua inquietação porque não sou terapeuta ou assistente social.

Mas sou gente. O que não posso, por uma questão de ética e de respeito profissional, é pretender passar por terapeuta. Não posso negar a minha condição de gente de que se alonga, pela minha abertura humana, uma certa dimensão terápica....

HOFFMANN, JUSSARA. AVALIAR PARA PROMOVER: AS SETAS DO CAMINHO. PORTO ALEGRE: MEDIAÇÃO, 2001.

MÚLTIPLAS LINGUAGENS DE MENINOS MENINAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Márcia Gobbi

Desde que nascem as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo.

Sabese que a infância é uma construção social e histórica. Neste período da vida, meninos e meninas são considerados sujeitos históricos e de direitos, o que constitui formas de estar no mundo manifestas nas relações e práticas diárias por elas vivenciadas, experimentando a cada instante suas brincadeiras, invenções, fantasias, desejos que lhes permitem construir sentidos e culturas das quais fazem parte permitindonos afirmar que são ativos, capazes, com saberes diversos, que se manifestam com riqueza demonstrando suas capacidades de compreender e expressar o mundo.

Crianças brincam individual ou coletivamente e neste ato experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos a partir das linguagens com as quais aprendem a relacionarse com os outros: tratase da extraordinária capacidade em provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve, tais como, confrontos, tristezas, alegrias, amizades, tensões. Capazes que as crianças são de materializar suas ideias, ainda que tantas vezes incompreensíveis aos adultos, os pequenos exibem amplo interesse sobre todas as coisas, estendendo um amplo espectro que vai das questões sobre a natureza humana àquelas voltadas para demais aspectos da vida. As ideias das crianças, quando ouvidas, nos mostram que "um mais um pode ser muito mais que dois", como ensinam alguns artistas ou mesmo que é possível formular conhecimentos e saberes muito além das linguagens verbais ou escritas. Essas crianças altamente capazes e desejosas de expressarse utilizam diferentes linguagens, contudo, não são raras as ocasiões em que encontram certa resistência às suas manifestações expressivas (desenhos, pinturas, esculturas, dança), nem sempre compreendidas

pelas instituições préescolares ou creches que frequentam. O espaço da padronização nem sempre reconhece como direito as expressões das crianças. Afinal, como trabalhar objetivando garantir as criações de meninos e meninas? Como contraporse aos espaços cerceadores das capacidades criativas das crianças? Como incentiválas a explorar os ambientes e expressaremse com palavras, gestos, danças, desenhos, teatro, música, sem recriminar os choros e o aparente excesso de movimentos? Há nisso um grande desafio a ser enfrentado quando se quer construir uma educação infantil de qualidade e que respeite seus direitos.

Sabemos que as crianças expressamse utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas levandoas ao encontro entre palavras, choros, sons, movimentos, traçados, pinturas, todos imbricados em ricas manifestações, mas que, por vezes, encontrase enfraquecida no cotidiano infantil devido à ausência de propostas, que mesmo simples, procurem garantir processos de criação em que os questionamentos, a busca criativa por diferentes materiais, o respeito pelo trabalho individual e coletivo, estejam presentes. Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e préescolas em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas em sua inteireza, não se deixando conduzir apenas pela linguagem verbal ou escrita desconsiderando demais formas expressivas.

Condicionados a pensar nas linguagens sempre relacionadas à fala deixase de pensar nelas associadas ao movimento, ao desenho, a dramatização, a brincadeira, a fotografia, a música, a dança, ao gesto, ao choro. Contudo, muitos ficam surpresos com a riqueza das manifestações expressivas, chegam a espantarse quando veem as crianças que se maravilham e descobrem coisas do cotidiano, tais como, entreterse com seus traçados na dinâmica tão rápida do diaadia, envolvendose com seus corpos que giram e criam coreografias ao tocar de uma música ou mesmo nos sons produzidos pelos talheres no momento das refeições. Basta estar disposto a olhar e estar atento a esse universo rico de propósitos que reclama ser compreendido.

Frequentemente o termo "linguagem" é relacionado estritamente à linguagem verbal e escrita e, por vezes, lhe é dado peso tão grande que chega a inibir a curiosidade por conhecer outras manifestações expressivas dos seres humanos, sobretudo quando têm pouca idade. Adultos, tantas vezes, concebem a si mesmos como seres acabados, resultando disso olhares espessos, enrijecidos e pouco estimulados a ver as realidades multifacetadas que se apresentam em profusão diante de todos.

Explorar e conhecer linguagens utilizadas pelas crianças para expressaremse, bem como, aquelas usadas pelos adultos, significa estar junto com elas e perceber suas características de acordo com gênero, classe social, etnia, faixa etária a qual pertencem.

Quem são mesmo? Estão em constantes e profundas relações com seus pares de idades iguais e diferentes em confrontos de ideias e negociações que geram criações coletivas e individuais. Para os adultos implica, a partir das incertezas também proveitosas , buscar a garantia de que diferentes pontos de vista sejam compreendidos, e que a escuta e o diálogo permaneçam presentes constantemente nos espaços de educação e cuidado destinados a primeira infância. As manifestações linguageiras das crianças e dos artistas convidam a reorganizar o mundo e experimentálo em outras versões, mediados pelos corpos que se mexem, que nem sempre falam com palavras e letras, mas que tanto dizem, provocando a conhecer o desconhecido ao mesmo tempo em que se constroem outros lugares de experiências, estranhando e conhecendo a todo instante.

O trabalho que considere as diferentes linguagens das crianças implica, além de elaborar, para elas e com elas, ricos ambientes contendo materiais diversos, que se garanta também a aproximação da arte em suas formas: teatro, cinema, dança, exposições, literatura, música ampliando e reivindicando o direito às manifestações artísticoculturais além do contexto escolar, transpondoo de modo corrente e constante.

Para tanto, no decorrer desse texto procurase apresentar ideias, não apenas de práticas pedagógicas. Mais que ensinar a fazer, tem como propósito provocar a pesquisa em diversos meios de informação para ensejar práticas enriquecidas junto às crianças em um constante e necessário processo de formação docente que respeite os direitos das crianças.

Para estabelecermos um diálogo voltado para as múltiplas linguagens na educação infantil, serão considerados os artigos 6º e 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, nos aspectos relacionados à promoção das experiências expressivas de meninos e meninas no que tange a interação com a música, as artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. Reclamase aqui, aproximar as crianças de formas artísticas em diferentes espaços de criação, além dos escolares, a serem experienciados por professores, colegas, pais, independente da condição social e cultural a qual pertençam e de modo igualitário.

Boa leitura e que a mesma gere reflexões sobre as práticas docentes contribuindo para que as crianças vivam e expressem o mundo rica e plenamente.

DIRETRIZES CURRICULARES

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (Resolução Nº 5, DE 17 DE Dezembro de 2009), as propostas pedagógicas da educação infantil devem respeitar princípios estéticos, voltandose para diferentes manifestações artísticas e culturais que considerem a diversidade cultural, religiosa, étnica, econômica e social do país.

A dimensão lúdica e a dimensão estética são condições fundamentais para a formação humana. A associação da dimensão lúdica às demais atividades expressivas das crianças tem encontrado seu fundamento quando se destaca a expressão de sentimentos, invenções, imaginação, bem como, o desenvolvimento da sensibilidade, concebida como capacidade para sentir, procurar e exteriorizar sensações, o que por vezes, são roubados das crianças,

quando se tem os espaços das creches e préescolas organizados de modo empobrecedor. A sensibilidade tem um papel importante quando pensamos na construção de nossas concepções de mundo e sobre o mundo, incidindo no modo como o projetamos e o construímos.

É importante que as crianças tenham oportunidade para debater, expor suas ideias, argumentar, criticar, relacionarse com os outros e com isso conhecer formas antigas e inventar novos modos de representar o mundo, bem como, criar espaços de favorecimento às expressões de suas ideias e a materialização das mesmas, pelas crianças, sendo consideradas como sujeitos que constroem seu crescimento nas constantes relações com os outros e o meio social, histórico, cultural no qual estão inseridas. Trabalhando em estado de cumplicidade construída a cada gesto ou propostas feitos por ambas as partes, professores (as) e crianças – temos a criação de jornadas a serem trilhadas conjuntamente buscando a sensibilidade, a criação e a fantasia. As manifestações expressivas e artísticas não precisam ficar concentradas num único dia ou curto período de tempo cronometrado, mas ganhar espaços cada vez maiores, esparramandose no diaadia de adultos e crianças de forma a provocar estranhamentos.

Para isso, importa partir de algumas premissas: incentivar a curiosidade e a exploração; garantir experimentos que considerem a plurisensorialidade; garantir às crianças a comunicação por diferentes linguagens, o protagonismo e o prazer em descobertas com seus pares de idades iguais e diferentes nos desafios com os quais se defrontam.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular na educação da primeira infância devem reconhecer e promover a imersão das crianças em diferentes linguagens e favorecer o domínio paulatino de vários gêneros e formas de expressão, bem como vivências com outras crianças e grupos culturais.

Pertencer a um determinado espaço (creche ou pré, bairro, cidade, país) relacionase a identidade cultural que, por sua vez, remete a aspectos de nossas identidades construídas coletivamente. Vão construindo identificações, ao mesmo tempo em que se distinguem dos demais. Assim, a identidade e a alteridade, a semelhança e a diferença marcam o sentimento de pertencer ao todo. É importante garantir ambientes em que sejam respeitadas as especificidades das crianças na educação infantil, bem como, dos saberes que elas portam quando chegam às creches e préescolas e aqueles que constroem durante o tempo de permanência nesses espaços.

As creches e préescolas constituemse também como lugares em que o valor cultural e artístico dos diferentes grupos sociais estão presentificados na forma como o espaço é organizado, em materiais com os quais as crianças brincam e criam desenhos, esculturas, danças, pinturas cotidianamente.

As culturas são construídas nas relações estabelecidas com os outros de idades iguais ou diferentes, criando universos que, embora submetidos ao mundo globalizado, permite ver o panorama cultural brasileiro e observar seus encontros étnicos, estéticos, de gênero e etários que provocam diversas criações, chamam à participação e podem integrar as comunidades, as famílias e unidades educacionais. Podese dizer que há estéticas brasileiras reclamando ser consideradas nesses espaços escolares desde a pequena infância. Os diferentes grupos indígenas, os quilombolas, os centros urbanos, o meio rural, para citar alguns grupos culturais e sociais, guardam em si manifestações culturais e estéticas, que embora presentes em nosso cotidiano, poucos as conhecem ou veem, sucumbidos que somos pelas mídias que nos impõe padrões de beleza, de modos de comportamento e de pensar, roubando a capacidade de olhar para o diverso que se encontra diante de nós e aprender com isso.

É importante se propor a conhecer as crianças com as quais se lida diariamente em nossa prática profissional, afinal, quem são elas? Quem são, o que pensam e o que criam e vivenciam suas famílias? Como passaram a habitar o bairro em que a creche ou a préescola estão situadas? Por que receberam seus nomes e quais as origens dos mesmos? Quais músicas ouvem? O que dançam? As histórias contadas por eles, sobre suas vidas, seus gostos pessoais – de crianças e suas famílias – guardam semelhanças com as da professora? Tratase de perguntas importantes que podemos nos fazer cotidianamente.

As crianças não podem ser colocadas fora disso, sem construir olhares plurais para aquilo que constroem e o que recebem como manifestações da cultura brasileira, sob pena de que a diversidade cultural seja dissipada do cotidiano infantil no interior das unidades educacionais. Para tanto, fotografar e gravar suas histórias e documentálas como elementos da memória da infância e das famílias guardandoas posteriormente em um acervo é ter o registro de práticas sociais e culturais variadas e com elas aprender. Para isso, é possível criar cordéis, engenhocas, gravuras, danças, objetos com os quais dançar, personagens, bonecos.

Para que a interação das crianças com as manifestações artísticas e culturais seja promovida é necessário nos interrogarmos sobre a formação estética dos professores que cuidam e educam na educação infantil. É importante considerarmos a dimensão estética na vida e na formação dos docentes que atuam com crianças.

Em quais contextos sociais e culturais nos nutrimos em artes? Onde? Criar percepções particulares para os objetos que o mundo apresenta é algo aprendido na relação com o outro. Desfrutar das manifestações artísticas possibilita o rompimento com o tempo do mundo do trabalho, a favor do tempo da brincadeira e dos processos criativos mais lentos. Para tanto envolverse, recuperar a relação mais sensível com o mundo é um elemento importante quando se propõe que as crianças, com as quais diariamente se está e se aprende, interajam com diferentes formas de manifestações artísticas e culturais.

Frequentar cinemas, alugar filmes, ir ao teatro, museus, ter acesso a vários gêneros literários (contos, romances, poesia), assistir a espetáculos de dança, seja nos teatros ou de rua, são atos, senão criadores em si, mas que colaboram com a criação para e com as crianças. É importante entrar em sintonia com o tempo, com a história e a cultura, o desejo por aprender e pesquisar é uma mola provocadora

de mudanças nas práticas pedagógicas, bem como, das relações estabelecidas entre crianças e seus pares e destes com os adultos.

Nesse texto, há o desejo de se estabelecer um diálogo com os leitores e para tanto, estão situados diferentes aspectos das linguagens artísticas com as quais podemos nos familiarizar, apresentar contribuições, enriquecer o diaadia daqueles que constroem a educação da primeira infância no país. Música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura foram aqui separados com uma pretensão didática sabendo que, sobretudo na primeira infância todas elas encontramse juntas, num só corpo, manifestandose ricamente em situações coletivas ou individuais entre crianças de idades iguais ou diferentes, entre elas e as adultas. É certo que professores criam constantemente junto às crianças na dinâmica diária da profissão docente, aprendendo com elas, com a comunidade e em variados processos de formação pelos quais passa e de acordo com as particularidades culturais de cada região, ainda assim, seguem aqui algumas dicas para criação de materiais citados no corpo do texto e que podem ser utilizados por todos.

DESENHAR E PINTAR: As crianças desenham sobre diferentes bases e com diversos materiais. Os desenhos constituemse como um jogo em que há narrativas, imaginações, inventividade que são mobilizadas pelo convite feito pelos suportes que são oferecidos ou encontrados pelas crianças. Através dos traçados procurase conhecer, reconhecerse e ser reconhecido. Eles incentivam a elaboração criativa constituindo assim pesquisas pessoais que são elaboradas pelas próprias crianças. Isso resulta em fontes documentais das marcas de si deixadas para a História tanto pessoal quanto coletiva.

Diferentes superfícies esperam silenciosamente que meninos e meninas decidam que rumos tomarão, que traços, que marcas deixarão sobre as áreas de diferentes texturas, formas, tamanhos, que ao serem investigadas pelas crianças ganham proporções ilimitadas. As crianças buscam possibilidades de desenhos entre danças, assobios, conversas, pensamentos quietos e inquietos, individual ou coletivamente, traduzidos em manchas ou riscos que adquirem inúmeras formas. Podemos questionar os desenhos das crianças a partir de observações rigorosas de seus próprios traçados: que coisa acontece quando um ponto começa a moverse sobre as folhas? Como será uma linha calma ou agitada? Quando duas linhas se encontram o que acontece? O que as crianças manifestaram entre cores e formas, tantas vezes desconhecidas de nós adultas?

Muitas vezes os traçados das crianças ficam no imaginário adulto como sinônimo de algo que fere aos padrões estéticos vigentes, apresentandose como feios ou caóticos. É ainda comum vêlos presentes em alguns momentos tendo como objetivo que a criança "descanse", fique um tempo quietinha desenhando. Adquire dessa maneira uma conotação negativa: o desenho tornase útil como elemento disciplinador, ao contrário de liberador de expressões. Tais desenhos carecem de uma maneira de vêlos mais profundamente sem procurar ordenar o caos, ou seja, sem a busca pela representação fiel da realidade, como tantas vezes fazemos, resultando em provocar nas crianças a necessidade de criar segundo prescrições adultas. É fundamental que transformemos a curiosidade em verbo conjugandoo diariamente. Então, para "curiosar" o mundo, importa que os espaços vividos cotidianamente pelos meninos e meninas ganhem status de provocadores de descobertas. Perdese, cada vez mais, a capacidade de olhar e estranhar o objeto visto. Os desenhos das crianças podem ser considerados como metáforas visuais, formas de explicar abstrações tais como o amor, a alegria, o futuro, ou ainda de atribuir a uma coisa o nome de outra, com os traços e formas, às vezes inusitadas.

As crianças reescrevem a realidade em seus traços e cores. Dessa forma, estar com as crianças, observar, preparar junto com elas espaços privilegiados para se expressarem é algo fundamental que estamos aprendendo e temos que aprender ainda mais. Olhar detidamente seus desenhos pode, de certa maneira, desestabilizar práticas profissionais cuja preocupação encontrase em pendurar nos varais as criações e nem mesmo dialogar com quem os fez, ou, ainda pior, colocálos em saquinhos plásticos que emudecem criadores e obras, deixandoos dentro de armários. É imprescindível que tenhamos diversos suportes para o desenho à disposição das crianças, com cores, texturas, formas de tamanhos diversos. Além dos lápis de cor, canetas hidro cor, giz de cera, o carvão, cacos de tijolos e pedras porosas, fios de barbante, nylon, cobre, conduítes, são ótimos materiais para realizar os traçados e possibilitar que saltem do papel tornandose tridimensionais.

Tintas variadas, compradas ou feitas na unidade educacional, comestíveis para os bebês, encorajam as lambuzagens tão caras a todos, delineando percursos de buscas pelas cores, pelas misturas, pelas formas, sem esquecer, que, entre os pequenos, o corpo é um dos suportes sobre os quais as tintas podem ser usadas criando novos modos de exploração e interação.

A criação de texturas proporciona descobertas interessantes pelas crianças.

Podem ser feitas diretamente sobre as superfícies que se pretende caracterizar obtendo relevo ou traçados inusitados, basta sair à procura pelos espaços externos ou internos, tendo em punho papel sulfite, cartolinas, Kraft, tecidos ou outros e lápis, giz, cacos de telha ou tijolo. A professora pode determinar o tema a ser procurado ou mesmo deixálos livremente "à caça de texturas", é um divertimento associado às descobertas e conhecimento que podem ser seguidos de observações visuais e táteis das texturas, análises de suas características, observações dos percursos realizados, reflexões. Sem esquecer que tais descobertas são feitas por todos, independentemente da faixa etária, embora tenhamos que considerar os limites de cada um.

Os desenhos podem ser compreendidos como fontes documentais que nos informam sobre as crianças, sobre a infância em diferentes contextos sociais, históricos e culturais. No que se refere à criação de desenhos, quando nossas preocupações se voltam para uma perspectiva social,

muitas perguntas podem ser feitas: de maneira geral há motivos artísticos mais predominantemente encontrados nos desenhos de um ou de outro? Há elementos que evidenciam cenas de um cotidiano vivido pelos meninos ou pelas meninas? Os riscos modificamse ao longo do tempo? Ao serem conjugados à fala das crianças, os desenhos podem ser compreendidos de outras formas? Como os mesmos podem se oferecer de modo a se perceber narrativas do cotidiano e da imaginação próprias dessas crianças? Há diferenças étnicas perceptíveis? Formas de ocupação do espaço do suporte oferecido para desenhar? Quais as cores mais frequentemente utilizadas para expressar pessoas brancas ou negras? Há o já famoso pedido do "lápis cor de pele" para pintar pessoas, indiferentemente, como se todas as pessoas tivessem a mesma cor de pele, denunciando preconceitos e padrões estéticos a serem seguidos? As composições do espaço do desenho são feitas de qual modo? Há diferenças entre os desenhos de crianças oriundas de camadas sociais diversas? Podese perceber a diversidade étnica? É possível perceber transformações históricas presentes em desenhos de diferentes épocas? É possível traçar uma história do desenho a partir de como eles são realizados?

Conhecer as manifestações artísticas de diferentes povos exige compreender, não só os códigos europeus e norteamericanos, mas também conhecer outros menos prestigiados, mas, essenciais tais como, as culturas afrobrasileiras, indígenas, feminina, homossexual, japonesas, etc. Temse no grafismo indígena e na arte de tecer e trançar, tão característicos entre os povos do Brasil, fontes inspiradoras para a formação e cultivo de olhares de nossas crianças, as cestarias e pinturas corporais são ricas em motivos que não podem passar despercebidos. Onde se encontram tais trançados? Há narrativas em suas formas e cores? As crianças podem produzir artefatos em teares feitos com papelões ou madeiras usadas e criar suas próprias tramas, bem como, realizar pinturas em seus corpos o que, além do prazer, pode proporcionar descobertas sobre o corpo e suas possibilidades.

Quanto aos desenhos, ainda vale lembrar que não se pode esperar que as crianças cresçam aproximandose dos modelos e concepções estéticas dos adultos para os concebermos como belos e bons em sua complexidade. São também fontes históricas, que nos informam sobre as crianças, do ponto de vista de sua inserção em diferentes contextos e períodos da história. Vale lembrar que quando se guarda os desenhos pesquisas podem ser provocadas, tanto com as crianças, como entre as professoras. Investigações voltadas para se conhecer mais e melhor os traçados, a utilização de determinadas cores e formas pelas crianças desenhistas. É indispensável organizar situações nas quais propormos experiências prazerosas, instigantes, nas quais adultos e crianças possam expressarse desenhando juntos, descobrindo esta dimensão perdida, talvez na própria infância, período da vida com o qual trabalham atualmente.

Sustentar uma cotidianidade do desenho não como forma avaliativa da criança e suas expressões, mas como direito a expressão que deve estar difusa, espalhada entre nós e em nós é essencial para as crianças em seu diaadia.

Sugiro a seguir algumas atividades que relacionam desenho à outras linguagens.

TEAR MANUAL

Tratase de um processo simples, do qual todos podem participar, sendo prazeroso e cujos resultados são muito interessantes. Para sua confecção serão necessários os seguintes materiais:

Um pedaço retangular de papel duro ou papelão, medindo 15cmX20cm, podendo ser maior.

Lãs ou linhas coloridas

Barbante fino

Os fios de barbante deverão ser passados em duas extremidades dos retângulos de papelão, semelhantes a cordas de violão. As lãs ou linhas, em cores diversas cruzam essas linhas formando uma trama fechada, para facilitar podese usar um instrumento como grampo para dar maior firmeza ao puxar os fios. Ao utilizar cores diversas o resultado será colorido, podendo se fazer desenhos simples, listras, dependendo da faixa etária da criança, assim como, ter retângulos maiores e criar coletivamente uma única peça. Para uma pesquisa mais aprofundada é importante conhecer alguns dos grupos indígenas: Apalai, kayapóXikrin, Xerente, Guaranis, Karajá, Ticuna, Kadiweu, entre outros.

GRAVURAS E BUMBAMEUBOI

a) Gravuras: para sua confecção serão necessários os seguintes materiais:

Placas pequenas de isopor fino – podem ser utilizadas bandejinhas de isopor compradas em lojas especializadas em embalagens ou recicladas após utilização doméstica

Pontas de canetas – fora de uso – ou goivas ou pontas de clipes

Tinta guache

Rolinhos pequenos de pintura

As gravuras são imagens obtidas por meio de uma matriz, que pode ser de madeira, pedra ou metal, nela são feitos entalhes ou impressões – qualquer tipo de desenho – pelas crianças individual ou coletivamente, deixandose sulcos mais fundos, feitos com goivas, pontas de canetas ou clipes inutilizados. Após o término do desenho, com um rolinho molhado em tinta de qualquer cor, cobrese a superfície sem deixar que a tinta entre totalmente nos sulcos, sob pena de que encobertos não revelariam o desenho criado. Podemse criar outros suportes tais como isopor, sabão. Ao ser colocado sobre tecidos ou papéis, se obtém a reprodução do desenho que deixará sua marca, podese fazer várias cópias sob o material desejado.

O cordelista e gravurista paraibano J.Borges, apresenta em suas gravuras e cordéis aspectos instigantes para que se conheça o Brasil, a partir de outros pontos de vista. A forma como os textos são apresentados em cordel, o tipo de poesia secular, ainda são pouco abordados entre as crianças, não compondo o cotidiano de creches e préescolas e suas práticas.

b) Bumbameuboi: Para confeccionar o bumbameuboi serão necessários os seguintes materiais:

Caixas de papelão de tamanhos variados, mas que sejam compatíveis com o tamanho de uma criança já que elas vestirão o "boi", entrando nelas. As caixas podem ser usadas e adquiridas em supermercados ou lojas após o descarte.

Fitas coloridas de diversos tamanhos

Retalhos de tecidos

Cola branca ou cola quente

Lantejoulas, botões coloridos

Utilizandose caixas de papelão vazias podem ser decoradas deixandose o centro aberto, onde se abre e fecha a caixa, de forma que as crianças possam entrar nelas para dançar. Tecidos coloridos, chitas, flores, rendas, fitas, podem ser usadas na confecção do boi servindo para decorálo. Podem ser feitos bois pequenos e com eles as crianças brincarão uns com os outros inventando danças.

FOTOGRAFIA E CINEMA: Para além da possibilidade de se conversar com as crianças sobre as transformações de sua história a partir das fotografias pessoais, de família, dos amigos, que trazem registrados de passeios, festas e demais situações, as máquinas fotográficas ou celulares que possuem câmeras possibilitam realizar imagens que colaboram com as nossas capacidades de olhar a partir de pontos de vistas alternativos: dependendo de como são realizadas as fotos, obtemos mais detalhes sobre os objetos focados, descobrindo particularidades dificilmente vistas. Podemos nos colocar, junto às crianças, a observar variadas texturas, o que ocorre entre as formigas no parque da creche ou da préescola, os grãos de arroz no momento em que a refeição é servida, as paredes que delimitam as salas, as trilhas feitas na terra pelos insetos, os olhos, mãos e gestos dos amigos da turma, enfim, infinitas possibilidades de pesquisa nos ambientes vividos pelos meninos e meninas. Podese facultar às crianças junto com os adultos a composição de fotografias mediante a confecção de pinholes, que são máquinas feitas com latinhas de leite em pó, molho de tomate.

Ao serem guardadas as fotografias compõem coleções pouco comuns nos espaços educacionais. São imagens que registram o cotidiano na perspectiva da criança e, ainda mais, considerando sutilezas pouco exploradas e conhecidas por todos. A experimentação de materiais, instrumentos e técnicas, a observação da natureza, por exemplo, garantem a expansão dos conhecimentos plurissensoriais. Em aventuras pelos diferentes lugares habitados, nas pequenas e grandes cidades, as crianças, portando máquinas fotográficas podem sair pelas ruas, explorando espaços, para conhecer os lugares – de encontros, de lembranças, de amizades, de alimentação, de confrontos – para construíremse como pertencentes a eles, num exercício de percepção constante, focado e presentes em suas lentes. Quais são suas escolhas? Quais aspectos do cotidiano foram explorados? Quais pessoas? São perguntas que podem caminhar conosco e que nos ajudam a olhar e aprender com as crianças sobre seus pontos de vista a cerca do cotidiano por elas vivido e construído. A fotografia pode ser vista então como ato de comunicação que, ao mesmo tempo distinta do cotidiano, o compõe e o exibe, colocandose e àqueles que a observam em diálogo.

Quanto ao cinema, compreendido aqui como linguagem e prática cultural em que temos as relações sociais, psíquicas, estéticas todas implicadas, o que se percebe é que nos últimos anos do século XX e início do XXI a infância tem sido considerada nos enredos, ocupando cineastas, telas de cinemas e prateleiras de locadoras, estas últimas, constituindose como importantes lugares para onde se pode ir objetivando descristalizar coisas aprendidas e se propor a aprender outras novas. As experiências das crianças encontram no cinema lugar precioso para serem observadas e aprender com elas de muitos modos, a partir das inúmeras formas como são representadas, dandolhes visibilidades diversas. Os contextos em que estão inseridas tornamse conhecidos, com isso a pluralidade cultural, as formas de relação estabelecidas entre adultos e crianças e entre estes e os diferentes espaços escolares e sociais em que atuam. Está ai uma rica contribuição para a formação docente. Mas, e o cinema feito para as crianças? Como situarse diante dos filmes infantis que ora são assistidos no cinema ora, alugados para serem vistos nas próprias creches e préescolas?

Em primeiro lugar, se tem experiências diferentes – assistir nas unidades educacionais e nas salas de cinema ou mesmo quando são projetados em praças públicas e isso deve ser considerado. Não se pode exigir das crianças o mesmo tipo de comportamento e relação. Ainda assim, devese tomar cuidado com a escolarização dessa forma de arte: os filmes não podem servir a funções avaliadoras, de transposição de conteúdos escolares, ainda que os mais simples, ou mesmo, como suporte moralizador da infância. Adotar uma postura critica frente às obras a serem escolhidas é fundamental e se pensar que os corpos, que tanto reclamam liberdade de expressão em lugares amplos, têm que ser olhados com atenção, não se pode roubar o tempo das experiências corporais, da dança, dos ritmos, da busca pelo conhecimento, prendendo as crianças em cadeiras durante muito tempo.

Sabese que, entre outros aspectos, essas produções culturais também são responsáveis pela constituição das crianças no que toca ao gênero, aos valores, às relações com os familiares e colegas, enfim, ensinam sobre o mundo vivido, imaginado e provoca invenções e fantasias. Ao professor caberá cumplicidade, ao mesmo tempo em que mediará junto as crianças as relações entre elas e o filme assistido. O cinema é também uma maneira de propiciar experiências estéticas às crianças, observando isso, é imprescindível que o adulto considere, nos filmes, sua forma e conteúdo, linguagens utilizadas, o caráter da produção, já que se trata de uma forma de possibilitar compreensão de mundo e simultaneamente promover criações.

E a criança, pode criar? Precisase de materiais tais como filmadoras, ou celulares que filmem. Os desenhos criados pelas próprias crianças podem dar o tom para a elaboração coletiva de roteiros. Desenhos podem ser somados a outras linguagens em intensas pesquisas: escolher histórias e colocar amigos, massinhas ou somente desenhos, animandoos de modo bastante simples, considerando que raramente haverá a possibilidade de editar as imagens,

não se trata de algo profissional evidentemente, mas de experiências de criação que envolvem muitas pessoas de todas as idades. O contexto do filme, que poderá ter uma curta duração, pode ser acordado entre todos: será um drama, uma comédia, relatar algum fato ocorrido na creche ou préescola, os bebês da creche podem participar com as crianças maiorzinhas contribuindo com o que tiverem e puderem. Para se criar uma sequência de movimentos, podese fazer inicialmente desenhos variados, semelhantes, como num flipbook e deixar as crianças brincarem com a ilusão de movimentos que é gerada à medida que as folhas do flipbook – livros em diferentes tamanhos, que ao serem manipulados pagina a página, bastante rapidamente fazem com que as imagens desenhadas ganhem movimento.

PINHOLES MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS COM LATAS USADAS

Tratase de um processo simples, do qual todos podem participar, sendo prazeroso e cujos resultados são muito interessantes. Para sua confecção serão necessários alguns materiais que poderão ser usados por diversas vezes:

• Uma lata que tenha uma abertura com tampa, ou que possa ser fechada com papelão, do outro lado da lata fazer um furo que será tampado com fita isolante.
• Papel fotográfico branco
• Revelador
• Fixador
• Interruptor
• Bacias para revelação

Com o material você procederá do seguinte modo:

Recorte um quadrado de 6cm x 6cm de papel fotográfico. (Isto deve ser feito no escuro ou num quarto com luz vermelha muito fraca) e cole este papel na parte interna da tampa da lata de modo que a emulsão sensível (a parte branca do papel fotográfico) fique para o lado do furo. (isto deve ser feito em quarto escuro ou com luz vermelha fraca). Feche a lata com a tampa. Para que as fotos sejam tiradas basta levar a lata para um lugar claro, apontála para o que você desejar fotografar e fixar a máquina sobre algo que a deixe imóvel. (A máquina não pode balançar durante a operação). Focando o objeto tire a fita isolante por 20 segundos e deixe o buraquinho da máquina focandoo, após, será necessário fechálo novamente e revelar o papel. Tudo deverá ser feito no escuro. Preparar bacias com os líquidos revelador, interruptor e fixador. Tirar o filme da maquina e mergulhálo no revelador por um minuto, já será possível ver as imagens aparecendo. Em seguida dois minutos no liquido interruptor e cinco minutos no fixador.

Após todo o processo lavar em água corrente por alguns minutos. Se a foto ficar muito escura é devido a um longo período de exposição, com o furinho da lata aberto por muito tempo, são várias as experiências oriundas daí. Podese voltar ao local, fazer várias fotos, utilizar várias latinhas. Criar e ficar atento às imagens que resultam desses experimentos fotográficos dos quais as crianças, sem dúvida, poderão participar.

POESIA E LITERATURA: A poesia é um gênero literário, uma, entre as demais linguagens, que pode ser levada para o cotidiano de creches e préescolas provoca a refletir sobre expressões e sentimentos alheios e próprios. Quando as poesias encontramse nesses espaços de educação e cuidado, intensificase o modo de produção inventivo, garantindo o encontro da palavra com o movimento, do som com a imagem, de conhecermos e criarmos textos percebendo não apenas o significado das palavras utilizadas, mas que se brinque com seus ritmos, com sua sonoridade, com o aspecto visual, tal como os haicais que também podem ser construídos pelas crianças, em sínteses de seu pensamento, de sua concepção de mundo, ou melhor, extraindo a essência do que vivencia no diaadia. Tratase de possibilitar, a partir da poesia, que seja atiçada a imaginação das pessoas, libertálas de uma mesmice rotineira, tantas vezes empobrecedora. Poesia e dança, música e imagens estão em conexão profunda, basta vêlas e perceber que é possível conhecer, ver e representar o mundo a partir de outras referências e repertórios, bem como tendo o livro como objeto de prazer para as crianças, com suas histórias que podem ser contadas frequentemente em voz alta, alimentando seu imaginário.

A conexão entre a poesia e a produção plástica, pode ser feita à medida que alguns objetos e pinturas sugerem poesias e estas mobilizam produção de imagens.

Aguçar a sensibilidade das crianças a partir de variadas modalidades, tais como: outdoors, páginas da Internet, receitas, aguçandolhes a sensibilidade para a observação e a criação de poesia, que não obrigatoriamente precisa ser feita com palavras, ou seja, a criança não alfabetizada poderá brincar de fazer poesia ou somente ouvilas, quando lidas pelas professoras. É bom prestar atenção ao ritmo do poema quando se lê. O ritmo faz perceber diferentes sons contidos nos versos, quais palavras aparecerem e o que sugerem a quem ouve e quais os efeitos sonoros produzidos.

Como dizia o poeta José Paulo Paes, poesia é brincar com palavras como se brinca com bola, papagaio, pião e complementava salientando que, enquanto tais objetos podem se desgastar, as palavras se revigoram ao serem usadas. É possível depreender dessas palavras que, nas creches e préescolas não daremos aulas sobre poesias, como num ensaio para a escrita. A poesia no mundo infantil deve vir tal qual brincadeira, sendo contada, vista e sentida poeticamente no cotidiano das crianças.

Considerando isso, as poesias visuais, ainda não tão populares no Brasil, são importantes por se oferecerem como veículos que contém formas poéticas para além de palavras, ou seja, são formas de utilizar objetos, letras, para sintetizar ideias, sonhos, desejos. Essa poesia é feita com a utilização de vídeos, holografia, cartazes, cartões, computador. A imagem é bastante valorizada e se cruza com experimentos visuais resultando disso textos que comungam letras e outras imagens.

Ler as poesias para as crianças para que se familiarizem com essa linguagem é essencial. Não se trata de ensinálas numa perspectiva antecipatória do contexto escolar das séries iniciais do ensino fundamental, mas aproximálas

de outra maneira de explicar e sentir o mundo, traduzida pelas poesias. A brincadeira com as palavras, sem o caráter obrigatório que lhe é conferido tantas vezes, sem que prevaleça a intenção da escrita, é provocadora de ricas criações infantis, do prazer pela leitura, do enriquecimento da imaginação, da fantasia e inventividade, tão necessárias e que constituem o humano no Homem.

Quanto a outros gêneros literários e a chamada literatura infantil temos que garantir que as histórias sejam contadas às crianças, fazendose presentes em suas vidas.

Para isso, é necessário criticidade e sensibilidade. Vale lembrar que se trata de uma forma de se compreender o mundo e representálo. Quais os conteúdos presentes? O que os mesmos dizem quanto aos negros, indígenas, crianças, mulheres e homens nos textos escritos e imagéticos? Apresentam preconceitos? É importante retomar essa preocupação quando escolhemos livros para serem lidos para e com as crianças, ou, simplesmente para serem manuseados por elas.

Sugiro atividades a seguir que podem ser feitas com as crianças.

POESIAS

Adotandose a ideia do poeta de que poesia é brincar com palavras sugerese aqui que tais brincadeiras com letras e palavras não estão à disposição de um processo antecipado ou forçado de alfabetização das crianças.

a) Brincar com os sons das palavras criando trocadilhos, rimas, aliterações (que são repetições de fonemas idênticos ou parecidos no início de várias palavras na mesma frase ou verso, visando obter efeito estilístico na prosa poética e na poesia),

b) Brincar com as palavras e letras tornandoas objetos, alterando o tamanho e o tipo das letras, associar imagens e letras, utilizando histórias em quadrinhos, cores diversas, cartazes. Pode se fazer móbiles pequenos e espalhálos por diferentes lugares das creches e préescolas ou gigantes, tais como cortinas poéticas, que se transformam em espaços nos quais as crianças entram, brincam, trocam letras, tocam, cheiram e até, em alguns casos, as comem, por que não?

c) Brincar com os sentidos das palavras originárias de diferentes regiões ou países.

MÚSICA: a música como linguagem que é, organiza os signos sonoros no espaço e no tempo. Considerando que ela se constitui como um meio de orientar a reflexão do ouvinte sobre o mundo, podese afirmar que sua presença entre as crianças é fundamental para que as mesmas possam compreender e construir seu cotidiano e seu mundo a partir da linguagem sonora. As crianças estão envolvidas no universo sonoro desde tenra idade, alguns afirmam que desde a fase intrauterina. Importa perguntar sobre quais experiências sonoras meninos e meninas estão expostos, já que muitas vezes fica reduzida a auxiliar na organização de atividades relacionadas à hora do lanche e higiene das crianças, ganhando aspectos de disciplinarização da infância. Como a música está presente em uma creche, com as crianças pequenininhas (de 0 a 3 anos)?

Como as profissionais que cuidam delas entendem as manifestações e os movimentos realizados pelas crianças em relação aos sons e à música? As professoras estão atentas para ouvir o diaadia?

As crianças pequenas realizam pesquisas sonoras, são verdadeiros cientistas dos sons, porque em busca de sua identidade e de identificar o ambiente onde vive, utilizam os sons com suas propriedades: altura, duração, intensidade e timbre, nas experimentações dos sons, por intermédio de suas brincadeiras, cantarola, assobia, balbucios, risos, batendo com os objetos, arrastando, gritando, emitindo os mais diferenciados sons em seus processos investigativos.

Sabese que a criança é um ser brincante e que a música é criada ao brincar, os sons, são transformados e recriam ambientes. É necessário que nossos ouvidos estejam atentos para perceber o modo como bebês e crianças maiorzinhas se expressam musicalmente em cada período de suas vidas. Estamos ainda habituados, no interior das creches e préescolas, ao trabalho com canções que apresentam versos em canções com valores morais e com refrãos sugestivos de certos comportamentos, música entendida apenas como canção e não como som e melodia. Há aqueles que denominam muitas das músicas ouvidas pelas crianças de "musiquinhas", num tom francamente pejorativo, porém revelador da maneira como meninos e meninas são concebidos e ainda mais, como são pensadas e realizadas as relações entre adultos e crianças em ambientes para a infância também no que toca às músicas e sons que, ao serem realizados pelas crianças, são ouvidos como barulhos, contrariando as regras do silêncio.

A canção é importante como brincadeira, como conhecimento cultural, como contato com o folclore brasileiro. No entanto, não podemos deixar de lado o contato com outros gêneros musicais, de outras culturas e, principalmente com os sons de todas as partes do mundo, considerando também o que a criança porta advindo de seu contexto social, familiar, cultural.

Quais as paisagens sonoras, ou seja, sons, barulhos de panelas, de brincadeiras, de pássaros, falas entre as pessoas, presentes na creche e préescola? As crianças têm possibilidade de ouvilos, percebêlos, relacionaremse com esses sons, barulhos, músicas, estranhando e reconhecendoos? Há momentos em que são privilegiadas as descobertas e construções sonoras? As crianças cantam? Inventam canções? Os objetos são transformados em instrumentos musicais? O que é feito para enriquecimento dessas práticas entre as crianças? Jogos, sonorização de histórias, escuta sonora, brincadeiras cantadas, percepção dos sons, barulhos, ruídos que compõem a creche ou préescola, são essenciais e podem constituir o tempo das crianças junto a outras linguagens e não como aula de música, o que tantas vezes é visto entre os pequenos.

MÚSICAS, SONS, BARULHOS

São muitas as ideias para se criar instrumentos sonoros, trabalho vocal com canto entre as crianças e pesquisas sonoras de modo a não tornarmos os espaços destinados a educação infantil meros reprodutores de músicas amplamente exploradas pelas mídias televisivas e rádios e

podermos cultivar com elas um ouvido "pensante" e criador, e ambientes onde as músicas escolares cedam espaço para outros sons. Seguem aqui algumas sugestões, para quem sabe, serem criados ou reinventados instrumentos junto às crianças.

a) Chocalhos ou ganzás: com latinhas, potes de iogurtes ou de óleo de cozinha, colocandose grãos de arroz, pedrinhas, feijão, conchinhas, botões podemos construir instrumentos simples com as crianças. É importante garantir a audição dos sons e propor estranhamento: o som do chocalho com arroz é igual ao som daquele que tem pedrinhas? Quando a quantidade é maior, algo muda?

b) Cortinas sonoras: Após conversas com as crianças podemos solicitar que tragam de suas casas objetos que produzam sons para a creche ou préescola. Podemos sugerir que sejam objetos utilizados quando eram ainda menores e, para aqueles que falam, contarem aspectos da história do objeto. Obtémse com isso um diálogo entre a família e a creche e a préescola, para aqueles que não falam os pais podem escrever ou mesmo comparecer à creche para contar sobre o objeto sonoro. Depois disso, podemos juntamente com as crianças compor uma cortina, que ao ser tocada, produz os mais variados sons e evoca a curiosidade infantil, ao ser disponibilizada em corredores todos poderão usufruir da pesquisa sonora.

c) Gravar os sons da cidade, do campo, do bairro: Propor passeios em que, de posse de pequenos gravadores, ou celulares que tenham gravador, as crianças possam gravar os sons dos arredores da creche ou da préescola, do bairro, da cidade. De posse desse material é reconstruir esses espaços somente com os sons captados. Como é representar o local onde se vive somente com os sons? É possível reconstruílo sob esse aspecto?

Fazer desenhos ou maquetes e colocar os sons captados. Criar espaços em que somente os sons estejam presentes e possam ser sentidos pelas crianças vendadas. Deixar o corpo interagir com os sons.

EXPOSIÇÕES INFANTIS: dentro e fora dos espaços escolares As criações infantis há muito estão sendo expostas – em mostras culturais, datas comemorativas, fechamento de semestre letivo. É fundamental, contudo, refletirmos sobre as crianças e sua participação nesses eventos, como construtoras de culturas numa perspectiva que procura evidenciar a produção cultural com a infância, que se faz presente em algumas iniciativas de exposições das criações infantis, em locais que não os escolares, tais como museus e outros lugares voltados para exposições culturais, as quais historicamente sempre privilegiaram as criações adultas legitimandoas e, com isso, estabelecendo uma hierarquia entre os agentes e entre as produções realizadas. Pretendese com isso, abordar as criações realizadas pelos meninos e meninas e com eles e que não podem ficar restritas apenas a datas comemorativas – geralmente presentes em ambientes escolarizantes – timidamente encolhidas em um tempo restrito para observação e debates, ou mesmo, limitadas a um público familiar somente.

As cidades brasileiras como patrimônios culturais que se expressam em ambientes sócio culturais diversos, podem tornarse uma primeira preocupação quando pensamos em crianças nas cidades, de tamanhos e estilos diferentes, afinal, as crianças e suas diversas formas expressivas, teriam locais apropriados onde suas criações pudessem ser discutidas, visualizadas por todos que circulam na cidade, para além dos espaços escolares? Sem qualquer pretensão que resvale em espetacularização da infância e de suas criações, onde podemos encontrar as criações infantis que não nos espaços escolares e ainda assim, de formas às vezes, tão questionáveis, infantilizadas e infantilizadoras? Será que elas devem ficar condicionadas a esses espaços? Importa organizar espaços expositivos que, respeitosamente, considerem as importantes criações infantis entre as diferentes formas de expressões artísticas que se encontram espalhadas em espaços públicos abertos, em paredes e muros dos bairros e das cidades que podem ser observados por todos que circulam pelas ruas.

É importante ressaltar que não se trata de propor uma substituição de produções, resultando em outras hierarquias de valores e concepções do que seja o belo e bom para ser apreciado. Aqui o objetivo, embora explicitado de modo breve, é levantar a questão de que a produção cultural das crianças, como sujeitos de direitos que são, passa pela esfera da política e, nesse caso em especial, pelas políticas publicas educacionais e culturais. O objetivo encontrase também na afirmativa de lançar olhares para o que já vem sendo feito no Brasil e em demais países onde tais questões encontramse mais presentes em profundos debates e práticas culturais nas cidades. Perceber tais relações – infâncias, políticas e produção cultural para infância e com a infância – é fundamental para prosseguirmos os debates sobre os direitos de todos desde que nascem. Criar espaços em que o toque, as sensações táteis, olfativas, auditivas, visuais e do paladar estejam presentes provocando descobertas evidenciando não apenas os resultados, mas o processo de criação é de responsabilidade dos adultos. Seu lugar é também o de criar ambientes ricos e provocantes que ofereçam informações visuais, que podem ser referentes a diversos assuntos que se deseja explorar.

Um aspecto a ser avaliado é considerar a importância de expor as criações infantis de maneira cotidiana dentro e fora dos muros da creche e da préescola. Essa prática colabora para a construção do sentido de pertencimento destes meninos e meninas ao espaço vivenciado todos os dias por eles num processo de apropriação desse espaço. O próprio ato de expor o que fora realizado contribui para a documentação de percursos criativos individuais e coletivos realizados pelas crianças e também pelas/os adultas/os que com elas trabalham e se dispõem a dialogar com todos que transitem por estes lugares garantindo a circulação de ideias sobre infância e sobre suas criações entre os adultos e destes com as crianças e entre elas independentemente da faixa etária. Na exposição podemse aglutinar expressões das crianças, manifestações artísticas criadas em cumplicidade com a professora, bem como, os registros dos processos de criação das crianças e não

apenas os resultados. Registros dos choros e sorrisos, conquistas e discussões, planejamentos e projetos. As exposições também documentam e, com isso, apresentam aspectos da história do grupo formado por meninos e meninas e adultos docentes em participação conjunta, criativa e criadora, permitindo refletir sobre as relações e investigálas tendoas como mote para outras propostas e projetos futuros.

TEATRO: O teatro é um acontecimento de cultura, não se tratando de eventos esporádicos apenas, envolve ricos processos de criação de todos os envolvidos, diria ainda mais, daqueles que participam não somente da encenação, mas dos que assistem as peças, sejam quais forem e como acontecerem, independente de sua faixa etária. O diretor de teatro inglês, radicado na França, Peter Brook em seu livro A Porta Aberta afirma que podemos escolher qualquer espaço vazio e considerálo um palco, um homem, ou criança (diria eu) ao atravessar esse espaço e ser observado por outro, é suficiente para criar uma ação cênica. Nas palavras desse autor nós não precisamos ter um grande teatro para se fazer teatro, nós precisamos de espaços livres onde a ação cênica aconteça. Acredito que isso nos sirva como fonte inspiradora para pensarmos no teatro com crianças desde bem pequenas.

Fazer teatro para crianças pequenas, desde seu primeiro ano de vida, tanto no espaço teatral como na creche ou préescola, significa procurar constante e curiosamente sentir de forma visceral o público que lá se encontra. Podese perceber isso quando assistimos a peças teatrais e observamos seus enredos e propostas de participação ou não do público infantil envolvido. Público este que é capaz de deixar a peça sem que tenha chegado ao fim, chorar, ou mesmo rindo e curiosa invadir o espaço, até então, reconhecido como de ocupação somente de atores profissionais. Perceber o ritmo da respiração de medo ou alegria, os gestos que convocam ao adulto ou mostramno dispensável, é fundamental, pois implica sabermos posteriormente não agredir as crianças com exigências que elas não podem cumprir, ou mesmo, esquecer que as falas, cenários, a sonoplastia e os enredos podem levála a ter curiosidade e participar constantemente.

Cabenos refletir sobre como as crianças podem construir um alfabeto teatral Frabetti, (texto no prelo), segundo o qual passam a conhecer e criar códigos, gestuais, vocabulários próprios cabendo aos adultos que valorizem experiências garantindo que as mesmas emerjam entre as crianças de todas as idades. O teatro pode ser não apenas para a exibição de produtos finais, mas de contar contos que envolvem universos sensíveis e simbólicos que reúnem jogo e exploração com personagens, conflitos e soluções que podem ser realizados no tempo presente e não com a expectativa de encenação para os pais e demais familiares em datas festivas. São experimentos de dominação das realidades, de criação de outras, num jogo que é também social e contem elementos da vida vivida pelas crianças e o que estão em seu entorno.

É importante considerar que no teatro, quando se está com as crianças, que não se pode apreender tudo e que cada uma se incumbirá – dentro de seu repertório particular, das relações estabelecidas com familiares e colegas – de portar consigo o que mais chamou sua atenção, o que lhe marcou: luzes, frases, músicas, enredo, atuação dos atores, personagens, que tantas vezes nem chamaram a atenção de outras crianças ou daqueles que lhe acompanhavam, mas que passarão a compor as vidas desses meninos e meninas a partir de sua experiência com peças teatrais. Quando voltam para as creches ou préescolas, após assistirem peças de boa qualidade, realizadas por companhias teatrais respeitosas em relação à infância, vale lembrar que não se pode pensar nesse momento tão rico, como uma aula, nos moldes escolarizantes, sobre assuntos variados. As perguntas que advém devem manter a riqueza do espetáculo e não consistir em exercícios de fixação do conteúdo visto e ouvido, por via de perguntas, cujas respostas não traduzem a inteireza da experiência. A oportunidade de conviver com a linguagem teatral, assistindo e brincando com ela e através dela, promovem o crescimento das crianças considerando invenção e imaginação, ao respeitar e provocar a apropriação de códigos complexos, de falas, de valores em âmbito físico, emocional, cultural. Para as adultas que se envolvem junto às crianças consistem em momentos enriquecidos nos quais a recuperação da fantasia e a nutrição da capacidade de encantarse e criar outros modos de relacionarse com a complexidade do mundo encontramse ali presentes.

TEATRO E DANÇA

Os adultos podem tornarse cúmplices das crianças no jogo teatral, não obrigatoriamente criar peças para elas, mas convidálas a participar de movimentos e sensações de forma a superar barreiras verbais e formais que por vezes se interpõem entre adultos e crianças.

a) Organizar espaços: os espaços físicos podem ser transformados em ambientes propícios aos jogos teatrais. Colocandose lenços de cores e tamanhos variados pendurados no teto se obtém uma floresta de tecidos dentro das quais as crianças podem passar ou criar situações diversas, bexigas, objetos sonoros, fantasias, máscaras podem contribuir com a ambientação de histórias criadas pelas crianças, sozinhas ou em colaboração com a professora. Com papéis celofane de cores variadas podemse criar efeitos de luz, se tiver lanternas para colocar atrás das folhas, os efeitos ficam ainda melhores. Os cenários convidam a criar diferentes situações dramáticas.

b) Máscaras: em diferentes tamanhos as máscaras podem ser confeccionadas com sacos de papel, cartolina, papelão sendo cortadas com tesouras ou rasgadas e ornamentadas pelas crianças, podem ser somadas à criação de vestimentas criadas a partir de diversos tipos de papel ou mesmo restos de tecidos doados pelas costureiras locais. Elas também podem ser feitas com empapelamento, técnica usada para obtenção de máscaras mais duras com tempo maior de duração. Após a decisão coletiva sobre qual personagem ou temática a ser criada, colocase sobre um suporte plástico finas tiras de papel – jornal, revista em quadrinhos, papel higiênico – embebidas numa mistura de água com bastante cola branca, tira a tira, em camadas besuntadas, numa última colocar cola

para garantir que fique bem homogênea a colagem. Deixar secar por um a dois dias. Pintar e ornamentar como quiser e usar nas brincadeiras criadas pelas crianças ou mesmo desenvolvidas previamente com adultos, com roteiros, personagens e cenários.

Colocandose sobre suportes resistentes podem tornarse cabeças de bonecões com os quais também poderão brincar.

c) Bonecos: meias que não sejam mais utilizadas podem ser decoradas pelas crianças tornandose fantoches, o mesmo pode ser feito com saquinhos de papel, potes plásticos, que ao ganharem tachinhas, botões, fitas, tecidos, lãs, criam vida quando utilizados como bonecos animados pelas crianças na composição de histórias e peças que elas próprias podem definir como serão.

DANÇA E MOVIMENTO: Ao se discutir sobre dança inevitavelmente se é levado a pensar sobre o corpo que dança, que se movimenta em ritmos sonoros ou não, seja por pessoas em diferentes faixas etárias. Quando a preocupação está voltada para a educação da primeira infância, não se pode negar que a dança na educação infantil esteve – e em alguns casos ainda está – voltada para a apresentação das crianças em datas comemorativas e que as mesmas caracterizavamse pelo cerceamento dos gestos das crianças e seus desejos, numa expressão coreográfica limitadora e até disciplinadora de seus corpos, que ficam reduzidos à mera execução de algo pronto e acabado. Com isso, quais os papéis da dança nas creches e préescolas? Quais os conceitos abordados ou mesmo qual a concepção de corpo que é considerada? Fazse tais reflexões no interior desses espaços destinados às crianças de pouca idade antes de propormos que essa linguagem artística componha o cotidiano, para além das apresentações pontuais?

Antes de se pensar em danças no contexto pedagógico, é essencial preocuparse com o que as crianças já sabem e consideram como dança. Hoje encontrase uma profusão de programas televisivos onde a dança se faz presente cultivando práticas, valores, construindo conhecimentos sobre essa área. Ao mesmo tempo em que somos bombardeados por tais práticas corporais nos esquecemos de pesquisar ou mesmo valorizar outras formas de danças existentes no país, tais como aquelas presentes nos diferentes grupos indígenas, entre os quilombolas, como o coco de roda, maculelês, catopês, lundus, jongos fundamentais como manifestações culturais brasileiras.

Ainda com a preocupação voltada para a dança de modo geral, devese ficar atento para se perceber o que as crianças e os adultos já sabem. Para tanto podese organizar algumas perguntas que orientariam os docentes. Dança é coisa de mulher? Samba é só para negros? Balé é coisa de classes sociais mais abastadas economicamente? Num outro momento é fundamental preocuparse com os corpos nos espaços: as salas frequentadas pelas crianças, as vezes ocupadas por cadeiras, mesas em modelo antecipatório da escolarização, permitem que a criança cresça se ocupando de todas as possibilidades de seus corpos? Quais as marcas deixadas nos corpos de meninos e meninas que tantas vezes descobrem o mundo sentadas em cadeiras por horas e horas diariamente? Marques (2003) sugere que as danças devem levar em conta a brincadeira, o improviso, a criação de formas, que compreendam a orientação da professora e o que as crianças trazem de seus universos sociais e familiares, de maneira que as crianças possam inventar e reinventar suas danças, seus movimentos, sem obrigatoriamente exibilas em datas pré definidas e somente nelas. Há formas de sugerir às crianças que descubram danças em seu próprio corpo, organizando atividades cuja preocupação parta das questões e práticas: como dançam os pés? Quando movemos os cotovelos, o que acontece? Ao ouvirmos determinados ritmos, o que acontece com o corpo? Fica imóvel? Dança mais rápido ou vagarosamente? Há ritmos diversos que podemos conhecer? O corpo é duro, mole, flexível?

Considerase assim que os meninos e meninas podem expressarse a partir do repertório que é próprio de seu corpo – já que ele é também social e histórico – de suas vivências, de modo a criar coreografias próprias, referentes ao grupo de amigos ou a suas experiências particulares, conjugadas à apreciação de grupos locais, nas expressões de danças populares que possam contribuir para a percepção, recepção e construção da cultura brasileira.

KAMII, CONSTANCE. A CRIANÇA E O NÚMERO. PAPIRUS.

A criança e o número, de Constance Kamii, apresenta um estudo sobre o desenvolvimento histórico dos números. Em Kamii (1990) o estudo segundo Piaget mostra que o estudo da natureza do conhecimento humano deveria ser feito coma investigação científica, e não como muitos filósofos faziam, ou seja, por meio de especulação e debate. No entanto, fatos sobre o sócio gênese préhistórico e o desenvolvimento do conhecimento humano ou são incompletos ou inacessíveis. Piaget então decidiu completar informações disponíveis, que não são muitas, com fatos sobre como as crianças de hoje constroem conhecimentos. O conhecimento, do qual hoje dispomos, é resultado de um processo de construção humana ao longo de vários séculos. Na obra de Kamii (1990) esta cita que Piaget afirma ser possível que haja paralelos entre a maneira como a criança constrói seu conhecimento e a maneira como a humanidade o fez no passado. Conhecer os paralelos entre a construção da humanidade e a construção da criança é importante, porque nos auxilia a compreender melhor a natureza do conhecimento lógicomatemático e os conceitos de número. Para que a criança aprenda as técnicas computacionais, passa por etapas similares àquelas pela qual passou a humanidade. Segundo Kamii, os algoritmos, tais como hoje utilizados, são recentes na história da humanidade. Só por volta de 1600 o nosso Sistema de Numeração Decimal, indoarábico, passou a ser aceito como sistema oficial de computação, tomando o lugar do sistema de numeração romana.

Os romanos utilizavam uma tábua de cálculos que consiste em quatro colunas, sendo a primeira a das unidades, a segunda das dezenas, a terceira das centenas e assim por diante, colocando pedras ou contas em cada coluna. Através da obra de Kamii podemos perceber que as crianças adquirem o conhecimento lógicomatemático por um processo de construção, ação, de dentro para fora. Esse processo não se dá por transmissão, de fora para dentro, e, segundo Piaget, não se dá por transmissão social. Piaget distingue três tipos de conhecimentos para que se compreenda melhor o conhecimento lógicomatemático. O conhecimento físico referese aos objetos do mundo exterior. Kamii (1990) afirma que a fonte do conhecimento físico está apenas em parte nos objetos, porque, mesmo para ler uma cor de um objeto, se faz necessário uma estrutura lógicomatemática. Para distinguir a cor vermelha num objeto, precisase de uma estrutura que faça pensar nas demais cores, e delas distinguir o vermelho. Tomando como exemplo o Natal, no dia 25 de Dezembro, é exemplo de um conhecimento social, pois é apenas uma das convenções estabelecidas socialmente. A característica principal do conhecimento, segundo Piaget, "é que sua natureza é preponderantemente arbitrária". (Kamii, 1990). Arbitrário porque alguns povos o comemoram, enquanto outros não. Portanto, não há qualquer relação de natureza física ou lógicomatemática entre o objeto e a sua denominação. Conhecimentos como estes são passados pela transmissão de uma pessoa para outra ou entre pessoas de diferentes gerações. Através da finalidade de construir conhecimentos, sobre o mundo físico, uma criança precisa de estrutura lógicomatemática, necessitando também dessa estrutura para adquirir conhecimentos sociais. Não poderíamos pensar em Natal sem classificálo em relação aos demais dias do ano. Na concepção de Piaget, apresentada por Kamii, diferentemente dos outros conhecimentos, o conhecimento lógicomatemático consiste em relações criadas pelo sujeito. Ele exemplifica este conhecimento como diferença.

Segundo Piaget, a abstração de número é muito diferente da abstração de cor dos objetos, chamada por ele de abstração empírica ou simples. Para abstração de número, usou o termo abstração reflexiva. Na abstração empírica, a criança se concentra numa certa propriedade do objeto e ignora as demais. Ao centrarse na cor, acaba deixando de lado peso, material do qual é feito e outras coisas. A abstração reflexiva, diferentemente da abstração empírica, envolve a construção de uma relação entre objetos. Relações não têm uma existência na realidade externa. A abstração reflexiva é uma construção verdadeira feita pela mente, e não uma concentração sobre um determinado objeto. No entanto, na realidade psicológica da criança, uma não existe sem a outra. A relação de diferente não existe se a criança não observar diferentes propriedades nos objetos. Como dito anteriormente, a construção do conhecimento físico só é possível porque a criança possui uma estrutura lógicomatemático que possibilita novas observações em relação ao conhecimento que ela já tem. Para uma criança reconhecer que um peixe é vermelho, ela precisa reconhecer o vermelho de outras cores e o peixe de outros objetos. Portanto, para que ela seja capaz de ler fatos da realidade externa, precisa da estrutura lógicomatemática construída pela abstração reflexiva ou construtiva. Os dois tipos de abstração até agora apresentados por Kamii podem parecer sem grande importância enquanto uma criança está aprendendo números pequenos como, por exemplo, até dez. No entanto, quando ela aprende números como 999 e1000, quando já não dispõe desse número de objetos ou fotografias com tais quantidades, a situação fica mais difícil. Assim, por meio de abstração reflexiva, acriança constrói relações, números são aprendidos, então pode entender números bem maiores, apesar de não têlos visto antes.

Podemos perceber através da obra em questão que o ensino da Matemática, ao longo dos anos, vem priorizando os conhecimentos físicos e sociais, deixando um pouco de lado o conhecimento lógicomatemático, cuja fonte é interna. Considerase que para aprender numeração, bastam observar quantidades e escrever os numerais correspondentes, repetidas vezes. O conhecimento lógicomatemático evolui quanto mais relações o indivíduo consegue coordenar. No caso do número, tornase necessário a coordenação das relações de ordenação mentalmente. Por outro lado, os números indicam quanto conhecimento matemático acriança traz para a escola e que acaba não sendo aproveitado, pelo professor, para fazêla avançar. Muitas vezes, professores têm em sala alunos que trabalham vendendo balas ou frutas, acostumadas a calcular, que esquecem sua experiência no momento de fazer exercícios mecânicos. Por inexperiência, os adultos esquecemse de que a matemática, como a linguagem, são construções humanas de muitos anos. E é com um ambiente propício à reflexão que o aluno será capaz de tirar melhor proveito das aulas. Para o conhecimento lógico matemático, são grandes as vantagens do jogo em grupo, na sala de aula, tanto do industrializado como do produzido artesanalmente, e uma atividade lúdica e agradável normalmente sempre será bem vinda para as crianças. Muitos professores concordam em utilizar o jogo, mas apenas para lazer, depois de terminados os chamados "trabalhos de aula", esquecendose de seu lado educativo. A autora comenta sobre Piaget, onde ele declara que "a finalidade da educação deve ser a de desenvolver a autonomia da criança, que é indissociavelmente social, moral e intelectual" (p.33). Autonomia significa agir por leis próprias, na educação tem o objetivo de não opinar sobre o que não acreditam. Como as escolas ainda educam tradicionalmente, a heteronomia da criança passa a ser mais trabalhada do que a própria autonomia. Isto porque, os professores mantêm as crianças nas regras, através de sanções, como as estrelinhas, prêmios, notas, etc. Estudos feitos mostram que alunos do primeiro ano do ensino superior não estão capacitados para serem críticos; devese ressaltar a diferença entre a construção do número (não é observável, pois existe apenas na cabeça da criança) e quantificação de objetos (a observação é feita em partes, pois podemos ver o comportamento da criança, mas não vemos o pensamento que se desenvolveu mentalmente). O meio ambiente, o nível socioeconômico e cultural da criança

tanto pode agilizar o desenvolvimento lógicomatemático como retardálo. O aluno que já tem o conhecimento lógicomatemático é capaz de representar os números com símbolos ou signos, sendo as primeiras relações com os objetos que o representam e signos são desenvolvidos por fatos e não mantém semelhanças representativas com os objetos. O professor tem a missão de estimular o pensamento espontâneo da criança.

LERNER, DÉLIA. LER E ESCREVER NA ESCOLA. O REAL, O POSSÍVEL E O NECESSÁRIO. PORTO ALEGRE ARTMED. 2002.

Embora seja difícil e demande tempo, a escola necessita de transformações profundas no que concerne ao aprendizado da leitura e da escrita, que só serão alcançadas através da compreensão profunda de seus problemas e necessidades, para que então seja possível falar de suas possibilidades.

Capítulo s1

Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário

Aprender a ler e escrever na escola deve transcender a decodificação do código escrito, deve fazer sentido e estar vinculado à vida do sujeito, deve possibilitar a sua inserção no meio cultural a qual pertence, tornandoo capaz de produzir e interpretar textos que fazem parte de seu entorno. Tornase então necessário reconceitualizar o objeto de ensino tomando por base as práticas sociais de leitura e escrita, resignificando seu aprendizado para que os alunos se apropriem dele 'como práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir'. Para tornar real o que compreendemos ser necessário é preciso conhecer as dificuldades que a escola apresenta, distinguindo as legítimas das que fazem parte de 'resistências sociais' para que então se possa propor soluções e possibilidades.

A tarefa é difícil porque, a própria especificidade do aprendizado da leitura e da escrita que se constituem em construções individuais dos sujeitos agindo sobre o objeto (leitura e escrita) torna a sua escolarização difícil, já que não são passíveis de se submeterem a uma programação sequencial. Por outro lado, tratase de práticas sociais que historicamente foram, e de certo modo continuam sendo, patrimônio de certos grupos, mais que de outros, o que nos leva a enfrentar e tentar buscar caminhos para resolver as tensões existentes na instituição escolar entre a tendência à mudança (democratização do ensino) e a tendência à conservação (reprodução da ordem social estabelecida). É difícil ainda, porque o ato de ensinar a ler e escrever na escola tem finalidade puramente didática: a de possibilitar a transmissão de saberes e comportamentos culturais, ou seja, a de preservar a ordem preestabelecida, o que o distancia da função social que pressupõe ler para se comunicar com o mundo, para conhecer outras possibilidades e refletir sobre uma nova perspectiva. É difícil também, porque a estruturação do ensino conforme um eixo temporal único, segundo uma progressão linear acumulativa e irreversível entra em contradição com a própria natureza da aprendizagem da leitura e da escrita, que como vimos ocorre por meio de aproximações do sujeito com o objeto, provocando coordenações e reorganizações cognitivas que lhe permite atribuir um novo significado aos conteúdos aprendidos.

E, finalmente, a necessidade da escola em controlar a aprendizagem da leitura faz com que se privilegie mais o aspecto ortográfico do que os interpretativos do ato de ler, e o sistema de avaliação, onde cabe somente ao docente o direito e o poder de avaliar, não propicia ao aluno a oportunidade de autocorreção e reflexão sobre o seu trabalho escrito, e consequentemente não contribui para a construção da sua autonomia intelectual.

Diante desses fatos, o que é possível fazer para que se possa conciliar as necessidades inerentes a instituição escolar e, ao mesmo tempo, atender as necessidades de formar leitores e escritores competentes ao exercício pleno da cidadania?

Em primeiro lugar devem se tornar explícitos aos profissionais da educação os aspectos implícitos nas práticas educativas que estão acessíveis graças aos estudos sociolinguísticos, psicolinguísticos, antropológicos e históricos, ou seja, aqueles que nos mostram como a criança aprende a ser leitora e escritora; o que facilita ou quais são as prerrogativas essenciais a esse aprendizado.

Em segundo lugar, é preciso que se trabalhe com projetos como ferramenta capaz de articular os propósitos didáticos com os comunicativos, já que permitem uma articulação dos saberes sociais e os escolares. Além disso, o trabalho com projetos estimula a aprendizagem, favorece a autonomia, já que envolve toda a classe, e evita o parcelamento do tempo e do saber, já que tem uma abordagem multidisciplinar.

"É assim que se torna possível evitar a justaposição de atividades sem conexão que abordam aspectos também sem conexão com os conteúdos , e as crianças tem oportunidade de ter acesso a um trabalho suficientemente duradouro para resolver problemas desafiantes, construindo os conhecimentos necessários para isso, para estabelecer relações entre diferentes situações e saberes, para consolidar o aprendido e reutilizálo... ".(p.23).

Finalmente, é possível repensar a avaliação, sabendo que esta é necessária, mas que não pode prevalecer sobre a aprendizagem. Segundo a autora, 'ao diminuir a pressão do controle, tomase possível avaliar aprendizagens que antes não ocorriam [...]' já que no trabalho com projetos os alunos discutem suas opiniões, buscam informações que possam auxiliálos e procuram diferentes soluções, fatores importantíssimos a formação de cidadãos praticantes da cultura escrita.

Capítulo 2 Para Transformar o Ensino da Leitura e da Escrita

"O desafio [...] é formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explicita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade dos outros", (p.27) Para que haja uma transformação verdadeira do ensino da leitura e da escrita, a escola precisa favorecer a aprendizagem significativa, abandonando as atividades mecânicas e sem sentido que levam o aluno a compreender a escrita como uma atividade pura e unicamente escolar. Para isso, a escola necessita propiciar a formação de pessoas capazes de apreciar a literatura e de mergulhar em seu mundo de significados, formando escritores e não meros copistas, formando produtores de escrita conscientes de sua função e poder social. Precisa também, preparar as crianças para a interpretação e produção dos diversos tipos de texto existentes na sociedade, conseguindo que a escrita deixe de ser apenas um objeto de avaliação e passe a ser um objeto de ensino, capaz não apenas de reproduzir pensamentos alheios, mas de refletir sobre o seu próprio pensamento, enfim, promovendo a descoberta da escrita como instrumento de criação e não apenas de reprodução. Para realmente transformar o ensino da leitura e da escrita na escola, é preciso, ainda, acabar com a discriminação que produz fracasso e abandono na escola, assegurando a todos o direito de 'se apropriar da leitura e da escrita como ferramentas essenciais de progresso cognoscitivo e de crescimento pessoal'.

É possível a mudança na escola?

Ensinar e ler e escrever faz parte do núcleo fundamental da instituição escolar, está nas suas raízes, constitui a sua missão alfabetizadora e sua função social, portanto, é a que mais apresenta resistência a mudanças. Além disso, nos últimos anos, foi a área de que mais sofreu com a invasão de inovações baseadas apenas em modismos. "... O sistema de ensino continua sendo o terreno privilegiado de todos os voluntarismos dos quais talvez seja o último refúgio. Hoje, mais de que ontem, deve suportar o peso de todas as expectativas, dos fantasmas, das exigências de toda uma sociedade para a qual a educação é o ultime portador de ilusões"2.

Sendo assim, para que seja possível uma mudança profunda da prática didática vigente hoje nas instituições de ensino, capaz de tornar possível a leitura na escola, é preciso que esta esteja fundamentada na evolução histórica do pensamento pedagógico, sabendo que muito do que se propõe pode ser encontrado nas ideias de Freinet, Dewey, Decroly e outros pensadores e educadores, o que significa estarem baseadas no avanço do conhecimento científico dessa área, que como em outras áreas do conhecimento científico, teve suas hipóteses testadas com o objetivo de desvendar a gênese do conhecimento humano como os estudos realizados por Jean Piaget. É preciso compreender também, que essas mudanças não dependem apenas da capacitação adequada de seus profissionais, já que esta é condição necessária, mas não suficiente, é preciso conhecer o cotidiano escolar em sua essência, buscando descobrir os mecanismos ou fenômenos que permitem ou atravancam a apropriação da leitura e da escrita por todas as crianças que ali estão inseridas.

O que vimos até hoje, por meio dos trabalhos e pesquisas que temos realizado no campo da leitura e da escrita, é que existe um abismo que separa a prática escolar da prática social da leitura e da escrita lêse na escola trechos sem sentido de uma realidade desconhecida para a criança, já que foi produzido sistematicamente para ser usado no espaço escolar a fragmentação do ensino da língua (primeiro sílabas simples, depois complexas, palavras, frases...) não permite um espaço para que o aluno possa pensar no que aprendeu dentro de um contexto que lhe faça sentido, e ainda, fazem com que esta perca a sua identidade.

"Como o objetivo final do ensino é que o aluno possa fazer funcionar o aprendido fora da escola, em situações que já não serão didáticas, será necessário manter uma vigilância epistemológica que garanta uma semelhança fundamental entre o que se ensina e o objeto ou prática social que se pretende que os alunos aprendam. A versão escolar da leitura e da escrita não deve afastarse demasiado da versão social nãoescolar". (p.35)

O "Contrato Didático"

O Contrato Didático aqui é considerado como as relações implícitas estabelecidas entre professor e aluno, sobretudo porque estas exercem influência sobre o aprendizado da leitura e da escrita, já que o aluno deve concentrarse em perceber ou descobrir o que o professor deseja que ele 'saiba' sobre aquele texto que o professor escolheu para que ele leia e não em suas próprias interpretações: "A 'cláusula' referente à interpretação de textos parece estabelecer [...] que o direito de decidir sobre a validade da interpretação é privativo do professor...".

Se o objetivo da escola é formar cidadãos praticantes da leitura e da escrita, capazes de realizar escolhas e de opinar sobre o que leem e veem em seu entorno social, é preciso que seja revisto o Contrato Didático, principalmente no âmbito da leitura e da escrita, e essa revisão é encargo dos pesquisadores de didática divulgando os resultados obtidos bem como os elementos que podem contribuir para as mudanças necessárias , é responsabilidade dos organismos que regem a educação que devem levar em conta esses resultados , é encargo dos formadores de professores e de todas as instituições capazes de comunicar à comunidade e particularmente aos pais, da importância que tem a análise, escolha e exercício de opinião de seus filhos quando do exercício da leitura e da escrita.

Ferramentas para transformar o ensino

Vimos que transformar o ensino vai além da capacitação dos professores, passa pela sua revalorização pessoal e profissional; requer uma mudança de concepção da relação ensinoaprendizagem para que se possa conceber o estabelecimento de objetivos por ciclos que abrangem os

conhecimentos objeto de ensino de forma interdisciplinar, visando diminuir a pressão do tempo didático e da fragmentação do conhecimento.

Requer que não se perca de vista os objetivos gerais e de prioridade absoluta, aqueles que são essenciais à educação e lhe conferem significado. Requer ainda, que se compreenda a alfabetização como um processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, e que, portanto, não pode ser desprovido de significado.

Essa compreensão só será alcançada na medida em que forem conhecidos e compreendidos os estudos científicos realizados na área, e que nos levaram a descobrir a importância da atividade mental construtiva do sujeito no processo de construção de sua aprendizagem, resignificando o papel da escola. Colocando em destaque o aprendizado da leitura e da escrita, consideramos fundamental que sejam divulgados os resultados apresentados pelos estudos psicogenéticos e psicolinguísticos, não apenas a professores ou profissionais ligados à educação, mas a toda sociedade, objetivando conscientizálos da sua validade e importância, levandoos a perceber as vantagens das estratégias didáticas baseadas nesses estudos, e, sobretudo, conscientizandoos de que educação também é objeto da ciência.

Voltando a capacitação, enfatizando sua necessidade, é preciso que se criem espaços de discussão e troca de experiências e informações, que dentre outros aspectos servirão para levar o professor a perceber que a diversidade cultural não acontece apenas em sua sala de aula, que ela faz parte da realidade social na qual estamos inseridos, e que sendo assim, não poderia estar fora da escola, e ainda, que esta diversidade tem muito a contribuir se o nosso objetivo educacional consistir em preparar nossos alunos para a vida em sociedade. No que concerne a leitura e escrita, parecenos essencial ter corno prioritária a formação dos professores como leitores e produtores de texto, capazes de aprofundar e atualizar seus saberes de forma permanente'. Nossa experiência nos levou a considerar que a capacitação dos professores em serviço apresenta melhores resultados quando é realizada por meio de oficinas, sustentadas por bibliografias capazes de dar conta das interrogações a respeito da prática que forem surgindo durante os encontros, que devem se estender durante todo o ano letivo, e que contam com a participação dos coordenadores também em sala de aula, mas que, à longo prazo, capacitem o professor a seguir autonomamente, sem que seja necessário o acompanhamento em sala de aula.

Capítulo 3 – Apontamentos a partir da Perspectiva Curricular

É importante que, ao propor uma transformação dídática a uma instituição de ensino, seja considerada a sua particularidade, o que se dá através do conhecimento de suas necessidades e obstáculos, implícitos ou explícitos, que caberá a proposta suprir ou superar. É imperativo que a elaboração de documentos curriculares esteja fortemente amparada na pesquisa didática, já que será necessário selecionar os conteúdos que serão ensinados o que pressupõe uma hierarquização, já que privilegiará alguns em detrimento de outros.

"Prescrever é possível quando se está certo daquilo que se prescreve, e se está tanto mais seguro quanto mais investigada está a questão do ponto de vista didático".(p. 55).

As escolhas de conteúdos devem ter como fundamento os propósitos educativos', ou seja, se o propósito educativo do ensino da leitura e da escrita é o de formar os alunos como cidadãos da cultura escrita, então o objeto de ensino a ser selecionado deve ter como referência fundamental às práticas sociais de leitura e escrita utilizadas pela comunidade, o que supõe enfatizar as funções da leitura e da escrita nas diversas situações e razões que levam as pessoas a ler e escrever, favorecendo seu ingresso na escola como objeto de ensino.

Os estudos em torno das práticas de leitura existentes ou preponderantes no decorrer da história da humanidade mostraram que em determinados momentos históricos privilegiavamse leituras intensas e profundas de poucos textos, como por exemplo, os pensadores clássicos, seguidos de profundas reflexões realizadas por meio de debates ou conversas entre pequenos grupos de pessoas ou comunidades, se tomarmos como exemplo a leitura da Bíblia. Com o avanço das ciências e o aumento da diversidade literária disponível nas sociedades mais abastadas as práticas de leitura passaram a se alternar entre intensivas ou extensivas (leitura de vários textos com menor profundidade), mas sempre mantendo um fator comum: elas, leitura e escrita, sempre estiveram inseridas nas relações com as outras pessoas, discutindo hipóteses, ideias, pontos de vista ou apertas indicando a leitura de algum título ou autor. O aspecto mais importante que podemos tirar acerca dos estudos históricos é que aprendese a ler, lendo (ou a escrever, escrevendo), portanto, é preciso que os alunos tenham contato com todos os tipos de texto que veiculam na sociedade, que eles tenham acesso a eles, que esses materiais deixem de ser privilégio de alguns, passando a ser patrimônio de todos. Didaticamente, isto significa que os alunos precisam se apropriar destes textos através de práticas de leitura significativas que propiciem reflexões individuais e grupais, que embora demandem tempo, são essenciais para que o sujeito possa, no futuro, ser um praticante da leitura e da escrita.

"...É preciso assinalar que, ao exercer comportamentos de leitor e de escritor, os alunos têm também a oportunidade de entrar no mundo dos textos, de se apropriar dos traços distintivos[...] de certos gêneros, de ir detectando matizes que distinguem a 'linguagem que se escreve' e a diferenciam da oralidade coloquial, de pôr em ação [...] recursos linguísticos aos quais é necessário apelar para resolver os diversos problemas que se apresentam ao produzir ou interpretar textos [...[é assim que as práticas de leitura e escrita, progressivamente, se transformam em fonte de reflexão metalinguística». (p. 64).

Capítulo 4 - E possível ler na escola?

"Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendêla melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita...".(p.73). Ensinar a ler e escrever foi, e ainda é, a principal missão da escola, no entanto, dois fatores parecem contribuir para que a escola não obtenha sucesso:

1. A tendência de supor que existe uma única interpretação possível a cada texto;

2. A crença como diria Piaget de que a maneira como as crianças aprendem difere da dos adultos, e que, portanto, basta ensinarlhes o que julgarem pertinente, sem que haja preocupação com o sentido ou significado que tais conteúdos tem para as crianças, o que, além de tudo, facilita o controle da aprendizagem, já que essa concepção permite uma padronização do ensino.

Para que seja possível ler na escola, é necessário que ocorra uma mudança nessas crenças, é preciso, como já vimos, que sejam considerados os resultados dos trabalhos científicos em torno de como ocorre o processo de aprendizagem nas crianças: que ele se dá através da ação da criança sobre os objetos (físicos e sociais), sendo a partir dessa ação que ela (a criança) lhe atribuirá um valor e um significado.

Sabendo que a leitura é antes de tudo um objeto de ensino que na escola deverá se transformar em um objeto de aprendizagem, é importante não perder de vista que sua apropriação só será possível se houver sentido e significado para o sujeito que aprende, que esse sentido varia de acordo com as experiências prévias do sujeito e que, portanto, não são suscetíveis a uma única interpretação ou significado e que o caminho para a manutenção desse sentido na escola está em não dissociar o objeto de ensino de sua função social.

O trabalho com projetos de leitura e escrita cujos temas são dirigidos à realização de algum propósito social vem apresentando resultados positivos. Os temas propostos visam atender alguma necessidade da comunidade em questão e são estruturados da seguinte forma:

a) Proposta do projeto às crianças e discussão do plano do trabalho;

b) Curso de capacitação para as crianças visando preparálas para a busca e consulta autônoma dos materiais a serem utilizados quando da realização das etapas do projeto;

c) Pesquisa e seleção do material a ser utilizado e/ou lugares a serem visitados;

d) Divisão das tarefas em pequenos grupos;

e) Participação dos pais e da comunidade;

f) Discussão dos resultados encontrados pelos grupos;

g) Elaboração escrita dos resultados encontrados pelos grupos (que passará pela revisão de outro grupo e depois pelo professor);

h) Redação coletiva do trabalho final;i) Apresentação do projeto à comunidade interessada.

j) Avaliação dos resultados.

Nesses projetos temse a oportunidade de levar a criança a extrair informações de diversas fontes, inclusive de textos que não foram escritos exclusivamente para elas, e que, portanto, apresentam um grau maior de dificuldade. A discussão coletiva das informações que vão sendo coletadas propicia a troca de ideias e a verificação de diferentes pontos de vista, como acontece na vida real, e, ainda, durante a realização desses projetos as crianças não leem e escrevem só para 'aprender', a leitura assume um propósito, um significado, que atende também aos propósitos do docente de inserilas no mundo de leitores e escritores. Os projetos permitem ainda, uma administração mais flexível do tempo, porque propiciam o rompimento com a organização linear dos conteúdos já que costumam trabalhar com os temas selecionados de forma interdisciplinar, o que possibilita a retomada dos próprios conteúdos em outras situações e ainda, a análise destes a partir de um referencial diferente.

Acontecem concomitantemente e em articulação com a realização dos projetos, atividades habituais, como 'a hora do conto' semanal ou momentos de leitura de outros gêneros, como o de curiosidades científicas e atividades independentes que podem ter caráter ocasional, como a leitura de um texto que tenha relevância pontual ou fazer parte de situações de sistematização: passar a limpo uma reflexão sobre uma leitura realizada durante uma atividade habitual ou pontual. Todas essas atividades contribuem com o objetivo primordial de 'criar condições que favoreçam a formação de leitores autônomos e críticos e de produtores de textos adequados à situação comunicativa que os torna necessário' já que em todos eles observamse os esforços por produzir na escola as condições sociais da leitura e da escrita.

"É assim que a organização baseada em projetos permite coordenar os propósitos do docente com os dos alunos e contribui tanto para preservar o sentido social da leitura como para dotála de um sentido pessoal para as crianças". (p.87).

Ainda, o trabalho com projetos, por envolver grupos de trabalho e, abrir espaço para discussão e troca de opiniões, permite o estabelecimento de um novo contrato didático, ou seja, um novo olhar sobre a avaliação, porque admite novas formas de controle sobre a aprendizagem, nas quais todos os sujeitos envolvidos tomam parte, o que contribui para a formação de leitores autônomos, já que estes devem justificar perante o grupo as conclusões ou opiniões que defendem. É importante ressaltar, que essa modalidade de trabalho torna ainda mais importante o papel das intervenções do professor fazendo perguntas que levem a ser considerados outros aspectos que ainda não tenham sido levantados pelo grupo, ou a outras interpretações possíveis do assunto em questão. Em suma, é importante que a necessidade de controle, inerente a instituição escolar, não sufoque ou descaracterize a sua missão principal que são os propósitos referentes à aprendizagem.

O professor: um ator no papel de leitor

É muito importante que o professor assuma o papel de leitor dentro da sala de aula.

Com esta atitude ele estará propiciando a criança a oportunidade participar de atos de leitura. Assumir o papel de leitor consiste em ler para os alunos sem a preocupação de interrogálos sobre o lido, mas de conseguir com que eles vivenciem o prazer da leitura, a experiência de seguir a trama criada pelo autor exatamente para este fim, e ao terminar, que o professor comente as suas impressões a respeito do lido, abrindo espaço para o debate sobre o texto seus personagens, suas atitudes.

Assumir o papel de leitor é fator necessário, mas não suficiente, cabe ao professor ainda mais, cabelhe propor estratégias de leitura que aproximem cada vez mais os alunos dos textos.

A Instituição e o sentido da leitura

Quando os projetos de leitura atingem toda a instituição educacional, criase um clima leitor que atinge também os pais, e que envolvem os professores numa situação de trabalho conjunta que tem um novo valor: o de possibilitar uma reflexão entre os docentes a respeito das ferramentas de análise que podem contribuir para a resolução dos problemas didáticos que por ventura eles possam estar vivendo.

As propostas de trabalho e as reflexões aqui apresentadas mostram que é possível sim! Ler e escrever na escola, desde que se promova uma mudança qualitativa na gestão do tempo didático, reconsiderando as formas de avaliação, não deixando que estas interfiram ou atrapalhem o propósito essencial do ensino e da aprendizagem. Desde que se elaborem projetos onde a leitura tenha sentido e finalidade social imediata, transformando a escola em uma 'microssociedade de leitores e escritores em que participem crianças, pais e professores...". (p. 101).

Capítulo 5 - O Papel do Conhecimento Didático na Formação do Professor

"O saber didático é construído para resolver problemas próprios da comunicação do conhecimento, é o resultado do estudo sistemático das interações que se produzem entre o professor, os alunos e o objeto de ensino; é produto da análise das relações entre o ensino e a aprendizagem de cada conteúdo específico; é elaborado através da investigação rigorosa do funcionamento das situações didáticas". (p. 105).

É importante considerar que o saber didático, como qualquer outro objeto de conhecimento, é construído através da interação do sujeito com o objeto, ele se encontra, portanto, dentro da sala de aula, e não é exclusividade dos professores que trabalham com crianças, ele está presente também em nossas oficinas de capacitação. Então, para apropriarse desse saber é preciso estar em sala de aula, buscando conhecer a sua realidade e as suas especificidades.

A atividade na aula como objeto de análise

O registro de classe apresentase como principal instrumento de análise do que ocorre em sala de aula. Esses registros podem ser utilizados durante a capacitação objetivando um aprofundamento do conhecimento didático, já que as situações nele apresentadas permitem uma reflexão conjunta a respeito das situações didáticas requeridas para o ensino da leitura e escrita.

Optamos por utilizar, a princípio, os registros das 'situações boas' ocorridas em sala de aula, porque percebemos, através da experiência, que a ênfase nas 'situações más' distanciava capacitadores e educadores, e para além, criavam um clima de incerteza, por enfatizar o que não se deve fazer, sem apresentar direções do que poderia ser feito, em suma, quando enfatizamos 'situações boas´ estamos mostrando o que é possível realizar em sala de aula, o que por si só, já é motivador.

É importante destacar que as ‹situações boas› não se constituem em situações perfeitas, elas apresentam erros que, ao serem analisados, enriquecem a prática docente, pois são: considerados como importantes instrumentos de análise da prática didática ponto de partida de uma nova reflexão sendo vistos como parte integrante do processo de construção do conhecimento. "... a análise de registros de classe opera como coluna vertebral no processo de capacitação, porque é um recurso insubstituível para a comunicação do conhecimento didático e porque é a partir da análise dos problemas, propostas e intervenções didáticas que adquire sentido para os docentes se aprofundarem no conhecimento do objeto de ensino e de s processos de aprendizagem desse objeto por parte das crianças", (p. 116).

Fonte: http://educacadoresemluta.blogspot.com/2009/12/lerner-delia-ler-e-escrever-na-escola--o_1697.html

LUCKESI, CIPRIANO CARLOS AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR. SÃO PAULO: EDITORA CORTEZ, 2002.

Cipriano Carlos LUCKESI, autoridade renomada em educação, é Doutor em Educação pela PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Mestre em Ciências Sociais pela UFBA – Universidade Federal da Bahia; Licenciado em Filosofia pela UCSal – Universidade Católica de Salvador; e Bacharel em Teologia pela PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Por também acreditar na possibilidade de sucesso na aprendizagem de um novo e necessário tipo de avaliação e, ao mesmo tempo, contrariamente ao formato textual da maioria das resenhas, iniciarei os comentários pelo final do texto ora abordado, quando o próprio LUCKESI afirma: "Só quem deseja aprender, com ardor, aprende!"

Nesse sentido, ressaltamos que em "A aprendizagem da avaliação", LUCKESI coloca um subtítulo, no mínimo sugestivo: sobre a necessidade do educador aprender a avaliar a aprendizagem. Ou seja, primeiro temos que aprender

a avaliar para, só mais tarde, avaliarmos a aprendizagem. Parece um jogo de palavras, mas LUCKESI nos prova, ao longo do texto, que a afirmação não é um mero trocadilho.

história da avaliação da aprendizagem é recente. Somente em 1930, com Ralph Tyler, começou-se a pensar em Avaliação da Aprendizagem, buscando sua compreensão e divulgação.

Em contrapartida, a história dos exames escolares que ainda hoje praticamos é um tanto mais longa, datando dos séculos XVI e XVII.

Talvez por esse motivo, Raph Tyler, depois de séculos de consolidação do sistema de exames escolares, preocupou-se com o fato de que, com esse sistema de avaliação por exames, a cada cem crianças que ingressavam na escola, somente trinta eram aprovadas, ficando sempre um resíduo de setenta crianças reprovadas na escola, a cada ano. E para Tyler essa perda era excessiva.

Tyler propôs, então, um sistema de ensino que:

ensinasse alguma coisa;

diagnosticasse sua consecução;

no caso da aprendizagem satisfatória, seguisse em frente;

no caso da aprendizagem insatisfatória, houvesse uma reorientação, tendo em vista a obtenção do resultado satisfatório, destino evidente da atividade pedagógica escolar.

Segundo LUCKESI, nesses oitenta anos que se passaram, essa proposta óbvia, singela e consistente de Tyler não conseguiu ainda ter vigência significativa nos meios educacionais.

No Brasil, o tema "avaliação da aprendizagem" começa a ser abordado no final dos anos de 1960/início dos anos 1970 do século XX; conforme LUCKESI, antes disso falávamos apenas em exames escolares.

A LDB de 1961 ainda continha um capítulo sobre os exames escolares.

A Lei 5.692 de 1971 redefiniu o sistema de ensino no país, deixando de usar a expressão "exames escolares", substituindo-a por "aferição do aproveitamento escolar."

A atual LDB, editada em 1996, finalmente usou a expressão "avaliação da aprendizagem", em seus artigos de lei. Entretanto, em todos os níveis de ensino no Brasil, utilizam-se muito mais exames escolares do que avaliação da aprendizagem, apesar da expressão "avaliação da aprendizagem" estar contida na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação, conforme já dito.

Nesse sentido, LUCKESI assevera que o nosso senso comum, na vida escolar, tem sido de examinadores e não de avaliadores; sendo que, em nossa vida escolar, fomos sempre muito mais examinados do que avaliados.

E para distinguirmos essas duas condutas, a de examinador e a de avaliador, basta lembrarmos que:

o ato de examinar se caracteriza pela classificação e seletividade;

o ato de avaliar se caracteriza pelo diagnóstico e pela inclusão.

LUCKESI explica que o educando não vai para a escola para ser submetido a um processo seletivo; e, sim, para aprender. Interessa, portanto, o sistema escolar em que o educando aprenda, e não aquele em que ele seja meramente reprovado.

Nós, educadores, temos que investir na "aprendizagem da avaliação", pois, na maioria das vezes, repetimos o que aconteceu conosco. Ou seja, fomos examinados por nossos professores, através de exames escolares, agora somos examinadores de nossos alunos, utilizando-nos dos mesmos instrumentos.

O que significa, então, "aprender a avaliar"?

Significa aprender os conceitos teóricos sobre avaliação, mas aprender também a praticar essa avaliação, em atos do cotidiano escolar.

Mas de que forma podemos aprender a avaliar a aprendizagem de nossos educandos, incluindo a nossa autoavaliação como educadores e avaliadores?, questiona-se LUCKESI, ao mesmo tempo em que responde a questão, afirmando que em primeiro lugar importa estar aberto a aprender essa prática.

Em segundo lugar, afirma o teórico, devemos observar se estamos satisfeitos (ou não) com os resultados da aprendizagem de nossos alunos. Se os resultados não são satisfatórios, devemos investigar o que estaria por trás dessa defasagem, inclusive em nossa ação pedagógica.

Muitos fatores podem estar presentes em um resultado insatisfatório, mas um deles pode ser a nossa prática avaliativa, como por exemplo, quando:

- utilizamos instrumentos inadequados para aferir o desempenho dos alunos;
- existe insuficiência de atenção às necessidades dos alunos;
- os alunos demonstrarem um maior grau de dificuldade do que imaginamos;
- há falta de entusiamo e de liderança de nossa parte.

Em terceiro lugar, como forma de "aprender a avaliar", LUCKESI nos aponta o estudo do que já foi escrito sobre "avaliação da aprendizagem". Nesse sentido, o autor ressalta que, embora somente o estudo das teorias sobre avaliação da aprendizagem não ofereça para todos nós os recursos necessários à aprendizagem desse modo de agir, ele é um bom aliado. É importante sabermos o que os outros pensam sobre esse tema, quais são suas experiências a respeito.

LUCKESI finaliza, dizendo que "aprender a avaliar a aprendizagem é uma tarefa que está posta diante de nós". Contudo, não podemos nos esquecer de que os exames escolares acompanharam muitos anos de vida escolar na história da modernidade. Para mudar isso, há que se aprender um novo modo de ser e de agir, abrindo mão de antigos conceitos que estão em nós impregnados, inclusive em relação às maneiras que utilizamos para avaliar um educando.

Fonte: https://www.webartigos.com/artigos/resenha-do-texto-a-aprendizagem-da-avaliacao-de-cipriano-carlos-luckesi/96528/#ixzz5QhL3CMLy

MANTOAN EGLER, MARIA TERESA, SANTOS DOS TEIXEIRA, MARIA TEREZINHA. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO NOS MUNICÍPIOS. SÃO PAULO. ED MODERNA, N/D.

Este livro apresenta a Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar aos professores e aos que também se interessam pela educação como um direito de todos, indiscriminadamente. Abordamos inicialmente a inclusão e suas repercussões no ensino e na organização pedagógica das escolas comuns. Em seguida, tratamos da evolução da Educação Especial para se ajustar à inclusão escolar e à vanguarda de nossa legislação, o que implicou a sistematização da nova Política Nacional da Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva. Todo o destaque é dado para o serviço do atendimento educacional especializado. A intenção de cada capítulo é socializar conhecimento, propondo algumas atividades práticas e reflexivas aos leitores que se interessarem em atender um pouco mais a complexidade e, ao mesmo tempo, a possibilidade da inclusão escolar. Finalizamos mostrando as relações existentes entre as políticas públicas e os projetos escolares, detalhando as influências entre ambos.

Fonte: https://books.google.com.br/books/about/Atendimento_Educacional_Especializado_ae.html?id=af-apwAACAAJ&redir_esc=y

MORIN, EDGARD. OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO. SP CORTEZ; BRASÍLIA, DF: UNESCO, 2000.

Os sete saberes necessários à educação do futuro de Edgar Morin não nos passa nenhuma formula secreta de como devemos pensar a educação, mas busca demonstrar algumas lacunas existentes entre o que é educar hoje e como deveria ser a educação do futuro. No seu estudo ele nos afirma que a educação depende da combinação desses saberes o qual deveria ser tratada em toda a sociedade e em toda cultura.

Em seu primeiro saber intitulado como "Enfrentar as Cegueiras do Conhecimento", o autor busca trabalhar a idéia de erro, porque a ciência sempre buscou afastar o erro de sua concepção, sendo assim tudo aquilo que era considerado como erro devia ser retirado da criação do conhecimento. Segundo Morin "O dever principal da educação é preparar cada um para enfrentar os não saberes com lucidez", ou seja a necessidade de integrar os erros nas concepções para que o conhecimento consiga avançar.

Outro fator abordado neste saber seria a ilusão, ou como somos iludidos sobre o mundo e sobre nossa realidade, pois o acaba sendo permeados por nossas percepções, acaba traduzindo o conhecimento de acordo como nós entendemos, buscando os erros e as ilusões deste conhecimento conseguimos compreender e formarmos um conhecimento puro.

Em seu segundo saber o autor busca trabalhar a idéia de conhecimento pertinente, o qual entre em contraposição com a idéia que para aprendemos temos que fragmentar, ou seja quando mais nos fragmentamos as disciplinas mais o conhecimento consegue avançar. A idéia central deste saber remonta a necessidade de que o todo é mais que a soma das partes temos que "pensar as relação entre o todo e as partes", onde a educação do futuro busca estimular a inteligência geral e o conhecimento do todo.

O terceiro saber nos direciona a pensar na condição humana, aprendemos que somos só culturais, precisamos reaprender que não nos limitamos apenas a este aspecto mas também somos naturais, físico, psíquicos, míticos, sociais dentre outros. Neste saber o autor busca demonstrar que necessitamos reaprender nossa própria condição, "ensinar o ser humano: com razão e sensibilidade; razão e emoção", O ser humano deveria ser objeto para educação do futuro.

O quarto saber desrespeito a identidade terrena, o qual precisamos ensinar aos nossos alunos a idéia de sustentabilidade com objetivo construir um planeta que seja viável para as futuras gerações, ensinar, portanto, a identidade da terra pátria. A educação do futuro deve estimular o conhecimento do planeta e a forma como devemos nos relacionar com ele, devemos "salvar a unidade humana e a biodiversidade".

Em seu quinto saber o autor aborda o princípio da incerteza o qual busca-se contrapor aos preceitos defendidos pela ciência cartesiana o qual nos direciona a pensar que tudo que é científico faz parte da certeza, desta forma devemos ensinar nas escolas a idéia de incerteza, sendo assim esta incerteza nos levaria ao avanço da cultura, ao avanço do saber. No processo educativo é necessário saber lidar com a incerteza, "compreender a incerteza do real".

O sexto saber o autor enfatiza a necessidade do ensinar a compreender porque se formos analisar como a educação se apresenta atualmente podemos notar que ela prioriza a incompreensão, a incompreensão dos outros, a incompreensão do mundo. A educação do futuro precisa buscar na incompreensão o entendimento e a aceitação para se alcançar a compreensão, "evitar o egocentrismo e o etnocentrismo" ou seja devemos deixar de tentar compreender os outros por nossas crenças e valores "tolerar os outros com sua diferença".

O seu último saber desrespeito a ética do gênero humano, ou seja, ensinar a cidadania terrestre, "pela democracia", "pelo diálogo". Surge desta forma um termo denominado pelo autor de antro-poética o qual se ancora em três elementos o individuo, a sociedade e a espécie, ou seja precisaríamos arranjar uma antro-poética que religasse este três fatores e não os afastasse.

Portado os sete saberes de Morin não devem ser entendidos como uma norma para ser aplicados nas escolas, são inspirações que motivariam o educador a repensar seu posicionamento na docência, na relação com os outros discentes, com as grades curriculares, na relação da disciplina e na sua relação com o processo avaliativo.

Fonte: http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/resenha-os-sete-saberes-necessarios-a-educacao-do-futuro/54213/

PARO, VITOR HENRIQUE. GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA. SÃO PAULO. ED. ÁTICA, 1998.

A escola básica, sua gestão, a educação pública e de qualidade como alvo supremo: eis os temas centrais que consagraram este verdadeiro clássico da gestão escolar no Brasil, que agora aparece em edição revista e atualizada. Nos sete ensaios aqui reunidos são discutidas questões relacionadas à organização e funcionamento da escola básica e ao desenvolvimento das atividades de ensino em seu interior. Sempre na perspectiva da gestão escolar como como mediação para a realização de fins educativos, Vitor Henrique Paro examina problemas relacionados à efetiva participação de alunos, professores, pais, e demais sujeitos envolvidos no trabalho da escola, buscando formas democráticas de realização de uma educação verdadeiramente emancipadora de cidadãos humano-históricos.

Fonte: http://www.cortezeditora.com.br/gestao-democratica-da-escola-publica-1614.aspx/p

PATTO, MARIA HELENA SOUZA. A PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR. SÃO PAULO. ED. T.A. QUEIROZ, 1996.

Publicado pela primeira vez há mais de duas décadas, *A Produção do Fracasso Escolar*, de Maria Helena Souza Patto, segue sendo uma obra de referência para pesquisadores em educação, gestores de sistemas e professores. Como explicar sua longevidade e fecundidade em um campo tão marcado pela rápida obsolescência de autores, teorias e perspectivas educacionais? (...) A democratização do acesso à escola, que poderia ter significado a ampliação de uma experiência simbólica potencialmente rica, resultou na manutenção de um "meio" para o qual não se vislumbra claramente um "fim" (...) É essa escola, alienada de seu papel político, divorciada de sua vocação cultural e inacessível aos pais e alunos que dela mais necessitam, que encontramos nas páginas do livro de Souza Patto. Daí a triste, lúcida e desafiante atualidade dessa obra. (*José Sérgio Fonseca de Carvalho*)

N. E. A atual edição traz um dossiê "25 anos depois", composto pela análise crítica do percurso da obra; uma pesquisa de campo que mostra os adolescentes da pesquisa original em suas vidas presentes; e, por fim, um posfácio da autora.

Fonte: http://redeintermeios.com/livros-intermeios/128-a-producao-do-fracasso-escolar-historias-de-submissao-e-rebeldia-9788584990214.html

PCNS – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – 1ª A 4ª SÉRIES.

Prezado Candidato, devido ao formato dos matérias, disponibilizaremos o conteúdo completo em nosso site eletrônico, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

PERRENOUD, PHILIPPE. DEZ NOVAS COMPETÊNCIAS PARA ENSINAR. PORTO ALEGRE. ARTMED, 2000.

Segundo o livro de Philippe Perrenoud, as 10 competências profissionais para ensinar são:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem

Entendendo-se que a capacidade de ensinar bem é, sem dúvida, uma nova competência porque o ofício de professor, conforme nós a conhecemos, não tem mais espaço nos dias atuais. Não há padronização nos educandos, no sentido de que cada aluno vivencia a aula em que está inserido de diferentes formas. Conceber e criar situações de aprendizagem é uma nova ferramenta à disposição do educador de forma a envolver, diferenciar e criar situações que se traduzam em objetivos de aprendizagem. O professor deve dominar saberes a serem ensinados, ser capaz de dar aulas, de administrar uma turma e de avaliar.

2. Administrar a progressão das aprendizagens

Conceber e administrar situações-problema ajustadas ao nível e as possibilidades dos alunos, propiciando reflexões, desafios, intelectuais, conflitos sociocognitivos; dominar a formação do ciclo de aprendizagem, as fases do conhecimento e do desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente, além do sentimento de responsabilidade do professor pleno conjunto da formação do ensino fundamental; observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagens; Fazer balanços periódicos de competências

e tomar decisões de progressão;Rumar a ciclos de aprendizagem: interagir grupos de alunos e dispositivos de ensino-aprendizagem.

3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação

Administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma;

Abrir, ampliar a gestão de classe para um espaço mais vasto; Fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos portadores de grandes dificuldades, sem todavia transforma-se num psicoterapeuta; Desenvolver a cooperação entre os alunos e certas formas simples de ensino mútuo, criando uma cultura de cooperação através de atitudes e da reflexão sobre a experiência.

4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho

suscitar o desejo de aprender, oferecer atividades opcionais de formação, negociar com os alunos regras e outros acertos, através de um Conselho eleito por eles e favorecer seus projetos pessoais.

5. Trabalhar em Equipe

Motivar os alunos de forma a entenderem que ninguém se sente bem "sozinhos no comando". O trabalho em equipe favorece o enfrentamento e a análise em conjunto de situações complexas e a administração de crises e conflitos interpessoais.

6. Participar da administração da escola

Não só os professores mas também o pessoal administrativo, deve participar da gestão da escola, entendo qual o projeto daquela instituição, aprendendo a administrar os recursos existentes não só na escola mas no seu entorno, com moradores, associação de pais de moradores, de forma a organizar e fazer evoluir, no âmbito da escola, a participação dos alunos.

7. Informar e envolver os pais

Dirigir reuniões de informação e de debate, fazer entrevistas e envolver os pais na construção dos saberes. Essa participação é fundamental para o processo de aprendizagem.

8. Utilizar novas tecnologias

Porque a escola não pode ignorar que as crianças já nascem sob a égide do "click", e certamente não aceitarão um modo de aprendizagem ultrapassado, pouco instigante e lento. As novas tecnologias da informação e da comunicação transformam as maneiras de se comunicar, de trabalhar, de decidir e de pensar. O professor precisa lançar mãos das novas tecnologias com objetivos educacionais.

9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão

Prevenir a violência na escola e fora dela, lutando contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais, incluído o chamado "bullying"; Participar da criação de regras de vida comum referente à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta; Analisar a relação pedagógica, a autoridade, a comunicação em aula, desenvolvendo o senso de responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça.

10. Administrar sua própria formação contínua

Porque dessa forma estará garantida a atualização e o desenvolvimento de todas as demais competências, segundo Perrenoud. A escola não é uma ambiente estável e por isso precisa que o professor esteja sempre preparado para lidar e intervir em todas as situações que ocorrerem. Se você não cuidar do seu próprio crescimento ninguém o fará por você.

Fonte: http://simboraestudar.blogspot.com/2015/07/resumo-10-novas-competencias-para.html

RIOS, TEREZINHA AZERÊDO. COMPREENDER E ENSINAR – POR UMA DOCÊNCIA DE MELHOR QUALIDADE. SP. CORTEZ, 2001.

Quem espera um livro sobre Qualidade Total na escola vai se decepcionar com o lançamento da Cortez, *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*, da pesquisadora Terezinha Azerêdo Rios. E é melhor que assim seja, pois a autora, logo na introdução, descarta essa proposta fundamentada no mundo da administração e dos negócios, no início da década de 80. Para Rios, qualidade entendida nesse contexto significa transitar pelo espaço da educação com valores e pressupostos do mundo econômico.

Qualidade do trabalho na educação é fundamental. Mas é preciso questionar o significado que se dá à qualidade, adverte a pesquisadora. Essa foi uma das tarefas de sua tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da USP, que deu origem ao livro. Apesar de ser um trabalho acadêmico, Rios garante que o fez pensando num público mais amplo, que incluísse todos os interessados na tarefa de educar.

Os temas foram abordados nas dimensões técnica, política e ética e com o objetivo de proporcionar uma dinâmica numa perspectiva estética, com a presença mais forte da sensibilidade. Rios fez isso articulando Didática e Filosofia, a fim de enriquecer aquela com esta num percurso crítico. "O fazer a aula não se restringe à sala de aula, está além de seus limites, no envolvimento de professores e alunos com a aventura do conhecimento, do

relacionamento com a realidade. Com efeito, fazer aula, realizar o exercício da docência é, para o professor, uma experiência que demanda o recurso a múltiplos saberes, entre os quais a Filosofia e a Didática", explica a autora.

Investigar a qualidade implica em questionar seus desdobramentos. Nesse sentido, Rios também está preocupada com os indicadores de qualidade que têm norteado o trabalho dos educadores. Além disso, faz incursões nos conceitos de competência. Outro ponto de interesse na obra é verificar como é possível articular conceitos de qualidade, felicidade e cidadania; e como isso acontece no interior da prática docente.

O trabalho da pesquisadora foi dividido em cinco partes. Na primeira, tendo o ensino como foco, examina os desafios apresentados no mundo contemporâneo como busca de sentidos e de compreensão. Na segunda parte, recorre à Lógica para explorar os conceitos de qualidade. No 3° capítulo, Rios estuda as dimensões da competência, ou seja, a articulação entre o domínio de conhecimentos, a sensibilidade e a criatividade. Ela aborda o alcance dessas ações e o compromisso com a cidadania. O capítulo seguinte, continua com cidadania, mas visando a democracia e a dimensão utópica do trabalho docente.

O último capítulo merece destaque já que traz como título "Certezas provisórias". É uma tentativa de deixar o trabalho docente como um ofício de busca permanente para ampliar a sua qualidade. Como referência, utiliza as análises de Boaventura S. Santos, no seu livro *Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*, editado pela Cortez, em que examina as questões desafiadoras do mundo contemporâneo e o fracasso de alguns movimentos sociais. Segundo Rios, esse autor refere-se à necessidade da permanência da luta pelo socialismo, denominado como "uma qualidade ausente", ou seja, "um princípio que regula a transformação emancipatória do que existe, sem contudo, nunca se transformar em algo existente". A idéia é manter a utopia de uma sociedade mais justa e de uma vida melhor.

Nesse sentido, nas palavras de Rios, a melhor qualidade para o ensino é criar condições para a formação de alguém que sabe ler, escrever e contar. "Ler não apenas as cartilhas, mas os sinais do mundo, a cultura de seu tempo. Escrever não apenas nos cadernos, mas no contexto de que participa, deixando seus sinais, seus símbolos. Contar não apenas números, mas sua história, espalhar sua palavra, falar de si e dos outros. Contar e cantar – nas expressões artísticas, nas manifestações religiosas, nas múltiplas e diversificadas investigações científicas"

Fonte: http://www.educabrasil.com.br/que-qualidade-queremos/

SASSAKI, R. K. INCLUSÃO: CONSTRUINDO UMA SOCIEDADE PARA TODOS. 5ª ED. RIO DE JANEIRO: WVA, 2003.

O livro **Inclusão – construindo uma sociedade para todos** é escrito por um dos maiores especialistas brasileiros em inclusão de pessoas com deficiência. Romeu Kazumi Sassaki é consultor nas áreas de reabilitação, integração e inclusão de pessoas com deficiência, há quase 40 anos.

O primeiro capítulo do livro trata dos paradigmas que envolvem as pessoas com deficiência e trabalhar isso na sociedade. Na segunda parte, o foco é o mercado de trabalho, com uma contextualização, seus desafios e mecanismos e formas de se empregar alguém.

No terceiro, o autor se volta para a inclusão nos esportes, no turismo, lazer e recreação. As artes, cultura e religião é o foco do próximo capítulo.

A quinta parte trata dos desafios da educação inclusiva e segue com os problemas arquitetônicos e de políticas públicas.

O oitavo capítulo se refere à mídia como grande colaborador da inclusão por meio da informação. Na última parte, Sassaki conclui o livro com a soma de todos esses aspectos.

No livro, ele traz os conceitos mais atuais em relação ao tema. Faz um resgate histórico de como a sociedade tratava o assunto. De forma leve, mas com alto valor acadêmico, o autor mostra como compreender o processo pra ele ser encarado com naturalidade, pois no processo de inclusão, a pessoa com deficiência também é agente disso e as responsabilidades partem dos dois lados.

A obra serve de referência para profissionais relacionados à inclusão das pessoas com de deficiência, como fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, engenheiros, arquitetos, professores, entre outros.

É de fundamental importância para aqueles que querem compreender tudo o que circunda a pessoa com deficiência.

Fonte: http://reflexaosobrerodas.com.br/2011/05/livro-inclusao-construindo-uma-sociedade-para-todos/

SAVIANI, DEMERVAL. ESCOLA E DEMOCRACIA. SÃO PAULO: AUTORES ASSOCIADOS, 2008.

Saviani inicia seu livro "Escola e Democracia", levantando questões de dois grupos antagônicos. O primeiro grupo é o das Teorias não-críticas, classificadas como a pedagogia tradicional, a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista. Este grupo entende que a educação é capaz de erradicar

a marginalidade de nossa sociedade, sendo esta última, considerada aqui como harmoniosa. A marginalidade é um desvio, um fenômeno individual que deve ser corrigido, portanto, a educação serve como um instrumento de correção de desvios, tendo, ao mesmo tempo, uma margem de autonomia com relação à sociedade. No segundo grupo, que é o das Teorias crítico-reprodutivistas, subdivididas em Teoria do Sistema de Ensino como Violência Simbólica, Teoria da Escola como Aparelho Ideológico de Estado (AIE) e Teoria da Escola Dualista. Neste caso, de maneira oposta, a educação aparece como fator agravante, através da discriminação e responsável pela marginalidade, onde esta é inerente à estrutura da sociedade, da qual a educação é dependente. Aqui, a escola reforça e legitima a marginalização social através da marginalização cultural. Saviani frisa que estes grupos de teorias explicam a marginalização na forma da relação entre educação e sociedade.

"O significado da metáfora Teoria da Curvatura da Vara"

Com base nesta metáfora, Saviani justifica um processo de tentativa de ajustes da educação: "quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto".Esta metáfora foi enunciada por Lênin (Althusser, 1977, pp. 136-138). Neste mesmo momento, afirma Saviani que "quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola; e de como, quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática. Saviani parece que puxa propositadamente a vara para o lado oposto, na esperança desta vir para o centro, que não é nem a Escola Tradicional , nem a Escola Nova, mas sim no da valorização dos conteúdos, que remetem a uma pedagogia revolucionária.

"Uma teoria pedagógica mais satisfatória para as classes populares"

Partindo-se da crítica à pedagogia tradicional, Saviani defende uma pedagogia ativa, centralizada na troca de conhecimentos e na iniciativa dos alunos. Com as propostas do escolanovismo (métodos sofisticados, escolas bem equipadas, etc), seria válido adaptá-las às camadas populares, nas quais são maiores as dificuldades de aprendizagem.

O povo busca o acesso às escolas, ao contrário dos que já se beneficiaram dela. A escola será valorizada a partir de uma pedagogia articulada com os interesses do povo.

Nessa escola para o povo, os métodos ultrapassariam os métodos tradicionais e novos. Levariam em conta os interesses dos alunos em primeiro lugar, porém sem abrir mão da iniciativa do professor. Tais métodos não seriam ecléticos, mas sim manteriam continuamente presente a vinculação entre educação e sociedade, onde o ponto de partida do ensino seria a prática social, fazendo-se necessário transformar as relações de produção que impedem a construção de uma sociedade igualitária.

"A especificidade da escola"

A especificidade da escola toma corpo ao longo da História, quando as relações sociais passaram a prevalecer sobre as naturais, ou seja, com o próprio surgimento da escola, enfatizando, assim, o mundo da cultura, o mundo produzido pelo homem.

A escola toma conta de um conhecimento elaborado. A própria institucionalização do pedagógico através da escola é um sinal da especificidade da educação. A dimensão pedagógica pode ser detectada numa situação privilegiada, pois esta existe no interior da prática social global. Assim sendo, a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado.

"A pedagogia histórico-crítica proposta"

A teoria pedagógica histórico-crítica foi criada por Saviani partindo do pressuposto de que é viável, mesmo numa sociedade capitalista, uma educação que não seja, necessariamente, reprodutora da situação vigente, e sim adequada aos interesses da maioria, aos interesses daquele grande contingente da sociedade brasileira, explorado pela classe dominante.

Segundo Saviani, a Pedagogia Histórico-Crítica, embora consciente da determinação exercida pela sociedade sobre a educação, fato que a torna crítica, acredita que a educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para a sua própria transformação, fato que a torna histórica.

Saviani chega a dizer que Pedagogia Histórico-Crítica e dialética são sinônimos e que só não usa o termo "dialético" porque, de um lado, há muito simplório que não sabe o que "dialético" quer dizer, pensando que dialético é a mesma coisa que dialógico e, de outro, há muito iluminado que pensa que já sabe o que dialético quer dizer, e, portanto, não pergunta, assim impedindo que se explique .

É preciso registrar que esta teoria, como até aqui descrita, não só pouco tem de inovador, como menos tem ainda de revolucionário. O que Saviani definiu como Pedagogia Histórico-Crítica, até aqui, poderia ser entendida da seguinte maneira: uma teoria pedagógica, para ser histórico-crítica, precisa reconhecer que a educação é determinada socialmente mas também admitir que ela pode transformar as condições sociais .

"As teses sobre educação e política propostas"

O autor propõe onze teses sobre educação e política, nas quais explica que educação e política são fenômenos diferentes entre si, ao mesmo tempo em que são inseparáveis. Nelas , seu principal argumento resume-se em caracterizar a prática política e educativa, bem como suas especificidades, não deixando de ressaltar a existência da sociedade de classes.

Fonte: https://pedagogiaaopedaletra.com/resumo--do-livro-escola-e-democracia-e-pedagogia-historico-critica-de-demerval-saviani/

SAVIANI, DEMERVAL. EDUCAÇÃO: DO SENSO COMUM À CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA. SÃO PAULO: CORTEZ, 1980.

Para passar do senso comum à consciência filosófica é necessário cultivar, de algum modo, a erudição. Mas a palavra erudição remete a um duplo e ambíguo significado. Por um lado, expressa um saber amplo e detalhado, sendo o erudito alguém que domina os pormenores da ciência ou arte que cultiva. Por outro lado, reporta-se a um sentido depreciativo, significando uma multiplicidade de conhecimentos que não se articulam orgânica e criticamente. Por esse aspecto a erudição opõe-se à cultura, sendo entendida como um saber gratuito, descolado dos efetivos modos de pensar, agir e sentir que definem a cultura. Essa ambiguidade está sugestivamente retratada na aquarela *O erudito de Jean-Baptiste Debret*. Diferentemente, o quadro de Rembrandt, reproduzido na capa, permite-nos visualizar luminosamente toda a seriedade e circunspecção próprias da erudição, enquanto trabalho meticuloso que se empenha em apreender as particularidades e as múltiplas relações que caracterizam o objeto tomado para análise. Eis aí a mensagem que o presente livro pretende passar aos leitores.

Fonte: https://www.autoresassociados.com.br/educacao-contemporanea/educacao.html

SAVIANI, DEMERVAL. ESCOLA E DEMOCRACIA. SÃO PAULO: CORTEZ, 1980.

O livro ***"Escola e Democracia"*** é uma tentativa de esclarecimento da situação da Educação, senão ao menos uma melhor compreensão de sua relação com os diferentes aspectos da sociedade, da história e dos momentos políticos.

Na primeira parte do livro o autor destaca as *"teorias não-críticas"* da educação que, segundo o mesmo, não consideram os problemas e a estrutura social como influenciadores da educação. Estas teorias *"já encaram a educação como autônoma e buscam compreendê-la a partir dela mesma"* [1].

Destaca também as diferenças entre a pedagogia tradicional, a nova e a tecnicista e sua relação com o problema da marginalidade:

- Na **pedagogia tradicional**, a educação é vista como direito de todos e dever do Estado, sendo a marginalidade associada à ignorância. A escola surge como um *"antídoto"*, difundindo a instrução.
- Na **Escola Nova**, passa a ocorrer um movimento de reforma na pedagogia tradicional, na qual a marginalidade não é mais do ignorante e sim do rejeitado, do anormal e inapto, desajustado biológica e psiquicamente. A escola passa a ser então a forma de adaptação e ajuste dos indivíduos à sociedade.
- Por fim, o **Tecnicismo** define a marginalidade como ineficiência, improdutividade. A função da escola então passa a ser de formação de indivíduos eficientes, para o aumento da produtividade social, associado diretamente ao rendimento e capacidades de produção capitalistas.

O autor depois discorre sobre as *"teorias crítico-reprodutivistas", nas quais não pode ser possível "compreender a educação senão a partir dos seus condicionantes sociais"*[2].

Estas teorias consideram a Educação como um instrumento da classe dominante capaz de reproduzir o sistema «dominante-dominado», sendo responsável pela marginalização, uma vez que percebe a dependência da educação em relação à sociedade, tendo em sua estruturação a reprodução da sociedade na qual ela se insere.

Essas teorias reproduzem o modelo capitalista vigente (são citados na obra o sistema de ensino como violência simbólica; a teoria da escola como aparelho ideológico do Estado ou da classe dominante; e a teoria da escola dualista).

Pode-se observar a atual política educacional brasileira, que privilegia o ensino fundamental como formação de mão-de-obra (países em desenvolvimento/ mão-de-obra barata, acrítica e subserviente), que saiba ler para operar as tecnologias desenvolvidas no «Primeiro Mundo», retentor de tecnologia, dos poderes econômico, bélico e político.

Num segundo momento do livro, Saviani faz referência à Teoria da Curvatura da Vara, fazendo alusão à política interna da escola a partir de três teses, sendo as mesmas todas teses políticas:

1. **Tese filosófica-histórica**, do caráter revolucionário da pedagogia da essência e do caráter reacionário da pedagogia da existência. Neste momento, pode-se refletir sobre a história do homem e a influência desta na educação, as mudanças sociais e a luta de classes trazida com o capitalismo e seus reflexos na educação.
2. **Tese pedagógico-metodológica**, que é mostrada como do caráter científico do método tradicional e do caráter pseudo-científico dos novos métodos. O autor discute aqui a relação entre ensino e pesquisa e como o "escolanovismo"[3] tentou articular-se com o processo de desenvolvimento da ciência enquanto o método tradicional o articulava como produto da ciência.
3. Voltando então à falta de democracia na Escola Nova, que remete o autor à terceira tese que deriva, segundo ele das duas primeiras:

[...] de como, quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola; e de como, quando se menos falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática". (SAVIANI, 2000, p. 36)

A educação que deveria ser o instrumento para as escolhas do homem livre, democrático, cidadão e autônomo acaba, então se tornando mais uma ferramenta de manipulação e de homogeneização do pensamento crítico da sociedade.

Ela legitima as diferenças sociais e marginaliza, ao invés de tencionar a luta contra a ideologia das classes dominantes, e dos direitos dos seres humanos: o conhecimento, que deve ser universal e possibilitado a todos.

E como o próprio autor destaca, a **teoria de curvatura da vara de Lênin** pode ser a forma da Educação criar sua revolução para a quebra desse sistema, uma vez que se quebra a neutralidade da Educação, passando a ser considerada parte ativa neste processo de transformação.

O autor termina o livro e conclui retificando a relação entre e educação e a sociedade, bem como a responsabilidade dos professores em transformar, não o mundo, mas sim cada indivíduo que assiste sua aula, compreendendo melhor o mundo e seus acontecimentos, assim como seu papel dentro do sistema, seus deveres e seus direitos para a construção de um país melhor.

Essas pequenas revoluções que acontecem na sala de aula (aquilo que podemos nos aventurar a chamar de ruptura ou quebra de paradigmas) podem dar a chance de uma transformação histórica num período maior de tempo.

É preciso então que se tome consciência das lutas sociais e das formas de dominação ideológicas que sofre a educação hoje, regulando o equilíbrio dos conteúdos a serem desenvolvidos nas salas de aula e o discurso político e histórico usado pelo(a) professor(a).

A obra é rápida, leve e fundamental para a compreensão do papel do(a) educador(a), em qualquer que seja sua área de atuação. Conhecer estes períodos e as vertentes educacionais traz respostas a muitas indagações em nossa área especifica de atuação: a Educação Física escolar, disciplina que possui em seu histórico muitos reflexos e marcas das situações e contextos político-sociais nos quais o país passava.

Daí a importância desta obra para nosso campo acadêmico e as diversas possibilidades de discussão da obra entre os profissionais de nossa área.

A importância de conhecer a história da educação segundo suas influências políticas possibilita o traçado de uma educação para o homem livre, crítico e consciente de seu tempo, espaço e sociedade.

Desta forma, atingimos então o papel primordial da educação, que a partir deste *"exercício lógico-conceitual"*[4]; poderemos além de educar, formar cidadãos e homens livres, através de práticas sociais globais, contextualizadas tanto com o momento histórico social, quanto com as necessidades, objetivos e interesses destes indivíduos. Isto resultará em autonomia, criticidade e participação social ativa e efetiva.

Saviani, através de suas brilhantes analogias, além do resgate e compreensão histórica da Educação, faz também algumas provocações, quanto às questões de influência histórico-política nos papéis da escola na vida social.

Ao elencar a necessidade e importância do professor como transformador desta realidade educacional, o autor estrutura proposições e abre possibilidades para diálogos e discussões a respeito da relação educativa estar realmente colocando o educador a serviço do educando ou às políticas governamentais ou sistemas vigentes atualmente.

Discussão esta que nos remete a constantes reflexões e análises do sistema educacional brasileiro, uma vez que a Educação Física consta como uma das disciplinas curriculares e se insere no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e alunas, nas diversas fases de ensino (educação infantil, ensino fundamental e médio).

Fonte: http://www.efdeportes.com/efd79/saviani.htm

SEVERINO, ANTONIO JOAQUIM. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO A CIDADANIA, SÃO PAULO, FTD, 1994

Este livro traz um texto centrado na educação como mediação fundamental para a construção da cidadania. A obra propõe experiência efetiva e concreta de reflexão filosófica sobre a educação, e também enfoque nos problemas reais, enfrentados pelos sujeitos envolvidos na educação. O livro segue o princípio de que a filosofia deve fomentar a interdisciplinaridade, integrando as contribuições de todos os componentes curriculares, inserindo-as na intencionalidade do projeto educacional, em cujo campo deve ocorrer a formação do educador.

Fonte: https://livralivro.com.br/books/show/354458?recommender=I2I

SMOLE, K.S. E DINIZ, M.I. (ORGS.) LER, ESCREVER E RESOLVER PROBLEMAS: HABILIDADES BÁSICAS PARA APRENDER MATEMÁTICA. PORTO ALEGRE, ARTMED, 2001.

Muitos professores acreditarem que as dificuldades apresentadas por seus alunos em ler e interpretar um problema ou exercício de matemática estão associadas a pouca competência que eles têm para leitura. Também é comum a concepção de que, se o aluno tivesse mais fluência na leitura nas aulas de língua materna, consequentemente ele seria um melhor leitor nas aulas de matemática.

Embora tais afirmações estejam em parte corretas, pois ler é um dos principais caminhos para ampliarmos nossa aprendizagem em qualquer área do conhecimento, consideramos que não basta atribuir as dificuldades dos alunos em ler problemas a sua pouca habilidade em ler nas aulas de português. A dificuldade que os alunos encontram em ler e compreender textos de problemas estão, entre outras coisas, ligadas à ausência de um trabalho pedagógico específico com o texto do problema, nas aulas de matemática.

O estilo nos quais geralmente os problemas de matemática são escritos, a falta de compreensão de um conceito envolvido no problema, o uso de termos específicos da matemática e que, portanto, não fazem parte do cotidiano do aluno, e mesmo palavras que têm significados diferentes na matemática e fora dela – total, diferença, ímpar, média, volume, produto – podem se constituir em obstáculos para que a compreensão ocorra. Para que tais dificuldades sejam superadas, ou mesmo para que elas não surjam, é preciso alguns cuidados com a proposição dos problemas desde o início da escolarização até o final do Ensino Médio.

Cuidados com a leitura que o professor elabora o o problema, cuidados em propor tarefas específicas de interpretação do texto dos exercícioscaracterizamum conjunto de intervenções didáticas destinadas exclusivamente a levar os alunos a lerem problemas de matemática com autonomia e compreensão.Neste artigo, pretendemos indicar algumas intervenções que temos utilizado em nossas ações junto a alunos e professores e que têm auxiliado a tornar os estudantes melhores leitores de problemas.

A Leitura dos Problemas com Alunos no Início da Alfabetização

Quando os alunos ainda não são leitores, o professor lê todos os problemas para eles e, como leitor, auxilia os alunos , garantindo que todos compreendam, cuidando para não enfatizar palavras chave e usar qualquer recurso que os impeça de buscar a solução por si mesmos. Mas há outros recursos dos quais o professor pode se valer para explorar a alfabetização e a matemática enquanto trabalha com problemas.

Um deles é escrever uma cópia do problema no quadro e fazer com os alunos uma leitura cuidadosa. Primeiro do problema todo, para que eles tenham ideia geral da situação; depois mais vagarosamente, para que percebam as palavras do texto, suas grafias e seus significados.

Propor o problema escrito e fazer questionamentos orais com a classe, como é comum que se faça durante a discussão de um texto, auxilia o trabalho inicial com problemas escritos:

- Quem pode me contar o problema novamente?
- Há alguma palavra nova ou desconhecida?
- Do que trata o problema?
- Qual é a pergunta?

Novamente o cuidado é para não resolver o problema pelos alunos durante a discussão e, também, não tornar o recurso uma regra ou conjunto de passos obrigatórios que representem um roteiro de resolução. Se providenciar para cada aluno uma folha com o problema escrito, o professor pode ainda:

Pedir aos alunos que encontrem e circulem determinadas palavras;

- Escrever na lousa o texto do problema sem algumas palavras;
- Pedir para os alunos em duplas olharem seus textos, que devem ser completos, e descobrirem as palavras que faltam.

Conforme as palavras são descobertas, os alunos são convidados a ir ao quadro e completar os espaços com os termos ausentes. Em todos os casos, o professor pode escolher trabalhar com palavras e frases que sejam significativas para os alunos ou que precisem ser discutidas com a classe, inclusive aquelas que se relacionam com noções matemáticas. Os problemas são resolvidos após toda a discussão sobre o texto, que a essa altura já terá sido interpretado e compreendido pela turma, uma vez que as atividades que sugerimos contemplam leitura, escrita e interpretação simultaneamente.

Ampliando Possibilidades para os Leitores

Para os alunos do Ensino Fundamental e Médio que já lêem com mais fluência textos diversos, o professor pode propor outras atividades envolvendo textos de problemas. A primeira delas, sem dúvida, é deixar que eles façam sozinhos a leitura das situações propostas.

A leitura individual ou em dupla auxilia os alunos a buscarem um sentido para o texto. Na ocasião, o professor pode indicar que cada leitor tente descobrir sobre o que o problema fala, qual é a pergunta, se há palavras desconhecidas.Aí, então, é possível conduzir um debate com toda a classe para socializar as leituras, dúvidas, compreensões. Novamente não se trata de resolver o problema oralmente, mas de garantir meios para que todos os alunos possam iniciar a resolução do problema sem, pelo menos, ter dúvidas quanto ao significado das palavras que nele aparecem.Assim, se houver um dado do problema, um termo que seja indispensável e que os alunos não conheçam ou não saibam ler, principalmente no início do ano, o professor deve revelar seu significado, proceder à leitura correta. Esse processo para quando os alunos entendem o contexto dos problemas.

Nesse processo é possível, ainda, que o professor proponha aos alunos o registro, no caderno ou em um dicionário, das palavras novas que aprenderam, ou mesmo daquelas sobre as quais tinham dúvida para que possam consultar quando necessário. Em relação àqueles termos que tenham significados diferentes em matemática e no uso cotidiano, o ideal é que sejam registrados no caderno dos alunos com ambos os significados, podendo inclusive escrever frases que ilustrem os dois sentidos. Vejamos outras estratégias:

- Apresentar aos alunos problemas com falta ou excesso de dados para que eles analisem a necessidade ou não de informações no texto;
- Apresentar aos alunos o texto de um problema no qual falte uma frase ou a pergunta, deixar que eles tentem resolver e completar o que falta para o problema ser resolvido;
- Apresentar um problema com frases em ordem invertida e pedir que os alunos reorganizem o texto;
- Pedir que os alunos elaborem problemas com palavras que apresentam sentidos diferentes quando utilizadas na matemática e no cotidiano: tira, produto, domínio, diferença etc.

Desejamos finalizar nossas considerações com o alerta de que essas ações para tornar o aluno leitor de um problema não podem ser esporádicas, nem mesmo

isoladas. É necessário que haja um trabalho constante com as estratégias, em todas as séries escolares, pois será apenas enfrentando a formação do leitor e do escritor como uma tarefa de todos os professores da escola, inclusive de matemática, que criaremos oportunidades para que todos desenvolvam as habilidades essenciais para o aprendizado de qualquer conceito, em qualquer tempo. Ler e escrever nas diferentes disciplinas constitui uma das chaves mais essenciais para a formação da autonomia por meio da escola.

Fonte: https://mathema.com.br/reflexoes/aprender-a-ler-problemas-em-matematica/

VEIGA, ILMA PASSOS DE ALENCASTRO (ORG). PROJETO POLÍTICOPEDAGÓGICO DA ESCOLA: UMA CONSTRUÇÃO POSSÍVEL. CAMPINAS: PAPIRUS, 1995.

"O projeto político-pedagógico tem sido objeto de estudos para professores, pesquisadores e instituições educacionais em nível nacional, estadual e municipal, em busca da melhoria da qualidade do ensino." (p.11).

"No sentido etimológico, o termo projeto vem do latim*projectu,* particípio passado do verbo *projicere,* que significa lançar para diante. Plano, intento, desígnio. Empresa, empreendimento. Redação provisória de lei. Plano geral de edificação (Ferreira 1975, p. 1.144)." (P.12).

"O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade". (P.13).

"O projeto político-pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão". (pp.13-14).

"A principal possibilidade de construção do projeto político-pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva". (p.14).

"Para que a construção do projeto político-pedagógico seja possível não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais, ou mobilizá-los de forma espontânea, mas propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente". [...] "Do exposto, o projeto político-pedagógico não visa simplesmente a um rearranjo formal da escola, mas a uma qualidade em todo o processo vivido". (p.15).

"A escola de qualidade tem obrigação de evitar de todas as maneiras possíveis a repetência e a evasão. Tem que garantir a meta qualitativa do desempenho satisfatório de todos. *Qualidade para todos,* portanto, vai além da meta quantitativa de acesso global, no sentido de que as crianças, em idade escolar, entrem na escola. É preciso garantir a permanência dos que nela ingressarem. Em síntese, qualidade "implica consciência crítica e capacidade de ação, saber e mudar" (Demo 1994, p. 19)". [...] "O projeto político-pedagógico, ao mesmo tempo em que exige dos educadores, funcionários, alunos e pais a definição clara do tipo de escola que intentam, requer a definição de fins. Assim, todos deverão definir o tipo de sociedade e o tipo de cidadão que pretendem formar". (p.17).

"[...] A socialização do poder propicia a prática da participação coletiva, que atenua o individualismo; da reciprocidade, que elimina a exploração; da solidariedade, que supera a opressão; da autonomia, que anula a dependência de órgãos intermediários que elaboram políticas educacionais das quais a escola é mera executora". (p.18).

"A formação continuada é um direito de todos os profissionais que trabalham na escola, uma vez que não só ela possibilita a progressão funcional baseada na titulação, na qualificação e na competência dos profissionais, mas também propicia, fundamentalmente, o desenvolvimento profissional dos professores articulado com as escolas e seus projetos". (p.20).

"Veiga e Carvalho afirmam que: O grande desafio da escola, ao construir sua autonomia, deixando de lado seu papel de mera "repetidora" de programas de "treinamento", é ousar assumir o papel predominante na formação dos profissionais". (1994, p. 50). (p.21).

"O que pretendemos enfatizar é que devemos analisar e compreender a organização do trabalho pedagógico, no sentido de se gestar uma nova organização que reduza os efeitos de sua divisão do trabalho, de sua fragmentação e do controle hierárquico". (p.22).

"A escola persegue finalidades. É importante ressaltar que os educadores precisam ter clareza das finalidades de sua escola. Para tanto, há necessidade de se refletir sobre a ação educativa que a escola desenvolve com base nas finalidades e nos objetivos que ela define". (p.23).

"A análise da estrutura organizacional da escola visa identificar quais estruturas são valorizadas e por quem, verificando as relações funcionais entre elas. É preciso ficar claro que a escola é uma organização orientada por finalidades, controlada e permeada pelas questões do poder". (p.25).

"O conhecimento escolar é dinâmico e não uma mera simplificação do conhecimento científico, que se adequaria à faixa etária e aos interesses dos alunos. Daí, a necessidade de se promover, na escola, uma reflexão aprofundada sobre o processo de produção do conhecimento escolar, uma vez que ele é, ao mesmo tempo, processo e produto". (p.27).

"O primeiro é o de que o currículo não é um instrumento neutro". [...] "O segundo ponto é o de que o currículo não pode ser separado do contexto social, uma vez que ele é historicamente situado e culturalmente determinado". [...] "O terceiro ponto diz respeito ao tipo de organização curricular que a escola deve adotar". [...] "O quarto ponto refere-se à questão do controle social, já que o currículo formal (conteúdos curriculares, metodologia e recursos de ensino, avaliação e relação pedagógica) implica controle.". (p.27-28).

"A organização do tempo do conhecimento escolar é marcada pela segmentação do dia letivo, e o currículo é, consequentemente, organizado em períodos fixos de tempo para disciplinas supostamente separadas. O controle hierárquico utiliza o tempo que muitas vezes é desperdiçado e controlado pela administração e pelo Professor". (p.29).

"É preciso tempo para que os educadores aprofundem seu conhecimento sobre os alunos e sobre o que estão aprendendo. É preciso tempo para acompanhar e avaliar o projeto político-pedagógico em ação. É preciso tempo para os estudantes se organizarem e criarem seus espaços para além da sala de aula". (p.30).

"O processo de avaliação envolve três momentos: a descrição e a problematização da realidade escolar, a compreensão crítica da realidade descrita e problematizada é a proposição de alternativas de ação, momento de criação coletiva. A avaliação, do ponto de vista crítico, não pode ser instrumento de exclusão dos alunos provenientes das classes trabalhadoras. Portanto, deve ser democrática, deve favorecer o desenvolvimento da capacidade do aluno de apropriar-se de conhecimentos científicos, sociais e tecnológicos produzidos historicamente e deve ser resultante de um processo coletivo de avaliação diagnóstica". (p.32).

Fonte: http://silvonguimaraes.blogspot.com/2013/08/veiga-ilma-passos-alencastro-projeto.html

VYGOTSKY, LEV SEMENOVICH. PENSAMENTO E LINGUAGEM. SP. MARTINS FONTES 1997.

Estruturado em sete diferentes áreas temáticas, nas palavras do autor" ... uma estrutura forçosamente complexa e multifacetada..." (p. XX), do livro consta uma introdução redigida por Bruner, que faz uma breve referência à biografia do autor e um resumo das ideias essenciais do seu estudo, e ainda um prefácio à tradução inglesa da obra e suas posteriores reorganizações e reestruturações, sempre no sentido de a tornar mais simples, mais legível e mais acessível. Também Vygotsky a prefacia, apresentando a sua estrutura, a sua problemática e explicando a finalidade dos seus estudos.

Na primeira parte o autor aborda a importância das relações interfuncionais entre pensamento e linguagem, relações essas que, a seu ver, estudos anteriores não conseguiram desenvolver com propriedade por entenderem pensamento e fala como funções isoladas.

Os métodos de análise atomísticos e funcionais, predominantes na última década, trataram os processos psíquicos isoladamente. Métodos de pesquisa foram desenvolvidos e aperfeiçoados com a finalidade de estudar funções isoladas, enquanto sua interdependência e sua organização na estrutura da consciência como um todo permaneceram fora do campo de investigação (p.1).

Impunha-se, então, uma mudança de abordagem, de paradigma, que levasse a Psicologia a assumir essa inter-relação como seu problema central, seu foco de atenção, essencial a um estudo produtivo do pensamento e da linguagem.

Vygotsky propõe que se analise o aspecto intrínseco da palavra, ou seja, o seu significado, pois é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem. O significado é, então, simultaneamente ato de pensamento e linguagem, de onde decorre que o método a seguir na exploração da sua natureza seja a análise semântica – estudo do desenvolvimento, do funcionamento e da estrutura dessa unidade em que pensamento e fala estão indissociavelmente interrelacionados.

Um outro aspecto do estudo de Vigotsky, porventura o mais relevante, o mais inovador e o que mais marca o seu pensamento refere-se à comunicação, à interação social enquanto função primordial da fala. É para comunicar que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem, e é a necessidade de comunicar que impulsiona o seu desenvolvimento. Na ausência de um sistema de signos, linguísticos ou não, a comunicação torna-se limitada e de cariz mais afetivo, já que a transmissão racional e intencional de experiências e de pensamentos requer um sistema mediador – a fala. Ou seja, a verdadeira comunicação requer significado e generalização, tanto quanto requer signos.

Mas as formas mais elevadas da comunicação humana só são possíveis porque o pensamento reflete realidades conceptualizadas, razão pela qual certos pensamentos só devem ser comunicados às crianças quando estas tiverem os conceitos adquiridos e amadurecidos. O mais difícil do ensino de palavras novas é, exactamente, a apropriação dos conceitos e não a dos sons. Os aspectos afetivos e intelectuais também não podem ser separados enquanto objeto de estudo, pois pensamentos dissociados das necessidades e interesses, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa, são desprovidos de significado/ sentido.

Na parte seguinte da obra Vigotsky faz uma análise crítica à teoria de Piaget sobre a linguagem e o pensamento das crianças, bem como à sua ideia de evolução. Para Piaget, a característica específica da lógica das crianças é o egocentrismo do seu pensamento, que relaciona com o realismo intelectual, o sincretismo e a dificuldade de compreender as relações, descrevendo-o como genético, estrutural, e intermediário entre o pensamento autístico e o pensamento dirigido. Este é entendido como o pensamento consciente, inteligente, susceptível de verdade ou

de erro, social, que pode ser comunicado através da linguagem e influenciado pela experiência e pela lógica, enquanto o pensamento autístico é subconsciente, ligado à imaginação e ao sonho e, assim, estritamente individual. Já o pensamento sincrético é uma transição da lógica dos sonhos para a lógica dos pensamentos, ocorrendo quando a fala egocêntrica se transforma em fala socializada.

Para Vigotsky, porém, ambas as falas de Piaget são sociais, embora com funções diferentes e, por isso, propõe que a fala "socializada" de Piaget seja substituída pelo termo "comunicativa". Embora na fala egocêntrica o indivíduo não verbalize, não interaja socialmente, ele está a interiorizar ideias e pensamentos, a falar consigo próprio. E enquanto que para Piaget esta desaparece à medida que se manifesta nas crianças o desejo de trabalhar, à medida que se vão socializando e interagindo, para Vigotsky a fala egocêntrica das crianças transforma-se na fala interior dos adultos, no pensar para si próprio, na reflexão silenciosa, uma mudança qualitativa de vulto. A função primordial da fala é, então, para Vigostsky, nunca é demais repeti-lo, a comunicação, o contato social, que se desenvolve à medida que o indivíduo interage, sempre influenciado pelo meio social e cultural em que se insere.

Ainda segundo Piaget, o pensamento aparece antes da linguagem, que lhe é subordinada e apenas uma das suas formas de expressão. E a formação do pensamento depende, basicamente, da coordenação dos esquemas sensoriomotores, pelo que só ocorre depois de a criança ter alcançado um determinado nível de habilidades mentais, que pode mobilizar na evocação de um objeto ou acontecimento ausente, ou seja, na formação de conceitos. Já para Vigotsky, pensamento e linguagem são processos interdependentes desde o início da vida. A aquisição da linguagem pela criança modifica as suas funções mentais superiores, dá forma definida ao pensamento, possibilita o aparecimento da imaginação, o uso da memória e o planeamento da ação. Neste sentido a linguagem, diferentemente daquilo que Piaget postula, sistematiza a experiência direta da criança e, por isso, adquire uma função central no seu desenvolvimento cognitivo, reorganizando os processos em desenvolvimento.

A parte III da obra debruça-se sobre a teoria de Stern acerca do desenvolvimento da linguagem. Este autor desenvolveu uma concepção intelectualista do desenvolvimento da fala na criança, de um ponto de vista genético-personalista, em que distingue três raízes: a (tendência) expressiva, a social e a intencional. E enquanto as duas primeiras são também observadas entre os animais, a terceira é específica e exclusivamente humana, reflectindo uma intencionalidade que se desenvolve a partir de uma força motriz inata, quase um impulso. Para Stern a criança, por volta dos dois anos, descobre o significado da linguagem de uma vez por todas, experiência que considera ser fruto da genética, não levando em conta os estudos experimentais que indicam que só mais tarde a criança aprende a relação entre signo e significado, e ignorando a relação entre as complexas transformações funcionais e estruturais do pensamento que ocorrem com o desenvolvimento da fala. Vigotsky, criticando esta premissa, reconhece haver um momento de descoberta que à primeira vista parece ser repentino, mas que se trata, de facto, de um desenvolvimento linguístico, cultural e intelectual relacionado com as vivências, trocas e experiências da criança, que assim aprende e apreende novos conceitos e cria novas competências, pelo que não se trata apenas de genética.

O quarto tema da obra trata exactamente disso, das raízes genéticas do pensamento e da linguagem. Considerando estudos anteriores realizados por Koehler e Yerkes com macacos antílopes, Vigotsky chega à conclusão que, embora haja nesses animais, em certos aspectos, um intelecto parecido com o do homem e uma linguagem rudimentar, isso não significa que tenham a capacidade de desenvolver um raciocínio e uma linguagem igual à humana, porque a correspondência estreita entre pensamento e fala, característica do homem, não existe nos animais. Os seus estudos comprovaram que o pensamento e a fala têm raízes genéticas diferentes, e que o progresso de ambas não é paralelo: as funções do pensamento e da fala desenvolvem-se ao longo de trajetórias diferentes e independentes, não havendo qualquer relação clara e constante entre elas, embora essas linhas se encontrem no pensamento verbal e na fala racional. Procurando esclarecer essa relação Vigotsky aborda o estudo da fala interior, que considera importante para a compreensão entre pensamento e linguagem. Para ele, a linguagem interior não consiste na ausência de som, nem tão pouco na reprodução da fala na memória. É o contrário da fala exterior e consiste na tradução do pensamento em palavras, invertendo-se o processo: a fala interioriza-se no pensamento.

Piaget foi o primeiro a prestar atenção à fala egocêntrica da criança, mas os resultados dos seus estudos teriam sido mais profícuos se tivesse considerado a sua característica mais importante – a relação com a fala interior. Com efeito, se a fala egocêntrica é um estágio da fala interior, e a primeira desaparece na idade escolar, quando a segunda surge, uma transforma-se na outra, como conclui Vigotsky. Dizer que a fala egocêntrica desaparece equivale a dizer que a criança para de contar quando não usa mais os dedos, quando o que na realidade sucede é que com a decrescente vocalização da fala egocêntrica a criança adquire uma nova capacidade: a de pensar as palavras, ao invés de as pronunciar.

Para Vigotsky, a fala é interiorizada psicologicamente antes de o ser fisicamente, e está ligada à organização do desenvolvimento da criança. A fala interioriza-se porque a sua função muda, e desenvolve-se mediante um lento acumular de mudanças estruturais e funcionais - as estruturas da fala que a criança domina tornam-se estruturas básicas do pensamento. Assim, o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, pelos instrumentos linguísticos, mas também pela experiência social e cultural da criança – o seu crescimento intelectual depende do domínio que tem sobre os meios sociais do pensamento. Com o desenvolvimento da fala interior e do pensamento verbal é a natureza do próprio desenvolvimento que se transforma.

A parte V apresenta um estudo experimental sobre a formação de conceitos (a compreensão do processo da formação de conceitos pelo sujeito, como já vimos, é uma

das preocupações de Vigotsky). Analisando criticamente os estudos de Ach, Rimat e Usnadze o autor leva a cabo experiências que revelam que a formação de conceitos é um processo criativo, orientado para a solução de problemas. O desenvolvimento destes processos tem início na infância, mas as funções intelectuais básicas só se desenvolvem na adolescência, e não apenas em função da idade. Também em função da experiência, do contexto histórico-cultural do indivíduo, das vivências do sujeito, já que é na relação entre o indivíduo e o contexto que ocorre a apropriação de significados que vão ajudar a formar novos conceitos. E neste processo distingue três fases: à primeira chama um "conglomerado vago e sincrético de objetos isolados"(p. 74); na segunda, que denomina "pensamento por complexos"(p.76) os objetos isolados associam-se na mente da criança devido às suas impressões subjetivas e "às relações que de facto existem entre esses objetos"(p.76). É uma fase importante, porque há nela aquilo que considera pseudo-conceito, que vai ajudar na formação deste. A terceira fase é já de "formação efetiva de conceitos" (p. 95) e Vigostky distingue-a da fase do pensamento por complexos afirmando que para formar conceitos é necessário abstrair, isolar elementos, examinar os pensamentos abstratos separados da totalidade de que fazem parte.

Na parte VI da obra o autor retoma esta questão, descrevendo o desenvolvimento dos conceitos científicos na infância e questionando-se sobre o que acontece na mente da criança relativamente aos conceitos que lhe são ensinados na escola, na sua experiência quotidiana ou em situação de sala de aula, bem como sobre a relação entre a assimilação e a interiorização dos conceitos científicos na consciência da criança. E refere dois tipos de conceitos que se relacionam e se influenciam: os espontâneos e os não espontâneos, criticando aqui o que considera ser um dos pontos fracos da teoria de Piaget, para quem os conceitos espontâneos, que constituem as ideias da criança acerca da realidade, são independentes dos conceitos não espontâneos, decisivamente influenciados pelos adultos e que vão gradualmente substituindo os primeiros.

Para Vigotsky, uns e outros não conflituam, ainda que se formem e desenvolvam sob condições externas e internas diferentes, envolvam experiências e atitudes diferentes por parte das crianças, e se desenvolvam por caminhos também diferentes. A ausência de um sistema é a diferença principal que distingue os conceitos espontâneos dos científicos (um conceito espontâneo define-se pela ausência de uma organização consistente e sistemática, enquanto o conceito científico é sempre mediado por outros conceitos). E é o conceito científico o meio no qual a consciência reflexiva se desenvolve (nas suas experiências quotidianas a criança centra-se nos objetos sem ter consciência dos conceitos). São os conceitos que aprende na escola, com o adulto, que usa para resolver os problemas que implicam o seu uso consciente. Os estudos do autor confirmam esta hipótese: os conceitos, espontâneos e científicos, inicialmente afastados por se desenvolverem em direções contrárias, acabam por se encontrar.

Pensamento e palavra são as questões abordadas na parte VII e última do livro. Nela Vigotsky revisita o tema central da obra, apresenta o resultado das suas pesquisas, investigações e experiências sobre as relações entre pensamento e linguagem, revê os temas que veio debatendo, e sublinha algumas das suas conclusões: 1 – tal como no reino animal, também no ser humano pensamento e linguagem têm origens diferentes; 2- inicialmente o pensamento não é verbal, a linguagem não é intelectual, e as suas trajetórias não são paralelas, embora se cruzem em dado momento, dando início a uma nova forma de pensamento; 3 – é a partir desse ponto que o pensamento se começa a tornar verbal e a linguagem se começa a tornar racional; 4 – de início, a linguagem usada pela criança parece servir apenas para interação superficial, para convívio, mas a certa altura penetra no subconsciente e passa a constituir a estrutura do pensamento da criança; 5 – a partir do momento que a criança descobre que tudo tem um nome, cada objeto que surge representa um problema só solucionado quando lhe atribui esse nome; 6 – quando lhe falta a palavra para nomear esse objeto, a criança recorre à ajuda do adulto para solucionar o problema; 7 – os novos significados das novas palavras servem como embriões de novos e complexos conceitos.

Como já vimos, para Vigotsky todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem e decorrem de acordo com a sua história social, acabando por contribuir, e fazer parte integrante, do desenvolvimento histórico-social da sua comunidade. Logo, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores genéticos, antes são o resultado das experiências e dos hábitos sociais da cultura em que o sujeito se insere. Assim, a história da sociedade na qual a criança se desenvolve, e a história pessoal dessa criança, são factores cruciais para a sua forma de pensar. E nesse processo de desenvolvimento cognitivo a linguagem tem um papel determinante na forma como a criança vai aprender a pensar, uma vez que as formas mais avançadas do pensamento são transmitidas à criança através de palavras. Então, é necessário um claro entendimento das relações entre pensamento e linguagem para se entender o processo do desenvolvimento intelectual. A linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento adquirido pela criança, mas existe uma inter-relação entre pensamento e linguagem, que se proporcionam mutuamente recursos.

Em síntese, o livro de Vigotsky ora recenseado procura analisar a relação entre pensamento e linguagem. Fazendo uma análise crítica de estudos anteriores e das teorias de outros autores, aponta a necessidade de se olhar para a criança como um ser social, que apreende e aprende ao longo da vida com as suas vivências, na relação e interação com o outro, e que constrói significados à medida que vai tendo experiências e contatos com a cultura em que se insere. A criança não deve ser vista como um adulto em miniatura mas como ela própria, um ser social único, singular e particular, que ao longo da sua história se vai construindo e reconstruindo. Daí a necessidade de a observar, escutar e compreender na fase real em que se encontra, tentando perceber o significado do pensamento e da linguagem que lhe são próprios.

Fonte: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000300011

ZABALA, ANTONI. A PRÁTICA EDUCATIVA: COMO ENSINAR. PORTO ALEGRE: ARTMED, 1998.

O argumento deste livro consiste em uma atuação profissional baseada no pensamento prático, mas com capacidade reflexiva e que necessitamos de meios teóricos para que a análise da prática seja verdadeiramente reflexiva.

- Parâmetros institucionais e organizados;
- Tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores;
- Meios e condições físicas existentes.
- Num modelo em que a aula se configura como um microssistema definido por determinados espaços, uma organização social, certas relações interativas, forma de distribuir o tempo e um determinado uso de recursos didáticos, numa interação entre todos os elementos.
- Ao momento em que se produzem os processos educacionais, ela tem um antes e um depois: o planejamento e a avaliação dos processos educacionais.
- Dentro de um modelo de percepção da realidade da aula, onde estão estreitamente vinculados o planejamento, a aplicação e a avaliação, teremos que delimitar a unidade de análise que representa este processo, ou seja, **a atividade ou tarefa.** Por exemplo: uma exposição, um debate, uma leitura, uma pesquisa bibliográfica.

- **Atividades ou tarefas** → unidade básica do processo de ensino/aprendizagem, cujas diversas variáveis apresentam estabilidade e diferenciação: relações interativas professor-aluno, e alunos, alunos; uma organização grupal, determinados conteúdos de aprendizagem, certos recursos didáticos, distribuição de tempo e de espaço, um critério avaliador.

- Atividades ou tarefas são insuficientes para proporcionar uma análise dos diferentes estilos pedagógicos, é preciso ampliar esta unidade elementar e identificar como nova unidade de análise, **as sequências de atividades** ou sequências didáticas, que permitem a avaliação sob uma perspectiva processual, incluindo as fases de planejamento, aplicação e avaliação.

- Desde o modelo aula magistral (com a sequência: apontamentos ou manual, prova, qualificação) até o método de projetos (escolha do tema, planejamento, pesquisa...) têm como elementos indicador as atividades, que só adquirem personalidade diferencial conforme sua organização em sequências ordenadas.

- As variações Metodológicas da Intervenção na aula

1 – Sequências de atividades – maneiras de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática.

- Indicam a função que tem cada uma das atividades.

2 – O papel dos professores e alunos ou alunos/alunos → clima de convivência de acordo com as necessidades de aprendizagem.

3 – Organização social da aula – grandes grupos, grupos fixos e variáveis contribuem para o trabalho coletivo e pessoal.

4 – Utilização dos espaços e do tempo – concretizam as diferentes formas de ensinar.

5 – Organização dos conteúdos – provém da própria estrutura formal das disciplinas e formas organizativas globais e integradoras.

6 – Uso dos materiais curriculares – importância que adquirem nas diferentes formas de intervenção (nas exposições, experimentação).

– Sentido e papel da avaliação – entendida no seu sentido restrito de controle de resultados, como na concepção global do processo de ensino/aprendizagem.

- **A Função Social – finalidade (por que ensinar)**

· São colocadas as intenções educacionais, o que pretendemos que nossos alunos consigam;

· C. Coll estabelece um agrupamento de capacidade: cognitivas, motoras, autonomia pessoal (afetiva), de relação interpessoal e de inserção e atuação social.

- **Os conteúdos** – explicam as intenções educativas (o que ensinar)

- Tudo que se tem que aprender para alcançar determinados objetivos:
- Devemos falar de conteúdos de natureza variada: dados, habilidades técnicas, atitudes, conceitos, etc.
- Coll propõe a classificação dos conteúdos em:

a) conceituais – englobam: fatos, conceitos, princípios ("O que se deve saber");

b) procedimentos: dizem respeito a técnicas e métodos ("O que se deve saber fazer");

c) Atitudinais: abrangem valores, atitudes, normas ("Como se deve ser").

- Não é possível ensinar nada sem partir de uma idéia de como as aprendizagem se produzem (conhecer as teorias).

- As formas de intervenção devem levar em conta a **diversidade** dos alunos, identificando o desafio de que necessitam, a fim de que se sintam estimulados em seu trabalho.

- **O Construtivismo**

- Estruturas cognitivas – esquemas de conhecimento.
- Esquemas de conhecimentos depende: - nível de desenvolvimento e – conhecimentos prévios.
- Papel ativo do aluno e do professor → atividade mental → sucessivos equilíbrio, desequilíbrio e requilibrio.
- Zonas de desenvolvimento proximal.
- Na perspectiva construtivistas, as atividades de ensino têm que integrar ao máximo os conteúdos e por mais específico que seja, sempre está associado a conteúdos de outra natureza.
- Aprendizagem dos conteúdos atuais:- fatos, conhecimentos, situações, dados e fenômenos concretos e singulares, conhecimento estes indispensáveis para compreender informações e problemas.
- Ensino baseado em exercícios de repetição mediante organizações significativas ou associações.

- Aprendizagem de princípios e conceitos – Termos abstratos
  - ○ Ex de princípios:- leis, regras
  - ○ Ex de conceitos – densidade, impressionismo
  - ○ Implica em compreensão que vai além dos enunciados.
  - ○ Característica dos conteúdos conceituais – não estar acabado
  - ○ Processo de elaboração pessoal requerem compreensão do significado.
- Aprendizagem dos conteúdos procedimentais:- destreza ou habilidades
  - ○ É um conjunto de leis ordenadas e com um fim.
  - ○ Ex:- ler, desenhar, calcular, traduzir.
  - ○ São ações ou conjuntos de ações, que são o ponto de partida.
  - ○ Só se aprende fazer, fazendo e pela exposição do professor
  - ○ È exercitação múltipla, refletindo sobre a atividade (atuação).
  - ○ É preciso aplicá-los em contextos diferenciados.
- Aprendizagem de conteúdos atitudinais:- valores, atitudes, normas
  - ○ Valores – Idéias éticas (solidariedade, liberdade, respeito)
  - ○ Atitudes – Tendências ou predisposições (cooperar, participar, ajudar)
  - ○ Normas – padrões ou regras de comportamento (conforme grupo social), análise dos fatores positivos e negativos, envolvimento afetivo e avaliação.
- É necessário saber se a sequência didática programada para desenvolver determinado conteúdo serve para alcançar os objetivos previstos.
- Para reconhecer a validade das sequências didáticas tendo em vista a **concepção construtivista e a atenção** à diversidade é interessante verificar se as atividades propostas:
  - ○ Permitem verificar os conhecimentos prévios;
  - ○ Os conteúdos são significativos e funcionais;
  - ○ Estão adequados ao nível de desenvolvimento;
  - ○ Representam desafios que permitam criar zonas de desenvolvimento proximal;
  - ○ Provoquem conflito cognitivo;
  - ○ Promovam uma atitude favorável à aprendizagem;
  - ○ Estimulam a auto-estima;
  - ○ Ajudam a adquirir habilidades para aprender a aprender

AS SEQUENCIAS DE CONTEÚDO – OUTRA UNIDADE DE ANÁLISE

- Definida como um conjunto ordenado de atividades estruturadas e articuladas para a consecução de um objetivo em relação a um conteúdo concreto.
  - ○ Ex:- conteúdo conceitual "componentes da paisagem" – será realizada uma série de atividades de ensino com objetivo de que no final da unidade a aprendizagem desse conteúdo, seja dominada por todos os alunos.

AS RELAÇÕES INTERATIVAS EM SALA DE AULA:- o papel dos professores e alunos

- A influência da concepção construtivista na estruturação das interações educativas na aula para facilitar a aprendizagem:-
  - ○ Planejar a atuação docente de forma flexível para permitir a adaptação às necessidades dos alunos;
  - ○ Contar com as contribuições e conhecimentos dos alunos;
  - ○ Ajudá-los a encontrar sentido no que estão fazendo;
  - ○ Estabelecer metas ao alcance dos alunos;
  - ○ Oferecer ajudas adequadas;
  - ○ Promover a atividade mental auto-estruturante;
  - ○ Estabelecer ambientes que promovam a auto-estima e o autoconceito;
  - ○ Promover canais de comunicação;
  - ○ Potencializar a autonomia;
  - ○ Avaliar os alunos conforme suas necessidades e seus esforços;
  - ○ Incentivar a auto-avaliação;

- É imprescindível prever situações que favoreçam diferentes formas de se relacionar e interagir (grupos, equipes fixas e móveis, assembléias, trabalhos de campos, etc.)

PAPEL DOS AGRUPAMENTOS

- Cada tipo de agrupamento comporta vantagens e inconvenientes, certas possibilidades e certas potencialidades educativas diferentes.

A Escola como grande grupo

- As características da organização grupal estão determinadas pela organização e pela estrutura de gestão: relações interpessoais, papéis, responsabilidades, participações, etc.
- Distribuição da escola em grupos/ classificações
  - ○ Classes homogêneas e heterogêneas;
  - ○ Conveniência dos grupos heterogêneos:- modelos diferentes de pensar e atuar, surgimentos de conflitos cognitivos, a possibilidade de receber ajuda de colegas;
- Distribuição da escola em grupos/Classes móveis ou flexíveis:-
  - ○ Atender ao diferentes interesses (escolas que trabalham com créditos ou matérias opcionais);
  - ○ Atender as diferentes competências;

Organização da Classe em grande grupo

- Apropriado – ensino de conteúdos factuais
- Limitado – ensino de conteúdos conceituais, porque não permitem inter-relações, poucas oportunidades de conhecer o processo de elaboração mental que cada aluno segue. – Dificuldade de prestar a ajuda que o aluno precisa.

- Útil aos conteúdos procedimentos para dar a conhecer a utilidade do procedimento, técnica ou estratégia, mais difícil poder propor atividades de aplicação e exercitação necessárias para cada aluno;
- Conteúdos atitudinais podem ser feitos em grandes grupos porque o componente cognitivo destes conteúdos exigem trabalho de compreensão, mas os componentes afetivos e comportamentais dos conteúdos atitudinais exigem atividades que coloquem os alunos em situações problemáticas ou de conflitos. Situações que dificilmente podem se realizar em grande grupo, com exceção da **assembléia de alunos**. A assembléia é adequada, mas é insuficiente.

Organização da classe em equipes fixas

· Oferecem oportunidades para trabalhar conteúdos atitudinais;
· Oferecem oportunidades de debates, de receber, e dar ajuda (solidariedade e cooperação);
· Aceitação da diversidade;

Organização da Classe em equipes móveis e flexíveis

- Atender as características diferencias dos alunos;
- Oportunidade de atenção personalidade do professor ao grupo;
- Período de tempo dos agrupamentos é limitado;
- Eles poderão ser algumas vezes homogêneos e outras heterogêneos;
- São adequados aos conteúdos procedimentais (matemática, artes)

Trabalho individual
- É oportuno porque a aprendizagem em última instância é sempre uma apropriação pessoal;
- Ele será efetivo, uma vez entendido o conceito, realize atividades e exercícios que permitirão ampliar, detalhar, recordar, e reforça ou que foi aprendido;
- É útil para memorização de fatos, para aprofundamentos de conceitos e para maioria dos conteúdos procedimentos em que se deve adaptar o ritmo e a proposição de atividades às características dos alunos.
- **Os Contratos de Trabalho** (Freinet) – consiste em facilitar a tarefa do professor. O aluno faz um acordo com o professor. É imprescindível contar com materiais preparados e que as atividades sejam sequenciadas e progressivas. (Número de atividades que deveram fazer).

Distribuição do tempo e do espaço

- Distribuição tradicional
- Os cantos e as pequenas oficinas, bibliotecas, sala ambiente;
- Prédios grandes, são radicalmente contrários as propostas educativas pois é impossível promover determinadas atitudes, ou um bom clima afetivo onde não podem se sentir seguros, no anonimato.

A distribuição do tempo não é o menos importante.

- Devem variar de acordo com as atividades previstas e necessidades educacionais.

A ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

- Diz respeito a relação e a forma de veicular os diferentes conteúdos conteúdos de aprendizagem que formam as unidades didáticas
- Podemos encontrar propostas que rompem com a organização centrada por disciplinas (propostas metodológicas globalizadoras).
- Nos métodos globalizados as disciplinas nunca são a finalidade do ensino, elas têm a função de proporcionar os meios ou instrumentos para realização dos objetivos educacionais;
- Nos métodos globalizados a organização se realiza a partir da perspectivas de como os alunos aprendem;

○ Nascem quando o aluno se transforma em protagonista do ensino.

○ Ex;- centros de interesse, projetos, investigações do meio, projetos de trabalho (todos partem de uma situação real).

- As disciplinas com organizadoras dos conteúdos.
- A fragmentação do saber e a diversificação do saber em múltiplas disciplinas;
- Podemos estabelecer três graus de relações disciplinares:-

1-) a multidiciplinaridade – conteúdos apresentados por matérias independentes uma das outra;
2-) a interdisciplinaridade – interação entre dias ou mais disciplinas, integrando os conceitos idéias, metodologia;
3-) a transdicciplinaridade – integração global, dentro de um sistema totalizador.

OS MATERIAIS CURRICULARES E OUTROS RECURSOS DIDÁTICOS

- São aqueles que proporcionam ao educador referências e critérios para tomar decisões, no planejamento e na intervenção no ensino e na avaliação;
- Podem ser tipicados conforme;-

1-) o âmbito de intervenção (planejamento da aula, grupo, classe, individual);
2-) a intecionalidade da função (orientar, exemplificar, ilustrar);
3-) os conteúdos e as maneiras de organizá-los (integradoras, globalizadoras, conteúdos procedimentos, conceituais);
4-) suporte (quadro negro, papel, cadernos, fichas, livro didático)

Observação:- Quanto aos conteúdos atitudinais, não existem suportes a serem usados comprofusão, a não ser o vídeo e os textos.

- Criticas ao livro didático e materiais curriculares:-
- Esteriótipos culturais;
- Proposições vinculadas a determinadas correntes ideológicas;

- Não podem oferecer toda informação necessária para garantir a comparação;
- Fomentam atitudes passivas do aluno;
- Impedem o desenvolvimento de propostas mais próximas da realidade;
- Não favorecem a comparação entre realidade e ensino escolar;
- Não respeitam a forma nem o ritmo de aprendizagem do aluno (uniformização do ensino)
- Fomentam as estratégias de memorização

Observação:- Proceder a busca de referências e critérios para análise e confecção dos materiais curriculares.

- Projeção estática (retroprojetor, slides) suporte e elementos esclarecedores de muitas idéias e facilitam o diálogo, ajudam a centrar a atenção, mas é preciso não pecar pelo excesso de uso.
- **Imagem de movimento** – (filmes, gravações de vídeo).
- Atuam como suporte nas exposições e como fonte de informação.
- É importante ir gerando e cortando, para estabelecer com a classe
- **Suporte de Informática:-**
- Possibilidade de estabelecer um diálogo mais ou menos aberto entre o programa e o aluno:
- Permite fazer simulações de técnicas e procedimentos;
- Contribui para formação de conceitos.
- **Suporte Multimídia:-**
- Uso do disc laser, CDI ou CD-ROM (interessante ver a disposição) banco de dados de fácil acesso.

Conclusão:- A existência de materiais curriculares diversificados facilitará a elaboração de propostas singulares. A pertinência dos materiais estará determinada pelo uso que se faça deles, nos diferentes contextos educativos.

A AVALIAÇÃO

- Não deve se limitar somente a avaliação do aluno, mas também o grupo / classe, inclusive o professor ou a equipe docente, o processo de ensino é a própria forma de avaliação.
- A avaliação inicial (diagnóstica);
- A avaliação reguladora (como cada aluno aprende) modificação e melhora contínua do aluno;
- A avaliação integradora (todo percurso do aluno) informe global do processo;
- A avaliamos para o aperfeiçoamento da prática educativa;
- Compartilhar objetivos – condições para avaliação formativa;
- A informação dos resultados de aprendizagem.

Fonte: http://simboraestudar.blogspot.com/2015/07/resumo-pratica-educativa-como-ensinar.html

ZAGURY, TÂNIA. ESCOLA SEM CONFLITO: PARCERIA COM OS PAIS. RJ. RECORD. 2002.

Em que escola matricular seus filhos? Como se relacionar com coordenadores, diretores e professores? Como tornar o seu filho um bom estudante? Estas e muitas outras dúvidas são esclarecidas nessa obra em que Tania fundamenta e orienta pedagogicamente os pais tanto em relação à escolha da escola, quanto em relação à avaliação segura e permanente da instituição escolhida. A autora revela que por mais de dois séculos, família e escola viveram uma verdadeira lua-de-mel. O que a escola pensava era o que os pais pensavam. A família endossava e confirmava toda e qualquer determinação da escola. Com isso, para as crianças, existia uma identificação e homogeneidade em relação às figuras de autoridade - no caso, pais e professores. Atualmente, essa relação vem sofrendo modificações. Hoje em dia não existe tanta harmonia e confiança entre pais e educadores. A situação da escola também ficou, portanto, bastante desconfortável e a autoridade do professor diminuída. Muitos pais vivem questionando e reclamando, acreditando sempre que a escola errou ou não agiu de forma adequada com seus filhos. Outros, depois de consumada a matrícula, consideram sua missão terminada e deixam a encargo da escola qualquer problema relacionado à educação. Em ESCOLA SEM CONFLITO: PARCERIA COM OS PAIS, Tania mostra que essas atitudes não contribuem em nada para o crescimento intelectual e afetivo das crianças e apresenta soluções práticas para o problema.

Fonte: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=79

QUESTÕES

01- (FUNDEP – PEDAGOGO Contagem) São princípios da educação libertadora (Paulo Freire) EXCETO:

(A)Acreditar na igualdade fundamental entre os seres humanos, independentemente de quaisquer diferenças.

(B)Buscar a transformação social, constituindo-se como meio de contribuir para a justiça social e para a participação.

(C) Conceber a participação como um processo que favoreça cada vez mais a centralização das decisões tendo em vista a unidade institucional.

(D)Organizar-se como um processo em que as pessoas sejam sujeitos de sua própria formação.

2- (FUMARC - PROFESSOR GOV.VALADARES) "Não há docência sem discência". Em seu texto, Freire (2000) discute a importância de uma reflexão envolvendo a formação docente e a prática educativo-crítica em favor da autonomia dos educandos.

Avalie as afirmativas abaixo:

I. A temática abordada incorpora a análise de saberes fundamentais, apresentando elementos constitutivos para a compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana.

II. A tarefa do educador não se resume apenas em ensinar os conteúdos, mas ensinar a pensar certo, exigindo rigorosidade metódica. Ensinar, aprender e pesquisar envolvem dois momentos do ciclo gnosiológico.

III. O ato de ensinar exige a corporeificação das palavras através do exemplo. Uma vez que, não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo.

IV. Na formação permanente dos professores, ensinar exige reflexão crítica a respeito da prática, é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Verifica-se que estão **CORRETAS** as afirmativas:

(A) Apenas I, II e III
(B) Apenas I, III e IV
(C) Apenas I, II e IV
(D) I, II, III, IV

3- (FUMARC - PROFESSOR GOV.VALADARES) Leia atentamente o trecho extraído do livro "Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa":

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes, como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes.

FREIRE, 2000, P. 23 e 24

O texto acima permite analisar que:

(A) Ensinar é um processo que pode tornar o aprendiz mais e mais criador. Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, mais se constrói e se desenvolve o que pode ser chamado de "curiosidade epistemológica.

(B) Existe uma relação entre o ato de ensinar e a prática de cozinhar, mostrando que o professor precisa diversificar sua prática, promovendo atividades fora do ambiente escolar.

(C) Na prática pedagógica, é importante estabelecer atividades que relacionem com o cotidiano dos alunos, utilizando receitas familiares e atraentes.

(D) Com o objetivo de criar "espaços inovadores", cabe aos professores utilizarem com frequência todo o espaço escolar.

4- Segundo Paulo Freire ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. Assim o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente deve contribuir para:

(A) reforçar o autoritarismo na escola pública.

(B) reforçar o medo que os pais tem dos professores e os conduz a afastar-se da escola.

(C) os alunos reagirem negativamente ao exercício do comando.

(D) fortalecer o caráter formador do espaço pedagógico.

(E) estabelecer na escola o mandonismo que tolhe a criatividade do educando.

5- A escola X vem trabalhando na construção coletiva do PPP escolar que tem como base a Pedagogia da Autonomia. Um dos pontos elencados e operacionalizados pelo grupo foi a formação continuada dos docentes, partindo do entendimento de ser essa a forma de favorecer:

(A) uma prática pedagógica neutra que reflete positivamente no meio social.

(B) o desenvolvimento de experiências que só servem para cada profissional do ensino.

(C) o desenvolvimento de atividades pragmáticas que centram o ensino em atividades descontextualizadas.

(D) visões distorcidas do mundo do trabalho.

(E) novas formas de ordenação da experiência humana, com múltiplos reflexos positivos na cognição dos estudantes.

6- Os pedagogos e demais profissionais e pessoas que circulam na escola pública devem considerar, segundo Paulo Freire, a importância das relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre pais, mães, filhos e filhas o que contribui para a:

(A) reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.

(B) elaboração do calendário escolar que marca as lições de vida e deve inibir as liberdades dos alunos na avaliação da escola.

(C) elaboração de um regimento escolar apenas por quem entende de legislação de ensino.

(D) elaboração das diretrizes escolares por pessoas que detém o saber pedagógico e encontram-se fora de sala de aula.

(E) produção de documentos e registros escolares exclusivamente pelos pedagogos.

7- De acordo com a Pedagogia defendida por Paulo Freire, a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que os pedagogos devem estimular reflexões centradas em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, o que pressupõe:

(A) experiências respeitosas da liberdade.

(B) o receio às críticas mesmo construtivas.

(C) a espera para saber onde as pessoas podem ir e em seguida mostrar o caminho certo.

(D) a licenciosidade que hipertrofia a decisão coletiva.

(E) o espontaneísmo.

8- A pedagoga Cláudia respalda a sua prática na Pedagogia da Autonomia coordena o planejamento escolar lembrando a necessidade de elevar os índices de aprendizagem do/as alunos/as e a importância das ferramentas básicas para que eles/elas circulem na sociedade letrada. Reconhece a importância dos saberes e dos conhecimentos de experiência que chegam à escola. Nesse sentido o saber ingênuo deve ser:

(A) preservado.

(B) considerado como produto final do ensino e aprendizagem escolar.

(C) superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica.

(D) considerado como ponto de partida e de chegada na aprendizagem assistemática escolar.

(E) motivo de exclusão no processo de ensinar e aprender.

9- O pedagogo Joaquim dá testemunho de respeito ao seu aluno pelo exercício cotidiano de responsabilidade, pontualidade, assiduidade e cumprimento dos seus deveres como educador. Segundo Paulo Freire as características dessa prática pedagógica docente especificamente humana é:

(A) incoerente pela realidade educacional e antiética.

(B) profundamente formadora, por isso, ética.

(C) esteticamente assistemática.

(D) espontânea e assistencialista.

(E) assistemática e escapa ao juízo que dele fazem os alunos.

10- Segundo Paulo Freire os homens e mulheres são os únicos seres que socialmente são capazes de aprender.

Assim toda prática educativa demanda processos interativos que favorecem:

(A) a constatação que para mudar, é necessário práticas assistemáticas.

(B) o espírito negativo e o fechamento ao risco.

(C) a construção, reconstrução, a constatação que para mudar é necessário abertura ao risco.

(D) o nível de adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.

(E) a construção dos saberes do senso comum e a constatação que para mudar é necessário apenas do mérito individual.

Leia o texto abaixo para responder às questões 11, 12 e 13

A questão da formação docente, ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressista em favor da autonomia do ser dos educadores, é a temática central em torno da qual gira este texto. É também temática a que se incorpora a análise de saberes fundamentais àquela prática e aos quais espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido.

Paulo Freire. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 13 (com adaptações).

11- De acordo com o pensamento predominante no texto, o ato de ensinar exige:

I rigorosidade metódica, pesquisa e criticidade.

II respeito aos saberes dos educandos, estética e ética.

III corporeificação das palavras pelo exemplo.

IV risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.

(B) 2.

(C) 3.

(D) 4.

12- Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua própria construção, o que exige que o professor pense certo. Com relação aos pressupostos filosóficos subjacentes a essa afirmativa e ao texto, assinale a opção correta.

(A) Pensar certo é uma postura exigente, difícil e penosa que o professor tem de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos.

(B) Pensar certo é ter a certeza de que todas as ações humanas estão predeterminadas pelo destino, que a interferência do indivíduo pouco mudará a realidade.

(C) Pensar certo é agir com espontaneidade, a ponto de todas as ações serem pautadas pelo espontaneísmo.

(D) Pensar certo é fácil, pouco exigente e complementa a atitude autoritária do professor, que cada vez menos necessita da rigorosidade metódica.

13- A partir do saber fundamental "mudar é difícil, mas é possível" é que se deve programar a ação político-pedagógica. Com base nesse pressuposto e considerando, ainda, o texto de Paulo Freire, assinale a opção correta.

(A) O educador deve assumir uma postura neutra diante do real, pois a função da educação é estudar e constatar a realidade, para compreendê-la e admirá-la como obra da construção humana.

(B) O educador deve tomar consciência de que não é apenas objeto da história, mas também sujeito. No mundo da história, da cultura e da política, deve constatar a realidade não para se acomodar, mas para mudar.

(C) Para que se possa transformar o mundo por meio da educação é preciso pregar a rebelião e instigar a revolta nas camadas populares, pelo fato de estas serem profundamente injustiçadas.

(D) O educador deve respeitar o saber dos grupos com que trabalha. Porém, não pode permitir que estes predominem, por ter consciência de que aquilo que pensa, em face de sua formação, é melhor para o grupo.

14- Considere as três afirmativas abaixo:

I - A finalidade do currículo crítico é o inverso da do currículo tradicional: este último tende a naturalizar' acontecimentos; aquele tenta obrigar o aluno a que questione as atitudes e comportamentos que considera naturais. O currículo crítico oferece uma visão da realidade como um processo mutante e descontínuo, cujos agentes são os seres humanos, os quais, portanto, estão em condições de realizar sua transformação.

II - O currículo comum é um meio para ajudar na igualdade de oportunidades; pois "numa sociedade em que a cultura de procedência dos indivíduos condiciona suas capacidades, interesses e aspirações, o currículo comum da escolaridade deve ser entendido como o conjunto de conhecimentos, competências e valores para aqueles que sem a sua aquisição seriam mais discriminados fora da escola. Esses conteúdos são a oportunidade para que todos aqueles que, por sua cultura de procedência ou origem social, teriam menos oportunidades de ter acesso ao conhecimento e às distintas formas de expressão cultural.

III - A determinação de um currículo básico comum tem um papel essencial, já que condiciona horários, sistemas de especialização do professorado, disposição de recursos, dotação mínima das escolas, etc. Algo que é imprescindível num sistema educativo complexo e universal para garantir a igualdade de condições e a homologação dos resultados e certificados que fornece.

A partir da compreensão das ideias expressas por Gimeno Sacristán sobre a teoria curricular, estão corretas as afirmativas:

a) I e II
b) II e III
c) I e III
d) I, II e III
e) Apenas II.

15- Segundo Sacristán, interferem no processo de seleção, elaboração e realização do currículo uma série de forças. As alternativas abaixo trazem alguns exemplos dessas forças, EXCETO a alternativa:

a) As forças sociais e econômicas que brigam por hegemonia e fazem com que o currículo tenha determinada tendência;

b) Decisões administrativas sobre como desenvolver o ensino (políticas públicas)

c) Elaboração e mercado de distribuição de livros e materiais didáticos

d) O pertencimento racial dos estudantes

e) Influência de determinados grupos acadêmicos que pressionam para que sua especialização esteja representada no sistema escolar

16- Leia o trecho abaixo:

"A sequência mecânica de estímulos, respostas e de reforços não funciona na escola, é um esquema demasiado simplista e não reflete a riqueza das trocas na aula. Estímulos e reforços similares provocam reações bem diferentes e inclusive contraditórias em diferentes indivíduos, e também nos próprios sujeitos em situações e contextos diferentes. Por outro lado, quando funciona, escapa do professor a complexidade dos efeitos secundários, não previstos e não desejáveis que pode provocar o condicionamento mecânico de uma resposta ou linha de comportamento. O aluno pode aprender mecanicamente uma conduta e ao mesmo tempo se tornar incapacitado para desenvolver estratégias de busca nesse mesmo âmbito ou desencadear aversões emotivas em relação à mesma."

Neste trecho, Gimeno Sacristán tece criticas a um dos conjuntos de teorias de ensino e aprendizagem que analisa em seu livro COMPREENDER E TRANSFORMAR O ENSINO. A que teorias o autor se refere?

a) Teorias Construtivistas
b) Teorias do Processamento da Informação
c) Teorias da Gestalt ou do Campo
d) Teorias do Condicionamento
e) Teorias de fundamentação psicanalítica.

17- Leia o trecho abaixo:

As práticas de homogeneizar para manejar com mais facilidade o grupo foram legitimadas com a ideia de que os alunos aprendem melhor e mais rapidamente em grupos homogêneos; o que não deixa de ocultar certo darwinismo social sob a ideia de ordem e de rendimento que seria necessário discutir, já que ao fazer grupos homogêneos se acaba distinguindo os alunos com diferentes níveis de capacidade e rendimento.

Considerando as ideias defendidas por Gimeno Sacristán em seu livro COMPREENDER E TRANSFORMAR O ENSINO, podemos dizer que, no que tange à organização didática dos grupos de estudantes, o autor:

a) defende grupos homogêneos na organização do ensino, mas adverte que essa prática, se for mal gerida, acaba não distinguindo os estudantes por competência ou nível de capacidade e rendimento e sim por outros critérios mais subjetivos

b) defende grupos homogêneos na organização do ensino e argumenta que os alunos aprendem melhor e mais rapidamente e podem ser agrupados por nível de rendimento e capacidade

c) defende a desconstrução da lógica homogeneizadora da escola, propondo a superação da tendência de se organizar sempre grupos homogêneos, defendendo que os interesses de "melhor funcionamento" ou de melhor manejo de classe devem ser rediscutidos à luz dos valores éticos contra a segregação dos alunos

d) defende a desconstrução da lógica homogeneizadora da escola, pois a igualdade absoluta não existe, já que os estudantes chegam à escola em pontos de partida diferentes. Por isso, propõe que, ao invés de homogeneizar grupos dentro da sala de aula, sejam costuradas turmas que aproximem estudantes com o mesmo grau de desenvolvimento, criando salas homogêneas e não grupos homogêneos nas salas de aula

e) defende a homogeneização das turmas como forma de ajudar os professores no manejo de sala de aula e de melhorar o funcionamento e a qualidade do ensino oferecido.

18- É muito importante que o educador propicie um ensino que instigue o educando a pensar, a refletir, elaborar suas próprias ideias e, também, possibilite que ele adquira conceitos e conhecimentos básicos: até porque os conhecimentos se desenvolvem a cada dia, sendo impossível à apreensão de todo saber na escola. Os educandos, quando estimulados a enfrentar novos problemas, por meio de pesquisas e reflexões, estarão conquistando sua:

(A) autonomia
(B) cidadania
(C) inteligência emocional
(D) habilidade de pensar
(E) honestidade intelectual

19- O pensamento pedagógico parte de alguns princípios que marcam de forma clara e objetiva o modo de entender o ato educativo.

Considerando as características do pensamento desse autor, analise as afirmações que se seguem:

I – ensinar é um ato que envolve a reflexão sobre a própria prática;

II – modificar a cultura originária é parte do processo educativo;

III – superar a consciência ingênua é tarefa da ação educativa;

IV – educar é um ato que acontece em todos os espaços da vida;

V – educar é transmitir o conhecimento erudito e universalmente reconhecido.

Estão de acordo com este pensamento APENAS as afirmações:

(A) I e II
(B) II e V
(C) I, III e IV
(D) I, IV e V
(E) I, II, III e IV

20- Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua própria construção, o que exige que o professor pense certo. Com relação aos pressupostos filosóficos subjacentes a essa afirmativa, assinale a opção correta.

(A) Pensar certo é uma postura exigente, difícil e penosa que o professor tem de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos;

(B) Pensar certo é ter a certeza de que todas as ações humanas estão predeterminadas pelo destino, que a interferência do indivíduo pouco mudará;

(C) Pensar certo é agir com espontaneidade, a ponto de todas as ações serem pautadas pelo espontaneísmo;

(D) Pensar certo é fácil, pouco exigente e complementa a atitude autoritária do professor, que cada vez menos necessita da rigorosidade metódica;

(E) Pensar certo é seguir as orientações das propostas curriculares.

21- A partir do saber fundamental "mudar é difícil, mas é possível" é que se deve programar a ação político-pedagógica. Com base nesse pressuposto e considerando, assinale a opção correta.

(A) o educador deve assumir uma postura neutra diante do real, pois a função da educação é estudar e constatar a realidade, para compreendê-la e admirá-la como obra da construção humana;

(B) o educador deve tomar consciência de que não é apenas objeto da história, mas também sujeito. Num mundo de história, da cultura e da política, deve constatar a realidade não para se acomodar, mas para mudar;

(C) para que se possa transformar o mundo por meio da educação é preciso pregar a rebelião e instigar a revolta nas camadas populares, pelo fato de estas serem profundamente injustiçadas;

(D) o educador deve respeitar o saber dos grupos com que trabalho. Porém, não pode permitir que estes predominem, por ter consciência de que aquilo que pensa, em face de sua formação, é melhor para o grupo;

(E) o educador deve estar consciente de que para mudar necessita do apoio da direção da escola.

22- O modelo piagetiano de desenvolvimento cognitivo aponta que o adolescente é capaz de formar esquemas conceituais abstratos dos 12 anos em diante. Trata-se do período

(A) pré-operacional.
(B) das operações formais.
(C) das operações concretas.
(D) sensório-motor.
(E) epistemofílico.

Respostas: 01-C / 02-D / 03-A / 04-D / 05-E / 06-A / 07-A / 08-C / 09-B / 10-C / 11-D / 12-A / 13-B / 14-D / 15-D / 16-D / 17-C / 18-A / 19-C / 20-A / 21-B / 22-B

NOVA CONCURSOS

NOVA CONCURSOS

APOSTILA DE ACORDO COM EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO CPPMP 001/2018

PREFEITURA MUNICIPAL DE

PAULÍNIA

DO ESTADO DE SÃO PAULO

Professor de Educação Básica I - PEB I

(Educação Infantil Creche/EMEI - Ensino Fundamental 1º ao 5º ano e EJA I - Educação de Jovens e Adultos)

- Língua Portuguesa
- Matemática
- Fundamentos da Educação
- Legislação
- Publicações Institucionais
- Conhecimentos Pedagógicos
- Referência Bibliográfica - Parte Pedagógica
- Referência Bibliográfica

NOVA CONCURSOS PASSAPORTE

Grátis Conteúdo Online de Lei 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente - Principais Temas

Acesse nosso site e complemente seus estudos.

Prefeitura Municipal de Paulínia do Estado de São Paulo

PAULÍNIA-SP

Concurso Público CPPMP 001/2018

NOVA CONCURSOS

DADOS DA OBRA

Título da obra: Prefeitura Municipal de Paulínia do Estado de São Paulo

(Baseado no Concurso Público CPPMP 001/2018)

• Língua Portuguesa
• Matemática
Fundamentos Da Educação
• Legislação
• Publicações Institucionais
• Conhecimentos Pedagógicos
• Referência Bibliográfica – Parte Pedagógica
• Referência Bibliográfica

Gestão de Conteúdos
Emanuela Amaral de Souza

Diagramação/ Editoração Eletrônica
Elaine Cristina
Igor de Oliveira
Ana Luiza Cesário
Thais Regis

Produção Editoral
Suelen Domenica Pereira
Julia Antoneli
Leandro Filho

Capa
Joel Ferreira dos Santos

NOVA CONCURSOS

APRESENTAÇÃO

PARABÉNS! ESTE É O PASSAPORTE PARA SUA APROVAÇÃO.

A Nova Concursos tem um único propósito: mudar a vida das pessoas.
Vamos ajudar você a alcançar o tão desejado cargo público.
Nossos livros são elaborados por professores que atuam na área de Concursos Públicos. Assim a matéria é organizada de forma que otimize o tempo do candidato. Afinal corremos contra o tempo, por isso a preparação é muito importante.
Aproveitando, convidamos você para conhecer nossa linha de produtos "Cursos online", conteúdos preparatórios e por edital, ministrados pelos melhores professores do mercado.
Estar à frente é nosso objetivo, sempre.
Contamos com índice de aprovação de 87%*.
O que nos motiva é a busca da excelência. Aumentar este índice é nossa meta.
Acesse **www.novaconcursos.com.br** e conheça todos os nossos produtos.
Oferecemos uma solução completa com foco na sua aprovação, como: apostilas, livros, cursos on-line, questões comentadas e treinamentos com simulados online.
Desejamos-lhe muito sucesso nesta nova etapa da sua vida!
Obrigado e bons estudos!

*Índice de aprovação baseado em ferramentas internas de medição.

CURSO ONLINE

PASSO 1
Acesse:
www.novaconcursos.com.br/passaporte

PASSO 2
Digite o código do produto no campo indicado no site.
O código encontra-se no verso da capa da apostila.
*Utilize sempre os 8 primeiros dígitos.
Ex: FV054-18

PASSO 3
Pronto!
Você já pode acessar os conteúdos online.

NOVA CONCURSOS

SUMÁRIO

Língua Portuguesa

Todo Conteúdo Programático até o Ensino Médio, como por exemplo: Ortografia; Estrutura e Formação das palavras; Divisão Silábica; Vogais; Semivogais; Gênero, Número; Frases; Sinais de Pontuação; Acentuação; Fonética e fonologia: Conceitos básicos; Classificação dos fonemas; Relação entre palavras; Uso da crase; sinônimos, homônimos e antônimos; Fonemas e letras; Substantivo; Adjetivo; Artigo; Numeral; Advérbio; Verbos; Conjugação de verbos; Pronomes; Preposição; Conjunção; Interjeição; Encontros vocálicos; Encontros consonantais e dígrafo; Tonicidade das palavras; Sílaba tônica; Sujeito e predicado; Formas nominais; Locuções verbais; Termos ligados ao verbo: Adjunto adverbial, Agente da Passiva, Objeto direto e indireto, Vozes Verbais; Termos Essenciais da Oração; Termos Integrantes da Oração; Termos Acessórios da Oração; Orações Coordenadas e Subordinadas; Período; Concordância nominal; Concordância verbal; Regência verbal; Vozes verbais; Regência nominal; Predicação verbal; Aposto; Vocativo; Derivação e Composição; Uso do hífen; Voz ativa; Voz passiva; Voz reflexiva; Funções e Cargos das palavras "que" e "se"; Uso do "Porquê"; Prefixos; Sufixos; Afixos; Radicais; Formas verbais seguidas de pronomes; Flexão nominal e verbal; Emprego de locuções; Sintaxe de Concordância; Sintaxe de Regência; Sintaxe de Colocação; Comparações; Criação de palavras; Uso do travessão; Discurso direto e indireto; Imagens; Pessoa do discurso; Relações entre nome e personagem; História em quadrinhos; Relação entre ideias; Intensificações; Personificação; Oposição; Provérbios; Discurso direto; Onomatopeias; Aliteração; Assonância; Repetições; Relações; Expressões ao pé da letra; Palavras e ilustrações; Metáfora; Associação de ideias. Denotação e Conotação; Eufemismo; Hipérbole; Ironia; Prosopopeia; Catacrese; Paradoxo; Metonímia; Elipse; Pleonasmo; Silepse; Antítese; Sinestesia; Vícios de Linguagem. 01
ANÁLISE, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: Tipos de Comunicação: Descrição; Narração; Dissertação; Tipos de Discurso; Coesão Textual. 93

Matemática

Números inteiros; Números Naturais; Numeração decimal; Operações fundamentais como: Adição, Subtração, Divisão e Multiplicação; Simplificação; Medindo o tempo: horas, minutos e segundos; Problemas matemáticos; radiciação; potenciação; máximo divisor comum; mínimo divisor comum; 01
Sistema de medidas: medidas de comprimento, superfície, volume, capacidade, tempo, massa, m^2 e metro linear; problemas usando as quatro operações. 07
Conjunto de números: naturais, inteiros, racionais, irracionais, reais, operações, expressões (cálculo); 12
Matemática Financeira; Porcentagem; Juros Simples e Composto; 12
Regras de três simples e composta; 21
Sistema Monetário Nacional (Real); Equação de 1º grau: resolução; Problemas de 1º grau; Inequações do 1º grau; Equação de 2º grau: resolução das equações completas, incompletas, problemas do 2º grau; 28
Equações fracionárias; 28
Relação e Função: domínio, contradomínio e imagem; 33
Função do 1º grau; função constante; 33
Razão e Proporção; 38
Grandezas Proporcionais; 43
Expressões Algébricas; Fração Algébrica; 48
Sistemas de numeração; Operações no conjunto dos números naturais; Operações fundamentais com números racionais; Múltiplos e divisores em N; Radiciação; Conjunto de números fracionários; Operações fundamentais com números fracionários; Problemas com números fracionários; Números decimais; 50
Geometria Analítica; 51
Geometria Espacial; 56
Geometria Plana: Plano, Área, Perímetro, Ângulo, Reta, Segmento de Reta e Ponto; Teorema de Tales; Teorema de Pitágoras; 63
Noções de trigonometria; 70
Relação entre grandezas: tabelas e gráficos; 73
Progressão Aritmética (PA) e Progressão Geométrica (PG); 77
Sistemas Lineares; 85

SUMÁRIO

Números complexos; 96
Função exponencial: equação e inequação exponencial; Função logarítmica; 98
Análise combinatória; 98
Probabilidade; 99
Estatística; 101
Função do 2º grau; 103
Trigonometria da 1ª volta: seno, cosseno, tangente, relação fundamental. 103

Fundamentos da Educação

Fundamentação, Finalidades e Conceituação da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial de conformidade com a LDBEN (Lei Federal n.º 9.394/96) e PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais); 01
Fundamentos: Filosofia da Educação, ... 18
História da Educação, ... 19
Sociologia, ... 24
Psicologia da Educação, ... 25
Didática e Metodologia do Ensino; 27
Processo de Avaliação do desempenho escolar como instrumento de acompanhamento do seu próprio trabalho e dos avanços da aprendizagem; 28
O trabalho coletivo como fator de aperfeiçoamento da prática docente; o uso de metodologias voltadas para práticas inovadoras; 33
Processo de Escolarização: sucessos e fracassos; evasão e Repetência: causas, consequências e alternativas; 37
Escola inclusiva como espaço de acolhimento, de aprendizagem e de socialização; o conhecimento das identidades nacionais, étnicos-raciais e diferenças culturais. 37
Mediação e gestão de conflitos. 51
Questões Políticas Educacionais Brasileiras; e Gestão Educacional (Gestão Participativa e Participação Comunitária). 52

Legislação

Constituição da República Federativa do Brasil - promulgada em 5 de outubro de 1988. Artigos 5º, 37 ao 41, 205 ao 214 e artigo 60 das disposições Constitucionais Transitórias. 01
Emenda 14/96. 35
Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente. 36
Lei Federal nº 12.010, de 03 de agosto de 2009 – Nova Lei da adoção e as alterações no ECA. 90
Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996- L.D.B.E.N. - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Emenda Constitucional nº 14/96. 99
Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014 - Plano Nacional de Educação - PNE. 99
Lei Federal nº 11.645, de 10/03/08 – Altera a Lei 9.394/96, modificada pela Lei 10.639/03, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena". 115

Publicações Institucionais

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular, 2017. 01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. MEC/SEF, 2000. (Volumes de I a X 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental). 01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares – estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília, MEC/SEF/SEESP, 1999. 01

SUMÁRIO

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, junho, 2005. 01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 12
PAULÍNIA. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia- Educação Infantil. 2011 12
PAULÍNIA. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia- Ensino Fundamental – anos iniciais. 2011....13

Conhecimentos Pedagógicos

Currículo e cidadania: saberes voltados para o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas, sociais e culturais....01
Escola inclusiva como espaço de acolhimento, de aprendizagem e de socialização. 10
Pedagogias diferenciadas: progressão continuada, correção de fluxo, avaliação por competências, flexibilização do currículo e da trajetória escolar....23
A construção coletiva da proposta pedagógica da escola: expressão das demandas sociais, das características multiculturais e das expectativas dos alunos e dos pais. O trabalho coletivo como fator de aperfeiçoamento da prática docente....26
O papel do professor na integração escola- família....30
A formação continuada como condição de construção permanente das competências que qualificam a prática docente. 33
O ensino centrado em conhecimentos contextualizados e ancorados na ação. 36
O reforço e recuperação: parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem....40
A relação professor-aluno: construção de valores éticos e desenvolvimento de atitudes cooperativas, solidárias e responsáveis. 50

Referência Bibliográfica – Parte Pedagógica

PARIAN M, Silvia. A Escola que não ensina escrever. São Paulo: Moderna, 2004. 01
O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 1996. 01
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997. 04
GARDNER, Howard; PERKINS, David; PERRONE, Vito e colaboradores. Ensino para a compreensão. A pesquisa na prática. Porto Alegre: Artmed, 2007. 09
HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001. 17
LUCKESI, Cipriano Carlos - Avaliação de Aprendizagem escolar. São Paulo: Editora Cortez, 2002. 27
MACEDO, Lino de. Ensaios pedagógicos: Como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005. 32
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer? Ed. Moderna, 2003. 32
MANTOAN EGLER, Maria Teresa, SANTOS DOS TEIXEIRA, Maria Terezinha. Atendimento Educacional Especializado: Políticas Públicas e Gestão nos Municípios. São Paulo. Ed Moderna, n/d. PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar. São Paulo. Ed. T.A. Queiroz, 1996. 35
SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 5ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003. 35
SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Autores Associados, 2008. 35
SEBER, M. G. Construção da inteligência pela criança. São Paulo: Scipione, 2002. 36
TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002....37
VYGOTSKY, L.S., Luria, A.R. Leontiev, A.N. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988. 38
WEISZ, Telma, O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo, Editora Ática, 2000. 39
ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998....47

Referência Bibliográfica

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. Pró-letramento Alfabetização e Linguagem. Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Brasília: SEB, 2007. http://portal.mec.gov.br/publicacoes. 01

SUMÁRIO

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. Pró-letramento Matemática. Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Brasília: SEB, 2007. http://portal.mec.gov.br/publicacoes. 01
CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & linguística. São Paulo: Scipione, 1991. 01
COLELLO GASPARIAN M, Silvia. A Escola que não ensina escrever. São Paulo: Moderna, 2004. 02
DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In "Gêneros orais e escritos na escola". Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004 02
FERREIRO, Emília. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. 14
FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1998. 15
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 36ª Ed. São Paulo: Cortez, 1998. 15
KLEIMAN, Ângela B. Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005. 20
LERNER, Delia; PIZANI, Alicia P. A aprendizagem da língua escrita na escola: reflexões sobre a prática pedagógica construtivista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 21
LERNER, Delia. Ler e Escrever na escola – o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002. 23
MARTINS, João Luis; QUEIROZ, Tania Dias. Pedagogia Lúdica – Jogos e brincadeiras de A a Z. São Paulo: Ed. Rideel, 2002. 28
MANTOAN EGLER, Maria Teresa, SANTOS DOS TEIXEIRA, Maria Terezinha. Atendimento Educacional Especializado: Políticas Públicas e Gestão nos Municípios. São Paulo. Ed Moderna, n/d. 29
PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar. São Paulo. Ed. T.A. Queiroz, 1996. 29
VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (In)Disciplina: Construção da Disciplina Consciente e Interativa em Sala de Aula e na Escola. São Paulo: Libertad, 1994. 29
SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I. (org.) Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001. 29
SMOLKA, Ana Luíza B. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. 2 ed., São Paulo: Cortez/Campinas: Editora da Unicamp, 1989. 31
SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003. 33
SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1999. 34
ZUNINO, Delia Lerner. A Matemática na escola: aqui e agora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 41

LÍNGUA PORTUGUESA

Ortografia; Estrutura e Formação das palavras; Divisão Silábica; Vogais; Semivogais; Gênero, Número; Frases; Sinais de Pontuação; Acentuação; Fonética e fonologia: Conceitos básicos; Classificação dos fonemas; Relação entre palavras; Uso da crase; sinônimos, homônimos e antônimos; Fonemas e letras; Substantivo; Adjetivo; Artigo; Numeral; Advérbio; Verbos; Conjugação de verbos; Pronomes; Preposição; Conjunção; Interjeição; Encontros vocálicos; Encontros consonantais e dígrafo; Tonicidade das palavras; Sílaba tônica; Sujeito e predicado; Formas nominais; Locuções verbais; Termos ligados ao verbo: Adjunto adverbial, Agente da Passiva, Objeto direto e indireto, Vozes Verbais; Termos Essenciais da Oração; Termos Integrantes da Oração; Termos Acessórios da Oração; Orações Coordenadas e Subordinadas; Período; Concordância nominal; Concordância verbal; Regência verbal; Vozes verbais; Regência nominal; Predicação verbal; Aposto; Vocativo; Derivação e Composição; Uso do hífen; Voz ativa; Voz passiva; Voz reflexiva; Funções e Empregos das palavras "que" e "se"; Uso do "Porquê"; Prefixos; Sufixos; Afixos; Radicais; Formas verbais seguidas de pronomes; Flexão nominal e verbal; Emprego de locuções; Sintaxe de Concordância; Sintaxe de Regência; Sintaxe de Colocação; Comparações; Criação de palavras; Uso do travessão; Discurso direto e indireto; Imagens; Pessoa do discurso; Relações entre nome e personagem; História em quadrinhos; Relação entre ideias; Intensificações; Personificação; Oposição; Provérbios; Discurso direto; Onomatopeias; Aliteração; Assonância; Repetições; Relações; Expressões ao pé da letra; Palavras e ilustrações; Metáfora; Associação de ideias. Denotação e Conotação; Eufemismo; Hipérbole;Ironia; Prosopopeia; Catacrese; Paradoxo; Metonímia; Elipse; Pleonasmo; Silepse; Antítese; Sinestesia; Vícios de Linguagem. 01

ANÁLISE, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: Tipos de Comunicação: Descrição; Narração; Dissertação; Tipos de Discurso; Coesão Textual. 93

ORTOGRAFIA; ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS; DIVISÃO SILÁBICA; VOGAIS; SEMIVOGAIS; GÊNERO, NÚMERO; FRASES; SINAIS DE PONTUAÇÃO; ACENTUAÇÃO; FONÉTICA E FONOLOGIA: CONCEITOS BÁSICOS; CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS; RELAÇÃO ENTRE PALAVRAS; USO DA CRASE; SINÔNIMOS, HOMÔNIMOS E ANTÔNIMOS; FONEMAS E LETRAS; SUBSTANTIVO; ADJETIVO; ARTIGO; NUMERAL; ADVÉRBIO; VERBOS; CONJUGAÇÃO DE VERBOS; PRONOMES; PREPOSIÇÃO; CONJUNÇÃO; INTERJEIÇÃO; ENCONTROS VOCÁLICOS; ENCONTROS CONSONANTAIS E DÍGRAFO; TONICIDADE DAS PALAVRAS; SÍLABA TÔNICA; SUJEITO E PREDICADO; FORMAS NOMINAIS; LOCUÇÕES VERBAIS; TERMOS LIGADOS AO VERBO: ADJUNTO ADVERBIAL, AGENTE DA PASSIVA, OBJETO DIRETO E INDIRETO, VOZES VERBAIS; TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO; TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO; TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO; ORAÇÕES COORDENADAS E SUBORDINADAS; PERÍODO; CONCORDÂNCIA NOMINAL; CONCORDÂNCIA VERBAL; REGÊNCIA VERBAL; VOZES VERBAIS; REGÊNCIA NOMINAL; PREDICAÇÃO VERBAL; APOSTO; VOCATIVO; DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO; USO DO HÍFEN; VOZ ATIVA; VOZ PASSIVA; VOZ REFLEXIVA; FUNÇÕES E EMPREGOS DAS PALAVRAS "QUE" E "SE"; USO DO "PORQUÊ"; PREFIXOS; SUFIXOS; AFIXOS; RADICAIS; FORMAS VERBAIS SEGUIDAS DE PRONOMES; FLEXÃO NOMINAL E VERBAL; EMPREGO DE LOCUÇÕES; SINTAXE DE CONCORDÂNCIA; SINTAXE DE REGÊNCIA; SINTAXE DE COLOCAÇÃO; COMPARAÇÕES; CRIAÇÃO DE PALAVRAS; USO DO TRAVESSÃO; DISCURSO DIRETO E INDIRETO; IMAGENS; PESSOA DO DISCURSO; RELAÇÕES ENTRE NOME E PERSONAGEM; HISTÓRIA EM QUADRINHOS; RELAÇÃO ENTRE IDEIAS; INTENSIFICAÇÕES; PERSONIFICAÇÃO; OPOSIÇÃO; PROVÉRBIOS; DISCURSO DIRETO; ONOMATOPEIAS; ALITERAÇÃO; ASSONÂNCIA; REPETIÇÕES; RELAÇÕES; EXPRESSÕES AO PÉ DA LETRA; PALAVRAS E ILUSTRAÇÕES; METÁFORA; ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO; EUFEMISMO; HIPÉRBOLE;IRONIA; PROSOPOPEIA; CATACRESE; PARADOXO; METONÍMIA; ELIPSE; PLEONASMO; SILEPSE; ANTÍTESE; SINESTESIA; VÍCIOS DE LINGUAGEM.

ORTOGRAFIA

A ***ortografia*** é a parte da língua responsável pela grafia correta das palavras. Essa grafia baseia-se no padrão culto da língua.

As palavras podem apresentar igualdade total ou parcial no que se refere a sua grafia e pronúncia, mesmo tendo significados diferentes. Essas palavras são chamadas de *homônimas* (canto, do grego, significa ângulo / canto, do latim, significa música vocal). As palavras homônimas dividem-se em *homógrafas*, quando têm a mesma grafia (*gosto*, substantivo e *gosto*, 1ª pessoa do singular do verbo gostar) e *homófonas*, quando têm o mesmo som (*paço, palácio ou passo*, movimento durante o andar).

Quanto à grafia correta em língua portuguesa, devem-se observar as seguintes regras:

O fonema s:

Escreve-se com S e não com C/Ç as palavras substantivadas derivadas de verbos com radicais em nd, rg, rt, pel, corr e sent: *pretender - pretensão / expandir - expansão / ascender - ascensão / inverter - inversão / aspergir aspersão / submergir - submersão / divertir - diversão / impelir - impulsivo / compelir - compulsório / repelir - repulsa / recorrer - recurso / discorrer - discurso / sentir - sensível / consentir - consensual*

Escreve-se com SS e não com C e Ç os nomes derivados dos verbos cujos radicais terminem em gred, ced, prim ou com verbos terminados por tir ou meter: *agredir - agressivo / imprimir - impressão / admitir - admissão / ceder - cessão / exceder - excesso / percutir - percussão / regredir - regressão / oprimir - opressão / comprometer - compromisso / submeter - submissão*

*quando o prefixo termina com vogal que se junta com a palavra iniciada por "s". Exemplos: *a + simétrico - assimétrico / re + surgir - ressurgir*

*no pretérito imperfeito simples do subjuntivo. Exemplos: *ficasse, falasse*

Escreve-se com C ou Ç e não com S e SS os vocábulos de origem árabe: *cetim, açucena, açúcar*

*os vocábulos de origem tupi, africana ou exótica: *cipó, Juçara, caçula, cachaça, cacique*

*os sufixos aça, aço, ação, çar, ecer, iça, nça, uça, uçu, uço: *barcaça, ricaço, aguçar, empalidecer, carniça, caniço, esperança, carapuça, dentuço*

*nomes derivados do verbo ter: *abster - abstenção / deter - detenção / ater - atenção / reter - retenção*

*após ditongos: *foice, coice, traição*

*palavras derivadas de outras terminadas em te, to(r): *marte - marciano / infrator - infração / absorto - absorção*

O fonema z:

Escreve-se com S e não com Z:

os sufixos: ês, esa, esia, e isa, quando o radical é substantivo, ou em gentílicos e títulos nobiliárquicos: freguês, freguesa, freguesia, poetisa, baronesa, princesa,* etc.

*os sufixos gregos: ase, ese, ise e ose: *catequese, metamorfose*.

*as formas verbais pôr e querer: *pôs, pus, quisera, quis, quiseste*.

*nomes derivados de verbos com radicais terminados em "d": *aludir - alusão / decidir - decisão / empreender - empresa / difundir - difusão*

*os diminutivos cujos radicais terminam com "s": *Luís - Luisinho / Rosa - Rosinha / lápis - lapisinho*

*após ditongos: *coisa, pausa, pouso*

*em verbos derivados de nomes cujo radical termina com "s": *anális(e) + ar - analisar / pesquis(a) + ar - pesquisar*

Escreve-se com Z e não com S:

*os sufixos "ez" e "eza" das palavras derivadas de adjetivo: *macio - maciez / rico - riqueza*

*os sufixos "izar" (desde que o radical da palavra de origem não termine com s): *final - finalizar / concreto - concretizar*

*como consoante de ligação se o radical não terminar com s: *pé + inho - pezinho / café + al - cafezal ≠ lápis + inho - lapisinho*

O fonema j:

Escreve-se com G e não com J:

*as palavras de origem grega ou árabe: *tigela, girafa, gesso*.

*estrangeirismo, cuja letra G é originária: *sargento, gim*.

*as terminações: agem, igem, ugem, ege, oge (com poucas exceções): *imagem, vertigem, penugem, bege, foge*.

Observação: Exceção: *pajem*

*as terminações: ágio, égio, ígio, ógio, ugio: *sortilégio, litígio, relógio, refúgio*.

*os verbos terminados em ger e gir: *eleger, mugir*.

*depois da letra "r" com poucas exceções: *emergir, surgir*.

*depois da letra "a", desde que não seja radical terminado com j: *ágil, agente*.

Escreve-se com J e não com G:

*as palavras de origem latinas: *jeito, majestade, hoje*.

*as palavras de origem árabe, africana ou exótica: *jiboia, manjerona*.

*as palavras terminada com aje: *aje, ultraje*.

O fonema ch:

Escreve-se com X e não com CH:

*as palavras de origem tupi, africana ou exótica: *abacaxi, muxoxo, xucro*.

*as palavras de origem inglesa (sh) e espanhola (J): *xampu, lagartixa*.

*depois de ditongo: *frouxo, feixe*.

*depois de "en": *enxurrada, enxoval*.

Observação: Exceção: quando a palavra de origem não derive de outra iniciada com *ch - Cheio - (enchente)*

Escreve-se com CH e não com X:

*as palavras de origem estrangeira: *chave, chumbo, chassi, mochila, espadachim, chope, sanduíche, salsicha*.

As letras e e i:

*os ditongos nasais são escritos com "e": *mãe, põem*. Com "i", só o ditongo interno *cãibra*.

*os verbos que apresentam infinitivo em -oar, -uar são escritos com "e": *caçoe, tumultue*. Escrevemos com "i", os verbos com infinitivo em -air, -oer e -uir: *trai, dói, possui*.

- atenção para as palavras que mudam de sentido quando substituímos a grafia "e" pela grafia "i": *área (superfície), ária (melodia) / delatar (denunciar), dilatar (expandir) / emergir (vir à tona), imergir (mergulhar) / peão (de estância, que anda a pé), pião (brinquedo)*.

Fonte:
http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/ortografia

Questões sobre Ortografia

01. (Escrevente TJ SP – Vunesp/2013) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho a seguir, de acordo com a norma-padrão.

Além disso, ___certamente ____entre nós ____do fenômeno da corrupção e das fraudes.

(A) a ... concenso ... acerca
(B) há ... consenso ... acerca
(C) a ... concenso ... a cerca
(D) a ... consenso ... há cerca
(E) há ... consenço ... a cerca

02. (Escrevente TJ SP – Vunesp/2013). Assinale a alternativa cujas palavras se apresentam flexionadas de acordo com a norma- -padrão.

(A) Os tabeliãos devem preparar o documento.
(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis.
(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local.
(D) Ao descer e subir escadas, segure-se nos corrimãos.
(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos!

03. (Agente de Vigilância e Recepção – VUNESP – 2013). Suponha-se que o cartaz a seguir seja utilizado para informar os usuários sobre o festival Soundergound.

NOVA CONCURSOS

P*rezado Usuário*

_____ de oferecer lazer e cultura aos passageiros do metrô, _____ desta segunda-feira (25/02), _____ 17h30, começa o Soundground, festival internacional que prestigia os músicos que tocam em estações do metrô.

Confira o dia e a estação em que os artistas se apresentarão e divirta-se!

Para que o texto atenda à norma-padrão, devem-se preencher as lacunas, correta e respectivamente, com as expressões

A) A fim ...a partir ... as
B) A fim ...à partir ... às
C) A fim ...a partir ... às
D) Afim ...a partir ... às
E) Afim ...à partir ... as

04. Assinale a alternativa que não apresenta erro de ortografia:

A) Ela interrompeu a reunião derrepente.
B) O governador poderá ter seu mandato caçado.
C) Os espectadores aplaudiram o ministro.
D) Saiu com descrição da sala.

05.Em qual das alternativas a frase está corretamente escrita?

A) O mindingo não depositou na cardeneta de poupansa.
B) O mendigo não depositou na caderneta de poupança.
C) O mindigo não depozitou na cardeneta de poupanssa.
D) O mendingo não depozitou na carderneta de poupansa.

06. (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO – ADVOGADO - VUNESP/2013) Analise a propaganda do programa 5inco Minutos.

Em norma-padrão da língua portuguesa, a frase da propaganda, adaptada, assume a seguinte redação:

(A) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não matem-na porisso.
(B) 5INCO MINUTOS: as vezes, dura mais, mas não matem-na por isso.
(C) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não a matem por isso.
(D) 5INCO MINUTOS: as vezes, dura mais, mas não lhe matem por isso.
(E) 5INCO MINUTOS: às vezes, dura mais, mas não a matem porisso.

GABARITO

01. B 02. D 03. C 04. C 05. B 06. C

RESOLUÇÃO

1-) O exercício quer a alternativa que apresenta correção ortográfica. Na primeira lacuna utilizaremos "há", já que está empregado no sentido de "existir"; na segunda, "consenso" com "s"; na terceira, "acerca" significa "a respeito de", o que se encaixa perfeitamente no contexto. "Há cerca" = tem cerca (de arame, cerca viva, enfim...); "a cerca" = a cerca está destruída (arame, madeira...)

2-)
(A) Os tabelião devem preparar o documento. = tabeliães
(B) Esses cidadões tinham autorização para portar fuzis. = cidadãos
(C) Para autenticar as certidãos, procure o cartório local. = certidões
(E) Cuidado com os degrais, que são perigosos = degraus

3-) Prezado Usuário
A fim de oferecer lazer e cultura aos passageiros do metrô, a partir desta segunda-feira (25/02), às 17h30, começa o Soundground, festival internacional que prestigia os músicos que tocam em estações do metrô.
Confira o dia e a estação em que os artistas se apresentarão e divirta-se!
A fim = indica finalidade; a partir: sempre separado; antes de horas: há crase

4-)
A) Ela interrompeu a reunião derrepente. =de repente
B) O governador poderá ter seu mandato caçado. = cassado
D) Saiu com descrição da sala. = discrição

5-)
A) O mindingo não depositou na cardeneta de poupansa. = mendigo/caderneta/poupança
C) O mindigo não depozitou na cardeneta de poupanssa. = mendigo/caderneta/poupança
D) O mendingo não depozitou na carderneta de poupansa. =mendigo/depositou/caderneta/poupança

6-) A questão envolve colocação pronominal e ortografia. Comecemos pela mais fácil: ortografia! A palavra "por isso" é escrita separadamente. Assim, já descartamos duas alternativas ("A" e "E"). Quanto à colocação pronomi-

nal, temos a presença do advérbio "não", que sabemos ser um "ímã" para o pronome oblíquo, fazendo-nos aplicar a regra da próclise (pronome antes do verbo). Então, a forma correta é "mas não A matem" (por que A e não LHE? Porque quem mata, mata algo ou alguém, objeto direto. O "lhe" é usado para objeto indireto. Se não tivéssemos a conjunção "mas" nem o advérbio "não", a forma "matem-na" estaria correta, já que, após vírgula, o ideal é que utilizemos ênclise – pronome oblíquo após o verbo).

O ***hífen*** é um sinal diacrítico (que distingue) usado para ligar os elementos de palavras compostas (*couve-flor, ex-presidente*) e para unir pronomes átonos a verbos (*ofereceram-me; vê-lo-ei*).

Serve igualmente para fazer a translineação de palavras, isto é, no fim de uma linha, separar uma palavra em duas partes (*ca-/sa; compa-/nheiro*).

Uso do hífen que continua depois da Reforma Ortográfica:

1. Em palavras compostas por justaposição que formam uma unidade semântica, ou seja, nos termos que se unem para formam um novo significado: *tio-avô, porto-alegrense, luso-brasileiro, tenente-coronel, segunda-feira, conta-gotas, guarda-chuva, arco- -íris, primeiro-ministro, azul-escuro.*

2. Em palavras compostas por espécies botânicas e zoológicas: *couve-flor, bem-te-vi, bem-me-quer, abóbora-menina, erva-doce, feijão-verde.*

3. Nos compostos com elementos além, aquém, recém e sem: *além-mar, recém-nascido, sem-número, recém-casado, aquém- -fiar*, etc.

4. No geral, as locuções não possuem hífen, mas algumas exceções continuam por já estarem consagradas pelo uso: *cor- -de-rosa, arco-da-velha, mais-que-perfeito, pé-de-meia, água-de- -colônia, queima-roupa, deus-dará.*

5. Nos encadeamentos de vocábulos, como: *ponte Rio-Niterói, percurso Lisboa-Coimbra-Porto* e nas combinações históricas ou ocasionais: *Áustria-Hungria, Angola-Brasil, Alsácia-Lorena*, etc.

6. Nas formações com os prefixos hiper-, inter- e super- quando associados com outro termo que é iniciado por r: *hiper-resistente, inter-racial, super-racional,* etc.

7. Nas formações com os prefixos ex-, vice-: *ex-diretor, ex- -presidente, vice-governador, vice-prefeito.*

8. Nas formações com os prefixos pós-, pré- e pró-: *pré-natal, pré-escolar, pró-europeu, pós-graduação,* etc.

9. Na ênclise e mesóclise: *amá-lo, deixá-lo, dá-se, abraça-o, lança-o e amá-lo-ei, falar-lhe-ei,* etc.

10. Nas formações em que o prefixo tem como segundo termo uma palavra iniciada por "h": *sub-hepático, eletro-higrómetro, geo-história, neo-helênico, extra-humano, semi-hospitalar, super- -homem.*

11. Nas formações em que o prefixo ou pseudo prefixo termina na mesma vogal do segundo elemento: *micro-ondas, eletro-ótica, semi-interno, auto-observação,* etc.

Obs: O hífen é suprimido quando para formar outros termos: *reaver, inábil, desumano, lobisomem, reabilitar*.

- Lembre-se: ao separar palavras na translineação (mudança de linha), caso a última palavra a ser escrita seja formada por hífen, repita-o na próxima linha. Exemplo: escreverei *anti-inflamatório* e, ao final, coube apenas "anti-". Na linha debaixo escreverei: "-inflamatório" (hífen em ambas as linhas).

***Não se emprega o hífen*:**

1. Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo termo inicia-se em "r" ou "s". Nesse caso, passa-se a duplicar estas consoantes: *antirreligioso, contrarregra, infrassom, microssistema, minissaia, microrradiografia*, etc.

2. Nas constituições em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo termo inicia-se com vogal diferente: *antiaéreo, extraescolar, coeducação, autoestrada, autoaprendizagem, hidroelétrico, plurianual, autoescola, infraestrutura,* etc.

3. Nas formações, em geral, que contêm os prefixos "dês" e "in" e o segundo elemento perdeu o h inicial: *desumano, inábil, desabilitar,* etc.

4. Nas formações com o prefixo "co", mesmo quando o segundo elemento começar com "o": *cooperação, coobrigação, coordenar, coocupante, coautor, coedição, coexistir,* etc.

5. Em certas palavras que, com o uso, adquiriram noção de composição: *pontapé, girassol, paraquedas, paraquedista*, etc.

6. Em alguns compostos com o advérbio "bem": *benfeito, benquerer, benquerido,* etc.

Questões sobre Hífen

01.Assinale a alternativa em que o hífen, conforme o novo Acordo, está sendo usado corretamente:

A) Ele fez sua auto-crítica ontem.
B) Ela é muito mal-educada.
C) Ele tomou um belo ponta-pé.
D) Fui ao super-mercado, mas não entrei.
E) Os raios infra-vermelhos ajudam em lesões.

02.Assinale a alternativa errada quanto ao emprego do hífen:

A) Pelo interfone ele comunicou bem-humorado que faria uma superalimentação.

B) Nas circunvizinhanças há uma casa malassombrada.

C) Depois de comer a sobrecoxa, tomou um antiácido.

D) Nossos antepassados realizaram vários anteprojetos.

E) O autodidata fez uma autoanálise.

03.Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego do hífen, respeitando-se o novo Acordo.

A) O semi-analfabeto desenhou um semicírculo.

B) O meia-direita fez um gol de sem-pulo na semifinal do campeonato.

C) Era um sem-vergonha, pois andava seminu.

D) O recém-chegado veio de além-mar.

E) O vice-reitor está em estado pós-operatório.

04.Segundo o novo Acordo, entre as palavras pão duro (avarento), copo de leite (planta) e pé de moleque (doce) o hífen é obrigatório:

A) em nenhuma delas.

B) na segunda palavra.

C) na terceira palavra.

D) em todas as palavras.

E) na primeira e na segunda palavra.

05.Fez um esforço __ para vencer o campeonato __. Qual alternativa completa corretamente as lacunas?

A) sobreumano/interregional

B) sobrehumano-interregional

C) sobre-humano / inter-regional

D) sobrehumano/ inter-regional

E) sobre-humano /interegional

GABARITO

01. B 02. B 03. A 04. E 05. C

RESOLUÇÃO

1-)

A) autocrítica

C) pontapé

D) supermercado

E) infravermelhos

2-)B) Nas circunvizinhanças há uma casa mal-assombrada.

3-) A) O semianalfabeto desenhou um semicírculo.

4-)

a) pão-duro / b) copo-de-leite (planta) / c) pé de moleque (doce)

a) Usa-se o hífen nas palavras compostas que não apresentam elementos de ligação.

b) Usa-se o hífen nos compostos que designam espécies animais e botânicas (nomes de plantas, flores, frutos, raízes, sementes), tenham ou não elementos de ligação.

c) Não se usa o hífen em compostos que apresentam elementos de ligação.

5-) Fez um esforço sobre-humano para vencer o campeonato inter-regional.

- Usa-se o hífen diante de palavra iniciada por h.

- Usa-se o hífen se o prefixo terminar com a mesma letra com que se inicia a outra palavra

ACENTUAÇÃO

A *acentuação* é um dos requisitos que perfazem as regras estabelecidas pela Gramática Normativa. Esta se compõe de algumas particularidades, às quais devemos estar atentos, procurando estabelecer uma relação de familiaridade e, consequentemente, colocando-as em prática na linguagem escrita.

À medida que desenvolvemos o hábito da leitura e a prática de redigir, automaticamente aprimoramos essas competências, e logo nos adequamos à forma padrão.

Regras básicas – Acentuação tônica

A acentuação tônica implica na intensidade com que são pronunciadas as sílabas das palavras. Aquela que se dá de forma mais acentuada, conceitua-se como *sílaba tônica.* As demais, como são pronunciadas com menos intensidade, são denominadas de *átonas.*

De acordo com a tonicidade, as palavras são classificadas como:

Oxítonas – São aquelas cuja sílaba tônica recai sobre a última sílaba. Ex.: *café – coração – cajá – atum – caju – papel*

Paroxítonas – São aquelas em que a sílaba tônica recai na penúltima sílaba. Ex.: *útil – tórax – táxi – leque – retrato – passível*

Proparoxítonas - São aquelas em que a sílaba tônica está na antepenúltima sílaba. Ex.: *lâmpada – câmara – tímpano – médico – ônibus*

Como podemos observar, os vocábulos possuem mais de uma sílaba, mas em nossa língua existem aqueles com uma sílaba somente: são os chamados ***monossílabos*** que, quando pronunciados, apresentam certa diferenciação quanto à intensidade.

Tal diferenciação só é percebida quando os pronunciamos em uma dada sequência de palavras. Assim como podemos observar no exemplo a seguir:

"Sei que não vai dar em nada,
Seus segredos sei de cor".

Os monossílabos classificam-se como tônicos; os demais, como átonos (que, em, de).

Os acentos

acento agudo (´) – Colocado sobre as letras «a», «i», «u» e sobre o «e» do grupo "em" - indica que estas letras representam as vogais tônicas de palavras como *Amapá, caí, público, parabéns*. Sobre as letras "e" e "o" indica, além da tonicidade, timbre aberto.Ex.: *herói – médico – céu* (ditongos abertos)

acento circunflexo (^) – colocado sobre as letras "a", "e" e "o" indica, além da tonicidade, timbre fechado: Ex.: *tâmara – Atlântico – pêssego – supôs*

acento grave (`) – indica a fusão da preposição "a" com artigos e pronomes. Ex.: *à – às – àquelas – àqueles*

trema (¨) – De acordo com a nova regra, foi totalmente abolido das palavras. *Há uma exceção*: é utilizado em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros. Ex.: *mülleriano (de Müller)*

til (~) – indica que as letras "a" e "o" representam vogais nasais. Ex.: *coração – melão – órgão – ímã*

***Regras fundamentais*:**

***Palavras oxítonas*:**

Acentuam-se todas as oxítonas terminadas em: "a", "e", "o", "em", seguidas ou não do plural(s): *Pará – café(s) – cipó(s) – armazém(s)*

Essa regra também é aplicada aos seguintes casos:

Monossílabos tônicos terminados em "a", "e", "o", seguidos ou não de "s". Ex.: *pá – pé – dó – há*

Formas verbais terminadas em "a", "e", "o" tônicos, seguidas de lo, la, los, las. Ex. *respeitá-lo – percebê-lo – compô-lo*

***Paroxítonas*:**

Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em:

- i, is : *táxi – lápis – júri*
- us, um, uns : *vírus – álbuns – fórum*
- l, n, r, x, ps : *automóvel – elétron - cadáver – tórax – fórceps*
- ã, ãs, ão, ãos : *ímã – ímãs – órfão – órgãos*

-- **Dica da Zê!**: Memorize a palavra LINURXÃO. Para quê? Repare que essa palavra apresenta as terminações das paroxítonas que são acentuadas: L, I N, U (aqui inclua UM = fórum), R, X, Ã, ÃO. Assim ficará mais fácil a memorização!

-*ditongo oral*, crescente ou decrescente, seguido ou não de "s": *água – pônei – mágoa – jóquei*

Regras especiais:

Os ditongos de pronúncia aberta "ei", "oi" (*ditongos abertos*), que antes eram acentuados, *perderam o acento* de acordo com a nova regra, mas *desde que estejam em palavras paroxítonas*.

*** Cuidado**: Se os ditongos abertos estiverem em uma palavra oxítona (*herói)* ou monossílaba (*céu)* ainda são acentuados. Ex.: *herói, céu, dói, escarcéu*.

Antes	**Agora**
assembléia	assembleia
idéia	ideia
geléia	geleia
jibóia	jiboia
apóia (verbo apoiar)	apoia
paranóico	paranoico

Quando a vogal do hiato for "i" ou "u" tônicos, acompanhados ou não de "s", haverá acento. Ex.: *saída – faísca – baú – país – Luís*

Observação importante:

Não serão mais acentuados "i" e "u" tônicos, formando hiato quando vierem depois de ditongo: Ex.:

Antes	**Agora**
bocaiúva	bocaiuva
feiúra	feiura
Sauípe	Sauipe

O acento pertencente aos encontros "oo" e "ee" foi abolido. Ex.:

Antes	**Agora**
crêem	creem
lêem	leem
vôo	voo
enjôo	enjoo

- Agora memorize a palavra CREDELEVÊ. São os verbos que, no plural, dobram o "e", mas que não recebem mais acento como antes: CRER, DAR, LER e VER.

Repare:

1-) *O menino crê em você*
Os meninos creem em você.
2-) *Elza lê bem!*
Todas leem bem!
3-) *Espero que ele dê o recado à sala.*
Esperamos que os garotos deem o recado!
4-) *Rubens vê tudo!*
Eles veem tudo!

* **Cuidado!** Há o verbo vir:
Ele vem à tarde!
Eles vêm à tarde!

Não se acentuam o "i" e o "u" que formam hiato quando seguidos, na mesma sílaba, de l, m, n, r ou z. *Ra-ul, ru-im, con-tri-bu-in-te, sa-ir, ju-iz*

Não se acentuam as letras "i" e "u" dos hiatos se estiverem seguidas do dígrafo nh. Ex: *ra-i-nha, ven-to-i-nha.*

Não se acentuam as letras "i" e "u" dos hiatos se vierem precedidas de vogal idêntica: *xi-i-ta, pa-ra-cu-u-ba*

NOVA CONCURSOS

As formas verbais que possuíam o acento tônico na raiz, com "u" tônico precedido de "g" ou "q" e seguido de "e" ou "i" não serão mais acentuadas. Ex.:

Antes	Depois
apazigúe (apaziguar)	apazigue
averigúe (averiguar)	averigue
argúi (arguir)	argui

Acentuam-se os verbos pertencentes à terceira pessoa do plural de: *ele tem – eles têm / ele vem – eles vêm (verbo vir)*

A regra prevalece também para os verbos conter, obter, reter, deter, abster.

ele contém – eles contêm
ele obtém – eles obtêm
ele retém – eles retêm
ele convém – eles convêm

Não se acentuam mais as palavras homógrafas que antes eram acentuadas para diferenciá-las de outras semelhantes (regra do acento diferencial). Apenas em **algumas exceções**, como:

A forma verbal *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo) ainda continua sendo acentuada para diferenciar-se de *pode* (terceira pessoa do singular do presente do indicativo). Ex:

Ela pode fazer isso agora.
Elvis não pôde participar porque sua mão não deixou...

O mesmo ocorreu com o verbo *pôr* para diferenciar da preposição *por*.

- Quando, na frase, der para substituir o "por" por "colocar", estaremos trabalhando com um verbo, portanto: "pôr"; nos outros casos, "por" preposição. Ex:

Faço isso por você.
Posso pôr (colocar) meus livros aqui?

Questões sobre Acentuação Gráfica

01. "Cadáver" é paroxítona, pois:
A) Tem a última sílaba como tônica.
B) Tem a penúltima sílaba como tônica.
C) Tem a antepenúltima sílaba como tônica.
D) Não tem sílaba tônica.

02. Assinale a alternativa correta.
A palavra faliu contém um:
A) hiato
B) dígrafo
C) ditongo decrescente
D) ditongo crescente

03. Em "O resultado da ***experiência*** foi, literalmente, aterrador." a palavra destacada encontra-se acentuada pelo mesmo motivo que:
A) túnel
B) voluntário
C) até
D) insólito
E) rótulos

04. Assinale a alternativa correta.
A) "Contrário" e "prévias" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
B) Em "interruptor" e "testaria" temos, respectivamente, encontro consonantal e hiato.
C) Em "erros ***derivam*** do mesmo ***recurso mental***" as palavras grifadas são paroxítonas.
D) Nas palavras "se***gu***ida", "a***qu***ele" e "***qu***ando" as partes destacadas são dígrafos.
E) A divisão silábica está correta em "co-gni-ti-va", "p-si-có-lo-ga" e "a-ci-o-na".

05. Todas as palavras abaixo são hiatos, EXCETO:
A) saúde
B) cooperar
C) ruim
D) creem
E) pouco

06. "O ***episódio*** aconteceu em plena via pública de Assis. Dez mulheres começaram a cantar músicas pela paz mundial. A partir daquele momento outras pessoas que passavam por ali decidiram integrar ao grupo. Rapidamente, uma multidão aderiu à ideia. Assim começou a formação do maior coral popular de Assis". O vocábulo sublinhado tem sua acentuação gráfica justificada pelo mesmo motivo das palavras:
A) eminência, ímpio, vácuo, espécie, sério
B) aluá, cárie, pátio, aéreo, ínvio
C) chinês, varíola, rubéola, período, prêmio
D) sábio, sábia, sabiá, curió, sério

07. Assinale a opção CORRETA em que todas as palavras estão acentuadas na mesma posição silábica.
A) Nazaré - além - até - está - também.
B) Água - início - além - oásis - religião.
C) Município - início - água - século - oásis
D) Século - símbolo - água - histórias - missionário
E) Missionário - símbolo - histórias - século – município

08. Considerando as palavras: *também / revólver / lâmpada / lápis*. Assinale a única alternativa cuja justificativa de acentuação gráfica não se refere a uma delas:
A) palavra paroxítona terminada em - *is*
B) palavra proparoxítona terminada em - *em*
C) palavra paroxítona terminada em - *r*
D) palavra proparoxítona - todas devem ser acentuadas

09. Assinale a alternativa incorreta:
A) Os vocábulos sábio, régua e decência são paroxítonos terminadas em ditongos crescentes.
B) O vocábulo armazém é acentuado por ser um oxítono terminado em em.
C) Os vocábulos baú e cafeína são hiatos.
D) O vocábulo véu é acentuado por ser um oxítono terminado em u.

GABARITO

01. B 02. C 03. B 04. A 05. E
06. A 07. A 08. B 09. D

RESOLUÇÃO

1-) Separando as sílabas: Ca – dá – ver: a penúltima sílaba é a tônica (mais forte; nesse caso, acentuada). Penúltima sílaba tônica = paroxítona

2-) fa - liu - temos aqui duas vogais na mesma sílaba, portanto: ditongo. É decrescente porque apresenta uma vogal e uma semivogal. Na classificação, ambas são semivogais, mas quando juntas, a que "aparecer" mais na pronúncia será considerada "vogal".

3-) ex – pe - ri – ên - cia : paroxítona terminada em ditongo crescente (semivogal + vogal)
a-) Tú –nel: paroxítona terminada em L
b-) vo – lun - tá – rio : paroxítona terminada em ditongo
c-) A - té – oxítona
d-) in – só – li – to : proparoxítona
e-) ró – tu los – proparoxítona

4-)
a-) correta
b-) inteRRuptor: não é encontro consonantal, mas sim DÍGRAFO
c-) todas são, exceto MENTAL, que é oxítona
d-) são dígrafos, exceto QUANDO, que "ouço" o som do U, portanto não é caso de dígrafo
e-) cog – ni - ti – va / psi – có- lo- ga

5-) sa - ú - de / co - o - pe – rar / ru – im / cre - em / pou - co (ditongo)

6-) e - pi - só - dio - paroxítona terminada em ditongo
a-) ok
b-) a – lu –á :oxítona, então descarte esse item
c-) chi – nês : oxítona, idem
d-) sa – bi – á : idem

7-)
a-) oxítona – TODAS
b-) paroxítona – paroxítona – oxítona – paroxítona – não acentuada
c-) paroxítona – idem – idem – proparoxítona – paroxítona
d-) proparoxítona – idem – paroxítona – idem – idem
e-) paroxítona – proparoxítona – paroxítona – proparoxítona – paroxítona

8-) tam – bém: oxítona / re – vól – ver: paroxítona / lâm – pa – da: proparoxítona / lá – pis :paroxítona
a-) é a regra do LÁPIS
b-) todas as proparoxítonas são acentuadas, <u>independente de sua terminação</u>
c-) regra para REVÓLVER
d-) relativa à palavra lâmpada

9-) As alternativas A, B e C contêm afirmativas corretas. Na D, há erro, pois véu é monossílabo acentuado por terminar em ditongo aberto.

PONTUAÇÃO

Os ***<u>sinais de pontuação</u>*** são marcações gráficas que servem para compor a coesão e a coerência textual, além de ressaltar especificidades semânticas e pragmáticas. Vejamos as principais funções dos sinais de pontuação conhecidos pelo uso da língua portuguesa.

<u>Ponto</u>
1- Indica o término do discurso ou de parte dele.
- Façamos o que for preciso para tirá-la da situação em que se encontra.
- Gostaria de comprar pão, queijo, manteiga e leite.
- Acordei. Olhei em volta. Não reconheci onde estava.

2- Usa-se nas abreviações - V. Exª. - Sr.

***<u>Ponto e Vírgula</u>* (;)**
1- Separa várias partes do discurso, que têm a mesma importância.
- "Os pobres dão pelo pão o trabalho; os ricos dão pelo pão a fazenda; os de espíritos generosos dão pelo pão a vida; os de nenhum espírito dão pelo pão a alma..." (VIEIRA)

2- Separa partes de frases que já estão separadas por vírgulas.
- Alguns quiseram verão, praia e calor; outros, montanhas, frio e cobertor.

3- Separa itens de uma enumeração, exposição de motivos, decreto de lei, etc.
- Ir ao supermercado;
- Pegar as crianças na escola;
- Caminhada na praia;
- Reunião com amigos.

<u>Dois pontos</u>
1- Antes de uma citação
- Vejamos como Afrânio Coutinho trata este assunto:

2- Antes de um aposto
- Três coisas não me agradam: chuva pela manhã, frio à tarde e calor à noite.

3- Antes de uma explicação ou esclarecimento
- Lá estava a deplorável família: triste, cabisbaixa, vivendo a rotina de sempre.

4- Em frases de estilo direto
Maria perguntou:
- Por que você não toma uma decisão?

<u>Ponto de Exclamação</u>
1- Usa-se para indicar entonação de surpresa, cólera, susto, súplica, etc.
- Sim! Claro que eu quero me casar com você!
2- Depois de interjeições ou vocativos
- Ai! Que susto!
- João! Há quanto tempo!

NOVA CONCURSOS

Ponto de Interrogação

Usa-se nas interrogações diretas e indiretas livres.

"- Então? Que é isso? Desertaram ambos?" (Artur Azevedo)

Reticências

1- Indica que palavras foram suprimidas.

- Comprei lápis, canetas, cadernos...

2- Indica interrupção violenta da frase.

"- Não... quero dizer... é verdad... Ah!"

3- Indica interrupções de hesitação ou dúvida

- Este mal... pega doutor?

4- Indica que o sentido vai além do que foi dito

- Deixa, depois, o coração falar...

Vírgula

Não se usa vírgula

*separando termos que, do ponto de vista sintático, ligam-se diretamente entre si:

- entre sujeito e predicado.

Todos os alunos da sala *foram advertidos.*

Sujeito predicado

- entre o verbo e seus objetos.

O trabalho custou *sacrifício* *aos realizadores.*

V.T.D.I. O.D. O.I.

Usa-se a vírgula:

- Para marcar intercalação:

a) do adjunto adverbial: *O café, em razão da sua abundância, vem caindo de preço.*

b) da conjunção: *Os cerrados são secos e áridos. Estão produzindo, todavia, altas quantidades de alimentos.*

c) das expressões explicativas ou corretivas: *As indústrias não querem abrir mão de suas vantagens, isto é, não querem abrir mão dos lucros altos.*

- Para marcar inversão:

a) do adjunto adverbial (colocado no início da oração): *Depois das sete horas, todo o comércio está de portas fechadas.*

b) dos objetos pleonásticos antepostos ao verbo: *Aos pesquisadores, não lhes destinaram verba alguma.*

c) do nome de lugar anteposto às datas: *Recife, 15 de maio de 1982.*

- Para separar entre si elementos coordenados (dispostos em enumeração):

Era um garoto de 15 anos, alto, magro.

A ventania levou árvores, e telhados, e pontes, e animais.

- Para marcar elipse (omissão) do verbo:

Nós queremos comer pizza; e vocês, churrasco.

- Para isolar:

- o aposto: *São Paulo, considerada a metrópole brasileira, possui um trânsito caótico.*

- o vocativo: *Ora, Thiago, não diga bobagem.*

Fontes:
http://www.infoescola.com/portugues/pontuacao/
http://www.brasilescola.com/gramatica/uso-da-virgula.htm

Questões sobre Pontuação

01. (Agente Policial – Vunesp – 2013). Assinale a alternativa em que a pontuação está corretamente empregada, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora, experimentasse, a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(B) Diante, da testemunha o homem abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação, de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(C) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(D) Diante da testemunha, o homem, abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando, encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(E) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora, experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando, encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

02. Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:

"Quando se trata de trabalho científico ___ duas coisas devem ser consideradas ____ uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece ___ a outra é o valor prático que possa ter.

A) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula
B) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula;
C) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
D) pontos vírgula, dois pontos, ponto e vírgula;
E) ponto e vírgula, vírgula, vírgula.

03. (Agente de Apoio Administrativo – FCC – 2013). Os sinais de pontuação estão empregados corretamente em:

A) Duas explicações, do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque, o conceito de PPD e a construção de tabelas Price; mas por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

B) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque: o conceito de PPD e a construção de tabelas Price; mas, por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

C) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque; o conceito de PPD e a construção de tabelas Price, mas por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

D) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes, receberam destaque: o conceito de PPD e a construção de tabelas Price, mas, por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

E) Duas explicações, do treinamento para consultores iniciantes, receberam destaque; o conceito de PPD e a construção de tabelas Price, mas por outro lado, faltou falar das metas, de vendas associadas aos dois temas.

04.(Escrevente TJ SP – Vunesp 2012). Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.

(A) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(B) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.

(C) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(D) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.

(E) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

05. (Papiloscopista Policial – Vunesp – 2013 – adap.). Assinale a alternativa em que a frase mantém-se correta após o acréscimo das vírgulas.

(A) Se a criança se perder, quem encontrá-la, verá na pulseira instruções para que envie, uma mensagem eletrônica ao grupo ou acione o código na internet.

(B) Um geolocalizador também, avisará, os pais de onde o código foi acionado.

(C) Assim que o código é digitado, familiares cadastrados, recebem automaticamente, uma mensagem dizendo que a criança foi encontrada.

(D) De fabricação chinesa, a nova pulseirinha, chega primeiro às, areias do Guarujá.

(E) O sistema permite, ainda, cadastrar o nome e o telefone de quem a encontrou e informar um ponto de referência

06. Assinale a série de sinais cujo emprego corresponde, na mesma ordem, aos parênteses indicados no texto:

"*Pergunta-se ( ) qual é a ideia principal desse parágrafo ( ) A chegada de reforços ( ) a condecoração ( ) o escândalo da opinião pública ou a renúncia do presidente ( ) Se é a chegada de reforços ( ) que relação há ( ) ou mostrou seu autor haver ( ) entre esse fato e os restantes* ( )".

A) vírgula, vírgula, interrogação, interrogação, interrogação, vírgula, vírgula, vírgula, ponto final

B) dois pontos, interrogação, vírgula, vírgula, interrogação, vírgula, travessão, travessão, interrogação

C) travessão, interrogação, vírgula, vírgula, ponto final, travessão, travessão, ponto final, ponto final

D) dois pontos, interrogação, vírgula, ponto final, travessão, vírgula, vírgula, vírgula, interrogação

E) dois pontos, ponto final, vírgula, vírgula, interrogação, vírgula, vírgula, travessão, interrogação

07. (SRF) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente:

A) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

B) Em fila, os candidatos, aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

C) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

D) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

E) Os candidatos aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

08. A frase em que deveria haver uma vírgula é:

A) Comi uma fruta pela manhã e outra à tarde.

B) Eu usei um vestido vermelho na festa e minha irmã usou um vestido azul.

C) Ela tem lábios e nariz vermelhos.

D) Não limparam a sala nem a cozinha.

GABARITO

01. C 02. C 03. B 04. D 05. E
06. B 07. B 08. B

RESOLUÇÃO

1- *Assinalei com um (X) as pontuações inadequadas*

(A) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora, (X) experimentasse , (X) a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(B) Diante , (X) da testemunha o homem abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação , (X) de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(D) Diante da testemunha, o homem , (X) abriu a bolsa e, embora experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando , (X) encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

(E) Diante da testemunha, o homem abriu a bolsa e, embora , (X) experimentasse a sensação de violar uma intimidade, procurou a esmo entre as coisinhas, tentando , (X) encontrar algo que pudesse ajudar a revelar quem era a sua dona.

2-) Quando se trata de trabalho científico , duas coisas devem ser consideradas *:* uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece *;* a outra é o valor prático que possa ter.

vírgula, dois pontos, ponto e vírgula

3-) Assinalei com (X) onde estão as pontuações inadequadas

A) Duas explicações , (X) do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque , (X) o conceito de PPD e a construção de tabelas Price; mas por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

C) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes receberam destaque ; (X) o conceito de PPD e a construção de tabelas Price , (X) mas por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

D) Duas explicações do treinamento para consultores iniciantes , (X) receberam destaque: o conceito de PPD e a construção de tabelas Price , (X) mas, por outro lado, faltou falar das metas de vendas associadas aos dois temas.

E) Duas explicações , (X) do treinamento para consultores iniciantes , (X) receberam destaque ; (X) o conceito de PPD e a construção de tabelas Price , (X) mas por outro lado, faltou falar das metas , (X) de vendas associadas aos dois temas.

4-) Assinalei com (X) onde estão as pontuações inadequadas

(A) Não há dúvida de que as mulheres ampliam , (X) rapidamente , (X) seu espaço na carreira científica (,) ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(B) Não há dúvida de que , (X) as mulheres , (X) ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica ; (X) ainda que o avanço seja mais notável , (X) em alguns países, o Brasil é um exemplo ! (X) , do que em outros.

(C) Não há dúvida de que as mulheres , (X) ampliam rapidamente seu espaço , (X) na carreira científica , (X) ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países : (X) o Brasil é um exemplo, do que em outros.

(E) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente , (X) seu espaço na carreira científica, ainda que , (X) o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

5-) Assinalei com (X) onde estão as pontuações inadequadas

(A) Se a criança se perder, quem encontrá-la , (X) verá na pulseira instruções para que envie , (X) uma mensagem eletrônica ao grupo ou acione o código na internet.

(B) Um geolocalizador também , (X) avisará , (X) os pais de onde o código foi acionado.

(C) Assim que o código é digitado, familiares cadastrados , (X) recebem (,) automaticamente, uma mensagem dizendo que a criança foi encontrada.

(D) De fabricação chinesa, a nova pulseirinha , (X) chega primeiro às , (X) areias do Guarujá.

6-) Pergunta-se (:) qual é a ideia principal desse parágrafo

(?) A chegada de reforços (,) a condecoração (,) o escândalo da opinião pública ou a renúncia do presidente (?) Se é a chegada de reforços (,) que relação há (-) ou mostrou seu autor haver (-) entre esse fato e os restantes (?)

7-) Em fila, os candidatos , (X) aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

8-) Eu usei um vestido vermelho na festa , e minha irmã usou um vestido azul.

Há situações em que é possível usar a vírgula antes do "e". Isso ocorre quando a conjunção aditiva coordena orações de sujeitos diferentes nas quais a leitura fluente pode ser prejudicada pela ausência da pontuação.

CRASE

A palavra ***crase*** é de origem grega e significa "fusão", "mistura". Na língua portuguesa, é o nome que se dá à "junção" de duas vogais idênticas. É de grande importância a crase da preposição "a" com o artigo feminino "a" (s), com o "a" inicial dos pronomes aquele(s), aquela (s), aquilo e com o "a" do relativo a qual (as quais). Na escrita, utilizamos o acento grave (`) para indicar a crase. O uso apropriado do acento grave depende da compreensão da fusão das duas vogais. É fundamental também, para o entendimento da crase, dominar a regência dos verbos e nomes que exigem a preposição "a". Aprender a usar a crase, portanto, consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome. Observe:

Vou a + a igreja.

Vou à igreja.

No exemplo acima, temos a ocorrência da preposição "a", exigida pelo verbo ir (ir a algum lugar) e a ocorrência do artigo "a" que está determinando o substantivo feminino igreja. Quando ocorre esse encontro das duas vogais e elas se unem, a união delas é indicada pelo acento grave. Observe os outros exemplos:

Conheço a aluna.

Refiro-me à aluna.

No primeiro exemplo, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), logo não exige preposição e a crase não pode ocorrer. No segundo exemplo, o verbo é transitivo indireto (referir--se a algo ou a alguém) e exige a preposição "a". Portanto, a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino "a" ou um dos pronomes já especificados.

***Casos em que a crase NÃO ocorre*:**

- diante de substantivos masculinos:
Andamos a cavalo.
Fomos a pé.
Passou a camisa a ferro.
Fazer o exercício a lápis.
Compramos os móveis a prazo.

- diante de verbos no infinitivo:
A criança começou a falar.
Ela não tem nada a dizer.
Obs.: como os verbos não admitem artigos, o "a" dos exemplos acima é apenas preposição, logo não ocorrerá crase.

- diante da maioria dos pronomes e das expressões de tratamento, com exceção das formas senhora, senhorita e dona:
Diga a ela que não estarei em casa amanhã.
Entreguei a todos os documentos necessários.
Ele fez referência a Vossa Excelência no discurso de ontem.
Peço a Vossa Senhoria que aguarde alguns minutos.
Os poucos casos em que ocorre crase diante dos pronomes podem ser identificados pelo método: troque a palavra feminina por uma masculina, caso na nova construção surgir a forma ao, ocorrerá crase. Por exemplo:
Refiro-me à mesma pessoa. (Refiro-me ao mesmo indivíduo.)
Informei o ocorrido à senhora. (Informei o ocorrido ao senhor.)
Peça à própria Cláudia para sair mais cedo. (Peça ao próprio Cláudio para sair mais cedo.)

- diante de numerais cardinais:
Chegou a duzentos o número de feridos.
Daqui a uma semana começa o campeonato.

Casos em que a crase SEMPRE ocorre:

- diante de palavras femininas:
Amanhã iremos à festa de aniversário de minha colega.
Sempre vamos à praia no verão.
Ela disse à irmã o que havia escutado pelos corredores.
Sou grata à população.
Fumar é prejudicial à saúde.
Este aparelho é posterior à invenção do telefone.

- diante da palavra "moda", com o sentido de "à moda de" (mesmo que a expressão moda de fique subentendida):
O jogador fez um gol à (moda de) Pelé.
Usava sapatos à (moda de) Luís XV.
Estava com vontade de comer frango à (moda de) passarinho.
O menino resolveu vestir-se à (moda de) Fidel Castro.

- na indicação de horas:
Acordei às sete horas da manhã.
Elas chegaram às dez horas.
Foram dormir à meia-noite.

- em locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas. Por exemplo:

à tarde	às ocultas	às pressas	à medida que
à noite	às claras	às escondidas	à força
à vontade	à beça	à larga	à escuta
às avessas	à revelia	à exceção de	à imitação de
à esquerda	às turras	às vezes	à chave
à direita	à procura	à deriva	à toa
à luz	à sombra de	à frente de	à proporção que
à semelhança de	às ordens	à beira de	

NOVA CONCURSOS

Crase diante de Nomes de Lugar

Alguns nomes de lugar não admitem a anteposição do artigo "a". Outros, entretanto, admitem o artigo, de modo que diante deles haverá crase, desde que o termo regente exija a preposição "a". Para saber se um nome de lugar admite ou não a anteposição do artigo feminino "a", deve-se substituir o termo regente por um verbo que peça a preposição "de" ou "em". A ocorrência da contração "da" ou "na" prova que esse nome de lugar aceita o artigo e, por isso, haverá crase. Por exemplo:

Vou à França. (Vim da [de+a] França. Estou na [em+a] França.)

Cheguei à Grécia. (Vim da Grécia. Estou na Grécia.)

Retornarei à Itália. (Vim da Itália. Estou na Itália)

Vou a Porto Alegre. (Vim de Porto Alegre. Estou em Porto Alegre.)

*- ***Dica da Zê!***: use a regrinha "Vou A volto DA, crase HÁ; vou A volto DE, crase PRA QUÊ?"

Ex: *Vou a Campinas.* = *Volto de Campinas.*

Vou à praia. = *Volto da praia.*

- **ATENÇÃO**: quando o nome de lugar estiver especificado, ocorrerá crase. Veja:

Retornarei à São Paulo dos bandeirantes. = mesmo que, pela regrinha acima, seja a do "VOLTO DE"

Irei à Salvador de Jorge Amado.

Crase diante dos Pronomes Demonstrativos

Aquele (s), Aquela (s), Aquilo

Haverá crase diante desses pronomes sempre que o termo regente exigir a preposição "a". Por exemplo:

Refiro-me a + aquele atentado.

Preposição Pronome

Refiro-me àquele atentado.

O termo regente do exemplo acima é o verbo transitivo indireto referir (referir-se a algo ou alguém) e exige preposição, portanto, ocorre a crase. Observe este outro exemplo:

Aluguei aquela casa.

O verbo "alugar" é transitivo direto (alugar algo) e não exige preposição. Logo, a crase não ocorre nesse caso. Veja outros exemplos:

Dediquei àquela senhora todo o meu trabalho.
Quero agradecer àqueles que me socorreram.
Refiro-me àquilo que aconteceu com seu pai.
Não obedecerei àquele sujeito.
Assisti àquele filme três vezes.
Espero aquele rapaz.
Fiz aquilo que você disse.
Comprei aquela caneta.

Crase com os Pronomes Relativos A Qual, As Quais

A ocorrência da crase com os pronomes relativos *a qual* e *as quais* depende do verbo. Se o verbo que rege esses pronomes exigir a preposição "a", haverá crase. É possível detectar a ocorrência da crase nesses casos utilizando a substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino. Por exemplo:

A igreja à qual me refiro fica no centro da cidade.

O monumento ao qual me refiro fica no centro da cidade.

Caso surja a forma ao com a troca do termo, ocorrerá a crase. Veja outros exemplos:

São normas às quais todos os alunos devem obedecer.
Esta foi a conclusão à qual ele chegou.
Várias alunas às quais ele fez perguntas não souberam responder nenhuma das questões.
A sessão à qual assisti estava vazia.

Crase com o Pronome Demonstrativo "a"

A ocorrência da crase com o pronome demonstrativo "a" também pode ser detectada através da substituição do termo regente feminino por um termo regido masculino. Veja:

Minha revolta é ligada à do meu país.
Meu luto é ligado ao do meu país.
As orações são semelhantes às de antes.
Os exemplos são semelhantes aos de antes.
Suas perguntas são superiores às dele.
Seus argumentos são superiores aos dele.
Sua blusa é idêntica à de minha colega.
Seu casaco é idêntico ao de minha colega.

A Palavra Distância

Se a palavra distância estiver especificada, determinada, a crase deve ocorrer. Por exemplo: *Sua casa fica à distância de 100km daqui.* (A palavra está determinada)

Todos devem ficar à distância de 50 metros do palco. (A palavra está especificada.)

Se a palavra distância não estiver especificada, a crase não pode ocorrer. Por exemplo:

Os militares ficaram a distância.
Gostava de fotografar a distância.
Ensinou a distância.
Dizem que aquele médico cura a distância.
Reconheci o menino a distância.

Observação: por motivo de clareza, *para evitar ambiguidade, pode-se usar a crase.* Veja:

Gostava de fotografar à distância.
Ensinou à distância.
Dizem que aquele médico cura à distância.

Casos em que a ocorrência da crase é FACULTATIVA

- diante de nomes próprios femininos:

Observação: é facultativo o uso da crase diante de nomes próprios femininos porque é facultativo o uso do artigo. Observe:

Paula é muito bonita. Laura é minha amiga.

A Paula é muito bonita. A Laura é minha amiga.

Como podemos constatar, é facultativo o uso do artigo feminino diante de nomes próprios femininos, então podemos escrever as frases abaixo das seguintes formas:

Entreguei o cartão a Paula. Entreguei o cartão a Roberto.

Entreguei o cartão à Paula. Entreguei o cartão ao Roberto.

- diante de pronome possessivo feminino:

Observação: é facultativo o uso da crase diante de pronomes possessivos femininos porque é facultativo o uso do artigo. Observe:

Minha avó tem setenta anos. Minha irmã está esperando por você.

A minha avó tem setenta anos. A minha irmã está esperando por você.

Sendo facultativo o uso do artigo feminino diante de pronomes possessivos femininos, então podemos escrever as frases abaixo das seguintes formas:

Cedi o lugar a minha avó. Cedi o lugar a meu avô.

Cedi o lugar à minha avó. Cedi o lugar ao meu avô.

- depois da preposição até:

Fui até a praia. ou Fui até à praia.

Acompanhe-o até a porta. ou Acompanhe-o até à porta.

A palestra vai até as cinco horas da tarde. ou A palestra vai até às cinco horas da tarde.

Questões sobre Crase

01.(Escrevente TJ SP – Vunesp/2012) *No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se _____aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler ____respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses____ vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica ____quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família?*

(Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) aos ... à ... a ... a
(B) aos ... a ... à ... a
(C) a ... a ... à ... à
(D) à ... à ... à ... à
(E) a ... a ... a ... a

02. (Agente de Apoio Administrativo – FCC – 2013).Leia o texto a seguir.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu _____ cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que _____ cartomante restituiu--lhe _____ confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez.

(Machado de Assis. A cartomante. In: Várias histórias. Rio de Janeiro: Globo, 1997, p. 6)

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

A) à – a – a
B) a – a – à
C) à – a – à
D) à – à – a
E) a – à – à

03 *"Nesta oportunidade, volto ___ referir-me ___ problemas já expostos ___ V. Sª ___ alguns dias".*

a) à - àqueles - a - há
b) a - àqueles - a - há
c) a - aqueles - à - a
d) à - àqueles - a - a
e) a - aqueles - à - há

04.(Agente Técnico – FCC – 2013-adap.) *Claro que não me estou referindo a* ***essa vulgar comunicação festiva e efervescente.***

O vocábulo ***a*** deverá receber o sinal indicativo de crase se o segmento grifado for substituído por:

A) leitura apressada e sem profundidade.
B) cada um de nós neste formigueiro.
C) exemplo de obras publicadas recentemente.
D) uma comunicação festiva e virtual.
E) respeito de autores reconhecidos pelo público.

05. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013).

O Instituto Nacional de Administração Prisional (INAP) também desenvolve atividades lúdicas de apoio_____ ressocialização do indivíduo preso, com o objetivo de prepará-lo para o retorno_____ sociedade. Dessa forma, quando em liberdade, ele estará capacitado_____ ter uma profissão e uma vida digna.

(Disponível em: www.metropolitana.com.br/blog/qual_e_a_importancia_da_ressocializacao_de_presos. Acesso em: 18.08.2012. Adaptado)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

A) à ... à ... à
B) a ... a ... à
C) a ... à ... à
D) à ... à ... a
E) a ... à ... a

06. *O Ministro informou que iria resistir ____ pressões contrárias ____ modificações relativas ____ aquisição da casa própria.*

a) às - àquelas _ à
b) as - aquelas - a
c) às àquelas - a
d) às - aquelas - à
e) as - àquelas - à

07. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013-adap) O acento indicativo de crase está corretamente empregado em:

A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos.

B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional.

C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade.

D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades.

E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis.

08. (Agente de Vigilância e Recepção – VUNESP – 2013). O sinal indicativo de crase está correto em:

A) Este cientista tem se dedicado à uma pesquisa na área de biotecnologia.

B) Os pais não podem ser omissos e devem se dedicar à educação dos filhos.

C) Nossa síndica dedica-se integralmente à conservar as instalações do prédio.

D) O bombeiro deve dedicar sua atenção à qualquer detalhe que envolva a segurança das pessoas.

E) É função da política é dedicar-se à todo problema que comprometa o bem-estar do cidadão.

09. (Agente Educacional – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa em que a sequência da frase a seguir traz o uso correto do acento indicativo de crase, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

<u>*Um bom conhecimento de matemática é indispensável*</u>

A) à todo e qualquer estudante.
B) à estudantes de nível superior.
C) à quem pretende carreiras no campo de exatas.
D) à construção do saber nas mais diversas áreas.
E) à uma boa formação profissional.

GABARITO

01. B 02. A 03. B 04. A 05. D
06. A 07. E 08. B 09. D

RESOLUÇÃO

1-) limitar-se _aos _aspectos jurídicos ou policiais.

Raro ler __a__respeito (antes de palavra masculina não há crase) de reintegração desses_à_ vida. (reintegrar a + a vida = à) o nome de um médico ou clínica __a_quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família? (antes de pronome indefinido/relativo)

2-) correu _à (= para a) cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que _a__cartomante (objeto direto)restituiu-lhe ___a___ confiança (objeto direto), e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez.

3-) "Nesta oportunidade, volto _a_ referir-me àqueles__ problemas já expostos a _ V. Sª _há_ alguns dias".

- a referir = antes de verbo no infinito não há crase;
- quem faz referência, faz referência A algo ou A alguém (a regência do verbo pede preposição)
- antes de pronome de tratamento não há crase (exceção à senhora, que admite artigo);
- há no sentido de tempo passado.

4-) Claro que não me estou referindo à leitura apressada e sem profundidade.

a cada um de nós neste formigueiro. (antes de pronome indefinido)

a exemplo de obras publicadas recentemente. (palavra masculina)

a uma comunicação festiva e virtual. (artigo indefinido)

a respeito de autores reconhecidos pelo público. (palavra masculina)

5-) O Instituto Nacional de Administração Prisional (INAP) também desenvolve atividades lúdicas de apoio___à__ ressocialização do indivíduo preso, com o objetivo de prepará--lo para o retorno___à__ sociedade. Dessa forma, quando em liberdade, ele estará capacitado__a___ ter uma profissão e uma vida digna.

- Apoio a ? Regência nominal pede preposição;
- retorno a? regência nominal pede preposição;
- antes de verbo no infinitivo não há crase.

6-) O Ministro informou que iria resistir _às__ pressões contrárias àquelas_ modificações relativas __à_ aquisição da casa própria.

- resistir a? regência verbal pede preposição;
- contrária a? regência nominal pede preposição;
- relativas a? regência nominal pede preposição.

7-)

A) Tendências agressivas começam à ser relacionadas com as dificuldades para lidar com as frustrações de seus desejos. (antes de verbo no infinitivo não há crase)

B) A agressividade impulsiva deve-se à perturbações nos mecanismos biológicos de controle emocional. (se o "a" está no singular e antecede palavra no plural, não há crase)

C) A violência urbana é comparada à uma enfermidade. (artigo indefinido)

D) Condições de risco aliadas à exemplo de impunidade alimentam a violência crescente nas cidades. (palavra masculina)

E) Um ambiente desfavorável à formação da personalidade atinge os mais vulneráveis. = <u>*correta*</u> (regência nominal: desfavorável *a*?)

8-)

A) Este cientista tem se dedicado à uma pesquisa na área de biotecnologia. (artigo indefinido)

B) Os pais não podem ser omissos e devem se dedicar à educação dos filhos. = *correta* (regência verbal: dedicar a)

C) Nossa síndica dedica-se integralmente à conservar as instalações do prédio. (verbo no infinitivo)

D) O bombeiro deve dedicar sua atenção à qualquer detalhe que envolva a segurança das pessoas. (pronome indefinido)

E) É função da política é dedicar-se à todo problema que comprometa o bem-estar do cidadão. (pronome indefinido)

9-) Um bom conhecimento de matemática é indispensável à construção do saber nas mais diversas áreas.

A) à todo e qualquer estudante. (pronome indefinido)

B) à estudantes de nível superior. ("a" no singular antes de palavra no plural)

C) à quem pretende carreiras no campo de exatas. (pronome indefinido/relativo)

E) à uma boa formação profissional. (artigo indefinido)

LETRA E FONEMA

Letra é o sinal gráfico da escrita. Exemplos: pipoca (tem 6 letras); hoje (tem 4 letras).

Fonema é o menor elemento sonoro capaz de estabelecer uma distinção de significado entre palavras. Veja, nos exemplos, os fonemas que marcam a distinção entre os pares de palavras:

bar – ***m***ar ***t***ela – ***v***ela s***e***la – s***a***la

Não confunda os fonemas com as letras. Fonema é um elemento acústico e a letra é um sinal gráfico que representa o fonema. Nem sempre o número de fonemas de uma palavra corresponde ao número de letras que usamos para escrevê-la. Na palavra chuva, por exemplo, temos quatro fonemas, isto é, quatro unidades sonoras [xuva] e cinco letras.

Certos fonemas podem ser representados por diferentes letras. É o caso do fonema /s/, que pode ser representado por: ***s*** (pen***s***ar) – ***ss*** (pa***ss***ado) – ***x*** (trou***x***e) – ***ç*** (ca***ç***ar) – ***sc*** (na***sc***er) – ***xc*** (e***xc***elente) – ***c*** (***c***into) – ***sç*** (de***sç***o)

Às vezes, a letra "x" pode representar mais de um fonema, como na palavra táxi. Nesse caso, o "x" representa dois sons, pois lemos "táksi". Portanto, a palavra táxi tem quatro letras e cinco fonemas.

Em certas palavras, algumas letras não representam nenhum fonema, como a letra h, por exemplo, em palavras como hora, hoje, etc., ou como as letras m e n quando são usadas apenas para indicar a nasalização de uma vogal, como em canto, tinta, etc.

Classificação dos Fonemas

Os fonemas classificam-se em vogais, semivogais e consoantes.

Vogais: são fonemas resultantes das vibrações das cordas vocais e em cuja produção a corrente de ar passa livremente na cavidade bucal. As vogais podem ser orais e nasais.

Orais: quando a corrente de ar passa apenas pela cavidade bucal. São elas: a, é, ê, i, ó, ô, u. Exemplos: j***á***, p***é***, v***ê***, al***i***, p***ó***, d***o***r, ***u***va.

Nasais: quando a corrente de ar passa pela cavidade bucal e nasal. A nasalidade pode ser indicada pelo til (~) ou pelas letras n e m. Exemplos: m***ã***e, v***en***da, l***in***do, p***om***ba, n***un***ca.

Observação: As vogais ainda podem ser tônicas ou átonas, dependendo da intensidade com que são pronunciadas. A vogal tônica é pronunciada com maior intensidade: caf***é***, b***o***la, v***i***dro. A vogal átona é pronunciada com menor intensidade: c***a***fé, bol***a***, vidr***o***.

Semivogais*:* são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos de uma vogal, formam com ela uma mesma sílaba. Observe, por exemplo, a palavra papai. Ela é formada de duas sílabas: pa-pai. Na sílaba pai, o fonema vocálico /i/ não é tão forte quanto o fonema vocálico /a/; nesse caso, o /i/ é semivogal.

Consoantes*:* são os fonemas em que a corrente de ar, emitida para sua produção, teve de forçar passagem na boca, onde determinado movimento articulatório lhe criou embaraço. Exemplos: ***g***a***t***o, ***p***e***n***a, ***l***a***d***o.

Encontro Vocálicos

- *Ditongos:* é o encontro de uma vogal e uma semivogal (ou vice-versa) numa mesma sílaba. Exemplos: p***ai*** (vogal + semivogal = ditongo decrescente); ginás***io*** (semivogal + vogal = ditongo crescente).
- *Tritongos:* é o encontro de uma semivogal com uma vogal e outra semivogal numa mesma sílaba. Exemplo: Parag***uai***.
- *Hiatos:* é a sequência de duas vogais numa mesma palavra mas que pertencem a sílabas diferentes, pois nunca há mais de uma vogal numa sílaba. Exemplos: s***aí***da (s***a***-***í***-da), j***ui***z (j***u***-***i***z)

Encontro Consonantais

Ocorre quando há um grupo de consoantes sem vogal intermediária. Exemplos: ***fl***or, ***gr***ade, di***gn***o.

Dígrafos

Grupo de duas letras que representa apenas um fonema. Exemplos: pa***ss***o (ss = fonema /s/), na***sc***imento (sc = fonema /s/), ***qu***eijo (qu = fonema /k/)

NOVA CONCURSOS

Os dígrafos podem ser consonantais e vocálicos.

- *Consonantais:* ch (chuva), sc (nascer), ss (osso), sç (desça), lh (filho), xc (excelente), qu (quente), nh (vinho), rr (ferro), gu (guerra)
- *Vocálicos:* am, an (tampa, canto), em, en (tempo, vento), im, in (limpo, cinto), om, on (comprar, tonto), um, un (tumba, mundo)

Atenção: nos dígrafos, as duas letras representam um só fonema; nos encontros consonantais, cada letra representa um fonema.

Observe de acordo com os exemplos que o número de letras e fonemas não precisam ter a mesma quantidade.
- Chuva: tem 5 letras e 4 fonemas, já que o "ch" tem um único som.
- Hipopótamo: tem 10 letras e 9 fonemas, já que o "h" não tem som.
- Galinha: tem 7 letras e 6 fonemas, já que o "nh" tem um único som.
- Pássaro: tem 7 letras e 6 fonemas, já que o "ss" só tem um único som.
- Nascimento: 10 letras e 8 fonemas, já que não se pronuncia o "s" e o "en" tem um único som.
- Exceção: 7 letras e 6 fonemas, já que não tem som o "x".
- Táxi: 4 letras e 5 fonemas, já que o "x" tem som de "ks".
- Guitarra: 8 letras e 6 fonemas, já que o "gu" tem um único som e o "rr" também tem um único som.
- Queijo: 6 letras e 5 fonemas, já que o "qu" tem um único som.

Repare que através do exemplo a mudança de apenas uma letra ou fonema gera novas palavras: C a v a l o / C a v a d o / C a l a d o / C o l a d o / S o l a d o.

EXERCÍCIOS

01. A palavra que apresenta tantos fonemas quantas são as letras que a compõem é:
a) importância
b) milhares
c) sequer
d) técnica
e) adolescente

02. Em qual das palavras abaixo a letra x apresenta não um, mas dois fonemas?
a) exemplo
b) complexo
c) próximos
d) executivo
e) luxo

03. Qual palavra possui dois dígrafos?
a) fechar
b) sombra
c) ninharia
d) correndo
e) pêssego

04. Indique a alternativa cuja sequência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo.
a) jamais / Deus / luar / daí
b) joias / fluir / jesuíta / fogaréu
c) ódio / saguão / leal / poeira
d) quais / fugiu / caiu / história
05. Os vocabulários passarinho e querida possuem:

a) 6 e 8 fonemas respectivamente;
b)10 e 7 fonemas respectivamente;
c) 9 e 6 fonemas respectivamente;
d) 8 e 6 fonemas respectivamente;
e) 7 e 6 fonemas respectivamente.

06. Quantos fonemas existem na palavra paralelepípedo:

a) 7
b) 12
c) 11
d) 14
e) 15

07. Os vocábulos pequenino e drama apresentam, respectivamente:

a) 4 e 2 fonemas
b) 9 e 5 fonemas
c) 8 e 5 fonemas
d) 7 e 7 fonemas
e) 8 e 4 fonemas

08. O "I" não é semivogal em:

a) Papai
b) Azuis
c) Médio
d) Rainha
e) Herói

09. Assinale a alternativa que apresenta apenas hiatos:

a) muito, faísca, balaústre.
b) guerreiro, gratuito, intuito.
c) fluido, fortuito, Piauí.
d) tua, lua, nua.
e) n.d.a.

10. Em qual dos itens abaixo todas as palavras apresentam ditongo crescente:

a) Lei, Foice, Roubo
b) Muito, Alemão, Viu
c) Linguiça, História, Área
d) Herói, Jeito, Quilo
e) Equestre, Tênue, Ribeirão

RESPOSTAS:

01-D (Em d, a palavra possui 7 fonemas e 7 letras. Nas demais alternativas, tem-se: a) 10 fonemas / 11 letras; b) 7 fonemas / 8 letras; c) 5 fonemas / 6 letras; e) 9 fonemas / 11 letras).
02-B (a palavra complexo, o x equivale ao fonema /ks/).
03-D (Em d, há o dígrafo "rr" e o dígrafo nasal "en").
04-B (Observe os encontros: oi, u - i, u - í e eu).
05-D / 06-D / 07-C / 08-D / 09-D / 10-C

SÍLABA

A palavra *amor* está dividida em grupos de fonemas pronunciados separadamente: a - mor. A cada um desses grupos pronunciados numa só emissão de voz dá-se o nome de ***sílaba***. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma vogal em cada sílaba. Dessa forma, para sabermos o número de sílabas de uma palavra, devemos perceber quantas vogais tem essa palavra. Atenção: as letras ***i*** e ***u*** (mais raramente com as letras ***e*** e ***o***) podem representar semivogais.

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

- *Monossílabas:* possuem apenas uma sílaba. Exemplos: mãe, flor, lá, meu;
- *Dissílabas:* possuem duas sílabas. Exemplos: ca-fé, i-ra, a-í, trans-por;
- *Trissílabas:* possuem três sílabas. Exemplos: ci-ne-ma, pró-xi-mo, pers-pi-caz, O-da-ir;
- *Polissílabas:* possuem quatro ou mais sílabas. Exemplos: a-ve-ni-da, li-te-ra-tu-ra, a-mi-ga-vel-men-te, o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta.

Divisão Silábica

Na divisão silábica das palavras, cumpre observar as seguintes normas:

- Não se separam os *ditongos* e *tritongos*. Exemplos: f**oi**-ce, a-ve-ri-g**uou;**
- Não se separam os dígrafos *ch, lh, nh, gu, qu.* Exemplos: **ch**a-ve, ba-ra-**lh**o, ba-**nh**a, fre-**gu**ês, **qu**ei-xa;
- Não se separam os *encontros consonantais que iniciam sílaba.* Exemplos: **ps**i-có-lo-go, re-**fr**es-co;
- Separam-se as *vogais dos hiatos*. Exemplos: c**a**-**a**-tinga, f**i**-**e**l, s**a**-**ú**-de;
- Separam-se as letras dos dígrafos **rr, ss, sc, sç xc.** Exemplos: ca**r**-**r**o, pa**s**-**s**a-re-la, de**s**-**c**er, na**s**-**ç**o, e**x**-**c**e-lente;
- Separam-se os encontros consonantais das sílabas internas, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é ***l*** ou ***r***. Exemplos: a**p**-**t**o, bi**s**-**n**e-to, con-vi**c**-**ç**ão, a-**br**ir, a-**pl**i-car.

Acento Tônico

Na emissão de uma palavra de duas ou mais sílabas, percebe-se que há uma sílaba de maior intensidade sonora do que as demais.
calor - a sílaba **lor** é a de maior intensidade.
faceiro - a sílaba **cei** é a de maior intensidade.
sólido - a sílaba **só** é a de maior intensidade.

Obs.: a presença da sílaba de maior intensidade nas palavras, em meio à sílabas de menor intensidade, é um dos elementos que dão melodia à frase.

Classificação da sílaba quanto a intensidade

-*Tônica:* é a sílaba pronunciada com maior intensidade.
- *Átona:* é a sílaba pronunciada com menor intensidade.
- *Subtônica:* é a sílaba de intensidade intermediária. Ocorre, principalmente, nas palavras *derivadas*, correspondendo à tônica da palavra primitiva.

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica

De acordo com a posição da sílaba tônica, os vocábulos da língua portuguesa que contêm duas ou mais sílabas são classificados em:
- *Oxítonos:* são aqueles cuja sílaba tônica é a última. Exemplos: a**vó**, uru**bu**, parab**éns**
- *Paroxítonos:* são aqueles cuja sílaba tônica é a penúltima. Exemplos: **dó**cil, suave**men**te, ba**na**na
- *Proparoxítonos:* são aqueles cuja sílaba tônica é a antepenúltima. Exemplos: **má**ximo, pa**rá**bola, **ín**timo

Saiba que:
- São palavras oxítonas, entre outras: *cateter*, *mister*, *Nobel*, *novel*, *ruim*, *sutil*, *transistor*, *ureter*.
- São palavras paroxítonas, entre outras: *avaro, aziago, boêmia, caracteres, cartomancia, celtibero, circuito, decano, filantropo, fluido, fortuito, gratuito, Hungria, ibero, impudico, inaudito, intuito, maquinaria, meteorito, misantropo, necropsia* (alguns dicionários admitem também *necrópsia*), *Normandia, pegada, policromo, pudico, quiromancia, rubrica, subido(a)*.
- São palavras proparoxítonas, entre outras: *aerólito, bávaro, bímano, crisântemo, ímprobo, ínterim, lêvedo, ômega, pântano, trânsfuga*.
- As seguintes palavras, entre outras, admitem dupla tonicidade: *acróbata/acrobata, hieróglifo/hieroglifo, Oceânia/Oceania, ortoépia/ortoepia, projétil/projetil, réptil/reptil, zângão/zangão*.

Exercícios

1-Assinale o item em que a divisão silábica é incorreta:
a) gra-tui-to;
b) ad-vo-ga-do;
c) tran-si-tó-rio;
d) psi-co-lo-gi-a;
e) in-ter-stí-cio.

NOVA CONCURSOS

2-Assinale o item em que a separação silábica é incorreta:
a) psi-có-ti-co;
b) per-mis-si-vi-da-de;
c) as-sem-ble-ia;
d) ob-ten-ção;
e) fa-mí-lia.

3-Assinale o item em que todos os vocábulos têm as sílabas corretamente separadas:

a) al-dei-a, caa-tin-ga , tran-si-ção;
b) pro-sse-gui-a, cus-tó-dia, trans-ver-sal;
c) a-bsur-do, pra-ia, in-cons-ci-ên-cia;
d) o-ccip-tal, gra-tui-to, ab-di-car;
e) mis-té-rio, ap-ti-dão, sus-ce-tí-vel.

4-Assinale o item em que todas as sílabas estão corretamente separadas:

a) a-p-ti-dão;
b) so-li-tá-ri-o;
c) col-me-ia;
d) ar-mis-tí-cio;
e) trans-a-tlân-ti-co.

5- Assinale o item em que a divisão silábica está errada:

a) tran-sa-tlân-ti-co / de-sin-fe-tar;
b) subs-ta-be-le-cer / de-su-ma-no;
c) cis-an-di-no / sub-es-ti-mar;
d) ab-di-ca-ção / a-bla-ti-vo;
e) fri-is-si-mo / ma-ci-is-si-mo.

6- Existe erro de divisão silábica no item:

a) mei-a / pa-ra-noi-a / ba-lai-o;
b) oc-ci-pi-tal / ex-ces-so / pneu-má-ti-co;
c) subs-tân-cia / pers-pec-ti-va / felds-pa-to;
d) su-bli-nhar / su-blin-gual / a-brup-to;
e) tran-sa-tlân-ti-co / trans-cen-der / tran-so-ce-â-ni-co.

7- A única alternativa correta quanto à divisão silábica é:

a) ma-qui-na-ri-a / for-tui-to;
b) tun-gs-tê-nio / ri-tmo; ;
c) an-do-rin-ha / sub-o-fi-ci-al;
d) bo-ê-mi-a / ab-scis-sa;
e) coe-são / si-len-cio-so.

8- Indique a alternativa em que as palavras "sussurro", "iguaizinhos" e "gnomo", estão corretamente divididas em sílabas:

a) sus - su - rro, igu - ai - zi - nhos, g - no - mo;
b) su - ssu - rro, i - guai - zi - nhos, gno - mo;
c) sus - su - rro, i - guai - zi - nhos, gno - mo;
d) su - ssur - ro, i - gu - ai - zi - nhos, gn - omo;
e) sus - sur - ro, i - guai - zi - nhos, gno - mo.

9- Na expressão "A **icterícia** nada tem a ver com **hemodiálise** ou disenteria", as palavras grifadas apresentam-se corretamente divididas em sílabas na alternativa:
a) i-cte-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria;
b) ic-te-rí-ci-a, he-mo-diá-li-se, dis-en-te-ria;
c) i-c-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria;
d) ic-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ri-a;
e) ic-te-rí-cia, he-mo-di-á-li-se, di-sen-te-ria.

10- Assinale a única opção em que há, um vocábulo cuja separação silábica não esta feita de acordo com a norma ortográfica vigente:
a) es-cor-re-gou / in-crí-veis;
b) in-fân-cia / cres-ci-a;
c) i-dei-a / lé-guas;
d) des-o-be-de-ceu / cons-tru-í-da;
e) vo-ou / sor-ri-em.

***Respostas*: 1-E / 2-C / 3-E / 4-D / 5-C / 6-D / 7-A / 8-E / 9-E / 10-D**

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Consideremos as seguintes frases:
Paula tem uma mão para cozinhar que dá inveja!
Vamos! Coloque logo a mão na massa!
As crianças estão com as mãos sujas.
Passaram a mão na minha bolsa e nem percebi.

Chegamos à conclusão de que se trata de palavras idênticas no que se refere à grafia, mas será que possuem o mesmo significado?

Existe uma parte da gramática normativa denominada Semântica. Ela trabalha a questão dos diferentes significados que uma mesma palavra apresenta de acordo com o contexto em que se insere.

Tomando como exemplo as frases já mencionadas, analisaremos os vocábulos de mesma grafia, de acordo com seu sentido denotativo, isto é, aquele retratado pelo dicionário.

Na primeira, a palavra "mão" significa habilidade, eficiência diante do ato praticado. Nas outras que seguem o significado é de: participação, interação mediante a uma tarefa realizada; mão como parte do corpo humano e por último simboliza o roubo, visto de maneira pejorativa.

Reportando-nos ao conceito de Polissemia, logo percebemos que o prefixo "poli" significa multiplicidade de algo. Possibilidades de várias interpretações levando-se em consideração as situações de aplicabilidade.

Há uma infinidade de outros exemplos em que podemos verificar a ocorrência da polissemia, como por exemplo:

O rapaz é um tremendo gato.
O gato do vizinho é peralta.
Precisei fazer um gato para que a energia voltasse.
Pedro costuma fazer alguns "bicos" para garantir sua sobrevivência
O passarinho foi atingido no bico.

Polissemia e homonímia

A confusão entre polissemia e homonímia é bastante comum. Quando a mesma palavra apresenta vários significados, estamos na presença da polissemia. Por outro lado, quando duas ou mais palavras com origens e significados distintos têm a mesma grafia e fonologia, temos uma homonímia.

A palavra "manga" é um caso de homonímia. Ela pode significar uma fruta ou uma parte de uma camisa. Não é polissemia porque os diferentes significados para a palavra manga têm origens diferentes, e por isso alguns estudiosos mencionam que a palavra manga deveria ter mais do que uma entrada no dicionário.

"Letra" é uma palavra polissêmica. Letra pode significar o elemento básico do alfabeto, o texto de uma canção ou a caligrafia de um determinado indivíduo. Neste caso, os diferentes significados estão interligados porque remetem para o mesmo conceito, o da escrita.

Polissemia e ambiguidade

Polissemia e ambiguidade têm um grande impacto na interpretação. Na língua portuguesa, um enunciado pode ser ambíguo, ou seja, apresenta mais de uma interpretação. Essa ambiguidade pode ocorrer devido à colocação específica de uma palavra (por exemplo, um advérbio) em uma frase. Vejamos a seguinte frase: *Pessoas que têm uma alimentação equilibrada frequentemente são felizes*. Neste caso podem existir duas interpretações diferentes. *As pessoas têm alimentação equilibrada porque são felizes ou são felizes porque têm uma alimentação equilibrada.*

De igual forma, quando uma palavra é polissêmica, ela pode induzir uma pessoa a fazer mais do que uma interpretação. Para fazer a interpretação correta é muito importante saber qual o contexto em que a frase é proferida.

Na língua portuguesa, uma PALAVRA (do latim *parabola,* que por sua vez deriva do grego *parabolé)* pode ser definida como sendo um conjunto de letras ou sons de uma língua, juntamente com a ideia associada a este conjunto.

Sentido Próprio e Figurado das Palavras

Pela própria definição acima destacada podemos perceber que a palavra é composta por duas partes, uma delas relacionada a sua forma escrita e os seus sons (denominada significante) e a outra relacionada ao que ela (palavra) expressa, ao conceito que ela traz (denominada significado).

Em relação ao seu SIGNIFICADO as palavras subdividem-se assim:

- **Sentido Próprio** - é o sentido literal, ou seja, o sentido comum que costumamos dar a uma palavra.

- **Sentido Figurado** - é o sentido "simbólico", "figurado", que podemos dar a uma palavra.

Vamos analisar a palavra <u>cobra</u> utilizada em diferentes contextos:

1. *A cobra picou o menino*. (cobra = réptil peçonhento)
2. *A sogra dele é uma cobra*. (cobra = pessoa desagradável, que adota condutas pouco apreciáveis)
3. *O cara é cobra em Física!* (cobra = pessoa que conhece muito sobre alguma coisa, "expert")

No item 1 aplica-se o termo <u>cobra</u> em seu sentido comum (ou literal); nos itens 2 e 3 o termo <u>cobra</u> é aplicado em sentido figurado.

Podemos então concluir que um mesmo significante (parte concreta) pode ter vários significados (conceitos).

Denotação e Conotação

- ***Denotação***: verifica-se quando utilizamos a palavra com o seu significado primitivo e original, com o sentido do dicionário; usada de modo automatizado; linguagem comum. Veja este exemplo: *Cortaram as <u>asas</u> da ave para que não voasse mais.*

Aqui a palavra em destaque é utilizada em seu sentido próprio, comum, usual, literal.

MINHA DICA - Procure associar ***D***enotação com ***D***icionário: trata-se de definição literal, quando o termo é utilizado em seu sentido dicionarístico.

- ***Conotação***: verifica-se quando utilizamos a palavra com o seu significado secundário, com o sentido amplo (ou simbólico); usada de modo criativo, figurado, numa linguagem rica e expressiva. Veja este exemplo:

Seria aconselhável cortar as asas deste menino, antes que seja tarde demais.

Já neste caso o termo (asas) é empregado de forma figurada, fazendo alusão à ideia de restrição e/ou controle de ações; disciplina, limitação de conduta e comportamento.

Fonte:
http://www.tecnolegis.com/estudo-dirigido/oficial-de-justica-tjm-sp/lingua-portuguesa-sentido-proprio-e-figurado-das-palavras.html

Questões sobre Denotação e Conotação

1-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) O sentido de marmóreo (adjetivo) equivale ao da expressão de mármore. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo e pétreo.

(A) De corda; de plástico.
(B) De fogo; de madeira.
(C) De madeira; de pedra.
(D) De fogo; de pedra.
(E) De plástico; de cinza.

2-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADO) Para responder à questão, considere a seguinte passagem: *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".*

NOVA CONCURSOS

Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de
(A) considerar ao acaso, sem premeditação.
(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
(C) adotar como referência de qualidade.
(D) julgar de acordo com normas legais.
(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

3-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Para responder a esta questão, considere as palavras destacadas nas seguintes passagens do texto:

Desde o surgimento da ideia de hipertexto...
... informações ligadas ***especialmente*** à pesquisa acadêmica,
... uma "máquina poética", ***algo*** que funcionasse por analogia e associação...

Quando o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...
... 20 anos ***depois*** de seu artigo fundador...

As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:
(A) algo, especialmente e Quando.
(B) Desde, especialmente e algo.
(C) especialmente, Quando e depois.
(D) Desde, Quando e depois.
(E) Desde, algo e depois.

4-) (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) *A importância de Rodolfo Coelho Cavalcante para o movimento cordelista pode ser* ***comparada*** *à de outros dois grandes nomes...*
Sem qualquer outra alteração da frase acima e sem prejuízo da correção, o elemento grifado pode ser substituído por:
(A) contrastada.
(B) confrontada.
(C) ombreada.
(D) rivalizada.
(E) equiparada.

5-) (PREFEITURA DE SERTÃOZINHO – AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE – VUNESP/2012) No verso – *Não te* ***abras*** *com teu amigo* – o verbo em destaque foi empregado em sentido figurado.
Assinale a alternativa em que esse mesmo verbo "abrir" continua sendo empregado em sentido figurado.
(A) Ao abrir a porta, não havia ninguém.
(B) Ele não pôde abrir a lata porque não tinha um abridor.
(C) Para aprender, é preciso abrir a mente.
(D) Pela manhã, quando abri os olhos, já estava em casa.
(E) Os ladrões abriram o cofre com um maçarico.

6-) (SABESP/SP – ATENDENTE A CLIENTES 01 – FCC/2014 - ADAPTADA) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

A marca da solidão

Deitado de bruços, sobre as pedras quentes do chão de paralelepípedos, o menino espia. Tem os braços dobrados e a testa pousada sobre eles, seu rosto formando uma tenda de penumbra na tarde quente.

Observa as ranhuras entre uma pedra e outra. Há, dentro de cada uma delas, um diminuto caminho de terra, com pedrinhas e tufos minúsculos de musgos, formando pequenas plantas, ínfimos bonsais só visíveis aos olhos de quem é capaz de parar de viver para, apenas, ver. Quando se tem a marca da solidão na alma, o mundo cabe numa fresta.

(SEIXAS, Heloísa. Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta negra bazar, 2010. p. 47)

No primeiro parágrafo, a palavra utilizada em sentido figurado é
(A) menino.
(B) chão.
(C) testa.
(D) penumbra.
(E) tenda.

7-) (UFTM/MG – AUXILIAR DE BIBLIOTECA – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Leia o texto para responder à questão.

RIO DE JANEIRO – *A Prefeitura do Rio está lançando a Operação Lixo Zero, que vai multar quem emporcalhar a cidade. Em primeira instância, a campanha é educativa. Equipes da Companhia Municipal de Limpeza Urbana estão percorrendo as ruas para flagrar maus cidadãos jogando coisas onde não devem e alertá-los para o que os espera. Em breve, com guardas municipais, policiais militares e 600 fiscais em ação, as multas começarão a chegar para quem tratar a via pública como a casa da sogra.*

Imagina-se que, quando essa lei começar para valer, os recordistas de multas serão os cerca de 300 jovens golpistas que, nas últimas semanas, se habituaram a tomar as ruas, pichar monumentos, vandalizar prédios públicos, quebrar orelhões, arrancar postes, apedrejar vitrines, depredar bancos, saquear lojas e, por uma estranha compulsão, destruir lixeiras, jogar o lixo no asfalto e armar barricadas de fogo com ele.

É verdade que, no seu "bullying" político, eles não estão nem aí para a cidade, que é de todos – e que, por algum motivo, parecem querer levar ao colapso.

Pois, já que a lei não permite prendê-los por vandalismo, saque, formação de quadrilha, desacato à autoridade, resistência à prisão e nem mesmo por ataque aos órgãos públicos, talvez seja possível enquadrá-los por sujar a rua.

(Ruy Castro, Por sujar a rua. Folha de S.Paulo, 21.08.2013. Adaptado)

Na oração – ... parecem querer levar ao ***colapso***. – (3.º parágrafo), o termo em destaque é sinônimo de
(A) progresso.
(B) descaso.
(C) vitória.
(D) tédio.
(E) ruína.

8-) (BNDES – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – BNDES/2012) Considere o emprego do verbo levar no trecho: "*Uma competição não dura apenas alguns minutos. Leva anos*". A frase em que esse verbo está usado com o mesmo sentido é:

(A) O menino leva o material adequado para a escola.
(B) João levou uma surra da mãe.
(C) A enchente leva todo o lixo rua abaixo.
(D) O trabalho feito com empenho leva ao sucesso.
(E) O atleta levou apenas dez segundos para terminar a prova.

RESOLUÇÃO

1-)
Questão que pode ser resolvida usando a lógica ou associação de palavras! Veja: a ignição do carro lembra-nos fogo, combustão... Pedra, petrificado. Encontrou a resposta?

RESPOSTA: "D".

2-)
Classificar conforme regras conhecidas, mas não confirmadas se verdadeiras.

RESPOSTA: "E".

3-)
As palavras que nos dão a noção, ideia de tempo são: desde, quando e depois.

RESPOSTA: "D".

4-)
Ao participar de um concurso, não temos acesso a dicionários para que verifiquemos o significado das palavras, por isso, caso não saibamos o que significam, devemos analisá-las dentro do contexto em que se encontram. No exercício acima, a que se "encaixa" é "equiparada".

RESPOSTA: "E".

5-)
Em todas as alternativas o verbo "abrir" está empregado em seu sentido denotativo. No item C, conotativo ("abrir a mente" = aberto a mudanças, novas ideias).

RESPOSTA: "C".

6-)
Novamente, responderemos com frase do texto: seu rosto formando uma tenda.

RESPOSTA: "E".

7-)
Pela leitura do texto, compreende-se que a intenção do autor ao utilizar a expressão" levar ao colapso" refere-se à queda, ao fim, à ruína da cidade.

RESPOSTA: "E".

8-)
No enunciado, o verbo "levar" está empregado com o sentido de "duração/tempo"

(A) O menino leva o material adequado para a escola. = carrega
(B) João levou uma surra da mãe. = apanhou
(C) A enchente leva todo o lixo rua abaixo. = arrasta
(D) O trabalho feito com empenho leva ao sucesso. = direciona
(E) O atleta levou apenas dez segundos para terminar a prova = duração/tempo

RESPOSTA: "E".

- ***Sinônimos***

São palavras de sentido igual ou aproximado: *alfabeto - abecedário; brado, grito - clamor; extinguir, apagar - abolir*.

Observação: A contribuição greco-latina é responsável pela existência de numerosos pares de sinônimos: *adversário e antagonista; translúcido e diáfano; semicírculo e hemiciclo; contraveneno e antídoto; moral e ética; colóquio e diálogo; transformação e metamorfose; oposição e antítese.*

- ***Antônimos***

São palavras de significação oposta: *ordem - anarquia; soberba - humildade; louvar - censurar; mal - bem*.

Observação: A antonímia pode originar-se de um prefixo de sentido oposto ou negativo: *bendizer e maldizer; simpático e antipático; progredir e regredir; concórdia e discórdia; ativo e inativo; esperar e desesperar; comunista e anticomunista; simétrico e assimétrico.*

O que são Homônimos e Parônimos:

- Homônimos

a) Homógrafos: são palavras iguais na escrita e diferentes na pronúncia:
rego (subst.) e rego (verbo);
colher (verbo) e colher (subst.);
jogo (subst.) e jogo (verbo);
denúncia (subst.) e denuncia (verbo);
providência (subst.) e providencia (verbo).

b) Homófonos: são palavras iguais na pronúncia e diferentes na escrita:
acender (atear) e ascender (subir);
concertar (harmonizar) e consertar (reparar);
cela (compartimento) e sela (arreio);
censo (recenseamento) e senso (juízo);
paço (palácio) e passo (andar).

c) Homógrafos e homófonos simultaneamente: São palavras iguais na escrita e na pronúncia:
caminho (subst.) e caminho (verbo);
cedo (verbo) e cedo (adv.);
livre (adj.) e livre (verbo).

NOVA CONCURSOS

- ***Parônimos***

São palavras parecidas na escrita e na pronúncia: *coro e couro; cesta e sesta; eminente e iminente; osso e ouço; sede e cede; comprimento e cumprimento; tetânico e titânico; autuar e atuar; degradar e degredar; infligir e infringir; deferir e diferir; suar e soar.*

http://www.coladaweb.com/portugues/sinonimos,-antonimos,-homonimos-e-paronimos

Questões sobre Significação das Palavras

01. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase abaixo:

Da mesma forma que os italianos e japoneses _____ para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros _____ para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, _____ para o Sul, pelo mesmo motivo.

a) imigraram - emigram - migram
b) migraram - imigram - emigram
c) emigraram - migram - imigram.
d) emigraram - imigram - migram.
e) imigraram - migram – emigram

Agente de Apoio – Microinformática – VUNESP – 2013 - Leia o texto para responder às questões de números 02 e 03.

Alunos de colégio fazem robôs com sucata eletrônica

Você comprou um smartphone e acha que aquele seu celular antigo é imprestável? Não se engane: o que é lixo para alguns pode ser matéria-prima para outros. O CMID – Centro Marista de Inclusão Digital –, que funciona junto ao Colégio Marista de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, ensina os alunos do colégio a fazer robôs a partir de lixo eletrônico.

Os alunos da turma avançada de robótica, por exemplo, constroem carros com sensores de movimento que respondem à aproximação das pessoas. A fonte de energia vem de baterias de celular. "Tirando alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem", comentou o instrutor de robótica do CMID, Leandro Schneider. Esses alunos também aprendem a consertar computadores antigos. "O nosso projeto só funciona por causa do lixo eletrônico. Se tivéssemos que comprar tudo, não seria viável", completou.

Em uma época em que celebridades do mundo digital fazem campanha a favor do ensino de programação nas escolas, é inspirador o relato de Dionatan Gabriel, aluno da turma avançada de robótica do CMID que, aos 16 anos, já sabe qual será sua profissão. "Quero ser programador. No início das aulas, eu achava meio chato, mas depois fui me interessando", disse.

(Giordano Tronco, www.techtudo.com.br, 07.07.2013. Adaptado)

02. A palavra em destaque no trecho –"***Tirando*** alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem"... – pode ser substituída, sem alteração do sentido da mensagem, pela seguinte expressão:

A) Pelo menos
B) A contar de
C) Em substituição a
D) Com exceção de
E) No que se refere a

03. Assinale a alternativa que apresenta um antônimo para o termo destacado em – ..."No início das aulas, eu achava meio ***chato***, mas depois fui me interessando", disse.

A) Estimulante.
B) Cansativo.
C) Irritante.
D) Confuso.
E) Improdutivo.

04. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013). Analise as afirmações a seguir.

I. Em – ***Há*** sete anos, Fransley Lapavani Silva está preso por homicídio. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração do sentido do texto, por "***faz***".

II. A frase – Todo preso ***deseja*** a libertação. – pode ser reescrita da seguinte forma – Todo preso ***aspira*** à libertação.

III. No trecho – ... estou sendo olhado de forma diferente aqui no presídio ***devido ao*** bom comportamento. – pode-se substituir a expressão em destaque por "***em razão do***", sem alterar o sentido do texto.

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correto o que se afirma em

A) I, II e III.
B) III, apenas.
C) I e III, apenas.
D) I, apenas.
E) I e II, apenas.

05. Leia as frases abaixo:

1 - Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

2 - Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

3 - As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

4 - _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há;
b) conserto – a – há – sessões – há;
c) concerto – a – há – seções – a;
d) concerto – a – há – sessões – há;
e) conserto – há – a – sessões – a .

06. (Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – VUNESP – 2013-adap.). Considere o seguinte trecho para responder à questão.

*Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais **altruísticos**, formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.*

O sentido contrário (antônimo) de ***altruísticos***, nesse trecho, é:

A) de desprendimento.
B) de responsabilidade.
C) de abnegação.
D) de amor.
E) de egoísmo.

07. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a ***primeira*** alternativa da série dada nos parênteses:
A) Estou aqui _____ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim- a fim).
B) A bandeira está _____. (arreada - arriada).
C) Serão punidos os que _____ o regulamento. (inflingirem - infringirem).
D) São sempre valiosos os _____ dos mais velhos. (concelhos - conselhos).
E) Moro _____ cem metros da praça principal. (a cerca de - acerca de).

08. Assinale a alternativa correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.
a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

GABARITO

01. A 02. D 03. A 04. A
05. D 06. E 07. E 08. A

RESOLUÇÃO

1-) Da mesma forma que os italianos e japoneses imigraram para o Brasil no século passado, hoje os brasileiros emigram para a Europa e para o Japão, à busca de uma vida melhor; internamente, migram para o Sul, pelo mesmo motivo.

2-) "Com exceção de alguns sensores, que precisamos comprar, é tudo reciclagem"...

3-) antônimo para o termo destacado : "No início das aulas, eu achava meio chato, mas depois fui me interessando"
"No início das aulas, eu achava meio estimulante, mas depois fui me interessando"

4-)
I. Em – Há sete anos, Fransley Lapavani Silva está preso por homicídio. – o termo em destaque pode ser substituído, sem alteração do sentido do texto, por "faz". = correta
II. A frase – Todo preso deseja a libertação. – pode ser reescrita da seguinte forma – Todo preso aspira à libertação. = correta
III. No trecho – ... estou sendo olhado de forma diferente aqui no presídio devido ao bom comportamento. – pode-se substituir a expressão em destaque por "em razão do", sem alterar o sentido do texto. = correta

5-)
1 - Assisti ao concerto do balé Bolshoi;
2 - Daqui a pouco vão dizer que há (= existe) vida em Marte.
3 – As sessões da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 - Há dias que não falo com Alfredo. (= tempo passado)

6-) Adolescentes vivendo em famílias que não lhes transmitiram valores sociais altruísticos, formação moral e não lhes impuseram limites de disciplina.
O sentido contrário (antônimo) de altruísticos, nesse trecho, é de egoísmo
Altruísmo é um tipo de comportamento encontrado nos seres humanos e outros seres vivos, em que as ações de um indivíduo beneficiam outros. É sinônimo de filantropia. No sentido comum do termo, é muitas vezes percebida, também, como sinônimo de solidariedade. Esse conceito opõe-se, portanto, ao egoísmo, que são as inclinações específica e exclusivamente individuais (pessoais ou coletivas).

7-)
A) Estou aqui a fim de de ajudar os flagelados das enchentes. (afim = O adjetivo "*afim*" é empregado para indicar que uma coisa tem afinidade com a outra. Há pessoas que têm temperamentos *afins*, ou seja, parecidos)
B) A bandeira está arriada . (arrear = colocar arreio no cavalo)
C) Serão punidos os que infringirem o regulamento. (inflingirem = aplicarem a pena)
D) São sempre valiosos os conselhos dos mais velhos; (concelhos= Porção territorial ou parte administrativa de um distrito).
E) Moro a cerca de cem metros da praça principal. (acerca de = Acerca de é sinônimo de "a respeito de".).

8-)
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país) = significados invertidos
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar = significados invertidos
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder = significados invertidos
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação = significados invertidos

FIGURAS DE LINGUAGEM

Segundo Mauro Ferreira, a importância em reconhecer ***figuras de linguagem*** está no fato de que tal conhecimento, além de auxiliar a compreender melhor os textos literários, deixa-nos mais sensíveis à beleza da linguagem e ao significado simbólico das palavras e dos textos.
Definição: *Figuras de linguagem são certos recursos não--convencionais que o falante ou escritor cria para dar maior expressividade à sua mensagem*.

NOVA CONCURSOS

Metáfora

É o emprego de uma palavra com o significado de outra em vista de uma relação de semelhanças entre ambas. É uma comparação subentendida.

Minha boca é um túmulo.

Essa rua é um verdadeiro deserto.

Comparação

Consiste em atribuir características de um ser a outro, em virtude de uma determinada semelhança.

O meu coração está igual a um céu cinzento.

O carro dele é rápido como um avião.

Prosopopeia

É uma figura de linguagem que atribui características humanas a seres inanimados. Também podemos chamá-la de PERSONIFICAÇÃO.

O céu está mostrando sua face mais bela.

O cão mostrou grande sisudez.

Sinestesia

Consiste na fusão de impressões sensoriais diferentes (mistura dos cinco sentidos).

Raquel tem um olhar frio, desesperador.

Aquela criança tem um olhar tão doce.

Catacrese

É o emprego de uma palavra no sentido figurado por falta de um termo próprio.

O menino quebrou o braço da cadeira.

A manga da camisa rasgou.

Metonímia

É a substituição de uma palavra por outra, quando existe uma relação lógica, uma proximidade de sentidos que permite essa troca. Ocorre metonímia quando empregamos:

- **O autor pela obra.**

Li Jô Soares dezenas de vezes. (a obra de Jô Soares)

- o continente pelo conteúdo.

O ginásio aplaudiu a seleção. (ginásio está substituindo os torcedores)

- a parte pelo todo.

Vários brasileiros vivem sem teto, ao relento. (teto substitui casa)

- **o efeito pela causa.**

Suou muito para conseguir a casa própria. (suor substitui o trabalho)

Perífrase

É a designação de um ser através de alguma de suas características ou atributos, ou de um fato que o celebrizou.

A Veneza Brasileira também é palco de grandes espetáculos. (Veneza Brasileira = Recife)

A Cidade Maravilhosa está tomada pela violência. (Cidade Maravilhosa = Rio de Janeiro)

Antítese

Consiste no uso de palavras de sentidos opostos.

Nada com Deus é tudo.

Tudo sem Deus é nada.

Eufemismo

Consiste em suavizar palavras ou expressões que são desagradáveis.

Ele foi repousar no céu, junto ao Pai. (repousar no céu = morrer)

Os homens públicos envergonham o povo. (homens públicos = políticos)

Hipérbole

É um exagero intencional com a finalidade de tornar mais expressiva a ideia.

Ela chorou rios de lágrimas.

Muitas pessoas morriam de medo da perna cabeluda.

Ironia

Consiste na inversão dos sentidos, ou seja, afirmamos o contrário do que pensamos.

Que alunos inteligentes, não sabem nem somar.

Se você gritar mais alto, eu agradeço.

Onomatopeia

Consiste na reprodução ou imitação do som ou voz natural dos seres.

Com o au-au dos cachorros, os gatos desapareceram.

Miau-miau. – Eram os gatos miando no telhado a noite toda.

Aliteração

Consiste na repetição de um determinado som consonantal no início ou interior das palavras.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

Elipse

Consiste na omissão de um termo que fica subentendido no contexto, identificado facilmente.

Após a queda, nenhuma fratura.

Zeugma

Consiste na omissão de um termo já empregado anteriormente.

Ele come carne, eu verduras.

Pleonasmo

Consiste na intensificação de um termo através da sua repetição, reforçando seu significado.

Nós cantamos um canto glorioso.

Polissíndeto

É a repetição da conjunção entre as orações de um período ou entre os termos da oração.

Chegamos de viagem e tomamos banho e saímos para dançar.

Assíndeto

Ocorre quando há a ausência da conjunção entre duas orações.

Chegamos de viagem, tomamos banho, depois saímos para dançar.

Anacoluto

Consiste numa mudança repentina da construção sintática da frase.

Ele, nada podia assustá-lo.

- ***Nota:*** o anacoluto ocorre com frequência na linguagem falada, quando o falante interrompe a frase, abandonando o que havia dito para reconstruí-la novamente.

Anáfora

Consiste na repetição de uma palavra ou expressão para reforçar o sentido, contribuindo para uma maior expressividade.

Cada alma é uma escada para Deus,
Cada alma é um corredor-Universo para Deus,
Cada alma é um rio correndo por margens de Externo
Para Deus e em Deus com um sussurro noturno. (Fernando Pessoa)

Silepse

Ocorre quando a concordância é realizada com a ideia e não sua forma gramatical. Existem três tipos de silepse: gênero, número e pessoa.

- ***De gênero****: Vossa excelência está preocupado com as notícias.* (a palavra vossa excelência é feminina quanto à forma, mas nesse exemplo a concordância se deu com a pessoa a que se refere o pronome de tratamento e não com o sujeito).

- ***De número:*** *A boiada ficou furiosa com o peão e derrubaram a cerca*. (nesse caso a concordância se deu com a ideia de plural da palavra boiada).

- ***De pessoa:*** *As mulheres decidimos não votar em determinado partido até prestarem conta ao povo.* (nesse tipo de silepse, o falante se inclui mentalmente entre os participantes de um sujeito em 3ª pessoa).

Fonte:http://juliobattisti.com.br/tutoriais/josebferraz/figuraslinguagem001.asp

São conhecidas pelo nome de ***figuras de pensamento*** os recursos estilísticos utilizados para incrementar o significado das palavras no seu aspecto semântico.

São oito as figuras de pensamento:

1) Antítese

É a aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. O contraste que se estabelece serve para dar uma ênfase aos conceitos envolvidos, o que não ocorreria com a exposição isolada dos mesmos. Exemplos:

Viverei para sempre ou morrerei tentando.
Do riso se fez o pranto.
Hoje fez sol, ontem, porém, choveu muito.

2) Apóstrofe

É assim denominado o chamamento do receptor da mensagem, seja ele de natureza imaginária ou não. É utilizada para dar ênfase à expressão e realiza-se por meio do vocativo. Exemplos:

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Pai Nosso, que estais no céu;
Ó meu querido Santo António;

3) Paradoxo

É uma proposição aparentemente absurda, resultante da união de ideias que se contradizem referindo-se ao mesmo termo. Os paradoxos viciosos são denominados Oxímoros (ou oximoron). Exemplos:

"Menino do Rio / Calor que provoca arrepio..."

"Amor é fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer;" (Camões)

4) Eufemismo

Consiste em empregar uma expressão mais suave, mais nobre ou menos agressiva, para atenuar uma verdade tida como penosa, desagradável ou chocante. Exemplos:

"E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir Deus lhe pague". (Chico Buarque).

paz derradeira = morte

5) Gradação

Na gradação temos uma sequência de palavras que intensificam a mesma ideia. Exemplo:

"Aqui... além... mais longe por onde eu movo o passo." (Castro Alves).

6) Hipérbole

É a expressão intencionalmente exagerada com o intuito de realçar uma ideia, proporcionando uma imagem emocionante e de impacto. Exemplos:

"Faz umas dez horas que essa menina penteia esse cabelo".

Ele morreu de tanto rir.

7) Ironia

Ocorre ironia quando, pelo contexto, pela entonação, pela contradição de termos, pretende-se questionar certo tipo de pensamento. A intenção é depreciativa ou sarcástica. Exemplos:

Parece um anjinho aquele menino, briga com todos que estão por perto.

"Moça linda, bem tratada, / três séculos de família, / burra como uma porta: / um amor." (Mário de Andrade).

8) Prosopopeia ou Personificação

Consiste na atribuição de ações, qualidades ou características humanas a seres não humanos. Exemplos:

Chora, viola.
A morte mostrou sua face mais sinistra.
O morro dos ventos uivantes.

Figuras de construção ou sintaxe integram as chamadas figuras de linguagem, representando um subgrupo destas. Dessa forma, tendo em vista o padrão não convencional que prevalece nas figuras de linguagem (ou seja, a subjetividade, a sensibilidade por parte do emissor, deixando às claras seus aspectos estilísticos), devemos compreender sua denominação. Em outras palavras, por que "figuras de construção ou sintaxe"?

Podemos afirmar que assim se denominam em virtude de apresentarem algum tipo de modificação na estrutura da oração, tendo em vista os reais e já ressaltados objetivos da enunciação (do discurso) – sendo o principal conferir ênfase a ela.

Assim sendo, comecemos entendendo que, em termos convencionais, a estrutura sintática da nossa língua se perfaz de uma sequência, demarcada pelos seguintes elementos:

SUJEITO + PREDICADO + COMPLEMENTO

(Nós) *CHEGAMOS ATRASADOS À REUNIÃO.*

Temos, assim, um sujeito oculto – *nós*; um predicado verbal – *chegamos atrasados;* e um complemento, representado por um adjunto adverbial de lugar – *à reunião.*

Quando há uma ruptura dessa sequência lógica, materializada pela inversão de termos, repetição ou até mesmo omissão destes, é justamente aí que as figuras em questão se manifestam. Desse modo, elas se encontram muito presentes na linguagem literária, na publicitária e na linguagem cotidiana de forma geral. Vejamos cada uma delas de modo particular:

Elipse

Tal figura se caracteriza pela omissão de um termo na oração não expresso anteriormente, contudo, facilmente identificado pelo contexto. Vejamos um exemplo:

Rondó dos cavalinhos
[...]

Os cavalinhos correndo,
E nós, cavalões, comendo...
O Brasil politicando,
Nossa! A poesia morrendo...
O sol tão claro lá fora,
O sol tão claro, Esmeralda,
E em minhalma — anoitecendo!

Manuel Bandeira

Notamos que em todos os versos há a omissão do verbo *estar,* sendo este facilmente identificado pelo contexto.

Zeugma

Ao contrário da elipse, na zeugma ocorre a omissão de um termo já expresso no discurso. Constatemos: *Maria gosta de Matemática, eu de Português.*

Observamos que houve a omissão do verbo *gostar*.

Anáfora

Essa figura de linguagem se caracteriza pela repetição intencional de um termo no início de um período, frase ou verso. Observemos um caso representativo:

A Estrela

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.
[...]

Manuel Bandeira

Notamos a utilização de termos que se repetem sucessivamente em cada verso da criação de Manuel Bandeira.

Polissíndeto

Figura cuja principal característica se define pela repetição enfática do conectivo, geralmente representado pela conjunção coordenada *"e"*. Observemos um verso extraído de uma criação de Olavo Bilac, intitulada "*A um poeta*": "*Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!"*

Assíndeto

Diferentemente do que ocorre no polissíndeto, manifestado pela repetição da conjunção, no assíndeto ocorre a omissão deste. Vejamos: *Vim, vi, venci* (Júlio César)

Depreendemos que se trata de orações assindéticas, justamente pela omissão do conectivo *"e"*.

Anacoluto

Trata-se de uma figura que se caracteriza pela interrupção da sequência lógica do pensamento, ou seja, em termos sintáticos, afirma-se que há uma mudança na construção do período, deixando algum termo desligado do restante dos elementos. Vejamos:

Essas crianças de hoje, elas estão muito evoluídas.

Notamos que o termo em destaque, que era para representar o sujeito da oração, encontra-se desligado dos demais termos, não cumprindo, portanto, nenhuma função sintática.

Inversão (ou Hipérbato)

Trata-se da inversão da ordem direta dos termos da oração. Constatemos: *Eufórico chegou o menino.*

Deduzimos que o predicativo do sujeito (pois se trata de um predicado verbo-nominal) encontra-se no início da oração, quando este deveria estar expresso no final, ou seja: *O menino chegou eufórico.*

Pleonasmo

Figura que consiste na repetição enfática de uma ideia antes expressa, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico, no intuito de reforçar a mensagem. Exemplo: *Vivemos uma vida tranquila.*

O termo em destaque reforça uma ideia antes ressaltada, uma vez que viver já diz respeito à vida. Temos uma repetição de ordem semântica.

A ele nada lhe devo.

Percebemos que o pronome oblíquo (lhe) faz referência à terceira pessoa do singular, já expressa. Trata-se, portanto, de uma repetição de ordem sintática demarcada pelo que chamamos de *objeto direto pleonástico*.

Observação importante: O pleonasmo utilizado sem a intenção de conferir ênfase ao discurso, torna-se o que denominamos de *vício de linguagem* – ocorrência que deve ser evitada. Como, por exemplo: *subir para cima, descer para baixo, entrar para dentro,* entre outras circunstâncias linguísticas.

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Estudar a estrutura é conhecer os elementos formadores das palavras. Assim, compreendemos melhor o significado de cada uma delas. As palavras podem ser divididas em unidades menores, a que damos o nome de elementos mórficos ou morfemas.

Vamos analisar a palavra "**cachorrinhas**". Nessa palavra observamos facilmente a existência de quatro elementos. São eles:

cachorr - este é o elemento base da palavra, ou seja, aquele que contém o significado.

inh - indica que a palavra é um diminutivo

a - indica que a palavra é feminina

s - indica que a palavra se encontra no plural

Morfemas*:* unidades mínimas de caráter significativo. Existem palavras que não comportam divisão em unidades menores, tais como: mar, sol, lua, etc. São elementos mórficos:

- Raiz, Radical, Tema: elementos básicos e significativos

- Afixos (Prefixos, Sufixos), Desinência, Vogal Temática: elementos modificadores da significação dos primeiros

- Vogal de Ligação, Consoante de Ligação: elementos de ligação ou eufônicos.

Raiz: É o elemento originário e irredutível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. É a raiz que encerra o sentido geral, comum às palavras da mesma família etimológica. Exemplo: Raiz **noc** [Latim **nocere** = prejudicar] tem a significação geral de causar dano, e a ela se prendem, pela origem comum, as palavras nocivo, nocividade, inocente, inocentar, inócuo, etc.

Uma raiz pode sofrer alterações: at-o; at-or; at-ivo; aç-ão; ac-ionar;

Radical:

Observe o seguinte grupo de palavras: livr-o; livr-inho; livr-eiro; livr-eco. Você reparou que há um elemento comum nesse grupo? Você reparou que o elemento livr serve de base para o significado? Esse elemento é chamado de radical (ou semantema). Elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático. É encontrado através do despojo dos elementos secundários (quando houver) da palavra. Exemplo: **cert**-o; **cert**-eza; in-**cert**-eza.

Afixos: são elementos secundários (geralmente sem vida autônoma) que se agregam a um radical ou tema para formar palavras derivadas. Sabemos que o acréscimo do morfema "-**mente**", por exemplo, cria uma nova palavra a partir de **"certo"**: **certamente**, advérbio de modo. De maneira semelhante, o acréscimo dos morfemas **"a-"** e **"-ar"** à forma **"cert-"** cria o verbo **acertar**. Observe que **a-** e **-ar** são morfemas capazes de operar mudança de classe gramatical na palavra a que são anexados.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com **"a-",** os afixos recebem o nome de ***prefixos***. Quando, como **"-ar"**, surgem depois do radical, os afixos são chamados de ***sufixos.*** Exemplo: ***in***-at-***ivo***; ***em***-pobr-***ecer***; ***inter***-nacion-***al***.

Desinências: são os elementos terminais indicativos das flexões das palavras. Existem dois tipos:

- Desinências Nominais: indicam as flexões de **gênero** (masculino e feminino) e de **número** (singular e plural) dos nomes. Exemplos: aluno-**o** / aluno-**s**; alun-**a** / aluna-**s**. S**ó podemos falar em desinências nominais de gêneros e de números em palavras que** admitem tais flexões, como nos exemplos acima. Em palavras como mesa, tribo, telefonema, por exemplo, não temos desinência nominal de gênero. Já em pires, lápis, **ônibus não temos** desinência nominal de número.

- Desinências Verbais: indicam as flexões de **número** e **pessoa** e de **modo** e **tempo** dos verbos. A desinência **"-o**", presente em "am-**o**", é uma desinência **número pessoal**, pois indica que o verbo está na primeira pessoa do singular; "**-va**", de "ama-**va**", é desinência **modo-temporal**: caracteriza uma forma verbal do pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª conjugação.

Vogal Temática: é a vogal que se junta ao radical, preparando-o para receber as desinências. Nos verbos, distinguem-se três vogais temáticas:

- Caracteriza os verbos da **1ª** conjugação: busc**a**r, busc**a**vas, etc**.**
- Caracteriza os verbos da **2ª** conjugação: romp**e**r, romp**e**mos, etc.
- Caracteriza os verbos da **3ª** conjugação: proib**i**r, proib**i**rá, etc.

Tema: é o grupo formado pelo radical mais vogal temática. Nos verbos citados acima, os temas são: busca-, rompe-, proibi-

Vogais e Consoantes de Ligação: As vogais e consoantes de ligação são morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a pronúncia de uma determinada palavra. Exemplos: parisiense (paris= radical, ense=sufixo, vogal de ligação=**i**); gas-**ô**-metro, alv-**i**-negro, tecn-**o**-cracia, pau-**l**-ada, cafe-**t**-eira, cha-**l**-eira, inset-**i**-cida, pe-**z**-inho, pobr-**e**-tão, etc.

Formação das Palavras: existem dois processos básicos pelos quais se formam as palavras: a **Derivação** e a **Composição.** A diferença entre ambos consiste basicamente em que, no processo de derivação, partimos sempre de um único radical, enquanto no processo de composição sempre haverá mais de um radical.

Derivação: é o processo pelo qual se obtém uma palavra nova, chamada derivada, a partir de outra já existente, chamada primitiva. Exemplo: Mar (marítimo, marinheiro, marujo); terra (enterrar, terreiro, aterrar). Observamos que «mar» e «terra» não se formam de nenhuma outra palavra, mas, ao contrário, possibilitam a formação de outras, por meio do acréscimo de um sufixo ou prefixo. Logo, mar e terra são palavras primitivas, e as demais, derivadas.

Tipos de Derivação

- Derivação Prefixal ou Prefixação: resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado: crer- **des**crer; ler- **re**ler; capaz- **in**capaz.

- Derivação Sufixal ou Sufixação: resulta de acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical: alfabetiza**ção.** No exemplo, o sufixo **-ção** transforma em substantivo o verbo alfabetizar. Este, por sua vez, já é derivado do substantivo alfabeto pelo acréscimo do sufixo **-izar.**

A derivação sufixal pode ser:

Nominal, formando substantivos e adjetivos: papel – papel**aria**; riso – ris**onho**.

Verbal, formando verbos: atual - atual**izar**.

Adverbial, formando advérbios de modo: feliz – feliz**mente**.

- Derivação Parassintética ou Parassíntese: Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. Por meio da parassíntese formam-se nomes (substantivos e adjetivos) e verbos. Considere o adjetivo **"triste".** Do radical "trist-" formamos o verbo **en**trist**ecer** através da junção simultânea do prefixo "en-" e do sufixo "-ecer". A presença de apenas um desses afixos não é suficiente para formar uma nova palavra, pois em nossa língua não existem as palavras "entriste", nem "tristecer". Exemplos:

emudecer
mudo – palavra inicial
e – prefixo
mud – radical
ecer – sufixo

desalmado
alma – palavra inicial
des – prefixo
alm – radical
ado – sufixo

Não devemos confundir derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e de prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras desvalorização e desigualdade. Nessas palavras, os afixos são acoplados em sequência: desvalorização provém de desvalorizar, que provém de valorizar, que por sua vez provém de valor.

É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode dizer que expropriar provém de **"**propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem. Logo, expropriar provém diretamente de próprio, pelo acréscimo concomitante de prefixo e sufixo.

- Derivação Regressiva: ocorre derivação regressiva quando uma palavra é formada não por acréscimo, mas por redução: comprar (verbo), compra (substantivo); beijar (verbo), beijo (substantivo).

Para descobrirmos se um substantivo deriva de um verbo ou se ocorre o contrário, podemos seguir a seguinte orientação:

- Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva.

- Se o nome denota algum objeto ou substância, verifica-se o contrário.

Vamos observar os exemplos acima: compra e beijo indicam ações, logo, são palavras derivadas. O mesmo não ocorre, porém, com a palavra **âncora**, que é um objeto. Neste caso, um substantivo primitivo que dá origem ao verbo ancorar.

Por derivação regressiva, formam-se basicamente substantivos a partir de verbos. Por isso, recebem o nome de **substantivos deverbais.** Note que na linguagem popular, são frequentes os exemplos de palavras formadas por derivação regressiva. o **portuga** (de português); o **boteco** (de botequim); o **comuna** (de comunista); **agito** (de agitar); **amasso** (de amassar); **chego** (de chegar)

O processo normal é criar um verbo a partir de um substantivo. Na derivação regressiva, a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo a partir do verbo.

- Derivação Imprópria: A derivação imprópria ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Neste processo:

Os adjetivos passam a substantivos: Os bons serão contemplados.

Os particípios passam a substantivos ou adjetivos: Aquele garoto alcançou um feito passando no concurso.

Os infinitivos passam a substantivos: O andar de Roberta era fascinante; O badalar dos sinos soou na cidadezinha.

Os substantivos passam a adjetivos: O funcionário fantasma foi despedido; O menino prodígio resolveu o problema.

Os adjetivos passam a advérbios: Falei baixo para que ninguém escutasse.

Palavras invariáveis passam a substantivos: Não entendo o porquê disso tudo.

Substantivos próprios tornam-se comuns: Aquele coordenador é um caxias! (chefe severo e exigente)

Os processos de derivação vistos anteriormente fazem parte da Morfologia porque implicam alterações na forma das palavras. No entanto, a derivação imprópria lida basicamente com seu significado, o que acaba caracterizando um processo semântico. Por essa razão, entendemos o motivo pelo qual é denominada "imprópria".

Composição: é o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais. Existem dois tipos:

- Composição por Justaposição: ao juntarmos duas ou mais palavras ou radicais, não ocorre alteração fonética: passatempo, quinta-feira, girassol, couve-flor. Em «girassol» houve uma alteração na grafia (acréscimo de um «s») justamente para manter inalterada a sonoridade da palavra.

- Composição por Aglutinação: ao unirmos dois ou mais vocábulos ou radicais, ocorre supressão de um ou mais de seus elementos fonéticos: embora (em boa hora); fidalgo (filho de algo - referindo-se a família nobre); hidrelétrico (hidro + elétrico); planalto (plano alto). Ao aglutinarem-se, os componentes subordinam-se a um só acento tônico, o do último componente.

- Redução: algumas palavras apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida. Observe: **auto** - por automóvel; **cine** - por cinema; **micro** - por microcomputador; **Zé** - por José. Como exemplo de redução ou simplificação de palavras, podem ser citadas também as **siglas**, muito frequentes na comunicação atual.

- Hibridismo: ocorre hibridismo na palavra em cuja formação entram elementos de línguas diferentes: auto (grego) + móvel (latim).

- Onomatopeia: numerosas palavras devem sua origem a uma tendência constante da fala humana para imitar as vozes e os ruídos da natureza. As onomatopeias são vocábulos que reproduzem aproximadamente os sons e as vozes dos seres: miau, zumzum, piar, tinir, urrar, chocalhar, cocoricar, etc.

Prefixos: os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudança de classe gramatical. Os prefixos ocorrentes em palavras portuguesas se originam do latim e do grego, línguas em que funcionavam como preposições ou advérbios, logo, como vocábulos autônomos. Alguns prefixos foram pouco ou nada produtivos em português. Outros, por sua vez, tiveram grande vitalidade na formação de novas palavras: a- , contra- , des- , em- (ou en-) , es- , entre- re- , sub- , super- , anti-.

Prefixos de Origem Grega

a-, an-: afastamento, privação, negação, insuficiência, carência: anônimo, amoral, ateu, afônico.

ana-: inversão, mudança, repetição: analogia, análise, anagrama, anacrônico.

anfi-: em redor, em torno, de um e outro lado, duplicidade: anfiteatro, anfíbio, anfibologia.

anti-: oposição, ação contrária: antídoto, antipatia, antagonista, antítese.

apo-: afastamento, separação: apoteose, apóstolo, apocalipse, apologia.

arqui-, arce-: superioridade hierárquica, primazia, excesso: arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário.

cata-: movimento de cima para baixo: cataplasma, catálogo, catarata.

di-: duplicidade: dissílabo, ditongo, dilema.

dia-: movimento através de, afastamento: diálogo, diagonal, diafragma, diagrama.

dis-: dificuldade, privação: dispneia, disenteria, dispepsia, disfasia.

ec-, ex-, exo-, ecto-: movimento para fora: eclipse, êxodo, ectoderma, exorcismo.

en-, em-, e-: posição interior, movimento para dentro: encéfalo, embrião, elipse, entusiasmo.

endo-: movimento para dentro: endovenoso, endocarpo, endosmose.

epi-: posição superior, movimento para: epiderme, epílogo, epidemia, epitáfio.

eu-: excelência, perfeição, bondade: eufemismo, euforia, eucaristia, eufonia.

hemi-: metade, meio: hemisfério, hemistíquio, hemiplégico.

hiper-: posição superior, excesso: hipertensão, hipérbole, hipertrofia.

hipo-: posição inferior, escassez: hipocrisia, hipótese, hipodérmico.

meta-: mudança, sucessão: metamorfose, metáfora, metacarpo.

para-: proximidade, semelhança, intensidade: paralelo, parasita, paradoxo, paradigma.

peri-: movimento ou posição em torno de: periferia, peripécia, período, periscópio.

pro-: posição em frente, anterioridade: prólogo, prognóstico, profeta, programa.

pros-: adjunção, em adição a: prosélito, prosódia.

proto-: início, começo, anterioridade: proto-história, protótipo, protomártir.

poli-: multiplicidade: polissílabo, polissíndeto, politeísmo.

sin-, sim-: simultaneidade, companhia: síntese, sinfonia, simpatia, sinopse.

tele-: distância, afastamento: televisão, telepatia, telégrafo.

Prefixos de Origem Latina

a-, ab-, abs-: afastamento, separação: aversão, abuso, abstinência, abstração.

a-, ad-: aproximação, movimento para junto: adjunto,advogado, advir, aposto.

ante-: anterioridade, procedência: antebraço, antessala, anteontem, antever.

ambi-: duplicidade: ambidestro, ambiente, ambiguidade, ambivalente.

ben(e)-, bem-: bem, excelência de fato ou ação: benefício, bendito.

bis-, bi-: repetição, duas vezes: bisneto, bimestral, bisavô, biscoito.

circu(m)-: movimento em torno: circunferência, circunscrito, circulação.

cis-: posição aquém: cisalpino, cisplatino, cisandino.

co-, con-, com-: companhia, concomitância: colégio, cooperativa, condutor.

contra-: oposição: contrapeso, contrapor, contradizer.

de-: movimento de cima para baixo, separação, negação: decapitar, decair, depor.

de(s)-, di(s)-: negação, ação contrária, separação: desventura, discórdia, discussão.

e-, es-, ex-: movimento para fora: excêntrico, evasão, exportação, expelir.

en-, em-, in-: movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, revestimento: imergir, enterrar, embeber, injetar, importar.

extra-: posição exterior, excesso: extradição, extraordinário, extraviar.

i-, in-, im-: sentido contrário, privação, negação: ilegal, impossível, improdutivo.

inter-, entre-: posição intermediária: internacional, interplanetário.

intra-: posição interior: intramuscular, intravenoso, intraverbal.

intro-: movimento para dentro: introduzir, introvertido, introspectivo.

justa-: posição ao lado: justapor, justalinear.

ob-, o-: posição em frente, oposição: obstruir, ofuscar, ocupar, obstáculo.

per-: movimento através: percorrer, perplexo, perfurar, perverter.

pos-: posterioridade: pospor, posterior, pós-graduado.

pre-: anterioridade: prefácio, prever, prefixo, preliminar.

pro-: movimento para frente: progresso, promover, prosseguir, projeção.

re-: repetição, reciprocidade: rever, reduzir, rebater, reatar.

retro-: movimento para trás: retrospectiva, retrocesso, retroagir, retrógrado.

so-, sob-, sub-, su-: movimento de baixo para cima, inferioridade: soterrar, sobpor, subestimar.

super-, supra-, sobre-: posição superior, excesso: supercílio, supérfluo.

soto-, sota-: posição inferior: soto-mestre, sota-voga, soto-pôr.

trans-, tras-, tres-, tra-: movimento para além, movimento através: transatlântico, tresnoitar, tradição.

ultra-: posição além do limite, excesso: ultrapassar, ultrarromantismo, ultrassom, ultraleve, ultravioleta.

vice-, vis-: em lugar de: vice-presidente, visconde, vice-almirante.

Sufixos: são elementos (isoladamente insignificativos) que, acrescentados a um radical, formam nova palavra. Sua principal característica é a mudança de classe gramatical que geralmente opera. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um verbo num contexto em que se deve usar um substantivo, por exemplo. Como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis. Existem dois grupos de sufixos formadores de substantivos extremamente importantes para o funcionamento da língua. São os que formam nomes de **ação** e os que formam nomes de agente.

Sufixos que formam nomes de ação: **-ada** – caminhada; **-ança** – mudança; **-ância** – abundância; **-ção** – emoção; **-dão** – solidão; **-ença** – presença; **-ez(a)** – sensatez, beleza; **-ismo** – civismo; **-mento** – casamento; **-são** – compreensão; **-tude** – amplitude; **-ura** – formatura.

Sufixos que formam nomes de agente: **-ário(a)** – secretário; **-eiro(a)** – ferreiro; **-ista** – manobrista; **-or** – lutador; **-nte** – feirante.

Sufixos que formam nomes de lugar, depositório: **-aria** – churrascaria; **-ário** – herbanário; **-eiro** – açucareiro; **-or** – corredor; **-tério** – cemitério; **-tório** – dormitório.

Sufixos que formam nomes indicadores de abundância, aglomeração, coleção: **-aço** – ricaço; **-ada** – papelada; **-agem** – folhagem; **-al** – capinzal; **-ame** – gentame; **-ario(a)** - casario, infantaria; **-edo** – arvoredo; **-eria** – correria; **-io** – mulherio; **-ume** – negrume.

Sufixos que formam nomes técnicos usados na ciência:

-ite - bronquite, hepatite (inflamação), amotite (fósseis).

-oma - mioma, epitelioma, carcinoma (tumores).

-ato, eto, Ito - sulfato, cloreto, sulfito (sais), granito (pedra).

-ina - cafeína, codeína (alcaloides, álcalis artificiais).

-ol - fenol, naftol (derivado de hidrocarboneto).

-ema - morfema, fonema, semema, semantema (ciência linguística).

-io - sódio, potássio, selênio (corpos simples)

Sufixo que forma nomes de religião, doutrinas filosóficas, sistemas políticos: **- ismo:** budismo, kantismo, comunismo**.**

Sufixos Formadores de Adjetivos

- de substantivos: -aco **– maníaco;** -ado **– barbado;** -áceo(a) **- herbáceo, liláceas;** -aico **– prosaico;** -al **– anual;** -ar **– escolar;** -ário **- diário, ordinário;** -ático **– problemático;** -az **– mordaz; -engo** – mulherengo; -ento **– cruento;** -eo **– róseo;** -esco **– pitoresco;** -este **– agreste;** -estre **– terrestre;** -enho **– ferrenho;** -eno **– terreno;** -ício **– alimentício;** -ico **– geométrico;** -il **– febril;** -ino **– cristalino;** -ivo **– lucrativo;** -onho **– tristonho;** -oso **– bondoso; -udo** – barrigudo.

- de verbos:

-(a)(e)(i)nte: ação, qualidade, estado – *semelhante, doente, seguinte.*

-(á)(í)vel: possibilidade de praticar ou sofrer uma ação – *louvável, perecível, punível.*

-io, -(t)ivo: ação referência, modo de ser – *tardio, afirmativo, pensativo.*

-(d)iço, -(t)ício: possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência – *movediço, quebradiço, factício.*

-(d)ouro,-(t)ório: ação, pertinência – *casadouro, preparatório.*

Sufixos Adverbiais: Na Língua Portuguesa, existe apenas um único sufixo adverbial: É o sufixo *"-mente"*, derivado do substantivo feminino latino *mens, mentis* que pode significar "a mente, o espírito, o intento".Este sufixo juntou-se a adjetivos, na forma feminina, para indicar circunstâncias, especialmente a de modo. **Exemplos: altiv***a*-mente**, brav***a*-mente**, bondos***a*-mente**, nervos***a*-mente**, frac***a***-**mente**, pi***a*-mente. Já os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em *–ês* **(*burgu****es*-mente***, portugu****es*-mente***, etc.)** não seguem esta regra, pois esses adjetivos eram outrora uniformes. **Exemplos: cabrito** montês **/ cabrita** montês**.**

Sufixos Verbais: Os sufixos verbais agregam-se, via de regra, ao radical de substantivos e adjetivos para formar novos verbos. Em geral, os verbos novos da língua formam-se pelo acréscimo da terminação-*ar.* **Exemplos: esqui-**ar**; radiograf-**ar**; (a)doç-**ar**; nivel-**ar**; (a)fin-**ar**; telefon-**ar**; (a)portugues-**ar**.**

Os verbos exprimem, entre outras ideias, a prática de ação.

-ar: cruzar, analisar, limpar
-ear: guerrear, golear
-entar: afugentar, amamentar
-ficar: dignificar, liquidificar
-izar: finalizar, organizar

Verbo Frequentativo: é aquele que traduz ação repetida.

Verbo Factitivo: é aquele que envolve ideia de fazer ou causar.

Verbo Diminutivo: é aquele que exprime ação pouco intensa.

Exercícios

01. Assinale a opção em que todas as palavras se formam pelo mesmo processo:
a) ajoelhar / antebraço / assinatura
b) atraso / embarque / pesca
c) o jota / o sim / o tropeço
d) entrega / estupidez / sobreviver
e) antepor / exportação / sanguessuga

02. A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo
b) aglutinação
c) justaposição
d) parassíntese
e) derivação regressiva

03. Que item contém somente palavras formadas por justaposição?
a) desagradável – complemente
b) vaga-lume - pé-de-cabra
c) encruzilhada – estremeceu
d) supersticiosa – valiosas
e) desatarraxou – estremeceu

04. "Sarampo" é:
a) forma primitiva
b) formado por derivação parassintética
c) formado por derivação regressiva
d) formado por derivação imprópria
e) formado por onomatopéia

05. Numere as palavras da primeira coluna conforme os processos de formação numerados à direita. Em seguida, marque a alternativa que corresponde à sequência numérica encontrada:

( ) aguardente 1) justaposição
( ) casamento 2) aglutinação
( ) portuário 3) parassíntese
( ) pontapé 4) derivação sufixal
( ) os contras 5) derivação imprópria
( ) submarino 6) derivação prefixal
( ) hipótese

a) 1, 4, 3, 2, 5, 6, 1
b) 4, 1, 4, 1, 5, 3, 6
c) 1, 4, 4, 1, 5, 6, 6
d) 2, 3, 4, 1, 5, 3, 6
e) 2, 4, 4, 1, 5, 3, 6

06. Indique a palavra que foge ao processo de formação de chapechape:
a) zunzum
b) reco-reco
c) toque-toque
d) tlim-tlim
e) vivido

NOVA CONCURSOS

07. Em que alternativa a palavra sublinhada resulta de derivação imprópria?

a) Às sete horas da manhã começou o trabalho principal: a ***votação***.

b) ***Pereirinha*** estava mesmo com a razão. Sigilo... Voto secreto... Bobagens, bobagens!

c) Sem radical reforma da lei eleitoral, as eleições ***continuariam*** sendo uma farsa!

d) Não chegaram a trocar um ***isto*** de prosa, e se entenderam.

e) Dr. Osmírio andaria ***desorientado***, senão bufando de raiva.

08. Assinale a série de palavras em que todas são formadas por parassíntese:

a) acorrentar, esburacar, despedaçar, amanhecer
b) solução, passional, corrupção, visionário
c) enrijecer, deslealdade, tortura, vidente
d) biografia, macróbio, bibliografia, asteróide
e) acromatismo, hidrogênio, litografar, idiotismo

09. As palavras couve-flor, planalto e aguardente são formadas por:

a) derivação
b) onomatopeia
c) hibridismo
d) composição
e) prefixação

10. Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação:

a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

Respostas: 1-B / 2-B / 3-B / 4-C / 5-E / 6-E / 7-D / 8-A / 9-D / 10-E /

CLASSES DE PALAVRAS

Adjetivo

Adjetivo é a palavra que expressa uma qualidade ou característica do ser e se relaciona com o substantivo.

Ao analisarmos a palavra *bondoso*, por exemplo, percebemos que, além de expressar uma qualidade, ela pode ser colocada ao lado de um substantivo: homem *bondoso*, moça *bondosa*, pessoa *bondosa*.

Já com a palavra *bondade*, embora expresse uma qualidade, não acontece o mesmo; não faz sentido dizer: homem *bondade,* moça *bondade*, pessoa *bondade*. *Bondade*, portanto, não é adjetivo, mas substantivo.

Morfossintaxe do Adjetivo

O adjetivo exerce sempre funções sintáticas (função dentro de uma oração) relativas aos substantivos, atuando como adjunto adnominal ou como predicativo (do sujeito ou do objeto).

Adjetivo Pátrio (ou gentílico)

Indica a nacionalidade ou o lugar de origem do ser. Observe alguns deles:

Estados e cidades brasileiros:

Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Aracaju	aracajuano ou aracajuense
Amazonas	amazonense ou baré
Belo Horizonte	belo-horizontino
Brasília	brasiliense
Cabo Frio	cabo-friense
Campinas	campineiro ou campinense

Adjetivo Pátrio Composto

Na formação do adjetivo pátrio composto, o primeiro elemento aparece na forma reduzida e, normalmente, erudita. Observe alguns exemplos:

África	afro- / Cultura afro-americana
Alemanha	germano- ou teuto-/Competições teuto-inglesas
América	américo- / Companhia américo-africana
Bélgica	belgo- / Acampamentos belgo-franceses
China	sino- / Acordos sino-japoneses
Espanha	hispano- / Mercado hispano-português
Europa	euro- / Negociações euro-americanas
França	franco- ou galo- / Reuniões franco-italianas
Grécia	greco- / Filmes greco-romanos
Inglaterra	anglo- / Letras anglo-portuguesas
Itália	ítalo- / Sociedade ítalo-portuguesa
Japão	nipo- / Associações nipo-brasileiras
Portugal	luso- / Acordos luso-brasileiros

Flexão dos adjetivos

O adjetivo varia em gênero, número e grau.

Gênero dos Adjetivos

Os adjetivos concordam com o substantivo a que se referem (masculino e feminino). De forma semelhante aos substantivos, classificam-se em:

Biformes - têm duas formas, sendo uma para o masculino e outra para o feminino. Por exemplo: *ativo e ativa, mau e má, judeu e judia.*

Se o adjetivo é composto e biforme, ele flexiona no feminino somente o último elemento. Por exemplo: *o moço norte-americano, a moça norte-americana.*

Exceção: *surdo-mudo e surda-muda.*

Uniformes - têm uma só forma tanto para o masculino como para o feminino. Por exemplo: *homem feliz e mulher feliz.*

Se o adjetivo é composto e uniforme, fica invariável no feminino. Por exemplo: *conflito político-social e desavença político-social.*

Número dos Adjetivos

Plural dos adjetivos simples

Os adjetivos simples flexionam-se no plural de acordo com as regras estabelecidas para a flexão numérica dos substantivos simples. Por exemplo: *mau e maus, feliz e felizes, ruim e ruins boa e boas*

Caso o a*djetivo seja uma palavra que também exerça função de substantivo, ficará invariável,* ou seja, se a palavra que estiver qualificando um elemento for, originalmente, um substantivo, ela manterá sua forma primitiva. Exemplo: a palavra *cinza* é originalmente um substantivo; porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Ficará, então, invariável. Logo: *camisas cinza, ternos cinza*.

Veja outros exemplos:

Motos vinho (mas: *motos verdes*)

Paredes musgo (mas: *paredes brancas*).

Comícios monstro (mas: *comícios grandiosos*).

Adjetivo Composto

É aquele formado por dois ou mais elementos. Normalmente, esses elementos são ligados por hífen. Apenas o último elemento concorda com o substantivo a que se refere; os demais ficam na forma masculina, singular. Caso um dos elementos que formam o adjetivo composto seja um substantivo adjetivado, todo o adjetivo composto ficará invariável. Por exemplo: a palavra *rosa* é originalmente um substantivo, porém, se estiver qualificando um elemento, funcionará como adjetivo. Caso se ligue a outra palavra por hífen, formará um adjetivo composto; como é um substantivo adjetivado, o adjetivo composto inteiro ficará invariável. Por exemplo:

Camisas rosa-claro.

Ternos rosa-claro.

Olhos verde-claros.

Calças azul-escuras e camisas verde-mar.

Telhados marrom-café e paredes verde-claras.

Obs.: - *Azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta* e qualquer adjetivo composto iniciado por *cor-de-...* são sempre invariáveis.

- Os adjetivos compostos s*urdo-mudo e pele-vermelha* têm os dois elementos flexionados.

Grau do Adjetivo

Os adjetivos flexionam-se em grau para indicar a intensidade da qualidade do ser. São dois os graus do adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo**.

Comparativo

Nesse grau, comparam-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas ao mesmo ser. O comparativo pode ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade. Observe os exemplos abaixo:

Sou tão alto como você. = Comparativo de Igualdade

No comparativo de igualdade, o segundo termo da comparação é introduzido pelas palavras *como, quanto* ou *quão*.

Sou mais alto (do) que você. = Comparativo de Superioridade Analítico

No comparativo de superioridade analítico, entre os dois substantivos comparados, um tem qualidade superior. A forma é analítica porque pedimos auxílio a "*mais...do que*" ou "*mais...que*".

O Sol é maior (do) que a Terra. = Comparativo de Superioridade Sintético

Alguns adjetivos possuem, para o comparativo de superioridade, formas sintéticas, herdadas do latim. São eles: *bom /melhor, pequeno/menor, mau/pior, alto/superior, grande/maior, baixo/inferior.*

Observe que:

a) As formas *menor e pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno e mais mau*, respectivamente.

b) *Bom, mau, grande e pequeno* têm formas sintéticas (*melhor, pior, maior e menor)*, porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo elemento, deve-se usar as formas analíticas *mais bom, mais mau,mais grande e mais pequeno*. Por exemplo:

Pedro é maior do que Paulo - Comparação de dois elementos.

Pedro é mais grande que pequeno - comparação de duas qualidades de um mesmo elemento.

Sou menos alto (do) que você. = Comparativo de Inferioridade

Sou menos passivo (do) que tolerante.

Superlativo

O superlativo expressa qualidades num grau muito elevado ou em grau máximo. O grau superlativo pode ser absoluto ou relativo e apresenta as seguintes modalidades:

Superlativo Absoluto: ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada, sem relação com outros seres. Apresenta-se nas formas:

Analítica: a intensificação se faz com o auxílio de palavras que dão ideia de intensidade (advérbios). Por exemplo: *O secretário é muito inteligente*.

Sintética: a intensificação se faz por meio do acréscimo de sufixos. Por exemplo: *O secretário é inteligentíssimo*.

Observe alguns superlativos sintéticos:

benéfico	beneficentíssimo
bom	boníssimo ou ótimo
comum	comuníssimo
cruel	crudelíssimo

difícil	dificílimo
doce	dulcíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo

Superlativo Relativo: ocorre quando a qualidade de um ser é intensificada em relação a um conjunto de seres. Essa relação pode ser:

De Superioridade: *Clara é a mais bela da sala.*

De Inferioridade: *Clara é a menos bela da sala.*

Note bem:

1) O superlativo absoluto analítico é expresso por meio dos advérbios *muito, extremamente, excepcionalmente,* etc., antepostos ao adjetivo.

2) O superlativo absoluto sintético apresenta-se sob duas formas : uma erudita, de origem latina, outra popular, de origem vernácula. A forma erudita é constituída pelo radical do adjetivo latino + um dos sufixos *-íssimo, -imo ou érrimo*. Por exemplo: *fidelíssimo, facílimo, paupérrimo.* A forma popular é constituída do radical do adjetivo português + o sufixo *-íssimo*: pobríssimo, agilíssimo.

3) Em vez dos superlativos normais *seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo,* preferem-se, na linguagem atual, as formas *seríssimo, precaríssimo, necessaríssimo*, sem o desagradável hiato i-í.

Advérbio

O ***advérbio***, assim como muitas outras palavras existentes na Língua Portuguesa, advém de outras línguas. Assim sendo, tal qual o adjetivo, o prefixo "*ad-*" indica a ideia de proximidade, contiguidade. Essa proximidade faz referência ao processo verbal, no sentido de caracterizá-lo, ou seja, indicando as circunstâncias em que esse processo se desenvolve.

O advérbio relaciona-se aos verbos da língua, no sentido de caracterizar os processos expressos por ele. Contudo, ele não é modificador exclusivo desta classe (verbos), pois também modifica o adjetivo e até outro advérbio. Seguem alguns exemplos:

Para quem se diz distantemente alheio a esse assunto, você está até bem informado.

Temos o advérbio "distantemente" que modifica o adjetivo alheio, representando uma qualidade, característica.

O artista canta muito mal.

Nesse caso, o advérbio de intensidade "muito" modifica outro advérbio de modo – "mal". Em ambos os exemplos pudemos verificar que se tratava de somente uma palavra funcionando como advérbio. No entanto, ele pode estar demarcado por mais de uma palavra, que mesmo assim não deixará de ocupar tal função. Temos aí o que chamamos de locução adverbial, representada por algumas expressões, tais como: *às vezes, sem dúvida, frente a frente, de modo algum,* entre outras.

Dependendo das circunstâncias expressas pelos advérbios, eles se classificam em distintas categorias, uma vez expressas por:

de modo: *Bem, mal, assim, depressa, devagar, às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão*, e a maior parte dos que terminam em -"mente": *calmamente, tristemente, propositadamente, pacientemente, amorosamente, docemente, escandalosamente, bondosamente, generosamente*

de intensidade: *Muito, demais, pouco, tão, menos, em excesso, bastante, pouco, mais, menos, demasiado, quanto, quão, tanto, que*(equivale a quão), *tudo, nada, todo, quase, de todo, de muito, por completo.*

de tempo: *Hoje, logo, primeiro, ontem, tarde outrora, amanhã, cedo, dantes, depois, ainda, antigamente, antes, doravante, nunca, então, ora, jamais, agora, sempre, já, enfim, afinal, breve, constantemente, entrementes, imediatamente, primeiramente, provisoriamente, sucessivamente, às vezes, à tarde, à noite, de manhã, de repente, de vez em quando, de quando em quando, a qualquer momento, de tempos em tempos, em breve, hoje em dia*

de lugar: A*qui, antes, dentro, ali, adiante, fora, acolá, atrás, além, lá, detrás, aquém, cá, acima, onde, perto, aí, abaixo, aonde, longe, debaixo, algures, defronte, nenhures, adentro, afora, alhures, nenhures, aquém, embaixo, externamente, a distância, à distancia de, de longe, de perto, em cima, à direita, à esquerda, ao lado, em volta*

de negação : *Não, nem, nunca, jamais, de modo algum, de forma nenhuma, tampouco, de jeito nenhum*

de dúvida: *Acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez, casualmente, por certo, quem sabe*

de afirmação: *Sim, certamente, realmente, decerto, efetivamente, certo, decididamente, realmente, deveras, indubitavelmente (=sem dúvida).*

de exclusão: *Apenas, exclusivamente, salvo, senão, somente, simplesmente, só, unicamente*

de inclusão: *Ainda, até, mesmo, inclusivamente, também*

de ordem: *Depois, primeiramente, ultimamente*

de designação: *Eis*

de interrogação: onde? *(lugar), como? (modo), quando? (tempo), por quê? (causa), quanto? (preço e intensidade), para quê? (finalidade)*

Locução adverbial

É reunião de duas ou mais palavras com valor de advérbio. Exemplo:
Carlos saiu às pressas. (indicando modo)
Maria saiu à tarde. (indicando tempo)

Há locuções adverbiais que possuem advérbios correspondentes. Exemplo: *Carlos saiu às pressas.* = *Carlos saiu apressadamente.*

Apenas os advérbios de intensidade, de lugar e de modo são flexionados, sendo que os demais são todos invariáveis. A única flexão propriamente dita que existe na categoria dos advérbios é a de grau:

Superlativo: aumenta a intensidade. Exemplos: l*onge - longíssimo, pouco - pouquíssimo, inconstitucionalmente - inconstitucionalissimamente,* etc.;

Diminutivo: diminui a intensidade. Exemplos: *perto - pertinho, pouco - pouquinho, devagar - devagarinho.*

Artigo

Artigo é a palavra que, vindo antes de um substantivo, indica se ele está sendo empregado de maneira definida ou indefinida. Além disso, o artigo indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.

Classificação dos Artigos

Artigos Definidos: determinam os substantivos de maneira precisa: *o, a, os, as*. Por exemplo: *Eu matei o animal*.

Artigos Indefinidos: determinam os substantivos de maneira vaga: *um, uma, uns, umas*. Por exemplo: *Eu matei um animal*.

Combinação dos Artigos

É muito presente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. Veja a forma assumida por essas combinações:

Preposições	***Artigos***	
	o, os	
a	ao, aos	
de	do, dos	
em	no, nos	
por (per)	pelo, pelos	
a, as	um, uns	uma, umas
à, às	-	-
da, das	dum, duns	duma, dumas
na, nas	num, nuns	numa, numas
pela, pelas	-	-

- As formas *à* e *às* indicam a fusão da preposição *a* com o artigo definido *a*. Essa fusão de vogais idênticas é conhecida por *crase*.

Constatemos as circunstâncias em que os artigos se manifestam

- Considera-se obrigatório o uso do artigo depois do numeral "ambos": *Ambos os garotos decidiram participar das olimpíadas.*

- Nomes próprios indicativos de lugar admitem o uso do artigo, outros não: *São Paulo, O Rio de Janeiro, Veneza, A Bahia...*

- Quando indicado no singular, o artigo definido pode indicar toda uma espécie: *O trabalho dignifica o homem.*

- No caso de nomes próprios personativos, denotando a ideia de familiaridade ou afetividade, é facultativo o uso do artigo: *O Pedro é o xodó da família.*

- No caso de os nomes próprios personativos estarem no plural, são determinados pelo uso do artigo: *Os Maias, os Incas, Os Astecas...*

- Usa-se o artigo depois do pronome indefinido todo(a) para conferir uma ideia de totalidade. Sem o uso dele (o artigo), o pronome assume a noção de qualquer.
Toda a classe parabenizou o professor. (a sala toda)
Toda classe possui alunos interessados e desinteressados. (qualquer classe)

- Antes de pronomes possessivos, o uso do artigo é facultativo:
Adoro o meu vestido longo. Adoro meu vestido longo.

- A utilização do artigo indefinido pode indicar uma ideia de aproximação numérica: *O máximo que ele deve ter é uns vinte anos.*

- O artigo também é usado para substantivar palavras oriundas de outras classes gramaticais: *Não sei o porquê de tudo isso.*

- Nunca deve ser usado artigo depois do pronome relativo cujo (e flexões).
Este é o homem cujo amigo desapareceu.
Este é o autor cuja obra conheço.

- Não se deve usar artigo antes das palavras casa (no sentido de lar, moradia) e terra (no sentido de chão firme), a menos que venham especificadas.
Eles estavam em casa.
Eles estavam na casa dos amigos.
Os marinheiros permaneceram em terra.
Os marinheiros permanecem na terra dos anões.

- Não se emprega artigo antes dos pronomes de tratamento, com exceção de senhor(a), senhorita e dona: *Vossa excelência resolverá os problemas de Sua Senhoria.*

NOVA CONCURSOS

- Não se une com preposição o artigo que faz parte do nome de revistas, jornais, obras literárias: *Li a notícia em O Estado de S. Paulo.*

Morfossintaxe

Para definir o que é artigo é preciso mencionar suas relações com o substantivo. Assim, nas orações da língua portuguesa, o artigo exerce a função de adjunto adnominal do substantivo a que se refere. Tal função independe da função exercida pelo substantivo:

A existência é uma poesia.

Uma existência é a poesia.

Conjunção

Conjunção é a palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração. Por exemplo:

A menina segurou a boneca e mostrou quando viu as amiguinhas.

Deste exemplo podem ser retiradas três informações:

1-) *segurou a boneca* 2-) *a menina mostrou* 3-) *viu as amiguinhas*

Cada informação está estruturada em torno de um verbo: *segurou, mostrou, viu*. Assim, há nessa frase três orações:

1ª oração: *A menina segurou a boneca* 2ª oração: *e mostrou* 3ª oração: *quando viu as amiguinhas.*

A segunda oração liga-se à primeira por meio do "e", e a terceira oração liga-se à segunda por meio do "quando". As palavras "e" e "quando" ligam, portanto, orações.

Observe: *Gosto de natação e de futebol.*

Nessa frase as expressões de natação, de futebol são partes ou termos de uma mesma oração. Logo, a palavra "e" está ligando termos de uma mesma oração.

Morfossintaxe da Conjunção

As conjunções, a exemplo das preposições, não exercem propriamente uma função sintática: são conectivos.

Classificação

- *Conjunções Coordenativas*
- *Conjunções Subordinativas*

Conjunções coordenativas

Dividem-se em:

- ADITIVAS: expressam a ideia de adição, soma. Ex. *Gosto de cantar e de dançar.*

Principais conjunções aditivas: *e, nem, não só...mas também, não só...como também.*

- ADVERSATIVAS: Expressam ideias contrárias, de oposição, de compensação. Ex. *Estudei, mas não entendi nada.*

Principais conjunções adversativas: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto.*

- ALTERNATIVAS: Expressam ideia de alternância.

Ou você sai do telefone ou eu vendo o aparelho.

Principais conjunções alternativas: *Ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já.*

- CONCLUSIVAS: Servem para dar conclusões às orações. Ex. *Estudei muito, por isso mereço passar.*

Principais conjunções conclusivas: *logo, por isso, pois* (depois do verbo), *portanto, por conseguinte, assim.*

- EXPLICATIVAS: Explicam, dão um motivo ou razão. Ex. *É melhor colocar o casaco porque está fazendo muito frio lá fora.*

Principais conjunções explicativas: *que, porque, pois* (antes do verbo), *porquanto.*

Conjunções subordinativas

- CAUSAIS

Principais conjunções causais: *porque, visto que, já que, uma vez que, como* (= porque).

Ele não fez o trabalho porque não tem livro.

- COMPARATIVAS

Principais conjunções comparativas: *que, do que, tão... como, mais...do que, menos...do que.*

Ela fala mais que um papagaio.

- CONCESSIVAS

Principais conjunções concessivas: *embora, ainda que, mesmo que, apesar de, se bem que.*

Indicam uma concessão, admitem uma contradição, um fato inesperado. Traz em si uma ideia de "apesar de".

Embora estivesse cansada, fui ao shopping. (= apesar de estar cansada)

Apesar de ter chovido fui ao cinema.

- CONFORMATIVAS

Principais conjunções conformativas: *como, segundo, conforme, consoante*

Cada um colhe conforme semeia.

Expressam uma ideia de acordo, concordância, conformidade.

- CONSECUTIVAS

Expressam uma ideia de consequência.

Principais conjunções consecutivas: *que* (após "tal", "tanto", "tão", "tamanho").

Falou tanto que ficou rouco.

- FINAIS

Expressam ideia de finalidade, objetivo.

Todos trabalham para que possam sobreviver.

Principais conjunções finais: *para que, a fim de que, porque* (=para que),

- PROPORCIONAIS

Principais conjunções proporcionais: *à medida que, quanto mais, ao passo que, à proporção que.*

À medida que as horas passavam, mais sono ele tinha.

- TEMPORAIS

Principais conjunções temporais: *quando, enquanto, logo que.*

Quando eu sair, vou passar na locadora.

Diferença entre orações causais e explicativas

Quando estudamos Orações Subordinadas Adverbiais (OSA) e Coordenadas Sindéticas (CS), geralmente nos deparamos com a dúvida de como distinguir uma oração causal de uma explicativa. Veja os exemplos:

1º) Na frase "*Não atravesse a rua, porque você pode ser atropelado*":

a) Temos uma CS Explicativa, que indica uma justificativa ou uma explicação do fato expresso na oração anterior.

b) As orações são coordenadas e, por isso, independentes uma da outra. Neste caso, há uma pausa entre as orações que vêm marcadas por vírgula.

Não atravesse a rua. Você pode ser atropelado.

Outra dica é, quando a oração que antecede a OC (Oração Coordenada) vier com verbo no modo imperativo, ela será explicativa.

Façam silêncio, que estou falando. (façam= verbo imperativo)

2º) Na frase "*Precisavam enterrar os mortos em outra cidade porque não havia cemitério no local*."

a) Temos uma OSA Causal, já que a oração subordinada (parte destacada) mostra a causa da ação expressa pelo verbo da oração principal. Outra forma de reconhecê-la é colocá-la no início do período, introduzida pela conjunção *como* - o que não ocorre com a CS Explicativa.

Como não havia cemitério no local, precisavam enterrar os mortos em outra cidade.

b) As orações são subordinadas e, por isso, totalmente dependentes uma da outra.

Interjeição

Interjeição é a palavra invariável que exprime emoções, sensações, estados de espírito, ou que procura agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar certo comportamento sem que, para isso, seja necessário fazer uso de estruturas linguísticas mais elaboradas. Observe o exemplo:

Droga! Preste atenção quando eu estou falando!

No exemplo acima, o interlocutor está muito bravo. Toda sua raiva se traduz numa palavra: *Droga!* Ele poderia ter dito: - *Estou com muita raiva de você!* Mas usou simplesmente uma palavra. Ele empregou a interjeição *Droga!*

As sentenças da língua costumam se organizar de forma lógica: há uma sintaxe que estrutura seus elementos e os distribui em posições adequadas a cada um deles. As interjeições, por outro lado, são uma espécie de "palavra-frase", ou seja, há uma ideia expressa por uma palavra (ou um conjunto de palavras - locução interjetiva) que poderia ser colocada em termos de uma sentença. Veja os exemplos:

Bravo! Bis!

bravo e bis: interjeição = sentença (sugestão): *"Foi muito bom! Repitam!"*

Ai! Ai! Ai! Machuquei meu pé... ai: interjeição = sentença (sugestão): *"Isso está doendo!"* ou "*Estou com dor!"*

A interjeição é um recurso da linguagem afetiva, em que não há uma ideia organizada de maneira lógica, como são as sentenças da língua, mas sim a manifestação de um suspiro, um estado da alma decorrente de uma situação particular, um momento ou um contexto específico. Exemplos:

Ah, como eu queria voltar a ser criança!

ah: expressão de um estado emotivo = interjeição

Hum! Esse pudim estava maravilhoso!

hum: expressão de um pensamento súbito = interjeição

O significado das interjeições está vinculado à maneira como elas são proferidas. Desse modo, o tom da fala é que dita o sentido que a expressão vai adquirir em cada contexto de enunciação. Exemplos:

Psiu! = contexto: alguém pronunciando essa expressão na rua; significado da interjeição (sugestão): *"Estou te chamando! Ei, espere!"*

Psiu! = contexto: alguém pronunciando essa expressão em um hospital; significado da interjeição (sugestão): *"Por favor, faça silêncio!"*

Puxa! Ganhei o maior prêmio do sorteio!

puxa: interjeição; tom da fala: euforia

Puxa! Hoje não foi meu dia de sorte!

puxa: interjeição; tom da fala: decepção

As interjeições cumprem, normalmente, duas funções:

1) Sintetizar uma frase exclamativa, exprimindo alegria, tristeza, dor, etc.

Você faz o que no Brasil?

Eu? Eu negocio com madeiras.

Ah, deve ser muito interessante.

2) Sintetizar uma frase apelativa

Cuidado! Saia da minha frente.

As interjeições podem ser formadas por:

- simples sons vocálicos: *Oh!, Ah!, Ó, Ô.*
- palavras: *Oba!, Olá!, Claro!*
- grupos de palavras (locuções interjetivas): *Meu Deus!, Ora bolas!*

A ideia expressa pela interjeição depende muitas vezes da entonação com que é pronunciada; por isso, pode ocorrer que uma interjeição tenha mais de um sentido. Por exemplo:

Oh! Que surpresa desagradável! (ideia de contrariedade)

Oh! Que bom te encontrar. (ideia de alegria)

Classificação das Interjeições

Comumente, as interjeições expressam sentido de:

- Advertência: *Cuidado!, Devagar!, Calma!, Sentido!, Atenção!, Olha!, Alerta!*

NOVA CONCURSOS

- Afugentamento: *Fora!, Passa!, Rua!, Xô!*
- Alegria ou Satisfação: *Oh!, Ah!,Eh!, Oba!, Viva!*
- Alívio: *Arre!, Uf!, Ufa! Ah!*
- Animação ou Estímulo: *Vamos!, Força!, Coragem!, Eia!, Ânimo!, Adiante!, Firme!, Toca!*
- Aplauso ou Aprovação: *Bravo!, Bis!, Apoiado!, Viva!, Boa!*
- Concordância: *Claro!, Sim!, Pois não!, Tá!, Hã-hã!*
- Repulsa ou Desaprovação: *Credo!, Irra!, Ih!, Livra!, Safa!, Fora!, Abaixo!, Francamente!, Xi!, Chega!, Basta!, Ora!*
- Desejo ou Intenção: *Oh!, Pudera!, Tomara!, Oxalá!*
- Desculpa: *Perdão!*
- Dor ou Tristeza: *Ai!, Ui!, Ai de mim!, Que pena!, Ah!, Oh!, Eh!*
- Dúvida ou Incredulidade: *Qual!, Qual o quê!, Hum!, Epa!, Ora!*
- Espanto ou Admiração: *Oh!, Ah!, Uai!, Puxa!, Céus!, Quê!, Caramba!, Opa!, Virgem!, Vixe!, Nossa!, Hem?!, Hein?, Cruz!, Putz!*
- Impaciência ou Contrariedade: *Hum!, Hem!, Irra!, Raios!, Diabo!, Puxa!, Pô!, Ora!*
- Pedido de Auxílio: *Socorro!, Aqui!, Piedade!*
- Saudação, Chamamento ou Invocação: *Salve!, Viva!, Adeus!, Olá!, Alô!, Ei!, Tchau!, Ô, Ó, Psiu!, Socorro!, Valha-me, Deus!*
- Silêncio: *Psiu!, Bico!, Silêncio!*
- Terror ou Medo: *Credo!, Cruzes!, Uh!, Ui!, Oh!*

Saiba que: As interjeições são palavras invariáveis, isto é, não sofrem variação em gênero, número e grau como os nomes, nem de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em uso específico, algumas interjeições sofrem variação em grau. Deve-se ter claro, neste caso, que não se trata de um processo natural dessa classe de palavra, mas tão só uma variação que a linguagem afetiva permite. Exemplos: *oizinho, bravíssimo, até loguinho.*

Locução Interjetiva

Ocorre quando duas ou mais palavras formam uma expressão com sentido de interjeição. Por exemplo : *Ora bolas! Quem me dera! Virgem Maria! Meu Deus! Ó de casa! Ai de mim! Valha-me Deus! Graças a Deus! Alto lá! Muito bem!*

Observações:

- As interjeições são como frases resumidas, sintéticas. Por exemplo: *Ué! = Eu não esperava por essa!, Perdão! = Peço-lhe que me desculpe.*

- Além do contexto, o que caracteriza a interjeição é o seu tom exclamativo; por isso, palavras de outras classes gramaticais podem aparecer como interjeições.

Viva! Basta! (Verbos)
Fora! Francamente! (Advérbios)

- A interjeição pode ser considerada uma "palavra-frase" porque sozinha pode constituir uma mensagem. Ex.: *Socorro!, Ajudem-me!, Silêncio!, Fique quieto!*

- Há, também, as interjeições onomatopaicas ou imitativas, que exprimem ruídos e vozes. Ex.: *Pum! Miau! Bumba! Zás! Plaft! Pof! Catapimba! Tique-taque! Quá-quá-quá!*, etc.

- Não se deve confundir a interjeição de apelo "ó" com a sua homônima "oh!", que exprime admiração, alegria, tristeza, etc. Faz-se uma pausa depois do" oh!" exclamativo e não a fazemos depois do "ó" vocativo.

"Ó natureza! ó mãe piedosa e pura!" (Olavo Bilac)
Oh! a jornada negra!" (Olavo Bilac)

- Na linguagem afetiva, certas interjeições, originadas de palavras de outras classes, podem aparecer flexionadas no diminutivo ou no superlativo: *Calminha! Adeusinho! Obrigadinho!*

Interjeições, leitura e produção de textos

Usadas com muita frequência na língua falada informal, quando empregadas na língua escrita, as interjeições costumam conferir-lhe certo tom inconfundível de coloquialidade. Além disso, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do falante - como a escassez de vocabulário, o temperamento agressivo ou dócil, até mesmo a origem geográfica. É nos textos narrativos - particularmente nos diálogos - que comumente se faz uso das interjeições com o objetivo de caracterizar personagens e, também, graças à sua natureza sintética, agilizar as falas. Natureza sintética e conteúdo mais emocional do que racional fazem das interjeições presença constante nos textos publicitários.

Fonte:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf89.php

Numeral

Numeral é a palavra que indica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou os situa em determinada sequência.

Os quatro últimos ingressos foram vendidos há pouco.
[quatro: numeral = atributo numérico de "ingresso"]

Eu quero café duplo, e você?
...[duplo: numeral = atributo numérico de "café"]

A primeira pessoa da fila pode entrar, por favor!
...[primeira: numeral = situa o ser "pessoa" na sequência de "fila"]

Note bem: os numerais traduzem, em palavras, o que os números indicam em relação aos seres. Assim, quando a expressão é colocada em números (1, 1°, 1/3, etc.) não se trata de numerais, mas sim de algarismos.

Além dos numerais mais conhecidos, já que refletem a ideia expressa pelos números, existem mais algumas palavras consideradas numerais porque denotam quantidade, proporção ou ordenação. São alguns exemplos: *década, dúzia, par, ambos(as), novena.*

Classificação dos Numerais

Cardinais: indicam contagem, medida. É o número básico: *um, dois, cem mil*, etc.

Ordinais: indicam a ordem ou lugar do ser numa série dada: *primeiro, segundo, centésimo,* etc.

Fracionários: indicam parte de um inteiro, ou seja, a divisão dos seres: *meio, terço, dois quintos,* etc.

Multiplicativos: expressam ideia de multiplicação dos seres, indicando quantas vezes a quantidade foi aumentada: *dobro, triplo, quíntuplo,* etc.

Leitura dos Numerais

Separando os números em centenas, de trás para frente, obtêm-se conjuntos numéricos, em forma de centenas e, no início, também de dezenas ou unidades. Entre esses conjuntos usa-se vírgula; as unidades ligam-se pela conjunção "e".
1.203.726 = um milhão, duzentos e três mil, setecentos e vinte e seis.
45.520 = quarenta e cinco mil, quinhentos e vinte.

Flexão dos numerais

Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas; quatrocentos/quatrocentas*, etc. Cardinais como milhão, bilhão, trilhão, variam em número: *milhões, bilhões, trilhões*. Os demais cardinais são invariáveis.
Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	*segundo*	*milésimo*
primeira	*segunda*	*milésima*
primeiros	*segundos*	*milésimos*
primeiras	*segundas*	*milésimas*

Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas: *Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.*
Quando atuam em funções adjetivas, esses numerais flexionam-se em gênero e número: *Teve de tomar doses triplas do medicamento.*
Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número. Observe: *um terço/dois terços, uma terça parte/duas terças partes*
Os numerais coletivos flexionam-se em número: *uma dúzia, um milheiro, duas dúzias, dois milheiros.*
É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:
"Me empresta duzentinho..."
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado por ter caído na segundona. (= segunda divisão de futebol)

Emprego dos Numerais

*Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, utilizam-se os ordinais até décimo e a partir daí os cardinais, desde que o numeral venha depois do substantivo:

Ordinais	**Cardinais**
João Paulo II (segundo)	*Tomo XV (quinze)*
D. Pedro II (segundo)	*Luís XVI (dezesseis)*
Ato II (segundo)	*Capítulo XX (vinte)*
Século VIII (oitavo)	*Século XX (vinte)*
Canto IX (nono)	*João XXIII (vinte e três)*

*Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.° (primeiro)	*Artigo 10 (dez)*
Artigo 9.° (nono)	*Artigo 21 (vinte e um)*

NOVA CONCURSOS

*Ambos/ambas são considerados numerais. Significam "um e outro", "os dois" (ou "uma e outra", "as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres aos quais já se fez referência.

Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. Ambos agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Obs.: a forma "ambos os dois" é considerada enfática. Atualmente, seu uso indica afetação, artificialismo.

Cardinais	**Ordinais**	**Multiplicativos**	**Fracionários**
um	primeiro	-	-
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	-	onze avos
doze	décimo segundo	-	doze avos
treze	décimo terceiro	-	treze avos
catorze	décimo quarto	-	catorze avos
quinze	décimo quinto	-	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	-	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	-	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	-	dezoito avos
dezenove	décimo nono	-	dezenove avos
vinte	vigésimo	-	vinte avos
trinta	trigésimo	-	trinta avos
quarenta	quadragésimo	-	quarenta avos
cinqüenta	quinquagésimo	-	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	-	sessenta avos
setenta	septuagésimo	-	setenta avos
oitenta	octogésimo	-	oitenta avos
noventa	nonagésimo	-	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	-	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	-	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	-	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	-	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	-	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	-	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	-	octingentésimo
novecentos	nongentésimo ou noningentésimo	-	nongentésimo
mil	milésimo	-	milésimo
milhão	milionésimo	-	milionésimo
bilhão	bilionésimo	-	bilionésimo

Preposição

<u>Preposição</u> é uma palavra invariável que serve para ligar termos ou orações. Quando esta ligação acontece, normalmente há uma subordinação do segundo termo em relação ao primeiro. As preposições são muito importantes na estrutura da língua, pois estabelecem a coesão textual e possuem valores semânticos indispensáveis para a compreensão do texto.

<u>Tipos de Preposição</u>

1. **Preposições essenciais:** palavras que atuam exclusivamente como preposições: *a, ante, perante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, sem, sob, sobre, trás, atrás de, dentro de, para com.*

2. **Preposições acidentais**: palavras de outras classes gramaticais que podem atuar como preposições: *como, durante, exceto, fora, mediante, salvo, segundo, senão, visto*.

3. **Locuções prepositivas:** duas ou mais palavras valendo como uma preposição, sendo que a última palavra é uma delas: *abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com, em cima de, embaixo de, em frente a, ao redor de, graças a, junto a, com, perto de, por causa de, por cima de, por trás de*.

A preposição, como já foi dito, é invariável. No entanto pode unir-se a outras palavras e assim estabelecer concordância em gênero ou em número. Ex: *por + o = pelo por + a = pela*.

Vale ressaltar que essa concordância não é característica da preposição, mas das palavras às quais ela se une.

Esse processo de junção de uma preposição com outra palavra pode se dar a partir de dois processos:

1. Combinação: A preposição não sofre alteração.
preposição a + artigos definidos o, os
a + o = ao
preposição a + advérbio onde
a + onde = aonde
2. Contração: Quando a preposição sofre alteração.

Preposição + Artigos
De + o(s) = do(s)
De + a(s) = da(s)
De + um = dum
De + uns = duns
De + uma = duma
De + umas = dumas
Em + o(s) = no(s)
Em + a(s) = na(s)
Em + um = num
Em + uma = numa
Em + uns = nuns
Em + umas = numas
A + à(s) = à(s)
Por + o = pelo(s)
Por + a = pela(s)

Preposição + Pronomes
De + ele(s) = dele(s)
De + ela(s) = dela(s)
De + este(s) = deste(s)
De + esta(s) = desta(s)
De + esse(s) = desse(s)
De + essa(s) = dessa(s)
De + aquele(s) = daquele(s)
De + aquela(s) = daquela(s)
De + isto = disto
De + isso = disso
De + aquilo = daquilo
De + aqui = daqui
De + aí = daí
De + ali = dali
De + outro = doutro(s)
De + outra = doutra(s)
Em + este(s) = neste(s)
Em + esta(s) = nesta(s)
Em + esse(s) = nesse(s)
Em + aquele(s) = naquele(s)
Em + aquela(s) = naquela(s)
Em + isto = nisto
Em + isso = nisso
Em + aquilo = naquilo
A + aquele(s) = àquele(s)
A + aquela(s) = àquela(s)
A + aquilo = àquilo

<u>Dicas sobre preposição</u>

1. O "a" pode funcionar como preposição, pronome pessoal oblíquo e artigo. Como distingui-los? Caso o "a" seja um artigo, virá precedendo um substantivo. Ele servirá para determiná-lo como um substantivo singular e feminino.
A dona da casa não quis nos atender.
Como posso fazer a Joana concordar comigo?

- Quando é preposição, além de ser invariável, liga dois termos e estabelece relação de subordinação entre eles.
Cheguei a sua casa ontem pela manhã.
Não queria, mas vou ter que ir à outra cidade para procurar um tratamento adequado.

- Se for pronome pessoal oblíquo estará ocupando o lugar e/ou a função de um substantivo.
*Temos Maria como parte da família. / Nós **a** temos como parte da família*
Creio que conhecemos nossa mãe melhor que ninguém. / Creio que a conhecemos melhor que ninguém.

2. Algumas relações semânticas estabelecidas por meio das preposições:
Destino = *Irei para casa.*
Modo = *Chegou em casa aos gritos.*
Lugar = *Vou ficar em casa;*
Assunto = *Escrevi um artigo sobre adolescência.*
Tempo = *A prova vai começar em dois minutos.*
Causa = *Ela faleceu de derrame cerebral.*
Fim ou finalidade = *Vou ao médico para começar o tratamento.*
Instrumento = *Escreveu a lápis.*
Posse = *Não posso doar as roupas da mamãe.*
Autoria = *Esse livro de Machado de Assis é muito bom.*
Companhia = *Estarei com ele amanhã.*
Matéria = *Farei um cartão de papel reciclado.*
Meio = *Nós vamos fazer um passeio de barco.*
Origem = *Nós somos do Nordeste, e você?*
Conteúdo = *Quebrei dois frascos de perfume.*
Oposição = *Esse movimento é contra o que eu penso.*
Preço = *Essa roupa sai por R$ 50 à vista.*

Fonte:
http://www.infoescola.com/portugues/preposicao/

NOVA CONCURSOS

Pronome

Pronome é a palavra que se usa em lugar do nome, ou a ele se refere, ou que acompanha o nome, qualificando-o de alguma forma.

A moça era mesmo bonita. Ela morava nos meus sonhos!
[substituição do nome]

A moça que morava nos meus sonhos era mesmo bonita!
[referência ao nome]

Essa moça morava nos meus sonhos!
[qualificação do nome]

Grande parte dos pronomes não possuem significados fixos, isto é, essas palavras só adquirem significação dentro de um contexto, o qual nos permite recuperar a referência exata daquilo que está sendo colocado por meio dos pronomes no ato da comunicação. Com exceção dos pronomes interrogativos e indefinidos, os demais pronomes têm por função principal apontar para as pessoas do discurso ou a elas se relacionar, indicando-lhes sua situação no tempo ou no espaço. Em virtude dessa característica, os pronomes apresentam uma forma específica para cada pessoa do discurso.

Minha carteira estava vazia quando eu fui assaltada.
[minha/eu: pronomes de 1ª pessoa = aquele que fala]

Tua carteira estava vazia quando tu foste assaltada?
[tua/tu: pronomes de 2ª pessoa = aquele a quem se fala]

A carteira dela estava vazia quando ela foi assaltada.
[dela/ela: pronomes de 3ª pessoa = aquele de quem se fala]

Em termos morfológicos, os pronomes são palavras variáveis em gênero (masculino ou feminino) e em número (singular ou plural). Assim, espera-se que a referência através do pronome seja coerente em termos de gênero e número (fenômeno da concordância) com o seu objeto, mesmo quando este se apresenta ausente no enunciado.

Fala-se de Roberta. Ele quer participar do desfile da nossa escola neste ano.
[nossa: pronome que qualifica "escola" = concordância adequada]
[neste: pronome que determina "ano" = concordância adequada]
[ele: pronome que faz referência à "Roberta" = concordância inadequada]
Existem seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos.

Pronomes Pessoais

São aqueles que substituem os substantivos, indicando diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes "eu" ou "nós", usa os pronomes "tu", "vós", "você" ou "vocês" para designar a quem se dirige e "ele", "ela", "eles" ou "elas" para fazer referência à pessoa ou às pessoas de quem fala.
Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, podendo ser do caso reto ou do caso oblíquo.

Pronome Reto

Pronome pessoal do caso reto é aquele que, na sentença, exerce a função de sujeito ou predicativo do sujeito.
Nós lhe ofertamos flores.

Os pronomes retos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão, uma vez que marca a pessoa do discurso. Dessa forma, o quadro dos pronomes retos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular: eu
- 2ª pessoa do singular: tu
- 3ª pessoa do singular: ele, ela
- 1ª pessoa do plural: nós
- 2ª pessoa do plural: vós
- 3ª pessoa do plural: eles, elas

Atenção: esses pronomes não costumam ser usados como complementos verbais na língua-padrão. Frases como *"Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui"*, comuns na língua oral cotidiana, devem ser evitadas na língua formal escrita ou falada. Na língua formal, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: *"Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".*

Obs.: frequentemente observamos a omissão do pronome reto em Língua Portuguesa. Isso se dá porque as próprias formas verbais marcam, através de suas desinências, as pessoas do verbo indicadas pelo pronome reto: *Fizemos boa viagem*. (Nós)

Pronome Oblíquo

Pronome pessoal do caso oblíquo é aquele que, na sentença, exerce a função de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal.
Ofertaram-nos flores. (objeto indireto)

Obs.: em verdade, o pronome oblíquo é uma forma variante do pronome pessoal do caso reto. Essa variação indica a função diversa que eles desempenham na oração: pronome reto marca o sujeito da oração; pronome oblíquo marca o complemento da oração.

Os pronomes oblíquos sofrem variação de acordo com a acentuação tônica que possuem, podendo ser átonos ou tônicos.

Pronome Oblíquo Átono

São chamados átonos os pronomes oblíquos que não são precedidos de preposição. Possuem acentuação tônica fraca: *Ele me deu um presente.*

O quadro dos pronomes oblíquos átonos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): me
- 2ª pessoa do singular (tu): te
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): o, a, lhe
- 1ª pessoa do plural (nós): nos
- 2ª pessoa do plural (vós): vos
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): os, as, lhes

Observações:

O "lhe" é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome "o" ou "a" e preposição "a" ou "para". Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome "lhe" exerce sempre a função de objeto indireto na oração.

Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem tanto ser objetos diretos como objetos indiretos.

Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos.

Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as,* dando origem a formas como *mo, mos , ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas; no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las*. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

- Trouxeste o pacote?
- Sim, entreguei-to ainda há pouco.
- Não contaram a novidade a vocês?
- Não, no-la contaram.

No português do Brasil, essas combinações não são usadas; até mesmo na língua literária atual, seu emprego é muito raro.

Atenção: Os pronomes *o, os, a, as* assumem formas especiais depois de certas terminações verbais. Quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida. Por exemplo:

fiz + o = fi-lo
fazeis + o = fazei-lo
dizer + a = dizê-la

Quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*. Por exemplo:

viram + o: viram-no
repõe + os = repõe-nos
retém + a: retém-na
tem + as = tem-nas

Pronome Oblíquo Tônico

Os pronomes oblíquos tônicos são sempre precedidos por preposições, em geral as preposições *a, para, de* e *com*. Por esse motivo, os pronomes tônicos exercem a função de objeto indireto da oração. Possuem acentuação tônica forte.

O quadro dos pronomes oblíquos tônicos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): mim, comigo
- 2ª pessoa do singular (tu): ti, contigo
- 3ª pessoa do singular (ele, ela): ele, ela
- 1ª pessoa do plural (nós): nós, conosco
- 2ª pessoa do plural (vós): vós, convosco
- 3ª pessoa do plural (eles, elas): eles, elas

Observe que as únicas formas próprias do pronome tônico são a primeira pessoa (mim) e segunda pessoa (ti). As demais repetem a forma do pronome pessoal do caso reto.

- As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronome do caso reto. Nos contextos interlocutivos que exigem o uso da língua formal, os pronomes costumam ser usados desta forma:

Não há mais nada entre mim e ti.
Não se comprovou qualquer ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não vá sem mim.

Atenção: Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, serve para introduzir uma oração cujo verbo está no infinitivo. Nesses casos, o verbo pode ter sujeito expresso; se esse sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto.

Trouxeram vários vestidos para eu experimentar.
Não vá sem eu mandar.

- A combinação da preposição "com" e alguns pronomes originou as formas especiais *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*. Tais pronomes oblíquos tônicos frequentemente exercem a função de adjunto adverbial de companhia.

Ele carregava o documento consigo.

- As formas "conosco" e "convosco" são substituídas por "com nós" e "com vós" quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral.

Você terá de viajar com nós todos.
Estávamos com vós outros quando chegaram as más notícias.
Ele disse que iria com nós três.

Pronome Reflexivo

São pronomes pessoais oblíquos que, embora funcionem como objetos direto ou indireto, referem-se ao sujeito da oração. Indicam que o sujeito pratica e recebe a ação expressa pelo verbo.

NOVA CONCURSOS

O quadro dos pronomes reflexivos é assim configurado:
- 1ª pessoa do singular (eu): me, mim.
Eu não me vanglorio disso.
Olhei para mim no espelho e não gostei do que vi.

- 2ª pessoa do singular (tu): te, ti.
Assim tu te prejudicas.
Conhece a ti mesmo.

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): se, si, consigo.
Guilherme já se preparou.
Ela deu a si um presente.
Antônio conversou consigo mesmo.

- 1ª pessoa do plural (nós): nos.
Lavamo-nos no rio.

- 2ª pessoa do plural (vós): vos.
Vós vos beneficiastes com a esta conquista.

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): se, si, consigo.
Eles se conheceram.
Elas deram a si um dia de folga.

A Segunda Pessoa Indireta

A chamada segunda pessoa indireta manifesta-se quando utilizamos pronomes que, apesar de indicarem nosso interlocutor (portanto, a segunda pessoa), utilizam o verbo na terceira pessoa. É o caso dos chamados pronomes de tratamento, que podem ser observados no quadro seguinte:

Pronomes de Tratamento

Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Ema.(s)	cardeais
Vossa Reverendíssima	V. Revma.(s)	sacerdotes e bispos
Vossa Excelência	V. Ex.ª (s)	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª (s)	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V. M. I.	Imperadores
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Senhoria	V. S.ª (s)	tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	V. O.	Deus

Também são pronomes de tratamento *o senhor, a senhora* e *você, vocês*. "O senhor" e "a senhora" são empregados no tratamento cerimonioso; "você" e "vocês", no tratamento familiar. Você e vocês são largamente empregados no português do Brasil; em algumas regiões, a forma tu é de uso frequente; em outras, pouco empregada. Já a forma vós tem uso restrito à linguagem litúrgica, ultraformal ou literária.

Observações:
a) Vossa Excelência X Sua Excelência : os pronomes de tratamento que possuem "Vossa (s)" são empregados em relação à pessoa com quem falamos: *Espero que V. Ex.ª, Senhor Ministro, compareça a este encontro.*

Emprega-se "Sua (s)" quando se fala a respeito da pessoa.
Todos os membros da C.P.I. afirmaram que Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, agiu com propriedade.

- Os pronomes de tratamento representam uma forma indireta de nos dirigirmos aos nossos interlocutores. Ao tratarmos um deputado por Vossa Excelência, por exemplo, estamos nos endereçando à excelência que esse deputado supostamente tem para poder ocupar o cargo que ocupa.

- 3ª pessoa: embora os pronomes de tratamento dirijam-se à 2ª pessoa, **toda a concordância deve ser feita com a 3ª pessoa**. Assim, os verbos, os pronomes possessivos e os pronomes oblíquos empregados em relação a eles devem ficar na 3ª pessoa.

Basta que V. Ex.ª cumpra a terça parte das suas promessas, para que seus eleitores lhe fiquem reconhecidos.

- Uniformidade de Tratamento: quando escrevemos ou nos dirigimos a alguém, não é permitido mudar, ao longo do texto, a pessoa do tratamento escolhida inicialmente. Assim, por exemplo, se começamos a chamar alguém de "você", não poderemos usar "te" ou "teu". O uso correto exigirá, ainda, verbo na terceira pessoa.

Quando você vier, eu te abraçarei e enrolar-me-ei nos teus cabelos. (errado)

Quando você vier, eu a abraçarei e enrolar-me-ei nos seus cabelos. (correto)

Quando tu vieres, eu te abraçarei e enrolar-me-ei nos teus cabelos. (correto)

Pronomes Possessivos

São palavras que, ao indicarem a pessoa gramatical (possuidor), acrescentam a ela a ideia de posse de algo (coisa possuída).

Este caderno é meu. (meu = possuidor: 1ª pessoa do singular)

NÚMERO	PESSOA	PRONOME
singular	primeira	meu(s), minha(s)
singular	segunda	teu(s), tua(s)
singular	terceira	seu(s), sua(s)
plural	primeira	nosso(s), nossa(s)
plural	segunda	vosso(s), vossa(s)
plural	terceira	seu(s), sua(s)

Note que: A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere; o gênero e o número concordam com o objeto possuído: *Ele trouxe seu apoio e sua contribuição naquele momento difícil.*

Observações:

1 - A forma "seu" não é um possessivo quando resultar da alteração fonética da palavra senhor: *Muito obrigado, seu José*.

2 - Os pronomes possessivos nem sempre indicam posse. Podem ter outros empregos, como:

a) indicar afetividade: *Não faça isso, minha filha.*

b) indicar cálculo aproximado: *Ele já deve ter seus 40 anos*.

c) atribuir valor indefinido ao substantivo: *Marisa tem lá seus defeitos, mas eu gosto muito dela.*

3- Em frases onde se usam pronomes de tratamento, o pronome possessivo fica na 3ª pessoa: *Vossa Excelência trouxe sua mensagem?*

4- Referindo-se a mais de um substantivo, o possessivo concorda com o mais próximo: *Trouxe-me seus livros e anotações*.

5- Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivo: *Vou seguir-lhe os passos*. (= Vou seguir seus passos.)

Pronomes Demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são utilizados para explicitar a posição de uma certa palavra em relação a outras ou ao contexto. Essa relação pode ocorrer em termos de espaço, no tempo ou discurso.

No espaço:

Compro este carro (aqui). O pronome este indica que o carro está perto da pessoa que fala.

Compro esse carro (aí). O pronome esse indica que o carro está perto da pessoa com quem falo, ou afastado da pessoa que fala.

Compro aquele carro (lá). O pronome aquele diz que o carro está afastado da pessoa que fala e daquela com quem falo.

Atenção: em situações de fala direta (tanto ao vivo quanto por meio de correspondência, que é uma modalidade escrita de fala), são particularmente importantes o *este* e o *esse* - o primeiro localiza os seres em relação ao emissor; o segundo, em relação ao destinatário. Trocá-los pode causar ambiguidade.

Dirijo-me a essa universidade com o objetivo de solicitar informações sobre o concurso vestibular. (trata-se da universidade destinatária).

Reafirmamos a disposição desta universidade em participar no próximo Encontro de Jovens. (trata-se da universidade que envia a mensagem).

No tempo:

Este ano está sendo bom para nós. O pronome este se refere ao ano presente.

Esse ano que passou foi razoável. O pronome esse se refere a um passado próximo.

Aquele ano foi terrível para todos. O pronome aquele está se referindo a um passado distante.

- Os pronomes demonstrativos podem ser variáveis ou invariáveis, observe:

Variáveis: *este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s)*.

Invariáveis: *isto, isso, aquilo.*

- Também aparecem como pronomes demonstrativos:

- o(s), a(s): quando estiverem antecedendo o "que" e puderem ser substituídos por aquele(s), aquela(s), aquilo.

Não ouvi o que disseste. (Não ouvi aquilo que disseste.)

Essa rua não é a que te indiquei. (Esta rua não é aquela que te indiquei.)

- mesmo(s), mesma(s): *Estas são as mesmas pessoas que o procuraram ontem.*

- próprio(s), própria(s): Os próprios alunos resolveram o problema.

- semelhante(s): *Não compre semelhante livro*.

- tal, tais: *Tal era a solução para o problema.*

Note que:
- Não raro os demonstrativos aparecem na frase, em construções redundantes, com finalidade expressiva, para salientar algum termo anterior. Por exemplo: *Manuela, essa é que dera em cheio casando com o José Afonso. Desfrutar das belezas brasileiras, isso é que é sorte!*

- O pronome demonstrativo neutro ou pode representar um termo ou o conteúdo de uma oração inteira, caso em que aparece, geralmente, como objeto direto, predicativo ou aposto: *O casamento seria um desastre. Todos o pressentiam.*

- Para evitar a repetição de um verbo anteriormente expresso, é comum empregar-se, em tais casos, o verbo fazer, chamado, então, verbo vicário (= que substitui, que faz as vezes de): *Ninguém teve coragem de falar antes que ela o fizesse.*

- Em frases como a seguinte, *este* se refere à pessoa mencionada em último lugar; *aquele*, à mencionada em primeiro lugar: *O referido deputado e o Dr. Alcides eram amigos íntimos; aquele casado, solteiro este. [ou então: este solteiro, aquele casado]*

- O pronome demonstrativo tal pode ter conotação irônica: *A menina foi a tal que ameaçou o professor?*

- Pode ocorrer a contração das preposições *a, de, em* com pronome demonstrativo: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no,* etc: *Não acreditei no que estava vendo*. (no = naquilo)

Pronomes Indefinidos

São palavras que se referem à terceira pessoa do discurso, dando-lhe sentido vago (impreciso) ou expressando quantidade indeterminada.

Alguém entrou no jardim e destruiu as mudas recém -plantadas.

Não é difícil perceber que "alguém" indica uma pessoa de quem se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É uma palavra capaz de indicar um ser humano que seguramente existe, mas cuja identidade é desconhecida ou não se quer revelar. Classificam-se em:

- **Pronomes Indefinidos Substantivos**: assumem o lugar do ser ou da quantidade aproximada de seres na frase. São eles: *algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo.*

Algo o incomoda?

Quem avisa amigo é.

- **Pronomes Indefinidos Adjetivos**: qualificam um ser expresso na frase, conferindo-lhe a noção de quantidade aproximada. São eles: *cada, certo(s), certa(s).*

Cada povo tem seus costumes.

Certas pessoas exercem várias profissões.

Note que: Ora são pronomes indefinidos substantivos, ora pronomes indefinidos adjetivos:

algum, alguns, alguma(s), bastante(s) (= muito, muitos), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias.

Menos palavras e mais ações.

Alguns se contentam pouco.

Os pronomes indefinidos podem ser divididos em variáveis e invariáveis. Observe:

Variáveis = *algum, nenhum, todo, muito, pouco, vário, tanto, outro, quanto, alguma, nenhuma, toda, muita, pouca, vária, tanta, outra, quanta, qualquer, quaisquer, alguns, nenhuns, todos, muitos, poucos, vários, tantos, outros, quantos, algumas, nenhumas, todas, muitas, poucas, várias, tantas, outras, quantas.*

Invariáveis = *alguém, ninguém, outrem, tudo, nada, algo, cada.*

São locuções pronominais indefinidas: *cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra,* etc.

Cada um escolheu o vinho desejado.

Indefinidos Sistemáticos

Ao observar atentamente os pronomes indefinidos, percebemos que existem alguns grupos que criam oposição de sentido. É o caso de: *algum/alguém/algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum/ninguém/nada*, que têm sentido negativo; *todo/tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum/nada*, que indicam uma totalidade negativa; *alguém/ninguém*, que se referem à pessoa, e *algo/nada*, que se referem à coisa; *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essas oposições de sentido são muito importantes na construção de frases e textos coerentes, pois delas muitas vezes dependem a solidez e a consistência dos argumentos expostos. Observe nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados imprimem às afirmações de que fazem parte:

Nada do que tem sido feito produziu qualquer resultado prático.

Certas pessoas conseguem perceber sutilezas: não são pessoas quaisquer.

Pronomes Relativos

São aqueles que representam nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relacionam. Introduzem as orações subordinadas adjetivas.

O racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros.

(afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros = oração subordinada adjetiva).

O pronome relativo "que" refere-se à palavra "sistema" e introduz uma oração subordinada. Diz-se que a palavra "sistema" é antecedente do pronome relativo que.

O antecedente do pronome relativo pode ser o pronome demonstrativo *o, a, os, as*.

Não sei o que você está querendo dizer.

Às vezes, o antecedente do pronome relativo não vem expresso.

Quem casa, quer casa.

Observe:

Pronomes relativos variáveis = *o qual, cujo, quanto, os quais, cujos, quantos, a qual, cuja, quanta, as quais, cujas, quantas*.

Pronomes relativos invariáveis = *quem, que, onde*.

Note que:

- O pronome "que" é o relativo de mais largo emprego, sendo por isso chamado relativo universal. Pode ser substituído por *o qual, a qual, os quais, as quais,* quando seu antecedente for um substantivo.

O trabalho que eu fiz refere-se à corrupção. (= o qual)

A cantora que acabou de se apresentar é péssima. (= a qual)

Os trabalhos que eu fiz referem-se à corrupção. (= os quais)

As cantoras que se apresentaram eram péssimas. (= as quais)

- *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos: por isso, são utilizados didaticamente para verificar se palavras como "que", "quem", "onde" (que podem ter várias classificações) são pronomes relativos. Todos eles são usados com referência à pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições: *Regressando de São Paulo, visitei o sítio de minha tia, o qual me deixou encantado*. (O uso de "que", neste caso, geraria ambiguidade.)

Essas são as conclusões sobre as quais pairam muitas dúvidas? (Não se poderia usar "que" depois de sobre.)

- O relativo "que" às vezes equivale a *o que, coisa que*, e se refere a uma oração: *Não chegou a ser padre, mas deixou de ser poeta, que era a sua vocação natural.*

- O pronome "cujo" não concorda com o seu antecedente, mas com o consequente. Equivale a *do qual, da qual, dos quais, das quais.*

Este é o caderno cujas folhas estão rasgadas.
(antecedente) (consequente)

- "Quanto" é pronome relativo quando tem por antecedente um pronome indefinido: tanto (ou variações) e tudo:

Emprestei tantos quantos foram necessários.
(antecedente)

Ele fez tudo quanto havia falado.
(antecedente)

- O pronome "quem" se refere a pessoas e vem sempre precedido de preposição.

É um professor a quem muito devemos.
(preposição)

- "Onde", como pronome relativo, sempre possui antecedente e só pode ser utilizado na indicação de lugar: *A casa onde morava foi assaltada.*

- Na indicação de tempo, deve-se empregar <u>*quando*</u> ou <u>*em que*</u>.

Sinto saudades da época em que (quando) morávamos no exterior.

- Podem ser utilizadas como pronomes relativos as palavras:

- como (= pelo qual): *Não me parece correto o modo como você agiu semana passada.*

- quando (= em que): *Bons eram os tempos quando podíamos jogar videogame.*

- Os pronomes relativos permitem reunir duas orações numa só frase.

O futebol é um esporte.

O povo gosta muito deste esporte.

O futebol é um esporte de que o povo gosta muito.

- Numa série de orações adjetivas coordenadas, pode ocorrer a elipse do relativo "que": *A sala estava cheia de gente que conversava, (que) ria, (que) fumava.*

<u>***Pronomes Interrogativos***</u>

São usados na formulação de perguntas, sejam elas diretas ou indiretas. Assim como os pronomes indefinidos, referem-se à 3ª pessoa do discurso de modo impreciso. São pronomes interrogativos: que, quem, qual (e variações), quanto (e variações).

Quem fez o almoço?/ Diga-me quem fez o almoço.

Qual das bonecas preferes? / Não sei qual das bonecas preferes.

Quantos passageiros desembarcaram? / Pergunte quantos passageiros desembarcaram.

<u>***Sobre os pronomes***</u>

O pronome pessoal é do caso reto quando tem função de sujeito na frase. O pronome pessoal é do caso oblíquo quando desempenha função de complemento. Vamos entender, primeiramente, como o pronome pessoal surge na frase e que função exerce. Observe as orações:

1. Eu não sei essa matéria, mas ele irá me ajudar.

2. Maria foi embora para casa, pois não sabia se devia lhe ajudar.

Na primeira oração os pronomes pessoais "eu" e "ele" exercem função de sujeito, logo, são pertencentes ao caso reto. Já na segunda oração, observamos o pronome "lhe" exercendo função de complemento, e, consequentemente, é do caso oblíquo.

NOVA CONCURSOS

Os pronomes pessoais indicam as pessoas do discurso, o pronome oblíquo "lhe", da segunda oração, aponta para a segunda pessoa do singular (tu/você): *Maria não sabia se devia ajudar....* Ajudar quem? Você (lhe).

Importante: Em observação à segunda oração, o emprego do pronome oblíquo "lhe" é justificado antes do verbo intransitivo "ajudar" porque o pronome oblíquo pode estar antes, depois ou entre locução verbal, caso o verbo principal (no caso "ajudar") esteja no infinitivo ou gerúndio.
Eu desejo lhe perguntar algo.
Eu estou perguntando-lhe algo.

Os pronomes pessoais oblíquos podem ser átonos ou tônicos: os primeiros não são precedidos de preposição, diferentemente dos segundos que são sempre precedidos de preposição.
- Pronome oblíquo átono: *Joana me perguntou o que eu estava fazendo.*
- Pronome oblíquo tônico: *Joana perguntou para mim o que eu estava fazendo.*

Substantivo

Tudo o que existe é ser e cada ser tem um nome. ***Substantivo*** é a classe gramatical de palavras variáveis, as quais denominam os seres. Além de objetos, pessoas e fenômenos, os substantivos também nomeiam:
-lugares: *Alemanha, Porto Alegre...*
-sentimentos: *raiva, amor...*
-estados: *alegria, tristeza...*
-qualidades: *honestidade, sinceridade...*
-ações: *corrida, pescaria...*

Morfossintaxe do substantivo

Nas orações de língua portuguesa, o substantivo em geral exerce funções diretamente relacionadas com o verbo: atua como núcleo do sujeito, dos complementos verbais (objeto direto ou indireto) e do agente da passiva. Pode ainda funcionar como núcleo do complemento nominal ou do aposto, como núcleo do predicativo do sujeito, do objeto ou como núcleo do vocativo. Também encontramos substantivos como núcleos de adjuntos adnominais e de adjuntos adverbiais - quando essas funções são desempenhadas por grupos de palavras.

Classificação dos Substantivos

1- ***Substantivos Comuns e Próprios***

Observe a definição: *s.f. 1: Povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas (no Brasil, toda a sede de município é cidade). 2. O centro de uma cidade (em oposição aos bairros).*

Qualquer "povoação maior que vila, com muitas casas e edifícios, dispostos em ruas e avenidas" será chamada cidade. Isso significa que a palavra cidade é um substantivo comum.

Substantivo Comum é aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma genérica: *cidade, menino, homem, mulher, país, cachorro.*
Estamos voando para Barcelona.

O substantivo Barcelona designa apenas um ser da espécie cidade. Esse substantivo é próprio. Substantivo Próprio: é aquele que designa os seres de uma mesma espécie de forma particular: *Londres, Paulinho, Pedro, Tietê, Brasil.*

2 - *Substantivos Concretos e Abstratos*

LÂMPADA MALA

Os substantivos lâmpada e mala designam seres com existência própria, que são independentes de outros seres. São substantivos concretos.

Substantivo Concreto: é aquele que designa o ser que existe, independentemente de outros seres.

Obs.: os substantivos concretos designam seres do mundo real e do mundo imaginário.
Seres do mundo real: *homem, mulher, cadeira, cobra, Brasília, etc.*
Seres do mundo imaginário: *saci, mãe-d'água, fantasma, etc.*

Observe agora:
Beleza exposta
Jovens atrizes veteranas destacam-se pelo visual.

O substantivo beleza designa uma qualidade.

Substantivo Abstrato: é aquele que designa seres que dependem de outros para se manifestar ou existir.
Pense bem: a beleza não existe por si só, não pode ser observada. Só podemos observar a beleza numa pessoa ou coisa que seja bela. A beleza depende de outro ser para se manifestar. Portanto, a palavra beleza é um substantivo abstrato.
Os substantivos abstratos designam estados, qualidades, ações e sentimentos dos seres, dos quais podem ser abstraídos, e sem os quais não podem existir: *vida (estado), rapidez (qualidade), viagem (ação), saudade (sentimento).*

3 - *Substantivos Coletivos*

Ele vinha pela estrada e foi picado por uma abelha, outra abelha, mais outra abelha.
Ele vinha pela estrada e foi picado por várias abelhas.
Ele vinha pela estrada e foi picado por um enxame.

Note que, no primeiro caso, para indicar plural, foi necessário repetir o substantivo: uma abelha, outra abelha, mais outra abelha...
No segundo caso, utilizaram-se duas palavras no plural.

No terceiro caso, empregou-se um substantivo no singular (enxame) para designar um conjunto de seres da mesma espécie (abelhas).

O substantivo enxame é um substantivo coletivo.

Substantivo Coletivo: é o substantivo comum que, mesmo estando no singular, designa um conjunto de seres da mesma espécie.

Substantivo coletivo	**Conjunto de**:
assembleia	*pessoas reunidas*
alcateia	*lobos*
acervo	*livros*
antologia	*trechos literários selecionados*
arquipélago	*ilhas*
banda	*músicos*
bando	*desordeiros ou malfeitores*
banca	*examinadores*
batalhão	*soldados*
cardume	*peixes*
caravana	*viajantes peregrinos*
cacho	*frutas*
cáfila	*camelos*
cancioneiro	*canções, poesias líricas*
colmeia	*abelhas*
chusma	*gente, pessoas*
concílio	*bispos*
congresso	*parlamentares, cientistas.*
elenco	*atores de uma peça ou filme*
esquadra	*navios de guerra*
enxoval	*roupas*
falange	*soldados, anjos*
fauna	*animais de uma região*
feixe	*lenha, capim*
flora	*vegetais de uma região*
frota	*navios mercantes, ônibus*
girândola	*fogos de artifício*
horda	*bandidos, invasores*
junta	*médicos, bois, credores, examinadores*
júri	*jurados*
legião	*soldados, anjos, demônios*
leva	*presos, recrutas*
malta	*malfeitores ou desordeiros*
manada	*búfalos, bois, elefantes,*
matilha	*cães de raça*
molho	*chaves, verduras*
multidão	*pessoas em geral*
ninhada	*pintos*
nuvem	*insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)*
penca	*bananas, chaves*
pinacoteca	*pinturas, quadros*
quadrilha	*ladrões, bandidos*
ramalhete	*flores*
rebanho	*ovelhas*
récua	*bestas de carga, cavalgadura*
repertório	*peças teatrais, obras musicais*
réstia	*alhos ou cebolas*
romanceiro	*poesias narrativas*
revoada	*pássaros*
sínodo	*párocos*
talha	*lenha*
tropa	*muares, soldados*
turma	*estudantes, trabalhadores*
vara	*porcos*

Formação dos Substantivos

Substantivos Simples e Compostos

Chuva - *subst. Fem. 1 - água caindo em gotas sobre a terra.*

O substantivo chuva é formado por um único elemento ou radical. É um substantivo simples.

Substantivo Simples: é aquele formado por um único elemento.

Outros substantivos simples: *tempo, sol, sofá*, etc. Veja agora: O substantivo guarda-chuva é formado por dois elementos (guarda + chuva). Esse substantivo é composto.

Substantivo Composto: é aquele formado por dois ou mais elementos. Outros exemplos: ***beija-flor, passatempo.***

Substantivos Primitivos e Derivados

Meu limão meu limoeiro,
meu pé de jacarandá...

O substantivo limão é primitivo, pois não se originou de nenhum outro dentro de língua portuguesa.

Substantivo Primitivo: é aquele que não deriva de nenhuma outra palavra da própria língua portuguesa. O substantivo limoeiro é derivado, pois se originou a partir da palavra limão.

Substantivo Derivado: é aquele que se origina de outra palavra.

Flexão dos substantivos

O substantivo é uma classe variável. A palavra é variável quando sofre flexão (variação). A palavra menino, por exemplo, pode sofrer variações para indicar:

Plural: *meninos* Feminino: *menina*
Aumentativo: *meninão* Diminutivo: *menininho*

Flexão de Gênero

Gênero é a propriedade que as palavras têm de indicar sexo real ou fictício dos seres. Na língua portuguesa, há dois gêneros: *masculino e feminino.* Pertencem ao gênero masculino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos *o, os, um, uns.* Veja estes títulos de filmes:

O velho e o mar
Um Natal inesquecível
Os reis da praia

Pertencem ao gênero feminino os substantivos que podem vir precedidos dos artigos *a, as, uma, umas:*

A história sem fim
Uma cidade sem passado
As tartarugas ninjas

Substantivos Biformes e Substantivos Uniformes

Substantivos Biformes (= duas formas): ao indicar nomes de seres vivos, geralmente o gênero da palavra está relacionado ao sexo do ser, havendo, portanto, duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino. Observe: *gato – gata, homem – mulher, poeta – poetisa, prefeito - prefeita*

Substantivos Uniformes: são aqueles que apresentam uma única forma, que serve tanto para o masculino quanto para o feminino. Classificam-se em:

- Epicenos: têm um só gênero e nomeiam bichos: *a cobra macho e a cobra fêmea, o jacaré macho e o jacaré fêmea.*

- Sobrecomuns: têm um só gênero e nomeiam pessoas: *a criança, a testemunha, a vítima, o cônjuge, o gênio, o ídolo, o indivíduo.*

- Comuns de Dois Gêneros: indicam o sexo das pessoas por meio do artigo: *o colega e a colega, o doente e a doente, o artista e a artista.*

Saiba que: Substantivos de origem grega terminados em *ema* ou *oma*, são masculinos: *o fonema, o poema, o sistema, o sintoma, o teorema.*

- Existem certos substantivos que, variando de gênero, variam em seu significado: *o rádio (aparelho receptor) e a rádio (estação emissora) o capital (dinheiro) e a capital (cidade)*

Formação do Feminino dos Substantivos Biformes

- Regra geral: troca-se a terminação -o por –a: *aluno - aluna.*
- Substantivos terminados em -ês: acrescenta-se -a ao masculino: *freguês - freguesa*
- Substantivos terminados em -ão: fazem o feminino de três formas:
- troca-se -ão por -oa. = *patrão – patroa*
- troca-se -ão por -ã. = *campeão - campeã*
-troca-se -ão por ona. = *solteirão - solteirona*

Exceções: *barão – baronesa ladrão- ladra sultão - sultana*

- Substantivos terminados em -or:
- acrescenta-se -a ao masculino = *doutor – doutora*
- troca-se -or por -triz: = *imperador - imperatriz*

- Substantivos com feminino em -esa, -essa, -isa: *cônsul - consulesa / abade - abadessa / poeta - poetisa / duque - duquesa / conde - condessa / profeta - profetisa*

- Substantivos que formam o feminino trocando o -e final por -a: *elefante - elefanta*

- Substantivos que têm radicais diferentes no masculino e no feminino: *bode – cabra / boi - vaca*

- Substantivos que formam o feminino de maneira especial, isto é, não seguem nenhuma das regras anteriores: *czar – czarina réu - ré*

Formação do Feminino dos Substantivos Uniformes

Epicenos:
Novo jacaré escapa de policiais no rio Pinheiros.

Não é possível saber o sexo do jacaré em questão. Isso ocorre porque o substantivo jacaré tem apenas uma forma para indicar o masculino e o feminino.

Alguns nomes de animais apresentam uma só forma para designar os dois sexos. Esses substantivos são chamados de epicenos. No caso dos epicenos, quando houver a necessidade de especificar o sexo, utilizam-se palavras macho e fêmea.

A cobra macho picou o marinheiro.
A cobra fêmea escondeu-se na bananeira.

***Sobrecomuns*:**
Entregue as crianças à natureza.

A palavra crianças refere-se tanto a seres do sexo masculino, quanto a seres do sexo feminino. Nesse caso, nem o artigo nem um possível adjetivo permitem identificar o sexo dos seres a que se refere a palavra. Veja:

A criança chorona chamava-se João.
A criança chorona chamava-se Maria.

Outros substantivos sobrecomuns:

a criatura = *João é uma boa criatura. Maria é uma boa criatura*.

o cônjuge = *O cônjuge de João faleceu. O cônjuge de Marcela faleceu*

***Comuns de Dois Gêneros*:**
Motorista tem acidente idêntico 23 anos depois.

Quem sofreu o acidente: um homem ou uma mulher?

É impossível saber apenas pelo título da notícia, uma vez que a palavra motorista é um substantivo uniforme.

A distinção de gênero pode ser feita através da análise do artigo ou adjetivo, quando acompanharem o substantivo: *o colega - a colega; o imigrante - a imigrante; um jovem - uma jovem; artista famoso - artista famosa; repórter francês - repórter francesa*

- A palavra personagem é usada indistintamente nos dois gêneros.

a) Entre os escritores modernos nota-se acentuada preferência pelo masculino: *O menino descobriu nas nuvens os personagens dos contos de carochinha*.

b) Com referência a mulher, deve-se preferir o feminino: *O problema está nas mulheres de mais idade, que não aceitam a personagem.*

- Diz-se: *o (ou a) manequim Marcela, o (ou a) modelo fotográfico Ana Belmonte.*

Observe o gênero dos substantivos seguintes:

Masculinos: *o tapa, o eclipse, o lança-perfume, o dó (pena), o sanduíche, o clarinete, o champanha, o sósia, o maracajá, o clã, o hosana, o herpes, o pijama, o suéter, o soprano, o proclama, o pernoite, o púbis.*

Femininos: *a dinamite, a derme, a hélice, a omoplata, a cataplasma, a pane, a mascote, a gênese, a entorse, a libido, a cal, a faringe, a cólera (doença), a ubá (canoa).*

- São geralmente masculinos os substantivos de origem grega terminados em -ma: *o grama (peso), o quilograma, o plasma, o apostema, o diagrama, o epigrama, o telefonema, o estratagema, o dilema, o teorema, o trema, o eczema, o edema, o magma, o estigma, o axioma, o tracoma, o hematoma.*

Exceções: *a cataplasma, a celeuma, a fleuma*, etc.

Gênero dos Nomes de Cidades

Com raras exceções, nomes de cidades são femininos.

A histórica Ouro Preto.
A dinâmica São Paulo.
A acolhedora Porto Alegre.
Uma Londres imensa e triste.

Exceções: *o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto, o Havre.*

Gênero e Significação

Muitos substantivos têm uma significação no masculino e outra no feminino. Observe: *o baliza (soldado que, que à frente da tropa, indica os movimentos que se deve realizar em conjunto; o que vai à frente de um bloco carnavalesco, manejando um bastão), a baliza (marco, estaca; sinal que marca um limite ou proibição de trânsito), o cabeça (chefe), a cabeça (parte do corpo), o cisma (separação religiosa, dissidência), a cisma (ato de cismar, desconfiança), o cinza (a cor cinzenta), a cinza (resíduos de combustão), o capital (dinheiro), a capital (cidade), o coma (perda dos sentidos), a coma (cabeleira), o coral (pólipo, a cor vermelha, canto em coro), a coral (cobra venenosa), o crisma (óleo sagrado, usado na administração da crisma e de outros sacramentos), a crisma (sacramento da confirmação), o cura (pároco), a cura (ato de curar), o estepe (pneu sobressalente), a estepe (vasta planície de vegetação), o guia (pessoa que guia outras), a guia (documento, pena grande das asas das aves), o grama (unidade de peso), a grama (relva), o caixa (funcionário da caixa), a caixa (recipiente, setor de pagamentos), o lente (professor), a lente (vidro de aumento), o moral (ânimo), a moral (honestidade, bons costumes, ética), o nascente (lado onde nasce o Sol), a nascente (a fonte), o maria-fumaça (trem como locomotiva a vapor), maria-fumaça (locomotiva movida a vapor), o pala (poncho), a pala (parte anterior do boné ou quepe, anteparo), o rádio (aparelho receptor), a rádio (estação emissora), o voga (remador), a voga (moda, popularidade).*

Flexão de Número do Substantivo

Em português, há dois números gramaticais: o singular, que indica um ser ou um grupo de seres, e o plural, que indica mais de um ser ou grupo de seres. A característica do plural é o "s" final.

NOVA CONCURSOS

Plural dos Substantivos Simples

- Os substantivos terminados em vogal, ditongo oral e "n" fazem o plural pelo acréscimo de "s": *pai – pais; ímã – ímãs; hífen - hifens (sem acento, no plural)*. Exceção: *cânon - cânones*.
- Os substantivos terminados em "m" fazem o plural em "ns": *homem - homens*.

- Os substantivos terminados em "r" e "z" fazem o plural pelo acréscimo de "es": *revólver – revólveres; raiz - raízes*.

Atenção: O plural de caráter é caracteres.
- Os substantivos terminados em al, el, ol, ul flexionam-se no plural, trocando o "l" por "is": *quintal - quintais; caracol – caracóis; hotel - hotéis*. Exceções: *mal e males, cônsul e cônsules*.

- Os substantivos terminados em "il" fazem o plural de duas maneiras:
- Quando oxítonos, em "is": *canil - canis*
- Quando paroxítonos, em "eis": *míssil - mísseis*.

Obs.: a palavra réptil pode formar seu plural de duas maneiras: *répteis ou reptis* (pouco usada).
- Os substantivos terminados em "s" fazem o plural de duas maneiras:
- Quando monossilábicos ou oxítonos, mediante o acréscimo de "es": *ás – ases / retrós - retroses*
- Quando paroxítonos ou proparoxítonos, ficam invariáveis: *o lápis - os lápis / o ônibus - os ônibus*.

- Os substantivos terminados em "ao" fazem o plural de três maneiras.
- substituindo o -ão por -ões: *ação - ações*
- substituindo o -ão por -ães: *cão - cães*
- substituindo o -ão por -ãos: *grão - grãos*

- Os substantivos terminados em "x" ficam invariáveis: *o látex - os látex*.

Plural dos Substantivos Compostos

-A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados sem hífen comportam-se como os substantivos simples: aguardente/aguardentes, girassol/girassóis, pontapé/pontapés, malmequer/malmequeres.
O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir:

- **Flexionam-se os dois elementos**, quando formados de:
substantivo + substantivo = *couve-flor e couves-flores*
substantivo + adjetivo = *amor-perfeito e amores-perfeitos*
adjetivo + substantivo = *gentil-homem e gentis-homens*
numeral + substantivo = *quinta-feira e quintas-feiras*

- **Flexiona-se somente o segundo elemento**, quando formados de:
verbo + substantivo = *guarda-roupa e guarda-roupas*
palavra invariável + palavra variável = *alto-falante e alto- -falantes*
palavras repetidas ou imitativas = *reco-reco e reco-recos*

- **Flexiona-se somente o primeiro elemento**, quando formados de:
substantivo + preposição clara + substantivo = *água-de-colônia e águas-de-colônia*
substantivo + preposição oculta + substantivo = *cavalo-vapor e cavalos-vapor*
substantivo + substantivo que funciona como determinante do primeiro, ou seja, especifica a função ou o tipo do termo anterior: *palavra-chave - palavras-chave, bomba -relógio - bombas-relógio, notícia-bomba - notícias-bomba, homem-rã - homens-rã, peixe-espada - peixes-espada.*

- **Permanecem invariáveis**, quando formados de:
verbo + advérbio = *o bota-fora e os bota-fora*
verbo + substantivo no plural = *o saca-rolhas e os saca-rolhas*

- **Casos Especiais**
o louva-a-deus e os louva-a-deus
o bem-te-vi e os bem-te-vis
o bem-me-quer e os bem-me-queres
o joão-ninguém e os joões-ninguém.

Plural das Palavras Substantivadas

As palavras substantivadas, isto é, palavras de outras classes gramaticais usadas como substantivo, apresentam, no plural, as flexões próprias dos substantivos.
Pese bem os prós e os contras.
O aluno errou na prova dos noves.
Ouça com a mesma serenidade os sins e os nãos.
Obs.: numerais substantivados terminados em "s" ou "z" não variam no plural: *Nas provas mensais consegui muitos seis e alguns dez.*

Plural dos Diminutivos

Flexiona-se o substantivo no plural, retira-se o "s" final e acrescenta-se o sufixo diminutivo.
pãe(s) + zinhos = pãezinhos
animai(s) + zinhos = animaizinhos
botõe(s) + zinhos = botõezinhos
chapéu(s) + zinhos = chapeuzinhos
farói(s) + zinhos = faroizinhos
tren(s) + zinhos = trenzinhos
colhere(s) + zinhas = colherezinhas
flore(s) + zinhas = florezinhas
mão(s) + zinhas = mãozinhas
papéi(s) + zinhos = papeizinhos
nuven(s) + zinhas = nuvenzinhas
funi(s) + zinhos = funizinhos

túnei(s) + zinhos = tuneizinhos
pai(s) + zinhos = paizinhos
pé(s) + zinhos = pezinhos
pé(s) + zitos = pezitos

Plural dos Nomes Próprios Personativos

Devem-se pluralizar os nomes próprios de pessoas sempre que a terminação preste-se à flexão.
Os Napoleões também são derrotados.
As Raquéis e Esteres.

Plural dos Substantivos Estrangeiros

Substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se "s" (exceto quando terminam em "s" ou "z"): *os shows, os shorts, os jazz.*

Substantivos já aportuguesados flexionam-se de acordo com as regras de nossa língua: *os clubes, os chopes, os jipes, os esportes, as toaletes, os bibelôs, os garçons, os réquiens.*
Observe o exemplo:
Este jogador faz gols toda vez que joga.
O plural correto seria gois (ô), mas não se usa.

Plural com Mudança de Timbre

Certos substantivos formam o plural com mudança de timbre da vogal tônica (o fechado / o aberto). É um fato fonético chamado metafonia (**plural metafônico**).

Singular	**Plural**
corpo (ô)	*corpos (ó)*
esforço	*esforços*
fogo	*fogos*
forno	*fornos*
fosso	*fossos*
imposto	*impostos*
olho	*olhos*
osso (ô)	*ossos (ó)*
ovo	*ovos*
poço	*poços*
porto	*portos*
posto	*postos*
tijolo	*tijolos*

Têm a vogal tônica fechada (ô): *adornos, almoços, bolsos, esposos, estojos, globos, gostos, polvos, rolos, soros*, etc.

Obs.: distinga-se molho (ô) = caldo (molho de carne), de molho (ó) = feixe (molho de lenha).

Particularidades sobre o Número dos Substantivos

- Há substantivos que só se usam no singular: *o sul, o norte, o leste, o oeste, a fé*, etc.
- Outros só no plural: *as núpcias, os víveres, os pêsames, as espadas/os paus (naipes de baralho), as fezes*.
- Outros, enfim, têm, no plural, sentido diferente do singular: *bem (virtude) e bens (riquezas), honra (probidade, bom nome) e honras (homenagem, títulos).*
- Usamos às vezes, os substantivos no singular, mas com sentido de plural:
Aqui morreu muito negro.
Celebraram o sacrifício divino muitas vezes em capelas improvisadas.

Flexão de Grau do Substantivo

Grau é a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres. Classifica-se em:
- **Grau Normal** - Indica um ser de tamanho considerado normal. Por exemplo: *casa*
- **Grau Aumentativo** - Indica o aumento do tamanho do ser. Classifica-se em:
Analítico = o substantivo é acompanhado de um adjetivo que indica grandeza. Por exemplo: *casa grande*.
Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de aumento. Por exemplo: *casarão*.
- **Grau Diminutivo** - Indica a diminuição do tamanho do ser. Pode ser:
Analítico = substantivo acompanhado de um adjetivo que indica pequenez. Por exemplo: *casa pequena*.
Sintético = é acrescido ao substantivo um sufixo indicador de diminuição. Por exemplo: *casinha*.

Verbo

Verbo é a classe de palavras que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz. Pode indicar, entre outros processos: ação (correr); estado (ficar); fenômeno (chover); ocorrência (nascer); desejo (querer).
O que caracteriza o verbo são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Observe que palavras como *corrida, chuva* e *nascimento* têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

Estrutura das Formas Verbais

Do ponto de vista estrutural, uma forma verbal pode apresentar os seguintes elementos:

- ***Radical***: é a parte invariável, que expressa o significado essencial do verbo. Por exemplo: *fal-ei; fal-ava; fal-am*. (radical fal-)
- ***Tema***: é o radical seguido da vogal temática que indica a conjugação a que pertence o verbo. Por exemplo: *fala-r*
São três as conjugações: 1ª - Vogal Temática - A - *(falar)*, 2ª - Vogal Temática - E - *(vender)*, 3ª - Vogal Temática - I - *(partir)*.
- ***Desinência modo-temporal***: é o elemento que designa o tempo e o modo do verbo. Por exemplo:
falávamos (indica o pretérito imperfeito do indicativo.)
falasse (indica o pretérito imperfeito do subjuntivo.)

NOVA CONCURSOS

- ***Desinência número-pessoal***: é o elemento que designa a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª) e o número (singular ou plural):

falamos (indica a 1ª pessoa do plural.)

falavam (indica a 3ª pessoa do plural.)

Observação: o verbo *pôr*, assim como seus derivados (*compor, repor, depor,* etc.), pertencem à 2ª conjugação, pois a forma arcaica do verbo pôr era *poer*. A vogal "e", apesar de haver desaparecido do infinitivo, revela-se em algumas formas do verbo: *põe, pões, põem,* etc.

Formas Rizotônicas e Arrizotônicas

Ao combinarmos os conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de acentuação tônica, percebemos com facilidade que nas formas rizotônicas o acento tônico cai no radical do verbo: *opino, aprendam, nutro*, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não cai no radical, mas sim na terminação verbal: *opinei, aprenderão, nutriríamos*.

Classificação dos Verbos

Classificam-se em:

- ***Regulares***: são aqueles que possuem as desinências normais de sua conjugação e cuja flexão não provoca alterações no radical: *canto cantei cantarei cantava cantasse*.

- ***Irregulares***: são aqueles cuja flexão provoca alterações no radical ou nas desinências: *faço fiz farei fizesse*.

- ***Defectivos***: são aqueles que não apresentam conjugação completa. Classificam-se em impessoais, unipessoais e pessoais:

* Impessoais: são os verbos que não têm sujeito. Normalmente, são usados na terceira pessoa do singular. Os principais verbos impessoais são:

** **haver**, quando sinônimo de existir, acontecer, realizar-se ou fazer (em orações temporais).

Havia poucos ingressos à venda. (Havia = Existiam)

Houve duas guerras mundiais. (Houve = Aconteceram)

Haverá reuniões aqui. (Haverá = Realizar-se-ão)

Deixei de fumar há muitos anos. (há = faz)

** **fazer, ser e estar** (quando indicam tempo)

Faz invernos rigorosos no Sul do Brasil.

Era primavera quando a conheci.

Estava frio naquele dia.

** Todos os verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais: *chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer,* etc. Quando, porém, se constrói, "*Amanheci mal- -humorado*", usa-se o verbo "amanhecer" em sentido figurado. Qualquer verbo impessoal, empregado em sentido figurado, deixa de ser impessoal para ser pessoal.

Amanheci mal-humorado. (Sujeito desinencial: eu)

Choveram candidatos ao cargo. (Sujeito: candidatos)

Fiz quinze anos ontem. (Sujeito desinencial: eu)

** São impessoais, ainda:

1. o verbo passar (seguido de preposição), indicando tempo: *Já passa das seis.*

2. os verbos bastar e chegar, seguidos da preposição de, indicando suficiência: *Basta de tolices. Chega de blasfêmias*.

3. os verbos estar e ficar em orações tais como *Está bem, Está muito bem assim, Não fica bem, Fica mal,* sem referência a sujeito expresso anteriormente. Podemos, ainda, nesse caso, classificar o sujeito como hipotético, tornando-se, tais verbos, então, pessoais.

4. o verbo deu + para da língua popular, equivalente de "ser possível". Por exemplo:

Não deu para chegar mais cedo.

Dá para me arrumar uns trocados?

* Unipessoais: são aqueles que, tendo sujeito, conjugam-se apenas nas terceiras pessoas, do singular e do plural.

A fruta amadureceu.

As frutas amadureceram.

Obs.: os verbos unipessoais podem ser usados como verbos pessoais na linguagem figurada: *Teu irmão amadureceu bastante*.

Entre os unipessoais estão os verbos que significam vozes de animais; eis alguns: *bramar: tigre, bramir: crocodilo, cacarejar: galinha, coaxar: sapo, cricrilar: grilo*

Os principais verbos unipessoais são:

1. *cumprir, importar, convir, doer, aprazer, parecer, ser* (preciso, necessário, etc.):

Cumpre trabalharmos bastante. (Sujeito: trabalharmos bastante.)

Parece que vai chover. (Sujeito: que vai chover.)

É preciso que chova. (Sujeito: que chova.)

2. *fazer e ir*, em orações que dão ideia de tempo, seguidos da conjunção *que*.

Faz dez anos que deixei de fumar. (Sujeito: que deixei de fumar.)

Vai para (ou Vai em ou Vai por) dez anos que não vejo Cláudia. (Sujeito: que não vejo Cláudia)

Obs.: todos os sujeitos apontados são oracionais.

* Pessoais: não apresentam algumas flexões por motivos morfológicos ou eufônicos. Por exemplo:

- verbo falir. Este verbo teria como formas do presente do indicativo *falo, fales, fale*, idênticas às do verbo falar - o que provavelmente causaria problemas de interpretação em certos contextos.

- verbo computar. Este verbo teria como formas do presente do indicativo *computo, computas, computa* - formas de sonoridade considerada ofensiva por alguns ouvidos gramaticais. Essas razões muitas vezes não impedem o uso efetivo de formas verbais repudiadas por alguns gramáticos: exemplo disso é o próprio verbo computar, que, com o desenvolvimento e a popularização da informática, tem sido conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

- ***Abundantes***: são aqueles que possuem mais de uma forma com o mesmo valor. Geralmente, esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares terminadas em -ado ou -ido, surgem as chamadas formas curtas (particípio irregular). Observe:

INFINITIVO	PARTICÍPIO REGULAR	PARTICÍPIO IRREGULAR
Anexar	*Anexado*	*Anexo*
Dispersar	*Dispersado*	*Disperso*
Eleger	*Elegido*	*Eleito*
Envolver	*Envolvido*	*Envolto*
Imprimir	*Imprimido*	*Impresso*
Matar	*Matado*	*Morto*
Morrer	*Morrido*	*Morto*
Pegar	*Pegado*	*Pego*
Soltar	*Soltado*	*Solto*

- ***Anômalos***: são aqueles que incluem mais de um radical em sua conjugação. Por exemplo: *Ir, Pôr, Ser, Saber (vou, vais, ides, fui, foste, pus, pôs, punha, sou, és, fui, foste, seja).*

- ***Auxiliares:*** São aqueles que entram na formação dos tempos compostos e das locuções verbais. O verbo principal, quando acompanhado de verbo auxiliar, é expresso numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Vou *espantar* *as* *moscas.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no infinitivo)

Está *chegando* *a* *hora* *do* *debate.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no gerúndio)

Os *noivos* *foram* *cumprimentados* *por* *todos* *os* *presentes.*
(verbo auxiliar) (verbo principal no particípio)

Obs.: os verbos auxiliares mais usados são: *ser, estar, ter e haver.*

Conjugação dos Verbos Auxiliares

SER - Modo Indicativo

Presente	Pret.Perfeito	Pretérito Imp.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut.do Pres.	Fut. Do Pretérito
sou	fui	era	fora	serei	seria
és	foste	eras	foras	serás	serias
é	foi	era	fora	será	seria
somos	fomos	éramos	fôramos	seremos	seríamos
sois	fostes	éreis	fôreis	sereis	seríeis
são	foram	eram	foram	serão	seriam

SER - Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro
que eu seja	se eu fosse	quando eu for
que tu sejas	se tu fosses	quando tu fores
que ele seja	se ele fosse	quando ele for
que nós sejamos	se nós fôssemos	quando nós formos
que vós sejais	se vós fôsseis	quando vós fordes
que eles sejam	se eles fossem	quando eles forem

SER - Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
sê tu	não sejas tu
seja você	não seja você
sejamos nós	não sejamos nós
sede vós	não sejais vós
sejam vocês	não sejam vocês

NOVA CONCURSOS

SER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
ser	ser eu	sendo	sido
	seres tu		
	ser ele		
	sermos nós		
	serdes vós		
	serem eles		

ESTAR - Modo Indicativo

Presente	Pret. perf.	Pret. Imperf.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut.doPres.	Fut.do Preté.
estou	estive	estava	estivera	estarei	estaria
estás	estiveste	estavas	estiveras	estarás	estarias
está	esteve	estava	estivera	estará	estaria
estamos	estivemos	estávamos	estivéramos	estaremos	estaríamos
estais	estivestes	estáveis	estivéreis	estareis	estaríeis
estão	estiveram	estavam	estiveram	estarão	estariam

ESTAR - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
esteja	estivesse	estiver		
estejas	estivesses	estiveres	está	estejas
esteja	estivesse	estiver	esteja	esteja
estejamos	estivéssemos	estivermos	estejamos	estejamos
estejais	estivésseis	estiverdes	estai	estejais
estejam	estivessem	estiverem	estejam	estejam

ESTAR - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
estar	estar	estando	estado
	estares		
	estar		
	estarmos		
	estardes		
	estarem		

HAVER - Modo Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imper.	Pret.Mais-Que-Perf.	Fut. Do Pres.	Fut. Do Preté.
hei	houve	havia	houvera	haverei	haveria
hás	houveste	havias	houveras	haverás	haverias
há	houve	havia	houvera	haverá	haveria
havemos	houvemos	havíamos	houvéramos	haveremos	haveríamos
haveis	houvestes	havíeis	houvéreis	havereis	haveríeis
hão	houveram	haviam	houveram	haverão	haveriam

HAVER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
haja	houvesse	houver		
hajas	houvesses	houveres	há	hajas
haja	houvesse	houver	haja	haja
hajamos	houvéssemos	houvermos	hajamos	hajamos
hajais	houvésseis	houverdes	havei	hajais
hajam	houvessem	houverem	hajam	hajam

HAVER - Formas Nominais

Infinitivo Impessoal	Infinitivo Pessoal	Gerúndio	Particípio
haver	haver	havendo	havido
	haveres		
	haver		
	havermos		
	haverdes		
	haverem		

TER - Modo Indicativo

Presente	Pret. Perf.	Pret. Imper.	Preté.Mais-Que-Perf.	Fut. Do Pres.	Fut. Do Preté.
Tenho	tive	tinha	tivera	terei	teria
tens	tiveste	tinhas	tiveras	terás	terias
tem	teve	tinha	tivera	terá	teria
temos	tivemos	tínhamos	tivéramos	teremos	teríamos
tendes	tivestes	tínheis	tivéreis	tereis	teríeis
têm	tiveram	tinham	tiveram	terão	teriam

TER - Modo Subjuntivo e Imperativo

Presente	Pretérito Imperfeito	Futuro	Afirmativo	Negativo
Tenha	tivesse	tiver		
tenhas	tivesses	tiveres	tem	tenhas
tenha	tivesse	tiver	tenha	tenha
tenhamos	tivéssemos	tivermos	tenhamos	tenhamos
tenhais	tivésseis	tiverdes	tende	tenhais
tenham	tivessem	tiverem	tenham	tenham

- ***Pronominais***: São aqueles verbos que se conjugam com os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos, se*, na mesma pessoa do sujeito, expressando reflexibilidade (pronominais acidentais) ou apenas reforçando a ideia já implícita no próprio sentido do verbo (reflexivos essenciais). Veja:

- 1. Essenciais: são aqueles que sempre se conjugam com os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos, se*. São poucos: *abster-se, ater-se, apiedar-se, atrever-se, dignar-se, arrepender-se*, etc. Nos verbos pronominais essenciais a reflexibilidade já está implícita no radical do verbo. Por exemplo: *Arrependi-me de ter estado lá*.

A ideia é de que a pessoa representada pelo sujeito (eu) tem um sentimento (arrependimento) que recai sobre ela mesma, pois não recebe ação transitiva nenhuma vinda do verbo; o pronome oblíquo átono é apenas uma partícula integrante do verbo, já que, pelo uso, sempre é conjugada com o verbo. Diz-se que o pronome apenas serve de reforço da ideia reflexiva expressa pelo radical do próprio verbo.

Veja uma conjugação pronominal essencial (verbo e respectivos pronomes):

Eu me arrependo
Tu te arrependes
Ele se arrepende
Nós nos arrependemos
Vós vos arrependeis
Eles se arrependem

- 2. Acidentais: são aqueles verbos transitivos diretos em que a ação exercida pelo sujeito recai sobre o objeto representado por pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito; assim, o sujeito faz uma ação que recai sobre ele mesmo. Em geral, os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos podem ser conjugados com os pronomes mencionados, formando o que se chama voz reflexiva. Por exemplo: *Maria se penteava*.

A reflexibilidade é acidental, pois a ação reflexiva pode ser exercida também sobre outra pessoa. Por exemplo: *Maria penteou-me*.

Observações:

- Por fazerem parte integrante do verbo, os pronomes oblíquos átonos dos verbos pronominais não possuem função sintática.

NOVA CONCURSOS

- Há verbos que também são acompanhados de pronomes oblíquos átonos, mas que não são essencialmente pronominais, são os verbos reflexivos. Nos verbos reflexivos, os pronomes, apesar de se encontrarem na pessoa idêntica à do sujeito, exercem funções sintáticas. Por exemplo:

Eu me feri. = Eu(sujeito) - 1ª pessoa do singular me (objeto direto) - 1ª pessoa do singular

Modos Verbais

Dá-se o nome de modo às várias formas assumidas pelo verbo na expressão de um fato. Em Português, existem três modos:

Indicativo - indica uma certeza, uma realidade: *Eu sempre estudo.*

Subjuntivo - indica uma dúvida, uma possibilidade: *Talvez eu estude amanhã.*

Imperativo - indica uma ordem, um pedido: *Estuda agora, menino.*

Formas Nominais

Além desses três modos, o verbo apresenta ainda formas que podem exercer funções de nomes (substantivo, adjetivo, advérbio), sendo por isso denominadas formas nominais. Observe:

- **Infinitivo Impessoal**: exprime a significação do verbo de modo vago e indefinido, podendo ter valor e função de substantivo. Por exemplo:

Viver é lutar. (= vida é luta)
É indispensável combater a corrupção. (= combate à)

O infinitivo impessoal pode apresentar-se no presente (forma simples) ou no passado (forma composta). Por exemplo:

É preciso ler este livro.
Era preciso ter lido este livro.

- **Infinitivo Pessoal**: é o infinitivo relacionado às três pessoas do discurso. Na 1ª e 3ª pessoas do singular, não apresenta desinências, assumindo a mesma forma do impessoal; nas demais, flexiona-se da seguinte maneira:

2ª pessoa do singular: Radical + ES Ex.: *teres*(tu)
1ª pessoa do plural: Radical + MOS Ex.: *termos* (nós)
2ª pessoa do plural: Radical + DES Ex.: *terdes* (vós)
3ª pessoa do plural: Radical + EM Ex.: *terem* (eles)

Por exemplo: *Foste elogiado por teres alcançado uma boa colocação.*

- **Gerúndio**: o gerúndio pode funcionar como adjetivo ou advérbio. Por exemplo:

Saindo de casa, encontrei alguns amigos. (função de advérbio)
Nas ruas, havia crianças vendendo doces. (função de adjetivo)

Na forma simples, o gerúndio expressa uma ação em curso; na forma composta, uma ação concluída. Por exemplo:

Trabalhando, aprenderás o valor do dinheiro.
Tendo trabalhado, aprendeu o valor do dinheiro.

- **Particípio**: quando não é empregado na formação dos tempos compostos, o particípio indica geralmente o resultado de uma ação terminada, flexionando-se em gênero, número e grau. Por exemplo:

Terminados os exames, os candidatos saíram.

Quando o particípio exprime somente estado, sem nenhuma relação temporal, assume verdadeiramente a função de adjetivo (adjetivo verbal). Por exemplo: *Ela foi a aluna escolhida para representar a escola.*

Tempos Verbais

Tomando-se como referência o momento em que se fala, a ação expressa pelo verbo pode ocorrer em diversos tempos. Veja:

1. Tempos do Indicativo

- Presente - Expressa um fato atual: *Eu estudo neste colégio.*

- Pretérito Imperfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual, mas que não foi completamente terminado: *Ele estudava as lições quando foi interrompido.*

- Pretérito Perfeito - Expressa um fato ocorrido num momento anterior ao atual e que foi totalmente terminado: *Ele estudou as lições ontem à noite.*

- Pretérito-Mais-Que-Perfeito - Expressa um fato ocorrido antes de outro fato já terminado: *Ele já tinha estudado as lições quando os amigos chegaram. (forma composta) Ele já estudara as lições quando os amigos chegaram. (forma simples).*

- Futuro do Presente - Enuncia um fato que deve ocorrer num tempo vindouro com relação ao momento atual: *Ele estudará as lições amanhã.*

- Futuro do Pretérito - Enuncia um fato que pode ocorrer posteriormente a um determinado fato passado: *Se eu tivesse dinheiro, viajaria nas férias.*

2. Tempos do Subjuntivo

- **Presente** - Enuncia um fato que pode ocorrer no momento atual: *É conveniente que estudes para o exame.*

- **Pretérito Imperfeito** - Expressa um fato passado, mas posterior a outro já ocorrido: *Eu esperava que ele vencesse o jogo.*

Obs.: o pretérito imperfeito é também usado nas construções em que se expressa a ideia de condição ou desejo. Por exemplo: *Se ele viesse ao clube, participaria do campeonato.*

- **Futuro do Presente** - Enuncia um fato que pode ocorrer num momento futuro em relação ao atual: *Quando ele vier à loja, levará as encomendas.*

Obs.: o futuro do presente é também usado em frases que indicam possibilidade ou desejo. Por exemplo: *Se ele vier à loja, levará as encomendas.*

Presente do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantO	vendO	partO	O
cantaS	vendeS	parteS	S
canta	vende	parte	-
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaIS	vendeIS	partIS	IS
cantaM	vendeM	parteM	M

Pretérito Perfeito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR	
cantei	vendI	partI	I
cantaSTE	vendeSTE	partISTE	STE
cantoU	vendeU	partiU	U
cantaMOS	vendeMOS	partiMOS	MOS
cantaSTES	vendeSTES	partISTES	STES
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RAM

Pretérito mais-que-perfeito

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª/2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantaRAS	vendeRAS	partiRAS	RA	S
cantaRA	vendeRA	partiRA	RA	Ø
cantáRAMOS	vendêRAMOS	partíRAMOS	RA	MOS
cantáREIS	vendêREIS	partíREIS	RE	IS
cantaRAM	vendeRAM	partiRAM	RA	M

Pretérito Imperfeito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantAVA	vendIA	partIA
cantAVAS	vendIAS	partAS
CantAVA	vendIA	partIA
cantÁVAMOS	vendÍAMOS	partÍAMOS
cantÁVEIS	vendÍEIS	partÍEIS
cantAVAM	vendIAM	partIAM

Futuro do Presente do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar ei	vender ei	partir ei
cantar ás	vender ás	partir ás
cantar á	vender á	partir á
cantar emos	vender emos	partir emos
cantar eis	vender eis	partir eis
cantar ão	vender ão	partir ão

NOVA CONCURSOS

Futuro do Pretérito do Indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarIAS	venderIAS	partirIAS
cantarIA	venderIA	partirIA
cantarÍAMOS	venderÍAMOS	partirÍAMOS
cantarÍEIS	venderÍEIS	partirÍEIS
cantarIAM	venderIAM	partirIAM

Presente do Subjuntivo

Para se formar o presente do subjuntivo, substitui-se a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo pela desinência -E (nos verbos de 1ª conjugação) ou pela desinência -A (nos verbos de 2ª e 3ª conjugação).

1ª conjug.	2ª conjug.	3ª conju.	Des. temporal 1ª conj.	Des.temporal 2ª/3ª conj.	Desinên. pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR			
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantES	vendAS	partAS	E	A	S
cantE	vendA	partA	E	A	Ø
cantEMOS	vendAMOS	partAMOS	E	A	MOS
cantEIS	vendAIS	partAIS	E	A	IS
cantEM	vendAM	partAM	E	A	M

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Para formar o imperfeito do subjuntivo, elimina-se a desinência -STE da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito, obtendo-se, assim, o tema desse tempo. Acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -SSE mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª /2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	Ø
cantaSSES	vendeSSES	partiSSES	SSE	S
cantaSSE	vendeSSE	partiSSE	SSE	Ø
cantáSSEMOS	vendêSSEMOS	partíSSEMOS	SSE	MOS
cantáSSEIS	vendêSSEIS	partíSSEIS	SSE	IS
cantaSSEM	vendeSSEM	partiSSEM	SSE	M

Futuro do Subjuntivo

Para formar o futuro do subjuntivo elimina-se a desinência -STE da 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito, obtendo-se, assim, o tema desse tempo. Acrescenta-se a esse tema a desinência temporal -R mais a desinência de número e pessoa correspondente.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação	Des. temporal 1ª /2ª e 3ª conj.	Desinência pessoal
CANTAR	VENDER	PARTIR		
cantaR	vendeR	partiR	Ø	
cantaRES	vendeRES	partiRES	R	ES
cantaR	vendeR	partiR	R	Ø
cantaRMOS	vendeRMOS	partiRMOS	R	MOS
cantaRDES	vendeRDES	partiRDES	R	DES
cantaREM	vendeREM	PartiREM	R	EM

Modo Imperativo

Imperativo Afirmativo

Para se formar o imperativo afirmativo, toma-se do presente do indicativo a 2ª pessoa do singular (tu) e a segunda pessoa do plural (vós) eliminando-se o "S" final. As demais pessoas vêm, sem alteração, do presente do subjuntivo. Veja:

Presente do Indicativo	Imperativo Afirmativo	Presente do Subjuntivo
Eu canto	---	Que eu cante
Tu cantas	CantA tu	Que tu cantes
Ele canta	Cante você	Que ele cante
Nós cantamos	Cantemos nós	Que nós cantemos
Vós cantais	CantAI vós	Que vós canteis
Eles cantam	Cantem vocês	Que eles cantem

Imperativo Negativo

Para se formar o imperativo negativo, basta antecipar a negação às formas do presente do subjuntivo.

Presente do Subjuntivo	Imperativo Negativo
Que eu cante	---
Que tu cantes	Não cantes tu
Que ele cante	Não cante você
Que nós cantemos	Não cantemos nós
Que vós canteis	Não canteis vós
Que eles cantem	Não cantem eles

Observações:

- No modo imperativo não faz sentido usar na 3ª pessoa (singular e plural) as formas ele/eles, pois uma ordem, pedido ou conselho só se aplicam diretamente à pessoa com quem se fala. Por essa razão, utiliza-se você/vocês.
- O verbo SER, no imperativo, faz excepcionalmente: *sê (tu), sede (vós).*

Infinitivo Pessoal

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
CANTAR	VENDER	PARTIR
cantar	vender	partir
cantarES	venderES	partirES
cantar	vender	partir
cantarMOS	venderMOS	partirMOS
cantarDES	venderDES	partirDES
cantarEM	venderEM	partirEM

Questões sobre Verbo

01. (AGENTE POLÍCIA - VUNESP 2013) Considere o trecho a seguir.

É comum que objetos _____ esquecidos em locais públicos. Mas muitos transtornos poderiam ser evitados se as pessoas _____ a atenção voltada para seus pertences, conservando-os junto ao corpo.

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto.

(A) sejam ... mantesse
(B) sejam ... mantivessem
(C) sejam ... mantém
(D) seja ... mantivessem
(E) seja ... mantêm

02. (MGS - TÉCNICO CONTÁBIL – IBFC/2017-adaptada)

Em "Assim, muitos casais ***têm*** quatro, seis, dez filhos", nota--se que o acento do verbo em destaque deve-se a uma exigência de concordância. Assinale a alternativa correta em relação ao emprego desse mesmo verbo.

a) No Brasil, a sociedade têm várias questões.
b) O jovem têm um grande desafio pela frente.
c) As pessoas tem muitos planos.
d) A mentira tem perna curta.

03. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013-adap.) *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?"*.

Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de

(A) considerar ao acaso, sem premeditação.
(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
(C) adotar como referência de qualidade.
(D) julgar de acordo com normas legais.
(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

04. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013) Assinale a alternativa contendo a frase do texto na qual a expressão verbal destacada exprime possibilidade.

(A) ... o cientista Theodor Nelson ***sonhava*** com um sistema capaz de disponibilizar um grande número de obras literárias...
(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto ***deveria*** ser um enorme arquivo virtual.
(C) Isso acarreta uma textualidade que ***funciona*** por associação, e não mais por sequências fixas previamente estabelecidas.
(D) Desde o surgimento da ideia de hipertexto, esse conceito ***está ligado*** a uma nova concepção de textualidade...
(E) ***Criou***, então, o "Xanadu", um projeto para disponibilizar toda a literatura do mundo...

05.(POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ACRE – ALUNO SOLDADO COMBATENTE – FUNCAB/2012) No trecho: "*O crescimento econômico, se associado à ampliação do emprego, PODE melhorar o quadro aqui sumariamente descrito.*", se passarmos o verbo destacado para o futuro do pretérito do indicativo, teremos a forma:

A) puder.
B) poderia.
C) pôde.
D) poderá.
E) pudesse.

06. (ESCREVENTE TJ SP VUNESP 2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma- -padrão.

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
(D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

07. (PAPILOSCOPISTA POLICIAL VUNESP 2013-adap.) Assinale a alternativa que substitui, corretamente e sem alterar o sentido da frase, a expressão destacada em – ***Se a criança se perder,*** quem encontrá-la verá na pulseira instruções para que envie uma mensagem eletrônica ao grupo ou acione o código na internet.

(A) Caso a criança se havia perdido...
(B) Caso a criança perdeu...
(C) Caso a criança se perca...
(D) Caso a criança estivera perdida...
(E) Caso a criança se perda...

08. (AGENTE DE APOIO OPERACIONAL – VUNESP – 2013-adap.). Assinale a alternativa em que o verbo destacado está no tempo futuro.

A) Os consumidores ***são*** assediados pelo marketing ...
B) ... somente eles podem decidir se ***irão*** ou não comprar.
C) É como se ***abrissem*** em nós uma "caixa de necessidades"...
D) ... de onde ***vem*** o produto...?
E) Uma pesquisa ***mostrou*** que 55,4% das pessoas...

09. (AGERBA - TÉCNICO EM REGULAÇÃO – IBFC/ 2017-adaptada)

A flexão de alguns verbos, sobretudo os irregulares, pode causar confusão. O verbo "quis", presente em "*Minha mãe sempre quis viajar*" é um exemplo típico. Nesse sentido, assinale a alternativa em que se indica INCORRETAMENTE a sua flexão.

a) queres – Presente do Indicativo.
b) queria – Futuro do Pretérito do Indicativo.
c) quisera – Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo.
d) queira – Presente do Subjuntivo.
e) quisesse – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

10. (AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA PENITENCIÁRIA – VUNESP – 2013-adap.). Leia as frases a seguir.

I. Havia onze pessoas jogando pedras e pedaços de madeira no animal.
II. Existiam muitos ferimentos no boi.
III. Havia muita gente assustando o boi numa avenida movimentada.

Substituindo-se o verbo *Haver* pelo verbo *Existir* e este pelo verbo *Haver,* nas frases, têm-se, respectivamente:

A) Existia – Haviam – Existiam
B) Existiam – Havia – Existiam
C) Existiam – Haviam – Existiam
D) Existiam – Havia – Existia
E) Existia – Havia – Existia

GABARITO

01. B 02. D 03. E 04. B 05. B
06. A 07. C 08. B09. B10. D

RESOLUÇÃO

1-)
É comum que objetos sejam esquecidos em locais públicos. Mas muitos transtornos poderiam ser evitados se as pessoas mantivessem a atenção voltada para seus pertences, conservando-os junto ao corpo.

2-)
Analisemos:
a) No Brasil, a sociedade têm várias questões. = a sociedade tem (verbo no singular)
b) O jovem têm um grande desafio pela frente. = o jovem tem (verbo no singular)
c) As pessoas tem muitos planos. = as pessoas têm (verbo no plural)
d) A mentira tem perna curta. = correta
RESPOSTA: D

3-)
Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".
Nesse contexto, o verbo estereotipar tem sentido de classificar segundo ideias preconcebidas.

4-)
(B) Funcionando como um imenso sistema de informação e arquivamento, o hipertexto deveria ser um enorme arquivo virtual. = verbo no futuro do pretérito

5-)
Conjugando o verbo "poder" no futuro do pretérito do Indicativo: eu poderia, tu poderias, ele poderia, nós poderíamos, vós poderíeis, eles poderiam. O sujeito da oração é crescimento econômico (singular), portanto, terceira pessoa do singular (ele) = poderia.

6-)
(B) Não haverá prova do crime se o réu se mantiver em silêncio.
(C) Vão pagar horas-extras aos que se dispuserem a trabalhar no feriado.
(D) Ficarão surpresos quando o virem com a toga...
(E) Se você quiser a promoção, é necessário que a requeira a seu superior.

7-)
Caso a criança se perca...(*perda* = substantivo: Houve uma grande perda salarial...)

8-)
A) Os consumidores são assediados pelo marketing = presente
C) É como se abrissem em nós uma "caixa de necessidades"... = pretérito do Subjuntivo
D) ... de onde vem o produto...? = presente
E) Uma pesquisa mostrou que 55,4% das pessoas... = pretérito perfeito

9-)
Vamos aos itens:
a) queres – Presente do Indicativo = eu quero, tu queres - correta.
b) queria – Futuro do Pretérito do Indicativo = eu quereria, tu quererias, ele quereria - incorreta.
c) quisera – Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo = eu quisera, ele quisera – correta.
d) queira – Presente do Subjuntivo = que eu queira, que tu queiras, que ele queira - correta
e) quisesse – Pretérito Imperfeito do Subjuntivo = se eu quisesse, se tu quisesses, se ele quisesse – correta.
RESPOSTA: B

10-)
I. Havia onze pessoas jogando pedras e pedaços de madeira no animal.
II. Existiam muitos ferimentos no boi.
III. Havia muita gente assustando o boi numa avenida movimentada.
Haver – sentido de existir= invariável, impessoal;
existir = variável. Portanto, temos:
I – Existiam onze pessoas...
II – Havia muitos ferimentos...
III – Existia muita gente...

Vozes do Verbo

Dá-se o nome de voz à forma assumida pelo verbo para indicar se o sujeito gramatical é agente ou paciente da ação. São três as vozes verbais:

- *Ativa*: quando o sujeito é agente, isto é, pratica a ação expressa pelo verbo. Por exemplo:

Ele	*fez*	*o trabalho*.
sujeito agente	ação	objeto (paciente)

- *Passiva*: quando o sujeito é paciente, recebendo a ação expressa pelo verbo. Por exemplo:

O trabalho	*foi feito*	*por ele*.
sujeito paciente	ação	agente da passiva

- *Reflexiva*: quando o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, isto é, pratica e recebe a ação. Por exemplo:
O menino feriu-se.

Obs.: não confundir o emprego reflexivo do verbo com a noção de reciprocidade: *Os lutadores feriram-se*. (um ao outro)

Formação da Voz Passiva

A voz passiva pode ser formada por dois processos: analítico e sintético.
1- Voz Passiva Analítica
Constrói-se da seguinte maneira: Verbo SER + particípio do verbo principal. Por exemplo:
A escola será pintada.
O trabalho é feito por ele.

NOVA CONCURSOS

Obs.: o agente da passiva geralmente é acompanhado da preposição *por*, mas pode ocorrer a construção com a preposição *de*. Por exemplo: *A casa ficou cercada de soldados*.

- Pode acontecer ainda que o agente da passiva não esteja explícito na frase: *A exposição será aberta amanhã*.

- A variação temporal é indicada pelo verbo auxiliar (SER), pois o particípio é invariável. Observe a transformação das frases seguintes:

a) *Ele fez o trabalho*. (pretérito perfeito do indicativo)
O trabalho foi feito por ele. (pretérito perfeito do indicativo)

b) *Ele faz o trabalho*. (presente do indicativo)
O trabalho é feito por ele. (presente do indicativo)

c) *Ele fará o trabalho*. (futuro do presente)
O trabalho será feito por ele. (futuro do presente)

- Nas frases com locuções verbais, o verbo SER assume o mesmo tempo e modo do verbo principal da voz ativa. Observe a transformação da frase seguinte:
O vento ia levando as folhas. (gerúndio)
As folhas iam sendo levadas pelo vento. (gerúndio)

Obs.: é menos frequente a construção da voz passiva analítica com outros verbos que podem eventualmente funcionar como auxiliares. Por exemplo: *A moça ficou marcada pela doença*.

2- Voz Passiva Sintética

A voz passiva sintética ou pronominal constrói-se com o verbo na 3ª pessoa, seguido do pronome apassivador SE. Por exemplo:
Abriram-se as inscrições para o concurso.
Destruiu-se o velho prédio da escola.
Obs.: o agente não costuma vir expresso na voz passiva sintética.

Curiosidade: A palavra *passivo* possui a mesma raiz latina de paixão (latim *passio, passionis*) e ambas se relacionam com o significado sofrimento, padecimento. Daí vem o significado de voz passiva como sendo a voz que expressa a ação sofrida pelo sujeito. Na voz passiva temos dois elementos que nem sempre aparecem: SUJEITO PACIENTE e AGENTE DA PASSIVA.

Conversão da Voz Ativa na Voz Passiva

Pode-se mudar a voz ativa na passiva sem alterar substancialmente o sentido da frase.
Gutenberg *inventou a imprensa* (Voz Ativa)
Sujeito da Ativa objeto Direto

A imprensa *foi inventada por Gutenberg* (Voz Passiva)
Sujeito da Passiva Agente da Passiva

Observe que o objeto direto será o sujeito da passiva, o sujeito da ativa passará a agente da passiva e o verbo ativo assumirá a forma passiva, conservando o mesmo tempo. Observe mais exemplos:

- Os mestres têm constantemente aconselhado os alunos.
Os alunos têm sido constantemente aconselhados pelos mestres.

- Eu o acompanharei.
Ele será acompanhado por mim.

Obs.: quando o sujeito da voz ativa for indeterminado, não haverá complemento agente na passiva. Por exemplo: *Prejudicaram-me. / Fui prejudicado.*

Saiba que:
- Aos verbos que não são ativos nem passivos ou reflexivos, são chamados neutros.
O vinho é bom.
Aqui chove muito.

- Há formas passivas com sentido ativo:
É chegada a hora. (= Chegou a hora.)
Eu ainda não era nascido. (= Eu ainda não tinha nascido.)
És um homem lido e viajado. (= que leu e viajou)

- Inversamente, usamos formas ativas com sentido passivo:
Há coisas difíceis de entender. (= serem entendidas)
Mandou-o lançar na prisão. (= ser lançado)

- Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico) e *vacinar-se* são considerados passivos, logo o sujeito é paciente.
Chamo-me Luís.
Batizei-me na Igreja do Carmo.
Operou-se de hérnia.
Vacinaram-se contra a gripe.

Fonte:
http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf54.php

Questões sobre Vozes dos Verbos

01. (COLÉGIO PEDRO II/RJ – ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO – AOCP/2010) Em "*Os dados foram divulgados ontem* ***pelo Instituto Sou da Paz***.", a expressão destacada é
(A) adjunto adnominal.
(B) sujeito paciente.
(C) objeto indireto.
(D) complemento nominal.
(E) agente da passiva.

02. (FCC-COPERGÁS – AUXILIAR TÉCNICO ADMINISTRATIVO - 2011) *Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz*. Transpondo- -se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

(A) era abatido.
(B) fora abatido.
(C) abatera-se.
(D) foi abatido.
(E) tinha abatido

03. (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais.
Transpondo para a voz ativa a frase acima, o verbo passará a ser, corretamente,
(A) perceba.
(B) foi percebido.
(C) tenham percebido.
(D) devam perceber.
(E) estava percebendo.

04. (TJ/RJ – TÉCNICO DE ATIVIDADE JUDICIÁRIA SEM ESPECIALIDADE – FCC/2012) *As ruas estavam ocupadas pela multidão...*
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
(A) ocupava-se.
(B) ocupavam.
(C) ocupou.
(D) ocupa.
(E) ocupava.

05. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
(A) Quando Rodolfo surgiu...
(B) ... adquiriu as impressoras...
(C) ... e sustentar, às vezes, família numerosa.
(D) ... acolheu-o como patrono.
(E) ... que montou [...] a primeira grande folhetaria do Recife ...

06. (TRF - 4ª REGIÃO – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) *O engajamento moral e político não chegou a constituir um deslocamento da atenção intelectual de Said* ...
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:
a) se constituiu.
b) chegou a ser constituído.
c) teria chegado a constituir.
d) chega a se constituir.
e) chegaria a ser constituído.

07. (METRÔ/SP – TÉCNICO SISTEMAS METROVIÁRIOS CIVIL – FCC/2014 - ADAPTADA) *...'sertanejo' indicava indistintamente as músicas produzidas no interior do país...*
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
(A) vinham indicadas.
(B) era indicado.
(C) eram indicadas.
(D) tinha indicado.
(E) foi indicada.

08. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – PROCON – AGENTE ADMINISTRATIVO – CEPERJ/2012 - adaptada) Um exemplo de construção na voz passiva está em:
(A) "A Gulliver recolherá 6 mil brinquedos"
(B) "o consumidor pode solicitar a devolução do dinheiro"
(C) "enviar o brinquedo por sedex"
(D) "A empresa também é obrigada pelo Código de Defesa do Consumidor"
(E) "A empresa fez campanha para recolher"

09. (METRÔ/SP –SECRETÁRIA PLENO – FCC/2010) Transpondo-se para a voz passiva a construção *Mais tarde vim a entender a tradução completa,* a forma verbal resultante será:
(A) veio a ser entendida.
(B) teria entendido.
(C) fora entendida.
(D) terá sido entendida.
(E) tê-la-ia entendido.

10. (INFRAERO – CADASTRO RESERVA OPERACIONAL PROFISSIONAL DE TRÁFEGO AÉREO – FCC/2011 - ADAPTADA)
... ele empreende, de maneira quase clandestina, a série Mulheres.
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
(A) foi empreendida.
(B) são empreendidos.
(C) foi empreendido.
(D) é empreendida.
(E) são empreendidas.

GABARITO

01. E 02. D 03. A 04. E 05. A
06. B 07. C 08. D 09. A 10. D

RESOLUÇÃO

1-)
No enunciado temos uma oração com a voz passiva do verbo. Transformando-a em ativa, teremos: "O Instituto Sou da Paz divulgou dados". Nessa, "Instituto Sou da Paz" funciona como sujeito da oração, ou seja, na passiva sua função é a de agente da passiva. O sujeito paciente é "os dados".
2-)
Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz. = Ele foi abatido...

3-)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais = dois verbos na voz passiva, então teremos um na ativa: que a sociedade perceba os valores e princípios...

NOVA CONCURSOS

4-)
As ruas estavam ocupadas pela multidão = dois verbos na passiva, um verbo na ativa:
A multidão ocupava as ruas.

5-)
B = as impressoras foram adquiridas...
C = família numerosa é sustentada...
D – foi acolhido como patrono...
E – a primeira grande folhetaria do Recife foi montada...

6-)
O engajamento moral e político não chegou a constituir um deslocamento da atenção intelectual de Said = dois verbos na voz ativa, mas com presença de preposição e, um deles, no infinitivo, então o verbo auxiliar "ser" ficará no infinitivo (na voz passiva) e o verbo principal (constituir) ficará no particípio: Um deslocamento da atenção intelectual de Said não chegou a ser constituído pelo engajamento...

7-)
'sertanejo' indicava indistintamente as músicas produzidas no interior do país.
As músicas produzidas no país eram indicadas pelo sertanejo, indistintamente.

8-)
(A) "A Gulliver recolherá 6 mil brinquedos" = voz ativa
(B) "o consumidor pode solicitar a devolução do dinheiro" = voz ativa
(C) "enviar o brinquedo por sedex" = voz ativa
(D) "A empresa também é obrigada pelo Código de Defesa do Consumidor" = voz passiva
(E) "A empresa fez campanha para recolher" = voz ativa

9-)
Mais tarde vim a entender a tradução completa...
A tradução completa veio a ser entendida por mim.

10-)
ele empreende, de maneira quase clandestina, a série Mulheres.
A série de mulheres é empreendida por ele, de maneira quase clandestina.

Verbos irregulares são verbos que sofrem alterações em seu radical ou em suas desinências, afastando-se do modelo a que pertencem.

No português, para verificar se um verbo sofre alterações, basta conjugá-lo no presente e no pretérito perfeito do indicativo. Ex: *faço – fiz, trago – trouxe, posso - pude.*

Não é considerada irregularidade a alteração gráfica do radical de certos verbos para conservação da regularidade fônica. Ex: *embarcar – embarco, fingir – finjo.*

Exemplo de conjugação do verbo "dar" no presente do indicativo:
Eu dou
Tu dás
Ele dá
Nós damos
Vós dais
Eles dão

Percebe-se que há alteração do radical, afastando-se do original "dar" durante a conjugação, sendo considerado verbo irregular.

Exemplo: Conjugação do verbo valer:

Modo Indicativo

Presente
eu valho
tu vales
ele vale
nós valemos
vós valeis
eles valem

Pretérito Perfeito do Indicativo
eu vali
tu valeste
ele valeu
nós valemos
vós valestes
eles valeram

Pretérito Imperfeito do Indicativo
eu valia
tu valias
ele valia
nós valíamos
vós valíeis
eles valiam

Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo
eu valera
tu valeras
ele valera
nós valêramos
vós valêreis
eles valeram

Futuro do Presente do Indicativo
eu valerei
tu valerás
ele valerá
nós valeremos
vós valereis
eles valerão

Futuro do Pretérito do Indicativo
eu valeria
tu valerias
ele valeria
nós valeríamos
vós valeríeis
eles valeriam

Mais-que-perfeito Composto do Indicativo
eu tinha valido
tu tinhas valido
ele tinha valido
nós tínhamos valido
vós tínheis valido
eles tinham valido

Gerúndio do verbo valer = *valendo*

Modo Subjuntivo

Presente
que eu valha
que tu valhas
que ele valha
que nós valhamos
que vós valhais
que eles valham

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo
se eu valesse
se tu valesses
se ele valesse
se nós valêssemos
se vós valêsseis
se eles valessem

Futuro do Subjuntivo
quando eu valer
quando tu valeres
quando ele valer
quando nós valermos
quando vós valerdes
quando eles valerem

Imperativo

Imperativo Afirmativo
--
vale tu
valha ele
valhamos nós
valei vós
valham eles

Imperativo Negativo
--
não valhas tu
não valha ele
não valhamos nós
não valhais vós
não valham eles

Infinitivo

Infinitivo Pessoal
por valer eu
por valeres tu
por valer ele
por valermos nós
por valerdes vós
por valerem eles

Infinitivo Impessoal = *valer*
Particípio = *Valido*

Acompanhe abaixo uma lista com os principais verbos irregulares:

Dizer
Presente do indicativo: *Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.*

Futuro do presente do indicativo: *Direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.*

Fazer
Presente do indicativo: *Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.*

Futuro do presente do indicativo: *Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.*

Ir
Presente do indicativo: *Vou, vais, vai, vamos, ides, vão.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.*

Futuro do presente do indicativo: *Irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.*

Futuro do subjuntivo: *For, fores, for, formos, fordes, forem.*

Querer
Presente do indicativo: *Quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.*

Presente do subjuntivo: *Queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.*

Ver
Presente do indicativo: *Vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem.*

NOVA CONCURSOS

Pretérito perfeito do indicativo: *Vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.*

Futuro do presente do indicativo:*Verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.*

Futuro do subjuntivo: *Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.*

Vir
Presente do indicativo: *Venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.*

Pretérito perfeito do indicativo: *Vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

Futuro do presente do indicativo: *Virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.*

Futuro do subjuntivo: *Vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.*

SINTAXE

O princípio é o verbo.

Essa é a premissa fundamental da *Sintaxe,* que é a parte da gramática que estuda as *palavras enquanto elementos de uma frase, as suas relações de concordância, de subordinação e de ordem*. Significa que, ao se realizar a análise sintática de uma oração, sempre se inicia pelo verbo. É a partir dele que se descobre qual o sujeito da oração, se há a indicação de qualidade, estado ou modo de ser do sujeito, se ele pratica uma ação ou se a sofre, se há complemento verbal, se há circunstância (adjunto adverbial), etc.

Nem sempre o verbo se apresenta sozinho em uma oração. Em muitos casos, surgem dois ou mais verbos juntos, para indicar que se pratica ou se sofre uma ação, ou que o sujeito possui uma qualidade. A essa junção, dá-se o nome de *locução verbal*. Toda locução verbal é formada por um verbo auxiliar (ou mais de um) e um verbo principal (somente um).

O verbo auxiliar é o que se relaciona com o sujeito, por isso concorda com este, ou seja, se o sujeito estiver no singular, o verbo auxiliar também ficará no singular; se o sujeito estiver no plural, o verbo auxiliar também ficará no plural. Na Língua Portuguesa os verbos auxiliares são os seguintes: *ser, estar, ter, haver, dever, poder, ir,* dentre outros.

O verbo principal é o que indica se o sujeito possui uma qualidade, se ele pratica uma ação ou se a sofre. É o mais importante da locução. Na Língua Portuguesa, o verbo principal surge sempre no infinitivo (terminado em *–ar, -er*, ou *–ir*), no gerúndio (terminado em *–ndo*) ou no particípio (terminado em *–ado* ou *–ido*, dentre outras terminações).

Veja alguns exemplos de locuções verbais:

Os funcionários FORAM CONVOCADOS pelo diretor. (aux.: SER; princ.: CONVOCAR)

Os estudantes ESTÃO RESPONDENDO às questões. (aux.: ESTAR; princ.: RESPONDER)

Os trabalhadores TÊM ENFRENTADO muitos problemas.(aux.: TER; princ.: ENFRENTAR)

O vereador HAVIA DENUNCIADO seus companheiros. (aux.: HAVER; princ.: DENUNCIAR)

Os alunos DEVEM ESTUDAR todos os dias. (aux.: DEVER; princ.: ESTUDAR)

Sujeito

Para se descobrir qual o sujeito do verbo (ou da locução verbal), deve-se perguntar a ele (ou a ela) o seguinte: *Que(m) é que* .....? A resposta será o sujeito. Por exemplo, analisemos a primeira frase dentre as apresentadas acima:
Os funcionários foram convocados pelo diretor.

O princípio é o verbo. Procura-se, portanto, o verbo: é a locução verbal *foram convocados*. - - Pergunta-se a ela: *Que(m) é que foi convocado?*
- Resposta: *Os funcionários.*
- O sujeito da oração, então, é o seguinte: *os funcionários*.
Encontrado o sujeito, parte-se para a análise do verbo:
Se ele indicar que o sujeito possui uma qualidade, um estado ou um modo de ser, sem praticar ação alguma, será denominado de VERBO DE LIGAÇÃO. Os verbos de ligação mais comuns são os seguintes: *ser, estar, parecer, ficar, permanecer e continuar*. Não se esqueça, porém, de que só será verbo de ligação o que indicar qualidade, estado ou modo de ser do sujeito, sem praticar ação alguma. Observe as seguintes frases:
O político continuou seu discurso mesmo com todas as vaias recebidas.
Continuar, nesta frase, não é de ligação já que não indica qualidade do sujeito, e sim ação.
A professora estava na sala de aula.
Estar, nesta frase, não é de ligação já que não indica qualidade do sujeito, e sim fato.

A garota estava muito alegre.
Estar é verbo de ligação porque indica qualidade do sujeito.

Se o verbo indicar que o sujeito pratica uma ação, ou que participa ativamente de um fato, será denominado de VERBO INTRANSITIVO ou VERBO TRANSITIVO, de acordo com o seguinte:

- *Quem* ..... , ... : Todo verbo que se encaixar nessa frase será INTRANSITIVO. Por exemplo, o verbo *correr*: Quem corre, corre.

- *Quem ..... , ... algo/alguém*: Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO DIRETO. Por exemplo, o verbo *comer:* Quem come, come algo; ou o verbo *amar*: Quem ama, ama alguém.

- *Quem ..... , ... + prep. + algo/alguém*: Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO INDIRETO. Por exemplo, o verbo *gostar*: Quem gosta, gosta de algo ou de alguém. As preposições mais comuns são as seguintes: *a, de, em, por, para, sem* e *com.*

- *Quem ..... , ... algo/alguém + prep. + algo/alguém:* Todo verbo que se encaixar nessa frase será TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO - também denominado de BITRANSITIVO. Por exemplo, o verbo mostrar: Quem mostra, mostra algo a alguém; ou o verbo informar: Quem informa, informa alguém de algo ou Quem informa, informa algo a alguém.

É importante salientar que um verbo só será TRANSITIVO se houver complemento (objeto direto ou objeto indireto). A análise de um verbo depende, portanto, do ambiente sintático em que ele se encontra. Um verbo que aparentemente seja transitivo direto pode ser, na realidade, intransitivo, caso não haja complemento. Por exemplo, observe a seguinte frase:

O pior cego é aquele que não quer ver.

O verbo "ver" é, aparentemente, transitivo direto, uma vez que se encaixa na frase *Quem vê, vê algo*. Ocorre, porém, que não há o "algo". O pior cego é aquele que não quer ver o quê? Não aparece na oração; não há, portanto, o objeto direto. Como não o há, o verbo não pode ser transitivo direto, e sim intransitivo.

Observe, agora, esta frase: *Quem dá aos pobres, empresta a Deus.*

Os verbos "dar" e "emprestar" são, aparentemente, transitivos diretos e indiretos, uma vez que se encaixam nas frases Quem dá, dá algo a alguém e Quem empresta, empresta algo a alguém. Ocorre, porém, que não há o "algo". Quem dá o que aos pobres empresta o que a Deus? Não aparece na oração; não há, portanto, o objeto direto. Como não o há, os verbos não podem ser transitivos diretos e indiretos, e sim somente transitivos indiretos.

FONTE:
http://www.gramaticaonline.com.br/texto/1231

Questões sobre Análise Sintática

01. (AGENTE DE APOIO ADMINISTRATIVO – FCC – 2013). ***Os trabalhadores*** *passaram mais tempo na escola...*

O segmento grifado acima possui a mesma função sintática que o destacado em:

A) ...o que reduz ***a média de ganho*** da categoria.

B) ...houve ***mais ofertas de trabalhadores*** dessa classe.

C) ***O crescimento da escolaridade*** também foi impulsionado...

D) ...elevando ***a fatia dos brasileiros*** com ensino médio...

E) ...impulsionado ***pelo aumento do número de universidades...***

02.(AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – FCC – 2013). *Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens [...], sabiam* ***os paulistas*** *como...*

O segmento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o elemento grifado em:

A) ***Nas expedições breves*** serviam de balizas ou mostradores para a volta.

B) Às estreitas veredas e atalhos [...], ***nada*** acrescentariam aqueles de considerável...

C) Só a um olhar muito exercitado seria ***perceptível*** o sinal.

D) ***Uma sequência de tais galhos***, em qualquer floresta, podia significar uma pista.

E) Alguns mapas e textos do século XVII apresentam-nos ***a vila de São Paulo*** como centro...

03. Há complemento nominal em:

A)Você devia vir cá fora receber o beijo da madrugada.

B)... embora fosse quase certa a sua possibilidade de ganhar a vida.

C)Ela estava na janela do edifício.

D)... sem saber ao certo se gostávamos dele.

E)Pouco depois começaram a brincar de bandido e mocinho de cinema.

04. (ESPM-SP) Em "*esta* ***lhe*** *deu cem mil contos"*, o termo destacado é:

A) pronome possessivo
B) complemento nominal
C) objeto indireto
D) adjunto adnominal
E) objeto direto

05. Assinale a alternativa correta e identifique o sujeito das seguintes orações em relação aos verbos destacados:

- *Amanhã* ***teremos*** *uma palestra sobre qualidade de vida.*

- *Neste ano,* ***quero*** *prestar serviço voluntário.*

A)Tu – vós
B)Nós – eu
C)Vós – nós
D) Ele - tu

06. Classifique o sujeito das orações destacadas no texto seguinte e, a seguir, assinale a sequência correta.

É notável, nos textos épicos, a participação do sobrenatural. É frequente a mistura de assuntos relativos ao nacionalismo com o caráter maravilhoso. ***Nas epopeias, os deuses tomam partido*** *e interferem nas aventuras dos heróis, ajudando-os ou atrapalhando- -os.*

A)simples, composto
B)indeterminado, composto
C)simples, simples
D) oculto, indeterminado

07. (ESPM-SP) "*Surgiram* ***fotógrafos*** *e* ***repórteres***". Identifique a alternativa que classifica corretamente a função sintática e a classe morfológica dos termos destacados:

A) objeto indireto – substantivo
B) objeto direto - substantivo
C) sujeito – adjetivo
D) objeto direto – adjetivo
E) sujeito - substantivo

GABARITO

01. C 02. D 03. B 04. C 05. B 06. C 07. E

RESOLUÇÃO

1-)
Os trabalhadores passaram mais tempo na escola
= SUJEITO
A) ...o que reduz a média de ganho da categoria. = objeto direto
B) ...houve mais ofertas de trabalhadores dessa classe. = objeto direto
C) O crescimento da escolaridade também foi impulsionado... = sujeito paciente
D) ...elevando a fatia dos brasileiros com ensino médio... = objeto direto
E) ...impulsionado pelo aumento do número de universidades... = agente da passiva

2-)
Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens [...], sabiam os paulistas como... = SUJEITO
A) Nas expedições breves = ADJUNTO ADVERBIAL
B) nada acrescentariam aqueles de considerável...= adjunto adverbial
C) seria perceptível o sinal. = predicativo
D) Uma sequência de tais galhos = sujeito
E) apresentam-nos a vila de São Paulo como = objeto direto

3-)
A) o beijo da madrugada. = adjunto adnominal
B)a sua possibilidade de ganhar a vida. = complemento nominal (possibilidade de quê?)
C)na janela do edifício. = adjunto adnominal
D)... sem saber ao certo se gostávamos dele. = objeto indireto
E) a brincar de bandido e mocinho de cinema = objeto indireto
4-)
esta lhe deu cem mil contos = o verbo DAR é bitransitivo, ou seja, transitivo direto e indireto, portanto precisa de dois complementos – dois objetos: direto e indireto.
Deu o quê? = cem mil contos (direto)
Deu a quem? lhe (=a ele, a ela) = indireto

5-)
- Amanhã (nós) teremos uma palestra sobre qualidade de vida.
- Neste ano, (eu) quero prestar serviço voluntário.

6-)
É notável, nos textos épicos, a participação do sobrenatural. É frequente a mistura de assuntos relativos ao nacionalismo com o caráter maravilhoso. Nas epopeias, os deuses tomam partido e interferem nas aventuras dos heróis, ajudando-os ou atrapalhando-os.
Ambos os termos apresentam sujeito simples

7-)
Surgiram fotógrafos e repórteres.
O sujeito está deslocado, colocado na ordem indireta (final da oração). Portanto: função sintática: sujeito (composto); classe morfológica (classe de palavras): substantivos.

Frase é todo enunciado de sentido completo, podendo ser formada por uma só palavra ou por várias, ter verbos ou não. A frase exprime, através da fala ou da escrita: ideias, emoções, ordens, apelos. Define-se pelo seu propósito comunicativo, ou seja, pela sua capacidade de, num intercâmbio linguístico, transmitir um conteúdo satisfatório para a situação em que é utilizada. Exemplos:
O Brasil possui um grande potencial turístico.
Espantoso!
Não vá embora.
Silêncio!
O telefone está tocando.

Observação: a frase que não possui verbo denomina-se ***Frase Nominal.***
Na língua falada, a frase é caracterizada pela entoação, que indica nitidamente seu início e seu fim. A entoação pode vir acompanhada por gestos, expressões do rosto, do olhar, além de ser complementada pela situação em que o falante se encontra. Esses fatos contribuem para que frequentemente surjam frases muito simples, formadas por apenas uma palavra. Observe:
Rua!
Ai!

Essas palavras, dotadas de entoação própria, e acompanhadas de gestos peculiares, são suficientes para satisfazer suas necessidades expressivas.
Na língua escrita, a entoação é representada pelos sinais de pontuação, os quais procuram sugerir a melodia frasal. Desaparecendo a situação viva, o contexto é fornecido pelo próprio texto, o que acaba tornando necessário que as frases escritas sejam linguisticamente mais completas. Essa maior complexidade linguística leva a frase a obedecer às regras gerais da língua. Portanto, a organização e a ordenação dos elementos formadores da frase devem seguir os padrões da língua. Por isso é que: *As meninas estavam alegres.* = constitui uma frase, enquanto: *Alegres meninas estavam as.* = não é considerada uma frase da língua portuguesa.

Tipos de Frases

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das

situações em que se explora a ironia. Pense, por exemplo, na frase "*Que educação*!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "*É ela*." pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção, etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases.

Existem alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. São elas:

- **Frases Interrogativas:** ocorrem quando uma pergunta é feita pelo emissor da mensagem. São empregadas quando se deseja obter alguma informação. A interrogação pode ser direta ou indireta.

Você aceita um copo de suco? (Interrogação direta)

Desejo saber se você aceita um copo de suco. (Interrogação indireta)

- Frases Imperativas: ocorrem quando o emissor da mensagem dá uma ordem, um conselho ou faz um pedido, utilizando o verbo no modo imperativo. Podem ser afirmativas ou negativas.

Faça-o entrar no carro! (Afirmativa)

Não faça isso. (Negativa)

Dê-me uma ajudinha com isso! (Afirmativa)

- Frases Exclamativas: nesse tipo de frase o emissor exterioriza um estado afetivo. Apresentam entoação ligeiramente prolongada. Por Exemplo:

Que prova difícil!

É uma delícia esse bolo!

- **Frases Declarativas**: ocorrem quando o emissor constata um fato. Esse tipo de frase informa ou declara alguma coisa. <u>*Podem ser afirmativas ou negativas.*</u>

Obrigaram o rapaz a sair. (Afirmativa)

Ela não está em casa. (Negativa)

- **Frases Optativas:** são usadas para exprimir um desejo. Por Exemplo:

Deus te acompanhe!

Bons ventos o levem!

De acordo com a construção, as frases classificam-se em:

Frase Nominal: é a frase construída sem verbos. Exemplos:

Fogo!

Cuidado!

Belo serviço o seu!

Trabalho digno desse feirante.

Frase Verbal: é a frase construída com verbo. Por Exemplo:

O sol ilumina a cidade e aquece os dias.

Os casais saíram para jantar.

A bola rolou escada abaixo.

Estrutura da Frase

As frases que possuem verbo são geralmente estruturadas a partir de dois elementos essenciais: *sujeito e predicado*. Isso não significa, no entanto, que tais frases devam ser formadas, no mínimo, por dois vocábulos. Na frase "*Saímos*", por exemplo, há um sujeito implícito na terminação do verbo: nós.

O sujeito é o termo da frase que concorda com o verbo em número e pessoa. É normalmente o "ser de quem se declara algo", "o tema do que se vai comunicar".

O predicado é a parte da frase que contém "a informação nova para o ouvinte". Normalmente, ele se refere ao sujeito, constituindo a declaração do que se atribui ao sujeito. É sempre muito importante analisar qual é o núcleo significativo da declaração: se o núcleo da declaração estiver no verbo, teremos um predicado verbal (ocorre nas frases verbais); se o núcleo da declaração estiver em algum nome, teremos um predicado nominal (ocorre nas frases nominais que possuem verbo de ligação). Observe: *O amor é eterno.*

O tema, o ser de quem se declara algo, o sujeito, é "O amor". A declaração referente a "o amor", ou seja, o predicado, é «é eterno». É um predicado nominal, pois seu núcleo significativo é o nome «eterno». Já na frase: *Os rapazes jogam futebol.* O sujeito é "Os rapazes", que identificamos por ser o termo que concorda em número e pessoa com o verbo "jogam". O predicado é "jogam futebol", cujo núcleo significativo é o verbo "jogam". Temos, assim, um predicado verbal.

Oração

Uma frase verbal pode ser também uma oração. Para isso é necessário:

- que o enunciado tenha sentido completo;
- que o enunciado tenha verbo (ou locução verbal).

Por Exemplo: *Camila terminou a leitura do livro.*

Obs.: Na oração as palavras estão relacionadas entre si, como partes de um conjunto harmônico: elas são os termos ou as unidades sintáticas da oração. Assim, cada termo da oração desempenha uma função sintática.

Atenção: Nem toda frase é oração. Por Exemplo: *Que dia lindo!*

Esse enunciado é frase, pois tem sentido. Esse enunciado não é oração, pois não possui verbo. Assim, não possuem estrutura sintática, portanto não são orações, frases como:

Socorro! - Com Licença! - Que rapaz ignorante!

A frase pode conter uma ou mais orações. Veja:

Brinquei no parque. (uma oração)

Entrei na casa e sentei-me. (duas orações)

Cheguei, vi, venci. (três orações)

Período

Período é a frase constituída de uma ou mais orações, formando um todo, com sentido completo. O período pode ser simples ou composto.

NOVA CONCURSOS

Período Simples: é aquele constituído por apenas uma oração, que recebe o nome de oração absoluta. Exemplos:

O amor é eterno.
As plantas necessitam de cuidados especiais.
Quero aquelas rosas.
O tempo é o melhor remédio.

Período Composto: é aquele constituído por duas ou mais orações. Exemplos:

Quando você partiu minha vida ficou sem alegrias.
Quero aquelas flores para presentear minha mãe.
Vou gritar para todos ouvirem que estou sabendo o que acontece ao anoitecer.
Cheguei, jantei e fui dormir.

Saiba que: Como toda oração está centrada num verbo ou numa locução verbal, a maneira prática de saber quantas orações existem num período é contar os verbos ou locuções verbais.

Período Composto

O ***período composto*** caracteriza-se por possuir mais de uma oração em sua composição. Sendo Assim:

- *Eu irei à praia*. (Período Simples = um verbo, uma oração)
- *Estou comprando um protetor solar, depois irei à praia*. (Período Composto =locução verbal, verbo, duas orações)
- *Já me decidi: só irei à praia, se antes eu comprar um protetor solar.* (Período Composto = três verbos, três orações).

Cada verbo ou locução verbal sublinhada acima corresponde a uma oração. Isso implica que o primeiro exemplo é um período simples, pois tem apenas uma oração, os dois outros exemplos são períodos compostos, pois têm mais de uma oração.

Há dois tipos de relações que podem se estabelecer entre as orações de um período composto: uma relação de coordenação ou uma relação de subordinação.

Duas orações são coordenadas quando estão juntas em um mesmo período (ou seja, em um mesmo bloco de informações, marcado pela pontuação final), mas têm, ambas, estruturas individuais, como é o exemplo de:

- *Estou comprando um protetor solar, depois irei à praia*. (Período Composto)

Podemos dizer:

1. Estou comprando um protetor solar.
2. Irei à praia.

Separando as duas, vemos que elas são independentes.

É esse tipo de período que veremos: o Período Composto por Coordenação.

Quanto à classificação das orações coordenadas, temos dois tipos: Coordenadas Assindéticas e Coordenadas Sindéticas.

Coordenadas Assindéticas

São orações coordenadas entre si e que não são ligadas através de nenhum conectivo. Estão apenas justapostas.

Coordenadas Sindéticas

Ao contrário da anterior, são orações coordenadas entre si, mas que são ligadas através de uma conjunção coordenativa. Esse caráter vai trazer para esse tipo de oração uma classificação. As orações coordenadas sindéticas são classificadas em cinco tipos: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas: suas principais conjunções são: *e, nem, não só... mas também, não só... como, assim... como.*

- *Não só cantei como também dancei.*
- *Nem comprei o protetor solar, nem fui à praia.*
- *Comprei o protetor solar e fui à praia.*

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas: suas principais conjunções são: *mas, contudo, todavia, entretanto, porém, no entanto, ainda, assim, senão.*

- *Fiquei muito cansada, contudo me diverti bastante.*
- *Ainda que a noite acabasse, nós continuaríamos dançando.*
- *Não comprei o protetor solar, mas mesmo assim fui à praia.*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas: suas principais conjunções são: *ou... ou; ora...ora; quer...quer; seja...seja.*

- *Ou uso o protetor solar, ou uso o óleo bronzeador.*
- *Ora sei que carreira seguir, ora penso em várias carreiras diferentes.*
- *Quer eu durma quer eu fique acordado, ficarei no quarto.*

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas: suas principais conjunções são: l*ogo, portanto, por fim, por conseguinte, consequentemente, pois (posposto ao verbo)*

- *Passei no vestibular, portanto irei comemorar.*
- *Conclui o meu projeto, logo posso descansar.*
- *Tomou muito sol, consequentemente ficou adoentada.*
- *A situação é delicada; devemos, pois, agir*

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas: suas principais conjunções são: *isto é, ou seja, a saber, na verdade, pois (anteposto ao verbo).*

- *Só passei na prova porque me esforcei por muito tempo.*
- *Só fiquei triste por você não ter viajado comigo.*
- *Não fui à praia, pois queria descansar durante o Domingo.*

Fonte:
http://www.infoescola.com/portugues/oracoes-coordenadas-assindeticas-e-sindeticas/

Questões sobre Orações Coordenadas

01. A oração "*Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo*" tem valor:
A) conclusivo
B) adversativo
C) concessivo
D) explicativo
E) alternativo

02. "***Estudamos***, logo deveremos passar nos exames". A oração em destaque é:
a) coordenada explicativa
b) coordenada adversativa
c) coordenada aditiva
d) coordenada conclusiva
e) coordenada assindética

03. (AGENTE EDUCACIONAL – VUNESP – 2013-adap.) Releia o seguinte trecho:
Joyce e Mozart são ótimos, ***mas*** *eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.*
Sem que haja alteração de sentido, e de acordo com a norma- -padrão da língua portuguesa, ao se substituir o termo em destaque, o trecho estará corretamente reescrito em:
A) Joyce e Mozart são ótimos, portanto eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.
B) Joyce e Mozart são ótimos, conforme eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.
C) Joyce e Mozart são ótimos, assim eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.
D) Joyce e Mozart são ótimos, todavia eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.
E) Joyce e Mozart são ótimos, pois eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática.

04. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013-adap.) Em – ...fruto ***não só*** do novo acesso da população ao automóvel ***mas também*** da necessidade de maior número de viagens... –, os termos em destaque estabelecem relação de
A) explicação.
B) oposição.
C) alternância.
D) conclusão.
E) adição.

05. Analise a oração destacada: Não se desespere, ***que estaremos a seu lado sempre***.
Marque a opção correta quanto à sua classificação:
A) Coordenada sindética aditiva.
B) Coordenada sindética alternativa.
C) Coordenada sindética conclusiva.
D) Coordenada sindética explicativa.

GABARITO

01. B 02. E 03. D 04. E 05. D

RESOLUÇÃO

1-)
"Não se verificou, todavia, uma transplantação integral de gosto e de estilo" = conjunção adversativa, portanto: oração coordenada sindética adversativa

2-)
Estudamos, logo deveremos passar nos exames = a oração em destaque não é introduzida por conjunção, então: coordenada assindética

3-)
Joyce e Mozart são ótimos, mas eles... = conjunção (e ideia) adversativa
A) Joyce e Mozart são ótimos, portanto eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conclusiva
B) Joyce e Mozart são ótimos, conforme eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conformativa
C) Joyce e Mozart são ótimos, assim eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = conclusiva
E) Joyce e Mozart são ótimos, pois eles, como quase toda a cultura humanística, têm pouca relevância para nossa vida prática. = explicativa
Dica: conjunção *pois* como explicativa = dá para eu substituir por *porque*; como conclusiva: substituo por *portanto*.

4-)
fruto não só do novo acesso da população ao automóvel mas também da necessidade de maior número de viagens... estabelecem relação de adição de ideias, de fatos

5-)
Não se desespere, que estaremos a seu lado sempre.
= conjunção explicativa (= porque) - coordenada sindética explicativa

Subordinação

Observe o exemplo abaixo de Vinícius de Moraes:

"Eu sinto *que em meu gesto existe o teu gesto."*
Oração Principal Oração Subordinada

Observe que na oração subordinada temos o verbo "existe", que está conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. As orações subordinadas que apresentam verbo em qualquer dos tempos finitos (tem-

NOVA CONCURSOS

pos do modo do indicativo, subjuntivo e imperativo), são chamadas de ***orações desenvolvidas*** ou explícitas. Podemos modificar o período acima. Veja:

Eu sinto *existir em meu gesto o teu gesto.*
Oração Principal Oração Subordinada

A análise das orações continua sendo a mesma: "Eu sinto" é a oração principal, cujo objeto direto é a oração subordinada "existir em meu gesto o teu gesto". Note que a oração subordinada apresenta agora verbo no infinitivo. Além disso, a conjunção "que", conectivo que unia as duas orações, desapareceu. As orações subordinadas cujo verbo surge numa das formas nominais (infinitivo - flexionado ou não -, gerúndio ou particípio) chamamos ***orações reduzidas*** ou implícitas.

Obs.: as orações reduzidas não são introduzidas por conjunções nem pronomes relativos. Podem ser, eventualmente, introduzidas por preposição.

1) ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A oração subordinada substantiva tem valor de substantivo e vem introduzida, geralmente, por conjunção integrante (*que, se*).

Suponho *que você foi à biblioteca hoje.*
Oração Subordinada Substantiva

Você sabe *se o presidente já chegou?*
Oração Subordinada Substantiva

Os pronomes interrogativos (que, quem, qual) também introduzem as orações subordinadas substantivas, bem como os advérbios interrogativos (por que, quando, onde, como). Veja os exemplos:

O garoto perguntou *qual era o telefone da moça.*
Oração Subordinada Substantiva

Não sabemos *por que a vizinha se mudou.*
Oração Subordinada Substantiva

Classificação das Orações Subordinadas Substantivas

De acordo com a função que exerce no período, a oração subordinada substantiva pode ser:

a) Subjetiva

É subjetiva quando exerce a função sintática de sujeito do verbo da oração principal. Observe:

É fundamental *o seu comparecimento à reunião.*
Sujeito

É fundamental *que você compareça à reunião.*
Oração Principal Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

Atenção: Observe que a oração subordinada substantiva pode ser substituída pelo pronome " isso". Assim, temos um período simples:

É fundamental isso. *ou* *Isso é fundamental.*

Dessa forma, a oração correspondente a "isso" exercerá a função de sujeito

Veja algumas estruturas típicas que ocorrem na oração principal:

1- Verbos de ligação + predicativo, em construções do tipo: *É bom - É útil - É conveniente - É certo - Parece certo - É claro - Está evidente - Está comprovado*

É bom que você compareça à minha festa.

2- Expressões na voz passiva, como: *Sabe-se - Soube-se - Conta-se - Diz-se - Comenta-se - É sabido - Foi anunciado - Ficou provado*

Sabe-se que Aline não gosta de Pedro.

3- Verbos como: *convir - cumprir - constar - admirar - importar - ocorrer - acontecer*

Convém que não se atrase na entrevista.

Obs.: quando a oração subordinada substantiva é subjetiva, o verbo da oração principal está sempre na 3ª. pessoa do singular.

b) Objetiva Direta

A oração subordinada substantiva objetiva direta exerce função de objeto direto do verbo da oração principal.

Todos querem *sua aprovação no concurso.*
Objeto Direto

Todos querem *que você seja aprovado.* (= Todos querem isso)
Oração Principal oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas desenvolvidas são iniciadas por:

- **Conjunções integrantes** "que" (às vezes elíptica) e "se":

A professora verificou se todos alunos estavam presentes.

- **Pronomes indefinidos** que, quem, qual, quanto (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas:

O pessoal queria saber quem era o dono do carro importado.

- **Advérbios** como, quando, onde, por que, quão (às vezes regidos de preposição), nas interrogações indiretas:

Eu não sei por que ela fez isso.

c) Objetiva Indireta

A oração subordinada substantiva objetiva indireta atua como objeto indireto do verbo da oração principal. Vem precedida de preposição.

Meu pai insiste *em meu estudo*.
Objeto Indireto

Meu pai insiste *em que eu estude*. (= Meu pai insiste nisso)
Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

Obs.: em alguns casos, a preposição pode estar elíptica na oração.

Marta não gosta *(de) que a chamem de senhora.*
Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

d) Completiva Nominal

A oração subordinada substantiva completiva nominal completa um nome que pertence à oração principal e também vem marcada por preposição.

Sentimos orgulho *de seu comportamento.*
Complemento Nominal

Sentimos orgulho *de que você se comportou*. (= Sentimos orgulho disso.)
Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal

Lembre-se: as orações subordinadas substantivas objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto que orações subordinadas substantivas completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo, o segundo, um nome.

e) Predicativa

A oração subordinada substantiva predicativa exerce papel de predicativo do sujeito do verbo da oração principal e vem sempre depois do verbo ser.

Nosso desejo *era sua desistência.*
Predicativo do Sujeito

Nosso desejo era *que ele desistisse*. (= Nosso desejo era isso)
Oração Subordinada Substantiva Predicativa

Obs.: em certos casos, usa-se a preposição expletiva "de" para realce. Veja o exemplo: *A impressão é de que não fui bem na prova*.

f) Apositiva

A oração subordinada substantiva apositiva exerce função de aposto de algum termo da oração principal.

Fernanda tinha um grande sonho: *a chegada do dia de seu casamento.*
Aposto

(Fernanda tinha um grande sonho: *isso*.)

Fernanda tinha um grande sonho: *que o dia do seu casamento chegasse.*
Oração Subordinada Substantiva Apositiva

2) ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Uma oração subordinada adjetiva é aquela que possui valor e função de adjetivo, ou seja, que a ele equivale. As orações vêm introduzidas por pronome relativo e exercem a função de adjunto adnominal do antecedente. Observe o exemplo:

Esta foi uma redação *bem-sucedida.*
Substantivo Adjetivo (Adjunto Adnominal)

Note que o substantivo redação foi caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida. Nesse caso, é possível formarmos outra construção, a qual exerce exatamente o mesmo papel. Veja:

Esta foi uma redação *que fez sucesso*.
Oração Principal Oração Subordinada Adjetiva

Perceba que a conexão entre a oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita pelo pronome relativo "que". Além de conectar (ou relacionar) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede.

Obs.: para que dois períodos se unam num período composto, altera-se o modo verbal da segunda oração.

Atenção: Vale lembrar um recurso didático para reconhecer o pronome relativo "que": ele sempre pode ser substituído por: *o qual - a qual - os quais - as quais*

Refiro-me ao aluno que é estudioso.
Essa oração é equivalente a:
Refiro-me ao aluno o qual estuda.

Forma das Orações Subordinadas Adjetivas

Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas desenvolvidas. Além delas, existem as orações subordinadas adjetivas reduzidas, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio).

Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.
Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.

NOVA CONCURSOS

No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo "que" e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

Classificação das Orações Subordinadas Adjetivas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diferentes. Há aquelas que restringem ou especificam o sentido do termo a que se referem, individualizando-o. Nessas orações não há marcação de pausa, sendo chamadas subordinadas adjetivas restritivas. Existem também *orações que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente*, que já se encontra suficientemente definido, as quais denominam-se *subordinadas adjetivas explicativas*.

Exemplo 1:

Jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem ***que passava naquele momento***.

Oração Subordinada Adjetiva Restritiva

Nesse período, observe que a oração em destaque restringe e particulariza o sentido da palavra "homem": trata-se de um homem específico, único. A oração limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens, mas sim àquele que estava passando naquele momento.

Exemplo 2:

O homem, ***que se considera racional***, muitas vezes age animalescamente.

Oração Subordinada Adjetiva Explicativa

Nesse período, a oração em destaque não tem sentido restritivo em relação à palavra "homem"; na verdade, essa oração apenas explicita uma ideia que já sabemos estar contida no conceito de "homem".

Saiba que:

A oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas; de fato, ***as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não.***

3) ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Uma oração subordinada adverbial é aquela que exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Dessa forma, pode exprimir circunstância de tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese, etc. Quando desenvolvida, vem introduzida por uma das conjunções subordinativas (com exclusão das integrantes). Classifica-se de acordo com a conjunção ou locução conjuntiva que a introduz.

Durante a madrugada*, eu olhei você dormindo*.

Oração Subordinada Adverbial

Observe que a oração em destaque agrega uma circunstância de tempo. É, portanto, chamada de oração subordinada adverbial temporal. Os adjuntos adverbiais são termos acessórios que indicam uma circunstância referente, via de regra, a um verbo. A classificação do adjunto adverbial depende da exata compreensão da circunstância que exprime. Observe os exemplos abaixo:

Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.

Quando vi a estátua, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal "senti". No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a estátua", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, pois é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo ("vi", do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo-se:

Ao ver a estátua, *senti uma das maiores emoções de minha vida.*

A oração em destaque é reduzida, pois apresenta uma das formas nominais do verbo ("ver" no infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição ("a", combinada com o artigo "o").

Obs.: a classificação das orações subordinadas adverbiais é feita do mesmo modo que a classificação dos adjuntos adverbiais. Baseia-se na circunstância expressa pela oração.

Circunstâncias Expressas pelas Orações Subordinadas Adverbiais

a) Causa

A ideia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato, ao motivo do que se declara na oração principal. "É aquilo ou aquele que determina um acontecimento".

Principal conjunção subordinativa causal: PORQUE

Outras conjunções e locuções causais: *como (sempre introduzido na oração anteposta à oração principal), pois, pois que, já que, uma vez que, visto que.*

As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.

Como ninguém se interessou pelo projeto, não houve alternativa a não ser cancelá-lo.

Já que você não vai, eu também não vou.

b) Consequência

As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem um fato que é consequência, que é efeito do que se declara na oração principal. São introduzidas pelas con-

junções e locuções: *que, de forma que, de sorte que, tanto que*, etc., e pelas estruturas *tão...que, tanto...que, tamanho... que*.

Principal conjunção subordinativa consecutiva: QUE (precedido de tal, tanto, tão, tamanho)

É feio que dói. (É tão feio que, em consequência, causa dor.)

Nunca abandonou seus ideais, de sorte que acabou concretizando-os.

Não consigo ver televisão sem bocejar. (Oração Reduzida de Infinitivo)

c) Condição

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal.

Principal conjunção subordinativa condicional: SE

Outras conjunções condicionais: *caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a não ser que, a menos que, sem que, uma vez que (seguida de verbo no subjuntivo).*

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será campeão.

Uma vez que todos aceitem a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

d) Concessão

As orações subordinadas adverbiais concessivas indicam concessão às ações do verbo da oração principal, isto é, admitem uma contradição ou um fato inesperado. A ideia de concessão está diretamente ligada ao contraste, à quebra de expectativa.

Principal conjunção subordinativa concessiva: EMBORA

Utiliza-se também a conjunção: *conquanto* e as locuções *ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, posto que, apesar de que.*

Só irei se ele for.

A oração acima expressa uma condição: o fato de "eu" ir só se realizará caso essa condição seja satisfeita. Compare agora com:

Irei ***mesmo que ele não vá***.

A distinção fica nítida; temos agora uma concessão: irei de qualquer maneira, independentemente de sua ida. A oração destacada é, portanto, subordinada adverbial concessiva. Observe outros exemplos:

Embora fizesse calor, levei agasalho.

Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.

Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

e) Comparação

As orações subordinadas adverbiais comparativas estabelecem uma comparação com a ação indicada pelo verbo da oração principal.

Principal conjunção subordinativa comparativa: COMO

Ele dorme como um urso.

Saiba que: É comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Por exemplo:

Agem como crianças. (agem)

Oração Subordinada Adverbial Comparativa

No entanto, quando se comparam ações diferentes, isso não ocorre. Por exemplo: *Ela fala mais do que faz*. (comparação do verbo falar e do verbo fazer).

f) Conformidade

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam ideia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal.

Principal conjunção subordinativa conformativa: CONFORME

Outras conjunções conformativas: *como, consoante e segundo* (todas com o mesmo valor de conforme).

Fiz o bolo conforme ensina a receita.

Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.

g) Finalidade

As orações subordinadas adverbiais finais indicam a intenção, a finalidade daquilo que se declara na oração principal.

Principal conjunção subordinativa final: A FIM DE QUE

Outras conjunções finais: *que, porque (= para que)* e a locução conjuntiva *para que.*

Aproximei-me dela a fim de que ficássemos amigos.

Felipe abriu a porta do carro para que sua namorada entrasse.

h) Proporção

As orações subordinadas adverbiais proporcionais exprimem ideia de proporção, ou seja, um fato simultâneo ao expresso na oração principal.

Principal locução conjuntiva subordinativa proporcional: À PROPORÇÃO QUE

Outras locuções conjuntivas proporcionais: *à medida que, ao passo que. Há ainda as estruturas: quanto maior... (maior), quanto maior...(menor), quanto menor...(maior), quanto menor...(menor), quanto mais...(mais), quanto mais... (menos), quanto menos...(mais), quanto menos...(menos).*

NOVA CONCURSOS

À proporção que estudávamos, acertávamos mais questões.

Visito meus amigos à medida que eles me convidam.

Quanto maior for a altura, maior será o tombo.

i) Tempo

As orações subordinadas adverbiais temporais acrescentam uma ideia de tempo ao fato expresso na oração principal, podendo exprimir noções de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade.

Principal conjunção subordinativa temporal: QUANDO

Outras conjunções subordinativas temporais: *enquanto, mal e locuções conjuntivas: assim que, logo que, todas as vezes que, antes que, depois que, sempre que, desde que*, etc.

Quando você foi embora, chegaram outros convidados.

Sempre que ele vem, ocorrem problemas.

Mal você saiu, ela chegou.

Terminada a festa, todos se retiraram. (= Quando terminou a festa) (Oração Reduzida de Particípio)

Fonte:

http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint29.php

Questões sobre Orações Subordinadas

01. (PAPILOSCOPISTA POLICIAL – VUNESp/2013).

Mais denso, menos trânsito

As grandes cidades brasileiras estão congestionadas e em processo de deterioração agudizado pelo crescimento econômico da última década. Existem deficiências evidentes em infraestrutura, mas é importante também considerar o planejamento urbano.

Muitas grandes cidades adotaram uma abordagem de desconcentração, incentivando a criação de diversos centros urbanos, na visão de que isso levaria a uma maior facilidade de deslocamento.

Mas o efeito tem sido o inverso. A criação de diversos centros e o aumento das distâncias multiplicam o número de viagens, dificultando o investimento em transporte coletivo e aumentando a necessidade do transporte individual.

Se olharmos Los Angeles como a região que levou a desconcentração ao extremo, ficam claras as consequências. Numa região rica como a Califórnia, com enorme investimento viário, temos engarrafamentos gigantescos que viraram característica da cidade.

Os modelos urbanos bem-sucedidos são aqueles com elevado adensamento e predominância do transporte coletivo, como mostram Manhattan e Tóquio.

O centro histórico de São Paulo é a região da cidade mais bem servida de transporte coletivo, com infraestrutura de telecomunicação, água, eletricidade etc. Como em outras grandes cidades, essa deveria ser a região mais adensada da metrópole. Mas não é o caso. Temos, hoje, um esvaziamento gradual do centro, com deslocamento das atividades para diversas regiões da cidade.

A visão de adensamento com uso abundante de transporte coletivo precisa ser recuperada. Desse modo, será possível reverter esse processo de uso cada vez mais intenso do transporte individual, fruto não só do novo acesso da população ao automóvel, mas também da necessidade de maior número de viagens em função da distância cada vez maior entre os destinos da população.

(Henrique Meirelles, Folha de S.Paulo, 13.01.2013. Adaptado)

As expressões *mais denso e menos trânsito*, no título, estabelecem entre si uma relação de

(A) comparação e adição.
(B) causa e consequência.
(C) conformidade e negação.
(D) hipótese e concessão.
(E) alternância e explicação

02. (AGENTE DE ESCOLTA E VIGILÂNCIA PENITENCIÁRIA – VUNESP – 2013). No trecho – Tem surtido um efeito positivo por eles se tornarem uma referência positiva dentro da unidade***, já que*** cumprem melhor as regras, respeitam o próximo e pensam melhor nas suas ações, refletem antes de tomar uma atitude. – o termo em destaque estabelece entre as orações uma relação de

A) condição.
B) causa.
C) comparação.
D) tempo.
E) concessão.

03. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:

A) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
B) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
C) Ignoras quanto custou meu relógio?
D) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
E) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião

04. (AGENTE DE VIGILÂNCIA E RECEPÇÃO – VUNESP – 2013). Considere a tirinha em que se vê Honi conversando com seu Namorado Lute.

(Dik Browne, Folha de S. Paulo, 26.01.2013)

É correto afirmar que a expressão ***contanto que*** estabelece entre as orações relação de

A) causa, pois Honi quer ter filhos e não deseja trabalhar depois de casada.

B) comparação, pois o namorado espera ter sucesso como cantor romântico.

C) tempo, pois ambos ainda são adolescentes, mas já pensam em casamento.

D) condição, pois Lute sabe que exercendo a profissão de músico provavelmente ganhará pouco.

E) finalidade, pois Honi espera que seu futuro marido torne-se um artista famoso.

05. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013). Em – ***Apesar da desconcentração e do aumento da extensão urbana verificados no Brasil,*** é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes... –, sem que tenha seu sentido alterado, o trecho em destaque está corretamente reescrito em:

A) Mesmo com a desconcentração e o aumento da Extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

B) Uma vez que se verifica a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

C) Assim como são verificados a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

D) Visto que com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

E) De maneira que, com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil, é importante desenvolver e adensar ainda mais os diversos centros já existentes...

06. (ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP – 2013). Em – É fundamental que essa visão de adensamento com uso abundante de transporte coletivo seja recuperada ***para que*** possamos reverter esse processo de uso... –, a expressão em destaque estabelece entre as orações relação de

A) consequência.

B) condição.

C) finalidade.

D) causa.

E) concessão.

07. (ANALISTA DE SISTEMAS – VUNESP – 2013 – adap.). Considere o trecho: "***Como*** *as músicas eram de protesto, naquele mesmo ano foi enquadrado na lei de segurança nacional pela ditadura militar e exilado.*" O termo *Como,* em destaque na primeira parte do enunciado, expressa ideia de

A) contraste e tem sentido equivalente a porém.

B) concessão e tem sentido equivalente a mesmo que.

C) conformidade e tem sentido equivalente a conforme.

D) causa e tem sentido equivalente a visto que.

E) finalidade e tem sentido equivalente a para que.

08. (ANALISTA EM PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS PÚBLICAS – VUNESP – 2013-adap.) No trecho – *"Fio, disjuntor, tomada, tudo!", insiste o motorista, com tanto orgulho que chega a contaminar-me.* –, a construção *tanto ... que* estabelece entre as construções [com tanto orgulho] e [que chega a contaminar-me] uma relação de

A) condição e finalidade.

B) conformidade e proporção.

C) finalidade e concessão.

D) proporção e comparação.

E) causa e consequência.

GABARITO

01. B 02. B 03. C 04. D 05. A
06. C 07. D 08. E

RESOLUÇÃO

1-)

mais denso e menos trânsito = mais denso, consequentemente, menos trânsito, então: causa e consequência

2-)

já que cumprem melhor as regras = estabelece entre as orações uma relação de causa com a consequência de "tem um efeito positivo".

3-)
Ignoras quanto custou meu relógio? = oração subordinada substantiva objetiva direta
A oração não atende aos requisitos de tais orações, ou seja, não se inicia com verbo de ligação, tampouco pelos verbos "convir", "parecer", "importar", "constar" etc., e também não inicia com as conjunções integrantes "que" e "se".

4-)
a expressão *contanto que* estabelece uma relação de condição (condicional)

5-)
Apesar da desconcentração e do aumento da extensão urbana verificados no Brasil = conjunção concessiva
B) Uma vez que se verifica a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil, = causal
C) Assim como são verificados a desconcentração e o aumento da extensão urbana no Brasil = comparativa
D) Visto que com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil = causal
E) De maneira que, com a desconcentração e o aumento da extensão urbana verificados no Brasil = consecutivas

6-)
para que possamos = conjunção final (finalidade)

7-)
"Como as músicas eram de protesto = expressa ideia de causa da consequência "foi enquadrado" = causa e tem sentido equivalente a *visto que*.

8-)
com tanto orgulho que chega a contaminar-me. – a construção estabelece uma relação de causa e consequência. (a causa da "contaminação" – consequência)

CONCORDÂNCIA

Ao falarmos sobre a ***concordância verbal***, estamos nos referindo à relação de dependência estabelecida entre um termo e outro mediante um contexto oracional. Desta feita, os agentes principais desse processo são representados pelo sujeito, que no caso funciona como subordinante; e o verbo, o qual desempenha a função de subordinado.
Dessa forma, temos que a concordância verbal caracteriza-se pela adaptação do verbo, tendo em vista os quesitos "número e pessoa" em relação ao sujeito. Exemplificando, temos: *O aluno chegou atrasado.* Temos que o verbo apresenta-se na terceira pessoa do singular, pois faz referência a um sujeito, assim também expresso (ele). Como poderíamos também dizer: *os alunos chegaram atrasados.*

Casos referentes a sujeito simples

1) Em caso de sujeito simples, o verbo concorda com o núcleo em número e pessoa: *O aluno chegou atrasado*.

2) Nos casos referentes a sujeito representado por substantivo coletivo, o verbo permanece na terceira pessoa do singular: *A multidão, apavorada, saiu aos gritos.*

Observação:

- No caso de o coletivo aparecer seguido de adjunto adnominal no plural, o verbo permanecerá no singular ou poderá ir para o plural:
Uma multidão de pessoas saiu aos gritos.
Uma multidão de pessoas saíram aos gritos.

3) Quando o sujeito é representado por expressões partitivas, representadas por "a *maioria de, a maior parte de, a metade de, uma porção de"* entre outras, o verbo tanto pode concordar com o núcleo dessas expressões quanto com o substantivo que a segue: *A maioria dos alunos resolveu ficar. A maioria dos alunos resolveram ficar.*

4) No caso de o sujeito ser representado por expressões aproximativas, representadas por "*cerca de, perto de*", o verbo concorda com o substantivo determinado por elas: *Cerca de mil candidatos se inscreveram no concurso.*

5) Em casos em que o sujeito é representado pela expressão "*mais de um*", o verbo permanece no singular: *Mais de um candidato se inscreveu no concurso de piadas.*
Observação:
- No caso da referida expressão aparecer repetida ou associada a um verbo que exprime reciprocidade, o verbo, necessariamente, deverá permanecer no plural:
Mais de um aluno, mais de um professor contribuíram na campanha de doação de alimentos.
Mais de um formando se abraçaram durante as solenidades de formatura.

6) Quando o sujeito for composto da expressão "*um dos que*", o verbo permanecerá no plural: *Esse jogador foi um dos que atuaram na Copa América.*

7) Em casos relativos à concordância com locuções pronominais, representadas por "*algum de nós, qual de vós, quais de vós, alguns de nós*", entre outras, faz-se necessário nos atermos a duas questões básicas:
- No caso de o primeiro pronome estar expresso no plural, o verbo poderá com ele concordar, como poderá também concordar com o pronome pessoal: *Alguns de nós o receberemos. / Alguns de nós o receberão.*
- Quando o primeiro pronome da locução estiver expresso no singular, o verbo permanecerá, também, no singular: *Algum de nós o receberá.*

8) No caso de o sujeito aparecer representado pelo pronome "*quem*", o verbo permanecerá na terceira pessoa do singular ou poderá concordar com o antecedente desse pronome: *Fomos nós quem contou toda a verdade para ela. / Fomos nós quem contamos toda a verdade para ela.*

9) Em casos nos quais o sujeito aparece realçado pela palavra "*que*", o verbo deverá concordar com o termo que antecede essa palavra: *Nesta empresa somos nós que tomamos as decisões. / Em casa sou eu que decido tudo.*

10) No caso de o sujeito aparecer representado por expressões que indicam porcentagens, o verbo concordará com o numeral ou com o substantivo a que se refere essa porcentagem: *50% dos funcionários aprovaram a decisão da diretoria. / 50% do eleitorado apoiou a decisão.*

Observações:

- Caso o verbo apareça anteposto à expressão de porcentagem, esse deverá concordar com o numeral: *Aprovaram a decisão da diretoria 50% dos funcionários.*
- Em casos relativos a 1%, o verbo permanecerá no singular: *1% dos funcionários não aprovou a decisão da diretoria*.
- Em casos em que o numeral estiver acompanhado de determinantes no plural, o verbo permanecerá no plural: *Os 50% dos funcionários apoiaram a decisão da diretoria.*

11) Nos casos em que o sujeito estiver representado por pronomes de tratamento, o verbo deverá ser empregado na terceira pessoa do singular ou do plural: *Vossas Majestades gostaram das homenagens. Vossa Majestade agradeceu o convite.*

12) Casos relativos a sujeito representado por substantivo próprio no plural se encontram relacionados a alguns aspectos que os determinam:

- Diante de nomes de obras no plural, seguidos do verbo ser, este permanece no singular, contanto que o predicativo também esteja no singular: *Memórias póstumas de Brás Cubas é uma criação de Machado de Assis.*
- Nos casos de artigo expresso no plural, o verbo também permanece no plural: *Os Estados Unidos são uma potência mundial.*
- Casos em que o artigo figura no singular ou em que ele nem aparece, o verbo permanece no singular: *Estados Unidos é uma potência mundial.*

Casos referentes a sujeito composto

1) Nos casos relativos a sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes, o verbo deverá ir para o plural, estando relacionado a dois pressupostos básicos:

- Quando houver a 1ª pessoa, esta prevalecerá sobre as demais: *Eu, tu e ele faremos um lindo passeio.*
- Quando houver a 2ª pessoa, o verbo poderá flexionar na 2ª ou na 3ª pessoa: *Tu e ele sois primos. Tu e ele são primos.*

2) Nos casos em que o sujeito composto aparecer anteposto ao verbo, este permanecerá no plural: *O pai e seus dois filhos compareceram ao evento.*

3) No caso em que o sujeito aparecer posposto ao verbo, este poderá concordar com o núcleo mais próximo ou permanecer no plural: *Compareceram ao evento o pai e seus dois filhos. Compareceu ao evento o pai e seus dois filhos.*

4) Nos casos relacionados a sujeito simples, porém com mais de um núcleo, o verbo deverá permanecer no singular: *Meu esposo e grande companheiro merece toda a felicidade do mundo.*

5) Casos relativos a sujeito composto de palavras sinônimas ou ordenado por elementos em gradação, o verbo poderá permanecer no singular ou ir para o plural: *Minha vitória, minha conquista, minha premiação são frutos de meu esforço. / Minha vitória, minha conquista, minha premiação é fruto de meu esforço.*

Concordância nominal é o ajuste que fazemos aos demais termos da oração para que concordem em gênero e número com o substantivo. Teremos que alterar, portanto, o artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome. Além disso, temos também o verbo, que se flexionará à sua maneira.

Regra geral: O artigo, o adjetivo, o numeral e o pronome concordam em gênero e número com o substantivo.

- *A pequena criança é uma gracinha.*
- *O garoto que encontrei era muito gentil e simpático.*

Casos especiais: Veremos alguns casos que fogem à regra geral mostrada acima.

a) ***Um adjetivo após vários substantivos***

- Substantivos de mesmo gênero: adjetivo vai para o plural ou concorda com o substantivo mais próximo.
  - *Irmão e primo recém-chegado estiveram aqui.*
  - *Irmão e primo recém-chegados estiveram aqui.*

- Substantivos de gêneros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o substantivo mais próximo.
  - *Ela tem pai e mãe louros.*
  - *Ela tem pai e mãe loura.*

- Adjetivo funciona como predicativo: vai obrigatoriamente para o plural.
  - *O homem e o menino estavam perdidos.*
  - *O homem e sua esposa estiveram hospedados aqui.*

b) ***Um adjetivo anteposto a vários substantivos***

- Adjetivo anteposto normalmente concorda com o mais próximo.

Comi delicioso almoço e sobremesa.
Provei deliciosa fruta e suco.

- Adjetivo anteposto funcionando como predicativo: concorda com o mais próximo ou vai para o plural.

Estavam feridos o pai e os filhos.
Estava ferido o pai e os filhos.

c) ***Um substantivo e mais de um adjetivo***

- antecede todos os adjetivos com um artigo.

Falava fluentemente a língua inglesa e a espanhola.

- coloca o substantivo no plural.

Falava fluentemente as línguas inglesa e espanhola.

d) ***Pronomes de tratamento***

- sempre concordam com a 3ª pessoa.

Vossa Santidade esteve no Brasil.

e) ***Anexo, incluso, próprio, obrigado***

- Concordam com o substantivo a que se referem.

As cartas estão anexas.

NOVA CONCURSOS

A bebida está inclusa.
Precisamos de nomes próprios.
Obrigado, disse o rapaz.

f) ***Um(a) e outro(a), num(a) e noutro(a)***
- Após essas expressões o substantivo fica sempre no singular e o adjetivo no plural.
Renato advogou um e outro caso fáceis.
Pusemos numa e noutra bandeja rasas o peixe.

g) ***É bom, é necessário, é proibido***
- Essas expressões não variam se o sujeito não vier precedido de artigo ou outro determinante.
Canja é bom. / A canja é boa.
É necessário sua presença. / É necessária a sua presença.
É proibido entrada de pessoas não autorizadas. / A entrada é proibida.
h) ***Muito, pouco, caro***
- Como adjetivos: seguem a regra geral.
Comi muitas frutas durante a viagem.
Pouco arroz é suficiente para mim.
Os sapatos estavam caros.

- Como advérbios: são invariáveis.
Comi muito durante a viagem.
Pouco lutei, por isso perdi a batalha.
Comprei caro os sapatos.

i) ***Mesmo, bastante***
- Como advérbios: invariáveis
Preciso mesmo da sua ajuda.
Fiquei bastante contente com a proposta de emprego.

- Como pronomes: seguem a regra geral.
Seus argumentos foram bastantes para me convencer.
Os mesmos argumentos que eu usei, você copiou.
j) ***Menos, alerta***
- Em todas as ocasiões são invariáveis.
Preciso de menos comida para perder peso.
Estamos alerta para com suas chamadas.

k) ***Tal Qual***
- "Tal" concorda com o antecedente, "qual" concorda com o consequente.
As garotas são vaidosas tais qual a tia.
Os pais vieram fantasiados tais quais os filhos.

l) ***Possível***
- Quando vem acompanhado de "mais", "menos", "melhor" ou "pior", acompanha o artigo que precede as expressões.
A mais possível das alternativas é a que você expôs.
Os melhores cargos possíveis estão neste setor da empresa.
As piores situações possíveis são encontradas nas favelas da cidade.

m) ***Meio***
- Como advérbio: invariável.
Estou meio (um pouco) insegura.
- Como numeral: segue a regra geral.
Comi meia (metade) laranja pela manhã.

n) ***Só***
- apenas, somente (advérbio): invariável.
Só consegui comprar uma passagem.

- sozinho (adjetivo): variável.
Estiveram sós durante horas.

Fonte:
http://www.brasilescola.com/gramatica/concordancia-verbal.htm

Questões sobre Concordância Nominal e Verbal

01.(TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem ser embasados na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.
(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode estar subordinado às ordens indiscriminadas de um único poder central.
(E) O interesse de todos os cidadãos estão voltados para o momento eleitoral, que expõem as diferentes opiniões existentes na sociedade.

02. (Agente Técnico – FCC – 2013). As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:
A) Alguns dos aspectos mais desejáveis de uma boa leitura, que satisfaça aos leitores e seja veículo de aprimoramento intelectual, estão na capacidade de criação do autor, mediante palavras, sua matéria-prima.
B) Obras que se considera clássicas na literatura sempre delineia novos caminhos, pois é capaz de encantar o leitor ao ultrapassar os limites da época em que vivem seus autores, gênios no domínio das palavras, sua matéria-prima.
C) A palavra, matéria-prima de poetas e romancistas, lhe permitem criar todo um mundo de ficção, em que personagens se transformam em seres vivos a acompanhar os leitores, numa verdadeira interação com a realidade.
D) As possibilidades de comunicação entre autor e leitor somente se realiza plenamente caso haja afinidade de ideias entre ambos, o que permite, ao mesmo tempo, o crescimento intelectual deste último e o prazer da leitura.
E) Consta, na literatura mundial, obras-primas que constitui leitura obrigatória e se tornam referências por seu conteúdo que ultrapassa os limites de tempo e de época.

03. (Escrevente TJ-SP – Vunesp/2012) Leia o texto para responder à questão.

_____*dúvidas sobre o crescimento verde. Primeiro, não está claro até onde pode realmente chegar uma política baseada em melhorar a eficiência sem preços adequados para o carbono, a água e (na maioria dos países pobres) a terra. É verdade que mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si* _____*diferença, as companhias não podem suportar ter de pagar, de repente, digamos, 40 dólares por tonelada de carbono, sem qualquer preparação. Portanto, elas começam a usar preços- -sombra. Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos. E sem eles a maioria das políticas de crescimento verde sempre* _____ *a segunda opção.*

(Carta Capital, 27.06.2012. Adaptado)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

(A) Restam... faça... será
(B) Resta... faz... será
(C) Restam... faz... serão
(D) Restam... façam... serão
(E) Resta... fazem... será

04 (Escrevente TJ SP – Vunesp/2012) Assinale a alternativa em que o trecho

– *Ainda assim, ninguém encontrou até agora uma maneira de quantificar adequadamente os insumos básicos.*– está corretamente reescrito, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(B) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos ser quantificados.

(C) Ainda assim, temos certeza que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificado.

(D) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos seja quantificado.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos.

05. (FUNDAÇÃO CASA/SP - AGENTE ADMINISTRATIVO - VUNESP/2011 - ADAPTADA) Observe as frases do texto:

I. Cerca de 75 por cento dos países obtêm nota negativa...

II. ... à Venezuela, de Chávez, que obtém a pior classificação do continente americano (2,0)...

Assim como ocorre com o verbo "obter" nas frases I e II, a concordância segue as mesmas regras, na ordem dos exemplos, em:

(A) Todas as pessoas têm boas perspectivas para o próximo ano. Será que alguém tem opinião diferente da maioria?

(B) Vem muita gente prestigiar as nossas festas juninas. Vêm pessoas de muito longe para brincar de quadrilha.

(C) Pouca gente quis voltar mais cedo para casa. Quase todos quiseram ficar até o nascer do sol na praia.

(D) Existem pessoas bem intencionadas por aqui, mas também existem umas que não merecem nossa atenção.

(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam.

06. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) *Os folheteiros vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.*

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

(A) Há folheteiros que
(B) A maior parte dos folheteiros
(C) O folheteiro e sua família
(D) O grosso dos folheteiros
(E) Cada um dos folheteiros

07. (TRF - 5ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas em:

(A) Enquanto não se disporem a considerar o cordel sem preconceitos, as pessoas não serão capazes de fruir dessas criações poéticas tão originais.

(B) Ainda que nem sempre detenha o mesmo status atribuído à arte erudita, o cordel vem sendo estudado hoje nas melhores universidades do país.

(C) Rodolfo Coelho Cavalcante deve ter percebido que a situação dos cordelistas não mudaria a não ser que eles mesmos requizessem o respeito que faziam por merecer.

(D) Se não proveem do preconceito, a desvalorização e a pouca visibilidade dessa arte popular tão rica só pode ser resultado do puro e simples desconhecimento.

(E) Rodolfo Coelho Cavalcante entreveu que os problemas dos cordelistas estavam diretamente ligados à falta de representatividade.

08. (TRF - 4ª REGIÃO – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) Observam-se corretamente as regras de concordância verbal e nominal em:

a) O desenraizamento, não só entre intelectuais como entre os mais diversos tipos de pessoas, das mais sofisticadas às mais humildes, são cada vez mais comuns nos dias de hoje.

b) A importância de intelectuais como Edward Said e Tony Judt, que não se furtaram ao debate sobre questões polêmicas de seu tempo, não estão apenas nos livros que escreveram.

c) Nada indica que o conflito no Oriente Médio entre árabes e judeus, responsável por tantas mortes e tanto sofrimento, estejam próximos de serem resolvidos ou pelo menos de terem alguma trégua.

d) Intelectuais que têm compromisso apenas com a verdade, ainda que conscientes de que esta é até certo ponto relativa, costumam encontrar muito mais detratores que admiradores.

e) No final do século XX já não se via muitos intelectuais e escritores como Edward Said, que não apenas era notícia pelos livros que publicavam como pelas posições que corajosamente assumiam.

NOVA CONCURSOS

09. (TRF - 2ª REGIÃO - TÉCNICO JUDICIÁRIO - FCC/2012) O verbo que, dadas as alterações entre parênteses propostas para o segmento grifado, deverá ser colocado no plural, está em:

(A) Não há ***dúvida*** de que o estilo de vida... (dúvidas)

(B) ***O que não se*** sabe... (ninguém nas regiões do planeta)

(C) ***O consumo mundial*** não dá sinal de trégua... (O consumo mundial de barris de petróleo)

(D) ***Um aumento*** elevado no preço do óleo reflete-se no custo da matéria-prima... (Constantes aumentos)

(E) o tema das mudanças climáticas pressiona os esforços mundiais... (a preocupação em torno das mudanças climáticas)

10. (CETESB/SP – ESCRITURÁRIO - VUNESP/2013) Assinale a alternativa em que a concordância das formas verbais destacadas está de acordo com a norma-padrão da língua.

(A) ***Fazem*** dez anos que deixei de trabalhar em higienização subterrânea.

(B) Ainda ***existe*** muitas pessoas que discriminam os trabalhadores da área de limpeza.

(C) No trabalho em meio a tanta sujeira, ***havia*** altos riscos de se contrair alguma doença.

(D) Eu passava a manhã no subterrâneo: quando ***era*** sete da manhã, eu já estava fazendo meu serviço.

(E) As companhias de limpeza, apenas recentemente, ***começou*** a adotar medidas mais rigorosas para a proteção de seus funcionários.

GABARITO

01. A 02. A 03. A 04. E 05. A
06. E 07. |B 08. D 09. D10. C

RESOLUÇÃO

1-) Fiz os acertos entre parênteses:

(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.

(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem (deve) ser embasados (embasada) na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.

(C) Eleições livres e diretas é (são) garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita (respeitam) tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.

(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode (podem) estar subordinado (subordinadas) às ordens indiscriminadas de um único poder central.

(E) O interesse de todos os cidadãos estão (está) voltados (voltado) para o momento eleitoral, que expõem (expõe) as diferentes opiniões existentes na sociedade.

2-)

A) Alguns dos aspectos mais desejáveis de uma boa leitura, que satisfaça aos leitores e seja veículo de aprimoramento intelectual, estão na capacidade de criação do autor, mediante palavras, sua matéria-prima. = correta

B) Obras que se consideram clássicas na literatura sempre delineiam novos caminhos, pois são capazes de encantar o leitor ao ultrapassarem os limites da época em que vivem seus autores, gênios no domínio das palavras, sua matéria-prima.

C) A palavra, matéria-prima de poetas e romancistas, lhes permite criar todo um mundo de ficção, em que personagens se transformam em seres vivos a acompanhar os leitores, numa verdadeira interação com a realidade.

D) As possibilidades de comunicação entre autor e leitor somente se realizam plenamente caso haja afinidade de ideias entre ambos, o que permite, ao mesmo tempo, o crescimento intelectual deste último e o prazer da leitura.

E) Constam, na literatura mundial, obras-primas que constituem leitura obrigatória e se tornam referências por seu conteúdo que ultrapassa os limites de tempo e de época.

3-) _Restam___dúvidas

mesmo que a ameaça dos preços do carbono e da água em si __faça __diferença

a maioria das políticas de crescimento verde sempre ____será_____ a segunda opção.

Em "a maioria de", a concordância pode ser dupla: tanto no plural quanto no singular. Nas alternativas não há "restam/faça/serão", portanto a A é que apresenta as opções adequadas.

4-)

(A) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificar os insumos básicos.

(B) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de os insumos básicos serem quantificados.

(C) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificados.

(D) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada para que os insumos básicos sejam quantificados.

(E) Ainda assim, temos certeza de que ninguém encontrou até agora uma maneira adequada de se quantificarem os insumos básicos. = correta

5-) Em I, obtêm está no plural; em II, no singular. Vamos aos itens:

(A) Todas as pessoas têm (plural) ... Será que alguém tem (singular)

(B) Vem (singular) muita gente... Vêm pessoas (plural)

(C) Pouca gente quis (singular)... Quase todos quiseram (plural)

(D) Existem (plural) pessoas ... mas também existem umas (plural)

(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam (ambas as formas estão no plural)

6-)

A - Há folheteiros que vivem (concorda com o objeto "folheterios")

B – A maior parte dos folheteiros vivem/vive (opcional)
C – O folheteiro e sua família vivem (sujeito composto)
D – O grosso dos folheteiros vive/vivem (opcional)
E – Cada um dos folheteiros vive = somente no singular

7-) Coloquei entre parênteses a forma verbal correta:

(A) Enquanto não se disporem (dispuserem) a considerar o cordel sem preconceitos, as pessoas não serão capazes de fruir dessas criações poéticas tão originais.

(B) Ainda que nem sempre detenha o mesmo status atribuído à arte erudita, o cordel vem sendo estudado hoje nas melhores universidades do país.

(C) Rodolfo Coelho Cavalcante deve ter percebido que a situação dos cordelistas não mudaria a não ser que eles mesmos requizessem (requeressem) o respeito que faziam por merecer.

(D) Se não proveem (provêm) do preconceito, a desvalorização e a pouca visibilidade dessa arte popular tão rica só pode (podem) ser resultado do puro e simples desconhecimento.

(E) Rodolfo Coelho Cavalcante entreveu (entreviu) que os problemas dos cordelistas estavam diretamente ligados à falta de representatividade.

8-) Fiz as correções entre parênteses:

a) O desenraizamento, não só entre intelectuais como entre os mais diversos tipos de pessoas, das mais sofisticadas às mais humildes, são (é) cada vez mais comuns (comum) nos dias de hoje.

b) A importância de intelectuais como Edward Said e Tony Judt, que não se furtaram ao debate sobre questões polêmicas de seu tempo, não estão (está) apenas nos livros que escreveram.

c) Nada indica que o conflito no Oriente Médio entre árabes e judeus, responsável por tantas mortes e tanto sofrimento, estejam (esteja) próximos (próximo) de serem (ser) resolvidos (resolvido) ou pelo menos de terem (ter) alguma trégua.

d) Intelectuais que têm compromisso apenas com a verdade, ainda que conscientes de que esta é até certo ponto relativa, costumam encontrar muito mais detratores que admiradores.

e) No final do século XX já não se via (viam) muitos intelectuais e escritores como Edward Said, que não apenas era (eram) notícia pelos livros que publicavam como pelas posições que corajosamente assumiam.

9-)

(A) Não há dúvida de que o estilo de vida... (dúvidas) = "há" permaneceria no singular

(B) O que não se sabe ... (ninguém nas regiões do planeta) = "sabe" permaneceria no singular

(C) O consumo mundial não dá sinal de trégua ... (O consumo mundial de barris de petróleo) = "dá" permaneceria no singular

(D) Um aumento elevado no preço do óleo reflete-se no custo da matéria-prima... Constantes aumentos) = "reflete" passaria para "refletem-se"

(E) o tema das mudanças climáticas pressiona os esforços mundiais... (a preocupação em torno das mudanças climáticas) = "pressiona" permaneceria no singular

10-) Fiz as correções:

(A) Fazem dez anos = faz (sentido de tempo = singular)

(B) Ainda existe muitas pessoas = existem

(C) No trabalho em meio a tanta sujeira, havia altos riscos

(D) Eu passava a manhã no subterrâneo: quando era sete da manhã = eram

(E) As companhias de limpeza, apenas recentemente, começou = começaram

REGÊNCIA

Dá-se o nome de ***regência*** à relação de subordinação que ocorre entre um verbo (ou um nome) e seus complementos. Ocupa-se em estabelecer relações entre as palavras, criando frases não ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

Regência Verbal

Termo Regente: VERBO

A regência verbal estuda a relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais).

O estudo da regência verbal permite-nos ampliar nossa capacidade expressiva, pois oferece oportunidade de conhecermos as diversas significações que um verbo pode assumir com a simples mudança ou retirada de uma preposição. Observe:

A mãe agrada o filho. -> agradar significa acariciar, contentar.

A mãe agrada ao filho. -> agradar significa "causar agrado ou prazer", satisfazer.

Logo, conclui-se que "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém".

Saiba que:

O conhecimento do uso adequado das preposições é um dos aspectos fundamentais do estudo da regência verbal (e também nominal). As preposições são capazes de modificar completamente o sentido do que se está sendo dito. Veja os exemplos:

Cheguei ao metrô.
Cheguei no metrô.

No primeiro caso, o metrô é o lugar a que vou; no segundo caso, é o meio de transporte por mim utilizado. A oração "Cheguei no metrô", popularmente usada a fim de indicar o lugar a que se vai, possui, no padrão culto da língua, sentido diferente. Aliás, é muito comum existirem divergências entre a regência coloquial, cotidiana de alguns verbos, e a regência culta.

NOVA CONCURSOS

Para estudar a regência verbal, agruparemos os verbos de acordo com sua transitividade. A transitividade, porém, não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em frases distintas.

Verbos Intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complemento. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

- Chegar, Ir

Normalmente vêm acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar destino ou direção são: *a, para*.

Fui ***ao teatro***.
Adjunto Adverbial de Lugar

Ricardo foi ***para a Espanha***.
Adjunto Adverbial de Lugar

- Comparecer

O adjunto adverbial de lugar pode ser introduzido por *em* ou *a*.

Comparecemos ao estádio (ou no estádio) para ver o último jogo.

Verbos Transitivos Diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Ao empregar esses verbos, devemos lembrar que os pronomes oblíquos *o, a, os, as* atuam como objetos diretos. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou *no, na, nos, nas* (após formas verbais terminadas em sons nasais), enquanto *lhe* e *lhes* são, quando complementos verbais, objetos indiretos.

São verbos transitivos diretos, dentre outros: *abandonar, abençoar, aborrecer, abraçar, acompanhar, acusar, admirar, adorar, alegrar, ameaçar, amolar, amparar, auxiliar, castigar, condenar, conhecer, conservar,convidar, defender, eleger, estimar, humilhar, namorar, ouvir, prejudicar, prezar, proteger, respeitar, socorrer, suportar, ver, visitar.*

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.
Amo aquela moça. / Amo-a.
Amam aquele rapaz. / Amam-no.
Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Obs.: os pronomes lhe, lhes só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais).

Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)

Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)

Conheço-lhe o mau humor! (= conheço seu mau humor)

Verbos Transitivos Indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são o "lhe", o "lhes", para substituir pessoas. Não se utilizam os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (ele, ela) em lugar dos pronomes átonos lhe, lhes.

Os verbos transitivos indiretos são os seguintes:

- Consistir - Tem complemento introduzido pela preposição "em": *A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.*

- Obedecer e Desobedecer - Possuem seus complementos introduzidos pela preposição "a":

Devemos obedecer aos nossos princípios e ideais.
Eles desobedeceram às leis do trânsito.

- Responder - Tem complemento introduzido pela preposição "a". Esse verbo pede objeto indireto para indicar "a quem" ou "ao que" se responde.

Respondi ao meu patrão.
Respondemos às perguntas.
Respondeu-lhe à altura.

Obs.: o verbo responder, apesar de transitivo indireto quando exprime aquilo a que se responde, admite voz passiva analítica. Veja:

O questionário foi respondido corretamente.
Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- Simpatizar e Antipatizar - Possuem seus complementos introduzidos pela preposição "com".

Antipatizo com aquela apresentadora.
Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

Verbos Transitivos Diretos e Indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um indireto. Merecem destaque, nesse grupo: **Agradecer, Perdoar e Pagar.** São verbos que apresentam objeto direto relacionado a coisas e objeto indireto relacionado a pessoas. Veja os exemplos:

Agradeço *aos ouvintes* *a audiência.*
Objeto Indireto Objeto Direto

Paguei *o débito* *ao cobrador.*
Objeto Direto Objeto Indireto

- O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:

Agradeci o presente. / Agradeci-o.
Agradeço a você. / Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

Informar

- Apresenta objeto direto ao se referir a coisas e objeto indireto ao se referir a pessoas, ou vice-versa.

Informe os novos preços aos clientes.
Informe os clientes dos novos preços. (ou sobre os novos preços)

- Na utilização de pronomes como complementos, veja as construções:

Informei-os aos clientes. / Informei-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou sobre eles)

Obs.: a mesma regência do verbo informar é usada para os seguintes: *avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir*.

Comparar

Quando seguido de dois objetos, esse verbo admite as preposições "a" ou "com" para introduzir o complemento indireto.

Comparei seu comportamento ao (ou com o) de uma criança.

Pedir

Esse verbo pede objeto direto de coisa (geralmente na forma de oração subordinada substantiva) e indireto de pessoa.

Pedi-lhe	*favores.*
Objeto Indireto	Objeto Direto

Pedi-lhe	*que se mantivesse em silêncio.*
Objeto Indireto	Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

Saiba que:

- A construção "pedir para", muito comum na linguagem cotidiana, deve ter emprego muito limitado na língua culta. No entanto, é considerada correta quando a palavra licença estiver subentendida.

Peço (licença) para ir entregar-lhe os catálogos em casa.

Observe que, nesse caso, a preposição "para" introduz uma oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo (para ir entregar-lhe os catálogos em casa).

- A construção "dizer para", também muito usada popularmente, é igualmente considerada incorreta.

Preferir

Na língua culta, esse verbo deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição "a". Por Exemplo:

Prefiro qualquer coisa a abrir mão de meus ideais.
Prefiro trem a ônibus.

Obs.: na língua culta, o verbo "preferir" deve ser usado sem termos intensificadores, tais como: *muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes, mais*. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no próprio verbo (pre).

Mudança de Transitividade X Mudança de Significado

Há verbos que, de acordo com a mudança de transitividade, apresentam mudança de significado. O conhecimento das diferentes regências desses verbos é um recurso linguístico muito importante, pois além de permitir a correta interpretação de passagens escritas, oferece possibilidades expressivas a quem fala ou escreve. Dentre os principais, estão:

AGRADAR

- Agradar é transitivo direto no sentido de fazer carinhos, acariciar.

Sempre agrada o filho quando o revê. / Sempre o agrada quando o revê.
Cláudia não perde oportunidade de agradar o gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.

- Agradar é transitivo indireto no sentido de causar agrado a, satisfazer, ser agradável a. Rege complemento introduzido pela preposição "a".

O cantor não agradou aos presentes.
O cantor não lhes agradou.

ASPIRAR

- Aspirar é transitivo direto no sentido de sorver, inspirar (o ar), inalar: *Aspirava o suave aroma. (Aspirava-o)*

- Aspirar é transitivo indireto no sentido de desejar, ter como ambição: *Aspirávamos a melhores condições de vida. (Aspirávamos a elas)*

Obs.: como o objeto direto do verbo "aspirar" não é pessoa, mas coisa, não se usam as formas pronominais átonas "lhe" e "lhes" e sim as formas tônicas "a ele (s)", " a ela (s)". Veja o exemplo: *Aspiravam a uma existência melhor. (= Aspiravam a ela)*

ASSISTIR

- Assistir é transitivo direto no sentido de ajudar, prestar assistência a, auxiliar. Por exemplo:

As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos.
As empresas de saúde negam-se a assisti-los.

- Assistir é transitivo indireto no sentido de ver, presenciar, estar presente, caber, pertencer. Exemplos:

Assistimos ao documentário.
Não assisti às últimas sessões.
Essa lei assiste ao inquilino.

Obs.: no sentido de morar, residir, o verbo "assistir" é intransitivo, sendo acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição "em": *Assistimos numa conturbada cidade.*

NOVA CONCURSOS

CHAMAR

- Chamar é transitivo direto no sentido de convocar, solicitar a atenção ou a presença de.

Por gentileza, vá chamar sua prima. / Por favor, vá chamá-la.

Chamei você várias vezes. / Chamei-o várias vezes.

- Chamar no sentido de denominar, apelidar pode apresentar objeto direto e indireto, ao qual se refere predicativo preposicionado ou não.

A torcida chamou o jogador mercenário.

A torcida chamou ao jogador mercenário.

A torcida chamou o jogador de mercenário.

A torcida chamou ao jogador de mercenário.

CUSTAR

- Custar é intransitivo no sentido de ter determinado valor ou preço, sendo acompanhado de adjunto adverbial: *Frutas e verduras não deveriam custar muito.*

- No sentido de ser difícil, penoso, pode ser intransitivo ou transitivo indireto.

Muito custa *viver tão longe da família*.

Verbo Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

Intransitivo Reduzida de Infinitivo

Custa-me (a mim) *crer que tomou realmente aquela atitude*.

Objeto Oração Subordinada Substantiva Subjetiva

Indireto Reduzida de Infinitivo

Obs.: a Gramática Normativa condena as construções que atribuem ao verbo "custar" um sujeito representado por pessoa. Observe:

Custei para entender o problema.

Forma correta: *Custou-me entender o problema.*

IMPLICAR

- Como transitivo direto, esse verbo tem dois sentidos:

a) dar a entender, fazer supor, pressupor: *Suas atitudes implicavam um firme propósito.*

b) Ter como consequência, trazer como consequência, acarretar, provocar: *Liberdade de escolha implica amadurecimento político de um povo.*

- Como transitivo direto e indireto, significa comprometer, envolver: *Implicaram aquele jornalista em questões econômicas*.

Obs.: no sentido de antipatizar, ter implicância, é transitivo indireto e rege com preposição "com": *Implicava com quem não trabalhasse arduamente.*

PROCEDER

- Proceder é intransitivo no sentido de ser decisivo, ter cabimento, ter fundamento ou portar-se, comportar-se, agir. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo.

As afirmações da testemunha procediam, não havia como refutá-las.

Você procede muito mal.

- Nos sentidos de ter origem, derivar-se (rege a preposição" de") e fazer, executar (rege complemento introduzido pela preposição "a") é transitivo indireto.

O avião procede de Maceió.

Procedeu-se aos exames.

O delegado procederá ao inquérito.

QUERER

- Querer é transitivo direto no sentido de desejar, ter vontade de, cobiçar.

Querem melhor atendimento.

Queremos um país melhor.

- Querer é transitivo indireto no sentido de ter afeição, estimar, amar.

Quero muito aos meus amigos.

Ele quer bem à linda menina.

Despede-se o filho que muito lhe quer.

VISAR

- Como transitivo direto, apresenta os sentidos de mirar, fazer pontaria e de pôr visto, rubricar.

O homem visou o alvo.

O gerente não quis visar o cheque.

- No sentido de ter em vista, ter como meta, ter como objetivo, é transitivo indireto e rege a preposição "a".

O ensino deve sempre visar ao progresso social.

Prometeram tomar medidas que visassem ao bem-estar público.

ESQUECER – LEMBRAR

- Lembrar algo – esquecer algo

- Lembrar-se de algo – esquecer-se de algo (pronominal)

No 1º caso, os verbos são transitivos diretos, ou seja, exigem complemento sem preposição: *Ele esqueceu o livro.*

No 2º caso, os verbos são pronominais (-se, -me, etc) e exigem complemento com a preposição "de". São, portanto, transitivos indiretos:

- *Ele se esqueceu do caderno.*
- *Eu me esqueci da chave.*
- *Eles se esqueceram da prova.*
- *Nós nos lembramos de tudo o que aconteceu.*

Há uma construção em que a coisa esquecida ou lembrada passa a funcionar como sujeito e o verbo sofre leve alteração de sentido. É uma construção muito rara na língua contemporânea, porém, é fácil encontrá-la em textos clássicos tanto brasileiros como portugueses. Machado de Assis, por exemplo, fez uso dessa construção várias vezes.

- *Esqueceu-me a tragédia. (cair no esquecimento)*
- *Lembrou-me a festa. (vir à lembrança)*

O verbo lembrar também pode ser transitivo direto e indireto (lembrar alguma coisa a alguém ou alguém de alguma coisa).

SIMPATIZAR
Transitivo indireto e exige a preposição "com": *Não simpatizei com os jurados*.

NAMORAR
É transitivo direto, ou seja, não admite preposição: *Maria namora João*.

Obs: Não é correto dizer: *"Maria namora com João"*.

OBEDECER
É transitivo indireto, ou seja, exige complemento com a preposição "a" (obedecer a): *Devemos obedecer aos pais*.

Obs: embora seja transitivo indireto, esse verbo pode ser usado na voz passiva: *A fila não foi obedecida*.

VER
É transitivo direto, ou seja, não exige preposição: *Ele viu o filme*.

Regência Nominal

É o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição. No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. Observe o exemplo: Verbo obedecer e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição ***a*.** Veja:
Obedecer a algo/ a alguém.
Obediente a algo/ a alguém.

Apresentamos a seguir vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que os regem. Observe-os atentamente e procure, sempre que possível, associar esses nomes entre si ou a algum verbo cuja regência você conhece.

Substantivos

Admiração a, por
Aversão a, para, por
Atentado a, contra
Bacharel em
Capacidade de, para
Devoção a, para, com, por
Doutor em
Dúvida acerca de, em, sobre
Horror a
Impaciência com
Medo a, de
Obediência a
Ojeriza a, por
Proeminência sobre
Respeito a, com, para com, por

Adjetivos

Acessível a
Acostumado a, com
Afável com, para com
Agradável a
Alheio a, de
Análogo a
Ansioso de, para, por
Apto a, para
Ávido de
Benéfico a
Capaz de, para
Compatível com
Contemporâneo a, de
Contíguo a
Contrário a
Curioso de, por
Descontente com
Desejoso de
Diferente de
Entendido em
Equivalente a
Escasso de
Essencial a, para
Fácil de
Fanático por
Favorável a
Generoso com
Grato a, por
Hábil em
Habituado a
Idêntico a
Impróprio para
Indeciso em
Insensível a
Liberal com
Natural de
Necessário a
Nocivo a
Paralelo a
Parco em, de
Passível de
Preferível a
Prejudicial a
Prestes a
Propício a
Próximo a
Relacionado com
Relativo a
Satisfeito com, de, em, por
Semelhante a
Sensível a
Sito em
Suspeito de
Vazio de

Advérbios

Longe de
Perto de

NOVA CONCURSOS

Obs.: os advérbios terminados em -mente tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a; paralelamente a; relativa a; relativamente a.

Fonte: http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint61.php

Questões sobre Regência Nominal e Verbal

01. (Administrador – FCC – 2013-adap.).
... a que ponto a astronomia ***facilitou*** a obra das outras ciências ...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
A) ...astros que ficam tão distantes ...
B) ...que a astronomia é uma das ciências ...
C) ...que nos proporcionou um espírito ...
D) ...cuja importância ninguém ignora ...
E) ...onde seu corpo não passa de um ponto obscuro ...

02.(Agente de Apoio Administrativo – FCC – 2013-adap.).
... ***pediu*** ao delegado do bairro que desse um jeito nos filhos do sueco.
O verbo que exige, no contexto, o mesmo tipo de complementos que o grifado acima está empregado em:
A) ...que existe uma coisa chamada exército...
B) ...como se isso aqui fosse casa da sogra?
C) ...compareceu em companhia da mulher à delegacia...
D) Eu ensino o senhor a cumprir a lei, ali no duro...
E) O delegado apenas olhou-a espantado com o atrevimento.

03.(Agente de Defensoria Pública – FCC – 2013-adap.).
... ***constava*** simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
A) Em campos extensos, chegavam em alguns casos a extremos de sutileza.
B) ...eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos.
C) Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem...
D) Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunuí...
E) ...em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador...

04. (Agente Técnico – FCC – 2013-adap.).
... para ***lidar*** com as múltiplas vertentes da justiça...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o da frase acima se encontra em:
A) A palavra direito, em português, vem de directum, do verbo latino dirigere...
B) ...o Direito tem uma complexa função de gestão das sociedades...
C) ...o de que o Direito [...] esteja permeado e regulado pela justiça.
D) Essa problematicidade não afasta a força das aspirações da justiça...
E) Na dinâmica dessa tensão tem papel relevante o sentimento de justiça.

05. (Escrevente TJ SP – Vunesp 2012) Assinale a alternativa em que o período, adaptado da revista Pesquisa Fapesp de junho de 2012, está correto quanto à regência nominal e à pontuação.
(A) Não há dúvida que as mulheres ampliam, rapidamente, seu espaço na carreira científica ainda que o avanço seja mais notável em alguns países, o Brasil é um exemplo, do que em outros.
(B) Não há dúvida de que, as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica; ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países, o Brasil é um exemplo!, do que em outros.
(C) Não há dúvida de que as mulheres, ampliam rapidamente seu espaço, na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável, em alguns países: o Brasil é um exemplo, do que em outros.
(D) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente seu espaço na carreira científica, ainda que o avanço seja mais notável em alguns países – o Brasil é um exemplo – do que em outros.
(E) Não há dúvida que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

06. (Papiloscopista Policial – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa correta quanto à regência dos termos em destaque.
(A) Ele tentava convencer duas senhoras a assumir a ***responsabilidade*** pelo problema.
(B) A menina tinha o ***receio*** a levar uma bronca por ter se perdido.
(C) A garota tinha apenas a ***lembrança*** pelo desenho de um índio na porta do prédio.
(D) A menina não tinha ***orgulho*** sob o fato de ter se perdido de sua família.
(E) A família toda se organizou para realizar a ***procura*** à garotinha.

07. (Analista de Sistemas – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas do texto, de acordo com as regras de regência.
Os estudos _____ quais a pesquisadora se reportou já assinalavam uma relação entre os distúrbios da imagem corporal e a exposição a imagens idealizadas pela mídia.
A pesquisa faz um alerta _____ influência negativa que a mídia pode exercer sobre os jovens.
A) dos ... na
B) nos ... entre a
C) aos ... para a
D) sobre os ... pela
E) pelos ... sob a

08. (Analista em Planejamento, Orçamento e Finanças Públicas – VUNESP – 2013). Considerando a norma-padrão da língua, assinale a alternativa em que os trechos destacados estão corretos quanto à regência, verbal ou nominal.

A) O prédio que o taxista mostrou ***dispunha de*** mais de dez mil tomadas.

B) O autor fez ***conjecturas sob*** a possibilidade de haver um homem que estaria ouvindo as notas de um oboé.

C) Centenas de trabalhadores estão ***empenhados de*** criar logotipos e negociar.

D) O taxista levou o autor a ***indagar no*** número de tomadas do edifício.

E) A corrida com o taxista possibilitou que o autor ***reparasse a*** um prédio na marginal.

09. (Assistente de Informática II – VUNESP – 2013). Assinale a alternativa que substitui a expressão destacada na frase, conforme as regras de regência da norma-padrão da língua e sem alteração de sentido.

Muitas organizações lutaram ***a favor da*** igualdade de direitos dos trabalhadores domésticos.

A) da
B) na
C) pela
D) sob a
E) sobre a

GABARITO

01. D 02. D 03. A 04. A 05. D
06. A 07. C 08. A09. C

RESOLUÇÃO

1-) ... a que ponto a astronomia facilitou a obra das outras ciências ...

Facilitar – verbo transitivo direto

A) ...astros que *ficam* tão distantes ... = verbo de ligação

B) ...que a astronomia *é* uma das ciências ... = verbo de ligação

C) ...que nos *proporcionou* um espírito ... = verbo transitivo direto e indireto

E) ...onde seu corpo não *passa* de um ponto obscuro = verbo transitivo indireto

2-) ... pediu ao delegado do bairro que desse um jeito nos filhos do sueco.

Pedir = verbo transitivo direto e indireto

A) ...que *existe* uma coisa chamada EXÉRCITO... = transitivo direto

B) ...como se isso aqui *fosse* casa da sogra? =verbo de ligação

C) ...*compareceu* em companhia da mulher à delegacia... =verbo intransitivo

E) O delegado apenas *olhou*-a espantado com o atrevimento. =transitivo direto

3-) ... constava simplesmente de uma vareta quebrada em partes desiguais...

Constar = verbo intransitivo

B) ...eram comumente assinalados a golpes de machado nos troncos mais robustos. =ligação

C) Os toscos desenhos e os nomes estropiados desorientam, não raro, quem... =transitivo direto

D) Koch-Grünberg viu uma dessas marcas de caminho na serra de Tunuí... = transitivo direto

E) ...em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador...=transitivo direto

4-) ... para lidar com as múltiplas vertentes da justiça...

Lidar = transitivo indireto

B) ...o Direito tem uma complexa função de gestão das sociedades... =transitivo direto

C) ...o de que o Direito [...] esteja permeado e regulado pela justiça. =ligação

D) Essa problematicidade não afasta a força das aspirações da justiça... =transitivo direto e indireto

E) Na dinâmica dessa tensão tem papel relevante o sentimento de justiça. =transitivo direto

5-) *A correção do item deve respeitar as regras de pontuação também. Assinalei apenas os desvios quanto à regência (pontuação encontra-se em tópico específico)*

(A) Não há dúvida de que as mulheres ampliam,

(B) Não há dúvida de que (erros quanto à pontuação)

(C) Não há dúvida de que as mulheres, (erros quanto à pontuação)

(E) Não há dúvida de que as mulheres ampliam rapidamente, seu espaço na carreira científica, ainda que, o avanço seja mais notável em alguns países (o Brasil é um exemplo) do que em outros.

6-)

(B) A menina tinha o receio de levar uma bronca por ter se perdido.

(C) A garota tinha apenas a lembrança do desenho de um índio na porta do prédio.

(D) A menina não tinha orgulho do fato de ter se perdido de sua família.

(E) A família toda se organizou para realizar a procura pela garotinha.

7-) Os estudos aos quais a pesquisadora se reportou já assinalavam uma relação entre os distúrbios da imagem corporal e a exposição a imagens idealizadas pela mídia.

A pesquisa faz um alerta para a influência negativa que a mídia pode exercer sobre os jovens.

8-)

B) O autor fez conjecturas sobre a possibilidade de haver um homem que estaria ouvindo as notas de um oboé.

C) Centenas de trabalhadores estão empenhados em criar logotipos e negociar.

D) O taxista levou o autor a indagar sobre o número de tomadas do edifício.

E) A corrida com o taxista possibilitou que o autor reparasse em um prédio na marginal.

9-) Muitas organizações lutaram pela igualdade de direitos dos trabalhadores domésticos.

NOVA CONCURSOS

DISCURSO DIRETO, INDIRETO E LIVRE

Discurso é a prática humana de construir textos, sejam eles escritos ou orais. Sendo assim, todo discurso é uma prática social. A análise de um discurso deve, portanto, considerar o contexto em que se encontra, assim como as personagens e as condições de produção do texto.

Em um texto narrativo, o autor pode optar por três tipos de discurso: *o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre*. Não necessariamente estes três discursos estão separados, eles podem aparecer juntos em um texto. Dependerá de quem o produziu.

Vejamos cada um deles:

Discurso Direto: Neste tipo de discurso as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. *O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens*. Verbos como *dizer, falar, perguntar*, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Travessões, dois pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas. Ex.

"O Guaxinim está inquieto, mexe dum lado pra outro. Eis que suspira lá na língua dele - Chente! que vida dura esta de guaxinim do banhado!..."

"- Mano Poeta, se enganche na minha garupa!"

Discurso Indireto: O narrador conta a história e reproduz fala e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador utiliza-se de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem. Ex.

"Elisiário confessou que estava com sono." (Machado de Assis)

"Fora preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama, e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-lo à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas." (Lima Barreto)

Discurso Indireto Livre: O texto é escrito em terceira pessoa e o narrador conta a história, mas as personagens têm voz própria, de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo. Sendo assim é uma mistura dos outros dois tipos de discurso e as duas vozes se fundem. Ex.

"Que vontade de voar lhe veio agora! Correu outra vez com a respiração presa. Já nem podia mais. Estava desanimado. Que pena! Houve um momento em que esteve quase... quase!"

"Retirou as asas e estraçalhou-a. Só tinham beleza. Entretanto, qualquer urubu... que raiva..." (Ana Maria Machado)

"D. Aurora sacudiu a cabeça e afastou o juízo temerário. Para que estar catando defeitos no próximo? Eram todos irmãos. Irmãos." (Graciliano Ramos)

FONTE:
http://www.infoescola.com/redacao/tipos-de-discurso/

ANÁLISE, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: TIPOS DE COMUNICAÇÃO: DESCRIÇÃO; NARRAÇÃO; DISSERTAÇÃO; TIPOS DE DISCURSO; COESÃO TEXTUAL.

É muito comum, entre os candidatos a um cargo público, a preocupação com a interpretação de textos. Por isso, vão aqui alguns detalhes que poderão ajudar no momento de responder às questões relacionadas a textos.

Texto – é um conjunto de ideias organizadas e relacionadas entre si, formando um todo significativo capaz de produzir interação comunicativa (capacidade de codificar e decodificar).

Contexto – um texto é constituído por diversas frases. Em cada uma delas, há uma certa informação que a faz ligar-se com a anterior e/ou com a posterior, criando condições para a estruturação do conteúdo a ser transmitido. A essa interligação dá-se o nome de contexto. Nota-se que o relacionamento entre as frases é tão grande que, se uma frase for retirada de seu contexto original e analisada separadamente, poderá ter um significado diferente daquele inicial.

Intertexto - comumente, os textos apresentam referências diretas ou indiretas a outros autores através de citações. Esse tipo de recurso denomina-se intertexto.

Interpretação de texto - o primeiro objetivo de uma interpretação de um texto é a identificação de sua ideia principal. A partir daí, localizam-se as ideias secundárias, ou fundamentações, as argumentações, ou explicações, que levem ao esclarecimento das questões apresentadas na prova.

Normalmente, numa prova, o candidato é convidado a:

- **Identificar** – é reconhecer os elementos fundamentais de uma argumentação, de um processo, de uma época (neste caso, procuram-se os verbos e os advérbios, os quais definem o tempo).
- **Comparar** – é descobrir as relações de semelhança ou de diferenças entre as situações do texto.
- **Comentar** - é relacionar o conteúdo apresentado com uma realidade, opinando a respeito.
- **Resumir** – é concentrar as ideias centrais e/ou secundárias em um só parágrafo.
- **Parafrasear** – é reescrever o texto com outras palavras.

Condições básicas para interpretar

Fazem-se necessários:

- Conhecimento histórico–literário (escolas e gêneros literários, estrutura do texto), leitura e prática;
- Conhecimento gramatical, estilístico (qualidades do texto) e semântico;

Observação – na semântica (significado das palavras) incluem--se: homônimos e parônimos, denotação e conotação, sinonímia e antonímia, polissemia, figuras de linguagem, entre outros.

- Capacidade de observação e de síntese e
- Capacidade de raciocínio.

Interpretar X compreender

Interpretar significa

- Explicar, comentar, julgar, tirar conclusões, deduzir.
- Através do texto, infere-se que...
- É possível deduzir que...
- O autor permite concluir que...
- Qual é a intenção do autor ao afirmar que...

Compreender significa

- intelecção, entendimento, atenção ao que realmente está escrito.
- o texto diz que...
- é sugerido pelo autor que...
- de acordo com o texto, é correta ou errada a afirmação...
- o narrador afirma...

Erros de interpretação

É muito comum, mais do que se imagina, a ocorrência de erros de interpretação. Os mais frequentes são:

- Extrapolação (viagem): Ocorre quando se sai do contexto, acrescentado ideias que não estão no texto, quer por conhecimento prévio do tema quer pela imaginação.

- Redução: É o oposto da extrapolação. Dá-se atenção apenas a um aspecto, esquecendo que um texto é um conjunto de ideias, o que pode ser insuficiente para o total do entendimento do tema desenvolvido.

- Contradição: Não raro, o texto apresenta ideias contrárias às do candidato, fazendo-o tirar conclusões equivocadas e, consequentemente, errando a questão.

Observação - Muitos pensam que há a ótica do escritor e a ótica do leitor. Pode ser que existam, mas numa prova de concurso, o que deve ser levado em consideração é o que o autor diz e nada mais.

Coesão - é o emprego de mecanismo de sintaxe que relaciona palavras, orações, frases e/ou parágrafos entre si. Em outras palavras, a coesão dá-se quando, através de um pronome relativo, uma conjunção (NEXOS), ou um pronome oblíquo átono, há uma relação correta entre o que se vai dizer e o que já foi dito.

OBSERVAÇÃO – São muitos os erros de coesão no dia-a-dia e, entre eles, está o mau uso do pronome relativo e do pronome oblíquo átono. Este depende da regência do verbo; aquele do seu antecedente. Não se pode esquecer também de que os pronomes relativos têm, cada um, valor semântico, por isso a necessidade de adequação ao antecedente.

Os pronomes relativos são muito importantes na interpretação de texto, pois seu uso incorreto traz erros de coesão. Assim sendo, deve-se levar em consideração que existe um pronome relativo adequado a cada circunstância, a saber:

- *que (neutro)* - relaciona-se com qualquer antecedente, mas depende das condições da frase.
- *qual (neutro)* idem ao anterior.
- *quem (pessoa)*
- *cujo (posse)* - antes dele aparece o possuidor e depois o objeto possuído.
- *como (modo)*
- *onde (lugar)*

quando (tempo)
quanto (montante)

Exemplo:

Falou tudo QUANTO queria (correto)
Falou tudo QUE queria (errado - antes do QUE, deveria aparecer o demonstrativo O).

Dicas para melhorar a interpretação de textos

- Ler todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto;
- Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura;
- Ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos duas vezes;
- Inferir;
- Voltar ao texto quantas vezes precisar;
- Não permitir que prevaleçam suas ideias sobre as do autor;
- Fragmentar o texto (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
- Verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
- O autor defende ideias e você deve percebê-las.

Fonte:
http://www.tudosobreconcursos.com/materiais/portugues/como-interpretar-textos

QUESTÕES

1-) (SABESP/SP – ATENDENTE A CLIENTES 01 – FCC/2014 - ADAPTADA) Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

A marca da solidão

Deitado de bruços, sobre as pedras quentes do chão de paralelepípedos, o menino espia. Tem os braços dobrados e a testa pousada sobre eles, seu rosto formando uma tenda de penumbra na tarde quente.

Observa as ranhuras entre uma pedra e outra. Há, dentro de cada uma delas, um diminuto caminho de terra, com pedrinhas e tufos minúsculos de musgos, formando peque-

nas plantas, ínfimos bonsais só visíveis aos olhos de quem é capaz de parar de viver para, apenas, ver. Quando se tem a marca da solidão na alma, o mundo cabe numa fresta.

(SEIXAS, Heloísa. Contos mais que mínimos. Rio de Janeiro: Tinta negra bazar, 2010. p. 47)

No texto, o substantivo usado para ressaltar o universo reduzido no qual o menino detém sua atenção é

(A) fresta.
(B) marca.
(C) alma.
(D) solidão.
(E) penumbra.

2-) (ANCINE – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – CESPE/2012)

O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo.

Mikhail Bakhtin. A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 73 (com adaptações).

Na linha 1, o elemento "ele" tem como referente textual "O riso".

( ) CERTO ( ) ERRADO

3-) (ANEEL – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – CESPE/2010)

Só agora, quase cinco meses depois do apagão que atingiu pelo menos 1.800 cidades em 18 estados do país, surge uma explicação oficial satisfatória para o corte abrupto e generalizado de energia no final de 2009.

Segundo relatório da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), a responsabilidade recai sobre a empresa estatal Furnas, cujas linhas de transmissão cruzam os mais de 900 km que separam Itaipu de São Paulo.

Equipamentos obsoletos, falta de manutenção e de investimentos e também erros operacionais conspiraram para produzir a mais séria falha do sistema de geração e distribuição de energia do país desde o traumático racionamento de 2001.

Folha de S.Paulo, Editorial, 30/3/2010 (com adaptações).

Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima apresentado, julgue os próximos itens.

A oração "que atingiu pelo menos 1.800 cidades em 18 estados do país" tem, nesse contexto, valor restritivo.

( ) CERTO ( ) ERRADO

4-) (CORREIOS – CARTEIRO – CESPE/2011)

Um carteiro chega ao portão do hospício e grita:

— Carta para o 9.326!!!

Um louco pega o envelope, abre-o e vê que a carta está embranco, e um outro pergunta:

— Quem te mandou essa carta?

— Minha irmã.

— Mas por que não está escrito nada?

— Ah, porque nós brigamos e não estamos nos falando!

Internet: <www.humortadela.com.br/piada> (com adaptações).

O efeito surpresa e de humor que se extrai do texto acima decorre

A) da identificação numérica atribuída ao louco.
B) da expressão utilizada pelo carteiro ao entregar a carta no hospício.
C) do fato de outro louco querer saber quem enviou a carta.
D) da explicação dada pelo louco para a carta em branco.
E) do fato de a irmã do louco ter brigado com ele.

5-) (DETRAN/RN – VISTORIADOR/EMPLACADOR – FGV PROJETOS/2010)

Painel do leitor (Carta do leitor)

Resgate no Chile

Assisti ao maior espetáculo da Terra numa operação de salvamento de vidas, após 69 dias de permanência no fundo de uma mina de cobre e ouro no Chile.

Um a um os mineiros soterrados foram içados com sucesso, mostrando muita calma, saúde, sorrindo e cumprimentando seus companheiros de trabalho. Não se pode esquecer a ajuda técnica e material que os Estados Unidos, Canadá e China ofereceram à equipe chilena de salvamento, num gesto humanitário que só enobrece esses países. E, também, dos dois médicos e dois "socorristas" que, demonstrando coragem e desprendimento, desceram na mina para ajudar no salvamento.

(Douglas Jorge; São Paulo, SP; www.folha.com.br – painel do leitor – 17/10/2010)

Considerando o tipo textual apresentado, algumas expressões demonstram o posicionamento pessoal do leitor diante do fato por ele narrado. Tais marcas textuais podem ser encontradas nos trechos a seguir, EXCETO:

A) "Assisti ao maior espetáculo da Terra..."
B) "... após 69 dias de permanência no fundo de uma mina de cobre e ouro no Chile."
C) "Não se pode esquecer a ajuda técnica e material..."
D) "... gesto humanitário que só enobrece esses países."
E) "... demonstrando coragem e desprendimento, desceram na mina..."

(DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Leia o texto para responder às questões de números 6 a 8.

Férias na Ilha do Nanja

Meus amigos estão fazendo as malas, arrumando as malas nos seus carros, olhando o céu para verem que tempo faz, pensando nas suas estradas – barreiras, pedras soltas, fissuras – sem falar em bandidos, milhões de bandidos entre as fissuras, as pedras soltas e as barreiras...*

Meus amigos partem para as suas férias, cansados de tanto trabalho; de tanta luta com os motoristas da contramão; enfim, cansados, cansados de serem obrigados a viver numa grande cidade, isto que já está sendo a negação da própria vida.

E eu vou para a Ilha do Nanja.

Eu vou para a Ilha do Nanja para sair daqui. Passarei as férias lá, onde, à beira das lagoas verdes e azuis, o silêncio cresce como um bosque. Nem preciso fechar os olhos: já estou vendo os pescadores com suas barcas de sardinha, e a moça à janela a namorar um moço na outra janela de outra ilha.

(Cecília Meireles, O que se diz e o que se entende. Adaptado)

*fissuras: fendas, rachaduras

6-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) No primeiro parágrafo, ao descrever a maneira como se preparam para suas férias, a autora mostra que seus amigos estão

(A) serenos.
(B) descuidados.
(C) apreensivos.
(D) indiferentes.
(E) relaxados.

7-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) De acordo com o texto, pode-se afirmar que, assim como seus amigos, a autora viaja para

(A) visitar um lugar totalmente desconhecido.
(B) escapar do lugar em que está.
(C) reencontrar familiares queridos.
(D) praticar esportes radicais.
(E) dedicar-se ao trabalho.

8-) (DCTA – TÉCNICO 1 – SEGURANÇA DO TRABALHO – VUNESP/2013) Ao descrever a Ilha do Nanja como um lugar onde, "à beira das lagoas verdes e azuis, o silêncio cresce como um bosque" (último parágrafo), a autora sugere que viajará para um lugar

(A) repulsivo e populoso.
(B) sombrio e desabitado.
(C) comercial e movimentado.
(D) bucólico e sossegado.
(E) opressivo e agitado.

9-) (DNIT – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – ESAF/2013)

Grandes metrópoles em diversos países já aderiram. E o Brasil já está falando sobre isso. O pedágio urbano divide opiniões e gera debates acalorados. Mas, afinal, o que é mais justo? O que fazer para desafogar a cidade de tantos carros? Prepare-se para o debate que está apenas começando.

(Adaptado de Superinteressante, dezembro2012, p.34)

Marque N(não) para os argumentos contra o pedágio urbano; marque S(sim) para os argumentos a favor do pedágio urbano.

( ) A receita gerada pelo pedágio vai melhorar o transporte público e estender as ciclovias.

( ) Vai ser igual ao rodízio de veículos em algumas cidades, que não resolveu os problemas do trânsito.

( ) Se pegar no bolso do consumidor, então todo mundo vai ter que pensar bem antes de comprar um carro.

( ) A gente já paga garagem, gasolina, seguro, estacionamento, revisão....e agora mais o pedágio?

( ) Nós já pagamos impostos altos e o dinheiro não é investido no transporte público.

( ) Quer andar sozinho dentro do seu carro? Então pague pelo privilégio!

( ) O trânsito nas cidades que instituíram o pedágio urbano melhorou.

A ordem obtida é:

a) (S) (N) (N) (S) (S) (S) (N)
b) (S) (N) (S) (N) (N) (S) (S)
c) (N) (S) (S) (N) (S) (N) (S)
d) (S) (S) (N) (S) (N) (S) (N)
e) (N) (N) (S) (S) (N) (S) (N)

10-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARANÁ – ADMINISTRADOR - UFPR/2013) Assinale a alternativa que apresenta um dito popular que parafraseia o conteúdo expresso no excerto: "*Se você está em casa, não pode sair. Se você está na rua, não pode entrar*".

a) "Se correr o bicho pega, se ficar, o bicho come".
b) "Quando o gato sai, os ratos fazem a festa".
c) "Um dia da caça, o outro do caçador".
d) "Manda quem pode, obedece quem precisa".

Resolução

1-)

Com palavras do próprio texto responderemos: o mundo cabe numa fresta.

RESPOSTA: "A".

2-)

Vamos ao texto: O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo (...). Os termos relacionam-se. O pronome "ele" retoma o sujeito "riso".

RESPOSTA: "CERTO".

3-)

Voltemos ao texto: "depois do apagão que atingiu pelo menos 1.800 cidades". O "que" pode ser substituído por "o qual", portanto, trata-se de um pronome relativo (oração subordinada adjetiva). Quando há presença de vírgula, temos uma adjetiva explicativa (generaliza a informação da oração principal. A construção seria: "do apagão, que atingiu pelo menos 1800 cidades em 18 estados do país"); quando não há, temos uma adjetiva restritiva (restringe, delimita a informação – como no caso do exercício).

RESPOSTA: "CERTO'.

4-)

Geralmente o efeito de humor desses gêneros textuais aparece no desfecho da história, ao final, como nesse: "Ah, porque nós brigamos e não estamos nos falando".

RESPOSTA: "D".

NOVA CONCURSOS

5-)
Em todas as alternativas há expressões que representam a opinião do autor: Assisti ao maior espetáculo da Terra / Não se pode esquecer / gesto humanitário que só enobrece / demonstrando coragem e desprendimento.
RESPOSTA: "B".

6-)
"pensando nas suas estradas – barreiras, pedras soltas, fissuras – sem falar em bandidos, milhões de bandidos entre as fissuras, as pedras soltas e as barreiras..." = pensar nessas coisas, certamente, deixa-os apreensivos.
RESPOSTA: "C".

7-)
Eu vou para a Ilha do Nanja para sair daqui = resposta da própria autora!
RESPOSTA: "B".

8-)
Pela descrição realizada, o lugar não tem nada de ruim.
RESPOSTA: "D".

9-)
(S) A receita gerada pelo pedágio vai melhorar o transporte público e estender as ciclovias.
(N) Vai ser igual ao rodízio de veículos em algumas cidades, que não resolveu os problemas do trânsito.
(S) Se pegar no bolso do consumidor, então todo mundo vai ter que pensar bem antes de comprar um carro.
(N) A gente já paga garagem, gasolina, seguro, estacionamento, revisão....e agora mais o pedágio?
(N) Nós já pagamos impostos altos e o dinheiro não é investido no transporte público.
(S) Quer andar sozinho dentro do seu carro? Então pague pelo privilégio!
(S) O trânsito nas cidades que instituíram o pedágio urbano melhorou.
S - N - S - N - N - S - S
RESPOSTA: "B".

10-)
Dentre as alternativas apresentadas, a que reafirma a ideia do excerto (não há muita saída, não há escolhas) é: "Se você está em casa, não pode sair. Se você está na rua, não pode entrar".
RESPOSTA: "A".

O ***cartum*** tem a característica de uma anedota gráfica em que podemos visualizar a presença da linguagem verbal associada à não verbal. Suas abordagens dizem respeito a situações relacionadas ao comportamento humano, mas não estão situadas no tempo, por isso são denominadas de atemporais e universais, ou seja, não fazem referência a uma personalidade em específico. Vejamos um exemplo:

Cartum de Glasbergen - americano cartunista e ilustrador humorístico

Constatamos que o cartum em referência aponta para o fato de as pessoas estarem tão acostumadas às redes sociais que até um bebê que ainda não nasceu já possui mais amigos no Facebook que os próprios pais, revelando uma crítica a esse comportamento tão recorrente.

A ***charge***, um tanto quanto diferente do cartum, satiriza situações específicas, situadas no tempo e no espaço, razão pela qual se encontra sempre apontando para um personagem da vida pública em geral, às vezes um artista, outras vezes um político, enfim. Em se tratando da linguagem, também costuma associar linguagem verbal e não verbal. Outro aspecto para o qual devemos atentar diz respeito ao fato de a charge, expressa na língua francesa, possuir significado de "carga", aderindo por completo à intenção do chargista, ou seja, a de que ele realmente atua de forma crítica numa situação de ordem social e política. Veja um exemplo:

Charge de Júlio Costa Neto – jornalista e desenhista

Ao nos atermos à charge em questão, ficamos convencidos de que o autor aponta para a tendência que as pessoas trazem consigo de que um dos meios de ganhar dinheiro é entrando na política, sobretudo pela desonestidade, pela corrupção que se manifesta nesse meio, razão pela qual o personagem respondeu à professora dessa forma.

Infografia ou ***infográficos*** são gráficos com algumas informações. Em revistas os infográficos são caracterizados pela junção de textos breves com ilustrações explicativas para o leitor entender o conteúdo. Esses gráficos são usados quando a informação precisa ser explicada de forma mais dinâmica, como em mapas, jornalismo e manuais técnicos, educativos ou científicos. É um recurso muitas vezes complexo, podendo se utilizar da combinação de fotografia, desenho e texto. Eles facilitam a compreensão de matérias em que apenas texto dificultaria o entendimento.

No design de jornais, por exemplo, o infográfico costuma ser usado para descrever como aconteceu determinado fato, quais suas consequências. Além de explicar, por meio de ilustrações, diagramas e textos, fatos que o texto ou a foto não conseguem detalhar com a mesma eficiência.

Também são úteis para cientistas como ferramentas de comunicação visual, sendo aplicados em todos os aspectos da visualização científica.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Infografia

A ***Propaganda Institucional*** é uma forma de publicidade que não se refere ao produto em si, e sim à empresa ou instituição, visando à disseminação de ideias no intuito de moldar e influenciar a opinião pública, motivando comportamentos desejados por uma instituição ou provocando mudanças na imagem pública desta instituição. Fala-se da sua importância para a sociedade, dos empregos que ela gera, da sua contribuição para o progresso do país, enfim, das coisas boas que a empresa faz. Assim, cria-se uma imagem positiva da marca. É utilizada para criar no público um estado de confiança nas instituições, o qual se refletirá no futuro em suporte e apoio da população a estas instituições.

A ***reportagem*** é um gênero de texto jornalístico que transmite uma informação por meio da televisão, rádio, revista.

O objetivo da reportagem é levar os fatos ao leitor ou telespectador de maneira abrangente. Isso implica em um fator essencial a um jornalista: falar bem e escrever bem.

Se televisionada, a reportagem deve ser transmitida por um repórter que possui dicção pausada, clara e linguagem direta, precisa e sem incoerências. Além de saber utilizar a entonação que dá vida às palavras, uma vez que representa na fala os sinais de pontuação!

Se impressa, a reportagem deve demonstrar capacidade intelectual, criatividade, sensibilidade quanto aos fatos e uma escrita coerente, que dinamiza a leitura e a torna fluente. Por essas questões, a subjetividade está mais presente nesse tipo de reportagem do que no outro, apontado acima.

Atualmente, com o desenvolvimento dos softwares, os repórteres têm mais recursos visuais e gráficos disponíveis, o que chama a atenção para a notícia.

Em meio aos fatos presenciados e que deverão ser transmitidos, cada repórter tem seu estilo próprio de conduzir ou de narrar os acontecimentos. Por isso, a reportagem pode ser a mesma, mas a maneira como é comunicada é diferente de um profissional para outro.

Qual a diferença entre notícia e reportagem? A primeira informa fatos de maneira mais objetiva e aponta as razões e efeitos. A segunda vai mais a fundo, faz investigações, tece comentários, levanta questões, discute, argumenta.

A reportagem escrita é dividida em três partes: *manchete, lead e corpo*.

Manchete: compreende o título da reportagem que tem como objetivo resumir o que será dito. Além disso, deve despertar o interesse do leitor.

Lead: pequeno resumo que aparece depois do título, a fim de chamar mais ainda a atenção do leitor.

Corpo: desenvolvimento do assunto abordado com linguagem direcionada ao público-alvo.

A ***tira de jornal*** ou ***tirinha***, como é mais conhecida, é um gênero textual que surgiu nos Estados Unidos devido à falta de espaço nos jornais para a publicação passatempos. O nome "tirinha" remete ao formato do texto, que parece um "recorte" de jornal. Um dos pioneiros na criação da tira foi o americano Bud Fisher, autor da tira Mutt e Jeff.

No Brasil, um dos pioneiros na criação e publicação de tiras foi Maurício de Sousa, que começou publicando a tira do cãozinho Bidu, no fim da década de 1950, no jornal Folha de São Paulo. Maurício de Sousa criou uma série de outros personagens que ficaram famosíssimos, como a Mônica, o Cascão, o Cebolinha, dentre outros, e que ganharam, posteriormente, suas próprias revistas de histórias em quadrinhos.

Este gênero textual apresenta geralmente uma temática humorística, contudo não raro encontramos tirinhas satíricas, de cunho social ou político, metafísicas, ou até mesmo eróticas.

É comum as tiras centrarem-se em um personagem principal, que estabelece relação com outros personagens "menores", e que representa uma época remota, um país, um estereótipo de alguma cultura etc.

RESPOSTA: "D".

COESÃO E COERÊNCIA

Primeiramente, o que nos faz produzir um texto é a capacidade que temos de pensar. Por meio do pensamento, elaboramos todas as informações que recebemos e orientamos as ações que interferem na realidade e organização de nossos escritos. O que lemos é produto de um pensamento transformado em texto.

Logo, como cada um de nós tem seu modo de pensar, quando escrevemos sempre procuramos uma maneira organizada do leitor compreender as nossas ideias. A finalidade da escrita é direcionar totalmente o que você quer dizer, por meio da comunicação.

Para isso, os elementos que compõem o texto se subdividem em: introdução, desenvolvimento e conclusão. Todos eles devem ser organizados de maneira equilibrada.

Introdução

Caracterizada pela entrada no assunto e a argumentação inicial. A ideia central do texto é apresentada nessa etapa. Entretanto, essa apresentação deve ser direta, sem rodeios. O seu tamanho raramente excede a 1/5 de todo o texto. Porém, em textos mais curtos, essa proporção não é equivalente. Neles, a introdução pode ser o próprio título. Já nos textos mais longos, em que o assunto é exposto em várias páginas, ela pode ter o tamanho de um capítulo ou de uma parte precedida por subtítulo. Nessa situação, pode ter vários parágrafos. Em redações mais comuns, que em média têm de 25 a 80 linhas, a introdução será o primeiro parágrafo.

Desenvolvimento

A maior parte do texto está inserida no desenvolvimento. Ele é responsável por estabelecer uma ligação entre a introdução e a conclusão. É nessa etapa que são elaboradas as ideias, os dados e os argumentos que sustentam e dão base às explicações e posições do autor. É caracterizado por uma "ponte" formada pela organização das ideias em uma sequência que permite formar uma relação equilibrada entre os dois lados.

O autor do texto revela sua capacidade de discutir um determinado tema no desenvolvimento. Nessa parte, ele se torna capaz de defender seus pontos de vista, além de dirigir a atenção do leitor para a conclusão. As conclusões são fundamentadas a partir daqui.

Para que o desenvolvimento cumpra seu objetivo, o escritor já deve ter uma ideia clara de como vai ser a conclusão. Por isso a importância do planejamento de texto.

Em média, ocupa 3/5 do texto, no mínimo. Já nos textos mais longos, pode estar inserido em capítulos ou trechos destacados por subtítulos. Deverá se apresentar no formato de parágrafos medianos e curtos.

Os principais erros cometidos no desenvolvimento são o desvio e a desconexão da argumentação. O primeiro está relacionado ao autor tomar um argumento secundário que se distancia da discussão inicial, ou quando se concentra em apenas um aspecto do tema e esquece o seu todo. O segundo caso acontece quando quem redige tem muitas ideias ou informações sobre o que está sendo discutido, não conseguindo estruturá-las. Surge também a dificuldade de organizar seus pensamentos e definir uma linha lógica de raciocínio.

Conclusão

Considerada como a parte mais importante do texto, é o ponto de chegada de todas as argumentações elaboradas. As ideias e os dados utilizados convergem para essa parte, em que a exposição ou discussão se fecha.

Em uma estrutura normal, ela não deve deixar uma brecha para uma possível continuidade do assunto; ou seja, possui atributos de síntese. A discussão não deve ser encerrada com argumentos repetitivos, sendo evitados na medida do possível. Alguns exemplos: *"Portanto, como já dissemos antes...", "Concluindo...", "Em conclusão..."*.

Sua proporção em relação à totalidade do texto deve ser equivalente ao da introdução: de 1/5. Essa é uma das características de textos bem redigidos.

Os seguintes erros aparecem quando as conclusões ficam muito longas:

→ O problema aparece quando não ocorre uma exploração devida do desenvolvimento. Logo, acontece uma invasão das ideias de desenvolvimento na conclusão.

→ Outro fator consequente da insuficiência de fundamentação do desenvolvimento está na conclusão precisar de maiores explicações, ficando bastante vazia.

→ Enrolar e "encher linguiça" são muito comuns no texto em que o autor fica girando em torno de ideias redundantes ou paralelas.

→ Uso de frases vazias que, por vezes, são perfeitamente dispensáveis.

→ Quando não tem clareza de qual é a melhor conclusão, o autor acaba se perdendo na argumentação final.

Em relação à abertura para novas discussões, a conclusão não pode ter esse formato, exceto pelos seguintes fatores:

→ Para não influenciar a conclusão do leitor sobre temas polêmicos, o autor deixa a conclusão em aberto.

→ Para estimular o leitor a ler uma possível continuidade do texto, ou autor não fecha a discussão de propósito.

→ Por apenas apresentar dados e informações sobre o tema a ser desenvolvido, o autor não deseja concluir o assunto.

→ Para que o leitor tire suas próprias conclusões, o autor enumera algumas perguntas no final do texto.

A maioria dessas falhas pode ser evitada se antes o autor fizer um esboço de todas as suas ideias. Essa técnica é um roteiro, em que estão presentes os planejamentos. Nele devem estar indicadas as melhores sequências a serem utilizadas na redação. O roteiro deve ser o mais enxuto possível.

Fonte: http://producao-de-textos.info/mos/view/Caracter%C3%ADsticas_e_Estruturas_do_Texto/

Não basta conhecer o conteúdo das partes de um trabalho: introdução, desenvolvimento e conclusão. Além de saber o que se deve (e o que não se deve) escrever em cada parte constituinte do texto, é preciso saber escrever obedecendo às normas de coerência e coesão. Antes de mais nada, é necessário definir os termos: *coerência* diz respeito à articulação do texto, à compatibilidade das ideias, à lógica do raciocínio, a seu conteúdo. *Coesão* refere-se à expressão linguística, ao nível gramatical, às estruturas frasais e ao emprego do vocabulário.

Coerência e coesão relacionam-se com o processo de produção e compreensão do texto. A coesão contribui para a coerência, mas nem sempre um texto coerente apresenta coesão. Pode ocorrer que o texto sem coerência apresente coesão, ou que um texto tenha coesão sem coerência. Em outras palavras: um texto pode ser gramaticalmente bem construído, com frases bem estruturadas, vocabulário correto, mas apresentar ideias sem nexo, sem uma sequência lógica: há coesão, mas não coerência. Por outro lado, um texto pode apresentar ideias coerentes e bem encadeadas, sem que no plano da expressão as estruturas frasais sejam gramaticalmente aceitáveis: há coerência, mas não coesão.

A coerência textual subjaz ao texto e é responsável pela hierarquização dos elementos textuais, ou seja, ela tem origem nas estruturas profundas, no conhecimento do mundo de cada pessoa, aliada à competência linguística. Deduz-se que é difícil ensinar coerência textual, intimamente ligada à visão de mundo, à origem das ideias no pensamento. A coesão, porém, refere-se à expressão linguística, aos processos sintáticos e gramaticais do texto.

O seguinte resumo caracteriza coerência e coesão:

Coerência: rede de sintonia entre as partes e o todo de um texto. Conjunto de unidades sistematizadas numa adequada relação semântica, que se manifesta na compatibilidade entre as ideias. (Na linguagem popular: "dizer coisa com coisa" ou "uma coisa bate com outra").

Coesão: conjunto de elementos posicionados ao longo do texto, numa linha de sequência e com os quais se estabelece um vínculo ou conexão sequencial. Se o vínculo coesivo faz-se via gramática, fala-se em coesão gramatical. Se se faz por meio do vocabulário, tem-se a coesão lexical.

Coerência

- assenta-se no plano cognitivo, da inteligibilidade do texto;
- situa-se na subjacência do texto; estabelece conexão conceitual;
- relaciona-se com a macroestrutura; trabalha com o todo, com o aspecto global do texto;
- estabelece relações de conteúdo entre palavras e frases.

Coesão

- assenta-se no plano gramatical e no nível frasal;
- situa-se na superfície do texto, estabelece conexão sequencial;
- relaciona-se com a microestrutura, trabalha com as partes componentes do texto;
- Estabelece relações entre os vocábulos no interior das frases.

Coerência e coesão são responsáveis pela inteligibilidade ou compreensão do texto. Um texto bem redigido tem parágrafos bem estruturados e articulados pelo encadeamento das ideias neles contidas. As estruturas frasais devem ser coerentes e gramaticalmente corretas, no que diz respeito à sintaxe. O vocabulário precisa ser adequado e essa adequação só se consegue pelo conhecimento dos significados possíveis de cada palavra. Talvez os erros mais comuns de redação sejam devidos à impropriedade do vocabulário e ao mau emprego dos conectivos (conjunções, que têm por função ligar uma frase ou período a outro). Eis alguns exemplos de impropriedade do vocabulário, colhidos em redações sobre censura e os meios de comunicação e outras.

"Nosso direito é frisado na Constituição."
Nosso direito é assegurado pela Constituição. = correta

"Estabelecer os limites as quais a programação deveria estar exposta."
Estabelecer os limites aos quais a programação deveria estar sujeita. = correta

"A censura deveria punir as notícias sensacionalistas."
A censura deveria proibir (ou coibir) as notícias sensacionalistas ou punir os meios de comunicação que veiculam tais notícias. = correta

"Retomada das rédeas da programação."
Retomada das rédeas dos meios de comunicação, no que diz respeito à programação. = correta

O emprego de vocabulário inadequado prejudica muitas vezes a compreensão das ideias. É importante, ao redigir, empregar palavras cujo significado seja conhecido pelo enunciador, e cujo emprego faça parte de seus conhecimentos linguísticos. Muitas vezes, quem redige conhece o significado de determinada palavra, mas não sabe empregá-la adequadamente, isso ocorre frequentemente com o emprego dos conectivos (preposições e conjunções). Não basta saber que as preposições ligam nomes ou sintagmas nominais no interior das frases e que as conjunções ligam frases dentro do período; é necessário empregar adequadamente tanto umas como outras. É bem verdade que, na maioria das vezes, o emprego inadequado dos conectivos remete aos problemas de regência verbal e nominal.

Exemplos:

"Estar inteirada com os fatos" significa participação, interação.
"Estar inteirada dos fatos" significa ter conhecimento dos fatos, estar informada.
"Ir de encontro" significa divergir, não concordar.
"Ir ao encontro" quer dizer concordar.

"Ameaça de liberdade de expressão e transmissão de ideias" significa a liberdade não é ameaça;
"Ameaça à liberdade de expressão e transmissão de ideias", isto é, a liberdade fica ameaçada.

Quanto à regência verbal, convém sempre consultar um dicionário de verbos, pois muitos deles admitem duas ou três regências diferentes; cada uma, porém, tem um significado específico. Lembre-se, a propósito, de que as dúvidas sobre o emprego da crase decorrem do fato de considerar-se crase como sinal de acentuação apenas, quando o problema refere-se à regência nominal e verbal.

Exemplos:

O verbo assistir admite duas regências:
assistir o/a (transitivo direto) significa dar ou prestar assistência (*O médico assiste o doente*):
Assistir ao (transitivo indireto): ser espectador (*Assisti ao jogo da seleção*).

Pedir o =n(transitivo direto) significa solicitar, pleitear (*Pedi o jornal do dia*).
Pedir que =,contém uma ordem (*A professora pediu que fizessem silêncio*).
Pedir para = pedir permissão (*Pediu para sair da classe*); significa também pedir em favor de alguém (*A Diretora pediu ajuda para os alunos carentes*) em favor dos alunos, pedir algo a alguém (para si): (*Pediu ao colega para ajudá -lo*); pode significar ainda exigir, reclamar (*Os professores pedem aumento de salário*).

O mau emprego dos pronomes relativos também pode levar à falta de coesão gramatical. Frequentemente, emprega-se *no qual* ou *ao qual* em lugar do *que*, com prejuízo da clareza do texto; outras vezes, o emprego é desnecessário ou inadequado.
"*Pela manhã o carteiro chegou com um envelope para mim no qual estava sem remetente*". (Chegou com um envelope que (o qual) estava sem remetente).

"*Encontrei apenas belas palavras o qual não duvido da sensibilidade...*"
Encontrei belas palavras e não duvido da sensibilidade delas (palavras cheias de sensibilidade).

Para evitar a falta de coerência e coesão na articulação das frases, aconselha-se levar em conta as seguintes sugestões para o emprego correto dos ***articuladores sintáticos*** *(conjunções, preposições, locuções prepositivas e locuções conjuntivas).*
- Para dar ideia de oposição ou contradição, a articulação sintática faz-se por meio de conjunções adversativas: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto*. Podem também ser empregadas as conjunções concessivas e locuções prepositivas para introduzir a ideia de oposição aliada à concessão: *embora, ou muito embora, apesar de, ainda que, conquanto, posto que, a despeito de, não obstante*.
- A articulação sintática de causa pode ser feita por meio de conjunções e locuções conjuntivas: *pois, porque, como, por isso que, visto que, uma vez que, já que*. Também podem ser empregadas as preposições e locuções prepositivas: *por, por causa de, em vista de, em virtude de, devido a, em consequência de, por motivo de, por razões de*.
- O principal articulador sintático de condição é o "*se*": *Se o time ganhar esse jogo, será campeão*. Pode-se também expressar condição pelo emprego dos conectivos: *caso, contanto que, desde que, a menos que, a não ser que*.
- O emprego da preposição "*para*" é a maneira mais comum de expressar finalidade. "*É necessário baixar as taxas de juros para que a economia se estabilize*" ou para a economia estabilizar-se. "*Teresa vai estudar bastante para fazer boa prova*." Há outros articuladores que expressam finalidade: *a fim de, com o propósito de, na finalidade de, com a intenção de, com o objetivo de, com o fito de, com o intuito de*.
- A ideia de conclusão pode ser introduzida por meio dos articuladores: *assim, desse modo, então, logo, portanto, pois, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso*. Para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão emprega-
-se *ainda*. Os articuladores *aliás, além do mais, além disso, além de tudo*, introduzem um argumento decisivo, cabal, apresentado como um acréscimo, para justificar de forma incontestável o argumento contrário.
- Para introduzir esclarecimentos, retificações ou desenvolvimento do que foi dito empregam-se os **articuladores**: *isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras*. A conjunção aditiva "*e*" anuncia não a repetição, mas o desenvolvimento do discurso, pois acrescenta uma informação nova, um dado novo, e se não acrescentar nada, é pura repetição e deve ser evitada.
- Alguns articuladores servem para estabelecer uma gradação entre os correspondentes de determinada escala. No alto dessa escala acham-se: *mesmo, até, até mesmo*; no plano mais baixo: *ao menos, pelo menos, no mínimo*.

NOVA CONCURSOS

EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES

1-) (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC/SP – ADMINISTRADOR - VUNESP/2013) Assinale a alternativa correta quanto à concordância, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

(A) A má distribuição de riquezas e a desigualdade social está no centro dos debates atuais.

(B) Políticos, economistas e teóricos diverge em relação aos efeitos da desigualdade social.

(C) A diferença entre a renda dos mais ricos e a dos mais pobres é um fenômeno crescente.

(D) A má distribuição de riquezas tem sido muito criticado por alguns teóricos.

(E) Os debates relacionado à distribuição de riquezas não são de exclusividade dos economistas.

Realizei a correção nos itens:

(A) A má distribuição de riquezas e a desigualdade social está = estão

(B) Políticos, economistas e teóricos diverge = divergem

(C) A diferença entre a renda dos mais ricos e a dos mais pobres é um fenômeno crescente.

(D) A má distribuição de riquezas tem sido muito criticado = criticada

(E) Os debates relacionado = relacionados

RESPOSTA: "C".

2-) (COREN/SP – ADVOGADO – VUNESP/2013) Seguindo a norma-padrão da língua portuguesa, a frase – *Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem em média 357 calorias diárias dessa fonte*. – recebe o acréscimo correto das vírgulas em:

(A) Um levantamento mostrou, que os adolescentes americanos consomem em média 357 calorias, diárias dessa fonte.

(B) Um levantamento mostrou que, os adolescentes americanos consomem, em média 357 calorias diárias dessa fonte.

(C) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem, em média, 357 calorias diárias dessa fonte.

(D) Um levantamento, mostrou que os adolescentes americanos, consomem em média 357 calorias diárias dessa fonte.

(E) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos, consomem em média 357 calorias diárias, dessa fonte.

Assinalei com um "X" onde há pontuação inadequada ou faltante:

(A) Um levantamento mostrou, (X) que os adolescentes americanos consomem (X) em média (X) 357 calorias, (X) diárias dessa fonte.

(B) Um levantamento mostrou que, (X) os adolescentes americanos consomem, em média (X) 357 calorias diárias dessa fonte.

(C) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos consomem, em média, 357 calorias diárias dessa fonte.

(D) Um levantamento, (X) mostrou que os adolescentes americanos, (X) consomem (X) em média (X) 357 calorias diárias dessa fonte.

(E) Um levantamento mostrou que os adolescentes americanos, (X) consomem (X) em média (X) 357 calorias diárias, (X) dessa fonte.

RESPOSTA: "C".

3-) (TRT/RO E AC – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2011) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

Fiz as correções entre parênteses:

a) Destinam-se (destina-se) aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.

b) As duas tábuas em que se comprimem (comprime) o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".

c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.

d) Ao se revogarem (revogar) o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.

e) Não sensibilizavam (sensibilizava) aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

RESPOSTA: "C".

4-) (TRE/PA- ANALISTA JUDICIÁRIO – FGV/2011) Assinale a palavra que tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que distribuídos.

(A) sócio

(B) sofrê-lo

(C) lúcidos

(D) constituí

(E) órfãos

Distribuímos = regra do hiato
(A) sócio = paroxítona terminada em ditongo
(B) sofrê-lo = oxítona (não se considera o pronome oblíquo. Nunca!)
(C) lúcidos = proparoxítona
(D) constituí = regra do hiato (diferente de "constitui" – oxítona: cons-ti-tui)
(E) órfãos = paroxítona terminada em "ão"

RESPOSTA: "D".

5-) (TRT/PE – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
(A) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
(B) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
(C) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
(D) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
(E) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

(A) Provocam = provoca (o posicionamento)
(B) Sempre deverão haver bons motivos = deverá haver
(C) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem = consiste.
(D) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem = ocorre
(E) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

RESPOSTA: "E".

6-) (TRE/PA- ANALISTA JUDICIÁRIO – FGV/2011) Segundo o Manual de Redação da Presidência da República, NÃO se deve usar Vossa Excelência para
(A) embaixadores.
(B) conselheiros dos Tribunais de Contas estaduais.
(C) prefeitos municipais.
(D) presidentes das Câmaras de Vereadores.
(E) vereadores.

(...) O uso do pronome de tratamento Vossa Senhoria (abreviado V. Sa.) para vereadores está correto, sim. Numa Câmara de Vereadores só se usa Vossa Excelência para o seu presidente, de acordo com o Manual de Redação da Presidência da República (1991).
(Fonte: http://www.linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=393)

RESPOSTA: "E".

7-) (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010)
... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais.
Transpondo para a voz ativa a frase acima, o verbo passará a ser, corretamente,
(A) perceba.
(B) foi percebido.
(C) tenham percebido.
(D) devam perceber.
(E) estava percebendo.

... valores e princípios que sejam percebidos pela sociedade como tais = dois verbos na voz passiva, então teremos um na ativa: que a sociedade perceba os valores e princípios...

RESPOSTA: "A"

8-) (TRE/AL – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem ser embasados na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.
(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode estar subordinado às ordens indiscriminadas de um único poder central.
(E) O interesse de todos os cidadãos estão voltados para o momento eleitoral, que expõem as diferentes opiniões existentes na sociedade.

Fiz os acertos entre parênteses:
(A) A sociedade deve reconhecer os princípios e valores que determinam as escolhas dos governantes, para conferir legitimidade a suas decisões.
(B) A confiança dos cidadãos em seus dirigentes devem (deve) ser embasados (embasada) na percepção dos valores e princípios que regem a prática política.
(C) Eleições livres e diretas é (são) garantia de um verdadeiro regime democrático, em que se respeita (respeitam) tanto as liberdades individuais quanto as coletivas.

NOVA CONCURSOS

(D) As instituições fundamentais de um regime democrático não pode (podem) estar subordinado (subordinadas) às ordens indiscriminadas de um único poder central.

(E) O interesse de todos os cidadãos estão (está) voltados (voltado) para o momento eleitoral, que expõem (expõe) as diferentes opiniões existentes na sociedade.

RESPOSTA: "A".

9-) (TRE/AL – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2010) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

(A) O cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(B) O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos.

- Uma grande diversidade de fenômenos é unificada e explicada pelo conceito...

(C) O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação.

(D) As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida (...).

(E) Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência.

RESPOSTA: "B".

10-) (MPE/AM - AGENTE DE APOIO ADMINISTRATIVO - FCC/2013) "*Quando a gente entra nas serrarias, vê dezenas de caminhões parados*", revelou o analista ambiental Geraldo Motta.

Substituindo-se *Quando* por *Se*, os verbos sublinhados devem sofrer as seguintes alterações:

(A) entrar – vira

(B) entrava – tinha visto

(C) entrasse – veria

(D) entraria – veria

(E) entrava – teria visto

Se a gente entrasse (verbo no singular) na serraria, veria = entrasse / veria.

RESPOSTA: "C".

11-) (TRE/AL – ANALISTA JUDICIÁRIO – FCC/2010) A pontuação está inteiramente adequada na frase:

a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.

c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

d) Será preciso, talvez redefinir a infância? - já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

Devido à igualdade textual entre os itens, a apresentação da alternativa correta indica quais são as inadequações nas demais.

RESPOSTA: "E".

12-) (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO ACRE – ALUNO SOLDADO COMBATENTE – FUNCAB/2012) No trecho: "*O crescimento econômico, se associado à ampliação do emprego, PODE melhorar o quadro aqui sumariamente descrito*.", se passarmos o verbo destacado para o futuro do pretérito do indicativo, teremos a forma:

A) puder.

B) poderia.

C) pôde.

D) poderá.

E) pudesse.

Conjugando o verbo "poder" no futuro do pretérito do Indicativo: eu poderia, tu poderias, ele poderia, nós poderíamos, vós poderíeis, eles poderiam. O sujeito da oração é crescimento econômico (singular), portanto, terceira pessoa do singular (ele) = poderia.

RESPOSTA: "B".

13-) (TRE/AP - TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:

a) Ele se esqueceu de que?

b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.

c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.

d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.

e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

(A) Ele se esqueceu de que? = quê?
(B) Era tão ruím (ruim) aquele texto, que não deu para distribui-lo (distribuí-lo) entre os presentes.
(C) Embora devêssemos (devêssemos) , não fomos excessivos nas críticas.
(D) O juíz (juiz) nunca (se) negou a atender às reivindicações dos funcionários.
(E) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

RESPOSTA: "E".

14-) (FUNDAÇÃO CASA/SP - AGENTE ADMINISTRATIVO - VUNESP/2011 - ADAPTADA) Observe as frases do texto:
I, Cerca de 75 por cento dos países obtêm nota negativa...
II,... à Venezuela, de Chávez, que obtém a pior classificação do continente americano (2,0)...
Assim como ocorre com o verbo "obter" nas frases I e II, a concordância segue as mesmas regras, na ordem dos exemplos, em:
(A) Todas as pessoas têm boas perspectivas para o próximo ano. Será que alguém tem opinião diferente da maioria?
(B) Vem muita gente prestigiar as nossas festas juninas. Vêm pessoas de muito longe para brincar de quadrilha.
(C) Pouca gente quis voltar mais cedo para casa. Quase todos quiseram ficar até o nascer do sol na praia.
(D) Existem pessoas bem intencionadas por aqui, mas também existem umas que não merecem nossa atenção.
(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam.

Em I, obtêm está no plural; em II, no singular. Vamos aos itens:
(A) Todas as pessoas têm (plural) ... Será que alguém tem (singular)
(B) Vem (singular) muita gente... Vêm pessoas (plural)
(C) Pouca gente quis (singular)... Quase todos quiseram (plural)
(D) Existem (plural) pessoas ... mas também existem umas (plural)
(E) Aqueles que não atrapalham muito ajudam (ambas as formas estão no plural)

RESPOSTA: "A".

15-) (CETESB/SP - ANALISTA ADMINISTRATIVO - RECURSOS HUMANOS - VUNESP/2013 - ADAPTADA) Considere as orações: ... *sabíamos* *respeitar os mais velhos! / E quando eles* *falavam* nós calávamos a boca**!**
Alterando apenas o tempo dos verbos destacados para o tempo presente, sem qualquer outro ajuste, tem-se, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa:
(A) ... soubemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falaram nós calamos a boca!
(B) ... saberíamos respeitar os mais velhos! / E quando eles falassem nós calaríamos a boca!
(C) ... soubéssemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falassem nós calaríamos a boca!
(D) ... saberemos respeitar os mais velhos! / E quando eles falarem nós calaremos a boca!
(E) ... *sabemos* respeitar os mais velhos! / E quando eles *falam* nós calamos a boca!

No presente: nós sabemos / eles falam.

RESPOSTA: "E".

16-) (UNESP/SP - ASSISTENTE TÉCNICO ADMINISTRATIVO - VUNESP/2012) A correlação entre as formas verbais está correta em:
(A) Se o consumo desnecessário vier a crescer, o planeta não resistiu.
(B) Se todas as partes do mundo estiverem com alto poder de consumo, o planeta em breve sofrerá um colapso.
(C) Caso todo prazer, como o da comida, o da bebida, o do jogo, o do sexo e o do consumo não conhecesse distorções patológicas, não haverá vícios.
(D) Se os meios tecnológicos não tivessem se tornado tão eficientes, talvez as coisas não ficaram tão baratas.
(E) Se as pessoas não se propuserem a consumir conscientemente, a oferta de produtos supérfluos crescia.

Fiz as correções necessárias:
(A) Se o consumo desnecessário vier a crescer, o planeta não resistiu = resistirá
(B) Se todas as partes do mundo estiverem com alto poder de consumo, o planeta em breve sofrerá um colapso.
(C) Caso todo prazer, como o da comida, o da bebida, o do jogo, o do sexo e o do consumo não conhecesse distorções patológicas, não haverá = haveria
(D) Se os meios tecnológicos não tivessem se tornado tão eficientes, talvez as coisas não ficaram = ficariam (ou teriam ficado)
(E) Se as pessoas não se propuserem a consumir conscientemente, a oferta de produtos supérfluos crescia = crescerá

RESPOSTA: "B".

17-) (TJ/SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO JUDICIÁRIA – VUNESP/2010) Assinale a alternativa que preenche adequadamente e de acordo com a norma culta a lacuna da frase: *Quando um candidato trêmulo _____ eu lhe faria a pergunta mais deliciosa de todas.*
(A) entrasse
(B) entraria
(C) entrava
(D) entrar
(E) entrou

NOVA CONCURSOS

O verbo "faria" está no futuro do pretérito, ou seja, indica que é uma ação que, para acontecer, depende de outra. Exemplo: Quando um candidato entrasse, eu faria / Se ele entrar, eu farei / Caso ele entre, eu faço...

RESPOSTA: "A".

18-) (TJ/SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO JUDICIÁRIA – VUNESP/2010 - ADAPTADA)

Assinale a alternativa de concordância que pode ser considerada correta como variante da frase do texto – *A maioria considera aceitável que um convidado chegue mais de duas horas* ...

(A) A maioria dos cariocas consideram aceitável que um convidado chegue mais de duas horas...

(B) A maioria dos cariocas considera aceitáveis que um convidado chegue mais de duas horas...

(C) As maiorias dos cariocas considera aceitáveis que um convidado chegue mais de duas horas...

(D) As maiorias dos cariocas consideram aceitáveis que um convidado chegue mais de duas horas...

(E) As maiorias dos cariocas consideram aceitável que um convidado cheguem mais de duas horas...

Fiz as indicações:

(A) A maioria dos cariocas consideram (ou considera, tanto faz) aceitável que um convidado chegue mais de duas horas...

(B) A maioria dos cariocas considera (ok) aceitáveis (aceitável) que um convidado chegue mais de duas horas...

(C) As (A) maiorias (maioria) dos cariocas considera (ok) aceitáveis (aceitável) que um convidado chegue mais de duas horas...

(D) As (A) maiorias (maioria) dos cariocas consideram (ok) aceitáveis (aceitável) que um convidado chegue mais de duas horas...

(E) As (A) maiorias (maioria) dos cariocas consideram (ok) aceitável que um convidado cheguem (chegue) mais de duas horas...

RESPOSTA: "A".

19-) (TJ/SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO JUDICIÁRIA – VUNESP/2010) Assinale a alternativa em que as palavras são acentuadas graficamente pelos mesmos motivos que justificam, respectivamente, as acentuações de: *década, relógios, suíços*.

(A) flexíveis, cartório, tênis.

(B) inferência, provável, saída.

(C) óbvio, após, países.

(D) islâmico, cenário, propôs.

(E) república, empresária, graúda.

Década = proparoxítona / relógios = paroxítona terminada em ditongo / suíços = regra do hiato

(A) flexíveis e cartório = paroxítonas terminadas em ditongo / tênis = paroxítona terminada em "i" (seguida de "s")

(B) inferência = paroxítona terminada em ditongo / provável = paroxítona terminada em "l" / saída = regra do hiato

(C) óbvio = paroxítona terminada em ditongo / após = oxítona terminada em "o" + "s" / países = regra do hiato

(D) islâmico = proparoxítona / cenário = paroxítona terminada em ditongo / propôs = oxítona terminada em "o" + "s"

(E) república = proparoxítona / empresária = paroxítona terminada em ditongo / graúda = regra do hiato

RESPOSTA: "E".

20-) (POLÍCIA CIVIL/SP – AGENTE POLICIAL - VUNESP/2013) De acordo com a norma- padrão da língua portuguesa, o acento indicativo de crase está corretamente empregado em:

(A) A população, de um modo geral, está à espera de que, com o novo texto, a lei seca possa coibir os acidentes.

(B) A nova lei chega para obrigar os motoristas à repensarem a sua postura.

(C) A partir de agora os motoristas estarão sujeitos à punições muito mais severas.

(D) À ninguém é dado o direito de colocar em risco a vida dos demais motoristas e de pedestres.

(E) Cabe à todos na sociedade zelar pelo cumprimento da nova lei para que ela possa funcionar.

(A) A população, de um modo geral, está à espera (dá para substituir por "esperando") de que

(B) A nova lei chega para obrigar os motoristas à repensarem (antes de verbo)

(C) A partir de agora os motoristas estarão sujeitos à punições (generalizando, palavra no plural)

(D) À ninguém (pronome indefinido)

(E) Cabe à todos (pronome indefinido)

RESPOSTA: "A".

(TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADO) Leia o texto, para responder às questões de números 21 e 22.

Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux" (*): sentado, ao fundo do restaurante, o cliente paulista acena, assovia, agita os braços num agônico polichinelo; encostado à parede, marmóreo e impassível, o garçom carioca o ignora com redobrada atenção. O paulista estrebucha: "Amigô?!", "Chefê?!", "Parceirô?!"; o garçom boceja, tira um fiapo do ombro, olha pro lustre.

Eu disse "cliente paulista", percebo a redundância: o paulista é sempre cliente. Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".[...] Como pode ele entender que o fato de estar pagando não garantirá a atenção do garçom carioca? Como pode o ignóbil paulista, nascido e criado na crua batalha entre burgueses e proletários, compreender o discreto charme da aristocracia?

Sim, meu caro paulista: o garçom carioca é antes de tudo um nobre. Um antigo membro da corte que esconde, por trás da carapinha entediada, do descaso e da gravata borboleta, saudades do imperador. [...] Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20: levou gim tônicas para Vinicius e caipirinhas para Sinatra, uísques para Tom e leites para Nelson, recebeu gordas gorjetas de Orson Welles e autógrafos de Rockfeller; ainda hoje fala de futebol com Roberto Carlos e ouve conselhos de João Gilberto. Continua tão nobre quanto sempre foi, seu orgulho permanece intacto.

Até que chega esse paulista, esse homem bidimensional e sem poesia, de camisa polo, meia soquete e sapatênis, achando que o jacarezinho de sua Lacoste é um crachá universal, capaz de abrir todas as portas. Ah, paulishhhhta otááário, nenhum emblema preencherá o vazio que carregas no peito - pensa o garçom, antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante, a caminho do banheiro, e ali esquecê-lo para todo o sempre.

Veja, veja como ele se debate, como se debaterá amanhã, depois de amanhã e até a Quarta-Feira de Cinzas, maldizendo a Guanabara, saudoso das várzeas do Tietê, onde a desigualdade é tão mais organizada: "Ô, companheirô, faz meia hora que eu cheguei, dava pra ver um cardápio?!". Acalme-se, conterrâneo.

Acostume-se com sua existência plebeia. O garçom carioca não está aí para servi-lo, você é que foi ao restaurante para homenageá-lo.

(Antonio Prata, Cliente paulista, garçom carioca. Folha de S.Paulo, 06.02.2013)

(*) Um tipo de coreografia, de dança.

21-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa contendo passagem em que o autor simula dialogar com o leitor.

(A) Acalme-se, conterrâneo. Acostume-se com sua existência plebeia.
(B) Ô, companheiro, faz meia hora que eu cheguei...
(C) Veja, aí estão eles, a bailar seu diabólico "pas de deux".
(D) Sim, meu caro paulista...
(E) Ah, paulishhhhta otááário...

Em "meu caro paulista", o autor está dirigindo-se a nós, leitores.

RESPOSTA: "D".

22-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) O contexto em que se encontra a passagem – *Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19, passou a servir reis e rainhas do 20* (2.º parágrafo) – leva a concluir, corretamente, que a menção a

(A) príncipes e princesas constitui uma referência em sentido não literal.
(B) reis e rainhas constitui uma referência em sentido não literal.
(C) príncipes, princesas, reis e rainhas constitui uma referência em sentido não literal.
(D) príncipes, princesas, reis e rainhas constitui uma referência em sentido literal.
(E) reis e rainhas constitui uma referência em sentido literal.

Pela leitura do texto infere-se que os "reis e rainhas" do século 20 são as personalidades da mídia, os "famosos" e "famosas". Quanto a príncipes e princesas do século 19, esses eram da corte, literalmente.

RESPOSTA: "B".

23-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) O sentido de *marmóreo* (adjetivo) equivale ao da expressão *de mármore*. Assinale a alternativa contendo as expressões com sentidos equivalentes, respectivamente, aos das palavras ígneo **e *pétreo*.**

(A) De corda; de plástico.
(B) De fogo; de madeira.
(C) De madeira; de pedra.
(D) De fogo; de pedra.
(E) De plástico; de cinza.

Questão que pode ser resolvida usando a lógica ou associação de palavras! Veja: a ignição do carro lembra-nos fogo, combustão... Pedra, petrificado. Encontrou a resposta?

RESPOSTA: "D".

(TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADO) Para responder às questões de números 24 e 25, considere a seguinte passagem: *Sem querer estereotipar, mas já estereotipando: trata-se de um ser cujas interações sociais terminam, 99% das vezes, diante da pergunta "débito ou crédito?".*

24-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Nesse contexto, o verbo *estereotipar* tem sentido de

(A) considerar ao acaso, sem premeditação.
(B) aceitar uma ideia mesmo sem estar convencido dela.
(C) adotar como referência de qualidade.
(D) julgar de acordo com normas legais.
(E) classificar segundo ideias preconcebidas.

Classificar conforme regras conhecidas, mas não confirmadas se verdadeiras.

RESPOSTA: "E".

NOVA CONCURSOS

25-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) **Nessa passagem, a palavra *cujas* tem sentido de**

(A) lugar, referindo-se ao ambiente em que ocorre a pergunta mencionada.

(B) posse, referindo-se às interações sociais do paulista.

(C) dúvida, pois a decisão entre débito ou crédito ainda não foi tomada.

(D) tempo, referindo-se ao momento em que terminam as interações sociais.

(E) condição em que se deve dar a transação financeira mencionada.

O pronome "cujo" geralmente nos dá o sentido de posse: O livros cujas folhas (lê-se: as folhas dos livros).

RESPOSTA: "B".

26-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa finalidade, em relação à outra que compõe o período.

(A) *Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19*, passou a servir reis e rainhas do 20...

(B) Pensa o garçom, *antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante*...

(C) Você é que foi ao restaurante *para homenageá-lo*.

(D) ... nenhum emblema preencherá o vazio *que carregas no peito* ...

(E) O garçom boceja, *tira um fiapo do ombro*...

Vamos às análises:

A - Se deixou de bajular os príncipes e princesas do século 19 = a conjunção inicial é condicional.

B - antes de conduzi-lo à última mesa do restaurante = conjunção temporal (dá-nos noção de tempo)

C - para homenageá-lo = nessa oração temos a noção do motivo (qual a finalidade) da ação de "ter ido ao restaurante", segundo o texto

D - que carregas no peito – o "que" funciona como pronome relativo (podemos substituí-lo por "o qual" carregas no peito)

E - tira um fiapo do ombro – temos aqui uma oração assindética (sem conjunção "final")

RESPOSTA: "C".

27-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2011) Em – *A falta de modos dos homens da Casa de Windsor é proverbial, mas* o **príncipe Edward dizendo bobagens para estranhos no Quirguistão incomodou a embaixadora americana.**

A conjunção destacada pode ser substituída por

A) portanto.

(B) como.

(C) no entanto.

(D) porque.

(E) ou.

O "mas" é uma conjunção adversativa, dando a ideia de oposição entre as informações apresentadas pelas orações, o que acontece no enunciado da questão. Em "A", temos uma conclusiva; "B", comparativa; "C", adversativa; "D", explicativa; "E", alternativa.

RESPOSTA: "C".

28-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa contendo palavra formada por prefixo.

(A) Máquina.

(B) Brilhantismo.

(C) Hipertexto.

(D) Textualidade.

(E) Arquivamento.

A – Máquina = sem acréscimo de afixos (prefixo ou sufixo)

B - Brilhantismo. = acréscimo de sufixo (ismo)

C – Hipertexto = acréscimo de prefixo (hiper)

D – Textualidade = acréscimo de sufixo (idade)

E – Arquivamento = acréscimo de sufixo (mento)

RESPOSTA: "C".

(TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013 - ADAPTADA) Para responder a esta questão, considere as palavras destacadas nas seguintes passagens do texto:

***Desde* o surgimento da ideia de hipertexto...**

... informações ligadas especialmente à pesquisa acadêmica,

... uma "máquina poética", algo que funcionasse por analogia e associação...

***Quando* o cientista Vannevar Bush [...] concebeu a ideia de hipertexto...**

... 20 anos depois de seu artigo fundador...

29-) As palavras destacadas que expressam ideia de tempo são:

(A) algo, especialmente e Quando.

(B) Desde, especialmente e algo.

(C) especialmente, Quando e depois.

(D) Desde, Quando e depois.

(E) Desde, algo e depois.

As palavras que nos dão a noção, ideia de tempo são: desde, quando e depois.

RESPOSTA: "D".

30- (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa contendo frase com redação de acordo com a norma-padrão de concordância.

(A) Pensava na necessidade de ser substituído de imediato os métodos existentes.

(B) Substitui-se os métodos de recuperação de informações que se ligava especialmente à pesquisa acadêmica.

(C) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.

(D) O inventor pensava em textos que já deveria estar disponíveis em rede.

(E) Era procurado por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

Coloquei entre parênteses a correção:

(A) Pensava na necessidade de ser substituído (serem substituídos) de imediato os métodos existentes.

(B) Substitui-se (substituem-se) os métodos de recuperação de informações que se ligava (ligavam) especialmente à pesquisa acadêmica.

(C) No hipertexto, a textualidade funciona por sequências fixas que se estabeleceram previamente.

(D) O inventor pensava em textos que já deveria (deveriam) estar disponíveis em rede.

(E) Era procurado (eram procuradas) por ele máquinas com as quais pudesse capturar o brilhantismo anárquico da imaginação humana.

RESPOSTA: "C".

31-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de *intercâmbio* e *antropológico*.

(A) Distúrbio e acórdão.

(B) Máquina e jiló.

(C) Alvará e Vândalo.

(D) Consciência e características.

(E) Órgão e órfãs.

Para que saibamos qual alternativa assinalar, primeiro temos que classificar as palavras do enunciado quanto à posição de sua sílaba tônica:

Intercâmbio = paroxítona terminada em ditongo; Antropológico = proparoxítona (todas são acentuadas). Agora, vamos à análise dos itens apresentados:

(A) Distúrbio = paroxítona terminada em ditongo; acórdão = paroxítona terminada em "ão"

(B) Máquina = proparoxítona; jiló = oxítona terminada em "o"

(C) Alvará = oxítona terminada em "a"; Vândalo = proparoxítona

(D) Consciência = paroxítona terminada em ditongo; características = proparoxítona

(E) Órgão e órfãs = ambas: paroxítona terminada em "ão" e "ã", respectivamente.

RESPOSTA: "D".

32-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Na passagem – *Nesse contexto, governos e empresas estão fechando o cerco contra a corrupção e a fraude, valendo-se dos mais variados mecanismos*... – a oração destacada expressa, em relação à anterior, sentido que responde à pergunta:

(A) "Quando?"

(B) "Por quê?"

(C) "Como?"

(D) "Para quê?"

(E) "Onde?"

Questão que envolve conhecimento de coesão e coerência. Se perguntássemos à primeira oração "COMO o governo está fechando o cerco contra a corrupção?", obteríamos a resposta apresentada pela oração em destaque.

RESPOSTA: "C".

33-) (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.

(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.

(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.

(D) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...

(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

Realizei a correção entre parênteses:

(A) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.

(B) Não haverá prova do crime se o réu se manter (mantiver) em silêncio.

(C) Vão pagar horas-extras aos que se disporem (dispuserem) a trabalhar no feriado.

(D) Ficarão surpresos quando o verem (virem) com a toga...

(E) Se você quer a promoção, é necessário que a requera (requeira) a seu superior.

RESPOSTA: "A".

NOVA CONCURSOS

MATEMÁTICA E RACIOCÍNIO LÓGICO

Números inteiros; Números Naturais; Numeração decimal; Operações fundamentais como: Adição, Subtração, Divisão e Multiplicação; Simplificação; Medindo o tempo: horas, minutos e segundos; Problemas matemáticos; radiciação; potenciação; máximo divisor comum; mínimo divisor comum; 01
Sistema de medidas: medidas de comprimento, superfície, volume, capacidade, tempo, massa, m^2 e metro linear; problemas usando as quatro operações. 07
Conjunto de números: naturais, inteiros, racionais, irracionais, reais, operações, expressões (cálculo); 12
Matemática Financeira; Porcentagem; Juros Simples e Composto; 12
Regras de três simples e composta;....21
Sistema Monetário Nacional (Real); 26
Equação de 1º grau: resolução; problemas de 1º grau; Inequações do 1º grau; 28
Equação de 2º grau: resolução das equações completas, incompletas, problemas do 2º grau; Equações fracionárias; ...28
Relação e Função: domínio, contradomínio e imagem; 33
Função do 1º grau; função constante; 33
Razão e Proporção; 38
Grandezas Proporcionais;....43
Expressões Algébricas; Fração Algébrica; 48
Sistemas de numeração; Operações no conjunto dos números naturais; Operações fundamentais com números racionais; Múltiplos e divisores em N; Radiciação; Conjunto de números fracionários; Operações fundamentais com números fracionários; Problemas com números fracionários; Números decimais; 50
Geometria Analítica; 51
Geometria Espacial; 56
Geometria Plana: Plano, Área, Perímetro, Ângulo, Reta, Segmento de Reta e Ponto Teorema de Tales; Teorema de Pitágoras....63
Noções de trigonometria; 70
Relação entre grandezas: tabelas e gráficos; 73
Progressão Aritmética (PA) e Progressão Geométrica (PG); 77
Sistemas Lineares; 85
Números complexos; 96
Função exponencial: equação e inequação exponencial; Função logarítmica; 98
Análise combinatória; 98
Probabilidade; 99
Estatística; 101
Função do 2º grau;....103
Trigonometria da 1ª volta: seno, cosseno, tangente, relação fundamental. 103
Avaliação de sequência lógica e coordenação viso-motora, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos, reversibilidade, sequência lógica de números, letras, palavras e figuras. Problemas lógicos com dados, figuras e palitos. 103
Compreensão do processo lógico que, a partir de um conjunto de hipóteses, conduz, de forma válida, a conclusões determinadas. Estrutura lógica de relações arbitrárias entre pessoas, lugares, objetos ou eventos fictícios; deduzir novas informações das relações fornecidas e avaliar as condições usadas para estabelecer a estrutura daquelas relações. 118
Compreensão e elaboração da lógica das situações por meio de: raciocínio verbal, raciocínio matemático, raciocínio quantitativo e raciocínio sequencial.....133

NÚMEROS INTEIROS; NÚMEROS NATURAIS; NUMERAÇÃO DECIMAL; OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS COMO: ADIÇÃO, SUBTRAÇÃO, DIVISÃO E MULTIPLICAÇÃO; SIMPLIFICAÇÃO; MEDINDO O TEMPO: HORAS, MINUTOS E SEGUNDOS; PROBLEMAS MATEMÁTICOS; RADICIAÇÃO; POTENCIAÇÃO; MÁXIMO DIVISOR COMUM; MÍNIMO DIVISOR COMUM;

Números Naturais

Os números naturais são o modelo matemático necessário para efetuar uma contagem.

Começando por zero e acrescentando sempre uma unidade, obtemos os elementos dos números naturais:

$$\mathbb{N} = \{0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, \ldots.\}$$

A construção dos Números Naturais

- Todo número natural dado tem um sucessor (número que vem depois do número dado), considerando também o zero.

Exemplos: Seja m um número natural.

a) O sucessor de m é m+1.
b) O sucessor de 0 é 1.
c) O sucessor de 1 é 2.
d) O sucessor de 19 é 20.

- Se um número natural é sucessor de outro, então os dois números juntos são chamados números consecutivos.

Exemplos:

a) 1 e 2 são números consecutivos.
b) 5 e 6 são números consecutivos.
c) 50 e 51 são números consecutivos.

- Vários números formam uma coleção de números naturais consecutivos se o segundo é sucessor do primeiro, o terceiro é sucessor do segundo, o quarto é sucessor do terceiro e assim sucessivamente.

Exemplos:

a) 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 são consecutivos.
b) 5, 6 e 7 são consecutivos.
c) 50, 51, 52 e 53 são consecutivos.

- Todo número natural dado N, exceto o zero, tem um antecessor (número que vem antes do número dado).

Exemplos: Se m é um número natural finito diferente de zero.

a) O antecessor do número m é m-1.
b) O antecessor de 2 é 1.
c) O antecessor de 56 é 55.
d) O antecessor de 10 é 9.

Subconjuntos de $\mathbb{N}$

Vale lembrar que um asterisco, colocado junto à letra que simboliza um conjunto, significa que o zero foi excluído de tal conjunto.

$$\mathbb{N}^* = \{1, 2, 3, 4, 5, \ldots.\}$$

Expressões Numéricas

Nas expressões numéricas aparecem adições, subtrações, multiplicações e divisões. Todas as operações podem acontecer em uma única expressão. Para resolver as expressões numéricas utilizamos alguns procedimentos:

Se em uma expressão numérica aparecer as quatro operações, devemos resolver a multiplicação ou a divisão primeiramente, na ordem em que elas aparecerem e somente depois a adição e a subtração, também na ordem em que aparecerem e os parênteses são resolvidos primeiro.

Exemplo 1

10 + 12 – 6 + 7
22 – 6 + 7
16 + 7
23

Exemplo 2

40 – 9 x 4 + 23
40 – 36 + 23
4 + 23
27

Exemplo 3
25-(50-30)+4x5
25-20+20=25

Números Inteiros

Podemos dizer que este conjunto é composto pelos números naturais, o conjunto dos opostos dos números naturais e o zero. Este conjunto pode ser representado por:

$$\mathbb{Z} = \{\ldots, -3, -2, -1, 0, 1, 2, 3, \ldots.\}$$

Subconjuntos do conjunto $\mathbb{Z}$:

1)

$\mathbb{Z}^* = \{\ldots, -3, -2, -1, 1, 2, 3, \ldots.\} -$
Este é o conjunto dos números inteiros excluindo o zero.

2)

$\mathbb{Z}_+ = \{0, 1, 2, 3, \ldots.\} -$ *Este é o conjuntos dos númerosinteiros não – negativos*

3)

$\mathbb{Z}_- = \{\ldots, -3, -2, -1\} -$ *Este é o conjunto dos números inteiros não – positivos*

Números Racionais

Chama-se de número racional a todo número que pode ser expresso na forma $\frac{a}{b}$, onde a e b são inteiros quaisquer, com b≠0

Assim, os números $6\left(=\frac{12}{2}\right)$ e $1{,}33333\ldots. = \frac{4}{3}$ são dois exemplos de números racionais.

Representação Decimal das Frações

Temos 2 possíveis casos para transformar frações em decimais

1º) Decimais exatos: quando dividirmos a fração, o número decimal terá um número finito de algarismos após a vírgula.

$$\frac{1}{2} = 0{,}5$$

$$\frac{1}{4} = 0{,}25$$

$$\frac{3}{4} 0{,}75$$

2º) Terá um número infinito de algarismos após a vírgula, mas lembrando que a dízima deve ser periódica para ser número racional

OBS: período da dízima são os números que se repetem, se não repetir não é dízima periódica e assim números irracionais, que trataremos mais a frente.

$$\frac{1}{3} = 0{,}333\ldots$$

$$\frac{35}{99} = 0{,}353535\ldots$$

$$\frac{105}{9} = 11{,}6666\ldots$$

Representação Fracionária dos Números Decimais

Trata-se do problema inverso: estando o número racional escrito na forma decimal, procuremos escrevê-lo na forma de fração. Temos dois casos:

1º) Transformamos o número em uma fração cujo numerador é o número decimal sem a vírgula e o denominador é composto pelo numeral 1, seguido de tantos zeros quantas forem as casas decimais do número decimal dado:

$$0{,}3 = \frac{3}{10}$$

$$0{,}03 = \frac{3}{100}$$

$$0{,}003 = \frac{3}{1000}$$

$$3{,}3 = \frac{33}{10}$$

2º) Devemos achar a fração geratriz da dízima dada; para tanto, vamos apresentar o procedimento através de alguns exemplos:

Exemplo 1

Seja a dízima 0, 333... .

Façamos x = 0,333... e multipliquemos ambos os membros por 10: 10x = 3,333

Subtraindo, membro a membro, a primeira igualdade da segunda:

10x – x = 3,333... – 0,333... → 9x = 3 → x = 3/9

Assim, a geratriz de 0,333... é a fração $\frac{3}{9}$.

Exemplo 2

Seja a dízima 5, 1717... .

Façamos x = 5,1717... e 100x = 517,1717... .

Subtraindo membro a membro, temos:

99x = 512 → x = 512/99

Assim, a geratriz de 5,1717... é a fração 512/99 .

Números Irracionais

Identificação de números irracionais

- Todas as dízimas periódicas são números racionais.
- Todos os números inteiros são racionais.
- Todas as frações ordinárias são números racionais.
- Todas as dízimas não periódicas são números irracionais.
- Todas as raízes inexatas são números irracionais.
- A soma de um número racional com um número irracional é sempre um número irracional.
- A diferença de dois números irracionais, pode ser um número racional.
- Os números irracionais não podem ser expressos na forma $\frac{a}{b}$, com a e b inteiros e b≠0.

Exemplo: $\sqrt{5} - \sqrt{5} = 0$ e 0 é um número racional.

- O quociente de dois números irracionais, pode ser um número racional.

Exemplo: $\sqrt{8} : \sqrt{2} = \sqrt{4} = 2$ e 2 é um número racional.

- O produto de dois números irracionais, pode ser um número racional.

NOVA CONCURSOS

Exemplo: $\sqrt{5} \cdot \sqrt{5} = \sqrt{25} = 5$ e 5 é um número racional.

Exemplo:radicais($\sqrt{2}, \sqrt{3}$) a raiz quadrada de um número natural, se não inteira, é irracional.

Números Reais

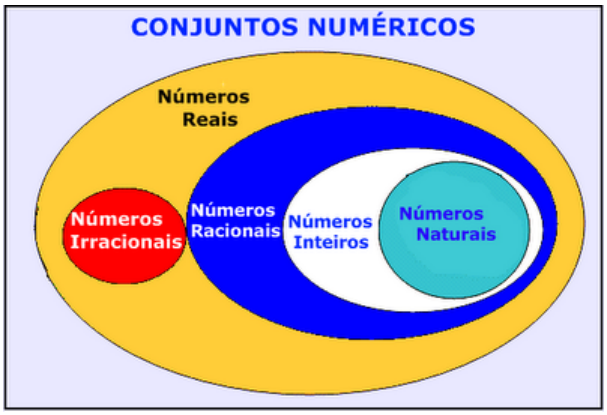

Fonte: www.estudokids.com.br

Representação na reta

INTERVALOS LIMITADOS

Intervalo fechado – Números reais maiores do que a ou iguais a e menores do que b ou iguais a b.

Intervalo:[a,b]
Conjunto: $\{x \in R | a \leq x \leq b\}$

Intervalo aberto – números reais maiores que a e menores que b.

Intervalo:]a,b[
Conjunto:$\{x \in R | a < x < b\}$

Intervalo fechado à esquerda – números reais maiores que a ou iguais a a e menores do que b.

Intervalo:{a,b[
Conjunto $\{x \in R | a \leq x < b\}$
Intervalo fechado à direita – números reais maiores que a e menores ou iguais a b.

Intervalo:]a,b]
Conjunto:$\{x \in R | a < x \leq b\}$

INTERVALOS IIMITADOS

Semirreta esquerda, fechada de origem b- números reais menores ou iguais a b.

Intervalo:]-∞,b]
Conjunto:$\{x \in R | x \leq b\}$

Semirreta esquerda, aberta de origem b – números reais menores que b.

Intervalo:]-∞,b[
Conjunto:$\{x \in R | x < b\}$

Semirreta direita, fechada de origem a – números reais maiores ou iguais a a.

Intervalo:[a,+ ∞[
Conjunto:$\{x \in R | x \geq a\}$

Semirreta direita, aberta, de origem a – números reais maiores que a.

Intervalo:]a,+ ∞[
Conjunto:$\{x \in R | x > a\}$

Potenciação

Os números envolvidos em uma multiplicação são chamados de fatores e o resultado da multiplicação é o produto, quando os fatores são todos iguais existe uma forma diferente de fazer a representação dessa multiplicação que é a potenciação.

2 . 2 . 2 . 2 = 16 → multiplicação de fatores iguais.

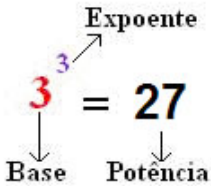

Casos

1) Todo número elevado ao expoente 0 resulta em 1.

$1^0 = 1$

$5^0 = 1$

2) Todo número elevado ao expoente 1 é o próprio número.

$3^1 = 3$

$4^1 = 4$

3) Todo número negativo, elevado ao expoente par, resulta em um número positivo.

$(-2)^2 = 4$

$(-4)^2 = 16$

4) Todo número negativo, elevado ao expoente ímpar, resulta em um número negativo.

$(-2)^3 = -8$

$(-3)^3 = -27$

5) Se o sinal do expoente for negativo, devemos passar o sinal para positivo e inverter o número que está na base.

$2^{-1} = \frac{1}{2}$

$2^{-2} = \frac{1}{4}$

6) Toda vez que a base for igual a zero, não importa o valor do expoente, o resultado será igual a zero.

$0^2 = 0$

$0^3 = 0$

Propriedades

1) ($a^m \cdot a^n = a^{m+n}$) Em uma multiplicação de potências de mesma base, repete-se a base e adiciona-se (soma) os expoentes.

Exemplos:

$5^4 \cdot 5^3 = 5^{4+3} = 5^7$

$(5.5.5.5) .(5.5.5) = 5.5.5.5.5.5.5 = 5^7$

$$\left(\frac{1}{2}\right)^2 \cdot \left(\frac{1}{2}\right)^3 = \left(\frac{1}{2}\right)^{2+3} = \left(\frac{1}{2}\right)^5 = 2^{-2}.2^{-3} = 2^{-5}$$

2) ($a^m : a^n = a^{m-n}$). Em uma divisão de potência de mesma base. Conserva-se a base e subtraem os expoentes.

Exemplos:

$9^6 : 9^2 = 9^{6-2} = 9^4$

$$\left(\frac{1}{2}\right)^2 : \left(\frac{1}{2}\right)^3 = \left(\frac{1}{2}\right)^{2-3} = \left(\frac{1}{2}\right)^{-1} = 2$$

3) $(a^m)^n$ Potência de potência. Repete-se a base e multiplica-se os expoentes.

Exemplos:

$(5^2)^3 = 5^{2.3} = 5^6$

$$\left(\left(\frac{2}{3}\right)^4\right)^3 = \frac{2^{12}}{3}$$

Radiciação

Radiciação é a operação inversa a potenciação

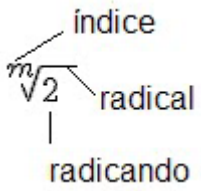

Técnica de Cálculo

A determinação da raiz quadrada de um número torna-se mais fácil quando o algarismo se encontra fatorado em números primos. Veja:

64	2
32	2
16	2
8	2
4	2
2	2
1	

$64 = 2.2.2.2.2.2 = 2^6$

Como é raiz quadrada a cada dois números iguais "tira-se" um e multiplica.

$\sqrt{64} = 2.2.2 = 8$

Observe: $\sqrt{3.5} = (3.5)^{\frac{1}{2}} = 3^{\frac{1}{2}}.5^{\frac{1}{2}} = \sqrt{3}.\sqrt{5}$

De modo geral, se $a \in R_+, b \in R_+, n \in N^*$, então:

$$\sqrt[n]{a.b} = \sqrt[n]{a}.\sqrt[n]{b}$$

O radical de índice inteiro e positivo de um produto indicado é igual ao produto dos radicais de mesmo índice dos fatores do radicando.

NOVA CONCURSOS

Raiz quadrada de frações ordinárias

Observe: $\sqrt{\frac{2}{3}} = \left(\frac{2}{3}\right)^{\frac{1}{2}} = \frac{2^{\frac{1}{2}}}{3^{\frac{1}{2}}} = \frac{\sqrt{2}}{\sqrt{3}}$

De modo geral, se $a \in R_+, b \in R_+^*, n \in N^*$, então:

$$\sqrt[n]{\frac{a}{b}} = \frac{\sqrt[n]{a}}{\sqrt[n]{b}}$$

O radical de índice inteiro e positivo de um quociente indicado é igual ao quociente dos radicais de mesmo índice dos termos do radicando.

Raiz quadrada números decimais

$$\sqrt{1{,}69} = \sqrt{\frac{169}{100}} = \frac{\sqrt{169}}{\sqrt{100}} = \frac{13}{10} = 1{,}3$$

Operações

$$\sqrt{5{,}76} = \sqrt{\frac{576}{100}} = \frac{\sqrt{576}}{\sqrt{100}} = \frac{24}{10} = 2{,}4$$

Operações

Multiplicação

$\sqrt{a} \cdot \sqrt{b} = \sqrt{a \cdot b}$

Exemplo

$\sqrt{2} \cdot \sqrt{3} = \sqrt{6}$

Divisão

$$\sqrt{\frac{a}{b}} = \frac{\sqrt{a}}{\sqrt{b}}$$

Exemplo

$$\sqrt{\frac{72}{2}} = \frac{\sqrt{72}}{\sqrt{2}}$$

Adição e subtração

$\sqrt{2} + \sqrt{8} - \sqrt{20}$

Para fazer esse cálculo, devemos fatorar o 8 e o 20.

8	2	20	2
4	2	10	2
2	2	5	5
1		1	

$\sqrt{2} + \sqrt{8} - \sqrt{20} = \sqrt{2} + 2\sqrt{2} - 2\sqrt{5} = 3\sqrt{2} - 2\sqrt{5}$

Caso tenha:

$\sqrt{2} + \sqrt{5}$

Não dá para somar, as raízes devem ficar desse modo.

Racionalização de Denominadores

Normalmente não se apresentam números irracionais com radicais no denominador. Ao processo que leva à eliminação dos radicais do denominador chama-se racionalização do denominador.

1º Caso:Denominador composto por uma só parcela

$$\frac{3}{\sqrt{3}}$$

$$\frac{3}{\sqrt{3}} = \frac{3}{\sqrt{3}} \cdot \frac{\sqrt{3}}{\sqrt{3}} = \frac{3\sqrt{3}}{3} = \sqrt{3}$$

2º Caso: Denominador composto por duas parcelas.

$$\frac{3}{2 - \sqrt{10}}$$

Devemos multiplicar de forma que obtenha uma diferença de quadrados no denominador:

$$\frac{3}{2-\sqrt{10}} = \frac{3}{2-\sqrt{10}} \cdot \frac{2+\sqrt{10}}{2+\sqrt{10}} = \frac{6+3\sqrt{10}}{4-10} = \frac{6+3\sqrt{10}}{-6} = -1 - \frac{1}{2}\sqrt{10}$$

MMC

O mmc de dois ou mais números naturais é o menor número, excluindo o zero, que é múltiplo desses números.

Cálculo do m.m.c.

Vamos estudar dois métodos para encontrar o mmc de dois ou mais números:

1) Podemos calcular o m.m.c. de dois ou mais números utilizando a fatoração. Acompanhe o cálculo do m.m.c. de 12 e 30:

1º) decompomos os números em fatores primos

2º) o m.m.c. é o produto dos fatores primos comuns e não comuns:

12 = 2 x 2 x 3

30 = 2 x 3 x 5

m.m.c (12,30) = 2 x 2 x 3 x 5

Escrevendo a fatoração dos números na forma de potência, temos:

12 = 2^2 x 3

30 = 2 x 3 x 5

m.m.c (12,30) = 2^2 x 3 x 5

O mmc de dois ou mais números, quando fatorados, é o produto dos fatores comuns e não comuns , cada um com seu maior expoente

2) Método da decomposição simultânea

Vamos encontrar o mmc (15, 24, 60)

15, 24, 60	2
15, 12, 30	2
15, 6 , 15	2
15, 3 , 15	3
5, 1 , 5	5
1, 1 , 1	

Neste processo decompomos todos os números ao mesmo tempo, num dispositivo como mostra a figura acima. O produto dos fatores primos que obtemos nessa decomposição é o m.m.c. desses números.

Portanto, m.m.c.(15,24,60) = 2 x 2 x 2 x 3 x 5 = 120

OBS:

1. Dados dois ou mais números, se um deles é múltiplo de todos os outros**,** então ele é o m.m.c. dos números dados.

2. Dados dois números primos entre si, o mmc deles é o produto desses números.

MDC

Máximo divisor comum (mdc)

É o maior divisor comum entre dois ou mais números naturais. Usamos a abreviação MDC

Cálculo do m.d.c

Vamos estudar dois métodos para encontrar o mdc de dois ou mais números

1) Um modo de calcular o m.d.c. de dois ou mais números é utilizar a decomposição desses números em fatores primos:

- *Decompomos os números em fatores primos*;
- O m.d.c. é o produto dos fatores primos comuns.

Acompanhe o cálculo do m.d.c. entre 36 e 90:

36 = 2 x 2 x 3 x 3

90 = 2 x 3 x 3 x 5

O m.d.c. é o produto dos fatores primos comuns => m.d.c.(36,90) = 2 x 3 x 3

Portanto m.d.c.(36,90) = 18.

Escrevendo a fatoração do número na forma de potência temos:

36 = 2^2 x 3^2

90 = 2 x 3^2 x 5

Portanto m.d.c.(36,90) = 2 x 3^2 = 18.

2) Processo das divisões sucessivas : Nesse processo efetuamos várias divisões até chegar a uma divisão exata. O divisor desta divisão é o m.d.c. Acompanhe o cálculo do m.d.c.(48,30).

Regra prática:

1º**)** dividimos o número maior pelo número menor;

48 / 30 = 1 (com resto 18)

2º) dividimos o divisor 30, que é divisor da divisão anterior, por 18, que é o resto da divisão anterior, e assim sucessivamente;

30 / 18 = 1 (com resto 12)

18 / 12 = 1 (com resto 6)

12 / 6 = 2 (com resto zero - divisão exata)

3º**)** O divisor da divisão exata é 6. Então m.d.c.(48,30) = 6.

OBS:

1.Dois ou mais números são primos entre si quando o máximo divisor comum entre eles é o número.

2.Dados dois ou mais números, se um deles é divisor de todos os outros, então ele é o mdc dos números dados.

Problemas

1. Uma indústria de tecidos fabrica retalhos de mesmo comprimento. Após realizarem os cortes necessários, verificou-se que duas peças restantes tinham as seguintes medidas: 156 centímetros e 234 centímetros. O gerente de produção ao ser informado das medidas, deu a ordem para que o funcionário cortasse o pano em partes iguais e de maior comprimento possível. Como ele poderá resolver essa situação?

2. Uma empresa de logística é composta de três áreas: administrativa, operacional e vendedores. A área administrativa é composta de 30 funcionários, a operacional de 48 e a de vendedores com 36 pessoas. Ao final do ano, a empresa realiza uma integração entre as três áreas, de modo que todos os funcionários participem ativamente. As equipes devem conter o mesmo número de funcionários com o maior número possível. Determine quantos funcionários devem participar de cada equipe e o número possível de equipes.

3. (PUC–SP) Numa linha de produção, certo tipo de manutenção é feita na máquina A a cada 3 dias, na máquina B, a cada 4 dias, e na máquina C, a cada 6 dias. Se no dia 2 de dezembro foi feita a manutenção nas três máquinas, após quantos dias as máquinas receberão manutenção no mesmo dia.

4. Um médico, ao prescrever uma receita, determina que três medicamentos sejam ingeridos pelo paciente de acordo com a seguinte escala de horários: remédio A, de 2 em 2 horas, remédio B, de 3 em 3 horas e remédio C, de 6 em 6 horas. Caso o paciente utilize os três remédios às 8 horas da manhã, qual será o próximo horário de ingestão dos mesmos?

NOVA CONCURSOS

5. João tinha 20 bolinhas de gude e queria distribuí-las entre ele e 3 amigos de modo que cada um ficasse com um número par de bolinhas e nenhum deles ficasse com o mesmo número que o outro. Com quantas bolinhas ficou cada menino?

Resposta

1. Calculamos o MDC entre 156 e 234 e o resultado é : os retalhos devem ter 78 cm de comprimento.

2. Calculamos o MDC entre 30, 48 e 36. O número de equipes será igual a 19, com 6 participantes cada uma.

3. Calculamos o MMC entre 3, 4 e 6. Concluímos que após 12 dias, a manutenção será feita nas três máquinas. Portanto, dia 14 de dezembro.

4. Calculamos o MMC entre 2, 3 e 6. De 6 em 6 horas os três remédios serão ingeridos juntos. Portanto, o próximo horário será às 14 horas.

5. Se o primeiro menino ficar com 2 bolinhas, sobrarão 18 bolinhas para os outros 3 meninos. Se o segundo receber 4, sobrarão 14 bolinhas para os outros dois meninos. O terceiro menino receberá 6 bolinhas e o quarto receberá 8 bolinhas.

SISTEMA DE MEDIDAS: MEDIDAS DE COMPRIMENTO, SUPERFÍCIE, VOLUME, CAPACIDADE, TEMPO, MASSA, M² E METRO LINEAR; PROBLEMAS USANDO AS QUATRO OPERAÇÕES.

Sistema de Medidas Decimais

Um sistema de medidas é um conjunto de unidades de medida que mantém algumas relações entre si. O sistema métrico decimal é hoje o mais conhecido e usado no mundo todo. Na tabela seguinte, listamos as unidades de medida de comprimento do sistema métrico. A unidade fundamental é o metro, porque dele derivam as demais.

Unidades de Comprimento						
km	**hm**	**dam**	**m**	**dm**	**cm**	**mm**
quilômetro	hectômetro	decâmetro	metro	decímetro	centímetro	milímetro
1000m	100m	10m	1m	0,1m	0,01m	0,001m

Há, de fato, unidades quase sem uso prático, mas elas têm uma função. Servem para que o sistema tenha um padrão: cada unidade vale sempre 10 vezes a unidade menor seguinte.

Por isso, o sistema é chamado decimal.

E há mais um detalhe: embora o decímetro não seja útil na prática, o decímetro cúbico é muito usado com o nome popular de litro.

As unidades de área do sistema métrico correspondem às unidades de comprimento da tabela anterior.

São elas: quilômetro quadrado (km^2), hectômetro quadrado (hm^2), etc. As mais usadas, na prática, são o quilômetro quadrado, o metro quadrado e o hectômetro quadrado, este muito importante nas atividades rurais com o nome de hectare (ha): 1 hm^2 = 1 ha.

No caso das unidades de área, o padrão muda: uma unidade é 100 vezes a menor seguinte e não 10 vezes, como nos comprimentos. Entretanto, consideramos que o sistema continua decimal, porque $100 = 10^2$.

Unidades de Área						
km^2	**hm^2**	**dam^2**	**m^2**	**dm^2**	**cm^2**	**mm^2**
quilômetro quadrado	hectômetro quadrado	decâmetro quadrado	metro quadrado	decímetro quadrado	centímetro quadrado	milímetro quadrado
1000000m^2	10000m^2	100m^2	1m^2	0,01m^2	0,0001m^2	0,000001m^2

Agora, vejamos as unidades de volume. De novo, temos a lista: quilômetro cúbico (km^3), hectômetro cúbico (hm^3), etc. Na prática, são muitos usados o metro cúbico e o centímetro cúbico.

Nas unidades de volume, há um novo padrão: cada unidade vale 1000 vezes a unidade menor seguinte. Como 1000 = 10^3, o sistema continua sendo decimal.

Unidades de Volume						
km^3	**hm^3**	**dam^3**	**m^3**	**dm^3**	**cm^3**	**mm^3**
quilômetro cúbico	hectômetro cúbico	decâmetro cúbico	metro cúbico	decímetro cúbico	centímetro cúbico	milímetro cúbico
1000000000m^3	1000000m^3	1000m^3	1m^3	0,001m^3	0,000001m^3	0,000000001m^3

A noção de capacidade relaciona-se com a de volume. Se o volume da água que enche um tanque é de 7 000 litros, dizemos que essa é a capacidade do tanque. A unidade fundamental para medir capacidade é o litro (l); 1l equivale a 1 dm^3.

Cada unidade vale 10 vezes a unidade menor seguinte.

Unidades de Capacidade						
kl	**hl**	**dal**	**l**	**dl**	**cl**	**ml**
quilolitro	hectolitro	decalitro	litro	decilitro	centímetro	mililitro
1000l	100l	10l	1l	0,1l	0,01l	0,001l

O sistema métrico decimal inclui ainda unidades de medidas de massa. A unidade fundamental é o grama.

Unidades de Massa						
kg	**hg**	**dag**	**g**	**dg**	**cg**	**mg**
quilograma	hectograma	decagrama	grama	decigrama	centigrama	miligrama
1000g	100g	10g	1g	0,1g	0,01g	0,001g

Dessas unidades, só têm uso prático o quilograma, o grama e o miligrama. No dia-a-dia, usa-se ainda a tonelada (t): 1t = 1000 kg.

Não Decimais

Desse grupo, o sistema hora – minuto – segundo, que mede intervalos de tempo, é o mais conhecido.
2h = 2 . 60min = 120 min = 120 . 60s = 7 200s

Para passar de uma unidade para a menor seguinte, multiplica-se por 60.
0,3h não indica 30 minutos nem 3 minutos; como 1 décimo de hora corresponde a 6 minutos, conclui-se que 0,3h = 18min.

Para medir ângulos, também temos um sistema não decimal. Nesse caso, a unidade básica é o grau. Na astronomia, na cartografia e na navegação são necessárias medidas inferiores a 1º. Temos, então:
1 grau equivale a 60 minutos (1º = 60')
1 minuto equivale a 60 segundos (1' = 60")

Os minutos e os segundos dos ângulos não são, é claro, os mesmos do sistema hora – minuto – segundo. Há uma coincidência de nomes, mas até os símbolos que os indicam são diferentes:
1h32min24s é um intervalo de tempo ou um instante do dia.
1º 32' 24" é a medida de um ângulo.

Por motivos óbvios, cálculos no sistema hora – minuto – segundo são similares a cálculos no sistema grau – minuto – segundo, embora esses sistemas correspondam a grandezas distintas.

Há ainda um sistema não-decimal, criado há algumas décadas, que vem se tornando conhecido. Ele é usado para medir a informação armazenada em memória de computadores, disquetes, discos compacto, etc. As unidades de medida são bytes (b), kilobytes (kb), megabytes (Mb), etc. Apesar de se usarem os prefixos "kilo" e "mega", essas unidades não formam um sistema decimal.

Um kilobyte equivale a 2^{10} bytes e 1 megabyte equivale a 2^{10} kilobytes.

NOVA CONCURSOS

Exercícios

1. **Raquel saiu de casa às 13h 45min, caminhando até o curso de inglês que fica a 15 minutos de sua casa, e chegou na hora da aula cuja duração é de uma hora e meia. A que horas terminará a aula de inglês?**
a) 14h
b) 14h 30min
c) 15h 15min
d) 15h 30min
e) 15h 45min

2. 348 mm3 equivalem a quantos decilitros?

3. Quantos decalitros equivalem a 1 m3?

4. Passe 50 dm2 para hectômetros quadrados.

5. Quantos quilômetros cúbicos equivalem a 14 mm3?

6. Quantos centilitros equivalem a 15 hl?

7. Passe 5.200 gramas para quilogramas.

8. Converta 2,5 metros em centímetros.

9. Quantos minutos equivalem a 5h05min?

10. Quantos minutos se passaram das 9h50min até as 10h35min?

Respostas

1) Resposta "D".
Solução: Basta somarmos todos os valores mencionados no enunciado do teste, ou seja:
13h 45min + 15 min + 1h 30 min = 15h 30min

Logo, a questão correta é a letra D.

2) Resposta "0, 00348 dl".
Solução: Como 1 cm^3 equivale a 1 ml, é melhor dividirmos 348 mm^3 por mil, para obtermos o seu equivalente em centímetros cúbicos: 0,348 cm^3.
Logo 348 mm^3 equivalem a 0, 348 ml, já que cm^3 e ml se equivalem.

Neste ponto já convertemos de uma unidade de medida de volume, para uma unidade de medida de capacidade.
Falta-nos passarmos de mililitros para decilitros, quando então passaremos dois níveis à esquerda. Dividiremos então por 10 duas vezes:

$$0{,}348\ ml : 10 : 10 \Rightarrow 0{,}00348\ dl$$

Logo, 348 mm^3 equivalem a 0, 00348 dl.

3) Resposta "100 dal".
Solução: Sabemos que 1 m^3 equivale a 1.000 l, portanto para convertermos de litros a decalitros, passaremos um nível à esquerda.
Dividiremos então 1.000 por 10 apenas uma vez:

$$1000\ l : 10 \Rightarrow 100\ dal$$

Isto equivale a passar a vírgula uma casa para a esquerda.
Poderíamos também raciocinar da seguinte forma:

Como 1 m^3 equivale a 1 kl, basta fazermos a conversão de 1 kl para decalitros, quando então passaremos dois níveis à direita. Multiplicaremos então 1 por 10 duas vezes:

$$1\ kl \cdot 10 \cdot 10 \Rightarrow 100\ dal$$

Logo, 100 dal equivalem a 1 m^3.

4) Resposta "0, 00005 hm^2".
Solução: Para passarmos de decímetros quadrados para hectômetros quadrados, passaremos três níveis à esquerda. Dividiremos então por 100 três vezes:

$$50\ dm^2 : 100 : 100 : 100 \Rightarrow 0{,}00005\ hm^2$$

Isto equivale a passar a vírgula seis casas para a esquerda.

Portanto, 50 dm^2 é igual a 0, 00005 hm^2.

5) Resposta "0,000000000000000014 km^3, ou a 1,4 x $10^{-17\ km3}$".
Solução: Para passarmos de milímetros cúbicos para quilômetros cúbicos, passaremos seis níveis à esquerda. Dividiremos então 14 por 1000 seis vezes:

$$14\ mm^3 : 1000 : 1000 : 1000 : 1000 : 1000 : 1000 \Rightarrow 14 : 10^{18}\ km^3 \Rightarrow 14 \cdot 10^{-18}\ km^3 \Rightarrow$$

$$1{,}4 \cdot 10^{-17}\ km^3 \Rightarrow 0.000000000000000014\ km^3$$

Portanto, 0, 000000000000000014 km^3, ou a 1,4 x $10^{-17\ km3}$ se expresso em notação científica equivalem a 14 mm3.

6) Resposta "150.000 cl".
Solução: Para irmos de hectolitros a centilitros, passaremos quatro níveis à direita.
Multiplicaremos então 15 por 10 quatro vezes:

$$15\ hl \cdot 10 \cdot 10 \cdot 10 \cdot 10 \Rightarrow 150.000\ cl$$

Isto equivale a passar a vírgula quatro casas para a direita.

Logo, 150.000 cl equivalem a 15 hl.

7) Resposta "5,2 kg".
Solução: Para passarmos 5.200 gramas para quilogramas, devemos dividir (porque na tabela grama está à direita de quilograma) 5.200 por 10 três vezes, pois para passarmos de gramas para quilogramas saltamos três níveis à esquerda.
Primeiro passamos de grama para decagrama, depois de decagrama para hectograma e finalmente de hectograma para quilograma:

$$5200\ g : 10 : 10 : 10 \Rightarrow 5{,}2\ kg$$

Isto equivale a passar a vírgula três casas para a esquerda.

Portanto, 5.200 g são iguais a 5,2 kg.

8) Resposta "250 cm".
Solução: Para convertermos 2,5 metros em centímetros, devemos multiplicar (porque na tabela metro está à esquerda de centímetro) 2,5 por 10 duas vezes, pois para passarmos de metros para centímetros saltamos dois níveis à direita.
Primeiro passamos de metros para decímetros e depois de decímetros para centímetros:

$$2{,}5\ m \cdot 10 \cdot 10 \Rightarrow 250\ cm$$

Isto equivale a passar a vírgula duas casas para a direita.

Logo, 2,5 m é igual a 250 cm.

NOVA CONCURSOS

9) Resposta "305min".
Solução:
(5 . 60) + 5 = 305 min.

10) Resposta "45 min".
Solução: 45 min

Unidade de tempo

A unidade padrão de medida de tempo é o segundo, abreviado por s.
Os múltiplos do segundo são:

Hora	Minuto	Segundo
h	min	s
3600 s	60 s	1 s

Usamos o sistema sexagesimal, que emprega a base sessenta. Os múltiplos do segundo enquadram-se nesse sistema. Repare que cada unidade é sessenta vezes maior que a unidade que a antecede.
1 h = 60 min
1 min = 60 s

Para transformar uma unidade em outra imediatamente superior, basta dividi-la por 60 e inferior basta multiplica-la por 60.
Ex:3h = 3 . 60 = 180 min
52 min = 52 . 60 = 3120 s
1020 s = 1020 : 60 = 17 min
420 min = 420 : 60 = 7 h

Ao usarmos o sistema sexagesimal, cada grupo de 60 forma outra classe; então, 60 segundos formam 1 minuto e 60 minutos formam 1 hora. Para adicionarmos unidades de tempo vamos tomar cuidado para posicionar hora embaixo de hora, minuto embaixo de minuto e segundo embaixo de segundo.
Por exemplo: 1)Para adicionarmos 5h 12 min 37 s a 8 h 20 min 11 s, vamos colocar as unidades iguais uma embaixo da outra e depois adicionar os valores da mesma classe.

Horaminuto segundo
5 1237
8 2011
---
13 3248
2)vamos adicionar 8h 19 min 58 s com 2 h 24 min 39 s
Horaminuto segundo
8 19 58
224 39
---
10 43 97
Note que , na casa dos segundos, obtivemos 97 s e vamos decompor esse valor em:
97 s = 60 s + 37 s = 1 min + 37 s
Então, devemos retirar 60 s da classe dos segundos e acrescentar 1 min na classe dos minutos.
Logo a resposta fica: 10 h 44 min 37 s

Para subtrair unidades de medida de tempo, o processo é semelhante ao usado na adição.
Ex; vamos subtrair 4 h 41 min 44 s de 7 h 53 min 36 s
Horaminutosegundo
7 5336
4 4144

Perceba que a subtração 36 s – 44 s não é possível nos números naturais, então, vamos retirar 1 min de 53 min, transformar esse 1 min em 60 s e acrescenta-los aos 36 s. Assim:
Hora minuto segundo
7 52 96
4 41 44
---
3 11 52
Para multiplicarmos uma unidade de medida de tempo por um número natural, devemos multiplicar as horas, minutos e segundos Por esse número natural.
Ex: multiplicar 4 h 52 min 8 s por 6
4 h52 min 8 s
X6

24h 312 min48 s

Como 312 min é maior que 1 hora, devemos descobrir quantas horas cabem em 312 minutos. Para isso basta dividir 312 por 60 onde o resultado é 5 e o resto é 12.
Então 312 min = 5 h 12 min
Devemos então acrescentar 5 h a 24 h = 29 h e o resultado fica
29 h 12 min 48 s

Problemas

1.Dois amigos partiram às 10h 32 min de Aparecida do Norte e chegaram a Ribeirão Preto às 16 h 8 min. Quanto tempo durou a viagem?

2. João nasceu numa terça feira às 13 h 45 min 12 s e Maria nasceu no mesmo dia, às 8 h 13 min 47 s. Determine a diferença entre os horários de nascimento de João e Maria, nessa ordem.

3.Um passageiro embarcou em um ônibus na cidade A às 14h 32 min 18s, esse ônibus saiu da rodoviária desta cidade às 14h 55min 40s e chegou à rodoviária da cidade B às 19h 27min 15s,do mesmo dia. Quanto tempo o passageiro permaneceu no interior do ônibus?
a) 05h 54min 09s
b) 04h 05min 57s
c) 05h 05min 09s
d) 04h 54min 57s

Respostas

1.5 h 36 min

2.5 h 31 min 25 s

3.Vamos considerar o horário de chegada à cidade B e o horário que o passageiro entrou no ônibus
19 h27 min15 seg
14 h32 min18 seg

Para subtrair 18 de 15 não é possível então emprestamos 1 minuto dos 27
Que passa a ser 26 e no lugar de 15 seg usamos 15 +60(que é 1 min). Então
75 – 18 = 57 seg.

O mesmo acontece com os minutos. Vamos emprestar 1 hora das 19 que passa a ser 18 e no lugar de 26 minutos usamos 26 + 60 (que é uma hora). Então 86 – 32 = 54 minutos
Por fim 18 h – 14 h = 4 horas
Resp. 4 horas 54 min e 57 seg.

CONJUNTO DE NÚMEROS: NATURAIS, INTEIROS, RACIONAIS, IRRACIONAIS, REAIS, OPERAÇÕES, EXPRESSÕES (CÁLCULO);

"Caro Candidato, o Tópico acima foi abordado em: Números inteiros; Números Naturais; Numeração decimal; Operações fundamentais como: Adição, Subtração, Divisão e Multiplicação; Simplificação; Medindo o tempo: horas, minutos e segundos; Problemas matemáticos; radiciação; potenciação; máximo divisor comum; mínimo divisor comum; "

MATEMÁTICA FINANCEIRA; PORCENTAGEM; JUROS SIMPLES E COMPOSTO;

PORCENTAGEM

É uma fração de denominador centesimal, ou seja, é uma fração de denominador 100. Representamos porcentagem pelo símbolo % e lê-se: "por cento".

Deste modo, a fração $\frac{50}{100}$ é uma porcentagem que podemos representar por 50%.

Forma Decimal: É comum representarmos uma porcentagem na forma decimal, por exemplo, 35% na forma decimal seriam representados por 0,35.

75% = $\frac{75}{100}$ = 0,75

Cálculo de uma Porcentagem: Para calcularmos uma porcentagem *p*% de *V*, basta multiplicarmos a fração $\frac{p}{100}$ por *V*.

P% de V = $\frac{p}{100}$. V

Exemplo 1

23% de 240 = $\frac{23}{100}$. 240 = 55,2

Exemplo 2

Em uma pesquisa de mercado, constatou-se que 67% de uma amostra assistem a um certo programa de TV. Se a população é de 56.000 habitantes, quantas pessoas assistem ao tal programa?

Resolução: 67% de 56 000 = $\frac{67}{100}.56000 = 37520$

Resposta: 37 520 pessoas.

Porcentagem que o lucro representa em relação ao preço de custo e em relação ao preço de venda

Chamamos de lucro em uma transação comercial de compra e venda a diferença entre o preço de venda e o preço de custo.
Lucro = preço de venda – preço de custo
Caso essa diferença seja negativa, ela será chamada de **prejuízo**.

Assim, podemos escrever:
Preço de custo + lucro = preço de venda
Preço de custo – prejuízos = preço de venda

Podemos expressar o lucro na forma de porcentagem de duas formas:
Lucro sobre o custo = lucro/preço de custo. 100%
Lucro sobre a venda = lucro/preço de venda. 100%

Observação: A mesma análise pode ser feita para o caso de prejuízo.

Exemplo

Uma mercadoria foi comprada por R$ 500,00 e vendida por R$ 800,00.
Pede-se:
- o lucro obtido na transação;
- a porcentagem de lucro sobre o preço de custo;
- a porcentagem de lucro sobre o preço de venda.

Resposta:
Lucro = 800 – 500 = R$ 300,00
$L_c = \frac{300}{500} = 0,60 = 60\%$

$L_v = \frac{300}{800} = 0,375 = 37,5\%$

NOVA CONCURSOS

Aumento

Aumento Percentual: Consideremos um valor inicial *V* que deve sofrer um aumento de p% de seu valor. Chamemos de *A* o valor do aumento e V_A o valor após o aumento. Então, A = p% de V = $\frac{p}{100}$. V

$V_A = V + A = V + \frac{p}{100}.V$

$V_A = (1 + \frac{p}{100}).V$

Em que $(1 + \frac{p}{100})$ é o fator de aumento.

Desconto

Desconto Percentual: Consideremos um valor inicial *V* que deve sofrer um desconto de p% de seu valor. Chamemos de *D* o valor do desconto e V_D o valor após o desconto. Então, D = p% de V = $\frac{p}{100}$. V

$V_D = V - D = V - \frac{p}{100}.V$

$V_D = (1 - \frac{p}{100}).V$

Em que $(1 - \frac{p}{100})$ é o fator de desconto.

Exemplo

Uma empresa admite um funcionário no mês de janeiro sabendo que, já em março, ele terá 40% de aumento. Se a empresa deseja que o salário desse funcionário, a partir de março, seja R$ 3 500,00, com que salário deve admiti-lo?

Resolução: $V_A = 1{,}4 . V$

$3\,500 = 1{,}4 . V$

$V = \frac{3500}{1{,}4} = 2500$

Resposta: R$ 2 500,00

Aumentos e Descontos Sucessivos: Consideremos um valor inicial *V*, e vamos considerar que ele irá sofrer dois aumentos sucessivos de p_1% e p_2%. Sendo V_1 o valor após o primeiro aumento, temos:

$V_1 = V . (1 + \frac{p_1}{100})$

Sendo V_2 o valor após o segundo aumento, temos:

$V_2 = V_1 . (1 + \frac{p_2}{100})$

$V_2 = V . (1 + \frac{p_1}{100}) . (1 + \frac{p_2}{100})$

Sendo *V* um valor inicial, vamos considerar que ele irá sofrer dois descontos sucessivos de p_1% e p_2%.

Sendo V_1 o valor após o primeiro desconto, temos:

$V_1 = V. (1 - \frac{p_1}{100})$

Sendo V_2 o valor após o segundo desconto, temos:

$V_2 = V_1 . (1 - \frac{p_2}{100})$

$V_2 = V . (1 - \frac{p_1}{100}) . (1 - \frac{p_2}{100})$

Sendo *V* um valor inicial, vamos considerar que ele irá sofrer um aumento de p_1% e, sucessivamente, um desconto de p_2%.

Sendo V_1 o valor após o aumento, temos:

$V_1 = V . (1+ \frac{p_1}{100})$

Sendo V_2 o valor após o desconto, temos:

$V_2 = V_1 . (1 - \frac{p_2}{100})$

$V_2 = V . (1 + \frac{p_1}{100}) . (1 - \frac{p_2}{100})$

Exemplo

(VUNESP-SP) Uma instituição bancária oferece um rendimento de 15% ao ano para depósitos feitos numa certa modalidade de aplicação financeira. Um cliente deste banco deposita 1 000 reais nessa aplicação. Ao final de *n* anos, o capital que esse cliente terá em reais, relativo a esse depósito, são:

Resolução: $V^A = \left(1+\frac{p}{100}\right)^n .v$

$V^A = \left(1.\frac{15}{100}\right)^n .1000$

$V^A = 1\,000 . (1{,}15)n$

$V^A = 1\,000 . 1{,}15n$

$V^A = 1\,150{,}00n$

QUESTÕES

1 - (PREF. AMPARO/SP – AGENTE ESCOLAR – CONRIO/2014) Se em um tanque de um carro for misturado 45 litros de etanol em 28 litros de gasolina, qual será o percentual aproximado de gasolina nesse tanque?

A) 38,357%
B) 38,356%
C) 38,358%
D) 38,359%

2 - (CEF / Escriturário) Uma pessoa x pode realizar uma certa tarefa em 12 horas. Outra pessoa, y, é 50% mais eficiente que x. Nessas condições, o número de horas necessárias para que y realize essa tarefa é :

A) 4
B) 5
C) 6
D) 7
E) 8

3 - (SABESP – APRENDIZ – FCC/2012) Observe a tabela que indica o consumo mensal de uma mesma torneira da pia de uma cozinha, aberta meia volta por um minuto, uma vez ao dia.

	Torneira alimentada por água de rua	Torneira alimentada por água da caixa
Consumo mensal por 1 minuto de uso, 1 vez ao dia	28,026 m^3	7,2 m^3

(**http://www.sabesp.com.br/CalandraWeb/animacoes/index.html**. Acessado em 15/03/2012)

Em relação ao cosumo mensal da torneira alimentada pela água da rua, o da torneira alimentada pela água da caixa representa, aproximadamente,

A) 20%
B) 26%
C) 30%
D) 35%
E) 40%

4 - (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) O preço de uma mercadoria, na loja J, é de R$ 50,00. O dono da loja J resolve reajustar o preço dessa mercadoria em 20%. A mesma mercadoria, na loja K, é vendida por R$ 40,00. O dono da loja K resolve reajustar o preço dessa mercadoria de maneira a igualar o preço praticado na loja J após o reajuste de 20%. Dessa maneira o dono da loja K deve reajustar o preço em

A) 20%.
B) 50%.
C) 10%.
D) 15%.
E) 60%.

5 - (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) O preço de venda de um produto, descontado um imposto de 16% que incide sobre esse mesmo preço, supera o preço de compra em 40%, os quais constituem o lucro líquido do vendedor. Em quantos por cento, aproximadamente, o preço de venda é superior ao de compra?

A) 67%.
B) 61%.
C) 65%.
D) 63%.
E) 69%.

6 - (DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – FCC/2013) Um comerciante comprou uma mercadoria por R$ 350,00. Para estabelecer o preço de venda desse produto em sua loja, o comerciante decidiu que o valor deveria ser suficiente para dar 30% de desconto sobre o preço de venda e ainda assim garantir lucro de 20% sobre o preço de compra. Nessas condições, o preço que o comerciante deve vender essa mercadoria é igual a

A) R$ 620,00.
B) R$ 580,00.
C) R$ 600,00.
D) R$ 590,00.
E) R$ 610,00.

7 - (DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – FCC/2013) Uma bolsa contém apenas 5 bolas brancas e 7 bolas pretas. Sorteando ao acaso uma bola dessa bolsa, a probabilidade de que ela seja preta é

A) maior do que 55% e menor do que 60%.
B) menor do que 50%.
C) maior do que 65%.
D) maior do que 50% e menor do que 55%.
E) maior do que 60% e menor do que 65%.

8 - PREF. JUNDIAI/SP – ELETRICISTA – MAKIYAMA/2013) Das 80 crianças que responderam a uma enquete referente a sua fruta favorita, 70% eram meninos. Dentre as meninas, 25% responderam que sua fruta favorita era a maçã. Sendo assim, qual porcentagem representa, em relação a todas as crianças entrevistadas, as meninas que têm a maçã como fruta preferida?

NOVA CONCURSOS

A) 10%
B) 1,5%
C) 25%
D) 7,5%
E) 5%

9 - (PM/SE – SOLDADO 3ªCLASSE – FUNCAB/2014)
Numa liquidação de bebidas, um atacadista fez a seguinte promoção:

> Cerveja em lata: R$ 2,40 a unidade.
>
> Na compra de duas embalagens com 12 unidades cada, ganhe 25% de desconto no valor da segunda embalagem.

Alexandre comprou duas embalagens nessa promoção e revendeu cada unidade por R$3,50. O lucro obtido por ele com a revenda das latas de cerveja das duas embalagens completas foi:
A) R$33,60
B) R$28,60
C) R$26,40
D) R$40,80
E) R$43,20

10 - (PM/SE – SOLDADO 3ªCLASSE – FUNCAB/2014)
Leilão de veículos apreendidos do Detran aconteceu no dia 7 de dezembro.

O Departamento Estadual de Trânsito de Sergipe – Detran/SE – realizou, no dia 7 de dezembro, sábado, às 9 horas, no Espaço Emes, um leilão de veículos apreendidos em fiscalizações de trânsito. Ao todo foram leiloados 195 veículos, sendo que 183 foram comercializados como sucatas e 12 foram vendidos como aptos para circulação.

Quem arrematou algum dos lotes disponíveis no leilão pagou 20% do lance mais 5% de comissão do leiloeiro no ato da arrematação. Os 80% restantes foram pagos impreterivelmente até o dia 11 de dezembro.
Fonte: http://www.ssp.se.gov.br05/12/13 (modificada).

Vitor arrematou um lote, pagou o combinado no ato da arrematação e os R$28.800,00 restantes no dia 10 de dezembro. Com base nas informações contidas no texto, calcule o valor total gasto por Vitor nesse leilão.

A) R$34.600,00
B) R$36.000,00
C) R$35.400,00
D) R$32.000,00
E) R$37.800,00

RESPOSTAS

1 - **RESPOSTA: "B".**
Mistura:28+45=73
73------100%
28------x
X=38,356%

2 - RESPOSTA "C".
12 horas → 100 %
50 % de 12 horas = $\frac{12}{2}$ = 6 horas

X = 12 horas → 100 % = total de horas trabalhado
Y = 50 % mais rápido que X.
Então, se 50% de 12 horas equivalem a 6 horas, logo Y faz o mesmo trabalho em 6 horas.

3 - RESPOSTA: "B".

$$\frac{7,2}{28,026} = 0,256 \approx 26\%$$

4 - RESPOSTA: "B".

Loja J:$50 + 0,2.50 = 60$
Loja K:$40 + x.40 = 60$

$$40x = 20$$
$$x = 0,5$$

O reajuste deve ser de 50%.

5 **- RESPOSTA: "A".**
Preço de venda: PV
Preço de compra: PC

Note que: 1,4 = 100%+40% ou 1+0,4.Como ele superou o preço de venda (100%) em 40% , isso significa soma aos 100% mais 40%, logo 140%= 1,4.

PV - 0,16PV = 1,4PC
0,84PV=1,4PC

$$\frac{PV}{PC} = \frac{1,4}{0,84} = 1,67$$

O preço de venda é 67% superior ao preço de compra.

6 - RESPOSTA: "C".
Preço de venda: PV
Preço de compra: 350
30% de desconto, deixa o produto com 70% do seu valor.
Como ele queria ter um lucro de 20% sobre o preço de compra, devemos multiplicar por 1,2(350+0,2.350) ➜ 0,7PV = 1,2 . 350

$$PV = 1,2 \cdot \frac{350}{0,7} = 600$$

O preço de venda deve ser R$600,00.

7 - **RESPOSTA: "A".**
Ao todo tem 12 bolas, portanto a probabilidade de se tirar uma preta é:

$$P = \frac{7}{12} = 0{,}583 = 58{,}3\%$$

8 - RESPOSTA: "D".
Tem que ser menina E gostar de maçã.
Meninas:100-70=30%

$P = \frac{30}{100} \cdot \frac{25}{100}$, simplificando temos $P = \frac{3}{4} \cdot \frac{1}{10} = \frac{3}{40}$ ➜ P = 0,075 . 100% = 7,5%.

9 - **RESPOSTA: "A".**

$$2{,}40 \cdot 12 = 28{,}80$$

$$segunda\ embalagem: 28{,}80 \cdot 0{,}75 = 21{,}60$$

$$as\ duas\ embalagens: 28{,}80 + 21{,}60 = 50{,}4$$

$$revenda: 3{,}5 \cdot 24 = 84{,}00$$

$$lucro: R\$84{,}00 - R\$50{,}40 = R\$33{,}60$$

O lucro de Alexandre foi de R$33,60.

10 - RESPOSTA: "E".
R$28.800-------80%
x----------100%

$$x = \frac{28\,800 \cdot 100}{80} = 36\,000$$

$$valor\ da\ comissão: \frac{36.000 \cdot 5}{100} = 1800$$

Valor total: R$36.000,00+R$1.800,00=R$37.800,00

JUROS SIMPLES

Toda vez que falamos em juros estamos nos referindo a uma quantia em dinheiro que deve ser paga por um devedor, pela utilização de dinheiro de um credor (aquele que empresta).

- Os juros são representados pela letra ***j***.
- O dinheiro que se deposita ou se empresta chamamos de capital e é representado pela letra *C*.
- O tempo de depósito ou de empréstimo é representado pela letra ***t***.
- A taxa de juros é a razão centesimal que incide sobre um capital durante certo tempo. É representado pela letra ***i*** e utilizada para calcular juros.

Chamamos de simples os juros que são somados ao capital inicial no final da aplicação.

Devemos sempre relacionar taxa e tempo numa mesma unidade:
Taxa anual ---------- tempo em anos
Taxa mensal---------- tempo em meses
Taxa diária---------- tempo em dias

Consideremos, como **exemplo**, o seguinte problema:

Uma pessoa empresta a outra, a juros simples, a quantia de R$ 3. 000,00, pelo prazo de 4 meses, à taxa de 2% ao mês. Quanto deverá ser pago de juros?

Resolução:

- Capital aplicado (**C**): R$ 3.000,00
- Tempo de aplicação (**t**): 4 meses
- Taxa (**i**): 2% ou 0,02 a.m. (= ao mês)

Fazendo o cálculo, mês a mês:
- No final do 1º período (1 mês), os juros serão: 0,02 x R$ 3.000,00 = R$ 60,00
- No final do 2º período (2 meses), os juros serão: R$ 60,00 + R$ 60,00 = R$ 120,00
- No final do 3º período (3 meses), os juros serão: R$ 120,00 + R$ 60,00 = R$ 180,00
- No final do 4º período (4 meses), os juros serão: R$ 180,00 + R$ 60,00 = R$ 240,00

Desse modo, no final da aplicação, deverão ser pagos R$ 240,00 de juros.

Fazendo o cálculo, período a período:
- No final do 1º período, os juros serão: i.C
- No final do 2º período, os juros serão: i.C + i.C
- No final do 3º período, os juros serão: i.C + i.C + i.C

- No final do período **t**, os juros serão: i.C + i.C + i.C + ... + i.C

Portanto, temos:

J = C . i . t

Observações:

1) A taxa **i** e o tempo **t** devem ser expressos na mesma unidade.
2) Nessa fórmula, a taxa **i** deve ser expressa na forma decimal.
3) Chamamos de **montante** (**M**) a soma do capital com os juros, ou seja: Na fórmula J= C . i . t, temos quatro variáveis. Se três delas forem valores conhecidos, podemos calcular o 4º valor.

M=C+ j

Exemplo

A que taxa esteve empregado o capital de R$ 20.000,00 para render, em 3 anos, R$ 28.800,00 de juros? (Observação: Como o tempo está em anos devemos ter uma taxa anual.)

NOVA CONCURSOS

C = R$ 20.000,00
t = 3 anos
j = R$ 28.800,00
i = ? (ao ano)

$$j = \frac{C\,i\,t}{100}$$

$$28\,800 = \frac{20000.i.3}{100}$$

28 800 = 600 . i

$$i = \frac{28.800}{600}$$

i = 48

Resposta: 48% ao ano.

JUROS COMPOSTOS

O capital inicial (principal) pode crescer, como já sabemos, devido aos juros, segundo duas modalidades, a saber:

Juros simples - ao longo do tempo, somente o principal rende juros.

Juros compostos - após cada período, os juros são incorporados ao principal e passam, por sua vez, a render juros. Também conhecido como "juros sobre juros".

Vamos ilustrar a diferença entre os crescimentos de um capital através juros simples e juros compostos, com um exemplo: Suponha que $100,00 são empregados a uma taxa de 10% a.a. (ao ano) Teremos:

Principal = 100	Juros simples	Juros compostos		
Nº de anos	Montante simples	Montante composto		
1	100+0,1(100) = 110	100+0,1(100)	=	110,00
2	110+0,1(100) = 120	110+0,1(110)	=	121,00
3	120+0,1(100) = 130	121+0,1(121)	=	133,10
4	130+0,1(100) = 140	133,1+0,1(133,1)	=	146,41
5	140+0,1(100) = 150	146,41+0,1(146,41)	=	161,05

Observe que o crescimento do principal segundo juros simples é LINEAR enquanto que o crescimento segundo juros compostos é EXPONENCIAL, e, portanto tem um crescimento muito mais "rápido". Isto poderia ser ilustrado graficamente da seguinte forma:

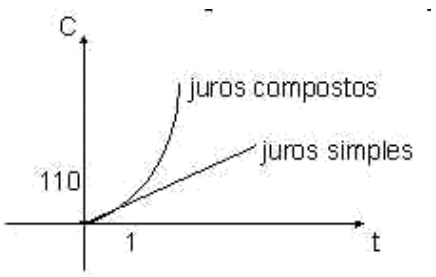

Na prática, as empresas, órgãos governamentais e investidores particulares costumam reinvestir as quantias geradas pelas aplicações financeiras, o que justifica o emprego mais comum de juros compostos na Economia. Na verdade, o uso de juros simples não se justifica em estudos econômicos.

Fórmula para o cálculo de Juros compostos

Considere o capital inicial (principal P) $1000,00 aplicado a uma taxa mensal de juros compostos (i) de 10% (i = 10% a.m.). Vamos calcular os montantes (principal + juros), mês a mês:

Após o 1º mês, teremos: M_1 = 1000 x 1,1 = 1100 = 1000(1 + 0,1)

Após o 2º mês, teremos: M_2 = 1100 x 1,1 = 1210 = 1000(1 + 0,1)^2

Após o 3º mês, teremos: M_3 = 1210 x 1,1 = 1331 = 1000(1 + 0,1)^3

.....

Após o nº (enésimo) mês, sendo S o montante, teremos evidentemente: S = 1000(1 + 0,1)^n

De uma forma genérica, teremos para um principal P, aplicado a uma taxa de juros compostos i durante o período n : S = P (1 + i)^n onde S = montante, P = principal, i = taxa de juros e n = número de períodos que o principal P (capital inicial) foi aplicado.

Nota: Na fórmula acima, as unidades de tempo referentes à taxa de juros (i) e do período (n), tem de ser necessariamente iguais. Este é um detalhe importantíssimo, que não pode ser esquecido! Assim, por exemplo, se a taxa for 2% ao mês e o período 3 anos, deveremos considerar 2% ao mês durante 3x12=36 meses.

Exemplos

1 – Expresse o número de períodos n de uma aplicação, em função do montante S e da taxa de aplicação i por período.

Solução:

Temos S = P(1+i)^n

Logo, S/P = (1+i)^n

Pelo que já conhecemos de logaritmos, poderemos escrever:

n = $\log_{(1+i)}$ (S/P) . Portanto, usando logaritmo decimal (base 10), vem:

$$n = \frac{\log(S/P)}{\log(1+i)} = \frac{\log S - \log P}{\log(1+i)}$$

Temos também da expressão acima que: n.log(1 + i) = logS – logP

Deste exemplo, dá para perceber que o estudo dos juros compostos é uma aplicação prática do estudo dos logaritmos.

2 – Um capital é aplicado em regime de juros compostos a uma taxa mensal de 2% (2% a.m.). Depois de quanto tempo este capital estará duplicado?

Solução: Sabemos que S = P (1 + i)^n. Quando o capital inicial estiver duplicado, teremos S = 2P.

Substituindo, vem: 2P = P(1+0,02)^n [Obs: 0,02 = 2/100 = 2%]

Simplificando, fica:

2 = 1,02^n , que é uma equação exponencial simples.

Teremos então: n = $\log_{1,02}$2 = log2 /log1,02 = 0,30103 / 0,00860 = 35

Nota: log2 = 0,30103 e log1,02 = 0,00860; estes valores podem ser obtidos rapidamente em máquinas calculadoras científicas. Caso uma questão assim caia no vestibular, o examinador teria de informar os valores dos logaritmos necessários, ou então permitir o uso de calculadora na prova, o que não é comum no Brasil.

Portanto, o capital estaria duplicado após 35 meses (observe que a taxa de juros do problema é mensal), o que equivale a 2 anos e 11 meses.

Resposta: 2 anos e 11 meses.

EXERCÍCIOS

1. (SABESP – ANALISTA DE GESTÃO I -CONTABILIDADE – FCC/2012) Renato aplicou uma quantia no regime de capitalização de juros simples de 1,25% ao mês. Ao final de um ano, sacou todo o dinheiro da aplicação, gastou metade dele para comprar um imóvel e aplicou o restante, por quatro meses, em outro fundo, que rendia juros simples de 1,5% ao mês. Ao final desse período, ele encerrou a aplicação, sacando um total de R$ 95.082,00. A quantia inicial, em reais, aplicada por Renato no primeiro investimento foi de

A) 154.000,00
B) 156.000,00
C) 158.000,00
D) 160.000,00
E) 162.000,00

2. (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) José Luiz aplicou R$60.000,00 num fundo de investimento, em regime de juros compostos, com taxa de 2% ao mês. Após 3 meses, o montante que José Luiz poderá sacar é

A) R$63.600,00.
B) R$63.672,48.
C) R$63.854,58.
D) R$62.425,00.
E) R$62.400,00.

3. CREA/PR – AGENTE ADMINISTRATIVO – FUNDATEC/2013) Um empréstimo de R$ 50.000,00 será pago no prazo de 5 meses, com juros simples de 2,5% a.m. (ao mês). Nesse sentido, o valor da dívida na data do seu vencimento será:

A) R$6.250,00.
B) R$16.250,00.
C) R$42.650,00.
D) R$56.250,00.
E) R$62.250,00.

4. (PREF. JUNDIAI/SP – ELETRICISTA – MAKIYAMA/2013) Teresa pagou uma conta no valor de R$ 400,00 com seis dias de atraso. Por isso, foi acrescido, sobre o valor da conta, juro de 0,5% em regime simples, para cada dia de atraso. Com isso, qual foi o valor total pago por Teresa?

A) R$ 420,00.
B) R$ 412,00.
C) R$ 410,00.
D) R$ 415,00.
E) R$ 422,00.

5. PM/SE – SOLDADO 3ªCLASSE – FUNCAB/2014) Polícia autua 16 condutores durante blitz da Lei Seca

No dia 27 de novembro, uma equipe da Companhia de Polícia de Trânsito(CPTran) da Polícia Militar do Estado de Sergipe realizou blitz da Lei Seca na Avenida Beira Mar. Durante a ação, a polícia autuou 16 condutores.

Segundo o capitão Fábio <achado, comandante da CPTran, 12 pessoas foram notificadas por infrações diversas e quatro por desobediência à Lei Seca[...].

O quarteto detido foi multado em R$1.910,54 cada e teve a Carteira Nacional de Trânsito (CNH) suspensa por um ano.

(Fonte: PM/SE 28/11/13, modificada)

Investindo um capital inicial no valor total das quatros mulas durante um período de dez meses, com juros de 5% ao mês, no sistema de juros simples, o total de juros obtidos será:

A) R$2.768,15
B) R$1.595,27
C) R$3.821,08
D) R$9.552,70
E) R$1.910,54

6. (CÂMARA DE CANITAR/SP – RECEPCIONISTA – INDEC/2013) Uma aplicação financeira rende mensalmente 0,72%. Após 3 meses, um capital investido de R$ 14.000,00 renderá: (Considere juros compostos)

A) R$ 267,92
B) R$ 285,49
C) R$300,45
D) R$304,58

7. (CÂMARA DE CANITAR/SP – RECEPCIONISTA – INDEC/2013) Qual a porcentagem de rendimento mensal de um capital de R$ 5.000,00 que rende R$ 420,00 após 6 meses?

(Considere juros simples)

A) 2,2%
B) 1,6%
C) 1,4%
D) 0,7%

8. (PM/SP – OFICIAL – VUNESP/2013) Pretendendo aplicar em um fundo que rende juros compostos, um investidor fez uma simulação. Na simulação feita, se ele aplicar hoje R$ 10.000,00 e R$ 20.000,00 daqui a um ano, e não fizer nenhuma retirada, o saldo daqui a dois anos será de R$ 38.400,00. Desse modo, é correto afirmar que a taxa anual de juros considerada nessa simulação foi de

A) 12%.
B) 15%.
C) 18%.
D) 20%.
E) 21%.

9. (TRT 1ª – TÉCNICO JUDICIÁRIO – ÁREA ADMINISTRATIVA – FCC/2013) Juliano possui R$ 29.000,00 aplicados em um regime de juros compostos e deseja comprar um carro cujo preço à vista é R$30.000,00. Se nos próximos meses essa aplicação render 1% ao mês e o preço do carro se mantiver, o número mínimo de meses necessário para que Juliano tenha em sua aplicação uma quantia suficiente para comprar o carro é

A) 7.
B) 4.
C) 5.
D) 6.
E) 3.

10. (BANCO DO BRASIL – ESCRITURÁRIO – CESGRANRIO/2012) João tomou um empréstimo de R$900,00 a juros compostos de 10% ao mês. Dois meses depois, João pagou R$600,00 e, um mês após esse pagamento, liquidou o empréstimo. O valor desse último pagamento foi, em reais, aproximadamente,

A) 240,00
B) 330,00
C) 429,00
D) 489,00
E) 538,00

RESPOSTAS

1 - **RESPOSTA: "B".**
Quantia inicial: C= 25.000 ; i=1,25% a.m = 0,0125 ; t= 1 ano = 12 meses
M= J+C e J= C.i.t da junção dessas duas fórmulas temos : M=C.(1+i.t),aplicando

$$M = C.(1 + 0{,}0125.12) \Rightarrow M = C.(1 + 0{,}15) \Rightarrow M = C.1{,}15$$

Como ele gastou metade e a outra metade ele aplicou a uma taxa i=1,5% a.m=0,015 e t=4m e sacou após esse período R$ 95.082,00

$$M = \frac{C.1{,}15}{2} = 0{,}575C \therefore \ 95.082 = 0{,}575C.(1+0{,}015.4) \rightarrow 95.082 = 0{,}575C.1{,}06$$

95.082 = 0,6095C ➔ $C = \frac{95.082}{0{,}6095}$ ➔ C= 156.000

A quantia inicial foi de R$ 156.000,00.

2 - **RESPOSTA: "B".**
C=60.000 ; i = 2% a.m = 0,02 ; t = 3m

$$M = C(1+i)^t \Rightarrow M = 60000(1+0{,}02)^3 \Rightarrow M = 60000 + (1{,}02)^3 \Rightarrow M = 63672{,}48$$

O montante a ser sacado será de R$ 63.672,48.

3 - **RESPOSTA: "D".**
J=C.i.t C = 50.000 ; i = 2,5% a.m = 0,025 ; t = 5m
J=50 000.0,025.5
J=6250
M=C+J
M=50 000+6 250=56250
O valor da dívida é R$56.250,00.

4 – RESPOSTA: "B".

$$M = C.(1 + i.t) \rightarrow M = 400.(1 + 0{,}005.6) \rightarrow M = 400(1 + 0{,}03) \rightarrow M = 400.1{,}03 \rightarrow \quad M = 412$$

O valor que ela deve pagar é R$412,00.

5 - RESPOSTA: "C".

$$C = 1910{,}54 \cdot 4 = 7642{,}16 \quad ; i = 5\%a.m = 0{,}05 \; ; t = 10m$$
$$J = C.i.t$$
$$J = 7642{,}16 \cdot 0{,}05 \cdot 10 = 3821{,}08$$

O juros obtido será R$3.821,08.

6 - **RESPOSTA: "D".**
i = 0,72%a.m = 0,0072 ; t = 3m ; C = 14.000

$$M = C(1+i)^t \rightarrow M = 14000(1+0{,}0072)^3 \rightarrow M = 14000.1{,}022 \rightarrow \mathrm{M} = 14304{,}58$$

Como ele quer saber os juros:
M = C+J ➜ J = 14304,58-14000 = 304,58
A aplicação renderá R$ 304,58.

7 - RESPOSTA: "C".
C = 5.000 ; J = 420 ; t = 6m
J=C.i.t ➜ 420=5000.i.6

$$i = \frac{420}{5000 \cdot 6} = 0{,}014 = 1{,}4\%$$

A porcentagem será de 1,4%.

8 - **RESPOSTA: "D".**

$C_{1º\ ano}$ = 10.000 ; $C_{2º\ ano}$ = 20.000

$$M1 = C(1+i)^t$$
$$M1 = 10000(1+i)^2 M2 = 20000(1+i)^1$$

M1+M2 = 384000

$$38400 = 10000(1+i)^2 + 20000(1+i) \; (:400)$$
$$96 = 25(1+2i+i^2) + 50 + 50i$$
$$96 = 25 + 50i + 25i^2 + 50 + 50i$$
$$25i^2 + 100i - 21 = 0$$

Têm se uma equação do segundo grau, usa-seentão a fórmula de Bhaskara:

$$\Delta = 100^2 - 4 \cdot 25 \cdot (-21) = 12100$$
$$i = \frac{-100 \pm 110}{50}$$
$$i_1 = \frac{-100 + 110}{50} = \frac{10}{50} = 0{,}2$$
$$i_2 = \frac{-100 - 110}{50} = -4{,}4 \;\; (não\ convém)$$

É correto afirmar que a taxa é de 20%

NOVA CONCURSOS

9 - **RESPOSTA: "B".**

C=29.000 ; M=30.000 ; i=1%a.m = 0,01

$$M = C(1+i)^t$$

$$30000 = 29000(1+0{,}01)^t \rightarrow (1{,}01)^t = \frac{30000}{29000} \rightarrow (1{,}01)^t = 1{,}0344$$

Teremos que substituir os valores de t, portanto vamos começar dos números mais baixos:
$1{,}01^3$=1,0303, está próximo, mas ainda é menor
$1{,}01^4$=1,0406
Como t=4 passou o número que precisava(1,0344), então ele tem que aplicar no mínimo por 4 meses.

10 - **RESPOSTA: "E".**

C = 900 ; i = 10% a.m=0,10 ; t = 2m ; pagou 2 meses depois R$ 600,00 e liquidou após 1 mês

$$M = C(1+i)^t$$

$$M = 900(1+0{,}1)^2 \rightarrow M = 1089{,}00$$

Depois de dois meses João pagou R$ 600,00.

1089-600=489

$$M = 489(1+0{,}1)^1 = 537{,}90$$

REGRAS DE TRÊS SIMPLES E COMPOSTA;

REGRA DE TRÊS SIMPLES

Os problemas que envolvem duas grandezas diretamente ou inversamente proporcionais podem ser resolvidos através de um processo prático, chamado **regra de três simples**.

Exemplo 1: Um carro faz 180 km com 15L de álcool. Quantos litros de álcool esse carro gastaria para percorrer 210 km?

Solução:
O problema envolve duas grandezas: distância e litros de álcool.
Indiquemos por x o número de litros de álcool a ser consumido.
Coloquemos as grandezas de mesma espécie em uma mesma coluna e as grandezas de espécies diferentes que se correspondem em uma mesma linha:

Distância (km)	Litros de álcool
180	15
210	x

Na coluna em que aparece a variável x ("litros de álcool"), vamos colocar uma flecha:

Distância (km)	Litros de álcool
180	15 ↓
210	x

Observe que, se duplicarmos a distância, o consumo de álcool também duplica. Então, as grandezas **distância** e **litros de álcool** são **diretamente proporcionais**. No esquema que estamos montando, indicamos esse fato colocando uma flecha na coluna "distância" no **mesmo sentido** da flecha da coluna "litros de álcool":

Distância (km)	Litros de álcool
180 ↓	15 ↓
210	x

mesmo sentido

Armando a proporção pela orientação das flechas, temos:

$$\frac{180^{6}}{210^{7}} = \frac{\cancel{15}}{\cancel{x}} \Rightarrow 6x = 7 \,.\, 15 \Rightarrow 6x = 105 \Rightarrow x = \frac{105}{6} \Rightarrow x = 17{,}5$$

Resposta: O carro gastaria 17,5 L de álcool.

Exemplo 2: Viajando de automóvel, à velocidade de 60 km/h, eu gastaria 4 h para fazer certo percurso. Aumentando a velocidade para 80 km/h, em quanto tempo farei esse percurso?

Solução: Indicando por x o número de horas e colocando as grandezas de mesma espécie em uma mesma coluna e as grandezas de espécies diferentes que se correspondem em uma mesma linha, temos:

Velocidade (km/h)	Tempo (h)
60	4
80	x

Na coluna em que aparece a variável x ("tempo"), vamos colocar uma flecha:

Velocidade (km/h)	Tempo (h)
60	4 ↓
80	x

Observe que, se duplicarmos a velocidade, o tempo fica reduzido à metade. Isso significa que as grandezas **velocidade** e **tempo** são **inversamente proporcionais**. No nosso esquema, esse fato é indicado colocando-se na coluna "velocidade" uma flecha em **sentido contrário** ao da flecha da coluna "tempo":

Velocidade (km/h)	Tempo (h)
60 ↑	4 ↓
80	x

sentidos contrários

Na montagem da proporção devemos seguir o sentido das flechas. Assim, temos:

$$\frac{4}{x} = \frac{\cancel{80}^{4}}{\cancel{60}^{3}} \Rightarrow 4x = 4 \,.\, 3 \Rightarrow 4x = 12 \Rightarrow x = \frac{12}{4} \Rightarrow x = 3$$

Resposta: Farei esse percurso em 3 h.

Exemplo 3: Ao participar de um treino de Fórmula 1, um competidor, imprimindo velocidade média de 200 km/h, faz o percurso em 18 segundos. Se sua velocidade fosse de 240 km/h, qual o tempo que ele teria gasto no percurso?

Vamos representar pela letra *x* o tempo procurado.

Estamos relacionando dois valores da grandeza velocidade (200 km/h e 240 km/h) com dois valores da grandeza tempo (18 s e *x* s).

Queremos determinar um desses valores, conhecidos os outros três.

Velocidade	Tempo gasto para fazer o percurso
200 km/h	18 s
240 km/h	*x*

Se duplicarmos a velocidade inicial do carro, o tempo gasto para fazer o percurso cairá para a metade; logo, as grandezas são inversamente proporcionais. Assim, os números 200 e 240 são inversamente proporcionais aos números 18 e *x*.

Daí temos:

$$200 \,.\, 18 = 240 \,.\, x$$
$$3\,600 = 240x$$
$$240x = 3\,600$$
$$x = \frac{3600}{240}$$
$$x = 15$$

Conclui-se, então, que se o competidor tivesse andando em 200 km/h, teria gasto 18 segundos para realizar o percurso.

REGRA DE TRÊS COMPOSTA

O processo usado para resolver problemas que envolvem mais de duas grandezas, diretamente ou inversamente proporcionais, é chamado **regra de três composta**.

Exemplo 1: Em 4 dias 8 máquinas produziram 160 peças. Em quanto tempo 6 máquinas iguais às primeiras produziriam 300 dessas peças?

Solução: Indiquemos o número de dias por *x*. Coloquemos as grandezas de mesma espécie em uma só coluna e as grandezas de espécies diferentes que se correspondem em uma mesma linha. Na coluna em que aparece a variável *x* ("dias"), coloquemos uma flecha:

Máquinas	Peças	Dias
8	160	4 ↓
6	300	*x*

Comparemos cada grandeza com aquela em que está o x.

NOVA CONCURSOS

As grandezas **peças** e **dias** são diretamente proporcionais. No nosso esquema isso será indicado colocando-se na coluna "peças" uma flecha no **mesmo sentido** da flecha da coluna "dias":

Máquinas	Peças	Dias
8	160 ↓	4 ↓
6	300	x

Mesmo sentido

As grandezas **máquinas** e **dias** são inversamente proporcionais (duplicando o número de máquinas, o número de dias fica reduzido à metade). No nosso esquema isso será indicado colocando-se na coluna (máquinas) uma flecha no sentido contrário ao da flecha da coluna "dias":

Máquinas	Peças	Dias
8 ↑	160 ↓	4 ↓
6	300	x

Sentidos contrários

Agora vamos montar a proporção, igualando a razão que contém o *x*, que é $\frac{4}{x}$, com o produto das outras razões, obtidas segundo a orientação das flechas $\left(\frac{6}{8}.\frac{160}{300}\right)$:

$$\frac{4}{x}=\frac{\cancel{6}^{\cancel{2}}}{\cancel{8}^{\cancel{4}}}\cdot\frac{\cancel{160}^{8^1}}{\cancel{300}^{15^5}}$$

$$\frac{4}{x}=\frac{2}{5} \quad => \quad 2x = 4 . 5 \quad a \quad x = \frac{\cancel{4}^{\cancel{2}}.5}{\cancel{2}^{\cancel{1}}} \quad => \quad x = 10$$

Resposta: Em 10 dias.

Exemplo 2: Uma empreiteira contratou 210 pessoas para pavimentar uma estrada de 300 km em 1 ano. Após 4 meses de serviço, apenas 75 km estavam pavimentados. Quantos empregados ainda devem ser contratados para que a obra seja concluída no tempo previsto?

Solução: Em $\frac{1}{3}$ de ano foi pavimentada $\frac{1}{4}$ de estrada.

Comparemos cada grandeza com aquela em que está o x.

Pessoas	Estrada	Tempo
210 ↓	75	4 ↑
X	225	8

Sentido contrário

As grandezas **"pessoas"** e **"tempo"** são inversamente proporcionais (duplicando o número de pessoas, o tempo fica reduzido à metade). No nosso esquema isso será indicado colocando-se na coluna "tempo" uma flecha no sentido contrário ao da flecha da coluna "pessoas":

Pessoas	Estrada	Tempo
210 ↓	75 ↓	4
X	225	8

Mesmo Sentido

As grandezas **"pessoas"** e **"estrada"** são diretamente proporcionais. No nosso esquema isso será indicado colocando-se na coluna "estrada" uma flecha no **mesmo sentido** da flecha da coluna "pessoas":

$$\frac{210}{x}=\frac{\cancel{75}^{1}}{\cancel{225}^{3}}\cdot\frac{\cancel{8}^{2}}{\cancel{4}^{1}}$$

$$\frac{210}{x}=\frac{2}{3}$$

$$210.3 = 2.x \Rightarrow 2x = 630 \Rightarrow x = 315$$

Como já haviam 210 pessoas trabalhando, logo 315 – 210 = 105 pessoas.

Reposta: Devem ser contratados 105 pessoas.

Questões

1 – (FUNDAÇÃO CASA – AGENTE DE APOIO OPERACIONAL – VUNESP/2013) Um atleta está treinando para fazer 1 500 metros em 5 minutos. Como ele pretende manter um ritmo sempre constante, deve fazer cada 100 metros em

A) 15 segundos.
B) 20 segundos.
C) 22 segundos.
D) 25 segundos.
E) 30 segundos.

2 – (SAP/SP – AGENTE DE SEGURANÇA PENITENCIÁRIA DE CLASSE I – VUNESP/2013) Uma máquina demora 1 hora para fabricar 4 500 peças. Essa mesma máquina, mantendo o mesmo funcionamento, para fabricar 3 375 dessas mesmas peças, irá levar

A) 55 min.
B) 15 min.
C) 35 min.
D) 1h 15min.
E) 45 min.

3 - (PREF. IMARUÍ – AGENTE EDUCADOR – PREF. IMARUÍ/2014) Manoel vendeu seu carro por R$27.000,00(-vinte e sete mil reais) e teve um prejuízo de 10%(dez por cento) sobre o valor de custo do tal veículo, por quanto Manoel adquiriu o carro em questão?

A) R$24.300,00
B) R$29.700,00
C) R$30.000,00
D)R$33.000,00
E) R$36.000,00

4 - (DNOCS -2010) Das 96 pessoas que participaram de uma festa de Confraternização dos funcionários do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, sabe-se que 75% eram do sexo masculino. Se, num dado momento antes do término da festa, foi constatado que a porcentagem dos homens havia se reduzido a 60% do total das pessoas presentes, enquanto que o número de mulheres permaneceu inalterado, até o final da festa, então a quantidade de homens que haviam se retirado era?

A) 36.
B) 38.
C) 40.
D) 42.
E) 44.

5 - (SABESP – APRENDIZ – FCC/2012) Em uma maquete, uma janela de formato retangular mede 2,0 cm de largura por 3,5 cm de comprimento. No edifício, a largura real dessa janela será de 1,2 m. O comprimento real correspondente será de:

A) 1,8 m
B) 1,35 m
C) 1,5 m
D) 2,1 m
E) 2,45 m

6 - (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) O trabalho de varrição de 6.000 m^2 de calçada é feita em um dia de trabalho por 18 varredores trabalhando 5 horas por dia. Mantendo-se as mesmas proporções, 15 varredores varrerão 7.500 m^2 de calçadas, em um dia, trabalhando por dia, o tempo de

A) 8 horas e 15 minutos.
B) 9 horas.
C) 7 horas e 45 minutos.
D) 7 horas e 30 minutos.
E) 5 horas e 30 minutos.

7 – (PREF. CORBÉLIA/PR – CONTADOR – FAUEL/2014) Uma equipe constituída por 20 operários, trabalhando 8 horas por dia durante 60 dias, realiza o calçamento de uma área igual a 4800 m^2. Se essa equipe fosse constituída por 15 operários, trabalhando 10 horas por dia, durante 80 dias, faria o calçamento de uma área igual a:

A) 4500 m^2
B) 5000 m^2
C) 5200 m^2
D) 6000 m^2
E) 6200 m^2

8 – (PC/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – VUNESP/2014) Dez funcionários de uma repartição trabalham 8 horas por dia, durante 27 dias, para atender certo número de pessoas. Se um funcionário doente foi afastado por tempo indeterminado e outro se aposentou, o total de dias que os funcionários restantes levarão para atender o mesmo número de pessoas, trabalhando uma hora a mais por dia, no mesmo ritmo de trabalho, será:

A) 29.
B) 30.
C) 33.
D) 28.
E) 31.

9 - (TRF 3ª – TÉCNICO JUDICIÁRIO – FCC/2014) Sabe-se que uma máquina copiadora imprime 80 cópias em 1 minuto e 15 segundos. O tempo necessário para que 7 máquinas copiadoras, de mesma capacidade que a primeira citada, possam imprimir 3360 cópias é de

A) 15 minutos.
B) 3 minutos e 45 segundos.
C) 7 minutos e 30 segundos.
D) 4 minutos e 50 segundos.
E) 7 minutos.

10 – (PREF. JUNDIAI/SP – ELETRICISTA – MAKIYAMA/2013) Os 5 funcionários de uma padaria produzem, utilizando três fornos, um total de 2500 pães ao longo das 10 horas de sua jornada de trabalho. No entanto, o dono de tal padaria pretende contratar mais um funcionário, comprar mais um forno e reduzir a jornada de trabalho de seus funcionários para 8 horas diárias. Considerando que todos os fornos e funcionários produzem em igual quantidade e ritmo, qual será, após as mudanças, o número de pães produzidos por dia?

A) 2300 pães.
B) 3000 pães.
C) 2600 pães.
D) 3200 pães.
E) 3600 pães.

Respostas

1- RESPOSTA: "B"

Como as alternativas estão em segundo, devemos trabalhar com o tempo em segundo.

1 minuto = 60 segundos ; logo 5minutos = 60.5 = 300 segundos

Metro		Segundos
1500	-----	300
100	-----	x

Como estamos trabalhando com duas grandezas diretamente proporcionais temos:

$$\frac{\cancel{1500}^{15}}{\cancel{100}^{1}} = \frac{300}{x}$$

15.x = 300.1 ➜ 15x = 300 ➜ x = 20 segundos

2- RESPOSTA: "E".

Peças Tempo
4500 ----- 1 h
3375 ----- x

Como estamos trabalhando com duas grandezas diretamente proporcionais temos:

$$\frac{4500}{3375} = \frac{1}{x}$$

4500.x = 3375.1 ➜ x = 0,75 h

Como a resposta esta em minutos devemos achar o correspondente em minutos

Hora Minutos
1 ------ 60
0,75 ----- x
1.x = 0,75.60 ➜ x = 45 minutos.

3. RESPOSTA : "C"

Como ele teve um prejuízo de 10%, quer dizer 27000 é 90% do valor total.

Valor %
27000 ------ 90
X ------- 100

$\frac{27000}{x} = \frac{\cancel{90}^{9}}{\cancel{100}^{10}}$ ➜ $\frac{27000}{x} = \frac{9}{10}$ = 27000.10 ➜ 9x = 270000

➜ x = 30000.

4. RESPOSTA : "A"

75% Homens = 72
25% Mulheres = 24 Antes

40% Mulheres = 24
60% Homens = x Depois

40% ---------- 24
60% ---------- x

40x = 60 . 24 ➜ x = $\frac{1440}{40}$ ➜ x = 36.

Portanto: 72 – 36 = 36 Homens se retiraram.

5. RESPOTA: "D"

Transformando de cm para metro temos : 1 metro = 100cm

➜ 2 cm = 0,02 m e 3,5 cm = 0,035 m

Largura comprimento
0,02m ---------- 0,035m
1,2m ---------- x

$$x = 1{,}2 \cdot \frac{0{,}035}{0{,}02} = 2{,}1m$$

6. - RESPOSTA: "D".

Comparando- se cada grandeza com aquela onde esta o x.

M²↑ varredores↓ horas↑
6000----------18---------- 5
7500----------15---------- x

Quanto mais a área, mais horas(diretamente proporcionais)

Quanto menos trabalhadores, mais horas(inversamente proporcionais)

$$\frac{5}{x} = \frac{6000}{7500} \cdot \frac{15}{18}$$

$$6000 \cdot 15 \cdot x = 5 \cdot 7500 \cdot 18$$
$$90000x = 675000$$
$$x = 7{,}5\ horas$$

Como 0,5 h equivale a 30 minutos , logo o tempo será de 7 horas e 30 minutos.

7 - RESPOSTA: "D".

Operários↑ horas↑ dias↑ área↑
20----------8----------60-------4800
15----------10----------80-------- x

Todas as grandezas são diretamente proporcionais, logo:

$$\frac{4800}{x} = \frac{20}{15} \cdot \frac{8}{10} \cdot \frac{60}{80}$$
$$20 \cdot 8 \cdot 60 \cdot x = 4800 \cdot 15 \cdot 10 \cdot 80$$
$$9600x = 57600000$$
$$x = 6000m^2$$

8- RESPOSTA: "B"

Temos 10 funcionários inicialmente, com os afastamento esse número passou para 8. Se eles trabalham 8 horas por dia , passarão a trabalhar uma hora a mais perfazendo um total de 9 horas, nesta condições temos:

Funcionários↑ horas↑ dias↓
10----------8----------27
8----------9---------- x

Quanto menos funcionários, mais dias devem ser trabalhados (inversamente proporcionais).

Quanto mais horas por dia, menos dias devem ser trabalhados (inversamente proporcionais).

Funcionários↓ horas↓ dias↓
8----------9---------- 27
10----------8----------x

$\frac{27}{x} = \frac{8}{10} \cdot \frac{9}{8}$ ➜ x.8.9 = 27.10.8 ➜ 72x = 2160 ➜ x = 30 dias.

9 - RESPOSTA: "C".

Transformando o tempo para segundos: 1 min e 15 segundos = 75 segundos

Quanto mais máquinas menor o tempo (flecha contrária) e quanto mais cópias, mais tempo (flecha mesma posição)

Máquina↑ cópias↓ tempo↓
1----------80----------75 segundos
7----------3360----------x

Devemos deixar as 3 grandezas da mesma forma, invertendo os valores de" máquina".

Máquina↓ cópias↓ tempo↓
7----------80----------75 segundos
1----------3360--------- x

$\frac{75}{x} = \frac{7}{1} \cdot \frac{80}{3360}$ ➜ x.7.80 = 75.1.3360 ➜ 560x = 252000 ➜ x = 450 segundos

Transformando
1minuto-----60segundos
x----------450
x=7,5 minutos=7 minutos e 30segundos.

10 - RESPOSTA: "D".

Funcionários↑ Fornos ↑ pães ↑ horas↑
5----------3----------2500----------10
6----------4----------x----------8

As flecham indicam se as grandezas são inversamente ou diretamente proporcionais.

Quanto mais funcionários mais pães são feitos(diretamente)

$$\frac{2500}{x} = \frac{5}{6} \cdot \frac{3}{4} \cdot \frac{10}{8}$$

$$5 \cdot 3 \cdot 10x = 2500 \cdot 6 \cdot 4 \cdot 8$$
$$150x = 480000$$
$$x = 3200\ pães.$$

SISTEMA MONETÁRIO NACIONAL (REAL);

Sistema Monetário Nacional

O primeiro dinheiro do Brasil foi à moeda-mercadoria. Durante muito tempo, o comércio foi feito por meio da troca de mercadorias, mesmo após a introdução da moeda de metal.

As primeiras moedas metálicas (de ouro, prata e cobre) chegaram com o início da colonização portuguesa. A unidade monetária de Portugal, o Real, foi usada no Brasil durante todo o período colonial. Assim, tudo se contava em réis (plural popular de real) com moedas fabricadas em Portugal e no Brasil. O Real (R) vigorou até 07 de outubro de 1833. De acordo com a Lei nº 59, de 08 de outubro de 1833, entrou em vigor o Mil-Réis (Rs), múltiplo do real, como unidade monetária, adotada até 31 de outubro de 1942.

No século XX, o Brasil adotou nove sistemas monetários ou nove moedas diferentes (mil-réis, cruzeiro, cruzeiro novo, cruzeiro, cruzado, cruzado novo, cruzeiro, cruzeiro real, real).

Por meio do Decreto-Lei nº 4.791, de 05 de outubro de 1942, uma nova unidade monetária, o cruzeiro – Cr$ veio substituir o mil-réis, na base de Cr$ 1,00 por mil-réis.

A denominação "cruzeiro" origina-se das moedas de ouro (pesadas em gramas ao título de 900 milésimos de metal e 100 milésimos de liga adequada), emitidas na forma do Decreto nº 5.108, de 18 de dezembro de 1926, no regime do ouro como padrão monetário.

O Decreto-Lei nº 1, de 13 de novembro de 1965, transformou o cruzeiro – Cr$ em cruzeiro novo – NCr$, na base de NCr$ 1,00 por Cr$ 1.000. A partir de 15 de maio de 1970 e até 27 de fevereiro de 1986, a unidade monetária foi novamente o cruzeiro (Cr$).

Em 27 de fevereiro de 1986, Dílson Funaro, ministro da Fazenda, anunciou o Plano Cruzado (Decreto-Lei nº 2.283, de 27 de fevereiro de 1986): o cruzeiro – Cr$ se transformou em cruzado – Cz$, na base de Cz$ 1,00 por Cr$ 1.000 (vigorou de 28 de fevereiro de 1986 a 15 de janeiro de 1989). Em novembro do mesmo ano, o Plano Cruzado II tentou novamente a estabilização da moeda. Em junho de 1987, Luiz Carlos Brésser Pereira, ministro da Fazenda, anunciou o Plano Brésser: um Plano Cruzado "requentado" avaliou Mário Henrique Simonsen.

Em 15 de janeiro de 1989, Maílson da Nóbrega, ministro da Fazenda, anunciou o Plano Verão (Medida Provisória nº 32, de 15 de janeiro de 1989): o cruzado – Cz$ se transformou em cruzado novo – NCz$, na base de NCz$ 1,00 por Cz$ 1.000,00 (vigorou de 16 de janeiro de 1989 a 15 de março de 1990).

Em 15 de março de 1990, Zélia Cardoso de Mello, ministra da Fazenda, anunciou o Plano Collor (Medida Provisória nº 168, de 15 de março de 1990): o cruzado novo – NCz$ se transformou em cruzeiro – Cr$, na base de Cr$ 1,00 por NCz$ 1,00 (vigorou de 16 de março de 1990 a 28 de julho de 1993). Em janeiro de 1991, a inflação já passava de 20% ao mês, e o Plano Collor II tentou novamente a estabilização da moeda.

A Medida Provisória nº 336, de 28 de julho de1993, transformou o cruzeiro – Cr$ em cruzeiro real – CR$, na base de CR$ 1,00 por Cr$ 1.000,00 (vigorou de 29 de julho de 1993 a 29 de junho de 1994).

NOVA CONCURSOS

Em 30 de junho de 1994, Fernando Henrique Cardoso, ministro da Fazenda, anunciou o Plano Real: o cruzeiro real – CR$ se transformou em real – R$, na base de R$ 1,00 por CR$ 2.750,00 (Medida Provisória nº 542, de 30 de junho de 1994, convertida na Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995).

O artigo 10, I, da Lei nº 4.595, de 31 de dezembro de 1964, delegou ao Banco Central do Brasil competência para emitir papel-moeda e moeda metálica, competência exclusiva consagrada pelo artigo 164 da Constituição Federal de 1988.

Antes da criação do BCB, a Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), o Banco do Brasil e o Tesouro Nacional desempenhavam o papel de autoridade monetária.

A SUMOC, criada em 1945 e antecessora do BCB, tinha por finalidade exercer o controle monetário. A SUMOC fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos comerciais, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros. Além disso, supervisionava a atuação dos bancos comerciais, orientava a política cambial e representava o País junto a organismos internacionais.

O Banco do Brasil executava as funções de banco do governo, e o Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda.

Cruzeiro

1000 réis = Cr$1(com centavos) 01.11.1942

O Decreto-Lei nº 4.791, de 05 de outubro de 1942 (D.O.U. de 06 de outubro de 1942), instituiu o Cruzeiro como unidade monetária brasileira, com equivalência a um mil réis. Foi criado o centavo, correspondente à centésima parte do cruzeiro.

Exemplo: 4:750$400 (quatro contos, setecentos e cinquenta mil e quatrocentos réis) passou a expressar-se Cr$ 4.750,40 (quatro mil setecentos e cinquenta cruzeiros e quarenta centavos)

Cruzeiro

(sem centavos) 02.12.1964

A Lei nº 4.511, de 01de dezembro de1964 (D.O.U. de 02 de dezembro de 1964), extinguiu a fração do cruzeiro denominada centavo. Por esse motivo, o valor utilizado no exemplo acima passou a ser escrito sem centavos: Cr$ 4.750 (quatro mil setecentos e cinquenta cruzeiros).

Cruzeiro Novo

Cr$1000 = NCr$1(com centavos) 13.02.1967

O Decreto-Lei nº 1, de 13 de novembro de1965 (D.O.U. de 17 de novembro de 1965), regulamentado pelo Decreto nº 60.190, de 08 de fevereiro de1967 (D.O.U. de 09 de fevereiro de 1967), instituiu o Cruzeiro Novo como unidade monetária transitória, equivalente a um mil cruzeiros antigos, restabelecendo o centavo. O Conselho Monetário Nacional, pela Resolução nº 47, de 08 de fevereiro de 1967, estabeleceu a data de 13.02.67 para início de vigência do novo padrão.

Exemplo: Cr$ 4.750 (quatro mil, setecentos e cinquenta cruzeiros) passou a expressar-se NCr$ 4,75(quatro cruzeiros novos e setenta e cinco centavos).

Cruzeiro

De NCr$ para Cr$ (com centavos) 15.05.1970

A Resolução nº 144, de 31 de março de 1970 (D.O.U. de 06 de abril de 1970), do Conselho Monetário Nacional, restabeleceu a denominação Cruzeiro, a partir de 15 de maio de 1970, mantendo o centavo.

Exemplo: NCr$ 4,75 (quatro cruzeiros novos e setenta e cinco centavos) passou a expressar-se Cr$ 4,75(quatro cruzeiros e setenta e cinco centavos).

Cruzeiros

(sem centavos) 16.08.1984

A Lei nº 7.214, de 15 de agosto de 1984 (D.O.U. de 16.08.84), extinguiu a fração do Cruzeiro denominada centavo. Assim, a importância do exemplo, Cr$ 4,75 (quatro cruzeiros e setenta e cinco centavos), passou a escrever-se Cr$ 4, eliminando-se a vírgula e os algarismos que a sucediam.

Cruzado

Cr$ 1000 = Cz$1 (com centavos) 28.02.1986

O Decreto-Lei nº 2.283, de 27 de fevereiro de 1986 (D.O.U. de 28 de fevereiro de 1986), posteriormente substituído pelo Decreto-Lei nº 2.284, de 10 de março de 1986 (D.O.U. de 11 de março de 1986), instituiu o Cruzado como nova unidade monetária, equivalente a um mil cruzeiros, restabelecendo o centavo. A mudança de padrão foi disciplinada pela Resolução nº 1.100, de 28 de fevereiro de 1986, do Conselho Monetário Nacional.

Exemplo: Cr$ 1.300.500 (um milhão, trezentos mil e quinhentos cruzeiros) passou a expressar-se Cz$ 1.300,50 (um mil e trezentos cruzados e cinquenta centavos).

Cruzado Novo

Cz$ 1000 = NCz$1 (com centavos) 16.01.1989

A Medida Provisória nº 32, de 15 de janeiro de 1989 (D.O.U. de 16 de janeiro de 1989), convertida na Lei nº 7.730, de 31 de janeiro de 1989 (D.O.U. de 01 de fevereiro de 1989), instituiu o Cruzado Novo como unidade do sistema monetário, correspondente a um mil cruzados, mantendo o centavo. A Resolução nº 1.565, de 16 de janeiro de 1989, do Conselho Monetário Nacional, disciplinou a implantação do novo padrão.

Exemplo: Cz$ 1.300,50 (um mil e trezentos cruzados e cinquenta centavos) passou a expressar-se NCz$ 1,30 (um cruzado novo e trinta centavos).

Cruzeiro

De NCz$ para Cr$ (com centavos) 16.03.1990

A Medida Provisória nº 168, de 15 de março de 1990 (D.O.U. de 16 de março de 1990), convertida na Lei nº 8.024, de 12 de abril de 1990 (D.O.U. de 13 de abril de 1990), restabeleceu a denominação Cruzeiro para a moeda, correspondendo um cruzeiro a um cruzado novo. Ficou mantido o centavo. A mudança de padrão foi regulamentada pela Resolução nº 1.689, de 18 de março de 1990, do Conselho Monetário Nacional.

Exemplo: NCz$ 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzados novos) passou a expressar-se Cr$ 1.500,00 (um mil e quinhentos cruzeiros).

Cruzeiro Real

Cr$ 1000 = CR$ 1 (com centavos) 01.08.1993

A Medida Provisória nº 336, de 28 de julho de 1993 (D.O.U. de 29 de julho de 1993), convertida na Lei nº 8.697, de 27 de agosto de 1993 (D.O.U. de 28 agosto de 1993), instituiu o Cruzeiro Real, a partir de 01 de agosto de 1993, em substituição ao Cruzeiro, equivalendo um cruzeiro real a um mil cruzeiros, com a manutenção do centavo. A Resolução nº 2.010, de 28 de julho de 1993, do Conselho Monetário Nacional, disciplinou a mudança na unidade do sistema monetário.

Exemplo: Cr$ 1.700.500,00 (um milhão, setecentos mil e quinhentos cruzeiros) passou a expressar-se CR$ 1.700,50 (um mil e setecentos cruzeiros reais e cinquenta centavos).

Real

CR$ 2.750 = R$ 1(com centavos) 01.07.1994

A Medida Provisória nº 542, de 30 de junho de 1994 (D.O.U. de 30 de junho de 1994), instituiu o Real como unidade do sistema monetário, a partir de 01 de julho de 1994, com a equivalência de CR$ 2.750,00 (dois mil, setecentos e cinquenta cruzeiros reais), igual à paridade entre a URV e o Cruzeiro Real fixada para o dia 30 de junho de 1994. Foi mantido o centavo.

Como medida preparatória à implantação do Real, foi criada a URV - Unidade Real de Valor - prevista na Medida Provisória nº 434, publicada no D.O.U. de 28 de fevereiro de 1994, reeditada com os números 457 (D.O.U. de 30 de março de 1994) e 482 (D.O.U. de 29 de abril de 1994) e convertida na Lei nº 8.880, de 27 de maio de 1994 (D.O.U. de 28 de maio de 1994).

Exemplo: CR$ 11.000.000,00 (onze milhões de cruzeiros reais) passou a expressar-se R$ 4.000,00 (quatro mil reais).

Banco Central (BC ou Bacen) - Autoridade monetária do País responsável pela execução da política financeira do governo. Cuida ainda da emissão de moedas, fiscaliza e controla a atividade de todos os bancos no País.

Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) - Órgão internacional que visa ajudar países subdesenvolvidos e em desenvolvimento na América Latina. A organização foi criada em 1959 e está sediada em Washington, nos Estados Unidos.

Banco Mundial - Nome pelo qual o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) é conhecido. Órgão internacional ligado a ONU, a instituição foi criada para ajudar países subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) - Empresa pública federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior que tem como objetivo financiar empreendimentos para o desenvolvimento do Brasil.

EQUAÇÃO DE 1º GRAU: RESOLUÇÃO; PROBLEMAS DE 1º GRAU; INEQUAÇÕES DO 1º GRAU; EQUAÇÃO DE 2º GRAU: RESOLUÇÃO DAS EQUAÇÕES COMPLETAS, INCOMPLETAS, PROBLEMAS DO 2º GRAU; EQUAÇÕES FRACIONÁRIAS;

Equação 1º grau

Equação é toda sentença matemática aberta representada por uma igualdade, em que exista uma ou mais letras que representam números desconhecidos.

Equação do 1º grau, na incógnita x, é toda equação redutível à forma ax+b=0, em que a e b são números reais, chamados coeficientes, com a≠0.

Uma raiz da equação ax+b =0(a≠0) é um valor numérico de x que, substituindo no 1º membro da equação, torna-se igual ao 2º membro.

Nada mais é que pensarmos em uma balança.

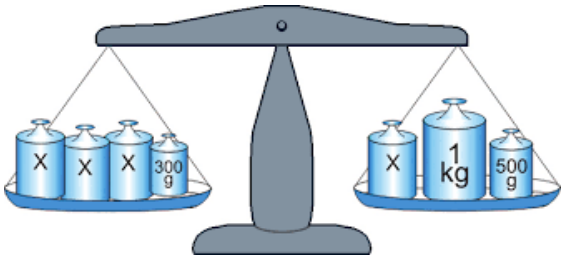

A balança deixa os dois lados iguais para equilibrar, a equação também.

No exemplo temos:

3x+300

Outro lado: x+1000+500

E o equilíbrio?

3x+300=x+1500

Quando passamos de um lado para o outro invertemos o sinal

3x-x=1500-300

2x=1200

X=600

Exemplo

(PREF. DE NITERÓI/RJ – Fiscal de Posturas – FGV/2015) A idade de Pedro hoje, em anos, é igual ao dobro da soma das idades de seus dois filhos, Paulo e Pierre. Pierre é três anos mais velho do que Paulo. Daqui a dez anos, a idade de Pierre será a metade da idade que Pedro tem hoje.

A soma das idades que Pedro, Paulo e Pierre têm hoje é:

(A) 72;

(B) 69;

(C) 66;

(D) 63;

(E) 60.

Resolução

A ideia de resolver as equações é literalmente colocar na linguagem matemática o que está no texto.

"Pierre é três anos mais velho do que Paulo"

Pi=Pa+3

"Daqui a dez anos, a idade de Pierre será a metade da idade que Pedro tem hoje."

$$Pi + 10 = \frac{1}{2}Pe$$

A idade de Pedro hoje, em anos, é igual ao dobro da soma das idades de seus dois filhos,

Pe=2(Pi+Pa)

Pe=2Pi+2Pa

Lembrando que:

Pi=Pa+3

Substituindo em Pe

Pe=2(Pa+3)+2Pa

Pe=2Pa+6+2Pa

Pe=4Pa+6

$$Pi + 10 = \frac{1}{2}Pe$$

Pa+3+10=2Pa+3

Pa=10

Pi=Pa+3

Pi=10+3=13

Pe=40+6=46

Soma das idades: 10+13+46=69

Resposta: B.

Equação 2º grau

A equação do segundo grau é representada pela fórmula geral:

$$ax^2 + bx + c = 0$$

Onde a, b e c são números reais, $a \neq 0$

Discussão das Raízes

1. $ax^2 + c = 0$

$$x = \pm\sqrt{-\frac{c}{a}}$$

Se $-\frac{c}{a}$ for negativo, não há solução no conjunto dos números reais.

Se $-\frac{c}{a}$ for positivo, a equação tem duas soluções:

$$x_1 = +\sqrt{-\frac{c}{a}} \quad e\ x_2 = -\sqrt{-\frac{c}{a}}$$

Exemplo

$$2x^2 + 4 = 0$$

$$x = \pm\sqrt{-\frac{4}{2}}$$

$x = \pm\sqrt{-2}$, portanto não há solução real.

2. $ax^2 + bx = 0$

$$x(ax + b) = 0$$

$$x = 0\ ou\ x = -\frac{b}{a}$$

$$x^2 + 2x = 0$$
$$x(x + 2) = 0$$
$$x = 0\ ou\ x = -2$$

3. $ax^2 + bx + c = 0$

$$\Delta = b^2 - 4ac$$

$$x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

Se $\Delta < 0$ não há solução, pois não existe raiz quadrada real de um número negativo.

$x_1 = x_2 = -\frac{b}{2a}$ as soluções iguais:

Se $\Delta > 0$, há soluções reais diferentes:

$$x_1 = \frac{-b + \sqrt{\Delta}}{2a} \qquad x_2 = \frac{-b - \sqrt{\Delta}}{2a}$$

Relações entre Coeficientes e Raízes

Dada as duas raízes:

$$x_1 = \frac{-b + \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a} \quad e\ x_2 = \frac{-b - \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$$

<u>Soma das Raízes</u>

$$x_1 + x_2 = -\frac{b}{a}$$

<u>Produto das Raízes</u>

$$x_1 \cdot x_2 = \frac{c}{a}$$

Composição de uma equação do 2ºgrau, conhecidas as raízes

Podemos escrever a equação da seguinte maneira:

$x^2-Sx+P=0$

Exemplo

Dada as raízes -2 e 7. Componha a equação do 2º grau.

Solução
$S=x_1+x_2=-2+7=5$
$P=x_1.x_2=-2.7=-14$
Então a equação é: $x^2-5x-14=0$

Exemplo

(IMA – Analista Administrativo Jr – SHDIAS/2015) A soma das idades de Ana e Júlia é igual a 44 anos, e, quando somamos os quadrados dessas idades, obtemos 1000. A mais velha das duas tem:
(A) 24 anos
(B) 26 anos
(C) 31 anos
(D) 33 anos

Resolução
$A+J=44$
$A^2+J^2=1000$
$A=44-J$

$(44-J)^2+J^2=1000$
$1936-88J+J^2+J^2=1000$
$2J^2-88J+936=0$
Dividindo por2:
$J^2-44J+468=0$
$\Delta=(-44)^2-4.1.468$
$\Delta=1936-1872=64$

$$J=\frac{44\pm 8}{2}$$

$$J_1=\frac{44+8}{2}=\frac{52}{2}=26$$

$$J_2=\frac{44-8}{2}=\frac{36}{2}=18$$

Inequação
Uma inequação é uma sentença matemática expressa por uma ou mais incógnitas, que ao contrário da equação que utiliza um sinal de igualdade, apresenta sinais de desigualdade. Veja os sinais de desigualdade:

>: maior
<: menor
≥: maior ou igual
≤: menor ou igual

O princípio resolutivo de uma inequação é o mesmo da equação, onde temos que organizar os termos semelhantes em cada membro, realizando as operações indicadas. No caso das inequações, ao realizarmos uma multiplicação de seus elementos por –1 com o intuito de deixar a parte da incógnita positiva, invertemos o sinal representativo da desigualdade.

Exemplo 1
$4x + 12 > 2x – 2$
$4x – 2x > – 2 – 12$
$2x > – 14$
$x > –14/2$
$x > – 7$

Inequação-Produto

Quando se trata de inequações-produto, teremos uma desigualdade que envolve o produto de duas ou mais funções. Portanto, surge a necessidade de realizar o estudo da desigualdade em cada função e obter a resposta final realizando a intersecção do conjunto resposta das funções.

Exemplo

a)$(-x+2)(2x-3)<0$

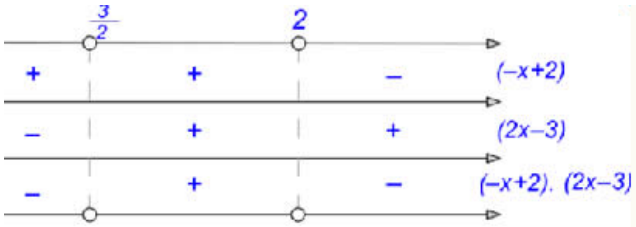

$$S=\{x\in\mathbb{R}|x<\frac{3}{2}\,ou\,x>2$$

Inequação-Quociente
Na inequação-quociente, tem-se uma desigualdade de funções fracionárias, ou ainda, de duas funções na qual uma está dividindo a outra. Diante disso, deveremos nos atentar ao domínio da função que se encontra no denominador, pois não existe divisão por zero. Com isso, a função que estiver no denominador da inequação deverá ser diferente de zero.
O método de resolução se assemelha muito à resolução de uma inequação-produto, de modo que devemos analisar o sinal das funções e realizar a intersecção do sinal dessas funções.

Exemplo

Resolva a inequação a seguir:

$$\frac{x+5}{x-2}\geq 0$$

$x-2\neq 0$
$x\neq 2$

NOVA CONCURSOS

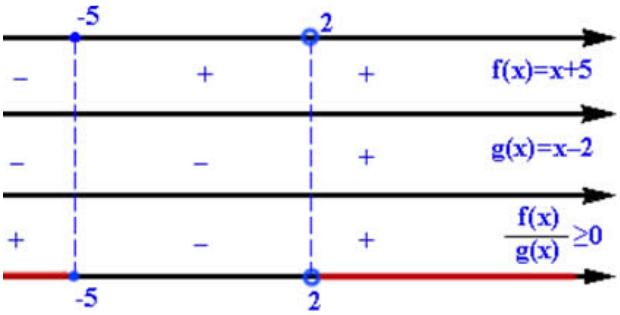

$S = \{x \in \mathbb{R} | x \leq -5 \text{ ou } x > 2$

Sistema de Inequação do 1º Grau

Um sistema de inequação do 1º grau é formado por duas ou mais inequações, cada uma delas tem apenas uma variável sendo que essa deve ser a mesma em todas as outras inequações envolvidas.

Veja alguns exemplos de sistema de inequação do 1º grau:

$$\begin{cases} 4x + 4 \leq 0 \\ x + 1 \leq 0 \end{cases}$$

Vamos achar a solução de cada inequação.
4x + 4 ≤ 0
4x ≤ - 4
x ≤ - 4 : 4
x ≤ - 1

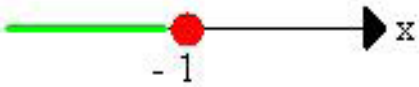

S1 = {x ∈ R | x ≤ - 1}

Fazendo o cálculo da segunda inequação temos:
x + 1 ≤ 0
x ≤ - 1

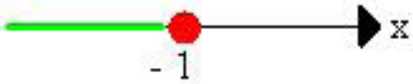

A "bolinha" é fechada, pois o sinal da inequação é igual.
S2 = { x ∈ R | x ≤ - 1}

Calculando agora o CONJUTO SOLUÇÃO da inequação temos:
S = S1 ∩ S2

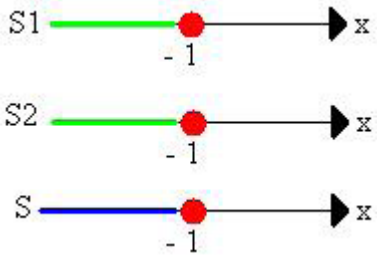

Portanto:
S = { x ∈ R | x ≤ - 1} ou S =] - ∞ ; -1]

Substituindo em A
A=44-26=18
Ou A=44-18=26
Resposta: B.

Inequação 2º grau

Chama-se inequação do 2º grau, toda inequação que pode ser escrita numa das seguintes formas:
$ax^2+bx+c>0$
$ax^2+bx+c\geq 0$
$ax^2+bx+c<0$
$ax^2+bx+c<0$
$ax^2+bx+c\leq 0$
$ax^2+bx+c\neq 0$

Exemplo

Vamos resolver a inequação $3x^2 + 10x + 7 < 0$.

Resolvendo Inequações

Resolver uma inequação significa determinar os valores reais de x que satisfazem a inequação dada.

Assim, no exemplo, devemos obter os valores reais de x que tornem a expressão $3x^2 + 10x + 7$ negativa.

$$\Delta = b^2 - 4ac$$
$$\Delta = 10^2 - 4*3*7$$
$$\Delta = 100 - 84$$
$$\Delta = 16$$

$$x = \frac{-10 \pm \sqrt{16}}{2*3}$$
$$x = \frac{-10 \pm 4}{6}$$
$$x' = \frac{-10+4}{6} = -\frac{6}{6} = -1$$
$$x'' = \frac{-10-4}{6} = -\frac{14}{6} = -\frac{7}{3}$$

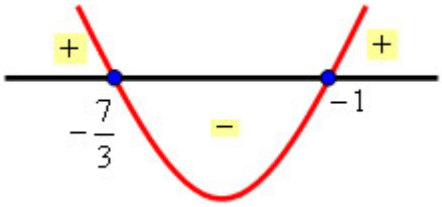

S = {x ∈ R / –7/3 < x < –1}

Sistemas de equações primeiro grau

Duas equações de 1º grau, com duas incógnitas formam um "sistema de equações".

Para encontramos o par ordenado solução de um sistema pode-se utilizar dois métodos para a sua solução.

Esses dois métodos são: Substituição e Adição.

Método da substituição

Esse método consiste em escolher uma das duas equações, isolar uma das incógnitas e substituir na outra equação, veja como:

Dado o sistema $\begin{cases} x + y = 20 \\ 3x + 4y = 72 \end{cases}$, enumeramos as equações.

$$\begin{cases} x + y = 20 \quad 1 \\ 3x + 4y = 72 \quad 2 \end{cases}$$

Escolhemos a equação 1 e isolamos o x:

x + y = 20

x = 20 – y

Agora na equação 2 substituímos o valor de x = 20 – y.

3x + 4 y = 72

3 (20 – y) + 4y = 72

60-3y + 4y = 72

-3y + 4y = 72 – 60

y = 12

Descobrimos o valor de y, para descobrir o valor de x basta substituir 12 na equação

x = 20 – y.

x = 20 – y

x = 20 – 12

x = 8

Portanto, a solução do sistema é S = (8, 12)

Método da adição

Esse método consiste em adicionar as duas equações de tal forma que a soma de uma das incógnitas seja zero. Para que isso aconteça será preciso que multipliquemos algumas vezes as duas equações ou apenas uma equação por números inteiros para que a soma de uma das incógnitas seja zero.

Dado o sistema:

$$\begin{cases} x + y = 20 \\ 3x + 4y = 72 \end{cases}$$

Para adicionarmos as duas equações e a soma de uma das incógnitas de zero, teremos que multiplicar a primeira equação por – 3.

$$\begin{cases} x + y = 20 \quad (-3) \\ 3x + 4y = 72 \end{cases}$$

Agora, o sistema fica assim:

$$\begin{cases} -3x - 3y = -60 \\ 3x + 4y = 72 \end{cases}$$

Adicionando as duas equações:

- 3x – 3y = - 60

\+ 3x + 4y = 72

y = 12

Para descobrirmos o valor de x basta escolher uma das duas equações e substituir o valor de y encontrado:

x + y = 20

x + 12 = 20

x = 20 – 12

x = 8

Portanto, a solução desse sistema é: S = (8, 12).

Se resolver um sistema utilizando qualquer um dois métodos o valor da solução será sempre o mesmo.

(MPE/SP – Oficial de Promotoria I – VUNESP/2016) Um artesão produz três tipos de peças: A, B e C. Em um mesmo dia ele só produz um desses tipos de peça, sendo que ele consegue produzir, por dia, 7 peças do tipo A, ou 10 peças do tipo B, ou 15 do tipo C. Em 30 dias de trabalho, ele produziu um total de 333 peças. O número de dias que ele trabalhou produzindo peças do tipo B foi 13 a mais do que o número de dias trabalhados produzindo peças do tipo A. Nesses 30 dias, o número de peças do tipo C que ele produziu foi

(A) 180.

(B) 135.

(C) 150.

(D) 120.

(E) 165.

Resposta: B.

Sabemos que se somarmos a produção dará 30 dias, e se multiplicarmos as peças pelos dias dará 333 peças produzidas.

$$\begin{cases} A + B + C = 30 & (I) \\ 7A + 10B + 15C = 333 & (II) \\ B = A + 13 & (III) \end{cases}$$

NOVA CONCURSOS

Substituindo III em I
A+A+13+C=30
2A+C=30-13
2A+C=17
C=17-2A (IV)
Substituindo III e IV em II
7A+10(A+13)+15(17-2A)=333
7A+10A +130+255-30A=333
-13A=-52
A=4
Trabalhou 4 dias produzindo a peça A.
C=17-8=9 dias produzindo a peça C
Devemos multiplicar por 15, pois ele produz 15 peças por dia de C
9x15=135 peças

RELAÇÃO E FUNÇÃO: DOMÍNIO, CONTRADOMÍNIO E IMAGEM; FUNÇÃO DO 1º GRAU; FUNÇÃO CONSTANTE;

Diagrama de Flechas

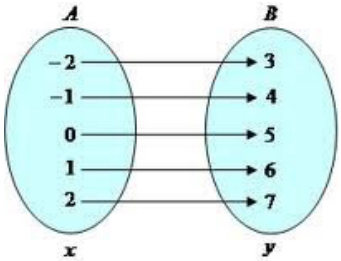

Gráfico Cartesiano

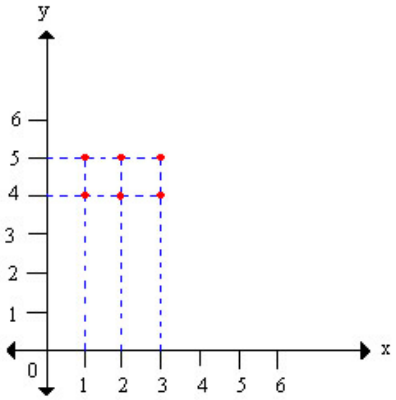

Muitas vezes nos deparamos com situações que envolvem uma relação entre grandezas. Assim, o valor a ser pago na conta de luz depende do consumo medido no período; o tempo de uma viagem de automóvel depende da velocidade no trajeto.

Como, em geral, trabalhamos com funções numéricas, o domínio e a imagem são conjuntos numéricos, e podemos definir com mais rigor o que é uma função matemática utilizando a linguagem da teoria dos conjuntos.

Definição: Sejam A e B dois conjuntos não vazios e f uma relação de A em B.

Essa relação f é uma função de A em B quando a cada elemento x do conjunto A está associado um e apenas um elemento y do conjunto B.

Notação: f:A→B (lê-se função f de A em B)

Domínio, contradomínio, imagem

O **domínio** é constituído por todos os valores que podem ser atribuídos à variável independente. Já a imagem da função é formada por todos os valores correspondentes da variável dependente.

O conjunto A é denominado domínio da função, indicada por D. O domínio serve para definir em que conjunto estamos trabalhando, isto é, os valores possíveis para a variável x.

O conjunto B é denominado **contradomínio**, CD.

Cada elemento x do domínio tem um correspondente y no contradomínio. A esse valor de y damos o nome de **imagem** de x pela função f. O conjunto de todos os valores de y que são imagens de valores de x forma o conjunto imagem da função, que indicaremos por Im.

Exemplo

Com os conjuntos *A={1, 4, 7}* e *B={1, 4, 6, 7, 8, 9, 12}* criamos a função **f: A→B**.definida por *f(x) = x + 5* que também pode ser representada por *y = x + 5*. A representação, utilizando conjuntos, desta função, é:

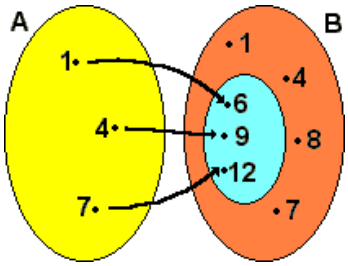

No nosso exemplo, o domínio é *D = {1, 4, 7}*, o contradomínio é = *{1, 4, 6, 7, 8, 9, 12}* e o conjunto imagem é *Im = {6, 9, 12}*

Classificação das funções

Injetora: Quando para ela elementos distintos do domínio apresentam imagens também distintas no contradomínio.

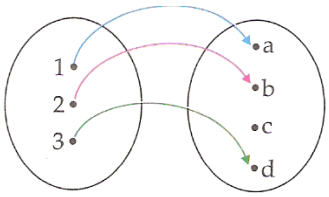

Reconhecemos graficamente uma fu

Sobrejetora: Quando todos os elementos do contradomínio forem imagens de pelo menos um elemento do domínio.

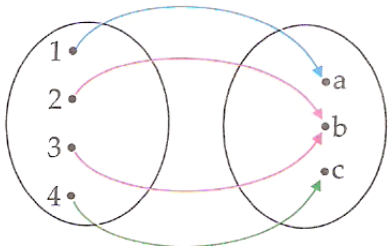

Bijetora: Quando apresentar as características de função injetora e ao mesmo tempo, de sobrejetora, ou seja, elementos distintos têm sempre imagens distintas e todos os elementos do contradomínio são imagens de pelo menos um elemento do domínio.

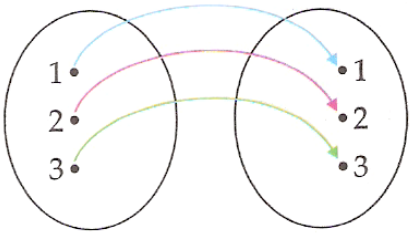

Função 1 grau

A função do 1° grau relacionará os valores numéricos obtidos de expressões algébricas do tipo (ax + b), constituindo, assim, a função f(x) = ax + b.

Estudo dos Sinais

Definimos função como relação entre duas grandezas representadas por x e y. No caso de uma função do 1º grau, sua lei de formação possui a seguinte característica: ***y = ax + b*** ou ***f(x) = ax + b***, onde os coeficientes a e b pertencem aos reais e diferem de zero. Esse modelo de função possui como representação gráfica a figura de uma reta, portanto, as relações entre os valores do domínio e da imagem crescem ou decrescem de acordo com o valor do coeficiente a. Se o coeficiente possui sinal positivo, a função é crescente, e caso ele tenha sinal negativo, a função é decrescente.

Função Crescente: a > 0

De uma maneira bem simples, podemos olhar no gráfico que os valores de y vão crescendo.

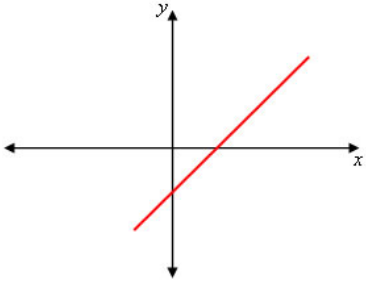

Função Decrescente: a < 0

Nesse caso, os valores de y, caem.

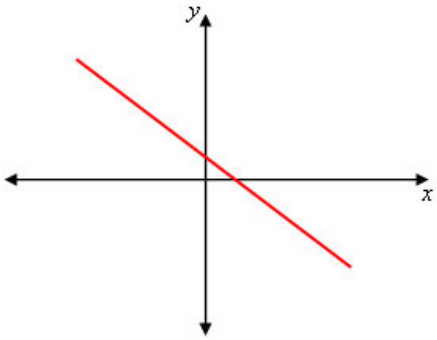

Raiz da função

Calcular o valor da raiz da função é determinar o valor em que a reta cruza o eixo x, para isso consideremos o valor de y igual a zero, pois no momento em que a reta intersecta o eixo x, y = 0. Observe a representação gráfica a seguir:

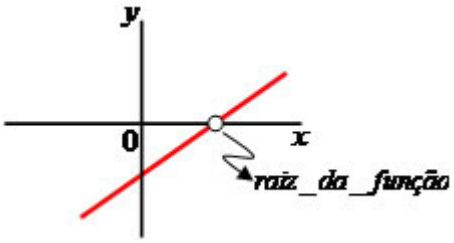

Podemos estabelecer uma formação geral para o cálculo da raiz de uma função do 1º grau, basta criar uma generalização com base na própria lei de formação da função, considerando y = 0 e isolando o valor de x (raiz da função).

X=-b/a

Dependendo do caso, teremos que fazer um sistema com duas equações para acharmos o valor de a e b.

Exemplo:

Dado que f(x)=ax+b e f(1)=3 e f(3)=5, ache a função.

F(1)=1a+b
3=a+b

F(3)=3a+b

5=3a+b

$$\begin{cases} a + b = 3 & (I) \\ 3a + b = 5 & (II) \end{cases}$$

Isolando a em I
a=3-b

Substituindo em II

3(3-b)+b=5
9-3b+b=5
-2b=-4
b=2
Portanto,
a=3-b
a=3-2=1

Assim, f(x)=x+2

Função Quadrática ou Função do 2º grau

Em geral, uma função quadrática ou polinomial do segundo grau tem a seguinte forma:

$f(x)=ax^2+bx+c$, onde $a\neq 0$

$f(x)=a(x-x_1)(x-x_2)$

É essencial que apareça ax^2 para ser uma função quadrática e deve ser o maior termo.

Considerações

Concavidade

A concavidade da parábola é para cima se a>0 e para baixo se a<0

Discriminante(Δ)

$\Delta=b^2-4ac$

$\Delta>0$

A parábola $y=ax^2+bx+c$ intercepta o eixo x em dois pontos distintos, $(x_1,0)$ e $(x_2,0)$, onde x_1 e x_2 são raízes da equação $ax^2+bx+c=0$

$\Delta=0$

Quando $\Delta=0$, a parábola $y=ax^2+bx+c$ é tangente ao eixo x, no ponto $\left(-\frac{b}{2a},0\right)$.

Repare que, quando tivermos o discriminante $\Delta=0$, as duas raízes da equação $ax^2+bx+c=0$ são iguais

$\Delta<0$

A função não tem raízes reais

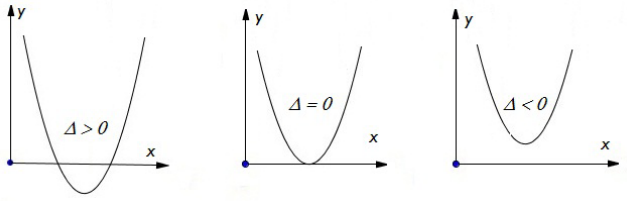

Raízes

$$x=\frac{-b\pm\sqrt{b^2-4ac}}{2a}$$

$$x_1=\frac{-b+\sqrt{b^2-4ac}}{2a}$$

$$x_2=\frac{-b-\sqrt{b^2-4ac}}{2a}$$

Vértices e Estudo do Sinal

Quando a > 0, a parábola tem concavidade voltada para cima e um ponto de mínimo **V**; quando a < 0, a parábola tem concavidade voltada para baixo e um ponto de máximo **V**.

Em qualquer caso, as coordenadas de V são

$\left(-\frac{b}{2a},\ -\frac{\Delta}{4a}\right)$. Veja os gráficos:

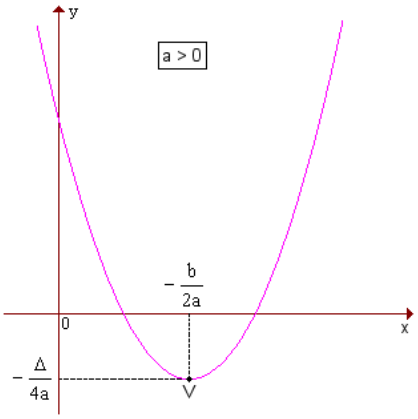

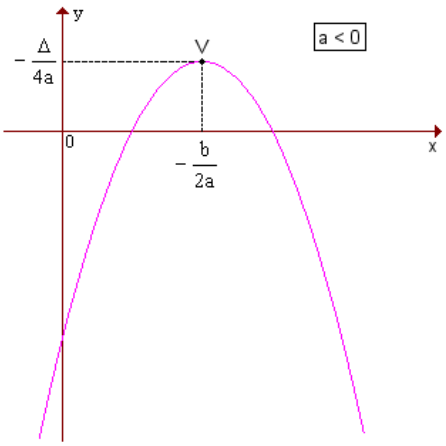

Equação Exponencial

É toda equação cuja incógnita se apresenta no expoente de uma ou mais potências de bases positivas e diferentes de 1.

Exemplo

Resolva a equação no universo dos números reais.

$$125^{x+1} = \frac{1}{\sqrt[3]{625}}$$

Solução

$$S = \{x \in \mathbb{R} | x < \frac{3}{2} ou\ x > 2$$

$$(5^3)^{x+1} = \frac{1}{\sqrt[3]{5^4}}$$

$$5^{3x+3} = 5^{-\frac{4}{3}}$$

$$3x + 3 = -\frac{4}{3}$$

$$x = -\frac{13}{9}$$

Função exponencial

A expressão matemática que define a função exponencial é uma potência. Nesta potência, a base é um número real positivo e diferente de 1 e o expoente é uma variável.

Função crescente

Se $a > 1$ temos uma função exponencial crescente, qualquer que seja o valor real de x.

No gráfico da função ao lado podemos observar que à medida que x aumenta, também aumenta f(x) ou y. Graficamente vemos que a curva da função é crescente.

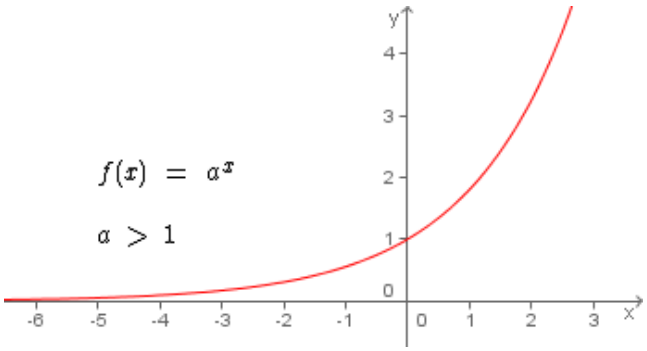

Função decrescente

Se $0 < a < 1$ temos uma função exponencial decrescente em todo o domínio da função.

Neste outro gráfico podemos observar que à medida que x aumenta, y diminui. Graficamente observamos que a curva da função é decrescente.

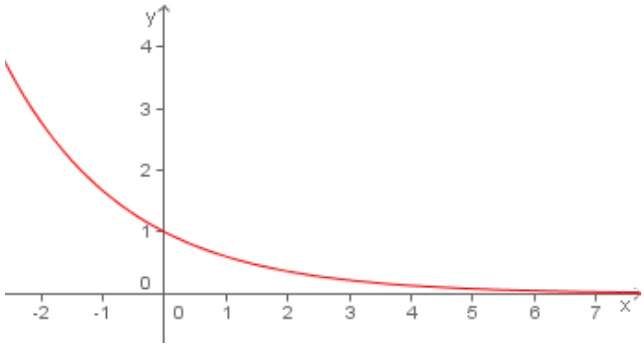

A Constante de Euler

É definida por :

e = exp(1)

O número e é um número irracional e positivo e em função da definição da função exponencial, temos que:

Ln(e) = 1

Este número é denotado por e em homenagem ao matemático suíço Leonhard Euler (1707-1783), um dos primeiros a estudar as propriedades desse número.

O valor deste número expresso com 10 dígitos decimais, é:

e = 2,7182818284

Se x é um número real, a função exponencial exp(.) pode ser escrita como a potência de base e com expoente x, isto é:

$e^x = \exp(x)$

Propriedades dos expoentes

Se a, x e y são dois números reais quaisquer e k é um número racional, então:

- $a^x\ a^y = a^{x+y}$
- $a^x / a^y = a^{x-y}$
- $(a^x)^y = a^{x.y}$
- $(a\ b)^x = a^x\ b^x$
- $(a / b)^x = a^x / b^x$
- $a^{-x} = 1 / a^x$

Dado um número real x, o módulo de x, denotado por $|x|$ é igual a x se x≥0 e igual a –x se x<0.

$$|x| = \begin{cases} x, se\ x \geq 0 \\ -x, se\ x < 0 \end{cases}$$

NOVA CONCURSOS

Equação Modular

Toda equação em que a variável aparece em módulo. Sua solução é obtida aplicando-se a definição de módulo.

Exemplo

$$Resolva\ em\ R: |2x-4| = |x+2|$$

Solução

$$\begin{cases} 2x-4 = x+2 \\ 2x-4 = -x-2 \end{cases}$$

2x-4=x+2
X=6
2x-4=-x-2
3x=2
X=2/3
S={2/3, 6}

Inequação Modular

Para resolver uma inequação modular, empregamos inicialmente a propriedade seguinte, obtendo as inequações equivalentes de resoluções conhecidas.

$$|x-a| \leq b \leftrightarrow -b \leq x-a \leq b \leftrightarrow a-b \leq x \leq a+b$$

$$|x| \geq b \leftrightarrow x \leq -b\ ou\ x \geq b$$

Exemplo
Resolva as inequações:
a) $|x| \geq 2$
b) $|2x+5| < 3$

Solução
a) x≤-2 ou x≥2
S={x∈R| x≤-2 ou x≥2}

b) -3<2x+5<3
-3-5<2x<3-5
-8<2x<-2
-4<x<-1
S={x∈R|-4<x<-1}

Função Modular

$Uma\ função\ f: R \rightarrow R$ dada por f(x)=|x| denomina-se função modular.

As principais características dessa função modular são:
-domínio:R
-imagem:R_+

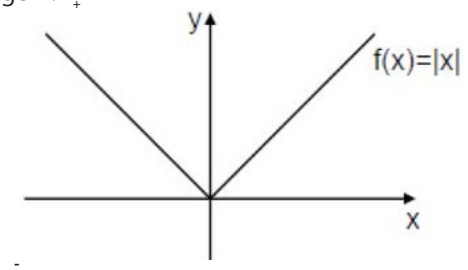

Exemplo
Faça o gráfico da função f(x)=|x^2-5x+4|

Solução
Primeiramente, fazemos o gráfico da função sem o módulo:f(x)=x^2-5x+4

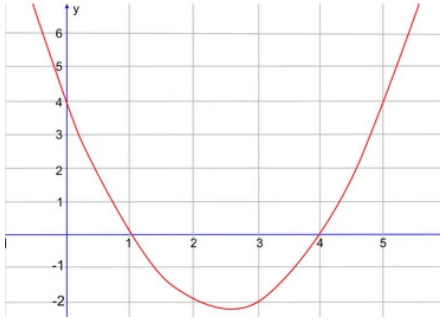

O gráfico da função f(x)=|x^2-5x+4| será

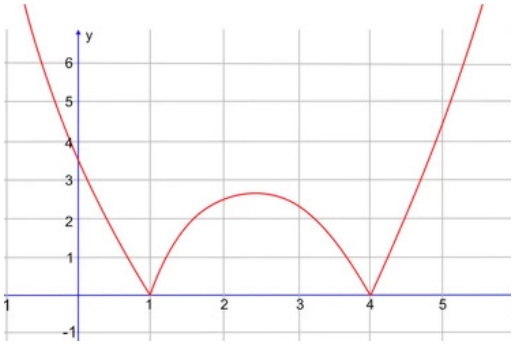

Considerando-se dois números N e a reais e positivos, com a ≠1, existe um número c tal que:

$$a^c = N$$

A esse expoente c damos o nome de logaritmo de N na base a

$$\log_a N = c \leftrightarrow a^c = N$$

Ainda com base na definição podemos estabelecer condições de existência:

$$\log_a N = c, N > 0, a > 0\ e\ a \neq 1$$

Exemplo

$$\log_2 8 = c$$

$$2^c = 8$$

$$2^c = 2^3$$

$$c = 3$$

Consequências da Definição

1. $\log_a a = 1$

2. $\log_a 1 = 0$

3. $\log_a a^m = m$

4. $\log_a \frac{1}{a} = -1$

5. $a^{\log_a N} = N$

Propriedades

$$\log_a\left(\frac{M}{N}\right) = \log_a M - \log_a N$$

$$\log_a M^b = b \cdot \log_a M$$

$$\log_a \sqrt[q]{M^p} = \frac{p}{q}\log_a M (q \neq 0)$$

Mudança de Base

$$\log_a N = \frac{\log_b N}{\log_b a}, (b > 0 \ e \ b \neq 1)$$

Exemplo
Dados log 2=0,3010 e log 3=0,4771, calcule:
a)log 6
b) log1,5
c) log 16

Solução
a) Log6=log2 · 3=log2+log3=0,3010+0,4771=0,7781

b) $\log 1{,}5 = \log\frac{3}{2} = \log 3 - log2 = 0{,}1761$

c) $\log 16 = \log 2^4 = 4\log 2 = 1{,}2040$

Função Logarítmica

Uma função $f: R_+^* \to R$ dada por $f(x) = \log_a x$, em que a constante a é positiva e diferente de 1, denomina-se função logarítmica.

$$f(x) = \log_a x \ (a > 0 \ e \ a \neq 1)$$

$$D = R_+^* \ e \ Im = R$$

(y = $\log_a$ x)

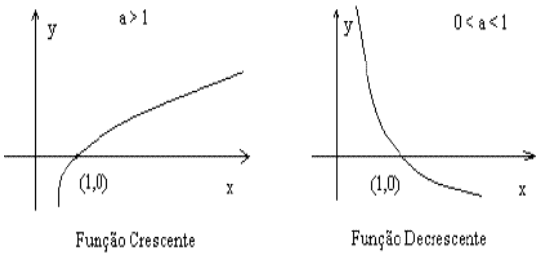

RAZÃO E PROPORÇÃO;

Razão

Sejam dois números reais *a* e *b*, com *b ≠ 0*. Chama-se razão entre *a* e *b* (nessa ordem) o quociente a b, ou .

A razão é representada por um número racional, mas é lida de modo diferente.

Exemplos

a) A fração $\frac{3}{5}$ lê-se: "três quintos".

b) A razão $\frac{3}{5}$ lê-se: "3 para 5".

Os termos da razão recebem nomes especiais.

a) Na fração $\frac{3}{5}$ — O número 3 é **numerador**; O número 5 é **denominador**

a) Na razão $\frac{3}{5}$ — O número 3 é **antecedente**; O número 5 é **consequente**

Exemplo 1

A razão entre 20 e 50 é $\frac{20}{50} = \frac{2}{5}$; já a razão entre 50 e 20 é $\frac{50}{20} = \frac{5}{2}$.

Exemplo 2

Numa classe de 42 alunos há 18 rapazes e 24 moças. A razão entre o número de rapazes e o número de moças é $\frac{18}{24} = \frac{3}{4}$, o que significa que para "cada 3 rapazes há 4 moças". Por outro lado, a razão entre o número de rapazes e o total de alunos é dada por $\frac{18}{42} = \frac{3}{7}$, o que equivale a dizer que "de cada 7 alunos na classe, 3 são rapazes".

Razão entre grandezas de mesma espécie

A razão entre duas grandezas de mesma espécie é o quociente dos números que expressam as medidas dessas grandezas numa mesma unidade.

Exemplo

Uma sala tem 18 m². Um tapete que ocupar o centro dessa sala mede 384 dm². Vamos calcular a razão entre a área do tapete e a área da sala.

NOVA CONCURSOS

Primeiro, devemos transformar as duas grandezas em uma mesma unidade:

Área da sala: 18 m^2 = 1 800 dm^2

Área do tapete: 384 dm^2

Estando as duas áreas na mesma unidade, podemos escrever a razão:

$$\frac{384dm^2}{1800dm^2} = \frac{384}{1800} = \frac{16}{75}$$

Razão entre grandezas de espécies diferentes

Exemplo 1

Considere um carro que às 9 horas passa pelo quilômetro 30 de uma estrada e, às 11 horas, pelo quilômetro 170.

Distância percorrida: 170 km – 30 km = 140 km

Tempo gasto: 11h – 9h = 2h

Calculamos a razão entre a distância percorrida e o tempo gasto para isso:

$$\frac{140km}{2h} = 70km/h$$

A esse tipo de razão dá-se o nome de **velocidade média**.

Observe que:

- as grandezas "quilômetro e hora" são de naturezas diferentes;
- a notação km/h (lê-se: "quilômetros por hora") deve acompanhar a razão.

Exemplo 2

A Região Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) tem uma área aproximada de 927 286 km^2 e uma população de 66 288 000 habitantes, aproximadamente, segundo estimativas projetadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 1995.

Dividindo-se o número de habitantes pela área, obteremos o número de habitantes por km^2 (hab./km^2):

$$\frac{6628000}{927286} \cong 71{,}5hab./km^2$$

A esse tipo de razão dá-se o nome de **densidade demográfica**.

A notação hab./km^2 (lê-se: "habitantes por quilômetro quadrado") deve acompanhar a razão.

Exemplo 3

Um carro percorreu, na cidade, 83,76 km com 8 L de gasolina. Dividindo-se o número de quilômetros percorridos pelo número de litros de combustível consumidos, teremos o número de quilômetros que esse carro percorre com um litro de gasolina:

$$\frac{83{,}76km}{8l} \cong 10{,}47km/l$$

A esse tipo de razão dá-se o nome de **consumo médio**.

A notação km/l (lê-se: "quilômetro por litro") deve acompanhar a razão.

Exemplo 4

Uma sala tem 8 m de comprimento. Esse comprimento é representado num desenho por 20 cm. Qual é a escala do desenho?

$$Escala = \frac{comprimento \bullet no \bullet desenho}{comprimento \bullet real} = \frac{20cm}{8m} = \frac{20cm}{800cm} = \frac{1}{40} ou 1:40$$

A razão entre um comprimento no desenho e o correspondente comprimento real, chama-se **Escala.**

Proporção

A igualdade entre duas razões recebe o nome de **proporção**.

Na proporção $\frac{3}{5} = \frac{6}{10}$ (lê-se: "3 está para 5 assim como 6 está para 10"), os números 3 e 10 são chamados extremos, e os números 5 e 6 são chamados meios.

Observemos que o produto 3 x 10 = 30 é igual ao produto 5 x 6 = 30, o que caracteriza a propriedade fundamental das proporções:

"Em toda proporção, o produto dos meios é igual ao produto dos extremos".

Exemplo 1

Na proporção $\frac{2}{3} = \frac{6}{9}$, temos 2 x 9 = 3 x 6 = 18;

e em $\frac{1}{4} = \frac{4}{16}$, temos 4 x 4 = 1 x 16 = 16.

Exemplo 2

Na bula de um remédio pediátrico recomenda-se a seguinte dosagem: 5 gotas para cada 2 kg do "peso" da criança.

Se uma criança tem 12 kg, a dosagem correta *x* é dada por:

$$\frac{5gotas}{2kg} = \frac{x}{12kg} \rightarrow x = 30gotas$$

Por outro lado, se soubermos que foram corretamente ministradas 20 gotas a uma criança, podemos concluir que seu "peso" é 8 kg, pois:

$$\frac{5gotas}{2kg} = 20gotas/p \rightarrow p = 8kg$$

(nota: o procedimento utilizado nesse exemplo é comumente chamado de regra de três simples.)

Propriedades da Proporção

O produto dos extremos é igual ao produto dos meios: essa propriedade possibilita reconhecer quando duas razões formam ou não uma proporção.

$\frac{4}{3} e \frac{12}{9}$ formam uma proporção, pois

Produtos dos extremos $\leftarrow \underbrace{4.9}_{36} = \underbrace{3.12}_{36} \rightarrow$ Produtos dos meios.

A soma dos dois primeiros termos está para o primeiro (ou para o segundo termo) assim como a soma dos dois últimos está para o terceiro (ou para o quarto termo).

$$\frac{5}{2} = \frac{10}{4} \Rightarrow \left\{ \frac{5+2}{5} = \frac{10+4}{10} \Rightarrow \frac{7}{5} = \frac{14}{10} \right.$$

ou

$$\frac{5}{2} = \frac{10}{4} \Rightarrow \left\{ \frac{5+2}{2} = \frac{10+4}{4} \Rightarrow \frac{7}{2} = \frac{14}{4} \right.$$

A diferença entre os dois primeiros termos está para o primeiro (ou para o segundo termo) assim como a diferença entre os dois últimos está para o terceiro (ou para o quarto termo).

$$\frac{4}{3} = \frac{8}{6} \Rightarrow \left\{ \frac{4-3}{4} = \frac{8-6}{8} \Rightarrow \frac{1}{4} = \frac{2}{8} \right.$$

ou

$$\frac{4}{3} = \frac{8}{6} \Rightarrow \left\{ \frac{4-3}{3} = \frac{8-6}{6} \Rightarrow \frac{1}{3} = \frac{2}{6} \right.$$

A soma dos antecedentes está para a soma dos consequentes assim como cada antecedente está para o seu consequente.

$$\frac{12}{8} = \frac{3}{2} \Rightarrow \left\{ \frac{12+3}{8+2} = \frac{12}{8} \Rightarrow \frac{15}{10} = \frac{12}{8} \right.$$

ou

$$\frac{12}{8} = \frac{3}{2} \Rightarrow \left\{ \frac{12+3}{8+2} = \frac{3}{2} \Rightarrow \frac{15}{10} = \frac{3}{2} \right.$$

A diferença dos antecedentes está para a diferença dos consequentes assim como cada antecedente está para o seu consequente.

$$\frac{3}{15} = \frac{1}{5} \Rightarrow \left\{ \frac{3-1}{15-5} = \frac{3}{15} \Rightarrow \frac{2}{10} = \frac{3}{15} \right.$$

ou

$$\frac{3}{15} = \frac{1}{5} \Rightarrow \left\{ \frac{3-1}{15-5} = \frac{1}{5} \Rightarrow \frac{2}{10} = \frac{1}{5} \right.$$

Questões

1 - (VUNESP - AgSegPenClasseI-V1 - 2012) – Em um concurso participaram 3000 pessoas e foram aprovadas 1800. A razão do número de candidatos aprovados para o total de candidatos participantes do concurso é:

A) 2/3
B) 3/5
C) 5/10
D) 2/7
E) 6/7

2 – (VNSP1214/001-AssistenteAdministrativo-I – 2012) – Em uma padaria, a razão entre o número de pessoas que tomam café puro e o número de pessoas que tomam café com leite, de manhã, é 2/3. Se durante uma semana, 180 pessoas tomarem café de manhã nessa padaria, e supondo que essa razão permaneça a mesma, pode-se concluir que o número de pessoas que tomarão café puro será:

A) 72
B) 86
C) 94
D) 105
E) 112

3 - (PREF. NEPOMUCENO/MG – TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO – CONSULPLAN/2013) Num zoológico, a razão entre o número de aves e mamíferos é igual à razão entre o número de anfíbios e répteis. Considerando que o número de aves, mamíferos e anfíbios são, respectivamente, iguais a 39, 57 e 26, quantos répteis existem neste zoológico?

A) 31
B) 34
C) 36
D) 38
E) 43

4 - (TRT - Técnico Judiciário) Na figura abaixo, os pontos E e F dividem o lado AB do retângulo ABCD em segmentos de mesma medida.

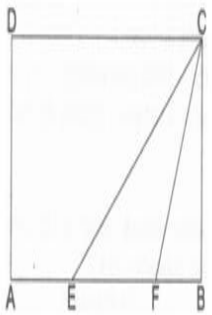

A razão entre a área do triângulo (CEF) e a área do retângulo é:

a) 1/8
b) 1/6
c) 1/2
d) 2/3
e) 3/4

5 - (CREFITO/SP – ALMOXARIFE – VUNESP/2012) Na biblioteca de uma faculdade, a relação entre a quantidade de livros e de revistas era de 1 para 4. Com a compra de novos exemplares, essa relação passou a ser de 2 para 3.

Assinale a única tabela que está associada corretamente a essa situação.

A)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	50	200
Após a compra	200	300

B)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	50	200
Após a compra	300	200

C)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	200	50
Após a compra	200	300

D)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	200	50
Após a compra	300	200

E)

	Nº de livros	Nº de revistas
Antes da compra	200	200
Após a compra	50	300

6 **- (**CREFITO/SP – ALMOXARIFE – VUNESP/2012) Uma rede varejista teve um faturamento anual de 4,2 bilhões de reais com 240 lojas em um estado. Considerando que esse faturamento é proporcional ao número de lojas, em outro estado em que há 180 lojas, o faturamento anual, em bilhões de reais, foi de

A) 2,75
B) 2,95
C) 3,15
D) 3,35
E) 3,55

7 - **(**PREF. IMARUÍ – AGENTE EDUCADOR – PREF. IMARUÍ/2014) De cada dez alunos de uma sala de aula, seis são do sexo feminino. Sabendo que nesta sala de aula há dezoito alunos do sexo feminino, quantos são do sexo masculino?

A) Doze alunos.
B) Quatorze alunos.
C) Dezesseis alunos.
D) Vinte alunos.

8 - (TJ/SP – ESCREVENTE TÉCNICO JUDICIÁRIO – VUNESP/2013) Em um dia de muita chuva e trânsito caótico, 2/5 dos alunos de certa escola chegaram atrasados, sendo que 1/4 dos atrasados tiveram mais de 30 minutos de atraso. Sabendo que todos os demais alunos chegaram no horário, pode-se afirmar que nesse dia, nessa escola, a razão entre o número de alunos que chegaram com mais de 30 minutos de atraso e número de alunos que chegaram no horário, nessa ordem, foi de

A) 2:3
B) 1:3
C) 1:6
D) 3:4
E) 2:5

9 - (PMPP1101/001-Escriturário-I-manhã – 2012) – A razão entre as idades de um pai e de seu filho é hoje de 5/2. Quando o filho nasceu, o pai tinha 21 anos. A idade do filho hoje é de

A) 10 anos
B) 12 anos
C) 14 anos
D) 16 anos
E) 18 anos

10 - (FAPESP – ANALISTA ADMINISTRATIVO – VUNESP/2012) Em uma fundação, verificou-se que a razão entre o número de atendimentos a usuários internos e o número de atendimento total aos usuários (internos e externos), em um determinado dia, nessa ordem, foi de 3/5. Sabendo que o número de usuários externos atendidos foi 140, pode-se concluir que, no total, o número de usuários atendidos foi

A) 84
B) 100
C) 217
D) 280
E) 350

Respostas

1 – Resposta "B"

$$\frac{número\ de\ candidatos\ aprovados}{número\ total\ de\ candidatos} = \frac{1800}{3000} = \frac{18^3}{30^5} = \frac{3}{5}$$

2 – Resposta "A"

Sejam CP e CL o número de pessoas que consumiram café puro e café com leite respectivamente. Como na semana o número total de pessoas que consumiram café foi de 180, temos que:

CP+CL = 180

A relação encontrada entre eles é de $\frac{2}{3}$; $\frac{CP}{CL} = \frac{2}{3}$ assim aplicando a propriedade da proporção teremos:

$$\frac{CP+CL}{CP} = \frac{2+3}{2} \rightarrow \frac{180}{CP} = \frac{5}{2} \rightarrow 180.2 = CP.5 \rightarrow CP = \frac{360}{5} \rightarrow CP = 72$$

3 - RESPOSTA: "D"

$$\frac{Aves}{mamíferos} = \frac{anfíbios}{répteis}$$

$\frac{39}{57} = \frac{26}{répteis}$ ∴ Aplicando-se o produto dos meios pelos extremos temos:

$$répteis = 57 \cdot \frac{26}{39} = 38$$

4 - Resposta "B"

04) $A = x \cdot y A\Delta = \frac{1}{2} \cdot \frac{x}{3} \cdot y = \frac{xy}{6}$

$\frac{x}{3} \frac{x}{3} \frac{x}{3} \frac{A\Delta}{A} = \frac{6}{xy} = \frac{1}{6}$

5 - RESPOSTA: "A"

Para cada 1 livro temos 4 revistas

Significa que o número de revistas é 4x o número de livros.

50 livros: 200 revistas

Depois da compra

2 livros :3 revistas

200 livros: 300 revistas

NOVA CONCURSOS

6 - RESPOSTA: "C"

$$\frac{4{,}2}{240} = \frac{x}{180}$$

240.x = 4,2.180 → 240x = 756 → x = 3,15 bilhões

7 - RESPOSTA: "A"

Como 6 são do sexo feminino, 4 são do sexo masculino(10-6 = 4) .Então temos a seguinte razão: $\frac{6}{4}$

$$\frac{6}{4} = \frac{18}{x} \Rightarrow 6x = 72 \Rightarrow x = 12$$

8- RESPOSTA: "C"

Se 2/5 chegaram atrasados

$1 - \frac{2}{5} = \frac{3}{5}$ chegaram no horário

$\frac{2}{5} \cdot \frac{1}{4} = \frac{1}{10}$ tiveram mais de 30 minutos de atraso

$$razão = \frac{tiveram\ mais\ de\ 30\ \min\ de\ atraso}{chegaram\ no\ horário} = \frac{\frac{1}{10}}{\frac{3}{5}}$$

$$razão = \frac{1}{10} \cdot \frac{5}{3} = \frac{1}{6}\ ou\ 1:6$$

9 – RESPOSTA: "C"

A razão entre a idade do pai e do filho é respectivamente $\frac{P}{F} = \frac{5}{2}$, se quando o filho nasceu o pai tinha 21, significa que hoje o pai tem x + 21 , onde x é a idade do filho. Montando a proporção teremos:

$$\frac{x+21}{x} = \frac{5}{2} \Rightarrow 2.(x+21) = 5x \Rightarrow 2x + 42$$
$$= 5x \Rightarrow 5x - 2x = 42 \Rightarrow 3x = 42 \Rightarrow x = \frac{42}{3}$$

$$x = 14\ anos$$

10 - RESPOSTA: "E"

Usuários internos: I

Usuários externos : E

$\frac{I}{I+E} = \frac{3}{5} = \frac{I}{I+140}$ ➔ 5I = 3I+420 ➔2I = 420 ➔I = 210

I+E = 210+140 = 350

GRANDEZAS PROPORCIONAIS;

NÚMEROS DIRETAMENTE PROPORCIONAIS

Considere a seguinte situação:

Joana gosta de queijadinha e por isso resolveu aprender a fazê-las. Adquiriu a receita de uma amiga. Nessa receita, os ingredientes necessários são:

3 ovos
1 lata de leite condensado
1 xícara de leite
2 colheres das de sopa de farinha de trigo
1 colher das de sobremesa de fermento em pó
1 pacote de coco ralado
1 xícara de queijo ralado
1 colher das de sopa de manteiga

Veja que:

- Para se fazerem 2 receitas seriam usados 6 ovos para 4 colheres de farinha;
- Para se fazerem 3 receitas seriam usados 9 ovos para 6 colheres de farinha;
- Para se fazerem 4 receitas seriam usados 12 ovos para 8 colheres de farinha;
- Observe agora as duas sucessões de números:

Sucessão do número de ovos:	6	9	12
Sucessão do número de colheres de farinha:	4	6	8

Nessas sucessões as razões entre os termos correspondentes são iguais:

$\frac{6}{4} = \frac{3}{2}$ $\frac{9}{6} = \frac{3}{2}$ $\frac{12}{8} = \frac{3}{2}$

Assim: $\frac{6}{4} = \frac{9}{6} = \frac{12}{8} = \frac{3}{2}$

Dizemos, então, que:

- os números da sucessão 6, 9, 12 são **diretamente proporcionais** aos da sucessão 4, 6, 8;
- o número $\frac{3}{2}$, que é a razão entre dois termos correspondentes, é chamado **fator de proporcionalidade**.

Duas sucessões de números não-nulos são diretamente proporcionais quando as razões entre cada termo da primeira sucessão e o termo correspondente da segunda sucessão são iguais.

Exemplo 1: Vamos determinar *x* e *y*, de modo que as sucessões sejam diretamente proporcionais:

2	8	*y*
3	*x*	21

Como as sucessões são diretamente proporcionais, as razões são iguais, isto é:

$$\frac{2}{3}=\frac{8}{x}=\frac{y}{21}$$

$\frac{2}{3}=\frac{8}{x}$

2x = 3 . 8

2x = 24

$x=\frac{24}{2}$

x=12

$\frac{2}{3}=\frac{y}{21}$

3y = 2 . 21

3y = 42

$y=\frac{42}{3}$

y=14

Logo, *x* = 12 e *y* = 14

Exemplo 2: Para montar uma pequena empresa, Júlio, César e Toni formaram uma sociedade. Júlio entrou com R$ 24.000,00, César com R$ 27.000,00 e Toni com R$ 30.000,00. Depois de 6 meses houve um lucro de R$ 32.400,00 que foi repartido entre eles em partes diretamente proporcionais à quantia investida. Calcular a parte que coube a cada um.

Solução:

Representando a parte de Júlio por *x*, a de César por *y*, e a de Toni por *z*, podemos escrever:

$$\left\{\begin{array}{l} x+y+z=32400 \\ \frac{x}{24000}=\frac{y}{27000}=\frac{z}{30000} \end{array}\right\}$$

$$\frac{x}{24000}=\frac{y}{27000}=\frac{z}{30000}=\frac{\overbrace{x+y+z}^{32400}}{\underbrace{24000+27000+30000}_{81000}}$$

Resolvendo as proporções:

$$\frac{x}{24000}=\frac{\cancel{32400}^{4}}{\cancel{81000}^{10}}$$

10x = 96 000

x = 9 600

$$\frac{y}{27000}=\frac{4}{10}$$

10y = 108 000

y = 10 800

$$\frac{z}{3000}=\frac{4}{10}$$

10z = 120 000

z = 12 000

Logo, Júlio recebeu R$ 9.600,00, César recebeu R$ 10.800,00 e Toni, R$ 12.000,00.

Números Inversamente Proporcionais

Considere os seguintes dados, referentes à produção de sorvete por uma máquina da marca x-5:

1 máquina x-5 produz 32 litros de sorvete em 120 min.
2 máquinas x-5 produzem 32 litros de sorvete em 60 min.
4 máquinas x-5 produzem 32 litros de sorvete em 30 min.
6 máquinas x-5 produzem 32 litros de sorvete em 20 min.

Observe agora as duas sucessões de números:

Sucessão do número de máquinas: 1 2 4 6
Sucessão do número de minutos: 120 60 30 20

Nessas sucessões as razões entre cada termo da primeira sucessão e o inverso do termo correspondente da segunda são iguais:

$$\frac{1}{\frac{1}{120}}=\frac{2}{\frac{1}{60}}=\frac{4}{\frac{1}{30}}=\frac{6}{\frac{1}{20}}=120$$

Dizemos, então, que:

- os números da sucessão 1, 2, 4, 6 são inversamente proporcionais aos da sucessão 120, 60, 30, 20;
- o número 120, que é a razão entre cada termo da primeira sucessão e o inverso do seu correspondente na segunda, é chamado fator de proporcionalidade.

Observando que

$\frac{1}{\frac{1}{20}}$ é o mesmo que 1.120=120 $\frac{4}{\frac{1}{30}}$ é mesmo que 4.30=120

$\frac{2}{\frac{1}{60}}$ é o mesmo que 2.60=120 $\frac{6}{\frac{1}{20}}$ é o mesmo que 6.20= 120

Podemos dizer que: Duas sucessões de números não-nulos são inversamente proporcionais quando os produtos de cada termo da primeira sucessão pelo termo correspondente da segunda sucessão são iguais.

Exemplo 1: Vamos determinar *x* e *y*, de modo que as sucessões sejam inversamente proporcionais:

4	*x*	8
20	16	*y*

Para que as sucessões sejam inversamente proporcionais, os produtos dos termos correspondentes deverão ser iguais. Então devemos ter:

4 . 20 = 16 . x = 8 . y

16 . x = 4 . 20
16x = 80
x = 80/16
x = 5

8 . y = 4 . 20
8y = 80
y = 80/8
y = 10

Logo, x = 5 e y = 10.

NOVA CONCURSOS

Exemplo 2: Vamos dividir o número 104 em partes inversamente proporcionais aos números 2, 3 e 4.

Representamos os números procurados por *x*, *y* e *z*. E como as sucessões (*x, y, z*) e (2, 3, 4) devem ser inversamente proporcionais, escrevemos:

$$\frac{x}{\frac{1}{2}} = \frac{y}{\frac{1}{3}} = \frac{z}{\frac{1}{4}} \qquad \frac{x}{\frac{1}{2}} = \frac{y}{\frac{1}{3}} = \frac{z}{\frac{1}{4}} = \frac{\overbrace{x+y+z}^{104}}{\frac{1}{2}+\frac{1}{3}+\frac{1}{4}}$$

Como, $\frac{104}{\frac{1}{2}+\frac{1}{3}+\frac{1}{4}} = \frac{104}{\frac{6+4+3}{12}} = \frac{104}{\frac{13}{12}} = 104 : \frac{13}{12} = 104^{8} . \frac{12}{13^{1}} = \frac{96}{1}$, vem

$$x = 96^{48} . \frac{1}{2^{1}} \qquad y = 96^{32} . \frac{1}{3^{1}} \qquad z = 96^{24} . \frac{1}{4^{1}}$$

x = 48 y = 32 z = 24

Logo, os números procurados são 48, 32 e 24.

Grandezas Diretamente Proporcionais

Considere uma usina de açúcar cuja produção, nos cinco primeiros dias da safra de 2005, foi a seguinte:

Dias	Sacos de açúcar
1	5 000
2	10 000
3	15 000
4	20 000
5	25 000

Com base na tabela apresentada observamos que:

- duplicando o número de dias, duplicou a produção de açúcar;
- triplicando o número de dias, triplicou a produção de açúcar, e assim por diante.

Nesse caso dizemos que as grandezas **tempo** e **produção** são **diretamente proporcionais**.

Observe também que, duas a duas, as razões entre o número de dias e o número de sacos de açúcar são iguais:

$$\frac{1}{2} = \frac{5000}{10000} \quad \frac{1}{4} = \frac{5000}{20000} \quad \frac{2}{3} = \frac{10000}{15000} \quad \frac{2}{5} = \frac{10000}{25000} \quad \frac{3}{5} = \frac{15000}{25000}$$

$$\frac{1}{3} = \frac{5000}{15000} \quad \frac{1}{5} = \frac{5000}{25000} \quad \frac{2}{4} = \frac{10000}{20000} \quad \frac{3}{4} = \frac{15000}{20000} \quad \frac{4}{5} = \frac{20000}{25000}$$

Isso nos leva a estabelecer que: Duas grandezas são diretamente proporcionais quando a razão entre os valores da primeira é igual à razão entre os valores da segunda.

Tomemos agora outro exemplo.

Com 1 tonelada de cana-de-açúcar, uma usina produz 70l de álcool.

De acordo com esses dados podemos supor que:

- com o dobro do número de toneladas de cana, a usina produza o dobro do número de litros de álcool, isto é, 140l;
- com o triplo do número de toneladas de cana, a usina produza o triplo do número de litros de álcool, isto é, 210l.

Então concluímos que as grandezas quantidade de cana-de-açúcar e número de litros de álcool são **diretamente proporcionais.**

Grandezas Inversamente Proporcionais

Considere uma moto cuja velocidade média e o tempo gasto para percorrer determinada distância encontram-se na tabela:

Velocidade	Tempo
30 km/h	12 h
60 km/h	6 h
90 km/h	4 h
120 km/h	3 h

Com base na tabela apresentada observamos que:

- duplicando a velocidade da moto, o número de horas fica reduzido à metade;
- triplicando a velocidade, o número de horas fica reduzido à terça parte, e assim por diante.

Nesse caso dizemos que as grandezas **velocidade** e **tempo** são **inversamente proporcionais**.

Observe que, duas a duas, as razões entre os números que indicam a velocidade são iguais ao inverso das razões que indicam o tempo:

$\frac{30}{60} = \frac{6}{12}$ inverso da razão $\frac{12}{6}$

$\frac{30}{90} = \frac{4}{12}$ inverso da razão $\frac{12}{4}$

$\frac{30}{120} = \frac{3}{12}$ inverso da razão $\frac{12}{3}$

$\frac{60}{90} = \frac{4}{6}$ inverso da razão $\frac{6}{4}$

$\frac{60}{120} = \frac{3}{6}$ inverso da razão $\frac{6}{3}$

$\frac{90}{120} = \frac{3}{6}$ inverso da razão $\frac{4}{3}$

Podemos, então, estabelecer que: Duas grandezas são inversamente proporcionais quando a razão entre os valores da primeira é igual ao inverso da razão entre os valores da segunda.

Acompanhe o exemplo a seguir:

Cinco máquinas iguais realizam um trabalho em 36 dias. De acordo com esses dados, podemos supor que:

- o dobro do número de máquinas realiza o mesmo trabalho na metade do tempo, isto é, 18 dias;
- o triplo do número de máquinas realiza o mesmo trabalho na terça parte do tempo, isto é, 12 dias.

Então concluímos que as grandezas **quantidade de máquinas** e **tempo** são **inversamente proporcionais**.

QUESTÕES

1 - (PGE/BA – ASSISTENTE DE PROCURADORIA – FCC/2013) Uma faculdade irá inaugurar um novo espaço para sua biblioteca, composto por três salões. Estima-se que, nesse espaço, poderão ser armazenados até 120.000 livros, sendo 60.000 no salão maior, 15.000 no menor e os demais no intermediário. Como a faculdade conta atualmente com apenas 44.000 livros, a bibliotecária decidiu colocar, em cada salão, uma quantidade de livros diretamente proporcional à respectiva capacidade máxima de armazenamento. Considerando a estimativa feita, a quantidade de livros que a bibliotecária colocará no salão intermediário é igual a

A) 17.000.
B) 17.500.
C) 16.500.
D) 18.500.
E) 18.000.

2 - (PREF. PAULISTANA/PI – PROFESSOR DE MATEMÁTICA – IMA/2014) Uma herança de R$ 750.000,00 deve ser repartida entre três herdeiros, em partes proporcionais a suas idades que são de 5, 8 e 12 anos. O mais velho receberá o valor de:

A) R$ 420.000,00
B) R$ 250.000,00
C) R$ 360.000,00
D) R$ 400.000,00
E) R$ 350.000,00

3 - (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) Uma empresa foi constituída por três sócios, que investiram, respectivamente, R$60.000,00, R$40.000,00 e R$20.000,00. No final do primeiro ano de funcionamento, a empresa obteve um lucro de R$18.600,00 para dividir entre os sócios em quantias diretamente proporcionais ao que foi investido. O sócio que menos investiu deverá receber

A) R$2.100,00.
B) R$2.800,00.
C) R$3.400,00.
D) R$4.000,00.
E) R$3.100,00.

4 - (METRÔ/SP - AGENTE DE SEGURANÇA METROVIÁRIA I - FCC/2013) Um mosaico foi construído com triângulos, quadrados e hexágonos. A quantidade de polígonos de cada tipo é proporcional ao número de lados do próprio polígono. Sabe-se que a quantidade total de polígonos do mosaico é 351. A quantidade de triângulos e quadrados somada supera a quantidade de hexágonos em

A) 108.
B) 27.
C) 35.
D) 162.
E) 81.

5 - (PC/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – VUNESP/2014) Foram construídos dois reservatórios de água. A razão entre os volumes internos do primeiro e do segundo é de 2 para 5, e a soma desses volumes é $14m^3$. Assim, o valor absoluto da diferença entre as capacidades desses dois reservatórios, em litros, é igual a

A) 8000.
B) 6000.
C) 4000.
D) 6500.
E) 9000.

6 – (CÂMARA DE SÃO PAULO/SP – TÉCNICO ADMINISTRATIVO – FCC/2014) Na tabela abaixo, a sequência de números da coluna A é inversamente proporcional à sequência de números da coluna B.

A	B
16	60
12	X
8	120
4	240

A letra X representa o número

A) 90.
B) 80.
C) 96.
D) 84.
E) 72.

7 - (SAMU/SC – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – SPDM/2012) Carlos dividirá R$ 8.400,00 de forma inversamente proporcional à idade de seus dois filhos: Marcos, de12 anos, e Fábio, de 9 anos. O valor que caberá a Fábio será de:

A) R$ 3.600,00
B) R$ 4.800,00
C) R$ 7.000,00
D) R$ 5.600,00

8 - (TRT – FCC) Três técnicos judiciários arquivaram um total de 382 processos, em quantidades inversamente proporcionais as suas respectivas idades: 28, 32 e 36 anos. Nessas condições, é correto afirmar que o número de processos arquivados pelo mais velho foi:

A) 112
B) 126
C) 144
D) 152
E) 164

NOVA CONCURSOS

RESPOSTAS

1 - RESPOSTA: "C".

Como é diretamente proporcional, podemos analisar da seguinte forma:

No salão maior, percebe-se que é a metade dos livros, no salão menor é 1/8 dos livros.

Então, como tem 44.000 livros, no salão maior ficará com 22.000 e no salão menor é 5.500 livros.

22000+5500=27500

Salão intermediário:44.000-27.500=16.500 livros.

2 - RESPOSTA: "C".

5x+8x+12x=750.000
25x=750.000
X=30.000
O mais velho receberá:12 · 30000=360.000,00

3 - RESPOSTA: "E".

20000 :40000 :60000
1: 2: 3
k+2k+3k=18600
6k=18600
k=3100
O sócio que investiu R$20.000,00 receberá R$3.100,00.

4 - RESPOSTA: "B".

$$triângulos: 3x$$
$$quadrado: 4x$$
$$hexágono: 6x$$

$$3x + 4x + 6x = 351$$
$$13x = 351$$
$$x = 27$$
$$3x + 4x = 3.27 + 4.27 = 81 + 108 = 189$$
$$6x = 6.27 = 162$$

189-162= 27

5 - RESPOSTA: "B".

Primeiro:2k
Segundo:5k
2k+5k=14
7k=14
K=2
Primeiro=2.2=4
Segundo=5.2=10
Diferença=10-4=6m^3

1m^3------1000L
6--------x
X=6000 l

6 - RESPOSTA: "B".

$$\frac{16}{\frac{1}{60}} = \frac{12}{\frac{1}{X}}$$
$$16 \cdot 60 = 12 \cdot X$$

X=80

7 - RESPOSTA: "B".

Marcos: a
Fábio: b
a+b=8400
b=4800

$$\frac{a}{\frac{1}{12}} + \frac{b}{\frac{1}{9}} = \frac{a+b}{\frac{1}{12} + \frac{1}{9}}$$

$$\frac{b}{\frac{1}{9}} = \frac{8400}{\frac{3}{36} + \frac{4}{36}}$$

$$\frac{7}{36} b = \frac{8400}{9}$$

8 - RESPOSTA "A".

$$\frac{\frac{x}{1}}{28} = \frac{\frac{y}{1}}{32} = \frac{\frac{z}{1}}{36} \Rightarrow \frac{\frac{z}{1}}{36} = \frac{x+y+z}{\frac{1}{28}+\frac{1}{32}+\frac{1}{36}} \Rightarrow \frac{\frac{z}{1}}{36} = \frac{382}{\frac{72+63+56}{2016}} \Rightarrow$$

$$\frac{\frac{z}{1}}{36} = \frac{382}{\frac{191}{2016}} \Rightarrow \frac{\frac{z}{1}}{36} = 382 \cdot \frac{2016}{191} \Rightarrow \frac{\frac{z}{1}}{36} = 2 \cdot 2016 \Rightarrow z = 4032 \cdot \frac{1}{36} \Rightarrow z = 112$$

$\frac{1}{28} + \frac{1}{32} + \frac{1}{36}$ [illegible] mos os inversos dos números, ou seja: [illegible] $\frac{1}{7} + \frac{1}{8} + \frac{1}{9} = \frac{72+63+53}{504} = \frac{191}{504}$ [illegible] dores por 4, ficamos com: [illegible] = . Eliminando-se os denominadores, temos 191 que corresponde a uma soma. Dividindo-se a soma pela soma: $382 \div 191 = 2 \cdot 56 = 112$

EXPRESSÕES ALGÉBRICAS; FRAÇÃO ALGÉBRICA;

Expressões Algébricas são aquelas que contêm números e letras.

Ex: $2ax^2+bx$

Variáveis são as letras das expressões algébricas que representam um número real e que de princípio não possuem um valor definido.

Valor numérico de uma expressão algébrica é o número que obtemos substituindo as variáveis por números e efetuamos suas operações.

Ex: Sendo x =1 e y = 2, calcule o valor numérico (VN) da expressão:

$x^2 + y$ » $1^2 + 2 = 3$ Portando o valor numérico da expressão é 3.

Monômio: os números e letras estão ligados apenas por produtos.

Ex : 4x

Polinômio: é a soma ou subtração de monômios.

Ex: 4x+2y

Termos semelhantes: são aqueles que possuem partes literais iguais (variáveis)

Ex: $2 x^3 y^2 z$ e $3 x^3 y^2 z$ » são termos semelhantes pois possuem a mesma parte literal.

Adição e Subtração de expressões algébricas

Para determinarmos a soma ou subtração de expressões algébricas, basta somar ou subtrair os termos semelhantes.

Assim: $2 x^3 y^2 z + 3x^3 y^2 z = 5x^3 y^2 z$ ou $2 x^3 y^2 z - 3x^3 y^2 z = -x^3 y^2 z$

Convém lembrar dos jogos de sinais.

Na expressão $(x^3 + 2 y^2 + 1) – (y^2 - 2) = x^3 +2 y^2 + 1 – y^2 + 2 = x^3 + y^2 +3$

Multiplicação e Divisão de expressões algébricas

Na multiplicação e divisão de expressões algébricas, devemos usar a propriedade distributiva.

Exemplos:

1) $a (x+y) = ax + ay$
2) $(a+b)(x+y) = ax + ay + bx + by$
3) $x (x^2 + y) = x^3 + xy$

Para multiplicarmos potências de mesma base, conservamos a base e somamos os expoentes.

Na divisão de potências devemos conservar a base e subtrair os expoentes

Exemplos:

1) $4x^2 : 2 x = 2 x$
2) $(6 x^3 - 8 x) : 2 x = 3 x^2 - 4$
3) $(x^4 - 5x^3 + 9x^2 - 7x+2) :(x^2 - 2x + 1) = x^2 - 3x +2$

Resolução:

$$
\begin{array}{l|l}
x^4 - 5x^3 + 9x^2 - 7x+2 & x^2 - 2x + 1 \\ \cline{2-2}
\underline{-x^4 + 2x^3 - x^2} & x^2 - 3x + 2 \\
\quad -3x^3 + 8x^2 -7x & \\
\quad \underline{3x^3 - 6x^2 -3x} & \\
\qquad 2x^2 - 4x + 2 & \\
\qquad \underline{-2x^2 + 4x - 2} & \\
\qquad\qquad 0 &
\end{array}
$$

Para iniciarmos as operações devemos saber o que são termos semelhantes.

Dizemos que um termo é semelhante do outro quando suas partes literais são idênticas.

Veja:

$5x^2$ e 42x são dois termos, as suas partes literais são x^2 e x, as letras são iguais, mas o expoente não, então esses termos não são semelhantes.

$7ab^2$ e $20ab^2$ são dois termos, suas partes literais são ab^2 e ab^2, observamos que elas são idênticas, então podemos dizer que são semelhantes.

Adição e subtração de monômios

Só podemos efetuar a adição e subtração de monômios entre termos semelhantes. E quando os termos envolvidos na operação de adição ou subtração não forem semelhantes, deixamos apenas a operação indicada.

Veja:

Dado os termos $5xy^2$, $20xy^2$, como os dois termos são semelhantes eu posso efetuar a adição e a subtração deles.

$5xy^2 + 20xy^2$ devemos somar apenas os coeficientes e conservar a parte literal.

$25 xy^2$

$5xy^2 - 20xy^2$ devemos subtrair apenas os coeficientes e conservar a parte literal.

- 15 xy2

Veja alguns exemplos:

$- \underline{x}^2 - \underline{2x}^2 + x^2$ como os coeficientes são frações devemos tirar o mmc de 6 e 9.

$$\frac{3x^2 - 4 x^2 + 18 x^2}{18}$$

$$\frac{17x^2}{18}$$

$- 4x^2 + 12y^3 – 7y^3 – 5x^2$ devemos primeiro unir os termos semelhantes. $12y^3 – 7y^3 + 4x^2 – 5x^2$ agora efetuamos a soma e a subtração.

$-5y^3 – x^2$ como os dois termos restantes não são semelhantes, devemos deixar apenas indicado à operação dos monômios.

Reduza os termos semelhantes na expressão $4x^2 – 5x -3x + 2x^2$. Depois calcule o seu valor numérico da expressão. $4x^2 – 5x - 3x + 2x^2$ reduzindo os termos semelhantes. $4x^2 + 2x^2 – 5x - 3x$

$6x^2$ - 8x os termos estão reduzidos, agora vamos achar o valor numérico dessa expressão.

Para calcularmos o valor numérico de uma expressão devemos ter o valor de sua incógnita, que no caso do exercício é a letra x.

Vamos supor que x = - 2, então substituindo no lugar do x o -2 termos:

$6x^2$ - 8x
$6 . (-2)^2 – 8 . (-2) =$
6 . 4 + 16 =
24 + 16
40

Multiplicação de monômios

Para multiplicarmos monômios não é necessário que eles sejam semelhantes, basta multiplicarmos coeficiente com coeficiente e parte literal com parte literal. Sendo que quando multiplicamos as partes literais devemos usar a propriedade da potência que diz: $a^m . a^n = a^{m+n}$ (bases iguais na multiplicação repetimos a base e somamos os expoentes).

$(3a^2b) . (- 5ab^3)$ na multiplicação dos dois monômios, devemos multiplicar os coeficientes 3 . (-5) e na parte literal multiplicamos as que têm mesma base para que possamos usar a propriedade $a^m . a^n = a^{m+n}$.

$3 . (- 5) . a^2 . a . b . b^3$
$-15\ a^{2+1}\ b^{1+3}$
$-15\ a^3b^4$

Divisão de monômios

Para dividirmos os monômios não é necessário que eles sejam semelhantes, basta dividirmos coeficiente com coeficiente e parte literal com parte literal. Sendo que quando dividirmos as partes literais devemos usar a propriedade da potência que diz: $a^m : a^n = a^{m-n}$ (bases iguais na divisão repetimos a base e diminuímos os expoentes), sendo que a ≠ 0.

$(-20x^2y^3) : (- 4xy^3)$ na divisão dos dois monômios, devemos dividir os coeficientes -20 e - 4 e na parte literal dividirmos as que têm mesma base para que possamos usar a propriedade am : $a^n = a^{m-n}$.

$-20 : (– 4) . x^2 : x . y^3 : y^3$
$5\ x^{2-1}\ y^{3-3}$
$5x^1y^0$
5x

Potenciação de monômios

Na potenciação de monômios devemos novamente utilizar uma propriedade da potenciação:

(I) $(a . b)^m = a^m . b^m$
(II) $(am)^n = a^{m \cdot n}$
Veja alguns exemplos:
$(-5x^2b^6)^2$ aplicando a propriedade

(I). $(-5)^2 . (x^2)^2 . (b^6)^2$ aplicando a propriedade
(II) $25 . x^4 . b^{12}$ $25x^4b^{12}$

Exercícios

1. Determine o 7º termo do binômio (2x + 1)9, desenvolvido segundo as potências decrescentes de x.

2. Qual o termo médio do desenvolvimento de (2x + 3y)8?

3. Desenvolvendo o binômio (2x - 3y)3n, obtemos um polinômio de 16 termos. Qual o valor de n?

4. Determine o termo independente de x no desenvolvimento de (x + 1/x)6.

5. Calcule: $(3x^2+2x-1) + (-2x^2+4x+2)$.

6. Efetue e simplifique o seguinte calculo algébrico: (2x+3).(4x+1).

7. Efetue e simplifique os seguintes cálculos algébricos:
a) $(x - y).(x^2 - xy + y^2)$
b) (3x - y).(3x + y).(2x - y)

8. Dada a expressão algébrica bc – b2, determine o seu valor numérico quando b = 2,2 e c = 1,8.

9. Calcule o valor numérico da expressão 2x3 – 10y, quando x = -3 e y = -4.

10. Um caderno curta y reais. Gláucia comprou 4 cadernos, Cristina comprou 6 cadernos, e Karina comprou 3. Qual é o monômio que expressa a quantia que as três gastaram juntas?

Respostas

1) Resposta "672x3".
Solução: Primeiro temos que aplicar a fórmula do termo geral de (a + b)n, onde:
a = 2x
b = 1
n = 9
Como queremos o sétimo termo, fazemos p = 6 na fórmula do termo geral e efetuamos os cálculos indicados.
Temos então:

$$T_{6+1} = T_7 = C_{9,6} . (2x)^{9-6} \times (1)^6 = \frac{9!}{[(9-6)!\ x6!]} \times (2x)^3 \times 1 =$$

$$= \frac{9.8.7.6!}{3.2.1.6!} \times 8x^3 = 672x^3$$

Portanto o sétimo termo procurado é 672x3.

2) Resposta "90720x4y4".
Solução: Temos:
a = 2x
b = 3y
n = 8

Sabemos que o desenvolvimento do binômio terá 9 termos, porque n = 8. Ora sendo $T_1\ T_2\ T_3\ T_4\ T_5\ T_6\ T_7\ T_8\ T_9$ os termos do desenvolvimento do binômio, o termo do meio (termo médio) será o T_5 (quinto termo).

Logo, o nosso problema resume-se ao cálculo do T5. Para isto, basta fazer p = 4 na fórmula do termo geral e efetuar os cálculos decorrentes. Teremos:

$T_{4+1} = T_5 = C_{8,4} . (2x)^{8-4} . (3y)^4 = \frac{8!}{[(8-4)! .4!]} . (2x)^4 . (3y)^4 =$

$= \frac{8.7.6.5.4!}{(4!.4.3.2.1} . 16x^4 . 81y^4$

Fazendo as contas vem:

$T_5 = 70.16.81.x^4 . y^4 = 90720x^4y^4$, que é o termo médio procurado.

3) Resposta "5".

Solução: Ora, se o desenvolvimento do binômio possui 16 termos, então o expoente do binômio é igual a 15.

Logo,

3n = 15 de onde se conclui que n = 5.

4) Resposta "20".

Solução: Sabemos que o termo independente de x é aquele que não depende de x, ou seja, aquele que não possui x.

Temos no problema dado:

a = x

$b = \frac{1}{x}$

n = 6.

Pela fórmula do termo geral, podemos escrever:

$T_{p+1} = C_{6,p} . x^{6-p} . (\frac{1}{x})_p = C_{6,p} . x^{6-p} . x^{-p} = C_{6,p} . x^{6-2p}.$

Ora, para que o termo seja independente de x, o expoente desta variável deve ser zero, pois $x^0 = 1$.

Logo, fazendo 6 - 2p = 0, obtemos p = 3. Substituindo então p por 6, teremos o termo procurado. Temos então:

$T_{3+1} = T_4 = C_{6,3} . x^0 = C_{6,3} = \frac{6!}{[(6-3)!.3!]} = \frac{6.5.4.3!}{3!.2.1} = 20$

Logo, o termo independente de x é o T_4 (quarto termo) que é igual a 20.

5) Solução:

$(3x^2+2x-1) + (-2x^2+4x+2)$

$3x^2 + 2x – 1 – 2x^2 + 4x + 2 =$

$x^2 + 6x + 1$

6) Solução:

$(2x+3).(4x+1)$

$8x^2 + 2x + 12x + 3 =$

$8x^2 + 14x + 3$

7) a - Solução:

$(x - y).(x^2 - xy + y^2)$

$x^3 - x^2y + xy^2 - x^2y + xy^2 - y^3 =$

$x^3 - 2x^2y + 2xy^2 - y^3 =$

b - Solução:

$(3x - y).(3x + y).(2x - y)$

$(3x - y).(6x^2 - 3xy + 2xy - y^2) =$

$(3x - y).(6x^2 - xy - y^2) =$

$18x^3 - 3x^2y - 3xy^2 - 6x^2y + xy^2 + y^3 =$

$18x^3 - 9x^2y - 2xy^2 + y^3$

8) Resposta "-0,88".

Solução:

bc – b2 =

2,2 . 1,8 – 2,22 = (Substituímos as letras pelos valores passados no enunciado)

3,96 – 4,84 =

-0,88.

Portanto, o valor procurado é 0,88.

9) Resposta "-14".

Solução:

2x3 – 10y =

$2.(-3)^2 - 10.(-4)$ = (Substituímos as letras pelos valores do enunciado da questão)

2.(27) – 10.(-4) =

(-54) – (-40) =

-54 + 40 = -14.

Portanto -14 é o valor procurado na questão.

10) Resposta "13y reais".

Solução: Como Gláucia gastou 4y reais, Cristina 6y reais e Karina 3y reais, podemos expressar essas quantias juntas por:

4y + 6y + 3y =

(4 + 6 + 3)y =

13y

Importante: Numa expressão algébrica, se todos os monômios ou termos são semelhantes, podemos tornar mais simples a expressão somando algebricamente os coeficientes numéricos e mantendo a parte literal.

SISTEMAS DE NUMERAÇÃO; OPERAÇÕES NO CONJUNTO DOS NÚMEROS NATURAIS; OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS COM NÚMEROS RACIONAIS; MÚLTIPLOS E DIVISORES EM N; RADICIAÇÃO; CONJUNTO DE NÚMEROS FRACIONÁRIOS; OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS COM NÚMEROS FRACIONÁRIOS; PROBLEMAS COM NÚMEROS FRACIONÁRIOS; NÚMEROS DECIMAIS;

"Caro Candidato, o Tópico acima foi abordado em: Números inteiros; Números Naturais; Numeração decimal; Operações fundamentais como: Adição, Subtração, Divisão e Multiplicação; Simplificação; Medindo o tempo: horas, minutos e segundos; Problemas matemáticos; radiciação; potenciação; máximo divisor comum; mínimo divisor comum; "

NOVA CONCURSOS

GEOMETRIA ANALÍTICA;

Estudo do Ponto

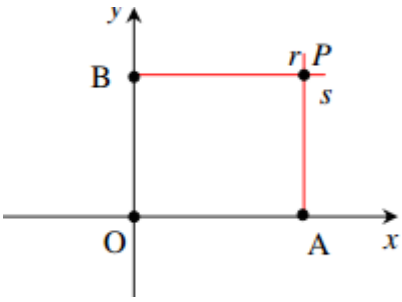

Podemos localizar um ponto P em um plano α utilizando um sistema de eixos cartesianos.

- A é a abscissa do ponto P
-B é a ordenada do ponto P
-P ∈1ºQuad

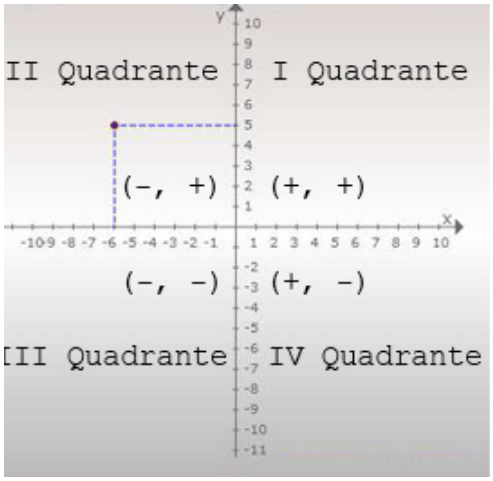

Fonte: www.matematicadidatica.com.br

1º Quadrante: x>o e y>o
2º Quadrante: x<0 e y>0
3º Quadrante: x<0 e y<0
4º Quadrante: x>0 e y>0

Para representar o par ordenado P(x,y)

Vale a pena lembrar que o eixo x é chamado de abscissa e o eixo y de ordenada.

Exemplo: Um P(3,-1) está em qual quadrante?

x>0 e y<0 IV quadrante.

Distância entre Dois Pontos

Dados os pontos $P(x_p,y_p)$ e $Q(x_q,y_q)$, a distância d_{AB} entre eles é uma função das coordenadas de P e Q:

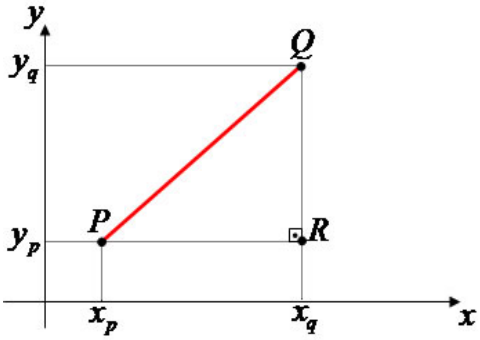

$$d_{PR} = |x_q - x_P| = \sqrt{(x_q - x_P)^2}$$

$$d_{QR} = |y_q - y_P| = \sqrt{(y_q - y_P)^2}$$

$$d_{PQ} = \sqrt{(x_q - x_P)^2 + (y_q - y_P)^2}$$

Ponto Médio

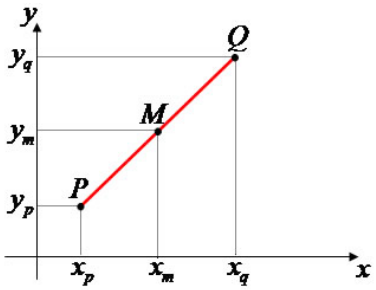

Dados os pontos $P(x_p,y_p)$ e $Q(x_q,y_p)$, as coordenadas do ponto $M(x_M, y_M)$ médio entre A e B, serão dadas pelas semi-somas das coordenadas de P e Q.

O ponto M terá as seguintes coordenadas:

$$M(\frac{x_P + x_q}{2}, \frac{y_P + y_q}{2}$$

Três pontos estão alinhados se, e somente se, pertencerem à mesma reta.

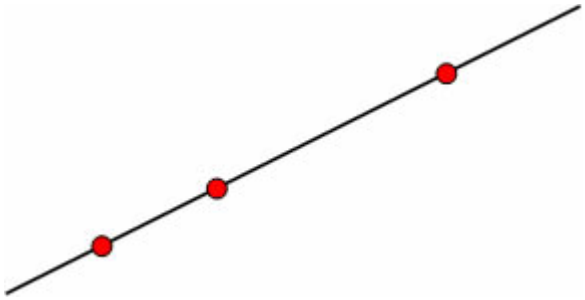

Para verificarmos se os pontos estão alinhados, podemos utilizar a construção gráfica determinando os pontos de acordo com suas coordenadas posicionais. Outra forma de determinar o alinhamento dos pontos é através do cálculo do determinante pela regra de Sarrus envolvendo a matriz das coordenadas.

$$\begin{vmatrix} x_1 & y_1 & 1 \\ x_2 & y_2 & 1 \\ x_3 & y_3 & 1 \end{vmatrix} = 0$$

Exemplo

Dados os pontos A (2, 5), B (3, 7) e C (5, 11), vamos determinar se estão alinhados.

$$\begin{vmatrix} 2 & 5 & 1 \\ 3 & 7 & 1 \\ 5 & 11 & 1 \end{vmatrix} = 0$$

$$\left|\begin{array}{ccc|cc} 2 & 5 & 1 & 2 & 5 \\ 3 & 7 & 1 & 3 & 7 \\ 5 & 11 & 1 & 5 & 11 \end{array}\right| = 0$$

(14 + 25 + 33) – (35 + 22 + 15)

72 – 72 = 0

Os pontos somente estarão alinhados se o determinante da matriz quadrada calculado pela regra de Sarrus for igual a 0.

Estudo da Reta

Cálculo do coeficiente angular

Consideremos a reta r que passa pelos pontos $A(x_1, y_1)$ e $B(x_2, y_2)$, com $x_1 \neq x_2$, e que forma com o eixo x um ângulo de medida α.

1º caso: $0^o < \alpha < 90^o$

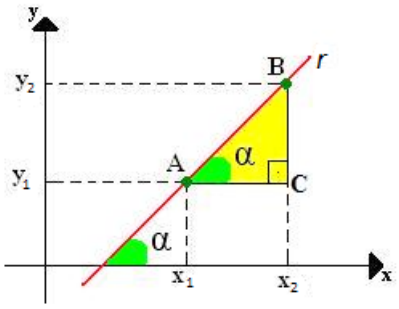

Sendo o triângulo ABC retângulo ($\hat{C}$ é reto), temos:

$$\tan\alpha = \frac{CB}{AC} \Rightarrow \tan\alpha = \frac{y_2 - y_1}{x_2 - x_1}$$

2º caso: $90^o < \alpha < 180^o$

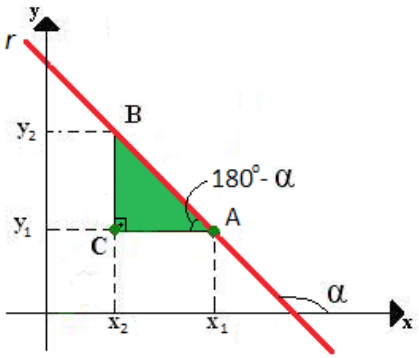

Do triângulo retângulo ABC, vem:

$$\tan(180^o - \alpha) = \frac{CB}{CA} \Rightarrow \tan(180^o - \alpha) = \frac{y_2 - y_1}{x_1 - x_2}$$

$$-\tan\alpha = \frac{y_2 - y_1}{x_1 - x_2}$$

$$\tan\alpha = \frac{y_2 - y_1}{x_2 - x_1}$$

Portanto, para os dois casos, temos:

$$m = \frac{y_2 - y_1}{x_2 - x_1}$$

Coeficiente angular

Coeficiente angular m de uma reta não-perpendicular ao eixo $\overline{Ox}$ é o valor da tangente do ângulo de inclinação dessa reta.

$$m = \tan\alpha$$

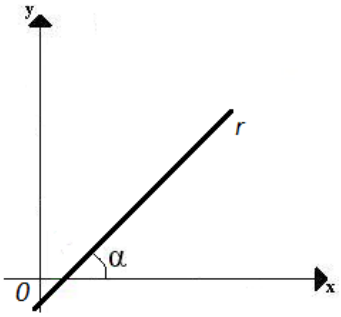

O valor do coeficiente angular m varia em função de α.

$0 < \alpha < 90^o \rightarrow m > 0$

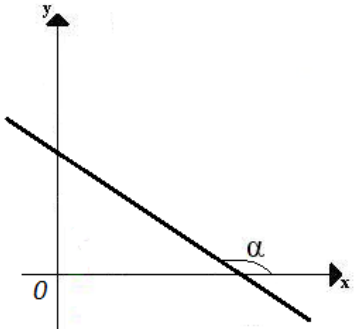

$\alpha = 0 \rightarrow m = 0$

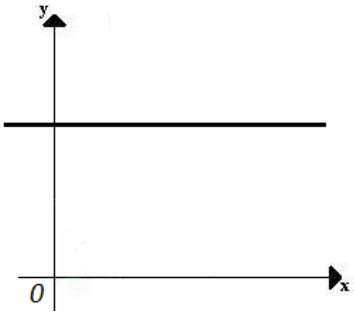

$\alpha = 90^o \rightarrow \nexists m$

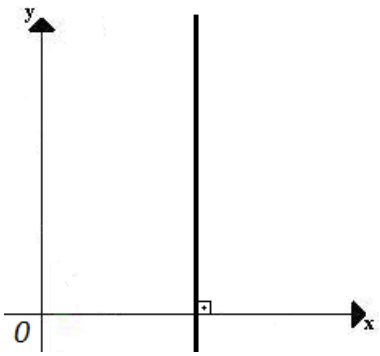

A equação fundamental de r é dada por:

$$m_r = \frac{y - y_A}{x - x_A} \rightarrow y - y_A = m_r(m - x_A)$$

Equação Geral da Reta
Ax+by+c=0

Equação Segmentária

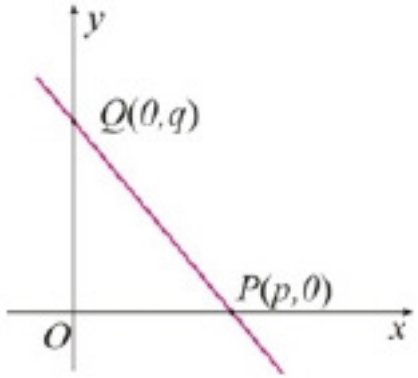

$\frac{x}{p} + \frac{y}{q} = 1$

Equação reduzida da reta

Vamos determinar a equação da reta r que passa por $Q(0, q)$ e tem coeficiente angular $m = \tan \alpha$:

$$y - q = m(x - 0)$$
$$y - q = mx$$
$$y = mx + q$$

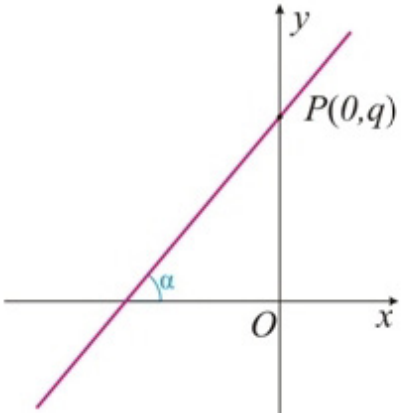

Toda equação na forma $y = mx + q$ é chamada equação reduzida da reta, em que m é o coeficiente.

Posições relativas de duas retas

Considere duas retas distintas do plano cartesiano:

$$\begin{cases} (r)a_1x + b_1y + c_1 = 0 \\ (s)a_2x + b_2y + c_2 = 0 \end{cases}$$

Podemos classifica-las como paralelas ou concorrentes.

Retas paralelas

As retas r e s têm o mesmo coeficiente angular.

$$a_r = a_s \leftrightarrow m_r = m_s$$

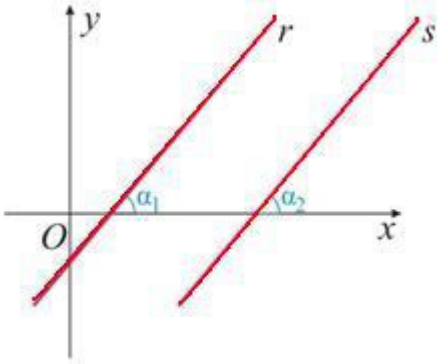

Assim, para $r//s$, temos:

$$m_r = m_s \leftrightarrow -\frac{a_1}{b_1} = -\frac{a_2}{b_2} \leftrightarrow \frac{a_1}{b_1} = \frac{a_2}{b_2} \leftrightarrow \begin{vmatrix} a_1 & b_1 \\ a_2 & b_2 \end{vmatrix} = 0$$

Retas concorrentes

As retas r e s têm coeficientes angulares diferentes.
$a_r \neq a_s \leftrightarrow m_r \neq m_s$
Assim, para r e s concorrentes, temos:

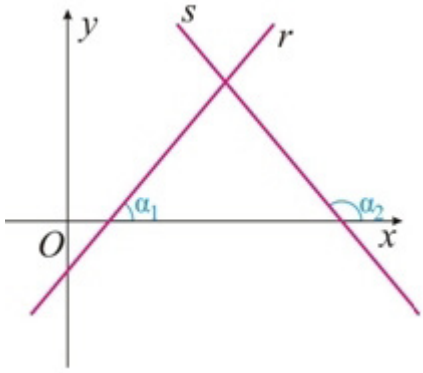

$$m_r \neq m_s \leftrightarrow -\frac{a_1}{b_1} \neq -\frac{a_2}{b_2} \leftrightarrow \frac{a_1}{b_1} \neq \frac{a_2}{b_2}$$

Retas perpendiculares

Duas retas, r e s, não-verticais são perpendiculares se, e somente se, os seus coeficientes angulares são tais que $m_r = -\frac{1}{m_s}$.

De fato: $r \perp s \leftrightarrow \alpha_1 = \alpha_2 + \frac{\pi}{2}$

$$\left.\begin{array}{l} \operatorname{sen}\alpha_1 = \cos\alpha_2 \\ \cos\alpha_1 = -\operatorname{sen}\alpha_2 \end{array}\right\} \rightarrow \tan\alpha_1 = -\operatorname{cotg}\alpha_2$$

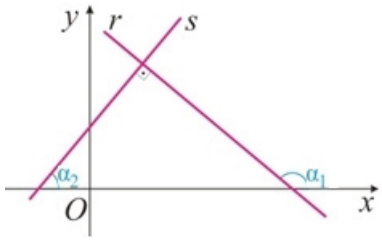

Como

$$\operatorname{cotg}\alpha_2 = \frac{1}{\tan\alpha_2}:$$

$$\tan\alpha_1 = \frac{1}{\tan\alpha_2} \rightarrow m_r = \frac{1}{m_s}$$

Então:

$$r \perp s \rightarrow m_r = -\frac{1}{m_s}$$

E, reciprocamente, se

$$m_r = -\frac{1}{m_s} \rightarrow r \perp s$$

Logo,

$$r \perp s \leftrightarrow m_r = -\frac{1}{m_s}$$

Distância de ponto a reta

Considere uma reta r, de equação $ax + by + c = 0$, e um ponto $P(x_0, y_0)$ não pertencente a r. Pode-se demonstrar que a distância entre P e $r(d_{Pr})$ é dada por:

$$d_{Pr} = \left|\frac{ax_0 + by_0 + c}{\sqrt{a^2 + b^2}}\right|$$

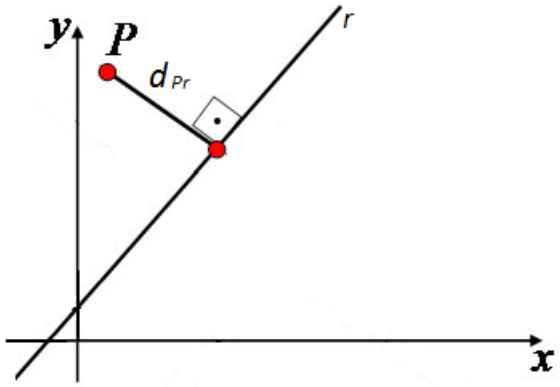

Ângulo entre duas retas

Conhecendo os coeficientes angulares m_r e m_s de duas retas, r e s, não paralelas aos eixos $\overline{Ox}$ e $\overline{Oy}$, podemos determinar o ângulo θ agudo formado entre elas:

$$\tan\theta = \left|\frac{m_s - m_r}{1 + m_s \cdot m_r}\right|$$

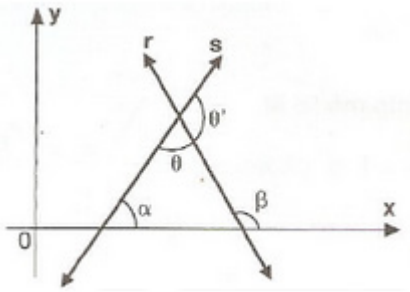

Se uma das retas for vertical, teremos:

$$\tan\theta = \left|\frac{1}{m_s}\right|$$

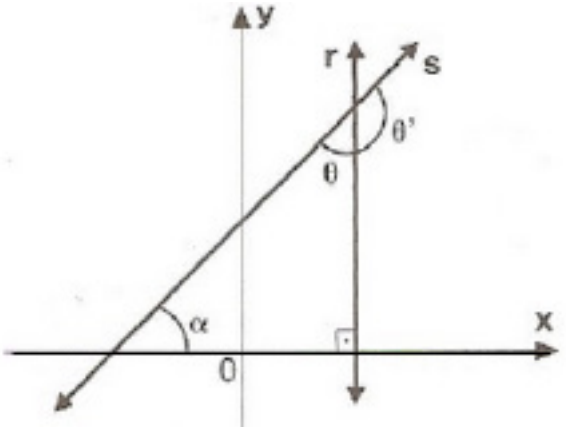

Circunferência
Equações da circunferência

Equação reduzida

Circunferência é o conjunto de todos os pontos de um plano equidistantes de um ponto fixo, desse mesmo plano, denominado centro da circunferência:

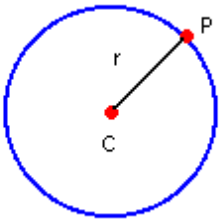

Assim, sendo **C**(a, b) o centro e **P**(x, y) um ponto qualquer da circunferência, a distância de **C** a **P**(d_{CP}) é o raio dessa circunferência. Então:

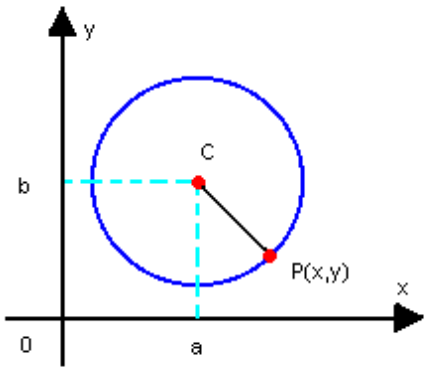

$$d_{CP} = \sqrt{(X_P - X_C)^2 + (Y_P - Y_C)^2} \Rightarrow \sqrt{(x-a)^2 + (y-b)^2} = r \Rightarrow$$
$$\Rightarrow \boxed{(x-a)^2 + (y-b)^2 = r^2}$$

Portanto, $(x - a)^2 + (y - b)^2 = r^2$ é a equação reduzida da circunferência e permite determinar os elementos essenciais para a construção da circunferência: as coordenadas do centro e o raio.

Observação: Quando o centro da circunfer6encia estiver na origem (C(0,0)), a equação da circunferência será $x^2 + y^2 = r^2$.

Equação Geral

Desenvolvendo a equação reduzida, obtemos a equação geral da circunferência:

$$(x-a)^2 + (y-b)^2 = r^2 \Rightarrow x^2 - 2ax + a^2 + y^2 - 2by + b^2 = r^2$$
$$\Rightarrow x^2 + y^2 - 2ax - 2by + a^2 + b^2 - r^2 = 0$$

Como exemplo, vamos determinar a equação geral da circunferência de centro **C**(2, -3) e raio r = 4.

A equação reduzida da circunferência é:

$(x - 2)^2 + (y + 3)^2 = 16$

Desenvolvendo os quadrados dos binômios, temos:

$$x^2 - 4x + 4 + y^2 + 6y + 9 - 16 = 0 \Rightarrow x^2 + y^2 - 4x + 6y - 3 = 0$$

Determinação do centro e do raio da circunferência, dada a equação geral

Dada a equação geral de uma circunferência, utilizamos o processo de fatoração de trinômio quadrado perfeito para transformá-la na equação reduzida e, assim, determinamos o centro e o raio da circunferência.

Para tanto, a equação geral deve obedecer a duas condições:

- Os coeficientes dos termos x^2 e y^2 devem ser iguais a 1;
- Não deve existir o termo xy.

Então, vamos determinar o centro e o raio da circunferência cuja equação geral é $x^2 + y^2 - 6x + 2y - 6 = 0$.

Observando a equação, vemos que ela obedece às duas condições.

Assim:

1º passo: agrupamos os termos em **x** e os termos em **y** e isolamos o termo independente

$x^2 - 6x + _ + y^2 + 2y + _ = 6$

2º passo: determinamos os termos que completam os quadrados perfeitos nas variáveis **x** e **y**, somando a ambos os membros as parcelas correspondentes

$$x2 - 6x + 9 + y2 + 2y + 1 = 6 + 9 + 1$$

$$x \quad 2x \quad 3 \quad y \quad 2y \,.\, 1$$

3º passo: fatoramos os trinômios quadrados perfeitos

$(x - 3)^2 + (y + 1)^2 = 16$

4º passo: obtida a equação reduzida, determinamos o centro e o raio

$$\left.\begin{array}{l} a = 3 \\ b = -1 \end{array}\right\} C(3, -1)$$

$$r^2 = 16 \Rightarrow r = 4$$

GEOMETRIA ESPACIAL;

Sólidos Geométricos

Para explicar o cálculo do volume de figuras geométricas, podemos pedir que visualizem a seguinte figura:

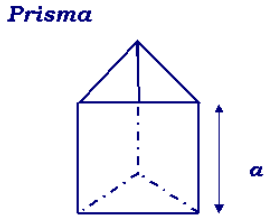

a) *A figura representa a planificação de um prisma reto;*

b) O volume de um prisma reto é igual ao produto da área da base pela altura do sólido, isto é

V = Ab x a

c) O cubo e o paralelepípedo retângulo são prismas;

d) O volume do cilindro também se pode calcular da mesma forma que o volume de um prisma reto.

Os formulários seguintes, das figuras geométricas são para calcular da mesma forma que as acima apresentadas:

Figuras Geométricas:

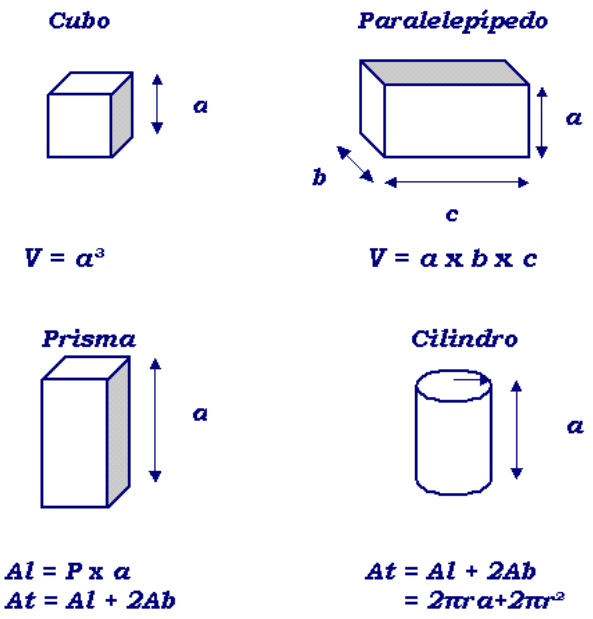

O conceito de cone

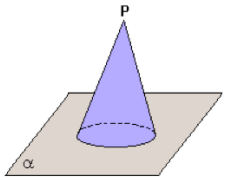

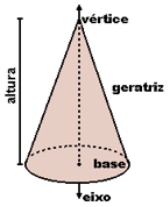

Considere uma região plana limitada por uma curva suave (sem quinas), fechada e um ponto P fora desse plano. Chamamos de cone ao sólido formado pela reunião de todos os segmentos de reta que têm uma extremidade em P e a outra num ponto qualquer da região.

Elementos do cone

- Base: A base do cone é a região plana contida no interior da curva, inclusive a própria curva.

- Vértice: O vértice do cone é o ponto P.

- Eixo: Quando a base do cone é uma região que possui centro, o eixo é o segmento de reta que passa pelo vértice P e pelo centro da base.

- Geratriz: Qualquer segmento que tenha uma extremidade no vértice do cone e a outra na curva que envolve a base.

- Altura: Distância do vértice do cone ao plano da base.

- Superfície lateral: A superfície lateral do cone é a reunião de todos os segmentos de reta que tem uma extremidade em P e a outra na curva que envolve a base.

- Superfície do cone: A superfície do cone é a reunião da superfície lateral com a base do cone que é o círculo.

- Seção meridiana: A seção meridiana de um cone é uma região triangular obtida pela interseção do cone com um plano que contem o eixo do mesmo.

Classificação do cone

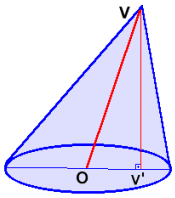

Quando observamos a posição relativa do eixo em relação à base, os cones podem ser classificados como retos ou oblíquos. Um cone é dito **reto** quando o eixo é perpendicular ao plano da base e é **oblíquo** quando não é um cone reto. Ao lado apresentamos um cone oblíquo.

Observação: Para efeito de aplicações, os cones mais importantes são os cones retos. Em função das bases, os cones recebem nomes especiais. Por exemplo, um cone é dito circular se a base é um círculo e é dito elíptico se a base é uma região elíptica.

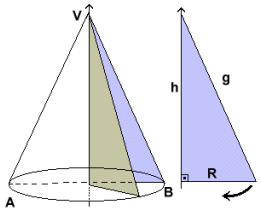

Observações sobre um cone circular reto

1. Um cone circular reto é chamado cone de revolução por ser obtido pela rotação (revolução) de um triângulo retângulo em torno de um de seus catetos

2. A seção meridiana do cone circular reto é a interseção do cone com um plano que contem o eixo do cone. No caso acima, a seção meridiana é a região triangular limitada pelo triângulo isósceles VAB.

3. Em um cone circular reto, todas as geratrizes são congruentes entre si. Se g é a medida de cada geratriz então, pelo Teorema de Pitágoras, temos: $g^2 = h^2 + R^2$

4. A **Área Lateral** de um cone circular reto pode ser obtida em função de g (medida da geratriz) e R (raio da base do cone):A_{Lat} = Pi R g

5. A **Área total** de um cone circular reto pode ser obtida em função de g (medida da geratriz) e R (raio da base do cone):

A_{Total} = Pi R g + Pi R^2

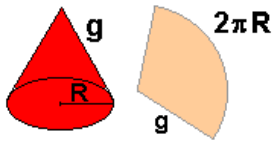

Cones Equiláteros

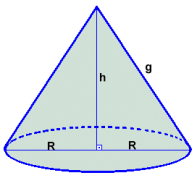

Um cone circular reto é um cone equilátero se a sua seção meridiana é uma região triangular equilátera e neste caso a medida da geratriz é igual à medida do diâmetro da base.

A área da base do cone é dada por:

A_{Base}=Pi R^2

Pelo Teorema de Pitágoras temos:

$(2R)^2 = h^2 + R^2$

$h^2 = 4R^2 - R^2 = 3R^2$

Assim:
$h = R\sqrt{3}$
Como o volume do cone é obtido por 1/3 do produto da área da base pela altura, então:

$V = (1/3)\ Pi\ \sqrt{3}R^3$
Como a área lateral pode ser obtida por:
$A_{Lat} = Pi\ R\ g = Pi\ R\ 2R = 2\ Pi\ R^2$
então a área total será dada por:
$A_{Total} = 3\ Pi\ R^2$

O conceito de esfera

A esfera no espaço R^3 é uma superfície muito importante em função de suas aplicações a problemas da vida. Do ponto de vista matemático, a esfera no espaço R^3 é confundida com o sólido geométrico (disco esférico) envolvido pela mesma, razão pela quais muitas pessoas calculam o *volume* da esfera. Na maioria dos livros elementares sobre Geometria, a esfera é tratada como se fosse um sólido, herança da Geometria Euclidiana.

Embora não seja correto, muitas vezes necessitamos falar palavras que sejam entendidas pela coletividade. De um ponto de vista mais cuidadoso, a esfera no espaço R^3 é um objeto matemático parametrizado por duas dimensões, o que significa que podemos obter medidas de área e de comprimento, mas o volume tem medida nula. Há outras esferas, cada uma definida no seu respectivo espaço n-dimensional. Um caso interessante é a esfera na reta unidimensional:
$S^o = \{x \text{ em } R: x^2=1\} = \{+1,-1\}$
Por exemplo, a esfera
$S^1 = \{ (x,y) \text{ em } R^2: x^2 + y^2 = 1 \}$
é conhecida por nós como uma circunferência de raio unitário centrada na origem do plano cartesiano.

Aplicação: volumes de líquidos

Um problema fundamental para empresas que armazenam líquidos em tanques esféricos, cilíndricos ou esféricos e cilíndricos é a necessidade de realizar cálculos de volumes de regiões esféricas a partir do conhecimento da altura do líquido colocado na mesma. Por exemplo, quando um tanque é esférico, ele possui um orifício na parte superior (pólo Norte) por onde é introduzida verticalmente uma vara com indicadores de medidas. Ao retirar a vara, observa-se o nível de líquido que fica impregnado na vara e esta medida corresponde à altura de líquido contido na região esférica. Este não é um problema trivial, como observaremos pelos cálculos realizados na sequência.

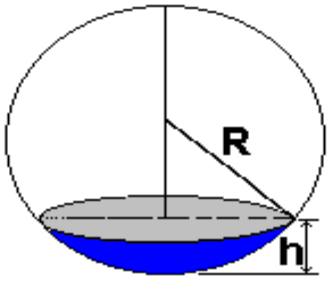

A seguir apresentaremos elementos esféricos básicos e algumas fórmulas para cálculos de áreas na esfera e volumes em um sólido esférico.

A superfície esférica

A esfera no espaço R^3 é o conjunto de todos os pontos do espaço que estão localizados a uma mesma distância denominada raio de um ponto fixo chamado centro.

Uma notação para a esfera com raio unitário centrada na origem de R^3 é:
$S^2 = \{ (x,y,z) \text{ em } R^3: x^2 + y^2 + z^2 = 1 \}$
Uma esfera de raio unitário centrada na origem de R^4 é dada por:
$S^3 = \{ (w,x,y,z) \text{ em } R^4: w^2 + x^2 + y^2 + z^2 = 1 \}$

Você conseguiria imaginar espacialmente tal esfera?

Do ponto de vista prático, a esfera pode ser pensada como a película fina que envolve um sólido esférico. Em uma melancia esférica, a esfera poderia ser considerada a película verde (casca) que envolve a fruta.

É comum encontrarmos na literatura básica a definição de esfera como sendo o sólido esférico, no entanto não se devem confundir estes conceitos. Se houver interesse em aprofundar os estudos desses detalhes, deve-se tomar algum bom livro de Geometria Diferencial que é a área da Matemática que trata do detalhamento de tais situações.

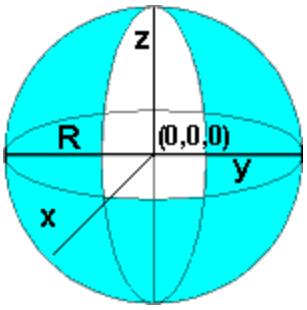

O disco esférico é o conjunto de todos os pontos do espaço que estão localizados na casca e dentro da esfera. Do ponto de vista prático, o disco esférico pode ser pensado como a reunião da película fina que envolve o sólido esférico com a região sólida dentro da esfera. Em uma melancia esférica, o disco esférico pode ser visto como toda a fruta.

Quando indicamos o raio da esfera pela letra R e o centro da esfera pelo ponto (0,0,0), a equação da esfera é dada por:
$x^2 + y^2 + z^2 = R^2$

e a relação matemática que define o disco esférico é o conjunto que contém a casca reunido com o interior, isto é:
$x^2 + y^2 + z^2 \leq R^2$

Quando indicamos o raio da esfera pela letra R e o centro da esfera pelo ponto (x_o,y_o,z_o), a equação da esfera é dada por:
$(x-x_o)^2 + (y-y_o)^2 + (z-z_o)^2 = R^2$

NOVA CONCURSOS

e a relação matemática que define o disco esférico é o conjunto que contém a casca reunido com o interior, isto é, o conjunto de todos os pontos (x,y,z) em R^3 tal que:

$(x-x_o)^2 + (y-y_o)^2 + (z-z_o)^2 \leq R^2$

Da forma como está definida, a esfera centrada na origem pode ser construída no espaço euclidiano R^3 de modo que o centro da mesma venha a coincidir com a origem do sistema cartesiano R^3, logo podemos fazer passar os eixos OX, OY e OZ, pelo ponto (0,0,0).

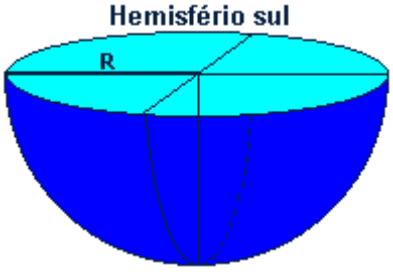

Seccionando a esfera $x^2+y^2+z^2=R^2$ com o plano z=0, obteremos duas superfícies semelhantes: o hemisfério Norte ("boca para baixo") que é o conjunto de todos os pontos da esfera onde a cota z é não negativa e o hemisfério Sul ("boca para cima") que é o conjunto de todos os pontos da esfera onde a cota z não é positiva.

Se seccionarmos a esfera $x^2+y^2+z^2=R^2$ por um plano vertical que passa em (0,0,0), por exemplo, o plano x=0, teremos uma circunferência maximal C da esfera que é uma circunferência contida na esfera cuja medida do raio coincide com a medida do raio da esfera, construída no plano YZ e a equação desta circunferência será:

$x=0,\ y^2 + z^2 = R^2$

sendo que esta circunferência intersecta o eixo OZ nos pontos de coordenadas (0,0,R) e (0,0,-R). Existem infinitas circunferências maximais em uma esfera.

Se rodarmos esta circunferência maximal C em torno do eixo OZ, obteremos a esfera através da rotação e por este motivo, a esfera é uma superfície de revolução.

Se tomarmos um arco contido na circunferência maximal cujas extremidades são os pontos (0,0,R) e (0,p,q) tal que $p^2+q^2=R^2$ e rodarmos este arco em torno do eixo OZ, obteremos uma superfície denominada calota esférica.

Na prática, as pessoas usam o termo calota esférica para representar tanto a superfície como o sólido geométrico envolvido pela calota esférica. Para evitar confusões, usarei "calota esférica" com aspas para o sólido e sem aspas para a superfície.

A partir da rotação, construiremos duas calotas em uma esfera, de modo que as extremidades dos arcos sejam (0,0,R) e (0,p,q) com $p^2+q^2=R^2$ no primeiro caso (calota Norte) e no segundo caso (calota Sul) as extremidades dos arcos (0,0,-R) e (0,r,-s) com $r^2+s^2=R^2$ e retirarmos estas duas calotas da esfera, teremos uma superfície de revolução denominada zona esférica.

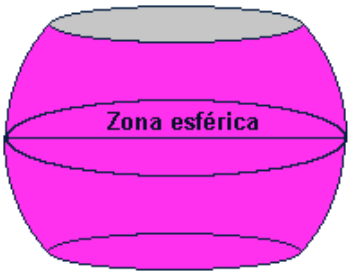

De um ponto de vista prático, consideremos uma melancia esférica. Com uma faca, cortamos uma "calota esférica" superior e uma "calota esférica" inferior. O que sobra da melancia é uma região sólida envolvida pela zona esférica, algumas vezes denominada zona esférica.

Consideremos uma "calota esférica" com altura h_1 e raio da base r_1 e retiremos desta calota uma outra "calota esférica" com altura h_2 e raio da base r_2, de tal modo que os planos das bases de ambas sejam paralelos. A região sólida determinada pela calota maior menos a calota menor recebe o nome de segmento esférico com bases paralelas.

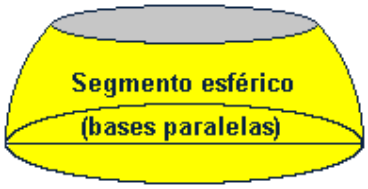

No que segue, usaremos esfera tanto para o sólido como para a superfície, "calota esférica" para o sólido envolvido pela calota esférica, a letra maiúscula R para entender o raio da esfera sobre a qual estamos realizando os cálculos, V será o volume, A(lateral) será a área lateral e A(total) será a área total.

Algumas fórmulas (relações) para objetos esféricos

Objeto	Relações e fórmulas
Esfera	Volume = (4/3) Pi R^3 A(total) = 4 Pi R^2
Calota esférica (altura h, raio da base r)	$R^2 = h\ (2R-h)$ A(lateral) = 2 Pi R h A(total) = Pi h (4R-h) $V=Pi.h^2(3R-h)/3=Pi(3R^2+h^2)/6$
Segmento esférico (altura h, raios das bases $r_1>r^2$)	$R^2 = a^2 + [(r_1^2 - r_2^2 - h^2)/2h)]^2$ A(lateral) = 2 Pi R h A(total) = $Pi(2Rh+r_1^2+r_2^2)$ $Volume=Pi.h(3r_1^2+3r_2^2+h^2)/6$

Estas fórmulas podem ser obtidas como aplicações do Cálculo Diferencial e Integral, mas nós nos limitaremos a apresentar um processo matemático para a obtenção da fórmula do cálculo do volume da "calota esférica" em função da altura da mesma.

Volume de uma calota no hemisfério Sul

Consideremos a esfera centrada no ponto (0,0,R) com raio R.

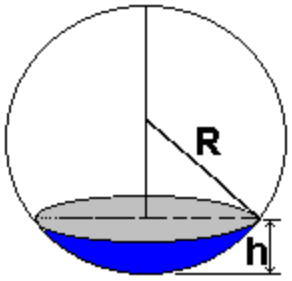

A equação desta esfera será dada por:

$x^2 + y^2 + (z-R)^2 = R^2$

A altura da calota será indicada pela letra h e o plano que coincide com o nível do líquido (cota) será indicado por z=h. A interseção entre a esfera e este plano é dado pela circunferência

$x^2 + y^2 = R^2 - (h-R)^2$

Obteremos o volume da calota esférica com a altura h menor ou igual ao raio R da esfera, isto é, h pertence ao intervalo [0,R] e neste caso poderemos explicitar o valor de z em função de x e y para obter:

$$z = R - \sqrt{R^2 - (x^2 + y^2)}$$

Para simplificar as operações algébricas, usaremos a letra r para indicar:

$r^2 = R^2 - (h-R)^2 = h(2R-h)$

A região circular S de integração será descrita por $x^2+y^2 \leq R^2$ ou em coordenadas polares através de:

$0 \leq m \leq R$, $0 \leq t \leq 2Pi$

A integral dupla que representa o volume da calota em função da altura h é dada por:

$$Vc(h) = \int\int_s (h - z)dxdy$$

ou seja

$$Vc(h) = \int\int_s (h - R + \sqrt{R^2 - (x^2 + y^2)})dxdy$$

Escrita em Coordenadas Polares, esta integral fica na forma:

$$Vc(h) = \int_{t=0}^{2x}\int_{m=0}^{R} (h - R + \sqrt{R^2 - m^2})mdmdt$$

Após realizar a integral na variável t, podemos separá-la em duas integrais:

$$Vc(h) = 2\pi\{\int_0^R (h-R)m\,dm + \int_0^R \sqrt{R^2 - m^2}\,mdm\}$$

ou seja:

$$Vc(h) = \pi\{(h-R)R^2 - \int_0^R \sqrt{R^2 - m^2}\,(-2m)dm\}$$

Com a mudança de variável $u=R^2-m^2$ e $du=(-2m)dm$ poderemos reescrever:

$$Vc(h) = \pi\{(h-R)R^2 + \int_{u=0}^{R^2} \sqrt{u}\,du\}$$

Após alguns cálculos obtemos:

$V_C(h) = Pi\ (h-R)\ [R^2 - (h-R)^2] - (2/3)Pi[(R-h)^3 - R^3]$

e assim temos a fórmula para o cálculo do volume da calota esférica no hemisfério Sul com a altura h no intervalo [0,R], dada por:

$V_C(h) = Pi\ h^2(3R-h)/3$

Volume de uma calota no hemisfério Norte

Se o nível do líquido mostra que a altura h já ultrapassou o raio R da região esférica, então a altura h está no intervalo [R,2R]

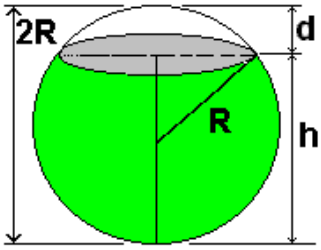

Lançaremos mão de uma propriedade de simetria da esfera que nos diz que o volume da calota superior assim como da calota inferior somente depende do raio R da esfera e da altura h e não da posição relativa ocupada.

Aproveitaremos o resultado do cálculo utilizado para a calota do hemisfério Sul. Tomaremos a altura tal que: h=2R-d, onde d é a altura da região que não contém o líquido. Como o volume desta calota *vazia* é dado por:

$V_C(d) = Pi\ d^2(3R-d)/3$

e como h=2R-d, então para h no intervalo [R,2R], poderemos escrever o volume da calota vazia em função de h:

$V_C(h) = Pi\ (2R-h)^2(R+h)/3$

Para obter o volume ocupado pelo líquido, em função da altura, basta tomar o volume total da região esférica e retirar o volume da calota *vazia*, para obter:

$V(h) = 4Pi\ R^3/3 - Pi\ (2R-h)^2(R+h)/3$

que pode ser simplificada para:

$V(h) = Pi\ h^2(3R-h)/3$

Independentemente do fato que a altura h esteja no intervalo [0,R] ou [R,2R] ou de uma forma geral em [0,2R], o cálculo do volume ocupado pelo líquido é dado por:

$V(h) = Pi\ h^2(3R-h)/3$

Poliedro

Poliedro é um sólido limitado externamente por planos no espaço R^3. As regiões planas que limitam este sólido são as faces do poliedro. As interseções das faces são as arestas do poliedro. As interseções das arestas são os vértices do poliedro. Cada face é uma região poligonal contendo *n* lados.

Poliedros convexos são aqueles cujos ângulos diedrais formados por planos adjacentes têm medidas menores do que 180 graus. Outra definição: Dados quaisquer dois pontos de um poliedro convexo, o segmento que tem esses pontos como extremidades, deverá estar inteiramente contido no poliedro.

Poliedros Regulares

Um poliedro é regular se todas as suas faces são regiões poligonais regulares com *n* lados, o que significa que o mesmo número de arestas se encontram em cada vértice.

Tetraedro	Hexaedro (cubo)	Octaedro
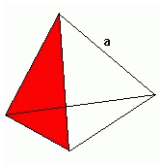	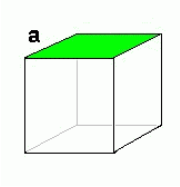	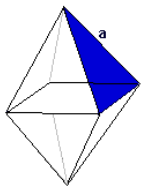

Áreas e Volumes

Poliedro regular	Área	Volume
Tetraedro	a^2 R[3]	(1/12) a^3 R[2]
Hexaedro	6 a^2	a^3
Octaedro	2 a^2 R[3]	(1/3) a^3 R[2]
Dodecaedro	$3a^2$ R{25+10·R[5]}	(1/4) a^3 (15+7·R[5])
Icosaedro	$5a^2$ R[3]	(5/12) a^3 (3+R[5])

Nesta tabela, a notação R[z] significa a raiz quadrada de z≥0.

Prisma

Prisma é um sólido geométrico delimitado por faces planas, no qual as bases se situam em planos paralelos. Quanto à *inclinação* das arestas laterais, os prismas podem ser retos ou oblíquos.

Prisma reto

As arestas laterais têm o mesmo comprimento.
As arestas laterais são perpendiculares ao plano da base.
As faces laterais são retangulares.

Prisma oblíquo

As arestas laterais têm o mesmo comprimento.
As arestas laterais são oblíquas ao plano da base.
As faces laterais não são retangulares.

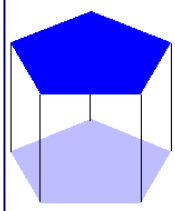	**Bases**: regiões poligonais congruentes **Altura**: distância entre as bases **Arestas laterais paralelas**: mesmas medidas **Faces laterais**: paralelogramos	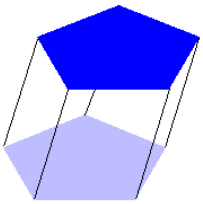
Prisma reto	**Aspectos comuns**	**Prisma oblíquo**

Seções de um prisma

Seção transversal

É a região poligonal obtida pela interseção do prisma com um plano paralelo às bases, sendo que esta região poligonal é congruente a cada uma das bases.

Seção reta (seção normal)

É uma seção determinada por um plano perpendicular às arestas laterais.

Princípio de Cavaliere

Consideremos um plano P sobre o qual estão apoiados dois sólidos com a mesma altura. Se todo plano paralelo ao plano dado interceptar os sólidos com seções de áreas iguais, então os volumes dos sólidos também serão iguais.

Prisma regular

É um prisma reto cujas bases são regiões poligonais regulares.

Exemplos:

Um prisma triangular regular é um prisma reto cuja base é um triângulo equilátero.

Um prisma quadrangular regular é um prisma reto cuja base é um quadrado.

Planificação do prisma

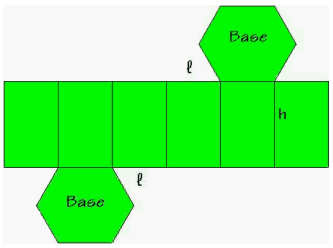

Um prisma é um sólido formado por todos os pontos do espaço localizados dentro dos planos que contêm as faces laterais e os planos das bases. As faces laterais e as bases formam a envoltória deste sólido. Esta envoltória é uma "superfície" que pode ser planificada no plano cartesiano.

Tal planificação se realiza como se cortássemos com uma tesoura esta envoltória exatamente sobre as arestas para obter uma região plana formada por áreas congruentes às faces laterais e às bases.

A planificação é útil para facilitar os cálculos das áreas lateral e total.

Volume de um prisma

O volume de um prisma é dado por:

Vprisma = Abase . h

Área lateral de um prisma reto com base poligonal regular

A área lateral de um prisma reto que tem por base uma região poligonal regular de n lados é dada pela soma das áreas das faces laterais. Como neste caso todas as áreas das faces laterais são iguais, basta tomar a área lateral como:

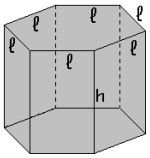

Cilindros

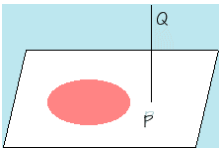

Seja P um plano e nele vamos construir um círculo de raio r. Tomemos também um segmento de reta PQ que não seja paralelo ao plano P e nem esteja contido neste plano P.

Um cilindro circular é a reunião de todos os segmentos congruentes e paralelos a PQ com uma extremidade no círculo.

Observamos que um cilindro é uma superfície no espaço R^3, mas muitas vezes vale a pena considerar o cilindro com a região sólida contida dentro do cilindro. Quando nos referirmos ao cilindro como um sólido usaremos aspas, isto é, *"cilindro"* e quando for à superfície, simplesmente escreveremos *cilindro*.

A reta que contém o segmento PQ é denominada *geratriz* e a curva que fica no plano do "chão" é a *diretriz*.

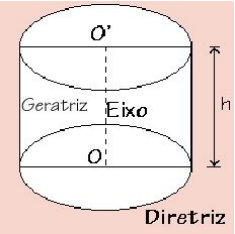

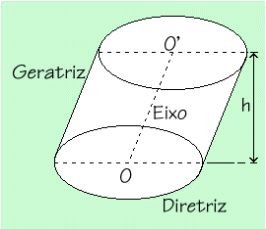

Em função da inclinação do segmento PQ em relação ao plano do "chão", o cilindro será chamado reto ou oblíquo, respectivamente, se o segmento PQ for perpendicular ou oblíquo ao plano que contém a curva diretriz.

Objetos geométricos em um "cilindro"

Num cilindro, podemos identificar vários elementos:

- Base É a região plana contendo a curva diretriz e todo o seu interior. Num cilindro existem duas bases.

- Eixo É o segmento de reta que liga os centros das bases do "cilindro".

- Altura A altura de um cilindro é a distância entre os dois planos paralelos que contêm as bases do "cilindro".

- Superfície Lateral É o conjunto de todos os pontos do espaço, que não estejam nas bases, obtidos pelo deslocamento paralelo da geratriz sempre apoiada sobre a curva diretriz.

- Superfície Total É o conjunto de todos os pontos da superfície lateral reunido com os pontos das bases do cilindro.

- Área lateral É a medida da superfície lateral do cilindro.

- Área total É a medida da superfície total do cilindro.

- Seção meridiana de um cilindro É uma região poligonal obtida pela interseção de um plano vertical que passa pelo centro do cilindro com o cilindro.

Classificação dos cilindros circulares

Cilindro circular oblíquo Apresenta as geratrizes oblíquas em relação aos planos das bases.

Cilindro circular reto As geratrizes são perpendiculares aos planos das bases. Este tipo de cilindro é também chamado de cilindro de revolução, pois é gerado pela rotação de um retângulo.

Cilindro equilátero É um cilindro de revolução cuja seção meridiana é um quadrado.

Volume de um "cilindro"

Em um cilindro, o volume é dado pelo produto da área da base pela altura.

$V = A_{base} \times h$

Se a base é um círculo de raio r, então:

$V = \pi r^2 h$

Áreas lateral e total de um cilindro circular reto

Quando temos um cilindro circular reto, a área lateral é dada por:

$A_{lat} = 2 \pi r h$

onde **r** é o raio da base e **h** é a altura do cilindro.

$A_{tot} = A_{lat} + 2 A_{base}$

$A_{tot} = 2 \pi r h + 2 \pi r^2$

$A_{tot} = 2 \pi r(h+r)$

Exercícios

1. Dado o cilindro circular equilátero (h = 2r), calcular a área lateral e a área total.

2. Seja um cilindro circular reto de raio igual a 2cm e altura 3cm. Calcular a área lateral, área total e o seu volume.

3. As áreas das bases de um cone circular reto e de um prisma quadrangular reto são iguais. O prisma tem altura 12 cm e volume igual ao dobro do volume do cone. Determinar a altura do cone.

4. Anderson colocou uma casquinha de sorvete dentro de uma lata cilíndrica de mesma base, mesmo raio R e mesma altura h da casquinha. Qual é o volume do espaço (vazio) compreendido entre a lata e a casquinha de sorvete?

Respostas

1) Solução: No cilindro equilátero, a área lateral e a área total é dada por:

$A_{lat} = 2\,\pi r.\,2r = 4\,\pi r^2$
$A_{tot} = A_{lat} + 2\,A_{base}$
$A_{tot} = 4\,\pi r^2 + 2\,\pi r^2 = 6\,\pi r^2$
$V = A_{base}\,h = \pi r^2.\,2r = 2\,\pi r^3$

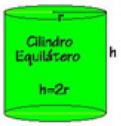

2) Solução: Cálculo da Área lateral $A_{lat} = 2\,\pi r\,h = 2\,\pi\,2.3 = 12\,\pi cm^2$
Cálculo da Área total $A_{tot} = A_{lat} + 2\,A_{base}$ $A_{tot} = 12\,\pi + 2\,\pi 2^2 = 12\,\pi + 8\,\pi = 20\,\pi cm^2$
Cálculo do Volume V = Abase × h = $\pi r^2 \times h$ $V = \pi 2^2 \times 3 = \pi \times 4 \times 3 = 12\,\pi cm^{33}$

3) Solução:
$h_{prisma} = 12$
$A_{base\ do\ prisma} = A_{base\ do\ cone} = A$
$V_{prisma} = 2\,V_{cone}$
$A\,h_{prisma} = 2(A\,h)/3$
$12 = 2.h/3$
h =18 cm

4) Solução:

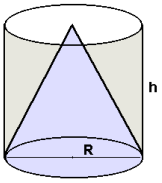

$V = V_{cilindro} - V_{cone}$
$V = A_{base}\,h - (1/3)\,A_{base}\,h$
$V = Pi\,R^2\,h - (1/3)\,Pi\,R^2\,h$
$V = (2/3)\,Pi\,R^2\,h\ cm^3$

GEOMETRIA PLANA: PLANO, ÁREA, PERÍMETRO, ÂNGULO, RETA, SEGMENTO DE RETA E PONTO TEOREMA DE TALES; TEOREMA DE PITÁGORAS;

Área do triangulo

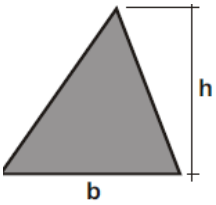

$$S = \frac{b\,.\,h}{2}$$

Segmentos proporcionais

Teorema de Tales.
Em todo feixe de retas paralelas, cortado por uma reta transversal, a razão entre dois segmento quaisquer de uma transversal é igual à razão entre os segmentos correspondentes da outra transversal.

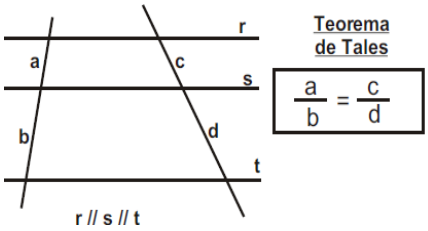

Semelhança de triângulos

Definição.
Dois triângulos são semelhantes se têm os ângulos dois a dois congruentes e os lados correspondentes dois a dois proporcionais.
Definição mais "popular".
Dois triângulos são semelhantes se um deles é a redução ou a ampliação do outro.
Importante - Se dois triângulos são semelhantes, a proporcionalidade se mantém constante para quaisquer dois segmentos correspondentes, tais como: lados, medianas, alturas, raios das circunferências inscritas, raios das circunferências circunscritas, perímetros, etc.

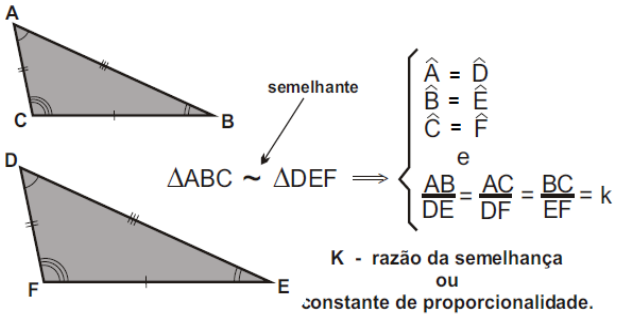

Exercícios

1. Seja um paralelogramo com as medidas da base e da altura respectivamente, indicadas por b e h. Se construirmos um outro paralelogramo que tem o dobro da base e o dobro da altura do outro paralelogramo, qual será relação entre as áreas dos paralelogramos?

2. Os lados de um triângulo equilátero medem 5 mm. Qual é a área deste triângulo equilátero?

3. Qual é a medida da área de um paralelogramo cujas medidas da altura e da base são respectivamente 10 cm e 2 dm?

4. As diagonais de um losango medem 10 cm e 15 cm. Qual é a medida da sua superfície?

5. Considerando as informações constantes no triangulo PQR, pode-se concluir que a altura PR desse triângulo mede:

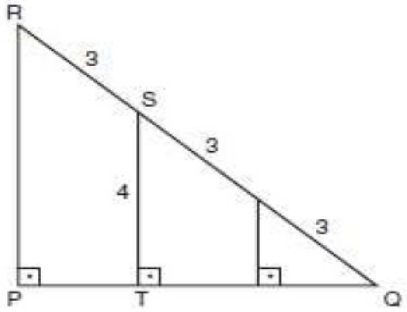

a)5 b)6 c)7 d)8

6. Num cartão retangular, cujo comprimento é igual ao dobro de sua altura, foram feitos dois vincos AC e BF, que formam, entre si, um ângulo reto (90°). Observe a figura:

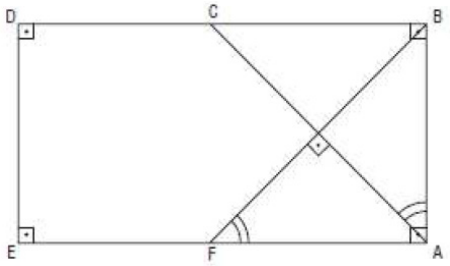

Considerando AF=16cm e CB=9cm, determine:
a) as dimensões do cartão;
b) o comprimento do vinco AC

7. Na figura, os ângulos assinalados sao iguais, AC=2 e AB=6. A medida de AE é:
a)6/5 b)7/4 c)9/5 d)3/2 e)5/4

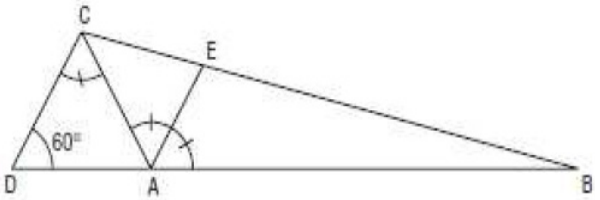

8. Na figura a seguir, as distâncias dos pontos A e B à reta valem 2 e 4. As projeções ortogonais de A e B sobre essa reta são os pontos C e D. Se a medida de CD é 9, a que distância de C deverá estar o ponto E, do segmento CD, para que CÊA=DÊB

a)3
b)4
c)5
d)6
e)7

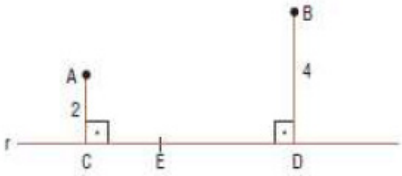

9. Para ladrilhar uma sala são necessários exatamente 400 peças iguais de cerâmica na forma de um quadrado. Sabendo-se que a área da sala tem 36m², determine:
a) a área de cada peça, em m².
b) o perímetro de cada peça, em metros.

10. Na figura, os ângulos ABC, ACD, CÊD, são retos. Se AB=$2\sqrt{3}$ m e CE=$\sqrt{3}$ m, a razão entre as áreas dos triângulos ABC e CDE é:

a)6
b)4
c)3
d)2
e)$\sqrt{3}$

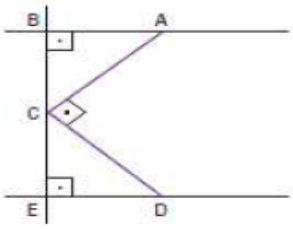

Respostas

1. A2 = (2b)(2h) = 4bh = 4A1

2. Segundo o enunciado temos:
l=5mm
Substituindo na fórmula:

$$S = \frac{l^2\sqrt{3}}{4} \Rightarrow S = \frac{5^2\sqrt{3}}{4} = 6,25\sqrt{3} \Rightarrow S = 10,8$$

3. Sabemos que 2 dm equivalem a 20 cm, temos:
h=10
b=20
Substituindo na fórmula:

$$S = b.h = 20.10 = 100cm^2 = 2dm^2$$

4. Para o cálculo da superfície utilizaremos a fórmula que envolve as diagonais, cujos valores temos abaixo:
d1=10
d2=15

Utilizando na fórmula temos:

$$S = \frac{d1.d2}{2} \Rightarrow \frac{10.15}{2} = 75cm^2$$

5. $\frac{4}{\overline{PR}} = \frac{6}{9} \Rightarrow \overline{PR} = \frac{36}{6} = 6$

6. $\frac{x}{16} = \frac{9}{x} \Rightarrow x^2 = 144 \Rightarrow x = 12$

$a) x = 12(altura); 2x = 24(comprimento)$

$b) \overline{AC} = \sqrt{9^2 + x^2} = \sqrt{81+144} = 15$

7.

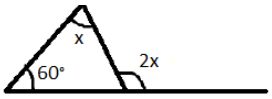

3) 2x=x+60 ⇒

$x = 60$ (Triângulo Equilátero)

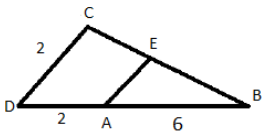

$\frac{2}{2+6} = \frac{\overline{AE}}{6} \Rightarrow 12 = 8 * \overline{AE} \Rightarrow$

$\overline{AE} = 12/8 = 6/4 = 3/2$

8.

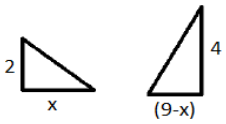

2/4=x/(9-x)

18-2x=4x

6x=18

x=3

9.

$36m^2 \rightarrow 400$

$x \rightarrow 1$

$a) x = 36/400 = 9/100 = 0{,}09m^2$

$b) c = \sqrt{0{,}09} = 0{,}3m$

10.

$\frac{2\sqrt{3}}{a} = \frac{\sqrt{3}}{b}$

$a = 2b$

$\frac{2\sqrt{3} \times a}{2} \div \frac{\sqrt{3} \times b}{2} = \frac{2a}{b}$

$\frac{2(2b)}{b} = 4$

Teorema de Tales

- Feixe de paralelas: é todo conjunto de três ou mais retas e paralelas entre si.

- Transversal: é qualquer reta que intercepta todas as retas de um feixe de paralelas.

- **Teorema de** Tales: Se duas retas são transversais de um feixe de retas paralelas então a razão entre as medidas de dois segmentos quaisquer de uma delas é igual à razão entre as medidas dos segmentos correspondentes da outra.

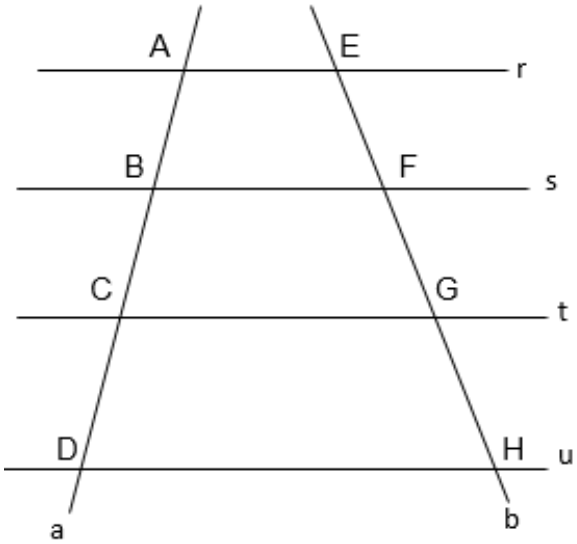

r//s//t//u (// ➔ símbolo de paralelas); a e b são retas transversais. Então, temos que os segmentos correspondentes são proporcionais.

$$\frac{\overline{AB}}{\overline{EF}} = \frac{\overline{BC}}{\overline{FG}} = \frac{\overline{CD}}{\overline{GH}} = \frac{\overline{AD}}{\overline{EH}} = \cdots.$$

Exercícios

1 - Na figura abaixo, o valor de x é:

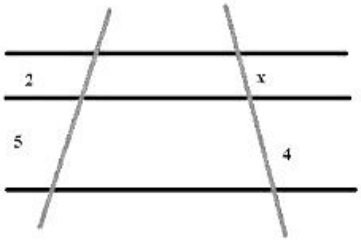

a) 1,2
b) 1,4
c) 1,6
d) 1,8
e) 2,0

2 - Na figura abaixo, qual é o valor de x?

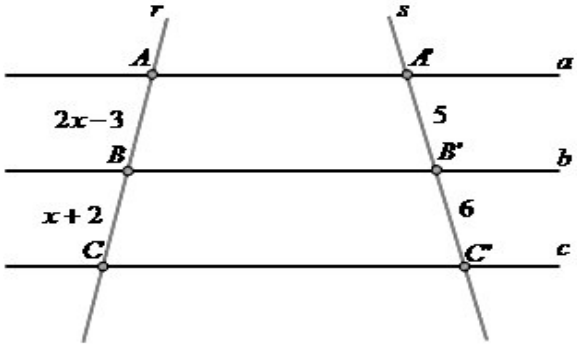

a) 3
b) 4
c) 5
d) 6
e) 7

3 - Calcular o valor de x na figura abaixo.

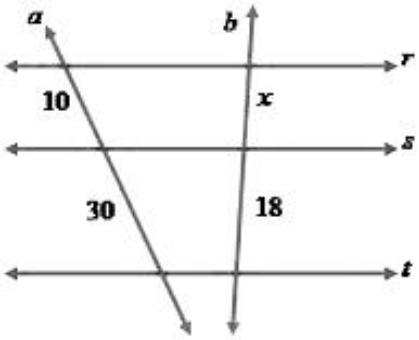

4 - Os valores de x e y, respectivamente, na figura seguinte é:

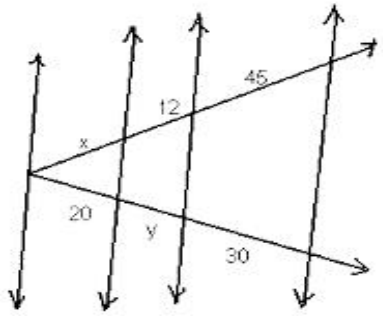

a) 30 e 8
b) 8 e 30
c) 20 e 10
d) 10 e 20
e) 5 e 25

5 - Na figura abaixo, qual é o valor de x?

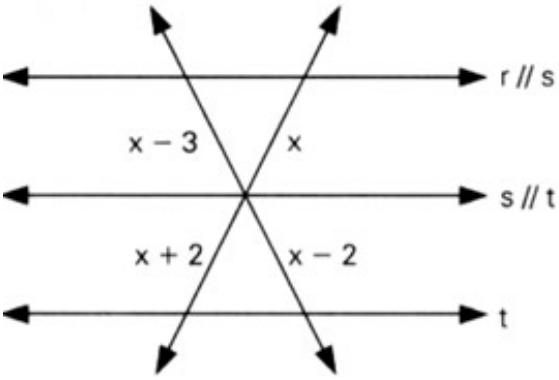

a) 3
b) 4
c) 5
d) 6
e) 7

Resoluções

01- Alternativa c
Solução:

$$\frac{2}{5} = \frac{x}{4}$$

5x = 2.4
5x = 8
x = 8 : 5 = 1,6

02- Alternativa b
Solução:

$$\frac{2x-3}{x+2} = \frac{5}{6}$$

6.(2x – 3) = 5(x + 2)
12x – 18 = 5x + 10
12x – 5x = 10 + 18
7x = 28
x = 28 : 7 = 4

03- Resposta: 6
Solução:

$$\frac{10}{30} = \frac{x}{18}$$

30x = 10.18
30x = 180
x = 180 : 30 = 6

NOVA CONCURSOS

04- Alternativa a
Solução:

$$\frac{x}{45} = \frac{20}{30}$$

3x = 45.2
3x = 90
x = 90 : 3 = 30

$$\frac{y}{30} = \frac{12}{45}$$

45y = 12.30
45y = 360
y = 360 : 45 = 8

05- Alternativa d
Solução:

$$\frac{x-3}{x-2} = \frac{x}{x+2}$$

(x – 3).((x + 2) = x.(x – 2)
$x^2 + 2x – 3x – 6 = x^2 – 2x$
- x – 6 = - 2x
- x + 2x = 6
x = 6

TEOREMA DE PITÁGORAS

Em todo triângulo retângulo, o quadrado da medida da hipotenusa é igual à soma dos quadrados da medida dos catetos.

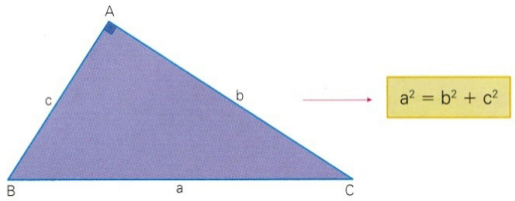

Demonstrando o teorema de Pitágoras

Existem inúmeras maneiras de demonstrar o teorema de Pitágoras. Veremos uma delas, baseada no cálculo de áreas de figuras geométricas planas.
Consideremos o triângulo retângulo da figura.

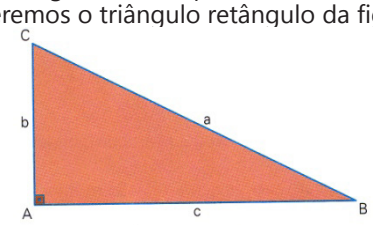

a = medida da hipotenusa
b = medida de um cateto
c = medida do outro cateto

Observe, agora, os quadrados MNPQ e DEFG, que têm a mesma área, pois o lado de cada quadrado mede (b+c).

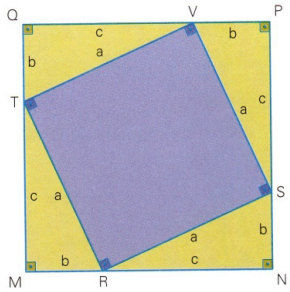

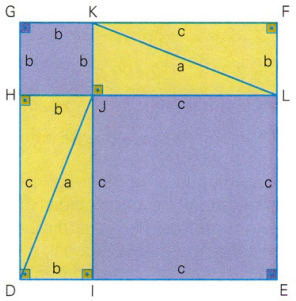

- Área do quadrado MNPQ = área do quadrado RSVT + (área do triângulo RNS) . 4

- Área do quadrado DEFG = área do quadrado IELJ + área do quadrado GHJK + (área do retângulo DIJH).2

- Área do quadrado RSVT = a^2

- Área do triângulo RNS = $\frac{b.c}{2}$

- Área do quadrado IELJ = c^2

- Área do quadrado GHJK = b^2

- Área do retângulo DIJK = b.c

Como os quadrados MNPQ e DEFG têm áreas iguais, podemos escrever:

$$a^2 + \left(\frac{b}{2}\right).4^2 = c^2 + b^2 + (bc) . 2$$

$a^2 + 2bc = c^2 + b^2 + 2bc$
Cancelando 2bc, temos:
$a^2 = b^2 + c^2$

A demonstração algébrica do teorema de Pitágoras será feita mais adiante.

Pense & Descubra

Um terreno tem a forma de um triângulo retângulo e tem rente para três ruas: Rua 1, Rua 2 e Rua 3, conforme nos mostra a figura. Calcule, em metros, o comprimento a da frente do terreno voltada para a rua 1.

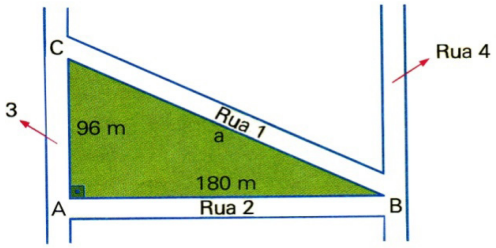

De acordo com os dados do problema, temos b = 96 m e c = 180 m.

Aplicando o teorema de Pitágoras:

$a2 = b2 + c^2$ $\quad$ $a2 = 41616$

$a^2 = (96)^2 + (180)^2$ $\quad$ $a = \sqrt{41616}$

$a^2 = 9216 + 32400$ $\quad$ $a = 204$

Então, a frente do terreno para a rua 1 tem 204 m de comprimento.

Teorema de Pitágoras no quadrado

Aplicando o teorema de Pitágoras, podemos estabelecer uma relação importante entre a medida *d* da diagonal e a medida *l* do lado de um quadrado.

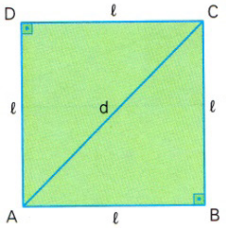

d= medida da diagonal
l= medida do lado
Aplicando o teorema de Pitágoras no triângulo retângulo ABC, temos:

$d^2=l^2+l^2$ $\quad$ $d=\sqrt{2l^2}$

$d^2=2\,l^2$ $\quad$ $d=l\sqrt{2}$

Teorema de Pitágoras no triângulo equilátero

Aplicando o teorema de Pitágoras, podemos estabelecer uma relação importante entre a medida *h* da altura e a medida *l* do lado de um triângulo equilátero.

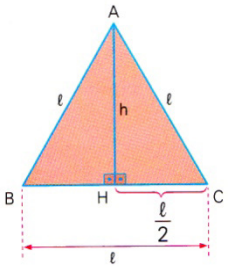

l= medida do lado
h= medida da altura

No triângulo equilátero, a altura e a mediana coincidem. Logo, *H* é ponto médio do lado $\overline{BC}$.
No triângulo retângulo AHC, H é ângulo reto. De acordo com o teorema de Pitágoras, podemos escrever:

$$l^2=h^2+\left(\frac{l}{2}\right)^2 \rightarrow h^2=l^2-\frac{l^2}{4} \rightarrow h^2=\frac{3l^2}{4} \rightarrow h=\sqrt{\frac{3l^2}{4}} \rightarrow \boxed{h=\frac{l\sqrt{3}}{2}}$$

Exercícios resolvidos

1. O valor de x, em cm, no triângulo retângulo abaixo é:

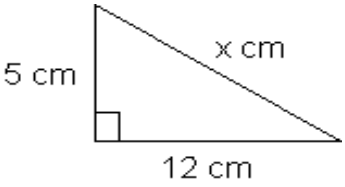

a) 10
b) 11
c) 12
d) 13
e) 14

2. Uma empresa de iluminação necessita esticar um cabo de energia provisório do topo de um edifício, cujo formato é um retângulo, a um determinado ponto do solo distante a 6 m, como ilustra a figura a seguir. O comprimento desse cabo de energia, em metros, será de:
a) 28
b) 14
c) 12
d) 10
e) 8

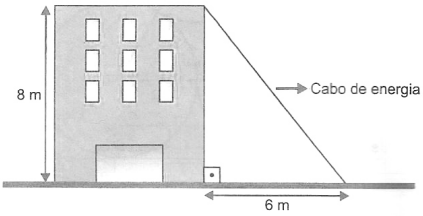

3. (Fuvest) Um trapézio retângulo tem bases medindo 5 e 2 e altura 4. O perímetro desse trapézio é:
a) 17
b) 16
c) 15
d) 14
e) 13

4. (UERJ) Millôr Fernandes, em uma bela homenagem à Matemática, escreveu um poema do qual extraímos o fragmento abaixo:

Às folhas tantas de um livro de Matemática, um Quociente apaixonou-se um dia doidamente por uma incógnita.

Olhou-a com seu olhar inumerável e viu-a do ápice à base: uma figura ímpar; olhos romboides, boca trapezoide, corpo retangular, seios esferoides.

Fez da sua uma vida paralela à dela, até que se encontraram no infinito.

"Quem és tu" – indagou ele em ânsia radical.

"Sou a soma dos quadrados dos catetos.

Mas pode me chamar de Hipotenusa."

(Millôr Fernandes – Trinta Anos de Mim Mesmo)

A Incógnita se enganou ao dizer quem era. Para atender ao Teorema de Pitágoras, deveria dar a seguinte resposta:

a) "Sou a soma dos catetos. Mas pode me chamar de Hipotenusa."

b) "Sou o quadrado da soma dos catetos. Mas pode me chamar de Hipotenusa."

c) "Sou o quadrado da soma dos catetos. Mas pode me chamar de quadrado da Hipotenusa."

d) "Sou a soma dos quadrados dos catetos. Mas pode me chamar de quadrado da Hipotenusa."

5. (Fatec) O valor do raio da circunferência da figura é:

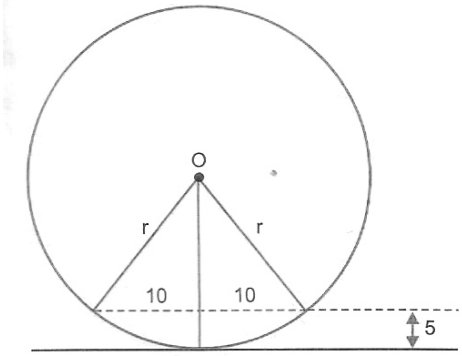

a) 7,5
b) 14,4
c) 12,5
d) 9,5
e) 10,0

6. O valor do segmento desconhecido x no triângulo retângulo a seguir, é:

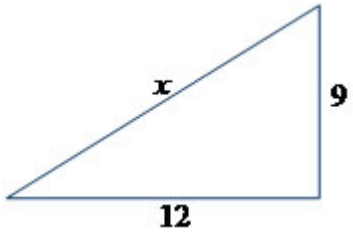

a) 15
b) 14
c) 12
d) 10
e) 6

Resoluções

1) **Alternativa d**
Solução: x é hipotenusa, 12 e 5 são os catetos, então:
$x^2 = 12^2 + 5^2$
$x^2 = 144 + 25$
$x^2 = 169$
$x = \sqrt{169}$
x = 13 cm

2) **Alternativa d**

Solução: como podemos observar na figura, temos um triângulo retângulo cujos catetos medem 8 m e 6 m, chamando o cabo de energia de x, pelo Teorema de Pitágoras:

$x^2 = 6^2 + 8^2$
$x^2 = 36 + 64$
$x^2 = 100$
$x = \sqrt{100}$
x = 10 m

3) **Alterntiva b**

Solução: temos que fazer uma figura, um trapézio retângulo é aquele que tem dois ângulos de 90°.

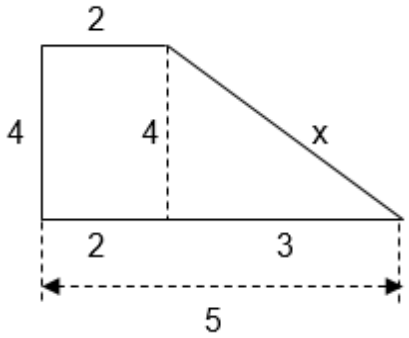

Perímetro é a soma dos quatro lados. Como podemos observar na figura acima, temos um triângulo retângulo cujos catetos medem 3 e 4 e x é a hipotenusa:

$x^2 = 3^2 + 4^4$
$x^2 = 9 + 16$
$x^2 = 25$
$x = \sqrt{25}$
x= 5
Perímetro = 5 + 4 + 2 + 5 = 16

4) **Alternativa d**

Solução: de acordo com o Teorema de Pitágoras: "O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos."

5) **Alternativa c**

Solução: na figura dada podemos observar dois triângulos retângulos iguais e com lados medindo:

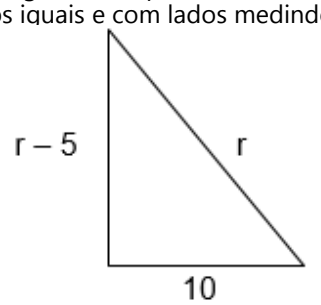

Sendo r a hipotenusa, 10 e r – 5 são catetos:

$r^2 = 10^2 + (r - 5)^2$
$r^2 = 100 + r^2 - 2.5.r + 5^2$
$r^2 = 100 + r^2 - 10r + 25$
$r^2 - r^2 + 10r = 125$
10r = 125
r = 125 : 10
r = 12,5

6) **Alternativa a**

Solução: aplicação direta do Teorema de Pitágoras:

$x^2 = 12^2 + 9^2$
$x^2 = 144 + 81$
$x^2 = 225$
$x = \sqrt{225}$
x = 15

NOÇÕES DE TRIGONOMETRIA;

Considerando o triângulo retângulo ABC.

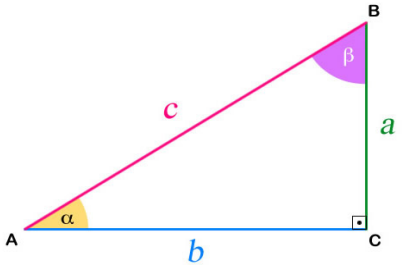

$\overline{AB}$: hipotenusa $= c$

$\overline{BC}$: cateto oposto a $\hat{A}$ e adjacente a $\hat{B} = a$

$\overline{AC}$: cateto adjacente a $\hat{A}$ e oposto a $\hat{B} = b$

Temos:

$$\text{sen } \alpha = \frac{\text{cateto oposto a } A}{\text{hipotenusa}} = \frac{a}{c}$$

$$\cos \alpha = \frac{\text{cateto adjacente a } A}{\text{hipotenusa}} = \frac{b}{c}$$

$$\text{tg } \alpha = \frac{\text{cateto oposto a } A}{\text{cateto adjacente a } \hat{A}} = \frac{a}{b}$$

$$cotg\ \alpha = \frac{1}{tg\ \alpha} = \frac{\text{cateto adjacente a } A}{\text{cateto oposto a } \hat{A}} = \frac{b}{a}$$

$$\sec \alpha = \frac{1}{\cos \alpha} = \frac{\text{hipotenusa}}{\text{cateto adjacente a } \hat{A}} = \frac{c}{b}$$

$$cosec\ \alpha = \frac{1}{sen \alpha} = \frac{\text{hipotenusa}}{\text{cateto oposto a } \hat{A}} = \frac{c}{a}$$

NOVA CONCURSOS

Equações Trigonométricas

Chamam-se equações trigonométricas igualdades que podem ser escritas como, por exemplo, as indicadas abaixo:

$sen\ x = k, \cos x = k\ com\ k \in R$

Exemplo
Resolva a equação cos x=1/2 para x□R.

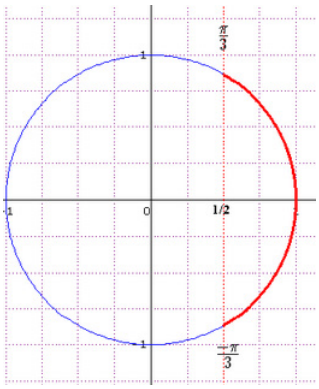

$$x = \pm\frac{\pi}{3} + 2k\pi$$

$$S = \left\{x \in R \middle| x = \pm\frac{\pi}{3} + 2k\pi, k \in Z\right\}$$

Inequações Trigonométricas

Resolva a equação cos x<1/2 para 0<x<2π.

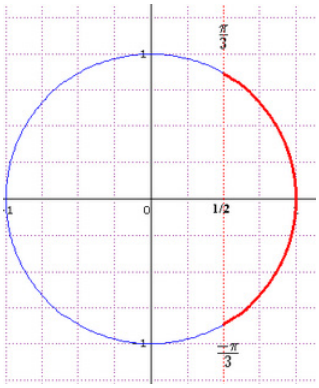

Cos x< ½ em todo o resto da circunferência que não está marcado de vermelho.

$$S = \{x \in R | \frac{\pi}{3} < x < \frac{5\pi}{3}\}$$

Funções Trigonométricas

Função seno
A função seno é uma função $f: R \rightarrow R$ que a todo arco $\overset{\frown}{AM}$ de medida x□R associa a ordenada y, do ponto M.
$f(x) = sen\ x$
D=R e Im=[-1,1]

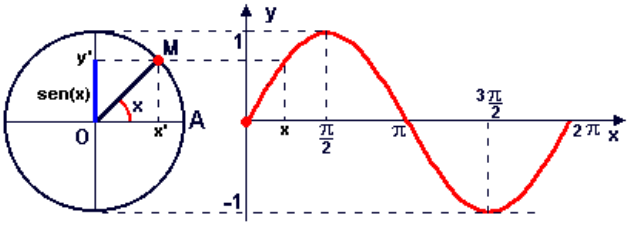

Exemplo
Sem construir o gráfico, determine o conjunto imagem da função f(x)=2sen x.
Solução
-1≤sen x≤1
-2≤2sen x≤2
-2≤f(x)≤2

Im=[-2,2]

Função Cosseno

A função cosseno é uma função $f: R \rightarrow R$ que a todo arco $\overset{\frown}{AM}$ de medida x□R associa a abscissa x do ponto M.

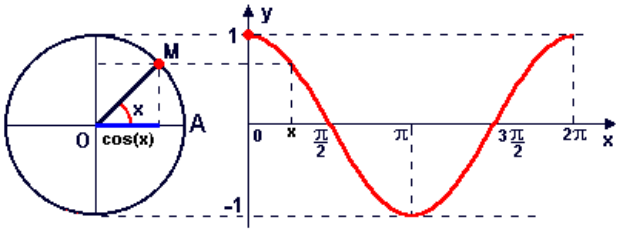

D=R

Im=[-1,1]

Exemplo
Determine o conjunto imagem da função f(x)=2+cos x.

Solução

-1≤cos x≤1
-1+2≤2+cos x≤1+2
1≤f(x)≤3

Logo, Im=[1,3]

Função Tangente

A todo arco $\overset{\frown}{AP}$ de medida x associa a ordenada y_T do pontoT. O ponto T é a interseção da reta $\overline{OM}$ com o eixo das tangentes.

$$f(x) = tg\ x$$

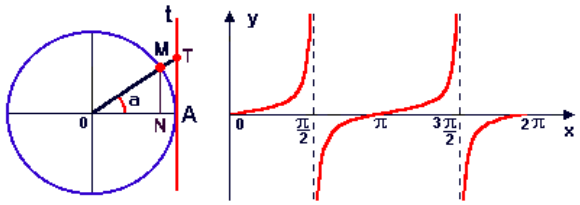

$$D = \left\{x \in R \middle| x \neq \frac{\pi}{2} + k\pi, k \in Z\right\}$$

Im=R

Função Trigonométrica Inversa

Uma função f, de domínio D possui inversa somente se f for bijetora, por este motivo nem todas as funções trigonométricas possuem inversas em seus domínios de definição, mas podemos tomar subconjuntos desses domínios para gerar novas função que possuam inversas.

Consideremos a função f(x)=sen(x), com domínio no intervalo [-π/2,π/2] e imagem no intervalo [-1,1]. A função inversa de f, denominada arco cujo seno, definida por f-1:[-1,1][-π/2,π/2] é denotada por

$f^{-1}(x)$ = arcsen(x)

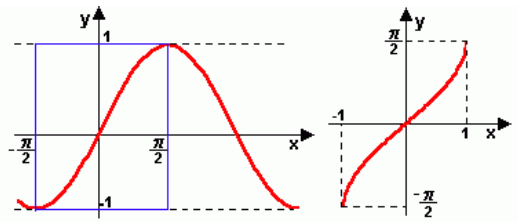

Função arco-cosseno

Seja a função g(x)=cos(x), com domínio [0,pi] e imagem [-1,1]. A função inversa de f, denominada arco cujo cosseno é definida por g-1:[-1,1][0,pi] e denotada por

$g^{-1}(x)$ = arc cos(x)

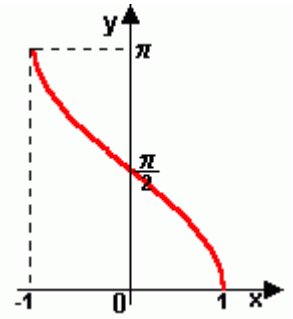

Função arco-tangente

Dada a função f(x)=tan(x), com domínio (-π/2,π/2) e imagem em R, a função inversa de f, denominada arco-tangente é definida por f-1:R(-π/2, π/2) e denotada por

$f^{-1}(x)$ = arc tan(x)

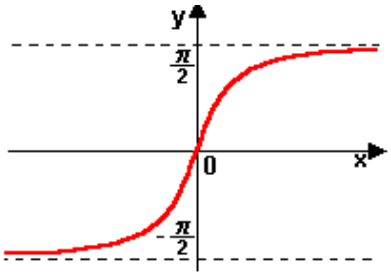

Considerados dois arcos quaisquer de medidas a e b, as operações da soma e da diferença entre esses arcos será dada pelas seguintes identidades:

$$sen(a+b) = sen\ a \cdot \cos b + \cos a \cdot sen\ b$$

$$sen(a-b) = en\ a \cdot cosb - \cos a \cdot sen\ b$$

$$\cos(a+b) = \cos a \cdot \cos b - sen\ a \cdot sen\ b$$

$$\cos(a-b) = \cos a \cdot \cos b + sen\ a \cdot sen\ b$$

$$tg(a+b) = \frac{tg\ a + tg\ b}{1 - tg\ a \cdot tg\ b}$$

$$tg(a-b) = \frac{tg\ a - tg\ b}{1 + tg\ a \cdot tg\ b}$$

Duplicação de arcos

$$sen2x = 2senx\ \cdot cosx$$

$$cos2x = cos^2x - sen^2x$$

$$tg2x = \frac{2tgx}{1 - tg^2x}$$

Bissecção

$$sen\frac{x}{2} = \pm\sqrt{\frac{1 - cosx}{2}}$$

$$\cos\frac{x}{2} = \sqrt{\frac{1 + cosx}{2}}$$

$$tg\frac{x}{2} = \pm\sqrt{\frac{1 - cosx}{1 + cosx}}$$

$$senx + sen\,y = 2sen(\frac{x+y}{2}) \cdot \cos(\frac{x-y}{2})$$

$$senx - sen\,y = 2sen(\frac{x-y}{2}) \cdot \cos(\frac{x+y}{2})$$

$$cosx + cosy = 2\cos\left(\frac{x+y}{2}\right) \cdot \cos\left(\frac{x-y}{2}\right)$$

$$cosx - cosy = -2\,\mathrm{sen}\left(\frac{x+y}{2}\right) \cdot \mathrm{sen}\left(\frac{x-y}{2}\right)$$

Lei dos Cossenos

A lei dos cossenos é uma importante ferramenta matemática para o cálculo de medidas dos lados e dos ângulos de triângulos quaisquer.

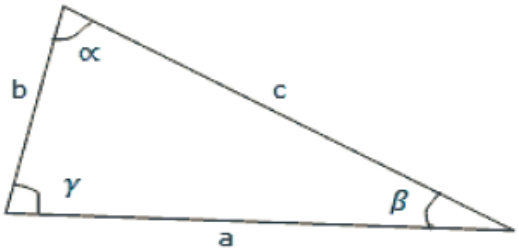

$$a^2 = b^2 + c^2 - 2 \cdot b \cdot c \cdot \cos\alpha$$

$$b^2 = a^2 + c^2 - 2 \cdot a \cdot c \cdot \cos\beta$$

$$c^2 = a^2 + b^2 - 2 \cdot a \cdot b \cdot \cos\gamma$$

Lei dos Senos

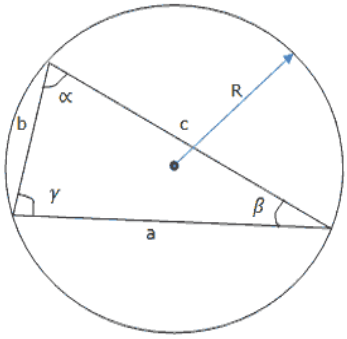

$$2R = \frac{a}{\mathrm{sen}\alpha}$$

$$2R = \frac{b}{\mathrm{sen}\beta}$$

$$2R = \frac{c}{\mathrm{sen}\gamma}$$

RELAÇÃO ENTRE GRANDEZAS: TABELAS E GRÁFICOS;

Os gráficos e tabelas apresentam o cruzamento entre dois dados relacionados entre si. Podemos dar, como exemplos, o peso de uma criança que depende da idade, o faturamento de uma firma que depende do mês, o índice de analfabetismo que depende da região, o índice de chuva que depende da época do ano etc.

Podemos utilizar as tabelas para os mais diversos fins. Empresas de grande porte utilizam-nas para apresentar seus balanços mensais; já um balconista pode usar uma tabela para agilizar seu dia-a-dia, para uso na estatística.

bar	KPa	mmHg	Tensão (V)
0,2	20	150,01	0,301
0,3	30	225,02	0,739
0,35	35	262,52	0,958
0,4	40	300,02	1,177
0,5	50	375,03	1,615
0,6	60	450,04	2,053
0,7	70	525,04	2,491
0,8	80	600,05	2,929
0,9	90	675,05	3,367
0,92	92	690,06	3,455
1,0	100	750,06	3,805
1,1	110	825,07	4,243
1,2	120	900,07	4,681

Gráfico

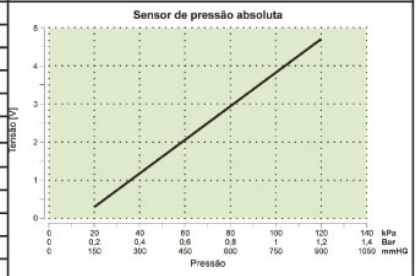

Equação da tensão: U = 4,38 * P(bar) - 0,575 // Equação da pressão: P(bar) = 0,228 * U + 0,131

Para cada informação que se quer comunicar há uma linguagem mais adequada. Os textos, gráficos e tabelas, por exemplo, são usados para facilitar a leitura do conteúdo, já que apresentam as informações de maneira visual.

Existem vários tipos de gráficos, como os de barras, de setor e de linhas, por exemplo.

Barras- Usado para comparar quantitativos e formado por barras de mesma largura e comprimento variável, pois dependem do montante que representam. A barra mais longa indica a maior quantidade e, com base nela, é possível analisar como certo dado está em relação aos demais.

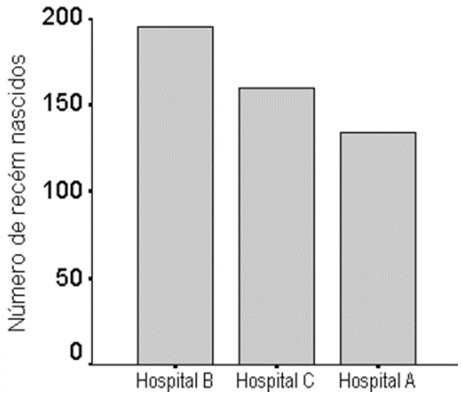

Setor- Útil para agrupar ou organizar quantitativamente dados considerados de um total. A circunferência representa o todo e é dividida de acordo com os números relacionados ao tema abordado. Também conhecido como gráfico pizza.

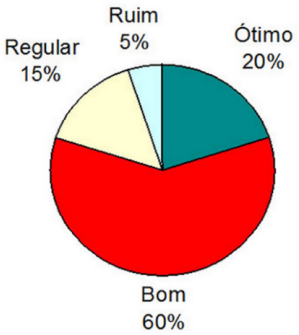

Linhas- Apresenta a evolução de um dado. Eixos na vertical e na horizontal indicam as informações a que se refere e a linha traçada entre eles, ascendente, descendente, constante ou com vários altos e baixos mostra o percurso de um fenômeno específico.

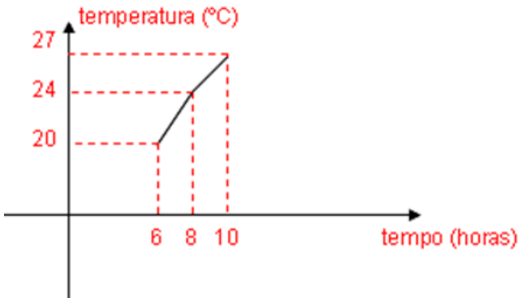

Segmento - O gráfico de segmento é utilizado principalmente para mostrar crescimento, decréscimo ou estabilidade.

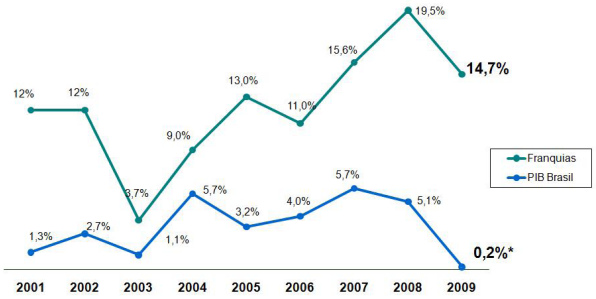

Histograma - Dados quantitativos, agrupados em classes de frequência que permite distinguir a forma, o ponto central e a variação da distribuição, além de outros dados como amplitude e simetria na distribuição dos dados.

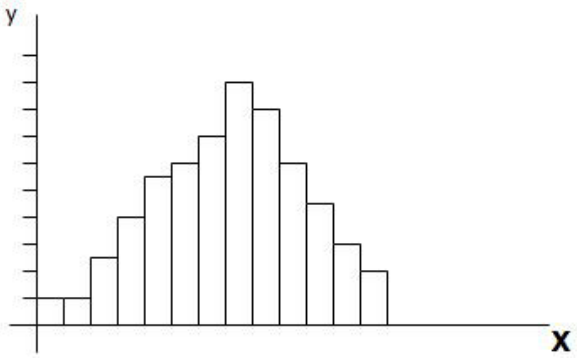

Exercícios

1. **(TJ/RS - TÉCNICO JUDICIÁRIO - ÁREA JUDICIÁRIA E ADMINISTRATIVA – FAURGS/2012)** Se cada círculo desenhado abaixo está dividido em partes iguais entre si, assinale a alternativa que apresenta o círculo que tem 12,5% de sua área hachurada.

(A)

(B)

(C)

(D)

(E)

2. **(IAMSPE – OFICIAL ADMINISTRATIVO – VUNESP/2012)** Considere a figura.

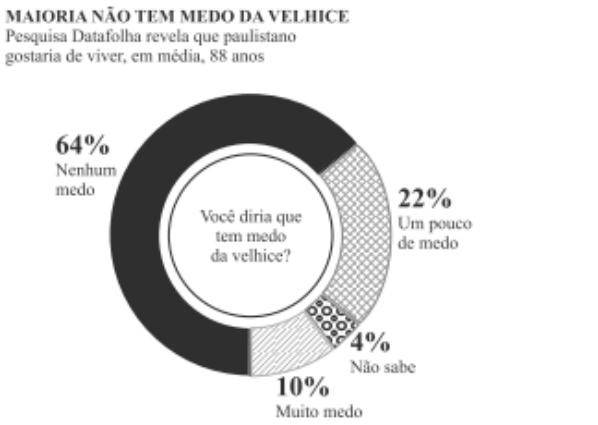

(*Folha de S.Paulo*, 24.01.2012)

Se 132 pessoas responderam à pergunta dizendo que têm um pouco de medo, pode-se concluir que o total de pessoas entrevistadas que responderam que não têm nenhum medo foi

A) 844.
B) 384.
C) 364.
D) 320.
E) 256.

3. **(SPTRANS – AGENTE DE INFORMAÇÕES – VUNESP/2012)** O jornal Folha de S. Paulo publicou, em 15 de agosto de 2012, o seguinte artigo:

De acordo com essas informações, a diferença entre o valor estimado por km, em uma rodovia e em uma ferrovia, é, aproximadamente, de

A) 7 bilhões.
B) 7milhões.
C) 750 mil.
D) 75 mil.
E) 7,5 mil.

4. **(SPTRANS – AGENTE DE INFORMAÇÕES – VUNESP/2012)** O jornal Folha de S.Paulo, de 5 de julho de 2012 (Adaptado), publicou o seguinte artigo sobre o interesse dos ingleses pela Olimpíada:

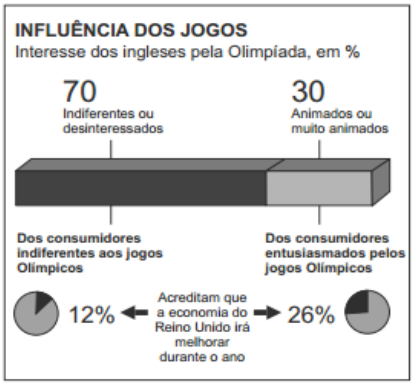

De acordo com essas informações, em 500 pessoas pesquisadas, o número de pessoas que acreditam que a economia do Reino Unido irá melhorar durante o ano corresponde a uma porcentagem de, aproximadamente,

A) 38%.
B) 35%.
C) 28%.
D) 23%.
E) 16%.

5. **(TJ/MT – DISTRIBUIDOR, CONTADOR E PARTIDOR– TJ/2012)** A figura abaixo apresenta a receita (faturamento), em dólares, com a venda de vinhos finos em leilões no mundo

(Revista Veja, 24/10/2012.)

Em relação ao faturamento com a venda de vinhos finos em leilão no mundo e a partir das informações da figura, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

( ) O maior crescimento no faturamento ocorreu no período 2009-2010.

( ) No período 2008-2009, o faturamento caiu 43 milhões de reais.

( ) O faturamento de 2009 foi igual à metade do faturamento de 2011.

Marque a sequência correta.

A) V, F, F
B) V, V, F
C) F, F, V
D) F, V, F

6. **(TJ/MT – AGENTE DE INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – TJ/2012)** Um mapa rodoviário foi dividido em regiões e, para cada uma delas, as distâncias são calculadas a partir de uma escala. A tabela abaixo apresenta a relação de correspondência entre cada região e sua respectiva escala.

7.

REGIÃO	ESCALA
1	1 cm = 20 km
2	1 cm = 10 km
3	1 cm = 12 km
4	1 cm = 6 km
5	1 cm = 8 km
6	1 cm = 55 km
7	1 cm = 70 km
8	1 cm = 125 km

(Adaptado de Guia Quatro Rodas – Estradas 2013)

A partir dessas informações, analise as afirmativas.

I - Para se deslocar exatamente a mesma distância, se foram deslocados no mapa rodoviário o equivalente a 2 cm na região 6, é preciso deslocar 11 cm na região 2.

II - Se um automóvel X percorrer o equivalente a 1 cm no mapa em cada uma das regiões 6 e 7 e mais 2 cm na região 1, terá percorrido 60 km a mais de distância que um automóvel Y que percorreu o equivalente a 1 cm no mapa na região 8.

III - A diferença entre as distâncias percorridas em 1 cm da região 1 e em 1 cm da região 3 do mapa é exatamente o equivalente a percorrer 1cm, no mapa, na região 5.

Está correto o que se afirma em:

A) I e III, apenas.
B) II, apenas.
C) III, apenas.
D) I, II e III.

8. **(SAMU/SC – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – SPDM/2012)** O gráfico abaixo indica o total de alunos em cada uma das 4 salas de aula de certa escola.

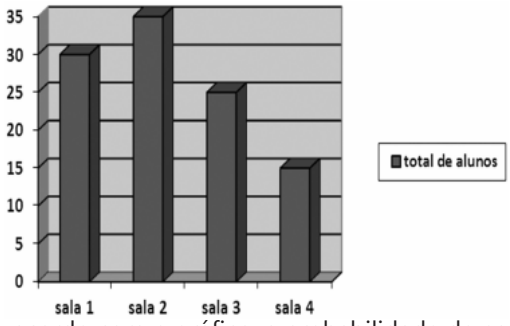

De acordo com o gráfico, a probabilidade de escolhermos um aluno, dentre as quatro salas de aula, de modo que ele não seja das salas 3 e 4 é de:

A) 13/21
B) 8/21
C) 1/105
D) 1/3

9. **(EMPLASA – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – VUNESP/2014)** Os resultados de duas perguntas de uma ampla pesquisa sobre mobilidade urbana estão representados nos gráficos:

Qual é a situação do trânsito na cidade?

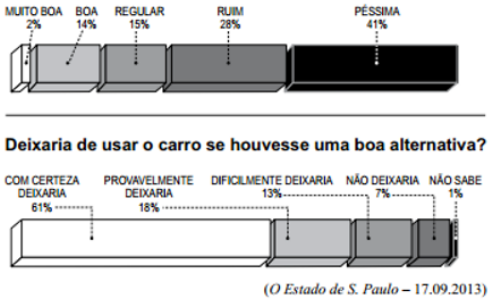

Apesar de 522 entrevistados afirmarem que a situação do trânsito na cidade é ruim ou péssima, o número de entrevistados que dificilmente deixaria ou não deixaria de usar o carro se houvesse uma boa alternativa é de, apenas,

A) 194.
B) 186.
C) 180.
D) 172.
E) 160.

Respostas

1. RESPOSTA: "D".

$$\frac{100}{12{,}5} = 8\ partes$$

O círculo deve ter 8 partes, sendo uma hachurada.

2. RESPOSTA: "B".
132----22%
X------64%
X=384 pessoas não têm nenhum medo

3. RESPOSTA: "C".

$$\frac{50 \cdot 10^9}{8 \cdot 10^3} = 6{,}25 \cdot 10^6$$

$$\frac{40 \cdot 10^9}{5{,}7 \cdot 10^3} = 7 \cdot 10^6$$

$$7 \cdot 10^6 - 6{,}25 \cdot 10^6 = 0{,}75 \cdot 10^6 = 750.000$$

4. RESPOSTA: "E".

$$500 \cdot 0{,}7 = 350$$
$$350 \cdot 0{,}12 = 42\ pessoas$$

500-350=150 pessoas que são animados ou muito animados

$$150 \cdot 0{,}26 = 39\ pessoas$$

42+39=81 consumidores
500-----100%
81------x
X=16,2%
Aproximadamente 16%.

5. RESPOSTA: "B".
O maior crescimento foi de 2009 a 2010 (233 milhões -408 milhões)
No período 2008-2009 o faturamento caiu 276-233=43 milhões
478/2=239 milhões

6. RESPOSTA: "A".
I (v)
Região 6-2cm=110km
Região 2=11cm=110km

II(F)
Automóvel X=55+70+40=165km
Automóvel Y-125km
165-125=40km

III(V)
20-12=8

7. RESPOSTA: "A"

Total de alunos: 30+35+25+15=105

$$\frac{30}{105} + \frac{35}{105} = \frac{65}{105} = \frac{13}{21}$$

8. RESPOSTA: "E".
Ruim +péssimo=28+41=69
Dificilmente deixaria ou não deixaria: 13+7=20
552-----69
X------20
X=160

PROGRESSÃO ARITMÉTICA (PA) E PROGRESSÃO GEOMÉTRICA (PG);

Progressão Aritmética (PA)

Podemos, no nosso dia-a-dia, estabelecer diversas sequências como, por exemplo, a sucessão de cidades que temos numa viagem de automóvel entre Brasília e São Paulo ou a sucessão das datas de aniversário dos alunos de uma determinada escola.

Podemos, também, adotar para essas sequências uma ordem numérica, ou seja, adotando a_1 para o 1º termo, a_2 para o 2º termo até a_n para o n-ésimo termo. Dizemos que o termo a_n é também chamado termo geral das sequências, em que *n* é um número natural diferente de zero. Evidentemente, daremos atenção ao estudo das sequências numéricas.

As sequências podem ser finitas, quando apresentam um último termo, ou, infinitas, quando não apresentam um último termo. As sequências infinitas são indicadas por reticências no final.

Exemplos:

- Sequência dos números primos positivos: (2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, ...). Notemos que esta é uma sequência infinita com $a_1 = 2$; $a_2 = 3$; $a_3 = 5$; $a_4 = 7$; $a_5 = 11$; $a_6 = 13$ etc.
- Sequência dos números ímpares positivos: (1, 3, 5, 7, 9, 11, ...). Notemos que esta é uma sequência infinita com $a_1 = 1$; $a_2 = 3$; $a_3 = 5$; $a_4 = 7$; $a_5 = 9$; $a_6 = 11$ etc.
- Sequência dos algarismos do sistema decimal de numeração: (0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9). Notemos que esta é uma sequência finita com $a_1 = 0$; $a_2 = 1$; $a_3 = 2$; $a_4 = 3$; $a_5 = 4$; $a_6 = 5$; $a_7 = 6$; $a_8 = 7$; $a_9 = 8$; $a_{10} = 9$.

1. Igualdade

As sequências são apresentadas com os seus termos entre parênteses colocados de forma ordenada. Sucessões que apresentarem os mesmos termos em ordem diferente serão consideradas sucessões diferentes.

Duas sequências só poderão ser consideradas iguais se, e somente se, apresentarem os mesmos termos, na mesma ordem.

Exemplo

A sequência (x, y, z, t) poderá ser considerada igual à sequência (5, 8, 15, 17) se, e somente se, x = 5; y = 8; z = 15; e t = 17.

Notemos que as sequências (0, 1, 2, 3, 4, 5) e (5, 4, 3, 2, 1) são diferentes, pois, embora apresentem os mesmos elementos, eles estão em ordem diferente.

2. Formula Termo Geral

Podemos apresentar uma sequência através de uma determina o valor de cada termo a_n em função do valor de *n*, ou seja, dependendo da posição do termo. Esta formula que determina o valor do termo a_n e chamada formula do termo geral da sucessão.

Exemplos

- Determinar os cincos primeiros termos da sequência cujo termo geral e igual a:

$a_n = n – 2n$,com n € N* a

Teremos:

$A_1 = 1^2 – 2 . 1$ a $a_1 = 1$
$A_2 = 2^2 – 2 . 2$ a $a_2 = 0$
$A_3 = 3^2 – 2 . 3$ a $a_3 = 3$
$A_4 = 4^2 – 4 . 2$ a $a_4 = 8$
$A_5 = 5^5 – 5 . 2$ a $a_5 = 15$

- Determinar os cinco primeiros termos da seqüência cujo termo geral é igual a:

$a_n = 3 . n + 2$, com n € N*.
$a_1 = 3 . 1 + 2$ a $a_1 = 5$
$a_2 = 3 . 2 + 2$ a $a_2 = 8$
$a_3 = 3 . 3 + 2$ a $a_3 = 11$
$a_4 = 3 . 4 + 2$ a $a_4 = 14$
$a_5 = 3 . 5 + 2$ a $a_5 = 17$

- Determinar os termos a_{12} e a_{23} da sequência cujo termo geral é igual a:

$a_n = 45 – 4 + n$, com n € N*.

Teremos:

$a_{12} = 45 – 4 . 12$ a $a_{12} = -3$
$a_{23} = 45 – 4 . 23$ a $a_{23} = -47$

3. Lei de Recorrências

Uma sequência pode ser definida quando oferecemos o valor do primeiro termo e um "caminho" (uma formula) que permite a determinação de cada termo conhecendo-se o seu antecedente. Essa forma de apresentação de uma sucessão é dita de recorrências.

Exemplos

- Escrever os cinco primeiros termos de uma sequência em que:

$a_1 = 3$ e $a_{n+1} = 2 . a_n - 4$, em que n € N*.

Teremos:

$a_1 = 3$
$a_2 = 2 . a_1 – 4$ a $a_2 = 2 . 3 – 4$ a $a_2 = 2$
$a_3 = 2 . a_2 – 4$ a $a_3 = 2 . 2 - 4$ a $a_3 = 0$
$a_4 = 2 . a_3 – 4$ a $a_4 = 2 . 0 - 4$ a $a_4 = -4$
$a_5 = 2 . a_4 – 4$ a $a_5 = 2 .(-4) – 4$ a $a_5 = -12$

- Determinar o termo a_5 de uma sequência em que:

$a_1 = 12$ e $a_{n+1} = a_n – 2$, em que n € N*.

$a_2 = a_1 – 2 \rightarrow a_2 = 12 – 2 \rightarrow a_2=10$
$a_3 = a_2 – 2 \rightarrow a_3 = 10 – 2 \rightarrow a_3 = 8$
$a_4 = a_3 – 2 \rightarrow a_4 = 8 – 2 \rightarrow a_4 = 6$
$a_5 = a_4 – 2 \rightarrow a_5 = 6 – 2 \rightarrow a_5 = 4$

Observação 1

Devemos observar que a apresentação de uma sequência através do termo geral é mais pratica, visto que podemos determinar um termo no "meio" da sequência sem a necessidade de determinarmos os termos intermediários, como ocorre na apresentação da sequência através da lei de recorrências.

Observação 2

Algumas sequências não podem, pela sua forma "desorganizada" de se apresentarem, ser definidas nem pela lei das recorrências, nem pela formula do termo geral. Um exemplo de uma sequência como esta é a sucessão de números naturais primos que já "destruiu" todas as tentativas de se encontrar uma formula geral para seus termos.

4. Artifícios de Resolução

Em diversas situações, quando fazemos uso de apenas alguns elementos da PA, é possível, através de artifícios de resolução, tornar o procedimento mais simples:

PA com três termos: (a – r), a e (a + r), razão igual a r.

PA com quatro termos: (a – 3r), (a – r), (a + r) e (a + 3r), razão igual a 2r.

PA com cinco termos: (a – 2r), (a – r), a, (a + r) e (a + 2r), razão igual a r.

Exemplo

- Determinar os números a, b e c cuja soma é, igual a 15, o produto é igual a 105 e formam uma PA crescente.

Teremos:

Fazendo a = (b – r) e c = (b + r) e sendo a + b + c = 15, teremos:

$(b – r) + b + (b + r) = 15 \rightarrow 3b = 15 \rightarrow b = 5$.

Assim, um dos números, o termo médio da PA, já é conhecido.

Dessa forma a sequência passa a ser:

(5 – r), 5 e (5 + r), cujo produto é igual a 105, ou seja:

$(5 – r) .5 . (5 + r) = 105 \rightarrow 5^2 – r^2 = 21$
$r^2 = 4 \rightarrow 2$ ou $r = -2$.

Sendo a PA crescente, ficaremos apenas com r= 2.

Finalmente, teremos a = 3, b = 5 e c= 7.

5. Propriedades

P_1: para três termos consecutivos de uma PA, o termo médio é a media aritmética dos outros dois termos.

Exemplo

Vamos considerar três termos consecutivos de uma PA: a_{n-1}, a_n e a_{n+1}. Podemos afirmar que:

I - $a_n = a_{n-1} + r$
II - $a_n = a_{n+1} – r$

Fazendo I + II, obteremos:

$2a_n = a_{n-1} + r + a_n + 1 - r$
$2a_n = a_{n-1+} a_n + 1$

Logo: $a_n = a_n-1 + \frac{an+1}{2}$

Portanto, para três termos consecutivos de uma PA o termo médio é a media aritmética dos outros dois termos.

NOVA CONCURSOS

6. Termos Equidistantes dos Extremos

Numa sequência finita, dizemos que dois termos são equidistantes dos extremos se a quantidade de termos que precederem o primeiro deles for igual à quantidade de termos que sucederem ao outro termo. Assim, na sucessão:

$(a_1, a_2, a_3, a_4, ..., a_p, ..., a_k, ..., a_{n-3}, a_{n-2}, a_{n-1}, a_n)$, temos:

a_2 e a_{n-1} são termos equidistantes dos extremos;
a_3 e a_{n-2} são termos equidistantes dos extremos;
a_4 a_{n-3} são termos equidistantes dos extremos.

Notemos que sempre que dois termos são equidistantes dos extremos, a soma dos seus índices é igual ao valor de n + 1. Assim sendo, podemos generalizar que, se os termos a_p e a_k são equidistantes dos extremos, então: p + k = n+1.

Propriedade

Numa PA com *n* termos, a soma de dois termos equidistantes dos extremos é igual à soma destes extremos.

Exemplo

Sejam, numa PA de n termos, a_p e a_k termos equidistantes dos extremos.

Teremos, então:
I - $a_p = a_1 + (p - 1) . r$ a ap = $a_1 + p . r - r$
II - $a_k = a_1 + (k - 1) . r$ a ak = $a_1 + k . r - r$
Fazendo I + II, teremos:
$A_p + a_k = a_1 + p . r - r + a_1 + k . r - r$
$A_p + a_k = a_1 + a_1 + (p + k - 1 - 1) . r$

Considerando que p + k = n + 1, ficamos com:
$a_p + a_k = a_1 + a_1 + (n + 1 - 1) . r$
$a_p + a_k = a_1 + a_1 + (n - 1) . r$
$a_p + a_k = a_1 + a_n$

Portanto numa PA com *n* termos, em que *n* é um numero ímpar, o termo médios (a_m) é a media aritmética dos extremos.

$$A_m = \frac{a_1 + a_n}{2}$$

7. Soma dos *n* Primeiros Termos de uma PA

Vamos considerar a PA (a_1, a_2, a_3,...,a_{n-2}, a_{n-1},a_n) e representar por Sn a soma dos seus n termos, ou seja:
$S_n = a_1 + a_2 + a_3 + ...+ a_{n-2} + a_{n-1} + a_n$
(igualdade I)

Podemos escrever também:
$S_n = a_n + a_{n-1} + a_{n-2} + ...+ a_3 + a_2 + a_1$
(igualdade II)

Somando-se I e II, temos:
$2S_n = (a_1 + a_n) + (a_2 + a_{n-1}) + (a_3 + a_{n-2}) + ...+ (a_{n-2} + a_3) + (a_{n-1} + a_2) + (a_n + a_1)$

Considerando que todas estas parcelas, colocadas entre parênteses, são formadas por termos equidistantes dos extremos e que a soma destes termos é igual à soma dos extremos, temos:

$2S_n = (a_1 + a_n) + (a_1 + a_n) + (a_1 + a_n) + (a_1 + a_n) + +... + (a_1 + a_n) \rightarrow 2S_n = (a_1 + a_n) . n$

E, assim, finalmente:

$$S_n = \frac{(a_1 + a_n).n}{2}$$

Exemplo

- Ache a soma dos sessenta primeiros termos da PA (2 , 5, 8,...).

Dados: $a_1 = 2$
r = 5 – 2 = 3
Calculo de a_{60}:
$A_{60} = a_1 + 59r \rightarrow a_{60} = 2 + 59 . 3$
$a_{60} = 2 + 177$
$a_{60} = 179$

Calculo da soma:

]
$$Sn = \frac{(a_1 + a_n)n}{2} \rightarrow S60 = \frac{(a_1 + a_{60}).60}{2}$$

$$S_{60} = \frac{(2+179).60}{2}$$

$S_{60} = 5430$

Resposta: 5430

Progressão Geométrica (PG)

PG é uma sequência numérica onde cada termo, a partir do segundo, é o anterior multiplicado por uma constante q chamada razão da PG.
$a_{n+1} = a_n . q$
Com a_1 conhecido e n € N*

Exemplos

- (3, 6, 12, 24, 48,...) é uma PG de primeiro termo a_1 = 3 e razão q = 2.

- (-36, -18, -9, $\frac{-9}{2}$, $\frac{-9}{4}$,...) é uma PG de primeiro termo a_1= -36 e razão q =$\frac{1}{2}$.

- (15, 5, $\frac{5}{3}$, $\frac{5}{9}$,...) é uma PG de primeiro termo a_1 = 15 e razão q = $\frac{1}{3}$.

- (-2, -6, -18, -54, ...) é uma PG de primeiro termo a_1 = -2 e razão q = 3.

- (1, -3, 9, -27, 81, -243, ...) é uma PG de primeiro termo $a_1 = 1$ e razão q = -3.
- (5, 5, 5, 5, 5, 5,...) é uma PG de primeiro termo $a_1 = 5$ e razão q = 1.
- (7, 0, 0, 0, 0, 0,...) é uma PG de primeiro termo $a_1 = 7$ e razão q = 0.
- (0, 0, 0, 0, 0, 0,...) é uma PG de primeiro termo $a_1 = 0$ e razão q qualquer.

Observação: Para determinar a razão de uma PG, basta efetuar o quociente entre dois termos consecutivos: o posterior dividido pelo anterior.

$$q = \frac{a_n + 1}{a_n} (a_n \neq 0)$$

Classificação

As classificações geométricas são classificadas assim:
- Crescente: Quando cada termo é maior que o anterior. Isto ocorre quando $a_1 > 0$ e $q > 1$ ou quando $a_1 < 0$ e $0 < q < 1$.
- Decrescente: Quando cada termo é menor que o anterior. Isto ocorre quando $a_1 > 0$ e $0 < q < 1$ ou quando $a_1 < 0$ e $q > 1$.
- Alternante: Quando cada termo apresenta sinal contrario ao do anterior. Isto ocorre quando $q < 0$.
- Constante: Quando todos os termos são iguais. Isto ocorre quando q = 1. Uma PG constante é também uma PA de razão r = 0. A PG constante é também chamada de PG estacionaria.
- Singular: Quando zero é um dos seus termos. Isto ocorre quando $a_1 = 0$ ou q = 0.

Formula do Termo Geral

A definição de PG está sendo apresentada por meio de uma lei de recorrências, e nos já aprendemos nos módulos anteriores que a formula do termo geral é mais pratica. Por isso, estaremos, neste item, procurando estabelecer, a partir da lei de recorrências, a fórmula do termo geral da progressão geométrica.

Vamos considerar uma PG de primeiro termo a1 e razão q. Assim, teremos:

$a_2 = a_1 . q$
$a_3 = a_2 . q = a_1 . q^2$
$a_4 = a_3 . q = a_1 . q^3$
$a_5 = a_4 . q = a_1 . q^4$
. .
. .
. .
$a_n = a_1 . q^{n-1}$

Exemplos

- Numa PG de primeiro termo $a_1 = 2$ e razão q = 3, temos o termo geral na igual a:

$a_n = a_1 . q^{n-1} \rightarrow a_n = 2 . 3^{n-1}$

Assim, se quisermos determinar o termo a_5 desta PG, faremos:

$A_5 = 2 . 3^4 \rightarrow a^5 = 162$

- Numa PG de termo $a_1 = 15$ e razão q = , temos o termo geral na igual a:

$a_n = a_1 . q^{n-1} \rightarrow a_n = 15 . {}^{n-1}$

Assim, se quisermos determinar o termo a_6 desta PG, faremos:

$A_6 = 15 . \frac{(1).5}{2} \rightarrow a_6 = \frac{5}{81}$

- Numa PG de primeiro termo $a_1 = 1$ e razão = -3 temos o termo geral na igual a:

$a_n = a_1 . q^{n-1} \rightarrow a_n = 1 . (-3)^{n-1}$

Assim, se quisermos determinar o termo a_4 desta PG, faremos:

$A_4 = 1 . (-3)^3 \rightarrow a_4 = -27$

Artifícios de Resolução

Em diversas situações, quando fazemos uso de apenas alguns elementos da PG, é possível através de alguns elementos de resolução, tornar o procedimento mais simples.

PG com três termos:

$\frac{a}{q}$ a; aq

PG com quatro termos:

$\frac{a}{q^3}; \frac{q}{q}$; aq; aq^3

PG com cinco termos:

$\frac{a}{q^2}; \frac{q}{q}$; a; aq; aq^2

Exemplo

Considere uma PG crescente formada de três números. Determine esta PG sabendo que a soma destes números é 13 e o produto é 27.

Vamos considerar a PG em questão formada pelos termos a, b e c, onde a = e c = b . q.

Assim,

$\frac{b}{q}$. b . bq = 27 → b^3 = 27 → b = 3.

Temos:

$\frac{3}{q} + 3 + 3q = 13 \rightarrow 3q^2 - 10q + 3 = 0$ a

$q = 3$ ou $q = \frac{1}{3}$

Sendo a PG crescente, consideramos apenas q = 3. E, assim, a nossa PG é dada pelos números: 1, 3 e 9.

Propriedades

P_1**:** Para três termos consecutivos de uma PG, o quadrado do termo médio é igual ao produto dos outros dois.

Exemplo

Vamos considerar três termos consecutivos de uma PG: a_{n-1}, a_n e a_{n+1}. Podemos afirmar que:

I – $a_n = a_{n-1} . q$ e

II – $a_n = \frac{a_{n+1}}{q}$

Fazendo I . II, obteremos:

$(a_n)^2 = (a_{n-1} . q). (\frac{a_{n+1}}{q})$ a $(a_n)^2 = a_{n-1} . a_{n+1}$

Logo: $(a_n)^2 = a_{n-1} . a_{n+1}$

Observação: Se a PG for positive, o termo médio será a media geométrica dos outros dois:

$a_n = \sqrt{a_{n-1} . a_{n+1}}$

P_2**:** Numa PG, com n termos, o produto de dois termos equidistantes dos extremos é igual ao produto destes extremos.

Exemplo

Sejam, numa PG de n termos, a_p e a_k dois termos equidistantes dos extremos.

Teremos, então:

I – $a_p = a_1 . q^{p-1}$

II – $a_k = a_1 . q^{k-1}$

Multiplicando I por II, ficaremos com:

$a_p . a_k = a_1 . q^{p-1} . a_1 . q^{k-1}$

$a_p . a_k = a_1 . a_1 . q^{p-1+k-1}$

Considerando que p + k = n + 1, ficamos com:

$a_p . a_k = a_1 . a_n$

Portanto, numa PG, com n termos, o produto de dois termos equidistantes dos extremos é igual ao produto destes extremos.

Observação**:** Numa PG positiva, com *n* termos, onde *n* é um numero impar, o termo médio (a_m) é a media geométrica dos extremos ou de 2 termos equidistantes dos extremos.

$a_m = \sqrt{a_1 . a_n}$

Soma dos termos de uma PG

Soma dos *n* Primeiros Termos de uma PG

Vamos considerar a PG (a_1, a_2, a_3, ..., a_{n-2}, a_{n-1}, a_n), com q diferente de 1 e representar por Sn a soma dos seus n termos, ou seja:

$S_n = a_1 + a_2 + a_3 + ... + a_{n-2} + a_{n-1} + a_n$ (igualdade I)

Podemos escrever, multiplicando-se, membro a membro, a igualdade (I) por q:

$q . S_n = q . a_1 + q . a_2 + q . a_3 + ... + q . a_{n-2} + q . a_{n-1} + q . a_n$

Utilizando a formula do termo geral da PG, ou seja, $a_n = a_1 . q^{n-1}$, teremos:

$q . S_n = a_2 + a_3 + ... + a_{n-2} + a_{n-1} + a_n + a1 . q^n$ (igualdade II)

Subtraindo-se a equação I da equação II, teremos:

$q . S_n - S_n = a_1 . q^n - a_1 \rightarrow s_n . (q - 1) = a_1 . (q^n - 1)$

E assim: $S_n = \frac{a_1.(q^n - 1)}{q - 1}$

Se tivéssemos efetuado a subtração das equações em ordem inversa, a fórmula da soma dos termos da PG ficaria:

$S_n = \frac{a_1.(1 + q^n)}{1 - q}$

Evidentemente que por qualquer um dos "caminhos" o resultado final é o mesmo. É somente uma questão de forma de apresentação.

Observação: Para q = 1, teremos $s_n = n . a_1$

Série Convergente – PG Convergente

Dada a sequência (a_1, a_2, a_3, a_4, a_5,..., a_{n-2}, a_{n-1}, a_n), chamamos de serie a sequência S_1, S_2, S_3, S_4, S_5,..., S_{n-2}, s_{n-1}, s_n,tal que:

$S_1 = a_1$

$S_2 = a_1 + a_2$

$S_3 = a_1 + a_2 + a_3$

$S_4 = a_1 + a_2 + a_3 + a_4$

$S_5 = a_1 + a_2 + a_3 + a_4 + a_5$

$S_{n-2} = a_1 + a_2 + a_3 + a_4 + a_5 + ... + a_{n-2}$

$S_{n-1} = a_1 + a_2 + a_3 + a_4 + a_5 + ... + a_{n-2} + a_{n-1}$

$S_n = a_1 + a_2 + a_3 + a_4 + a_5 + ... + a_{n-2} + a_{n-1} + a_n$

Vamos observar como exemplo, numa PG com primeiro termo $a_1 = 4$ e razão q = , à série que ela vai gerar.

Os termos que vão determinar a progressão geométrica são: (4, 2, 1, $\frac{1}{2}$, 1, 1, 1, 1, 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, $\frac{1}{128}, \frac{1}{256}, \frac{1}{512}$ ...)

E, portanto, a série correspondente será:

$S_1 = 4$
$S_2 = 4 + 2 = 6$
$S_3 = 4 + 2 + 1 = 7$

$S_4 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2} = \frac{15}{2} = 7,5$

$S_5 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}=\frac{31}{4} = 7,75$

$S_6 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}=\frac{63}{8} = 7,875$

$S_7 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}+\frac{1}{16}=\frac{127}{16} = 7,9375$

$S_8 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}+\frac{1}{16}+\frac{1}{32}=\frac{255}{32} = 7,96875$

$S_9 = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}+\frac{1}{16}+\frac{1}{32}+\frac{1}{64}=\frac{511}{64} = 7,984375$

$S_{10} = 4 + 2 + 1 + \frac{1}{2}+\frac{1}{4}+\frac{1}{8}+\frac{1}{16}+\frac{1}{32}+\frac{1}{64}+\frac{1}{128}=\frac{1023}{128} = 7,9921875$

Devemos notar que a cada novo termo calculado, na PG, o seu valor numérico cada vez mais se aproxima de zero. Dizemos que esta é uma progressão geométrica convergente.

Por outro lado, na serie, é cada vez menor a parcela que se acrescenta. Desta forma, o ultimo termos da serie vai tendendo a um valor que parece ser o limite para a série em estudo. No exemplo numérico, estudado anteriormente, nota-se claramente que este valor limite é o numero 8.

Bem, vamos dar a esta discussão um caráter matemático.

É claro que, para a PG ser convergente, é necessário que cada termo seja, um valor absoluto, inferior ao anterior a ele. Assim, temos que:

PG convergente → | q | < 1
ou
PG convergente → -1 < 1

Resta estabelecermos o limite da serie, que é o S_n para quando *n* tende ao infinito, ou seja, estabelecermos a soma dos infinitos termos da PG convergente.

Vamos partir da soma dos *n* primeiros termos da PG:

$$S_n = \frac{a_1.(1+q^n)}{1-q}$$

Estando q entre os números -1e 1 e, sendo n um expoente que tende a um valor muito grande, pois estamos somando os infinitos termos desta PG, é fácil deduzir que q^n vai apresentando um valor cada vez mais próximo de zero. Para valores extremamente grandes de *n* não constitui erro considerar que q^n é igual a zero. E, assim, teremos:

$$S = \frac{a^1}{1-q}$$

Observação: Quando a PG é não singular (sequência com termos não nulos) e a razão q é de tal forma que q | ≥ 1, a serie é divergente. Séries divergentes não apresentam soma finita.

Exemplos

- A medida do lado de um triângulo equilátero é 10. Unindo-se os pontos médios de seus lados, obtém-se o segundo triângulo equilátero. Unindo-se os pontos médios dos lados deste novo triangulo equilátero, obtém-se um terceiro, e assim por diante, indefinidamente. Calcule a soma dos perímetros de todos esses triângulos.

Solução:

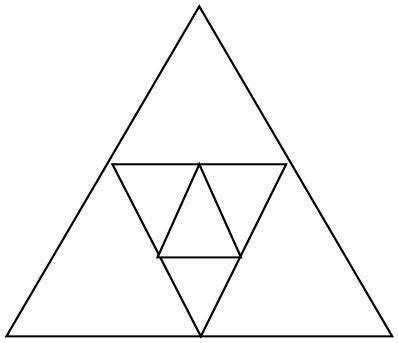

Temos: perímetro do 1º triangulo = 30
perímetro do 2º triangulo = 15
perímetro do 3º triangulo = $\frac{15}{2}$

Logo, devemos calcular a soma dos termos da PG infinita 30, 15, $\frac{15}{2}$,... na qual a_1 = 30 e q =. $\frac{1}{2}$

$S = \underline{a_1} \rightarrow s = \frac{30}{1-q} = \frac{30}{1-\frac{1}{2}} = 60.$

Exercícios

1. Uma progressão aritmética e uma progressão geométrica têm, ambas, o primeiro termo igual a 4, sendo que os seus terceiros termos são estritamente positivos e coincidem. Sabe-se ainda que o segundo termo da progressão aritmética excede o segundo termo da progressão geométrica em 2. Então, o terceiro termo das progressões é:
a) 10
b) 12
c) 14
d) 16
e) 18

2. O valor de n que torna a sequência (2 + 3n; –5n; 1 – 4n) uma progressão aritmética pertence ao intervalo:
a) [– 2, –1]
b) [– 1, 0]
c) [0, 1]
d) [1, 2]
e) [2, 3]

NOVA CONCURSOS

3. Os termos da sequência (10; 8; 11; 9; 12; 10; 13; ...) obedecem a uma lei de formação. Se a_n, em que *n* pertence a N*, é o termo de ordem *n* dessa sequência, então a_{30} + a_{55} é igual a:

a) 58
b) 59
c) 60
d) 61
e) 62

4. A soma dos elementos da sequência numérica infinita (3; 0,9; 0,09; 0,009; ...) é:

a) 3,1
b) 3,9
c) 3,99
d) 3, 999
e) 4

5. A soma dos vinte primeiros termos de uma progressão aritmética é -15. A soma do sexto termo dessa PA., com o décimo quinto termo, vale:

a) 3,0
b) 1,0
c) 1,5
d) -1,5
e) -3,0

6. Os números que expressam os ângulos de um quadrilátero, estão em progressão geométrica de razão 2. Um desses ângulos mede:

a) 28°
b) 32°
c) 36°
d) 48°
e) 50°

7. Sabe-se que S = 9 + 99 + 999 + 9999 + ... + 999...9 onde a última parcela contém n algarismos. Nestas condições, o valor de 10n+1 - 9(S + n) é:

a) 1
b) 10
c) 100
d) -1
e) -10

8. Se a soma dos três primeiros termos de uma PG decrescente é 39 e o seu produto é 729, então sendo a, b e c os três primeiros termos, pede-se calcular o valor de a2 + b2 + c2.

9. O limite da expressão $\sqrt{x\sqrt{x\sqrt{x\sqrt{x\sqrt{x\ldots}}}}}$ onde x é positivo, quando o número de radicais aumenta indefinidamente é igual a:

a) 1/x
b) x
c) 2x
d) n.x
e) 1978x

10. Quantos números inteiros existem, de 1000 a 10000, que não são divisíveis nem por 5 nem por 7 ?

Respostas

1) Resposta "D".

Solução:

Sejam (a_1, a_2, a_3,...) a PA de r e (g_1, g_2, g_3, ...) a PG de razão *q*. Temos como condições iniciais:

1 - $a_1 = g_1 = 4$
2 - $a_3 > 0$, $g_3 > 0$ e $a_3 = g_3$
3 - $a_2 = g_2 + 2$

Reescrevendo (2) e (3) utilizando as fórmulas gerais dos termos de uma PA e de uma PG e (1) obtemos o seguinte sistema de equações:

4 - $a_3 = a_1 + 2r$ e $g_3 = g_1 . q^2 \rightarrow 4 + 2r = 4q^2$
5 - $a_2 = a_1 + r$ e $g_2 = g_1 . q \rightarrow 4 + r = 4q + 2$

Expressando, a partir da equação (5), o valor de *r* em função de ***q*** e substituindo ***r*** em (4) vem:

$5 - r = 4q + 2 - 4 \rightarrow r = 4q - 2$
$4 - 4 + 2(4q - 2) = 4q^2 \rightarrow 4 + 8q - 4 = 4q^2 \rightarrow 4q^2 - 8q = 0$
$\rightarrow q(4q - 8) = 0 \rightarrow q = 0$ ou $4q - 8 = 0 \rightarrow q = 2$

Como g3 > 0, *q* não pode ser zero e então q = 2. Para obter *r* basta substituir *q* na equação (5):

$r = 4q - 2 \rightarrow r = 8 - 2 = 6$
Para concluir calculamos a_3 e g_3:
$a_3 = a_1 + 2r \rightarrow a_3 = 4 + 12 = 16$
$g_3 = g_1.q^2 \rightarrow g_3 = 4.4 = 16$

2) Resposta "B".

Solução: Para que a sequência se torne uma PA de razão *r* é necessário que seus três termos satisfaçam as igualdades (aplicação da definição de PA):

(1) $-5n = 2 + 3n + r$
(2) $1 - 4n = -5n + r$
Determinando o valor de **r** em (1) e substituindo em (2):
(1) $\rightarrow r = -5n - 2 - 3n = -8n - 2$
(2) $\rightarrow 1 - 4n = -5n - 8n - 2 \rightarrow 1 - 4n = -13n - 2$
$\rightarrow 13n - 4n = -2 - 1 \rightarrow 9n = -3 \rightarrow n = -3/9 = -1/3$

Ou seja, -1 < n < 0 e, portanto, a resposta correta é a b.

3) Resposta "B".

Solução: Primeiro, observe que os termos ímpares da sequência é uma PA de razão 1 e primeiro termo 10 - (10; 11; 12; 13; ...). Da mesma forma os termos pares é uma PA de razão 1 e primeiro termo igual a 8 - (8; 9; 10; 11; ...).

Assim, as duas PA têm como termo geral o seguinte formato:

(1) ai = a1 + (i - 1).1 = a1 + i – 1

Para determinar a_{30} + a_{55} precisamos estabelecer a regra geral de formação da sequência, que está intrinsecamente relacionada às duas progressões da seguinte forma:

- Se n (índice da sucessão) é impar temos que n = 2i - 1, ou seja, i = (n + 1)/2;

- Se n é par temos n = 2i ou i = n/2.
Daqui e de (1) obtemos que:
$a_n = 10 + [(n + 1)/2] - 1$ se n é ímpar
$a_n = 8 + (n/2) - 1$ se n é par
Logo:
$a_{30} = 8 + (30/2) - 1 = 8 + 15 - 1 = 22$ e
$a_{55} = 10 + [(55 + 1)/2] - 1 = 37$

E, portanto:
$a_{30} + a_{55} = 22 + 37 = 59$.

4) Resposta "E".
Solução: Sejam S as somas dos elementos da sequência e S_1 a soma da PG infinita (0,9; 0,09; 0,009;...) de razão q = 10 - 1 = 0,1. Assim:
$S = 3 + S_1$
Como $-1 < q < 1$ podemos aplicar a fórmula da soma de uma PG infinita para obter S_1:
$S_1 = 0,9/(1 - 0,1) = 0,9/0,9 = 1 \rightarrow S = 3 + 1 = 4$

5) Resposta "D".
Solução: Aplicando a fórmula da soma dos 20 primeiros termos da PA:
$S_{20} = 20(a_1 + a_{20})/2 = -15$
Na PA finita de 20 termos, o sexto e o décimo quinto são equidistantes dos extremos, uma vez que:
15 + 6 = 20 + 1 = 21
E, portanto:
$a_6 + a_{15} = a_1 + a_{20}$

Substituindo este valor na primeira igualdade vem:
$20(a_6 + a_{15})/2 = -15 \rightarrow 10(a6 + a15) = -15 \rightarrow a_6 + a_{15} = -15/10 = -1,5$.

6) Resposta "D".
Solução: Seja x o menor ângulo interno do quadrilátero em questão. Como os ângulos estão em Progressão Geométrica de razão 2, podemos escrever a PG de 4 termos:
(**x, 2x, 4x, 8x**).
Ora, a soma dos ângulos internos de um quadrilátero vale 360º.
Logo,
x + 2x + 4x + 8x = 360º
15.x = 360º

Portanto, **x = 24º**. Os ângulos do quadrilátero são, portanto: **24º, 48º, 96º e 192º.**
O problema pede um dos ângulos. Logo, alternativa **D**.

7) Resposta "B".
Solução: Observe que podemos escrever a soma S como:
$S = (10 - 1) + (100 - 1) + (1000 - 1) + (10000 - 1) + ... + (10^n - 1)$
$S = (10 - 1) + (10^2 - 1) + (10^3 - 1) + (10^4 - 1) + ... + (10^n - 1)$
Como existem n parcelas, observe que o número (– 1) é somado n vezes, resultando em n(-1) = **- n.**

Logo, poderemos escrever:
S = (10 + 102 + 103 + 104 + ... + 10n) – n
Vamos calcular a soma $S_n = 10 + 10^2 + 10^3 + 10^4 + ... + 10^n$, que é uma PG de primeiro termo $a_1 = 10$, razão q = 10 e último termo $a_n = 10^n$.
Teremos:
$S_n = (a_n.q - a_1) / (q - 1) = (10^n . 10 - 10) / (10 - 1) = (10^{n+1} - 10) / 9$

Substituindo em S, vem:
$S = [(10^{n+1} - 10) / 9] - n$

Deseja-se calcular o valor de $10^{n+1} - 9(S + n)$
Temos que $S + n = [(10^{n+1} - 10) / 9] - n + n = (10^{n+1} - 10) / 9$

Substituindo o valor de S + n encontrado acima, fica:
$10^{n+1} - 9(S + n) = 10^{n+1} - 9(10^{n+1} - 10) / 9 = 10^{n+1} - (10^{n+1} - 10) =$ **10.**

8) Resposta "819".
Solução: Sendo q a razão da PG, poderemos escrever a sua forma genérica: (x/q, x, xq).
Como o produto dos 3 termos vale 729, vem:
$x/q . x . xq = 729$ de onde concluímos que: $x^3 = 729 = 3^6 = 3^3 . 3^3 = 9^3$, logo, x = 9.

Portanto a PG é do tipo: 9/q, 9, 9q
É dado que a soma dos 3 termos vale 39, logo:
9/q + 9 + 9q = 39 de onde vem: 9/q + 9q – 30 = 0

Multiplicando ambos os membros por q, fica: $9 + 9q^2 - 30q = 0$
Dividindo por 3 e ordenando, fica: $3q^2 - 10q + 3 = 0$, que é uma equação do segundo grau.
Resolvendo a equação do segundo grau acima encontraremos q = 3 ou q = 1/3.
Como é dito que a PG é decrescente, devemos considerar apenas o valor
q = 1/3, já que para q = 3, a PG seria crescente.

Portanto, a PG é: 9/q, 9, 9q, ou substituindo o valor de q vem: 27, 9, 3.
O problema pede a soma dos quadrados, logo:
$a^2 + b^2 + c^2 = 27^2 + 9^2 + 3^2 = 729 + 81 + 9 =$ **819.**

9) Resposta "B".
Solução: Observe que a expressão dada pode ser escrita como:

$x^{1/2} . x^{1/4} . x^{1/8} . x^{1/16} . ... = x^{1/2 + 1/4 + 1/8 + 1/16 + ...}$

O expoente é a soma dos termos de uma PG infinita de primeiro termo $a_1 = 1/2$ e razão q = 1/2.

Logo, a soma valerá:
$S = a_1 / (1 - q) = (1/2) / 1 - (1/2) = 1$
Então, $x^{1/2 + 1/4 + 1/8 + 1/16 + ...} = x^1 =$ **x**

NOVA CONCURSOS

10) Resposta "6171".
Solução: Dados:
M(5) = 1000, 1005, ..., 9995, 10000.
M(7) = 1001, 1008, ..., 9996.
M(35) = 1015, 1050, ... , 9975.
M(1) = 1, 2, ..., 10000.
Para múltiplos de 5, temos: a_n = a1+ (n-1).r → 10000 = 1000 + (n - 1). 5 → n = 9005/5 → n = 1801.
Para múltiplos de 7, temos: a_n = a1+ (n-1).r → 9996 = 1001 + (n - 1). 7 → n = 9002/7 → n = 1286.
Para múltiplos de 35, temos: a_n = a1 + (n - 1).r → 9975 = 1015 + (n - 1).35 → n = 8995/35 → n = 257.
Para múltiplos de 1, temos: a_n = a1 = (n -1).r → 10000 = 1000 + (n - 1).1 → n = 9001.
Sabemos que os múltiplos de 35 são múltiplos comuns de 5 e 7, isto é, eles aparecem no conjunto dos múltiplos de 5 e no conjunto dos múltiplos de 7 (daí adicionarmos uma vez tal conjunto de múltiplos).
Total = M(1) - M(5) - M(7) + M(35).
Total = 9001 - 1801 - 1286 + 257 = 6171

SISTEMAS LINEARES;

Sistema Linear

O estudo dos sistemas de equações lineares é de fundamental importância em Matemática e nas ciências em geral. Você provavelmente já resolveu sistemas do primeiro grau, mais precisamente aqueles com duas equações e duas incógnitas.

Vamos ampliar esse conhecimento desenvolvendo métodos que permitam resolver, quando possível, sistemas de equações do primeiro grau com qualquer número de equações e incógnitas. Esses métodos nos permitirão não só resolver sistemas, mas também classificá-los quanto ao número de soluções.

Equações Lineares
Equação linear é toda equação do tipo $a_1x_1 + a_2x_2 + a_3x_3+...a_nx_n = b$, onde $a_1, a_2, a_3,.., a_n$ e b são números reais e $x_1, x_2, x_3,.., x_n$ são as incógnitas.
Os números reais $a_1, a_2, a_3,.., a_n$ são chamados de coeficientes e b é o termo independente.

Exemplos
- São equações lineares:
$x_1 - 5x_2 + 3x_3 = 3$
$2x - y + 2z = 1$
$0x + 0y + 0z = 2$
$0x + 0y + 0z = 0$
- Não são equações lineares:
$x^3-2y+z = 3$
(x^3 é o impedimento)
$2x_1 - 3x_1x_2 + x_3 = -1$
($-3x_1x_2$ é o impedimento)

$2x_1 - 3\frac{3}{x_2} + x_3 = 0$
($\frac{3}{x_2}$ é o impedimento)

Observação: Uma equação é linear quando os expoentes das incógnitas forem iguais a l e em cada termo da equação existir uma única incógnita.

Solução de ama Equação Linear
Uma solução de uma equação linear $a_1x_l + a_2x_2 + a_3x_3+... a_nx_n = b$, é um conjunto ordenado de números reais $\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3,..., \alpha_n$ para o qual a sentença $a_1\{\alpha_1) + a_2\{\alpha a_2) + a_3(\alpha_3) +... + a_n(\alpha_n) = b$ é verdadeira.

Exemplos
- A terna (2, 3, 1) é solução da equação:
$x_1 - 2x_2 + 3x_3 = -1$ pois:
(2) – 2.((3) + 3.(1) = -1
- A quadra (5, 2, 7, 4) é solução da equação:
$0x_1 - 0x_2 + 0x_3 + 0x_4 = 0$ pois:
0.(5) + 0.(2) + 0.(7) + 0.(4) = 0

Conjunto Solução
Chamamos de conjunto solução de uma equação linear o conjunto formado por todas as suas soluções.

Observação: Em uma equação linear com 2 incógnitas, o conjunto solução pode ser representado graficamente pelos pontos de uma reta do plano cartesiano.

Assim, por exemplo, na equação
2x + y = 2

Algumas soluções são (1, 0), (2, -2), (3, -4), (4, -6), (0, 2), (-1,4), etc.
Representando todos os pares ordenados que são soluções da equação dada, temos:

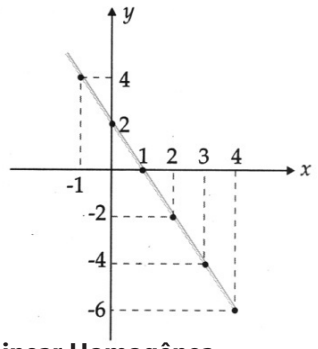

Equação Linear Homogênea
Uma equação linear é chamada homogênea quando o seu termo independente for nulo.

Exemplo
$2x_1 + 3x_2 - 4x_3 + 5x_4 - x_5 = 0$

Observação: Toda equação homogênea admite como solução o conjunto ordenado de "zeros" que chamamos solução nula ou solução trivial.

Exemplo
(0, 0, 0) é solução de 3x + y - z – 0

Equações Lineares Especiais
Dada a equação:
$a_1x_1 + a_2x_2 + a_3x_3 + ... a_nx_n = b$, temos:

- Se $a_1 = a_2 = a_3 = ... = na = b = 0$, ficamos com:
$0x_1 + 0x_2 + 0x_3 + ... + 0x_n$, e, neste caso, qualquer seqüências ($\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, ..., \alpha_n$) será solução da equação dada.
- Se $a_1 = a_2 = a_3 = ... = a_n = 0$ e $b \neq 0$, ficamos com:
$0x_1 + 0x_2 + 0x_3 + ... + 0x_n = b \neq 0$, e, neste caso, não existe seqüências de reais ($\alpha_1, \alpha_2, \alpha_3, ..., \alpha_n$) que seja solução da equação dada.

Sistema Linear 2 x 2
Chamamos de sistema linear 2 x 2 o conjunto de equações lineares a duas incógnitas, consideradas simultaneamente.
Todo sistema linear 2 x 2 admite a forma geral abaixo:

$$\begin{cases} a_1x + b_1y = c_1 \\ a_2 + b_2y = c_2 \end{cases}$$

Um par (α_1, α_2) é solução do sistema linear 2 x 2 se, e somente se, for solução das duas equações do sistema.

Exemplo
(3, 4) é solução do sistema

$$\begin{cases} x - y = -1 \\ 2x + y = 10 \end{cases}$$

pois é solução de suas 2 equações:
(3)-(4) = -l e 2.(3) + (4) = 10
Resolução de um Sistema 2 x 2
Resolver um sistema linear 2 x 2 significa obter o conjunto solução do sistema.
Os dois métodos mais utilizados para a resolução de um sistema linear 2x2 são o método da substituição e o método da adi**ção.**
Para exemplificar, vamos resolver o sistema 2 x 2 abaixo usando os dois métodos citados.

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8 \\ x - y = -1 \end{cases}$$

1. M**étodo da Substituição:**

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8 & (I) \\ x - y = -1 & (II) \end{cases}$$

Da equação (II), obtemos x = y -1, que substituímos na equação (I)
2(y- 1) +3y = 8 ➔ 5y = 10 ➔ y = 2

Fazendo y = 2 na equação (I), por exemplo, obtemos:
Assim: S = {(1,2)}

2. Método da Adição:

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8 & (I) \\ x - y = -1 & (II) \end{cases}$$

Multiplicamos a equação II por 3 e a adicionamos, membro a membro, com a equação I.

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8 \\ 3x - 3y = -3 \\ \hline 5x = 5 \Rightarrow x = \frac{5}{5} = 1 \end{cases}$$

Fazendo x = 1 na equação (I), por exemplo, obtemos:
Assim: S = {(1,2)}

Sistema Linear 2 x 2 com infinitas soluções
Quando uma equação de um sistema linear 2 x 2 puder ser obtida multiplicando-se a outra por um número real, ao tentarmos resolver esse sistema, chegamos numa igualdade que é sempre verdadeira, independente das incógnitas. Nesse caso, existem infinitos pares ordenados que são soluções do sistema.

Exemplo

$$\begin{cases} 2x + 3y = 8(I) \\ -4x - 6y = -16(II) \end{cases}$$

Note que multiplicando-se a equação (I) por (-2) obtemos a equação (II).
Resolvendo o sistema pelo método da substituição temos:
Da equação (I), obtemos y $= \frac{8-2x}{3}$, que substituímos na equação (II).

$-4x-6.\left(\frac{8-2x}{3}\right) = -16 \rightarrow -4x-2(8-2x) = -16$

$-4x-16+4x = -16 \rightarrow -16 = -16$
- 16= -16 é uma igualdade verdadeira e existem infinitos pares ordenados que são soluções do sistema.

Entre outros, (1, 2), (4, 0), $\left(\frac{5}{2}, 1\right)$ e $\left(0, \frac{8}{3}\right)$ são soluções do sistema.
Sendo a, um número real qualquer, dizemos que $\left(\alpha, \frac{8-2\alpha}{3}\right)$ é solução do sistema.
(Obtemos $\frac{8-2\alpha}{3}$ substituindo x =α na equação (I)).

Sistema Linear 2 x 2 com nenhuma solução

Quando duas equações lineares têm os mesmos coeficientes, porém os termos independentes são diferentes, dizemos que não existe solução comum para as duas equações, pois substituindo uma na outra, obtemos uma igualdade sempre falsa.

Exemplo
2x+3y=6(I) e 2x+3y=5(II)
Substituindo 2x+3y da equação (I) na equação (II) obtemos:

NOVA CONCURSOS

6=5 que é uma igualdade falsa. Se num sistema 2x2 existir um número real que, multiplicado por uma das equações, resulta uma equação com os mesmos coeficientes da outra equação do sistema, porém com termos independentes diferentes, dizemos que não existe par ordenado que seja solução do sistema.

Exemplo

$$\begin{cases} x+2y=5(I) \\ 2x+4y=7(II) \end{cases}$$

Multiplicando-se equação (I) por 2 obtemos:
2x+4y=10

Que tem os mesmo coeficientes da equação (II), porém os termos independentes são diferentes.

Se tentarmos resolver o sistema dado pelo método de substituição, obtemos uma igualdade que é sempre falsa, independente das incógnitas.

$$\begin{cases} x+2y=5(I) \\ 2x+4y=7(II) \end{cases}$$

Da equação (I), obtemos ,$\left(y=\frac{5-x}{2}\right)$ que substituímos na equação (II)

2x- 4.$\left(\frac{5-x}{2}\right)$=7→2x+2(5-x)=7

2x+10-2x=7→10=7

10=7 é uma igualdade falsa e não existe par ordenado que seja solução do sistema.

Classificação

De acordo com o número de soluções, um sistema linear 2x2 pode ser classificado em:

- Sistema Impossíveis ou Incompatíveis: são os sistemas que não possuem solução alguma.
- Sistemas Possíveis ou compatíveis: são os sistemas que apresentam pelo menos uma solução.
- Sistemas Possíveis Determinados: se possuem uma única solução.
- Sistemas Possíveis Indeterminados: se possuem infinitas soluções.

Sistema Linear m x n

Chamamos de sistema linear M x n ao conjunto de m equações a n incógnitas, consideradas simultaneamente, que podem ser escrito na forma:

$$\begin{cases} a_{11}x_1 + a_{12}x_2 + a_{13}x_3 + \ldots + a_{1n}x_n = b_1 \\ a_{21}x_1 + a_{22}x_2 + a_{23}x_3 + \ldots + a_{2n}x_n = b_2 \\ a_{31}x_1 + a_{32}x_2 + a_{33}x_3 + \ldots + a_{3n}x_n = b_3 \\ \ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots\ldots \\ a_{m1}x_1 + a_{m2}x_2 + a_{m3}x_3 + \ldots + a_{mn}x_n = b_m \end{cases}$$

Onde:

X_1, x_2, x_3,...,x_n são as incógnitas;

a_{ij}, com 1 ≤ i ≤ m e 1 ≤ n, são os coeficientes das incógnitas; b_i, com 1 ≤ i ≤ m, são os termos independentes.

Exemplos

1.

$$\begin{cases} x-2y+3z=5 \\ x+y-z+2 \end{cases}$$

(sistema 2 x 3)

2.

$$\begin{cases} x_1+3x_2-2x_3+x_4=0 \\ x_1+2x_2-3x_3+x_4=2 \\ x_1-x_2+x_3+x_4=5 \end{cases}$$

(sistema 3 x 4)

3.

$$\begin{cases} x+2y=1 \\ x-y=4 \\ 2x-3y=0 \end{cases}$$

(sistema 3 x 2)

Matriz Incompleta

Chamamos de matriz incompleta do sistema linear a matriz formada pelos coeficientes das incógnitas.

$$A=\begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} & \cdots a_{1n} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} & \cdots a_{2n} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} & \cdots a_{3n} \\ \ldots & \ldots & \ldots & \ldots \\ a_{m1} & a_{m2} & a_{m3} & \cdots a_{mn} \end{bmatrix}$$

Exemplo

No sistema:

$$\begin{cases} x-y+2z=1 \\ x+\quad\ \ z=0 \\ -x+y\quad=5 \end{cases}$$

A matriz incompleta é:

$$A=\begin{bmatrix} 1 & -1 & 2 \\ 1 & 0 & 1 \\ -1 & 1 & 0 \end{bmatrix}$$

Forma Matricial

Consideremos o sistema linear M x n:

$$\begin{cases} a_{11}x_1 + a_{12}x_2 + a_{13}x_3 + \cdots + a_{1n}x_n = b_1 \\ a_{21}x_1 + a_{22}x_2 + a_{23}x_3 + \cdots + a_{2n}x_n = b_2 \\ a_{31}x_1 + a_{32}x_2 + a_{33}x_3 + \cdots + a_{3n}x_n = b_3 \\ \cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots \\ a_{m1}x_1 + a_{m2}x_2 + a_{m3}x_3 + \cdots + a_{mn}x_n = b_m \end{cases}$$

Sendo A a Matriz incompleta do sistema chamamos, respectivamente, as matrizes

$$X = \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \\ \vdots \\ x_n \end{bmatrix} \quad \text{e} \quad B = \begin{bmatrix} b_1 \\ b_2 \\ b_3 \\ \vdots \\ b_m \end{bmatrix}$$

de matriz incógnita e matriz termos independentes.

E dizemos que a forma matricial do sistema é A.X=B, ou seja:

$$\begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} & \cdots a_{1n} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} & \cdots a_{2n} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} & \cdots a_{3n} \\ \cdots & \cdots & \cdots & \cdots \\ a_{m1} & a_{m2} & a_{m3} & \cdots a_{mn} \end{bmatrix} \quad \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \\ \vdots \\ x_n \end{bmatrix} \begin{bmatrix} b_1 \\ b_2 \\ b_3 \\ \vdots \\ b_m \end{bmatrix}$$

Sistemas Lineares – Escalonamento (I)

Resolução de um Sistema por Substituição

Resolvemos um sistema linear *m* x *n* por substituição, do mesmo modo que fazemos num sistema linear 2 x 2. Assim, observemos os exemplos a seguir.

Exemplos

- Resolver o sistema pelo método da substituição.

$$\begin{cases} x + 2y - z = -1 \quad (I) \\ 2x - y + z = 5 \quad (II) \\ x + 3y - 2z = -4 (III) \end{cases}$$

Resolução

Isolando a incógnita *x* na equação (I) e substituindo nas equações (II) e (III), temos:

x + 2*y* – *z* - 1→ *x* = -2*y* + *z* - 1

Na equação (II)

2(-2*y* + *z* - 1) – *y* + *z* = 5 → -5*y* + 3*z* = 7 (IV)

Na equação (III)

(-2*y* + *z* - 1) + 3*y* - 2*z* = -4 → *y* – *z* = -3 (V)

Tomando agora o sistema formado pelas equações (IV) e (V):

$$\begin{cases} -5y + 3z = 7 \quad (IV) \\ y - z = -3 \quad (V) \end{cases}$$

Isolando a incógnita *y* na equação (V) e substituindo na equação (IV), temos:

y – *z* = -3 → *y* = *z* - 3

-5 (z - 3) + 3z = 7→ z = 4

Substituindo *z* = 4 na equação (V)

y – 4 = -3 → *y* = 1

Substituindo *y* = 1 e *z* = 4 na equação (I)

x + 2 (1) - (4) = -1 →x = 1

Assim:

S={(1, 1, 4)}

2º) Resolver o sistema pelo método da substituição:

$$\begin{cases} x + 3y - z = 1 \quad (I) \\ y + 2z = 10 \quad (II) \\ 3z = 12 \quad (III) \end{cases}$$

Resolução

Isolando a incógnita *x* na equação (I) e substituindo nas equações (II) e (III), temos:

x + 2y – z = -1 → x = -2y + z - 1

Na equação (II)

2(-2y + z - 1) – y + z = 5 →5y + 3z = 7 (IV)

Na equação (III)

(-2y + z - 1) + 3y - 2z = -4 → y – z = -3 (V)

Tomando agora o sistema formado pelas equações (IV) e (V):

$$\begin{cases} -5y + 3z = 7 \quad (IV) \\ y - z = -3 \quad (V) \end{cases}$$

Isolando a incógnita *y* na equação (V) e substituindo na equação (IV), temos:

y – *z* = -3 → *y* = *z* - 3

-5*(z* - 3*)* + 3*z* = 7 → *z* = 4

Substituindo *z* = 4 na equação (V)

y – 4 = -3 → *y* = 1

Substituindo *y* = 1 e *z* = 4 na equação (I)

x + 2(1) - (4) = -1 → *x* = 1

Assim:

S={(1, 1, 4)}

NOVA CONCURSOS

2º) Resolver o sistema pelo método da substituição:

$$\begin{cases} x+3y-z=1 \quad (I) \\ y+2z=10 \quad (II) \\ 3z=12 \quad (III) \end{cases}$$

Resolução
Na equação (III), obtemos:
$3z = 12 \rightarrow z = 4$
Substituindo $z = 4$ na equação (II), obtemos:
$y + 2 . 4 = 10 \rightarrow y = 2$
Substituindo $z = 4$ e $y = 2$ na equação (I), obtemos:
$x + 3 . 2 - 4 = 1 \rightarrow x = -1$
Assim:
$S\{(-1, 2, 4)\}$

Observação: Podemos observar que a resolução de sistemas pelo método da substituição pode ser demasiadamente longa e trabalhosa, quando os sistemas não apresentam alguma forma simplificada como no primeiro exemplo. No entanto, quando o sistema apresenta a forma simples do segundo exemplo, que denominamos "forma escalonada", a resolução pelo método da substituição é rápida e fácil.

Veremos, a seguir, como transformar um sistema linear *m* x *n* qualquer em um **sistema equivalente** na "forma escalonada".

Sistemas Lineares Escalonados

Dizemos que um sistema linear é um **sistema escalonado** quando:

- Em cada equação existe pelo menos um coeficiente não-nulo;
- O número de coeficiente nulos, antes do primeiro coeficiente não-nulo, cresce "da esquerda para a direita, de equação para equação".

Exemplos

1º) $\begin{cases} 2x+y-z=3 \\ 2y+3z=2 \end{cases}$

2º) $\begin{cases} x+2y-3z=4 \\ y+2z=3 \\ z=1 \end{cases}$

3º) $\begin{cases} x+y+z+t=5 \\ y-t=2 \end{cases}$

4º) $\begin{cases} 2x_1+3x_2-x_3+x_4=1 \\ x_2+x_3-x_4=0 \\ 3x_4=5 \end{cases}$

Existem dois tipos de sistemas escalonados:

Tipo: número de equações **igual** ao número de incógnitas.

$$\begin{cases} a_{11}x_1+a_{12}x_2+a_{13}x_3+\cdots+a_{1n}x_n=b_1 \\ a_{22}x_2+a_{23}x_3+\cdots+a_{2n}x_n=b_2 \\ a_{33}x_{33}+\cdots+a_{3n}x_n=b_3 \\ \cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots\cdots \\ a_{nn}x_n=b_n \end{cases}$$

Notamos que os sistemas deste tipo podem ser analisados pelo método de Cramer, pois são sistemas *n* x *n*. Assim, sendo *D* o determinante da matriz dos coeficientes (incompleta), temos:

$$D=\begin{vmatrix} a_{11}a_{12}a_{13}\cdots a_{1n} \\ 0 \quad a_{22}a_{23}\cdots a_{2n} \\ 0 \quad 0 \quad a_{33}\cdots a_{3n} \\ \cdots\cdots\cdots \\ 0 \quad 0 \quad 0\cdots a_{nn} \end{vmatrix} = D = a_{11}.a_{22}.a_{33}.\cdots.a_{nn} \neq 0$$

Como $D \neq 0$, os sistemas deste tipo são possíveis e determinados e, para obtermos a solução única, partimos da n-ésima equação que nos dá o valor de x_n; por substituição nas equações anteriores, obtemos sucessivamente os valores de $x_{n-1}, x_{n-2}, \ldots, x_3, x_2$ e x_1.

Exemplo

Resolver o sistema:

$$\begin{cases} 2x+y-z+t=5(I) \\ y+z+3t=9(II) \\ 2z-t=0(III) \\ 3t=6(IV) \end{cases}$$

Resolução

Na equação (IV), temos:
$3t = 6 \rightarrow t = 2$
Substituindo $t = 2$ na equação (III), temos:
$2z - 2 = 0 \rightarrow z = 1$
Substituindo $t = 2$ e $z = 1$ na equação (II), temos:
$y + 1 + 3 . 2 = 9 \rightarrow y = 2$
Substituindo $t = 2$, $z = 1$ e $y = 2$, na equação (I), temos:
$2x + 2 - 1 + 2 = 5 \rightarrow x = 1$
Assim:
$S\{(1, 2, 1, 2)\}$

Tipo: número de equações **menor** que o número de incógnitas.

Para resolvermos os sistemas lineares deste tipo, devemos transformá-los em sistemas do 1º tipo, do seguinte modo:

- As incógnitas que não aparecem no inicio de nenhuma das equações do sistema, chamadas **variáveis livres,** devem ser "passadas" para os segundos membros das equações. Obtemos, assim, um sistema em que consideramos incógnitas apenas as equações que "sobraram" nos primeiros membros.

- Atribuímos às variáveis livres valores literais, na verdade "valores variáveis", e resolvemos o sistema por substituição.

Exemplo

Resolver o sistema:

$$\begin{cases} x+y+2z=1 \\ 2y-z=2 \end{cases}$$

Resolução

A variável *z* é uma "*variável livre*" no sistema.

Então:

$$\begin{cases} x+y=1-2z \\ 2y=2+z \end{cases}$$

Fazendo *z* = α, temos:

$$\begin{cases} x+y=1-2\alpha \\ 2y=2+\alpha \end{cases}$$

$$2y=2+\alpha \rightarrow y=\frac{2+\alpha}{2}$$

Substituindo y = $\frac{2+\alpha}{2}$ na 1ª equação, temos:

$$x+\frac{2+\alpha}{2}=1-2\alpha$$

Agora para continuar fazemos o mmc de 2, e teremos:

2x + 2α = 2(1-2α)
2x + 2α = 2 - 4α
4α + 2x + 2 + α - 2 = 0
5α + 2x = 0
2x = -5α
x = $\frac{-5\alpha}{2}$

Assim:

$$S=\left\{\left(\frac{5\alpha}{2},\ \frac{2+\alpha}{2},\alpha\right),\alpha\in R\right\}$$

Observações: Para cada valor real atribuído a α, encontramos uma solução do sistema, o que permite concluir que o sistema é **possível** e **indeterminado**.

- A quantidade de variáveis livres que um sistema apresenta é chamada de **grau de liberdade** ou **grau de indeterminação** do sistema.

Sistema Lineares – Escalonamento (II)

Escalonamento de um Sistema

Todo sistema linear possível pode ser transformado num sistema linear escalonado equivalente, através das **transformações elementares** a seguir.

- Trocar a ordem em que as equações aparecem no sistema.

Exemplo

$$(S)=\begin{cases} x+3y=2 \\ 2x-y=5 \end{cases} \sim (S_1)\begin{cases} 2x-y=5 \\ x+3y=2 \end{cases}$$

- Inverter a ordem em que as incógnitas aparecem nas equações.

Exemplo

$$(S)=\begin{cases} x+2y+z=5 \\ x+2z=1 \\ 3x=5 \end{cases} \sim (S_1)\begin{cases} 2y+z+x=5 \\ 2z+x=1 \\ 3x=5 \end{cases}$$

- Multiplicar (ou dividir) uma equação por um número real não-nulo.

Exemplo

$$(S)\begin{cases} x+2y=3 \\ 3x-y=1 \end{cases} \sim (S_1)\begin{cases} x+2y=3 \\ 6x-2y=3 \end{cases}$$

Multiplicamos a 2ª equação de *S* por 2, para obtermos S_1.

- Adicionar a uma equação uma outra equação do sistema, previamente multiplicada por um número real não-nulo.

Exemplo

$$(S)=\begin{cases} x+3y=5 \\ 2x+y=3 \end{cases} \sim (S_1)\begin{cases} x+3y=5 \\ -5y=-7 \end{cases}$$

Multiplicamos a 1ª equação do *S* por -2 e a adicionamos à 2ª equação para obtermos s_1.

Para transformarmos um sistema linear (*S*) em outro, **equivalente** e escalonado (S_1), seguimos os seguintes passos.

- Usando os recursos das três primeiras transformações elementares, devemos obter um sistema em que a 1ª equação tem a 1ª incógnita com o coeficiente igual a 1.

- Usando a quarta transformação elementar, devemos "zerar" todos os coeficientes da 1ª incógnita em todas as equações restantes.

- "Abandonamos"a 1ª equação e repetimos os dois primeiros passos com as equações restantes, e assim por diante, até a penúltima equação do sistema.

Exemplos

1º) Escalonar e classificar o sistema:

$$\begin{cases} 2x+y+z=5 \\ 3x-y2z=-2 \\ x+2y-z=1 \end{cases}$$

Resolução

$$\begin{cases} x+2y-z=\ \ 1 \\ 3x-y-2z=-2 \\ 2x+y+z=\ \ 5 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=1 \\ 3x-y-2z=-2 & \leftarrow -3 \\ 2x+y+z=5 & \leftarrow -2 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=1 \\ -7y+z=-5 \\ -3y+3z=3: & -3 \end{cases}$$

$$\begin{cases} x+2y-z=-1 \\ -7y+z=5 \\ y-z=-1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=1 \\ y-z=-1 \\ -7y+z=-5 & \leftarrow 7 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=1 \\ y-z=-1 \\ -6z=-12 \end{cases}$$

O sistema obtido está escalonado e é do 1º tipo (nº de equações igual ao nº de incógnitas), portanto, é um sistema possível e determinado.

2º) Escalonar e classificar o sistema:

$$\begin{cases} 3x+y-z=3 \\ 2x-y+3z=5 \\ 8x+y+z=11 \end{cases}$$

Resolução

$$\begin{cases} 3x+y-z=3 \\ 2x-y+3z=5 \\ 8x+y+z=11 \end{cases} \sim \begin{cases} y+3x-z=3 \\ -y+2x+3z=5 & \leftarrow 1 \\ y+8x+z=11 & \leftarrow -1 \end{cases} \sim \begin{cases} y+3x-z=3 \\ 5x+2z=8 \\ 5x+2z=8(*) \end{cases}$$

$$\sim \begin{cases} y+3x-z=3 \\ 5x+2z=8 \end{cases}$$

O sistema obtido está escalonado e é do 2º tipo (nº de equações menor que o nº de incógnitas), portanto, é um sistema possível e indeterminado.

(*) A terceira equação foi eliminada do sistema, visto que ela é equivalente à segunda equação. Se nós não tivéssemos percebido essa equivalência, no passo seguinte obteríamos na terceira equação: $0x+0z=0$, que é uma equação satisfeita para todos os valores reais de x e z.

3º) Escalonar e classificar o sistema:

$$\begin{cases} 2x+5y+z=5 \\ x+2y-z=3 \\ 4x+9y-z=8 \end{cases}$$

Resolução

$$\begin{cases} 2x+5y+z=5 \\ x+2y-z=3 \\ 4x+9y-z=8 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=3 \\ 2x+5y+z=5 & \leftarrow -2 \\ 4x+9y-z=8 & \leftarrow -4 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=3 \\ y+3z=-1 \\ y+3z=-4 & \leftarrow -1 \end{cases}$$

$$\sim \begin{cases} x+2y-z=3 \\ y+3z=-1 \\ 0y+0z=-3 & \leftarrow -1 \end{cases}$$

O sistema obtido é impossível, pois a terceira equação nunca será verificada para valores reais de y e z.

Observação

Dado um sistema linear, sempre podemos "tentar" o seu escalonamento. Caso ele seja impossível, isto ficará evidente pela presença de uma equação que não é satisfeita por valores reais (exemplo: $0x + 0y = 3$). No entanto, se o sistema é possível, nós sempre conseguimos um sistema escalonado equivalente, que terá nº de equações igual ao nº de incógnitas (possível e determinado), ou então o nº de equações será menor que o nº de incógnitas (possível e indeterminado).

Este tratamento dado a um sistema linear para a sua resolução é chamado de **método de eliminação de Gauss.**

Sistemas Lineares – Discussão (I)

Discutir um sistema linear é determinar; quando ele é:

- Possível e determinado (solução única);
- Possível e indeterminado (infinitas soluções);
- Impossível (nenhuma solução), em função de um ou mais **parâmetros** presentes no sistema.

Estudaremos as técnicas de discussão de sistemas com o auxilio de exemplos.

Sistemas com Número de Equações Igual ao Número de Incógnitas

Quando o sistema linear apresenta nº de equações igual ao nº de incógnitas, para discutirmos o sistema, inicialmente calculamos o determinante *D* da matriz dos coeficientes (incompleta), e:

1º) Se $D \neq 0$, o sistema é possível e determinado.

2º) Se $D = 0$, o sistema é possível e indeterminado ou impossível.

Para identificarmos se o sistema é possível, indeterminado ou impossível, devemos conseguir um sistema escalonado equivalente pelo método de eliminação de Gauss.

Exemplos

01 – Discutir, em função de *a*, o sistema:

$$\begin{cases} x+3y=5 \\ 2x+ay=1 \end{cases}$$

Resolução

$$D=\begin{vmatrix} 1 & 3 \\ 2 & a \end{vmatrix}=a-6$$

$$D=0 \Rightarrow a-6=0 \Rightarrow a=6$$

Assim, para $a \neq 6$, o sistema é possível e determinado.

Para $a \neq 6$, temos:

$$\begin{cases} x+3y=5 \\ 2x+6y=1 \quad \leftarrow -2 \end{cases} \sim \begin{cases} x+3y=5 \\ 0x+0y=-9 \end{cases}$$

que é um sistema impossível.

Assim, temos:

$a \neq 6 \rightarrow$ *SPD* (Sistema possível e determinado)

$a=6 \rightarrow$ *SI* (Sistema impossível)

02 – Discutir, em função de *a*, o sistema:

$$\begin{cases} x+y-z=1 \\ 2x+3y+az=3 \\ x+ay+3z=2 \end{cases}$$

Resolução

$$D\begin{vmatrix} 1 & 1 & -1 \\ 2 & 3 & 1 \\ 1 & a & 3 \end{vmatrix}=9+a-2a+3-6-a^2$$

$D=0 \rightarrow -a^2-a+6=0 \rightarrow a=-3$ ou $a=2$

Assim, para $a \neq -3$ e $a \neq 2$, o sistema é possível e determinado.

Para $a=-3$, temos:

$$\begin{cases} x+y-z=1 \\ 2x+3y-3z=3 \quad \leftarrow -2 \\ x-3y+3z=2 \quad \leftarrow -1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y-z=1 \\ y-z=1 \\ -4y+4z=1 \quad \leftarrow 4 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y-z=1 \\ y-z=1 \\ y+z=5 \quad \text{sistema impossível} \end{cases}$$

Para $a=2$, temos:

$$\begin{cases} x+y-z=1 \\ 2x+3y+2z=3 \quad \leftarrow -2 \\ x+2y+3z=2 \quad \leftarrow -1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y-z=1 \\ y+4z=1 \\ y+4z=1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y-z=1 \\ y+4z=1 \quad \text{sistema possível indeterminado} \end{cases}$$

Assim, temos:

$a \neq -3$ e $a \neq 2 \rightarrow$ SPD

$a=-3 \rightarrow$ SI

$a=2 \rightarrow$ SPI

03 – Discutir, em função de *m* e *k*, o sistema:

$$\begin{cases} mx+y=k \\ x+my=k^2 \end{cases}$$

Resolução

$$D=\begin{vmatrix} m & 1 \\ 1 & m \end{vmatrix}=m^2-1$$

$D=0 \rightarrow m^2-1=0 \rightarrow m=+1$ ou $m=-1$

Assim, para $m \neq +1$ e $m \neq -1$, o sistema é possível e determinado.

Para $m=1$, temos:

$$\begin{cases} x+y=K \\ x+y=K^2 \quad \leftarrow -1 \end{cases} \sim \begin{cases} x+y=K \\ 0x+0y=-K+K^2 \end{cases}$$

Se $-k+k^2=0$, ou seja, $k=0$ ou $k=1$, o sistema é possível e indeterminado.

Se $-K+k^2 \neq 0$, ou seja, $k \neq 0$ ou $k \neq 1$, o sistema é impossível.

Para $m=-1$, temos:

$$\begin{cases} -x+y=K \\ x-y=k^2 \end{cases} \sim \begin{cases} x-y=K^2 \\ -x+y=K \quad \leftarrow 1 \end{cases} \sim \begin{cases} x-y=k^2 \\ Ox+Oy=k^2+k \end{cases}$$

Se $k^2+k=0$, ou seja, $k=0$ $k=-1$, o sistema é possível e indeterminado.

Se $k^2+k \neq 0$, ou seja, $k \neq 0$ $k \neq -1$, o sistema é indeterminado.

Assim, temos:

$$\left.\begin{array}{l} m=+1 \;\; e \;\; k=0 \;\; ou \;\; k=1 \\ ou \\ m=-1 \;\; e \;\; k=0 \;\; ou \;\; k=-1 \end{array}\right\} \Rightarrow SPI$$

$$\left.\begin{array}{l} m=+1 \;\; e \;\; k\neq 0 \;\; ou \;\; k\neq 1 \\ ou \\ m=-1 \;\; e \;\; k\neq 0 \;\; ou \;\; k\neq -1 \end{array}\right\} \Rightarrow SI$$

NOVA CONCURSOS

Sistemas com Número de Equações Diferente do Número de Incógnitas

Quando o sistema linear apresenta número de equações diferente do número de incógnitas, para discuti-lo, devemos obter um sistema escalonado equivalente pelo método de eliminar de Gauss.

Exemplos

01 – Discutir, em função de *m*, o sistema:

$$\begin{cases} x+y=3 \\ 2x+3y=8 \\ x-my=3 \end{cases}$$

Resolução

$$\begin{cases} x+y=3 \\ 2z+3y=8 & \to -2 \quad \sim \\ x-my=3 & \to -1 \end{cases}$$

$$\sim \begin{cases} x+y=3 \\ y=2 \\ (-1-m)y=0 & \to 1+m \end{cases} \sim \begin{cases} x+y=3 \\ y=2 \\ 0y=2+2m \end{cases}$$

$2+2m=0 \to m=-1$

Assim, temos:

$m \neq -1 \to$ SI

$m=-1 \to$ SPD

02 – Discutir, em função de k, o sistema:

$$\begin{cases} x+2y-z=5 \\ 2x+5y+3z=12 \\ 3x+7y-2z=17 \\ 5x+12y+kz=29 \end{cases}$$

Resolução:

$$\begin{cases} x+2y-z=5 \\ 2x+5y+3z=12 & \leftarrow -2 \\ 3x+7y-2z=17 & \leftarrow -3 \\ 5x+12y+kz=29 & \leftarrow -5 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ y+5z=2 & \leftarrow -1 \\ 2y+(5+K)z=4 & \leftarrow -2 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ 4z=0 & \div 4 \\ (3+K)z=0 \end{cases}$$

$$\sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ z=0 & -3-K \\ (3+K)z=0 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ z=0 \\ 0z=0 \end{cases} \sim \begin{cases} x+2y-z=5 \\ y+z=2 \\ z=0 \end{cases}$$

Assim, para $\forall k \in R$, o sistema é possível e determinado.

Sistemas Lineares – Discussão (II)

Sistema Linear Homogêneo

Já sabemos que sistema linear homogêneo é todo sistema cujas equações têm todos os termos independentes iguais a zero.

São homogêneos os sistemas:

01 $\begin{cases} 3x+4y=0 \\ x-2y=0 \end{cases}$

02 $\begin{cases} x+2y+2z=0 \\ 3x-y+z=0 \\ 5x+3y-7z=0 \end{cases}$

Observe que a dupla (0,0) é solução do sistema 01 e a terna (0,0,0) é solução do sistema 02.

Todo sistema linear homogêneo admite como solução uma seqüência de zero, chamada **solução nula** ou **solução trivial**. Observamos também que todo sistema homogênea é sempre **possível** podendo, eventualmente, apresentar outras soluções além da solução trivial, que são chamadas soluções **próprias.**

Discussão e Resolução

Lembre-se que: todo sistema linear homogêneo tem ao menos a solução trivial, portanto será sempre possível.

Vejamos alguns exemplos:

01 – Classifique e resolva o sistema:

$$\begin{cases} 3x+y+z=0 \\ x+5y-z=0 \\ x+2y-z=0 \end{cases}$$

Resolução

$$D=\begin{vmatrix} 3 & 1 & 1 \\ 1 & 5 & -1 \\ 1 & 2 & -1 \end{vmatrix}=-12$$

Como $D \neq 0$, o sistema é possível e determinado admitindo só a solução trivial, logo:

02 – Classifique e resolva o sistema:

$$\begin{cases} a+b+2c=0 \\ a-3b-2c=0 \\ 2a-b+c=0 \end{cases}$$

Resolução

$$D=\begin{vmatrix}1 & 1 & 2\\ 1 & -3 & -2\\ 2 & -1 & 1\end{vmatrix}=0$$

Como D=0, o sistema homogêneo é indeterminado. Fazendo o escalonamento temos:

$$\begin{cases}a+\quad b+2c=0\\ a-3b+-2c=0\\ 2a-\quad b+c=0\end{cases}\sim\begin{cases}a+\quad b+2c=0\\ 0-4b-4c=0\\ 0-\quad 3b-3c=0\end{cases}\sim\begin{cases}a+b+2c=0\\ 0+b+4c=0\\ 0+0+0=0\end{cases}$$

Teremos, então:

$$\begin{cases}a+b+2c=0\\ \qquad b+c=0\end{cases}$$

Fazendo $c=t$, teremos:
$=-c\rightarrow b=-t$
$a-t+2t=0\rightarrow a=-t$

Portanto:

$$S=\{(-t,-t,t),t\in R\}$$

Note que variando t obteremos várias soluções, inclusive a trivial para t=0.

03 – Determine **K** de modo que o sistema abaixo tenha solução diferente da trivial.

$$\begin{cases}x+y+z=0\\ x-ky+z=0\\ kx-y-z=0\end{cases}$$

Resolução

O sistema é homogêneo e, para apresentar soluções diferentes da trivial, devemos ter D=0

$$D=\begin{vmatrix}1 & 1 & 1\\ 1-k & & 1\\ k & -1 & -1\end{vmatrix}=k^2+2k+1=(k+1)^2=0\Rightarrow k=-1$$

Resposta: k=-1

Exercícios

1. Resolver e classificar o sistema: $\begin{cases}2x+3y=8\\ 3x-2y=-1\end{cases}$

2. Determinar *m* real, para que o sistema seja possível e determinado: $\begin{cases}2x+3y=5\\ x+my=2\end{cases}$

3. Resolver e classificar o sistema: $\begin{cases}3x-y+z=5\\ x+3y=7\\ 2x+y-2z=-4\end{cases}$

4. Determinar *m* real para que o sistema seja possível e determinado. $\begin{cases}x+2y+z=5\\ 2x-y+2z=5\\ 3x+y+mz+0\end{cases}$

5. Se o terno ordenado (2, 5, p) é solução da equação linear 6x - 7y + 2z = 5, qual o valor de p?

6. Escreva a solução genérica para a equação linear 5x - 2y + z = 14, sabendo que o terno ordenado (α, β , γ) é solução.

7. Determine o valor de m de modo que o sistema de equações abaixo,
2x - my = 10
3x + 5y = 8, seja impossível.

8. **Se os sistemas:**
S_1: x + y = 1 e S_2: ax – by = 5
X – 2y = -5 ay – bx = -1
São equivalentes, então o valor de $a^2 + b^2$ é igual a:
a) 1
b) 4
c) 5
d) 9
e) 10

9. Resolva o seguinte sistema usando a regra de Cramer:
x + 3y - 2z = 3
2x - y + z = 12
4x + 3y - 5z = 6

10. **Resolver o sistema** $\begin{cases}2x-y=7\\ x+5y=-2\end{cases}$.

Respostas

1) Resposta "S= {(1, 2)}".
Solução: Calculemos inicialmente D, D_x e D_y:

$$D=\begin{vmatrix}2 & 3\\ 3 & -2\end{vmatrix}=-4-9=-13$$

$$D_x=\begin{vmatrix}8 & 3\\ -1 & -2\end{vmatrix}=-16+3=13$$

$$D_y=\begin{vmatrix}2 & 8\\ 3 & -1\end{vmatrix}=-2-24=-26$$

NOVA CONCURSOS

Como D =-13 ≠ 0, o sistema é possível e determinado e:

$$x = \frac{D_x}{D} = \frac{-13}{-13} = 1 \quad \text{e} \quad y = \frac{D_y}{D} = \frac{-26}{-13} = 2$$

Assim: S= {(1, 2)} e o sistema são possíveis e determinados.

2) Resposta "$\left\{m \in R / m \neq \frac{3}{2}\right\}$".

Solução: Segundo a regra de Cramer, devemos ter D ≠ 0, em que:

$$D = \begin{vmatrix} 2 & 3 \\ 1 & m \end{vmatrix} = 2m - 3$$

Assim: 2m -3 ≠ 0 → m ≠ $\frac{3}{2}$

Então, os valores reais de m, para que o sistema seja possível e determinado, são dados pelos elementos do conjunto:

$$\left\{m \in R / m \neq \frac{3}{2}\right\}$$

3) Resposta " S = {(1, 2, 4)}".

Solução: Calculemos inicialmente D, D_x, D_y e D_z

$$D = \begin{vmatrix} 3 & -1 & 1 \\ 1 & 3 & 0 \\ 2 & 1 & -2 \end{vmatrix} = -18 + 0 + 1 - 6 - 0 - 2 = -25$$

$$D_x = \begin{vmatrix} 5 & -1 & 1 \\ 7 & 3 & 0 \\ 2 & 1 & -2 \end{vmatrix} = -30 + 0 + 7 + 12 - 0 - 14 = -25$$

$$D_y = \begin{vmatrix} 3 & 5 & 1 \\ 1 & 7 & 0 \\ 2 & -4 & -2 \end{vmatrix} = -42 + 0 - 4 - 14 - 0 + 10 = -50$$

$$D_z = \begin{vmatrix} 3 & -1 & 5 \\ 1 & 3 & 7 \\ 2 & 1 & -4 \end{vmatrix} = -36 - 14 + 5 - 30 - 21 - 4 = -100$$

Como D= -25 ≠ 0, o sistema é possível e determinado e:

$$x = \frac{D_x}{D} = \frac{-25}{-25} = 1; y = \frac{D_y}{D} = \frac{-50}{-25} = 2; z = \frac{D_z}{D} = \frac{100}{-25} = 4$$

Assim: S = {(1, 2, 4)} e o sistema são possíveis e determinados.

4) Resposta "$\{m \in R / m \neq 3\}$".

Solução: Segundo a regra de Cramer, devemos ter D ≠ 0. Assim:

$$D = \begin{vmatrix} 1 & 2 & 1 \\ 2 & -1 & 2 \\ 3 & 1 & m \end{vmatrix} = -m + 12 + 2 + 3 - 2 - 4m$$

D = -5m + 15

Assim: -5m + 15 ≠ 0 → m ≠ 3

Então, os valores reais de m, para que o sistema seja possível e determinado, são dados pelos elementos do conjunto:

$\{m \in R / m \neq 3\}$

5) Resposta "14".

Solução:

Teremos por simples substituição, observando que x = 2, y = 5 e z = p, 6 . 2 – 7 . 5 + 2 . p = 5.

Logo, 12 - 35 + 2p = 5.

Daí vem imediatamente que 2p = 28 e, portanto, p = 14.

6) Solução:

Podemos escrever: 5 α- 2 β + γ = 14. Daí, tiramos: γ = 14 - 5 α + 2 β. Portanto, a solução genérica será o terno ordenado (α,β, 14 - 5 α + 2 β).

Observe que se arbitrando os valores para α e β, a terceira variável ficará determinada em função desses valores.

Por exemplo, fazendo-se α = 1, β= 3, teremos:

γ = 14 - 5 α+ 2 β = 14 – 5 . 1 + 2 . 3 = 15,

ou seja, o terno (1, 3, 15) é solução, e assim, sucessivamente.

Verificamos, pois que existem infinitas soluções para a equação linear dada, sendo o terno ordenado (α, β, 14 - 5 α + 2β) a solução genérica.

7) Solução:

Teremos, expressando x em função de m, na primeira equação:

x = (10 + my) / 2

Substituindo o valor de x na segunda equação, vem:

3[(10+my) / 2] + 5y = 8

Multiplicando ambos os membros por 2, desenvolvendo e simplificando, vem:

3(10+my) + 10y = 16

30 + 3my + 10y = 16

(3m + 10)y = -14

y = -14 / (3m + 10)

Ora, para que não exista o valor de y e, em consequência não exista o valor de x, deveremos ter o denominador igual a zero, já que , como sabemos, não existe divisão por zero.

Portanto, 3m + 10 = 0, de onde se conclui m = -10/3, para que o sistema seja impossível, ou seja, não possua solução.

8) Resposta "E".

Solução: Como os sistemas são equivalentes, eles possuem a mesma solução. Vamos resolver o sistema:

S_1: x + y = 1
x - 2y = -5

Subtraindo membro a membro, vem: x - x + y - (-2y) = 1 - (-5).

Logo, 3y = 6 \ y = 2.

Portanto, como x + y = 1, vem, substituindo: x + 2 = 1 \ x = -1.

O conjunto solução é, portanto S = {(-1, 2)}.

Como os sistemas são equivalentes, a solução acima é também solução do sistema S_2.

Logo, substituindo em S_2 os valores de x e y encontrados para o sistema S_1, vem:

a(-1) - b(2) = 5 → - a - 2b = 5
a(2) - b (-1) = -1 → 2 a + b = -1

Multiplicando ambos os membros da primeira equação por 2, fica:

-2 a - 4b = 10

Somando membro a membro esta equação obtida com a segunda equação, fica:

-3b = 9 \ b = - 3

Substituindo o valor encontrado para b na equação em vermelho acima (poderia ser também na outra equação em azul), teremos:

2 a + (-3) = -1 \ a = 1.

Portanto, $a^2 + b^2 = 1^2 + (-3)^2 = 1 + 9 = 10$.

9) Resposta "S = {(5, 2, 4)}".

Solução: Teremos:

$$\Delta = \begin{vmatrix} 1 & 3 & -2 \\ 2 & -1 & 1 \\ 4 & 3 & -5 \end{vmatrix} = 24$$

$$\Delta x_1 = \begin{vmatrix} 1 & 3 & -2 \\ 12 & -1 & 1 \\ 6 & 3 & -5 \end{vmatrix} = 120$$

$$\Delta x_3 = \begin{vmatrix} 1 & 3 & 3 \\ 2 & -1 & 12 \\ 4 & 3 & 6 \end{vmatrix} = 96$$

$$\Delta x_2 = \begin{vmatrix} 1 & 3 & -2 \\ 2 & 12 & 1 \\ 4 & 6 & -5 \end{vmatrix} = 48$$

Portanto, pela regra de Cramer, teremos:

x_1 = D x_1 / D = 120 / 24 = 5
x_2 = D x_2 / D = 48 / 24 = 2
x_3 = D x_3 / D = 96 / 24 = 4

Logo, o conjunto solução do sistema dado é S = {(5, 2, 4)}.

10) Solução:

$$A = \begin{bmatrix} 2 & -1 \\ 1 & 5 \end{bmatrix} \Rightarrow \det A = 11$$

$$A_1 = \begin{bmatrix} 7 & -1 \\ -2 & 5 \end{bmatrix} \Rightarrow \det A_1 = 33$$

$$A_2 = \begin{bmatrix} 2 & 7 \\ 1 & -2 \end{bmatrix} \Rightarrow \det A_2 = -11$$

$$x = \frac{\det A_1}{\det A} = \frac{33}{11} = 3$$

$$y = \frac{\det A_2}{\det A} = \frac{-11}{11} = -1$$

Resposta: S={(3,-1)}

NÚMEROS COMPLEXOS;

NÚMEROS COMPLEXOS,

Quantas vezes, ao calcularmos o valor de Delta (b^2- 4ac) na resolução da equação do 2º grau, nos deparamos com um valor negativo (Delta < 0). Nesse caso, sempre dizemos ser impossível a raiz no universo considerado (normalmente no conjunto dos reais- ***R***). A partir daí, vários matemáticos estudaram este problema, sendo Gauss e Argand os que realmente conseguiram expor uma interpretação geométrica num outro conjunto de números, chamado de números complexos, que representamos por ***C***.

Números Complexos

Chama-se conjunto dos números complexos, e representa-se por ***C***, o conjunto de pares ordenados, ou seja:

z = (x,y)

onde x pertence a **R** e y pertence a **R**.

Então, por definição, se z = (x,y) = (x,0) + (y,0)(0,1) onde i=(0,1), podemos escrever que:

z=(x,y)=x+yi

Exemplos:
(5,3)=5+3i
(2,1)=2+i
(-1,3)=-1+3i

Dessa forma, todo o números complexo **z=(x,y)** pode ser escrito na forma **z=x+yi**, conhecido como forma algébrica, onde temos:

x=Re(z, parte real de z
y=Im(z), parte imaginária de z

NOVA CONCURSOS

Igualdade entre números complexos: Dois números complexos são iguais se, e somente se, apresentam simultaneamente iguais a parte real e a parte imaginária. Assim, se z_1=a+bi e z_2=c+di, temos que:

z_1=z_2<==> a=c e b=d

Adição de números complexos: Para somarmos dois números complexos basta somarmos, separadamente, as partes reais e imaginárias desses números. Assim, se z=a+bi e z_2=c+di, temos que:

z_1+z_2=(a+c) + (b+d)

Subtração de números complexos: Para subtrairmos dois números complexos basta subtrairmos, separadamente, as partes reais e imaginárias desses números. Assim, se z=a+bi e z_2=c+di, temos que:

z_1-z_2=(a-c) + (b-d)

Potências de i

Se, por definição, temos que i = - $(-1)^{1/2}$, então:

i^0 = 1
i^1 = i
i^2 = -1
i^3 = i^2.i = -1.i = -i
i^4 = i^2.i^2=-1.-1=1
i^5 = i^4. 1=1.i= i
i^6 = i^5. i =i.i=i^2=-1
i^7 = i^6. i =(-1).i=-i .....

Observamos que no desenvolvimento de i^n (**n** pertencente a ***N***, com **n** variando, os valores repetem-se de **4** em **4** unidades. Desta forma, para calcularmos i^n basta calcularmos $\mathbf{i^r}$ onde **r** é o resto da divisão de **n** por **4**.

Exemplo: i^{63} => 63 / 4 dá resto 3, logo i^{63}=i^3=-i

Multiplicação de números complexos: Para multiplicarmos dois números complexos basta efetuarmos a multiplicação de dois binômios, observando os valores das potência de **i**. Assim, se z_1=a+bi e z_2=c+di, temos que:

$z_1.z_2$ = a.c + adi + bci + bdi^2
$z_1.z_2$= a.c + bdi^2 = adi + bci
$z_1.z_2$= (ac - bd) + (ad + bc)i
Observar que : i^2= -1

Conjugado de um número complexo: Dado z=a+bi, define-se como conjugado de z (representa-se por z^-) ==> z^-= a-bi

Exemplo:
z=3 - 5i ==> z^- = 3 + 5i
z = 7i ==> z^- = - 7i
z = 3 ==> z^- = 3

Divisão de números complexos: Para dividirmos dois números complexos basta multiplicarmos o numerador e o denominador pelo conjugado do denominador. Assim, se z_1= a + bi e z_2= c + di, temos que:

z_1 / z_2 = [$z_1.z_2^-$] / [$z_2z_2^-$] = [(a+bi)(c-di)] / [(c+di)(c-di)]

Módulo de um número complexo: Dado z = a+bi, chama-se módulo de z ==> | z | = $(a^2+b^2)^{1/2}$, conhecido como ro

Interpretação geométrica: Como dissemos, no início, a interpretação geométrica dos números complexos é que deu o impulso para o seu estudo. Assim, representamos o complexo z = a+bi da seguinte maneira

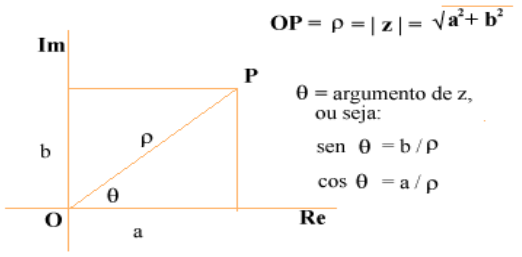

Forma polar dos números complexos:
Da interpretação geométrica, temos que:

$$z_1 = \rho_1 (\cos\theta_1 + i \operatorname{sen}\theta_1)$$

$$z_2 = \rho_2 (\cos\theta_2 + i \operatorname{sen}\theta_2)$$

que é conhecida como forma polar ou trigonométrica de um número complexo.

Operações na forma polar: Sejam z_1=ro_1(cos t_{11}) e z_2=ro_1(cos t_1+i $sent_1$). Então, temos que:

a)Multiplicação

$$z_1 \cdot z_2 = \rho_1\rho_2 [\cos(\theta_1 + \theta_2) + i \operatorname{sen}(\theta_1 + \theta_2)]$$

Divisão

$$\frac{z_1}{z_2} = \frac{\rho_1}{\rho_2} [\cos(\theta_1 - \theta_2) + i \operatorname{sen}(\theta_1 - \theta_2)]$$

Potenciação

$$z^n = \rho^n [\cos(n\theta) + i \operatorname{sen}(n\theta)]$$

Radiciação

$$z_k = \sqrt[n]{\rho} \{\cos[(\theta + 2k\pi)/n] + i \operatorname{sen}[(\theta + 2k\pi)/n]\}$$

para n = 0, 1, 2, 3, ..., n-1

Exercícios

1 - Sejam os complexos **z_1=(2x+1) + yi e z_2=-y + 2i.** Determine **x** e **y** de modo que z_1 + z_2 = 0

2 - Determine **x**, de modo que **z = (x+2i)(1+i)** seja imaginário puro.

3 - Qual é o conjugado de **z = (2+i) / (7-3i)**?

4 - Os módulos de **z_1 = x + $20^{1/2}$i** e **z_2= (x-2) + 6i** são iguais, qual o valor de **x**?

5 - Escreva na forma trigonométrica o complexo **z = (1+i) / i**

Respostas

Resolução 01.
Temos que:
$z_1 + z_2 = (2x + 1 - y) + (y + 2) = 0$
logo, é preciso que:
$2x+1 - y = 0$ e $y+2 = 0$
Resolvendo, temos que **y = -2 e x = -3/2**

Resolução 02.
Efetuando a multiplicação, temos que:
$z = x + (x+2)i + 2i^2$
$z = (x-2) + (x+2)i$
Para z ser imaginário puro é necessário que (x-2)=0, logo **x=2**

Resolução 03.
Efetuando a divisão, temos que:
$z = (2+i) / (7-3i) . (7+3i) / (7+3i) = (11 + 3i) / 58$
O conjugado de Z seria, então $\mathbf{z^- = 11/58 - 13i/58}$

Resolução 04.
Então, $|z_1 = (x^2 + 20)^{1/2} = |z_2 = [(x-2)^2 + 36\}^{1/2}$
Em decorrência,
$x^2 + 20 = x^2 - 4x + 4 + 36$
$20 = -4x + 40$
$4x = 20$, logo **x=5**

Resolução 05.
Efetuando-se a divisão, temos:
$z = [(1+i). -i] / -i^2 = (-i -i^2) = 1 – i$
Para a forma trigonométrica, temos que:
$r = (1 + 1)^{1/2} = 2^{1/2}$
$\text{sen } t = -1/2^{1/2} = - 2^{1/2} / 2$
$\cos t = 1 / 2^{1/2} = 2^{1/2} / 2$
Pelos valores do seno e cosseno, verificamos que t = 315º
Lembrando que a forma trigonométrica é dada por:
$z = r(\cos t + i \text{ sen } t)$, temos que:
$z = 2^{1/2} (\cos 315º + i \text{ sen } 315º)$

FUNÇÃO EXPONENCIAL: EQUAÇÃO E INEQUAÇÃO EXPONENCIAL; FUNÇÃO LOGARÍTMICA;

"Caro Candidato, o tópico acima foi abordado em: Relação e Função: domínio, contradomínio e imagem; Função do 1º grau; função constante;"

ANÁLISE COMBINATÓRIA;

A Análise Combinatória é a área da Matemática que trata dos problemas de contagem.

Princípio Fundamental da Contagem
Estabelece o número de maneiras distintas de ocorrência de um evento composto de duas ou mais etapas.

Se uma decisão E_1 pode ser tomada de n_1 modos e, a decisão E_2 pode ser tomada de n_2 modos, então o número de maneiras de se tomarem as decisões E_1 e E_2 é $n_1.n_2$.

Exemplo

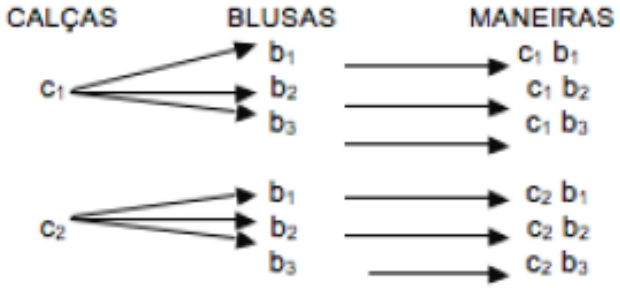

O número de maneiras diferentes de se vestir é:2(calças). 3(blusas)=6 maneiras

Fatorial
É comum nos problemas de contagem, calcularmos o produto de uma multiplicação cujos fatores são números naturais consecutivos. Para facilitar adotamos o fatorial.

$$n! = n(n-1)(n-2)\ldots 3 \cdot 2 \cdot 1, (n \in N)$$

Arranjo Simples
Denomina-se arranjo simples dos n elementos de E, p a p, toda sequência de p elementos distintos de E.

NOVA CONCURSOS

Exemplo

Usando somente algarismos 5, 6 e 7. Quantos números de 2 algarismos distintos podemos formar?

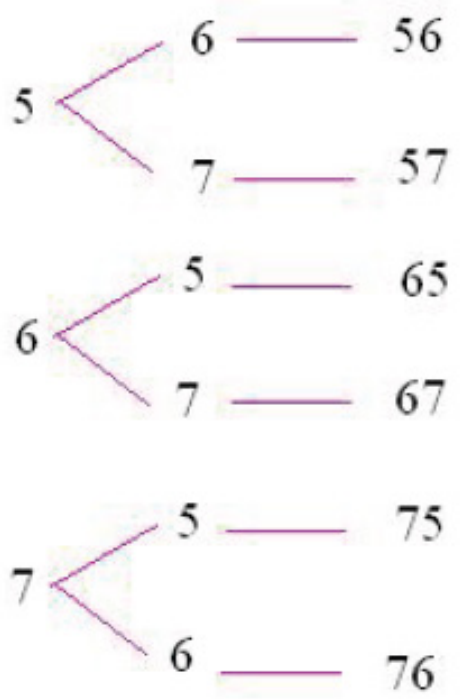

Observe que os números obtidos diferem entre si:

Pela ordem dos elementos: 56 e 65

Pelos elementos componentes:56 e 67

Cada número assim obtido é denominado arranjo simples dos 3 elementos tomados 2 a 2.

Indica-se $A_{3,2}$

$$A_{n,p} = \frac{n!}{(n-p)!}$$

Permutação Simples

Chama-se permutação simples dos n elementos, qualquer agrupamento(sequência) de n elementos distintos de E.

O número de permutações simples de n elementos é indicado por P_n.

$$P_n = n!$$

Exemplo

Quantos anagramas tem a palavra MITO?

Solução

A palavra mito tem 4 letras, portanto:

$$P_4 = 4! = 4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1 = 24$$

Permutação com elementos repetidos

De modo geral, o número de permutações de n objetos, dos quais n_1 são iguais a A, n_2 são iguais a B, n_3 são iguais a C etc.

$$P_n^{n_1,n_2,n_3,\ldots,n_k} = \frac{n!}{n_1!n_2!n_3!\ldots n_k!} \quad n \in N \text{ e } n_1,n_2,\ldots n_k \in N^*$$

Exemplo

Quantos anagramas tem a palavra NATA?

Solução

Se todos as letras fossem distintas, teríamos 4! Permutações. Como temos uma letra repetida, esse número será menor.

$$P_4^2 = \frac{4!}{2!} = \frac{4 \cdot 3 \cdot 2 \cdot 1}{2} = 12$$

Combinação Simples

Dado o conjunto $\{a_1, a_2, \ldots, a_n\}$ com n objetos distintos, podemos formar subconjuntos com p elementos. Cada subconjunto com i elementos é chamado combinação simples.

$$C_{n,p} = \frac{n!}{p!\,(n-p)!}$$

Exemplo

Calcule o número de comissões compostas de 3 alunos que podemos formar a partir de um grupo de 5 alunos.

Solução

$$C_{5,3} = \frac{5!}{3!\,(5-3)!} = \frac{5!}{3! \cdot 2!} = \frac{5 \cdot 4 \cdot 3!}{3! \cdot 2!} = 10$$

PROBABILIDADE;

Experimento Aleatório

Qualquer experiência ou ensaio cujo resultado é imprevisível, por depender exclusivamente do acaso, por exemplo, o lançamento de um dado.

Espaço Amostral

Num experimento aleatório, o conjunto de todos os resultados possíveis é chamado espaço amostral, que se indica por E.

No lançamento de um dado, observando a face voltada para cima, tem-se:

E={1,2,3,4,5,6}

No lançamento de uma moeda, observando a face voltada para cima:

E={Ca,Co}

Evento

É qualquer subconjunto de um espaço amostral.

No lançamento de um dado, vimos que

E={1,2,3,4,5,6}

Esperando ocorrer o número 5, tem-se o evento {5}:Ocorrer um número par, tem-se {2,4,6}.

Exemplo

Considere o seguinte experimento: registrar as faces voltadas para cima em três lançamentos de uma moeda.

a) Quantos elementos tem o espaço amostral?

b) Descreva o espaço amostral.

Solução

a)O espaço amostral tem 8 elementos, pois cada lançamento, há duas possibilidades.

2x2x2=8

b) E={(C,C,C), (C,C,R),(C,R,C),(R,C,C),(R,R,C),(R,C,R),(-C,R,R),(R,R,R)}

Probabilidade

Considere um experimento aleatório de espaço amostral E com n(E) amostras equiprováveis. Seja A um evento com n(A) amostras.

$$P(A) = \frac{n(A)}{n(E)}$$

Eventos complementares

Seja E um espaço amostral finito e não vazio, e seja A um evento de E. Chama-se complementar de A, e indica-se por , o evento formado por todos os elementos de E que não pertencem a A.

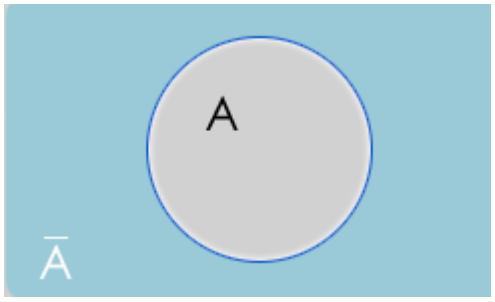

Note que $f(x) = sen\ x$

$$n(A) + n(\bar{A}) = n(E) \therefore P(A) + P(\bar{A}) = 1$$

Exemplo

Uma bola é retirada de uma urna que contém bolas coloridas. Sabe-se que a probabilidade de ter sido retirada uma bola vermelha é $\frac{5}{17}$. Calcular a probabilidade de ter sido retirada uma bola que não seja vermelha.

Solução

Os eventos A={bola vermelha} e $\bar{A}$ = {bola não vermelha} são complementares.

são complementares.

$$P(A) + P(\bar{A}) = 1 \rightarrow P(\bar{A}) = 1 - P(A) \therefore P(\bar{A}) = 1 - \frac{5}{17} = \frac{12}{17}$$

Adição de probabilidades

Sejam A e B dois eventos de um espaço amostral E, finito e não vazio. Tem-se:

$$P(A \cup B) = P(A) + P(B) - P(A \cap B)$$

Exemplo

No lançamento de um dado, qual é a probabilidade de se obter um número par ou menor que 5, na face superior?

Solução

E={1,2,3,4,5,6} n(E)=6

Sejam os eventos

A={2,4,6} n(A)=3

B={1,2,3,4} n(B)=4

$$A \cap B = \{2,4\}, sendo, n(A \cap B) = 2$$

$$P(A \cup B) = P(A) + P(B) - P(A \cap B)$$

$$P(A \cup B) = \frac{3}{6} + \frac{4}{6} - \frac{2}{6} = \frac{5}{6}$$

Probabilidade Condicional

É a probabilidade de ocorrer o evento A dado que ocorreu o evento B, definido por:

$$P(A/B) = \frac{P(A \cap B)}{P(B)}$$

E={1,2,3,4,5,6}, n(E)=6

B={2,4,6} n(B)=3

A={2}

$$A \cap B = \{2\}, onde\ n(A \cap B) = 1$$

$$P(A/B) = \frac{\frac{1}{6}}{\frac{3}{6}} = \frac{1}{3}$$

NOVA CONCURSOS

Eventos Simultâneos

Considerando dois eventos, A e B, de um mesmo espaço amostral, a probabilidade de ocorrer A e B é dada por:

$$P(A \cap B) = p(A).p(B/A)$$

ESTATÍSTICA;

Média aritmética

Média aritmética de um conjunto de números é o valor que se obtém dividindo a soma dos elementos pelo número de elementos do conjunto.

Representemos a média aritmética por $\bar{X}$.

A média pode ser calculada apenas se a variável envolvida na pesquisa for quantitativa. Não faz sentido calcular a média aritmética para variáveis quantitativas.

Na realização de uma mesma pesquisa estatística entre diferentes grupos, se for possível calcular a média, ficará mais fácil estabelecer uma comparação entre esses grupos e perceber tendências.

Considerando uma equipe de basquete, a soma das alturas dos jogadores é:

1,85+1,85+1,95+1,98+1,98+1,98+2,01+2,01+2,07+2,07 +2,07+2,07+2,10+2,13+2,18 = 30,0

Se dividirmos esse valor pelo número total de jogadores, obteremos a **média aritmética** das alturas:

$$média = \frac{30,3}{15} = 2,02$$

A média aritmética das alturas dos jogadores é 2,02m.

Média Ponderada

A média dos elementos do conjunto numérico A relativa à adição e na qual cada elemento tem um "determinado peso" é chamada média aritmética ponderada.

$$x = \frac{P_1.x_1;\ P_2x_2;\ P_3x_3;\ \ldots;\ P_nx_n}{P_1 + P_2 + P_3 + \ldots + P_n}$$

Mediana (Md)

Sejam os valores escritos em rol:

$x_1, x_2, x_3, \ldots, x_n$

1. Sendo n ímpar, chama-se **mediana** o termo x_i tal que o número de termos da sequência que precedem x_i é igual ao número de termos que o sucedem, isto é, x_i é termo médio da sequência (x_n) em rol.
2. Sendo n par, chama-se **mediana** o valor obtido pela média aritmética entre os termos x_j e x_{j+1}, tais que o número de termos que precedem x_j é igual ao número de termos que sucedem x_{j+1}, isto é, a mediana é a média aritmética entre os termos centrais da sequência (x_n) em rol.

Exemplo 1:
Determinar a mediana do conjunto de dados:
{12, 3, 7, 10, 21, 18, 23}

Solução:
Escrevendo os elementos do conjunto em rol, tem-se: (3, 7, 10, 12, 18, 21, 23). A mediana é o termo médio desse rol. Logo: Md=12

Resposta: Md=12.

Exemplo 2:
Determinar a mediana do conjunto de dados:
{10, 12, 3, 7, 18, 23, 21, 25}.

Solução:
Escrevendo-se os elementos do conjunto em rol, tem-se:
(3, 7, 10, 12, 18, 21, 23, 25). A mediana é a média aritmética entre os dois termos centrais do rol.

Logo: $Md = \frac{12+18}{2} = 15$

Resposta: Md=15

Moda (Mo)

Num conjunto de números: $x_1, x_2, x_3, \ldots, x_n$, chama-se moda aquele valor que ocorre com maior frequência.

Observação:
A moda pode não existir e, se existir, pode não ser única.

Exemplo 1:
O conjunto de dados 3, 3, 8, 8, 8, 6, 9, 31 tem moda igual a 8, isto é, Mo=8.

Exemplo 2:
O conjunto de dados 1, 2, 9, 6, 3, 5 não tem moda.

Os gráficos e tabelas apresentam o cruzamento entre dois dados relacionados entre si.

A escolha do tipo e a forma de apresentação sempre vão depender do contexto, mas de uma maneira geral um bom gráfico deve:

-Mostrar a informação de modo tão acurado quanto possível.

-Utilizar títulos, rótulos, legendas, etc. para tornar claro o contexto, o conteúdo e a mensagem.

-Complementar ou melhorar a visualização sobre aspectos descritos ou mostrados numericamente através de tabelas.

-Utilizar escalas adequadas.

-Mostrar claramente as tendências existentes nos dados.

Tipos de gráficos

Barras- utilizam retângulos para mostrar a quantidade.

Barra vertical

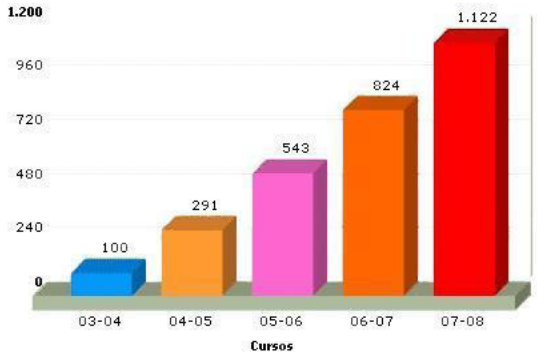

Fonte: tecnologia.umcomo.com.br

Barra horizontal

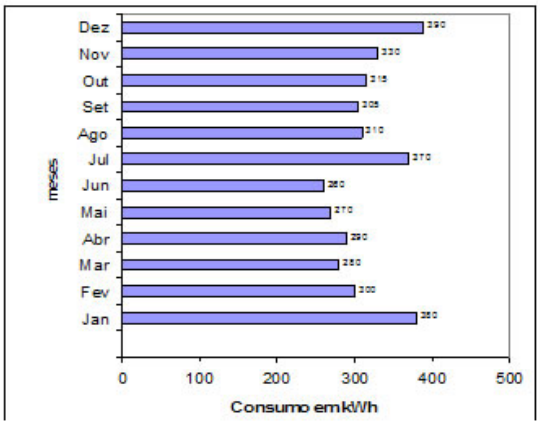

Fonte: mundoeducacao.bol.uol.com.br

Histogramas

São gráfico de barra que mostram a frequência de uma variável específica e um detalhe importante que são faixas de valores em x.

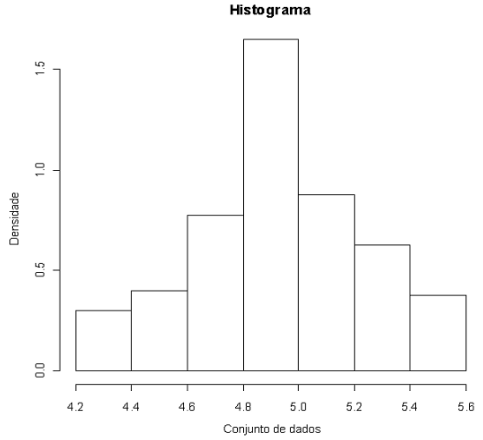

Setor ou pizza- Muito útil quando temos um total e queremos demonstrar cada parte, separando cada pedaço como numa pizza.

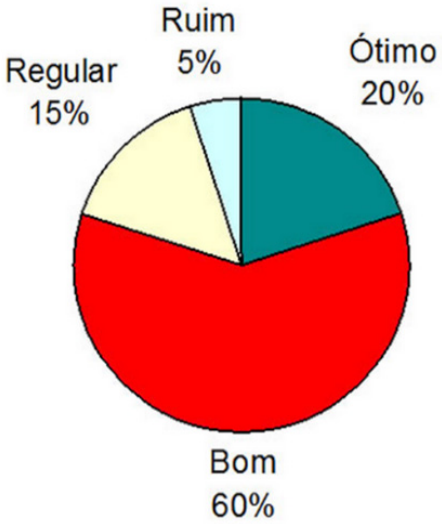

Fonte: educador.brasilescola.uol.com.br

Linhas- É um gráfico de grande utilidade e muito comum na representação de tendências e relacionamentos de variáveis

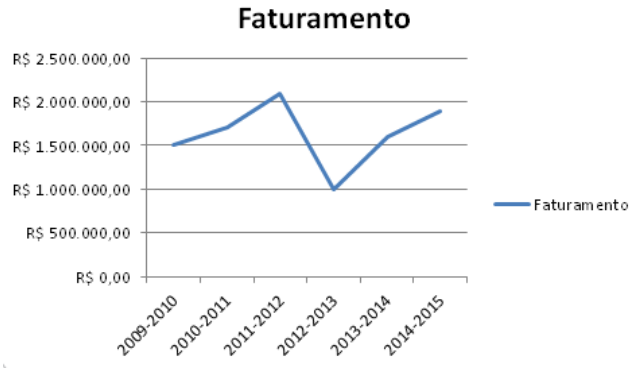

Pictogramas – são imagens ilustrativas para tornar mais fácil a compreensão de todos sobre um tema.

Da mesma forma, as tabelas ajudam na melhor visualização de dados e muitas vezes é através dela que vamos fazer os tipos de gráficos vistos anteriormente.

Podem ser tabelas simples:
Quantos aparelhos tecnológicos você tem na sua casa?

aparelho	quantidade
televisão	3
celular	4
Geladeira	1

FUNÇÃO DO 2º GRAU;

"Caro Candidato, o tópico acima foi abordado em: Relação e Função: domínio, contradomínio e imagem; Função do 1º grau; função constante;"

TRIGONOMETRIA DA 1ª VOLTA: SENO, COSSENO, TANGENTE, RELAÇÃO FUNDAMENTAL.

"Caro Candidato, o tópico acima foi abordado em: Noções de trigonometria; "

AVALIAÇÃO DE SEQUÊNCIA LÓGICA E COORDENAÇÃO VISO-MOTORA, ORIENTAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL, FORMAÇÃO DE CONCEITOS, DISCRIMINAÇÃO DE ELEMENTOS, REVERSIBILIDADE, SEQUÊNCIA LÓGICA DE NÚMEROS, LETRAS, PALAVRAS E FIGURAS. PROBLEMAS LÓGICOS COM DADOS, FIGURAS E PALITOS.

Raciocínio Lógico Matemático

Os estudos matemáticos ligados aos fundamentos lógicos contribuem no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, induzindo a organização do pensamento e das ideias, na formação de conceitos básicos, assimilação de regras matemáticas, construção de fórmulas e expressões aritméticas e algébricas. É de extrema importância que em matemática utilize-se atividades envolvendo lógica, no intuito de despertar o raciocínio, fazendo com que se utilize do potencial na busca por soluções dos problemas matemáticos desenvolvidos e baseados nos conceitos lógicos.

A lógica está presente em diversos ramos da matemática, como a probabilidade, os problemas de contagem, as progressões aritméticas e geométricas, as sequências numéricas, equações, funções, análise de gráficos entre outros. Os fundamentos lógicos contribuem na resolução ordenada de equações, na percepção do valor da razão de uma sequência, na elucidação de problemas aritméticos e algébricos e na fixação de conteúdos complexos.

A utilização das atividades lógicas contribui na formação de indivíduos capazes de criar ferramentas e mecanismos responsáveis pela obtenção de resultados em Matemática. O sucesso na Matemática está diretamente conectado à curiosidade, pesquisa, deduções, experimentos, visão detalhada, senso crítico e organizacional e todas essas características estão ligadas ao desenvolvimento lógico.

Raciocínio Lógico Dedutivo

A dedução é uma inferência que parte do universal para o mais particular. Assim considera-se que um raciocínio lógico é dedutivo quando, de uma ou mais premissas, se conclui uma proposição que é conclusão lógica da(s) premissa(s). A dedução é um raciocínio de tipo mediato, sendo o silogismo uma das suas formas clássicas. Iniciaremos com a compreensão das sequências lógicas, onde devemos deduzir, ou até induzir, qual a lei de formação das figuras, letras, símbolos ou números, a partir da observação dos termos dados.

Humor Lógico

Orientações Espacial e Temporal

Orientação espacial e temporal verifica a capacidade de abstração no espaço e no tempo. Costuma ser cobrado em questões sobre a disposições de dominós, dados, baralhos, amontoados de cubos com símbolos especificados em suas faces, montagem de figuras com subfiguras, figuras fractais, dentre outras. Inclui também as famosas sequências de figuras nas quais se pede a próxima. Serve para verificar a capacidade do candidato em resolver problemas com base em estímulos visuais.

Raciocínio Verbal

O raciocínio é o conjunto de atividades mentais que consiste na associação de ideias de acordo com determinadas regras. No caso do raciocínio verbal, trata-se da capacidade de raciocinar com conteúdos verbais, estabelecendo entre eles princípios de classificação, ordenação, relação e significados. Ao contrário daquilo que se possa pensar, o raciocínio verbal é uma capacidade intelectual que tende a ser pouco desenvolvida pela maioria das pessoas. No nível escolar, por exemplo, disciplinas como as línguas centram-se em objetivos como a ortografia ou a gramática, mas não estimulam/incentivam à aprendizagem dos métodos de expressão necessários para que os alunos possam fazer um uso mais completo da linguagem.

Por outro lado, o auge dos computadores e das consolas de jogos de vídeo faz com que as crianças costumem jogar de forma individual, isto é, sozinhas (ou com outras crianças que não se encontrem fisicamente com elas), pelo que não é feito um uso intensivo da linguagem. Uma terceira causa que se pode aqui mencionar para explicar o fraco raciocínio verbal é o fato de jantar em frente à televisão. Desta forma, perde-se o diálogo no seio da família e a arte de conversar.

Entre os exercícios recomendados pelos especialistas para desenvolver o raciocínio verbal, encontram-se as analogias verbais, os exercícios para completar orações, a ordem de frases e os jogos onde se devem excluir certos conceitos de um grupo. Outras propostas implicam que sigam/respeitem certas instruções, corrijam a palavra inadequada (o intruso) de uma frase ou procurem/descubram antônimos e sinônimos de uma mesma palavra.

Lógica Sequencial

Lógica Sequencial

O Raciocínio é uma operação lógica, discursiva e mental. Neste, o intelecto humano utiliza uma ou mais proposições, para concluir através de mecanismos de comparações e abstrações, quais são os dados que levam às respostas verdadeiras, falsas ou prováveis. Foi pelo processo do raciocínio que ocorreu o desenvolvimento do método matemático, este considerado instrumento puramente teórico e dedutivo, que prescinde de dados empíricos. Logo, resumidamente o raciocínio pode ser considerado também um dos integrantes dos mecanismos dos processos cognitivos superiores da formação de conceitos e da solução de problemas, sendo parte do pensamento.

Sequências Lógicas

As sequências podem ser formadas por números, letras, pessoas, figuras, etc. Existem várias formas de se estabelecer uma sequência, o importante é que existam pelo menos três elementos que caracterize a lógica de sua formação, entretanto algumas séries necessitam de mais elementos para definir sua lógica. Algumas sequências são bastante conhecidas e todo aluno que estuda lógica deve conhecê-las, tais como as progressões aritméticas e geométricas, a série de Fibonacci, os números primos e os quadrados perfeitos.

Sequência de Números

Progressão Aritmética: Soma-se constantemente um mesmo número.

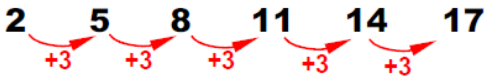

Progressão Geométrica: Multiplica-se constantemente um mesmo número.

Incremento em Progressão: O valor somado é que está em progressão.

Série de Fibonacci: Cada termo é igual a soma dos dois anteriores.

1 1 2 3 5 8 13

Números Primos: Naturais que possuem apenas dois divisores naturais.

2 3 5 7 11 13 17

Quadrados Perfeitos: Números naturais cujas raízes são naturais.

1 4 9 16 25 36 49

Sequência de Letras

As sequências de letras podem estar associadas a uma série de números ou não. Em geral, devemos escrever todo o alfabeto (observando se deve, ou não, contar com k, y e w) e circular as letras dadas para entender a lógica proposta.

A C F J O U

Observe que foram saltadas 1, 2, 3, 4 e 5 letras e esses números estão em progressão.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U

B1 2F H4 8L N16 32R T64

Nesse caso, associou-se letras e números (potências de 2), alternando a ordem. As letras saltam 1, 3, 1, 3, 1, 3 e 1 posições.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T

Sequência de Pessoas

Na série a seguir, temos sempre um homem seguido de duas mulheres, ou seja, aqueles que estão em uma posição múltipla de três (3º, 6º, 9º, 12º,...) serão mulheres e a posição dos braços sempre alterna, ficando para cima em uma posição múltipla de dois (2º, 4º, 6º, 8º,...). Sendo assim, a sequência se repete a cada seis termos, tornando possível determinar quem estará em qualquer posição.

Sequência de Figuras

Esse tipo de sequência pode seguir o mesmo padrão visto na sequência de pessoas ou simplesmente sofrer rotações, como nos exemplos a seguir.

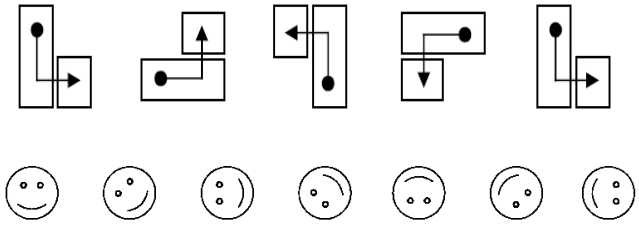

Sequência de Fibonacci

O matemático Leonardo Pisa, conhecido como Fibonacci, propôs no século XIII, a sequência numérica: (1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, ...). Essa sequência tem uma lei de formação simples: cada elemento, a partir do terceiro, é obtido somando-se os dois anteriores. Veja: 1 + 1 = 2, 2 + 1 = 3, 3 + 2 = 5 e assim por diante. Desde o século XIII, muitos matemáticos, além do próprio Fibonacci, dedicaram-se ao estudo da sequência que foi proposta, e foram encontradas inúmeras aplicações para ela no desenvolvimento de modelos explicativos de fenômenos naturais.

Veja alguns exemplos das aplicações da sequência de Fibonacci e entenda porque ela é conhecida como uma das maravilhas da Matemática. A partir de dois quadrados de lado 1, podemos obter um retângulo de lados 2 e 1. Se adicionarmos a esse retângulo um quadrado de lado 2, obtemos um novo retângulo 3 x 2. Se adicionarmos agora um quadrado de lado 3, obtemos um retângulo 5 x 3. Observe a figura a seguir e veja que os lados dos quadrados que adicionamos para determinar os retângulos formam a sequência de Fibonacci.

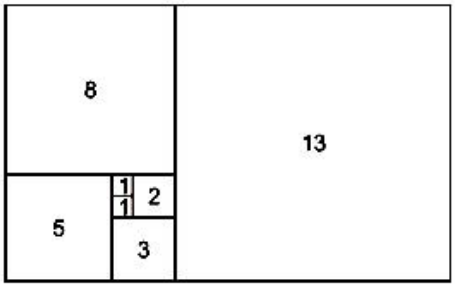

Se utilizarmos um compasso e traçarmos o quarto de circunferência inscrito em cada quadrado, encontraremos uma espiral formada pela concordância de arcos cujos raios são os elementos da sequência de Fibonacci.

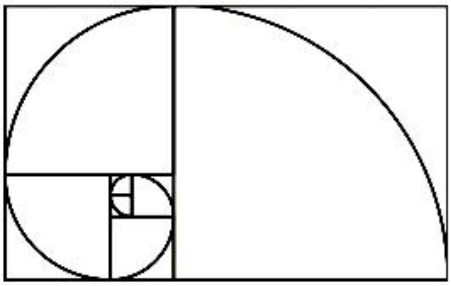

O Partenon que foi construído em Atenas pelo célebre arquiteto grego Fidias. A fachada principal do edifício, hoje em ruínas, era um retângulo que continha um quadrado de lado igual à altura. Essa forma sempre foi considerada satisfatória do ponto de vista estético por suas proporções sendo chamada retângulo áureo ou retângulo de ouro.

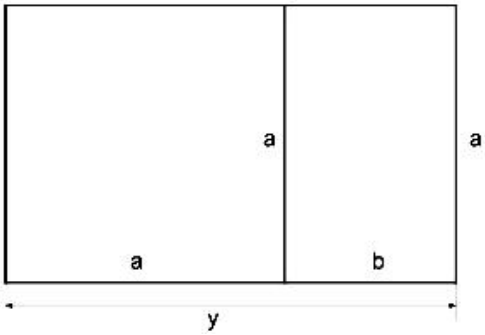

Como os dois retângulos indicados na figura são semelhantes temos: $\frac{y}{a} = \frac{a}{b}$ (1).

Como: b = y – a (2).
Substituindo (2) em (1) temos: $y^2 - ay - a^2 = 0$.

Resolvendo a equação:

$$y = \frac{a(1 \pm \sqrt{5}}{2} \quad \text{em que} \left(\frac{1-\sqrt{5}}{2} < 0\right) \text{não convém.}$$

Logo: $\frac{y}{a} = \frac{(1+\sqrt{5}}{2} = 1{,}61803398875$

Esse número é conhecido como número de ouro e pode ser representado por:

$$\theta = \frac{1+\sqrt{5}}{2}$$

Todo retângulo e que a razão entre o maior e o menor lado for igual a é chamado retângulo áureo como o caso da fachada do Partenon.

As figuras a seguir possuem números que representam uma sequência lógica. Veja os exemplos:

Exemplo 1

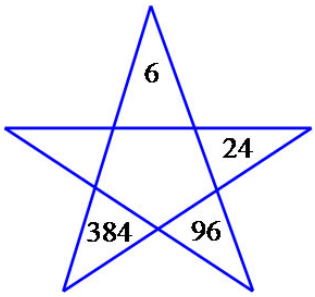

A sequência numérica proposta envolve multiplicações por 4.
6 x 4 = 24
24 x 4 = 96
96 x 4 = 384
384 x 4 = 1536

Exemplo 2

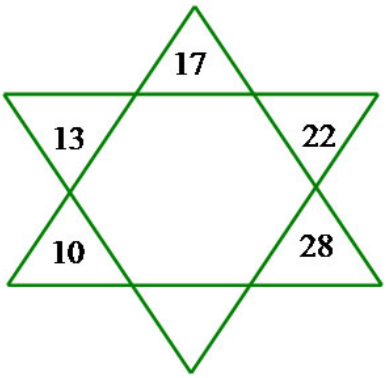

A diferença entre os números vai aumentando 1 unidade.
13 – 10 = 3
17 – 13 = 4
22 – 17 = 5
28 – 22 = 6
35 – 28 = 7

Exemplo 3

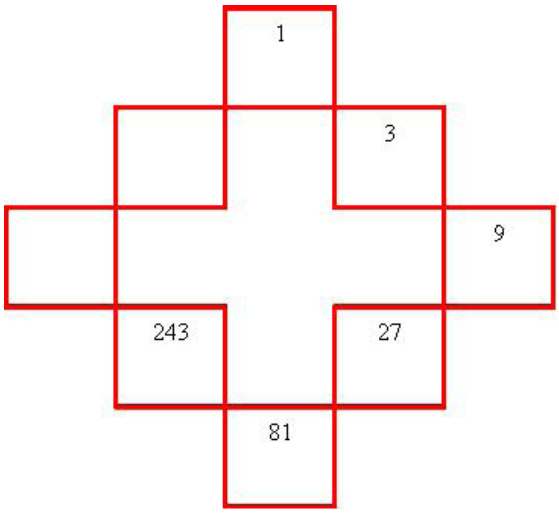

Multiplicar os números sempre por 3.
1 x 3 = 3
3 x 3 = 9
9 x 3 = 27
27 x 3 = 81
81 x 3 = 243
243 x 3 = 729
729 x 3 = 2187
Exemplo 4

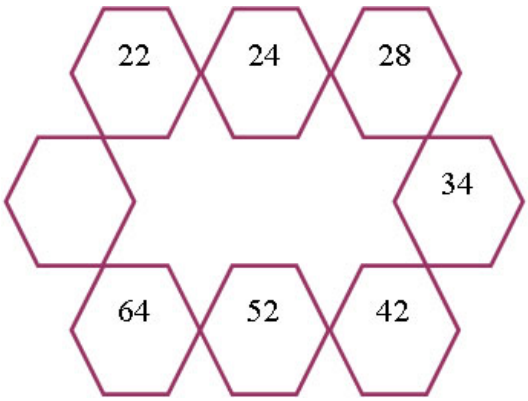

A diferença entre os números vai aumentando 2 unidades.
24 – 22 = 2
28 – 24 = 4
34 – 28 = 6
42 – 34 = 8
52 – 42 = 10
64 – 52 = 12
78 – 64 = 14

QUESTÕES

01. Observe atentamente a disposição das cartas em cada linha do esquema seguinte:

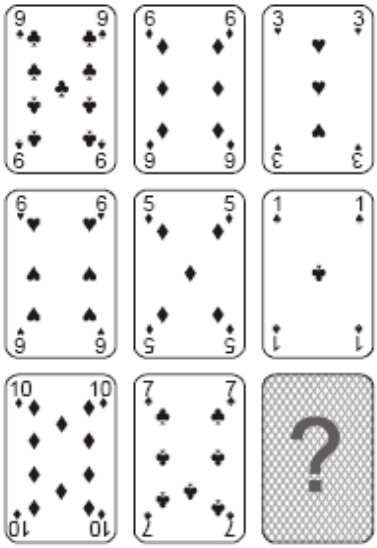

A carta que está oculta é:

(A) (B) (C)

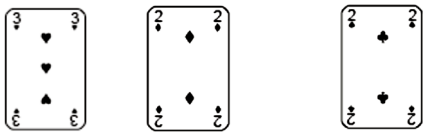

(D) (E)

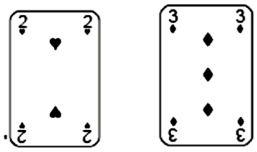

02. Considere que a sequência de figuras foi construída segundo um certo critério.

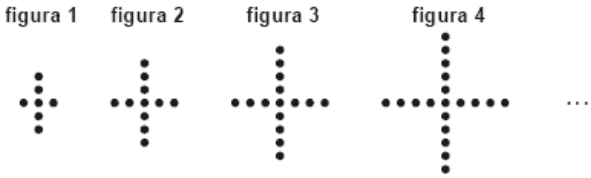

Se tal critério for mantido, para obter as figuras subsequentes, o total de pontos da figura de número 15 deverá ser:
(A) 69
(B) 67
(C) 65
(D) 63
(E) 61

03. O próximo número dessa sequência lógica é: 1000, 990, 970, 940, 900, 850, ...
(A) 800
(B) 790
(C) 780
(D) 770

04. Na sequência lógica de números representados nos hexágonos, da figura abaixo, observa-se a ausência de um deles que pode ser:

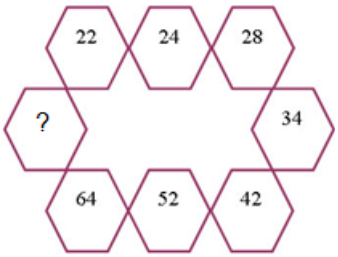

(A) 76
(B) 10
(C) 20
(D) 78

05. Uma criança brincando com uma caixa de palitos de fósforo constrói uma sequência de quadrados conforme indicado abaixo:

Quantos palitos ele utilizou para construir a 7ª figura?
(A) 20 palitos
(B) 25 palitos
(C) 28 palitos
(D) 22 palitos

06. Ana fez diversas planificações de um cubo e escreveu em cada um, números de 1 a 6. Ao montar o cubo, ela deseja que a soma dos números marcados nas faces opostas seja 7. A única alternativa cuja figura representa a planificação desse cubo tal como deseja Ana é:

(A)

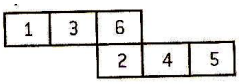

(B)

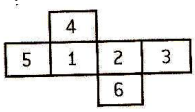

(C)

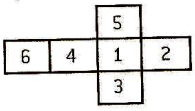

(D)

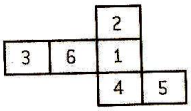

(E)

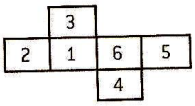

07. As figuras da sequência dada são formadas por partes iguais de um círculo.

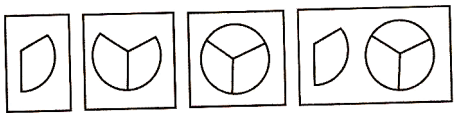

Continuando essa sequência, obtém-se exatamente 16 círculos completos na:
(A) 36ª figura
(B) 48ª figura
(C) 72ª figura
(D) 80ª figura
(E) 96ª figura

08. Analise a sequência a seguir:

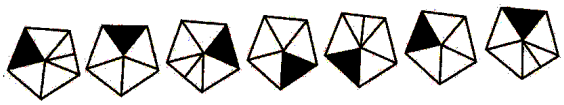

Admitindo-se que a regra de formação das figuras seguintes permaneça a mesma, pode-se afirmar que a figura que ocuparia a 277ª posição dessa sequência é:

(A)

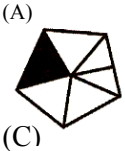

(B)

(C)

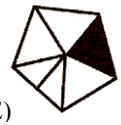

(D)

(E)

09. Observe a sequência: 2, 10, 12, 16, 17, 18, 19, ... Qual é o próximo número?
(A) 20
(B) 21
(C) 100
(D) 200

10. Observe a sequência: 3,13, 30, ... Qual é o próximo número?
(A) 4
(B) 20
(C) 31
(D) 21

11. Os dois pares de palavras abaixo foram formados segundo determinado critério.
LACRAÇÃO → cal
AMOSTRA → soma
LAVRAR → ?
Segundo o mesmo critério, a palavra que deverá ocupar o lugar do ponto de interrogação é:

NOVA CONCURSOS

(A) alar
(B) rala
(C) ralar
(D) larva
(E) arval

12. Observe que as figuras abaixo foram dispostas, linha a linha, segundo determinado padrão.

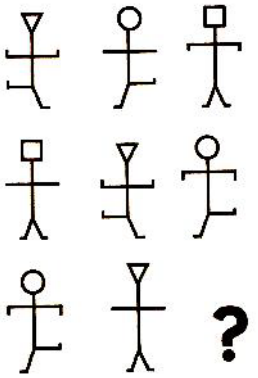

Segundo o padrão estabelecido, a figura que substitui corretamente o ponto de interrogação é:

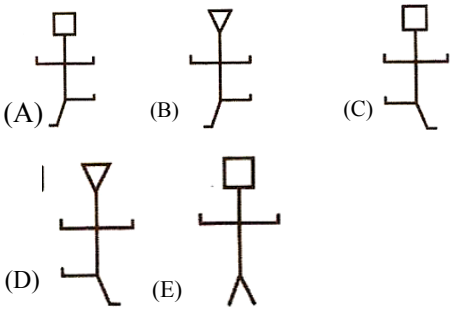

13. Observe que na sucessão seguinte os números foram colocados obedecendo a uma lei de formação.

4	8	5	X	7	14	11
4	12	10	Y	28	84	82

Os números X e Y, obtidos segundo essa lei, são tais que X + Y é igual a:
(A) 40
(B) 42
(C) 44
(D) 46
(E) 48

14. A figura abaixo representa algumas letras dispostas em forma de triângulo, segundo determinado critério.

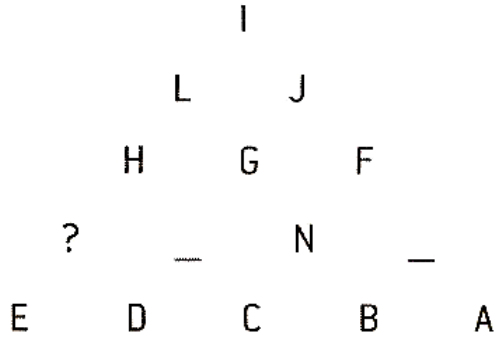

Considerando que na ordem alfabética usada são excluídas as letra "K", "W" e "Y", a letra que substitui corretamente o ponto de interrogação é:
(A) P
(B) O
(C) N
(D) M
(E) L

15. Considere que a sequência seguinte é formada pela sucessão natural dos números inteiros e positivos, sem que os algarismos sejam separados.

123456789101112131415161718192 0...

O algarismo que deve aparecer na 276ª posição dessa sequência é:
(A) 9
(B) 8
(C) 6
(D) 3
(E) 1

16. Em cada linha abaixo, as três figuras foram desenhadas de acordo com determinado padrão.

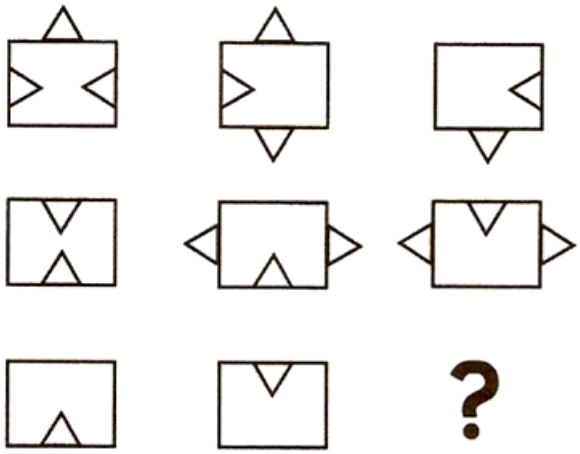

Segundo esse mesmo padrão, a figura que deve substituir o ponto de interrogação é:

(A)

(B) 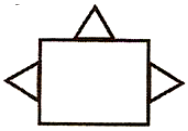

(C) 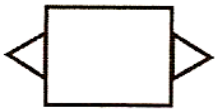

(D) 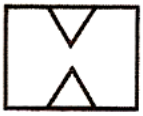

(E) 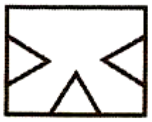

17. Observe que, na sucessão de figuras abaixo, os números que foram colocados nos dois primeiros triângulos obedecem a um mesmo critério

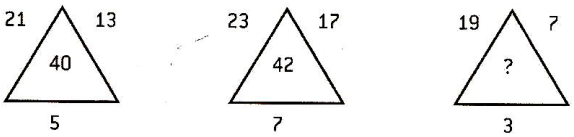

Para que o mesmo critério seja mantido no triângulo da direita, o número que deverá substituir o ponto de interrogação é:

(A) 32
(B) 36
(C) 38
(D) 42
(E) 46

18. Considere a seguinte sequência infinita de números: 3, 12, 27, __, 75, 108,... O número que preenche adequadamente a quarta posição dessa sequência é:

(A) 36,
(B) 40,
(C) 42,
(D) 44,
(E) 48

19. Observando a sequência $(1, \frac{1}{2}, \frac{1}{6}, \frac{1}{12}, \frac{1}{20}, \ldots)$ o próximo numero será:

(A) $\frac{1}{24}$

(B) $\frac{1}{30}$

(C) $\frac{1}{36}$

(D) $\frac{1}{40}$

20. Considere a sequência abaixo:

BBB	BXB	XXB
XBX	XBX	XBX
BBB	BXB	BXX

O padrão que completa a sequência é:

(A)	(B)	(C)
XXX	XXB	XXX
XXX	XBX	XXX
XXX	BXX	XXB

(D)	(E)
XXX	XXX
XBX	XBX
XXX	BXX

21. Na série de Fibonacci, cada termo a partir do terceiro é igual à soma de seus dois termos precedentes. Sabendo-se que os dois primeiros termos, por definição, são 0 e 1, o sexto termo da série é:

(A) 2
(B) 3
(C) 4
(D) 5
(E) 6

22. Nosso código secreto usa o alfabeto A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z. Do seguinte modo: cada letra é substituída pela letra que ocupa a quarta posição depois dela. Então, o "A" vira "E", o "B" vira "F", o "C" vira "G" e assim por diante. O código é "circular", de modo que o "U" vira "A" e assim por diante. Recebi uma mensagem em código que dizia: BSA HI EDAP. Decifrei o código e li:

(A) FAZ AS DUAS;
(B) DIA DO LOBO;
(C) RIO ME QUER;
(D) VIM DA LOJA;
(E) VOU DE AZUL.

23. A sentença "Social está para laicos assim como 231678 está para..." é melhor completada por:

(A) 326187;
(B) 876132;
(C) 286731;
(D) 827361;
(E) 218763.

24. A sentença "Salta está para Atlas assim como 25435 está para..." é melhor completada pelo seguinte número:

(A) 53452;
(B) 23455;
(C) 34552;
(D) 43525;
(E) 53542.

25. Repare que com um número de 5 algarismos, respeitada a ordem dada, podem-se criar 4 números de dois algarismos. Por exemplo: de 34.712, podem-se criar o 34, o 47, o 71 e o 12. Procura-se um número de 5 algarismos formado pelos algarismos 4, 5, 6, 7 e 8, sem repetição. Veja abaixo alguns números desse tipo e, ao lado de cada um deles, a quantidade de números de dois algarismos que esse número tem em comum com o número procurado.

Número dado	Quantidade de números de 2 algarismos em comum
48.765	1
86.547	0
87.465	2
48.675	1

O número procurado é:
(A) 87456
(B) 68745
(C) 56874
(D) 58746
(E) 46875

26. Considere que os símbolos ♦ e ♣ que aparecem no quadro seguinte, substituem as operações que devem ser efetuadas em cada linha, a fim de se obter o resultado correspondente, que se encontra na coluna da extrema direita.

36	♦	4	♣	5	=	14
48	♦	6	♣	9	=	17
54	♦	9	♣	7	=	?

Para que o resultado da terceira linha seja o correto, o ponto de interrogação deverá ser substituído pelo número:
(A) 16
(B) 15
(C) 14
(D) 13
(E) 12

27. Segundo determinado critério, foi construída a sucessão seguinte, em que cada termo é composto de um número seguido de uma letra: A1 – E2 – B3 – F4 – C5 – G6 – .... Considerando que no alfabeto usado são excluídas as letras K, Y e W, então, de acordo com o critério estabelecido, a letra que deverá anteceder o número 12 é:
(A) J
(B) L
(C) M
(D) N
(E) O

28. Os nomes de quatro animais – MARÁ, PERU, TATU e URSO – devem ser escritos nas linhas da tabela abaixo, de modo que cada uma das suas respectivas letras ocupe um quadrinho e, na diagonal sombreada, possa ser lido o nome de um novo animal.

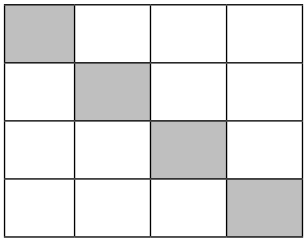

Excluídas do alfabeto as letras K, W e Y e fazendo cada letra restante corresponder ordenadamente aos números inteiros de 1 a 23 (ou seja, A = 1, B = 2, C = 3,..., Z = 23), a soma dos números que correspondem às letras que compõem o nome do animal é:
(A) 37
(B) 39
(C) 45
(D) 49
(E) 51

Nas questões 29 e 30, observe que há uma relação entre o primeiro e o segundo grupos de letras. A mesma relação deverá existir entre o terceiro grupo e um dos cinco grupos que aparecem nas alternativas, ou seja, aquele que substitui corretamente o ponto de interrogação. Considere que a ordem alfabética adotada é a oficial e exclui as letras K, W e Y.

29. CASA: LATA: LOBO: ?
(A) SOCO
(B) TOCO
(C) TOMO
(D) VOLO
(E) VOTO

30. ABCA: DEFD: HIJH: ?
(A) IJLI
(B) JLMJ
(C) LMNL
(D) FGHF
(E) EFGE

31. Os termos da sucessão seguinte foram obtidos considerando uma lei de formação (0, 1, 3, 4, 12, 123,...). Segundo essa lei, o décimo terceiro termo dessa sequência é um número:
(A) Menor que 200.
(B) Compreendido entre 200 e 400.
(C) Compreendido entre 500 e 700.
(D) Compreendido entre 700 e 1.000.
(E) Maior que 1.000.

Para responder às questões de números 32 e 33, você deve observar que, em cada um dos dois primeiros pares de palavras dadas, a palavra da direita foi obtida da palavra da esquerda segundo determinado critério. Você deve descobrir esse critério e usá-lo para encontrar a palavra que deve ser colocada no lugar do ponto de interrogação.

32. Ardoroso → rodo
Dinamizar → mina
Maratona → ?

(A) mana
(B) toma
(C) tona
(D) tora
(E) rato

33. Arborizado → azar
Asteroide → dias
Articular → ?
(A) luar
(B) arar
(C) lira
(D) luta
(E) rara

34. Preste atenção nesta sequência lógica e identifique quais os números que estão faltando: 1, 1, 2, __, 5, 8, __,21, 34, 55, __, 144, __...

35. Uma lesma encontra-se no fundo de um poço seco de 10 metros de profundidade e quer sair de lá. Durante o dia, ela consegue subir 2 metros pela parede; mas à noite, enquanto dorme, escorrega 1 metro. Depois de quantos dias ela consegue chegar à saída do poço?

36. Quantas vezes você usa o algarismo 9 para numerar as páginas de um livro de 100 páginas?

37. Quantos quadrados existem na figura abaixo?

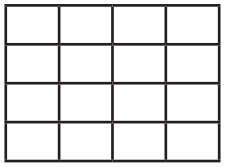

38. Retire três palitos e obtenha apenas três quadrados.

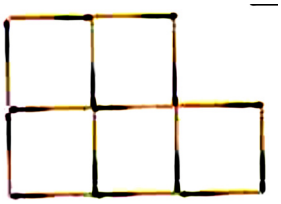

39. Qual será o próximo símbolo da sequência abaixo?

40. Reposicione dois palitos e obtenha uma figura com cinco quadrados iguais.

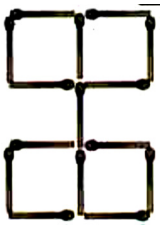

41. Observe as multiplicações a seguir:
12.345.679 × 18 = 222.222.222
12.345.679 × 27 = 333.333.333
... ...
12.345.679 × 54 = 666.666.666

Para obter 999.999.999 devemos multiplicar 12.345.679 por quanto?

42. Esta casinha está de frente para a estrada de terra. Mova dois palitos e faça com que fique de frente para a estrada asfaltada.

43. Remova dois palitos e deixe a figura com dois quadrados.

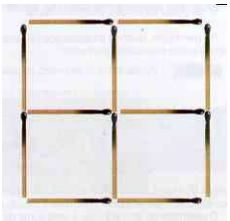

44. As cartas de um baralho foram agrupadas em pares, segundo uma relação lógica. Qual é a carta que está faltando, sabendo que K vale 13, Q vale 12, J vale 11 e A vale 1?

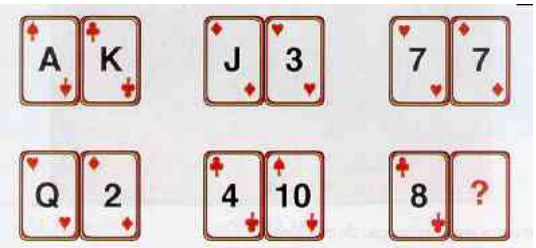

45. Mova um palito e obtenha um quadrado perfeito.

46. Qual o valor da pedra que deve ser colocada em cima de todas estas para completar a sequência abaixo?

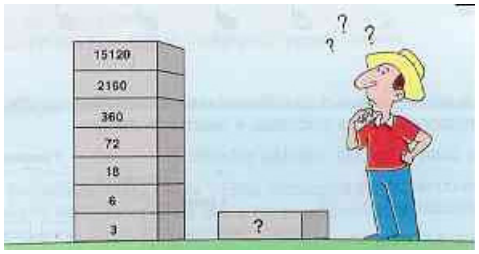

47. Mova três palitos nesta figura para obter cinco triângulos.

48. Tente dispor 6 moedas em 3 fileiras de modo que em cada fileira fiquem apenas 3 moedas.

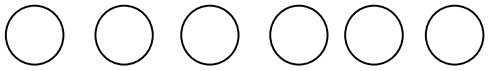

49. Reposicione três palitos e obtenha cinco quadrados.

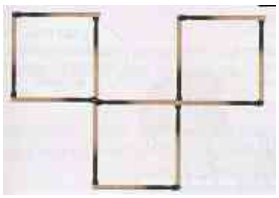

50. Mude a posição de quatro palitos e obtenha cinco triângulos.

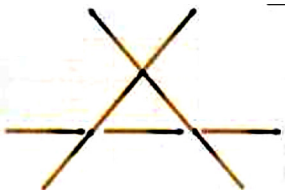

Respostas

01. Resposta: "A".

A diferença entre os números estampados nas cartas 1 e 2, em cada linha, tem como resultado o valor da 3ª carta e, além disso, o naipe não se repete. Assim, a 3ª carta, dentro das opções dadas só pode ser a da opção (A).

02. Resposta "D".

Observe que, tomando o eixo vertical como eixo de simetria, tem-se:

Na figura 1: 01 ponto de cada lado → 02 pontos no total.
Na figura 2: 02 pontos de cada lado → 04 pontos no total.
Na figura 3: 03 pontos de cada lado → 06 pontos no total.
Na figura 4: 04 pontos de cada lado → 08 pontos no total.
Na figura n: n pontos de cada lado → 2.n pontos no total.

Em particular:
Na figura 15: 15 pontos de cada lado → 30 pontos no total.

Agora, tomando o eixo horizontal como eixo de simetria, tem-se:

Na figura 1: 02 pontos acima e abaixo → 04 pontos no total.
Na figura 2: 03 pontos acima e abaixo → 06 pontos no total.
Na figura 3: 04 pontos acima e abaixo → 08 pontos no total.
Na figura 4: 05 pontos acima e abaixo → 10 pontos no total.
Na figura n: (n+1) pontos acima e abaixo → 2.(n+1) pontos no total.

Em particular:
Na figura 15: 16 pontos acima e abaixo → 32 pontos no total. Incluindo o ponto central, que ainda não foi considerado, temos para total de pontos da figura 15: Total de pontos = 30 + 32 + 1 = 63 pontos.

03. Resposta "B".

Nessa sequência, observamos que a diferença: entre 1000 e 990 é 10, entre 990 e 970 é 20, entre o 970 e 940 é 30, entre 940 e 900 é 40, entre 900 e 850 é 50, portanto entre 850 e o próximo número é 60, dessa forma concluímos que o próximo número é 790, pois: 850 – 790 = 60.

04. Resposta "D"

Nessa sequência lógica, observamos que a diferença: entre 24 e 22 é 2, entre 28 e 24 é 4, entre 34 e 28 é 6, entre 42 e 34 é 8, entre 52 e 42 é 10, entre 64 e 52 é 12, portanto entre o próximo número e 64 é 14, dessa forma concluímos que o próximo número é 78, pois: 76 – 64 = 14.

05. Resposta "D".

Observe a tabela:

Figuras	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª
Nº de Palitos	4	7	10	13	16	19	22

Temos de forma direta, pela contagem, a quantidade de palitos das três primeiras figuras. Feito isto, basta perceber que cada figura a partir da segunda tem a quantidade de palitos da figura anterior acrescida de 3 palitos. Desta forma, fica fácil preencher o restante da tabela e determinar a quantidade de palitos da 7ª figura.

06. Resposta "A".

Na figura apresentada na letra "B", não é possível obter a planificação de um lado, pois o 4 estaria do lado oposto ao 6, somando 10 unidades. Na figura apresentada na letra "C", da mesma forma, o 5 estaria em face oposta ao 3, somando 8, não formando um lado. Na figura da letra "D", o 2 estaria em face oposta ao 4, não determinando um lado. Já na figura apresentada na letra "E", o 1 não estaria em face oposta ao número 6, impossibilitando, portanto, a obtenção de um lado. Logo, podemos concluir que a planificação apresentada na letra "A" é a única para representar um lado.

07. Resposta "B".

Como na 3ª figura completou-se um círculo, para completar 16 círculos é suficiente multiplicar 3 por 16 : 3 . 16 = 48. Portanto, na 48ª figura existirão 16 círculos.

08. Resposta "B".

A sequência das figuras completa-se na 5ª figura. Assim, continua-se a sequência de 5 em 5 elementos. A figura de número 277 ocupa, então, a mesma posição das figuras que representam número 5n + 2, com n N. Ou seja, a 277ª figura corresponde à 2ª figura, que é representada pela letra "B".

09. Resposta "D".

A regularidade que obedece a sequência acima não se dá por padrões numéricos e sim pela letra que inicia cada número. "Dois, Dez, Doze, Dezesseis, Dezessete, Dezoito, Dezenove, ... Enfim, o próximo só pode iniciar também com "D": Duzentos.

10. Resposta "C".

Esta sequência é regida pela inicial de cada número. Três, Treze, Trinta,... O próximo só pode ser o número Trinta e um, pois ele inicia com a letra "T".

11. Resposta "E".

Na 1ª linha, a palavra CAL foi retirada das 3 primeiras letras da palavra LACRAÇÃO, mas na ordem invertida. Da mesma forma, na 2ª linha, a palavra SOMA é retirada da palavra AMOSTRA, pelas 4 primeira letras invertidas. Com isso, da palavra LAVRAR, ao se retirarem as 5 primeiras letras, na ordem invertida, obtém-se ARVAL.

12. Resposta "C".

Em cada linha apresentada, as cabeças são formadas por quadrado, triângulo e círculo. Na 3ª linha já há cabeças com círculo e com triângulo. Portanto, a cabeça da figura que está faltando é um quadrado. As mãos das figuras estão levantadas, em linha reta ou abaixadas. Assim, a figura que falta deve ter as mãos levantadas (é o que ocorre em todas as alternativas). As figuras apresentam as 2 pernas ou abaixadas, ou 1 perna levantada para a esquerda ou 1 levantada para a direita. Nesse caso, a figura que está faltando na 3ª linha deve ter 1 perna levantada para a esquerda. Logo, a figura tem a cabeça quadrada, as mãos levantadas e a perna erguida para a esquerda.

13. Resposta "A".

Existem duas leis distintas para a formação: uma para a parte superior e outra para a parte inferior. Na parte superior, tem-se que: do 1º termo para o 2º termo, ocorreu uma multiplicação por 2; já do 2º termo para o 3º, houve uma subtração de 3 unidades. Com isso, X é igual a 5 multiplicado por 2, ou seja, X = 10. Na parte inferior, tem-se: do 1º termo para o 2º termo ocorreu uma multiplicação por 3; já do 2º termo para o 3º, houve uma subtração de 2 unidades. Assim, Y é igual a 10 multiplicado por 3, isto é, Y = 30. Logo, X + Y = 10 + 30 = 40.

14. Resposta "A".

A sequência do alfabeto inicia-se na extremidade direita do triângulo, pela letra "A"; aumenta a direita para a esquerda; continua pela 3ª e 5ª linhas; e volta para as linhas pares na ordem inversa – pela 4ª linha até a 2ª linha. Na 2ª linha, então, as letras são, da direita para a esquerda, "M", "N", "O", e a letra que substitui corretamente o ponto de interrogação é a letra "P".

15. Resposta "B".

A sequência de números apresentada representa a lista dos números naturais. Mas essa lista contém todos os algarismos dos números, sem ocorrer a separação. Por exemplo: 101112 representam os números 10, 11 e 12. Com isso, do número 1 até o número 9 existem 9 algarismos. Do número 10 até o número 99 existem: 2 x 90 = 180 algarismos. Do número 100 até o número 124 existem: 3 x 25 = 75 algarismos. E do número 124 até o número 128 existem mais 12 algarismos. Somando todos os valores, tem-se: 9 + 180 + 75 + 12 = 276 algarismos. Logo, conclui-se que o algarismo que ocupa a 276ª posição é o número 8, que aparece no número 128.

16. Resposta "D".

Na 1ª linha, internamente, a 1ª figura possui 2 "orelhas", a 2ª figura possui 1 "orelha" no lado esquerdo e a 3ª figura possui 1 "orelha" no lado direito. Esse fato acontece, também, na 2ª linha, mas na parte de cima e na parte de baixo, internamente em relação às figuras. Assim, na 3ª linha ocorrerá essa regra, mas em ordem inversa: é a 3ª figura da 3ª linha que terá 2 "orelhas" internas, uma em cima e outra em baixo. Como as 2 primeiras figuras da 3ª linha não possuem "orelhas" externas, a 3ª figura também não terá orelhas externas. Portanto, a figura que deve substituir o ponto de interrogação é a 4ª.

NOVA CONCURSOS

17. Resposta "B".

No 1º triângulo, o número que está no interior do triângulo dividido pelo número que está abaixo é igual à diferença entre o número que está à direita e o número que está à esquerda do triângulo: 40 5 21 13 8.

A mesma regra acontece no 2º triângulo: 42 ÷ 7 = 23 - 17 = 6.

Assim, a mesma regra deve existir no 3º triângulo:

? ÷ 3 = 19 - 7

? ÷ 3 = 12

? = 12 x 3 = 36.

18. Resposta "E".

Verifique os intervalos entre os números que foram fornecidos. Dado os números 3, 12, 27, __, 75, 108, obteve-se os seguintes 9, 15, __, __, 33 intervalos. Observe que 3x3, 3x5, 3x7, 3x9, 3x11. Logo 3x7 = 21 e 3x 9 = 27. Então: 21 + 27 = 48.

19. Resposta "B".

Observe que o numerador é fixo, mas o denominador é formado pela sequência:

Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto	Quinto	Sexto
1	1 x 2 = 2	2 x 3 = 6	3 x 4 = 12	4 x 5 = 20	5 x 6 = 30

20. Resposta "D".

O que de início devemos observar nesta questão é a quantidade de B e de X em cada figura. Vejamos:

BBB	BXB	XXB
XBX	XBX	XBX
BBB	BXB	BXX
7B e 2X	5B e 4X	3B e 6X

Vê-se, que os "B" estão diminuindo de 2 em 2 e que os "X" estão aumentando de 2 em 2; notem também que os "B" estão sendo retirados um na parte de cima e um na parte de baixo e os "X" da mesma forma, só que não estão sendo retirados, estão, sim, sendo colocados. Logo a 4ª figura é:

XXX

XBX

XXX

1B e 8X

21. Resposta "D".

Montando a série de Fibonacci temos: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34... A resposta da questão é a alternativa "D", pois como a questão nos diz, cada termo a partir do terceiro é igual à soma de seus dois termos precedentes. 2 + 3 = 5

22. Resposta "E".

A questão nos informa que ao se escrever alguma mensagem, cada letra será substituída pela letra que ocupa a quarta posição, além disso, nos informa que o código é "circular", de modo que a letra "U" vira "A". Para decifrarmos, temos que perceber a posição do emissor e do receptor. O emissor ao escrever a mensagem conta quatro letras à frente para representar a letra que realmente deseja, enquanto que o receptor, deve fazer o contrário, contar quatro letras atrás para decifrar cada letra do código. No caso, nos foi dada a frase para ser decifrada, vê-se, pois, que, na questão, ocupamos a posição de receptores. Vejamos a mensagem: BSA HI EDAP. Cada letra da mensagem representa a quarta letra anterior de modo que:

VxzaB: B na verdade é V;

OpqrS: S na verdade é O;

UvxzA: A na verdade é U;

DefgH: H na verdade é D;

EfghI: I na verdade é E;

AbcdE: E na verdade é A;

ZabcD: D na verdade é Z;

UvxaA: A na verdade é U;

LmnoP: P na verdade é L;

23. Resposta "B".

A questão nos traz duas palavras que têm relação uma com a outra e, em seguida, nos traz uma sequência numérica. É perguntado qual sequência numérica tem a mesma ralação com a sequência numérica fornecida, de maneira que, a relação entre as palavras e a sequência numérica é a mesma. Observando as duas palavras dadas, podemos perceber facilmente que têm cada uma 6 letras e que as letras de uma se repete na outra em uma ordem diferente. Tal ordem, nada mais é, do que a primeira palavra de trás para frente, de maneira que SOCIAL vira LAICOS. Fazendo o mesmo com a sequência numérica fornecida, temos: 231678 viram 876132, sendo esta a resposta.

24. Resposta "A".

A questão nos traz duas palavras que têm relação uma com a outra, e em seguida, nos traz uma sequência numérica. Foi perguntado qual a sequência numérica que tem relação com a já dada de maneira que a relação entre as palavras e a sequência numérica é a mesma. Observando as duas palavras dadas podemos perceber facilmente que tem cada uma 6 letras e que as letras de uma se repete na outra em uma ordem diferente. Essa ordem diferente nada mais é, do que a primeira palavra de trás para frente, de maneira que SALTA vira ATLAS. Fazendo o mesmo com a sequência numérica fornecida temos: 25435 vira 53452, sendo esta a resposta.

25. Resposta "E".

Pelo número 86.547, tem-se que 86, 65, 54 e 47 não acontecem no número procurado. Do número 48.675, as opções 48, 86 e 67 não estão em nenhum dos números apresentados nas alternativas. Portanto, nesse número a coincidência se dá no número 75. Como o único número apresentado nas alternativas que possui a sequência 75 é 46.875, tem-se, então, o número procurado.

26. Resposta "D".

O primeiro símbolo representa a divisão e o 2º símbolo representa a soma. Portanto, na 1ª linha, tem-se: 36 ÷ 4 + 5 = 9 + 5 = 14. Na 2ª linha, tem-se: 48 ÷ 6 + 9 = 8 + 9 = 17. Com isso, na 3ª linha, ter-se-á: 54 ÷ 9 + 7 = 6 + 7 = 13. Logo, podemos concluir então que o ponto de interrogação deverá ser substituído pelo número 13.

27. Resposta "A".

As letras que acompanham os números ímpares formam a sequência normal do alfabeto. Já a sequência que acompanha os números pares inicia-se pela letra "E", e continua de acordo com a sequência normal do alfabeto: 2ª letra: E, 4ª letra: F, 6ª letra: G, 8ª letra: H, 10ª letra: I e 12ª letra: J.

28. Resposta "D".

Escrevendo os nomes dos animais apresentados na lista – MARÁ, PERU, TATU e URSO, na seguinte ordem: PERU, MARÁ, TATU e URSO, obtém-se na tabela:

P	E	R	U
M	A	R	A
T	A	T	U
U	R	S	O

O nome do animal é PATO. Considerando a ordem do alfabeto, tem-se: P = 15, A = 1, T = 19 e 0 = 14. Somando esses valores, obtém-se: 15 + 1 + 19 + 14 = 49.

29. Resposta "B".

Na 1ª e na 2ª sequências, as vogais são as mesmas: letra "A". Portanto, as vogais da 4ª sequência de letras deverão ser as mesmas da 3ª sequência de letras: "O". A 3ª letra da 2ª sequência é a próxima letra do alfabeto depois da 3ª letra da 1ª sequência de letras. Portanto, na 4ª sequência de letras, a 3ª letra é a próxima letra depois de "B", ou seja, a letra "C". Em relação à primeira letra, tem-se uma diferença de 7 letras entre a 1ª letra da 1ª sequência e a 1ª letra da 2ª sequência. Portanto, entre a 1ª letra da 3ª sequência e a 1ª letra da 4ª sequência, deve ocorrer o mesmo fato. Com isso, a 1ª letra da 4ª sequência é a letra "T". Logo, a 4ª sequência de letras é: T, O, C, O, ou seja, TOCO.

30. Resposta "C".

Na 1ª sequência de letras, ocorrem as 3 primeiras letras do alfabeto e, em seguida, volta-se para a 1ª letra da sequência. Na 2ª sequência, continua-se da 3ª letra da sequência anterior, formando-se DEF, voltando-se novamente, para a 1ª letra desta sequência: D. Com isto, na 3ª sequência, têm-se as letras HIJ, voltando-se para a 1ª letra desta sequência: H. Com isto, a 4ª sequência iniciará pela letra L, continuando por M e N, voltando para a letra L. Logo, a 4ª sequência da letra é: LMNL.

31. Resposta "E".

Do 1º termo para o 2º termo, ocorreu um acréscimo de 1 unidade. Do 2º termo para o 3º termo, ocorreu a multiplicação do termo anterior por 3. E assim por diante, até que para o 7º termo temos 13 . 3 = 39. 8º termo = 39 + 1 = 40. 9º termo = 40 . 3 = 120. 10º termo = 120 + 1 = 121. 11º termo = 121 . 3 = 363. 12º termo = 363 + 1 = 364. 13º termo = 364 . 3 = 1.092. Portanto, podemos concluir que o 13º termo da sequência é um número maior que 1.000.

32. Resposta "D".

Da palavra "ardoroso", retiram-se as sílabas "do" e "ro" e inverteu-se a ordem, definindo-se a palavra "rodo". Da mesma forma, da palavra "dinamizar", retiram-se as sílabas "na" e "mi", definindo-se a palavra "mina". Com isso, podemos concluir que da palavra "maratona". Deve-se retirar as sílabas "ra" e "to", criando-se a palavra "tora".

33. Resposta "A".

Na primeira sequência, a palavra "azar" é obtida pelas letras "a" e "z" em sequência, mas em ordem invertida. Já as letras "a" e "r" são as 2 primeiras letras da palavra "arborizado". A palavra "dias" foi obtida da mesma forma: As letras "d" e "i" são obtidas em sequência, mas em ordem invertida. As letras "a" e "s" são as 2 primeiras letras da palavra "asteroides". Com isso, para a palavras "articular", considerando as letras "i" e "u", que estão na ordem invertida, e as 2 primeiras letras, obtém-se a palavra "luar".

34. O nome da sequência é Sequência de Fibonacci. O número que vem é sempre a soma dos dois números imediatamente atrás dele. A sequência correta é: 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233...

35.

Dia	Subida	Descida
1º	2m	1m
2º	3m	2m
3º	4m	3m
4º	5m	4m
5º	6m	5m
6º	7m	6m
7º	8m	7m
8º	9m	8m
9º	10m	----

Portanto, depois de 9 dias ela chegará na saída do poço.

36. 09 – 19 – 29 – 39 – 49 – 59 – 69 – 79 – 89 – 90 – 91 – 92 – 93 – 94 – 95 – 96 – 97 – 98 – 99. Portanto, são necessários 20 algarismos.

NOVA CONCURSOS

37.

= 16

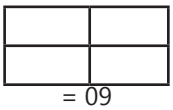

= 09

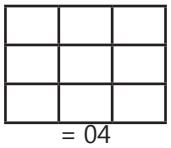

= 04

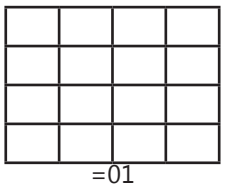

=01

Portanto, há 16 + 9 + 4 + 1 = 30 quadrados.

38.

39. Os símbolos são como números em frente ao espelho. Assim, o próximo símbolo será 88.

40.

41.
12.345.679 × (2×9) = 222.222.222
12.345.679 × (3×9) = 333.333.333
... ...
12.345.679 × (4×9) = 666.666.666
Portanto, para obter 999.999.999 devemos multiplicar 12.345.679 por (9x9) = 81

42.

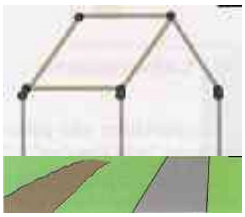

43.

44. Sendo A = 1, J = 11, Q = 12 e K = 13, a soma de cada par de cartas é igual a 14 e o naipe de paus sempre forma par com o naipe de espadas. Portanto, a carta que está faltando é o 6 de espadas.

45. Quadrado perfeito em matemática, sobretudo na aritmética e na teoria dos números, é um número inteiro não negativo que pode ser expresso como o quadrado de um outro número inteiro. Ex: 1, 4, 9...
No exercício 2 elevado a 2 = 4

46. Observe que:

3	6	18	72	360	2160	15120

x2 x3 x4 x5 x6 x7

Portanto, a próxima pedra terá que ter o valor: 15.120 x 8 = 120.960

47.

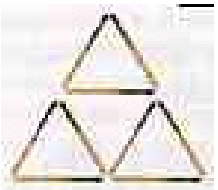

48.

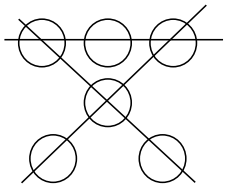

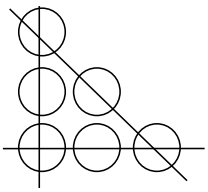

49.

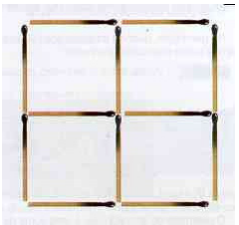

50.

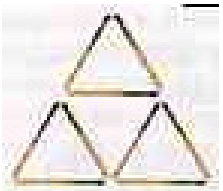

COMPREENSÃO DO PROCESSO LÓGICO QUE, A PARTIR DE UM CONJUNTO DE HIPÓTESES, CONDUZ, DE FORMA VÁLIDA, A CONCLUSÕES DETERMINADAS. ESTRUTURA LÓGICA DE RELAÇÕES ARBITRÁRIAS ENTRE PESSOAS, LUGARES, OBJETOS OU EVENTOS FICTÍCIOS; DEDUZIR NOVAS INFORMAÇÕES DAS RELAÇÕES FORNECIDAS E AVALIAR AS CONDIÇÕES USADAS PARA ESTABELECER A ESTRUTURA DAQUELAS RELAÇÕES.

Estruturas lógicas

1. Proposição

Proposição ou sentença é um termo utilizado para exprimir ideias, através de um conjunto de palavras ou símbolos. Este conjunto descreve o conteúdo dessa ideia.

São exemplos de **proposições**:

p: Pedro é médico.

q: 5 > 8

r: Luíza foi ao cinema ontem à noite.

2. Princípios fundamentais da lógica

Princípio da Identidade: A é A. Uma coisa é o que é. O que é, é; e o que não é, não é. Esta formulação remonta a Parménides de Eleia.

Principio da não contradição: Uma proposição não pode ser verdadeira e falsa, ao mesmo tempo.

Principio do terceiro excluído: Uma alternativa só pode ser verdadeira ou falsa.

3. Valor lógico

Considerando os princípios citados acima, uma proposição é classificada como verdadeira ou falsa.

Sendo assim o valor lógico será:

- a verdade (**V**), quando se trata de uma proposição verdadeira.

- a falsidade (**F**), quando se trata de uma proposição falsa.

4. Conectivos lógicos

Conectivos lógicos são palavras usadas para conectar as proposições formando novas sentenças.

Os principais conectivos lógicos são:

~	não
$\wedge$	e
V	Ou
→	se...então
↔	se e somente se

5. Proposições simples e compostas

As proposições simples são assim caracterizadas por apresentarem apenas uma ideia. São indicadas pelas letras minúsculas: p, q, r, s, t...

As proposições compostas são assim caracterizadas por apresentarem mais de uma proposição conectadas pelos conectivos lógicos. São indicadas pelas letras maiúsculas: P, Q, R, S, T...

Obs: A notação Q(r, s, t), por exemplo, está indicando que a proposição composta Q é formada pelas proposições simples r, s e t.

Exemplo:

Proposições simples:

p: Meu nome é Raissa

q: São Paulo é a maior cidade brasileira

r: 2+2=5

s: O número 9 é ímpar

t: O número 13 é primo

Proposições compostas

P: O número 12 é divisível por 3 e 6 é o dobro de 12.

Q: A raiz quadrada de 9 é 3 e 24 é múltiplo de 3.

R(s, t): O número 9 é ímpar e o número 13 é primo.

6. Tabela-Verdade

A tabela-verdade é usada para determinar o valor lógico de uma proposição composta, sendo que os valores das proposições simples já são conhecidos. Pois o valor lógico da proposição composta depende do valor lógico da proposição simples.

A seguir vamos compreender como se constrói essas tabelas-verdade partindo da árvore das possibilidades dos valores lógicos das preposições simples, e mais adiante veremos como determinar o valor lógico de uma proposição composta.

Proposição composta do tipo P(p, q)

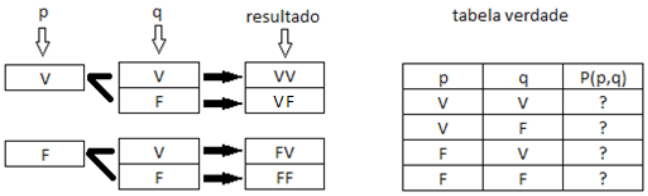

Proposição composta do tipo P(p, q, r)

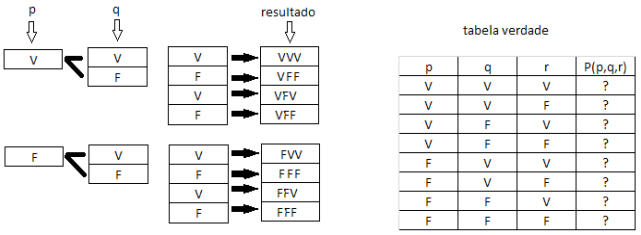

Proposição composta do tipo P(p, q, r, s)

A tabela-verdade possui $2^4 = 16$ linhas e é formada igualmente as anteriores.

Proposição composta do tipo P(p1, p2, p3,..., pn)

A tabela-verdade possui 2^n linhas e é formada igualmente as anteriores.

7. O conectivo <u>não</u> e a negação

O conectivo **não** e a **negação** de uma proposição **p** é outra proposição que tem como valor lógico **V** se p for falsa e **F** se p é verdadeira. O símbolo ~p (**não p**) representa a negação de **p** com a seguinte tabela-verdade:

P	~P
V	F
F	V

Exemplo:

p = 7 é ímpar
~p = 7 não é ímpar

P	~P
V	F

q = 24 é múltiplo de 5
~q = 24 não é múltiplo de 5

q	~q
F	V

8. O conectivo <u>e</u> e a conjunção

O conectivo **e** e a **conjunção** de duas proposições **p** e **q** é outra proposição que tem como valor lógico **V** se p e q forem verdadeiras, e **F** em outros casos. O símbolo p ∧ q (**p e q**) representa a conjunção, com a seguinte tabela-verdade:

P	q	p ∧ q
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	F

Exemplo

p = 2 é par
q = o céu é rosa
p **∧** q = 2 é par **e** o céu é rosa

P	q	p ∧ q
V	F	F

p = 9 < 6
q = 3 é par
p **∧** q: 9 < 6 **e** 3 é par

P	q	p ∧ q
F	F	F

9. O conectivo <u>ou</u> e a disjunção

O conectivo **ou** e a **disjunção** de duas proposições **p** e **q** é outra proposição que tem como valor lógico **V** se alguma das proposições for verdadeira e **F** se as duas forem falsas. O símbolo p □ q (**p ou q**) representa a disjunção, com a seguinte tabela-verdade:

P	q	p V q
V	V	V
V	F	V
F	V	V
F	F	F

Exemplo:

p = 2 é par
q = o céu é rosa
p **v** q = 2 é par **ou** o céu é rosa

P	q	p V q
V	F	V

10. O conectivo <u>se... então...</u> e a condicional

A condicional se **p** então **q** é outra proposição que tem como valor lógico **F** se p é verdadeira e q é falsa. O símbolo p → q representa a condicional, com a seguinte tabela-verdade:

P	q	p → q
V	V	V
V	F	F
F	V	V
F	F	V

Exemplo:
P: 7 + 2 = 9
Q: 9 – 7 = 2
p → q: **Se** 7 + 2 = 9 **então** 9 – 7 = 2

P	q	p → q
V	V	V

p = 7 + 5 < 4
q = 2 é um número primo
p → q: **Se** 7 + 5 < 4 **então** 2 é um número primo.

P	q	p → q
F	V	V

p = 24 é múltiplo de 3 q = 3 é par
p → q: **Se** 24 é múltiplo de 3 **então** 3 é par.

P	q	p → q
V	F	F

p = 25 é múltiplo de 2
q = 12 < 3
p → q: **Se** 25 é múltiplo de 2 **então** 2 < 3.

P	q	p → q
F	F	V

11. O conectivo <u>se e somente se</u> e a bicondicional

A bicondicional **p** se e somente se **q** é outra proposição que tem como valor lógico **V** se p e q forem ambas verdadeiras ou ambas falsas, e **F** nos outros casos.

O símbolo $p \leftrightarrow q$ representa a bicondicional, com a seguinte tabela-verdade:

P	q	p ↔ q
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	V

Exemplo
p = 24 é múltiplo de 3
q = 6 é ímpar
$p \leftrightarrow q$= 24 é múltiplo de 3 **se, e somente se,** 6 é ímpar.

P	q	p ↔ q
V	F	F

12. Tabela-Verdade de uma proposição composta

Exemplo

Veja como se procede a construção de uma tabela-verdade da proposição composta P(p, q) = ((p □ q) → (~p)) → (p □ q), onde p e q são duas proposições simples.

Resolução

Uma tabela-verdade de uma proposição do tipo P(p, q) possui 2^4 = 4 linhas, logo:

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V					
V	F					
F	V					
F	F					

Agora veja passo a passo a determinação dos valores lógicos de P.

a) Valores lógicos de p ν q

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V				
V	F	V				
F	V	V				
F	F	F				

b) Valores lógicos de ~P

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V	F			
V	F	V	F			
F	V	V	V			
F	F	F	V			

c) Valores lógicos de (p V p)→(~p)

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V	F	F		
V	F	V	F	F		
F	V	V	V	V		
F	F	F	V	V		

d) Valores lógicos de p Λ q

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V	F	F	V	
V	F	V	F	F	F	
F	V	V	V	V	F	
F	F	F	V	V	F	

e) Valores lógicos de ((p V p)→(~p))→(p Λ q)

p	q	p V q	~p	(p V p)→(~p)	p Λ q	((p V p)→(~p))→(p Λ q)
V	V	V	F	F	V	V
V	F	V	F	F	F	V
F	V	V	V	V	F	F
F	F	F	V	V	F	F

13. Tautologia

Uma proposição composta formada por duas ou mais proposições **p**, **q**, **r**, ... será dita uma **Tautologia** se ela for **sempre verdadeira**, independentemente dos valores lógicos das proposições **p**, **q**, **r**, ... que a compõem.

Exemplos:

• Gabriela passou no concurso do INSS **ou** Gabriela **não** passou no concurso do INSS

• **Não é verdade** que o professor Zambeli parece com o Zé gotinha **ou** o professor Zambeli parece com o Zé gotinha.

Ao invés de duas proposições, nos exemplos temos uma única proposição, afirmativa e negativa. Vamos entender isso melhor.

Exemplo:

Grêmio cai para segunda divisão **ou** o Grêmio **não** cai para segunda divisão

Vamos chamar a primeira proposição de "**p"** a segunda de "~**p**" e o conetivo de "V"

Assim podemos representar a "frase" acima da seguinte forma: **p V ~p**

Exemplo

A proposição **p ∨ (~p)** é uma tautologia, pois o seu valor lógico é sempre V, conforme a tabela-verdade.

p	~P	p V q
V	F	V
F	V	V

Exemplo

A proposição **(p Λ q) → (p q)** é uma tautologia, pois a última coluna da tabela-verdade só possui V.

p	q	p Λ q	p↔q	(p Λ q)→(p↔q)
V	V	V	V	V
V	F	F	F	V
F	V	F	F	V
F	F	F	V	V

14. Contradição

Uma proposição composta formada por duas ou mais proposições **p**, **q**, **r**, ... será dita uma **contradição** se ela for **sempre falsa**, independentemente dos valores lógicos das proposições **p**, **q**, **r**, ... que a compõem

Exemplos:

• O Zorra total é uma porcaria **e** Zorra total **não** é uma porcaria

• Suelen mora em Petrópolis **e** Suelen **não** mora em Petrópolis

Ao invés de duas proposições, nos exemplos temos uma única proposição, afirmativa e negativa. Vamos entender isso melhor.

Exemplo:

Lula é o presidente do Brasil **e** Lula **não** é o presidente do Brasil

Vamos chamar a primeira proposição de "**p"** a segunda de "~**p**" e o conetivo de "^"

Assim podemos representar a "frase" acima da seguinte forma: **p ^ ~p**

NOVA CONCURSOS

Exemplo

A proposição **(p Λ q) Λ (p Λ q)** é uma contradição, pois o seu valor lógico é sempre F conforme a tabela-verdade. Que significa que uma proposição não pode ser falsa e verdadeira ao mesmo tempo, isto é, o princípio da não contradição.

p	~P	q Λ (~q)
V	F	F
F	V	F

15. Contingência

Quando uma proposição não é tautológica nem contra válida, a chamamos de *contingência* ou *proposição contingente* ou *proposição indeterminada*.

A contingência ocorre quando há tanto valores V como F na última coluna da tabela-verdade de uma proposição. Exemplos: $P \wedge Q$, $P \vee Q$, $P \rightarrow Q$ ...

16. **Implicação lógica**

Definição

A proposição **P** implica a proposição **Q**, quando a condicional **P** → **Q** for uma **tautologia**.

O símbolo P ⇒ Q (**P implica Q**) representa a implicação lógica.

Diferenciação dos símbolos → e ⇒

O símbolo → representa uma operação matemática entre as proposições **P** e **Q** que tem como resultado a proposição **P** → **Q**, com valor lógico **V** ou **F**.

O símbolo ⇒ representa a não ocorrência de **VF** na tabela-verdade de **P** → **Q**, ou ainda que o valor lógico da condicional **P** → **Q** será sempre **V**, ou então que **P** → **Q** é uma tautologia.

Exemplo

A tabela-verdade da condicional (p Λ q) → (p ↔ q) será:

p	q	p Λ q	P↔Q	(p Λ q)→(P↔Q)
V	V	V	V	V
V	F	F	F	V
F	V	F	F	V
F	F	F	V	V

Portanto, **(p Λ q)** → **(p** ↔ **q)** é uma tautologia, por isso **(p Λ q)** ⇒ **(p** ↔**q)**

17. **Equivalência lógica**

Definição

Há equivalência entre as proposições **P** e **Q** somente quando a bicondicional **P** ↔ **Q** for uma tautologia ou quando **P** e **Q** tiverem a mesma tabela-verdade. P □ Q (**P é equivalente a Q**) é o símbolo que representa a equivalência lógica.

Diferenciação dos símbolos ↔ e ⇔

O símbolo ↔ representa uma operação entre as proposições **P** e **Q**, que tem como resultado uma nova proposição **P** ↔ **Q** com valor lógico **V** ou **F**.

O símbolo ⇔ representa a não ocorrência de **VF** e de **FV** na tabela-verdade **P** ↔ **Q**, ou ainda que o valor lógico de **P** ↔ **Q** é sempre **V**, ou então **P** ↔ **Q** é uma tautologia.

Exemplo

A tabela da bicondicional (p → q) ↔ (~q → ~p) será:

p	q	~q	~p	p→q	~q→~p	(p→q)↔(~q→~p)
V	V	F	F	V	V	V
V	F	V	F	F	F	V
F	V	F	V	V	V	V
F	F	V	V	V	V	V

Portanto, p → q é equivalente a ~q → ~p, pois estas proposições possuem a mesma tabela-verdade ou a bicondicional (p → q) ↔ (~q → ~p) é uma tautologia.

Veja a representação:

(p → q) ⇔ (~q → ~p)

EQUIVALÊNCIAS LOGICAS NOTÁVEIS

Dizemos que duas proposições são logicamente equivalentes (ou simplesmente equivalentes) quando os resultados de suas tabelas-verdade são idênticos.

Uma consequência prática da equivalência lógica é que ao trocar uma dada proposição por qualquer outra que lhe seja equivalente, estamos apenas mudando a maneira de dizê-la.

A equivalência lógica entre duas proposições, p e q, pode ser representada simbolicamente como: p q, ou simplesmente por p = q.

Começaremos com a descrição de algumas equivalências lógicas básicas.

Equivalências Básicas

1. p e p = p

Ex: André **é inocente e inocente** = André é inocente

2. p ou p = p

Ex: Ana foi ao cinema ou ao cinema = Ana foi ao cinema

3. p e q = q e p

Ex: O cavalo é forte e veloz = O cavalo é veloz e forte

4. p ou q = q ou p

Ex: O carro é branco ou azul = O carro é azul ou branco

5. p ↔ q = q ↔ p

Ex: Amo se e somente se vivo = Vivo se e somente se amo.

6. p ↔ q = (pq) e (qp)

Ex: Amo se e somente se vivo = Se amo então vivo, e se vivo então amo

Para facilitar a memorização, veja a tabela abaixo:

p e p	p
p ou p	p
p e q	q e p
p ou q	q ou p
p ↔ q	q ↔ p
p ↔ q	(p→q) e (q→p)

Equivalências da Condicional

As duas equivalências que se seguem são de fundamental importância. Estas equivalências podem ser verificadas, ou seja, demonstradas, por meio da comparação entre as tabelas-verdade. Fica como exercício para casa estas demonstrações. As equivalências da condicional são as seguintes:

1) Se p então q = Se não q então não p.

Ex: Se chove então me molho = Se não me molho então não chove

2) Se p então q = Não p ou q.

Ex: Se estudo então passo no concurso = Não estudo ou passo no concurso

Colocando estes resultados em uma tabela, para ajudar a memorização, teremos:

p → q	~q → ~p
p → q	~p V q

Equivalências com o Símbolo da Negação

Este tipo de equivalência já foi estudado. Trata-se, tão somente, das negações das proposições compostas! Lembremos:

Negativa de (p e q)	~p ou ~q
Negativa de (p ou q)	~p e ~q
Negativa de (p → q)	p e ~q
Negativa de (p↔q)	[(p e ~q) ou (q e ~p)]

É possível que surja alguma dúvida em relação a última linha da tabela acima. Porém, basta lembrarmos do que foi aprendido:

p↔q = (pq) e (qp)

(Obs: a BICONDICIONAL tem esse nome: porque equivale a duas condicionais!)

Para negar a bicondicional, teremos na verdade que negar a sua conjunção equivalente.

E para negar uma conjunção, já sabemos, nega-se as duas partes e troca-se o E por OU. Fica para casa a demonstração da negação da bicondicional. Ok?

Outras equivalências

Algumas outras equivalências que podem ser relevantes são as seguintes:

1) p e (p ou q) = p

Ex: Paulo é dentista, e Paulo é dentista ou Pedro é médico = Paulo é dentista

2) p ou (p e q) = p

Ex: Paulo é dentista, ou Paulo é dentista e Pedro é médico = Paulo é dentista

Por meio das tabelas-verdade estas equivalências podem ser facilmente demonstradas.

Para auxiliar nossa memorização, criaremos a tabela seguinte:

p e (p ou q)	p
p ou (p e q)	p

NEGAÇAO DE PROPOSIÇÕES COMPOSTAS

Proposição	Negação da Proposição
(A e B)	~A ou ~B
(A ou B)	~A e ~B
(A → B)	A e ~B
(A ↔ B)	1ª forma) ~(A→B e B→A) = (A e ~B) ou (B e ~A) 2ª forma) A <u>ou</u> B
(A <u>ou</u> B)	A ↔ B

Questoes comentadas:

1. (PROCERGS - Técnico de Nível Médio - Técnico em Segurança do Trabalho - FUNDATEC/2012) A proposição "João comprou um carro novo ou não é verdade que João comprou um carro novo e não fez a viagem de férias." é:

A) um paradoxo.
B) um silogismo.
C) uma tautologia.
D) uma contradição.
E) uma contingência.

Tautologia é uma proposição composta cujo resultado é sempre verdadeiro para todas as atribuições que se têm, independentemente dessas atribuições.

Rodrigo, posso estar errada, mas ao construir a tabela-verdade com a proposição que você propôs não vamos ter uma tautologia, mas uma contingência.

A proposição a ser utilizada aqui seria a seguinte: P v ~(P ^ ~Q), que, ao construirmos a tabela-verdade ficaria da seguinte forma:

P	Q	~Q	(P/\~Q)	~(P/\~Q)	P V ~(P/\~Q)
V	V	F	F	V	V
V	F	V	V	F	V
F	V	F	F	V	V
F	F	V	F	V	V

2. (PM-BA - Soldado da Polícia Militar - FCC /2012)
A negação lógica da proposição: "Pedro é o mais velho da classe ou Jorge é o mais novo da classe" é
A) Pedro não è o mais novo da classe ou Jorge não é o mais velho da classe.
B) Pedro é o mais velho da classe e Jorge não é o mais novo da classe.
C) Pedro não é o mais velho da classe e Jorge não é o mais novo da classe.
D) Pedro não é o mais novo da classe e Jorge não é o mais velho da classe.
E) Pedro é o mais novo da classe ou Jorge é o mais novo da classe.

p v q= Pedro é o mais velho da classe ou Jorge é o mais novo da classe.
~p=Pedro não é o mais velho da classe.
~q=Jorge não é o mais novo da classe.
~(p v q)=~p v ~q= Pedro não é o mais velho da classe ou Jorge não é o mais novo da classe.

3. (PC-MA - Farmacêutico Legista - FGV/2012)
Em frente à casa onde moram João e Maria, a prefeitura está fazendo uma obra na rua. Se o operário liga a britadeira, João sai de casa e Maria não ouve a televisão. Certo dia, depois do almoço, Maria ouve a televisão.
Pode-se concluir, logicamente, que
A) João saiu de casa.
B) João não saiu de casa.
C) O operário ligou a britadeira.
D) O operário não ligou a britadeira.
E) O operário ligou a britadeira e João saiu de casa.
"Se o operário liga a britadeira, João sai de casa e Maria não ouve a televisão", logo se Maria ouve a televisão, a britadeira não pode estar ligada.

(TJ-AC - Técnico Judiciário - Informática - CESPE/2012)
Em decisão proferida acerca da prisão de um réu, depois de constatado pagamento de pensão alimentícia, o magistrado determinou: "O réu deve ser imediatamente solto, se por outro motivo não estiver preso".
Considerando que a determinação judicial corresponde a uma proposição e que a decisão judicial será considerada descumprida se, e somente se, a proposição correspondente for falsa, julgue os itens seguintes.

4. Se o réu permanecer preso, mesmo não havendo outro motivo para estar preso, então, a decisão judicial terá sido descumprida.
A) Certo
B) Errado
A decisão judicial é "O réu deve ser imediatamente solto, se por outro motivo não estiver preso", logo se o réu continuar preso sem outro motivo para estar preso, será descumprida a decisão judicial.

5. Se o réu for imediatamente solto, mesmo havendo outro motivo para permanecer preso, então, a decisão judicial terá sido descumprida.
A) Certo
B) Errado
P = se houver outro motivo
Q = será solto
A decisão foi: Se não P então Q, logo VV = V
A questão afirma: Se P então Q, logo FV = V
Não contrariou, iria contrariar se a questão resultasse V + F = F

6. As proposições "Se o réu não estiver preso por outro motivo, deve ser imediatamente solto" e "Se o réu não for imediatamente solto, então, ele está preso por outro motivo" são logicamente equivalentes.
A) Certo
B) Errado

O réu não estiver preso por outro motivo = ~P
Deve ser imediatamente solto = S
Se o réu não estiver preso por outro motivo, deve ser imediatamente solto=P S
Se o réu não for imediatamente solto, então, ele está preso por outro motivo = ~SP
De acordo com a regra de equivalência (A B) = (~B ~A) a questão está correta.

7. A negação da proposição relativa à decisão judicial estará corretamente representada por "O réu não deve ser imediatamente solto, mesmo não estando preso por outro motivo".
A) Certo
B) Errado

"O réu deve ser imediatamente solto, se por outro motivo não estiver preso" está no texto, assim:
P = "Por outro motivo não estiver preso"
Q = "O réu deve ser imediatamente solto"
PQ, a negação ~(P Q) = P e ~Q
P e ~Q = Por outro motivo estiver preso o réu não deve ser imediatamente solto"

8. (Polícia Civil/SP - Investigador – VUNESP/2014) Um antropólogo estadunidense chega ao Brasil para aperfeiçoar seu conhecimento da língua portuguesa. Durante sua estadia em nosso país, ele fica muito intrigado com a frase "não vou fazer coisa nenhuma", bastante utilizada em nossa linguagem coloquial. A dúvida dele surge porque
A) a conjunção presente na frase evidencia seu significado.
B) o significado da frase não leva em conta a dupla negação.
C) a implicação presente na frase altera seu significado.
D) o significado da frase não leva em conta a disjunção.
E) a negação presente na frase evidencia seu significado.
~(~p) é equivalente a p
Logo, uma dupla negação é equivalente a afirmar. RESPOSTA: "B".

9. (Receita Federal do Brasil – Analista Tributário - ESAF/2012) A negação da proposição "se Paulo estuda, então Marta é atleta" é logicamente equivalente à proposição:

A) Paulo não estuda e Marta não é atleta.
B) Paulo estuda e Marta não é atleta.
C) Paulo estuda ou Marta não é atleta.
D) se Paulo não estuda, então Marta não é atleta.
E) Paulo não estuda ou Marta não é atleta.

A negação de uma condicional do tipo: "Se A, então B" (AB) será da forma:

~(A B) A^ ~B

Ou seja, para negarmos uma proposição composta representada por uma condicional, devemos confirmar sua primeira parte ("A"), trocar o conectivo condicional ("") pelo conectivo conjunção ("^") e negarmos sua segunda parte ("~ B"). Assim, teremos:

RESPOSTA: "B".

10. (ANVISA - TÉCNICO ADMINISTRATIVO - CETRO/2012) Se Viviane não dança, Márcia não canta. Logo,

A) Viviane dançar é condição suficiente para Márcia cantar.
B) Viviane não dançar é condição necessária para Márcia não cantar.
C) Viviane dançar é condição necessária para Márcia cantar.
D) Viviane não dançar é condição suficiente para Márcia cantar.
E) Viviane dançar é condição necessária para Márcia não cantar.

Inicialmente, reescreveremos a condicional dada na forma de condição suficiente e condição necessária:

"Se Viviane não dança, Márcia não canta"

1ª possibilidade: Viviane não dançar é condição suficiente para Márcia não cantar. Não há RESPOSTA: para essa possibilidade.

2ª possibilidade: Márcia não cantar é condição necessária para Viviane não dançar.. Não há RESPOSTA: para essa possibilidade.

Não havendo RESPOSTA: , modificaremos a condicional inicial, transformando-a em outra condicional equivalente, nesse caso utilizaremos o conceito da contrapositiva ou contra posição: pq ~q ~p

"Se Viviane não dança, Márcia não canta" "Se Márcia canta, Viviane dança"

Transformando, a condicional "Se Márcia canta, Viviane dança" na forma de condição suficiente e condição necessária, obteremos as seguintes possibilidades:

1ª possibilidade: Márcia cantar é condição suficiente para Viviane dançar. Não há RESPOSTA: para essa possibilidade.

2ª possibilidade: Viviane dançar é condição necessária para Márcia cantar.

RESPOSTA: "C".

11. (BRDE - ANALISTA DE SISTEMAS - AOCP/2012) Considere a sentença: "Se Ana é professora, então Camila é médica." A proposição equivalente a esta sentença é

A) Ana não é professora ou Camila é médica.
B) Se Ana é médica, então Camila é professora.
C) Se Camila é médica, então Ana é professora.
D) Se Ana é professora, então Camila não é médica.
E) Se Ana não é professora, então Camila não é médica.

Existem duas equivalências particulares em relação a uma condicional do tipo "Se A, então B".

1ª) Pela contrapositiva ou contraposição: "Se A, então B" é equivalente a "Se ~B, então ~A"

"Se Ana é professora, então Camila é médica." Será equivalente a:

"Se Camila não é médica, então Ana não é professora."

2ª) Pela Teoria da Involução ou Dupla Negação: "Se A, então B" é equivalente a "~A ou B"

"Se Ana é professora, então Camila é médica." Será equivalente a:

"Ana não é professora ou Camila é médica."

Ficaremos, então, com a segunda equivalência, já que esta configura no gabarito.

RESPOSTA: "A".

(PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) Considerando que P e Q representem proposições conhecidas e que V e F representem, respectivamente, os valores verdadeiro e falso, julgue os próximos itens. (374 a 376)

12. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) As proposições Q e P (¬ Q) são, simultaneamente, V se, e somente se, P for F.

( )Certo ( ) Errado

Observando a tabela-verdade da proposição composta "P (¬ Q)", em função dos valores lógicos de "P" e "Q", temos:

P	Q	¬Q	P→(¬Q)
V	V	F	F
V	F	V	V
F	V	F	V
F	F	V	V

Observando-se a 3 linha da *tabela-verdade* acima, —Q ‖ e —P ® (¬ Q) são, simultaneamente, V se, e somente se, —P ‖ for F.

Resposta: CERTO.

13. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) A proposição [PvQ]Q é uma tautologia.

( )Certo ( ) Errado

Construindo a tabela-verdade da proposição composta: [P Ú Q] ® Q, teremos como solução:

P	Q	Pv Q	(Pv Q)→Q	(p^~q)↔(~p v q)
V	V	V	V→V	V
V	F	V	V→F	F
F	V	V	V→V	V
F	F	F	F→F	V

P(P;Q) = VFVV

Portanto, essa *proposição composta* é uma *contingência* ou *indeterminação lógica*.

Resposta: ERRADO.

14. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) Se P for F e P v Q for V, então Q é V.

( )Certo ( ) Errado

Lembramos que uma *disjunção simples*, na forma: "P vQ", será *verdadeira* (V) se, pelo menos, uma de suas partes for *verdadeira* (V). Nesse caso, se "P" for *falsa* e "PvQ" for *verdadeira*, então "Q" será, necessariamente, *verdadeira*.

Resposta: CERTO.

(PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013)

P1: Se a impunidade é alta, então a criminalidade é alta.

P2: A impunidade é alta ou a justiça é eficaz.

P3: Se a justiça é eficaz, então não há criminosos livres.

P4: Há criminosos livres.

C: Portanto a criminalidade é alta.

Considerando o argumento apresentado acima, em que P1, P2, P3 e P4 são as premissas e C, a conclusão, julgue os itens subsequentes. (377 e 378)

15. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) O argumento apresentado é um argumento válido.

( )Certo ( ) Errado

Verificaremos se as verdades das premissas P1, P2, P3 e P4 sustentam a verdade da conclusão. Nesse caso, devemos considerar que todas as premissas são, necessariamente, *verdadeiras*.

P1: Se a impunidade é alta, então a criminalidade é alta. (V)

P2: A impunidade é alta ou a justiça é eficaz. (V)

P3: Se a justiça é eficaz, então não há criminosos livres. (V)

P4: Há criminosos livres. (V)

Portanto, se a premissa P4 – *proposição simples* – é *verdadeira* (V), então a 2ª parte da *condicional* representada pela premissa P3 será considerada *falsa* (F). Então, veja:

P1: **Se** *a impunidade é alta*, **então** *a criminalidade é alta*. **(V)**

P2: *A impunidade é alta* **ou** *a justiça é eficaz*. **(V)**

P3: **Se** *a justiça é eficaz*, **então** $\underbrace{\textit{não há criminosos livres}}_{2^{o}\ (F)}$. **(V)**

P4: $\underbrace{\textit{Há criminosos livres}}_{1^{o}\ (V)}$. **(V)**

Sabendo-se que a condicional P3 é verdadeira e conhecendo-se o *valor lógico* de sua 2ª parte como *falsa* (F), então o *valor lógico* de sua 1ª parte *nunca* poderá ser *verdadeiro* (V). Assim, a *proposição simples* —a justiça é eficaz || será considerada *falsa* (F).

Se a *proposição simples* —a justiça é eficaz || é considerada *falsa* (F), então a 2ª parte da *disjunção simples* representada pela premissa P2, também, será *falsa* (F).

P1: **Se** *a impunidade é alta*, **então** *a criminalidade é alta*. **(V)**

P2: *A impunidade é alta* **ou** $\underbrace{\textit{a justiça é eficaz}}_{4^{o}\ (F)}$. **(V)**

P3: **Se** $\underbrace{\textit{a justiça é eficaz}}_{3^{o}\ (F)}$, **então** $\underbrace{\textit{não há criminosos livres}}_{2^{o}\ (F)}$. **(V)**

P4: $\underbrace{\textit{Há criminosos livres}}_{1^{o}\ (V)}$. **(V)**

Sendo *verdadeira* (V) a premissa P2 (*disjunção simples*) e conhecendo-se o *valor lógico* de uma das partes como *falsa* (F), então o *valor lógico* da outra parte deverá ser, necessariamente, *verdadeira* (V). Lembramos que, uma *disjunção simples* será considerada *verdadeira* (V), quando, pelo menos, uma de suas partes for *verdadeira* (V).

Sendo *verdadeira* (V) a *proposição simples* —a impunidade é alta || , então, confirmaremos também como *verdadeira* (V), a 1ª parte da *condicional* representada pela premissa P1.

P1: **Se** $\underbrace{\textit{a impunidade é alta}}_{6^{o}\ (V)}$, **então** *a criminalidade é alta*. **(V)**

P2: $\underbrace{\textit{A impunidade é alta}}_{5^{o}\ (F)}$ **ou** $\underbrace{\textit{a justiça é eficaz}}_{4^{o}\ (F)}$. **(V)**

P3: **Se** $\underbrace{\textit{a justiça é eficaz}}_{3^{o}\ (F)}$, **então** $\underbrace{\textit{não há criminosos livres}}_{2^{o}\ (F)}$. **(V)**

P4: $\underbrace{\textit{Há criminosos livres}}_{1^{o}\ (V)}$. **(V)**

Considerando-se como *verdadeira* (V) a 1ª parte da *condicional* em P1, então, deveremos considerar também como *verdadeira* (V), sua 2ª parte, pois uma *verdade* sempre *implica* em outra *verdade*.

Considerando a *proposição simples* —a criminalidade é alta ‖ como *verdadeira* (V), logo a *conclusão* desse *argumento* é, de fato, *verdadeira* (V), o que torna esse *argumento válido*.

Resposta: CERTO.

16. (PC/DF – Agente de Polícia - CESPE/UnB/2013) A negação da proposição P1 pode ser escrita como "Se a impunidade não é alta, então a criminalidade não é alta".

( )Certo ( ) Errado

Seja P1 representada simbolicamente, por:

A impunidade não é alta(p) então a criminalidade não é alta(q)

A *negação* de uma condicional é dada por:

~(pq)

Logo, sua negação será dada por: ~P1 a impunidade é alta e a criminalidade não é alta.

Resposta:ERRADO.

LÓGICA DE ARGUMENTAÇÃO

ARGUMENTO

Argumento é uma relação que associa um conjunto de proposições (p1, p_2, p_3,... p_n), chamadas premissas ou hipóteses, e uma proposição C chamada conclusão. Esta relação é tal que a estrutura lógica das premissas acarretam ou tem como consequência a proposição C (conclusão).

O argumento pode ser representado da seguinte forma:

EXEMPLOS:

1. Todos os cariocas são alegres.
   Todas as pessoas alegres vão à praia
   Todos os cariocas vão à praia.
2. Todos os cientistas são loucos.
   Einstein é cientista.
   Einstein é louco!

Nestes exemplos temos o famoso silogismo categórico de forma típica ou simplesmente **silogismo**. Os silogismos são os argumentos que têm somente duas premissas e mais a conclusão, e utilizam os termos: **todo**, **nenhum** e **algum**, em sua estrutura.

ANALOGIAS

A analogia é uma das melhores formas para utilizar o raciocínio. Nesse tipo de raciocínio usa-se a comparação de uma situação conhecida com uma desconhecida. Uma analogia depende de três situações:

- os fundamentos precisam ser verdadeiros e importantes;
- a quantidade de elementos parecidos entre as situações deve ser significativo;
- não pode existir conflitos marcantes.

INFERÊNCIAS

A indução está relacionada a diversos casos pequenos que chegam a uma conclusão geral. Nesse sentido podemos definir também a indução fraca e a indução forte. Essa indução forte ocorre quando não existe grandes chances de que um caso discorde da premissa geral. Já a fraca refere-se a falta de sustentabilidade de um conceito ou conclusão.

DEDUÇÕES

ARGUMENTOS DEDUTIVOS E INDUTIVOS

Os argumentos podem ser classificados em dois tipos: **Dedutivos e Indutivos**.

1) O argumento será **DEDUTIVO** quando suas premissas fornecerem informações suficientes para comprovar a veracidade da conclusão, isto é, o argumento é dedutivo quando a conclusão é completamente derivada das premissas.

EXEMPLO:
Todo ser humano têm mãe.
Todos os homens são humanos.
Todos os homens têm mãe.

2) O argumento será **INDUTIVO** quando suas premissas não fornecerem o "apoio completo" para ratificar as conclusões. Portanto, nos argumentos indutivos, a conclusão possui informações que ultrapassam as fornecidas nas premissas. Sendo assim, não se aplica, então, a definição de argumentos válidos ou não válidos para argumentos indutivos.

EXEMPLO:
O Flamengo é um bom time de futebol.
O Palmeiras é um bom time de futebol.
O Vasco é um bom time de futebol.
O Cruzeiro é um bom time de futebol.
Todos os times brasileiros de futebol são bons.

Note que não podemos afirmar que todos os times brasileiros são bons sabendo apenas que 4 deles são bons.

Exemplo: (FCC) Considere que as seguintes afirmações são verdadeiras:

"Toda criança gosta de passear no Metrô de São Paulo."
"Existem crianças que são inteligentes."

Assim sendo, certamente é verdade que:

(A) Alguma criança inteligente não gosta de passear no Metrô de São Paulo.

(B) Alguma criança que gosta de passear no Metrô de São Paulo é inteligente.

(C) Alguma criança não inteligente não gosta de passear no Metrô de São Paulo.

(D) Toda criança que gosta de passear no Metrô de São Paulo é inteligente.

(E) Toda criança inteligente não gosta de passear no Metrô de São Paulo.

SOLUÇÃO:

Representando as proposições na forma de conjuntos (diagramas lógicos – ver artigo sobre diagramas lógicos) teremos:

"Toda criança gosta de passear no Metrô de São Paulo."

"Existem crianças que são inteligentes."

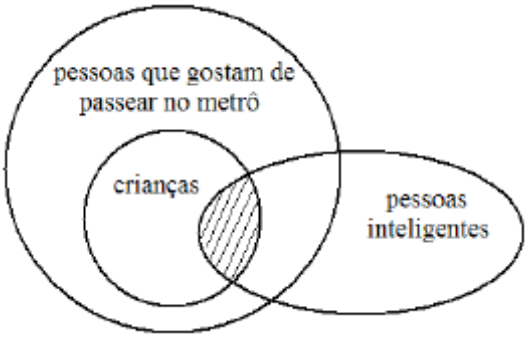

Pelo gráfico, observamos claramente que se todas as crianças gostam de passear no metrô e existem crianças inteligentes, então **alguma criança que gosta de passear no Metrô de São Paulo é inteligente**. Logo, a alternativa correta é a opção B.

CONCLUSÕES

VALIDADE DE UM ARGUMENTO

Uma proposição é verdadeira ou falsa. No caso de um **argumento dedutivo** diremos que ele é **válido** ou **inválido**. Atente-se para o fato que todos os **argumentos indutivos** são **inválidos**, portanto não há de se falar em validade de argumentos indutivos.

A validade é uma propriedade dos argumentos que depende apenas da forma (estrutura lógica) das suas proposições (premissas e conclusões) e não do seu conteúdo.

Argumento Válido

Um argumento será **válido** quando a sua conclusão é uma **consequência obrigatória** de suas premissas. Em outras palavras, podemos dizer que quando um argumento é válido, a verdade de suas premissas deve garantir a verdade da conclusão do argumento. Isso significa que, se o argumento é válido, jamais poderemos chegar a uma conclusão falsa quando as premissas forem verdadeiras.

Exemplo: (CESPE) Suponha um argumento no qual as premissas sejam as proposições I e II abaixo.

I - Se uma mulher está desempregada, então, ela é infeliz.

II - Se uma mulher é infeliz, então, ela vive pouco.

Nesse caso, se a conclusão for a proposição "Mulheres desempregadas vivem pouco", tem-se um argumento correto.

SOLUÇÃO:

Se representarmos na forma de diagramas lógicos (ver artigo sobre diagramas lógicos), para facilitar a resolução, teremos:

I - Se uma mulher está desempregada, então, ela é infeliz. = Toda mulher desempregada é infeliz.

II - Se uma mulher é infeliz, então, ela vive pouco. = Toda mulher infeliz vive pouco.

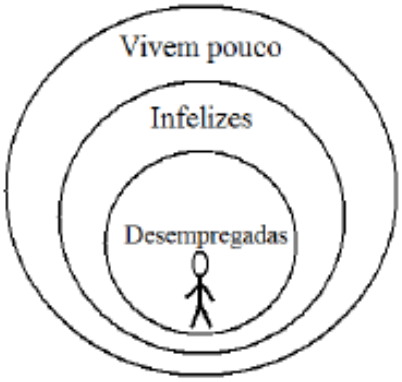

Com isso, qualquer mulher que esteja no conjunto das desempregadas (ver boneco), automaticamente estará no conjunto das mulheres que vivem pouco. Portanto, se a conclusão for a proposição "Mulheres desempregadas vivem pouco", tem-se um argumento correto (correto = válido!).

Argumento Inválido

Dizemos que um argumento é **inválido**, quando a verdade das premissas não é suficiente para garantir a verdade da conclusão, ou seja, quando a conclusão não **é uma consequência obrigatória** das premissas.

Exemplo: (CESPE) É válido o seguinte argumento: Se Ana cometeu um crime perfeito, então Ana não é suspeita, mas (e) Ana não cometeu um crime perfeito, então Ana é suspeita.

SOLUÇÃO:

Representando as premissas do enunciado na forma de diagramas lógicos (ver artigo sobre diagramas lógicos), obteremos:

Premissas:

"Se Ana cometeu um crime perfeito, então Ana não é suspeita" = "Toda pessoa que comete um crime perfeito não é suspeita".

"Ana não cometeu um crime perfeito".

Conclusão:

"Ana é suspeita". (Não se "desenha" a conclusão, apenas as premissas!)

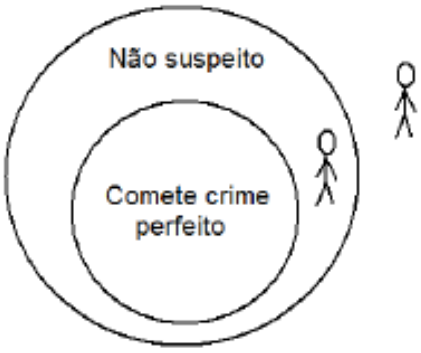

O fato do enunciado ter falado apenas que "Ana não cometeu um crime perfeito", não nos diz se ela é suspeita ou não. Por isso temos duas possibilidades (ver bonecos). Logo, a questão está errada, pois não podemos afirmar, com certeza, que Ana é suspeita. Logo, o argumento é **inválido**.

EXERCICIOS:

(TJ-AC - Analista Judiciário - Conhecimentos Básicos - Cargos 1 e 2 - CESPE/2012) (10 a 13)

Considerando que as proposições lógicas sejam representadas por letras maiúsculas, julgue os próximos itens, relativos a lógica proposicional e de argumentação.

1. A expressão $[(P \rightarrow Q) \vee P] \rightarrow Q$ é uma tautologia.
A) Certo
B) Errado

Resposta: B.
Fazendo a tabela verdade:

P	Q	P→Q	(P→Q) V P	[(P→Q) V P]→Q
V	V	V	V	V
V	F	F	V	V
F	V	V	V	V
F	F	F	F	F

Portanto não é uma tautologia.

2. As proposições "Luiz joga basquete porque Luiz é alto" e "Luiz não é alto porque Luiz não joga basquete" são logicamente equivalentes.
A) Certo
B) Errado

Resposta: A.
São equivalentes por que "Luiz não é alto porque Luiz não joga basquete" nega as duas partes da proposição, a deixando equivalente a primeira.

3. A sentença "A justiça e a lei nem sempre andam pelos mesmos caminhos" pode ser representada simbolicamente por P∧Q, em que as proposições P e Q são convenientemente escolhidas.
A) Certo
B) Errado

Resposta: B.
Não, pois ^ representa o conectivo "e", e o "e" é usado para unir A justiça E a lei, e "A justiça" não pode ser considerada uma proposição, pois não pode ser considerada verdadeira ou falsa.

4. Considere que a tabela abaixo representa as primeiras colunas da tabela-verdade da proposição $(P \rightarrow Q) \wedge (\neg R)$.

P	Q	R
V	V	V
V	V	F
V	F	V
V	F	F
F	V	V
F	V	F
F	F	V
F	F	F

Logo, a coluna abaixo representa a última coluna dessa tabela-verdade.

*
F
V
F
F
F
V
F
V

A) Certo
B) Errado

Resposta: A.
Fazendo a tabela verdade:

NOVA CONCURSOS

P	Q	R	(P→Q)^(~R)
V	V	V	F
V	V	F	V
V	F	V	F
V	F	F	F
F	V	V	F
F	V	F	V
F	F	V	F
F	F	F	V

TJ-AC - Técnico Judiciário - Informática - CESPE/2012)

João e Pedro integram o mesmo partido, mas são desafetos políticos. João está disputando a eleição para prefeito da cidade. Pedro é deputado e pretende disputar a eleição para presidente da República. Cada partido pode apresentar somente um candidato ao cargo de presidente.

Na análise da situação eleitoral do partido, um jornalista fez as seguintes afirmações:

— Se João for eleito prefeito, demonstrará força política e disputará a eleição presidencial da República.

— Se João disputar a eleição presidencial da República, Pedro não a disputará.

— Se João não for eleito prefeito, tornar-se-á presidente do partido e não apoiará a candidatura de Pedro à eleição para presidente da República.

— Se o presidente do partido não apoiar a candidatura de Pedro, ele não disputará a eleição para presidente da República.

Com base na situação descrita acima, julgue o item a seguir.

5. O argumento cujas premissas correspondem às quatro afirmações do jornalista e cuja conclusão é "Pedro não disputará a eleição presidencial da República" é um argumento válido.

A) Certo
B) Errado

Resposta: A.

Argumento válido é aquele que pode ser concluído a partir das premissas, considerando que as premissas são verdadeiras então tenho que:

Se João for eleito prefeito ele disputará a presidência;

Se João disputar a presidência então Pedro não vai disputar;

Se João não for eleito prefeito se tornará presidente do partido e não apoiará a candidatura de Pedro à presidência;

Se o presidente do partido não apoiar Pedro ele não disputará a presidência.

(PRF - Nível Superior - Conhecimentos Básicos - Todos os Cargos - CESPE/2012)

Um jovem, visando ganhar um novo smartphone no dia das crianças, apresentou à sua mãe a seguinte argumentação: "Mãe, se tenho 25 anos, moro com você e papai, dou despesas a vocês e dependo de mesada, então eu não ajo como um homem da minha idade. Se estou há 7 anos na faculdade e não tenho capacidade para assumir minhas responsabilidades, então não tenho um mínimo de maturidade. Se não ajo como um homem da minha idade, sou tratado como criança. Se não tenho um mínimo de maturidade, sou tratado como criança. Logo, se sou tratado como criança, mereço ganhar um novo smartphone no dia das crianças".

Com base nessa argumentação, julgue os itens a seguir..

6. A proposição "Se estou há 7 anos na faculdade e não tenho capacidade para assumir minhas responsabilidades, então não tenho um mínimo de maturidade" é equivalente a "Se eu tenho um mínimo de maturidade, então não estou há 7 anos na faculdade e tenho capacidade para assumir minhas responsabilidades".

A) Certo
B) Errado

Resposta: B.

Equivalência de Condicional: P -> Q = ~ Q -> ~ P
Negação de Proposição: ~ (P ^ Q) = ~ P v ~ Q

P	Q	R	¬P	¬Q	¬R	P^¬Q	(P^¬Q) → ¬R	¬P^Q	R→ (¬P^Q)
V	V	V	F	F	F	F	V	F	F
V	V	F	F	F	V	F	V	F	V
V	F	V	F	V	F	**V**	**F**	F	F
V	F	F	F	V	V	**V**	V	F	V
F	V	V	V	F	F	F	V	**V**	V
F	V	F	V	F	V	F	V	**V**	V
F	F	V	V	V	F	F	V	F	F
F	F	F	V	V	V	F	V	F	V

Portanto não são equivalentes.

7. Considere as seguintes proposições: "Tenho 25 anos", "Moro com você e papai", "Dou despesas a vocês" e "Dependo de mesada". Se alguma dessas proposições for falsa, também será falsa a proposição "Se tenho 25 anos, moro com você e papai, dou despesas a vocês e dependo de mesada, então eu não ajo como um homem da minha idade".

A) Certo
B) Errado

Resposta: A.
(A^B^C^D) E
Ora, se A ou B ou C ou D estiver falsa como afirma o enunciado, logo torna a primeira parte da condicional falsa, (visto que trata-se da conjunção) tornando- a primeira parte da condicional falsa, logo toda a proposição se torna verdadeira.

8. A proposição "Se não ajo como um homem da minha idade, sou tratado como criança, e se não tenho um mínimo de maturidade, sou tratado como criança" é equivalente a "Se não ajo como um homem da minha idade ou não tenho um mínimo de maturidade, sou tratado como criança".

A) Certo
B) Errado

Resposta: A.
A = Se não ajo como um homem da minha idade,
B = sou tratado como criança,
C= se não tenho um mínimo de maturidade

A	B	C	~A	~C	(~A → B)	(~C → B)	(~A v ~ C)	(~A→ B) ^ (~ C→ B)	(~A v ~ C)→ B
V	V	V	F	F	V	V	F	V	V
V	V	F	F	V	V	V	V	V	V
V	F	V	F	F	V	V	F	V	V
V	F	F	F	V	V	F	V	F	F
F	V	V	V	F	V	V	V	V	V
F	V	F	V	V	V	V	V	V	V
F	F	V	V	F	F	V	V	F	F
F	F	F	V	V	F	F	V	F	F

De acordo com a tabela verdade são equivalentes.

NOVA CONCURSOS

COMPREENSÃO E ELABORAÇÃO DA LÓGICA DAS SITUAÇÕES POR MEIO DE: RACIOCÍNIO VERBAL, RACIOCÍNIO MATEMÁTICO, RACIOCÍNIO QUANTITATIVO E RACIOCÍNIO SEQUENCIAL.

"Caro Candidato, o tópico acima, foi abordado em: Avaliação de sequência lógica e coordenação visomotora, orientação espacial e temporal, formação de conceitos, discriminação de elementos, reversibilidade, sequência lógica de números, letras, palavras e figuras. Problemas lógicos com dados, figuras e palitos."

EXERCÍCIOS COMPLEMENTARES

1. (PREF. NEPOMUCENO/MG – PORTEIRO – CONSULPLAN/2013) Numa adega encontram-se armazenadas garrafas de vinho seco e suave num total de 300 garrafas, sendo que o número de garrafas de vinho seco excede em 3 unidades o dobro do número de garrafas de vinho suave. Assim, a porcentagem de garrafas de vinho seco dessa adega é igual a

A) 60%.
B) 63%.
C) 65%.
D) 67%.
E) 70%.

Vinho seco: x
Vinho suave: y

$$\begin{cases} x + y = 300 \quad (I) \\ x = 2y + 3 \quad (II) \end{cases}$$

Substituindo II em I
2y+3+y=300
3y=297
y=99
x=201
300------100%
201-----x
X=67%

RESPOSTA: "D".

2. (PETROBRAS - TÉCNICO DE ADMINISTRAÇÃO E CONTROLE JÚNIOR – CESGRANRIO/2013) Maria vende salgados e doces. Cada salgado custa R$2,00, e cada doce, R$1,50. Ontem ela faturou R$95,00 vendendo doces e salgados, em um total de 55 unidades.

Quantos doces Maria vendeu?
A) 20
B) 25
C) 30
D) 35
E) 40

Doces: x
Salgados:y

$$\begin{cases} x + y = 55 \quad (x - 1{,}5) \\ 1{,}5x + 2y = 95 \end{cases}$$

$$\begin{cases} -1{,}5x - 1{,}5y = -82{,}5 \\ 1{,}5x + 2y = 95 \end{cases}$$

Somando as duas equações:

$$0{,}5y = 12{,}5$$
$$y = 25 \quad \therefore x = 30$$

Ela vendeu 30 doces
RESPOSTA: "C".

3. (TRF 3ª – ANALISTA JUDICIÁRIO-INFORMÁTICA – FCC/2014) Um cofrinho possui apenas moedas de 25 centavos e moedas de 1 real, em um total de 50 moedas. Sabe-se que a diferença entre o total de moedas de 25 centavos e de 1 real do cofrinho, nessa ordem, é igual a 24 moedas. O total de moedas de maior valor monetário em relação ao total de moedas de menor valor monetário nesse cofrinho corresponde, em %, a, aproximadamente,

A) 35.
B) 42.
C) 28.
D) 32.
E) 44.

Moedas de 25 centavos: x
Moedas de 1 real: y

$$\begin{cases} x + y = 50 \\ x - y = 24 \end{cases}$$

Somando as duas equações:
2x=74
x=37
y=13

$$\frac{maior\ valor}{menor\ valor} = \frac{13}{37} = 0{,}35 = 35\%$$

RESPOSTA: "A".

4. (TRT 6ª – ANALISTA JUDICIÁRIO –ADMINISTRATIVA – FCC/2012) Para fazer um trabalho, um professor vai dividir os seus 86 alunos em 15 grupos, alguns formados por cinco, outros formados por seis alunos. Dessa forma, sendo C o número de grupos formados por cinco e S o número de grupos formados por seis alunos, o produto C · S será igual a

A) 56.
B) 54.
C) 50.
D) 44.
E) 36.

$$\begin{cases} 5C + 6S = 86 \\ C + S = 15 \end{cases}$$

C=15-S
Substituindo na primeira equação:
5(15-S)+6S=86
75-5S+6S=86
S=11
C=15-11=4

$$C \cdot S = 4 \cdot 11 = 44$$

RESPOSTA: "D".

5. (BANCO DO BRASIL – ESCRITURÁRIO – FCC/2013) Dos 56 funcionários de uma agência bancária, alguns decidiram contribuir com uma lista beneficente. Contribuíram 2 a cada 3 mulheres, e 1 a cada 4 homens, totalizando 24 pessoas.

A razão do número de funcionárias mulheres para o número de funcionários homens dessa agência é de

A) 3 para 4.
B) 2 para 3.
C) 1 para 2.
D) 3 para 2.
E) 4 para 5.

Mulheres: x
Homens: y

$$\begin{cases} x + y = 56 \quad \left(x - \frac{2}{3}\right) \\ \frac{2}{3}x + \frac{1}{4}y = 24 \end{cases}$$

$$\begin{cases} -\frac{2}{3}x - \frac{2}{3}y = -\frac{112}{3} \\ \frac{2}{3}x + \frac{1}{4}y = 24 \end{cases}$$

Somando as duas equações:

$$-\frac{2}{3}y + \frac{1}{4}y = -\frac{112}{3} + 24$$

Mmc(3,4)=12

$$-8y + 3y = -448 + 288$$

-5y=-160
y=32
x=24
Razão de mulheres pra homens:

$$\frac{24}{32} = \frac{3}{4}$$

RESPOSTA: "A".

6. (SABESP – ANALISTA DE GESTÃO I -CONTABILIDADE – FCC/2012) Em um campeonato de futebol, as equipes recebem, em cada jogo, três pontos por vitória, um ponto em caso de empate e nenhum ponto se forem derrotadas. Após disputar 30 partidas, uma das equipes desse campeonato havia perdido apenas dois jogos e acumulado 58 pontos. O número de vitórias que essa equipe conquistou, nessas 30 partidas, é igual a

A) 12
B) 14
C) 16
D) 13
E) 15

Vitórias: x
empate: y
derrotas: 2

$$\begin{cases} x + y + 2 = 30(x - 1) \\ 3x + y = 58 \end{cases}$$

$$\begin{cases} -x - y = -28 \\ 3x + y = 58 \end{cases}$$

2x=30
x=15

RESPOSTA: "E".

NOVA CONCURSOS

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

Fundamentação, Finalidades e Conceituação da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial de conformidade com a LDBEN (Lei Federal n.º 9.394/96) e PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais); 01
Fundamentos: Filosofia da Educação, ... 18
História da Educação, ... 19
Sociologia, ... 24
Psicologia da Educação, ... 25
Didática e Metodologia do Ensino; 27
Processo de Avaliação do desempenho escolar como instrumento de acompanhamento do seu próprio trabalho e dos avanços da aprendizagem; 28
O trabalho coletivo como fator de aperfeiçoamento da prática docente; o uso de metodologias voltadas para práticas inovadoras; 33
Processo de Escolarização: sucessos e fracassos; evasão e Repetência: causas, consequências e alternativas; 37
Escola inclusiva como espaço de acolhimento, de aprendizagem e de socialização; o conhecimento das identidades nacionais, étnicos-raciais e diferenças culturais. 37
Mediação e gestão de conflitos. 51
Questões Políticas Educacionais Brasileiras; e Gestão Educacional (Gestão Participativa e Participação Comunitária). 52

FUNDAMENTAÇÃO, FINALIDADES E CONCEITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL, DO ENSINO FUNDAMENTAL, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO ESPECIAL DE CONFORMIDADE COM A LDBEN (LEI FEDERAL N.º 9.394/96) E PCN (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS);

Desde 1996 com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), a **educação infantil** passou a integrar a Educação Básica, juntamente com o ensino fundamental e o ensino médio. Segundo a LDB em seu artigo 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

De acordo com a Lei, a **educação infantil** deve ser oferecida em creches para as crianças de 0 a 3 anos, e em pré-escolas para as crianças de 4 e 5anos. Porém ela não é obrigatória. Dessa forma, a implantação de Centros de Educação Infantil é facultativa, e de responsabilidade dos municípios.

Diferente dos demais níveis da educação, a educação infantil não tem currículo formal. Desde 1998 segue o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, um documento equivalente aos Parâmetros Curriculares Nacionais que embasa os demais segmentos da educação Básica.

Segundo os Referenciais, o papel da educação infantil é o CUIDAR da criança em espaço formal, contemplando a alimentação, a limpeza e o lazer (brincar). Também é seu papel EDUCAR, sempre respeitando o caráter lúdico das atividades, com ênfase no desenvolvimento integral da criança.

Não cabe à educação infantil alfabetizar a criança. Nessa fase ela não tem maturidade neural para isso, salvo os casos em que a alfabetização é espontânea.

Segundo os Referenciais, devem ser trabalhados os seguintes eixos com as crianças: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

O objetivo é o de desenvolver algumas capacidades, como: ampliar relações sociais na interação com outras crianças e adultos, conhecer seu próprio corpo, brincar e se expressar das mais variadas formas, utilizar diferentes linguagens para se comunicar, entre outros.

Alguns aspectos previstos nos Referenciais para adequar as escolas de educação infantil às necessidades das crianças são desconhecidos da maioria dos pais, tais como: As escolas devem ter duas cozinhas, uma para as crianças de 0 a 3 anos e outra para crianças de 4 e 5 anos, o espaço físico deve ser de 2 m^2 por criança em sala, e inclusive deve ter fraldário e lactário independentes da sala de aula.

A ênfase da educação infantil é ESTIMULAR as diferentes áreas de desenvolvimento da criança, aguçar sua curiosidade, sendo que, para isso, é imprescindível que a criança esteja feliz no espaço escolar.

Fonte: https://www.infoescola.com/educacao/educacao-infantil/

A lei estudada neste tópico, provavelmente a mais relevante deste edital, tanto que é repetida em dois outros tópicos, "estabelece as **diretrizes e bases da educação nacional**". Data de 20 de dezembro de 2016, tendo sido promulgada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, mas já passou por inúmeras alterações desde então. Partamos para o comentário em bloco de seus dispositivos:

TÍTULO I
Da Educação

*Art. 1º A educação abrange os **processos formativos** que se desenvolvem na **vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa**, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.*

§ 1º Esta Lei disciplina a ***educação escolar**, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.*

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao ***mundo do trabalho e à prática social***.

O primeiro artigo da LDB estabelece que a educação é um processo que não se dá exclusivamente nas escolas. Trata-se da clássica distinção entre educação formal e não formal ou informal: "A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende 'no mundo da vida', via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas"[1]. A LDB disciplina apenas a educação escolar, ou seja, a **educação formal**, que não exclui o papel das famílias e das comunidades na educação informal.

TÍTULO II
Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

*Art. 2º A educação, **dever da família e do Estado**, inspirada nos princípios de **liberdade e nos ideais de solidariedade humana**, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*

1 GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: **aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes ***princípios****:*

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade;

X - valorização da experiência extraescolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

XII - consideração com a diversidade étnico-racial.

XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.

A educação escolar deve permitir a formação do cidadão e do trabalhador: uma pessoa que consiga se inserir no mercado de trabalho e ter noções adequadas de cidadania e solidariedade no convívio social. Entre os princípios, trabalha-se com o direito de acesso à educação de qualidade (gratuita nos estabelecimentos públicos), a liberdade nas atividades de ensino em geral (tanto para o educador quanto para o educado), a valorização do professor, o incentivo à educação informal e o respeito às diversidades de ideias, gêneros, raça e cor.

TÍTULO III
Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - ***educação*** básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade*, organizada da seguinte forma:*

a) pré-escola;

b) ensino fundamental;

c) ensino médio;

II - ***educação infantil gratuita*** *às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;*

III - atendimento educacional ***especializado gratuito aos educandos com deficiência****, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;*

IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na ***idade própria****;*

V - acesso aos ***níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística****, segundo a capacidade de cada um;*

VI - oferta de ***ensino noturno regular****, adequado às condições do educando;*

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem ***trabalhadores*** *as condições de acesso e permanência na escola;*

VIII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de ***programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde****;*

IX - padrões mínimos de ***qualidade de ensino****, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.*

X - vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais ***próxima de sua residência*** *a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade.*

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é ***direito público subjetivo****, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público,* ***acionar o poder público*** *para exigi-lo.*

§ 1º O poder público, na esfera de sua competência federativa, deverá:

I - recensear anualmente as crianças e adolescentes em idade escolar, bem como os jovens e adultos que não concluíram a educação básica;

II - fazer-lhes a chamada pública;

III - zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

§ 2º Em todas as esferas administrativas, o Poder Público assegurará em primeiro lugar o acesso ao ensino obrigatório, nos termos deste artigo, contemplando em seguida os demais níveis e modalidades de ensino, conforme as prioridades constitucionais e legais.

§ 3º Qualquer das partes mencionadas no caput deste artigo tem legitimidade para peticionar no Poder Judiciário, na hipótese do § 2º do art. 208 da Constituição Federal, sendo gratuita e de rito sumário a ação judicial correspondente.

§ 4º Comprovada a negligência da autoridade competente para garantir o oferecimento do ensino obrigatório, poderá ela ser imputada por ***crime de responsabilidade***.

§ 5º Para garantir o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino, independentemente da escolarização anterior.

Art. 6º É ***dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula*** *das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade.*

Art. 7º O ensino é ***livre à iniciativa privada****, atendidas as seguintes condições:*

I - cumprimento das normas gerais da educação nacional e do respectivo sistema de ensino;

II - autorização de funcionamento e avaliação de qualidade pelo Poder Público;

III - capacidade de autofinanciamento, ressalvado o previsto no art. 213 da Constituição Federal.

NOVA CONCURSOS

Conforme se percebe pelo artigo 4º, divide-se em etapas a formação escolar, nos seguintes termos:

- A educação básica é obrigatória e gratuita. Envolve a pré-escola, o ensino fundamental e o ensino médio. A educação infantil deve ser garantida próxima à residência. Com efeito, existe a garantia do direito à creche gratuita. No mais, pessoas fora da idade escolar que queiram completar seus estudos têm direito ao ensino fundamental e médio.

- A educação superior envolve os níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, devendo ser acessível conforme a capacidade de cada um.

- Neste contexto, devem ser assegurados programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

O artigo 5º reitera a gratuidade e obrigatoriedade do ensino básico e assegura a possibilidade de se buscar judicialmente a garantia deste direito em caso de negativa pelo poder público. Será possível fazê-lo por meio de mandado de segurança ou ação civil pública. Além da judicialização para fazer valer o direito na esfera cível, cabe em caso de negligência o acionamento na esfera penal, buscando-se a punição por crime de responsabilidade.

Adiante, coloca-se o dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula da criança.

Por fim, o artigo 7º estabelece a possibilidade do ensino particular, desde que sejam respeitadas as normas da educação nacional, autorizado o funcionamento pelo poder público e que tenha possibilidade de se manter independentemente de auxílio estatal, embora exista previsão de tais auxílios em circunstâncias determinadas descritas no artigo 213, CF.

TÍTULO IV
Da Organização da Educação Nacional

Art. 8º ***A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração****, os respectivos sistemas de ensino.*

§ 1º Caberá à ***União*** *a coordenação da política nacional de educação, articulando os* ***diferentes níveis e sistemas e exercendo função normativa, redistributiva e supletiva*** *em relação às demais instâncias educacionais.*

§ 2º Os sistemas de ensino terão liberdade de organização nos termos desta Lei.

Art. 9º A União incumbir-se-á de:

I - elaborar o ***Plano Nacional de Educação****, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;*

II - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais do sistema federal de ensino e o dos Territórios;

III - prestar ***assistência técnica e financeira*** *aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade obrigatória, exercendo sua função redistributiva e supletiva;*

IV - estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, ***competências e diretrizes*** *para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum;*

IV-A - estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, ***diretrizes e procedimentos*** *para identificação, cadastramento e atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação;*

V - coletar, analisar e disseminar ***informações*** *sobre a educação;*

VI - *assegurar* ***processo nacional de avaliação*** *do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino;*

VII - baixar ***normas gerais*** *sobre cursos de graduação e pós-graduação;*

VIII - assegurar ***processo nacional de avaliação*** *das instituições de educação superior, com a cooperação dos sistemas que tiverem responsabilidade sobre este nível de ensino;*

IX - ***autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar****, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior e os estabelecimentos do seu sistema de ensino.*

§ 1º Na estrutura educacional, haverá um Conselho Nacional de Educação, com funções normativas e de supervisão e atividade permanente, criado por lei.

§ 2° Para o cumprimento do disposto nos incisos V a IX, a União terá acesso a todos os dados e informações necessários de todos os estabelecimentos e órgãos educacionais.

§ 3º As atribuições constantes do inciso IX poderão ser delegadas aos Estados e ao Distrito Federal, desde que mantenham instituições de educação superior.

Art. 10. Os ***Estados*** *incumbir-se-ão de:*

I - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições *oficiais dos seus sistemas de ensino;*

II - definir, com os Municípios, ***formas de colaboração*** *na oferta do ensino fundamental, as quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros disponíveis em cada uma dessas esferas do Poder Público;*

III - elaborar e executar ***políticas e planos educacionais****, em consonância com as diretrizes e planos nacionais de educação, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus Municípios;*

IV - autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os ***cursos das instituições*** *de educação superior e os estabelecimentos do seu sistema de ensino;*

V - baixar ***normas complementares*** *para o seu sistema de ensino;*

VI - assegurar o ***ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio a todos que o demandarem****, respeitado o disposto no art. 38 desta Lei;*

VII - assumir o ***transporte escolar*** *dos alunos da rede estadual.*

Parágrafo único. Ao Distrito Federal aplicar-se-ão as competências referentes aos Estados e aos Municípios.

*Art. 11. Os **Municípios** incumbir-se-ão de:*

*I - organizar, manter e desenvolver **os órgãos e instituições oficiais** dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados;*

*II - exercer **ação redistributiva** em relação às suas escolas;*

*III - baixar **normas complementares** para o seu sistema de ensino;*

*IV - **autorizar, credenciar e supervisionar** os estabelecimentos do seu sistema de ensino;*

*V - **oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental**, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino.*

*VI - assumir o **transporte escolar** dos alunos da rede municipal.*

*Parágrafo único. Os Municípios poderão optar, ainda, por se integrar ao sistema estadual de ensino ou compor com ele um **sistema único** de educação básica.*

*Art. 12. Os **estabelecimentos de ensino**, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a **incumbência** de:*

*I - elaborar e executar sua **proposta pedagógica**;*

*II - administrar seu pessoal e seus **recursos** materiais e financeiros;*

*III - assegurar o cumprimento dos **dias letivos e horas-aula** estabelecidas;*

*IV - velar pelo cumprimento do **plano de trabalho** de cada docente;*

*V - prover **meios para a recuperação** dos alunos de menor rendimento;*

*VI - **articular-se com as famílias e a comunidade**, criando processos de integração da sociedade com a escola;*

*VII - **informar pai e mãe**, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, **sobre a frequência e rendimento** dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola;*

*VIII - **notificar** ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos **alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual** permitido em lei.*

*IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (**bullying**), no âmbito das escolas;*

X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.

*Art. 13. Os **docentes** incumbir-se-ão de:*

*I - **participar** da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;*

*II - **elaborar e cumprir plano de trabalho**, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;*

*III - **zelar** pela **aprendizagem** dos alunos;*

*IV - estabelecer **estratégias de recuperação** para os alunos de menor rendimento;*

*V - **ministrar** os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;*

*VI - **colaborar** com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.*

*Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da **gestão democrática do ensino público na educação básica**, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:*

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

*Art. 15. Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos **graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira**, observadas as normas gerais de direito financeiro público.*

*Art. 16. O **sistema federal** de ensino compreende:*

I - as instituições de ensino mantidas pela União;

II - as instituições de educação superior criadas e mantidas pela iniciativa privada;

III - os órgãos federais de educação.

*Art. 17. Os **sistemas de ensino dos Estados e do Distrito Federal** compreendem:*

I - as instituições de ensino mantidas, respectivamente, pelo Poder Público estadual e pelo Distrito Federal;

II - as instituições de educação superior mantidas pelo Poder Público municipal;

III - as instituições de ensino fundamental e médio criadas e mantidas pela iniciativa privada;

IV - os órgãos de educação estaduais e do Distrito Federal, respectivamente.

Parágrafo único. No Distrito Federal, as instituições de educação infantil, criadas e mantidas pela iniciativa privada, integram seu sistema de ensino.

*Art. 18. Os **sistemas municipais de ensino** compreendem:*

I - as instituições do ensino fundamental, médio e de educação infantil mantidas pelo Poder Público municipal;

II - as instituições de educação infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada;

III - os órgãos municipais de educação.

*Art. 19. As **instituições de ensino dos diferentes níveis** classificam-se nas seguintes categorias administrativas:*

I - públicas, assim entendidas as criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo Poder Público;

II - privadas, assim entendidas as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado.

*Art. 20. As **instituições privadas de ensino** se enquadrarão nas seguintes categorias:*

NOVA CONCURSOS

*I - **particulares** em sentido estrito, assim entendidas as que são instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado que não apresentem as características dos incisos abaixo;*

*II - **comunitárias**, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas educacionais, sem fins lucrativos, que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade;*

*III - **confessionais**, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior;*

*IV - **filantrópicas**, na forma da lei.*

A LDB estabelece um regime de colaboração entre as entidades de ensino nas esferas federativas diversas, no entanto, coloca competência à União de encabeçar e coordenar os sistemas de ensino. Tal papel de liderança, descrito no artigo 9º, envolve poderes de regulação e de controle, autorizando funcionamento ou suspendendo-o, realizando avaliação constante de desempenho, entre outros deveres.

Uma nota interessante é reparar que o artigo 10 estabelece o dever dos Estados de garantir a educação no ensino fundamental e priorizar a educação no ensino médio, ao passo que o artigo 11 coloca o dever dos municípios de garantir a educação infantil e priorizar a educação fundamental. É possível, ainda, integrar educação municipal e estadual em um sistema único.

Quanto às questões pedagógicas e de gestão dos estabelecimentos de ensino, incumbe a eles próprios, em integração com seus docentes. Este processo de interação entre instituição e docente, bem como destes com a comunidade local, é conhecido como **gestão democrática**.

TÍTULO V
Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino

CAPÍTULO I
Da Composição dos Níveis Escolares

Art. 21. A educação escolar compõe-se de:

*I - **educação** básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;*

*II - **educação superior**.*

CAPÍTULO II
DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Seção I
Das Disposições Gerais

*Art. 22. A educação básica tem por finalidades **desenvolver o educando**, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da **cidadania** e fornecer-lhe meios para progredir no **trabalho** e em estudos posteriores.*

*Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em **séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados**, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.*

§ 1º A escola ***poderá reclassificar os alunos**, inclusive quando se tratar de transferências entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais.*

§ 2º O calendário escolar deverá ***adequar-se às peculiaridades locais**, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei.*

*Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes **regras comuns**:*

*I - a **carga horária mínima anual será de oitocentas horas** para o ensino fundamental e para o ensino médio, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver; ;*

*II - a **classificação** em qualquer série ou etapa, exceto a primeira do ensino fundamental, pode ser feita:*

*a) por **promoção**, para alunos que cursaram, com aproveitamento, a série ou fase anterior, na própria escola;*

*b) por **transferência**, para candidatos procedentes de outras escolas;*

*c) independentemente de escolarização anterior, mediante **avaliação** feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino;*

*III - nos estabelecimentos que adotam a progressão regular por série, o regimento escolar pode admitir formas de **progressão parcial**, desde que preservada a sequência do currículo, observadas as normas do respectivo sistema de ensino;*

IV - poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares;

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

*a) **avaliação contínua e cumulativa** do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;*

*b) possibilidade de **aceleração** de estudos para alunos com atraso escolar;*

*c) possibilidade de **avanço** nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;*

*d) **aproveitamento** de estudos concluídos com êxito;*

*e) obrigatoriedade de estudos de **recuperação**, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;*

*VI - o controle de **frequência** fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida a frequência mínima de **setenta e cinco por cento** do total de horas letivas para aprovação;*

*VII - cabe a cada instituição de ensino expedir **históricos escolares, declarações de conclusão de série e diplomas ou certificados de conclusão de cursos**, com as especificações cabíveis.*

§ 1º A carga horária mínima anual de que trata o inciso I do caput deverá ser ampliada de forma progressiva, no ensino médio, para mil e quatrocentas horas, devendo os sistemas de ensino oferecer, no prazo máximo de cinco anos, pelo menos mil horas anuais de carga horária, a partir de 2 de março de 2017.

§ 2º Os sistemas de ensino disporão sobre a oferta de educação de jovens e adultos e de ensino noturno regular, adequado às condições do educando, conforme o inciso VI do art. 4º.

*Art. 25. Será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançar **relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais** do estabelecimento.*

Parágrafo único. Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo.

*Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter **base nacional comum**, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.*

§ 1º Os currículos a que se refere o *caput* devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da ***língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política**, especialmente da República Federativa do Brasil, observado, na educação infantil, o disposto no art. 31, no ensino fundamental, o disposto no art. 32, e no ensino médio, o disposto no art. 36.*

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

§ 3º A ***educação física**, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental, sendo sua prática facultativa ao aluno:*

I - que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II - maior de trinta anos de idade;

III - que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;

IV - amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V - (VETADO);

VI - que tenha prole.

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das ***matrizes indígena, africana e europeia**.*

§ 5o *No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a **língua inglesa**.*

§ 6º *As **artes visuais, a dança, a música e o teatro*** são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

§ 7º A *integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais de que trata o caput.*

§ 8º A exibição de ***filmes de produção nacional** constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.*

§ 9º ***Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente serão incluídos**, como temas transversais, nos currículos escolares de que trata o caput* deste artigo, tendo como diretriz a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), observada a produção e distribuição de material didático adequado.

§ 10. A inclusão de novos componentes curriculares de caráter obrigatório na Base Nacional Comum Curricular dependerá de aprovação do Conselho Nacional de Educação e de homologação pelo Ministro de Estado da Educação.

*Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se **obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena**.*

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º *Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.*

Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

*I - a difusão de valores fundamentais ao **interesse social**, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;*

*II - consideração das **condições de escolaridade** dos alunos em cada estabelecimento;*

*III - orientação para o **trabalho**;*

*IV - promoção do **desporto** educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.*

*Art. 28. Na oferta de educação básica para a **população rural**, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:*

NOVA CONCURSOS

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Parágrafo único. O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar.

A educação básica tem por papel a formação da base do educado.

Os critérios para mudança de série podem ser promoção (aprovação em etapa anterior), transferência (candidatos de outras escolas) e avaliação (análise da experiência e desenvolvimento do candidato). O ensino poderá ser acelerado caso necessário. Nas situações de alunos que não acompanhem seu ritmo, deverá ser garantida recuperação.

Exige-se, além do desempenho, a frequência de 75%, no mínimo, para aprovação.

O currículo da educação básica segue uma base nacional comum. Devem abranger língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política. A educação física deve ser oferecida obrigatoriamente, mas é facultativa ao aluno em certas situações, como de trabalho, serviço militar, idade superior a 30 anos. Em respeito ao pluralismo, deve considerar as matrizes indígena, africana e europeia como temas transversais. Ainda em tal condição, cabe o aprendizado de Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente. É obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Ainda, a educação deve considerar as peculiaridades da zona rural quando nela for ministrada.

Seção II
Da Educação Infantil

*Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o **desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos**, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.*

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

*I - **creches**, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;*

*II - **pré-escolas**, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.*

Art. 31. A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I - avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental;

II - carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional;

III - atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral;

IV - controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas;

V - expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

A educação infantil é ministrada em creches até os 3 anos de idade e em pré-escolas dos 3 aos 5 anos de idade.

Seção III
Do Ensino Fundamental

*Art. 32. O ensino **fundamental** obrigatório, **com duração de 9 (nove) anos**, gratuito na escola pública, iniciando-se aos **6 (seis) anos de idade**, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:*

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

§ 1º É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos.

§ 2º Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

§ 3º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

§ 4º O ensino fundamental será ***presencial***, *sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.*

§ 5º O currículo do ensino fundamental incluirá, obrigatoriamente, conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como diretriz a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente, observada a produção e distribuição de material didático adequado.

§ 6º O estudo sobre os símbolos nacionais será incluído como tema transversal nos currículos do ensino fundamental.

*Art. 33. O **ensino religioso**, de matrícula **facultativa**, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.*

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos ***quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula****, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.*

§ 1º São ressalvados os casos do ensino noturno e das formas alternativas de organização autorizadas nesta Lei.

§ 2º O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

O ensino fundamental inicia-se aos 6 anos de idade e tem duração de 9 anos. Além de objetivar a alfabetização, também incentiva a formação do cidadão, da pessoa em contato com o mundo que o cerca estabelecendo vínculos de solidariedade e amizade. O ensino fundamental deve ser presencial, em regra. O ensino religioso é facultativo. A carga horária diária é de no mínimo 4 horas.

Seção IV
Do Ensino Médio

Art. 35. O ***ensino médio****, etapa final da educação básica, com duração mínima de* ***três anos****, terá como finalidades:*

I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Art. 35-A. A ***Base Nacional Comum Curricular*** *definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:*

I - ***linguagens e suas tecnologias****;*

II - ***matemática e suas tecnologias****;*

III - ***ciências da natureza e suas tecnologias****;*

IV - ***ciências humanas e sociais aplicadas****.*

§ 1º A parte diversificada *dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar* ***harmonizada*** *à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural.*

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio ***incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia***.

§ 3º O ensino da ***língua portuguesa e da matemática*** *será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas.*

§ 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras*, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino.*

§ 5º A carga horária destinada ao cumprimento da Base Nacional Comum Curricular ***não poderá ser superior a mil e oitocentas horas do total da carga horária do ensino médio****, de acordo com a definição dos sistemas de ensino.*

§ 6º A União estabelecerá os ***padrões de desempenho*** *esperados para o ensino médio, que serão referência nos processos nacionais de avaliação, a partir da Base Nacional Comum Curricular.*

§ 7º Os currículos do ensino médio deverão considerar a ***formação integral do aluno****, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais.*

§ 8º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação processual e formativa serão organizados nas redes de ensino por meio de atividades teóricas e práticas, provas orais e escritas, seminários, projetos e atividades on-line, de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem.

Art. 36. O currículo do ensino médio será ***composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos****, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:*

I - linguagens e suas tecnologias;

II - matemática e suas tecnologias;

III - ciências da natureza e suas tecnologias;

IV - ciências humanas e sociais aplicadas;

V - formação técnica e profissional.

§ 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino.

§ 2º (Revogado)

§ 3º A critério dos sistemas de ensino, poderá ser composto itinerário formativo integrado, que se traduz na composição de componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular - BNCC e dos itinerários formativos, considerando os incisos I a V do caput.

§ 4º (Revogado)

§ 5º Os sistemas de ensino, mediante disponibilidade de vagas na rede, possibilitarão ao aluno concluinte do ensino médio cursar mais um itinerário formativo de que trata o caput.

§ 6º A critério dos sistemas de ensino, a oferta de formação com ênfase técnica e profissional considerará:

NOVA CONCURSOS

I - a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional;

II - a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade.

§ 7º A oferta de formações experimentais relacionadas ao inciso V do caput, em áreas que não constem do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, dependerá, para sua continuidade, do reconhecimento pelo respectivo Conselho Estadual de Educação, no prazo de três anos, e da inserção no Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, no prazo de cinco anos, contados da data de oferta inicial da formação.

§ 8º A oferta de formação técnica e profissional a que se refere o inciso V do caput, realizada na própria instituição ou em parceria com outras instituições, deverá ser aprovada previamente pelo Conselho Estadual de Educação, homologada pelo Secretário Estadual de Educação e certificada pelos sistemas de ensino.

§ 9º As instituições de ensino emitirão certificado com validade nacional, que habilitará o concluinte do ensino médio ao prosseguimento dos estudos em nível superior ou em outros cursos ou formações para os quais a conclusão do ensino médio seja etapa obrigatória.

§ 10. Além das formas de organização previstas no art. 23, o ensino médio poderá ser organizado em módulos e adotar o sistema de créditos com terminalidade específica.

§ 11. Para efeito de cumprimento das exigências curriculares do ensino médio, os sistemas de ensino poderão reconhecer competências e firmar convênios com instituições de educação a distância com notório reconhecimento, mediante as seguintes formas de comprovação:

I - demonstração prática;

II - experiência de trabalho supervisionado ou outra experiência adquirida fora do ambiente escolar;

III - atividades de educação técnica oferecidas em outras instituições de ensino credenciadas;

IV - cursos oferecidos por centros ou programas ocupacionais;

V - estudos realizados em instituições de ensino nacionais ou estrangeiras;

VI - cursos realizados por meio de educação a distância ou educação presencial mediada por tecnologias.

§ 12. As escolas deverão orientar os alunos no processo de escolha das áreas de conhecimento ou de atuação profissional previstas no caput.

A etapa final do ensino médio tem a duração de três anos e busca fornecer a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos transmitidos no ensino fundamental, com a devida atenção a conhecimentos que permitam o ingresso do aluno no ensino universitário e na carreira de trabalho. Neste ponto, a LDB sofreu alterações recentes pela Medida Provisória nº 746/2016, convertida na Lei nº 13.415, de 2017, que foi alvo de inúmeras críticas, notadamente por estabelecer como facultativos conhecimentos que antes eram tidos como obrigatórios. Para entender melhor esta questão, percebe-se que na verdade a proposta é a especificação de matrizes ainda durante o ensino médio: o aluno poderá escolher em quais áreas de conhecimento pretende se concentrar. Por exemplo, um aluno que não queira se especializar em ciências humanas, não teria a obrigação de cursar matérias como história e geografia. Um aluno que não tenha interesse em ir para a universidade e já queira ingressar no mercado de trabalho, terá aulas concentradas em formação técnica e profissional, aprendendo marcenaria, mecânica, administração, entre outras questões. As áreas que podem ser optadas são as seguintes: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas; formação técnica e profissional. As únicas matérias estabelecidas como obrigatórias são: português, matemática, artes, educação física, filosofia e sociologia – estas quatro últimas inicialmente seriam facultativas, mas devido a pressões sociais foram colocadas como obrigatórias. Ainda é cedo para dizer se realmente este será o rumo conferido pela reforma, eis que a Base Nacional Comum Curricular que detalhará estas questões ainda está em discussão.

Seção IV-A
Da Educação Profissional Técnica de Nível Médio

Art. 36-A. Sem prejuízo do disposto na Seção IV deste Capítulo, o ensino médio, atendida a formação geral do educando, ***poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas****.*

Parágrafo único. A preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional poderão ser desenvolvidas nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional.

Art. 36-B. A educação profissional técnica de nível médio será desenvolvida nas seguintes formas:

I - ***articulada*** *com o ensino médio;*

II - ***subsequente****, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.*

Parágrafo único. A educação profissional técnica de nível médio deverá observar:

I - os objetivos e definições contidos nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação;

II - as normas complementares dos respectivos sistemas de ensino;

III - as exigências de cada instituição de ensino, nos termos de seu projeto pedagógico.

Art. 36-C. A educação profissional técnica de nível médio ***articulada****, prevista no inciso I do caput do art. 36-B desta Lei, será desenvolvida de forma:*

I - ***integrada****, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno;*

*II - **concomitante**, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer:*

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

*Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão **validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior**.*

Parágrafo único. Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho.

A educação profissional e técnica pode se dar durante o Ensino Médio, notadamente se o estudante fizer a opção por esta categoria de ensino (o ensino médio pode ser voltado à formação técnico-profissional, preparando o jovem para o ingresso no mercado de trabalho independentemente de ensino universitário), quanto após o Ensino Médio, em instituições próprias de ensino técnico-profissionalizante (neste sentido, há cursos técnicos-profissionais com menor duração que os cursos de ensino superior e que são equiparados a este).

Seção V
Da Educação de Jovens e Adultos

*Art. 37. **A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.***

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

*Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames **supletivos**, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.*

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

A educação de jovens e adultos objetiva permitir a conclusão do ensino fundamental e médio para aqueles que já ultrapassaram a idade regular em que isso deveria ter acontecido.

CAPÍTULO III
Da Educação Profissional e Tecnológica

*Art. 39. A **educação profissional e tecnológica**, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.*

§ 1º Os *cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino.*

§ 2º A *educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos:*

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;

II – de educação profissional técnica de nível médio;

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

§ 3º Os cursos de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação organizar-se-ão, no que concerne a objetivos, características e duração, de acordo com as diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação.

*Art. 40. A **educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada**, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho.*

Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional e tecnológica, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos.

*Art. 42. As instituições de educação profissional e tecnológica, além dos seus cursos regulares, oferecerão **cursos especiais**, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e **não necessariamente ao nível de escolaridade**.*

A educação profissional e tecnológica pode se dar não apenas no ensino médio, mas também em instituições próprias, que podem conferir inclusive diploma de formação em nível superior. Exemplos: FATEC, SENAI, entre outros. O acesso a este tipo de ensino não necessariamente exige conclusão dos níveis prévios de educação, eis que seu principal objetivo não é o ensino de conteúdos típicos, mas sim a capacitação profissional.

NOVA CONCURSOS

CAPÍTULO IV
DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

*Art. 43. A **educação superior** tem por finalidade:*

*I - **estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo**;*

*II - **formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento**, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;*

*III - **incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica**, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;*

*IV - promover a **divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos** que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;*

*V - suscitar o **desejo permanente de aperfeiçoamento** cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;*

*VI - **estimular o conhecimento dos problemas do mundo** presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;*

*VII - **promover a extensão**, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.*

*VIII - atuar em favor da **universalização** e do **aprimoramento** da **educação básica**, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares.*

*Art. 44. A educação superior abrangerá os seguintes **cursos e programas**:*

*I - cursos **sequenciais** por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino, desde que tenham concluído o ensino médio ou equivalente;*

*II - de **graduação**, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em **processo seletivo**;*

*III - de **pós-graduação**, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino;*

*IV - de **extensão**, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.*

§ 1º. Os resultados do processo seletivo referido no inciso II do caput deste artigo serão tornados públicos pelas instituições de ensino superior, sendo obrigatória a divulgação da relação nominal dos classificados, a respectiva ordem de classificação, bem como do cronograma das chamadas para matrícula, de acordo com os critérios para preenchimento das vagas constantes do respectivo edital.

§ 2º No caso de empate no processo seletivo, as instituições públicas de ensino superior darão prioridade de matrícula ao candidato que comprove ter renda familiar inferior a dez salários mínimos, ou ao de menor renda familiar, quando mais de um candidato preencher o critério inicial.

§ 3º O processo seletivo referido no inciso II considerará as competências e as habilidades definidas na Base Nacional Comum Curricular.

*Art. 45. **A educação superior será ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privadas, com variados graus de abrangência ou especialização**.*

*Art. 46. A **autorização e o reconhecimento de cursos, bem como o credenciamento de instituições de educação superior, terão prazos limitados, sendo renovados, periodicamente, após processo regular de avaliação**.*

§ 1º Após um prazo para saneamento de deficiências eventualmente identificadas pela avaliação a que se refere este artigo, haverá reavaliação, que poderá resultar, conforme o caso, em desativação de cursos e habilitações, em intervenção na instituição, em suspensão temporária de prerrogativas da autonomia, ou em descredenciamento.

§ 2º No caso de instituição pública, o Poder Executivo responsável por sua manutenção acompanhará o processo de saneamento e fornecerá recursos adicionais, se necessários, para a superação das deficiências.

*Art. 47. Na educação superior, o **ano letivo** regular, independente do ano civil, tem, no mínimo, **duzentos dias de trabalho acadêmico efetivo**, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver.*

§ 1º As *instituições informarão aos interessados, antes de cada período letivo, os programas dos cursos e demais componentes curriculares, sua duração, requisitos, qualificação dos professores, recursos disponíveis e critérios de avaliação, obrigando-se a cumprir as respectivas condições, e a publicação deve ser feita, sendo as 3 (três) primeiras formas concomitantemente:*

I - em página específica na internet no sítio eletrônico oficial da instituição de ensino superior, obedecido o seguinte:

a) toda publicação a que se refere esta Lei deve ter como título "Grade e Corpo Docente";

b) a página principal da instituição de ensino superior, bem como a página da oferta de seus cursos aos ingressantes sob a forma de vestibulares, processo seletivo e outras com a mesma finalidade, deve conter a ligação desta com a página específica prevista neste inciso;

c) caso a instituição de ensino superior não possua sítio eletrônico, deve criar página específica para divulgação das informações de que trata esta Lei;

d) a página específica deve conter a data completa de sua última atualização;

II - em toda propaganda eletrônica da instituição de ensino superior, por meio de ligação para a página referida no inciso I;

III - em local visível da instituição de ensino superior e de fácil acesso ao público;

IV - deve ser atualizada semestralmente ou anualmente, de acordo com a duração das disciplinas de cada curso oferecido, observando o seguinte:

a) caso o curso mantenha disciplinas com duração diferenciada, a publicação deve ser semestral;

b) a publicação deve ser feita até 1 (um) mês antes do início das aulas;

c) caso haja mudança na grade do curso ou no corpo docente até o início das aulas, os alunos devem ser comunicados sobre as alterações;

V - deve conter as seguintes informações:

a) a lista de todos os cursos oferecidos pela instituição de ensino superior;

b) a lista das disciplinas que compõem a grade curricular de cada curso e as respectivas cargas horárias;

c) a identificação dos docentes que ministrarão as aulas em cada curso, as disciplinas que efetivamente ministrará naquele curso ou cursos, sua titulação, abrangendo a qualificação profissional do docente e o tempo de casa do docente, de forma total, contínua ou intermitente.

§ 2º Os alunos que tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos, aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração dos seus cursos, de acordo com as normas dos sistemas de ensino.

§ 3º É obrigatória a frequência de alunos e professores, salvo nos programas de educação a distância.

§ 4º As instituições de educação superior oferecerão, no período noturno, cursos de graduação nos mesmos padrões de qualidade mantidos no período diurno, sendo obrigatória a oferta noturna nas instituições públicas, garantida a necessária previsão orçamentária.

*Art. 48. Os **diplomas de cursos superiores reconhecidos, quando registrados, terão validade nacional como prova da formação** recebida por seu titular.*

§ 1º Os diplomas expedidos pelas universidades serão por elas próprias registrados, e aqueles conferidos por instituições não-universitárias serão registrados em universidades indicadas pelo Conselho Nacional de Educação.

§ 2º Os diplomas de graduação expedidos por universidades estrangeiras serão revalidados por universidades públicas que tenham curso do mesmo nível e área ou equivalente, respeitando-se os acordos internacionais de reciprocidade ou equiparação.

§ 3º Os diplomas de Mestrado e de Doutorado expedidos por universidades estrangeiras só poderão ser reconhecidos por universidades que possuam cursos de pós-graduação reconhecidos e avaliados, na mesma área de conhecimento e em nível equivalente ou superior.

*Art. 49. As instituições de educação superior aceitarão a **transferência de alunos regulares**, para cursos afins, na hipótese de existência de vagas, e mediante processo seletivo.*

*Parágrafo único. As transferências **ex officio** dar-se-ão na forma da lei.*

*Art. 50. As instituições de educação superior, quando da ocorrência de vagas, abrirão matrícula nas disciplinas de seus cursos a **alunos não regulares** que demonstrarem capacidade de cursá-las com proveito, mediante processo seletivo prévio.*

Art. 51. As instituições de educação superior credenciadas como universidades, ao deliberar sobre critérios e normas de seleção e admissão de estudantes, levarão em conta os efeitos desses critérios sobre a orientação do ensino médio, articulando-se com os órgãos normativos dos sistemas de ensino.

*Art. 52. As universidades são **instituições pluridisciplinares** de formação dos quadros profissionais de **nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano**, que se caracterizam por:*

*I - **produção intelectual institucionalizada** mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;*

*II - um **terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado**;*

*III - um **terço do corpo docente em regime de tempo integral**.*

Parágrafo único. É facultada a criação de universidades especializadas por campo do saber.

*Art. 53. No exercício de sua **autonomia**, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:*

I - criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino;

II - fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes;

III - estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão;

IV - fixar o número de vagas de acordo com a capacidade institucional e as exigências do seu meio;

V - elaborar e reformar os seus estatutos e regimentos em consonância com as normas gerais atinentes;

VI - conferir graus, diplomas e outros títulos;

VII - firmar contratos, acordos e convênios;

VIII - aprovar e executar planos, programas e projetos de investimentos referentes a obras, serviços e aquisições em geral, bem como administrar rendimentos conforme dispositivos institucionais;

IX - administrar os rendimentos e deles dispor na forma prevista no ato de constituição, nas leis e nos respectivos estatutos;

X - receber subvenções, doações, heranças, legados e cooperação financeira resultante de convênios com entidades públicas e privadas.

Parágrafo único. Para garantir a autonomia didático-científica das universidades, caberá aos seus colegiados de ensino e pesquisa decidir, dentro dos recursos orçamentários disponíveis, sobre:

NOVA CONCURSOS

I - criação, expansão, modificação e extinção de cursos;
II - ampliação e diminuição de vagas;
III - elaboração da programação dos cursos;
IV - programação das pesquisas e das atividades de extensão;
V - contratação e dispensa de professores;
VI - planos de carreira docente.

Art. 54. As universidades mantidas pelo Poder Público gozarão, na forma da lei, de ***estatuto jurídico especial*** *para atender às peculiaridades de sua estrutura, organização e financiamento pelo Poder Público, assim como dos seus planos de carreira e do regime jurídico do seu pessoal.*

§ 1º No exercício da sua autonomia, além das atribuições asseguradas pelo artigo anterior, as universidades públicas poderão:

I - propor o seu quadro de pessoal docente, técnico e administrativo, assim como um plano de cargos e salários, atendidas as normas gerais pertinentes e os recursos disponíveis;
II - elaborar o regulamento de seu pessoal em conformidade com as normas gerais concernentes;
III - aprovar e executar planos, programas e projetos de investimentos referentes a obras, serviços e aquisições em geral, de acordo com os recursos alocados pelo respectivo Poder mantenedor;
IV - elaborar seus orçamentos anuais e plurianuais;
V - adotar regime financeiro e contábil que atenda às suas peculiaridades de organização e funcionamento;
VI - realizar operações de crédito ou de financiamento, com aprovação do Poder competente, para aquisição de bens imóveis, instalações e equipamentos;
VII - efetuar transferências, quitações e tomar outras providências de ordem orçamentária, financeira e patrimonial necessárias ao seu bom desempenho.

§ 2º Atribuições de autonomia universitária poderão ser estendidas a instituições que comprovem alta qualificação para o ensino ou para a pesquisa, com base em avaliação realizada pelo Poder Público.

Art. 55. Caberá à União assegurar, anualmente, em seu Orçamento Geral, ***recursos*** *suficientes para manutenção e desenvolvimento das instituições de educação superior por ela mantidas.*

Art. 56. As instituições públicas de educação superior obedecerão ao ***princípio da gestão democrática, assegurada a existência de órgãos colegiados deliberativos****, de que participarão os segmentos da comunidade institucional, local e regional.*

Parágrafo único. Em qualquer caso, os docentes ocuparão setenta por cento dos assentos em cada órgão colegiado e comissão, inclusive nos que tratarem da elaboração e modificações estatutárias e regimentais, bem como da escolha de dirigentes.

Art. 57. Nas instituições públicas de educação superior, o professor ficará obrigado ao mínimo de ***oito horas semanais de aulas****.*

A educação superior se funda no tripé: ensino, pesquisa e extensão. No viés do ensino, objetiva-se propiciar o acesso ao conhecimento técnico e científico, tanto dentro do ambiente acadêmico quanto fora dele; no aspecto pesquisa, busca-se desenvolver os conhecimentos já existentes; no aspecto extensão, pretende-se atingir a comunidade por meio de atividades que possam ir além dos ambientes acadêmicos, inserindo-se no cotidiano da vida social.

Classicamente, a educação superior se dá nos níveis de graduação, cujo acesso se dá por meio dos vestibulares, e pós-graduação, cujo acesso também se dá por processos seletivos próprios, funcionando como complementação ao ensino superior. Entretanto, o ensino superior também pode se dar em cursos sequenciais e em cursos de extensão, de menor duração e complexidade.

O ensino superior pode ser ministrado em instituições públicas ou privadas. Independentemente da natureza da instituição, é necessário respeitar as regras mínimas sobre duração do ano letivo, programas de curso, componentes curriculares, etc.

O diploma faz prova da formação.

É possível a transferência entre instituições. A transferência a pedido está condicionada a número de vagas e a processo seletivo. As transferências de ofício se sujeitam a critérios próprios. Um exemplo de transferência de ofício se dá no caso de remoção de servidor público de ofício no interesse da Administração (caso o servidor ou seu dependente estude em instituição pública na cidade onde estava lotado, tem o direito de ser transferido para a instituição pública da nova lotação).

É possível que uma pessoa assista aulas nas instituições públicas independentemente de vínculo com o curso, desde que haja vagas disponíveis.

Para propiciar o desenvolvimento institucional, exige-se que pelo menos 1/3 do corpo docente da instituição possua mestrado ou doutorado, bem como que 1/3 do corpo docente se dedique exclusivamente à docência.

Em que pesem as regras mínimas acerca do ensino superior, as instituições de ensino superior são dotadas de autonomia para se organizarem.

As universidades públicas gozam de estatuto jurídico especial.

As instituições públicas devem obedecer ao princípio da gestão democrática, assegurado pela existência de órgãos colegiados deliberativos que mesclem membros da comunidade, do corpo docente e do corpo discente.

CAPÍTULO V
DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para ***educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação****.*

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de ***apoio especializado****, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.*

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A *oferta de educação especial, nos termos do* ***caput*** deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

*I - **currículos, métodos, técnicas, recursos** educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;*

*II - **terminalidade específica** para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;*

*III - **professores com especialização** adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;*

*IV - **educação especial para o trabalho**, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;*

*V - **acesso igualitário** aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.*

*Art. 59-A. O poder público deverá instituir cadastro nacional de **alunos com altas habilidades ou superdotação** matriculados na educação básica e na educação superior, a fim de fomentar a execução de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desse alunado.*

Parágrafo único. A identificação precoce de alunos com altas habilidades ou superdotação, os critérios e procedimentos para inclusão no cadastro referido no caput deste artigo, as entidades responsáveis pelo cadastramento, os mecanismos de acesso aos dados do cadastro e as políticas de desenvolvimento das potencialidades do alunado de que trata o caput serão definidos em regulamento.

*Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão **critérios de caracterização** das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.*

Parágrafo único. O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

A educação especial volta-se a educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Para que ela seja efetivada, exige-se a especialização das instituições de ensino e de seus profissionais.

TÍTULO VI
Dos Profissionais da Educação

*Art. 61. Consideram-se **profissionais da educação escolar básica** os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:*

*I – professores **habilitados em nível médio ou superior para a docência** na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;*

*II – **trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia**, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;*

*III - trabalhadores em educação, **portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim**; e*

*IV - profissionais com **notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação** para atender o disposto no inciso V do caput do art. 36.*

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

*I – a **presença de sólida formação básica**, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;*

*II – a **associação entre teorias e práticas**, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;*

*III – o **aproveitamento da formação e experiências anteriores**, em instituições de ensino e em outras atividades.*

*IV - profissionais com **notório saber reconhecido** pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36;*

*V - profissionais **graduados que tenham feito complementação pedagógica**, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação.*

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

§ 1º A *União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.*

NOVA CONCURSOS

§ 2º A *formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância.*

§ 3º A *formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância.*

§ 4º A *União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública.*

§ 5º A *União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios incentivarão a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica pública mediante programa institucional de bolsa de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, de graduação plena, nas instituições de educação superior.*

§ 6º O *Ministério da Educação poderá estabelecer nota mínima em exame nacional aplicado aos concluintes do ensino médio como pré-requisito para o ingresso em cursos de graduação para formação de docentes, ouvido o Conselho Nacional de Educação - CNE.*

§ 7º (*VETADO).*

§ 8º Os currículos dos cursos de formação de docentes terão por referência a Base Nacional Comum Curricular.

Art. 62-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de ***cursos de conteúdo técnico-pedagógico****, em nível médio ou superior, incluindo habilitações* ***tecnológicas****.*

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação.

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão:

I - ***cursos formadores de profissionais*** *para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;*

II - ***programas de formação*** *pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;*

III - ***programas de educação continuada*** *para os profissionais de educação dos diversos níveis.*

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Art. 66. A ***preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação****, prioritariamente em programas de* ***mestrado e doutorado****.*

Parágrafo único. O notório saber, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico.

Art. 67. Os sistemas de ensino ***promoverão a valorização dos profissionais da educação****, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos* ***estatutos e dos planos*** *de carreira do magistério público:*

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho.

§ 1º A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino.

§ 2º Para os efeitos do disposto no § 5º do art. 40 e no § 8º do art. 201 da Constituição Federal, são consideradas funções de magistério as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico.

§ 3º A *União prestará assistência técnica aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios na elaboração de concursos públicos para provimento de cargos dos profissionais da educação.*

Os profissionais da educação devem possuir formação específica, notadamente possuir habilitação para a docência, que pode se dar pelas licenciaturas e magistérios em geral, bem como pela pedagogia, ou ainda por formação e área afim que habilite para o ensino de matérias específicas (ex.: profissional do Direito pode lecionar português, filosofia e sociologia). Além disso, devem possuir experiência em atividades de ensino. Quanto ao ensino superior, exige-se pós-graduação, que pode ser uma simples especialização, embora deva preferencialmente se possuir mestrado ou doutorado. No âmbito do ensino público, exige-se valorização do profissional, criando-se plano de carreira e aperfeiçoando-se as condições de trabalho.

TÍTULO VII
Dos Recursos financeiros

Art. 68. Serão ***recursos públicos destinados à educação*** *os originários de:*

I - receita de impostos próprios da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;

II - receita de transferências constitucionais e outras transferências;

III - receita do salário-educação e de outras contribuições sociais;

IV - receita de incentivos fiscais;

V - outros recursos previstos em lei.

*Art. 69. A **União aplicará**, anualmente, nunca menos de **dezoito**, e os **Estados**, o Distrito Federal e os Municípios, **vinte e cinco por cento**, ou o que consta nas respectivas Constituições ou Leis Orgânicas, da **receita resultante de impostos**, compreendidas as transferências constitucionais, na manutenção e desenvolvimento do ensino público.*

§ 1º A parcela da arrecadação de impostos transferida pela União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, ou pelos Estados aos respectivos Municípios, não será considerada, para efeito do cálculo previsto neste artigo, receita do governo que a transferir.

§ 2º Serão consideradas excluídas das receitas de impostos mencionadas neste artigo as operações de crédito por antecipação de receita orçamentária de impostos.

§ 3º Para fixação inicial dos valores correspondentes aos mínimos estatuídos neste artigo, será considerada a receita estimada na lei do orçamento anual, ajustada, quando for o caso, por lei que autorizar a abertura de créditos adicionais, com base no eventual excesso de arrecadação.

§ 4º As diferenças entre a receita e a despesa previstas e as efetivamente realizadas, que resultem no não atendimento dos percentuais mínimos obrigatórios, serão apuradas e corrigidas a cada trimestre do exercício financeiro.

§ 5º O repasse dos valores referidos neste artigo do caixa da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios ocorrerá imediatamente ao órgão responsável pela educação, observados os seguintes prazos:

I - recursos arrecadados do primeiro ao décimo dia de cada mês, até o vigésimo dia;

II - recursos arrecadados do décimo primeiro ao vigésimo dia de cada mês, até o trigésimo dia;

III - recursos arrecadados do vigésimo primeiro dia ao final de cada mês, até o décimo dia do mês subsequente.

§ 6º O atraso da liberação sujeitará os recursos a correção monetária e à responsabilização civil e criminal das autoridades competentes.

*Art. 70. **Considerar-se-ão como de manutenção e desenvolvimento do ensino** as despesas realizadas com vistas à consecução dos objetivos básicos das instituições educacionais de todos os níveis, compreendendo as que se destinam a:*

I - remuneração e aperfeiçoamento do pessoal docente e demais profissionais da educação;

II - aquisição, manutenção, construção e conservação de instalações e equipamentos necessários ao ensino;

III – uso e manutenção de bens e serviços vinculados ao ensino;

IV - levantamentos estatísticos, estudos e pesquisas visando precipuamente ao aprimoramento da qualidade e à expansão do ensino;

V - realização de atividades-meio necessárias ao funcionamento dos sistemas de ensino;

VI - concessão de bolsas de estudo a alunos de escolas públicas e privadas;

VII - amortização e custeio de operações de crédito destinadas a atender ao disposto nos incisos deste artigo;

VIII - aquisição de material didático-escolar e manutenção de programas de transporte escolar.

*Art. 71. **Não constituirão despesas de manutenção e desenvolvimento** do ensino aquelas realizadas com:*

I - pesquisa, quando não vinculada às instituições de ensino, ou, quando efetivada fora dos sistemas de ensino, que não vise, precipuamente, ao aprimoramento de sua qualidade ou à sua expansão;

II - subvenção a instituições públicas ou privadas de caráter assistencial, desportivo ou cultural;

III - formação de quadros especiais para a administração pública, sejam militares ou civis, inclusive diplomáticos;

IV - programas suplementares de alimentação, assistência médico-odontológica, farmacêutica e psicológica, e outras formas de assistência social;

V - obras de infraestrutura, ainda que realizadas para beneficiar direta ou indiretamente a rede escolar;

VI - pessoal docente e demais trabalhadores da educação, quando em desvio de função ou em atividade alheia à manutenção e desenvolvimento do ensino.

Art. 72. As receitas e despesas com manutenção e desenvolvimento do ensino serão apuradas e publicadas nos balanços do Poder Público, assim como nos relatórios a que se refere o § 3º do art. 165 da Constituição Federal.

Art. 73. Os órgãos fiscalizadores examinarão, prioritariamente, na prestação de contas de recursos públicos, o cumprimento do disposto no art. 212 da Constituição Federal, no art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e na legislação concernente.

*Art. 74. A União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, estabelecerá **padrão mínimo de oportunidades** educacionais para o ensino fundamental, baseado no cálculo do custo mínimo por aluno, capaz de assegurar ensino de qualidade.*

Parágrafo único. O custo mínimo de que trata este artigo será calculado pela União ao final de cada ano, com validade para o ano subsequente, considerando variações regionais no custo dos insumos e as diversas modalidades de ensino.

*Art. 75. A **ação supletiva e redistributiva** da União e dos Estados será exercida de modo a **corrigir**, progressivamente, as **disparidades** de acesso e garantir o **padrão mínimo de qualidade** de ensino.*

§ 1º A ação a que se refere este artigo obedecerá a fórmula de domínio público que inclua a capacidade de atendimento e a medida do esforço fiscal do respectivo Estado, do Distrito Federal ou do Município em favor da manutenção e do desenvolvimento do ensino.

§ 2º A capacidade de atendimento de cada governo será definida pela razão entre os recursos de uso constitucionalmente obrigatório na manutenção e desenvolvimento do ensino e o custo anual do aluno, relativo ao padrão mínimo de qualidade.

NOVA CONCURSOS

§ 3º Com base nos critérios estabelecidos nos §§ 1º e 2º, a União poderá fazer a transferência direta de recursos a cada estabelecimento de ensino, considerado o número de alunos que efetivamente frequentam a escola.

§ 4º A ação supletiva e redistributiva não poderá ser exercida em favor do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios se estes oferecerem vagas, na área de ensino de sua responsabilidade, conforme o inciso VI do art. 10 e o inciso V do art. 11 desta Lei, em número inferior à sua capacidade de atendimento.

*Art. 76. A **ação supletiva e redistributiva** prevista no artigo anterior ficará condicionada ao efetivo cumprimento pelos Estados, Distrito Federal e Municípios do disposto nesta Lei, sem prejuízo de outras prescrições legais.*

*Art. 77. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a **escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas** que:*

I - comprovem finalidade não-lucrativa e não distribuam resultados, dividendos, bonificações, participações ou parcela de seu patrimônio sob nenhuma forma ou pretexto;

II - apliquem seus excedentes financeiros em educação;

III - assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades;

IV - prestem contas ao Poder Público dos recursos recebidos.

§ 1º Os recursos de que trata este artigo poderão ser destinados a bolsas de estudo para a educação básica, na forma da lei, para os que demonstrarem insuficiência de recursos, quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública de domicílio do educando, ficando o Poder Público obrigado a investir prioritariamente na expansão da sua rede local.

§ 2º As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público, inclusive mediante bolsas de estudo.

No aspecto orçamentário, merece destaque a exigência de dedicação de parcela mínima dos impostos da União (18%) e dos Estados e Distrito Federal (25%) voltada à educação. Ainda, coloca-se o papel de suplementação e redistribuição da União em relação aos Estados e Municípios e dos Estados com relação aos Municípios, repassando-se verbas para permitir que estas unidades federativas consigam lograr êxito em oferecer parâmetro mínimo de qualidade no ensino que é de sua incumbência.

TÍTULO VIII
Das Disposições Gerais

Art. 78. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios*, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de **educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas**, com os seguintes objetivos:*

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

*Art. 79. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo **programas integrados de ensino e pesquisa**.*

§ 1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

§ 3º No que se refere à educação superior, sem prejuízo de outras ações, o atendimento aos povos indígenas efetivar-se-á, nas universidades públicas e privadas, mediante a oferta de ensino e de assistência estudantil, assim como de estímulo à pesquisa e desenvolvimento de programas especiais.

Art. 79-A. (VETADO).

*Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o **dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'**.*

*Art. 80. **O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada**.*

§ 1º A ***educação a distância**, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.*

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º A ***educação a distância gozará de tratamento diferenciado**, que incluirá:*

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens e em outros meios de comunicação que sejam explorados mediante autorização, concessão ou permissão do poder público;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

*Art. 81. É permitida a organização de cursos ou instituições de ensino **experimentais**, desde que obedecidas as disposições desta Lei.*

*Art. 82. Os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de **estágio** em sua jurisdição, observada a lei federal sobre a matéria.*

*Art. 83. O ensino **militar** é regulado em lei específica, admitida a equivalência de estudos, de acordo com as normas fixadas pelos sistemas de ensino.*

*Art. 84. Os **discentes** da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de **monitoria**, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.*

*Art. 85. **Qualquer cidadão habilitado com a titulação própria poderá exigir a abertura de concurso público de provas e títulos** para cargo de docente de instituição pública de ensino que estiver sendo ocupado por professor não concursado, por mais de seis anos, ressalvados os direitos assegurados pelos arts. 41 da Constituição Federal e 19 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.*

*Art. 86. As instituições de educação superior constituídas como universidades integrar-se-ão, também, na sua condição de instituições de pesquisa, ao **Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia**, nos termos da legislação específica.*

TÍTULO IX
Das Disposições Transitórias

*Art. 87. É instituída a **Década da Educação**, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei.*

§ 1º A União, no prazo de um ano a partir da publicação desta Lei, encaminhará, ao Congresso Nacional, o Plano Nacional de Educação, com diretrizes e metas para os dez anos seguintes, em sintonia com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

§ 2º (Revogado).

§ 3º O Distrito Federal, cada Estado e Município, e, supletivamente, a União, devem:

I - (Revogado).

II - prover cursos presenciais ou a distância aos jovens e adultos insuficientemente escolarizados;

III - realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância;

IV - integrar todos os estabelecimentos de ensino fundamental do seu território ao sistema nacional de avaliação do rendimento escolar.

§ 4º (Revogado).

§ 5º Serão conjugados todos os esforços objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral.

§ 6º *A assistência financeira da União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, bem como a dos Estados aos seus Municípios, ficam condicionadas ao cumprimento do art. 212 da Constituição Federal e dispositivos legais pertinentes pelos governos beneficiados.*

Art. 87-A. (VETADO).

Art. 88. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios adaptarão sua legislação educacional e de ensino às disposições desta Lei no prazo máximo de um ano, a partir da data de sua publicação.

§ 1º As instituições educacionais adaptarão seus estatutos e regimentos aos dispositivos desta Lei e às normas dos respectivos sistemas de ensino, nos prazos por estes estabelecidos.

§ 2º O prazo para que as universidades cumpram o disposto nos incisos II e III do art. 52 é de oito anos.

Art. 89. As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar da publicação desta Lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino.

Art. 90. As questões suscitadas na transição entre o regime anterior e o que se institui nesta Lei serão resolvidas pelo Conselho Nacional de Educação ou, mediante delegação deste, pelos órgãos normativos dos sistemas de ensino, preservada a autonomia universitária.

Art. 91. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 92. Revogam-se as disposições das Leis nºs 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e 5.540, de 28 de novembro de 1968, não alteradas pelas Leis nºs 9.131, de 24 de novembro de 1995 e 9.192, de 21 de dezembro de 1995 e, ainda, as Leis nºs 5.692, de 11 de agosto de 1971 e 7.044, de 18 de outubro de 1982, e as demais leis e decretos-lei que as modificaram e quaisquer outras disposições em contrário.

FUNDAMENTOS: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO,

Filosofia é um corpo de conhecimento, constituído a partir de um esforço que o ser humano vem fazendo de compreender o seu mundo e dar-lhe um sentido, um significado compreensivo. Corpo de conhecimentos, em Filosofia, significa um conjunto coerente e organizado de entendimentos sobre a realidade. Conhecimentos estes que expressam o entendimento que se tem do mundo, a partir de desejos, anseios e aspirações.

NOVA CONCURSOS

Assim, podemos dizer que, a filosofia cria o ideário que norteia a vida humana em todos os seus momentos e em todos os seus processos.

Neste sentido, a filosofia é uma força, é o sustentáculo de um modo de agir. É uma arma na luta pela vida e pela emancipação humana.

Em síntese, a filosofia é uma forma de conhecimento que, interpretando o mundo, cria uma concepção coerente e sistêmica que possibilita uma forma de ação efetiva. Esta forma de compreender o mundo tanto é condicionada pelo meio histórico, como também é seu condicionante. Ao mesmo tempo, pois, é uma interpretação do mundo e é uma força de ação.

Aplicações da Filosofia da Educação

A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos.

A Filosofia fornece á educação uma reflexão sobre a sociedade na qual está situada, sobre o educando, o educador e para onde esses elementos podem caminhar.

O educando, quem é, o que deve ser, qual o seu papel no mundo; o educador, quem é, qual o seu papel no mundo; a sociedade, o que é, o que pretende; qual deve ser a finalidade da ação pedagógica. Esses são alguns problemas que exigem a reflexão filosófica.

A Filosofia propõe questionar, a interpretação do mundo que temos, e procura buscar novos sentidos e novas interpretações de acordo com os novos anseios que possam ser detectados no seio da vida humana.

Educação como transformação da sociedade

Não há uma pedagogia que esteja isenta de pressupostos filosóficos.

É possível compreender a educação dentro da sociedade, com seus determinantes e condicionantes, mas com a possibilidade de trabalhar pela sua democratização.

Para tanto, importa interpretar a educação como uma instância dialética, que serve a um projeto, a um modelo, a um ideal de sociedade. Ela trabalha para realizar esse projeto na prática. Assim, se o projeto for conservador, medeia a conservação, contudo se o projeto for transformador, medeia a transformação; se o projeto for autoritário, medeia a realização do autoritarismo; se o projeto for democrático, medeia a realização da democracia.

Do ponto de vista prático trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade, através da escola, significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta, de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes.

A educação como transformadora da sociedade recusa-se tanto ao otimismo ilusório, quanto ao pessimismo imobilizador. Por isso, propõe-se compreender a educação dentro de seus condicionantes e agir estrategicamente para a sua transformação. Propõe-se desvendar e utilizar das próprias contradições da sociedade, para trabalhar criticamente pela sua transformação.

Quando não pensamos, somos pensados e dirigidos por outros.

Os Sujeitos do Processo Educativo: *O Ser Humano*

O ser humano emerge no seu modo de ser dentro de um conjunto de relações sociais.

São as ações, reações, os modos de agir, as condutas normatizadas, as censuras, as convivências sadias ou neuróticas, as relações de trabalho, de consumo etc. que constituem prática, social e historicamente o ser humano.

O ser humano é prático, pois é através da ação que modifica o ambiente, tornando-o satisfatório ás suas necessidades; e enquanto transforma a realidade, constrói a si mesmo no seio das relações sociais determinadas.

O ser humano é social na medida em que vive e sobrevive socialmente. A sua prática é dimensionada por suas relações com os outros.

O ser humano é histórico uma vez que suas características não são fixas nem eternas, mas determinadas pelo tempo, que passa a ser constitutivo de si mesmo.

Em síntese, o ser humano é ativo, vive determinadas relações sociais de produção, num determinado momento do tempo. Como consequência disso, cada ser humano é propriamente o conjunto das relações sociais que vive, de forma prática, social e histórica.

O ser humano se torna propriamente humano na medida em que, conjuntamente com outros seres humanos, pela ação, modifica o mundo externo conforme suas necessidades ao mesmo tempo, constrói-se a si mesmo.

Assim, enquanto ele humaniza a natureza pelo seu trabalho, humaniza-se a si mesmo.

Educador e educando, como seres individuais e sociais ao mesmo tempo, constituídos na trama contraditória de consciência crítica e alienação interagem no processo educativo. Eles são sujeitos da história na medida em que a constroem ao lado de outros seres humanos, num contexto socialmente definido. (Texto adaptado de LUCKESI, C.)

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO,

A História da Educação Brasileira não é uma História difícil de ser estudada e compreendida. Ela evolui em rupturas marcantes e fáceis de serem observadas.

A primeira grande ruptura travou-se com a chegada mesmo dos portugueses ao território do Novo Mundo. Não podemos deixar de reconhecer que os portugueses trouxeram um padrão de educação próprio da Europa, o que não quer dizer que as populações que por aqui viviam já não possuíam características próprias de se fazer educação. E convém ressaltar que a educação que se praticava entre as populações indígenas não tinha as marcas repressivas do modelo educacional europeu.

Num programa de entrevista na televisão o indigenista Orlando Villas Boas contou um fato observado por ele numa aldeia Xavante que retrata bem a característica educacional entre os índios: Orlando observava uma mulher que fazia alguns potes de barro. Assim que a mulher termi-

nava um pote seu filho, que estava ao lado dela, pegava o pote pronto e o jogava ao chão quebrando. Imediatamente ela iniciava outro e, novamente, assim que estava pronto, seu filho repetia o mesmo ato e o jogava no chão. Esta cena se repetiu por sete potes até que Orlando não se conteve e se aproximou da mulher Xavante e perguntou por que ela deixava o menino quebrar o trabalho que ela havia acabado de terminar. No que a mulher índia respondeu: "- Porque ele quer."

Podemos também obter algumas noções de como era feita a educação entre os índios na série Xingu, produzida pela extinta Rede Manchete de Televisão. Neste seriado podemos ver crianças indígenas subindo nas estruturas de madeira das construções das ocas, numa altura inconcebivelmente alta.

Quando os jesuítas chegaram por aqui eles não trouxeram somente a moral, os costumes e a religiosidade europeia; trouxeram também os métodos pedagógicos.

Este método funcionou absoluto durante 210 anos, de 1549 a 1759, quando uma nova ruptura marca a História da Educação no Brasil: a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal. Se existia alguma coisa muito bem estruturada em termos de educação o que se viu a seguir foi o mais absoluto caos. Tentou-se as aulas régias, o subsídio literário, mas o caos continuou até que a Família Real, fugindo de Napoleão na Europa, resolve transferir o Reino para o Novo Mundo.

Na verdade não se conseguiu implantar um sistema educacional nas terras brasileiras, mas a vinda da Família Real permitiu uma nova ruptura com a situação anterior. Para preparar terreno para sua estadia no Brasil D. João VI abriu Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e, sua iniciativa mais marcante em termos de mudança, a Imprensa Régia. Segundo alguns autores o Brasil foi finalmente "descoberto" e a nossa História passou a ter uma complexidade maior.

A educação, no entanto, continuou a ter uma importância secundária. Basta ver que, enquanto nas colônias espanholas já existiam muitas universidades, sendo que em 1538 já existia a Universidade de São Domingos e em 1551 a do México e a de Lima, a nossa primeira Universidade só surgiu em 1934, em São Paulo.

Por todo o Império, incluindo D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, pouco se fez pela educação brasileira e muitos reclamavam de sua qualidade ruim. Com a Proclamação da República tentou-se várias reformas que pudessem dar uma nova guinada, mas se observarmos bem, a educação brasileira não sofreu um processo de evolução que pudesse ser considerado marcante ou significativo em termos de modelo.

Até os dias de hoje muito tem se mexido no planejamento educacional, mas a educação continua a ter as mesmas características impostas em todos os países do mundo, que é a de manter o "status quo" para aqueles que frequentam os bancos escolares.

Concluindo podemos dizer que a Educação Brasileira tem um princípio, meio e fim bem demarcado e facilmente observável. E é isso que tentamos passar neste texto.

Os períodos foram divididos a partir das concepções do autor em termos de importância histórica.

Se considerarmos a História como um processo em eterna evolução não podemos considerar este trabalho como terminado. Novas rupturas estão acontecendo no exato momento em que esse texto está sendo lido. A educação brasileira evolui em saltos desordenados, em diversas direções.

Período Jesuítico

A educação indígena foi interrompida com a chegada dos jesuítas. Os primeiros chegaram ao território brasileiro em março de 1549. Comandados pelo Padre Manoel de Nóbrega, quinze dias após a chegada edificaram a primeira escola elementar brasileira, em Salvador, tendo como mestre o Irmão Vicente Rodrigues, contando apenas 21 anos. Irmão Vicente tornou-se o primeiro professor nos moldes europeus, em terras brasileiras, e durante mais de 50 anos dedicou-se ao ensino e a propagação da fé religiosa.

No Brasil os jesuítas se dedicaram à pregação da fé católica e ao trabalho educativo. Perceberam que não seria possível converter os índios à fé católica sem que soubessem ler e escrever. De Salvador a obra jesuítica estendeu-se para o sul e, em 1570, vinte e um anos após a chegada, já era composta por cinco escolas de instrução elementar (Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga) e três colégios (Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia).

Quando os jesuítas chegaram por aqui eles não trouxeram somente a moral, os costumes e a religiosidade europeia; trouxeram também os métodos pedagógicos. Todas as escolas jesuítas eram regulamentadas por um documento, escrito por Inácio de Loiola, o Ratio Studiorum. Eles não se limitaram ao ensino das primeiras letras; além do curso elementar mantinham cursos de Letras e Filosofia, considerados secundários, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, de nível superior, para formação de sacerdotes. No curso de Letras estudava-se Gramática Latina, Humanidades e Retórica; e no curso de Filosofia estudava-se Lógica, Metafísica, Moral, Matemática e Ciências Físicas e Naturais.

Este modelo funcionou absoluto durante 210 anos, de 1549 a 1759, quando uma nova ruptura marca a História da Educação no Brasil: a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal. Se existia algo muito bem estruturado, em termos de educação, o que se viu a seguir foi o mais absoluto caos.

No momento da expulsão os jesuítas tinham 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, além de seminários menores e escolas de primeiras letras instaladas em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus. A educação brasileira, com isso, vivenciou uma grande ruptura histórica num processo já implantado e consolidado como modelo educacional.

Período Pombalino

Com a expulsão saíram do Brasil 124 jesuítas da Bahia, 53 de Pernambuco, 199 do Rio de Janeiro e 133 do Pará. Com eles levaram também a organização monolítica baseada no Ratio Studiorum.

Desta ruptura, pouca coisa restou de prática educativa no Brasil. Continuaram a funcionar o Seminário Episcopal, no Pará, e os Seminários de São José e São Pedro, que não se encontravam sob a jurisdição jesuítica; a Escola de Artes e Edificações Militares, na Bahia, e a Escola de Artilharia, no Rio de Janeiro.

Os jesuítas foram expulsos das colônias em função de radicais diferenças de objetivos com os dos interesses da Corte. Enquanto os jesuítas preocupavam-se com o proselitismo e o noviciado, Pombal pensava em reerguer Portugal da decadência que se encontrava diante de outras potências europeias da época. Além disso, Lisboa passou por um terremoto que destruiu parte significativa da cidade e precisava ser reerguida. A educação jesuítica não convinha aos interesses comerciais emanados por Pombal. Ou seja, se as escolas da Companhia de Jesus tinham por objetivo servir aos interesses da fé, Pombal pensou em organizar a escola para servir aos interesses do Estado.

Através do alvará de 28 de junho de 1759, ao mesmo tempo em que suprimia as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias, Pombal criava as aulas régias de Latim, Grego e Retórica. Criou também a Diretoria de Estudos que só passou a funcionar após o afastamento de Pombal. Cada aula régia era autônoma e isolada, com professor único e uma não se articulava com as outras.

Portugal logo percebeu que a educação no Brasil estava estagnada e era preciso oferecer uma solução. Para isso instituiu o "subsídio literário" para manutenção dos ensinos primário e médio. Criado em 1772 o "subsídio" era uma taxação, ou um imposto, que incidia sobre a carne verde, o vinho, o vinagre e a aguardente. Além de exíguo, nunca foi cobrado com regularidade e os professores ficavam longos períodos sem receber vencimentos a espera de uma solução vinda de Portugal.

Os professores geralmente não tinham preparação para a função, já que eram improvisados e mal pagos. Eram nomeados por indicação ou sob concordância de bispos e se tornavam "proprietários" vitalícios de suas aulas régias.

O resultado da decisão de Pombal foi que, no princípio do século XIX, a educação brasileira estava reduzida a praticamente nada. O sistema jesuítico foi desmantelado e nada que pudesse chegar próximo deles foi organizado para dar continuidade a um trabalho de educação.

Período Joanino

A vinda da Família Real, em 1808, permitiu uma nova ruptura com a situação anterior. Para atender as necessidades de sua estadia no Brasil, D. João VI abriu Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e, sua iniciativa mais marcante em termos de mudança, a Imprensa Régia. Segundo alguns autores, o Brasil foi finalmente "descoberto" e a nossa História passou a ter uma complexidade maior. O surgimento da imprensa permitiu que os fatos e as ideias fossem divulgados e discutidos no meio da população letrada, preparando terreno propício para as questões políticas que permearam o período seguinte da História do Brasil.

A educação, no entanto, continuou a ter uma importância secundária. Para o professor Lauro de Oliveira Lima (1921-) "a 'abertura dos portos', além do significado comercial da expressão, significou a permissão dada aos 'brasileiros' (madeireiros de pau-brasil) de tomar conhecimento de que existia, no mundo, um fenômeno chamado civilização e cultura".

Período Imperial

D. João VI volta a Portugal em 1821. Em 1822 seu filho D. Pedro I proclama a Independência do Brasil e, em 1824, outorga a primeira Constituição brasileira. O Art. 179 desta Lei Magna dizia que a "instrução primária é gratuita para todos os cidadãos".

Em 1823, na tentativa de se suprir a falta de professores institui-se o Método Lancaster, ou do "ensino mútuo", onde um aluno treinado (decurião) ensinava um grupo de dez alunos (decúria) sob a rígida vigilância de um inspetor.

Em 1826 um Decreto institui quatro graus de instrução: Pedagogias (escolas primárias), Liceus, Ginásios e Academias. Em 1827 um projeto de lei propõe a criação de pedagogias em todas as cidades e vilas, além de prever o exame na seleção de professores, para nomeação. Propunha ainda a abertura de escolas para meninas.

Em 1834 o Ato Adicional à Constituição dispõe que as províncias passariam a ser responsáveis pela administração do ensino primário e secundário. Graças a isso, em 1835, surge a primeira Escola Normal do país, em Niterói. Se houve intenção de bons resultados não foi o que aconteceu, já que, pelas dimensões do país, a educação brasileira perdeu-se mais uma vez, obtendo resultados pífios.

Em 1837, onde funcionava o Seminário de São Joaquim, na cidade do Rio de Janeiro, é criado o Colégio Pedro II, com o objetivo de se tornar um modelo pedagógico para o curso secundário. Efetivamente o Colégio Pedro II não conseguiu se organizar até o fim do Império para atingir tal objetivo.

Até a Proclamação da República, em 1889 praticamente nada se fez de concreto pela educação brasileira. O Imperador D. Pedro II, quando perguntado que profissão escolheria não fosse Imperador, afirmou que gostaria de ser "mestre-escola". Apesar de sua afeição pessoal pela tarefa educativa, pouco foi feito, em sua gestão, para que se criasse, no Brasil, um sistema educacional.

Período da Primeira República

A República proclamada adotou o modelo político americano baseado no sistema presidencialista. Na organização escolar percebe-se influência da filosofia positivista. A Reforma de Benjamin Constant tinha como princípios orientadores a liberdade e laicidade do ensino, como também a gratuidade da escola primária. Estes princípios seguiam a orientação do que estava estipulado na Constituição brasileira.

Uma das intenções desta Reforma era transformar o ensino em formador de alunos para os cursos superiores e não apenas preparador. Outra intenção era substituir a predominância literária pela científica.

Esta Reforma foi bastante criticada: pelos positivistas, já que não respeitava os princípios pedagógicos de Comte; pelos que defendiam a predominância literária, já que o que ocorreu foi o acréscimo de matérias científicas às tradicionais, tornando o ensino enciclopédico.

O Código Epitácio Pessoa, de 1901, inclui a lógica entre as matérias e retira a biologia, a sociologia e a moral, acentuando, assim, a parte literária em detrimento da científica.

A Reforma Rivadávia Correa, de 1911, pretendeu que o curso secundário se tornasse formador do cidadão e não como simples promotor a um nível seguinte. Retomando a orientação positivista, prega a liberdade de ensino, entendendo-se como a possibilidade de oferta de ensino que não seja por escolas oficiais, e de frequência. Além disso, prega ainda a abolição do diploma em troca de um certificado de assistência e aproveitamento e transfere os exames de admissão ao ensino superior para as faculdades. Os resultados desta Reforma foram desastrosos para a educação brasileira.

Num período complexo da História do Brasil surge a Reforma João Luiz Alves que introduz a cadeira de Moral e Cívica com a intenção de tentar combater os protestos estudantis contra o governo do presidente Arthur Bernardes.

A década de vinte foi marcada por diversos fatos relevantes no processo de mudança das características políticas brasileiras. Foi nesta década que ocorreu o Movimento dos 18 do Forte (1922), a Semana de Arte Moderna (1922), a fundação do Partido Comunista (1922), a Revolta Tenentista (1924) e a Coluna Prestes (1924 a 1927).

Além disso, no que se refere à educação, foram realizadas diversas reformas de abrangência estadual, como as de Lourenço Filho, no Ceará, em 1923, a de Anísio Teixeira, na Bahia, em 1925, a de Francisco Campos e Mario Casassanta, em Minas, em 1927, a de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (atual Rio de Janeiro), em 1928 e a de Carneiro Leão, em Pernambuco, em 1928.

Período da Segunda República

A Revolução de 30 foi o marco referencial para a entrada do Brasil no mundo capitalista de produção. A acumulação de capital, do período anterior, permitiu com que o Brasil pudesse investir no mercado interno e na produção industrial. A nova realidade brasileira passou a exigir uma mão-de-obra especializada e para tal era preciso investir na educação. Sendo assim, em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sanciona decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes. Estes Decretos ficaram conhecidos como "Reforma Francisco Campos".

Em 1932 um grupo de educadores lança à nação o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo e assinado por outros conceituados educadores da época.

Em 1934 a nova Constituição (a segunda da República) dispõe, pela primeira vez, que a educação é direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos.

Ainda em 1934, por iniciativa do governador Armando Salles Oliveira, foi criada a Universidade de São Paulo. A primeira a ser criada e organizada segundo as normas do Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931.

Em 1935 o Secretário de Educação do Distrito Federal, Anísio Teixeira, cria a Universidade do Distrito Federal, no atual município do Rio de Janeiro, com uma Faculdade de Educação na qual se situava o Instituto de Educação.

Período do Estado Novo

Refletindo tendências fascistas é outorgada uma nova Constituição em 1937. A orientação político-educacional para o mundo capitalista fica bem explícita em seu texto sugerindo a preparação de um maior contingente de mão-de-obra para as novas atividades abertas pelo mercado. Neste sentido a nova Constituição enfatiza o ensino pré-vocacional e profissional.

Por outro lado propõe que a arte, a ciência e o ensino sejam livres à iniciativa individual e à associação ou pessoas coletivas públicas e particulares, tirando do Estado o dever da educação. Mantém ainda a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário Também dispõe como obrigatório o ensino de trabalhos manuais em todas as escolas normais, primárias e secundárias.

No contexto político o estabelecimento do Estado Novo, segundo a historiadora Otaíza Romanelli, faz com que as discussões sobre as questões da educação, profundamente ricas no período anterior, entrem "numa espécie de hibernação". As conquistas do movimento renovador, influenciando a Constituição de 1934, foram enfraquecidas nessa nova Constituição de 1937. Marca uma distinção entre o trabalho intelectual, para as classes mais favorecidas, e o trabalho manual, enfatizando o ensino profissional para as classes mais desfavorecidas.

Em 1942, por iniciativa do Ministro Gustavo Capanema, são reformados alguns ramos do ensino. Estas Reformas receberam o nome de Leis Orgânicas do Ensino, e são compostas por Decretos-lei que criam o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI e valoriza o ensino profissionalizante.

O ensino ficou composto, neste período, por cinco anos de curso primário, quatro de curso ginasial e três de colegial, podendo ser na modalidade clássico ou científico. O ensino colegial perdeu o seu caráter propedêutico, de preparatório para o ensino superior, e passou a se preocupar mais com a formação geral. Apesar dessa divisão do ensino secundário, entre clássico e científico, a predominância recaiu sobre o científico, reunindo cerca de 90% dos alunos do colegial.

Período da Nova República

O fim do Estado Novo consubstanciou-se na adoção de uma nova Constituição de cunho liberal e democrático. Esta nova Constituição, na área da Educação, determina a obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário e dá competência à União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional. Além disso, a nova Constituição fez

NOVA CONCURSOS

voltar o preceito de que a educação é direito de todos, inspirada nos princípios proclamados pelos Pioneiros, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, nos primeiros anos da década de 30.

Ainda em 1946 o então Ministro Raul Leitão da Cunha regulamenta o Ensino Primário e o Ensino Normal, além de criar o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, atendendo as mudanças exigidas pela sociedade após a Revolução de 1930.

Baseado nas doutrinas emanadas pela Carta Magna de 1946, o Ministro Clemente Mariani, cria uma comissão com o objetivo de elaborar um anteprojeto de reforma geral da educação nacional. Esta comissão, presidida pelo educador Lourenço Filho, era organizada em três subcomissões: uma para o Ensino Primário, uma para o Ensino Médio e outra para o Ensino Superior. Em novembro de 1948 este anteprojeto foi encaminhado à Câmara Federal, dando início a uma luta ideológica em torno das propostas apresentadas. Num primeiro momento as discussões estavam voltadas às interpretações contraditórias das propostas constitucionais. Num momento posterior, após a apresentação de um substitutivo do Deputado Carlos Lacerda, as discussões mais marcantes relacionaram-se à questão da responsabilidade do Estado quanto à educação, inspirados nos educadores da velha geração de 1930, e a participação das instituições privadas de ensino.

Depois de 13 anos de acirradas discussões foi promulgada a Lei 4.024, em 20 de dezembro de 1961, sem a pujança do anteprojeto original, prevalecendo as reivindicações da Igreja Católica e dos donos de estabelecimentos particulares de ensino no confronto com os que defendiam o monopólio estatal para a oferta da educação aos brasileiros.

Se as discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional foi o fato marcante, por outro lado muitas iniciativas marcaram este período como, talvez, o mais fértil da História da Educação no Brasil: em 1950, em Salvador, no Estado da Bahia, Anísio Teixeira inaugura o Centro Popular de Educação (Centro Educacional Carneiro Ribeiro), dando início a sua ideia de escola-classe e escola-parque; em 1952, em Fortaleza, Estado do Ceará, o educador Lauro de Oliveira Lima inicia uma didática baseada nas teorias científicas de Jean Piaget: o Método Psicogenético; em 1953 a educação passa a ser administrada por um Ministério próprio: o Ministério da Educação e Cultura; em 1961 a tem início uma campanha de alfabetização, cuja didática, criada pelo pernambucano Paulo Freire, propunha alfabetizar em 40 horas adultos analfabetos; em 1962 é criado o Conselho Federal de Educação, que substitui o Conselho Nacional de Educação e os Conselhos Estaduais de Educação e, ainda em 1962 é criado o Plano Nacional de Educação e o Programa Nacional de Alfabetização, pelo Ministério da Educação e Cultura, inspirado no Método Paulo Freire.

Período do Regime Militar

Em 1964, um golpe militar aborta todas as iniciativas de se revolucionar a educação brasileira, sob o pretexto de que as propostas eram "comunizantes e subversivas".

O Regime Militar espelhou na educação o caráter antidemocrático de sua proposta ideológica de governo: professores foram presos e demitidos; universidades foram invadidas; estudantes foram presos e feridos, nos confronto com a polícia, e alguns foram mortos; os estudantes foram calados e a União Nacional dos Estudantes proibida de funcionar; o Decreto-Lei 477 calou a boca de alunos e professores.

Neste período deu-se a grande expansão das universidades no Brasil. Para acabar com os "excedentes" (aqueles que tiravam notas suficientes para serem aprovados, mas não conseguiam vaga para estudar), foi criado o vestibular classificatório.

Para erradicar o analfabetismo foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, aproveitando-se, em sua didática, do expurgado Método Paulo Freire. O MOBRAL propunha erradicar o analfabetismo no Brasil. Não conseguiu. E, entre denúncias de corrupção, acabou por ser extinto e, no seu lugar criou-se a Fundação Educar.

É no período mais cruel da ditadura militar, onde qualquer expressão popular contrária aos interesses do governo era abafada, muitas vezes pela violência física, que é instituída a Lei 5.692, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1971. A característica mais marcante desta Lei era tentar dar a formação educacional um cunho profissionalizante.

Período da Abertura Política

No fim do Regime Militar a discussão sobre as questões educacionais já haviam perdido o seu sentido pedagógico e assumido um caráter político. Para isso contribuiu a participação mais ativa de pensadores de outras áreas do conhecimento que passaram a falar de educação num sentido mais amplo do que as questões pertinentes à escola, à sala de aula, à didática, à relação direta entre professor e estudante e à dinâmica escolar em si mesma. Impedidos de atuarem em suas funções, por questões políticas durante o Regime Militar, profissionais de outras áreas, distantes do conhecimento pedagógico, passaram a assumir postos na área da educação e a concretizar discursos em nome do saber pedagógico.

No bojo da nova Constituição, um Projeto de Lei para uma nova LDB foi encaminhado à Câmara Federal, pelo Deputado Octávio Elísio, em 1988. No ano seguinte o Deputado Jorge Hage enviou à Câmara um substitutivo ao Projeto e, em 1992, o Senador Darcy Ribeiro apresenta um novo Projeto que acabou por ser aprovado em dezembro de 1996, oito anos após o encaminhamento do Deputado Octávio Elísio.

Neste período, do fim do Regime Militar aos dias de hoje, a fase politicamente marcante na educação, foi o trabalho do economista e Ministro da Educação Paulo Renato de Souza. Logo no início de sua gestão, através de uma Medida Provisória extinguiu o Conselho Federal de Educação e criou o Conselho Nacional de Educação, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura. Esta mudança tornou o Conselho menos burocrático e mais político.

Mesmo que possamos não concordar com a forma como foram executados alguns programas, temos que reconhecer que, em toda a História da Educação no Brasil, contada a partir do descobrimento, jamais houve execução de tantos projetos na área da educação numa só administração.

O mais contestado deles foi o Exame Nacional de Cursos e o seu "Provão", onde os alunos das universidades têm que realizar uma prova ao fim do curso para receber seus diplomas. Esta prova, em que os alunos podem simplesmente assinar a ata de presença e se retirar sem responder nenhuma questão, é levada em consideração como avaliação das instituições. Além do mais, entre outras questões, o exame não diferencia as regiões do país.

Até os dias de hoje muito tem se mexido no planejamento educacional, mas a educação continua a ter as mesmas características impostas em todos os países do mundo, que é mais o de manter o "status quo", para aqueles que frequentam os bancos escolares, e menos de oferecer conhecimentos básicos, para serem aproveitados pelos estudantes em suas vidas práticas.

Concluindo podemos dizer que a História da Educação Brasileira tem um princípio, meio e fim bem demarcado e facilmente observável. Ela é feita em rupturas marcantes, onde em cada período determinado teve características próprias.

A bem da verdade, apesar de toda essa evolução e rupturas inseridas no processo, a educação brasileira não evoluiu muito no que se refere à questão da qualidade. As avaliações, de todos os níveis, estão priorizadas na aprendizagem dos estudantes, embora existam outros critérios. O que podemos notar, por dados oferecidos pelo próprio Ministério da Educação, é que os estudantes não aprendem o que as escolas se propõem a ensinar.

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais estejam sendo usados como norma de ação, nossa educação só teve caráter nacional no período da Educação jesuítica. Após isso o que se presenciou foi o caos e muitas propostas desencontradas que pouco contribuíram para o desenvolvimento da qualidade da educação oferecida.

É provável que estejamos próximos de uma nova ruptura. E esperamos que ela venha com propostas desvinculadas do modelo europeu de educação, criando soluções novas em respeito às características brasileiras. Como fizeram os países do bloco conhecidos como Tigres Asiáticos, que buscaram soluções para seu desenvolvimento econômico investindo em educação. Ou como fez Cuba que, por decisão política de governo, erradicou o analfabetismo em apenas um ano e trouxe para a sala de aula todos os cidadãos cubanos.

Na evolução da História da Educação brasileira a próxima ruptura precisaria implantar um modelo que fosse único, que atenda às necessidades de nossa população e que seja eficaz. (Texto adaptado de BELLO, J. L. P.).

SOCIOLOGIA,

Interessar-se pela educação significa interessar-se pelos processos de inculcação e apropriação das habilidades, das sensibilidades e das disposições apropriadas para uma determinada participação na sociedade. Supõe focalizar os processos de transmissão intergeracional, indagando sobre as condições que tornam possível a permanência, ao longo do tempo, das hierarquias que dão sentido às interações entre os grupos em sociedades específicas.

As sociedades industrializadas contemporâneas têm de lidar com um elemento fundamental na equação da transmissão, a escola única e obrigatória, invenção coletiva que assumiu a forma que hoje conhecemos no século XIX, no bojo das transformações que acompanharam a criação dos Estados Nacionais e a construção da democracia moderna, forçando as famílias a dividirem com o Estado a responsabilidade e o trabalho de formação das novas gerações.

Encarregada de formar os cidadãos necessários à nova ordem política, a escola torna-se progressivamente encarregada também de garantir que o destino social dos indivíduos deixe de ser definido pelo nascimento. Estabelecida como um espaço à parte, controlando a definição de quem pode ser aluno tanto quanto a definição de quem pode ser professor, a escola se quer autônoma das famílias. Atribui-se, então, à máquina escolar de classificação a distribuição de diplomas e certificados que, pensados como resultado de um processo em que as crianças e jovens são avaliados em igualdade de condições, tomam legitimamente o lugar dos sobrenomes, isto é, dos nomes de família, na definição do percurso social a que estão destinados seus possuidores.

Desde a década de 1960, graças aos trabalhos de Pierre Bourdieu, Baudelot e Establet, Bowles e Gintis, Coleman, entre outros, sabemos que as coisas não se passam exatamente assim e que as operações escolares de separação e classificação dos alunos não estão imunes às lutas das famílias para garantir a transmissão dos seus patrimônios. A autonomia da escola para produzir seus veredictos é constantemente desafiada, carregando de sentido e consequências decisões que, apenas na aparência, podem ser pensadas exclusivamente por uma lógica pedagógica, como no caso da definição dos conteúdos curriculares legítimos, ou econômica, como no caso das decisões de se introduzir ou apoiar tal ou qual ramo do ensino, técnico ou generalista.

O estudo dos percursos sociais dos filhos de imigrantes nos Estados Unidos realizado por Alejandro Portes e William Haller documenta exemplarmente essas lutas ao mobilizar a noção de "assimilação segmentada" para mostrar que os efeitos da ação escolar sobre os indivíduos só podem ser bem compreendidos quando examinados à luz da ação, anterior mas também concomitante, que o grupo social exerce sobre eles com mediação das famílias.

Os três artigos seguintes examinam essa questão com relação a grupos sociais específicos. No primeiro deles, Graziela Perosa focaliza as relações estreitas que unem famílias dos grupos médios e as escolas que escolhem para suas filhas, revelando o efeito dessas relações em termos de construção de possibilidades de profissionalização feminina na década de 1960. Operacionalizando a noção de "educação total", esse texto problematiza o significado da existência de um setor privado forte no interior do sistema de ensino brasileiro, mostrando como isso permitia às famílias encontrarem, num "mercado escolar", a modalidade de escolarização que mais serve aos seus interesses. Trata-se de uma situação que perdura e talvez tenha se acentuado hoje.

Kimi Tomizaki, por sua vez, a partir do seu estudo sobre os processos de transmissão intergeracional entre metalúrgicos de uma grande montadora, discute as transformações no sentido atribuído às qualificações à medida que a expansão da escolarização se acentua, num contexto de estreitamento das oportunidades de trabalho, desvalorizando credenciais e impondo à própria escola, assim como às famílias, o confronto com o desacordo entre a promessa materializada no diploma e a realidade do mercado de trabalho.

O texto de Elizabeth Linhares funciona, nesse contexto, como o outro lado do espelho, ao acompanhar as transformações vivenciadas por um grupo de antigos colonos do café hoje assentados na serra fluminense, mostrando como as possibilidades de relação que esse grupo pode estabelecer com a escola se modificam ao sabor das mudanças nas suas condições de existência e nas condições institucionais de oferta escolar, implicando em alterações no ciclo de vida, nas formas de organização do tempo, nas modalidades de definição da dependência de uns para com os outros e, particularmente, de uma geração para com a outra.

Não poderíamos tratar desta questão sem um mergulho mais preciso na instituição escolar e em suas contradições tão bem captadas pelo artigo de Jean-Jacques Paul e Maria Lígia Barbosa, que estuda a contribuição dos professores para a redução das desigualdades sociais. Tendo como referência uma pesquisa comparativa realizada em Belo Horizonte (Brasil), Buenos Aires (Argentina), Santiago (Chile) e Leon-Guanahato (México), os autores discutem como o trabalho docente pode exercer papel significativo na melhoria da qualidade de ensino de alunos de diferentes origens sociais. A análise estatística dos dados revela a existência do que denominam "perversidade do efeito docente", ou seja, os professores nesses quatro países aparecem como fatores decisivos das trajetórias de seus alunos e acabam por reforçar as desigualdades sociais existentes.

Depois do mergulho na escola, uma imersão nas famílias é o que nos propõe o artigo escrito por Monique de Saint Martin, Mariana Heredia e Daniella Rocha. Nele, as autoras retomam a questão da correspondência entre condições de vida e construção das percepções subjetivas sobre o mundo, incluindo aí as percepções sobre o lugar a ser ocupado nesse mundo pelas novas gerações que presidem os investimentos no futuro dos filhos. As autoras apontam, particularmente, a produtividade de se levar em conta o trabalho cotidiano desenvolvido coletivamente pelas famílias para construir sentidos precisos ao abundante e às vezes contraditório fluxo de experiências a que são expostas, usualmente pensadas de uma maneira totalizante como "experiências de classe".

Encerramos a discussão com um esforço de refletir sobre os próprios termos que a estruturam. Voltando aos processos de construção do sistema nacional de ensino, o artigo de Ana Maria F. Almeida procura pelas condições que permitiram a construção de uma relação causal entre educação e desigualdade de renda e sua elevação a uma posição proeminente no debate sobre os rumos da educação nacional nas últimas décadas, explicitando o papel aí desempenhado pelas disputas entre juristas e economistas pelo protagonismo na definição das competências de Estado e dispositivos de governo.

Christian Baudelot e Roger Establet, esses dois autores mostram de maneira exemplar como a sociologia da educação ganha energia e sentido ao ser tomada como um capítulo dos estudos sobre as classes sociais e os processos de dominação. Indagando sobre as condições de produção da empresa intelectual compartilhada a que se dedicam desde os anos de 1960, procuramos explicitar a configuração particular que torna possível tal tratamento das questões educacionais. O relato desses dois sociólogos nos permite perceber o contexto escolar e político dos anos de 1960, período em que realizam os seus estudos superiores, a militância política contra a guerra na Argélia e a compreensão da sociologia como um campo de reflexão sobre os acontecimentos que marcavam a sociedade francesa e a vida universitária. É interessante perceber, ainda, o processo de aprendizagem nas aulas de dois dos maiores intelectuais franceses, Bourdieu e Althusser, que tiveram importante papel na sua formação, com a ênfase no trabalho de pesquisa como condição para fazer e ensinar sociologia e no estabelecimento de uma ética intelectual.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO,

A existência da psicologia da educação como uma área de conhecimento e de saberes teóricos e práticos claramente identificáveis, segundo Coll (2004) tem sua origem na crença de que a educação e o ensino podem melhorar sensivelmente com a utilização adequada dos conhecimentos psicológicos. Tal convicção, que tem suas raízes nos grandes sistemas de pensamento e nas teorias filosóficas anteriores ao surgimento da "psicologia científica", foi objeto de múltiplas interpretações. Existem profundas discrepâncias quanto aos princípios que devem ser aplicados, em que aspecto ou aspectos da educação devem ser usados e, de maneira muito particular, o que significa exatamente aplicar de maneira correta à educação os princípios da psicologia.

Situa-se o surgimento da Psicologia da Educação por volta de 1903, quando foi lançado o livro de Thorndike, o qual nomeou, pela primeira vez, esta área de estudos e lhe deu corpo doutrinário. Na edição de 1913 e 1914, Thorndike concluiu que todo conhecimento da psicologia que tivesse a possibilidade de ser quantificado podia ser aplicado à educação. (Goulart, 2000)

Thorndike em 1906 dizia que a eficiência de qualquer profissão depende amplamente do grau em que se torne científica. A profissão do ensino melhorará à medida que o trabalho de seus membros seja presidido por espírito e métodos científicos.

No discurso de muitos dos precursores da Psicologia da Educação – William James, Stanley Hall, J. Mckeen Cattel, John Dewey, Charles H. Hudd, Eduar Claparéde, Alfred Binet, etc. – esta era o resulta convergência de dois âmbitos de discursos e dois tipos de problemática: o estudo do desenvolvimento, da aprendizagem e das diferenças individuais; e o discurso do reformismo social.

Desde as primeiras décadas do século XX o discurso de reformismo social perde relevância e a psicologia da educação adota uma orientação fundamentalmente acadêmica, segundo Coll (2004), dirigindo seus esforços ao estabelecimento dos "parâmetros fundamentais da aprendizagem", "ao refinamento de suas elaborações teóricas", e à sua promoção como "disciplina de engenharia aplicada" (aplied engineering discipline).

Psicologia da educação como engenharia psicológica aplicada

Essa visão da psicologia da educação como engenharia psicológica aplicada à educação é preponderante durante a primeira metade do século XX. Até finais de 1950, e com base em uma fé na "nova psicologia científica", a psicologia da educação aparece como a disciplina com maior peso na pesquisa educacional, como disciplina "mestra", a "rainha das ciências da educação". (Coll, 2004)

Tal protagonismo, porém, começa a atenuar-se a partir dos anos de 1960, explicado por várias razões, como o seu próprio êxito e expansão incontrolada, que leva a psicologia da educação a ocupar-se de praticamente qualquer tema ou aspecto relacionado à educação e a procurar resolver qualquer problemática educacional.

A partir de 1960 começa a se manifestar uma "rachadura" da fé na capacidade da psicologia para fundamentar cientificamente a educação e o ensino, o que leva a questionar a visão da psicologia da educação como engenharia psicológica aplicada – isto é, como disciplina encarregada de transferir os conhecimentos psicológicos à educação e ao ensino, a fim de proporcionar-lhes fundamentação e caráter científico.

Essa mudança, segundo Coll (2004), terá enormes repercussões para o desenvolvimento posterior da psicologia da educação. Por um lado significará, a longo prazo, a perda definitiva de um protagonismo absoluto no campo da educação. Por outro lado, obriga-a a questionar seus pressupostos básicos, seus princípios fundamentais, forma de abordagem, seu alcance e limitação.

Para Goulart (2000) a psicologia da educação trata-se de uma ciência aplicada à educação, cujo objetivo é, numa relação permeável com as demais ciências pedagógicas, oferecer subsídios para que o ato educativo alcance, plenamente, seu objetivo. Para a autora a delimitação do campo da psicologia da educação segundo o critério de definir o que é educação e o que é psicologia é imprópria. "A educação é um empreendimento social, por isso é um macrofenômeno, cuja caracterização é multidisciplinar". (Goulart, 2000)

Para Goulart (2000) o especialista em psicologia educacional está preocupado com o universo que tangencia a educação. Segundo a autora jamais será possível atingir o objetivo de melhorar a educação se, em nome de uma abordagem multidisciplinar, se descaracterizar cada uma das disciplinas relacionadas à educação.

A utilidade da psicologia educacional, segundo Libâneo (2001) depende do grau em que dá conta de explicar problemas enfrentados pelos professores na sala de aula, problemas esses, no entanto, que somente podem ser compreendidos como resultantes de fatores estruturais mais amplos.

A noção de individualidade na psicologia escolar

A psicologia moderna se desenvolve no mesmo período em que ganha força o movimento da Escola Nova. A crença na educação como equalizadora de oportunidades é abalada pela incapacidade da escola de cumprir sua função de universalidade, conforme era proclamado pela ideologia liberal. O movimento escolanovista vem restaurar a credibilidade na escola, afirmando que o fracasso de seus alunos se deve a diferenças individuais. (Miranda, 2001)

A ênfase na capacidade individual, na história individual, no processo de desenvolvimento, na ideia de anormalidade, faz com que a pedagogia vá buscar suporte teórico na Biologia e na Pedagogia.

"A psicologia, por sua vez, sob forte inspiração positivista, reduz a realidade social do homem ao seu componente psíquico. Assim, a Psicologia Moderna, que vem ao auxílio da Pedagogia Nova será, portanto, igualmente individualista, naturalista e biológica." (Miranda, 2001)

A psicologia que se desenvolve na segunda metade do século XIX vem acentuar a ideia de natureza humana individual. É quando começa a vender sua força de trabalho que o homem se define como livre, como indivíduo. O isolamento individual aparece como fazendo parte da condição humana, como comportamento natural. A ideia de uma essência humana pré-social concebe a personalidade humana individual como um caso particular da personalidade humana básica, o que pressupõe, segundo Libâneo (2001), que cada indivíduo possui características que são universais e independem da influência do meio social, cabendo à psicologia conhecer esses traços universais. Chega-se assim à ideia corrente de ajustamento social aplicada à psicologia e à educação. Existem padrões de comportamento a serem ensinados ou modificados, que se tornam universais e compulsórios.

NOVA CONCURSOS

Para Libâneo (2001) a ênfase nas necessidades e interesses espontâneos do educando resultou na psicologização das situações escolares, ao ponto de os professores passarem a explicar o comportamento dos alunos por meio de termos como inibição, bloqueios, imaturidade, agressividade, etc. O individualismo em pedagogia acentuou-se significativamente com o desenvolvimento da psicologia humanista, que divulgou a educação como processo de adequação pessoal frente às influencias ambientais.

Psicologia escolar não-individualista

Uma psicologia não-individualista entende que as capacidades individuais não são inerentes à natureza humana, são antes, determinadas por variáveis do mundo material externas ao indivíduo. O erro básico da psicologia individualista é não assumir a antecedência das estruturas e dos produtos sociais da atividade humana sobre a individualidade biológica. (Libâneo, 2001)

A psicologia não define os fins da educação, mas pode contribuir no sentido de fazer com que eles sejam realizáveis. (Texto adaptado de MOURA, J.)

DIDÁTICA E METODOLOGIA DO ENSINO;

Projeto didático é um tipo de organização e planejamento do tempo e dos conteúdos que envolve uma situação-problema. Seu objetivo é articular propósitos didáticos (o que os alunos devem aprender) e propósitos sociais (o trabalho tem um produto final, como um livro ou uma exposição, que vai ser apreciado por alguém). Além de dar um sentido mais amplo às práticas escolares, o projeto evita a fragmentação dos conteúdos e torna a garotada corresponsável pela própria aprendizagem.

Os projetos estão mais populares do que nunca. Redes de todo o país incentivam o trabalho com essa modalidade e algumas escolas preveem no currículo os que serão realizados durante o ano.

Os projetos podem ser planejados e organizados de inúmeras formas, porém algumas ações são fundamentais:

1. Tema: delimitar e conhecer bem o assunto que será estudado e pesquisá-lo previamente.

2. Objetivos: escolher uma meta de aprendizagem principal e outras secundárias que atendam às necessidades de aprendizagem

3. Conteúdos: ter clareza do que as crianças conhecem e desconhecem sobre o tema e o conteúdo do trabalho.

4. Tempo estimado: construir um cronograma com prazos para cada atividade, delimitando a duração total do trabalho.

5. Material necessário: selecionar previamente os recursos e materiais que serão usados, como sites e livros de consulta.

6. Apresentação da proposta: deixar claro para a sala os objetivos sociais do trabalho e quais os próximos passos.

7. Planejamento das etapas: relacionar uma etapa à outra, em uma complexidade crescente.

8. Encaminhamentos: antecipar quais serão as perguntas que você fará para encaminhar a atividade.

9. Agrupamentos: prever quais momentos serão em grupo, em duplas e individuais.

10. Versões provisórias: revisar o que a garotada fez e pedir novas versões do trabalho.

11. Produto final: escolher um produto final forte para dar visibilidade aos processos de aprendizagem e aos conteúdos aprendidos.

12. Avaliação: prever os critérios de avaliação e registrar a participação de cada um ao longo do trabalho.

Importância da Culminância

São duas as funções principais das cerimônias de fechamento de um projeto didático: dar ao aluno visibilidade para o processo de aprendizagem pelo qual passou e apresentar o trabalho da turma para a comunidade e os pais, que são estimulados a perceber o avanço de seus filhos.

O evento só cumprirá esses dois papéis se estiver prevista a exposição dos objetivos de cada atividade realizada, dos registros das várias versões do produto final e das fotos que ilustram o processo. Fazer uma festa bonita não deve ser a maior preocupação da escola- como é bastante comum -, mas o mínimo de organização precisa ser garantido.

Sem despender muito tempo nessa tarefa, professores e gestores precisam tomar uma série de providências, como conseguir microfones para as apresentações orais, organizar as cadeiras para os convidados e distribuir pelo espaço reservado para o evento suportes para expor os trabalhos. “Não é correto transformar a culminância na grande estrela de um projeto. O mais atrativo é o caminho pelo qual todos passaram e as realizações das crianças”, explica Maria Alice Junqueira. Alerta: a participação dos alunos na culminância deve ter caráter pedagógico, incluindo a definição de critérios para a exposição do material, e não na produção de enfeites, o que não se relacionam a nenhum objetivo.

Avaliação dos Estudantes

No caso dos projetos, são três os eixos de aprendizagem que podem ser considerados na avaliação:

- o conteúdo;
- o aprofundamento no tema;
- a aproximação com a prática social relacionada ao produto final.

As respostas dadas pelos alunos ao longo do processo dão pistas sobre o que já foi compreendido e no que ainda é preciso avançar, assim como os momentos de sistematização dos conteúdos - quando a turma define com suas palavras os conceitos estudados. Para Delia Lerner, o processo permite diminuir a incerteza do professor e do aluno porque nele se passam a limpo os conteúdos ensinados e aprendidos. Outra boa estratégia é, no fim de cada atividade, fazer uma análise das produções, que funcionam como um retrato da aprendizagem até aquele ponto. O conjunto delas pode revelar os avanços e os problemas enfrentados por cada um. Da mesma maneira, o produto final, em suas sucessivas versões, também mostra o percurso pelo qual o aluno passou.

Os projetos possibilitam ainda uma avaliação do trabalho do professor e indicam em que pontos sua condução precisa ser ajustada. Um meio de fazer isso é pensar nos objetivos de ensino e nas condições didáticas oferecidas. A análise das produções realizadas e das respostas dadas pelos estudantes no desenvolvimento do projeto também pode ser vista sob a ótica do ensino. Algumas questões que norteiam as análises: a forma de conduzir o trabalho foi adequada? Foram feitas intervenções sempre que necessário? As atividades responderam ao objetivo de cada etapa? Os materiais usados foram adequados? O tempo previsto foi suficiente? Esse tipo de reflexão tem uma importância formativa única para o professor e pode impactar positivamente a prática cotidiana. *(Adaptação Nova Escola).*

PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE ACOMPANHAMENTO DO SEU PRÓPRIO TRABALHO E DOS AVANÇOS DA APRENDIZAGEM;

Infância e Avaliação Infantil[2]

A Educação Infantil vem a cada dia se solidificando na legislação e nas políticas públicas brasileiras como dever do Estado e direito de todas as crianças de 0 a 5 anos de idade. A Constituição Federal Brasileira determina no seu artigo 7º, inciso XXV, como direito social dos pais trabalhadores urbanos e rurais, a assistência gratuita aos filhos e dependentes, desde o nascimento até 5 (cinco)anos de idade em creches e pré-escolas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação determina que a Educação Infantil é parte integrante do sistema educacional brasileiro, constituindo-se a primeira etapa da Educação Básica. Seu objetivo é o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade no que diz respeito aos seus aspectos físico, intelectual, social, linguístico e afetivo complementando a ação da família e da comunidade (Art. 29). Como o primeiro espaço de educação coletiva da criança, fora do ambiente familiar, insere-se na base da construção da cidadania e de uma sociedade democrática, livre, justa, solidária e implicada na preservação do meio ambiente, como prevê a Constituição Federal de1988.

No que fiz respeito à Avaliação na educação infantil existem, por sua vez, iniciativas do Governo Federal para Avaliação Básicas que embora se apresentem como direcionadas à avaliação da educação básica, não contemplam a educação infantil - creche e pré-escola –, etapa integrante deste nível de ensino desde 1988, com a promulgação da Constituição Federal.

Política de Avaliação da/na Educação Infantil[3]

Observa-se ao longo dos anos que o campo de investigação, politicas e praticas de avaliação deixa à margem sua preocupação com a educação infantil, apesar de uma das obras mais referidas na bibliografia brasileira contemporânea sobre avaliação, a de Jussara Hoffman, tratar do tema na pré-escola. A falta de atenção da produção em avaliação para com a educação infantil já fora notada por Barretto e colaboradores na exaustiva revisão "Avaliação na Educação Básica nos anos 90 segundo os periódicos acadêmicos", quando informam que, dentre os poucos artigos que focalizam apenas uma etapa educacional, muito raros são "aqueles que focalizam a avaliação em relação à educação infantil".

Esse quase silêncio imposto à educação infantil, observado nas preocupações com a avaliação educacional, pode ser identificado, também, em vários outros temas, principalmente quando educação infantil significa não só pré-escola, mas também, e, sobretudo, creche. Se retornarmos às primeiras formulações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB (Brasil, 1996) e às versões iniciais da Lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – Fundeb é possível observar a resistência em incluir a creche como sub- etapa da educação básica.

Percebe-se, então, no momento atual, um movimento duplo: o de incorporação da educação infantil na política de avaliação da educação básica, talvez em ritmo mais lento; e outro, mais intenso, que busca a incorporação da avaliação como tema/problema evocando uma atenção específica para a política de educação infantil.

2 Texto adaptado do Documento produzido pelo Grupo de Trabalho instituído pela Portaria número 1.147/2011, do Ministério da Educação. file:///C:/Users/Usuario/Downloads/educacao_infantil_sitematica_avaliacao.pdf

3 Texto adaptado de Fúlvia Rosemberg de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100--15742013000100004&lang=pt

Processo de Avaliação[4]

Avaliar é mais do que só observar as crianças aleatoriamente, mais do que observar aleatoriamente padrões comportamentais, culturais, de interação entre outros, pois a intenção pedagógica avaliativa dará condições para o professor(a) criar objetivos e planejar atividades adequadas, tornando a observação significativa, uma vez que torna possível afunilar o leque de padrões a serem observados dando base para uma observação precisa dos fatores a serem considerados. Sendo assim, torna-se clara a necessidade de se construir conhecimentos e reflexão por parte de professores/educadores acerca do processo avaliativo formal na Educação Infantil.

A avaliação tem por objetivo obter informações e subsídios que favoreçam o desenvolvimento das crianças e ampliação de seus conhecimentos. Nesse sentido, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação apresenta uma importância social e política fundamental no fazer educativo.

A avaliação na educação infantil deve ser processual e destinada a auxiliar o processo de aprendizagem, fortalecendo a autoestima das crianças. No que se refere às crianças, a avaliação deve permitir que elas acompanhem suas conquistas, suas dificuldades e suas possibilidades ao longo de seu processo de aprendizagem.

A avaliação formativa em contrapartida da avaliação somativa pode ser considerada como um "passo a frente", pois ela possibilita que o aluno ao invés de apenas receber informações do educador, passe a elaborar seus próprios conhecimentos a partir da preparação do professor para isto, assim, a avaliação formativa não tem como pressuposto a punição ou premiação, ela prevê que as crianças possuem ritmos e processos de aprendizagem diferentes e isto deve ser considerado no processo de aprendizagem.

Portfólio, dossiê, relatórios de avaliação, todas essas nomenclaturas se referem, no sentido básico, à organização de uma coletânea de registros sobre aprendizagem do aluno que ajuda o professor (a), os próprios alunos/as e as famílias a terem uma visão evolutiva do processo.

É importante que a cada dia, seja feito pelo menos um registro, pois isso possibilita ao professor/a e ao aluno/a um retrato dos passos percorridos na construção das aprendizagens. Essa forma de registrar diariamente a caminhada do aluno/a tem o objetivo de mostrar a importância de cada aula, de cada passo, como uma situação de aprendizagem.

A organização de um dossiê ou Portfólio torna-se significativo pelas intenções de quem o organiza, não há sentido em coletar trabalhos dos alunos e alunas para mostrá-los aos pais/mães somente como instrumento burocrático. Ele precisa constituir-se em um conjunto de dados que expresse avanços, mudanças conceituais, novos jeitos de pensar e de fazer, alusivos à progressão do estudante.

4 Texto adaptado de http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=9945&chapterid=9308

Assim sendo, a avaliação da aprendizagem precisa servir como base para a construção de uma aprendizagem bem-sucedida, ou seja, ela deve possibilitar ao educador a eficácia de seu trabalho, garantindo avanços e isso só é possível se a avaliação deixar de ser usada como um recurso de autoridade que decide sobre o destino do aluno, e, passar a ser vista como uma ferramenta auxiliar ao crescimento deste.

As linhas existentes para Avaliação Infantil[5]

Existem algumas linhas de avaliação para a Educação Infantil que se distinguem de acordo com seu foco e método e que serão abaixo descriminadas:

A Avaliação Formativa é contínua, e ocorre diariamente ao longo do ano, através do acompanhamento pelo professor da criança, no decorrer de suas atitudes, nessa concepção de avaliação, o professor ajuda o aluno a desenvolver suas capacidades cognitivas, detectando suas dificuldades e ajudando a superá-las fornecendo informações que a criança utilizará ao longo de sua vida.

Segundo Perrenoud, a avaliação é formativa quando o professor contribui para a regulação das aprendizagens no sentido de domínio, numa concepção particular dos 21 objetivos, da aprendizagem ou da intervenção didática, não esquecendo que é preciso de um aprendiz, um professor para organizar e gerir as situações didáticas.

Então, avaliar numa visão formativa não é apenas avaliar em um momento, mas é uma ação que deve ser feita no dia a dia no âmbito escolar, diante das atividades propostas pelo professor, onde o professor acompanhe a criança em seu desenvolvimento, conhecendo os avanços e limites no processo de aprendizagem.

Vemos em Perrenoud, que é considerada como formativa, toda prática de avaliação contínua que pretende contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino.

Essa aplicação corre o risco, de um ponto de vista prescritivo, de fazer com que a ideia de avaliação formativa perca seu rigor, essa ampliação autoriza a dar contas das práticas correntes de avaliação como contínua sob o ângulo de sua contribuição almejada ou efetiva para a regulação das aprendizagens durante o ano escolar.

Esse tipo de avaliação não tem como objetivo classificar ou selecionar a criança como a "melhor", mas contribuir em seus processos de aprendizagens significativas. Devemos avaliar o que se ensina, encadeando a avaliação no mesmo processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade dos alunos. O professor deve conhecer melhor a sua criança, conhecer seus interesses e adequar o seu processo de ensino, com as informações que obtém dela durante o processo, só assim, o professor sabe o grau de conhecimento daquela criança, com isso faz sua avaliação de forma contínua, e a ajuda quando apresenta mais dificuldades.

5 Texto adaptado de Maeli Sorato Manarin disponível em http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000041/000041FD.pdf

Ao término de uma atividade, cabe ao professor fazer uma análise e reflexão sobre o sucesso alcançado em funções dos objetivos previstos em seu planejamento, verificando se esses objetivos foram alcançados pelas crianças.

Perrenoud afirma que a ideia de avaliação formativa sistematiza em levar o professor a observar mais metodicamente os seus alunos, a compreender melhor suas maneiras de ser.

Observamos em Brasil que: Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

Para que o professor possa propiciar situações de aprendizagem, é necessária a observação. É muito importante o professor observar sempre o seu aluno, pois essas observações podem proporcionar um novo aprendizado. Assim cabe ao professor, criatividade para que possa criar situações e experiências que permitam a ele observar e avaliar seus alunos.

Segundo Brasil, a avaliação formativa, não deve avaliar a criança, mas as situações de aprendizagem que foram oferecidas a elas e perceber se as suas aprendizagens estão vinculadas às oportunidades e experiências vivenciadas. O professor deve fortalecer o interesse do aluno na busca de novos conhecimentos, propondo caminhos e incentivando-os para seus novos aprendizados.

Perrenoud afirma que "avaliação formativa apresenta-se sob a forma de uma regulação interativa, isto é, de uma observação e de uma intervenção em tempo real, praticamente indissociáveis das intervenções didáticas propriamente ditas".

Nesta avaliação a observação é primordial, sendo a base para o professor poder ajudar a criança a aprender e se desenvolver, participando desse processo no sentido educativo.

Nesta concepção de avaliação busca-se desenvolver uma educação de qualidade proporcionando oportunidades e respeitando as crianças, sendo tratadas todas iguais e ajudando-as suas dificuldades e preparando-as para o futuro.

Outro tipo de avaliação é a Avaliação Classificatória que é o tipo mais utilizado nas escolas a fim de medir a capacidade da criança através da "nota" para verificar se a criança atingiu o resultado esperado. A avaliação classificatória é uma perspectiva de avaliação na qual a nota verifica a existência de padrão de rendimento. Desta forma, as crianças são comparadas entre si, através do desempenho de cada uma.

Segundo Hoffmann "a avaliação classificatória se resume à decisão de enunciar dados que comprovem a promoção ou retenção dos alunos".

Este tipo de avaliação não leva a criança a aprender para a vida, mas sim, a dar importância a uma aprendizagem memorizada, na qual estuda somente para realizar uma prova ou um trabalho. A intenção dessa concepção de avaliação é classificar a criança para aprovação ou reprovação.

Conforme Melchior, no entanto, a escola exige um resultado e ele passa a preocupar-se com a avaliação apenas com a função de controle. Assim, a finalidade da avaliação fica descaracterizada. Avalia-se para atribuir um resultado e o aluno estuda para obter uma nota. A consequência desse ciclo é o temor que os estudantes, em geral, têm de avaliações e especialmente, de testes escolares. Pois, quando a avaliação é feita apenas com função de controle, são considerados somente os momentos avaliativos, representados por um teste, trabalhos em grupo ou individuais. Ou o que é ainda pior: o professor atribui-lhe um valor qualquer, sem uma fundamentação, sem que o aluno tenha a mínima ideia de como foi avaliado.

A preocupação dos professores nessa concepção não é avaliar os seus processos de aprendizagens, e verificar as suas dificuldades para uma possível mudança, mas sim, as suas preocupações são de como avaliar para atribuir uma nota de acordo com o desempenho da criança nos dias de provas e trabalhos, podendo o professor utilizar o método da observação para verificar seu aprendizado todos os dias durante o decorrer das aulas.

Melchior afirma que o professor que não se preocupa em fazer registros dos desempenhos (eu/ou dificuldades) de seus alunos, durante o processo, não terá condições de ser justo na emissão de um resultado para cada aluno.

Assim, a avaliação realizada de forma desvinculada do processo, além de, não cumprir suas funções didático-pedagógicas e de diagnóstico, ainda pode cometer injustiças, atribuindo resultados que não correspondem aos desempenhos dos alunos.

Se o professor faz seu registro diário, fica mais fácil verificar se a criança está aprendendo, principalmente na educação infantil. Na avaliação formativa, é utilizado o registro diário a fim de verificar se seu aluno está progredindo ou tendo dificuldades para um novo aprendizado. Com base nesse método, o professor tem um acompanhamento de como foi o desenvolvimento das crianças, durante o ano inteiro, ou seja, quais foram suas facilidades e dificuldades. Na visão da avaliação classificatória esse método não seria utilizado, pois ela exerce uma função de controle de selecionar os alunos em "bons e ruins".

De acordo com Brasil a intervenção do professor é necessária para que, na instituição de educação infantil, as crianças possam, em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos etc. Para isso, o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc. das crianças com as quais trabalha, respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização.

NOVA CONCURSOS

Na instituição de educação infantil, a intervenção do professor é essencial para que se verifique em que os alunos têm dificuldades e como fazer para ajuda-los a desenvolver suas capacidades de interagir com o meio social.

Diante da avaliação classificatória, não podemos usá-la como referência, pois ela é um meio de rotular a criança, não servindo como instrumento didático, uma vez que não interfere no desenvolvimento das crianças e em seu crescimento para a autonomia.

É importante pensar nas formas avaliativas, pois a maior preocupação ao desenvolver sua ação pedagógica, é conseguir com que o professor possa propiciar momentos de interação entre professor/aluno, nos quais o professor possa entender e contribuir no desenvolvimento das crianças de forma significativa.

A Avaliação na Educação Infantil[6]

Convém ressaltar que a importância que damos aos diversos aspectos daquilo que é objeto de informação e avaliação depende da visão de quem observa. Isso é valido para todas as esferas de avaliação inclusive na educação infantil, pois, ainda que este olhar (observação e registro) varie de pessoa para pessoa, nos seus métodos de análise, ela é também influenciada e/ou regida pelo momento político, social e econômico do país e dos interesses vigentes. Mesmo dentro de um contexto comum, nossas análises podem privilegiar aspectos diferenciados.

Considerando essa subjetividade humana, do olhar individual, quando se trata de avaliar para intervir – que é o nosso caso na Educação Infantil -, temos que ser consistentes, sistemáticos e frequentes. Podemos trabalhar utilizando variados métodos de registros de modo a captar e incluir os diversos olhares sobre o fenômeno pedagógico (desenvolvimento do cotidiano) e de desenvolvimento e aprendizagem infantis.

As diferentes formas de olhar para a criança é que dão a riqueza da interpretação da realidade em questão e a diversidade que a compõe. Assim, avaliar as ações na Educação Infantil necessita também uma análise desses diferentes olhares, sempre visando ao enriquecimento do processo de construção de novas situações para as crianças.

Esse fato acontece também quando consideramos a avaliação e o acompanhamento dos processos de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem das crianças no contexto da Educação Infantil. Assim sendo, a avaliação deve sempre ser planejada, organizada e também requer uma definição prévia dos objetivos desta avaliação.

Considerando que as crianças têm maneiras próprias de pensar e interagir com o mundo e são sujeitos ativos desde o momento em que nascem, precisamos educar o nosso olhar para que ele seja o mais amplo e perspicaz possível. Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que ao acompanhar e avaliar as crianças em pleno crescimento devemos considerar um conjunto de aspectos que compõe um todo. Isto é, a criança não pode ser considerada de maneira fragmentada. Seu desenvolvimento acontece de maneira integrada. A avaliação é um mecanismo dinâmico e deve ser planejada de maneira a nos possibilitar a visualização de cada criança, suas características, modos de estar no mundo e a sua participação no contexto do grupo ao qual pertence.

O processo de avaliação deve envolver uma observação cuidadosa de cada criança, levando em consideração tanto as dimensões do desenvolvimento infantil, isto é, físico-motora, cognitiva, linguística, emocional, social e política, quanto as oportunidades oferecidas para elas no cotidiano da creche ou pré-escola. Chamamos a atenção para uma avaliação que leve em consideração os diversos aspectos (condições de trabalho, concepções e valores explicitados no Projeto Político Pedagógico, Projeto Pedagógico Anual e nos planejamentos cotidianos), a organização do trabalho com as crianças, as relações implicadas, pois como já explicitado, a criança não é fragmentada e seu desenvolvimento acontece sempre de maneira contextualizada.

É preciso que o tema seja abordado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade, indicando como a equipe concebe a avaliação das crianças e como pretende sistematizar o processo avaliativo. Achamos importante que a equipe de cada unidade, ao refletir sobre o acompanhamento pedagógico do trabalho com as crianças, discuta a sua proposta a partir de cinco perguntas clássicas (Souza, 2001, pág. 25):

1 –Para que vamos avaliar? (finalidade)
2 –O que avaliar? (objetos; aspectos)
3 –Quem avalia? (sujeitos)
4 –Como avaliar? (procedimentos)
5 –Quando avaliar? (periodicidade)

A proposta aqui é a inclusão de uma sexta pergunta: para quem ela será feita? Ou quem será o nosso interlocutor? Estas perguntas são relevantes na medida em que nos permitem clarificar qual será o uso da avaliação. Permitirá um retorno das ações à equipe? Servirá para informar os pais sobre o percurso educacional da criança? Ou possibilitará à criança acompanhar as nossas ações e refletir sobre o seu percurso na educação infantil? O uso das informações registradas deve ser igualmente discutido com o grupo da unidade com indicações claras sobre sigilo, encaminhamentos e novos planejamentos, assim como refletir sobre como estas informações serão passadas para pais e comunidade (quando for o caso).

A discussão sobre estas perguntas deve principiar a construção do Projeto Pedagógico Anual (PPA) e a revisão das estratégias de acompanhamento e avaliação das crianças deve ser constantemente realizada, sempre em grupo, para que o objetivo da avaliação seja de fato promotor de mudanças positivas para todos os envolvidos.

Desta forma, é muito importante que a avaliação seja feita de maneira a ser significativa, tanto para a equipe pedagógica da unidade quanto para responsáveis e crianças. É preciso haver consenso sobre as ferramentas que serão utilizadas para a avaliação, o acompanhamento das crianças e do trabalho pedagógico da creche e pré-escola como um todo.

6 Texto adaptado da Gerencia de Educação Infantil da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro em A Avaliação da Educação Infantil.

É muito importante que esta avaliação seja também compartilhada com as crianças a partir da exploração de seus próprios trabalhos, falas e contribuições. Incluir a criança no processo de avaliação é muito rico, tanto para ela que pode sentir-se valorizada com a atenção que o professor lhe destina, quanto para a equipe pedagógica que se sentirá subsidiada para o planejamento de novas ações e intervenções. Para os pais, os quais poderão acompanhar mais facilmente o desenvolvimento e aprendizagem da criança, também é muito importante que participem e compartilhem das avaliações.

Deve-se atentar, no decorrer do processo avaliativo, para que não haja a apresentação de uma imagem destorcida sobre a criança, de modo a influenciar negativamente seu desenvolvimento em quaisquer aspectos avaliados, assim, a avaliação na Educação Infantil é um processo que possibilita melhorias e mudanças em benefício da criança e pressupõe atitudes e relações positivas que favoreçam todos os envolvidos.

Os documentos oficiais brasileiros para a educação infantil têm abordado tal assunto indicando a importância da avaliação. Eles explicitam que ela é necessária e deve ser parte do processo pedagógico, não tendo, no entanto, como um de seus objetivos, a promoção. Conforme a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na seção II, em seu artigo 31, inciso I, Lei nº 12.796/2013, referente à Educação Infantil,»(...) a avaliação mediante o acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental «e ainda no inciso V, sobre o registro da avaliação, "expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança". Já o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil define a avaliação como o conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e a ajustar sua prática às necessidades colocadas pelas crianças.

Mais recentemente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Dezembro de 2009), em seu artigo 10º postula que "as instituições de educação infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo: I –a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; II -utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns, etc.); III –a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental); IV –documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil; V –a não retenção das crianças na Educação Infantil. As Diretrizes sugerem estratégias múltiplas para o acompanhamento da criança e do trabalho pedagógico lembrando a importância de se ter claro para quem escrevemos estes relatórios de avaliação.

Em 2009, o MEC republicou um importante documento sobre os critérios para um atendimento em creches, ressaltando que estes devem partir do respeito aos direitos fundamentais das crianças tanto no âmbito da instituição quanto no das políticas públicas. Os direitos são extensivos para crianças de pré-escola também, pois entendemos que todas elas têm direito à brincadeira, à atenção individual, ao ambiente aconchegante, seguro e estimulante, ao contato com a natureza, à higiene e saúde, a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão, ao movimento em espaços amplos, à proteção, ao afeto e à amizade, a expressar seus sentimentos, a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche (e pré-escola), a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa. Estes são bons parâmetros para a construção de uma avaliação que não considere a criança isoladamente e permita visualizá-la a partir da proposta oferecida e do grupo ao qual pertence. Se estes direitos estiverem adequadamente cobertos, as crianças terão contextos fomentadores de desenvolvimento integral e saudável e aprendizagens significativas.

A trajetória das crianças na Educação Infantil deve ser acompanhada de forma planejada, sistemática e intencional, assim como devem ser pautadas sempre as nossas ações pedagógicas. O olhar atento e cuidadoso do educador não tem a intenção de rotular ou segregar crianças por resultados pré-determinados, mas desvela, sobretudo, a intenção de enriquecer todo o ambiente que se transveste em palco para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças pequenas. Neste sentido, conforme Moro "avaliar as crianças pequenas é enfrentar o desafio de revelar o universo infantil singular, em transformação, frente a experiências educativas enriquecidas e oferecidas às crianças".

Queremos ressaltar que o ponto de partida será sempre a criança e suas relações no ambiente da Educação Infantil. Por isso, ela se encontra no centro da nossa atenção e preocupação. Queremos observar como ela se insere neste contexto organizado para que seu desenvolvimento e aprendizagens ocorram de maneira plena e significativa. A reflexão sobre as questões que permeiam a aprendizagem e o desenvolvimento infantil é de total relevância. Hoffman defende que a avaliação em Educação Infantil precisa resgatar urgentemente o sentido essencial do acompanhamento do desenvolvimento infantil, de reflexão permanente sobre as crianças em seu cotidiano como elo da continuidade da ação pedagógica.

Sendo assim, exige-se dos profissionais da Educação Infantil, por testemunharem o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças durante este rico período da vida delas, um trabalho intencional que articule as ações de cuidado e educação sempre em benefício da criança. Observar, acompanhar e monitorar o desenvolvimento das crianças, além de expressar o respeito de que elas são merecedoras, é, acima de tudo, tarefa dos profissionais da Educação Infantil. As oportunidades que cada criança tem, as culturas em que vivem e as interações que fazem, trazem diferentes oportunidades para a trajetória de desenvolvimento das crianças. Esta trajetória –educacional e desenvolvimental -nos interessa, e agir durante este percurso para ampliar as possibilidades é a nossa meta principal. Sensibilizar-nos para a trajetória de cada criança e do grupo é o primeiro resultado prático do processo avaliativo.

NOVA CONCURSOS

É comum observarmos que cada criança, ao longo de seu percurso de desenvolvimento, apresenta diferenças em relação aos outros colegas da mesma faixa etária. É neste sentido que ela é única, ela tem sua individualidade que interage com os ambientes e as pessoas produzindo expressões, interesses e relações singulares. Neste sentido, comparações e julgamentos que visem classificar esta ou aquela criança como "capaz ou incapaz" ou que "atingiu ou não atingiu os objetivos propostos" não são as desejáveis. No lugar desta visão classificatória e excludente, colocaríamos observações atentas com interações positivas que enriquecem as relações, aprendizagens e desenvolvimento. São estas observações que formam a base da avaliação. Ao invés de insistirmos na visão classificatória, tornaríamos a nossa análise mais crítica e construtiva se observássemos as diferentes maneiras de as crianças de atuarem em grupo, se relacionarem e se expressarem como indivíduos.

Por outro lado, vemos também que as crianças têm semelhanças e muitas vezes parecem apresentar comportamentos e atitudes típicas de determinadas idades ou fases. Neste caso, quando uma criança não segue um "padrão", ao invés de rotulá-la, devemos nos aproximar dela com o objetivo de compreender os caminhos de seu desenvolvimento, os interesses e aprendizagens para os quais ela se direciona. Muitas vezes, ela nos ensina sobre o que é ser criança, quando nos instiga a investigar melhor as suas reações e interesses, o que nos leva a planejar novas situações na sala, para o grupamento em questão. Dos bebês às crianças de cinco anos, a dinâmica da avaliação se repete: interagir, dialogar, observar reações, intervir, dialogar novamente, registrar e acompanhar as crianças.

A prática avaliativa, como um processo constitutivo da prática pedagógica, deve ser contínua e o foco é a criança que se encontra em desenvolvimento, vivenciando mudanças e evoluções importantes para sua vida. Por isso, é essencial identificarmos as conquistas das crianças. No entanto, mais importante é lembrar que as crianças se encontram em processo de desenvolvimento e, portanto, sujeitas a contínuas mudanças que ocorrem ao longo do tempo em que estão na Educação Infantil. A avaliação deve ter caráter dinâmico por ser um processo em aberto, e deve respeitar as especificidades do desenvolvimento e aprendizagens infantis. Acompanhar as mudanças que ocorrem nesta etapa da vida exige agilidade e, portanto, métodos claros e que deem conta de demonstrar as mudanças. A avaliação parece ter, portanto, um caráter também interativo.

Agir em favor do desenvolvimento integral da criança significa oferecer interações e experiências significativas para ela. Somente por meio de observações sistemáticas e planejamento pedagógico consistente é que promoveremos estas experiências. É nesta perspectiva que também se revela a avaliação mediadora. Hoffman discute a avaliação mediadora defendendo que a mediação é um "estado de alerta permanente" do educador que observa e acompanha o desenvolvimento da criança e sua história. É a observação e o acompanhamento da criança, de forma a mediar o desenvolvimento, o seu contexto, o planejamento do educador e a construção do conhecimento que fará sentido para a Educação Infantil.

O nosso desafio agora é ressignificar a avaliação na educação infantil, afastando o risco de comparar, classificar e rotular as crianças de forma restrita e descontextualizada. Avaliar implica em acompanhar a aprendizagem, visualizar e dar visibilidade à individualidade de cada criança, suas interações, produções e contribuições para o grupo. É utilizar a nossa observação como mediadora do processo de desenvolvimento, aprendizagem e socialização nesta etapa da vida. É demonstrar um processo constantemente em andamento, cujo produto final está sempre em aberto, passível de mudanças, complementações e novas criações.

A dinâmica de desenvolvimento, aprendizagem e relações das crianças comanda o movimento da avaliação. Acompanhar os processos de mudança significa criar uma movimentação sistemática de avaliação. O movimento da avaliação é igualmente dinâmico, além de revelador e desencadeador de novas relações e interações. A avaliação deverá ser fomentadora de práticas desejáveis na Educação Infantil. Agir com intenções claras e planejadas, avaliar a nossa ação e visualizar a participação das crianças confere movimento à prática de avaliação. A figura A, logo abaixo, nos mostra que o processo pedagógico –planejar, agir e avaliar –deve ser contínuo e cíclico, não deixando nunca de refletir cada passo dado em torno das relações entre adultos e crianças estabelecidas na Educação Infantil.

O TRABALHO COLETIVO COMO FATOR DE APERFEIÇOAMENTO DA PRÁTICA DOCENTE; O USO DE METODOLOGIAS VOLTADAS PARA PRÁTICAS INOVADORAS;

As tendências pedagógicas brasileiras foram muito influenciadas pelo momento cultural e político da sociedade, pois foram levadas à luz graças aos movimentos sociais e filosóficos. Essas formaram a prática pedagógica do país.

Os professores Saviani (1997) e Libâneo (1990) propõem a reflexão sobre as tendências pedagógicas. Mostrando que as principais tendências pedagógicas usadas na educação brasileira se dividem em duas grandes linhas de pensamento pedagógico. Elas são: Tendências Liberais e Tendências Progressistas.

Os professores devem estudar e se apropriar dessas tendências, que servem de apoio para a sua prática pedagógica. Não se deve usar uma delas de forma isolada em toda a sua docência. Mas, deve-se procurar analisar cada uma e ver a que melhor convém ao seu desempenho acadêmico, com maior eficiência e qualidade de atuação. De acordo com cada nova situação que surge, usa-se a tendência mais adequada. E observa-se que hoje, na prática docente, há uma mistura dessas tendências.

Deste modo, seguem as explicações das características de cada uma dessas formas de ensino. Porém, ao analisá-las, deve-se ter em mente que uma tendência não substitui totalmente a anterior, mas ambas conviveram e convivem com a prática escolar.

Pedagogia liberal

O termo liberal não tem o sentido de "avançado", "democrático", "aberto", como costuma ser usado. A doutrina liberal apareceu como justificação do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais da sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada *sociedade de classes*. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade.

A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadora, ora renovada. Evidentemente tais tendências se manifestam, concretamente, nas práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se deem conta dessa influência.

A pedagogia liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais, por isso os indivíduos precisam aprender a se adaptar aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes através do desenvolvimento da cultura individual. A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difunda a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições. Historicamente, a educação liberal iniciou-se com a pedagogia tradicional e, por razões de recomposição da hegemonia da burguesia, evoluiu para a pedagogia renovada (também denominada escola nova ou ativa), o que não significou a substituição de uma pela outra, pois ambas conviveram e convivem na prática escolar.

Na tendência tradicional, a pedagogia liberal se caracteriza por acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual.

A tendência *liberal renovada* acentua, igualmente, o sentido da cultura como desenvolvimento das aptidões individuais. Mas a educação é um processo interno, não externo; ela parte das necessidades e interesses individuais necessários para a adaptação ao meio. A educação é a vida presente, é a parte da própria experiência humana. A escola renovada propõe um ensino que valorize a autoeducação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo. A tendência liberal renovada apresenta-se, entre nós, em duas versões distintas: a *renovada progressivista*, ou *pragmatista*, principalmente na forma difundida pelos pioneiros da educação nova, entre os quais se destaca Anísio Teixeira (deve-se destacar, também a influência de Montessori, Decroly e, de certa forma, Piaget); a *renovada não-diretiva* orientada para os objetivos de auto realização (desenvolvimento pessoal) e para as relações interpessoais, na formulação do psicólogo norte-americano Carl Rogers.

A tendência *liberal tecnicista* subordina a educação à sociedade, tendo como função a preparação de "recursos humanos" (mão-de-obra para a indústria). A sociedade industrial e tecnológica estabelece (cientificamente) as metas econômicas, sociais e políticas, a educação treina (também cientificamente) nos alunos os comportamentos de ajustamento a essas metas. No tecnicismo acredita-se que a realidade contém em si suas próprias leis, bastando aos homens descobri-las e aplicá-las. Dessa forma, o essencial não é o *conteúdo* da realidade, mas as técnicas (*forma*) de descoberta e aplicação. A tecnologia (aproveitamento ordenado de recursos, com base no conhecimento científico) é o meio eficaz de obter a maximização da produção e garantir um ótimo funcionamento da sociedade; a educação é um recurso tecnológico por excelência. Ela "é encarada como um instrumento capaz de promover, sem contradição, o desenvolvimento econômico pela qualificação da mão-de-obra, pela redistribuição da renda, pela maximização da produção e, ao mesmo tempo, pelo desenvolvimento da 'consciência política' indispensável à manutenção do Estado autoritário". Utiliza-se basicamente do enfoque sistêmico, da tecnologia educacional e da análise experimental do comportamento.

Tendência liberal tradicional

Papel da escola - A atuação da escola consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade. O compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade. O caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos, desde que se esforcem. Assim, os menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades e conquistar seu lugar junto aos mais capazes. Caso não consigam, devem procurar o ensino mais profissionalizante.

Conteúdos de ensino - São os conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações adultas e repassados ao aluno como verdades. As matérias de estudo visam preparar o aluno para a vida, são determinadas pela sociedade e ordenadas na legislação. Os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual, razão pela qual a pedagogia tradicional é criticada como intelectualista e, às vezes, como enciclopédica.

Métodos - Baseiam-se na exposição verbal da matéria e/ou demostração. Tanto a exposição quanto a análise são feitas pelo professor, observados os seguintes passos: a) preparação do aluno (definição do trabalho, recordação da matéria anterior, despertar interesse); b) apresentação (realce de pontos-chaves, demonstração); c) associação (combinação do conhecimento novo com o já conhecido por comparação e abstração); d) generalização (dos aspectos particulares chega-se ao conceito geral, é a exposição sistematizada); e) aplicação (explicação de fatos adicionais e/ou resoluções de exercícios). A ênfase nos exercícios, na repetição de conceitos ou fórmulas na memorização visa disciplinar a mente e formar hábitos.

NOVA CONCURSOS

Relacionamento professor-aluno - Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio.

Pressupostos de aprendizagem - A ideia de que o ensino consiste em repassar os conhecimentos para o espírito da criança é acompanhada de uma outra: a de que a capacidade de assimilação da criança é idêntica à do adulto, apenas menos desenvolvida. Os programas, então, devem ser dados numa progressão lógica, estabelecida pelo adulto, sem levar em conta as características próprias de cada idade. A aprendizagem, assim, é receptiva e mecânica, para o que se recorre frequentemente à coação. A retenção do material ensinado é garantida pela repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria. A transferência da aprendizagem depende do treino; é indispensável a retenção, a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma semelhante às respostas dadas em situações anteriores. A avaliação se dá por verificações de curto prazo (interrogatórios orais, exercício de casa) e de prazo mais longo (provas escritas, trabalhos de casa). O esforço é, em geral, negativo (punição, notas baixas, apelos aos pais); às vezes, é positivo (emulação, classificações).

Manifestações na prática escolar - A pedagogia liberal tradicional é viva e atuante em nossas escolas. Na descrição apresentada aqui se incluem as escolas religiosas ou leigas que adotam uma orientação clássico-humanista ou uma orientação humano-científica, sendo que esta se aproxima mais do modelo de escola predominante em nossa história educacional.

Tendência liberal renovada progressivista

Papel da escola - A finalidade da escola é adequar as necessidades individuais ao meio social e, para isso, ela deve se organizar de forma a retratar, o quanto possível, a vida. Todo ser dispõe dentro de si mesmo de mecanismos de adaptação progressiva ao meio e de uma consequente integração dessas formas de adaptação no comportamento. Tal integração se dá por meio de experiências que devem satisfazer, ao mesmo tempo, os interesses do aluno e as exigências sociais. À escola cabe suprir as experiências que permitam ao aluno educar-se, num processo ativo de construção e reconstrução do objeto, numa interação entre estruturas cognitivas do indivíduo e estruturas do ambiente.

Conteúdos de ensino - Como o conhecimento resulta da ação a partir dos interesses e necessidades, os conteúdos de ensino são estabelecidos em função de experiências que o sujeito vivencia frente a desafios cognitivos e situações problemáticas. Dá-se, portanto, muito mais valor aos processos mentais e habilidades cognitivas do que a conteúdos organizados racionalmente. Trata-se de "aprender a aprender", ou seja, é mais importante o processo de aquisição do saber do que o saber propriamente dito.

Método de ensino - A ideia de "aprender fazendo" está sempre presente. Valorizam-se as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social, o método de solução de problemas. Embora os métodos variem, as escolas ativas ou novas (Dewey, Montessori, Decroly, Cousinet e outros) partem sempre de atividades adequadas à natureza do aluno e às etapas do seu desenvolvimento. Na maioria delas, acentua-se a importância do trabalho em grupo não apenas como técnica, mas como condição básica do desenvolvimento mental. Os passos básicos do método ativo são: a) colocar o aluno numa situação de experiência que tenha um interesse por si mesma; b) o problema deve ser desafiante, como estímulo à reflexão; c) o aluno deve dispor de informações e instruções que lhe permitam pesquisar a descoberta de soluções; d) soluções provisórias devem ser incentivadas e ordenadas, com a ajuda discreta do professor; e) deve-se garantir a oportunidade de colocar as soluções à prova, a fim de determinar sua utilidade para a vida.

Relacionamento professor-aluno - Não há lugar privilegiado para o professor; antes, seu papel é auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo da criança; se intervém, é para dar forma ao raciocínio dela. A disciplina surge de uma tomada de consciência dos limites da vida grupal; assim, aluno disciplinado é aquele que é solidário, participante, respeitador das regras do grupo. Para se garantir um clima harmonioso dentro da sala de aula é indispensável um relacionamento positivo entre professores e alunos, uma forma de instaurar a "vivência democrática" tal qual deve ser a vida em sociedade.

Pressupostos de aprendizagem - A motivação depende da força de estimulação do problema e das disposições internas e interesses do aluno. Assim, aprender se torna uma atividade de descoberta, é uma autoaprendizagem, sendo o ambiente apenas o meio estimulador. É retido o que se incorpora à atividade do aluno pela descoberta pessoal; o que é incorporado passa a compor a estrutura cognitiva para ser empregado em novas situações. A avaliação é fluida e tenta ser eficaz à medida que os esforços e os êxitos são pronta e explicitamente reconhecidos pelo professor.

Manifestações na prática escolar - Os princípios da pedagogia progressivista vêm sendo difundidos, em larga escala, nos cursos de licenciatura, e muitos professores sofrem sua influência. Entretanto, sua aplicação é reduzidíssima, não somente por falta de condições objetivas como também porque se choca com uma prática pedagógica basicamente tradicional. Alguns métodos são adotados em escolas particulares, como o método Montessori, o método dos centros de interesse de Decroly, o método de projetos de Dewey. O ensino baseado na psicologia genética de Piaget tem larga aceitação na educação pré-escolar. Pertencem, também, à tendência progressivista muitas das escolas denominadas "experimentais", as "escolas comunitárias" e mais remotamente (década de 60) a "escola secundária moderna", na versão difundida por Lauro de Oliveira Lima.

Tendência liberal renovada não diretiva

Papel da escola - Acentua-se nesta tendência o papel da escola na formação de atitudes, razão pela qual deve estar mais preocupada com os problemas psicológicos do que com os pedagógicos ou sociais. Todo esforço está em estabelecer um clima favorável a uma mudança dentro do indivíduo, isto é, a uma adequação pessoal ás solicitações do ambiente. Rogers4 considera que o ensino é uma atividade excessivamente valorizada; para ele os procedimentos didáticos, a competência na matéria, as aulas, livros, tudo tem muito pouca importância, face ao propósito de favorecer a pessoa um clima de autodesenvolvimento e realização pessoal, o que implica estar bem consigo próprio e com seus semelhantes. O resultado de uma boa educação é muito semelhante ao de uma boa terapia.

Conteúdos de ensino - A ênfase que esta tendência põe nos processos de desenvolvimento das relações e da comunicação torna secundária a transmissão de conteúdos. Os processos de ensino visam mais facilitar aos estudantes os meios para buscarem por si mesmos os conhecimentos que, no entanto, são dispensáveis.

Métodos de ensino - Os métodos usuais são dispensados, prevalecendo quase que exclusivamente o esforço do professor em desenvolver um estilo próprio para facilitar a aprendizagem dos alunos. Rogers explicita algumas das características do professor "facilitador": aceitação da pessoa do aluno, capacidade de ser confiável receptivo e ter plena convicção na capacidade de autodesenvolvimento do estudante. Sua função restringe-se a ajudar o aluno a se organizar, utilizando técnicas de sensibilização onde os sentimentos de cada um possam ser expostos, sem ameaças. Assim, o objetivo do trabalho escolar se esgota nos processos de melhor relacionamento interpessoal, como condição para o crescimento pessoal.

Relacionamento professor-aluno - A pedagogia não diretiva propõe uma educação centrada no aluno, visando formar sua personalidade através da vivência de experiências significativas que lhe permitam desenvolver características inerentes à sua natureza. O professor é um especialista em relações humanas, ao garantir o clima de relacionamento pessoal e autêntico. "Ausentar-se" é a melhor forma de respeito e aceitação plena do aluno. Toda intervenção é ameaçadora, inibidora da aprendizagem.

Pressupostos de aprendizagem - A motivação resulta do desejo de adequação pessoal na busca da auto realização; é, portanto um ato interno. A motivação aumenta, quando o sujeito desenvolve o sentimento de que é capaz de agir em termos de atingir suas metas pessoais, isto é, desenvolve a valorização do "eu". Aprender, portanto, é modificar suas próprias percepções; daí que apenas se aprende o que estiver significativamente relacionado com essas percepções. Resulta que a retenção se dá pela relevância do aprendido em relação ao "eu", ou seja, o que não está envolvido com o "eu" não é retido e nem transferido. Portanto, a avaliação escolar perde inteiramente o sentido, privilegiando-se a auto avaliação.

Manifestações na prática escolar - Entre nós, o inspirador da pedagogia não-diretiva é C. Rogers, na verdade mais psicólogo clínico que educador. Suas ideias influenciam um número expressivo de educadores e professores, principalmente orientadores educacionais e psicólogos escolares que se dedicam ao aconselhamento. Menos recentemente, podem-se citar também tendências inspiradas na escola de Summerhill do educador inglês A. Neill.

Tendência liberal tecnicista

Papel da escola - Num sistema social harmônico, orgânico e funcional, a escola funciona como modeladora do comportamento humano, através de técnicas específicas. À educação escolar compete organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrem na máquina do sistema social global. Tal sistema social é regido por leis naturais (há na sociedade a mesma regularidade e as mesmas relações funcionais observáveis entre os fenômenos da natureza), cientificamente descobertas. Basta aplicá-las. A atividade da "descoberta" é função da educação, mas deve ser restrita aos especialistas; a "aplicação" é competência do processo educacional comum. A escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto, emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas. A pesquisa científica, a tecnologia educacional, a análise experimental do comportamento garantem a objetividade da prática escolar, uma vez que os objetivos instrucionais (conteúdos) resultam da aplicação de leis naturais que independem dos que a conhecem ou executam.

Conteúdos de ensino - São as informações, princípios científicos, leis etc., estabelecidos e ordenados numa sequência lógica e psicológica por especialistas. É matéria de ensino apenas o que é redutível ao conhecimento observável e mensurável; os conteúdos decorrem, assim, da ciência objetiva, eliminando-se qualquer sinal de subjetividade. O material instrucional encontra-se sistematizado nos manuais, nos livros didáticos, nos módulos de ensino, nos dispositivos audiovisuais etc.

Métodos de ensino - Consistem nos procedimentos e técnicas necessárias ao arranjo e controle nas condições ambientais que assegurem a transmissão/recepção de informações. Se a primeira tarefa do professor é modelar respostas apropriadas aos objetivos instrucionais, a principal é conseguir o comportamento adequado pelo controle do ensino; daí a importância da tecnologia educacional. A tecnologia educacional é a "aplicação sistemática de princípios científicos comportamentais e tecnológicos a problemas educacionais, em função de resultados efetivos, utilizando uma metodologia e abordagem sistêmica abrangente". Qualquer sistema instrucional (há uma grande variedade deles) possui três componentes básicos: objetivos instrucionais operacionalizados em comportamentos ob-

NOVA CONCURSOS

serváveis e mensuráveis, procedimentos instrucionais e avaliação. As etapas básicas de um processo ensino-aprendizagem são: a) estabelecimento de comportamentos terminais, através de objetivos instrucionais; b) análise da tarefa de aprendizagem, a fim de ordenar sequencialmente os passos da instrução; c) executar o programa, reforçando gradualmente as respostas corretas correspondentes aos objetivos. O essencial da tecnologia educacional é a programação por passos sequenciais empregada na instrução programada, nas técnicas de microensino, multimeios, módulos etc. O emprego da tecnologia instrucional na escola pública aparece nas formas de: planejamento em moldes sistêmicos, concepção de aprendizagem como mudança de comportamento, operacionalização de objetivos, uso de procedimentos científicos (instrução programada, audiovisuais, avaliação etc., inclusive a programação de livros didáticos).

Fonte: https://canaldoensino.com.br/blog/educacao-e-escolarizacao-quem-sao-os-responsaveis-nesse--processo

PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: SUCESSOS E FRACASSOS; EVASÃO E REPETÊNCIA: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E ALTERNATIVAS;

Segundo o dicionário on-line Michaelis, educação é o "processo que visa ao desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano, através da aplicação de métodos próprios, com o intuito de assegurar-lhe a integração social e a formação da cidadania", ou seja, por essa definição é possível compreender que a educação é um processo contínuo na formação de alguém, a pessoa está em constante processo de educação para sobreviver no meio em que vive.

Já escolarização, pelo conceito do dicionário do Aurélio, é o "ato ou efeito de escolarizar ou de se escolarizar; conjunto de conhecimentos adquiridos na escola". Por essa definição é possível confirmar que o processo de **escolarização** se dá pela escola, uma instituição de ensino capaz de formar o indivíduo com esse tipo de conhecimento.

Mas se os conceitos encontram-se tão claros quanto às definições, porque há essa confusão quanto ao ato de educar. A escola é responsável por essa etapa? Os pais são completamente responsáveis pela formação de alguém? Vamos separar estes conceitos e diferenciá-los.

O professor, filósofo e escritor Mário Sérgio Cortella diz que "a educação é a formação de uma pessoa – responsabilidade dos pais – e a escolarização é um pedaço da educação", portanto resume-se que a escola não é a responsável pela total educação dos filhos, não cabe a instituição ensinar os estudantes como podem e/ou devem portar-se perante a sociedade. O dever da escola é participar, complementar a educação do indivíduo, que é de responsabilidade de seus responsáveis, ou, a família.

Portanto a família e os responsáveis são os responsáveis por construir o indivíduo em questão do caráter e da conduta para com o outro. Os pais possuem um dever de ensinar seus filhos, mostrando como se caracteriza a sociedade, quais são os desafios que enfrentarão, como podem portar-se diante de uma situação, mas isso não pode "aprisionar" alguém, muito pelo contrário, essa educação deve complementar a educação para o indivíduo analisar o que ele deseja ou não fazer diante de ocasiões diferentes, quem decide como agir é a própria pessoa, de acordo com os ensinamentos que assimilou durante sua vida, desde a educação dos pais, a escolarização da escola, até as experiências com os amigos, com a vivência no bairro em que vive e no país que reside.

Ao analisar estes dois termos, educação e escolarização, é possível verificar que a educação abrange a escolarização e muitas outras áreas que compõem a rotina do ser humano. A escolarização busca mostrar e preparar o indivíduo quanto ao mercado de trabalho, ao aprimoramento do **conhecimento múltiplo**, ou melhor, os diversos tipos de inteligências, como a inteligência lógica, a linguística e a musical. São termos diferentes, mas relacionados, onde a escolarização é um componente da educação.

Fonte: https://canaldoensino.com.br/blog/educacao--e-escolarizacao-quem-sao-os-responsaveis-nesse-processo

ESCOLA INCLUSIVA COMO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO, DE APRENDIZAGEM E DE SOCIALIZAÇÃO; O CONHECIMENTO DAS IDENTIDADES NACIONAIS, ÉTNICOS-RACIAIS E DIFERENÇAS CULTURAIS.;

A proposta de educação inclusiva fundamenta-se numa filosofia que aceita e reconhece a diversidade na escola, garantindo o acesso a todos à educação escolar, independentemente de diferenças individuais. O valor principal que norteia a ideia da inclusão está calcado no princípio da igualdade e diversidade, concomitante com as propostas de sociedade democrática e justa. Fundamenta-se na concepção de educação de qualidade para todos, respeitando a diversidade dos alunos e realizando o atendimento às suas necessidades educativas. Isso implica adaptações diante das diferenças e das necessidades individuais de aprendizagem de cada aluno.

Uma das possibilidades de construção da escola inclusiva é a aproximação dos sujeitos (comunidade interna e externa), diante da descentralização do poder, a municipalização pode proporcionar a aproximação da comunidade e da escola. Sendo a gestão escolar democrática e participativa responsável pelo envolvimento de todos que, direta ou indiretamente, fazem parte do processo educacional. Assim, o estabelecimento de objetivos, a solução de problemas, os planos de ação e sua execução, o acompanhamento e a avaliação são responsabilidades de todos.

A gestão escolar democrática e participativa proporciona à escola se tornar mais ativa e suas práticas devem ser refletidas na e pela comunidade. A participação, em educação, é muito mais do que dialogar, é um processo lento, conflituoso, em que conhecer os conflitos e saber mediá-los torna-se fonte precípua. Por isso, é necessário ouvir pais, comunidade e órgãos de representação. Esses são caminhos que devem ser trilhados para a construção da educação inclusiva.

O papel da gestão escolar na construção da escola inclusiva

O diretor deve ser o principal revigorador do comportamento do professor que demonstra pensamentos e ações cooperativas a serviço da inclusão. É comum que os professores temam inovação e assumam riscos que sejam encarados de forma negativa e com desconfiança pelos pares que estão aferrados aos modelos tradicionais. O diretor é de fundamental importância na superação dessas barreiras previsíveis e pode fazê-lo através de palavras e ações adequadas que reforçam o apoio aos professores. (SAGE, 1999).

Sage (1999) analisa a relação entre o gestor escolar e a educação inclusiva, reconhece que a prática dessa educação requer alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas. Para o autor, os gestores escolares são essenciais nesse processo, pois lideram e mantêm a estabilidade do sistema. As mudanças apontadas para a construção da escola inclusiva envolvem vários níveis do sistema administrativo: secretarias de educação, organização das escolas e procedimentos didáticos em sala de aula. "O papel do diretor é de importância vital em cada nível, e diferentes níveis de pessoal administrativo estão envolvidos".

O primeiro passo, segundo suas recomendações, é construir uma comunidade inclusiva que englobe o planejamento e o desenvolvimento curricular; o segundo passo do processo é a preparação da equipe para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar seus saberes, a fim de desenvolver um programa de equipe em progresso contínuo; o terceiro passo envolve a criação de dispositivos de comunicação entre a comunidade e a escola; o quarto passo abrange a criação de tempo para reflexão sobre a prática desenvolvida.

O papel do diretor em provocar as mudanças necessárias do sistema em cada nível – o setor escolar central, a escola e cada turma – é essencialmente um papel de facilitação. A mudança não pode ser legislada ou obrigada a existir. O medo da mudança não pode ser ignorado. O diretor pode ajudar os outros a encararem o medo, encorajar as tentativas de novos comportamentos e reforçar os esforços rumo ao objetivo da inclusão. (SAGE, 1999).

O autor destaca que a burocracia, nas escolas, reduz o poder de decisão dos professores, provocando serviços despersonalizados e ineficientes, impedindo a consolidação do modelo de trabalho cooperativo essencial para a educação inclusiva. Acrescenta que o desenvolvimento da equipe proporciona a oportunidade de identificar lideranças na unidade escolar, o que encoraja a ajuda mútua entre os professores e assim reforça comportamentos cooperativos. O gestor escolar pode colaborar com o estabelecimento da colaboração, no ambiente escolar, com o aprimoramento do contato e da interação entre os professores e demais funcionários. Enfatiza que o gestor escolar é o grande responsável para que a inclusão ocorra na escola, abrindo espaços e promovendo trocas de experiências importantes, desenvolvendo uma gestão democrática e participativa dentro, é claro, de suas possibilidades e de acordo com o contexto em que atua na comunidade, favorecendo a formação e a consolidação de equipes de trabalho.

Para a consolidação da atual proposta de educação inclusiva, é necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento dos programas a serem implementados. "Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas" (SANT'ANA, 2005).

A autora afirma caber aos gestores escolares tomar as providências de caráter administrativo necessárias à implementação do projeto de educação inclusiva. Acrescentamos a essa ideia que as providências pedagógicas também envolvam o trabalho do gestor escolar, uma vez que sua prática articula os aspectos administrativos e pedagógicos.

O gestor escolar que se propõe a atuar numa prática inclusiva envolve-se na organização das reuniões pedagógicas, desenvolve ações relacionadas à acessibilidade universal, identifica e realiza as adaptações curriculares de grande porte e fomenta as de pequeno porte, possibilita o intercâmbio e o suporte entre os profissionais externos e a comunidade escolar.

"Diante da orientação inclusiva, as funções do gestor escolar incluem a definição dos objetivos da instituição, o estímulo à capacitação de professores, o fortalecimento de apoio às interações e a processos que se compatibilizem com a filosofia da escola" (SANT'ANA, 2005).

Prieto (2002) afirma que os gestores escolares devem concentrar esforços para efetivar a proposta de educação inclusiva. Isso implica união de discursos referentes à democratização do ensino e aos princípios norteadores da gestão na escola. A educação inclusiva só será realidade no Brasil quando as informações, os recursos, os sucessos e as adaptações inter-relacionarem as esferas federais, estaduais e municipais, proporcionando um relacionamento intenso entre União, Estados e municípios.

A autora analisa que a troca de informações profissionais é imprescindível à melhoria da qualidade educacional, assim, a ação pedagógica refletida, individual ou coletivamente, possibilita a articulação e construção de uma nova prática.

Carvalho (2004) aponta alguns dos caminhos para a construção da escola inclusiva: valorização profissional dos professores, aperfeiçoamento das escolas e do pessoal docente, utilização dos professores das classes especiais, trabalho em equipe, adaptações curriculares. Em suas palavras:

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qual-

NOVA CONCURSOS

quer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento.

Destacamos que não é apenas o gestor que apoia seus professores, mas esses também servem de apoio para a ação da equipe de gestão escolar. Adaptar a escola para garantir a educação inclusiva não se resume apenas a eliminar as barreiras arquitetônicas dos prédios escolares; é preciso ter um novo olhar para o currículo escolar, proporcionando a todos os alunos o acesso aos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

À gestão escolar cabe muito mais do que uma técnica, cabe incentivar a troca de ideias, a discussão, a observação, as comparações, os ensaios e os erros, é liderar com profissionalismo pedagógico. Cada escola tem sua própria personalidade, suas características, seus membros, seu clima, sua rede de relações. (TEZANI, 2004).

Consideramos que a educação inclusiva necessita proporcionar, em suas práticas cotidianas, um clima organizacional favorável que estimule o saber e a cultura, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos técnicos, éticos, políticos, humanos, para que se tornem emancipados e autônomos. Acreditamos que isso só será possível se houver uma gestão escolar capaz de enfatizar os processos democráticos e participativos no cotidiano escolar. Há, portanto, a necessidade de promover uma mudança social e educacional, abandonando práticas individualizadoras e fomentando a ação coletiva.

A escola inclusiva é receptiva e responsiva, mas isso não depende apenas dos gestores e educadores, são imprescindíveis transformações nas políticas públicas educacionais. Garantir a construção da escola inclusiva não é tarefa apenas do gestor escolar, mas esse tem papel essencial neste processo.

Para Aranha (2001), a inclusão é a aceitação da diversidade, na vida em sociedade, e também é a garantia do acesso das oportunidades para todos. Portanto, não é somente com leis e textos teóricos que iremos assegurar os direitos de todos, pois esses, por si mesmos, não garantem a efetivação das ações no cotidiano escolar.

Rodrigues (2006) afirma ser um desafio ao exercício da profissão do diretor a proposta de educação inclusiva, pois este profissional não é um técnico (no sentido de aplicar técnicas normalizadas e previamente conhecidas), um funcionário (que executa funções enquadradas por uma cadeia hierárquica previamente definida). "A profissão de gestor escolar exige imensa versatilidade, dado que se lhe pede que aja com grande autonomia e seja capaz de delinear e desenvolver planos de intervenção com condições muito diferentes. Para desenvolver esta competência tão criativa também uma formação profissional".

Completa que a aquisição de competência para a gestão inclusiva só poderá ser adquirida por meio de uma prática continuada, reflexiva e coletiva, pois a educação inclusiva é o resultado do comprometimento com a educação de todos os alunos e de toda a escola. É preciso uma escola toda para desenvolver um projeto de educação inclusiva.

A educação inclusiva só se efetivará nas unidades escolares se medidas administrativas e pedagógicas forem adotadas pela equipe escolar, amparada pela opção política de construção de um sistema de educação inclusiva. A educação escolar será melhor quando possibilitar ao homem o desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva, garantindo sua autonomia e independência.

O que dizem os documentos oficiais?

Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (BRASIL, 1997).

A relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva é uma proposta nova de trabalho e pode ser observada em alguns documentos oficiais (nacionais e internacionais). Em alguns casos, essa relação não está explícita; mas nas entrelinhas dos documentos.

Nossa proposta foi realizar, então, um estudo dos documentos que consideramos relevantes e que garantem o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e que mencionem o papel da gestão escolar de forma processual.

Iniciaremos a análise das relações entre gestão escolar e a educação inclusiva com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. A mesma estabelece, no Artigo 26, que a educação é um direito de todos; deve ser gratuita; o ensino fundamental (elementar) obrigatório o ensino técnico e profissional generalizado e o ensino superior aberto a todos em plena igualdade.

A educação é afirmada pelo documento como fator essencial à expansão da personalidade humana e reforço dos direitos do ser humano, pois só assim esse será capaz de compreender, tolerar e realizar laços de amizade com seus pares e com as demais nações, promovendo assim a manutenção da paz.

O último item sobre educação do documento ressalta que cabe aos pais o direito de escolher o gênero de educação a darem aos seus filhos. O documento é importante para ressaltar a educação como direito de todo cidadão, sendo gratuita e obrigatória no ensino fundamental (elementar) sem discriminação de raça, cor, credo ou deficiência.

Ao continuarmos nosso estudo, durante a Conferência de Goten realizada, em 1990, na Tailândia, foi promulgada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990). Participaram da assinatura do documento e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia o conteúdo do documento consiste em satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos os alunos.

A proposta de universalização do ensino com qualidade e redução da desigualdade, tornam-se fatores seminais à educação: o combate da discriminação, o comprometimento com os excluídos, a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem das pessoas com deficiência e a garantia do acesso ao sistema educativo regular.

Diante da proposta que demanda atenção referente à qualidade da educação atendendo a diversidade, procuramos localizar, no documento citado, o que é dito sobre o papel da gestão escolar: respeito à diversidade e fortalecimento de alianças com as autoridades educacionais para proporcionar a educação com equidade. "Novas e crescentes articulações e alianças serão necessárias em todos os níveis: entre todos os subsetores e formas de educação, reconhecendo o papel especial dos professores, dos administradores e do pessoal que trabalha em educação..." (BRASIL, 1990).

O documento apresenta o gestor escolar como um dos responsáveis a promover o fortalecimento de alianças para a promoção da educação para todos. Não desresponsabilizando os governos: federal, estadual e municipal quanto ao oferecimento de recursos humanos e materiais para consolidação da proposta.

Merece destaque, diante do fio condutor do trabalho, o item 19 do documento: "III – melhor capacitação dos administradores públicos e o estabelecimento de incentivos para reter mulheres e homens qualificados no serviço público" (BRASIL, 1990).

Sabemos que a capacitação tem um papel precípuo para se dar uma resposta educativa à altura das exigências da atualidade e, neste ponto, o documento enfatiza que a formação continuada dos educadores é essencial para oferecer uma resposta educativa com qualidade.

O item 24 do documento apresenta a prioridade de aperfeiçoar a capacidade gerencial, assim, "tanto o pessoal de supervisão e administração quanto os planejadores, arquitetos de escolas, os formadores de educadores, especialistas em currículo, pesquisadores, analistas etc. são igualmente importantes para qualquer estratégia de melhoria da educação básica" (BRASIL, 1990).

Concluímos – com o estudo da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990) – que são apontados os sujeitos responsáveis pela mudança e a necessidade da formação em exercício para todos os envolvidos no processo de garantia das necessidades básicas de aprendizagem para todos.

A Conferência Mundial de Salamanca (Espanha) destacou, entre outros elementos: acesso e qualidade relativamente à educação. Esta conferência foi realizada em 1994, sendo promulgada a Declaração de Salamanca: sobre princípios, política e prática em educação especial (BRASIL, 1997). Assinaram-na e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia esse documento baseia-se na criação de condições para que os sistemas de ensino possibilitem a construção de escolas inclusivas.

Reafirma o compromisso com a educação para todos e reconhece a necessidade de alterações nos sistemas de ensino e nas escolas para que a educação inclusiva se efetive. Diante desta perspectiva, a gestão escolar tem papel fundamental, pois deve colaborar para o desenvolvimento de procedimentos administrativos e pedagógicos mais flexíveis; uso racional dos recursos instrucionais; diversificação das opções de aprendizagem; mobilização de auxílios; desenvolvimento de ações que proporcionem o relacionamento dos pais, da comunidade e da escola. "Uma administração escolar bem sucedida depende de um envolvimento ativo e reativo de professores e do pessoal e do desenvolvimento de cooperação efetiva e de trabalho em grupo no sentido de atender as necessidades dos estudantes" (BRASIL, 1997).

Aos gestores escolares, segundo o documento, cabe a responsabilidade de promover atitudes positivas e cooperativas entre a comunidade interna e externa da escola com relação à educação inclusiva.

No item (c), Recrutamento e Treinamento de Educadores, encontramos a especificação de se privilegiar a preparação apropriada de todos os educadores para que o progresso da educação inclusiva se concretize. Essa proposta de formação deveria ocorrer nos cursos de graduação e em programas de educação continuada ou em serviço, assim, o conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino no sentido de abarcar uma variedade maior de habilidades, etc. (BRASIL, 1997).

Os programas de formação para a educação inclusiva, de acordo com o documento, deveriam exercitar a autonomia e as habilidades de adaptação do currículo no sentido de atender às necessidades especiais dos alunos. Conforme Carneiro (2006), esses itens abordam claramente o papel dos diretores como agentes promotores da inclusão, criando condições de atendimento adequado a todas as crianças transformando a administração escolar em uma gestão participativa e democrática, em que toda a equipe escolar seja responsável pelo bom andamento da escola e pela satisfação das necessidades de todos os alunos.

Ao avançarmos no estudo, em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394/96 (BRASIL, 1996), que avança na área da educação especial destinando um capítulo específico para esta modalidade de ensino e estabelecendo que o ensino do aluno, com necessidade educacional especial, aconteça preferencialmente na rede regular de ensino.

O Artigo 58 estabelece que a educação especial deve ser oferecida no ensino regular para os alunos com necessidades educacionais especiais. O Artigo 59 estabelece a reorganização social para atendimento das pessoas com igualdade, quanto às mais complexas e diversas diferenças, físicas ou cognitivas.

A questão da diversidade está estabelecida na referida Lei, uma vez que garante o acesso e a permanência de todos na escola. Faz referência à valorização dos profissionais da educação e à gestão democrática como uma das propostas para valorização dos profissionais da educação.

Na Lei (BRASIL, 1996), encontramos a regulamentação da gestão democrática das escolas públicas e a transformação do Projeto Político-Pedagógico delineando-se como um instrumento de inteligibilidade e fator de mudanças significativas. O Artigo 14 estabelece os princípios da gestão democrática, pois garante "a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico

NOVA CONCURSOS

da escola". Com o estabelecimento da Lei, é expressa a participação de todos na elaboração do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. Desta monta, acreditamos que, quando todos participam e se sentem responsáveis bem como compromissados com aquilo que fazem, concretiza-se a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. O primeiro passo efetivo deve garantir a gestão democrática e participativa como um dos possíveis caminhos à construção da escola inclusiva.

A gestão democrática e participativa pressupõe a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da escola, por se tratar de um trabalho conjunto. Conforme estabelecido, na LDBEN (BRASIL, 1996), a participação na construção coletiva do documento está assegurada, pois reconhece a escola como espaço de autonomia.

Para Silva Júnior (2002), o Projeto Político-Pedagógico "indicará as grandes linhas de reflexão e de consideração mantenedoras de suas etapas de trabalho; consubstanciará os valores e critérios determinantes das ações a serem desenvolvidas nos diferentes núcleos da prática escolar".

Construir coletivamente o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é proporcionar aos profissionais a oportunidade de exercitar a participação e de valorizar a autonomia da escola.

Carneiro (2006) afirma que o projeto pedagógico não pode se constituir como um fim em si mesmo. Ele é verdadeiramente o início de um processo de trabalho.

A partir do projeto pedagógico a escola vai estruturando seu trabalho, avaliando e reorganizando suas práticas. Mais uma vez o papel do gestor se apresenta em destaque, uma vez que para estruturar, avaliar e reorganizar as práticas educativas é necessária uma liderança firme capaz de buscar os caminhos para tais encaminhamentos.

O Projeto Político-Pedagógico é o somatório dos valores que os membros da unidade escolar têm. As escolas com uma prática qualitativamente superior são aquelas que construíram tal documento de maneira coletiva e participativa. Colocar em prática o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é um processo de ação-reflexão-ação que exige a participação de todo o colegiado.

A proposta de construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico é, portanto, fundamental para consolidação da gestão democrática e participativa na unidade escolar e assim construção da escola inclusiva, bem como o papel do gestor norteará esse processo, uma vez que ele é corresponsável pelo estabelecimento de uma rede de relações adequadas para que todos possam ter autonomia e participação.

A questão da autonomia merece destaque por estar em evidência na LDBEN (BRASIL, 1996). Para Silva Júnior (2002), "a constituição da autonomia da escola pela via do projeto pedagógico, supõe a existência de condições para a prática do trabalho coletivo, entendido este como a valorização das pessoas e a relativização das funções".

Conforme Barroso (1996), a autonomia prevista na legislação incentiva o sistema a adotar um mecanismo que garanta tal pressuposto; no entanto, o que se observa no cotidiano escolar é a construção de um modelo de falsa autonomia, pois ela não pode ser construída, segundo o autor, de forma decretada. Para ele, a autonomia "afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não preexiste à ação (sic) dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores (sic) organizacionais numa determinada escola".

O autor discute ainda que a autonomia da escola está atrelada à autonomia dos indivíduos que a compõe. Por isso, a especificidade da escola em construir a autonomia é um processo delicado, pois a articulação das características de cada um, mais a coletividade, diante da proposta de cultura da colaboração e da participação nas unidades escolares brasileiras, envolvem um processo de mudança.

Construir a escola inclusiva significa articular democracia, participação e autonomia. Sua implementação não será um processo fácil, pois o compromisso em atender com qualidade e eficiência pedagógica a todos os alunos é um compromisso com a melhoria da qualidade educacional para todos, o que somente será concretizado com a consciência e a valorização dos fatos e das normas coletivas mediadas pela responsabilidade social. Só assim a escola cumprirá seu papel de transformação social.

Todavia, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), não encontramos qualquer referência à relação entre gestão escolar e educação inclusiva, apenas sugestões de ações.

Ao continuar, encontramos os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares: estratégias para educação de alunos com necessidades especiais (BRASIL, 1998), que fornecem subsídios para a prática pedagógica inclusiva. O documento normativo apresenta um conjunto de ações a serem desenvolvidas para garantir o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Apresenta as adequações necessárias para que a escola se torne inclusiva e atenda às especificidades do ensino diante da diversidade.

As adaptações curriculares constituem-se em adequações satisfatórias para que o aluno – com necessidade educacional especial – tenha acesso ao processo de ensino e aprendizagem no ensino regular; para isso, é necessário rever alguns aspectos da educação escolar, como a "definição dos objetivos, no tratamento e desenvolvimento dos conteúdos, no transcorrer de todo processo avaliativo, na temporalidade e na organização do trabalho didático-pedagógico no intuito de favorecer a aprendizagem do aluno" (BRASIL, 1998).

A construção da escola inclusiva, que perpassa pelo caminho das adaptações curriculares, deve ter como premissa que a inclusão consiste em um processo gradual, que requer ajuda ao aluno, à família e à comunidade escolar.

Destarte, cabe à equipe escolar adotar algumas medidas: elaboração de propostas pedagógicas com objetivos claros, que se baseiem nas especificidades dos alunos; identificar as capacidades da própria escola; organizar os conteúdos escolares de acordo com os ritmos de aprendizagens dos alunos; rever metodologias de ensino, de forma que essas auxiliem na motivação dos alunos; conceber a avaliação como processo visando ao progresso do aluno.

As adaptações curriculares podem ser subdivididas em dois níveis:

- Adaptações significativas ou de grande porte.
- Adaptações não significativas ou de pequeno porte.

A primeira é da responsabilidade de todos os envolvidos no processo educacional – aqui enfatizaremos os gestores. A segunda são ações específicas do professor em sala de aula.

As consideradas não significativas são pequenas ações que podem ser desenvolvidas sem grandes alterações no cotidiano escolar; as adaptações curriculares de pequeno porte são aquelas adotadas pelo professor em sala de aula, apoiado pela gestão escolar. Estão divididas em organizativas: organização de agrupamentos, organização didática e organização do espaço; relativas aos objetivos e conteúdos: priorização de áreas ou unidades de conteúdos, de tipos de conteúdos e de objetivos; sequencialização, eliminação de conteúdos secundários; avaliativas: adaptação e modificação de técnicas e instrumentos; nos procedimentos didáticos e nas atividades: modificação de procedimentos, introdução de atividades alternativas previstas e de atividades complementares às previstas; modificação do nível de complexidade das atividades, eliminando componentes, sequenciando a tarefa, facilitando planos de apoio, adaptação dos materiais; modificação da seleção dos materiais previstos; na temporalidade: modificação dessa para determinados objetivos e conteúdos previstos.

As adaptações curriculares, de grande porte, ou seja, as significativas são aquelas adotadas pela gestão escolar para auxiliar na prática da educação inclusiva. As significativas englobam vários fatores do cotidiano escolar. Ressaltamos que ambas necessitam do apoio e da intervenção da gestão escolar. Estão divididas em:

- *Objetivos:* - eliminação de objetivos básicos, introdução de objetivos específicos, complementares e/ou alternativos;
- *Conteúdos*: introdução de conteúdos específicos, complementares ou alternativos, eliminação de conteúdos básicos do currículo;
- *Metodologia e organização didática*: introdução de métodos e procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem, organização e introdução de recursos específicos de acesso ao currículo;
- *Avaliação*: introdução de critérios específicos de avaliação, eliminação de critérios gerais de avaliação, adaptações de critérios regulares de avaliação, modificação dos critérios de promoção e;
- *Temporalidade*: prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série ou ciclo (retenção).

Destacamos que o processo de adaptações curriculares de grande porte deve seguir os passos:

- Promover o registro documental das medidas adaptativas, adotadas para integrar o acervo documental do aluno, evitar que as programações individuais sejam definidas, organizadas e realizadas com prejuízo para o aluno em sua promoção, desempenho e socialização;
- Adotar critérios para evitar adaptações curriculares muito significativas, que impliquem a supressão de conteúdos expressivos e;
- A eliminação de disciplinas ou de áreas curriculares completas.

Para a efetivação da proposta de construção da escola inclusiva, as adaptações curriculares devem estar especificadas em seus documentos, como Projeto Político- Pedagógico Plano de Ensino, entre outros. Porém, garantir as adaptações curriculares apenas pelos documentos não garante a sua efetivação. Para que escola inclusiva seja construída, um sistema de apoio, envolvendo família, colegas, profissionais de diversas áreas, professores especialistas, recursos materiais e programas, faz-se necessário.

Mendes (2000) analisa que, se as devidas adaptações curriculares forem adotadas pela gestão escolar, poderão favorecer a educação inclusiva e, consequentemente, auxiliarão os aspectos administrativos e pedagógicos, proporcionando melhoria da qualidade do serviço educacional prestado. "Construir uma educação emancipadora e inclusiva é instituir continuamente novas relações educativas numa sociedade contraditória e excludente" (BRASIL, 2004).

Destacamos algumas características curriculares que facilitam a educação inclusiva: flexibilidade, ou seja, a não-obrigatoriedade de que todos os alunos atinjam o mesmo grau de abstração ou de conhecimento, num tempo determinado; a consideração que, ao planejar atividades para uma turma, deve-se levar em conta a presença de alunos com necessidades especiais e contemplá-los na programação; o trabalho ressignificado simultâneo, cooperativo e participativo, entendido como a participação dos alunos com necessidades especiais nas atividades desenvolvidas pelos demais colegas, embora não o façam com a mesma intensidade, nem necessariamente de igual modo ou com a mesma ação e grau de abstração.

Portanto, as adaptações curriculares são medidas pedagógicas necessárias para a prática da educação inclusiva, em diversos âmbitos: projeto pedagógico, sala de aula, elaboração e realização de atividades.

No "Projeto Escola Viva" (BRASIL, 2000), elaborado com base nos PCN, encontramos a adaptação curricular de grande porte, sendo de competência e atribuições dos gestores escolares: caracterizar o perfil do alunado; mapear o conjunto de necessidades educacionais especiais presentes na unidade, e em cada sala (processo contínuo, no decorrer do ano); encaminhar para a Secretaria Municipal de Educação a solicitação das Adaptações Curriculares de Grande Porte que se façam necessárias; envidar esforços junto à Secretaria Municipal de Educação e junto ao Conselho Municipal de Educação para que as Adaptações Curriculares de Grande Porte sejam implementadas; implementar as Adaptações Curriculares de Grande Porte que forem de sua competência; providenciar o suporte técnico-científico de que os professores necessitam (convênios com Universidades, Centros Profissionais, servidores das diversas Secretarias, etc.); planejar o envolvimento das famílias e da comunidade no processo de construção da inclusão em sua unidade escolar; promover atividades (palestras, projeção de filmes, discussão sobre material audiovisual, etc.) de sensibilização e de conscientização sobre a convivência na diversidade para alunos, professores, famílias e comunidade.

Assim, podemos analisar a relevância da articulação entre gestão escolar e educação inclusiva, pois essas ações são necessárias para que o aluno com necessidade educacional especial tenha acesso ao conhecimento construído pela humanidade. As adequações não são exclusivamente administrativas, são pedagógicas também.

Ao avançarmos nosso estudo, encontramos o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2001a), promulgado em 9 de janeiro de 2001, por meio da Lei n.º 10.172, tendo este a vigência de dez anos. Na Lei, encontramos pontos isolados que tratam separadamente da gestão escolar e da educação inclusiva:

- Gestão escolar: estabelece a gestão democrática participativa nos estabelecimentos oficiais e garante a participação de todos na elaboração do projeto político pedagógico da unidade escolar.

- Educação inclusiva: estabelece como diretriz o atendimento ao aluno com necessidade educacional especial no sistema regular de ensino e enfatiza a formação de recursos humanos necessários para este atendimento.

O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001a, Artigos 34, 35, 36) especifica que o processo de formação em serviço não se restringe apenas ao professor, mas, como vimos, a todos os sujeitos escolares com o objetivo de garantir qualidade no atendimento prestado para todos os alunos diante da diversidade.

Para Carneiro (2006), "neste ponto o PNE aborda especificamente sobre a necessidade de formação inicial e continuada dos diretores de escola, e sobre a necessidade específica de formação adequada para a administração escolar".

Cabe ressaltar aqui que o PNE designa responsabilidades aos Estados, Municípios e Universidades para que estas metas sejam alcançadas.

Portanto, no PNE (BRASIL, 2001a), primeiro, fica estabelecido que somente uma política explícita e vigorosa de acesso à educação para todos abrange o âmbito social e o âmbito educacional. Segundo, destacam-se os aspectos administrativos (adequação do espaço escolar, de seus equipamentos e materiais pedagógicos), e qualificação dos professores e demais profissionais envolvidos. "O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta à diversidade dos alunos, no que a participação da comunidade é fator essencial" (BRASIL, 2001).

Na sequência, no mesmo ano, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Relatório da Câmara de Educação Básica, Parecer n.º 17/2001 que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001). Encontramos no documento destaque para a relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva.

No item 1 – Na organização dos sistemas de ensino para o atendimento ao aluno, que apresenta necessidades educacionais especiais, está especificado que:

Os administradores locais e os diretores de estabelecimentos escolares devem ser convidados a criar procedimentos mais flexíveis de gestão, a remanejar os recursos pedagógicos, diversificar as opções educativas, estabelecer relações com pais e a comunidade. (BRASIL, 2001).

Para a efetivação da construção da escola inclusiva, o documento aponta a necessidade de criação de uma equipe multidisciplinar de atendimento ao aluno quando a unidade escolar não tiver condições. Nesse sentido, "cabe aos gestores educacionais buscar essa equipe multiprofissional em outra escola ou sistema educacional ou na comunidade" (BRASIL, 2001). Isso ocorrerá por meio de parcerias ou convênios.

De acordo com o documento em estudo, os sistemas de ensino são responsáveis pelos recursos humanos, materiais e financeiros, sustentando e viabilizando tal proposta. Há a necessidade de criação de um "canal oficial e formal de comunicação, de estudo, de tomada de decisões e de coordenação dos processos referentes às mudanças na estruturação dos serviços, na gestão e na prática pedagógica" (BRASIL, 2001).

Gestores escolares conscientes da necessidade de mudanças para construção da educação inclusiva são responsáveis por assegurar a acessibilidade aos alunos que têm necessidades educacionais especiais, eliminando barreiras arquitetônicas urbanísticas, no transporte escolar e nas formas de comunicação. As adaptações físicas dos prédios são consideradas adaptações curriculares de grande porte.

Sobre o processo educativo, cabe à gestão escolar, assegurar os recursos humanos e materiais necessários, possibilitando a ampliação do compromisso com o fortalecimento da educação inclusiva. Assim, torna-se essencial fomentar atitudes proativas das famílias, alunos, professores e da comunidade escolar em geral; superar os obstáculos da ignorância, do medo e do preconceito; divulgar os serviços e recursos educacionais existentes; difundir experiências bem sucedidas de educação inclusiva; estimular o trabalho voluntário no apoio à inclusão escolar. (BRASIL, 2001).

Carvalho (2004) afirma que as recomendações contidas nos documentos aqui apresentados provocam "uma nova racionalidade no ato de planejar, substituindo-se a tecnocracia de um pequeno grupo que decide, por maior participação dos envolvidos no processo, em especial dos que acumularam conhecimentos e experiências na área educativa e que estão movidos por sincero compromisso com os interesses coletivos".

Já Dutra e Griboski (2005) afirmam que:

A gestão para inclusão pressupõe um trabalho competente, à luz de um paradigma dinâmico, mobilizador da sociedade e responsável pela transformação dos sistemas educacionais, contribuindo para melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e apontando respostas para aqueles grupos que têm sido mais excluídos do processo educacional.

O último documento a ser estudado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – versão preliminar (BRASIL, 2007) estabelece que o objetivo do documento é assegurar o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, de modo a garantir: acesso com participação e aprendizagem no ensino comum; oferta do atendimento educacional especializado; continuidade de estudos e acesso aos níveis mais elevados de ensino; promoção da acessibilidade universal;

formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado; formação dos profissionais da educação e comunidade escolar; transversalidade da modalidade de ensino especial desde a educação infantil até a educação superior; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

A educação inclusiva constitui uma proposta educacional que reconhece e garante o direito de todos os alunos de compartilhar um mesmo espaço escolar, sem discriminações de qualquer natureza. Promove a igualdade e valoriza as diferenças na organização de um currículo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos e que estimule transformações pedagógicas das escolas, visando à atualização de suas práticas como meio de atender às necessidades dos alunos durante o percurso educacional. Compreende uma inovação educacional, ao romper com paradigmas que sustentam a maneira excludente de ensinar e ao propor a emancipação, como ponto de partida de todo processo educacional. (BRASIL, 2007).

A proposta, de acordo com o documento, é realizar o atendimento educacional especializado, organizando recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras e possibilitem o acesso ao currículo, à comunicação e aos espaços físicos, conforme as necessidades de cada aluno. Assim, a escola se transformará num espaço significativo de aprendizagem com práticas pedagógicas que valorizem o desenvolvimento emocional, intelectual e social de todos os alunos, bem como seu potencial crítico e criativo, proporcionando que estes construam conhecimentos relacionados às situações vividas no cotidiano escolar e familiar e os saberes da comunidade. Para isso, há necessidade de flexibilização curricular.

O documento não faz menção específica ao papel do gestor escolar, mas, ao propor a reorganização dos sistemas e uma nova diretriz na formação dos professores, indica as possibilidades de ação da gestão escolar. Ao tratar sobre as orientações aos sistemas de ensino, recomenda que haja participação dos alunos, professores, gestores, pais ou responsáveis e demais profissionais na elaboração e avaliação de propostas que visam à implementação dessa política; desenvolvimento do trabalho colaborativo e reflexivo entre professores e demais profissionais da educação, valorizando os saberes da comunidade e o percurso escolar dos alunos; fomento às atividades de ensino, pesquisa e extensão visando à inclusão escolar e à educação especial, contribuindo para o desenvolvimento da prática pedagógica e da gestão; celebração de convênios com instituições privadas sem fins lucrativos, condicionada aos projetos que estejam em consonância com o previsto na política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva e passíveis de avaliação contínua de seus objetivos e procedimentos pelos sistemas de ensino; constituição de redes de apoio à inclusão, com a colaboração de setores responsáveis pela saúde e assistência social e a participação dos movimentos sociais em todos os municípios.

Diante do exposto, percebemos a relevância do papel da gestão escolar diante da construção da escola inclusiva, pois cabe à gestão escolar garantir a acessibilidade aos alunos com necessidades educacionais especiais, bem como a gestão democrática e participativa que garantam a possibilidade de modificação do atual sistema de educação escolar. A proposta é de abertura para uma nova organização do modelo de escola.

Concluímos que a atuação do gestor escolar tem grande valia na tarefa de construir uma escola para todos. A educação inclusiva exige adaptações que priorizem a formação dos recursos humanos, materiais e financeiros, juntamente com uma prática voltada para o pedagógico. Garantir, ratificamos a eliminação das barreiras arquitetônicas, facilitar o transporte escolar e promover ações que facilitem a comunicação são algumas de suas funções. Assim, torna-se relevante o contato direto e constante com os pais e demais profissionais (internos e externos). Outro fator que deve ser ressaltado é a promoção das adaptações curriculares e os arranjos satisfatórios com apoio do especialista, proporcionando sua presença na sala de recursos. A proposta de educação inclusiva fundamenta-se numa filosofia que aceita e reconhece a diversidade na escola, garantindo o acesso a todos à educação escolar, independentemente de diferenças individuais. O valor principal que norteia a ideia da inclusão está calcado no princípio da igualdade e diversidade, concomitante com as propostas de sociedade democrática e justa. Fundamenta-se na concepção de educação de qualidade para todos, respeitando a diversidade dos alunos e realizando o atendimento às suas necessidades educativas. Isso implica adaptações diante das diferenças e das necessidades individuais de aprendizagem de cada aluno.

Uma das possibilidades de construção da escola inclusiva é a aproximação dos sujeitos (comunidade interna e externa), diante da descentralização do poder, a municipalização pode proporcionar a aproximação da comunidade e da escola. Sendo a gestão escolar democrática e participativa responsável pelo envolvimento de todos que, direta ou indiretamente, fazem parte do processo educacional. Assim, o estabelecimento de objetivos, a solução de problemas, os planos de ação e sua execução, o acompanhamento e a avaliação são responsabilidades de todos.

A gestão escolar democrática e participativa proporciona à escola se tornar mais ativa e suas práticas devem ser refletidas na e pela comunidade. A participação, em educação, é muito mais do que dialogar, é um processo lento, conflituoso, em que conhecer os conflitos e saber mediá-los torna-se fonte precípua. Por isso, é necessário ouvir pais, comunidade e órgãos de representação. Esses são caminhos que devem ser trilhados para a construção da educação inclusiva.

O papel da gestão escolar na construção da escola inclusiva

O diretor deve ser o principal revigorador do comportamento do professor que demonstra pensamentos e ações cooperativas a serviço da inclusão. É comum que os professores temam inovação e assumam riscos que sejam encarados de forma negativa e com desconfiança pelos pares que estão aferrados aos modelos tradicionais. O diretor é de fundamental importância na superação dessas barreiras previsíveis e pode fazê-lo através de palavras e ações adequadas que reforçam o apoio aos professores. (SAGE, 1999).

NOVA CONCURSOS

Sage (1999) analisa a relação entre o gestor escolar e a educação inclusiva, reconhece que a prática dessa educação requer alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas. Para o autor, os gestores escolares são essenciais nesse processo, pois lideram e mantêm a estabilidade do sistema. As mudanças apontadas para a construção da escola inclusiva envolvem vários níveis do sistema administrativo: secretarias de educação, organização das escolas e procedimentos didáticos em sala de aula. "O papel do diretor é de importância vital em cada nível, e diferentes níveis de pessoal administrativo estão envolvidos".

O primeiro passo, segundo suas recomendações, é construir uma comunidade inclusiva que englobe o planejamento e o desenvolvimento curricular; o segundo passo do processo é a preparação da equipe para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar seus saberes, a fim de desenvolver um programa de equipe em progresso contínuo; o terceiro passo envolve a criação de dispositivos de comunicação entre a comunidade e a escola; o quarto passo abrange a criação de tempo para reflexão sobre a prática desenvolvida.

O papel do diretor em provocar as mudanças necessárias do sistema em cada nível – o setor escolar central, a escola e cada turma – é essencialmente um papel de facilitação. A mudança não pode ser legislada ou obrigada a existir. O medo da mudança não pode ser ignorado. O diretor pode ajudar os outros a encararem o medo, encorajar as tentativas de novos comportamentos e reforçar os esforços rumo ao objetivo da inclusão. (SAGE, 1999).

O autor destaca que a burocracia, nas escolas, reduz o poder de decisão dos professores, provocando serviços despersonalizados e ineficientes, impedindo a consolidação do modelo de trabalho cooperativo essencial para a educação inclusiva. Acrescenta que o desenvolvimento da equipe proporciona a oportunidade de identificar lideranças na unidade escolar, o que encoraja a ajuda mútua entre os professores e assim reforça comportamentos cooperativos. O gestor escolar pode colaborar com o estabelecimento da colaboração, no ambiente escolar, com o aprimoramento do contato e da interação entre os professores e demais funcionários. Enfatiza que o gestor escolar é o grande responsável para que a inclusão ocorra na escola, abrindo espaços e promovendo trocas de experiências importantes, desenvolvendo uma gestão democrática e participativa dentro, é claro, de suas possibilidades e de acordo com o contexto em que atua na comunidade, favorecendo a formação e a consolidação de equipes de trabalho.

Para a consolidação da atual proposta de educação inclusiva, é necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento dos programas a serem implementados. "Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas" (SANT'ANA, 2005).

A autora afirma caber aos gestores escolares tomar as providências de caráter administrativo necessárias à implementação do projeto de educação inclusiva. Acrescentamos a essa ideia que as providências pedagógicas também envolvam o trabalho do gestor escolar, uma vez que sua prática articula os aspectos administrativos e pedagógicos.

O gestor escolar que se propõe a atuar numa prática inclusiva envolve-se na organização das reuniões pedagógicas, desenvolve ações relacionadas à acessibilidade universal, identifica e realiza as adaptações curriculares de grande porte e fomenta as de pequeno porte, possibilita o intercâmbio e o suporte entre os profissionais externos e a comunidade escolar.

"Diante da orientação inclusiva, as funções do gestor escolar incluem a definição dos objetivos da instituição, o estímulo à capacitação de professores, o fortalecimento de apoio às interações e a processos que se compatibilizem com a filosofia da escola" (SANT'ANA, 2005).

Prieto (2002) afirma que os gestores escolares devem concentrar esforços para efetivar a proposta de educação inclusiva. Isso implica união de discursos referentes à democratização do ensino e aos princípios norteadores da gestão na escola. A educação inclusiva só será realidade no Brasil quando as informações, os recursos, os sucessos e as adaptações inter-relacionarem as esferas federais, estaduais e municipais, proporcionando um relacionamento intenso entre União, Estados e municípios.

A autora analisa que a troca de informações profissionais é imprescindível à melhoria da qualidade educacional, assim, a ação pedagógica refletida, individual ou coletivamente, possibilita a articulação e construção de uma nova prática.

Carvalho (2004) aponta alguns dos caminhos para a construção da escola inclusiva: valorização profissional dos professores, aperfeiçoamento das escolas e do pessoal docente, utilização dos professores das classes especiais, trabalho em equipe, adaptações curriculares. Em suas palavras:

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento.

Destacamos que não é apenas o gestor que apoia seus professores, mas esses também servem de apoio para a ação da equipe de gestão escolar. Adaptar a escola para garantir a educação inclusiva não se resume apenas a eliminar as barreiras arquitetônicas dos prédios escolares; é preciso ter um novo olhar para o currículo escolar, proporcionando a todos os alunos o acesso aos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

À gestão escolar cabe muito mais do que uma técnica, cabe incentivar a troca de ideias, a discussão, a observação, as comparações, os ensaios e os erros, é liderar com profissionalismo pedagógico. Cada escola tem sua própria personalidade, suas características, seus membros, seu clima, sua rede de relações. (TEZANI, 2004).

Consideramos que a educação inclusiva necessita proporcionar, em suas práticas cotidianas, um clima organizacional favorável que estimule o saber e a cultura, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos técnicos, éticos, políticos, humanos, para que se

tornem emancipados e autônomos. Acreditamos que isso só será possível se houver uma gestão escolar capaz de enfatizar os processos democráticos e participativos no cotidiano escolar. Há, portanto, a necessidade de promover uma mudança social e educacional, abandonando práticas individualizadoras e fomentando a ação coletiva.

A escola inclusiva é receptiva e responsiva, mas isso não depende apenas dos gestores e educadores, são imprescindíveis transformações nas políticas públicas educacionais. Garantir a construção da escola inclusiva não é tarefa apenas do gestor escolar, mas esse tem papel essencial neste processo.

Para Aranha (2001), a inclusão é a aceitação da diversidade, na vida em sociedade, e também é a garantia do acesso das oportunidades para todos. Portanto, não é somente com leis e textos teóricos que iremos assegurar os direitos de todos, pois esses, por si mesmos, não garantem a efetivação das ações no cotidiano escolar.

Rodrigues (2006) afirma ser um desafio ao exercício da profissão do diretor a proposta de educação inclusiva, pois este profissional não é um técnico (no sentido de aplicar técnicas normalizadas e previamente conhecidas), um funcionário (que executa funções enquadradas por uma cadeia hierárquica previamente definida). "A profissão de gestor escolar exige imensa versatilidade, dado que se lhe pede que aja com grande autonomia e seja capaz de delinear e desenvolver planos de intervenção com condições muito diferentes. Para desenvolver esta competência tão criativa também uma formação profissional".

Completa que a aquisição de competência para a gestão inclusiva só poderá ser adquirida por meio de uma prática continuada, reflexiva e coletiva, pois a educação inclusiva é o resultado do comprometimento com a educação de todos os alunos e de toda a escola. É preciso uma escola toda para desenvolver um projeto de educação inclusiva.

A educação inclusiva só se efetivará nas unidades escolares se medidas administrativas e pedagógicas forem adotadas pela equipe escolar, amparada pela opção política de construção de um sistema de educação inclusiva. A educação escolar será melhor quando possibilitar ao homem o desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva, garantindo sua autonomia e independência.

O que dizem os documentos oficiais?

Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (BRASIL, 1997).

A relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva é uma proposta nova de trabalho e pode ser observada em alguns documentos oficiais (nacionais e internacionais). Em alguns casos, essa relação não está explícita; mas nas entrelinhas dos documentos.

Nossa proposta foi realizar, então, um estudo dos documentos que consideramos relevantes e que garantem o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e que mencionem o papel da gestão escolar de forma processual.

Iniciaremos a análise das relações entre gestão escolar e a educação inclusiva com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. A mesma estabelece, no Artigo 26, que a educação é um direito de todos; deve ser gratuita; o ensino fundamental (elementar) obrigatório o ensino técnico e profissional generalizado e o ensino superior aberto a todos em plena igualdade.

A educação é afirmada pelo documento como fator essencial à expansão da personalidade humana e reforço dos direitos do ser humano, pois só assim esse será capaz de compreender, tolerar e realizar laços de amizade com seus pares e com as demais nações, promovendo assim a manutenção da paz.

O último item sobre educação do documento ressalta que cabe aos pais o direito de escolher o gênero de educação a darem aos seus filhos. O documento é importante para ressaltar a educação como direito de todo cidadão, sendo gratuita e obrigatória no ensino fundamental (elementar) sem discriminação de raça, cor, credo ou deficiência.

Ao continuarmos nosso estudo, durante a Conferência de Goten realizada, em 1990, na Tailândia, foi promulgada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990). Participaram da assinatura do documento e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia o conteúdo do documento consiste em satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos os alunos.

A proposta de universalização do ensino com qualidade e redução da desigualdade, tornam-se fatores seminais à educação: o combate da discriminação, o comprometimento com os excluídos, a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem das pessoas com deficiência e a garantia do acesso ao sistema educativo regular.

Diante da proposta que demanda atenção referente à qualidade da educação atendendo a diversidade, procuramos localizar, no documento citado, o que é dito sobre o papel da gestão escolar: respeito à diversidade e fortalecimento de alianças com as autoridades educacionais para proporcionar a educação com equidade. "Novas e crescentes articulações e alianças serão necessárias em todos os níveis: entre todos os subsetores e formas de educação, reconhecendo o papel especial dos professores, dos administradores e do pessoal que trabalha em educação..." (BRASIL, 1990).

O documento apresenta o gestor escolar como um dos responsáveis a promover o fortalecimento de alianças para a promoção da educação para todos. Não desresponsabilizando os governos: federal, estadual e municipal quanto ao oferecimento de recursos humanos e materiais para consolidação da proposta.

Merece destaque, diante do fio condutor do trabalho, o item 19 do documento: "III – melhor capacitação dos administradores públicos e o estabelecimento de incentivos para reter mulheres e homens qualificados no serviço público" (BRASIL, 1990).

Sabemos que a capacitação tem um papel precípuo para se dar uma resposta educativa à altura das exigências da atualidade e, neste ponto, o documento enfatiza que a formação continuada dos educadores é essencial para oferecer uma resposta educativa com qualidade.

O item 24 do documento apresenta a prioridade de aperfeiçoar a capacidade gerencial, assim, "tanto o pessoal de supervisão e administração quanto os planejadores, arquitetos de escolas, os formadores de educadores, especialistas em currículo, pesquisadores, analistas etc. são igualmente importantes para qualquer estratégia de melhoria da educação básica" (BRASIL, 1990).

Concluímos – com o estudo da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990) – que são apontados os sujeitos responsáveis pela mudança e a necessidade da formação em exercício para todos os envolvidos no processo de garantia das necessidades básicas de aprendizagem para todos.

A Conferência Mundial de Salamanca (Espanha) destacou, entre outros elementos: acesso e qualidade relativamente à educação. Esta conferência foi realizada em 1994, sendo promulgada a Declaração de Salamanca: sobre princípios, política e prática em educação especial (BRASIL, 1997). Assinaram-na e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia esse documento baseia-se na criação de condições para que os sistemas de ensino possibilitem a construção de escolas inclusivas.

Reafirma o compromisso com a educação para todos e reconhece a necessidade de alterações nos sistemas de ensino e nas escolas para que a educação inclusiva se efetive. Diante desta perspectiva, a gestão escolar tem papel fundamental, pois deve colaborar para o desenvolvimento de procedimentos administrativos e pedagógicos mais flexíveis; uso racional dos recursos instrucionais; diversificação das opções de aprendizagem; mobilização de auxílios; desenvolvimento de ações que proporcionem o relacionamento dos pais, da comunidade e da escola. "Uma administração escolar bem sucedida depende de um envolvimento ativo e reativo de professores e do pessoal e do desenvolvimento de cooperação efetiva e de trabalho em grupo no sentido de atender as necessidades dos estudantes" (BRASIL, 1997).

Aos gestores escolares, segundo o documento, cabe a responsabilidade de promover atitudes positivas e cooperativas entre a comunidade interna e externa da escola com relação à educação inclusiva.

No item (c), Recrutamento e Treinamento de Educadores, encontramos a especificação de se privilegiar a preparação apropriada de todos os educadores para que o progresso da educação inclusiva se concretize. Essa proposta de formação deveria ocorrer nos cursos de graduação e em programas de educação continuada ou em serviço, assim, o conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino no sentido de abarcar uma variedade maior de habilidades, etc. (BRASIL, 1997).

Os programas de formação para a educação inclusiva, de acordo com o documento, deveriam exercitar a autonomia e as habilidades de adaptação do currículo no sentido de atender às necessidades especiais dos alunos. Conforme Carneiro (2006), esses itens abordam claramente o papel dos diretores como agentes promotores da inclusão, criando condições de atendimento adequado a todas as crianças transformando a administração escolar em uma gestão participativa e democrática, em que toda a equipe escolar seja responsável pelo bom andamento da escola e pela satisfação das necessidades de todos os alunos.

Ao avançarmos no estudo, em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394/96 (BRASIL, 1996), que avança na área da educação especial destinando um capítulo específico para esta modalidade de ensino e estabelecendo que o ensino do aluno, com necessidade educacional especial, aconteça preferencialmente na rede regular de ensino.

O Artigo 58 estabelece que a educação especial deve ser oferecida no ensino regular para os alunos com necessidades educacionais especiais. O Artigo 59 estabelece a reorganização social para atendimento das pessoas com igualdade, quanto às mais complexas e diversas diferenças, físicas ou cognitivas.

A questão da diversidade está estabelecida na referida Lei, uma vez que garante o acesso e a permanência de todos na escola. Faz referência à valorização dos profissionais da educação e à gestão democrática como uma das propostas para valorização dos profissionais da educação.

Na Lei (BRASIL, 1996), encontramos a regulamentação da gestão democrática das escolas públicas e a transformação do Projeto Político-Pedagógico delineando-se como um instrumento de inteligibilidade e fator de mudanças significativas. O Artigo 14 estabelece os princípios da gestão democrática, pois garante "a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola". Com o estabelecimento da Lei, é expressa a participação de todos na elaboração do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. Desta monta, acreditamos que, quando todos participam e se sentem responsáveis bem como compromissados com aquilo que fazem, concretiza-se a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. O primeiro passo efetivo deve garantir a gestão democrática e participativa como um dos possíveis caminhos à construção da escola inclusiva.

A gestão democrática e participativa pressupõe a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da escola, por se tratar de um trabalho conjunto. Conforme estabelecido, na LDBEN (BRASIL, 1996), a participação na construção coletiva do documento está assegurada, pois reconhece a escola como espaço de autonomia.

Para Silva Júnior (2002), o Projeto Político-Pedagógico "indicará as grandes linhas de reflexão e de consideração mantenedoras de suas etapas de trabalho; consubstanciará os valores e critérios determinantes das ações a serem desenvolvidas nos diferentes núcleos da prática escolar".

Construir coletivamente o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é proporcionar aos profissionais a oportunidade de exercitar a participação e de valorizar a autonomia da escola.

Carneiro (2006) afirma que o projeto pedagógico não pode se constituir como um fim em si mesmo. Ele é verdadeiramente o início de um processo de trabalho.

A partir do projeto pedagógico a escola vai estruturando seu trabalho, avaliando e reorganizando suas práticas. Mais uma vez o papel do gestor se apresenta em destaque, uma vez que para estruturar, avaliar e reorganizar as práticas educativas é necessária uma liderança firme capaz de buscar os caminhos para tais encaminhamentos.

O Projeto Político-Pedagógico é o somatório dos valores que os membros da unidade escolar têm. As escolas com uma prática qualitativamente superior são aquelas que construíram tal documento de maneira coletiva e participativa. Colocar em prática o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é um processo de ação-reflexão-ação que exige a participação de todo o colegiado.

A proposta de construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico é, portanto, fundamental para consolidação da gestão democrática e participativa na unidade escolar e assim construção da escola inclusiva, bem como o papel do gestor norteará esse processo, uma vez que ele é corresponsável pelo estabelecimento de uma rede de relações adequadas para que todos possam ter autonomia e participação.

A questão da autonomia merece destaque por estar em evidência na LDBEN (BRASIL, 1996). Para Silva Júnior (2002), "a constituição da autonomia da escola pela via do projeto pedagógico, supõe a existência de condições para a prática do trabalho coletivo, entendido este como a valorização das pessoas e a relativização das funções".

Conforme Barroso (1996), a autonomia prevista na legislação incentiva o sistema a adotar um mecanismo que garanta tal pressuposto; no entanto, o que se observa no cotidiano escolar é a construção de um modelo de falsa autonomia, pois ela não pode ser construída, segundo o autor, de forma decretada. Para ele, a autonomia "afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não preexiste à ação (sic) dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores (sic) organizacionais numa determinada escola".

O autor discute ainda que a autonomia da escola está atrelada à autonomia dos indivíduos que a compõe. Por isso, a especificidade da escola em construir a autonomia é um processo delicado, pois a articulação das características de cada um, mais a coletividade, diante da proposta de cultura da colaboração e da participação nas unidades escolares brasileiras, envolvem um processo de mudança.

Construir a escola inclusiva significa articular democracia, participação e autonomia. Sua implementação não será um processo fácil, pois o compromisso em atender com qualidade e eficiência pedagógica a todos os alunos é um compromisso com a melhoria da qualidade educacional para todos, o que somente será concretizado com a consciência e a valorização dos fatos e das normas coletivas mediadas pela responsabilidade social. Só assim a escola cumprirá seu papel de transformação social.

Todavia, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), não encontramos qualquer referência à relação entre gestão escolar e educação inclusiva, apenas sugestões de ações.

Ao continuar, encontramos os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares: estratégias para educação de alunos com necessidades especiais (BRASIL, 1998), que fornecem subsídios para a prática pedagógica inclusiva. O documento normativo apresenta um conjunto de ações a serem desenvolvidas para garantir o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Apresenta as adequações necessárias para que a escola se torne inclusiva e atenda às especificidades do ensino diante da diversidade.

As adaptações curriculares constituem-se em adequações satisfatórias para que o aluno – com necessidade educacional especial – tenha acesso ao processo de ensino e aprendizagem no ensino regular; para isso, é necessário rever alguns aspectos da educação escolar, como a "definição dos objetivos, no tratamento e desenvolvimento dos conteúdos, no transcorrer de todo processo avaliativo, na temporalidade e na organização do trabalho didático-pedagógico no intuito de favorecer a aprendizagem do aluno" (BRASIL, 1998).

A construção da escola inclusiva, que perpassa pelo caminho das adaptações curriculares, deve ter como premissa que a inclusão consiste em um processo gradual, que requer ajuda ao aluno, à família e à comunidade escolar.

Destarte, cabe à equipe escolar adotar algumas medidas: elaboração de propostas pedagógicas com objetivos claros, que se baseiem nas especificidades dos alunos; identificar as capacidades da própria escola; organizar os conteúdos escolares de acordo com os ritmos de aprendizagens dos alunos; rever metodologias de ensino, de forma que essas auxiliem na motivação dos alunos; conceber a avaliação como processo visando ao progresso do aluno.

As adaptações curriculares podem ser subdivididas em dois níveis:

- Adaptações significativas ou de grande porte.
- Adaptações não significativas ou de pequeno porte.

A primeira é da responsabilidade de todos os envolvidos no processo educacional – aqui enfatizaremos os gestores. A segunda são ações específicas do professor em sala de aula.

As consideradas não significativas são pequenas ações que podem ser desenvolvidas sem grandes alterações no cotidiano escolar; as adaptações curriculares de pequeno porte são aquelas adotadas pelo professor em sala de aula, apoiado pela gestão escolar. Estão divididas em organizativas: organização de agrupamentos, organização didática e organização do espaço; relativas aos objetivos e conteúdos: priorização de áreas ou unidades de conteúdos, de tipos de conteúdos e de objetivos; sequencialização, eliminação de conteúdos secundários; avaliativas: adaptação e modificação de técnicas e instrumentos; nos procedimentos didáticos e nas atividades: modificação de procedimentos, introdução de atividades alternativas previstas e de atividades complementares às previstas; modificação do nível de complexidade das atividades, eliminando componentes, sequenciando a tarefa, facilitando planos de apoio, adaptação dos materiais; modificação da seleção dos materiais previstos; na temporalidade: modificação dessa para determinados objetivos e conteúdos previstos.

NOVA CONCURSOS

As adaptações curriculares, de grande porte, ou seja, as significativas são aquelas adotadas pela gestão escolar para auxiliar na prática da educação inclusiva. As significativas englobam vários fatores do cotidiano escolar. Ressaltamos que ambas necessitam do apoio e da intervenção da gestão escolar. Estão divididas em:

- *Objetivos:* - eliminação de objetivos básicos, introdução de objetivos específicos, complementares e/ou alternativos;

- *Conteúdos*: introdução de conteúdos específicos, complementares ou alternativos, eliminação de conteúdos básicos do currículo;

- *Metodologia e organização didática*: introdução de métodos e procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem, organização e introdução de recursos específicos de acesso ao currículo;

- *Avaliação*: introdução de critérios específicos de avaliação, eliminação de critérios gerais de avaliação, adaptações de critérios regulares de avaliação, modificação dos critérios de promoção e;

- *Temporalidade*: prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série ou ciclo (retenção).

Destacamos que o processo de adaptações curriculares de grande porte deve seguir os passos:

- Promover o registro documental das medidas adaptativas, adotadas para integrar o acervo documental do aluno, evitar que as programações individuais sejam definidas, organizadas e realizadas com prejuízo para o aluno em sua promoção, desempenho e socialização;

- Adotar critérios para evitar adaptações curriculares muito significativas, que impliquem a supressão de conteúdos expressivos e;

- A eliminação de disciplinas ou de áreas curriculares completas.

Para a efetivação da proposta de construção da escola inclusiva, as adaptações curriculares devem estar especificadas em seus documentos, como Projeto Político- Pedagógico Plano de Ensino, entre outros. Porém, garantir as adaptações curriculares apenas pelos documentos não garante a sua efetivação. Para que escola inclusiva seja construída, um sistema de apoio, envolvendo família, colegas, profissionais de diversas áreas, professores especialistas, recursos materiais e programas, faz-se necessário.

Mendes (2000) analisa que, se as devidas adaptações curriculares forem adotadas pela gestão escolar, poderão favorecer a educação inclusiva e, consequentemente, auxiliarão os aspectos administrativos e pedagógicos, proporcionando melhoria da qualidade do serviço educacional prestado. "Construir uma educação emancipadora e inclusiva é instituir continuamente novas relações educativas numa sociedade contraditória e excludente" (BRASIL, 2004).

Destacamos algumas características curriculares que facilitam a educação inclusiva: flexibilidade, ou seja, a não-obrigatoriedade de que todos os alunos atinjam o mesmo grau de abstração ou de conhecimento, num tempo determinado; a consideração que, ao planejar atividades para uma turma, deve-se levar em conta a presença de alunos com necessidades especiais e contemplá-los na programação; o trabalho ressignificado simultâneo, cooperativo e participativo, entendido como a participação dos alunos com necessidades especiais nas atividades desenvolvidas pelos demais colegas, embora não o façam com a mesma intensidade, nem necessariamente de igual modo ou com a mesma ação e grau de abstração.

Portanto, as adaptações curriculares são medidas pedagógicas necessárias para a prática da educação inclusiva, em diversos âmbitos: projeto pedagógico, sala de aula, elaboração e realização de atividades.

No "Projeto Escola Viva" (BRASIL, 2000), elaborado com base nos PCN, encontramos a adaptação curricular de grande porte, sendo de competência e atribuições dos gestores escolares: caracterizar o perfil do alunado; mapear o conjunto de necessidades educacionais especiais presentes na unidade, e em cada sala (processo contínuo, no decorrer do ano); encaminhar para a Secretaria Municipal de Educação a solicitação das Adaptações Curriculares de Grande Porte que se façam necessárias; envidar esforços junto à Secretaria Municipal de Educação e junto ao Conselho Municipal de Educação para que as Adaptações Curriculares de Grande Porte sejam implementadas; implementar as Adaptações Curriculares de Grande Porte que forem de sua competência; providenciar o suporte técnico-científico de que os professores necessitam (convênios com Universidades, Centros Profissionais, servidores das diversas Secretarias, etc.); planejar o envolvimento das famílias e da comunidade no processo de construção da inclusão em sua unidade escolar; promover atividades (palestras, projeção de filmes, discussão sobre material audiovisual, etc.) de sensibilização e de conscientização sobre a convivência na diversidade para alunos, professores, famílias e comunidade.

Assim, podemos analisar a relevância da articulação entre gestão escolar e educação inclusiva, pois essas ações são necessárias para que o aluno com necessidade educacional especial tenha acesso ao conhecimento construído pela humanidade. As adequações não são exclusivamente administrativas, são pedagógicas também.

Ao avançarmos nosso estudo, encontramos o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2001a), promulgado em 9 de janeiro de 2001, por meio da Lei n.º 10.172, tendo este a vigência de dez anos. Na Lei, encontramos pontos isolados que tratam separadamente da gestão escolar e da educação inclusiva:

- Gestão escolar: estabelece a gestão democrática participativa nos estabelecimentos oficiais e garante a participação de todos na elaboração do projeto político pedagógico da unidade escolar.

- Educação inclusiva: estabelece como diretriz o atendimento ao aluno com necessidade educacional especial no sistema regular de ensino e enfatiza a formação de recursos humanos necessários para este atendimento.

O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001a, Artigos 34, 35, 36) especifica que o processo de formação em serviço não se restringe apenas ao professor, mas, como vimos, a todos os sujeitos escolares com o objetivo de garantir qualidade no atendimento prestado para todos os alunos diante da diversidade.

Para Carneiro (2006), "neste ponto o PNE aborda especificamente sobre a necessidade de formação inicial e continuada dos diretores de escola, e sobre a necessidade específica de formação adequada para a administração escolar".

Cabe ressaltar aqui que o PNE designa responsabilidades aos Estados, Municípios e Universidades para que estas metas sejam alcançadas.

Portanto, no PNE (BRASIL, 2001a), primeiro, fica estabelecido que somente uma política explícita e vigorosa de acesso à educação para todos abrange o âmbito social e o âmbito educacional. Segundo, destacam-se os aspectos administrativos (adequação do espaço escolar, de seus equipamentos e materiais pedagógicos), e qualificação dos professores e demais profissionais envolvidos. "O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta à diversidade dos alunos, no que a participação da comunidade é fator essencial" (BRASIL, 2001).

Na sequência, no mesmo ano, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Relatório da Câmara de Educação Básica, Parecer n.º 17/2001 que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001). Encontramos no documento destaque para a relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva.

No item 1 – Na organização dos sistemas de ensino para o atendimento ao aluno, que apresenta necessidades educacionais especiais, está especificado que:

Os administradores locais e os diretores de estabelecimentos escolares devem ser convidados a criar procedimentos mais flexíveis de gestão, a remanejar os recursos pedagógicos, diversificar as opções educativas, estabelecer relações com pais e a comunidade. (BRASIL, 2001).

Para a efetivação da construção da escola inclusiva, o documento aponta a necessidade de criação de uma equipe multidisciplinar de atendimento ao aluno quando a unidade escolar não tiver condições. Nesse sentido, "cabe aos gestores educacionais buscar essa equipe multiprofissional em outra escola ou sistema educacional ou na comunidade" (BRASIL, 2001). Isso ocorrerá por meio de parcerias ou convênios.

De acordo com o documento em estudo, os sistemas de ensino são responsáveis pelos recursos humanos, materiais e financeiros, sustentando e viabilizando tal proposta. Há a necessidade de criação de um "canal oficial e formal de comunicação, de estudo, de tomada de decisões e de coordenação dos processos referentes às mudanças na estruturação dos serviços, na gestão e na prática pedagógica" (BRASIL, 2001).

Gestores escolares conscientes da necessidade de mudanças para construção da educação inclusiva são responsáveis por assegurar a acessibilidade aos alunos que têm necessidades educacionais especiais, eliminando barreiras arquitetônicas urbanísticas, no transporte escolar e nas formas de comunicação. As adaptações físicas dos prédios são consideradas adaptações curriculares de grande porte.

Sobre o processo educativo, cabe à gestão escolar, assegurar os recursos humanos e materiais necessários, possibilitando a ampliação do compromisso com o fortalecimento da educação inclusiva. Assim, torna-se essencial fomentar atitudes proativas das famílias, alunos, professores e da comunidade escolar em geral; superar os obstáculos da ignorância, do medo e do preconceito; divulgar os serviços e recursos educacionais existentes; difundir experiências bem sucedidas de educação inclusiva; estimular o trabalho voluntário no apoio à inclusão escolar. (BRASIL, 2001).

Carvalho (2004) afirma que as recomendações contidas nos documentos aqui apresentados provocam "uma nova racionalidade no ato de planejar, substituindo-se a tecnocracia de um pequeno grupo que decide, por maior participação dos envolvidos no processo, em especial dos que acumularam conhecimentos e experiências na área educativa e que estão movidos por sincero compromisso com os interesses coletivos".

Já Dutra e Griboski (2005) afirmam que:

A gestão para inclusão pressupõe um trabalho competente, à luz de um paradigma dinâmico, mobilizador da sociedade e responsável pela transformação dos sistemas educacionais, contribuindo para melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e apontando respostas para aqueles grupos que têm sido mais excluídos do processo educacional.

O último documento a ser estudado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – versão preliminar (BRASIL, 2007) estabelece que o objetivo do documento é assegurar o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, de modo a garantir: acesso com participação e aprendizagem no ensino comum; oferta do atendimento educacional especializado; continuidade de estudos e acesso aos níveis mais elevados de ensino; promoção da acessibilidade universal; formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado; formação dos profissionais da educação e comunidade escolar; transversalidade da modalidade de ensino especial desde a educação infantil até a educação superior; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

A educação inclusiva constitui uma proposta educacional que reconhece e garante o direito de todos os alunos de compartilhar um mesmo espaço escolar, sem discriminações de qualquer natureza. Promove a igualdade e valoriza as diferenças na organização de um currículo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos e que estimule transformações pedagógicas das escolas, visando à atualização de suas práticas como meio de atender às necessidades dos alunos durante o percurso educacional. Compreende uma inovação educacional, ao romper com paradigmas que sustentam a maneira excludente de ensinar e ao propor a emancipação, como ponto de partida de todo processo educacional. (BRASIL, 2007).

A proposta, de acordo com o documento, é realizar o atendimento educacional especializado, organizando recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras e possibilitem o acesso ao currículo, à comunicação e aos espaços físicos, conforme as necessidades de cada aluno. Assim, a escola se transformará num espaço significativo de aprendizagem com práticas pedagógicas

NOVA CONCURSOS

que valorizem o desenvolvimento emocional, intelectual e social de todos os alunos, bem como seu potencial crítico e criativo, proporcionando que estes construam conhecimentos relacionados às situações vividas no cotidiano escolar e familiar e os saberes da comunidade. Para isso, há necessidade de flexibilização curricular.

O documento não faz menção específica ao papel do gestor escolar, mas, ao propor a reorganização dos sistemas e uma nova diretriz na formação dos professores, indica as possibilidades de ação da gestão escolar. Ao tratar sobre as orientações aos sistemas de ensino, recomenda que haja participação dos alunos, professores, gestores, pais ou responsáveis e demais profissionais na elaboração e avaliação de propostas que visam à implementação dessa política; desenvolvimento do trabalho colaborativo e reflexivo entre professores e demais profissionais da educação, valorizando os saberes da comunidade e o percurso escolar dos alunos; fomento às atividades de ensino, pesquisa e extensão visando à inclusão escolar e à educação especial, contribuindo para o desenvolvimento da prática pedagógica e da gestão; celebração de convênios com instituições privadas sem fins lucrativos, condicionada aos projetos que estejam em consonância com o previsto na política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva e passíveis de avaliação contínua de seus objetivos e procedimentos pelos sistemas de ensino; constituição de redes de apoio à inclusão, com a colaboração de setores responsáveis pela saúde e assistência social e a participação dos movimentos sociais em todos os municípios.

Diante do exposto, percebemos a relevância do papel da gestão escolar diante da construção da escola inclusiva, pois cabe à gestão escolar garantir a acessibilidade aos alunos com necessidades educacionais especiais, bem como a gestão democrática e participativa que garantam a possibilidade de modificação do atual sistema de educação escolar. A proposta é de abertura para uma nova organização do modelo de escola.

Concluímos que a atuação do gestor escolar tem grande valia na tarefa de construir uma escola para todos. A educação inclusiva exige adaptações que priorizem a formação dos recursos humanos, materiais e financeiros, juntamente com uma prática voltada para o pedagógico. Garantir, ratificamos a eliminação das barreiras arquitetônicas, facilitar o transporte escolar e promover ações que facilitem a comunicação são algumas de suas funções. Assim, torna-se relevante o contato direto e constante com os pais e demais profissionais (internos e externos). Outro fator que deve ser ressaltado é a promoção das adaptações curriculares e os arranjos satisfatórios com apoio do especialista, proporcionando sua presença na sala de recursos. *(Texto adaptado de TEZANI, T. C. R.).*

MEDIAÇÃO E GESTÃO DE CONFLITOS.

A mediação pode ser conceituada como um método de resolução de conflitos no qual um mediador imparcial e neutro facilita a comunicação entre as pessoas em busca de uma solução para o problema. Ela pode ser usada em muitos âmbitos e o escolar é um deles. É um processo flexível e pode ser adaptado às necessidades específicas de um centro escolar, levando em conta a natureza dos conflitos e o objetivo do programa. É uma ótima ferramenta para melhorar a convivência no ambiente e na comunidade escolar e deve ser adotada por todas as instituições de ensino.

A importância da mediação na escola

Muitos dos programas desenvolvidos em escolas concluíram que a mediação é uma ótima ferramenta para ajudar na pacificação e democratização da escola, assim como oferecer uma educação integral que aporte ferramentas para o aluno desenvolver competências emocionais, sociais e de comunicação[1].

Os programas de mediação escolar permitem formar os membros da comunidade educativa como mediadores, difundir a cultura de paz e a mediação como forma de resolução pacífica de conflitos e também ensinar as pessoas as vantagens e benefícios de usar os processos auto-compositivos e suas técnicas no seu dia a dia.

Os alunos que participam da mediação escolar apresentam uma melhora na sua consciência individual e social, desenvolvem a comunicação, a escuta e a empatia, importantes habilidades humanas. Além disso, a mediação pode melhorar a capacidade de analisar e resolver os conflitos e compreender melhor as adversidades e desafios da vida. Os professores por sua vez melhoram a sua capacidade de compreender os conflitos, de comunicação e de resolver os problemas relacionados com o trabalho no ambiente escolar. Os pais também tem um papel importante e podem participar mais ativamente das questões relacionadas com os seus filhos, em especial nas situações de conflitos. O centro escolar também pode ser beneficiado com a melhora no ambiente, pois a comunidade educativa pode aprender a gerir os conflitos de uma forma mais eficiente.

A mediação também tem um caráter pedagógico e contribui com a difusão da cultura de paz, da não-violência e da resolução pacífica dos conflitos.

Os objetivos da mediação escolar

A implementação de um programa ou um serviço de mediação em uma escola devem sempre atender às necessidades especificas de cada centro escolar. Segundo Silvia Iungman, os objetivos da mediação escolar podem ser os seguintes[2]:

1. Construir um sentido mais forte de cooperação e comunidade com a escola;
2. Melhorar o ambiente na aula por meio da diminuição da tensão e da hostilidade.
3. Desenvolver o pensamento crítico e habilidades para a solução de problemas;

4. Melhorar as relações entre os estudantes e os professores;
5. Aumentar a participação dos alunos e desenvolver habilidades de liderança;
6. Resolver as disputas menores entre as pessoas que interferem no processo de educação;
7. Favorecer o aumento da autoestima dos membros da comunidade escolar;
8. Facilitar a comunicação e as habilidades para a vida cotidiana.

Casos que podem ser objeto de mediação

Podem ser objeto de uma mediação os conflitos entre alunos, entre alunos e professores, entre professores, pais e professores, casos de indisciplina e *bullying*, atos infracionais de menor gravidade, casos de violência entre alunos e até mesmo conflitos com a vizinhança e o entorno escolar. As ferramentas e dinâmicas de mediação também podem ser usadas para tomar decisões importantes que necessitam de um consenso. É um processo que ajuda a construir soluções através do diálogo e fortalece o vínculo entre as pessoas.

Como funciona a mediação na escola

Existem diversos estudos e programas de mediação escolar desenvolvidos pelo mundo e podemos dividir em cinco categorias distintas:

- **Modelo aluno ajudante** [3]: Neste caso, os próprios alunos são capacitados em mediação e treinados em habilidades de comunicação e resolução de conflitos para mediar e ajudar os outros alunos e também pode ser feito em um modelo no qual os alunos maiores mediam os conflitos dos alunos menores;
- **Modelo de mediação em rede** [4]: O objetivo deste modelo criar uma rede de mediadores na escola para mediar todos os conflitos relacionados com o ambiente escolar, inclusive com a ajuda de profissionais e mediadores externos que formam uma rede de apoio à escola;
- **Modelo professores-alunos** [5]: Neste modelo, as próprias pessoas do centro educacional, em especial os professores, são capacitados para atuar como mediadores nas questões e conflitos da própria escola. Os alunos também podem ser capacitados, mas neste caso somente membros da própria comunidade escolar irão atuar na mediação dos conflitos.
- **Programa de Competência Social** [6]: Este programa desenvolvido pela Comunidade da Catalunha não é propriamente um programa de mediação e teve como objeto a formação e capacitação dos alunos em competências pessoais, emocionais e sociais, para favorecer a existência de boas relaciones interpessoais dentro e fora da escola, ocorrendo assim uma melhora na convivência e a diminuição dos conflitos;
- **Círculos Restaurativos/Justiça Restaurativa**: Os círculos restaurativos ou de paz são encontros nos quais toda a comunidade, os alunos, pais e professores, tratam dos principais problemas ou conflitos existentes na escola e através do diálogo buscam soluções com a participação de todos, inclusive com a possibilidade de escuta das vítimas e agressores nos casos de bullying e violência.

Como implementar a mediação na escola

O desenvolvimento dos programas de mediação na escola devem ser feitos por etapas. Alguns autores afirmam que as etapas de execução podem ser as seguintes[7]:

1ª) Etapa de sensibilização e difusão com professores, pais, funcionários, alunos e todos os integrantes da comunidade educativa; **2ª)** Reuniões com os alunos e/ou professores; **3ª)**Treinamento para os professores e/ou alunos; **4º)** Instalação de um centro de mediação escolar; **5ª)** Monitoramento, supervisão e avaliação da experiência.

É sempre importante realizar um planejamento de acordo com o modelo a ser adotado, os objetivos do programa e os recursos disponíveis para obter êxito na implementação da mediação escolar.

Estes são alguns aspectos da mediação escolar, existe uma extensa bibliografia que trata do assunto e que pode facilmente ser encontrada na internet, principalmente em inglês e espanhol. Se aprofunde no assunto e leve a mediação para a sua escola.

Fonte: https://freitasgouvea.jusbrasil.com.br/artigos/469668509/a-mediacao-de-conflitos-nas-escolas

QUESTÕES POLÍTICAS EDUCACIONAIS BRASILEIRAS; E GESTÃO EDUCACIONAL (GESTÃO PARTICIPATIVA E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA).

A **Política Educacional** pertence ao grupo de **Políticas Públicas sociais** do país. Este instrumento de implementação dos movimentos e referenciais educacionais se faz presente através da Legislação Educacional.

Para que possamos compreender melhor o significado dessa política, se faz necessário saber o que é Política Pública. Essa Política é de responsabilidade do Estado, com base em organismos políticos e entidades da sociedade civil, se estabelece um processo de tomada de decisões que derivam nas normatizações do país, ou seja, nossa Legislação.

As Políticas Públicas envolvem todos os grupos de necessidades da sociedade civil, que são as Políticas Sociais, estas *determinam o padrão de proteção social implementado pelo Estado, voltadas em princípio, à redistribuição dos benefícios sociais* (INEP, 2006, p. 165), dentre eles o direito a educação. Para que este direito seja garantido com qualidade e de forma universal é implementada a Política Educacional.

No decorrer dos anos no Brasil a Política Educacional fora definida de formas diferentes, por ser um elemento de normatização do Estado e que envolve interesses políticos diversos, no entanto, a Política Educacional de um país deve ser guiada pelo povo, respeitando o direito de cada indivíduo e assegurando o bem comum.

Compreende-se, que de fato o exercício de construir uma Política, não trata-se de um trabalho fácil de ser realizado, pois circunda uma nação, seus anseios, objetivos e valores, e estes elementos não podem ser esquecidos por aqueles que assim fazem nascer o molde da educação de um povo.

Trazendo a memória alguns dos documentos que foram elementares a produção das Políticas Educacionais do nosso país, faz-se presente e ainda atual às dificuldades educacionais do Brasil o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, marco na definição de prioridades e metas educacionais que necessitavam ser efetivadas. O documento, como o próprio título faz referência, foi o pioneiro e notável instrumento de regulamentação da situação educacional brasileira, não funcionando apenas como um alerta a sociedade, mas também, como inspiração ao surgimento das Leis que regem a nossa educação.

Principal fonte de implementação da educação nacional e das políticas que assim as definem é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que no avanço dos anos foram reformuladas até o modelo atual datado de 1996 que sofreram alterações de acordo com os governos.

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)

- LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961 - Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- LEI Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 - Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.
- LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Fonte: https://www.infoescola.com/educacao/politica-educacional/

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

LEGISLAÇÃO

Constituição da República Federativa do Brasil - promulgada em 5 de outubro de 1988. Artigos 5º, 37 ao 41, 205 ao 214 e artigo 60 das disposições Constitucionais Transitórias. 01
Emenda 14/96. 35
Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente. 36
Lei Federal nº 12.010, de 03 de agosto de 2009 – Nova Lei da adoção e as alterações no ECA. 90
Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996- L.D.B.E.N. - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Emenda Constitucional nº 14/96. 99
Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014 - Plano Nacional de Educação - PNE. 99
Lei Federal nº 11.645, de 10/03/08 – Altera a Lei 9.394/96, modificada pela Lei 10.639/03, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena". 115

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL - PROMULGADA EM 5 DE OUTUBRO DE 1988. ARTIGOS 5º, 37 AO 41, 205 AO 214 E ARTIGO 60 DAS DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS TRANSITÓRIAS.

O título II da Constituição Federal é intitulado "Direitos e Garantias fundamentais", gênero que abrange as seguintes espécies de direitos fundamentais: direitos individuais e coletivos (art. 5º, CF), direitos sociais (genericamente previstos no art. 6º, CF), direitos da nacionalidade (artigos 12 e 13, CF) e direitos políticos (artigos 14 a 17, CF).

Em termos comparativos à clássica divisão tridimensional dos direitos humanos, os direitos individuais (maior parte do artigo 5º, CF), os direitos da nacionalidade e os direitos políticos se encaixam na primeira dimensão (direitos civis e políticos); os direitos sociais se enquadram na segunda dimensão (direitos econômicos, sociais e culturais) e os direitos coletivos na terceira dimensão. Contudo, a enumeração de direitos humanos na Constituição vai além dos direitos que expressamente constam no título II do texto constitucional.

Os direitos fundamentais possuem as seguintes características principais:

a) **Historicidade**: os direitos fundamentais possuem antecedentes históricos relevantes e, através dos tempos, adquirem novas perspectivas. Nesta característica se enquadra a noção de dimensões de direitos.

b) **Universalidade**: os direitos fundamentais pertencem a todos, tanto que apesar da expressão restritiva do *caput* do artigo 5º aos brasileiros e estrangeiros residentes no país tem se entendido pela extensão destes direitos, na perspectiva de prevalência dos direitos humanos.

c) **Inalienabilidade**: os direitos fundamentais não possuem conteúdo econômico-patrimonial, logo, são intransferíveis, inegociáveis e indisponíveis, estando fora do comércio, o que evidencia uma limitação do princípio da autonomia privada.

d) **Irrenunciabilidade**: direitos fundamentais não podem ser renunciados pelo seu titular devido à fundamentalidade material destes direitos para a dignidade da pessoa humana.

e) **Inviolabilidade**: direitos fundamentais não podem deixar de ser observados por disposições infraconstitucionais ou por atos das autoridades públicas, sob pena de nulidades.

f) **Indivisibilidade**: os direitos fundamentais compõem um único conjunto de direitos porque não podem ser analisados de maneira isolada, separada.

g) **Imprescritibilidade**: os direitos fundamentais não se perdem com o tempo, não prescrevem, uma vez que são sempre exercíveis e exercidos, não deixando de existir pela falta de uso (prescrição).

h) **Relatividade**: os direitos fundamentais não podem ser utilizados como um escudo para práticas ilícitas ou como argumento para afastamento ou diminuição da responsabilidade por atos ilícitos, assim estes direitos não são ilimitados e encontram seus limites nos demais direitos igualmente consagrados como humanos.

Vale destacar que a Constituição vai além da proteção dos direitos e estabelece garantias em prol da preservação destes, bem como remédios constitucionais a serem utilizados caso estes direitos e garantias não sejam preservados. Neste sentido, dividem-se em direitos e garantias as previsões do artigo 5º: os direitos são as disposições declaratórias e as garantias são as disposições assecuratórias.

O legislador muitas vezes reúne no mesmo dispositivo o direito e a garantia, como no caso do artigo 5º, IX: "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença" – o direito é o de liberdade de expressão e a garantia é a vedação de censura ou exigência de licença. Em outros casos, o legislador traz o direito num dispositivo e a garantia em outro: a liberdade de locomoção, direito, é colocada no artigo 5º, XV, ao passo que o dever de relaxamento da prisão ilegal de ofício pelo juiz, garantia, se encontra no artigo 5º, LXV[1].

Em caso de ineficácia da garantia, implicando em violação de direito, cabe a utilização dos remédios constitucionais.

Atenção para o fato de o constituinte chamar os remédios constitucionais de garantias, e todas as suas fórmulas de direitos e garantias propriamente ditas apenas de direitos.

Direitos e deveres individuais e coletivos

O capítulo I do título II é intitulado "direitos e deveres individuais e coletivos". Da própria nomenclatura do capítulo já se extrai que a proteção vai além dos direitos do indivíduo e também abrange direitos da coletividade. A maior parte dos direitos enumerados no artigo 5º do texto constitucional é de direitos individuais, mas são incluídos alguns direitos coletivos e mesmo remédios constitucionais próprios para a tutela destes direitos coletivos (ex.: mandado de segurança coletivo).

1) Brasileiros e estrangeiros

O *caput* do artigo 5º aparenta restringir a proteção conferida pelo dispositivo a algumas pessoas, notadamente, "aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País". No entanto, tal restrição é apenas aparente e tem sido interpretada no sentido de que os direitos estarão protegidos com relação a todas as pessoas nos limites da soberania do país.

Em razão disso, por exemplo, um estrangeiro pode ingressar com *habeas corpus* ou mandado de segurança, ou então intentar ação reivindicatória com relação a imóvel seu localizado no Brasil (ainda que não resida no país).

1 FARIA, Cássio Juvenal. Notas pessoais tomadas em teleconferência.

Somente alguns direitos não são estendidos a todas as pessoas. A exemplo, o direito de intentar ação popular exige a condição de cidadão, que só é possuída por nacionais titulares de direitos políticos.

2) Relação direitos-deveres

O capítulo em estudo é denominado "direitos e garantias deveres e coletivos", remetendo à necessária relação direitos-deveres entre os titulares dos direitos fundamentais. Acima de tudo, o que se deve ter em vista é a premissa reconhecida nos direitos fundamentais de que não há direito que seja absoluto, correspondendo-se para cada direito um dever. Logo, o exercício de direitos fundamentais é limitado pelo igual direito de mesmo exercício por parte de outrem, não sendo nunca absolutos, mas sempre relativos.

Explica Canotilho[2] quanto aos direitos fundamentais: "a ideia de deveres fundamentais é suscetível de ser entendida como o 'outro lado' dos direitos fundamentais. Como ao titular de um direito fundamental corresponde um dever por parte de um outro titular, poder-se-ia dizer que o particular está vinculado aos direitos fundamentais como destinatário de um dever fundamental. Neste sentido, um direito fundamental, enquanto protegido, pressuporia um dever correspondente". Com efeito, a um direito fundamental conferido à pessoa corresponde o dever de respeito ao arcabouço de direitos conferidos às outras pessoas.

3) Direitos e garantias em espécie

Preconiza o artigo 5º da Constituição Federal em seu caput:

*Artigo 5º, caput, CF. Todos são **iguais** perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito* à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade*, nos termos seguintes [...].*

O *caput* do artigo 5º, que pode ser considerado um dos principais (senão o principal) artigos da Constituição Federal, consagra o princípio da igualdade e delimita as cinco esferas de direitos individuais e coletivos que merecem proteção, isto é, vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade. Os incisos deste artigos delimitam vários direitos e garantias que se enquadram em alguma destas esferas de proteção, podendo se falar em duas esferas específicas que ganham também destaque no texto constitucional, quais sejam, direitos de acesso à justiça e direitos constitucionais-penais.

- Direito à igualdade

Abrangência

Observa-se, pelo teor do *caput* do artigo 5º, CF, que o constituinte afirmou por duas vezes o princípio da igualdade:

*Artigo 5º, caput, CF. Todos são **iguais** perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, **à igualdade**, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes [...].*

Não obstante, reforça este princípio em seu primeiro inciso:

*Artigo 5º, I, CF. Homens e mulheres **são iguais** em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.*

Este inciso é especificamente voltado à necessidade de igualdade de gênero, afirmando que não deve haver nenhuma distinção sexo feminino e o masculino, de modo que o homem e a mulher possuem os mesmos direitos e obrigações.

Entretanto, o princípio da isonomia abrange muito mais do que a igualdade de gêneros, envolve uma perspectiva mais ampla.

O direito à igualdade é um dos direitos norteadores de interpretação de qualquer sistema jurídico. O primeiro enfoque que foi dado a este direito foi o de direito civil, enquadrando-o na primeira dimensão, no sentido de que a todas as pessoas deveriam ser garantidos os mesmos direitos e deveres. Trata-se de um aspecto relacionado à igualdade enquanto liberdade, tirando o homem do arbítrio dos demais por meio da equiparação. Basicamente, estaria se falando na **igualdade perante a lei**.

No entanto, com o passar dos tempos, se percebeu que não bastava igualar todos os homens em direitos e deveres para torná-los iguais, pois nem todos possuem as mesmas condições de exercer estes direitos e deveres. Logo, não é suficiente garantir um direito à **igualdade formal**, mas é preciso buscar progressivamente a **igualdade material**. No sentido de igualdade material que aparece o direito à igualdade num segundo momento, pretendendo-se do Estado, tanto no momento de legislar quanto no de aplicar e executar a lei, uma postura de promoção de políticas governamentais voltadas a grupos vulneráveis.

Assim, o direito à igualdade possui dois sentidos notáveis: o de igualdade perante a lei, referindo-se à aplicação uniforme da lei a todas as pessoas que vivem em sociedade; e o de igualdade material, correspondendo à necessidade de discriminações positivas com relação a grupos vulneráveis da sociedade, em contraponto à igualdade formal.

Ações afirmativas

Neste sentido, desponta a temática das ações afirmativas,que são políticas públicas ou programas privados criados temporariamente e desenvolvidos com a finalidade de reduzir as desigualdades decorrentes de discriminações ou de uma hipossuficiência econômica ou física, por meio da concessão de algum tipo de vantagem compensatória de tais condições.

Quem é **contra** as ações afirmativas argumenta que, em uma sociedade pluralista, a condição de membro de um grupo específico não pode ser usada como critério de inclusão ou exclusão de benefícios. Ademais, afirma-se que

2 CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Direito constitucional e teoria da constituição**. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1998, p. 479.

elas desprivilegiam o critério republicano do mérito (segundo o qual o indivíduo deve alcançar determinado cargo público pela sua capacidade e esforço, e não por pertencer a determinada categoria); fomentariam o racismo e o ódio; bem como ferem o princípio da isonomia por causar uma discriminação reversa.

Por outro lado, quem é **favorável** às ações afirmativas defende que elas representam o ideal de justiça compensatória (o objetivo é compensar injustiças passadas, dívidas históricas, como uma compensação aos negros por tê-los feito escravos, *p. ex.*); representam o ideal de justiça distributiva (a preocupação, aqui, é com o presente. Busca-se uma concretização do princípio da igualdade material); bem como promovem a diversidade.

Neste sentido, as discriminações legais asseguram a verdadeira igualdade, por exemplo, com as ações afirmativas, a proteção especial ao trabalho da mulher e do menor, as garantias aos portadores de deficiência, entre outras medidas que atribuam a pessoas com diferentes condições, iguais possibilidades, protegendo e respeitando suas diferenças[3]. Tem predominado em doutrina e jurisprudência, inclusive no Supremo Tribunal Federal, que as ações afirmativas são válidas.

- Direito à vida

Abrangência

O *caput* do artigo 5º da Constituição assegura a proteção do direito à vida. A vida humana é o centro gravitacional em torno do qual orbitam todos os direitos da pessoa humana, possuindo reflexos jurídicos, políticos, econômicos, morais e religiosos. Daí existir uma dificuldade em conceituar o vocábulo *vida*. Logo, tudo aquilo que uma pessoa possui deixa de ter valor ou sentido se ela perde a vida. Sendo assim, a vida é o bem principal de qualquer pessoa, é o primeiro valor moral inerente a todos os seres humanos[4].

No tópico do direito à vida tem-se tanto o **direito de nascer/permanecer vivo**, o que envolve questões como pena de morte, eutanásia, pesquisas com células-tronco e aborto; quanto o **direito de viver com dignidade**, o que engloba o respeito à integridade física, psíquica e moral, incluindo neste aspecto a vedação da tortura, bem como a garantia de recursos que permitam viver a vida com dignidade.

Embora o direito à vida seja em si pouco delimitado nos incisos que seguem o *caput* do artigo 5º, trata-se de um dos direitos mais discutidos em termos jurisprudenciais e sociológicos. É no direito à vida que se encaixam polêmicas discussões como: aborto de anencéfalo, pesquisa com células tronco, pena de morte, eutanásia, etc.

3 SANFELICE, Patrícia de Mello. Comentários aos artigos I e II. In: BALERA, Wagner (Coord.). **Comentários à Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Brasília: Fortium, 2008, p. 08.

4 BARRETO, Ana Carolina Rossi; IBRAHIM, Fábio Zambitte. Comentários aos Artigos III e IV. In: BALERA, Wagner (Coord.). **Comentários à Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Brasília: Fortium, 2008, p. 15.

Vedação à tortura

De forma expressa no texto constitucional destaca-se a vedação da tortura, corolário do direito à vida, conforme previsão no inciso III do artigo 5º:

Artigo 5º, III, CF. Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante.

A tortura é um dos piores meios de tratamento desumano, expressamente vedada em âmbito internacional, como visto no tópico anterior. No Brasil, além da disciplina constitucional, a Lei nº 9.455, de 7 de abril de 1997 define os crimes de tortura e dá outras providências, destacando-se o artigo 1º:

Art. 1º Constitui crime de tortura:

I - constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental:

a) com o fim de obter informação, declaração ou confissão da vítima ou de terceira pessoa;

b) para provocar ação ou omissão de natureza criminosa;

c) em razão de discriminação racial ou religiosa;

II - submeter alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de violência ou grave ameaça, a intenso sofrimento físico ou mental, como forma de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo.

Pena - reclusão, de dois a oito anos.

§ 1º Na mesma pena incorre quem submete pessoa presa ou sujeita a medida de segurança a sofrimento físico ou mental, por intermédio da prática de ato não previsto em lei ou não resultante de medida legal.

§ 2º Aquele que se omite em face dessas condutas, quando tinha o dever de evitá-las ou apurá-las, incorre na pena de detenção de um a quatro anos.

§ 3º Se resulta lesão corporal de natureza grave ou gravíssima, a pena é de reclusão de quatro a dez anos; se resulta morte, a reclusão é de oito a dezesseis anos.

§ 4º Aumenta-se a pena de um sexto até um terço:

I - se o crime é cometido por agente público;

II – se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de 60 (sessenta) anos;

III - se o crime é cometido mediante sequestro.

§ 5º A condenação acarretará a perda do cargo, função ou emprego público e a interdição para seu exercício pelo dobro do prazo da pena aplicada.

§ 6º O crime de tortura é inafiançável e insuscetível de graça ou anistia.

§ 7º O condenado por crime previsto nesta Lei, salvo a hipótese do § 2º, iniciará o cumprimento da pena em regime fechado.

- Direito à liberdade

O *caput* do artigo 5º da Constituição assegura a proteção do direito à liberdade, delimitada em alguns incisos que o seguem.

Liberdade e legalidade
Prevê o artigo 5º, II, CF:

Artigo 5º, II, CF. Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

O princípio da legalidade se encontra delimitado neste inciso, prevendo que nenhuma pessoa será obrigada a fazer ou deixar de fazer alguma coisa a não ser que a lei assim determine. Assim, salvo situações previstas em lei, a pessoa tem liberdade para agir como considerar conveniente.

Portanto, o princípio da legalidade possui estrita relação com o princípio da liberdade, posto que, *a priori*, tudo à pessoa é lícito. Somente é vedado o que a lei expressamente estabelecer como proibido. A pessoa pode fazer tudo o que quiser, como regra, ou seja, agir de qualquer maneira que a lei não proíba.

Liberdade de pensamento e de expressão
O artigo 5º, IV, CF prevê:

*Artigo 5º, IV, CF. É livre a **manifestação do pensamento**, sendo vedado o anonimato.*

Consolida-se a afirmação simultânea da liberdade de pensamento e da liberdade de expressão.

Em primeiro plano tem-se a liberdade de pensamento. Afinal, "o ser humano, através dos processos internos de reflexão, formula juízos de valor. Estes exteriorizam nada mais do que a opinião de seu emitente. Assim, a regra constitucional, ao consagrar a livre manifestação do pensamento, imprime a existência jurídica ao chamado direito de opinião"[5]. Em outras palavras, primeiro existe o direito de ter uma opinião, depois o de expressá-la.

No mais, surge como corolário do direito à liberdade de pensamento e de expressão o direito à escusa por convicção filosófica ou política:

*Artigo 5º, VIII, CF. Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de **convicção filosófica ou política**, salvo se as invocar para eximir-se de **obrigação legal** a todos imposta e recusar-se a cumprir **prestação alternativa**, fixada em lei.*

Trata-se de instrumento para a consecução do direito assegurado na Constituição Federal – não basta permitir que se pense diferente, é preciso respeitar tal posicionamento.

Com efeito, este direito de liberdade de expressão é limitado. Um destes limites é o anonimato, que consiste na garantia de atribuir a cada manifestação uma autoria certa e determinada, permitindo eventuais responsabilizações por manifestações que contrariem a lei.

Tem-se, ainda, a seguinte previsão no artigo 5º, IX, CF:

Artigo 5º, IX, CF. **É** *livre a **expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença**.*

Consolida-se outra perspectiva da liberdade de expressão, referente de forma específica a atividades intelectuais, artísticas, científicas e de comunicação. Dispensa-se, com relação a estas, a exigência de licença para a manifestação do pensamento, bem como veda-se a censura prévia.

A respeito da censura prévia, tem-se não cabe impedir a divulgação e o acesso a informações como modo de controle do poder. A censura somente é cabível quando necessária ao interesse público numa ordem democrática, por exemplo, censurar a publicação de um conteúdo de exploração sexual infanto-juvenil é adequado.

O direito à resposta (artigo 5º, V, CF) e o direito à indenização (artigo 5º, X, CF) funcionam como a contrapartida para aquele que teve algum direito seu violado (notadamente inerentes à privacidade ou à personalidade) em decorrência dos excessos no exercício da liberdade de expressão.

Liberdade de crença/religiosa
Dispõe o artigo 5º, VI, CF:

*Artigo 5º, VI, CF. É inviolável a **liberdade de consciência e de crença**, sendo assegurado o **livre exercício dos cultos religiosos** e garantida, na forma da lei, a **proteção aos locais** de culto e a suas liturgias.*

Cada pessoa tem liberdade para professar a sua fé como bem entender dentro dos limites da lei. Não há uma crença ou religião que seja proibida, garantindo-se que a profissão desta fé possa se realizar em locais próprios.

Nota-se que a liberdade de religião engloba 3 tipos distintos, porém intrinsecamente relacionados de liberdades: a liberdade de crença; a liberdade de culto; e a liberdade de organização religiosa.

Consoante o magistério de José Afonso da Silva[6], entra na liberdade de crença a liberdade de escolha da religião, a liberdade de aderir a qualquer seita religiosa, a liberdade (ou o direito) de mudar de religião, além da liberdade de não aderir a religião alguma, assim como a liberdade de descrença, a liberdade de ser ateu e de exprimir o agnosticismo, apenas excluída a liberdade de embaraçar o livre exercício de qualquer religião, de qualquer crença. A liberdade de culto consiste na liberdade de orar e de praticar os atos próprios das manifestações exteriores em casa ou em público, bem como a de recebimento de contribuições para tanto. Por fim, a liberdade de organização religiosa refere-se à possibilidade de estabelecimento e organização de igrejas e suas relações com o Estado.

Como decorrência do direito à liberdade religiosa, assegurando o seu exercício, destaca-se o artigo 5º, VII, CF:

*Artigo 5º, VII, CF. É assegurada, nos termos da lei, a prestação de **assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva**.*

5 ARAÚJO, Luiz Alberto David; NUNES JÚNIOR, Vidal Serrano. **Curso de direito constitucional**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

6 SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo.** 25. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

O dispositivo refere-se não só aos estabelecimentos prisionais civis e militares, mas também a hospitais.

Ainda, surge como corolário do direito à liberdade religiosa o direito à escusa por convicção religiosa:

*Artigo 5º, VIII, CF. Ninguém será privado de direitos por motivo de **crença religiosa** ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de **obrigação legal** a todos imposta e recusar-se a cumprir **prestação alternativa**, fixada em lei.*

Sempre que a lei impõe uma obrigação a todos, por exemplo, a todos os homens maiores de 18 anos o alistamento militar, não cabe se escusar, a não ser que tenha fundado motivo em crença religiosa ou convicção filosófica/política, caso em que será obrigado a cumprir uma prestação alternativa, isto é, uma outra atividade que não contrarie tais preceitos.

Liberdade de informação

O direito de acesso à informação também se liga a uma dimensão do direito à liberdade. Neste sentido, prevê o artigo 5º, XIV, CF:

*Artigo 5º, XIV, CF. É assegurado a todos o **acesso à informação** e resguardado o **sigilo da fonte**, quando necessário ao exercício profissional.*

Trata-se da liberdade de informação, consistente na liberdade de procurar e receber informações e ideias por quaisquer meios, independente de fronteiras, sem interferência.

A liberdade de informação tem um caráter passivo, ao passo que a liberdade de expressão tem uma característica ativa, de forma que juntas formam os aspectos ativo e passivo da exteriorização da liberdade de pensamento: não basta poder manifestar o seu próprio pensamento, é preciso que ele seja ouvido e, para tanto, há necessidade de se garantir o acesso ao pensamento manifestado para a sociedade.

Por sua vez, o acesso à informação envolve o direito de todos obterem informações claras, precisas e verdadeiras a respeito de fatos que sejam de seu interesse, notadamente pelos meios de comunicação imparciais e não monopolizados (artigo 220, CF). No entanto, nem sempre é possível que a imprensa divulgue com quem obteve a informação divulgada, sem o que a segurança desta poderia ficar prejudicada e a informação inevitavelmente não chegaria ao público.

Especificadamente quanto à liberdade de informação no âmbito do Poder Público, merecem destaque algumas previsões.

Primeiramente, prevê o artigo 5º, XXXIII, CF:

*Artigo 5º, XXXIII, CF. Todos têm direito a receber **dos órgãos públicos informações** de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.*

A respeito, a Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011 regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, CF, também conhecida como Lei do Acesso à Informação.

Não obstante, estabelece o artigo 5º, XXXIV, CF:

Artigo 5º, XXXIV, CF. São a todos assegurados, independentemente do pagamento de taxas:

*a) o **direito de petição** aos Poderes Públicos em defesa de direitos ou contra ilegalidade ou abuso de poder;*

*b) a obtenção de **certidões** em repartições públicas, para defesa de direitos e esclarecimento de situações de interesse pessoal.*

Quanto ao direito de petição, de maneira prática, cumpre observar que o direito de petição deve resultar em uma manifestação do Estado, normalmente dirimindo (resolvendo) uma questão proposta, em um verdadeiro exercício contínuo de delimitação dos direitos e obrigações que regulam a vida social e, desta maneira, quando "dificulta a apreciação de um pedido que um cidadão quer apresentar" (muitas vezes, embaraçando-lhe o acesso à Justiça); "demora para responder aos pedidos formulados" (administrativa e, principalmente, judicialmente) ou "impõe restrições e/ou condições para a formulação de petição", traz a chamada insegurança jurídica, que traz desesperança e faz proliferar as desigualdades e as injustiças.

Dentro do espectro do direito de petição se insere, por exemplo, o direito de solicitar esclarecimentos, de solicitar cópias reprográficas e certidões, bem como de ofertar denúncias de irregularidades. Contudo, o constituinte, talvez na intenção de deixar clara a obrigação dos Poderes Públicos em fornecer certidões, trouxe a letra b) do inciso, o que gera confusões conceituais no sentido do direito de obter certidões ser dissociado do direito de petição.

Por fim, relevante destacar a previsão do artigo 5º, LX, CF:

*Artigo 5º, LX, CF. A lei só poderá restringir a **publicidade** dos atos processuais quando a defesa da **intimidade** ou o **interesse social** o exigirem.*

Logo,o processo, em regra, não será sigiloso. Apenas o será quando a intimidade merecer preservação (ex: processo criminal de estupro ou causas de família em geral) ou quando o interesse social exigir (ex: investigações que possam ser comprometidas pela publicidade). A publicidade é instrumento para a efetivação da liberdade de informação.

Liberdade de locomoção

Outra faceta do direito à liberdade encontra-se no artigo 5º, XV, CF:

*Artigo 5º, XV, CF. É livre a **locomoção no território nacional** em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens.*

A liberdade de locomoção é um aspecto básico do direito à liberdade, permitindo à pessoa ir e vir em todo o território do país em tempos de paz (em tempos de guerra é possível limitar tal liberdade em prol da segurança). A liberdade de sair do país não significa que existe um direito de ingressar em qualquer outro país, pois caberá à ele, no exercício de sua soberania, controlar tal entrada.

Classicamente, a prisão é a forma de restrição da liberdade. Neste sentido, uma pessoa somente poderá ser presa nos casos autorizados pela própria Constituição Federal. A despeito da normativa específica de natureza penal, reforça-se a impossibilidade de se restringir a liberdade de locomoção pela prisão civil por dívida.

Prevê o artigo 5º, LXVII, CF:

*Artigo 5º, LXVII, CF. Não haverá **prisão civil por dívida**, salvo a do responsável pelo inadimplemento voluntário e inescusável de obrigação alimentícia e a do depositário infiel.*

Nos termos da Súmula Vinculante nº 25 do Supremo Tribunal Federal, "é ilícita a prisão civil de depositário infiel, qualquer que seja a modalidade do depósito". Por isso, a única exceção à regra da prisão por dívida do ordenamento é a que se refere à obrigação alimentícia.

Liberdade de trabalho

O direito à liberdade também é mencionado no artigo 5º, XIII, CF:

*Artigo 5º, XIII, CF. É **livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão**, atendidas as **qualificações** profissionais que a lei estabelecer.*

O livre exercício profissional é garantido, respeitados os limites legais. Por exemplo, não pode exercer a profissão de advogado aquele que não se formou em Direito e não foi aprovado no Exame da Ordem dos Advogados do Brasil; não pode exercer a medicina aquele que não fez faculdade de medicina reconhecida pelo MEC e obteve o cadastro no Conselho Regional de Medicina.

Liberdade de reunião

Sobre a liberdade de reunião, prevê o artigo 5º, XVI, CF:

*Artigo 5º, XVI, CF. Todos podem **reunir-se pacificamente**, **sem armas**, em locais abertos ao **público**, **independentemente de autorização**, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido **prévio aviso** à autoridade competente.*

Pessoas podem ir às ruas para reunirem-se com demais na defesa de uma causa, apenas possuindo o dever de informar tal reunião. Tal dever remonta-se a questões de segurança coletiva. Imagine uma grande reunião de pessoas por uma causa, a exemplo da Parada Gay, que chega a aglomerar milhões de pessoas em algumas capitais: seria absurdo tolerar tal tipo de reunião sem o prévio aviso do poder público para que ele organize o policiamento e a assistência médica, evitando algazarras e socorrendo pessoas que tenham algum mal-estar no local. Outro limite é o uso de armas, totalmente vedado, assim como de substâncias ilícitas (Ex: embora a Marcha da Maconha tenha sido autorizada pelo Supremo Tribunal Federal, vedou-se que nela tal substância ilícita fosse utilizada).

Liberdade de associação

No que tange à liberdade de reunião, traz o artigo 5º, XVII, CF:

*Artigo 5º, XVII, CF. É plena a **liberdade de associação** para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar.*

A liberdade de associação difere-se da de reunião por sua **perenidade**, isto é, enquanto a liberdade de reunião é exercida de forma sazonal, eventual, a liberdade de associação implica na formação de um grupo organizado que se mantém por um período de tempo considerável, dotado de estrutura e organização próprias.

Por exemplo, o PCC e o Comando vermelho são associações ilícitas e de caráter paramilitar, pois possuem armas e o ideal de realizar sua própria justiça paralelamente à estatal.

O texto constitucional se estende na regulamentação da liberdade de associação.

O artigo 5º, XVIII, CF, preconiza:

*Artigo 5º, XVIII, CF. A criação de **associações** e, na forma da lei, a de **cooperativas** independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento.*

Neste sentido, associações são organizações resultantes da reunião legal entre duas ou mais pessoas, com ou sem personalidade jurídica, para a realização de um objetivo comum; já cooperativas são uma forma específica de associação, pois visam a obtenção de vantagens comuns em suas atividades econômicas.

Ainda, tem-se o artigo 5º, XIX, CF:

Artigo 5º, XIX, CF. As associações só poderão ser compulsoriamente dissolvidas ou ter suas atividades suspensas por decisão judicial, exigindo-se, no primeiro caso, o trânsito em julgado.

O primeiro caso é o de dissolução compulsória, ou seja, a associação deixará de existir para sempre. Obviamente, é preciso o trânsito em julgado da decisão judicial que assim determine, pois antes disso sempre há possibilidade de reverter a decisão e permitir que a associação continue em funcionamento. Contudo, a decisão judicial pode suspender atividades até que o trânsito em julgado ocorra, ou seja, no curso de um processo judicial.

Em destaque, a legitimidade representativa da associação quanto aos seus filiados, conforme artigo 5º, XXI, CF:

*Artigo 5º, XXI, CF. As entidades associativas, quando expressamente autorizadas, têm legitimidade para **representar** seus filiados judicial ou extrajudicialmente.*

NOVA CONCURSOS

Trata-se de caso de legitimidade processual extraordinária, pela qual um ente vai a juízo defender interesse de outra(s) pessoa(s) porque a lei assim autoriza.

A liberdade de associação envolve não somente o direito de criar associações e de fazer parte delas, mas também o de não associar-se e o de deixar a associação, conforme artigo 5º, XX, CF:

Artigo 5º, XX, CF. Ninguém poderá ser ***compelido a associar-se ou a permanecer associado****.*

- Direitos à privacidade e à personalidade

Abrangência

Prevê o artigo 5º, X, CF:

Artigo 5º, X, CF. São invioláveis a ***intimidade****, a* ***vida privada****, a* ***honra*** *e a* ***imagem*** *das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.*

O legislador opta por trazer correlacionados no mesmo dispositivo legal os direitos à privacidade e à personalidade.

Reforçando a conexão entre a privacidade e a intimidade, ao abordar a proteção da vida privada – que, em resumo, é a privacidade da vida pessoal no âmbito do domicílio e de círculos de amigos –, Silva[7] entende que "o segredo da vida privada é condição de expansão da personalidade", mas não caracteriza os direitos de personalidade em si.

A união da intimidade e da vida privada forma a privacidade, sendo que a primeira se localiza em esfera mais estrita. É possível ilustrar a vida social como se fosse um grande círculo no qual há um menor, o da vida privada, e dentro deste um ainda mais restrito e impenetrável, o da intimidade. Com efeito, pela "*Teoria das Esferas*" (ou "*Teoria dos Círculos Concêntricos*"), importada do direito alemão, quanto mais próxima do indivíduo, maior a proteção a ser conferida à esfera (as esferas são representadas pela intimidade, pela vida privada, e pela publicidade).

"O direito à honra distancia-se levemente dos dois anteriores, podendo referir-se ao juízo positivo que a pessoa tem de si (honra subjetiva) e ao juízo positivo que dela fazem os outros (honra objetiva), conferindo-lhe respeitabilidade no meio social. O direito à imagem também possui duas conotações, podendo ser entendido em sentido objetivo, com relação à reprodução gráfica da pessoa, por meio de fotografias, filmagens, desenhos, ou em sentido subjetivo, significando o conjunto de qualidades cultivadas pela pessoa e reconhecidas como suas pelo grupo social"[8].

Inviolabilidade de domicílio e sigilo de correspondência

Correlatos ao direito à privacidade, aparecem a inviolabilidade do domicílio e o sigilo das correspondências e comunicações.

7 SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo.** 25. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

8 MOTTA, Sylvio; BARCHET, Gustavo. **Curso de direito constitucional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

Neste sentido, o artigo 5º, XI, CF prevê:

Artigo 5º, XI, CF. A casa é ***asilo inviolável*** *do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial.*

O domicílio é inviolável, razão pela qual ninguém pode nele entrar sem o consentimento do morador, a não ser EM QUALQUER HORÁRIO no caso de flagrante delito (o morador foi flagrado na prática de crime e fugiu para seu domicílio) ou desastre (incêndio, enchente, terremoto...) ou para prestar socorro (morador teve ataque do coração, está sufocado, desmaiado...), e SOMENTE DURANTE O **DIA** por determinação judicial.

Quanto ao sigilo de correspondência e das comunicações, prevê o artigo 5º, XII, CF:

Artigo 5º, XII, CF. É inviolável o sigilo da correspondência e das comunicações telegráficas, de dados e das comunicações telefônicas, salvo, no último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e na forma que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal.

O sigilo de correspondência e das comunicações está melhor regulamentado na Lei nº 9.296, de 1996.

Personalidade jurídica e gratuidade de registro

Quando se fala em reconhecimento como pessoa perante a lei desdobra-se uma esfera bastante específica dos direitos de personalidade, consistente na personalidade jurídica. Basicamente, consiste no direito de ser reconhecido como pessoa perante a lei.

Para ser visto como pessoa perante a lei mostra-se necessário o registro. Por ser instrumento que serve como pressuposto ao exercício de direitos fundamentais, assegura-se a sua gratuidade aos que não tiverem condição de com ele arcar.

Aborda o artigo 5º, LXXVI, CF:

Artigo 5º, LXXVI, CF. São ***gratuitos*** *para os reconhecidamente pobres, na forma da lei: a) o* ***registro civil*** *de nascimento; b) a certidão de* óbito.

O reconhecimento do marco inicial e do marco final da personalidade jurídica pelo registro é direito individual, não dependendo de condições financeiras. Evidente, seria absurdo cobrar de uma pessoa sem condições a elaboração de documentos para que ela seja reconhecida como viva ou morta, o que apenas incentivaria a indigência dos menos favorecidos.

Direito à indenização e direito de resposta

Com vistas à proteção do direito à privacidade, do direito à personalidade e do direito à imagem, asseguram-se dois instrumentos, o direito à indenização e o direito de resposta, conforme as necessidades do caso concreto.

Com efeito, prevê o artigo 5º, V, CF:

*Artigo 5º, V, CF. É assegurado o **direito de resposta**, proporcional ao agravo, além da **indenização** por dano material, moral ou à imagem.*

"A manifestação do pensamento é livre e garantida em nível constitucional, não aludindo a censura prévia em diversões e espetáculos públicos. Os abusos porventura ocorridos no exercício indevido da manifestação do pensamento são passíveis de exame e apreciação pelo Poder Judiciário com a consequente responsabilidade civil e penal de seus autores, decorrentes inclusive de publicações injuriosas na imprensa, que deve exercer vigilância e controle da matéria que divulga"[9].

O **direito de resposta é o direito que uma pessoa tem de se defender de críticas públicas no mesmo meio em que foram publicadas garantida exatamente a mesma repercussão. Mesmo quando for garantido o direito de resposta não é possível reverter plenamente os danos causados pela manifestação ilícita de pensamento, razão pela qual a pessoa inda fará** *jus* à indenização.

A manifestação ilícita do pensamento geralmente causa um dano, ou seja, um prejuízo sofrido pelo agente, que pode ser individual ou coletivo, moral ou material, econômico e não econômico.

Dano material é aquele que atinge o patrimônio (material ou imaterial) da vítima, podendo ser mensurado financeiramente e indenizado.

"**Dano moral** direto consiste na lesão a um interesse que visa a satisfação ou gozo de um bem jurídico extrapatrimonial contido nos direitos da personalidade (como a vida, a integridade corporal, a liberdade, a honra, o decoro, a intimidade, os sentimentos afetivos, a própria imagem) ou nos atributos da pessoa (como o nome, a capacidade, o estado de família)"[10].

Já o **dano à imagem** é delimitado no artigo 20 do Código Civil:

Artigo 20, CC. Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais.

- Direito à segurança

O *caput* do artigo 5º da Constituição assegura a proteção do direito à segurança. Na qualidade de direito individual liga-se à segurança do indivíduo como um todo, desde sua integridade física e mental, até a própria segurança jurídica.

No sentido aqui estudado, o direito à segurança pessoal é o direito de viver sem medo, protegido pela solidariedade e liberto de agressões, logo, é uma maneira de garantir o direito à vida.

9 BONAVIDES, Paulo. **Curso de direito constitucional**. 26. ed. São Paulo: Malheiros, 2011.

10 ZANNONI, Eduardo. **El daño en la responsabilidad civil**. Buenos Aires: Astrea, 1982.

Nesta linha, para Silva[11], "efetivamente, esse conjunto de direitos aparelha situações, proibições, limitações e procedimentos destinados a assegurar o exercício e o gozo de algum direito individual fundamental (intimidade, liberdade pessoal ou a incolumidade física ou moral)".

Especificamente no que tange à segurança jurídica, tem-se o disposto no artigo 5º, XXXVI, CF:

*Artigo 5º, XXXVI, CF. A lei não prejudicará **o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada**.*

Pelo inciso restam estabelecidos limites à retroatividade da lei.

Define o artigo 6º da Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro:

Artigo 6º, LINDB. A Lei em vigor terá efeito imediato e geral, respeitados o ato jurídico perfeito, o direito adquirido e a coisa julgada.

§ 1º Reputa-se ato jurídico perfeito o já consumado segundo a lei vigente ao tempo em que se efetuou.

§ 2º Consideram-se adquiridos assim os direitos que o seu titular, ou alguém por ele, possa exercer, como aqueles cujo começo do exercício tenha termo pré-fixo, ou condição pré-estabelecida inalterável, a arbítrio de outrem.

§ 3º Chama-se coisa julgada ou caso julgado a decisão judicial de que já não caiba recurso.

- Direito à propriedade

O *caput* do artigo 5º da Constituição assegura a proteção do direito à propriedade, tanto material quanto intelectual, delimitada em alguns incisos que o seguem.

Função social da propriedade material

O artigo 5º, XXII, CF estabelece:

*Artigo 5º, XXII, CF. É garantido o **direito de propriedade**.*

A seguir, no inciso XXIII do artigo 5º, CF estabelece o principal fator limitador deste direito:

*Artigo 5º, XXIII, CF. A propriedade atenderá a sua **função social**.*

A propriedade, segundo Silva[12], "[...] não pode mais ser considerada como um direito individual nem como instituição do direito privado. [...] embora prevista entre os direitos individuais, ela não mais poderá ser considerada puro direito individual, relativizando-se seu conceito e significado, especialmente porque os princípios da ordem econômica são preordenados à vista da realização de seu fim: assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social. Se é assim, então a propriedade privada, que, ademais, tem que atender a sua função social, fica vinculada à consecução daquele princípio".

11 SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo**... Op. Cit., p. 437.

12 SILVA, José Afonso da. **Curso de direito constitucional positivo.** 25. ed. São Paulo: Malheiros, 2006.

NOVA CONCURSOS

Com efeito, a proteção da propriedade privada está limitada ao atendimento de sua função social, sendo este o requisito que a correlaciona com a proteção da dignidade da pessoa humana. A propriedade de bens e valores em geral é um direito assegurado na Constituição Federal e, como todos os outros, se encontra limitado pelos demais princípios conforme melhor se atenda à dignidade do ser humano.

A Constituição Federal delimita o que se entende por função social:

Art. 182, caput, CF. A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

Artigo 182, § 1º, CF. O plano diretor, aprovado pela Câmara Municipal, obrigatório para cidades com mais de ***vinte mil habitantes****, é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana.*

Artigo 182, § 2º, CF. A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no ***plano diretor***[13].

Artigo 186, CF. A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes ***requisitos****:*

I - aproveitamento ***racional e adequado****;*

II - utilização adequada dos ***recursos naturais*** *disponíveis e preservação do meio ambiente;*

III - observância das disposições que regulam as ***relações de trabalho****;*

IV - exploração que favoreça o ***bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores****.*

Desapropriação

No caso de desrespeito à função social da propriedade cabe até mesmo desapropriação do bem, de modo que pode-se depreender do texto constitucional duas possibilidades de desapropriação: por desrespeito à função social e por necessidade ou utilidade pública.

A Constituição Federal prevê a possibilidade de desapropriação por desatendimento à função social:

Artigo 182, § 4º, CF. É facultado ao Poder Público municipal, mediante lei específica para área incluída no plano diretor, exigir, nos termos da lei federal, do proprietário do ***solo urbano não edificado, subutilizado ou não utilizado****, que promova seu adequado aproveitamento, sob pena, sucessivamente, de:*

I - parcelamento ou edificação compulsórios;

II - imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana progressivo no tempo;

III - ***desapropriação*** *com pagamento mediante títulos da dívida pública de emissão previamente aprovada pelo Senado Federal, com prazo de resgate de até dez anos, em parcelas anuais, iguais e sucessivas, assegurados o valor real da indenização e os juros legais*[14].

Artigo 184, CF. Compete à União ***desapropriar*** *por interesse social, para fins de reforma agrária, o* ***imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social****, mediante* ***prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária****, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até* ***vinte anos****, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei*[15].

Artigo 184, § 1º, CF. As benfeitorias úteis e necessárias serão indenizadas em ***dinheiro****.*

No que tange à desapropriação por necessidade ou utilidade pública, prevê o artigo 5º, XXIV, CF:

Artigo 5º, XXIV, CF. A lei estabelecerá o procedimento para desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante justa e prévia indenização em dinheiro, ressalvados os casos previstos nesta Constituição.

Ainda, prevê o artigo 182, § 3º, CF:

Artigo 182, §3º, CF. As desapropriações de imóveis urbanos serão feitas com prévia e justa indenização em dinheiro.

Tem-se, ainda o artigo 184, §§ 2º e 3º, CF:

Artigo 184, §2º, CF. O decreto que declarar o imóvel como de interesse social, para fins de reforma agrária, autoriza a União a propor a ***ação de desapropriação.***

Artigo 184, §3º, CF. Cabe à lei complementar estabelecer procedimento contraditório especial, de rito sumário, para o processo judicial de desapropriação.

A desapropriação por utilidade ou necessidade pública deve se dar mediante prévia e justa indenização em dinheiro. O Decreto-lei nº 3.365/1941 a disciplina, delimitando o procedimento e conceituando utilidade pública, em seu artigo 5º:

13 Instrumento básico de um processo de planejamento municipal para a implantação da política de desenvolvimento urbano, norteando a ação dos agentes públicos e privados (Lei n. 10.257/2001 - Estatuto da cidade).

14 Nota-se que antes de se promover a desapropriação de imóvel urbano por desatendimento à função social é necessário tomar duas providências, sucessivas: primeiro, o parcelamento ou edificação compulsórios; depois, o estabelecimento de imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana progressivo no tempo. Se ambas medidas restarem ineficazes, parte-se para a desapropriação por desatendimento à função social.

15 A desapropriação em decorrência do desatendimento da função social é indenizada, mas não da mesma maneira que a desapropriação por necessidade ou utilidade pública, já que na primeira há violação do ordenamento constitucional pelo proprietário, mas na segunda não. Por isso, indeniza-se em títulos da dívida agrária, que na prática não são tão valorizados quanto o dinheiro.

Artigo 5º, Decreto-lei n. 3.365/1941. Consideram-se casos de utilidade pública:

a) a segurança nacional;

b) a defesa do Estado;

c) o socorro público em caso de calamidade;

d) a salubridade pública;

e) a criação e melhoramento de centros de população, seu abastecimento regular de meios de subsistência;

f) o aproveitamento industrial das minas e das jazidas minerais, das águas e da energia hidráulica;

g) a assistência pública, as obras de higiene e decoração, casas de saúde, clínicas, estações de clima e fontes medicinais;

h) a exploração ou a conservação dos serviços públicos;

i) a abertura, conservação e melhoramento de vias ou logradouros públicos; a execução de planos de urbanização; o parcelamento do solo, com ou sem edificação, para sua melhor utilização econômica, higiênica ou estética; a construção ou ampliação de distritos industriais;

j) o funcionamento dos meios de transporte coletivo;

k) a preservação e conservação dos monumentos históricos e artísticos, isolados ou integrados em conjuntos urbanos ou rurais, bem como as medidas necessárias a manter-lhes e realçar-lhes os aspectos mais valiosos ou característicos e, ainda, a proteção de paisagens e locais particularmente dotados pela natureza;

l) a preservação e a conservação adequada de arquivos, documentos e outros bens moveis de valor histórico ou artístico;

m) a construção de edifícios públicos, monumentos comemorativos e cemitérios;

n) a criação de estádios, aeródromos ou campos de pouso para aeronaves;

o) a reedição ou divulgação de obra ou invento de natureza científica, artística ou literária;

p) os demais casos previstos por leis especiais.

Um grande problema que faz com que processos que tenham a desapropriação por objeto se estendam é a indevida valorização do imóvel pelo Poder Público, que geralmente pretende pagar valor muito abaixo do devido, necessitando o Judiciário intervir em prol da correta avaliação.

Outra questão reside na chamada tredestinação, pela qual há a destinação de um bem expropriado (desapropriação) a finalidade diversa da que se planejou inicialmente. A tredestinação pode ser lícita ou ilícita. Será ilícita quando resultante de desvio do propósito original; e será lícita quando a Administração Pública dê ao bem finalidade diversa, porém preservando a razão do interesse público.

Política agrária e reforma agrária

Enquanto desdobramento do direito à propriedade imóvel e da função social desta propriedade, tem-se ainda o artigo 5º, XXVI, CF:

*Artigo 5º, XXVI, CF. A **pequena propriedade rural**, assim definida em lei, desde que trabalhada pela família, não será objeto de penhora para pagamento de débitos decorrentes de sua atividade produtiva, dispondo a lei sobre os meios de financiar o seu desenvolvimento.*

Assim, se uma pessoa é mais humilde e tem uma pequena propriedade será assegurado que permaneça com ela e a torne mais produtiva.

A preservação da pequena propriedade em detrimento dos grandes latifúndios improdutivos é uma das diretrizes-guias da regulamentação da política agrária brasileira, que tem como principal escopo a realização da reforma agrária.

Parte da questão financeira atinente à reforma agrária se encontra prevista no artigo 184, §§ 4º e 5º, CF:

Artigo 184, §4º, CF. O orçamento fixará anualmente o volume total de títulos da dívida agrária, assim como o montante de recursos para atender ao programa de reforma agrária no exercício.

Artigo 184, §5º, CF. São isentas de impostos federais, estaduais e municipais as operações de transferência de imóveis desapropriados para fins de reforma agrária.

Como a finalidade da reforma agrária é transformar terras improdutivas e grandes propriedades em atinentes à função social, alguns imóveis rurais não podem ser abrangidos pela reforma agrária:

Art. 185, CF. São insuscetíveis de desapropriação para fins de reforma agrária:

I - a pequena e média propriedade rural, assim definida em lei, desde que seu proprietário não possua outra;

II - a propriedade produtiva.

Parágrafo único. A lei garantirá tratamento especial à propriedade produtiva e fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos a sua função social.

Sobre as diretrizes da política agrícola, prevê o artigo 187:

Art. 187, CF. A política agrícola será planejada e executada na forma da lei, com a participação efetiva do setor de produção, envolvendo produtores e trabalhadores rurais, bem como dos setores de comercialização, de armazenamento e de transportes, levando em conta, especialmente:

I - os instrumentos creditícios e fiscais;

II - os preços compatíveis com os custos de produção e a garantia de comercialização;

III - o incentivo à pesquisa e à tecnologia;

IV - a assistência técnica e extensão rural;

V - o seguro agrícola;

VI - o cooperativismo;

VII - a eletrificação rural e irrigação;

VIII - a habitação para o trabalhador rural.

§ 1º Incluem-se no planejamento agrícola as atividades agroindustriais, agropecuárias, pesqueiras e florestais.

§ 2º Serão compatibilizadas as ações de política agrícola e de reforma agrária.

As terras devolutas e públicas serão destinadas conforme a política agrícola e o plano nacional de reforma agrária (artigo 188, *caput*, CF). Neste sentido, "a alienação ou a concessão, a qualquer título, de terras públicas com área

NOVA CONCURSOS

superior a dois mil e quinhentos hectares a pessoa física ou jurídica, ainda que por interposta pessoa, dependerá de prévia aprovação do Congresso Nacional", salvo no caso de alienações ou concessões de terras públicas para fins de reforma agrária (artigo 188, §§ 1º e 2º, CF).

Os que forem favorecidos pela reforma agrária (homens, mulheres, ambos, qualquer estado civil) não poderão negociar seus títulos pelo prazo de 10 anos (artigo 189, CF).

Consta, ainda, que "a lei regulará e limitará a aquisição ou o arrendamento de propriedade rural por pessoa física ou jurídica estrangeira e estabelecerá os casos que dependerão de autorização do Congresso Nacional" (artigo 190, CF).

Usucapião

Usucapião é o modo originário de aquisição da propriedade que decorre da posse prolongada por um longo tempo, preenchidos outros requisitos legais. Em outras palavras, usucapião é uma situação em que alguém tem a posse de um bem por um tempo longo, sem ser incomodado, a ponto de se tornar proprietário.

A Constituição regulamenta o acesso à propriedade mediante posse prolongada no tempo – usucapião – em casos específicos, denominados usucapião especial urbana e usucapião especial rural.

O artigo 183 da Constituição regulamenta a usucapião especial urbana:

Art. 183, CF. Aquele que possuir como sua área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos, ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural.

§ 1º O título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem ou à mulher, ou a ambos, independentemente do estado civil.

§ 2º Esse direito não será reconhecido ao mesmo possuidor mais de uma vez.

§ 3º Os imóveis públicos não serão adquiridos por usucapião.

Além dos requisitos gerais (*animus* e posse que seja pública, pacífica, ininterrupta e contínua), são exigidos os seguintes requisitos específicos:

a) Área urbana – há controvérsia. Pela teoria da localização, área urbana é a que está dentro do perímetro urbano. Pela teoria da destinação, mais importante que a localização é a sua utilização. Ex.: se tem fins agrícolas/pecuários e estiver dentro do perímetro urbana, o imóvel é rural. Para fins de usucapião a maioria diz que prevalece a teoria da localização.

b) Imóveis até 250 m² – Pode dentro de uma posse maior isolar área de 250m² e ingressar com a ação? A jurisprudência é pacífica que a posse desde o início deve ficar restrita a 250m². Predomina também que o terreno deve ter 250m², não a área construída (a área de um sobrado, por exemplo, pode ser maior que a de um terreno).

c) 5 anos – houve controvérsia porque a Constituição Federal de 1988 que criou esta modalidade. E se antes de 05 de outubro de 1988 uma pessoa tivesse há 4 anos dentro do limite da usucapião urbana? Predominou que só corria o prazo a partir da criação do instituto, não só porque antes não existia e o prazo não podia correr, como também não se poderia prejudicar o proprietário.

d) Moradia sua ou de sua família – não basta ter posse, é preciso que a pessoa more, sozinha ou com sua família, ao longo de todo o prazo (não só no início ou no final). Logo, não cabe *acessio temporis* por cessão da posse.

e) Nenhum outro imóvel, nem urbano, nem rural, no Brasil. O usucapiente não prova isso, apenas alega. Se alguém não quiser a usucapião, prova o contrário. Este requisito é verificado no momento em que completa 5 anos.

Em relação à previsão da usucapião especial rural, destaca-se o artigo 191, CF:

Art. 191, CF. Aquele que, não sendo proprietário de imóvel rural ou urbano, possua como seu, por cinco anos ininterruptos, sem oposição, área de terra, em zona rural, não superior a cinquenta hectares, tornando-a produtiva por seu trabalho ou de sua família, tendo nela sua moradia, adquirir-lhe-á a propriedade.

Parágrafo único. Os imóveis públicos não serão adquiridos por usucapião.

Além dos requisitos gerais (*animus* e posse que seja pública, pacífica, ininterrupta e contínua), são exigidos os seguintes requisitos específicos:

a) Imóvel rural

b) 50 hectares, no máximo – há também legislação que estabelece um limite mínimo, o módulo rural (Estatuto da Terra). É possível usucapir áreas menores que o módulo rural? Tem prevalecido o entendimento de que pode, mas é assunto muito controverso.

c) 5 anos – pode ser considerado o prazo antes 05 de outubro de 1988 (Constituição Federal)? Depende. Se a área é de até 25 hectares sim, pois já havia tal possibilidade antes da CF/88. Se área for maior (entre 25 ha e 50 ha) não.

d) Moradia sua ou de sua família – a pessoa deve morar na área rural.

e) Nenhum outro imóvel.

f) O usucapiente, com seu trabalho, deve ter tornado a área produtiva. Por isso, é chamado de usucapião "pro labore". Dependerá do caso concreto.

Uso temporário

No mais, estabelece-se uma terceira limitação ao direito de propriedade que não possui o caráter definitivo da desapropriação, mas é temporária, conforme artigo 5º, XXV, CF:

*Artigo 5º, XXV, CF. No caso de iminente **perigo público**, a autoridade competente poderá **usar de propriedade particular**, assegurada ao proprietário indenização ulterior, se houver dano.*

Se uma pessoa tem uma propriedade, numa situação de perigo, o poder público pode se utilizar dela (ex: montar uma base para capturar um fugitivo), pois o interesse da coletividade é maior que o do indivíduo proprietário.

Direito sucessório

O direito sucessório aparece como uma faceta do direito à propriedade, encontrando disciplina constitucional no artigo 5º, XXX e XXXI, CF:

*Artigo 5º, XXX, CF. É garantido o direito de **herança**;*

*Artigo 5º, XXXI, CF. A **sucessão de bens de estrangeiros** situados no País será regulada pela lei brasileira em benefício do cônjuge ou dos filhos brasileiros, sempre que não lhes seja mais favorável a lei pessoal do de cujus.*

O direito à herança envolve o direito de receber – seja devido a uma previsão legal, seja por testamento – bens de uma pessoa que faleceu. Assim, o patrimônio passa para outra pessoa, conforme a vontade do falecido e/ou a lei determine. A Constituição estabelece uma disciplina específica para bens de estrangeiros situados no Brasil, assegurando que eles sejam repassados ao cônjuge e filhos brasileiros nos termos da lei mais benéfica (do Brasil ou do país estrangeiro).

Direito do consumidor

Nos termos do artigo 5º, XXXII, CF:

*Artigo 5º, XXXII, CF. O Estado promoverá, na forma da lei, a **defesa do consumidor**.*

O direito do consumidor liga-se ao direito à propriedade a partir do momento em que garante à pessoa que irá adquirir bens e serviços que estes sejam entregues e prestados da forma adequada, impedindo que o fornecedor se enriqueça ilicitamente, se aproveite de maneira indevida da posição menos favorável e de vulnerabilidade técnica do consumidor.

O Direito do Consumidor pode ser considerado um ramo recente do Direito. No Brasil, a legislação que o regulamentou foi promulgada nos anos 90, qual seja a Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, conforme determinado pela Constituição Federal de 1988, que também estabeleceu no artigo 48 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias:

Artigo 48, ADCT. O Congresso Nacional, dentro de cento e vinte dias da promulgação da Constituição, elaborará código de defesa do consumidor.

A elaboração do Código de Defesa do Consumidor foi um grande passo para a proteção da pessoa nas relações de consumo que estabeleça, respeitando-se a condição de hipossuficiente técnico daquele que adquire um bem ou faz uso de determinado serviço, enquanto consumidor.

Propriedade intelectual

Além da propriedade material, o constituinte protege também a propriedade intelectual, notadamente no artigo 5º, XXVII, XXVIII e XXIX, CF:

*Artigo 5º, XXVII, CF. Aos autores pertence o direito exclusivo de **utilização, publicação ou reprodução de suas obras**, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;*

Artigo 5º, XXVIII, CF. São assegurados, nos termos da lei:
*a) a proteção às **participações individuais em obras coletivas** e à **reprodução da imagem e voz humanas**, inclusive nas atividades desportivas;*
*b) o direito de **fiscalização do aproveitamento econômico das obras** que criarem ou de que participarem aos criadores, aos intérpretes e às respectivas representações sindicais e associativas;*

*Artigo 5º, XXIX, CF. A lei assegurará aos autores de **inventos industriais** privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do País.*

Assim, a propriedade possui uma vertente intelectual que deve ser respeitada, tanto sob o aspecto moral quanto sob o patrimonial. No âmbito infraconstitucional brasileiro, a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, regulamenta os direitos autorais, isto é, "os direitos de autor e os que lhes são conexos".

O artigo 7° do referido diploma considera como obras intelectuais que merecem a proteção do direito do autor os textos de obras de natureza literária, artística ou científica; as conferências, sermões e obras semelhantes; as obras cinematográficas e televisivas; as composições musicais; fotografias; ilustrações; programas de computador; coletâneas e enciclopédias; entre outras.

Os direitos morais do autor, que são imprescritíveis, inalienáveis e irrenunciáveis, envolvem, basicamente, o direito de reivindicar a autoria da obra, ter seu nome divulgado na utilização desta, assegurar a integridade desta ou modificá-la e retirá-la de circulação se esta passar a afrontar sua honra ou imagem.

Já os direitos patrimoniais do autor, nos termos dos artigos 41 a 44 da Lei nº 9.610/98, prescrevem em 70 anos contados do primeiro ano seguinte à sua morte ou do falecimento do último coautor, ou contados do primeiro ano seguinte à divulgação da obra se esta for de natureza audiovisual ou fotográfica. Estes, por sua vez, abrangem, basicamente, o direito de dispor sobre a reprodução, edição, adaptação, tradução, utilização, inclusão em bases de dados ou qualquer outra modalidade de utilização; sendo que estas modalidades de utilização podem se dar a título oneroso ou gratuito.

"Os direitos autorais, também conhecidos como *copyright* (direito de cópia), são considerados bens móveis, podendo ser alienados, doados, cedidos ou locados. Ressalte-se que a permissão a terceiros de utilização de cria-

NOVA CONCURSOS

ções artísticas é direito do autor. [...] A proteção constitucional abrange o plágio e a contrafação. Enquanto que o primeiro caracteriza-se pela difusão de obra criada ou produzida por terceiros, como se fosse própria, a segunda configura a reprodução de obra alheia sem a necessária permissão do autor"[16].

- Direitos de acesso à justiça

A formação de um conceito sistemático de acesso à justiça se dá com a teoria de Cappelletti e Garth, que apontaram três ondas de acesso, isto é, três posicionamentos básicos para a realização efetiva de tal acesso. Tais ondas foram percebidas paulatinamente com a evolução do Direito moderno conforme implementadas as bases da onda anterior, quer dizer, ficou evidente aos autores a emergência de uma nova onda quando superada a afirmação das premissas da onda anterior, restando parcialmente implementada (visto que até hoje enfrentam-se obstáculos ao pleno atendimento em todas as ondas).

Primeiro, Cappelletti e Garth[17] entendem que surgiu uma onda de concessão de assistência judiciária aos pobres, partindo-se da prestação sem interesse de remuneração por parte dos advogados e, ao final, levando à criação de um aparato estrutural para a prestação da assistência pelo Estado.

Em segundo lugar, no entender de Cappelletti e Garth[18], veio a onda de superação do problema na representação dos interesses difusos, saindo da concepção tradicional de processo como algo restrito a apenas duas partes individualizadas e ocasionando o surgimento de novas instituições, como o Ministério Público.

Finalmente, Cappelletti e Garth[19] apontam uma terceira onda consistente no surgimento de uma concepção mais ampla de acesso à justiça, considerando o conjunto de instituições, mecanismos, pessoas e procedimentos utilizados: "[...] esse enfoque encoraja a exploração de uma ampla variedade de reformas, incluindo alterações nas formas de procedimento, mudanças na estrutura dos tribunais ou a criação de novos tribunais, o uso de pessoas leigas ou paraprofissionais, tanto como juízes quanto como defensores, modificações no direito substantivo destinadas a evitar litígios ou facilitar sua solução e a utilização de mecanismos privados ou informais de solução dos litígios. Esse enfoque, em suma, não receia inovações radicais e compreensivas, que vão muito além da esfera de representação judicial".

Assim, dentro da noção de acesso à justiça, diversos aspectos podem ser destacados: de um lado, deve criar-se o Poder Judiciário e se disponibilizar meios para que todas as pessoas possam buscá-lo; de outro lado, não basta garantir meios de acesso se estes forem insuficientes, já que para que exista o verdadeiro acesso à justiça é necessário que se aplique o direito material de maneira justa e célere.

16 MORAES, Alexandre de. **Direitos humanos fundamentais**: teoria geral, comentários aos artigos 1º a 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, doutrina e jurisprudência. São Paulo: Atlas, 1997.

17 CAPPELLETTI, Mauro; GARTH, Bryant. **Acesso à Justiça**. Tradução Ellen Grace Northfleet. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 1998, p. 31-32.

18 Ibid., p. 49-52

19 Ibid., p. 67-73

Relacionando-se à primeira onda de acesso à justiça, prevê a Constituição em seu artigo 5º, XXXV:

Artigo 5º, XXXV, CF. A lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário ***lesão ou ameaça a direito****.*

O princípio da inafastabilidade da jurisdição é o princípio de Direito Processual Público subjetivo, também cunhado como Princípio da Ação, em que a Constituição garante a necessária tutela estatal aos conflitos ocorrentes na vida em sociedade. Sempre que uma controvérsia for levada ao Poder Judiciário, preenchidos os requisitos de admissibilidade, ela será resolvida, independentemente de haver ou não previsão específica a respeito na legislação.

Também se liga à primeira onda de acesso à justiça, no que tange à abertura do Judiciário mesmo aos menos favorecidos economicamente, o artigo 5º, LXXIV, CF:

Artigo 5º, LXXIV, CF. O Estado prestará ***assistência jurídica integral e gratuita*** *aos que comprovarem insuficiência de recursos.*

O constituinte, ciente de que não basta garantir o acesso ao Poder Judiciário, sendo também necessária a efetividade processual, incluiu pela Emenda Constitucional nº 45/2004 o inciso LXXVIII ao artigo 5º da Constituição:

Artigo 5º, LXXVIII, CF. A todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a ***razoável duração do processo*** *e os* ***meios*** *que garantam a celeridade de sua tramitação.*

Com o tempo se percebeu que não bastava garantir o acesso à justiça se este não fosse célere e eficaz. Não significa que se deve acelerar o processo em detrimento de direitos e garantias assegurados em lei, mas sim que é preciso proporcionar um trâmite que dure nem mais e nem menos que o necessário para a efetiva realização da justiça no caso concreto.

- Direitos constitucionais-penais

Juiz natural e vedação ao juízo ou tribunal de exceção

Quando o artigo 5º, LIII, CF menciona:

Artigo 5º, LIII, CF. Ninguém será processado nem sentenciado senão pela ***autoridade competente****", consolida o princípio do juiz natural que assegura a toda pessoa o direito de conhecer previamente daquele que a julgará no processo em que seja parte, revestindo tal juízo em jurisdição competente para a matéria específica do caso antes mesmo do fato ocorrer.*

Por sua vez, um desdobramento deste princípio encontra-se no artigo 5º, XXXVII, CF:

Artigo 5º, XXXVII, CF. Não haverá juízo ou tribunal de exceção.

Juízo ou Tribunal de Exceção é aquele especialmente criado para uma situação pretérita, bem como não reconhecido como legítimo pela Constituição do país.

Tribunal do júri

A respeito da competência do Tribunal do júri, prevê o artigo 5º, XXXVIII, CF:

Artigo 5º, XXXVIII. É reconhecida a instituição do júri, com a organização que lhe der a lei, assegurados:
a) a plenitude de defesa;
b) o sigilo das votações;
c) a soberania dos veredictos;
d) a competência para o julgamento dos crimes dolosos contra a vida.

O Tribunal do Júri é formado por pessoas do povo, que julgam os seus pares. Entende-se ser direito fundamental o de ser julgado por seus iguais, membros da sociedade e não magistrados, no caso de determinados crimes que por sua natureza possuem fortes fatores de influência emocional.

Plenitude da defesa envolve tanto a autodefesa quanto a defesa técnica e deve ser mais ampla que a denominada ampla defesa assegurada em todos os procedimentos judiciais e administrativos.

Sigilo das votações envolve a realização de votações secretas, preservando a liberdade de voto dos que compõem o conselho que irá julgar o ato praticado.

A decisão tomada pelo conselho é soberana. Contudo, a soberania dos veredictos veda a alteração das decisões dos jurados, não a recorribilidade dos julgamentos do Tribunal do Júri para que seja procedido novo julgamento uma vez cassada a decisão recorrida, haja vista preservar o ordenamento jurídico pelo princípio do duplo grau de jurisdição.

Por fim, a competência para julgamento é dos crimes dolosos (em que há intenção ou ao menos se assume o risco de produção do resultado) contra a vida, que são: homicídio, aborto, induzimento, instigação ou auxílio a suicídio e infanticídio. Sua competência não é absoluta e é mitigada, por vezes, pela própria Constituição (artigos 29, X / 102, I, b) e c) / 105, I, a) / 108, I).

Anterioridade e irretroatividade da lei

O artigo 5º, XXXIX, CF preconiza:

*Artigo5º, XXXIX, CF. Não há **crime** sem **lei anterior** que o defina, nem **pena** sem **prévia** cominação legal.*

É a consagração da regra do *nullum crimen nulla poena sine praevia lege*. Simultaneamente, se assegura o princípio da legalidade (ou reserva legal), na medida em que não há crime sem lei que o defina, nem pena sem prévia cominação legal, e o princípio da anterioridade, posto que não há crime sem lei anterior que o defina.

Ainda no que tange ao princípio da anterioridade, tem-se o artigo 5º, XL, CF:

*Artigo 5º, XL, CF. A lei penal **não retroagirá**, salvo para **beneficiar** o réu.*

O dispositivo consolida outra faceta do princípio da anterioridade: se, por um lado, é necessário que a lei tenha definido um fato como crime e dado certo tratamento penal a este fato (ex.: pena de detenção ou reclusão, tempo de pena, etc.) antes que ele ocorra; por outro lado, se vier uma lei posterior ao fato que o exclua do rol de crimes ou que confira tratamento mais benéfico (diminuindo a pena ou alterando o regime de cumprimento, notadamente), ela será aplicada. Restam consagrados tanto o princípio da irretroatividade da lei penal *in pejus* quanto o da retroatividade da lei penal mais benéfica.

Menções específicas a crimes

O artigo 5º, XLI, CF estabelece:

*Artigo 5º, XLI, CF. A lei punirá qualquer **discriminação** atentatória dos direitos e liberdades fundamentais.*

Sendo assim confere fórmula genérica que remete ao princípio da igualdade numa concepção ampla, razão pela qual práticas discriminatórias não podem ser aceitas. No entanto, o constituinte entendeu por bem prever tratamento específico a certas práticas criminosas.

Neste sentido, prevê o artigo 5º, XLII, CF:

*Artigo 5º, XLII, CF. A prática do **racismo** constitui crime **inafiançável e imprescritível**, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.*

A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Contra eles não cabe fiança (pagamento de valor para deixar a prisão provisória) e não se aplica o instituto da prescrição (perda de pretensão de se processar/punir uma pessoa pelo decurso do tempo).

Não obstante, preconiza ao artigo 5º, XLIII, CF:

*Artigo 5º, XLIII, CF. A lei considerará crimes **inafiançáveis** e **insuscetíveis de graça ou anistia** a prática da **tortura**, o **tráfico** ilícito de entorpecentes e drogas afins, o **terrorismo** e os definidos como crimes **hediondos**, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem.*

Anistia, graça e indulto diferenciam-se nos seguintes termos: a anistia exclui o crime, rescinde a condenação e extingue totalmente a punibilidade, a graça e o indulto apenas extinguem a punibilidade, podendo ser parciais; a anistia, em regra, atinge crimes políticos, a graça e o indulto, crimes comuns; a anistia pode ser concedida pelo Poder Legislativo, a graça e o indulto são de competência exclusiva do Presidente da República; a anistia pode ser concedida antes da sentença final ou depois da condenação irrecorrível, a graça e o indulto pressupõem o trânsito em julgado da sentença condenatória; graça e o indulto apenas extinguem a punibilidade, persistindo os efeitos do crime, apagados na anistia; graça é em regra individual e solicitada, enquanto o indulto é coletivo e espontâneo.

NOVA CONCURSOS

Não cabe graça, anistia ou indulto (pode-se considerar que o artigo o abrange, pela doutrina majoritária) contra crimes de tortura, tráfico, terrorismo (TTT) e hediondos (previstos na Lei nº 8.072 de 25 de julho de 1990). Além disso, são crimes que não aceitam fiança.

Ainda, prevê o artigo 5º, XLIV, CF:

*Artigo 5º, XLIV, CF. Constitui crime **inafiançável** e **imprescritível** a ação de **grupos armados, civis ou militares**, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático.*

Por fim, dispõe a CF sobre a possibilidade de extradição de brasileiro naturalizado caso esteja envolvido com tráfico ilícito de entorpecentes:

*Artigo 5º, LI, CF. Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado **envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins**, na forma da lei.*

Personalidade da pena

A personalidade da pena encontra respaldo no artigo 5º, XLV, CF:

*Artigo 5º, XLV, CF. Nenhuma pena **passará da pessoa do condenado**, podendo a obrigação de reparar o dano e a decretação do perdimento de bens ser, nos termos da lei, estendidas aos sucessores e contra eles executadas, até o limite do valor do patrimônio transferido.*

O princípio da personalidade encerra o comando de o crime ser imputado somente ao seu autor, que é, por seu turno, a única pessoa passível de sofrer a sanção. Seria flagrante a injustiça se fosse possível alguém responder pelos atos ilícitos de outrem: caso contrário, a reação, ao invés de restringir-se ao malfeitor, alcançaria inocentes. Contudo, se uma pessoa deixou patrimônio e faleceu, este patrimônio responderá pelas repercussões financeiras do ilícito.

Individualização da pena

A individualização da pena tem por finalidade concretizar o princípio de que a responsabilização penal é sempre pessoal, devendo assim ser aplicada conforme as peculiaridades do agente.

A primeira menção à individualização da pena se encontra no artigo 5º, XLVI, CF:

*Artigo 5º, XLVI, CF. A lei regulará a **individualização da pena** e adotará, entre outras, as seguintes:*
a) privação ou restrição da liberdade;
b) perda de bens;
c) multa;
d) prestação social alternativa;
e) suspensão ou interdição de direitos.

Pelo princípio da individualização da pena, a pena deve ser individualizada nos planos legislativo, judiciário e executório, evitando-se a padronização a sanção penal. A individualização da pena significa adaptar a pena ao condenado, consideradas as características do agente e do delito.

A pena privativa de liberdade é aquela que restringe, com maior ou menor intensidade, a liberdade do condenado, consistente em permanecer em algum estabelecimento prisional, por um determinado tempo.

A pena de multa ou patrimonial opera uma diminuição do patrimônio do indivíduo delituoso.

A prestação social alternativa corresponde às penas restritivas de direitos, autônomas e substitutivas das penas privativas de liberdade, estabelecidas no artigo 44 do Código Penal.

Por seu turno, a individualização da pena deve também se fazer presente na fase de sua execução, conforme se depreende do artigo 5º, XLVIII, CF:

*Artigo 5º, XLVIII, CF. A pena será cumprida em **estabelecimentos distintos**, de acordo com a **natureza do delito**, a **idade** e o **sexo** do apenado.*

A distinção do estabelecimento conforme a natureza do delito visa impedir que a prisão se torne uma faculdade do crime. Infelizmente, o Estado não possui aparato suficiente para cumprir tal diretiva, diferenciando, no máximo, o nível de segurança das prisões. Quanto à idade, destacam-se as Fundações Casas, para cumprimento de medida por menores infratores. Quanto ao sexo, prisões costumam ser exclusivamente para homens ou para mulheres.

Também se denota o respeito à individualização da pena nesta faceta pelo artigo 5º, L, CF:

*Artigo 5º, L, CF. Às **presidiárias** serão asseguradas condições para que possam permanecer com seus **filhos** durante o período de **amamentação**.*

Preserva-se a individualização da pena porque é tomada a condição peculiar da presa que possui filho no período de amamentação, mas também se preserva a dignidade da criança, não a afastando do seio materno de maneira precária e impedindo a formação de vínculo pela amamentação.

Vedação de determinadas penas

O constituinte viu por bem proibir algumas espécies de penas, consoante ao artigo 5º, XLVII, CF:

Artigo 5º, XLVII, CF. não haverá penas*:*
*a) de **morte**, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, XIX;*
*b) de **caráter perpétuo**;*
*c) de **trabalhos forçados**;*
*d) de **banimento**;*
*e) **cruéis**.*

Em resumo, o inciso consolida o princípio da humanidade, pelo qual o "poder punitivo estatal não pode aplicar sanções que atinjam a dignidade da pessoa humana ou que lesionem a constituição físico-psíquica dos condenados"[20] .

20 BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de direito penal**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2011. v. 1.

Quanto à questão da pena de morte, percebe-se que o constituinte não estabeleceu uma total vedação, autorizando-a nos casos de guerra declarada. Obviamente, deve-se respeitar o princípio da anterioridade da lei, ou seja, a legislação deve prever a pena de morte ao fato antes dele ser praticado. No ordenamento brasileiro, este papel é cumprido pelo Código Penal Militar (Decreto-Lei nº 1.001/1969), que prevê a pena de morte a ser executada por fuzilamento nos casos tipificados em seu Livro II, que aborda os crimes militares em tempo de guerra.

Por sua vez, estão absolutamente vedadas em quaisquer circunstâncias as penas de caráter perpétuo, de trabalhos forçados, de banimento e cruéis.

No que tange aos trabalhos forçados, vale destacar que o trabalho obrigatório não é considerado um tratamento contrário à dignidade do recluso, embora o trabalho forçado o seja. O trabalho é obrigatório, dentro das condições do apenado, não podendo ser cruel ou menosprezar a capacidade física e intelectual do condenado; como o trabalho não existe independente da educação, cabe incentivar o aperfeiçoamento pessoal; até mesmo porque o trabalho deve se aproximar da realidade do mundo externo, será remunerado; além disso, condições de dignidade e segurança do trabalhador, como descanso semanal e equipamentos de proteção, deverão ser respeitados.

Respeito à integridade do preso

Prevê o artigo 5º, XLIX, CF:

Artigo 5º, XLIX, CF. É assegurado aos presos o respeito à ***integridade física e moral***.

Obviamente, o desrespeito à integridade física e moral do preso é uma violação do princípio da dignidade da pessoa humana.

Dois tipos de tratamentos que violam esta integridade estão mencionados no próprio artigo 5º da Constituição Federal. Em primeiro lugar, tem-se a vedação da tortura e de tratamentos desumanos e degradantes (artigo 5º, III, CF), o que vale na execução da pena.

No mais, prevê o artigo 5º, LVIII, CF:

*Artigo 5º, LVIII, CF. O civilmente identificado não será submetido a **identificação criminal**, salvo nas hipóteses previstas em lei.*

Se uma pessoa possui identificação civil, não há porque fazer identificação criminal, colhendo digitais, fotos, etc. Pensa-se que seria uma situação constrangedora desnecessária ao suspeito, sendo assim, violaria a integridade moral.

Devido processo legal, contraditório e ampla defesa

Estabelece o artigo 5º, LIV, CF:

*Artigo 5º, LIV, CF. Ninguém será privado da liberdade ou de seus bens sem o **devido processo legal**.*

Pelo princípio do devido processo legal a legislação deve ser respeitada quando o Estado pretender punir alguém judicialmente. Logo, o procedimento deve ser livre de vícios e seguir estritamente a legislação vigente, sob pena de nulidade processual.

Surgem como corolário do devido processo legal o contraditório e a ampla defesa, pois somente um procedimento que os garanta estará livre dos vícios. Neste sentido, o artigo 5º, LV, CF:

*Artigo 5º, LV, CF. Aos litigantes, em processo judicial ou administrativo, e aos acusados em geral são assegurados o **contraditório e ampla defesa**, com os meios e recursos a ela inerentes.*

O devido processo legal possui a faceta formal, pela qual se deve seguir o adequado procedimento na aplicação da lei e, sendo assim, respeitar o contraditório e a ampla defesa. Não obstante, o devido processo legal tem sua faceta material que consiste na tomada de decisões justas, que respeitem os parâmetros da razoabilidade e da proporcionalidade.

Vedação de provas ilícitas

Conforme o artigo 5º, LVI, CF:

*Artigo 5º, LVI, CF. São inadmissíveis, no processo, as provas obtidas por **meios ilícitos**.*

Provas ilícitas, por força da nova redação dada ao artigo 157 do CPP, são as obtidas em violação a normas constitucionais ou legai, ou seja, prova ilícita é a que viola regra de direito material, constitucional ou legal, no momento da sua obtenção. São vedadas porque não se pode aceitar o descumprimento do ordenamento para fazê-lo cumprir: seria paradoxal.

Presunção de inocência

Prevê a Constituição no artigo 5º, LVII:

*Artigo 5º, LVII, CF. Ninguém será considerado **culpado** até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória.*

Consolida-se o princípio da presunção de inocência, pelo qual uma pessoa não é culpada até que, em definitivo, o Judiciário assim decida, respeitados todos os princípios e garantias constitucionais.

Ação penal privada subsidiária da pública

Nos termos do artigo 5º, LIX, CF:

*Artigo 5º, LIX, CF. Será admitida **ação privada nos crimes de ação pública**, se esta não for intentada no prazo legal.*

A chamada ação penal privada subsidiária da pública encontra respaldo constitucional, assegurando que a omissão do poder público na atividade de persecução criminal não será ignorada, fornecendo-se instrumento para que o interessado a proponha.

Prisão e liberdade

O constituinte confere espaço bastante extenso no artigo 5º em relação ao tratamento da prisão, notadamente por se tratar de ato que vai contra o direito à liberdade. Obviamente, a prisão não é vedada em todos os casos, porque práticas atentatórias a direitos fundamentais implicam na tipificação penal, autorizando a restrição da liberdade daquele que assim agiu.

No inciso LXI do artigo 5º, CF, prevê-se:

*Artigo 5º, LXI, CF. Ninguém será **preso** senão em **flagrante delito** ou por **ordem escrita e fundamentada** de autoridade judiciária competente, salvo nos casos de transgressão militar ou crime propriamente militar, definidos em lei.*

Logo, a prisão somente se dará em caso de flagrante delito (necessariamente antes do trânsito em julgado), ou em caráter temporário, provisório ou definitivo (as duas primeiras independente do trânsito em julgado, preenchidos requisitos legais e a última pela irreversibilidade da condenação).

Aborda-se no artigo 5º, LXII o dever de comunicação ao juiz e à família ou pessoa indicada pelo preso:

*Artigo 5º, LXII, CF. A prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão **comunicados** imediatamente ao **juiz** competente e à **família** do preso ou à pessoa por ele indicada.*

Não obstante, o preso deverá ser informado de todos os seus direitos, inclusive o direito ao silêncio, podendo entrar em contato com sua família e com um advogado, conforme artigo 5º, LXIII, CF:

*Artigo 5º, LXIII, CF. O preso será informado de seus **direitos**, entre os quais o de permanecer **calado**, sendo-lhe assegurada a **assistência** da família e de advogado.*

Estabelece-se no artigo 5º, LXIV, CF:

*Artigo 5º, LXIV, CF. O preso tem direito à **identificação** dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial.*

Por isso mesmo, o auto de prisão em flagrante e a ata do depoimento do interrogatório são assinados pelas autoridades envolvidas nas práticas destes atos procedimentais.

Ainda, a legislação estabelece inúmeros requisitos para que a prisão seja validada, sem os quais cabe relaxamento, tanto que assim prevê o artigo 5º, LXV, CF:

*Artigo 5º, LXV, CF. A **prisão ilegal** será imediatamente **relaxada** pela autoridade judiciária.*

Desta forma, como decorrência lógica, tem-se a previsão do artigo 5º, LXVI, CF:

*Artigo 5º, LXVI, CF. Ninguém será levado à prisão ou nela mantido, quando a lei admitir a **liberdade provisória**, com ou sem fiança.*

Mesmo que a pessoa seja presa em flagrante, devido ao princípio da presunção de inocência, entende-se que ela não deve ser mantida presa quando não preencher os requisitos legais para prisão preventiva ou temporária.

Indenização por erro judiciário

A disciplina sobre direitos decorrentes do erro judiciário encontra-se no artigo 5º, LXXV, CF:

*Artigo 5º, LXXV, CF. O Estado indenizará o condenado por **erro judiciário**, assim como o que ficar **preso além do tempo** fixado na sentença.*

Trata-se do erro em que incorre um juiz na apreciação e julgamento de um processo criminal, resultando em condenação de alguém inocente. Neste caso, o Estado indenizará. Ele também indenizará uma pessoa que ficar presa além do tempo que foi condenada a cumprir.

4) Direitos fundamentais implícitos

Nos termos do § 2º do artigo 5º da Constituição Federal:

Artigo 5º, §2º, CF. Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

Daí se depreende que os direitos ou garantias podem estar expressos ou implícitos no texto constitucional. Sendo assim, o rol enumerado nos incisos do artigo 5º é apenas exemplificativo, não taxativo.

5) Tratados internacionais incorporados ao ordenamento interno

Estabelece o artigo 5º, § 2º, CF que os direitos e garantias podem decorrer, dentre outras fontes, dos "**tratados internacionais** em que a República Federativa do Brasil seja parte".

Para o tratado internacional ingressar no ordenamento jurídico brasileiro deve ser observado um procedimento complexo, que exige o cumprimento de quatro fases: a negociação (bilateral ou multilateral, com posterior assinatura do Presidente da República), submissão do tratado assinado ao Congresso Nacional (que dará referendo por meio do decreto legislativo), ratificação do tratado (confirmação da obrigação perante a comunidade internacional) e a promulgação e publicação do tratado pelo Poder Executivo[21]. Notadamente, quando o constituinte menciona os tratados internacionais no §2º do artigo 5º refere-se àqueles que tenham por fulcro ampliar o rol de direitos do artigo 5º, ou seja, tratado internacional de direitos humanos.

21 VICENTE SOBRINHO, Benedito. **Direitos Fundamentais e Prisão Civil**. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2008.

O §1° e o §2° do artigo 5° existiam de maneira originária na Constituição Federal, conferindo o caráter de primazia dos direitos humanos, desde logo consagrando o princípio da primazia dos direitos humanos, como reconhecido pela doutrina e jurisprudência majoritários na época. "O princípio da primazia dos direitos humanos nas relações internacionais implica em que o Brasil deve incorporar os tratados quanto ao tema ao ordenamento interno brasileiro e respeitá-los. Implica, também em que as normas voltadas à proteção da dignidade em caráter universal devem ser aplicadas no Brasil em caráter prioritário em relação a outras normas"[22].

Regra geral, os tratados internacionais comuns ingressam com força de lei ordinária no ordenamento jurídico brasileiro porque somente existe previsão constitucional quanto à possibilidade da equiparação às emendas constitucionais se o tratado abranger matéria de direitos humanos. Antes da emenda alterou o quadro quanto aos tratados de direitos humanos, era o que acontecia, mas isso não significa que tais direitos eram menos importantes devido ao princípio da primazia e ao reconhecimento dos direitos implícitos.

Por seu turno, com o advento da Emenda Constitucional nº 45/04 se introduziu o §3º ao artigo 5º da Constituição Federal, de modo que os tratados internacionais de direitos humanos foram equiparados às emendas constitucionais, desde que houvesse a aprovação do tratado em cada Casa do Congresso Nacional e obtivesse a votação em dois turnos e com três quintos dos votos dos respectivos membros:

Art. 5º, § 3º, CF. Os ***tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos*** *que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais.*

Logo, a partir da alteração constitucional, os tratados de direitos humanos que ingressarem no ordenamento jurídico brasileiro, versando sobre matéria de direitos humanos, irão passar por um processo de aprovação semelhante ao da emenda constitucional.

Contudo, há posicionamentos conflituosos quanto à possibilidade de considerar como hierarquicamente constitucional os tratados internacionais de direitos humanos que ingressaram no ordenamento jurídico brasileiro anteriormente ao advento da referida emenda. Tal discussão se deu com relação à prisão civil do depositário infiel, prevista como legal na Constituição e ilegal no Pacto de São José da Costa Rica (tratado de direitos humanos aprovado antes da EC nº 45/04), sendo que o Supremo Tribunal Federal firmou o entendimento pela supralegalidade do tratado de direitos humanos anterior à Emenda (estaria numa posição que paralisaria a eficácia da lei infraconstitucional, mas não revogaria a Constituição no ponto controverso).

22 PORTELA, Paulo Henrique Gonçalves. **Direito Internacional Público e Privado**. Salvador: JusPodivm, 2009.

6) Tribunal Penal Internacional

Preconiza o artigo 5º, CF em seu § 4º:

Artigo 5º, §4º, CF. O Brasil se submete à jurisdição de Tribunal Penal Internacional a cuja criação tenha manifestado adesão.

O Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional foi promulgado no Brasil pelo Decreto nº 4.388 de 25 de setembro de 2002. Ele contém 128 artigos e foi elaborado em Roma, no dia 17 de julho de 1998, regendo a competência e o funcionamento deste Tribunal voltado às pessoas responsáveis por crimes de maior gravidade com repercussão internacional (artigo 1º, ETPI).

"Ao contrário da Corte Internacional de Justiça, cuja jurisdição é restrita a Estados, ao Tribunal Penal Internacional compete o processo e julgamento de violações contra indivíduos; e, distintamente dos Tribunais de crimes de guerra da Iugoslávia e de Ruanda, criados para analisarem crimes cometidos durante esses conflitos, sua jurisdição não está restrita a uma situação específica"[23].

Resume Mello[24]: "a Conferência das Nações Unidas sobre a criação de uma Corte Criminal Internacional, reunida em Roma, em 1998, aprovou a referida Corte. Ela é permanente. Tem sede em Haia. A corte tem personalidade internacional. Ela julga: a) crime de genocídio; b) crime contra a humanidade; c) crime de guerra; d) crime de agressão. Para o crime de genocídio usa a definição da convenção de 1948. Como crimes contra a humanidade são citados: assassinato, escravidão, prisão violando as normas internacionais, violação tortura, apartheid, escravidão sexual, prostituição forçada, esterilização, etc. São crimes de guerra: homicídio internacional, destruição de bens não justificada pela guerra, deportação, forçar um prisioneiro a servir nas forças inimigas, etc.".

1) Princípios da Administração Pública

Os valores éticos inerentes ao Estado, os quais permitem que ele consolide o bem comum e garanta a preservação dos interesses da coletividade, se encontram exteriorizados em princípios e regras. Estes, por sua vez, são estabelecidos na Constituição Federal e em legislações infraconstitucionais, a exemplo das que serão estudadas neste tópico, quais sejam: Decreto n° 1.171/94, Lei n° 8.112/90 e Lei n° 8.429/92.

Todas as diretivas de leis específicas sobre a ética no setor público partem da Constituição Federal, que estabelece alguns princípios fundamentais para a ética no setor público. Em outras palavras, é o texto constitucional do artigo 37, especialmente o *caput*, que permite a compreensão de boa parte do conteúdo das leis específicas, porque possui um caráter amplo ao preconizar os princípios fundamentais da administração pública. Estabelece a Constituição Federal:

23 NEVES, Gustavo Bregalda. **Direito Internacional Público & Direito Internacional Privado**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

24 MELLO, Celso D. de Albuquerque. **Curso de Direito Internacional Público**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

NOVA CONCURSOS

Artigo 37, CF. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: [...]

São princípios da administração pública, nesta ordem:
Legalidade
Impessoalidade
Moralidade
Publicidade
Eficiência

Para memorizar: veja que as iniciais das palavras formam o vocábulo LIMPE, que remete à limpeza esperada da Administração Pública. É de fundamental importância um olhar atento ao significado de cada um destes princípios, posto que eles estruturam todas as regras éticas prescritas no Código de Ética e na Lei de Improbidade Administrativa, tomando como base os ensinamentos de Carvalho Filho[25] e Spitzcovsky[26]:

a) **Princípio da legalidade**: Para o particular, legalidade significa a permissão de fazer tudo o que a lei não proíbe. Contudo, como a administração pública representa os interesses da coletividade, ela se sujeita a uma relação de subordinação, pela qual só poderá fazer o que a lei expressamente determina (assim, na esfera estatal, é preciso lei anterior editando a matéria para que seja preservado o princípio da legalidade). A origem deste princípio está na criação do Estado de Direito, no sentido de que o próprio Estado deve respeitar as leis que dita.

b) **Princípio da impessoalidade**: Por força dos interesses que representa, a administração pública está proibida de promover discriminações gratuitas. Discriminar é tratar alguém de forma diferente dos demais, privilegiando ou prejudicando. Segundo este princípio, a administração pública deve tratar igualmente todos aqueles que se encontrem na mesma situação jurídica (princípio da isonomia ou igualdade). Por exemplo, a licitação reflete a impessoalidade no que tange à contratação de serviços. O princípio da impessoalidade correlaciona-se ao princípio da finalidade, pelo qual o alvo a ser alcançado pela administração pública é somente o interesse público. Com efeito, o interesse particular não pode influenciar no tratamento das pessoas, já que deve-se buscar somente a preservação do interesse coletivo.

c) **Princípio da moralidade**: A posição deste princípio no artigo 37 da CF representa o reconhecimento de uma espécie de moralidade administrativa, intimamente relacionada ao poder público. A administração pública não atua como um particular, de modo que enquanto o descumprimento dos preceitos morais por parte deste particular não é punido pelo Direito (*a priori*), o ordenamento jurídico adota tratamento rigoroso do comportamento imoral por parte dos representantes do Estado. O princípio da moralidade deve se fazer presente não só para com os administrados, mas também no âmbito interno. Está indissociavelmente ligado à noção de bom administrador, que não somente deve ser conhecedor da lei, mas também dos princípios éticos regentes da função administrativa. TODO ATO IMORAL SERÁ DIRETAMENTE ILEGAL OU AO MENOS IMPESSOAL, daí a intrínseca ligação com os dois princípios anteriores.

d) **Princípio da publicidade**: A administração pública é obrigada a manter transparência em relação a todos seus atos e a todas informações armazenadas nos seus bancos de dados. Daí a publicação em órgãos da imprensa e a afixação de portarias. Por exemplo, a própria expressão concurso *público* (art. 37, II, CF) remonta ao ideário de que todos devem tomar conhecimento do processo seletivo de servidores do Estado. Diante disso, como será visto, se negar indevidamente a fornecer informações ao administrado caracteriza ato de improbidade administrativa.

No mais, prevê o §1º do artigo 37, CF, evitando que o princípio da publicidade seja deturpado em propaganda político-eleitoral:

*Artigo 37, §1º, CF. A **publicidade** dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter **caráter educativo, informativo ou de orientação social**, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos.*

Somente pela publicidade os indivíduos controlarão a legalidade e a eficiência dos atos administrativos. Os instrumentos para proteção são o direito de petição e as certidões (art. 5°, XXXIV, CF), além do *habeas data* e - residualmente - do mandado de segurança. Neste viés, ainda, prevê o artigo 37, CF em seu **§3º:**

*Artigo 37, §3º, CF. A lei disciplinará as formas de **participação do usuário na administração pública direta e indireta**, regulando especialmente:*

I - as reclamações relativas à prestação dos serviços públicos em geral, asseguradas a manutenção de serviços de atendimento ao usuário e a avaliação periódica, externa e interna, da qualidade dos serviços;

II - o acesso dos usuários a registros administrativos e a informações sobre atos de governo, observado o disposto no art. 5º, X e XXXIII;

III - a disciplina da representação contra o exercício negligente ou abusivo de cargo, emprego ou função na administração pública.

e) **Princípio da eficiência**: A administração pública deve manter o ampliar a qualidade de seus serviços com controle de gastos. Isso envolve eficiência ao contratar pessoas (o concurso público seleciona os mais qualificados ao exercício do cargo), ao manter tais pessoas em seus cargos (pois é possível exonerar um servidor público por ineficiência) e ao controlar gastos (limitando o teto de remuneração), por exemplo. O núcleo deste princípio é a procura por produtividade e economicidade. Alcança os serviços públicos e os serviços administrativos internos, se referindo diretamente à conduta dos agentes.

25 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

26 SPITZCOVSKY, Celso. **Direito Administrativo**. 13. ed. São Paulo: Método, 2011.

Além destes cinco princípios administrativo-constitucionais diretamente selecionados pelo constituinte, podem ser apontados como princípios de natureza ética relacionados à função pública a probidade e a motivação:

a) **Princípio da probidade**: um princípio constitucional incluído dentro dos princípios específicos da licitação, é o dever de todo o administrador público, o dever de honestidade e fidelidade com o Estado, com a população, no desempenho de suas funções. Possui contornos mais definidos do que a moralidade. Diógenes Gasparini[27] alerta que alguns autores tratam veem como distintos os princípios da moralidade e da probidade administrativa, mas não há características que permitam tratar os mesmos como procedimentos distintos, sendo no máximo possível afirmar que a probidade administrativa é um aspecto particular da moralidade administrativa.

b) **Princípio da motivação**: É a obrigação conferida ao administrador de motivar todos os atos que edita, gerais ou de efeitos concretos. É considerado, entre os demais princípios, um dos mais importantes, uma vez que sem a motivação não há o devido processo legal, uma vez que a fundamentação surge como meio interpretativo da decisão que levou à prática do ato impugnado, sendo verdadeiro meio de viabilização do controle da legalidade dos atos da Administração.

Motivar significa mencionar o dispositivo legal aplicável ao caso concreto e relacionar os fatos que concretamente levaram à aplicação daquele dispositivo legal. Todos os atos administrativos devem ser motivados para que o Judiciário possa controlar o mérito do ato administrativo quanto à sua legalidade. Para efetuar esse controle, devem ser observados os motivos dos atos administrativos.

Em relação à necessidade de motivação dos atos administrativos vinculados (aqueles em que a lei aponta um único comportamento possível) e dos atos discricionários (aqueles que a lei, dentro dos limites nela previstos, aponta um ou mais comportamentos possíveis, de acordo com um juízo de conveniência e oportunidade), a doutrina é uníssona na determinação da obrigatoriedade de motivação com relação aos atos administrativos vinculados; todavia, diverge quanto à referida necessidade quanto aos atos discricionários.

Meirelles[28] entende que o ato discricionário, editado sob os limites da Lei, confere ao administrador uma margem de liberdade para fazer um juízo de conveniência e oportunidade, não sendo necessária a motivação. No entanto, se houver tal fundamentação, o ato deverá condicionar-se a esta, em razão da necessidade de observância da Teoria dos Motivos Determinantes. O entendimento majoritário da doutrina, porém, é de que, mesmo no ato discricionário, é necessária a motivação para que se saiba qual o caminho adotado pelo administrador. Gasparini[29], com respaldo no art. 50 da Lei n. 9.784/98, aponta inclusive a superação de tais discussões doutrinárias, pois o referido artigo exige a motivação para todos os atos nele elencados, compreendendo entre estes, tanto os atos discricionários quanto os vinculados.

2) Regras mínimas sobre direitos e deveres dos servidores

O artigo 37 da Constituição Federal estabelece os princípios da administração pública estudados no tópico anterior, aos quais estão sujeitos servidores de quaisquer dos Poderes em qualquer das esferas federativas, e, em seus incisos, regras mínimas sobre o serviço público:

*Artigo 37, I, CF. Os cargos, empregos e funções públicas são acessíveis aos **brasileiros que preencham os requisitos** estabelecidos em lei, assim como aos **estrangeiros, na forma da lei**.*

Aprofundando a questão, tem-se o artigo 5º da Lei nº 8.112/1990, que prevê:

Artigo 5º, Lei nº 8.112/1990. São requisitos básicos para investidura em cargo público:
I - a nacionalidade brasileira;
II - o gozo dos direitos políticos;
III - a quitação com as obrigações militares e eleitorais;
IV - o nível de escolaridade exigido para o exercício do cargo;
V - a idade mínima de dezoito anos;
VI - aptidão física e mental.
§ 1º As *atribuições do cargo podem justificar a exigência de outros requisitos estabelecidos em lei. [...]*
§ 3º As *universidades e instituições de pesquisa científica e tecnológica federais poderão prover seus cargos com professores, técnicos e cientistas estrangeiros, de acordo com as normas e os procedimentos desta Lei.*

Destaca-se a exceção ao inciso I do artigo 5° da Lei nº 8.112/1990 e do inciso I do artigo 37, CF, prevista no artigo 207 da Constituição, permitindo que estrangeiros assumam cargos no ramo da pesquisa, ciência e tecnologia.

*Artigo 37, II, CF. A investidura em cargo ou emprego público depende de **aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos**, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para **cargo em comissão** declarado em lei de livre nomeação e exoneração.*

Preconiza o artigo 10 da Lei nº 8.112/1990:

Artigo 10, Lei nº 8.112/90. A nomeação para cargo de carreira ou cargo isolado de provimento efetivo depende de prévia habilitação em concurso público de provas ou de provas e títulos, obedecidos a ordem de classificação e o prazo de sua validade.

Parágrafo único. Os demais requisitos para o ingresso e o desenvolvimento do servidor na carreira, mediante promoção, serão estabelecidos pela lei que fixar as diretrizes do sistema de carreira na Administração Pública Federal e seus regulamentos.

27 GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
28 MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito administrativo brasileiro**. São Paulo: Malheiros, 1993.
29 GASPARINI, Diógenes. **Direito Administrativo**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

NOVA CONCURSOS

No concurso de provas o candidato é avaliado apenas pelo seu desempenho nas provas, ao passo que nos concursos de provas e títulos o seu currículo em toda sua atividade profissional também é considerado. Cargo em comissão é o cargo de confiança, que não exige concurso público, sendo exceção à regra geral.

*Artigo 37, III, CF. O prazo de validade do concurso público será de **até dois anos, prorrogável uma vez, por igual período**.*

*Artigo 37, IV, CF. Durante o **prazo improrrogável** previsto no edital de convocação, aquele aprovado em concurso público de provas ou de provas e títulos será **convocado com prioridade** sobre novos concursados para assumir cargo ou emprego, na carreira.*

Prevê o artigo 12 da Lei nº 8.112/1990:

Artigo 12, Lei nº 8.112/1990. O concurso público terá validade de até 2 (dois) anos, podendo ser prorrogado uma única vez, por igual período.
§1º O prazo de validade do concurso e as condições de sua realização serão fixados em edital, que será publicado no Diário Oficial da União e em jornal diário de grande circulação.
§ 2º Não se abrirá novo concurso enquanto houver candidato aprovado em concurso anterior com prazo de validade não expirado.

O edital delimita questões como valor da taxa de inscrição, casos de isenção, número de vagas e prazo de validade. Havendo candidatos aprovados na vigência do prazo do concurso, ele deve ser chamado para assumir eventual vaga e não ser realizado novo concurso.
Destaca-se que o §2º do artigo 37, CF, prevê:

*Artigo 37, §2º, CF. A não-observância do disposto nos incisos II e III implicará a **nulidade do ato e a punição da autoridade responsável**, nos termos da lei.*

Com efeito, há tratamento rigoroso da responsabilização daquele que viola as diretrizes mínimas sobre o ingresso no serviço público, que em regra se dá por concurso de provas ou de provas e títulos.

*Artigo 37, V, CF. As **funções de confiança**, exercidas exclusivamente por servidores ocupantes de **cargo efetivo**, e os **cargos em comissão**, a serem preenchidos por servidores de **carreira nos casos, condições e percentuais mínimos previstos em lei**, destinam-se apenas às atribuições de **direção, chefia e assessoramento**.*

Observa-se o seguinte quadro comparativo[30]:

Função de Confiança	Cargo em Comissão
Exercidas exclusivamente por servidores ocupantes de cargo efetivo.	Qualquer pessoa, observado o percentual mínimo reservado ao servidor de carreira.
Com concurso público, já que somente pode exercê-la o servidor de cargo efetivo, mas a função em si não prescindível de concurso público.	Sem concurso público, ressalvado o percentual mínimo reservado ao servidor de carreira.
Somente são conferidas atribuições e responsabilidade	É atribuído posto (lugar) num dos quadros da Administração Pública, conferida atribuições e responsabilidade àquele que irá ocupá-lo
Destinam-se apenas às atribuições de direção, chefia e assessoramento	Destinam-se apenas às atribuições de direção, chefia e assessoramento
De livre nomeação e exoneração no que se refere à função e não em relação ao cargo efetivo.	De livre nomeação e exoneração

*Artigo 37, VI, CF. É garantido ao servidor público civil o direito à **livre associação sindical**.*

A liberdade de associação é garantida aos servidores públicos tal como é garantida a todos na condição de direito individual e de direito social.

30 http://direitoemquadrinhos.blogspot.com.br/2011/03/quadro-comparativo-funcao-de-confianca.html

*Artigo 37, VII, CF. O **direito de greve** será exercido nos termos e nos limites definidos em lei específica.*

O Supremo Tribunal Federal decidiu que os servidores públicos possuem o direito de greve, devendo se atentar pela preservação da sociedade quando exercê-lo. Enquanto não for elaborada uma legislação específica para os funcionários públicos, deverá ser obedecida a lei geral de greve para os funcionários privados, qual seja a Lei n° 7.783/89 (Mandado de Injunção nº 20).

Artigo 37, VIII, CF. A lei reservará **percentual** dos cargos e empregos públicos para as **pessoas portadoras de deficiência** e definirá os critérios de sua admissão.

Neste sentido, o §2º do artigo 5º da Lei nº 8.112/1990:

*Artigo 5º, Lei nº 8.112/90. Às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas serão reservadas **até 20% (vinte por cento)** das vagas oferecidas no concurso.*

Prossegue o artigo 37, CF:

*Artigo 37, IX, CF. A lei estabelecerá os casos de contratação por **tempo determinado** para atender a necessidade temporária de **excepcional interesse público**.*

A Lei nº 8.745/1993 regulamenta este inciso da Constituição, definindo a natureza da relação estabelecida entre o servidor contratado e a Administração Pública, para atender à "necessidade temporária de excepcional interesse público".

"Em se tratando de relação subordinada, isto é, de relação que comporta dependência jurídica do servidor perante o Estado, duas opções se ofereciam: ou a relação seria trabalhista, agindo o Estado *iure gestionis*, sem usar das prerrogativas de Poder Público, ou institucional, estatutária, preponderando o *ius imperii* do Estado. Melhor dizendo: o sistema preconizado pela Carta Política de 1988 é o do contrato, que tanto pode ser trabalhista (inserindo-se na esfera do Direito Privado) quanto administrativo (situando-se no campo do Direito Público). [...] Uma solução intermediária não deixa, entretanto, de ser legítima. Pode-se, com certeza, abonar um sistema híbrido, eclético, no qual coexistam normas trabalhistas e estatutárias, pondo-se em contiguidade os vínculos privado e administrativo, no sentido de atender às exigências do Estado moderno, que procura alcançar os seus objetivos com a mesma eficácia dos empreendimentos não-governamentais"[31].

31 VOGEL NETO, Gustavo Adolpho. **Contratação de servidores para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_39/Artigos/Art_Gustavo.htm>. Acesso em: 23 dez. 2014.

Artigo 37, X, CF. A **remuneração dos servidores públicos e o subsídio de que trata o § 4º do art. 39** somente poderão ser **fixados ou alterados por lei específica**, observada a iniciativa privativa em cada caso, assegurada revisão geral anual, sempre na mesma data e sem distinção de índices.

Artigo 37, XV, CF. O subsídio e os vencimentos dos ocupantes de cargos e empregos públicos **são irredutíveis**, ressalvado o disposto nos incisos XI e XIV deste artigo e nos arts. 39, § 4º, 150, II, 153, III, e 153, § 2º, I.

Artigo 37, §10, CF. É vedada a **percepção simultânea de proventos de aposentadoria decorrentes do art. 40 ou dos arts. 42 e 142 com a remuneração de cargo, emprego ou função pública**, ressalvados os cargos acumuláveis na forma desta Constituição, os cargos eletivos e os cargos em comissão declarados em lei de livre nomeação e exoneração.

Sobre a questão, disciplina a Lei nº 8.112/1990 nos artigos 40 e 41:

Art. 40. Vencimento é a retribuição pecuniária pelo exercício de cargo público, com valor fixado em lei.

Art. 41. Remuneração é o vencimento do cargo efetivo, acrescido das vantagens pecuniárias permanentes estabelecidas em lei.

§ 1º A remuneração do servidor investido em função ou cargo em comissão será paga na forma prevista no art. 62.

§ 2º O servidor investido em cargo em comissão de órgão ou entidade diversa da de sua lotação receberá a remuneração de acordo com o estabelecido no § 1º do art. 93.

§ 3º O vencimento do cargo efetivo, acrescido das vantagens de caráter permanente, é irredutível.

§ 4º É assegurada a isonomia de vencimentos para cargos de atribuições iguais ou assemelhadas do mesmo Poder, ou entre servidores dos três Poderes, ressalvadas as vantagens de caráter individual e as relativas à natureza ou ao local de trabalho.

§ 5º Nenhum servidor receberá remuneração inferior ao salário mínimo.

Ainda, o artigo 37 da Constituição:

Artigo 37, XI, CF. A **remuneração e o subsídio dos ocupantes de cargos, funções e empregos públicos da administração direta, autárquica e fundacional, dos membros de qualquer dos Poderes** da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, dos detentores de mandato eletivo e dos demais agentes políticos e os proventos, pensões ou outra espécie remuneratória, percebidos cumulativamente ou não, **incluídas as vantagens pessoais ou de qualquer outra natureza**, não poderão exceder o **subsídio mensal, em espécie, dos Ministros do Supremo Tribunal Federal**, aplicando-se como limite,

nos **Municípios**, o subsídio do **Prefeito**, e nos Estados e no Distrito Federal, o subsídio mensal do **Governador** no âmbito do Poder Executivo, o subsídio dos **Deputados Estaduais e Distritais** no âmbito do Poder Legislativo e o subsídio dos **Desembargadores do Tribunal de Justiça**, limitado a **noventa inteiros e vinte e cinco centésimos por cento do subsídio mensal**, em espécie, dos **Ministros do Supremo Tribunal Federal**, no âmbito do Poder Judiciário, aplicável este limite aos membros do **Ministério Público, aos Procuradores e aos Defensores Públicos**.

Artigo 37, XII, CF. Os vencimentos dos cargos do Poder Legislativo e do Poder Judiciário **não poderão ser superiores aos pagos pelo Poder Executivo**.

Prevê a Lei nº 8.112/1990 em seu artigo 42:

Artigo 42, Lei nº 8.112/90. Nenhum servidor poderá perceber, mensalmente, a título de remuneração, importância superior à soma dos valores percebidos como remuneração, em espécie, a qualquer título, no âmbito dos respectivos Poderes, pelos Ministros de Estado, por membros do Congresso Nacional e Ministros do Supremo Tribunal Federal. Parágrafo único. Excluem-se do teto de remuneração as vantagens previstas nos incisos II a VII do art. 61.

Com efeito, os §§ 11 e 12 do artigo 37, CF tecem aprofundamentos sobre o mencionado inciso XI:

Artigo 37, **§ 11, CF.** ***Não serão computadas****, para efeito dos* ***limites remuneratórios*** *de que trata o inciso XI do caput deste artigo, as parcelas de* ***caráter indenizatório previstas em lei****.*

Artigo 37, **§ 12, CF.** Para os fins do disposto no inciso XI do caput deste artigo, fica facultado aos Estados e ao Distrito Federal fixar, em seu âmbito, mediante emenda às respectivas Constituições e Lei Orgânica, como ***limite único, o subsídio mensal dos Desembargadores do respectivo Tribunal de Justiça, limitado a noventa inteiros e vinte e cinco centésimos por cento*** *do subsídio mensal dos Ministros do Supremo Tribunal Federal, não se aplicando o disposto neste parágrafo aos subsídios dos Deputados Estaduais e Distritais e dos Vereadores.*

Por seu turno, o artigo 37 quanto à vinculação ou equiparação salarial:

Artigo 37, XIII, CF. É vedada a ***vinculação ou equiparação*** *de quaisquer espécies remuneratórias para o efeito de remuneração de pessoal do serviço público.*

Os padrões de vencimentos são fixados por conselho de política de administração e remuneração de pessoal, integrado por servidores designados pelos respectivos Poderes (artigo 39, *caput* e § 1º), sem qualquer garantia constitucional de tratamento igualitário aos cargos que se mostrem similares.

Artigo 37, XIV, CF. Os ***acréscimos pecuniários*** *percebidos por servidor público* ***não serão computados nem acumulados*** *para fins de concessão de* ***acréscimos ulteriores****.*

A preocupação do constituinte, ao implantar tal preceito, foi de que não eclodisse no sistema remuneratório dos servidores, ou seja, evitar que se utilize uma vantagem como base de cálculo de um outro benefício. Dessa forma, qualquer gratificação que venha a ser concedida ao servidor só pode ter como base de cálculo o próprio vencimento básico. É inaceitável que se leve em consideração outra vantagem até então percebida.

Artigo 37, XVI, CF. É vedada a ***acumulação remunerada de cargos públicos, exceto, quando houver compatibilidade de horários****, observado em qualquer caso o disposto no inciso XI: a)* a de ***dois cargos de professor****; b)* a de ***um cargo de professor com outro, técnico ou científico****; c)* a de ***dois cargos ou empregos privativos de profissionais de saúde****, com profissões regulamentadas.*

Artigo 37, XVII, CF. A proibição de acumular ***estende-se a empregos e funções e abrange autarquias, fundações, empresas públicas, sociedades de economia mista, suas subsidiárias, e sociedades controladas****, direta ou indiretamente, pelo poder público.*

Segundo Carvalho Filho[32], "o fundamento da proibição é impedir que o cúmulo de funções públicas faça com que o servidor não execute qualquer delas com a necessária eficiência. Além disso, porém, pode-se observar que o Constituinte quis também impedir a cumulação de ganhos em detrimento da boa execução de tarefas públicas. [...] Nota-se que a vedação se refere à acumulação remunerada. Em consequência, se a acumulação só encerra a percepção de vencimentos por uma das fontes, não incide a regra constitucional proibitiva".

A Lei nº 8.112/1990 regulamenta intensamente a questão:

Artigo 118, Lei nº 8.112/1990. Ressalvados os casos previstos na Constituição, é ***vedada a acumulação remunerada*** *de cargos públicos.*

§ 1º A proibição de acumular estende-se a cargos, empregos e funções em autarquias, fundações públicas, empresas públicas, sociedades de economia mista da União, do Distrito Federal, dos Estados, dos Territórios e dos Municípios.

§ 2º A acumulação de cargos, ainda que lícita, fica condicionada à ***comprovação da compatibilidade de horários****.*

§ 3º Considera-se acumulação proibida a percepção de vencimento de cargo ou emprego público efetivo com proventos da inatividade, salvo quando os cargos de que decorram essas remunerações forem acumuláveis na atividade.

32 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

Art. 119, Lei nº 8.112/1990. ***O servidor não poderá exercer mais de um cargo em comissão****, exceto no caso previsto no parágrafo único do art. 9º, nem ser remunerado pela participação em órgão de deliberação coletiva.*

Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica à remuneração devida pela participação em conselhos de administração e fiscal das empresas públicas e sociedades de economia mista, suas subsidiárias e controladas, bem como quaisquer empresas ou entidades em que a União, direta ou indiretamente, detenha participação no capital social, observado o que, a respeito, dispuser legislação específica.

Art. 120, Lei nº 8.112/1990. O servidor vinculado ao regime desta Lei, que acumular licitamente dois cargos efetivos, quando investido em cargo de provimento em comissão, ficará afastado de ambos os cargos efetivos, salvo na hipótese em que houver compatibilidade de horário e local com o exercício de um deles, declarada pelas autoridades máximas dos órgãos ou entidades envolvidos.

"Os artigos 118 a 120 da Lei nº 8.112/90 ao tratarem da acumulação de cargos e funções públicas, regulamentam, no âmbito do serviço público federal a vedação genérica constante do art. 37, incisos VXI e XVII, da Constituição da República. De fato, a acumulação ilícita de cargos públicos constitui uma das infrações mais comuns praticadas por servidores públicos, o que se constata observando o elevado número de processos administrativos instaurados com esse objeto. O sistema adotado pela Lei nº 8.112/90 é relativamente brando, quando cotejado com outros estatutos de alguns Estados, visto que propicia ao servidor incurso nessa ilicitude diversas oportunidades para regularizar sua situação e escapar da pena de demissão. Também prevê a lei em comentário, um processo administrativo simplificado (processo disciplinar de rito sumário) para a apuração dessa infração – art. 133" [33].

Artigo 37, XVIII, CF. A ***administração fazendária e seus servidores*** *fiscais terão, dentro de suas áreas de competência e jurisdição,* ***precedência sobre os demais setores administrativos****, na forma da lei.*

Artigo 37, XXII, CF. As ***administrações tributárias da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios****, atividades essenciais ao funcionamento do Estado, exercidas por servidores de carreiras específicas, terão* ***recursos prioritários para a realização de suas atividades e atuarão de forma integrada****, inclusive com o compartilhamento de cadastros e de informações fiscais, na forma da lei ou convênio.*

"O Estado tem como finalidade essencial a garantia do bem-estar de seus cidadãos, seja através dos serviços públicos que disponibiliza, seja através de investimentos na área social (educação, saúde, segurança pública). Para atingir esses objetivos primários, deve desenvolver uma atividade financeira, com o intuito de obter recursos indispensáveis às necessidades cuja satisfação se comprometeu quando estabeleceu o "pacto" constitucional de 1988. [...] A importância da Administração Tributária foi reconhecida expressamente pelo constituinte que acrescentou, no artigo 37 da Carta Magna, o inciso XVIII, estabelecendo a sua precedência e de seus servidores sobre os demais setores da Administração Pública, dentro de suas áreas de competência"[34].

Artigo 37, XIX, CF. Somente por ***lei específica poderá ser criada autarquia e autorizada a instituição de empresa pública, de sociedade de economia mista e de fundação****, cabendo à lei complementar, neste último caso, definir as áreas de sua atuação.*

Artigo 37, XX, CF. Depende de ***autorização legislativa****, em cada caso, a criação de* ***subsidiárias*** *das entidades mencionadas no inciso anterior, assim como a participação de qualquer delas em empresa privada.*

Órgãos da administração indireta somente podem ser criados por lei específica e a criação de subsidiárias destes dependem de autorização legislativa (o Estado cria e controla diretamente determinada empresa pública ou sociedade de economia mista, e estas, por sua vez, passam a gerir uma nova empresa, denominada subsidiária. Ex.: Transpetro, subsidiária da Petrobrás). "Abrimos um parêntese para observar que quase todos os autores que abordam o assunto afirmam categoricamente que, a despeito da referência no texto constitucional a 'subsidiárias das entidades mencionadas no inciso anterior', somente empresas públicas e sociedades de economia mista podem ter subsidiárias, pois a relação de controle que existe entre a pessoa jurídica matriz e a subsidiária seria própria de pessoas com estrutura empresarial, e inadequada a autarquias e fundações públicas. OUSAMOS DISCORDAR. Parece-nos que, se o legislador de um ente federado pretendesse, por exemplo, autorizar a criação de uma subsidiária de uma fundação pública, NÃO haveria base constitucional para considerar inválida sua autorização"[35].

Ainda sobre a questão do funcionamento da administração indireta e de suas subsidiárias, destaca-se o previsto nos §§ 8º e 9º do artigo 37, CF:

Artigo 37, **§8º, CF.** A ***autonomia*** *gerencial, orçamentária e financeira dos órgãos e entidades da administração direta e indireta poderá ser* ***ampliada mediante contrato****, a ser firmado entre seus administradores e o poder público, que tenha por objeto a fixação de metas de desempenho para o órgão ou entidade, cabendo à lei dispor sobre:*

I - o prazo de duração do contrato;

II - os controles e critérios de avaliação de desempenho, direitos, obrigações e responsabilidade dos dirigentes;

III - a remuneração do pessoal.

33 MORGATO, Almir. **O Regime Disciplinar dos Servidores Públicos da União**. Disponível em: <http://www.canaldosconcursos.com.br/artigos/almirmorgado_artigo1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2013.

34 http://www.sindsefaz.org.br/parecer_administracao_tributaria_sao_paulo.htm

35 ALEXANDRINO, Marcelo. **Direito Administrativo Descomplicado**. São Paulo: GEN, 2014.

NOVA CONCURSOS

Artigo 37, **§ 9º, CF.** O disposto no inciso XI aplica-se às ***empresas públicas e às sociedades de economia mista e suas subsidiárias****, que receberem recursos da União, dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios para pagamento de despesas de pessoal ou de custeio em geral.*

Continua o artigo 37, CF:

Artigo 37, XXI, CF. Ressalvados os casos especificados na legislação, as obras, serviços, compras e alienações serão contratados mediante ***processo de licitação pública*** *que assegure igualdade de condições a todos os concorrentes, com cláusulas que estabeleçam obrigações de pagamento, mantidas as condições efetivas da proposta, nos termos da lei, o qual somente permitirá as exigências de qualificação técnica e econômica indispensáveis à garantia do cumprimento das obrigações.*

A Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal, institui normas para licitações e contratos da Administração Pública e dá outras providências. Licitação nada mais é que o conjunto de procedimentos administrativos (administrativos porque parte da administração pública) para as compras ou serviços contratados pelos governos Federal, Estadual ou Municipal, ou seja todos os entes federativos. De forma mais simples, podemos dizer que o governo deve comprar e contratar serviços seguindo regras de lei, assim a licitação é um processo formal onde há a competição entre os interessados.

Artigo 37, §5º, CF. A lei estabelecerá os ***prazos de prescrição*** *para ilícitos praticados por qualquer agente, servidor ou não, que causem prejuízos ao erário, ressalvadas as respectivas ações de ressarcimento.*

A prescrição dos ilícitos praticados por servidor encontra disciplina específica no artigo 142 da Lei nº 8.112/1990:

Art. 142, Lei nº 8.112/1990. A ***ação disciplinar prescreverá****:*

I - em 5 (cinco) anos, quanto às infrações puníveis com demissão, cassação de aposentadoria ou disponibilidade e destituição de cargo em comissão;

II - em 2 (dois) anos, quanto à suspensão;

III - em 180 (cento e oitenta) dias, quanto á advertência.

§ 1º *O prazo de prescrição começa a correr da data em que o fato se tornou conhecido.*

§ 2º Os *prazos de prescrição previstos na lei penal aplicam-se às infrações disciplinares capituladas também como crime.*

§ 3º A *abertura de sindicância ou a instauração de processo disciplinar interrompe a prescrição, até a decisão final proferida por autoridade competente.*

§ 4º Interrompido *o curso da prescrição, o prazo começará a correr a partir do dia em que cessar a interrupção.*

Prescrição é um instituto que visa regular a perda do direito de acionar judicialmente. No caso, o prazo é de 5 anos para as infrações mais graves, 2 para as de gravidade intermediária (pena de suspensão) e 180 dias para as menos graves (pena de advertência), contados da data em que o fato se tornou conhecido pela administração pública. Se a infração disciplinar for crime, valerão os prazos prescricionais do direito penal, mais longos, logo, menos favoráveis ao servidor. Interrupção da prescrição significa parar a contagem do prazo para que, retornando, comece do zero. Da abertura da sindicância ou processo administrativo disciplinar até a decisão final proferida por autoridade competente não corre a prescrição. Proferida a decisão, o prazo começa a contar do zero. Passado o prazo, não caberá mais propor ação disciplinar.

Artigo 37, §7º, CF. A lei disporá sobre os ***requisitos e as restrições ao ocupante de cargo ou emprego*** *da administração direta e indireta que possibilite o acesso a* ***informações privilegiadas****.*

A Lei nº 12.813, de 16 de maio de 2013 dispõe sobre o conflito de interesses no exercício de cargo ou emprego do Poder Executivo federal e impedimentos posteriores ao exercício do cargo ou emprego; e revoga dispositivos da Lei nº 9.986, de 18 de julho de 2000, e das Medidas Provisórias nºs 2.216-37, de 31 de agosto de 2001, e 2.225-45, de 4 de setembro de 2001.

Neste sentido, conforme seu artigo 1º:

Artigo 1º, Lei nº 12.813/2013. As situações que configuram conflito de interesses envolvendo ocupantes de cargo ou emprego no âmbito do Poder Executivo federal, os requisitos e restrições a ocupantes de cargo ou emprego que tenham acesso a informações privilegiadas, os impedimentos posteriores ao exercício do cargo ou emprego e as competências para fiscalização, avaliação e prevenção de conflitos de interesses regulam-se pelo disposto nesta Lei.

3) Atos de improbidade administrativa

A Lei n° 8.429/1992 trata da improbidade administrativa, que é uma espécie qualificada de imoralidade, sinônimo de desonestidade administrativa. A improbidade é uma lesão ao princípio da moralidade, que deve ser respeitado estritamente pelo servidor público. O agente ímprobo sempre será um violador do princípio da moralidade, pelo qual "a Administração Pública deve agir com boa-fé, sinceridade, probidade, lhaneza, lealdade e ética"[36].

A atual Lei de Improbidade Administrativa foi criada devido ao amplo apelo popular contra certas vicissitudes do serviço público que se intensificavam com a ineficácia do diploma então vigente, o Decreto-Lei nº 3240/41. Decorreu, assim, da necessidade de acabar com os atos atentatórios à moralidade administrativa e causadores de prejuízo ao erário público ou ensejadores de enriquecimento ilícito, infelizmente tão comuns no Brasil.

36 LENZA, Pedro. **Curso de direito constitucional esquematizado**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

Com o advento da Lei nº 8.429/1992, os agentes públicos passaram a ser responsabilizados na esfera civil pelos atos de improbidade administrativa descritos nos artigos 9º, 10 e 11, ficando sujeitos às penas do art. 12. A existência de esferas distintas de responsabilidade (civil, penal e administrativa) impede falar-se em *bis in idem*, já que, ontologicamente, não se trata de punições idênticas, embora baseadas no mesmo fato, mas de responsabilização em esferas distintas do Direito.

Destaca-se um conceito mais amplo de agente público previsto pela lei nº 8.429/1992 em seus artigos 1º e 2º porque o agente público pode ser ou não um servidor público. Ele poderá estar vinculado a qualquer instituição ou órgão que desempenhe diretamente o interesse do Estado. Assim, estão incluídos todos os integrantes da administração direta, indireta e fundacional, conforme o preâmbulo da legislação. Pode até mesmo ser uma entidade privada que desempenhe tais fins, desde que a verba de **criação** ou **custeio** tenha sido ou seja pública em **mais de 50%** do patrimônio ou receita **anual**. Caso a verba pública que tenha auxiliado uma entidade privada a qual o Estado **não tenha concorrido para criação ou custeio**, também haverá sujeição às penalidades da lei. Em caso de **custeio/criação** pelo Estado que seja **inferior a 50%** do patrimônio ou receita anual, a legislação ainda se aplica. Entretanto, nestes dois casos, **a sanção patrimonial se limitará** ao que o ilícito repercutiu sobre a contribuição dos cofres públicos. Significa que se o prejuízo causado for maior que a efetiva contribuição por parte do poder público, o ressarcimento terá que ser buscado por **outra via** que não a ação de improbidade administrativa.

A legislação em estudo, por sua vez, divide os atos de improbidade administrativa em três categorias:

a) Ato de improbidade administrativa que importe enriquecimento ilícito (artigo 9º, Lei nº 8.429/1992)

O grupo mais grave de atos de improbidade administrativa se caracteriza pelos elementos: **enriquecimento** + **ilícito** + resultante de uma **vantagem patrimonial indevida** + em razão do **exercício** de cargo, mandato, emprego, função ou outra **atividade** nas **entidades do artigo 1°** da Lei nº 8.429/1992.

O enriquecimento deve ser ilícito, afinal, o Estado não se opõe que o indivíduo enriqueça, desde que obedeça aos ditames morais, notadamente no desempenho de função de interesse estatal.

Exige-se que o sujeito obtenha vantagem patrimonial ilícita. Contudo, é dispensável que efetivamente tenha ocorrido dano aos cofres públicos (por exemplo, quando um policial recebe propina pratica ato de improbidade administrativa, mas não atinge diretamente os cofres públicos).

Como fica difícil imaginar que alguém possa se enriquecer ilicitamente por negligência, imprudência ou imperícia, todas as condutas configuram atos dolosos (com intenção). Não cabe prática por omissão.[37]

b) Ato de improbidade administrativa que importe lesão ao erário (artigo 10, Lei nº 8.429/1992)

O grupo intermediário de atos de improbidade administrativa se caracteriza pelos elementos: causar **dano** ao erário ou aos cofres públicos + gerando **perda patrimonial ou dilapidação** do patrimônio público. Assim como o artigo anterior, o *caput* descreve a fórmula genérica e os incisos algumas atitudes específicas que exemplificam o seu conteúdo[38].

Perda patrimonial é o gênero, do qual são espécies: desvio, que é o direcionamento indevido; apropriação, que é a transferência indevida para a própria propriedade; malbaratamento, que significa desperdício; e dilapidação, que se refere a destruição[39].

O objeto da tutela é a preservação do patrimônio público, em todos seus bens e valores. O pressuposto exigível é a ocorrência de dano ao patrimônio dos sujeitos passivos.

Este artigo admite expressamente a variante culposa, o que muitos entendem ser inconstitucional. O STJ, no REsp **n° 939.142/RJ, apontou alguns aspectos da inconstitucionalidade do artigo. Contudo, "a jurisprudência do STJ consolidou a tese de que é indispensável a existência de dolo nas condutas descritas nos artigos 9º e 11 e ao menos de culpa nas hipóteses do artigo 10, nas quais o dano ao erário precisa ser comprovado. De acordo com o ministro Castro Meira, a conduta culposa ocorre quando o agente não pretende atingir o resultado danoso, mas atua com negligência, imprudência ou imperícia (**REsp **n° 1.127.143)"**[40]. Para Carvalho Filho[41], não há inconstitucionalidade na modalidade culposa, lembrando que é possível dosar a pena conforme o agente aja com dolo ou culpa.

O ponto central é lembrar que neste artigo não se exige que o sujeito ativo tenha percebido vantagens indevidas, **basta o dano ao erário**. Se tiver recebido vantagem indevida, incide no artigo anterior. Exceto pela não percepção da vantagem indevida, os tipos exemplificados se aproximam muito dos previstos nos incisos do art. 9°.

c) *Ato de Improbidade Administrativa Decorrentes de Concessão ou Aplicação Indevida de Benefício Financeiro ou Tributário* *(Incluído pela Lei Complementar nº 157, de 2016)*

Uma das alterações recentes à disciplina do ISS visou evitar a continuidade da guerra fiscal entre os municípios, fixando-se a alíquota mínima em 2%.

Com efeito, os municípios não poderão fixar dentro de sua competência constitucional alíquotas inferiores a 2% para atrair e fomentar investimentos novos (incentivo fiscal), prejudicando os municípios vizinhos.

37 SPITZCOVSKY, Celso. **Direito Administrativo**. 13. ed. São Paulo: Método, 2011.

38 Ibid.

39 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

40 BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. **Improbidade administrativa**: desonestidade na gestão dos recursos públicos. Disponível em: <http://www.stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=103422>. Acesso em: 26 mar. 2013.

41 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

NOVA CONCURSOS

Em razão disso, tipifica-se como ato de improbidade administrativa a eventual concessão do benefício abaixo da alíquota mínima.

d) Ato de improbidade administrativa que atente contra os princípios da administração pública (artigo 11, Lei nº 8.429/1992)

Nos termos do artigo 11 da Lei nº 8.429/1992, "constitui ato de improbidade administrativa que atenta contra os princípios da administração pública qualquer ação ou omissão que viole os deveres de honestidade, imparcialidade, legalidade, e lealdade às instituições [...]". O grupo mais ameno de atos de improbidade administrativa se caracteriza pela **simples violação a princípios da administração pública**, ou seja, aplica-se a qualquer atitude do sujeito ativo que viole os ditames éticos do serviço público. Isto é, o legislador pretende a preservação dos princípios gerais da administração pública[42].

O objeto de tutela são os princípios constitucionais. Basta a vulneração em si dos princípios, sendo dispensáveis o enriquecimento ilícito e o dano ao erário. Somente é possível a prática de algum destes atos com **dolo** (intenção), embora caiba a prática por ação ou omissão.

Será preciso utilizar razoabilidade e proporcionalidade para não permitir a caracterização de abuso de poder, diante do **conteúdo aberto** do dispositivo. Na verdade, trata-se de tipo subsidiário, ou seja, que se aplica quando o ato de improbidade administrativa não tiver gerado obtenção de vantagem

Com efeito, os atos de improbidade administrativa **não são crimes de responsabilidade**. Trata-se de punição na esfera cível, não criminal. Por isso, caso o ato configure simultaneamente um ato de improbidade administrativa desta lei e um crime previsto na legislação penal, o que é comum no caso do artigo 9°, responderá o agente por ambos, nas duas esferas.

Em suma, a lei encontra-se estruturada da seguinte forma: inicialmente, trata das vítimas possíveis (sujeito passivo) e daqueles que podem praticar os atos de improbidade administrativa (sujeito ativo); ainda, aborda a reparação do dano ao lesionado e o ressarcimento ao patrimônio público; após, traz a tipologia dos atos de improbidade administrativa, isto é, enumera condutas de tal natureza; seguindo-se à definição das sanções aplicáveis; e, finalmente, descreve os procedimentos administrativo e judicial.

No caso do art. 9°, categoria mais grave, o agente obtém um enriquecimento ilícito (vantagem econômica indevida) e pode ainda causar dano ao erário, por isso, deverá não só reparar eventual dano causado mas também colocar nos cofres públicos tudo o que adquiriu indevidamente. Ou seja, poderá pagar somente o que enriqueceu indevidamente ou este valor acrescido do valor do prejuízo causado aos cofres públicos (quanto o Estado perdeu ou deixou de ganhar). No caso do artigo 10, não haverá enriquecimento ilícito, mas sempre existirá dano ao erário, o qual será reparado (eventualmente, ocorrerá o enriquecimento ilícito, devendo o valor adquirido ser tomado pelo Estado). Na hipótese do artigo 10-A, não se denota nem enriquecimento ilícito e nem dano ao erário, pois no máximo a prática de guerra fiscal pode gerar. Já no artigo 11, o máximo que pode ocorrer é o dano ao erário, com o devido ressarcimento. Além disso, em todos os casos há perda da função pública. Nas três categorias, são estabelecidas sanções de suspensão dos direitos políticos, multa e vedação de contratação ou percepção de vantagem, graduadas conforme a gravidade do ato. É o que se depreende da leitura do artigo 12 da Lei nº 8.929/1992 como §4º do artigo 37, CF, que prevê: "Os **atos de improbidade administrativa importarão a suspensão dos direitos políticos, a perda da função pública, a indisponibilidade dos bens e o ressarcimento ao erário**, na forma e gradação previstas em lei, sem prejuízo da ação penal cabível".

A única sanção que se encontra prevista na Lei nº 8.429/1992 mas não na Constituição Federal é a de **multa**. (art. 37, §4°, CF). Não há nenhuma inconstitucionalidade disto, pois nada impediria que o legislador infraconstitucional ampliasse a relação mínima de penalidades da Constituição, pois esta não limitou tal possibilidade e porque a lei é o instrumento adequado para tanto[43].

Carvalho Filho[44] tece considerações a respeito de algumas das sanções:

- Perda de bens e valores: "tal punição só incide sobre os bens acrescidos após a prática do ato de improbidade. Se alcançasse anteriores, ocorreria confisco, o que restaria sem escora constitucional. Além disso, o acréscimo deve derivar de origem ilícita".

- Ressarcimento integral do dano: há quem entenda que engloba dano moral. Cabe acréscimo de correção monetária e juros de mora.

- Perda de função pública: "se o agente é titular de mandato, a perda se processa pelo instrumento de cassação. Sendo servidor estatutário, sujeitar-se-á à demissão do serviço público. Havendo contrato de trabalho (servidores trabalhistas e temporários), a perda da função pública se consubstancia pela rescisão do contrato com culpa do empregado. No caso de exercer apenas uma função pública, fora de tais situações, a perda se dará pela revogação da designação". Lembra-se que determinadas autoridades se sujeitam a procedimento especial para perda da função pública, ponto em que não se aplica a Lei de Improbidade Administrativa.

- Multa: a lei indica inflexibilidade no limite máximo, mas flexibilidade dentro deste limite, podendo os julgados nesta margem optar pela mais adequada. Há ainda variabilidade na base de cálculo, conforme o tipo de ato de improbidade (a base será o valor do enriquecimento ou o valor do dano ou o valor da remuneração do agente). A natureza da multa é de sanção civil, não possuindo caráter indenizatório, mas punitivo.

- Proibição de receber benefícios: não se incluem as imunidades genéricas e o agente punido deve ser ao menos sócio majoritário da instituição vitimada.

42 SPITZCOVSKY, Celso. **Direito Administrativo**. 13. ed. São Paulo: Método, 2011.

43 CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Lumen juris, 2010.

44 Ibid.

- Proibição de contratar: o agente punido não pode participar de processos licitatórios.

4) Responsabilidade civil do Estado e de seus servidores

O instituto da responsabilidade civil é parte integrante do direito obrigacional, uma vez que a principal consequência da prática de um ato ilícito é a obrigação que gera para o seu auto de reparar o dano, mediante o pagamento de indenização que se refere às perdas e danos. Afinal, quem pratica um ato ou incorre em omissão que gere dano deve suportar as consequências jurídicas decorrentes, restaurando-se o equilíbrio social.[45]

A responsabilidade civil, assim, difere-se da penal, podendo recair sobre os herdeiros do autor do ilícito até os limites da herança, embora existam reflexos na ação que apure a responsabilidade civil conforme o resultado na esfera penal (por exemplo, uma absolvição por negativa de autoria impede a condenação na esfera cível, ao passo que uma absolvição por falta de provas não o faz).

A responsabilidade civil do Estado acompanha o raciocínio de que a principal consequência da prática de um ato ilícito é a obrigação que gera para o seu auto de reparar o dano, mediante o pagamento de indenização que se refere às perdas e danos. Todos os cidadãos se sujeitam às regras da responsabilidade civil, tanto podendo buscar o ressarcimento do dano que sofreu quanto respondendo por aqueles danos que causar. Da mesma forma, o Estado tem o dever de indenizar os membros da sociedade pelos danos que seus agentes causem durante a prestação do serviço, inclusive se tais danos caracterizarem uma violação aos direitos humanos reconhecidos.

Trata-se de responsabilidade extracontratual porque não depende de ajuste prévio, basta a caracterização de elementos genéricos pré-determinados, que perpassam pela leitura concomitante do Código Civil (artigos 186, 187 e 927) com a Constituição Federal (artigo 37, §6°).

Genericamente, os elementos da responsabilidade civil se encontram no art. 186 do Código Civil:

Artigo 186, CC. Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito.

Este é o artigo central do instituto da responsabilidade civil, que tem como elementos: ação ou omissão voluntária (agir como não se deve ou deixar de agir como se deve), culpa ou dolo do agente (dolo é a vontade de cometer uma violação de direito e culpa é a falta de diligência), nexo causal (relação de causa e efeito entre a ação/omissão e o dano causado) e dano (dano é o prejuízo sofrido pelo agente, que pode ser individual ou coletivo, moral ou material, econômico e não econômico).

1) Dano - somente é indenizável o dano certo, especial e anormal. Certo é o dano real, existente. Especial é o dano específico, individualizado, que atinge determinada ou determinadas pessoas. Anormal é o dano que ultrapassa os problemas comuns da vida em sociedade (por exemplo, infelizmente os assaltos são comuns e o Estado não responde por todo assalto que ocorra, a não ser que na circunstância específica possuía o dever de impedir o assalto, como no caso de uma viatura presente no local - muito embora o direito à segurança pessoal seja um direito humano reconhecido).

2) Agentes públicos - é toda pessoa que trabalhe dentro da administração pública, tenha ingressado ou não por concurso, possua cargo, emprego ou função. Envolve os agentes políticos, os servidores públicos em geral (funcionários, empregados ou temporários) e os particulares em colaboração (por exemplo, jurado ou mesário).

3) Dano causado quando o agente estava agindo nesta qualidade - é preciso que o agente esteja lançando mão das prerrogativas do cargo, não agindo como um particular.

Sem estes três requisitos, não será possível acionar o Estado para responsabilizá-lo civilmente pelo dano, por mais relevante que tenha sido a esfera de direitos atingida. Assim, não é qualquer dano que permite a responsabilização civil do Estado, mas somente aquele que é causado por um agente público no exercício de suas funções e que exceda as expectativas do lesado quanto à atuação do Estado.

É preciso lembrar que não é o Estado em si que viola os direitos humanos, porque o Estado é uma ficção formada por um grupo de pessoas que desempenham as atividades estatais diversas. Assim, viola direitos humanos não o Estado em si, mas o agente que o representa, fazendo com que o próprio Estado seja responsabilizado por isso civilmente, pagando pela indenização (reparação dos danos materiais e morais). Sem prejuízo, com relação a eles, caberá ação de regresso se agiram com dolo ou culpa.

Prevê o artigo 37, §6° da Constituição Federal:

Artigo 37, §6º, CF. As pessoas jurídicas de direito público e as de direito privado prestadoras de serviços públicos ***responderão pelos danos que seus agentes, nessa qualidade, causarem a terceiros, assegurado o direito de regresso contra o responsável nos casos de dolo ou culpa****.*

Este artigo deixa clara a formação de uma relação jurídica autônoma entre o Estado e o agente público que causou o dano no desempenho de suas funções. Nesta relação, a responsabilidade civil será subjetiva, ou seja, caberá ao Estado provar a culpa do agente pelo dano causado, ao qual foi anteriormente condenado a reparar. Direito de regresso é justamente o direito de acionar o causador direto do dano para obter de volta aquilo que pagou à vítima, considerada a existência de uma relação obrigacional que se forma entre a vítima e a instituição que o agente compõe.

Assim, o Estado responde pelos danos que seu agente causar aos membros da sociedade, mas se este agente agiu com dolo ou culpa deverá ressarcir o Estado do que foi pago à vítima. O agente causará danos ao praticar condutas incompatíveis com o comportamento ético dele esperado.[46]

45 GONÇALVES, Carlos Roberto. **Responsabilidade Civil**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

46 SPITZCOVSKY, Celso. **Direito Administrativo**. 13. ed. São Paulo: Método, 2011.

NOVA CONCURSOS

A responsabilidade civil do servidor exige prévio processo administrativo disciplinar no qual seja assegurado contraditório e ampla defesa. Trata-se de **responsabilidade civil subjetiva ou com culpa**. Havendo ação ou omissão com culpa do servidor que gere dano ao erário (Administração) ou a terceiro (administrado), o servidor terá o dever de indenizar.

Não obstante, agentes públicos que pratiquem atos violadores de direitos humanos se sujeitam à **responsabilidade penal** e à **responsabilidade administrativa**, todas autônomas uma com relação à outra e à já mencionada responsabilidade civil. Neste sentido, o artigo 125 da Lei nº 8.112/90:

Artigo 125, Lei nº 8.112/1990. As sanções civis, penais e administrativas poderão cumular-se, sendo independentes entre si.

No caso da responsabilidade civil, o Estado é diretamente acionado e responde pelos atos de seus servidores que violem direitos humanos, cabendo eventualmente ação de regresso contra ele. Contudo, nos casos da responsabilidade penal e da responsabilidade administrativa aciona-se o agente público que praticou o ato.

São inúmeros os exemplos de crimes que podem ser praticados pelo agente público no exercício de sua função que violam direitos humanos. A título de exemplo, peculato, consistente em apropriação ou desvio de dinheiro público (art. 312, CP), que viola o bem comum e o interesse da coletividade; concussão, que é a exigência de vantagem indevida (art. 316, CP), expondo a vítima a uma situação de constrangimento e medo que viola diretamente sua dignidade; tortura, a mais cruel forma de tratamento humano, cuja pena é agravada quando praticada por funcionário público (art. 1º, §4º, I, Lei nº 9.455/97); etc.

Quanto à responsabilidade administrativa, menciona-se, a título de exemplo, as penalidades cabíveis descritas no art. 127 da Lei nº 8.112/90, que serão aplicadas pelo funcionário que violar a ética do serviço público, como advertência, suspensão e demissão.

Evidencia-se a independência entre as esferas civil, penal e administrativa no que tange à responsabilização do agente público que cometa ato ilícito.

Tomadas as exigências de características dos danos acima colacionadas, notadamente a anormalidade, considera-se que para o Estado ser responsabilizado por um dano, ele deve exceder expectativas cotidianas, isto é, não cabe exigir do Estado uma excepcional vigilância da sociedade e a plena cobertura de todas as fatalidades que possam acontecer em território nacional.

Diante de tal premissa, entende-se que a responsabilidade civil do Estado será **objetiva apenas no caso de ações, mas subjetiva no caso de omissões**. Em outras palavras, verifica-se se o Estado se omitiu tendo plenas condições de não ter se omitido, isto é, ter deixado de agir quando tinha plenas condições de fazê-lo, acarretando em prejuízo dentro de sua previsibilidade.

São casos nos quais se reconheceu a responsabilidade omissiva do Estado: morte de filho menor em creche municipal, buracos não sinalizados na via pública, tentativa de assalto a usuário do metrô resultando em morte, danos provocados por enchentes e escoamento de águas pluviais quando o Estado sabia da problemática e não tomou providência para evitá-las, morte de detento em prisão, incêndio em casa de shows fiscalizada com negligência, etc.

Logo, não é sempre que o Estado será responsabilizado. Há **excludentes da responsabilidade estatal**, notadamente: a) caso fortuito (fato de terceiro) ou força maior (fato da natureza) fora dos alcances da previsibilidade do dano; b) culpa exclusiva da vítima.

5) Exercício de mandato eletivo por servidores públicos

A questão do exercício de mandato eletivo pelo servidor público encontra previsão constitucional em seu artigo 38, que notadamente estabelece quais tipos de mandatos geram incompatibilidade ao serviço público e regulamenta a questão remuneratória:

Artigo 38, CF. Ao servidor público da administração direta, autárquica e fundacional, no ***exercício de mandato eletivo***, *aplicam-se as seguintes disposições:*

*I - tratando-se de mandato eletivo federal, estadual ou distrital, ficará **afastado** de seu cargo, emprego ou função;*

*II - investido no mandato de Prefeito, será afastado do cargo, emprego ou função, sendo-lhe **facultado optar pela sua remuneração**;*

*III - investido no mandato de Vereador, havendo compatibilidade de horários, perceberá as vantagens de seu cargo, emprego ou função, sem prejuízo da remuneração do cargo eletivo, e, não havendo **compatibilidade**, será aplicada a norma do inciso anterior;*

*IV - em qualquer caso que exija o afastamento para o exercício de mandato eletivo, seu **tempo de serviço será contado para todos os efeitos legais**, exceto para promoção por merecimento;*

*V - para efeito de **benefício previdenciário**, no caso de afastamento, os valores serão determinados como se no exercício estivesse.*

6) Regime de remuneração e previdência dos servidores públicos

Regulamenta-se o regime de remuneração e previdência dos servidores públicos nos artigo 39 e 40 da Constituição Federal:

*Artigo 39, CF. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios instituirão **conselho de política de administração e remuneração de pessoal**, integrado por servidores designados pelos respectivos Poderes. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998 e aplicação suspensa pela ADIN nº 2.135-4, destacando-se a redação anterior: "A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios instituirão, no âmbito de sua competência, regime jurídico único e planos de carreira para os servidores da administração pública direta, das autarquias e das fundações públicas").*

§ 1º A fixação dos padrões de vencimento e dos demais componentes do sistema remuneratório observará:

I - a natureza, o grau de responsabilidade e a complexidade dos cargos componentes de cada carreira;

II - os requisitos para a investidura;

III - as peculiaridades dos cargos.

§ 2º A União, os Estados e o Distrito Federal manterão escolas de governo para a formação e o aperfeiçoamento dos servidores públicos, constituindo-se a participação nos cursos um dos requisitos para a promoção na carreira, facultada, para isso, a celebração de convênios ou contratos entre os entes federados.

§ 3º Aplica-se aos servidores ocupantes de cargo público o disposto no art. 7º, IV, VII, VIII, IX, XII, XIII, *XV,XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXII e XXX, podendo a lei estabelecer requisitos diferenciados de admissão quando a natureza do cargo o exigir.*

§ 4º O membro de Poder, o detentor de mandato eletivo, os Ministros de Estado e os Secretários Estaduais e Municipais serão remunerados exclusivamente por subsídio fixado em parcela única, vedado o acréscimo de qualquer gratificação, adicional, abono, prêmio, verba de representação ou outra espécie remuneratória, obedecido, em qualquer caso, o disposto no art. 37, X e XI.

§ 5º Lei da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios poderá estabelecer a relação entre a maior e a menor remuneração dos servidores públicos, obedecido, em qualquer caso, o disposto no art. 37, XI.

§ 6º Os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário publicarão anualmente os valores do subsídio e da remuneração dos cargos e empregos públicos.

§ 7º Lei da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios disciplinará a aplicação de recursos orçamentários provenientes da economia com despesas correntes em cada órgão, autarquia e fundação, para aplicação no desenvolvimento de programas de qualidade e produtividade, treinamento e desenvolvimento, modernização, reaparelhamento e racionalização do serviço público, inclusive sob a forma de adicional ou prêmio de produtividade.

§ 8º A remuneração dos servidores públicos organizados em carreira poderá ser fixada nos termos do § 4º.

Artigo 40, CF. Aos servidores titulares de cargos efetivos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, incluídas suas autarquias e fundações, é assegurado regime de previdência de caráter contributivo e solidário, mediante contribuição do respectivo ente público, dos servidores ativos e inativos e dos pensionistas, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial e o disposto neste artigo.

§ 1º Os servidores abrangidos pelo regime de previdência de que trata este artigo serão aposentados, calculados os seus proventos a partir dos valores fixados na forma dos §§ 3º e 17:

I - por ***invalidez permanente****, sendo os proventos* ***proporcionais ao tempo de contribuição****, exceto se decorrente de* ***acidente em serviço, moléstia profissional ou doença grave, contagiosa ou incurável****, na forma da lei;*

II - ***compulsoriamente****, com proventos proporcionais ao tempo de contribuição,* ***aos 70 (setenta) anos de idade, ou aos 75 (setenta e cinco) anos de idade****, na forma de lei complementar;*

III - ***voluntariamente****, desde que cumprido tempo mínimo de* ***dez anos de efetivo exercício no serviço público e cinco anos no cargo efetivo*** *em que se dará a aposentadoria, observadas as seguintes condições:*

a) sessenta anos de idade e trinta e cinco de contribuição, se homem, e cinquenta e cinco anos de idade e trinta de contribuição, se mulher*;*

b) ***sessenta e cinco anos de idade, se homem, e sessenta anos de idade, se mulher, com proventos proporcionais*** *ao tempo de contribuição.*

§ 2º Os proventos de aposentadoria e as pensões, por ocasião de sua concessão, não poderão exceder a remuneração do respectivo servidor, no cargo efetivo em que se deu a aposentadoria ou que serviu de referência para a concessão da pensão.

§ 3º Para o cálculo dos proventos de aposentadoria, por ocasião da sua concessão, serão consideradas as remunerações utilizadas como base para as contribuições do servidor aos regimes de previdência de que tratam este artigo e o art. 201, na forma da lei.

§ 4º É vedada a adoção de ***requisitos e critérios diferenciados*** *para a concessão de aposentadoria aos abrangidos pelo regime de que trata este artigo, ressalvados, nos termos definidos em leis complementares, os casos de servidores:*

I - ***portadores de deficiência****;*

II - que exerçam ***atividades de risco****;*

III - cujas atividades sejam exercidas sob ***condições especiais que prejudiquem a saúde ou a integridade física****.*

§ 5º Os requisitos de idade e de tempo de contribuição serão reduzidos em cinco anos, em relação ao disposto no § 1º, III, a, para o professor que comprove exclusivamente tempo de efetivo exercício das funções de magistério na educação infantil e no ensino fundamental e médio.

§ 6º Ressalvadas *as aposentadorias decorrentes dos* ***cargos acumuláveis*** *na forma desta Constituição, é* ***vedada a percepção de mais de uma aposentadoria*** à conta do regime de previdência previsto neste artigo.

§ 7º Lei disporá sobre a concessão do ***benefício de pensão por morte****, que será igual:*

I - ao valor da totalidade dos proventos do servidor falecido, até o limite máximo estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social de que trata o art. 201, acrescido de setenta por cento da parcela excedente a este limite, caso aposentado à data do óbito; ou

II - ao valor da totalidade da remuneração do servidor no cargo efetivo em que se deu o falecimento, até o limite máximo estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social de que trata o art. 201, acrescido de setenta por cento da parcela excedente a este limite, caso em atividade na data do óbito.

§ 8º É assegurado o ***reajustamento*** *dos benefícios para preservar-lhes, em caráter permanente, o valor real, conforme critérios estabelecidos em lei.*

§ 9º O ***tempo de contribuição*** *federal, estadual ou municipal* ***será contado para efeito de aposentadoria e o tempo de serviço correspondente para efeito de disponibilidade****.*

NOVA CONCURSOS

§ 10. A lei não poderá estabelecer qualquer forma de contagem de ***tempo de contribuição fictício***.

§ 11. Aplica-se o ***limite fixado no art. 37, XI, à soma total dos proventos de inatividade***, *inclusive quando decorrentes da acumulação de cargos ou empregos públicos, bem como de outras atividades sujeitas a contribuição para o regime geral de previdência social, e ao montante resultante da adição de proventos de inatividade com remuneração de cargo acumulável na forma desta Constituição, cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração, e de cargo eletivo.*

§ 12. Além do disposto neste artigo, o regime de previdência dos servidores públicos titulares de cargo efetivo observará, ***no que couber,*** *os* ***requisitos e critérios fixados para o regime geral de previdência social***.

§ 13. Ao servidor ocupante, exclusivamente, de ***cargo em comissão*** *declarado em lei de livre nomeação e exoneração bem como de outro cargo temporário ou de emprego público, aplica-se o* ***regime geral de previdência social***.

§ 14. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, desde que instituam regime de previdência complementar para os seus respectivos servidores titulares de cargo efetivo, poderão fixar, para o valor das aposentadorias e pensões a serem concedidas pelo regime de que trata este artigo, o ***limite máximo estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social*** *de que trata o art. 201.*

§ 15. O regime de previdência complementar de que trata o § 14 será instituído por lei de iniciativa do respectivo Poder Executivo, observado o disposto no art. 202 e seus parágrafos, no que couber, por intermédio de entidades fechadas de previdência complementar, de natureza pública, que oferecerão aos respectivos participantes planos de benefícios somente na modalidade de contribuição definida.

§ 16. Somente mediante sua prévia e expressa opção, o disposto nos §§ 14 e 15 poderá ser aplicado ao servidor que tiver ingressado no serviço público até a data da publicação do ato de instituição do correspondente regime de previdência complementar.

§ 17. Todos os valores de remuneração considerados para o cálculo do benefício previsto no § 3° serão devidamente ***atualizados***, *na forma da lei.*

§ 18. Incidirá contribuição sobre os proventos de aposentadorias e pensões concedidas pelo regime de que trata este artigo que superem o ***limite máximo*** *estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social de que trata o art. 201, com percentual igual ao estabelecido para os servidores titulares de cargos efetivos.*

§ 19. O servidor de que trata este artigo que tenha completado as exigências para ***aposentadoria voluntária*** *estabelecidas no § 1º, III, a, e que opte por permanecer em atividade fará jus a um abono de permanência equivalente ao valor da sua contribuição previdenciária até completar as exigências para aposentadoria compulsória contidas no § 1º, II.*

§ 20. Fica ***vedada a existência de mais de um regime próprio de previdência social para os servidores titulares de cargos efetivos, e de mais de uma unidade gestora*** *do respectivo regime* ***em cada ente estatal***, *ressalvado o disposto no art. 142, § 3º, X.*

§ 21. A contribuição prevista no § 18 deste artigo incidirá apenas sobre as ***parcelas de proventos de aposentadoria e de pensão*** *que superem o dobro do limite máximo estabelecido para os benefícios do regime geral de previdência social de que trata o art. 201 desta Constituição, quando o beneficiário, na forma da lei, for portador de doença incapacitante.*

7) Estágio probatório e perda do cargo

Estabelece a Constituição Federal em seu artigo 41, a ser lido em conjunto com o artigo 20 da Lei nº 8.112/1990:

Artigo 41, CF. São estáveis após ***três anos de efetivo exercício os servidores nomeados para cargo de provimento efetivo em virtude de concurso público***.

§ 1º O servidor público estável só perderá o cargo:

I - em virtude de ***sentença judicial transitada em julgado****;*

II - mediante ***processo administrativo em que lhe seja assegurada ampla defesa****;*

III - mediante ***procedimento de avaliação periódica de desempenho****, na forma de lei complementar, assegurada ampla defesa.*

§ 2º Invalidada por sentença judicial a demissão do servidor estável, será ele ***reintegrado****, e o eventual ocupante da vaga, se estável,* ***reconduzido*** *ao cargo de origem, sem direito a indenização, aproveitado em outro cargo ou posto em disponibilidade com remuneração proporcional ao tempo de serviço.*

§ 3º Extinto o cargo ou declarada a sua desnecessidade, o servidor estável ficará em ***disponibilidade****, com remuneração proporcional ao tempo de serviço, até seu adequado aproveitamento em outro cargo.*

§ 4º Como condição para a aquisição da estabilidade, é obrigatória a ***avaliação especial*** *de desempenho por comissão instituída para essa finalidade.*

Art. 20, Lei nº 8.112/1990. Ao entrar em exercício, o servidor nomeado para cargo de provimento efetivo ficará sujeito a estágio probatório por período de ~~24 (vinte e quatro) meses~~, durante o qual a sua aptidão e capacidade serão objeto de avaliação para o desempenho do cargo, observados os seguinte fatores:

I - ***assiduidade****;*

II - ***disciplina****;*

III - ***capacidade de iniciativa****;*

IV - ***produtividade****;*

V - ***responsabilidade****.*

§ 1º 4 (quatro) meses antes de findo o período do estágio probatório, será submetida à homologação da autoridade competente a avaliação do desempenho do servidor, realizada por comissão constituída para essa finalidade, de acordo com o que dispuser a lei ou o regulamento da respectiva carreira ou cargo, sem prejuízo da continuidade de apuração dos fatores enumerados nos incisos I a V do caput deste artigo.

§ 2º O servidor não aprovado no estágio probatório será exonerado ou, se estável, reconduzido ao cargo anteriormente ocupado, observado o disposto no parágrafo único do art. 29.

§ 3º O servidor em estágio probatório poderá exercer quaisquer cargos de provimento em comissão ou funções de direção, chefia ou assessoramento no órgão ou entidade de lotação, e somente poderá ser cedido a outro órgão ou entidade para ocupar cargos de Natureza Especial, cargos de provimento em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS, de níveis 6, 5 e 4, ou equivalentes.

§ 4º Ao servidor em estágio probatório somente poderão ser concedidas as licenças e os afastamentos previstos nos *arts. 81, incisos I a IV, 94, 95 e 96, bem assim afastamento para participar de curso de formação decorrente de aprovação em concurso para outro cargo na Administração Pública Federal.*

§ 5º O estágio probatório ficará suspenso durante as licenças e os afastamentos previstos nos *arts. 83, 84, § 1o, 86 e 96, bem assim na hipótese de participação em curso de formação, e será retomado a partir do término do impedimento.*

O estágio probatório pode ser definido como um lapso de tempo no qual a aptidão e capacidade do servidor serão avaliadas de acordo com critérios de assiduidade, disciplina, capacidade de iniciativa, produtividade e responsabilidade. O servidor não aprovado no estágio probatório será exonerado ou, se estável, reconduzido ao cargo anteriormente ocupado. Não existe vedação para um servidor em estágio probatório exercer quaisquer cargos de provimento em comissão ou funções de direção, chefia ou assessoramento no órgão ou entidade de lotação.

Desde a Emenda Constitucional nº 19 de 1998, a disciplina do estágio probatório mudou, notadamente aumentando o prazo de 2 anos para 3 anos. Tendo em vista que a norma constitucional prevalece sobre a lei federal, mesmo que ela não tenha sido atualizada, deve-se seguir o disposto no artigo 41 da Constituição Federal.

Uma vez adquirida a aprovação no estágio probatório, o servidor público somente poderá ser exonerado nos casos do §1º do artigo 40 da Constituição Federal, notadamente: em virtude de **sentença judicial transitada em julgado**; mediante **processo administrativo em que lhe seja assegurada ampla defesa**; ou mediante **procedimento de avaliação periódica de desempenho**, na forma de lei complementar, assegurada ampla defesa (sendo esta lei complementar ainda inexistente no âmbito federal.

8) Militares dos estados, do Distrito Federal e dos territórios

Prevê o artigo 42, CF:

Art. 42. Os membros das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares, instituições organizadas com base na hierarquia e disciplina, são ***militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios****.*

§ 1º Aplicam-se aos militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios, além do que vier a ser fixado em lei, as disposições do art. 14, § 8º; do art. 40, § 9º; e do art. 142, §§ 2º e 3º, cabendo a lei estadual específica dispor sobre as matérias do art. 142, § 3º, inciso X, sendo as patentes dos oficiais conferidas pelos respectivos governadores.

§ 2º Aos pensionistas dos militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios aplica-se o que for fixado em lei específica do respectivo ente estatal.

CAPÍTULO III
DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO
Seção I
DA EDUCAÇÃO

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade.

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Parágrafo único. A lei disporá sobre as categorias de trabalhadores considerados profissionais da educação básica e sobre a fixação de prazo para a elaboração ou adequação de seus planos de carreira, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

§ 1º É facultado às universidades admitir professores, técnicos e cientistas estrangeiros, na forma da lei. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 11, de 1996)

§ 2º O disposto neste artigo aplica-se às instituições de pesquisa científica e tecnológica. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 11, de 1996)

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

NOVA CONCURSOS

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didáticoescolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela freqüência à escola.

Art. 209. O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições:

I - cumprimento das normas gerais da educação nacional;

II - autorização e avaliação de qualidade pelo Poder Público.

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Art. 211. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino.

§ 1º A União organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

§ 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

§ 3º Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

§ 4º Na organização de seus sistemas de ensino, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 5º A educação básica pública atenderá prioritariamente ao ensino regular. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Art. 212. A União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino.

§ 1º A parcela da arrecadação de impostos transferida pela União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, ou pelos Estados aos respectivos Municípios, não é considerada, para efeito do cálculo previsto neste artigo, receita do governo que a transferir.

§ 2º Para efeito do cumprimento do disposto no «caput» deste artigo, serão considerados os sistemas de ensino federal, estadual e municipal e os recursos aplicados na forma do art. 213.

§ 3º A distribuição dos recursos públicos assegurará prioridade ao atendimento das necessidades do ensino obrigatório, no que se refere a universalização, garantia de padrão de qualidade e equidade, nos termos do plano nacional de educação. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 4º Os programas suplementares de alimentação e assistência à saúde previstos no art. 208, VII, serão financiados com recursos provenientes de contribuições sociais e outros recursos orçamentários.

§ 5º A educação básica pública terá como fonte adicional de financiamento a contribuição social do salário-educação, recolhida pelas empresas na forma da lei. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

§ 6º As cotas estaduais e municipais da arrecadação da contribuição social do salário-educação serão distribuídas proporcionalmente ao número de alunos matriculados na educação básica nas respectivas redes públicas de ensino. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I - comprovem finalidade não-lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação;

II - assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades.

§ 1º - Os recursos de que trata este artigo poderão ser destinados a bolsas de estudo para o ensino fundamental e médio, na forma da lei, para os que demonstrarem insuficiência de recursos, quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública na localidade da residência do educando, ficando o Poder Público obrigado a investir prioritariamente na expansão de sua rede na localidade.

§ 2º As atividades de pesquisa, de extensão e de estímulo e fomento à inovação realizadas por universidades e/ou por instituições de educação profissional e tecnológica poderão receber apoio financeiro do Poder Público. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 85, de 2015)

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

I - erradicação do analfabetismo;

II - universalização do atendimento escolar;

III - melhoria da qualidade do ensino;

IV - formação para o trabalho;

V - promoção humanística, científica e tecnológica do País.

VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

Art. 60. Até o 14º (décimo quarto) ano a partir da promulgação desta Emenda Constitucional, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios destinarão parte dos recursos a que se refere o caput do art. 212 da Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento da educação básica e à remuneração condigna dos trabalhadores da educação, respeitadas as seguintes disposições: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006). (Vide Emenda Constitucional nº 53, de 2006) (Vide Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

I - a distribuição dos recursos e de responsabilidades entre o Distrito Federal, os Estados e seus Municípios é assegurada mediante a criação, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, de um Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, de natureza contábil; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

II - os Fundos referidos no inciso I do caput deste artigo serão constituídos por 20% (vinte por cento) dos recursos a que se referem os incisos I, II e III do art. 155; o inciso II do caput do art. 157; os incisos II, III e IV do caput do art. 158; e as alíneas a e b do inciso I e o inciso II do caput do art. 159, todos da Constituição Federal, e distribuídos entre cada Estado e seus Municípios, proporcionalmente ao número de alunos das diversas etapas e modalidades da educação básica presencial, matriculados nas respectivas redes, nos respectivos âmbitos de atuação prioritária estabelecidos nos §§ 2º e 3º do art. 211 da Constituição Federal; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

III - observadas as garantias estabelecidas nos incisos I, II, III e IV do caput do art. 208 da Constituição Federal e as metas de universalização da educação básica estabelecidas no Plano Nacional de Educação, a lei disporá sobre: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

a) a organização dos Fundos, a distribuição proporcional de seus recursos, as diferenças e as ponderações quanto ao valor anual por aluno entre etapas e modalidades da educação básica e tipos de estabelecimento de ensino; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

b) a forma de cálculo do valor anual mínimo por aluno; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

c) os percentuais máximos de apropriação dos recursos dos Fundos pelas diversas etapas e modalidades da educação básica, observados os arts. 208 e 214 da Constituição Federal, bem como as metas do Plano Nacional de Educação; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

d) a fiscalização e o controle dos Fundos; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

e) prazo para fixar, em lei específica, piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

IV - os recursos recebidos à conta dos Fundos instituídos nos termos do inciso I do caput deste artigo serão aplicados pelos Estados e Municípios exclusivamente nos respectivos âmbitos de atuação prioritária, conforme estabelecido nos §§ 2º e 3º do art. 211 da Constituição Federal; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

V - a União complementará os recursos dos Fundos a que se refere o inciso II do caput deste artigo sempre que, no Distrito Federal e em cada Estado, o valor por aluno não alcançar o mínimo definido nacionalmente, fixado em observância ao disposto no inciso VII do caput deste artigo, vedada a utilização dos recursos a que se refere o § 5º do art. 212 da Constituição Federal; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

VI - até 10% (dez por cento) da complementação da União prevista no inciso V do caput deste artigo poderá ser distribuída para os Fundos por meio de programas direcionados para a melhoria da qualidade da educação, na forma da lei a que se refere o inciso III do caput deste artigo; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

VII - a complementação da União de que trata o inciso V do caput deste artigo será de, no mínimo: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

a) R$ 2.000.000.000,00 (dois bilhões de reais), no primeiro ano de vigência dos Fundos; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

b) R$ 3.000.000.000,00 (três bilhões de reais), no segundo ano de vigência dos Fundos; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

c) R$ 4.500.000.000,00 (quatro bilhões e quinhentos milhões de reais), no terceiro ano de vigência dos Fundos; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

d) 10% (dez por cento) do total dos recursos a que se refere o inciso II do caput deste artigo, a partir do quarto ano de vigência dos Fundos; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

VIII - a vinculação de recursos à manutenção e desenvolvimento do ensino estabelecida no art. 212 da Constituição Federal suportará, no máximo, 30% (trinta por cento) da complementação da União, considerando-se para os fins deste inciso os valores previstos no inciso VII do caput deste artigo; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

IX - os valores a que se referem as alíneas a, b, e c do inciso VII do caput deste artigo serão atualizados, anualmente, a partir da promulgação desta Emenda Constitucional, de forma a preservar, em caráter permanente, o valor real da complementação da União;(Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

NOVA CONCURSOS

X - aplica-se à complementação da União o disposto no art. 160 da Constituição Federal; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

XI - o não-cumprimento do disposto nos incisos V e VII do caput deste artigo importará crime de responsabilidade da autoridade competente; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

XII - proporção não inferior a 60% (sessenta por cento) de cada Fundo referido no inciso I do caput deste artigo será destinada ao pagamento dos profissionais do magistério da educação básica em efetivo exercício. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

§ 1º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão assegurar, no financiamento da educação básica, a melhoria da qualidade de ensino, de forma a garantir padrão mínimo definido nacionalmente. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

§ 2º O valor por aluno do ensino fundamental, no Fundo de cada Estado e do Distrito Federal, não poderá ser inferior ao praticado no âmbito do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - FUNDEF, no ano anterior à vigência desta Emenda Constitucional. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

§ 3º O valor anual mínimo por aluno do ensino fundamental, no âmbito do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, não poderá ser inferior ao valor mínimo fixado nacionalmente no ano anterior ao da vigência desta Emenda Constitucional. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

§ 4º Para efeito de distribuição de recursos dos Fundos a que se refere o inciso I do caput deste artigo, levar-se-á em conta a totalidade das matrículas no ensino fundamental e considerar-se-á para a educação infantil, para o ensino médio e para a educação de jovens e adultos 1/3 (um terço) das matrículas no primeiro ano, 2/3 (dois terços) no segundo ano e sua totalidade a partir do terceiro ano. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

§ 5º A porcentagem dos recursos de constituição dos Fundos, conforme o inciso II do caput deste artigo, será alcançada gradativamente nos primeiros 3 (três) anos de vigência dos Fundos, da seguinte forma: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

I - no caso dos impostos e transferências constantes do inciso II do caput do art. 155; do inciso IV do caput do art. 158; e das alíneas a e b do inciso I e do inciso II do caput do art. 159 da Constituição Federal: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

a) 16,66% (dezesseis inteiros e sessenta e seis centésimos por cento), no primeiro ano; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

b) 18,33% (dezoito inteiros e trinta e três centésimos por cento), no segundo ano; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

c) 20% (vinte por cento), a partir do terceiro ano; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

II - no caso dos impostos e transferências constantes dos incisos I e III do caput do art. 155; do inciso II do caput do art. 157; e dos incisos II e III do caput do art. 158 da Constituição Federal: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

a) 6,66% (seis inteiros e sessenta e seis centésimos por cento), no primeiro ano; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

b) 13,33% (treze inteiros e trinta e três centésimos por cento), no segundo ano; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

c) 20% (vinte por cento), a partir do terceiro ano. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

§ 6º (Revogado). (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

§ 7º (Revogado). (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006).

EMENDA 14/96.

EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 14, DE 12 DE SETEMBRO DE 1996

Modifica os arts. 34, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e dá nova redação ao art. 60 do Ato das Disposições constitucionais Transitórias.

As Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, nos termos do § 3º do art. 60 da Constituição Federal, promulgam a seguinte emenda ao texto constitucional:

Art. 1º É acrescentada no inciso VII do art. 34, da Constituição Federal, a alínea "e":

"e) aplicação do mínimo exigido da receita resultante de impostos estaduais, compreendida a proveniente de transferência, na manutenção e desenvolvimento do ensino.»

Art. 2º É dada nova redação aos incisos I e II do art. 208 da Constituição Federal:

"I - ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; "

Art. 3º É dada nova redação aos §§ 1º e 2º do art. 211 da Constituição Federal e nele são inseridos mais dois parágrafos:

"Art.211.....

§ 1º A união organizará o sistema federal de ensino e o dos Territorios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos estados, ao Distrito Federal e aos Municípios.

§ 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.

§ 3º Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio.

§ 4º Na organização de seus sistemas de ensino, os Estados e os Municípios definirão formas de colaboração, de modo a assegurar a universalização do ensino obrigatório.»

Art. 4º É dada nova redação ao § 5º do art. 212 da Constituição Federal:

"§ 5º O ensino fundamental público terá como fonte adicional de financiamento a contribuição social do salário educação, recolhida pelas empresas, na forma da lei.»

Art. 5º É alterado o art. 60 do ADCT e nele são inseridos novos parágrafos, passando o artigo a ter a seguinte redação:

"Art 60. Nos dez primeiros anos da promulgação desta emenda, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios destinarão não menos de sessenta por cento dos recursos a que se refere o caput do art. 212 da Constituição Federal, a manutenção e ao desenvolvimento do ensino fundamental, com o objetivo de assegurar a universalização de seu atendimento e a remuneração condigna do magistério.

§ 1º A distribuição de responsabilidades e recursos entre os estados e seus municípios a ser concretizada com parte dos recursos definidos neste artigo, na forma do disposto no art. 211 da Constituição Federal, e assegurada mediante a criação, no âmbito de cada Estado e do Distrito Federal, de um fundo de manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental e de valorização do magistério, de natureza contábil.

§ 2º O Fundo referido no parágrafo anterior será constituído por, pelo menos, quinze por cento dos recursos a que se referem os arts. 155, inciso II; 158, inciso IV; e 159, inciso I, alíneas "a" e "b"; e inciso II, da Constituição Federal, e será distribuído entre cada Estado e seus Municípios, proporcionalmente ao número de alunos nas respectivas redes de ensino fundamental.

§ 3º A União complementará os recursos dos Fundos a que se refere o § 1º, sempre que, em cada Estado e no Distrito Federal, seu valor por aluno não alcançar o mínimo definido nacionalmente.

§ 4º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios ajustarão progressivamente, em um prazo de cinco anos, suas contribuições ao Fundo, de forma a garantir um valor por aluno correspondente a um padrão mínimo de qualidade de ensino, definido nacionalmente.

§ 5º Uma proporção não inferior a sessenta por cento dos recursos de cada Fundo referido no § 1º será destinada ao pagamento dos professores do ensino fundamental em efetivo exercício no magistério.

§ 6º A União aplicará na erradicação do analfabetismo e na manutenção e no desenvolvimento do ensino fundamental, inclusive na complementação a que se refere o § 3º, nunca menos que o equivalente a trinta por cento dos recursos a que se refere o caput do art. 212 da Constituição Federal.

§ 7º A lei disporá sobre a organização dos Fundos, a distribuição proporcional de seus recursos, sua fiscalização e controle, bem como sobre a forma de cálculo do valor mínimo nacional por aluno.›

Art. 6º Esta emenda entra em vigor a primeiro de janeiro do ano subseqüente ao de sua promulgação.

LEI FEDERAL Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990 – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.

Noções introdutórias e disciplina constitucional

*Art. 227. É **dever da família, da sociedade e do Estado** assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com **absoluta prioridade**, o direito* à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária*, além de colocá-los a **salvo** de toda forma de **negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão**.*

§ 1º O Estado promoverá ***programas de assistência integral à saúde*** *da criança, do adolescente e do jovem, admitida a **participação de entidades não governamentais**, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:*

*I - aplicação de **percentual** dos recursos públicos destinados à saúde na **assistência materno-infantil**;*

*II - criação de **programas de prevenção e atendimento especializado** para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de **integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência**, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação.*

§ 2º A lei disporá sobre ***normas de construção dos logradouros e dos edifícios*** *de uso público e de fabricação de **veículos de transporte coletivo**, a fim de garantir **acesso** adequado às pessoas portadoras de deficiência.*

§ 3º O direito a ***proteção especial*** *abrangerá os seguintes aspectos:*

I - idade mínima de ***quatorze anos para admissão ao trabalho**, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;*

*II - garantia de **direitos previdenciários e trabalhistas**;*

*III - garantia de **acesso do trabalhador** adolescente e jovem* à escola*;*

*IV - garantia de **pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional**, **igualdade na relação processual** e **defesa técnica por profissional habilitado**, segundo dispuser a legislação tutelar específica;*

*V - obediência aos princípios de **brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar** de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer **medida privativa da liberdade**;*

*VI - estímulo do Poder Público, através de **assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios**, nos termos da lei, ao **acolhimento**, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado;*

*VII - programas de **prevenção e atendimento especializado** à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de **entorpecentes e drogas** afins.*

NOVA CONCURSOS

§ 4º A lei punirá severamente ***o abuso, a violência e a exploração sexual*** *da criança e do adolescente.*

§ 5º A ***adoção será assistida pelo Poder Público****, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros.*

§ 6º Os ***filhos****,* ***havidos ou não da relação do casamento****,* ***ou por adoção****, terão os* ***mesmos direitos e qualificações****, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.*

§ 7º No atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se-á em consideração o disposto no art. 204[47].

§ 8º A lei estabelecerá:

I - o ***estatuto da juventude****, destinado a regular os direitos dos jovens;*

II - o ***plano nacional de juventude****, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas.*

No *caput* do artigo 227, CF se encontra uma das principais diretrizes do direito da criança e do adolescente que é o princípio da prioridade absoluta. Significa que cada criança e adolescente deve receber tratamento especial do Estado e ser priorizado em suas políticas públicas, pois são o futuro do país e as bases de construção da sociedade.

A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, seguindo em seus dispositivos a ideologia do princípio da absoluta prioridade.

No §1º do artigo 227 aborda-se a questão da assistência à saúde da criança e do adolescente. Do inciso I se depreende a intrínseca relação entre a proteção da criança e do adolescente com a proteção da maternidade e da infância, mencionada no artigo 6º, CF. Já do inciso II se depreende a proteção de outro grupo vulnerável, que é a pessoa portadora de deficiência, valendo lembrar que o Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007, foi promulgado após aprovação no Congresso Nacional nos moldes da Emenda Constitucional nº 45/2004, tendo força de norma constitucional e não de lei ordinária. A preocupação com o direito da pessoa portadora de deficiência se estende ao §2º do artigo 227, CF: "a lei disporá sobre normas de construção dos **logradouros e dos edifícios de uso público** e de fabricação de **veículos** de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência".

A proteção especial que decorre do princípio da prioridade absoluta está prevista no §3º do artigo 227. Liga-se, ainda, à proteção especial, a previsão do §4º do artigo 227: "A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente".

Tendo em vista o direito de toda criança e adolescente de ser criado no seio de uma família, o §5º do artigo 227 da Constituição prevê que "a adoção será assistida pelo Poder Público, na forma da lei, que estabelecerá casos e condições de sua efetivação por parte de estrangeiros". Neste sentido, a Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009, dispõe sobre a adoção.

A igualdade entre os filhos, quebrando o paradigma da Constituição anterior e do até então vigente Código Civil de 1916 consta no artigo 227, § 6º, CF: "os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação".

Quando o artigo 227 dispõe no § 7º que "no atendimento dos direitos da criança e do adolescente levar-se-á em consideração o disposto no art. 204" tem em vista a adoção de práticas de assistência social, com recursos da seguridade social, em prol da criança e do adolescente.

Por seu turno, o artigo 227, § 8º, CF, preconiza: "A lei estabelecerá: I - o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens; II - o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas". A Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Mais informações sobre a Política mencionada no inciso II e sobre a Secretaria e o Conselho Nacional de Juventude que direcionam a implementação dela podem ser obtidas na rede[48].

Aprofundando o tema, a cabeça do art. 227, da Lei Fundamental, preconiza ser dever *da família*, *da sociedade* e *do Estado* assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, *com absoluta prioridade*, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A leitura do art. 227, *caput*, da Constituição Federal permite concluir que se adotou, neste país, a chamada "*Doutrina da Proteção Integral da Criança*", ao lhe assegurar a absoluta prioridade em políticas públicas, medidas

47 Art. 204. As ações governamentais na área da assistência social serão realizadas com **recursos do orçamento da seguridade social**, previstos no art. 195, além de outras fontes, e organizadas com base nas seguintes diretrizes: I - **descentralização político-administrativa**, cabendo a coordenação e as normas gerais à esfera federal e a coordenação e a execução dos respectivos programas às esferas estadual e municipal, bem como a entidades beneficentes e de assistência social; II - **participação da população**, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis. Parágrafo único. É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de: I - despesas com pessoal e encargos sociais; II - serviço da dívida; III - qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados.

48 http://www.juventude.gov.br/politica

sociais, decisões judiciais, respeito aos direitos humanos, e observância da dignidade da pessoa humana. Neste sentido, o parágrafo único, do art. 5º, do "Estatuto da Criança e do Adolescente", prevê que a garantia de prioridade compreende a primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias (alínea "a"), a precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública (alínea "b"), a preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas (alínea "c"), e a destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude (alínea "d").

Ademais, a proteção à criança, ao adolescente e ao jovem representa incumbência atribuída não só ao Estado, mas também à família e à sociedade. Sendo assim, há se prestar bastante atenção nas provas de concurso, tendo em vista que só se costuma colocar o Estado como observador da "Doutrina da Proteção Integral", sendo que isso também compete à família e à sociedade.

Nesta frequência, o direito à proteção especial abrangerá os seguintes aspectos (art. 227, §3º, CF):

- A idade mínima de dezesseis anos para admissão ao trabalho, salvo a partir dos quatorze anos, na condição de aprendiz (inciso I de acordo com o art. 7º, XXXIII, CF, pós-alteração promovida pela Emenda Constitucional nº 20/98);
- A garantia de direitos previdenciários e trabalhistas (inciso II);
- A garantia de acesso ao trabalhador adolescente e jovem à escola (inciso III);
- A garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição do ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica (inciso IV);
- A obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa de liberdade (inciso V);
- O estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado (inciso VI);
- Programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins (inciso VII).

Prosseguindo, o parágrafo sexto, do art. 227, da Constituição, garante o "*Princípio da Igualdade entre os Filhos*", ao dispor que os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

Assim, com a Constituição Federal, os filhos não têm mais "valor" para efeito de direitos alimentícios e sucessórios. Não se pode falar em um filho receber metade da parte que originalmente lhe cabia por ser "bastardo", enquanto aquele fruto da sociedade conjugal receber a quantia integral. Aliás, nem mesmo a expressão "filho bastardo" pode mais ser utilizada, por representar uma forma de discriminação designatória.

Também, o art. 229 traz uma "via de mão dupla" entre pais e filhos, isto é, os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade. Tal dispositivo, inclusive, permite que os filhos peçam alimentos aos pais, e que os pais peçam alimentos aos filhos.

Por fim, há se mencionar o acrescentado parágrafo oitavo (pela Emenda Constitucional nº 65/2010), ao art. 227, da Constituição Federal, segundo o qual a lei estabelecerá o estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens (inciso I), e o plano nacional de juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas (inciso II). Nada obstante a exigência constitucional desde 2010, somente bem recentemente o Estatuto da Juventude foi aprovado (Lei nº 12.852/2013), como visto acima, carecendo, ainda, o Plano Nacional de Juventude de maior regulamentação *infra*constitucional.

Evolução histórica

Na Grécia antiga, a criança era colocada numa posição de inferioridade, tida como um ser irracional, sem capacidade de tomar qualquer tipo de decisão. Trata-se de marco da cultura grega, que enxergava apenas poucos homens de posses como cidadãos. Estes homens concentravam para si o pátrio poder, isto é, o poder do pai. Devido ao pátrio poder, o pai de família concentrava em suas mãos plena possibilidade de gerir a vida das crianças e adolescentes e estes não tinham nenhuma possibilidade de participar destas decisões. Na Idade Média se manteve o sistema do "pátrio poder". As crianças eram submetidas ao absoluto poder do pai e seus destinos seguiam a mesma sorte.

A partir da Idade Moderna, com o Renascimento e o Iluminismo, as crianças e os adolescentes saíram ligeiramente da margem social. A moral da época passa a impor aos pais o dever de educar seus filhos. Entretanto, a educação costumava ser oferecida apenas aos homens. Aqueles que possuíam melhores condições enviavam seus filhos para estudarem nas universidades que começavam a despontar na Europa, aqueles que possuíam condições piores ao menos passavam a ensinar seus ofícios a estes jovens. Já as meninas permaneciam marginalizadas das atividades educacionais e profissionalizantes, apenas lhes era ensinado como desempenhar atividades domésticas.

Desde o final da Revolução Francesa e, com destaque, a partir da Revolução Industrial, que alterou substancialmente os modos e métodos de produção, a criança e o adolescente passam a ocupar papel central na sociedade, desempenhando atividades trabalhistas de caráter equivalente a dos adultos. Foram vítimas de inúmeros acidentes de trabalho, morriam em meio à insalubridade das fábricas, então movidas predominantemente a carvão. Foi apenas com a emergência da Organização Internacional do Trabalho – OIT, em 1919, que aos poucos se consolidou uma consciência a respeito da necessidade de se limitar a participação das crianças e adolescentes no espaço de trabalho. Este foi o estopim para o reconhecimento da condição especial da criança e do adolescente.

Internacionalmente, a proteção efetiva da criança e do adolescente começa a tomar corpo com o reconhecimento internacional dos direitos humanos e a fundação da UNICEF. A UNICEF, inicialmente conhecida como Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para as Crianças, foi criada em dezembro de 1946 para ajudar as crianças da Europa vítimas da II Guerra Mundial. No início da década de 50 o seu mandato foi alargado para responder às necessidades das crianças e das mães nos países em desenvolvimento. Em 1953, torna-se uma agência permanente das Nações Unidas, e passa a ocupar-se especialmente das crianças dos países mais pobres da África, Ásia, América Latina e Médio Oriente. Passa então a designar-se Fundo das Nações Unidas para a Infância, mas mantém a sigla que a tornara conhecida em todo o mundo – UNICEF. Desde então, sobrevieram no âmbito das Nações Unidas documentos bastante relevantes sobre a condição jurídica peculiar da criança, já estudados neste material.

No Brasil, no final do século XIX e início do século XX, foi instituído no Rio de Janeiro o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, primeiro estabelecimento público nacional de atendimento a crianças e adolescentes. Em seguida, veio a Lei nº 4.242/1921, que autorizou o governo a organizar o Serviço de Assistência e Proteção à Infância Abandonada e Dellinquente. Em 1927 foi aprovado o primeiro Código de Menores. Em 1941, durante o governo Vargas, foi criado o Serviço de Assistência ao Menor, cujo fim era dar tratamento penal teoricamente diferenciado aos menores (na prática, eram tratados como criminosos comuns). Em 1964 surge a Política Nacional do Bem-estar do Menor (Lei nº 4.513/1964), que criou a FUNABEM. Surge novo Código de Menores em 1979 (Lei nº 6.697), cujo objeto era a proteção e vigilância de crianças e adolescentes em situação irregular. Na década de 80 começa um movimento de reelaboração da concepção de infância e juventude. O destaque repercute na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, que revogou o Código de Menores e substituiu a doutrina da situação irregular pela doutrina da proteção integral[49].

Relações jurídicas no direito da criança e do adolescente

"As relações jurídicas são formas qualificadas de relações interpessoais, indicando, assim, a ligação entre pessoas, em razão de algum objeto, devidamente regulada pelo direito. Desta forma, o Direito da Criança e do Adolescente, sob o aspecto objetivo e formal, representa a disciplina das relações jurídicas entre Crianças e Adolescentes, de um lado, e de outro, a família, a comunidade, a sociedade e o próprio Estado. [...] Percebemos que a intenção dos doutrinadores e do próprio legislador foi, sempre, criar uma doutrina da proteção integral não somente para a Criança, como, ainda, para o Adolescente, ambos ainda em desenvolvimento, posto que, somente com o término da adolescência é que o menor completará o processo de aquisição de mecanismos mentais relacionados ao pensamento, percepção, reconhecimento, classificação etc. [...] Com isso, o Estatuto da Criança e do Adolescente, sabiamente, se preocupou em envolver não somente a família, mas, ainda, a comunidade, a sociedade e o próprio Estado, para que todos, em conjunto, exerçam seus direitos e deveres sem oprimir aqueles que, em condição inferior, viviam a mercê da sociedade. Mas, qual a razão dessa inclusão tão abrangente? Pois bem, a intenção do Estatuto da Criança e do Adolescente foi conferir ao menor, de forma integral, todas as condições para que o mesmo possa desenvolver-se plenamente, evitando-se, com isso, que haja alguma deficiência em sua formação. Desta forma, a melhor solução apresentada pelo legislador foi incluir todos os segmentos da sociedade, para que ninguém ficasse isento de qualquer responsabilidade, uma vez que a doutrina da proteção integral apresentada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente exige a participação de todos, sem qualquer exceção"[50]. Com efeito, o objeto formal do direito da criança e do adolescente é a proteção jurídica especial da criança e do adolescente. Já o objeto material é a própria criança ou adolescente.

Princípios

Não se pode olvidar que os princípios sempre desempenharam um importante papel social, mas foi somente na atual dogmática jurídica que eles adquiriram normatividade. Hoje em dia, os princípios servem para condensar valores, dar unidade ao sistema e condicionar a atividade do intérprete. Os princípios são normas jurídicas, não meros conteúdos axiológicos, aceitando aplicação autônoma[51].

Em resumo, a teoria dos princípios chega à presente fase do Pós-positivismo com os seguintes resultados já consolidados: a passagem dos princípios da especulação metafísica e abstrata para o campo concreto e positivo do Direito, com baixíssimo teor de densidade normativa; a transição crucial da ordem jusprivatista (sua antiga inserção nos Códigos) para a órbita juspublicística (seu ingresso nas Constituições); a suspensão da distinção clássica entre princípios e normas; o deslocamento dos princípios da esfera da jusfilosofia para o domínio da Ciência Jurídica; a proclamação de sua normatividade; a perda de seu caráter de normas programáticas; o reconhecimento definitivo de sua positividade e concretude por obra sobretudo das Constituições; a distinção entre regras e princípios, como espécies diversificadas do gênero norma, e, finalmente, por expressão máxima de todo esse desdobramento doutrinário, o mais significativo de seus efeitos: a total hegemonia e preeminência dos princípios[52].

49 DEZEM, Guilherme Madeira; AGUIRRE, João Ricardo Brandão; FULLER, Paulo Henrique Aranda. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009. (Coleção Elementos do Direito)

50 MENDES, Moacyr Pereira. As relações jurídicas decorrentes do Estatuto da Criança e do Adolescente. Âmbito Jurídico, Rio Grande, XII, n. 70, nov. 2009.

51 Ibid., p.327.

52 BONAVIDES, Paulo. **Curso de direito constitucional**. 26. ed. São Paulo: Malheiros, 2011, p. 294.

No campo do direito da criança e do adolescente, alguns princípios assumem destaque, entre eles:

a) Princípio da prioridade absoluta: previsto nos artigos 227, CF e 4º, ECA preconiza que é dever de todos – Estado, sociedade, comunidade e família – assegurar com absoluta prioridade direitos fundamentais às crianças e adolescentes. Por isso, estabelece-se com primazia a adoção de políticas públicas, a destinação de recursos e a prestação de serviços essenciais àqueles que se encontram na faixa etária inferior a 18 anos.

b) Princípio da proteção integral: previsto no artigo 1º, ECA estabelece que a proteção da criança e do adolescente não pode se restringir às situações de irregularidade, o que teria um caráter estigmatizante, mas deve abranger todas as situações de vida pelas quais passa a criança e o adolescente, mesmo as regulares. Neste sentido, ao se assegurar direitos na regularidade, evita-se que a criança e o adolescente caiam em irregularidade.

c) Princípio da dignidade da pessoa humana: A dignidade da pessoa humana é o valor-base de interpretação de qualquer sistema jurídico, internacional ou nacional, que possa se considerar compatível com os valores éticos, notadamente da moral, da justiça e da democracia. Pensar em dignidade da pessoa humana significa, acima de tudo, colocar a pessoa humana como centro e norte para qualquer processo de interpretação jurídico, seja na elaboração da norma, seja na sua aplicação.

Sem pretender estabelecer uma definição fechada ou plena, é possível conceituar dignidade da pessoa humana como o **principal valor** do ordenamento ético e, por consequência, jurídico que pretende colocar a pessoa humana como um **sujeito pleno de direitos e obrigações** na ordem internacional e nacional, cujo desrespeito acarreta a própria **exclusão de sua personalidade**.

Aponta Barroso[53]: "o princípio da dignidade da pessoa humana identifica um espaço de integridade moral a ser assegurado a todas as pessoas por sua só existência no mundo. É um respeito à criação, independente da crença que se professe quanto à sua origem. A dignidade relaciona-se tanto com a liberdade e valores do espírito como com as condições materiais de subsistência".

O Ministro Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira, do Tribunal Superior do Trabalho, trouxe interessante conceito numa das decisões que relatou: "a dignidade consiste na percepção intrínseca de cada ser humano a respeito dos direitos e obrigações, de modo a assegurar, sob o foco de condições existenciais mínimas, a participação saudável e ativa nos destinos escolhidos, sem que isso importe destilação dos valores soberanos da democracia e das liberdades individuais. O processo de valorização do indivíduo articula a promoção de escolhas, posturas e sonhos, sem olvidar que o espectro de abrangência das liberdades individuais encontra limitação em outros direitos fundamentais, tais como a honra, a vida privada, a intimidade, a imagem. Sobreleva registrar que essas garantias, associadas ao princípio da dignidade da pessoa humana, subsistem como conquista da humanidade, razão pela qual auferiram proteção especial consistente em indenização por dano moral decorrente de sua violação"[54].

Para Reale[55], a evolução histórica demonstra o domínio de um valor sobre o outro, ou seja, a existência de uma ordem gradativa entre os valores; mas existem os valores fundamentais e os secundários, sendo que o valor fonte é o da pessoa humana. Nesse sentido, são os dizeres de Reale[56]: "partimos dessa ideia, a nosso ver básica, de que a pessoa humana é o valor-fonte de todos os valores. O homem, como ser natural biopsíquico, é apenas um indivíduo entre outros indivíduos, um ente animal entre os demais da mesma espécie. O homem, considerado na sua objetividade espiritual, enquanto ser que só realiza no sentido de seu dever ser, é o que chamamos de pessoa. Só o homem possui a dignidade originária de ser enquanto deve ser, pondo-se essencialmente como razão determinante do processo histórico".

Quando a Constituição Federal assegura a dignidade da pessoa humana como um dos fundamentos da República, faz emergir uma nova concepção de proteção de cada membro do seu povo. Tal ideologia de forte fulcro humanista guia a afirmação de todos os direitos fundamentais e confere a eles posição hierárquica superior às normas organizacionais do Estado, de modo que é o Estado que está para o povo, devendo garantir a dignidade de seus membros, e não o inverso.

d) Princípio da participação popular: previsto no artigo 227, §§ 3º e 7º e no artigo 204, II, CF, assegura a participação popular, através de organizações representativas, na elaboração de políticas públicas direcionadas à infância e à juventude.

e) Princípio da excepcionalidade: previsto no artigo 227, §3º, V, CF assegura que quando da imposição de medida privativa de liberdade esta não será imposta a não ser que se trate de um caso excepcional, em que nenhuma outra medida sócio-educativa possa ser utilizada.

f) Princípio da brevidade: previsto no artigo 227, §3º, V, CF assegura que quando da aplicação de medida privativa de liberdade esta não se estenderá no tempo, devendo ser a mais breve possível, perdurando apenas pelo prazo necessário para a ressocialização do adolescente. No caso, o ECA limita a aplicação de medidas desta natureza ao prazo máximo de 3 anos.

g) Princípio da condição peculiar da pessoa em desenvolvimento: a criança e o adolescente estão em processo de formação e de transformação física e psíquica, logo, possuem uma condição peculiar que deve ser respeitada quando da aplicação da lei.

53 BARROSO, Luís Roberto. **Interpretação e aplicação da Constituição**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 382.

54 BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. **Recurso de Revista n. 259300-59.2007.5.02.0202**. Relator: Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira. Brasília, 05 de setembro de 2012j1. Disponível em: www.tst.gov.br. Acesso em: 17 nov. 2012.

55 REALE, Miguel. **Filosofia do direito**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 228.

56 Ibid., p. 220.

NOVA CONCURSOS

Autonomia da criança e do adolescente

Coloca-se o trecho do trabalho de Cláudio Leone[57] em que reflete sobre a construção da autonomia do infante:

"Conceitualmente, a análise do respeito à autonomia de uma criança ou de um adolescente só tem sentido se for conduzida a partir do conhecimento da evolução de suas competências nas diferentes idades. É de conhecimento de todos que a criança nasce totalmente dependente de cuidados alheios e que passa por um processo de desenvolvimento progressivo que a leva a alcançar a completa independência na maturidade, o que, nas sociedades modernas, se situa por volta dos vinte anos de idade.

Entretanto, para que este processo de análise de sua autonomia transcorra de maneira isenta, fundamentalmente centrado nas peculiaridades do desenvolvimento do ser humano, o primeiro ponto a ser considerado é a necessidade de abdicar de alguns conceitos preestabelecidos, como é o caso da atitude paternalista. [...]

O segundo ponto a considerar neste percurso, em geral decorrente do primeiro, é a própria legislação que, mesmo tendo o melhor dos intuitos, praticamente nivela todos os menores a uma mesma condição: a de incapacidade, criando a necessidade de se ter figuras aptas a decidir e responder por eles, como se estas figuras fossem sempre e inevitavelmente imbuídas das melhores intenções em relação à criança e ao adolescente.

No entender de Kopelman, para que toda esta legislação fosse realmente válida seria necessário definir melhor, de maneira bem precisa, o que se entende por um padrão mínimo de benefício ou o que é 'o melhor' para os interesses da criança ou do adolescente, de modo que a definição não fique em aberto para a interpretação de quem detém o poder de decidir em nome deles. Além disso, estas definições deveriam estar em constante revisão, para que não acabem sendo ultrapassadas, frente à evolução histórico-social dos fatos que geraram a necessidade de sua criação.

Superados estes dois pontos, que apesar de potencialmente limitantes do processo de discussão da autonomia da criança e do adolescente não podem ser simplesmente ignorados, como se não existissem, chega-se ao terceiro e mais importante: a interpretação do conceito de autonomia à luz do momento de desenvolvimento em que uma determinada criança ou adolescente se encontra.

Nesse sentido, diversas características do desenvolvimento devem ser levadas em consideração:

1. Trata-se de um processo que evolui continuamente à medida que habilidades se aperfeiçoam, novas capacidades são adquiridas, novas vivências são acumuladas e integradas e, portanto, passível de rápidas e extremas mudanças no tempo;

2. A aquisição das competências é progressiva, não se dá saltos, como se se tratasse de compartimentos estanques, e segue sempre uma ordem preestabelecida, sendo, portanto, razoavelmente previsível;

3. Os tempos e o ritmo em que o desenvolvimento se processa são muito individualizados, fazendo com que dois indivíduos de uma mesma idade possam estar em momentos diferentes de desenvolvimento;

4. No caso específico da inteligência, o desenvolvimento é extremamente influenciável por fatores extrínsecos ao indivíduo: as experiências, os estímulos, o ambiente, a educação, a cultura, etc., o que também acaba por reforçar sua evolução extremamente individualizada.

Segundo Piaget, a capacidade de operar o pensamento concreto estendendo-o à compreensão do outro e às possíveis consequências de boa parte dos seus atos se aperfeiçoa na idade escolar, entre os 6 e os 11 anos de vida. Este amadurecimento se completa na adolescência, com a capacidade crescente de abstração que a criança desenvolve nesta fase da existência. Como consequência, é possível admitir que é na segunda fase da adolescência, em geral a partir dos 15 anos, que o indivíduo atingiria as competências necessárias para o exercício de sua autonomia, competências estas que necessitariam apenas serem lapidadas ao longo das vivências e de uma maior experiência de vida.

Entretanto, isto não significa que a autonomia da criança e do adolescente só possa (ou deva) ser respeitada a partir desta fase.

Compete ao pediatra e aos demais profissionais de saúde, utilizando suas competências profissionais, definir já desde os primeiros anos de vida em que etapa a criança se encontra ao longo do seu processo evolutivo, tentando diferenciar se se está diante de uma tomada de decisão ditada apenas pelo receio do desconhecido, por um capricho ou vontade decorrente apenas de sua visão egocêntrica, natural em determinadas idades, ou se a mesma já é o resultado de uma reflexão mais amadurecida. São estes extremos que dão a entender a ampla gama de estágios de desenvolvimento, portanto de autonomia, que entre eles podem se apresentar. [...]

Novamente, cabe enfatizar que o risco que se corre ao se utilizar definições bastante precisas como estas é o de acabar classificando um indivíduo de maneira dicotômica, no caso específico da autonomia, como sendo capaz ou incapaz, desistindo assim de uma possível análise de sua real capacidade.

Consequentemente, a ausência de uma ou de mais das características anteriormente citadas não deve ser utilizada para qualificar a criança ou o adolescente como incapaz. Deve, isto sim, servir de embasamento para que se possa tentar entender como suas decisões se originaram.

Em face de situações específicas, individualizadas, como ocorre no dia-a-dia da prática pediátrica, esta é a única forma que o profissional tem de realmente respeitar a autonomia da criança ou do adolescente.

A interpretação adequada da legislação e o dimensionamento correto da decisão dos pais ou responsáveis dependerão fundamentalmente deste tipo de análise da autonomia da criança ou adolescente. Deste modo, mesmo que resulte em situações de conflito entre as posições, servirá de embasamento para um trabalho, muitas vezes exaustivo, de apresentação, de reflexão e de discussão de argumentos e fatos, capaz de conduzir a uma decisão amadurecida e o mais isenta possível, que, respeitando a posição da criança ou do adolescente, poderá efetivamente redundar em seu benefício.

57 LEONE, Cláudio. A criança, o adolescente e a autonomia. **Revista Bioética**, v. 6, n. 1.

No leque das diferentes situações da prática pediátrica, que se estende desde o recém-nascido no limite de viabilidade ao qual se quer prestar cuidados intensivos de validade questionável naquelas circunstâncias, passando pelas pesquisas científicas que envolvem crianças e adolescentes, até a criança cujo pátrio poder pertence a pais adolescentes, portanto autônomos nas decisões que lhes dizem respeito, todas estas situações, onde nem sempre o real interesse que está em jogo é o da criança, mas sim o dos responsáveis por ela, clarificam que não há uma única resposta ou solução mágica, perfeita, para a questão da autonomia da criança e do adolescente.

Na realidade, o que deve existir é a construção conjunta de uma verdade para aquele momento, amadurecida no crescimento e evolução de todos: juízes e legisladores, pais ou responsáveis, médicos e profissionais de saúde e, principalmente, a criança ou o adolescente, como parte de um processo de interação franco, sincero, isento e realmente participativo que de fato respeite a autonomia, qualquer que seja o nível de competência que a criança ou o adolescente estejam apresentando para tal".

Imputabilidade penal

*Art. 228, CF. São **penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos**, sujeitos às normas da legislação especial.*

O artigo 228, CF dispõe: "são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial". Percebe-se que a normativa não está no rol de cláusulas pétreas, razão pela qual seria possível uma emenda constitucional que alterasse a menoridade penal. Inclusive, há projetos de lei neste sentido.

Comentários à lei

Parte geral

Título I
Das Disposições Preliminares

*Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a **proteção integral** à criança e ao adolescente.*

O princípio da proteção integral se associa ao princípio da prioridade absoluta, colacionado no artigo 4º do ECA e no artigo 227, CF. "Com a positivação desse princípio tem-se também a positivação da proteção integral, que se opõe à antiga e superada doutrina da situação irregular, que era prevista no antigo Código de Menores e especificava que sua incidência se restringia aos menores em situação irregular, apresentando um conjunto de normas destinadas ao tratamento e prevenção dessas situações"[58].

58 DEZEM, Guilherme Madeira; AGUIRRE, João Ricardo Brandão; FULLER, Paulo Henrique Aranda. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009. (Coleção Elementos do Direito)

Basicamente, tinha-se na doutrina da situação irregular que era necessário disciplinar um estatuto jurídico da criança e do adolescente que apenas abordasse situações em que ele estivesse irregular, seja por uma desproteção, como no caso de abandono, ou pela violação da lei, como nos casos de atos infracionais.

Entretanto, o direito evoluiu e passou a contemplar uma noção de proteção mais ampla da criança e do adolescente, que não apenas abordasse situações de irregularidade (embora ainda o fizesse), mas que abrangesse todo o arcabouço jurídico protetivo da criança e do adolescente.

*Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa **até doze anos de idade incompletos**, e adolescente aquela **entre doze e dezoito anos de idade**.*

*Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre **dezoito e vinte e um anos de idade**.*

O Estatuto da Criança e do Adolescente opta por categorizar separadamente estas duas categorias de menores. Criança é aquele que tem até 12 anos de idade (na data de aniversário de 12 anos, passa a ser adolescente), adolescente é aquele que tem entre 12 e 18 anos (na data de aniversário de 18 anos, passa a ser maior). Em situações excepcionais o ECA se aplica ao maior de 18 anos, até os 21 anos de idade, por exemplo, no caso do menor infrator sujeito a internação em fundação CASA que tenha 17 anos e 11 meses na data do ato infracional poderá ficar detido até o limite de seus 20 anos e 11 meses (eis que 3 anos é o tempo máximo de internação).

*Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os **direitos fundamentais inerentes à pessoa humana**, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, **todas as oportunidades e facilidades**, a fim de lhes facultar o **desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social**, em condições de **liberdade** e de **dignidade**.*

*Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a **todas as crianças e adolescentes**, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem.*

O artigo 3º volta-se à concretização dos direitos da criança e do adolescente. Concretização significa viabilização prática, consecução real dos fins que a lei descreve. Como se percebe pela leitura até o momento, o legislador brasileiro preocupou-se em elaborar uma legislação cujo objetivo é concretizar estes direitos da criança e do adolescente. Entretanto, a lei é apenas uma carta de intenções. É necessário colocar seu conteúdo em prática, porque sozinha ela nada faz.

A implementação na prática dos direitos da criança e do adolescente depende da adoção de posturas por parte de todos aqueles colocados como responsáveis para tanto: Estado, sociedade, comunidade e família. Especificamente no que se refere ao Estado, mostra-se essencial que ele desenvolve políticas públicas adequadas em respeito à peculiar condição do infante.

NOVA CONCURSOS

"O Direito da Criança e do Adolescente deve ter condições suficientemente próprias de promoção e concretização de direitos. Para isso deve-se desvencilhar do dogmatismo e do mero positivismo jurídico acrítico. O Direito da Criança e do Adolescente enquanto ramo autônomo do direito é responsável por ressignificar a atuação estatal, principalmente no campo das políticas públicas e impõe corresponsabilidades compartilhadas"[59].

Vale ressaltar que às crianças e aos adolescentes são garantidos os mesmos direitos fundamentais que aos adultos, entretanto, o ECA aprofunda alguns direitos fundamentais em espécie, abordando-os na vertente da condição especial dos que pertencem a este grupo.

As crianças e adolescentes gozam de igualdade de direitos em relação às demais pessoas, podendo usufruir de todos eles. O próprio estatuto contempla em seu título II os direitos fundamentais da criança e do adolescente, entre eles incluindo-se: vida, saúde, liberdade, respeito, dignidade, convivência familiar e comunitária, educação, cultura, esporte, lazer, profissionalização e proteção no trabalho. Não se trata de rol taxativo de direitos fundamentais garantidos à criança e ao adolescente, eis que ele possui todos os direitos humanos e fundamentais que as demais pessoas. O título II do ECA tem por objetivo aprofundar especificidades acerca de algumas das categorias de direitos fundamentais assegurados à criança e ao adolescente.

Deste artigo 3º do ECA é possível, ainda, extrair o destaque ao princípio da igualdade, no sentido de que há plena igualdade na garantia de direitos entre todas as crianças e adolescentes, não sendo permitido qualquer tipo de discriminação.

A leitura dos artigos 4º e 5º, em conjunto com outros dispositivos do ECA, por sua vez, permite detectar a presença de um **tríplice sistema de garantias**.

Assim, o Estatuto da Criança e do Adolescente adota uma estrutura que contempla três sistemas de garantia – primário, secundário e terciário.

a) Sistema primário – artigos 4º e 87, ECA – aborda políticas públicas de atendimento de crianças e adolescentes.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público *assegurar, com* ***absoluta prioridade****, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.*

Parágrafo único. A ***garantia de prioridade*** *compreende:*

a) ***primazia de receber proteção e socorro*** *em quaisquer circunstâncias;*

b) ***precedência de atendimento*** *nos serviços públicos ou de relevância pública;*

c) ***preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas****;*

d) ***destinação privilegiada de recursos*** públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

59 http://t.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=2236

O artigo 4º do ECA colaciona em seu *caput* teor idêntico ao do *caput* do artigo 227, CF, onde se encontra uma das principais diretrizes do direito da criança e do adolescente que é o princípio da prioridade absoluta. Significa que cada criança e adolescente deve receber tratamento especial do Estado e ser priorizado em suas políticas públicas, pois são o futuro do país e as bases de construção da sociedade.

Explica Liberati[60]: "Por absoluta prioridade, devemos entender que a criança e o adolescente deverão estar em primeiro lugar na escala de preocupação dos governantes; devemos entender que, primeiro, devem ser atendidas todas as necessidades das crianças e adolescentes [...]. Por absoluta prioridade, entende-se que, na área administrativa, enquanto não existirem creches, escolas, postos de saúde, atendimento preventivo e emergencial às gestantes dignas moradias e trabalho, não se deveria asfaltar ruas, construir praças, sambódromos monumentos artísticos etc., porque a vida, a saúde, o lar, a prevenção de doenças são importantes que as obras de concreto que ficam par a demonstrar o poder do governante".

O parágrafo único do artigo 4º especifica a abrangência da absoluta prioridade, esclarecendo que é necessário conferir atendimento prioritário às crianças e aos adolescentes diante de situações de perigo e risco (como no salvamento em incêndios e enchentes, etc.), bem como nos serviços públicos em geral (chegada aos hospitais, por exemplo). Além disso, devem ser priorizadas políticas públicas que favoreçam a criança e o adolescente e também devem ser reservados recursos próprios prioritariamente a eles.

Art. 87. São ***linhas de ação da política de atendimento****:*

I - ***políticas sociais*** básicas;

II - ***serviços, programas, projetos e benefícios*** *de assistência social de garantia de proteção social e de prevenção e redução de violações de direitos, seus agravamentos ou reincidências;*

III - ***serviços especiais de prevenção e atendimento médico*** *e psicossocial às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;*

IV - ***serviço de identificação e localização*** *de pais, responsável, crianças e adolescentes desaparecidos;*

V - ***proteção jurídico-social*** *por entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente.*

VI - ***políticas e programas*** *destinados a* ***prevenir ou abreviar o período de afastamento do convívio familiar*** *e a* ***garantir o efetivo exercício do direito à convivência*** *familiar de crianças e adolescentes;*

VII - ***campanhas de estímulo ao acolhimento*** *sob forma de guarda de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar e à adoção, especificamente inter-racial, de crianças maiores ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos.*

O artigo 87 descreve linhas de ação na política de atendimento, que compõem a delimitação do princípio da prioridade absoluta na vertente da priorização na adoção de políticas públicas e na delimitação de recursos financeiros para execução de tais políticas.

60 LIBERATI, Wilson Donizeti. **O Estatuto da Criança e do Adolescente**: Comentários. São Paulo: IBPS.

b) Sistema secundário – artigos 98 e 101, ECA – aborda as medidas de proteção destinadas à criança e ao adolescente em situação de risco pessoal ou social.

Obs.: as medidas de proteção são estudadas adiante neste material.

c) Sistema terciário – artigo 112, ECA – aborda as medidas socioeducativas, destinadas à responsabilização penal do adolescente infrator, isto é, àquele entre 12 e 18 anos que comete atos infracionais.

Obs.: as medidas socioeducativas são estudadas adiante neste material.

O sistema tríplice deve operar de forma harmônica, com o acionamento gradual de cada um deles. Nas situações em que a criança ou adolescente escape ao sistema primário de prevenção, ou seja, nos casos de ineficácia das políticas públicas específicas, deve ser acionado o sistema secundário, operado predominantemente pelo Conselho Tutelas. Por sua vez, em casos extremos, é necessário partir para a adoção de medidas socioeducativas, operadas predominantemente pelo Ministério Público e pelo Judiciário.

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será ***objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão****, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.*

O artigo 5º ressalta o verdadeiro objetivo geral do ECA: proteger a criança de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Neste sentido, coloca-se a possibilidade de responsabilização de todos que atentarem contra esse propósito. A responsabilização poderá se dar em qualquer uma das três esferas, isolada ou cumulativamente: penal, respondendo por crimes e contravenções penais todo aquele que praticá-lo contra criança e adolescente, bem como respondendo por atos infracionais as crianças e adolescentes que atentarem um contra o outro; civil, estabelecendo-se o dever de indenizar por danos causados a crianças e a adolescentes, que se estende a toda e qualquer pessoa física ou jurídica que o faça, inclusive o próprio Estado; e administrativa, impondo-se penas disciplinares a funcionários sujeitos a regime jurídico administrativo em trabalhos privados ou em cargos, empregos e funções públicos.

Art. 6º Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os ***fins sociais a que ela se dirige****, as exigências do* ***bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos****, e a* ***condição peculiar*** *da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento.*

É pacífico que o processo de interpretação hoje faz parte do Direito, principalmente se considerada a constante evolução da sociedade, demandando diariamente por novos modos de aplicação das normas. Como a sociedade é dinâmica e o Direito existe para servi-la, cabe a ele adequar-se às novas exigências sociais, aplicando-se da maneira mais justa à vasta gama de casos concretos. Sobre a interpretação, explica Gonçalves[61]: "Quando o fato é típico e se enquadra perfeitamente no conceito abstrato da norma, dá-se o fenômeno da subsunção. Há casos, no entanto, em que tal enquadramento não ocorre, não encontrando o juiz nenhuma norma aplicável à hipótese *sub judice*. Deve, então, proceder à integração normativa, mediante o emprego da analogia, dos costumes e dos princípios gerais do direito. [...] Para verificar se a norma é aplicável ao caso em julgamento (subsunção) ou se deve proceder à integração normativa, o juiz procura descobrir o sentido da norma, interpretando-a. Interpretar é descobrir o sentido e o alcance da norma jurídica".

A hermenêutica possui 3 categorias de métodos. Quanto às fontes ou origem, a interpretação pode ser autêntica ou legislativa, jurisprudencial ou judicial e doutrinária. Quanto aos meios, pode ser gramatical ou literal, examinando o texto normativo linguísticamente; lógica ou racional, apurando o sentido e a finalidade da norma; sistemática, analisando a lei de maneira comparativa com outras leis pertencentes à mesma província do Direito (livro, título, capítulo, seção, parágrafo); histórica, baseando-se na verificação dos antecedentes do processo legislativo; **sociológica, adaptando o sentido ou finalidade da norma às novas exigências sociais** (artigo 5°, LINDB). Quanto aos resultados pode ser declarativa, quando o texto legal corresponde ao pensamento do legislador; extensiva ou ampliativa, quando o alcance da lei é mais amplo que o indicado pelo seu texto; e restritiva, na qual se limita o campo de aplicação da lei. Nenhum destes métodos se opera isoladamente[62].

O artigo 6º do ECA, tal como o artigo 5º da LINDB, expressa o método de interpretação sociológico, chamando atenção à interpretação da lei levando em conta os seus fins sociais, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e vai além: exige que se leve em conta a **condição peculiar** da criança e do adolescente. Logo, ao se interpretar o ECA não se pode nunca perder de vista que o seu objeto material, a criança e o adolescente, é extremamente peculiar, dotado de especificidades as quais sempre se deve atentar.

Título II
Dos Direitos Fundamentais

Capítulo I
Do Direito à Vida e à Saúde

Art. 7º A criança e o adolescente têm direito a ***proteção à vida e à saúde****, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam* ***o nascimento e o desenvolvimento*** *sadio e harmonioso, em* ***condições dignas*** *de existência.*

Art. 8º É assegurado a todas as mulheres o ***acesso aos programas e às políticas de saúde da mulher e de planejamento reprodutivo*** *e, às* ***gestantes****, nutrição adequada, atenção humanizada à gravidez,* ***ao parto e ao puerpério*** *e* ***atendimento pré-natal****, perinatal e pós-natal integral no âmbito do Sistema Único de Saúde.*

61 GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito Civil Brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2011, v. 1.

62 Ibid.

§ 1º O *atendimento pré-natal será realizado por profissionais da atenção primária.*

§ 2º Os *profissionais de saúde de referência da gestante garantirão sua vinculação, no último trimestre da gestação, ao estabelecimento em que será realizado o parto, garantido o direito de opção da mulher.*

§ 3º Os *serviços de saúde onde o parto for realizado assegurarão às mulheres e aos seus filhos recém-nascidos alta hospitalar responsável e contrarreferência na atenção primária, bem como o acesso a outros serviços e a grupos de apoio à amamentação.*

§ 4º Incumbe *ao poder público proporcionar assistência psicológica à gestante e à mãe, no período pré e pós-natal, inclusive como forma de prevenir ou minorar as consequências do estado puerperal.*

§ 5º A *assistência referida no § 4º deste artigo deverá ser prestada também a gestantes e mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção, bem como a gestantes e mães que se encontrem em situação de privação de liberdade.*

§ 6º A *gestante e a parturiente têm direito a 1 (um) acompanhante de sua preferência durante o período do pré-natal, do trabalho de parto e do pós-parto imediato.*

§ 7º A *gestante deverá receber orientação sobre aleitamento materno, alimentação complementar saudável e crescimento e desenvolvimento infantil, bem como sobre formas de favorecer a criação de vínculos afetivos e de estimular o desenvolvimento integral da criança.*

§ 8º A *gestante tem direito a acompanhamento saudável durante toda a gestação e a parto natural cuidadoso, estabelecendo-se a aplicação de cesariana e outras intervenções cirúrgicas por motivos médicos.*

§ 9º A *atenção primária à saúde fará a busca ativa da gestante que não iniciar ou que abandonar as consultas de pré-natal, bem como da puérpera que não comparecer às consultas pós-parto.*

§ 10. Incumbe ao poder público garantir, à gestante e à mulher com filho na primeira infância que se encontrem sob custódia em unidade de privação de liberdade, ambiência que atenda às normas sanitárias e assistenciais do Sistema Único de Saúde para o acolhimento do filho, em articulação com o sistema de ensino competente, visando ao desenvolvimento integral da criança.

Art. 9º O poder público, as instituições e os empregadores propiciarão ***condições adequadas ao aleitamento materno, inclusive aos filhos de mães submetidas a medida privativa de liberdade****.*

§ 1º Os *profissionais das unidades primárias de saúde desenvolverão ações sistemáticas, individuais ou coletivas, visando ao planejamento, à implementação e à avaliação de ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno e à alimentação complementar saudável, de forma contínua.*

§ 2º Os *serviços de unidades de terapia intensiva neonatal deverão dispor de banco de leite humano ou unidade de coleta de leite humano.*

Art. 10. Os ***hospitais*** *e demais estabelecimentos de atenção à saúde de gestantes, públicos e particulares, são obrigados a:*

I - manter ***registro*** *das atividades desenvolvidas, através de prontuários individuais, pelo prazo de dezoito anos;*

II - ***identificar o recém-nascido*** *mediante o registro de sua impressão plantar e digital e da impressão digital da mãe, sem prejuízo de outras formas normatizadas pela autoridade administrativa competente;*

III - proceder a ***exames*** *visando ao diagnóstico e terapêutica de anormalidades no metabolismo do recém-nascido, bem como prestar orientação aos pais;*

IV - fornecer ***declaração de nascimento*** *onde constem necessariamente as intercorrências do parto e do desenvolvimento do neonato;*

V - manter ***alojamento*** *conjunto, possibilitando ao neonato a permanência junto à mãe.*

VI - ***acompanhar*** a prática do processo de amamentação*, prestando orientações quanto à técnica adequada, enquanto a mãe permanecer na unidade hospitalar, utilizando o corpo técnico já existente.*

Art. 11. É assegurado ***acesso integral às linhas de cuidado voltadas à saúde da criança e do adolescente****, por intermédio do* ***Sistema Único de Saúde****, observado o princípio da* ***equidade*** *no acesso a ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde.*

§ 1º A *criança e o adolescente com deficiência serão* ***atendidos, sem discriminação ou segregação****, em suas necessidades gerais de saúde e específicas de habilitação e reabilitação.*

§ 2º Incumbe *ao poder público fornecer gratuitamente, àqueles que necessitarem,* ***medicamentos, órteses, próteses e outras tecnologias assistivas*** *relativas ao tratamento, habilitação ou reabilitação para crianças e adolescentes, de acordo com as linhas de cuidado voltadas às suas necessidades específicas.*

§ 3º Os *profissionais que atuam no cuidado diário ou frequente de crianças na primeira infância receberão formação específica e permanente para a detecção de sinais de risco para o desenvolvimento psíquico, bem como para o acompanhamento que se fizer necessário.*

Art. 12. Os ***estabelecimentos*** *de atendimento à saúde, inclusive as unidades neonatais, de terapia intensiva e de cuidados intermediários, deverão proporcionar* ***condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável****, nos casos de internação de criança ou adolescente.*

Art. 13. Os casos de ***suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos*** *contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente* ***comunicados ao Conselho Tutelar*** *da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.*

§ 1º As *gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção serão obrigatoriamente* ***encaminhadas****, sem constrangimento, à Justiça da Infância e da Juventude.*

§ 2º Os serviços de saúde em suas diferentes portas de entrada, os serviços de assistência social em seu componente especializado, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (*Creas) e os demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente deverão conferir máxima prioridade ao atendimento das crianças na faixa etária da primeira infância com suspeita ou confirmação de violência de qualquer natureza, formulando projeto terapêutico singular que inclua intervenção em rede e, se necessário, acompanhamento domiciliar.*

Art. 14. O Sistema Único de Saúde promoverá ***programas de assistência médica e odontológica para a prevenção*** *das enfermidades que ordinariamente afetam a população infantil, e campanhas de educação sanitária para pais, educadores e alunos.*

§ 1º É obrigatória a ***vacinação*** *das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias.*

§ 2º O Sistema Único de Saúde promoverá a atenção à ***saúde bucal*** *das crianças e das gestantes, de forma transversal, integral e intersetorial com as demais linhas de cuidado direcionadas à mulher e à criança.*

§ 3º A atenção ***odontológica*** *à criança terá* ***função educativa*** *protetiva e será prestada, inicialmente, antes de o bebê nascer, por meio de aconselhamento pré-natal, e, posteriormente, no sexto e no décimo segundo anos de vida, com orientações sobre saúde bucal.*

§ 4º A criança com necessidade de cuidados odontológicos especiais será atendida pelo Sistema Único de Saúde.

§ 5º É obrigatória a aplicação a todas as crianças, nos seus primeiros dezoito meses de vida, de protocolo ou outro instrumento construído com a finalidade de facilitar a detecção, em consulta pediátrica de acompanhamento da criança, de risco para o seu desenvolvimento psíquico.

Capítulo II
Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade

Art. 15. A criança e o adolescente ***têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade*** *como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.*

Entre os direitos fundamentais garantidos à criança e ao adolescente que são especificados e aprofundados no ECA estão os direitos à liberdade, ao respeito e à dignidade.

Art. 16. O direito à ***liberdade*** *compreende os seguintes aspectos:*

I - ***ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários****, ressalvadas as restrições legais;*

II - ***opinião e expressão****;*

III - ***crença e culto religioso****;*

IV - ***brincar****, praticar* ***esportes*** *e* ***divertir-se****;*

V - ***participar da vida familiar e comunitária****, sem discriminação;*

VI - ***participar da vida política****, na forma da lei;*

VII - buscar ***refúgio, auxílio e orientação****.*

O artigo 16 aborda diversas facetas do direito de liberdade: locomoção, opinião e expressão, religiosa e política. Cria, ainda, duas facetes específicas deste direito: liberdade para brincar e divertir-se e liberdade para buscar refúgio, auxílio e orientação, processos estes essenciais para o desenvolvimento do infante.

Art. 17. O direito ao respeito consiste ***na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente****, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.*

Art. 18. É dever de todos ***velar pela dignidade da criança e do adolescente****, pondo-os a* ***salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.***

Os direitos ao respeito e à dignidade abrangem a proteção da criança e do adolescente em todas facetas de sua integridade: física, psíquica e moral.

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser ***educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante****, como formas de* ***correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto****, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los.*

Parágrafo único. Para os fins desta Lei, considera-se:

I - ***castigo*** físico: ação de natureza disciplinar ou punitiva aplicada com o uso da força física sobre a criança ou o adolescente que resulte em:

a) sofrimento físico; ou

b) lesão;

II - ***tratamento cruel ou degradante****: conduta ou forma cruel de tratamento em relação à criança ou ao adolescente que:*

a) ***humilhe****; ou*

b) ***ameace*** *gravemente; ou*

c) ***ridicularize****.*

Art. 18-B. Os pais, os integrantes da família ampliada, os responsáveis, os agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou ***qualquer pessoa encarregada de cuidar de crianças e de adolescentes****, tratá-los, educá-los ou protegê-los que utilizarem castigo físico ou tratamento cruel ou degradante como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto estarão* ***sujeitos****, sem prejuízo de* ***outras sanções*** *cabíveis, às seguintes* ***medidas****, que serão aplicadas de acordo com a gravidade do caso:*

I - encaminhamento a ***programa oficial ou comunitário de proteção à família****;*

II - encaminhamento a ***tratamento psicológico ou psiquiátrico****;*

III - encaminhamento a ***cursos ou programas de orientação****;*

IV - obrigação de ***encaminhar a criança a tratamento especializado****;*

V - ***advertência****.*

*Parágrafo único. As medidas previstas neste artigo serão aplicadas pelo **Conselho Tutelar**, sem prejuízo de outras providências legais.*

Os artigos 18-A e 18-B foram incluídos no ECA pela Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014, que estabelece o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante. Também ficou conhecida como "Lei do Menino Bernardo"[63] e "Lei da Palmada".

Em que pesem as aparentes boas intenções da lei no sentido de evitar situações extremas como a do menino Bernardo, assassinado após incontáveis ameaças e agressões físicas por parte de seus responsáveis, seu conteúdo é bastante criticado. Afinal, é claro que a lei coloca todo e qualquer tipo de agressão física no mesmo patamar. Considerado o teor da lei, mesmo uma palmada numa criança é proibida.

Os críticos da "Lei da Palmada" apontam que ela adota uma posição extrema e impõe uma indevida intervenção do Estado nos ambientes familiares, retirando o poder disciplinar garantido aos pais na educação de seus filhos.

Os defensores da "Lei da Palmada" utilizam estudos de psicólogos e educadores para argumentar que não é necessário utilizar qualquer tipo de agressão física, mesmo a mais leve, para educar uma criança.

Capítulo III
Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária

Seção I
Disposições Gerais

Quando se aborda o direito à convivência familiar e comunitária no ECA confere-se destaque à distinção entre família natural e substituta e aos procedimentos que caracterizam a inserção e a retirada da criança e do adolescente destes ambientes.

*Art. 19. É **direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta**, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral.*

§ 1º *Toda criança ou adolescente que estiver inserido em **programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada**, no máximo, a **cada 3 (três) meses**, devendo a autoridade judiciária competente, com base em **relatório elaborado por equipe interprofissional ou multidisciplinar**, decidir de forma fundamentada pela possibilidade de **reintegração familiar ou pela colocação em família substituta**, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei.*

§ 2º *A permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional **não se prolongará por mais de 18 (dezoito meses)**, salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária.*

§ 3º A ***manutenção ou a reintegração de criança ou adolescente à sua família terá preferência em relação a qualquer outra providência**, caso em que será esta incluída em serviços e programas de proteção, apoio e promoção, nos termos do § 1o do art. 23, dos incisos I e IV do caput do art. 101 e dos incisos I a IV do caput do art. 129 desta Lei.*

§ 4º Será ***garantida a convivência da criança e do adolescente com a mãe ou o pai privado de liberdade**, por meio de visitas periódicas promovidas pelo responsável ou, nas hipóteses de acolhimento institucional, pela entidade responsável, independentemente de autorização judicial.*

§ 5º *Será **garantida a convivência integral da criança com a mãe adolescente que estiver em acolhimento institucional.***

§ 6º *A mãe adolescente será **assistida por equipe especializada multidisciplinar**.*

Como se depreende do artigo 19, a família natural é a regra e a família substituta é a exceção. A criança e o adolescente podem ser inseridos em programa de acolhimento familiar ou institucional, pelo limite temporal de 18 meses, cujo caráter é o de permitir a sua retirada de potencial ou efetiva situação de risco. Durante este programa, reavaliado a cada 3 meses, se verificará se é possível a reinserção no ambiente da família natural (o que é preferencial) ou se é o caso de colocação definitiva em família substituta.

*Art. 19-A. A **gestante ou mãe que manifeste interesse em entregar seu filho para adoção, antes ou logo após o nascimento**, será **encaminhada à Justiça da Infância e da Juventude**.*

§ 1º *A gestante ou mãe será **ouvida pela equipe interprofissional** da Justiça da Infância e da Juventude, que apresentará **relatório à autoridade judiciária**, considerando inclusive os eventuais efeitos do estado gestacional e puerperal.*

§ 2º *De posse do relatório, a **autoridade judiciária poderá determinar o encaminhamento da gestante ou mãe**, mediante sua expressa concordância,* à rede pública de saúde e assistência social para atendimento especializado.

§ 3º *A **busca à família extensa**, conforme definida nos termos do parágrafo único do art. 25 desta Lei, respeitará o **prazo máximo de 90 (noventa) dias, prorrogável por igual período**.*

§ 4º *Na hipótese de **não haver a indicação do genitor e de não existir outro representante da família extensa apto a receber a guarda**, a autoridade judiciária competente deverá decretar a **extinção do poder familiar e determinar a colocação da criança sob a guarda provisória de quem estiver habilitado a adotá-la ou de entidade** que desenvolva programa de acolhimento familiar ou institucional.*

63 O nome da lei é uma homenagem ao menino Bernardo Boldrini, morto em abril de 2014, aos 11 anos, em Três Passos (RS). Os acusados são o pai e a madrasta do menino, com ajuda de uma amiga e do irmão dela. Segundo as investigações, Bernardo procurou ajuda para denunciar as ameaças que sofria.

§ 5º *Após o nascimento da criança,* ***a vontade da mãe ou de ambos os genitores****, se houver pai registral ou pai indicado, deve ser* ***manifestada na audiência*** *a que se refere o § 1º do art. 166 desta Lei, garantido o sigilo sobre a entrega.*

§ 6º *(VETADO).*

§ 7º *Os* ***detentores da guarda possuem o prazo de 15 (quinze) dias para propor a ação de adoção****, contado do dia seguinte à data do término do estágio de convivência.*

§ 8º *Na hipótese de* ***desistência pelos genitores*** *- manifestada em audiência ou perante a equipe interprofissional -* ***da entrega da criança após o nascimento****, a criança será mantida com os genitores, e será determinado pela Justiça da Infância e da Juventude o* ***acompanhamento familiar*** *pelo prazo de 180 (cento e oitenta) dias.*

§ 9º *É garantido à mãe o* ***direito ao sigilo sobre o nascimento****, respeitado o disposto no art. 48 desta Lei.*

§ 10. (VETADO).

O artigo 19-A trata do procedimento aplicável nos casos em que a família biológica pretenda entregar recém-nascido para adoção, assegurando-se o acompanhamento por equipe multidisciplinar e também a tomada de providências de busca de pessoa da família extensa apta a assumir o encargo.

Art. 19-B. A criança e o adolescente em programa de acolhimento institucional ou familiar poderão participar de ***programa de apadrinhamento.***

§ 1º *O apadrinhamento consiste em estabelecer e proporcionar à criança e ao adolescente* ***vínculos externos à instituição para fins de convivência familiar e comunitária e colaboração com o seu desenvolvimento*** *nos aspectos social, moral, físico, cognitivo, educacional e financeiro.*

§ 2º *(VETADO).*

§ 3º ***Pessoas jurídicas podem apadrinhar*** *criança ou adolescente a fim de colaborar para o seu desenvolvimento.*

§ 4º *O* ***perfil*** *da criança ou do adolescente a ser apadrinhado será* ***definido no âmbito de cada programa de apadrinhamento****, com* ***prioridade*** *para crianças ou adolescentes com* ***remota possibilidade de reinserção*** *familiar ou colocação em família adotiva.*

§ 5º *Os programas ou serviços de apadrinhamento apoiados pela Justiça da Infância e da Juventude poderão ser* ***executados por órgãos públicos ou por organizações da sociedade civil.***

§ 6º *Se ocorrer* ***violação das regras de apadrinhamento****, os responsáveis pelo programa e pelos serviços de acolhimento deverão imediatamente* ***notificar a autoridade judiciária competente.***

Os programas de apadrinhamento visam permitir a convivência comunitária da criança e do adolescente que estão no sistema de adoção, especialmente com relação àqueles que dificilmente sairão dele.

Art. 20. ***Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação****.*

O artigo 20 destaca a igualdade entre todos os filhos, sejam eles havidos dentro ou fora do casamento, sejam eles inseridos em família natural ou substituta.

A disciplina sobre a perda e suspensão do poder de família no ECA se encontra em dois blocos, o primeiro do artigo 21 ao 24, que aborda questões materiais, e o segundo do artigo 155 a 163, que foca em questões procedimentais:

Art. 21. O ***poder familiar será exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe****, na forma do que dispuser a legislação civil, assegurado a qualquer deles o direito de, em caso de discordância, recorrer à* ***autoridade judiciária*** *competente para a* ***solução da divergência****.*

Art. 22. Aos pais incumbe o ***dever de sustento, guarda e educação*** *dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais.*

Parágrafo único. A mãe e o pai, ou os responsáveis, têm ***direitos iguais e deveres e responsabilidades compartilhados*** *no cuidado e na educação da criança, devendo ser resguardado o direito de transmissão familiar de suas crenças e culturas, assegurados os direitos da criança estabelecidos nesta Lei.*

Art. 23. A ***falta ou a carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do poder familiar****.*

§ 1º Não *existindo outro motivo que por si só autorize a decretação da medida, a criança ou o adolescente será mantido em sua família de origem, a qual deverá obrigatoriamente ser incluída em* ***serviços e programas oficiais de proteção, apoio e promoção****.*

§2º A ***condenação criminal*** *do pai ou da mãe* ***não implicará a destituição*** *do poder familiar, exceto na hipótese de condenação por* ***crime doloso, sujeito à pena de reclusão, contra o próprio filho ou filha****.*

Art. 24. A perda e a suspensão do poder familiar serão ***decretadas judicialmente****, em procedimento contraditório, nos casos previstos na legislação civil, bem como na hipótese de descumprimento injustificado dos deveres e obrigações a que alude o art. 22.*

O instituto do poder familiar surgiu no direito romano e era conhecido naquela época como pátrio poder, pois o pai exercia mais poderes sobre os filhos do que a mãe, o que vinha a representar um poder absoluto por parte do genitor, inclusive sobre a vida e a morte dos próprios filhos[64].

O Código Civil de 1916 atribuiu o poder familiar ao pai, que era considerado o chefe da sociedade conjugal, e a mãe possuía um papel secundário, conforme apontava o artigo 380 do Código Civil de 1916 que dizia que "durante o casamento compete o pátrio poder aos pais, exercendo-o o marido com a colaboração da mulher [...]".

64 AKEL, Ana Carolina Silveira. **Guarda Compartilhada**: um Avanço para a Família. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

De acordo com Santos Neto[65]: "[...] o exercício da autoridade parental pela mãe era admitido apenas em caráter excepcional. Ao homem era dada, em condições normais, a titularidade exclusiva do direito em pauta. Sua vontade prevalecia e contra ela não havia remédio previsto, salvo, é claro, no caso de comportamento abusivo e contrário aos interesses dos menores".

O Código Civil de 2002, por seu turno, seguindo a toada da Constituição Federal de 1988, trouxe significativas modificações ao instituto em análise, surgindo então o chamado *poder familiar*, onde ambos os pais exercem de forma igualitária o poder sobre os filhos menores, equilibrando dessa forma a relação familiar.

O artigo 1.630 do atual Código Civil, sem definir o poder familiar, dispõe que "os filhos estão sujeitos ao poder familiar enquanto menores", ou seja, enquanto não completarem dezoito anos ou não alcançarem a maioridade civil por meio de uma das formas previstas no artigo 5º, parágrafo único e seus incisos, do mesmo diploma legal. No mesmo sentido, o citado artigo 21, ECA.

O poder familiar, conhecido também como autoridade parental, é um conjunto de direitos e deveres que são atribuídos aos pais para que esses administrem de forma legal a pessoa dos filhos e também de seus bens.

"O poder familiar pode ser definido como um conjunto de direitos e obrigações, quanto às pessoas e bens do filho menor não emancipado, exercido, em igualdade de condições, por ambos os pais, para que possam desempenhar os encargos que a norma jurídica lhes impõe, tendo em vista o interesse e a proteção do filho"[66].

Artigo 1.634, CC. Compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores:

I – dirigir-lhes a criação e educação;

II – tê-los em sua companhia e guarda;

III – conceder-lhes ou negar-lhes consentimento para casarem;

IV – nomear-lhes tutor por testamento ou documento autêntico, se o outro dos pais não lhe sobreviver, ou o sobrevivo não puder exercer o poder familiar;

V – representá-los, até aos dezesseis anos, nos atos da vida civil, e assisti-los, após essa idade, nos atos em que forem partes, suprindo-lhes o consentimento;

VI – reclamá-los de quem ilegalmente os detenha;

VII – exigir que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição.

Em relação às suas características, o poder familiar é indisponível e decorre da paternidade natural ou legal, por isso, não há a possibilidade de seu titular o transferir a terceiros por iniciativa própria, tampouco existindo a viabilidade de ocorrer a sua prescrição pelo desuso. O poder familiar é indelegável, sendo, em regra, irrenunciável e sempre intransferível. Logo, não sendo possível ao titular do poder familiar abrir mão de seu dever, a renúncia é inviável, existindo apenas uma exceção, qual seja, a decorrente da adoção.

Existe apenas uma exceção, que é o caso do pedido de colocação do menor em família substituta, disponibilizando o filho para a adoção, caso em que os direitos e deveres decorrentes do poder familiar serão exercidos por novos titulares, ou seja, pelos pais adotivos.

A esse respeito, os direitos e deveres dos pais dispostos nos artigos 1.630 a 1.638 do Código Civil regulam, dentre os deveres e poderes decorrentes do poder familiar, também os de ordem pessoal, ou seja, o cuidado existencial do menor, a educação, a correição, e os de ordem material, que envolvem a administração dos bens dos filhos. Os principais atributos do poder familiar são a guarda, a criação e a educação, que se refletem nos deveres dos pais para com os filhos; tanto que, não cumprindo algum desses atributos, o detentor do poder poderá sofrer sanções cíveis e até criminais.

O poder familiar, conforme disposição do próprio ordenamento civil, não é um instituto irrevogável e pode ser extinto, suspenso ou destituído a qualquer tempo. Basicamente, as formas de extinção se aplicam quando o exercício do poder familiar não é mais necessário; ao passo que as regras de perda e suspensão constituem casos de privação do exercício do poder familiar pelo descumprimento de seus deveres.

Sendo assim, o Estado poderá interferir na relação familiar, com o objetivo de resguardar os interesses do menor, sendo que a lei disciplina os casos em que o titular do poder familiar ficará privado de exercê-lo, seja de forma temporária ou até mesmo definitiva.

Artigo 1.637, CC. Se o pai, ou a mãe, abusar de sua autoridade, faltando aos deveres a eles inerentes ou arruinando os bens dos filhos, cabe ao juiz, requerendo algum parente, ou o Ministério Público, adotar a medida que lhe pareça reclamada pela segurança do menor e seus haveres, até suspendendo o poder familiar, quando convenha.

Parágrafo único. Suspende-se igualmente o exercício do poder familiar ao pai ou à mãe condenados por sentença irrecorrível, em virtude de crime cuja pena exceda a dois anos de prisão.

Nestes casos, a suspensão não será definitiva, é apenas uma sanção imposta pelo Poder Judiciário visando preservar os interesses dos filhos, assim, diante da comprovação de que os problemas que levaram à suspensão desapareceram, o poder familiar poderá retornar aos genitores.

Assim sendo, os pais podem ser suspensos de exercer os direitos e deveres decorrentes do poder familiar quando ficar evidenciado perante a autoridade competente o abuso. Como visto, existe, também, a probabilidade de se decretar a suspensão do poder familiar, caso um dos pais seja condenado por crime cuja pena exceda a dois anos de prisão.

65 SANTOS NETO, José Antônio de Paula. **Do Pátrio Poder**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1994.

66 DINIZ, Maria Helena. **Curso de Direito Civil Brasileiro**: Direito de Família. 22. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. v. 5.

Há, ainda, as hipóteses de perda ou destituição do poder familiar, que é a sanção mais grave imposta aos pais que faltarem com os deveres em relação aos filhos:

Artigo 1.638, CC. Perderá por ato judicial o poder familiar o pai ou a mãe que:
I – castigar imoderadamente o filho;
II – deixar o filho em abandono;
III – praticar atos contrários à moral e aos bons costumes;
IV – incidir, reiteradamente, nas faltas previstas no artigo antecedente.

Nessa linha de pensamento, os artigos 24 e 22 do Estatuto da Criança e do Adolescente, citados anteriormente, além de preverem a suspensão e destituição do poder familiar, trazem também os motivos que poderão acarretá-las.

São bastante frequentes nos casos de pais que perdem o poder familiar os atos de violência e espancamento; assim como o de abandono, no qual os menores, ao se verem abandonados, começam a relacionar-se com pessoas delinquentes e usuárias de drogas, que não vão colaborar em nada com seu desenvolvimento e crescimento. Nessas situações, os detentores do poder familiar podem sofrer a perda do poder familiar.

Cabe aqui consignar que, no caso da perda do poder familiar, se no decorrer do tempo o menor não vier a ser adotado por outra família e as causas que levaram a perda do poder desaparecerem, os genitores poderão requerer judicialmente a reintegração do poder familiar, desde que comprovem realmente que o motivo que os levou a perder esse poder já não existe mais.

Por seu turno, pelo que se verifica na análise da legislação, quando o legislador estabeleceu as hipóteses de extinção do poder familiar, em regra, o fez por perceber que a pessoa que a ele se encontrava sujeita adquiriu maturidade o suficiente para guiar a sua vida, não havendo razão para que permaneça tal vínculo. Há casos, entretanto, que a violação aos direitos inerentes ao poder familiar tornou irreversível o seu restabelecimento, como ocorre na adoção.

Artigo 1.635, CC. Extingue-se o poder familiar: I – pela morte dos pais ou do filho; II – pela emancipação, nos termos do artigo 5º, parágrafo único; III – pela maioridade; IV – pela adoção; V – por decisão judicial, na forma do artigo 1.638.

A extinção do poder familiar é mais complexa, pois nesta situação os pais, extintos do poder, não poderão requerer a reintegração do poder familiar se houve interferência deles para sua extinção. Na maioria dos casos, é possível identificar facilmente a existência da extinção do poder familiar, por se tratarem de hipóteses objetivas.

Seção II
Da Família Natural

Dos artigos 25 a 27 o ECA aborda a família natural, nos seguintes termos:

*Art. 25. Entende-se por família natural a **comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes**.*

*Parágrafo único. Entende-se por **família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal**, formada por **parentes próximos** com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade.*

A família natural é composta por pais e filhos que formam vínculo entre si desde o nascimento, por questão biológica.

O conceito de família pode ser visto de uma maneira mais ampla, o que se denomina família extensa ou ampliada. Por exemplo, avós e tios que sejam muito próximos e participem diretamente do convívio familiar, formando para com a criança e o adolescente vínculos de afinidade e afetividade.

*Art. 26. Os **filhos havidos fora do casamento** poderão ser **reconhecidos pelos pais**, conjunta ou separadamente, no próprio **termo de nascimento, por testamento, mediante escritura ou outro documento público**, qualquer que seja a origem da filiação.*

*Parágrafo único. O reconhecimento pode **preceder o nascimento** do filho ou **suceder-lhe ao falecimento**, se deixar descendentes.*

Como o artigo 20 estabelece a igualdade entre os filhos havidos dentro ou fora do casamento, sentido em que se compreende que tanto os filhos inseridos no matrimônio quanto os que não o estão fazem parte da família natural, o artigo 26 tece detalhes sobre a possibilidade de reconhecimento do vínculo de filiação, que pode se dar antes mesmo do nascimento do filho ou extrapolar a sua vida, devendo ser feito em documento público.

*Art. 27. O **reconhecimento do estado de filiação é direito personalíssimo, indisponível e imprescritível**, podendo ser exercitado contra os pais ou seus herdeiros, sem qualquer restrição, observado o segredo de Justiça.*

O direito à filiação é personalíssimo, indisponível e imprescritível. Mesmo que um filho passe a vida toda ou boa parte de sua vida sem buscar o seu reconhecimento, ele não se perde. Logo, a ação de investigação de paternidade é imprescritível, pois também o é o vínculo que ela reconhece em caso de procedência.

Seção III
Da Família Substituta

Subseção I
Disposições Gerais

Dos artigos 28 a 32 aborda-se a família substituta, nos seguintes termos:

*Art. 28. A **colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção**, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente, nos termos desta Lei.*

NOVA CONCURSOS

§ 1º ***Sempre que possível**, a criança ou o adolescente será previamente **ouvido por equipe interprofissional**, respeitado seu estágio de desenvolvimento e grau de compreensão sobre as implicações da medida, e terá sua opinião devidamente considerada.*

§ 2º Tratando-*se de **maior de 12 (doze) anos de idade**, será **necessário seu consentimento**, colhido em audiência.*

§ 3º Na *apreciação do pedido levar-se-á em conta o **grau de parentesco e a relação de afinidade ou de afetividade**, a fim de evitar ou minorar as consequências decorrentes da medida.*

§ 4º Os ***grupos de irmãos serão colocados sob adoção, tutela ou guarda da mesma família substituta**, ressalvada a comprovada existência de risco de abuso ou outra situação que justifique plenamente a **excepcionalidade de solução diversa**, procurando-se, em qualquer caso, evitar o rompimento definitivo dos vínculos fraternais.*

§ 5º A *colocação da criança ou adolescente em família substituta será precedida de sua **preparação gradativa e acompanhamento posterior**, realizados pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com o apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.*

§ 6º Em *se tratando de criança ou adolescente **indígena** ou proveniente de comunidade remanescente de **quilombo**, é ainda obrigatório:*

*I - que sejam consideradas e respeitadas sua **identidade social e cultural, os seus costumes e tradições**, bem como suas instituições, desde que não sejam incompatíveis com os direitos fundamentais reconhecidos por esta Lei e pela Constituição Federal;*

*II - que a colocação familiar ocorra **prioritariamente no seio de sua comunidade ou junto a membros da mesma etnia**;*

III - a intervenção e oitiva de representantes do órgão federal responsável pela política indigenista*, no caso de crianças e adolescentes indígenas, e de antropólogos, perante a equipe interprofissional ou multidisciplinar que irá acompanhar o caso.*

*Art. 29. Não se deferirá colocação em família substituta a pessoa que revele, por qualquer modo, **incompatibilidade com a natureza da medida ou não ofereça ambiente familiar adequado**.*

*Art. 30. A colocação em família substituta **não admitirá transferência da criança ou adolescente a terceiros ou a entidades governamentais ou não-governamentais, sem autorização judicial**.*

*Art. 31. A colocação em **família substituta estrangeira constitui medida excepcional**, somente admissível na modalidade de **adoção**.*

*Art. 32. Ao assumir **a guarda ou a tutela**, o responsável prestará compromisso de **bem e fielmente desempenhar o encargo**, mediante termo nos autos.*

Existem três formas de colocação em família substituta: guarda, tutela e adoção. Neste sentido, a criança é retirada da esfera do poder familiar de ambos os pais (o que pode acontecer na tutela e na adoção), ou então permanece vinculado ao poder familiar de ambos genitores enquanto apenas um ou um terceiro exerce a guarda (o que ocorre apenas na guarda). Trata-se de situação excepcional, eis que em regra a criança deve permanecer na família natural, vinculada ao poder familiar atribuído a ambos os pais.

Neste tipo de circunstância, deve-se buscar sempre ouvir a criança ou o adolescente. Caso já possua 12 anos completos, a oitiva é obrigatória. Trata-se de respeito à autonomia da criança e do adolescente.

Os irmãos devem permanecer unidos em qualquer circunstância, sendo a separação de irmãos medida excepcional. Por exemplo, se um casal estiver disposto a adotar 4 filhos e existirem 4 irmãos, será dada prioridade a ele, passando na frente dos demais candidatos à adoção.

Subseção II
Da Guarda

*Art. 33. A **guarda obriga a prestação de assistência material, moral e educacional à criança ou adolescente**, conferindo a seu detentor o **direito de opor-se a terceiros**, inclusive aos pais.*

§ 1º A guarda destina-se a ***regularizar a posse de fato**, podendo ser deferida, liminar ou incidentalmente, nos procedimentos de tutela e adoção, exceto no de adoção por estrangeiros.*

§ 2º Excepcionalmente, deferir-se-á a guarda, fora dos casos de tutela e adoção, para atender a ***situações peculiares ou suprir a falta eventual dos pais ou responsável**, podendo ser deferido o direito de representação para a prática de atos determinados.*

§ 3º A guarda confere à criança ou adolescente a condição de ***dependente**, para todos os fins e efeitos de direito, inclusive previdenciários.*

§ 4º Salvo expressa e fundamentada determinação em contrário, da autoridade judiciária competente, ou quando a medida for aplicada em preparação para adoção, o deferimento da guarda de criança ou adolescente a terceiros não impede o exercício do ***direito de visitas** pelos pais, assim como o dever de prestar alimentos, que serão objeto de regulamentação específica, a pedido do interessado ou do Ministério Público.*

*Art. 34. O poder público estimulará, por meio de assistência jurídica, **incentivos fiscais e subsídios**, o acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente afastado do convívio familiar.*

§ 1º A *inclusão da criança ou adolescente em **programas de acolhimento familiar** terá preferência a seu acolhimento institucional, observado, em qualquer caso, o **caráter temporário e excepcional** da medida, nos termos desta Lei.*

§ 2º Na *hipótese do § 1º* deste artigo a pessoa ou casal cadastrado no programa de acolhimento familiar poderá receber a criança ou adolescente mediante guarda, observado o disposto nos *arts. 28 a 33 desta Lei.*

*§ 3º A União apoiará a implementação de **serviços de acolhimento em família acolhedora como política pública**, os quais deverão dispor de equipe que organize o acolhimento temporário de crianças e de adolescentes em residências de famílias selecionadas, capacitadas e acompanhadas que não estejam no cadastro de adoção.*

§ 4º Poderão ser utilizados recursos ***federais, estaduais, distritais e municipais*** *para a manutenção dos serviços de acolhimento em família acolhedora, facultando-se o repasse de recursos para a própria família acolhedora.*

*Art. 35. A guarda poderá ser **revogada** a qualquer tempo, mediante ato judicial fundamentado, ouvido o Ministério Público.*

Na definição de Santos Neto[67] a guarda trata-se de um "direito consistente na posse de menor oponível a terceiros e que acarreta deveres de vigilância em relação a este".

No entender de Ishida[68], a guarda é vinculada ao poder familiar, "todavia, pode ocorrer a separação dos dois institutos, por exemplo, com a separação judicial do marido e da mulher, onde o poder familiar continua pertencendo aos dois, no entanto um só poderá ficar com a guarda da prole". ou seja, tanto o pai como a mãe são detentores do poder familiar mesmo após a separação, mas nos tipos de guarda comum, apenas um terá a guarda do filho.

Logo, a dissolução do vínculo conjugal não exclui o poder familiar, mas pode excluir a guarda de um dos pais, reservando-o apenas o direito de visitas, dependendo da modalidade de guarda adotada. Com a dissolução da união conjugal, hoje se estabeleceu que a prole poderá ficar com o genitor que tiver melhor condições de assistir o filho.

"Mesmo que a mãe seja considerada culpada pela separação, pode o juiz deferir-lhe a guarda dos filhos menores, se estiver comprovado que o pai, por exemplo, é alcoólatra e não tem condições de cuidar bem deles. Não se indaga, portanto, quem deu causa à separação e quem é o cônjuge inocente, mas qual deles revela melhores condições para exercer a guarda dos filhos menores, cujos interesses foram colocados em primeiro plano. A solução será, portanto, a mesma se ambos os pais forem culpados pela separação e se a hipótese for de ruptura da vida em comum ou de separação por motivo de doença mental. A regra amolda-se ao princípio do melhor interesse da criança, identificado como direito fundamental na Constituição Federal (art. 5º, §2º), em razão da ratificação pela Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança – ONU/89"[69].

O juiz antes de decidir o mérito de uma ação de guarda, separação ou divórcio, tem que determinar a guarda provisória do menor a um dos pais, o qual não se trata de um modelo de guarda, mas de definir uma situação momentânea em que a prole se encontra. Somente com o julgamento do mérito será estabelecida a guarda definitiva, que deverá adotar um dos modelos de guarda permitida no ordenamento jurídico brasileiro.

67 SANTOS NETO, José Antônio de Paula. **Do Pátrio Poder**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1994.

68 ISHIDA, Valter Kenji. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Doutrina e Jurisprudência. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

69 GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito Civil Brasileiro**: Direito de Família**.** 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. v. 6.

A guarda definitiva expressa o modelo de guarda adotado pelos pais. Porém, mesmo tratando-se de guarda definitiva, tal modelo poderá ser alterado a qualquer tempo, pois o que regula o instituto da guarda é o melhor interesse do menor e, não sendo isso possível, a guarda é passível de modificação.

a) Guarda Comum ou Guarda Originária

A guarda comum ou guarda originária não é uma guarda judicial, existindo quando os genitores possuem vínculo matrimonial ou vivem em união estável e moram juntos com seus filhos, situação na qual exercem plenamente e simultaneamente todos os poderes inerentes do poder familiar e, consequentemente, a guarda. Não existe a figura do guardião e nem arbitramento judicial sobre a questão. Ambos pais exercem juntos a guarda em plenitude.

b) Guarda Unilateral ou Guarda Única

Observando-se sempre o princípio do melhor interesse do menor, a guarda excepcionalmente poderá ser atribuída de forma unilateral a uma terceira pessoa quando os genitores não estiverem em condições de exercê-la, pois, conforme determina o artigo 1.583, §1º, do Código Civil, "compreende-se por guarda unilateral a atribuída a um só dos genitores ou a alguém que o substitua". Neste viés, dispõe o artigo 1.584, §5º, do mesmo diploma legal: "Se o juiz verificar que o filho não deve permanecer sob a guarda do pai ou da mãe, deferirá a guarda à pessoa que revele compatibilidade com a natureza da medida, considerados, de preferência, o grau de parentesco e as relações de afinidade e afetividade". Vale ressaltar que a guarda unilateral também é possível quando nenhum dos pais tem condições de exercê-la, por exemplo, atribuindo a guarda aos avós ou aos tios.

Usualmente, nesse contexto, podemos constatar a existência da guarda unilateral, que é atribuída somente a um dos genitores, e da guarda compartilhada, que é atribuída a ambos, sendo que a previsão das duas modalidades de guarda encontra-se no artigo 1.583, da Lei n. 11.698/2008, que constitui que "a guarda será unilateral ou compartilhada".

A Lei alterou a redação do artigo 1.583 e passou a estabelecer nos incisos do §2º do dispositivo algumas das situações que deverão ser consideradas pelo magistrado ao atribuir a guarda a um dos genitores: afeto nas relações com o genitor e com o grupo familiar; saúde e segurança; e educação.

Na guarda unilateral atribuída a apenas um dos pais, apesar de um dos genitores não ser o guardião, continuam ambos a exercerem a guarda jurídica. A diferença é que, em virtude da guarda, o genitor guardião tem o poder de decisão, enquanto o genitor não guardião tem o poder de fiscalização, podendo contestar a decisão do genitor guardião e até mesmo recorrer à justiça, caso entenda que a decisão tomada não seja a melhor para a prole, conforme prevê o artigo 1.583, §3º, do Código Civil: "a guarda unilateral obriga o pai ou a mãe que não a detenha a supervisionar os interesses dos filhos".

c) Guarda Alternada ou Guarda Partilhada

Nesse modelo de guarda, cada um dos genitores terá a possibilidade de ter sobre sua guarda o menor ou adolescente de forma alternada e exclusiva, ou seja, o casal determinará o período em que o menor ficará com o pai ou com a mãe, existindo dessa forma sempre uma alternância na guarda jurídica do menor. O período em que a guarda ficará com o pai ou com a mãe na guarda alternada, poderá ser de um dia, uma semana, uma parte da semana, um mês, um ano, ou até mais, dependendo do acordo dos genitores, sendo que, ao término desse período, os papéis se invertem. Os direitos e deveres deste modelo de guarda ficarão sempre com o cônjuge que estiver com a guarda do menor, cabendo ao outro os direitos inerentes do não guardião, ou seja, o de visita e o de fiscalização[70].

d) Guarda Dividida

Na guarda dividida, são os próprios pais que contestam e procuram novos meios de garantir uma maior participação na vida da prole, pois neste modelo o menor vive em um lar fixo e determinado e recebe periodicamente a visita do pai ou da mãe que não tem a guarda.

Na guarda dividida o filho tem um lar fixo e recebe nele a visita de ambos os genitores em tempos diferentes, sendo que a guarda é exercida por aquele que estiver com a criança, o que é diferente da guarda unilateral, pois nela a guarda é de um dos genitores e o infante vai, em dias determinados, receber a visita do outro não guardião.

e) Guarda por Aninhamento ou Nidação

A guarda por aninhamento, conhecida também como guarda por nidação, ocorre quando a prole possui um lar fixo e os pais se revezam, mudando-se para a casa do(s) filho(s) em períodos alternados de tempo, para conviver e atender as suas necessidades. Basicamente, os pais se revezam na residência do filho.

f) Guarda Compartilhada

Considerando a evolução da família, especialmente a da mulher na sociedade, bem como o grande número de separações ocorridas nos últimos anos, o ordenamento jurídico busca com o instituto da guarda compartilhada evitar prejuízos ainda maiores aos filhos de casal separado, que, além de não terem o convívio diário com um dos genitores, têm que vivenciar os problemas conjugais de seus pais e ainda se tornarem, em muitos casos, vítimas da Síndrome da Alienação Parental.

Segundo Akel[71], "a guarda compartilhada surgiu da necessidade de se encontrar uma maneira que fosse capaz de fazer com que os pais, que não mais convivem, e seus filhos mantivessem os vínculos afetivos latentes, mesmo após o rompimento".

Com esse propósito, a recente Lei nº 11.698/2008 instituiu expressamente no ordenamento jurídico o instituto da guarda compartilhada. Embora tenha sido sancionada em 13 de junho de 2008 e publicada no Diário Oficial da União em 16 de junho do mesmo ano, por força da vacatio legis instituída no artigo 2º, a lei somente entrou em vigor no país 60 (sessenta) dias após a sua publicação, ou seja, em 16 de agosto de 2008 (vide anexo).

A nova lei trás em seu bojo o conceito de guarda compartilhada nos seguintes termos: "compreende-se por [...] guarda compartilhada a responsabilização conjunta e o exercício de direitos e deveres do pai e da mãe que não vivam sob o mesmo teto, concernentes ao poder familiar dos filhos comuns".

Assim, de acordo com o novo diploma legal, pode-se verificar que na guarda compartilhada os pais terão os mesmos direitos e deveres com relação ao filho, ou seja, as tarefas serão divididas de forma igualitária, não sobrecarregando somente um dos genitores.

Subseção III
Da Tutela

Art. 36. A tutela será deferida, nos termos da lei civil, ***a pessoa de até 18 (dezoito) anos incompletos****.*

Parágrafo único. O deferimento da tutela ***pressupõe a prévia decretação da perda ou suspensão do poder familiar e implica necessariamente o dever de guarda.***

Art. 37. O ***tutor nomeado por testamento ou qualquer documento autêntico****, conforme previsto no parágrafo único do art. 1.729 da Lei nº* 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, deverá, no prazo de 30 (trinta) dias após a abertura da sucessão, ingressar com pedido destinado ao controle judicial do ato, observando o procedimento previsto nos *arts. 165 a 170 desta Lei.*

Parágrafo único. Na apreciação do pedido, serão observados os requisitos previstos nos arts. 28 e 29 desta Lei, somente sendo deferida a tutela à pessoa indicada na disposição de última vontade, se restar comprovado que a medida é vantajosa ao tutelando e que não existe outra pessoa em melhores condições de assumi-la.

Art. 38. Aplica-se à destituição da tutela o disposto no art. 24.

A tutela é forma de colocação de criança e adolescente em família substituta. Pressupõe, ao contrário da guarda, a prévia destituição ou suspensão do poder familiar dos pais (família natural). Visa essencialmente a suprir carência de representação legal, assumindo o tutor tal *munus* na ausência dos genitores. Na hipótese de os pais serem falecidos, tiverem sido destituídos ou suspensos do poder familiar, ou houverem aderido expressamente ao pedido de colocação em família substituta, este poderá ser formulado diretamente em cartório, em petição assinada pelos próprios requerentes, dispensada a assistência por advogado (art. 166, ECA). Em outras circunstâncias, deve passar pelo crivo do Judiciário.

70 COSTA, Luiz Jorge Valente Pontes. **Guarda Conjunta**: em busca do maior interesse do menor. Disponível em: <http://jus.uol.com.br/revista/texto/13965/guarda-conjunta-em-busca-do-maior-interesse-do-menor/2>. Acesso em: 16 out. 2010.

71 AKEL, Ana Carolina Silveira. **Guarda Compartilhada**: um Avanço para a Família. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Subseção IV
Da Adoção

A disciplina do ECA a respeito da adoção também se divide em dois blocos, um voltado a aspectos materiais, do artigo 39 ao 52-D, e outro voltado a aspectos procedimentais, notadamente no que se refere à habilitação para a adoção, do artigo 197-A a 197-D.

Art. 39. A adoção de criança e de adolescente reger-se-á segundo o disposto nesta Lei.

§ 1º *A* ***adoção é medida excepcional e irrevogável****, à qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa, na forma do parágrafo único do art. 25 desta Lei.*

§ 2º *É vedada a adoção por procuração.*

§ 3º *Em caso de conflito entre direitos e interesses do adotando e de outras pessoas, inclusive seus pais biológicos, devem prevalecer os direitos e os interesses do adotando.*

Art. 40. O adotando deve contar com, no máximo, ***dezoito anos à data do pedido****, salvo se já estiver sob a guarda ou tutela dos adotantes.*

Art. 41. A adoção atribui a condição de filho ao adotado, com os ***mesmos direitos e deveres****, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais.*

§ 1º Se um dos cônjuges ou concubinos adota o filho do outro, mantêm-se os vínculos de filiação entre o adotado e o cônjuge ou concubino do adotante e os respectivos parentes.

§ 2º É recíproco o direito sucessório entre o adotado, seus descendentes, o adotante, seus ascendentes, descendentes e colaterais até o 4º grau, observada a ordem de vocação hereditária.

Art. 42. ***Podem adotar os maiores de 18 (dezoito) anos, independentemente do estado civil****.*

§ 1º Não podem adotar os ascendentes e os irmãos do adotando.

§ 2º Para *adoção conjunta, é indispensável que os adotantes sejam casados civilmente ou mantenham união estável, comprovada a estabilidade da família.*

§ 3º O adotante há de ser, pelo menos, dezesseis anos mais velho do que o adotando.

§ 4º Os divorciados, os judicialmente separados e os *ex-companheiros podem adotar conjuntamente, contanto que acordem sobre a guarda e o regime de visitas e desde que o estágio de convivência tenha sido iniciado na constância do período de convivência e que seja comprovada a existência de vínculos de afinidade e afetividade com aquele não detentor da guarda, que justifiquem a excepcionalidade da concessão.*

§ 5º Nos *casos do § 4º* deste artigo, desde que demonstrado efetivo benefício ao adotando, será assegurada a guarda compartilhada, conforme previsto no art. 1.584 da Lei nº*10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil.*

§ 6º A *adoção poderá ser deferida ao adotante que, após inequívoca manifestação de vontade, vier a falecer no curso do procedimento, antes de prolatada a sentença.*

Art. 43. A adoção será deferida quando apresentar reais ***vantagens*** *para o adotando e fundar-se em motivos legítimos.*

Art. 44. Enquanto não ***der conta de sua administração e saldar o seu alcance****, não pode o tutor ou o curador adotar o pupilo ou o curatelado.*

Art. 45. A adoção depende do ***consentimento dos pais ou do representante*** *legal do adotando.*

§ 1º O consentimento será dispensado em relação à criança ou adolescente cujos pais sejam desconhecidos ou tenham sido destituídos do poder familiar.

§ 2º Em se tratando de adotando maior de doze anos de idade, será também necessário o seu consentimento.

Art. 46. A adoção será precedida de ***estágio de convivência com a criança ou adolescente, pelo prazo máximo de 90 (noventa) dias****, observadas a idade da criança ou adolescente e as peculiaridades do caso.*

§ 1º *O estágio de convivência poderá ser dispensado se o adotando já estiver sob a tutela ou guarda legal do adotante durante tempo suficiente para que seja possível avaliar a conveniência da constituição do vínculo.*

§ 2º A *simples guarda de fato não autoriza, por si só, a dispensa da realização do estágio de convivência.*

§ 2º*-A. O prazo máximo estabelecido no caput deste artigo pode ser prorrogado por até igual período, mediante decisão fundamentada da autoridade judiciária.*

§ 3º *Em caso de adoção por pessoa ou casal residente ou domiciliado fora do País, o estágio de convivência será de, no mínimo, 30 (trinta) dias e, no máximo, 45 (quarenta e cinco) dias, prorrogável por até igual período, uma única vez, mediante decisão fundamentada da autoridade judiciária.*

§ 3º*-A. Ao final do prazo previsto no § 3º deste artigo, deverá ser apresentado laudo fundamentado pela equipe mencionada no § 4º deste artigo, que recomendará ou não o deferimento da adoção à autoridade judiciária.*

§ 4º *O estágio de convivência será acompanhado pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política de garantia do direito à convivência familiar, que apresentarão relatório minucioso acerca da conveniência do deferimento da medida.*

§ 5º *O estágio de convivência será cumprido no território nacional, preferencialmente na comarca de residência da criança ou adolescente, ou, a critério do juiz, em cidade limítrofe, respeitada, em qualquer hipótese, a competência do juízo da comarca de residência da criança.*

Art. 47. O ***vínculo da adoção*** *constitui-se por* ***sentença judicial****, que será inscrita no registro civil mediante mandado do qual não se fornecerá certidão.*

§ 1º A inscrição consignará o nome dos adotantes como pais, bem como o nome de seus ascendentes.

§ 2º O mandado judicial, que será arquivado, cancelará o registro original do adotado.

§ 3º *A pedido do adotante, o novo registro poderá ser lavrado no Cartório do Registro Civil do Município de sua residência.*

NOVA CONCURSOS

§ 4º Nenhuma observação sobre a origem do ato poderá constar nas certidões do registro.

§ 5º A sentença conferirá ao adotado o nome do adotante e, a pedido de qualquer deles, poderá determinar a modificação do prenome.

§ 6º *Caso a modificação de prenome seja requerida pelo adotante, é obrigatória a oitiva do adotando, observado o disposto nos §§ 1º* e 2º do art. 28 desta Lei.

§ 7º A adoção produz seus efeitos a partir do trânsito em julgado da sentença constitutiva, exceto na hipótese prevista no § 6º do art. 42 desta Lei, caso em que terá força retroativa à data do óbito.

§ 8º O processo relativo à adoção assim como outros a ele relacionados serão mantidos em arquivo, admitindo-se seu armazenamento em microfilme ou por outros meios, garantida a sua conservação para consulta a qualquer tempo.

§ 9º Terão prioridade de tramitação os processos de adoção em que o adotando for criança ou adolescente com deficiência ou com doença crônica.

§ 10. O prazo máximo para conclusão da ação de adoção será de 120 (cento e vinte) dias, prorrogável uma única vez por igual período, mediante decisão fundamentada da autoridade judiciária.

Art. 48. O adotado tem direito de conhecer sua ***origem biológica****, bem como de obter acesso irrestrito ao processo no qual a medida foi aplicada e seus eventuais incidentes, após completar 18 (dezoito) anos.*

Parágrafo único. O acesso ao processo de adoção poderá ser também deferido ao adotado menor de 18 (dezoito) anos, a seu pedido, assegurada orientação e assistência jurídica e psicológica.

Art. 49. A ***morte*** *dos adotantes não restabelece o poder familiar dos pais naturais.*

Art. 50. A autoridade judiciária manterá, em cada comarca ou foro regional, um ***registro de crianças e adolescentes em condições de serem adotados e outro de pessoas interessadas na adoção****.*

§ 1º O deferimento da inscrição dar-se-á após prévia consulta aos órgãos técnicos do juizado, ouvido o Ministério Público.

§ 2º Não será deferida a inscrição se o interessado não satisfazer os requisitos legais, ou verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 29.

§ 3º A *inscrição de postulantes à adoção será precedida de um período de preparação psicossocial e jurídica, orientado pela equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.*

§ 4º Sempre que possível e recomendável, a preparação referida no § 3º deste artigo incluirá o contato com crianças e adolescentes em acolhimento familiar ou institucional em condições de serem adotados, a ser realizado sob a orientação, supervisão e avaliação da equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, com apoio dos técnicos responsáveis pelo programa de acolhimento e pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.

§ 5º Serão *criados e implementados cadastros estaduais e nacional de crianças e adolescentes em condições de serem adotados e de pessoas ou casais habilitados à adoção.*

§ 6º Haverá *cadastros distintos para pessoas ou casais residentes fora do País, que somente serão consultados na inexistência de postulantes nacionais habilitados nos cadastros mencionados no § 5º* deste artigo.

§ 7º As *autoridades estaduais e federais em matéria de adoção terão acesso integral aos cadastros, incumbindo-lhes a troca de informações e a cooperação mútua, para melhoria do sistema.*

§ 8º A *autoridade judiciária providenciará, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, a inscrição das crianças e adolescentes em condições de serem adotados que não tiveram colocação familiar na comarca de origem, e das pessoas ou casais que tiveram deferida sua habilitação à adoção nos cadastros estadual e nacional referidos no § 5º* deste artigo, sob pena de responsabilidade.

§ 9º Compete *à Autoridade Central Estadual zelar pela manutenção e correta alimentação dos cadastros, com posterior comunicação à Autoridade Central Federal Brasileira.*

§ 10. Consultados os cadastros e verificada a ausência de pretendentes habilitados residentes no País com perfil compatível e interesse manifesto pela adoção de criança ou adolescente inscrito nos cadastros existentes, será realizado o encaminhamento da criança ou adolescente à adoção internacional.

§ 11. Enquanto não localizada pessoa ou casal interessado em sua adoção, a criança ou o adolescente, sempre que possível e recomendável, será colocado sob guarda de família cadastrada em programa de acolhimento familiar.

§ 12. A alimentação do cadastro e a convocação criteriosa dos postulantes à adoção serão fiscalizadas pelo Ministério Público.

§ 13. Somente poderá ser deferida adoção em favor de candidato domiciliado no Brasil não cadastrado previamente nos termos desta Lei quando:

I - se tratar de pedido de adoção unilateral;

II - for formulada por parente com o qual a criança ou adolescente mantenha vínculos de afinidade e afetividade;

III - oriundo o pedido de quem detém a tutela ou guarda legal de criança maior de 3 (três) anos ou adolescente, desde que o lapso de tempo de convivência comprove a fixação de laços de afinidade e afetividade, e não seja constatada a ocorrência de má-fé ou qualquer das situações previstas nos arts. 237 ou 238 desta Lei.

§ 14. Nas hipóteses previstas no § 13 deste artigo, o candidato deverá comprovar, no curso do procedimento, que preenche os requisitos necessários à adoção, conforme previsto nesta Lei.

§ 15. Será assegurada prioridade no cadastro a pessoas interessadas em adotar criança ou adolescente com deficiência, com doença crônica ou com necessidades específicas de saúde, além de grupo de irmãos.

Art. 51. Considera-se ***adoção internacional*** *aquela na qual o pretendente possui residência habitual em país-parte da Convenção de Haia, de 29 de maio de 1993, Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional, promulgada pelo Decreto nº 3.087, de 21 junho de 1999, e deseja adotar criança em outro país-parte da Convenção.*

§ 1º *A adoção internacional de criança ou adolescente brasileiro ou domiciliado no Brasil somente terá lugar quando restar comprovado:*

I - que a colocação em família adotiva é a solução adequada ao caso concreto;

II - que foram esgotadas todas as possibilidades de colocação da criança ou adolescente em família adotiva brasileira, com a comprovação, certificada nos autos, da inexistência de adotantes habilitados residentes no Brasil com perfil compatível com a criança ou adolescente, após consulta aos cadastros mencionados nesta Lei;

III - que, em se tratando de adoção de adolescente, este foi consultado, por meios adequados ao seu estágio de desenvolvimento, e que se encontra preparado para a medida, mediante parecer elaborado por equipe interprofissional, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 28 desta Lei.

§ 2º Os *brasileiros residentes no exterior terão preferência aos estrangeiros, nos casos de adoção internacional de criança ou adolescente brasileiro.*

§ 3º A *adoção internacional pressupõe a intervenção das Autoridades Centrais Estaduais e Federal em matéria de adoção internacional.*

Art. 52. A adoção internacional observará o ***procedimento*** *previsto nos arts. 165 a 170 desta Lei, com as seguintes adaptações:*

I - a pessoa ou casal estrangeiro, interessado em adotar criança ou adolescente brasileiro, deverá formular pedido de habilitação à adoção perante a Autoridade Central em matéria de adoção internacional no país de acolhida, assim entendido aquele onde está situada sua residência habitual;

II - se a Autoridade Central do país de acolhida considerar que os solicitantes estão habilitados e aptos para adotar, emitirá um relatório que contenha informações sobre a identidade, a capacidade jurídica e adequação dos solicitantes para adotar, sua situação pessoal, familiar e médica, seu meio social, os motivos que os animam e sua aptidão para assumir uma adoção internacional;

III - a Autoridade Central do país de acolhida enviará o relatório à Autoridade Central Estadual, com cópia para a Autoridade Central Federal Brasileira;

IV - o relatório será instruído com toda a documentação necessária, incluindo estudo psicossocial elaborado por equipe interprofissional habilitada e cópia autenticada da legislação pertinente, acompanhada da respectiva prova de vigência;

V - os documentos em língua estrangeira serão devidamente autenticados pela autoridade consular, observados os tratados e convenções internacionais, e acompanhados da respectiva tradução, por tradutor público juramentado;

VI - a Autoridade Central Estadual poderá fazer exigências e solicitar complementação sobre o estudo psicossocial do postulante estrangeiro à adoção, já realizado no país de acolhida;

VII - verificada, após estudo realizado pela Autoridade Central Estadual, a compatibilidade da legislação estrangeira com a nacional, além do preenchimento por parte dos postulantes à medida dos requisitos objetivos e subjetivos necessários ao seu deferimento, tanto à luz do que dispõe esta Lei como da legislação do país de acolhida, será expedido laudo de habilitação à adoção internacional, que terá validade por, no máximo, 1 (um) ano;

VIII - de posse do laudo de habilitação, o interessado será autorizado a formalizar pedido de adoção perante o Juízo da Infância e da Juventude do local em que se encontra a criança ou adolescente, conforme indicação efetuada pela Autoridade Central Estadual.

§ 1º Se *a legislação do país de acolhida assim o autorizar, admite-se que os pedidos de habilitação à adoção internacional sejam intermediados por organismos credenciados.*

§ 2º Incumbe *à Autoridade Central Federal Brasileira o credenciamento de organismos nacionais e estrangeiros encarregados de intermediar pedidos de habilitação à adoção internacional, com posterior comunicação às Autoridades Centrais Estaduais e publicação nos órgãos oficiais de imprensa e em sítio próprio da internet.*

§ 3º Somente *será admissível o credenciamento de organismos que:*

I - sejam oriundos de países que ratificaram a Convenção de Haia e estejam devidamente credenciados pela Autoridade Central do país onde estiverem sediados e no país de acolhida do adotando para atuar em adoção internacional no Brasil;

II - satisfizerem as condições de integridade moral, competência profissional, experiência e responsabilidade exigidas pelos países respectivos e pela Autoridade Central Federal Brasileira;

III - forem qualificados por seus padrões éticos e sua formação e experiência para atuar na área de adoção internacional;

IV - cumprirem os requisitos exigidos pelo ordenamento jurídico brasileiro e pelas normas estabelecidas pela Autoridade Central Federal Brasileira.

§ 4º Os *organismos credenciados deverão ainda:*

I - perseguir unicamente fins não lucrativos, nas condições e dentro dos limites fixados pelas autoridades competentes do país onde estiverem sediados, do país de acolhida e pela Autoridade Central Federal Brasileira;

II - ser dirigidos e administrados por pessoas qualificadas e de reconhecida idoneidade moral, com comprovada formação ou experiência para atuar na área de adoção internacional, cadastradas pelo Departamento de Polícia Federal e aprovadas pela Autoridade Central Federal Brasileira, mediante publicação de portaria do órgão federal competente;

III - estar submetidos à supervisão das autoridades competentes do país onde estiverem sediados e no país de acolhida, inclusive quanto à sua composição, funcionamento e situação financeira;

IV - apresentar à Autoridade Central Federal Brasileira, a cada ano, relatório geral das atividades desenvolvidas, bem como relatório de acompanhamento das adoções internacionais efetuadas no período, cuja cópia será encaminhada ao Departamento de Polícia Federal;

V - enviar relatório pós-adotivo semestral para a Autoridade Central Estadual, com cópia para a Autoridade Central Federal Brasileira, pelo período mínimo de 2 (dois) anos. O envio do relatório será mantido até a juntada de cópia autenticada do registro civil, estabelecendo a cidadania do país de acolhida para o adotado;

NOVA CONCURSOS

VI - tomar as medidas necessárias para garantir que os adotantes encaminhem à Autoridade Central Federal Brasileira cópia da certidão de registro de nascimento estrangeira e do certificado de nacionalidade tão logo lhes sejam concedidos.

§ 5º A não apresentação dos relatórios referidos no § 4º deste artigo pelo organismo credenciado poderá acarretar a suspensão de seu credenciamento.

§ 6º O *credenciamento de organismo nacional ou estrangeiro encarregado de intermediar pedidos de adoção internacional terá validade de 2 (dois) anos.*

§ 7º A *renovação do credenciamento poderá ser concedida mediante requerimento protocolado na Autoridade Central Federal Brasileira nos 60 (sessenta) dias anteriores ao término do respectivo prazo de validade.*

§ 8º Antes *de transitada em julgado a decisão que concedeu a adoção internacional, não será permitida a*

§ 9º Transitada em julgado a decisão, a autoridade judiciária determinará a expedição de alvará com autorização de viagem, bem como para obtenção de passaporte, constando, obrigatoriamente, as características da criança ou adolescente adotado, como idade, cor, sexo, eventuais sinais ou traços peculiares, assim como foto recente e a aposição da impressão digital do seu polegar direito, instruindo o documento com cópia autenticada da decisão e certidão de trânsito em julgado.

§ 10. A Autoridade Central Federal Brasileira poderá, a qualquer momento, solicitar informações sobre a situação das crianças e adolescentes adotados.

§ 11. A cobrança de valores por parte dos organismos credenciados, que sejam considerados abusivos pela Autoridade Central Federal Brasileira e que não estejam devidamente comprovados, é causa de seu descredenciamento.

§ 12. Uma mesma pessoa ou seu cônjuge não podem ser representados por mais de uma entidade credenciada para atuar na cooperação em adoção internacional.

§ 13. A habilitação de postulante estrangeiro ou domiciliado fora do Brasil terá validade máxima de 1 (um) ano, podendo ser renovada.

§ 14. É vedado o contato direto de representantes de organismos de adoção, nacionais ou estrangeiros, com dirigentes de programas de acolhimento institucional ou familiar, assim como com crianças e adolescentes em condições de serem adotados, sem a devida autorização judicial.

§ 15. A Autoridade Central Federal Brasileira poderá limitar ou suspender a concessão de novos credenciamentos sempre que julgar necessário, mediante ato administrativo fundamentado.

*Art. 52-A. É **vedado**, sob pena de responsabilidade e descredenciamento, **o repasse de recursos** provenientes de organismos estrangeiros encarregados de **intermediar pedidos de adoção internacional a organismos nacionais ou a pessoas físicas**.*

Parágrafo único. Eventuais repasses somente poderão ser efetuados via Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente e estarão sujeitos às deliberações do respectivo Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente.

*Art. 52-B. A **adoção por brasileiro residente no exterior** em país ratificante da Convenção de Haia, cujo processo de adoção tenha sido processado em conformidade com a legislação vigente no país de residência e atendido o disposto na Alínea "c" do Artigo 17 da referida Convenção, será **automaticamente recepcionada com o reingresso no Brasil**.*

§ 1º Caso não tenha sido atendido o disposto na Alínea "c" *do Artigo 17 da Convenção de Haia, deverá a sentença ser homologada pelo Superior Tribunal de Justiça.*

§ 2º O *pretendente brasileiro residente no exterior em país não ratificante da Convenção de Haia, uma vez reingressado no Brasil, deverá requerer a homologação da sentença estrangeira pelo Superior Tribunal de Justiça.*

*Art. 52-C. Nas **adoções internacionais, quando o Brasil for o país de acolhida**, a decisão da autoridade competente do país de origem da criança ou do adolescente será conhecida pela **Autoridade Central Estadual que tiver processado o pedido de habilitação dos pais adotivos, que comunicará o fato à Autoridade Central Federal** e determinará as providências necessárias à expedição do **Certificado de Naturalização Provisório**.*

§ 1º A *Autoridade Central Estadual, ouvido o Ministério Público, somente deixará de reconhecer os efeitos daquela decisão se restar demonstrado que a adoção é manifestamente contrária à ordem pública ou não atende ao interesse superior da criança ou do adolescente.*

§ 2º Na *hipótese de não reconhecimento da adoção, prevista no § 1º* deste artigo, o Ministério Público deverá imediatamente requerer o que for de direito para resguardar os interesses da criança ou do adolescente, comunicando-se as providências à Autoridade Central Estadual, que fará a comunicação à Autoridade Central Federal Brasileira e à Autoridade Central do país de origem.

*Art. 52-D. Nas adoções internacionais, quando o Brasil for o país de acolhida e a adoção não tenha sido deferida no país de origem porque a sua legislação a delega ao país de acolhida, ou, ainda, na hipótese de, mesmo com decisão, a criança ou o adolescente ser oriundo de país que não tenha aderido à Convenção referida, o **processo de adoção seguirá as regras da adoção nacional.***

A adoção no Código Civil de 1916 era tratada em seu capítulo V. A adoção seguia um critério de ter um filho para que a família tivesse sucessão e para configurar a família da época que só tinha uma configuração costumeira se houvesse pai, mãe e filhos. A idade de 30 (trinta) anos para que as pessoas pudessem não se arrepender do feito. Quando se falava do casamento criava-se o critério de que tenha se passado 05 (cinco) anos de matrimônio para que o casal possa adotar, pois o ideal era que os filhos fossem consanguíneos. A adoção poderia se dissolver por vontade das partes. Caso houvessem filhos naturais reconhecidos ou legitimados os filhos adotivos não participavam da sucessão além de não se desfazer o vínculo com os parentes naturais, somente no que dizia respeito ao pátrio poder.

Houve um grande salto no que concerne a adoção que foi a letra trazida pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 227 e com o ECA, que versa sobre todas as garantias constitucionais e no que tange a adoção vem dos artigos 39 ao 52-D falando sobre a regularização da adoção e traz como princípio basilar o melhor interesse da criança, além de ter como fundamento o afeto de pai para filho sem que haja qualquer diferenciação para com os filhos biológicos.

Ainda no que concerne a adoção, foi criada para dar efetividade ao ECA a Lei nº 12.010 de 03 de agosto de 2009, que tem o intuito de alterar o direito à convivência familiar mostrando com clareza como deve ocorrer a adoção.

Para ser candidato a adoção deve ter cumprido uma série de requisitos para se tornar hábil, estes requisitos são elencados na lei. O primeiro deles é a qualificação completa: da pessoa que deseja adotar ou das pessoas que desejam no caso de casais juntamente com os dados familiares, dados que vão completar não só a ficha do casal ou pessoa que deseja adotar, mais da família onde o menor vai residir e ter sua formação os documentos pessoais como cópias de certidão de nascimento (quando solteiros), de certidão de casamento (quando casados), cópias de declaração de período de união estável, Cópias de Certidão de identidade (RG), Comprovante da renda da pessoa ou casal, comprovante que demostre que as condições vão suprir a necessidade de se incluir mais um membro naquele lar, comprovante de moradia em que prove a pessoa ter sua residência que acolherá o novo integrante.

O interessado em adotar deve juntar atestados de saúde física onde a pessoa vai demonstrar ser capaz de cuidar e garantir uma boa vida para o adotando e atestado de saúde mental, comprovando que a pessoa é capaz legalmente.

Nos aspectos judiciais inerentes ao caso devem ser juntados Certidão de antecedentes criminais, que demostra conduta legal do indivíduo perante a sociedade, Certidão negativa de distribuição civil, além da manifestação do M.P (Ministério Público) apresentando quesitos a serem respondidos pela equipe interdisciplinar, designação de audiência para oitiva de testemunhas e requerentes, solicitar juntada de documentos complementares que sejam necessários. Deve ser obrigatório o estudo psicossocial onde se testa a capacidade dos indivíduos para se tornarem pai ou mãe, o de incluir mais um membro junto aos filhos já existente. Os programas de capacitação também devem ser aderido a este sistema, levando esclarecimentos aos pretendentes a adoção além, de manter contato com a criança em regime de acolhimento familiar.

Sendo os adotantes inscritos são chamados por ordem cronológica de acordo com a habilitação, e que só poderá ser dispensada se for pelo melhor interesse do adotando.

Os seguintes princípios e diretrizes devem guiar a decisão pela adoção:

- Condição da criança e do adolescente como ser de direitos: As crianças são detentoras de direitos previstos na lei 8.069/90 e na Constituição Federal de 1988;

- Proteção integral e prioritária: Toda e qualquer norma contida dentro da lei 8.069/90 deve ser voltada a proteção integral dos interesses do menor;

- Responsabilidade primária e solidaria do poder público: tanto nos casos ressalvados pelo E.C.A (Estatuto da Criança e do Adolescente) quanto nos casos que a CF/88 (Constituição Federal de 1988) e demais objetos legais específicos, é, dever dos três poderes atuarem no que for necessário para a proteção do menor;

- Interesse superior da criança e do adolescente: mediante a necessidade da intervenção estatal é necessário que se dê privilégio ao interesse do que for melhor para a criança e/ou adolescente. O primeiro interesse a ser observado é o que trouxer melhor benefício a estes;

- Privacidade: A promoção dos direitos deve ser sempre feita respeitando a privação e o direito da imagem, a sua vida privada e a intimidade;

- Intervenção precoce: Ao primeiro sinal de perigo e risco ao menor, o Estado deve intervir para reverter a situação presente;

- Intervenção mínima;

- Proporcionalidade e atualidade: Ser a atitude tomada de acordo com a proporção de perigo existente no momento, evitando e revertendo o risco de morte;

- Responsabilidade parental: a intervenção deve ser a princípio para que os pais tomem responsabilidade sobre seus filhos;

- Prevalência da família: Primeiro se dará a preferência a família natural para que a criança continue com seus pais depois a preferência vai ser da família contínua (família natural a primeira e extensa a segunda), em último caso a criança/adolescente vai ser direcionada a família substituta.

- Obrigatoriedade da informação: respeitando o estágio de desenvolvimento e compreensão da criança ou adolescente, além de seus pais e responsáveis devem ser informados o motivo em que se dá a intervenção e como esta se processou;

- Oitiva obrigatória e participação: a criança ou adolescente separados ou na companhia de seus pais, responsáveis ou pessoas por ela indicados; bem como seus pais e responsáveis, tem o direito de serem ouvidas e sua opinião deve ser considerada pelas autoridades do judiciário.

- Afastamento da criança e do adolescente do convívio familiar: É um processo contencioso que importara aos pais o direito do contraditório e da ampla defesa, este procedimento é de competência do judiciário (procedimento judicial) artigo 28 §§ 1° e 2° do E.C.A;

- Acolhimento familiar: medida de proteção criada para o amparo da criança até que seja resolvida a situação;

- Guia de acolhimento: será elaborado pelo poder Judiciário um guia para encaminhar à criança a entidade de acolhimento (guia deve conter a causa da retirada e permanência do menor fora da sua família natural além de todos os dados)

- Plano individual de atendimento: cada criança vai ter um plano a ser desenvolvido visando sua adaptação a nova família;

- Destituição do poder familiar: Promovida pelo M.P (Ministério público) sendo para isto necessário prévio aviso a entidade de acolhimento familiar, ou, responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito a convivência familiar.

- Cadastro de crianças a adolescentes à regime institucional e familiar: é um cadastro para crianças e adolescentes que necessitem de acolhimento familiar ou institucional devido a algum registro de maus tratos.

A Lei nº 13.509 de 22 de novembro de 2017 surgiu com o propósito de maximizar a efetividade das disposições do ECA, inclusive no âmbito da adoção, possuindo a peculiaridade de ser mais rigorosa no que tange ao cumprimento de prazos para maior celeridade do processo.

Capítulo IV
Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

*I - **igualdade de condições para o acesso e permanência na escola**;*

*II - direito de ser **respeitado** por seus educadores;*

*III - direito de **contestar critérios avaliativos**, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;*

*IV - direito de **organização e participação** em entidades estudantis;*

*V - **acesso à escola*** pública e gratuita próxima de sua residência.

*Parágrafo único. É **direito dos pais ou responsáveis** ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.*

*Art. 54. É **dever do Estado** assegurar à criança e ao adolescente:*

*I - **ensino fundamental, obrigatório e gratuito**, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;*

*II - progressiva **extensão da obrigatoriedade e gratuidade** ao ensino médio;*

*III - atendimento educacional **especializado** aos portadores de **deficiência**, preferencialmente na rede regular de ensino;*

*IV - atendimento em **creche e pré-escola** às crianças de zero a cinco anos de idade;*

*V - acesso aos **níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística**, segundo a capacidade de cada um;*

*VI - oferta de **ensino noturno regular**, adequado às condições do adolescente trabalhador;*

*VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material **didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.***

§ 1º O ***acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo***.

§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa ***responsabilidade*** *da autoridade competente.*

§ 3º Compete ao poder público ***recensear*** *os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola.*

*Art. 55. Os pais ou responsável têm a **obrigação de matricular seus filhos ou pupilos** na rede regular de ensino.*

*Art. 56. Os **dirigentes** de estabelecimentos de ensino fundamental **comunicarão** ao Conselho Tutelar os casos de:*

*I - **maus-tratos** envolvendo seus alunos;*

*II - reiteração de **faltas injustificadas** e de **evasão escolar**, esgotados os recursos escolares;*

*III - elevados níveis de **repetência**.*

*Art. 57. O poder público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a **calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação**, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório.*

*Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a **liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura**.*

*Art. 59. Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a **destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer** voltadas para a infância e a juventude.*

Capítulo V
Do Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho

*Art. 60. É **proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade**, salvo na condição de aprendiz.*

Preconiza o artigo 7º, XXXIII, CF a "proibição de **trabalho noturno, perigoso ou insalubre** a **menores de dezoito** e de **qualquer trabalho a menores de dezesseis** anos, salvo na condição de **aprendiz, a partir de quatorze anos**".

Portanto, em decorrência da própria norma constitucional, nenhuma criança ou adolescente pode trabalhar antes dos 14 anos de idade. Evidentemente que há algumas exceções a esta regra, devidamente fiscalizadas pelo Conselho Tutelar, como é o caso dos artistas mirins.

Entre 14 anos e 16 anos de idade somente será possível o trabalho na condição de menor aprendiz, cuja natureza é de ensino técnico-profissional, viabilizando a futura inserção do adolescente no mercado de trabalho.

A partir dos 16 anos, o menor pode trabalhar, mas não no período noturno ou em condições de periculosidade e insalubridade.

*Art. 61. A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por **legislação especial**, sem prejuízo do disposto nesta Lei.*

*Art. 62. Considera-se **aprendizagem a formação técnico-profissional** ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.*

Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:

*I - garantia de **acesso e frequência obrigatória ao ensino regular**;*

*II - **atividade compatível** com o desenvolvimento do adolescente;*

*III - **horário especial** para o exercício das atividades.*

Aquele que trabalha na condição de menor aprendiz é obrigado a frequentar a escola, devendo ser facilitadas as condições para que o faça, notadamente pelo estabelecimento de horário especial de trabalho. Além disso, a atividade laboral deve ser compatível com as atividades de ensino, até mesmo por se tratar de ensino técnico-profissionalizante.

Ex.: um jovem pode trabalhar no período matutino, frequentar o SENAI na parte da tarde e ir ao colégio no ensino médio noturno.

*Art. 64. Ao **adolescente até quatorze** anos de idade é assegurada **bolsa de aprendizagem**.*

Toda criança e adolescente que necessitar receberá fomento para que não se desvincule das atividades de ensino. Trata-se de incentivo àquele que sem auxílio acabaria entrando em situação irregular e trabalhando.

*Art. 65. Ao adolescente aprendiz, **maior de quatorze anos**, são assegurados os **direitos trabalhistas e previdenciários**.*

Uma vez que o adolescente está autorizado a trabalhar, mesmo que na condição de menor aprendiz, possui direitos trabalhistas e previdenciários.

*Art. 66. Ao adolescente **portador de deficiência** é assegurado trabalho **protegido**.*

O adolescente que possui deficiência não pode ser exposto a uma situação de risco em decorrência da atividade laboral.

*Art. 67. Ao adolescente empregado, **aprendiz**, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é **vedado** trabalho:*

*I - **noturno**, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;*

*II - **perigoso, insalubre ou penoso**;*

*III - realizado em **locais prejudiciais** à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social;*

*IV - realizado em horários e locais que **não** permitam a **frequência à escola**.*

O menor aprendiz está proibido de trabalhar no período noturno, em trabalho que o coloque exposto a periculosidade (ex.: em andaimes, em áreas com risco de incêndio ou choques), insalubridade (ex.: em freezers de frigoríficos, expostos a radiação) ou penosidade (ex.: excesso de força física exigida).

*Art. 68. O **programa social** que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não-governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe **condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada**.*

§ 1º Entende-se por ***trabalho educativo*** *a atividade laboral em que as **exigências pedagógicas** relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando **prevalecem sobre o aspecto produtivo**.*

§ 2º A ***remuneração*** *que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho **não desfigura o caráter educativo**.*

Os programas sociais voltados à capacitação dos adolescentes devem sempre ter por objetivo educá-lo para que ele adquira condições de inserir-se no mercado de trabalho. Deve ser ensinado, logo, dele não se deve cobrar tanta produtividade, mas sim deve ser avaliado pelo seu aprendizado. O fato do trabalho ser remunerado não desvirtua este propósito.

*Art. 69. O adolescente tem direito à **profissionalização** e à **proteção no trabalho**, observados os seguintes aspectos, entre outros:*

*I - respeito à **condição peculiar** de pessoa em desenvolvimento;*

*II - capacitação profissional **adequada** ao mercado de trabalho.*

Com efeito, profissionalização e proteção no trabalho são direitos fundamentais garantidos ao adolescente, exigindo-se neste campo que sua condição peculiar inerente ao processo de aprendizado seja respeitada e que o trabalho sirva para permitir a sua inserção no mercado de trabalho.

Título III
Da Prevenção

Capítulo I
Disposições Gerais

*Art. 70. É **dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente**.*

*Art. 70-A. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão **atuar de forma articulada na elaboração de políticas públicas e na execução de ações destinadas a coibir o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante e difundir formas não violentas de educação de crianças e de adolescentes**, tendo como principais ações:*

I - a promoção de campanhas educativas permanentes para a divulgação do direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante e dos instrumentos de proteção aos direitos humanos;

II - a integração com os órgãos do Poder Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria Pública, com o Conselho Tutelar, com os Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente e com as entidades não governamentais que atuam na promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente;

III - a formação continuada e a capacitação dos profissionais de saúde, educação e assistência social e dos demais agentes que atuam na promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente para o desenvolvimento das competências necessárias à prevenção, à identificação de evidências, ao diagnóstico e ao enfrentamento de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente;

NOVA CONCURSOS

IV - o apoio e o incentivo às práticas de resolução pacífica de conflitos que envolvam violência contra a criança e o adolescente;

V - a inclusão, nas políticas públicas, de ações que visem a garantir os direitos da criança e do adolescente, desde a atenção pré-natal, e de atividades junto aos pais e responsáveis com o objetivo de promover a informação, a reflexão, o debate e a orientação sobre alternativas ao uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante no processo educativo;

VI - a promoção de espaços intersetoriais locais para a articulação de ações e a elaboração de planos de atuação conjunta focados nas famílias em situação de violência, com participação de profissionais de saúde, de assistência social e de educação e de órgãos de promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente.

Parágrafo único. As famílias com crianças e adolescentes com deficiência terão prioridade de atendimento nas ações e políticas públicas de prevenção e proteção.

*Art. 70-B. As entidades, públicas e privadas, que atuem nas áreas a que se refere o art. 71, dentre outras, devem **contar, em seus quadros, com pessoas capacitadas a reconhecer e comunicar ao Conselho Tutelar suspeitas ou casos de maus-tratos** praticados contra crianças e adolescentes.*

Parágrafo único. São igualmente responsáveis pela comunicação de que trata este artigo, as pessoas encarregadas, por razão de cargo, função, ofício, ministério, profissão ou ocupação, do cuidado, assistência ou guarda de crianças e adolescentes, punível, na forma deste Estatuto, o injustificado retardamento ou omissão, culposos ou dolosos.

*Art. 71. A criança e o adolescente têm **direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços** que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.*

*Art. 72. As obrigações previstas nesta Lei **não excluem da prevenção especial** outras decorrentes dos princípios por ela adotados.*

*Art. 73. A inobservância das normas de prevenção **importará em responsabilidade** da pessoa física ou jurídica, nos termos desta Lei.*

Capítulo II
Da Prevenção Especial

Seção I
Da informação, Cultura, Lazer, Esportes, Diversões e Espetáculos

*Art. 74. O poder público, através do órgão competente, **regulará as diversões e espetáculos públicos, informando sobre a natureza deles, as faixas etárias** a que não se recomendem, **locais e horários** em que sua apresentação se mostre inadequada.*

Parágrafo único. Os responsáveis pelas diversões e espetáculos públicos deverão afixar, em lugar visível e de fácil acesso, à entrada do local de exibição, informação destacada sobre a natureza do espetáculo e a faixa etária especificada no certificado de classificação.

*Art. 75. Toda criança ou adolescente terá **acesso às diversões e espetáculos públicos classificados como adequados à sua faixa etária.***

Parágrafo único. As crianças menores de dez anos somente poderão ingressar e permanecer nos locais de apresentação ou exibição quando acompanhadas dos pais ou responsável.

*Art. 76. As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no **horário recomendado** para o público infanto juvenil, **programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas**.*

Parágrafo único. Nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição.

*Art. 77. Os proprietários, diretores, gerentes e funcionários de empresas que explorem a **venda ou aluguel de fitas de programação em vídeo** cuidarão para que não **haja venda ou locação em desacordo com a classificação** atribuída pelo órgão competente.*

Parágrafo único. As fitas a que alude este artigo deverão exibir, no invólucro, informação sobre a natureza da obra e a faixa etária a que se destinam.

*Art. 78. As **revistas e publicações** contendo **material impróprio ou inadequado** a crianças e adolescentes deverão ser comercializadas em **embalagem lacrada, com a advertência de seu conteúdo.***

Parágrafo único. As editoras cuidarão para que as capas que contenham mensagens pornográficas ou obscenas sejam protegidas com embalagem opaca.

*Art. 79. As **revistas e publicações destinadas ao público infanto-juvenil** não poderão conter ilustrações, fotografias, legendas, crônicas ou anúncios **de bebidas alcoólicas, tabaco, armas e munições**, e deverão respeitar os **valores éticos e sociais** da pessoa e da família.*

*Art. 80. Os responsáveis por estabelecimentos que explorem comercialmente **bilhar, sinuca ou congênere ou por casas de jogos,** assim entendidas as que realizem apostas, ainda que eventualmente, cuidarão para que **não seja permitida a entrada e a permanência de crianças e adolescentes no local**, afixando aviso para orientação do público.*

Seção II
Dos Produtos e Serviços

*Art. 81. É **proibida a venda à criança ou ao adolescente** de:*

*I - **armas, munições e explosivos**;*

*II - **bebidas alcoólicas**;*

*III - produtos cujos componentes possam causar **dependência física ou psíquica** ainda que por utilização indevida;*

*IV - **fogos de estampido e de artifício**, exceto aqueles que pelo seu reduzido potencial sejam incapazes de provocar qualquer dano físico em caso de utilização indevida;*

*V - **revistas e publicações** a que alude o art. 78;*

*VI - **bilhetes lotéricos e equivalentes**.*

*Art. 82. É **proibida a hospedagem de criança ou adolescente em hotel, motel, pensão ou estabelecimento congênere**, salvo se **autorizado ou acompanhado pelos pais ou responsável.***

Seção III
Da Autorização para Viajar

*Art. 83. **Nenhuma criança poderá viajar para fora da comarca onde reside, desacompanhada dos pais ou responsável, sem expressa autorização judicial**.*

§ 1º A ***autorização não será exigida** quando:*

*a) tratar-se de **comarca contígua à da residência da criança**, se na mesma unidade da Federação, ou incluída na mesma região metropolitana;*

*b) a **criança estiver acompanhada**:*

*1) de **ascendente ou colateral maior, até o terceiro grau**, comprovado documentalmente o parentesco;*

*2) de **pessoa maior, expressamente autorizada pelo pai, mãe ou responsável**.*

§ 2º A autoridade judiciária poderá, a pedido dos pais ou responsável, ***conceder autorização válida por dois anos.***

*Art. 84. Quando se tratar de **viagem ao exterior, a autorização é dispensável, se a criança ou adolescente:***

*I - estiver **acompanhado de ambos os pais ou responsável**;*

*II - viajar **na companhia de um dos pais, autorizado expressamente pelo outro através de documento com firma reconhecida**.*

*Art. 85. Sem prévia e expressa autorização judicial, **nenhuma criança ou adolescente nascido em território nacional poderá sair do País em companhia de estrangeiro residente ou domiciliado** no exterior.*

Parte Especial

Título I
Da Política de Atendimento

Capítulo I
Disposições Gerais

*Art. 86. A política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente far-se-á através de um **conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais**, da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios.*

*Art. 87. São **linhas de ação da política de atendimento**:*

*I - **políticas sociais básicas**;*

*II - **serviços, programas, projetos e benefícios de assistência social** de garantia de proteção social e de prevenção e redução de violações de direitos, seus agravamentos ou reincidências;*

*III - **serviços especiais de prevenção e atendimento médico e psicossocial** às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;*

*IV - **serviço de identificação e localização** de pais, responsável, crianças e adolescentes desaparecidos;*

*V - **proteção jurídico-social** por **entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente**;*

*VI - políticas e programas destinados a **prevenir ou abreviar o período de afastamento do convívio familiar e a garantir o efetivo exercício do direito à convivência** familiar de crianças e adolescentes;*

*VII - campanhas de **estímulo ao acolhimento** sob forma de guarda de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar e à adoção, especificamente inter-racial, de crianças maiores ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos.*

*Art. 88. São **diretrizes da política de atendimento**:*

*I - **municipalização** do atendimento;*

*II - criação de **conselhos municipais, estaduais e nacional** dos direitos da criança e do adolescente, órgãos deliberativos e controladores das ações em todos os níveis, assegurada a participação popular paritária por meio de organizações representativas, segundo leis federal, estaduais e municipais;*

*III - **criação e manutenção de programas específicos**, observada a descentralização político-administrativa;*

*IV - manutenção de **fundos nacional, estaduais e municipais** vinculados aos respectivos conselhos dos direitos da criança e do adolescente;*

*V - **integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Segurança Pública e Assistência Social**, preferencialmente em um mesmo local, para efeito de agilização do atendimento inicial a adolescente a quem se atribua autoria de ato infracional;*

*VI - **integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Conselho Tutelar e encarregados** da execução das políticas sociais básicas e de assistência social, para efeito de agilização do atendimento de crianças e de adolescentes inseridos em programas de acolhimento familiar ou institucional, com vista na sua rápida reintegração à família de origem ou, se tal solução se mostrar comprovadamente inviável, sua colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei;*

*VII - **mobilização da opinião pública** para a indispensável participação dos diversos segmentos da sociedade;*

*VIII - **especialização e formação continuada** dos profissionais que trabalham nas diferentes áreas da atenção à primeira infância, incluindo os conhecimentos sobre direitos da criança e sobre desenvolvimento infantil;*

NOVA CONCURSOS

*IX - **formação profissional com abrangência dos diversos direitos da criança e do adolescente** que favoreça a intersetorialidade no atendimento da criança e do adolescente e seu desenvolvimento integral;*

*X - **realização e divulgação de pesquisas** sobre desenvolvimento infantil e sobre prevenção da violência.*

*Art. 89. A **função** de membro do conselho nacional e dos conselhos estaduais e municipais dos direitos da criança e do adolescente é **considerada de interesse público relevante e não será remunerada.***

Capítulo II
Das Entidades de Atendimento

Seção I
Disposições Gerais

*Art. 90. As **entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades**, assim como pelo planejamento e execução de programas de proteção e socioeducativos destinados a crianças e adolescentes, em regime de:*

*I - **orientação e apoio sociofamiliar**;*

*II - **apoio socioeducativo em meio aberto**;*

*III - **colocação familiar**;*

*IV - **acolhimento institucional**;*

*V - **prestação de serviços à comunidade**;*

*VI - **liberdade assistida**;*

*VII - **semiliberdade**; e*

*VIII - **internação**.*

§ 1º As entidades governamentais e não governamentais deverão proceder à inscrição de seus programas, especificando os regimes de atendimento, na forma definida neste artigo, no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual manterá registro das inscrições e de suas alterações, do que fará comunicação ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária.

§ 2º Os recursos destinados à implementação e manutenção dos programas relacionados neste artigo serão previstos nas dotações orçamentárias dos órgãos públicos encarregados das áreas de Educação, Saúde e Assistência Social, dentre outros, observando-se o princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente preconizado pelo caput do art. 227 da Constituição Federal e pelo caput e parágrafo único do art. 4º desta Lei.

§ 3º Os programas em execução serão reavaliados pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, no máximo, a cada 2 (dois) anos, constituindo-se critérios para renovação da autorização de funcionamento:

I - o efetivo respeito às regras e princípios desta Lei, bem como às resoluções relativas à modalidade de atendimento prestado expedidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, em todos os níveis;

II - a qualidade e eficiência do trabalho desenvolvido, atestadas pelo Conselho Tutelar, pelo Ministério Público e pela Justiça da Infância e da Juventude;

III - em se tratando de programas de acolhimento institucional ou familiar, serão considerados os índices de sucesso na reintegração familiar ou de adaptação à família substituta, conforme o caso.

*Art. 91. As **entidades não-governamentais somente poderão funcionar depois de registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente**, o qual comunicará o registro ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária da respectiva localidade.*

§ 1º Será negado o registro à entidade que:

a) não ofereça instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança;

b) não apresente plano de trabalho compatível com os princípios desta Lei;

c) esteja irregularmente constituída;

d) tenha em seus quadros pessoas inidôneas.

e) não se adequar ou deixar de cumprir as resoluções e deliberações relativas à modalidade de atendimento prestado expedidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, em todos os níveis.

§ 2º O registro terá validade máxima de 4 (quatro) anos, cabendo ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, periodicamente, reavaliar o cabimento de sua renovação, observado o disposto no § 1º deste artigo.

*Art. 92. As **entidades** que desenvolvam programas de acolhimento familiar ou institucional deverão adotar os seguintes **princípios**:*

*I - **preservação dos vínculos familiares e promoção da reintegração familiar**;*

*II - **integração em família substituta**, quando esgotados os recursos de manutenção na família natural ou extensa;*

*III - **atendimento personalizado e em pequenos grupos**;*

*IV - **desenvolvimento de atividades em regime de coeducação**;*

*V - **não desmembramento de grupos de irmãos**;*

*VI - **evitar**, sempre que possível, a **transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados;***

*VII - **participação na vida da comunidade local**;*

*VIII - **preparação gradativa para o desligamento**;*

*IX - **participação de pessoas da comunidade no processo educativo**.*

§ 1º O dirigente de entidade que desenvolve programa de acolhimento institucional é equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito.

§ 2º Os dirigentes de entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional remeterão à autoridade judiciária, no máximo a cada 6 (seis) meses, relatório circunstanciado acerca da situação de cada criança ou adolescente acolhido e sua família, para fins da reavaliação prevista no § 1º do art. 19 desta Lei.

§ 3º Os entes federados, por intermédio dos Poderes Executivo e Judiciário, promoverão conjuntamente a permanente qualificação dos profissionais que atuam direta ou indiretamente em programas de acolhimento institucional e destinados à colocação familiar de crianças e adolescentes, incluindo membros do Poder Judiciário, Ministério Público e Conselho Tutelar.

§ 4º Salvo determinação em contrário da autoridade judiciária competente, as entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional, se necessário

com o auxílio do Conselho Tutelar e dos órgãos de assistência social, estimularão o contato da criança ou adolescente com seus pais e parentes, em cumprimento ao disposto nos incisos I e VIII do caput deste artigo.

§ 5º As entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional somente poderão receber recursos públicos se comprovado o atendimento dos princípios, exigências e finalidades desta Lei.

§ 6º O descumprimento das disposições desta Lei pelo dirigente de entidade que desenvolva programas de acolhimento familiar ou institucional é causa de sua destituição, sem prejuízo da apuração de sua responsabilidade administrativa, civil e criminal.

§ 7º Quando se tratar de criança de 0 (zero) a 3 (três) anos em acolhimento institucional, dar-se-á especial atenção à atuação de educadores de referência estáveis e qualitativamente significativos, às rotinas específicas e ao atendimento das necessidades básicas, incluindo as de afeto como prioritárias.

Art. 93. As entidades que mantenham programa de acolhimento institucional poderão, em caráter excepcional e de urgência, acolher crianças e adolescentes sem prévia determinação da autoridade competente, fazendo comunicação do fato em até 24 (vinte e quatro) horas ao Juiz da Infância e da Juventude, sob pena de responsabilidade.

Parágrafo único. Recebida a comunicação, a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público e se necessário com o apoio do Conselho Tutelar local, tomará as medidas necessárias para promover a imediata reintegração familiar da criança ou do adolescente ou, se por qualquer razão não for isso possível ou recomendável, para seu encaminhamento a programa de acolhimento familiar, institucional ou a família substituta, observado o disposto no § 2º do art. 101 desta Lei.

*Art. 94. As **entidades que desenvolvem programas de internação têm as seguintes obrigações**, entre outras:*

*I - **observar os direitos e garantias** de que são titulares os adolescentes;*

*II - **não restringir nenhum direito** que não tenha sido objeto de restrição na decisão de internação;*

*III - oferecer **atendimento personalizado**, em pequenas unidades e grupos reduzidos;*

*IV - **preservar a identidade e oferecer ambiente de respeito e dignidade** ao adolescente;*

*V - diligenciar no sentido do **restabelecimento** e da **preservação dos vínculos familiares**;*

*VI - **comunicar à autoridade judiciária**, periodicamente, os casos em que se mostre **inviável ou impossível o reatamento dos vínculos familiares**;*

*VII - oferecer **instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança** e os objetos necessários à higiene pessoal;*

*VIII - oferecer **vestuário e alimentação suficientes e adequados à faixa etária dos adolescentes atendidos;***

*IX - oferecer **cuidados médicos, psicológicos, odontológicos e farmacêuticos**;*

*X - propiciar **escolarização e profissionalização**;*

*XI - propiciar **atividades culturais, esportivas e de lazer**;*

*XII - propiciar **assistência religiosa** àqueles que desejarem, de acordo com suas crenças;*

*XIII - proceder a **estudo social e pessoal** de cada caso;*

*XIV - **reavaliar periodicamente cada caso**, com intervalo máximo de seis meses, dando ciência dos resultados à autoridade competente;*

*XV - **informar, periodicamente**, o adolescente internado sobre sua **situação processual**;*

*XVI - **comunicar** às autoridades competentes todos os casos de adolescentes portadores de **moléstias infectocontagiosas**;*

*XVII - fornecer **comprovante de depósito dos pertences** dos adolescentes;*

*XVIII - manter **programas destinados ao apoio e acompanhamento de egressos**;*

*XIX - providenciar os **documentos necessários ao exercício da cidadania** àqueles que não os tiverem;*

*XX - manter **arquivo de anotações** onde constem data e circunstâncias do atendimento, nome do adolescente, seus pais ou responsável, parentes, endereços, sexo, idade, acompanhamento da sua formação, relação de seus pertences e demais **dados que possibilitem sua identificação e a individualização do atendimento.***

§ 1º Aplicam-se, no que couber, as obrigações constantes deste artigo às entidades que mantêm programas de acolhimento institucional e familiar.

§ 2º No cumprimento das obrigações a que alude este artigo as entidades utilizarão preferencialmente os recursos da comunidade.

*Art. 94-A. As entidades, públicas ou privadas, que abriguem ou recepcionem crianças e adolescentes, ainda que em caráter temporário, devem ter, em seus **quadros, profissionais capacitados a reconhecer e reportar ao Conselho Tutelar** suspeitas ou ocorrências de maus-tratos.*

Seção II
Da Fiscalização das Entidades

*Art. 95. As entidades governamentais e não-governamentais referidas no art. 90 serão **fiscalizadas pelo Judiciário, pelo Ministério Público e pelos Conselhos Tutelares.***

*Art. 96. Os **planos de aplicação e as prestações de contas serão apresentados ao estado ou ao município**, conforme a origem das dotações orçamentárias.*

*Art. 97. São **medidas aplicáveis** às entidades de atendimento que descumprirem obrigação constante do art. 94, **sem prejuízo da responsabilidade civil e criminal de seus dirigentes ou prepostos:***

*I - às entidades **governamentais**:*

*a) **advertência**;*

*b) **afastamento provisório** de seus dirigentes;*

*c) **afastamento definitivo** de seus dirigentes;*

*d) **fechamento de unidade ou interdição** de programa.*

NOVA CONCURSOS

*II - às entidades **não-governamentais**:*

*a) **advertência**;*

*b) **suspensão total ou parcial do repasse** de verbas públicas;*

*c) **interdição de unidades ou suspensão de programa**;*

*d) **cassação do registro**.*

§ 1º Em caso de reiteradas infrações cometidas por entidades de atendimento, que coloquem em risco os direitos assegurados nesta Lei, deverá ser o fato comunicado ao Ministério Público ou representado perante autoridade judiciária competente para as providências cabíveis, inclusive suspensão das atividades ou dissolução da entidade.

§ 2º As pessoas jurídicas de direito público e as organizações não governamentais responderão pelos danos que seus agentes causarem às crianças e aos adolescentes, caracterizado o descumprimento dos princípios norteadores das atividades de proteção específica.

Título II
Das Medidas de Proteção

Capítulo I
Disposições Gerais

Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

*I - por **ação ou omissão da sociedade ou do Estado**;*

*II - por **falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável**;*

*III - em razão de sua **conduta**.*

Capítulo II
Das Medidas Específicas de Proteção

*Art. 99. As medidas previstas neste Capítulo **poderão ser aplicadas isolada ou cumulativamente, bem como substituídas a qualquer tempo**.*

*Art. 100. Na aplicação das medidas levar-se-ão em conta as **necessidades pedagógicas**, preferindo-se aquelas que visem ao fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.*

Parágrafo único. São também princípios que regem a aplicação das medidas:

I - condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos: crianças e adolescentes são os titulares dos direitos previstos nesta e em outras Leis, bem como na Constituição Federal;

II - proteção integral e prioritária: a interpretação e aplicação de toda e qualquer norma contida nesta Lei deve ser voltada à proteção integral e prioritária dos direitos de que crianças e adolescentes são titulares;

III - responsabilidade primária e solidária do poder público: a plena efetivação dos direitos assegurados a crianças e a adolescentes por esta Lei e pela Constituição Federal, salvo nos casos por esta expressamente ressalvados, é de responsabilidade primária e solidária das 3 (três) esferas de governo, sem prejuízo da municipalização do atendimento e da possibilidade da execução de programas por entidades não governamentais;

IV - interesse superior da criança e do adolescente: a intervenção deve atender prioritariamente aos interesses e direitos da criança e do adolescente, sem prejuízo da consideração que for devida a outros interesses legítimos no âmbito da pluralidade dos interesses presentes no caso concreto;

V - privacidade: a promoção dos direitos e proteção da criança e do adolescente deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada;

VI - intervenção precoce: a intervenção das autoridades competentes deve ser efetuada logo que a situação de perigo seja conhecida;

VII - intervenção mínima: a intervenção deve ser exercida exclusivamente pelas autoridades e instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos e à proteção da criança e do adolescente;

VIII - proporcionalidade e atualidade: a intervenção deve ser a necessária e adequada à situação de perigo em que a criança ou o adolescente se encontram no momento em que a decisão é tomada;

IX - responsabilidade parental: a intervenção deve ser efetuada de modo que os pais assumam os seus deveres para com a criança e o adolescente;

X - prevalência da família: na promoção de direitos e na proteção da criança e do adolescente deve ser dada prevalência às medidas que os mantenham ou reintegrem na sua família natural ou extensa ou, se isso não for possível, que promovam a sua integração em família adotiva;

XI - obrigatoriedade da informação: a criança e o adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento e capacidade de compreensão, seus pais ou responsável devem ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa;

XII - oitiva obrigatória e participação: a criança e o adolescente, em separado ou na companhia dos pais, de responsável ou de pessoa por si indicada, bem como os seus pais ou responsável, têm direito a ser ouvidos e a participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e de proteção, sendo sua opinião devidamente considerada pela autoridade judiciária competente, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 28 desta Lei.

Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

*I - **encaminhamento aos pais ou responsável**, mediante termo de responsabilidade;*

*II - **orientação, apoio e acompanhamento temporários**;*

*III - **matrícula e frequência obrigatórias** em estabelecimento oficial de ensino fundamental;*

*IV - **inclusão em serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção** da família, da criança e do adolescente;*

*V - **requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico**, em regime hospitalar ou ambulatorial;*

*VI - **inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento** a alcoólatras e toxicômanos;*

*VII - **acolhimento institucional**;*

*VIII - inclusão em **programa de acolhimento familiar**;*

*IX - colocação em **família substituta**.*

§ 1º O acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade.

§ 2º Sem prejuízo da tomada de medidas emergenciais para proteção de vítimas de violência ou abuso sexual e das providências a que alude o art. 130 desta Lei, o afastamento da criança ou adolescente do convívio familiar é de competência exclusiva da autoridade judiciária e importará na deflagração, a pedido do Ministério Público ou de quem tenha legítimo interesse, de procedimento judicial contencioso, no qual se garanta aos pais ou ao responsável legal o exercício do contraditório e da ampla defesa.

§ 3º Crianças *e adolescentes somente poderão ser encaminhados às instituições que executam programas de acolhimento institucional, governamentais ou não, por meio de uma Guia de Acolhimento, expedida pela autoridade judiciária, na qual obrigatoriamente constará, dentre outros:*

I - sua identificação e a qualificação completa de seus pais ou de seu responsável, se conhecidos;

II - o endereço de residência dos pais ou do responsável, com pontos de referência;

III - os nomes de parentes ou de terceiros interessados em tê-los sob sua guarda;

IV - os motivos da retirada ou da não reintegração ao convívio familiar.

§ 4º Imediatamente *após o acolhimento da criança ou do adolescente, a entidade responsável pelo programa de acolhimento institucional ou familiar elaborará um plano individual de atendimento, visando à reintegração familiar, ressalvada a existência de ordem escrita e fundamentada em contrário de autoridade judiciária competente, caso em que também deverá contemplar sua colocação em família substituta, observadas as regras e princípios desta Lei.*

§ 5º O *plano individual será elaborado sob a responsabilidade da equipe técnica do respectivo programa de atendimento e levará em consideração a opinião da criança ou do adolescente e a oitiva dos pais ou do responsável.*

§ 6º Constarão *do plano individual, dentre outros:*

I - os resultados da avaliação interdisciplinar;

II - os compromissos assumidos pelos pais ou responsável; e

III - a previsão das atividades a serem desenvolvidas com a criança ou com o adolescente acolhido e seus pais ou responsável, com vista na reintegração familiar ou, caso seja esta vedada por expressa e fundamentada determinação judicial, as providências a serem tomadas para sua colocação em família substituta, sob direta supervisão da autoridade judiciária.

§ 7º O *acolhimento familiar ou institucional ocorrerá no local mais próximo à residência dos pais ou do responsável e, como parte do processo de reintegração familiar, sempre que identificada a necessidade, a família de origem será incluída em programas oficiais de orientação, de apoio e de promoção social, sendo facilitado e estimulado o contato com a criança ou com o adolescente acolhido.*

§ 8º Verificada *a possibilidade de reintegração familiar, o responsável pelo programa de acolhimento familiar ou institucional fará imediata comunicação à autoridade judiciária, que dará vista ao Ministério Público, pelo prazo de 5 (cinco) dias, decidindo em igual prazo.*

§ 9º Em sendo constatada a impossibilidade de reintegração da criança ou do adolescente à família de origem, após seu encaminhamento a programas oficiais ou comunitários de orientação, apoio e promoção social, será enviado relatório fundamentado ao Ministério Público, no qual conste a descrição pormenorizada das providências tomadas e a expressa recomendação, subscrita pelos técnicos da entidade ou responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar, para a destituição do poder familiar, ou destituição de tutela ou guarda.

§ 10. Recebido o relatório, o Ministério Público terá o prazo de 15 (quinze) dias para o ingresso com a ação de destituição do poder familiar, salvo se entender necessária a realização de estudos complementares ou de outras providências indispensáveis ao ajuizamento da demanda.

§ 11. A autoridade judiciária manterá, em cada comarca ou foro regional, um cadastro contendo informações atualizadas sobre as crianças e adolescentes em regime de acolhimento familiar e institucional sob sua responsabilidade, com informações pormenorizadas sobre a situação jurídica de cada um, bem como as providências tomadas para sua reintegração familiar ou colocação em família substituta, em qualquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei.

§ 12. Terão acesso ao cadastro o Ministério Público, o Conselho Tutelar, o órgão gestor da Assistência Social e os Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Assistência Social, aos quais incumbe deliberar sobre a implementação de políticas públicas que permitam reduzir o número de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar e abreviar o período de permanência em programa de acolhimento.

Art. 102. As medidas de proteção de que trata este Capítulo serão acompanhadas da ***regularização do registro civil****.*

§ 1º Verificada a inexistência de registro anterior, o assento de nascimento da criança ou adolescente será feito à vista dos elementos disponíveis, mediante requisição da autoridade judiciária.

§ 2º Os registros e certidões necessários à regularização de que trata este artigo são isentos de multas, custas e emolumentos, gozando de absoluta prioridade.

§ 3º Caso *ainda não definida a paternidade, será deflagrado procedimento específico destinado à sua averiguação, conforme previsto pela Lei nº* 8.560, de 29 de dezembro de 1992.

§ 4º Nas *hipóteses previstas no § 3º* deste artigo, é dispensável o ajuizamento de ação de investigação de paternidade pelo Ministério Público se, após o não comparecimento ou a recusa do suposto pai em assumir a paternidade a ele atribuída, a criança for encaminhada para adoção.

§ 5º Os *registros e certidões necessários à inclusão, a qualquer tempo, do nome do pai no assento de nascimento são isentos de multas, custas e emolumentos, gozando de absoluta prioridade.*

§ 6º São *gratuitas, a qualquer tempo, a averbação requerida do reconhecimento de paternidade no assento de nascimento e a certidão correspondente.*

As normas de prevenção do ECA são destinadas a crianças e adolescentes em situação de risco. Existirá situação de risco quando a criança ou o adolescente estiverem privados de assistência. Essa assistência pode ser material (quando não se tem onde dormir, o que comer, vestir etc.), moral (quando a criança ou o adolescente permanece em local inadequado, como locais de prática de jogo, prostituição etc.) ou jurídica (quando não tem quem o represente).

O menor que pratica ato infracional está em situação de risco por estar privado de assistência moral. A situação de risco pode decorrer de ação ou omissão do Poder Público; ação ou omissão dos pais ou dos responsáveis; por conduta própria.

O art. 101 do ECA traz um rol das medidas protetivas diante da situação de risco. Essas medidas poderão ser aplicadas tanto para a criança quanto para o adolescente. São elas:

- encaminhamento da criança e do adolescente aos pais ou responsáveis, mediante termo ou responsabilidade;
- orientação, apoio e acompanhamentos temporários por pessoa nomeada pelo Juiz;
- matrícula e frequência obrigatória em estabelecimento oficial de ensino fundamental (o Juiz determina aos pais a obrigação);
- inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;
- requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico em regime hospitalar (internação) ou ambulatorial (consultas periódicas);
- abrigo em entidade (não se fala em orfanato). A doutrina chama de "Tutela de Estado" quando a criança está em abrigo sob a proteção do Estado;
- colocação em família substituta (é utilizada somente em situações muito graves).

O Juiz pode aplicar essas medidas isolada ou cumulativamente. Pode, também, substituir uma medida pela outra a qualquer tempo (art. 99 do ECA). Antes de aplicar qualquer uma dessas medidas, o Juiz deverá ouvir os pais ou responsáveis, realizar estudo social do caso e ouvir o MP. Essa oitiva do MP é obrigatória, sob pena de nulidade (art. 204 do ECA). Esse rol do art. 101 é taxativo.

Título III
Da Prática de Ato Infracional

Capítulo I
Disposições Gerais

Art. 103. Considera-se ***ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal****.*

Art. 104. São ***penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos****, sujeitos às medidas previstas nesta Lei.*

Parágrafo único. Para os efeitos desta Lei, deve ser considerada a idade do adolescente à data do fato.

Art. 105. Ao ***ato infracional praticado por criança*** *corresponderão as medidas previstas no* ***art. 101****.*

Capítulo II
Dos Direitos Individuais

Art. 106. ***Nenhum adolescente será privado de sua liberdade senão em flagrante de ato infracional ou por ordem escrita e fundamentada*** *da autoridade judiciária competente.*

Parágrafo único. O adolescente tem direito à ***identificação dos responsáveis pela sua apreensão****, devendo ser informado acerca de seus direitos.*

Art. 107. A apreensão de qualquer adolescente e o local onde se encontra recolhido serão incontinenti comunicados à autoridade judiciária competente e à família do apreendido ou à pessoa por ele indicada.

Parágrafo único. Examinar-se-á, desde logo e sob pena de responsabilidade, a ***possibilidade de liberação imediata****.*

Art. 108. A internação, antes da sentença, pode ser ***determinada pelo prazo máximo de quarenta e cinco dias****.*

Parágrafo único. A decisão deverá ser fundamentada e basear-se em ***indícios suficientes de autoria e materialidade****, demonstrada a necessidade imperiosa da medida.*

Art. 109. O adolescente ***civilmente identificado não será submetido a identificação compulsória pelos órgãos policiais, de proteção e judiciais****, salvo para efeito de confrontação, havendo dúvida fundada.*

O adolescente não é preso, é apreendido.

A internação é a medida mais gravosa para o adolescente. O ECA permite a internação provisória durante o processo. É fixado o prazo máximo de 45 dias. Os fundamentos para que o Juiz decrete essa internação provisória são: indícios suficientes de autoria e materialidade e necessidade da medida.

Esse prazo de internação provisória será descontado na internação definitiva. Em nenhuma hipótese a criança poderá ser internada. Criança, que é todo aquele menor de 12 anos, não se sujeita a medida sócio-educativa, mas apenas a medida de proteção.

Capítulo III
Das Garantias Processuais

Art. 110. Nenhum adolescente será privado de sua liberdade sem o ***devido processo legal****.*

Art. 111. São asseguradas ao adolescente, entre outras, as seguintes garantias:

I - pleno e formal ***conhecimento da atribuição de ato infracional****, mediante citação ou meio equivalente;*

II - ***igualdade na relação processual****, podendo confrontar-se com vítimas e testemunhas e produzir todas as provas necessárias à sua defesa;*

III - ***defesa técnica*** *por advogado;*

IV - ***assistência judiciária gratuita e integral*** *aos necessitados, na forma da lei;*

*V - direito de ser **ouvido pessoalmente** pela autoridade competente;*

*VI - direito de **solicitar a presença de seus pais ou responsável** em qualquer fase do procedimento.*

Capítulo IV
Das Medidas Socioeducativas

Seção I
Disposições Gerais

Art. 112. Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

*I - **advertência**;*

*II - **obrigação de reparar o dano**;*

*III - **prestação de serviços à comunidade**;*

*IV - **liberdade assistida**;*

*V - inserção em **regime de semi-liberdade**;*

*VI - internação em **estabelecimento educacional**;*

VII - qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI.

§ 1º A medida aplicada ao adolescente levará em conta a sua ***capacidade de cumpri-la**, as **circunstâncias** e a **gravidade** da infração.*

§ 2º Em hipótese alguma e sob pretexto algum, será admitida a ***prestação de trabalho forçado**.*

§ 3º Os adolescentes portadores de ***doença ou deficiência mental receberão tratamento individual e especializado**, em local adequado às suas condições.*

Art. 113. Aplica-se a este Capítulo o disposto nos arts. 99 e 100.

*Art. 114. A imposição das medidas previstas nos incisos II a VI do art. 112 pressupõe a existência de **provas suficientes da autoria e da materialidade da infração**, ressalvada a hipótese de remissão, nos termos do art. 127.*

Parágrafo único. A advertência poderá ser aplicada sempre que houver prova da materialidade e indícios suficientes da autoria.

As medidas socioeducativas dependem de um procedimento judicial, só podendo ser aplicadas pelo Juiz. O ECA apresenta dois critérios genéricos para a aplicação de medida socioeducativa:

- capacidade do adolescente para cumprir a medida;
- circunstâncias e gravidade da infração.

A internação é uma exceção, existindo hipóteses legais para sua aplicação.

A medida de segurança não poderá ser aplicada ao adolescente, tendo em vista ser medida para maior de idade que apresenta periculosidade. No caso de adolescente doente mental, será aplicada medida de proteção, podendo ser requisitado tratamento médico.

O Juiz poderá cumular medidas socioeducativas, desde que sejam compatíveis (ex.: prestação de serviço à comunidade cumulada com reparação de danos). Com exceção da internação, o Juiz poderá substituir as medidas socioeducativas de acordo com o caso concreto, visto não haver taxatividade.

Se o Promotor discordar com a medida socioeducativa aplicada, deverá entrar com recurso de apelação. Essa apelação do ECA possui juízo de retratação, ou seja, o Juiz pode voltar atrás na decisão. O Tribunal competente para julgar essa apelação é o TJ.

Seção II
Da Advertência

*Art. 115. A advertência consistirá em **admoestação verbal**, que será reduzida a termo e assinada.*

Disposta no art. 115 do ECA, é uma medida sócio-educativa que consiste em uma admoestação verbal que é aplicada pelo Juiz ao adolescente e que é reduzida a termo. É destinada a atos de menor gravidade.

Para a aplicação da advertência, o Juiz deve levar em consideração a prova da materialidade e indícios suficientes de autoria. É a única medida que o Juiz poderá aplicar fundamentando-se somente em indícios de autoria.

Seção III
Da Obrigação de Reparar o Dano

*Art. 116. Em se tratando de **ato infracional com reflexos patrimoniais**, a autoridade poderá determinar, se for o caso, que o adolescente restitua a coisa, promova o ressarcimento do dano, ou, por outra forma, compense o prejuízo da vítima.*

Parágrafo único. Havendo manifesta impossibilidade, a medida poderá ser substituída por outra adequada.

Obrigação de reparar o dano (art. 116 do ECA). Há um pressuposto: o ato infracional deve ter causado um dano à vítima. Essa reparação é para a vítima que sofreu o dano. É uma medida voltada para o adolescente, então deve ser estabelecida de acordo com a possibilidade de cumprimento pelo adolescente (ex.: devolução da coisa furtada, pequenos serviços a título de reparação etc.).

A jurisprudência admite que essa reparação de dano pode ser aplicada à criança (ex.: devolução da coisa furtada).

Seção IV
Da Prestação de Serviços à Comunidade

*Art. 117. A prestação de serviços comunitários consiste na **realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses**, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais.*

Parágrafo único. As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a frequência à escola ou à jornada normal de trabalho.

NOVA CONCURSOS

Disposta no art. 117 do ECA, o adolescente será obrigado a prestar serviços em benefício da coletividade. São tarefas gratuitas de interesse geral junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas ou estabelecimentos congêneres.

Como a medida é mais gravosa, a lei fixa um prazo máximo de 6 meses para essa prestação e um máximo de 8 horas semanais. Essas 8 horas poderão ser estabelecidas discricionariamente, desde que não prejudiquem a frequência ao trabalho e à escola. Deverá ser levada em conta a aptidão do adolescente para a aplicação da medida.

Seção V
Da Liberdade Assistida

Art. 118. A liberdade assistida será ***adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente****.*

§ 1º A autoridade designará pessoa capacitada para acompanhar o caso, a qual poderá ser recomendada por entidade ou programa de atendimento.

§ 2º A liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor.

Art. 119. Incumbe ao ***orientador****, com o apoio e a supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros:*

I - promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social;

II - supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula;

III - diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho;

IV - apresentar relatório do caso.

É a última medida em que o adolescente permanece com sua família. O Juiz irá determinar um acompanhamento permanente ao adolescente, designando, para isso, um orientador, que poderá ser substituído a qualquer tempo. A lei fixa um prazo mínimo de 6 meses para a duração dessa medida. O orientador terá as seguintes obrigações legais:

- promover socialmente o adolescente, bem como a sua família, inserindo-os em programas sociais. Promover socialmente é fazer com que o adolescente realize atividades valorizadas socialmente (teatro, música etc.);
- supervisionar a frequência e o aproveitamento escolar do adolescente;
- profissionalizar o adolescente (nos termos da EC n. 20);
- apresentar relatório do caso ao Juiz.

Seção VI
Do Regime de Semiliberdade

Art. 120. O regime de semiliberdade pode ser determinado ***desde o início****, ou como forma de* ***transição*** *para o meio aberto, possibilitada a realização de atividades externas, independentemente de autorização judicial.*

§ 1º São obrigatórias a ***escolarização e a profissionalização****, devendo, sempre que possível, ser utilizados os recursos existentes na comunidade.*

§ 2º A medida ***não comporta prazo determinado*** *aplicando-se, no que couber, as disposições relativas à internação.*

Disposta no art. 120 do ECA, é uma medida que importa em privação de liberdade ao adolescente que pratica um ato infracional mais grave. O adolescente é retirado de sua família e colocado em um estabelecimento apropriado de semiliberdade, podendo realizar atividades externas (estudar, trabalhar etc.) somente com autorização do diretor do estabelecimento, não havendo necessidade de autorização judicial. Pode ser usada tanto como medida principal quanto como medida progressiva ou regressiva.

A semiliberdade não tem prazo fixado em lei, nem mínimo nem máximo. A doutrina e a jurisprudência determinam a aplicação da medida por analogia dos prazos da internação, tendo como prazo máximo 3 anos. Há a obrigatoriedade de escolarização e profissionalização na semiliberdade.

Seção VII
Da Internação

Art. 121. A internação constitui ***medida privativa da liberdade****, sujeita aos princípios de* ***brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar*** *de pessoa em desenvolvimento.*

§ 1º Será permitida a realização de atividades externas, a critério da equipe técnica da entidade, salvo expressa determinação judicial em contrário.

§ 2º A medida não comporta prazo determinado, devendo sua manutenção ser reavaliada, mediante decisão fundamentada, no máximo a cada seis meses.

§ 3º Em nenhuma hipótese o período máximo de internação excederá a três anos.

§ 4º Atingido o limite estabelecido no parágrafo anterior, o adolescente deverá ser liberado, colocado em regime de semiliberdade ou de liberdade assistida.

§ 5º A liberação será compulsória aos vinte e um anos de idade.

§ 6º Em qualquer hipótese a desinternação será precedida de autorização judicial, ouvido o Ministério Público.

§ 7º A *determinação judicial mencionada no § 1º* poderá ser revista a qualquer tempo pela autoridade judiciária.

Art. 122. A medida de internação só poderá ser aplicada quando:

I - tratar-se de ato infracional cometido mediante ***grave ameaça ou violência a pessoa****;*

II - por ***reiteração*** *no cometimento de outras infrações graves;*

III - por ***descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta****.*

§ 1º *O prazo de internação na hipótese do inciso III deste artigo não poderá ser superior a 3 (três) meses, devendo ser decretada judicialmente após o devido processo legal.*

§ 2º Em nenhuma hipótese será aplicada a internação, havendo outra medida adequada.

*Art. 123. A internação deverá ser cumprida em **entidade exclusiva** para adolescentes, em local distinto daquele destinado ao abrigo, obedecida rigorosa separação por critérios de idade, compleição física e gravidade da infração.*

Parágrafo único. Durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas.

*Art. 124. São **direitos** do adolescente privado de liberdade, entre outros, os seguintes:*

I - entrevistar-se pessoalmente com o representante do Ministério Público;

II - peticionar diretamente a qualquer autoridade;

III - avistar-se reservadamente com seu defensor;

IV - ser informado de sua situação processual, sempre que solicitada;

V - ser tratado com respeito e dignidade;

VI - permanecer internado na mesma localidade ou naquela mais próxima ao domicílio de seus pais ou responsável;

VII - receber visitas, ao menos, semanalmente;

VIII - corresponder-se com seus familiares e amigos;

IX - ter acesso aos objetos necessários à higiene e asseio pessoal;

X - habitar alojamento em condições adequadas de higiene e salubridade;

XI - receber escolarização e profissionalização;

XII - realizar atividades culturais, esportivas e de lazer:

XIII - ter acesso aos meios de comunicação social;

XIV - receber assistência religiosa, segundo a sua crença, e desde que assim o deseje;

XV - manter a posse de seus objetos pessoais e dispor de local seguro para guardá-los, recebendo comprovante daqueles porventura depositados em poder da entidade;

XVI - receber, quando de sua desinternação, os documentos pessoais indispensáveis à vida em sociedade.

§ 1º Em nenhum caso haverá incomunicabilidade.

§ 2º A autoridade judiciária poderá suspender temporariamente a visita, inclusive de pais ou responsável, se existirem motivos sérios e fundados de sua prejudicialidade aos interesses do adolescente.

*Art. 125. É **dever do Estado** zelar pela integridade física e mental dos internos, cabendo-lhe adotar as medidas adequadas de contenção e segurança.*

Disposta no art. 121 e seguintes do ECA, é a medida reservada para os atos infracionais de natureza grave. O ECA estabelece princípios específicos para a internação, pois é medida de privação de liberdade sempre excepcional.

A internação deve durar o menor tempo possível (princípio da brevidade), é uma medida de exceção que só deverá ser utilizada em último caso (princípio da excepcionalidade) e deve seguir o princípio do respeito à condição peculiar do adolescente como pessoa em desenvolvimento. Em nenhuma hipótese pode ser aplicada à criança.

O ECA estabelece hipóteses de internação para:

- prática de ato infracional mediante grave ameaça ou violência à pessoa;
- reiteração de infrações graves;
- descumprimento reiterado e injustificado da medida anteriormente imposta (é uma hipótese de regressão). Neste caso, a internação não pode ultrapassar o prazo de 3 meses.

Nas duas primeiras hipóteses, o prazo máximo para internação é de 3 anos. Por força desse prazo, o ECA poderá atingir o maior de 18 anos. Em rigor, todas as medidas sócio-educativas poderão atingir o maior de 18 anos.

A medida só poderá ser aplicada com o devido processo legal e em nenhuma hipótese poderá ser aplicada à criança. Quando o adolescente completar 21 anos, a liberação será obrigatória. Caso o adolescente tenha passado por internação provisória, esses dias serão computados na internação (detração). A diferença entre semi-liberdade e internação é que, nesta, o adolescente depende de autorização expressa do juiz para praticar atividades externas, ou seja, o adolescente internado somente se ausentará do estabelecimento em que se achar se autorizado pelo juiz.

O art. 123 dispõe que o local para a internação deve ser distinto do abrigo, devendo-se obedecer a separação por idade, composição física (tamanho), sexo e gravidade do ato infracional. Há, também, a obrigatoriedade de realização de atividades pedagógicas.

O art. 124 dispõe sobre direitos específicos dos adolescentes:

- entrevista pessoal com o representante do MP;
- entrevista reservada com seu defensor, dentre outros.

As visitas podem ser suspensas pelo juiz, sob o fundamento de segurança e proteção do menor, entretanto, em nenhuma hipótese o menor poderá ficar incomunicável.

Capítulo V
Da Remissão

*Art. 126. **Antes de iniciado o procedimento judicial para apuração de ato infracional, o representante do Ministério Público poderá conceder a remissão**, como forma de exclusão do processo, atendendo às circunstâncias e consequências do fato, ao contexto social, bem como à personalidade do adolescente e sua maior ou menor participação no ato infracional.*

Parágrafo único. Iniciado o procedimento, a concessão da remissão pela autoridade judiciária importará na suspensão ou extinção do processo.

*Art. 127. A remissão **não implica necessariamente o reconhecimento ou comprovação da responsabilidade, nem prevalece para efeito de antecedentes**, podendo incluir eventualmente a aplicação de qualquer das medidas previstas em lei, exceto a colocação em regime de semi-liberdade e a internação.*

*Art. 128. A medida aplicada por força da remissão poderá ser **revista judicialmente**, a qualquer tempo, mediante pedido expresso do adolescente ou de seu representante legal, ou do Ministério Público.*

NOVA CONCURSOS

Tem por conceito o perdão, a indulgência ao menor. Podem conceder remissão tanto o MP quanto o Juiz. São hipóteses de natureza jurídica diferentes. A remissão judicial é forma de extinção ou de suspensão do processo (portanto, pressupõe o processo em curso). Já a remissão ministerial é forma de exclusão do processo (logo, deve ser concedida antes do processo - administrativamente). Quando a remissão é concedida pelo MP, segue-se o seguinte procedimento:

- o menor é ouvido pelo Promotor que concederá a remissão;
- o Promotor encaminha a remissão para homologação pelo Juiz;
- se o Juiz não aceitar a remissão, deverá remeter para o Procurador de Justiça, que poderá insistir na remissão ou designar outro representante do MP para apresentar representação contra o menor. Essa remissão concedida pelo MP é causa de exclusão do processo, visto que, ao conceder a remissão, inexiste o processo.

Quando a remissão é concedida pelo Juiz, segue-se o seguinte procedimento:

- o Promotor oferece a representação;
- na audiência de apresentação, o menor será ouvido pelo Juiz, que poderá decidir pela remissão;
- o representante do MP deverá, obrigatoriamente, ser ouvido sobre a possibilidade da remissão antes de ela ser aplicada. A remissão concedida pelo Juiz causa extinção do processo. Havendo discordância por parte do MP, este deverá ingressar com uma apelação para reformar a decisão do Juiz.

Tanto a doutrina quanto a jurisprudência admitem a cumulação da remissão com uma medida sócio-educativa que seja compatível (ex.: reparação do dano, advertência etc.). Neste caso, a remissão é causa de suspensão do processo.

O ECA traz quatro requisitos genéricos para a aplicação da remissão, devendo ficar a critério do membro do MP ou do Juiz a sua concessão. São eles:

- circunstâncias e conseqüências do fato;
- contexto social em que o fato foi praticado;
- personalidade do agente;
- maior ou menor participação no ato infracional.

A remissão, quer concedida pelo MP quer pelo Juiz, não implica confissão de culpa. Existe uma divergência na doutrina em considerar a remissão como um acordo ou não. A posição majoritária entende que a remissão não é um acordo, tendo em vista a lei falar em concessão e, ainda, pelo fato de não haver nenhum prejuízo para o adolescente, não possuindo a remissão nenhum efeito, podendo ser concedida quantas vezes forem necessárias.

Título IV
Das Medidas Pertinentes aos Pais ou Responsável

Art. 129. São medidas aplicáveis aos pais ou responsável:

I - encaminhamento a serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família;

II - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;

III - encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico;

IV - encaminhamento a cursos ou programas de orientação;

V - obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar;

VI - obrigação de encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado;

VII - advertência;

VIII - perda da guarda;

IX - destituição da tutela;

X - suspensão ou destituição do poder familiar.

Parágrafo único. Na aplicação das medidas previstas nos incisos IX e X deste artigo, observar-se-á o disposto nos arts. 23 e 24.

Art. 130. Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum.

Parágrafo único. Da medida cautelar constará, ainda, a fixação provisória dos alimentos de que necessitem a criança ou o adolescente dependentes do agressor.

Capítulo I
Disposições Gerais

Art. 131. O Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, não jurisdicional*, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos nesta Lei.*

Art. 132. Em cada Município e em cada Região Administrativa do Distrito Federal haverá, no mínimo, ***1 (um) Conselho Tutelar*** *como órgão integrante da administração pública local, composto de* ***5 (cinco) membros****, escolhidos pela população local para* ***mandato de 4 (quatro) anos****,* ***permitida 1 (uma) recondução****, mediante novo processo de escolha.*

Art. 133. Para a ***candidatura*** *a membro do Conselho Tutelar, serão exigidos os seguintes* ***requisitos****:*

I - reconhecida ***idoneidade moral****;*

II - idade superior ***a vinte e um anos****;*

III - ***residir*** *no município.*

Art. 134. ***Lei municipal ou distrital disporá sobre o local, dia e horário de funcionamento do Conselho Tutelar****, inclusive quanto à remuneração dos respectivos membros, aos quais é assegurado o direito a:*

I - cobertura previdenciária;

II - gozo de férias anuais remuneradas, acrescidas de 1/3 (um terço) do valor da remuneração mensal;

III - licença-maternidade;

IV - licença-paternidade;

V - gratificação natalina.

Parágrafo único. Constará da lei orçamentária municipal e da do Distrito Federal previsão dos recursos necessários ao funcionamento do Conselho Tutelar e à remuneração e formação continuada dos conselheiros tutelares.

Art. 135. O exercício efetivo da função de conselheiro constituirá serviço público relevante e estabelecerá presunção de idoneidade moral.

Capítulo II
Das Atribuições do Conselho

*Art. 136. São **atribuições** do Conselho Tutelar:*

I - atender as crianças e adolescentes nas hipóteses previstas nos arts. 98 e 105, aplicando as medidas previstas no art. 101, I a VII;

II - atender e aconselhar os pais ou responsável, aplicando as medidas previstas no art. 129, I a VII;

III - promover a execução de suas decisões, podendo para tanto:

a) requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança;

b) representar junto à autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações.

IV - encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou adolescente;

V - encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência;

VI - providenciar a medida estabelecida pela autoridade judiciária, dentre as previstas no art. 101, de I a VI, para o adolescente autor de ato infracional;

VII - expedir notificações;

VIII - requisitar certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente quando necessário;

IX - assessorar o Poder Executivo local na elaboração da proposta orçamentária para planos e programas de atendimento dos direitos da criança e do adolescente;

X - representar, em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos previstos no art. 220, § 3º, inciso II, da Constituição Federal;

XI - representar ao Ministério Público para efeito das ações de perda ou suspensão do poder familiar, após esgotadas as possibilidades de manutenção da criança ou do adolescente junto à família natural;

XII - promover e incentivar, na comunidade e nos grupos profissionais, ações de divulgação e treinamento para o reconhecimento de sintomas de maus-tratos em crianças e adolescentes.

Parágrafo único. Se, no exercício de suas atribuições, o Conselho Tutelar entender necessário o afastamento do convívio familiar, comunicará incontinenti o fato ao Ministério Público, prestando-lhe informações sobre os motivos de tal entendimento e as providências tomadas para a orientação, o apoio e a promoção social da família.

*Art. 137. As decisões do Conselho Tutelar somente poderão ser **revistas pela autoridade judiciária** a pedido de quem tenha legítimo interesse.*

Capítulo III
Da Competência

Art. 138. Aplica-se ao Conselho Tutelar a regra de competência constante do art. 147.

Capítulo IV
Da Escolha dos Conselheiros

*Art. 139. O processo para a escolha dos membros do Conselho Tutelar será estabelecido em **lei municipal** e realizado sob a **responsabilidade do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente**, e a **fiscalização do Ministério Público**.*

*§ 1º O processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar ocorrerá em data unificada em todo o território nacional a cada 4 (quatro) anos, no primeiro domingo do mês de outubro do **ano subsequente ao da eleição presidencial**.*

*§ 2º A **posse** dos conselheiros tutelares ocorrerá no **dia 10 de janeiro** do ano subsequente ao processo de escolha.*

§ 3º No processo de escolha dos membros do Conselho Tutelar, é vedado ao candidato doar, oferecer, prometer ou entregar ao eleitor bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza, inclusive brindes de pequeno valor.

Capítulo V
Dos Impedimentos

*Art. 140. São **impedidos de servir no mesmo Conselho marido e mulher, ascendentes e descendentes, sogro e genro ou nora, irmãos, cunhados, durante o cunhadio, tio e sobrinho, padrasto ou madrasta e enteado**.*

Parágrafo único. Estende-se o impedimento do conselheiro, na forma deste artigo, em relação à autoridade judiciária e ao representante do Ministério Público com atuação na Justiça da Infância e da Juventude, em exercício na comarca, foro regional ou distrital.

Título VI
Do Acesso à Justiça

Capítulo I
Disposições Gerais

*Art. 141. É **garantido o acesso de toda criança ou adolescente à Defensoria Pública, ao Ministério Público e ao Poder Judiciário**, por qualquer de seus órgãos.*

§ 1º. A assistência judiciária ***gratuita*** *será prestada aos que dela **necessitarem**, através de defensor público ou advogado nomeado.*

§ 2º As ***ações judiciais*** *da competência da **Justiça da Infância e da Juventude*** são ***isentas de custas e emolumentos**, ressalvada a hipótese de litigância de má-fé.*

*Art. 142. Os **menores de dezesseis anos** serão **representados** e os **maiores de dezesseis e menores de vinte e um anos assistidos** por seus pais, tutores ou curadores, na forma da legislação civil ou processual.*

*Parágrafo único. A autoridade judiciária dará **curador especial** à criança ou adolescente, sempre que os interesses destes colidirem com os de seus pais ou responsável, ou quando carecer de representação ou assistência legal ainda que eventual.*

*Art. 143. E vedada **a divulgação de atos judiciais, policiais e administrativos** que digam respeito a crianças e adolescentes a que se atribua autoria de **ato infracional**.*

Parágrafo único. Qualquer notícia a respeito do fato não poderá identificar a criança ou adolescente, vedando-se fotografia, referência a nome, apelido, filiação, parentesco, residência e, inclusive, iniciais do nome e sobrenome.

*Art. 144. A expedição de **cópia ou certidão de atos** a que se refere o artigo anterior somente será deferida pela autoridade judiciária competente, se demonstrado o interesse e justificada a finalidade.*

O homem necessita do convívio social, não é um ser capaz de viver de maneira autônoma e totalmente desvinculada dos demais. Neste sentido, a imposição de regramentos e normas permitiu que a sociedade atingisse o atual grau de evolução.

Obviamente, no ambiente social surgem conflitos de interesses. Afinal, nem sempre os bens e valores existem em quantidade suficiente para atender a todas as pessoas. Inicialmente, estes conflitos eram solucionados pelos próprios envolvidos, na denominada fase da autotutela.

Contudo, a solução possibilidade pela autotutela era bastante insatisfatória e fazia com que prevalecesse a lei do mais forte. Então, surgiu o Estado apresentando um melhor sistema para a solução dos conflitos.

O Estado assumiu para si o poder-dever de dizer o Direito, de solucionar os conflitos, conhecido como jurisdição. Assim, o Estado irá elaborar as leis (direito material) e prever como elas serão aplicadas (direito processual). A autotutela para a ser punida como regra geral e o Estado exerce a heterotutela por meio da atividade jurisdicional.

Jurisdição é o poder-dever do Estado de dizer o Direito. Sendo assim, trata-se de atividade estatal exercida por intermédio de um agente constituído com competência para exercê-la, o juiz.

Nos primórdios da humanidade não existia o Direito e nem existiam as leis, de modo que a justiça era feita pelas próprias mãos, na denominada autotutela. Com a evolução das instituições, o Estado avocou para si o poder-dever de solucionar os litígios, o que é feito pela jurisdição.

O poder-dever de dizer o direito é uno, apenas existindo uma separação de funções: o Legislativo regulamenta normas gerais e abstratas (função legislativa) e o Judiciário as aplica no caso concreto (função jurisdicional).

Entretanto, vale destacar que na sociedade contemporânea, devido às inúmeras mazelas que se apresentaram envolvendo o abarrotamento de processos pelo Judiciário, passou-se a incentivar a adoção de métodos de autocomposição, como conciliação, mediação e arbitragem.

Tradicionalmente, são enumerados pela doutrina os seguintes princípios inerentes à jurisdição: investidura, porque somente exerce jurisdição quem ocupa o cargo de juiz; aderência ao território, posto que juízes somente têm autoridade no território nacional e nos limites de sua competência; indelegabilidade, não podendo o Poder Judiciário delegar sua competência; inafastabilidade, pois a lei não pode excluir da apreciação do Poder Judiciário nenhuma lesão ou ameaça a direito.

Embora a jurisdição seja una, em termos doutrinários é possível classificá-la: a) quanto ao objeto – penal, trabalhista e civil (a civil é subsidiária, envolvendo todo direito material que não seja penal ou trabalhista, não somente questões inerentes ao direito civil); b) quanto ao organismo que a exerce – comum (estadual ou federal) ou especial (trabalhista, militar, eleitoral); c) quanto à hierarquia – superior e inferior.

Neste sentido, com vistas a instrumentalizar a jurisdição, impedindo que ela seja exercida de maneira caótica, ela é distribuída entre juízos e foros (órgãos competentes em localidades determinadas). A esta distribuição das parcelas de jurisdição dá-se o nome de competência.

As **tutelas jurisdicionais diferenciadas**, por sua vez, são aquelas que apresentam procedimentos diversos do comum. Possuem procedimentos ditos especiais, os quais buscam garantir um processo mais rápido e compatível com as necessidades específicas do direito em discussão. No âmbito do direito da criança e do adolescente, tem-se o estabelecimento de uma tutela jurisdicional diferenciada, eis que existem inúmeras regras específicas aplicáveis aos processos que envolvem de algum modo criança ou adolescente.

A noção de **jurisdição inclusiva** também se aplica à tutela jurisdicional da criança e do adolescente. Basicamente, refere-se à propiciação de uma jurisdição que esteja atenta às peculiaridades das minorias e dos grupos vulneráveis. No caso, as crianças e adolescentes são considerados um grupo vulnerável devido à condição especial que ocupam.

Capítulo II
Da Justiça da Infância e da Juventude

Seção I
Disposições Gerais

Art. 145. Os estados e o Distrito Federal poderão criar varas especializadas e exclusivas da infância e da juventude, cabendo ao Poder Judiciário estabelecer sua proporcionalidade por número de habitantes, dotá-las de infra-estrutura e dispor sobre o atendimento, inclusive em plantões.

Seção II
Do Juiz

Art. 146. A autoridade a que se refere esta Lei é o Juiz da Infância e da Juventude, ou o juiz que exerce essa função, na forma da lei de organização judiciária local.

Art. 147. A competência será determinada:

I - pelo domicílio dos pais ou responsável;

II - pelo lugar onde se encontre a criança ou adolescente, à falta dos pais ou responsável.

§ 1º. Nos casos de ato infracional, será competente a autoridade do lugar da ação ou omissão, observadas as regras de conexão, continência e prevenção.

§ 2º A execução das medidas poderá ser delegada à autoridade competente da residência dos pais ou responsável, ou do local onde sediar-se a entidade que abrigar a criança ou adolescente.

§ 3º Em caso de infração cometida através de transmissão simultânea de rádio ou televisão, que atinja mais de uma comarca, será competente, para aplicação da penalidade, a autoridade judiciária do local da sede estadual da emissora ou rede, tendo a sentença eficácia para todas as transmissoras ou retransmissoras do respectivo estado.

Art. 148. A Justiça da Infância e da Juventude é competente para:

I - conhecer de representações promovidas pelo Ministério Público, para apuração de ato infracional atribuído a adolescente, aplicando as medidas cabíveis;

II - conceder a remissão, como forma de suspensão ou extinção do processo;

III - conhecer de pedidos de adoção e seus incidentes;

IV - conhecer de ações civis fundadas em interesses individuais, difusos ou coletivos afetos à criança e ao adolescente, observado o disposto no art. 209;

V - conhecer de ações decorrentes de irregularidades em entidades de atendimento, aplicando as medidas cabíveis;

VI - aplicar penalidades administrativas nos casos de infrações contra norma de proteção à criança ou adolescente;

VII - conhecer de casos encaminhados pelo Conselho Tutelar, aplicando as medidas cabíveis.

Parágrafo único. Quando se tratar de criança ou adolescente nas hipóteses do art. 98, é também competente a Justiça da Infância e da Juventude para o fim de:

a) conhecer de pedidos de guarda e tutela;

b) conhecer de ações de destituição do poder familiar, perda ou modificação da tutela ou guarda;

c) suprir a capacidade ou o consentimento para o casamento;

d) conhecer de pedidos baseados em discordância paterna ou materna, em relação ao exercício do poder familiar;

e) conceder a emancipação, nos termos da lei civil, quando faltarem os pais;

f) designar curador especial em casos de apresentação de queixa ou representação, ou de outros procedimentos judiciais ou extrajudiciais em que haja interesses de criança ou adolescente;

g) conhecer de ações de alimentos;

h) determinar o cancelamento, a retificação e o suprimento dos registros de nascimento e óbito.

Art. 149. Compete à autoridade judiciária disciplinar, através de portaria, ou autorizar, mediante alvará:

I - a entrada e permanência de criança ou adolescente, desacompanhado dos pais ou responsável, em:

a) estádio, ginásio e campo desportivo;

b) bailes ou promoções dançantes;

c) boate ou congêneres;

d) casa que explore comercialmente diversões eletrônicas;

e) estúdios cinematográficos, de teatro, rádio e televisão.

II - a participação de criança e adolescente em:

a) espetáculos públicos e seus ensaios;

b) certames de beleza.

§ 1º Para os fins do disposto neste artigo, a autoridade judiciária levará em conta, dentre outros fatores:

a) os princípios desta Lei;

b) as peculiaridades locais;

c) a existência de instalações adequadas;

d) o tipo de freqüência habitual ao local;

e) a adequação do ambiente a eventual participação ou freqüência de crianças e adolescentes;

f) a natureza do espetáculo.

§ 2º As medidas adotadas na conformidade deste artigo deverão ser fundamentadas, caso a caso, vedadas as determinações de caráter geral.

Seção III
Dos Serviços Auxiliares

Art. 150. Cabe ao Poder Judiciário, na elaboração de sua proposta orçamentária, prever recursos para manutenção de equipe interprofissional, destinada a assessorar a Justiça da Infância e da Juventude.

Art. 151. Compete à equipe interprofissional dentre outras atribuições que lhe forem reservadas pela legislação local, fornecer subsídios por escrito, mediante laudos, ou verbalmente, na audiência, e bem assim desenvolver trabalhos de aconselhamento, orientação, encaminhamento, prevenção e outros, tudo sob a imediata subordinação à autoridade judiciária, assegurada a livre manifestação do ponto de vista técnico.

Parágrafo único. Na ausência ou insuficiência de servidores públicos integrantes do Poder Judiciário responsáveis pela realização dos estudos psicossociais ou de quaisquer outras espécies de avaliações técnicas exigidas por esta Lei ou por determinação judicial, a autoridade judiciária poderá proceder à nomeação de perito, nos termos do art. 156 da Lei nº 13.105, de 16 de março de 2015 (Código de Processo Civil).

Capítulo III
Dos Procedimentos

Seção I
Disposições Gerais

Art. 152. Aos procedimentos regulados nesta Lei aplicam-se subsidiariamente as ***normas gerais previstas na legislação processual pertinente****.*

§ 1º *É assegurada, sob pena de responsabilidade,* ***prioridade absoluta na tramitação dos processos e procedimentos*** *previstos nesta Lei, assim como na execução dos atos e diligências judiciais a eles referentes.*

§ 2º Os prazos estabelecidos nesta Lei e aplicáveis aos seus procedimentos são ***contados em dias corridos****, excluído o dia do começo e incluído o dia do vencimento, vedado o prazo em dobro para a Fazenda Pública e o Ministério Público.*

Art. 153. Se a medida judicial a ser adotada não corresponder a procedimento previsto nesta ou em outra lei, a autoridade judiciária ***poderá investigar os fatos e ordenar de ofício as providências necessárias, ouvido o Ministério Público****.*

NOVA CONCURSOS

*Parágrafo único. O disposto neste artigo **não se aplica** para o fim de afastamento da criança ou do adolescente de sua família de origem e em outros procedimentos necessariamente **contenciosos**.*

Art. 154. Aplica-se às multas o disposto no art. 214.

A tutela sócio-individual abrange aspectos do direito da criança e do adolescente voltado à criança e ao adolescente individualmente concebidos, isto é, pensados como sujeitos de direitos individuais que possam ser por eles exercidos.

A tutela sócio-educativa abrange aspectos do direito da criança e do adolescente voltados às atividades de ensino e aprendizagem, tanto no que se refere à educação formal quanto em relação à educação informal.

A tutela coletiva volta-se à proteção de direitos difusos e coletivos da criança e do adolescente. Aos direitos difusos e coletivos são conferidos mecanismos de tutela específicos para sua proteção, bem como atribuída competência para tanto a órgãos determinados que exercerão um papel representativo. No Brasil, destacam-se instituições como o Ministério Público e a Defensoria Pública. Sem prejuízo, como visto, há remédios constitucionais que se voltam à proteção de interesses desta categoria, como o mandado de segurança coletivo e a própria ação popular, sem falar na ação civil pública, também mencionada no texto constitucional.

Considerados os diferentes tipos de tutelas inseridas no direito da criança e do adolescente, justifica-se a tutela jurisdicional diferenciada, adaptada à condição em desenvolvimento da criança e do adolescente, que deve ser ágil, efetiva, atenta às peculiaridades do caso concreto.

Os procedimentos especiais do ECA se referem a: perda e suspensão de poder familiar, destituição de tutela, colocação em família substituta, apuração de ato infracional atribuído a adolescente, apuração de irregularidades em atendimento, apuração de infração administrativa às normas de proteção da criança e do adolescente e habilitação em adoção.

Seção II
Da Perda e da Suspensão do Poder Familiar

*Art. 155. O **procedimento** para a perda ou a suspensão do poder familiar terá início por **provocação do Ministério Público ou de quem tenha legítimo interesse.***

*Art. 156. A **petição inicial** indicará:*

I - a autoridade judiciária a que for dirigida;

II - o nome, o estado civil, a profissão e a residência do requerente e do requerido, dispensada a qualificação em se tratando de pedido formulado por representante do Ministério Público;

III - a exposição sumária do fato e o pedido;

IV - as provas que serão produzidas, oferecendo, desde logo, o rol de testemunhas e documentos.

*Art. 157. Havendo **motivo grave**, poderá a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, decretar a suspensão do poder familiar, **liminar ou incidentalmente**, até o julgamento definitivo da causa, ficando a criança ou adolescente confiado a pessoa idônea, mediante termo de responsabilidade.*

§ 1º Recebida a petição inicial, a autoridade judiciária determinará, concomitantemente ao despacho de citação e independentemente de requerimento do interessado, a realização de estudo social ou perícia por equipe interprofissional ou multidisciplinar para comprovar a presença de uma das causas de suspensão ou destituição do poder familiar, ressalvado o disposto no § 10 do art. 101 desta Lei, e observada a Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017.

§ 2º Em sendo os pais oriundos de comunidades indígenas, é ainda obrigatória a intervenção, junto à equipe interprofissional ou multidisciplinar referida no § 1o deste artigo, de representantes do órgão federal responsável pela política indigenista, observado o disposto no § 6º do art. 28 desta Lei.

*Art. 158. O requerido será **citado** para, no prazo de **dez** dias, oferecer **resposta** escrita, indicando as provas a serem produzidas e oferecendo desde logo o rol de **testemunhas** e documentos.*

§ 1º A citação será pessoal, salvo se esgotados todos os meios para sua realização.

§ 2º O requerido privado de liberdade deverá ser citado pessoalmente.

§ 3º Quando, por 2 (duas) vezes, o oficial de justiça houver procurado o citando em seu domicílio ou residência sem o encontrar, deverá, havendo suspeita de ocultação, informar qualquer pessoa da família ou, em sua falta, qualquer vizinho do dia útil em que voltará a fim de efetuar a citação, na hora que designar, nos termos do art. 252 e seguintes da Lei nº 13.105, de 16 de março de 2015 (Código de Processo Civil).

§ 4º Na hipótese de os genitores encontrarem-se em local incerto ou não sabido, serão citados por edital no prazo de 10 (dez) dias, em publicação única, dispensado o envio de ofícios para a localização.

*Art. 159. Se o requerido não tiver possibilidade de constituir advogado, sem prejuízo do próprio sustento e de sua família, poderá requerer, em cartório, que lhe seja nomeado **dativo**, ao qual incumbirá a apresentação de resposta, contando-se o prazo a partir da intimação do despacho de nomeação.*

Parágrafo único. Na hipótese de requerido privado de liberdade, o oficial de justiça deverá perguntar, no momento da citação pessoal, se deseja que lhe seja nomeado defensor.

*Art. 160. Sendo necessário, a autoridade judiciária requisitará de qualquer repartição ou órgão público a apresentação de **documento** que interesse à causa, de ofício ou a requerimento das partes ou do Ministério Público.*

*Art. 161. Se não for contestado o pedido e tiver sido concluído o estudo social ou a perícia realizada por equipe interprofissional ou multidisciplinar, a **autoridade judiciária dará vista dos autos ao Ministério Público, por 5 (cinco) dias**, salvo quando este for o requerente, e decidirá em igual prazo.*

§ 1º A autoridade judiciária, de ofício ou a requerimento das partes ou do Ministério Público, determinará a oitiva de testemunhas que comprovem a presença de uma das causas de suspensão ou destituição do poder familiar previstas nos *arts. 1.637 e 1.638 da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), ou no art. 24 desta Lei.*

§ 2º *(Revogado).*

§ 3º *Se o pedido importar em modificação de guarda, será obrigatória, desde que possível e razoável, a oitiva da criança ou adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento e grau de compreensão sobre as implicações da medida.*

§ 4º É obrigatória a oitiva dos pais sempre que eles forem identificados e estiverem em local conhecido, ressalvados os casos de não comparecimento perante a Justiça quando devidamente citados.

§ 5º *Se o pai ou a mãe estiverem privados de liberdade, a autoridade judicial requisitará sua apresentação para a oitiva.*

Art. 162. Apresentada a ***resposta, a autoridade judiciária dará vista dos autos ao Ministério Público, por cinco dias****, salvo quando este for o requerente, designando, desde logo, audiência de instrução e julgamento.*

§ 1º (Revogado).

§ 2º *Na audiência, presentes as partes e o Ministério Público, serão ouvidas as testemunhas, colhendo-se oralmente o parecer técnico, salvo quando apresentado por escrito, manifestando-se sucessivamente o requerente, o requerido e o Ministério Público, pelo tempo de 20 (vinte) minutos cada um, prorrogável por mais 10 (dez) minutos.*

§ 3º *A decisão será proferida na audiência, podendo a autoridade judiciária, excepcionalmente, designar data para sua leitura no prazo máximo de 5 (cinco) dias.*

§ 4º *Quando o procedimento de destituição de poder familiar for iniciado pelo Ministério Público, não haverá necessidade de nomeação de curador especial em favor da criança ou adolescente.*

Art. 163. O ***prazo máximo para conclusão do procedimento será de 120 (cento e vinte) dias****, e caberá ao juiz, no caso de notória inviabilidade de manutenção do poder familiar, dirigir esforços para preparar a criança ou o adolescente com vistas à colocação em família substituta.*

Parágrafo único. A sentença que decretar a perda ou a suspensão do poder familiar será averbada à margem do registro de nascimento da criança ou do adolescente.

Seção III
Da Destituição da Tutela

Art. 164. Na destituição da tutela, observar-se-á o procedimento para a remoção de tutor previsto na lei processual civil e, no que couber, o disposto na seção anterior.

A destituição da tutela pode, assim, ser decretada judicialmente, em procedimento contraditório, nos casos previstos na legislação civil, bem como na hipótese de descumprimento injustificado dos deveres e obrigações.

Seção IV
Da Colocação em Família Substituta

Dos artigos 165 a 170 estão descritos procedimentos adotados na colocação em família substituta:

Art. 165. São ***requisitos*** *para a concessão de pedidos de colocação em família substituta:*

I - qualificação completa do requerente e de seu eventual cônjuge, ou companheiro, com expressa anuência deste;

II - indicação de eventual parentesco do requerente e de seu cônjuge, ou companheiro, com a criança ou adolescente, especificando se tem ou não parente vivo;

III - qualificação completa da criança ou adolescente e de seus pais, se conhecidos;

IV - indicação do cartório onde foi inscrito nascimento, anexando, se possível, uma cópia da respectiva certidão;

V - declaração sobre a existência de bens, direitos ou rendimentos relativos à criança ou ao adolescente.

Parágrafo único. Em se tratando de adoção, observar-se-ão também os requisitos específicos.

Art. 166. Se os ***pais forem falecidos, tiverem sido destituídos ou suspensos do poder familiar****, ou houverem* ***aderido expressamente*** *ao pedido de colocação em família substituta, este poderá ser formulado diretamente em cartório, em petição assinada pelos próprios requerentes, dispensada a assistência de advogado.*

§ 1º *Na hipótese de concordância dos pais, o juiz:*

I - na presença do Ministério Público, ouvirá as partes, devidamente assistidas por advogado ou por defensor público, para verificar sua concordância com a adoção, no prazo máximo de 10 (dez) dias, contado da data do protocolo da petição ou da entrega da criança em juízo, tomando por termo as declarações; e

II - declarará a extinção do poder familiar.

§ 2º *O consentimento dos titulares do poder familiar será precedido de orientações e esclarecimentos prestados pela equipe interprofissional da Justiça da Infância e da Juventude, em especial, no caso de adoção, sobre a irrevogabilidade da medida.*

§ 3º São garantidos a livre manifestação de vontade dos detentores do poder familiar e o direito ao sigilo das informações.

§ 4º *O consentimento prestado por escrito não terá validade se não for ratificado na audiência a que se refere o § 1º deste artigo.*

§ 5º O consentimento é retratável até a data da realização da audiência especificada no § 1o deste artigo, e os pais podem exercer o arrependimento no prazo de 10 (dez) dias, contado da data de prolação da sentença de extinção do poder familiar.

§ 6º *O consentimento somente terá valor se for dado após o nascimento da criança.*

§ 7º *A família natural e a família substituta receberão a devida orientação por intermédio de equipe técnica interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.*

NOVA CONCURSOS

Art. 167. A autoridade judiciária, de ofício ou a requerimento das partes ou do Ministério Público, determinará a realização de ***estudo social*** *ou, se possível, perícia por equipe interprofissional, decidindo sobre a concessão de guarda provisória, bem como, no caso de adoção, sobre o estágio de convivência.*

Parágrafo único. Deferida a concessão da guarda provisória ou do estágio de convivência, a criança ou o adolescente será entregue ao interessado, mediante termo de responsabilidade.

Art. 168. Apresentado o relatório social ou o laudo pericial, e ouvida, sempre que possível, a criança ou o adolescente, dar-se-á ***vista dos autos ao Ministério Público****, pelo prazo de cinco dias, decidindo a autoridade judiciária em igual prazo.*

Art. 169. Nas hipóteses em que a destituição da tutela, a perda ou a suspensão do poder familiar constituir pressuposto lógico da medida principal de colocação em família substituta, será observado o procedimento contraditório previsto nas Seções II e III deste Capítulo.

Parágrafo único. A perda ou a modificação da guarda poderá ser decretada nos mesmos autos do procedimento, observado o disposto no art. 35.

Art. 170. Concedida a guarda ou a tutela, observar-se-á o disposto no art. 32, e, quanto à adoção, o contido no art. 47.

Parágrafo único. A colocação de criança ou adolescente sob a guarda de pessoa inscrita em programa de acolhimento familiar será comunicada pela autoridade judiciária à entidade por este responsável no prazo máximo de 5 (cinco) dias.

Seção V
Da Apuração de Ato Infracional Atribuído a Adolescente

Art. 171. O adolescente apreendido por força de ordem judicial será, desde logo, encaminhado à autoridade judiciária.

Art. 172. O adolescente apreendido em flagrante de ato infracional será, desde logo, encaminhado à autoridade policial competente.

Parágrafo único. Havendo repartição policial especializada para atendimento de adolescente e em se tratando de ato infracional praticado em co-autoria com maior, prevalecerá a atribuição da repartição especializada, que, após as providências necessárias e conforme o caso, encaminhará o adulto à repartição policial própria.

Art. 173. Em caso de flagrante de ato infracional cometido mediante violência ou grave ameaça a pessoa, a autoridade policial, sem prejuízo do disposto nos arts. 106, parágrafo único, e 107, deverá:

I - lavrar auto de apreensão, ouvidos as testemunhas e o adolescente;

II - apreender o produto e os instrumentos da infração;

III - requisitar os exames ou perícias necessários à comprovação da materialidade e autoria da infração.

Parágrafo único. Nas demais hipóteses de flagrante, a lavratura do auto poderá ser substituída por boletim de ocorrência circunstanciada.

Art. 174. Comparecendo qualquer dos pais ou responsável, o adolescente será prontamente liberado pela autoridade policial, sob termo de compromisso e responsabilidade de sua apresentação ao representante do Ministério Público, no mesmo dia ou, sendo impossível, no primeiro dia útil imediato, exceto quando, pela gravidade do ato infracional e sua repercussão social, deva o adolescente permanecer sob internação para garantia de sua segurança pessoal ou manutenção da ordem pública.

Art. 175. Em caso de não liberação, a autoridade policial encaminhará, desde logo, o adolescente ao representante do Ministério Público, juntamente com cópia do auto de apreensão ou boletim de ocorrência.

§ 1º Sendo impossível a apresentação imediata, a autoridade policial encaminhará o adolescente à entidade de atendimento, que fará a apresentação ao representante do Ministério Público no prazo de vinte e quatro horas.

§ 2º Nas localidades onde não houver entidade de atendimento, a apresentação far-se-á pela autoridade policial. À falta de repartição policial especializada, o adolescente aguardará a apresentação em dependência separada da destinada a maiores, não podendo, em qualquer hipótese, exceder o prazo referido no parágrafo anterior.

Art. 176. Sendo o adolescente liberado, a autoridade policial encaminhará imediatamente ao representante do Ministério Público cópia do auto de apreensão ou boletim de ocorrência.

Art. 177. Se, afastada a hipótese de flagrante, houver indícios de participação de adolescente na prática de ato infracional, a autoridade policial encaminhará ao representante do Ministério Público relatório das investigações e demais documentos.

Art. 178. O adolescente a quem se atribua autoria de ato infracional não poderá ser conduzido ou transportado em compartimento fechado de veículo policial, em condições atentatórias à sua dignidade, ou que impliquem risco à sua integridade física ou mental, sob pena de responsabilidade.

Art. 179. Apresentado o adolescente, o representante do Ministério Público, no mesmo dia e à vista do auto de apreensão, boletim de ocorrência ou relatório policial, devidamente autuados pelo cartório judicial e com informação sobre os antecedentes do adolescente, procederá imediata e informalmente à sua oitiva e, em sendo possível, de seus pais ou responsável, vítima e testemunhas.

Parágrafo único. Em caso de não apresentação, o representante do Ministério Público notificará os pais ou responsável para apresentação do adolescente, podendo requisitar o concurso das polícias civil e militar.

Art. 180. Adotadas as providências a que alude o artigo anterior, o representante do Ministério Público poderá:

I - promover o arquivamento dos autos;

II - conceder a remissão;

III - representar à autoridade judiciária para aplicação de medida sócio-educativa.

Art. 181. Promovido o arquivamento dos autos ou concedida a remissão pelo representante do Ministério Público, mediante termo fundamentado, que conterá o resumo dos fatos, os autos serão conclusos à autoridade judiciária para homologação.

§ 1º Homologado o arquivamento ou a remissão, a autoridade judiciária determinará, conforme o caso, o cumprimento da medida.

§ 2º Discordando, a autoridade judiciária fará remessa dos autos ao Procurador-Geral de Justiça, mediante despacho fundamentado, e este oferecerá representação, designará outro membro do Ministério Público para apresentá-la, ou ratificará o arquivamento ou a remissão, que só então estará a autoridade judiciária obrigada a homologar.

Art. 182. Se, por qualquer razão, o representante do Ministério Público não promover o arquivamento ou conceder a remissão, oferecerá representação à autoridade judiciária, propondo a instauração de procedimento para aplicação da medida sócio-educativa que se afigurar a mais adequada.

§ 1º A representação será oferecida por petição, que conterá o breve resumo dos fatos e a classificação do ato infracional e, quando necessário, o rol de testemunhas, podendo ser deduzida oralmente, em sessão diária instalada pela autoridade judiciária.

§ 2º A representação independe de prova pré-constituída da autoria e materialidade.

Art. 183. O prazo máximo e improrrogável para a conclusão do procedimento, estando o adolescente internado provisoriamente, será de quarenta e cinco dias.

Art. 184. Oferecida a representação, a autoridade judiciária designará audiência de apresentação do adolescente, decidindo, desde logo, sobre a decretação ou manutenção da internação, observado o disposto no art. 108 e parágrafo.

§ 1º O adolescente e seus pais ou responsável serão cientificados do teor da representação, e notificados a comparecer à audiência, acompanhados de advogado.

§ 2º Se os pais ou responsável não forem localizados, a autoridade judiciária dará curador especial ao adolescente.

§ 3º Não sendo localizado o adolescente, a autoridade judiciária expedirá mandado de busca e apreensão, determinando o sobrestamento do feito, até a efetiva apresentação.

§ 4º Estando o adolescente internado, será requisitada a sua apresentação, sem prejuízo da notificação dos pais ou responsável.

Art. 185. A internação, decretada ou mantida pela autoridade judiciária, não poderá ser cumprida em estabelecimento prisional.

§ 1º Inexistindo na comarca entidade com as características definidas no art. 123, o adolescente deverá ser imediatamente transferido para a localidade mais próxima.

§ 2º Sendo impossível a pronta transferência, o adolescente aguardará sua remoção em repartição policial, desde que em seção isolada dos adultos e com instalações apropriadas, não podendo ultrapassar o prazo máximo de cinco dias, sob pena de responsabilidade.

Art. 186. Comparecendo o adolescente, seus pais ou responsável, a autoridade judiciária procederá à oitiva dos mesmos, podendo solicitar opinião de profissional qualificado.

§ 1º Se a autoridade judiciária entender adequada a remissão, ouvirá o representante do Ministério Público, proferindo decisão.

§ 2º Sendo o fato grave, passível de aplicação de medida de internação ou colocação em regime de *semi-liberdade, a autoridade judiciária, verificando que o adolescente não possui advogado constituído, nomeará defensor, designando, desde logo, audiência em continuação, podendo determinar a realização de diligências e estudo do caso.*

§ 3º O advogado constituído ou o defensor nomeado, no prazo de três dias contado da audiência de apresentação, oferecerá defesa prévia e rol de testemunhas.

§ 4º Na audiência em continuação, ouvidas as testemunhas arroladas na representação e na defesa prévia, cumpridas as diligências e juntado o relatório da equipe interprofissional, será dada a palavra ao representante do Ministério Público e ao defensor, sucessivamente, pelo tempo de vinte minutos para cada um, prorrogável por mais dez, a critério da autoridade judiciária, que em seguida proferirá decisão.

Art. 187. Se o adolescente, devidamente notificado, não comparecer, injustificadamente à audiência de apresentação, a autoridade judiciária designará nova data, determinando sua condução coercitiva.

Art. 188. A remissão, como forma de extinção ou suspensão do processo, poderá ser aplicada em qualquer fase do procedimento, antes da sentença.

Art. 189. A autoridade judiciária não aplicará qualquer medida, desde que reconheça na sentença:

I - estar provada a inexistência do fato;

II - não haver prova da existência do fato;

III - não constituir o fato ato infracional;

IV - não existir prova de ter o adolescente concorrido para o ato infracional.

Parágrafo único. Na hipótese deste artigo, estando o adolescente internado, será imediatamente colocado em liberdade.

Art. 190. A intimação da sentença que aplicar medida de internação ou regime de semi-liberdade será feita:

I - ao adolescente e ao seu defensor;

II - quando não for encontrado o adolescente, a seus pais ou responsável, sem prejuízo do defensor.

§ 1º Sendo outra a medida aplicada, a intimação far-se-á unicamente na pessoa do defensor.

NOVA CONCURSOS

§ 2º Recaindo a intimação na pessoa do adolescente, deverá este manifestar se deseja ou não recorrer da sentença.

Seção V-A
Da Infiltração de Agentes de Polícia para a Investigação de Crimes contra a Dignidade Sexual de Criança e de Adolescente

Art. 190-A. A infiltração de agentes de polícia na internet com o fim de investigar os crimes previstos nos arts. 240, 241, 241-A, 241-B, 241-C e 241-D desta Lei e nos arts. 154-A, 217-A, 218, 218-A e 218-B do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), obedecerá às seguintes regras:

I – será precedida de autorização judicial devidamente circunstanciada e fundamentada, que estabelecerá os limites da infiltração para obtenção de prova, ouvido o Ministério Público;

II – dar-se-á mediante requerimento do Ministério Público ou representação de delegado de polícia e conterá a demonstração de sua necessidade, o alcance das tarefas dos policiais, os nomes ou apelidos das pessoas investigadas e, quando possível, os dados de conexão ou cadastrais que permitam a identificação dessas pessoas;

III – não poderá exceder o prazo de 90 (noventa) dias, sem prejuízo de eventuais renovações, desde que o total não exceda a 720 (setecentos e vinte) dias e seja demonstrada sua efetiva necessidade, a critério da autoridade judicial.

§ 1º A autoridade judicial e o Ministério Público poderão requisitar relatórios parciais da operação de infiltração antes do término do prazo de que trata o inciso II do § 1º deste artigo.

§ 2º Para efeitos do disposto no inciso I do § 1º deste artigo, consideram-se:

I – dados de conexão: informações referentes a hora, data, início, término, duração, endereço de Protocolo de Internet (IP) utilizado e terminal de origem da conexão;

II – dados cadastrais: informações referentes a nome e endereço de assinante ou de usuário registrado ou autenticado para a conexão a quem endereço de IP, identificação de usuário ou código de acesso tenha sido atribuído no momento da conexão.

§ 3º A infiltração de agentes de polícia na internet não será admitida se a prova puder ser obtida por outros meios.

Art. 190-B. As informações da operação de infiltração serão encaminhadas diretamente ao juiz responsável pela autorização da medida, que zelará por seu sigilo.

Parágrafo único. Antes da conclusão da operação, o acesso aos autos será reservado ao juiz, ao Ministério Público e ao delegado de polícia responsável pela operação, com o objetivo de garantir o sigilo das investigações.

Art. 190-C. Não comete crime o policial que oculta a sua identidade para, por meio da internet, colher indícios de autoria e materialidade dos crimes previstos nos arts. 240, 241, 241-A, 241-B, 241-C e 241-D desta Lei e nos arts. 154-A, 217-A, 218, 218-A e 218-B do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal).

Parágrafo único. O agente policial infiltrado que deixar de observar a estrita finalidade da investigação responderá pelos excessos praticados.

Art. 190-D. Os órgãos de registro e cadastro público poderão incluir nos bancos de dados próprios, mediante procedimento sigiloso e requisição da autoridade judicial, as informações necessárias à efetividade da identidade fictícia criada.

Parágrafo único. O procedimento sigiloso de que trata esta Seção será numerado e tombado em livro específico.

Art. 190-E. Concluída a investigação, todos os atos eletrônicos praticados durante a operação deverão ser registrados, gravados, armazenados e encaminhados ao juiz e ao Ministério Público, juntamente com relatório circunstanciado.

Parágrafo único. Os atos eletrônicos registrados citados no caput deste artigo serão reunidos em autos apartados e apensados ao processo criminal juntamente com o inquérito policial, assegurando-se a preservação da identidade do agente policial infiltrado e a intimidade das crianças e dos adolescentes envolvidos.

Seção VI
Da Apuração de Irregularidades em Entidade de Atendimento

Art. 191. O procedimento de apuração de irregularidades em entidade governamental e não-governamental terá início mediante portaria da autoridade judiciária ou representação do Ministério Público ou do Conselho Tutelar, onde conste, necessariamente, resumo dos fatos.

Parágrafo único. Havendo motivo grave, poderá a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, decretar liminarmente o afastamento provisório do dirigente da entidade, mediante decisão fundamentada.

Art. 192. O dirigente da entidade será citado para, no prazo de dez dias, oferecer resposta escrita, podendo juntar documentos e indicar as provas a produzir.

Art. 193. Apresentada ou não a resposta, e sendo necessário, a autoridade judiciária designará audiência de instrução e julgamento, intimando as partes.

§ 1º Salvo manifestação em audiência, as partes e o Ministério Público terão cinco dias para oferecer alegações finais, decidindo a autoridade judiciária em igual prazo.

§ 2º Em se tratando de afastamento provisório ou definitivo de dirigente de entidade governamental, a autoridade judiciária oficiará à autoridade administrativa imediatamente superior ao afastado, marcando prazo para a substituição.

§ 3º Antes de aplicar qualquer das medidas, a autoridade judiciária poderá fixar prazo para a remoção das irregularidades verificadas. Satisfeitas as exigências, o processo será extinto, sem julgamento de mérito.

§ 4º A multa e a advertência serão impostas ao dirigente da entidade ou programa de atendimento.

Seção VII
Da Apuração de Infração Administrativa às Normas de Proteção à Criança e ao Adolescente

Art. 194. O procedimento para imposição de penalidade administrativa por infração às normas de proteção à criança e ao adolescente terá início por representação do Ministério Público, ou do Conselho Tutelar, ou auto de infração elaborado por servidor efetivo ou voluntário credenciado, e assinado por duas testemunhas, se possível.

§ 1º No procedimento iniciado com o auto de infração, poderão ser usadas fórmulas impressas, especificando-se a natureza e as circunstâncias da infração.

§ 2º Sempre que possível, à verificação da infração seguir-se-á a lavratura do auto, certificando-se, em caso contrário, dos motivos do retardamento.

Art. 195. O requerido terá prazo de dez dias para apresentação de defesa, contado da data da intimação, que será feita:

I - pelo autuante, no próprio auto, quando este for lavrado na presença do requerido;

II - por oficial de justiça ou funcionário legalmente habilitado, que entregará cópia do auto ou da representação ao requerido, ou a seu representante legal, lavrando certidão;

III - por via postal, com aviso de recebimento, se não for encontrado o requerido ou seu representante legal;

IV - por edital, com prazo de trinta dias, se incerto ou não sabido o paradeiro do requerido ou de seu representante legal.

Art. 196. Não sendo apresentada a defesa no prazo legal, a autoridade judiciária dará vista dos autos do Ministério Público, por cinco dias, decidindo em igual prazo.

Art. 197. Apresentada a defesa, a autoridade judiciária procederá na conformidade do artigo anterior, ou, sendo necessário, designará audiência de instrução e julgamento.

Parágrafo único. Colhida a prova oral, manifestar-se-ão sucessivamente o Ministério Público e o procurador do requerido, pelo tempo de vinte minutos para cada um, prorrogável por mais dez, a critério da autoridade judiciária, que em seguida proferirá sentença.

Seção VIII
Da Habilitação de Pretendentes à Adoção

Art. 197-A. Os postulantes à adoção, domiciliados no Brasil, apresentarão ***petição inicial*** *na qual conste:*

I - qualificação completa;

II - dados familiares;

III - cópias autenticadas de certidão de nascimento ou casamento, ou declaração relativa ao período de união estável;

IV - cópias da cédula de identidade e inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas;

V - comprovante de renda e domicílio;

VI - atestados de sanidade física e mental;

VII - certidão de antecedentes criminais;

VIII - certidão negativa de distribuição cível.

Art. 197-B. A ***autoridade judiciária****, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, dará vista dos autos ao Ministério Público, que no prazo de 5 (cinco) dias poderá:*

I - apresentar quesitos a serem respondidos pela equipe interprofissional encarregada de elaborar o estudo técnico a que se refere o art. 197-C desta Lei;

II - requerer a designação de audiência para oitiva dos postulantes em juízo e testemunhas;

III - requerer a juntada de documentos complementares e a realização de outras diligências que entender necessárias.

Art. 197-C. Intervirá no feito, obrigatoriamente, ***equipe interprofissional*** *a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, que deverá elaborar estudo psicossocial, que conterá subsídios que permitam aferir a capacidade e o preparo dos postulantes para o exercício de uma paternidade ou maternidade responsável, à luz dos requisitos e princípios desta Lei.*

§ 1º É obrigatória a participação dos postulantes em programa oferecido pela Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar e dos grupos de apoio à adoção devidamente habilitados perante a Justiça da Infância e da Juventude, que inclua preparação psicológica, orientação e estímulo à adoção inter-racial, de crianças ou de adolescentes com deficiência, com doenças crônicas ou com necessidades específicas de saúde, e de grupos de irmãos.

§ 2º Sempre que possível e recomendável, a etapa obrigatória da preparação referida no § 1o deste artigo incluirá o contato com crianças e adolescentes em regime de acolhimento familiar ou institucional, a ser realizado sob orientação, supervisão e avaliação da equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude e dos grupos de apoio à adoção, com apoio dos técnicos responsáveis pelo programa de acolhimento familiar e institucional e pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.

§ 3º É recomendável que as crianças e os adolescentes acolhidos institucionalmente ou por família acolhedora sejam preparados por equipe interprofissional antes da inclusão em família adotiva.

Art. 197-D. Certificada nos autos a conclusão da participação no programa referido no art. 197-C desta Lei, a autoridade judiciária, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, decidirá acerca das diligências requeridas pelo Ministério Público e determinará a juntada do estudo psicossocial, designando, conforme o caso, audiência de instrução e julgamento.

Parágrafo único. Caso não sejam requeridas diligências, ou sendo essas indeferidas, a autoridade judiciária determinará a juntada do estudo psicossocial, abrindo a seguir vista dos autos ao Ministério Público, por 5 (cinco) dias, decidindo em igual prazo.

Art. 197-E. Deferida a habilitação, o postulante será inscrito nos ***cadastros*** *referidos no art. 50 desta Lei, sendo a sua convocação para a adoção feita de acordo com ordem cronológica de habilitação e conforme a disponibilidade de crianças ou adolescentes adotáveis.*

NOVA CONCURSOS

§ 1º A ordem cronológica das habilitações somente poderá deixar de ser observada pela autoridade judiciária nas hipóteses previstas no § 13 do art. 50 desta Lei, quando comprovado ser essa a melhor solução no interesse do adotando.

§ 2º A habilitação à adoção deverá ser renovada no mínimo trienalmente mediante avaliação por equipe interprofissional.

§ 3º Quando o adotante candidatar-se a uma nova adoção, será dispensável a renovação da habilitação, bastando a avaliação por equipe interprofissional.

§ 4º Após 3 (três) recusas injustificadas, pelo habilitado, à adoção de crianças ou adolescentes indicados dentro do perfil escolhido, haverá reavaliação da habilitação concedida.

§ 5º A desistência do pretendente em relação à guarda para fins de adoção ou a devolução da criança ou do adolescente depois do trânsito em julgado da sentença de adoção importará na sua exclusão dos cadastros de adoção.

Art. 197-F. O prazo máximo para conclusão da habilitação à adoção será de 120 (cento e vinte) dias, prorrogável por igual período, mediante decisão fundamentada da autoridade judiciária.

Capítulo IV
Dos Recursos

Art. 198. Nos procedimentos afetos à Justiça da Infância e da Juventude, inclusive os relativos à execução das medidas socioeducativas, adotar-se-á o sistema recursal da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 (Código de Processo Civil), com as seguintes adaptações: (Redação dada pela Lei nº 12.594, de 2012)

I - os recursos serão interpostos independentemente de preparo;

II - em todos os recursos, salvo nos embargos de declaração, o prazo para o Ministério Público e para a defesa será sempre de 10 (dez) dias; (Redação dada pela Lei nº 12.594, de 2012)

III - os recursos terão preferência de julgamento e dispensarão revisor;

VII - antes de determinar a remessa dos autos à superior instância, no caso de apelação, ou do instrumento, no caso de agravo, a autoridade judiciária proferirá despacho fundamentado, mantendo ou reformando a decisão, no prazo de cinco dias;

VIII - mantida a decisão apelada ou agravada, o escrivão remeterá os autos ou o instrumento à superior instância dentro de vinte e quatro horas, independentemente de novo pedido do recorrente; se a reformar, a remessa dos autos dependerá de pedido expresso da parte interessada ou do Ministério Público, no prazo de cinco dias, contados da intimação.

Art. 199. Contra as decisões proferidas com base no art. 149 caberá recurso de apelação.

Art. 199-A. A sentença que deferir a adoção produz efeito desde logo, embora sujeita a apelação, que será recebida exclusivamente no efeito devolutivo, salvo se se tratar de adoção internacional ou se houver perigo de dano irreparável ou de difícil reparação ao adotando.

Art. 199-B. A sentença que destituir ambos ou qualquer dos genitores do poder familiar fica sujeita a apelação, que deverá ser recebida apenas no efeito devolutivo.

Art. 199-C. Os recursos nos procedimentos de adoção e de destituição de poder familiar, em face da relevância das questões, serão processados com prioridade absoluta, devendo ser imediatamente distribuídos, ficando vedado que aguardem, em qualquer situação, oportuna distribuição, e serão colocados em mesa para julgamento sem revisão e com parecer urgente do Ministério Público.

Art. 199-D. O relator deverá colocar o processo em mesa para julgamento no prazo máximo de 60 (sessenta) dias, contado da sua conclusão.

Parágrafo único. O Ministério Público será intimado da data do julgamento e poderá na sessão, se entender necessário, apresentar oralmente seu parecer.

Art. 199-E. O Ministério Público poderá requerer a instauração de procedimento para apuração de responsabilidades se constatar o descumprimento das providências e do prazo previstos nos artigos anteriores.

Capítulo V
Do Ministério Público

Art. 200. As funções do Ministério Público previstas nesta Lei serão exercidas nos termos da respectiva lei orgânica.

Art. 201. Compete ao Ministério Público:

I - conceder a remissão como forma de exclusão do processo;

II - promover e acompanhar os procedimentos relativos às infrações atribuídas a adolescentes;

III - promover e acompanhar as ações de alimentos e os procedimentos de suspensão e destituição do poder familiar, nomeação e remoção de tutores, curadores e guardiães, bem como oficiar em todos os demais procedimentos da competência da Justiça da Infância e da Juventude;

IV - promover, de ofício ou por solicitação dos interessados, a especialização e a inscrição de hipoteca legal e a prestação de contas dos tutores, curadores e quaisquer administradores de bens de crianças e adolescentes nas hipóteses do art. 98;

V - promover o inquérito civil e a ação civil pública para a proteção dos interesses individuais, difusos ou coletivos relativos à infância e à adolescência, inclusive os definidos no art. 220, § 3º inciso II, da Constituição Federal;

VI - instaurar procedimentos administrativos e, para instruí-los:

a) expedir notificações para colher depoimentos ou esclarecimentos e, em caso de não comparecimento injustificado, requisitar condução coercitiva, inclusive pela polícia civil ou militar;

b) requisitar informações, exames, perícias e documentos de autoridades municipais, estaduais e federais, da administração direta ou indireta, bem como promover inspeções e diligências investigatórias;

c) requisitar informações e documentos a particulares e instituições privadas;

VII - instaurar sindicâncias, requisitar diligências investigatórias e determinar a instauração de inquérito policial, para apuração de ilícitos ou infrações às normas de proteção à infância e à juventude;

VIII - zelar pelo efetivo respeito aos direitos e garantias legais assegurados às crianças e adolescentes, promovendo as medidas judiciais e extrajudiciais cabíveis;

IX - impetrar mandado de segurança, de injunção e habeas corpus, em qualquer juízo, instância ou tribunal, na defesa dos interesses sociais e individuais indisponíveis afetos à criança e ao adolescente;

X - representar ao juízo visando à aplicação de penalidade por infrações cometidas contra as normas de proteção à infância e à juventude, sem prejuízo da promoção da responsabilidade civil e penal do infrator, quando cabível;

XI - inspecionar as entidades públicas e particulares de atendimento e os programas de que trata esta Lei, adotando de pronto as medidas administrativas ou judiciais necessárias à remoção de irregularidades porventura verificadas;

XII - requisitar força policial, bem como a colaboração dos serviços médicos, hospitalares, educacionais e de assistência social, públicos ou privados, para o desempenho de suas atribuições.

§ 1º A legitimação do Ministério Público para as ações cíveis previstas neste artigo não impede a de terceiros, nas mesmas hipóteses, segundo dispuserem a Constituição e esta Lei.

§ 2º As atribuições constantes deste artigo não excluem outras, desde que compatíveis com a finalidade do Ministério Público.

§ 3º O representante do Ministério Público, no exercício de suas funções, terá livre acesso a todo local onde se encontre criança ou adolescente.

§ 4º O representante do Ministério Público será responsável pelo uso indevido das informações e documentos que requisitar, nas hipóteses legais de sigilo.

§ 5º Para o exercício da atribuição de que trata o inciso VIII deste artigo, poderá o representante do Ministério Público:

a) reduzir a termo as declarações do reclamante, instaurando o competente procedimento, sob sua presidência;

b) entender-se diretamente com a pessoa ou autoridade reclamada, em dia, local e horário previamente notificados ou acertados;

c) efetuar recomendações visando à melhoria dos serviços públicos e de relevância pública afetos à criança e ao adolescente, fixando prazo razoável para sua perfeita adequação.

Art. 202. Nos processos e procedimentos em que não for parte, atuará obrigatoriamente o Ministério Público na defesa dos direitos e interesses de que cuida esta Lei, hipótese em que terá vista dos autos depois das partes, podendo juntar documentos e requerer diligências, usando os recursos cabíveis.

Art. 203. A intimação do Ministério Público, em qualquer caso, será feita pessoalmente.

Art. 204. A falta de intervenção do Ministério Público acarreta a nulidade do feito, que será declarada de ofício pelo juiz ou a requerimento de qualquer interessado.

Art. 205. As manifestações processuais do representante do Ministério Público deverão ser fundamentadas.

Capítulo VI
Do Advogado

Art. 206. A criança ou o adolescente, seus pais ou responsável, e qualquer pessoa que tenha legítimo interesse na solução da lide poderão intervir nos procedimentos de que trata esta Lei, através de advogado, o qual será intimado para todos os atos, pessoalmente ou por publicação oficial, respeitado o segredo de justiça.

Parágrafo único. Será prestada assistência judiciária integral e gratuita àqueles que dela necessitarem.

Art. 207. Nenhum adolescente a quem se atribua a prática de ato infracional, ainda que ausente ou foragido, será processado sem defensor.

§ 1º Se o adolescente não tiver defensor, ser-lhe-á nomeado pelo juiz, ressalvado o direito de, a todo tempo, constituir outro de sua preferência.

§ 2º A ausência do defensor não determinará o adiamento de nenhum ato do processo, devendo o juiz nomear substituto, ainda que provisoriamente, ou para o só efeito do ato.

§ 3º Será dispensada a outorga de mandato, quando se tratar de defensor nomeado ou, sido constituído, tiver sido indicado por ocasião de ato formal com a presença da autoridade judiciária.

Capítulo VII
Da Proteção Judicial dos Interesses Individuais, Difusos e Coletivos

Art. 208. Regem-se pelas disposições desta Lei as ações de responsabilidade por ofensa aos direitos assegurados à criança e ao adolescente, referentes ao não oferecimento ou oferta irregular:

I - do ensino obrigatório;

II - de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência;

III - de atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade;

IV - de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

V - de programas suplementares de oferta de material didático-escolar, transporte e assistência à saúde do educando do ensino fundamental;

VI - de serviço de assistência social visando à proteção à família, à maternidade, à infância e à adolescência, bem como ao amparo às crianças e adolescentes que dele necessitem;

NOVA CONCURSOS

VII - de acesso às ações e serviços de saúde;

VIII - de escolarização e profissionalização dos adolescentes privados de liberdade.

IX - de ações, serviços e programas de orientação, apoio e promoção social de famílias e destinados ao pleno exercício do direito à convivência familiar por crianças e adolescentes.

X - de programas de atendimento para a execução das medidas socioeducativas e aplicação de medidas de proteção. (Incluído pela Lei nº 12.594, de 2012)

§ 1º As hipóteses previstas neste artigo não excluem da proteção judicial outros interesses individuais, difusos ou coletivos, próprios da infância e da adolescência, protegidos pela Constituição e pela Lei.

§ 2º A investigação do desaparecimento de crianças ou adolescentes será realizada imediatamente após notificação aos órgãos competentes, que deverão comunicar o fato aos portos, aeroportos, Polícia Rodoviária e companhias de transporte interestaduais e internacionais, fornecendo-lhes todos os dados necessários à identificação do desaparecido.

Art. 209. As ações previstas neste Capítulo serão propostas no foro do local onde ocorreu ou deva ocorrer a ação ou omissão, cujo juízo terá competência absoluta para processar a causa, ressalvadas a competência da Justiça Federal e a competência originária dos tribunais superiores.

Art. 210. Para as ações cíveis fundadas em interesses coletivos ou difusos, consideram-se legitimados concorrentemente:

I - o Ministério Público;

II - a União, os estados, os municípios, o Distrito Federal e os territórios;

III - as associações legalmente constituídas há pelo menos um ano e que incluam entre seus fins institucionais a defesa dos interesses e direitos protegidos por esta Lei, dispensada a autorização da assembleia, se houver prévia autorização estatutária.

§ 1º Admitir-se-á litisconsórcio facultativo entre os Ministérios Públicos da União e dos estados na defesa dos interesses e direitos de que cuida esta Lei.

§ 2º Em caso de desistência ou abandono da ação por associação legitimada, o Ministério Público ou outro legitimado poderá assumir a titularidade ativa.

Art. 211. Os órgãos públicos legitimados poderão tomar dos interessados compromisso de ajustamento de sua conduta às exigências legais, o qual terá eficácia de título executivo extrajudicial.

Art. 212. Para defesa dos direitos e interesses protegidos por esta Lei, são admissíveis todas as espécies de ações pertinentes.

§ 1º Aplicam-se às ações previstas neste Capítulo as normas do Código de Processo Civil.

§ 2º Contra atos ilegais ou abusivos de autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições do poder público, que lesem direito líquido e certo previsto nesta Lei, caberá ação mandamental, que se regerá pelas normas da lei do mandado de segurança.

Art. 213. Na ação que tenha por objeto o cumprimento de obrigação de fazer ou não fazer, o juiz concederá a tutela específica da obrigação ou determinará providências que assegurem o resultado prático equivalente ao do adimplemento.

§ 1º Sendo relevante o fundamento da demanda e havendo justificado receio de ineficácia do provimento final, é lícito ao juiz conceder a tutela liminarmente ou após justificação prévia, citando o réu.

§ 2º O juiz poderá, na hipótese do parágrafo anterior ou na sentença, impor multa diária ao réu, independentemente de pedido do autor, se for suficiente ou compatível com a obrigação, fixando prazo razoável para o cumprimento do preceito.

§ 3º A multa só será exigível do réu após o trânsito em julgado da sentença favorável ao autor, mas será devida desde o dia em que se houver configurado o descumprimento.

Art. 214. Os valores das multas reverterão ao fundo gerido pelo Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente do respectivo município.

§ 1º As multas não recolhidas até trinta dias após o trânsito em julgado da decisão serão exigidas através de execução promovida pelo Ministério Público, nos mesmos autos, facultada igual iniciativa aos demais legitimados.

§ 2º Enquanto o fundo não for regulamentado, o dinheiro ficará depositado em estabelecimento oficial de crédito, em conta com correção monetária.

Art. 215. O juiz poderá conferir efeito suspensivo aos recursos, para evitar dano irreparável à parte.

Art. 216. Transitada em julgado a sentença que impuser condenação ao poder público, o juiz determinará a remessa de peças à autoridade competente, para apuração da responsabilidade civil e administrativa do agente a que se atribua a ação ou omissão.

Art. 217. Decorridos sessenta dias do trânsito em julgado da sentença condenatória sem que a associação autora lhe promova a execução, deverá fazê-lo o Ministério Público, facultada igual iniciativa aos demais legitimados.

Art. 218. O juiz condenará a associação autora a pagar ao réu os honorários advocatícios arbitrados na conformidade do § 4º do art. 20 da Lei n.º 5.869, de 11 de janeiro de 1973 (Código de Processo Civil), quando reconhecer que a pretensão é manifestamente infundada.

Parágrafo único. Em caso de litigância de má-fé, a associação autora e os diretores responsáveis pela propositura da ação serão solidariamente condenados ao décuplo das custas, sem prejuízo de responsabilidade por perdas e danos.

Art. 219. Nas ações de que trata este Capítulo, não haverá adiantamento de custas, emolumentos, honorários periciais e quaisquer outras despesas.

Art. 220. Qualquer pessoa poderá e o servidor público deverá provocar a iniciativa do Ministério Público, prestando-lhe informações sobre fatos que constituam objeto de ação civil, e indicando-lhe os elementos de convicção.

Art. 221. Se, no exercício de suas funções, os juízos e tribunais tiverem conhecimento de fatos que possam ensejar a propositura de ação civil, remeterão peças ao Ministério Público para as providências cabíveis.

Art. 222. Para instruir a petição inicial, o interessado poderá requerer às autoridades competentes as certidões e informações que julgar necessárias, que serão fornecidas no prazo de quinze dias.

Art. 223. O Ministério Público poderá instaurar, sob sua presidência, inquérito civil, ou requisitar, de qualquer pessoa, organismo público ou particular, certidões, informações, exames ou perícias, no prazo que assinalar, o qual não poderá ser inferior a dez dias úteis.

§ 1º Se o órgão do Ministério Público, esgotadas todas as diligências, se convencer da inexistência de fundamento para a propositura da ação cível, promoverá o arquivamento dos autos do inquérito civil ou das peças informativas, fazendo-o fundamentadamente.

§ 2º Os autos do inquérito civil ou as peças de informação arquivados serão remetidos, sob pena de se incorrer em falta grave, no prazo de três dias, ao Conselho Superior do Ministério Público.

§ 3º Até que seja homologada ou rejeitada a promoção de arquivamento, em sessão do Conselho Superior do Ministério público, poderão as associações legitimadas apresentar razões escritas ou documentos, que serão juntados aos autos do inquérito ou anexados às peças de informação.

§ 4º A promoção de arquivamento será submetida a exame e deliberação do Conselho Superior do Ministério Público, conforme dispuser o seu regimento.

§ 5º Deixando o Conselho Superior de homologar a promoção de arquivamento, designará, desde logo, outro órgão do Ministério Público para o ajuizamento da ação.

Art. 224. Aplicam-se subsidiariamente, no que couber, as disposições da Lei n.º 7.347, de 24 de julho de 1985.

Título VII
Dos Crimes e Das Infrações Administrativas

Capítulo I
Dos Crimes

Seção I
Disposições Gerais

Art. 225. Este Capítulo dispõe sobre crimes praticados contra a criança e o adolescente, por ação ou omissão, sem prejuízo do disposto na legislação penal.

Art. 226. Aplicam-se aos crimes definidos nesta Lei as normas da Parte Geral do Código Penal e, quanto ao processo, as pertinentes ao Código de Processo Penal.

Art. 227. Os crimes definidos nesta Lei são de ação pública incondicionada.

Seção II
Dos Crimes em Espécie

Art. 228. Deixar o encarregado de serviço ou o dirigente de estabelecimento de atenção à saúde de gestante de manter registro das atividades desenvolvidas, na forma e prazo referidos no art. 10 desta Lei, bem como de fornecer à parturiente ou a seu responsável, por ocasião da alta médica, declaração de nascimento, onde constem as intercorrências do parto e do desenvolvimento do neonato:
Pena - detenção de seis meses a dois anos.
Parágrafo único. Se o crime é culposo:
Pena - detenção de dois a seis meses, ou multa.

Art. 229. Deixar o médico, enfermeiro ou dirigente de estabelecimento de atenção à saúde de gestante de identificar corretamente o neonato e a parturiente, por ocasião do parto, bem como deixar de proceder aos exames referidos no art. 10 desta Lei:
Pena - detenção de seis meses a dois anos.
Parágrafo único. Se o crime é culposo:
Pena - detenção de dois a seis meses, ou multa.

Art. 230. Privar a criança ou o adolescente de sua liberdade, procedendo à sua apreensão sem estar em flagrante de ato infracional ou inexistindo ordem escrita da autoridade judiciária competente:
Pena - detenção de seis meses a dois anos.
Parágrafo único. Incide na mesma pena aquele que procede à apreensão sem observância das formalidades legais.

Art. 231. Deixar a autoridade policial responsável pela apreensão de criança ou adolescente de fazer imediata comunicação à autoridade judiciária competente e à família do apreendido ou à pessoa por ele indicada:
Pena - detenção de seis meses a dois anos.

Art. 232. Submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou a constrangimento:
Pena - detenção de seis meses a dois anos.

Art. 234. Deixar a autoridade competente, sem justa causa, de ordenar a imediata liberação de criança ou adolescente, tão logo tenha conhecimento da ilegalidade da apreensão:
Pena - detenção de seis meses a dois anos.

Art. 235. Descumprir, injustificadamente, prazo fixado nesta Lei em benefício de adolescente privado de liberdade:
Pena - detenção de seis meses a dois anos.

NOVA CONCURSOS

Art. 236. Impedir ou embaraçar a ação de autoridade judiciária, membro do Conselho Tutelar ou representante do Ministério Público no exercício de função prevista nesta Lei:
Pena - detenção de seis meses a dois anos.

Art. 237. Subtrair criança ou adolescente ao poder de quem o tem sob sua guarda em virtude de lei ou ordem judicial, com o fim de colocação em lar substituto:
Pena - reclusão de dois a seis anos, e multa.

Art. 238. Prometer ou efetivar a entrega de filho ou pupilo a terceiro, mediante paga ou recompensa:
Pena - reclusão de um a quatro anos, e multa.
Parágrafo único. Incide nas mesmas penas quem oferece ou efetiva a paga ou recompensa.

Art. 239. Promover ou auxiliar a efetivação de ato destinado ao envio de criança ou adolescente para o exterior com inobservância das formalidades legais ou com o fito de obter lucro:
Pena - reclusão de quatro a seis anos, e multa.
Parágrafo único. Se há emprego de violência, grave ameaça ou fraude:
Pena - reclusão, de 6 (seis) a 8 (oito) anos, além da pena correspondente à violência.

Art. 240. Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente:
Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa.
§ 1º Incorre *nas mesmas penas quem agencia, facilita, recruta, coage, ou de qualquer modo intermedeia a participação de criança ou adolescente nas cenas referidas no caputdeste artigo, ou ainda quem com esses contracena.*
§ 2º Aumenta-*se a pena de 1/3 (um terço) se o agente comete o crime:*
I – no exercício de cargo ou função pública ou a pretexto de exercê-la;
II – prevalecendo-se de relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade; ou
III – prevalecendo-se de relações de parentesco consangüíneo ou afim até o terceiro grau, ou por adoção, de tutor, curador, preceptor, empregador da vítima ou de quem, a qualquer outro título, tenha autoridade sobre ela, ou com seu consentimento.

Art. 241. Vender ou expor à venda fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente:
Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa.

Art. 241-A. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente:
Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.
§ 1º Nas *mesmas penas incorre quem:*
I – assegura os meios ou serviços para o armazenamento das fotografias, cenas ou imagens de que trata o caput deste artigo;
II – assegura, por qualquer meio, o acesso por rede de computadores às fotografias, cenas ou imagens de que trata o caput deste artigo.
§ 2º As *condutas tipificadas nos incisos I e II do § 1º* deste artigo são puníveis quando o responsável legal pela prestação do serviço, oficialmente notificado, deixa de desabilitar o acesso ao conteúdo ilícito de que trata o caput deste artigo.

Art. 241-B. Adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente:
Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa.
§ 1º A *pena é diminuída de 1 (um) a 2/3 (dois terços) se de pequena quantidade o material a que se refere o caput deste artigo.*
§ 2º Não há crime se a posse ou o armazenamento tem a finalidade de comunicar às autoridades competentes a ocorrência das condutas descritas nos *arts. 240, 241, 241-A e 241-C desta Lei, quando a comunicação for feita por:*
I – *agente* público no exercício de suas funções;
II – *membro de entidade, legalmente constituída, que inclua, entre suas finalidades institucionais, o recebimento, o processamento e o encaminhamento de notícia dos crimes referidos neste parágrafo;*
III – representante legal e funcionários responsáveis de provedor de acesso ou serviço prestado por meio de rede de computadores, até o recebimento do material relativo à notícia feita à autoridade policial, ao Ministério Público ou ao Poder Judiciário.
§ 3º As *pessoas referidas no § 2º* deste artigo deverão manter sob sigilo o material ilícito referido.

Art. 241-C. Simular a participação de criança ou adolescente em cena de sexo explícito ou pornográfica por meio de adulteração, montagem ou modificação de fotografia, vídeo ou qualquer outra forma de representação visual:
Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.
Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas quem vende, expõe à venda, disponibiliza, distribui, publica ou divulga por qualquer meio, adquire, possui ou armazena o material produzido na forma do caput deste artigo.

Art. 241-D. Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso:
Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.
Parágrafo único. Nas mesmas penas incorre quem:
I – *facilita ou induz o acesso à criança de material contendo cena de sexo explícito ou pornográfica com o fim de com ela praticar ato libidinoso;*
II – *pratica as condutas descritas no caput deste artigo com o fim de induzir criança a se exibir de forma pornográfica ou sexualmente explícita.*

Art. 241-E. Para efeito dos crimes previstos nesta Lei, a expressão "cena de sexo explícito ou pornográfica" compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou exibição dos órgãos genitais de uma criança ou adolescente para fins primordialmente sexuais.

Art. 242. Vender, fornecer ainda que gratuitamente ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente arma, munição ou explosivo:

Pena - reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos.

Art. 243. Vender, fornecer, servir, ministrar ou entregar, ainda que gratuitamente, de qualquer forma, a criança ou a adolescente, bebida alcoólica ou, sem justa causa, outros produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica:

Pena - detenção de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa, se o fato não constitui crime mais grave.

Art. 244. Vender, fornecer ainda que gratuitamente ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente fogos de estampido ou de artifício, exceto aqueles que, pelo seu reduzido potencial, sejam incapazes de provocar qualquer dano físico em caso de utilização indevida:

Pena - detenção de seis meses a dois anos, e multa.

Art. 244-A. Submeter criança ou adolescente, como tais definidos no caput do art. 2º desta Lei, à prostituição ou à exploração sexual:

Pena – reclusão de quatro a dez anos e multa, além da perda de bens e valores utilizados na prática criminosa em favor do Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente da unidade da Federação (Estado ou Distrito Federal) em que foi cometido o crime, ressalvado o direito de terceiro de boa-fé.

§ 1º Incorrem nas mesmas penas o proprietário, o gerente ou o responsável pelo local em que se verifique a submissão de criança ou adolescente às práticas referidas no *caputdeste artigo.*

§ 2º Constitui efeito obrigatório da condenação a cassação da licença de localização e de funcionamento do estabelecimento.

Art. 244-B. Corromper ou facilitar a corrupção de menor de 18 (dezoito) anos, com ele praticando infração penal ou induzindo-o a praticá-la:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos.

§ 1º Incorre *nas penas previstas no caput deste artigo quem pratica as condutas ali tipificadas utilizando-se de quaisquer meios eletrônicos, inclusive salas de bate-papo da internet.*

§ 2º As *penas previstas no caput deste artigo são aumentadas de um terço no caso de a infração cometida ou induzida estar incluída no rol do art. 1º* da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990.

Capítulo II
Das Infrações Administrativas

Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Art. 246. Impedir o responsável ou funcionário de entidade de atendimento o exercício dos direitos constantes nos incisos II, III, VII, VIII e XI do art. 124 desta Lei:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Art. 247. Divulgar, total ou parcialmente, sem autorização devida, por qualquer meio de comunicação, nome, ato ou documento de procedimento policial, administrativo ou judicial relativo a criança ou adolescente a que se atribua ato infracional:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

§ 1º Incorre na mesma pena quem exibe, total ou parcialmente, fotografia de criança ou adolescente envolvido em ato infracional, ou qualquer ilustração que lhe diga respeito ou se refira a atos que lhe sejam atribuídos, de forma a permitir sua identificação, direta ou indiretamente.

§ 2º Se o fato for praticado por órgão de imprensa ou emissora de rádio ou televisão, além da pena prevista neste artigo, a autoridade judiciária poderá determinar a apreensão da publicação ~~*ou a suspensão da programação da emissora até por dois dias, bem como da publicação do periódico até por dois números*~~. *(Expressão declarada inconstitucional pela ADIN 869-2).*

Art. 248. Deixar de apresentar à autoridade judiciária de seu domicílio, no prazo de cinco dias, com o fim de regularizar a guarda, adolescente trazido de outra comarca para a prestação de serviço doméstico, mesmo que autorizado pelos pais ou responsável:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência, independentemente das despesas de retorno do adolescente, se for o caso.

Art. 249. Descumprir, dolosa ou culposamente, os deveres inerentes ao poder familiar ou decorrente de tutela ou guarda, bem assim determinação da autoridade judiciária ou Conselho Tutelar:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Art. 250. Hospedar criança ou adolescente desacompanhado dos pais ou responsável, ou sem autorização escrita desses ou da autoridade judiciária, em hotel, pensão, motel ou congênere:

Pena – multa.

§ 1º Em *caso de reincidência, sem prejuízo da pena de multa, a autoridade judiciária poderá determinar o fechamento do estabelecimento por até 15 (quinze) dias.*

§ 2º Se *comprovada a reincidência em período inferior a 30 (trinta) dias, o estabelecimento será definitivamente fechado e terá sua licença cassada.*

Art. 251. Transportar criança ou adolescente, por qualquer meio, com inobservância do disposto nos arts. 83, 84 e 85 desta Lei:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

NOVA CONCURSOS

Art. 252. Deixar o responsável por diversão ou espetáculo público de afixar, em lugar visível e de fácil acesso, à entrada do local de exibição, informação destacada sobre a natureza da diversão ou espetáculo e a faixa etária especificada no certificado de classificação:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Art. 253. Anunciar peças teatrais, filmes ou quaisquer representações ou espetáculos, sem indicar os limites de idade a que não se recomendem:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, duplicada em caso de reincidência, aplicável, separadamente, à casa de espetáculo e aos órgãos de divulgação ou publicidade.

Art. 254. Transmitir, através de rádio ou televisão, espetáculo em horário diverso do autorizado ou sem aviso de sua classificação:

Pena - multa de vinte a cem salários de referência; duplicada em caso de reincidência a autoridade judiciária poderá determinar a suspensão da programação da emissora por até dois dias.

Art. 255. Exibir filme, trailer, peça, amostra ou congênere classificado pelo órgão competente como inadequado às crianças ou adolescentes admitidos ao espetáculo:

Pena - multa de vinte a cem salários de referência; na reincidência, a autoridade poderá determinar a suspensão do espetáculo ou o fechamento do estabelecimento por até quinze dias.

Art. 256. Vender ou locar a criança ou adolescente fita de programação em vídeo, em desacordo com a classificação atribuída pelo órgão competente:

Pena - multa de três a vinte salários de referência; em caso de reincidência, a autoridade judiciária poderá determinar o fechamento do estabelecimento por até quinze dias.

Art. 257. Descumprir obrigação constante dos arts. 78 e 79 desta Lei:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, duplicando-se a pena em caso de reincidência, sem prejuízo de apreensão da revista ou publicação.

Art. 258. Deixar o responsável pelo estabelecimento ou o empresário de observar o que dispõe esta Lei sobre o acesso de criança ou adolescente aos locais de diversão, ou sobre sua participação no espetáculo:

Pena - multa de três a vinte salários de referência; em caso de reincidência, a autoridade judiciária poderá determinar o fechamento do estabelecimento por até quinze dias.

Art. 258-A. Deixar a autoridade competente de providenciar a instalação e operacionalização dos cadastros previstos no art. 50 e no § 11 do art. 101 desta Lei:

Pena - multa de R$ 1.000,00 (mil reais) a R$ 3.000,00 (três mil reais).

Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas a autoridade que deixa de efetuar o cadastramento de crianças e de adolescentes em condições de serem adotadas, de pessoas ou casais habilitados à adoção e de crianças e adolescentes em regime de acolhimento institucional ou familiar.

Art. 258-B. Deixar o médico, enfermeiro ou dirigente de estabelecimento de atenção à saúde de gestante de efetuar imediato encaminhamento à autoridade judiciária de caso de que tenha conhecimento de mãe ou gestante interessada em entregar seu filho para adoção:

Pena - multa de R$ 1.000,00 (mil reais) a R$ 3.000,00 (três mil reais).

Parágrafo único. Incorre na mesma pena o funcionário de programa oficial ou comunitário destinado à garantia do direito à convivência familiar que deixa de efetuar a comunicação referida no caput deste artigo.

Art. 258-C. Descumprir a proibição estabelecida no inciso II do art. 81:

Pena - multa de R$ 3.000,00 (três mil reais) a R$ 10.000,00 (dez mil reais);

Medida Administrativa - interdição do estabelecimento comercial até o recolhimento da multa aplicada.

Disposições Finais e Transitórias

Art. 259. A União, no prazo de noventa dias contados da publicação deste Estatuto, elaborará projeto de lei dispondo sobre a criação ou adaptação de seus órgãos às diretrizes da política de atendimento fixadas no art. 88 e ao que estabelece o Título V do Livro II.

Parágrafo único. Compete aos estados e municípios promoverem a adaptação de seus órgãos e programas às diretrizes e princípios estabelecidos nesta Lei.

Art. 260. Os contribuintes poderão efetuar doações aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, distrital, estaduais ou municipais, devidamente comprovadas, sendo essas integralmente deduzidas do imposto de renda, obedecidos os seguintes limites:

I - 1% (um por cento) do imposto sobre a renda devido apurado pelas pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real; e

II - 6% (seis por cento) do imposto sobre a renda apurado pelas pessoas físicas na Declaração de Ajuste Anual, observado o disposto no art. 22 da Lei nº 9.532, de 10 de dezembro de 1997.

§ 1º - (Revogado)

§ 1º-*A. Na definição das prioridades a serem atendidas com os recursos captados pelos fundos nacional, estaduais e municipais dos direitos da criança e do adolescente, serão consideradas as disposições do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária e as do Plano Nacional pela Primeira Infância.*

§ 2º *Os conselhos nacional, estaduais e municipais dos direitos da criança e do adolescente fixarão critérios de utilização, por meio de planos de aplicação, das dotações subsidiadas e demais receitas, aplicando necessariamente percentual para incentivo ao acolhimento, sob a forma de guarda, de crianças e adolescentes e para programas de atenção integral à primeira infância em áreas de maior carência socioeconômica e em situações de calamidade.*

§ 3º O Departamento da Receita Federal, do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, regulamentará a comprovação das doações feitas aos fundos, nos termos deste artigo.

§ 4º O Ministério Público determinará em cada comarca a forma de fiscalização da aplicação, pelo Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, dos incentivos fiscais referidos neste artigo.

§ 5º Observado *o disposto no* § 4º do art. 3º da Lei nº 9.249, de 26 de dezembro de 1995, *a dedução de que trata o inciso I do caput:*

I - será considerada isoladamente, não se submetendo a limite em conjunto com outras deduções do imposto; e

II - não poderá ser computada como despesa operacional na apuração do lucro real.

Art. 260-A. A partir do exercício de 2010, ano-calendário de 2009, a pessoa física poderá optar pela doação de que trata o inciso II do caput do art. 260 diretamente em sua Declaração de Ajuste Anual.

§ 1º A *doação de que trata o caput poderá ser deduzida até os seguintes percentuais aplicados sobre o imposto apurado na declaração:*

I - (VETADO);

II - (VETADO);

III - 3% (três por cento) a partir do exercício de 2012.

§ 2º A *dedução de que trata o caput:*

I - está sujeita ao limite de 6% (seis por cento) do imposto sobre a renda apurado na declaração de que trata o inciso II do caput do art. 260;

II - não se aplica à pessoa física que:

a) utilizar o desconto simplificado;

b) apresentar declaração em formulário; ou

c) entregar a declaração fora do prazo;

III - só se aplica às doações em espécie; e

IV - não exclui ou reduz outros benefícios ou deduções em vigor.

§ 3º O *pagamento da doação deve ser efetuado até a data de vencimento da primeira quota ou quota única do imposto, observadas instruções específicas da Secretaria da Receita Federal do Brasil.*

§ 4º O não pagamento da doação no prazo estabelecido no § 3º *implica a glosa definitiva desta parcela de dedução, ficando a pessoa física obrigada ao recolhimento da diferença de imposto devido apurado na Declaração de Ajuste Anual com os acréscimos legais previstos na legislação.*

§ 5º A *pessoa física poderá deduzir do imposto apurado na Declaração de Ajuste Anual as doações feitas, no respectivo ano-calendário, aos fundos controlados pelos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente municipais, distrital, estaduais e nacional concomitantemente com a opção de que trata o* ***caput****, respeitado o limite previsto no inciso II do art. 260.*

Art. 260-B. A doação de que trata o inciso I do art. 260 poderá ser deduzida:

I - do imposto devido no trimestre, para as pessoas jurídicas que apuram o imposto trimestralmente; e

II - do imposto devido mensalmente e no ajuste anual, para as pessoas jurídicas que apuram o imposto anualmente.

Parágrafo único. A doação deverá ser efetuada dentro do período a que se refere a apuração do imposto.

Art. 260-C. As doações de que trata o art. 260 desta Lei podem ser efetuadas em espécie ou em bens.

Parágrafo único. As doações efetuadas em espécie devem ser depositadas em conta específica, em instituição financeira pública, vinculadas aos respectivos fundos de que trata o art. 260.

Art. 260-D. Os órgãos responsáveis pela administração das contas dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais devem emitir recibo em favor do doador, assinado por pessoa competente e pelo presidente do Conselho correspondente, especificando:

I - número de ordem;

II - nome, Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e endereço do emitente;

III - nome, CNPJ ou Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) do doador;

IV - data da doação e valor efetivamente recebido; e

V - ano-calendário a que se refere a doação.

§ 1º O *comprovante de que trata o caput deste artigo pode ser emitido anualmente, desde que discrimine os valores doados mês a mês.*

§ 2º No *caso de doação em bens, o comprovante deve conter a identificação dos bens, mediante descrição em campo próprio ou em relação anexa ao comprovante, informando também se houve avaliação, o nome, CPF ou CNPJ e endereço dos avaliadores.*

Art. 260-E. Na hipótese da doação em bens, o doador deverá:

I - comprovar a propriedade dos bens, mediante documentação hábil;

II - baixar os bens doados na declaração de bens e direitos, quando se tratar de pessoa física, e na escrituração, no caso de pessoa jurídica; e

III - considerar como valor dos bens doados:

a) para as pessoas físicas, o valor constante da última declaração do imposto de renda, desde que não exceda o valor de mercado;

b) para as pessoas jurídicas, o valor contábil dos bens.

Parágrafo único. O preço obtido em caso de leilão não será considerado na determinação do valor dos bens doados, exceto se o leilão for determinado por autoridade judiciária.

Art. 260-F. Os documentos a que se referem os arts. 260-D e 260-E devem ser mantidos pelo contribuinte por um prazo de 5 (cinco) anos para fins de comprovação da dedução perante a Receita Federal do Brasil.

NOVA CONCURSOS

Art. 260-G. Os órgãos responsáveis pela administração das contas dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais devem:

I - manter conta bancária específica destinada exclusivamente a gerir os recursos do Fundo;

II - manter controle das doações recebidas; e

III - informar anualmente à Secretaria da Receita Federal do Brasil as doações recebidas mês a mês, identificando os seguintes dados por doador:

a) nome, CNPJ ou CPF;

b) valor doado, especificando se a doação foi em espécie ou em bens.

Art. 260-H. Em caso de descumprimento das obrigações previstas no art. 260-G, a Secretaria da Receita Federal do Brasil dará conhecimento do fato ao Ministério Público.

Art. 260-I. Os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais divulgarão amplamente à comunidade:

I - o calendário de suas reuniões;

II - as ações prioritárias para aplicação das políticas de atendimento à criança e ao adolescente;

III - os requisitos para a apresentação de projetos a serem beneficiados com recursos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital ou municipais;

IV - a relação dos projetos aprovados em cada ano-calendário e o valor dos recursos previstos para implementação das ações, por projeto;

V - o total dos recursos recebidos e a respectiva destinação, por projeto atendido, inclusive com cadastramento na base de dados do Sistema de Informações sobre a Infância e a Adolescência; e

VI - a avaliação dos resultados dos projetos beneficiados com recursos dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, estaduais, distrital e municipais.

Art. 260-J. O Ministério Público determinará, em cada Comarca, a forma de fiscalização da aplicação dos incentivos fiscais referidos no art. 260 desta Lei.

Parágrafo único. O descumprimento do disposto nos arts. 260-G e 260-I sujeitará os infratores a responder por ação judicial proposta pelo Ministério Público, que poderá atuar de ofício, a requerimento ou representação de qualquer cidadão.

Art. 260-K. A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) encaminhará à Secretaria da Receita Federal do Brasil, até 31 de outubro de cada ano, arquivo eletrônico contendo a relação atualizada dos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente nacional, distrital, estaduais e municipais, com a indicação dos respectivos números de inscrição no CNPJ e das contas bancárias específicas mantidas em instituições financeiras públicas, destinadas exclusivamente a gerir os recursos dos Fundos.

Art. 260-L. A Secretaria da Receita Federal do Brasil expedirá as instruções necessárias à aplicação do disposto nos arts. 260 a 260-K.

Art. 261. A falta dos conselhos municipais dos direitos da criança e do adolescente, os registros, inscrições e alterações a que se referem os arts. 90, parágrafo único, e 91 desta Lei serão efetuados perante a autoridade judiciária da comarca a que pertencer a entidade.

Parágrafo único. A União fica autorizada a repassar aos estados e municípios, e os estados aos municípios, os recursos referentes aos programas e atividades previstos nesta Lei, tão logo estejam criados os conselhos dos direitos da criança e do adolescente nos seus respectivos níveis.

Art. 262. Enquanto não instalados os Conselhos Tutelares, as atribuições a eles conferidas serão exercidas pela autoridade judiciária.

Art. 263. O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), passa a vigorar com as seguintes alterações:

1) Art. 121 (...)

§ 4º *No homicídio culposo, a pena é aumentada de um terço, se o crime resulta de inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício, ou se o agente deixa de prestar imediato socorro à vítima, não procura diminuir as consequências do seu ato, ou foge para evitar prisão em flagrante. Sendo doloso o homicídio, a pena é aumentada de um terço, se o crime é praticado contra pessoa menor de catorze anos.*

2) Art. 129 (...)

§ 7º *Aumenta-se a pena de um terço, se ocorrer qualquer das hipóteses do art. 121, § 4º.*

§ 8º Aplica-se à lesão culposa o disposto no § 5º do art. 121.

3) Art. 136 (...)

§ 3º *Aumenta-se a pena de um terço, se o crime é praticado contra pessoa menor de catorze anos.*

4) Art. 213 (...)

Parágrafo único. *Se a ofendida é menor de catorze anos:*

Pena - reclusão de quatro a dez anos.

5) Art. 214 (...)

Parágrafo único. *Se o ofendido é menor de catorze anos:*

Pena - reclusão de três a nove anos."

Art. 264. O art. 102 da Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1973, *fica acrescido do seguinte item:*

"Art. 102 (...)

6º) a perda e a suspensão do pátrio poder."

Art. 265. A Imprensa Nacional e demais gráficas da União, da administração direta ou indireta, inclusive fundações instituídas e mantidas pelo poder público federal promoverão edição popular do texto integral deste Estatuto, que será posto à disposição das escolas e das entidades de atendimento e de defesa dos direitos da criança e do adolescente.

Art. 265-A. O poder público fará periodicamente ampla divulgação dos direitos da criança e do adolescente nos meios de comunicação social.

Parágrafo único. A divulgação a que se refere o caput será veiculada em linguagem clara, compreensível e adequada a crianças e adolescentes, especialmente às crianças com idade inferior a 6 (seis) anos.

Art. 266. Esta Lei entra em vigor noventa dias após sua publicação.

Parágrafo único. Durante o período de vacância deverão ser promovidas atividades e campanhas de divulgação e esclarecimentos acerca do disposto nesta Lei.

Art. 267. Revogam-se as Leis nº 4.513, de 1964, *e* 6.697, de 10 de outubro de 1979 *(Código de Menores), e as demais disposições em contrário.*

Brasília, 13 de julho de 1990; 169º da Independência e 102º da República.

LEI FEDERAL Nº 12.010, DE 03 DE AGOSTO DE 2009 – NOVA LEI DA ADOÇÃO E AS ALTERAÇÕES NO ECA.

LEI Nº 12.010, DE 3 DE AGOSTO DE 2009.

Dispõe sobre adoção; altera as Leis nos 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943; e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o aperfeiçoamento da sistemática prevista para garantia do direito à convivência familiar a todas as crianças e adolescentes, na forma prevista pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente.

§ 1º A intervenção estatal, em observância ao disposto no caput do art. 226 da Constituição Federal, será prioritariamente voltada à orientação, apoio e promoção social da família natural, junto à qual a criança e o adolescente devem permanecer, ressalvada absoluta impossibilidade, demonstrada por decisão judicial fundamentada.

§ 2º Na impossibilidade de permanência na família natural, a criança e o adolescente serão colocados sob adoção, tutela ou guarda, observadas as regras e princípios contidos na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e na Constituição Federal.

Art. 2º A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 8º .....

.....

§ 4º Incumbe ao poder público proporcionar assistência psicológica à gestante e à mãe, no período pré e pós-natal, inclusive como forma de prevenir ou minorar as consequências do estado puerperal.

§ 5º A assistência referida no § 4º deste artigo deverá ser também prestada a gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção." (NR)

"Art. 13. .....

Parágrafo único. As gestantes ou mães que manifestem interesse em entregar seus filhos para adoção serão obrigatoriamente encaminhadas à Justiça da Infância e da Juventude." (NR)

"Art. 19. .....

§ 1º Toda criança ou adolescente que estiver inserido em programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada, no máximo, a cada 6 (seis) meses, devendo a autoridade judiciária competente, com base em relatório elaborado por equipe interprofissional ou multidisciplinar, decidir de forma fundamentada pela possibilidade de reintegração familiar ou colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei.

§ 2º A permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de 2 (dois) anos, salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária.

§ 3º A manutenção ou reintegração de criança ou adolescente à sua família terá preferência em relação a qualquer outra providência, caso em que será esta incluída em programas de orientação e auxílio, nos termos do parágrafo único do art. 23, dos incisos I e IV do caput do art. 101 e dos incisos I a IV do caput do art. 129 desta Lei." (NR)

"Art. 25. .....

Parágrafo único. Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade." (NR)

"Art. 28. .....

§ 1º Sempre que possível, a criança ou o adolescente será previamente ouvido por equipe interprofissional, respeitado seu estágio de desenvolvimento e grau de compreensão sobre as implicações da medida, e terá sua opinião devidamente considerada.

§ 2º Tratando-se de maior de 12 (doze) anos de idade, será necessário seu consentimento, colhido em audiência.

§ 3º Na apreciação do pedido levar-se-á em conta o grau de parentesco e a relação de afinidade ou de afetividade, a fim de evitar ou minorar as consequências decorrentes da medida.

§ 4º Os grupos de irmãos serão colocados sob adoção, tutela ou guarda da mesma família substituta, ressalvada a comprovada existência de risco de abuso ou outra situação que justifique plenamente a excepcionalidade de solução diversa, procurando-se, em qualquer caso, evitar o rompimento definitivo dos vínculos fraternais.

§ 5º A colocação da criança ou adolescente em família substituta será precedida de sua preparação gradativa e acompanhamento posterior, realizados pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com o apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.

NOVA CONCURSOS

§ 6º Em se tratando de criança ou adolescente indígena ou proveniente de comunidade remanescente de quilombo, é ainda obrigatório:

I - que sejam consideradas e respeitadas sua identidade social e cultural, os seus costumes e tradições, bem como suas instituições, desde que não sejam incompatíveis com os direitos fundamentais reconhecidos por esta Lei e pela Constituição Federal;

II - que a colocação familiar ocorra prioritariamente no seio de sua comunidade ou junto a membros da mesma etnia;

III - a intervenção e oitiva de representantes do órgão federal responsável pela política indigenista, no caso de crianças e adolescentes indígenas, e de antropólogos, perante a equipe interprofissional ou multidisciplinar que irá acompanhar o caso." (NR)

"Art. 33. .....

.....

§ 4º Salvo expressa e fundamentada determinação em contrário, da autoridade judiciária competente, ou quando a medida for aplicada em preparação para adoção, o deferimento da guarda de criança ou adolescente a terceiros não impede o exercício do direito de visitas pelos pais, assim como o dever de prestar alimentos, que serão objeto de regulamentação específica, a pedido do interessado ou do Ministério Público." (NR)

"Art. 34. O poder público estimulará, por meio de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, o acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente afastado do convívio familiar.

§ 1º A inclusão da criança ou adolescente em programas de acolhimento familiar terá preferência a seu acolhimento institucional, observado, em qualquer caso, o caráter temporário e excepcional da medida, nos termos desta Lei.

§ 2º Na hipótese do § 1º deste artigo a pessoa ou casal cadastrado no programa de acolhimento familiar poderá receber a criança ou adolescente mediante guarda, observado o disposto nos arts. 28 a 33 desta Lei." (NR)

"Art. 36. A tutela será deferida, nos termos da lei civil, a pessoa de até 18 (dezoito) anos incompletos.

....." (NR)

"Art. 37. O tutor nomeado por testamento ou qualquer documento autêntico, conforme previsto no parágrafo único do art. 1.729 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, deverá, no prazo de 30 (trinta) dias após a abertura da sucessão, ingressar com pedido destinado ao controle judicial do ato, observando o procedimento previsto nos arts. 165 a 170 desta Lei.

Parágrafo único. Na apreciação do pedido, serão observados os requisitos previstos nos arts. 28 e 29 desta Lei, somente sendo deferida a tutela à pessoa indicada na disposição de última vontade, se restar comprovado que a medida é vantajosa ao tutelando e que não existe outra pessoa em melhores condições de assumi-la." (NR)

"Art. 39. .....

§ 1º A adoção é medida excepcional e irrevogável, à qual se deve recorrer apenas quando esgotados os recursos de manutenção da criança ou adolescente na família natural ou extensa, na forma do parágrafo único do art. 25 desta Lei.

§ 2º É vedada a adoção por procuração." (NR)

"Art. 42. Podem adotar os maiores de 18 (dezoito) anos, independentemente do estado civil.

.....

§ 2º Para adoção conjunta, é indispensável que os adotantes sejam casados civilmente ou mantenham união estável, comprovada a estabilidade da família.

.....

§ 4º Os divorciados, os judicialmente separados e os ex-companheiros podem adotar conjuntamente, contanto que acordem sobre a guarda e o regime de visitas e desde que o estágio de convivência tenha sido iniciado na constância do período de convivência e que seja comprovada a existência de vínculos de afinidade e afetividade com aquele não detentor da guarda, que justifiquem a excepcionalidade da concessão.

§ 5º Nos casos do § 4º deste artigo, desde que demonstrado efetivo benefício ao adotando, será assegurada a guarda compartilhada, conforme previsto no art. 1.584 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil.

§ 6º A adoção poderá ser deferida ao adotante que, após inequívoca manifestação de vontade, vier a falecer no curso do procedimento, antes de prolatada a sentença." (NR)

"Art. 46. .....

§ 1º O estágio de convivência poderá ser dispensado se o adotando já estiver sob a tutela ou guarda legal do adotante durante tempo suficiente para que seja possível avaliar a conveniência da constituição do vínculo.

§ 2º A simples guarda de fato não autoriza, por si só, a dispensa da realização do estágio de convivência.

§ 3º Em caso de adoção por pessoa ou casal residente ou domiciliado fora do País, o estágio de convivência, cumprido no território nacional, será de, no mínimo, 30 (trinta) dias.

§ 4º O estágio de convivência será acompanhado pela equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política de garantia do direito à convivência familiar, que apresentarão relatório minucioso acerca da conveniência do deferimento da medida." (NR)

"Art. 47. .....

.....

§ 3º A pedido do adotante, o novo registro poderá ser lavrado no Cartório do Registro Civil do Município de sua residência.

§ 4º Nenhuma observação sobre a origem do ato poderá constar nas certidões do registro.

§ 5º A sentença conferirá ao adotado o nome do adotante e, a pedido de qualquer deles, poderá determinar a modificação do prenome.

§ 6º Caso a modificação de prenome seja requerida pelo adotante, é obrigatória a oitiva do adotando, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 28 desta Lei.

§ 7º A adoção produz seus efeitos a partir do trânsito em julgado da sentença constitutiva, exceto na hipótese prevista no § 6º do art. 42 desta Lei, caso em que terá força retroativa à data do óbito.

§ 8º O processo relativo à adoção assim como outros a ele relacionados serão mantidos em arquivo, admitindo-se seu armazenamento em microfilme ou por outros meios, garantida a sua conservação para consulta a qualquer tempo." (NR)

"Art. 48. O adotado tem direito de conhecer sua origem biológica, bem como de obter acesso irrestrito ao processo no qual a medida foi aplicada e seus eventuais incidentes, após completar 18 (dezoito) anos.

Parágrafo único. O acesso ao processo de adoção poderá ser também deferido ao adotado menor de 18 (dezoito) anos, a seu pedido, assegurada orientação e assistência jurídica e psicológica." (NR)

"Art. 50. .....

.....

§ 3º A inscrição de postulantes à adoção será precedida de um período de preparação psicossocial e jurídica, orientado pela equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.

§ 4º Sempre que possível e recomendável, a preparação referida no § 3º deste artigo incluirá o contato com crianças e adolescentes em acolhimento familiar ou institucional em condições de serem adotados, a ser realizado sob a orientação, supervisão e avaliação da equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, com apoio dos técnicos responsáveis pelo programa de acolhimento e pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.

§ 5º Serão criados e implementados cadastros estaduais e nacional de crianças e adolescentes em condições de serem adotados e de pessoas ou casais habilitados à adoção.

§ 6º Haverá cadastros distintos para pessoas ou casais residentes fora do País, que somente serão consultados na inexistência de postulantes nacionais habilitados nos cadastros mencionados no § 5º deste artigo.

§ 7º As autoridades estaduais e federais em matéria de adoção terão acesso integral aos cadastros, incumbindo-lhes a troca de informações e a cooperação mútua, para melhoria do sistema.

§ 8º A autoridade judiciária providenciará, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, a inscrição das crianças e adolescentes em condições de serem adotados que não tiveram colocação familiar na comarca de origem, e das pessoas ou casais que tiveram deferida sua habilitação à adoção nos cadastros estadual e nacional referidos no § 5º deste artigo, sob pena de responsabilidade.

§ 9º Compete à Autoridade Central Estadual zelar pela manutenção e correta alimentação dos cadastros, com posterior comunicação à Autoridade Central Federal Brasileira.

§ 10. A adoção internacional somente será deferida se, após consulta ao cadastro de pessoas ou casais habilitados à adoção, mantido pela Justiça da Infância e da Juventude na comarca, bem como aos cadastros estadual e nacional referidos no § 5º deste artigo, não for encontrado interessado com residência permanente no Brasil.

§ 11. Enquanto não localizada pessoa ou casal interessado em sua adoção, a criança ou o adolescente, sempre que possível e recomendável, será colocado sob guarda de família cadastrada em programa de acolhimento familiar.

§ 12. A alimentação do cadastro e a convocação criteriosa dos postulantes à adoção serão fiscalizadas pelo Ministério Público.

§ 13. Somente poderá ser deferida adoção em favor de candidato domiciliado no Brasil não cadastrado previamente nos termos desta Lei quando:

I - se tratar de pedido de adoção unilateral;

II - for formulada por parente com o qual a criança ou adolescente mantenha vínculos de afinidade e afetividade;

III - oriundo o pedido de quem detém a tutela ou guarda legal de criança maior de 3 (três) anos ou adolescente, desde que o lapso de tempo de convivência comprove a fixação de laços de afinidade e afetividade, e não seja constatada a ocorrência de má-fé ou qualquer das situações previstas nos arts. 237 ou 238 desta Lei.

§ 14. Nas hipóteses previstas no § 13 deste artigo, o candidato deverá comprovar, no curso do procedimento, que preenche os requisitos necessários à adoção, conforme previsto nesta Lei." (NR)

"Art. 51. Considera-se adoção internacional aquela na qual a pessoa ou casal postulante é residente ou domiciliado fora do Brasil, conforme previsto no Artigo 2 da Convenção de Haia, de 29 de maio de 1993, Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional, aprovada pelo Decreto Legislativo nº 1, de 14 de janeiro de 1999, e promulgada pelo Decreto nº 3.087, de 21 de junho de 1999.

§ 1º A adoção internacional de criança ou adolescente brasileiro ou domiciliado no Brasil somente terá lugar quando restar comprovado:

I - que a colocação em família substituta é a solução adequada ao caso concreto;

II - que foram esgotadas todas as possibilidades de colocação da criança ou adolescente em família substituta brasileira, após consulta aos cadastros mencionados no art. 50 desta Lei;

III - que, em se tratando de adoção de adolescente, este foi consultado, por meios adequados ao seu estágio de desenvolvimento, e que se encontra preparado para a medida, mediante parecer elaborado por equipe interprofissional, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 28 desta Lei.

§ 2º Os brasileiros residentes no exterior terão preferência aos estrangeiros, nos casos de adoção internacional de criança ou adolescente brasileiro.

§ 3º A adoção internacional pressupõe a intervenção das Autoridades Centrais Estaduais e Federal em matéria de adoção internacional." (NR)

"Art. 52. A adoção internacional observará o procedimento previsto nos arts. 165 a 170 desta Lei, com as seguintes adaptações:

I - a pessoa ou casal estrangeiro, interessado em adotar criança ou adolescente brasileiro, deverá formular pedido de habilitação à adoção perante a Autoridade Central em matéria de adoção internacional no país de acolhida, assim entendido aquele onde está situada sua residência habitual;

NOVA CONCURSOS

II - se a Autoridade Central do país de acolhida considerar que os solicitantes estão habilitados e aptos para adotar, emitirá um relatório que contenha informações sobre a identidade, a capacidade jurídica e adequação dos solicitantes para adotar, sua situação pessoal, familiar e médica, seu meio social, os motivos que os animam e sua aptidão para assumir uma adoção internacional;

III - a Autoridade Central do país de acolhida enviará o relatório à Autoridade Central Estadual, com cópia para a Autoridade Central Federal Brasileira;

IV - o relatório será instruído com toda a documentação necessária, incluindo estudo psicossocial elaborado por equipe interprofissional habilitada e cópia autenticada da legislação pertinente, acompanhada da respectiva prova de vigência;

V - os documentos em língua estrangeira serão devidamente autenticados pela autoridade consular, observados os tratados e convenções internacionais, e acompanhados da respectiva tradução, por tradutor público juramentado;

VI - a Autoridade Central Estadual poderá fazer exigências e solicitar complementação sobre o estudo psicossocial do postulante estrangeiro à adoção, já realizado no país de acolhida;

VII - verificada, após estudo realizado pela Autoridade Central Estadual, a compatibilidade da legislação estrangeira com a nacional, além do preenchimento por parte dos postulantes à medida dos requisitos objetivos e subjetivos necessários ao seu deferimento, tanto à luz do que dispõe esta Lei como da legislação do país de acolhida, será expedido laudo de habilitação à adoção internacional, que terá validade por, no máximo, 1 (um) ano;

VIII - de posse do laudo de habilitação, o interessado será autorizado a formalizar pedido de adoção perante o Juízo da Infância e da Juventude do local em que se encontra a criança ou adolescente, conforme indicação efetuada pela Autoridade Central Estadual.

§ 1º Se a legislação do país de acolhida assim o autorizar, admite-se que os pedidos de habilitação à adoção internacional sejam intermediados por organismos credenciados.

§ 2º Incumbe à Autoridade Central Federal Brasileira o credenciamento de organismos nacionais e estrangeiros encarregados de intermediar pedidos de habilitação à adoção internacional, com posterior comunicação às Autoridades Centrais Estaduais e publicação nos órgãos oficiais de imprensa e em sítio próprio da internet.

§ 3º Somente será admissível o credenciamento de organismos que:

I - sejam oriundos de países que ratificaram a Convenção de Haia e estejam devidamente credenciados pela Autoridade Central do país onde estiverem sediados e no país de acolhida do adotando para atuar em adoção internacional no Brasil;

II - satisfizerem as condições de integridade moral, competência profissional, experiência e responsabilidade exigidas pelos países respectivos e pela Autoridade Central Federal Brasileira;

III - forem qualificados por seus padrões éticos e sua formação e experiência para atuar na área de adoção internacional;

IV - cumprirem os requisitos exigidos pelo ordenamento jurídico brasileiro e pelas normas estabelecidas pela Autoridade Central Federal Brasileira.

§ 4º Os organismos credenciados deverão ainda:

I - perseguir unicamente fins não lucrativos, nas condições e dentro dos limites fixados pelas autoridades competentes do país onde estiverem sediados, do país de acolhida e pela Autoridade Central Federal Brasileira;

II - ser dirigidos e administrados por pessoas qualificadas e de reconhecida idoneidade moral, com comprovada formação ou experiência para atuar na área de adoção internacional, cadastradas pelo Departamento de Polícia Federal e aprovadas pela Autoridade Central Federal Brasileira, mediante publicação de portaria do órgão federal competente;

III - estar submetidos à supervisão das autoridades competentes do país onde estiverem sediados e no país de acolhida, inclusive quanto à sua composição, funcionamento e situação financeira;

IV - apresentar à Autoridade Central Federal Brasileira, a cada ano, relatório geral das atividades desenvolvidas, bem como relatório de acompanhamento das adoções internacionais efetuadas no período, cuja cópia será encaminhada ao Departamento de Polícia Federal;

V - enviar relatório pós-adotivo semestral para a Autoridade Central Estadual, com cópia para a Autoridade Central Federal Brasileira, pelo período mínimo de 2 (dois) anos. O envio do relatório será mantido até a juntada de cópia autenticada do registro civil, estabelecendo a cidadania do país de acolhida para o adotado;

VI - tomar as medidas necessárias para garantir que os adotantes encaminhem à Autoridade Central Federal Brasileira cópia da certidão de registro de nascimento estrangeira e do certificado de nacionalidade tão logo lhes sejam concedidos.

§ 5º A não apresentação dos relatórios referidos no § 4º deste artigo pelo organismo credenciado poderá acarretar a suspensão de seu credenciamento.

§ 6º O credenciamento de organismo nacional ou estrangeiro encarregado de intermediar pedidos de adoção internacional terá validade de 2 (dois) anos.

§ 7º A renovação do credenciamento poderá ser concedida mediante requerimento protocolado na Autoridade Central Federal Brasileira nos 60 (sessenta) dias anteriores ao término do respectivo prazo de validade.

§ 8º Antes de transitada em julgado a decisão que concedeu a adoção internacional, não será permitida a saída do adotando do território nacional.

§ 9º Transitada em julgado a decisão, a autoridade judiciária determinará a expedição de alvará com autorização de viagem, bem como para obtenção de passaporte, constando, obrigatoriamente, as características da criança ou adolescente adotado, como idade, cor, sexo, eventuais sinais ou traços peculiares, assim como foto recente e a aposição da impressão digital do seu polegar direito, instruindo o documento com cópia autenticada da decisão e certidão de trânsito em julgado.

§ 10. A Autoridade Central Federal Brasileira poderá, a qualquer momento, solicitar informações sobre a situação das crianças e adolescentes adotados.

§ 11. A cobrança de valores por parte dos organismos credenciados, que sejam considerados abusivos pela Autoridade Central Federal Brasileira e que não estejam devidamente comprovados, é causa de seu descredenciamento.

§ 12. Uma mesma pessoa ou seu cônjuge não podem ser representados por mais de uma entidade credenciada para atuar na cooperação em adoção internacional.

§ 13. A habilitação de postulante estrangeiro ou domiciliado fora do Brasil terá validade máxima de 1 (um) ano, podendo ser renovada.

§ 14. É vedado o contato direto de representantes de organismos de adoção, nacionais ou estrangeiros, com dirigentes de programas de acolhimento institucional ou familiar, assim como com crianças e adolescentes em condições de serem adotados, sem a devida autorização judicial.

§ 15. A Autoridade Central Federal Brasileira poderá limitar ou suspender a concessão de novos credenciamentos sempre que julgar necessário, mediante ato administrativo fundamentado." (NR)

"Art. 52-A. É vedado, sob pena de responsabilidade e descredenciamento, o repasse de recursos provenientes de organismos estrangeiros encarregados de intermediar pedidos de adoção internacional a organismos nacionais ou a pessoas físicas.

Parágrafo único. Eventuais repasses somente poderão ser efetuados via Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente e estarão sujeitos às deliberações do respectivo Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente."

"Art. 52-B. A adoção por brasileiro residente no exterior em país ratificante da Convenção de Haia, cujo processo de adoção tenha sido processado em conformidade com a legislação vigente no país de residência e atendido o disposto na Alínea "c" do Artigo 17 da referida Convenção, será automaticamente recepcionada com o reingresso no Brasil.

§ 1º Caso não tenha sido atendido o disposto na Alínea "c" do Artigo 17 da Convenção de Haia, deverá a sentença ser homologada pelo Superior Tribunal de Justiça.

§ 2º O pretendente brasileiro residente no exterior em país não ratificante da Convenção de Haia, uma vez reingressado no Brasil, deverá requerer a homologação da sentença estrangeira pelo Superior Tribunal de Justiça."

"Art. 52-C. Nas adoções internacionais, quando o Brasil for o país de acolhida, a decisão da autoridade competente do país de origem da criança ou do adolescente será conhecida pela Autoridade Central Estadual que tiver processado o pedido de habilitação dos pais adotivos, que comunicará o fato à Autoridade Central Federal e determinará as providências necessárias à expedição do Certificado de Naturalização Provisório.

§ 1º A Autoridade Central Estadual, ouvido o Ministério Público, somente deixará de reconhecer os efeitos daquela decisão se restar demonstrado que a adoção é manifestamente contrária à ordem pública ou não atende ao interesse superior da criança ou do adolescente.

§ 2º Na hipótese de não reconhecimento da adoção, prevista no § 1º deste artigo, o Ministério Público deverá imediatamente requerer o que for de direito para resguardar os interesses da criança ou do adolescente, comunicando-se as providências à Autoridade Central Estadual, que fará a comunicação à Autoridade Central Federal Brasileira e à Autoridade Central do país de origem."

"Art. 52-D. Nas adoções internacionais, quando o Brasil for o país de acolhida e a adoção não tenha sido deferida no país de origem porque a sua legislação a delega ao país de acolhida, ou, ainda, na hipótese de, mesmo com decisão, a criança ou o adolescente ser oriundo de país que não tenha aderido à Convenção referida, o processo de adoção seguirá as regras da adoção nacional."

"Art. 87. .....

.....

VI - políticas e programas destinados a prevenir ou abreviar o período de afastamento do convívio familiar e a garantir o efetivo exercício do direito à convivência familiar de crianças e adolescentes;

VII - campanhas de estímulo ao acolhimento sob forma de guarda de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar e à adoção, especificamente inter-racial, de crianças maiores ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos." (NR)

"Art. 88. .....

.....

VI - integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Conselho Tutelar e encarregados da execução das políticas sociais básicas e de assistência social, para efeito de agilização do atendimento de crianças e de adolescentes inseridos em programas de acolhimento familiar ou institucional, com vista na sua rápida reintegração à família de origem ou, se tal solução se mostrar comprovadamente inviável, sua colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei;

VII - mobilização da opinião pública para a indispensável participação dos diversos segmentos da sociedade." (NR)

"Art. 90. .....

.....

IV - acolhimento institucional;

.....

§ 1º As entidades governamentais e não governamentais deverão proceder à inscrição de seus programas, especificando os regimes de atendimento, na forma definida neste artigo, no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual manterá registro das inscrições e de suas alterações, do que fará comunicação ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária.

§ 2º Os recursos destinados à implementação e manutenção dos programas relacionados neste artigo serão previstos nas dotações orçamentárias dos órgãos públicos encarregados das áreas de Educação, Saúde e Assistência Social, dentre outros, observando-se o princípio da prioridade absoluta à criança e ao adolescente preconizado pelo caput do art. 227 da Constituição Federal e pelo caput e parágrafo único do art. 4º desta Lei.

§ 3º Os programas em execução serão reavaliados pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, no máximo, a cada 2 (dois) anos, constituindo-se critérios para renovação da autorização de funcionamento:

I - o efetivo respeito às regras e princípios desta Lei, bem como às resoluções relativas à modalidade de atendimento prestado expedidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, em todos os níveis;

NOVA CONCURSOS

II - a qualidade e eficiência do trabalho desenvolvido, atestadas pelo Conselho Tutelar, pelo Ministério Público e pela Justiça da Infância e da Juventude;

III - em se tratando de programas de acolhimento institucional ou familiar, serão considerados os índices de sucesso na reintegração familiar ou de adaptação à família substituta, conforme o caso." (NR)

"Art. 91. .....

§ 1º Será negado o registro à entidade que:

.....

e) não se adequar ou deixar de cumprir as resoluções e deliberações relativas à modalidade de atendimento prestado expedidas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, em todos os níveis.

§ 2º O registro terá validade máxima de 4 (quatro) anos, cabendo ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, periodicamente, reavaliar o cabimento de sua renovação, observado o disposto no § 1º deste artigo." (NR)

"Art. 92. As entidades que desenvolvam programas de acolhimento familiar ou institucional deverão adotar os seguintes princípios:

I - preservação dos vínculos familiares e promoção da reintegração familiar;

II - integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família natural ou extensa;

.....

§ 1º O dirigente de entidade que desenvolve programa de acolhimento institucional é equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito.

§ 2º Os dirigentes de entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional remeterão à autoridade judiciária, no máximo a cada 6 (seis) meses, relatório circunstanciado acerca da situação de cada criança ou adolescente acolhido e sua família, para fins da reavaliação prevista no § 1º do art. 19 desta Lei.

§ 3º Os entes federados, por intermédio dos Poderes Executivo e Judiciário, promoverão conjuntamente a permanente qualificação dos profissionais que atuam direta ou indiretamente em programas de acolhimento institucional e destinados à colocação familiar de crianças e adolescentes, incluindo membros do Poder Judiciário, Ministério Público e Conselho Tutelar.

§ 4º Salvo determinação em contrário da autoridade judiciária competente, as entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional, se necessário com o auxílio do Conselho Tutelar e dos órgãos de assistência social, estimularão o contato da criança ou adolescente com seus pais e parentes, em cumprimento ao disposto nos incisos I e VIII do caput deste artigo.

§ 5º As entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar ou institucional somente poderão receber recursos públicos se comprovado o atendimento dos princípios, exigências e finalidades desta Lei.

§ 6º O descumprimento das disposições desta Lei pelo dirigente de entidade que desenvolva programas de acolhimento familiar ou institucional é causa de sua destituição, sem prejuízo da apuração de sua responsabilidade administrativa, civil e criminal." (NR)

"Art. 93. As entidades que mantenham programa de acolhimento institucional poderão, em caráter excepcional e de urgência, acolher crianças e adolescentes sem prévia determinação da autoridade competente, fazendo comunicação do fato em até 24 (vinte e quatro) horas ao Juiz da Infância e da Juventude, sob pena de responsabilidade.

Parágrafo único. Recebida a comunicação, a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público e se necessário com o apoio do Conselho Tutelar local, tomará as medidas necessárias para promover a imediata reintegração familiar da criança ou do adolescente ou, se por qualquer razão não for isso possível ou recomendável, para seu encaminhamento a programa de acolhimento familiar, institucional ou a família substituta, observado o disposto no § 2º do art. 101 desta Lei." (NR)

"Art. 94. .....

.....

§ 1º Aplicam-se, no que couber, as obrigações constantes deste artigo às entidades que mantêm programas de acolhimento institucional e familiar.

....." (NR)

"Art. 97. .....

.....

§ 1º Em caso de reiteradas infrações cometidas por entidades de atendimento, que coloquem em risco os direitos assegurados nesta Lei, deverá ser o fato comunicado ao Ministério Público ou representado perante autoridade judiciária competente para as providências cabíveis, inclusive suspensão das atividades ou dissolução da entidade.

§ 2º As pessoas jurídicas de direito público e as organizações não governamentais responderão pelos danos que seus agentes causarem às crianças e aos adolescentes, caracterizado o descumprimento dos princípios norteadores das atividades de proteção específica." (NR)

"Art. 100. .....

Parágrafo único. São também princípios que regem a aplicação das medidas:

I - condição da criança e do adolescente como sujeitos de direitos: crianças e adolescentes são os titulares dos direitos previstos nesta e em outras Leis, bem como na Constituição Federal;

II - proteção integral e prioritária: a interpretação e aplicação de toda e qualquer norma contida nesta Lei deve ser voltada à proteção integral e prioritária dos direitos de que crianças e adolescentes são titulares;

III - responsabilidade primária e solidária do poder público: a plena efetivação dos direitos assegurados a crianças e a adolescentes por esta Lei e pela Constituição Federal, salvo nos casos por esta expressamente ressalvados, é de responsabilidade primária e solidária das 3 (três) esferas de governo, sem prejuízo da municipalização do atendimento e da possibilidade da execução de programas por entidades não governamentais;

IV - interesse superior da criança e do adolescente: a intervenção deve atender prioritariamente aos interesses e direitos da criança e do adolescente, sem prejuízo da consideração que for devida a outros interesses legítimos no âmbito da pluralidade dos interesses presentes no caso concreto;

V - privacidade: a promoção dos direitos e proteção da criança e do adolescente deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada;

VI - intervenção precoce: a intervenção das autoridades competentes deve ser efetuada logo que a situação de perigo seja conhecida;

VII - intervenção mínima: a intervenção deve ser exercida exclusivamente pelas autoridades e instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos e à proteção da criança e do adolescente;

VIII - proporcionalidade e atualidade: a intervenção deve ser a necessária e adequada à situação de perigo em que a criança ou o adolescente se encontram no momento em que a decisão é tomada;

IX - responsabilidade parental: a intervenção deve ser efetuada de modo que os pais assumam os seus deveres para com a criança e o adolescente;

X - prevalência da família: na promoção de direitos e na proteção da criança e do adolescente deve ser dada prevalência às medidas que os mantenham ou reintegrem na sua família natural ou extensa ou, se isto não for possível, que promovam a sua integração em família substituta;

XI - obrigatoriedade da informação: a criança e o adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento e capacidade de compreensão, seus pais ou responsável devem ser informados dos seus direitos, dos motivos que determinaram a intervenção e da forma como esta se processa;

XII - oitiva obrigatória e participação: a criança e o adolescente, em separado ou na companhia dos pais, de responsável ou de pessoa por si indicada, bem como os seus pais ou responsável, têm direito a ser ouvidos e a participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e de proteção, sendo sua opinião devidamente considerada pela autoridade judiciária competente, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do art. 28 desta Lei." (NR)

"Art. 101. .....

.....

VII - acolhimento institucional;

VIII - inclusão em programa de acolhimento familiar;

IX - colocação em família substituta.

§ 1º O acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade.

§ 2º Sem prejuízo da tomada de medidas emergenciais para proteção de vítimas de violência ou abuso sexual e das providências a que alude o art. 130 desta Lei, o afastamento da criança ou adolescente do convívio familiar é de competência exclusiva da autoridade judiciária e importará na deflagração, a pedido do Ministério Público ou de quem tenha legítimo interesse, de procedimento judicial contencioso, no qual se garanta aos pais ou ao responsável legal o exercício do contraditório e da ampla defesa.

§ 3º Crianças e adolescentes somente poderão ser encaminhados às instituições que executam programas de acolhimento institucional, governamentais ou não, por meio de uma Guia de Acolhimento, expedida pela autoridade judiciária, na qual obrigatoriamente constará, dentre outros:

I - sua identificação e a qualificação completa de seus pais ou de seu responsável, se conhecidos;

II - o endereço de residência dos pais ou do responsável, com pontos de referência;

III - os nomes de parentes ou de terceiros interessados em tê-los sob sua guarda;

IV - os motivos da retirada ou da não reintegração ao convívio familiar.

§ 4º Imediatamente após o acolhimento da criança ou do adolescente, a entidade responsável pelo programa de acolhimento institucional ou familiar elaborará um plano individual de atendimento, visando à reintegração familiar, ressalvada a existência de ordem escrita e fundamentada em contrário de autoridade judiciária competente, caso em que também deverá contemplar sua colocação em família substituta, observadas as regras e princípios desta Lei.

§ 5º O plano individual será elaborado sob a responsabilidade da equipe técnica do respectivo programa de atendimento e levará em consideração a opinião da criança ou do adolescente e a oitiva dos pais ou do responsável.

§ 6º Constarão do plano individual, dentre outros:

I - os resultados da avaliação interdisciplinar;

II - os compromissos assumidos pelos pais ou responsável; e

III - a previsão das atividades a serem desenvolvidas com a criança ou com o adolescente acolhido e seus pais ou responsável, com vista na reintegração familiar ou, caso seja esta vedada por expressa e fundamentada determinação judicial, as providências a serem tomadas para sua colocação em família substituta, sob direta supervisão da autoridade judiciária.

§ 7º O acolhimento familiar ou institucional ocorrerá no local mais próximo à residência dos pais ou do responsável e, como parte do processo de reintegração familiar, sempre que identificada a necessidade, a família de origem será incluída em programas oficiais de orientação, de apoio e de promoção social, sendo facilitado e estimulado o contato com a criança ou com o adolescente acolhido.

§ 8º Verificada a possibilidade de reintegração familiar, o responsável pelo programa de acolhimento familiar ou institucional fará imediata comunicação à autoridade judiciária, que dará vista ao Ministério Público, pelo prazo de 5 (cinco) dias, decidindo em igual prazo.

§ 9º Em sendo constatada a impossibilidade de reintegração da criança ou do adolescente à família de origem, após seu encaminhamento a programas oficiais ou comunitários de orientação, apoio e promoção social, será enviado relatório fundamentado ao Ministério Público, no qual conste a descrição pormenorizada das providências tomadas e a expressa recomendação, subscrita pelos técnicos da entidade ou responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar, para a destituição do poder familiar, ou destituição de tutela ou guarda.

§ 10. Recebido o relatório, o Ministério Público terá o prazo de 30 (trinta) dias para o ingresso com a ação de destituição do poder familiar, salvo se entender necessária a realização de estudos complementares ou outras providências que entender indispensáveis ao ajuizamento da demanda.

§ 11. A autoridade judiciária manterá, em cada comarca ou foro regional, um cadastro contendo informações atualizadas sobre as crianças e adolescentes em regime de acolhimento familiar e institucional sob sua responsabilidade, com informações pormenorizadas sobre a situação jurídica de cada um, bem como as providências tomadas para sua reintegração familiar ou colocação em família substituta, em qualquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei.

§ 12. Terão acesso ao cadastro o Ministério Público, o Conselho Tutelar, o órgão gestor da Assistência Social e os Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente e da Assistência Social, aos quais incumbe deliberar sobre a implementação de políticas públicas que permitam reduzir o número de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar e abreviar o período de permanência em programa de acolhimento." (NR)

"Art. 102. .....

.....

§ 3º Caso ainda não definida a paternidade, será deflagrado procedimento específico destinado à sua averiguação, conforme previsto pela Lei nº 8.560, de 29 de dezembro de 1992.

§ 4º Nas hipóteses previstas no § 3º deste artigo, é dispensável o ajuizamento de ação de investigação de paternidade pelo Ministério Público se, após o não comparecimento ou a recusa do suposto pai em assumir a paternidade a ele atribuída, a criança for encaminhada para adoção." (NR)

"Art. 136. .....

.....

XI - representar ao Ministério Público para efeito das ações de perda ou suspensão do poder familiar, após esgotadas as possibilidades de manutenção da criança ou do adolescente junto à família natural.

Parágrafo único. Se, no exercício de suas atribuições, o Conselho Tutelar entender necessário o afastamento do convívio familiar, comunicará incontinenti o fato ao Ministério Público, prestando-lhe informações sobre os motivos de tal entendimento e as providências tomadas para a orientação, o apoio e a promoção social da família." (NR)

"Art. 152. .....

Parágrafo único. É assegurada, sob pena de responsabilidade, prioridade absoluta na tramitação dos processos e procedimentos previstos nesta Lei, assim como na execução dos atos e diligências judiciais a eles referentes." (NR)

"Art. 153. .....

Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica para o fim de afastamento da criança ou do adolescente de sua família de origem e em outros procedimentos necessariamente contenciosos." (NR)

"Art. 161. .....

§ 1º A autoridade judiciária, de ofício ou a requerimento das partes ou do Ministério Público, determinará a realização de estudo social ou perícia por equipe interprofissional ou multidisciplinar, bem como a oitiva de testemunhas que comprovem a presença de uma das causas de suspensão ou destituição do poder familiar previstas nos arts. 1.637 e 1.638 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, ou no art. 24 desta Lei.

§ 2º Em sendo os pais oriundos de comunidades indígenas, é ainda obrigatória a intervenção, junto à equipe profissional ou multidisciplinar referida no § 1º deste artigo, de representantes do órgão federal responsável pela política indigenista, observado o disposto no § 6º do art. 28 desta Lei.

§ 3º Se o pedido importar em modificação de guarda, será obrigatória, desde que possível e razoável, a oitiva da criança ou adolescente, respeitado seu estágio de desenvolvimento e grau de compreensão sobre as implicações da medida.

§ 4º É obrigatória a oitiva dos pais sempre que esses forem identificados e estiverem em local conhecido." (NR)

"Art. 163. O prazo máximo para conclusão do procedimento será de 120 (cento e vinte) dias.

Parágrafo único. A sentença que decretar a perda ou a suspensão do poder familiar será averbada à margem do registro de nascimento da criança ou do adolescente." (NR)

"Art. 166. Se os pais forem falecidos, tiverem sido destituídos ou suspensos do poder familiar, ou houverem aderido expressamente ao pedido de colocação em família substituta, este poderá ser formulado diretamente em cartório, em petição assinada pelos próprios requerentes, dispensada a assistência de advogado.

§ 1º Na hipótese de concordância dos pais, esses serão ouvidos pela autoridade judiciária e pelo representante do Ministério Público, tomando-se por termo as declarações.

§ 2º O consentimento dos titulares do poder familiar será precedido de orientações e esclarecimentos prestados pela equipe interprofissional da Justiça da Infância e da Juventude, em especial, no caso de adoção, sobre a irrevogabilidade da medida.

§ 3º O consentimento dos titulares do poder familiar será colhido pela autoridade judiciária competente em audiência, presente o Ministério Público, garantida a livre manifestação de vontade e esgotados os esforços para manutenção da criança ou do adolescente na família natural ou extensa.

§ 4º O consentimento prestado por escrito não terá validade se não for ratificado na audiência a que se refere o § 3º deste artigo.

§ 5º O consentimento é retratável até a data da publicação da sentença constitutiva da adoção.

§ 6º O consentimento somente terá valor se for dado após o nascimento da criança.

§ 7º A família substituta receberá a devida orientação por intermédio de equipe técnica interprofissional a serviço do Poder Judiciário, preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar." (NR)

"Art. 167. .....

Parágrafo único. Deferida a concessão da guarda provisória ou do estágio de convivência, a criança ou o adolescente será entregue ao interessado, mediante termo de responsabilidade." (NR)

"Art. 170. .....

Parágrafo único. A colocação de criança ou adolescente sob a guarda de pessoa inscrita em programa de acolhimento familiar será comunicada pela autoridade judiciária à entidade por este responsável no prazo máximo de 5 (cinco) dias." (NR)

"Seção VIII

Da Habilitação de Pretendentes à Adoção

'Art. 197-A. Os postulantes à adoção, domiciliados no Brasil, apresentarão petição inicial na qual conste:

I - qualificação completa;

II - dados familiares;

III - cópias autenticadas de certidão de nascimento ou casamento, ou declaração relativa ao período de união estável;

IV - cópias da cédula de identidade e inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas;

V - comprovante de renda e domicílio;

VI - atestados de sanidade física e mental;

VII - certidão de antecedentes criminais;

VIII - certidão negativa de distribuição cível.'

'Art. 197-B. A autoridade judiciária, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, dará vista dos autos ao Ministério Público, que no prazo de 5 (cinco) dias poderá:

I - apresentar quesitos a serem respondidos pela equipe interprofissional encarregada de elaborar o estudo técnico a que se refere o art. 197-C desta Lei;

II - requerer a designação de audiência para oitiva dos postulantes em juízo e testemunhas;

III - requerer a juntada de documentos complementares e a realização de outras diligências que entender necessárias.'

'Art. 197-C. Intervirá no feito, obrigatoriamente, equipe interprofissional a serviço da Justiça da Infância e da Juventude, que deverá elaborar estudo psicossocial, que conterá subsídios que permitam aferir a capacidade e o preparo dos postulantes para o exercício de uma paternidade ou maternidade responsável, à luz dos requisitos e princípios desta Lei.

§ 1º É obrigatória a participação dos postulantes em programa oferecido pela Justiça da Infância e da Juventude preferencialmente com apoio dos técnicos responsáveis pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar, que inclua preparação psicológica, orientação e estímulo à adoção inter-racial, de crianças maiores ou de adolescentes, com necessidades específicas de saúde ou com deficiências e de grupos de irmãos.

§ 2º Sempre que possível e recomendável, a etapa obrigatória da preparação referida no § 1º deste artigo incluirá o contato com crianças e adolescentes em regime de acolhimento familiar ou institucional em condições de serem adotados, a ser realizado sob a orientação, supervisão e avaliação da equipe técnica da Justiça da Infância e da Juventude, com o apoio dos técnicos responsáveis pelo programa de acolhimento familiar ou institucional e pela execução da política municipal de garantia do direito à convivência familiar.'

'Art. 197-D. Certificada nos autos a conclusão da participação no programa referido no art. 197-C desta Lei, a autoridade judiciária, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas, decidirá acerca das diligências requeridas pelo Ministério Público e determinará a juntada do estudo psicossocial, designando, conforme o caso, audiência de instrução e julgamento.

Parágrafo único. Caso não sejam requeridas diligências, ou sendo essas indeferidas, a autoridade judiciária determinará a juntada do estudo psicossocial, abrindo a seguir vista dos autos ao Ministério Público, por 5 (cinco) dias, decidindo em igual prazo.'

'Art. 197-E. Deferida a habilitação, o postulante será inscrito nos cadastros referidos no art. 50 desta Lei, sendo a sua convocação para a adoção feita de acordo com ordem cronológica de habilitação e conforme a disponibilidade de crianças ou adolescentes adotáveis.

§ 1º A ordem cronológica das habilitações somente poderá deixar de ser observada pela autoridade judiciária nas hipóteses previstas no § 13 do art. 50 desta Lei, quando comprovado ser essa a melhor solução no interesse do adotando.

§ 2º A recusa sistemática na adoção das crianças ou adolescentes indicados importará na reavaliação da habilitação concedida.'"

"Art. 199-A. A sentença que deferir a adoção produz efeito desde logo, embora sujeita a apelação, que será recebida exclusivamente no efeito devolutivo, salvo se se tratar de adoção internacional ou se houver perigo de dano irreparável ou de difícil reparação ao adotando."

"Art. 199-B. A sentença que destituir ambos ou qualquer dos genitores do poder familiar fica sujeita a apelação, que deverá ser recebida apenas no efeito devolutivo."

"Art. 199-C. Os recursos nos procedimentos de adoção e de destituição de poder familiar, em face da relevância das questões, serão processados com prioridade absoluta, devendo ser imediatamente distribuídos, ficando vedado que aguardem, em qualquer situação, oportuna distribuição, e serão colocados em mesa para julgamento sem revisão e com parecer urgente do Ministério Público."

"Art. 199-D. O relator deverá colocar o processo em mesa para julgamento no prazo máximo de 60 (sessenta) dias, contado da sua conclusão.

Parágrafo único. O Ministério Público será intimado da data do julgamento e poderá na sessão, se entender necessário, apresentar oralmente seu parecer."

"Art. 199-E. O Ministério Público poderá requerer a instauração de procedimento para apuração de responsabilidades se constatar o descumprimento das providências e do prazo previstos nos artigos anteriores."

"Art. 208. .....

.....

"IX - de ações, serviços e programas de orientação, apoio e promoção social de famílias e destinados ao pleno exercício do direito à convivência familiar por crianças e adolescentes.

....." (NR)

"Art. 258-A. Deixar a autoridade competente de providenciar a instalação e operacionalização dos cadastros previstos no art. 50 e no § 11 do art. 101 desta Lei:

Pena - multa de R$ 1.000,00 (mil reais) a R$ 3.000,00 (três mil reais).

Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas a autoridade que deixa de efetuar o cadastramento de crianças e de adolescentes em condições de serem adotadas, de pessoas ou casais habilitados à adoção e de crianças e adolescentes em regime de acolhimento institucional ou familiar."

NOVA CONCURSOS

"Art. 258-B. Deixar o médico, enfermeiro ou dirigente de estabelecimento de atenção à saúde de gestante de efetuar imediato encaminhamento à autoridade judiciária de caso de que tenha conhecimento de mãe ou gestante interessada em entregar seu filho para adoção:

Pena - multa de R$ 1.000,00 (mil reais) a R$ 3.000,00 (três mil reais).

Parágrafo único. Incorre na mesma pena o funcionário de programa oficial ou comunitário destinado à garantia do direito à convivência familiar que deixa de efetuar a comunicação referida no caput deste artigo."

"Art. 260. .....

.....

§ 1º-A. Na definição das prioridades a serem atendidas com os recursos captados pelos Fundos Nacional, Estaduais e Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente, serão consideradas as disposições do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar, bem como as regras e princípios relativos à garantia do direito à convivência familiar previstos nesta Lei.

.....

§ 5º A destinação de recursos provenientes dos fundos mencionados neste artigo não desobriga os Entes Federados à previsão, no orçamento dos respectivos órgãos encarregados da execução das políticas públicas de assistência social, educação e saúde, dos recursos necessários à implementação das ações, serviços e programas de atendimento a crianças, adolescentes e famílias, em respeito ao princípio da prioridade absoluta estabelecido pelo caput do art. 227 da Constituição Federal e pelo caput e parágrafo único do art. 4º desta Lei." (NR)

Art. 3º A expressão "pátrio poder" contida nos arts. 21, 23, 24, no parágrafo único do art. 36, no § 1º do art. 45, no art. 49, no inciso X do caput do art. 129, nas alíneas "b" e "d" do parágrafo único do art. 148, nos arts. 155, 157, 163, 166, 169, no inciso III do caput do art. 201 e no art. 249, todos da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, bem como na Seção II do Capítulo III do Título VI da Parte Especial do mesmo Diploma Legal, fica substituída pela expressão "poder familiar".

Art. 4º Os arts. 1.618, 1.619 e 1.734 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1.618. A adoção de crianças e adolescentes será deferida na forma prevista pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente." (NR)

"Art. 1.619. A adoção de maiores de 18 (dezoito) anos dependerá da assistência efetiva do poder público e de sentença constitutiva, aplicando-se, no que couber, as regras gerais da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente." (NR)

"Art. 1.734. As crianças e os adolescentes cujos pais forem desconhecidos, falecidos ou que tiverem sido suspensos ou destituídos do poder familiar terão tutores nomeados pelo Juiz ou serão incluídos em programa de colocação familiar, na forma prevista pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente." (NR)

Art. 5º O art. 2º da Lei nº 8.560, de 29 de dezembro de 1992, fica acrescido do seguinte § 5º, renumerando-se o atual § 5º para § 6º, com a seguinte redação:

"Art. 2º .....

.....

§ 5º Nas hipóteses previstas no § 4º deste artigo, é dispensável o ajuizamento de ação de investigação de paternidade pelo Ministério Público se, após o não comparecimento ou a recusa do suposto pai em assumir a paternidade a ele atribuída, a criança for encaminhada para adoção.

§ 6º A iniciativa conferida ao Ministério Público não impede a quem tenha legítimo interesse de intentar investigação, visando a obter o pretendido reconhecimento da paternidade." (NR)

Art. 6º As pessoas e casais já inscritos nos cadastros de adoção ficam obrigados a frequentar, no prazo máximo de 1 (um) ano, contado da entrada em vigor desta Lei, a preparação psicossocial e jurídica a que se referem os §§ 3º e 4º do art. 50 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, acrescidos pelo art. 2º desta Lei, sob pena de cassação de sua inscrição no cadastro.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor 90 (noventa) dias após a sua publicação.

Art. 8º Revogam-se o § 4º do art. 51 e os incisos IV, V e VI do caput do art. 198 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, bem como o parágrafo único do art. 1.618, o inciso III do caput do art. 10 e os arts. 1.620 a 1.629 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e os §§ 1º a 3º do art. 392-A da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

Brasília, 3 de agosto de 2009; 188º da Independência e 121º da República.

LEI FEDERAL Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996- L.D.B.E.N. - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 14/96.

Prezado Candidato, a referida Lei já foi abordada, na matéria de " Fundamentos da Educação"

LEI FEDERAL Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014 - PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PNE.

LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014.

Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É aprovado o Plano Nacional de Educação - PNE, com vigência por 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, na forma do Anexo, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214 da Constituição Federal.

Art. 2º São diretrizes do PNE:

I - erradicação do analfabetismo;

II - universalização do atendimento escolar;

III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

IV - melhoria da qualidade da educação;

V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;

VI - promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;

VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;

VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto - PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;

IX - valorização dos (as) profissionais da educação;

X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

Art. 3º As metas previstas no Anexo desta Lei serão cumpridas no prazo de vigência deste PNE, desde que não haja prazo inferior definido para metas e estratégias específicas.

Art. 4º As metas previstas no Anexo desta Lei deverão ter como referência a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, o censo demográfico e os censos nacionais da educação básica e superior mais atualizados, disponíveis na data da publicação desta Lei.

Parágrafo único. O poder público buscará ampliar o escopo das pesquisas com fins estatísticos de forma a incluir informação detalhada sobre o perfil das populações de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência.

Art. 5º A execução do PNE e o cumprimento de suas metas serão objeto de monitoramento contínuo e de avaliações periódicas, realizados pelas seguintes instâncias:

I - Ministério da Educação - MEC;

II - Comissão de Educação da Câmara dos Deputados e Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal;

III - Conselho Nacional de Educação - CNE;

IV - Fórum Nacional de Educação.

§ 1º Compete, ainda, às instâncias referidas no caput:

I - divulgar os resultados do monitoramento e das avaliações nos respectivos sítios institucionais da internet;

II - analisar e propor políticas públicas para assegurar a implementação das estratégias e o cumprimento das metas;

III - analisar e propor a revisão do percentual de investimento público em educação.

§ 2º A cada 2 (dois) anos, ao longo do período de vigência deste PNE, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP publicará estudos para aferir a evolução no cumprimento das metas estabelecidas no Anexo desta Lei, com informações organizadas por ente federado e consolidadas em âmbito nacional, tendo como referência os estudos e as pesquisas de que trata o art. 4º, sem prejuízo de outras fontes e informações relevantes.

§ 3º A meta progressiva do investimento público em educação será avaliada no quarto ano de vigência do PNE e poderá ser ampliada por meio de lei para atender às necessidades financeiras do cumprimento das demais metas.

§ 4º O investimento público em educação a que se referem o inciso VI do art. 214 da Constituição Federal e a meta 20 do Anexo desta Lei engloba os recursos aplicados na forma do art. 212 da Constituição Federal e do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, bem como os recursos aplicados nos programas de expansão da educação profissional e superior, inclusive na forma de incentivo e isenção fiscal, as bolsas de estudos concedidas no Brasil e no exterior, os subsídios concedidos em programas de financiamento estudantil e o financiamento de creches, pré-escolas e de educação especial na forma do art. 213 da Constituição Federal.

§ 5º Será destinada à manutenção e ao desenvolvimento do ensino, em acréscimo aos recursos vinculados nos termos do art. 212 da Constituição Federal, além de outros recursos previstos em lei, a parcela da participação no resultado ou da compensação financeira pela exploração de petróleo e de gás natural, na forma de lei específica, com a finalidade de assegurar o cumprimento da meta prevista no inciso VI do art. 214 da Constituição Federal.

Art. 6º A União promoverá a realização de pelo menos 2 (duas) conferências nacionais de educação até o final do decênio, precedidas de conferências distrital, municipais e estaduais, articuladas e coordenadas pelo Fórum Nacional de Educação, instituído nesta Lei, no âmbito do Ministério da Educação.

§ 1º O Fórum Nacional de Educação, além da atribuição referida no caput:

I - acompanhará a execução do PNE e o cumprimento de suas metas;

II - promoverá a articulação das conferências nacionais de educação com as conferências regionais, estaduais e municipais que as precederem.

§ 2º As conferências nacionais de educação realizar-se-ão com intervalo de até 4 (quatro) anos entre elas, com o objetivo de avaliar a execução deste PNE e subsidiar a elaboração do plano nacional de educação para o decênio subsequente.

Art. 7º A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios atuarão em regime de colaboração, visando ao alcance das metas e à implementação das estratégias objeto deste Plano.

§ 1º Caberá aos gestores federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal a adoção das medidas governamentais necessárias ao alcance das metas previstas neste PNE.

§ 2º As estratégias definidas no Anexo desta Lei não elidem a adoção de medidas adicionais em âmbito local ou de instrumentos jurídicos que formalizem a cooperação entre os entes federados, podendo ser complementadas por mecanismos nacionais e locais de coordenação e colaboração recíproca.

§ 3º Os sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios criarão mecanismos para o acompanhamento local da consecução das metas deste PNE e dos planos previstos no art. 8º.

NOVA CONCURSOS

§ 4º Haverá regime de colaboração específico para a implementação de modalidades de educação escolar que necessitem considerar territórios étnico-educacionais e a utilização de estratégias que levem em conta as identidades e especificidades socioculturais e linguísticas de cada comunidade envolvida, assegurada a consulta prévia e informada a essa comunidade.

§ 5º Será criada uma instância permanente de negociação e cooperação entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

§ 6º O fortalecimento do regime de colaboração entre os Estados e respectivos Municípios incluirá a instituição de instâncias permanentes de negociação, cooperação e pactuação em cada Estado.

§ 7º O fortalecimento do regime de colaboração entre os Municípios dar-se-á, inclusive, mediante a adoção de arranjos de desenvolvimento da educação.

Art. 8º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão elaborar seus correspondentes planos de educação, ou adequar os planos já aprovados em lei, em consonância com as diretrizes, metas e estratégias previstas neste PNE, no prazo de 1 (um) ano contado da publicação desta Lei.

§ 1º Os entes federados estabelecerão nos respectivos planos de educação estratégias que:

I - assegurem a articulação das políticas educacionais com as demais políticas sociais, particularmente as culturais;

II - considerem as necessidades específicas das populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas, asseguradas a equidade educacional e a diversidade cultural;

III - garantam o atendimento das necessidades específicas na educação especial, assegurado o sistema educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades;

IV - promovam a articulação interfederativa na implementação das políticas educacionais.

§ 2º Os processos de elaboração e adequação dos planos de educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, de que trata o caput deste artigo, serão realizados com ampla participação de representantes da comunidade educacional e da sociedade civil.

Art. 9º Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão aprovar leis específicas para os seus sistemas de ensino, disciplinando a gestão democrática da educação pública nos respectivos âmbitos de atuação, no prazo de 2 (dois) anos contado da publicação desta Lei, adequando, quando for o caso, a legislação local já adotada com essa finalidade.

Art. 10. O plano plurianual, as diretrizes orçamentárias e os orçamentos anuais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios serão formulados de maneira a assegurar a consignação de dotações orçamentárias compatíveis com as diretrizes, metas e estratégias deste PNE e com os respectivos planos de educação, a fim de viabilizar sua plena execução.

Art. 11. O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, coordenado pela União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, constituirá fonte de informação para a avaliação da qualidade da educação básica e para a orientação das políticas públicas desse nível de ensino.

§ 1º O sistema de avaliação a que se refere o caput produzirá, no máximo a cada 2 (dois) anos:

I - indicadores de rendimento escolar, referentes ao desempenho dos (as) estudantes apurado em exames nacionais de avaliação, com participação de pelo menos 80% (oitenta por cento) dos (as) alunos (as) de cada ano escolar periodicamente avaliado em cada escola, e aos dados pertinentes apurados pelo censo escolar da educação básica;

II - indicadores de avaliação institucional, relativos a características como o perfil do alunado e do corpo dos (as) profissionais da educação, as relações entre dimensão do corpo docente, do corpo técnico e do corpo discente, a infraestrutura das escolas, os recursos pedagógicos disponíveis e os processos da gestão, entre outras relevantes.

§ 2º A elaboração e a divulgação de índices para avaliação da qualidade, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, que agreguem os indicadores mencionados no inciso I do § 1º não elidem a obrigatoriedade de divulgação, em separado, de cada um deles.

§ 3º Os indicadores mencionados no § 1º serão estimados por etapa, estabelecimento de ensino, rede escolar, unidade da Federação e em nível agregado nacional, sendo amplamente divulgados, ressalvada a publicação de resultados individuais e indicadores por turma, que fica admitida exclusivamente para a comunidade do respectivo estabelecimento e para o órgão gestor da respectiva rede.

§ 4º Cabem ao Inep a elaboração e o cálculo do Ideb e dos indicadores referidos no § 1º.

§ 5º A avaliação de desempenho dos (as) estudantes em exames, referida no inciso I do § 1º, poderá ser diretamente realizada pela União ou, mediante acordo de cooperação, pelos Estados e pelo Distrito Federal, nos respectivos sistemas de ensino e de seus Municípios, caso mantenham sistemas próprios de avaliação do rendimento escolar, assegurada a compatibilidade metodológica entre esses sistemas e o nacional, especialmente no que se refere às escalas de proficiência e ao calendário de aplicação.

Art. 12. Até o final do primeiro semestre do nono ano de vigência deste PNE, o Poder Executivo encaminhará ao Congresso Nacional, sem prejuízo das prerrogativas deste Poder, o projeto de lei referente ao Plano Nacional de Educação a vigorar no período subsequente, que incluirá diagnóstico, diretrizes, metas e estratégias para o próximo decênio.

Art. 13. O poder público deverá instituir, em lei específica, contados 2 (dois) anos da publicação desta Lei, o Sistema Nacional de Educação, responsável pela articulação entre os sistemas de ensino, em regime de colaboração, para efetivação das diretrizes, metas e estratégias do Plano Nacional de Educação.

Art. 14. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de junho de 2014; 193º da Independência e 126º da República.

DILMA ROUSSEFF

Guido Mantega

José Henrique Paim Fernandes

Miriam Belchior

Este texto não substitui o publicado no DOU de 26.6.2014 - Edição extra

ANEXO

METAS E ESTRATÉGIAS

Meta 1: universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE.

Estratégias:

1.1) definir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, metas de expansão das respectivas redes públicas de educação infantil segundo padrão nacional de qualidade, considerando as peculiaridades locais;

1.2) garantir que, ao final da vigência deste PNE, seja inferior a 10% (dez por cento) a diferença entre as taxas de frequência à educação infantil das crianças de até 3 (três) anos oriundas do quinto de renda familiar per capita mais elevado e as do quinto de renda familiar per capita mais baixo;

1.3) realizar, periodicamente, em regime de colaboração, levantamento da demanda por creche para a população de até 3 (três) anos, como forma de planejar a oferta e verificar o atendimento da demanda manifesta;

1.4) estabelecer, no primeiro ano de vigência do PNE, normas, procedimentos e prazos para definição de mecanismos de consulta pública da demanda das famílias por creches;

1.5) manter e ampliar, em regime de colaboração e respeitadas as normas de acessibilidade, programa nacional de construção e reestruturação de escolas, bem como de aquisição de equipamentos, visando à expansão e à melhoria da rede física de escolas públicas de educação infantil;

1.6) implantar, até o segundo ano de vigência deste PNE, avaliação da educação infantil, a ser realizada a cada 2 (dois) anos, com base em parâmetros nacionais de qualidade, a fim de aferir a infraestrutura física, o quadro de pessoal, as condições de gestão, os recursos pedagógicos, a situação de acessibilidade, entre outros indicadores relevantes;

1.7) articular a oferta de matrículas gratuitas em creches certificadas como entidades beneficentes de assistência social na área de educação com a expansão da oferta na rede escolar pública;

1.8) promover a formação inicial e continuada dos (as) profissionais da educação infantil, garantindo, progressivamente, o atendimento por profissionais com formação superior;

1.9) estimular a articulação entre pós-graduação, núcleos de pesquisa e cursos de formação para profissionais da educação, de modo a garantir a elaboração de currículos e propostas pedagógicas que incorporem os avanços de pesquisas ligadas ao processo de ensino-aprendizagem e às teorias educacionais no atendimento da população de 0 (zero) a 5 (cinco) anos;

1.10) fomentar o atendimento das populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas na educação infantil nas respectivas comunidades, por meio do redimensionamento da distribuição territorial da oferta, limitando a nucleação de escolas e o deslocamento de crianças, de forma a atender às especificidades dessas comunidades, garantido consulta prévia e informada;

1.11) priorizar o acesso à educação infantil e fomentar a oferta do atendimento educacional especializado complementar e suplementar aos (às) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, assegurando a educação bilíngue para crianças surdas e a transversalidade da educação especial nessa etapa da educação básica;

1.12) implementar, em caráter complementar, programas de orientação e apoio às famílias, por meio da articulação das áreas de educação, saúde e assistência social, com foco no desenvolvimento integral das crianças de até 3 (três) anos de idade;

1.13) preservar as especificidades da educação infantil na organização das redes escolares, garantindo o atendimento da criança de 0 (zero) a 5 (cinco) anos em estabelecimentos que atendam a parâmetros nacionais de qualidade, e a articulação com a etapa escolar seguinte, visando ao ingresso do (a) aluno(a) de 6 (seis) anos de idade no ensino fundamental;

1.14) fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso e da permanência das crianças na educação infantil, em especial dos beneficiários de programas de transferência de renda, em colaboração com as famílias e com os órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância;

1.15) promover a busca ativa de crianças em idade correspondente à educação infantil, em parceria com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, preservando o direito de opção da família em relação às crianças de até 3 (três) anos;

1.16) o Distrito Federal e os Municípios, com a colaboração da União e dos Estados, realizarão e publicarão, a cada ano, levantamento da demanda manifesta por educação infantil em creches e pré-escolas, como forma de planejar e verificar o atendimento;

1.17) estimular o acesso à educação infantil em tempo integral, para todas as crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos, conforme estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Meta 2: universalizar o ensino fundamental de 9 (nove) anos para toda a população de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e garantir que pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência deste PNE.

Estratégias:

2.1) o Ministério da Educação, em articulação e colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, deverá, até o final do 2º (segundo) ano de vigência deste PNE, elaborar e encaminhar ao Conselho Nacional de Educação, precedida de consulta pública nacional, proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os (as) alunos (as) do ensino fundamental;

2.2) pactuar entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, no âmbito da instância permanente de que trata o § 5º do art. 7º desta Lei, a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino fundamental;

2.3) criar mecanismos para o acompanhamento individualizado dos (as) alunos (as) do ensino fundamental;

2.4) fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso, da permanência e do aproveitamento escolar dos beneficiários de programas de transferência de renda, bem como das situações de discriminação, preconceitos e violências na escola, visando ao estabelecimento de condições adequadas para o sucesso escolar dos (as) alunos (as), em colaboração com as famílias e com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, adolescência e juventude;

2.5) promover a busca ativa de crianças e adolescentes fora da escola, em parceria com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, adolescência e juventude;

2.6) desenvolver tecnologias pedagógicas que combinem, de maneira articulada, a organização do tempo e das atividades didáticas entre a escola e o ambiente comunitário, considerando as especificidades da educação especial, das escolas do campo e das comunidades indígenas e quilombolas;

2.7) disciplinar, no âmbito dos sistemas de ensino, a organização flexível do trabalho pedagógico, incluindo adequação do calendário escolar de acordo com a realidade local, a identidade cultural e as condições climáticas da região;

2.8) promover a relação das escolas com instituições e movimentos culturais, a fim de garantir a oferta regular de atividades culturais para a livre fruição dos (as) alunos (as) dentro e fora dos espaços escolares, assegurando ainda que as escolas se tornem polos de criação e difusão cultural;

2.9) incentivar a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias;

2.10) estimular a oferta do ensino fundamental, em especial dos anos iniciais, para as populações do campo, indígenas e quilombolas, nas próprias comunidades;

2.11) desenvolver formas alternativas de oferta do ensino fundamental, garantida a qualidade, para atender aos filhos e filhas de profissionais que se dedicam a atividades de caráter itinerante;

2.12) oferecer atividades extracurriculares de incentivo aos (às) estudantes e de estímulo a habilidades, inclusive mediante certames e concursos nacionais;

2.13) promover atividades de desenvolvimento e estímulo a habilidades esportivas nas escolas, interligadas a um plano de disseminação do desporto educacional e de desenvolvimento esportivo nacional.

Meta 3: universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85% (oitenta e cinco por cento).

Estratégias:

3.1) institucionalizar programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira flexível e diversificada, conteúdos obrigatórios e eletivos articulados em dimensões como ciência, trabalho, linguagens, tecnologia, cultura e esporte, garantindo-se a aquisição de equipamentos e laboratórios, a produção de material didático específico, a formação continuada de professores e a articulação com instituições acadêmicas, esportivas e culturais;

3.2) o Ministério da Educação, em articulação e colaboração com os entes federados e ouvida a sociedade mediante consulta pública nacional, elaborará e encaminhará ao Conselho Nacional de Educação - CNE, até o 2º (segundo) ano de vigência deste PNE, proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os (as) alunos (as) de ensino médio, a serem atingidos nos tempos e etapas de organização deste nível de ensino, com vistas a garantir formação básica comum;

3.3) pactuar entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, no âmbito da instância permanente de que trata o § 5o do art. 7o desta Lei, a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino médio;

3.4) garantir a fruição de bens e espaços culturais, de forma regular, bem como a ampliação da prática desportiva, integrada ao currículo escolar;

3.5) manter e ampliar programas e ações de correção de fluxo do ensino fundamental, por meio do acompanhamento individualizado do (a) aluno (a) com rendimento escolar defasado e pela adoção de práticas como aulas de reforço no turno complementar, estudos de recuperação e progressão parcial, de forma a reposicioná-lo no ciclo escolar de maneira compatível com sua idade;

3.6) universalizar o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, fundamentado em matriz de referência do conteúdo curricular do ensino médio e em técnicas estatísticas e psicométricas que permitam comparabilidade de resultados, articulando-o com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica - SAEB, e promover sua utilização como instrumento de avaliação sistêmica, para subsidiar políticas públicas para a educação básica, de avaliação certificadora, possibilitando aferição de conhecimentos e habilidades adquiridos dentro e fora da escola, e de avaliação classificatória, como critério de acesso à educação superior;

3.7) fomentar a expansão das matrículas gratuitas de ensino médio integrado à educação profissional, observando-se as peculiaridades das populações do campo, das comunidades indígenas e quilombolas e das pessoas com deficiência;

3.8) estruturar e fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso e da permanência dos e das jovens beneficiários (as) de programas de transferência de renda, no ensino médio, quanto à frequência, ao aproveitamento escolar e à interação com o coletivo, bem como das situações de discriminação, preconceitos e violências, práticas irregulares de exploração do trabalho, consumo de drogas, gravidez precoce, em colaboração com as famílias e com órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à adolescência e juventude;

3.9) promover a busca ativa da população de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos fora da escola, em articulação com os serviços de assistência social, saúde e proteção à adolescência e à juventude;

3.10) fomentar programas de educação e de cultura para a população urbana e do campo de jovens, na faixa etária de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos, e de adultos, com qualificação social e profissional para aqueles que estejam fora da escola e com defasagem no fluxo escolar;

3.11) redimensionar a oferta de ensino médio nos turnos diurno e noturno, bem como a distribuição territorial das escolas de ensino médio, de forma a atender a toda a demanda, de acordo com as necessidades específicas dos (as) alunos (as);

3.12) desenvolver formas alternativas de oferta do ensino médio, garantida a qualidade, para atender aos filhos e filhas de profissionais que se dedicam a atividades de caráter itinerante;

3.13) implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito ou quaisquer formas de discriminação, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão;

3.14) estimular a participação dos adolescentes nos cursos das áreas tecnológicas e científicas.

Meta 4: universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados.

Estratégias:

4.1) contabilizar, para fins do repasse do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, as matrículas dos (as) estudantes da educação regular da rede pública que recebam atendimento educacional especializado complementar e suplementar, sem prejuízo do cômputo dessas matrículas na educação básica regular, e as matrículas efetivadas, conforme o censo escolar mais atualizado, na educação especial oferecida em instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público e com atuação exclusiva na modalidade, nos termos da Lei no 11.494, de 20 de junho de 2007;

4.2) promover, no prazo de vigência deste PNE, a universalização do atendimento escolar à demanda manifesta pelas famílias de crianças de 0 (zero) a 3 (três) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, observado o que dispõe a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional;

4.3) implantar, ao longo deste PNE, salas de recursos multifuncionais e fomentar a formação continuada de professores e professoras para o atendimento educacional especializado nas escolas urbanas, do campo, indígenas e de comunidades quilombolas;

4.4) garantir atendimento educacional especializado em salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados, nas formas complementar e suplementar, a todos (as) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de educação básica, conforme necessidade identificada por meio de avaliação, ouvidos a família e o aluno;

4.5) estimular a criação de centros multidisciplinares de apoio, pesquisa e assessoria, articulados com instituições acadêmicas e integrados por profissionais das áreas de saúde, assistência social, pedagogia e psicologia, para apoiar o trabalho dos (as) professores da educação básica com os (as) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação;

4.6) manter e ampliar programas suplementares que promovam a acessibilidade nas instituições públicas, para garantir o acesso e a permanência dos (as) alunos (as) com deficiência por meio da adequação arquitetônica, da oferta de transporte acessível e da disponibilização de material didático próprio e de recursos de tecnologia assistiva, assegurando, ainda, no contexto escolar, em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino, a identificação dos (as) alunos (as) com altas habilidades ou superdotação;

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos;

4.8) garantir a oferta de educação inclusiva, vedada a exclusão do ensino regular sob alegação de deficiência e promovida a articulação pedagógica entre o ensino regular e o atendimento educacional especializado;

4.9) fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso à escola e ao atendimento educacional especializado, bem como da permanência e do desenvolvimento escolar dos (as) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação beneficiários (as) de programas de transferência de renda, juntamente com o combate às situações de discriminação, preconceito e violência, com vistas ao estabelecimento de condições adequadas para o sucesso educacional, em colaboração com as famílias e com os órgãos públicos de assistência social, saúde e proteção à infância, à adolescência e à juventude;

4.10) fomentar pesquisas voltadas para o desenvolvimento de metodologias, materiais didáticos, equipamentos e recursos de tecnologia assistiva, com vistas à promoção do ensino e da aprendizagem, bem como das condições de acessibilidade dos (as) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação;

4.11) promover o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares para subsidiar a formulação de políticas públicas intersetoriais que atendam as especificidades educacionais de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação que requeiram medidas de atendimento especializado;

4.12) promover a articulação intersetorial entre órgãos e políticas públicas de saúde, assistência social e direitos humanos, em parceria com as famílias, com o fim de desenvolver modelos de atendimento voltados à continuidade do atendimento escolar, na educação de jovens e adultos, das pessoas com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento com idade superior à faixa etária de escolarização obrigatória, de forma a assegurar a atenção integral ao longo da vida;

4.13) apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos (das) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo a oferta de professores (as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores (as) e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdos-cegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues;

4.14) definir, no segundo ano de vigência deste PNE, indicadores de qualidade e política de avaliação e supervisão para o funcionamento de instituições públicas e privadas que prestam atendimento a alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação;

4.15) promover, por iniciativa do Ministério da Educação, nos órgãos de pesquisa, demografia e estatística competentes, a obtenção de informação detalhada sobre o perfil das pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos;

4.16) incentivar a inclusão nos cursos de licenciatura e nos demais cursos de formação para profissionais da educação, inclusive em nível de pós-graduação, observado o disposto no caput do art. 207 da Constituição Federal, dos referenciais teóricos, das teorias de aprendizagem e dos processos de ensino-aprendizagem relacionados ao atendimento educacional de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação;

4.17) promover parcerias com instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público, visando a ampliar as condições de apoio ao atendimento escolar integral das pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação matriculadas nas redes públicas de ensino;

4.18) promover parcerias com instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público, visando a ampliar a oferta de formação continuada e a produção de material didático acessível, assim como os serviços de acessibilidade necessários ao pleno acesso, participação e aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação matriculados na rede pública de ensino;

4.19) promover parcerias com instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público, a fim de favorecer a participação das famílias e da sociedade na construção do sistema educacional inclusivo.

Meta 5: alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.

Estratégias:

5.1) estruturar os processos pedagógicos de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, articulando-os com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, com qualificação e valorização dos (as) professores (as) alfabetizadores e com apoio pedagógico específico, a fim de garantir a alfabetização plena de todas as crianças;

5.2) instituir instrumentos de avaliação nacional periódicos e específicos para aferir a alfabetização das crianças, aplicados a cada ano, bem como estimular os sistemas de ensino e as escolas a criarem os respectivos instrumentos de avaliação e monitoramento, implementando medidas pedagógicas para alfabetizar todos os alunos e alunas até o final do terceiro ano do ensino fundamental;

5.3) selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a alfabetização de crianças, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que forem aplicadas, devendo ser disponibilizadas, preferencialmente, como recursos educacionais abertos;

5.4) fomentar o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a alfabetização e favoreçam a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem dos (as) alunos (as), consideradas as diversas abordagens metodológicas e sua efetividade;

5.5) apoiar a alfabetização de crianças do campo, indígenas, quilombolas e de populações itinerantes, com a produção de materiais didáticos específicos, e desenvolver instrumentos de acompanhamento que considerem o uso da língua materna pelas comunidades indígenas e a identidade cultural das comunidades quilombolas;

5.6) promover e estimular a formação inicial e continuada de professores (as) para a alfabetização de crianças, com o conhecimento de novas tecnologias educacionais e práticas pedagógicas inovadoras, estimulando a articulação entre programas de pós-graduação stricto sensu e ações de formação continuada de professores (as) para a alfabetização;

5.7) apoiar a alfabetização das pessoas com deficiência, considerando as suas especificidades, inclusive a alfabetização bilíngue de pessoas surdas, sem estabelecimento de terminalidade temporal.

Meta 6: oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica.

Estratégias:

6.1) promover, com o apoio da União, a oferta de educação básica pública em tempo integral, por meio de atividades de acompanhamento pedagógico e multidisciplinares, inclusive culturais e esportivas, de forma que o tempo de permanência dos (as) alunos (as) na escola, ou sob sua responsabilidade, passe a ser igual ou superior a 7 (sete) horas diárias durante todo o ano letivo, com a ampliação progressiva da jornada de professores em uma única escola;

6.2) instituir, em regime de colaboração, programa de construção de escolas com padrão arquitetônico e de mobiliário adequado para atendimento em tempo integral, prioritariamente em comunidades pobres ou com crianças em situação de vulnerabilidade social;

6.3) institucionalizar e manter, em regime de colaboração, programa nacional de ampliação e reestruturação das escolas públicas, por meio da instalação de quadras poliesportivas, laboratórios, inclusive de informática, espaços para atividades culturais, bibliotecas, auditórios, cozinhas, refeitórios, banheiros e outros equipamentos, bem como da produção de material didático e da formação de recursos humanos para a educação em tempo integral;

6.4) fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos, como centros comunitários, bibliotecas, praças, parques, museus, teatros, cinemas e planetários;

6.5) estimular a oferta de atividades voltadas à ampliação da jornada escolar de alunos (as) matriculados nas escolas da rede pública de educação básica por parte das entidades privadas de serviço social vinculadas ao sistema sindical, de forma concomitante e em articulação com a rede pública de ensino;

6.6) orientar a aplicação da gratuidade de que trata o art. 13 da Lei no 12.101, de 27 de novembro de 2009, em atividades de ampliação da jornada escolar de alunos (as) das escolas da rede pública de educação básica, de forma concomitante e em articulação com a rede pública de ensino;

6.7) atender às escolas do campo e de comunidades indígenas e quilombolas na oferta de educação em tempo integral, com base em consulta prévia e informada, considerando-se as peculiaridades locais;

6.8) garantir a educação em tempo integral para pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na faixa etária de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos, assegurando atendimento educacional especializado complementar e suplementar ofertado em salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em instituições especializadas;

6.9) adotar medidas para otimizar o tempo de permanência dos alunos na escola, direcionando a expansão da jornada para o efetivo trabalho escolar, combinado com atividades recreativas, esportivas e culturais.

Meta 7: fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem de modo a atingir as seguintes médias nacionais para o Ideb:

IDEB	2015	2017	2019	2021
Anos iniciais do ensino fundamental	5,2	5,5	5,7	6,0
Anos finais do ensino fundamental	4,7	5,0	5,2	5,5
Ensino médio	4,3	4,7	5,0	5,2

Estratégias:

7.1) estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local;

7.2) assegurar que:

a) no quinto ano de vigência deste PNE, pelo menos 70% (setenta por cento) dos (as) alunos (as) do ensino fundamental e do ensino médio tenham alcançado nível suficiente de aprendizado em relação aos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de seu ano de estudo, e 50% (cinquenta por cento), pelo menos, o nível desejável;

b) no último ano de vigência deste PNE, todos os (as) estudantes do ensino fundamental e do ensino médio tenham alcançado nível suficiente de aprendizado em relação aos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de seu ano de estudo, e 80% (oitenta por cento), pelo menos, o nível desejável;

7.3) constituir, em colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, um conjunto nacional de indicadores de avaliação institucional com base no perfil do alunado e do corpo de profissionais da educação, nas condições de infraestrutura das escolas, nos recursos pedagógicos disponíveis, nas características da gestão e em outras dimensões relevantes, considerando as especificidades das modalidades de ensino;

7.4) induzir processo contínuo de autoavaliação das escolas de educação básica, por meio da constituição de instrumentos de avaliação que orientem as dimensões a serem fortalecidas, destacando-se a elaboração de planejamento estratégico, a melhoria contínua da qualidade educacional, a formação continuada dos (as) profissionais da educação e o aprimoramento da gestão democrática;

7.5) formalizar e executar os planos de ações articuladas dando cumprimento às metas de qualidade estabelecidas para a educação básica pública e às estratégias de apoio técnico e financeiro voltadas à melhoria da gestão educacional, à formação de professores e professoras e profissionais de serviços e apoio escolares, à ampliação e ao desenvolvimento de recursos pedagógicos e à melhoria e expansão da infraestrutura física da rede escolar;

7.6) associar a prestação de assistência técnica financeira à fixação de metas intermediárias, nos termos estabelecidos conforme pactuação voluntária entre os entes, priorizando sistemas e redes de ensino com Ideb abaixo da média nacional;

NOVA CONCURSOS

7.7) aprimorar continuamente os instrumentos de avaliação da qualidade do ensino fundamental e médio, de forma a englobar o ensino de ciências nos exames aplicados nos anos finais do ensino fundamental, e incorporar o Exame Nacional do Ensino Médio, assegurada a sua universalização, ao sistema de avaliação da educação básica, bem como apoiar o uso dos resultados das avaliações nacionais pelas escolas e redes de ensino para a melhoria de seus processos e práticas pedagógicas;

7.8) desenvolver indicadores específicos de avaliação da qualidade da educação especial, bem como da qualidade da educação bilíngue para surdos;

7.9) orientar as políticas das redes e sistemas de ensino, de forma a buscar atingir as metas do Ideb, diminuindo a diferença entre as escolas com os menores índices e a média nacional, garantindo equidade da aprendizagem e reduzindo pela metade, até o último ano de vigência deste PNE, as diferenças entre as médias dos índices dos Estados, inclusive do Distrito Federal, e dos Municípios;

7.10) fixar, acompanhar e divulgar bienalmente os resultados pedagógicos dos indicadores do sistema nacional de avaliação da educação básica e do Ideb, relativos às escolas, às redes públicas de educação básica e aos sistemas de ensino da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, assegurando a contextualização desses resultados, com relação a indicadores sociais relevantes, como os de nível socioeconômico das famílias dos (as) alunos (as), e a transparência e o acesso público às informações técnicas de concepção e operação do sistema de avaliação;

7.11) melhorar o desempenho dos alunos da educação básica nas avaliações da aprendizagem no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - PISA, tomado como instrumento externo de referência, internacionalmente reconhecido, de acordo com as seguintes projeções:

PISA	2015	2018	2021
Média dos resultados em matemática, leitura e ciências	438	455	473

7.12) incentivar o desenvolvimento, selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio e incentivar práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, com preferência para softwares livres e recursos educacionais abertos, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que forem aplicadas;

7.13) garantir transporte gratuito para todos (as) os (as) estudantes da educação do campo na faixa etária da educação escolar obrigatória, mediante renovação e padronização integral da frota de veículos, de acordo com especificações definidas pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia - INMETRO, e financiamento compartilhado, com participação da União proporcional às necessidades dos entes federados, visando a reduzir a evasão escolar e o tempo médio de deslocamento a partir de cada situação local;

7.14) desenvolver pesquisas de modelos alternativos de atendimento escolar para a população do campo que considerem as especificidades locais e as boas práticas nacionais e internacionais;

7.15) universalizar, até o quinto ano de vigência deste PNE, o acesso à rede mundial de computadores em banda larga de alta velocidade e triplicar, até o final da década, a relação computador/aluno (a) nas escolas da rede pública de educação básica, promovendo a utilização pedagógica das tecnologias da informação e da comunicação;

7.16) apoiar técnica e financeiramente a gestão escolar mediante transferência direta de recursos financeiros à escola, garantindo a participação da comunidade escolar no planejamento e na aplicação dos recursos, visando à ampliação da transparência e ao efetivo desenvolvimento da gestão democrática;

7.17) ampliar programas e aprofundar ações de atendimento ao (à) aluno (a), em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde;

7.18) assegurar a todas as escolas públicas de educação básica o acesso a energia elétrica, abastecimento de água tratada, esgotamento sanitário e manejo dos resíduos sólidos, garantir o acesso dos alunos a espaços para a prática esportiva, a bens culturais e artísticos e a equipamentos e laboratórios de ciências e, em cada edifício escolar, garantir a acessibilidade às pessoas com deficiência;

7.19) institucionalizar e manter, em regime de colaboração, programa nacional de reestruturação e aquisição de equipamentos para escolas públicas, visando à equalização regional das oportunidades educacionais;

7.20) prover equipamentos e recursos tecnológicos digitais para a utilização pedagógica no ambiente escolar a todas as escolas públicas da educação básica, criando, inclusive, mecanismos para implementação das condições necessárias para a universalização das bibliotecas nas instituições educacionais, com acesso a redes digitais de computadores, inclusive a internet;

7.21) a União, em regime de colaboração com os entes federados subnacionais, estabelecerá, no prazo de 2 (dois) anos contados da publicação desta Lei, parâmetros mínimos de qualidade dos serviços da educação básica, a serem utilizados como referência para infraestrutura das escolas, recursos pedagógicos, entre outros insumos relevantes, bem como instrumento para adoção de medidas para a melhoria da qualidade do ensino;

7.22) informatizar integralmente a gestão das escolas públicas e das secretarias de educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como manter programa nacional de formação inicial e continuada para o pessoal técnico das secretarias de educação;

7.23) garantir políticas de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade;

7.24) implementar políticas de inclusão e permanência na escola para adolescentes e jovens que se encontram em regime de liberdade assistida e em situação de rua, assegurando os princípios da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente;

7.25) garantir nos currículos escolares conteúdos sobre a história e as culturas afro-brasileira e indígenas e implementar ações educacionais, nos termos das Leis nos 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e 11.645, de 10 de março de 2008, assegurando-se a implementação das respectivas diretrizes curriculares nacionais, por meio de ações colaborativas com fóruns de educação para a diversidade étnico-racial, conselhos escolares, equipes pedagógicas e a sociedade civil;

7.26) consolidar a educação escolar no campo de populações tradicionais, de populações itinerantes e de comunidades indígenas e quilombolas, respeitando a articulação entre os ambientes escolares e comunitários e garantindo: o desenvolvimento sustentável e preservação da identidade cultural; a participação da comunidade na definição do modelo de organização pedagógica e de gestão das instituições, consideradas as práticas socioculturais e as formas particulares de organização do tempo; a oferta bilíngue na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, em língua materna das comunidades indígenas e em língua portuguesa; a reestruturação e a aquisição de equipamentos; a oferta de programa para a formação inicial e continuada de profissionais da educação; e o atendimento em educação especial;

7.27) desenvolver currículos e propostas pedagógicas específicas para educação escolar para as escolas do campo e para as comunidades indígenas e quilombolas, incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades e considerando o fortalecimento das práticas socioculturais e da língua materna de cada comunidade indígena, produzindo e disponibilizando materiais didáticos específicos, inclusive para os (as) alunos (as) com deficiência;

7.28) mobilizar as famílias e setores da sociedade civil, articulando a educação formal com experiências de educação popular e cidadã, com os propósitos de que a educação seja assumida como responsabilidade de todos e de ampliar o controle social sobre o cumprimento das políticas públicas educacionais;

7.29) promover a articulação dos programas da área da educação, de âmbito local e nacional, com os de outras áreas, como saúde, trabalho e emprego, assistência social, esporte e cultura, possibilitando a criação de rede de apoio integral às famílias, como condição para a melhoria da qualidade educacional;

7.30) universalizar, mediante articulação entre os órgãos responsáveis pelas áreas da saúde e da educação, o atendimento aos (às) estudantes da rede escolar pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde;

7.31) estabelecer ações efetivas especificamente voltadas para a promoção, prevenção, atenção e atendimento à saúde e à integridade física, mental e emocional dos (das) profissionais da educação, como condição para a melhoria da qualidade educacional;

7.32) fortalecer, com a colaboração técnica e financeira da União, em articulação com o sistema nacional de avaliação, os sistemas estaduais de avaliação da educação básica, com participação, por adesão, das redes municipais de ensino, para orientar as políticas públicas e as práticas pedagógicas, com o fornecimento das informações às escolas e à sociedade;

7.33) promover, com especial ênfase, em consonância com as diretrizes do Plano Nacional do Livro e da Leitura, a formação de leitores e leitoras e a capacitação de professores e professoras, bibliotecários e bibliotecárias e agentes da comunidade para atuar como mediadores e mediadoras da leitura, de acordo com a especificidade das diferentes etapas do desenvolvimento e da aprendizagem;

7.34) instituir, em articulação com os Estados, os Municípios e o Distrito Federal, programa nacional de formação de professores e professoras e de alunos e alunas para promover e consolidar política de preservação da memória nacional;

7.35) promover a regulação da oferta da educação básica pela iniciativa privada, de forma a garantir a qualidade e o cumprimento da função social da educação;

7.36) estabelecer políticas de estímulo às escolas que melhorarem o desempenho no Ideb, de modo a valorizar o mérito do corpo docente, da direção e da comunidade escolar.

Meta 8: elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Estratégias:

8.1) institucionalizar programas e desenvolver tecnologias para correção de fluxo, para acompanhamento pedagógico individualizado e para recuperação e progressão parcial, bem como priorizar estudantes com rendimento escolar defasado, considerando as especificidades dos segmentos populacionais considerados;

8.2) implementar programas de educação de jovens e adultos para os segmentos populacionais considerados, que estejam fora da escola e com defasagem idade-série, associados a outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização, após a alfabetização inicial;

8.3) garantir acesso gratuito a exames de certificação da conclusão dos ensinos fundamental e médio;

8.4) expandir a oferta gratuita de educação profissional técnica por parte das entidades privadas de serviço social e de formação profissional vinculadas ao sistema sindical, de forma concomitante ao ensino ofertado na rede escolar pública, para os segmentos populacionais considerados;

8.5) promover, em parceria com as áreas de saúde e assistência social, o acompanhamento e o monitoramento do acesso à escola específicos para os segmentos populacionais considerados, identificar motivos de absenteísmo e colaborar com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios para a garantia de frequência e apoio à aprendizagem, de maneira a estimular a ampliação do atendimento desses (as) estudantes na rede pública regular de ensino;

NOVA CONCURSOS

8.6) promover busca ativa de jovens fora da escola pertencentes aos segmentos populacionais considerados, em parceria com as áreas de assistência social, saúde e proteção à juventude.

Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional.

Estratégias:

9.1) assegurar a oferta gratuita da educação de jovens e adultos a todos os que não tiveram acesso à educação básica na idade própria;

9.2) realizar diagnóstico dos jovens e adultos com ensino fundamental e médio incompletos, para identificar a demanda ativa por vagas na educação de jovens e adultos;

9.3) implementar ações de alfabetização de jovens e adultos com garantia de continuidade da escolarização básica;

9.4) criar benefício adicional no programa nacional de transferência de renda para jovens e adultos que frequentarem cursos de alfabetização;

9.5) realizar chamadas públicas regulares para educação de jovens e adultos, promovendo-se busca ativa em regime de colaboração entre entes federados e em parceria com organizações da sociedade civil;

9.6) realizar avaliação, por meio de exames específicos, que permita aferir o grau de alfabetização de jovens e adultos com mais de 15 (quinze) anos de idade;

9.7) executar ações de atendimento ao (à) estudante da educação de jovens e adultos por meio de programas suplementares de transporte, alimentação e saúde, inclusive atendimento oftalmológico e fornecimento gratuito de óculos, em articulação com a área da saúde;

9.8) assegurar a oferta de educação de jovens e adultos, nas etapas de ensino fundamental e médio, às pessoas privadas de liberdade em todos os estabelecimentos penais, assegurando-se formação específica dos professores e das professoras e implementação de diretrizes nacionais em regime de colaboração;

9.9) apoiar técnica e financeiramente projetos inovadores na educação de jovens e adultos que visem ao desenvolvimento de modelos adequados às necessidades específicas desses (as) alunos (as);

9.10) estabelecer mecanismos e incentivos que integrem os segmentos empregadores, públicos e privados, e os sistemas de ensino, para promover a compatibilização da jornada de trabalho dos empregados e das empregadas com a oferta das ações de alfabetização e de educação de jovens e adultos;

9.11) implementar programas de capacitação tecnológica da população jovem e adulta, direcionados para os segmentos com baixos níveis de escolarização formal e para os (as) alunos (as) com deficiência, articulando os sistemas de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, as universidades, as cooperativas e as associações, por meio de ações de extensão desenvolvidas em centros vocacionais tecnológicos, com tecnologias assistivas que favoreçam a efetiva inclusão social e produtiva dessa população;

9.12) considerar, nas políticas públicas de jovens e adultos, as necessidades dos idosos, com vistas à promoção de políticas de erradicação do analfabetismo, ao acesso a tecnologias educacionais e atividades recreativas, culturais e esportivas, à implementação de programas de valorização e compartilhamento dos conhecimentos e experiência dos idosos e à inclusão dos temas do envelhecimento e da velhice nas escolas.

Meta 10: oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional.

Estratégias:

10.1) manter programa nacional de educação de jovens e adultos voltado à conclusão do ensino fundamental e à formação profissional inicial, de forma a estimular a conclusão da educação básica;

10.2) expandir as matrículas na educação de jovens e adultos, de modo a articular a formação inicial e continuada de trabalhadores com a educação profissional, objetivando a elevação do nível de escolaridade do trabalhador e da trabalhadora;

10.3) fomentar a integração da educação de jovens e adultos com a educação profissional, em cursos planejados, de acordo com as características do público da educação de jovens e adultos e considerando as especificidades das populações itinerantes e do campo e das comunidades indígenas e quilombolas, inclusive na modalidade de educação a distância;

10.4) ampliar as oportunidades profissionais dos jovens e adultos com deficiência e baixo nível de escolaridade, por meio do acesso à educação de jovens e adultos articulada à educação profissional;

10.5) implantar programa nacional de reestruturação e aquisição de equipamentos voltados à expansão e à melhoria da rede física de escolas públicas que atuam na educação de jovens e adultos integrada à educação profissional, garantindo acessibilidade à pessoa com deficiência;

10.6) estimular a diversificação curricular da educação de jovens e adultos, articulando a formação básica e a preparação para o mundo do trabalho e estabelecendo inter-relações entre teoria e prática, nos eixos da ciência, do trabalho, da tecnologia e da cultura e cidadania, de forma a organizar o tempo e o espaço pedagógicos adequados às características desses alunos e alunas;

10.7) fomentar a produção de material didático, o desenvolvimento de currículos e metodologias específicas, os instrumentos de avaliação, o acesso a equipamentos e laboratórios e a formação continuada de docentes das redes públicas que atuam na educação de jovens e adultos articulada à educação profissional;

10.8) fomentar a oferta pública de formação inicial e continuada para trabalhadores e trabalhadoras articulada à educação de jovens e adultos, em regime de colaboração e com apoio de entidades privadas de formação profissional vinculadas ao sistema sindical e de entidades sem fins lucrativos de atendimento à pessoa com deficiência, com atuação exclusiva na modalidade;

10.9) institucionalizar programa nacional de assistência ao estudante, compreendendo ações de assistência social, financeira e de apoio psicopedagógico que contribuam para garantir o acesso, a permanência, a aprendizagem e a conclusão com êxito da educação de jovens e adultos articulada à educação profissional;

10.10) orientar a expansão da oferta de educação de jovens e adultos articulada à educação profissional, de modo a atender às pessoas privadas de liberdade nos estabelecimentos penais, assegurando-se formação específica dos professores e das professoras e implementação de diretrizes nacionais em regime de colaboração;

10.11) implementar mecanismos de reconhecimento de saberes dos jovens e adultos trabalhadores, a serem considerados na articulação curricular dos cursos de formação inicial e continuada e dos cursos técnicos de nível médio.

Meta 11: triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público.

Estratégias:

11.1) expandir as matrículas de educação profissional técnica de nível médio na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, levando em consideração a responsabilidade dos Institutos na ordenação territorial, sua vinculação com arranjos produtivos, sociais e culturais locais e regionais, bem como a interiorização da educação profissional;

11.2) fomentar a expansão da oferta de educação profissional técnica de nível médio nas redes públicas estaduais de ensino;

11.3) fomentar a expansão da oferta de educação profissional técnica de nível médio na modalidade de educação a distância, com a finalidade de ampliar a oferta e democratizar o acesso à educação profissional pública e gratuita, assegurado padrão de qualidade;

11.4) estimular a expansão do estágio na educação profissional técnica de nível médio e do ensino médio regular, preservando-se seu caráter pedagógico integrado ao itinerário formativo do aluno, visando à formação de qualificações próprias da atividade profissional, à contextualização curricular e ao desenvolvimento da juventude;

11.5) ampliar a oferta de programas de reconhecimento de saberes para fins de certificação profissional em nível técnico;

11.6) ampliar a oferta de matrículas gratuitas de educação profissional técnica de nível médio pelas entidades privadas de formação profissional vinculadas ao sistema sindical e entidades sem fins lucrativos de atendimento à pessoa com deficiência, com atuação exclusiva na modalidade;

11.7) expandir a oferta de financiamento estudantil à educação profissional técnica de nível médio oferecida em instituições privadas de educação superior;

11.8) institucionalizar sistema de avaliação da qualidade da educação profissional técnica de nível médio das redes escolares públicas e privadas;

11.9) expandir o atendimento do ensino médio gratuito integrado à formação profissional para as populações do campo e para as comunidades indígenas e quilombolas, de acordo com os seus interesses e necessidades;

11.10) expandir a oferta de educação profissional técnica de nível médio para as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação;

11.11) elevar gradualmente a taxa de conclusão média dos cursos técnicos de nível médio na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica para 90% (noventa por cento) e elevar, nos cursos presenciais, a relação de alunos (as) por professor para 20 (vinte);

11.12) elevar gradualmente o investimento em programas de assistência estudantil e mecanismos de mobilidade acadêmica, visando a garantir as condições necessárias à permanência dos (as) estudantes e à conclusão dos cursos técnicos de nível médio;

11.13) reduzir as desigualdades étnico-raciais e regionais no acesso e permanência na educação profissional técnica de nível médio, inclusive mediante a adoção de políticas afirmativas, na forma da lei;

11.14) estruturar sistema nacional de informação profissional, articulando a oferta de formação das instituições especializadas em educação profissional aos dados do mercado de trabalho e a consultas promovidas em entidades empresariais e de trabalhadores

Meta 12: elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público.

Estratégias:

12.1) otimizar a capacidade instalada da estrutura física e de recursos humanos das instituições públicas de educação superior, mediante ações planejadas e coordenadas, de forma a ampliar e interiorizar o acesso à graduação;

12.2) ampliar a oferta de vagas, por meio da expansão e interiorização da rede federal de educação superior, da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e do sistema Universidade Aberta do Brasil, considerando a densidade populacional, a oferta de vagas públicas em relação à população na idade de referência e observadas as características regionais das micro e mesorregiões definidas pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, uniformizando a expansão no território nacional;

12.3) elevar gradualmente a taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais nas universidades públicas para 90% (noventa por cento), ofertar, no mínimo, um terço das vagas em cursos noturnos e elevar a relação de estudantes por professor (a) para 18 (dezoito), mediante estratégias de aproveitamento de créditos e inovações acadêmicas que valorizem a aquisição de competências de nível superior;

12.4) fomentar a oferta de educação superior pública e gratuita prioritariamente para a formação de professores e professoras para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática, bem como para atender ao déficie de profissionais em áreas específicas;

NOVA CONCURSOS

12.5) ampliar as políticas de inclusão e de assistência estudantil dirigidas aos (às) estudantes de instituições públicas, bolsistas de instituições privadas de educação superior e beneficiários do Fundo de Financiamento Estudantil - FIES, de que trata a Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, na educação superior, de modo a reduzir as desigualdades étnico-raciais e ampliar as taxas de acesso e permanência na educação superior de estudantes egressos da escola pública, afrodescendentes e indígenas e de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, de forma a apoiar seu sucesso acadêmico;

12.6) expandir o financiamento estudantil por meio do Fundo de Financiamento Estudantil - FIES, de que trata a Lei no 10.260, de 12 de julho de 2001, com a constituição de fundo garantidor do financiamento, de forma a dispensar progressivamente a exigência de fiador;

12.7) assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social;

12.8) ampliar a oferta de estágio como parte da formação na educação superior;

12.9) ampliar a participação proporcional de grupos historicamente desfavorecidos na educação superior, inclusive mediante a adoção de políticas afirmativas, na forma da lei;

12.10) assegurar condições de acessibilidade nas instituições de educação superior, na forma da legislação;

12.11) fomentar estudos e pesquisas que analisem a necessidade de articulação entre formação, currículo, pesquisa e mundo do trabalho, considerando as necessidades econômicas, sociais e culturais do País;

12.12) consolidar e ampliar programas e ações de incentivo à mobilidade estudantil e docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista o enriquecimento da formação de nível superior;

12.13) expandir atendimento específico a populações do campo e comunidades indígenas e quilombolas, em relação a acesso, permanência, conclusão e formação de profissionais para atuação nessas populações;

12.14) mapear a demanda e fomentar a oferta de formação de pessoal de nível superior, destacadamente a que se refere à formação nas áreas de ciências e matemática, considerando as necessidades do desenvolvimento do País, a inovação tecnológica e a melhoria da qualidade da educação básica;

12.15) institucionalizar programa de composição de acervo digital de referências bibliográficas e audiovisuais para os cursos de graduação, assegurada a acessibilidade às pessoas com deficiência;

12.16) consolidar processos seletivos nacionais e regionais para acesso à educação superior como forma de superar exames vestibulares isolados;

12.17) estimular mecanismos para ocupar as vagas ociosas em cada período letivo na educação superior pública;

12.18) estimular a expansão e reestruturação das instituições de educação superior estaduais e municipais cujo ensino seja gratuito, por meio de apoio técnico e financeiro do Governo Federal, mediante termo de adesão a programa de reestruturação, na forma de regulamento, que considere a sua contribuição para a ampliação de vagas, a capacidade fiscal e as necessidades dos sistemas de ensino dos entes mantenedores na oferta e qualidade da educação básica;

12.19) reestruturar com ênfase na melhoria de prazos e qualidade da decisão, no prazo de 2 (dois) anos, os procedimentos adotados na área de avaliação, regulação e supervisão, em relação aos processos de autorização de cursos e instituições, de reconhecimento ou renovação de reconhecimento de cursos superiores e de credenciamento ou recredenciamento de instituições, no âmbito do sistema federal de ensino;

12.20) ampliar, no âmbito do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior - FIES, de que trata a Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, e do Programa Universidade para Todos - PROUNI, de que trata a Lei no 11.096, de 13 de janeiro de 2005, os benefícios destinados à concessão de financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores presenciais ou a distância, com avaliação positiva, de acordo com regulamentação própria, nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação;

12.21) fortalecer as redes físicas de laboratórios multifuncionais das IES e ICTs nas áreas estratégicas definidas pela política e estratégias nacionais de ciência, tecnologia e inovação.

Meta 13: elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75% (setenta e cinco por cento), sendo, do total, no mínimo, 35% (trinta e cinco por cento) doutores.

Estratégias:

13.1) aperfeiçoar o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES, de que trata a Lei no 10.861, de 14 de abril de 2004, fortalecendo as ações de avaliação, regulação e supervisão;

13.2) ampliar a cobertura do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - ENADE, de modo a ampliar o quantitativo de estudantes e de áreas avaliadas no que diz respeito à aprendizagem resultante da graduação;

13.3) induzir processo contínuo de autoavaliação das instituições de educação superior, fortalecendo a participação das comissões próprias de avaliação, bem como a aplicação de instrumentos de avaliação que orientem as dimensões a serem fortalecidas, destacando-se a qualificação e a dedicação do corpo docente;

13.4) promover a melhoria da qualidade dos cursos de pedagogia e licenciaturas, por meio da aplicação de instrumento próprio de avaliação aprovado pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES, integrando-os às demandas e necessidades das redes de educação básica, de modo a permitir aos graduandos a aquisição das qualificações necessárias a conduzir o processo pedagógico de seus futuros alunos (as), combinando formação geral e específica com a prática didática, além da educação para as relações étnico-raciais, a diversidade e as necessidades das pessoas com deficiência;

13.5) elevar o padrão de qualidade das universidades, direcionando sua atividade, de modo que realizem, efetivamente, pesquisa institucionalizada, articulada a programas de pós-graduação stricto sensu;

13.6) substituir o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - ENADE aplicado ao final do primeiro ano do curso de graduação pelo Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, a fim de apurar o valor agregado dos cursos de graduação;

13.7) fomentar a formação de consórcios entre instituições públicas de educação superior, com vistas a potencializar a atuação regional, inclusive por meio de plano de desenvolvimento institucional integrado, assegurando maior visibilidade nacional e internacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão;

13.8) elevar gradualmente a taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais nas universidades públicas, de modo a atingir 90% (noventa por cento) e, nas instituições privadas, 75% (setenta e cinco por cento), em 2020, e fomentar a melhoria dos resultados de aprendizagem, de modo que, em 5 (cinco) anos, pelo menos 60% (sessenta por cento) dos estudantes apresentem desempenho positivo igual ou superior a 60% (sessenta por cento) no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - ENADE e, no último ano de vigência, pelo menos 75% (setenta e cinco por cento) dos estudantes obtenham desempenho positivo igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) nesse exame, em cada área de formação profissional;

13.9) promover a formação inicial e continuada dos (as) profissionais técnico-administrativos da educação superior.

Meta 14: elevar gradualmente o número de matrículas na pós-graduação stricto sensu, de modo a atingir a titulação anual de 60.000 (sessenta mil) mestres e 25.000 (vinte e cinco mil) doutores.

Estratégias:

14.1) expandir o financiamento da pós-graduação stricto sensu por meio das agências oficiais de fomento;

14.2) estimular a integração e a atuação articulada entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e as agências estaduais de fomento à pesquisa;

14.3) expandir o financiamento estudantil por meio do Fies à pós-graduação stricto sensu;

14.4) expandir a oferta de cursos de pós-graduação stricto sensu, utilizando inclusive metodologias, recursos e tecnologias de educação a distância;

14.5) implementar ações para reduzir as desigualdades étnico-raciais e regionais e para favorecer o acesso das populações do campo e das comunidades indígenas e quilombolas a programas de mestrado e doutorado;

14.6) ampliar a oferta de programas de pós-graduação stricto sensu, especialmente os de doutorado, nos campi novos abertos em decorrência dos programas de expansão e interiorização das instituições superiores públicas;

14.7) manter e expandir programa de acervo digital de referências bibliográficas para os cursos de pós-graduação, assegurada a acessibilidade às pessoas com deficiência;

14.8) estimular a participação das mulheres nos cursos de pós-graduação stricto sensu, em particular aqueles ligados às áreas de Engenharia, Matemática, Física, Química, Informática e outros no campo das ciências;

14.9) consolidar programas, projetos e ações que objetivem a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação brasileiras, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa;

14.10) promover o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional, entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão;

14.11) ampliar o investimento em pesquisas com foco em desenvolvimento e estímulo à inovação, bem como incrementar a formação de recursos humanos para a inovação, de modo a buscar o aumento da competitividade das empresas de base tecnológica;

14.12) ampliar o investimento na formação de doutores de modo a atingir a proporção de 4 (quatro) doutores por 1.000 (mil) habitantes;

14.13) aumentar qualitativa e quantitativamente o desempenho científico e tecnológico do País e a competitividade internacional da pesquisa brasileira, ampliando a cooperação científica com empresas, Instituições de Educação Superior - IES e demais Instituições Científicas e Tecnológicas - ICTs;

14.14) estimular a pesquisa científica e de inovação e promover a formação de recursos humanos que valorize a diversidade regional e a biodiversidade da região amazônica e do cerrado, bem como a gestão de recursos hídricos no semiárido para mitigação dos efeitos da seca e geração de emprego e renda na região;

14.15) estimular a pesquisa aplicada, no âmbito das IES e das ICTs, de modo a incrementar a inovação e a produção e registro de patentes.

Meta 15: garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

Estratégias:

15.1) atuar, conjuntamente, com base em plano estratégico que apresente diagnóstico das necessidades de formação de profissionais da educação e da capacidade de atendimento, por parte de instituições públicas e comunitárias de educação superior existentes nos Estados, Distrito Federal e Municípios, e defina obrigações recíprocas entre os partícipes;

15.2) consolidar o financiamento estudantil a estudantes matriculados em cursos de licenciatura com avaliação positiva pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES, na forma da Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, inclusive a amortização do saldo devedor pela docência efetiva na rede pública de educação básica;

15.3) ampliar programa permanente de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, a fim de aprimorar a formação de profissionais para atuar no magistério da educação básica;

15.4) consolidar e ampliar plataforma eletrônica para organizar a oferta e as matrículas em cursos de formação inicial e continuada de profissionais da educação, bem como para divulgar e atualizar seus currículos eletrônicos;

NOVA CONCURSOS

15.5) implementar programas específicos para formação de profissionais da educação para as escolas do campo e de comunidades indígenas e quilombolas e para a educação especial;

15.6) promover a reforma curricular dos cursos de licenciatura e estimular a renovação pedagógica, de forma a assegurar o foco no aprendizado do (a) aluno (a), dividindo a carga horária em formação geral, formação na área do saber e didática específica e incorporando as modernas tecnologias de informação e comunicação, em articulação com a base nacional comum dos currículos da educação básica, de que tratam as estratégias 2.1, 2.2, 3.2 e 3.3 deste PNE;

15.7) garantir, por meio das funções de avaliação, regulação e supervisão da educação superior, a plena implementação das respectivas diretrizes curriculares;

15.8) valorizar as práticas de ensino e os estágios nos cursos de formação de nível médio e superior dos profissionais da educação, visando ao trabalho sistemático de articulação entre a formação acadêmica e as demandas da educação básica;

15.9) implementar cursos e programas especiais para assegurar formação específica na educação superior, nas respectivas áreas de atuação, aos docentes com formação de nível médio na modalidade normal, não licenciados ou licenciados em área diversa da de atuação docente, em efetivo exercício;

15.10) fomentar a oferta de cursos técnicos de nível médio e tecnológicos de nível superior destinados à formação, nas respectivas áreas de atuação, dos (as) profissionais da educação de outros segmentos que não os do magistério;

15.11) implantar, no prazo de 1 (um) ano de vigência desta Lei, política nacional de formação continuada para os (as) profissionais da educação de outros segmentos que não os do magistério, construída em regime de colaboração entre os entes federados;

15.12) instituir programa de concessão de bolsas de estudos para que os professores de idiomas das escolas públicas de educação básica realizem estudos de imersão e aperfeiçoamento nos países que tenham como idioma nativo as línguas que lecionem;

15.13) desenvolver modelos de formação docente para a educação profissional que valorizem a experiência prática, por meio da oferta, nas redes federal e estaduais de educação profissional, de cursos voltados à complementação e certificação didático-pedagógica de profissionais experientes.

Meta 16: formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.

Estratégias:

16.1) realizar, em regime de colaboração, o planejamento estratégico para dimensionamento da demanda por formação continuada e fomentar a respectiva oferta por parte das instituições públicas de educação superior, de forma orgânica e articulada às políticas de formação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;

16.2) consolidar política nacional de formação de professores e professoras da educação básica, definindo diretrizes nacionais, áreas prioritárias, instituições formadoras e processos de certificação das atividades formativas;

16.3) expandir programa de composição de acervo de obras didáticas, paradidáticas e de literatura e de dicionários, e programa específico de acesso a bens culturais, incluindo obras e materiais produzidos em Libras e em Braille, sem prejuízo de outros, a serem disponibilizados para os professores e as professoras da rede pública de educação básica, favorecendo a construção do conhecimento e a valorização da cultura da investigação;

16.4) ampliar e consolidar portal eletrônico para subsidiar a atuação dos professores e das professoras da educação básica, disponibilizando gratuitamente materiais didáticos e pedagógicos suplementares, inclusive aqueles com formato acessível;

16.5) ampliar a oferta de bolsas de estudo para pós-graduação dos professores e das professoras e demais profissionais da educação básica;

16.6) fortalecer a formação dos professores e das professoras das escolas públicas de educação básica, por meio da implementação das ações do Plano Nacional do Livro e Leitura e da instituição de programa nacional de disponibilização de recursos para acesso a bens culturais pelo magistério público.

Meta 17: valorizar os (as) profissionais do magistério das redes públicas de educação básica de forma a equiparar seu rendimento médio ao dos (as) demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do sexto ano de vigência deste PNE.

Estratégias:

17.1) constituir, por iniciativa do Ministério da Educação, até o final do primeiro ano de vigência deste PNE, fórum permanente, com representação da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios e dos trabalhadores da educação, para acompanhamento da atualização progressiva do valor do piso salarial nacional para os profissionais do magistério público da educação básica;

17.2) constituir como tarefa do fórum permanente o acompanhamento da evolução salarial por meio de indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, periodicamente divulgados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE;

17.3) implementar, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, planos de Carreira para os (as) profissionais do magistério das redes públicas de educação básica, observados os critérios estabelecidos na Lei no 11.738, de 16 de julho de 2008, com implantação gradual do cumprimento da jornada de trabalho em um único estabelecimento escolar;

17.4) ampliar a assistência financeira específica da União aos entes federados para implementação de políticas de valorização dos (as) profissionais do magistério, em particular o piso salarial nacional profissional.

Meta 18: assegurar, no prazo de 2 (dois) anos, a existência de planos de Carreira para os (as) profissionais da educação básica e superior pública de todos os sistemas de ensino e, para o plano de Carreira dos (as) profissionais da educação básica pública, tomar como referência o piso salarial nacional profissional, definido em lei federal, nos termos do inciso VIII do art. 206 da Constituição Federal.

Estratégias:

18.1) estruturar as redes públicas de educação básica de modo que, até o início do terceiro ano de vigência deste PNE, 90% (noventa por cento), no mínimo, dos respectivos profissionais do magistério e 50% (cinquenta por cento), no mínimo, dos respectivos profissionais da educação não docentes sejam ocupantes de cargos de provimento efetivo e estejam em exercício nas redes escolares a que se encontrem vinculados;

18.2) implantar, nas redes públicas de educação básica e superior, acompanhamento dos profissionais iniciantes, supervisionados por equipe de profissionais experientes, a fim de fundamentar, com base em avaliação documentada, a decisão pela efetivação após o estágio probatório e oferecer, durante esse período, curso de aprofundamento de estudos na área de atuação do (a) professor (a), com destaque para os conteúdos a serem ensinados e as metodologias de ensino de cada disciplina;

18.3) realizar, por iniciativa do Ministério da Educação, a cada 2 (dois) anos a partir do segundo ano de vigência deste PNE, prova nacional para subsidiar os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, mediante adesão, na realização de concursos públicos de admissão de profissionais do magistério da educação básica pública;

18.4) prever, nos planos de Carreira dos profissionais da educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, licenças remuneradas e incentivos para qualificação profissional, inclusive em nível de pós-graduação stricto sensu;

18.5) realizar anualmente, a partir do segundo ano de vigência deste PNE, por iniciativa do Ministério da Educação, em regime de colaboração, o censo dos (as) profissionais da educação básica de outros segmentos que não os do magistério;

18.6) considerar as especificidades socioculturais das escolas do campo e das comunidades indígenas e quilombolas no provimento de cargos efetivos para essas escolas;

18.7) priorizar o repasse de transferências federais voluntárias, na área de educação, para os Estados, o Distrito Federal e os Municípios que tenham aprovado lei específica estabelecendo planos de Carreira para os (as) profissionais da educação;

18.8) estimular a existência de comissões permanentes de profissionais da educação de todos os sistemas de ensino, em todas as instâncias da Federação, para subsidiar os órgãos competentes na elaboração, reestruturação e implementação dos planos de Carreira.

Meta 19: assegurar condições, no prazo de 2 (dois) anos, para a efetivação da gestão democrática da educação, associada a critérios técnicos de mérito e desempenho e à consulta pública à comunidade escolar, no âmbito das escolas públicas, prevendo recursos e apoio técnico da União para tanto.

Estratégias:

19.1) priorizar o repasse de transferências voluntárias da União na área da educação para os entes federados que tenham aprovado legislação específica que regulamente a matéria na área de sua abrangência, respeitando-se a legislação nacional, e que considere, conjuntamente, para a nomeação dos diretores e diretoras de escola, critérios técnicos de mérito e desempenho, bem como a participação da comunidade escolar;

19.2) ampliar os programas de apoio e formação aos (às) conselheiros (as) dos conselhos de acompanhamento e controle social do Fundeb, dos conselhos de alimentação escolar, dos conselhos regionais e de outros e aos (às) representantes educacionais em demais conselhos de acompanhamento de políticas públicas, garantindo a esses colegiados recursos financeiros, espaço físico adequado, equipamentos e meios de transporte para visitas à rede escolar, com vistas ao bom desempenho de suas funções;

19.3) incentivar os Estados, o Distrito Federal e os Municípios a constituírem Fóruns Permanentes de Educação, com o intuito de coordenar as conferências municipais, estaduais e distrital bem como efetuar o acompanhamento da execução deste PNE e dos seus planos de educação;

19.4) estimular, em todas as redes de educação básica, a constituição e o fortalecimento de grêmios estudantis e associações de pais, assegurando-se-lhes, inclusive, espaços adequados e condições de funcionamento nas escolas e fomentando a sua articulação orgânica com os conselhos escolares, por meio das respectivas representações;

19.5) estimular a constituição e o fortalecimento de conselhos escolares e conselhos municipais de educação, como instrumentos de participação e fiscalização na gestão escolar e educacional, inclusive por meio de programas de formação de conselheiros, assegurando-se condições de funcionamento autônomo;

19.6) estimular a participação e a consulta de profissionais da educação, alunos (as) e seus familiares na formulação dos projetos político-pedagógicos, currículos escolares, planos de gestão escolar e regimentos escolares, assegurando a participação dos pais na avaliação de docentes e gestores escolares;

19.7) favorecer processos de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira nos estabelecimentos de ensino;

19.8) desenvolver programas de formação de diretores e gestores escolares, bem como aplicar prova nacional específica, a fim de subsidiar a definição de critérios objetivos para o provimento dos cargos, cujos resultados possam ser utilizados por adesão.

Meta 20: ampliar o investimento público em educação pública de forma a atingir, no mínimo, o patamar de 7% (sete por cento) do Produto Interno Bruto - PIB do País no 5º (quinto) ano de vigência desta Lei e, no mínimo, o equivalente a 10% (dez por cento) do PIB ao final do decênio.

Estratégias:

20.1) garantir fontes de financiamento permanentes e sustentáveis para todos os níveis, etapas e modalidades da educação básica, observando-se as políticas de colaboração entre os entes federados, em especial as decorrentes do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e do § 1o do art. 75 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que tratam da capacidade de atendimento e do esforço fiscal de cada ente federado, com vistas a atender suas demandas educacionais à luz do padrão de qualidade nacional;

20.2) aperfeiçoar e ampliar os mecanismos de acompanhamento da arrecadação da contribuição social do salário-educação;

20.3) destinar à manutenção e desenvolvimento do ensino, em acréscimo aos recursos vinculados nos termos do art. 212 da Constituição Federal, na forma da lei específica, a parcela da participação no resultado ou da compensação financeira pela exploração de petróleo e gás natural e outros recursos, com a finalidade de cumprimento da meta prevista no inciso VI do caput do art. 214 da Constituição Federal;

20.4) fortalecer os mecanismos e os instrumentos que assegurem, nos termos do parágrafo único do art. 48 da Lei Complementar no 101, de 4 de maio de 2000, a transparência e o controle social na utilização dos recursos pú-

blicos aplicados em educação, especialmente a realização de audiências públicas, a criação de portais eletrônicos de transparência e a capacitação dos membros de conselhos de acompanhamento e controle social do Fundeb, com a colaboração entre o Ministério da Educação, as Secretarias de Educação dos Estados e dos Municípios e os Tribunais de Contas da União, dos Estados e dos Municípios;

20.5) desenvolver, por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, estudos e acompanhamento regular dos investimentos e custos por aluno da educação básica e superior pública, em todas as suas etapas e modalidades;

20.6) no prazo de 2 (dois) anos da vigência deste PNE, será implantado o Custo Aluno-Qualidade inicial - CAQi, referenciado no conjunto de padrões mínimos estabelecidos na legislação educacional e cujo financiamento será calculado com base nos respectivos insumos indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem e será progressivamente reajustado até a implementação plena do Custo Aluno Qualidade - CAQ;

20.7) implementar o Custo Aluno Qualidade - CAQ como parâmetro para o financiamento da educação de todas etapas e modalidades da educação básica, a partir do cálculo e do acompanhamento regular dos indicadores de gastos educacionais com investimentos em qualificação e remuneração do pessoal docente e dos demais profissionais da educação pública, em aquisição, manutenção, construção e conservação de instalações e equipamentos necessários ao ensino e em aquisição de material didático-escolar, alimentação e transporte escolar;

20.8) o CAQ será definido no prazo de 3 (três) anos e será continuamente ajustado, com base em metodologia formulada pelo Ministério da Educação - MEC, e acompanhado pelo Fórum Nacional de Educação - FNE, pelo Conselho Nacional de Educação - CNE e pelas Comissões de Educação da Câmara dos Deputados e de Educação, Cultura e Esportes do Senado Federal;

20.9) regulamentar o parágrafo único do art. 23 e o art. 211 da Constituição Federal, no prazo de 2 (dois) anos, por lei complementar, de forma a estabelecer as normas de cooperação entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, em matéria educacional, e a articulação do sistema nacional de educação em regime de colaboração, com equilíbrio na repartição das responsabilidades e dos recursos e efetivo cumprimento das funções redistributiva e supletiva da União no combate às desigualdades educacionais regionais, com especial atenção às regiões Norte e Nordeste;

20.10) caberá à União, na forma da lei, a complementação de recursos financeiros a todos os Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios que não conseguirem atingir o valor do CAQi e, posteriormente, do CAQ;

20.11) aprovar, no prazo de 1 (um) ano, Lei de Responsabilidade Educacional, assegurando padrão de qualidade na educação básica, em cada sistema e rede de ensino, aferida pelo processo de metas de qualidade aferidas por institutos oficiais de avaliação educacionais;

20.12) definir critérios para distribuição dos recursos adicionais dirigidos à educação ao longo do decênio, que considerem a equalização das oportunidades educacionais, a vulnerabilidade socioeconômica e o compromisso técnico e de gestão do sistema de ensino, a serem pactuados na instância prevista no § 5o do art. 7o desta Lei.

LEI FEDERAL Nº 11.645, DE 10/03/08 – ALTERA A LEI 9.394/96, MODIFICADA PELA LEI 10.639/03, QUE ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, PARA INCLUIR NO CURRÍCULO OFICIAL DA REDE DE ENSINO A OBRIGATORIEDADE DA TEMÁTICA "HISTÓRIA E CULTURA AFRO- BRASILEIRA E INDÍGENA"

LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

EXERCÍCIOS

1. (FCC/2014 - Prefeitura de Recife/PE - Procurador) Nos termos do art. 226 da Constituição Federal, "a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado". Entre os aspectos abrangidos pelo direito à proteção especial, segundo o texto constitucional, encontram-se os seguintes:

a) garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; e obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade.

b) garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; e acesso universal à educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.

c) erradicação do analfabetismo; e estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado.

d) punição severa ao abuso, à violência e à exploração sexual da criança e do adolescente; e garantia às presidiárias de condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação.

e) punição severa ao abuso, à violência e à exploração sexual da criança e do adolescente; e estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado.

R: A. O artigo 227, §3º, CF fixa os aspectos que abrangem a proteção especial da criança e do adolescente: "I - idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII; II - garantia de direitos previdenciários e trabalhistas; III - garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola; IV - garantia de pleno e formal conhecimento da atribuição de ato infracional, igualdade na relação processual e defesa técnica por profissional habilitado, segundo dispuser a legislação tutelar específica; V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, quando da aplicação de qualquer medida privativa da liberdade; VI - estímulo do Poder Público, através de assistência jurídica, incentivos fiscais e subsídios, nos termos da lei, ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente órfão ou abandonado; VII - programas de prevenção e atendimento especializado à criança, ao adolescente e ao jovem dependente de entorpecentes e drogas afins".

2. (Alternative Concursos/2017 - Prefeitura de Sul Brasil/SC - Agente Educativo) De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n.º 8.069/90, art. 60, é proibido qualquer trabalho a menores:

a) De quatorze anos de idade, inclusive na condição de aprendiz.

b) De quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

c) De dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

d) De dezesseis anos de idade, inclusive na condição de aprendiz.

e) De dezessete anos de idade, inclusive na condição de aprendiz.

R: B. Em que pese o teor do art. 64 do ECA, que poderia dar a entender que um menor de 14 anos pode trabalhar, prevalece o que diz o texto da Constituição Federal: "Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: [...] XXXIII - proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos". Logo, o menor pode trabalhar em qualquer serviço, desde que não seja noturno, perigoso e insalubre, dos 16 aos 18 anos; e entre 14 e 16 anos apenas pode trabalhar como aprendiz.

3. (FCC/2016 - AL-MS - Agente de Polícia Legislativo) Sobre a adoção, nos termos preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente,

a) o adotante deve ser, no mínimo, 18 anos mais velho que o adotando.

b) é permitida a adoção por procuração.

c) se um dos cônjuges adota o filho do outro, mantêm-se os vínculos de filiação entre o adotado e o cônjuge do adotante e os respectivos parentes.

d) é vedada a adoção conjunta pelos divorciados, separados judicialmente e pelos ex-companheiros.

e) o estágio de convivência que precede a adoção não poderá, em nenhuma hipótese, ser dispensado pela autoridade judiciária.

R: C. Neste sentido, disciplina o art. 41, § 1º, ECA: "Se um dos cônjuges ou concubinos adota o filho do outro, mantêm-se os vínculos de filiação entre o adotado e o cônjuge ou concubino do adotante e os respectivos parentes". A alternativa "a" está errada porque o adotante deve ser, pelo menos, 16 anos mais velho que o adotado e possuir pelo menos 18 anos (art. 42, § 3º, ECA); a alternativa "b" está incorreta porque é vedada a adoção por procuração, pois a adoção é ato personalíssimo (art. 39, § 2º, ECA); a alternativa "d" está incorreta porque é possível a adoção conjunta desde que preencha os requisitos de serem casados civilmente ou mantenham união estável, comprovada a estabilidade da família (art. 42, § 1º, ECA); e a alternativa "e" está incorreta porque pode ser dispensado o estágio de convivência quando o adotando já estiver sob a tutela ou guarda do adotante (art. 46, § 1º, ECA).

4. (FCC/2016 - AL-MS - Agente de Polícia Legislativo) Sobre a prática de ato infracional à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente, é INCORRETO afirmar que a

a) medida socioeducativa de internação pode ser determinada por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta.

b) internação, antes da sentença, poderá ser determinada pelo prazo máximo de quarenta e cinco dias.

c) medida socioeducativa de internação não poderá exceder em nenhuma hipótese três anos, liberando-se compulsoriamente o menor infrator aos vinte e um anos de idade.

d) medida socioeducativa de liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de trinta dias, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor.

e) remissão não implica necessariamente o reconhecimento ou comprovação da responsabilidade, nem prevalece para efeito de antecedentes, podendo incluir eventualmente a aplicação de qualquer das medidas previstas em lei, exceto a colocação em regime de semiliberdade e a internação.

R: D. A lei exige como prazo mínimo de medida socioeducativa o período de 6 meses, conforme art. 118, § 2º, ECA, não 30 dias conforme a alternativa "d", razão pela qual está incorreta. A alternativa "a" está prevista no art. 122, § 1º, ECA; a alternativa "b" está prevista no art. 108 do ECA; a alternativa "c" está prevista no art. 121, §§ 3º e 5º, ECA; a alternativa "e" está prevista no art. 127 ECA.

5. (COMPERVE/2016 - Câmara de Natal/RN - Guarda Legislativo) As crianças e os adolescentes, qualificados pelo direito hoje vigente como pessoas em desenvolvimento, receberam do direito positivo brasileiro, tutela especial através da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, mais conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente. Seguindo as diretrizes traçadas pela Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe a previsão normativa da absoluta prioridade e de variados direitos fundamentais. Em tal seara, foi determinado que as crianças e os adolescentes têm direito,

a) à liberdade, de forma a compreender a liberdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; a liberdade de opinião e de expressão; a liberdade de brincar e de praticar esportes, a liberdade de participar da vida familiar e comunitária; a liberdade de buscar refúgio, auxílio e orientação, excetuadas dessa tutela a liberdade de crença e culto religioso e de participar da vida política.

b) ao respeito, consistente na inviolabilidade da sua integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de seus valores, ideias e crenças, excluída a tutela dos seus espaços e objetos pessoais.

c) de serem educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou a qualquer outro pretexto, por parte dos pais, de integrantes da família ampliada, dos responsáveis, dos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los.

d) de serem criados e educados no seio de sua família biológica, não se admitindo a sua inserção em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral.

R: C. Nestes termos, preconiza o artigo 18-A do ECA: "A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los". A alternativa "a" está errada porque o artigo 16 do ECA fixa que o direito à liberdade envolve os seguintes aspectos: "I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; **III - crença e culto religioso;** IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; **VI - participar da vida política, na forma da lei;** VII - buscar refúgio, auxílio e orientação". A alternativa "b" está errada porque o artigo 17 do ECA prevê que "o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, **dos espaços e objetos pessoais**". A alternativa "d" está errada porque o artigo 18 do ECA assegura que "é direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral".

6. (FUNRIO/2016 - IF-PA - Assistente de Alunos) Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), é considerado criança

a) a pessoa até seis anos incompletos de idade.

b) a pessoa até oito anos incompletos de idade.

c) a pessoa até 12 anos incompletos de idade.

d) a pessoa até 18 anos incompletos de idade.

e) a pessoa até 14 anos incompletos, desde que não tenha cometido nenhum crime.

R: C. O Estatuto da Criança e do Adolescente opta por categorizar separadamente estas duas categorias de menores. Criança é aquele que tem até 12 anos de idade (na data de aniversário de 12 anos, passa a ser adolescente), adolescente é aquele que tem entre 12 e 18 anos (na data de aniversário de 18 anos, passa a ser maior), conforme o artigo 2º do ECA.

7. (FUNRIO/2016 - IF-PA - Assistente de Alunos) A intenção principal do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) é

a) prover uma boa escola para que crianças e adolescentes possam trabalhar o mais cedo possível.

b) questionar políticas sociais que venham a proteger quem não merece.

c) distribuir renda entre os mais empobrecidos da população.

d) proteger integralmente crianças e adolescentes, garantindo políticas públicas neste sentido.

e) proteger crianças e adolescentes da prisão.

R: D. Conforme o artigo 1º do ECA, "esta Lei dispõe sobre a **proteção integral** à criança e ao adolescente". O princípio da proteção integral se associa ao princípio da prioridade absoluta, colacionado no artigo 4º do ECA e no artigo 227, CF. De uma doutrina da situação irregular, o direito evoluiu e passou a contemplar uma noção de proteção mais ampla da criança e do adolescente, que não apenas abordasse situações de irregularidade (embora ainda o fizesse), mas que abrangesse todo o arcabouço jurídico protetivo da criança e do adolescente, que é a doutrina da proteção integral.

8. (Prefeitura de Cruzeiro - SP - Auxiliar de Desenvolvimento Infantil - Instituto Excelência/2016) O Estatuto da Criança e do Adolescente em seu art. 4º, parágrafo único fixa a garantia de prioridade. Assinale a alternativa CORRETA que compreende uma dessas prioridades:

a) Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, descriminação e exploração.

b) É assegurado atendimento integral á saúde da criança e do adolescente por intermédio do sistema único de saúde.

c) Precedência de atendimento, nos serviços públicos ou de relevância pública.

d) Manter alojamento conjunto, possibilitando ao neonato a permanência junto á mãe.

R: C. Conforme o artigo 4º, parágrafo único, ECA, "a garantia de prioridade compreende: [...] b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública".

9. (FUNDAÇÃO CASA - Agente Administrativo - VUNESP/2010) Relativamente às Disposições Preliminares do Estatuto da Criança e do Adolescente, assinale a alternativa correta.

a) Considera-se criança a pessoa com até doze anos completos, e adolescente aquela entre treze e dezoito anos de idade incompletos.

b) Nos casos em que a lei determinar, deverá ser constantemente aplicado o Estatuto da Criança e do Adolescente às pessoas entre dezenove e vinte anos de idade.

c) A garantia de prioridade para o adolescente compreende a primazia na formulação das políticas sociais públicas para o lazer.

d) Na aplicação dessa Lei, deverão ser levados em conta os fins políticos a que ela se destina.

e) Destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

R: E. Conforme o artigo 4º, parágrafo único, ECA, "a garantia de prioridade compreende: [...] d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude".

10. (Prefeitura de Cruzeiro - SP - Auxiliar de Desenvolvimento Infantil - Instituto Excelência/2016) Assinale a alternativa CORRETA conforme o artigo 15 do ECA:

a) na dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

b) no direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los.

c) no direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

d) na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

R: D. Dispõe o ECA em seu artigo 15: "A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis".

11. (TRT - 1ª REGIÃO - Juiz do Trabalho Substituto - FCC/2016) Sobre o trabalho da criança e do adolescente, é correto afirmar:

a) É proibido o trabalho de adolescentes em atividades lúdicas.

b) É proibido para os menores de 16, salvo na condição de aprendizes.

c) É proibido o trabalho noturno de menores de 16 anos, salvo na condição de aprendizes.

d) É proibido o trabalho de adolescentes em hospitais, salvo na condição de aprendizes de enfermagem.

e) É proibido o trabalho de crianças em peças teatrais e atividades cinematográficas.

R: B. Nos termos do artigo 60, ECA, "é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz". Aceita-se o trabalho como aprendiz entre 14 e 16 anos. A partir dos 16 anos, o adolescente pode trabalhar, não necessariamente como aprendiz, embora a lei fixe outras restrições.

12. (TRT - 1ª REGIÃO - Juiz do Trabalho Substituto - FCC/2016) A formação técnico-profissional do adolescente NÃO deverá obedecer a

a) horário especial, estabelecido em lei.

b) horário especial, de acordo com a atividade.

c) peculiaridades do seu desenvolvimento pessoal.

d) adequação ao mercado de trabalho.

e) prevalência das atividades educativas sobre as produtivas.

R: A. Dispõe o ECA: "Art. 63. A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios: [...] III - horário especial para o exercício das atividades". Especificamente, o horário deve ser fixado sem prejudicar a frequência à escola (artigo 67, IV, ECA) e é proibido o trabalho noturno. Entretanto, a lei não fixa com precisão o horário de trabalho permitido ao adolescente.

13. (IDECAN/2016 - UFPB - Auxiliar em Assuntos Educacionais) Considerando a prática de ato infracional por adolescentes e os direitos individuais assegurados, nessa situação, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assinale a alternativa correta.

a) Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime e não a estabelecida como contravenção penal.

b) O adolescente não pode ser privado de sua liberdade senão em flagrante de ato infracional ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente.

c) O adolescente que comete ato infracional perde o direito à identificação dos responsáveis pela sua apreensão, devendo, contudo, ser informado acerca de seus direitos.

d) O adolescente civilmente identificado será submetido à identificação compulsória pelos órgãos policiais, de proteção e judiciais, independente se para efeito de confrontação em caso de dúvida fundada.

R: B. Conforme preconiza o art. 106, "nenhum adolescente será privado de sua liberdade senão em flagrante de ato infracional ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente".

PUBLICAÇÕES INSTITUCIONAIS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular, 2017. 01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. MEC/SEF, 2000. (Volumes de I a X 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental).....01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares – estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília, MEC/SEF/SEESP, 1999.....01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, junho, 2005. 01
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 12
PAULÍNIA. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia- Educação Infantil. 2011.....12
PAULÍNIA. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Rede Municipal de Ensino de Paulínia- Ensino Fundamental – anos iniciais. 2011.....13

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017.

Prezado Candidato, devido ao formato do material, disponibilizaremos o conteúdo completo em nosso site eletrônico, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. BRASÍLIA. MEC/SEF, 2000. (VOLUMES DE I A X 1ª A 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL).

Prezado Candidato, devido ao formato do material, disponibilizaremos o conteúdo completo em nosso site eletrônico, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: TEMAS TRANSVERSAIS. BRASÍLIA: MEC/SEF, 1998.

Prezado Candidato, devido ao formato do material, disponibilizaremos o conteúdo completo em nosso site eletrônico, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ADAPTAÇÕES CURRICULARES – ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS. BRASÍLIA, MEC/SEF/SEESP, 1999.

Prezado Candidato, devido ao formato do material, disponibilizaremos o conteúdo completo em nosso site eletrônico, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA. BRASÍLIA, JUNHO, 2005.

I – RELATÓRIO

Este parecer visa a atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 6/ 2002, bem como regulamentar a alteração trazida à Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela Lei 10.639/2000, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Desta forma, busca cumprir o estabelecido na Constituição Federal nos seus Art. 5º, I, Art. 210, Art. 206, I, § 1° do Art. 242, Art. 215 e Art. 216, bem como nos Art. 26, 26 A e 79 B na Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros.

Juntam-se a preceitos analógicos os Art. 26 e 26 A da LDB, como os das Constituições Estaduais da Bahia (Art. 275, IV e 288), do Rio de Janeiro (Art. 306), de Alagoas (Art. 253), assim como de Leis Orgânicas, tais como a de Recife (Art. 138), de Belo Horizonte (Art. 182, VI), a do Rio de Janeiro (Art. 321, VIII), além de leis ordinárias, como lei Municipal nº 7.685, de 17 de janeiro de 1994, de Belém, a Lei Municipal nº 2.251, de 30 de novembro de 1994, de Aracaju e a Lei Municipal nº 11.973, de 4 de janeiro de 1996, de São Paulo

Junta-se, também, ao disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.096, de 13 de junho de 1990), bem como no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001).

Todos estes dispositivos legais, bem como reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir.

Destina-se, o parecer, aos administradores dos sistemas de ensino, de mantenedoras de estabelecimentos de ensino, aos estabelecimentos de ensino, seus professores e a todos implicados na elaboração, execução, avaliação de programas de interesse educacional, de planos institucionais, pedagógicos e de ensino. Destina-se, também, às famílias dos estudantes, a eles próprios e a todos os cidadãos comprometidos com a educação dos brasileiros, para nele buscarem orientações, quando pretenderem dialogar com os sistemas de ensino, escolas e educadores, no que diz respeito às relações étnico-raciais, ao reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à diversidade da nação brasileira, ao igual direito à educação de qualidade, isto é, não apenas direito ao estudo, mas também à formação para a cidadania responsável pela construção de uma sociedade justa e democrática.

Em vista disso, foi feita consulta sobre as questões objeto deste parecer, por meio de questionário encaminhado a grupos do Movimento Negro, a militantes individualmente, aos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, a professores que vêm desenvolvendo trabalhos que abordam a questão racial, a pais de alunos, enfim a cidadãos empenhados com a construção de uma sociedade justa, independentemente de seu pertencimento racial. Encaminharam-se em torno de mil questionários e o responderam individualmente ou em grupo 250 mulheres e homens, entre crianças e adultos, com diferentes níveis de escolarização. Suas respostas mostraram a importância de se tratarem problemas, dificuldades, dúvidas, antes mesmo de o parecer traçar orientações, indicações, normas.

Questões introdutórias

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

É importante salientar que tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos.

Políticas de Reparações, de Reconhecimento e Valorização de Ações Afirmativas

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações.

Cabe ao Estado promover e incentivar políticas de reparações, no que cumpre ao disposto na Constituição Federal, Art. 205, que assinala o dever do Estado de garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. Sem a intervenção do Estado, os postos à margem, entre eles os afro-brasileiros, dificilmente, e as estatísticas o mostram sem deixar dúvidas, romperão o sistema meritocrático que agrava desigualdades e gera injustiça, ao reger-se por critérios de exclusão, fundados em preconceitos e manutenção de privilégios para os sempre privilegiados.

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão.

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas.

NOVA CONCURSOS

Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros.

Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnicoracial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino.

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual.

Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas.

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra.

Reconhecer exige que os estabelecimentos de ensino, frequentados em sua maioria por população negra, contem com instalações e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e brancos, no sentido de que venham a relacionar-se com respeito, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Políticas de reparações e de reconhecimento formarão programas de ações afirmativas, isto é, conjuntos de ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sociais, orientadas para ofer ta de tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória. Ações afirmativas atendem ao determinado pelo Programa Nacional de Direitos Humanos,(2) bem como a compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, com o objetivo de combate ao racismo e a discriminações, tais como: a Convenção da UNESCO de 1960, direcionada ao combate ao racismo em todas as formas de ensino, bem como a Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Discriminações Correlatas de 2001.

Assim sendo, sistemas de ensino e estabelecimentos de diferentes níveis converterão as demandas dos afro-brasileiros em políticas públicas de Estado ou institucionais, ao tomarem decisões e iniciativas com vistas a reparações, reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à constituição de programas de ações afirmativas, medidas estas coerentes com um projeto de escola, de educação, de formação de cidadãos que explicitamente se esbocem nas relações pedagógicas cotidianas. Medidas que, convém, sejam compartilhadas pelos sistemas de ensino, estabelecimentos, processos de formação de professores, comunidade, professores, alunos e seus pais.

Medidas que repudiam, como prevê a Constituição Federal em seu Art.3º, IV, o "preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" e reconhecem que todos são portadores de singularidade irredutível e que a formação escolar tem de estar atenta para o desenvolvimento de suas personalidades (Art.208, IV).

Educação das relações étnico-raciais

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola.

É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.

Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, européia e asiática.

Convivem, no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu. Porém, a presença da cultura negra e o fato de 45% da população brasileira ser composta de negros (de acordo com o censo do IBGE) não têm sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes européias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática.

Os diferentes grupos, em sua diversidade, que constituem o Movimento Negro brasileiro, têm comprovado o quanto é dura a experiência dos negros de ter julgados negativamente seu comportamento, idéias e intenções antes mesmo de abrirem a boca ou tomarem qualquer iniciativa. Têm, eles, insistido no quanto é alienante a experiência de fingir ser o que não é para ser reconhecido, de quão dolorosa pode ser a experiência de deixar-se assimilar por uma visão de mundo que pretende impor-se como superior e, por isso, universal e que os obriga a negarem a tradição do seu povo.

Se não é fácil ser descendente de seres humanos escravizados e forçados à condição de objetos utilitários ou a semoventes, também é difícil descobrir-se descendente dos escravizadores, temer, embora veladamente, revanche dos que, por cinco séculos, têm sido desprezados e massacrados.

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente.

Como bem salientou Frantz Fanon (3), os descendentes dos mercadores de escravos, dos senhores de ontem, não têm, hoje, de assumir culpa pelas desumanidades provocadas por seus antepassados. No entanto, têm eles a responsabilidade moral e política de combater o racismo, as discriminações e, juntamente com os que vêm sendo mantidos à margem, os negros, construir relações raciais e sociais sadias, em que todos cresçam e se realizem enquanto seres humanos e cidadãos. Não fossem por estas razões, eles a teriam de assumir, pelo fato de usufruírem do muito que o trabalho escravo possibilitou ao país.

Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime.

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas.

Diálogo com estudiosos que analisam, criticam estas realidades e fazem propostas, bem como com grupos do Movimento Negro, presentes nas diferentes regiões e Estados, assim como em inúmeras cidades, são imprescindíveis para que se vençam discrepâncias entre o que se sabe e a realidade, se compreendam concepções e ações, uns dos outros, se elabore projeto comum de combate ao racismo e a discriminações.

Temos, pois, pedagogias de combate ao racismo e a discriminações por criar. É claro que há experiências de professores e de algumas escolas, ainda isoladas, que muito vão ajudar.

Para empreender a construção dessas pedagogias, é fundamental que se desfaçam alguns equívocos. Um deles diz respeito à preocupação de professores no sentido de designar ou não seus alunos negros como negros ou como pretos, sem ofensas.

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define. Em segundo lugar, cabe lembrar que preto é um dos quesitos utilizados pelo IBGE para classificar, ao lado dos outros – branco, pardo, indígena a cor da população brasileira. Pesquisadores de diferentes áreas, inclusive da educação, para fins de seus estudos, agregam dados relativos a pretos e pardos sob a categoria negros, já que ambos reúnem, conforme alerta o Movimento Negro, aqueles que reconhecem sua ascendência africana.

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro(a), se designarem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Contudo, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo. Lembremos os motes muito utilizados no final dos anos 1970 e no decorrer dos anos 1980, 1990: Negro é lindo! Negra, cor da raça brasileira! Negro que te quero negro! 100% Negro! Não deixe sua cor passar em branco! Este último utilizado na campanha do censo de 1990.

Outro equívoco a enfrentar é a afirmação de que os negros se discriminam entre si e que são racistas também. Esta constatação tem de ser analisada no quadro da ideologia do branqueamento que divulga a idéia e o sentimento de que as pessoas brancas seriam mais humanas, teriam inteligência superior e, por isso, teriam o direito de comandar e de dizer o que é bom para todos. Cabe lembrar que, no pós-abolição, foram formuladas políticas que visavam ao branqueamento da população pela eliminação simbólica e material da presença dos negros. Nesse sentido, é possível que pessoas negras sejam influenciadas pela ideologia do branqueamento e, assim, tendam a reproduzir o preconceito do qual são vítimas. O racismo imprime marcas negativas na subjetividade dos negros e também na dos que os discriminam.

Mais um equívoco a superar é a crença de que a discussão sobre a questão racial se limita ao Movimento Negro e a estudiosos do tema e não à escola. A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola.

Outro equívoco a esclarecer é de que o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento só atingem os negros. Enquanto processos estruturantes e constituintes da formação histórica e social brasileira, estes estão arraigados no imaginário social e atingem negros, brancos e outros grupos étnico-raciais. As formas, os níveis e os resultados desses processos incidem de maneira diferente sobre os diversos sujeitos e interpõem diferentes dificuldades nas suas trajetórias de vida escolar e social. Por isso, a construção de estratégias educacionais que visem ao combate do racismo é uma tarefa de todos os educadores, independentemente do seu pertencimento étnico-racial.

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. Também farão parte de um processo de reconhecimento, por parte do Estado, da sociedade e da escola, da dívida social que têm em relação ao segmento negro da população, possibilitando uma tomada de posição explícita contra o racismo e a discriminação racial e a construção deações afirmativas nos diferentes níveis de ensino da educação brasileira.

Tais pedagogias precisam estar atentas para que todos, negros e não negros, além de ter acesso a conhecimentos básicos tidos como fundamentais para a vida integrada à sociedade, exercício profissional competente, recebam formação que os capacite para forjar novas relações étnico-raciais. Para tanto, há necessidade, como já vimos, de professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas. Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-raciais, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las.

Até aqui apresentaram-se orientações que justificam e fundamentam as determinações de caráter normativo que seguem.

História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Determinações

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz européia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e européia. É preciso ter clareza que o Art. 26A acrescido à Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas.

A autonomia dos estabelecimentos de ensino para compor os projetos pedagógicos, no cumprimento do exigido pelo Art. 26A da Lei 9.394/1996, permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, do apoio direto ou indireto de estudiosos e do Movimento Negro, com os quais estabelecerão canais de comunicação, encontrarão formas próprias de incluir nas vivências promovidas pela escola, inclusive em conteúdos de disciplinas, as temáticas em questão. Caberá, aos sistemas de ensino, às mantenedoras, à coordenação pedagógica dos estabelecimentos de ensino e aos professores, com base neste parecer, estabelecer conteúdos de ensino, unidades de estudos, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares. Caberá, aos administradores dos sistemas de ensino e das mantenedoras prover as escolas, seus professores e alunos de material bibliográfico e de outros materiais didáticos, além de acompanhar os trabalhos desenvolvidos, a fim de evitar que questões tão complexas, muito pouco tratadas, tanto na formação inicial como continuada de professores, sejam abordadas de maneira resumida, incompleta, com erros.

Em outras palavras, aos estabelecimentos de ensino está sendo atribuída responsabilidade de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira; de fiscalizar para que, no seu interior, os alunos negros deixem de sofrer os primeiros e continuados atos de racismo de que são vítimas. Sem dúvida, assumir estas responsabilidades implica compromisso com o entorno sociocultural da escola, da comunidade onde esta se encontra e a que serve, compromisso com a formação de cidadãos atuantes e democráticos, capazes de compreender as relações sociais e étnico-raciais de que participam e ajudam a manter e/ou a reelaborar, capazes de decodificar palavras, fatos e situações a partir de diferentes perspectivas, de desempenhar-se em áreas de competências que lhes permitam continuar e aprofundar estudos em diferentes níveis de formação.

Precisa, o Brasil, país multi-étnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que lhes seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmos, ao grupo étnico/racial a que pertencem e a adotar costumes, idéias e comportamentos que lhes são adversos. E estes, certamente, serão indicadores da qualidade da educação que estará sendo oferecida pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis.

Para conduzir suas ações, os sistemas de ensino, os estabelecimentos e os professores terão como referência, entre outros pertinentes às bases filosóficas e pedagógicas que assumem, os princípios a seguir explicitados.

CONSCIÊNCIA POLÍTICA E HISTÓRICA DA DIVERSIDADE

Este princípio deve conduzir:

- à igualdade básica de pessoa humana como sujeito de direitos;
- à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história;
- ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira;

- à superação da indiferença, injustiça e desqualificação com que os negros, os povos indígenas e também as classes populares às quais os negros, no geral, pertencem, são comumente tratados;
- à desconstrução, por meio de questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar conceitos, idéias, comportamentos veiculados pela ideologia do branqueamento, pelo mito da democracia racial, que tanto mal fazem a negros e brancos;
- à busca, da parte de pessoas, em particular de professores não familiarizados com a análise das relações étnico-raciais e sociais com o estudo de história e cultura afro-brasileira e africana, de informações e subsídios que lhes permitam formular concepções não baseadas em preconceitos e construir ações respeitosas;
- ao diálogo, via fundamental para entendimento entre diferentes, com a finalidade de negociações, tendo em vista objetivos comuns, visando a uma sociedade justa.

FORTALECIMENTO DE IDENTIDADES E DE DIREITOS

O princípio deve orientar para:

- o desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida;
- o rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;
- o esclarecimentos a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal;
- o combate à privação e violação de direitos;

NOVA CONCURSOS

- a ampliação do acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e sobre a recriação das identidades, provocada por relações étnico-raciais;
- as excelentes condições de formação e de instrução que precisam ser oferecidas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, em todos os estabelecimentos, inclusive os localizados nas chamadas periferias urbanas e nas zonas rurais.

AÇÕES EDUCATIVAS DE COMBATE AO RACISMO E A DISCRIMINAÇÕES

O princípio encaminha para:

- a conexão dos objetivos, estratégias de ensino e atividades com a experiência de vida dos alunos e professores, valorizando aprendizagens vinculadas

às suas relações com pessoas negras, brancas, mestiças, assim como as vinculadas às relações entre negros, indígenas e brancos no conjunto da sociedade;
- a crítica pelos coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, das representações dos negros e de outras minorias nos textos, materiais didáticos, bem como providências para corrigi-las;
- condições para professores e alunos pensarem, decidirem, agirem, assumindo responsabilidade por relações étnico-raciais positivas, enfrentando e superando discordâncias, conflitos, contestações, valorizando os contrastes das diferenças;
- valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura;
- educação patrimonial, aprendizado a partir do patrimônio cultural afro-brasileiro, visando a preservá-lo e a difundi-lo;
- o cuidado para que se dê um sentido construtivo à participação dos diferentes grupos sociais, étnico-raciais na construção da nação brasileira, aos elos culturais e históricos entre diferentes grupos étnico-raciais, às alianças sociais;
- participação de grupos do Movimento Negro, e de grupos culturais negros, bem como da comunidade em que se insere a escola, sob a coordenação dos professores, na elaboração de projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade étnico-racial.

Estes princípios e seus desdobramentos mostram exigências de mudança de mentalidade, de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em particular, assim como das instituições e de suas tradições culturais. É neste sentido que se fazem as seguintes determinações:

- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É um meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.
- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana se fará por diferentes meios, em atividades curriculares ou não, em que: – se explicitem, busquem compreender e interpretar, na perspectiva de quem o formule, diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana; – promovam-se oportunidades de diálogo em que se conheçam, se ponham em comunicação diferentes sistemas simbólicos e estruturas conceituais, bem como se busquem formas de convivência respeitosa, além da construção de projeto de sociedade em que todos se sintam encorajados a expor, defender sua especificidade étnico-racial e a buscar garantias para que todos o façam; – sejam incentivadas atividades em que pessoas – estudantes, professores, servidores, integrantes da comunidade externa aos estabelecimentos de ensino – de diferentes culturas interatuem e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínios e pensamentos de cada um.
- O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação das relações étnico-raciais, tal como explicita o presente parecer, se desenvolverão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas,(3) particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais (4), em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares.
- O ensino de História Afro-Brasileira abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar pelo de Palmares, e de remanescentes de quilombos, que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões (exemplos: associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro). Será dado destaque a acontecimentos e realizações próprios de cada região e localidade.
- Datas significativas para cada região e localidade serão devidamente assinaladas. O 13 de maio, Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, será tratado como o dia de denúncia das repercussões das políticas de eliminação física e simbólica da população afro-brasileira no pós-abolição, e de divulgação dos significados da Lei Áurea para os negros. No 20 de novembro será celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra, entendendo-se consciência negra nos termos explicitados anteriormente neste parecer. Entre outras datas de significado histórico e político deverá ser assinalado o 21 de março, Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

- Em História da África, tratada em perspectiva positiva, não só de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente, nos tópicos pertinentes se fará articuladamente com a história dos afrodescendentes no Brasil e serão abordados temas relativos: – ao papel dos anciãos e dos griots como guardiões da memória histórica; – à história da ancestralidade e religiosidade africana; – aos núbios e aos egípcios, como civilizações que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da humanidade; – às civilizações e organizações políticas pré-coloniais, como os reinos do Mali, do Congo e do Zimbabwe; – ao tráfico e à escravidão do ponto de vista dos escravizados; – ao papel de europeus, de asiáticos e também de africanos no tráfico; à ocupação colonial na perspectiva dos africanos; – às lutas pela independência política dos países africanos; – às ações em prol da união africana em nossos dias, bem como o papel da União Africana, para tanto; – às relações entre as culturas e as histórias dos povos do continente africano e os da diáspora; – à formação compulsória da diáspora, vida e existência cultural e histórica dos africanos e seus descendentes fora da África; – à diversidade da diáspora, hoje, nas Américas, Caribe, Europa, Ásia; – aos acordos políticos, econômicos, educacionais e culturais entre África, Brasil e outros países da diáspora.

- O ensino de Cultura Afro-Brasileira destacará o jeito próprio de ser, viver e pensar manifestado tanto no dia-a-dia, quanto em celebrações como congadas, moçambiques, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras.

- O ensino de Cultura Africana abrangerá: – as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; – as universidades africanas Timbuktu, Gao, Djene que floresciam no século XVI; – as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística (ar tes plásticas, literatura, música, dança, teatro), política, na atualidade .

- O ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira, se fará por diferentes meios, inclusive, a realização de projetos de diferentes naturezas, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (tais como: Zumbi, Luiza Nahim, Aleijadinho, Padre Maurício, Luiz Gama, Cruz e Souza, João Cândido, André Rebouças, Teodoro Sampaio, José Correia Leite, Solano Trindade, Antonieta de Barros, Edison Carneiro, Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Milton Santos, Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Henrique Antunes Cunha, Tereza Santos, Emmanuel Araújo, Cuti, Alzira Rufino, Inaicyra Falcão dos Santos, entre outros).

- O ensino de História e Cultura Africana se fará por diferentes meios, inclusive a realização de projetos de diferente natureza, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (entre outros: rainha Nzinga, Toussaint-L'Ouverture, Martin Luther King, Malcom X, Marcus Garvey, Aimé Cesaire, Léopold Senghor, Mariama Bâ, Amílcar Cabral, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, Aminata Traoré, Christiane Taubira).

Para tanto, os sistemas de ensino e os estabelecimentos de Educação Básica, nos níveis de Educação Infantil, Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, Educação Superior, precisarão providenciar:

- Registro da história não contada dos negros brasileiros, tais como em remanescentes de quilombos, comunidades e territórios negros urbanos e rurais.

- Apoio sistemático aos professores para elaboração de planos, projetos, seleção de conteúdos e métodos de ensino, cujo foco seja a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Educação das Relações Étnico-Raciais.

- Mapeamento e divulgação de experiências pedagógicas de escolas, estabelecimentos de ensino superior, secretarias de educação, assim como levantamento das principais dúvidas e dificuldades dos professores em relação ao trabalho com a questão racial na escola e encaminhamento de medidas para resolvê-las, feitos pela administração dos sistemas de ensino e por Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros.

- Articulação entre os sistemas de ensino, estabelecimentos de ensino superior, centros de pesquisa, Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, escolas, comunidade e movimentos sociais, visando à formação de professores para a diversidade étnico-racial.

- Instalação, nos diferentes sistemas de ensino, de grupo de trabalho para discutir e coordenar planejamento e execução da formação de professores para atender ao disposto neste parecer quanto à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao determinado nos Art. 26 e 26A da Lei 9.394/1996, com o apoio do Sistema Nacional de Formação Continuada e Certificação de Professores do MEC.

- Introdução, nos cursos de formação de professores e de outros profissionais da educação: de análises das relações sociais e raciais no Brasil; de conceitos e de suas bases teóricas, tais como racismo, discriminações, intolerância, preconceito, estereótipo, raça, etnia, cultura, classe social, diversidade, diferença, multiculturalismo; de práticas pedagógicas, de materiais e de textos didáticos, na perspectiva da reeducação das relações étnico-raciais e do ensino e aprendizagem da História e Cultura dos Afro-brasileiros e dos Africanos.

- Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no Ensino Superior.

- Inclusão, respeitada a autonomia dos estabelecimentos do Ensino Superior, nos conteúdos de disciplinas e em atividades curriculares dos cursos que ministra, de Educação das Relações Étnico-Raciais, de conhecimentos de matriz africana e/ou que dizem respeito à população negra. Por exemplo: em Medicina, entre outras questões, estudo da anemia falciforme, da problemática da pressão alta; em Matemática, contribuições de raiz africana, identificadas e descritas pela Etno-Matemática; em Filosofia, estudo da filosofia tradicional africana e de contribuições de filósofos africanos e afrodescendentes da atualidade.
- Inclusão de bibliografia relativa à história e cultura afro-brasileira e africana às relações étnico-raciais, aos problemas desencadeados pelo racismo e por outras discriminações, à pedagogia anti-racista nos programas de concursos públicos para admissão de professores.
- Inclusão, em documentos normativos e de planejamento dos estabelecimentos de ensino de todos os níveis – estatutos, regimentos, planos pedagógicos, planos de ensino – de objetivos explícitos, assim como de procedimentos para sua consecução, visando ao combate do racismo, das discriminações, e ao reconhecimento, valorização e respeito das histórias e culturas afro-brasileira e africana.
- Previsão, nos fins, responsabilidades e tarefas dos conselhos escolares e de outros órgãos colegiados, do exame e encaminhamento de solução para situações de racismo e de discriminações, buscando-se criar situações educativas em que as vítimas recebam apoio requerido para superar o sofrimento e os agressores, orientação para que compreendam a dimensão do que praticaram e ambos, educação para o reconhecimento, valorização e respeito mútuos.
- Inclusão de personagens negros, assim como de outros grupos étnico-raciais, em cartazes e outras ilustrações sobre qualquer tema abordado na escola, a não ser quando tratar de manifestações culturais próprias, ainda que não exclusivas, de um determinado grupo étnico-racial.
- Organização de centros de documentação, bibliotecas, midiotecas, museus, exposições em que se divulguem valores, pensamentos, jeitos de ser e viver dos diferentes grupos étnico-raciais brasileiros, par ticularmente dos afrodescendentes.
- Identificação, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de fontes de conhecimentos de origem africana, a fim de selecionarem-se conteúdos e procedimentos de ensino e de aprendizagens;
- Incentivo, pelos sistemas de ensino, a pesquisas sobre processos educativos orientados por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros e indígenas, com o objetivo de ampliação e fortalecimento de bases teóricas para a educação brasileira.

- Identificação, coleta, compilação de informações sobre a população negra, com vistas à formulação de políticas públicas de Estado, comunitárias e institucionais.
- Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26A da LDB, e, para tanto, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE).
- Divulgação, pelos sistemas de ensino e mantenedoras, com o apoio dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, de uma bibliografia afro-brasileira e de outros materiais como mapas da diáspora, da África, de quilombos brasileiros, fotografias de territórios negros urbanos e rurais, reprodução de obras de arte afro-brasileira e africana a serem distribuídos nas escolas da rede, com vistas à formação de professores e alunos para o combate à discriminação e ao racismo.
- Oferta de Educação Fundamental em áreas de remanescentes de quilombos, contando as escolas com professores e pessoal administrativo que se disponham a conhecer física e culturalmente, a comunidade e a formar-se para trabalhar com suas especificidades.
- Garantia, pelos sistemas de ensino e entidades mantenedoras, de condições humanas, materiais e financeiras para execução de projetos com o objetivo de Educação das Relações Étnico-Raciais e estudo de História e Cultura AfroBrasileira e Africana, assim como organização de serviços e atividades que controlem, avaliem e redimensionem sua consecução, que exerçam fiscalização das políticas adotadas e providenciem correção de distorções.
- Realização, pelos sistemas de ensino federal, estadual e municipal, de atividades periódicas, com a participação das redes das escolas públicas e privadas, de exposição, avaliação e divulgação dos êxitos e dificuldades do ensino e aprendizagem de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais; assim como comunicação detalhada dos resultados obtidos ao Ministério da Educação, à Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, ao Conselho Nacional de Educação, e aos respectivos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, para que encaminhem providências, quando for o caso.
- Adequação dos mecanismos de avaliação das condições de funcionamento dos estabelecimentos de ensino, tanto da educação básica quanto superior, ao disposto neste Parecer; inclusive com a inclusão nos formulários, preenchidos pelas comissões de avaliação, nos itens relativos a currículo, atendimento aos alunos, projeto pedagógico, plano institucional, de quesitos que contemplem as orientações e exigências aqui formuladas.

Disponibilização deste parecer, na sua íntegra, para os professores de todos os níveis de ensino, responsáveis pelo ensino de diferentes disciplinas e atividades educacionais, assim como para outros profissionais interessados a fim de

que possam estudar, interpretar as orientações, enriquecer, executar as determinações aqui feitas e avaliar seu próprio trabalho e resultados obtidos por seus alunos, considerando princípios e critérios apontados.

Obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras, Educação das Relações Étnico-Raciais e os Conselhos de Educação Diretrizes são dimensões normativas, reguladoras de caminhos, embora não fechadas a que historicamente possam, a partir das determinações iniciais, tomar novos rumos. Diretrizes não visam a desencadear ações uniformes, todavia, objetivam oferecer referências e critérios para que se implantem ações, as avaliem e reformulem no que e quando necessário.

Estas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, na medida em que procedem de ditames constitucionais e de marcos legais nacionais, na medida em que se referem ao resgate de uma comunidade que povoou e construiu a nação brasileira, atingem o âmago do pacto federativo. Nessa medida, cabe aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios aclimatar tais diretrizes, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos, a seus respectivos sistemas, dando ênfase à importância de os planejamentos valorizarem, sem omitir outras regiões, a participação dos afrodescendentes, do período escravista aos nossos dias, na sociedade, economia, política, cultura da região e da localidade; definindo medidas urgentes para formação de professores; incentivando o desenvolvimento de pesquisas bem como envolvimento comunitário.

A esses órgãos normativos cabe, pois, a tarefa de adequar o proposto neste parecer à realidade de cada sistema de ensino. E, a partir daí, deverá ser competência dos órgãos executores – administrações de cada sistema de ensino, das escolas

– definir estratégias que, quando postas em ação, viabilizarão o cumprimento efetivo da Lei de Diretrizes e Bases que estabelece a formação básica comum, o respeito aos valores culturais, como princípios constitucionais da educação tanto quanto da dignidade da pessoa humana (inciso III do ar t.1O), garantindo-se a promoção do bem de todos, sem preconceitos (inciso IV do Art.3O), a prevalência dos direitos humanos (inciso II do art. 4O) e repúdio ao racismo (inciso VIII do art. 4°).

Cumprir a Lei é, pois, responsabilidade de todos e não apenas do professor em sala de aula. Exige-se, assim, um comprometimento solidário dos vários elos do sistema de ensino brasileiro, tendo-se como ponto de partida o presente parecer, que junto com outras diretrizes e pareceres e resoluções, têm o papel articulador e coordenador da organização da educação nacional.

II – VOTO DA COMISSÃO

Face ao exposto e diante de direitos desrespeitados, tais como:

· o de não sofrer discriminações por ser descendente de africanos;

· o de ter reconhecida a decisiva participação de seus antepassados e da sua própria na construção da nação brasileira;

· o de ter reconhecida sua cultura nas diferentes matrizes de raiz africana;

- diante da exclusão secular da população negra dos bancos escolares, notadamente em nossos dias, no ensino superior;

- diante da necessidade de crianças, jovens e adultos estudantes sentirem-se contemplados e respeitados, em suas peculiaridades, inclusive as étnico-raciais, nos programas e projetos educacionais;

- diante da importância de reeducação das relações étnico/raciais no Brasil;

- diante da ignorância que diferentes grupos étnico-raciais têm uns dos outros, bem como da necessidade de superar esta ignorância para que se construa uma sociedade democrática;

- diante, também, da violência explícita ou simbólica, gerada por toda sor te de racismos e discriminações, que sofrem os negros descendentes de africanos;

- diante de humilhações e ultrajes sofridos por estudantes negros, em todos os níveis de ensino, em consequência de posturas, atitudes, textos e materiais de ensino com conteúdos racistas;

- diante de compromissos internacionais assumidos pelo Brasil em convenções, entre outros os da Convenção da UNESCO, de 1960, relativo ao combate ao racismo em todas as formas de ensino, bem como os da Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Discriminações Correlatas de 2001;

- diante da Constituição Federal de 1988, em seu Art. 3º, inciso IV, que garante a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; do inciso 42 do Artigo 5º que trata da prática do racismo como crime inafiançável e imprescritível; do § 1º do Art. 215 que trata da proteção das manifestações culturais;

- diante do Decreto 1.904/1996, relativo ao Programa Nacional de Direitos Humanas que assegura a presença histórica das lutas dos negros na constituição do país;

- diante do Decreto 4.228, de 13 de maio de 2002, que institui, no âmbito da Administração Pública Federal, o Programa Nacional de Ações Afirmativas;

diante das Leis 7.716/1999, 8.081/1990 e 9.459/1997 que regulam os crimes resultantes de preconceito de raça e de cor e estabelecem as penas aplicáveis aos atos discriminatórios e preconceituosos, entre outros, de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional;

- diante do inciso I da Lei 9.394/1996, relativo ao respeito à igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; diante dos Arts 26, 26 A e 79 B da Lei 9.394/1996, estes últimos introduzidos por força da Lei 10.639/2003, proponho ao Conselho Pleno:

NOVA CONCURSOS

a) instituir as Diretrizes explicitadas neste parecer e no projeto de Resolução em anexo, para serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientá-los, promover a formação dos professores para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e para Educação das Relações Ético-Raciais, assim como supervisionar o cumprimento das diretrizes;

b) recomendar que este Parecer seja amplamente divulgado, ficando disponível no site do Conselho Nacional de Educação, para consulta dos professores e de outros interessados.

Brasília-DF, 10 de março de 2004.

III – DECISÃO DO CONSELHO PLENO

O Conselho Pleno aprova por unanimidade o voto da Relatora.

Sala das Sessões, 10 de março de 2004. Conselheiro José Carlos Almeida da Silva – Presidente

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO PLENO/DF

RESOLUÇÃO Nº 1, de 17 de junho 2004*

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

O Presidente do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no art. 9º, § 2º, alínea "c", da Lei nº 9.131, publicada em 25 de novembro de 1995, e com fundamentação no Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004, homologado pelo Ministro da Educação em 19 de maio de 2004, e que a este se integra, resolve:

Art. 1° A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores.

§ 1° As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações ÉtnicoRaciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004.

§ 2° O cumprimento das referidas Diretrizes Curriculares, por parte das instituições de ensino, será considerado na avaliação das condições de funcionamento do estabelecimento.

Art. 2° As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

§ 1° A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

§ 3º Caberá aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios desenvolver as Diretrizes Curriculares Nacionais instituídas por esta Resolução, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos e seus respectivos sistemas.

Art. 3° A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004.

§ 1° Os sistemas de ensino e as entidades mantenedoras incentivarão e criarão condições materiais e financeiras, assim como proverão as escolas, professores e alunos, de material bibliográfico e de outros materiais didáticos necessários para a educação tratada no «caput» deste artigo.

§ 2° As coordenações pedagógicas promoverão o aprofundamento de estudos, para que os professores concebam e desenvolvam unidades de estudos, projetos e programas, abrangendo os diferentes componentes curriculares.

§ 3° O ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

§ 4° Os sistemas de ensino incentivarão pesquisas sobre processos educativos orientados por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros, ao lado de pesquisas de mesma natureza junto aos povos indígenas, com o objetivo de ampliação e fortalecimento de bases teóricas para a educação brasileira.

Art. 4° Os sistemas e os estabelecimentos de ensino poderão estabelecer canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar subsídios e trocar experiências para planos institucionais, planos pedagógicos e projetos de ensino.

Art. 5º Os sistemas de ensino tomarão providências no sentido de garantir o direito de alunos afrodescendentes de frequentarem estabelecimentos de ensino de qualidade, que contenham instalações e equipamentos sólidos e atualizados, em cursos ministrados por professores competentes no domínio de conteúdos de ensino e comprometidos com a educação de negros e não negros, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes, palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Art. 6° Os órgãos colegiados dos estabelecimentos de ensino, em suas finalidades, responsabilidades e tarefas, incluirão o previsto o exame e encaminhamento de solução para situações de discriminação, buscando-se criar situações educativas para o reconhecimento, valorização e respeito da diversidade.

§ Único: Os casos que caracterizem racismo serão tratados como crimes imprescritíveis e inafiançáveis, conforme prevê o Art. 5º, XLII da Constituição Federal de 1988.

Art. 7º Os sistemas de ensino orientarão e supervisionarão a elaboração e edição de livros e outros materiais didáticos, em atendimento ao disposto no Parecer CNE/ CP 003/2004.

Art. 8º Os sistemas de ensino promoverão ampla divulgação do Parecer CNE/ CP 003/2004 e dessa Resolução, em atividades periódicas, com a participação das redes das escolas públicas e privadas, de exposição, avaliação e divulgação dos êxitos e dificuldades do ensino e aprendizagens de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação das Relações Étnico-Raciais.

§ 1° Os resultados obtidos com as atividades mencionadas no caput deste artigo serão comunicados de forma detalhada ao Ministério da Educação, à Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, ao Conselho Nacional de Educação e aos respectivos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação, para que encaminhem providências, que forem requeridas.

Art. 9º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Roberto Cláudio Frota Bezerra
Presidente do Conselho Nacional de Educação
Presidência da República Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Mensagem de veto

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)»

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS: ORIENTAÇÕES PARA A INCLUSÃO DA CRIANÇA DE 6 ANOS DE IDADE. BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2007.

Prezado Candidato, devido ao formato do material, disponibilizaremos o conteúdo completo em nosso site eletrônico, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

PAULÍNIA. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. CURRÍCULO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PAULÍNIAEDUCAÇÃO INFANTIL. 2011

Prezado Candidato, devido ao formato do material, disponibilizaremos o conteúdo completo em nosso site eletrônico, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

PAULÍNIA. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. CURRÍCULO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PAULÍNIAENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS. 2011

PAULÍNIA. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. CURRÍCULO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PAULÍNIAENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS. Prezado Candidato, devido ao formato do material, disponibilizaremos o conteúdo completo em nosso site eletrônico, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS

Currículo e cidadania: saberes voltados para o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas, sociais e culturais 01
Escola inclusiva como espaço de acolhimento, de aprendizagem e de socialização. 10
Pedagogias diferenciadas: progressão continuada, correção de fluxo, avaliação por competências, flexibilização do currículo e da trajetória escolar. 23
A construção coletiva da proposta pedagógica da escola: expressão das demandas sociais, das características multiculturais e das expectativas dos alunos e dos pais. O trabalho coletivo como fator de aperfeiçoamento da prática docente. 26
O papel do professor na integração escola- família. 30
A formação continuada como condição de construção permanente das competências que qualificam a prática docente. 33
O ensino centrado em conhecimentos contextualizados e ancorados na ação. 36
O reforço e recuperação: parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem. 40
A relação professor-aluno: construção de valores éticos e desenvolvimento de atitudes cooperativas, solidárias e responsáveis. 50

CURRÍCULO E CIDADANIA: SABERES VOLTADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS COGNITIVAS, AFETIVAS, SOCIAIS E CULTURAIS

Questões referentes ao currículo têm-se constituído em frequente alvo da atenção de autoridades, professores, gestores, pais, estudantes, membros da comunidade. Quais as razões dessa preocupação tão nítida e tão persistente? Será mesmo importante que nós, profissionais da educação, acompanhemos toda essa discussão e nela nos envolvamos? Não será suficiente deixarmos que as autoridades competentes tomem as devidas decisões sobre o que deve ser ensinado nas salas de aula?

Para examinarmos possíveis respostas a essas perguntas, talvez seja necessário esclarecer o que estamos entendendo pela palavra currículo, tão familiar a todos que trabalhamos nas escolas e nos sistemas educacionais. Por causa dessa familiaridade, talvez não dediquemos muito tempo a refletir sobre o sentido do termo, bastante frequente em conversas nas escolas, palestras a que assistimos, textos acadêmicos, notícias em jornais, discursos de nossas autoridades e propostas curriculares oficiais.

À palavra currículo associam-se distintas concepções, que derivam dos diversos modos de como a educação é concebida historicamente, bem como das influências teóricas que a afetam e se fazem hegemônicas em um dado momento. Diferentes fatores socioeconômicos, políticos e culturais contribuem, assim, para que currículo venha a ser entendido como: (a) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos;

(b) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos;

(c) os planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais;

(d) os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino; (e) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização.

Sem pretender considerar qualquer uma dessas ou de outras concepções como certa ou como errada, já que elas refletem variados posicionamentos, compromissos e pontos de vista teóricos, podemos afirmar que as discussões sobre o currículo incorporam, com maior ou menor ênfase, discussões sobre os conhecimentos escolares, sobre os procedimentos e as relações sociais que conformam o cenário em que os conhecimentos se ensinam e se aprendem, sobre as transformações que desejamos efetuar nos alunos e alunas, sobre os valores que desejamos inculcar e sobre as identidades que pretendemos construir. Discussões sobre conhecimento, verdade, poder e identidade marcam, invariavelmente, as discussões sobre questões curriculares (Silva, 1999).

Como estamos concebendo, então, a palavra currículo neste texto? Procurando resumir os aspectos acima mencionados, estamos entendendo currículo como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes. Currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas.

Por esse motivo, a palavra tem sido usada para todo e qualquer espaço organizado para afetar e educar pessoas, o que explica o uso de expressões como o currículo da mídia, o currículo da prisão etc. Nós, contudo, estamos empregando a palavra currículo apenas para nos referirmos às atividades organizadas por instituições escolares. Ou seja, para nos referirmos à escola.

Cabe destacar que a palavra currículo tem sido também utilizada para indicar efeitos alcançados na escola, que não estão explicitados nos planos e nas propostas, não sendo sempre, por isso, claramente percebidos pela comunidade escolar. Trata-se do chamado currículo oculto, que envolve, dominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. Fazem parte do currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por grupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos (as) professores (as) e nos livros didáticos. São exemplos de currículo oculto: a forma como a escola incentiva a criança a chamar a professora (tia, Fulana, Professora etc.); a maneira como arrumamos as carteiras na sala de aula (em círculo ou alinhadas); as visões de família que ainda se encontram em certos livros didáticos (restritas ou não à família tradicional de classe média).

Que consequências tais aspectos, sobre os quais muitas vezes não pensamos, podem estar provocando nos alunos? Não seria importante identificá-los e verificar como, nas práticas de nossa escola, poderíamos estar contribuindo para um currículo oculto capaz de oprimir alguns de nossos (as) estudantes (por razões ligadas a classe social, gênero, raça, sexualidade)?

Julgamos importante ressaltar que, o papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula.

Qualquer que seja a concepção de currículo que adotamos, não parece haver dúvidas quanto à sua importância no processo educativo escolar. Como essa importância se evidencia? Pode-se afirmar que é por intermédio do currículo que as "coisas" acontecem na escola. No currículo se sistematizam nossos esforços pedagógicos. O currículo é, em outras palavras, o coração da escola, o espaço central em que todos atuamos, o que nos torna, nos diferentes níveis do processo educacional, responsáveis por sua elaboração. O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula. Daí a necessidade de constantes discussões e reflexões, na escola, sobre o currículo, tanto o

currículo formalmente planejado e desenvolvido quanto o currículo oculto. Daí nossa obrigação, como profissionais da educação, de participar crítica e criativamente na elaboração de currículos mais atraentes, mais democráticos, mais fecundos.

Nessas reflexões e discussões, podemos e devemos recorrer aos documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases, as Diretrizes Curriculares Nacionais, as Propostas Curriculares Estaduais e Municipais. Neles encontraremos subsídios fundamentais para o nosso trabalho. Podemos e devemos também recorrer aos estudos que vêm sendo feitos, em nosso país, por pesquisadores e estudiosos do campo. Tais estudos têm-se intensificado, principalmente a partir da década de 1990, têm sido apresentados em inúmeros congressos e seminários, bem como publicados em periódicos de expressiva circulação nacional.

Recentes análises desses estudos destacam como as preocupações dos pesquisadores têm-se deslocado das relações entre currículo e conhecimento escolar para as relações entre currículo e cultura (Moreira, 2002). Que aspectos têm provocado essa virada? Por que o foco tão forte em questões culturais? Resumidamente, cabe reconhecer, hoje, a preponderância da esfera cultural na organização de nossa vida social, bem como na teoria social contemporânea.

Stuart Hall (1997), conhecido intelectual caribenho radicado na Grã-Bretanha e um dos fundadores do centro de pesquisas que foi o berço dos Estudos Culturais, na Universidade de Birmingham (Inglaterra), é especialmente incisivo nessa perspectiva.

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma política cultural.

Ainda, é inegável a pluralidade cultural do mundo em que vivemos e que se manifesta, de forma impetuosa, em todos os espaços sociais, inclusive nas escolas e nas salas de aula. Essa pluralidade frequentemente acarreta confrontos e conflitos, tornando cada vez mais agudos os desafios a serem enfrentados pelos profissionais da educação. No entanto, essa mesma pluralidade pode propiciar o enriquecimento e a renovação das possibilidades de atuação pedagógica.

Antes, porém, de analisarmos as relações entre currículo e cultura, examinaremos o outro tema central das discussões sobre currículo – o conhecimento escolar. Procuraremos realçar sua importância para todos os que se envolvem no processo curricular e destacaremos o processo de sua elaboração em diferentes níveis do sistema educativo. Subjacente aos nossos comentários está a crença de que a escola precisa preparar-se para

Cultura, diversidade cultural e currículo

O que entendemos pela palavra cultura? Talvez seja útil esclarecermos, inicialmente, como a estamos concebendo, já que seus sentidos têm variado ao longo dos tempos, particularmente no período da transição de formações sociais tradicionais para a modernidade (Bocock, 1995; Canen e Moreira, 2001). Acreditamos que tal esclarecimento pode subsidiar a discussão das relações entre currículo e cultura.

O primeiro e mais antigo significado de cultura encontra-se na literatura do século XV, em que a palavra se refere a cultivo da terra, de plantações e de animais. É nesse sentido que entendemos palavras como agricultura, floricultura, suinocultura.

O segundo significado emerge no início do século XVI, ampliando a ideia de cultivo da terra e de animais para a mente humana. Ou seja, passa-se a falar em mente humana cultivada, afirmando-se mesmo que somente alguns indivíduos, grupos ou classes sociais apresentam mentes e maneiras cultivadas e que somente algumas nações apresentam elevado padrão de cultura ou civilização. No século XVIII, consolida-se o caráter classista da ideia de cultura, evidente na ideia de que somente as classes privilegiadas da sociedade europeia atingiriam o nível de refinamento que as caracterizaria como cultas.

O sentido de cultura, que ainda hoje a associa às artes, tem suas origens nessa segunda concepção: cultura, tal como as elites a concebem, corresponde ao bem apreciar música, literatura, cinema, teatro, pintura, escultura, filosofia.

Será que não encontramos vestígios dessa concepção tanto em alguns de nossos atuais currículos como em textos que se escrevem sobre currículo? Para alguns docentes, o estudo da literatura, por exemplo, ainda tende a se restringir a escritores e livros vistos como clássicos. Para alguns estudiosos da cultura e da educação, os grandes autores, as grandes obras e as grandes ideias deveriam constituir o núcleo central dos currículos de nossas escolas.

Já no século XX, a noção de cultura passa a incluir a cultura popular, hoje penetrada pelos conteúdos dos meios de comunicação de massa. Diferenças e tensões entre os significados de cultura elevada e de cultura popular acentuam-se, levando a um uso do termo cultura que se marca por valorizações e avaliações. Será que algumas de nossas escolas não continuam a fechar suas portas para as manifestações culturais associadas à cultura popular, contribuindo, assim, para que saberes e valores familiares a muitos (as) estudantes sejam desvalorizados e abandonados na entrada da sala de aula? Poderia ser diferente? Como?

Um terceiro sentido da palavra cultura, originado no Iluminismo, a associa a um processo secular geral de desenvolvimento social. Esse significado é comum nas ciências sociais, sugerindo a crença em um processo harmônico de desenvolvimento da humanidade, constituído por etapas claramente definidas, pelo qual todas as sociedades inevitavelmente passam. Tal processo acaba equivalendo, por "coincidência", aos rumos seguidos pelas sociedades europeias, as únicas a atingirem o grau mais elevado de desenvolvimento. Há ainda reflexos dessa visão no currículo? Parece-nos que sim. Em alguns cursos de História, por exemplo, as referências se fazem, dominantemente, às histórias dos povos "desenvolvidos", o que nos aliena dos esforços e dos rumos seguidos na maioria dos países que formam o chamado Terceiro Mundo

Em um quarto sentido, a palavra "culturas" (no plural) corresponde aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos (nações, classes sociais, grupos étnicos, culturas regionais, geracionais,

NOVA CONCURSOS

de gênero etc.) e períodos históricos. Trata-se de uma visão antropológica de cultura, em que se enfatizam os significados que os grupos compartilham, ou seja, os conteúdos culturais. Cultura identifica-se, assim, com a forma geral de vida de um dado grupo social, com as representações da realidade e as visões de mundo adotadas por esse grupo.

Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem.

A palavra cultura implica, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo.

Finalmente, um quinto significado tem tido considerável impacto nas ciências sociais e nas humanidades em geral. Deriva da antropologia social e também se refere a significados compartilhados.

Diferentemente da concepção anterior, porém, ressalta a dimensão simbólica, o que a cultura faz, em vez de acentuar o que a cultura é. Nessa mudança, efetua-se um movimento do que para o como. Concebe-se, assim, a cultura como prática social, não como coisa (artes) ou estado de ser (civilização).

Nesse enfoque, coisas e eventos do mundo natural existem, mas não apresentam sentidos intrínsecos: os significados são atribuídos a partir da linguagem. Quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem. A palavra cultura implica, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo. São os arranjos e as relações envolvidas em um evento que passam, dominantemente, a despertar a atenção dos que analisam a cultura com base nessa quinta perspectiva, passível de ser resumida na ideia de que cultura representa um conjunto de práticas significantes. Não será pertinente considerarmos também o currículo como um conjunto de práticas em que significados são construídos, disputados, rejeitados, compartilhados? Como entender, então, as relações entre currículo e cultura?

Se entendermos o currículo, como propõe Williams (1984), como escolhas que se fazem em vasto leque de possibilidades, ou seja, como uma seleção da cultura, podemos concebê-lo, também, como conjunto de práticas que produzem significados. Nesse sentido, considerações de Silva (1999) podem ser úteis. Segundo o autor, o currículo é o espaço em que se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e sobre o político. É por meio do currículo que certos grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua "verdade". O currículo representa, assim, um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais. O currículo é, por consequência, um dispositivo de grande efeito no processo de construção da identidade do (a) estudante.

Não se mostra, então, evidente a íntima relação entre currículo e cultura? Se, em uma sociedade cindida, a cultura é um terreno no qual se processam disputas pela preservação ou pela superação das divisões sociais, o currículo é um espaço em que esse mesmo conflito se manifesta. O currículo é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura.

O currículo é um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados. O currículo não é um veículo que transporta algo a ser transmitido e absorvido, mas sim um lugar em que, ativamente, em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura. Currículo refere-se, portanto, a criação, recriação, contestação e transgressão (Moreira e Silva, 1994).

O currículo é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura. O currículo é um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados.

Como todos esses processos se "concretizam" no currículo? Pode-se dizer que no currículo se evidenciam esforços tanto por consolidar as situações de opressão e discriminação a que certos grupos sociais têm sido submetidos, quanto por questionar os arranjos sociais em que essas situações se sustentam. Isso se torna claro ao nos lembrarmos dos inúmeros e expressivos relatos de práticas, em salas de aulas, que contribuem para cristalizar preconceitos e discriminações, representações estereotipadas e desrespeitosas de certos comportamentos, certos estudantes e certos grupos sociais. Em Conselhos de Classe, algumas dessas visões, lamentavelmente, se refletem em frases como: "vindo de onde vem, ele não podia mesmo dar certo na escola!".

Ao mesmo tempo, há inúmeros e expressivos relatos de práticas alternativas em que professores (as) desafiam as relações de poder que têm justificado e preservado privilégios e marginalizações, procurando contribuir para elevar a autoestima de estudantes associados a grupos subalternizados.

Ou seja, no processo curricular, distintas e complexas têm sido as respostas dadas à diversidade e à pluralidade que marcam de modo tão agudo o panorama cultural contemporâneo.

Cabe também ressaltar a significativa influência exercida, junto às crianças e aos adolescentes que povoam nossas salas de aula, pelos "currículos" por eles "vividos" em outros espaços socioeducativos (shoppings, clubes, associações, igrejas, meios de comunicação, grupos informais de convivência etc.), nos quais se fazem sentir com intensidade muitos dos complexos fenômenos associáveis ao processo de globalização que hoje vivenciamos.

Nesses outros espaços extraescolares, os currículos tendem a se organizar com objetivos distintos dos currículos escolares, o que faz com que valores como padronização, consumismo, individualismo, sexismo e etnocentrismo possam entrar em acirrada competição com outras metas, visadas por escolas e famílias. Vale perguntar: como temos, nas salas de aula, reagido a esse "confuso "panorama em que a diversidade se faz tão presente"? Como temos nos esforçado para desestabilizar privilégios e discriminações? Como temos buscado neutralizar influências "indesejáveis"? Como temos, na escola, dialogado com os "currículos" desses outros espaços?

Em resumo, o complexo, variado e conflituoso cenário cultural em que estamos imersos se reflete no que ocorre em nossas salas de aula, afetando sensivelmente o trabalho pedagógico que nelas se processa.

Como temos considerado, no currículo, essa pluralidade, esse caráter multicultural de nossa sociedade? Como articular currículo e multiculturalismo? Que estratégias pedagógicas podem ser selecionadas?

Sem pretender oferecer respostas prontas a serem aplicadas em quaisquer situações, move-nos a intenção de apresentar alguns princípios que possam nortear a construção coletiva, em cada escola, de currículos que visem a enfrentar alguns dos desafios que a diversidade cultural nos tem trazido. Fundamentamo-nos, nesse propósito, em estudos, pesquisas, práticas e depoimentos de docentes comprometidos com uma escola cada vez mais democrática. Nossa intenção é convidar o profissional da educação a engajar- se no instigante processo de pensar e desenvolver currículos para essa escola.

Desejamos, com os princípios que vamos sugerir, intensificar a sensibilidade do (a) docente e do gestor para a pluralidade de valores e universos culturais, para a necessidade de um maior intercâmbio cultural no interior de cada sociedade e entre diferentes sociedades, para a conveniência de resgatar manifestações culturais de determinados grupos cujas identidades se encontram ameaçadas, para a importância da participação de todos no esforço por tornar o mundo menos opressivo e injusto, para a urgência de se reduzirem discriminações e preconceitos.

O objetivo maior concentra-se, cabe destacar, na contextualização e na compreensão do processo de construção das diferenças e das desigualdades. Nosso propósito é que os currículos desenvolvidos tornem evidente que elas não são naturais; são, ao contrário, "invenções/construções" históricas de homens e mulheres, sendo, portanto, passíveis de serem desestabilizadas e mesmo transformadas. Ou seja, o existente nem pode ser aceito sem questionamento nem é imutável; constitui-se, sim, em estímulo para resistências, para críticas e para a formulação e a promoção de novas situações pedagógicas e novas relações sociais.

Princípios para a construção de currículos multiculturalmente orientados assemos aos nossos princípios. Insistimos, inicialmente, na necessidade de uma nova postura, por parte do professorado e dos gestores, no esforço por construir currículos culturalmente orientados. Propomos, a seguir, que se reescrevam os conhecimentos escolares, que se evidencie a ancoragem social desses conhecimentos, bem como que se transforme a escola e o currículo em espaços de crítica cultural, de diálogo e de desenvolvimento de pesquisas. Esperamos que nossos princípios possam nortear a escolha de novos conteúdos, a adoção de novos procedimentos e o estabelecimento de novas relações na escola e na sala de aula.

A necessidade de uma nova postura

Elaborar currículos culturalmente orientados demanda uma nova postura, por parte da comunidade escolar, de abertura às distintas manifestações culturais. Faz-se indispensável superar o "daltonismo cultural", ainda bastante presente nas escolas. O professor "daltônico cultural "é aquele que não valoriza o "arco-íris de culturas "que encontra nas salas de aulas e com que precisa trabalhar, não tirando, portanto, proveito da riqueza que marca esse panorama". É aquele que vê todos os estudantes como idênticos, não levando em conta a necessidade de estabelecer diferenças nas atividades pedagógicas que promove (Stoer e Cortesão, 1999).

O daltonismo cultural a que nos referimos se expressa, por exemplo, na visão da professora de uma escola normal que desencoraja uma pesquisadora interessada em compreender o tratamento dado, na escola, a questões referentes a racismo na formação docente. "Lamento, mas aqui você não terá material para seu estudo. Não temos problema nenhum de racismo aqui. Eu, por exemplo, ao entrar em sala, trato todos os meus alunos como se fossem brancos" (Paraíso, 1997). O daltonismo é tão intenso que chega a impedir que a professora reconheça a presença da diversidade (e de suas consequências) na escola.

Em casos como esse, pode ser útil, em um primeiro momento, buscarmos sensibilizar o corpo docente para a pluralidade e para a diversidade. Como fazê-lo? Que estratégias empregar nessa tarefa, para que se possa ter a maior adesão possível dos que ainda não perceberam a importância de tais aspectos?

Nessa perspectiva, é importante articular o aprofundamento teórico com vivências de experiências em que os/as profissionais da educação são convidados/as a se colocarem situação "e analisar as suas próprias reações. Como se sentiriam e reagiriam, por exemplo, se, como algumas pessoas negras ainda têm sido, fossem impedidos (as) de entrar pela "porta da frente" em um edifício residencial ou em um hotel de luxo?

Outra estratégia possível diz respeito ao resgate de histórias de vida e análise de estudos de caso reais, trazidos pelos próprios educadores ou registrados em pesquisas realizadas sobre tal temática. Talvez alguns docentes se estimulem a apresentar e a discutir situações em que se viram, eles próprios, discriminados, ou em que presenciaram pessoas sendo depreciadas e desrespeitadas. Como se comportaram nesses momentos?

Em resumo, a ruptura do daltonismo cultural e da visão monocultural da dinâmica escolar é um processo pessoal e coletivo que exige desconstruir e desnaturalizar estereótipos e "verdades" que impregnam e configuram a cultura escolar e a cultura da escola.

Após a adoção de uma nova postura frente à pluralidade, outros princípios e propósitos podem mostrar-se úteis na formulação dos currículos. Vejamos alguns deles.

O currículo com um espaço em que se reescreve o conhecimento escolar

Sugerimos que se procure, no currículo, reescrever o conhecimento escolar usual, tendo-se em mente as diferentes raízes étnicas e os diferentes pontos de vista envolvidos em sua produção. No processo de construçãodo conhecimento escolar, que já abordamos, se "retiram" os interesses e os objetivos usualmente envolvidos na pes-

NOVA CONCURSOS

quisa e na produção do conhecimento de origem (Terigi, 1999). O conhecimento escolar tende a ficar, em decorrência desse processo, "asséptico", "neutro", despido de qualquer "cor" ou "sabor".

O que estamos desejando, em vez disso, é que os interesses ocultados sejam identificados, evidenciados e subvertidos, para que possamos, então, reescrever os conhecimentos. Desejamos que o aluno perceba o quanto, em Geografia, os conhecimentos referentes aos diversos continentes foram construídos em íntima associação com o interesse, de certos países, em aumentar suas riquezas pela conquista e colonização de outros povos. Em conformidade com essa proposta, encontram-se já numerosos (as) professores (as) de História que não mais se contentam em ensinar aos (às) estudantes apenas a visão do dominante, do vencedor. Já se fazem frequentes, em suas aulas na escola fundamental, discussões como: o Brasil foi descoberto ou invadido pelos portugueses?

Sugerimos que se procure, no currículo, reescrever o conhecimento escolar usual, tendo-se em mente as diferentes raízes étnicas e os diferentes pontos de vista envolvidos em sua produção. Discutidos por docentes e alunos (as), o que faz brotar uma análise bem mais lúcida dos diferentes e conflitantes motivos implicados nos fatos históricos, antes vistos como "objetivos" e tratados com base em uma única versão, aceita sem questionamento. A consequência é que a análise se amplia e se enriquece pelo confronto de pontos de vista.

Além dessa ampliação da análise, muitos docentes têm também procurado incluir no currículo outras Histórias: a das mulheres, a dos povos indígenas, a dos negros, por exemplo. Tais inclusões preenchem algumas das lacunas mais encontradas nas propostas curriculares oficiais, trazendo à cena vozes e culturas negadas e silenciadas no currículo. Segundo Torres Santomé (1995), as culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas de poder costumam ser excluídas das salas de aula, chegando mesmo a ser deformadas ou estereotipadas, para que se dificultem (ou de fato se anulem) suas possibilidades de reação, de luta e de afirmação de direitos.

Cabe evitar atribuir qualquer caráter exótico às manifestações culturais de grupos minoritários. Ademais, sua presença no currículo não deve assumir o tom fortuito, turístico, tão criticado por Torres Santomé (1995). É preciso que os estudos desenvolvidos venham a catalisar, junto aos membros das culturas negadas e silenciadas, a formação de uma autoimagem positiva.

Para esse mesmo propósito, pode ser útil a discussão, em diferentes disciplinas, dos rumos de diferentes movimentos sociais (negros, mulheres, indígenas, homossexuais), para que se compreendam e se acentuem avanços, dificuldades e desafios. Líderes desses grupos podem ser convidados a participar das atividades. Exposições e cartazes podem ilustrar trajetórias e conquistas.

Cabe esclarecer que não estamos argumentando a favor do efeito Robin Hood (McCarthy, 1998), segundo o qual se tira de um para dar ao outro, ou seja, não estamos recomendando que simplesmente se substitua um conhecimento por outro. O que estamos sugerindo é que se explorem e se confrontem perspectivas, enfoques e intenções, para que possam vir à tona propósitos, escolhas, disputas, relações de poder, repressões, silenciamentos, exclusões.

O trabalho com notícias difundidas pela mídia, frequentemente derivadas de leituras distintas e até mesmo contraditórias dos fatos, assim como com músicas, vídeos e outras produções culturais, permite ilustrar com clareza os confrontos que pretendemos ver explicitados. Examinando diferentes interpretações, os (as) alunos (as) poderão melhor perceber, por exemplo, os objetivos e os jogos, por vezes escusos, implicados em muitas medidas de nossos políticos e governantes.

A leitura crítica de jornais permite também verificar como, na França, se tenta impedir que meninas muçulmanas frequentem as salas de aula usando seus véus. A justificativa é que as escolas francesas são seculares e que os símbolos religiosos, portanto, devem ser banidos de suas práticas. Proibições similares têm ocorrido também na Alemanha, vetando-se às professoras o uso do véu. O que não se divulga é como tal medida acaba por solapar importante elemento da identidade dessas jovens, desrespeitando o direito à diferença que deve pautar toda sociedade que se quer democrática, plural e inclusiva.

Ou seja, a compreensão dos diferentes pontos de vista envolvidos na contenda permite que o (a) aluno (a) desconstrua o olhar do poder hegemônico e infira que outros olhares descortinam outros ângulos, outras razões, outros interesses. Leva-o (a) a compreender melhor alguns dos elementos que promovem a persistência, no mundo de hoje, do ódio, da violência, do racismo, da xenofobia, do fundamentalismo. Não será indispensável que a escola procure denunciar e colocar em xeque essa persistência?

Professores dos primeiros anos do ensino fundamental podem também estimular o (a) aluno (a) a reescrever conhecimentos, saberes, mitos, costumes, lendas, contos. Inúmeras histórias infantis, por exemplo, têm sido reescritas com base no emprego de pontos de vista distintos dos usuais. O caso dos Três Porquinhos pode surpreender se a figura do Lobo representar o especulador imobiliário que tão bem conhecemos. As atitudes da Cigarra e da Formiga podem ser reavaliadas, tendo-se em mente a forma como se concebem e se organizam trabalho e lazer na sociedade contemporânea. O desfecho do passeio de Chapeuzinho Vermelho à casa da avó pode ser outro, caso imaginemos novos perfis e novas relações para os personagens da história (Garner, 1996, 1999). Ou seja, de novos patamares podemos perceber novos horizontes, novas trajetórias, novas possibilidades.

O que estamos sugerindo é que nos situemos, na prática pedagógica culturalmente orientada, além da visão das culturas como inter-relacionadas, como mutuamente geradas e influenciadas, e procuremos facilitar a compreensão do mundo pelo olhar do subalternizado. No currículo, trata-se de desestabilizar o modo como o outro é mobilizado e representado. "O olhar do poder, suas normas e pressupostos, precisa ser desconstruído" (McCarthy, 1998).

Ou seja, trata-se de desafiar a ótica do dominante e de promover o atrito de diferentes abordagens, diferentes obras literárias, diferentes interpretações de eventos históricos, para que se favoreça ao (à) aluno (a) entender como o conhecimento socialmente valorizado tem sido escrito de uma dada forma e como pode, então, ser reescrito. Não se espera, cabe reiterar, substituir um conhecimento por outro, mas sim propiciar aos (às) estudantes a compreensão das relações de poder envolvidas na hierarquização das manifestações culturais e dos saberes, assim como nas diversas imagens e leituras que resultam quando certos olhares são privilegiados em detrimento de outros.

Nessa perspectiva, é importante que consideremos a escola como um espaço de cruzamento de culturas e saberes. A escola deve ser concebida como um espaço ecológico de cruzamento de culturas (Pérez Gómez, 1998). A responsabilidade específica que a distingue de outros espaços de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia é exatamente a possibilidade de promover análises e interações das influências plurais que as diferentes culturas exercem, de forma permanente, sobre as novas gerações.

O responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e as alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletidas nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social, constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional, presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio (Pérez Gómez, 1998).

Conceber a dinâmica escolar nesse enfoque supõe repensar seus diferentes componentes e romper com a tendência homogeneizadora e padronizadora que impregna suas práticas. Para Moreira e Candau (2003), a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar.

A escola precisa, assim, acolher, criticar e colocar em contato diferentes saberes, diferentes manifestações culturais e diferentes óticas. A contemporaneidade requer culturas que se misturem e ressoem mutuamente, que convivam e se modifiquem. Que se modifiquem modificando outras culturas pela convivência ressonante. Ou seja, um processo contínuo, que não pare nunca, por não se limitar a um dar ou receber, mas por ser contaminação, ressonância (Pretto, 2005).

O currículo como espaço de reconhecimento de nossas identidades culturais

Um aspecto a ser trabalhado, que consideramos de especial relevância, diz respeito a se procurar, na escola, promover ocasiões que favoreçam a tomada de consciência da construção da identidade cultural de cada um de nós, docentes e gestores, relacionando-a aos processos socioculturais do contexto em que vivemos e à história de nosso país. O que temos constatado é a pouca consciência que, em geral, temos desses processos e do cruzamento de culturas neles presente. Tendemos a uma visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos e de nossos alunos e alunas, em que a identidade cultural é muitas vezes vista como um dado, como algo que nos é impresso e que perdura ao longo de toda nossa vida. Desvelar essa realidade e favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das identidades culturais é fundamental, articulando-se as dimensões pessoal e coletiva desses processos. Constitui um exercício fundamental tornarmo-nos conscientes

Constitui um exercício fundamental tornarmo-nos conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos em que misturam ou se silenciam determinados pertencimentos culturais, bem como sermos capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los.

Como favorecer essa tomada de consciência? Alguns exercícios podem ser propostos, buscando-se criar oportunidades em que o profissional da educação se estimule a falar sobre como percebe a construção de sua identidade. Como vêm sendo criadas nossas identidades de gênero, raça, sexualidade, classe social, idade, profissão? Como temos aprendido a ser quem somos, como profissionais da educação, brasileiros (as), homens, mulheres, casados (as), solteiros (as), negros (as), brancos (as), jovens ou idosos (as)?

Nesses momentos, tem sido bastante frequente a afirmação "nunca pensei na formação da minha identidade cultural", ou então "me considero uma órfã do ponto de vista cultural", expressão usada por uma professora jovem, querendo se referir à dificuldade de nomear os referentes culturais configuradores de sua trajetória de vida.

A socialização em pequenos grupos, entre os (as) educadores (as), dos relatos sobre a construção de suas identidades culturais pode se revelar uma experiência profundamente vivida, muitas vezes carregada de emoção, que dilata tanto a consciência dos próprios processos de formação identitária do ponto de vista cultural, quanto a sensibilidade para favorecer esse mesmo dinamismo nas práticas educativas que organizamos. Nesses processos, podemos nos dar conta da complexidade envolvida na configuração dos distintos traços identitários que coexistem, por vezes contraditoriamente, na construção das diferenças de que somos feitos (Moita Lopes, 2003).

O currículo como espaço de questionamento de nossas representações sobre os "outros"

Junto ao reconhecimento da própria identidade cultural, outro elemento a ser ressaltado relaciona-se às representações que construímos dos outros, daqueles que consideramos diferentes. As relações entre nós e os outros

NOVA CONCURSOS

estão carregadas de dramaticidade e ambiguidade. Em sociedades nas quais a consciência das diferenças se faz cada vez mais forte, reveste-se de especial importância aprofundarmos questões como: quem incluímos na categoria nós? Quem são os outros? Quais as implicações dessas questões para o currículo? Como nossas representações dos outros se refletem nos currículos?

Esses são temas fundamentais que estamos desafiados a trabalhar nas relações sociais e, particularmente, na educação. Nossa maneira de nos situarmos em relação aos outros tende a construir-se em uma perspectiva etnocêntrica. Quem são os nós? Tendemos a incluir na categoria nós todas aquelas pessoas e aqueles grupos sociais que têm referenciais semelhantes aos nossos, que têm hábitos de vida, valores, estilos e visões de mundo que se aproximam dos nossos e os reforçam. Quem são os outros? Tendem a ser os que entram em choque com nossas maneiras de nos situarmos no mundo, por sua classe social, etnia, religião, valores, tradições, sexualidade etc.

Como temos entendido esse outro? Para Skliar e Duschatzky (2001), principalmente de três formas distintas: o outro como fonte de todo mal, o outro como sujeito pleno de um grupo cultural, o outro como alguém a tolerar.

A primeira perspectiva, segundo os autores, marcou predominantemente as relações sociais durante o século XX e pode se revestir de diferentes formas, desde a eliminação física do outro, até a coação interna, mediante a regulação de costumes e moralidades. Nesse modo de nos situarmos diante do outro, assumimos uma visão binária e dicotômica. Em um lado separamos os bons, os verdadeiros, os autênticos, os civilizados, cultos, defensores da liberdade e da paz. Em outro, deixamos os outros: os maus, os falsos, os bárbaros, os ignorantes e os terroristas. Se nos identificamos com os primeiros, o que temos a fazer é eliminar, neutralizar, dominar ou subjugar os outros. Caso nos sintamos representados como integrantes do polo oposto, ou internalizamos a nossa maldade e nos deixamos salvar, passando para o lado dos bons, ou nos confrontamos violentamente com eles.

Como essa primeira perspectiva se traduz na escola? Mostra-se presente quando: (a) atribuímos o fracasso escolar dos (as) alunos (as) às suas características sociais ou étnicas; (b) diferenciamos os tipos de escolas segundo a origem social dos (as) estudantes, considerando que alguns têm maior potencial que outros e, para desenvolvermos uma educação de qualidade, não podemos misturar estudantes de diferentes potenciais; (c) nos situamos, como professores (as), diante dos (as) alunos (as), com base em estereótipos e expectativas diferenciadas segundo a origem social e as características culturais dos grupos de referência; (d) valorizamos exclusivamente o racional e desvalorizamos os aspectos afetivos presentes nos processos educacionais; (e) privilegiamos somente a comunicação verbal, desconsiderando outras formas de comunicação humana, como a corporal, a artística etc.

Ao considerarmos o outro como sujeito pleno de uma marca cultural, estamos concebendo-o como membro de uma dada cultura, vista como uma comunidade homogênea de crenças e estilos de vida. O outro, ainda que não seja a fonte de todo mal, é diferente de nós, tem uma essência claramente definida, distinta da que nos caracteriza. Na área da educação, essa visão se expressa, por exemplo, quando nos limitamos a abordar o outro de forma genérica e "folclórica", apenas em dias especiais, usualmente incluídos na lista dos festejos escolares, tais como o Dia do Índio ou Dia da Consciência Negra.

Já a expressão o outro como alguém a tolerar convida tanto a admitir a existência de diferenças quanto a aceitá-las. Nessa admissão, contudo, reside um paradoxo. Se aceitamos, por princípio, todo e qualquer diferente, deveríamos aceitar os grupos cujas marcas são comportamentos antissociais ou opressivos, como os racistas. Que consequências a adoção dessa perspectiva pode ter para a prática pedagógica? Julgamos que a simples tolerância pode nos situar em uma posição débil, evitando que tomemos posição em relação aos valores que dominam a cultura contemporânea. Pode impedir que polemizemos, levando-nos a assumir a conciliação como valor último. Pode incentivar-nos a não questionar a "ordem", vendo-a como comportamentos a serem inevitavelmente cultivados.

Poderíamos acrescentar outras formas de nos situar diante dos outros. No entanto, acreditamos que a tipologia proposta por Skliar e Duschatzky (2000) expressa as posições mais presentes na nossa sociedade hoje, evidenciando a complexidade das questões relacionadas à alteridade e à diferença.

O que desejamos destacar é que o modo como concebemos a condição humana pode bloquear nossa compreensão dos outros. Portanto, é importante promovermos processos educacionais nos quais identifiquemos e desconstruamos nossas suposições, em geral implícitas, que não nos permitem uma aproximação aberta e empática à realidade dos outros (Taylor, 2001).

O currículo como um espaço de crítica cultural

Apresentamos agora outro princípio, fortemente relacionado aos anteriores: sugerimos que se expandam os conteúdos curriculares usuais, de modo a neles incluir alguns dos artefatos culturais que circundam o (a) aluno (a). A ideia é tornar o currículo um espaço de abrir as portas, na escola, a diferentes manifestações da cultura popular, além das que compõem a chamada cultura erudita.

A intenção é que a cultura dos estudantes e da comunidade possa interagir com outras manifestações e outros espaços culturais como museus, exposições, centros culturais, música erudita, clássicos da literatura. Se aceitarmos a inexistência, no mundo contemporâneo, de qualquer "pureza cultural" (McCarthy, 1998), se pretendermos abrir espaço na escola para a complexa interpenetração das culturas e para a pluralidade cultural, tanto as manifestações culturais hegemônicas como as subalternizadas precisam integrar o currículo e ser objeto de apreciação e crítica. Talvez fosse útil, para o desenvolvimento do que sugerimos, que discutíssemos, na escola, com que recursos podemos contar em nossa comunidade e como fazer para que outros recursos venham, de alguma forma, a tornar-se familiares a nossos (as) alunos (as).

Nessa perspectiva, há um ponto que desejamos destacar. Ao intentarmos transformar a escola em um espaço cultural, estamos convidando cada professor (a), como intelectual que é, a desempenhar o papel de crítico (a) cultural. Estamos considerando que a atividade intelectual implica o questionamento do que parece inscrito na natureza das coisas, do que nos é apresentado como natural, questionamento esse que visa, fundamentalmente, a mostrar que as coisas não são inevitáveis. A atividade intelectual centra-se, assim, na crítica da cultura em que estamos imersos. Como se expressa essa atividade na prática curricular?

Julgamos que cabe à escola, por meio de suas atividades pedagógicas, mostrar ao aluno que as coisas não são inevitáveis e que tudo que passa por natural precisa ser questionado e pode, consequentemente, ser modificado. Cabe à escola levá-lo a compreender que a ordem social em que está inserido define-se por ações sociais cujo poder não é absoluto. O que existe precisa ser visto como a condição de uma ação futura, não como seu limite. Nossos questionamentos devem, então, provocar tensões e desafiar o existente (Moreira, 1999). Podem não mudar o mundo, mas podem permitir que o aluno o compreenda melhor. Como nos diz Bauman (2000), "para operar no mundo (por contraste a ser 'operado' por ele) é preciso entender como o mundo opera".

A crítica de diferentes artefatos culturais na escola pode, por exemplo, levar-nos a identificar e a desafiar visões estereotipadas da mulher propagadas em anúncios; imagens desrespeitosas de homossexuais difundidas em programas cômicos de televisão; preconceitos contra povos não ocidentais evidentes em desenhos animados; mensagens encontradas em revistas para adolescentes do sexo feminino (e da classe média) que incentivam o uso de drogas, o consumismo e o individualismo; estímulos à erotização precoce das meninas, visíveis em brinquedos e programas infantis; presença e aceitação da violência em filmes, jogos e brinquedos. Outros exemplos poderiam ser citados, reforçando-nos o ponto de vista de que os produtos culturais à nossa volta nada têm de ingênuos ou puros; ao contrário, incorporam intenções de apoiar, preservar ou produzir situações que favorecem certos grupos e outros não. Tais artefatos, como se tem insistentemente acentuado, desempenham, junto com o currículo escolar, importante papel no processo de formação das identidades de nossas crianças e nossos adolescentes, devendo constituir-se, portanto, em elementos centrais de crítica em processos curriculares culturalmente orientados.

O currículo como um espaço de desenvolvimento de pesquisas

Como intelectual que é, todo (a) profissional da educação precisa comprometer-se com o estudo e com a pesquisa, bem como posicionar-se politicamente. Precisa, assim, situar-se frente aos problemas econômicos, sócio-políticos, culturais e ambientais que hoje nos desafiam e que desconhecem as fronteiras entre as nações ou entre as classes sociais. Sem esse esforço, será impossível propiciar ao (à) aluno (a) uma compreensão maior do mundo em que vive, para que nele possa atuar autonomamente. Sem esse esforço, será impossível a proposição de alternativas viáveis, decorrentes de reflexões e investigações cuidadosas e rigorosas. Daí a necessidade de um posicionamento claro e de um comprometimento com a pesquisa.

Será possível e desejável que nós, profissionais da educação infantil e do ensino fundamental, venhamos a nos envolver com pesquisa? Julgamos que sim. Propomos que todo (a) profissional da educação venha, de algum modo, a participar de pesquisas sobre sua prática pedagógica ou administrativa, sobre a disciplina que ensina, sobre os saberes docentes, sobre o currículo, sobre a avaliação, sobre a educação em geral, sobre a sociedade em que vivemos ou sobre temas diversificados (não incluídos no currículo). Consideramos que gestores e docentes precisam organizar os tempos e os espaços escolares para abranger as atividades de pesquisa aqui propostas. É fundamental que, nesse esforço, se verifiquem os recursos necessários e os recursos com que se pode contar. A comunidade em que a escola se situa pode e deve participar tanto do planejamento como da implementação dos estudos. A Secretaria de Educação deve ser chamada a colaborar.

A pesquisa do (a) professor (a) da escola básica certamente difere da pesquisa levada a cabo na universidade e nos centros de pesquisa, o que, entretanto, não a torna inferior. A participação em pesquisa pode mesmo contribuir para que o trabalho do profissional da educação venha a ser mais valorizado.

Estamos defendendo, em resumo, que se torne o currículo, em cada escola, um espaço de pesquisa. A pesquisa, concebida em um sentido mais amplo, reiteramos, não está restrita à universidade. Como professores (as) /intelectuais que atuamos na escola, precisamos enfrentar esse desafio, tornando-nos pesquisadores (as) dos saberes, valores e práticas que ensinamos e/ou desenvolvemos, centrando nosso ensino na pesquisa. Nesse processo, poderemos aperfeiçoar nosso desempenho profissional, poderemos nos situar melhor no mundo, poderemos, ainda, nos engajar na luta por melhorá-lo. Nesse processo, poderemos despertar nos alunos e nas alunas o espírito de pesquisa, de busca, de ter prazer no aprender, no conhecer coisas novas. Não deveríamos, então, começar, já na próxima reunião de professores (as) de nossa escola, a refletir sobre como tornar o currículo um espaço de estudos e de pesquisas? Estamos certos de que essa discussão pode ser extremamente estimulante e proveitosa. (Texto adaptado de Glória Regina Graçano Soares. Mestre em Educação).

Os fundamentos da educação vêm sendo discutido por vários estudiosos e rege sobre a relevância da compreensão adequada de educação e ensino já que nas ciências pedagógicas e sócias a realidade toma olhares e dizeres, através de conceitos e práticas e esta realidade multifacetada evita a explicação de uma única vertente. Os novos paradigmas ditam (preveem) incertezas refazendo novos caminhos a se trilhar, determinando reconfigu-

rações de identidade sociais. Conceitos visíveis mostrado em ações coletivas da classe, fenômenos relacionados ao processo de constituição de indivíduos em sujeitos autores, relacionando a dialética de uma sociedade de identidades somente podem ser significadas nas diferenças.

Para definir os fundamentos da educação tomamos como base os conceitos sociais, psicológicos, biológicos e filosóficos.

Entendemos como conceito social aquele que dita e projeta o aluno como um ser social que interage de acordo com a sociedade em que vive, os fundamentos sociológicos postulam que os educadores devem oferecer ao aluno a capacidade de se adaptar em qualquer âmbito da sociedade independente da camada social que ele ocupa e isto deve ser feito de forma gradativa através da classe (turma). Já os conceitos psicológicos consideram a educação como qualquer situação que produz ou conduz à aprendizagem e dentro do âmbito da educação considera a sistematização e a capacidade de transformação como atributos principais. Os conceitos biológicos levam ao professor noções para que ele possa entender os fatores biológicos que insere diferenças entre os alunos para que ele venha trabalhar de forma que essas diferenças possam desaparecer, ou seja, atuando sobre as variações individuais da espécie humana não deixando tais variações interferirem no processo ensino/aprendizagem. Os conceitos filosóficos buscam no educador a prática de filosofar sobre o que faz a fim de usar este processo na melhoria da educação.

Para definir currículos e programas usaremos a concepção de currículo que o defino como um conjunto de conhecimentos e habilidades intelectuais selecionados e transformados em saberes escolares, aplicados a alunos de uma determinada escola a fim de direcioná-los á uma educação de qualidade, onde não se deve ignorar os saberes populares e a bagagem que o aluno carrega em si, deve-se ser agregado ao currículo um conjunto de elementos que trazem em si influencias sobre o aluno, elementos como material didático, atividades, relação aluno/professor, aluno/escola, ambiente físico e sociológico no qual o aluno é submetido. O currículo escolar não se deve ser fragmentado e sim adequado à idade e realidade de cada aluno.

Assim como a educação , o currículo escolar, em sua trajetória histórica vem sofrendo alterações e sendo alvo de discussão por estudiosos, que tentam entender, montar e delinear as funções do currículo escolar, no entanto defendemos a ideia de o conteúdo circular da educação deve ser passado ao aluno de forma criativa e lúdica abrangendo todos o segmentos onde o aluno é submentido, o lar, a sociedade, ou seja, deve ser exposto ao aluno de forma que conteúdo venha interagir com a vida do aluno fora da escola.

A educação e ensino nunca caminharam próximos, no entanto, há ainda um grande abismo entre eles. Pois ainda existe profissionais que vêm a educação como adestramento de sujeitos levando o aluno a ver o ensino como ameaça, despertando nele o desejo de libertação levando-o a fuga. Em consequência de fatores pelas várias lutas, a história inverteu estes objetivos dando ênfase aos sinais, a educação, do povo foi e ainda é temida, enquanto se defende a ideia que toda criança tem direito a escola, sendo atualmente obrigatório que as crianças a partir dos 6 anos estejam na escola, no ensino fundamental. A educação em todos os seus aspectos deve abranger o conceito onde descobrimos os educandos como gente não apenas como alunos foram redescobrindo – nos como gente, humanos, ensinantes de algo mais do que nossa matéria. Relativizando conteúdos, repensando, selecionando os em função dos alunos, de sua formação e educação. Diante deste processo, de redefinir o saber escolar, as funções sociais, políticas e culturais da escola em função de projetos de sociedade e de ser humano, de cidade e de cidadania não perdemos a centralidade nem do conhecimento, nem do oficio de ensinar.

Fonte: http://anne-oliveira.blogspot.com/2011/08/fundamentos-da-educacao-curriculos-e.html

Currículo formal e Currículo oculto.

No Brasil as discussões sobre currículo iniciaram a partir dos anos de 1920 e 1930 influenciados por diferentes teorias, principalmente as dos Estados Unidos.

A partir da Primeira Guerra Mundial a educação passa a ser vista como a principal responsável pela melhoria social e do bem estar coletivo. Assim o indivíduo passa a ser visto como resultado de múltiplas influências do ambiente social.

Nas décadas de 60 e 70 predominam as ideias técnicas e o currículo passou a ser tomado como algo imutável, técnico e burocrático, isto por influência da burocracia. Ainda nestas décadas realizaram-se vários estudos identificando 3 níveis de currículo, que segundo Silva (2003) são:

Currículo Formal: é o determinado pelo governo. É através deste currículo que se baseia o que será ensinado na escola de forma real. É estruturado por diretrizes normativas prescritas institucionalmente, sua intenção é dar uma base nacional comum a educação, destacando uma abertura a influências regionais, como aponta a LNB 9394/96:

"Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela."

Currículo Real: é constituído pela prática do ensino do professor e o que está sendo aprendido pelos alunos, assim o currículo real é o segundo passo no ensino, ele é a contextualização do Currículo Formal. Uma característica deste tipo de currículo é que ele pode ser mudado. De acordo com a percepção de ensino dos professores pode se mudar de estratégia a fim de que os alunos possam aprender mais.

Currículo Oculto: é tudo que o aluno aprende no meio social escolar, tudo que interfere significativamente no aprendizado do aluno, como cultura, religião, poder aquisitivo. A final mesmo que se tenha o Currículo Forma para nortear a escola e os professores, cada aluno é único.

(Fonte: http://marina-curriculo-escolar.blogspot.com/2012/10/curriculo-formal-real-e-oculto.html)

ESCOLA INCLUSIVA COMO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO, DE APRENDIZAGEM E DE SOCIALIZAÇÃO.

A proposta de educação inclusiva fundamenta-se numa filosofia que aceita e reconhece a diversidade na escola, garantindo o acesso a todos à educação escolar, independentemente de diferenças individuais. O valor principal que norteia a ideia da inclusão está calcado no princípio da igualdade e diversidade, concomitante com as propostas de sociedade democrática e justa. Fundamenta-se na concepção de educação de qualidade para todos, respeitando a diversidade dos alunos e realizando o atendimento às suas necessidades educativas. Isso implica adaptações diante das diferenças e das necessidades individuais de aprendizagem de cada aluno.

Uma das possibilidades de construção da escola inclusiva é a aproximação dos sujeitos (comunidade interna e externa), diante da descentralização do poder, a municipalização pode proporcionar a aproximação da comunidade e da escola. Sendo a gestão escolar democrática e participativa responsável pelo envolvimento de todos que, direta ou indiretamente, fazem parte do processo educacional. Assim, o estabelecimento de objetivos, a solução de problemas, os planos de ação e sua execução, o acompanhamento e a avaliação são responsabilidades de todos.

A gestão escolar democrática e participativa proporciona à escola se tornar mais ativa e suas práticas devem ser refletidas na e pela comunidade. A participação, em educação, é muito mais do que dialogar, é um processo lento, conflituoso, em que conhecer os conflitos e saber mediá-los torna-se fonte precípua. Por isso, é necessário ouvir pais, comunidade e órgãos de representação. Esses são caminhos que devem ser trilhados para a construção da educação inclusiva.

O papel da gestão escolar na construção da escola inclusiva

O diretor deve ser o principal revigorador do comportamento do professor que demonstra pensamentos e ações cooperativas a serviço da inclusão. É comum que os professores temam inovação e assumam riscos que sejam encarados de forma negativa e com desconfiança pelos pares que estão aferrados aos modelos tradicionais. O diretor é de fundamental importância na superação dessas barreiras previsíveis e pode fazê-lo através de palavras e ações adequadas que reforçam o apoio aos professores. (SAGE, 1999).

Sage (1999) analisa a relação entre o gestor escolar e a educação inclusiva, reconhece que a prática dessa educação requer alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas. Para o autor, os gestores escolares são essenciais nesse processo, pois lideram e mantêm a estabilidade do sistema. As mudanças apontadas para a construção da escola inclusiva envolvem vários níveis do sistema administrativo: secretarias de educação, organização das escolas e procedimentos didáticos em sala de aula. "O papel do diretor é de importância vital em cada nível, e diferentes níveis de pessoal administrativo estão envolvidos".

O primeiro passo, segundo suas recomendações, é construir uma comunidade inclusiva que englobe o planejamento e o desenvolvimento curricular; o segundo passo do processo é a preparação da equipe para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar seus saberes, a fim de desenvolver um programa de equipe em progresso contínuo; o terceiro passo envolve a criação de dispositivos de comunicação entre a comunidade e a escola; o quarto passo abrange a criação de tempo para reflexão sobre a prática desenvolvida.

O papel do diretor em provocar as mudanças necessárias do sistema em cada nível – o setor escolar central, a escola e cada turma – é essencialmente um papel de facilitação. A mudança não pode ser legislada ou obrigada a existir. O medo da mudança não pode ser ignorado. O diretor pode ajudar os outros a encararem o medo, encorajar as tentativas de novos comportamentos e reforçar os esforços rumo ao objetivo da inclusão. (SAGE, 1999).

O autor destaca que a burocracia, nas escolas, reduz o poder de decisão dos professores, provocando serviços despersonalizados e ineficientes, impedindo a consolidação do modelo de trabalho cooperativo essencial para a educação inclusiva. Acrescenta que o desenvolvimento da equipe proporciona a oportunidade de identificar lideranças na unidade escolar, o que encoraja a ajuda mútua entre os professores e assim reforça comportamentos cooperativos. O gestor escolar pode colaborar com o estabelecimento da colaboração, no ambiente escolar, com o aprimoramento do contato e da interação entre os professores e demais funcionários. Enfatiza que o gestor escolar é o grande responsável para que a inclusão ocorra na escola, abrindo espaços e promovendo trocas de experiências importantes, desenvolvendo uma gestão democrática e participativa dentro, é claro, de suas possibilidades e de acordo com o contexto em que atua na comunidade, favorecendo a formação e a consolidação de equipes de trabalho.

Para a consolidação da atual proposta de educação inclusiva, é necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento dos programas a serem implementados. "Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas" (SANT'ANA, 2005).

A autora afirma caber aos gestores escolares tomar as providências de caráter administrativo necessárias à implementação do projeto de educação inclusiva. Acrescentamos a essa ideia que as providências pedagógicas também envolvam o trabalho do gestor escolar, uma vez que sua prática articula os aspectos administrativos e pedagógicos.

O gestor escolar que se propõe a atuar numa prática inclusiva envolve-se na organização das reuniões pedagógicas, desenvolve ações relacionadas à acessibilidade universal, identifica e realiza as adaptações curriculares de grande porte e fomenta as de pequeno porte, possibilita o intercâmbio e o suporte entre os profissionais externos e a comunidade escolar.

NOVA CONCURSOS

"Diante da orientação inclusiva, as funções do gestor escolar incluem a definição dos objetivos da instituição, o estímulo à capacitação de professores, o fortalecimento de apoio às interações e a processos que se compatibilizem com a filosofia da escola" (SANT'ANA, 2005).

Prieto (2002) afirma que os gestores escolares devem concentrar esforços para efetivar a proposta de educação inclusiva. Isso implica união de discursos referentes à democratização do ensino e aos princípios norteadores da gestão na escola. A educação inclusiva só será realidade no Brasil quando as informações, os recursos, os sucessos e as adaptações inter-relacionarem as esferas federais, estaduais e municipais, proporcionando um relacionamento intenso entre União, Estados e municípios.

A autora analisa que a troca de informações profissionais é imprescindível à melhoria da qualidade educacional, assim, a ação pedagógica refletida, individual ou coletivamente, possibilita a articulação e construção de uma nova prática.

Carvalho (2004) aponta alguns dos caminhos para a construção da escola inclusiva: valorização profissional dos professores, aperfeiçoamento das escolas e do pessoal docente, utilização dos professores das classes especiais, trabalho em equipe, adaptações curriculares. Em suas palavras:

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento.

Destacamos que não é apenas o gestor que apoia seus professores, mas esses também servem de apoio para a ação da equipe de gestão escolar. Adaptar a escola para garantir a educação inclusiva não se resume apenas a eliminar as barreiras arquitetônicas dos prédios escolares; é preciso ter um novo olhar para o currículo escolar, proporcionando a todos os alunos o acesso aos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

À gestão escolar cabe muito mais do que uma técnica, cabe incentivar a troca de ideias, a discussão, a observação, as comparações, os ensaios e os erros, é liderar com profissionalismo pedagógico. Cada escola tem sua própria personalidade, suas características, seus membros, seu clima, sua rede de relações. (TEZANI, 2004).

Consideramos que a educação inclusiva necessita proporcionar, em suas práticas cotidianas, um clima organizacional favorável que estimule o saber e a cultura, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos técnicos, éticos, políticos, humanos, para que se tornem emancipados e autônomos. Acreditamos que isso só será possível se houver uma gestão escolar capaz de enfatizar os processos democráticos e participativos no cotidiano escolar. Há, portanto, a necessidade de promover uma mudança social e educacional, abandonando práticas individualizadoras e fomentando a ação coletiva.

A escola inclusiva é receptiva e responsiva, mas isso não depende apenas dos gestores e educadores, são imprescindíveis transformações nas políticas públicas educacionais. Garantir a construção da escola inclusiva não é tarefa apenas do gestor escolar, mas esse tem papel essencial neste processo.

Para Aranha (2001), a inclusão é a aceitação da diversidade, na vida em sociedade, e também é a garantia do acesso das oportunidades para todos. Portanto, não é somente com leis e textos teóricos que iremos assegurar os direitos de todos, pois esses, por si mesmos, não garantem a efetivação das ações no cotidiano escolar.

Rodrigues (2006) afirma ser um desafio ao exercício da profissão do diretor a proposta de educação inclusiva, pois este profissional não é um técnico (no sentido de aplicar técnicas normalizadas e previamente conhecidas), um funcionário (que executa funções enquadradas por uma cadeia hierárquica previamente definida). "A profissão de gestor escolar exige imensa versatilidade, dado que se lhe pede que aja com grande autonomia e seja capaz de delinear e desenvolver planos de intervenção com condições muito diferentes. Para desenvolver esta competência tão criativa também uma formação profissional".

Completa que a aquisição de competência para a gestão inclusiva só poderá ser adquirida por meio de uma prática continuada, reflexiva e coletiva, pois a educação inclusiva é o resultado do comprometimento com a educação de todos os alunos e de toda a escola. É preciso uma escola toda para desenvolver um projeto de educação inclusiva.

A educação inclusiva só se efetivará nas unidades escolares se medidas administrativas e pedagógicas forem adotadas pela equipe escolar, amparada pela opção política de construção de um sistema de educação inclusiva. A educação escolar será melhor quando possibilitar ao homem o desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva, garantindo sua autonomia e independência.

O que dizem os documentos oficiais?

Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (BRASIL, 1997).

A relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva é uma proposta nova de trabalho e pode ser observada em alguns documentos oficiais (nacionais e internacionais). Em alguns casos, essa relação não está explícita; mas nas entrelinhas dos documentos.

Nossa proposta foi realizar, então, um estudo dos documentos que consideramos relevantes e que garantem o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e que mencionem o papel da gestão escolar de forma processual.

Iniciaremos a análise das relações entre gestão escolar e a educação inclusiva com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. A mesma es-

tabelece, no Artigo 26, que a educação é um direito de todos; deve ser gratuita; o ensino fundamental (elementar) obrigatório o ensino técnico e profissional generalizado e o ensino superior aberto a todos em plena igualdade.

A educação é afirmada pelo documento como fator essencial à expansão da personalidade humana e reforço dos direitos do ser humano, pois só assim esse será capaz de compreender, tolerar e realizar laços de amizade com seus pares e com as demais nações, promovendo assim a manutenção da paz.

O último item sobre educação do documento ressalta que cabe aos pais o direito de escolher o gênero de educação a darem aos seus filhos. O documento é importante para ressaltar a educação como direito de todo cidadão, sendo gratuita e obrigatória no ensino fundamental (elementar) sem discriminação de raça, cor, credo ou deficiência.

Ao continuarmos nosso estudo, durante a Conferência de Goten realizada, em 1990, na Tailândia, foi promulgada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990). Participaram da assinatura do documento e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia o conteúdo do documento consiste em satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos os alunos.

A proposta de universalização do ensino com qualidade e redução da desigualdade, tornam-se fatores seminais à educação: o combate da discriminação, o comprometimento com os excluídos, a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem das pessoas com deficiência e a garantia do acesso ao sistema educativo regular.

Diante da proposta que demanda atenção referente à qualidade da educação atendendo a diversidade, procuramos localizar, no documento citado, o que é dito sobre o papel da gestão escolar: respeito à diversidade e fortalecimento de alianças com as autoridades educacionais para proporcionar a educação com equidade. "Novas e crescentes articulações e alianças serão necessárias em todos os níveis: entre todos os subsetores e formas de educação, reconhecendo o papel especial dos professores, dos administradores e do pessoal que trabalha em educação..." (BRASIL, 1990).

O documento apresenta o gestor escolar como um dos responsáveis a promover o fortalecimento de alianças para a promoção da educação para todos. Não desresponsabilizando os governos: federal, estadual e municipal quanto ao oferecimento de recursos humanos e materiais para consolidação da proposta.

Merece destaque, diante do fio condutor do trabalho, o item 19 do documento: "III – melhor capacitação dos administradores públicos e o estabelecimento de incentivos para reter mulheres e homens qualificados no serviço público" (BRASIL, 1990).

Sabemos que a capacitação tem um papel precípuo para se dar uma resposta educativa à altura das exigências da atualidade e, neste ponto, o documento enfatiza que a formação continuada dos educadores é essencial para oferecer uma resposta educativa com qualidade.

O item 24 do documento apresenta a prioridade de aperfeiçoar a capacidade gerencial, assim, "tanto o pessoal de supervisão e administração quanto os planejadores, arquitetos de escolas, os formadores de educadores, especialistas em currículo, pesquisadores, analistas etc. são igualmente importantes para qualquer estratégia de melhoria da educação básica" (BRASIL, 1990).

Concluímos – com o estudo da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990) – que são apontados os sujeitos responsáveis pela mudança e a necessidade da formação em exercício para todos os envolvidos no processo de garantia das necessidades básicas de aprendizagem para todos.

A Conferência Mundial de Salamanca (Espanha) destacou, entre outros elementos: acesso e qualidade relativamente à educação. Esta conferência foi realizada em 1994, sendo promulgada a Declaração de Salamanca: sobre princípios, política e prática em educação especial (BRASIL, 1997). Assinaram-na e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia esse documento baseia-se na criação de condições para que os sistemas de ensino possibilitem a construção de escolas inclusivas.

Reafirma o compromisso com a educação para todos e reconhece a necessidade de alterações nos sistemas de ensino e nas escolas para que a educação inclusiva se efetive. Diante desta perspectiva, a gestão escolar tem papel fundamental, pois deve colaborar para o desenvolvimento de procedimentos administrativos e pedagógicos mais flexíveis; uso racional dos recursos instrucionais; diversificação das opções de aprendizagem; mobilização de auxílios; desenvolvimento de ações que proporcionem o relacionamento dos pais, da comunidade e da escola. "Uma administração escolar bem sucedida depende de um envolvimento ativo e reativo de professores e do pessoal e do desenvolvimento de cooperação efetiva e de trabalho em grupo no sentido de atender as necessidades dos estudantes" (BRASIL, 1997).

Aos gestores escolares, segundo o documento, cabe a responsabilidade de promover atitudes positivas e cooperativas entre a comunidade interna e externa da escola com relação à educação inclusiva.

No item (c), Recrutamento e Treinamento de Educadores, encontramos a especificação de se privilegiar a preparação apropriada de todos os educadores para que o progresso da educação inclusiva se concretize. Essa proposta de formação deveria ocorrer nos cursos de graduação e em programas de educação continuada ou em serviço, assim, o conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino no sentido de abarcar uma variedade maior de habilidades, etc. (BRASIL, 1997).

Os programas de formação para a educação inclusiva, de acordo com o documento, deveriam exercitar a autonomia e as habilidades de adaptação do currículo no sentido de atender às necessidades especiais dos alunos. Confor-

me Carneiro (2006), esses itens abordam claramente o papel dos diretores como agentes promotores da inclusão, criando condições de atendimento adequado a todas as crianças transformando a administração escolar em uma gestão participativa e democrática, em que toda a equipe escolar seja responsável pelo bom andamento da escola e pela satisfação das necessidades de todos os alunos.

Ao avançarmos no estudo, em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394/96 (BRASIL, 1996), que avança na área da educação especial destinando um capítulo específico para esta modalidade de ensino e estabelecendo que o ensino do aluno, com necessidade educacional especial, aconteça preferencialmente na rede regular de ensino.

O Artigo 58 estabelece que a educação especial deve ser oferecida no ensino regular para os alunos com necessidades educacionais especiais. O Artigo 59 estabelece a reorganização social para atendimento das pessoas com igualdade, quanto às mais complexas e diversas diferenças, físicas ou cognitivas.

A questão da diversidade está estabelecida na referida Lei, uma vez que garante o acesso e a permanência de todos na escola. Faz referência à valorização dos profissionais da educação e à gestão democrática como uma das propostas para valorização dos profissionais da educação.

Na Lei (BRASIL, 1996), encontramos a regulamentação da gestão democrática das escolas públicas e a transformação do Projeto Político-Pedagógico delineando-se como um instrumento de inteligibilidade e fator de mudanças significativas. O Artigo 14 estabelece os princípios da gestão democrática, pois garante "a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola". Com o estabelecimento da Lei, é expressa a participação de todos na elaboração do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. Desta monta, acreditamos que, quando todos participam e se sentem responsáveis bem como compromissados com aquilo que fazem, concretiza-se a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. O primeiro passo efetivo deve garantir a gestão democrática e participativa como um dos possíveis caminhos à construção da escola inclusiva.

A gestão democrática e participativa pressupõe a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da escola, por se tratar de um trabalho conjunto. Conforme estabelecido, na LDBEN (BRASIL, 1996), a participação na construção coletiva do documento está assegurada, pois reconhece a escola como espaço de autonomia.

Para Silva Júnior (2002), o Projeto Político-Pedagógico "indicará as grandes linhas de reflexão e de consideração mantenedoras de suas etapas de trabalho; consubstanciará os valores e critérios determinantes das ações a serem desenvolvidas nos diferentes núcleos da prática escolar".

Construir coletivamente o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é proporcionar aos profissionais a oportunidade de exercitar a participação e de valorizar a autonomia da escola.

Carneiro (2006) afirma que o projeto pedagógico não pode se constituir como um fim em si mesmo. Ele é verdadeiramente o início de um processo de trabalho.

A partir do projeto pedagógico a escola vai estruturando seu trabalho, avaliando e reorganizando suas práticas. Mais uma vez o papel do gestor se apresenta em destaque, uma vez que para estruturar, avaliar e reorganizar as práticas educativas é necessária uma liderança firme capaz de buscar os caminhos para tais encaminhamentos.

O Projeto Político-Pedagógico é o somatório dos valores que os membros da unidade escolar têm. As escolas com uma prática qualitativamente superior são aquelas que construíram tal documento de maneira coletiva e participativa. Colocar em prática o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é um processo de ação-reflexão-ação que exige a participação de todo o colegiado.

A proposta de construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico é, portanto, fundamental para consolidação da gestão democrática e participativa na unidade escolar e assim construção da escola inclusiva, bem como o papel do gestor norteará esse processo, uma vez que ele é corresponsável pelo estabelecimento de uma rede de relações adequadas para que todos possam ter autonomia e participação.

A questão da autonomia merece destaque por estar em evidência na LDBEN (BRASIL, 1996). Para Silva Júnior (2002), "a constituição da autonomia da escola pela via do projeto pedagógico, supõe a existência de condições para a prática do trabalho coletivo, entendido este como a valorização das pessoas e a relativização das funções".

Conforme Barroso (1996), a autonomia prevista na legislação incentiva o sistema a adotar um mecanismo que garanta tal pressuposto; no entanto, o que se observa no cotidiano escolar é a construção de um modelo de falsa autonomia, pois ela não pode ser construída, segundo o autor, de forma decretada. Para ele, a autonomia "afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não preexiste à ação (sic) dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores (sic) organizacionais numa determinada escola".

O autor discute ainda que a autonomia da escola está atrelada à autonomia dos indivíduos que a compõe. Por isso, a especificidade da escola em construir a autonomia é um processo delicado, pois a articulação das características de cada um, mais a coletividade, diante da proposta de cultura da colaboração e da participação nas unidades escolares brasileiras, envolvem um processo de mudança.

Construir a escola inclusiva significa articular democracia, participação e autonomia. Sua implementação não será um processo fácil, pois o compromisso em atender com qualidade e eficiência pedagógica a todos os alunos é um compromisso com a melhoria da qualidade educacional para todos, o que somente será concretizado com a consciência e a valorização dos fatos e das normas coletivas mediadas pela responsabilidade social. Só assim a escola cumprirá seu papel de transformação social.

Todavia, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), não encontramos qualquer referência à relação entre gestão escolar e educação inclusiva, apenas sugestões de ações.

Ao continuar, encontramos os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares: estratégias para educação de alunos com necessidades especiais (BRASIL, 1998), que fornecem subsídios para a prática pedagógica inclusiva. O documento normativo apresenta um conjunto de ações a serem desenvolvidas para garantir o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Apresenta as adequações necessárias para que a escola se torne inclusiva e atenda às especificidades do ensino diante da diversidade.

As adaptações curriculares constituem-se em adequações satisfatórias para que o aluno – com necessidade educacional especial – tenha acesso ao processo de ensino e aprendizagem no ensino regular; para isso, é necessário rever alguns aspectos da educação escolar, como a "definição dos objetivos, no tratamento e desenvolvimento dos conteúdos, no transcorrer de todo processo avaliativo, na temporalidade e na organização do trabalho didático-pedagógico no intuito de favorecer a aprendizagem do aluno" (BRASIL, 1998).

A construção da escola inclusiva, que perpassa pelo caminho das adaptações curriculares, deve ter como premissa que a inclusão consiste em um processo gradual, que requer ajuda ao aluno, à família e à comunidade escolar.

Destarte, cabe à equipe escolar adotar algumas medidas: elaboração de propostas pedagógicas com objetivos claros, que se baseiem nas especificidades dos alunos; identificar as capacidades da própria escola; organizar os conteúdos escolares de acordo com os ritmos de aprendizagens dos alunos; rever metodologias de ensino, de forma que essas auxiliem na motivação dos alunos; conceber a avaliação como processo visando ao progresso do aluno.

As adaptações curriculares podem ser subdivididas em dois níveis:

- Adaptações significativas ou de grande porte.
- Adaptações não significativas ou de pequeno porte.

A primeira é da responsabilidade de todos os envolvidos no processo educacional – aqui enfatizaremos os gestores. A segunda são ações específicas do professor em sala de aula.

As consideradas não significativas são pequenas ações que podem ser desenvolvidas sem grandes alterações no cotidiano escolar; as adaptações curriculares de pequeno porte são aquelas adotadas pelo professor em sala de aula, apoiado pela gestão escolar. Estão divididas em organizativas: organização de agrupamentos, organização didática e organização do espaço; relativas aos objetivos e conteúdos: priorização de áreas ou unidades de conteúdos, de tipos de conteúdos e de objetivos; sequencialização, eliminação de conteúdos secundários; avaliativas: adaptação e modificação de técnicas e instrumentos; nos procedimentos didáticos e nas atividades: modificação de procedimentos, introdução de atividades alternativas previstas e de atividades complementares às previstas; modificação do nível de complexidade das atividades, eliminando componentes, sequenciando a tarefa, facilitando planos de apoio, adaptação dos materiais; modificação da seleção dos materiais previstos; na temporalidade: modificação dessa para determinados objetivos e conteúdos previstos.

As adaptações curriculares, de grande porte, ou seja, as significativas são aquelas adotadas pela gestão escolar para auxiliar na prática da educação inclusiva. As significativas englobam vários fatores do cotidiano escolar. Ressaltamos que ambas necessitam do apoio e da intervenção da gestão escolar. Estão divididas em:

- *Objetivos:* - eliminação de objetivos básicos, introdução de objetivos específicos, complementares e/ou alternativos;
- *Conteúdos*: introdução de conteúdos específicos, complementares ou alternativos, eliminação de conteúdos básicos do currículo;
- *Metodologia e organização didática*: introdução de métodos e procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem, organização e introdução de recursos específicos de acesso ao currículo;
- *Avaliação*: introdução de critérios específicos de avaliação, eliminação de critérios gerais de avaliação, adaptações de critérios regulares de avaliação, modificação dos critérios de promoção e;
- *Temporalidade*: prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série ou ciclo (retenção).

Destacamos que o processo de adaptações curriculares de grande porte deve seguir os passos:

- Promover o registro documental das medidas adaptativas, adotadas para integrar o acervo documental do aluno, evitar que as programações individuais sejam definidas, organizadas e realizadas com prejuízo para o aluno em sua promoção, desempenho e socialização;
- Adotar critérios para evitar adaptações curriculares muito significativas, que impliquem a supressão de conteúdos expressivos e;
- A eliminação de disciplinas ou de áreas curriculares completas.

Para a efetivação da proposta de construção da escola inclusiva, as adaptações curriculares devem estar especificadas em seus documentos, como Projeto Político- Pedagógico Plano de Ensino, entre outros. Porém, garantir as adaptações curriculares apenas pelos documentos não garante a sua efetivação. Para que escola inclusiva seja construída, um sistema de apoio, envolvendo família, colegas, profissionais de diversas áreas, professores especialistas, recursos materiais e programas, faz-se necessário.

Mendes (2000) analisa que, se as devidas adaptações curriculares forem adotadas pela gestão escolar, poderão favorecer a educação inclusiva e, consequentemente, auxiliarão os aspectos administrativos e pedagógicos, proporcionando melhoria da qualidade do serviço educacional prestado. "Construir uma educação emancipadora e inclusiva é instituir continuamente novas relações educativas numa sociedade contraditória e excludente" (BRASIL, 2004).

Destacamos algumas características curriculares que facilitam a educação inclusiva: flexibilidade, ou seja, a não-obrigatoriedade de que todos os alunos atinjam o mesmo grau de abstração ou de conhecimento, num tempo determinado; a consideração que, ao planejar atividades para uma turma, deve-se levar em conta a presença de alunos

NOVA CONCURSOS

com necessidades especiais e contemplá-los na programação; o trabalho ressignificado simultâneo, cooperativo e participativo, entendido como a participação dos alunos com necessidades especiais nas atividades desenvolvidas pelos demais colegas, embora não o façam com a mesma intensidade, nem necessariamente de igual modo ou com a mesma ação e grau de abstração.

Portanto, as adaptações curriculares são medidas pedagógicas necessárias para a prática da educação inclusiva, em diversos âmbitos: projeto pedagógico, sala de aula, elaboração e realização de atividades.

No "Projeto Escola Viva" (BRASIL, 2000), elaborado com base nos PCN, encontramos a adaptação curricular de grande porte, sendo de competência e atribuições dos gestores escolares: caracterizar o perfil do alunado; mapear o conjunto de necessidades educacionais especiais presentes na unidade, e em cada sala (processo contínuo, no decorrer do ano); encaminhar para a Secretaria Municipal de Educação a solicitação das Adaptações Curriculares de Grande Porte que se façam necessárias; envidar esforços junto à Secretaria Municipal de Educação e junto ao Conselho Municipal de Educação para que as Adaptações Curriculares de Grande Porte sejam implementadas; implementar as Adaptações Curriculares de Grande Porte que forem de sua competência; providenciar o suporte técnico-científico de que os professores necessitam (convênios com Universidades, Centros Profissionais, servidores das diversas Secretarias, etc.); planejar o envolvimento das famílias e da comunidade no processo de construção da inclusão em sua unidade escolar; promover atividades (palestras, projeção de filmes, discussão sobre material audiovisual, etc.) de sensibilização e de conscientização sobre a convivência na diversidade para alunos, professores, famílias e comunidade.

Assim, podemos analisar a relevância da articulação entre gestão escolar e educação inclusiva, pois essas ações são necessárias para que o aluno com necessidade educacional especial tenha acesso ao conhecimento construído pela humanidade. As adequações não são exclusivamente administrativas, são pedagógicas também.

Ao avançarmos nosso estudo, encontramos o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2001a), promulgado em 9 de janeiro de 2001, por meio da Lei n.º 10.172, tendo este a vigência de dez anos. Na Lei, encontramos pontos isolados que tratam separadamente da gestão escolar e da educação inclusiva:

- Gestão escolar: estabelece a gestão democrática participativa nos estabelecimentos oficiais e garante a participação de todos na elaboração do projeto político pedagógico da unidade escolar.

- Educação inclusiva: estabelece como diretriz o atendimento ao aluno com necessidade educacional especial no sistema regular de ensino e enfatiza a formação de recursos humanos necessários para este atendimento.

O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001a, Artigos 34, 35, 36) especifica que o processo de formação em serviço não se restringe apenas ao professor, mas, como vimos, a todos os sujeitos escolares com o objetivo de garantir qualidade no atendimento prestado para todos os alunos diante da diversidade.

Para Carneiro (2006), "neste ponto o PNE aborda especificamente sobre a necessidade de formação inicial e continuada dos diretores de escola, e sobre a necessidade específica de formação adequada para a administração escolar".

Cabe ressaltar aqui que o PNE designa responsabilidades aos Estados, Municípios e Universidades para que estas metas sejam alcançadas.

Portanto, no PNE (BRASIL, 2001a), primeiro, fica estabelecido que somente uma política explícita e vigorosa de acesso à educação para todos abrange o âmbito social e o âmbito educacional. Segundo, destacam-se os aspectos administrativos (adequação do espaço escolar, de seus equipamentos e materiais pedagógicos), e qualificação dos professores e demais profissionais envolvidos. "O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta à diversidade dos alunos, no que a participação da comunidade é fator essencial" (BRASIL, 2001).

Na sequência, no mesmo ano, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Relatório da Câmara de Educação Básica, Parecer n.º 17/2001 que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001). Encontramos no documento destaque para a relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva.

No item 1 – Na organização dos sistemas de ensino para o atendimento ao aluno, que apresenta necessidades educacionais especiais, está especificado que:

Os administradores locais e os diretores de estabelecimentos escolares devem ser convidados a criar procedimentos mais flexíveis de gestão, a remanejar os recursos pedagógicos, diversificar as opções educativas, estabelecer relações com pais e a comunidade. (BRASIL, 2001).

Para a efetivação da construção da escola inclusiva, o documento aponta a necessidade de criação de uma equipe multidisciplinar de atendimento ao aluno quando a unidade escolar não tiver condições. Nesse sentido, "cabe aos gestores educacionais buscar essa equipe multiprofissional em outra escola ou sistema educacional ou na comunidade" (BRASIL, 2001). Isso ocorrerá por meio de parcerias ou convênios.

De acordo com o documento em estudo, os sistemas de ensino são responsáveis pelos recursos humanos, materiais e financeiros, sustentando e viabilizando tal proposta. Há a necessidade de criação de um "canal oficial e formal de comunicação, de estudo, de tomada de decisões e de coordenação dos processos referentes às mudanças na estruturação dos serviços, na gestão e na prática pedagógica" (BRASIL, 2001).

Gestores escolares conscientes da necessidade de mudanças para construção da educação inclusiva são responsáveis por assegurar a acessibilidade aos alunos que têm necessidades educacionais especiais, eliminando barreiras arquitetônicas urbanísticas, no transporte escolar e nas formas de comunicação. As adaptações físicas dos prédios são consideradas adaptações curriculares de grande porte.

Sobre o processo educativo, cabe à gestão escolar, assegurar os recursos humanos e materiais necessários, possibilitando a ampliação do compromisso com o forta-

lecimento da educação inclusiva. Assim, torna-se essencial fomentar atitudes proativas das famílias, alunos, professores e da comunidade escolar em geral; superar os obstáculos da ignorância, do medo e do preconceito; divulgar os serviços e recursos educacionais existentes; difundir experiências bem sucedidas de educação inclusiva; estimular o trabalho voluntário no apoio à inclusão escolar. (BRASIL, 2001).

Carvalho (2004) afirma que as recomendações contidas nos documentos aqui apresentados provocam "uma nova racionalidade no ato de planejar, substituindo-se a tecnocracia de um pequeno grupo que decide, por maior participação dos envolvidos no processo, em especial dos que acumularam conhecimentos e experiências na área educativa e que estão movidos por sincero compromisso com os interesses coletivos".

Já Dutra e Griboski (2005) afirmam que:

A gestão para inclusão pressupõe um trabalho competente, à luz de um paradigma dinâmico, mobilizador da sociedade e responsável pela transformação dos sistemas educacionais, contribuindo para melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e apontando respostas para aqueles grupos que têm sido mais excluídos do processo educacional.

O último documento a ser estudado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – versão preliminar (BRASIL, 2007) estabelece que o objetivo do documento é assegurar o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, de modo a garantir: acesso com participação e aprendizagem no ensino comum; oferta do atendimento educacional especializado; continuidade de estudos e acesso aos níveis mais elevados de ensino; promoção da acessibilidade universal; formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado; formação dos profissionais da educação e comunidade escolar; transversalidade da modalidade de ensino especial desde a educação infantil até a educação superior; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

A educação inclusiva constitui uma proposta educacional que reconhece e garante o direito de todos os alunos de compartilhar um mesmo espaço escolar, sem discriminações de qualquer natureza. Promove a igualdade e valoriza as diferenças na organização de um currículo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos e que estimule transformações pedagógicas das escolas, visando à atualização de suas práticas como meio de atender às necessidades dos alunos durante o percurso educacional. Compreende uma inovação educacional, ao romper com paradigmas que sustentam a maneira excludente de ensinar e ao propor a emancipação, como ponto de partida de todo processo educacional. (BRASIL, 2007).

A proposta, de acordo com o documento, é realizar o atendimento educacional especializado, organizando recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras e possibilitem o acesso ao currículo, à comunicação e aos espaços físicos, conforme as necessidades de cada aluno. Assim, a escola se transformará num espaço significativo de aprendizagem com práticas pedagógicas que valorizem o desenvolvimento emocional, intelectual e social de todos os alunos, bem como seu potencial crítico e criativo, proporcionando que estes construam conhecimentos relacionados às situações vividas no cotidiano escolar e familiar e os saberes da comunidade. Para isso, há necessidade de flexibilização curricular.

O documento não faz menção específica ao papel do gestor escolar, mas, ao propor a reorganização dos sistemas e uma nova diretriz na formação dos professores, indica as possibilidades de ação da gestão escolar. Ao tratar sobre as orientações aos sistemas de ensino, recomenda que haja participação dos alunos, professores, gestores, pais ou responsáveis e demais profissionais na elaboração e avaliação de propostas que visam à implementação dessa política; desenvolvimento do trabalho colaborativo e reflexivo entre professores e demais profissionais da educação, valorizando os saberes da comunidade e o percurso escolar dos alunos; fomento às atividades de ensino, pesquisa e extensão visando à inclusão escolar e à educação especial, contribuindo para o desenvolvimento da prática pedagógica e da gestão; celebração de convênios com instituições privadas sem fins lucrativos, condicionada aos projetos que estejam em consonância com o previsto na política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva e passíveis de avaliação contínua de seus objetivos e procedimentos pelos sistemas de ensino; constituição de redes de apoio à inclusão, com a colaboração de setores responsáveis pela saúde e assistência social e a participação dos movimentos sociais em todos os municípios.

Diante do exposto, percebemos a relevância do papel da gestão escolar diante da construção da escola inclusiva, pois cabe à gestão escolar garantir a acessibilidade aos alunos com necessidades educacionais especiais, bem como a gestão democrática e participativa que garantam a possibilidade de modificação do atual sistema de educação escolar. A proposta é de abertura para uma nova organização do modelo de escola.

Concluímos que a atuação do gestor escolar tem grande valia na tarefa de construir uma escola para todos. A educação inclusiva exige adaptações que priorizem a formação dos recursos humanos, materiais e financeiros, juntamente com uma prática voltada para o pedagógico. Garantir, ratificamos a eliminação das barreiras arquitetônicas, facilitar o transporte escolar e promover ações que facilitem a comunicação são algumas de suas funções. Assim, torna-se relevante o contato direto e constante com os pais e demais profissionais (internos e externos). Outro fator que deve ser ressaltado é a promoção das adaptações curriculares e os arranjos satisfatórios com apoio do especialista, proporcionando sua presença na sala de recursos. A proposta de educação inclusiva fundamenta-se numa filosofia que aceita e reconhece a diversidade na escola, garantindo o acesso a todos à educação escolar, independentemente de diferenças individuais. O valor principal que norteia a ideia da inclusão está calcado no princípio da igualdade e diversidade, concomitante com as propostas de sociedade democrática e justa. Fundamenta-se na concepção de educação de qualidade para todos, respeitando a diversidade dos alunos e realizando o atendimento às suas necessidades educativas. Isso implica adaptações diante das diferenças e das necessidades individuais de aprendizagem de cada aluno.

NOVA CONCURSOS

Uma das possibilidades de construção da escola inclusiva é a aproximação dos sujeitos (comunidade interna e externa), diante da descentralização do poder, a municipalização pode proporcionar a aproximação da comunidade e da escola. Sendo a gestão escolar democrática e participativa responsável pelo envolvimento de todos que, direta ou indiretamente, fazem parte do processo educacional. Assim, o estabelecimento de objetivos, a solução de problemas, os planos de ação e sua execução, o acompanhamento e a avaliação são responsabilidades de todos.

A gestão escolar democrática e participativa proporciona à escola se tornar mais ativa e suas práticas devem ser refletidas na e pela comunidade. A participação, em educação, é muito mais do que dialogar, é um processo lento, conflituoso, em que conhecer os conflitos e saber mediá-los torna-se fonte precípua. Por isso, é necessário ouvir pais, comunidade e órgãos de representação. Esses são caminhos que devem ser trilhados para a construção da educação inclusiva.

O papel da gestão escolar na construção da escola inclusiva

O diretor deve ser o principal revigorador do comportamento do professor que demonstra pensamentos e ações cooperativas a serviço da inclusão. É comum que os professores temam inovação e assumam riscos que sejam encarados de forma negativa e com desconfiança pelos pares que estão aferrados aos modelos tradicionais. O diretor é de fundamental importância na superação dessas barreiras previsíveis e pode fazê-lo através de palavras e ações adequadas que reforçam o apoio aos professores. (SAGE, 1999).

Sage (1999) analisa a relação entre o gestor escolar e a educação inclusiva, reconhece que a prática dessa educação requer alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas. Para o autor, os gestores escolares são essenciais nesse processo, pois lideram e mantêm a estabilidade do sistema. As mudanças apontadas para a construção da escola inclusiva envolvem vários níveis do sistema administrativo: secretarias de educação, organização das escolas e procedimentos didáticos em sala de aula. "O papel do diretor é de importância vital em cada nível, e diferentes níveis de pessoal administrativo estão envolvidos".

O primeiro passo, segundo suas recomendações, é construir uma comunidade inclusiva que englobe o planejamento e o desenvolvimento curricular; o segundo passo do processo é a preparação da equipe para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar seus saberes, a fim de desenvolver um programa de equipe em progresso contínuo; o terceiro passo envolve a criação de dispositivos de comunicação entre a comunidade e a escola; o quarto passo abrange a criação de tempo para reflexão sobre a prática desenvolvida.

O papel do diretor em provocar as mudanças necessárias do sistema em cada nível – o setor escolar central, a escola e cada turma – é essencialmente um papel de facilitação. A mudança não pode ser legislada ou obrigada a existir. O medo da mudança não pode ser ignorado. O diretor pode ajudar os outros a encararem o medo, encorajar as tentativas de novos comportamentos e reforçar os esforços rumo ao objetivo da inclusão. (SAGE, 1999).

O autor destaca que a burocracia, nas escolas, reduz o poder de decisão dos professores, provocando serviços despersonalizados e ineficientes, impedindo a consolidação do modelo de trabalho cooperativo essencial para a educação inclusiva. Acrescenta que o desenvolvimento da equipe proporciona a oportunidade de identificar lideranças na unidade escolar, o que encoraja a ajuda mútua entre os professores e assim reforça comportamentos cooperativos. O gestor escolar pode colaborar com o estabelecimento da colaboração, no ambiente escolar, com o aprimoramento do contato e da interação entre os professores e demais funcionários. Enfatiza que o gestor escolar é o grande responsável para que a inclusão ocorra na escola, abrindo espaços e promovendo trocas de experiências importantes, desenvolvendo uma gestão democrática e participativa dentro, é claro, de suas possibilidades e de acordo com o contexto em que atua na comunidade, favorecendo a formação e a consolidação de equipes de trabalho.

Para a consolidação da atual proposta de educação inclusiva, é necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento dos programas a serem implementados. "Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas" (SANT'ANA, 2005).

A autora afirma caber aos gestores escolares tomar as providências de caráter administrativo necessárias à implementação do projeto de educação inclusiva. Acrescentamos a essa ideia que as providências pedagógicas também envolvam o trabalho do gestor escolar, uma vez que sua prática articula os aspectos administrativos e pedagógicos.

O gestor escolar que se propõe a atuar numa prática inclusiva envolve-se na organização das reuniões pedagógicas, desenvolve ações relacionadas à acessibilidade universal, identifica e realiza as adaptações curriculares de grande porte e fomenta as de pequeno porte, possibilita o intercâmbio e o suporte entre os profissionais externos e a comunidade escolar.

"Diante da orientação inclusiva, as funções do gestor escolar incluem a definição dos objetivos da instituição, o estímulo à capacitação de professores, o fortalecimento de apoio às interações e a processos que se compatibilizem com a filosofia da escola" (SANT'ANA, 2005).

Prieto (2002) afirma que os gestores escolares devem concentrar esforços para efetivar a proposta de educação inclusiva. Isso implica união de discursos referentes à democratização do ensino e aos princípios norteadores da gestão na escola. A educação inclusiva só será realidade no Brasil quando as informações, os recursos, os sucessos e as adaptações inter-relacionarem as esferas federais, estaduais e municipais, proporcionando um relacionamento intenso entre União, Estados e municípios.

A autora analisa que a troca de informações profissionais é imprescindível à melhoria da qualidade educacional, assim, a ação pedagógica refletida, individual ou coletivamente, possibilita a articulação e construção de uma nova prática.

Carvalho (2004) aponta alguns dos caminhos para a construção da escola inclusiva: valorização profissional dos professores, aperfeiçoamento das escolas e do pessoal docente, utilização dos professores das classes especiais, trabalho em equipe, adaptações curriculares. Em suas palavras:

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que, por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresente dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento.

Destacamos que não é apenas o gestor que apoia seus professores, mas esses também servem de apoio para a ação da equipe de gestão escolar. Adaptar a escola para garantir a educação inclusiva não se resume apenas a eliminar as barreiras arquitetônicas dos prédios escolares; é preciso ter um novo olhar para o currículo escolar, proporcionando a todos os alunos o acesso aos processos de aprendizagem e desenvolvimento.

À gestão escolar cabe muito mais do que uma técnica, cabe incentivar a troca de ideias, a discussão, a observação, as comparações, os ensaios e os erros, é liderar com profissionalismo pedagógico. Cada escola tem sua própria personalidade, suas características, seus membros, seu clima, sua rede de relações. (TEZANI, 2004).

Consideramos que a educação inclusiva necessita proporcionar, em suas práticas cotidianas, um clima organizacional favorável que estimule o saber e a cultura, proporcionando aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos técnicos, éticos, políticos, humanos, para que se tornem emancipados e autônomos. Acreditamos que isso só será possível se houver uma gestão escolar capaz de enfatizar os processos democráticos e participativos no cotidiano escolar. Há, portanto, a necessidade de promover uma mudança social e educacional, abandonando práticas individualizadoras e fomentando a ação coletiva.

A escola inclusiva é receptiva e responsiva, mas isso não depende apenas dos gestores e educadores, são imprescindíveis transformações nas políticas públicas educacionais. Garantir a construção da escola inclusiva não é tarefa apenas do gestor escolar, mas esse tem papel essencial neste processo.

Para Aranha (2001), a inclusão é a aceitação da diversidade, na vida em sociedade, e também é a garantia do acesso das oportunidades para todos. Portanto, não é somente com leis e textos teóricos que iremos assegurar os direitos de todos, pois esses, por si mesmos, não garantem a efetivação das ações no cotidiano escolar.

Rodrigues (2006) afirma ser um desafio ao exercício da profissão do diretor a proposta de educação inclusiva, pois este profissional não é um técnico (no sentido de aplicar técnicas normalizadas e previamente conhecidas), um funcionário (que executa funções enquadradas por uma cadeia hierárquica previamente definida). "A profissão de gestor escolar exige imensa versatilidade, dado que se lhe pede que aja com grande autonomia e seja capaz de delinear e desenvolver planos de intervenção com condições muito diferentes. Para desenvolver esta competência tão criativa também uma formação profissional".

Completa que a aquisição de competência para a gestão inclusiva só poderá ser adquirida por meio de uma prática continuada, reflexiva e coletiva, pois a educação inclusiva é o resultado do comprometimento com a educação de todos os alunos e de toda a escola. É preciso uma escola toda para desenvolver um projeto de educação inclusiva.

A educação inclusiva só se efetivará nas unidades escolares se medidas administrativas e pedagógicas forem adotadas pela equipe escolar, amparada pela opção política de construção de um sistema de educação inclusiva. A educação escolar será melhor quando possibilitar ao homem o desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva, garantindo sua autonomia e independência.

O que dizem os documentos oficiais?

Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (BRASIL, 1997).

A relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva é uma proposta nova de trabalho e pode ser observada em alguns documentos oficiais (nacionais e internacionais). Em alguns casos, essa relação não está explícita; mas nas entrelinhas dos documentos.

Nossa proposta foi realizar, então, um estudo dos documentos que consideramos relevantes e que garantem o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular e que mencionem o papel da gestão escolar de forma processual.

Iniciaremos a análise das relações entre gestão escolar e a educação inclusiva com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. A mesma estabelece, no Artigo 26, que a educação é um direito de todos; deve ser gratuita; o ensino fundamental (elementar) obrigatório o ensino técnico e profissional generalizado e o ensino superior aberto a todos em plena igualdade.

A educação é afirmada pelo documento como fator essencial à expansão da personalidade humana e reforço dos direitos do ser humano, pois só assim esse será capaz de compreender, tolerar e realizar laços de amizade com seus pares e com as demais nações, promovendo assim a manutenção da paz.

O último item sobre educação do documento ressalta que cabe aos pais o direito de escolher o gênero de educação a darem aos seus filhos. O documento é importante para ressaltar a educação como direito de todo cidadão, sendo gratuita e obrigatória no ensino fundamental (elementar) sem discriminação de raça, cor, credo ou deficiência.

Ao continuarmos nosso estudo, durante a Conferência de Goten realizada, em 1990, na Tailândia, foi promulgada a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990). Participaram da assinatura do documento e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia o conteúdo do documento consiste em satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos os alunos.

NOVA CONCURSOS

A proposta de universalização do ensino com qualidade e redução da desigualdade, tornam-se fatores seminais à educação: o combate da discriminação, o comprometimento com os excluídos, a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem das pessoas com deficiência e a garantia do acesso ao sistema educativo regular.

Diante da proposta que demanda atenção referente à qualidade da educação atendendo a diversidade, procuramos localizar, no documento citado, o que é dito sobre o papel da gestão escolar: respeito à diversidade e fortalecimento de alianças com as autoridades educacionais para proporcionar a educação com equidade. "Novas e crescentes articulações e alianças serão necessárias em todos os níveis: entre todos os subsetores e formas de educação, reconhecendo o papel especial dos professores, dos administradores e do pessoal que trabalha em educação..." (BRASIL, 1990).

O documento apresenta o gestor escolar como um dos responsáveis a promover o fortalecimento de alianças para a promoção da educação para todos. Não desresponsabilizando os governos: federal, estadual e municipal quanto ao oferecimento de recursos humanos e materiais para consolidação da proposta.

Merece destaque, diante do fio condutor do trabalho, o item 19 do documento: "III – melhor capacitação dos administradores públicos e o estabelecimento de incentivos para reter mulheres e homens qualificados no serviço público" (BRASIL, 1990).

Sabemos que a capacitação tem um papel precípuo para se dar uma resposta educativa à altura das exigências da atualidade e, neste ponto, o documento enfatiza que a formação continuada dos educadores é essencial para oferecer uma resposta educativa com qualidade.

O item 24 do documento apresenta a prioridade de aperfeiçoar a capacidade gerencial, assim, "tanto o pessoal de supervisão e administração quanto os planejadores, arquitetos de escolas, os formadores de educadores, especialistas em currículo, pesquisadores, analistas etc. são igualmente importantes para qualquer estratégia de melhoria da educação básica" (BRASIL, 1990).

Concluímos – com o estudo da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (BRASIL, 1990) – que são apontados os sujeitos responsáveis pela mudança e a necessidade da formação em exercício para todos os envolvidos no processo de garantia das necessidades básicas de aprendizagem para todos.

A Conferência Mundial de Salamanca (Espanha) destacou, entre outros elementos: acesso e qualidade relativamente à educação. Esta conferência foi realizada em 1994, sendo promulgada a Declaração de Salamanca: sobre princípios, política e prática em educação especial (BRASIL, 1997). Assinaram-na e se comprometeram, com suas diretrizes, vários países, inclusive o Brasil. A diretriz que norteia esse documento baseia-se na criação de condições para que os sistemas de ensino possibilitem a construção de escolas inclusivas.

Reafirma o compromisso com a educação para todos e reconhece a necessidade de alterações nos sistemas de ensino e nas escolas para que a educação inclusiva se efetive. Diante desta perspectiva, a gestão escolar tem papel fundamental, pois deve colaborar para o desenvolvimento de procedimentos administrativos e pedagógicos mais flexíveis; uso racional dos recursos instrucionais; diversificação das opções de aprendizagem; mobilização de auxílios; desenvolvimento de ações que proporcionem o relacionamento dos pais, da comunidade e da escola. "Uma administração escolar bem sucedida depende de um envolvimento ativo e reativo de professores e do pessoal e do desenvolvimento de cooperação efetiva e de trabalho em grupo no sentido de atender as necessidades dos estudantes" (BRASIL, 1997).

Aos gestores escolares, segundo o documento, cabe a responsabilidade de promover atitudes positivas e cooperativas entre a comunidade interna e externa da escola com relação à educação inclusiva.

No item (c), Recrutamento e Treinamento de Educadores, encontramos a especificação de se privilegiar a preparação apropriada de todos os educadores para que o progresso da educação inclusiva se concretize. Essa proposta de formação deveria ocorrer nos cursos de graduação e em programas de educação continuada ou em serviço, assim, o conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino no sentido de abarcar uma variedade maior de habilidades, etc. (BRASIL, 1997).

Os programas de formação para a educação inclusiva, de acordo com o documento, deveriam exercitar a autonomia e as habilidades de adaptação do currículo no sentido de atender às necessidades especiais dos alunos. Conforme Carneiro (2006), esses itens abordam claramente o papel dos diretores como agentes promotores da inclusão, criando condições de atendimento adequado a todas as crianças transformando a administração escolar em uma gestão participativa e democrática, em que toda a equipe escolar seja responsável pelo bom andamento da escola e pela satisfação das necessidades de todos os alunos.

Ao avançarmos no estudo, em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394/96 (BRASIL, 1996), que avança na área da educação especial destinando um capítulo específico para esta modalidade de ensino e estabelecendo que o ensino do aluno, com necessidade educacional especial, aconteça preferencialmente na rede regular de ensino.

O Artigo 58 estabelece que a educação especial deve ser oferecida no ensino regular para os alunos com necessidades educacionais especiais. O Artigo 59 estabelece a reorganização social para atendimento das pessoas com igualdade, quanto às mais complexas e diversas diferenças, físicas ou cognitivas.

A questão da diversidade está estabelecida na referida Lei, uma vez que garante o acesso e a permanência de todos na escola. Faz referência à valorização dos profissionais da educação e à gestão democrática como uma das propostas para valorização dos profissionais da educação.

Na Lei (BRASIL, 1996), encontramos a regulamentação da gestão democrática das escolas públicas e a transformação do Projeto Político-Pedagógico delineando-se como um instrumento de inteligibilidade e fator de mudanças significativas. O Artigo 14 estabelece os princípios da gestão democrática, pois garante "a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola". Com o estabelecimento da Lei, é expressa a participação de todos na elaboração do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. Desta monta, acreditamos que, quando todos participam e se sentem responsáveis bem como compromissados com aquilo que fazem, concretiza-se a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar. O primeiro passo efetivo deve garantir a gestão democrática e participativa como um dos possíveis caminhos à construção da escola inclusiva.

A gestão democrática e participativa pressupõe a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico da escola, por se tratar de um trabalho conjunto. Conforme estabelecido, na LDBEN (BRASIL, 1996), a participação na construção coletiva do documento está assegurada, pois reconhece a escola como espaço de autonomia.

Para Silva Júnior (2002), o Projeto Político-Pedagógico "indicará as grandes linhas de reflexão e de consideração mantenedoras de suas etapas de trabalho; consubstanciará os valores e critérios determinantes das ações a serem desenvolvidas nos diferentes núcleos da prática escolar".

Construir coletivamente o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é proporcionar aos profissionais a oportunidade de exercitar a participação e de valorizar a autonomia da escola.

Carneiro (2006) afirma que o projeto pedagógico não pode se constituir como um fim em si mesmo. Ele é verdadeiramente o início de um processo de trabalho.

A partir do projeto pedagógico a escola vai estruturando seu trabalho, avaliando e reorganizando suas práticas. Mais uma vez o papel do gestor se apresenta em destaque, uma vez que para estruturar, avaliar e reorganizar as práticas educativas é necessária uma liderança firme capaz de buscar os caminhos para tais encaminhamentos.

O Projeto Político-Pedagógico é o somatório dos valores que os membros da unidade escolar têm. As escolas com uma prática qualitativamente superior são aquelas que construíram tal documento de maneira coletiva e participativa. Colocar em prática o Projeto Político-Pedagógico da unidade escolar é um processo de ação-reflexão-ação que exige a participação de todo o colegiado.

A proposta de construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico é, portanto, fundamental para consolidação da gestão democrática e participativa na unidade escolar e assim construção da escola inclusiva, bem como o papel do gestor norteará esse processo, uma vez que ele é corresponsável pelo estabelecimento de uma rede de relações adequadas para que todos possam ter autonomia e participação.

A questão da autonomia merece destaque por estar em evidência na LDBEN (BRASIL, 1996). Para Silva Júnior (2002), "a constituição da autonomia da escola pela via do projeto pedagógico, supõe a existência de condições para a prática do trabalho coletivo, entendido este como a valorização das pessoas e a relativização das funções".

Conforme Barroso (1996), a autonomia prevista na legislação incentiva o sistema a adotar um mecanismo que garanta tal pressuposto; no entanto, o que se observa no cotidiano escolar é a construção de um modelo de falsa autonomia, pois ela não pode ser construída, segundo o autor, de forma decretada. Para ele, a autonomia "afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não preexiste à ação (sic) dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores (sic) organizacionais numa determinada escola".

O autor discute ainda que a autonomia da escola está atrelada à autonomia dos indivíduos que a compõe. Por isso, a especificidade da escola em construir a autonomia é um processo delicado, pois a articulação das características de cada um, mais a coletividade, diante da proposta de cultura da colaboração e da participação nas unidades escolares brasileiras, envolvem um processo de mudança.

Construir a escola inclusiva significa articular democracia, participação e autonomia. Sua implementação não será um processo fácil, pois o compromisso em atender com qualidade e eficiência pedagógica a todos os alunos é um compromisso com a melhoria da qualidade educacional para todos, o que somente será concretizado com a consciência e a valorização dos fatos e das normas coletivas mediadas pela responsabilidade social. Só assim a escola cumprirá seu papel de transformação social.

Todavia, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), não encontramos qualquer referência à relação entre gestão escolar e educação inclusiva, apenas sugestões de ações.

Ao continuar, encontramos os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares: estratégias para educação de alunos com necessidades especiais (BRASIL, 1998), que fornecem subsídios para a prática pedagógica inclusiva. O documento normativo apresenta um conjunto de ações a serem desenvolvidas para garantir o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Apresenta as adequações necessárias para que a escola se torne inclusiva e atenda às especificidades do ensino diante da diversidade.

As adaptações curriculares constituem-se em adequações satisfatórias para que o aluno – com necessidade educacional especial – tenha acesso ao processo de ensino e aprendizagem no ensino regular; para isso, é necessário rever alguns aspectos da educação escolar, como a "definição dos objetivos, no tratamento e desenvolvimento dos conteúdos, no transcorrer de todo processo avaliativo, na temporalidade e na organização do trabalho didático-pedagógico no intuito de favorecer a aprendizagem do aluno" (BRASIL, 1998).

A construção da escola inclusiva, que perpassa pelo caminho das adaptações curriculares, deve ter como premissa que a inclusão consiste em um processo gradual, que requer ajuda ao aluno, à família e à comunidade escolar.

Destarte, cabe à equipe escolar adotar algumas medidas: elaboração de propostas pedagógicas com objetivos claros, que se baseiem nas especificidades dos alunos; identificar as capacidades da própria escola; organizar os conteúdos escolares de acordo com os ritmos de aprendizagens dos alunos; rever metodologias de ensino, de forma que essas auxiliem na motivação dos alunos; conceber a avaliação como processo visando ao progresso do aluno.

As adaptações curriculares podem ser subdivididas em dois níveis:

- Adaptações significativas ou de grande porte.
- Adaptações não significativas ou de pequeno porte.

A primeira é da responsabilidade de todos os envolvidos no processo educacional – aqui enfatizaremos os gestores. A segunda são ações específicas do professor em sala de aula.

As consideradas não significativas são pequenas ações que podem ser desenvolvidas sem grandes alterações no cotidiano escolar; as adaptações curriculares de pequeno porte são aquelas adotadas pelo professor em sala de aula, apoiado pela gestão escolar. Estão divididas em organizativas: organização de agrupamentos, organização didática e organização do espaço; relativas aos objetivos e conteúdos: priorização de áreas ou unidades de conteúdos, de tipos de conteúdos e de objetivos; sequencialização, eliminação de conteúdos secundários; avaliativas: adaptação e modificação de técnicas e instrumentos; nos procedimentos didáticos e nas atividades: modificação de procedimentos, introdução de atividades alternativas previstas e de atividades complementares às previstas; modificação do nível de complexidade das atividades, eliminando componentes, sequenciando a tarefa, facilitando planos de apoio, adaptação dos materiais; modificação da seleção dos materiais previstos; na temporalidade: modificação dessa para determinados objetivos e conteúdos previstos.

As adaptações curriculares, de grande porte, ou seja, as significativas são aquelas adotadas pela gestão escolar para auxiliar na prática da educação inclusiva. As significativas englobam vários fatores do cotidiano escolar. Ressaltamos que ambas necessitam do apoio e da intervenção da gestão escolar. Estão divididas em:

- *Objetivos:* - eliminação de objetivos básicos, introdução de objetivos específicos, complementares e/ou alternativos;
- *Conteúdos*: introdução de conteúdos específicos, complementares ou alternativos, eliminação de conteúdos básicos do currículo;
- *Metodologia e organização didática*: introdução de métodos e procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem, organização e introdução de recursos específicos de acesso ao currículo;
- *Avaliação*: introdução de critérios específicos de avaliação, eliminação de critérios gerais de avaliação, adaptações de critérios regulares de avaliação, modificação dos critérios de promoção e;
- *Temporalidade*: prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série ou ciclo (retenção).

Destacamos que o processo de adaptações curriculares de grande porte deve seguir os passos:

- Promover o registro documental das medidas adaptativas, adotadas para integrar o acervo documental do aluno, evitar que as programações individuais sejam definidas, organizadas e realizadas com prejuízo para o aluno em sua promoção, desempenho e socialização;
- Adotar critérios para evitar adaptações curriculares muito significativas, que impliquem a supressão de conteúdos expressivos e;
- A eliminação de disciplinas ou de áreas curriculares completas.

Para a efetivação da proposta de construção da escola inclusiva, as adaptações curriculares devem estar especificadas em seus documentos, como Projeto Político- Pedagógico Plano de Ensino, entre outros. Porém, garantir as adaptações curriculares apenas pelos documentos não garante a sua efetivação. Para que escola inclusiva seja construída, um sistema de apoio, envolvendo família, colegas, profissionais de diversas áreas, professores especialistas, recursos materiais e programas, faz-se necessário.

Mendes (2000) analisa que, se as devidas adaptações curriculares forem adotadas pela gestão escolar, poderão favorecer a educação inclusiva e, consequentemente, auxiliarão os aspectos administrativos e pedagógicos, proporcionando melhoria da qualidade do serviço educacional prestado. "Construir uma educação emancipadora e inclusiva é instituir continuamente novas relações educativas numa sociedade contraditória e excludente" (BRASIL, 2004).

Destacamos algumas características curriculares que facilitam a educação inclusiva: flexibilidade, ou seja, a não-obrigatoriedade de que todos os alunos atinjam o mesmo grau de abstração ou de conhecimento, num tempo determinado; a consideração que, ao planejar atividades para uma turma, deve-se levar em conta a presença de alunos com necessidades especiais e contemplá-los na programação; o trabalho ressignificado simultâneo, cooperativo e participativo, entendido como a participação dos alunos com necessidades especiais nas atividades desenvolvidas pelos demais colegas, embora não o façam com a mesma intensidade, nem necessariamente de igual modo ou com a mesma ação e grau de abstração.

Portanto, as adaptações curriculares são medidas pedagógicas necessárias para a prática da educação inclusiva, em diversos âmbitos: projeto pedagógico, sala de aula, elaboração e realização de atividades.

No "Projeto Escola Viva" (BRASIL, 2000), elaborado com base nos PCN, encontramos a adaptação curricular de grande porte, sendo de competência e atribuições dos gestores escolares: caracterizar o perfil do alunado; mapear o conjunto de necessidades educacionais especiais presentes na unidade, e em cada sala (processo contínuo, no decorrer do ano); encaminhar para a Secretaria Municipal de Educação a solicitação das Adaptações Curriculares de Grande Porte que se façam necessárias; envidar esforços junto à Secretaria Municipal de Educação e junto ao Conselho Municipal de Educação para que as Adaptações Curriculares de Grande Porte sejam implementadas; implementar as Adaptações Curriculares de Grande Porte que forem de sua competência; providenciar o suporte técnico-científico de que os professores necessitam (convênios com Universidades, Centros Profissionais, servidores das diversas Secretarias, etc.); planejar o envolvimento das famílias e da comunidade no processo de construção da inclusão em sua unidade escolar; promover atividades (palestras, projeção de filmes, discussão sobre material audiovisual, etc.) de sensibilização e de conscientização sobre a convivência na diversidade para alunos, professores, famílias e comunidade.

Assim, podemos analisar a relevância da articulação entre gestão escolar e educação inclusiva, pois essas ações são necessárias para que o aluno com necessidade educacional especial tenha acesso ao conhecimento construído pela humanidade. As adequações não são exclusivamente administrativas, são pedagógicas também.

Ao avançarmos nosso estudo, encontramos o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2001a), promulgado em 9 de janeiro de 2001, por meio da Lei n.º 10.172, tendo este a vigência de dez anos. Na Lei, encontramos pontos isolados que tratam separadamente da gestão escolar e da educação inclusiva:

- Gestão escolar: estabelece a gestão democrática participativa nos estabelecimentos oficiais e garante a participação de todos na elaboração do projeto político pedagógico da unidade escolar.

- Educação inclusiva: estabelece como diretriz o atendimento ao aluno com necessidade educacional especial no sistema regular de ensino e enfatiza a formação de recursos humanos necessários para este atendimento.

O Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001a, Artigos 34, 35, 36) especifica que o processo de formação em serviço não se restringe apenas ao professor, mas, como vimos, a todos os sujeitos escolares com o objetivo de garantir qualidade no atendimento prestado para todos os alunos diante da diversidade.

Para Carneiro (2006), "neste ponto o PNE aborda especificamente sobre a necessidade de formação inicial e continuada dos diretores de escola, e sobre a necessidade específica de formação adequada para a administração escolar".

Cabe ressaltar aqui que o PNE designa responsabilidades aos Estados, Municípios e Universidades para que estas metas sejam alcançadas.

Portanto, no PNE (BRASIL, 2001a), primeiro, fica estabelecido que somente uma política explícita e vigorosa de acesso à educação para todos abrange o âmbito social e o âmbito educacional. Segundo, destacam-se os aspectos administrativos (adequação do espaço escolar, de seus equipamentos e materiais pedagógicos), e qualificação dos professores e demais profissionais envolvidos. "O ambiente escolar como um todo deve ser sensibilizado para uma perfeita integração. Propõe-se uma escola integradora, inclusiva, aberta à diversidade dos alunos, no que a participação da comunidade é fator essencial" (BRASIL, 2001).

Na sequência, no mesmo ano, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Relatório da Câmara de Educação Básica, Parecer n.º 17/2001 que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001). Encontramos no documento destaque para a relação entre a gestão escolar e a educação inclusiva.

No item 1 – Na organização dos sistemas de ensino para o atendimento ao aluno, que apresenta necessidades educacionais especiais, está especificado que:

Os administradores locais e os diretores de estabelecimentos escolares devem ser convidados a criar procedimentos mais flexíveis de gestão, a remanejar os recursos pedagógicos, diversificar as opções educativas, estabelecer relações com pais e a comunidade. (BRASIL, 2001).

Para a efetivação da construção da escola inclusiva, o documento aponta a necessidade de criação de uma equipe multidisciplinar de atendimento ao aluno quando a unidade escolar não tiver condições. Nesse sentido, "cabe aos gestores educacionais buscar essa equipe multiprofissional em outra escola ou sistema educacional ou na comunidade" (BRASIL, 2001). Isso ocorrerá por meio de parcerias ou convênios.

De acordo com o documento em estudo, os sistemas de ensino são responsáveis pelos recursos humanos, materiais e financeiros, sustentando e viabilizando tal proposta. Há a necessidade de criação de um "canal oficial e formal de comunicação, de estudo, de tomada de decisões e de coordenação dos processos referentes às mudanças na estruturação dos serviços, na gestão e na prática pedagógica" (BRASIL, 2001).

Gestores escolares conscientes da necessidade de mudanças para construção da educação inclusiva são responsáveis por assegurar a acessibilidade aos alunos que têm necessidades educacionais especiais, eliminando barreiras arquitetônicas urbanísticas, no transporte escolar e nas formas de comunicação. As adaptações físicas dos prédios são consideradas adaptações curriculares de grande porte.

Sobre o processo educativo, cabe à gestão escolar, assegurar os recursos humanos e materiais necessários, possibilitando a ampliação do compromisso com o fortalecimento da educação inclusiva. Assim, torna-se essencial fomentar atitudes proativas das famílias, alunos, professores e da comunidade escolar em geral; superar os obstáculos da ignorância, do medo e do preconceito; divulgar os serviços e recursos educacionais existentes; difundir experiências bem sucedidas de educação inclusiva; estimular o trabalho voluntário no apoio à inclusão escolar. (BRASIL, 2001).

Carvalho (2004) afirma que as recomendações contidas nos documentos aqui apresentados provocam "uma nova racionalidade no ato de planejar, substituindo-se a tecnocracia de um pequeno grupo que decide, por maior participação dos envolvidos no processo, em especial dos que acumularam conhecimentos e experiências na área educativa e que estão movidos por sincero compromisso com os interesses coletivos".

Já Dutra e Griboski (2005) afirmam que:

A gestão para inclusão pressupõe um trabalho competente, à luz de um paradigma dinâmico, mobilizador da sociedade e responsável pela transformação dos sistemas educacionais, contribuindo para melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem e apontando respostas para aqueles grupos que têm sido mais excluídos do processo educacional.

O último documento a ser estudado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – versão preliminar (BRASIL, 2007) estabelece que o objetivo do documento é assegurar o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, de modo a garantir: acesso com participação e aprendizagem no ensino comum; oferta do atendimento educacional especializado; continuidade de estudos e acesso aos níveis mais elevados de ensino; promoção da acessibilidade universal;

NOVA CONCURSOS

formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado; formação dos profissionais da educação e comunidade escolar; transversalidade da modalidade de ensino especial desde a educação infantil até a educação superior; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

A educação inclusiva constitui uma proposta educacional que reconhece e garante o direito de todos os alunos de compartilhar um mesmo espaço escolar, sem discriminações de qualquer natureza. Promove a igualdade e valoriza as diferenças na organização de um currículo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos e que estimule transformações pedagógicas das escolas, visando à atualização de suas práticas como meio de atender às necessidades dos alunos durante o percurso educacional. Compreende uma inovação educacional, ao romper com paradigmas que sustentam a maneira excludente de ensinar e ao propor a emancipação, como ponto de partida de todo processo educacional. (BRASIL, 2007).

A proposta, de acordo com o documento, é realizar o atendimento educacional especializado, organizando recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras e possibilitem o acesso ao currículo, à comunicação e aos espaços físicos, conforme as necessidades de cada aluno. Assim, a escola se transformará num espaço significativo de aprendizagem com práticas pedagógicas que valorizem o desenvolvimento emocional, intelectual e social de todos os alunos, bem como seu potencial crítico e criativo, proporcionando que estes construam conhecimentos relacionados às situações vividas no cotidiano escolar e familiar e os saberes da comunidade. Para isso, há necessidade de flexibilização curricular.

O documento não faz menção específica ao papel do gestor escolar, mas, ao propor a reorganização dos sistemas e uma nova diretriz na formação dos professores, indica as possibilidades de ação da gestão escolar. Ao tratar sobre as orientações aos sistemas de ensino, recomenda que haja participação dos alunos, professores, gestores, pais ou responsáveis e demais profissionais na elaboração e avaliação de propostas que visam à implementação dessa política; desenvolvimento do trabalho colaborativo e reflexivo entre professores e demais profissionais da educação, valorizando os saberes da comunidade e o percurso escolar dos alunos; fomento às atividades de ensino, pesquisa e extensão visando à inclusão escolar e à educação especial, contribuindo para o desenvolvimento da prática pedagógica e da gestão; celebração de convênios com instituições privadas sem fins lucrativos, condicionada aos projetos que estejam em consonância com o previsto na política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva e passíveis de avaliação contínua de seus objetivos e procedimentos pelos sistemas de ensino; constituição de redes de apoio à inclusão, com a colaboração de setores responsáveis pela saúde e assistência social e a participação dos movimentos sociais em todos os municípios.

Diante do exposto, percebemos a relevância do papel da gestão escolar diante da construção da escola inclusiva, pois cabe à gestão escolar garantir a acessibilidade aos alunos com necessidades educacionais especiais, bem como a gestão democrática e participativa que garantam a possibilidade de modificação do atual sistema de educação escolar. A proposta é de abertura para uma nova organização do modelo de escola.

Concluímos que a atuação do gestor escolar tem grande valia na tarefa de construir uma escola para todos. A educação inclusiva exige adaptações que priorizem a formação dos recursos humanos, materiais e financeiros, juntamente com uma prática voltada para o pedagógico. Garantir, ratificamos a eliminação das barreiras arquitetônicas, facilitar o transporte escolar e promover ações que facilitem a comunicação são algumas de suas funções. Assim, torna-se relevante o contato direto e constante com os pais e demais profissionais (internos e externos). Outro fator que deve ser ressaltado é a promoção das adaptações curriculares e os arranjos satisfatórios com apoio do especialista, proporcionando sua presença na sala de recursos. *(Texto adaptado de TEZANI, T. C. R.).*

PEDAGOGIAS DIFERENCIADAS: PROGRESSÃO CONTINUADA, CORREÇÃO DE FLUXO, AVALIAÇÃO POR COMPETÊNCIAS, FLEXIBILIZAÇÃO DO CURRÍCULO E DA TRAJETÓRIA ESCOLAR.

PROGRESSÃO CONTINUADA

Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases. É considerada uma metodologia pedagógica avançada por propor uma avaliação constante, contínua e cumulativa, além de se basear na ideia de que reprovar o aluno sucessivamente não contribui para melhorar seu aprendizado.

No Brasil, a ruptura com a organização seriada do ensino, que teve início nos anos oitenta, a partir da implantação de ciclos nas séries iniciais do ensino fundamental, colocou a progressão continuada como uma tendência orientada pelo governo, principalmente após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996. A LDB propõe a progressão continuada organizada em forma de ciclos, considerando o conhecimento como processo e vivência que não admitem a idéia de interrupção, mas sim de construção, em que o aluno está continuamente se formando, construindo significados a partir das relações dos homens com o mundo e entre si.

A estratégia de adoção do regime de progressão continuada, de acordo com a LDB, "contribui para viabilizar a universalização da educação básica, que é o impulso para as nações se projetarem e competirem mundialmente, e também é um meio de garantir o acesso e principalmente a permanência do aluno na escola." Dessa forma, o objetivo da progressão continuada, além de aumentar a qualidade de ensino, é eliminar a defasagem idade/série, combater a evasão e evitar múltiplas repetências.

De acordo com a progressão continuada o aluno passa automaticamente pelas séries mas é avaliado ao longo e ao final de um ciclo. Quem não aprende adequadamente deve passar pelos processos de "aceleração", também conhecido como recuperação.

A progressão continuada, apesar de ser considerada uma idéia avançada, é alvo de polêmica por alguns considerarem que ela configura a "aprovação automática" dos alunos. Essa idéia leva em conta que a progressão foi adotada, no Brasil, sem se mudar as condições estruturais, pedagógicas, salariais, de formação dos professores e outras necessárias ao desenvolvimento de um verdadeiro projeto de progressão continuada. Outros, no entanto, consideram um importante projeto para solucionar o problema da reprovação e evasão dos alunos.

CORREÇÃO DE FLUXO

Medida política e estratégica utilizada para adequar a série à idade dos alunos no ensino fundamental. Tal política deve resultar, em determinado espaço de tempo, em um fluxo regularizado, com a maioria dos alunos matriculados nas séries correspondentes à sua idade, e em condições de aprenderem e serem aprovados para a série seguinte. O objetivo da correção é acabar com a distorção idade-série, considerada um dos maiores problemas enfrentados na educação pública brasileira.

Um dos principais elementos aplicados no processo de correção do fluxo escolar é a aceleração de aprendizagem. Ela é uma estratégia pedagógica de solução emergencial e intensiva para os alunos defasados.

AVALIAÇÃO POR COMPETÊNCIAS

Competências e Habilidades

A avaliação educacional externa em larga escala permite aos gestores verificarem o sucesso obtido na implementação de projetos pedagógicos cujo objetivo é garantir o desenvolvimento de competências fundamentais que assegurem a plena inserção social dos alunos.

Uma competência abrange a compreensão de processos, princípios elementares e recursos cognitivos utilizados pelo indivíduo para que ele possa resolver ou atuar em situações-problemas. Durante toda sua vida, o individuo desenvolve diversas competências, não apenas no ambiente escolar ou pela aprendizagem formal, mas também por meio da interação com colegas, famílias e sociedade.

Cada competência é formada por um conjunto de conhecimentos e habilidades mobilizados para executar uma ação. Portanto, uma pessoa com alto nível de competência apresenta conhecimentos e habilidades variados.

Nos estudantes, o desenvolvimento de competências cognitivas pode ser observado por meio de suas respostas a itens cuja solução depende de certa habilidade ou conhecimento ligados a determinado nível de domínio da competência considerada. Por exemplo, uma pessoa demonstra determinado nível de domínio da competência leitora se for capaz de entender os textos que lê. Assim, ao ter contato com textos de gêneros, formatos, complexidade e temas diferentes, se ela for capaz de mobilizar habilidades diversas, como a de compreensão, identificação, comparação e interpretação, será atestado seu nível de domínio nessa competência.

Matriz de Referência

Muitas avaliações educacionais externas aplicadas em larga escala, como é o caso da AVALIA, do Enem, da Prova Brasil e do Pisa, examinam o desenvolvimento de habilidades que atestam o nível de domínio de competências pelos alunos. Para isso, cada um dos itens utilizados nos testes foi classificado segundo as habilidades estabelecidas em documentos de orientação para a realização dos projetos de avaliação.

Esses documentos são chamados de Matrizes de Referência (ou Matriz de especificação) e contribuem para organizar e categorizar habilidades relacionadas a determinado tipo de conteúdo ou conhecimento, que são, então, agrupados em subcompetências, tópicos, tipos de gênero textual, contexto de uso, entre outros.

Provas e itens

Uma questão, caracterizada por seus valores exclusivamente pedagógicos, é uma pergunta ou um comando formulado por educadores de cada área do conhecimento, que pode conter uma sequência de alternativas entre as quais apenas uma é a correta ou que pode exigir uma dissertação do aluno. No caso de uma avaliação educacional, as questões são elaboradas com base nas habilidades presentes na Matriz de Referência do projeto.

A questão se torna um item quando ela a passa a conter análises estatística das respostas dadas pelos alunos (ou seja, após a sua primeira aplicação), que se relacionam diretamente à habilidade requisitada para sua resolução e probabilidade de acertar. Ou seja, o item testa a proficiência do estudante.

Para conhecer exatamente o grau de domínio de determinada competência por um estudante, é preciso que o teste contemple o maior número possível de itens de diferentes dificuldades, que exijam diferentes habilidades e conhecimento de diversos conteúdos para sua resolução. No entanto, um único teste com essa abrangência seria dificilmente respondido por um aluno dessa etapa de ensino – aspectos como cansaço e falta de motivação exerceriam influência negativa sobre o seu desempenho e, consequentemente, os resultados seriam alterados.

Por esse motivos, nas avaliações educacionais, os itens são organizados em blocos e, posteriormente, em cadernos de prova (instrumentos de avaliação), o que representa uma solução para o problema de como distribuir um grande número de questões aos alunos e diminuir a carga de um teste educacional sobre eles. Essa forma de distribuição, utilizada para uniformizar a exposição de itens aos alunos, é denominada Blocos Incompletos Balanceados (BIB). É especialmente útil, no uso da Teoria de Resposta ao Item, para análise estatística dos resultados.

FLEXIBILIZAÇÃO DO CURRÍCULO E DA TRAJETÓRIA ESCOLAR.

Introdução

Todos os diálogos sobre a educação moderna nos faz flutuar sobre uma imensidão de problemas que afetam cotidianamente a sua efetivação. A maioria desses entraves está ligada a metamorfose constante que reveste os nossos alunos. A cada instante presenciamos novas demandas da-

NOVA CONCURSOS

queles que estão no centro do processo de aprendizagem. A cada momento nos deparamos com revoluções tecnológico-educacionais que exige de nós um amplo esforço de atualização dos conhecimentos adquiridos em outro espaço, em outro tempo.

Porém, a relevância dos fatos que indicam muita das vezes o fracasso no aproveitamento do ensino, vem não somente dos elementos citados anteriormente, e sim da inexistência de um currículo que atenda as necessidades dos discentes, mas ao mesmo tempo, seja flexível e modelável de acordo com os seus objetivos. Um currículo capaz de reunir as várias áreas do conhecimento humano num paradigma organizacional diferente dos moldes tradicionalistas, onde o modelo secularmente adotado parece ter sido engessado, petrificado.

São notórios os debates várias vezes travados em busca do melhoramento do currículo escolar existente, visto, principalmente, a elevação assombrosa do índice de evasão escolar. Mas, o que se ver se olhamos mais afundo é a necessidade de conceber um currículo forjado no calor dos anseios de uma educação espelhada nos fenômenos da globalização e da diversidade.

Currículo e Escola Flexíveis

Esse currículo, nascente em dias atuais, deverá ser concebido num modelo escolar totalmente renovado. Ele deverá surgir no seio de uma escola nova, capaz de conviver com a diversidade do seu aluno e proporcionar-lhe a maleabilidade necessária para ser garantido o direito de escolha, seja de seu futuro nas plataformas acadêmicas ou até mesmo no mercado de trabalho.

É fato que uma escola única para todos não oferta uma educação que surta um efeito positivo. Na verdade esse perfil de escola promove uma educação farsante, sem resultados promissores visíveis, incapaz de formar um aluno autônomo e detentor de um pensamento criativo e livre. Por isso, não há motivos para manter essa estrutura escolar tradicionalista. O que deve haver é uma ruptura paradigmática viabilizando o nascimento de uma escola nova, totalmente desnuda dos pensamentos fracassados de outrora. "(...) essa escola única, inflexível, igual para todos e com inúmeras disciplinas faz com que se criem o aluno entediado e o perdido". (Costa, 2012)

Comungando do pensamento do Professor José Carlos O. Costa, além da inflexibilidade curricular existente nas escolas, que não permitem ao aluno o direito de escolha de suas áreas de estudos, ainda convivemos com um dilema antigo e, a meu ver, irreparável, o do grande número de disciplinas, elementos da base comum nacional e também dos temas transversais. Desta forma, o aprendiz fica dividido entre vários conhecimentos fragmentados e que não representam possibilidades de progresso em seus objetivos finais patrocinados pela educação, levando o tédio aos que estão além do que é ensinado naquele momento, e deixando perdidos os que não conseguem acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos escolares.

A Existência do Currículo

Talvez o debate sobre os êxitos ou fracassos do currículo escolar brasileiro deva ganhar um novo rumo e repensar sobre sua real existência. Quando partimos para uma discussão dessa natureza, largamos do pressuposto de que existe um currículo em nosso sistema educacional, por mais que sua existência seja insuficiente para solucionar os problemas atuais. Será que estamos no caminho certo, quando tentamos corrigir um currículo de existência questionável? Qual o referencial curricular vigorante no país? Quais os conhecimentos que os aprendizes deverão alcançar ao final de cada ciclo/etapa?

No mesmo cenário estão às avaliações externas da educação como Saeb, Prova Brasil, Provinha Brasil etc. O que avaliamos é o que se pretende alcançar ao final de cada etapa do ensino. Para isso deveríamos ter metas claras e instruções precisas, onde os professores pudessem se embasar para alcançar os objetivos finais. Por mais que nos preocupemos com a correção do suposto currículo existente, temo que o debate deva se encaminhar para o campo de seu concebimento. Assim afirma a professora Magda Soares (2012) "(...) não existe um currículo no Brasil... não temos um currículo que defina, por exemplo, 'no fim do primeiro ano, a criança deverá ser capaz de... ', ou 'ao fim da educação infantil, a criança deve ser capaz de... '" e assim por diante.

As Avaliações Externas e seus Reflexos na Educação

As avaliações externas nacionais, que seriam responsáveis por diagnosticar as mazelas contraídas no processo de ensino-aprendizagem, apontam cada vez mais para a inexistência de um currículo, seja ele bom ou ruim. Além disso, com a cobrança acirrada que elas causam nos docentes, estes passam a ensinar baseados em suas exigências, levando o ensino para um nível totalmente mecânico, que não proporciona o desenvolvimento investigativo do discente, característica que faria nascer o conhecimento global, sem fronteiras.

O bom currículo define os objetivos a serem avaliados ao final de cada ciclo/etapa. O que temos hoje é a omissão dessa função, o que deixa uma lacuna entre o que é ensinado, o que era para ser ensinado e o que é, mesmo assim, avaliado. "(...) a escrita e a produção de textos não estão incluídas, pelo menos ainda, nas avaliações externas, pela dificuldade de correção objetiva e de expressão dos resultados em números". (Soares, 2012)

Isso com certeza reflete a omissão da "cúpula educacional" com a importante missão de alfabetizar, verdadeiramente, os nossos alunos. Como não se sabe como estão os nossos alunos em termos de escrita e leitura, não tem como empreender esforços ou implantar medidas que amenizem esse problema recorrente ao longo do tempo. Em vez de se fazer um diagnóstico verídico, prefere-se atirar no escuro e acertar o causador do problema como num jogo de azar.

Conclusões

Este trabalho demonstra suscintamente o debate que se gera a cada dia em torno do currículo escolar brasileiro e o modelo tradicionalista da maioria das nossas escolas.

Sem dúvida a discussão não se encerra neste breve artigo, sendo este, apenas um ensaio advindo de uma pesquisa que empreendi a fim de diagnosticar os elementos do fracasso em nossa educação no que concerne ao desenvolvimento de um aluno crítico desde sua origem, pesquisador por essência, abrangente na busca pelo conhecimento sem fronteiras, reflexivo das questões sociais e educacionais e, não menos importante, capaz de inserir-se no mercado de trabalho.

"Deve haver múltiplos caminhos formativos disponíveis às escolhas dos discentes, pois estes são 'metamorfos' em sua natureza e livres em sua essência".

(Fonte: http://www.educabrasil.com.br/progressao--continuada/ // http://www.educabrasil.com.br/correcao-de-fluxo-escolar/ // http://www.avaliaeducacional.com.br/Avaliacao/AvaliacaodeCompetencias/ // https://www.infoescola.com/educacao/a-existencia-de-um-curriculo-e-a-escola-flexivel/)

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA: EXPRESSÃO DAS DEMANDAS SOCIAIS, DAS CARACTERÍSTICAS MULTICULTURAIS E DAS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS E DOS PAIS. O TRABALHO COLETIVO COMO FATOR DE APERFEIÇOAMENTO DA PRÁTICA DOCENTE.

Preliminares

A lei 9.394/96 no inciso I do Artigo 12 estabelece que, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, os estabelecimentos de ensino terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica: o Projeto Político Pedagógico (PPP).

O que é e para que serve o PPP?

Constitui-se em um documento produzido como resultado do diálogo entre os diversos segmentos da comunidade escolar a fim de organizar e planejar o trabalho administrativo-pedagógico, buscando soluções para os problemas diagnosticados.

O PPP, além de ser uma obrigação legal, deve traduzir a visão, a missão, os objetivos, as metas e as ações que determinam o caminho do sucesso e da autonomia a ser trilhado pela instituição escolar.

Como se faz o PPP?

Considerada a legislação vigente e orientada, sobretudo, pelo Parecer CEE 405/2004, a escola, representada pelos diferentes segmentos que constituem sua comunidade, diagnostica a realidade administrativo-pedagógica, social, estrutural e educacional e, a partir dos dados resultantes do diagnóstico, traçam objetivos, propõe metas, planeja ações para que, ao longo de um período letivo, alcance sucesso na aprendizagem do aluno.

Este é um processo fundamental para o êxito da escola: a cultura do diagnóstico e da avaliação (como tomada de decisão) em movimentos de ação, reflexão sobre a ação, e ressignificação de ação.

Fazer o PPP implica em planejamento de todas as atividades no âmbito escolar, execução das ações previstas, avaliação do processo e retomada. Isto somente é possível se instituída a prática do registro e da reflexão sobre ele.

Projeto Político Pedagógico Professor

Introdução

Este Projeto Político-Pedagógico (PPP) é uma ferramenta de planejamento, orientação e construção de diretrizes para a rede pública de ensino do Distrito Federal e, como tal, requer que as políticas e ações propostas sejam referência para o trabalho desenvolvido para todas as instâncias.

Devido a sua dinamicidade o PPP requer uma avaliação/reestruturação a partir de novas ações que devem ser implantadas.

Cabe-nos esclarecer que optamos pelo termo PPP por acreditar que neste documento estão expostas, para além de diretrizes pedagógicas ou operacionais, a nossa concepção de educação compromissada com a formação integral do educando, a sustentabilidade humana como princípio das políticas públicas que se propõe efetivar, enfim, nossas opções de ação pedagógica e política frente aos desafios que devem ser transpostos na busca de uma educação com qualidade social para a população do Distrito Federal.

Contudo, não se pode confundir o PPP da SEDF com o PPP das unidades escolares, pois o primeiro não substituirá os demais. Precisamos compreender o presente documento como norteador dos Projetos Político Pedagógicos a serem construídos coletivamente por todos os segmentos atuantes na comunidade de cada unidade escolar, pautados na perspectiva apresentada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e na Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional 9.394/96 – LDB, de que as unidades escolares, respeitando as normas e propostas de seus sistemas de ensino, têm a incumbência de elaborar e executar suas propostas pedagógicas, dentro dos preceitos da gestão democrática.

Concepção de Educação, Missão e Objetivos Institucionais.

Segundo o marco normativo brasileiro, é princípio e finalidade da educação a formação de cidadãos. Tanto a Constituição Federal como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB estabelecem que "a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

O cidadão pleno é aquele que consegue exercer, de forma integral, os direitos inerentes à sua condição. A cidadania plena passa a ser, desse modo, um ponto de referência para a permanente mobilização dos sujeitos sociais.

Pensar sobre o papel que a educação cumpre na atualidade requer pensar sua função, sua organização e o envolvimento dos sujeitos. Requer, sobretudo, pensar nas realidades que vivem e convivem no espaço escolar, considerando o momento em que as desigualdades e injustiças sociais expõem os equívocos de um modelo de desenvolvimento econômico e social que visa apenas ao lucro imediato de uma minoria (GADOTTI, 2000) e transforma as relações humanas em relações de mercado.

Esse modelo, fruto das políticas capitalistas, leva as pessoas a um processo de personalização e competitividade que alteram o modo de ver, entender e agir – ou não agir – na vida, no qual as aspirações e a realização individuais estão fortemente vinculadas aos imediatismos que se refletem no consumo descartável (LIPOVETSKY, 2007), em uma lógica de felicidade efêmera, que dura o tempo que o objeto de consumo durar ou até que um novo surja.

Marca indelével desse modelo, em todo o mundo, é o abismo cada vez maior entre pobres e ricos; entre os excessivamente alimentados e os que sofrem de fome crônica; entre os moradores de palácios e os sem-teto de não centrada apenas na liberdade individual em detrimento da justiça social e da vida em coletividade.

A ideia de sustentabilidade humana parte da ressignificação do conceito de homem e de mulher como força de trabalho, para quem as relações se restringiam ao próprio capital e à luta de classes, e de uma concepção de ser humano e sociedade como elementos inseridos dentro da natureza, e não dela apartados, cujo bem-estar não se limita à satisfação dos aspectos estéticos e fisiológicos, mas, sobretudo, busca os aspectos éticos e as relações minimamente justas e de convivência pacífica.

O raciocínio sustentável exige a busca pelo bem-estar "sociocósmico" (BOFF, 1995), para o qual não basta que o humano esteja bem atendido em seus direitos e necessidades básicas, sem que também o estejam os demais seres e elementos da natureza, posto que, juntos, constituem a comunidade planetária.

Há, ainda, que se pensar o uso racional dos recursos tecnológicos e das fontes de energia como componentes indispensáveis a uma vida sustentável.

Os resíduos industriais, o despejo de metais pesados na natureza, o consumo de combustíveis fósseis e a mecanização da mão de obra em larga escala são alguns dos resíduos degradantes da política capitalista que inviabilizam a sustentabilidade humana, práxis para a racionalização de tecnologias e matrizes energéticas limpas, em um movimento que busca o equilíbrio entre ser humano, ambiente e tecnologias, que complementam o processo de sustentabilidade.

É este o grande desafio da educação do presente: transformar a sociedade, conduzindo o processo de transição para uma humanidade sustentável. Essa construção só se torna possível por meio de uma pedagogia que se preencha de sentido, como projeto alternativo global, em que a preocupação não está centrada na preservação da natureza ou no impacto da intervenção humana sobre os ambientes naturais, mas em um novo modelo de civilização, sustentável, implicando uma mudança radical nas estruturas econômicas, sociais e culturais vigentes.

Essa mudança está ligada a um projeto utópico: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje (BENFICA, 2011), em prol da felicidade real, interna, que depende do exercício da alteridade e, portanto, da solidariedade como prática democrática. A construção de outra sociedade deve ser a meta primordial da educação formal, que transcende os muros da escola.

Formalmente, a escola é o espaço determinante para que se concretize a ação educativa. Nesse sentido, Petitat (1994) explicita que a escola serve tanto para reproduzir a ordem social como para transformá-la, seja intencionalmente ou não. Além disso, a escola é o espaço de socialização de crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos, bem como espaço de difusão sociocultural; e também é um espaço no qual os sujeitos podem se apropriar do conhecimento produzido historicamente e, por meio dessa apropriação e da análise do mundo que o cerca, em um processo dialético de ação e reflexão sobre o conhecimento, manter ou transformar a sua realidade.

A escola é uma instituição social que pode ocasionar mudanças diante das lutas ali travadas, por meio de sua prática no campo do conhecimento, das atitudes e dos valores, de articular e desarticular interesses (FRIGOTTO, 1999). Por essa razão, não se deve perder de vista a ideia de que as ações pedagógicas refletem as concepções, estejam elas explícitas ou não.

O papel da educação no espaço escolar requer o fim da ingenuidade sobre as disputas ideológicas ali presentes. As ações, democráticas ou autoritárias, revelam a formação oferecida. Por isso, é preciso questionar sobre a escola que temos e a escola que queremos construir e isso implica problematizar as ações, articular os segmentos que desempenham suas funções e, como proposto pela gestão democrática, favorecer as instâncias coletivas de participação.

Dessa forma, proporcionar uma educação que possibilite o desenvolvimento do pensamento crítico, que problematize a realidade e a comunidade, que reconheça o território de influência da escola no desempenho de sua função de formadora de sujeitos históricos é, a nosso ver, o caminho para fazer uma educação que seja transformadora da realidade.

De forma mais abrangente, uma rede de ensino necessita que sua ação e seu trabalho sejam orientados por uma linha, uma concepção de educação.

A SEDF entende que a educação deve ser referenciada pela formação integral do ser humano. Em outras palavras, a educação deve contemplar as diversas dimensões que formam o humano, não apenas os aspectos cognitivos. Deve reconhecer que, como sujeitos de direitos e deveres, é imprescindível que se oportunize aos estudantes o despertar de outras dimensões, entre elas: a ética, a artística, a física, a estética e suas inter-relações com a construção social, mental, ambiental e integral do desenvolvimento humano.

Por essa razão, o processo educativo deve se pautar na realidade, entendida como algo não acabado e sobre a qual podemos intervir. Essa intervenção deve caminhar pela integração entre a escola e sua comunidade na perspectiva de compreensão da área de abrangência próxima como território que intervém na formação dos sujeitos, proporcionando uma educação que extrapola a mera aprendizagem cognitiva e observa a integralidade humana.

Na perspectiva de compreensão do homem como ser multidimensional, a educação deve responder a uma multiplicidade de exigências do próprio indivíduo e do contexto em que vive. Assim, a educação integral deve ter objetivos que construam relações na direção do aperfeiçoamento humano.

[...] A educação, como constituinte do processo de humanização, que se expressa por meio de mediações, assume papel central na organização da convivência do humano em suas relações e interações, matéria-prima da constituição da vida pessoal e social (GUARÁ, 2006).

A educação oferecida deve reconhecer, assim, a necessidade de uma articulação intersetorial entre a escola, a comunidade, os movimentos sociais, o sistema produtivo local, as associações, clubes e o poder público, pelo reconhecimento de que a educação acontece em diferentes esferas, tempos e espaços para construção de um projeto que tenha a justiça social e a justiça ambiental como referência.

A educação integral pode ser vista sob dois aspectos: como concepção e como processo pedagógico. Como concepção, visa à formação humana em suas múltiplas dimensões. Em outras palavras, não é possível educar sem reconhecer que os sujeitos se constituem a partir de sua integralidade afetiva, cognitiva, física, social, histórica, ética, estética, que, pela complexidade das relações que se estabelecem entre todos os elementos que coabitam a Terra, dialoga amplamente com as dimensões ambientais e planetárias, em um novo desenho das relações humanas e sociais. Vista dessa forma, a Educação requer que estejam integrados e sejam ampliados, de forma qualitativa, espaços, tempos, saberes e conteúdos.

Como processo pedagógico, a educação integral prevê práticas não dicotomizadas, que reconhecem a importância dos saberes formais e não formais, a construção de relações democráticas entre pessoas e grupos, imprescindíveis à formação humana, valorizam os saberes prévios, as múltiplas diferenças e semelhanças e fazem de todos nós sujeitos históricos e sociais.

A educação deve ser fomentada a partir da realidade dos sujeitos envolvidos no trabalho realizado, realidade esta que não se restringe ao campo das relações humanas e sociais entendidas apenas como as relações entre humanos. Deve conectar os saberes construídos historicamente, associados aos saberes construídos pela comunidade, e que incorporam uma nova mentalidade, um novo jeito de ser, estar e se relacionar no mundo, para que nela adquiram sentido e sirvam como mobilizadores de ações e atitudes, visando à formação solidária fundada no respeito, na autonomia, a favor do bem comum e da transformação social, numa perspectiva de construção de consciências de corresponsabilidade para com o futuro do planeta e a sobrevivência das gerações futuras.

A ação educativa deve ir além das aprendizagens de conteúdos formais, reconhecendo diferentes espaços, etapas, tempos e ferramentas educativas para que se consiga superar a distância entre o que se constrói dentro e fora da escola, porque

[...] o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que, em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem (REGO, 2002).

A aprendizagem é um processo que se desenvolve com a maturidade natural do organismo humano, com o contato com a cultura produzida historicamente e por meio das relações sociais mediatizada pelo mundo (FREIRE, 2003).

Portanto, não se desconsideram os espaços formais e tradicionais de construção do conhecimento, pois é preciso ressignificá-los do ponto de vista dos ambientes e dos materiais, bem como ampliar o leque de possibilidades para além dos espaços escolares, construindo um pacto pedagógico, no qual escola e comunidade assumam responsabilidades socioeducativas na perspectiva de construção do território educativo.

A educação, nesse sentido, deve reconhecer práticas dialógicas entre os sujeitos para o respeito aos direitos e à dignidade humana, de forma que, participativa e democraticamente, se tenha a garantia da cidadania ativa.

Para efetivação dessa proposta, a escola necessita reorganizar o seu trabalho, seu planejamento, sua coordenação coletiva. Reconstruir a relação entre o sujeito e o conhecimento, para subverter a lógica que separa pessoas e saberes, prazeres e descobertas, respeito e diferenças. Reconhecer que democracia, solidariedade e liberdade devem orientar o trabalho pedagógico.

Há ainda que se considerarem as novas formas de ensinar e aprender que, a exemplo da transcendência espacial, requerem a conexão com as novas realidades do tempo presente, como o diálogo com as novas tecnologias. Construto importante do conceito de sustentabilidade humana, o uso racional e pacífico com as tecnologias deve permear as relações pedagógicas, a partir dos instrumentos e materiais de apoio e mediação pedagógica.

Levy (1999) nos alerta que qualquer projeção a ser feita sobre o futuro da educação e das sociedades deve considerar as novas relações com o saber, dada a velocidade com que os saberes são renovados e os meios que estão a esse serviço.

O número de crianças que têm acesso a computadores e à internet, por exemplo, vem aumentando consideravelmente, na mesma proporção em que a faixa etária de iniciação tecnológica diminui sensivelmente. Antes domínio dos adolescentes, hoje as tecnologias digitais fazem parte do universo infantil desde a mais tenra idade. Já na primeira infância, crianças manipulam, com naturalidade, aparelhos celulares e computadores de mão de seus pais, (JORDÃO, 2009), familiarizando-se rapidamente com os utilitários da atualidade.

Chamadas "nativas digitais", essas crianças ingressam na escola não apenas habituadas aos aparatos tecnológicos, mas também a uma nova rotina, deles advinda, que lhes permitem desenvolver diversas atividades ao mesmo tempo. Para elas é usual ouvir música no MP3 player, enquanto enviam mensagens pelo celular, acessam sites, baixam fotos, realizam a pesquisa encomendada pelo professor e, ainda, aprendem (MARTINS, 2009).

NOVA CONCURSOS

As novas formas de acesso à informação (hiperdocumentos, mecanismos de busca, software, redes sociais, etc.), os novos estilos de raciocínio e de conhecimento, que não advém da dedução lógica ou da indução a partir da experiência, compõem o campo das tecnologias intelectuais que são facilmente reproduzidas ou transferíveis e compartilhadas entre inúmeros indivíduos, aumentando consideravelmente o potencial de inteligência coletiva (LEVY, 1999).

Neste novo contexto, a sala de aula tradicional, que guarda identidade com a metáfora da transmissão/aquisição do conhecimento, ganha novos contornos. O arrojo das tecnologias educacionais associado ao gerenciamento de atividades guiadas pela participação, que priorizam a noção de conhecimento como construção e colaboração (PAIVA, 2010), remetem a práticas inovadoras, que rompem com a aula objetivista e buscam uma mudança de paradigma, apoiando-se em novas ferramentas, como os ambientes virtuais de aprendizagem (PAIVA, 2010).

Os ambientes virtuais de aprendizagem proporcionam ao estudante uma diversidade de ferramentas de comunicação e experiências desafiadoras, mais elaboradas e em redes colaborativas.

A atuação do professor, nesse contexto, deve superar uma visão reducionista das tecnologias digitais numa perspectiva meramente técnica, e centrar-se no acompanhamento e na gestão das aprendizagens, que se traduzem no incitamento às trocas de saberes, na mediação relacional e simbólica, na condução personalizada pelas rotas de aprendizagem, constituindo uma relação dialógica que leva em consideração as diferentes formas de aprender dos alunos (LEVY, 1999).

A modernização dos processos educativos, concebidos em um projeto de sustentabilidade humana, prevê o suporte do Estado para a efetivação de suas ações, abrangendo tanto a aquisição de computadores de última geração para estudantes e professores, quanto o apoio formativo para a otimização de seu uso.

Consolida-se assim, a educação com a visão da integralidade humana a qual prenuncia a gestão democrática, o planejamento e a construção coletiva como exercício fundamental, para que os profissionais e estudantes sejam favorecidos no desenvolvimento de práticas pedagógicas que ultrapassem o simples diálogo entre os saberes, provocando uma nova práxis do trabalho educativo e da reorganização dos processos de aprendizagens.

Outros fatores agregam-se a esse processo de construção da educação, entre eles a intersetorialidade e a participação estudantil. O entendimento de intersetorialidade surge pelo fato de a educação ser um compromisso de todos – governo, sociedade civil e comunidades pertencentes à ampla rede de instituições que circundam a escola. Portanto, requer ações coletivas e organizadas em função das aprendizagens e do reconhecimento da escola como espaço de referência da ação social e da construção de territórios educativos.

Já a participação estudantil diz respeito à importância democrática de garantir o direito dos estudantes de serem partícipes do processo educativo e da vida da comunidade. As deliberações da escola devem contar com a participação de seus estudantes, que são os sujeitos para os quais a escola organiza suas ações.

Como já enunciado, o entendimento de educação integral não se pode resumir a ampliação do tempo de permanência do estudante na escola. Apesar de esse fator ser importante para a melhoria na qualidade da educação, não é só isso que dará conta de tal papel.

Associados à proposta de ampliação de tempo, visamos, ainda, à ressignificação e ampliação de espaços e tempos escolares, de modo a oportunizar a aprendizagem do cidadão em suas múltiplas dimensões e na perspectiva da sustentabilidade humana, da cidadania, dos direitos humanos e do respeito à diversidade.

Verificando-se os aspectos legais que, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seus artigos 34 e 87 prevê o aumento progressivo da jornada escolar para a jornada em tempo integral, conforme segue:

Art. 34 – A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

2º parágrafo: O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino. [...]

Art. 87,§ 5º – Serão conjugados todos os esforços, objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral.

Nesta mesma linha, temos, ainda, a recomendação do Plano Nacional de Educação, Lei n°10.172/2001, artigos 21 e 22, que apontam para a necessidade de educação integral e a Lei Orgânica do Distrito Federal, em seu artigo 221.

Somado a isso há o Decreto nº 33.329, de 10/11/2011, que regulamenta a Lei Federal nº 4.601, de 14 de julho de 2011, instituindo o Plano pela Superação da Extrema Pobreza, DF sem Miséria, que, em seu art. 43, apresenta a necessidade de implantação progressiva da educação integral nas regiões de vulnerabilidade social.

Só faz sentido pensarmos na ampliação da jornada escolar, ou seja, na implantação de escolas de tempo integral, se considerarmos uma concepção de educação integral em que a perspectiva de que o horário expandido represente uma ampliação de oportunidades e situações que promovam aprendizagens significativas e emancipadoras. Mais que isso, é preciso que tal ação possa tornar a progressão do estudante no sistema de ensino exitosa.

Requer um aumento quantitativo e qualitativo. Quantitativo porque considera um número maior de horas, em que os espaços e as atividades propiciadas têm intencionalmente caráter educativo; qualitativo porque essas horas não devem ser apenas suplementares, mas entendidas como todo o período escolar, uma oportunidade em que os conteúdos propostos devem ser ressignificados, revestidos de caráter exploratório, vivencial e protagonizados por todos os envolvidos na relação de aprendizagem e ensino.

Assim, essa concepção de educação integral para a SEDF, do ponto de vista da sua qualidade e, paulatinamente, de sua quantidade, deve ser referência em que as ações, em todas as instâncias e em todos os espaços educativos, sejam orientadoras do sistema.

O PAPEL DO PROFESSOR NA INTEGRAÇÃO ESCOLA- FAMÍLIA.

A relevância conferida à família tanto pela constituição no seu Cap. VII – Da família, da criança, do adolescente e do ancião em seus artigos 226, 227 e 228, como pelo Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Cap. III – Do direito à convivência familiar e comunitária nos estimulam a empreender uma incursão de caráter teórico-conceitual sobre as leis existentes que referendam a questão familiar e sua relação com as práticas de políticas sociais desde o ponto de vista educacional.

Ao examinar-se a realidade, notamos que as práticas postuladas nos documentos se constituem em vias de acesso que as escolas possuem para implementar processos de integração e participação familiar que podem e devem ser organizados e executados pela escola.

Essa constatação nos leva a refletir sobre as dimensões da interrelação escola-família no âmbito da comunidade e se intenta verificar a possibilidade de operacionalizar uma orientação que possa refletir a viabilização de uma interrelação mais efetiva.

Geralmente a iniciação das pessoas na cultura, nos valores e nas normas da sociedade começam na família. Para que o desenvolvimento da personalidade das crianças seja harmonioso é necessário que seu ambiente familiar traduza uma atmosfera de crescente progressão educativa. Todavia estamos convencidos que todas as instituições e especialmente a escola deve não só apoiar e respeitar os esforços dos pais e responsáveis pelos cuidados, atenção e educação das crianças, e que devem também colocar-se em posição efetiva de gerar iniciativas dirigidas à elevação e aprimoramento social e educacional de seus educandos e respectivas famílias.

Nessa perspectiva, a escola por sua maior aproximação às famílias constitui-se em instituição social importante na busca de mecanismos que favoreça um trabalho avançado em favor de uma atuação que mobilize os integrantes tanto da escola, quanto da família, em direção a uma maior capacidade de dar respostas aos desafios que impõe nossa sociedade.

Essa visão, certamente, contribui para que tenhamos uma maior clareza do que podemos fazer no enfrentamento das questões sócio-educativas no conjunto do movimento social.

As ações de caráter pedagógico que as escolas podem dirigir para favorecer às famílias devem fazer parte de seu projeto e para que isso possa acontecer é fundamental que as ações em favor da família sejam desenvolvidas e presididas pelos princípios da convergência e da complementaridade. Nesse sentido é importante que o projeto inicial se faça levando em conta os grandes e sérios problemas sociais tanto da escola como da família, como reflete os parâmetros curriculares "...repensar sobre o papel e sobre a função da educação escolar, seu foco, sua finalidade, seus valores, é uma necessidade essencial: isso significa considerar características, ânsias,, necessidades e motivações dos alunos, da comunidade local e da sociedade em que ela se insere. A escola tem necessidade de encontrar formas variadas de mobilizações e de organização dos alunos, dos pais e da comunidade, integrando os diversos espaços educacionais que existem na sociedade.

Substancialmente o que a escola deve fazer é melhorar a posição da família na agenda escolar já implementada pela legislação existente. Promover a família nas ações dos projetos pedagógicos significa enfatizar ações em seu favor e lutar para que possa dar vida as leis. Mais do que criar um novo espaço para tratar das questões da família ou da escola, a própria escola deve articular seus recursos institucionais, de maneira a assegurar que as reflexões, os debates, os estudos e as propostas de ação possam servir de embasamento para que o desenvolvimento social se concretize por meio de práticas pedagógicas educativas efetiva.

Conectar a interrelação escola-família de forma mais estreita significa construir e desenvolver comunidades nas quais poderemos satisfazer nossas necessidades básicas ao aspirar uma melhor qualidade de vida para as gerações futuras. Para isso precisamos não só aprender sobre os princípios de convivências comunitária como também exercitar esses princípios por meio de relações mais frutíferas e compromissadas com o desenvolvimento educacional e social. Precisamos revitalizar nossas comunidades colaborando para colocar claramente os princípios da interrelação numa prática de relações sociais fortalecidas pelo respeito, pela eficácia das ações e pela luta por uma cidadania digna.

Tanto as comunidades escolares como as comunidades familiares não podem permanecer distanciadas em seu processo de desenvolvimento e funcionamento organizacional, mas devem estar vinculadas e aberta aos recursos educacionais que dispõem e determinar por sua historicidade a dimensão cognitiva e educativa que pretendem aplicar no processo de desenvolvimento humano, e mais precisamente no acompanhamento das novas gerações.

Nesse sentido, as mudanças estruturais e conjunturais dos componentes educacionais em questão necessitam incorporar nas suas relações as formulações desses princípios e utiliza-los como guias para manter pais e professores no caminho do desenvolvimento estável e progressivo. O primeiro desses princípios é a noção de interdependência. A dependência mútua de todas as pessoas. Essa é a natureza de todo e qualquer relacionamento social. Compreender a interdependência social significa compreender relacionamentos e valorizar a importância que eles tem na formação e no desenvolvimento das pessoas.

A cooperação é o segundo princípio no estabelecimento das relações sociais. A troca de recursos educacionais e de impressões educativas se mantém e se sustentam quando permanece fortalecida a ajuda mútua. A incorporação desse princípio relacional se torna significativo na medida em que vai se consolidando a integração da escola com a família.

O terceiro princípio é a interação dos agentes escolares e familiares. As ações relacionais só podem ser mantidas por meio desse processo. Nas suas relações cada um influencia o outro e desde essa perspectiva educativa, os professores são considerados como as pessoas mais preparadas e capazes de elevar o nível de desenvolvimento não só dos alunos mas de sua família também.

A integração desses fatores nessa proposta nos fornece uma nova configuração da relação escola-família e ressalta a importância da função reitora da escola no sentido de considerar as necessidades familiares no que diz respeito aos aspectos psicológicos, sociais e éticos de uma relação significativa com os outros, de crescimento da própria competência educativa ou de uma participação na definição do significado experiencial da sua vida pessoal, social e educacional.

(Fonte: http://www.erasmobraga.com.br/artigos/a-importancia-da-integracao-escola-familia-no--processo-pedagogico)

Interação família escola comunidade

A sociedade tem passado por profundas mudanças nas últimas décadas, mudanças estas que tem afetado de forma fundamental a estrutura e equilíbrio das famílias. A escola também, ainda que de forma mais lenta tem procurado se adaptar a essas mudanças, mas o que urge nos nossos dias é a interação entre ambas, promovendo uma maior eficiência na educação e ensino das crianças.

A família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência.

A escola como detentora do conhecimento científico deve fornecer e promover nessa relação, todo seu cabedal de conhecimento de forma que esse esforço leve em consideração os aspectos particulares da situação social e cultural hora vigente, e que influenciam de forma decisiva o equilíbrio familiar.

Por sua vez as famílias, responsáveis pelo desenvolvimento social e psicológico de seus filhos, devem buscar a interação com a escola, promovendo, questionando, sugerindo e interagindo de forma a fornecer elementos que através de discussões e ampla comunicação com os educadores promovam as iniciativas que vão de encontro às necessidades dos educandos.

Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

Atualmente, em muitas famílias as mulheres que são as responsáveis pelo sustento dos filhos, a vida econômica tornou-se altamente instável e os valores morais passaram a ser transitórios.

Com total ausência de seus progenitores, promove-se a escola como responsável direta de educar seus filhos; os pais suprem suas necessidades básicas, mas tornam-se completamente ausentes, como sistema não cumprem sua função.

A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Vemos nos últimos anos que os pais estão perdendo o controle de seus filhos, não conseguindo impor limites. Também existem casos em que os limites impostos são rígidos demais, sendo que ambas as formas podem gerar dificuldades. O ideal seria agir com moderação, ou seja, dar limites sem exagero.

A educação bem-sucedida da criança no ambiente familiar é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.

Com a necessidade de se ausentar-se do lar, as famílias colocam as crianças em creches e escolas, os pequenos começam a ir para escola precocemente, o que pode favorecê-las ou não, isso depende do acompanhamento familiar e escolar realizado.

Porém não basta colocar as crianças na escola, é preciso acompanhá-las frequentemente e ajudá-las.

Se a família coloca na escola, mas não a acompanha pode gerar na criança um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento.

A escola, assim como as famílias, vem passando por modificações constantes, embora as mudanças ocorridas na família aconteçam de forma muito mais rápida. A escola precisa acompanhar e aceitar tais mudanças, e a implantação de um mecanismo de representatividade dos professores junto aos alunos e comunidade escolar é uma forma de intermediar o diálogo e aproximar uns dos outros.

Hoje há uma confusão de papéis, cobrança para as duas instituições e novas atribuições profissionais para você. Parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola. Por outro lado, há uma falta de habilidade dos professores em promover essa comunicação

Hoje vemos que as escolas não passam por tantas dificuldades financeiras como no início dos tempos. Porém apesar disso encontramos muitos problemas relacionados a dificuldade de aprendizagem, indisciplina, falta de preparo de professores, pais que não participam da vida escolar dos filhos e muitos outros.

A educação fundamental é um direito de todos. Existe maior acessibilidade e a gestão das escolas públicas tornaram-se democráticas, permitindo a participação de toda comunidade local e escolar nas tomadas de decisões, porém, muitos nem sabem desses direitos, não se importam ou são ocupados demais para participarem.

É importante que a escola faça um trabalho de orientação aos familiares e de toda comunidade, permitindo uma maior participação de todos, o que torna o gestor o maior responsável por influenciar toda comunidade escolar neste sentido de orientação, a presença da família na escola deve estar vinculada com os objetivos e ações da escola para juntos alcançar o pleno desenvolvimento das crianças.

A escola secundária é fortemente determinada pelo modo como age seu diretor. E isto também é verdadeiro para a escola particular, mas acho que pela razão de o diretor da escola particular prestar contas para um curador ou diretoria, existe mais pressão sobre para obter resultados do que o diretor da escola secundária estadual que presta contas para uma Secretaria de Educação. A escola particular produzirá em média melhores diretores porque se estes não realizarem serão despedidos ou a escola irá decair muito rapidamente.

A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a diferença é a capacidade da família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

Os adultos de hoje não têm mais tanta certeza de que sabem mais que seus filhos quais os caminhos que levam a felicidade e, portanto, colocam bem menos limites. Trata-se de uma posição honesta.

Os adultos muitas vezes acabam não colocando limites porque assim é cômodo para eles. Colocar limites significa envolver-se, conter o adolescente e a criança, suportar suas reclamações e protestos, enfim, enfrentar as dificuldades.

Vemos também um aumento no número de divórcios em todo o país, o que reflete na mudança de comportamento de toda a população, influenciando também o rendimento escolar das crianças.

Apesar de a escola ser insubstituível na educação, formação profissional e socialização da criança, por toda sua variedade de ideias e suas diferenças de crenças, culturas e de condições sociais, se torna um espaço de muitos conflitos. É por isso que o diálogo, a compreensão, o compromisso são elementos indispensáveis para que se consiga terra fértil. Assim faz-se necessário o investimento no sentido de se construir bom relações, procurando minimizar a indisciplina. Onde entra o diretor como personagem principal de bons relacionamentos, promovendo iniciativas que atraem a participação dos familiares e de toda comunidade no universo escolar.

O diretor de escola é, antes de tudo, um educador. Enquanto tal, possui uma função primordialmente pedagógica e social, que lhe exige o desenvolvimento de competência técnica, política e pedagógica. Em sua Gestão, deve ser articulador dos diferentes segmentos escolares, em torno do projeto político-pedagógico da escola.

Necessário seria a implantação de um mecanismo de representatividade dos professores junto aos alunos e comunidade escolar. Para isso se faz necessário ir além das paredes da escola e conhecer a realidade de seus alunos, o que exige um grande esforço dos professores e da gestão da escola, necessário ver educação como um ato de amor.

Além disso, família e escola devem levar em consideração as influências externas que, sem acompanhamento das duas instituições podem favorecer ou não o desenvolvimento das crianças, influenciando positivamente ou negativamente, na formação do educando.

A escola deve acompanhar as mudanças constantes em relação às tecnologias, podendo assim ensinar as crianças a usá-las de forma crítica.

No lar, as imposições dos pais, nem sempre equilibrados, direcionados por caprichos e interesses, muitas vezes, mesquinhos, empurram o jovem, desestruturado ainda, para o convívio de colegas igualmente imaturos. Em outras circunstâncias, genitores irresponsáveis transferem os deveres da educação a funcionários remunerados, ignorando as necessidades reais dos filhos, e apresentando-se mais como fornecedores de equipamentos e recursos para a existência, do que pessoas afetuosas e interessadas na sua felicidade, dão margem a sentimentos de rancor ou de imediatismo contra a sociedade que eles representam. Ademais, nas famílias conflituosas, por dificuldades financeiras, sociais e morais ou todas simultaneamente, o adolescente é obrigado a um amadurecimento precipitado, direcionando o seu interesse exclusivamente para a sobrevivência de qualquer forma, em considerando a situação de miséria na qual estão vivenciando.

Para algumas famílias o convívio entre si se torna insuportável, são como estranhos embaixo de um mesmo teto. Muitas mães que trabalham durante o dia, ao anoitecer, quando chegam a casa cansadas, sentam-se em frente à televisão para assistir suas novelas, se relacionando com os personagens da ficção, mas mal sabem como seu filho foi na escola, se ele tem tido algum tipo de problema, se ele está bem, se está gostando da escola e de seus professores. Muitas não contam como foi o seu dia e sequer dizem ao filho o quanto são importantes para elas, assim, os filhos não encontram em sua casa um amigo para conversar e acabam procurando nas ruas alguém que os ouça.

Estamos na era da admiração. Ou seus filhos o admiram ou você não terá influência sobre eles. A verdadeira autoridade e o sólido respeito nascem através do diálogo. O diálogo é uma perola oculta no coração.

O papel de educar passa a ser da escola, das ruas, da televisão e internet, onde, sem monitoramento algum, filhos fazem o que querem e assistem programas que influenciam negativamente suas vidas.

A família, sendo à base de uma formação completa do indivíduo, tendo papel decisivo na formação de caráter, deve ter participação direta na educação das crianças. É fundamental que aconteça essa parceria entre escola e família, e que juntos possam alcançar o objetivo em comum, de formar cidadãos que saibam como viverem no mundo atual. Percebe-se que no atual momento em que vive a educação, a falta de envolvimento, participação, apoio e limites das famílias para com as crianças, torna impossível uma educação de qualidade.

A família é o berço da formação de regras, princípios e valores, outras instituições assim como a escola, possuem também papel muito importante nesta formação moral, a escola se organizando de forma democrática, oportunizando uma vivência cidadã. Dessa forma, promovem o nascimento crescimento do respeito mútuo e o desenvolvimento da autonomia, ingrediente para formação moral.

A escola deve incentivar e investir na relação família--comunidade-escola, pois todos, principalmente as crianças/alunos saem ganhando. Para isso os profissionais na escola devem acolher as famílias para que todas sintam-se bem naquele ambiente e possam expor sua opinião e desenvolver reuniões para compartilhar o trabalho realizado apresentando sugestões de como os pais podem dar suporte para seus filhos.

O vínculo escola-família prevê o respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores, para que os pais garantam as possibilidades de explorarem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista.

Definidos os papéis dos pais e professores, deve haver este respeito mútuo entre ambas as partes, expondo suas opiniões e ouvindo sugestões, de forma respeitosa, para que assim a própria criança também tenha respeito pelo professor e pela escola.

Tal relação implica em colocar-se no lugar um do outro e não apenas enquanto troca de favores.

Tendo em vista o momento que vive a educação no país, stress de parte dos professores, despreparo de alguns, desvalorização do profissional, dificuldades de aprendizagem apresentada pelas crianças, violência, e levando em conta o quanto é importante a participação das famílias no processo de aprendizagem, é de grande interesse das escolas que esta interação ocorra, pode-se dizer que é papel da escola promover esta interação, garantindo uma troca de informação e de ideias, orientando as famílias e mostrando o quanto é importante sua participação na educação das crianças.

O que torna o professor responsável por se aproximar da realidade do aluno, sair de sua zona de conforto e ser autor das mudanças que são necessárias para que a escola propicie uma educação de qualidade aos alunos.

A realidade é que a maioria dos educadores atribui aos pais a origem dos problemas, e acusam como fator as mudanças na família. Assim entre escola e família ocorre uma confusão de papéis, cobranças para ambas as instituições. O que parece ocorrer uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola e pôr o outro, uma falta de habilidade dos professores em promover comunicação.

Apesar de ambas as instituições terem papel importantíssimo no crescimento e desenvolvimento das crianças, devemos saber que cada uma possui o seu próprio papel nesse processo de educá-las, daí a importância se ter uma boa relação entre ambas as partes, com as duas instituições cumprido seus papéis, tanto escola quanto família terão maiores chances de fazerem o que devem fazer, cumprir seus papéis.

Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substituir a família. Por outro lado, a função de escola na vida da criança é igualmente ímpar. Mesmo que as famílias se esmerem em serem educadoras, o aspecto socializador do conhecimento e das relações não é adequadamente contemplado em ambientes domésticos.

Percebe-se assim que a ação educativa tem influência da família, essa influência, no entanto é básica e fundamental no processo de educar a criança, nenhuma outra instituição possui condições de substituir.

Os professores que sempre se colocaram em suas salas de aula, como meros transmissores de seus conhecimentos, hoje deparam com uma realidade onde apenas transmitir tais conhecimentos não basta, é preciso ir além das salas de aulas e em muitos casos fazer o papel dos familiares, na transmissão de valores e princípios, o que faz de educar realmente mais que um mero ganha pão, mas um ato de amor.

Os métodos de ensinos dos professores também precisam ser revistos, as verdades que acreditam serem absolutas hoje podem não serem mais verdades, as crianças que eram receptoras passivas de todo conhecimento transmitido pelos professores hoje com acesso a outras formas de transmissão de conhecimento, assistem as aulas com uma visão mais crítica desses conhecimentos transmitidos, esse não pode mais ser o único papel do professor, que deve sim, agir como intermediário e com interdisciplinaridade, deve ser polivalente.

Sabemos que muito tem sido transferido da família para a escola, funções que eram das famílias: educação sexual, definição política, formação religiosa, caratê, dança, entre outros. Com isso a escola vai abandonando seu foco, e a família perde a função.

Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva. A escola poderá desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro e sadio. É na escola que deve se conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc.

A escola contemporânea tem funções que a obriga, ir além das salas de aula, ter contato com a realidade de seus alunos e enxergá-los de maneira afetuosa, não apenas como meros números de certa estatística, mas como indivíduos que necessitam de seu apoio.

A FORMAÇÃO CONTINUADA COMO CONDIÇÃO DE CONSTRUÇÃO PERMANENTE DAS COMPETÊNCIAS QUE QUALIFICAM A PRÁTICA DOCENTE.

Este artigo tratará a respeito da formação dos docentes. Como ponto de partida reflexões sobre o processo formativo dos educadores e futuros professores para a mediação do processo ensino-aprendizagem. Nesse aspecto, o professor torna-se um dos principais atores dessas mudanças, portanto, sua formação e sua prática tem sido e continua sendo motivo de estudo.

Percebemos que a profissão de professor é muito árdua, mas que para quem realmente quer fazer a diferença vai em busca de novas possibilidades de incluir em sua prática novas metodologias, que irão contribuir no seu trabalho e na qualidade do ensino. Entre essas alternativas incluem os processos de formação, como a história de

vida de alguns professores, alguns que decidem entrar na carreira somente pelo fato de não ter outra opção, outros porque gostam, amam a profissão. Nesse sentido há necessidades de refletir sobre essa prática docente e a partir do momento que há uma reflexão sobre as experiências de vida já está havendo uma relação com o processo de formação.

A formação teórica e a prática poderão contribuir para o melhoramento da qualidade de ensino visto que as mudanças sociais que poderão gerar transformações no que tange ao ensino-aprendizagem são decorrentes de um ensino de qualidade, onde será necessária uma qualificação profissional e pessoal.

Nesse sentido os educadores poderão refletir sobre sua prática e a partir daí procurar aperfeiçoamentos que poderão ser cursos de graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado ou até mesmo palestras, seminários, leituras de livros entre eles os de grandes teóricos da educação. A partir do estudo dos mesmos confrontar as ideias, experiências vivenciadas pelos mesmos e fazer a associação com os problemas enfrentados na prática docente a fim de uma resposta para os problemas enfrentados em sala de aula. Por isso, há a necessidade do educador fazer um paralelo entre a teoria e a prática, visto que, um depende do outro. Sabemos que o educador não é valorizado o suficiente pelo trabalho que desenvolve, no entanto, nem por isso o mesmo deixará de ir em busca de formação para melhor desempenhar o seu trabalho.

Palavras-chave: Formação, Professores, Metodologia, e Ensino de história.

Formação e valorização do docente

A formação e o trabalho docente é uma questão importante uma vez que o mesmo deve estar consciente que sua formação deve ser contínua e está relacionada ao seu dia-a-dia, segundo Nóvoa (2003 p.23) "O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente". Para este estudioso a formação continuada se dar de maneira coletiva e depende de experiência, reflexões como instrumentos de análise.

O docente não pode se privar de estudar, grande são os desafios que o profissional enfrenta, mas manter-se atualizado e desenvolver prática pedagógica é indispensável para que haja maior mobilização na formação de professores, é necessário criar condições favoráveis tanto na formação continuada quanto na valorização do mesmo.

Para Romanowski (2009,p. 138)

"A formação continuada é uma exigência para os tempos atuais. Desse modo, pode-se afirmar que a formação docente acontece em continuum, iniciada com a escolarização básica, que de pois se complementa nos cursos de formação inicial, com instrumentalização do professor para agir na prática social, para atuar no mundo e no mercado de trabalho".

As universidades vêm ocupando um papel essencial, mas não é o único, para a formação de professores. O desenvolvimento profissional não corresponde só a cursos de formação de professores mas soma ao conhecimento adquiridos ao longo da vida. A formação não conduz só no saber na sala de aula é preciso garantir uma gestão escolar de qualidade e diversas práticas pedagógicas e na perspectiva histórico, sócio-cultural.

Os docentes precisam de qualificação tanto na área pedagógica como nos campos específicos do conhecimento. A formação inicial deve passar por reformulação profundas. Isso implica em garantir ao profissional um conhecimento básico para a sua atuação no âmbito escolar, pois a aprendizagem ocorre quando por meio de uma experiência mudamos nosso conhecimento anterior sobre uma ideia, comportamento ou conceito. Nesse sentido procuramos sempre adquirir conhecimentos seja através de uma graduação, pós-graduação, seminários, palestras, encontros pedagógicos em fim todos os cursos que venham contribuir para a nossa formação pessoal e profissional. Além disso, colocamos em prática o que aprendemos no exercício da profissão com o desejo de contribuir para um melhor desempenho, uma melhor aprendizagem dos alunos.

Com efeito, os grandes pensadores têm contribuído muito no processo educacional, sabemos que muitos tem procurado desvendar problemas que ora para muitos profissionais da educação não sabiam como resolver, lidar com determinados problemas enfrentados na prática pedagógica. E é percebível que muitos tem procurado por em prática essas teorias e tem obtido resultado satisfatórios pois sabemos que por trás de cada professor , em qualquer sala do mundo, estão séculos de reflexões sobre o ofício de educar e o trabalho desses profissionais vem sendo desenvolvidos através das ideias desses teóricos que passaram a ser incorporadas a prática pedagógica desses profissionais. Quem não conhece Vygotsky? O teórico que aos educadores interessa em particular os estudos sobre o desenvolvimento intelectual?

Na teoria de desenvolvimento intelectual de Vygotsky, sustenta que todo conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações humanas. Essa teoria tem por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada, histórico social. O conhecimento que permite o desenvolvimento mental se dá na relação com os outros. Nessa perspectiva o professor constrói sua formação , fortalece e enriquece seu aprendizado. Portanto é importante ver a pessoa do professor e valorizar o saber de sua experiência. Nesse sentido para Nóvoa (1997.p.26).

"A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando".

Estudos indicam que existe necessidade de que o professor seja capaz de refletir sobre a sua prática e direcioná-la segundo a realidade em que atua, voltada aos interesses e das necessidades dos alunos. Nesse aspecto, Freire, (1996, p.43) afirma que: " É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que pode melhorar a próxima prática". Dessa forma há uma necessidade de o educador adequar o conteúdo ao nível cognitivo e a experiência das crianças para que os mesmos possam ser compreendidos por qualquer aluno.

Para maior mobilização de conceito de reflexão na formação de professores é necessário criar condições de trabalho em equipe entre discente. Sendo assim isso sugere que a escola deve criar espaço para seu crescimento. Além de bons salários e de formação adequada é preciso garantir uma gestão escolar competente, onde acabe com o isolamento da sala de aula. Nesse sentido, Shôn (1997,p.87) nos diz que :

(...) O desenvolvimento de uma prática reflexiva eficaz tem que integrar o contexto institucional. O professor tem que se tornar um navegador atento a burocracia. E os responsáveis escolares que queiram encorajar os professores a tornarem-se profissionais reflexivos devem criar espaços de liberdade tranquila onde a reflexão seja possível. Estes são os dois lados da questão, aprender a ouvir os alunos e aprender a fazer da escola um lugar no qual seja possível ouvir alunos e devem ser olhados como inseparáveis".

A formação de professores socialmente legitimada é feita em espaços destinados especialmente para esses fins. Trata-se de espaços externos da escola, em tempos que divergem do efetivo trabalho do professor. Nessa mesma linha de pensamento, a formação dos professores é questionada e colocada em xeque sempre que surge um novo método ou uma nova política imposta pelo Estado.

Nesse contexto a consequência mais imediata que o professor é constantemente submetido a cursos de capacitação para aprimorar e reavaliar seus saberes. Carvalho (1990,p.19-20) aponta que, para os investigadores:

Os professores são agentes ativos na construção de sua própria prática (sem esquecer que estão em interação com os demais e imersos nas limitações da escola) e que adquirem e utilizam um corpo de conhecimento, as vezes chamado profissional ou destreza, em suas atividades docentes.

O conhecimento profissional docente tem sido caracterizado como complexo dinâmico e multifacetado. O conhecimento de si mesmo e de seu processo pessoal de aprendizagem profissional da docência também tem sido identificado como componente do conhecimento profissional do professor.

De certa forma, o repensar a concepção da formação dos professores, que até pouco tempo objetivava a capacitação, através da transmissão do conhecimento , a fim de que "aprendessem" a atuar eficazmente na sala de aula vem sendo substituído pela abordagem de analisar a prática que este professor vem desenvolvendo , enfatizando a temática do saber docente e a busca de uma base de conhecimentos para os professores, considerando os saberes da experiência.

Considerando que a tarefa do professor tem como característica ser um trabalho interativo, a dificuldade de trabalhar com os saberes formalizados sugere assim contribuir para o aperfeiçoamento da prática docente e formação de professores. FRIGOTTO (1991) discute a necessidade de que a reorganização dos cursos de formação seja pensada num contexto de transformação de todo o sistema escolar, para que tais cursos não tenham que se converter., simplesmente em um espaço de compensação de déficit deixados por uma diferente educação. Dessa forma, FRIGOTTO (1991,p.131) afirma que :

[...] A aprendizagem dos professores não começando primeiro dia de sua formação como professor Começa em sua infância, no lar e quando esse futuro professor vai à escola. O mau sistema escolar forma não só maus alunos, como maus professores que, por sua vez, reproduzirão o círculo vicioso e empobrecerão cada vez mais a educação. Hoje, começa-se enfim a reconhecer que uma profunda reforma escolar é necessária, também do ponto de vista da formação do professorado, não apenas do ponto de vista dos alunos. Assim como a reforma escolar não é possível sem mudança da formação docente, esta é impossível desacompanhada de uma reforma escolar. Ambas são interdependentes. Somente a partir da compreensão desses processos será possível repensar os cursos de formação, de modo que possam promovê-los.

Diante disso, se fala muito em educação de qualidade, e que para isso acontecer precisa-se do compromisso de todos para que essas mudanças venham ocorrer de fato .Sabemos que muito já mudou na educação ,principalmente relacionados a formação do educador , onde a maioria não possuía uma formação adequada de acordo com a LDB, hoje já se percebe essa mudança .

No entanto, somente a formação do professor não é o suficiente para a melhoria do ensino, é necessário o desenvolvimento de políticas públicas que visem melhorar todo o sistema educacional, desde: servidores, recursos didáticos infraestrutura, enfim, tudo que contribui para melhorar o interesse e o desempenho do aluno na escola. Além disso, é necessário o envolvimento da família, escola e comunidade pois isso também interferem no processo de aprendizagem escolar.

Todos esses fatores, o modo como a família vê a escola e fala dela é um dos principais fatores no processo. Segundo Perrenoud, o valor que a família dá à unidade de ensino, a forma como os pais vivenciaram a própria escolarização e as expectativas em relação aos filhos influem muito no sucesso das crianças.

Dessa forma, é necessário um trabalho em equipe onde a escola possa desenvolver projetos que venham envolver família, escola e comunidade. Pois sabemos que para uma educação de boa qualidade não depende só do educador, só da formação continuada dos mesmos, mas de todo o sistema social.

Relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem

Atualmente inúmeros estudos têm focalizado aspectos relacionados ao comportamento de alguns professores e a formação dos alunos estabelecida através de uma ligação contínua , estreita e extensa em sala de aula .Uma vez que nós os docentes temos o poder de tomar decisões e influenciar os alunos diretamente e indiretamente .E muitas vezes somos vistos como emissor da informação ,organizador de atividade e realimentador por excelência do sistema educacional.

Nesse sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdos, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos nossos alunos. Logo, a relação que traçamos entre nós e os discentes de-

pende fundamentalmente da afetividade, confiança, empatia e respeito entre ambas parte para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem; por outros, SIQUEIRA (2005,p.01),"afirma que os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor". Assim situações diferenciadas que formamos comum determinado aluno, como por exemplo melhorar a nota deste, para que ele não fique de recuperação, norteadas as vezes pelo fator amizade ou empatia, não deveria existir nas atitudes de um formador de opiniões. Segundo FREIRE (1996,p.96) "o bom professor é o que consegue ,enquanto falar, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento". Sua aula se torna um desafio para manter aluno em sintonia com o que está mediando na sala de aula. Logo não podemos pensar que a construção do conhecimento é individual e sim uma via dupla, onde o professor em sala de aula é um intermediário entre conteúdos da aprendizagem e discente. Com base na teoria de WALLON (2008,P.68) um teórico que muito contribuiu falando a respeito da afetividade, do social e intelectual diz que: .

A escola é a instituição que tem por finalidade prover atividades para desenvolver esses aspectos. Sendo a educação um fator social, ela deve refletir a realidade concreta na qual esse ser social vive, atua e, muitas vezes procura modificar. A função da educação é integrar a formação da pessoa e a sua inserção na sociedade e, assim, assegurar sua plena realização. Cabe à educação, dessa forma, formar indivíduos autônomos, pensantes, ativos ,capazes de participar da construção de uma sociedade contextualizada .Os métodos pedagógicos não podem ser dissociados desses enfoques , eles devem ser apoiados no conhecimento do aluno e no seu meio, pois "todas as crianças, sejam quais forem suas origens familiares, sociais, étnicas, têm direito igual ao desenvolvimento máximo que sua personalidade comporta. Elas comportam. Elas não devem ter outra limitação além de suas aptidões".

Considerações Finais

escola representa um lugar em constante movimentação e transformação, em que os atores sociais envolvidos no processo educativo são agentes da dinâmica social que ocorre no interior do espaço escolar, em um processo de saberes. Considerando isso é necessário que os mesmos envolvidos procurem buscar alternativas que venham a mudar o processo educacional.

Através do estudo das disciplinas formação e profissionalização docente e Teorias cognitivas da aprendizagem contribuíram ainda mais, para a profissionalização docente, visto que o docente precisa estar constantemente se atualizando, procurando melhorar sua prática. E através da leitura dos livros e as aulas dessas disciplinas que o docente vai adquirindo mais conhecimento.

O processo de formação continuada, trata-se efetivamente de um processo continuo que toma como partida o saber experiencial dos professores, os problemas e desafios da prática escolar. Nesse contexto a pratica pedagógica estará sempre nesse processo continuo em busca da construção do saber, o que significa a constituição de uma conduta de vida profissional. Tal conduta era conduzir o processo educativo dos níveis da prática reflexiva e da ciência aplicada.

A importância dessa mudança na prática pedagógica implica a releitura da função do professor como profissional reflexivo e da escola como organização promotora do desenvolvimento do processo educativo.

A valorização e melhor remuneração que o profissional docente almeja em boa parte de sua formação e atuação inicial como ainda de sua formação continuada além de boas condições de trabalho, salário e carreira.

Munido desses elementos o ambiente dentro e fora da sala de aula dará bons frutos. Essa caminhada em busca de renovação de conhecimento o implicou e se processa durante toda a vida profissional. Esse processo partiu de pressupostos de que o ensino de um nível estreita correlação com outros níveis que complete o outro.

Munidos desses saberes elementares, os frutos serão colhidos tanto por parte do docente que estará alcançando seus objetivos quanto ao discente.

Fonte: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/formacao-continuada-processo-(desenvolvimento--profissional.htm)

O ENSINO CENTRADO EM CONHECIMENTOS CONTEXTUALIZADOS E ANCORADOS NA AÇÃO.

O mundo em que vivemos se transforma em uma velocidade muito superior à do sistema de educação tradicional. Por essa razão, o desafio de propor formas de aprendizado efetivas para as próximas gerações aumenta mais e mais a cada dia. Já que não sabemos exatamente o que o amanhã nos reserva, como preparar os jovens para os desafios do desconhecido?

Na prática, o entendimento é de que modelos de educação mais flexíveis têm mais condições de assimilar mudanças quando comparados a formatos rígidos. Afinal, como verificamos ao longo da história da humanidade, a capacidade de adaptação e de superação de adversidades garantem a continuidade da nossa existência.

É frente a essa realidade que cabe a nós questionar: qual é a tarefa da escola hoje? Pensando nisso, reunimos aqui algumas iniciativas que buscam repensar o papel dessa instituição, considerada o alicerce de qualquer sociedade, assim como os processos de inovação no ensino. Nesse caso, ao contrário do que acontece nos modelos educacionais conservadores, os alunos são agentes ativos em sua própria formação. Curioso para entender melhor tudo isso? Então acompanhe!

A necessidade da inovação

Ken Robinson, da Swanson Primary School, afirma que as crianças que começam hoje a educação básica provavelmente só se aposentarão em 2065. Isso mesmo: 2065! E olha que já está difícil estimar o que pode acontecer nos próximos 5 anos! O interessante é que, por mais que seja assustadora para alguns, essa imprevisibilidade dos acontecimentos pode ser motivo de entusiasmo para outros.

O que nos espera? Essa é uma das perguntas que as mentes inovadoras mais se fazem ultimamente. E é essa curiosidade sobre o futuro uma das grandes responsáveis por conectar diferentes culturas, indústrias e profissionais em todo o mundo, em um processo que não só cria soluções, como apresenta novos questionamentos.

Por definição, a inovação é o processo que busca tornar nossas vidas melhores. Ela cria recursos que nos afetam nos mais diversos aspectos, alterando a maneira como nos comunicamos, aprendemos e pensamos. E isso, consequentemente, modifica nossa visão sobre o mundo.

Muitas escolas acreditam que apenas levar computadores e outros dispositivos eletrônicos para a sala de aula já está de bom tamanho em matéria de inovação. Contudo, muito além de simplesmente incluir a tecnologia no dia a dia dos estudantes, é preciso inovar nos recursos pedagógicos, de maneira a fazer com que se dê, de fato, um passo à frente na educação dos alunos.

Uma série de dispositivos e serviços impulsionados pela tecnologia estão revendo os limites de quem consegue aproveitá-los. Segundo James Flynn, filósofo e pesquisador da Universidade de Otago, na Nova Zelândia, os índices de QI (Quociente de Inteligência) nunca foram tão altos mundo afora. Para o estudioso, isso está diretamente relacionado aos inegáveis avanços na educação. Apesar disso, ainda não somos capazes de solucionar aqueles que continuam sendo os grandes desafios do século XXI, como a desigualdade, a inacessibilidade à água potável e as mudanças climáticas.

A revolução para a qual devemos trabalhar, antes de mais nada, é a social. Nisso está fundada a necessidade de uma educação que amplie o entendimento dos estudantes sobre o mundo, dialogando com a tecnologia e os avanços na ciência. Tudo isso sem deixar de investir na humanização e na ampliação individual da consciência.

Considerando um futuro cenário de economia compartilhada, os estudantes devem aprender a ser mais proativos e persistentes, além de cada vez mais aptos a abraçar riscos. Afinal, as carreiras mais promissoras serão aquelas criadas pelas pessoas e para as pessoas. Uma educação inovadora deve promover o diálogo entre as necessidades da sociedade que nos cerca e as possibilidades tecnológicas para resolver problemas.

Os desafios da educação

Segundo dados do Relatório de Desenvolvimento 2012, divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 1 em cada 4 alunos que iniciam a educação fundamental no Brasil abandona a escola no último ano. Segundo o Ministério da Educação, a evasão no Ensino Médio em 2005 era de 10%.Em 2007, o MEC levantou que 2,9 milhões de estudantes que abandonaram as aulas em um ano, retornaram no seguinte, engrossando o índice de distorção entre idade e série.

Os motivos para a evasão escolar são variados, indo desde a necessidade de iniciar no mercado de trabalho e as dificuldades de aprendizado, passando pelo bullying, por doenças e mudanças de endereço, até chegar à falta de incentivos em casa e à falta de interesse na escola. Algumas dessas causas podem ser solucionadas com a ajuda do poder público. Outras, no entanto, estão nas mãos dos gestores escolares e de suas equipes.

Além de enfrentarem os desafios de um país marcado pela desigualdade social, escolas inovadoras ainda devem empoderar as crianças, dando a elas voz, repassando-lhes responsabilidades e atraindo os pais e a comunidade para perto. Se os gestores de uma instituição de ensino percebem que um estudante tem se ausentado, é papel deles comunicar a família e elaborar soluções para que o aluno seja recebido no ambiente escolar com regularidade.

A motivação dos alunos também é um fator relevante. Segundo Tião Rocha, antropólogo e educador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), em Belo Horizonte, o aprendizado pode se tornar uma brincadeira constante, em que os alunos se envolvem ludicamente na aquisição do conhecimento. Escolas inovadoras também precisam revolucionar o modelo de aulas, fazendo com que professores desçam do tablado para fazer a mediação entre os alunos e a construção ativa do conhecimento.

As principais metodologias

Alguns métodos que já se consolidaram em escolas de Pedagogia em todo o mundo têm atingido resultados satisfatórios para uma educação mais inovadora em nosso país. Vamos conhecer brevemente alguns deles?

Método Pestalozzi

No método Pestalozzi, acredita-se que, no lugar de dar as respostas prontas para os alunos, é preciso encorajá-los a descobri-las por si mesmos. Isso ajuda os estudantes a aprenderem a observar, imaginar, julgar e raciocinar de forma autônoma.

Método Montessoriano

Criado por Maria Montessori, o método entende que é a curiosidade natural da criança que a leva a aprender, desde que ela esteja em um ambiente satisfatoriamente instigante. Por isso, o espaço é preparado de forma que a criança tenha fácil acesso a livros, brinquedos e outras ferramentas pedagógicas, a fim de também incentivá-la a preservar a ordem.

Essa prática, que é um dos pilares do método, tem por objetivo colocar em exercício a autonomia do ser em formação, razão por que também aposta na realização de trabalhos manuais e privilegia experiências de contato concreto com a realidade aos conceitos abstratos.

Método Harkness

O método Harkness transforma a sala de aula em um espaço de conferência, proporcionando a interação. Os estudantes se sentam em volta de uma mesa circular, configuração que desperta neles a responsabilidade e o gosto por compartilhar suas descobertas com os colegas. Trata-se de uma alternativa às cadeiras enfileiradas, estimulando o pensamento crítico e o senso de coletividade.

A inovação na prática

Quais são os desafios impostos pelas novas gerações para as salas de aula? Continuamos a ouvir o eco dessa pergunta, não é mesmo? No Brasil, algumas escolas já propõem respostas ideais para remodelar a educação, forne-

cendo ferramentas para que os estudantes integrem processos inovadores e adaptem seu modo de agir em um futuro repleto de desafios. Confira-as a seguir!

Gestão democrática

Com uma proposta de educação baseada na democracia, a Politeia Escola Democrática, localizada na cidade de São Paulo, incentiva a gestão compartilhada e horizontal, na qual tanto os alunos como os educadores são componentes ativos. Os estudantes opinam nas questões referentes ao currículo, nas atividades pedagógicas a serem adotadas e assumem responsabilidade na convivência com a comunidade escolar.

Para isso, a instituição faz assembleias semanais, reunindo professores, alunos e funcionários para estabelecer regras de convivência e dinâmicas de uso dos espaços e materiais. Dessa forma, os alunos identificam e compreendem melhor quais são os direitos, bem como os deveres de cada membro da comunidade.

As assembleias também são um espaço para a resolução de conflitos. Os alunos envolvidos no conflito se sentam para conversar junto de mediadores. O problema é discutido abertamente e são propostas soluções, que devem ser acompanhadas durante a semana para testar sua eficácia. Nessa escola, a instância máxima (e coletiva) de decisão é o Conselho Escolar, composto por estudantes, educadores, funcionários, pais e demais membros da comunidade.

Redefinição das regras

A neozelandesa Swanson Primary School institui uma política de valorização da criatividade e suspensão de regras para a hora do recreio, deixando as crianças livres para brincar como bem desejam, sem o controle dos adultos.

A ideia é confiar no senso de responsabilidade das crianças, para assim cuidarem de si mesmas e aprenderem com os próprios erros. O experimento, conduzido por universidades locais, deu certo! Foram registrados menos acidentes, menos casos de vandalismo e bullying. Isso sem contar que a concentração das crianças nas aulas aumentou, bem como a vontade de irem à escola.

Reorganização dos espaços

Também em São Paulo, pequenas salas cederam espaço para 3 grandes salões. A iniciativa foi da Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima. De acordo com os ciclos de formação (1º e 2º anos, 3º a 5º anos e 6º a 9º anos), os estudantes desenvolvem suas atividades em um mesmo ambiente. Os alunos se reúnem em grupos de 5 e fazem suas tarefas diárias com a supervisão dos professores. A diretoria da escola acredita que, assim, alunos e professores trabalham em parceria, compartilhando o espaço e as atividades pedagógicas.

Na escola, os estudantes recebem apostilas com roteiros de pesquisa e cada um escolhe a ordem que deseja seguir. Até o final do ano, todas as atividades que constam no roteiro devem ser cumpridas. Os alunos podem fazer pesquisas na biblioteca, na sala de informática ou nos livros didáticos distribuídos pelo salão. Assim, mesmo que estejam em um mesmo grupo, não estão necessariamente no mesmo roteiro de pesquisa. De toda forma, com essa disposição, eles aprendem a trabalhar em equipe, desenvolvendo assim o espírito de colaboração.

Formas de avaliação

Voltemos à Politeia Escola Democrática. Por lá, são 3 as ferramentas usadas para avaliar o aluno: a pesquisa individual, o relatório elaborado por professores em grupos de estudo e a autoavaliação. Com isso, o objetivo da instituição é fazer um acompanhamento mais abrangente e efetivo dos estudantes, incentivando sua autonomia e seus interesses individuais.

Já na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, as avaliações são feitas em fichas de finalização, preenchidas pelos estudantes ao final de cada roteiro e corrigidas pelo respectivo tutor. Os alunos também escrevem relatos pessoais sobre o conteúdo estudado. Segundo a diretoria da escola, o modelo adotado aposta na autonomia do estudante, motivo por que é tão importante conhecer o ponto de vista das crianças sobre o que aprendem.

Paixão dos estudantes

Na Escola Concept, presente em Ribeirão Preto e Salvador, crê-se firmemente que é a paixão do aluno a responsável por definir como ele aprenderá. O modelo está centrado nesse princípio, que tem inspiração em escolas inovadoras ao redor do mundo. Lá, o professor não é visto como um profissional pronto. A instituição considera que, assim como o aluno, ele está em constante formação. E é a consciência sobre sua condição de aluno que veio antes que o habilita a avaliar o próprio trabalho, entendendo seu papel na preparação dos alunos para a vida. O ensino é personalizado para extrair o melhor de cada aluno.

Outra escola que se propõe a pensar o currículo de acordo com o interesse dos alunos é o Instituto Lumiar, também na cidade de São Paulo. Lá, os estudantes são igualmente valorizados enquanto protagonistas de seu desenvolvimento, sendo as habilidades e os conteúdos trabalhados de forma contextualizada. A filosofia do instituto encara o currículo como algo vivo, que deve ser construído e vivenciado em sintonia com as demandas e necessidades coletivas e individuais.

Princípios espirituais

A Universidade Viva Inkiri, na cidade de Piracanga, na Bahia, está centrada em uma proposta de transformação interna, de valorização da liberdade de escolha e da criatividade. Em uma realidade livre de quaisquer luxos, os professores motivam o desenvolvimento dos alunos por meio da culinária e do artesanato. A Inkiri evita divisões de gênero e não impõe férias ou feriados, porque a experiência escolar não é fatigante para justificar, na concepção da instituição, a necessidade de descanso.

Vida além do vestibular

Você certamente já deve ter se deparado com um conteúdo tão difícil e descontextualizado que se indagou sobre sua utilidade, certo? Nessas ocasiões, é comum que a existência da matéria seja justificada pura e simplesmente pelo fato de ser cobrada no vestibular. Contudo, você por acaso acha lógico (e justo) que uma dedicação de mais de 10 anos à escola tenha como motivação exclusiva a realização de uma prova?

NOVA CONCURSOS

Crianças aprendem os detalhes mais complexos sobre mitocôndrias e o ciclo do carbono, mas não têm esclarecimento básico sobre sua própria sexualidade, sobre como gerenciar suas emoções ou viver em sociedade. A tabuada tem que estar na ponta da língua, mas muitos adolescentes já iniciam a vida financeira fazendo dívidas. Hoje, portanto, muito mais importante que ter conhecimento, é saber aplicá-lo de forma produtiva. A escola não pode estar a serviço de formar profissionais e conquistadores do mundo. Ela deve preparar seres humanos para a vida!

Pensar além do vestibular também ajuda os jovens a refletirem mais sobre suas habilidades e seus potenciais para a carreira. É comum observarmos crianças que diziam querer ser artistas, bombeiros ou professores se tornarem jovens que passam a considerar apenas a Engenharia ou o Direito. Nesses casos, sem desconsiderar o processo de amadurecimento das escolhas ou fortalecer a crença em uma hierarquia entre as profissões, algo pode ter acontecido em anos de trajetória escolar para que os projetos da infância se tornassem coisa de criança ou passassem a ser desmerecidos.

Aprendizado dentro e fora de sala

Os grandes pensadores da educação seguem nos ensinando que aprender é um processo em que a sala de aula é o mundo! Nesse sentido, o conhecimento teórico deve servir como base para conceber e desenvolver soluções práticas para problemas que fazem parte do cotidiano. Especialmente hoje, em que dispositivos que cabem em nossas mãos abrem janelas para um universo múltiplo, a concepção de que a figura do professor (e, por extensão, a da escola) centraliza o saber está completamente superada.

Como mais um exemplo dessa abordagem vivencial e ampliada da educação, a Escola do Amanhã, em Ribeirão Preto, surgiu em parceria com a School of Tomorrow, de Dallas, com a intenção de implantar um projeto pedagógico de vanguarda em nosso país. Por lá, os conteúdos relativos à ciência são explorados em oficinas de educação ambiental e informática, bem como em cursos de robótica e laboratórios.

A arte também assume um papel relevante na formação dos alunos da escola, sendo exercida em oficinas de sapateado, música, escultura, pintura, circo e teatro. As humanidades são trabalhadas em oficinas de leitura e escrita, abordando atualidades e projetos de conhecimento para desenvolver a autonomia do aluno. Por fim, o cuidado com o corpo também é tratado como essencial, fazendo com que os alunos aprendam a ter uma vida mais saudável em aulas de judô, culinária, xadrez e futebol.

Os passos para chegar lá

Em comparação aos novos e híbridos métodos de aprendizagem, fica difícil ignorar a ineficácia da tradicional equação quadro de giz + aulas expositivas, que persistiu por centenas e centenas de anos. Como vimos nas experiências de várias instituições, o relacionamento interpessoal vem crescendo em importância no processo educativo, os limites da autoridade estão sendo flexibilizados e o lúdico deixou de ser visto como sinônimo de perda de tempo, indisciplina ou anarquia. Com base nesses e outros exemplos, quais ferramentas, condutas e processos podem ser usados para inovar no ensino?

Flexibilidade de horários

Horários flexíveis permitem que o ensino seja organizado de forma mais dinâmica, respeitando os diferentes relógios biológicos dos alunos. Assim, a escola pode oferecer a cada ao estudante o direito de escolher em que horário quer iniciar sua jornada de estudo, conforme seu tipo de rendimento, por exemplo.

Aprendizado e observação

O que os modelos de educação consolidados defendem é que o professor conduza as lições sem dar espaço para que os estudantes emitam suas opiniões, imprimam seu ritmo de aprendizado e desenvolvam suas próprias habilidades. Já vimos que, nesse aspecto, o método Montessoriano investe em um espaço para que as crianças tenham todas as condições para protagonizar seu aprendizado, enquanto o professor observa o progresso.

Personalização da grade

É comum que os blocos convencionais de disciplinas não funcionem para certos tipos de aluno, especialmente quando apresentam dificuldade na matéria. As sextas-feiras flexíveis, instituídas em algumas escolas dos Estados Unidos, permitem que uma disciplina seja abordada durante todo o dia.

Nesses dias, os professores ajudam os estudantes a estudar e identificar suas dificuldades, desenvolvendo o foco. Muitos professores acreditam ser mais fácil ensinar certos conteúdos por meio de uma abordagem mais personalizada. Em algumas unidades de ensino, os estudantes chegam a passar uma semana inteira em uma só disciplina, o que pode otimizar sua curva de aprendizado e aumentar seu grau de familiaridade com determinado conteúdo.

Documentários e vídeos educativos

O uso de vídeos educacionais durante as lições têm transformado o nível de engajamento dos estudantes, criando uma experiência de aprendizado muito melhor ao deixarem os estudantes mais concentrados e motivados. Isso acontece porque existem conexões entre as habilidades de retenção de informações, o conhecimento armazenado na memória e os conteúdos visuais. Além disso, os alunos são transportados para o universo do tópico discutido, o que estimula os insights e a conexão com conhecimentos prévios que podem contribuir para a discussão em grupo.

Investimento em pesquisa

Aplicar questões abertas ajuda os estudantes a agirem como verdadeiros repórteres, investigando em busca de novos conhecimentos, que originam novas perguntas. Motivá-los a explorar a realidade em que vivem faz com que se sintam menos intimidados diante dos desafios reais. Uma excelente estratégia é usar dados reais, que façam diretamente parte da realidade do aluno, em detrimento de inventar exemplos a serem resolvidos. Além disso, é importante transformar os estudantes em sujeitos ativos, criadores, que possam se envolver na geração de novos conhecimentos e soluções.

Foco em um projeto por vez

Nos métodos educacionais tradicionais, o aprendizado depende de lições individuais e múltiplos projetos. Contudo, focar em um único projeto possibilita que o estudante reúna conhecimentos na forma de questões direcionadas e avaliações do problema.

Problemas e soluções

Há 2 direções para a inovação: as que partem de problemas existentes (problemas para solucionar) e as que encontram soluções para problemas que ainda não existem, buscando tornar a vida mais fácil. Ambos os caminhos ajudam os estudantes a pensar os problemas de diferentes formas. O primeiro propõe a identificação de um problema e sua resolução, enquanto o segundo se aproxima da abordagem do design centrado no ser humano, por meio da qual os profissionais focam no uso do sistema e os fatores humanos e ergonômicos que ele implica.

Elos entre os conhecimentos

No currículo tradicional, os estudantes vão de um conteúdo ao outro muitas vezes sem estabelecer conexões com as habilidades e os conhecimentos previamente adquiridos — inclusive, os de outras áreas. Uma proposta para tornar esse processo mais natural e espontâneo é ajudá-los a construir pontes entre os saberes, ressaltando as relações entre eles. Dessa forma, o aluno é provocado a desenvolver uma perspectiva mais ampla sobre o que aprende, e, logo, pensar de forma mais crítica.

Valorização do trabalho em grupo

No lugar de priorizar o trabalho individual, propor um problema que todos os alunos possam resolver em conjunto é uma ação inovadora em educação. Assim, o conhecimento individual contribui para a resolução colaborativa.

Reposicionamento do professor

O professor deve deixar seu papel de especialista onisciente para abraçar o de facilitador. Assim, deve ajudar a trazer novos conhecimentos, de forma que os alunos possam construir o saber em conjunto. Ele é responsável pelo método que aplica e deve se preocupar em criar técnicas e explorar recursos diferentes para ensinar. Em outras palavras: se o professor é a ponte até o conhecimento, só o aluno é quem pode percorrê-la.

Crescimento com os erros

Ao invés de um ambiente rígido, em que erros são penalizados com dureza, a sala de aula deve ser um espaço aberto para a experimentação. O desafio do marshmallow é, hoje, uma das atividades mais aplicadas em cursos e oficinas de empreendedorismo. Ele mostra a importância de se construir protótipos para aprender com os erros no início do projeto.

Tom Wujec, designer que aborda o desafio em uma conferência do TED, mostra como as crianças são mais bem-sucedidas no desafio que os adultos. O porquê disso? O desencorajamento que os alunos sofrem ao longo de sua trajetória escolar os levam a internalizar a ideia de que não podem tentar e errar, passando a encarar o acerto mais como produto de mágica ou brilhantismo do que como construção.

A inovação no ensino se alinha às capacidades extraordinárias que as crianças têm de inovar. São habilidades que, na maioria das vezes, são desestimuladas em escolas rígidas, que desencorajam os alunos a se relacionarem com seus contextos e a pensarem em soluções para os problemas que vivem. Os caminhos para a inovação, como vimos, são vários. É necessário que as escolas abram suas portas e mentes à comunidade para uma gestão colaborativa, propondo-se à reinvenção constante.

(Fonte: http://novosalunos.com.br/a-importancia-da-inovacao-no-ensino-e-aprendizagem-dos-alunos/)

O REFORÇO E RECUPERAÇÃO: PARTE INTEGRANTE DO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM.

O conhecimento escolar é compreendido como uma construção baseada no encontro - feito de conflitos e acordos - entre diferentes tipos de conhecimento: saberes cotidianos que alunos e professores trazem de suas vivências familiares e sociais, conceitos e leis científicas, elementos estéticos e culturais, reflexões filosóficas e, é claro, determinações legais sobre o currículo. Sua prática se faz em condições muito especiais, que são dadas pelas interações dos alunos entre si e com o professor.

A Constituição Brasileira estabelece os direitos e deveres de todos os cidadãos que vivem em nosso país, bem como define responsabilidades dos Municípios, Estados, Distrito Federal e da União, dentre os Direitos Sociais encontra-se a educação e um capítulo específico é dedicado ao assunto. Além da Constituição Federal existem as Constituições Estaduais, a do Distrito Federal e as Leis Orgânicas dos Municípios que completam a Carta Magna.

A regulamentação dessas normas é feita pelas leis que podem ser federais, estaduais (ou do Distrito Federal) ou município e, por sua vez, são mais detalhadas pelos Decretos, Portarias e normas complementares (Resoluções ou Deliberações).

Interpretando a legislação há os Pareceres, que no campo da educação podem ser originários dos Conselhos de Educação (Nacional, Estadual, do Distrito Federal ou Municipal). Esse conjunto de documentos constitui o direito na educação ou, mais modernamente chamado, o Direito Educacional.

No ideário dos estudiosos da educação e também nas expectativas sobre o papel da escola, nas sociedades democráticas atuais, retratadas tanto em textos legais - Declaração Universal dos Direitos do Homem, Constituição Federal e Estadual, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) até Pareceres e Deliberações dos Conselhos Nacional e Estaduais - como em fóruns internacionais, podemos perceber a intenção e o desejo subjacente que perpassam todo esse conjunto de produções projetando-se por meio de uma frase, frequentemente mencionada, em que três conceitos se destacam: Educação para Todos com Qualidade.

Que a escola é a instituição vista como o espaço, por excelência, da educação formal, parece inconteste, embora outros agentes possam dar uma contribuição complementar. Que ela deva atender a todos, indistintamente quanto ao gênero, etnia, credo, classe social e demais diversidades, sob a ótica da educação como direito humano, também é pressuposto sobre o qual parece haver consenso. E, quando falamos de qualidade, de que escola estamos falando? Falamos de uma escola que efetivamente garanta aprendizagem para todos os alunos.

É fato que a intenção sem ação cai no vazio discursivo, igualmente verdadeiro é afirmar que a intencionalidade dos atos humanos, em todos os níveis, esferas e âmbitos de atuação, se constituem como força motivacional e norteadora sem a qual também caminharíamos a esmo. Assim, educação para todos com qualidade pressupõe uma escola na qual o aluno entre, permaneça, progrida e aprenda. Se para alguns, as concepções de ensino/aprendizagem/avaliação que sustentam a progressão continuada da aprendizagem em ciclos, já estão claras e interiorizadas, para outros que, por ventura, as desconheçam, ela pode ser responsabilizada pela baixa qualidade do ensino.

Na questão da alfabetização iremos direcionar nossos holofotes para as séries iniciais - destacando o acúmulo das dificuldades de aprendizagem que permanecem ao longo do Ensino Fundamental e posteriormente o Ensino Médio - a necessidade da intervenção imediata, no processo contínuo em sala de aula e através dos projetos de reforço e recuperação paralela, como forma de minimizar a gravidade das situações deixadas para a recuperação de ciclo, quando, em função da demora, o apoio pedagógico tardio poderá ser inócuo.

Mecanismos que possibilitam o reforço e a recuperação já estão disponíveis e até poderão vir a ser aprimorados, mas estarão sendo utilizados da melhor forma? Estarão de fato resolvendo as dificuldades de aprendizagem dos alunos?

A recuperação é obrigatória, contudo os aspectos operacionais são definidos pelo Regimento Escolar.

Outro ponto que iremos destacar será a questão da dependência, que significa a promoção do aluno à série ou seguinte com falta de uma ou mais disciplinas do ano ou semestre passado. Ela pode ocorrer ou não, também a critério do Regimento Interno.

Para abordarmos o Tema de nosso trabalho "O REFORÇO E A RECUPERAÇÃO: Parte integrante do processo de ensino e aprendizagem para o atendimento à diversidade de necessidades e de ritmos dos alunos.", iremos fazer alguns questionamentos ao Sistema Educacional, abordar os motivos que levam a necessidade da recuperação e do reforço escolar, como esta amparada pela lei e como é desenvolvido efetivamente na escola.

O QUE DIZ A LEI

Resolução SE 15, de 22.02.2005

Dispõe sobre estudos de recuperação contínua e paralela na rede estadual de ensino

O Secretário da Educação, considerando:

- que cabe à escola garantir a todos os seus alunos oportunidades de aprendizagem que possam promover continuamente avanços escolares;

- que a recuperação constitui parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem e tem como princípio básico o respeito à diversidade de características, de necessidades e de ritmos de aprendizagem de cada aluno;

- a necessidade de assegurar condições que favoreçam a implementação de atividades de recuperação paralela significativas e diversificadas que atendam à pluralidade das demandas existentes em cada escola;

- os indicadores do processo de aprendizagem do aluno evidenciados nas avaliações externas, principalmente no Saresp,

Resolve:

Artigo 1º - A recuperação da aprendizagem constitui mecanismo colocado à disposição da escola e dos professores para garantir a superação de dificuldades específicas encontradas pelo aluno durante o seu percurso escolar e ocorre de forma contínua e paralela, ao longo do ano letivo, e ao final do ciclo I e ciclo II do ensino fundamental.

Artigo 2º - A recuperação contínua está inserida no trabalho pedagógico realizado no dia a dia da sala de aula e decorre da avaliação diagnóstica do desempenho do aluno, constituindo intervenções imediatas, dirigidas às dificuldades específicas, assim que estas forem constatadas.

Artigo 3º - A recuperação paralela é destinada aos alunos do ensino fundamental que apresentem dificuldades de aprendizagem não superadas no cotidiano escolar e necessitem de um trabalho mais direcionado, paralelo às aulas regulares. Artigo 4º - Para o desenvolvimento das atividades de recuperação paralela, cada unidade escolar deve elaborar projetos especiais a serem desenvolvidos ao longo do ano letivo na seguinte conformidade:

a) No primeiro semestre, a partir do início de março até o final de junho;

b) No segundo semestre, a partir do início de agosto até o final de novembro.

Parágrafo único - As atividades de recuperação paralela não eximem o professor da classe/disciplina da responsabilidade de realizar a recuperação contínua, a partir da avaliação diagnóstica, desde o início do ano letivo.

Artigo 5º - Os projetos de recuperação paralela devem ser elaborados mediante proposta do Conselho de Classe/Série, a partir da análise das informações registradas nas fichas de avaliação diagnóstica, preenchidas pelo(s) professor(es) da classe, e devem conter, no mínimo:

I - identificação das dificuldades do aluno;

II - objetivos, atividades propostas e procedimentos avaliatórios;

III - critérios de agrupamentos de alunos e de formação de turmas;

IV - período de realização com previsão do número de aulas e horário.

§ 1º - Os projetos de recuperação devem apresentar de forma detalhada o trabalho a ser desenvolvido com:

a) os concluintes dos Ciclos I e II que foram promovidos com recomendação ou obrigatoriedade de recuperação paralela desde o início do ano letivo;

b) os alunos com necessidades educacionais especiais, incluídos em classes regulares.

§ 2º - As turmas, constituídas, em média, por 25 alunos, podem ser organizadas por série, por disciplina, por área de conhecimento ou por nível de desempenho nas diferentes habilidades.

§ 3º - As atividades de recuperação paralela serão desenvolvidas no mesmo turno de funcionamento da classe, após o término das aulas regulares, na seguinte conformidade:

a) no ciclo I: 3 aulas semanais;

b) no ciclo II: 2 aulas semanais.

§ 4º - Cada unidade escolar conta com um crédito de horas equivalentes a 5% da carga horária total anual do conjunto de classes em funcionamento na escola a ser utilizado durante os períodos previstos para o desenvolvimento dos projetos de recuperação paralela.

Artigo 6º - Compete aos educadores responsáveis pela implementação dos projetos de recuperação paralela:

I - à Direção da Escola e à Coordenação Pedagógica:

a) elaborar, em conjunto com os professores envolvidos, os respectivos projetos, encaminhando-os à Diretoria de Ensino para aprovação;

b) coordenar, implementar, acompanhar e avaliar os projetos propostos, providenciando as reformulações, quando necessárias;

c) informar aos pais as dificuldades apresentadas pelo aluno, à necessidade de recuperação, os critérios de encaminhamento e a forma de realização;

d) disponibilizar ambientes pedagógicos e materiais didáticos que favoreçam o desenvolvimento dessas atividades;

II - ao docente da classe e/ou da disciplina, enquanto responsável pela aprendizagem do aluno:

a) identificar as dificuldades de cada aluno, pontuando com objetividade as reais defasagens diagnosticadas ao longo do bimestre ou bimestres;

b) propor a realização de atividades adequadas às dificuldades detectadas;

c) avaliar continuamente o desempenho do aluno, registrando os avanços observados em sala de aula e na recuperação paralela;

III - aos docentes responsáveis pelas aulas de recuperação paralela:

a) desenvolver atividades significativas e diversificadas capazes de levar o aluno a superar as dificuldades de aprendizagem;

b) utilizar os diferentes materiais e ambientes pedagógicos para favorecer a aprendizagem do aluno;

c) avaliar os avanços obtidos pelos alunos e redirecionar o trabalho, quando as dificuldades persistirem;

d) participar das reuniões de HTPC e dos Conselhos de Classe/Série e de capacitações promovidas pela Diretoria de Ensino;

IV - aos Conselhos de Classe/Série:

a) Analisar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, propondo o encaminhamento para atividades de recuperação paralela;

b) avaliar o desenvolvimento dos projetos de recuperação paralela, sugerindo alterações para o seu aprimoramento;

V - às Diretorias de Ensino, por meio da Equipe de Supervisão e da Oficina Pedagógica:

a) orientar, acompanhar e avaliar a implementação dos projetos de recuperação da aprendizagem;

b) analisar os projetos apresentados pelas escolas, aprovando-os, quando as ações propostas forem compatíveis com o diagnóstico das dificuldades apresentadas pelos alunos;

c) gerenciar o crédito total de horas equivalente ao conjunto de créditos das unidades escolares de sua jurisdição, podendo remanejá-los e redistribuí-los entre as escolas;d) capacitar as equipes escolares e os professores encarregados das atividades de recuperação paralela.

§ 1º - Quando o docente responsável pelas atividades de recuperação paralela não for o mesmo da classe regular, a responsabilidade pela aprendizagem do aluno deve ser compartilhada por ambos, assegurando-se, nas HTPC e nos Conselhos de Classe/Série, a troca de informações e o entrosamento entre eles.

§ 2º - As decisões e os encaminhamentos dos Conselhos de Classe/Série deverão constar em ata e na ficha individual de acompanhamento do aluno.

Artigo 7º - Cabe a cada Coordenadoria de Ensino, em sua respectiva área de atuação, acompanhar e avaliar a execução das atividades desenvolvidas pelas Diretorias de Ensino em relação à recuperação contínua e paralela.

Artigo 8º - Cabe à Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas expedir instruções para o desenvolvimento de projetos especiais de recuperação paralela, quando houver demandas que requeiram a realização desses projetos.

Artigo 9º - Os resultados obtidos nas atividades de recuperação paralela serão considerados na análise do desempenho do aluno e incorporados às avaliações realizadas nas atividades regulares, em sala de aula.

Artigo 10 - A atribuição de aulas para o desenvolvimento dos projetos de recuperação paralela far-se-á conforme o disposto na legislação específica.

2.2 Direito e Deveres em Educação

Recuperação escolar

A recuperação é obrigatória, contudo os aspectos operacionais são definidos pelo regimento.

Dependência

A dependência significa a promoção do aluno à série ou seguinte com falta de uma ou mais disciplinas do ano ou semestre passado. Ela pode ocorrer ou não, a critério do regimento interno.

Avaliação dos alunos pela escola

A avaliação do rendimento escolar é feito conforme o regimento de cada escola. Não há regra geral obrigatória para todos. Quem determina a forma é, portanto, o estabelecimento de ensino e o aluno têm que ter conhecimento antes da matrícula. Não concordando, não deve haver a matrícula naquele colégio (exceto no caso de escolas que o questionamento deve ser feito com a direção ou no Judiciário).

NOVA CONCURSOS

O Reforço e a Recuperação na Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo

De acordo com a Portaria nº. 4688 de 18/12/2006, o Secretário Municipal de Educação considerando:

· Lei Federal 9394 de 20/12/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Art. 12, inciso V:

Art. 13, inciso IV:

Art. 24, inciso V, alínea "e":

· Lei Federal 8069 de 13/07/1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA

Art. 53: "A criança e o adolescente tem direito à educação, visando pleno desenvolvimento de sua pessoa".

Art. 56: "Os dirigentes de estabelecimento de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de":

III – "Elevados níveis de repetência.".

Resolve:

Art. 17: Os alunos que não apresentaram o progresso previsto serão objeto de estudos de recuperação contínua e, se necessário, da paralela, nos termos da portaria SME 4241 de 19/10/2006:

Dispõe sobre Estudos de Recuperação nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), de Ensino Fundamental e Médio (EMEFMs) e de Educação Especial (EMEEs), e dá outras providências.

O SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, no uso das atribuições legais que lhe são conferidas por lei, e considerando:

- o disposto na Lei Federal 9.394/96, especialmente no artigo 24, inciso V, alínea "e", no artigo 12, inciso V e artigo 13, inciso IV;

- o disposto na Deliberação CME 03/97 e Indicação CME 04/97;

- as diretrizes que caracterizam a Política Educacional da SME, em especial, os Programas voltados para o desenvolvimento das competências leitora e escritora;

- que os processos de recuperação devem resultar da identificação das necessidades dos alunos e da análise reflexiva das práticas pedagógicas que caracterizam a avaliação contínua;

- o Projeto Pedagógico como construção em processo que define as intervenções pedagógicas necessárias à eficácia do ensino-aprendizagem;

- a análise dos resultados obtidos nas avaliações internas e externas do rendimento escolar dos alunos;

- a necessidade de organizar estudos de recuperação, visando à promoção do desenvolvimento de habilidades necessárias à continuidade da aprendizagem dos alunos, respeitados a sua diversidade e ritmo próprio no processo educativo;

Resolve: Art. 1º - As Unidades Escolares deverão, mediante identificação dos problemas e dificuldades de aprendizagem, constatadas através dos registros individuais de avaliação permanente e cumulativa, oferecer recuperação contínua e paralela, na conformidade da Lei Federal nº. 9.394/96, consoante o previsto no Regimento Escolar, no Projeto Pedagógico e nas diretrizes desta Portaria.

Art. 2º - As atividades de recuperação contínua serão realizadas no decorrer de todo o ano letivo, com base nos resultados obtidos pelos alunos na avaliação contínua e discutidos nos horários coletivos com a equipe técnica da escola.

Parágrafo Único - No planejamento das atividades de recuperação contínua serão considerados: I - o plano de trabalho do Professor que expresse as expectativas de aprendizagem pautadas nas metas propostas no Projeto Pedagógico da Unidade Escolar;

II - a definição das intervenções pedagógicas do Professor necessárias à superação das dificuldades detectadas;

III - o replanejamento das atividades com vistas à organização do tempo e espaço na sala de aula;

IV - a participação do aluno no processo de avaliação dos resultados de aprendizagem, garantindo-se momentos de sua análise e auto-avaliação dos alunos a partir das expectativas de aprendizagem;

V - os registros como instrumentos que revelem as ações desenvolvidas, o processo de desenvolvimento dos alunos, os avanços, as dificuldades e as propostas de encaminhamento; VI - a divulgação dos resultados aos pais ou responsáveis, na busca de sua participação e colaboração nas atividades de reforço e na realização de tarefas complementares. Art. 3º - Na hipótese em que o aluno não apresentar os progressos previstos em relação aos objetivos e metas, poderá ser convocado para aulas de Recuperação Paralela em horário diverso do da classe regular, julgada a sua conveniência em cada caso pelo Professor, após análise com o Coordenador Pedagógico e/ou Diretor de Escola. Parágrafo Único - Os Estudos de Recuperação Paralela serão oferecidos até 30 de novembro de cada ano, mediante planos específicos elaborados a partir do Projeto Pedagógico da Escola, com duração temporária suficiente para superação da(s) dificuldade(s) detectada(s).

Art. 4º - As Unidades Escolares elaborarão Planos de Recuperação Paralela, que deverão ser aprovados pelo Conselho de Escola e autorizada pelo Supervisor Escolar, contendo, no mínimo:

I - critérios de agrupamento de alunos e de formação de turmas;

II - identificação das dificuldades individuais a serem superadas; III - objetivos a serem alcançados, atividades propostas e procedimentos de avaliação; IV - período estipulado para sua realização, discriminando quantidade de aulas previstas e horário;

V - local;

VI - professor (es) envolvido(s): identificação, categoria / situação funcional, registro funcional e Jornada de Opção.

§ 1º: As aulas referidas neste artigo terão a mesma duração da hora-aula do turno de funcionamento. § 2º: As turmas poderão ser formadas com alunos de diferentes classes, contando: I - Para Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio - com a média de 20 (vinte) alunos, podendo ser autorizado o mínimo de 10 (dez) alunos, em casos excepcionais, devidamente fundamentados.

II - Para Educação Especial - o mínimo de 04 (quatro) alunos.

Art. 5º - Além de outras atribuições e competências, caberá:

I - à Equipe Técnica da Unidade Escolar:

a) a articulação interna visando à implementação dos Estudos de Recuperação Contínua e Paralela;

b) acompanhamento da execução, fornecendo orientações e subsídios técnicos; c) redirecionamento das ações, quando se fizer necessário;

d) garantia, quando for o caso, da integração de Professores dos alunos participantes e os Docentes responsáveis pela Recuperação.

II - aos Professores responsáveis pelas aulas de Recuperação:

a) O desenvolvimento de atividades significativas, diversificadas e específicas com os alunos, propiciando-lhes a superação das dificuldades constatadas;

b) A avaliação contínua do desempenho dos alunos;

c) O registro dos resultados obtidos pelos alunos, dos avanços alcançados e das condições que ainda se fizerem necessárias para o prosseguimento de estudos.

d) III - à Diretoria de Orientação Técnico-Pedagógica - DOT-P e Supervisão Escolar da Coordenadoria de Educação: fornecer orientações e subsídios técnicos para apoio às Unidades Escolares.

Parágrafo Único: Os resultados obtidos pelos alunos nas atividades de Recuperação Paralela serão considerados nos procedimentos de avaliação adotados pelo Professor da classe/ano/termo/série. Art. 6º - As aulas de Recuperação Paralela deverão ser atribuídas aos Professores habilitados, optantes por Jornada Básica - JB ou Jornada Especial Ampliada - JEA que se encontrem, preferencialmente, em exercício na própria Unidade Escolar e a título de Jornada Especial de Hora-Aula Excedente - JEX, em horário não coincidente com o de seu turno de trabalho.

§ 1º: Caso haja necessidade, as aulas poderão ser atribuídas a Professores de outras Unidades Escolares da mesma ou outra Coordenadoria de Educação, observadas as condições especificadas e desde que haja compatibilidade de horários/turnos. § 2º: As aulas referidas neste artigo não compõem a Jornada de Trabalho de Opção do Professor. Art. 7º - No decorrer do ano letivo, quando forem oferecidas/atribuídas classes/aulas, seja na Unidade Escolar, seja na Coordenadoria de Educação, na forma e de acordo com os critérios estabelecidos em Portaria específica, e a fim de possibilitar a composição da Jornada de Opção, o Professor terá assegurado o direito à dispensa das aulas de Recuperação Paralela.

Art. 8º - Os casos omissos ou excepcionais serão resolvidos pelos Coordenadores das Coordenadorias de Educação, consultada, se necessário, a Secretaria Municipal de Educação. Art. 9º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, produzindo efeitos a partir de 01/01/2007, revogando, então, as disposições em contrário, especialmente a Portaria SME 1.898, de 03/04/02.

Orientação 004/SSE/03, 19/02/03 atualizada em 17/02/05

Assunto: Orientações para Recuperação de Final de Ciclo II

Interessados: Escolas Municipais de Ensino Fundamental

De acordo com as Normas Regimentais Básicas das Escolas Municipais de Ensino Fundamental de São José dos Campos "ao término de cada ciclo, os alunos que estiverem sem possibilidade de prosseguir os estudos, a critério do Conselho de Classe e Ciclo, poderão cumprir um ano letivo de programação específica de Recuperação do Ciclo, em caráter excepcional" (§ 3º, art.70)

As escolas que, após o Conselho de Classe Final ocorrido no fim do ano anterior, concluíram que têm alunos do Ciclo II sem possibilidade de prosseguir os estudos no Ensino Médio, atenderão na própria unidade escolar esses alunos durante o ano letivo em curso, através de uma programação específica de Recuperação de Ciclo.

1 – Em relação à programação específica de Recuperação de Ciclo é importante esclarecer que:

· Não deve ser entendida como reprovação do 4° ano do Ciclo;

· O nome do aluno constará da listagem do livro de frequência do 4° ano, com a observação de que se encontra em Projeto de Recuperação de Final de Ciclo. Os registros de frequência e acompanhamento da programação a ser desenvolvida deverá

ser feita em impresso próprio;

· O aluno cumprirá um ano letivo, ou seja, 200 dias de efetivo trabalho escolar;

· O aluno terá no mínimo 4 horas diárias de trabalho escolar

2 – A unidade escolar deverá dar ciência ao aluno e seus responsáveis da programação específica de Recuperação de Ciclo, conscientizando-os de que:

· A frequência é obrigatória;

· Não se trata de repetência do 4º ano;

· Deverá haver compromisso com a programação a ser desenvolvida;

· A avaliação ocorrerá de forma contínua;

· Serão registrados os avanços ocorridos na aprendizagem dos alunos, os quais serão notificados aos pais bimestralmente.

3 – A programação específica de Recuperação de Final de Ciclo será elaborada pela própria unidade escolar, sendo seu acompanhamento realizado pelos orientadores da escola (OP e OE). Na etapa de elaboração deste trabalho é importante observar o que segue:

3.1 - Levantamento dos alunos e diagnóstico das dificuldades a serem trabalhadas.

3.2 - Encaminhamento que será dado a cada aluno individualmente

3.3 - Plano de Trabalho do(s) Professor (es)

3.4 - Formas de registro: controle de frequência, atividades, avaliação, intervenções do professor no processo de aprendizagem e avanços da aprendizagem do aluno.

4 - As alternativas para organizar a Recuperação de Ciclo II na UE, dependerá do número de alunos, características da comunidade, dos professores, da proposta pedagógica e das dificuldades do aluno. A unidade escolar considerará essas características e elaborará o programa que melhor se adequar à sua clientela. Seguem algumas sugestões para o atendimento ao aluno em Recuperação de Final de Ciclo II :

· O aluno poderá ser agrupado em uma determinada classe/ano, nas aulas do(s) componentes de maior necessidade;

· O aluno poderá acompanhar e ser acompanhado por um professor que desenvolverá com ele atividades específicas de acordo com suas necessidades, durante um período e carga horária a serem determinados pela escola, através de módulos por componentes curriculares.

5 – A unidade escolar deverá elaborar a Programação Específica de Recuperação de Ciclo encaminhando-a à Coordenadoria Pedagógica do Ensino Fundamental para apreciação até data a ser determinada.

6 – O tempo que o aluno permanecerá na escola deverá ser programado e acompanhado pelo OE e professor ou professores responsáveis pelo projeto.

7 – O projeto e os registros da frequência e das intervenções pedagógicas do professor durante o processo de aprendizagem deverão ser sistematicamente acompanhados pelos orientadores pedagógicos o educacional e estarem disponíveis na unidade para a Supervisão de Ensino.

8 – Os casos omissos deverão ser encaminhados à Supervisão de Ensino para apreciação em conjunto a Coordenadoria Pedagógica.

Supervisão de Ensino Coordenadoria Pedagógica.

CICLOS: AINDA UM DESAFIO PARA OS SISTEMAS DE ENSINO

A organização da escolaridade em ciclos, cujas experiências pioneiras surgiram na década de 60 em vários estados brasileiros, representa uma alteração radical na organização escolar estruturada em séries, em que a evasão e a reprovação eram uma constante. Surge então, a aprovação automática, que elimina a reprovação em algumas séries e organiza o ensino em ciclos, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental. A Nova LDB (Lei no. 9394/96), propõe a possibilidade de organizar o ensino fundamental em ciclos e, para os estabelecimentos que utilizam a progressão regular por série, propôs-se o "regime de progressão continuada", cujas normas são de competência dos respectivos sistemas de ensino (artigo 32, parágrafos 1o. e 2o. da Lei). 3.1 Progressão Continuada x Promoção Automática

A progressão continuada é uma das mudanças propostas pela nova Lei de Diretrizes e Base, LDB 9394/96, e está alterando a rotina das escolas e fazendo com que os professores repensem seu trabalho e mudem suas estratégias de ensino.

A progressão continuada prevê três quesitos:

· não-prejuízo da avaliação do processo de ensino--aprendizagem;

· obrigatoriedade dos estudos de recuperação para os alunos de baixo rendimento; · possibilidade de retenção, por um ano, no final do ciclo.

Se retirarmos estes três itens da progressão continuada, teremos a promoção automática, idéia bastante desgastada no meio educacional, devido às formas de sua implantação no Brasil e dos resultados insatisfatórios, na maioria dos casos. No Sistema de ensino do Estado de São Paulo, o regime de progressão continuada foi organizado em dois ciclos:

Ciclo I: corresponde às quatro primeiras séries do Ensino FundamentalCiclo II: corresponde às quatro últimas séries do Ensino Fundamental Os alunos têm avaliação contínua e cumulativa, permitindo a constatação da necessidade de atividades de reforço e recuperação. Existem habilidades e conteúdos mínimos que devem ser dominados ao final de cada ano letivo, em cada série. O aluno que não atingir o patamar esperado é promovido para a série seguinte, com aulas de reforço e recuperação, tendo também, a possibilidade de recuperação nas férias. Ao final de cada ciclo, caso o aluno não consiga superar todas as lacunas de aprendizagem, apesar das oportunidades oferecidas, poderá ser retido um ano para recuperação de conteúdos. A retenção é possível na 1ª, 2ª e 3ª séries do Ciclo I e na 5ª, 6ª e 7ª séries do Ciclo II, quando os alunos apresentarem frequência insuficiente (menos de 75%) e desempenho insatisfatório. Cabe à Escola, ao final de cada bimestre, advertir a família e comunicar o Conselho Tutelar sempre que o aluno ultrapassar 20% de faltas.

Se para alguns, as concepções de ensino/aprendizagem/avaliação que sustentam a progressão continuada da aprendizagem em ciclos, já estão claras e interiorizadas, para outros que, por ventura, as desconheçam, ela pode ser responsabilizada pela baixa qualidade do ensino. Obviamente não é tão simples assim.

O mesmo sistema, que alguns ainda questionam, também foi o impulsionador dos avanços obtidos por nosso Estado, no que diz respeito aos baixos índices de defasagem idade/série, evasão e reprovação.

É importante que possamos refletir considerando todas essas questões, para que sejam tomadas as decisões mais adequadas e que não coloquem em risco as conquistas obtidas até o presente.

Seria mesmo a progressão continuada responsável pela crise de qualidade na educação?

De onde surgiram essas ideias de avanço escolar, progressão nos estudos e progressão continuada?

Foi apontada por Anísio Teixeira em 1954, repetida em 1956 e 1957 por ele e Almeida Júnior e prometida em nível nacional pelo presidente Juscelino Kubitschek, em 1956. Em 1958, sendo Jânio Quadros governador de São Paulo, e

Alípio Correa Neto Secretário de Educação, o Grupo Experimental da Lapa foi utilizado para iniciar essa reforma de ensino. Um artigo de Dante Moreira Leite no Boletim do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, de 1959, analisa a promoção automática como uma adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno.

Todas essas propostas pensam o aluno da mesma maneira: acesso assegurado, escola para todos, direito à educação.

A nova LDB dá autonomia aos Estados e Municípios para organizarem o ensino em ciclos, de acordo com as necessidades regionais.

Em São Paulo, de acordo com as Normas Regimentais para as Escolas Estaduais (Parecer CEE 67/98), as escolas poderão oferecer níveis, cursos e modalidades de ensino que se distribuem em: Ensino Fundamental em dois ciclos: 1ª a 4ª séries e 5ª a 8ª séries; e Ensino Médio com três séries anuais.

No Ensino Fundamental a forma de evolução do aluno é a progressão continuada, instituída em São Paulo pela Deliberação CEE nº 9/97. Segundo ela o aluno deve ter um acompanhamento contínuo da aprendizagem, com reforço e recuperação para sanar dificuldades e defasagens.

A organização do ensino prevista na LDB respeita a flexibilidade na organização por ciclos e o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Os conteúdos e os objetivos de cada série são mantidos dentro dos ciclos e da progressão continuada, com uma série de reforços paralelos e contínuos. O aluno avançará com o seu grupo - série até o final de cada ciclo, onde deverá ter atingido um patamar de aprendizagem. Se não atingiu os objetivos propostos, ficará retido por um ano, para reforço das dificuldades de aprendizagem (São Paulo, 1998).

Rompe-se assim com as concepções rígidas e ultrapassadas de ensino-aprendizagem que faziam com que as crianças que não tivessem dominado todos os conteúdos e habilidades ao final de cada série repetissem no ano seguinte tudo o que já tinha sido ensinado.

Se pensarmos em melhoria de condições de avanço para o aluno, esta foi uma maneira de evitar a evasão escolar, a reprovação autoritária e a exclusão do aluno com relação à sociedade e ao saber.

Será que esse é o caminho para a resolução dos problemas da evasão e repetência? Problemas tão discutidos pelos pesquisadores de outras décadas e que continuam dificultando a permanência de tantas crianças na escola serão, assim, resolvidos por um simples decreto? Se for tão simples a solução, por que será que outros governos não se interessaram pela implantação de uma medida que vem causando tanta polêmica?

Segundo Camargo (1999), a progressão continuada é uma estratégia para resolver a universalização da escola básica, garantir a permanência das crianças na escola, manter o fluxo dos alunos e também a adequação idade/série. É a substituição da pedagogia da repetência, da exclusão, pela pedagogia da promoção, da inclusão, não punitiva e excludente.

A adoção do regime de progressão continuada e a concretização de seus resultados dependem de uma alteração radical na concepção de ensino, escola, aprendizagem e avaliação. Significa romper com preconceitos e resistências ao que já se comprovou cientificamente: que toda criança é capaz de aprender, se lhe forem oferecidas condições de tempo e recursos para que exercite suas competências ao interagir com o conhecimento (Camargo, 1999).

De acordo com Oliveira (2000) a proposta da progressão continuada é de inclusão escolar que valoriza o acolhimento das diferenças e não as converte em deficiências.

Na progressão continuada, os alunos, mesmo com o aproveitamento insuficiente, são classificados para a série seguinte, mas esse avanço precisa ser acompanhado por um conjunto de medidas pedagógicas que garantam progredir em seu percurso escolar. Ao invés de converter as diferenças dos alunos em deficiências, trata-se de trabalhar essas diferenças e fazê-los avançar (Oliveira,2000).

Prossegue dizendo que, pensando dessa maneira, não estamos negando que existam alunos com problemas específicos e que necessitam de ações específicas, mas estamos negando que esses problemas tenham somente como solução a repetência na escola.(Oliveira, 2000).

Alguns Argumentos e Proposições

A reprovação acarreta problemas como a evasão escolar, desperdício de recursos financeiros e a estagnação de alunos reprovados nas séries iniciais do curso primário que envelhecem e ocupam o lugar destinado às novas gerações.

É inaceitável a promoção em massa, à expulsão dos reprovados e a promoção por idade cronológica (solução na Inglaterra) como medida isolada, o mais coerente é tomar providências, como: aperfeiçoamento de professores e a melhoria dos cursos de formação dos mesmos, modificação da então vigente concepção de ensino primário, revisão dos programas e critérios de promoção, cumprimento da escolaridade obrigatória, com a convocação de todos os alunos de 7 anos para a escola. Leite (1959) em seu artigo "Promoção Automática e Adequação do Currículo ao Desenvolvimento do Aluno" considera que a escola aceita a reprovação porque foi, tradicionalmente, uma instituição seletiva, assumindo que as classes devessem ser homogêneas e por acreditar que o castigo e o prêmio fossem formas de acelerar a aprendizagem. Para transformar a escola numa instituição eficiente, propõe a organização de um currículo adequado ao desenvolvimento do aluno e a instituição da promoção automática (por idade cronológica). Isto traria uma mudança radical na escola com classes apresentando um maior desnível entre os alunos, os vários grupos que se formariam dentro da classe receberiam diferentes tarefas, ou seja, a aprendizagem se tornaria mais ativa, tornado-se, o professor, um articulador para auxiliar a aprendizagem de cada grupo.

Arelaro (1992) argumenta que a proposta do Ciclo Básico de São Paulo desestrutura positivamente a seriação tradicional e colabora para a construção de uma escola mais democrática. Ainda sobre este assunto, Duran (1990), destaca que a reprovação nas séries iniciais (e em todo en-

sino fundamental) não se resolve com a promoção automática, "ainda que o fato de se conseguir que as crianças permaneçam um ano a mais na escola, sem reprovação, por si só, seja positivo". Silva e Davis (1993) afirmam que a polêmica em torno da promoção automática vem se acumulando e acaba por escamotear a realidade, impedindo o exame da questão central: a incapacidade da escola brasileira de abandonar suas práticas centenárias e virar do avesso sua organização interna. As autoras defendem que a escola deve se reorganizar para constituir uma prática diferente, com a organização das classes apenas por faixa etária, percebendo a vantagem dos grupos heterogêneos, desestimular os remanejamentos, instrumentalizar o professor para trabalhar com grupos heterogêneos, criar sistemáticas de avaliação e controle que garantam patamares mínimos de desempenho, informar a sociedade civil visando dar continuidade às mudanças propostas.

Vasconcellos (1999) considera a organização da escola em ciclos uma das mais avançadas concepções de educação escolar e uma grande alternativa para a organização do ensino. Todavia, não adianta simplesmente acabar com a reprovação: "podemos cair na mera empurração se não nos comprometermos com a tarefa principal: promover a aprendizagem e o desenvolvimento de todos, pautados num projeto de emancipação humana". Entre as sugestões está o atendimento ao aluno com dificuldades, investimento no professor, laboratórios de aprendizagem, participação da comunidade e possibilidade de implantação gradativa.

Vemos que as ideias para a melhoria do Sistema de Ensino já são bem antigas. As medidas para que grandes mudanças ocorram são sugeridas nos PCNs e o governo deveria promover mais capacitações de professores e equipar melhor as escolas para que possamos atender melhor as diferenças.

RECUPERAÇÃO PARALELA E CONTÍNUA

A Recuperação Paralela e contínua é uma reorientação que deve ocorrer com os alunos que apresentam dificuldades durante o processo de aprendizagem em qualquer momento do ano letivo, considerando o nível de desempenho de cada um deles. Estudos mais recentes na área de avaliação denominam essa prática de reorientação da aprendizagem em processo.

O processo de aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento está respaldado no desenvolvimento de habilidades básicas e que os estudos de reforço e recuperação se caracterizam em momentos de atividades específicas para a superação das dificuldades encontradas e para a consolidação de aprendizagens efetivas e bem sucedidas para todos os alunos, o reforço e a recuperação constituem parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem e tem como princípio básico o respeito à diversidade de características, de necessidades e de ritmo de aprendizagem de cada aluno; a necessidade de assegurar condições que favoreçam a elaboração, implementação e avaliação de atividades de reforço e recuperação paralela significativas e diversificadas que atendam à pluralidade das demandas existentes em cada escola.

O processo de recuperação escolar não pode ser uma simples repetição de conteúdos não apreendidos, mas um trabalho realizado, através de novas estratégias, de tal maneira que o aluno sinta estar aprendendo algo novo. O professor deve se preocupar com o crescimento gradual da aprendizagem de seus alunos, impedindo a permanência de falhas na aprendizagem, para que o aluno chegue ao final do ano, com conhecimentos suficientes para o prosseguimento dos estudos nas séries posteriores.

A Recuperação é destinada aos alunos do que apresentem dificuldades de aprendizagem não superadas no cotidiano escolar e necessitem de um trabalho mais direcionado, paralelo às aulas regulares e também podem ser incluídos alunos, para os quais foram atribuídos conceitos médios e que tem potencial de melhorar.

Os projetos de recuperação paralela ocorrem em horário diverso, devem ser elaborados mediante proposta do Conselho de Classe e Série, a partir da análise das informações registradas nas fichas de avaliação diagnóstica, preenchidas pelo (s) professor (es) da classe, que não poderá se eximir de realizar a recuperação contínua durante as aulas. Deverá ser estabelecido um vínculo de compromisso entre o professor da classe e o professor da recuperação paralela, com relação aprendizagem do aluno (utilizar os HTPCs, os Conselhos de Classe e Série, Capacitações promovidas pela D.E.).

Compete à Direção da Escola e à Coordenação Pedagógica, elaborar em conjunto com os Professores envolvidos, os respectivos projetos, encaminhando-os à Diretoria de Ensino para aprovação e publicação em D.O. das turmas de reforço.

ATENDIMENTO A DIVERSIDADE

O papel da Escola

Estudos sociológicos sempre indicaram como função principal da Escola a tarefa de promover sistematicamente o preparo das novas gerações à vida em Sociedade, incluindo aí o preparo para a vida adulta e ao mundo do trabalho. Apesar da variação desse processo no tempo e no espaço, no Brasil também cabe à Escola a realização dessa tarefa.

Vamos, no entanto, buscar a definição dessa tarefa não na teoria, mas em algo mais concreto e próximo: o texto legal.

A nova L.D.B., Lei 9394/96, define de forma abrangente e difusa a educação como sendo "o conjunto de processos formativos que se desenvolvem na família, na convivência humana, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizados da sociedade civil e nas manifestações culturais". Coloca, também, em seu texto: que tem como objetivo disciplinar a educação escolar, a que se desenvolve predominantemente, por meio de ensino, em instituições próprias e que acima de tudo deve estar vinculada ao mundo do trabalho e à prática social. Explicita igualmente os princípios que devem nortear o ensino e apresenta também como finalidade maior da educação o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Pela análise dos textos legais, depreende-se deles como tarefa da Escola a promoção do desenvolvimento do educando de forma a prepará-lo para a vida social e para o trabalho. Tal tarefa só estará plenamente cumprida se a Escola for capaz de promover a escolarização dos seus educandos.

Há necessidade, nesse cumprimento de tarefa, da Escola forjar o nascimento de um cidadão de verdade, com condições de produzir e de usufruir os bens culturais, sendo não apenas um consumidor a mais. Forjando ao mesmo tempo a incorporação, pela Sociedade, da grande massa dos excluídos, elevando-os à condição de gente, de pessoas, dando a eles, igualmente o direito de terem, de fazerem, de conhecerem, de saberem, de poderem, enfim, de serem.

Tarefa coletiva da Escola que se inicia com a construção de sua proposta pedagógica e liga-se à conquista da sua autonomia e vincula-se, sobretudo a pressupostos éticos de responsabilização de todos os envolvidos, pelo processo e pelos resultados. Deve, portanto, para isso, envolver toda a comunidade escolar – do aluno e sua família, aos administradores dos órgãos Centrais responsáveis pelos Sistemas de Ensino.

Cabe à escola garantir a todos os seus alunos oportunidades de aprendizagem que possam promover continuamente avanços escolares, em observância aos princípios e diretrizes estabelecidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nas Normas Regimentais Básicas para as escolas estaduais, no processo de aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento está respaldado no desenvolvimento de habilidades básicas e que os estudos de reforço e recuperação se caracterizam em momentos de atividades específicas para a superação das dificuldades encontradas e para a consolidação de aprendizagens efetivas e bem sucedidas para todos os alunos;

A Diversidade: caminhos abertos para uma nova Escola.

Trabalhar com realidades particulares, ou seja, com as diferenças individuais é uma oportunidade de enriquecimento pessoal. Valorizar a singularidade de cada ser humano é um compromisso ético de contribuir com as transformações necessárias à construção de uma sociedade mais justa.

Para o professor, saber trabalhar com essa realidade, apesar dos desafios, permite aprender a posicionar-se de forma a compreender as diferentes necessidades educacionais de seus alunos. A escola é o espaço em que pode dar-se a convivência entre crianças diferentes, com necessidades diferentes, e a partir daí tentar-se combater com o ensino discriminatório manifesto em gestos, comportamentos e palavras, o qual muitas vezes afasta e estigmatiza grupos sociais.

É preciso que haja um compromisso ético do professor ao tentar responder adequadamente às diferentes situações que surgirão, na maioria das vezes, de forma imprevisível. É necessário entendimento diante de situações que estão fora do seu próprio contexto de vida, de forma a enfrentar adequadamente o ocorrido, fazendo deste uma oportunidade de aprendizagem.

Nesse sentido, a escola não pode mais se manter com a mesma organização, currículo e formas de atendimentos inalteradas, sob pena de acentuar cada vez mais o quadro das dificuldades, ou seja, permanecendo com ofertas educativas homogêneas a alunos com características diferenciadas.

Para que se possam criar possibilidades de modificar essa realidade, fazem-se necessárias discussões sobre a constituição da diferença no humano que ultrapasse a diferença biológica. Para SILVA (2000), é preciso clareza sobre os mecanismos ou instituições que estão ativamente envolvidos na criação da diversidade e que fixam as pessoas em determinadas identidades culturais e as separam por meio da diferença cultural. Então, é preciso saber como a diferença é atualmente produzida, antes de tolerá-la, respeitá-la e admiti-la. Na medida em que "a diversidade biológica pode ser um produto da natureza; o mesmo não se pode dizer da diversidade cultural" (ibidem, p.100).

De acordo com STOER&MAGALHÃES (2001:45) in Rodrigues "o que caracteriza atualmente as diferenças e as suas relações é precisamente a sua heterogeneidade, a sua incontrolável resistência a qualquer domesticação epistemológica ou cultural".

Entendemos que é necessário aos sistemas educativos elaborarem propostas e políticas de ação em que a diversidade, sobretudo a cultural, seja gerida tendo em conta o contexto epistemológico e cultural ora referida para que, no correr dos tempos, a diversidade e a diferença possam substituir a homogeneidade e a uniformidade que norteiam as práticas escolares.

Nessa perspectiva, a diferenciação do ensino deverá estar relacionada à situação didática proposta e aos direcionamentos sobre o sentido dos saberes trabalhados na escola e a sua utilização. A forma de ensino tradicional há de ser substituída por uma pedagogia de atenção à diversidade.

Para SACRISTAN (2002:18),

Quanto mais pessoas entrarem no sistema educacional e quanto mais tempo permanecerem nele, mais variações serão acumuladas em seu interior. A diferença existe. As práticas educativas (sejam as da família, as da escola ou as de qualquer outro agente) deparam-se com a diversidade como um dado da realidade.

Sendo assim,

Temos que criar diferentes formas de organização da classe, dos tempos e espaços didáticos, dos objetos, recursos e estratégias pedagógicas. Temos que recuperar ou encontrar um novo sentido para as tarefas escolares. Temos que resgatar o desejo de aprender ou ensinar. Temos que acreditar que a escola pode se inovar e, assim, enfrentar o desafio de não mais perpetuar desigualdades e injustiças sociais, que fazem dela pura repetição ou simulacro do que já está "definido" – como destino biológico ou social – na sociedade como um todo. (AMARO & MACEDO, 2001, s.ind. página).

Os autores prosseguem, enfatizando ser necessário que a escola pense em diferentes formas de avaliação, de definição de objetivos, criando e gerindo situações de aprendizagem, revendo costumes pedagógicos e especial-

NOVA CONCURSOS

mente encarando as dificuldades e limitações como desafios, como uma possibilidade de superação, de buscas de opções, de proposição de problemas e de luta por melhores condições de trabalho. Ressaltam ainda a necessidade de formar professores que assumam a complexidade de sua tarefa e que busquem se qualificar para bem realizá-la.

Portanto, é necessária a redefinição da escola como espaço de socialização e vivências, entendendo que o significado da prática considere o âmbito plural em que os alunos estão inseridos, percebendo o contexto social traçado pelas experiências que cada aluno tem e traz para a vida escolar refletidas em condições, interesses, habilidades etc., permitindo que as experiências culturais significativas aos sujeitos que delas participam se expressem legitimamente.

De modo semelhante, CAVALCANTE JR. (2001:144) refere-se à importância da construção de uma escola onde a expressão externa do discurso interior – a sua palavra – seja plenamente realizada. (...) A sala de aula é um palco propício para a expressão do sujeito e um ponto de apoio para a sua transformação pessoal e, consequentemente, cultural.

Ao ignorar a cultura do aluno, esquecendo de analisar o mundo e a situação em que vive, a escola delimita a aprendizagem, restringe sua ação aos valores e às normas de uma sociedade cristalizada, trazendo consequências para a eficácia da ação pedagógica. Uma dessas consequências é transformar a aprendizagem em um ato de aquisição e transferência de conteúdos e não em um ato de conhecimento, que permite ao homem a construção de possibilidades de conhecer e transformar sua realidade. O professor deve refletir, pois o ato educativo e pedagógico é, ao mesmo tempo, ato social, político, ético, religioso, científico (PAVIANI, 1988: 23).

Construir uma escola aberta à diversidade implica reconhecer as possibilidades humanas, valorizar as potencialidades não expressas, raramente enaltecidas pela escola por não coincidir com o modelo ideal de aluno. Sobre isso ressalta MANTOAN (2002:84):

(...) Para que a educação escolar se estruture e se consolide, segundo os princípios da não exclusão, devem ser consideradas as experiências e a realidade dos professores e alunos. Trata-se do tempo e do espaço do contexto escolar, congregando todos os elementos que o compõem – da sala de aula propriamente dita à comunidade em que se insere, do dia letivo aos diferentes tempos e ritmos de ensino e aprendizagem.

Ao se referir a essa escola, a autora destaca algumas referências fundamentais que poderão contribuir para organizar a gestão educativa:

· aprender em um ambiente escolar que responda adequadamente a diferentes estilos de aprendizagens, habilidades e interesses dos educandos;

· um currículo escolar que apóie diferenças culturais e sociais e pessoais;

· frequentar uma escola que seja atraente, justa e livre de preconceitos;

· professores que tenham altas expectativas com relação a todos os alunos e que enfrentam os desafios inerentes a uma educação aberta à diversidade;

· avaliação de seu progresso acadêmico que seja abrangente e que valorize seus talentos e potencial de aprendizagem;

· ampla gama de serviços de apoio, que atendam às suas necessidades individuais.

CONCLUSÃO

Os aspectos descritos nesse trabalho buscam indicar pistas para essa nova organização da escola aberta à diversidade, que exige de todos, um grande esforço no sentido da criação de uma comunidade escolar, onde todos, em parceria, possam comungar para o bem-estar acadêmico, social e emocional do aluno, para o seu desenvolvimento global.

Diante do exposto, buscamos com essa pesquisa contribuir para a compreensão e construção de uma escola voltada para o atendimento a diversidade. Se faz necessário propostas de educação que levem em conta a diversidade cultural e a necessidade de reconhecê-la, trabalhá-la, e avançar na prática pedagógica a fim de fazer da escola um espaço plural e potente na construção do conhecimento e da formação humana.

A educação, enquanto prática social, se constitui em direito social do indivíduo. Historicamente muitas lutas foram desenvolvidas buscando garantir esse direito. A luta pela garantia de escola para todos se constitui em uma das bandeiras em prol da inclusão social e da efetiva participação da sociedade civil.

A inclusão de alunos especiais e com problemas de aprendizagem também faz parte desse processo de atendimento à diversidade. Crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, sujeitos especiais porque são pessoas em desenvolvimento. O reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, a serem protegidos pelo Estado, pela sociedade e pela família com prioridade absoluta, como expresso no art. 227, da Constituição Federal, implica a compreensão de que a expressão de todo o seu potencial quando pessoas adultas, maduras, tem como precondição absoluta o atendimento de suas necessidades enquanto pessoas em desenvolvimento. Nesse sentido, a expressão da proteção integral consagrada no texto constitucional. Para tanto, sobressai a ação do Estado propiciando as políticas públicas necessárias para que o seu desenvolvimento se faça de forma plena. Registra-se que a ação estatal tem de ser permanente, com recursos garantidos no orçamento público para a sua realização. Sem essa ação contínua e crescente não há como garantir os direitos inscritos constitucionalmente e, em decorrência, a proteção integral prevista, com a prioridade requerida.

Dessa maneira, o projeto pedagógico na autonomia construída deve permitir aos professores, alunos, coordenadores e diretores estabelecerem uma comunicação dialógica, para propiciar a criação de estruturas metodológicas mais flexíveis para reinventar sempre que for preciso. A confirmação desse contexto só poderá ser dada numa escola autônoma, onde as relações pedagógicas são humanizadas. Isso será possível pela compreensão da concepção crítico-reflexiva como pressuposto da autonomia a ser construída coletivamente e articulada com o universo "mais amplo" da escola.

(Fonte: http://turmadaporta.blogspot.com/2007/05/o--reforo-e-recuperao.html)

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: CONSTRUÇÃO DE VALORES ÉTICOS E DESENVOLVIMENTO DE ATITUDES COOPERATIVAS, SOLIDÁRIAS E RESPONSÁVEIS.

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor/aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das consequências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

Neste sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdos, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos e exposição onde o professor demonstrará seus conteúdos.

No entanto este paradigma deve ser quebrado, é preciso não limitar este estudo em relação comportamento do professor com resultados do aluno; devendo introduzir os processos construtivos como mediadores para superar as limitações do paradigma processo-produto.

Até a década de 60 as instituições escolares acreditavam que a rigidez no trato era essencial para que as crianças aprendessem. Esse modelo de escola conservadora e retrógrada não deveria ter espaço na sociedade do século XXI, mas infelizmente, há escolas que se vestem de modernidade, mas em sua prática explicitam uma educação rígida.

O ideal segundo Freire (2007), são professores sem receio de expressar sua afetuosidade, "é preciso não ter medo do carinho [...]. Só os mal-amados e as mal-amadas entendem a atividade docente como um quefazer de insensíveis, de tal maneira cheios de racionalismo que se esvaziam de vida e de sentimentos". Os vínculos afetivos positivos promovem o desenvolvimento, conforme Snyders (1993), "a escola deve proporcionar aos jovens vontade de viver e oferecer-lhes sustentação e ponto de apoio, e a arte mais importante do mestre é provocar a alegria da ação criadora e do conhecimento". Mas há alunos que veem a escola como algo necessário, mas desagradável. Cita-se

Não só os alunos que fracassam, como é de se esperar, mas também muitos e muitos daqueles que são bem sucedidos, de acordo com as regras convencionais, consideram evidente que a escola é triste e está condenada a ser triste [...] Alguns guardam rancor contra a escola, mas o pior talvez seja o fato de que a maioria dos alunos se resigna docemente à monotonia da escola, esperando que ela termine ao fim de cada dia, ao fim de cada ano, ao fim da juventude – na expectativa (e conformando-se com isso) de que ela os prepare para aquele famoso futuro cheio de promessas e ameaças (SNYDERS, 1993)

O espaço destinado à construção do conhecimento deve ser um referencial de aspectos positivos e motivadores. Cada um dos presentes na sala de aula tem uma história que será modificada a partir das experimentações que ocorreram ao longo de sua existência e convivência estudantil. Para afirmar esta ideia, utilizamos Guebert (2008),

É de suma importância destacar que todo processo de construção precisa de uma referência. Neste caso professora-educadora, é uma profissional responsável por ser esta referência, logo sua comunicação verbal, gestual, sua observação e seu desejo de contribuir devem ser intensos. Portanto este estilo da professora-educadora que influencia o desenvolvimento cognitivo e lingu*í*stico das crianças e, por outro lado, a interação entre elas, influencia também o estilo comunicativo da própria professora- *educadora (GUEBERT, 2008)*.

Aprendemos que o ser humano torna-se humano pela socialização que é necessária para sua saúde física e mental. Essa socialização deve ser aprendida, exercitada, e nada melhor do que a instituição escolar para cumprir esta ideia. Concordando com essa ideia das pesquisadoras, Snyders (1993) posiciona-se

Dentro da sala de aula, os alunos vivem a experiência das particularidades individuais e das diferenças de grupos e do todo da classe: os indivíduos são diferentes entre si, e muitas vezes de difícil acesso. [...] O todo da classe e o todo da escola têm muita dificuldade em constituir uma unidade. r Na maioria das vezes, eles a encontram mais em fases de oposição comum a uma autoridade exterior do que em suas próprias riquezas. [...] O aluno pode sentir sua originalidade individual ameaçada tanto por seus pares quanto por seus superiores ou pela instituição. A questão é atingir uma alegria das relações, superando esses graves riscos de não- alegria (SNYDERS, 1993)

Mas a relação que existe entre o professor e o aluno não é fácil, nem simples porque temos normalmente diferenças nas idades, na forma de ter constituídos os valores, crenças, princípios, e comportamentos, onde cada uma das partes tem incorporado conceitos diferentes de mundo, principalmente esta nova geração do século XXI que tem acesso às diferentes informações, ao que acontece no mundo e facilidade de manuseio dos modernos recursos, muitas vezes mais fluentemente do que os seus professores.

A importância que o professor tem na vida de um aluno é expressa na fala de Snyders (1993), "as coisas que eu aprendi diretamente da boca de meus professores (na escola, portanto, e não nos livros) permanecem estreitamente ligadas, na minha lembrança, àqueles que as formularam".

Os professores têm ainda a responsabilidade e o dever de tentar minimizar seus gostos pessoais e preferências para não prejudicar e confundir seus alunos, provocando sentimentos de baixa autoestima. Para confirmar essa ideia, cita-se Snyders (1993), "inevitavelmente, introduzem-se naquelas longas horas de aula as mudanças de humor do professor, seus equívocos e seus momentos de distração, suas escolhas arbitrárias ou que, pelo menos, assim parecem, dividindo a classe em rejeitados, suspeitos e preferidos".

A interação, o comprometimento entre o professor e seus alunos, deve refletir a importância da relação, tanto da parte do professor que deve almejar que todos os seus alunos comprometam-se do mesmo modo – o qual ele considera o correto, bem como os alunos que não podem confundir a função.

A relação entre professor e aluno depende do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais. *(Texto adaptado de SILVA, L. T. B. D. da; GARBIN, A. R.; NASCIMENTO, N. B.).*

EXERCÍCIOS

01. (FUNCAB - 2013 - SEDUC-RO) Na tendência tradicional, a Pedagogia Liberal se caracteriza por:

a) subordinar a educação à sociedade, tendo como função a preparação de recursos humanos por meio da profissionalização.
b) valorizar a autoeducação, a experiência direta sobre o meio pela atividade e o ensino centrado no aluno e no grupo.
c) acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, através do qual o aluno deve atingir pelo seu próprio esforço, sua plena realização.
d) considerar a educação um processo interno, que parte das necessidades e dos interesses individuais.
e) focar no aprender a aprender, ou seja, é mais importante o processo de aquisição do saber do que o saber propriamente.

02. (FUNCAB - 2012 - MPE-RO) As práticas do cotidiano escolar têm vários condicionantes políticos e sociais que configuram diferentes concepções de homem e sociedade e, em consequência, diferentes concepções de escola, aprendizagem, relação professor/a – aluno/a, técnicas pedagógicas, entre outras. Conforme Libâneo (1992), as tendências pedagógicas classificam-se em duas grandes vertentes:

a) Pedagogia Liberal (tradicional, renovada não diretiva e tecnicista) e Pedagogia Emancipatória (libertadora, renovada progressista, libertária e crítico-social dos conteúdos).
b) Pedagogia Liberal (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos) e Pedagogia Progressista (tradicional, renovada progressista, renovada não diretiva e tecnicista).
c) Pedagogia Liberal (tradicional, renovada progressista, renovada não diretiva e tecnicista) e Pedagogia Progressista (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos).
d) Pedagogia Autoritária (tradicional, renovada progressista, renovada não diretiva e tecnicista) e Pedagogia Capitalista (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos).
e) Pedagogia Liberal (tradicional, renovada progressista, renovada não diretiva e tecnicista) e Pedagogia Capitalista (libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos).

03. **(TJ-MA - FESAG - Pedagogo - 2005) O projeto político pedagógico é um instrumento que deve ser implementado na perspectiva de uma educação para a cidadania. Com esta compreensão é correto afirmar que:**
a) O projeto político pedagógico precisa ser construído inclusive por interferência política partidária. Um processo sempre inconcluso e se possível parcial.
b) O projeto político pedagógico não nega o instituído coletivamente, que é a sua história, seus atores. O projeto político pedagógico não deve confrontar o instituído com o instituinte.
c) O projeto político pedagógico precisa ser construído sem interferência política. Um processo sempre inconcluso e se possível imparcial.
d) O projeto político pedagógico não nega o instituído coletivamente, que é a sua história, seus atores. O projeto político pedagógico sempre confronta o instituído com o instituinte.
e) N.R.A.

04 (Professor – Anos Iniciais – 2013 – ICAP). A contribuição da escola é a de:

a) Não eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar.
b) Colocar-se contra valores e práticas sociais.
c) Desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la.
d) Desrespeitar princípios e descomprometer-se com as perspectivas e decisões que as favoreçam.
e) Não valorizar conhecimentos que permitam desenvolver as capacidades necessárias para a participação efetiva.

05. (Professor – Anos Iniciais – 2013 – ICAP). Um projeto pedagógico poderá ser orientado por três grandes diretrizes:
I. Posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente;
II. Não tratar os valores apenas como conceitos ideais;
III. Incluir essa perspectiva no ensino dos conteúdos das áreas de conhecimento escolar.

Assinale a alternativa correta:
a) Apenas o item I está correto.
b) Apenas o item II está correto.
c) Apenas o item III está correto.
d) Apenas os itens I e III estão corretos.
e) Todos os itens estão corretos.

06. (FUNIVERSA/2015 - Secretaria da Criança – DF) Os objetivos são o ponto de partida do processo pedagógico, pois representam as exigências da sociedade em relação à escola, ao ensino e aos alunos ao mesmo tempo em que refletem as opções políticas dos agentes educativos. Os objetivos gerais são explicitados em três níveis de abrangência: pelo sistema escola; pela escola; e pelo professor. Nesse contexto, o nível de abrangência pela escola

a) dosa o grau de dificuldade para que se expressem desafios, problemas e questões estimulantes e viáveis.

b) concretiza, no ensino da matéria, a sua própria visão de educação e de sociedade.

c) estabelece princípios e diretrizes de orientação do trabalho escolar com base em um plano pedagógico didático.

d) especifica conhecimentos, habilidades e capacidades fundamentais para assimilação e aplicação em situações futuras.

e) expressa as finalidades educativas de acordo com ideais e valores dominantes da sociedade.

07. (CESPE/2015 – MPOG) Com referência ao planejamento de ensino, julgue o item que se segue.

Um educador que almeje uma sociedade mais justa deve planejar suas atividades de ensino de modo a contribuir para a transformação social e a realização de seu ideal.

( ) Certo
( ) Errado

Gabarito

01	**C**
02	**C**
03	**D**
04	**C**
05	**E**
06	**C**
07	**Certo**

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

NOVA CONCURSOS

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA – PARTE PEDAGÓGICA

COLL, César; MARTÍN, Elena; MAURI, Teresa; MIRAS, Mariana; ONRUBIA, Javier; SOLÉ, Isabel; ZABALA, Antoni. COLELLO GASPARIAN M, Silvia. A Escola que não ensina escrever. São Paulo: Moderna, 2004. 01
O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 1996. 01
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997. 04
GARDNER, Howard; PERKINS, David; PERRONE, Vito e colaboradores. Ensino para a compreensão. A pesquisa na prática. Porto Alegre: Artmed, 2007. 09
HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001. 17
LUCKESI, Cipriano Carlos - Avaliação de Aprendizagem escolar. São Paulo: Editora Cortez, 2002. 27
MACEDO, Lino de. Ensaios pedagógicos: Como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed, 2005. 32
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer? Ed. Moderna, 2003. 32
MANTOAN EGLER, Maria Teresa, SANTOS DOS TEIXEIRA, Maria Terezinha. Atendimento Educacional Especializado: Políticas Públicas e Gestão nos Municípios. São Paulo. Ed Moderna, n/d. PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar. São Paulo. Ed. T.A. Queiroz, 1996. 35
SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 5ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003. 35
SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Autores Associados, 2008. 35
SEBER, M. G. Construção da inteligência pela criança. São Paulo: Scipione, 2002. 36
TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002. 37
VYGOTSKY, L.S., Luria, A.R. Leontiev, A.N. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988. 38
WEISZ, Telma, O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo, Editora Ática, 2000. 39
ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. 47

COLL, CÉSAR; MARTÍN, ELENA; MAURI, TERESA; MIRAS, MARIANA; ONRUBIA, JAVIER; SOLÉ, ISABEL; ZABALA, ANTONI. COLELLO GASPARIAN M, SILVIA. A ESCOLA QUE NÃO ENSINA ESCREVER. SÃO PAULO: MODERNA, 2004.

Em face das metas de erradicação do analfabetismo e a superação dos baixos níveis de letramento no país, o tema do ensino da língua escrita é sempre oportuno. Se este é um desafio social e político, é também um desafio pedagógico para o qual todos os educadores estão convocados. Nesta perspectiva, que vale a pena questionar: qual o sentido da alfabetização? Por que tantas crianças sentem dificuldade para ler e escrever? Para além do fenômeno do fracasso escolar, como explicar as distâncias entre as conquistas dos alunos supostamente bem sucedidos e os apelos do nosso mundo? Como as práticas de alfabetização podem contrariar a formação do sujeito autor e leitor? Até que ponto o ensino da língua escrita, no contexto da cultura escolar, configura-se como um esforço que não necessariamente amplia as relações entre o homem e o universo letrado?

Com o propósito de repensar as concepções acerca da língua, do ensino, da aprendizagem e das práticas pedagógicas, este livro está fundado na convicção de que colocar em evidências os mecanismos de aprisionamento linguístico pode favorecer uma visão crítica da escola. Uma crítica que não se esgota em si, mas que, ao fundamentar o trabalho docente, possa subsidiar a transformação do ensino. Afinal, compreender as falhas didáticas e as tendências pedagógicas viciadas é o melhor aval para a constituição de um sujeito "senhor de sua própria palavra" no contexto de uma escola que efetivamente ensine a escrever.

Fonte: http://www.silviacolello.com.br/a-escola-que--no-ensina-a-escrever

O CONSTRUTIVISMO NA SALA DE AULA. SÃO PAULO: ÁTICA, 1996.

1. Os professores a e concepção construtivista (Isabel Solé e César Coll)O construtivismo não é uma teoria, e sim uma referência explicativa, composta por diversas contribuições teóricas, que auxilia os professores nas tomadas de decisões durante o planejamento, aplicação e a avaliação do ensino. Ou seja, o construtivismo não é uma receita, um manual que deve ser seguido à risca sem se levar em conta as necessidades de cada situação particular. Ao contrário, os profissionais da educação devem utilizá-lo como auxílio na reflexão sobre a prática pedagógica; sobre o como se aprende e se ensina, considerando-se o contexto em que os agentes educativos estão inseridos. Essas afirmações demonstram a necessidade de se compreender os conteúdos da aprendizagem como produtos sociais e culturais, o professor como agente mediador entre indivíduo e sociedade, e o aluno como aprendiz social.

Tendo em vista uma educação de qualidade, entendida como aquela que atende a diversidade, o processo educativo não é responsabilidade do professor somente. Desse modo, o trabalho coletivo dos professores, normas e finalidades compartilhadas, uma direção que tome decisões de forma colegiada, materiais didáticos preparados em conjunto, a formação continuada e a participação dos pais são pontos essenciais para a construção da escola de qualidade.

A instituição escolar é identificada pelo seu caráter social e socializador. É por meio da escola que os seres humanos entram em contato com uma cultura determinada. Nesse sentido, a concepção construtivista compreende um espaço importante à construção do conhecimento individual e interação social, não contrapondo aprendizagem e desenvolvimento. Aprender não é copiar ou reproduzir, mas elaborar uma representação pessoal da realidade a partir de experimentações e conhecimentos prévios. É preciso aprender significativamente, ou seja, não apenas acumular conhecimentos, mas construir significados próprios a partir do relacionamento entre a experiência pessoal e a realidade. A pré-existência de conteúdos confere certa peculiaridade à construção do conhecimento, que deve ser entendida como a atribuição de significado pessoal aos conteúdos concretos, produzidos culturalmente.

Pensando especificamente o trabalho do professor, o construtivismo é uma concepção útil à tomada de decisões compartilhadas, que pressupõe o trabalho em equipe na construção de projetos didáticos e rotinas de trabalho. Por fim, é importante ressaltar que o construtivismo não é um referencial acabado, fechado a novas contribuições; sua construção acontece no âmbito da situação de ensino/aprendizagem e a ela deve servir.

2. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem (Isabel Solé)A aprendizagem é motivada por um interesse, uma necessidade de saber. Mas o que determina esse interesse, essa necessidade? Não é possível elaborar uma única resposta a essa questão. No entanto, um bom caminho a seguir é compreender que além dos aspectos cognitivos, a aprendizagem envolve aspectos afetivo-relacionais. Ao construir os significados pessoais sobre a realidade, constrói-se também o conceito que se tem de você mesmo (autoconceito) e a estima que se professa (auto-estima), características relacionadas ao equilíbrio pessoal. O autoconceito e a auto-estima influenciam a forma como o aluno constrói sua relação com os outros e com o conhecimento; reconhecer essa dimensão afetivo-relacional é imprescindível ao processo educativo.

Em relação à motivação para conhecer, é necessário compreender a maneira como alunos encaram a tarefa de estudar, que pode ser dividida em dois enfoques: o enfoque profundo e o enfoque superficial. No enfoque profundo, o aluno se interessa por compreender o significado do

que estuda e relaciona os conteúdos aos conhecimentos prévios e experiências. Já no enfoque superficial, a intenção do aluno limita-se a realizar atarefas de forma satisfatória, limitando-se ao que o professor considera como relevante, uma resposta desejável e não a real compreensão do conteúdo. Importante ressaltar que o enfoque com que o aluno aborda a tarefa pode variar; dessa forma, o enfoque profundo pode ser a abordagem de uma relação a uma tarefa e o enforque superficial em relação a outras pelo mesmo aluno. A inclinação dos alunos para um enfoque ou outro vai depender, dentre outros fatores, da situação de ensino da qual esse aluno participa. Entretanto, o enfoque profundo pode ser trabalhado com os alunos de maneira intencional. Para isso, é preciso conhecer as características da tarefa trabalhada, o que se pretende com determinado conteúdo e a sua necessidade. Tudo isso demanda tempo, esforço e envolvimento pessoal.Outro ponto importante a ser ressaltado é que o professor, ao entrar numa sala de aula, carrega consigo certa visão de mundo e imagem de si mesmo, que influenciam seu trabalho e sua relação com os alunos. Da mesma forma, os alunos constroem representações sobre seus professores. Reconhecer esses aspectos afetivos e relacionais é fundamental para motivação e interesse pela construção de conhecimento, tendo em vista que o autoconceito e a auto-estima, ligados às representações e expectativas sobre o processo educativo, possuem um papel mediador na aprendizagem escolar.

As interações, no processo de construção de conhecimento, devem ser caracterizadas pelo respeito mútuo e o sentimento de confiança. É a partir dessas interações, das relações que se estabelecem no contexto escolar, que as pessoas se educam. Levar isto em consideração é compreender o papel essencial dos aspectos afetivo-relacionais no processo de construção pessoal do conhecimento sobre a realidade.

3. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios (Mariana Miras)

Quando se inicia um processo educativo, as mentes dos alunos não estão vazias de conteúdo como lousas em branco. Ao contrário, quando chegam à sala de aula os alunos já possuem conhecimentos prévios advindos da experiência pessoal. Na concepção construtivista é a partir desses conhecimentos que o aluno constrói e reconstrói novos significados. Identificam-se alguns aspectos globais como elementos básicos que auxiliam na determinação do estado inicial dos alunos: a disposição do aluno para realizar a tarefa proposta, que conta com elementos pessoais e interpessoais com sua auto-imagem, auto-estima, a representação e expectativas em relação à tarefa a ser realizada, seus professores e colegas; capacidades, instrumentos, estratégias e habilidades compreendidas em certos níveis de inteligência, raciocínio e memória que possibilitam a realização da tarefa.Os conhecimentos prévios podem ser compreendidos como esquemas de conhecimento, ou seja, a representação que cada pessoa possui sobre a realidade. É importante ressaltar que esses esquemas de conhecimento são sempre visões parciais e particulares da realidade, determinadas pelo contexto e experiências de cada pessoa. Os esquemas de conhecimento contêm, ainda, diferentes tipos de conhecimentos, que podem ser, por exemplo, de ordem conceitual (saber que o coletivo de lobos é alcatéia), normativa (saber que não se deve roubar), procedimental (saber como se planta uma árvore). Esses conhecimentos são diferentes, porém não devem ser considerados melhores ou piores que outros.Para o ensino coerente, é preciso considerar o estado inicial dos alunos, seus conhecimentos prévios e esquemas de conhecimentos construídos. Esse deve ser o início do processo educativo: conhecer o que se tem para que se possa, sobre essa base, construir o novo.4. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? A natureza ativa e construtiva do conhecimento (Teresa Mauri)

Entre as concepções de ensino e aprendizagem sustentadas pelos professores, destacam-se três, cada uma considerando que aprender é:

1) Conhecer as respostas corretas: Nessa concepção entende-se que aprender significa responder satisfatoriamente as perguntas formuladas pelos professores. Reforçam-se positivamente as respostas corretas, sancionando-as. Os alunos são considerados receptores passivos dos reforços dispensados pelos professores.

2) Adquirir os conhecimentos relevantes: Nessa concepção, entende-se que o aluno aprende quando apreende informações necessárias. A principal atividade do professor é possuir essas informações e oferecer múltiplas situações (explicações, leituras, vídeos, conferências, visitas a museus) nas quais os alunos possam processar essas informações. O conhecimento é produto da cópia e não processo de significação pessoal.3) Construir conhecimentos: Os conteúdos escolares são aprendidos a partir do processo de construção pessoal do mesmo. O centro do processo educativo é o aluno, considerado como ser ativo que aprende a aprender. Auxiliar a construção dessa competência é o papel do professor.

A primeira concepção está ligada às concepções tradicionais, diferenciada em relação às duas restantes por enfatizar o papel supremo do professor na elaboração das perguntas. As outras duas concepções, pelo contrário, ocupam-se de como os alunos adquirem conhecimentos; no entanto, entendem de formas diferentes esse processo. Compreendendo-se que aprender é construir conhecimentos, identifica-se a natureza ativa dessa construção e a necessidade de conteúdos ligados ao ato de aprender conceitos, procedimentos e atitudes. Nesse sentido, é preciso organizar e planejar intencionalmente as atividades didáticas tendo em vista os conteúdos das diferentes dimensões do saber: procedimental (como a observação de plantas); conceitual (tipos e parte das plantas); e atitudinal (de curiosidade, rigor, formalidade, entre outras). O trabalho com esses conteúdos demonstra a atividade complexa que caracteriza o processo educativo, trabalho que demanda o envolvimento coletivo na escola. 5. Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir (Javier Onrubia) O ensino na concepção construtivista deve ser entendido como uma ajuda ao processo de ensino-aprendizagem,

sem a qual o aluno não poderá compreender a realidade e atuar nela. Porém, deve ser apenas ajuda porque não pode substituir a atividade construtiva do conhecimento pelo aluno.

A análise aprofundada do ensino enquanto ajuda leva ao conceito de "ajuda ajustada" e de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). No conceito de "ajuda ajustada" observa-se que o ensino, enquanto ajuda o processo de construção do conhecimento, deve ajustar-se a esse processo de construção. Para tanto, conjuga duas grandes características:

1) a de levar em conta os esquemas de conhecimento dos alunos, seus conhecimentos prévios em relação aos conteúdos a serem trabalhados;

2) e, ao mesmo tempo, propor desafios que levem os alunos a questionarem esses conhecimentos prévios. Ou seja, não se ignora aquilo que os alunos já sabem, porém aponta-se para aquilo que eles não conhecem, não realizam ou não dominam suficientemente, incrementando a capacidade de compreensão e atuação autônoma dos alunos.O conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) foi proposto pelo psicólogo soviético L. S. Vygotsky, partindo do entendimento de que as interações e relações com outras pessoas são a origem dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Nesse sentido, a ZDP pode ser identificada como o espaço no qual, com a ajuda dos outros, uma pessoa realiza tarefas que não seria capaz de realizar individualmente. A contribuição do conceito de ZDP está relacionada à possibilidade de se especificar as formas em aula, ajudando os alunos no processo de significação pessoal e social da realidade.

Para o trabalho com os conceitos acima arrolados, indicam-se os seguintes pontos:

1) Inserir atividades significativas na aula;

2) Possibilitar a participação de todos os alunos nas diferentes atividades, mesmo que os níveis de competência, conhecimento e interesses forem diferenciados;

3) Trabalhar com as relações afetivas e emocionais;

4) Introduzir modificações e ajustes ao logo da realização das atividades;

5) Promover a utilização e o aprofundamento autônomo dos conhecimentos que os alunos estão aprendendo;

6) Estabelecer relações entre os novos conteúdos e os conhecimentos prévios dos alunos;

7) Utilizar linguagem clara e objetiva evitando mal-entendidos ou incompreensões;

8) Recontextualizar e reconceitualizar a experiência.

Trabalhar a partir dessas concepções caracteriza desafios à prática educativa que não está isenta de problemas e limitações. No entanto, entende-se que esse esforço, mesmo que acompanhado de lentos avanços, é decisivo para a aprendizagem e o desenvolvimento das escolas e das aulas.

6. Os enfoques didáticos (Antoni Zabala)

A concepção construtivista considera a complexidade e as distintas variáveis que intervêm nos processos de ensino na escola. Por isso, não receita formas determinadas de ensino, mas oferece elementos para a análise e reflexão sobre a prática educativa, possibilitando a compreensão de seus processos, seu planejamento e avaliação.Um método educacional sustenta-se a partir da função social que atribui ao ensino e em determinadas idéias sobre como as aprendizagens se produzem. Nesse sentido, a análise das tarefas que propõem e conteúdos trabalhados, explícita ou implicitamente (currículo oculto), requer a compreensão do determinante ideológico que embasam as práticas dos professores. A discriminação tipológica dos conteúdos, ou seja, a análise dos conteúdos trabalhados segundo a natureza conceitual, procedimental ou atitudinal, mostra-se como importante instrumento de entendimento do que acontece na sala de aula.

Outro instrumento importante para a compreensão do processo educativo é a concepção construtivista da aprendizagem, que estabelece a aprendizagem como uma construção pessoal que o aluno realiza com a ajuda de outras pessoas; processo que necessita da contribuição da pessoa que aprende, implicando o interesse, disponibilidade, conhecimentos prévios e experiência; implica também a figura do outro que auxilia na resolução do conflito entre os novos saberes e o que já se sabia, tendo em vista a realização autônoma da atividade de aprender a aprender.

O problema metodológico para o fazer educativo não se encontra no âmbito do "como fazemos", mas antes na compreensão do "que fazemos" e "por quê". Na elaboração das sequências didáticas que devem auxiliar a prática educativa deve-se levar em consideração os objetivos e os meios que se tem para facilitar o alcance desses objetivos.7. A avaliação da aprendizagem no currículo escola: uma perspectiva construtivista (César Coll e Elena Martín)

A questão da avaliação do processo educativo tem sido muito discutida. Com o desenvolvimento de propostas teóricas, metodológicas e instrumentais, expressões e conceitos como o de avaliação inicial, formativa e somatória povoam o vocabulário educacional. Junto a isso, construiu-se o consenso de que não se deve avaliar somente o aluno, mas também a atuação do professor, o planejamento de atividades e também sua aplicação. No entanto, muitas questões ainda se encontram sem respostas e se configuram como desafios aos envolvidos com o tema.

Uma primeira questão a ser levantada é a relação entre a avaliação e uma série de decisões relacionadas a ela, como promoção, atribuição de crédito e formatura de alunos. Essas decisões não fazem parte, em sentido estrito, do processo de avaliação, porém essas decisões devem ser coerentes com as avaliações realizadas. O desafio é alcançar a máxima coerência entre os processos avaliativos e as decisões a serem tomadas.Todo processo avaliativo deve levar em conta os elementos afetivos e relacionais da avaliação. Desse modo, o planejamento das atividades avaliativas parte do entendimento de que o aluno atribui certo sentido a essa atividade, sentido que depende da forma como a avaliação lhe é apresentada e também de suas experiências e significações pessoais e sociais da realidade. É preciso levar em conta também o caráter sempre parcial dos resultados obtidos por meio das avaliações, devido à complexidade e diversificação das situações de aprendizagem vivenciadas pelos alunos. Assim, as práticas avaliativas privilegiadas devem ser aquelas que consideram a dinâmica dos processos de construção de conhecimentos.

Ao contrário das concepções que buscam neutralizar as influências do contexto nos resultados das avaliações, a concepção construtivista ressalta a necessidade de considerar as variáveis proporcionadas pelos diversos contextos particulares. Para isso, recomenda-se a utilização de uma gama maior possível de atividades de avaliação ao longo do processo educativo.

Partindo da consideração que é na prática que se utiliza o que se aprende, um dos critérios, que devem ser levantados nas atividades avaliativas, é o menor ou maior valor instrumental das aprendizagens realizadas, ou seja, em que grau pode-se utilizar o que se aprendeu, o que se construiu na significação dos saberes. Na medida em que aprender a aprender significa a capacidade para adquirir, de forma autônoma, novos conhecimentos, avaliar os aspectos instrumentais, é de suma importância a qualidade da educação.Por fim, ressalta-se a necessidade da abordagem da avaliação em estreita ligação com o planejamento didático e o currículo escolar. Dessa forma, "o quê", "como" e "quando" ensinar e avaliar se unem configurando uma prática educativa global, na qual as atividades avaliativas não estão separadas das demais atividades de construção de conhecimento pelos alunos.

Fonte: http://educacadoresemluta.blogspot.com/2009/12/coll-cesar-e-outros-o-construtivismo-na_14.html

FREIRE, PAULO. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA – SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA. SÃO PAULO: ED. PAZ E TERRA, 1997.

Capítulo l - Não Há Docência Sem Discência

Ensinar não é transferir conhecimentos e conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Ensinar exige rigorosidade metodológica. Ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E estas condições exigem a presença de educadores e de educandos criadores, investigadores, inquietos, curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição, por parte dos educandos, de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de saberes, e que estes, não podem ser simplesmente transferidos a eles. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem, tanto educandos quanto educadores transformam-se em sujeitos do processo de aprendizagem. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser. Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, com a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo - um professor desafiador, crítico. Ensinar exige pesquisa. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Hoje se fala muito no professor pesquisador, mas isto não é uma qualidade, pois faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa.

Precisamos que o professor se perceba e se assuma como pesquisador. Pensar certo é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico impõem à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodologicamente rigorosa, transforma-se no que Paulo Freire chama de "curiosidade epistemológica". Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. A escola deve respeitar os saberes dos educandos – socialmente construídos na prática comunitária - discutindo, também, com os alunos, a razão de ser de alguns deles em relação ao ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência dos alunos que vivem em áreas descuidadas pelo poder público para discutir a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde? Por que não associar as disciplinas estudadas à realidade concreta, em que a violência é a constante e a convivência das pessoas com a morte é muito maior do que com a vida? Ensinar exige criticidade. A superação, ao invés da ruptura, se dá na medida em que a curiosidade ingênua, associada ao saber comum, se criticiza, aproximando-se de forma cada vez mais metodologicamente rigorosa do objeto cognoscível, tornando-se curiosidade epistemológica.

Muda de qualidade, mas não de essência, e essa mudança não se dá automaticamente. Essa é uma das principais tarefas do educador progressista - o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Ensinar exige estética e ética. A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ser feita sem uma rigorosa formação ética e estética. Decência e boniteza andam de mãos dadas. Mulheres e homens, seres histórico-sociais, tornamo-nos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper. Por tudo isso nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe da ética. Quanto mais fora dela, maior a transgressão. Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo. Quem pensa certo está cansado de saber que palavras sem exemplo pouco ou nada valem. Pensar certo é fazer certo (agir de acordo com o que pensa).

Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal, que o rediz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar que pensa certo (de forma progressista), e, ao mesmo tempo, perguntar ao aluno se "sabe com quem está falando". Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo,

assim como critério de recusa ao velho não é o cronológico. O velho que preserva sua validade encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raças, de classes, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que, iluminados intelectuais, escrevem desde o centro do poder. Pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem de ser produzido pelo próprio aprendiz, em comunhão com o professor formador. É preciso possibilitar que a curiosidade ingênua, através da reflexão sobre a prática, vá tornando-se crítica. Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. A questão da identidade cultural, com sua dimensão individual e da classe dos educandos, cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem a ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se na estreita e pragmática visão do processo.

Capítulo 2 – Ensinar Não É Transferir Conhecimento

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção. Quando o educador entra em uma sala de aula, deve estar aberto a indagações, curiosidade e inibições dos alunos: um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tem - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. Pensar certo é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós mesmos para evitar os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. É difícil porque nem sempre temos o valor indispensável para não permitir que a raiva que podemos ter de alguém vire raivosidade, gerando um pensar errado e falso. É cansativo, por exemplo, viver a humildade, condição *sine qua non* do pensar certo, que nos faz proclamar o nosso próprio equívoco, que nos faz reconhecer e anunciar a superação que sofremos. Sem rigorosidade metódica não há pensar certo. Ensinar exige consciência do inacabamento. Na verdade, a inconclusão do ser é própria de sua experiência vital. Onde há vida, há inconclusão, embora esta só seja consciente entre homens e mulheres. A invenção da existência envolve necessariamente a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que ocorria e ocorre no domínio da vida, a espiritualização do mundo, a possibilidade não só de embelezar, mas também de enfear o mundo; tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. Só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética. É necessário insistir na problematização do futuro e recusar sua inexorabilidade. Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado "Gosto de ser gente, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado... Afinal, minha presença no mundo não é a de quem se adapta, mas a de quem nele se insere". E a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas também sujeito da história. Histórico-sócio-culturais, tornamo-nos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, torna-se fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já o conhecimento. Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. O ideal é que, na experiência educativa, educandos e educadores, juntos, transformem este e outros saberes em sabedoria. Algo que não é estranho a nós, educadores. Ensinar exige respeito à autonomia do ser educando. O professor, ao desrespeitar a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, ao ironizar o aluno, minimizá-lo, mandar que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, ao se eximir do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, ao se furtar do dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de ser curioso e inquieto. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A beleza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. Ensinar exige bom senso O exercício do bom senso, com o qual só temos a ganhar, se faz no corpo da curiosidade. Neste sentido, quanto mais colocamos em prática, de forma metódica, a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se torna o nosso bom senso. O exercício do bom senso vai superando o que há nele de instintivo na avaliação que fazemos dos fatos e dos acontecimentos em que nos envolvemos. O meu bom senso não me diz o que é, mas deixa claro que há algo que precisa ser sabido. É ele que, em

primeiro lugar, me diz não ser possível o respeito aos educandos, se não se levar em consideração as condições em que eles vêm existindo, e os conhecimentos experienciais com que chegam à escola. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática. O ideal é que se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. E que o trabalho do professor deve ser com os alunos e não consigo mesmo. O professor tem o dever de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica. Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores. Como ser educador sem aprender a conviver com os diferentes? Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Ainda que a prática pedagógica seja tratada com desprezo, não tenho por que desamá-la e aos educandos. Não tenho por que exercê-la mal. Minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada dos professores. Os órgãos de classe deveriam priorizar o empenho de formação permanente dos quadros do magistério como tarefa altamente política, e reinventar a forma de lutar. Ensinar exige apreensão da realidade. Como professor, preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da minha prática. O melhor ponto de partida para estas reflexões é a inconclusão do ser humano. Aí radica a nossa educabilidade, bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca. A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, implica a nossa habilidade de apreender a substantividade de um objeto. Somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso aprender é uma aventura criadora, muito mais rica do que meramente repetir a lição dada. Aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Toda prática educativa demanda:- a existência de sujeitos - um que, ensinando, aprende, e outro que, aprendendo, ensina (daí seu cunho gnosiológico); - a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos;- o uso de métodos, de técnicas, de materiais. Esta prática também implica, em função de seu caráter diretivo, objetivos, sonhos, utopias, ideais. Daí sua politicidade, daí não ser neutra, ser artística e moral. Exige uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à atividade docente. Como professor, se a minha opção é progressista e sou coerente com ela, meu papel é contribuir para que o educando, seja o, artífice de sua formação. Devo estar atento à difícil caminhada da heteronomia para a autonomia. "É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios..." Ensinar exige alegria e esperança. O meu envolvimento com a prática educativa jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que tenha podido criá-la nos educandos. Parece-me uma contradição que uma pessoa que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante não seja criticamente esperançosa. Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. A realidade não é inexoravelmente esta. E esta agora, e para que seja outra, precisamos lutar, viver a história como tempo de possibilidade, e não de determinação. O amanhã não é algo pré-dado, mas um desafio. Não posso, por isso, cruzar os braços. Esse é, aliás, um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem pretende que sua presença se torne convivência. O mundo não é. O mundo está sendo. O meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Constato, não para me adaptar, mas para mudar. No fundo, as resistências orgânicas e culturais são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos. É preciso, porém, que tenhamos na resistência fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas. Não é na resignação que nos afirmamos, mas na rebeldia em face das injustiças. A rebeldia é ponto de partida, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia, enquanto denúncia, precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. Mudar é difícil, mas é possível. Ensinar exige curiosidade. Como professor, devo saber que, sem a curiosidade que me move, não aprendo nem ensino. A construção do conhecimento implica o exercício da curiosidade, o estímulo à pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada. A dialogicidade, no entanto, não nega a validade de momentos explicativos, narrativos. O bom professor faz da aula um desafio. Seus alunos cansam, não dormem. Um dos saberes fundamentais à prática educativo-crítica é o que me adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica. Resultado do equilíbrio entre autoridade e liberdade, a disciplina implica o respeito de uma pela outra, expresso na assunção que ambas fazem de limites que não podem ser transgredidos.

Capítulo 3 - Ensinar É Uma Especificidade Humana

Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se. Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade - A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, fundada na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar

as atividades de sua classe. A incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor. Outra qualidade indispensável à autoridade, em suas relações com a liberdade, é a generosidade. Não há nada que inferiorize mais a tarefa formadora da autoridade do que a mesquinhez, a arrogância ao julgar os outros e a indulgência ao se julgar, ou aos seus. A arrogância que nega a generosidade nega também a humildade. O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico. A autoridade, coerentemente democrática, está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta. Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental - o de persuadir ou convencer a liberdade para a construção da própria autonomia, ainda que reelaborando materiais vindos de fora de si. É com a autonomia, penosamente construída e fundada na responsabilidade, que a liberdade vai preenchendo o espaço antes habitado pela dependência. O fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume. O essencial nas relações entre autoridade e liberdade é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Nunca me foi possível separar dois momentos - o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. O saber desta impossibilidade é fundamental à prática docente. Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, mais me convenço do nosso dever de lutar para que ela seja realmente respeitada: Ensinar exige comprometimento. Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo. Isto aumenta em mim os cuidados com o meu desempenho. Se a minha opção é democrática, progressista, não posso ter uma prática reacionária, autoritária, elitista. Minha presença de professor é, em si, política. Enquanto presença, não posso ser uma omissão, mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de decidir, de optar e de romper, minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho. Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Outro saber de que 'não posso duvidar na minha prática educativo-crítica é que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção esta que, além do conhecimento dos conteúdos, bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço da reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Nem somos seres simplesmente determinados nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero, que nos marcam e a que nos achamos referidos. Continuo aberto à advertência de Marx, a da necessária radicalidade, que me faz sempre desperto a tudo o que diz respeito à defesa dos interesses humanos. Interesses superiores aos de grupos ou de classes de pessoas. Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição, uma tomada de posição, uma ruptura. Exige que eu escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais, contra a ordem vigente que inventou a aberração da miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima, apesar de tudo. Contra o desengano que consome e imobiliza e a favor da boniteza de minha própria prática. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. Ensinar exige liberdade e autoridade. O problema que se coloca para o educador democrático é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Sem os limites, a liberdade se perverte em licença e a autoridade em autoritarismo. Por outro lado, faz parte do aprendizado a assunção das consequências do ato de decidir. Não há decisão que não seja seguida de efeitos esperados, pouco esperados ou inesperados. Por isso a decisão é um processo responsável. É decidindo que se aprende a decidir. Não posso aprender a ser eu mesmo se não decido nunca, porque há sempre a sabedoria e a sensatez de meu pai e de minha mãe a decidir por mim. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência. Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia é um processo, não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, ou seja, que respeitam a liberdade. Ensinar exige tomada consciente de decisões. Voltemos à questão central desta parte do texto - a educação, especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo.

Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto a que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto a que, reacionariamente, pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta. E que dizer de educadores que se dizem progressistas, mas de prática pedagógica-política eminentemente autoritária? A raiz mais profunda

da politicidade da educação se acha na educabilidade do ser humano, que se funda em sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente disso, necessariamente o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção, de decisão. Um ser ligado a interesses e em relação aos quais tanto pode manter-se fiel à ética quanto pode transgredi-la. Se a educação não pode tudo, pode alguma coisa fundamental. Se a educação não é a chave das mudanças, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante.

O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade nem tampouco é a perpetuação do status quo.

Ensinar exige saber escutar

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da Verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos & falar com eles. Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e de professores vêm se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação, enquanto instrumento de apreciação do que fazer, de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar a como caminho para o falar com. Quem tem o que dizer, tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que o sujeito saiba não ser o único a ter algo a dizer. Mais ainda, que esse algo, por mais importante que seja, não é a verdade alvissareira por todos esperada.

Por isso é que acrescento, quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, para que este diga, fale, responda. É preciso enfatizar - ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, torne-se capaz de inteligir e comunicar o inteligido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. Aceitar e respeitar a diferença é uma das virtudes sem a qual a escuta não pode acontecer. Tarefa essencial da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a i das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor é o que diz respeito à força, às vezes, maior do que pensamos da ideologia. É o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas em que nos faz cair.

A ideologia tem a ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade, ao mesmo tempo em que nos torna míopes. No exercício crítico de minha resistência ao poder da ideologia, vou gerando certas qualidades que vão virando sabedoria indispensável à minha prática docente. A necessidade desta resistência crítica, por exemplo, me predispõe, de um lado, a uma atitude sempre aberta aos demais, aos dados da realidade; de outro, a uma desconfiança metódica que me defende de tornar-me absolutamente certo das certezas. Para me resguardar das artimanhas da ideologia não posso nem devo me fechar aos outros, nem tampouco me enclausurar no ciclo de minha verdade. Pelo contrário, o melhor caminho para guardar viva e desperta a minha capacidade de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como dono da verdade.

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo Nas minhas relações com os outros, que não fizeram necessariamente as mesmas opções que fiz, no nível da política, da ética, da estética, da pedagogia, nem posso partir do pressuposto que devo conquistá-los, não importa a que custo, nem tampouco temer que pretendam conquistar-me. É no respeito às diferenças entre mim e eles, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura, com seu gesto, a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos? Com relação a meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a aprender não importa que saber, o do torneio ou do cirurgião, com vistas à mudança do mundo, à superação das estruturas injustas, jamais com vistas à sua imobilização. Debater o que se diz e o que se mostra e como se mostra na televisão me parece algo cada vez mais importante.

Como educadores progressistas não apenas não podemos desconhecer a televisão, mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la. Não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão entregues ou disponíveis ao que vier. Ensinar exige querer bem aos educandos. O que dizer e o que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

O que não posso, obviamente, permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores. Nunca idealizei a prática educativa. Em tempo algum a vi como algo que, pelo menos, parecesse com um quefazer de anjos. Jamais foi fraca em mim a certeza de que vale a pena lutar contra os descaminhos que nos obstaculizam de ser mais.

Como prática estritamente humana, jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos e os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista. Jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. Estou convencido de que a rigorosidade, a séria disciplina intelectual, o exercício da curiosidade epistemológica não me fazem necessariamente um ser mal-amado, arrogante, cheio de mim mesmo. Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Certos arrogantes, pela simplicidade, se fariam gente melhor. (*Texto adaptado: PAIVA, C. R.).*

GARDNER, HOWARD; PERKINS, DAVID; PERRONE, VITO E COLABORADORES. ENSINO PARA A COMPREENSÃO. A PESQUISA NA PRÁTICA. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2007.

Primeiro define o que vale a pena compreender, organizando um currículo através de tópicos geradores que são centrais, acessíveis e interessantes aos alunos e apaixonem o professor.

Segundo, esclarece o que os alunos irão compreender formulando metas de compreensão, focadas em idéias e questões fundamentais à disciplina, claramente explicitadas a alunos, pais e comunidade escolar.

Terceiro, estimula a compreensão dessas metas engajando os alunos num processo que os conduza a ampliar, sintetizar e aplicar seus conhecimentos.

Quarto, através de avaliações contínuas bem planejadas, mede o que os alunos compreendem. Como a obra é elaborada a partir de um processo de pesquisa conjunta, apresenta um diálogo contínuo, relacionando teorias pedagógicas à prática. As colocações combinadas dos autores recontam o desenvolvimento, a aplicação e as implicações do marco conceitual do Ensino para Compreensão .Cada capítulo do livro tem por título uma questão que instigou a pesquisa e a análise, convidando o leitor a interagir em diversos pontos, de acordo com seus interesses.O livro tem como público-alvo desde pesquisadores em educação, educadores reflexivos, administradores, em especial, os que atuam em escolas de ensino fundamental e médio.

Parte I – Fundamentos do ensino para a compreensão

Capítulo 1 – Por que precisamos de uma pedagogia da compreensão? (Vito Perrone)Segundo Perrone, há muito perseguimos como meta educacional o ensino para a compreensão, ou seja: o que os alunos aprendem precisa ser internalizado e depois utilizado em diversas e variadas circunstâncias, dentro e fora da escola, sendo a base para um aprendizado contínuo, prolongado e repleto de possibilidades. Entretanto, fracassamos em grande escala na sua implementação, uma vez que nossos alunos não recebem uma educação capaz de transformá-los em pensadores críticos, capazes de apresentar e resolver problemas, de atuar de maneira produtiva em meio à complexidade da vida moderna em constante e rápida transformação. Ao fazer uma retrospectiva histórica sobre a educação e o ensino, Perrone conclui que o Ensino para a Compreensão (EpC) é quase tão antigo quanto a história da humanidade, vindo de Platão – que ensinava por meio de alegorias elaboradas, passando pelo movimento da "escola comum", no final do século XIX – que enfatizava a leitura, a escrita e a aritmética, atravessando o "movimento progressista" cujas reflexões e críticas sobre os rumos das escolas iniciaram um importante movimento de reforma, nas palavras de Brooks Adams, historiador e educador norte americano: "Sabendo que você não consegue ensinar tudo a uma criança, é melhor ensinar a ela como aprender". Estudiosos desse período queriam que os alunos se apropriassem de suas aprendizagens, que as convertessem em algo interno e aplicáveis fora da escola.

Nada deveria ser ensinado de forma isolada e o interesse do aluno era crucial. Neste sentido, Dewey convocava professores a integrar o conteúdo escolar às atividades da vida diária, focalizando a criança e o currículo, ou seja, levando em grande consideração tanto os interesses e intenções dos alunos como as escolhas dos professores quanto a abordagens dos conteúdos, questões e atividades. Defendia que o ensino deveria ser organizado "em torno de temas com amplas possibilidades, acessíveis em muitos níveis de complexidade com conexões naturais com outras áreas de conteúdo", bem próximo da definição de tópicos geradores defendidos pelo Ensino para a Compreensão (EpC).Nas décadas de 1960 a 1980, a constatação do fracasso de se prover escolaridade de qualidade para todos, faz surgir várias reformas, embasadas em vários pensadores, entre os quais estava Jerome Bruner que concebia uma abordagem ao aprendizado com sólidas conexões com a vida dos alunos e com suas necessidades de compreender o conteúdo.Para Bruner qualquer matéria poderia se ensinada para aprendizes de qualquer idade, desafiando a crença de que aprendizes de séries e anos iniciais de estudos deveriam se pautar na construção de habilidades de rotina.Segundo Perrone, o interesse pelas teorias do Ensino para a Compreensão (EpC) se intensificam no final do século XX, em virtude das críticas à qualidade e igualdade das escolas. Mais uma vez os críticos convocam alunos a ultrapassarem os fatos, a explorarem as múltiplas possibilidades, a se tornarem solucionadores de problemas e pensadores criativos, a aprenderem como agir a partir de seus conhecimentos.Ao dirigir o foco para a compreensão, faz-se necessário que os professores procedam de forma sensata ao selecionar conteúdos, tenham clareza com relação aos seus objetivos ou metas e integrem a avaliação ao ensino-aprendizagem.Qualquer formulação de Ensino para a Compreensão (EpC) deve vencer quatro desafios:

1) Assegurar uma educação de boa qualidade para todos;

2) Planejar currículos que correspondam a padrões de qualidade e que respondam às necessidades individuais de professores e alunos;

3) Produzir evidências de aprendizagem, de modo que professores e alunos sejam responsáveis pelo seu trabalho;

4) Estimular a busca pela compreensão como meta educacional central.Segundo Vito Perrone, uma pedagogia da compreensão deve ser suficientemente atraente e flexível para servir a todos os alunos, funcionar em todos os níveis de capacidade e rendimento acadêmicos, engajar a total variedade de possibilidades intelectuais, de modo a aflorar os talentos dos alunos e ser adaptável a todas as matérias e séries. O currículo deve estar relacionado às preocupações, aos interesses e às experiências dos alunos, sendo os professores responsáveis por adaptar diretrizes gerais para atender a seus alunos em particular.

Tal pedagogia pressupõe que os alunos devam construir sua própria compreensão, identificar seus interesses, desenvolver seus argumentos, construir muito mais seu próprio conhecimento que apenas absorver conhecimentos produzidos por outros.Além disso, deve considerar os professores como principais tomadores de decisão sobre currículo, oferecendo-lhes orientações para escolher o que ensinar e planejar um currículo que irá satisfazer padrões gerais de qualidade, apoiando-os em pesquisas contínuas sobre questões fundamentais como o que ensinar, como ensinar e como saber se os alunos estão aprendendo.

Capítulo 2 - O que é a compreensão? (David Perkins) Atualmente conhecimento, habilidade e compreensão são ações do mercado da educação e os professores estão comprometidos com a aprendizagem de seus alunos e esperam que os mesmos saibam aplicar os conhecimentos, as habilidades e a compreensão adquiridos no processo. Mas o que é compreensão? Segundo o autor compreensão é a capacidade de pensar e agir de maneira flexível com o que se sabe. Assim, aprender para a compreensão é como aprender um desempenho flexível. Um critério de desempenho para a compreensãoComo avaliar a compreensão? Os professores querem não apenas que seus alunos saibam, mas que pensem a partir do que sabem.Piaget, o psicólogo do desenvolvimento, testou a compreensão de crianças sobre estruturas lógicas básicas ao estabelecer tarefas para elas realizarem, como por exemplo, dispor em série um conjunto de bastões do menor para o maior. Os professores do projeto EpC fizeram atividades similares. A explicação dos alunos revela se entenderam os princípios envolvidos.A compreensão ocorre, portanto, quando a identificamos através de um critério de desempenho flexível. Entretanto, quando o aprendiz não consegue ir além da repetição, do pensamento e das ações rotineiros, significa falta de compreensão.

Uma visão da compreensão como desempenhoPara o autor, compreender um tópico significa ter um desempenho flexível com esse tópico: saber explicar, justificar, extrapolar, relacionar e aplicar de maneira que vão além do conhecimento e das habilidades de rotina. Assim, um desempenho de compreensão é sempre algo que nos leva além. Desempenho de compreensão é diferente de desempenho de rotina, porém essa diferença não é absoluta. Conhecimentos e hábitos bem treinados aparecem com frequência na escola: na gramática, na tabuada, na manipulação de equações de álgebra, na memorização e assim por diante. Nós seríamos profundamente deficientes sem um suporte de repetição e da rotina. Porém a compreensão demanda ir mais adiante. Desempenho de compreensão não menospreza o desempenho de rotina, porém envolve graus e varia de acordo com as pessoas. Assim, um problema de física que desafie um aluno do ensino médio e possibilite que ele demonstre e amplie a sua compreensão, pode ser mera rotina para um estudante mais graduado. Alunos que compreendem a idéia de um conceito de física podem ter dificuldade com a matemática, enquanto outros que dominam a matemática podem não compreender a idéia.A compreensão efetivamente se dá em graus: pessoas com mais experiências e desenvolvimento diferentes realmente demonstram maior ou menor insight.

Uma visão representacional da compreensãoPara David Perkins, ver envolve assimilar visualmente, capturar a imagem mental daquilo que vimos. Compreender, como ver, requer alcançar uma representação mental daquilo que vimos. Assim, compreender, como ver, requer alcançar uma representação mental que capte o que deve ser compreendido. Depende, pois, de adquirir ou construir uma representação apropriada de algum tipo – um esquema, um modelo ou imagem mental.Perkins considera importante ressaltar dois tipos diferentes de representações. O primeiro pode ser chamado de modelo mental – objetos mentais que as pessoas manipulam, processam ou exploram em sua mente. O segundo pode ser chamado de esquema de ação – as representações estão no background, não conscientemente inspecionadas por nenhum olho interno, mas, de alguma maneira, guiando nossas ações.Como tudo isso se relaciona com uma visão de conhecimento como desempenho? Compreender significa possuir a correta estrutura mental ou representação. Desempenhos são parte do quadro, mas apenas em razão de terem uma representação correta. Uma capacidade de desempenho flexível é um sintoma. Não constitui a compreensão, mas indica a posse da representação apropriada. Por outro lado, a visão de desempenho diz que a compreensão é mais bem vista como constante na própria capacidade de desempenho podendo ou não ser parcialmente apoiado por representações. Por que preferir uma visão de desempenho em vez de modelos mentais?Para David Perkins, embora representações certamente tenham um papel importante em alguns tipos de compreensão, é difícil sustentar o argumento geral de compreensões serem representações.

Um modelo mental não é suficiente para a compreensão porque ele não faz nada sozinho. Para desempenhos que demonstrem compreensão, uma pessoa deve operar sobre ou com o modelo. Você pode ter um bom modelo de seu bairro e ainda assim ensinar caminhos errados e imprecisos – esquecer por um momento uma contramão que jamais teria esquecido. Modelos mentais via da regra são complexos, demandam memória de curto prazo, são difíceis de seguir quando em pensamento, ou difíceis de lidar de outras formas.Na prática compreendemos a gramática de nossa língua materna sem nenhum acesso explicito às regras que governam o discurso gramatical. Passamos no teste do desempenho flexível. Entretanto, mesmo sendo capazes de realizar todas essas operações que demandam flexibilidade, a maioria de nós não chega realmente a compreender a gramática de nossa língua, uma vez que não

NOVA CONCURSOS

se consegue identificar de imediato as regras, analisar sua função, fazer comparações com outras línguas etc. Indica que temos o que poderíamos chamar de compreensão ativa de nossa língua, faltando-nos, porém, uma compreensão reflexiva dela, ou seja, a capacidade de falar sobre a gramática, não apenas de usar gramática.A compreensão ativa é um tipo de compreensão parcial – até porque ninguém jamais compreende tudo sobre tudo. Assim, a compreensão ativa é um tipo importante de compreensão que não precisa envolver nenhum modelo mental específico. Algumas pessoas têm capacidade musical diária: aprendem a sustentar um tom, cantar ou assoviar arranjos e variações sem nenhum conhecimento de notas, escalas.Mesmo quando as pessoas têm modelos mentais explícitos muitas de nossas ações não são realizadas sustentadas nelas.

Agimos efetivamente com referência apenas ocasional a eles.Modelos mentais sempre envolvem um determinado ponto de vista e ênfase: eles podem informar, mas também confundir.Por que preferir uma visão de desempenho em vez de esquemas de ação?Que idéia de compreensão os esquemas de ação nos oferece? Pode fazer sentido dizer que uma compreensão é um esquema de ação, mas não acrescenta muito além de dizer que uma compreensão é uma capacidade de desempenho. O esquema de ação seria qualquer coisa necessária para regular o desempenho, nada mais nada menos. Isso poderia ser chamado de uma visão representacional da compreensão, mas se trata de uma noção frágil, uma vez que as pessoas podem ter capacidade de desempenho flexível sem quaisquer representações em algum sentido útil de representação.Em síntese, a visão representacional é uma tentativa de identificar algo por trás da capacidade de desempenho, algum tipo de representação que permita o desempenho.

O desempenho flexível pode ocorrer sem esquema de ação.Uma visão de aprendizagem e ensino como desempenhoA visão de compreensão como desempenho favorece a aprendizagem processual e estimula aprendizes. Requer atenção, prática, refinamento e, caracteristicamente, envolve múltiplos aspectos que necessitam de coordenação cuidadosa e engenhosa. Desenvolver a compreensão deveria corresponder a chegar a um repertório de desempenhos complexos. Alcançar a compreensão é menos adquirir algo e mais aprender a agir de forma flexível.Essa concepção coloca os professores menos no papel de informantes e examinadores do que de facilitadores ou treinadores. Assim, uma aula expositiva ou avaliar com um teste passam a ser atividades de suporte e não atividades centrais. A atividade principal é planejar, apoiar e sequenciar desempenhos de compreensão. Essa visão de ensino alinha-se bem com diversas tendências pedagógicas contemporâneas, incluindo o aprendizado cognitivo, a idéia de comunidades de pesquisa e a construção de uma cultura de reflexão nas salas de aula.Princípios que ajudam a definir o trabalho para o aprendiz e professor:

1) Aprender visando à compreensão ocorre principalmente por meio do engajamento reflexivo em desempenhos de compreensão acessíveis, porém desafiadores.

2) Novos desempenhos de compreensão são construídos a partir de compreensões anteriores e novas informações proporcionadas pelo cenário educacional.

3) Aprender um corpo de conhecimentos e habilidades para a compreensão requer necessariamente uma cadeia de desempenhos de compreensão de desafio e variedade cada vez maiores.4) Aprender visando à compreensão geralmente envolve um conflito com repertórios mais antigos de desempenhos de compreensão e suas idéias e imagens associadas.

Um tipo de construtivismo

A visão de aprendizagem para a compreensão expressada pelo autor possui clara tendência construtivista, desafiando a idéia de que aprender centra-se em informação. Ele define o papel do professor mais como o de um treinador, e coloca bem no centro os esforços do aprendiz para construir a compreensão.É uma visão de construtivismo um tanto diferente daquela mais habitual em pelo menos duas maneiras:

1) O que se constrói: representação versus capacidade de desempenho: aprender um tópico com compreensão não é tanto construir uma representação, para corresponder ao tópico, quanto desenvolver uma capacidade de desempenho flexível acerca dele. Aprendizes constroem desempenho, porém é mais natural dizer que eles os desenvolvem ou os elaboram.

2) Como se dá a construção: descoberta versus diferentes desempenhos de compreensão: a descoberta é o desempenho exemplar que não só alcança, mas também demonstra a compreensão. Assim, a fim de uma boa representação mental, os aprendizes têm de descobri-la. A descoberta torna-se o desempenho central da compreensão. Em síntese, a visão da compreensão como desempenho produz um tipo de construtivismo de desempenho devido a sua maior ênfase em construir um repertório de desempenhos de compreensão em vez de cultivar a construção de representações.

Parte II – O ensino para a compreensão em sala de aulaCapítulo 3 - O que é ensino para a compreensão? (Martha Stone Wiske)Para a autora uma pedagogia para a compreensão precisa de um marco conceitual guia que aborde as seguintes questões-chave:

1) Que tópicos valem a pena compreender?

2) O que os alunos precisam compreender com eles?

3) Como podemos estimular a compreensão?

4) Como podemos saber o que os alunos compreendem?

O projeto empreendido sobre EpC desenvolveu uma forma de responder às questões por meio de um marco conceitual de quatro elementos: tópicos geradores, metas de compreensão, desempenhos de compreensão e avaliação contínua.

Cada elemento aborda uma das questões-chave: define o que vale a pena compreender ao identificar tópicos ou temas geradores e organizar o currículo em torno deles; esclarece o que os aprendizes precisam compreender ao articular metas claras centradas em compreensões-chave; estimula a aprendizagem dos alunos ao engajá-los em desempenhos de compreensão que requerem a aplicação, a ampliação e a síntese do que sabem, assim como monitora e promove o progresso dos aprendizes através de avaliações contínuas de seus desempenhos a partir de critérios diretamente relacionados às metas de compreensão. Em

conjunto criam uma estrutura para refletirmos sobre como alinhar mais a prática de ensino aos objetivos educacionais mais importantes.Tópicos geradoresUm tópico pode ser considerado gerador quando é:

1) Central ao domínio da disciplina. Engaja os alunos no desenvolvimento de compreensões que proporcionam uma base para atividades mais complexas no domínio da disciplina.

2) Acessível e interessante para os alunos. Estão relacionados às experiências dos alunos, varia conforme idade, contexto social e cultural, interesses pessoais e formação intelectual dos alunos.

3) Interessante para o professor. Estimula as paixões intelectuais do professor e servem de modelo de engajamento para os alunos.

4) Relacionável. É facilmente relacionado a outros tópicos, inclusive fora do domínio específico. A investigação geralmente conduz a questões mais profundas.Metas de compreensãoDefinem explicitamente o que se espera que os alunos venham a compreender, ou seja, definem mais especificamente as idéias, os processos, as relações ou questões que os alunos compreenderão melhor durante o trabalho.Definidas as metas de compreensão fica mais fácil planejar desempenhos produtivos, avaliar o desempenho dos alunos.As metas de compreensão são mais úteis:

1) Quando são definidas de maneira explicita e divulgada publicamente. Tanto o professor como o aluno, a escola e a comunidade ganham com o processo, uma vez que todos sabem para onde a classe está indo que progressos estão alcançando e o que esforços se fazem necessário para atingir o principal.

2) Quando são seriadas em uma estrutura sequenciada com submetas que conduzem as metas máximas. Um conjunto sequenciado de metas de compreensão ajuda a esclarecer as relações entre um exercício especifico e os propósitos mais amplos do curso.

3) Quando são focalizadas em conceitos-chave, modos de pesquisa e formas de comunicação relevantes para que os alunos compreendam a matéria. O Importante é que as metas de compreensão conduzam alunos e professores a um trabalho significativo, em vez de levá-los a áreas periféricas. Desempenhos de compreensãoNa pesquisa, várias equipes trabalharam com diversos professores de diferentes disciplinas. Eles identificaram uma progressão de categorias de desempenho planejado para estimular a compreensão, a saber:

1) Exploração (messing about). A exploração proporciona ao professor e aos alunos informações sobre o que já sabem e estão interessados em aprender. Pode ser planejada para engajar alunos no desempenho de suas compreensões e no confronto com alguns dos fenômenos ou enigmas que o tópico gerador apresenta.

2) Pesquisa orientada. Engajam os alunos no emprego de idéias ou modos de pesquisa que o professor vê com centrais para compreender as metas identificadas. Conforme desenvolvem a compreensão de metas preliminares por intermédio de desempenhos iniciais, podem se engajar em formas de pesquisas mais complexas.

3) Desempenhos amplos. Pode ser considerado como o projeto final da unidade, ou seja, o produto final. Em geral incentivam os alunos a trabalhar de modo mais autônomo do que faziam em desempenhos preliminares e a sintetizar as compreensões que desenvolveram ao longo de uma ou de séries de unidades curriculares.

Em síntese, desempenhos de compreensão realizam o seguinte:

• Relacionam-se diretamente com as metas de compreensão;

• Desenvolvem e aplicam a compreensão por meio da prática;

• Utilizam múltiplos estilos de aprendizagem e formas de expressão;

• Promovem engajamento reflexivo em tarefas desafiadoras, acessíveis;

• Demonstram compreensão.

Avaliação contínua

Avaliações contínuas baseiam-se em:

I) Critérios relevantes, explícitos e públicos relacionados às metas de compreensão, possibilitam oportunidades para os alunos aplicá-los e compreendê-los antes que sejam usados para avaliar seu desempenho.

II) Acontecem com frequência, desde o início de uma sequência curricular até seu final.

III) São conduzidas por múltiplas fontes, por professores, por alunos e entre alunos.

IV) Medem o progresso e instruem o planejamento. Enquanto é medido o desempenho dos alunos (olha para trás) tem em mira os próximos passos.Sintetizando, através da avaliação contínua os alunos aprendem não apenas se realizaram bem um desempenho, mas também como podem melhorar seus desempenhos. Informa ao professor sobre como responder a alunos, individualmente, e à classe, como um todo, ao planejar atividades de ensino subsequentes.Integração dos elementos do ensino para a compreensãoCada elemento do marco conceitual do EpC (tópicos geradores, metas de compreensão, desempenhos de compreensão e avaliação contínua) evoca os demais. À medida que os professores usam o marco para planejar e programar o currículo, o refinamento de um elemento produz mudança nos outros.A natureza e o papel do marco conceitualO marco conceitual do EpC fundamenta-se numa definição de compreensão com desempenho criativo, assim a compreensão sempre envolve invenção pessoal e deve ser construída a partir da própria experiência e do trabalho intelectual do aprendiz, não podendo nunca, simplesmente ser transmitida de um gerador para um receptor.

Ainda orienta os professores a revisitar antigas questões sobre o que ensinar, incentiva-os a continuar aprendendo, enquanto desenvolvem tópicos mais complexos e a articular metas de compreensão mais abrangentes. Incentiva os professores a escutarem mais seus alunos a fim de aprender como estão entendendo o currículo e ajustá-lo, refinando tarefas visando atender aos interesses, a fim de maximizar o engajamento dos alunos em desempenhos de compreensão.

Também orienta no processo de explicitar o desenvolvimento, a comunicação e a aplicação dos critérios avaliativos para que os alunos avancem sua compreensão tão rápida e completamente quanto possível.Capítulo 4Como os professores aprendem a ensinar para a compreensão?(Martha Stone Wiske, Karen Hammerness e Daniel Gray Wilson)Pesquisadores da Harvard Graduate School of Education, durante os anos iniciais do projeto, que resultou na presente obra, detectaram que aprender a ensinar para a compreensão é, por si só, um processo de desenvolvimento de compreensão.

O próprio marco do EpC oferece uma base para orientar o processo. A pesquisa-ação combina apoio para mudança com análise do processo de mudança.Para as práticas de pesquisa e ensino dos professores o marco conceitual do EpC fundamentou a definição de metas, o apoio aos desempenhos de compreensão e as oportunidades regulares de avaliar e melhorar tais desempenhos.No decorrer da pesquisa quatro tipos de estágios de compreensão, cada um associado a desempenhos de compreensão específicos:Compreensão Identificar os quatro elementos--chave do marco conceitual (tópicos geradores, metas de compreensão, desempenhos de compreensão e avaliação contínua); analisar a prática com referência aos quatro elementos e seus critérios.Planejamento Planejar unidades de currículo em torno de tópicos geradores, com metas de compreensão explícitas, atividades que engajem os alunos em desempenhos de compreensão e materiais e estratégias para a avaliação contínua.Implementação Ensinar uma unidade curricular que enfatize os quatro elementos-chave e utilizá-los para a aprendizagem do aluno com foco em metas de compreensão.

Integração Planejar e ensinar uma sequência de unidades curriculares que leve os alunos a desempenhos cada vez mais amplos. Entretanto, este estágio depende dos outros três e os sintetiza.A pesquisa demonstrou que ensinar para a compreensão leva tempo, associado a compromisso e suportes contínuos.Professores e pesquisadores reuniram-se muito para conversar, escrever, planejar, fazer experimentos em sala de aula e refletir sobre as experiências. Ao conversar e escrever sobre a prática com a linguagem do marco, eles desenvolveram a compreensão do EpC. Ao tentar articular tópicos geradores e metas de compreensão, esboçar planos para desempenhos, dois alunos desenvolveram e demonstraram a compreensão do estágio do planejamento. Ao experimentarem seus planos em sala de aula compreenderam o significado do marco conceitual e como implementá-lo. Relato de práticaJoan Soble - professora de inglês da Cambridge Rindge and Latin High School por 7 anos.

Tem 15 anos de experiência. O começo. Apesar de achar que dava tarefas de escrita interessantes, ela começou a perceber que o curso parecia chato. Conheceu a EpC e queria saber se funcionaria com seus alunos. Teve como parceira de pesquisa Karen Hammerness. Ao conversar e escrever sobre suas metas com Karen, trocar experiências com outros parceiros começou a entender as metas de compreensão.Entendendo o tópico gerador. Foi o primeiro passo positivo. Escolheu "Escrever sobre um lugar", pois muitos de seus alunos tinham vindo de outros países, queriam se adaptar e gostavam de escrever sobre eles próprios. Ela pretendia levar os alunos, a partir de suas experiências pessoais, a pensar e a escrever sobre lugares mais abstratos, como um lugar na sociedade, no futuro e lugar metaforicamente entendido com estado de espírito. Esforçando-se para definir metas de compreensão.

Teve dificuldade de articular o tópico gerador a metas de compreensão claras. Ela não estava acostumada a pensar sobre objetivos para alunos em relação à disciplina redação, isto é, não estava acostumada a planejar o currículo fazendo referencia explicita à estrutura de sua disciplina. Com muito trabalho (ciclos de planejamento de metas preliminares, conversas com a parceira Karen e de reflexão em relação a conceitos-chave na linguagem ela desenvolveu seu entendimento a respeito de metas de compreensão. Planejando desempenho de compreensão.

Propôs que os alunos criassem um mapa, uma colagem visual, como preparação para escrever sobre seu lugar preferido. A seguir pediu que os alunos refletissem sobre seu trabalho, suas escolhas. "Fazer essa colagem parece com escrever um artigo?" Ela percebeu que ao fazer as escolhas de imagens ajudou-os a despertar a memória, formular e articular idéias, fazer escolhas sobre localização, estilo e tom (tanto no trabalho artístico como na escrita). Surge uma inquietação: "a construção de habilidades terá que ser separada de meu currículo de compreensão". No transcorrer dos estudos ela desenvolveu a compreensão da EpC e ampliou sua capacidade de planejar currículo com esse marco conceitual: as habilidades deveriam ser desenvolvidas no contexto dos desempenhos de compreensão preliminares .Implementando a avaliação contínua. Ela planejou estruturas de avaliação que informassem aos alunos e a ela também. Eles também continuaram escrevendo portfólios. Ela definiu metas para melhorar a escrita dos alunos com um formulário de estabelecimento de metas.

Os alunos escolhiam, ao final de cada unidade, exemplos de escritas para seus portfólios, escrevendo uma capa, descrevendo como o trabalho ilustrava avanço nas metas que havia selecionado. Repensando as metas de compreensão. Pouco a pouco ela percebeu a importância de explicitar as metas de compreensão para seus alunos. Começou a enumerar metas no topo das tarefas dos alunos. Ela relacionava metas para desempenhos específicos com suas metas para a unidade. Integrando todo o marco conceitual do EpC. Planejar o currículo já estava mais fácil, os alunos estavam produzindo textos cuidadosos, vigorosos e tocantes. Para Joan o marco conceitual passou a fazer parte da consciência que ela tinha de ensino. Através de implementações repetidas dos elementos do marco conceitual em sua prática, ela estava integrando o EpC em toda a sua abordagem de ensino.

Ajudas e obstáculos. A EpC ajudou a promover e acompanhar a compreensão e a ajustar o currículo às necessidades de seus alunos - alunos em risco de reprovação, historicamente malsucedidos e que se davam por muito satisfeitos quando conseguiam terminar uma tarefa. Compreensão e qualidade de ensino resultam da atenção cuidadosa a quatro áreas importantes (tópicos geradores,

metas de compreensão, desempenhos de compreensão e avaliação contínua.) do marco conceitual. Desenvolvendo a compreensão do ensino para a compreensão Nesta parte do capítulo, as autoras fazem um relato do trabalho desenvolvido com os professores durante toda a pesquisa. Para elas, "Os professores demonstraram que aprender a ensinar para a compreensão é efetivamente concebido e mantido como um processo de desenvolvimento da compreensão". Inicialmente, fazer o EpC gerador para professores significava vincular suas paixões e ansiedades a esse esforço fundamental de melhoria do ensino, ou seja, atraí-los para o marco conceitual do EpC que atendesse aos interesses e preocupações com o ensino. A meta explicita da pesquisa era a compreensão do EpC com base no desempenho e os professores deveriam usar os quatro elementos do marco para analisar, planejar implementar o currículo. A equipe do projeto deu suporte aos professores para a compreensão do EpC, ajudando-os a refinar desempenhos em todos os quatro estágios: compreensão, planejamento, aplicação e integração. Inicialmente os professores interpretavam os elementos do EpC, em termos que lhe eram atraentes e familiares. Por exemplo, tópico gerador por algumas características foi relacionado ao currículo centrado no aluno, interdisciplinar e autêntico. Quase sempre eles deixavam de lado o critério relativo à centralidade para a área. Na medida em que discutiam sobre metas, desempenho e avaliação, os orientadores de Epc gradualmente formulavam as idéias dos professores na linguagem do marco conceitual do EpC Também foi de difícil entendimento para muitos professores o conceito de metas de compreensão que interpretavam como objetivos comportamentais. Tiveram dificuldade em articular metas, pois os professores tinham assimilado um modelo tácito de valores e metas relativos a conteúdos da matéria, modos de pesquisa e hábitos mentais comuns e individuais dos alunos. Relativamente fácil para a maioria dos professores foi entenderem o conceito de desempenho de compreensão em termos de compreensão e até mesmo de planejamento curricular. Uma idéia atraente para a maioria dos professores, a avaliação contínua foi difícil de implementar, pois eles comumente a interpretavam como sinônimo de portfólio ou avaliação de desempenho. A avaliação continua do EpC dá ênfase a critérios explícitos e relacionados a metas de compreensão, uma característica que desafiou a maioria dos professores. A integração da avaliação continua à sala de aula foi particularmente difícil, uma vez que os alunos não conseguiam avaliar desempenhos quando não entendiam bem os critérios para sua aplicação ou ficavam relutantes ao assumir a responsabilidade intelectual pela crítica ao trabalho de seus colegas e ao seu próprio e ao trabalho. A avaliação contínua alterou ainda equilíbrio de poder e autoridade em sala de aula na medida em que deixou de ser uma ferramenta de controle por parte do professor e passou a ser um processo pelo qual professores e seus alunos conjuntamente aprendiam a empregar critérios explícitos para avaliar e melhorar desempenhos de compreensão. Importante para os professores, durante todo o processo foi refletir sobre suas próprias experiências com o EpC. Isso a esclarecer confusões, controlar a ansiedade e perceber avanços. O conceito de quatro estágios ou tipos de compreensão (compreensão, planejamento, implementação e integração) foi de fundamental importância no planejamento de desempenhos para promover o EpC e na análise do que ajuda e do que atrapalha tais desempenhos. Os professores precisavam compreender como apresentar idéias, responder a perguntas e orientar desempenhos a fim de que os alunos se engajassem com sucesso no desempenho de suas compreensões. O EpC não é a implementação de um modelo pedagógico padronizado, mas uma pesquisa contínua, idiossincrática.. Ensinar para a compreensão em suas mais completas implementações desafia as normas de muitas escolas. Ensinar para a compreensão requer de professores e alunos engajamento em pesquisa ativa contínua. O EpC pode ser levado adiante com sucesso em cenários escolares relativamente tradicionais em que livros didáticos e ensino direto são a norma. Capítulo 5 Como é o ensino para a compreensão na prática?(Ron Ritchhart, Martha Stone Wiske, Eric Buchovecky e Lois Hethland) Este capítulo baseia-se no trabalho com alguns professores a fim de examinar como sua prática exemplifica os elementos do marco conceitual do EpC. As descrições detalhadas dos esforços de professores para interpretar, planejar e implementar o EpC baseiam-se parcialmente em diários reflexivos e relatórios que escreveram sobre sua própria experiência. Características do ensino para a compreensão O pano de fundo: compreensão engenhosa em contextoInterpretar os elementos do marco e adaptá-los a fim de atender às demandas de um contexto específico enquanto expressa comprometimentos, paixões e personalidades únicos do professor é onde reside a engenhosidade do EpC.Os professores incorporam seus próprios interesses em sua prática de EpC, conferindo a cada classe uma atmosfera diferenciada.

Os bastidores: planejar mudançasO planejamento do professor funciona dinamicamente entre os elementos do marco. Por intermédio dessa interação dinâmica, os professores avançam e retrocedem entre os elementos e critérios do EpC, estreitando as relações entre metas, desempenhos e avaliações nos planos de currículo. A ação: aplicação e integração. Via de regra, os professores apresentam ao aluno o tópico gerador por meio de uma exploração aberta inicial, discussão ou tempestade de idéias. Direcionam os alunos a temas, questões e compreensões centrais. Por intermédio de pesquisa orientada, focalizam a atenção dos discípulos e apóiam seus desempenhos com tarefas estruturadas e avaliações contínuas frequentemente realizadas em grupos pequenos.

Conforme desenvolvem conhecimentos e habilidades, o trabalho vai se tornando cada vez mais complexo, aberto e auto-orientado. Frequentemente concluem uma unidade curricular com um desempenho amplo que cada aluno desenvolve de modo mais independente. Dois exemplos práticos:1. Uma aula de física em uma escola de ensino médio A escola de Eric, professor de física, a Belmont High School, focalizava a preparação de sua população de aproximadamente 750 alunos para universidade no âmbito de um currículo rígido, adotando uma pedagogia "bastante enraizada em um modelo de transmissão tradicional".O pano de

fundo: tornando claras as prioridades"Refinar e esclarecer o que mais desejaria que meus alunos fossem capazes de realizar, depois organizar minha prática de ensino de maneira que focalizasse diretamente o cumprimento dessas metas".

Eric começou revendo aspectos problemáticos de sua prática. Seus alunos estavam aprendendo conhecimento factual e tinham pouca experiência em pensamento científico.Trazer à tona aquele esquema mais amplo (pensamento científico), exigiu de Eric a construção de um modelo de pensamento científico que ele pudesse articular com seus alunos e empregar como um guia no planejamento. Seu modelo aproveitava-se da "natureza recursiva da pesquisa científica" que flui entre inferências intuitivas embasadas em observações iniciais e a construção de teorias para explicar e prever. Os alunos adentravam o processo de pesquisa tanto com experiências quanto com teorias ou modelos tácitos que construíam em um ciclo de refinamento contínuo com base em novas informações e intuição crescente. Os bastidores: planejamento e preparação O plano de currículo de Eric ilustrava o avanço dos desempenhos descritos anteriormente: exploração, depois pesquisa orientada conduzindo a um desempenho amplo. ExploraçãoSessão de tempestade de idéias: ele deu aos alunos 10 minutos para apresentarem uma lista de 20 máquinas comuns e uma lista de cinco características essenciais dessas máquinas. A partir da listas de cada grupo conduziu uma discussão sobre sua organização em categorias. Os alunos buscavam generalidades em suas listas e tentavam distinguir relações. Com debates e refinamentos de suas idéias, eles desenvolveram uma lista de trabalho de "critérios de máquinas".Alem dessas questões diretivas, Eric apresentou um folheto que fornecia uma visão geral de toda a unidade sobre máquinas e as metas de compreensão para cada essa unidade.

Embora inicialmente algumas metas não fizessem sentido para os alunos, elas preparavam a base para o estudo futuro. Pesquisa OrientadaAo ajustar suas metas de compreensão a sua meta maior de fazer os alunos pensarem como cientistas, Eric os envolveu em uma investigação de duas semanas sobre um aparelho de alavanca ajustável simples.

Quadro sobre alavancas: escopo e sequências

Dia 1 Inicio da unidade, tempestade de idéias, sessão sobre máquinas

Dia 2 Exploração em grupos com o aparelho da alavanca

Dia 3 Exploração guiada: coleta de dados e construção da teoria

Dia 4 Construção da teoria e organização dos dados para relatórios

Dia 5 Escrita das versões iniciais dos relatórios

Dia 6 Escrita dos esboços

Dia 7 Revisão pelos pares dos primeiros esboços dos relatórios

Dia 8 Preparação dos esboços finais

Dia 9 Refinamento dos esboços finais

Detalhamento da pesquisa: Os alunos anotaram suas ideias, perguntas, teorias e dados num livro de registro e produziram um relatório final onde apresentariam sua teoria com evidências de apoio e uma nova aplicação. Conforme os alunos começavam a explorar o aparelho e a juntar dados, Eric avaliava seu progresso e os questionava a fim de ajudá-los a organizar seu raciocínio e articular suas idéias.

Desempenho Final

À medida que o trabalho dos alunos avançava, e sua compreensão sobre alavancas se desenvolvia, modificava-se o foco de seu trabalho. Eles passavam da experimentação e construção da teoria para a ciência e o desenvolvimento de um desempenho final, que consistia em uma apresentação escrita de sua teoria com evidências de apoio e aplicação. Trabalhando a partir de uma lista de perguntas e de auto-avaliação, os alunos geraram relatório preliminar para revisão dos pares. Conforme avaliavam os relatórios preliminares de outros grupos, perceberam a necessidade de inclusão de evidências de apoio e esclarecimentos em seus próprios relatórios. Ao responderem a revisão dos pares em seus livros de registro, os alunos justificaram aceitar ou rejeitar a retroalimentação crítica que receberam2. Uma aula de história em uma escola de ensino fundamentalLois, professora de humanidades muito experiente, e com uma forte visão da compreensão como desempenho. O marco conceitual do EpC era compatível com sua prática de ensino, pois ela a organizava em torno de tópicos geradores há anos e tinha uma extensa experiência no planejamento de projetos de currículos. Ela tinha restrições em relação à ênfase do marco no estabelecimento de metas, pois temia que elas pudessem reprimir sua criatividade enquanto professora. Mesmo assim ela desejava explorar como o marco se associava a seu ensino e o ampliava. Ela trabalhava numa escola que oferecia um ambiente propício para a inovação ao promover a colaboração entre professores, organizar currículo em torno de temas centrais que estimulavam currículos interdisciplinares e planejar blocos de horários letivos que variavam de 45 minutos a duas horas.

Seus alunos estavam habituados a trabalhos interdisciplinares, com base em projetos e eram geralmente bem preparados, motivados e apoiados. Sua abordagem de ensino era bastante embasada em pesquisa, envolvendo a construção de significados por parte dos alunos e demonstrações de compreensão por meio de projetos interdisciplinares. Resumo do projeto de LoisO projeto desenvolveu a "compreensão dos alunos sobre a influência das personalidades da história colonial e sobre os pontos de vista que tais indivíduos proporcionam sobre o período".

Tal projeto relacionou-se diretamente às metas de compreensão de Lois tanto para a unidade quanto para o ano e incorporou desempenhos dos alunos individualmente em grupo.

Incentivou:

a) a autoria dos alunos ao exigir que escolhessem seu objeto de estudo;

b) a profundidade ao proporcionar tempo suficiente para realizar pesquisas e explorar idéias;

c) a interpretação reflexiva ao pedir aos alunos que situassem os indivíduos estudados na cultura do passado enquanto os relacionava com questões atuais. A presença constante da avaliação contínua e da auto-avaliação ajudou os alunos a internalizar padrões, ao mesmo tempo em

que se configurava como um trabalho em curso e permitiu a Lois atender às necessidades tanto dos alunos, individualmente, quanto da classe.

As três fases de ensino apoiaram cuidadosamente a compreensão e os desempenhos dos alunos enquanto estudavam o tópico gerador de aprender história por meio de pesquisas de biografias individuais. Analisando o ensino para a compreensão na prática dos professores. Segundo os autores do texto, os exemplos analisados comprovam que para aplicar os elementos e os princípios do EpC em sala de aula, os professores devem compreender como adaptar os seus planos de currículo, considerando a evolução das compreensões dos alunos e ajustando as avaliações a fim de apoiar e desafiar todos os alunos, individualmente e a classe como um todo. É um processo interativo que implica considerar o contexto, planejar currículo e ajustar a prática em resposta aos alunos. O pano de fundo: compreensão engenhosa em contexto O EpC não é simples nem prescritivo.

Os professores devem incorporar o processo à situação peculiar de suas escolas, ao clima de suas salas de aula, às disposições e ao grau de preparação de seus alunos, às exigências do currículo e a sua própria compreensão e experiência.Quando professores chegam a esse nível de integração, as unidades de EpC que já aconteceram podem ter um foco bem diferente das unidades posteriores, uma vez que no início do ano as unidades curriculares enfatizam o desenvolvimento de processos, habilidades e hábitos mentais na área de estudo e, em unidades posteriores, os alunos aproveitam-se dessa base e avançavam mais rapidamente nas explorações de conteúdos, bem como os professores com vistas a tornar mais explicitas para seus alunos suas metas finais de curso.

Nos bastidores: mudanças de planejamentoTodos os professores no projeto julgaram útil examinar suas próprias prioridades, crenças e compreensões de suas matérias. Na prática, eles utilizaram uma variedade de estruturas, mecanismos e aparatos para dar suporte ao EpC: formulários de avaliação, perguntas a considerar e formulários de tarefas foram muito usados pelos professores de EpC a fim de expressar as metas de uma unidade, para estruturar os desempenhos dos alunos e esclarecer critérios de avaliação. A ação: estratégia de aplicação e integração Para os autores, professores que trabalham com o marco conceitual do EpC acreditam que devem articular submetas em suas metas máximas e engajar os alunos em uma progressão de desempenhos que os leve a desempenhos de compreensão cada vez mais sofisticados. Embora as pesquisas tenham mostrado ser a sequência de trabalho, conforme os exemplos acima (de Eric e Lois) particularmente eficazes, o EpC não precisa ficar limitado à aprendizagem com base em projeto.

Outros professores usaram sequências de desempenhos mais graduais para construir paulatinamente níveis mais sofisticados de compreensão. Alguns dos que focalizaram o desenvolvimento da compreensão de conceitos abstratos enfatizaram o desenvolvimento inicial de imagens mentais, seguido do engajamento em desempenhos de compreensão. Ponto central ao EpC é a manutenção do foco nas metas de compreensão durante todo processo, a fim de que o projeto não se torne um fim em si mesmo. Isso requer um diálogo contínuo com os alunos em que os professores tornam explícitas suas prioridades e expectativas.

Parte III - A compreensão dos alunos em sala de aula

Capítulo 6 - Quais são as qualidades da compreensão?(Verônica Boix Mansila e Howard Gardner)A principal meta deste capítulo é introduzir o marco conceitual como ferramenta reflexiva, focalizando dois tópicos e desempenhos de compreensão ideais. Propõe a utilização do marco de compreensão como ferramenta para sistematizar a avaliação dos desempenhos exemplares .Examinando a compreensão dos alunos A qualidade de compreensão dos alunos reside em sua capacidade de usar de modo produtivo conceitos, teorias, narrativas e procedimentos, ou seja, deveriam fazer uso do conhecimento para se engajar em um repertório de desempenhos valorizados pela sociedade: criar produtos, contar histórias, resolver problemas, fazer julgamentos e transformar sua vida diária. Assim, os alunos podem pôr em prática sua compreensão em:a) Áreas como comércio, esportes, ou artes, cujo ensino está focalizado no desempenho dos aprendizes.b) Disciplinas mais acadêmicas – história, matemática e ciências onde o ensino, historicamente, tendeu a enfatizar o acúmulo de informações, nas quais o aluno deve dominar acontecimentos e informações. Sistematizando qualidades de compreensão. Segundo os autores, o marco conceitual apresentado neste capítulo está enraizado em concepções de estudiosos, filósofos, cientistas e psicólogos, intelectuais eminentes que colocaram seus conhecimentos na busca da compreensão. Quatro dimensões da compreensão Objetivando retratar as qualidades da compreensão, o marco conceitual destaca quatro dimensões da compreensão: conhecimento, métodos, objetivos e formas e suas características:Conhecimento Métodos Objetivos Formasa) Crenças intuitivas transformadas: até que ponto os desempenhos dos alunos mostram que teorias e conceitos autorizados na área transformaram suas crenças intuitivas?

a) Ceticismo saudável: até que ponto os alunos demonstram um ceticismo saudável em relação às suas próprias crenças e ao conhecimento derivado de fontes como livros didáticos, opiniões das pessoas e mensagens da mídia? a) Consciência dos objetivos do conhecimento: até que ponto os alunos percebem questões essenciais, objetivos e interesses que dirigem a pesquisa na área? a) Domínio de gêneros de desempenho: até que ponto os alunos demonstram domínio dos gêneros de desempenho nos quais se engajam, como escrever relatórios, fazer apresentações ou preparar o cenário para uma peça?b) Redes conceituais coerentes e ricas: até que ponto os alunos são capazes de raciocinar no âmbito de redes conceituais ricamente organizadas, transitando com flexibilidade entre detalhes e visões gerais, exemplos e generalizações? b) Construção do conhecimento na área: até que ponto os alunos usam estratégias, métodos, técnicas e procedimentos semelhantes àqueles usados por profissionais da área para construir conhecimento confiável? b) Múltiplos usos do conhecimento: até que ponto os alunos

percebem uma variedade de usos possíveis para aquilo que aprendem? Até que ponto os alunos consideram as consequências do uso desse conhecimento? b) Uso eficaz de sistemas de símbolos: até que ponto os alunos exploram diferentes sistemas de símbolos de modo eficaz e criativo para representar seu conhecimento – por exemplo, usar analogias e metáforas, cores, formas, movimentos?8) Validação de conhecimento na área: verdade, bondade e beleza dependem de afirmação de autoridade, ou, ao contrário de critérios publicamente acordados, como o uso de métodos sistemáticos, fornecimento de argumentos racionais, tessitura de explicações coerentes e negociação de significados por meio de dialogo cuidadoso? c) Autoria e autonomia: até que ponto os alunos evidenciam autoria e autonomia para usar o que sabem? Até que ponto os alunos desenvolveram uma posição pessoal acerca do que aprenderam? c) Consideração da audiência e do contexto: até que ponto os desempenhos dos alunos demonstram uma conscientização em relação à audiência, como seus interesses, necessidades, idade, experiência ou antecedentes culturais? Até que ponto eles demonstram consciência do contexto de comunicação? Quatro níveis de compreensão Como a profundidade da compreensão pode variar em cada dimensão é necessário distinguir desempenhos mais fracos e mais fortes. Em decorrência disto, os autores caracterizaram quatro níveis de compreensão: ingênuo, principiante, aprendiz e avançado. Desempenhos de compreensão ingênuos Fundamentam-se em conhecimento intuitivo, os alunos não percebem a relação entre o que aprendem na escola e suas vidas diárias, não consideram os objetivos e usos da construção do conhecimento. Não refletem as formas nas quais o conhecimento é expresso ou comunicado aos outros. Desempenhos de compreensão principiante Fundamentam-se em rituais e mecanismos de teste de escolarização. Começam a interpor alguns conceitos e idéias disciplinares, a fim de estabelecerem conexões simples. Retratam a natureza e os objetivos da construção do conhecimento, assim como suas formas de expressão e comunicação como procedimentos mecânicos detalhadamente, cuja validação depende de autoridade externa. Desempenhos de compreensão de aprendiz Fundamentam-se em conhecimentos e modos de pensamento disciplinar, demonstrando uso flexível de conceitos e idéias. A construção do conhecimento é vista como complexa, seguindo procedimentos e critérios empregados por especialistas da área. Com apoio destacam a relação entre o conhecimento disciplinar e a vida diária, examinando oportunidades e consequências de usar esse conhecimento. Desempenhos de compreensão avançada São fundamentalmente integradores, criativos e críticos. Os alunos são capazes de transitar com flexibilidade entre dimensões, relacionando os critérios pelos quais o conhecimento é constituído e validado em uma disciplina de acordo com a natureza de seu objeto de estudo ou aos objetivos de pesquisa na área. A construção do conhecimento é complexa, dirigida por estruturas e visões de mundo conflitantes. Os alunos podem usar o conhecimento para reinterpretar o mundo e atuar nele. Podem refletir a consciência crítica dos alunos sobre a construção do conhecimento nas áreas, ou seja, compreensão multidisciplinar: capacidade de combinar disciplinas em desempenhos de compreensão interdisciplinares.

Fonte: http://educacadoresemluta.blogspot.com/2009/12/gardner-howard-perkins-david-perrone_14.html

HOFFMANN, JUSSARA. AVALIAR PARA PROMOVER: AS SETAS DO CAMINHO. PORTO ALEGRE: MEDIAÇÃO, 2001.

MÚLTIPLAS LINGUAGENS DE MENINOS MENINAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Márcia Gobbi

Desde que nascem as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo.

Sabe-se que a infância é uma construção social e histórica. Neste período da vida, meninos e meninas são considerados sujeitos históricos e de direitos, o que constitui formas de estar no mundo manifestas nas relações e práticas diárias por elas vivenciadas, experimentando a cada instante suas brincadeiras, invenções, fantasias, desejos que lhes permitem construir sentidos e culturas das quais fazem parte permitindo-nos afirmar que são ativos, capazes, com saberes diversos, que se manifestam com riqueza demonstrando suas capacidades de compreender e expressar o mundo.

Crianças brincam individual ou coletivamente e neste ato experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos a partir das linguagens com as quais aprendem a relacionar-se com os outros: trata-se da extraordinária capacidade em provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve, tais como, confrontos, tristezas, alegrias, amizades, tensões. Capazes que as crianças são de materializar suas ideias, ainda que tantas vezes incompreensíveis aos adultos, os pequenos exibem amplo interesse sobre todas as coisas, estendendo um amplo espectro que vai das questões sobre a natureza humana àquelas voltadas para demais aspectos da vida. As ideias das crianças, quando ouvidas, nos mostram que "um mais um pode ser muito mais que dois", como ensinam alguns artistas ou mesmo que é possível formular conhecimentos e saberes muito além das linguagens verbais ou escritas. Essas crianças altamente capazes e desejosas de expressar-se utilizam diferentes linguagens, contudo, não são raras as ocasiões em que encontram certa resistência às suas manifestações expressivas (desenhos, pinturas, esculturas, dança), nem sempre compreendidas pelas instituições pré-escolares ou

creches que frequentam. O espaço da padronização nem sempre reconhece como direito as expressões das crianças. Afinal, como trabalhar objetivando garantir as criações de meninos e meninas? Como contrapor-se aos espaços cerceadores das capacidades criativas das crianças? Como incentivá-las a explorar os ambientes e expressarem-se com palavras, gestos, danças, desenhos, teatro, música, sem recriminar os choros e o aparente excesso de movimentos? Há nisso um grande desafio a ser enfrentado quando se quer construir uma educação infantil de qualidade e que respeite seus direitos.

Sabemos que as crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas levando-as ao encontro entre palavras, choros, sons, movimentos, traçados, pinturas, todos imbricados em ricas manifestações, mas que, por vezes, encontra-se enfraquecida no cotidiano infantil devido à ausência de propostas, que mesmo simples, procurem garantir processos de criação em que os questionamentos, a busca criativa por diferentes materiais, o respeito pelo trabalho individual e coletivo, estejam presentes. Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas em sua inteireza, não se deixando conduzir apenas pela linguagem verbal ou escrita desconsiderando demais formas expressivas.

Condicionados a pensar nas linguagens sempre relacionadas à fala deixa-se de pensar nelas associadas ao movimento, ao desenho, a dramatização, a brincadeira, a fotografia, a música, a dança, ao gesto, ao choro. Contudo, muitos ficam surpresos com a riqueza das manifestações expressivas, chegam a espantar-se quando veem as crianças que se maravilham e descobrem coisas do cotidiano, tais como, entreter-se com seus traçados na dinâmica tão rápida do dia-a-dia, envolvendo-se com seus corpos que giram e criam coreografias ao tocar de uma música ou mesmo nos sons produzidos pelos talheres no momento das refeições. Basta estar disposto a olhar e estar atento a esse universo rico de propósitos que reclama ser compreendido.

Frequentemente o termo "linguagem" é relacionado estritamente à linguagem verbal e escrita e, por vezes, lhe é dado peso tão grande que chega a inibir a curiosidade por conhecer outras manifestações expressivas dos seres humanos, sobretudo quando têm pouca idade. Adultos, tantas vezes, concebem a si mesmos como seres acabados, resultando disso olhares espessos, enrijecidos e pouco estimulados a ver as realidades multifacetadas que se apresentam em profusão diante de todos.

Explorar e conhecer linguagens utilizadas pelas crianças para expressarem-se, bem como, aquelas usadas pelos adultos, significa estar junto com elas e perceber suas características de acordo com gênero, classe social, etnia, faixa etária a qual pertencem.

Quem são mesmo? Estão em constantes e profundas relações com seus pares de idades iguais e diferentes em confrontos de ideias e negociações que geram criações coletivas e individuais. Para os adultos implica, a partir das incertezas - também proveitosas -, buscar a garantia de que diferentes pontos de vista sejam compreendidos, e que a escuta e o diálogo permaneçam presentes constantemente nos espaços de educação e cuidado destinados a primeira infância. As manifestações linguageiras das crianças e dos artistas convidam a reorganizar o mundo e experimentá-lo em outras versões, mediados pelos corpos que se mexem, que nem sempre falam com palavras e letras, mas que tanto dizem, provocando a conhecer o desconhecido ao mesmo tempo em que se constroem outros lugares de experiências, estranhando e conhecendo a todo instante.

O trabalho que considere as diferentes linguagens das crianças implica, além de elaborar, para elas e com elas, ricos ambientes contendo materiais diversos, que se garanta também a aproximação da arte em suas formas: teatro, cinema, dança, exposições, literatura, música ampliando e reivindicando o direito às manifestações artístico-culturais além do contexto escolar, transpondo-o de modo corrente e constante.

Para tanto, no decorrer desse texto procura-se apresentar ideias, não apenas de práticas pedagógicas. Mais que ensinar a fazer, tem como propósito provocar a pesquisa em diversos meios de informação para ensejar práticas enriquecidas junto às crianças em um constante e necessário processo de formação docente que respeite os direitos das crianças.

Para estabelecermos um diálogo voltado para as múltiplas linguagens na educação infantil, serão considerados os artigos 6º e 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, nos aspectos relacionados à promoção das experiências expressivas de meninos e meninas no que tange a interação com a música, as artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura. Reclama-se aqui, aproximar as crianças de formas artísticas em diferentes espaços de criação, além dos escolares, a serem experienciados por professores, colegas, pais, independente da condição social e cultural a qual pertençam e de modo igualitário.

Boa leitura e que a mesma gere reflexões sobre as práticas docentes contribuindo para que as crianças vivam e expressem o mundo rica e plenamente.

DIRETRIZES CURRICULARES

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil - (Resolução Nº 5, DE 17 DE Dezembro de 2009), as propostas pedagógicas da educação infantil devem respeitar princípios estéticos, voltando-se para diferentes manifestações artísticas e culturais que considerem a diversidade cultural, religiosa, étnica, econômica e social do país.

A dimensão lúdica e a dimensão estética são condições fundamentais para a formação humana. A associação da dimensão lúdica às demais atividades expressivas das crianças tem encontrado seu fundamento quando se destaca a expressão de sentimentos, invenções, imaginação, bem como, o desenvolvimento da sensibilidade, concebida como capacidade para sentir, procurar e exteriorizar sensações, o que por vezes, são roubados das crianças, quando se tem os espaços das creches e pré-escolas organizados

de modo empobrecedor. A sensibilidade tem um papel importante quando pensamos na construção de nossas concepções de mundo e sobre o mundo, incidindo no modo como o projetamos e o construímos.

É importante que as crianças tenham oportunidade para debater, expor suas ideias, argumentar, criticar, relacionar-se com os outros e com isso conhecer formas antigas e inventar novos modos de representar o mundo, bem como, criar espaços de favorecimento às expressões de suas ideias e a materialização das mesmas, pelas crianças, sendo consideradas como sujeitos que constroem seu crescimento nas constantes relações com os outros e o meio social, histórico, cultural no qual estão inseridas. Trabalhando em estado de cumplicidade construída a cada gesto ou propostas feitos por ambas as partes, - professores (as) e crianças – temos a criação de jornadas a serem trilhadas conjuntamente buscando a sensibilidade, a criação e a fantasia. As manifestações expressivas e artísticas não precisam ficar concentradas num único dia ou curto período de tempo cronometrado, mas ganhar espaços cada vez maiores, esparramando-se no dia-a-dia de adultos e crianças de forma a provocar estranhamentos.

Para isso, importa partir de algumas premissas: incentivar a curiosidade e a exploração; garantir experimentos que considerem a plurisensorialidade; garantir às crianças a comunicação por diferentes linguagens, o protagonismo e o prazer em descobertas com seus pares de idades iguais e diferentes nos desafios com os quais se defrontam.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular na educação da primeira infância devem reconhecer e promover a imersão das crianças em diferentes linguagens e favorecer o domínio paulatino de vários gêneros e formas de expressão, bem como vivências com outras crianças e grupos culturais.

Pertencer a um determinado espaço (creche ou pré, bairro, cidade, país) relaciona-se a identidade cultural que, por sua vez, remete a aspectos de nossas identidades construídas coletivamente. Vão construindo identificações, ao mesmo tempo em que se distinguem dos demais. Assim, a identidade e a alteridade, a semelhança e a diferença marcam o sentimento de pertencer ao todo. É importante garantir ambientes em que sejam respeitadas as especificidades das crianças na educação infantil, bem como, dos saberes que elas portam quando chegam às creches e pré-escolas e aqueles que constroem durante o tempo de permanência nesses espaços.

As creches e pré-escolas constituem-se também como lugares em que o valor cultural e artístico dos diferentes grupos sociais estão presentificados na forma como o espaço é organizado, em materiais com os quais as crianças brincam e criam desenhos, esculturas, danças, pinturas cotidianamente.

As culturas são construídas nas relações estabelecidas com os outros de idades iguais ou diferentes, criando universos que, embora submetidos ao mundo globalizado, permite ver o panorama cultural brasileiro e observar seus encontros étnicos, estéticos, de gênero e etários que provocam diversas criações, chamam à participação e podem integrar as comunidades, as famílias e unidades educacionais. Pode-se dizer que há estéticas brasileiras reclamando ser consideradas nesses espaços escolares desde a pequena infância. Os diferentes grupos indígenas, os quilombolas, os centros urbanos, o meio rural, para citar alguns grupos culturais e sociais, guardam em si manifestações culturais e estéticas, que embora presentes em nosso cotidiano, poucos as conhecem ou veem, sucumbidos que somos pelas mídias que nos impõe padrões de beleza, de modos de comportamento e de pensar, roubando a capacidade de olhar para o diverso que se encontra diante de nós e aprender com isso.

É importante se propor a conhecer as crianças com as quais se lida diariamente em nossa prática profissional, afinal, quem são elas? Quem são, o que pensam e o que criam e vivenciam suas famílias? Como passaram a habitar o bairro em que a creche ou a pré-escola estão situadas? Por que receberam seus nomes e quais as origens dos mesmos? Quais músicas ouvem? O que dançam? As histórias contadas por eles, sobre suas vidas, seus gostos pessoais – de crianças e suas famílias – guardam semelhanças com as da professora? Trata-se de perguntas importantes que podemos nos fazer cotidianamente.

As crianças não podem ser colocadas fora disso, sem construir olhares plurais para aquilo que constroem e o que recebem como manifestações da cultura brasileira, sob pena de que a diversidade cultural seja dissipada do cotidiano infantil no interior das unidades educacionais. Para tanto, fotografar e gravar suas histórias e documentá-las como elementos da memória da infância e das famílias guardando-as posteriormente em um acervo é ter o registro de práticas sociais e culturais variadas e com elas aprender. Para isso, é possível criar cordéis, engenhocas, gravuras, danças, objetos com os quais dançar, personagens, bonecos.

Para que a interação das crianças com as manifestações artísticas e culturais seja promovida é necessário nos interrogarmos sobre a formação estética dos professores que cuidam e educam na educação infantil. É importante considerarmos a dimensão estética na vida e na formação dos docentes que atuam com crianças.

Em quais contextos sociais e culturais nos nutrimos em artes? Onde? Criar percepções particulares para os objetos que o mundo apresenta é algo aprendido na relação com o outro. Desfrutar das manifestações artísticas possibilita o rompimento com o tempo do mundo do trabalho, a favor do tempo da brincadeira e dos processos criativos mais lentos. Para tanto envolver-se, recuperar a relação mais sensível com o mundo é um elemento importante quando se propõe que as crianças, com as quais diariamente se está e se aprende, interajam com diferentes formas de manifestações artísticas e culturais.

Frequentar cinemas, alugar filmes, ir ao teatro, museus, ter acesso a vários gêneros literários (contos, romances, poesia), assistir a espetáculos de dança, seja nos teatros ou de rua, são atos, senão criadores em si, mas que colaboram com a criação para e com as crianças. É importante entrar em sintonia com o tempo, com a história e a cultura, o

desejo por aprender e pesquisar é uma mola provocadora de mudanças nas práticas pedagógicas, bem como, das relações estabelecidas entre crianças e seus pares e destes com os adultos.

Nesse texto, há o desejo de se estabelecer um diálogo com os leitores e para tanto, estão situados diferentes aspectos das linguagens artísticas com as quais podemos nos familiarizar, apresentar contribuições, enriquecer o dia-a-dia daqueles que constroem a educação da primeira infância no país. Música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura foram aqui separados com uma pretensão didática sabendo que, sobretudo na primeira infância todas elas encontram-se juntas, num só corpo, manifestando-se ricamente em situações coletivas ou individuais entre crianças de idades iguais ou diferentes, entre elas e as adultas. É certo que professores criam constantemente junto às crianças na dinâmica diária da profissão docente, aprendendo com elas, com a comunidade e em variados processos de formação pelos quais passa e de acordo com as particularidades culturais de cada região, ainda assim, seguem aqui algumas dicas para criação de materiais citados no corpo do texto e que podem ser utilizados por todos.

DESENHAR E PINTAR: As crianças desenham sobre diferentes bases e com diversos materiais. Os desenhos constituem-se como um jogo em que há narrativas, imaginações, inventividade que são mobilizadas pelo convite feito pelos suportes que são oferecidos ou encontrados pelas crianças. Através dos traçados procura-se conhecer, reconhecer-se e ser reconhecido. Eles incentivam a elaboração criativa constituindo assim pesquisas pessoais que são elaboradas pelas próprias crianças. Isso resulta em fontes documentais das marcas de si deixadas para a História tanto pessoal quanto coletiva.

Diferentes superfícies esperam silenciosamente que meninos e meninas decidam que rumos tomarão, que traços, que marcas deixarão sobre as áreas de diferentes texturas, formas, tamanhos, que ao serem investigadas pelas crianças ganham proporções ilimitadas. As crianças buscam possibilidades de desenhos entre danças, assobios, conversas, pensamentos quietos e inquietos, individual ou coletivamente, traduzidos em manchas ou riscos que adquirem inúmeras formas. Podemos questionar os desenhos das crianças a partir de observações rigorosas de seus próprios traçados: que coisa acontece quando um ponto começa a mover-se sobre as folhas? Como será uma linha calma ou agitada? Quando duas linhas se encontram o que acontece? O que as crianças manifestaram entre cores e formas, tantas vezes desconhecidas de nós adultas?

Muitas vezes os traçados das crianças ficam no imaginário adulto como sinônimo de algo que fere aos padrões estéticos vigentes, apresentando-se como feios ou caóticos. É ainda comum vê-los presentes em alguns momentos tendo como objetivo que a criança "descanse", fique um tempo quietinha desenhando. Adquire dessa maneira uma conotação negativa: o desenho torna-se útil como elemento disciplinador, ao contrário de liberador de expressões. Tais desenhos carecem de uma maneira de vê-los mais profundamente sem procurar ordenar o caos, ou seja, sem a busca pela representação fiel da realidade, como tantas vezes fazemos, resultando em provocar nas crianças a necessidade de criar segundo prescrições adultas. É fundamental que transformemos a curiosidade em verbo conjugando-o diariamente. Então, para "curiosar" o mundo, importa que os espaços vividos cotidianamente pelos meninos e meninas ganhem status de provocadores de descobertas. Perde-se, cada vez mais, a capacidade de olhar e estranhar o objeto visto. Os desenhos das crianças podem ser considerados como metáforas visuais, formas de explicar abstrações tais como o amor, a alegria, o futuro, ou ainda de atribuir a uma coisa o nome de outra, com os traços e formas, às vezes inusitadas.

As crianças reescrevem a realidade em seus traços e cores. Dessa forma, estar com as crianças, observar, preparar junto com elas espaços privilegiados para se expressarem é algo fundamental que estamos aprendendo e temos que aprender ainda mais. Olhar detidamente seus desenhos pode, de certa maneira, desestabilizar práticas profissionais cuja preocupação encontra-se em pendurar nos varais as criações e nem mesmo dialogar com quem os fez, ou, ainda pior, colocá-los em saquinhos plásticos que emudecem criadores e obras, deixando-os dentro de armários. É imprescindível que tenhamos diversos suportes para o desenho à disposição das crianças, com cores, texturas, formas de tamanhos diversos. Além dos lápis de cor, canetas hidro cor, giz de cera, o carvão, cacos de tijolos e pedras porosas, fios de barbante, nylon, cobre, conduítes, são ótimos materiais para realizar os traçados e possibilitar que saltem do papel tornando-se tridimensionais.

Tintas variadas, compradas ou feitas na unidade educacional, comestíveis para os bebês, encorajam as lambuzagens tão caras a todos, delineando percursos de buscas pelas cores, pelas misturas, pelas formas, sem esquecer, que, entre os pequenos, o corpo é um dos suportes sobre os quais as tintas podem ser usadas criando novos modos de exploração e interação.

A criação de texturas proporciona descobertas interessantes pelas crianças.

Podem ser feitas diretamente sobre as superfícies que se pretende caracterizar obtendo relevo ou traçados inusitados, basta sair à procura pelos espaços externos ou internos, tendo em punho papel sulfite, cartolinas, Kraft, tecidos ou outros e lápis, giz, cacos de telha ou tijolo. A professora pode determinar o tema a ser procurado ou mesmo deixá-los livremente "à caça de texturas", é um divertimento associado às descobertas e conhecimento que podem ser seguidos de observações visuais e táteis das texturas, análises de suas características, observações dos percursos realizados, reflexões. Sem esquecer que tais descobertas são feitas por todos, independentemente da faixa etária, embora tenhamos que considerar os limites de cada um.

Os desenhos podem ser compreendidos como fontes documentais que nos informam sobre as crianças, sobre a infância em diferentes contextos sociais, históricos e culturais. No que se refere à criação de desenhos, quando nossas preocupações se voltam para uma perspectiva social, muitas perguntas podem ser feitas: de maneira geral há

motivos artísticos mais predominantemente encontrados nos desenhos de um ou de outro? Há elementos que evidenciam cenas de um cotidiano vivido pelos meninos ou pelas meninas? Os riscos modificam-se ao longo do tempo? Ao serem conjugados à fala das crianças, os desenhos podem ser compreendidos de outras formas? Como os mesmos podem se oferecer de modo a se perceber narrativas do cotidiano e da imaginação próprias dessas crianças? Há diferenças étnicas perceptíveis? Formas de ocupação do espaço do suporte oferecido para desenhar? Quais as cores mais frequentemente utilizadas para expressar pessoas brancas ou negras? Há o já famoso pedido do "lápis cor de pele" para pintar pessoas, indiferentemente, como se todas as pessoas tivessem a mesma cor de pele, denunciando preconceitos e padrões estéticos a serem seguidos? As composições do espaço do desenho são feitas de qual modo? Há diferenças entre os desenhos de crianças oriundas de camadas sociais diversas? Pode-se perceber a diversidade étnica? É possível perceber transformações históricas presentes em desenhos de diferentes épocas? É possível traçar uma história do desenho a partir de como eles são realizados?

Conhecer as manifestações artísticas de diferentes povos exige compreender, não só os códigos europeus e norte-americanos, mas também conhecer outros menos prestigiados, mas, essenciais tais como, as culturas afro-brasileiras, indígenas, feminina, homossexual, japonesas, etc. Tem-se no grafismo indígena e na arte de tecer e trançar, tão característicos entre os povos do Brasil, fontes inspiradoras para a formação e cultivo de olhares de nossas crianças, as cestarias e pinturas corporais são ricas em motivos que não podem passar despercebidos. Onde se encontram tais trançados? Há narrativas em suas formas e cores? As crianças podem produzir artefatos em teares feitos com papelões ou madeiras usadas e criar suas próprias tramas, bem como, realizar pinturas em seus corpos o que, além do prazer, pode proporcionar descobertas sobre o corpo e suas possibilidades.

Quanto aos desenhos, ainda vale lembrar que não se pode esperar que as crianças cresçam aproximando-se dos modelos e concepções estéticas dos adultos para os concebermos como belos e bons em sua complexidade. São também fontes históricas, que nos informam sobre as crianças, do ponto de vista de sua inserção em diferentes contextos e períodos da história. Vale lembrar que quando se guarda os desenhos pesquisas podem ser provocadas, tanto com as crianças, como entre as professoras. Investigações voltadas para se conhecer mais e melhor os traçados, a utilização de determinadas cores e formas pelas crianças desenhistas. É indispensável organizar situações nas quais propormos experiências prazerosas, instigantes, nas quais adultos e crianças possam expressar-se desenhando juntos, descobrindo esta dimensão perdida, talvez na própria infância, período da vida com o qual trabalham atualmente.

Sustentar uma cotidianidade do desenho não como forma avaliativa da criança e suas expressões, mas como direito a expressão que deve estar difusa, espalhada entre nós e em nós é essencial para as crianças em seu dia-a-dia.

Sugiro a seguir algumas atividades que relacionam desenho à outras linguagens.

TEAR MANUAL

Trata-se de um processo simples, do qual todos podem participar, sendo prazeroso e cujos resultados são muito interessantes. Para sua confecção serão necessários os seguintes materiais:

Um pedaço retangular de papel duro ou papelão, medindo 15cmX20cm, podendo ser maior.

Lãs ou linhas coloridas

Barbante fino

Os fios de barbante deverão ser passados em duas extremidades dos retângulos de papelão, semelhantes a cordas de violão. As lãs ou linhas, em cores diversas cruzam essas linhas formando uma trama fechada, para facilitar pode-se usar um instrumento como grampo para dar maior firmeza ao puxar os fios. Ao utilizar cores diversas o resultado será colorido, podendo se fazer desenhos simples, listras, dependendo da faixa etária da criança, assim como, ter retângulos maiores e criar coletivamente uma única peça. Para uma pesquisa mais aprofundada é importante conhecer alguns dos grupos indígenas: Apalai, kayapó-Xikrin, Xerente, Guaranis, Karajá, Ticuna, Kadiweu, entre outros.

GRAVURAS E BUMBA-MEU-BOI

a) Gravuras: para sua confecção serão necessários os seguintes materiais:

Placas pequenas de isopor fino – podem ser utilizadas bandejinhas de isopor compradas em lojas especializadas em embalagens ou recicladas após utilização doméstica

Pontas de canetas – fora de uso – ou goivas ou pontas de clipes

Tinta guache

Rolinhos pequenos de pintura

As gravuras são imagens obtidas por meio de uma matriz, que pode ser de madeira, pedra ou metal, nela são feitos entalhes ou impressões – qualquer tipo de desenho – pelas crianças individual ou coletivamente, deixando-se sulcos mais fundos, feitos com goivas, pontas de canetas ou clipes inutilizados. Após o término do desenho, com um rolinho molhado em tinta de qualquer cor, cobre-se a superfície sem deixar que a tinta entre totalmente nos sulcos, sob pena de que encobertos não revelariam o desenho criado. Podem-se criar outros suportes tais como isopor, sabão. Ao ser colocado sobre tecidos ou papéis, se obtém a reprodução do desenho que deixará sua marca, pode-se fazer várias cópias sob o material desejado.

O cordelista e gravurista paraibano J.Borges, apresenta em suas gravuras e cordéis aspectos instigantes para que se conheça o Brasil, a partir de outros pontos de vista. A forma como os textos são apresentados em cordel, o tipo de poesia secular, ainda são pouco abordados entre as crianças, não compondo o cotidiano de creches e pré-escolas e suas práticas.

b) Bumba-meu-boi: Para confeccionar o bumba-meu-boi serão necessários os seguintes materiais:

Caixas de papelão de tamanhos variados, mas que sejam compatíveis com o tamanho de uma criança já que elas vestirão o "boi", entrando nelas. As caixas podem ser usadas e adquiridas em supermercados ou lojas após o descarte.

Fitas coloridas de diversos tamanhos

Retalhos de tecidos

Cola branca ou cola quente

Lantejoulas, botões coloridos

Utilizando-se caixas de papelão vazias podem ser decoradas deixando-se o centro aberto, onde se abre e fecha a caixa, de forma que as crianças possam entrar nelas para dançar. Tecidos coloridos, chitas, flores, rendas, fitas, podem ser usadas na confecção do boi servindo para decorá-lo. Podem ser feitos bois pequenos e com eles as crianças brincarão uns com os outros inventando danças.

FOTOGRAFIA E CINEMA: Para além da possibilidade de se conversar com as crianças sobre as transformações de sua história a partir das fotografias pessoais, de família, dos amigos, que trazem registrados de passeios, festas e demais situações, as máquinas fotográficas ou celulares que possuem câmeras possibilitam realizar imagens que colaboram com as nossas capacidades de olhar a partir de pontos de vistas alternativos: dependendo de como são realizadas as fotos, obtemos mais detalhes sobre os objetos focados, descobrindo particularidades dificilmente vistas. Podemos nos colocar, junto às crianças, a observar variadas texturas, o que ocorre entre as formigas no parque da creche ou da pré-escola, os grãos de arroz no momento em que a refeição é servida, as paredes que delimitam as salas, as trilhas feitas na terra pelos insetos, os olhos, mãos e gestos dos amigos da turma, enfim, infinitas possibilidades de pesquisa nos ambientes vividos pelos meninos e meninas. Pode-se facultar às crianças junto com os adultos a composição de fotografias mediante a confecção de pinholes, que são máquinas feitas com latinhas de leite em pó, molho de tomate.

Ao serem guardadas as fotografias compõem coleções pouco comuns nos espaços educacionais. São imagens que registram o cotidiano na perspectiva da criança e, ainda mais, considerando sutilezas pouco exploradas e conhecidas por todos. A experimentação de materiais, instrumentos e técnicas, a observação da natureza, por exemplo, garantem a expansão dos conhecimentos plurissensoriais. Em aventuras pelos diferentes lugares habitados, nas pequenas e grandes cidades, as crianças, portando máquinas fotográficas podem sair pelas ruas, explorando espaços, para conhecer os lugares – de encontros, de lembranças, de amizades, de alimentação, de confrontos – para construírem-se como pertencentes a eles, num exercício de percepção constante, focado e presentes em suas lentes. Quais são suas escolhas? Quais aspectos do cotidiano foram explorados? Quais pessoas? São perguntas que podem caminhar conosco e que nos ajudam a olhar e aprender com as crianças sobre seus pontos de vista a cerca do cotidiano por elas vivido e construído. A fotografia pode ser vista então como ato de comunicação que, ao mesmo tempo distinta do cotidiano, o compõe e o exibe, colocando-se e àqueles que a observam em diálogo.

Quanto ao cinema, compreendido aqui como linguagem e prática cultural em que temos as relações sociais, psíquicas, estéticas todas implicadas, o que se percebe é que nos últimos anos do século XX e início do XXI a infância tem sido considerada nos enredos, ocupando cineastas, telas de cinemas e prateleiras de locadoras, estas últimas, constituindo-se como importantes lugares para onde se pode ir objetivando descristalizar coisas aprendidas e se propor a aprender outras novas. As experiências das crianças encontram no cinema lugar precioso para serem observadas e aprender com elas de muitos modos, a partir das inúmeras formas como são representadas, dando-lhes visibilidades diversas. Os contextos em que estão inseridas tornam-se conhecidos, com isso a pluralidade cultural, as formas de relação estabelecidas entre adultos e crianças e entre estes e os diferentes espaços escolares e sociais em que atuam. Está ai uma rica contribuição para a formação docente. Mas, e o cinema feito para as crianças? Como situar-se diante dos filmes infantis que ora são assistidos no cinema ora, alugados para serem vistos nas próprias creches e pré-escolas?

Em primeiro lugar, se tem experiências diferentes – assistir nas unidades educacionais e nas salas de cinema ou mesmo quando são projetados em praças públicas e isso deve ser considerado. Não se pode exigir das crianças o mesmo tipo de comportamento e relação. Ainda assim, deve-se tomar cuidado com a escolarização dessa forma de arte: os filmes não podem servir a funções avaliadoras, de transposição de conteúdos escolares, ainda que os mais simples, ou mesmo, como suporte moralizador da infância. Adotar uma postura critica frente às obras a serem escolhidas é fundamental e se pensar que os corpos, que tanto reclamam liberdade de expressão em lugares amplos, têm que ser olhados com atenção, não se pode roubar o tempo das experiências corporais, da dança, dos ritmos, da busca pelo conhecimento, prendendo as crianças em cadeiras durante muito tempo.

Sabe-se que, entre outros aspectos, essas produções culturais também são responsáveis pela constituição das crianças no que toca ao gênero, aos valores, às relações com os familiares e colegas, enfim, ensinam sobre o mundo vivido, imaginado e provoca invenções e fantasias. Ao professor caberá cumplicidade, ao mesmo tempo em que mediará junto as crianças as relações entre elas e o filme assistido. O cinema é também uma maneira de propiciar experiências estéticas às crianças, observando isso, é imprescindível que o adulto considere, nos filmes, sua forma e conteúdo, linguagens utilizadas, o caráter da produção, já que se trata de uma forma de possibilitar compreensão de mundo e simultaneamente promover criações.

E a criança, pode criar? Precisa-se de materiais tais como filmadoras, ou celulares que filmem. Os desenhos criados pelas próprias crianças podem dar o tom para a elaboração coletiva de roteiros. Desenhos podem ser somados a outras linguagens em intensas pesquisas: escolher histórias e colocar amigos, massinhas ou somente desenhos, animando-os de modo bastante simples, considerando que raramente haverá a possibilidade de editar as imagens, não se trata de algo profissional evidentemente,

mas de experiências de criação que envolvem muitas pessoas de todas as idades. O contexto do filme, que poderá ter uma curta duração, pode ser acordado entre todos: será um drama, uma comédia, relatar algum fato ocorrido na creche ou pré-escola, os bebês da creche podem participar com as crianças maiorzinhas contribuindo com o que tiverem e puderem. Para se criar uma sequência de movimentos, pode-se fazer inicialmente desenhos variados, semelhantes, como num flip-book e deixar as crianças brincarem com a ilusão de movimentos que é gerada à medida que as folhas do flip-book – livros em diferentes tamanhos, que ao serem manipulados pagina a página, bastante rapidamente fazem com que as imagens desenhadas ganhem movimento.

PINHOLES- MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS COM LATAS USADAS

Trata-se de um processo simples, do qual todos podem participar, sendo prazeroso e cujos resultados são muito interessantes. Para sua confecção serão necessários alguns materiais que poderão ser usados por diversas vezes:

• Uma lata que tenha uma abertura com tampa, ou que possa ser fechada com papelão, do outro lado da lata fazer um furo que será tampado com fita isolante.

• Papel fotográfico branco

• Revelador

• Fixador

• Interruptor

• Bacias para revelação

Com o material você procederá do seguinte modo:

Recorte um quadrado de 6cm x 6cm de papel fotográfico. (Isto deve ser feito no escuro ou num quarto com luz vermelha muito fraca) e cole este papel na parte interna da tampa da lata de modo que a emulsão sensível (a parte branca do papel fotográfico) fique para o lado do furo. (isto deve ser feito em quarto escuro ou com luz vermelha fraca). Feche a lata com a tampa. Para que as fotos sejam tiradas basta levar a lata para um lugar claro, apontá-la para o que você desejar fotografar e fixar a máquina sobre algo que a deixe imóvel. (A máquina não pode balançar durante a operação). Focando o objeto tire a fita isolante por 20 segundos e deixe o buraquinho da máquina focando-o, após, será necessário fechá-lo novamente e revelar o papel. Tudo deverá ser feito no escuro. Preparar bacias com os líquidos revelador, interruptor e fixador. Tirar o filme da maquina e mergulhá-lo no revelador por um minuto, já será possível ver as imagens aparecendo. Em seguida dois minutos no liquido interruptor e cinco minutos no fixador.

Após todo o processo lavar em água corrente por alguns minutos. Se a foto ficar muito escura é devido a um longo período de exposição, com o furinho da lata aberto por muito tempo, são várias as experiências oriundas daí. Pode-se voltar ao local, fazer várias fotos, utilizar várias latinhas. Criar e ficar atento às imagens que resultam desses experimentos fotográficos dos quais as crianças, sem dúvida, poderão participar.

POESIA E LITERATURA: A poesia é um gênero literário, uma, entre as demais linguagens, que pode ser levada para o cotidiano de creches e pré-escolas provoca a refletir sobre expressões e sentimentos alheios e próprios. Quando as poesias encontram-se nesses espaços de educação e cuidado, intensifica-se o modo de produção inventivo, garantindo o encontro da palavra com o movimento, do som com a imagem, de conhecermos e criarmos textos percebendo não apenas o significado das palavras utilizadas, mas que se brinque com seus ritmos, com sua sonoridade, com o aspecto visual, tal como os haicais que também podem ser construídos pelas crianças, em sínteses de seu pensamento, de sua concepção de mundo, ou melhor, extraindo a essência do que vivencia no dia-a-dia. Trata-se de possibilitar, a partir da poesia, que seja atiçada a imaginação das pessoas, libertá-las de uma mesmice rotineira, tantas vezes empobrecedora. Poesia e dança, música e imagens estão em conexão profunda, basta vê-las e perceber que é possível conhecer, ver e representar o mundo a partir de outras referências e repertórios, bem como tendo o livro como objeto de prazer para as crianças, com suas histórias que podem ser contadas frequentemente em voz alta, alimentando seu imaginário.

A conexão entre a poesia e a produção plástica, pode ser feita à medida que alguns objetos e pinturas sugerem poesias e estas mobilizam produção de imagens.

Aguçar a sensibilidade das crianças a partir de variadas modalidades, tais como: outdoors, páginas da Internet, receitas, aguçando-lhes a sensibilidade para a observação e a criação de poesia, que não obrigatoriamente precisa ser feita com palavras, ou seja, a criança não alfabetizada poderá brincar de fazer poesia ou somente ouvi-las, quando lidas pelas professoras. É bom prestar atenção ao ritmo do poema quando se lê. O ritmo faz perceber diferentes sons contidos nos versos, quais palavras aparecerem e o que sugerem a quem ouve e quais os efeitos sonoros produzidos.

Como dizia o poeta José Paulo Paes, poesia é brincar com palavras como se brinca com bola, papagaio, pião e complementava salientando que, enquanto tais objetos podem se desgastar, as palavras se revigoram ao serem usadas. É possível depreender dessas palavras que, nas creches e pré-escolas não daremos aulas sobre poesias, como num ensaio para a escrita. A poesia no mundo infantil deve vir tal qual brincadeira, sendo contada, vista e sentida poeticamente no cotidiano das crianças.

Considerando isso, as poesias visuais, ainda não tão populares no Brasil, são importantes por se oferecerem como veículos que contém formas poéticas para além de palavras, ou seja, são formas de utilizar objetos, letras, para sintetizar ideias, sonhos, desejos. Essa poesia é feita com a utilização de vídeos, holografia, cartazes, cartões, computador. A imagem é bastante valorizada e se cruza com experimentos visuais resultando disso textos que comungam letras e outras imagens.

Ler as poesias para as crianças para que se familiarizem com essa linguagem é essencial. Não se trata de ensiná-las numa perspectiva antecipatória do contexto escolar das séries iniciais do ensino fundamental, mas aproximá-las de outra maneira de explicar e sentir o mundo, traduzida

pelas poesias. A brincadeira com as palavras, sem o caráter obrigatório que lhe é conferido tantas vezes, sem que prevaleça a intenção da escrita, é provocadora de ricas criações infantis, do prazer pela leitura, do enriquecimento da imaginação, da fantasia e inventividade, tão necessárias e que constituem o humano no Homem.

Quanto a outros gêneros literários e a chamada literatura infantil temos que garantir que as histórias sejam contadas às crianças, fazendo-se presentes em suas vidas.

Para isso, é necessário criticidade e sensibilidade. Vale lembrar que se trata de uma forma de se compreender o mundo e representá-lo. Quais os conteúdos presentes? O que os mesmos dizem quanto aos negros, indígenas, crianças, mulheres e homens nos textos escritos e imagéticos? Apresentam preconceitos? É importante retomar essa preocupação quando escolhemos livros para serem lidos para e com as crianças, ou, simplesmente para serem manuseados por elas.

Sugiro atividades a seguir que podem ser feitas com as crianças.

POESIAS

Adotando-se a ideia do poeta de que poesia é brincar com palavras sugere-se aqui que tais brincadeiras com letras e palavras não estão à disposição de um processo antecipado ou forçado de alfabetização das crianças.

a) Brincar com os sons das palavras criando trocadilhos, rimas, aliterações (que são repetições de fonemas idênticos ou parecidos no início de várias palavras na mesma frase ou verso, visando obter efeito estilístico na prosa poética e na poesia),

b) Brincar com as palavras e letras tornando-as objetos, alterando o tamanho e o tipo das letras, associar imagens e letras, utilizando histórias em quadrinhos, cores diversas, cartazes. Pode se fazer móbiles pequenos e espalhá-los por diferentes lugares das creches e pré-escolas ou gigantes, tais como cortinas poéticas, que se transformam em espaços nos quais as crianças entram, brincam, trocam letras, tocam, cheiram e até, em alguns casos, as comem, por que não?

c) Brincar com os sentidos das palavras originárias de diferentes regiões ou países.

MÚSICA: a música como linguagem que é, organiza os signos sonoros no espaço e no tempo. Considerando que ela se constitui como um meio de orientar a reflexão do ouvinte sobre o mundo, pode-se afirmar que sua presença entre as crianças é fundamental para que as mesmas possam compreender e construir seu cotidiano e seu mundo a partir da linguagem sonora. As crianças estão envolvidas no universo sonoro desde tenra idade, alguns afirmam que desde a fase intrauterina. Importa perguntar sobre quais experiências sonoras meninos e meninas estão expostos, já que muitas vezes fica reduzida a auxiliar na organização de atividades relacionadas à hora do lanche e higiene das crianças, ganhando aspectos de disciplinarização da infância. Como a música está presente em uma creche, com as crianças pequenininhas (de 0 a 3 anos)?

Como as profissionais que cuidam delas entendem as manifestações e os movimentos realizados pelas crianças em relação aos sons e à música? As professoras estão atentas para ouvir o dia-a-dia?

As crianças pequenas realizam pesquisas sonoras, são verdadeiros cientistas dos sons, porque em busca de sua identidade e de identificar o ambiente onde vive, utilizam os sons com suas propriedades: altura, duração, intensidade e timbre, nas experimentações dos sons, por intermédio de suas brincadeiras, cantarola, assobia, balbucios, risos, batendo com os objetos, arrastando, gritando, emitindo os mais diferenciados sons em seus processos investigativos.

Sabe-se que a criança é um ser brincante e que a música é criada ao brincar, os sons, são transformados e recriam ambientes. É necessário que nossos ouvidos estejam atentos para perceber o modo como bebês e crianças maiorzinhas se expressam musicalmente em cada período de suas vidas. Estamos ainda habituados, no interior das creches e pré-escolas, ao trabalho com canções que apresentam versos em canções com valores morais e com refrãos sugestivos de certos comportamentos, música entendida apenas como canção e não como som e melodia. Há aqueles que denominam muitas das músicas ouvidas pelas crianças de "musiquinhas", num tom francamente pejorativo, porém revelador da maneira como meninos e meninas são concebidos e ainda mais, como são pensadas e realizadas as relações entre adultos e crianças em ambientes para a infância também no que toca às músicas e sons que, ao serem realizados pelas crianças, são ouvidos como barulhos, contrariando as regras do silêncio.

A canção é importante como brincadeira, como conhecimento cultural, como contato com o folclore brasileiro. No entanto, não podemos deixar de lado o contato com outros gêneros musicais, de outras culturas e, principalmente com os sons de todas as partes do mundo, considerando também o que a criança porta advindo de seu contexto social, familiar, cultural.

Quais as paisagens sonoras, ou seja, sons, barulhos de panelas, de brincadeiras, de pássaros, falas entre as pessoas, presentes na creche e pré-escola? As crianças têm possibilidade de ouvi-los, percebê-los, relacionarem-se com esses sons, barulhos, músicas, estranhando e reconhecendo-os? Há momentos em que são privilegiadas as descobertas e construções sonoras? As crianças cantam? Inventam canções? Os objetos são transformados em instrumentos musicais? O que é feito para enriquecimento dessas práticas entre as crianças? Jogos, sonorização de histórias, escuta sonora, brincadeiras cantadas, percepção dos sons, barulhos, ruídos que compõem a creche ou pré-escola, são essenciais e podem constituir o tempo das crianças junto a outras linguagens e não como aula de música, o que tantas vezes é visto entre os pequenos.

MÚSICAS, SONS, BARULHOS

São muitas as ideias para se criar instrumentos sonoros, trabalho vocal com canto entre as crianças e pesquisas sonoras de modo a não tornarmos os espaços destinados a educação infantil meros reprodutores de músicas amplamente exploradas pelas mídias televisivas e rádios e podermos cultivar com elas um ouvido "pensante" e cria-

dor, e ambientes onde as músicas escolares cedam espaço para outros sons. Seguem aqui algumas sugestões, para quem sabe, serem criados ou reinventados instrumentos junto às crianças.

a) Chocalhos ou ganzás: com latinhas, potes de iogurtes ou de óleo de cozinha, colocando-se grãos de arroz, pedrinhas, feijão, conchinhas, botões podemos construir instrumentos simples com as crianças. É importante garantir a audição dos sons e propor estranhamento: o som do chocalho com arroz é igual ao som daquele que tem pedrinhas? Quando a quantidade é maior, algo muda?

b) Cortinas sonoras: Após conversas com as crianças podemos solicitar que tragam de suas casas objetos que produzam sons para a creche ou pré-escola. Podemos sugerir que sejam objetos utilizados quando eram ainda menores e, para aqueles que falam, contarem aspectos da história do objeto. Obtém-se com isso um diálogo entre a família e a creche e a pré-escola, para aqueles que não falam os pais podem escrever ou mesmo comparecer à creche para contar sobre o objeto sonoro. Depois disso, podemos juntamente com as crianças compor uma cortina, que ao ser tocada, produz os mais variados sons e evoca a curiosidade infantil, ao ser disponibilizada em corredores todos poderão usufruir da pesquisa sonora.

c) Gravar os sons da cidade, do campo, do bairro: Propor passeios em que, de posse de pequenos gravadores, ou celulares que tenham gravador, as crianças possam gravar os sons dos arredores da creche ou da pré-escola, do bairro, da cidade. De posse desse material é reconstruir esses espaços somente com os sons captados. Como é representar o local onde se vive somente com os sons? É possível reconstruí-lo sob esse aspecto?

Fazer desenhos ou maquetes e colocar os sons captados. Criar espaços em que somente os sons estejam presentes e possam ser sentidos pelas crianças vendadas. Deixar o corpo interagir com os sons.

EXPOSIÇÕES INFANTIS: dentro e fora dos espaços escolares - As criações infantis há muito estão sendo expostas – em mostras culturais, datas comemorativas, fechamento de semestre letivo. É fundamental, contudo, refletirmos sobre as crianças e sua participação nesses eventos, como construtoras de culturas numa perspectiva que procura evidenciar a produção cultural com a infância, que se faz presente em algumas iniciativas de exposições das criações infantis, em locais que não os escolares, tais como museus e outros lugares voltados para exposições culturais, as quais historicamente sempre privilegiaram as criações adultas legitimando-as e, com isso, estabelecendo uma hierarquia entre os agentes e entre as produções realizadas. Pretende-se com isso, abordar as criações realizadas pelos meninos e meninas e com eles e que não podem ficar restritas apenas a datas comemorativas – geralmente presentes em ambientes escolarizantes – timidamente encolhidas em um tempo restrito para observação e debates, ou mesmo, limitadas a um público familiar somente.

As cidades brasileiras como patrimônios culturais que se expressam em ambientes sócio culturais diversos, podem tornar-se uma primeira preocupação quando pensamos em crianças nas cidades, de tamanhos e estilos diferentes, afinal, as crianças e suas diversas formas expressivas, teriam locais apropriados onde suas criações pudessem ser discutidas, visualizadas por todos que circulam na cidade, para além dos espaços escolares? Sem qualquer pretensão que resvale em espetacularização da infância e de suas criações, onde podemos encontrar as criações infantis que não nos espaços escolares e ainda assim, de formas às vezes, tão questionáveis, infantilizadas e infantilizadoras? Será que elas devem ficar condicionadas a esses espaços? Importa organizar espaços expositivos que, respeitosamente, considerem as importantes criações infantis entre as diferentes formas de expressões artísticas que se encontram espalhadas em espaços públicos abertos, em paredes e muros dos bairros e das cidades que podem ser observados por todos que circulam pelas ruas.

É importante ressaltar que não se trata de propor uma substituição de produções, resultando em outras hierarquias de valores e concepções do que seja o belo e bom para ser apreciado. Aqui o objetivo, embora explicitado de modo breve, é levantar a questão de que a produção cultural das crianças, como sujeitos de direitos que são, passa pela esfera da política e, nesse caso em especial, pelas políticas publicas educacionais e culturais. O objetivo encontra-se também na afirmativa de lançar olhares para o que já vem sendo feito no Brasil e em demais países onde tais questões encontram-se mais presentes em profundos debates e práticas culturais nas cidades. Perceber tais relações – infâncias, políticas e produção cultural para infância e com a infância – é fundamental para prosseguirmos os debates sobre os direitos de todos desde que nascem. Criar espaços em que o toque, as sensações táteis, olfativas, auditivas, visuais e do paladar estejam presentes provocando descobertas evidenciando não apenas os resultados, mas o processo de criação é de responsabilidade dos adultos. Seu lugar é também o de criar ambientes ricos e provocantes que ofereçam informações visuais, que podem ser referentes a diversos assuntos que se deseja explorar.

Um aspecto a ser avaliado é considerar a importância de expor as criações infantis de maneira cotidiana dentro e fora dos muros da creche e da pré-escola. Essa prática colabora para a construção do sentido de pertencimento destes meninos e meninas ao espaço vivenciado todos os dias por eles num processo de apropriação desse espaço. O próprio ato de expor o que fora realizado contribui para a documentação de percursos criativos individuais e coletivos realizados pelas crianças e também pelas/os adultas/os que com elas trabalham e se dispõem a dialogar com todos que transitem por estes lugares garantindo a circulação de ideias sobre infância e sobre suas criações entre os adultos e destes com as crianças e entre elas independentemente da faixa etária. Na exposição podem-se aglutinar expressões das crianças, manifestações artísticas criadas em cumplicidade com a professora, bem como, os registros dos processos de criação das crianças e não apenas os resultados. Registros dos choros e sorrisos, conquistas e discussões, planejamentos e projetos. As exposições também documentam e, com isso, apresentam aspectos da

história do grupo formado por meninos e meninas e adultos docentes em participação conjunta, criativa e criadora, permitindo refletir sobre as relações e investigá-las tendo-as como mote para outras propostas e projetos futuros.

TEATRO: O teatro é um acontecimento de cultura, não se tratando de eventos esporádicos apenas, envolve ricos processos de criação de todos os envolvidos, diria ainda mais, daqueles que participam não somente da encenação, mas dos que assistem as peças, sejam quais forem e como acontecerem, independente de sua faixa etária. O diretor de teatro inglês, radicado na França, Peter Brook em seu livro A Porta Aberta afirma que podemos escolher qualquer espaço vazio e considerá-lo um palco, um homem, ou criança (diria eu) ao atravessar esse espaço e ser observado por outro, é suficiente para criar uma ação cênica. Nas palavras desse autor nós não precisamos ter um grande teatro para se fazer teatro, nós precisamos de espaços livres onde a ação cênica aconteça. Acredito que isso nos sirva como fonte inspiradora para pensarmos no teatro com crianças desde bem pequenas.

Fazer teatro para crianças pequenas, desde seu primeiro ano de vida, tanto no espaço teatral como na creche ou pré-escola, significa procurar constante e curiosamente sentir de forma visceral o público que lá se encontra. Pode-se perceber isso quando assistimos a peças teatrais e observamos seus enredos e propostas de participação ou não do público infantil envolvido. Público este que é capaz de deixar a peça sem que tenha chegado ao fim, chorar, ou mesmo rindo e curiosa invadir o espaço, até então, reconhecido como de ocupação somente de atores profissionais. Perceber o ritmo da respiração de medo ou alegria, os gestos que convocam ao adulto ou mostram-no dispensável, é fundamental, pois implica sabermos posteriormente não agredir as crianças com exigências que elas não podem cumprir, ou mesmo, esquecer que as falas, cenários, a sonoplastia e os enredos podem levá-las a ter curiosidade e participar constantemente.

Cabe-nos refletir sobre como as crianças podem construir um alfabeto teatral Frabetti, (texto no prelo), segundo o qual passam a conhecer e criar códigos, gestuais, vocabulários próprios cabendo aos adultos que valorizem experiências garantindo que as mesmas emerjam entre as crianças de todas as idades. O teatro pode ser não apenas para a exibição de produtos finais, mas de contar contos que envolvem universos sensíveis e simbólicos que reúnem jogo e exploração com personagens, conflitos e soluções que podem ser realizados no tempo presente e não com a expectativa de encenação para os pais e demais familiares em datas festivas. São experimentos de dominação das realidades, de criação de outras, num jogo que é também social e contem elementos da vida vivida pelas crianças e o que estão em seu entorno.

É importante considerar que no teatro, quando se está com as crianças, que não se pode apreender tudo e que cada uma se incumbirá – dentro de seu repertório particular, das relações estabelecidas com familiares e colegas – de portar consigo o que mais chamou sua atenção, o que lhe marcou: luzes, frases, músicas, enredo, atuação dos atores, personagens, que tantas vezes nem chamaram a atenção de outras crianças ou daqueles que lhe acompanhavam, mas que passarão a compor as vidas desses meninos e meninas a partir de sua experiência com peças teatrais. Quando voltam para as creches ou pré-escolas, após assistirem peças de boa qualidade, realizadas por companhias teatrais respeitosas em relação à infância, vale lembrar que não se pode pensar nesse momento tão rico, como uma aula, nos moldes escolarizantes, sobre assuntos variados. As perguntas que advém devem manter a riqueza do espetáculo e não consistir em exercícios de fixação do conteúdo visto e ouvido, por via de perguntas, cujas respostas não traduzem a inteireza da experiência. A oportunidade de conviver com a linguagem teatral, assistindo e brincando com ela e através dela, promovem o crescimento das crianças considerando invenção e imaginação, ao respeitar e provocar a apropriação de códigos complexos, de falas, de valores em âmbito físico, emocional, cultural. Para as adultas que se envolvem junto às crianças consistem em momentos enriquecidos nos quais a recuperação da fantasia e a nutrição da capacidade de encantar-se e criar outros modos de relacionar-se com a complexidade do mundo encontram-se ali presentes.

TEATRO E DANÇA

Os adultos podem tornar-se cúmplices das crianças no jogo teatral, não obrigatoriamente criar peças para elas, mas convidá-las a participar de movimentos e sensações de forma a superar barreiras verbais e formais que por vezes se interpõem entre adultos e crianças.

a) Organizar espaços: os espaços físicos podem ser transformados em ambientes propícios aos jogos teatrais. Colocando-se lenços de cores e tamanhos variados pendurados no teto se obtém uma floresta de tecidos dentro das quais as crianças podem passar ou criar situações diversas, bexigas, objetos sonoros, fantasias, máscaras podem contribuir com a ambientação de histórias criadas pelas crianças, sozinhas ou em colaboração com a professora. Com papéis celofane de cores variadas podem-se criar efeitos de luz, se tiver lanternas para colocar atrás das folhas, os efeitos ficam ainda melhores. Os cenários convidam a criar diferentes situações dramáticas.

b) Máscaras: em diferentes tamanhos as máscaras podem ser confeccionadas com sacos de papel, cartolina, papelão sendo cortadas com tesouras ou rasgadas e ornamentadas pelas crianças, podem ser somadas à criação de vestimentas criadas a partir de diversos tipos de papel ou mesmo restos de tecidos doados pelas costureiras locais. Elas também podem ser feitas com empapelamento, técnica usada para obtenção de máscaras mais duras com tempo maior de duração. Após a decisão coletiva sobre qual personagem ou temática a ser criada, coloca-se sobre um suporte plástico finas tiras de papel – jornal, revista em quadrinhos, papel higiênico – embebidas numa mistura de água com bastante cola branca, tira a tira, em camadas besuntadas, numa última colocar cola para garantir que fique bem homogênea a colagem. Deixar secar por um a dois dias. Pintar e ornamentar como quiser e usar nas brincadeiras criadas pelas crianças ou mesmo desenvolvidas previamente com adultos, com roteiros, personagens e cenários.

Colocando-se sobre suportes resistentes podem tornar-se cabeças de bonecões com os quais também poderão brincar.

c) Bonecos: meias que não sejam mais utilizadas podem ser decoradas pelas crianças tornando-se fantoches, o mesmo pode ser feito com saquinhos de papel, potes plásticos, que ao ganharem tachinhas, botões, fitas, tecidos, lãs, criam vida quando utilizados como bonecos animados pelas crianças na composição de histórias e peças que elas próprias podem definir como serão.

DANÇA E MOVIMENTO: Ao se discutir sobre dança inevitavelmente se é levado a pensar sobre o corpo que dança, que se movimenta em ritmos sonoros ou não, seja por pessoas em diferentes faixas etárias. Quando a preocupação está voltada para a educação da primeira infância, não se pode negar que a dança na educação infantil esteve – e em alguns casos ainda está – voltada para a apresentação das crianças em datas comemorativas e que as mesmas caracterizavam-se pelo cerceamento dos gestos das crianças e seus desejos, numa expressão coreográfica limitadora e até disciplinadora de seus corpos, que ficam reduzidos à mera execução de algo pronto e acabado. Com isso, quais os papéis da dança nas creches e pré-escolas? Quais os conceitos abordados ou mesmo qual a concepção de corpo que é considerada? Faz-se tais reflexões no interior desses espaços destinados às crianças de pouca idade antes de propormos que essa linguagem artística componha o cotidiano, para além das apresentações pontuais?

Antes de se pensar em danças no contexto pedagógico, é essencial preocupar-se com o que as crianças já sabem e consideram como dança. Hoje encontra-se uma profusão de programas televisivos onde a dança se faz presente cultivando práticas, valores, construindo conhecimentos sobre essa área. Ao mesmo tempo em que somos bombardeados por tais práticas corporais nos esquecemos de pesquisar ou mesmo valorizar outras formas de danças existentes no país, tais como aquelas presentes nos diferentes grupos indígenas, entre os quilombolas, como o coco de roda, maculelês, catopês, lundus, jongos fundamentais como manifestações culturais brasileiras.

Ainda com a preocupação voltada para a dança de modo geral, deve-se ficar atento para se perceber o que as crianças e os adultos já sabem. Para tanto pode-se organizar algumas perguntas que orientariam os docentes. Dança é coisa de mulher? Samba é só para negros? Balé é coisa de classes sociais mais abastadas economicamente? Num outro momento é fundamental preocupar-se com os corpos nos espaços: as salas frequentadas pelas crianças, as vezes ocupadas por cadeiras, mesas em modelo antecipatório da escolarização, permitem que a criança cresça se ocupando de todas as possibilidades de seus corpos? Quais as marcas deixadas nos corpos de meninos e meninas que tantas vezes descobrem o mundo sentadas em cadeiras por horas e horas diariamente? Marques (2003) sugere que as danças devem levar em conta a brincadeira, o improviso, a criação de formas, que compreendam a orientação da professora e o que as crianças trazem de seus universos sociais e familiares, de maneira que as crianças possam inventar e reinventar suas danças, seus movimentos, sem obrigatoriamente exibi-las em datas pré definidas e somente nelas. Há formas de sugerir às crianças que descubram danças em seu próprio corpo, organizando atividades cuja preocupação parta das questões e práticas: como dançam os pés? Quando movemos os cotovelos, o que acontece? Ao ouvirmos determinados ritmos, o que acontece com o corpo? Fica imóvel? Dança mais rápido ou vagarosamente? Há ritmos diversos que podemos conhecer? O corpo é duro, mole, flexível?

Considera-se assim que os meninos e meninas podem expressar-se a partir do repertório que é próprio de seu corpo – já que ele é também social e histórico – de suas vivências, de modo a criar coreografias próprias, referentes ao grupo de amigos ou a suas experiências particulares, conjugadas à apreciação de grupos locais, nas expressões de danças populares que possam contribuir para a percepção, recepção e construção da cultura brasileira.

LUCKESI, CIPRIANO CARLOS - AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR. SÃO PAULO: EDITORA CORTEZ, 2002.

A avaliação da aprendizagem escolar é um meio e não um fim em si mesma. A prática escolar predominante hoje se realiza dentro de um modelo que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade, sendo o autoritarismo elemento necessário para a garantia desse modelo social, utilizando a prática da avaliação manifestada de forma autoritária. Opostamente, é fundamental posicionar a avaliação a serviço de uma metodologia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social.

Vivemos sob o modelo burguês de sociedade, em que o poder é centralizado e hierarquizado. Os exames são classificatórios, ou seja, classificam os alunos em aprovados ou reprovados e excluem grande parte dos educandos, estabelecendo uma escala de notas de zero a dez. Trata-se de um método seletivo e excludente. Nesse sentido observa-se o que Luckesi afirma:

A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente. Ou seja, o julgamento de valor sobre o objeto avaliado passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado. Do ponto de vista da aprendizagem escolar, poderá ser definitivamente classificado como inferior, médio ou superior. Classificações essas que são registradas e podem ser transformadas em números e por isso, adquirem a possibilidade de serem somadas e divididas em médias (Luckesi, 1999, p. 34).

O ato de avaliar geralmente não é utilizado como forma de repensar a prática, e sim como meio de julgá-la e torná-la estratificada. Com a função classificatória, a

avaliação não auxilia o avanço e o crescimento do aluno, somente a função diagnóstica serve para essa finalidade. Um grande poder é atribuído ao professor; sempre se entendeu que avaliar o aluno era verificar o quanto ele havia assimilado do conteúdo transmitido. Como afirmou Luckesi ao Jornal do Brasil em 2000, "o professor detém o poder: escolhe os assuntos das provas, elabora questões, julga se elas são adequadas, aplica-as, corrige, qualifica, aprova ou reprova. Ao educando cabe submeter-se a esse ritual e temer a exclusão".

O uso autoritário da avaliação escolar transforma-a em mecanismo disciplinador de condutas sociais. É uma prática comum ameaçar os alunos na escola com o poder e peso da avaliação, caso a ordem social da instituição ou das salas de aula sejam infligidas. De instrumento diagnóstico para o crescimento, a avaliação passa a ameaça, e disciplina os alunos pelo medo, ganha o direito e função de premiar ou castigar os educandos dentro de um ritual pedagógico. A avaliação não deveria ser fonte de decisão sobre o castigo, mas de decisão sobre os caminhos do desenvolvimento escolar sadio.

Perrenoud (1999) classifica as funções da avaliação entre muitas lógicas, as quais regulam a aprendizagem, o trabalho, as relações de autoridade e cooperação em aula e de certa forma, as relações entre família e escola ou entre profissionais da educação. Ele afirma:

Avaliar é – cedo ou tarde – criar hierarquias de excelência em função das quais se decidirão a progressão no curso seguido, a seleção no início do Secundário, a orientação para diversos tipos de estudo, a certificação antes da entrada no mercado de trabalho e, frequentemente, a contratação. Avaliar é também privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autônomo para outros (Perrenoud, 1999, p. 9).

No caso da avaliação a serviço da seleção, Perrenoud explica que tradicionalmente a avaliação é associada na escola à criação de hierarquias. Os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência definida pelo professor ou pelo modelo dos melhores alunos. O autor critica também a avaliação que visa à certificação, uma vez que esta fornece poucos detalhes dos saberes, das competências e do nível de conhecimento adquiridos. Afirma que as provas tradicionais se revelam de pouca utilidade porque são essencialmente concebidas mais para a classificação dos alunos do que para a identificação do nível de domínio de cada um, permite dar boas e más notas, criando assim hierarquia.

A avaliação apenas deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórico-prática da educação deixarem de ser autoritários. Então o primeiro passo a redirecionar os caminhos da prática da avaliação é assumir um posicionamento pedagógico claro e explícito para que se possa orientar a prática pedagógica no planejamento, na execução e na avaliação. Isso implica o resgate da avaliação em sua essência constitutiva, ou seja, uma avaliação educacional voltada para a transformação. Para não ser autoritária e conservadora, deverá ter a função diagnóstica para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia.

A avaliação na perspectiva amorosa, afetiva e acolhedora, é aquela que traz na sua intencionalidade a integração e inclusão pelos mais variados meios, respeitando e valorizando a subjetividade do aluno no decorrer da construção do conhecimento. Essa forma de avaliar evita julgamentos e rótulos e não seleciona, mas faz um diagnóstico e por meio dele toma decisões para melhorar a aprendizagem do educando.

O objetivo da avaliação é intervir para melhorar, porém a maioria das escolas promove exames que são uma prática de avaliação e não a avaliação em si. Esse ato de avaliar é classificatório e seletivo; a avaliação diagnóstica, ao contrário, é inclusiva. Classificar o ato de avaliar a aprendizagem por si só é um ato amoroso (Entrevista de Luckesi à revista *Nova Escola*, 2006).

A prática escolar usualmente denominada de avaliação constitui-se de provas e exames, pouco tem a ver com a verdadeira avaliação da aprendizagem. Assim sendo, exclui uma parte dos alunos; manifesta-se, pois, como uma prática seletiva. Tratando dessa compreensão da avaliação como um ato amoroso, Luckesi afirma que:

Podemos entender a avaliação da aprendizagem escolar como um ato amoroso, na medida em que a avaliação tem por objetivo diagnosticar e incluir o educando pelos mais variados meios, no curso da aprendizagem satisfatória, que integre todas as suas experiências de vida (Luckesi, 1999, p. 173).

Luckesi (1999) define avaliação da aprendizagem como um ato amoroso no sentido de que a avaliação por si só deve ser um ato acolhedor e inclusivo, que integra, diferentemente do julgamento puro e simples, que não dá oportunidades, distingue apenas o certo do errado partindo de padrões predeterminados. Assim, o verdadeiro papel da avaliação visa à inclusão, não à exclusão.

Para o autor, o ato amoroso é aquele que acolhe a situação como ela é; nesse ato não julga, não exclui. A avaliação, portanto, não deve afastar o educando do educador, mas antes acolher e integrar. O ato de avaliar é o ato do homem bem constituído, não se fundamenta nos atos de mecanismos de defesa como estratégia de sobrevivência, que são atitudes regressivas, conservadoras e primitivas da condição humana. No processo avaliativo, deve existir acolhimento, uma atitude que caracteriza o homem livre, reflexivo e questionador.

A avaliação tem como papel criar condições para que sejam obtidos resultados daquilo que se deseja alcançar, que é a qualidade do aprendizado do aluno. É preciso dar oportunidade para que o educando possa mostrar sua maneira peculiar de aprender e somar isso a suas experiências extraescolares.

A função diagnóstica da avaliação serve como instrumento auxiliar da aprendizagem e não como instrumento de aprovação ou reprovação. Portanto, o ato de avaliar, sob a perspectiva amorosa, se destina ao diagnóstico e por isso mesmo à inclusão; desse modo, por si só se constitui um ato amoroso.

NOVA CONCURSOS

Avaliação sob a perspectiva inclusiva

A educação faz parte da especificidade humana, um ato de intervenção no mundo, é relacionada à cidadania. Segundo Freire (2009), "a educação não é transferência de conhecimentos, mas criação de possibilidades para a sua própria produção ou construção". É preciso que a educação vá além, que possibilite o desenvolvimento de habilidades e autonomia para que os cidadãos possam refletir sobre as condições que lhes são oferecidas.

Porém a perspectiva de uma avaliação classificatória e seletiva torna-se um fator de exclusão escolar. Tradicionalmente, as experiências avaliativas remetem a uma concepção que classifica as aprendizagens em certas ou erradas, separando aqueles estudantes que aprenderam os conteúdos programados daqueles que aparentemente não aprenderam. Agindo sob essa perspectiva, alguns professores criam e utilizam a avaliação excludente, baseada no autoritarismo, na punição e na imposição de poder, perpetuando assim de geração em geração a imagem da avaliação como atividade de controle e exclusão.

Nesse tipo de avaliação, as provas ou testes são fatores negativos de motivação para os estudantes, que, diante da ameaça do professor, se dedicam aos estudos não porque os encaram como sendo importantes, necessários ou prazerosos, mas porque são "ameaçados" pela reprovação. São levados a estudar pelo medo, o que gera uma mera memorização momentânea.

Por outro lado, a avaliação inclusiva, ou seja, aquela que busca a inclusão do aluno, baseia-se na valorização dele. Utilizando esse instrumento, o educador encara o aprendente como um indivíduo crítico, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva. Busca formar cidadãos conscientes, não passivos. Nesse sentido, temos a contribuição de Demo (1994, p. 20) a respeito, quando diz que "o papel da educação é um fator de mudança na sociedade que tende a formar bons cidadãos, conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade".

O erro e o fracasso escolar geralmente são ligados à reprovação do aluno, mas o erro faz parte do aprendizado e possibilita uma melhor oportunidade de crescimento diante das situações no cotidiano escolar. É ideal que o professor não tenha a visão do erro como indício do fracasso, mas antes ter uma postura comprometida com a concepção do erro construtivo, o que significa encarar o conhecimento produzido pelo educando em processo de construção.

Assim sendo, acerto é importante, mas o fracasso também. "Não existimos para decretar fracassos, mas promover aprendizagens" (Carvalho, 1997, p. 54). O erro sinaliza um indício do processo de construção de conhecimentos; portanto, o educador tem como função trabalhar as potencialidades dos educandos, investir em seu crescimento para que a avaliação ocorra de forma interativa entre o professor e o aluno em busca de um mesmo objetivo: a aprendizagem.

Conforme já citado, segundo Luckesi (1999) avaliar é um ato amoroso. Portanto, a avaliação tem grande significado para o professor; por meio dela ele pode reconhecer a importância de acolher os acertos e erros do aluno para ajudá-lo a progredir. Faz parte da tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas ensinar a refletir, compreender a realidade e participar das suas mudanças.

Com esses questionamentos, refletir sobre a importância da avaliação na escola é pensar e agir democraticamente para que no futuro ela não seja apenas encarada como um mal necessário, mas como oportunidade para a construção do conhecimento. O objetivo não é eliminar a avaliação, mas usá-la de forma correta, para verificar como o aluno constrói seu conhecimento acerca dos conteúdos trabalhados e como modifica sua compreensão de mundo, elevando assim sua capacidade de intervir na realidade vivida.

A avaliação deve ser diversificada, desenvolvida de várias maneiras, usando diferentes instrumentos de forma contínua. De maneira alguma se deve elaborar uma prova com o objetivo de verificar o que os alunos *não* sabem. As provas escritas podem abordar questões com situações-problema naturais que surgem no cotidiano; problemas muito dificultosos, como uma espécie de quebra-cabeça, não cabem nesse caso; evidentemente eles deveriam ser aproveitados como desafios durante as aulas, em geral os estudantes aceitam participar pelo prazer em decifrar enigmas.

Notas ou conceitos não deveriam ser o objetivo principal da avaliação; muito mais humano seria pensar na avaliação como instrumento para garantir o sucesso escolar no processo de ensino-aprendizagem. A avaliação tradicional consiste em aplicar provar escritas; há crianças que se amedrontam ou criam bloqueios em situações em que serão avaliadas mediante provas ou testes, por isso seria importante o docente analisar vários tipos de avaliação para escolher qual seria mais apropriada a determinados alunos, incluindo aqueles que possuem alguma dificuldade de aprendizagem ou mesmo deficiências físicas ou intelectuais; nesse campo, o apoio psicopedagógico é de fundamental importância.

Há exemplos de atividades que propiciam momentos de avaliação além das provas escritas: sessões de cálculo mental, atividades orais, incluindo aquelas em que o aluno pode utilizar o quadro-negro ou branco, aulas de resolução de problemas, trabalhos extras, como pesquisas propostas pelo professor ou eleitas pela turma, jogos que ocorram em sala de aula e eventuais autoavaliações. O professor pode fazer registros sobre os alunos para avaliar seus avanços e dificuldades e assim poderá também refletir sobre sua própria prática docente.

Além disso, a avaliação vai além da sala de aula; diversos aspetos dos discentes devem ser levados em conta, como seus resultados em trabalhos individuais ou em grupo, em âmbitos afetivos, cognitivos, sociais, dentre outros. O exame desses elementos constitui um processo global que envolve todo o histórico escolar.

A responsabilidade de avaliar o aluno não se limita apenas ao professor; este pode receber auxílio dos orientadores, psicopedagogos, enfim, toda a equipe pedagógica da instituição deve participar da construção do conhecimento do aluno e suas aprendizagens. O psicopedagogo, com sua visão diferenciada no contexto escolar, pode promover e desenvolver esse trabalho em equipe com todos os participantes do processo educacional, visando a uma educação transformadora.

O olhar psicopedagógico sobre a avaliação escolar

Segundo Hoffmann (2008), a avaliação educacional transformou-se em um sintoma do sistema de ensino atual, confirmador de injustiças sociais e ineficaz em aspectos como: para que avaliar e para quem? A prática avaliativa reproduz e revela fortemente as vivências do docente, tanto sendo estudante como sendo educador. Dessa forma, o maior desafio da ferramenta do avaliar é como é encarada pelos profissionais da educação: como poder, sinônimo de autoritarismo.

Uma nova perspectiva de avaliação exige do educador a concepção de que os estudantes são sujeitos do seu próprio desenvolvimento dentro do contexto de sua realidade social e política; são seres autônomos intelectual e moralmente, capazes e livres para tomar suas próprias decisões. Nesse sentido, a Psicopedagogia contribui para a construção do homem como um cidadão consciente, crítico, que faz parte da sociedade e dos processos dela.

Nesse sentido, Luckesi (1999) ressalta que, na vida escolar, fomos sempre muito mais examinados do que avaliados. Os educadores têm de investir na aprendizagem da avaliação, pois na maioria dos casos acabam por perpetuar o que aconteceu com eles próprios quando alunos. Ou seja, foram examinados por seus professores mediante exames escolares; agora são examinadores de seus alunos, utilizando os mesmos instrumentos.

Diante dessa dimensão educativa, os erros e dúvidas dos alunos devem ser encarados como episódios significativos e impulsionadores do processo avaliativo. Assim, avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão por parte do professor, o que exige de sua parte um acompanhamento permanente. O psicopedagogo orienta o corpo docente a buscar novos caminhos e perspectivas, tem um papel a cumprir quando o objetivo é repensar a avaliação e buscar novas alternativas que dinamizem o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Libâneo (1994), a avaliação é em última análise uma reflexão do nível qualitativo do trabalho escolar do professor e do aluno. Sabe-se também que ela é complexa e não envolve apenas testes e provas para determinar uma nota. Lamentavelmente, a avaliação na escola tem sido resumida a dar e tirar ponto, sendo apenas uma função de controle, dando a ela um caráter quantitativo. As notas demonstram de forma abreviada os resultados do processo de avaliação com função controladora, expressando o resultado em notas e conceitos. O autor fala também da importância de valorizar todas as formas de avaliação ou instrumentos, e não apenas a prova no fim do bimestre como grande nota absoluta, que não valoriza o processo.

A avaliação é elemento integrante do processo de ensino-aprendizagem e ganhou na atualidade espaço muito amplo nos processos de ensino, requer amparo com componentes especializados e grande capacidade de observação dos profissionais envolvidos. Porém, ainda hoje, é vista por muitos como ato de mensurar o conteúdo que foi aprendido pelo aluno em cada período escolar. Essa forma de avaliação quase sempre é aproveitada de forma quantitativa, tendo em vista a nota como objetivo maior e pouco utilizada para estabelecer uma qualidade do ensino obtido pelo educando.

Não basta avaliar a aprendizagem priorizando a questão do aspecto quantitativo (a nota) sobre o qualitativo (o que foi apreendido). Luckesi (1999) fala a respeito disso quando diz: "a característica que de imediato se evidencia na nossa prática educativa é a de que a avaliação da aprendizagem ganha um espaço tão amplo nos processos de ensino que nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma Pedagogia do Exame".

Dessa forma, o sistema de ensino continua ligado a aprovação e reprovação, os responsáveis pelos discentes desejam que eles sejam aprovados mediante uma prova ou teste específico que por vezes não tem a função de diagnosticar, mas enfatizar a rotulação de uma aprendizagem e não a sua construção.

Ainda sob a visão de Luckesi (1999), "a avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte de seu modo de agir, e por isso é necessário que seja usada da melhor forma possível". Avaliar, segundo o autor, é um ato amoroso, por isso é preciso trazer o educando para esse processo; este é um dos objetivos da Psicopedagogia Institucional: oportunizar aprendizagens afetivamente.

Segundo Bossa (1994), "a Psicopedagogia no Brasil hoje é uma área que estuda e lida com a aprendizagem e suas dificuldades e, numa ação profissional, deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os". A Psicopedagogia ocupa-se de uma educação que contribui para a construção do homem como cidadão consciente, crítico e participativo na sociedade. É uma área multidisciplinar do conhecimento, que focaliza o processo de aprendizagem considerando diferentes fatores que contribuem para a construção desse processo.

A atuação do psicopedagogo e suas contribuições para o processo de avaliação englobam o ser cognoscente (aluno) e a instituição de ensino (escola) dentro dos contextos psicopedagógico e educacional. O sistema educativo que engloba tanto a instituição escolar como a família necessita de auxílio para compreender as diferenças individuais do sujeito, levando em conta seus interesses, aspectos cognitivos, afetivos e biológicos que interferem e atuam diretamente em sua individualidade e aprendizado.

O papel do profissional da Psicopedagogia é compreender essa problemática, realizando articulações necessárias entre o aluno, família e escola. Cabe a ele buscar saber como o indivíduo se desenvolve durante as diferentes etapas de vida e como atua a influência da escola e da família sobre ele, se ocorre positivamente ou não.

A avaliação educacional vem, ao longo dos anos, se transformando em uma prática autoritária, privilegiando a seletividade e discriminação dos alunos, resultando em danos pessoais e sociais; nesse processo entra o trabalho do psicopedagogo: na prevenção dos problemas de aprendizagem.

Com um levantamento institucional, o psicopedagogo pode identificar possíveis causas de problemas com fatores orgânicos, psicológicos e sociais, entre outros, e elaborar junto aos docentes um plano de prevenção, utilização de recursos, métodos, conteúdos e objetivos a serem abordados para que a autoestima dos alunos e seus conhecimentos sejam valorizados, gerando bem-estar no ambiente escolar.

O psicopedagogo tem a função institucional de viabilizar o corpo docente a buscar novas perspectivas que dinamizem o processo de ensino-aprendizagem, avaliações necessárias para que o professor não avalie apenas os educandos, mas também se avalie em busca de novos olhares e adequações necessárias à sua prática. Assim, o psicopedagogo, como mediador desse processo, subsidia o professor com alternativas de intervenção que facilitem o processo de ensino-aprendizagem e tem o objetivo de desmitificá-lo, tornando esse momento de avaliação prazeroso para o aprendente e para o docente avaliador.

Dessa forma, a Psicopedagogia, no âmbito da atuação preventiva, se dedica às áreas relacionadas ao planejamento educacional e ao assessoramento pedagógico, colaborando com os planos educacionais pertinentes. Sendo assim, a reunião pedagógica e os conselhos de classe se constituem em encontros para refletir crítica e coletivamente a prática, e por si só já são considerados um exercício constante de avaliação por parte dos profissionais da escola.

O ideal seria que cada instituição escolar pudesse contar com apoio psicopedagógico, pois a Psicopedagogia na escola busca a melhor qualidade na construção da aprendizagem e promover a melhora das relações entre alunos e educadores. Incentiva a autonomia na busca do conhecimento e, ao mesmo tempo, possibilita uma postura crítica em relação à escola e à sociedade que representa.

Nesse contexto, o psicopedagogo institucional auxilia todos os participantes da escola para que ela se torne um lugar que promova o conhecimento e não apenas um depósito de informações. Dessa forma, quando há ação mediadora do educador junto ao psicopedagogo o resultado confere um trabalho pedagógico que valoriza as experiências culturais, contribuindo para a execução satisfatória dos objetivos educacionais, possibilitando uma ação transformadora a serviço da educação.

A presença do psicopedagogo na instituição escolar contribui não somente no processo de ensino-aprendizagem, mas também para a melhora das relações interpessoais. Desse modo, quando o trabalho da Psicopedagogia encontra parcerias na escola, pode promover efeitos positivos para a minimização das dificuldades de aprendizagem no contexto escolar, mas também requer o envolvimento de toda a equipe pedagógica e um desejo de mudanças para que as transformações de fato ocorram. Eis o desafio do psicopedagogo: ressignificar sua prática cotidianamente em prol de uma educação de qualidade!

Considerações finais

A Psicopedagogia considera o ser humano como uma unidade complexa, ou seja, um ser pluridimensional, sujeito da construção do próprio conhecimento e autonomia, determinado por dimensões cognitivas e afetivas que o constituem. Ao ocupar-se com a aprendizagem humana, a Psicopedagogia busca a melhoria das relações, observando histórias pessoais de cada indivíduo, refletindo e integrando um olhar voltado para o sujeito que aprende e como aprende, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem.

Esta pesquisa teve como objeto de estudo uma reflexão sobre a avaliação educacional que favoreça a troca de experiências entre educadores e educandos, contribuindo para uma melhor prática pedagógica, direcionada a uma abordagem educativa transformadora, tendo em vista que a avaliação deve contribuir para a formação de sujeitos pensantes, críticos e livres. Na avaliação o aluno não é o único avaliado; todo o trabalho pedagógico oferecido a ele também é analisado, avaliado, repensado e modificado sempre que necessário.

A avaliação não é um fim, mas um meio de superar as dificuldades e continuar progredindo na aprendizagem, enquanto medir é um processo interpretativo, pois supõe julgamento a partir de uma escala de valores. Dessa forma, a avaliação assume sentido orientador. Para o professor, é um meio de aperfeiçoar seus procedimentos de ensino.

É imprescindível que a escola valorize a família dos educandos, buscando sempre aproximá-la do ambiente escolar, e que os docentes busquem trabalhar a realidade dos alunos associada aos conteúdos sistemáticos, tendo capacidade de contextualizá-los, promovendo interdisciplinaridade, articulação de conhecimentos, evitando sua fragmentação, utilizando recursos didáticos a fim de tornar suas aulas dinâmicas e prazerosas. O que se espera da escola e do sistema educativo contemporâneo é que papel do professor seja mediar a aprendizagem, levar o aluno a aprender para conhecer, aprender a aprender, exercitar a atenção, memória e pensamento autônomo.

Partindo do princípio de que a avaliação é um processo e não uma atividade isolada, e como tal é parte integrante do processo ensino-aprendizagem, torna-se indispensável a criação e a manutenção de um sistema de avaliação capaz de fornecer informações consistentes e periódicas a respeito do desempenho dos alunos, que deve orientar e possibilitar aos docentes estar a par dos avanços educativos dos discentes, buscando aperfeiçoar seu progresso.

Se a avaliação contribuir para o desenvolvimento das capacidades dos alunos, pode-se dizer que ela se converte em ferramenta pedagógica, em um elemento que melhora a aprendizagem do aluno e a qualidade do ensino. A função da avaliação dentro desse conceito seria diagnosticar, reforçar, permitir, crescer.

O olhar do docente não deve ser o de juiz, pois assim estará se distanciando do saber psicopedagógico, que faz o trabalho de autoanálise das dificuldades e possibilidades no aprender. O papel do professor é de conselheiro, orientador, não de executor de provas e testes. A abordagem de avaliação como punição deve ser substituída pela aprendizagem contínua. Questionam-se assim os processos de avaliação centrados apenas no desempenho cognitivo e direcionados especialmente para o ato de aprovar ou reprovar alunos.

Nesse aspecto, é preciso avaliar os alunos de acordo com as suas potencialidades e especificidades para que o professor possa diagnosticar o que ainda não aprenderam. Reprovar é a saída mais fácil, mas nem sempre é a melhor solução. Faz-se necessário que o próprio profissional avalie sua prática e que a instituição escolar disponibilize

suportes aos docentes e apoio escolar, incluindo amparo psicopedagógico, para que realizem seu trabalho visando promover seu aperfeiçoamento.

A avaliação deve ser compreendida como um meio de inclusão e não de exclusão; avaliar é acima de tudo promover o conhecimento de mundo tanto do educador quanto do educando e, mais do que isso, é servir de ponte entre essas duas partes para que se realize a verdadeira aprendizagem.

Compreendendo que as diferenças são positivas e fundamentais para o crescimento dos sujeitos e do grupo do qual fazem parte no processo de conhecimento da realidade, a ação de avaliar deve ser processual e reveladora das possibilidades de construção de um processo educativo mais rico e mais dinâmico, que deve abranger a organização escolar como um todo: as relações internas à escola, o trabalho docente, a organização do ensino, o processo de aprendizagem do aluno e a sua relação com a sociedade.

A avaliação deve priorizar a identificação dos problemas, dos avanços e verificar as possibilidades de continuidade do processo educativo, constituindo-se em um processo investigador e de caráter formativo do qual professores, alunos e pais participem ativamente. Avaliar abrange muito mais que medir a quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos; deve-se avaliar para promover. Promover no sentido de uma avaliação que valorize o desenvolvimento moral e intelectual. Avaliar para promover a cidadania, encarar o aluno como sujeito digno de respeito, ciente de seus direitos e deveres.

A aprendizagem ocorre quando há o desejo do aluno em aprender, a motivação está no interior do seu ser, cabe ao educador compreender como a aquisição de conhecimento se processa, como o estudante se apropria desse conhecimento. Para tanto, deve optar por mudar seus antigos hábitos e, dentro de uma visão psicopedagógica, transformá-los em motivação de aprendizagem, buscar o novo por utilizar o cotidiano em sala de aula e recriar novas alternativas junto aos educandos.

MACEDO, LINO DE. ENSAIOS PEDAGÓGICOS: COMO CONSTRUIR UMA ESCOLA PARA TODOS? PORTO ALEGRE: ARTMED, 2005.

Neste novo livro de Lino de Macedo o leitor encontrará as reflexões e as propostas desse importante educador brasileiro a respeito de questões como: diversidade, educação inclusiva, prática docente reflexiva, competências, planejamento, dificuldades de aprendizagem, avaliação, disciplina e projeto curricular.

Em um texto envolvente e rico de idéias e propostas, o professor encontrará fundamentação para repensar e recriar sua prática cotidiana dentro das necessidades e possibilidades de nossa realidade educacional. Trata-se de leitura obrigatória para todos àqueles interessados na qualificação da educação do país e na viabilidade de uma escola para todos.

Fonte: https://www.booktoy.com.br/ensaios-pedagogicos-4873

MANTOAN, MARIA TERESA EGLÉR. INCLUSÃO ESCOLAR – O QUE É? POR QUÊ? COMO FAZER? ED. MODERNA, 2003.

Segundo Mantoan, estamos vivenciando uma crise de paradigmas. Mas o que seriam estes paradigmas e que crise seria esta de que fala nossa autora. Os paradigmas podem ser definidos como um conjunto de regras, normas, crenças, valores, princípios que são compartilhados por um determinado grupo num dado momento histórico e que direcionam o nosso comportamento, até entrarem em crise, isto é, até não nos satisfazerem mais porque não dão mais conta dos problemas que temos de solucionar. Portanto, uma crise de paradigma é uma crise da concepção, da visão de mundo que explicam a realidade a nossa volta e sob o qual agimos.

Onde entra a inclusão escolar nesta história toda? Ocorre que a escola experimenta a mesma crise uma vez que o paradigma educacional que a organiza encontra-se também em xeque. A inclusão implica numa mudança desse atual paradigma educacional. A escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor, nem anulando e marginalizando as diferenças dos processos pelos quais forma e instrui seus alunos. Muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos. Ocorre que a democratização do acesso à escola permitiu a entrada de novos grupos sociais em suas salas de aula, mas fechou as portas para os novos conhecimentos que esses grupos trazem consigo a partir da experiência de vida de cada um deles. Dessa forma, a escola exclui os que ignoram o conhecimento que ela valoriza e, assim, entende que a democratização é massificação de ensino e não amplia a possibilidade de diálogo entre diferentes lugares epistemológicos, não se abre a novos conhecimentos. Em consequência, os sistemas escolares estão montados a partir de um pensamento que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças.

A reviravolta que a inclusão escolar exige da escola só faz sentido se as categorizações e oposições excludentes forem abolidas de seu cenário: iguais X diferentes, normais X deficientes, ensino regular X ensino especial.

Integração ou Inclusão?

Mantoan propõe aqui uma diferenciação entre integração e inclusão – que embora tenham significados semelhantes, são utilizados para definir formas de inserção distintas e se amparam em fundamentos teórico metodológicos conflitante. „Integração" refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, mas seu emprego dá-se também para designar alunos agrupados em escolas especiais para pessoas com deficiência, ou mesmo em classes especiais, grupos de lazer ou residências para deficientes. Trata-se, portanto, de uma concepção de inserção parcial, porque o sistema prevê serviços educacionais segregados.

A integração escolar pode ser melhor compreendida como o „especial na educação", ou seja, a justaposição do ensino especial ao regular, provocando um inchaço desta modalidade, em virtude do deslocamento de profissionais, recursos, métodos e técnicas da educação especial às escolas regulares. A inclusão escolar, por outro lado, questiona o próprio conceito de integração, pois são incompatíveis, uma vez que esta prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática, isto é, todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. Por conta disso, a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas os alunos com alguma deficiência ou os que apresentam dificuldades no aprendizado, mas envolve todos os demais alunos. A perspectiva inclusiva, portanto, elimina a subdivisão dos sistemas escolares em modalidades de ensino especial e de ensino regular.

Inclusão Escolar: Por Quê?

Para Mantoan, a inclusão total e irrestrita é uma ótima oportunidade que temos de reverter a situação da maior parte de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado dentro delas – sempre se avalia o que o aluno aprendeu, o que ele deixou de aprender, mas raríssimas vezes se analisa „o que" e „como" a escola ensina, de modo que os alunos não sejam culpabilizados pela repetência, evasão, discriminação, exclusão, etc.

A questão da identidade X diferença

Mantoan inicia este capítulo com questões a respeito das propostas e políticas educacionais que proclamam a inclusão, chamando atenção para a forma como estas identificam e tratam as diferenças, isto é, será que reconhecem e valorizam as diferenças como condição para que haja avanço, mudanças, desenvolvimento e aperfeiçoamento da educação escolar?

Observa a autora que, muitas vezes, estas propostas entendem as deficiências como „fixadas" no indivíduo, como se fossem marcas indeléveis, as quais só nos cabe aceitá-las, passivamente, pois acredita-se que nada poderá evoluir, além do previsto no quadro geral das suas especificações estáticas. Com base nesta ideia é que criam-se espaços educacionais protegidos à parte, restringidos à determinadas pessoas, ou seja, àqueles que denominamos Portadoras de Necessidades Educacionais Especiais (PNEE).

Em contrapartida, Mantoan propõe tomarmos a diferença como parâmetro ao invés destes modelos que adotam a igualdade como referência. Quando não fixamos mais a igualdade como norma, fazemos cair toda uma hierarquia das igualdades e diferenças que sustentam a „normalização". Diz Mantoan que este processo (a normalização), pelo qual a educação especial tem sido proclamada, propõe de forma sutil, com base em características devidamente selecionadas como positivas, a eleição arbitrária de uma identidade „normal" como um padrão de hierarquização e de avaliação de alunos, de pessoas. É preciso lembrar que nem todas as diferenças necessariamente inferiorizam as pessoas. Há diferenças e igualdades – nem tudo deve ser igual, assim como nem tudo deve ser diferente.

A questão legal

Quando garante a todos o direito à educação e à escola, a Constituição Federal não faz distinções e, assim sendo, toda escola deve atender aos princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, sexo, cor, idade ou deficiência. Isso significa que para que todos possam atingir o pleno desenvolvimento humano e o preparo para a cidadania, entende-se que a educação não pode se realizar em ambientes segregados.

No Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto –, artigo 205, a Constituição prescreve em seu artigo 208 que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de " [...] atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". Como em nossa Constituição consta que a educação visa o pleno desenvolvimento humano e o preparo para a cidadania, qualquer restrição ao acesso a um ambiente marcado pela diversidade, que reflita a sociedade como ela é, como forma efetiva de preparar a pessoa para a cidadania, seria uma diferenciação que estaria limitando em si mesmo o direito à igualdade dessas pessoas.

Em síntese: para os defensores da inclusão escolar é indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem barreiras arquitetônicas e adotem práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que vislumbrem a diversidade, além de recursos de ensino e equipamentos especializados que atendam a todas as necessidades educacionais dos educandos, com ou sem deficiências, mas sem discriminações.

A questão das mudanças

Uma coisa, porém, é o que está escrito e outra é o que acontece, verdadeiramente, nas salas de aula, no dia a dia das escolas espalhadas por este país. A inclusão, diz Mantoan, pegou as escolas de calças curtas. E o nível de escolaridade que mais parece ter sido atingido por essa nova questão é o ensino fundamental. A escola se vê ameaçada por tudo o que ela mesma criou para se proteger da vida que existe para além de seus muros e de suas paredes – novos saberes, novos alunos, outras maneiras de resolver problemas e de avaliar a aprendizagem.

Sabemos quais são os argumentos pelos quais a escola tradicional resiste à inclusão – eles refletem a sua incapacidade de atuar diante da complexidade, da diversidade, da variedade, do que é real nos seres e nos grupos humanos. Os subterfúgios teóricos que distorcem de caso pensado o conceito de inclusão, condicionando-o à capacidade intelectual, social e cultural dos alunos, para atender às expectativas e exigências da escola, precisam ser eliminados com urgência. A inclusão se legitima porque a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos.

Inclusão Escolar: Como Fazer?

Não adianta, porém, admitir o acesso de todos à escola, sem garantir a continuidade da escolaridade até o nível que cada aluno for capaz de atingir. Não há inclusão quando a inserção de um aluno é condicionada à matrícula em uma escola ou classe especial. O princípio democrático da educação para todos só se justifica nos sistemas educacionais que se especializam em todos os alunos, e não somente em alguns deles (os com ou sem deficiência).

Para Mantoan, é preciso mudar a escola e, mais precisamente, o ensino nela ministrado. Para mudar a escola é preciso, entretanto, enfrentar muitas frentes de trabalho, cujas tarefas fundamentais são, no entender de Mantoan: 1) Recriar o modelo educativo escolar, tendo como eixo o ensino para todos; 2) Reorganizar pedagogicamente as escolas, abrindo espaço para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercidos nas escolas, por professores, administradores, funcionários e alunos, porque são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania; 3) garantir aos alunos tempo e liberdade para aprender, bem como um ensino que não segrega e que reprova a repetência; 4) Formar, aprimorar continuamente e valorizar o professor, para que tenha condições e estímulo para ensinar a turma toda, sem exclusões e exceções. Essas tarefas são comentadas nos capítulos seguintes.

Recriar o modelo educativo

Recriar esse modelo educativo tem a ver com o que entendemos como qualidade de ensino. Uma escola se distingue por um ensino de qualidade, capaz de formar pessoas nos padrões requeridos por uma sociedade mais evoluída e humanitária, quando consegue: aproximar os alunos entre si; fazer das disciplinas meios de conhecer melhor o mundo e as pessoas que nos rodeiam, e ter como parceiras as famílias e a comunidade na elaboração e no cumprimento do projeto escolar.

Nas práticas pedagógicas, predominam a experimentação, a criação, a descoberta, a coautoria do conhecimento. Resumindo: as escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, espaços onde crianças e jovens aprendem a serem pessoas. Escolas assim concebidas não excluem nenhum aluno de suas classes, de seus programas, de suas aulas, das atividades e do convívio escolar.

Reorganizar as escolas: aspectos pedagógicos e administrativos

A inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ou dificuldade de aprendizado. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for de boa qualidade, o professor levará em consideração esses limites, e explorará adequadamente as possibilidades de cada um. Não se trata de uma aceitação passiva do desempenho escolar, mas de se agir com coerência e realismo ao admitirmos que as escolas não existem para formar apenas alguns membros das novas gerações, os mais capacitados e privilegiados.

A organização administrativa e os papéis desempenhados pelos membros da organização escolar são outros alvos a serem alcançados. Ao serem alterados os rumos da administração escolar, a atuação do diretor, coordenadores, supervisores e funcionários perdem o caráter controlador, fiscalizador e burocrático que os encerra em seus gabinetes e readquire um papel pedagógico, pois amplia a presença destes nas salas de aula e nos demais ambientes educativos das escolas.

Ensinar a turma toda: sem exceções e exclusões

Para Mantoan, o sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. Ensinar atendendo às diferenças dos alunos, mas sem diferenciar o ensino para cada um, depende, entre outras coisas, de se deixar de lado o caráter transmissivo do ensino praticado hoje e de se adotar uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, integradora, que se opõe a toda a qualquer visão unidirecional, de transferência unitária, individualizada e hierárquica do saber.

O ponto de partida para se ensinar a turma toda sem diferenciar o ensino para este aluno ou aquele grupo de alunos, é entender que a diferenciação é feita pelo próprio aluno e não pelo professor no ato de ensinar.

E a atuação do professor?

Mantoan reconhece que inovações educacionais como a inclusão, também mexem com a identidade profissional e o lugar conquistado pelos professores em uma dada estrutura de ensino, atentando contra a experiência, os conhecimentos e o esforço que fizeram para adquiri-los.

Preparar-se para ser um professor inclusivo?

Se, de um lado, é necessário continuar investindo na formação de profissionais qualificados, de outro, não se pode descuidar da realização dessa formação e deve-se estar atento ao modo pelo qual os professores aprendem. Assim como qualquer aluno, os professores não aprendem no vazio. Por isso, a proposta de formação que Mantoan nos apresenta parte do „saber fazer" dos profissionais que já possuem conhecimentos, experiências e práticas pedagógicas ao entrar em contato com a inclusão ou qualquer outra inovação educacional.

O foco da formação seria o desenvolvimento da competência de resolver problemas pedagógicos. Analisa-se, então, como o ensino está sendo ministrado e a construção do conhecimento pelos alunos. Se um aluno não vai bem, seja ele uma pessoa com deficiência ou não, o problema precisa ser analisado com relação ao ensino que está sendo dado a toda a turma, pois ele passa a ser um indicador importante da qualidade do trabalho pedagógico, porque o fato de a maioria dos alunos estar indo bem, não significa que o ensino ministrado atenda às necessidades e possibilidades de cada aluno.

Considerações finais

A escola prepara o futuro e se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bastante diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão.

MANTOAN EGLER, MARIA TERESA, SANTOS DOS TEIXEIRA, MARIA TEREZINHA. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO NOS MUNICÍPIOS. SÃO PAULO. ED MODERNA, N/D. PATTO, MARIA HELENA SOUZA. A PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR. SÃO PAULO. ED. T.A. QUEIROZ, 1996.

Publicado pela primeira vez há mais de duas décadas, *A Produção do Fracasso Escolar*, de Maria Helena Souza Patto, segue sendo uma obra de referência para pesquisadores em educação, gestores de sistemas e professores. Como explicar sua longevidade e fecundidade em um campo tão marcado pela rápida obsolescência de autores, teorias e perspectivas educacionais? No presente artigo apresentamos duas hipóteses complementares para essa sólida trajetória de sua obra. A primeira delas diz respeito ao potencial elucidativo de seu estudo que, recusando o jargão e os procedimentos cientificistas que apagam a concretude do real em favor de uma linguagem matematizada e padronizadora, apresenta um quadro significativo e complexo do cotidiano de uma instituição escolar e dos agentes nela envolvidos. Em suas análises emerge a singularidade desses agentes, tantas vezes obscurecidas por rótulos e fórmulas abstratas. Por outro lado, em sua pesquisa a peculiaridade do cotidiano de uma instituição não se desliga dos condicionantes históricos de natureza política e social que têm marcado as concepções e práticas educativas em nossa sociedade.

Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642011000300006&script=sci_abstract&tlng=pt

SASSAKI, R. K. INCLUSÃO: CONSTRUINDO UMA SOCIEDADE PARA TODOS. 5ª ED. RIO DE JANEIRO: WVA, 2003.

O livro **Inclusão – construindo uma sociedade para todos** é escrito por um dos maiores especialistas brasileiros em inclusão de pessoas com deficiência. Romeu Kazumi Sassaki é consultor nas áreas de reabilitação, integração e inclusão de pessoas com deficiência, há quase 40 anos.

O primeiro capítulo do livro trata dos paradigmas que envolvem as pessoas com deficiência e trabalhar isso na sociedade. Na segunda parte, o foco é o mercado de trabalho, com uma contextualização, seus desafios e mecanismos e formas de se empregar alguém.

No terceiro, o autor se volta para a inclusão nos esportes, no turismo, lazer e recreação. As artes, cultura e religião é o foco do próximo capítulo.

A quinta parte trata dos desafios da educação inclusiva e segue com os problemas arquitetônicos e de políticas públicas.

O oitavo capítulo se refere à mídia como grande colaborador da inclusão por meio da informação. Na última parte, Sassaki conclui o livro com a soma de todos esses aspectos.

No livro, ele traz os conceitos mais atuais em relação ao tema. Faz um resgate histórico de como a sociedade tratava o assunto. De forma leve, mas com alto valor acadêmico, o autor mostra como compreender o processo pra ele ser encarado com naturalidade, pois no processo de inclusão, a pessoa com deficiência também é agente disso e as responsabilidades partem dos dois lados.

A obra serve de referência para profissionais relacionados à inclusão das pessoas com de deficiência, como fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, engenheiros, arquitetos, professores, entre outros.

É de fundamental importância para aqueles que querem compreender tudo o que circunda a pessoa com deficiência.

Fonte: http://reflexaosobrerodas.com.br/2011/05/livro-inclusao-construindo-uma-sociedade-para-todos/

SAVIANI, DEMERVAL. ESCOLA E DEMOCRACIA. SÃO PAULO: AUTORES ASSOCIADOS, 2008.

Saviani inicia seu livro "Escola e Democracia", levantando questões de dois grupos antagônicos. O primeiro grupo é o das Teorias não-críticas, classificadas como a pedagogia tradicional, a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista. Este grupo entende que a educação é capaz de erradicar a marginalidade de nossa sociedade, sendo esta última, considerada aqui como harmoniosa. A marginalidade é um desvio, um fenômeno individual que deve ser corrigido, portanto, a educação serve como um instrumento de correção de desvios, tendo, ao mesmo tempo, uma margem de autonomia com relação à sociedade. No segundo grupo, que é o das Teorias crítico-reprodutivistas, subdivididas em Teoria do Sistema de Ensino como Violência Simbólica, Teoria da Escola como Aparelho Ideológico de Estado (AIE) e Teoria da Escola Dualista. Neste caso, de maneira oposta, a educação aparece como fator agravante, através da discriminação e responsável pela marginalidade, onde esta é inerente à estrutura da sociedade, da qual a educação é dependente. Aqui, a escola reforça e legitima a marginalização social através da marginalização cultural. Saviani frisa que estes grupos de teorias explicam a marginalização na forma da relação entre educação e sociedade.

"O significado da metáfora Teoria da Curvatura da Vara"

Com base nesta metáfora, Saviani justifica um processo de tentativa de ajustes da educação: "quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto". Esta metáfora foi enunciada por Lênin (Althusser, 1977, pp. 136-138). Neste mesmo momento, afirma Saviani que "quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola; e de como, quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática. Saviani parece que puxa propositadamente a vara para o lado oposto, na esperança desta vir para o centro, que não é nem a Escola Tradicional , nem a Escola Nova, mas sim no da valorização dos conteúdos, que remetem a uma pedagogia revolucionária.

"Uma teoria pedagógica mais satisfatória para as classes populares"

Partindo-se da crítica à pedagogia tradicional, Saviani defende uma pedagogia ativa, centralizada na troca de conhecimentos e na iniciativa dos alunos. Com as propostas do escolanovismo (métodos sofisticados, escolas bem equipadas, etc), seria válido adaptá-las às camadas populares, nas quais são maiores as dificuldades de aprendizagem.

O povo busca o acesso às escolas, ao contrário dos que já se beneficiaram dela. A escola será valorizada a partir de uma pedagogia articulada com os interesses do povo.

Nessa escola para o povo, os métodos ultrapassariam os métodos tradicionais e novos. Levariam em conta os interesses dos alunos em primeiro lugar, porém sem abrir mão da iniciativa do professor. Tais métodos não seriam ecléticos, mas sim manteriam continuamente presente a vinculação entre educação e sociedade, onde o ponto de partida do ensino seria a prática social, fazendo-se necessário transformar as relações de produção que impedem a construção de uma sociedade igualitária.

"A especificidade da escola"

A especificidade da escola toma corpo ao longo da História, quando as relações sociais passaram a prevalecer sobre as naturais, ou seja, com o próprio surgimento da escola, enfatizando, assim, o mundo da cultura, o mundo produzido pelo homem.

A escola toma conta de um conhecimento elaborado. A própria institucionalização do pedagógico através da escola é um sinal da especificidade da educação. A dimensão pedagógica pode ser detectada numa situação privilegiada, pois esta existe no interior da prática social global. Assim sendo, a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado.

"A pedagogia histórico-crítica proposta"

A teoria pedagógica histórico-crítica foi criada por Saviani partindo do pressuposto de que é viável, mesmo numa sociedade capitalista, uma educação que não seja, necessariamente, reprodutora da situação vigente, e sim adequada aos interesses da maioria, aos interesses daquele grande contingente da sociedade brasileira, explorado pela classe dominante.

Segundo Saviani, a Pedagogia Histórico-Crítica, embora consciente da determinação exercida pela sociedade sobre a educação, fato que a torna crítica, acredita que a educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para a sua própria transformação, fato que a torna histórica.

Saviani chega a dizer que Pedagogia Histórico-Crítica e dialética são sinônimos e que só não usa o termo "dialético" porque, de um lado, há muito simplório que não sabe o que "dialético" quer dizer, pensando que dialético é a mesma coisa que dialógico e, de outro, há muito iluminado que pensa que já sabe o que dialético quer dizer, e, portanto, não pergunta, assim impedindo que se explique .

É preciso registrar que esta teoria, como até aqui descrita, não só pouco tem de inovador, como menos tem ainda de revolucionário. O que Saviani definiu como Pedagogia Histórico-Crítica, até aqui, poderia ser entendida da seguinte maneira: uma teoria pedagógica, para ser histórico-crítica, precisa reconhecer que a educação é determinada socialmente mas também admitir que ela pode transformar as condições sociais .

"As teses sobre educação e política propostas"

O autor propõe onze teses sobre educação e política, nas quais explica que educação e política são fenômenos diferentes entre si, ao mesmo tempo em que são inseparáveis. Nelas , seu principal argumento resume-se em caracterizar a prática política e educativa, bem como suas especificidades, não deixando de ressaltar a existência da sociedade de classes.

SEBER, M. G. CONSTRUÇÃO DA INTELIGÊNCIA PELA CRIANÇA. SÃO PAULO: SCIPIONE, 2002.

A criança é um ser dinâmico que interage com o mundo que a cerca. Essa interação com o ambiente é que vai possibilitar a construção das estruturas da inteligência.

Como?

Por exemplo, quando a criança tem a oportunidade de manipular um objeto ela é capaz de entendê-lo à medida que ela experimenta suas características, tais como: se ele é liso, áspero, grande, pequeno, pesado, leve; se ele pode ser aberto, fechado, se pode bater, se ao jogá-lo ele pula ou não etc. Tais atitudes é que irão permitir que ela aprenda sobre o objeto.

Agora, imagine uma situação diferente. Um adulto apenas mostra o objeto à distância e explica para a criança que ele é áspero, que não pode bater, que ele é quadrado, é grande etc. Será que dessa forma a criança irá aprender sobre esse objeto?

O eixo central dos estudos de Piaget concentra-se nos resultados provenientes da interação organismo-meio, o qual ocorre através de dois processos simultâneos: a organização interna e a adaptação ao meio, funções exercidas pelo organismo ao longo da vida. No processo de desenvolvimento, quando a criança adapta-se a uma nova situação, ela organiza o seu conhecimento.

É a partir da interação entre o sujeito e o meio, que ocorrerá a construção das estruturas da inteligência, o que implica no desenvolvimento intelectual. Esse desenvolvimento ocorre por meio de um processo de equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. Portanto, é em termos de equilíbrio que ocorre a evolução da criança desde o seu nascimento até a adolescência.

Toda ação supõe um interesse que a desencadeia e o mesmo pode estar relacionado a uma necessidade fisiológica, afetiva ou intelectual. Assim, a necessidade apresenta-se, segundo Piaget (2002), como um fator indispensável para desencadear a ação. Esclarece, pois, que toda ação, movimento, pensamento ou sentimento correspondem a uma necessidade, já que, tanto a criança como o adulto, só agem quando impulsionados por um motivo, que implica sempre uma necessidade.

Toda necessidade gera um desconforto ou um desequilíbrio capaz de impulsionar ou desencadear a busca da satisfação ou o restabelecimento do equilíbrio. Desse modo, pode-se completar essa afirmação com as palavras de Piaget (2002): Toda necessidade tende: 1º. a incorporar as coisas e pessoas à atividade própria do sujeito, isto é, "assimilar" o mundo exterior a estruturas já construídas, e 2º a reajustar estas últimas em função das transformações ocorridas, ou seja, "acomodá-las" aos objetos externos. (p.17)

Assim, quando a criança assimila o objeto, sua ação e o seu pensamento são obrigados a se acomodarem a ele. Dessa forma, reporta-se à questão da organização interna e à adaptação ao meio, descritas acima. Ao organizar-se internamente, a criança adapta-se ao meio e essa adaptação nada mais é do que o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação.

É essa dinâmica que irá acompanhar todo o processo de desenvolvimento mental da criança, e a adaptação dela à realidade será cada vez mais precisa.

Fonte: https://pedagogiaaopedaletra.com/desenvolvimento-inteligencia-crianca/

TARDIF, MAURICE. SABERES DOCENTES E FORMAÇÃO PROFISSIONAL. PETRÓPOLIS: VOZES, 2002.

Em saberes docentes e formação profissional, Maurice Tardif, pesquisador e professor universitário no Canadá, busca entender que saberes alicerçam o trabalho e a formação dos professores das escolas do ensino fundamental e do ensino médio. Tardif utiliza a pesquisa empírica como base de sua metodológica de seu trabalho, não somente sua pesquisa, mas também a pesquisa realizada por outros autores como Dubar e Gauthier. O autor defende que o saber não se reduz exclusivamente a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e alunos. Para o autor, o saber docente é um saber plural, ou seja, construído por diversos fatores, por exemplo, o profissional (o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores), de saberes disciplinares (saberes que correspondem ao diverso campo do conhecimento e emergem da tradição cultural), curriculares (programas escolares) e experienciais (do trabalho cotidiano). O que exige do professor capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condição para sua prática.

O trabalho de Tardif é bastante extenso, seu livro é composto de oito ensaios subdivididos em duas partes, muitos problemas são levantados nestes ensaios. No primeiro, onde o autor analisa a problemática do saber docente, notamos sua preocupação acerca da "natureza das relações que os professores do ensino fundamental e do ensino médio estabelecem com os saberes, assim como a natureza dos saberes desses professores". Tardif alerta para uma relação problemática entre os professores e os saberes, pois "os educadores e os pesquisadores, o corpo docente e a comunidade científica tornam-se dois grupos cada vez mais distintos, destinados a tarefas especializadas de transmissão e de produção dos saberes sem nenhuma relação entre si". Isso provoca uma desvalorização do corpo docente, porém, Tardif se posiciona contra a idéia tradicional de relação teoria e prática: o saber está somente do lado da teoria, ao passo que a prática ou é desprovida de saber ou é portadora de um falso saber baseado, por exemplo, em crenças, ideologias e idéias preconcebidas. Tardif mostra-se contrário a idéia de que o saber é produzido fora da prática.

O autor afirma que os saberes são elementos constitutivos da prática docente, isso representa a afirmação da idéia de que pelo trabalho o homem modifica a si mesmo, suas relações e busca ainda a transformação de sua própria situação e a do coletivo a que pertence. "De modo geral, pode-se dizer que os professores ocupam uma posição estratégica, porém socialmente desvalorizada, entre os diferentes grupos que atuam, de uma maneira ou de outra no campo dos saberes". O corpo docente encontra-se cada vez mais distanciado das instâncias de produção dos saberes, "os mestres não possuem mais saberes mestres". A formação docente é voltada exclusivamente para a transmissão e não para a produção do saber.

No segundo ensaio, Tardif analisa a relação entre o tempo e trabalho na construção do saber docente, "toda práxis social é de uma certa maneira, um trabalho cujo processo de realização desencadeia uma transformação real no trabalhador, (...). Em termos sociológicos, pode-se dizer que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo". O autor ressalta que o tempo de trabalho desencadeia uma série de saberes, como, o saber trabalhar, no caso do docente, o saber ensinar, transmitir. Daí a importância de sua experiência para a contribuição na construção do conhecimento. No entanto, os saberes ligados ao trabalho são temporais, pois são construídos e dominados progressivamente durante um período de aprendizagem variável, de acordo com cada ocupação. Podemos implicar então, que este processo deixa lacunas no ensino até sua "total" aprendizagem. "O desenvolvimento do saber profissional é associado tanto às suas fontes e lugares de aquisição quanto aos seus momentos e fases de construção". Esta idéia reforça a colocação de Tardif quando chama o saber docente de saber plural, pois não é constituído apenas pela formação técnica, mas também pela prática diária que vai moldando a atuação do profissional da educação, por isso a relevância da boa relação do profissional com os meios de execução do trabalho, que vai desde o ambiente de trabalho até o acesso a informações que permitam a construção cotidiana do saber (pesquisa/conhecimento). Pode-se aqui levantar um outro problema presente o artigo de Tardif, a questão dos professores em situação precária, estes por trabalharem em condições adversas, encontram grande dificuldade em assimilar e produzir conhecimento sobre a experiência profissional. "Uma primeira dificuldade vivida pelos professores em situação precária diz respeito a impossibilidade de viver uma relação seguida com os mesmos alunos". Esta situação típica de um professor suplente, não permite a conclusão de projetos, logo impossibilita também uma boa formação prática. Esta precarização do trabalho se dá segundo Tardif de diversas maneiras, desde o fato de não gozarem de certos benefícios sociais e de estarem à mercê da direção da escola até a própria questão da suplência que não permite uma relação mais profunda com os alunos.

Para Maurice Tardif, uma parcela relevante do saber docente se dá com o trabalho efetivo (práxis), no terceiro ensaio, o autor afirma que uma boa maneira de compreender a natureza do trabalho dos professores é compará-lo com o trabalho industrial e, ao fazê-lo, apresenta quadros comparativos que setorizam a explanação, o autor coloca o trabalho como técnica, como atividade instrumental, apresentando uma visão conteudística da formação, sem direção no trabalho docente e com tarefas de acordo com o surgimento de necessidade. É cada vez mais claro que o ensinar resume-se em aplicar técnica com isso a preocupação com o ensino volta-se hoje para a formação docente e não mais para "as questões de sistema ou de organização curricular". Tardif aponta que diferentemente da indústria os resultados na

educação são conquistados em longo prazo, "nesse sentido os professores dificilmente podem avaliar seu próprio progresso em relação ao alcance desses objetivos". Fica claro então, que esta busca de resultados e transformação do ensinar em técnica, contribuem com a transformação da sala de aula em objeto de estudo, impossibilitando esta de realizar-se enquanto um espaço privilegiado de construção do saber. Notamos mais a frente como esta questão desemboca numa violência simbólica pois submete alunos e professores a "programas de ação que elas não escolheram, a fim de avaliá-los em função de critérios abstratos e freqüentemente dolorosos".

Na quarta parte, Tardif busca amarrar sua discussão trazendo "elementos para uma teoria da prática educativa". O autor apresenta para análise, modelos de ação a partir dos quais a prática educativa pode ser representada, estruturada e orientada. Tardif abre sua análise salientando a importância da prática educativa, uma categoria tão rica em valores e significados quanto o trabalho, a arte e a política. Aqui o autor consolida a prática educativa como aliada significante para a formação de saberes específicos e nos mostra o quanto esta prática se dá na pluralidade sendo alicerçada pela arte (talento), técnica (formação) e interação. Fica claro neste esboço que são necessários o habitus e capital cultural do profissional para a construção deste "ator", transmissor de conhecimento, pois contribuirão para a cultura profissional do sujeito. "A prática é como um processo de aprendizagem através do qual os professores e professoras retraduzem sua formação anterior e a adaptam à profissão". Ou seja, toda a formação técnica é repensada e reciclada a partir do cotidiano. Assim, podemos retomar a questão já trabalhada anteriormente pelo autor, a formação continuada e transformação do ambiente escolar num espaço de construção do saber, aproximando a figura do pesquisador à do professor na tentativa de evitar deslizes e lacunas na formação do aluno.

Para encerrar a primeira parte de sua obra, Tardif busca entender o que se deve compreender por "saber", chamando o professor de "ator racional" ele trabalha a idéia de perito da educação e pergunta: "Queremos realmente que nossos filhos sejam educados por peritos, por profissionais?". Colocada esta questão ele questiona a racionalidade docente e maneira como o meio leva o profissional da educação a agir. "Pode-se dizer que os professores estão integrados num ambiente sócio profissional que determina, de antemão, certas exigências de racionalidade no interior dos quais o trabalho docente encontra-se preso, estruturado, condicionado". Podemos afirmar desta maneira que há uma irracionalidade dentro desta ordem racional, que precisa ser revisada. Assim, Tardif em Saberes docentes e formação profissional, nos alerta a rever as linhas de pesquisa e a forma de atuar do quadro docente, além da necessidade de uma formação continuada integrada à prática escolar cotidiana.

Fonte: http://lucasseren.blogspot.com/2011/05/resumo-saberes-docentes-e-formacao.html

VYGOTSKY, L.S., LURIA, A.R. LEONTIEV, A.N. LINGUAGEM, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM. SÃO PAULO: ÍCONE, 1988.

Segundo o autor as funções aparecem primeiras no nível social e, depois, no nível individual. Isto é primeiro, entre pessoas e, depois, no interior da criança. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos. Essa visão do processo de ensino-aprendizagem fundamenta-se no interacionismo sócio-histórico proposto pelo autor. Dentre os principais pontos dessa teoria, destacamos os seguintes: O aprendizado é necessariamente mediado por linguagem; portanto, sempre ocorre em situações de interação: O aprendizado de cada um começa muito antes de sua experiência escolar; sempre levaremos em consideração uma história prévia individual; O aprendizado escolar que pretende produzir algo novo no desenvolvimento do aprendiz deve considerar a ZPD (zona proximal de desenvolvimento), que seria ?a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, cuja solução de problemas se dá com orientação de um adulto?. Partindo dessa ótica Vygotskyana, que leva em conta os processos sociais de aprendizagem, poderemos focar a atuação do professor em sala de aula, com o objetivo de observar em que situação ocorre realmente o aprendizado, para então muni-lo de saberes aplicáveis através de livros didáticos, documentos reguladores e elucidações fundamentais. Alguns professores do Ensino Fundamental constataram que, apesar de entenderem os conceitos teóricos a serem ensinados e avaliarem a ZPD dos alunos, os mestres, no momento de planejar, recorrem a práticas cristalizadas. A função de planejar é uma prática que o professor tem relegado ao livro didático. A ZPD e as oportunidades de propiciar aprendizado, as vozes que permeiam a aula e muitas outras considerações devem ser evocadas quando da elaboração de materiais de transposição didática. Para, além disto, cabe a cada educador responsabilizar-se por suas práticas, sejam elas cristalizadas ou inovadoras. O que determina o resultado final da ação, ou seja, a ação está condicionada ao modo como uma atividade é realizada e como ela se desenvolve e evolui, de maneira permanente. Ao interpretarmos alguns aspectos da vida e obra de Vygotsky, entendemos sobre a necessidade existente entre os homens de se promover um intercâmbio no processo de produção de uma atividade (trabalho), que se dá através da comunicação. É a linguagem, o veículo de comunicação e apropriação do conhecimento.

É a escola quem deve ser capaz de desenvolver capacidade intelectual nos alunos, permitindo que estes possam assimilar os conhecimentos acumulados, não se restringindo à transmissão de conteúdos, ensinando-os a pensar e a apropriar-se de conhecimento elaborado, para praticá-lo ao longo da vida. Entretanto, para Vygotsky, a construção do conhecimento implica em uma ação partilhada, exigindo uma cooperação e troca de informações mútuas, com conseqüente ampliação das capacidades individuais. As conclusões de Vygotsky aparecem ao estudar as funções psicológicas su-

periores, que consistem no modo tipicamente humano de funcionamento da capacidade mental do indivíduo e que se desenvolve ao longo da vida do sujeito, a partir de sua interação com a natureza e o meio sócio - cultural. Para Vygotsky, os seres humanos, diferentemente dos animais, produzem os instrumentos necessários à realização do trabalho, sendo capazes, também, de conservá-los para uso posterior, preservar e transmitir sua função aos membros de seu grupo, aperfeiçoar instrumentos e criarem novos. A teoria da atividade formulada por Vygotsky, tem sua difusão nos Estados Unidos e na Finlândia, cuja aplicação se deu na área da engenharia. A idéia de atividade voltada para um objetivo tem como motivo transformar esse objetivo em resultado. Uma atividade pode ser realizada por diversas ações e tendo como base diversos motivos. Os diversos motivos da atividade dão à ação, um sentido pessoal diferente para cada ator no contexto da atividade a ser realizada. A ação se reduz a uma operação, na medida em que vai sendo executada durante muito tempo. A dinâmica ação - operação é característica do desenvolvimento humano. O fato das atividades não serem estáticas, proporcionam constante transformação e desenvolvimento, em todos os níveis, inclusive em nível dos trabalhadores, que têm que se adaptarem aos novos modelos de ação. A educação para o trabalho nos moldes atuais, traz no seu bojo a dualidade, representada na necessidade de promover a continuidade nos estudos e, ao mesmo tempo, preparar mão de obra para atender as necessidades do mercado que, a todo o momento, se atualiza, em função das mudanças geradas pelos modos de produção, avanços tecnológicos, alta competitividade e globalização.

A teoria da atividade, a partir da perspectiva histórico - cultural vigotskiana e suas atualizações, enaltecem a importância do aprendizado através da ação e das interações com o meio sócio - cultural, possibilitando o desenvolvimento das pessoas e da própria atividade. O trabalho, sob o ponto de vista da teoria da atividade, constitui-se em transformar objetivo em resultado, através da ação. Em função disso, o trabalho é modificado, atualizado e desenvolvido visando à satisfação das necessidades dos indivíduos em sociedade. Em seu propósito, a teoria da atividade estabelece que a memória, a imaginação, o pensamento e a emoção são formas distintas de atividade, e que o pensar e o fazer não se situam em pólos opostos. A teoria da atividade tem suas implicações no modelo de educação para o trabalho, na medida em que as escolas formam seus técnicos em suas habilitações específicas e coloca-os à disposição do mercado de trabalho. É no trabalho que ela se manifesta. Na atividade profissional, no motivo, voltado para o resultado. Cabe a cada qual, buscar seu diferencial competitivo e abocanhar as oportunidades oferecidas, ciente de que necessita estar sempre atualizado.

Fonte: http://www.cienciashumanas.com.br/resumo_artigo_4360/artigo_sobre_linguagem-_desenvolvimento_e_aprendizagem

WEISZ, TELMA, O DIÁLOGO ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM. SÃO PAULO, EDITORA ÁTICA, 2000.

Esta obra está dividida da seguinte forma:

SUMÁRIO

Série palavra de professor
Nota introdutória
Capítulo 1 – Meu batismo de fogo
Capítulo 2 – Um novo olhar sobre a aprendizagem
Capítulo 3 – O que sabe uma criança que parece não saber nada
Capítulo 4 – As ideias, concepções e teorias que sustentam a prática de qualquer professor, mesmo quando ele não tem consciência delas
Capítulo 5 – Como fazer o conhecimento do aluno avançar
Capítulo 6 – Quando corrigir, quando não corrigir
Capítulo 7 – A necessidade e os bons usos da avaliação
Capítulo 8 – O desenvolvimento profissional permanente

AUTOR

Doutora em psicologia pela Universidade de São Paulo, *Telma Weisz* foi a criadora do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (Profa), lançado em 2001 pelo Ministério da Educação. Hoje coordena um programa semelhante, o Letra e Vida, na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Referência em alfabetização, Weisz acredita que formar leitores e gente capaz de escrever é uma tarefa de todos da escola: coordenadores, gestores e professores de todas as séries e disciplinas. "Eu diria que leitura e escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar a criança à cultura do grupo em que ela vive". Os pais também não podem permanecer alheios, e devem ler todos os dias para as crianças. "Quem passa a primeira infância ouvindo leituras interessantes se apropria com mais facilidade da linguagem escrita", defende a especialista.

SINOPSE

O diálogo entre o ensino e a aprendizagem trata de alguns aspectos essenciais das mudanças em curso na educação, tanto no que diz respeito à compreensão do processo de ensino quanto à compreensão do processo de aprendizagem, vistos sob a ótica construtivista. O leitor encontra uma série de reflexões que iluminam os processos por meio dos quais as crianças conseguem ou não aprender certos conteúdos. Mostrando como observar uma situação em sala de aula e como interpretar as ações das crianças e dos professores com um alto grau de profundidade, Telma Weisz, consultora em projetos educacionais, desenha o perfil de um novo professor. Aquele que reflete enquanto age pode tomar decisões, mudar rapidamente o rumo de sua ação, interpretar as respostas dadas pelos alunos e se corrigir. Em outras palavras, um professor que é sujeito de sua ação profissional.

COMENTÁRIO

Penso que, se queremos de fato fazer da escola um ambiente que forme cidadãos mais preparados para o mundo atual, é necessário que cada um dos profissionais envolvidos nesse processo assuma o seu papel de agente transformador. (Marília Costa Dias – Coordenadora pedagógica, 1998)

RESUMO

CAPÍTULO 1 - MEU BATISMO DE FOGO

Telma Weisz cursou o Normal no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro, possivelmente influenciada pela professora de seu curso primário de quem gostava muito. Ao longo do curso, estando envolvida com outros interesses (artes plásticas) quis sair, mas seus pais a convenceram a continuar. Fez, então, o Instituto de Belas Artes (atual escola de Artes Visuais do Parque Lage).

Em 1962, quando cursava o seu último ano do Curso Normal, constatou que a repetência fabricada pelas escolas tinha ultrapassado os limites, pelo fato de não haver, em consequência, vagas para alunos novos na 1ª série. O governador, então, tomou três providencias: aprovou as crianças por decreto - tendo ido todo mundo para a 2ª série, sabendo ou não ler; montou escolas de madeira, com telhado de zinco, e convocou todas as normalistas do último ano do curso para dar aulas.

A partir daí, ela foi dar aula, para um grupo de crianças que tinham entre 11 e 12 anos e, que depois de terem repetido várias vezes a 1ª série, tinham passado para a 2ª em função do decreto do governador. Eram 45 alunos, sendo que apenas 3 não eram negros. Não eram todos analfabetos, porém não se podia considerá-los alfabetizados.

Apesar de empregar as técnicas de ensino, sentia-se como preenchendo o tempo de aula. Não conseguia avaliar os resultados do trabalho, nem o que deveria esperar das propostas que colocava em prática, sentindo-se confusa e impotente. Situações da sala revelavam o abismo existente entre o desempenho de seus alunos na escola e o que a vida fora da escola exigia deles.

Nesse sentido, tinha a sensação de que a escola parecia uma armadilha montada para que esses meninos não pudessem se sair bem, e também, a convicção de que esse tipo de situação tinha um papel político muito importante que devia ser enfrentado durante toda a sua vida profissional. Ficava impressionada quando conversava com algumas mães e essas achavam natural que seus filhos não tivessem sucesso na escola. Diziam que ela poderia 'bater neles' para ver se estudavam.

Esse foi seu batismo de fogo que fez com que se afastasse por 12 anos da educação. A sensação mais profunda que ficou dessa experiência foi a de ignorância. Ficou claro, para ela, que as informações e ideias que circulavam na educação não davam conta do problema do ensino. O professor era um cego.

Para ela, o professor continua chegando hoje à escola com as mesmas insuficiências com a qual ela chegou em 1962, sendo que a diferença, hoje, está na possibilidade que o professor tem de, se quiser, tentar resolver essa situação. Hoje, os professores têm à sua disposição um corpo de conhecimentos que, se não dá conta de tudo, pelo menos ilumina os processos através dos quais as crianças conseguem ou não aprender certos conteúdos. O entendimento que se tem do professor hoje é o de alguém com condições de ser sujeito de sua ação profissional.

Ao final de 1962, e durante os 12 anos seguintes trabalhou em áreas completamente diferentes, e como nenhuma outra atividade dava sentido à sua vida profissional, acabou voltando para a educação. Seu compromisso é com essas crianças - que são maioria nas escolas públicas - para que superem o fracasso e tenham sucesso na escola. Apesar de ser considerada especialista em alfabetização, sua questão é a aprendizagem, em especial, a aprendizagem escolar.

CAPÍTULO 2 - UM NOVO OLHAR SOBRE A APRENDIZAGEM.

Apesar de ter iniciado sua docência em 1962, e de ter na época um certo conhecimento significativo quanto ao fato da criança conseguir escrever, mesmo que não ortograficamente, ela não tinha um conhecimento científico acumulado que lhe permitisse superar um ponto de vista "adultocêntrico", ou seja, a forma como se concebe a aprendizagem das crianças a partir da própria perspectiva do adulto que já domina o conteúdo que quer ensinar. A partir dessa perspectiva, não é possível compreender o ponto de vista do aprendiz, pois não se 'enxerga' o objeto de seu conhecimento com os olhos de quem ainda não sabe.

A partir dessa perspectiva, o professor (do lugar de quem já sabe) define, a priori, o que é mais fácil e o que é mais difícil para os alunos e quais os caminhos que eles devem percorrer para realizar as atividades desejadas. Tal concepção, por parte do professor, gera um tipo de procedimento pedagógico que dificulta o processo de aprendizagem para uma parte das crianças, principalmente, aquelas que mais necessitam da ajuda da escola, por ter menos conhecimento construído sobre os conteúdos escolares.

Assim, a adoção de uma postura adultocêntrica não é uma decisão voluntária dos professores, uma vez que, o conhecimento científico que trazem consigo, não lhes permite enxergar e acolher uma outra concepção de aprendizagem relacionada à perspectiva do aprendiz.

A metodologia embutida nas cartilhas de alfabetização contribui para o fracasso escolar

A chamada Psicogênese da Língua Escrita, resultado das pesquisas realizadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1970), sobre o que pensam as crianças quanto ao sistema alfabético de escrita, evidencia os problemas que a metodologia embutida nas cartilhas (que faz uso do método da análise-síntese ou da palavra geradora) traz para as crianças.

Por meio das pesquisas das autoras acima mencionadas, em uma sociedade letrada, as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita desde muito cedo, a partir do que observam na interação com o seu meio físico e social e das reflexões que fazem a esse respeito. As pesquisas evidenciaram que quando as crianças ainda não se alfabetizaram, buscam uma lógica que explique o que não compreendem, elaborando hipóteses muito interessantes sobre o funcionamento da escrita.

Esses estudos permitiram compreender que a metodologia das cartilhas pode fazer sentido para crianças convencidas de que para escrever uma determinada palavra, bastar uma letra para cada sílaba oral emitida (hipótese silábica), mas para aquelas que ainda cultivam ideias muito mais simples a respeito da escrita, ou seja, que ainda não estabeleceram relação entre a escrita e a fala (pré-silábica), o esforço de demonstrar que uma sílaba, geralmente, se escreve com mais de uma letra não faz nenhum sentido. São essas as crianças que não conseguem aprender com a cartilha e que ficam repetindo a 1ª série várias vezes, chegando a desistir da escola.

As crianças constroem hipóteses sobre a escrita e seus usos a partir da participação em situações nas quais os textos têm uma função social de fato. Frequentemente as crianças mais pobres são as que têm hipóteses mais simples, pois vivem poucas situações desse tipo. Para elas a

oportunidade de pensar e construir ideias sobre a escrita é menor do que para as crianças que vivem em famílias típicas de classe média ou alta, nas quais ouvem a leitura de bons textos, ganham livros e gibis, observam os adultos manusearem jornais para buscar informações, recebem correspondências, fazem anotações, etc.

Isso não quer dizer, que as crianças pobres não tenham acesso à escrita ou não façam reflexões sobre seu funcionamento fora da escola, mas habitualmente tais práticas não fazem parte do cotidiano do seu grupo social de origem e isso faz com que o início de sua escolarização se dê em condições menos favoráveis do que para aquelas crianças que participam de práticas sociais letradas desde pequenas.

Assim, independente do fato de que as crianças venham de uma família pobre ou não, o que importe realmente é a ação pedagógica do professor, e esta dependerá da sua concepção de aprendizagem (todo o ensino se apoia numa concepção de aprendizagem).

É possível enxergar o que o aluno já sabe a partir do que ele produz e pensar no **que fazer para que aprenda mais**

Nas últimas décadas muitas pesquisas pontuam uma concepção de aprendizagem que é resultado da ação do aprendiz. Dessa forma, a função do professor é criar condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam a atividade mental, ou seja, o exercício intelectual.

Quando o professor entende que o aprendiz sempre sabe alguma coisa e pode usar esse conhecimento para continuar aprendendo ele pode identificar que informação é necessária para que o conhecimento do aluno avance. Essa percepção permite ao professor compreender que a intuição não é mais suficiente para guiar a sua prática e que ele precisa de um conhecimento que é produzido no território da ciência.

É preciso considerar o conhecimento prévio do aprendiz e as contradiçõ**es que ele enfrenta no processo**

Em uma concepção de aprendizagem construtivista, o conhecimento é visto como produto da ação e reflexão do aprendiz. Esse aprendiz é compreendido como alguém que sabe algumas coisas e que, diante de novas informações que têm para ele sentido, realiza um esforço para assimilá-la, assim frente a um problema (conflito cognitivo) o aprendiz tem a necessidade de superá-lo. O novo conhecimento aparece como aprofundamento do conhecimento anterior que ele já detém. É inerente à própria concepção de aprendizagem que o aprendiz busque o conhecimento prévio que ele possui sobre qualquer conteúdo.

Através dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e demais colaboradores, sabemos que a criança representa a escrita de diferentes modos, como a expressão de um conhecimento sobre a escrita que precede a compreensão real do funcionamento do sistema alfabético.

No caso da aprendizagem da escrita, o meio social coloca para as crianças uma série de contradições e de conflitos que a forçam a buscar soluções, superar as hipóteses inadequadas quanto ao sistema de escrita, através da construção de novas teorias explicativas. Nesses momentos, a atuação do professor é fundamental, pois a conquista de novos patamares de compreensão pelo aluno é algo que depende também das propostas didáticas e da intervenção que ele fizer.

Essas teorias explicativas são formas de interpretação não necessariamente conscientes, mas que orientam a ação de quem está aprendendo. Tais teorias são modificadas no embate com a realidade com a qual o aluno se depara a todo instante e especialmente quando o professor cria contextos adequados para que isso aconteça.

Para aprender, a criança passa por um processo que não tem a lógica do conhecimento final, como é visto pelos adultos

Do ponto de vista do referencial construtivista, nenhum conceito nasce com o sujeito ou é incorporado de fora, mas precisa ser construído através da interação do sujeito com o meio (físico, social, cultural); nesse processo de construção, as expressões do aprendiz não têm a lógica do conhecimento final, concebido pelo adulto. As pesquisas realizadas pelo psicólogo Jean Piaget quanto à conservação de quantidades (massa/ fichas), demonstram que para crianças com idade de 5/7 anos, o fato de oito fichas apresentarem-se juntas e oito fichas apresentarem-se espalhadas apresentam quantidades diferentes, simplesmente pela disposição/ configuração dessas fichas (pensamento pré-operatório/perceptivo/ irreversível).

O primeiro grande salto no caminho que percorremos para chegar até aqui. E o que não deu certo

Em 1920, chega ao Brasil a visão da criança como um ser com características cognitivas distintas, uma visão do aprendiz como um ser ativo que constrói seu próprio conhecimento. Eram as ideias da Escola Ativa ou Escola Nova.

Claparède, considerado o pai da Escola Nova, tinha como premissa que a necessidade é a mola propulsora da ação inteligente. Nessa perspectiva, a criança só aprenderia o que fosse demandado por uma necessidade que se expressaria em interesse: tudo o mais seria imposição. E as coisas só teriam o poder de serem interessantes à medida que correspondessem a uma necessidade do indivíduo em um determinado momento. Ficava então a questão: "Como suscitar a necessidade na escola, como fazer germinar na criança o interesse por aquilo que se deseja ensinar?".

Para responder a esta questão os pensadores da Escola Nova construíram um modelo de ensino que ficou conhecido como aprendizagem pela descoberta: a escola deveria estimular as crianças a fazerem descobertas, criar situações tais em que pudessem não ser ensinadas, mas realizar aprendizagens por si mesmas.

Começa com Piaget, a construção de um novo olhar sobre a aprendizagem

Piaget desenvolveu uma teoria do conhecimento (Epistemologia e Psicologia Genética) que explica como se avança de um conhecimento menos elaborado para um conhecimento mais elaborado, ressaltando que o conhecimento é resultado da interação do sujeito com o meio externo, que é um processo no qual o sujeito participa ativamente, modificando o meio no qual está inserido e sendo, também, modificado por esse mesmo meio.

Foram os estudos de Piaget que abriram a possibilidade de se estudar a construção de conhecimentos específicos, como o fez Emília Ferreiro que mostrou que era possível pensar o construtivismo - o modelo geral de construção

do conhecimento, tal como formulado por Piaget e colaboradores da Escola de Genebra - como a moldura de uma investigação sobre a aquisição de um conhecimento particular, no caso de Emília Ferreiro, o da leitura e escrita.

A Psicogênese da Língua Escrita é um modelo psicológico de aprendizagem específico da escrita que serve de informação ao educador, porém a maneira como essas informações são usadas na ação educativa pode variar muito porque nenhuma pedagogia responde apenas a um modelo psicológico.

O modelo geral no qual se apoia a Psicogênese da Língua Escrita é de que há um processo de aquisição no qual a criança vai construindo hipóteses sobre a escrita, testando-as, descartando umas e reconstruindo outras. Durante a alfabetização, aprende-se mais do que escrever alfabeticamente. Aprendem-se, pelo uso, as funções da escrita, as características discursivas dos textos escritos, os gêneros utilizados para escrever e muito outros conteúdos.

O modelo de ensino atualmente relacionado ao construtivismo chama-se aprendizagem pela resolução de problemas (situações-problema).

Aprender a aprender é algo possível apenas a quem já aprendeu muita coisa

Para aprender a aprender, o aprendiz precisa dominar conhecimentos de diferentes naturezas, como as linguagens, por exemplo. Nesse processo, a flexibilidade e a capacidade de se lançar com autonomia nos desafios da construção do conhecimento são extremamente importantes, pois há todo um saber necessário para poder aprender a aprender; e isso só é possível para quem aprendeu muito sobre muita coisa.

Deste modo, é desejável que o aprendiz saiba buscar informações através do computador, porém é fundamental desenvolver a capacidade de estabelecer relações inteligentes entre os dados, as informações e os conhecimentos já construídos. Nesse sentido, para ser capaz de aprender permanentemente, a bagagem básica necessária atualmente é acadêmico-cultural, em que se articulam conhecimentos de origem tradicionalmente escolar e aqueles relacionados aos movimentos culturais da sociedade (formação geral).

Assim, a escola tem uma tripla função:

1. levar o aluno a aprender a aprender;
2. dar-lhe os fundamentos acadêmicos e;
3. equalizar as enormes diferenças no repertório de conhecimentos dos aprendizes.

É praticamente impossível a escola realizar sozinha essa terceira função, mas sua contribuição é essencial, pois é preciso pensar como agir para democratizar o acesso à informação e às possibilidades e construção de conhecimento.

CAPÍTULO 3 - O QUE SABE UMA CRIANÇA QUE PARECE NÃO SABER NADA

Saber o que o aluno sabe e o que ele não sabe para poder atuar é uma questão complexa. Esse saber não está relacionado ao conteúdo a ser ensinado (perspectiva adulta) e sim ao ponto de vista do aprendiz porque é esse o conhecimento necessário para fazer o aluno avançar do que ele já sabe para o que não sabe. O que realmente importa são as construções e ideias que o aprendiz elaborou e que não foram ensinadas pelo professor e, sim, construídas pelo aprendiz.

Quando uma criança escreve fazendo uso de uma concepção silábica de escrita, por exemplo, essa 'escrita' não é reconhecida como um saber, pois do ponto de vista de como se escreve em português, essa escrita não existe. Mas, para chegar a escrever em português (escrita alfabética), o aprendiz precisa passar por uma concepção de escrita desse tipo (silábica), imaginando que quando se escreve representa-se as emissões sonoras que ele consegue reconhecer (a sílaba), isolando-as pela via da audição.

Tal conhecimento é importante e o professor deve reconhecê-lo na aprendizagem da escrita. Caso contrário contribuirá muito pouco com os avanços do aluno em relação à escrita e, se a criança aprender a ler, provavelmente, será por conta própria.

Um olhar cuidadoso sobre o que a criança errou pode ajudar o professor a descobrir o que ela tentou fazer

Somente um olhar cuidadoso e despojado do professor sobre a produção do aprendiz (quanto ao saber não reconhecido), permitir-lhe á descobrir o que pensa esse aprendiz, possibilitando-lhe levantar questões e perguntas sobre tal produção. Ao desconsiderar o esforço do seu aluno, dizendo-lhe que sua produção não está correta, acaba desvalorizando sua tentativa e esforço e, consequentemente, o aluno vai pensar duas vezes antes de produzir de novo.

O conhecimento se constrói por caminhos diferentes daqueles que o ensino supõe. Isso acontece no processo de aquisição da escrita, na construção dos conceitos matemáticos e na aprendizagem de qualquer outro conteúdo e mesmo quando os alunos estão submetidos a um tipo de ensino convencional, pois o que impulsiona a criança é o esforço para acreditar que atrás das coisas que ela tem de aprender existe uma lógica.

Se o professor não sabe nada sobre o que o aluno pensa ou conhece a respeito do conteúdo que quer que ele aprenda, o ensino que ele oferece não tem com quem dialogar.

Conhecimentos prévios dos alunos não deve ser confundido com conteúdo já ensinado pelo professor.

Na perspectiva construtivista - de resolução de problemas - o professor não pode considerar como sinônimos o que o aluno já sabe e o que lhe foi ensinado, pois não são necessariamente a mesma coisa. Para que isso não aconteça, é preciso que o professor desenvolva uma sensibilidade e uma escuta atenta para a reflexão que as crianças fazem, supondo que o que elas pensam tem sentido e não é fruto de sua ignorância.

O professor precisa criar um ambiente sócio-afetivo para que as crianças possam manifestar livremente/espontaneamente o que pensam; somente assim, poderá favorecer situações de aprendizagem significativas. Tal ambiente deve possibilitar que as crianças pensem sobre suas ideias. Do mesmo modo, cabe ao professor oferecer conflitos/situações problemas que possibilitem às crianças exercitarem o pensamento, na busca de soluções possíveis. Isso requer do professor estudo e uma postura reflexiva e investigativa.

A psicogênese da língua escrita abriu a possibilidade de o professor olhar para a criança e acreditar que para aprender ela pensa, que aquilo que ela faz tem lógica e o que o professor não enxerga é porque não tem instrumentos suficientes para perceber o sentido que está sendo manifestado pela criança.

Um casamento entre a disponibilidade da informação externa e a possibilidade da construção interna

Quando o professor não entende a produção da criança deve-se perguntar à criança, mesmo que não consiga entender suas explicações, uma atividade indicada para isso é o trabalho em dupla, pois trabalhando juntas as crianças dão explicações umas às outras e, então, o professor poderá compreender as hipóteses das crianças.

Assim, é importante observar os procedimentos dos alunos diante de uma atividade, para que o professor possa reconhecer esses procedimentos dos alunos, de modo, a saber quais são os menos e os mais avançados e que raciocínio os alunos mais avançados então realizando.

O trabalho em grupo permite que as crianças observem os procedimentos de atuação de seus colegas, inclusive daqueles que utilizam procedimentos de resolução de problemas mais avançados. Ao perceberem a possibilidade de diferentes formas de execução, reconhecem o procedimento do colega como mais produtivo e econômico, construindo, assim, a lógica necessária para poder aprender (a criança aprendeu com outra que sabe mais).

Tem-se, assim, de um delicado casamento entre a disponibilidade da informação externa e a possibilidade da construção interna - construtivismo: um modelo explicativo da aprendizagem que considera, ao mesmo tempo, as possibilidades do sujeito e as condições do meio.

Cabe ao professor tomar decisões importantes, seja na formação das parcerias entre alunos, seja nas questões que ele mesmo propõe no desenrolar da atividade.

Todas as crianças sabem muitas coisas, só que umas sabem coisas diferentes das outras

As crianças são provenientes de culturas diferentes e isso contribui para que saibam coisas diferentes, por isso é importante que o professor tenha claro que as crianças provenientes de um nível cultural valorizado pela escola apresentam enormes vantagens em relação às outras crianças. Para tais crianças a escola será muito mais fácil, porque está em consonância com a cultura da família e do seu ambiente. Por outro lado, as crianças provenientes de ambientes onde as pessoas possuem menor grau de escolaridade e distantes dos usos cotidianos dos conteúdos que a escola valoriza encontrarão dificuldades.

Assim, a equalização das oportunidades de aprendizagem dessas crianças deve ser uma tarefa da escola que deve repensar sua própria prática, de modo a não prejudicar o sucesso escolar desses alunos. (...) "É preciso, pois, educar o olhar para enxergar o que sabem as crianças que aparentemente não sabem nada".

A equalização de oportunidades de aprendizagem não significa uma pedagogia compensatória. É preciso socializar os conteúdos pertencentes ao mundo da cultura: literatura, ciência, arte, informação tecnológica, etc., pois isso é uma questão de inserção social e, portanto, direito de todas as crianças. A escola não pode ser instrumento de exclusão social.

Todo professor deve levar todos os seus alunos a participarem da cultura

O termo cultura é utilizado não em seu sentido antropológico e sim no do senso comum: a cultura erudita e a de larga difusão, mas produzida para e pela elite.

Todos os professores, principalmente, aqueles das classes iniciais que quiserem contribuir para que todos os alunos de sua classe tenham a mesma oportunidade de aprender, devem estimulá-los a participar da cultura.

É papel do professor ler diferentes tipos de assuntos/textos (usar o jornal e outras fontes de informação e de pesquisa) em classe e levar as crianças para exposições de artistas importantes. É preciso oferecer às crianças a oportunidade de navegar na cultura, na Internet, na arte, em todas as áreas do conhecimento, em todas as linguagens, em todas as possibilidades.

Um exemplo de alguém que sabia como tratar as crianças era Monteiro Lobato que escrevia livros contando coisas da Antiguidade, falando de astronomia, da história do mundo. Porém, o que normalmente se oferece para as crianças lerem são histórias empobrecidas, versões resumidas e textos com supressões.

Não é possível formular receitas prontas para serem aplicadas a qualquer grupo de alunos

Nos anos 1970, uma visão de escola como linha de montagem, denominada de tecnicista, voltada para criar máquinas de ensinar, métodos de ensino, sequências de passos programados, dominava a concepção de ensino e aprendizagem. No Brasil, esse modelo chamava-se ensino programado. A função do professor, nesse modelo, era simplesmente, a de administrar o ensino programado e foi, justamente, esse modelo o responsável por uma exigência cada vez mais baixa de qualificação dos professores.

O ensino programado permitia o que se chamava de 'ensino na medida do estudante', que embora considerasse os vários ritmos de aprendizagem da criança, todos aprendiam, pois, seguindo os passos programados chegariam todos, de alguma forma, ao final.

O papel do professor dentro de uma proposta construtivista é bem diferente deste proposto pelo modelo tecnicista. Cabe ao professor construir conhecimentos de diferentes naturezas, que lhe permitam ter claros os seus objetivos, assim como selecionar conteúdos adequados, enxergando na produção de seus alunos o que eles já sabem e construindo estratégias que os levem a conquistar novos patamares de conhecimento. Não há receitas prontas a serem aplicadas a grupos de alunos, uma vez que, a prática pedagógica é complexa e contextualizada. O professor precisa ser alguém com autonomia intelectual.

CAPÍTULO 4 • AS IDEIAS, CONCEPÇÕES E TEORIAS QUE SUSTENTAM A PRÁTICA DE QUALQUER PROFESSOR, MESMO QUANDO ELE NÃO TEM CONSCIÊNCIA DELAS.

A prática pedagógica do professor é sempre orientada por um conjunto de ideias, concepções e teorias, mesmo que nem sempre tenha consciência disso. Para que possamos compreender a ação do professor, é preciso verificar de que forma seus atos expressam sua concepção sobre:

• o conteúdo que ele espera que o aluno aprenda;

• o processo de aprendizagem (os caminhos pelo quais a aprendizagem acontece);

• como deve ser o ensino.

Historicamente, a teoria empirista é a teoria que mais vem impregnando as representações sobre o que é ensinar, quem é o aluno, como ele aprende e o que e como se deve ensinar (modelo de ensino e aprendizagem conhecido como estímulo-resposta).

Essa teoria define a aprendizagem como 'a substituição de respostas erradas por respostas certas', partindo da concepção de que o aluno precisa memorizar e fixar informações, as mais simples e parciais possíveis e ir acumulando com o tempo.

A cartilha está fundamentada nesse modelo (palavras-chaves, famílias silábicas usadas exaustivamente, frases desconectadas, textos com mínimo de coerência e coesão).

Como a metodologia de ensino expressa nas cartilhas concebe os caminhos pelas quais a aprendizagem acontece

Na concepção empirista, o conhecimento está 'fora' do sujeito (a fonte do conhecimento é externa ao sujeito - é o meio físico e social) e, é interiorizado através dos sentidos, ativado pela ação física e perceptual.

O sujeito é concebido como uma tábula rasa – 'vazio' na sua origem, sendo 'preenchido' pelas experiências que tem com o mundo (conceito de 'educação bancária' criticada por Paulo Freire). O aprendiz é alguém que vai juntando informações.

O processo de ensino fundamentado nessa teoria caracteriza-se pela: cópia, ditado, memorização pura e simples, utilização da memória de curto prazo para reconhecimentos das famílias silábicas, leitura mecânica para posterior leitura compreensiva.

Para mudar é preciso reconstruir toda a prática a partir de um novo paradigma teórico

Em uma concepção construtivista, o conhecimento não é concebido como cópia do real, incorporado diretamente pelo sujeito. A teoria construtivista pressupõe uma atividade, por parte do aprendiz, que organiza e integra os novos conhecimentos aos já existentes. Isso acontece com alunos e professores em processo de transformação.

Uma preocupação, bastante pertinente, diz respeito ao fato do professor querer inovar a sua prática, adotando um modelo de construção de conhecimento sem compreender, suficientemente, as questões que lhe dão sustentação, correndo o risco de se deslocar de um modelo que lhe é familiar para o outro meio conhecido, mesclando teorias, como se costuma afirmar.

Outra preocupação diz respeito ao entendimento destorcido por parte de professores, que acreditando ser o sujeito sozinho quem constrói o conhecimento, veem a intervenção pedagógica como desnecessária.

Tais concepções não fazem nenhum sentido num modelo construtivista.

Conteúdos escolares são objetos de conhecimento complexos, que devem ser dados a conhecer, aos alunos, por inteiro

Para o referencial construtivista, a aprendizagem da leitura e da escrita é complexa e, portanto, deve ser apresentada / oferecida por inteiro ao aprendiz e de forma funcional. Para os construtivistas, o aprendiz é um sujeito, protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, alguém que vai produzir a transformação, convertendo informação em conhecimento próprio.

Essa construção pelo aprendiz não se dá por si mesma e no vazio, mas a partir de situações nas quais age sobre o que é o objeto do seu conhecimento, pensa sobre ele, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas. A diferença entre o modelo empirista e o modelo construtivista é que no primeiro a informação é introjetada ou não; enquanto que no segundo, o aprendiz tem de transformar a informação para poder assimilá-la. Isso resulta em práticas pedagógicas muito diferentes.

Afirmar que o conhecimento prévio é a base da aprendizagem não é defender pré-requisitos

No modelo construtivista, o conhecimento não é gerado do nada, é uma permanente transformação a partir do conhecimento que já existe. Essa afirmação de que conhecimentos prévios constituem a base de novas aprendizagens não significa a crença ou a defesa de pré-requisitos e muito menos significa matéria ensinada anteriormente pelo professor.

Não informar nem corrigir significa abandonar o aluno à própria sorte

A crença espontaneista de que o aluno constrói o conhecimento, não sendo necessário ensinar-lhe, faz com que o professor passe a não informar, a não corrigir e a se satisfazer com que o aluno faz ' do seu jeito'; isso significa abandonar o aluno à sua própria sorte.

Cabe ao professor organizar a situação de aprendizagem de forma a oferecer informação adequada. A função do professor é observar a ação da criança, acolher ou problematizar / desestabilizar suas produções, intervindo sempre que achar que pode contribuir para que a concepção da criança sobre o objeto de conhecimento avance. É papel do professor apoiar a construção do conhecimento pelo aprendiz.

CAPÍTULO 5 - COMO FAZER O CONHECIMENTO DO ALUNO AVANÇAR

O processo de ensino deve dialogar com o de aprendizagem. Isso mostra que não é o processo de aprendizagem (aluno) que deve se adaptar ao processo de ensino (professor), mas, sim, o processo de ensino que deve se adaptar ao processo de aprendizagem.

Para tanto, o professor precisa compreender o caminho de aprendizagem que o aluno está percorrendo naquele momento e, a partir disso, identificar as informações e atividades que permitirão ao aluno avançar do patamar de conhecimento que conquistou para outro que é mais avançado.

Para isso, é preciso que o professor organize situações de aprendizagem: atividades planejadas (propostas e dirigidas) com a intenção de favorecer a ação do aprendiz sobre um determinado objeto de conhecimento, sendo que essa ação está na origem de toda e qualquer aprendizagem.

Tais atividades devem reunir algumas condições e respeitar alguns princípios:

• os alunos devem por em jogo tudo que sabem e pensam sobre o conteúdo que se quer ensinar;

• devem ter problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõe produzir;

• a organização da tarefa pelo professor deve garantir a máxima circulação de informação possível;

• o conteúdo trabalhado deve manter suas características de objeto sociocultural real, sem se transformar em objeto escolar vazio de significado social.

Alunos põem em jogo tudo que sabem, têm problemas a resolver e decisões a tomar

O aprendiz precisa testar suas hipóteses e enfrentar contradições, seja entre as próprias hipóteses, seja entre o que consegue produzir sozinho e a produção de seus pares ou entre o que pode produzir e o resultado tido como convencionalmente correto. Partindo-se de uma proposta construtivista, o conhecimento só avança quando o aluno tem bons problemas sobre os quais pensarem.

Para isso, o professor deve criar boas situações de aprendizagem para os alunos, atividades que representem possibilidades difíceis, porém dificuldades possíveis de serem resolvidas.

A escola precisa autorizar e incentivar o aluno a acionar seus conhecimentos de experiências anteriores, fazendo uso deles nas atividades escolares; é preciso criar atividades para que isso seja de fato requisitado, sendo útil para qualquer área de conhecimento.

A organização da tarefa garante a máxima circulação de informação possível

Os livros e demais materiais escritos, a intervenção do professor, a observação de um colega na resolução de um problema, as dúvidas, as dificuldades, o próprio objeto de conhecimento que o aluno se esforça para aprender são situações que informam.

Por isso, é importante que se garanta a máxima circulação de informação possível na classe e o ambiente escolar deve permitir que as perguntas e as respostas circulem.

Nesse processo, as informações que chegam até o aprendiz precisam ser trabalhadas ou interpretadas por ele de acordo com que lhe é possível naquele momento.

O professor precisa estar ciente de que o conhecimento avança quando o aprendiz se defronta com situações-problema nas quais não havia pensado anteriormente. Situações significativas de aprendizagem em sala de aula acontecem quando o professor abre mão de ser o único informante e quando o clima sócio afetivo se baseia no respeito mútuo e não no autoritarismo. É preciso incentivar a cooperação, a solidariedade, o respeito e o tutoramento (um aluno ajudando o outro) em sala de aula.

A interação entre os alunos é necessária não somente porque o intercâmbio é condição para o convívio social na escola, mas, também, porque informa a todos os envolvidos e potencializa quase infinitamente a aprendizagem.

O conteúdo trabalhado deve manter suas características de objeto sociocultural real

O ensino da língua portuguesa está cheio de criações escolares que em nada coincidem com as práticas sociais de uso da língua, objeto de ensino na escola, baseadas no senso comum. Isso não acontece somente no ensino da língua portuguesa, mas em todas as outras áreas.

Na escola, por exemplo, aprende-se a linguagem matemática escrita, que é pouco usada na rua. Porém, não se pode deixar de lado esta competência que o aluno já traz desenvolvida (devido a sua vivência de 'rua') e sobrepor a escolarização a ela.

Quando se trata de ciência ou prática social convertida em objeto de ensino, estas acabam por sofrer modificações. A arte é diferente na Educação Artística, o esporte é diferente da Educação Física, a linguagem é diferente do ensino de Língua Portuguesa, a ciência é diferente do ensino de Ciências. Porém, não se pode criar invenções pretensamente facilitadoras que acabem tendo existência própria. É papel da escola garantir a aproximação máxima entre o use social do conhecimento e a forma de tratá-lo didaticamente.

CAPÍTULO 6 - QUANDO CORRIGIR, QUANDO NÃO CORRIGIR

O professor desenvolve dois tipos de ação pedagógica: planejamento e intervenção, uma intervenção clássica é a correção que não é a única intervenção possível, nem a mais importante, porém é a que mais tem preocupado os professores.

Numa concepção construtivista de aprendizagem, a função da intervenção é atuar de modo que os alunos transformem seus esquemas interpretativos em outros que deem conta de questões mais complexas que as anteriores. A correção é algo relacionado a qualquer situação de aprendizagem, o que varia é como ela é compreendida pelo professor.

A tradição escolar normalmente vê a correção realizada longe dos alunos na qual os erros são assinalados para que os alunos corrijam, como a mais importante (concepção empirista - exigente com a transmissão). Quando se trata de uma redação, o texto tem que ser passado a limpo, corrigido - o erro poderá ficar fixado na memória do aluno (concepção que supõe a percepção e a memória como núcleos na aprendizagem).

Outra visão de correção é a informativa que carrega a ideia de que a correção deve informar o aluno e ser feita dentro da situação de aprendizagem (concepção de erro construtivo - que faz parte do processo de aprendizagem de qualquer pessoa).

Os erros devem ser corrigidos no momento certo. Que nem sempre é o momento em que foram corrigidos

A ideia do erro construtivo fascinou muitos educadores, que começaram a ver de outra forma os textos escritos dentro de um sistema silábico e mesmo os de escrita alfabética. Porém, depois que a criança compreendeu o sistema alfabético de escrita é necessário que o professor intervenha na questão ortográfica, considerando a melhor forma de fazer isso. O que deve ser repensado é a concepção tradicional de correção.

Os alunos sabem o que achamos importantes que eles aprendam, mesmo que não falemos nada

Muitos professores, por não quererem bloquear a criatividade do aluno, acabam deixando que ele escreva de qualquer jeito. Tal procedimento acaba consolidando um contrato didático implícito, pois de alguma forma o aluno percebe que o professor não valoriza esse tipo de conhecimento e acaba por desvalorizá-lo investindo nessas aprendizagens. É importante que o professor tenha claro que depois de um tempo de escolaridade, são inaceitáveis.

CAPÍTULO 7 - A NECESSIDADE E OS BONS USOS DA AVALIAÇÃO.

No que diz respeito à avaliação, é preciso ter claro o que o aluno já sabe no momento em que lhe é apresentado um conteúdo novo. O conhecimento prévio é o conjunto de ideias, representações e informações que servem de sustentação para a nova aprendizagem, ainda que não tenham, necessariamente, uma relação direta com o conteúdo que se quer ensinar. É importante investigar e explorar essas ideias e representações prévias porque permite saber de onde vai partir a aprendizagem que se quer que acon-

teça. Conhecer essas ideias e representações prévias ajuda muito na hora de construir uma situação na qual o aluno terá de usar o que já sabe para aprender o que ainda não sabe.

Após esta avaliação inicial, relacionada aos conhecimentos prévios, é preciso que o professor utilize um ou outro instrumento para verificar como os alunos estão progredindo, pois o conhecimento não é construído igualmente, ao mesmo tempo e da mesma forma por todos. Esse instrumento é a avaliação de percurso - formativa ou processual - feita durante o processo de aprendizagem. Esse procedimento permitirá ao professor avaliar se o trabalho que está desenvolvendo com os alunos está sendo produtivo e se os alunos estão aprendendo com as situações didáticas propostas.

A avaliação da aprendizagem é também a avaliação do trabalho do professor

Quando se avalia a aprendizagem do aluno, também se avalia a intervenção do professor, pois o ensino deve ser planejado e replanejado em função das aprendizagens conquistadas ou não.

Assim, é importante a organização de espaços coletivos de discussão do trabalho pedagógico na escola, valorizando-se a prática de observação de aula pelo coordenador ou orientador pedagógico - ou mesmo por um colega que ajude a olhar de fora. O professor está sempre tão envolvido que, às vezes, não lhe é possível enxergar o que salta aos olhos de um observador externo.

Se a maioria da classe vai bem e alguns não, estes devem receber ajuda pedagógica

Quando, numa verificação de aprendizagem, grande parte dos alunos apresenta dificuldades, é certo que o professor precisa rever o seu encaminhamento.

Porém, quando a verificação aponta que alguns alunos não estão bem, estes devem ser atendidos imediatamente através de outras atividades que possibilitem a superação das dificuldades.

A escola deve estar comprometida com a aprendizagem de todos e, dessa forma, criar um sistema de apoio para que os alunos não se percam no caminho. As dificuldades precisam ser detectadas rapidamente para que sejam sanadas e continuem progredindo, não desenvolvendo bloqueios.

Tais crianças precisam ser atendidas por meio de realização de atividades diferenciadas durante a aula, trabalho conjunto com colegas que possam ajudá-los e intervenções pontuais do professor. É importante, também, que essas crianças sejam encaminhadas a espaços escolares alternativos que trabalham com crianças com dificuldades momentâneas e que participem, também, de grupos de apoio pedagógico, formados com a finalidade de contribuir para a aprendizagem dos alunos que encontram dificuldades em relação aos novos conteúdos ensinados.

As escolas podem, ainda, elaborar projetos que garantam horários de atendimento desses alunos antes ou depois da aula, permitindo que os alunos entrem e saiam dessas atividades de apoio pedagógico na medida de suas necessidades e que não sejam estigmatizados por participarem delas. Isso deve ser visto como parte integrante da escolaridade normal de qualquer um.

Um território delicado: como os alunos se veem e se sentem como estudantes

O mau desempenho escolar pode ser fruto de diferentes circunstancias ou razões, que precisam ser consideradas quando se pensa a intervenção pedagógica. Há diferentes situações:

• Por não ter compreendido conceitualmente um determinado conteúdo, o prosseguimento das aprendizagens do aluno fica comprometido. Nesse caso, avaliando onde está a dificuldade que impede o aluno de avançar em seus conhecimentos, o professor pode ajudá-lo com atividades e intervenções especificamente planejadas para a superação do que está sendo obstáculo.

• O aluno não avança porque tem procedimentos inadequados, mesmo tendo conseguido aprender os principais conceitos relacionados ao que não sabe fazer. Nessa situação, a ajuda do professor depende fundamentalmente de saber localizar a real dificuldade do aluno.

• um mau desempenho pode ser resultado de baixa autoestima ou de uma atitude desfavorável em relação à própria aprendizagem. E papel do professor encorajar o aluno, fazendo-o sentir-se apoiado diante dos desafios.

O que fazer com os alunos que chegam ao final do período sem aprender o que a escola pretendia

A escola costuma esquecer que as crianças desenvolvem uma vida social com sua turma tão importante em termos formativos quanto a aprendizagem de conteúdos escolares.

Dessa forma, as crianças devem ser mantidas juntas por idade para progredir juntas, evitando-se o absurdo de se manter meninos de 12/13 anos em classe de meninos de 8 anos.

Não se pode avaliar apenas os conteúdos das áreas de conhecimento na hora de decidir a vida escolar do aluno. Se o aluno não alcançou o nível de desempenho exigido pela escola (no ano ou ciclo), a equipe responsável pelo trabalho pode garantir que no ano seguinte receba ajuda adequada, tendo condições mais favoráveis para continuar aprendendo com a sua própria turma. Frequentemente a retenção tem um caráter punitivo.

Há situações – raras - em que é um alívio para o aluno repetir o ano porque ele está verdadeiramente defasado em relação à sua turma, e às vezes mal adaptado por causa disso. Nesse sentido, a reprovação pode ser um bem para ele, pois lhe possibilita uma vida escolar mais tranquila.

Capítulo 8 - O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL PERMANENTE

Quando o professor trabalha com um modelo de aprendizagem construtivista e um modelo de ensino por resolução de problemas, o desenvolvimento profissional e a qualificação são muito importantes, pois os professores precisam se tornar capazes de criar ou adaptar boas situações de aprendizagem, adequadas a seus alunos reais, cujos percursos de aprendizagem ele precisa saber reconhecer.

Mesmo que a formação inicial se transforme, não abolirá a exigência de um trabalho permanente de estudo e reflexão

A formação inicial do professor é insuficiente para que ele desempenhe a sua tarefa em sala de aula. É urgente que essa formação seja repensada através da formação continuada/permanente, que envolve um trabalho de reflexão e estudo por parte do professor - exigência hoje, da maior parte das outras profissões.

NOVA CONCURSOS

A qualidade de trabalho pedagógico depende, hoje, diretamente da existência de um projeto educativo compartilhado pela comunidade escolar.

Devemos olhar para a prática de sala de aula como um objeto sobre o qual se pode pensar

A tematização da prática é uma análise que pane da prática documentada para explicitar as hipóteses didáticas subjacentes. Trata-se de olhar para a prática da sala de aula como um objeto sobre o qual se pode pensar. E um instrumento de formação que vai na direção contrária à da tradicional visão aplicacionista de formação de professores. Tal visão oferece ao professor um corpo de ideias e conceitos teóricos que se espera que ele aplique em sua prática profissional de forma mecânica e acrítica.

Um exemplo de tematização da prática é a gravação em vídeo de uma atividade de sala de aula que permite a conjugação dos múltiplos olhares do grupo de professores e, através de discussão, a construção de um olhar comum, coletivo, sobre a atividade que se está analisando, permitindo a construção de uma prática de analisar as situações da sala de aula e compreendendo as hipóteses que guiam os atos do professor.

É importante que o professor registre seu trabalho por escrito, porque isso o levará a construir uma prát**ica de reflexão**

As modalidades de reflexão sobre a prática estão articuladas à ideia de documentação (registro escrito; gravação em vídeo). A documentação permite trazer a prática para os espaços de discussão e reflexão, ampliando a possibilidade de contato com a realidade da sala de aula e construindo uma metodologia de tematização da prática apoiada em diferentes suportes de registros.

Todas as escolas deveriam produzir coletivamente um documento para difundir as características de seu projeto pedagógico

Dois instrumentos são, particularmente, importantes para a formação continuada e a produção de um projeto educacional pela escola:

1. a documentação da prática da sala de aula e a reflexão coletiva da equipe da escola em torno dela;

2. a exigência de comunicar o processo de elaboração desse projeto educacional coletivo por escrito, pois essa é a condição para que essa pedagogia produzida na prática pelos professores nas escolas ganhe corpo, assuma um caráter de projeto implementado coletivamente.

O projeto pedagógico não é um documento único e pronto, vai-se definindo progressivamente pelo conjunto das práticas documentadas e de sínteses, feitas em determinados momentos, que registram o sentido mais amplo dos rumos do trabalho educacional da escola.

Se a sociedade quer um ensino de qualidade terá de assumir que isso implica um professor mais bem qualificado e remunerado

Enfatiza-se que para que o professor faça aquilo que se espera dele, ele precisa ganhar muito mais e ter condições de trabalho adequadas. Salário e valorização andam de mãos dadas. Se a sociedade quer uma escola de qualidade terá de assumir que isso requer um profissional diferente daquele que vinha sendo proposto, o que implica um salário bastante diferenciado. A luta pela valorização do professor não é apenas da sua categoria, mas principalmente da sociedade, que dele não pode prescindir.

ZABALA, ANTONI. A PRÁTICA EDUCATIVA: COMO ENSINAR. PORTO ALEGRE: ARTMED, 1998.

O argumento deste livro consiste em uma atuação profissional baseada no pensamento prático, mas com capacidade reflexiva e que necessitamos de meios teóricos para que a análise da prática seja verdadeiramente reflexiva.

- Parâmetros institucionais e organizados;
- Tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores;
- Meios e condições físicas existentes.

- Num modelo em que a aula se configura como um microssistema definido por determinados espaços, uma organização social, certas relações interativas, forma de distribuir o tempo e um determinado uso de recursos didáticos, numa interação entre todos os elementos.
- Ao momento em que se produzem os processos educacionais, ela tem um antes e um depois: o planejamento e a avaliação dos processos educacionais.
- Dentro de um modelo de percepção da realidade da aula, onde estão estreitamente vinculados o planejamento, a aplicação e a avaliação, teremos que delimitar a unidade de análise que representa este processo, ou seja, **a atividade ou tarefa.** Por exemplo: uma exposição, um debate, uma leitura, uma pesquisa bibliográfica.

Atividades ou tarefas → unidade básica do processo de ensino/aprendizagem, cujas diversas variáveis apresentam estabilidade e diferenciação: relações interativas professor-aluno, e alunos, alunos; uma organização grupal, determinados conteúdos de aprendizagem, certos recursos didáticos, distribuição de tempo e de espaço, um critério avaliador.

-Atividades ou tarefas são insuficientes para proporcionar uma análise dos diferentes estilos pedagógicos, é preciso ampliar esta unidade elementar e identificar como nova unidade de análise, **as seqüências de atividades** ou seqüências didáticas, que permitem a avaliação sob uma perspectiva processual, incluindo as fases de planejamento, aplicação e avaliação.

- Desde o modelo aula magistral (com a seqüência: apontamentos ou manual, prova, qualificação) até o método de projetos (escolha do tema, planejamento, pesquisa...) têm como elementos indicador as atividades, que só adquirem personalidade diferencial conforme sua organização em seqüências ordenadas.

- As variações Metodológicas da Intervenção na aula

1 – Seqüências de atividades – maneiras de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática.

- Indicam a função que tem cada uma das atividades.

2 – O papel dos professores e alunos ou alunos/alunos → clima de convivência de acordo com as necessidades de aprendizagem.

3 – Organização social da aula – grandes grupos, grupos fixos e variáveis contribuem para o trabalho coletivo e pessoal.

4 – Utilização dos espaços e do tempo – concretizam as diferentes formas de ensinar.

5 – Organização dos conteúdos – provém da própria estrutura formal das disciplinas e formas organizativas globais e integradoras.

6 – Uso dos materiais curriculares – importância que adquirem nas diferentes formas de intervenção (nas exposições, experimentação).

7 – Sentido e papel da avaliação – entendida no seu sentido restrito de controle de resultados, como na concepção global do processo de ensino/aprendizagem.

- **A Função Social – finalidade (por que ensinar)**

· São colocadas as intenções educacionais, o que pretendemos que nossos alunos consigam;

· C. Coll estabelece um agrupamento de capacidade: cognitivas, motoras, autonomia pessoal (afetiva), de relação interpessoal e de inserção e atuação social.

- **Os conteúdos** – explicam as intenções educativas (o que ensinar)

- Tudo que se tem que aprender para alcançar determinados objetivos:
- Devemos falar de conteúdos de natureza variada: dados, habilidades técnicas, atitudes, conceitos, etc.
- Coll propõe a classificação dos conteúdos em:

a) conceituais – englobam: fatos, conceitos, princípios ("O que se deve saber");

b) procedimentos: dizem respeito a técnicas e métodos ("O que se deve saber fazer");

c) Atitudinais: abrangem valores, atitudes, normas ("Como se deve ser").

- Não é possível ensinar nada sem partir de uma idéia de como as aprendizagem se produzem (conhecer as teorias).

- As formas de intervenção devem levar em conta a **diversidade** dos alunos, identificando o desafio de que necessitam, a fim de que se sintam estimulados em seu trabalho.

- **<u>O Construtivismo</u>**

- Estruturas cognitivas – esquemas de conhecimento.
- Esquemas de conhecimentos depende: - nível de desenvolvimento e – conhecimentos prévios.
- Papel ativo do aluno e do professor → atividade mental → sucessivos equilíbrio, desequilíbrio e requilibrio.
- Zonas de desenvolvimento proximal.
- Na perspectiva construtivistas, as atividades de ensino têm que integrar ao máximo os conteúdos e por mais específico que seja, sempre está associado a conteúdos de outra natureza.
- Aprendizagem dos conteúdos atuais:- fatos, conhecimentos, situações, dados e fenômenos concretos e singulares, conhecimento estes indispensáveis para compreender informações e problemas.
- Ensino baseado em exercícios de repetição mediante organizações significativas ou associações.
- Aprendizagem de princípios e conceitos – Termos abstratos

○ Ex de princípios:- leis, regras

○ Ex de conceitos – densidade, impressionismo

○ Implica em compreensão que vai além dos enunciados.

○ Característica dos conteúdos conceituais – não estar acabado

○ Processo de elaboração pessoal requerem compreensão do significado.

- Aprendizagem dos conteúdos procedimentais:- destreza ou habilidades

○ É um conjunto de leis ordenadas e com um fim.

○ Ex:- ler, desenhar, calcular, traduzir.

○ São ações ou conjuntos de ações, que são o ponto de partida.

○ Só se aprende fazer, fazendo e pela exposição do professor

○ È exercitação múltipla, refletindo sobre a atividade (atuação).

○ É preciso aplicá-los em contextos diferenciados.

- Aprendizagem de conteúdos atitudinais:- valores, atitudes, normas

○ Valores – Idéias éticas (solidariedade, liberdade, respeito)

○ Atitudes – Tendências ou predisposições (cooperar, participar, ajudar)

○ Normas – padrões ou regras de comportamento (conforme grupo social), análise dos fatores positivos e negativos, envolvimento afetivo e avaliação.

- É necessário saber se a seqüência didática programada para desenvolver determinado conteúdo serve para alcançar os objetivos previstos.
- Para reconhecer a validade das seqüências didáticas tendo em vista a **concepção construtivista e a atenção** à diversidade é interessante verificar se as atividades propostas:

○ Permitem verificar os conhecimentos prévios;

○ Os conteúdos são significativos e funcionais;

○ Estão adequados ao nível de desenvolvimento;

○ Representam desafios que permitam criar zonas de desenvolvimento proximal;

○ Provoquem conflito cognitivo;

○ Promovam uma atitude favorável à aprendizagem;

○ Estimulam a auto-estima;

○ Ajudam a adquirir habilidades para aprender a aprender

AS SEQUENCIAS DE CONTEÚDO – OUTRA UNIDADE DE ANÁLISE

- Definida como um conjunto ordenado de atividades estruturadas e articuladas para a consecução de um objetivo em relação a um conteúdo concreto.

○ Ex:- conteúdo conceitual "componentes da paisagem" – será realizada uma série de atividades de ensino com objetivo de que no final da unidade a aprendizagem desse conteúdo, seja dominada por todos os alunos.

AS RELAÇÕES INTERATIVAS EM SALA DE AULA:- o papel dos professores e alunos

- A influência da concepção construtivista na estruturação das interações educativas na aula para facilitar a aprendizagem:-

○ Planejar a atuação docente de forma flexível para permitir a adaptação às necessidades dos alunos;
○ Contar com as contribuições e conhecimentos dos alunos;
○ Ajudá-los a encontrar sentido no que estão fazendo;
○ Estabelecer metas ao alcance dos alunos;
○ Oferecer ajudas adequadas;
○ Promover a atividade mental auto-estruturante;
○ Estabelecer ambientes que promovam a auto-estima e o autoconceito;
○ Promover canais de comunicação;
○ Potencializar a autonomia;
○ Avaliar os alunos conforme suas necessidades e seus esforços;
○ Incentivar a auto-avaliação;

- É imprescindível prever situações que favoreçam diferentes formas de se relacionar e interagir (grupos, equipes fixas e móveis, assembléias, trabalhos de campos, etc.)

PAPEL DOS AGRUPAMENTOS

- Cada tipo de agrupamento comporta vantagens e inconvenientes, certas possibilidades e certas potencialidades educativas diferentes.

A Escola como grande grupo

- As características da organização grupal estão determinadas pela organização e pela estrutura de gestão: relações interpessoais, papéis, responsabilidades, participações, etc.
- Distribuição da escola em grupos/ classificações

○ Classes homogêneas e heterogêneas;
○ Conveniência dos grupos heterogêneos:- modelos diferentes de pensar e atuar, surgimentos de conflitos cognitivos, a possibilidade de receber ajuda de colegas;
- Distribuição da escola em grupos/Classes móveis ou flexíveis:-

○ Atender ao diferentes interesses (escolas que trabalham com créditos ou matérias opcionais);
○ Atender as diferentes competências;

Organização da Classe em grande grupo

- Apropriado – ensino de conteúdos factuais
- Limitado – ensino de conteúdos conceituais, porque não permitem inter-relações, poucas oportunidades de conhecer o processo de elaboração mental que cada aluno segue. – Dificuldade de prestar a ajuda que o aluno precisa.
- Útil aos conteúdos procedimentos para dar a conhecer a utilidade do procedimento, técnica ou estratégia, mais difícil poder propor atividades de aplicação e exercitação necessárias para cada aluno;
- Conteúdos atitudinais podem ser feitos em grandes grupos porque o componente cognitivo destes conteúdos exigem trabalho de compreensão, mas os componentes afetivos e comportamentais dos conteúdos atitudinais exigem atividades que coloquem os alunos em situações problemáticas ou de conflitos. Situações que dificilmente podem se realizar em grande grupo, com exceção da **assembléia de alunos**. A assembléia é adequada, mas é insuficiente.

Organização da classe em equipes fixas

· Oferecem oportunidades para trabalhar conteúdos atitudinais;
· Oferecem oportunidades de debates, de receber, e dar ajuda (solidariedade e cooperação);
· Aceitação da diversidade;

Organização da Classe em equipes móveis e flexíveis

- Atender as características diferencias dos alunos;
- Oportunidade de atenção personalidade do professor ao grupo;
- Período de tempo dos agrupamentos é limitado;
- Eles poderão ser algumas vezes homogêneos e outras heterogêneos;
- São adequados aos conteúdos procedimentais (matemática, artes)

Trabalho individual

- É oportuno porque a aprendizagem em última instância é sempre uma apropriação pessoal;
- Ele será efetivo, uma vez entendido o conceito, realize atividades e exercícios que permitirão ampliar, detalhar, recordar, e reforça ou que foi aprendido;
- É útil para memorização de fatos, para aprofundamentos de conceitos e para maioria dos conteúdos procedimentos em que se deve adaptar o ritmo e a proposição de atividades às características dos alunos.
- **Os Contratos de Trabalho** (Freinet) – consiste em facilitar a tarefa do professor. O aluno faz um acordo com o professor. É imprescindível contar com materiais preparados e que as atividades sejam seqüenciadas e progressivas. (Número de atividades que deveram fazer).

Distribuição do tempo e do espaço

- Distribuição tradicional
- Os cantos e as pequenas oficinas, bibliotecas, sala ambiente;
- Prédios grandes, são radicalmente contrários as propostas educativas pois é impossível promover determinadas atitudes, ou um bom clima afetivo onde não podem se sentir seguros, no anonimato.

A distribuição do tempo não é o menos importante.

- Devem variar de acordo com as atividades previstas e necessidades educacionais.

A ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

- Diz respeito a relação e a forma de veicular os diferentes conteúdos conteúdos de aprendizagem que formam as unidades didáticas
- Podemos encontrar propostas que rompem com a organização centrada por disciplinas (propostas metodológicas globalizadoras).
- Nos métodos globalizados as disciplinas nunca são a finalidade do ensino, elas têm a função de proporcionar os meios ou instrumentos para realização dos objetivos educacionais;
- Nos métodos globalizados a organização se realiza a partir da perspectivas de como os alunos aprendem;

○ Nascem quando o aluno se transforma em protagonista do ensino.

○ Ex;- centros de interesse, projetos, investigações do meio, projetos de trabalho (todos partem de uma situação real).

- As disciplinas com organizadoras dos conteúdos.
- A fragmentação do saber e a diversificação do saber em múltiplas disciplinas;
- Podemos estabelecer três graus de relações disciplinares:-

1-) a multidiciplinaridade – conteúdos apresentados por matérias independentes uma das outra;

2-) a interdisciplinaridade – interação entre dias ou mais disciplinas, integrando os conceitos idéias, metodologia;

3-) a transdicciplinaridade – integração global, dentro de um sistema totalizador.

OS MATERIAIS CURRICULARES E OUTROS RECURSOS DIDÁTICOS

- São aqueles que proporcionam ao educador referências e critérios para tomar decisões, no planejamento e na intervenção no ensino e na avaliação;
- Podem ser tipicados conforme;-

1-) o âmbito de intervenção (planejamento da aula, grupo, classe, individual);

2-) a intecionalidade da função (orientar, exemplificar, ilustrar);

3-) os conteúdos e as maneiras de organizá-los (integradoras, globalizadoras, conteúdos procedimentos, conceituais);

4-) suporte (quadro negro, papel, cadernos, fichas, livro didático)

Observação:- Quanto aos conteúdos atitudinais, não existem suportes a serem usados comprofusão, a não ser o vídeo e os textos.

- Criticas ao livro didático e materiais curriculares:-
- Esteriótipos culturais;
- Proposições vinculadas a determinadas correntes ideológicas;
- Não podem oferecer toda informação necessária para garantir a comparação;
- Fomentam atitudes passivas do aluno;
- Impedem o desenvolvimento de propostas mais próximas da realidade;
- Não favorecem a comparação entre realidade e ensino escolar;
- Não respeitam a forma nem o ritmo de aprendizagem do aluno (uniformização do ensino)
- Fomentam as estratégias de memorização

Observação:- Proceder a busca de referências e critérios para análise e confecção dos materiais curriculares.

- Projeção estática (retroprojetor, slides) suporte e elementos esclarecedores de muitas idéias e facilitam o diálogo, ajudam a centrar a atenção, mas é preciso não pecar pelo excesso de uso.
- **Imagem de movimento** – (filmes, gravações de vídeo).
- Atuam como suporte nas exposições e como fonte de informação.
- É importante ir gerando e cortando, para estabelecer com a classe

- **Suporte de Informática:-**

- Possibilidade de estabelecer um diálogo mais ou menos aberto entre o programa e o aluno:
- Permite fazer simulações de técnicas e procedimentos;
- Contribui para formação de conceitos.

- **Suporte Multimídia:-**

- Uso do disc laser, CDI ou CD-ROM (interessante ver a disposição) banco de dados de fácil acesso.

Conclusão:- A existência de materiais curriculares diversificados facilitará a elaboração de propostas singulares. A pertinência dos materiais estará determinada pelo uso que se faça deles, nos diferentes contextos educativos.

A AVALIAÇÃO

- Não deve se limitar somente a avaliação do aluno, mas também o grupo / classe, inclusive o professor ou a equipe docente, o processo de ensino é a própria forma de avaliação.
- A avaliação inicial (diagnóstica);
- A avaliação reguladora (como cada aluno aprende) modificação e melhora contínua do aluno;
- A avaliação integradora (todo percurso do aluno) informe global do processo;
- A avaliamos para o aperfeiçoamento da prática educativa;
- Compartilhar objetivos – condições para avaliação formativa;
- A informação dos resultados de aprendizagem.

Fonte: http://simboraestudar.blogspot.com/2015/07/resumo-pratica-educativa-como-ensinar.html

QUESTÕES

01- (FUNDEP – PEDAGOGO Contagem) São princípios da educação libertadora (Paulo Freire) EXCETO:

(A) Acreditar na igualdade fundamental entre os seres humanos, independentemente de quaisquer diferenças.

(B) Buscar a transformação social, constituindo-se como meio de contribuir para a justiça social e para a participação.

(C) Conceber a participação como um processo que favoreça cada vez mais a centralização das decisões tendo em vista a unidade institucional.

(D) Organizar-se como um processo em que as pessoas sejam sujeitos de sua própria formação.

2- (FUMARC - PROFESSOR GOV.VALADARES) "Não há docência sem discência". Em seu texto, Freire (2000) discute a importância de uma reflexão envolvendo a formação docente e a prática educativo-crítica em favor da autonomia dos educandos.

Avalie as afirmativas abaixo:

I. A temática abordada incorpora a análise de saberes fundamentais, apresentando elementos constitutivos para a compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana.

II. A tarefa do educador não se resume apenas em ensinar os conteúdos, mas ensinar a pensar certo, exigindo rigorosidade metódica. Ensinar, aprender e pesquisar envolvem dois momentos do ciclo gnosiológico.

III. O ato de ensinar exige a corporeificação das palavras através do exemplo. Uma vez que, não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo.

IV. Na formação permanente dos professores, ensinar exige reflexão crítica a respeito da prática, é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Verifica-se que estão **CORRETAS** as afirmativas:

(A) Apenas I, II e III
(B) Apenas I, III e IV
(C) Apenas I, II e IV
(D) I, II, III, IV

3- (FUMARC - PROFESSOR GOV.VALADARES) Leia atentamente o trecho extraído do livro "Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa":

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes, como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes.

FREIRE, 2000, P. 23 e 24

O texto acima permite analisar que:

(A) Ensinar é um processo que pode tornar o aprendiz mais e mais criador. Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, mais se constrói e se desenvolve o que pode ser chamado de "curiosidade epistemológica.

(B) Existe uma relação entre o ato de ensinar e a prática de cozinhar, mostrando que o professor precisa diversificar sua prática, promovendo atividades fora do ambiente escolar.

(C) Na prática pedagógica, é importante estabelecer atividades que relacionem com o cotidiano dos alunos, utilizando receitas familiares e atraentes.

(D) Com o objetivo de criar "espaços inovadores", cabe aos professores utilizarem com frequência todo o espaço escolar.

4- Segundo Paulo Freire ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. Assim o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente deve contribuir para:

(A) reforçar o autoritarismo na escola pública.

(B) reforçar o medo que os pais tem dos professores e os conduz a afastar-se da escola.

(C) os alunos reagirem negativamente ao exercício do comando.

(D) fortalecer o caráter formador do espaço pedagógico.

(E) estabelecer na escola o mandonismo que tolhe a criatividade do educando.

5- A escola X vem trabalhando na construção coletiva do PPP escolar que tem como base a Pedagogia da Autonomia. Um dos pontos elencados e operacionalizados pelo grupo foi a formação continuada dos docentes, partindo do entendimento de ser essa a forma de favorecer:

(A) uma prática pedagógica neutra que reflete positivamente no meio social.

(B) o desenvolvimento de experiências que só servem para cada profissional do ensino.

(C) o desenvolvimento de atividades pragmáticas que centram o ensino em atividades descontextualizadas.

(D) visões distorcidas do mundo do trabalho.

(E) novas formas de ordenação da experiência humana, com múltiplos reflexos positivos na cognição dos estudantes.

6- Os pedagogos e demais profissionais e pessoas que circulam na escola pública devem considerar, segundo Paulo Freire, a importância das relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre pais, mães, filhos e filhas o que contribui para a:

(A) reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.

(B) elaboração do calendário escolar que marca as lições de vida e deve inibir as liberdades dos alunos na avaliação da escola.

(C) elaboração de um regimento escolar apenas por quem entende de legislação de ensino.

(D) elaboração das diretrizes escolares por pessoas que detém o saber pedagógico e encontram-se fora de sala de aula.

(E) produção de documentos e registros escolares exclusivamente pelos pedagogos.

7- De acordo com a Pedagogia defendida por Paulo Freire, a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que os pedagogos devem estimular reflexões centradas em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, o que pressupõe:

(A) experiências respeitosas da liberdade.

(B) o receio às críticas mesmo construtivas.

(C) a espera para saber onde as pessoas podem ir e em seguida mostrar o caminho certo.

(D) a licenciosidade que hipertrofia a decisão coletiva.

(E) o espontaneísmo.

8- A pedagoga Cláudia respalda a sua prática na Pedagogia da Autonomia coordena o planejamento escolar lembrando a necessidade de elevar os índices de aprendizagem do/as alunos/as e a importância das ferramentas básicas para que eles/elas circulem na sociedade letrada. Reconhece a importância dos saberes e dos conhecimentos de experiência que chegam à escola. Nesse sentido o saber ingênuo deve ser:

(A) preservado.

(B) considerado como produto final do ensino e aprendizagem escolar.

(C) superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica.

(D) considerado como ponto de partida e de chegada na aprendizagem assistemática escolar.

(E) motivo de exclusão no processo de ensinar e aprender.

9- O pedagogo Joaquim dá testemunho de respeito ao seu aluno pelo exercício cotidiano de responsabilidade, pontualidade, assiduidade e cumprimento dos seus deveres como educador. Segundo Paulo Freire as características dessa prática pedagógica docente especificamente humana é:

(A) incoerente pela realidade educacional e antiética.
(B) profundamente formadora, por isso, ética.
(C) esteticamente assistemática.
(D) espontânea e assistencialista.
(E) assistemática e escapa ao juízo que dele fazem os alunos.

10- Segundo Paulo Freire os homens e mulheres são os únicos seres que socialmente são capazes de aprender.

Assim toda prática educativa demanda processos interativos que favorecem:

(A) a constatação que para mudar, é necessário práticas assistemáticas.
(B) o espírito negativo e o fechamento ao risco.
(C) a construção, reconstrução, a constatação que para mudar é necessário abertura ao risco.
(D) o nível de adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.
(E) a construção dos saberes do senso comum e a constatação que para mudar é necessário apenas do mérito individual.

Leia o texto abaixo para responder às questões 11, 12 e 13

A questão da formação docente, ao lado da reflexão sobre a prática educativo-progressista em favor da autonomia do ser dos educadores, é a temática central em torno da qual gira este texto. É também temática a que se incorpora a análise de saberes fundamentais àquela prática e aos quais espero que o leitor crítico acrescente alguns que me tenham escapado ou cuja importância não tenha percebido.

Paulo Freire. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 13 (com adaptações).

11- De acordo com o pensamento predominante no texto, o ato de ensinar exige:

I rigorosidade metódica, pesquisa e criticidade.
II respeito aos saberes dos educandos, estética e ética.
III corporeificação das palavras pelo exemplo.
IV risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

A quantidade de itens certos é igual a

(A) 1.
(B) 2.
(C) 3.
(D) 4.

12- Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua própria construção, o que exige que o professor pense certo. Com relação aos pressupostos filosóficos subjacentes a essa afirmativa e ao texto, assinale a opção correta.

(A) Pensar certo é uma postura exigente, difícil e penosa que o professor tem de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos.
(B) Pensar certo é ter a certeza de que todas as ações humanas estão predeterminadas pelo destino, que a interferência do indivíduo pouco mudará a realidade.
(C) Pensar certo é agir com espontaneidade, a ponto de todas as ações serem pautadas pelo espontaneísmo.
(D) Pensar certo é fácil, pouco exigente e complementa a atitude autoritária do professor, que cada vez menos necessita da rigorosidade metódica.

13- A partir do saber fundamental "mudar é difícil, mas é possível" é que se deve programar a ação político-pedagógica. Com base nesse pressuposto e considerando, ainda, o texto de Paulo Freire, assinale a opção correta.

(A) O educador deve assumir uma postura neutra diante do real, pois a função da educação é estudar e constatar a realidade, para compreendê-la e admirá-la como obra da construção humana.
(B) O educador deve tomar consciência de que não é apenas objeto da história, mas também sujeito. No mundo da história, da cultura e da política, deve constatar a realidade não para se acomodar, mas para mudar.
(C) Para que se possa transformar o mundo por meio da educação é preciso pregar a rebelião e instigar a revolta nas camadas populares, pelo fato de estas serem profundamente injustiçadas.
(D) O educador deve respeitar o saber dos grupos com que trabalha. Porém, não pode permitir que estes predominem, por ter consciência de que aquilo que pensa, em face de sua formação, é melhor para o grupo.

14- Considere as três afirmativas abaixo:

I - A finalidade do currículo crítico é o inverso da do currículo tradicional: este último tende a naturalizar' acontecimentos; aquele tenta obrigar o aluno a que questione as atitudes e comportamentos que considera naturais. O currículo crítico oferece uma visão da realidade como um processo mutante e descontínuo, cujos agentes são os seres humanos, os quais, portanto, estão em condições de realizar sua transformação.

II - O currículo comum é um meio para ajudar na igualdade de oportunidades; pois "numa sociedade em que a cultura de procedência dos indivíduos condiciona suas capacidades, interesses e aspirações, o currículo comum da escolaridade deve ser entendido como o conjunto de conhecimentos, competências e valores para aqueles que sem a sua aquisição seriam mais discriminados fora da escola. Esses conteúdos são a oportunidade para que todos aqueles que, por sua cultura de procedência ou origem social, teriam menos oportunidades de ter acesso ao conhecimento e às distintas formas de expressão cultural.

III - A determinação de um currículo básico comum tem um papel essencial, já que condiciona horários, sistemas de especialização do professorado, disposição de recursos, dotação mínima das escolas, etc. Algo que é imprescindível num sistema educativo complexo e universal para garantir a igualdade de condições e a homologação dos resultados e certificados que fornece.

A partir da compreensão das ideias expressas por Gimeno Sacristán sobre a teoria curricular, estão corretas as afirmativas:

NOVA CONCURSOS

a) I e II
b) II e III
c) I e III
d) I, II e III
e) Apenas II.

15- Segundo Sacristán, interferem no processo de seleção, elaboração e realização do currículo uma série de forças. As alternativas abaixo trazem alguns exemplos dessas forças, EXCETO a alternativa:

a) As forças sociais e econômicas que brigam por hegemonia e fazem com que o currículo tenha determinada tendência;

b) Decisões administrativas sobre como desenvolver o ensino (políticas públicas)

c) Elaboração e mercado de distribuição de livros e materiais didáticos

d) O pertencimento racial dos estudantes

e) Influência de determinados grupos acadêmicos que pressionam para que sua especialização esteja representada no sistema escolar

16- Leia o trecho abaixo:

"A sequência mecânica de estímulos, respostas e de reforços não funciona na escola, é um esquema demasiado simplista e não reflete a riqueza das trocas na aula. Estímulos e reforços similares provocam reações bem diferentes e inclusive contraditórias em diferentes indivíduos, e também nos próprios sujeitos em situações e contextos diferentes. Por outro lado, quando funciona, escapa do professor a complexidade dos efeitos secundários, não previstos e não desejáveis que pode provocar o condicionamento mecânico de uma resposta ou linha de comportamento. O aluno pode aprender mecanicamente uma conduta e ao mesmo tempo se tornar incapacitado para desenvolver estratégias de busca nesse mesmo âmbito ou desencadear aversões emotivas em relação à mesma."

Neste trecho, Gimeno Sacristán tece criticas a um dos conjuntos de teorias de ensino e aprendizagem que analisa em seu livro COMPREENDER E TRANSFORMAR O ENSINO. A que teorias o autor se refere?

a) Teorias Construtivistas
b) Teorias do Processamento da Informação
c) Teorias da Gestalt ou do Campo
d) Teorias do Condicionamento
e) Teorias de fundamentação psicanalítica.

17- Leia o trecho abaixo:

As práticas de homogeneizar para manejar com mais facilidade o grupo foram legitimadas com a ideia de que os alunos aprendem melhor e mais rapidamente em grupos homogêneos; o que não deixa de ocultar certo darwinismo social sob a ideia de ordem e de rendimento que seria necessário discutir, já que ao fazer grupos homogêneos se acaba distinguindo os alunos com diferentes níveis de capacidade e rendimento.

Considerando as ideias defendidas por Gimeno Sacristán em seu livro COMPREENDER E TRANSFORMAR O ENSINO, podemos dizer que, no que tange à organização didática dos grupos de estudantes, o autor:

a) defende grupos homogêneos na organização do ensino, mas adverte que essa prática, se for mal gerida, acaba não distinguindo os estudantes por competência ou nível de capacidade e rendimento e sim por outros critérios mais subjetivos

b) defende grupos homogêneos na organização do ensino e argumenta que os alunos aprendem melhor e mais rapidamente e podem ser agrupados por nível de rendimento e capacidade

c) defende a desconstrução da lógica homogeneizadora da escola, propondo a superação da tendência de se organizar sempre grupos homogêneos, defendendo que os interesses de "melhor funcionamento" ou de melhor manejo de classe devem ser rediscutidos à luz dos valores éticos contra a segregação dos alunos

d) defende a desconstrução da lógica homogeneizadora da escola, pois a igualdade absoluta não existe, já que os estudantes chegam à escola em pontos de partida diferentes. Por isso, propõe que, ao invés de homogeneizar grupos dentro da sala de aula, sejam costuradas turmas que aproximem estudantes com o mesmo grau de desenvolvimento, criando salas homogêneas e não grupos homogêneos nas salas de aula

e) defende a homogeneização das turmas como forma de ajudar os professores no manejo de sala de aula e de melhorar o funcionamento e a qualidade do ensino oferecido.

18- É muito importante que o educador propicie um ensino que instigue o educando a pensar, a refletir, elaborar suas próprias ideias e, também, possibilite que ele adquira conceitos e conhecimentos básicos: até porque os conhecimentos se desenvolvem a cada dia, sendo impossível à apreensão de todo saber na escola. Os educandos, quando estimulados a enfrentar novos problemas, por meio de pesquisas e reflexões, estarão conquistando sua:

(A) autonomia
(B) cidadania
(C) inteligência emocional
(D) habilidade de pensar
(E) honestidade intelectual

19- O pensamento pedagógico parte de alguns princípios que marcam de forma clara e objetiva o modo de entender o ato educativo.

Considerando as características do pensamento desse autor, analise as afirmações que se seguem:

I – ensinar é um ato que envolve a reflexão sobre a própria prática;

II – modificar a cultura originária é parte do processo educativo;

III – superar a consciência ingênua é tarefa da ação educativa;

IV – educar é um ato que acontece em todos os espaços da vida;

V – educar é transmitir o conhecimento erudito e universalmente reconhecido.

Estão de acordo com este pensamento APENAS as afirmações:

(A) I e II
(B) II e V
(C) I, III e IV
(D) I, IV e V
(E) I, II, III e IV

20- Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua própria construção, o que exige que o professor pense certo. Com relação aos pressupostos filosóficos subjacentes a essa afirmativa, assinale a opção correta.

(A) Pensar certo é uma postura exigente, difícil e penosa que o professor tem de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos;

(B) Pensar certo é ter a certeza de que todas as ações humanas estão predeterminadas pelo destino, que a interferência do indivíduo pouco mudará;

(C) Pensar certo é agir com espontaneidade, a ponto de todas as ações serem pautadas pelo espontaneísmo;

(D) Pensar certo é fácil, pouco exigente e complementa a atitude autoritária do professor, que cada vez menos necessita da rigorosidade metódica;

(E) Pensar certo é seguir as orientações das propostas curriculares.

21- A partir do saber fundamental "mudar é difícil, mas é possível" é que se deve programar a ação político-pedagógica. Com base nesse pressuposto e considerando, assinale a opção correta.

(A) o educador deve assumir uma postura neutra diante do real, pois a função da educação é estudar e constatar a realidade, para compreendê-la e admirá-la como obra da construção humana;

(B) o educador deve tomar consciência de que não é apenas objeto da história, mas também sujeito. Num mundo de história, da cultura e da política, deve constatar a realidade não para se acomodar, mas para mudar;

(C) para que se possa transformar o mundo por meio da educação é preciso pregar a rebelião e instigar a revolta nas camadas populares, pelo fato de estas serem profundamente injustiçadas;

(D) o educador deve respeitar o saber dos grupos com que trabalho. Porém, não pode permitir que estes predominem, por ter consciência de que aquilo que pensa, em face de sua formação, é melhor para o grupo;

(E) o educador deve estar consciente de que para mudar necessita do apoio da direção da escola.

22- O modelo piagetiano de desenvolvimento cognitivo aponta que o adolescente é capaz de formar esquemas conceituais abstratos dos 12 anos em diante. Trata-se do período

(A) pré-operacional.
(B) das operações formais.
(C) das operações concretas.
(D) sensório-motor.
(E) epistemofílico.

Respostas:

01-C / 02-D / 03-A / 04-D / 05-E / 06-A / 07-A / 08-C / 09-B / 10-C / 11-D / 12-A / 13-B / 14-D / 15-D / 16-D / 17-C / 18-A / 19-C / 20-A / 21-B / 22-B

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. Pró-letramento Alfabetização e Linguagem. Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Brasília: SEB, 2007. http://portal.mec.gov.br/publicacoes....01

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. Pró-letramento Matemática. Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Brasília: SEB, 2007. http://portal.mec.gov.br/publicacoes....01

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & linguística. São Paulo: Scipione, 1991....01

COLELLO GASPARIAN M, Silvia. A Escola que não ensina escrever. São Paulo: Moderna, 2004....02

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In "Gêneros orais e escritos na escola". Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004....02

FERREIRO, Emília. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988....14

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1998....15

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 36ª Ed. São Paulo: Cortez, 1998....15

KLEIMAN, Ângela B. Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005....20

LERNER, Delia; PIZANI, Alicia P. A aprendizagem da língua escrita na escola: reflexões sobre a prática pedagógica construtivista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995....21

LERNER, Delia. Ler e Escrever na escola – o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002....23

MARTINS, João Luis; QUEIROZ, Tania Dias. Pedagogia Lúdica – Jogos e brincadeiras de A a Z. São Paulo: Ed. Rideel, 2002....28

MANTOAN EGLER, Maria Teresa, SANTOS DOS TEIXEIRA, Maria Terezinha. Atendimento Educacional Especializado: Políticas Públicas e Gestão nos Municípios. São Paulo. Ed Moderna, n/d....29

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar. São Paulo. Ed. T.A. Queiroz, 1996....29

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (In)Disciplina: Construção da Disciplina Consciente e Interativa em Sala de Aula e na Escola. São Paulo: Libertad, 1994....29

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I. (org.) Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001....29

SMOLKA, Ana Luíza B. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. 2 ed., São Paulo: Cortez/Campinas: Editora da Unicamp, 1989....31

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003....33

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1999....34

ZUNINO, Delia Lerner. A Matemática na escola: aqui e agora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995....41

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. PRÓLETRAMENTO ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGEM. PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS/SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, BRASÍLIA: SEB, 2007. HTTP://PORTAL.MEC.GOV.BR/PUBLICACOES.

Prezado Candidato, devido ao formato do conteúdo, disponibilizaremos o material completo em nosso site eletrônico para consulta, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. PRÓLETRAMENTO MATEMÁTICA. PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS/SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, BRASÍLIA: SEB, 2007. HTTP://PORTAL.MEC.GOV.BR/PUBLICACOES.

Prezado Candidato, devido ao formato do conteúdo, disponibilizaremos o material completo em nosso site eletrônico para consulta, conforme segue:

www.novaconcursos.com.br/retificacoes

CAGLIARI, LUIZ CARLOS. ALFABETIZAÇÃO & LINGUÍSTICA. SÃO PAULO: SCIPIONE, 1991.

É habitual pensar na Língua Portuguesa em dois estágios:

1. o que dura um ano o professor ensina o sistema alfabético de escrita (correspondência fonografia) e convenções ortográficas.

2. desenvolver exercícios de redação e trinos ortográficos e gramaticais.

Por trás da prática desses dois estágios, esta a teoria que concebe a capacidade de produzir textos como dependente da capacidade de grafálos de próprio punho.

Na Antiguidade grega, o autor era quem compunha e ditava para ser escrito ao escriba.

Na compreensão natural, redigir e grafar rompe com a crença arraigada do domínio do beabá para início do ensino da língua, mostrando que redigir aprendizagem do conhecimentoe grafar aprendizagem da linguagem podem e devem ocorrer de forma simultânea.

A conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir testos em linguagem escrita. Essa aprendizagem exige um trabalho pedagógico sistemático. Ao ler históricas ou noticias do jornal, ensinase como são organizados na escritas esses gêneros, o vocabulário adequado e os recursos que são característicos. O aluno que dita, está produzindoo criando um discurso, grafando o ou não.

Todo texto pertence a um gênero literário, com forma própria, e essa diversidade textual deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno.

Decifrar o escrito é um saber de grande valor social, alfabetizar exige ação e reflexão do aluno, e a intervenção pedagógica permite ao professor ajustar a informação oferecida as condições de interpretação em cada momento do processo.

O ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado em ensinar a juntar silabas ou letras, formar palavras, frases e textos. Levando a escola a trabalhar com textos que só sevem pra ensinar a ler.

Um texto não se define por sua extensão. O nome que assina um desenho, a lista do que deve ser comprado, um conto ou romance, todos são textos. A palavra Pare escrita no asfalto, por exemplo pode ser trabalhado pelo professor.

Um texto adequado a um leitor iniciante, tem sido equivocadamente escolhidos pela sua simplicidade, deixando de aproximar as crianças de textos de qualidade. Não se forma bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidas. As pessoas aprendem a gostar de ler quando de alguma forma, a qualidade de sus vidas melhora com a leitura.

É importante que se trabalhe textos literários no cotidiano da sala de aula.. a literatura não é a copia do real, sua ligação com pó real é indireta, mediado por signos verbais.

Pensar a literatura a partir dessa autonomia ante o real implica dizer que diante de um tipo de dialogo há jogos de aproximações e afastamentos em que a invenção de linguagem, expressões subjetivas, sensações podem se misturar a processos racionalizantes.

O ensino da literatura envolve exercícios de reconhecimento das singularidades e de propriedades compositivas de escrita. Com isso, equívocos costumam estar presentes quando colocados de forma descontextualizadas, não contribuindo para formação de leitores.

Pensar e falar sobre linguagem realizase uma atividade reflexiva. Por isso é necessário o planejamento de situações que possibilitem a reflexão sobre is recursos expressivo utilizados pelo produtor autor do texto, quanto aos aspectos gramáticas dos discursos não se deve se preocupar com a categorização, classificação ou a regularização sobre essas questões.

As atividades metalinguísticas estão relacionadas a analises voltada para descrição, por meio de categorização e sistematização de elementos linguísticos, não estão vinculadas ao processo discursivo.

O ensino da Língua Portuguesa nas práticas habituais trata a fala e a linguagem cmo conteúdo em si e não modo de melhorar a qualidade da produção linguística. A gramática de forma descontextualizada serve pra ir bem na prova e passar de ano. Por isso tem se discutido a necessidade de ensinála, porem a questão é como ensinála.

Nos primeiros ciclos deve se centrar em atividades epilinguísticas na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação no caminho de aprimorar o controle de sobre a própria produção linguística.

Ai longo dos oito anos de ensino fundamento esperase que os aluno adquiram uma competência em relação a linguagem que lhes permitam resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso a bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado. Para isso, o ensino da Língua Portuguesa deve organizarse de modo que os alunos sejam capazes de:

• Expandir o uso da linguagem utilizando com eficácia assumindo a palavra e produzindo textos;

• Utilizar diferentes registros, sabendo adequálos a situações comunicativas que participa;

• Conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado;

• Compreender os textos orais e escritos;

• Valorizar a leitura como fonte de informação;

• Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem;

• Valerse da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoas;

• Usar os conhecimentos adquiridos por reflexão sobre a língua pra expandirem as possibilidades do uso da linguagem a capacidade de analises criticas;

• Conhecer e analisar criticamente o uso da língua como veiculo de valores e preconceitos de classes, credo, gênero ou etnia.

Fonte: http://lidialindislay.blogspot.com/2010/03/resumodelivroslinguaportuguesa.html

COLELLO GASPARIAN M, SILVIA. A ESCOLA QUE NÃO ENSINA ESCREVER. SÃO PAULO: MODERNA, 2004.

Prezado Candidato, a obra em questão já foi abordado na matéria " Referencias bibliográficas – Parte Pedagógica"

DOLZ, J. E SCHNEUWLY, B. GÊNEROS E PROGRESSÃO EM EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA. ELEMENTOS PARA REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA SUÍÇA (FRANCÓFONA). IN "GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS NA ESCOLA". CAMPINAS (SP): MERCADO DE LETRAS, 2004

AUTOR

Joaquim Dolz é professor e pesquisador em Didática do Francês/Língua Materna, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FAPSE) da Universidade de Genebra (UNIGE), Suíça, e membro do Grupo Grafé – Grupo Românico de Análise do Francês Ensinado.

Bernard Schneuwly é professor da Universidade de Genebra; Leciona Língua Portuguesa e suas ideias sobre gêneros e tipos de discurso e linguagem oral estão nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Desde a década de 1980, o psicólogo e doutor em Ciências da Educação, pesquisa como a criança aprende a escrever. Os estudos resultaram na criação de sequências didáticas para ensino de expressão escrita e oralidade. Os conceitos presentes nesse material didático se difundem aos poucos no Brasil. Schneuwly vem colaborando com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em trabalhos na área e pesquisadores da instituição estão publicando uma coleção com sequências didáticas inspiradas no modelo suíço.

SINOPSE

Por que se trabalhar com gêneros e não com tipos de textos? Em que esses trabalhos e esses conceitos são diferentes? O que é gênero de texto? Como entender a noção? Que gêneros selecionar para ensino, e como organizálos ao longo do currículo? Como pensar progressões curriculares? Devese trabalhar somente com os gêneros de circulação escolar? De circulação extraescolar? Ambos? Quais são os mais relevantes em cada caso? Grandemente inspirados nas ideias dos autores, este volume traz as orientações e os referenciais novos que os PCNs puseram em circulação nas escolas e nos programas de formação de professores geraram inúmeras dúvidas quanto a como pensar o ensino dos gêneros escritos e orais e como encaminhálo de maneira satisfatória dúvidas sobre o modo de pensar e o modo de fazer esse ensino de novos objetos.

RESUMO

1. Gêneros Orais e Escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer

Como acontece frequentemente em Didática, este artigo nasceu de uma demanda, expressa tanto pelos professores como pela instituição escolar na Suíça francófona, que queriam dispor de meios de ensino da expressão oral e escrita na escola obrigatória. Mesmo que tal demanda não

leve imediatamente a conceber um programa detalhado ou um currículo que dê conta do conjunto das séries, ela leva a elaborar um modelo de ensino modular, aplicável em toda a seriação em questão, e a uma investigação geral para organizar a progressão através dos diferentes ciclos do Ensino Fundamental.

O presente artigo pretende exatamente expor os primeiros esboços desta investigação baseada essencialmente na noção de gênero e desenvolvêla, sistematizandoa, no sentido de assegurar sua base teórica. Tratase também de demonstrar não sua exequibilidade que se verificará ou não a posteriori, por seus efeitos eventuais sobre o sistema escolar francófono mas sua coerência teórica com certos postulados de base de nossa concepção sobre a didática.

Foi na década de 1980, no Brasil, que estudos e práticas pedagógicas começaram a serem desenvolvidas tendo o texto como fundamento. De lá para cá, o texto, na maioria das vezes, vem sendo tomado como um objeto empírico através do qual se efetivam práticas de leitura, análise linguística e produção de textos. Inserindose no rol de estudiosos do tema que criticam essa abordagem limitada do uso do texto, as organizadoras esclarecem que, a partir do século XXI, novas pesquisadas vem sendo produzidas sobre leitura e produção de textos. Esses novos estudos, cujos autores dos artigos que compõe essa coletânea são representativos, fundamentam os atuais PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) orientando que, agora, "tratase então de enfocar, em sala de aula, o texto em seu funcionamento e em seu contexto de produção/leitura, evidenciando as significações geradas mais do que as propriedades formais que dão suporte a fundamentos cognitivos." (p.11). Os PCNs, como referenciais, objetivam apresentar os princípios e fundamentos nos quais deve se pautar a ação docente no ensino da linguagem oral e escrita e acabam apresentando dúvidas, aos professores, em como organizar o trabalho de ensinoaprendizagem com base nessas novas ideias. Eis a importância e o motivo principal da organização da presente obra, cujo objeto consiste em discutir modos de pensar e fazer a fim de orientar o trabalho docente.

2. Gêneros e Tipos de Discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. Este artigo foi escrito por Bernard Schneuwly e objetiva classificar as tipologias textuais de modo que ajude no processo de aquisição das diferentes formas de discurso. Fundamentandose em Vygotsky, o autor define o gênero como um instrumento, de caráter psicológico, mediador do processo de aprendizagem da criança na leitura e na escrita possibilitando, assim, novos conhecimentos e novas ações. Gênero, por sua vez, de acordo com Bakhtin, tem um sentido amplo: são os diferentes tipos de textos orais e escritos que os sujeitos utilizam, socialmente, de acordo com funções definidas pelo contexto vivido. Cada gênero linguístico possui determinadas características:

1. Para cada situação social definida é elaborado um tipo específico de enunciado;

2. Cada gênero apresenta conteúdo, estilo e composição própria;

3. A definição de cada gênero se dá em função da temática em foco, dos participantes envolvidos no contexto e na vontade do locutor.

Desse modo, podese inferir que há uma relação de interconexão e dependência entre gênero e contexto que cria uma dupla necessidade: conhecimento do gênero em si e, também, do contexto do qual é expressão e ao qual se destina. Nas palavras de Schneuwly, "a ação discursiva é, portanto, ao menos parcialmente, prefigurada pelos meios." O desenvolvimento linguístico dos sujeitos se dá por um processo de continuidade e ruptura através dos usos de gêneros primários e secundários (categorias utilizadas por Bakhtin), ou seja, através de discursos que se originam de situações espontâneas (primários) ou de comunicações culturais (secundárias). A primeira se caracteriza, essencialmente, por discursos orais e o segundo por escritos envolvendo produção artística, científica e sociopolítica. Os gêneros primários constituemse no nível real de desenvolvimento linguístico das crianças (zona de desenvolvimento real) que, a partir deles, é possível desenvolverem os gêneros secundários através de intervenção sistemática (zona de desenvolvimento proximal). Por isso afirmase, no texto, que "os gêneros primários são os instrumentos de criação dos gêneros secundários".

Após esse percurso de análise, Schneuwly defende a tese de que a diversidade de tipos de textos aos quais as crianças são expostas possibilita a passagem dos gêneros primários para os secundários, constituindose, assim, "construções necessárias para gerar uma maior heterogeneidade nos gêneros, para oferecer possibilidades de escolha, para garantir um domínio consciente dos gêneros, em especial daqueles que jogam com a heterogeneidade".

3. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para uma reflexão sobre uma experiência Suíça (Francófona) Este artigo foi escrito por Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly e relata a experiência de elaboração de um currículo para o ensino da expressão oral e escrita em escola na Suíça Francófona. Fundamentados em Coll (1992), os autores defendem que "um currículo para o ensino da expressão deveria fornecer aos professores, para cada um dos níveis de ensino, informações concretas sobre os objetivos visados pelo ensino, sobre as práticas de linguagem que devem ser abordadas, sobre os saberes e habilidades implicados em sua apropriação." (p.43) Na elaboração de uma proposta curricular para a linguagem oral e escrita devese levar em conta, também, a progressão, ou seja, a ordem temporal que deve seguir o processo de aprendizagem. Há uma tripla ordem temporal: a que se define em função dos objetivos propostos para cada série escolar, a que se destina às finalidades de cada ciclo e, ainda, à referente a cada unidade de ensino. A elaboração do currículo progressivo deve fundamentarse na premissa vygotskyana de que a aprendizagem alavanca o processo de desenvolvimento das funções superiores dos sujeitos, incluindo, aqui, a linguagem. Para a organização do trabalho, os professores devem partir de três fatores: "as especificidades das práticas de linguagem que são objeto de aprendizagem, as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de ensino propostas pela sequência

didática" (p.51). As sequências didáticas referemse aos módulos de ensino dispostos sequencialmente a fim de levar o aluno a alcançar, ao final do processo, os objetivos propostos no planejamento pedagógico. O desenvolvimento das capacidades linguísticas das crianças se constitui, em parte, por um processo de reprodução de modelos socialmente legitimados. Estratégias sistemáticas e intencionais do processo de ensino aprendizagem são necessárias para garantir o domínio desses instrumentos sociais por parte dos aprendizes. Cabe, portanto, à escola, e aos professores, essa tarefa. Que critérios utilizar para a elaboração e desenvolvimento do processo de ensinoaprendizagem das expressões orais e escritas, na escola? "Nesse processo, o critério a privilegiar para tomar decisões é o da validade didática: as possibilidades efetivas de gestão do ensino proposto, a coerência dos conteúdos ensinados, assim como os ganhos de aprendizagem."

4. Os Gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino A ideia central desse artigo escrito por Schneuwly e Dolz é "de que o gênero é (...) utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos". As práticas sociais se dão nas relações que os sujeitos estabelecem ente si (relações sociais) de diferentes formas, sendo a linguagem uma delas. As diferentes expressões orais e escritas, suas formas, estilos, funções emergem das práticas sociais e se materializam em diferentes tipos de textos ou, em palavras mais técnicas, gêneros linguísticos. É na escola que as expressões linguísticas usadas nas práticas sociais são apropriadas pelas crianças. Esse processo de apropriações ocorre através dos diferentes gêneros linguísticos. Ao ser transposto ao ambiente escolar, o gênero é, além meio de comunicação, objeto de ensinoaprendizagem, transformandose, portanto, em gênero escolar. O autor destaca três vertentes de práticas pedagógicas que enfocam um dos aspectos constitutivos do processo de apropriação da linguagem:

a) desaparecimento da comunicação que resulta da redução dos gêneros em objetos de ensino esvaziados de suas funções sociais;

b) a escola como lugar de comunicação, vertente na qual a própria instituição é tida como lugar de comunicação e, portanto, como espaço e finalidade da produção e uso de textos;

c) negação da escola como lugar específico de comunicação, abordagem que nega a escola como parte da prática social geral buscando, assim, transpor, de forma direta, as expressões orais e escritas utilizadas na sociedade para o interior da escola.

Contrapondose a essas correntes que geram práticas limitadoras de ensinoaprendizagem da linguagem, o autor defende que os gêneros são "objeto e instrumento de trabalho para o desenvolvimento da linguagem". É apontada a necessidade de construir modelos didáticos de gêneros a partir dos quais seja possível elaborar sequências didáticas que possibilitem a apropriação dos gêneros pelas crianças sendo necessário o estudo das dimensões passíveis de serem ensinadas a respeito de cada gênero linguístico. Para tanto, o autor propõe três princípios orientadores da elaboração desses modelos:

a) legitimidade: que consiste em analisar os conhecimentos produzidos pelos especialistas sobre os gêneros;

b) pertinência: referese "às capacidades dos alunos, às finalidades e aos objetivos da escola, aos processos de ensinoaprendizagem" (p.82);

c) solidarização: tornando "coerentes os saberes em função dos objetivos visados".

5. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento Buscando responder a pergunta "Como ensinar a expressão oral e escrita?" (p.95), esse texto de Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly, propõe a sequência didática como uma estratégia adequada para elaboração do processo de ensinoaprendizagem, compreendendo "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (p.97). É sugerido um modelo de sequência didática contendo quadro momentos distintos, mas articulados e interdependentes, que serão apresentados a seguir.

1. Apresentação da situação: essa etapa é crucial, pois é aqui que serão definidos o contexto, a forma e conteúdo do gênero a ser estudado e produzido envolvendo duas ações. A primeira referese a situação de comunicação e a escolha do gênero e a segunda diz respeito aos conteúdos a serem trabalhados. Para ajudar na preparação da primeira ação, são apresentadas quatro questões que devem necessariamente, serem respondidas: "Qual é o gênero que será abordado? A quem se dirige a produção? Que forma assumirá a produção? Quem participará da produção?". A segunda dimensão referese ao tema e possíveis subtemas que serão abordados.

2. Primeira produção: Os alunos farão uma produção oral ou escrita dependendo do gênero que será trabalhado. Essa produção tem uma dupla importância: para os alunos será o momento de compreender o quanto sabem do gênero e do assunto a ser estudado e, ainda, se entenderam a situação de comunicação à qual terão de responder; para os professores têm o papel de analisar o que os alunos já sabem, identificar os problemas linguísticos do gênero que deverão ser enfocados e definir a sequência didática.

3. Módulos: A quantidade e conteúdo dos módulos de ensino devem ser definidos de acordo com as informações colhidas pelo professor da primeira produção dos alunos. Cada módulo deve contemplar problemas específicos do gênero em questão a fim de garantir melhora dos alunos na compreensão e uso da expressão oral ou escrita estudada.

4. Produção final: Após o processo os alunos deverão realizar uma produção que demonstrará o domínio adquirido ao longo da aprendizagem acerca do gênero e do tema propostos e permitirá ao professor avaliar o trabalho desenvolvido. Os autores esclarecem, contudo, ao final do texto, que "as sequências devem funcionar como exemplos à disposição dos professores. Elas assumirão seu papel pleno se os conduzirem, através de formação inicial ou contínua, a elaborar, por conta própria, outras sequências".

NOVA CONCURSOS

6. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral Este texto é de autoria de Bernard Schneuwly, fruto de uma Conferência no Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada e estudos da Linguagem (Lael) da PUCSP, proferida em 1997. Sua tese é de que é possível trabalhar o ensino da linguagem oral materna na escola através de uma nova relação da linguagem. Analisando a história do ensino da linguagem na escola, especificamente acerca da relação entre o oral e o escrito, o autor analisa criticamente duas vertentes comuns que orientam o processo de ensino aprendizagem para, ao final, propor um caminho possível para se trabalhar a linguagem oral na escola.

A primeira abordagem discutida é aquela na qual os alunos são levados a desenvolver habilidades linguísticas orais tendo como referência a norma da linguagem escrita culta. São enfocadas, aqui, as dimensões estruturais da linguagem (fonológicas, sintáticas, lexicais) e não trabalhados outros aspectos relevantes na linguagem oral como, por exemplo, os argumentos e a estrutura textual utilizados pelo aluno. A segunda referência aborda a linguagem oral como uma expressão em si mesma bastando, apenas, que o aluno tenha espaços nos quais se expresse oralmente acerca de seus sentimentos. Não há, portanto, nessa concepção, objetivos didáticos estabelecidos para a linguagem oral na escola. Schneuwly propõe que o trabalho da linguagem oral assuma uma outra dimensão na instituição escolar objetivando levar os alunos de uma oralidade espontânea a uma expressão oral gestada, ou seja, pensada e planejada intencionalmente pelos sujeitos em interlocução. Essa mudança do rumo que adquire a oralidade pressupõe uma certa ficcionalização, ou seja, uma elaboração abstrata de situações envolvendo quatro parâmetros: "enunciador, destinatário, finalidade ou objetivo, lugar social".

7. O oral como texto: como construir um objeto de ensino Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly escrevem este artigo com a colaboração de Sylvie Haller com o intuito de constituir a expressão oral em objeto de ensino em função da centralidade que ele ocupa nas práticas sociais desde a mais tenra idade até a fase adulta. Para tanto, é imprescindível definir, clara e objetivamente, quais são as características da linguagem oral que devem ser ensinadas. A partir da sua definição é possível traçar estratégias de ensino mais adequadas para o desenvolvimento das habilidades orais dos alunos. A primeira dimensão do oral é de que ele consiste numa linguagem falada com entonação, acentuação e ritmos próprios envolvendo um aparelho fonador interligado com o aparelho respiratório, através dos quais se emitem sons articulados em fonemas (vogais e consoantes) combinados de modo a formarem sílabas. O oral pode ir do espontâneo que consiste numa fala improvisada diante de uma situação imediata vivenciada à escrita oralizada referente à vocalização de um texto escrito através da leitura ou do recital. A oralidade tem como marca, também, a linguagem corporal, através de mímicas, gestos, expressões faciais. Outra questão a considerar é da relação entre oral e escrita. A linguagem, para os autores é um sistema global que envolve tanto a oralidade e a escrita. O que define qual expressão será usada (oral ou escrita) é a situação comunicacional na qual se está inserido. Assim, tomar o oral como objeto de ensino pressupõe que se conheça e compreenda as práticas orais e os saberes e linguísticos nelas implicados. Toda relação comunicacional produz um texto entendido como "uma unidade de produção verbal que veicula uma mensagem organizada linguisticamente e que tende a produzir um efeito de coerência sobre seu destinatário" (p.169). Selecionar diferentes textos (orais) utilizados socialmente tornará o ensino mais significativo para os alunos e professores. Além da expressão oral propriamente dita, os autores consideram que a outra dimensão dessa expressão linguística – a oralização da escrita – também é importante na apropriação por parte dos alunos das práticas e atividades linguísticas socialmente construídas e legitimadas pela sociedade. Sugerese, assim, também o trabalho com recitação, teatro e leitura para os outros. Quais gêneros orais ensinar na escola? O papel da escola, para os autores, é o de instruir mais do que de educar a escolha dos textos devese recair, sobretudo, nos de caráter público formal, ou seja, aqueles frutos (e utilizados) de situações públicas formais (conferência, debate, entrevista jornalística, entre outros). Além disso, as expressões orais utilizadas nas situações públicas convencionais são mais complexas e requerem uma intervenção didática intencional para que seja possível sua apropriação e uso consciente e intencionalmente. Cabe ao professor, portanto, conhecer os gêneros orais oriundos de situações públicas formais e fim de transformálos em objetos de ensino através de sequências didáticas cujos princípios e proposta de um modelo são apresentados no artigo intitulado "Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento".

8. Em busca do culpado: Metalinguagem dos alunos na redação de uma narrativa de enigma Com o intuito de analisar "o papel das atividades metalinguísticas no ato de escrita, por meio do exemplo da narrativa de enigma", Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly escrevem este artigo baseado em uma pesquisa realizada com um grupo de alunos, organizados em pares, produzindo uma narrativa de enigma (narrativa de um crime e seu processo de investigação). A escolha desse gênero fundamentase no fato de que, para escrever um texto desse tipo é necessário buscar compreender como ele se estrutura a fim de seguir seu "modelo" objetivando construir a narrativa. A pesquisa foi realizada com um grupo de 24 préadolescentes subdividido em duplas. Das 12 duplas formadas, 8 foram submetidas a uma sequência didática na qual foram abordados alguns aspectos do gênero a ser trabalhado, além das instruções acerca do texto a ser produzido. As outras 4 duplas receberam somente as instruções para a realização do texto. Todas as duplas receberam um textobase contendo o início da história informando acerca do crime cometido e um parágrafo final genérico no qual não aparecia o culpado do crime. A proposta consistia em completar a história. Dos resultados obtidos, verificouse que, a maioria das duplas realizou uma certa discussão acerca dos elementos principais que devia conter um texto de enigma sendo que, grande parte deles foram dos que participaram da atividade didática que precedeu a elaboração do texto. Algumas conclusões ainda que iniciais, dado a amostra limitada que foi trabalhada na pesquisa, foram apresentadas:

1. A observação dos alunos durante o processo de elaboração de um texto permite estudar as atividades metalinguísticas por eles desenvolvidas;

2. O textobase foi uma estratégia que colaborou para o desenvolvimento da proposta;

3. Uma das noções discutidas pelos alunos e que, nas narrativas enigmáticas é de suma importância, é de culpado;

4. A narrativa de enigma a ser elaborada possibilitou o surgimento de problemas relacionados com esse gênero linguístico. Além disso, a elaboração da intriga, elemento central desse gênero literário, precisa de um trabalho sistemático que alavanque, nos alunos, a discussão sobre essa questão;

5. Dividir a classe em dois grupos – um que foi alvo de um trabalho didático e outro que não possibilitou verificar o papel da intervenção didática na produção dos textos;

6. Nas discussões das duplas para definição das estratégias para elaboração do texto foram muito mais ricas do que o texto produzido por eles. Este não continha várias das questões levantadas e decididas pela dupla;

7. Didaticamente, é necessário intervenção para a produção das narrativas em três dimensões: processo de abdução que permite desvendar o crime e achar o culpado; a necessidade de criar suspeitos dando condições de se criar intrigas para retardar a descoberta do culpado e, enfim, necessidade de caracterizar os personagens através de diálogos, ações e descrições.

9. A exposição oral: O artigo em questão foi escrito por quatro autores: Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, JeanFrançois de Pietro e Gabrielle Zahnd. Partindo da constatação de que a exposição oral, sobretudo o seminário, é muito utilizada nas salas de aula, os autores, com base em pesquisas realizadas, afirmam que, contudo, ele não se configura como objeto de ensino. Assim, não há um trabalho sistemático e intencional cujo objetivo seja possibilitar aos alunos a apropriação das características próprias desse gênero oral a fim de melhorar seu desempenho nas exposições orais. Diante desse diagnóstico, os autores defendem que as exposições orais sejam utilizadas, na escola, como meio de comunicação e, também, como objeto de ensino. A exposição oral é um texto de caráter público e formal onde um sujeito transmitirá, de forma estruturada, informações acerca de um tema que domina a uma plateia com prédisposição para aprender. O ensino desse gênero oral deve levar em consideração dimensões inerentes a ele: capacidade de comunicação, conteúdo específico e procedimentos linguísticos e discursivos. A situação de comunicação deve ser objeto de análise: qual o tema, quais as problemáticas serão abordadas na exposição, quem são os interlocutores, o que eles já sabem sobre o tema, quais as conclusões as quais se deve chegar. O estudo do conteúdo a ser exposto também deve ser alvo de discussão. Os alunos devem procurar diversas fontes e utilizar, caso necessário, de gráficos, tabelas, enfim, do repertório de fontes como apoio à exposição do tema. Após, passese à organização interna da exposição também considerando sete fases: abertura, introdução ao tema, apresentação do plano da exposição, desenvolvimento e encadeamento dos temas, recapitulação e síntese, conclusão e encerramento.

10. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público Este capítulo do livro escrito por Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly e JeanFrançois de Pietro, relata uma sequência didática aplicada a uma situação de ensino do debate como uma experiência prática de ensino de expressão oral, na escola. O debate foi escolhido como objeto de ensino porque permite desenvolver várias habilidades necessárias para a vida em sociedade, tais como: capacidades linguísticas (discurso, argumentação, retomada do discurso), cognitivas (crítica), social (ouvir e respeitar o outro) e individual (situarse perante uma situação, tomar posição diante de um assunto, construir sua própria identidade). Os autores apresentam três tipos de debate que se pode trabalhar:

1. De opiniões: aqui as crianças são levadas a colocar sua opinião e justificála a respeito de um tema sem, contudo, seja necessário chegar a uma conclusão;

2. Deliberativo: aqui o que direciona o debate e a argumentação é a necessidade de se tomar uma decisão;

3. Para resolução de problemas: a discussão do problema e suas possíveis soluções é o centro do trabalho.

Após a definição do tipo de debate a ser estudado, partese para a escolha do tema que deve levar em conta: os interesses dos alunos, a complexidade e saberes dos alunos sobre o tema, a relevância social, capacidade didática. Enfim, chegase à questão das formas de se tratar o conteúdo do debate. Nessa fase, sugerese que sejam trabalhados temas cujos argumentos podem ser buscados no conteúdo das disciplinas que estão sendo desenvolvidos e buscar outras fontes, preferencialmente orais, de a